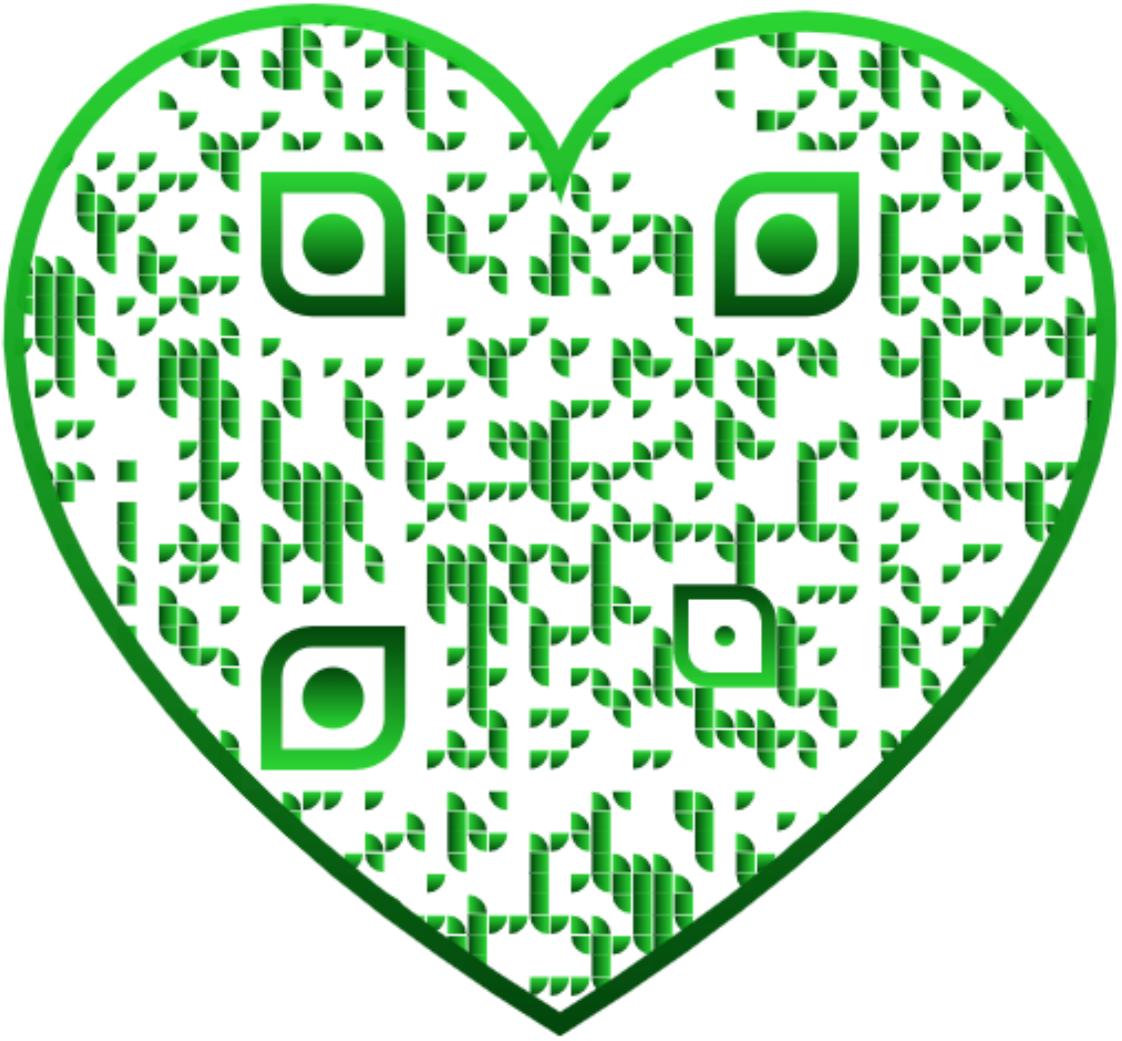
MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

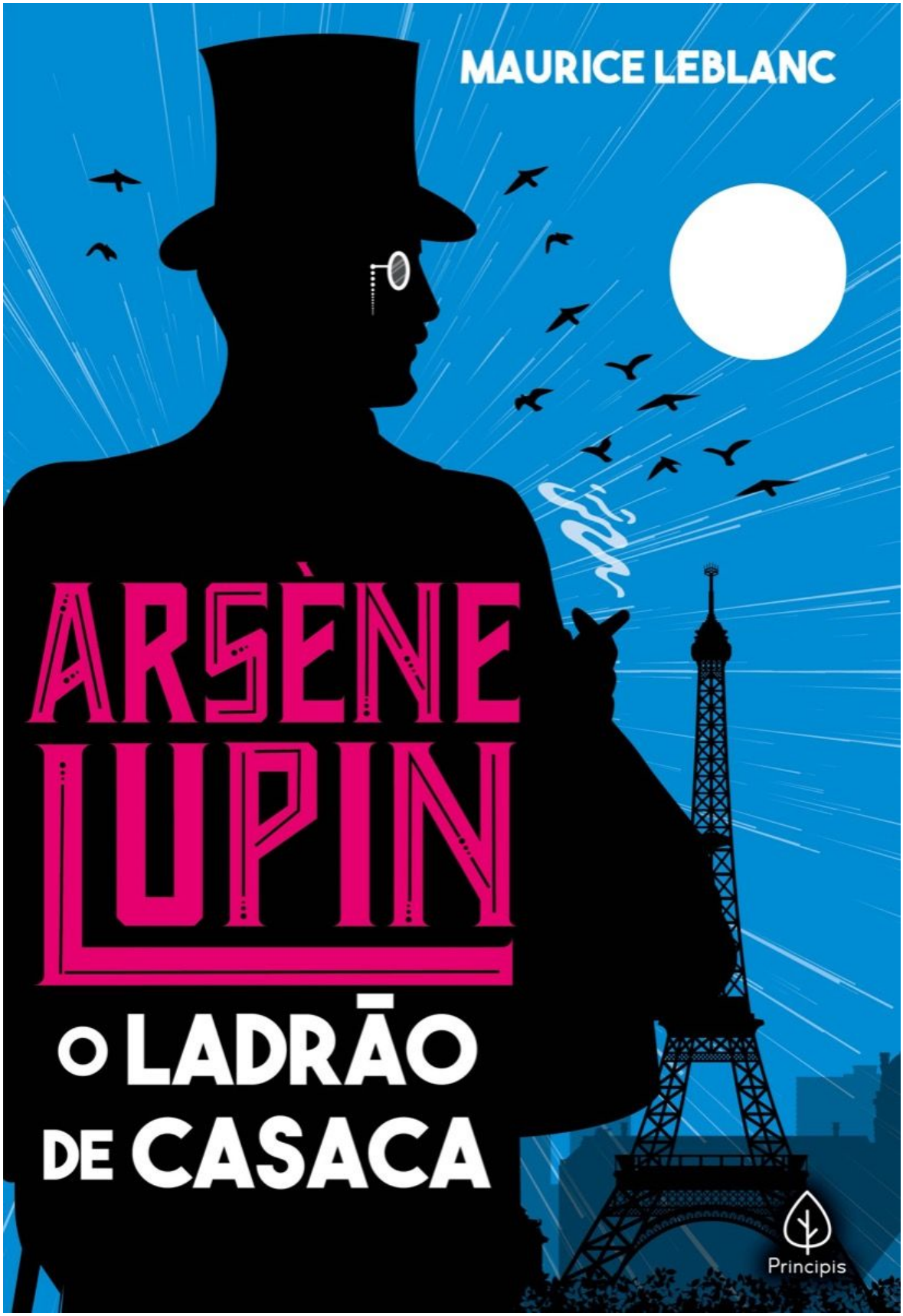
COLEÇÃO COMPLETA



MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

O LADRÃO DE CASACA



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
O LADRÃO DE CASACA
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Princípis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Preparação
Flávia Yacubian
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin, o ladrão de casaca [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 1,6 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-295-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-129 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843
2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

A prisão de Arsène Lupin

Que viagem estranha! No entanto tinha começado bem. De minha parte, nunca tinha feito outra que se anunciasse melhor. O *Provence* é um transatlântico veloz, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A sociedade mais seleta ali reunida. Faziam-se amizades, organizavam-se diversões. Tínhamos a deliciosa impressão de estarmos afastados do mundo, reduzidos a nós mesmos como numa ilha desconhecida, e, portanto, obrigados a nos aproximar uns dos outros.

E nos aproximávamos...

Já pensaram no que há de original e imprevisto nesse agrupamento de seres que, ainda na véspera, nem se conheciam e vão viver durante alguns dias, entre o céu infinito e o imenso mar, a vida mais íntima, desafiando juntos as cóleras do oceano, com o assalto terrível das ondas ou a calma fingida da água dormindo?

No fundo, é a própria vida, vivida numa espécie de abreviatura trágica, com suas tempestades e grandezas, sua monotonia e sua diversidade. Talvez por isso se saboreie com pressa febril e tanta volúpia a breve viagem, cujo fim se vislumbra no instante mesmo em que é iniciada.

Mas há vários anos ocorre algo que aumenta singularmente as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que se julga liberada. Subsiste um laço, que se desata aos poucos em pleno oceano e, aos poucos, em pleno oceano, reata-se. O telégrafo sem fio, com chamados de outro universo, do qual chegam notícias de modo misterioso. A imaginação não tem mais o recurso de evocar fios de ferro por que deslizem as invisíveis mensagens. O mistério é mais insondável e mais poético, pois seria preciso recorrer às asas do vento para explicar o novo

milagre.

Assim, nas primeiras horas, sentimo-nos seguidos, escoltados, até precedidos por essa voz distante que, de tempos em tempos, cochicha a um de nós algumas palavras de lá longe. Dois amigos me falaram. Dez, vinte outros enviaram a todos nós, através do espaço, suas despedidas aflitas ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, numa tarde tormentosa, o telégrafo sem fio nos transmitiu um despacho deste teor:

"Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferimento no antebraço direito, viaja sozinho, com o nome de R..."

Nesse instante, uma trovoada violenta rolou pelo céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas, e o resto do despacho não nos alcançou. Do nome sob que se escondia Arsène Lupin só se ficou sabendo a inicial.

Se se tratasse de qualquer outra notícia, não duvido de que o segredo tivesse sido escrupulosamente guardado pelos que manejavam o telégrafo, como pelo comissário de bordo e o comandante. Mas há acontecimentos que parecem forçar a discrição mais rigorosa. No mesmo dia, sem que se pudesse dizer como a coisa foi divulgada, sabíamos todos que o famoso Arsène Lupin se ocultava entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O impecável ladrão de quem se contavam as proezas em todos os jornais há meses! A enigmática personagem com quem o velho Ganimard, o nosso melhor policial, tinha iniciado um duelo de morte cujas peripécias se desenrolavam de modo tão pitoresco! Arsène Lupin, o ladrão de casaca que só operava nos castelos e salões e que, uma noite em que penetrara na casa do Barão Schormann, saíra de mãos vazias deixando seu cartão com esta tirada: "Arsène Lupin, cavalheiro furtador, voltará quando os objetos forem autênticos". Arsène Lupin, o homem de mil disfarces, chofer, tenor, bicheiro, filho de família, adolescente, ancião, caixeiro-viajante marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

E pensar que estava indo e vindo no ambiente relativamente restrito de um transatlântico — mais: no pequeno espaço da primeira classe, onde a gente se encontrava a toda hora, nesta sala de refeições, neste salão, na sala de fumar! Arsène Lupin era talvez este senhor... ou aquele... meu vizinho de mesa... meu companheiro de cabina...

— E isso vai durar ainda cinco vezes vinte e quatro horas! — exclamava no dia seguinte Miss Nelly Underdown. — Mas é intolerável! Tomara que o prendam logo! — E dirigindo-se a mim: — Ei, o senhor, que tem boas relações com o comandante, senhor d'Andrézy, não sabe de nada?

Bem que gostaria de saber qualquer coisa para agradar a Miss Nelly! Era uma dessas magníficas criaturas que, onde estejam, ocupam de saída o lugar mais em vista. Tanto a beleza como a fortuna delas deslumbram. Têm uma corte, apaixonados, entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia reunir-se ao pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma de suas amigas, Lady Jerland, acompanhava-a.

Desde o início apresentei minha candidatura para namoro. Mas, na camaradagem rápida da viagem, seu encanto em seguida me perturbou, e eu me sentia comovido demais para um simples flerte quando seus grandes olhos negros encontraram os meus. Ela, porém, recebeu minha homenagem com certa afabilidade. Dignava-se rir das minhas tiradas e interessar-se por minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à solicitude que lhe testemunhava.

Só um rival me teria preocupado, um rapaz bastante bonito, elegante, discreto, de quem ela parecia às vezes preferir o humor taciturno às minhas atitudes mais "exteriorizadas" de parisiense.

Ele fazia parte do grupo de admiradores que cercavam Miss Nelly, quando ela veio me interrogar. Estávamos na ponte, agradavelmente instalados em cadeiras de balanço. A tormenta da véspera tinha aclarado o céu. A hora era deliciosa.

— Nada sei com precisão, senhorita — respondi-lhe. — Mas seria impossível fazermos nós mesmos o nosso inquérito tão bem quanto o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

— Oh! Oh! O senhor se precipita muito!

— Em quê? Será um problema tão complicado?

— Muito complicado.

— É que esquece os elementos que temos para resolvê-lo.

— Que elementos?

— Primeiro, Lupin se faz chamar de senhor R.

— Indicação bem vaga.

— Segundo, viaja sozinho.

— Se essa particularidade nos bastasse!

— Terceiro, é louro.

— E então?

— Então só temos que consultar a lista dos passageiros e proceder por eliminação. — Tinha essa lista no bolso. Peguei-a e percorri-a toda. — Noto, inicialmente, que há apenas treze pessoas cuja inicial chama a nossa atenção.

— Treze apenas?

— Na primeira classe, sim. Entre esses treze senhores R., como podem conferir, nove estão acompanhados de mulheres, filhos ou criados. Sobram quatro sozinhos: o Marquês de Raverdan...

— Secretário da Embaixada — interrompeu Miss Nelly. — Eu o conheço.

— O Major Rawson...

— É meu tio — disse alguém.

— Senhor Rivolta...

— Presente — gritou um do grupo, um italiano cujo rosto desaparecia sob uma barba do mais bonito tom de preto.

Miss Nelly rompeu a rir.

— Ele não é louro.

— Então — prossegui — somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

— Ou seja?

— Ou seja, senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?

Calaram-se. Mas Miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja frequência a seu lado me inquietava, disse-lhe:

— Então, senhor Rozaine, não responde?

Todos os olhos se voltaram para ele. Era louro.

Confesso, senti um pequeno choque no íntimo. E o silêncio contrafeito que pesou sobre o grupo me indicou que os outros também experimentavam aquela espécie de sufocação. Era, aliás, absurdo, pois nada enfim nas maneiras desse senhor permitia que se suspeitasse dele.

— Por que não respondo? — disse ele. — Porque, em vista do meu nome, de viajar sozinho e da cor do meu cabelo, já tinha feito uma pesquisa semelhante e chegado ao mesmo resultado. Sou, pois, de opinião que devem prender-me.

Tinha um ar esquisito ao pronunciar essas palavras. Seus lábios finos como dois traços inflexíveis afinaram ainda mais e empalideceram. Filetes de sangue estriaram seus olhos.

Sem dúvida, brincava. No entanto, sua fisionomia e atitude nos impressionaram. Ingenuamente, Miss Nelly perguntou:

— Mas o senhor tem o ferimento?

— É verdade — disse. — Falta o ferimento.

Com um gesto nervoso, ergueu a manga e mostrou o braço. Uma ideia me veio na hora, e meus olhos se cruzaram com os de Miss Nelly: tinha mostrado o braço esquerdo.

Juro que ia observar-lhe isso quando um incidente desviou nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de Miss Nelly, chegou correndo. Estava transtornada. Todos a cercaram, mas só depois de um esforço é que pôde balbuciar:

— Minhas joias, minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como ficamos sabendo depois. Coisa curiosa: tinham escolhido!

Da estrela de diamantes, do pingente de rubis não talhados, dos colares e braceletes quebrados, tinham tirado não as pedras maiores, mas as mais finas e preciosas, as que, dir-se-ia, possuíam mais valor ocupando menos lugar. Os engastes lá jaziam, sobre a mesa. Eu os vi, todos vimos, despojados de suas gemas como flores de que se arrancassem as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar esse trabalho, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, tinha sido preciso, em pleno dia e num corredor frequentado, quebrar a porta da cabina, achar um saquinho escondido de propósito numa caixa de chapéu, abri-lo e escolher!

Houve um só clamor entre nós, uma só opinião em todos os passageiros, assim que o roubo se fez conhecido: era Arsène Lupin. De fato, aquela era a sua maneira complicada, misteriosa, inconcebível e, no entanto, lógica, pois, diante da dificuldade de ocultar o volume embaraçante que faria o conjunto das joias, o estorvo se tornaria mínimo com coisinhas independentes umas das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

No jantar, aconteceu que, à direita e à esquerda de Rozaine, os dois lugares ficaram vazios. E à noite se soube que tinha sido chamado pelo

comandante.

Sua prisão, que ninguém pôs em dúvida, causou um verdadeiro alívio. Fizeram-se jogos de salão nessa noite e dançou-se. Miss Nelly, especialmente, mostrou uma alegria ruidosa que me fez ver que, se os apreços de Rozaine tinham podido comprazê-la no início, mal se lembrava deles. Sua graça acabou de me conquistar. Pela meia-noite, à claridade serena da lua, afirmei-lhe meu devotamento com uma emoção que não pareceu desagradar-lhe.

No dia seguinte, para estupor geral, soube-se que, sendo insuficientes os indícios contra ele, Rozaine estava livre.

Filho de um comerciante importante em Bordéus, tinha exibido papéis perfeitamente em ordem. Além disso, seus braços não mostravam qualquer resquício de ferimento.

— Papéis! Certidões de nascimento! — exclamavam os inimigos de Rozaine. — Isso Arsène Lupin fornece tantos quantos necessários! Quanto ao ferimento, é que não houve, ou então ele apagou os vestígios!

Objetavam que, na hora do roubo, ficara demonstrado que Rozaine passeava na ponte. Ao que contestavam:

— Mas será que um homem da têmpera de Arsène Lupin tem necessidade de assistir ao roubo que pratica?

Afinal, fora de qualquer possível consideração, havia um ponto sobre o qual os mais céticos não podiam discutir. Quem, fora de Rozaine, viajava sozinho, era louro e usava um nome começando por R? Quem o telegrama designaria senão Rozaine?

Quando este, minutos antes do almoço, dirigiu-se audaciosamente para o nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland se ergueram e afastaram-se. De medo, obviamente.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre os empregados de bordo, marujos e viajantes de todas as classes: o senhor Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou achasse o portador das pedras furtadas.

— Se ninguém vier me ajudar contra este bandido — declarou Rozaine ao comandante —, eu mesmo hei de ajustar contas com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou antes, de acordo com a frase que circulou, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin — uma luta a que não faltava interesse!

Ela se prolongou durante dois dias.

Via-se Rozaine por todos os lados, misturando-se ao pessoal do navio, interrogando, investigando. De noite, percebia-se sua sombra a andar.

Por seu lado, o comandante ostentava a mais ativa energia. O *Provence* foi vasculhado de alto a baixo. Com o pretexto bem justo de que os objetos estariam escondidos em qualquer lugar fora da cabina do culpado, todas as cabinas foram sem exceção devassadas.

— Vão acabar por descobrir alguma coisa, não é? — perguntava-me Miss Nelly. — Por mais feiticeiro que ele seja, não pode fazer que diamantes e pérolas se tornem invisíveis.

— É claro — respondi. — Ou então seria preciso explorar o forro de nossos chapéus, as bainhas de nossas roupas e tudo o que levamos conosco. — E, mostrando-lhe a minha Kodak de nove por doze centímetros, com a qual não me cansava de fotografá-la nas mais diversas atitudes: — Num aparelho não maior que este, não crê que haveria lugar para todas as pedras preciosas de Lady Jerland? Finge-se tirar retratos e o negócio está feito.

— No entanto ouvi dizer que não há ladrão que não deixe atrás de si um indício qualquer.

— Há um, Arsène Lupin.

— Por quê?

— Por quê? Por não pensar apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que poderiam denunciá-lo.

— No início, o senhor estava mais confiante.

— Mas depois eu o vi em ação.

— De modo que, segundo o senhor...?

— Acho que perdem tempo.

De fato, as investigações não deram nenhum resultado, ou pelo menos o que deram não correspondeu ao esforço geral: o relógio do comandante lhe foi roubado.

Furioso, ele duplicou de ardor e vigiava ainda de perto Rozaine, com quem tinha tido várias entrevistas. No dia seguinte — encantadora ironia —, achou-se o relógio entre os colarinhos do subcomandante.

Tudo isso tinha um ar de mágica e denunciava a maneira humorística de Arsène Lupin, ladrão, vá lá, mas também diletante. Trabalhava por gosto e vocação, mas também para divertir-se. Dava a impressão do autor que se distrai com a própria peça e, nos bastidores, ri francamente de suas saídas

espirituosas e da situação que imaginou.

Era sem dúvida um artista em seu gênero, e quando eu observava Rozaine, sombrio e opiniático, e pensava no papel duplo que representava essa curiosa personagem, não podia referir-me a ele sem certa admiração.

Ora, na noite da antevéspera, o oficial de turno ouviu gemidos no lugar mais escuro da ponte. Aproximou-se. Um homem estava estendido, com a cabeça envolta num espesso lenço grande, cinza, e com os punhos atados com uma cordinha fina.

Desembaraçaram o homem, levantaram-no, cuidaram dele. Era Rozaine.

Rozaine, que fora assaltado durante uma de suas expedições, derrubado e despojado. Um cartão de visita, preso por um alfinete na sua roupa, dizia:

"Arsène Lupin aceita com reconhecimento os dez mil francos do senhor Rozaine".

Na realidade, a carteira furtada continha vinte notas de mil.

Naturalmente, acusaram o infeliz de ter simulado esse ataque contra si mesmo. Mas, além de que seria impossível que se atasse daquela maneira, estabeleceu-se que a letra do cartão diferia radicalmente da de Rozaine, assemelhando-se, ao contrário, a ponto de parecer a mesma, à de Arsène Lupin, tal como a reproduzia um velho jornal achado a bordo.

De modo que Rozaine não era mais Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordéus! E a presença de Arsène Lupin se confirmou de novo, e por que ato temível!

Foi o terror. Ninguém ousava mais ficar sozinho na cabina nem se aventurar a lugares afastados. Prudentemente, todos se uniam a grupos de pessoas conhecidas umas das outras. E ainda uma desconfiança instintiva apartava os mais íntimos. É que a ameaça já não provinha de um indivíduo isolado e por isso mesmo menos perigoso. Arsène Lupin agora era... era todo mundo. Nossa imaginação excitada lhe atribuía um poder miraculoso e ilimitado. Supunha-se que fosse capaz de empregar os disfarces mais inesperados, de ser ora o respeitável Major Rawson, ora o nobre Marquês de Raverdan, e mesmo, pois não se parava mais na inicial acusadora, esta ou aquela pessoa de todos conhecida e tendo mulher, filhos e criados.

As primeiras mensagens sem fio não trouxeram nenhuma notícia. Pelo menos o comandante nada comunicou, e um tal silêncio não nos tranquilizava.

Assim, o último dia pareceu interminável. Vivia-se na expectativa ansiosa de um desastre. Desta vez, não seria o furto nem uma simples agressão, seria assassinato. Não se admitia que Arsène Lupin se contentasse com aqueles dois roubos insignificantes. Senhor absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, faria o que desejasse, tudo lhe estava permitido, disporia dos bens e das existências.

Horas deliciosas para mim, confesso, pois me valeram a confiança de Miss Nelly. Impressionada por tantos acontecimentos e já inquieta de natureza, procurou espontaneamente proteção junto a mim, uma segurança que eu estava feliz em lhe oferecer.

No fundo, abençoava Arsène Lupin. Não fora ele quem nos aproximara? Não era graças a ele que podia me abandonar aos mais belos sonhos? Sonhos de amor e sonhos menos quiméricos, por que não confessar? Os Andrézys são de boa estirpe do Poitou, mas seu brasão anda um pouco descolorido e não me parecia indigno de um gentil-homem almejar devolver ao seu nome o lustre perdido.

Esses sonhos, sentia, não contrariavam Nelly. Seus olhos sorridentes me autorizavam a tê-los. A doçura de sua voz me dizia que esperasse.

E até o último momento, debruçados na amurada, permanecemos juntos, enquanto a linha da costa americana balançava à nossa frente.

As buscas tinham cessado. Aguardava-se. Da primeira classe à entreponte, onde pululavam os emigrantes, aguardava-se o minuto supremo em que se explicaria enfim o insolúvel enigma. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara se ocultava o famoso Arsène Lupin?

E o minuto supremo chegou. Vivesse eu cem anos, não esqueceria o menor detalhe.

— Como está pálida, Miss Nelly — disse à minha companheira, que se apoiava em meu braço, quase desfalecendo.

— E você! — respondeu-me. — Ah, está tão mudado!

— Pense! Este minuto é alucinante e estou contente em vivê-lo a seu lado, Miss Nelly. Parece-me que sua memória se demorará às vezes...

Não escutava, anelante e febril. A escada foi descida, mas, antes que tivéssemos a liberdade de transpô-la, pessoas subiram a bordo, homens de uniforme, da Alfândega e do Correio.

Miss Nelly balbuciou:

— Se Arsène Lupin escapou durante a travessia, não ficarei surpresa.

— Preferiu talvez a morte à desonra, e mergulhar no Atlântico a ser preso.

— Não ria — disse contrariada.

De repente, estremeci e, como ela perguntasse o que era, disse-lhe:

— Está vendo esse velhote, de pé, perto da escada?

— De guarda-chuva e sobrecasaca verde-oliva?

— É Ganimard.

— Ganimard?

— Sim, o célebre policial, que jurou prender pessoalmente Arsène Lupin. Ah! Entendo por que não houve informações deste lado do oceano. Ganimard estava aqui, e não gosta de que ninguém se meta em seus pequenos casos.

— Então é certo que pegarão Arsène Lupin?

— Quem pode dizer? Ganimard nunca o viu, parece, senão caracterizado e disfarçado. A menos que saiba o nome que está usando...

— Ah! — exclamou, com essa curiosidade um pouco cruel da mulher. — Se eu pudesse assistir à sua prisão!

— Vamos com calma. Certamente Arsène Lupin já notou a presença do seu inimigo e vai sair entre os últimos, quando os olhos do velho estiverem cansados.

Começou o desembarque. Apoiado em seu guarda-chuva, com um ar de indiferença, Ganimard não parecia prestar atenção ao povo que se comprimia entre as duas balaustradas. Observei que um oficial de bordo, postado atrás dele, informava-o de tempos em tempos.

O Marquês de Raverdan, o Major Rawson, o italiano Rivolta passaram, e outros, muitos outros...

Percebi que Rozaine se acercava.

Pobre Rozaine! Não parecia recuperado de seus infortúnios.

— Talvez seja ele, apesar de tudo — disse-me Miss Nelly. — Que acha?

— Acho que seria muito interessante reunir numa mesma foto Ganimard e Rozaine. Pegue a minha máquina, está carregada.

Dei-a, mas tarde demais para que pudesse usá-la. Rozaine passava. O oficial se inclinou ao ouvido de Ganimard, que deu de ombros suavemente — e Rozaine passou.

Mas então, meu Deus, quem era Arsène Lupin?

— Sim — disse ela em voz alta. — Quem é?

Não havia senão uma vintena de pessoas, que ela sucessivamente observava com o receio confuso de que ele não estivesse entre esses vinte. Disse-lhe:

— Não podemos aguardar mais tempo.

Ela se adiantou e eu a segui. Não tínhamos dado dez passos e Ganimard nos barrou a passagem.

— Bem, que é isso? — protestei.

— Um momento, senhor, está apressado?

— Estou acompanhando a senhorita.

— Um momento — repetiu com voz mais imperiosa. Encarou-me profundamente e logo me disse, com os olhos nos meus: — Arsène Lupin, não é?

Pus-me a rir.

— Não, Bernard d'Andrézy, apenas.

— Bernard d'Andrézy morreu há três anos na Macedônia.

— Se Bernard d'Andrézy tivesse morrido, eu não seria mais deste mundo. E não é o caso. Eis os meus papéis.

— São os dele. Como estão com você é o que terei prazer de lhe explicar.

— Mas está louco! Arsène Lupin embarcou sob o nome de R...!

— Sim, ainda uma artimanha sua, uma pista falsa em que os lançou na França! Ah! Você é de uma bela audácia, meu humorista. Mas desta vez a sorte mudou. Vamos, Lupin, mostre-se bom jogador.

Hesitei um segundo. Com um golpe seco me bateu no antebraço direito, e dei um grito de dor. Tinha tocado no ferimento ainda não cicatrizado que o telegrama indicava.

Era preciso resignar-me. Virei-me para Miss Nelly. Ela escutava, lívida, insegura.

Seu olhar deu com o meu e logo baixou sobre a Kodak que lhe tinha entregue. Fez um gesto brusco e tive a impressão, a certeza de que de repente havia entendido. Sim, estavam lá, entre as estreitas paredes de couro preto, dentro do pequeno objeto que eu tivera a precaução de deixar em suas mãos antes que Ganimard me prendesse, os vinte mil francos de Rozaine, as pérolas e os diamantes de Lady Jerland.

Ah, juro, neste instante solene, enquanto Ganimard e dois de seus ajudantes me cercavam, tudo me foi indiferente, a prisão, a hostilidade das pessoas, tudo, exceto isto: a decisão que ia tomar Miss Nelly a propósito do que lhe havia entregue.

Não pensei sequer em recear que tivessem contra mim aquela prova material e decisiva, mas se Miss Nelly se decidiria a fornecê-la. Seria traído, perdido por ela? Agiria como inimiga que não perdoa ou como mulher que se lembra e cujo desprezo se suaviza com um pouco de indulgência, um pouco de simpatia involuntária?

Passou diante de mim. Cumprimentei-a discreto, sem uma palavra. Em meio a outros viajantes, dirigiu-se para a escada, com minha Kodak na mão.

Sem dúvida, pensei, não ousa em público. Mas, dentro de uma hora, de um instante, ela a entregará. Chegando, porém, à metade da escada, num movimento de inépcia simulada, deixou-a cair na água, entre o cais e o costado do navio.

Depois, afastou-se.

Seu belo vulto se perdeu na multidão, apareceu de novo e sumiu. Nossa história estava terminada, para sempre.

Por um instante permaneci imóvel, triste e ao mesmo tempo invadido por um doce enternecimento.

Depois suspirei, para grande surpresa de Ganimard:

— Que pena, afinal, não ser um cidadão honesto...

Foi assim que, numa tarde de inverno, Arsène Lupin me contou a história de sua prisão. Incidentes casuais, que um dia hei de narrar, criaram laços entre nós dois, não sei se diria de amizade. Sim, ouso acreditar que Arsène Lupin me honra com alguma amizade, e que por ela chega às vezes a minha casa sem aviso, trazendo ao silêncio de meu gabinete de trabalho sua alegria juvenil, a irradiação de sua vida ardente, seu bom humor de homem para quem o destino só reserva favores e sorrisos.

Seu retrato? Como poderia fazê-lo? Vinte vezes vi Arsène Lupin e vinte vezes foi um ser diferente que me apareceu; ou antes, o mesmo ser de que vinte espelhos me teriam dado outras tantas imagens deformadas, cada uma com olhos diferentes, uma forma de rosto, um gesto, um vulto, um caráter próprio.

— Eu mesmo — disse-me ele — não sei mais quem sou. Num espelho, não me reconheceria.

Piada, por certo, é paradoxo, mas realidade do ponto de vista daqueles que o encontram e ignoram seus recursos infinitos, sua paciência, sua arte da maquilagem, sua prodigiosa faculdade de transformar as proporções da face, alterando inclusive a relação de seus traços entre si.

— Por que — disse ele ainda — hei de ter uma aparência definida? Por que não evitar o perigo de uma personalidade sempre igual? Meus atos já me revelam bastante. — E pormenorizava com uma ponta de orgulho: — Tanto melhor que não possam nunca dizer com certeza: "Eis aqui Arsène Lupin". O essencial é que digam sem medo de errar: "Arsène Lupin fez isso".

São alguns desses atos, algumas dessas aventuras que procuro reconstituir, segundo as confidências que teve a gentileza de me fazer, em noites de inverno, no silêncio do meu gabinete de trabalho...

Arsène Lupin na prisão

Não há turista digno do nome que não conheça as margens do Sena e não tenha notado, indo das ruínas de Jumièges às de Saint-Wandrille, o estranho castelinho feudal do Malaquis, tão altivamente erguido sobre a rocha, em pleno rio. A arcada de uma ponte o liga à estrada. A base de suas torrezinhas sombrias se confunde com o granito que o suporta, enorme bloco destacado de não se sabe que montanha e ali lançado por alguma terrível convulsão. Em volta, a água calma do grande rio brinca entre os juncos, e lavandiscas tremem sobre a superfície úmida dos seixos.

A história do Malaquis é rude como seu nome, áspera como seu aspecto. Combates, sítios, assaltos, rapinas e massacres. Nos serões da região de Caux, lembram-se com arrepios os crimes que ali se cometeram. Contam-se misteriosas lendas. Fala-se de um célebre subterrâneo que outrora conduzia à Abadia de Jumièges e ao solar de Agnès Sorel, a bela amante de Carlos VII.

Neste antigo covil de heróis e salteadores mora o Barão Nathan Cahorn, o Barão Satã, como antes o chamavam na Bolsa, na qual enriqueceu de um modo demasiado súbito. Os senhores do Malaquis, arruinados, tiveram de lhe vender, por uma ninharia, a mansão de seus antepassados. Instalou aí suas coleções admiráveis de móveis e quadros, de faianças e madeiras esculpidas, e aí mora isolado, com seus três empregados. Ninguém entra no castelo nem nunca contempla, no cenário dessas salas antigas, os três Rubens que ele possui, seus dois Watteau, sua cadeira de Jean Goujon, e tantas outras maravilhas arrancadas pela força do dinheiro aos mais ricos frequentadores dos leilões públicos.

O Barão Satã tem medo. Não por si, mas pelos tesouros acumulados com uma paixão tão tenaz e uma perspicácia tão grande de amador, que os mais astutos vendedores não podem se vangloriar de ter induzido em erro. Ele ama esses tesouros com a ganância de um avaro e o ciúme de um enamorado.

Cada dia, ao cair do sol, as quatro portas reforçadas com ferros, que dão para as duas extremidades da ponte e a entrada do pátio principal, são fechadas e aferrolhadas. Ao menor choque, campainhas elétricas soariam no silêncio. Do lado do Sena, nada a temer: o rochedo se ergue a pique.

Ora, uma sexta-feira de setembro, o carteiro se apresentou como de costume à cabeça da ponte, e, segundo a regra cotidiana, foi o barão que entreabriu o pesado batente.

Examinou o homem tão minuciosamente como se não conhecesse, há anos, aquela boa cara alegre com olhos finórios de camponês, e o homem lhe disse rindo:

— Sou sempre eu, senhor barão, não outro que estivesse usando a minha blusa e o meu boné.

— Nunca se sabe — murmurou Cahorn.

O carteiro lhe entregou uma pilha de jornais e acrescentou:

— Agora, senhor barão, há algo de novo.

— Novo?

— Uma carta... e ainda registrada.

Só, sem amigos ou alguém que por ele se interessasse, o barão não recebia cartas, e imediatamente aquilo lhe pareceu um fato de mau agouro, dando lugar à preocupação. Quem seria o misterioso correspondente que vinha alcançá-lo em seu retiro?

— É preciso assinar, senhor barão.

Assinou praguejando. Pegou a carta, esperou que o carteiro desaparecesse na volta da estrada e, tendo dado alguns passos, apoiou-se contra o parapeito da ponte e rasgou o envelope. Dentro havia uma folha de papel quadriculado com um cabeçalho manuscrito: Prison de la Santé, Paris. Olhou a assinatura: Arsène Lupin. Estupefato, leu:

"Senhor Barão,

Há, na galeria que une seus dois salões, um quadro de Philippe de Champaigne de execução excelente e que me agrada muitíssimo. Seus

Rubens são também do meu agrado, tanto quanto o Watteau menor. No salão da direita, destaco a credência Luís XIII, as tapeçarias de Beauvais, o velador império assinado por Jacob e o baú renascença. No da esquerda, todo o mostruário de vidro das joias e miniaturas.

Por esta vez me contentarei com esses objetos, que serão, creio, de fácil saída. Peço-lhe, pois, que os faça embalar decentemente e expedir em meu nome, com porte pago, para a estação de Batignolles, antes de oito dias. Se isso não for feito, eu próprio os deslocarei na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro, e, como é justo, não me contentarei com os objetos acima indicados.

Queira desculpar o pequeno estorvo que lhe causo e aceitar a expressão de meus sentimentos de respeitosa consideração.

Arsène Lupin

P.S. — Sobretudo não me envie o Watteau maior. Embora tenha pago por ele trinta mil francos na Casa de Vendas, não passa de uma cópia, tendo sido o original queimado, durante o Diretório, por Barras, numa noite de orgia. Consulte as memórias inéditas de Garrat.

Não faço questão também da corrente com pedras Luís XV, cuja autenticidade me parece duvidosa."

Esta carta transtornou o Barão Cahorn. Assinada por qualquer outro, já o teria alarmado, mas por Arsène Lupin!...

Leitor assíduo dos jornais, a par de tudo o que ocorria no mundo a propósito de roubo e crime, nada ignorava das façanhas do infernal ladrão. Por certo sabia que Lupin, preso na América por seu inimigo Ganimard, estava definitivamente encarcerado, e que tratavam de instruir o seu processo — com que trabalho! Mas sabia também que se podia esperar tudo dele. Aquele conhecimento exato do castelo, da disposição dos quadros e dos móveis, era um indício dos mais temíveis. Quem o informara sobre coisas que ninguém havia visto?

O barão ergueu os olhos e observou a linha inóspita do Malaquis, seu abrupto pedestal, a água profunda que o cercava, e deu de ombros. Não,

decididamente não havia perigo. Ninguém no mundo poderia chegar ao santuário inviolável de suas coleções.

Ninguém no mundo, certo, mas e Arsène Lupin? Para ele existiriam portas, pontes levadiças, muralhas? De que serviam os obstáculos mais bem imaginados, as precauções mais hábeis, se Arsène Lupin resolvera atingir o objetivo?

Na mesma noite escreveu ao procurador da República em Rouen. Remetia a carta de ameaças e reclamava ajuda e proteção.

A resposta não demorou: estando o citado Arsène Lupin atualmente detido na Santé, sob estrita vigilância e impossibilitado de escrever, a carta só podia ser obra de um impostor. Tudo o demonstrava, a lógica e o bom senso, assim como a realidade dos fatos. Contudo, por excesso de prudência, tinha-se mandado um perito examinar a letra e ele declarou que, apesar de certas analogias, a letra não era a do detido.

"Apesar de certas analogias" — o barão não reteve senão essas quatro palavras assustadoras, onde via a confissão de uma dúvida que, por si, deveria bastar para que a justiça interviesse. Seus receios se exasperaram. Não cessava de reler a carta: "eu próprio os deslocarei", e aquela data precisa: na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro!...

Desconfiado e taciturno, não ousara se abrir com os empregados, cujo devotamento não lhe parecia à toda prova. No entanto, pela primeira vez em anos sentia a necessidade de falar, ser aconselhado. Abandonado pela justiça do seu país, desesperava de se defender com seus próprios recursos, e esteve a ponto de ir a Paris, implorar a assistência de algum policial experiente.

Passaram-se dois dias. No terceiro, lendo os jornais, estremeceu de contentamento. O *Le Réveil de Caudebec* publicava este tópico:

> "*Temos o prazer de anunciar a presença, em nossa cidade, há quase três semanas, do Inspetor Ganimard, um dos veteranos do serviço da Sûreté. O senhor Ganimard, a quem a prisão de Arsène Lupin, sua última proeza, lhe deu uma reputação europeia, descansa de suas pesadas tarefas perseguindo peixes e pássaros.*"

Ganimard, eis o auxiliar que o barão procurava! Quem melhor que o manhoso e paciente Ganimard saberia desfazer os projetos de Lupin?

O barão não hesitou. Seis quilômetros separam o castelo da cidadezinha de Caudebec. Como alguém animado pela esperança de salvação, ele os transpôs num passo alegre.

Depois de várias tentativas infrutíferas de saber o endereço do inspetor, dirigiu-se ao escritório do *Réveil*, na parte do cais. Encontrou o redator do tópico, que, chegando à janela, gritou:

— Ganimard? Pode estar certo de achá-lo aí pelo cais com uma linha na mão. Foi assim que falei com ele e li por acaso seu nome gravado num caniço de pescar. Olhe, é o velhote que se vê lá embaixo, sob as árvores do passeio.

— De casaco e chapéu de palha?

— Isso! Ah, um rapaz engraçado para conversar, e cabeçudo.

Cinco minutos depois, o barão abordava o célebre Ganimard, apresentando-se e buscando puxar conversa. Não conseguindo, entrou francamente na questão e expôs seu caso.

O outro escutou, imóvel, sem perder de vista o peixe que estava espreitando. Enfim, virou a cabeça para ele, mediu-o de alto a baixo com ar de profunda piedade e pronunciou:

— Senhor, não é costume prevenir as pessoas que se quer despojar. Arsène Lupin, especialmente, não cometeria patranha semelhante.

— No entanto...

— Senhor, se eu tivesse a mínima dúvida, acredite que o prazer de prender outra vez esse caro Lupin superaria qualquer outra consideração. Infelizmente, esse jovem está aferrolhado.

— Se fugir?...

— Não se foge da Santé.

— Mas ele...

— Ele não mais que outro qualquer.

— No entanto...

— Pois bem, se fugir, tanto melhor, eu o agarrarei de novo. Enquanto isso, durma tranquilo e não me espante mais este peixe.

A conversa tinha terminado. O barão voltou para casa, até certo ponto acalmado pela despreocupação de Ganimard. Verificou as fechaduras, espionou os criados, e quarenta e oito horas se passaram em que chegou quase a se persuadir de que, em suma, seus receios eram quiméricos. Não, sem dúvida, como tinha dito Ganimard, não se previne a quem se deseja

roubar.

A data se aproximava. Na manhã de terça-feira, véspera do dia 27, nada de particular. Mas às três da tarde um menino tocou a campainha. Trazia um telegrama: "Nenhuma encomenda na estação de Batignolles. Prepare tudo para amanhã à noite. Arsène".

Foi o enlouquecimento outra vez, a ponto de se perguntar se não faria melhor cedendo às exigências de Arsène Lupin.

Correu a Caudebec. Ganimard pescava no mesmo lugar, sentado num banquinho desmontável. Sem uma palavra, mostrou-lhe o telegrama.

— E daí? — disse o inspetor.

— Daí? Mas é para amanhã!

— O quê?

— O furto! A pilhagem de minhas coleções!

Ganimard largou sua linha, virou-se para ele e, com os dois braços cruzados sobre o peito, exclamou com impaciência:

— Ah! Isso! O senhor imagina que vou me ocupar com uma história tão estúpida!

— Quanto quer para ficar no castelo durante a noite de 27 a 28 de setembro?

— Nem um centavo, deixe-me em paz.

— Dê o seu preço, sou rico, muito rico.

A brutalidade da oferta desconcertou Ganimard, que prosseguiu mais calmo:

— Estou aqui de férias e não tenho o direito de me meter...

— Ninguém saberá. Eu me comprometo, aconteça o que acontecer, a guardar silêncio.

— Oh! Não acontecerá nada.

— Bem, vejamos, três mil francos bastam?

O inspetor aspirou uma pitada de tabaco, refletiu e acedeu:

— Seja. Apenas devo lhe declarar lealmente que é dinheiro jogado pela janela.

— Não me importa.

— Nesse caso... E afinal, o que se sabe desse demônio do Lupin! Deve ter às suas ordens todo um bando... tem confiança em seus criados?

— Até certo ponto.

— Então não contemos com eles. Vou chamar pelo telégrafo dois dispostos amigos meus, que nos darão mais segurança... E agora, ande, para que não nos vejam juntos. Até amanhã, pelas nove horas.

No dia seguinte, data marcada por Arsène Lupin, o Barão Cahorn despregou sua panóplia, poliu suas armas e passeou em volta do Malaquis, sem vislumbrar nada de equívoco.

À noite, às oito e meia, dispensou os criados. Ocupavam uma ala de frente para a estrada, mas um pouco para trás e bem no fim do castelo. Uma única vez, abriu docemente as quatro portas. Decorrido um tempo, escutou passos que se aproximavam.

Ganimard apresentou seus dois auxiliares, rapazes grandes e sólidos, com pescoço taurino e mãos fortes, e a seguir pediu certas explicações. Tendo-se dado conta da disposição dos lugares, fechou cuidadosamente e barricou todas as saídas por que se pudesse entrar nas salas ameaçadas. Inspecionou as paredes, ergueu os tapetes, e colocou enfim seus agentes na galeria central.

— Nada de brincadeiras, hem? Não estamos aqui para dormir. Ao menor alerta, abram as janelas do pátio e me chamem. Prestem também atenção ao lado da água. Demônios do calibre dele não se assustam com dez metros de falésia reta. — Fechou-os, levou as chaves e disse ao barão: — Agora, ao nosso posto.

Escolhera, para passar a noite, uma pecinha feita na espessura das muralhas exteriores, entre as duas principais, e que era outrora o reduto do vigia. Uma abertura dava para a ponte, outra para o pátio. Num canto se notava um orifício como o de um poço.

— Não me disse, senhor barão, que este poço era a única entrada dos subterrâneos e que há muitíssimo tempo foi tapado?

— Sim.

— De modo que, a menos que exista outra saída desconhecida de todos, salvo de Arsène Lupin, o que parece bem problemático, estamos tranquilos.

Alinhou três cadeiras, estendeu-se confortavelmente, acendeu seu cachimbo e suspirou:

— Com efeito, senhor barão, foi preciso que eu estivesse louco para aumentar um andar na casinha em que devo terminar meus dias para aceitar uma tarefa tão simples. Contarei a história ao amigo Lupin; vai

agarrar as costelas de tanto rir.

O barão não ria. Com os ouvidos despertos, interrogava o silêncio com crescente inquietação. De vez em quando, inclinava-se sobre o poço e mergulhava no buraco um olhar ansioso.

Onze horas, meia-noite, uma hora bateram.

Súbito, pegou o braço de Ganimard, que despertou num sobressalto.

— Está ouvindo?

— Sim.

— Que é isso?

— Sou eu que ronco!

— Não, ouça...

— Ah, realmente, é o ruído de um automóvel.

— E então?

— Então é pouco provável que Lupin se sirva de um automóvel como de um aríete para demolir o seu castelo. Assim, senhor barão, no seu lugar, eu dormiria... como vou ter a honra de voltar a fazer. Boa noite.

Foi o único alerta. Ganimard pôde retomar seu sono interrompido, e o barão não ouviu mais que aquele ronco sonoro e regular.

De manhãzinha, saíram de sua cela. Uma grande paz serena, a paz da manhã à beira da água fresca, envolvia o castelo. Cahorn, radiante de alegria, e Ganimard, sempre tranquilo, subiram a escada. Nenhum ruído. Nada de suspeito.

— Que lhe tinha dito, senhor barão? No fundo, não devia ter aceito, estou envergonhado...

Pegou as chaves e entrou na galeria. Em duas cadeiras, curvados, com os braços caídos, os dois agentes dormiam.

— Diabos os levem! — rosnou o inspetor.

Ao mesmo tempo o barão dava um grito:

— Os quadros!... A credência!... — Ele balbuciava, sufocava, com a mão estendida para os espaços vazios, as paredes despojadas, onde apontavam pregos de que pendiam cordas inúteis. O Watteau desaparecido! Os Rubens levados! As tapeçarias despregadas! Os mostruários esvaziados de suas joias! — E meus candelabros Luís XVI!... E o castiçal do Regente!... E a minha Virgem do século VII!...

Corria de um lugar a outro, assustado, desesperado. Lembrava os preços que pagara, somava as perdas sofridas, acumulava cifras, tudo isso

misturado, em palavras indistintas, frases inacabadas. Sapateava e entrava em convulsões, louco de raiva e de dor. Parecia um homem arruinado, a quem só restasse dar um tiro na cabeça.

Se alguma coisa pudesse consolá-lo, teria sido ver o estupor de Ganimard. Ao contrário do barão, o inspetor não se movia. Dir-se--ia petrificado, e com um olhar vago examinava as coisas. As janelas? Fechadas. As fechaduras das portas? Intactas. Nenhuma brecha no forro ou buraco no soalho. A ordem era perfeita. Tudo isso deveria ter sido executado metodicamente, segundo um plano inexorável e lógico.

— Arsène Lupin... Arsène Lupin — murmurou, desfeito. De repente saltou sobre os dois agentes, como se a cólera enfim o sacudisse, empurrou-os furiosamente e injuriou-os. Não tinham acordado! — Diabo — disse —, será que, por acaso?... — Inclinou-se sobre eles e observou um e outro com atenção: dormiam, mas um sono que não era natural. Disse ao barão: — Fez com que dormissem.

— Mas quem?

— Ah, ele, por Deus!... Ou o seu bando, mas sob a direção dele. É um golpe no seu estilo. Sente-se a sua garra.

— Nesse caso estou perdido, não há mais nada a fazer.

— Nada a fazer.

— Mas é detestável, monstruoso.

— Apresente uma queixa.

— Para quê?

— Ora! Tente. A justiça tem recursos.

— A justiça! Mas está vendo por si mesmo... repare: neste instante, em que poderia procurar um indício, descobrir alguma coisa, nem mesmo se move.

— Descobrir alguma coisa, com Arsène Lupin! Mas, meu caro senhor, Arsène Lupin não deixa nada atrás de si. O acaso não existe para ele. Eu me pergunto se não foi deliberadamente que se fez prender por mim na América!

— Então, devo desistir de meus quadros, de tudo! Mas são as pérolas da minha coleção que ele levou! Pagaria uma fortuna para reavê-las. Se não se pode nada contra ele, que diga o seu preço!

Ganimard o olhou fixamente.

— Essa é uma atitude sensata. Vai mantê-la?

— Não, não, não. Mas por quê?

— Uma ideia que tive.

— Qual?

— Voltaremos a falar nisso, se o inquérito não chegar a nada. Apenas, nenhuma palavra sobre mim, se quiser que eu tenha êxito. — Acrescentou entre dentes: — Além disso, eu em verdade não tenho do que me gabar.

Os dois agentes voltaram a si pouco a pouco, com esse ar embotado dos que saem de um sono hipnótico. Abriam os olhos, pasmados, e procuravam entender. Quando Ganimard os interrogou, não se lembravam de nada.

— Tinham de ter visto alguém, no entanto.

— Não.

— Lembram-se?

— Não, não.

— E não beberam?

Refletiram, e um deles respondeu:

— Sim, bebi um pouco d'água.

— Desta jarra?

— Sim.

— Eu também — declarou o segundo.

Ganimard a cheirou, provou. Não tinha nenhum gosto especial, nenhum odor.

— Vamos — afirmou —, estamos perdendo tempo. Não é em cinco minutos que se resolvem os problemas colocados por Arsène Lupin. Mas, com os diabos, juro que o prenderei de novo. Ganha a segunda partida. Eu, a negra!

No mesmo dia, uma queixa de roubo qualificado era apresentada pelo Barão Cahorn contra Arsène Lupin, detido na Santé!

Essa queixa, o barão muitas vezes a lamentou ao ver o Malaquis entregue aos guardas, ao procurador, ao juiz de instrução, aos jornalistas, a todos os curiosos que se insinuam em toda parte em que não deveriam estar.

O caso apaixonava a opinião pública. Produzira-se em circunstâncias tão incomuns, o nome de Arsène Lupin excitava tanto as imaginações, que as histórias mais fantasiosas enchiam as colunas dos jornais e encontravam crédito junto ao público.

Mas a carta inicial de Arsène Lupin — que o *Écho de France* publicou sem que ninguém nunca ficasse sabendo quem lhe comunicara o texto —, a carta em que o Barão Cahorn era descaradamente prevenido do que o ameaçava, causou considerável emoção. De imediato fabulosas explicações foram propostas. Recordou-se a existência dos famosos subterrâneos, e a justiça, influenciada, dirigiu suas buscas nesse sentido.

Devassaram o castelo de alto a baixo. Desconfiavam de cada pedra. Estudavam os lambris e as chaminés, as esquadrias dos vidros e as traves dos forros. À luz de tochas, examinaram as vastas adegas, onde os senhores do Malaquis antigamente amontoavam suas munições e provisões. Sondaram as entranhas do rochedo. Tudo embalde. Não se achou o menor vestígio de subterrâneo, nem existia passagem secreta.

Seja, respondiam de todos os lados, mas móveis e quadros não se evolam como fantasmas. Passam por portas ou janelas, e as pessoas que deles se apossam entram e saem igualmente por portas e janelas. Quem eram essas pessoas? Como se introduziram no castelo? Como foram embora?

A justiça de Rouen se convenceu de que não podia sozinha com o caso e solicitou o auxílio de agentes parisienses. O senhor Dudouis, o chefe da Sûreté, enviou seus melhores pesquisadores, e ele próprio passou quarenta e oito horas no Malaquis. Não descobriram nada.

Chamou então à sua presença o Inspetor Ganimard, de que tinha tantas vezes tido a oportunidade de admirar o trabalho.

Ganimard escutou em silêncio as instruções do superior e a seguir, oscilando a cabeça, afirmou:

— Julgo que se vai no caminho errado teimando em vasculhar o castelo. A solução está em outra parte.

— Aonde?

— Junto a Arsène Lupin.

— Junto a Lupin! Supor isso é admitir sua intervenção.

— Eu admito. E mais: considero certa.

— Vamos, Ganimard, isso é absurdo. Arsène Lupin está preso.

— Preso, vá. Vigiado, concedo. Mas tivesse ferros nos pés, cordas nos pulsos e uma mordaça na boca, eu não mudaria de parecer.

— E a razão para se obstinar assim?

— Porque apenas Arsène Lupin é capaz de planejar um golpe dessa envergadura, e planejar de tal maneira que tivesse êxito... como teve.

— Palavras, Ganimard!

— Que são realidades. Em suma, que não se busquem subterrâneos, pedras girando sobre gonzos e outras futilidades desse porte. Nosso homem não emprega processos tão vetustos. É de hoje, ou antes, de amanhã.

— E o que conclui daí?

— Solicitar-lhe claramente a autorização de passar uma hora com ele.

— Em sua cela?

— Sim. De volta da América estabelecemos, durante a travessia, excelentes relações, e ouso afirmar que tem alguma simpatia por aquele que conseguiu prendê-lo. Se puder me informar sem se comprometer, não hesitará em me evitar uma viagem inútil.

Passava do meio-dia quando Ganimard foi introduzido na cela de Arsène Lupin. Este, deitado, ergueu a cabeça e soltou um grito de contentamento.

— Ah, que surpresa... o nosso querido Ganimard aqui!

— Ele mesmo.

— Desejava muitas coisas no retiro que escolhi, mas nenhuma mais ardentemente do que nele recebê-lo.

— É gentil demais.

— Mas não, não, tenho por você uma grande estima.

— Eu me orgulho por isso.

— Sempre achei que Ganimard era o nosso melhor detetive, valendo quase, vê só que sou franco, quase Sherlock Holmes. Fico chateado de só poder lhe oferecer este banquinho. E nem mesmo um refresco, um copo de cerveja. Desculpe, mas estou aqui de passagem. — Ganimard se sentou sorrindo, e o prisioneiro prosseguiu, feliz por falar: — Meu Deus, como me alegra descansar os olhos no rosto de um homem honesto! Não aguento mais essas caras de espiões e delatores que passam revista dez vezes por dia em meus bolsos e em minha modesta cela, para ter certeza de que não estou preparando uma evasão. Puxa, como o governo se preocupa comigo!...

— E tem razão...

— Mas não. Seria tão feliz se me deixassem viver no meu cantinho!

— Com o dinheiro dos outros.

— Não é? Isso seria tão simples! Mas fico dizendo bobagens quando você talvez esteja com pressa. Vamos ao que interessa, Ganimard! Que é que me valeu a honra de uma visita?

— O caso Cahorn — declarou Ganimard, sem rodeios.

— Alto lá! Um momento... tenho tantos casos! Deixe-me primeiro procurar na minha cabeça os autos do caso Cahorn... ah, aqui está: caso Cahorn, Castelo do Malaquis, parte baixa do Sena. Dois Rubens, um Watteau e alguns objetos miúdos.

— Miúdos!

— Oh, palavra, tudo isso é de menor importância. Há coisas muito melhores! Mas basta que o caso lhe interesse... Fale, Ganimard.

— Devo explicar-lhe em que ponto estamos da instrução do caso?

— É dispensável, li os jornais desta manhã. E até me permitiria dizer que não estão avançando depressa.

— É justamente a razão pela qual venho contar com a sua bondade.

— Às suas ordens.

— Em primeiro lugar isto: o assunto foi realmente orientado por você?

— De A a Z.

— A carta de aviso, o telegrama?

— São deste seu servidor. Devo ter mesmo em alguma parte os recibos postais.

Arsène abriu a gaveta de uma mesinha de madeira-branca, que compunha, com a cama e o banco, todo o mobiliário da cela, pegou dois pedacinhos de papel e os estendeu a Ganimard.

— Ah, isso! — exclamou esse. — Mas eu o julgava sob estreita vigilância e revistado a todo momento. No entanto, você lê jornais, coleciona recibos do correio...

— Xi, esses sujeitos são tão bobos! Descosem a bainha da minha roupa, exploram a sola dos meus sapatos, auscultam as paredes desta peça, mas nenhum tem a ideia de que Arsène Lupin seja simplório a ponto de escolher um esconderijo tão fácil. Contei com isso.

Ganimard, divertido, bradou:

— Que diabo de rapaz! Você me desconcerta. Vamos, conte a aventura.

— Oh, oh... você anda muito depressa! Iniciá-lo nos meus segredos, revelar-lhe meus expedientes... é grave.

— Será que me enganei confiando em sua complacência?

— Não, Ganimard, e já que insiste... — Arsène Lupin percorreu duas ou três vezes o quarto e, detendo-se: — Que acha da minha carta ao barão?

— Creio que você quis se divertir, deslumbrar um pouco o público.

— Ah, vejam só, deslumbrar o público! Pois bem, asseguro-lhe, Ganimard, que o julgava mais esperto. Acha que vou perder tempo com tais puerilidades, eu, Arsène Lupin? Teria escrito aquela carta, se pudesse furtar o barão sem ela? Têm de entender, você e os outros, que a carta é o ponto de partida indispensável, a mola que pôs a máquina em movimento. Vamos pela ordem e preparemos juntos, se quiser, o assalto do Malaquis.

— Estou ouvindo.

— Suponhamos um castelo rigorosamente fechado e defendido como era o do Barão Cahorn. Devo abandonar a partida e renunciar a tesouros que cobiço, sob o pretexto de que o castelo que os contém é inacessível?

— Evidente que não.

— Devo tentar o assalto como antigamente, à frente de uma tropa de aventureiros?

— Infantil!

— Devo me introduzir sorrateiramente?

— Impossível.

— Sobra um meio, o único, na minha opinião: fazer-me convidar pelo proprietário do castelo.

— O meio é original.

— E que fácil! Imaginemos que um dia o mencionado proprietário receba uma carta, advertindo-o do que trama contra ele um sujeito chamado Arsène Lupin, reputado ladrão. Que fará?

— Mandará a carta ao procurador.

— Que zombará dele, já que o citado Lupin está atualmente aferrolhado. Portanto, o bom homem fica fora de si, capaz de pedir socorro ao primeiro que apareça, não é certo?

— Fora de dúvida.

— E se lhe acontece ler num jornalzinho qualquer que um policial célebre passa as férias na localidade vizinha...

— Correrá a esse policial.

— Exato. Por outro lado, admitamos que, prevendo essa inevitável iniciativa, Arsène Lupin tenha pedido a um de seus mais hábeis amigos para se instalar em Caudebec e se relacionar com um redator do *Réveil*,

jornal que o barão assina, deixando o jornalista concluir que é aquele conhecido policial; o que ocorreria?

— Que o homem anunciaria no *Réveil* a presença em Caudebec do aludido policial.

— Perfeito, e das duas uma: ou o peixe, quero dizer, Cahorn, não morde a isca e nada se passa ou então, e é a hipótese mais verossímil, acorre inquieto. E eis o meu Cahorn suplicando contra mim a assistência de um dos meus amigos.

— Cada vez mais original.

— É claro que o pseudopolicial recusa de início cooperar. Vem o telegrama de Arsène Lupin. Susto do barão, que implora de novo ao meu amigo, e lhe oferece um tanto para velar por sua imunidade. Meu amigo aceita; leva dois malandros do nosso bando, que, de noite, enquanto Cahorn é guardado à vista de seu protetor, transportam pela janela certo número de objetos e os fazem descer, com a ajuda de cordas, a uma boa lanchinha fretada. É simples como Lupin.

— E é tudo completamente maravilhoso — bradou Ganimard. — Nunca acabaria de elogiar a ousadia da concepção e a engenhosidade dos detalhes. Mas não vejo que policial seria tão conhecido para que seu nome pudesse atrair e sugestionar o barão a tal ponto.

— Existe um, e não mais que um.

— Qual?

— O mais notável, o inimigo pessoal de Arsène Lupin, em suma, o Inspetor Ganimard.

— Eu!

— Você mesmo, Ganimard. E eis o delicioso: se for até lá e o barão se decidir a falar, acabará descobrindo que seu dever é prender a você mesmo, como me prendeu na América! Que tal? A revanche é cômica: faço prender Ganimard por Ganimard!

Arsène Lupin ria abertamente. O inspetor, molestado, mordia os lábios. A brincadeira não lhe parecia merecer tal acesso de júbilo.

A chegada de um guarda lhe deu o tempo de se recompor. O homem trazia a refeição que Arsène Lupin, por favor especial, encomendara do restaurante mais perto. Deixando a bandeja na mesa, retirou-se. Arsène sentou-se, partiu o pão, deu duas ou três dentadas e prosseguiu:

— Mas fique tranquilo, caro Ganimard, não terá que ir lá. Vou lhe revelar uma coisa que o deixará assombrado: o caso Cahorn está à beira de ser arquivado.

— Hem?

— Arquivado, digo-lhe.

— Vamos, deixei há pouco o chefe da Sûreté...

— E daí? Será que o senhor Dudouis saberá mais que eu sobre o que me diz respeito? Fique sabendo que Ganimard... desculpe... o falso Ganimard continua nos melhores termos com o barão. Este, e é o principal motivo por que nada confessou, encarregou-o da delicadíssima tarefa de negociar comigo uma transação, e, neste momento, mediante certa soma, é provável que o barão tenha entrado na posse de suas queridas miudezas. Compensando isso, retirará sua queixa. De modo que não há mais roubo, e será preciso que a justiça abandone o caso.

Ganimard encarou estupefato o detido.

— E como sabe disso tudo?

— Acabo de receber a mensagem que esperava.

— Recebeu uma mensagem?

— Neste instante, caro amigo. Por polidez, não a quis ler na sua presença. Mas se me autoriza...

— Você está caçoando de mim.

— Queira, caro amigo, decapitar suavemente este ovo cozido. Verá por si mesmo que não estou caçoando.

Maquinalmente, Ganimard obedeceu, quebrando o ovo com a lâmina de uma faca. Um grito de surpresa lhe escapou. A casca vazia continha uma folha de papel azul. A pedido de Arsène, desdobrou-a. Era um telegrama, ou antes, a parte de um telegrama de que se tinham cortado as indicações postais. Leu:

"Acordo concluído. Cem mil bolas entregues. Tudo vai bem."

— Cem mil bolas?

— Sim, cem mil francos! É pouco, mas, enfim, os tempos estão difíceis... E tenho despesas gerais tão pesadas! Se conhecesse meu orçamento... um orçamento de cidade grande!

Ganimard se levantou. Seu mau humor desaparecera. Refletiu uns segundos, olhando em conjunto o caso para descobrir seu ponto fraco. Em seguida disse, num tom em que deixava francamente transparecer a sua

admiração de experiente no assunto:

— Felizmente não existe uma dúzia como você, senão teríamos de fechar a loja.

Arsène Lupin tomou um ar modesto e respondeu:

— Bem que era preciso me divertir um pouco, ocupar os lazeres... Ainda mais que se tratava de um golpe que não podia ter êxito se eu não estivesse preso.

— Como! — saltou Ganimard. — Seu processo, sua defesa, a instrução, tudo isso não basta para distraí-lo?

— Não, porque resolvi não assistir ao meu processo.

— Oh! Oh!

Arsène Lupin repetiu positivo:

— Não assistirei ao meu processo.

— Essa agora!

— Essa, meu caro. Imagina que vou apodrecer sobre a palha úmida?! Você me ofende. Arsène Lupin não fica na cadeia além do tempo que lhe agradar, e nem um minuto a mais.

— Teria sido mais prudente começar por não entrar nela — objetou o inspetor, irônico.

— Ah, graceja? Lembra que teve a honra de levar a efeito a minha prisão? Saiba, respeitável amigo, que ninguém, tanto você quanto qualquer outro, teria podido pôr a mão em mim, se um interesse bem mais considerável não me tivesse solicitado naquele momento crítico.

— Você me surpreende.

— Uma mulher me olhava, Ganimard, e eu a amava. Entende tudo o que há no fato de ser olhado por uma mulher que se ama? O resto importava pouco, juro. E por isso estou aqui.

— Há bastante tempo, permita que observe.

— Primeiro, queria esquecer. Não ria: a aventura tinha sido cativante, e eu conservava ainda a terna lembrança... depois, sou um pouco neurastênico. A vida é tão febril em nossos dias! Cumpre, em certos momentos, saber o que se chama cura de solidão. Este lugar é o máximo para regimes dessa espécie. Faz-se aqui a cura da Santé rigorosamente.

— Arsène Lupin — observou Ganimard —, você está me julgando tolo.

— Ganimard — contestou ele —, estamos hoje na sexta-feira. Quarta que vem, irei fumar o meu charuto na sua casa, na Rua Pergolèse, às quatro

da tarde.

— Estarei esperando, Arsène Lupin.

Apertaram as mãos como bons amigos que se estimam em seu justo valor, e o velho policial se dirigiu para a porta.

— Ganimard!

Ele se voltou.

— Que foi?

— Esqueceu o seu relógio.

— Meu relógio?

— Sim, ele se perdeu no meu bolso. — Entregou-o, desculpando-se: — Perdoe... um mau hábito... porque tiraram o meu, não é razão para que eu o prive do seu. Ainda mais que tenho aí um cronômetro de que não posso me queixar e que satisfaz plenamente minhas necessidades.

Tirou da gaveta um grande relógio de ouro, grosso e confortável, ornado com uma pesada corrente.

— E este, de que bolso veio? — perguntou Ganimard.

Arsène Lupin examinou descuidadamente as iniciais.

— J. B... Quem diabo poderia ser?... Ah! Sim, lembro, Jules Bouvier, o meu juiz de instrução, um homem cativante...

A fuga de Arsène Lupin

No momento em que Arsène Lupin, tendo terminado de comer, tirou do bolso um belo charuto de anel dourado, examinando-o com satisfação, a porta da cela se abriu. Teve só o tempo de jogá-lo na gaveta e se afastar da mesa. O guarda entrou, era a hora do passeio.

— Esperava-o, caro amigo — bradou Lupin, sempre de bom humor.

Saíram. Mal desapareceram no ângulo do corredor, dois homens por sua vez penetraram na cela e iniciaram um exame minucioso. Um era o Inspetor Dieuzy, outro o Inspetor Folenfant.

Queriam acabar com aquilo. Não havia dúvida: Arsène Lupin mantinha entendimentos com o exterior e se comunicava com seus adeptos. Ainda na véspera, o *Grand Journal* publicara estas linhas dirigidas ao responsável pela seção de tribunais:

"Senhor,

Num artigo aparecido por esses dias, exprimiu-se a meu respeito em termos que nada poderia justificar. Dias antes da abertura de meu processo, irei lhe pedir contas. Distintas saudações.

Arsène Lupin."

A escrita era bem de Arsène Lupin. Então, enviava cartas e as recebia. Então, era certo que preparava a fuga que anunciara de modo tão arrogante.

A situação se fazia intolerável. De acordo com o juiz de instrução, o chefe da Sûreté, senhor Dudouis, foi pessoalmente à Santé para expor ao diretor da prisão as medidas que convinha tomar. E já ao chegar enviou

dois homens à cela do detido.

Levantaram cada uma das lajes, desmontaram a cama, fizeram tudo o que é de costume fazer num caso semelhante, e não descobriram nada. Iam renunciar às investigações, quando o guarda acorreu a toda pressa e lhes disse:

— A gaveta... olhem a gaveta da mesa. Quando entrei, pareceu-me que a fechava.

Olharam, e Dieuzy exclamou:

— Por Deus, desta vez pegamos o homem.

Folenfant o deteve.

— Alto aí, meu filho, o chefe fará o inventário.

— Mas este charuto de luxo...

— Deixe o havana e vamos avisar o chefe.

Dois minutos após, o senhor Dudouis examinava a gaveta. Achou primeiro um maço de artigos de jornais selecionados pelo *Argus de la Presse* e que se referiam a Arsène Lupin, em seguida uma bolsa de fumo, um cachimbo, papel chamado pele de cebola e enfim dois livros.

Olhou os títulos. Eram *O culto dos heróis*, de Carlyle, em edição inglesa, e um elzevir encantador, com encadernação da época, do *Manual de Epíteto*, numa tradução alemã publicada em Leyde em 1634. Folheando-os, constatou que todas as páginas estavam marcadas, sublinhadas, anotadas. Seriam sinais em código ou dessas marcas que mostram o entusiasmo que se tem por um livro?

— Vamos ver isso em pormenor — disse o senhor Dudouis. Examinou a bolsa de fumo, o cachimbo. A seguir, pegando o imponente charuto de anel dourado: — Puxa, nosso amigo se trata bem: um Henri Clay!

Com um gesto maquinal de fumante, levou-o ao ouvido e o fez estalar. Uma exclamação lhe escapou. O charuto cedera à pressão de seus dedos. Examinou-o com atenção e não tardou a descobrir algo branco entre as folhas de fumo. Delicadamente, com ajuda de um alfinete, extraiu um rolo de papel muito fino, da grossura de um palito. Era um bilhete. Desenrolou-o e leu estas palavras numa escrita miúda de mulher:

"O cesto tomou o lugar do outro. Oito sobre dez estão preparados. Apoiando no pé exterior, a placa se levanta de alto a baixo. De doze a dezesseis todos os dias, H-P esperará. Mas onde? Resposta imediata.

Esteja tranquilo, sua amiga vela pelo senhor.”

Dudouis pensou um momento e disse:

— Está bastante claro... o cesto... as oito cabanas... de doze a dezesseis, é do meio-dia às quatro...

— Mas este *H-P*, quem esperará?

— *H-P*, no caso, deve significar automóvel, *H-P*, *horse power*, não é assim que em linguagem desportiva se designa a força de um motor? Um vinte e quatro *H-P* é um automóvel com vinte e quatro cavalos. — Levantou-se e perguntou: — O detido acabou de almoçar?

— Sim.

— Como não tinha ainda lido essa mensagem, como prova o estado do charuto, é provável que acabasse de recebê-la.

— Como?

— Nos alimentos, no miolo do pão ou numa batata, que sei?

— Impossível, só lhe autorizamos que mandasse vir suas refeições para que caísse numa armadilha, mas não encontramos nada.

— Procuraremos à noite a resposta de Lupin. De momento, retenham-no fora da cela. Vou levar isso ao senhor juiz de instrução. Se concordar comigo, faremos imediatamente fotografar a carta e dentro de uma hora podemos repor na gaveta, com os outros objetos, um charuto idêntico, contendo a própria mensagem original. Convém que o detido não desconfie de nada.

Não sem certa curiosidade, o senhor Dudouis voltou à noite ao escritório da Santé em companhia do Inspetor Dieuzy. Num canto, em cima da estufa, estavam três pratos.

— Ele comeu?

— Sim — respondeu o diretor.

— Dieuzy, queira cortar em pedaços bem finos estas tiras de macarrão e abrir este pãozinho... nada?

— Não, chefe.

Dudouis examinou os pratos, o garfo, a colher, a faca, uma faca comum de lâmina redonda. Virou o cabo à esquerda, depois à direita. À direita, cedeu e desparafusou. Era oco e servia de estojo a uma folha de papel.

— Ora! — Sorriu. — Não é assim tão sagaz, para um homem como Arsène. Mas não percamos tempo. Você, Dieuzy, vá investigar esse

restaurante. — A seguir leu: — “Ponho-me em suas mãos. H-P seguirá de longe cada dia. Irei na frente. Até logo, cara e admirável amiga”.

— Enfim — exclamou o senhor Dudouis, esfregando as mãos —, acho que o caso está bem encaminhado. Um empurrãozinho de nossa parte e a evasão tem êxito... bastante ao menos para nos permitir prender os cúmplices.

— E se Arsène Lupin nos escorrega por entre os dedos? — objetou o diretor.

— Empregaremos o número de homens necessário. Se, no entanto, ele demonstrar habilidade demais... palavra, pior para ele! Quanto ao bando, já que o chefe se recusa a falar, os outros falarão.

De fato, Arsène Lupin não falava muito. Há meses, o senhor Jules Bouvier, o juiz de instrução, nesse sentido se esforçava em vão. Os interrogatórios se reduziram a colóquios desprovidos de interesse entre o juiz e o advogado Danval, um dos príncipes do foro, o qual aliás sabia sobre o inculpado mais ou menos tanto quanto qualquer um.

Uma vez ou outra, por gentileza, Arsène Lupin deixava escapar:

— Mas, sim, senhor juiz, estamos de acordo: o roubo do Crédit Lyonnais, o da Rua de Babylone, a emissão de notas falsas, o caso das apólices de seguro, o furto dos castelos de Armesnil, Gouret, Imblevain, Groselliers e Malaquis, tudo isso, tudo isso é obra deste vosso servidor.

— Então pode me explicar...

— Inútil, confesso tudo em conjunto, tudo, e mesmo dez vezes mais do que pode supor.

Cansado de insistir, o juiz suspendera seus interrogatórios enfadonhos. Tendo conhecimento dos dois bilhetes interceptados, retomou-os. E regularmente, ao meio-dia, Arsène Lupin era levado da Santé à Casa de Detenção, na viatura penitenciária, com certo número de detidos. Voltavam pelas três ou quatro horas.

Uma tarde, essa volta se realizou em condições particulares. Não tendo os outros presos sido ainda interrogados, decidiu-se levar primeiro Arsène Lupin. Subiu, pois, sozinho na viatura.

Esses veículos penitenciários, vulgarmente chamados “pratos de salada”, são divididos ao comprido por um corredor central, no qual se abrem dez compartimentos, cinco à direita e cinco à esquerda. Cada um está disposto de tal modo que se tem de ficar sentado, e os cinco prisioneiros, além de só

dispor cada um de um lugar estreitíssimo, estão separados uns dos outros por tabiques paralelos. Um guarda, colocado na extremidade, vigia o corredor.

Arsène foi metido na terceira cela da direita, e o pesado carro arrancou. Deu-se conta de que deixavam a Praça de l'Horloge e passavam diante do Palácio da Justiça. Então, em meio à Ponte Saint-Michel, premiu o pé direito, tal como fazia toda vez, sobre a placa de ferro que fechava sua celinha. Em seguida, alguma coisa funcionou, a placa se afastou insensivelmente. Pôde constatar que se achava exatamente entre as duas rodas.

Aguardou, com o olhar à espreita. O carro subiu devagar o Boulevard Saint-Michel. No cruzamento com Saint-Germain, parou. O cavalo de uma charrete caíra no chão e, com o trânsito interrompido, logo se formou uma aglomeração de carruagens e de ônibus.

Arsène Lupin pôs a cabeça para fora. Outra viatura penitenciária estacionava ao lado da que ocupava. Levantou mais a cabeça, pôs o pé sobre um dos raios da grande roda e saltou em terra.

Um cocheiro o viu, caiu na gargalhada, quis em seguida chamar a atenção, mas sua voz se perdeu no barulho dos veículos, que se escoavam novamente. E Arsène Lupin já estava longe.

Deu uns passos correndo, mas, na calçada esquerda, voltou-se, olhou em volta de si, parecendo auscultar a direção do vento, como alguém que ainda não sabe bem que direção seguir. Logo, decidido, pôs as mãos nos bolsos e, com o ar negligente de quem passeia, continuou a subir a avenida.

O clima era doce, um clima leve e feliz de outono. Os cafés cheios. Sentou na esplanada de um deles. Pediu um chope e um maço de cigarros. Esvaziou o copo aos bocadinhos, fumou tranquilamente um cigarro, acendeu outro. Enfim, levantando-se, pediu ao garçom que chamasse o gerente.

Este veio e Arsène Lupin lhe disse, bastante alto para ser ouvido por todos:

— Estou aborrecido, senhor, esqueci a carteira. Mas quem sabe meu nome lhe é bastante conhecido para que consinta em me abrir um crédito por uns dias: Arsène Lupin. — O gerente o olhou, julgando tratar-se de um gracejo. Mas Arsène repetiu: — Lupin, detido na Santé, atualmente em estado de evasão. Ouso crer que esse nome lhe inspire toda a confiança.

E afastou-se em meio aos risos, sem que o outro pensasse em reclamar.

Atravessou a Rua Soufflot e tomou a Rua Saint-Jacques. Seguia tranquilamente, parando nas vitrinas e fumando cigarros. No Boulevard de Port-Royal, orientou-se, informou-se e foi direito à Rua de la Santé. As altas paredes monótonas da prisão logo apareceram. Contornou-as, chegou junto ao guarda que estava à porta e, tirando o chapéu, perguntou:

— É aqui a Santé?

— Sim.

— Desejaria voltar à minha cela. O carro me abandonou no caminho e não desejo abusar...

O rapaz resmungou:

— Ande, homem, vá indo, e depressinha, hem?

— Perdão, perdão! Acontece que meu caminho passa por esta porta. E se impedir Arsène Lupin de atravessá-la, pode lhe custar caro, meu amigo!

— Arsène Lupin! Mas que história é essa?

— Lamento não ter meu cartão — disse Arsène, fingindo procurar nos bolsos.

O guarda o mediu dos pés à cabeça, aturdido. Logo, sem uma palavra, como contra a vontade, puxou o cordão da campainha. A porta de ferro se entreabriu.

Minutos depois, o diretor acorreu ao escritório, gesticulando e simulando uma violenta cólera.

Arsène sorriu.

— Vamos, senhor diretor, não banque o sutil comigo. Mas como! Têm a cautela de me levar sozinho no carro, preparam um pequeno engarrafamento e imaginam que vou sair correndo para me reunir a meus amigos! E os vinte agentes da Sûreté que me escoltavam a pé, de carruagem e de bicicleta? Não, o que me teriam arrumado! Não teria saído vivo. Diga--me, senhor diretor, era talvez com isso que contavam? — Deu de ombros e acrescentou: — Peço-lhe, senhor diretor, que deixem de se ocupar comigo. No dia em que quiser escapar, não terei necessidade de ninguém.

Dois dias após, o *Écho de France*, que, fora de dúvida, se tornava o boletim oficial das proezas de Arsène Lupin — dizia-se que ele era um dos principais sócios comanditários do jornal —, publicava os detalhes mais completos dessa tentativa de evasão. Até o texto dos bilhetes trocados entre o detido e sua misteriosa amiga, os meios empregados nessa

correspondência, a cumplicidade da polícia, o passeio pelo Boulevard Saint-Michel, o incidente do Café Soufflot, tudo revelado. Sabia-se que as pesquisas do Inspetor Dieuzy junto aos garçons do restaurante não tinham dado nenhum resultado. E, ficava-se sabendo, ademais, desta coisa pasmosa, que mostrava a infinita variedade de recursos de que este homem dispunha: o carro penitenciário, em que tinha sido transportado, uma viatura inteiramente preparada, que seu bando tinha substituído por uma das seis que faziam o serviço das prisões.

Ninguém mais duvidou da fuga próxima de Arsène Lupin. Ele mesmo, aliás, anunciava-a em termos categóricos, como o provava a sua resposta ao senhor Bouvier no dia seguinte ao incidente. Tendo o juiz zombado do seu fracasso, ele o fitou e disse friamente:

— Escute bem, senhor, e acredite na minha palavra: esta tentativa de evasão fazia parte do meu plano de fuga.

— Não entendo. — O juiz sorria.

— Seria inútil se entendesse.

E, como o juiz, no curso desse interrogatório, que apareceu por extenso nas colunas do *Écho de France*, retornasse à sua instrução, ele protestou, com ar de cansaço:

— Meu Deus, meu Deus, para que isso? Todas essas perguntas não têm a menor importância...

— Como não têm importância?

— ... já que não assistirei ao meu processo.

— Não assistirá...

— Não, é uma ideia fixa, uma decisão irrevogável. Nada me fará transigir.

Toda essa segurança e as indiscrições inexplicáveis que ocorriam a cada dia irritavam e desconcertavam a justiça. Havia aí segredos que Arsène Lupin era o único a conhecer, e cuja divulgação, por conseguinte, não podia provir senão dele. Mas com que fim os revelava? E como?

Mudaram Arsène Lupin de cela. Uma noite, desceu ao andar inferior. Por seu lado, o juiz encerrou a instrução e enviou o processo ao tribunal para início da acusação.

Foi o silêncio, e durou dois meses. Arsène passou-os na cama, com o rosto quase sempre virado para a parede. A mudança de cela parecia tê-lo abatido. Recusou receber seu advogado e apenas trocava algumas palavras

com os guardas.

Na quinzena precedente a seu processo, pareceu reanimar-se. Queixou-se da falta de ar e o fizeram sair para o pátio, de manhã bem cedo, ladeado por dois homens.

A curiosidade pública, porém, não havia diminuído. A cada dia era esperada a notícia da sua evasão. Quase a desejavam, de tal modo a personagem caíra no gosto do público por sua verve, sua alegria, sua diversidade, seu gênio inventivo e o mistério de sua vida. Arsène Lupin tinha de fugir. Era inevitável, fatal. Uns até se surpreendiam que demorasse tanto. Todas as manhãs, o chefe de polícia perguntava ao secretário:

— Bem, e ele não foi embora ainda?

— Não, chefe.

— Então deve ser para amanhã.

Na véspera do processo, um cidadão se apresentou nos escritórios do *Granel Journal*, perguntou pelo colunista forense, atirou-lhe seu cartão no rosto e afastou-se rapidamente. No cartão, estavam gravadas estas palavras: "Arsène Lupin sempre cumpre as suas promessas".

Nessas circunstâncias, os debates foram abertos.

A afluência era enorme. Não havia quem não quisesse ver o famoso Arsène Lupin, e todos saboreavam de antemão a maneira como se divertiria com o presidente. Advogados e magistrados, cronistas e gente da sociedade, artistas e mulheres conhecidas: toda a Paris em suma se comprimia nos bancos da audiência.

Chovia; lá fora o dia estava sombrio e mal se viu Arsène Lupin quando os guardas o trouxeram. No entanto, sua atitude pesada, a maneira como se deixou cair na cadeira reservada, sua imobilidade indiferente e passiva, nada disso parecia a seu favor. Várias vezes seu advogado — um dos auxiliares do Dr. Danval, já que este tinha julgado indigno de si o papel a que fora reduzido — lhe dirigiu a palavra. Ele oscilava a cabeça e não respondia.

O escrivão leu o ato acusatório e a seguir o presidente falou:

— Acusado, levante-se. Seu sobrenome, nome, idade e profissão. — Não recebendo resposta, repetiu: — Sobrenome? Estou perguntando o seu sobrenome.

Uma voz grossa e fatigada articulou:

— Baudru, Désiré.

Houve murmúrios. Mas o presidente insistiu:

— Baudru, Désiré? Ah, sim, uma nova encarnação! Como é talvez o oitavo nome que pretende ser o seu, sendo sem dúvida tão imaginário quanto os outros, fiquemos com ele, se desejar, em vez de Arsène Lupin, sob o qual é mais amplamente conhecido. — O presidente consultou suas notas e prosseguiu: — Pois, apesar de todas as pesquisas, foi impossível reconstituir a sua identidade. O senhor apresenta o caso, bem original em nossa sociedade moderna, de não ter passado. Não sabemos quem é, de onde vem, onde passou a infância, em suma, nada. Irrompe de repente, há três anos, não se sabe ao certo vindo de que ambiente, para se revelar de um só golpe Arsène Lupin, isto é, uma estranha mistura de inteligência e perversão, de imoralismo e generosidade. Os dados que temos sobre o senhor antes dessa época são antes suposições. É provável que o chamado Rostat, que há oito anos trabalhava junto com o prestidigitador Dickson, não seja outro senão Arsène Lupin. É provável que o estudante russo que frequentava, há seis anos, o laboratório do Dr. Altier, no Hospital Saint-Louis, e que não raro surpreendeu o mestre pela engenhosidade de suas hipóteses sobre bacteriologia e a audácia de suas experiências em doenças da pele, não seja outro senão Arsène Lupin. Arsène Lupin, igualmente, o professor de luta japonesa que se estabeleceu em Paris bem antes de que aqui se falasse em jiu-jítsu. Arsène Lupin, ainda, o corredor de bicicleta que ganhou o Grande Prêmio da Exposição, pegou os seus dez mil francos e não voltou a ser visto. Arsène Lupin talvez também aquele que salvou tantas pessoas pela claraboia do Bazar da Caridade... e furtou o que levavam de valor.

Uma pausa e concluiu:

— Tal seria esse seu período, que parece não constituir senão uma minuciosa preparação para a luta que empreenderia contra a sociedade, uma metódica aprendizagem onde levou ao mais alto ponto a sua força, sua energia e sua destreza. Reconhece a exatidão desses fatos?

Durante esse discurso, o acusado se balançara de uma perna para a outra, com as costas curvadas, os braços inertes. Sob a luz mais viva, notou-se sua magreza extrema, suas faces cavadas, com as maçãs estranhamente salientes, o rosto cor de terra, manchado de plaquinhas vermelhas e enquadrado por uma barba desigual e escassa. A cadeia o tinha consideravelmente envelhecido e murchado. Não se reconhecia mais a

silhueta elegante e o rosto jovem de que os jornais tantas vezes haviam publicado o retrato simpático.

Dir-se-ia que não ouvira a pergunta que lhe tinham feito. Duas vezes ela lhe foi repetida. Então ergueu os olhos, pareceu refletir e, fazendo um grande esforço, murmurou:

— Baudru, Désiré.

O presidente se pôs a rir.

— Não estou entendendo bem o sistema de defesa que adotou, Arsène Lupin. Se for o de interpretar imbecis e irresponsáveis, pode prosseguir. Quanto a mim, irei direto ao objetivo sem me preocupar com as suas fantasias.

E começou a pormenorizar roubos, malandragens e falsificações atribuídas a Lupin. Às vezes, interrogava o acusado. Este soltava um grunhido ou não respondia.

O desfile das testemunhas começou. Houve vários depoimentos insignificantes, outros mais sérios, todos com o cunho bem comum de se contradizerem uns aos outros. Uma perturbadora obscuridade envolvia os debates, mas introduziram o Inspetor Ganimard, e o interesse se acendeu.

De saída, porém, o velho policial causou certa decepção. Tinha uma atitude não intimidada — já havia enfrentado situações bem mais difíceis —, mas preocupada, contrafeita. Muitas vezes voltou o olhar para o acusado com visível mal-estar. No entanto, com as duas mãos apoiadas na barra, narrava os incidentes em que estivera metido, sua busca pela Europa toda, indo até a América. Ouviam-no com avidez, como se fosse a narração de uma apaixonante aventura. Mas, perto de terminar, tendo aludido às suas conversas com Arsène Lupin, duas vezes se deteve, distraído, indeciso.

Estava claro que outro pensamento o obcecava.

O presidente lhe disse:

— Se está se sentindo mal, é melhor interromper o depoimento.

— Não, não, apenas... — Calou-se e fitou longa e profundamente o acusado, dizendo a seguir: — Peço licença para examinar o acusado mais de perto. Há aqui um mistério que é preciso que eu esclareça. — Aproximando-se, observou-o mais demoradamente ainda, com atenção concentrada, e voltou à barra. Aí, num tom um tanto solene, pronunciou: — Senhor presidente, afirmo que o homem que está aqui, à minha frente, não é Arsène Lupin.

Um grande silêncio acolheu essas palavras. O presidente, embasbacado, bradou:

— Como? Que está dizendo?! Está louco!

O inspetor declarou com firmeza:

— À primeira vista, a gente pode se deixar levar por uma semelhança, que existe com efeito, confesso, mas basta um segundo de atenção. O nariz, a boca, os cabelos, a cor da pele... enfim, tudo: não é Arsène Lupin. E os olhos, então, nunca ele teve esses olhos de alcoólatra!

— Vamos, explique-se. Que pretende dizer, testemunha?

— Vou eu saber! Ele deve ter posto em seu lugar um pobre-diabo que ia ser condenado. A não ser que se trate de um cúmplice.

Gritos, risos, exclamações partiam de todos os lados, na sala agitada por esse inesperado golpe teatral. O presidente convocou o juiz de instrução, o diretor da Santé, os guardas e suspendeu a audiência.

Reiniciando-a, mais tarde, o senhor Bouvier e o diretor, postos na presença do acusado, declararam não haver entre Arsène Lupin e aquele homem mais que uma parecença de traços muito vaga.

— Mas então — exclamou o presidente —, quem é este homem? De onde veio? Como se acha nas mãos da justiça?

Chamaram os dois guardas da Santé. Contradição de pasmar: reconheceram o detido de que tinham a vigilância permanente!

O presidente respirou. Mas um dos guardas prosseguiu:

— Sim, sim, creio que é ele.

— Como "crê"?

— Ora, eu mal cheguei a vê-lo. Entregaram-no de noite e há dois meses permanece sempre deitado contra a parede.

— Mas antes desses dois meses?

— Ah, antes ele não ocupava a cela 24.

O diretor da prisão precisou:

— Mudamos o detido de cela depois de sua tentativa de fuga.

— Mas o senhor, diretor, viu-o nesses dois meses?

— Não tive a oportunidade... Ele se mantinha tranquilo.

— E esse homem aí não é o preso que lhe foi entregue?

— Não.

— Então quem é?

— Não saberia dizer.

— Estamos, pois, diante de uma substituição que se teria realizado há dois meses. Como a explica?

— É impossível.

— E então? — Em desespero de causa, o presidente se virou para o acusado e com voz insinuante: — Vejamos, o senhor poderia me explicar como e desde quando está nas mãos da justiça?

Dir-se-ia que o tom benévolo desarmava a desconfiança ou estimulava o entendimento do homem. Tentou responder. Enfim, interrogado com doçura e habilidade, conseguiu reunir algumas frases de onde se tirava isto: dois meses atrás, tinha sido levado à Casa de Detenção, onde passara uma noite e uma manhã. Tendo consigo apenas setenta e cinco centavos, tinha sido liberado. Mas, ao atravessar o pátio, dois guardas o pegaram pelo braço e o levaram a uma viatura penitenciária. Desde então vivia na cela 24, não descontente... comia bem, não dormia mal... Assim, não tinha protestado.

Tudo isso parecia verossímil. Em meio a risadas e grande efervescência, o presidente remeteu o caso a outra seção para suprimento do inquérito.

O inquérito estabeleceu de saída este fato consignado no registro carcerário: oito semanas antes, um indivíduo chamado Désiré Baudru tinha dormido na Detenção. Liberado no outro dia, fora embora às duas da tarde. Ora, nesse dia, às duas horas, interrogado pela última vez, Arsène Lupin saía da instrução e voltava no carro penitenciário.

Teriam os guardas cometido um erro? Enganados pela semelhança, teriam, num momento de desatenção, trocado aquele homem pelo prisioneiro? Para tanto seria preciso que agissem com um descuido que seu tipo de tarefa não permitia supor.

A substituição fora previamente combinada? Além de que a disposição dos lugares tornava a coisa quase irrealizável, seria nesse caso necessário que Baudru fosse cúmplice e se fizesse prender com o objetivo preciso de tomar o lugar de Arsène Lupin. Mas então, por que milagre um tal plano, fundado numa série de oportunidades inverossímeis, encontros fortuitos e erros fabulosos, pudera ter êxito?

Fizeram passar Désiré Baudru pelo serviço antropométrico; não havia ficha correspondente à descrição de sua pessoa. No mais, achou-se facilmente seu rastro. Era conhecido em Courbevoie, Asnières, Levallois. Vivia de esmolas e dormia num casebre de trapeiros, que se reuniam perto da porta de Ternes. Há um ano, porém, tinha desaparecido.

Teria sido recrutado por Arsène Lupin? Nada autorizava a crer. E, se fosse assim, não se teria sabido mais sobre a fuga do prisioneiro. O prodígio continuava o mesmo. Das vinte hipóteses que tentavam explicá-la, nenhuma era satisfatória. Só a evasão não provocava dúvidas, e era incompreensível, impressionante, sentindo nela o público, tanto quanto a justiça, o esforço de uma longa preparação, um conjunto de atos maravilhosamente ligados uns aos outros e cujo desfecho justificava a orgulhosa predição de Arsène Lupin: "Não assistirei ao meu processo".

Ao fim de um mês de buscas minuciosas, o enigma se apresentava com o mesmo cunho indecifrável. Não se podia, porém, conservar indefinidamente aquele pobre-diabo do Baudru. Processá-lo seria ridículo: de que poderiam acusá-lo? Sua liberação foi assinada pelo juiz de instrução. Mas o chefe da Sûreté decidiu manter em torno dele uma vigilância ativa.

A ideia veio de Ganimard, em cujo ponto de vista não havia nem cumplicidade nem acaso. Baudru era um instrumento que Arsène Lupin tinha usado com sua extraordinária habilidade. Deixando-o livre, chegariam através dele a Arsène Lupin, ou pelo menos até alguém do seu bando.

Os dois inspetores, Dieuzy e Folenfant, foram postos às ordens de Ganimard, e, numa manhã de janeiro, brumosa, as portas da cadeia se abriram para Désiré Baudru.

Pareceu de início embaraçado e caminhou como um homem sem ideias precisas sobre o uso do seu tempo. Seguiu pela Rua de la Santé e pela Rua Saint-Jacques. Numa lojinha de roupas usadas, tirou o casaco e o colete e, vendendo este último por poucas moedas, pôs de novo o casaco e foi-se embora.

Atravessou o Sena. No Châtelet, um ônibus passou. Quis subir, mas não havia lugar. O fiscal lhe aconselhou que comprasse uma passagem, e ele entrou na sala de espera.

Nesse momento, Ganimard chamou seus dois homens e, sem perder de vista a entrada da sala, disse-lhes às pressas:

— Consigam um carro... não, dois, é mais seguro. Irei com um de vocês e nós o seguiremos.

Os homens obedeceram. Baudru, porém, não aparecia. Ganimard entrou; não havia ninguém na sala.

— Fui um idiota — murmurou —, esqueci a outra saída.

A estação, com efeito, comunicava-se, por um corredor interno, com a da Rua Saint-Martin. Ganimard correu, chegando no instante exato de notar Baudru no ônibus Batignolles— Jardin des Plantes, que dobrava a esquina da Rua de Rivoli. Correu e pegou o ônibus. Mas tinha perdido seus dois agentes. Estava sozinho para continuar a perseguição.

Em seu furor, esteve à beira de pegar Baudru pelo pescoço sem maiores formalidades. Não fora com premeditação e por uma engenhosa astúcia que este suposto imbecil o tinha separado de seus auxiliares?

Fitou Baudru. Cochilava no banco, e sua cabeça balançava de um lado para outro. Com a boca semiaberta, o rosto tinha uma incrível expressão de estupidez. Não, não era um adversário capaz de enganar o velho Ganimard. O acaso lhe fora favorável, era isso.

No cruzamento das Galerias Lafayette, o homem passou do ônibus para o bonde da Muette. Seguiram pelo Boulevard Haussmann e pela Avenida Victor Hugo. Baudru só desceu diante da estação da Muette. E, num passo descuidado, afundou-se no Bois de Boulogne.

Passava de uma alameda a outra, voltava sobre seus passos, afastava-se. Que procurava? Teria uma meta?

Depois de uma hora desse exercício, parecia quebrado de fadiga. De fato, vendo um banco, sentou-se. O lugar, não longe de Auteuil, à beira de um laguinho escondido entre as árvores, estava absolutamente deserto. Escoou-se uma meia hora. Impaciente, Ganimard resolveu ir conversar com o homem.

Acercou-se e tomou lugar ao lado de Baudru. Acendeu um cigarro, traçou círculos na areia com a ponta da bengala e disse:

— Não está quente, hem?

Nada. E súbito, neste silêncio, vibrou uma risada, jubilosa, feliz, de uma criança num acesso de riso que não consegue parar. Ganimard sentiu com clareza seus cabelos realmente se eriçar na cabeça. O riso, o riso infernal que conhecia tão bem!...

Num gesto brusco, pegou o homem pela gola do casaco e o encarou, profunda, violentamente, melhor ainda do que havia olhado no tribunal, e em verdade não foi mais o mesmo homem que viu; era ele, mas era ao mesmo tempo o outro, o verdadeiro.

Ajudado por uma vontade cúmplice, reencontrou a vida ardente dos olhos, completou a máscara emagrecida, percebeu a carne real sob a

epiderme estragada, a boca real atrás do ricto que a deformava. E eram os olhos do outro, a boca do outro, era especialmente a sua expressão aguda, viva, irônica, espiritual, tão clara e tão jovem!

— Arsène Lupin, Arsène Lupin — balbuciou.

E súbito, tomado de raiva, apertando-lhe a garganta, tentou derrubá--lo. Apesar dos seus cinquenta anos, era ainda de um vigor pouco comum, enquanto seu adversário parecia em bem más condições. E que golpe magistral se conseguisse levá-lo de volta!

A luta foi curta. Arsène Lupin se defendeu apenas e, tão prontamente quanto tinha atacado, Ganimard largou a presa. Seu braço direito pendia inerte, dormente.

— Se ensinassem jiu-jítsu no Quai des Orfèvres — declarou Lupin —, saberia que este golpe se chama *udi-chi-ghi* em japonês. — E acrescentou friamente: — Mais um segundo, quebrava-lhe o braço, e você não teria tido senão o que merece. Como pode um velho amigo, que estimo e diante do qual revelo espontaneamente o meu incógnito, abusar da minha confiança?! Mau, mau... E agora, o que é que lhe deu?

Ganimard se calou. Aquela fuga, de que se julgava responsável — não fora ele que, por seu depoimento sensacional, induzira a justiça em erro? —, parecia-lhe a vergonha da sua carreira. Uma lágrima rolou pelo seu bigode grisalho.

— Ah, meu Deus, Ganimard, não se preocupe; se não tivesse falado, eu teria dado um jeito para que outro falasse. Podia eu admitir que se condenasse Désiré Baudru?

— De modo que era você — murmurou Ganimard — que estava lá? É você que está aqui!

— Eu, sempre eu, unicamente eu.

— Será possível?!

— Ora, não é preciso bruxaria. Basta, como notou aquele bravo presidente, preparar-se durante uma dezena de anos para enfrentar qualquer eventualidade.

— Mas seu rosto? Seus olhos?

— Deve compreender que, se trabalhei dezoito meses no Saint-Louis com o Dr. Altier, não foi por amor à ciência. Pensei que aquele que teria um dia a honra de se chamar Arsène Lupin devia saber subtrair-se às leis comuns da aparência e da identidade. A aparência se modifica como se

deseja. Uma injeção hipodérmica de parafina faz inchar a pele, bem no lugar escolhido. O ácido pirogálico o transforma num moicano. O suco da grande quelidônia o enfeita de impigens e tumores do mais feliz efeito. Tal processo químico age sobre o crescimento da barba e dos cabelos, tal outro sobre o som da voz. Junte a tudo isso dois meses de dieta na cela 24, exercícios repetidos mil vezes para abrir a boca segundo este ricto, para manter a cabeça nesta inclinação e minhas costas nesta curva. Enfim, cinco gotas de atropina nos olhos para torná-los rudes e fugidios, e a coisa está feita.

— Não concebo como os guardas...

— A metamorfose foi progressiva. Não puderam dia a dia notar a evolução.

— E Désiré?

— Désiré Baudru existe. É um pobre inocente que encontrei no ano passado e que de fato tem comigo certa analogia de traços. Prevendo uma prisão sempre possível, eu o pus em segurança e me apliquei em discernir desde o princípio os pontos de dessemelhança que nos separavam, para atenuá-los em mim tanto quanto podia. Meus amigos o fizeram passar uma noite na Detenção, de maneira que saísse aproximadamente à mesma hora que eu e que a coincidência fosse fácil de constatar. Pois note, era preciso que se achasse a marca da sua passagem, sem o que a justiça insistiria em saber quem eu era. Ao passo que, oferecendo-lhe esse excelente Baudru, era inevitável, entenda, inevitável que se atirassem em cima dele e que, apesar das dificuldades insuperáveis de uma substituição, preferissem acreditar nela em vez de confessar sua ignorância.

— Sim, sim, realmente — murmurou Ganimard.

— Depois — bradou Lupin —, tinha nas mãos um trunfo formidável, maquinado por mim desde o início: a espera em que todo o mundo estava de minha evasão. E esse foi o erro grosseiro em que caíram, você e os outros, nessa partida apaixonante que a justiça e eu jogamos e da qual o prêmio era a minha liberdade. Supuseram ainda uma vez que procedesse como um fanfarrão, inebriado por meus sucessos como um adolescente. Eu, Arsène Lupin, ter tal fraqueza! E, não mais que no caso Cahorn, vocês não disseram a si mesmos: "Se Arsène Lupin diz a todos os ventos que fugirá, é que tem razões que o obrigam a dizer isso". Mas, arre, você tem de entender que para fugir... sem fugir, era preciso que se acreditasse de antemão nessa

fuga, que isso fosse um artigo de fé, uma convicção absoluta, uma verdade clara como o sol. E foi assim, segundo minha vontade. Arsène Lupin se evadiria, Arsène Lupin não assistiria ao seu processo. E quando você se erguesse para afirmar, "Este homem não é Arsène Lupin", teria sido sobrenatural que todo mundo não acreditasse imediatamente que eu não era Arsène Lupin. Se uma pessoa duvidasse e fizesse esta restrição, "Mas e se for Arsène Lupin?", eu estaria perdido na hora. Bastava inclinar-se para mim não com a ideia de que eu não fosse Arsène Lupin, como você fez, você e os demais, mas com a ideia de que eu podia ser Arsène Lupin e, apesar de todas as minhas precauções, todos me reconheceriam. Mas eu estava tranquilo. Logicamente, psicologicamente, ninguém podia ter essa simples ideiazinha. — Pegou de repente a mão de Ganimard. — Vamos, Ganimard, confesse que, oito dias depois de nossa entrevista na Santé, você me esperou às quatro horas na sua casa, como eu lhe tinha solicitado.

— E sua viatura penitenciária? — disse Ganimard, evitando responder.

— Um blefe! Foram meus amigos que consertaram e substituíram esse velho carro fora de uso e desejaram tentar esse expediente. Mas eu o sabia impraticável sem um concurso de circunstâncias excepcionais. Apenas achei útil rematar essa tentativa de evasão e dar-lhe a maior publicidade. Uma primeira evasão audaciosamente armada dava à segunda o valor de uma evasão de antemão bem-sucedida.

— De modo que o charuto...

— Preparado por mim, tanto quanto a faca.

— E a misteriosa correspondente?

— Ela e eu não somos senão um... tenho as letras que desejar.

Ganimard refletiu um instante e objetou:

— Como é possível que no serviço de antropometria, quando fizeram a ficha de Baudru, não perceberam que coincidia com a de Arsène Lupin?

— A ficha de Arsène Lupin não existe.

— Essa não!

— Pelo menos é falsa. É um ponto que estudei muito. O sistema Bertillon abrange primeiro a descrição por medidas, da cabeça, dos dedos, das orelhas, etc. Aí não há nada a fazer.

— Então?

— Então, cumpria pagar. Antes mesmo da minha volta da América, um dos empregados do serviço aceitou uma quantia para registrar falsos

algarismos na hora de me medirem. Foi suficiente para que todo o sistema se perdesse e minha ficha fosse parar numa seção oposta àquela em que devia estar. A ficha Baudru não devia, pois, coincidir com a ficha Arsène Lupin.

Houve ainda um silêncio e logo Ganimard perguntou:

— E agora, que vai fazer?

— Agora vou descansar, seguir um regime de superalimentação e voltar pouco a pouco a mim mesmo. Está muito bem ser Baudru ou qualquer outro, mudar de personalidade como de camisa e escolher sua aparência, sua voz, seu olhar, sua letra. Mas acontece que a gente acaba não se reconhecendo mais no meio disso tudo, e isso é triste. Sinto atualmente o que devia sentir o homem que perdeu a sua sombra. Vou me procurar... e me encontrar. — Andava de um lado a outro. O escuro já se misturava à luz do dia. Parou diante de Ganimard. — Não temos mais nada a nos dizer, calculo.

— Sim — respondeu o inspetor —, gostaria de saber se você revelará a verdade sobre sua fuga, o erro que cometi.

— Oh! Ninguém há de saber que foi Arsène Lupin o liberado. Tenho interesse demais em acumular em torno de mim as trevas mais misteriosas para não deixar a essa fuga o seu cunho quase miraculoso. Assim, não receie nada, meu bom amigo, e adeus. Janto na cidade esta noite e só me sobra tempo para pôr uma roupa conveniente.

— Julgava que você desejasse mais repouso!

— Ai! Há obrigações sociais que não se podem deixar de cumprir. O repouso começará amanhã.

— E onde vai jantar?

— Na Embaixada da Inglaterra!

O viajante misterioso

Tinha mandado o meu automóvel na véspera a Rouen pela estrada. Devia ir de trem pegá-lo ali, seguindo para a casa de amigos que moram às margens do Sena.

Ora, em Paris, alguns minutos antes da partida, sete senhores invadiram minha cabina; cinco deles fumavam. Por curto que seja o trajeto no trem expresso, a perspectiva de realizá-lo em tal companhia me foi desagradável, ainda mais que o vagão, de modelo antigo, não tinha corredor. Peguei meu sobretudo, meus jornais, meu guia e me refugiei num dos compartimentos vizinhos.

Aí se achava uma senhora. Ao me ver, teve um gesto de contrariedade que não me escapou e se inclinou para um senhor de pé no estribo do trem, seu marido sem dúvida, que a acompanhara à estação. O cidadão me observou, e o exame provavelmente terminou a meu favor, pois falou baixo à mulher, sorrindo, do modo como se tranquiliza uma criança que tem medo. Ela sorriu por sua vez e me enviou um olhar amigo, como se compreendesse de repente que eu era um desses homens gentis com quem uma mulher pode permanecer fechada duas horas, numa caixinha de seis pés quadrados, sem ter nada a recear.

Seu marido lhe disse:

— Não me queira mal, querida, mas tenho um encontro urgente e não posso esperar.

Beijou-a afetuosamente e foi embora. A mulher lhe enviava pela janela beijinhos discretos e sacudia o lenço.

Soou um apito, e o trem se pôs em marcha.

Nesse mesmo instante, e apesar dos protestos dos empregados, a porta foi aberta e um homem surgiu em nosso compartimento. Minha companheira, então de pé e arrumando as coisas na rede de bagagens, soltou um grito de terror e caiu sobre o banco.

Não sou covarde, longe disso, mas confesso que essas irrupções de última hora são sempre penosas. Parecem equívocas, pouco naturais. Devem esconder algo, sem o que...

O aspecto do recém-chegado, porém, e a sua atitude teriam antes atenuado a má impressão produzida por seu ato. Correção, quase elegância, uma gravata de bom gosto, luvas limpas, rosto enérgico... Mas, diabo, onde havia visto esse rosto? Pois a dúvida não era possível, eu o tinha visto. Ao menos, para ser mais exato, achava em mim a espécie de lembrança que deixa a visão de um retrato muitas vezes observado e de que nunca se contemplou o original. Ao mesmo tempo, sentia a inutilidade de todo esforço de memória, de tal modo essa lembrança era inconsistente e vaga.

Contudo, tendo fixado a atenção na dama, assombrou-me sua palidez e o transtorno de seus traços. Olhava seu vizinho — estavam sentados do mesmo lado — com uma expressão de espanto real, e constatei que uma de suas mãos, trêmula, deslizava a um pequeno saco de viagem sobre o banco a vinte centímetros de seus joelhos. Terminou por pegá-lo e nervosamente o puxou contra si.

Nossos olhos se encontraram, e li tanto mal-estar e ansiedade nos seus, que não pude me conter e disse:

— Não está se sentindo mal, senhora?... Quer que abra esta janela?

Sem me responder, indicou-me com um gesto temeroso o indivíduo. Sorri como teria feito seu marido, alcei os ombros e lhe expliquei por sinais que não tinha nada a temer, que eu estava ali, e que aliás aquele senhor parecia bem inofensivo.

Nesse instante, ele se virou para nós e, um depois do outro, considerou-nos dos pés à cabeça; a seguir, afundou no seu canto e não se mexeu mais.

Fez-se silêncio, mas a dama, como se tivesse juntado toda a sua energia para realizar um ato desesperado, disse-me numa voz apenas audível:

— Sabe que ele está no nosso trem?

— Quem?

— Mas ele... ele... lhe garanto.

— Ele quem?

— Arsène Lupin!

Não tinha abandonado com os olhos o viajante e era a ele, mais que a mim, que lançava as sílabas desse nome inquietante.

Ele baixou o chapéu sobre o nariz. Seria para esconder sua perturbação, ou simplesmente se preparava para dormir?

Fiz esta objeção:

— Arsène Lupin foi condenado ontem, por contumácia, a vinte anos de trabalhos forçados. É, pois, pouco provável que cometa hoje a imprudência de se mostrar em público. Além disso, os jornais não noticiaram a sua presença na Turquia neste inverno, depois de sua famosa evasão da Santé?

— Ele está neste trem — repetiu a dama, com a intenção cada vez mais marcada de ser ouvida por nosso companheiro. — Meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários, e foi o próprio comissário da estação que nos disse que procuravam Arsène Lupin.

— Não é razão...

— Toparam com ele na sala dos Passos-Perdidos. Tinha comprado uma passagem de primeira classe para Rouen.

— Teria sido fácil agarrá-lo.

— Desapareceu. O fiscal, na entrada das salas de espera, não o viu, mas imaginava-se que havia passado pelas plataformas dos subúrbios e tivesse pegado o expresso que parte dez minutos depois de nós.

— Nesse caso, eles o pegarão.

— E se no último momento ele tivesse saltado do expresso para vir aqui, no nosso trem... como é provável... como é certo?

— Nesse caso, será aqui que o prenderão. Pois os empregados e os agentes não deixarão de notar a passagem de um trem usada em outro e, logo que chegarmos a Rouen, eles o agarrarão limpamente.

— A ele, nunca! Achará um meio de escapar ainda.

— Nesse caso, desejo-lhe feliz viagem.

— Mas daqui até lá, tudo o que ele pode fazer!

— O quê?

— Não sei, pode-se esperar qualquer coisa!

Estava muito agitada, e realmente a situação justificava até certo ponto essa excitação nervosa.

Quase contra a vontade, disse-lhe:

— Há de fato coincidências curiosas... mas tranquilize-se. Admitindo que Arsène Lupin esteja num destes vagões, vai ficar quietinho e, em vez de buscar novos aborrecimentos, não terá outra ideia senão evitar o perigo que o ameaça.

Minhas palavras não a acalmaram. Calou-se, porém, receando sem dúvida ser indiscreta.

Abri os jornais e li as coberturas do processo de Arsène Lupin. Como não continham nada que já não conhecesse, pouco me interessaram. Além disso, estava cansado, tinha dormido mal, e senti minhas pálpebras pesar e minha cabeça se inclinar.

— Mas, senhor, não me diga que vai dormir!

A mulher me arrancara os jornais e me fitava com indignação.

— Claro que não — respondi. — Não estou com sono.

— Seria a última das imprudências — afirmou.

— A última — repeti.

E lutava energicamente, agarrando-me à paisagem e às nuvens que manchavam o céu. Logo tudo isso se esfumou no espaço, a imagem da mulher ansiosa e do homem dormindo se apagou em meu espírito e o grande, profundo silêncio do sono tomou conta de mim.

Sonhos inconsistentes e leves lhe deram logo relevo, e um ser que interpretava o papel e levava o nome de Arsène Lupin tinha neles algum lugar. Vinha do horizonte, com objetos preciosos às costas, atravessava as paredes e esvaziava os castelos.

O aspecto desse ser, que já não era mais Arsène Lupin, aliás, tornou-se nítido. Vinha para mim, aumentando cada vez mais de tamanho, saltava para o vagão com uma incrível agilidade e ia cair em cheio no meu peito.

Uma dor viva... um grito cortante. Acordei. O homem, o viajante, com um joelho sobre meu peito, apertava-me a garganta.

Vi isso vagamente, porque meus olhos estavam injetados de sangue. Vi também a mulher, que tinha convulsões num canto, presa de um ataque de nervos. Nem tentei resistir. Não teria tido força: minhas têmporas zumbiam, eu sufocava, estertorava... Mais um minuto e seria a asfixia.

O homem deve ter percebido, pois afrouxou o apertão. Sem se afastar, com a mão direita pegou uma corda em que fizera um nó corredio e, com um gesto seco, atou-me os dois pulsos. Num instante, estava amarrado, amordaçado, imobilizado.

Realizou essa tarefa do modo mais natural do mundo, com uma prática em que mostrava o saber de um mestre, de um profissional do roubo e do crime. Nem uma palavra, nem um movimento tenso. Sangue-frio e audácia. E eu lá, no banco, encordoado como uma múmia, eu, Arsène Lupin!

Em verdade, havia do que rir. E, apesar da gravidade das circunstâncias, não deixava de admirar o que a situação tinha de irônico e saboroso. Arsène Lupin passado para trás como um novato! Esbulhado como o primeiro passante — pois, naturalmente, o bandido me aliviou da minha bolsa e da minha carteira! Arsène Lupin, vítima por sua vez, abobalhado, vencido... Que aventura!

Sobrava a dama. Ele nem prestava atenção nela. Contentou-se em erguer a sacolinha que jazia sobre o tapete e tirar daí as joias, o porta-moedas, as miniaturas de ouro e prata que continha. A mulher abriu um olho, estremeceu de susto, tirou os anéis e os entregou ao homem, como se quisesse lhe poupar todo esforço inútil. Ele pegou os anéis e a fitou: ela desfaleceu.

Então, sempre silencioso e calmo, sem se ocupar mais de nós, retomou seu lugar, acendeu um cigarro e se entregou a um exame aprofundado dos tesouros que conquistara, exame que pareceu satisfazê-lo inteiramente.

Eu estava muito menos satisfeito. Não falo dos doze mil francos de que me tinha indevidamente despojado: era um prejuízo que só aceitava momentaneamente, contando que os doze mil francos voltariam à minha posse no mais curto espaço de tempo, tal como os importantes papéis que tinha na carteira: projetos, cálculos, endereços, listas de correspondentes, cartas comprometedoras. Mas, de momento, uma preocupação mais imediata e séria me inquietava: o que ia se passar?

Como bem se calcula, a agitação causada por minha passagem pela Estação Saint-Lazare não me escapara. Convidado à casa de amigos que frequentava sob o nome de Guillaume Berlat, e para quem minha parecença com Arsène Lupin era um motivo de afetuosas brincadeiras, não pude me caracterizar à vontade e minha presença foi notada. Além disso, viram um homem se precipitar do expresso para o rápido. Quem seria senão Arsène Lupin? Assim, inevitável, fatalmente, o comissário de polícia de Rouen, prevenido por telegrama, e assistido por um respeitável número de agentes, lá estaria à chegada do trem, interrogaria os viajantes suspeitos e faria uma revista minuciosa nos vagões.

Tudo isso eu previa, mas não muito comovido, convicto de que a polícia de Rouen não seria mais perspicaz que a de Paris, e que eu conseguiria passar despercebido. Não me bastaria, ao sair, mostrar negligentemente um cartão de deputado, graças ao qual já inspirara toda a confiança ao fiscal de Saint-Lazare? Mas como as coisas tinham mudado! Não estava mais livre. Impossível tentar um de meus golpes habituais. Num dos vagões, o comissário descobriria o senhor Arsène Lupin, que a boa sorte lhe enviava de pés e mãos atados, dócil como um cordeiro, já preparado, num pacote. Só teria de me receber, como uma encomenda postal que lhe mandam à estação, canastra de caça ou cesto de frutas e legumes.

Para evitar esse desagradável desfecho, que podia eu, enredado em minhas fitas? E o expresso corria para Rouen, única e próxima parada, não se detendo em Vernon nem em Saint-Pierre.

Outro problema me intrigava, de interesse menos direto, mas cuja solução despertava minha curiosidade de profissional. Quais seriam as intenções de meu companheiro?

Se eu estivesse sozinho, ele teria tempo de descer tranquilamente em Rouen. Mas e a mulher? Assim que a portinhola fosse aberta, ela, tão prudente e humilde neste instante, gritaria, correria, pediria socorro.

Daí o meu espanto. Por que não a reduzia à mesma impotência que eu, o que lhe daria tempo de desaparecer antes que seu duplo delito fosse descoberto?

Continuava fumando, com o olhar fixo no espaço que uma chuva hesitante começava a raiar de grandes linhas oblíquas. Uma vez, porém, se virou, pegou meu guia e o consultou.

A dama se esforçava por permanecer desmaiada, a fim de tranquilizar seu inimigo. Mas acessos de tosse provocados pela fumaça desmentiam esse desmaio.

Quanto a mim, estava muito contrariado, e muito incômodo. Cismava... planejava... Pont-de-l'Arche, Oissel... O expresso se apressava, jubiloso, ébrio de velocidade.

Saint-Étienne... Nesse instante, o homem se levantou e deu dois passos para nós, ao que a dama se apressou em responder com um novo grito e um desmaio não simulado.

Qual era o objetivo dele? Baixou o vidro do nosso lado. A chuva agora caía com raiva, e sua expressão marcou o aborrecimento que sentia por não

ter guarda-chuva nem sobretudo. Olhou para a rede: a sombrinha da mulher servia. Pegou-a. Igualmente pegou meu sobretudo e o vestiu.

Atravessávamos o Sena. Dobrou a bainha da calça e a seguir, pendurando-se, levantou a lingueta da porta por fora.

Ia se jogar do trem? Naquela velocidade, seria morte certa. Entramos no túnel aberto no morro Sainte-Catherine. O homem abriu a portinhola e com o pé tateou o primeiro degrau. Que loucura! As trevas, a fumaça, o barulho, tudo isso dava uma aparência fantástica àquela tentativa. Mas, de repente, o trem diminuiu a marcha; os freios se opunham ao esforço das rodas. A marcha se tornou normal, depois decresceu. Sem dúvida trabalhos de consolidação estavam programados para essa parte do túnel, que obrigava a passagem em marcha lenta há alguns dias talvez, e o homem sabia.

Só teve de colocar o outro pé no degrau, descer ao segundo estribo e sair andando, não sem antes baixar a lingueta e fechar a porta.

Assim que desapareceu, a luz do dia clareou a fumaça. Estávamos em um vale. Mais um túnel, e Rouen.

A mulher recobrou os sentidos na hora e sua primeira preocupação foi lamentar a perda de suas joias. Supliquei-lhe com os olhos. Entendeu e me livrou da mordaça que me sufocava. Quis também desatar meus laços; não deixei.

— Não, não, convém que a polícia veja as coisas como estão. Quero que saiba a força desse safado.

— E se puxasse a corda do alarma?

— Tarde demais, devia pensar nisso quando ele me atacou.

— Mas teria me matado! Ah, senhor, eu lhe tinha dito que ele estava neste trem! Pelo retrato, reconheci-o imediatamente. E foi-se embora com as minhas joias!

— Hão de encontrá-lo, não tenha medo.

— Encontrar Arsène Lupin! Nunca.

— Isso depende da senhora. Escute. Assim que chegarmos, fique na portinhola e chame, faça barulho. Agentes e empregados acudirão. Conte-lhes o que viu em poucas palavras, a agressão de que fui vítima e a fuga de Arsène Lupin; descreva-o, chapéu de feltro, um guarda-chuva, o seu, e um sobretudo cinza acinturado.

— O seu — disse.

— Como o meu? Não, o dele. Não trouxe sobretudo.

— Pareceu-me que ele também não, quando subiu.

— Sim, talvez. Podia ter sido esquecido na rede. De qualquer modo, estava com ele quando desceu, e isso é o essencial. Um sobretudo cinza acinturado, lembre-se. Ah! Já ia me esquecendo: diga de saída o seu nome. A função do seu marido ajudará a que se mexam mais.

Chegamos. Ela já se dirigia à porta e prossegui com voz firme, quase imperiosa, para que minhas palavras se gravassem no seu cérebro:

— Diga-lhes também o meu nome: Guillaume Berlat. O melhor é falar que me conhece, pois isso nos poupará tempo; encerram logo o inquérito preliminar e o importante é que saiam atrás de Arsène Lupin e de suas joias. Não há problema, não é? Guillaume Berlat, um amigo do seu marido.

— Entendido... Guillaume Berlat. — Ela já estava chamando e gesticulando. O trem não tinha parado, e um cidadão nele subia, seguido de vários outros. A hora crítica chegava. Ofegante, a dama bradou: — Arsène Lupin... nos atacou... roubou minhas joias... Sou Madame Renaud... meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários... Ah! Olhem, este é o meu irmão, Georges Ardelle, diretor do Crédit Rouennais... devem conhecer... — Beijou um jovem que vinha até nós e que o comissário cumprimentou, e prosseguiu, chorosa: — Sim, Arsène Lupin... enquanto este senhor dormia, pulou-lhe à garganta... é o senhor Berlat, amigo do meu marido.

O comissário perguntou:

— Mas onde está Arsène Lupin?

— Saltou do trem no túnel depois do Sena.

— Está certa de que era ele?

— Certíssima! Eu o reconheci perfeitamente. Aliás o viram na Estação Saint-Lazare. Usava um chapéu de feltro, mole.

— Não... duro, como este aqui — retificou o comissário indicando o meu chapéu.

— Mole... afirmo — repetiu Madame Renaud —, e um sobretudo cinza acinturado.

— Com efeito — murmurou o comissário —, o telegrama registra esse sobretudo cinza com gola de veludo preto.

— Com gola de veludo preto justamente — exclamou Madame Renaud, triunfante.

Respirei. Ah! A corajosa, a excelente amiga que eu tinha ali!

Os agentes, enquanto isso, tinham-me livrado das peias. Mordi violentamente os lábios, escorreu sangue. Curvado em dois, com o lenço na boca, como convém a um indivíduo que ficou muito tempo numa posição incômoda, e que traz no rosto o sinal sanguinolento da mordaça, disse ao comissário, numa voz enfraquecida:

— Senhor, era Arsène Lupin, não há dúvida... Se se esforçarem, podem pegá-lo. Julgo que posso lhe ser de alguma utilidade.

O vagão, que devia servir aos exames da justiça, foi destacado, e o trem seguiu para o Havre. Fomos levados para o escritório do chefe da estação, em meio a uma multidão de curiosos que enchiam a plataforma.

Nesse momento, tive uma hesitação. Sob um pretexto qualquer, podia me afastar, ir tomar meu automóvel e sumir. Esperar era perigoso. Ocorresse um incidente, chegasse uma mensagem de Paris e estava perdido.

Sim, mas e o meu ladrão? Abandonado a meus próprios recursos, numa região que não me era familiar, não podia ter certeza de agarrá-lo.

"Ah, tentemos o golpe", disse a mim mesmo, "e fiquemos. A partida é difícil de vencer, mas tão divertida de disputar! E o prêmio vale a pena".

Como pedissem que repetíssemos provisoriamente nossos depoimentos, reclamei:

— Senhor comissário, Arsène Lupin está ganhando distância. Meu carro me espera aqui na estação. Se quiser me dar o prazer de ir comigo, procuraríamos...

O comissário sorriu com ar fino.

— A ideia não é má... tanto que está em vias de execução.

— Ah!

— Sim, senhor, dois de meus agentes partiram de bicicleta... já faz certo tempo.

— Mas para onde?

— Para a própria saída do túnel. Ali, colherão indícios, testemunhos e seguirão a pista de Arsène Lupin.

Não pude me impedir de alçar os ombros.

— Seus dois agentes não colherão nem indício nem testemunho.

— Realmente?!

— Arsène Lupin deve ter-se arrumado para que ninguém o visse sair do túnel. Deve ter ido para a primeira estrada e daí...

— E daí, Rouen, onde o prenderemos.

— Não virá a Rouen.

— Ficará então nos arredores, onde somos ainda mais fortes...

— Não ficará nos arredores.

— Oh! Oh! E onde se esconderá?

Mostrei meu relógio.

— A esta hora, Arsène Lupin anda perto da estação de Darnétal. Às dez e cinquenta, ou seja, dentro de vinte e dois minutos, tomará o trem que sai da Estação Norte de Rouen para Amiens.

— Acha? E como sabe?

— Oh, é simples. No compartimento, Arsène Lupin consultou o meu guia. Por que motivo? Haveria, não longe do lugar em que desapareceu, outra linha, uma estação nessa linha, e um trem parando aí? De minha parte, acabo de consultar o guia, que me deu essa informação.

— Na verdade, senhor — disse o comissário —, deduziu maravilhosamente. Que competência!

Arrastado por minha convicção, cometera uma inépcia demonstrando tanta habilidade. Olhava-me com espanto e julguei sentir que uma suspeita o roçara. Mas só roçara, porque as fotografias enviadas a todos os lados pela polícia eram muito imperfeitas, representavam um Arsène Lupin muito diferente do que tinha diante dele, para que lhe fosse possível reconhecer-me. Mas, assim mesmo, estava perturbado, numa confusa preocupação.

Houve um instante de silêncio. Algo de equívoco e incerto deteve nossas palavras. Um arrepio de mal-estar até por mim passou. Iria a sorte se virar contra mim? Dominando-me, ri.

— Meu Deus, nada nos abre tanto a compreensão quanto a perda de uma carteira e o desejo de reencontrá-la. E me parece que, se quiser me emprestar dois de seus agentes, eles e eu talvez possamos...

— Oh, eu lhe peço, senhor comissário — exclamou Madame Renaud —, ouça o senhor Berlat.

A intervenção de minha ótima amiga foi decisiva. Pronunciado por ela, mulher de influente personalidade, esse nome, Berlat, tornava-se realmente meu e me conferia uma identidade que nenhuma suspeita poderia atingir. O comissário se ergueu:

— Ficarei felicíssimo, senhor Berlat, acredite-me, se tiver êxito. Tanto quanto ao senhor, importa-me a prisão de Arsène Lupin.

Levou-me até o carro. Dois de seus agentes, que me apresentou, Honoré Massol e Gaston Delivet, tomaram assento. Coloquei-me na direção. Meu mecânico virou a manivela. Uns segundos depois, deixamos a estação. Estava salvo.

Ah, confesso que rodando pelas avenidas que cingem a velha cidade normanda, na marcha possante do meu trinta e cinco cavalos Moreau--Lepton, não deixei de conceber algum orgulho. O motor roncava harmoniosamente. À direita e à esquerda, as árvores fugiam atrás de nós. E livre, fora de perigo, só tinha agora que acertar meus pequenos negócios pessoais, com o concurso de dois honestos representantes da força pública. Arsène Lupin ia em busca de Arsène Lupin!

Modestos sustentáculos da ordem social, Delivet Gaston e Massol Honoré, quanto sua assistência me foi preciosa! Que teria feito sem vocês? Sem vocês quantas vezes, nos cruzamentos, teria escolhido a estrada errada? Sem vocês, Arsène Lupin se enganaria e o outro teria escapado!

Mas nem tudo estava terminado. Longe disso. Restava-me primeiro pegar o indivíduo e em seguida me apoderar eu mesmo dos papéis que me tinha subtraído. A nenhum preço meus dois acólitos podiam meter o nariz nesses documentos, e ainda menos ficar com eles. Servir-me deles e agir por trás deles, eis o que eu queria e não era fácil conseguir.

Em Darnétal, chegamos três minutos depois de o trem ter passado. Por certo, tive o consolo de ser informado de que um indivíduo, com um sobretudo cinza com gola de veludo preto, tinha subido num compartimento da segunda classe, com uma passagem para Amiens. Sem dúvida, minha estreia como policial prometia. Delivet me disse:

— O trem é expresso e não para senão em Montérolier-Buchy, dentro de dezenove minutos. Se não chegarmos antes de Arsène Lupin, ele pode tanto continuar para Amiens como desviar para Clères, e daí atingir Dieppe ou Paris.

— Que distância há daqui a Montérolier?

— Vinte e três quilômetros.

— Vinte e três quilômetros, dezenove minutos... estaremos lá antes dele.

Foi uma corrida. Nunca o meu fiel Moreau-Lepton respondeu à minha impaciência com mais ardor e regularidade. Parecia que lhe comunicava minha vontade diretamente, sem a intermediação de pedais e alavancas. Ele partilhava os meus desejos. Aprovava minha obstinação. Entendia minha animosidade contra aquele tratante do Arsène Lupin. O embusteiro! O traidor! Conseguiria ensiná-lo, ou ia zombar mais uma vez da autoridade de que eu era a encarnação?

— À direita — gritava Delivet. — À esquerda!... Em frente!...

Deslizávamos acima do solo. Os marcos da estrada pareciam animaizinhos medrosos que se evaporavam à nossa aproximação.

E, de repente, numa curva, um turbilhão de fumaça, o Expresso do Norte.

Por um quilômetro, foi a luta lado a lado, luta desigual cujo resultado era conhecido. Na chegada, nós o batemos por vinte corpos. Em três segundos, estávamos na plataforma diante das segundas classes. As portinholas se abriram. Algumas pessoas desceram. Meu ladrão, não. Inspecionamos os compartimentos. Nada de Arsène Lupin.

— Ih! — exclamei. — Ele me reconheceu no automóvel enquanto andávamos lado a lado e deve ter saltado do trem.

O chefe do trem confirmou essa suposição. Tinha visto um homem rolar pela rampa a duzentos metros da estação.

— Olhe, lá vai... aquele que está atravessando a passagem de nível.

Acometi, seguido de meus dois acólitos, ou antes, seguido de um, porque o outro, Massol, aconteceu ser um corredor excepcional, tanto em resistência como em velocidade. Em instantes, o espaço que o separava do fugitivo diminuiu muito. Esse viu Massol, saltou uma sebe e correu rápido a uma encosta que escalou. Depois o vislumbramos mais longe, entrando num bosquezinho.

Quando chegamos ao bosque, Massol nos esperava; julgara inútil aventurar-se mais, no receio de se perder de nós.

— Cumprimento-o, meu amigo — disse-lhe. — Depois de uma corrida dessas, nosso indivíduo deve estar sem fôlego. Havemos de agarrá-lo.

Examinei os arredores, refletindo na maneira de realizar sozinho a prisão do fugitivo, a fim de fazer eu mesmo recuperações que a justiça sem dúvida só permitiria depois de muitos inquéritos desagradáveis. Em seguida, voltei a meus companheiros.

— É fácil. Você, Massol, fique à esquerda; você, Delivet, à direita. Daí, vigiarão toda a linha posterior do bosque e, sem que o vejam, ele não poderá sair, a não ser por esta abertura, onde fico eu. Se ele não sair, eu entro e forçosamente o desviarei sobre um de vocês. Só têm, pois, que aguardar. Ah, esquecia, em caso de alerta, deem um tiro.

Massol e Delivet se afastaram, cada um para seu lado. Logo que desapareceram, penetrei no bosque com a maior cautela, de modo a não ser visto nem ouvido. A vegetação era espessa, mas desbastada para a caça e cortada por sendas muito estreitas, em que não era possível caminhar senão curvado, como dentro de subterrâneos de verdura.

Um deles levava a uma clareira, onde a erva molhada apresentava marcas de passos. Segui-as, tendo o cuidado de deslizar através dos desbastados, que me levaram até uma pequena elevação, coroada por um casebre feito de restos e meio demolido.

"Deve estar lá", pensei. "O observatório foi bem escolhido."

Rastejei até perto da construção. Um breve ruído me confirmou a presença, e, realmente, por uma abertura, eu o vi de costas.

Em dois pulos, estava em cima dele. Tentou me apontar o revólver que tinha na mão, mas não lhe dei tempo e o derrubei por terra, de modo que seus braços ficaram debaixo dele, torcidos, e eu pesando com meu joelho no seu peito.

— Escute, menino — disse-lhe ao ouvido —, sou Arsène Lupin. Vai me entregar em seguida e de boa vontade a minha carteira e a sacola da dama... mediante o que eu o tirarei das garras da polícia e o empregarei entre meus amigos. Uma palavra apenas: sim ou não?

— Sim — murmurou.

— Tanto melhor. Esta manhã o seu golpe foi muito bem dado. Nós nos entenderemos.

Levantei-me. Mexeu no bolso, tirou dele uma faca comprida e quis me ferir.

— Imbecil! — bradei.

Com uma mão desviei o ataque e, com a outra, dei-lhe um golpe violento na artéria carótida externa, o que se chama "*hook* na carótida". Caiu, desancado.

Na minha carteira, reencontrei meus papéis e minhas cédulas. Por curiosidade, olhei a dele. Num envelope a ele endereçado, li seu nome:

Pierre Onfrey.

Sobressaltei-me. Pierre Onfrey, o assassino da Rua Lafontaine, em Auteuil! Pierre Onfrey, o que estrangulara Madame Delbois e suas duas filhas! Inclinei-me sobre ele. Sim, era este rosto que, no trem, tinha despertado em mim a lembrança de traços já contemplados.

Mas o tempo passava. Coloquei num envelope duas notas de cem francos, um cartão e estas palavras: "Arsène Lupin a seus bons colegas Honoré Massol e Gaston Delivet, em sinal de reconhecimento".

Pus isso em evidência no meio da peça e, ao lado, a sacola de Madame Renaud. Poderia deixar de devolvê-la à excelente amiga que me tinha socorrido?

Confesso, porém, que retirei tudo o que apresentava algum interesse, não deixando nela senão um pente de tartaruga e um porta-moeda vazio. Que diabo! Negócio é negócio. E depois, realmente, seu marido exercia uma função tão pouco honrosa!...

Sobrava o homem. Começava a se mexer. Que decidir? Não tinha qualidade nem para salvá-lo nem para condená-lo.

Tirei-lhe as armas e dei um tiro para o ar.

"Os dois outros vão vir", pensei, "ele que se arranje. As coisas se consumarão no sentido do seu destino".

E afastei-me com rapidez pelo caminho da clareira.

Vinte minutos mais tarde, uma estrada transversal que tinha notado na nossa perseguição me conduziu a meu automóvel.

Às quatro horas, telegrafava a meus amigos de Rouen que um incidente imprevisto me constrangia a adiar minha visita. Entre nós, receio muito, diante do que devem saber agora, ser obrigado a adiá-la indefinidamente. Amarga desilusão para eles!

Às seis horas, voltava a Paris pela Isle-Adam, por Enghien e pela Porte Bineau.

Os jornais da tarde me informaram que se havia, enfim, conseguido prender Pierre Onfrey.

No dia seguinte — não menosprezemos as vantagens de uma propaganda inteligente — o *Écho de France* publicava este tópico sensacional: "Ontem, nos arredores de Buchy, depois de numerosos incidentes, Arsène Lupin realizou a prisão de Pierre Onfrey. O assassino da Rua Lafontaine acabava de furtar, na linha Paris— Le Havre, Madame

Renaud, esposa do subdiretor dos serviços penitenciários. Arsène Lupin restituiu a Madame Renaud a sacola que continha as joias e recompensou generosamente os dois agentes da Sûreté que o tinham ajudado no curso dessa dramática prisão".

O “Colar da Rainha”

Duas ou três vezes por ano, em solenidades importantes, como os bailes da Embaixada da Áustria ou as noitadas de Lady Billingstone, a Condessa de Dreux-Soubise punha sobre seus brancos ombros o “Colar da Rainha”.

Era de fato o famoso colar, o colar lendário que Bohmer e Bassenge, joalheiros da coroa, destinavam à Du Barry, que o Cardeal de Rohan--Soubise julgou oferecer a Maria Antonieta, rainha da França, e que a aventureira Jeanne de Valois, Condessa de La Motte, desmanchou numa noite de fevereiro de 1785, com a ajuda de seu marido e do cúmplice de ambos, Rétaux de Villette.

Para falar a verdade, só a armação era autêntica. Rétaux de Villette a conservara, enquanto o senhor de La Motte e sua mulher dispersavam aos quatro ventos as pedras brutalmente desengastadas, as admiráveis pedras tão cuidadosamente escolhidas por Bohmer. Mais tarde, na Itália, vendeu a armação a Gaston de Dreux-Soubise, sobrinho e herdeiro do cardeal, salvo por ele da ruína quando da ressonante falência de Rohan-Guéménée. Gaston, em memória do tio, comprou os poucos diamantes que sobravam, na posse do joalheiro inglês Jefferys, completou-os com outros de valor bem menor, mas da mesma dimensão, e chegou a reconstituir o maravilhoso colar, tal como tinha saído das mãos de Bohmer e Bassenge.

Dessa joia histórica, durante mais de um século, os Dreux-Soubise se orgulharam. Embora circunstâncias diversas tivessem diminuído consideravelmente sua fortuna, preferiam baixar o nível de vida em casa do que vender a monárquica e preciosa relíquia. Em particular o conde atual atinha-se a ela como outros se atêm à casa paterna. Por cautela, tinha alugado um cofre no Crédit Lyonnais para depositá-la. Ia ele mesmo buscá-

la na tarde do dia em que sua mulher queria usá-la, e a levava ele mesmo no dia seguinte.

Naquela noite, na recepção do Palácio de Castela — a aventura remonta ao início do século —, a condessa fez um verdadeiro sucesso, e o Rei Christian, em honra de quem a festa era dada, comentou sua beleza esplêndida. As pedrarias radiavam em torno do gracioso pescoço. As mil facetas dos diamantes brilhavam e cintilavam como labaredas à claridade das luzes. Nenhuma mulher além dela, parecia, teria podido levar com tanta naturalidade e nobreza o peso de um tal adorno.

Foi um triunfo duplo, que o Conde de Dreux saboreou profundamente, e de que se congratulava quando entraram no quarto de sua velha mansão do bairro de Saint-Germain. Estava orgulhoso de sua mulher e, igualmente, talvez, da joia que ilustrava sua casa há quatro gerações. A mulher extraía dela uma vaidade um tanto pueril, mas que era bem típica do seu caráter altivo.

Não sem pesar, tirou o colar e o entregou ao marido, que o examinou com admiração, como se não o conhecesse. Depois, colocando-o no estojo de couro vermelho com as armas do cardeal, passou a um gabinete pegado, antes uma espécie de alcova, que tinham isolado completamente do quarto e cuja única entrada era ao pé do leito deles. Como das outras vezes, escondeu o estojo numa tábua bem alta, entre caixas de chapéus e pilhas de roupa branca. Fechou a porta e foi se despir.

De manhã, levantou-se pelas nove horas, com a intenção de ir, antes do almoço, ao Crédit Lyonnais. Vestiu-se, bebeu uma xícara de café e foi às cavalariças. Deu suas ordens. Um dos cavalos o preocupava, e ele o fez andar e trotar diante de si no jardim. Em seguida, veio reunir-se à mulher.

Ela não tinha ainda deixado o quarto e se penteava, com o auxílio da empregada. Disse-lhe:

— Vai sair?

— Sim... para levar o colar.

— Ah! De fato... é mais seguro...

Ele entrou no gabinete. Mas, ao fim de uns segundos, perguntou, sem a menor surpresa aliás:

— Você o pegou, querida?

Ela replicou:

— Como? Mas não, não peguei nada.

— Tirou-o do lugar, então.

— De modo nenhum... Nem mesmo abri essa porta.

Ele surgiu, descomposto, e balbuciou numa voz que mal se ouvia:

— Não o tirou?... Não foi você?... Então... — Ela acorreu e procuraram febrilmente, atirando ao solo as caixas de papelão e desfazendo os montes de roupa branca. O conde repetia: — Inútil... Tudo o que fazemos é inútil... Foi aí, nessa tábua, que o coloquei.

— Você pode ter-se enganado.

— Foi aí, nessa tábua, e não noutra parte.

Acenderam uma vela, pois a peça era bastante escura, e tiraram toda a roupa e todos os objetos que a enchiam. Quando não havia mais nada no gabinete, tiveram de confessar com desespero que o famoso colar, o "Colar da Rainha", tinha sumido.

De natureza resoluta, a condessa, sem perder tempo em vãs lamentações, mandou avisar o comissário, senhor Valorbe, de que tinham tido já a ocasião de apreciar o espírito sagaz e a clarividência. Puseram-no a par da situação em detalhes e ele perguntou:

— Está seguro, senhor conde, de que ninguém pode atravessar o seu quarto de noite?

— Absolutamente seguro. Tenho o sono muito leve. Melhor ainda: a porta deste quarto estava fechada com o ferrolho. Tive de tirá-lo esta manhã quando minha mulher chamou a empregada.

— E não existe outra passagem que permita entrar no gabinete?

— Nenhuma.

— Nada de janela?

— Sim, mas inutilizada.

— Desejaria ver de que modo...

Acenderam velas e em seguida o senhor Valorbe observou que a janela não estava inutilizada senão até meia altura por um baú que, além disso, não estava bem encostado nela.

— Está encostado suficientemente — replicou o senhor de Dreux — para que seja impossível deslocá-lo sem fazer muito barulho.

— E para onde dá esta janela?

— Para um patiozinho interno.

— E há mais um andar acima deste?

— Dois, mas ao nível do andar dos empregados. O patiozinho está protegido por uma grade de ferro de furos estreitos. É por isso que temos pouca luz.

Aliás, quando afastaram o baú, constataram que a janela estava fechada, o que não ocorreria se alguém tivesse entrado de fora.

— A menos — observou o conde — que esse alguém não tenha saído pelo nosso quarto.

— Caso em que o senhor não teria encontrado o ferrolho do quarto corrido. — O comissário refletiu um instante e se virou para a condessa: — Entre suas relações, senhora, sabia-se que usaria esse colar ontem à noite?

— Certamente, não ocultei. Mas ninguém sabia que o fechávamos neste gabinete.

— Ninguém?

— Ninguém... A menos que...

— Peço-lhe, senhora, seja precisa. Esse é um ponto dos mais importantes.

Ela disse ao marido:

— Pensava em Henriette.

— Henriette? Ela ignora esse pormenor tanto quanto os demais.

— Tem certeza?

— Quem é essa senhora? — inquiriu Valorbe.

— Uma amiga do colégio de freiras, que brigou com a família para casar com uma espécie de operário. Quando seu marido faleceu, eu a recolhi com o seu filho e coloquei à sua disposição um apartamento nesta mansão. — E acrescentou com embaraço: — Ela me presta alguns serviços. É muito destra manualmente.

— Em que andar mora?

— No nosso, não longe, por sinal... no fim deste corredor. E até, estou pensando... a janela da sua cozinha...

— Dá para este pátio, não é?

— Sim, bem em frente à nossa.

Um silêncio seguiu-se a essa declaração. Em seguida, Valorbe pediu que o levassem a Henriette.

Ela estava costurando, enquanto seu filho Raoul, um garoto de seis a sete anos, lia a seu lado. Bem surpreendido de ver o miserável apartamento que haviam mobiliado para ela, e que se compunha ao todo de uma peça

sem lareira e de um canto servindo de cozinha, o comissário a interrogou. Pareceu transtornada ao saber do roubo cometido. Na véspera, à noite, ela própria tinha vestido a condessa e lhe havia prendido o colar em volta do pescoço.

— Meu Deus! — bradou. — Nunca acreditaria!

— E não tem nenhuma ideia, nenhuma desconfiança? É possível que o culpado tenha passado pelo seu quarto.

Riu à vontade, sem sequer imaginar que pudesse ser alvo de alguma suspeita.

— Mas nem saí do meu quarto! Eu nunca saio. E depois, o senhor não viu? — Abriu a janela da cozinha. — Repare, há pelo menos três metros até a borda oposta.

— Quem lhe disse que encaramos a hipótese de um roubo realizado por aí?

— Mas... o colar não estava no gabinete?

— Como sabe?

— Oh, sempre soube que o punham ali de noite... Falaram na minha frente...

Seu rosto, ainda jovem, mas que os dissabores tinham descolorido, mostrava uma grande doçura e resignação. No entanto, teve súbito, no silêncio, uma expressão de angústia, como se um perigo a tivesse ameaçado. Puxou seu filho contra si e a criança lhe pegou na mão e beijou-a ternamente.

— Não posso admitir — disse o senhor de Dreux ao comissário quando ficaram sozinhos — que suspeite dela. Respondo por ela. É a honestidade em pessoa.

— Oh, sou inteiramente de sua opinião — afirmou o senhor Valorbe. — O máximo que pensei foi numa cumplicidade inconsciente. Mas reconheço que essa explicação deve ser abandonada, ainda mais porque não resolve em nada o problema que enfrentamos.

O comissário não levou adiante o inquérito, que o juiz de instrução retomou e completou nos dias seguintes. Interrogaram-se os criados, verificou-se o estado do ferrolho, fizeram-se experiências de fechar e abrir a janela do gabinete, explorou-se o patiozinho de alto a baixo... tudo em vão. O ferrolho estava intato. A janela não podia ser aberta nem fechada por fora.

As buscas visaram especialmente a Henriette, pois, apesar de tudo, retornava-se sempre a esse lado. Devassaram minuciosamente sua vida, verificando que, em três anos, só saíra quatro vezes da mansão, e as quatro vezes para diligências que se puderam determinar. Na realidade, servia de aia e de costureira para Madame de Dreux, que se mostrava em relação a ela de uma exigência que todos os empregados, confidencialmente, testemunharam.

— Ademais — dizia o juiz de instrução, que, ao fim de uma semana, chegara às mesmas conclusões que o comissário —, admitindo que cheguemos a conhecer o culpado, e estamos longe disso, nem por isso estaríamos mais perto de saber como o roubo foi cometido. Estamos barrados à direita e à esquerda por dois obstáculos: uma porta e uma janela fechadas. O mistério é duplo! Como puderam introduzir-se e como, o que é bem mais difícil, puderam escapar deixando atrás de si uma porta aferrolhada e uma janela fechada?

No fim de quatro meses de investigações, a ideia secreta do juiz era esta: o casal De Dreux, premido por questões de dinheiro, tinha vendido o "colar da rainha". Arquivou o caso.

O furto da preciosa joia foi para os Dreux-Soubise um golpe de que guardaram muito tempo a marca. O crédito deles, deixando de ser apoiado pela espécie de reserva que constituía um tal tesouro, colocou-os ante credores mais rigorosos e financiadores menos módicos. Tiveram de lançar mão do capital, alienar, hipotecar — em suma, teria sido a ruína se duas consideráveis heranças de parentes afastados não os tivessem salvo.

Sofreram também no amor-próprio, como se houvessem perdido um título de nobreza. E, coisa fora do normal, foi contra sua velha amiga de pensionato que a condessa se voltou. Sentia em relação a ela verdadeiro rancor e a acusava abertamente. Primeiro, relegaram-na ao andar dos criados; depois, despediram-na de um dia para o outro.

E a vida passou, sem acontecimentos incomuns. Viajavam muito.

Houve apenas um fato, durante esse período, digno de destaque. Meses depois da partida de Henriette, a condessa recebeu uma carta sua que a encheu de surpresa:

"Senhora,

Não sei como lhe agradecer. Pois foi a senhora que me enviou isso, não? Não podia ser outra pessoa, ninguém conhece o meu retiro no fundo desta

vilazinha. Se me engano, desculpe-me e receba ao menos a expressão do meu reconhecimento por suas bondades passadas...”

Que queria dizer? As bondades presentes ou passadas da condessa para ela se reduziam a muitas injustiças. Que significavam esses agradecimentos?

Forçada a se explicar, respondeu que recebera pelo correio, num envelope não registrado nem com valor declarado, duas notas de mil francos. Anexava o envelope à resposta: estava carimbado de Paris e trazia apenas o seu endereço, escrito numa letra visivelmente disfarçada.

De onde provinham esses dois mil francos? Quem os tinha mandado? A justiça procurou se informar, mas que pista poderia seguir nessas trevas?

O mesmo fato se repetiu doze meses depois. E uma terceira vez; uma quarta; e a cada ano, durante seis anos, com a diferença de que no quinto e no sexto a cifra foi duplicada, o que permitiu a Henriette, que contraíra uma enfermidade, tratar-se adequadamente.

Ainda uma diferença: tendo a administração do Correio interceptado uma das cartas sob o pretexto de não ter valor declarado, as duas últimas foram enviadas segundo o regulamento, a primeira datada de Saint-Germain, a outra de Suresnes. O remetente se assinou de início Anquety, depois Péchard. Os endereços que deu eram falsos.

No fim de seis anos, Henriette morreu, e o enigma permaneceu intato.

Todas essas ocorrências são conhecidas pelo público. O caso apaixonou a opinião pública. Era um destino estranho o daquele colar, que, depois de ter sacudido a França no fim do século XVIII, desencadeava ainda tanta emoção cento e vinte anos depois. Mas o que vou dizer todos ignoram, fora os principais interessados e algumas pessoas a quem o conde pediu sigilo absoluto. Como é provável que um dia ou outro faltem à sua promessa, não tenho, por mim, nenhum escrúpulo em rasgar o véu, e assim se saberá, além da chave do enigma, o motivo da carta publicada pelos jornais anteontem de manhã, carta extraordinária que acrescentou ainda, se é que era possível, um pouco de sombra e mistério às obscuridades desse drama.

Ocorreu há cinco dias. Entre os convidados que almoçavam na casa do senhor de Dreux-Soubise, achavam-se suas duas sobrinhas e sua prima e, de homens, o presidente d’Essaville, o deputado Bochas, o cavaleiro Floriani, que o conde conhecera na Sicília, e um general, o marquês de Rouzières, o velho camarada de suas relações.

Depois da refeição, as senhoras serviram o café, e os homens tiveram permissão para um cigarro, com a condição de ficarem no salão. Palestrava-se. Uma das moças se distraiu em tirar a sorte pelas cartas. A seguir se falou em crimes célebres. E a esse propósito o senhor de Rouzières, que não perdia ocasião de implicar com o conde, lembrou a aventura do colar, assunto a que o senhor de Dreux tinha horror.

Cada um emitiu seu parecer, reiniciando a instrução a seu modo. E, naturalmente, as hipóteses se contradiziam e eram igualmente inadmissíveis.

— E o senhor? — perguntou a condessa ao Cavaleiro Floriani. — Qual a sua opinião?

— Oh! Não tenho opinião, senhora. — Reclamaram. O cavaleiro justamente acabava de contar com brilho diversas aventuras em que tinha tomado parte com seu pai, magistrado em Palermo, onde se tinham fortalecido seu juízo e gosto por essas questões. — Confesso que me aconteceu ter êxito em casos a que os mais hábeis renunciaram. Mas daí a me considerar um Sherlock Holmes... Ademais, sei pouco a respeito deste.

Voltaram-se para o dono da casa. A contragosto, teve de resumir os fatos. O cavaleiro escutou, refletiu, fez algumas perguntas e murmurou:

— Engraçado, à primeira vista não me parece que a coisa seja tão difícil de adivinhar. — O conde alçou os ombros, mas os outros se comprimiram em torno do cavaleiro e ele continuou num tom um tanto dogmático: — Em geral, para chegar ao autor de crime ou roubo, é preciso determinar como foram cometidos. No caso atual nada mais simples, a meu ver, pois nós nos achamos diante não de diversas hipóteses, mas de uma certeza, única, rigorosa, a saber: o indivíduo só podia entrar pela porta do quarto ou pela janela do gabinete. Ora, não se abre por fora uma porta aferrolhada. Portanto, entrou pela janela.

— Estava fechada e foi encontrada fechada — declarou o senhor de Dreux.

— Para isso — continuou Floriani, sem se deter com a interrupção —, não precisou mais que colocar uma ponte, prancha ou escada entre o balcão da cozinha e a borda da janela, e já que o estojo...

— Mas eu lhe repito que a janela estava fechada — bradou o conde, impaciente.

Dessa vez Floriani teve de responder. E o fez com grande calma, como alguém que não se perturba com uma objeção insignificante:

— Acredito que estivesse, mas não possuía um postigo?

— Como sabe?

— Primeiro, por ser quase uma regra nas mansões construídas na época desta, e em seguida porque deve ser assim, já que de outra maneira o roubo seria inexplicável.

— Com efeito, existe um, mas fechado, como a janela. Nem atentaram para ele.

— Foi um erro. Pois, se tivessem atentado, teriam visto claramente que tinha sido aberto.

— E como?

— Suponho que, como os outros, esse postigo se abra por meio de um fio de ferro trançado, munido de anel na ponta inferior, não?

— Sim.

— E esse anel pendia entre a janela e o baú?

— Sim, mas não compreendo...

— Veja: por uma fenda feita na vidraça, pode-se, com a ajuda de um instrumento qualquer, digamos uma varinha de ferro provida de gancho, agarrar o anel, puxá-lo e abrir o postigo.

O conde riu.

— Perfeito! Perfeito! Constrói tudo tão naturalmente! Mas esquece uma coisa, meu caro: é que não existe fenda na vidraça.

— Deve haver uma fenda.

— Ora, nós a teríamos visto.

— Para ver é preciso olhar, e não olharam. A fenda existe, é materialmente impossível que não exista, ao longo da vidraça contra o caixilho, no sentido vertical.

O conde se levantou. Parecia superexcitado. Andou de um lado a outro nervosamente e, acercando-se de Floriani:

— Nada mudou lá em cima desde aquele dia... Ninguém pôs os pés no gabinete.

— Nesse caso, senhor, poderá confirmar que a minha explicação concorda com a realidade.

— Não concorda com nenhum dos fatos que a justiça constatou. Não viu nada, não sabe nada e vai de encontro a tudo o que vimos e sabemos.

Floriani pareceu não notar a irritação do conde e disse, sorrindo:

— Meu Deus, estou buscando ver claro, apenas. Se me engano, demonstre o meu erro.

— Sem demora... Confesso que, com o tempo, sua segurança... — o senhor de Dreux mastigou ainda umas palavras; de repente foi até a porta e saiu.

Nenhuma palavra foi dita. Esperava-se ansiosamente, como se, de fato, uma parcela da verdade fosse aparecer. O silêncio adquiriu extrema gravidade.

Por fim, o conde surgiu no umbral da porta. Estava pálido e agitado. Disse aos amigos, com voz trêmula:

— Peço-lhes perdão... As revelações do senhor foram tão imprevistas... Nunca teria pensado...

Sua mulher perguntou avidamente:

— Fale, peço-lhe. Que há?

Balbuciou:

— A fenda existe. No próprio lugar indicado, ao longo do caixilho... — Pegou bruscamente no braço do cavaleiro e lhe disse em tom imperioso: — Agora, continue. Reconheço que tinha razão até aqui, mas não acabou. Diga o que ocorreu, a seu ver.

Floriani se livrou delicadamente e, depois de um instante, falou:

— Bem, segundo penso, eis o que se passou: o indivíduo, sabendo que Madame de Dreux ia ao baile com o colar, colocou sua prancha durante a ausência dos dois. Espreitou pela janela e viu-o esconder a joia. Quando o senhor saiu, cortou o vidro e puxou o anel.

— Seja, mas a distância é demasiado grande para que pudesse, pelo postigo, alcançar o fecho da janela.

— Se não pôde abri-la, foi porque entrou pelo próprio postigo.

— Impossível; não há homem tão delgado que possa penetrar por ali.

— Então não foi um homem.

— Como!

— Sem dúvida. Se a passagem é muito estreita para um homem, forçosamente foi uma criança.

— Uma criança!

— Não me disse que a sua amiga Henriette tinha um filho?

— De fato... um menino que se chamava Raoul.

— É infinitamente provável que tenha sido Raoul quem cometeu o roubo.

— Que prova apresenta?

— Que prova?... Provas não faltam; por exemplo... — Calou-se e refletiu alguns segundos. Prosseguiu: — Por exemplo, essa prancha: não é de crer que a criança a tenha trazido e levado sem ter sido notada. Deve ter empregado o que estava à sua disposição. No canto em que Henriette cozinhava havia tábuas presas na parede para colocar as panelas, não é?

— Duas, tanto quanto me lembro.

— Seria preciso verificar se essas pranchas estão de fato presas nos apoios de madeira que as sustentam. Caso contrário, estaríamos autorizados a pensar que o menino as despregou, juntando depois uma à outra. Talvez, já que havia um fogão, se achasse também o gancho deste de que se serviu para abrir o postigo.

Sem dizer palavra o conde saiu, e desta vez os assistentes não sentiram nem mesmo a pequena ansiedade do desconhecido que tinham sentido da primeira. Sabiam, e com convicção, que as previsões de Floriani eram certas. Emanava dele um halo de exatidão tão rigorosa que não era ouvido como se deduzisse fatos uns dos outros, mas como se contasse ocorrências cuja autenticidade era fácil de verificar na hora em que se quisesse.

Ninguém se surpreendeu quando o conde veio declarar:

— Foi o menino, é certo, tudo o prova.

— Viu as pranchas... o gancho?

— Vi... as pranchas foram despregadas... o gancho ainda está lá.

Madame de Dreux-Soubise exclamou:

— Ele... quer antes dizer que foi sua mãe. Henriette é a única culpada. Deve ter obrigado o filho.

— Não — afirmou o cavaleiro. — A mãe não se meteu em nada.

— Vamos! Moravam no mesmo quarto e o menino não poderia agir contra a vontade dela.

— Moravam no mesmo quarto, mas tudo ocorreu na peça pegada, de noite, enquanto a mãe dormia.

— E o colar? — disse o conde. — Tinha de ser descoberto entre as coisas do menino.

— Perdão, mas ele saía de casa. Na própria manhã em que foi achá-lo em sua mesinha de estudo, voltava da escola; e talvez a justiça, em vez de

esgotar seus recursos contra a mãe inocente, estaria mais inspirada investigando a classe do menino e seus livros escolares.

— Seja, mas esses dois mil francos que Henriette recebia anualmente não são o melhor sinal de sua cumplicidade?

— Se fosse cúmplice, teria agradecido a vocês pelo dinheiro? E além disso a vigiavam, enquanto o menino estava livre para correr com facilidade à cidade vizinha, entrar em contato com um revendedor qualquer e lhe passar a preço vil um diamante, dois, conforme o caso, sob a única condição de que a remessa do dinheiro fosse feita de Paris, mediante o que se recomeçaria no ano seguinte.

Um mal-estar indefinível oprimia os Dreux-Soubise e seus convidados. Havia realmente no tom e na postura de Floriani algo mais que aquela certeza que desde o início tinha irritado tanto o conde. Havia uma espécie de ironia, e que soava antes hostil que simpática e amistosa, como convinha.

O conde fingiu rir.

— Tudo isso é de um engenho que me arrebata! Cumprimentos! Que imaginação!

— Mas não, não — declarou Floriani mais grave. — Não estou imaginando, evoco circunstâncias que foram inevitavelmente as que mostrei.

— Que sabe a respeito?

— O que o senhor mesmo me disse. Imagino a vida da mãe e do menino lá longe, nos confins da província; a mãe que adoece, as astúcias e invenções para vender as pedras e salvar a mãe, ou pelo menos suavizar seus últimos momentos. O mal a leva. Morre. Passam-se anos. O garoto cresce, torna-se um homem. E, desta vez admito estar dando liberdade à imaginação, suponhamos que este homem experimente a necessidade de voltar aos lugares em que viveu a infância, que os visite, que encontre os que suspeitaram de sua mãe e a acusaram... Calcule o interesse pungente de um encontro semelhante na velha casa em que se desenrolaram as peripécias do drama... — Suas palavras vibraram alguns segundos no silêncio inquietante, e no rosto dos donos da casa se lia um esforço louco para compreender, ao mesmo tempo que o medo e a angústia de compreender.

O conde murmurou:

— Quem é o senhor?

— Eu? Mas o Cavaleiro Floriani, que conheceu em Palermo, e já teve a bondade de convidar várias vezes a visitá-lo.

— Então o que significa essa história?

— Oh! Nada! É um mero jogo de minha parte. Procuro imaginar a alegria que o filho de Henriette, se ainda existe, teria em lhe dizer que foi o único culpado, e o foi porque sua mãe era infeliz, na iminência de perder o lugar de... criada do qual vivia, e porque o menino sofria vendo sua mãe infeliz. — Exprimia-se com uma emoção contida, semierguido e inclinado para a condessa. Não podia subsistir nenhuma dúvida. O Cavaleiro Floriani era o filho de Henriette. Tudo em sua atitude e em suas palavras o proclamava. Aliás, não era evidente sua intenção, sua deliberação mesmo de ser assim reconhecido?

O conde hesitou. Que conduta ia ter em relação à audaciosa personagem? Chamar os criados, provocar um escândalo, desmascarar que o tinha outrora despojado? Mas fazia tanto tempo! E quem desejaria admitir essa história absurda do menino culpado? Não, era melhor aceitar a situação, fingindo não ter pegado seu sentido real. E o conde, acercando-se a Floriani, bradou com jovialidade:

— Bem divertido, bem curioso o seu romance. Juro-lhe que me comove. Mas, de acordo com sua história, que aconteceu com esse bom rapaz, esse modelo de filho? Espero que não tenha parado, se começou tão bem.

— Oh, por certo não.

— Não é? Depois de tal estreia! Pegar o "Colar da Rainha" aos seis anos, o célebre colar que Maria Antonieta cobiçava!

— E pegá-lo — observou Floriani, prestando-se ao jogo do conde — sem que lhe custasse o menor contratempo, sem que ninguém tivesse a ideia de examinar o estado das vidraças, ou reparar que a borda da janela estava limpa demais, a borda que ele limpou para apagar os traços de sua passagem na poeira espessa... Convenha que isso era de virar a cabeça de um garoto da sua idade. Então é fácil assim, basta querer e estender a mão?... Palavra que ele quis...

— E estendeu a mão.

— As duas mãos — continuou o cavaleiro, rindo.

Houve um arrepio. Que segredos escondia a vida desse dito Floriani? Que extraordinária devia ser a existência desse aventureiro, ladrão genial

aos seis anos, e que hoje, por um requinte de diletante em busca de emoção, ou ao menos para satisfazer um sentimento de rancor, vinha desafiar sua vítima na casa dela, audaciosa, loucamente, e, no entanto, com toda a correção de um homem elegante em visita!

Ergueu-se e aproximou-se da condessa para se despedir. Ela reprimiu um movimento de recuo. Ele sorriu.

— Oh, senhora, tem medo! Terei levado longe demais minha pequena comédia de mágico de salão?

Ela se dominou e respondeu com a mesma desenvoltura caçoísta:

— De modo algum, senhor. A lenda desse bom filho, ao contrário, me interessou muito, e me felicito por meu colar ter dado oportunidade a um destino tão brilhante. Mas não crê que o filho dessa... mulher, dessa Henriette, obedecesse antes de tudo a uma vocação?

Ele sentiu a estocada e replicou:

— Estou certo, e era preciso que essa vocação fosse séria para que o menino não desanimasse.

— Como assim?

— Mas sim, a senhora sabe, a maioria das pedras era falsa. De verdadeiro só havia alguns diamantes comprados ao joalheiro inglês, os outros tinham sido vendidos um a um, conforme as duras necessidades da vida.

— Ainda assim era o "Colar da Rainha", senhor — disse a condessa com altivez. — E isso me parece o que o filho de Henriette não podia compreender.

— Deve ter compreendido que, falso ou verdadeiro, o colar era antes de tudo um objeto de ostentação, uma insígnia.

O senhor de Dreux fez um gesto que a mulher captou logo.

— Senhor — disse ela —, se o homem a quem alude tem o menor pudor... — Interrompeu-se, intimidada pelo olhar calmo de Floriani.

Ele repetiu:

— Se esse homem tiver o menor pudor?...

Ela sentiu que nada ganharia falando-lhe daquele modo, e apesar de si mesma, de sua cólera, de sua indignação vibrante de amor-próprio humilhado, falou-lhe quase polidamente:

— Senhor, pretende a lenda que Rétaux de Villette, quando teve em mãos o "Colar da Rainha" e desengastou todos os diamantes com Jeanne de

Valois, não ousou tocar na armação. Entendeu que os diamantes eram apenas um adorno acessório, que a armação era o essencial, a própria criação do artista, e a respeitou. Julga que esse homem igualmente entendeu isso?

— Não duvido que a armação exista. O menino a respeitou.

— Pois bem, se por acaso se encontrar com ele, diga-lhe que conserva injustamente uma dessas relíquias que são o patrimônio e a glória de certas famílias, e que pôde arrancar as pedras sem que o "Colar da Rainha" deixasse de pertencer à casa de Dreux-Soubise. Pertence-nos como nosso nome e nossa dignidade.

O cavaleiro respondeu simplesmente:

— Eu lhe direi, senhora.

Inclinou-se diante dela, cumprimentou o conde e, um após outro, todos os assistentes, e saiu.

Quatro dias depois, Madame de Dreux achava na mesa de seu quarto um estojo vermelho com as armas do cardeal. Era o "Colar da Rainha".

Mas como todas as coisas devem, na vida de um homem preocupado com a unidade e a lógica, concorrer ao mesmo fim, e um pouco de propaganda nunca prejudica, no dia seguinte o *Écho de France* publicava estas linhas que causaram sensação: "O 'Colar da Rainha', a célebre joia outrora subtraída à família de Dreux-Soubise, foi encontrado por Arsène Lupin, que se apressou em devolvê-lo a seus legítimos proprietários. Não se pode senão aplaudir essa atenção delicada e cavalheiresca".

O sete de copas

Uma pergunta se faz e me foi feita muitas vezes: como conheci Arsène Lupin?

Ninguém duvida de que o conheça. Os detalhes que acumulo sobre esse homem desconcertam, os fatos irrefutáveis que exponho, as provas novas que apresento, a interpretação que dou de certos atos de que não vi senão as manifestações exteriores sem penetrar nos motivos secretos nem no mecanismo invisível, tudo isso demonstra bem não uma intimidade, que a própria existência de Lupin faria impossível, mas ao menos relações amistosas e continuadas confidências.

Mas como o conheci? De onde me veio o privilégio de ser o seu narrador? Por que eu e não outro?

A resposta é fácil: só o acaso presidiu uma escolha em que meu mérito não entra para nada. Foi o acaso que me pôs em seu rastro. Por acaso me meti numa de suas mais estranhas e misteriosas aventuras, por acaso enfim fui ator num drama de que ele foi o maravilhoso diretor, drama obscuro e complexo, eriçado de tais peripécias que experimento algum embaraço no instante em que me decido a contá-lo.

O primeiro ato se passa durante aquela famosa noite de 22 para 23 de junho, de que tanto se falou. De minha parte, digamos logo, atribuo a conduta bastante anormal que tive na ocasião ao estado de espírito muito particular em que me achava ao voltar para casa. Tínhamos jantado entre amigos no restaurante da Cascade, e toda a noite, enquanto fumávamos e a orquestra zíngara tocava valsas melancólicas, tínhamos falado apenas de crimes e roubos, intrigas assustadoras e tenebrosas. E essa é sempre uma má introdução ao sono.

Os Saint-Martin foram embora de carro. Jean Daspry — esse cativante e descuidado Daspry que, seis meses depois, se deixaria matar de modo tão trágico na fronteira do Marrocos — e eu voltamos a pé pela noite escura e quente. Ao chegarmos diante da casa em que eu morava há um ano, em Neuilly, no Boulevard Maillot, ele me disse:

— Nunca tem medo?

— Que ideia!

— Puxa, sua casa é tão isolada! Sem vizinhos, com terrenos baldios... Juro, não sou covarde, e no entanto...

— Como você é alegre, hem?!

— Oh, digo isso como diria outra coisa. Os Saint-Martin me impressionaram com suas histórias de bandidos.

Tendo-me apertado a mão, afastou-se. Peguei minha chave e abri a porta. "Ah, bom", murmurei, "Antoine se esqueceu de acender uma vela".

E súbito lembrei: Antoine estava ausente, tinha-lhe dado folga.

Imediatamente a sombra e o silêncio me foram desagradáveis. Subi a meu quarto, às apalpadelas, o mais rápido possível, e logo, contrariando o costume, virei a chave e corri o ferrolho. A seguir acendi a luz.

A chama da vela me devolveu o sangue-frio. Tive, porém, o cuidado de tirar o meu revólver da bainha, um revólver grande, de longo alcance, e o coloquei ao lado da cama. Deitei-me, e, como era meu costume para adormecer, peguei, na mesinha de cabeceira, o livro que cada noite me esperava.

Fiquei muito surpreendido. Em vez do corta-papéis com que o tinha marcado na véspera, encontrei um envelope, lacrado com cinco pingos de cera vermelha. Vivamente me fixei nele. Trazia como endereço meu nome por extenso, acompanhado da menção: *Urgente*.

Uma carta! Em meu nome! Quem a podia ter posto ali? Um tanto nervoso, rasguei o envelope e li: "A partir do momento em que abrir esta carta, aconteça o que acontecer, ouça o que ouvir, não se mexa, não faça um gesto, não dê um grito. Senão, está perdido".

Eu também não sou um covarde, e, tão bem quanto outro qualquer, sei me manter em face do perigo real, ou sorrir dos perigos quiméricos de que se assusta nossa imaginação. Mas, repito, estava numa situação de espírito anormal, facilmente impressionável, com os nervos à flor da pele. E, aliás, não haveria em tudo isso algo de perturbador e inexplicável que teria

sacudido a alma mais intrépida?

Meus dedos apertavam febrilmente a folha de papel e meus olhos reliam sem cessar as frases ameaçadoras. *Não faça um gesto... não dê um grito... senão, está perdido...* "Ah, vamos", pensei, "é alguma brincadeira, uma farsa imbecil".

Estive a ponto de rir, queria mesmo rir em voz alta. Quem me impedia? Que receio confuso me comprimia a garganta?

"Pelo menos soprarei a vela". E não pude soprá-la. "*Nem um gesto ou está perdido*", tinham escrito.

Mas para que lutar contra essas autossugestões, não raro mais imperiosas que fatos definidos? Tinha apenas de fechar os olhos. Fechei-os.

No mesmo instante, um leve ruído se ouviu no silêncio, logo estalidos. Provinham, pareceu-me, de uma espaçosa sala ao lado, em que instalara meu gabinete de trabalho e de que apenas o vestíbulo me separava.

A aproximação do perigo real me agitou e tive a sensação de que ia me levantar, pegar o revólver, correr à sala. Não me levantei e à minha frente uma das cortinas da janela da esquerda se mexeu.

A dúvida não era possível: tinha se mexido. Mexia-se ainda! E vi — oh, vi isso distintamente — que havia entre a cortina e a janela, nesse espaço tão estreito, uma forma humana cuja espessura impedia a fazenda de cair direito.

E o ser também me via, era certo que me via pela malha larga do tecido. Então compreendi tudo. Enquanto os outros levavam o que pilhavam, sua tarefa consistia em me manter quieto. Levantar-me? Pegar o revólver? Impossível... Ele estava ali! Ao menor gesto, ao menor grito, eu estaria perdido.

Uma batida violenta sacudiu a casa, seguida de pequenas batidas agrupadas em duas ou três, como as do martelo que bate pregos, repetindo-se mais fracas. Ao menos era o que imaginava, na confusão de meu cérebro. Outros ruídos se entrecruzaram, numa verdadeira barulheira que mostrava que não se preocupavam e agiam com toda a segurança.

E tinham razão, não me mexia. Em vez de covardia, era um aniquilamento, total impotência para mover um que fosse de meus membros. Prudência igualmente, pois, enfim, por que lutar? Atrás deste homem havia dez outros que viriam ao seu chamado. Iria arriscar a vida para salvar alguns tapetes e quinquilharias?

E o suplício durou toda a noite. Suplício intolerável, angústia excessiva. O ruído se interrompera, mas eu não deixava de esperar que recomeçasse. E o homem! O homem que me vigiava, de arma na mão! Meu olhar assustado não o abandonava. E meu coração batia, e o suor escorria da minha testa e do meu corpo todo!

E de repente um bem-estar inexprimível me invadiu: um carro de leiteiro, de que conhecia bem a andadura, passou pela avenida, e tive ao mesmo tempo a impressão de que a aurora tentava atravessar as persianas fechadas e um pouco de dia lá fora se misturava à sombra.

E o dia entrou no quarto. E outros carros passaram. E todos os fantasmas da noite se desvaneceram.

Estendi um braço para a mesa, lenta, dissimuladamente. À frente nada se mexeu. Marcava com os olhos a ruga da cortina, o lugar preciso a que tinha de apontar, fiz a conta exata dos movimentos que devia executar e, rapidamente, empunhei o revólver e atirei.

Saltei fora da cama com um grito de libertação e corri para a cortina. A fenda estava furada, a vidraça também. Quanto ao homem, não tinha conseguido atingi-lo... pela boa razão de que não havia ninguém.

Ninguém! Assim, toda a noite, tinha estado hipnotizado pela dobra de uma cortina! E enquanto isso, malfeitores... Raivosamente, num impulso que nada teria detido, virei a chave na fechadura, abri minha porta, atravessei o vestíbulo, abri a outra porta e me arremessei na sala.

Mas um estupor me pregou ao chão, ofegante, atordoado, mais surpreendido ainda do que com a ausência do homem: não havia desaparecido nada. Todas as coisas que supunha furtadas, móveis, quadros, velhos veludos e sedas, todas no seu lugar!

Espetáculo incompreensível — não acreditava nos meus olhos. E a barulheira, os ruídos de mudança? Dei a volta na peça, inspecionei as paredes, fiz o inventário de todos os objetos que conhecia tão bem. Não faltava nada. E o que mais me confundia é que também nada revelasse a passagem dos malfeitores, nem um indício, uma cadeira fora do lugar, a marca de um passo.

"Vejamos", dizia a mim mesmo agarrando a cabeça com as duas mãos, "não sou, no entanto, um louco, eu ouvi bem!".

Polegada a polegada, com os processos de investigação mais minuciosos, examinei a sala. Foi em vão. Ou antes... mas podia considerar isso como

descoberta? Sobre um pequeno tapete persa no soalho, apanhei uma carta de baralho. Um sete de copas, semelhante a todos os sete de copas dos baralhos franceses, mas que me reteve a atenção por um detalhe bem curioso: a ponta de cada uma das sete marcas vermelhas em forma de coração estava furada, num buraquinho redondo e regular feito com uma punção.

Era tudo. Uma carta de baralho e uma carta achada num livro. Fora disso, nada. Seria o suficiente para afirmar que eu não tinha sido o joguete de um sonho?

Durante o resto do dia, continuei as buscas no salão. Era uma peça grande, em desproporção com a exiguidade do imóvel, e cuja decoração atestava o estranho gosto de quem a tinha concebido. O soalho era feito de um mosaico de pecinhas multicores formando grandes desenhos simétricos. O mesmo mosaico recobria as paredes, disposto em painéis: alegorias à Pompeia, composições bizantinas, afrescos da Idade Média. Um Baco cavalgava um tonel. Um imperador, com coroa dourada e barba branca, segurava um gládio na mão direita.

Bem em cima, como num ateliê de pintor, estava a única e ampla janela. Sempre aberta à noite, era provável que os homens tivessem passado por ali, com a ajuda de uma escada. Também nisso não havia certeza. Os braços da escada teriam deixado marcas na terra batida do pátio, e não havia marca alguma. A grama do terreno baldio que cercava a casa deveria estar pisada de fresco, e não estava.

Confesso que não tive a ideia de me dirigir à polícia, tanto os fatos que teria de expor eram inconsistentes e absurdos. Iam rir de mim. Mas dois dias depois saía a minha crônica no *Gil Blas*, onde então escrevia. Obcecado por minha aventura, contei-a por extenso.

O artigo não passou despercebido, mas vi bem que raros o tomavam a sério, considerando-o antes uma fantasia que história real. Os Saint--Martin acharam graça. Daspry, porém, a que não faltava competência nessas matérias, veio me ver, pediu que lhe explicasse a coisa toda e a estudou, mas sem maior sucesso.

Numa das manhãs seguintes, o sininho do portão soou e Antoine veio me avisar que um senhor queria falar comigo. Não desejara dar o nome. Pedi que subisse.

Era um homem de uns quarenta anos, cabelo bem escuro, rosto enérgico, e cujas roupas limpas, mas gastas, mostravam uma preocupação de elegância em contraste com suas maneiras antes vulgares.

Sem preâmbulo, disse-me, numa voz rouca com entonação que me confirmou a situação social do indivíduo:

— Senhor, em viagem, num café, o *Gil Blas* me caiu sob os olhos, e li o seu artigo. Interessou-me muito.

— Agradeço-lhe.

— E voltei.

— Ah!

— Sim, para lhe falar. Todos os fatos que contou são verdadeiros?

— Completamente.

— Não há um único que seja invenção sua?

— Um único.

— Nesse caso, tenho talvez informações a lhe dar.

— Estou ouvindo.

— Não.

— Como não?

— Antes de falar, preciso verificar se são exatos.

— E para verificar?

— É preciso que eu fique sozinho nesta peça.

Olhei-o com surpresa.

— Não vejo bem...

— Foi uma ideia que tive ao ler o artigo. Alguns detalhes coincidem de modo extraordinário com outra aventura que conheci por acaso. Se me enganei, é preferível que me cale. E o único modo de saber é eu ficando sozinho...

Que haveria sob tal proposta? Mais tarde me lembrei de que, ao fazê-la, o homem tinha um ar preocupado, uma expressão fisionômica ansiosa. Mas no momento, embora um tanto espantado, nada achei de particularmente anormal no pedido. E uma curiosidade daquelas era de estimular um autor.

Respondi:

— Certo. De quanto tempo precisa?

— Oh, três minutos, não mais. Em três minutos, irei ter com o senhor.

Saí da peça. Embaixo, puxei o relógio. Passou um minuto. Dois... Por que me sentia opresso? Por que esses instantes me pareciam mais solenes

que outros?

Dois minutos e meio... Dois minutos e três quartos... De repente, soou um tiro. Subi a escada rápido e entrei. Um grito de horror me escapou.

No meio da sala o homem jazia, imóvel, deitado sobre o lado esquerdo. Sangue lhe corria da cabeça, em mistura a detritos do cérebro. Perto de sua mão, um revólver ainda fumegava.

Agitou-o uma convulsão, e foi tudo.

Porém, mais ainda que esse horrível espetáculo, algo me chocou, algo que fez com que não chamasse logo por socorro nem me ajoelhasse para ver se o homem ainda respirava. A dois passos dele, no chão, um sete de copas!

Apanhei-o. As sete pontas das marcas vermelhas tinham buraquinhos...

Meia hora depois, o comissário de polícia de Neuilly chegava; e veio o legista, e o chefe da Sûreté, senhor Dudouis. Eu não havia tocado no cadáver. Nada deve falsear as primeiras constatações.

Foram breves. Tanto mais breves quanto de início nada se descobriu, ou pouca coisa. Nos bolsos do morto, nenhum documento; em seu terno, nenhum nome; em sua roupa interior, nenhuma inicial. Em suma, nenhum indício capaz de estabelecer sua identidade. E na sala a mesma ordem de antes. Os móveis não tinham sido deslocados e os objetos conservavam a posição anterior. No entanto, esse homem não tinha vindo à minha casa com o único objetivo de se matar, julgando que meu domicílio convinha mais que outro ao seu suicídio! Cumpria que um motivo o tivesse determinado a esse ato de desespero e que esse motivo adviesse de um fato novo, averiguado por ele durante os três minutos que passara sozinho.

Que fato? O que tinha visto ou surpreendido? Que espantoso segredo penetrara? Não se podia sequer fazer suposição.

No último momento ocorreu um incidente que nos pareceu de considerável interesse. Quando dois agentes se abaixavam para erguer o cadáver e transportá-lo numa maca, perceberam que a mão esquerda, até o momento fechada numa crispação, descontraiu-se e deixou cair um cartão de visitas amassado.

Nele se lia: *Georges Andermatt, Rua de Berri, 37.*

Que significava? Georges Andermatt era um notável banqueiro parisiense, fundador e presidente da Financiadora de Metais, que deu verdadeiro impulso às indústrias metalúrgicas da França. Vivia em grande estilo, possuindo carruagem, automóvel, cavalos de corrida. Suas festas

eram muito concorridas, e Madame Andermatt era conhecida pela graça e beleza.

— Seria o nome do morto? — murmurei.

O chefe da Sûreté se inclinou:

— Não é ele. O senhor Andermatt é claro e um pouco grisalho.

— Mas por que esse cartão?

— O senhor tem telefone?

— Sim, no vestíbulo. Se quiser me seguir...

Procurou no catálogo e pediu o 415-21.

— O senhor Andermatt está em casa? Por favor, diga-lhe que o senhor Dudouis lhe pede para vir o mais rápido possível ao Boulevard Maillot, 102. É urgente.

Vinte minutos depois, Andermatt descia do seu automóvel. Expuseram-lhe as razões que reclamavam uma intervenção sua e em seguida o levaram ante o cadáver.

Teve um instante de emoção, que lhe contraiu o rosto, e pronunciou em voz baixa, como contra a vontade:

— Étienne Varin.

— Conhece?

— Não... sim, mas apenas de vista. Seu irmão...

— Tem um irmão?

— Sim, Alfred Varin. Esse irmão há tempos veio me pedir... já não lembro o quê...

— Onde mora?

— Os dois irmãos moravam juntos... creio que na Rua de Provence.

— E não tem ideia do motivo por que este aqui se matou?

— Nenhuma.

— E esse cartão que ele tinha entre os dedos?... É o seu, com o seu endereço.

— Não entendo. Trata-se evidentemente de um acaso que o inquérito há de explicar.

"Um acaso de qualquer forma bem curioso", pensei, e senti que todos tínhamos a mesma impressão.

Essa impressão, reencontrei-a nos jornais do dia seguinte e em todos os meus amigos com quem conversei sobre o assunto. Entre os enigmas que o complicavam, depois da dupla e tão desconcertante descoberta daquele sete

de copas sete vezes furado, depois dos dois acontecimentos igualmente surpreendentes de que minha morada fora palco, esse cartão de visita parecia enfim prometer um pouco de luz. Por ele se chegaria à verdade.

Mas, contrariando as previsões, o senhor Andermatt não forneceu nenhuma indicação.

— Disse o que sabia — repisava. — Que querem mais? Sou o primeiro a me admirar de que esse cartão tenha sido achado lá, e como todo mundo espero que esse ponto seja esclarecido.

Não foi. O inquérito estabeleceu que os irmãos Varin, provenientes da Suíça, tinham levado, sob diferentes nomes, uma vida bem movimentada, em más companhias, tendo relações com um bando de estrangeiros que a polícia investigava e que se dispersou depois de uma série de roubos, em que só mais tarde se estabeleceu sua participação. No número 24 da Rua de Provence, onde os irmãos Varin tinham de fato residido seis anos antes, ignorava-se o rumo que depois tinham tomado.

Confesso que, por mim, o assunto parecia tão embrulhado que mal acreditava na possibilidade de solução, esforçando-me em não pensar nela. Mas Jean Daspry, que eu via muito nessa época, apaixonava-se pelo caso cada dia mais.

Foi ele que me mostrou este tópico de um jornal estrangeiro que toda a imprensa reproduzia e comentava:

"Na presença do imperador e num lugar que será mantido em sigilo até o último minuto, serão feitas as primeiras provas de um submarino que deve revolucionar as condições futuras da guerra naval. Por uma indiscrição, ficamos a par de seu nome: *Sete de Copas*."

Sete de Copas? Coincidência, ou devia-se ligar o nome desse submarino às ocorrências narradas? De que natureza seria a ligação? O que se passava aqui poderia se relacionar com o que estava acontecendo lá?

— Que é que sabe disso? — dizia-me Daspry. — Os efeitos mais distantes provêm às vezes de uma causa única.

Dois dias depois, outra notícia nos chegava:

"Afirma-se que os planos do *Sete de Copas*, o submarino que vai ser testado, foram feitos por engenheiros franceses. Esses engenheiros, havendo solicitado em vão o apoio de seus compatriotas, teriam se dirigido, sem maior sucesso, ao Almirantado inglês. Damos estas notícias com reservas."

Não ouso insistir sobre fatos de natureza delicada e que provocaram, como se recorda, uma emoção tão considerável. No entanto, já que todo perigo de complicação está afastado, cumpre que fale do artigo do *Écho de France*, que teve na hora tanta ressonância e lançou sobre o caso do *Sete de Copas*, como o chamavam, algumas clarezas... confusas. Ei-lo, tal como saiu, assinado por Salvator:

"*O CASO DO* SETE DE COPAS*: ERGUIDA UMA PONTA DO VÉU*

Seremos breves. Há dez anos, um jovem engenheiro de minas, Louis Lacombe, querendo consagrar seu tempo e dinheiro aos estudos que fazia, demitiu-se do emprego e alugou, no Boulevard Maillot, 102, uma pequena mansão que um conde italiano tinha recentemente construído e decorado. Por meio de dois indivíduos, os irmãos Varin, de Lausanne, assistindo-o em suas experiências, um como preparador e o outro procurando-lhe sócios comanditários, entrou em relações com o senhor Georges Andermatt, que acabava de fundar a Financiadora de Metais.

Depois de vários encontros, conseguiu interessá-lo num projeto de submarino em que trabalhava e ficou combinado que, dando o definitivo remate à invenção, o senhor Andermatt usaria sua influência para obter do Ministério da Marinha uma série de provas.

Por dois anos, Louis Lacombe frequentou assiduamente a mansão Andermatt e submeteu ao banqueiro os aperfeiçoamentos que acrescentava a seu projeto, até o dia em que, satisfeito com o trabalho, tendo encontrado a fórmula definitiva que procurava, solicitou ao senhor Andermatt que agisse.

Nesse dia, Louis Lacombe jantou em casa dos Andermatt. Saiu pelas onze e meia da noite e desde então não foi mais visto.

Relendo os jornais da época, vê-se que a família do jovem apelou à justiça e buscas foram feitas.

Mas não se chegou a nenhuma certeza e foi em geral admitido que Louis Lacombe, que passava por um jovem original e imaginoso, tivesse viajado sem avisar ninguém.

Aceitamos essa hipótese... inverossímil. Mas persiste uma pergunta, capital para o país: que aconteceu com os planos do submarino? Louis Lacombe levou-os junto, destruiu-os?

Da séria pesquisa que empreendemos, resulta que tais planos existem. Os irmãos Varin os tinham consigo. Como? Ainda não pudemos precisar, assim como não sabemos por que não os venderam antes. Receavam que lhes perguntassem como estavam em sua posse? Em todo caso, esse receio não perdurou, e podemos com certeza afirmar que os planos de Louis Lacombe são propriedade de uma potência estrangeira, pois estamos em condição de publicar a correspondência trocada a esse propósito entre os irmãos Varin e o representante dessa potência. O Sete de Copas, *imaginado por Louis Lacombe, foi construído por nossos vizinhos.*

A realidade responderá às previsões otimistas dos implicados nessa traição? Temos motivos para esperar que não, motivos esses que os fatos, queremos crer, vão confirmar."

E um pós-escrito acrescentava:

"Última hora. — Esperávamos com razão. Nossas informações particulares permitem anunciar que as provas do Sete de Copas *não foram satisfatórias. É bastante provável que aos planos entregues pelos irmãos Varin faltasse o último documento, levado por Louis Lacombe ao senhor Andermatt na noite do desaparecimento, documento indispensável à compreensão total do projeto, espécie de resumo em que se acham as conclusões definitivas sobre as avaliações e as medidas contidas nos outros papéis. Sem esse documento, os planos são imperfeitos, do mesmo modo que, sem os planos, o documento é inútil.*

Portanto, ainda é tempo de agir e retomar o que nos pertence. Para essa difícil tarefa, contamos com o auxílio do senhor Andermatt. Há de levar a peito a explicação da inexplicável conduta que adotou desde o começo. Dirá não apenas por que não contou o que sabia no momento do suicídio de Étienne Varin, mas também por que nunca revelou o desaparecimento de papéis de que tinha conhecimento. Dirá por que, há

seis anos, faz vigiar por agentes pagos os irmãos Varin.

Aguardemos dele não só palavras, mas atos. Senão..."

A ameaça era brutal. Mas em que consistia? Que meio de intimidação Salvator, o autor... anônimo do artigo, possuía sobre Andermatt?

Uma nuvem de jornalistas assaltou o banqueiro e dez deles exprimiram o desprezo com que respondeu àquele equacionamento dos fatos. O colaborador do *Écho de France*, diante disso, retrucou com estas duas linhas: "Queira ou não o senhor Andermatt, ele é, desde já, nosso colaborador na obra que empreendemos".

No dia em que saiu essa réplica, Daspry e eu jantamos juntos. À noite, com os jornais abertos em cima da mesa, discutimos o caso e o examinamos sob todos os ângulos com a irritação que se sente de andar indefinidamente no escuro, topando com os mesmos obstáculos.

Súbito, sem que meu criado me avisasse ou se ouvisse a campainha, a porta se abriu, e uma dama entrou, envolta num véu espesso.

Levantei imediatamente e avancei. Ela me disse:

— É o senhor que mora aqui?

— Sim, mas confesso-lhe...

— O portão para a avenida não estava fechado — explicou.

— E a porta da entrada?

Não respondeu, e pensei que devia ter dado a volta pela escada de serviço. Conhecia então o caminho?

Houve um silêncio um pouco contrafeito. Olhou Daspry. A contragosto, apresentei-o, como teria feito num salão. Pedi que se sentasse e dissesse o motivo de sua visita.

Tirou o véu e vi que era morena, de rosto regular, e, se não muito bonita, ao menos de um extraordinário encanto, que provinha sobretudo dos olhos, graves e dolorosos.

Falou com simplicidade:

— Sou Madame Andermatt.

— Madame Andermatt! — sublinhei, cada vez mais assombrado.

Novo silêncio e ela prosseguiu com voz calma e um ar mais tranquilo:

— Vim a propósito desse caso... que conhecem. Pensei que poderia talvez obter dos senhores algumas informações...

— Meu Deus, só sei o que os jornais contam. Por favor, diga em que lhe posso ser útil.

— Não sei... Não sei...

Apenas aí tive a intuição de que sua calma era fictícia e que, sob a perfeita segurança, escondia-se uma grande perturbação. Calamo-nos, ambos igualmente embaraçados.

Mas Daspry, que não tinha cessado de observá-la, acercou-se e lhe disse:

— Permite, senhora, que lhe faça umas perguntas?

— Ah, sim — exclamou —, desse modo eu falarei.

— Falará... sejam quais forem as perguntas?

— Sejam quais forem.

Ele pensou e disse:

— Conhecia Louis Lacombe?

— Sim, através de meu marido.

— Quando o viu pela última vez?

— Na noite em que jantou conosco.

— Nada então a fez pensar que não o veria mais?

— Nada. Aludiu a uma viagem à Rússia, mas tão vagamente!

— De modo que esperava revê-lo?

— Dois dias depois, para jantar.

— E como explica esse desaparecimento?

— Não explico.

— E o senhor Andermatt?

— Não sei.

— No entanto...

— Não me pergunte sobre esse ponto.

— O artigo do *Écho de France* parece dizer...

— O que parece dizer é que os irmãos Varin não são alheios a esse desaparecimento.

— É a sua opinião?

— Sim.

— Em que se apoia sua convicção?

— Ao nos deixar, Louis Lacombe levava uma pasta com todos os papéis relativos ao seu projeto. Dois dias depois, houve entre meu marido e um dos irmãos Varin, o que está vivo, um encontro em que meu marido teve a

prova de que esses papéis estavam com os dois irmãos.

— E não os denunciou?

— Não.

— Por quê?

— Porque, na pasta, havia outra coisa além dos papéis de Louis Lacombe.

— O quê? — Ela hesitou, à beira de responder; por fim, guardou silêncio. Daspry continuou: — Essa é a causa por que seu marido, sem avisar a polícia, fazia vigiar os dois irmãos. Esperava retomar ao mesmo tempo os papéis e essa coisa... comprometedora, graças à qual os dois irmãos exerciam sobre ele uma espécie de chantagem.

— Sobre ele... e sobre mim.

— Ah! sobre a senhora também?

— Sobre mim principalmente.

Articulou essas três palavras em tom opaco. Daspry a observou, deu uns passos, voltou a ela:

— Escreveu a Louis Lacombe?

— Sem dúvida, dava-se com meu marido...

— Fora das cartas comuns, não escreveu a Lacombe outras? Desculpe a insistência, mas é indispensável que eu saiba toda a verdade. Escreveu outras cartas?

Vermelha, ela murmurou:

— Sim.

— E eram essas cartas que os irmãos Varin tinham?

— Sim.

— O senhor Andermatt sabe?

— Não as viu, mas Alfred Varin o pôs a par de sua existência, ameaçando publicá-las se meu marido agisse contra eles. Meu marido teve medo, recuou diante do escândalo.

— Apenas fez o possível para lhes arrancar as cartas.

— O possível... Ao menos é o que suponho, pois, desde esse encontro com Alfred Varin e algumas palavras violentas em que o comunicou a mim, não houve mais entre nós nenhuma intimidade, nenhuma confiança. Vivemos como dois estranhos.

— Nesse caso, se nada tem a perder, o que receia?

— Apesar da indiferença com que passou a me tratar, sou a que amou, a que poderia ainda amar... oh, estou certa disso! Ele me amaria de novo — murmurou com ardor — se não tivesse se apoderado dessas malditas cartas...

— Como! Como o teria conseguido, se os dois irmãos continuavam a desafiá-lo?

— E até se gabavam, parece, de ter um esconderijo seguro.

— Então?...

— Tenho razões para crer que meu marido descobriu esse esconderijo.

— Vamos... onde?

— Aqui.

Saltei.

— Aqui?

— Sim, e sempre desconfiei. Louis Lacombe, engenhoso, apaixonado por mecânica, divertia-se nas horas vagas em confeccionar cofres e fechaduras. Os irmãos Varin devem ter descoberto e depois utilizado um desses esconderijos para guardar as cartas... e outras coisas também, sem dúvida.

— Mas não moravam aqui — bradei.

— Até sua chegada, há quatro meses, a casa permanecia desocupada. É, pois, provável que voltassem aqui; além disso, devem ter pensado que a sua presença não os perturbaria no dia em que necessitassem retirar seus papéis. Não contavam com meu marido, que, na noite de 22 para 23 de junho, forçou o cofre, pegou... o que procurava e deixou seu cartão para mostrar aos dois irmãos que não tinha mais o que temer deles e que os papéis tinham se invertido. Dois dias após, advertido pelo artigo do *Gil Blas*, Étienne Varin veio aqui às pressas, ficou só neste salão, achou o cofre vazio e se matou.

Um instante, e Daspry perguntou:

— É mera suposição, não é? O senhor Andermatt lhe disse alguma coisa?

— Não.

— Sua atitude a seu respeito não se modificou? Não lhe pareceu mais sombrio, preocupado?

— Não.

— E julga que seria assim, se tivesse achado as cartas?! A meu ver, não as achou. Penso que não foi ele que entrou aqui.

— Quem, então?

— A personagem secreta que conduz esse caso, que lhe manobra os cordões e o dirige a um objetivo que mal entrevemos através de tantas complicações, a personagem de que se sente a ação visível e todo-poderosa desde o primeiro momento. Ele e seus amigos é que entraram nesta mansão em 22 de junho, foi ele que descobriu o esconderijo, foi ele que deixou o cartão do senhor Andermatt, é ele que detém a correspondência e as provas da traição dos irmãos Varin.

— Ele quem? — interrompi, não sem impaciência.

— O colaborador do *Écho de France*, diabo, esse Salvator! Não é de ofuscante evidência? Não dá em seu artigo pormenores que só poderia dar quem estivesse a par dos segredos dos dois irmãos?

— Nesse caso — balbuciou Madame Andermatt, com medo —, ele está também com as minhas cartas, e é ele que ameaça por sua vez meu marido! Que fazer, meu Deus?!

— Escrever-lhe — declarou Daspry com firmeza. — Contar-lhe tudo o que sabe e tudo o que puder lhe informar.

— Que está dizendo?!

— Seu interesse é o mesmo que o dele. Está fora de dúvida que age contra o irmão que ainda vive. Não é contra o senhor Andermatt que busca armas, mas contra Alfred Varin. Ajude-o.

— Como?

— Seu marido tem esse documento que completa e permite utilizar os planos de Louis Lacombe?

— Sim.

— Avise Salvator. Se preciso, trate de lhe achar esse documento. Em suma, corresponda-se com ele. Que é que arrisca?

O conselho era ousado, perigoso mesmo à primeira vista; mas Madame Andermatt praticamente não tinha escolha. Além disso, como notara Daspry, o que arriscaria? Se o desconhecido fosse um inimigo, esse passo não agravaria a situação. Se fosse um estranho que perseguisse uma meta privada, não emprestaria a essas cartas senão uma importância secundária.

Fosse quem fosse, havia aí uma ideia, e Madame Andermatt, em sua confusão, sentiu-se feliz em agarrar-se a ela. Agradeceu-nos muito e

prometeu manter-nos informados.

Dois dias após, com efeito, mandou-nos este bilhete que recebera em resposta: "As cartas não estavam lá. Mas eu as terei, esteja tranquila. Penso em tudo. S.".

Peguei o papel. Era a letra do bilhete que tinham posto no meu livro de cabeceira na noite de 22 de junho.

Daspry tinha, portanto, razão: Salvator era o grande organizador desse caso.

Em verdade, começamos a discernir certos fulgores entre as trevas que nos cercavam e alguns pontos se aclaravam sob uma luz inesperada. Mas quantos outros permaneciam obscuros, como a descoberta dos dois setes de copas! De minha parte, voltava sempre a esse fato, mais intrigado talvez do que era justo por essas cartas, cujos sete sinais vazados tinham chocado meus olhos em circunstâncias tão perturbadoras. Que papel desempenhavam no drama? Que importância se devia atribuir a eles? Que conclusão tirar do fato de que o submarino construído sobre os planos de Louis Lacombe tinha o nome de *Sete de Copas*?

Daspry se ocupava menos com as duas cartas, entregue inteiramente a outro problema, cuja solução lhe parecia mais urgente: procurava sem cansar o famoso esconderijo.

— Quem sabe — dizia — se não vou encontrar as cartas que Salvator não achou, mesmo sem querer? É pouco provável que os irmãos Varin tenham tirado de um lugar que supunham inacessível a arma de que sabiam o inestimável valor.

E procurava. Não tendo já a grande sala segredos para ele, estendeu a pesquisa a todas as outras peças da casa. Examinava, por dentro e por fora, as pedras e os tijolos das paredes, as ardósias do teto.

Um dia, chegou com uma enxada e uma pá; deu-me a pá, ficou com a enxada e, indicando o terreno baldio:

— Vamos.

Segui-o sem entusiasmo. Dividiu o terreno em várias seções que inspecionou sucessivamente. Mas, num canto, no ângulo formado pelos muros de dois proprietários vizinhos, um ajuntamento de cascalhos e seixos, cobertos de espinhos e vegetação rasteira, chamou-lhe a atenção. Atacou-o.

Tive de ajudá-lo. Por uma hora, em pleno sol, penamos inutilmente. Mas, afastadas as pedras, quando chegamos à terra e a fomos abrindo, logo a enxada de Daspry pôs uns ossos à vista, um resto de esqueleto, em volta do qual se desfiavam ainda trapos de roupa.

Súbito me senti empalidecer. Percebi cravada na terra uma plaquinha de ferro, cortada em forma de retângulo e em que me pareceu distinguir manchas vermelhas. Abaixei-me. Era bem isso: a placa tinha as dimensões de uma carta de baralho, e as manchas vermelhas, de um zarcão meio roído, eram em número de sete e furadas em cada uma das sete extremidades.

— Olhe, Daspry, já não aguento todas essas histórias. Melhor para você, se lhe interessam. Mas eu desisto.

Era a emoção? A fadiga de um trabalho feito sob um sol forte demais? O certo é que saí cambaleando e tive de ir para a cama, onde fiquei quarenta e oito horas, ardendo em febre, obcecado por esqueletos que dançavam em volta de mim e atiravam à cabeça uns dos outros corações sanguinolentos.

Daspry me foi fiel. Concedeu-me por dia três ou quatro horas, que passou, é verdade, no salão, a remexer, bater, dar pancadinhas.

— As cartas estão aí, nessa peça — vinha às vezes me dizer —, estão aí. Ponho a mão no fogo.

— Deixe-me em paz — respondia, horrorizado.

No terceiro dia de manhã, levantei-me, bem fraco ainda, mas curado. Um almoço lauto me reconfortou. E um telegrama, que recebi pelas cinco horas, contribuiu mais que nada para o meu completo restabelecimento, tanto minha curiosidade foi, de novo e a despeito de mim mesmo, estimulada. A carta continha estas palavras:

"Senhor,

O drama, cujo primeiro ato se passou na noite de 22 para 23 de junho, chega a seu desenlace. A própria força das coisas exige que ponha em presença uma da outra as duas principais personagens desse drama e que essa confrontação tenha lugar em sua casa, e eu lhe serei infinitamente grato se me emprestar seu domicílio para a noite de hoje. Seria bom que, das nove às onze horas, seu criado fosse afastado, e preferível que o senhor mesmo tivesse a bondade de deixar o campo livre

aos dois adversários. Na noite de 22 para 23 de junho, pôde dar-se conta do meu escrúpulo em respeitar tudo o que lhe pertence. De minha parte, julgaria injuriá-lo se duvidasse um instante de sua perfeita discrição em relação a quem se assina seu dedicado

Salvator.”

Havia na carta um tom de ironia cortês e, no pedido que fazia, uma imaginação tão vivaz que me deleitou. Era de uma cativante desenvoltura, e meu correspondente parecia tão certo da minha aquiescência! Por nada do mundo desejaria decepcioná-lo ou responder à sua confiança com ingratidão.

Às oito horas, meu criado, a quem dera uma entrada de teatro, saiu, e Daspry chegou. Mostrei-lhe a carta.

— E agora? — disse.

— Agora deixo aberto o portão do jardim para que possam entrar.

— E vai sair?

— Nunca na vida!

— Mas se lhe pediram...

— Pediram-me discrição. Serei discreto. Mas faço uma furiosa questão de ver o que vai se passar.

Daspry se pôs a rir.

— Palavra que tem razão, e fico também. Tenho ideias de que não nos enfadaremos. — A campainha o interrompeu. — Eles, já? — murmurou. — Vinte minutos adiantados! Impossível.

Do vestíbulo, puxei a cordinha que abria o portão. Um vulto de mulher atravessou o jardim: Madame Andermatt.

Parecia transtornada e foi a ofegar que balbuciou:

— Meu marido... vem aí... tem um encontro... devem lhe dar as cartas...

— Como sabe? — disse-lhe.

— Um acaso, por um recado que recebeu durante o jantar.

— Uma pneumática?

— Por telefone. O criado me entregou por engano. Meu marido pegou o recado imediatamente, mas era tarde, eu o tinha lido.

— Leu...

— Isto mais ou menos: "Às nove, esta noite, esteja no Boulevard Maillot com os documentos relativos ao caso. Em troca, as cartas". Depois do jantar, subi a meu quarto e saí.

— Sem que o senhor Andermatt soubesse?

— Sim.

Daspry me olhou.

— Que acha?

— O mesmo que você: que o senhor Andermatt é um dos adversários convocados.

— Por quem e com que fim?

— É precisamente o que iremos saber.

Levei-os ao salão.

Podíamos justamente ficar os três sob o manto da lareira e nos esconder atrás da tapeçaria de veludo. Aí nos instalamos, e Madame Andermatt se sentou entre nós dois. Pelas fendas da cortina dominávamos a peça inteira.

Bateram as nove horas. Minutos mais tarde o portão do jardim rangeu nos gonzos.

Não deixava de sentir certa angústia, e uma febre nova me excitava. Estava à beira de conhecer a chave do enigma! A aventura desconcertante, cujas peripécias se sucediam diante de mim há semanas, ia enfim tomar seu verdadeiro sentido, e sob meus olhos se daria a batalha.

Daspry pegou na mão de Madame Andermatt e murmurou:

— Acima de tudo, nenhum movimento! Seja o que for que ouvir ou vir, permaneça impassível.

Alguém entrou. E reconheci logo, pela grande parecença com Étienne Varin, seu irmão Alfred. O mesmo andar pesado, o mesmo rosto ocre invadido pela barba. Tinha o ar preocupado de um homem que costuma temer emboscadas à sua volta, que as fareja e evita. De um golpe de vista percorreu a peça, e tive a impressão de que a lareira tapada por veludo lhe desagradara. Deu três passos em direção a nós, mas uma ideia, mais imperiosa sem dúvida, desviou-o. Foi à parede, parou diante do velho rei em mosaico, de barba branca e gládio chamejante, e o examinou longamente, subindo numa cadeira, seguindo com o dedo o contorno dos ombros e do rosto, apalpando alguns lugares da imagem.

Bruscamente saltou da cadeira e se afastou da parede — ressoaram passos. No umbral, surgiu o senhor Andermatt.

O banqueiro deu um grito de surpresa:

— Você! Você! Foi você que me chamou?

— Eu? Absolutamente — protestou Varin com uma voz rouca que lembrava a do irmão. — A sua carta é que me fez vir.

— Minha carta!

— Uma carta com sua assinatura, em que me oferecia...

— Não lhe escrevi.

— Não me escreveu!

Instintivamente Varin se pôs em guarda, não contra o banqueiro, mas contra o inimigo desconhecido que o atraíra àquela armadilha. Uma segunda vez, seus olhos viraram para o nosso lado e, rápido, dirigiu-se à porta.

Andermatt lhe barrou a passagem.

— Que vai fazer, Varin?

— Atrás disso há planos que não me agradam. Vou embora. Boa noite.

— Um instante!

— Vamos, senhor Andermatt, não insista, não temos nada a nos dizer.

— Temos muito a nos dizer, e a ocasião é excelente...

— Deixe-me passar.

— Não, não, não passará.

Varin recuou, intimidado pela atitude resoluta do banqueiro, e remoeu:

— Então, ligeiro, falemos, e que isto acabe!

Algo me surpreendia, e não duvidava de que meus companheiros tivessem a mesma decepção. Como era possível que Salvator não estivesse presente? Em seus projetos pretenderia não intervir, considerando que a mera confrontação do banqueiro e de Varin bastasse? Eu estava perturbado. Em sua ausência, este duelo, combinado por ele, querido por ele, ganhava o aspecto trágico dos acontecimentos que a ordem rigorosa do destino suscita e comanda, e a força que impelia os dois homens um contra o outro causava ainda maior impressão por residir fora deles. Num instante Andermatt se aproximou de Varin e, bem à sua frente, olhando-o nos olhos, falou:

— Agora que anos transcorreram e não tem mais nada a temer, responda-me francamente, Varin. O que fez de Louis Lacombe?

— Que pergunta! Como se eu pudesse saber o que aconteceu a ele!

— Você sabe! Sabe! Seu irmão e você eram ligadíssimos a ele, viviam quase em sua casa, nesta mesma em que estamos. Acompanhavam todos os seus trabalhos, todos os seus projetos. E, na última noite, Varin, quando levei Louis Lacombe até a porta, vi dois vultos ocultar-se na sombra. Isso estou pronto a jurar.

— Jure, e daí?

— Era o seu irmão e você, Varin.

— Prove.

— A melhor prova é que dois dias depois você mesmo me mostrou os papéis e os planos que tinham tirado da pasta de Lacombe e queriam que eu comprasse. Como esses papéis estariam com vocês?

— Mas eu lhe disse, senhor Andermatt: nós os encontramos na mesa de Lacombe na manhã do dia seguinte ao seu desaparecimento.

— Não é verdade.

— Prove.

— A justiça teria podido provar.

— Por que não se dirigiu a ela?

— Por quê? Ah, por quê!... — Calou-se, com ar sombrio.

O outro continuou:

— O senhor vê, se tivesse a menor certeza, não seria a pequena ameaça que lhe fizemos que impediria...

— Que ameaça? As cartas? Será que pensou que acreditei nelas em algum instante?...

— Se não acreditou, por que me ofereceu milhares de francos para reavê-las? E por que, depois, nos perseguiu como animais, a meu irmão e a mim?

— Para retomar os planos que desejava.

— Vamos! Era pelas cartas. Uma vez na posse delas, o senhor nos denunciaria. Assim que me desfizesse delas! — Deu uma risada que interrompeu secamente. — Mas chega. Podemos repetir indefinidamente as mesmas palavras sem avançar nada. Portanto, fiquemos por aqui.

— Não ficaremos — disse o banqueiro. — E, já que falou das cartas, não sairá daqui antes de entregá-las.

— Sairei.

— Não, não.

— Senhor Andermatt, ouça, eu o aconselho...

— Não sairá.

— É o que veremos — disse Varin num tal ímpeto de raiva que Madame Andermatt abafou um débil grito.

Deve ter ouvido, pois quis passar à força. Andermatt o empurrou com violência. Então vi que Varin metia a mão no bolso do casaco.

— Pela última vez!

— Primeiro as cartas.

Varin puxou o revólver e apontou-o ao outro.

— Sim ou não?

O banqueiro se abaixou depressa.

Um tiro detonou. A arma caiu.

Fiquei estupefato. Do meu lado saíra o tiro! Daspry, com a bala de uma pistola, tinha feito saltar a arma de Alfred Varin! E, de pé subitamente entre os dois adversários, virado para Varin, ria:

— Tem sorte, meu amigo, muita sorte. Era a mão que eu visava e foi o revólver que atingi. — Os dois o contemplavam, imóveis e confundidos. Ele disse ao banqueiro: — Desculpe por me meter no que não me diz respeito. Mas realmente faz o seu jogo com muita inabilidade. Deixe-me pegar as cartas. — Virando-se para o outro: — É entre nós dois, camarada. E sem subterfúgios, peço-lhe. O trunfo é copas e jogo o sete.

E, a dez centímetros do nariz, exibiu-lhe a placa de ferro com os sete pontos vermelhos marcados.

Nunca tinha visto um transtorno semelhante. Lívido, com os olhos arregalados, os traços torcidos de angústia, o homem parecia hipnotizado pela imagem que a ele se oferecia.

— Quem é você? — balbuciou.

— Já disse, um senhor que se mete no que não lhe concerne... mas se mete a fundo.

— Que deseja?

— Tudo o que trouxe.

— Não trouxe nada.

— Trouxe, sem o que não teria vindo. Recebeu esta manhã um bilhete chamando-o aqui às nove horas e ordenando-lhe que trouxesse todos os papéis que tinha. Ora, está aqui. Onde estão os papéis? — Havia na voz e na atitude de Daspry uma autoridade que me surpreendia, uma maneira de agir inteiramente nova neste homem antes descuidado e doce no

convívio, comum.

Domado, Varin apontou um de seus bolsos.

— Os papéis estão aqui.

— Todos?

— Sim.

— Todos os que achou na pasta de Louis Lacombe e vendeu ao Major Von Lieben?

— Sim.

— A cópia ou o original?

— O original.

— Quanto quer?

— Cem mil.

Daspry deu uma gargalhada.

— Está louco. O major não lhe deu mais que vinte mil. Vinte mil jogados fora, já que as provas não tiveram êxito.

— Não souberam servir-se dos planos.

— Estão incompletos.

— Então por que os pede?

— Preciso deles. Ofereço-lhe cinco mil francos. Nem um níquel a mais.

— Dez mil. Nem um níquel a menos.

— De acordo. — Daspry voltou a Andermatt: — Queira assinar um cheque, senhor.

— Mas... é que eu não tenho...

— Seu talão? Ei-lo.

Pasmado, Andermatt apalpou o talão que lhe estendia Daspry.

— É o meu mesmo... Como é possível?

— Nada de palavras inúteis, peço-lhe, caro senhor, tem apenas que assinar. — O banqueiro tirou a caneta e assinou. Varin estendeu a mão. — Abaixe a patinha — disse Daspry —, que ainda não terminei. E, dirigindo-se ao banqueiro: — Falavam também de umas cartas que o senhor exigia?

— Sim, um maço de cartas.

— Onde estão, Varin?

— Não as tenho.

— Onde estão, Varin?

— Ignoro. Meu irmão é que se encarregou disso.

— Estão escondidas aqui, nesta peça.

— Nesse caso, sabe onde estão.

— Como saberia?

— Ora, não foi você que mexeu no esconderijo? Parece tão bem informado... quanto Salvator.

— As cartas não estão no esconderijo.

— Estão.

— Abra-o.

Varin teve um olhar de desconfiança. Daspry e Salvator eram a mesma pessoa, como tudo fazia crer? Se era assim, nada arriscava mostrando um esconderijo já conhecido. Senão, era inútil...

— Abra — repetiu Daspry.

— Não tenho um sete de copas.

— Tem, este — disse Daspry estendendo-lhe a placa de ferro.

Varin recuou aterrado.

— Não... não... não quero...

— Por isso não seja a dúvida.

Daspry foi ao velho monarca de barba branca, subiu numa cadeira e aplicou o sete de copas no início do gládio, contra a defesa, e de modo que os bordos da placa recobrissem exatamente os dois bordos da espada. Depois, com ajuda de uma punção, bateu em cada um dos sete buracos na extremidade dos sete corações e fez pressão sobre sete das pequenas pedras de mosaico. Calcada a sétima, produziu-se um deslocamento e todo o busto do rei girou, desvelando uma ampla abertura em forma de cofre, com revestimentos de ferro e duas prateleiras de aço luzidio.

— Está vendo, Varin? O cofre está vazio.

— De fato... meu irmão com certeza retirou as cartas.

Daspry aproximou-se do homem e lhe disse:

— Não queira ser mais sabido que eu. Há outro esconderijo. Onde?

— Não há.

— É dinheiro o que quer? Quanto?

— Dez mil.

— Senhor Andermatt, essas cartas valem para o senhor dez mil francos?

— Sim — disse o banqueiro com voz firme.

Varin fechou o cofre, pegou o sete de copas, não sem uma visível repugnância, aplicou-o no gládio, contra a defesa, bem no mesmo lugar. Bateu a punção nas pontas das sete copas e houve um segundo

deslocamento, mas desta vez, coisa inesperada, apenas uma parte do cofre girou, exibindo um cofrezinho feito na espessura da porta que fechava o maior. O maço de cartas estava ali, atado por um barbante e lacrado. Varin o deu a Daspry. Este perguntou:

— Está pronto o cheque, senhor Andermatt?

— Sim.

— E está também com o último documento que recebeu de Louis Lacombe e que completa os planos do submarino?

— Sim.

Fez-se a troca. Daspry embolsou o documento e o cheque e ofereceu o maço a Andermatt.

— Eis o que o senhor desejava.

O banqueiro hesitou um momento, como se receasse tocar naquelas folhas malditas que buscara com tanta acrimônia. Logo, num gesto nervoso, pegou-as.

A meu lado, ouvi um gemido. Segurei a mão de Madame Andermatt: estava gelada. Daspry disse ao banqueiro:

— Creio que nossa conversa terminou. Oh! Nada de agradecimentos, peço-lhe. Só a sorte permitiu que lhe pudesse ser útil.

Andermatt retirou-se. Levava as cartas de sua mulher a Louis Lacombe.

— Que maravilha — disse Daspry com um ar encantado —, tudo se resolve pelo melhor! Só nos falta encerrar nosso negócio, camarada. Tem os papéis?

— Estão todos aqui.

Daspry folheou-os, examinando com atenção, e os pôs no bolso.

— Perfeito, você manteve a palavra.

— Mas...

— Mas quê?

— Os dois cheques?... O dinheiro?...

— Bem, você tem peito, criatura. Ousa reclamar!

— Reclamo o que me é devido.

— Então devem-lhe alguma coisa por papéis que roubou?

O homem parecia fora de si. Tremia de cólera, com os olhos injetados de sangue.

— O dinheiro... os vinte mil... — gaguejava.

— Impossível... tenho em que empregá-los.

— O dinheiro!...

— Vamos, seja razoável e deixe o seu punhal quietinho. — Agarrou--lhe o braço tão brutalmente que o outro uivou de dor, e acrescentou: — Vá embora, camarada, o ar livre lhe fará bem. Quer que o acompanhe? Iremos pelo terreno baldio e lhe mostrarei um monte de cascalho sob o qual...

— Não é verdade! Não é verdade!

— Mas sim, é certo. Esta plaquinha de ferro com sete pontos vermelhos veio de lá. Louis Lacombe não a largava nunca, lembra? Seu irmão e você a enterraram com o cadáver... e com outras coisas que interessariam demais à justiça.

Varin tapou o rosto com as mãos raivosas. Em seguida, pronunciou:

— Está bem. Fui passado para trás. Não falemos mais nisso. Uma palavra ainda, uma apenas, queria saber...

— Estou ouvindo.

— Havia no cofre, no maior dos dois, uma caixinha?

— Sim.

— Quando veio na noite de 22 para 23 de junho, ela estava ali?

— Estava.

— E continha...?

— Tudo o que os irmãos Varin tinham posto nela: uma bonita coleção de joias, diamantes e pérolas, recolhidos em toda parte pelos mencionados irmãos.

— E ficou com ela?

— Claro! Ponha-se no meu lugar!

— Então... foi ao dar com o sumiço da caixinha que meu irmão se matou?

— Provavelmente. A desaparição da correspondência de vocês com o Major Von Lieben não teria sido suficiente. Mas a da caixinha... é tudo o que tinha a me perguntar?

— Isto ainda: o seu nome?

— Diz isso como se tivesse ideias de vingança.

— Ora! A sorte muda. Hoje é o mais forte. Amanhã...

— Será você...

— Conto com isso. Seu nome?

— Arsène Lupin.

— Arsène Lupin!

O homem cambaleou, desancado por uma desgraça imprevista. Dir-se-ia que essas duas palavras lhe haviam tirado toda esperança. Daspry riu.

— Ah, imaginava que um senhor Durant ou Dupont teria podido montar toda esta bela situação? Vamos, era preciso ao menos um Arsène Lupin. E agora que está informado, menino, vá preparar sua vingança. Arsène Lupin o espera.

E o empurrou para fora, sem mais palavras.

— Daspry, Daspry! — gritei, dando-lhe ainda, involuntariamente, o nome com que o conhecera. Afastei a cortina de veludo. Acorreu.

— Quê? O que houve?

— Madame Andermatt está mal.

Apressou-se, fê-la respirar sais e, cuidando dela, perguntou-me:

— Bem, o que é que houve?

— As cartas — disse-lhe —, as cartas de Louis Lacombe que deu ao seu marido!

Ele bateu na testa.

— Ela pensou que eu tivesse feito isso... Sim, afinal, podia pensar. Imbecil que fui!

Reanimada, Madame Andermatt o ouviu avidamente. Tirou de sua carteira um pequeno maço em tudo semelhante ao que levara o senhor Andermatt.

— Estão aqui as suas cartas, as verdadeiras.

— Mas... as outras?

— As outras são estas mesmas, mas recopiadas por mim esta noite e cuidadosamente revisadas. Seu marido ficará tanto mais contente em lê-las quanto não desconfiará da substituição, já que tudo pareceu se passar sob seus olhos.

— A letra...

— Não há letra que não se possa imitar.

Ela lhe agradeceu, com palavras de reconhecimento que teria dirigido a um homem de seu mundo, e vi bem que não ouvira as últimas frases trocadas entre Varin e Arsène Lupin.

Eu o olhava não sem embaraço, não sabendo o que dizer ao amigo que se revelara a uma luz tão inesperada. Lupin! Era Lupin! Meu companheiro de roda não era outro senão Lupin! Não voltava a mim. Mas ele, muito à vontade:

— Pode se despedir de Jean Daspry.

— Ah!

— Sim, Jean Daspry vai viajar. Vou mandá-lo ao Marrocos, onde é muito possível que ache um fim digno dele. Confesso mesmo que é a sua intenção.

— Mas Arsène Lupin ficará conosco?

— Oh! Mais do que nunca. Arsène Lupin está ainda no início de sua carreira e confia no futuro.

Um movimento de irresistível curiosidade me lançou a ele e o levei a alguma distância de Madame Andermatt:

— Acabou então descobrindo o segundo escaninho, em que se achava o maço de cartas?

— Como me deu trabalho! Só consegui ontem à tarde, quando você estava de cama. No entanto, sabe Deus como era fácil! Mas as coisas mais simples são aquelas em que pensamos por último. — E mostrando-me o sete de copas: — Tinha descoberto que, para abrir o cofre grande, devia apoiar esta carta contra o gládio do homenzinho de mosaico...

— Como descobriu?

— Fácil. Por minhas informações privadas, sabia, ao vir aqui na noite do dia 22...

— Depois de me ter deixado...

— Sim, e depois de o pôr com conversas escolhidas, num estado de espírito tal, que um tipo nervoso ou impressionável como você devia fatalmente me deixar agir à vontade, sem sair da cama.

— O raciocínio era justo.

— Sabia, ao vir aqui, que havia uma caixinha escondida num cofre com fechadura secreta, e que o sete de copas era a chave, a solução dessa fechadura. Era necessário somente aplicar esse sete num lugar que lhe fosse visivelmente reservado. Uma hora de busca me bastou.

— Uma hora!

— Observe o homenzinho de mosaico.

— O velho imperador?

— Esse velho imperador é a representação exata do rei de copas de todos os baralhos, Carlos Magno.

— De fato... Mas por que o sete de copas abria tanto o cofre grande como o pequeno? E por que abriu primeiro o cofre grande?

— Por quê? Por me obstinar sempre em colocar o meu sete de copas no mesmo sentido. Só ontem percebi que o virando, isto é, pondo o sétimo ponto, o do meio, para cima em vez de para baixo, a disposição dos sete pontos se modificava.

— Ora!

— Ora, por certo, mas era preciso pensar nisso.

— Outra coisa: ignorava a história das cartas antes que Madame Andermatt...

— Falasse nelas na minha frente? Sim. Não achara no cofre, além da caixinha, senão a correspondência dos dois irmãos, correspondência que me pôs no rastro da traição deles.

— Em suma, foi por acaso que conseguiu de início reconstituir a história dos dois irmãos, procurando depois os planos e documentos do submarino?

— Por acaso.

— Com que objetivo os procurou?

Daspry me interrompeu rindo:

— Meu Deus! Como este caso lhe interessa!

— Ele me apaixona.

— Bem, logo que tiver levado de volta Madame Andermatt e enviado ao *Écho de France* uma noticiazinha que vou escrever, regresso e entramos em pormenores.

Sentou-se e escreveu uma daquelas lapidares notinhas com que se divertia sua fantasia. Quem não recorda a ressonância que esta teve no mundo inteiro?

"Arsène Lupin resolveu o problema que Salvator colocou recentemente. De posse de todos os documentos e planos originais do engenheiro Louis Lacombe, ele os fez chegar às mãos do ministro da Marinha. Neste momento, abre uma subscrição com o fim de oferecer ao Estado o primeiro submarino construído segundo esses planos. E ele próprio abre essa subscrição com a soma de vinte mil francos."

— Os vinte mil francos dos cheques do senhor Andermatt? — disse-lhe, quando me deu o papel para ler.

— Exatamente. É justo que Varin resgate em parte a sua traição.

Foi assim que conheci Arsène Lupin. Assim soube que Jean Daspry, companheiro de roda, relação social, era Arsène Lupin, ladrão de casaca. Assim criei laços de amizade muito agradáveis com o nosso grande homem

e, pouco a pouco, graças à confiança com que tem querido me honrar, tornei-me o seu muito humilde, fiel e reconhecido biógrafo.

O cofre de Madame Imbert

Às três da manhã, havia ainda uma meia dúzia de veículos diante de um dos hoteizinhos de pintores que compõem o único lado do Boulevard Berthier. A porta de um deles se abriu. Um grupo de convidados, homens e mulheres, saía. Quatro veículos partiram para um lado e outro e só ficaram na avenida dois senhores que se despediram na esquina da Rua de Courcelles, onde um deles morava. O outro decidiu voltar a pé até a Porte Maillot.

Atravessou a Avenida de Villiers e seguiu pela calçada oposta, em direção às fortificações. Na bela noite de inverno, pura e fria, era um prazer andar. Respirava-se bem. O ruído dos passos soava alegre.

Mas, ao fim de minutos, teve a desagradável impressão de que o seguiam. Virando-se, notou a sombra de um homem que deslizava entre as árvores. Não era medroso, porém apressou o passo para chegar mais ligeiro ao posto fiscal de Ternes. Mas o homem começou a correr. Preocupado, julgou mais prudente enfrentá-lo e puxar o revólver.

Não teve tempo: o homem lançou-se a ele com violência, e uma luta se iniciou na avenida deserta, luta corporal em que sentiu logo que levava a pior. Gritou por socorro, debateu-se, foi derrubado em cima de umas pedras, enquanto o outro lhe apertava a garganta. Seu adversário lhe meteu um lenço na boca, amordaçando-o. Seus olhos se fecharam, seus ouvidos zuniam, ia perder os sentidos quando, de repente, o aperto afrouxou e o homem que o sufocava com seu peso se ergueu para se defender, por sua vez, de um ataque imprevisto.

Uma bengalada nos pulsos, um pontapé no tornozelo... O homem soltou dois grunhidos de dor e fugiu capengando e praguejando.

Sem se dignar a persegui-lo, o recém-chegado se inclinou e disse:

— Está ferido, senhor?

Não estava, mas, sim, atordoado e incapaz de se pôr de pé. Felizmente, um dos empregados do posto, atraído pelos gritos, acorreu. Pediram um carro. Subiu a ele, acompanhado de seu salvador, e foi levado à sua casa, na Avenida de La Grande-Armée.

Diante da porta, restabelecido, confundiu-se em agradecimentos.

— Devo-lhe a vida, senhor, acredite que não esquecerei. Não desejo assustar minha mulher neste momento, mas faço questão que ela lhe expresse pessoalmente, ainda hoje, minha gratidão.

Pediu-lhe que viesse almoçar e apresentou-se — Ludovic Imbert —, acrescentando:

— Posso saber a quem tenho a honra...

— Mas certamente! — disse o outro. E se apresentou: — Arsène Lupin.

Lupin não gozava ainda da celebridade que lhe valeu o caso Cahorn, sua evasão da Santé e tantas outras rumorosas aventuras. Nem mesmo se chamava Arsène Lupin. Esse nome, a que o futuro reservava tanto brilho, foi especialmente imaginado para designar o salvador do senhor Imbert, e pode-se dizer que foi nesse caso que recebeu seu batismo de fogo. Pronto para a luta, é certo, já com todas as peças funcionando, mas sem recursos, sem a autoridade que dá o sucesso, Arsène Lupin não passava de aprendiz numa profissão em que logo se tornaria um mestre.

Assim, que arrepio de alegria quando ao acordar se lembrou do convite da madrugada! Enfim chegava à meta! Enfim empreendia uma obra digna de suas forças e de seu talento! Os milhões dos Imbert, que presa magnífica para um apetite como o seu!

Preparou-se especialmente: sobrecasaca no fio, calça gasta, chapéu de seda tisnado, punhos e colarinho falso desfiados, tudo muito limpo, mas cheirando a miséria. Como gravata, uma fita negra alfinetada por um diamante de vidro. Trajado assim irrisoriamente, desceu a escada do alojamento que ocupava em Montmartre. No terceiro andar, sem se deter, bateu com o castão da bengala numa porta fechada. Saindo, dirigiu-se a uma avenida onde passava um bonde. Tomou lugar e alguém que caminhava atrás dele, o inquilino do terceiro andar, sentou-se a seu lado.

Ao fim de um instante, esse homem lhe disse:

— E então, patrão?

— Bem, está feito.

— Como?

— Almoço lá.

— Almoça lá!

— Você não queria, espero, que eu gastasse gratuitamente dias tão preciosos como os meus, não é? Arranquei o senhor Ludovic Imbert da morte certa que você lhe reservava. O senhor Ludovic Imbert é uma natureza agradecida. Ele me convida para almoçar.

Um silêncio e o outro arriscou:

— E não vai desistir?

— Meu caro — disse Arsène —, se arranjei aquela pequena agressão noturna, se me dei ao trabalho, às três da manhã, ao longo das fortificações, de bater-lhe com a bengala nos braços e com o pé na canela, com o risco de prejudicar o meu único amigo, não é para renunciar agora à vantagem de um salvamento tão bem organizado.

— E as más notícias que correm sobre a fortuna...

— Deixe que corram. Há seis meses persigo esse negócio, há seis meses que me informo, estudo, estendo as minhas redes, interrogo criados, agiotas e testas e ferro, seis meses que vivo à sombra do marido e da mulher. Portanto, sei a que me ater. Que a fortuna provenha do velho Brawford, como pretendem, ou de outra fonte, não importa; afirmo que ela existe. E, visto que existe, já é minha.

— Puxa, cem milhões!

— Digamos dez, ou mesmo cinco, não importa! Há grossos maços de títulos no cofre. Será o diabo se um dia desses eu não puser a mão na chave.

O bonde parou na Place de l'Étoile. O homem murmurou:

— Assim, já?

— Por enquanto, não há nada a fazer. Eu o avisarei quando chegar o momento. Temos tempo.

Cinco minutos depois, Arsène Lupin subia a suntuosa escada da mansão Imbert, e Ludovic o apresentou à esposa. Gervaise era uma mulher simpática, pequena, redondinha, conversadeira. Deu a Lupin a melhor acolhida.

— Quis que festejássemos sozinhos o nosso salvador — disse.

E de saída trataram o “nosso salvador” como um velho amigo. À sobremesa, a intimidade era completa e faziam-se confidências. Arsène narrou sua vida, a de seu pai, íntegro magistrado, as tristezas de sua infância, as dificuldades do presente. Gervaise, por sua vez, falou de sua juventude, do casamento, das bondades do velho Brawford, dos cem milhões que herdara, dos obstáculos que atrasavam a entrada no gozo dessa riqueza, dos empréstimos que teve de contrair com taxas exorbitantes, das intermináveis disputas com os sobrinhos de Brawford, e as contestações, os sequestros, tudo enfim!

— Imagine, senhor Lupin, que os títulos estão aí ao lado, no escritório de meu marido, e, se destacamos um único cupom, perdemos tudo! Estão aí, no nosso cofre, e não podemos tocar neles.

Um leve frêmito sacudiu senhor Lupin à ideia dessa proximidade. E ele teve a sensação bem clara de que o senhor Lupin nunca possuiria tanta elegância de alma para sentir os mesmos escrúpulos da boa senhora.

— Ah! estão aí — murmurou, de garganta seca.

— Estão.

Relações tão bem começadas só podiam criar laços estreitos. Delicadamente interrogado, Arsène Lupin confessou sua pobreza, sua angústia. Na hora, o infeliz rapaz foi nomeado secretário particular dos dois cônjuges, recebendo cento e cinquenta francos por mês. Continuaria a morar onde estava, mas viria a receber diariamente ordens e tarefas e, para maior comodidade, ficava à sua disposição, como gabinete de trabalho, um dos quartos do segundo andar.

Escolheu um que, por sorte, ficava bem em cima do escritório de Ludovic...

Arsène não demorou a notar que seu cargo de secretário lembrava muito uma sinecura. Em dois meses, teve apenas quatro cartas insignificantes para copiar e não foi chamado mais que uma vez ao escritório do patrão, o que lhe permitiu contemplar oficialmente o cofre somente uma vez. Além disso, observou que o titular dessa sinecura não devia ser julgado digno de figurar ao lado do deputado Anquety, ou do chefe de advogados Grouvel, pois se omitiram de convidá-lo às famosas recepções sociais.

Não se queixou, preferindo guardar seu modesto lugarzinho à sombra, e manteve-se distante, feliz e livre. Aliás, não perdia tempo. Fez algumas

visitas clandestinas ao escritório de Ludovic, apresentando seus respeitos ao cofre, que nem por isso deixava de continuar hermeticamente fechado. Era um bloco enorme de ferro fundido e aço, de aspecto rebarbativo e contra o qual não prevaleceriam nem limas, nem verrumas, nem pés de cabra.

Arsène Lupin não era cabeçudo.

"Onde a força falha, a astúcia vence", pensava. "O essencial é um olho e um ouvido no objetivo".

Tomou, pois, as medidas necessárias e, depois de minuciosas e cansativas sondagens no soalho do seu quarto, meteu o tubo de chumbo que ia dar no forro do escritório entre duas molduras da cornija. Pelo tubo, que servia de binóculo e concha acústica, esperava ver e ouvir.

Desde aí viveu deitado de barriga no soalho. E, de fato, viu muitas vezes os Imbert em conferência diante do cofre, consultando registros e folheando dossiês. Quando giravam sucessivamente os quatro botões que comandavam a fechadura, procurava, para descobrir a cifra, contar o número de encaixes que passavam. Espreitava seus gestos, suas palavras. Que faziam da chave, escondiam-na?

Um dia, desceu às pressas, tendo-os visto sair da peça sem fechar o cofre. Entrou resolutamente e eles estavam de volta.

— Oh, desculpem — disse —, enganei-me de porta.

Mas Gervaise se precipitou, atraindo-o:

— Entre, senhor Lupin, entre, não está em sua casa? Vai nos dar um conselho. Que títulos devemos vender, do Exterior ou da Renda?

— Mas e a contestação? — objetou Lupin, surpreendido.

— Oh! Não abarca todos os títulos.

Ela abriu o batente. Nas prateleiras se amontoavam pastas presas por tiras. Agarrou uma. Seu marido protestou.

— Não, não, Gervaise, seria loucura vender o Exterior: vai subir... enquanto a Renda está no máximo. Que julga o meu amigo?

O amigo não tinha nenhuma opinião, porém aconselhou o sacrifício da Renda. Ela pegou outro maço, e dele, ocasionalmente, um papel. Era um título a três por cento de mil trezentos e setenta e quatro francos. Ludovic o pôs no bolso. De tarde, acompanhado pelo secretário, foi vender o título num agente de valores e recebeu quarenta e seis mil francos.

Dissesse o que dissesse Gervaise, Arsène Lupin não se sentia em casa. Ao contrário, sua situação nos Imbert não terminava de surpreendê-lo. Em

várias ocasiões, reparou que os criados não sabiam o seu nome e o chamavam apenas de senhor. Ludovic o designava sempre assim: "Avise o senhor... O senhor já chegou?". Por que esse enigmático modo de referência?

E depois do entusiasmo do princípio, os Imbert mal lhe falavam e, continuando a tratá-lo com a consideração devida a um benfeitor, nunca se ocupavam dele. Davam a impressão de julgá-lo um original que não gosta que o importunem, e seu isolamento era respeitado como se fosse uma regra partida dele, um capricho seu. Uma vez, ao passar pelo vestíbulo, ouviu Gervaise, que dizia a dois senhores:

— É tão arredio!

"Seja", pensou, "sou arredio". E, renunciando a explicar as esquisitices daquelas pessoas, empenhava-se na execução de seu plano. Adquirira a certeza de que não podia contar com a sorte, nem com uma leviandade de Gervaise, que levava sempre consigo a chave e, ademais, nunca a tirava sem previamente embaralhar as letras da fechadura. Assim, pois, devia agir.

Um acontecimento precipitou as coisas: a violenta campanha de alguns jornais contra os Imbert, acusados de gatunice. Arsène Lupin assistiu às fases do drama, às agitações do casal, e entendeu que, se tardasse mais, ia perder tudo.

Cinco dias seguidos, em vez de sair pelas seis horas, como costumava, fechou-se em seu quarto.

Julgavam que tinha ido embora, e ele estava estendido no soalho para vigiar o escritório de Ludovic.

Não ocorrendo nas cinco noites a circunstância favorável que aguardava, foi embora durante a noite pela portinha que dava para o pátio e de que tinha a chave.

No sexto dia, soube que os Imbert, respondendo às insinuações malévolas de seus inimigos, tinham proposto que se abrisse o cofre e se fizesse um levantamento.

"Tem de ser esta noite", pensou Lupin.

Depois do jantar, Ludovic se instalou no escritório e Gervaise foi ter com ele. Puseram-se a folhear os registros do cofre.

Decorreu uma hora, depois outra. Ouviu os criados se deitar. Não havia mais ninguém no primeiro andar. Meia-noite. Os Imbert prosseguiam em sua tarefa.

— Vamos — sussurrou Lupin.

Abriu sua janela. Dava para o pátio, e o espaço, na noite sem lua e sem estrelas, era escuro. Tirou do armário uma corda com nós, que prendeu na borda do parapeito, e foi descendo suavemente, apoiando-se numa calha, até a janela abaixo da sua. Era a do escritório, e o tecido espesso das cortinas felpudas escondia a peça. De pé no parapeito, ficou um momento imóvel, com ouvidos e olhos bem abertos.

Tranquilizado pelo silêncio, correu com leveza as vidraças. Se ninguém se dera ao cuidado de examiná-las, deviam ceder ao esforço, pois ele, durante a tarde, tinha entortado as linguetas de modo que não entrassem nas chapas.

As vidraças cederam. Com precaução infinita, entreabriu-as mais. Quando pôde passar a cabeça por elas, parou. Um pouco de luz passava entre as duas cortinas mal unidas. Viu Gervaise e Ludovic sentados ao lado do cofre.

Trocavam em voz baixa raras palavras, absorvidos pela tarefa. Arsène calculou a distância que o separava deles, estabeleceu os movimentos exatos que devia fazer para reduzi-los, um após o outro, à impotência, antes que tivessem tempo de chamar por socorro, e ia arremeter quando Gervaise disse:

— Que frio começou a fazer há um instante! Vou me deitar, e você?

— Gostaria de acabar.

— Acabar! Você tem serviço para toda a noite!

— Oh, não, uma hora no máximo.

Ela se retirou. Vinte, trinta minutos se passaram. Arsène empurrou a janela um pouco mais. As cortinas fremiram. Empurrou mais ainda. Ludovic se virou e, vendo as cortinas inchadas pelo vento, levantou-se para fechar a janela...

Não houve grito, nem mesmo uma aparência de luta. Com poucos gestos precisos e sem lhe fazer mal, Arsène o atordoou, tapou-lhe a cabeça com a cortina, e de tal modo que Ludovic não distinguiu sequer o rosto de seu agressor.

Depois, rápido, foi ao cofre, pegou duas pastas, que pôs embaixo do braço, saiu do escritório, desceu a escada, atravessou o pátio e abriu a porta de serviço. Uma carruagem estava parada na rua.

— Guarde isto primeiro — disse ao cocheiro — e venha comigo.

Voltaram ao escritório e em duas viagens esvaziaram o cofre. A seguir, Arsène subiu ao seu quarto, tirou a corda e apagou todos os sinais de sua passagem. O trabalho estava terminado.

Horas depois, Arsène Lupin, com a ajuda do companheiro, selecionou as pastas. Não sentiu decepção ao constatar que a fortuna dos Imbert não tinha a importância que lhe atribuíam, pois já contava com isso. Os milhões não se contavam por centenas, nem sequer por dezenas. Mas, enfim, o total formava ainda uma cifra bem respeitável, e eram valores excelentes, títulos do sistema ferroviário, da Prefeitura de Paris, de Suez, das minas do Norte, fundos do Estado, etc. Declarou-se satisfeito.

— Sem dúvida — disse — o valor desses títulos estará muito reduzido quando chegar a hora de negociar. Encontraremos oposição e teremos mais de uma vez de liquidar por preço baixo. Não importa, com este primeiro capital me encarrego de viver como quero... e de realizar alguns sonhos que me são muito caros.

— E o resto?

— Pode queimar, meu filho. Este monte de papéis fazia boa figura no cofre, mas para nós é inútil. Quanto aos títulos, vamos fechá-los calmamente no armário e esperar o momento propício.

No dia seguinte, pensou que nenhuma razão o impedia de voltar à mansão Imbert. Mas a leitura dos jornais lhe trouxe esta notícia imprevista: Ludovic e Gervaise tinham desaparecido.

A abertura do cofre foi feita com grande solenidade. Os homens da justiça acharam o que Arsène Lupin tinha deixado lá: pouca coisa.

Estes são os fatos e esta é a explicação que dá a alguns deles a intervenção de Arsène Lupin. Ouvi a história contada por ele mesmo num dia em que estava com disposição para confidências.

Nesse dia, Arsène andava de um lado a outro em meu gabinete de trabalho, e seus olhos tinham um fervor que não lhes conhecia.

— Em suma — disse-lhe —, é o seu mais belo golpe?

Sem me responder diretamente, prosseguiu:

— Há nesse caso segredos impenetráveis. Mesmo depois da explicação que lhe dei, quantas obscuridades persistem! Por que aquela fuga? Por que não se aproveitaram da ajuda que, sem querer, lhes dei? Era tão simples dizer: "Os cem milhões se achavam no cofre; não estão mais aí porque foram roubados".

— Perderam a cabeça.

— Sim, perderam... por outro lado, é verdade...

— É verdade?...

— Não, nada.

Que significavam essas reticências? Não tinha contado tudo, claro, e o que não contara repugnava-lhe exprimir. Fiquei intrigado. A coisa tinha de ser grave para provocar a hesitação de um homem como aquele.

Arrisquei umas perguntas:

— Não voltou a vê-los?

— Não.

— E não chegou a sentir alguma piedade em relação a esses dois infelizes?

— Eu?! — proferiu num sobressalto.

Sua revolta me admirou. Teria eu acertado o alvo? Insisti.

— É evidente. Sem você, eles podiam ter enfrentado o perigo, ou ao menos ter ido embora com os bolsos cheios.

— Remorsos, é o que me atribui, não é?

— Quem sabe!

Bateu com violência na mesa.

— Assim, segundo você, deveria ter remorsos?

— Chame isso de remorso ou pesar, enfim, um sentimento qualquer...

— Um sentimento por gente que...

— Por gente de quem você tirou uma fortuna.

— Que fortuna?

— Ora, os dois ou três maços de títulos...

— Os dois ou três maços de títulos! Tirei-lhes pacotes de títulos, não é? Uma parte da herança? É a minha falta, o meu crime? Mas que diabo, meu caro, não adivinhou que eram falsos os títulos?... Ouviu? ERAM FALSOS!

Olhei-o, aturdido.

— Falsos, os quatro ou cinco milhões?

— Falsos — gritou com raiva —, superfalsos! As ações, os títulos da Prefeitura de Paris, os fundos do Estado, papel, nada mais que papel! Nem uma moeda, não tirei uma moeda de todo o conjunto! E me pede que tenha remorsos? Eles é que deviam ter! Passaram-me para trás como um trouxa! Depenaram-me como o último dos patos, e o mais imbecil!

Uma cólera real o agitava, feita de rancor e amor-próprio ferido.

— De ponta a ponta estive por baixo, desde o começo! Sabe que papel representei nesse assunto, ou antes, o que me fizeram representar? O de André Brawford! Sim, meu caro, e eu não compreendi nada! Foi depois, lendo os jornais e juntando alguns detalhes, que percebi. Enquanto eu bancava o benfeitor, o que arriscou a vida para arrancar o marido da garra dos malfeitores, eles me faziam passar por um dos Brawford! Não é admirável? Aquele original que tinha um quarto no segundo andar, o arredio que era mostrado de longe, era Brawford, e Brawford era eu! E graças a mim, à confiança que inspirava com o nome de Brawford, os banqueiros emprestavam e os corretores levavam seus clientes a emprestar! Que escola para um estreante, hein?! Ah, juro que aprendi a lição!

Parou de repente, pegou-me no braço e me disse, num tom exasperado em que era fácil, porém, sentir matizes de ironia e admiração, esta frase inefável:

— Meu caro, atualmente, Gervaise Imbert me deve mil e quinhentos francos!

Não pude me impedir de rir. Era de um grotesco superior, e ele mesmo teve um acesso de franca alegria.

— Sim, meu caro, mil e quinhentos francos! Não apenas nunca vi um cêntimo dos meus salários, como ainda ela me pediu emprestados quinhentos francos! Todas as minhas economias de rapaz! E sabe para quê? Receberás em dobro... Para os seus pobres! Exatamente como lhe digo: para pretensos infelizes que ela ajudava sem que Ludovic soubesse!

"E entrei nessa! Engraçado, hein?! Arsène Lupin aliviado em mil e quinhentos francos, e pela boa senhora a quem roubava quatro milhões de títulos falsos! E quantas combinações, esforços e astúcias geniais gastei para chegar a esse belo resultado!

"Foi a única vez em que fui enrolado na vida. Mas, puxa! Desta vez fui mesmo, redondamente, e pagando caro!..."

A pérola negra

Um violento toque de campainha acordou a zeladora do número 9 da Avenida Hoche. Ela puxou o cordão resmungando:

— Pensei que todo mundo já tivesse entrado! São no mínimo três horas!

Seu marido disse entre dentes:

— Talvez seja para o doutor.

Com efeito, uma voz pediu:

— O Dr. Harel... que andar?

— Terceiro à esquerda. Mas o doutor não atende de noite.

— Vai precisar atender.

O homem atravessou a entrada, subiu um andar, dois, e, sem mesmo se deter no do Dr. Harel, continuou até o quinto. Ali experimentou duas chaves. Uma fez funcionar a fechadura, a outra, o ferrolho de segurança.

— Com perfeição — murmurou. — A tarefa fica muito simplificada. Mas, antes de agir, convém assegurar a retirada. Vejamos... tenho, logicamente, o tempo de bater no apartamento do doutor e ser mandado embora por ele? Não ainda... aguardemos...

Ao fim de uns dez minutos, desceu e bateu na janela da zeladora, praguejando contra o doutor.

Abriram-lhe e bateu a porta atrás de si. Ora, a porta não fechou, pois, habilmente, o homem metera um ferrinho no batente da fechadura para que a lingueta não entrasse.

Sem ruído, sem que os porteiros notassem, voltou. Havendo problemas, seu álibi estava garantido.

Tranquilamente, subiu os cinco andares. No *hall*, à luz de uma lanterna elétrica, largou o sobretudo e o chapéu numa das cadeiras, sentou em outra e envolveu as botinas com espessas pantufas de feltro.

— Ufa, pronto... Que fácil! Pergunto-me por que todo mundo não escolhe o confortável ofício de ladrão. Com um pouco de jeito e raciocínio, não existe outro mais encantador. Um ofício descansado, de pai de família... Até cômodo demais... chega a ser enfadonho.

Desdobrou uma planta detalhada do apartamento.

— Comecemos por nos orientar. Noto aqui o retângulo do vestíbulo em que estou. Do lado da rua, o salão, o gabinete da senhora, a sala de jantar. Inútil perder tempo por aí. Parece que a condessa tem péssimo gosto... nem um objeto de valor!... Portanto, direto ao objetivo... Ah! Aqui está o corredor, o corredor que leva aos quartos. A três metros, devo encontrar a porta do guarda-roupa junto ao quarto da condessa.

Dobrou a planta, apagou a lanterna e caminhou pelo corredor, contando:

— Um metro... dois metros... três... Eis a porta... Como tudo dá certo, meu Deus! Um simples ferrolho, um ferrolhinho, me separa do quarto, e, o que é melhor, sei que esse ferrolho se acha a um metro e quarenta e três do soalho... de modo que, com uma pequena incisão que farei em torno, nos livraremos dele...

Tirou do bolso os instrumentos necessários, mas uma ideia o deteve.

— E se porventura esse ferrolho não tiver sido empurrado? Experimentemos... não custa tentar... — Experimentou a fechadura. A porta se abriu. — Meu caro Lupin, você está com sorte. De que precisa agora? Conhece a topografia dos lugares em que vai operar; sabe onde a condessa esconde a pérola negra... Em consequência, para que a pérola negra lhe pertença, é necessário ser estupidamente mais silencioso que o silêncio, mais invisível que a noite.

Arsène Lupin gastou bem uma meia hora para abrir a segunda porta, uma porta envidraçada que dava para o quarto. Mas fez isso com tanta precaução que, mesmo que a condessa não estivesse dormindo, nem um som equívoco teria podido preocupá-la.

Segundo sua planta indicava, tinha apenas de seguir o contorno de uma espreguiçadeira, passar por uma poltrona e dar com a mesinha posta perto da cama. Na mesa, havia uma caixa de papéis de carta, e, fechada

simplesmente nessa caixa, a pérola negra.

Estendeu-se no tapete e seguiu a linha da espreguiçadeira. Ao fim dela, parou para reprimir as batidas do coração. Embora não tivesse nenhum receio, era-lhe impossível vencer esta espécie de angústia que se sente no excessivo silêncio. Admirou-se com isso, porque enfim vencera sem emoção minutos mais solenes. Nenhum perigo o ameaçava. Então por que seu coração batia como um sino doido? Seria aquela mulher dormindo que o impressionava, aquela vida tão próxima da sua?

Escutou e julgou discernir o ritmo de uma respiração. Sentiu-se acalmado como por uma presença amiga.

Procurou a poltrona; depois, com pequenos gestos insensíveis, rastejou até a mesa, tateando a sombra com o braço estendido. Sua mão direita encontrou um dos pés da mesa.

Enfim! Precisava somente erguer-se, pegar a pérola e ir embora. Felizmente! Pois seu coração recomeçava a saltar no peito como um animal aterrorizado, e com tal ruído que lhe parecia impossível que a condessa não acordasse.

Pacificou-o num prodigioso esforço de vontade, mas, no momento em que tentava se levantar, sua mão esquerda tocou, no tapete, num objeto que reconheceu logo como um castiçal, um castiçal emborcado, logo em seguida em outro, um relógio, desses de viagem, recobertos por um estojo de couro.

Como? O que ocorria? Não estava entendendo. Esse castiçal, esse relógio... por que não estavam em seu lugar habitual? Ah, o que teria se passado na sombra assustadora?

Súbito, um grito lhe escapou. Tocara... oh, em que coisa estranha, inominável! Mas não, não, o medo lhe perturbava o cérebro. Vinte segundos, trinta segundos, permaneceu imóvel, pasmado, a testa suando. E seus dedos conservavam a sensação daquele contato.

Num esforço implacável, estendeu de novo o braço. Sua mão de novo roçou a coisa, a coisa estranha, inominável. Apalpou-a. Exigiu que sua mão apalpasse e se desse conta do que era: uma cabeleira, um rosto... e esse rosto estava frio, quase gelado.

Por aterradora que seja a realidade, um homem como Arsène Lupin a domina desde que dela tome conhecimento. Rápido, acendeu a lanterna. Uma mulher jazia diante dele, coberta de sangue. Ferimentos horríveis

devastavam seu pescoço e seus ombros. Inclinou-se e examinou-a. Estava morta.

— Morta, morta — repetia para si mesmo com estupor.

Olhou seus olhos fixos, o ricto da boca, a carne lívida, e o sangue, todo o sangue que correra para o tapete e agora se coagulava, espesso e negro.

Tendo-se levantado, apertou o interruptor de luz e a peça se iluminou. Pôde ver todos os sinais de uma luta encarniçada. A cama estava toda desfeita, os cobertores e lençóis, jogados. No chão, o castiçal, o relógio — em que os ponteiros marcavam onze e vinte —, mais longe uma cadeira virada, e sangue em toda parte, manchas de sangue.

— E a pérola negra? — murmurou.

A caixa de papéis de carta estava no lugar. Abriu-a vivamente. O estojo estava ali, mas vazio.

— Puxa! Você se gabou um pouco cedo da sua sorte, amigo Arsène Lupin... A condessa assassinada, a pérola negra sumida... a situação não é brilhante. Vamos embora, sem o que você se arrisca a incorrer em sérias responsabilidades.

Não se mexeu, no entanto.

— Ir embora? Sim, outro iria. Mas Arsène Lupin? Não tem algo melhor a fazer? Vamos proceder por ordem. Afinal, sua consciência está tranquila... Suponha que seja comissário de polícia e tem de fazer um inquérito... Sim, mas para isso teria que estar com a cabeça mais clara. E a minha está turvíssima.

Caiu na poltrona, com as mãos crispadas na testa ardente.

O caso da Avenida Hoche foi um dos que mais vivamente nos excitaram a curiosidade nos últimos tempos, e sem dúvida não o narraria se a participação de Arsène Lupin não o esclarecesse com uma luz toda especial. Poucos suspeitam dessa participação e ninguém sabe, em todo caso, a exata e interessante verdade.

Quem não conhecia, por ter encontrado no Bois, Léontine Zalti, a ex-cantora, esposa e viúva do Conde d'Andillot, a Zalti, cujo luxo deslumbrava Paris há uns vinte anos, a Condessa d'Andillot, a quem os adornos de diamantes e pérolas davam notoriedade europeia? Dizia-se que ela levava nos ombros a caixa-forte de alguns bancos e as minas de ouro de várias companhias australianas. Os grandes joalheiros trabalhavam para a Zalti como antigamente para os reis e rainhas.

E quem não se lembra da catástrofe em que todas essas riquezas derrocaram? Bancos e minas de ouro, o abismo tudo devorou. Da coleção maravilhosa, dispersa pelo comissário da penhora, sobrou somente a famosa pérola negra. A pérola negra! Isto é, uma fortuna, se a condessa quisesse separar-se dela.

Não quis. Preferiu restringir-se, viver num apartamento simples, com sua dama de companhia, sua cozinheira e um criado, a vender a joia inestimável. Havia um motivo que não temia confessar: a pérola negra era o presente de um imperador! E, quase na pobreza, reduzida à existência mais medíocre, permaneceu fiel à sua companheira dos melhores dias.

— Enquanto eu viver — dizia —, ela ficará comigo.

Todo o dia a tinha no pescoço, e de noite a guardava em lugar que só ela conhecia.

Esses fatos, recordados pela imprensa, estimularam a curiosidade, e, coisa esquisita, mas fácil de entender para os que possuíam a chave do segredo, foi que justamente a prisão do suposto assassino complicasse o enigma e prolongasse a emoção. Dois dias depois, com efeito, era publicada a seguinte notícia:

"Anunciam a prisão de Victor Danègre, o criado da Condessa d'Andillot. Os agravos levantados contra ele são esmagadores. Na manga em tecido lustroso de sua libre, que o senhor Dudouis, o chefe da Sûreté, encontrou em sua mansarda, debaixo do colchão, havia manchas de sangue. Além disso, faltava a essa libre um botão forrado de fazenda que, desde o início da investigação, fora recolhido sob a própria cama da vítima.

É provável que depois do jantar Danègre, em vez de ir para seu quarto, fosse ao quarto de vestir e, pela porta envidraçada, visse a condessa esconder a pérola negra.

Devemos dizer que até aqui nenhuma prova veio confirmar essa hipótese. E outro ponto permanece obscuro. Às sete da manhã, Danègre foi à tabacaria do Boulevard de Courcelles; a zeladora, primeiro, e depois o empregado da loja o testemunharam. Em contrapartida, a cozinheira da condessa e sua dama de companhia, que dormem ambas no fim do

corredor, declaram que às oito horas, quando se levantaram, a porta do vestíbulo e a da cozinha estavam fechadas com duas voltas. Há vinte anos no serviço da condessa, essas duas estão acima de qualquer suspeita. Pergunta-se, assim, como Danègre pôde sair do apartamento. Tinha mandado fazer outra chave? A instrução esclarecerá esses diferentes pontos."

A instrução não esclareceu absolutamente nada. Ao contrário. Soube-se que Victor Danègre era um reincidente perigoso, alcoólatra e libertino, que uma facada não assustaria. E o próprio caso parecia, à medida que era examinado, envolver-se em trevas mais densas e contradições mais inexplicáveis.

De início, uma tal Mademoiselle de Sinclèves, prima e única herdeira da vítima, declarou que a condessa, um mês antes de sua morte, lhe confiara numa de suas cartas a maneira como escondia a pérola. No dia seguinte àquele em que recebeu essa carta, constatou seu desaparecimento. Quem a teria roubado?

Por sua vez, os porteiros contaram que tinham aberto a porta a um indivíduo, que subira até o apartamento do Dr. Harel. Chamaram o doutor. Ninguém tinha batido em sua casa. Então quem era esse indivíduo, um cúmplice?

A hipótese de um cúmplice foi adotada pela imprensa e o público. Ganimard, o velho inspetor, a defendia, não sem razão.

— Há algo de Lupin em tudo isso — dizia ao juiz.

— Xi! — respondeu ele. — Você vê o seu Lupin em toda parte.

— Vejo-o em toda parte porque está em toda parte.

— Diga antes que o vê cada vez que uma coisa não lhe soa muito clara. Aliás, no caso, note isto: o crime foi cometido às onze e vinte da noite, como comprova o relógio parado, e a visita noturna, denunciada pelos porteiros, só ocorreu às três da manhã.

A justiça não raro obedece a esses encadeamentos de opinião que fazem com que se obriguem os fatos a se dobrar à explicação inicial. Os deploráveis antecedentes de Victor Danègre, reincidente, bêbado e farrista, influenciaram o juiz, e, apesar de que nenhuma circunstância nova viesse corroborar os dois ou três indícios descobertos de saída, nada pôde abalá-lo. Encerrou sua instrução. Algumas semanas depois os debates começavam.

Foram embaraçados e apáticos. O presidente os dirigiu sem ardor. A promotoria pública atacou debilmente. Nessas condições, o advogado de Danègre controlou a situação. Mostrou as lacunas e as impossibilidades da acusação. Não existia nenhuma prova material. Quem tinha feito a chave, a indispensável chave sem a qual Danègre, depois de sair, não teria podido fechar com duas voltas a porta do apartamento? Quem tinha visto essa chave e o que ocorrera com ela? Quem tinha visto a faca do assassino e onde estava?

— Em todo o caso — concluiu o advogado —, provem que foi o meu cliente que matou. Provem que o autor do roubo e do crime não foi essa misteriosa personagem que penetrou no prédio às três da manhã. O relógio marcava onze horas, dirão. E daí? Não se podem pôr os ponteiros na hora que nos convém?

Victor Danègre foi absolvido.

Saiu da prisão numa sexta-feira ao fim do dia, deprimido por seis meses de cela. A instrução, o isolamento, os debates, as deliberações do júri, tudo isso o enchera de um susto doentio. De noite, horríveis pesadelos, visões do cadafalso o perseguiam. Tremia de febre e de terror.

Sob o nome de Anatole Dufour, alugou um quartinho nas alturas de Montmartre, e viveu, segundo o que parecia, de um lado para outro.

Uma existência lamentável. Admitido por três patrões diferentes, foi reconhecido e imediatamente o despediram.

Muitas vezes notou, ou julgou notar, que homens o seguiam, homens da polícia, não duvidava, que não renunciara em fazê-lo cair em alguma armadilha. E sentia de antemão o rude aperto de mãos que o pegavam pelo colarinho.

Uma noite, jantava num restaurante do bairro e alguém se instalou à sua frente. Era um indivíduo de uns quarenta anos, com sobrecasaca preta de suspeita limpeza. Pediu uma sopa, legumes e um litro de vinho.

Ao terminar a sopa, virou-se para Danègre e o fitou longamente.

Danègre empalideceu. Por certo esse era um dos que o seguiam havia semanas. Que desejaria?

Tentou se levantar e não pôde. Suas pernas fraquejavam.

O homem se serviu de um copo de vinho e encheu o de Danègre.

— Bebemos, companheiro?

Victor balbuciou:

— Sim... sim... à sua saúde, amigo.

— À sua, Victor Danègre.

O outro estremeceu:

— Eu!... Eu!... Mas não... juro-lhe...

— Jura o quê? Que você não é você, o criado da condessa?

— Que criado? Eu me chamo Dufour. Pergunte ao dono da casa.

— Dufour, Anatole, sim, para o dono, mas Danègre para a justiça, Victor Danègre.

— Não é certo! Não é, mentiram-lhe.

O outro tirou do bolso um cartão que lhe passou. Victor leu: "Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté. Informações confidenciais".

Sobressaltou-se:

— Você é da polícia?

— Não mais, mas o ofício me agradava e continuo de uma maneira mais... lucrativa. De tempos em tempos se topam negócios de ouro... como o seu.

— O meu?

— Sim, o seu: é um negócio excepcional, se quiser gastar nele um pouco de boa vontade.

— E se não quiser?

— Tem de querer. Está em uma situação em que não pode recusar nada.

Uma surda apreensão invadiu Victor Danègre. Perguntou:

— Que há?... Fale.

— Isso — respondeu o outro. — Ao que interessa. Em duas palavras: fui mandado por Mademoiselle de Sinclèves.

— Sinclèves?

— A herdeira da Condessa d'Andillot.

— E daí?

— Mademoiselle de Sinclèves me encarregou de lhe solicitar a pérola negra.

— A pérola negra?

— A que você roubou.

— Mas não a tenho!

— Tem.

— Se tivesse, seria eu o assassino.

— É o assassino.

Danègre tentou rir.

— Felizmente, meu caro senhor, o tribunal não foi da mesma opinião. Todos os jurados, ouviu? Reconheceram-me inocente. E quando temos a consciência do nosso lado e a aprovação de doze pessoas honestas...

O ex-inspetor lhe pegou no braço.

— Nada de frases, menino. Escute-me com atenção e pondere as minhas palavras, que elas o merecem. Três semanas antes do crime, furtou na cozinha a chave que abre a porta de serviço e mandou fazer uma igual no serralheiro Outard, na Rua Oberkampf, 244.

— Não é verdade — rosnou Victor. — Ninguém viu essa chave... Ela não existe.

— Ela está aqui. — Uma pausa e Grimaudan prosseguiu: — Matou a condessa com uma faca comprada no Bazar da República, no mesmo dia em que mandou fazer a chave. A lâmina era triangular e vazada por uma estria.

— Isso é brincadeira; fala por falar. Ninguém viu a faca.

— Está aqui. — Danègre fez um movimento de recuo. O ex-inspetor continuou: — Tem manchas de ferrugem. Preciso lhe explicar de onde vieram?

— E daí?... O senhor mostra uma chave e uma faca, mas quem poderá afirmar que me pertencem?

— O serralheiro em primeiro lugar, e em segundo o empregado de quem você comprou a faca. Refresquei a memória dos dois e, diante de você, não hesitarão em reconhecê-lo. — Falava seca e duramente, com uma precisão aterradora. Danègre tremia de medo. Nem o juiz, nem o presidente do júri, nem o promotor o tinham apertado assim, ou olhado com tanta clareza coisas que ele mesmo já não discernia muito nitidamente.

Tentou, porém, ainda fingir indiferença.

— Se essas são todas as suas provas...

— Ainda me sobra uma. Depois do crime, você se retirou pelo mesmo caminho. Mas, no quarto de vestir, amedrontado, teve de se apoiar na parede para manter o equilíbrio.

— Como sabe? — gaguejou Victor. — Ninguém pode saber disso...

— Quanto à justiça, vá; não podia vir à cabeça de um desses senhores acender uma vela e examinar as paredes. Mas se isso for feito, verão no

gesso branco uma marca vermelha, leve, mas bastante nítida para que se encontre nela a impressão do seu polegar, que você encostou na parede, úmido de sangue. E não ignora que em antropometria esse é um dos principais meios de identificação.

Victor Danègre perdeu a cor. Gotas de suor lhe escorriam da testa. Observava com olhos de louco esse homem estranho que recordava o seu crime como se o tivesse visto.

Baixou a cabeça, vencido, impotente. Há meses lutava contra todo mundo. Contra esse homem, tinha a impressão de que não havia nada a fazer.

— Se lhe entrego a pérola — balbuciou —, quanto me dará?

— Nada.

— Como?! Está brincando! Eu lhe darei uma coisa que vale milhares, centenas de milhares, e não receberei nada?

— Receberá: a vida. — O miserável se arrepiou. Grimaudan acrescentou, num tom quase doce: — Vamos, Danègre, essa pérola não tem nenhum valor para você. Não pode vendê-la. Para que ficar com ela?

— Há receptadores... e um dia ou outro, por qualquer preço...

— Um dia ou outro será tarde demais.

— Por quê?

— Porque a justiça o terá agarrado de novo e, dessa vez, com as provas que lhe fornecerei, a faca, a chave e a indicação do seu polegar, estará perdido, meu caro.

Victor apertou a cabeça com as duas mãos e pensou. Sentia-se perdido, com efeito, irremediavelmente perdido, e ao mesmo tempo um grande cansaço o dominava, uma imensa necessidade de repouso e abandono.

— Quando precisa dela?

— Esta noite, antes da uma hora.

— Do contrário...?

— Do contrário, ponho no correio esta carta em que Mademoiselle Sinclèves o denuncia ao procurador da República.

Danègre se serviu de dois copos de vinho que bebeu em duas goladas. Em seguida, erguendo-se:

— Pague a conta e vamos. Já não aguento esse maldito assunto.

A noite chegara. Os dois homens desceram a Rua Lepic e seguiram pelas avenidas em direção à Place de l'Étoile. Caminhavam silenciosamente,

Victor com as costas curvadas e exausto. No Parc Monceau, disse:

— É do lado do prédio...

— Claro! Antes de ser preso, só saiu para ir à tabacaria.

— Chegamos — disse Danègre em voz opaca. Costearam a grade do jardim e atravessaram uma rua que tinha na esquina a tabacaria. Passos adiante, Danègre parou. Suas pernas vacilavam. Jogou-se num banco.

— E então? — perguntou o outro.

— É aqui.

— Aqui! Que é que está me dizendo?!

— Sim, aqui, na nossa frente.

— Na nossa frente! Ande, Danègre, não convém...

— Repito que ela está aqui.

— Onde?

— Entre duas pedras da calçada.

— Quais?

— Procure.

— Quais? — insistiu Grimaudan. Victor não respondeu. — Ah, perfeito, está querendo me enganar, menino.

— Não... mas... vou morrer sem nada.

— Ah, hesita? Vá, serei magnânimo. De quanto precisa?

— O que dê para comprar uma passagem de terceira para a América.

— Combinado.

— E uma nota de cem francos para as primeiras despesas.

— Terá duas. Fale.

— Conte as pedras, à direita do bueiro. É entre a décima segunda e a décima terceira.

— No rego?

— Sim, embaixo da calçada.

Grimaudan olhou em torno. Bondes passavam, pessoas passavam. Mas quem podia desconfiar?... Abriu seu canivete e meteu-o entre a décima segunda e a décima terceira pedra.

— E se não estiver aqui?

— Se ninguém me viu enterrá-la, há de estar.

Estaria mesmo? A pérola negra ao lado de um rego público, à disposição do primeiro que chegasse! A pérola negra, aquela fortuna!

— A que profundidade?

— Uns dez centímetros, mais ou menos.

Cavou o barro úmido. A ponta do canivete tocou em algo. Com os dedos alargou o buraco. Viu a pérola negra.

— Tome, eis os seus duzentos francos. Eu lhe mandarei a passagem para a América.

No dia seguinte, o *Écho de France* publicava este tópico, que foi reproduzido pelos jornais do mundo inteiro: "Desde ontem, a famosa pérola negra está em mãos de Arsène Lupin, que a retomou do assassino da Condessa d'Andillot. Em breve, fac-símiles dessa preciosa joia serão expostos em Londres, São Petersburgo, Calcutá, Buenos Aires e Nova Iorque. Arsène Lupin aguarda as propostas que desejarem fazer-lhe por correspondência".

— E é assim que o crime é sempre punido e a virtude recompensada — concluiu Arsène Lupin, logo que me revelou a parte secreta do caso.

— E é assim que, com o nome de Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté, você foi escolhido pelo destino para tirar do criminoso o benefício do seu crime.

— Justamente. E confesso que é das aventuras de que mais me orgulho. Os quarenta minutos que passei no apartamento da condessa, depois de ter verificado a sua morte, estão entre os mais assombrosos e profundos da minha vida. Em quarenta minutos, enredado pela situação mais complicada, reconstituí o crime e adquiri a certeza, com a ajuda de alguns indícios, de que o culpado só podia ser um dos empregados da condessa. Por fim, compreendi que, para ter a pérola, era preciso que esse criado fosse preso, e deixei onde estava o botão da libre, mas não devia haver contra ele provas irrefutáveis de sua culpa, e apanhei a faca esquecida sobre o tapete, levei a chave deixada na fechadura, fechei a porta com duas voltas e apaguei a marca dos dedos no gesso do quarto de vestir. A meu ver, foi uma dessas iluminações...

— De gênio — interrompi.

— De gênio, se deseja, e que não teria visitado o cérebro de qualquer um. Adivinhar num segundo as duas etapas do assunto, uma prisão e uma absolvição, servir-me do aparelho formidável da justiça para perturbar o homem, embrutecê-lo e, em suma, pô-lo num tal estado de espírito que, uma vez livre, devia, inevitável e fatalmente, cair no laço um tanto grosseiro que lhe armei!...

— Um tanto? Diga bastante, pois ele não corria risco algum.

— Oh, o menor risco, já que toda a absolvição unânime é definitiva.

— Pobre-diabo...

— Victor Danègre, pobre-diabo! Esqueceu que era um assassino? Seria a última imoralidade se a pérola negra ficasse com ele. Está vivo. Pense nisso, Danègre vive!

— E a pérola negra é sua.

Tirou-a de um dos escaninhos ocultos da sua pasta, examinou-a, afagando-a com os dedos e os olhos, e deu um suspiro.

— Que nobre russo, que rajá imbecil e vaidoso possuirá este tesouro? A que milionário americano estará destinado o pedacinho de beleza e luxo que ornava as brancas espáduas de Léontine Zalti, Condessa d'Andillot?...

Herlock Sholmes chega tarde demais

— Estranho como você se parece com Arsène Lupin, Velmont!

— Conhece o homem?

— Oh, como todo mundo, pelas fotografias; nenhuma é igual às outras, mas cada uma deixa a impressão de uma mesma fisionomia... que é como a sua.

Horace Velmont pareceu contrafeito.

— Pois é, caro Devanne. E você não é o primeiro a me fazer essa observação, creia.

— A tal ponto — insistiu Devanne — que, se não tivesse sido recomendado por meu primo D'Estevan e não fosse o conhecido pintor cujas marinhas tanto aprecio, pergunto-me se não teria avisado a polícia de sua presença em Dieppe.

A tirada foi recebida com uma risada geral. Estavam ali, além de Velmont, na grande sala de jantar do Castelo de Thibermesnil, o Abade Gélis, cura da aldeia, e uma dúzia de oficiais, cujos regimentos faziam manobras na região e tinham aceito o convite do banqueiro Georges Devanne e de sua mãe. Um deles exclamou:

— Mas não é que justamente Arsène Lupin foi visto aqui pela costa, depois do seu famoso golpe no expresso Paris— Le Havre?

— Isso faz uns três meses. Na semana seguinte, conhecia no cassino o nosso querido Velmont, que depois quis me honrar com algumas visitas, agradável preâmbulo de uma visita mais demorada que me fará um desses dias... ou talvez uma dessas noites!

Riram outra vez e passaram à antiga sala dos guardas, peça ampla, muito alta, que ocupa toda a parte inferior da Torre Guillaume, e onde

Georges Devanne reuniu incomparáveis riquezas, acumuladas através de séculos pelos senhores de Thibermesnil. Baús e credências, esculturas de ferro para lareiras, girândolas a decoram. Magníficas tapeçarias pendem nas paredes de pedra. Os vãos das quatro janelas são profundos, com bancos à frente, e fechados por vidraças em ogiva com vitrais enquadrados de chumbo. Entre a porta e a janela da esquerda se ergue uma monumental estante de estilo Renascença, em cujo frontão se lê em letras de ouro *Thibermesnil*, e embaixo a altiva divisa da família, *Faze o que quiseres*.

Acenderam-se charutos, e Devanne prosseguiu:

— Apenas despache-se, Velmont, que é a última noite que lhe resta.

— Por quê? — disse o pintor, que, sem dúvida, levava a coisa em brincadeira.

Devanne ia responder quando sua mãe lhe fez um sinal. Mas a excitação do jantar e o desejo de interessar os hóspedes prevaleceram.

— Arre! — murmurou — posso falar agora. Não é mais necessário recear uma indiscrição.

Sentaram em torno dele com viva curiosidade, e ele declarou, com ar satisfeito de alguém que anuncia uma notícia importante:

— Amanhã, às quatro horas, Herlock Sholmes, o grande policial inglês para quem não existem casos insolúveis, Herlock Sholmes, o mais extraordinário decifrador de enigmas jamais visto, a prodigiosa personagem que parece forjada pela imaginação de um romancista, amanhã Herlock Sholmes será meu hóspede.

Houve exclamações. Herlock Sholmes em Thibermesnil? Então era sério? Arsène Lupin se achava na região?

— Arsène Lupin e seu bando não estão longe. Sem contar o caso Cahorn, a quem atribuir os roubos de Montigny, de Gruchet, de Crasville, senão ao nosso ladrão nacional? Agora é a minha vez.

— E está prevenido, como o Barão Cahorn?

— O mesmo truque não funciona duas vezes.

— Então?

— Então vejam.

Ergueu-se e, apontando com o dedo, numa das prateleiras da estante, um espaço vazio entre dois enormes infólios, disse:

— Havia ali um livro, um livro do século XVI, intitulado *Crônica de Thibermesnil*, e que era a história do castelo desde sua construção pelo

Duque Rollon no lugar de uma fortaleza feudal. Continha três gravuras. Uma representava uma vista de cima do conjunto do domínio, a segunda a planta dos edifícios, a terceira, e chamo a atenção para isto, o traçado de um subterrâneo, do qual uma das saídas se abria além da primeira linha das muralhas e a outra dava aqui, sim, nesta mesma sala em que estamos. Ora, esse livro desapareceu desde o mês passado.

— Puxa — disse Velmont —, mau sinal. Porém isso não basta para motivar a intervenção de Herlock Sholmes.

— Por certo não bastaria, se não tivesse ocorrido outro fato que dá ao que acabo de lhes contar toda a sua significação. Existia na Biblioteca Nacional um segundo exemplar dessa *Crônica*, e os dois exemplares diferiam em certos detalhes relativos ao subterrâneo, como o estabelecimento de uma profundidade e de uma escala, e diversas anotações, não impressas, mas escritas a tinta e mais ou menos apagadas. Estava a par dessas particularidades e sabia que o trajeto definitivo não poderia ser reconstituído senão pela confrontação minuciosa dos dois mapas. Ora, no dia seguinte àquele em que meu exemplar desapareceu, o da Biblioteca Nacional era pedido por um leitor que o levou, sem que se pudessem determinar as condições em que o roubo foi feito.

Vozes de surpresa acolheram essas palavras.

— Desta vez então a coisa é séria.

— Sim — afirmou Devanne —, a polícia enfim reagiu e procedeu a um duplo inquérito, que aliás não deu nenhum resultado.

— Como todos aqueles de que Arsène Lupin é o objeto.

— Precisamente. Foi aí que me veio a ideia de pedir a ajuda de Herlock Sholmes, que me respondeu que tinha o maior desejo de entrar em contato com Arsène Lupin.

— Que glória para Arsène Lupin! — afirmou Velmont. — Mas se o nosso ladrão nacional, como o chamou, não alimenta qualquer projeto sobre Thibermesnil, Herlock Sholmes ficará fazendo o quê?

— Há outra coisa que sem dúvida lhe interessará: a descoberta do subterrâneo.

— Como? Não nos disse que uma das entradas era no campo e a outra neste salão?

— Onde? Em que lugar do salão? A linha que representa o subterrâneo nos mapas leva, de um lado, a um pequeno círculo com estas duas

maiúsculas: *T. G.*, o que certamente quer dizer Torre Guillaume, não é? Mas a torre é redonda, e quem poderia determinar a que ponto desse círculo se refere o traçado do desenho?

Devanne acendeu seu segundo charuto e se serviu de um copo de Bénédictine. Foi crivado de perguntas e sorria, feliz pelo interesse despertado. Por fim, declarou:

— O segredo está perdido. Ninguém no mundo o conhece. De pai a filho, diz a lenda, os poderosos senhores o transmitiam na hora da morte, até o dia em que Geoffroy, último do nome, teve a cabeça cortada no cadafalso, a 7 de termidor do ano II, aos dezenove anos.

— Mas há um século devem vir procurando!

— Procuram, mas em vão. Eu mesmo, quando comprei o castelo do sobrinho-bisneto do Convencional Leribourg, mandei fazer escavações. Para quê? Pensem que esta torre, cercada de água, está ligada ao castelo por uma ponte, de modo que o subterrâneo tem de passar sob os antigos fossos. O mapa da Biblioteca Nacional mostra aliás uma sequência de quatro escadas, somando quarenta e oito degraus, o que deixa supor uma profundidade de mais de dez metros. E a escala, anexa ao outro mapa, fixa a distância em duzentos metros. Na realidade, todo o problema está aqui, entre este soalho, este forro e estas paredes. Palavra, confesso que hesito em demoli-los.

— E não se tem nenhum indício?

— Nenhum.

O Abade Gélis objetou:

— Senhor Devanne, não devemos perder de vista as duas citações.

— Oh! — riu Devanne. — O senhor cura é um remexedor de arquivos, um grande leitor de memórias, e tudo o que diz respeito a Thibermesnil o apaixona. Mas a explicação a que se refere serve só para embrulhar as coisas.

— Ainda assim...

— Faz questão?

— Toda.

— Saibam, pois, que ele deduziu de suas leituras que dois reis da França conheciam o segredo do enigma.

— Dois reis!

— Henrique IV e Luís XVI.

— Não são sujeitos à toa... E como o senhor abade soube disso?...

— Oh! É simples — continuou Devanne. — Na antevéspera da Batalha de Arques, o rei Henrique IV veio jantar e dormir neste castelo. Às onze da noite, Louise de Tancarville, a mais bonita mulher da Normandia, foi levada até ele pelo subterrâneo com a cumplicidade do Duque Edgard, que, nessa ocasião, expôs o segredo de família. Henrique IV contou-o mais tarde ao seu ministro Sully, que narra a passagem em suas *Royales Economies d'État*, sem outro comentário desta frase incompreensível: "O machado gira no ar que freme, mas a asa se abre e a gente vai a Deus".

Houve um silêncio, e Velmont brincou:

— Não é de uma clareza ofuscante.

— Não é? O senhor cura defende que Sully referiu desse modo a solução do enigma, sem trair o segredo aos escribas a que ditava suas memórias.

— A hipótese é engenhosa.

— Concedo, mas o que é o machado que gira e o pássaro que voa?

— E quem é que vai até Deus?

— Mistério.

Velmont retomou:

— E o bom Luís XVI? Teria sido igualmente para que recebesse a visita de uma dama que se abriu o subterrâneo?

— Ignoro. O que se pode dizer é que Luís XVI esteve aqui em 1784, e que o famoso armário de ferro, achado no Louvre por uma revelação de Gamain, continha um papel com estas palavras escritas por ele: "Thibermesnil: 2-6-12".

Horace Velmont deu uma risada.

— Vitória! As trevas se dissipam cada vez mais. Duas vezes seis são doze.

— Ria à vontade, senhor — falou o abade. — Isso não impede que essas duas citações contenham a solução, e que um dia ou outro chegará alguém que saiba interpretá-las.

— Herlock Sholmes primeiro — disse Devanne. — A menos que Arsène Lupin se adiante a ele... Que pensa disso, Velmont?

Este se ergueu, pôs a mão no ombro de Devanne e declarou:

— Penso que aos dados fornecidos pelo seu livro e pelo da Biblioteca Nacional faltava uma informação da mais alta importância, e que teve a

gentileza de me oferecer. Agradeço-lhe.

— De modo que...?

— De modo que agora, tendo o machado girado, o pássaro ido embora e duas vezes seis igual a doze, não tenho mais a fazer do que me pôr em campo.

— Sem perder um minuto.

— Sem perder um segundo! Não é preciso que esta noite, isto é, antes da chegada de Herlock Sholmes, eu roube o seu castelo?

— É fato que lhe sobra o tempo justo. Quer que o conduza?

— Até Dieppe?

— Até Dieppe. Aproveito para trazer eu mesmo o casal D'Androl e a filha de uns amigos deles que chegam pelo trem da meia-noite. — Dirigindo-se aos oficiais, Devanne acrescentou: — Vamos nos reencontrar todos aqui amanhã para o almoço, não é, senhores? Estou contando com a presença de todos, pois o castelo deve ser arremetido por suas tropas e tomado de assalto ao baterem as onze.

O convite foi aceito, despediram-se e, instantes mais tarde, um Étoile d'Or 20-30 levava Devanne e Velmont pela estrada de Dieppe. Devanne deixou o pintor diante do cassino e foi para a estação.

À meia-noite, seus amigos desciam do trem. À meia-noite e meia, o carro atravessava as portas de Thibermesnil. À uma, após uma leve ceia servida no salão, recolheram-se, e pouco a pouco todas as luzes se apagaram. O grande silêncio da noite envolvia o castelo.

Mas a lua afastou as nuvens que a velavam e, por duas das janelas, encheu o salão de branca claridade. Apenas por um momento. Em seguida ela se escondeu atrás da cortina das colinas, e a escuridão voltou. O silêncio cresceu com a sombra mais densa. Somente, de tempos em tempos, estalidos de móveis o turbavam, ou o ruído dos juncos no lago que banha com as águas verdes as velhas paredes.

O relógio de pêndulo desfiava o rosário infinito dos segundos. Bateu duas horas. Logo, de novo, os segundos caíram, apressados e monótonos, na paz pesada da noite. Depois soaram três horas.

E de repente algo estalou, como, na passagem de um trem, um sinal que se abre e fecha. E um jato fino de luz atravessou o salão de ponta a ponta, como uma flecha que deixasse atrás de si um rastro cintilante. Jorrava da estria central de uma pilastra em que, à direita, se apoiava o frontão da

estante. Imobilizou-se primeiro, sobre a parede oposta, num círculo brilhante, depois passeou por todos os lados como um olhar preocupado que examina a sombra, depois sumiu para jorrar de novo, enquanto toda uma parte da estante girava sobre si mesma e desvelava uma larga abertura em forma de abóbada.

Entrou um homem, que tinha à mão uma lanterna elétrica. Um outro e um terceiro surgiram, trazendo um rolo de cordas e diferentes instrumentos. O primeiro inspecionou a peça, parou para escutar e disse:

— Chame os companheiros.

Desses companheiros, vieram oito pelo subterrâneo, rapazes sólidos, de rosto enérgico. A mudança começou.

Foi rápida. Arsène Lupin passava de um móvel a outro, considerava-o e, segundo suas dimensões ou seu valor artístico, perdoava-o ou ordenava:

— Levem!

E o objeto era transportado, engolido pela boca escancarada do túnel, enviado às entranhas da terra. Foram assim escamoteados seis poltronas e seis cadeiras Luís XV, tapeçarias de Aubusson, girândolas assinadas por Gouthiere, e dois Fragonard, e um Nattier, e um busto de Houdon, e algumas estatuetas. Às vezes Lupin se demorava ante um magnífico baú ou um quadro soberbo e suspirava:

— Pesado demais este... grande demais... que pena!

E continuava sua vistoria.

Em quarenta minutos, o salão foi "desobstruído", segundo a expressão de Arsène. E tudo realizado numa ordem admirável, sem nenhum ruído, como se todos os objetos que estes homens manejavam tivessem sido guarnecidos de espesso acolchoamento.

Disse ao último deles, que ia levando um relógio de parede assinado por Boulle:

— Não precisa voltar. Combinado, não é? Logo que o caminhão esteja carregado, sigam até a granja de Roquefort.

— E o senhor, patrão?

— Deixem-me a motocicleta.

O homem se foi. Ele empurrou para o lugar o lado móvel da estante, fez desaparecer qualquer traço da mudança, apagou as marcas de passos, ergueu um reposteiro e penetrou numa galeria que servia de comunicação entre a torre e o castelo. Ao meio, havia um mostruário de vidro, e por

causa dele Arsène Lupin prosseguia em sua exploração.

Continha maravilhas, uma coleção única de relógios de bolso, tabaqueiras, anéis, correntes, miniaturas do mais belo lavor. Com uma alavanca, forçou a fechadura, e foi para ele um prazer inexprimível pegar aquelas joias de ouro e prata, pequenas obras de uma arte tão preciosa e delicada.

Tinha passado em volta do pescoço um amplo saco de tela, especialmente feito para esses momentos afortunados. Encheu-o. E encheu também os bolsos do casaco, da calça, do colete. E fechava o braço esquerdo sobre uma pilha dessas redezinhas de pérolas, tão apreciadas por nossos antepassados e que hoje estão muito em moda, quando um leve ruído lhe feriu os ouvidos.

Escutou: não se enganara, o ruído se repetia.

Recordou de repente: na ponta da galeria, uma escada interior levava a um apartamento até ali desocupado, mas que estava reservado para esta noite à jovem que Devanne tinha ido buscar em Dieppe com seus amigos D'Androl.

Num gesto rápido, premiu com o dedo a mola de sua lanterna, apagando-a. E mal tinha alcançado o vão de uma janela quando, no topo da escada, a porta foi aberta e uma débil claridade iluminou a galeria. Teve a sensação — pois, meio escondido por uma cortina, não enxergava — de que alguém descia os primeiros degraus com cautela. Aguardou que não fosse muito longe, porém a pessoa avançou vários passos na peça e deu um grito. Sem dúvida vira o mostruário quebrado e quase vazio.

Pelo perfume, reconheceu a presença de uma mulher. Suas vestes quase roçavam a cortina que o ocultava, e pareceu-lhe ouvir o coração dela e também que ela adivinhava a presença de outro ser, atrás de si, na sombra, ao alcance de sua mão... Pensou: "Está com medo... vai embora... impossível que não vá". Mas não foi. A vela que tremia em sua mão deixou de tremer. Voltou-se, hesitou um instante, pareceu escutar o temível silêncio e logo, num golpe, afastou a cortina.

Viram-se.

Arsène murmurou, transtornado:

— Você... você... senhorita!

Era Miss Nelly.

Miss Nelly! A passageira do transatlântico, a que havia unido seus sonhos aos do jovem durante aquela inesquecível travessia, a que tinha assistido à sua prisão, e que, em vez de o trair, tinha tido aquele belo gesto de atirar ao mar a Kodak onde ele tinha escondido as joias e as notas de mil... Miss Nelly! A querida e sorridente criatura cuja imagem tinha tantas vezes entristecido ou alegrado suas longas horas de cadeia!

O acaso, que os punha na presença um do outro nesse castelo e a essa hora da noite, era tão prodigioso que não se mexeram nem pronunciaram uma palavra, como hipnotizados pela fantástica aparição que um representava para o outro.

Trôpega, quebrada de emoção, Miss Nelly teve de se sentar.

Ele ficou de pé diante dela. E pouco a pouco, durante os intermináveis segundos que transcorriam, teve consciência da impressão que devia dar neste momento, com os braços cheios de quinquilharias, os bolsos salientes, a sacola estourando. Ficou confuso e enrubesceu de estar ali, na vulgar posição do ladrão pego em flagrante. Para ela, de ora em diante, acontecesse o que acontecesse, ele era o ladrão, o que mete a mão no bolso alheio, o que força as portas e se introduz furtivamente.

Um dos relógios de bolso rolou no tapete; outro foi atrás. Iam lhe cair dos braços ainda mais coisas, que não sabia como reter. Decidiu-se então bruscamente e deixou cair numa poltrona uma parte dos objetos, esvaziou os bolsos e se desfez da sacola.

Sentiu-se mais à vontade diante de Nelly e deu um passo em sua direção com o intento de lhe falar. Mas ela teve um gesto de recuo, levantou-se com vivacidade e correu para o salão. O reposteiro se fechou atrás dela, mas ele foi ao seu encontro. Lá estava, contraída, trêmula, e seus olhos contemplavam com terror a imensa peça devastada. Ele lhe disse:

— Amanhã às três horas tudo será recolocado no lugar... os móveis serão trazidos...

Ela não respondeu e ele insistiu:

— Amanhã às três horas, eu me comprometo... nada no mundo me impedirá de cumprir essa promessa... amanhã às três...

Um demorado silêncio pesou sobre eles. Não ousava rompê-lo, e a emoção da moça lhe causava um verdadeiro sofrimento. Docemente, sem uma palavra, afastou-se.

E pensava: “Que vá embora!... Que se sinta livre para ir!... Que não tenha medo de mim!...”. Mas súbito ela estremeceu e balbuciou:

— Escute... passos... ouço alguém caminhar...

Olhou-a com pasmo. Parecia transtornada, como pela aproximação de um perigo.

— Não ouço nada — disse ele —, e de qualquer forma...

— Como! Mas precisa fugir... rápido, fuja...

— Fugir... por quê?...

— Precisa... precisa... ah! Não fique aí...

Num pulo correu até a entrada da galeria e ficou escutando. Não, não havia ninguém. Talvez o ruído viesse de fora... Esperou um instante, e logo, tranquilizada, virou-se.

Arsène Lupin tinha desaparecido.

No mesmo instante em que Devanne constatou a pilhagem do seu castelo, pensou: “Foi Velmont que deu o golpe, e Velmont é Arsène Lupin”. Tudo se explicava assim, e nada de outro modo. Essa ideia, porém, só passou por ele, a tal ponto era inverossímil que Velmont não fosse Velmont, o conhecido pintor, o camarada de roda de seu primo D’Estevan. E quando o cabo da guarda, avisado imediatamente, se apresentou, Devanne não pensou sequer em lhe comunicar essa absurda suposição.

Toda a manhã em Thibermesnil foi um vaivém indescritível. Os guardas, o comissário de polícia de Dieppe, a guarda campestre, os moradores da aldeia, todo mundo pelos corredores, pelo parque ou em volta do castelo. A aproximação das tropas em manobras, o crepitar dos fuzis aumentava o pitoresco da cena.

As primeiras buscas não forneceram nenhum indício. As janelas não tinham sido quebradas nem as portas arrombadas, de modo que a mudança tinha de ter sido feita pela saída secreta. No entanto, não ficara no tapete a impressão de um passo, nem nas paredes qualquer marca insólita.

Só uma coisa, inesperada, e a denotar bem a fantasia de Arsène Lupin: a famosa *Crônica* do século XVI tinha voltado ao seu lugar, e ao lado estava um livro semelhante que não era senão o exemplar roubado da Biblioteca Nacional.

Às onze horas chegaram os oficiais. Devanne os acolheu alegremente, pois, fosse qual fosse o aborrecimento que lhe causara a perda de tais

riquezas artísticas, sua fortuna lhe permitia suportá-la sem mau humor. Seus amigos D'Androl e Nelly desceram.

Feitas as apresentações, notou-se que faltava um convidado, Horace Velmont. Não viria?

Sua ausência teria reativado a desconfiança de Georges Devanne. Mas, ao meio-dia em ponto, ele entrou. Devanne alegrou-se:

— Em boa hora! Chegou!

— Não estou no horário?

— Sim, mas podia não estar depois de uma noite tão agitada!... Sabe a nova?

— Qual?

— Você roubou o castelo.

— Puxa!

— É como estou lhe dizendo. Mas dê antes o braço a Miss Underdown e passemos à mesa... Permite, senhorita? — Interrompeu-se, vendo a perturbação da moça. Logo, recordando-se: — Ah, viajou com Arsène Lupin há tempos, antes de ele ser preso... A parecença a surpreende, não é?

Ela não respondeu. À sua frente, Velmont sorria. Inclinou-se e ela lhe deu o braço. Levou-a ao seu lugar e sentou-se diante dela.

Durante o almoço só se falou de Arsène Lupin, dos móveis roubados, de Herlock Sholmes. No fim da refeição apenas, como se abordassem outros assuntos, Velmont participou da conversa. Foi sucessivamente divertido e grave, eloquente e espirituoso. E tudo o que dizia parecia dizer só para interessar à moça. Ela, porém, muito absorta, aparentava não o escutar.

Serviram o café na esplanada que domina o pátio principal e o jardim francês do lado da fachada mais importante. No gramado, a banda do regimento começou a tocar, e o grande número de camponeses e soldados se espalhou pelas aleias do parque.

Nelly lembrava-se da promessa de Arsène Lupin: "Às três horas tudo estará aí, prometo".

Às três horas! E os ponteiros do grande relógio que ornava a ala direita marcavam duas e quarenta. Fitava-os sem querer a todo momento, e também a Velmont, que se embalava tranquilamente numa confortável cadeira de balanço.

Duas horas e cinquenta... duas horas e cinquenta e cinco... uma espécie de impaciência, tingida de angústia, oprimia a moça. Era admissível que o milagre se fizesse, e no minuto fixado, enquanto o castelo, o pátio e o campo estavam cheios de gente, e o procurador da República e o juiz de instrução levavam a efeito seu inquérito?

E, no entanto... no entanto Arsène Lupin tinha prometido com tal solenidade! Seria como ele disse, pensou, impressionada por tudo o que havia neste homem de energia, autoridade e certeza. E aquilo lhe soava não como milagre, mas como um acontecimento natural que devia se produzir pela força das coisas.

Por um segundo seus olhares se cruzaram. Ela enrubesceu e virou o rosto.

Três horas... Bateu a primeira pancada, a segunda, a terceira... Horace Velmont tirou o relógio do bolso, ergueu os olhos para o pêndulo, guardou o relógio. Passaram-se alguns segundos e as pessoas se afastaram no gramado, dando passagem a dois veículos que acabavam de atravessar o portão do parque, ambos puxados por dois cavalos. Eram desses furgões que seguem os regimentos com víveres para os oficiais e os sacos dos soldados. Pararam ante a escada de pedra. Um sargento furriel saltou de um deles e perguntou pelo senhor Devanne.

Este acorreu, descendo os degraus. Sob os toldos, viu, cuidadosamente embalados, seus móveis, quadros, objetos de arte.

Às perguntas que lhe fizeram, o furriel respondia exibindo a ordem que recebera do ajudante de serviço, e que lhe tinha sido dada no relatório da manhã. Por essa ordem, a segunda companhia do quarto batalhão devia providenciar para que os objetos colocados na encruzilhada dos Halleux, na floresta de Arques, fossem levados às três horas ao senhor Georges Devanne, proprietário do Castelo de Thibermesnil. Assinado: Coronel Beauvel.

— Na encruzilhada — informou o furriel —, tudo estava pronto, alinhado na grama e sob a guarda de gente do lugar paga só para isso. Achei esquisito, mas quê! A ordem era categórica.

Um dos oficiais examinou a assinatura. Falsa, embora perfeitamente imitada. A música parou, esvaziaram os furgões, reinstalaram os móveis.

Em meio a essa agitação, Nelly ficou sozinha na ponta da esplanada. Estava inquieta, com pensamentos confusos que não tentava formular.

Notou que Velmont se acercava. Desejou evitá-lo, mas o ângulo da balaustrada a circundava pelos lados e uma linha de grandes caixas de arbustos por trás, não lhe deixando outra saída a não ser o caminho por onde avançava o rapaz. Não se moveu. Um raio de sol tremia em seus cabelos dourados, sacudido pelas folhas leves de um bambu. Alguém pronunciou baixinho:

— Mantive minha promessa desta noite. — Arsène Lupin estava junto a ela e, em volta deles, ninguém. Repetiu, hesitante, com voz tímida: — Mantive minha promessa desta noite.

Esperava uma palavra de agradecimento, um gesto ao menos que demonstrasse o interesse que ela tinha nesse ato. Ela calou.

Esse desprezo irritou Arsène Lupin, e tinha ao mesmo tempo o sentimento profundo de tudo o que o separava de Nelly, agora que ela vira a realidade. Quis se desculpar, encontrar explicações, mostrar sua vida no que tinha de audacioso e de grande. Mas as palavras o contrariavam antes de sair, e sentia o absurdo e a insolência de qualquer explicação. Murmurou tristemente, invadido por uma onda de lembranças:

— Como o passado está distante! Lembra-se das longas horas na ponte do *Provence*? Ah! Veja... tinha, como hoje, uma rosa na mão, e pálida como esta... pedi que me desse e não pareceu ouvir. Mas depois que saiu encontrei a rosa... esquecida, sem dúvida... e a guardei. — Ela não respondeu ainda, parecia longe dali. Ele continuou: — Em memória dessas horas, não fique pensando no que sabe. Que o passado se ligue ao presente! Que eu não seja o que viu nesta noite, mas o de antes, e que seus olhos me fitem, ainda que apenas um segundo, como me fitavam... Peço-lhe... não sou mais o mesmo?

Ela ergueu os olhos, como ele pedira, e o fitou. A seguir, sem falar, pôs o dedo no anel que ele tinha no indicador. Só se via o aro, mas o engaste, virado para dentro, prendia um rubi maravilhoso.

Arsène Lupin enrubesceu. O anel pertencia a Georges Devanne. Sorriu com amargura.

— Tem razão. Quem foi sempre há de ser. Arsène Lupin não é e não pode ser outro senão Arsène Lupin, e entre você e ele não pode sequer haver uma lembrança... perdoe. Deveria ter compreendido que até a minha presença ao seu lado é um insulto.

Recuou para a balaustrada, de chapéu na mão. Nelly passou diante dele. Esteve tentado a retê-la, a implorar. Faltou-lhe a ousadia e seguiu-a com os olhos, como no longínquo dia em que atravessava a escada no cais de Nova Iorque. Ela subiu os degraus para a porta. Um instante ainda, sua delicada silhueta se desenhou entre os mármores da entrada, e não a viu mais.

Uma nuvem obscureceu o sol. Arsène Lupin observava, imóvel, o rastro dos pequenos passos impressos na areia. Súbito, agitou-se: no retângulo de arbustos em que Nelly se apoiara, jazia a rosa, a rosa pálida que não ousara lhe pedir... esquecida sem dúvida essa também. Mas deliberadamente ou por distração?

Pegou-a com tal ardor que algumas pétalas se destacaram. Recolheu--as uma a uma como relíquias...

— Vamos — disse a si mesmo —, nada mais tenho a fazer aqui. E logo que Herlock Sholmes se meta, isso pode piorar.

O parque estava deserto, mas no pavilhão, bem na entrada, havia um grupo de guardas. Meteu-se pelo bosque, escalou o muro da periferia e tomou, para chegar à estação mais próxima, uma senda que serpeava pelos campos. Não tinha andado dez minutos e o caminho se apertou, encaixado entre duas encostas; ao chegar nesse desfiladeiro, vinha por ele alguém em sentido contrário.

Era um homem talvez de cinquenta anos, bastante forte, de rosto raspado, e cuja roupa mostrava ser estrangeiro. Trazia à mão uma pesada bengala e uma sacola lhe pendia do ombro.

Cruzaram-se. O estrangeiro disse, com sotaque inglês apenas perceptível:

— Desculpe, senhor... é esta a estrada do castelo?

— Vá reto e pegue à esquerda ao chegar junto ao muro. Esperam pelo senhor com impaciência.

— Ah!

— Sim, meu amigo Devanne nos anunciou a sua visita desde ontem à noite.

— Pior para ele se falou demais.

— E tenho o prazer de ser o primeiro a saudá-lo. Herlock Sholmes não tem admirador mais entusiasta.

Houve em sua voz um mínimo matiz de ironia que lamentou imediatamente, pois Herlock Sholmes o fitou dos pés à cabeça, num olhar ao mesmo tempo tão envolvente e tão agudo que Arsène Lupin teve a impressão de ser agarrado, preso, registrado por esse olhar, mais exata e essencialmente do que nunca fora por qualquer aparelho fotográfico.

"A chapa está tirada", pensou. "Com este homenzinho não paga a pena eu me disfarçar. Mas... será que me reconheceu?"

Despediram-se. Ecoou, no entanto, um ruído de cavalos que caracolavam com estalidos metálicos. Eram os guardas. Os dois homens tiveram de se apertar contra a encosta, na grama alta, para evitar serem atropelados. Passaram os guardas e, como iam a certa distância uns dos outros, demoraram. Lupin pensava: "Tudo depende desta questão: será que me reconheceu? Se sim, há boa margem para que abuse da situação; é angustiante".

Quando o último cavaleiro passou por eles, Herlock Sholmes se endireitou e, sem falar, limpou a roupa empoeirada. À correia de sua sacola se pegara um galho de espinhos. Arsène Lupin livrou-a. Ainda um segundo se examinaram. E se alguém os surpreendesse nesse instante, ficaria comovido com o espetáculo do primeiro encontro desses dois homens tão poderosamente armados, ambos superiores e fatalmente destinados por suas aptidões especiais a se chocar como duas forças iguais que a ordem das coisas lançasse uma contra a outra através do espaço.

Disse o inglês:

— Obrigado, senhor.

— Às suas ordens — respondeu Lupin.

Afastaram-se. Lupin foi para a estação; Herlock Sholmes, para o castelo.

O juiz de instrução e o procurador tinham partido depois de buscas vãs e se esperava Herlock Sholmes com a curiosidade justificada por sua grande reputação. Houve alguma decepção com seu aspecto burguês, a diferir tão profundamente da imagem que faziam dele. Nada tinha do herói de romance, da personagem enigmática e diabólica que desperta em nós a ideia de Herlock Sholmes. Devanne, porém, bradou, cheio de exuberância:

— Enfim, mestre, chega! Que felicidade! Há tanto o esperava... Estou quase contente com o que se passou por me valer o prazer de vê-lo. A propósito, de que modo veio?

— De trem.

— Que pena! Mas eu tinha lhe mandado um automóvel ao desembarque.

— Uma chegada oficial, não é? Com tambor e música. Ótimo meio de me facilitar a tarefa — resmungou o inglês.

O tom pouco atraente desconcertou Devanne, que se esforçou, porém, por brincar:

— Felizmente a tarefa é mais fácil do que lhe tinha escrito.

— E por quê?

— Porque o roubo teve lugar nesta noite.

— Se não tivesse anunciado a minha visita, senhor, é provável que o roubo não tivesse ocorrido nesta noite.

— E então quando?

— Amanhã, ou outro dia.

— E nesse caso?

— Lupin cairia no laço.

— E meus móveis?

— Não teriam sido levados.

— Mas estão aqui.

— Aqui?

— Foram trazidos às três horas.

— Por Lupin?

— Por dois furgões militares.

Herlock Sholmes enfiou o chapéu na cabeça e agarrou a sacola, mas Devanne bradou:

— Que está fazendo?

— Vou embora.

— Por quê?

— Seus móveis estão aí. Arsène Lupin, distante. Minha função terminou.

— Mas tenho necessidade absoluta do seu concurso, caro senhor. O que se passou ontem pode voltar a ocorrer amanhã, já que ignoramos o mais importante: como entrou Arsène Lupin, como saiu, e por quê, horas mais tarde, fez a restituição.

— Ah! Ignoram... — A ideia de um segredo a descobrir amenizou Herlock Sholmes. — Seja, procuremos. Mas depressa, não é? E, tanto quanto possível, sozinhos.

A frase se referia claramente aos assistentes. Devanne compreendeu e introduziu o inglês no salão. Num tom seco, em frases que pareciam contadas de antemão — e com que parcimônia! —, Sholmes lhe fez perguntas sobre a noitada da véspera, os convivas, os frequentadores do castelo. Logo examinou os dois volumes da *Crônica*, comparou os mapas do subterrâneo, fez que repetisse as citações achadas pelo Abade Gélis e perguntou:

— Foi ontem que pela primeira vez falou nessas duas citações?

— Ontem.

— Não tinha falado delas antes ao senhor Horace Velmont?

— Não.

— Bem. Providencie o automóvel. Regresso dentro de uma hora.

— Dentro de uma hora!

— Arsène Lupin não demorou mais para resolver o problema que o senhor lhe colocou.

— Eu... lhe coloquei?!...

— Claro, Arsène Lupin e Velmont são a mesma pessoa.

— Eu desconfiava... Ah! O malandro!

— Ora, ontem à noite, às dez horas, forneceu os elementos que lhe faltavam, e procurava há semanas. E ao correr da noite Lupin teve tempo de entender, reunir seu bando e roubá-lo. Tenho a pretensão de ser tão expedito quanto ele.

Andou de um lado a outro da peça, refletindo, depois sentou-se, cruzou as longas pernas e fechou os olhos.

Devanne esperava, embaraçado. "Dorme? Pensa?"

Não sabendo, saiu para dar ordens. Quando voltou, notou-o ao pé da escada da galeria, de joelhos, examinando o tapete.

— Que há aí?

— Olhe... aqui... estes pingos de vela...

— Oh, de fato... e frescos...

— Observará o mesmo no alto da escada, e mais ainda em volta deste mostruário que Arsène Lupin quebrou, e de que tirou os objetos para colocar nesta poltrona.

— E conclui disso...?

— Nada. Todos esses fatos explicariam sem nenhuma dúvida a restituição que fez. Mas é um lado da questão que não tenho tempo de

abordar. O essencial é o trajeto do subterrâneo.

— Espera ainda...

— Não espero, sei. Existe, não é? Uma capela a duzentos ou trezentos metros do castelo?

— Uma capela em ruínas, em que está a tumba do Duque Rollon.

— Diga ao seu chofer que nos espere junto a essa capela.

— Ele ainda não voltou. Vão me avisar... Mas, pelo que vejo, acha que o subterrâneo vai dar na capela. Sobre que indício...

Herlock Sholmes o interrompeu:

— Peço que me consiga uma escada e uma lanterna.

— Ah! Precisa de uma lanterna e de uma escada?

— Provavelmente, já que estou lhe pedindo.

Devanne, um pouco sem jeito, puxou a campainha dos criados, e os dois objetos foram trazidos. As ordens passaram a se suceder com rigor e a precisão de um bom comandante militar.

— Ponha esta escada contra a estante, à esquerda da palavra Thibermesnil... — Devanne arrumou a escada e o inglês prosseguiu: — Mais à esquerda... à direita... aí! Suba... bem... Todas as letras deste nome estão em relevo, não é?

— Sim.

— Vamos tratar da letra *h*. Vira, num sentido ou noutro?

Devanne pegou o *h* e exclamou:

— Mas, sim, ela se mexe! Para a direita, um quarto de círculo! Quem lhe tinha dito?...

Sem responder, Herlock Sholmes continuou:

— Pode, de onde está, alcançar a letra *r*? Sim... mexa nela várias vezes como faria com um ferrolho que se põe e tira.

Devanne remexeu na letra *r* e, para sua estupefação, houve uma sacudida interna.

— Perfeito — disse Herlock Sholmes. — Resta-nos apenas passar a sua escada para a outra ponta, ao fim da palavra Thibermesnil... Bem... E agora, se não me engano, se as coisas correrem como devem, a letra *l* se abrirá tal como um postigo.

Com certa gravidade, Devanne pegou a letra *l*. Ela se abriu, mas ele rolou da escada, pois toda a parte da estante situada entre a primeira e a última letra da palavra girou sobre si mesma e descobriu o orifício do

subterrâneo.

Herlock Sholmes pronunciou, fleumático:

— Não está ferido?

— Não, não — respondeu Devanne, levantando-se —, não ferido, mas assustado... estas letras que se mexem... este subterrâneo aberto...

— E então? Não está tudo exatamente de acordo com a citação de Sully?

— Em quê, senhor?

— Ora! O *h* gira, o *r* freme e o *l* se abre... e é o que permitiu a Henrique IV receber Mademoiselle de Tancarville a uma hora insólita.

— Mas Luís XVI? — perguntou Devanne, consternado.

— Luís XVI era um grande ferreiro e um serralheiro hábil. Li um *Tratado das fechaduras de combinação* que é tido como dele. Da parte de Thibermesnil, era conduzir-se como bom cortesão mostrar ao chefe esta obra-prima de mecânica. Para memorizar, o rei escreveu: *2-6-12*, isto é, *h, r* e *l*, a segunda, a sexta e a décima segunda letra do nome.

— Ah! Perfeito, começo a compreender... Apenas... se entendo como se sai desta sala, não entendo como Lupin pôde entrar aqui. Pois, note bem, ele veio de fora.

Herlock Sholmes acendeu a lanterna e avançou uns passos no subterrâneo.

— Olhe, todo o mecanismo se vê daqui como as molas de um relógio, e todas as letras estão aí ao contrário. Lupin só precisou mexer nelas deste lado do tabique.

— Qual a prova?

— A prova? Veja esta mancha de óleo. Ele até previu que as molas precisariam ser engraxadas — acrescentou Sholmes, não sem admiração.

— Mas então ele conhecia a outra saída?

— Como eu conheço. Siga-me.

— Pelo subterrâneo?

— Tem medo?

— Não, mas está certo de saber o caminho?

— De olhos fechados.

Desceram primeiro doze degraus, logo outros doze, e ainda duas vezes outros doze. Percorreram um longo corredor, cujas paredes de tijolos traziam a marca de sucessivas restaurações e que ressumavam em alguns

lugares. O chão era úmido.

— Passamos sob o lago — observou Devanne, nada seguro.

O corredor levava a uma escada de doze degraus, seguida de três outras da mesma altura, que subiram penosamente para sair numa pequena cavidade talhada na própria rocha. O caminho não ia mais longe.

— Diabo — murmurou Herlock Sholmes —, muros nus, isso está ficando embaraçoso.

— Quem sabe voltamos? — murmurou Devanne. — Quanto a mim, não tenho nenhuma necessidade de saber mais. Estou satisfeito.

Mas, tendo levantado a cabeça, o inglês soltou um suspiro de alívio: acima se repetia o mesmo mecanismo da entrada. Bastou manobrar as três letras, e um bloco de granito se moveu. Do outro lado, a lápide do Duque Rollon, gravada com doze letras em relevo: *Thibermesnil*. Achavam-se na capelinha em ruínas que o inglês tinha indicado.

— E se vai até Deus, isto é, até a capela — disse, referindo-se ao fim da citação.

— Será possível! — exclamou Devanne, confundido pela clarividência e a vivacidade de Herlock Sholmes. — Será possível que essa simples indicação tenha lhe bastado?

— Ora! — retrucou o inglês. — Ela era até dispensável. No exemplar da Biblioteca Nacional, o traçado termina à esquerda, como sabe, por um círculo, e à direita, você o ignora, por uma cruzinha, mas tão apagada que só se pode ver com lente. Essa cruz significa evidentemente a capela em que estamos.

O pobre Devanne não acreditava nos próprios ouvidos.

— É inaudito, milagroso, e, no entanto, de uma simplicidade infantil. Como ninguém nunca descobriu essa solução?

— Porque ninguém nunca reuniu os três ou quatro elementos necessários, isto é, os dois livros e as citações... Ninguém, fora Arsène Lupin e eu.

— Mas eu também — objetou Devanne —, e o Abade Gélis... sabíamos os dois tanto quanto vocês, contudo...

Sholmes sorriu.

— Senhor Devanne, nem todo o mundo está apto a decifrar enigmas.

— Mas há dez anos que procuro, e o senhor, em dez minutos...

— Ora, o hábito... — Saíram da capela e o inglês exclamou: — Olhe, um automóvel esperando!

— Mas é o meu!

— O seu? Pensei que o chofer não tinha voltado.

— De fato... e me pergunto... — Foram até o carro e Devanne interpelou o chofer: — Édouard, quem lhe deu ordem de vir aqui?

— Mas — respondeu o homem — foi o senhor Velmont.

— Senhor Velmont? Então viu-o novamente?

— Na estação; disse para eu vir à capela.

— À capela! Mas para quê?

— Para esperar aqui pelo senhor... e o seu amigo...

Devanne e Herlock Sholmes se olharam. Devanne disse:

— Ele compreendeu que o enigma seria brincadeira para você. A homenagem é delicada.

Um sorriso de contentamento enrugou os lábios finos do detetive. A homenagem lhe agradava. Disse, sacudindo a cabeça:

— É um homem. Bastou vê-lo, aliás, e o tinha julgado.

— Então viu-o?

— Há pouco cruzamos um com o outro.

— E sabia que era Horace Velmont, quero dizer, Arsène Lupin?

— Não, mas não tardei em adivinhar... por certa ironia de sua parte.

— E deixou-o escapar?

— Palavra, deixei... E estava na melhor situação... cinco guardas passavam.

— Mas, meu Deus, era oportunidade única a aproveitar...

— Justamente, senhor — disse o inglês com nobreza —, quando se trata de um adversário como Arsène Lupin, Herlock Sholmes não aproveita as oportunidades... ele as cria.

Mas a hora instava e, já que Arsène Lupin tinha tido a encantadora atenção de enviar o automóvel, cumpria não a desperdiçar. Devanne e Herlock Sholmes subiram ao confortável carro, Édouard deu uma volta na manivela e partiram. Campos, ramalhetes de árvores desfilaram. As doces ondulações da região de Caux discorriam adiante. De repente, os olhos de Devanne foram atraídos por um pacotinho a um canto.

— Olhe, que será? Um pacote. E para quem? É para o senhor!

— Para mim?

— Leia: “Senhor Herlock Sholmes, da parte de Arsène Lupin”.

O inglês pegou o pacote, desatou, tirou as duas folhas de papel que o envolviam. Era um relógio.

— Ah! — exclamou com um gesto de cólera.

— Um relógio... — falou Devanne. — Será por acaso...?

O inglês não respondeu.

— Como! É o seu relógio! Arsène Lupin lhe devolve o seu relógio! Mas, se devolve, é porque certamente tinha pegado... Tinha pegado o seu relógio! Esta é boa, o relógio de Herlock Sholmes escamoteado por Arsène Lupin! Deus, como é divertido! Não, verdade... desculpe... mas é mais forte que eu! — E, quando riu o suficiente, afirmou em tom convicto: — Oh, é um homem, com efeito.

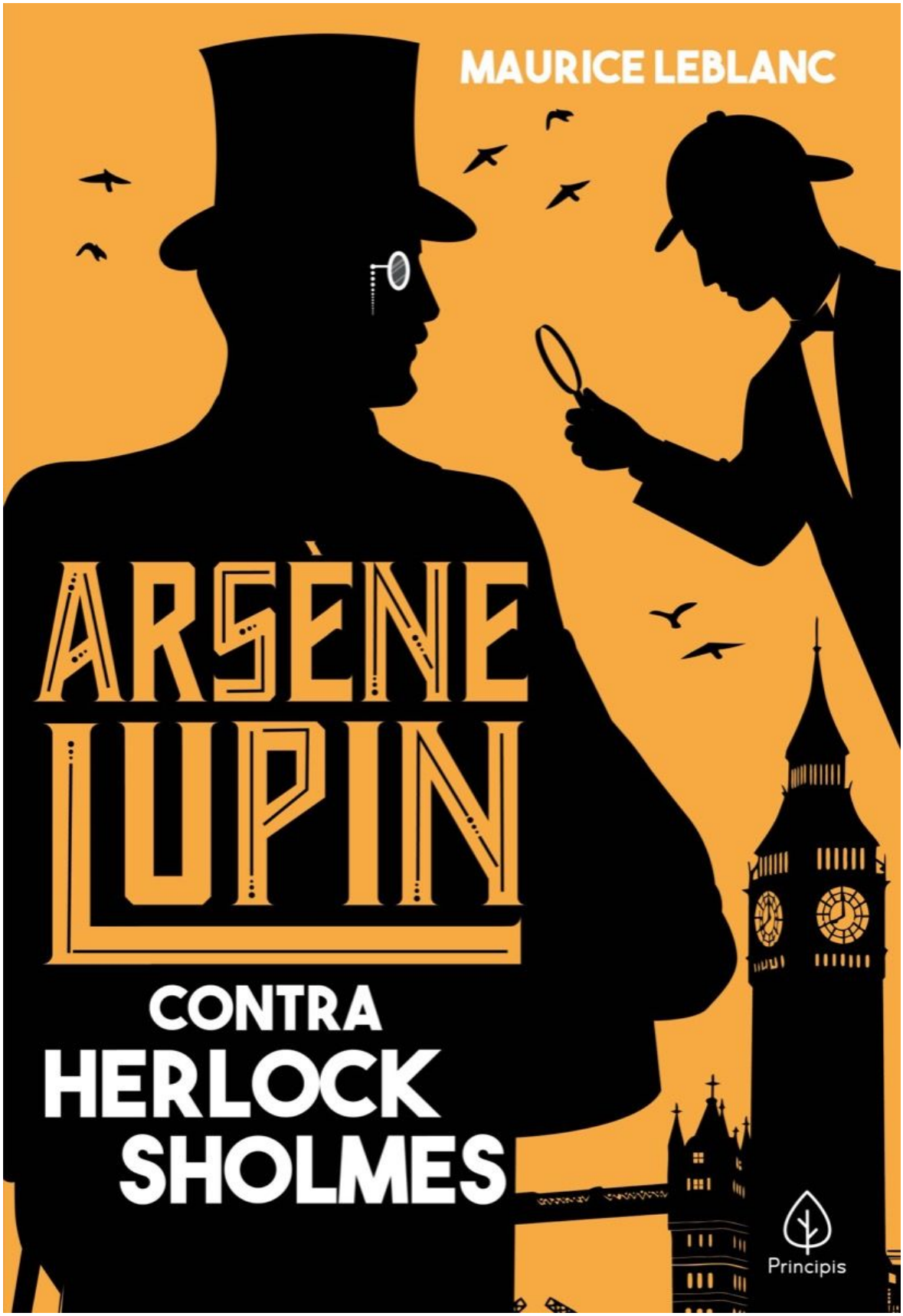
O inglês não se mexeu. Até Dieppe não pronunciou uma palavra, os olhos fitos no horizonte fugidio. Seu silêncio era terrível, insondável, mais violento que a raiva. Já na plataforma para apanhar o trem, disse simplesmente, sem cólera desta vez, mas num tom em que se sentia a vontade e toda a energia da figura.

— Sim, é um homem, e um homem sobre cujo ombro me agradaria pôr esta mão que lhe estendo, senhor Devanne. E tenho ideia, veja, de que Arsène Lupin e Herlock Sholmes se encontrarão de novo um dia ou outro... Sim, o mundo é pequeno demais para que não se encontrem... e nesse dia...

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

CONTRA HERLOCK SHOLMES



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
CONTRA
HERLOCK SHOLMES
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Preparação
Fernanda R. Braga Simon
Revisão
Agnaldo Alves
Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
ducu59us/Shutterstock.com;
Dervish45/Shutterstock.com;
Jeff Bird/Shutterstock.com
Capa
Francisco Moreira Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin contra Herlock Sholmes [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP: Principis, 2021.

224 p.; ePUB; 1,9 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Arsène Lupin contre Herlock Sholmes
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-296-9 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-127 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa 843

2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020

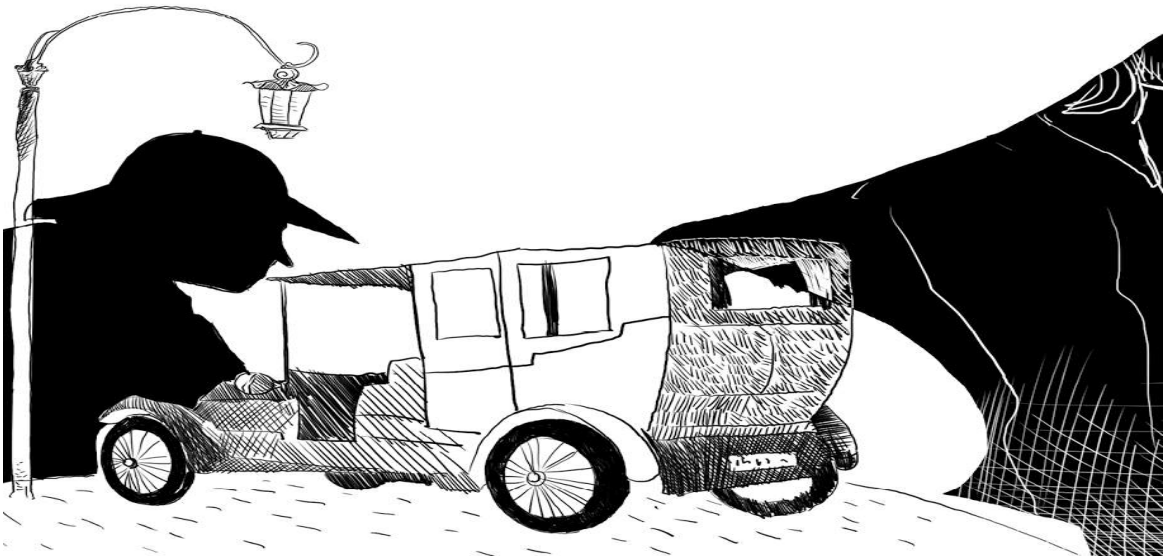
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

PRIMEIRO EPISÓDIO

A MULHER LOURA



1

Número 514, série 23

No dia 8 de dezembro do ano passado, o senhor Gerbois, professor de matemática no liceu de Versalhes, descobriu, em meio à bagunça de uma loja de antiguidades, uma pequena escrivaninha de mogno que lhe agradou pela abundância de gavetas.

"Justamente do que eu preciso para o aniversário de Suzanne", pensou.

E como, na medida de seus modestos recursos, fazia de tudo para alegrar a filha, discutiu o preço e pagou a soma de sessenta e cinco francos.

No momento em que fornecia seu endereço para a entrega, um rapaz de maneiras elegantes, após bisbilhotar aqui e ali, percebeu o móvel e perguntou:

— Quanto?

— Está vendido — respondeu o comerciante.

— Ah!... Ao cavalheiro, talvez?

O senhor Gerbois fez uma saudação e, mais feliz ainda por possuir o móvel cobiçado por um semelhante, retirou-se.

Mas não dera dez passos na rua quando foi alcançado pelo rapaz, que, de chapéu na mão e num tom de perfeita cortesia, interpelou-o:

— Peço-lhe mil desculpas, cavalheiro… Tenho uma pergunta indiscreta a lhe fazer… O senhor estava procurando especialmente essa escrivaninha?

— Não. Estava atrás de uma balança em oferta para algumas experiências de física.

— Quer dizer que não faz muita questão dela?

— Gostei dela, só isso.

— Porque é antiga, talvez?

— Porque é prática.

— Nesse caso, consentiria em trocar por uma escrivaninha igualmente prática, porém em melhor estado?

— Esta acha-se em bom estado e a troca me parece inútil.

— No entanto…

O senhor Gerbois é um homem que se irrita com facilidade, exibindo um temperamento suscetível. Respondeu secamente:

— Por favor, cavalheiro, não insista.

O desconhecido plantou-se à sua frente.

— Ignoro o preço que pagou, senhor… Ofereço-lhe o dobro.

— Não.

— O triplo?

— Oh! Paremos por aqui — exclamou o professor, impaciente. — O que me pertence não está à venda.

O rapaz fitou-o detidamente, com uma cara que o senhor Gerbois não iria esquecer; depois, sem uma palavra, girou nos calcanhares e se afastou.

Uma hora depois, entregavam o móvel na casinha que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha.

— É para você, Suzanne, claro, se for do seu gosto.

Suzanne era uma moça bonita, expansiva e feliz. Atirou-se no pescoço do pai e o abraçou com a mesma alegria que o teria feito se ele a tivesse presenteado com algo suntuoso.

Naquela mesma noite, após instalá-la no seu quarto com a ajuda de Hortense, a empregada, limpou as gavetas e arrumou cuidadosamente seus papéis, suas caixas de envelopes, sua correspondência, suas coleções de cartões-postais e algumas lembranças furtivas que ela conservava afetuosamente de seu primo Philippe.

No dia seguinte, às sete e meia, o senhor Gerbois dirigiu-se ao liceu. Às dez horas, Suzanne, obedecendo a um hábito cotidiano, esperava-o na saída, e para ele era um grande prazer avistar, na calçada defronte do portão, sua figura graciosa e seu sorriso de criança.

Voltaram juntos.

— E sua escrivaninha?

— Simplesmente maravilhosa! Hortense e eu polimos os detalhes em cobre. Ficou parecendo ouro.

— Então está contente?

— Se estou contente?! Nem sei como pude viver sem ela até aqui. Atravessaram o jardim que precedia a casa. O senhor Gerbois sugeriu:

— Vamos dar uma olhada nela antes do almoço?

— Oh, sim! Boa ideia.

Ela subiu primeiro, mas, ao chegar à porta do quarto, deu um grito de estupefação.

— O que houve afinal? — balbuciou o senhor Gerbois.

Em seguida, entrou no quarto. A escrivaninha não estava mais lá.

O que espantou o juiz de instrução foi a admirável simplicidade dos meios aplicados. Na ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia suas compras, um transportador, devidamente identificado — vizinhos viram sua placa —, parara sua carroça em frente ao jardim e tocara duas vezes. Os vizinhos, ignorando a ausência da empregada, não alimentaram nenhuma suspeita, de modo que o indivíduo executou o serviço na mais absoluta tranquilidade.

Com o seguinte detalhe: nenhum armário fora arrombado, nenhum relógio de parede, deslocado. Como se não bastasse, o porta-moedas de Suzanne, que ela deixara sobre o tampo de mármore da escrivaninha, estava na mesa ao lado com as moedas de ouro que continha. A motivação do roubo, portanto, estava claramente determinada, o que o tornava ainda mais inexplicável, pois, afinal, por que correr tantos riscos por butim tão irrisório?

A única pista que o professor pôde fornecer foi o incidente da véspera.

— Na mesma hora o rapaz manifestou, ante minha recusa, uma profunda contrariedade, e tive a impressão muito nítida de que se despedia com uma ameaça.

Era muito vago. Interrogaram o antiquário. Ele não reconheceu nenhum dos dois cavalheiros. Quanto ao objeto, comprara-o por quarenta francos na Chevreuse, após um leilão decorrente de um falecimento, e julgava tê-lo revendido por seu justo valor. A investigação que se seguiu não acrescentou nada de novo.

Mas o senhor Gerbois continuou persuadido de que sofrera um prejuízo enorme. Uma fortuna devia estar dissimulada no fundo falso de uma das gavetas, sendo esta a razão pela qual o rapaz, conhecedor do esconderijo, agira com tal determinação.

— O que teríamos feito com essa fortuna, paizinho? — ecoou Suzanne.

— O quê?! Ora, com um dote desses, você poderia aspirar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido medíocre, suspirava amargamente. E a vida continuou na casinha de Versalhes, menos alegre, menos despreocupada, nublada por arrependimentos e decepções.

Transcorreram dois meses. E, subitamente, um atrás do outro, os acontecimentos mais graves, uma série inesperada de coincidências e catástrofes!...

No dia 1º de fevereiro, às cinco e meia, o senhor Gerbois, que acabava de chegar com um jornal vespertino nas mãos, sentou-se, colocou seus óculos e começou a ler. Não se interessando por política, virou a página. Imediatamente uma manchete chamou sua atenção:

Terceiro sorteio da loteria das Associações da Imprensa.

O número 514, série 23, ganha um milhão…

O jornal escorregou-lhe das mãos. As paredes vacilaram diante de seus olhos, e seu coração parou de bater. O número 514, série 23, era o seu número!

Comprara-o por acaso, para fazer um favor a um amigo, pois não acreditava nem um pouco nos favores do destino, e eis que ganhava!

Imediatamente, pegou sua caderneta. Ali estava, na primeira folha, o número 514, série 23, para que ele não esquecesse. Mas e o bilhete?

Correu em direção ao seu gabinete de trabalho para procurar na caixa de envelopes, entre os quais esgueirara o precioso bilhete, e, mal entrou, estacou, vacilando novamente, com um aperto no coração: a caixa de envelopes não estava ali e, coisa aterradora, ele subitamente se dava conta de que não estava ali havia um bom tempo! Fazia semanas que a deixara de ver à sua frente nas horas em que corrigia os deveres de seus alunos!

Um barulho no cascalho do jardim… Ele chamou:

— Suzanne! Suzanne!

A filha veio correndo. Subiu precipitadamente. O pai balbuciou, com a voz engasgada:

— Suzanne… a caixa… a caixa de envelopes?...

— Qual?

— A do Louvre… que eu tinha trazido uma quinta-feira… e que ficava na ponta desta mesa.

— Ora, não se lembra, pai? Estávamos juntos quando a guardamos…

— Quando…

— Aquela noite… você sabe… Na véspera do dia…

— Mas onde?... Responda… Está me matando…

— Onde?... Na escrivaninha.

— Na escrivaninha que foi roubada?

— Sim.

— Na escrivaninha que foi roubada!

Repetiu essas palavras baixinho, com uma espécie de pavor. Em seguida agarrou a mão da filha e, num tom ainda mais baixo:

— Ela continha um milhão, Suzanne…

— Ah, pai, por que não me contou? — ela murmurou ingenuamente.

— Um milhão! — ele repetiu. — Era o número vencedor da loteria da Imprensa.

A dimensão do desastre os aniquilava, e por muito tempo conservaram um silêncio que não tinham coragem de romper.

Por fim, Suzanne articulou:

— Mas, pai, eles vão lhe pagar de qualquer maneira.

— A troco do quê? Com que provas?

— Então é preciso provas?

— Que pergunta!

— E você não tem?

— Sim, tenho uma.

— E não basta?

— Ela estava na caixa.

— Na caixa que desapareceu?

— Sim. E outro porá as mãos no dinheiro.

— Mas isso é abominável! Ora, papai, você não pode se opor?

— Sabe-se lá! Sabe-se lá! Esse homem deve ser muito forte! Dispõe de muitos recursos! Lembre-se… o caso desse móvel…

O senhor Gerbois levantou-se num sobressalto, batendo com o pé no chão:

— Pois bem, não, não, ele não receberá esse milhão, não receberá! Por que o receberia? Afinal, por mais hábil que seja, tampouco pode fazer nada.

Caso se apresente para receber, será engaiolado! Ah, veremos, meu rapaz!

— Tem então uma ideia, pai?

— Defender nossos direitos até o fim, aconteça o que acontecer! E triunfaremos!... O milhão me pertence: eu o terei!

Alguns minutos mais tarde, mandou o seguinte telegrama:

Caixa Econômica Federal, rua Capucines, Paris.

Sou detentor do número 514, série 23. Rejeite por todas as vias legais qualquer reivindicação alheia. Gerbois

Quase ao mesmo tempo, chegava à Caixa Econômica este outro telegrama:

O número 514, série 23, está em minhas mãos.

Arsène Lupin

Sempre que começo a contar alguma das inumeráveis aventuras de que se compõe a vida de Arsène Lupin, fico muito confuso, pois me parece que até a mais desimportante dessas aventuras já é do conhecimento de todos os que me lerão. De fato, não há um gesto do nosso "ladrão nacional", como o apelidaram tão graciosamente, que não tenha sido assinalado da maneira mais bombástica, nenhuma façanha que não tenha sido estudada sob todos os seus ângulos, nenhum ato que não tenha sido comentado com essa abundância de detalhes que costumamos reservar ao relato das ações heroicas.

Quem não conhece, por exemplo, a estranha história da *Mulher Loura*, com aqueles episódios curiosos que geravam manchetes bombásticas: *O número 514, série 23… O crime da avenida Henri-Martin!... O diamante azul!...* Que alvoroço causou a intervenção do famoso detetive inglês Herlock Sholmes! Que efervescência após cada uma das peripécias que marcaram a luta desses dois grandes artistas! E que agitação nas ruas, o dia em que os jornaleiros vociferavam: *"A prisão de Arsène Lupin!"*.

Minha desculpa é que trago uma novidade: trago a chave do enigma. Subsiste sempre um pouco de sombra em torno dessas aventuras: eu a dissipo. Reproduzo artigos lidos e relidos, copio antigas entrevistas: mas tudo isso eu coordeno, classifico, submeto à exatidão da verdade. Meu colaborador é Arsène Lupin, cuja indulgência a meu respeito é inesgotável. E é também, no caso, o inefável Wilson, amigo e confidente de Sholmes.

Todos se lembram da formidável gargalhada que acolheu a publicação dos dois telegramas. O próprio nome de Arsène Lupin já era uma garantia

de imprevisibilidade, uma promessa de divertimento para a plateia. E a plateia era o mundo inteiro.

Das buscas imediatamente operadas pela Caixa Econômica, resultou que o número 514, série 23, fora vendido por intermédio do Crédit Lyonnais, sucursal de Versalhes, ao comandante de artilharia Bessy. Ora, o comandante morrera em consequência de uma queda de cavalo. Soube--se, por colegas com quem ele se abrira, que, pouco antes da sua morte, ele cedera seu bilhete a um amigo.

— Esse amigo sou eu — afirmou o senhor Gerbois.

— Prove — objetou o diretor da Caixa Econômica.

— Quer que eu prove? É fácil. Vinte pessoas lhe dirão que eu mantinha relações assíduas com o comandante e que nos encontrávamos no café da Place des Armes. Foi ali que, um dia, para confortá-lo num momento difícil, comprei seu bilhete pela soma de vinte francos.

— Tem testemunhas desse negócio?

— Não.

— Nesse caso, em que baseia sua reivindicação?

— Na carta que ele me escreveu a respeito.

— Que carta?

— Uma carta que tinha o bilhete grampeado.

— Mostre-a.

— Mas ela estava na escrivaninha roubada!

— Encontre-a.

Arsène Lupin, por sua vez, divulgou-a. Inserida pelo *Écho de France* — o qual tem a honra de ser seu órgão oficial, e do qual ele é, parece, um dos principais acionistas —, uma nota comunicou que ele entregava nas mãos do doutor Detinan, seu advogado, a carta que o comandante Bessy lhe escrevera, a ele pessoalmente.

Foi uma explosão de alegria: Arsène Lupin contratava um advogado! Arsène Lupin, em respeito às leis estabelecidas, designava um membro do foro para representá-lo!

Toda a imprensa acorreu à casa do doutor Detinan, deputado radical influente, homem ao mesmo tempo de alta probidade e inteligência aguda, um pouco cético, frequentemente paradoxal.

O doutor Detinan nunca tivera o prazer de encontrar Arsène Lupin — o que lamentava profundamente —, mas, com efeito, acabava de receber

instruções suas, e, muito lisonjeado com a escolha, cuja imensa honra sentia, era sua intenção defender vigorosamente o direito de seu cliente. Abriu então o dossiê recém-constituído e, sem rodeios, exibiu a carta do comandante. Ela provava claramente a cessão do bilhete, mas não mencionava o nome do adquirente. Meu caro amigo… dizia simplesmente.

"Meu caro amigo" sou eu, acrescentava Arsène Lupin, num bilhete anexado à carta do comandante. E a melhor prova é que tenho a carta comigo.

A nuvem de repórteres aportou imediatamente na casa do senhor Gerbois, que só fazia repetir:

— "Meu caro amigo" não é outro senão eu. Arsène Lupin roubou a carta do comandante com o bilhete de loteria.

— Que ele prove! — replicou Lupin aos jornalistas.

— Mas se foi ele que roubou a escrivaninha! — exclamou o senhor Gerbois perante os mesmos jornalistas.

E Lupin retrucou:

— Que ele prove!

E foi um espetáculo encantadoramente delirante esse duelo público entre os dois detentores do número 514, série 23, as idas e vindas dos repórteres, o sangue-frio de Arsène Lupin diante da agonia do pobre senhor Gerbois.

O noticiário estava repleto das lamentações do infeliz! Ele expunha suas tribulações com uma ingenuidade tocante.

— Compreendam, senhores, é o dote de Suzanne que o patife está me roubando! De minha parte, pessoalmente, estou me lixando, mas e Suzanne? Pensem um pouco, um milhão! Dez vezes cem mil francos! Ah, eu bem sabia que a escrivaninha continha um tesouro!

Em vão lhe objetaram que, ao levar o móvel, seu adversário ignorava a presença de um bilhete de loteria e que, de toda forma, ninguém podia prever que aquele bilhete tiraria a sorte grande. O senhor Gerbois gemia:

— Ora vamos, ele sabia!... Caso contrário, por que se daria ao trabalho de roubar aquele traste?

— Por razões desconhecidas, mas certamente não para se apoderar de um pedaço de papel que valia então a modesta soma de vinte francos.

— A soma de um milhão! Ele sabia disso… Ele sabe tudo!... Ah, vocês não conhecem o bandido!... Ele não lhes surrupiou um milhão!

O diálogo poderia ter-se estendido. Contudo, no décimo segundo dia, o senhor Gerbois recebeu de Arsène Lupin uma missiva que trazia a inscrição "confidencial". Leu-a com crescente inquietude:

Senhor, a opinião pública se diverte à nossa custa. Não julga chegado o momento de falarmos sério? De minha parte, estou firmemente decidido a isso.

A situação é clara: possuo um bilhete que não dá, a mim, o direito de receber, enquanto o senhor tem o direito de receber, mas não possui o bilhete. Logo, nada podemos um sem o outro.

Ora, nem o senhor consentiria em me ceder SEU direito, nem eu em lhe ceder MEU bilhete. O que fazer?

Só vejo um meio, dividir. Meio milhão para o senhor, meio milhão para mim. Não é equânime? E essa sentença de Salomão não satisfaz à sede de justiça que ambos sentimos?

Solução justa, mas solução imediata. Não é uma oferta a ser discutida, mas uma necessidade à qual as circunstâncias o obrigam a curvar-se. Dou-lhe três dias para refletir. Na manhã de sexta-feira, gostaria de ler, nos classificados do Écho de France, *uma discreta mensagem dirigida ao senhor Ars. Lup. e contendo, em termos velados, sua adesão pura e simples ao pacto que lhe proponho. Mediante o que o senhor entrará na posse imediata do bilhete e receberá o milhão — disposto a me entregar quinhentos mil francos pela via que lhe indicarei posteriormente.*

Em caso de recusa, tomarei minhas providências para que o resultado seja idêntico. Mas, além dos aborrecimentos muito graves que lhe causaria tal obstinação, o senhor ainda acabaria descontado em vinte e cinco mil francos, a título de despesas suplementares.

Queira aceitar, senhor, a expressão dos meus sentimentos mais respeitosos.

Arsène Lupin

Exasperado, o senhor Gerbois cometeu o erro crasso de mostrar essa carta e permitir que a copiassem. Sua indignação o impelia a todas as tolices.

— Nada! Ele não terá nada! — exclamou, perante o enxame de repórteres. — Dividir o que me pertence? Jamais. Que rasgue o bilhete, se preferir!

“No entanto, quinhentos mil francos é melhor do que nada.

“Não se trata disso, mas do meu direito, e esse direito eu o farei prevalecer nos tribunais.

“Processar Arsène Lupin? Seria engraçado.

“Não, mas a Caixa Econômica. Ela tem obrigação de me entregar o milhão.

“Contra a apresentação do bilhete, ou pelo menos contra a prova de que o comprou.

“A prova existe, uma vez que Arsène Lupin confessa que roubou a escrivaninha.

“A palavra de Arsène Lupin bastará nos tribunais?

“Não importa, vou processá-lo.”

A opinião pública vibrava. Apostas foram feitas, uns sustentando que Lupin destruiria o senhor Gerbois, outros que este seria destruído por suas próprias ameaças. E reinava uma espécie de aflição, de tal forma eram desiguais as forças entre os adversários, um tão audacioso em seu ataque, o outro, assustado como um animal ferido.

Na sexta-feira, o *Écho de France* teve sua tiragem esgotada e sua quinta página, seção dos classificados, avidamente esquadrinhada. Nenhuma linha era dirigida ao senhor Ars. Lup. Às injunções de Arsène Lupin, o senhor Gerbois respondia com o silêncio. A guerra estava declarada.

À noite, todos souberam pelos jornais do rapto da senhorita Gerbois.

O que nos regozija nos espetáculos de Arsène Lupin é o papel eminentemente cômico da polícia. Tudo se passa à sua margem. Ele fala, escreve, previne, ordena, ameaça, executa, como se não existissem nem chefe da Sûreté nem agentes ou comissários — ninguém, enfim, que o pudesse deter em seus desígnios. Tudo isso é considerado como nulo e inexistente. O obstáculo não conta.

O que não quer dizer que a polícia não se empenhe! Em se tratando de Arsène Lupin, de alto a baixo das hierarquias, todo mundo pega fogo, ferve, espuma de raiva. É o inimigo, e o inimigo ri da sua cara, provoca-o, menospreza-o ou, o que é pior, ignora-o.

O que fazer contra semelhante inimigo? Às nove e quarenta, segundo o depoimento da empregada, Suzanne deixava a casa. Às dez e cinco, ao sair do liceu, seu pai não a avistou na calçada onde ela costumava esperá-lo. Logo, tudo acontecera durante a curta caminhada de vinte minutos que

conduzira Suzanne de sua casa até o liceu, ou pelo menos até as cercanias do liceu.

Dois vizinhos afirmaram ter cruzado com ela a trezentos passos de casa. Uma senhora vira caminhar ao longo da avenida uma moça cuja descrição correspondia à dela. E depois? Depois não se sabia.

Procuraram de todos os lados, interrogaram os funcionários das estações ferroviárias e do pedágio. Ninguém reparara em nada naquele dia que pudesse estar ligado ao rapto de uma moça. No entanto, em Ville-d'Avray, um merceeiro declarou ter vendido óleo para um automóvel fechado que chegava de Paris. No assento da frente estava um motorista, no banco de trás uma mulher loura — louríssima, enfatizou a testemunha. Uma hora mais tarde, o automóvel voltava de Versalhes. Um problema no carro obrigou-o a desacelerar, o que permitiu ao merceeiro constatar, ao lado da mulher loura já vista, a presença de outra mulher, esta envolta em xales e véus. Não havia dúvida de que fosse Suzanne Gerbois.

Mas então tudo levava a crer que o rapto acontecera à luz do dia, numa rua movimentada, em pleno centro da cidade!

Como? Onde, precisamente? Nenhum grito foi ouvido, nenhum movimento suspeito foi observado.

O merceeiro forneceu a descrição do automóvel, uma limusine vinte e quatro cavalos da marca Peugeon, com a carroceria azul-escura. Por via das dúvidas, informaram-se com a diretora da Garagem Central, a senhora Bob-Walthour, preciosa informante no que se refere a raptos por automóvel. Na manhã da sexta-feira, com efeito, ela alugara, por um dia, uma limusine Peugeon a uma moça loura, que, aliás, não voltara a ver.

— Mas e o motorista?

— Era um tal de Ernest, contratado na véspera, com base em excelentes referências.

— Ele está aqui?

— Não, levou o carro e não voltou.

— Não podemos encontrar seu rastro?

— Certamente, com as pessoas que o recomendaram. Aqui estão seus nomes.

Foram à casa dessas pessoas. Nenhuma delas conhecia o tal Ernest.

Quer dizer, todas as pistas seguidas para sair das trevas levavam a outras trevas e outros enigmas.

O senhor Gerbois não tinha forças para sustentar uma batalha que começava de maneira tão desastrosa para ele. Inconsolável desde o desaparecimento da filha, martirizado pelos remorsos, capitulou.

Um anúncio classificado publicado no *Écho de France*, e que todo mundo comentou, admitiu francamente sua rendição, sem rodeios.

Era a vitória, a guerra terminada em quatro vezes vinte e quatro horas. Dois dias depois, o senhor Gerbois atravessava o pátio da Caixa Econômica.

Introduzido junto ao diretor, estendeu o número 514, série 23. O diretor teve um sobressalto.

— Ah, está com ele? Devolveram-lhe?

— Estava extraviado, aqui está ele — respondeu o senhor Gerbois.

— Mas o senhor pretendia… aventou-se…

— Tudo não passa de mexericos e mentiras.

— Mas de toda forma precisaríamos de documentos comprobatórios.

— A carta do comandante é suficiente?

— Naturalmente.

— Aqui está ela.

— Perfeito. Queira deixar essas provas conosco. Temos quinze dias para verificação. Avisarei tão logo possa se apresentar ao nosso caixa. Até lá, cavalheiro, creio que tem todo interesse em não se pronunciar e encerrar este caso no silêncio mais absoluto.

— É a minha intenção.

O senhor Gerbois não falou mais nada, tampouco o diretor. Mas há segredos que vêm à luz sem que se cometa qualquer indiscrição, e logo transpirou que Arsène Lupin tivera a audácia de enviar ao senhor Gerbois o número 514, série 23! A notícia foi recebida com uma admiração estupefata. Decididamente, era um belo jogador aquele que lançava na mesa um trunfo de tal importância, o valioso bilhete! Decerto só se desfazia dele pensadamente e em troca de uma carta que restabelecia o equilíbrio. Mas e se a moça escapasse? E se conseguissem resgatar a refém que ele mantinha cativa?

A polícia percebeu o ponto fraco do inimigo e redobrou os esforços. Arsène Lupin desarmado, depenado por si próprio, preso na engrenagem de suas manobras, sem receber um miserável tostão do milhão cobiçado… imediatamente os trocistas viravam casaca.

Mas era preciso encontrar Suzanne. E esta não era encontrada, tampouco escapava!

Vá lá, diziam, é ponto pacífico, Arsène vence o primeiro *set*. Contudo, o mais difícil resta por fazer! A senhorita Gerbois está em suas mãos, assentimos, e ele só a libertará por quinhentos mil francos. Mas onde e como se dará a troca? Para que se faça a troca, é necessário um encontro, e então o que impede o senhor Gerbois de avisar a polícia e, assim, recuperar a filha, conservando ao mesmo tempo o dinheiro?

Entrevistaram o professor. Muito abatido, inflexível em seu silêncio, permaneceu impenetrável.

— Sem comentários, estou na expectativa.

— E a senhorita Gerbois?

— As buscas continuam.

— Mas Arsène Lupin lhe escreveu?

— Não.

— Confirma isso?

— Não.

— Então escreveu. Que instruções ele deu?

— Sem comentários.

Cercaram o doutor Detinan. Mesma discrição.

— O senhor Lupin é meu cliente — ele respondia, afetando gravidade —, os senhores compreendem que eu me veja compelido à reserva mais absoluta.

Todos esses mistérios irritavam a opinião pública. Evidentemente, planos eram tramados na sombra. Arsène Lupin dispunha e cerrava as malhas de sua rede, enquanto a polícia estabelecia uma vigilância de dia e noite em torno do senhor Gerbois. E contemplavam-se os três únicos desfechos possíveis: a prisão, o triunfo ou a derrota ridícula e humilhante.

Aconteceu, porém, que a curiosidade do público só veio a ser saciada de modo parcial, e é aqui nestas páginas que, pela primeira vez, a verdade nua e crua se acha revelada.

Na terça feira, 12 de março, o senhor Gerbois recebeu, num envelope de aspecto comum, um aviso da Caixa Econômica.

Quinta-feira, à uma hora, pegava o trem para Paris. Às duas, as duas mil cédulas de mil francos eram-lhe entregues.

Enquanto contava-as uma a uma, trêmulo — não era aquele dinheiro o resgate de Suzanne? —, dois homens conversavam num carro parado a certa distância do grande portão. Um desses homens tinha cabelo grisalho e um rosto enérgico, que contrastava com suas roupas e sua aparência de humilde funcionário. Era o inspetor-chefe, Ganimard, o velho Ganimard, inimigo implacável de Lupin. E ele dizia ao brigadeiro Folenfant:

— Não vai demorar… antes de cinco minutos vamos rever o nosso homem. Tudo pronto?

— Completamente.

— Quantos somos?

— Oito, dois de bicicleta.

— E eu, que conto por três. É suficiente, mas não demais. Gerbois não pode nos escapar em hipótese alguma… senão, adeus: ele encontra Lupin no local combinado, troca a senhorita pelo meio milhão, e nós perdemos o bonde.

— Mas por que então o homem não se junta a nós? Seria tão simples!

— Colocando-nos no seu jogo, ele conservaria o milhão inteiro.

— Sim, mas ele tem medo. Se tentar enganar o outro, não terá sua filha.

— Que outro?

— Ele.

Ganimard pronunciou essa palavra num tom grave, um tanto temeroso, como se falasse de uma criatura sobrenatural, cujas garras já tivesse experimentado.

— É de fato esquisito — observou sensatamente o brigadeiro Folenfant — sermos relegados a proteger esse senhor contra ele mesmo.

— Com Lupin, o mundo vira de cabeça para baixo — suspirou Ganimard. Um minuto depois, ele disse: — Atenção.

O senhor Gerbois saía. No fim da rua des Capucines, enveredou pelos bulevares, do lado esquerdo. Afastava-se lentamente, passando em frente às lojas e observando as vitrines.

— Tranquilo demais o sujeito — comentou Ganimard. — Um indivíduo que carrega um milhão no bolso não tem essa tranquilidade.

— O que lhe resta fazer?

— Oh, nada, evidentemente… Seja como for, eu desconfio. Lupin é Lupin.

Nesse momento, o senhor Gerbois dirigiu-se a um quiosque, escolheu alguns jornais, esperou o troco, abriu uma das gazetas e, com os braços estendidos, avançando a passos curtos, começou a ler. Subitamente, deu um pulo e se jogou dentro de um automóvel que estacionava rente ao meio-fio. O motor estava ligado, pois ele partiu rapidamente, deixou a igreja da Madeleine para trás e desapareceu.

— Desgraçado! — exclamou Ganimard. — Mais um golpe de sua lavra!

Saíra em disparada, e outros homens acorriam ao mesmo tempo em torno da Madeleine.

Mas ele caiu na gargalhada. Na entrada do bulevar Malesherbes, o automóvel tinha parado, enguiçado, e o senhor Gerbois saía dele.

— Rápido, Folenfant… o motorista… pode ser o tal Ernest.

Folenfant ocupou-se do motorista. Chamava-se Gaston, era empregado da Sociedade dos Fiacres Automotivos; dez minutos antes, um senhor o contratara e lhe dissera para esperar "de marcha engatada", perto do quiosque, até chegar outro senhor.

— E o segundo cliente — perguntou Folenfant —, que endereço ele lhe deu?

— Nenhum endereço… "Bulevar Malesherbes… avenida de Messine… gorjeta dupla…" Só isso.

Nesse ínterim, contudo, sem perder um minuto, o senhor Gerbois pulara dentro do primeiro coche que passava.

— Cocheiro, ao metrô da Concorde.

O professor saiu do metrô na praça do Palais-Royal, correu até outro coche e se fez conduzir até a praça da Bolsa. Segunda viagem de metrô, depois avenida de Villiers, terceiro coche.

— Cocheiro, rua Clapeyron, 25.

O número 25 da rua Clapeyron é separado do bulevar des Batignolles pelo prédio que faz esquina. Gerbois subiu ao primeiro andar e tocou. Um senhor abriu.

— É aqui que mora o doutor Detinan?

— Sou eu mesmo. Senhor Gerbois, correto?

— Exatamente.

— Estava à sua espera, cavalheiro. Faça o favor de entrar.

Quando o senhor Gerbois adentrou o escritório do advogado, o relógio de parede marcava três horas. Ele disse imediatamente:

— É a hora marcada. Ele não está aqui?

— Ainda não.

O senhor Gerbois sentou-se, secou a testa, consultou seu relógio como se não soubesse a hora e, ansiosamente, repetiu:

— Ele virá?

O advogado respondeu:

— O senhor me interroga, cavalheiro, sobre a coisa do mundo que tenho mais curiosidade de saber. Nunca fui tão impaciente. Em todo caso, se vier, ele arrisca muito, o prédio está fortemente vigiado há quinze dias… desconfiam de mim.

— E de mim mais ainda. Por exemplo, não tenho certeza se os agentes que estavam nos meus calcanhares perderam meu rastro.

— Mas então…

— A culpa não seria minha — exclamou precipitadamente o professor — e não há nada a me censurar. O que prometi? Obedecer às suas ordens. Pois bem, obedeci cegamente às suas ordens, recebi o dinheiro na hora marcada por ele, e vim a esta casa conforme ele estipulou. Responsável pelo infortúnio da minha filha, cumpri minhas promessas com toda a lealdade. Cabe a ele cumprir as dele.

E, no mesmo tom ansioso, acrescentou:

— Ele trará minha filha, não é?

— Espero.

— Só um detalhe… o senhor o viu?

— Eu? Claro que não! Ele simplesmente me pediu por carta que eu recebesse a ambos e despachasse meus criados antes das três horas, sem admitir ninguém no meu apartamento entre sua chegada e sua partida. Se eu não aceitasse essas instruções, ele me pedia para avisá-lo com duas linhas no *Écho de France*. Mas estou muito contente de prestar um favor a Arsène Lupin e consinto em tudo.

O senhor Gerbois gemeu:

— Ai de mim! Como isso tudo vai acabar?

Tirou do bolso as cédulas, espalhou-as sobre a mesa e fez dois maços iguais. Em seguida, eles se calaram. De tempos em tempos, o senhor Gerbois prestava atenção… não tinham tocado a campainha?

À medida que os minutos passavam, sua angústia aumentava, e o doutor Detinan também experimentava uma sensação quase dolorosa.

Por um momento o advogado chegou a perder o sangue-frio. Levantou-se bruscamente:

— Não o veremos… Como seria possível?... Seria loucura da parte dele! Que ele tenha confiança em nós, vá lá, somos pessoas honestas, incapazes de traí-lo! Mas o perigo não está só aqui.

E o senhor Gerbois, arrasado, com as duas mãos sobre as cédulas, balbuciava:

— Que ele venha, meu Deus, que ele venha! Dou tudo isso para rever Suzanne.

A porta se abriu.

— Basta a metade, senhor Gerbois.

Alguém se mantinha na soleira, um homem jovem, vestido com elegância, em quem o senhor Gerbois reconheceu imediatamente o indivíduo que o abordara nos arredores da loja de antiguidades, em Versalhes. Deu um pulo em sua direção.

— E Suzanne? Onde está minha filha?

Arsène Lupin fechou a porta com todo o cuidado e, enquanto tirava as luvas sossegadamente, dirigiu-se ao advogado:

— Caro doutor, não sei como lhe agradecer a gentileza com que aceitou defender meus direitos. Não esquecerei isso.

O doutor Detinan murmurou:

— Mas o senhor não tocou… Não ouvi a porta…

— Campainhas e portas são coisas que devem funcionar sem ferir nossos ouvidos. Mas aqui estou, e isso é o essencial.

— Minha filha! Suzanne! O que fez com ela? — repetiu o professor.

— Meu Deus, senhor — disse Lupin —, que pressa! Vamos, acalme-se, mais um instante e a senhorita sua filha estará em seus braços.

Andou de um lado para outro e depois, no tom de um fidalgo que distribui elogios:

— Senhor Gerbois, meus parabéns pela esperteza com que agiu ainda há pouco. Se o automóvel não sofresse um enguiço absurdo, estaríamos tranquilamente na Étoile e pouparíamos ao doutor Detinan o aborrecimento dessa visita… Enfim! Estava escrito…

Reparou nos dois maços de cédulas e exclamou:

— Ah, perfeito! O milhão está aí… Não percamos tempo. Posso?

— Mas — objetou o doutor Detinan, colocando-se em frente à mesa — a senhorita Gerbois ainda não chegou.

— E daí?

— E daí que a presença dela é indispensável…

— Compreendo! Compreendo! Arsène Lupin não inspira senão uma confiança relativa. Embolsa o meio milhão e não entrega a refém. Ah, meu caro doutor, sou um grande injustiçado! Porque o destino me levou a atos de natureza um tanto… especial, suspeitam de minha boa-fé… eu! Eu, o homem do escrúpulo e da delicadeza! Aliás, meu caro doutor, se está com medo, abra a janela e grite! Há um punhado de agentes na rua.

— Acha que sim?

Arsène Lupin levantou a cortina.

— Considero o senhor Gerbois incapaz de despistar Ganimard… O que eu dizia? Ei-lo, esse querido amigo!

— Será possível! — exclamou o professor. — Juro, no entanto…

— Que não me traiu?... Não duvido disso, mas os rapazes são espertos. Veja, Folenfant, logo ali!... E Gréaume!... E Dieuzy!... Todos meus bons amigos, ora!

O doutor Detinan fitava-o estupefato. Que tranquilidade! Ria um riso feliz, como quem se divertisse com alguma brincadeira, sem nenhum perigo a ameaçá-lo.

Mais ainda que a visão dos agentes, aquela despreocupação tranquilizou o advogado. Afastou-se da mesa onde estavam as cédulas.

Arsène Lupin pegou os dois maços, um depois do outro, aliviou cada maço de vinte e cinco cédulas e estendeu ao senhor Detinan as cinquenta cédulas assim obtidas:

— A parte dos honorários do senhor Gerbois, caro doutor, e a de Arsène Lupin. Nós lhe devemos isso.

— Os senhores não me devem nada — replicou o doutor Detinan.

— Como assim? E todo o incômodo que lhe causamos!

— E todo o prazer que sinto em me dar esse incômodo!

— Quer dizer, caro doutor, que não quer aceitar nada de Arsène Lupin.

Eis no que dá — suspirou — ter má reputação. Estendeu os cinquenta mil ao professor.

— Cavalheiro, como lembrança de nosso auspicioso encontro, permita que eu lhe entregue isto: será meu presente de núpcias para a senhorita

Gerbois.

O senhor Gerbois pegou apressadamente as cédulas, mas protestou:

— Minha filha não está se casando.

— Não, se o senhor lhe negar seu consentimento. Mas está louca para se casar.

— O que sabe sobre isso?

— Sei que moças costumam ter sonhos sem a autorização dos pais. Por sorte, há gênios benfazejos chamados Arsène Lupin e que, no fundo das escrivaninhas, descobrem o segredo dessas almas encantadoras.

— Não descobriu outra coisa também? — perguntou o doutor Detinan. — Confesso minha curiosidade em saber por que esse móvel foi objeto de sua atenção.

— Razão histórica, caro doutor. Embora, ao contrário da opinião do senhor Gerbois, ele não contivesse nenhum tesouro exceto o bilhete de loteria — e isso eu ignorava —, faz tempo que eu o apreciava e procurava. Essa escrivaninha, em madeira de teixo e mogno, decorada com capitéis com folhas de acanto, foi encontrada na discreta casinha onde Marie Walewska morava em Boulogne, e tem gravada em uma de suas gavetas a inscrição:

"Dedicada a Napoleão I, imperador dos franceses, por seu fiel servidor Mancion." E, embaixo, estas palavras, riscadas com a ponta de uma faca: *"A ti, Marie."* Em seguida, Napoleão mandou copiá-la para a imperatriz Josefina — de maneira que a escrivaninha que se admirava em Malmaison não passava de uma cópia imperfeita daquela que hoje faz parte de minhas coleções.

O professor gemeu:

— Ai de mim! Se eu soubesse disso no bricabraque, com que pressa a teria cedido ao senhor!

Arsène Lupin zombou, rindo:

— E, além disso, teria tido a vantagem apreciável de conservar, exclusivamente para o senhor, o número 514, série 23.

— E o senhor não seria levado a raptar minha filha, a quem tudo isso deve ter abalado.

— Tudo isso?

— Esse rapto…

— Mas, meu caro senhor, o senhor está enganado. A senhorita Gerbois não foi raptada.

— Minha filha não foi raptada?!

— De forma alguma. Quem diz rapto diz violência. Ora, foi por livre e espontânea vontade que ela serviu de refém.

— Por livre e espontânea vontade! — repetiu o senhor Gerbois, perplexo.

— E quase a seu pedido! Ora! Então uma moça inteligente como a senhorita Gerbois, e que, além disso, cultiva no fundo de sua alma uma paixão inconfessa, teria se recusado a salvar seu dote? Ah! Juro não ter sido difícil fazê-la compreender que não havia outro meio de vencer sua obstinação.

O doutor Detinan se divertia à larga. Objetou:

— O mais difícil era o senhor negociar com ela. É inadmissível que a senhorita Gerbois tenha se deixado abordar.

— Oh, não foi por mim. Não tive sequer a honra de conhecê-la. Foi uma de minhas amigas que se dispôs a entabular negociações.

— A mulher loura do automóvel, sem dúvida — interrompeu o doutor Detinan.

— Exatamente. Desde a primeira entrevista no liceu, tudo estava acertado. A senhorita Gerbois e sua nova amiga viajaram, visitando a Bélgica e a Holanda, da maneira mais agradável e instrutiva para uma moça. Aliás, ela mesma vai lhe explicar…

Tocavam à porta do vestíbulo, três toques rápidos, depois um toque isolado, mais um toque isolado.

— É ela — disse Lupin. — Meu caro doutor, se fizer a gentileza… O advogado apressou-se em abri-la.

Duas jovens mulheres entraram. Uma se jogou nos braços do senhor Gerbois. A outra se aproximou de Lupin. Era de alta estatura, o colo harmonioso, o rosto bem pálido e os cabelos louros, de um louro cintilante, repartiam-se em dois bandós ondulantes e displicentes. Trajando preto, sem outro adereço a não ser um colar de azeviche de cinco voltas, ostentava mesmo assim uma apurada elegância.

Arsène Lupin disse-lhe algumas palavras e em seguida, cumprimentando a senhorita Gerbois:

— Peço-lhe perdão, senhorita, por todas essas tribulações, esperando contudo que não tenha sofrido muito…

— Sofrido! Teria inclusive me rejubilado, não fosse pelo meu pobre pai.

— Então está tudo certo. Beije-o novamente e aproveite a oportunidade, que é excelente, para lhe falar do seu primo.

— Meu primo… O que significa isso?... Não compreendo.

— Claro que sim, a senhorita compreende… seu primo Philippe… esse rapaz cujas cartas guarda com tanto cuidado…

Suzanne ruborizou, se desestabilizou e, como aconselhava Lupin, terminou se atirando de novo nos braços do pai.

Lupin observou os dois com um olhar enternecido e disse consigo mesmo: "Como nos sentimos recompensados ao fazer o bem! Que espetáculo comovente! Feliz o pai! Feliz a filha! E pensar que toda essa felicidade é obra sua, Lupin! Essas criaturas o abençoarão mais tarde… seu nome será devotamente transmitido aos netos que tiverem… Oh, a família!... A família!..."

Foi até a janela.

— O nosso bom Ganimard continua ali?... Que prazer ele sentiria em assistir a essas encantadoras efusões… Mas não, não está mais ali… Não há mais ninguém… nem ele, nem os outros… Diabos! A situação é grave… Não me admiraria nada se já estivessem na garagem dos coches… na portaria talvez… ou mesmo na escada!

O senhor Gerbois deixou escapar um gesto. Agora que a filha lhe fora devolvida, recuperava o senso da realidade. A prisão de seu adversário representava meio milhão a mais para ele. Instintivamente, deu um passo… Como por acaso, Lupin atravessou seu caminho:

— Aonde vai, senhor Gerbois?

Defender-me contra eles? Mil vezes amável! Não se incomode. Aliás, juro que estão mais encrencados do que eu.

E continuou refletindo:

— No fundo, o que eles sabem? Que o senhor está aqui e que talvez a senhorita Gerbois também esteja, pois devem tê-la visto chegar com uma mulher desconhecida. Mas eu? Nem desconfiam. Como eu teria me introduzido num prédio que eles vasculharam hoje de manhã do porão ao sótão? Não, segundo todas as probabilidades, esperam me agarrar em alguma armadilha… Pobres queridos!... A menos que presumam que a

mulher desconhecida foi enviada por mim e a suponham encarregada de proceder a troca… e nessa eventualidade se preparam para prendê-la quando ela sair…

Ouviu-se um toque de campainha.

Com um gesto brusco, Lupin imobilizou o senhor Gerbois e, com a voz seca e imperiosa:

— Alto lá, cavalheiro, pense em sua filha e seja razoável, senão… Quanto ao senhor, doutor Detinan, tenho sua palavra.

O senhor Gerbois ficou pregado no lugar. O advogado não se mexeu.

Sem nenhuma pressa, Lupin pegou seu chapéu. Um pouco de pó o cobria; escovou-o com a manga da camisa.

— Meu caro doutor, se um dia precisar de mim… Meus melhores votos, senhorita Suzanne, e toda a minha simpatia ao senhor Philippe.

Tirou do bolso um pesado relógio com tampa dupla de ouro.

— Senhor Gerbois, são três horas e quarenta e dois minutos; às três e quarenta e seis eu o autorizo a sair desta sala… Nem um minuto antes de três e quarenta e seis, pois não?

— Mas eles vão entrar à força — não pôde deixar de dizer o doutor Detinan.

— E a lei que o senhor esquece, meu caro doutor! Ganimard jamais ousaria invadir a residência de um cidadão francês. Teríamos tempo de jogar uma excelente partida de bridge. Mas perdoem-me, vocês três parecem um pouco abalados, e eu não gostaria de abusar…

Depositando o relógio sobre a mesa, ele abriu a porta da sala e dirigiu-se à mulher loura:

— Está pronta, querida amiga?

Recuou para ela passar, dirigiu um último cumprimento, muito respeitoso, à senhorita Gerbois, saiu e fechou a porta atrás de si.

E ouviram-no dizer em voz alta, no vestíbulo:

— Bom dia, Ganimard, como vai? Minhas recomendações à senhora Ganimard. Um dia desses vou me convidar para almoçar… Adeus, Ganimard.

Outro toque de campainha, brusco, violento, depois toques repetidos, e ruídos de vozes no corredor do andar.

— Três e quarenta e cinco — balbuciou o senhor Gerbois.

Após alguns segundos, resolutamente, foi até o vestíbulo. Lupin e a mulher loura não estavam mais ali.

— Pai! Não pode! Espere! — exclamou Suzanne.

— Esperar? Enlouqueceu!... Acordos com esse patife… e o meio milhão?...

Abriu.

Ganimard se precipitou.

— Essa mulher… onde ela está? E Lupin?

— Ele estava aqui… está aqui.

Ganimard deu um grito de triunfo:

— Nós o pegamos… o prédio está cercado.

O doutor Detinan objetou:

— Mas e a escada de serviço?

— A escada de serviço dá no pátio e só há uma saída, o portão principal: dez homens o vigiam.

— Mas ele não entrou pelo portão principal… não sairá por ali…

— E por onde então?... — replicou Ganimard. — Através dos ares?

Ele abriu uma cortina. Um longo corredor apareceu, dando acesso à cozinha. Ganimard desceu-o correndo e constatou que a porta da escada de serviço estava fechada com uma volta dupla.

Da janela, interpelou um dos agentes:

— Ninguém?

— Ninguém.

— Então — exclamou — eles estão no apartamento!... Esconderam-se num dos quartos!... É materialmente impossível terem escapado… Ah, meu pequeno Lupin, você zombou de mim, mas desta vez é a revanche!

Às sete horas da noite, o senhor Dudouis, chefe da Sûreté, estranhando não receber notícias, apresentou-se na rua Clapeyron. Interrogou os agentes que vigiavam o prédio, depois subiu ao apartamento do senhor Detinan, que o conduziu ao seu quarto. Ali, ele percebeu um homem, ou melhor, duas pernas se agitando no tapete, enquanto o torso ao qual elas pertenciam estava enfiado nas profundezas da lareira.

— Aqui!... Aqui!... — gania uma voz abafada.

E uma voz mais distante, que vinha lá de cima, respondia:

— Aqui!... Aqui!...

O senhor Dudouis exclamou, rindo:

— Muito bem, Ganimard, que ideia é essa de bancar o limpador de chaminés?

O inspetor rebrotou das entranhas da lareira. Com o rosto enegrecido, as roupas cobertas de fuligem, os olhos brilhando de febre, estava irreconhecível.

— Estou procurando — grunhiu.

— Quem?

— Arsène Lupin… Arsène Lupin e sua amiga.

— Ah, é isso! Mas imagina que estão escondidos na tubulação da chaminé?

Ganimard se levantou, marcou a manga do paletó do seu superior com cinco dedos cor de carvão e disse surda e raivosamente:

— E onde mais o senhor acha que podem estar, chefe? Forçosamente, hão de estar em algum lugar. São seres de carne e osso, como nós. Criaturas assim não desaparecem virando fumaça.

— Não, mas em todo caso eles fugiram.

— Por onde? Por onde? O prédio está cercado! Há agentes no telhado.

— E o prédio vizinho?

— Não há comunicação com ele.

— Os apartamentos dos outros andares?

— Conheço todos os moradores: não viram ninguém… não ouviram ninguém.

— Tem certeza de que conhece todos?

— Todos. A zeladora responde por eles. Aliás, por via das dúvidas, botei um homem em cada um desses apartamentos.

— Ora, temos então que agarrá-los.

— É o que eu digo, chefe, é o que eu digo. Temos que os agarrar e assim será, porque os dois estão aqui… Não podem não estar! Fique tranquilo, chefe, se não for hoje à noite, será amanhã… Dormirei aqui!... Dormirei aqui!

De fato, dormiu, e no dia seguinte também, e no outro também. E, ao fim de três dias e três noites, não só ele não tinha descoberto o intangível Lupin e sua não menos intangível companheira, como nem sequer detectara um pequeno indício que lhe permitisse estabelecer a mais ínfima hipótese.

E eis por que sua primeira opinião não variava:

— Dado que não há nenhum rastro de sua fuga, é porque eles estão aqui.

Talvez, no fundo de sua consciência, não tivesse tanta convicção. Mas não queria confessar. Não, mil vezes não, um homem e uma mulher não evaporam como os gênios maus dos contos infantis. Sem perder o ânimo, ele prosseguia suas buscas e investigações como se esperasse descobri-los, dissimulados em algum recesso impenetrável, incorporados às pedras da casa.

2

O diamante azul

Na noite de 27 de março, no número 134 da avenida Henri-Martin, no palacete que herdara de seu irmão seis meses antes, o velho general Barão d'Hautrec, embaixador em Berlim sob o Segundo Império, dormia no fundo de uma confortável poltrona, enquanto sua dama de companhia lhe fazia a leitura e a irmã Auguste aquecia sua cama e preparava a lamparina da noite.

Às onze horas, a religiosa, que, excepcionalmente, devia retornar aquela noite ao convento de sua comunidade e passar a noite junto à irmã superiora, avisou à dama de companhia.

— Senhorita Antoinette, terminei meus afazeres. Vou embora.

— Está bem, irmã.

— Não se esqueça de que a cozinheira está de folga e a senhorita está sozinha na casa, com o criado.

— Não tema pelo senhor barão. Dormirei no quarto ao lado, como combinado, e deixarei minha porta aberta.

A religiosa partiu. Ao fim de um instante, foi Charles, o criado, que veio receber instruções. O barão acordara. Ele mesmo respondeu.

— As instruções de sempre, Charles: verifique se a campainha elétrica está funcionando direito no seu quarto e, ao primeiro toque, desça e corra até a casa do médico.

— Meu general sempre preocupado.

— Não me sinto bem… não me sinto nada bem. Vamos, senhorita Antoinette, onde estávamos em nossa leitura?

— O senhor barão não vai para a cama?

— Não, não, costumo me deitar tarde, e, aliás, não preciso da ajuda de ninguém para fazê-lo.

Vinte minutos depois, o velho tornava a cochilar e Antoinette se afastava na ponta dos pés.

Nesse momento, Charles fechava cuidadosamente, como sempre, todas as janelas do rés do chão.

Na cozinha, empurrou o ferrolho da porta que dava no jardim, e, no vestíbulo, prendeu, além disso, de um batente a outro, a corrente de segurança. Em seguida, voltou à sua mansarda, no terceiro andar, deitou-se e dormiu.

Passada uma hora, mais ou menos, ele subitamente deu um pulo para fora da cama: a campainha tocava. Tocou muito tempo, sete ou oito segundos talvez, e de maneira insistente, ininterrupta…

"Bom", ruminou Charles, terminando de acordar, "um novo capricho do barão."

Enfiou sua roupa, desceu rapidamente a escada, parou em frente à porta, e, como de hábito, bateu. Nenhuma resposta. Entrou.

"Ora essa", murmurou, "está sem luz… por que diabo apagaram?" Em voz baixa, chamou:

— Senhorita?

Nenhuma resposta.

— Está aqui, senhorita?... O que houve? O senhor barão está doente?

O mesmo silêncio à sua volta, um silêncio pesado que terminou por impressioná-lo. Deu dois passos à frente: seu pé bateu numa cadeira e, ao tocá-la, percebeu que estava derrubada. Imediatamente sua mão encontrou outros objetos no chão, uma mesinha, um biombo. Inquieto, voltou à parede e, tateando, procurou o comutador. Alcançou-o e girou-o.

No meio do aposento, entre a mesa e o armário de espelho, jazia o corpo de seu patrão, o Barão d'Hautrec.

— O quê!... Será possível?... — gaguejou.

Não sabia o que fazer e, sem se mexer, com os olhos esbugalhados, contemplou as coisas reviradas, as cadeiras caídas, um grande candelabro de cristal quebrado em mil pedaços, o relógio de parede que jazia sobre o mármore do saguão, e tantos outros vestígios reveladores de uma luta terrível e selvagem. O cabo de um estilete de aço brilhava, não longe do

cadáver. A lâmina gotejava sangue. Ao longo do colchão, pendia um lenço salpicado de marcas vermelhas.

Charles deu um grito de pavor: o corpo se esticara num esforço supremo, depois se enroscara em si mesmo… Dois ou três espasmos, e foi tudo.

Ele se debruçou. De um sutil ferimento no pescoço, o sangue se esvaía, deixando manchas escuras no tapete. O rosto conservava uma expressão de pânico.

— Mataram-no — balbuciou —, mataram-no.

E teve um arrepio só de pensar na possibilidade de outro crime: a dama de companhia não dormia no quarto contíguo? O assassino do barão não a matara também?

Empurrou a porta: o cômodo encontrava-se vazio. Concluiu que Antoinette fora raptada ou então que saíra antes do crime.

Voltando ao quarto do barão, bateu os olhos na escrivaninha e reparou que o móvel não fora arrombado.

Mais que isso, viu sobre a mesa, perto do molho de chaves e da carteira que o barão deixava ali todas as noites, um punhado de luíses de ouro. Charles pegou a carteira e vasculhou nas divisórias. Uma delas continha cédulas. Contou-as: havia treze cédulas de cem francos.

Então foi mais forte do que ele: instintivamente, mecanicamente, sem que o pensamento participasse do gesto da mão, pegou as treze cédulas, escondeu-as em seu paletó, desceu desabalado pela escada, puxou o ferrolho, soltou a corrente, fechou a porta e fugiu pelo jardim.

Charles era um homem honesto. Ainda não fechara o portão quando, fustigado pelo ar livre, o rosto esfriado pela chuva, estacou. O crime lhe aparecia sob sua verdadeira luz e ele sentia um horror súbito.

Passava um fiacre. Chamou pelo cocheiro.

— Colega, corra ao posto policial e traga o comissário… no galope!

Aconteceu um assassinato.

O cocheiro chicoteou seu cavalo. Mas, quando Charles quis entrar de volta, não conseguiu: ele mesmo fechara o portão, e o portão não abria de fora.

No entanto, era inútil tocar, uma vez que não havia ninguém em casa. Perambulou então ao longo dos jardins que formavam na avenida, do lado de La Muette, uma risonha moldura de arbustos verdes e bem podados.

E foi só depois de uma hora de espera que pôde finalmente contar ao comissário os detalhes do crime e lhe entregar em mãos as treze cédulas.

Nesse ínterim, chamaram um serralheiro, que, com bastante dificuldade, conseguiu forçar o portão do jardim e a porta do vestíbulo. O comissário subiu e, ao primeiro relance, comentou imediatamente com o criado:

— Ora, o senhor falou que o quarto estava numa grande desordem…

Voltou-se. Charles parecia pregado na soleira, hipnotizado: todos os móveis haviam retornado ao lugar habitual! A mesinha se erguia entre as duas janelas, as cadeiras estavam de pé e o relógio, no centro da chaminé. Os fragmentos do candelabro haviam desaparecido.

Ele articulou, boquiaberto de estupor:

— O cadáver… o senhor barão…

— Realmente — exclamou o comissário —, onde está a vítima?

Este avançou até a cama. Sob o grande lençol, que afastou, repousava o cadáver do general Barão d'Hautrec, ex-embaixador da França em Berlim. O sobretudo de general, decorado com a cruz de honra, o cobria.

O rosto estava calmo. Os olhos, fechados. O criado balbuciou:

— Alguém esteve aqui.

— Entrou por onde?

— Não sei, mas alguém esteve aqui durante minha ausência… Veja, ali no chão havia um punhal bem fino, de aço… Além disso, sobre a mesa, um lenço ensanguentado… Não há mais nada… Levaram tudo… Arrumaram tudo…

— Mas quem?

— O assassino!

— Encontramos todas as portas fechadas.

— Então ele continua aqui dentro.

— Até poderia, uma vez que o senhor não saiu da calçada.

O criado refletiu e pronunciou, lentamente:

— Com efeito… com efeito… não me afastei do portão… no entanto…

— Vejamos, qual a última pessoa que o senhor viu com o barão?

— A senhorita Antoinette, a dama de companhia.

— O que foi feito dela?

— Na minha opinião, como sua cama nem sequer estava desfeita, deve ter aproveitado a ausência da irmã Auguste para sair também. Isso não me

espanta muito, ela é bonita… jovem…

— Mas como teria saído?

— Pela porta.

— O senhor tinha colocado o ferrolho e prendido a corrente!

— Bem mais tarde. Ela deve ter deixado a casa antes disso.

— E o crime teria acontecido depois que ela se foi?

— Naturalmente.

Procuraram de cima a baixo da casa, nos sótãos e nos porões; mas o assassino fugira. Como? Em que momento? Fora ele ou um cúmplice que julgara apropriado voltar à cena do crime e eliminar tudo que pudesse comprometê-lo? Tais eram as questões que se colocavam para a justiça.

Às sete horas chegou o médico-legista; às oito, o chefe da Sûreté. Depois foi a vez do procurador da República e do juiz de instrução. E havia também, atravancando a casa, agentes, inspetores, jornalistas, o sobrinho do Barão d'Hautrec e outros membros da família.

Vasculharam, estudaram a posição do cadáver conforme as lembranças de Charles, interrogaram, assim que ela chegou, a irmã Auguste. Não descobriram nada. A irmã Auguste até se espantou com o sumiço de Antoinette Bréhat. Contratara a moça doze dias antes, levando em conta excelentes recomendações, e se negava a crer que ela tivesse abandonado o doente sob sua responsabilidade para sair, sozinha, pela noite.

— Ainda mais que nesse caso — reiterou o juiz de instrução — ela já teria chegado. Voltamos então ao mesmo ponto: o que foi feito dela?

— Na minha opinião — disse Charles —, foi raptada pelo assassino.

A hipótese era plausível e batia com certos indícios. O chefe da Sûreté se pronunciou:

— Raptada? Pois isso me parece inverossímil.

— Não somente inverossímil — disse uma voz —, mas em contradição absoluta com os fatos, com os resultados da investigação, em suma, com a própria evidência.

A voz era rude, a entonação, brusca, e ninguém se surpreendeu ao reconhecer Ganimard. Só a ele, aliás, era possível perdoar aquela maneira um tanto insolente de se exprimir.

— Ora, é você, Ganimard? — exclamou o senhor Dudouis. — Não o tinha visto.

— Estou aqui há duas horas.

— Interessa-se então por outra coisa que não seja o bilhete 514, série 23, o caso da rua Clapeyron, a mulher loura e Arsène Lupin?

— He, he! — riu o velho inspetor, com desdém. — Eu não afirmaria que Lupin estivesse alheio ao caso que nos ocupa… Mas deixemos de lado, até segunda ordem, a história do bilhete de loteria e vejamos do que se trata.

Ganimard não é um desses policiais de grande envergadura, cujos procedimentos fazem escola e cujo nome permanecerá nos anais judiciários. Faltam-lhe esses rasgos de gênio que iluminam os Dupin, os Lecoqc e os Sherlock Holmes. Sim, tem excelentes qualidades medianas de observação, sagacidade, perseverança e, até mesmo, intuição. Mas o que o distingue é de fato a independência absoluta no trabalho. Nada, a não ser talvez a espécie de fascinação que Arsène Lupin exerce sobre ele, nada o perturba nem influencia. Seja como for, seu papel, naquela manhã, não careceu de brilho e sua colaboração foi daquelas que um juiz pode apreciar.

— Em primeiro lugar — começou —, eu pediria ao senhor Charles que esclarecesse bem este ponto: todos os objetos que viu da primeira vez, derrubados ou deslocados, estavam, num segundo momento, exatamente no lugar de sempre?

— Exatamente.

— Logo, é evidente que só puderam ter sido recolocados em seus lugares por uma pessoa que conhecesse o lugar de cada um desses objetos.

A observação impressionou os presentes. Ganimard prosseguiu:

— Outra pergunta, senhor Charles… O senhor foi despertado por uma campainha… A seu ver, quem o chamava?

— O senhor barão, óbvio.

— Admitamos que sim, mas em que momento ele teria tocado?

— Após a luta… enquanto agonizava.

— Impossível, uma vez que o senhor o encontrou prostrado, sem sentidos, a mais de quatro metros do botão de chamada.

— Então ele tocou durante a luta.

— Impossível, uma vez que a campainha, o senhor disse, foi regular, ininterrupta, e durou sete ou oito segundos. Acha que o agressor o teria deixado tocar assim?

— Então foi antes, ao ser atacado.

— Impossível, pois disse-nos que, entre o sinal da campainha e o instante em que o senhor adentrou o quarto, transcorreram no máximo três minutos. Logo, se o barão tivesse tocado antes, teria sido preciso que a luta, o assassinato, a agonia e a fuga houvessem se desenrolado nesse curto lapso de três minutos. Repito, isso é impossível.

— No entanto — atalhou o juiz de instrução —, alguém tocou. Se não foi o barão, quem foi?

— O assassino.

— Com que objetivo?

— Ignoro seu objetivo. Mas pelo menos o fato de ter tocado nos prova que devia conhecer a campainha e sua comunicação com o quarto de um criado. Ora, quem podia conhecer esse detalhe a não ser uma pessoa da própria casa?

O arco das hipóteses se restringia. Em poucas frases, rápidas, precisas e lógicas, Ganimard colocava a questão em seu verdadeiro terreno, e o pensamento do velho inspetor emergia claramente. Nada mais natural que o juiz de instrução concluísse:

— Em suma, em duas palavras, o senhor suspeita de Antoinette Bréhat.

— Não suspeito, acuso-a.

— Acusa-a de ser a cúmplice?

— Acuso-a de ter matado o general Barão d'Hautrec.

— Ora, vamos! E qual é prova?...

— Esse tufo de cabelo que descobri na mão direita da vítima, em sua própria carne, onde a ponta de suas unhas o arrancou.

Mostrou os fios de cabelo; eram de um louro cintilante, luminoso como fios de ouro, e Charles murmurou:

— É de fato o cabelo da senhorita Antoinette. Não há como errar.

E acrescentou:

— E depois… tem outra coisa… Acho que a faca… a que não vi mais da segunda vez… lhe pertencia… Ela usava para cortar as páginas dos livros.

O silêncio foi longo e penoso. Cometido por uma mulher, o horror do crime parecia aumentar. O juiz de instrução ponderou:

— Vamos supor, até maiores esclarecimentos, que o barão tenha sido morto por Antoinette Bréhat. Ainda faltaria explicar como ela pôde sair depois do crime, para voltar após a partida do senhor Charles e ainda sair novamente antes da chegada do comissário. Tem alguma opinião a respeito,

senhor Ganimard?

— Nenhuma.

— Então?

Ganimard pareceu confuso. Por fim, pronunciou-se, não sem um esforço visível:

— Tudo que posso dizer é que encontro aqui o mesmo procedimento do caso do bilhete 514-23, fenômeno que pode muito bem ser entendido como a faculdade de desaparecer. Antoinette Bréhat aparece e desaparece nesta mansão tão misteriosamente como Arsène Lupin invadiu a casa do doutor Detinan e escapou na companhia da Mulher Loura.

— O que significa?...

— O que significa que não posso me abster de pensar nessas duas coincidências, no mínimo bizarras: Antoinette foi contratada pela irmã Auguste há doze dias, isto é, no dia seguinte ao dia em que a Mulher Loura me escapava pelos dedos. Em segundo lugar, o cabelo da Mulher Loura tem a mesma cor violenta, esse brilho metálico com reflexos dourados, que encontramos aqui.

— De modo que, na sua opinião, Antoinette Bréhat…

— Não é outra senão a Mulher Loura.

— E que Lupin, por conseguinte, maquinou os dois casos?

— Creio que sim.

Houve uma gargalhada. Era o chefe da Sûreté, divertindo-se.

— Lupin! Sempre Lupin! Lupin está em tudo, Lupin está em toda parte!

— Ele está onde ele está! — escandiu Ganimard, embaraçado.

— Mesmo assim, ele precisa ter razões para estar em algum lugar — observou o senhor Dudouis —, e, no caso, as razões me parecem obscuras. A escrivaninha não foi arrombada, nem a carteira foi roubada. Foi deixado, inclusive, ouro na mesa.

— Sim — exclamou Ganimard —, mas e o famoso diamante?

— Que diamante?

— O diamante azul! O célebre diamante que fazia parte da coroa real da França e que foi dado pelo duque d'A… a Léonide L… e, na morte de Léonide L…, comprado pelo Barão d'Hautrec em memória da brilhante atriz que ele amara apaixonadamente. É uma dessas lembranças que um velho parisiense como eu jamais esquece.

— É evidente — disse o juiz de instrução — que, se o diamante azul não for encontrado, tudo se explica. Mas… onde procurar?

— No próprio dedo do senhor barão — respondeu Charles. — O diamante azul não saía de sua mão esquerda.

— Eu vi essa mão — afirmou Ganimard, aproximando-se da vítima —, e, como pode certificar-se, nela não há senão um simples anel de ouro.

— Veja o que ele está segurando — disse o criado.

Ganimard abriu os dedos contraídos. O engaste estava voltado para dentro e, no coração desse engaste, cintilava o diamante azul.

— Diabos — resmungou Ganimard, absolutamente pasmo —, não compreendo mais nada.

— E desiste, espero, de suspeitar do pobre Lupin? — troçou o senhor Dudouis.

Ganimard deu-se um tempo, meditou e rebateu num tom solene:

— É justamente quando não compreendo mais nada que suspeito de Arsène Lupin.

Tais foram as primeiras constatações da justiça no dia seguinte ao estranho crime. Constatações vagas, incoerentes, às quais a continuação da investigação não trouxe lógica nem certeza. As idas e vindas de Antoinette Bréhat permaneceram completamente inexplicáveis, como as da Mulher Loura, e mais não se descobriu sobre quem era a misteriosa criatura de cabelos dourados que matara o Barão d'Hautrec sem tirar de seu dedo o fabuloso diamante da coroa real da França.

E, sobretudo, a curiosidade por ela inspirada conferia ao crime um caráter de grande provocação, o que arrebatava a opinião pública.

Os herdeiros do Barão d'Hautrec não podiam senão se beneficiar de tal propaganda. Promoveram na avenida Henri-Martin, na própria mansão, uma exposição dos móveis e objetos a serem vendidos no leiloeiro Drouot. Móveis modernos e de mau gosto, objetos sem valor artístico… Mas, no centro da sala, sobre um pedestal forrado com veludo grená, protegido por uma redoma de vidro e vigiado por dois agentes, cintilava o anel com o diamante azul.

Diamante magnífico, enorme, de pureza incomparável e do azul indefinível que a água clara rouba do céu que ela reflete, azul que adivinhamos em superfícies alvas e radiantes. Todos se admiravam, se extasiavam… e olhavam com pavor o quarto da vítima, o lugar onde caíra o

cadáver, o assoalho livre do tapete ensanguentado, e as paredes sobretudo, as paredes intransponíveis através das quais passara a criminosa. Verificavam se o mármore da lareira não podia ser deslocado, se tal canelura do espelho não escondia uma estrutura giratória. Imaginavam-se buracos escavados, passagens de um túnel, comunicações com os esgotos, com as catacumbas…

O leilão do diamante azul foi realizado na Casa de Leilões Drouot. A multidão prendia a respiração, e a euforia dessas vendas públicas exasperou-a até a loucura.

Estava lá a tradicional constelação parisiense das grandes ocasiões, todos os compradores e todos os que desejam se passar por eles, especuladores, artistas, damas de todas as classes, dois ministros, um tenor italiano, um rei no exílio que, para consolidar crédito, deu-se ao luxo de fazer lances até cem mil francos, com muito garbo e a voz vibrante. Cem mil francos! Podia oferecê-los sem se comprometer. O tenor italiano arriscou cento e cinquenta, uma atriz da Comédie Française, cento e setenta e cinco.

Quando se chegou a duzentos mil francos, contudo, os diletantes desanimaram. Em duzentos e cinquenta mil, só restavam dois: Herschmann, o célebre financista, rei das minas de ouro, e a condessa de Crozon, a riquíssima americana, dona de uma célebre coleção de diamantes e pedras preciosas.

— Duzentos e sessenta mil… duzentos e setenta mil… setenta e cinco… oitenta… — proferia o comissário, interrogando alternadamente com o olhar os dois competidores… — Duzentos e oitenta mil para a senhora… Quem dá mais?...

— Trezentos mil — murmurou Herschmann.

Silêncio. Os olhos concentraram-se na condessa de Crozon. De pé, sorridente, mas exibindo uma palidez que denotava perturbação, ela se amparava no encosto da cadeira à sua frente. Na realidade, ela sabia, e todos os presentes também sabiam, como o duelo terminaria: logicamente, fatalmente, no fim a vitória caberia ao financista, cujos caprichos apoiavam-se em uma fortuna de mais de meio bilhão. Mesmo assim, ela pronunciou:

— Trezentos e cinco mil.

Outro silêncio. Voltaram-se para o rei das minas, na expectativa de um inevitável lance maior. Era certo que ele viria, forte, brutal, definitivo.

Não veio. Herschmann permaneceu impassível, os olhos pregados numa folha de papel que tinha na mão direita, enquanto a outra guardava os pedaços de um envelope rasgado.

— Trezentos e cinco mil — repetia o comissário. — Dou-lhe uma… Dou- lhe duas… Ainda é tempo… Ninguém diz nada? Repito: dou-lhe uma… dou-lhe duas…

Herschmann não se mexeu. Um último silêncio. Foi batido o martelo.

— Quatrocentos mil — bradou Herschmann, sobressaltando-se, como se a batida do martelo o arrancasse do torpor.

Tarde demais. O direito de propriedade era irrevogável.

Espremeram-se em volta dele. O que acontecera? Por que não falara antes?

O financista pôs-se a rir.

— O que aconteceu? Não faço ideia, juro. Tive um minuto de distração.

— Será possível?

— Claro que sim, uma carta que me entregaram.

— E essa carta bastou…

— Para me perturbar? Sim, naquele momento.

Ganimard estava presente. Assistira ao leilão do anel. Aproximou-se de um dos funcionários da casa de leilões.

— Foi o senhor, sem dúvida, que entregou uma carta ao senhor Herschmann.

— Sim.

— Da parte de quem?

— De uma mulher.

— Onde está ela?

— Onde?... Veja, senhor, ali… aquela senhora com um véu sobre o rosto.

— E que está indo embora?

— Sim.

Ganimard precipitou-se em direção à porta e avistou a mulher, que descia a escada. Quando ele alcançou o *hall* de entrada, um fluxo de gente o reteve. Ao chegar lá fora, não a encontrou mais.

Voltou à sala do leilão, abordou Herschmann, apresentou-se e o interrogou sobre a carta. Herschmann entregou-a a ele. Continha, escritas a lápis e às pressas, e com uma letra que o financista desconhecia, estas

simples palavras:

O diamante azul traz infortúnio. Lembre-se do Barão d'Hautrec.

As tribulações do diamante azul não haviam terminado e, já conhecido pelo assassinato do Barão d'Hautrec e pelo incidente da casa de leilões Drouot, ele alcançava, seis meses mais tarde, ainda maior celebridade. Com efeito, no verão seguinte roubavam da condessa de Crozon a valiosa joia que ela tanto pelejara para conquistar.

Resumamos esse curioso caso cujas perturbadoras e dramáticas peripécias nos apaixonaram a todos e sobre o qual me é permitido, enfim, lançar algumas luzes.

Na noite de 10 de agosto, os convidados do senhor e da senhora de Crozon estavam reunidos no salão do magnífico castelo que domina a baía do rio Somme. Tocava-se música. A condessa pusera-se ao piano e colocara, sobre um pequeno móvel, perto do instrumento, suas joias, entre as quais o anel do Barão d'Hautrec.

Ao fim de uma hora, o conde se retirou, bem como seus dois primos, os d'Andelle, e a senhora de Réal, uma amiga íntima da condessa de Crozon. Esta ficou sozinha com o senhor Bleichen, cônsul austríaco, e sua mulher.

Conversaram, depois a condessa apagou uma grande luminária instalada sobre a mesa do salão. Simultaneamente, o senhor Bleichen apagava as duas luminárias do piano. Houve um instante de escuridão, uma ligeira inquietude, até o cônsul acender uma vela e os três partirem rumo a seus aposentos. Assim que chegou ao seu, porém, a condessa lembrou de suas joias e ordenou à camareira que fosse buscá-las. Esta voltou e as depositou sobre a lareira, sem que sua patroa as examinasse. No dia seguinte, a senhora de Crozon constatava que faltava um anel, o anel do diamante azul.

Comunicou o fato ao marido. A conclusão de ambos foi imediata: a camareira estando acima de qualquer suspeita, o culpado só podia ser o senhor Bleichen.

O conde avisou ao comissário central de Amiens que abriu um inquérito e, discretamente, organizou um grande cerco a fim de que o cônsul não pudesse vender nem remeter o anel a qualquer parte.

Dia e noite, agentes cercaram o palacete.

Após duas semanas transcorrerem sem nenhum incidente, o senhor Bleichen anuncia sua partida. Nesse dia, uma queixa é depositada contra

ele. O comissário intervém oficialmente, ordenando a revista de suas bagagens. Num saquinho, cuja chave anda sempre com o cônsul, encontram um frasco de pó dentifrício; e nele, o anel!

A senhora Bleichen desmaia. Seu marido é detido.

Lembramos o sistema de defesa adotado pelo acusado. Ele não consegue explicar a presença do anel, dizia, senão por uma vingança do senhor de Crozon: "O conde é bruto e faz sua mulher infeliz. Tive uma longa conversa com ela, e aconselhei-a vivamente a se divorciar. Posto ao par, o conde se vingou pegando o anel e, quando saí, esgueirou-o no *nécessaire* de toalete". O conde e a condessa mantiveram energicamente sua queixa. Entre a explicação que davam e a do cônsul, ambas igualmente plausíveis, igualmente prováveis, o público só tinha que escolher. Nenhum fato novo fez pender um dos pratos da balança. Um mês de quiproquós, conjecturas e investigações não trouxe um único elemento de certeza.

Enfadados com todo aquele escândalo, incapazes de produzir a prova evidente de culpa que teria justificado sua acusação, o senhor e a senhora de Crozon pediram que lhes enviassem de Paris um agente da Sûreté capaz de desemaranhar os fios daquele novelo. Enviaram Ganimard.

Durante quatro dias, o velho inspetor xeretou, bisbilhotou, passeou no parque, teve longas conversas com a empregada, o chofer, os jardineiros, os empregados da agência de correio mais próxima, visitou os aposentos ocupados, na ocasião do roubo, pelo casal Bleichen, os primos d'Andelle e a senhora de Réal. Então, certa manhã, desapareceu sem se despedir de seus anfitriões.

Uma semana mais tarde, eles recebiam o seguinte telegrama:

Peço virem amanhã, sexta-feira, às cinco horas da tarde, ao Chá Japonês, rua Boissy-d'Anglas. Ganimard.

Às cinco horas em ponto, naquela sexta-feira, o automóvel do casal parava em frente ao número 9 da rua Boissy-d'Anglas. Sem nenhum esclarecimento, o velho inspetor, que os esperava na calçada, conduziu-os ao primeiro andar do Chá Japonês.

Numa das salas, encontraram duas pessoas que Ganimard lhes apresentou:

— O senhor Gerbois, professor no liceu de Versalhes, de quem, os senhores se lembram, Arsène Lupin roubou meio milhão… O senhor Léonce d'Hautrec, sobrinho e herdeiro universal do Barão d'Hautrec.

Os quatro tomaram seus lugares. Alguns minutos depois, chegou um quinto. Era o chefe da Sûreté.

— O que há então, Ganimard? Recebi, na Chefatura, seu recado. É grave?

— Gravíssimo, chefe. Dentro de uma hora, as últimas aventuras das quais participei terão seu desfecho aqui. Pareceu-me que sua presença era indispensável.

— Assim como a presença de Dieuzy e Folenfant, que vi lá embaixo, junto à porta?

— Sim, chefe.

— E o que é? Vamos prender alguém? Que circo! Fale, Ganimard, somos todos ouvidos.

Ganimard hesitou alguns instantes, depois anunciou com a nítida intenção de impressionar seus ouvintes:

— Antes de mais nada, afirmo que o senhor Bleichen não tem nada a ver com o roubo do anel.

— Oh! Oh! — fez o senhor Dudouis. — Dizer isso é muito fácil, mas bastante grave.

E o conde indagou:

— É a essa… descoberta que se resumem seus esforços?

— Não, cavalheiro. Dois dias após o roubo, os acasos de uma excursão de automóvel levaram três de seus convidados ao burgo de Crécy. Enquanto duas dessas pessoas iam visitar o famoso campo de batalha, a terceira dirigiu-se às pressas à agência de correio e expediu uma latinha fechada com barbante, selada segundo os regulamentos e registrada por um valor de cem francos.

O senhor de Crozon objetou.

— E o que tem isso de extraordinário?

— Talvez lhe pareça extraordinário que essa pessoa, em vez de fornecer o verdadeiro nome, tenha feito a expedição sob o nome de Rousseau, e que o destinatário, um tal senhor Beloux, residente em Paris, tenha se mudado justamente na noite do dia em que que recebeu a lata, isto é, o anel.

— Seria talvez — interrogou o conde — um de meus primos d'Andelle?

— Não se trata desses senhores.

— Então da senhora de Réal?

— Sim.

A condessa exclamou, estupefata:

— Está acusando minha amiga, a senhora de Réal?

— Uma pergunta simples, senhora — respondeu Ganimard. — A senhora de Réal estava presente no leilão do diamante azul?

— Sim, mas a distância. Não nos sentamos juntas.

— Ela a incentivara a comprar o anel? — a condessa puxou pela memória.

— Sim… com efeito… Acho inclusive que foi ela a primeira a me falar sobre ele.

— Anoto sua resposta, senhora. Está bem estabelecido que foi a senhora de Réal a primeira a lhe falar desse anel e que a incentivou a comprá-lo.

— No entanto, minha amiga é incapaz…

— Perdão, perdão, a senhora de Réal é apenas sua amiga de ocasião, e não sua amiga íntima, como os jornais noticiaram, o que afastou dela as suspeitas. A senhora a conheceu no último inverno. Ora, sinto-me em condições de lhe demonstrar que tudo que a senhora de Réal lhe contou sobre ela, seu passado, suas relações, é absolutamente falso, que a senhora Blanche de Réal não existia antes de tê-la conhecido e que não existe no presente momento.

— E daí?

— E daí? — fez Ganimard.

— Sim, toda essa história é muito curiosa, mas em que se aplica ao nosso caso? Supondo que a senhora de Réal tenha se apoderado do anel, o que não está em absoluto provado, por que o esconde no pó dentifrício do senhor Bleichen?

Que diabos! Quem se dá ao trabalho de roubar o diamante azul deve querer ficar com ele. O que tem a responder a isso?

— Eu, nada, mas a senhora de Réal responderá.

— Ela então existe?

— Existe… sem existir. Em poucas palavras, ouçam. Há três dias, no jornal que leio diariamente, vi, encabeçando a lista dos estrangeiros em Trouville, "Hotel Beaurivage: senhora de Réal etc.". Compreendam que, naquela noite, eu também estava em Trouville e interrogava o diretor de Beaurivage. Segundo a descrição e alguns indícios que colhi, essa senhora de Réal era de fato a pessoa que eu procurava, mas ela já desocupara seu quarto no hotel, deixando como seu endereço Paris, 3, rua du Colisée.

Anteontem, apresentei-me no local e soube que não havia nenhuma senhora de Réal, mas simplesmente uma dona Réal, que morava no segundo andar e exercia o ofício de intermediária de diamantes, por isso ausentando-se com frequência. Ainda na véspera, chegara de viagem. Ontem, bati à sua porta e ofereci à senhora Réal, sob um falso nome, meus serviços como intermediário junto a pessoas em condições de comprar pedras de valor. Hoje temos um encontro aqui para o primeiro negócio.

— Como! O senhor a espera?

— Às cinco e meia.

— E tem certeza?...

— De que é a senhora de Réal do castelo de Crozon? Tenho provas irrefutáveis. Mas… escutem… o sinal de Folenfant…

Um assobio ressoara. Ganimard se levantou precipitadamente.

— Não há tempo a perder. Senhor e senhora de Crozon, queiram se dirigir à sala ao lado. O senhor também, senhor d'Hautrec… e o senhor também, senhor Gerbois… A porta permanecerá aberta e, ao primeiro sinal, pedirei que intervenham. Fique, chefe, por favor.

— E se vierem outras pessoas? — perguntou o senhor Dudouis.

— Não. Esse estabelecimento é novo, e o dono, que é amigo meu, não deixará ninguém subir… exceto a Mulher Loura.

— A Mulher Loura? O que está dizendo?

— A Mulher Loura em pessoa, chefe, a cúmplice e amiga de Arsène Lupin, a misteriosa Mulher Loura, contra quem tenho provas irrefutáveis, mas contra quem quero, além disso, e na frente do senhor, reunir os testemunhos de todos que ela depenou.

E Ganimard debruçou na janela.

— Está se aproximando… entrou… não tem mais como escapar: Folenfant e Dieuzy vigiam a porta… A Mulher Loura é nossa, chefe!

Quase imediatamente, uma mulher parava na soleira, alta, magra, o rosto muito pálido e o cabelo de um louro violento.

Uma emoção tão grande sufocou Ganimard que ele permaneceu mudo, incapaz de pronunciar uma palavra que fosse. Ela estava ali, diante dele, à sua disposição! Que vitória sobre Arsène Lupin! E que revanche! Ao mesmo tempo, aquela vitória lhe parecia obtida com tal facilidade que ele se perguntava se a Mulher Loura não iria escorrer por entre seus dedos graças a algum dos milagres em que Lupin era pródigo.

Enquanto isso, ela esperava, admirada com o silêncio, e observava à sua volta sem dissimular inquietude.

"Ela vai embora! Vai se escafeder!", pensou Ganimard, perturbado. Bruscamente, interpôs-se entre ela e a porta. Ela se voltou e quis sair.

— Não, não — ele disse —, por que ir embora?

— Mas enfim, senhor, não compreendo sua atitude. Deixe-me…

— Não há nenhuma razão para partir, senhora, ao contrário, há muitas para ficar.

— No entanto…

— Inútil… Não sairá.

Inteiramente pálida, ela deixou-se cair numa cadeira e balbuciou:

— O que deseja?...

Ganimard tinha vencido. A Mulher Loura estava dominada. Senhor de si, ele articulou:

— Apresento-lhe o amigo de quem lhe falei e que deseja comprar joias… sobretudo diamantes. Conseguiu arranjar o que tinha me prometido?

— Não… não… não sei… não me lembro.

— Claro que sim… Procure se lembrar… Uma pessoa de seu conhecimento devia lhe entregar um diamante colorido… "Alguma coisa como o diamante azul", eu disse, rindo, e a senhora me respondeu: "Justamente, talvez eu tenha a peça." Lembra-se?

Ela se calava. Uma bolsinha que segurava na mão caiu. Recolheu-a apressadamente e a apertou contra si. Seus dedos tremiam um pouco.

— Vamos! — insistiu Ganimard. — Vejo que não confia em nós, senhora de Réal, vou lhe dar o bom exemplo e lhe mostrar o que eu, por minha vez, possuo.

Puxou da carteira um papel, que desdobrou, e estendeu uma mecha de cabelo.

— Eis primeiramente alguns fios de cabelo de Antoinette Bréhat, arrancados pelo barão e encontrados na mão do morto. Estive com a senhorita Gerbois: ela reconheceu positivamente a cor dos cabelos da Mulher Loura… da mesma cor que os seus, por sinal… exatamente da mesma cor.

A senhora Réal observava boquiaberta e como se efetivamente não captasse o sentido de suas palavras. Ele continuou:

— E agora eis dois frascos de perfume, sem rótulo, é verdade, e vazios, mas ainda bastante impregnados desse perfume, para que a senhorita Gerbois pudesse, esta manhã mesmo, neles distinguir o perfume da Mulher Loura que foi sua companheira de viagem durante duas semanas. Ora, um desses frascos provém do quarto que a senhora de Réal ocupava no castelo de Crozon e o outro do quarto que a senhorita ocupava no hotel Beaurivage.

— O que está dizendo?... A Mulher Loura… O castelo de Crozon…

Sem responder, o inspetor alinhou quatro folhas de papel sobre a mesa. Então recomeçou:

— Por fim, nestas quatro folhas, temos uma amostra da letra de Antoinette Bréhat, outra da mulher que escreveu ao Barão Herschmann por ocasião da venda do diamante azul, outra da senhora de Réal, por ocasião de sua estadia em Crozon, e a quarta, da senhora mesmo… são seu nome e seu endereço, fornecidos pela senhora ao porteiro do hotel Beaurivage em Trouville. Ora, compare as quatro caligrafias. São idênticas.

— Mas o senhor está louco, cavalheiro! Completamente louco! O que significa tudo isso?

— Significa, madame — exclamou Ganimard, com grande agitação —, que a Mulher Loura, amiga e cúmplice de Arsène Lupin, não é outra senão a senhora.

Ele empurrou a porta da sala ao lado, correu até o senhor Gerbois, agarrou-o pelos ombros e puxou-o até a senhora de Réal:

— Senhor Gerbois, reconhece a pessoa que raptou sua filha e que o senhor viu na casa do doutor Detinan?

— Não.

Houve uma espécie de comoção, cujo impacto foi recebido por todos os presentes. Ganimard vacilou.

— Não?... Será possível… Vejamos, reflita.

— Já refleti… A senhora é loura como a Mulher Loura… pálida como ela… mas não se parece em nada com ela.

— Não posso acreditar… Um engano desses é inadmissível… Senhor d'Hautrec, reconhece Antoinette Bréhat?

— Vi Antoinette Bréhat na casa do meu tio… Não é ela.

— Também não é a senhora de Réal — afirmou o conde de Crozon.

Era o golpe de misericórdia. Ganimard, atordoado, não se mexeu mais, permanecendo cabisbaixo, com os olhos fugidios. De todas as suas conjecturas, não restava nenhuma. O edifício desmoronava.

O senhor Dudouis se levantou.

— Perdoe-nos, senhora, houve uma confusão lamentável e peço que a esqueça. Só o que não me parece justificado é sua perturbação… sua atitude bizarra desde que está aqui.

— Meu Deus, senhor, eu estava com medo… Há mais de cem mil francos em joias na minha bolsa, e as atitudes do seu amigo não me pareciam tranquilizadoras.

— E suas ausências constantes?...

— São exigências de minha profissão, concorda?

O senhor Dudouis não soube o que responder. Voltou-se para o seu subordinado:

— O senhor colheu suas informações com uma leviandade deplorável, Ganimard, e ainda há pouco se comportou de maneira deselegante com a senhora. Venha se explicar no meu gabinete.

O interrogatório terminara. O chefe da Sûreté se dispunha a partir quando aconteceu um fato realmente desconcertante. A senhora Réal se aproximou do inspetor e lhe disse:

— Ouvi que se chama senhor Ganimard… Estou enganada?

— Não.

— Nesse caso, esta carta deve ser para o senhor. Eu a recebi hoje de manhã, com o destinatário que pode ler: *"Senhor Justin Ganimard, aos cuidados da senhora Réal"*. Pensei que era uma brincadeira, uma vez que eu não o conhecia por esse nome, mas sem dúvida o missivista desconhecido previu nosso encontro.

Por uma intuição singular, Justin Ganimard esteve prestes a agarrar a carta e destruí-la. Não ousou fazê-lo, estando na presença de seu superior, e abriu o envelope. A carta continha estas palavras, que ele articulou com uma voz quase ininteligível:

Era uma vez uma Mulher Loura, um Lupin e um Ganimard. Mas o malvado Ganimard queria fazer mal à bonita Mulher Loura, e o bom Lupin não queria isso. Então o bom Lupin, desejoso de que a Mulher Loura entrasse na intimidade da condessa de Crozon, fez com que ela assumisse o nome de senhora de Réal, que é idêntico — ou quase isso —

ao de uma honesta comerciante cujos cabelos são dourados e o rosto pálido. E o bom Lupin pensou consigo: "Se um dia o malvado Ganimard estiver na pista da Mulher Loura, quão útil será fazê-lo desviar para a pista da honesta comerciante!" Sábia precaução e que dá seus frutos. Uma notinha enviada ao jornal do malvado Ganimard, um frasco de perfume esquecido voluntariamente pela verdadeira Mulher Loura no hotel Beaurivage, o nome e o endereço da senhora Réal fornecidos por essa verdadeira Mulher Loura na recepção do hotel, e o golpe está dado. O que me diz, Ganimard? Quis lhe contar a aventura no detalhe, sabendo que seu espírito seria o primeiro a se divertir. De fato, ela é deliciosa e confesso que de minha parte achei-a muito engraçada.

Ao senhor, portanto, obrigado, caro amigo, e minhas melhores recordações ao excelente senhor Dudouis.

Arsène Lupin.

— Mas ele controla tudo! — gemeu Ganimard, que nem cogitava rir. — Sabe de coisas que eu não disse a ninguém. Como podia saber que lhe pediria para vir, chefe? Como podia saber da descoberta do primeiro frasco?... Como podia saber?...

O senhor Dudouis teve pena dele.

— Vamos, Ganimard, console-se, tentaremos fazer melhor da próxima vez.

E o chefe da Sûreté se afastou, na companhia da senhora Réal.

Dez minutos se passaram. Ganimard lia e relia a carta de Lupin. Num canto, o senhor e a senhora de Crozon, o senhor d'Hautrec e o senhor Gerbois conversavam animadamente. Por fim, o conde foi até o inspetor e lhe disse:

— De tudo isso resulta, caro senhor, que não saímos do lugar.

— Discordo. Minha investigação confirmou que a Mulher Loura é a heroína indiscutível dessas aventuras, dirigida por Lupin. É um passo enorme.

— Contudo, não serve para nada. O problema talvez tenha inclusive ficado mais obscuro. A Mulher Loura mata para roubar o diamante azul e não o rouba. Ela o rouba, e é para se livrar dele em benefício de outro.

— Nada posso fazer quanto a isso.

— Decerto, mas outro talvez pudesse…

— O que quer dizer com isso?

O conde hesitava, mas a condessa tomou a palavra e foi direto ao ponto:

— Há um homem, um só depois do senhor, na minha opinião, capaz de combater Lupin e colocá-lo à sua mercê. Senhor Ganimard, ficaria incomodado se solicitássemos a ajuda de Herlock Sholmes?

Ele ficou sem reação.

— Claro que não… só que… não compreendo direito…

— Preste atenção. Todos esses mistérios me irritam. Quero enxergar claro. O senhor Gerbois e o senhor d'Hautrec têm a mesma vontade e entramos num acordo para nos dirigir ao célebre detetive inglês.

— Tem razão, senhora — pronunciou o inspetor Dudouis com uma lealdade que não deixava de ter certo mérito —, tem razão; o velho Ganimard não está à altura de lutar contra Arsène Lupin. Herlock Sholmes conseguirá? Assim o desejo, pois tenho por ele a maior admiração… No entanto… é pouco provável…

— É pouco provável que ele triunfe?

— É minha opinião. Considero um duelo entre Herlock Sholmes e Arsène Lupin uma coisa previamente definida. O inglês será derrotado.

— Em todo caso, ele pode contar com o senhor?

— Inteiramente, senhora. Minha colaboração está assegurada sem reservas.

— Sabe seu endereço?

— Sim. Parker Street, 219.

Na mesma noite, o senhor e a senhora de Crozon retiravam sua queixa contra o cônsul Bleichen, e uma carta coletiva era dirigida a Herlock Sholmes.

3

Herlock Sholmes inicia as hostilidades

— O que desejam os cavalheiros?

— Pode escolher… — respondeu Arsène Lupin, a quem detalhes culinários interessavam pouco. — Pode escolher, mas nada de carne nem de álcool.

O garçom se afastou, desdenhoso. Exclamei:

— Como, ainda vegetariano?

— Cada vez mais — afirmou Lupin.

— Por gosto? Por crença? Por hábito?

— Por higiene.

— E nunca abre exceção?

— Oh! sim… quando circulo pela sociedade… para não me singularizar.

Jantávamos os dois nas proximidades da Gare du Nord, nos fundos de um pequeno restaurante, aonde fui instado por Arsène Lupin. Pois é, de tempos em tempos ele manda um telegrama de manhã, marcando um encontro em algum canto de Paris. Nessas ocasiões, mostra-se sempre com uma verve inesgotável, feliz da vida, simples e bom menino, e sempre com uma anedota inesperada, uma recordação, o relato de uma aventura que eu ignorava.

Nessa noite, pareceu-me ainda mais exuberante do que o normal. Ria e falava com um entusiasmo ímpar e a fina ironia que lhe é peculiar, ironia sem amargura, leve e espontânea. Era um prazer vê-lo assim e não pude me abster de lhe manifestar meu contentamento.

— Pois é — ele exclamou —, há dias em que tudo me parece delicioso, em que a vida fervilha dentro de mim como um tesouro infinito que não conseguirei jamais esgotar. E, no entanto, Deus sabe que vivo sem economizar!

— Talvez até demais.

— O tesouro é infinito, estou lhe dizendo! Posso gastar e desperdiçar, posso lançar minhas forças e minha juventude aos quatro ventos, é o espaço que abro para forças mais vivas e mais jovens… E depois, para falar a verdade, minha vida é tão bonita… Bastaria querer, não é mesmo, para me tornar de um dia para o outro, vejamos… orador, dono de fábrica, político… Pois bem, juro, nunca tal ideia me ocorreria! Arsène Lupin sou, Arsène Lupin permaneço. E procuro em vão na história um destino comparável ao meu, mais bem realizado, mais intenso… Napoleão? Sim, talvez… Mas o Napoleão do fim de sua carreira imperial, durante a campanha da França, quando a Europa o esmagava e ele se perguntava a cada batalha se não era a última que travava.

Falava sério? Brincava? O tom de sua voz esquentara, e ele prosseguiu:

— Pense bem, tudo está no perigo! A sensação ininterrupta do perigo! Respirá-lo como o ar que respiramos… discerni-lo à sua volta, bufando, rugindo, espreitando, aproximando-se… E, em meio à tempestade, permanecer calmo… não se mexer! Senão, você está perdido… Só existe uma sensação equivalente, a do piloto numa corrida automobilística! Mas uma corrida dura uma manhã, e minha corrida dura a vida inteira!

— Que lirismo!... — exclamei. — E quer me fazer crer que não tem um motivo especial para tamanha efusão!

Ele sorriu.

— Muito bem, você é um psicólogo sensível. De fato, há outra coisa. Serviu-se um grande copo de água gelada, bebeu e me disse:

— Leu o *Le Temps* de hoje?

— Caramba, não.

— Herlock Sholmes atravessou a Mancha esta tarde e chegou por volta das seis horas.

— Diabos! E por quê?

— Uma pequena viagem, presente dos Crozon, do sobrinho d'Hautrec e do Gerbois. Encontraram-se na Gare du Nord e dali juntaram-se a Ganimard. Neste momento, os seis confabulam.

Nunca, a despeito da formidável curiosidade que Arsène Lupin me inspira, permiti-me interrogá-lo sobre os atos de sua vida privada, antes que ele mesmo os abordasse. Há, de minha parte, uma preocupação com a discrição sobre a qual não transijo. Naquele momento, aliás, seu nome ainda não estava envolvido, ao menos oficialmente, no caso do diamante azul. Esperei pacientemente. Ele continuou:

— O *Le Temps* publica igualmente uma entrevista desse excelente Ganimard, segundo a qual uma certa mulher loura, supostamente minha amiga, teria assassinado o Barão d'Hautrec e tentado subtrair da senhora de Crozon seu famoso anel. E, naturalmente, ele me acusa de ser o instigador desses crimes.

Um ligeiro arrepio me fez estremecer. Seria verdade? Eu deveria crer que a mania de roubar, seu estilo de vida, a própria lógica dos acontecimentos, tinha arrastado aquele homem até o assassinato? Observei-o. Parecia tão calmo, seus olhos me olhavam tão francamente!

Examinei suas mãos; eram modeladas com infinita delicadeza, mãos completamente inofensivas, mãos de artista…

— Ganimard é um alucinado — murmurei.

Ele protestou:

— Não, não, Ganimard tem sutileza… Às vezes até mesmo inteligência.

— Inteligência!

— Sim, sim. Por exemplo, essa entrevista é um golpe de mestre. Primeiro anuncia a chegada de seu rival inglês, para me advertir e tornar a tarefa do outro mais difícil. Depois, revela o ponto exato até onde levou o caso, para que Sholmes só se beneficie das próprias descobertas. É uma boa tática.

— Seja como for, eis você com dois adversários nos braços, e que adversários!

— Oh! Um não conta.

— E o outro?

— Sholmes? Oh! Confesso que esse é dos bons. Mas é justamente o que me apaixona e a razão de você me ver tão bem-humorado. Antes de mais nada, por uma questão de amor-próprio: não julgam exagerado contratar o célebre inglês para me vencer. Em seguida, pense no prazer que deve experimentar um lutador do meu naipe só de pensar num duelo com Herlock Sholmes. Finalmente! Serei obrigado a me empenhar muito!

Conheço o sujeito, ele não recuará um passo.

— Ele é forte.

— Muito forte. Como policial, não creio que jamais tenha existido ou exista outro igual. Por outro lado, levo uma vantagem sobre ele, é que ele ataca e eu me defendo. Meu papel é mais fácil. Além disso…

Sorriu imperceptivelmente, antes de terminar a frase:

— Além disso, conheço sua maneira de lutar, e ele não conhece a minha. Reservo-lhe alguns golpes secretos que o farão refletir…

Ele tamborilava na mesa, extasiado, e deixava escapar pequenas fórmulas:

— Arsène Lupin contra Herlock Sholmes… França contra Inglaterra… Finalmente, Trafalgare será vingada!... Ah! O infeliz… nem desconfia que estou preparado… e um Lupin precavido…

Interrompeu-se subitamente, sacudido por um acesso de tosse, e escondeu o rosto no prato, como se tivesse engasgado.

— Um miolo de pão? — perguntei. — Tome um pouco d'água.

— Não, não é isso — ele disse, com a voz abafada.

— Então… o que é?

— Preciso de ar.

— Deseja que abram a janela?

— Não, vou sair, rápido, passe-me o paletó e o chapéu, vou zarpar…

— Ora, mas o que houve?

— Esses dois cavalheiros que acabam de entrar… está vendo, o mais alto… pois bem, ao sair, caminhe do meu lado esquerdo, de modo que ele não possa me ver.

— Esse que sentou atrás de você?...

— Ele mesmo… por razões pessoais, prefiro… lá fora eu lhe explicarei…

— Mas quem é, então?

— Herlock Sholmes.

Fez um violento esforço para se controlar, como se tivesse vergonha de sua agitação. Largou o guardanapo, engoliu um copo d'água e, sorrindo, inteiramente recuperado, disse-me:

— Engraçado, hein? Não costumo me abalar com facilidade, mas essa visão inesperada…

— O que teme, uma vez que ninguém pode reconhecê-lo, depois de todas as suas transformações? Eu mesmo, todas as vezes que o encontro,

penso me encontrar diante de um indivíduo novo.

— Ele me reconhecerá — disse Arsène Lupin. — Só me viu uma vez, mas percebi que me via pela vida inteira e que via não apenas minha aparência, sempre alterável, mas o ser mesmo que sou… E depois… e depois… eu não esperava por isso, caramba!... Que encontro singular… neste pequeno restaurante…

— Muito bem — repliquei —, saímos?

— Não… não…

— O que fará?

— O melhor seria agir francamente… entregar-me a ele…

— Não está pensando nisso…

— Claro que sim, estou… Afinal, eu poderia aproveitar para interrogá-lo, saber o que ele sabe… Ah, pronto, tenho a impressão de que seus olhos pousam na minha nuca, nos meus ombros… e que ele procura… recorda…

Refletiu. Notei um sorriso malicioso no canto dos lábios, depois, obedecendo, creio, mais a um capricho de sua natureza impulsiva do que às exigências da situação, levantou-se bruscamente, voltou-se e, inclinando-se, todo alegre:

— Mas que coincidência!... É realmente muita sorte… Permita-me apresentar-lhe um de meus amigos…

Por um ou dois segundos, o inglês pareceu desconcertado, pois, num gesto instintivo, quase se atirou sobre Arsène Lupin. Este balançou a cabeça:

— Seria um erro de sua parte… sem falar que o gesto seria deselegante… e tão inútil!

O inglês olhou para os dois lados, como se buscando socorro.

— Isso também não — decretou Lupin. — Aliás, tem mesmo certeza de estar autorizado a me capturar? Vamos, mostre que é um bom jogador.

Mostrar que era um bom jogador, no caso, não era tentador. Foi este, contudo, o partido que pareceu o melhor ao inglês, pois ele, fazendo menção de levantar-se, apresentou com frieza:

— Mister Wilson, meu amigo e colaborador.

— Monsieur Arsène Lupin.

O estupor de Wilson era ridículo. O cenho franzido e a boca larga faziam dois riscos atravessar seu rosto obeso, com a pele luzidia e esticada feito uma maçã, em torno do qual cabelos à escovinha e uma barba curta

estavam plantados como talos de capim, grossos e vigorosos.

— Wilson, você não esconde o pasmo diante dos acontecimentos mais naturais deste mundo — riu Herlock Sholmes, com uma nuance de ironia.

Wilson balbuciou:

— Por que não o prende?

— Não percebeu, Wilson, que esse *gentleman* está posicionado entre mim e a porta e a dois passos da rua? Eu não teria tempo de mexer o dedo mínimo e ele já estaria do lado de fora.

— Não seja por isso — provocou Lupin.

Deu a volta na mesa e sentou-se de maneira que o inglês ficasse entre a porta e ele. Era entregar-se de bandeja.

Wilson observou Herlock Sholmes para saber se tinha o direito de admirar aquele rasgo de audácia. O inglês permaneceu impenetrável. Porém, ao fim de um instante, chamou:

— Garçom!

O garçom acorreu. Sholmes pediu:

— Refrescos, cerveja e uísque.

A paz estava assinada… até segunda ordem. Em seguida, nós quatro, sentados à mesma mesa, conversávamos tranquilamente.

Herlock Sholmes é um homem… como encontramos todos os dias. Na casa dos cinquenta anos, parece um burguês convicto que teria passado a vida em frente a uma mesa, mantendo livros de contabilidade. Nada o distingue de um honesto cidadão de Londres, nem suas suíças arruivadas, nem seu queixo escanhoado, nem seu aspecto um tanto pesado — nada a não ser seus olhos terrivelmente agudos, vivos e penetrantes.

Afinal, trata-se de Herlock Sholmes, isto é, uma espécie de fenômeno de intuição, observação, clarividência e engenhosidade. É como se a natureza tivesse se divertido em pegar os dois tipos de policial mais extraordinários que a imaginação produziu, o Dupin de Edgar Poe e o Lecoq de Gaboriau, para com eles, à sua maneira, construir um terceiro, ainda mais extraordinário e irreal. E, quando ouvimos a história das façanhas que o celebrizaram no mundo inteiro, na verdade nos perguntamos se ele mesmo, esse Herlock Sholmes, não é um personagem lendário, um herói expelido do cérebro de um grande romancista, de um Conan Doyle, por exemplo.

Imediatamente, como Arsène Lupin o interrogava sobre a duração de sua estadia, Sholmes colocou a conversa em seu verdadeiro terreno.

— Minha estadia depende do senhor, senhor Lupin.

— Oh! — exclamou o outro, rindo. — Se dependesse de mim, eu lhe pediria que embarcasse novamente no seu paquete esta noite.

— Esta noite é um pouco cedo, mas espero que dentro de oito ou dez dias…

— Tanta pressa assim?

— Tenho várias coisas em andamento: o assalto do Banco Anglo-Chinês, o rapto de lady Eccleston… Vejamos, senhor Lupin, acha que uma semana será o suficiente?

— Dá e sobra, caso se atenha ao duplo caso do diamante azul. É, de resto, o lapso de tempo de que preciso para tomar minhas precauções, se a elucidação desse duplo caso vier a lhe dar sobre mim algumas vantagens relativas à minha segurança.

— O problema — disse o inglês — é que pretendo efetivamente obter essas vantagens no espaço de oito a dez dias.

— E me prender no décimo primeiro, talvez?

— No décimo, prazo final.

Lupin refletiu e, balançando a cabeça:

— Difícil… difícil…

— Difícil, sim, mas possível. Logo, uma certeza…

— Certeza absoluta — enfatizou Wilson, como se ele mesmo vislumbrasse claramente a longa série de astúcias que levaria seu amigo ao resultado previsto.

Herlock Sholmes sorriu:

— Wilson, que sabe das coisas, está aqui para ratificá-lo.

E continuou:

— Evidentemente, não disponho de todos os trunfos nas mãos, uma vez que se trata de casos ocorridos alguns meses atrás. Faltam-me os elementos, os indícios sobre os quais tenho o hábito de basear minhas investigações.

— Como manchas de lama e cinzas de cigarro — articulou Wilson, com ar solene.

— Mas, afora as notáveis conclusões do senhor Ganimard, disponho de todas as reportagens escritas a respeito, todas as observações colhidas e, consequentemente, algumas ideias pessoais sobre o caso.

— Alguns pontos de vista que nos foram sugeridos seja por análise, seja por hipótese — acrescentou Wilson sentenciosamente.

— Seria indiscreto — perguntou Arsène Lupin, no tom respeitoso que empregava com Sholmes — indagar-lhe a opinião geral que chegou a formar?

De fato, era a coisa mais apaixonante ver aqueles dois homens um diante do outro, cotovelos na mesa, discutindo grave e calmamente como se tivessem um problema árduo para resolver ou devessem entrar num consenso sobre um ponto de controvérsia. E tudo se dava com uma ironia superior, que ambos cultivavam profundamente, como diletantes e artistas. Wilson, por sua vez, regalava-se.

Herlock encheu lentamente seu cachimbo, acendeu-o e se exprimiu com as seguintes palavras:

— Julgo esse caso infinitamente menos complexo do que parece à primeira vista.

— Muito menos, com efeito — repetiu Wilson, eco fiel.

— Digo o caso, pois, para mim, há apenas um. A morte do Barão d'Hautrec, a história do anel e, não esqueçamos, o mistério do número 514, série 23, não passam das muitas faces do que poderíamos chamar de o enigma da Mulher Loura. Ora, a meu ver, trata-se pura e simplesmente de descobrir o elo que une esses três episódios da mesma história, o fato que prova a unidade dos três métodos. Ganimard, cujo tino é um pouco superficial, vê essa unidade na faculdade de desaparecimento, no poder de ir e vir permanecendo ao mesmo tempo invisível. Essa intervenção do milagre não me satisfaz.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que, na minha opinião — articulou com clareza Herlock Sholmes —, a característica dessas três aventuras é seu desígnio manifesto, evidente, embora não percebido até aqui, de levar o caso para o terreno previamente escolhido pelo senhor. Há nisso, de sua parte, mais que um plano, uma necessidade, uma condição *sine qua non* para o êxito.

— Poderia descer a alguns detalhes?

— Nada mais fácil. Por exemplo, desde o início do seu conflito com o senhor Gerbois, não é evidente que o apartamento do doutor Detinan é o local escolhido pelo senhor, o local inevitável onde deve acontecer a reunião? Nenhum outro lhe parece mais seguro, a tal ponto que é lá que o

senhor marca o encontro, publicamente poderíamos dizer, com a Mulher Loura e a senhorita Gerbois.

— A filha do professor — esclareceu Wilson.

— Agora, passemos ao diamante azul. Por acaso havia tentado apropriar-se dele desde que o Barão d'Hautrec o possuía? Não. Mas o barão herda a mansão de seu irmão: seis meses depois, intervenção de Antoinette Bréhat e primeira tentativa. O diamante lhe escapa e vem o leilão, organizado com grande estrépito na casa Drouot. Será limpo esse leilão? O comprador mais rico está seguro de adquirir a joia? De forma alguma. No momento em que o banqueiro Herschmann vai arrematá-lo, uma mulher lhe entrega uma carta de ameaças e é a condessa de Crozon, preparada e influenciada por essa mesma mulher, que compra o diamante. Ele vai desaparecer imediatamente? Não; faltam-lhe os meios. Logo, uma pausa. Mas a condessa se instala em seu castelo. É o que o senhor esperava. O anel desaparece.

— Para reaparecer no pó dentifrício do cônsul Bleichen, anomalia bizarra — objetou Lupin.

— Ora, vamos — exclamou Herlock, batendo na mesa —, não é a mim que deve contar essas baboseiras. Que os imbecis se deixem engambelar, tudo bem, mas não a velha raposa que sou.

— O que significa?...

— O que significa…

Sholmes fez uma pausa, como se quisesse administrar o impacto. Por fim, formulou:

— O diamante azul que descobriram no pó dentifrício é um diamante falso. O verdadeiro está com o senhor.

Arsène Lupin permaneceu calado por um instante; depois, muito simplesmente, com os olhos pregados no inglês:

— É um homem ousado, senhor.

— Um homem ousado, não é mesmo? — repetiu Wilson, pasmo de admiração.

— Sim — afirmou Lupin —, tudo se esclarece, tudo ganha seu verdadeiro sentido. Nenhum dos juízes de instrução, nenhum dos repórteres especiais que se entranharam nesse caso foram tão longe na direção da verdade. É um milagre de intuição e lógica.

— Bah! — fez o inglês, lisonjeado com a homenagem de tamanho perito. — Bastava refletir.

— Bastava saber refletir, e muitos poucos o sabem! Mas agora que o campo das suposições se estreitou e o terreno foi capinado…

— Pois bem, agora, só preciso descobrir por que as aventuras tiveram seu desfecho no número 28 da rua Clapeyron, no 134 da avenida Henri-Martin e entre os muros do castelo de Crozon. Todo o caso reside aí. O resto não passa de lorota e adivinhação infantil. Não é sua opinião?

— É minha opinião.

— Nesse caso, senhor Lupin, estou errado em repetir que dentro de dez dias minha missão estará terminada?

— Dentro de dez dias, toda a verdade será do seu conhecimento.

— E o senhor será preso.

— Não.

— Não?

— Para que eu seja preso, é necessário um concurso de circunstâncias tão inverossímil, uma série de tristes coincidências tão estarrecedoras, que não admito tal eventualidade.

— O que não podem as circunstâncias e as coincidências adversas, a vontade e a obstinação de um homem poderão, senhor Lupin.

— Se a vontade e a obstinação de outro não opuserem a tal desígnio um obstáculo invencível, senhor Sholmes.

— Não existe obstáculo invencível, senhor Lupin.

O olhar que trocaram foi profundo, sem provocação de nenhuma das partes, mas calmo e insolente.

Era o choque de duas espadas iniciando o duelo, que soava claro e franco.

— Melhor assim — exclamou Lupin —, eis alguém! Um adversário, uma ave rara, e é Herlock Sholmes! Vamos nos divertir.

— Não tem medo? — perguntou Wilson.

— Quase, senhor Wilson, e a prova — disse Lupin, levantando-se — é que vou apressar minhas disposições de retirada… sem o que poderia ser capturado na toca. Combinamos dez dias, senhor Sholmes?

— Dez dias. Hoje é domingo. De quarta-feira a uma semana, tudo estará terminado.

— E estarei atrás das grades?

— Sem a menor dúvida.

— Raios! E eu tão feliz com a minha vida sossegada. Sem aborrecimentos, um bom fluxo de negócios, a polícia vivendo um inferno, a impressão reconfortante da simpatia universal que me cerca… Precisarei mudar tudo isso! Enfim, é o avesso da medalha… Depois da bonança, a tempestade… Não é mais hora de rir. Adeus…

— Avie-se — alertou Wilson, cheio de solicitude por um indivíduo ao qual Sholmes inspirava tanta consideração —, não perca um minuto.

— Nem um minuto, senhor Wilson, apenas o tempo de lhe dizer como estou feliz com este encontro e como invejo o mestre por ter colaborador tão valioso quanto o senhor.

Cumprimentaram-se cortesmente, como, no terreno de luta, dois adversários a quem nenhum ódio divide, mas que o destino obriga a duelarem sem misericórdia. E Lupin, agarrando meu braço, arrastou-me para a saída.

— O que me diz, meu caro? Eis um repasto cujos incidentes hão de se destacar nas memórias que prepara sobre mim.

Ele fechou a porta do restaurante, parando alguns passos adiante:

— Você fuma?

— Não, mas você tampouco, parece-me.

— Eu tampouco.

Acendeu um cigarro com a ajuda de um fósforo de cera, que agitou várias vezes para apagar. Mas, assim que jogou fora o cigarro, atravessou correndo a rua e se juntou a dois homens que acabavam de surgir da sombra, como chamados por um sinal. Conversou alguns minutos com eles na outra calçada, depois voltou até onde eu estava.

— Peço-lhe perdão, esse diabólico Sholmes vai me dar trabalho. Mas juro que ele não acabou com Lupin ainda… Ah, o malandro, ele verá que sou um osso duro de roer… Até logo. O inefável Wilson tem razão, não tenho um minuto a perder.

Afastou-se rapidamente.

Assim terminou a estranha noite, ou pelo menos a parte da noite em que estive envolvido. Pois, nas horas seguintes, desenrolaram-se outros acontecimentos, que as confidências dos outros comensais desse jantar me permitiram felizmente reconstituir em detalhe.

No exato instante em que Lupin me deixava, Herlock Sholmes puxou seu relógio e se levantou:

— Vinte para as nove. Às nove devo encontrar o conde e a condessa na estação.

— A caminho! — exclamou Wilson, descendo dois copos de uísque um atrás do outro.

Saíram.

— Wilson, não se vire… Talvez estejamos sendo seguidos; nesse caso, vamos agir como se não nos importássemos… Então, Wilson, dê-me sua opinião: por que Lupin estava nesse restaurante?

Wilson não hesitou:

— Para comer.

— Wilson, quanto mais trabalhamos juntos, mais percebo a continuidade dos seus progressos. Palavra de honra, você vai se tornando assombroso.

Na penumbra, Wilson ficou vermelho de prazer, e Sholmes prosseguiu:

— Para comer, vá lá, e em segundo lugar, muito provavelmente, para se certificar de que vou mesmo a Crozon, como anuncia Ganimard em sua entrevista. Vou então, a fim de não o contrariar. Mas, como se trata de ganhar tempo sobre ele, não vou.

— Como? — reagiu Wilson, pasmo.

— Você, meu amigo, siga por essa rua, pegue um coche, dois, três coches. Volte mais tarde para apanhar as valises que deixamos no guarda-volumes e, a galope, dirija-se ao Élysée-Palace.

— E no Élysée-Palace?

— Peça um quarto, deite-se, durma com um olho aberto e aguarde minhas instruções.

Wilson, todo orgulhoso do importante papel que lhe era confiado, partiu. Herlock Sholmes pegou seu bilhete e dirigiu-se ao expresso de Amiens, no qual o conde e a condessa de Crozon já estavam instalados.

Limitou-se a cumprimentá-los, acendeu um segundo cachimbo e fumou tranquilamente, de pé no corredor.

O trem se mexeu. Ao cabo de dez minutos, ele foi sentar-se junto à condessa e lhe disse:

— Está com o anel, senhora?

— Sim.

— Faça a gentileza de me emprestá-lo.

Pegou-o e examinou-o.

— É de fato o que eu pensava, é diamante reconstituído.

— Diamante reconstituído?

— Um novo procedimento que consiste em submeter o pó do diamante a uma temperatura altíssima, de maneira a reduzi-lo em fusão… só faltando reconstituí-lo numa única pedra.

— Como assim?! Meu diamante é verdadeiro.

— O seu, sim, mas este não é o seu.

— E onde está o meu?

— Nas mãos de Arsène Lupin.

— E este, então?

— Foi posto no lugar do seu e enfiado no frasco do senhor Bleichen, onde o encontrou.

— É então falso?

— Completamente falso.

Estupefata, alterada, a condessa se calou, enquanto o marido, incrédulo, virava e revirava a joia em todas as direções. Ela terminou por balbuciar:

— Será possível?! Mas por que não o roubaram pura e simplesmente? E como o surrupiaram?

— É precisamente isso que tratarei de esclarecer.

— No castelo de Crozon?

— Não, descerei em Creil e volto a Paris. É lá que se deve travar o duelo entre mim e Arsène Lupin. As estocadas terão o mesmo efeito em qualquer lugar, mas é preferível que Lupin me julgue em viagem.

— No entanto…

— O que lhe importa, senhora? O essencial é seu diamante, não é?

— Sim.

— Pois bem, fique tranquila. Assumi não faz muito tempo um compromisso muito mais difícil de cumprir. Palavra de Herlock Sholmes, eu lhe devolverei o diamante verdadeiro.

O trem desacelerava. Ele guardou o falso diamante no bolso e abriu a portinhola do vagão. O conde exclamou:

— Mas o senhor está descendo no meio da pista!

— Assim, se Lupin infiltrou alguém neste vagão, eles perderão meu rastro.

Um funcionário protestou em vão. O inglês se dirigiu ao escritório do chefe da estação. Cinquenta minutos depois, pulava num trem que o deixaria de volta a Paris um pouco antes da meia-noite.

Lá, atravessou a estação correndo, cruzou a área de alimentação, saiu por outra porta e se precipitou dentro de um fiacre.

— Cocheiro, rua Clapeyron.

Tendo adquirido a certeza de que não era seguido, mandou o coche parar no começo da rua e procedeu a um exame minucioso no prédio do doutor Detinan e em dois prédios vizinhos. Dando passadas iguais, media certas distâncias e escrevia observações e algarismos em sua caderneta.

— Cocheiro, avenida Henri-Martin.

Na esquina da avenida com a rua de la Pompe, pagou a corrida, seguiu pela calçada até o 134 e repetiu tais procedimentos em frente ao antigo palacete do Barão d'Hautrec e aos dois prédios laterais, medindo a largura de suas respectivas fachadas e calculando a profundidade dos pequenos jardins que as precedem.

A avenida estava deserta e muito escura sob suas quatro fileiras de árvores, entre as quais, de quando em quando, um bico de gás parecia lutar inutilmente contra a espessura das trevas. Um deles projetava uma pálida luz sobre parte do palacete, e Sholmes viu a placa "aluga-se" pendurada no portão, as duas aleias maltratadas que cercavam o pequeno gramado, e as vastas janelas vazias da casa desabitada.

"É verdade", ele constatou, "desde a morte do barão, ninguém mora aqui… Ah, se eu pudesse entrar e fazer uma primeira visita!"

Ao esboçar a ideia, quis logo executá-la. Mas como? Uma vez que a altura do portão inviabilizava qualquer tentativa de escalada, pegou no bolso uma lanterna elétrica e uma chave-mestra da qual não se separava. Para seu grande espanto, percebeu que um dos batentes estava entreaberto. Esgueirou-se então no jardim, cuidando de não fechar o batente. Mal dera três passos, deteve-se. Numa das janelas do segundo andar, avistara uma luz se mexendo.

E a luz passou por uma segunda janela e por uma terceira, sem que ele pudesse ver outra coisa senão uma silhueta perfilar-se nas paredes dos quartos. Do segundo andar, a luz desceu ao primeiro e, demoradamente, vagou de cômodo em cômodo.

“Diabos, quem pode passear à uma da manhã na casa onde o Barão d’Hautrec foi morto?” perguntou-se Herlock, prodigiosamente interessado.

Não havia senão um meio de saber, era ele próprio insinuar-se lá dentro. Não hesitou. Porém, ao se aproximar dos degraus da entrada, ele atravessou a faixa de claridade projetada pelo bico de gás, e o homem deve tê-lo avistado, pois a luz se apagou subitamente e Herlock Sholmes não a viu mais.

Delicadamente, empurrou a porta da entrada. Também estava aberta. Não ouvindo nenhum ruído, arriscou-se na escuridão, encontrou o início do corrimão e subiu um andar. Sempre o mesmo silêncio, nas mesmas trevas.

Ao chegar ao saguão, entrou num cômodo e aproximou-se da janela, que refletia um pouco de luz da noite. Avistou então, do lado de fora, o homem, que, tendo descido por outra escada, sem dúvida, e saído por outra porta, esgueirava-se à esquerda, ao longo dos arbustos que margeavam o muro entre os dois jardins.

— Diabos — exclamou Sholmes —, ele vai escapar!

Desceu desabalado e transpôs a escada da entrada a fim de lhe cortar a retirada. Contudo, não viu mais ninguém e precisou de alguns segundos para distinguir, no emaranhado dos arbustos, uma massa mais escura e não completamente imóvel.

O inglês refletiu. Por que o indivíduo não tentara fugir, quando poderia tê-lo feito com facilidade? Permaneceria ali para vigiar o intruso que o atrapalhara em sua misteriosa tarefa?

“Em todo caso”, pensou, “não é Lupin. Lupin teria sido mais safo. É alguém do seu bando.”

Longos minutos transcorreram. Herlock não se mexeu, o olho pregado no adversário que o espiava. Mas, como esse adversário não se mexia tampouco, e o inglês não era homem de se entrevar na apatia, o detetive checou se o tambor do seu revólver funcionava, desembainhou seu punhal e caminhou em direção ao inimigo com a audácia fria e o desdém pelo perigo que o fazem tão temível.

Um ruído seco: o indivíduo engatilhava seu revólver. Herlock se atirou bruscamente sobre a moita. O outro não teve tempo de correr: o inglês já estava em cima dele. Seguiu-se uma luta violenta, desesperada, durante a qual Herlock pressentia o esforço do homem para puxar sua faca. Sholmes,

no entanto, excitado com a ideia de sua vitória iminente, o desejo louco de se apoderar, desde o primeiro momento, desse cúmplice de Arsène Lupin, sentia-se tomado por uma força irresistível. Derrubou o adversário, imprensou-o com todo o seu peso e, imobilizando-o com os cinco dedos fincados na garganta do infeliz, como as garras de um abutre, com a mão livre procurou sua lanterna elétrica, apertou o botão e projetou a luz no rosto de seu prisioneiro.

— Wilson! — berrou, aterrado.

— Herlock Sholmes! — balbuciou uma voz engasgada, cavernosa.

Permaneceram longo tempo um em cima do outro sem trocar uma palavra, ambos aniquilados, o cérebro vazio. A buzina de um automóvel rasgou os ares. Um pouco de vento agitou as folhas. Sholmes não se mexia, os cinco dedos ainda cravados na garganta de Wilson, que exalava um estertor cada vez mais fraco.

De repente, louco de raiva, Herlock largou o amigo, mas para agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo freneticamente.

— O que faz aqui? Responda… o quê?... Por acaso eu lhe disse para se esconder nos arbustos e me espionar?

— Espioná-lo — gemeu Wilson —, mas eu não sabia que era você.

— Então o quê? O que faz aqui? Devia estar deitado.

— Eu me deitei.

— Devia estar dormindo!

— Eu dormi.

— Não devia ter acordado!

— Sua carta…

— Minha carta?...

— Sim, a que um mensageiro me entregou de sua parte no hotel…

— Uma mensagem minha? Enlouqueceu?

— Juro.

— Onde está essa carta?

Seu amigo lhe estendeu uma folha de papel. À luz da lanterna, Sholmes leu-a com estupor:

Wilson, fora da cama! Corra até a avenida Henri-Martin. A casa está vazia. Entre, inspecione, faça uma planta exata e volte para dormir. Herlock Sholmes.

— Eu estava medindo os cômodos — explicou Wilson —, quando percebi uma sombra no jardim. Só me passou uma coisa pela cabeça…

— Foi agarrar a sombra… A ideia era excelente… Mas, por favor — disse Sholmes, ajudando seu companheiro a se levantar e empurrando-o —, da próxima vez, Wilson, quando receber uma carta minha, certifique-se primeiro de que minha letra não foi imitada.

— Mas então — disse Wilson, começando a vislumbrar a verdade — a carta não é sua?

— Infelizmente, não.

— De quem é?

— De Arsène Lupin.

— Mas com que objetivo ele a escreveu?

— Ah, disso não faço ideia, e é justamente o que me preocupa. Por que diabos ele se deu ao trabalho de importuná-lo? Se ainda fosse comigo, eu compreenderia, mas foi só com você. E me pergunto qual interesse…

— Estou com pressa de voltar ao hotel.

— Eu também, Wilson.

Chegaram ao portão. Wilson, que estava à frente, pegou uma barra e puxou.

— Que estranho — ele disse —, você fechou?

— De forma alguma, deixei o batente apenas encostado.

— No entanto…

Herlock puxou por sua vez, depois, abalado, tentou a fechadura. Uma praga lhe escapou.

— Com mil raios… está fechado! Fechado a chave!

Sacudiu a porta com toda a força, depois, compreendendo a inutilidade de seus esforços, deixou cair os braços, desanimado, e articulou, com uma voz espasmódica:

— Agora entendi tudo, é ele: Lupin previu que eu desembarcaria em Creil e armou aqui uma bonita ratoeirazinha para o caso de eu começar minha investigação na mesma noite. Além disso, fez a gentileza de me enviar um colega de cativeiro. Tudo isso para me fazer perder um dia e, sem dúvida, para demonstrar que eu faria muito melhor se cuidasse dos meus assuntos…

— Quer dizer que somos seus prisioneiros.

— Você disse tudo. Herlock Sholmes e Wilson são prisioneiros de Arsène Lupin. A aventura começa às mil maravilhas… Mas não, não, isso é inadmissível…

Uma mão desceu sobre seu ombro, a mão de Wilson.

— Lá no alto… olhe lá no alto… uma luz…

Com efeito, uma das janelas do primeiro andar estava iluminada.

Saíram os dois desabalados, cada um por sua escada, chegando ao mesmo tempo na entrada do quarto aceso. No meio do cômodo, ardia uma espécie de vela. Ao lado, havia uma cesta, e dela emergiam o gargalo de uma garrafa, as coxas de um frango e metade de um pão.

Sholmes caiu na risada.

— Magnífico oferecem-nos uma ceia. É o palácio dos feitiços. Um verdadeiro conto de fadas! Vamos, Wilson, não faça essa cara de enterro. Tudo isso é engraçadíssimo.

— Tem certeza de que é engraçadíssimo? — gemeu Wilson, lúgubre.

— Sim, tenho certeza — exclamou Sholmes, com uma alegria um pouco ruidosa demais para ser natural —, quer dizer, nunca vi nada mais engraçado. É um humor sadio… Que mestre da ironia é esse Arsène Lupin. Ele tapeia você, mas com tanta graça… Eu não cederia meu lugar nesse banquete nem por todo o ouro do mundo… Wilson, meu velho, você me aflige. Estou enganado ou não tem a nobreza de caráter que ajuda a suportar o infortúnio? De que se queixa? A esta hora poderia estar com o meu punhal na garganta… ou eu com o seu na minha… pois era isso que você procurava, funesto amigo.

Conseguiu, à força de humor e sarcasmos, reanimar o pobre Wilson e fazê-lo engolir uma coxa de frango e um copo de vinho. Mas, quando a vela se extinguiu e precisaram deitar para dormir, no assoalho, e aceitar a parede como travesseiro, o lado cruel e ridículo da situação veio à tona. E o sono dos dois foi triste.

Pela manhã, Wilson acordou cheio de câimbras e tiritando de frio. Um leve ruído chamou sua atenção: Herlock Sholmes, de joelhos, curvado, observava grãos de poeira com a lupa e detectava marcas de giz branco, quase apagadas, que formavam algarismos, algarismos que ele anotava em sua caderneta.

Escoltado por Wilson, a quem esse trabalho interessava especialmente, estudou cada cômodo, constatando as mesmas marcas de giz em outros

dois. E encontrou igualmente dois círculos nos painéis de carvalho, uma flecha num lambri e quatro algarismos em quatro degraus da escada.

Ao fim de uma hora, Wilson lhe disse:

— Os números são precisos, não é?

— Precisos, não faço ideia — respondeu Herlock, a quem tais descobertas haviam devolvido o bom humor. — Em todo caso, significam alguma coisa.

— Uma coisa óbvia — replicou Wilson —, representam o número de tacos do assoalho.

— Ah!

— Quanto aos dois círculos, indicam que os painéis são falsos, como pode comprovar, e a flecha está apontada na direção do elevador de pratos.

Herlock Sholmes fitou-o maravilhado.

— E essa agora! Ora, querido amigo, como sabe de tudo isso? Sua clarividência chega a me deixar encabulado.

— Oh, é muito simples — explicou Wilson, estufando de alegria —, fui eu que tracei essas marcas ontem à noite, seguindo suas instruções, ou melhor, as de Lupin, uma vez que a carta que me enviou é dele.

Talvez nesse minuto Wilson tenha corrido um perigo mais terrível do que durante sua luta com Sholmes na moita. O detetive sentiu uma vontade feroz de estrangulá-lo. Dominando-se, esboçou uma careta que se pretendia um sorriso e sentenciou:

— Perfeito, perfeito, eis um excelente trabalho que nos adianta muito. Seu admirável espírito de análise e de observação foi empregado em alguma outra questão? Tirarei proveito dos resultados alcançados.

— Juro que não. Parei nisso.

— Que pena! O começo foi promissor. Mas, já que é assim, só nos resta ir embora.

— Ir embora! E como?

— Segundo o modo habitual das pessoas honestas que vão embora: pela porta.

— Está fechada.

— Alguém abrirá.

— Quem?

— Queira chamar esses dois policiais a postos na avenida.

— Mas…

— Mas o quê?

— É humilhante demais… Que dirão quando souberem que você, Herlock Sholmes, e eu, Wilson, ficamos prisioneiros de Arsène Lupin?

— O que fazer, meu caro, vão se contorcer de rir — respondeu Herlock, a voz seca, o rosto contraído. — Mas não podemos tomar esta casa como domicílio.

— E não vai tentar nada?

— Nada.

— No entanto, o homem que nos trouxe o cesto com o lanche não atravessou o jardim nem quando chegou nem quando partiu. Logo, existe outra saída. Vamos procurá-la e não precisaremos recorrer aos guardas.

— Poderosamente raciocinado. Só está esquecendo que a polícia de Paris procurou essa saída há seis meses e que eu mesmo, enquanto você dormia, percorri o palacete de alto a baixo. Ah! meu bom Wilson, Arsène Lupin é uma caça com que não estamos habituados. Não deixa nenhum rastro…

Às onze horas, Herlock Sholmes e Wilson foram libertados… e conduzidos ao posto policial mais próximo, onde o comissário, após interrogá-los severamente, soltou-os com uma afetação irritante ao extremo:

— Sinto muito, cavalheiros, pelo que lhes aconteceu. Os senhores terão uma triste opinião da hospitalidade francesa. Meu Deus, que noite devem ter passado! Ah, esse Lupin realmente não tem o menor respeito.

Um coche levou-os até o Élysée-Palace. Na recepção, Wilson pediu a chave de seu quarto.

Após algumas buscas, o funcionário respondeu, bastante espantado:

— Mas, senhor, o senhor já desocupou este quarto.

— Eu! E como?

— Com sua carta desta manhã, que seu amigo nos entregou.

— Que amigo?

— O senhor que nos entregou sua carta… Veja, seu cartão de visita ainda está anexado nela. Aqui os tem.

Wilson pegou-os. Era de fato um de seus cartões de visita, e, na carta, era de fato sua letra.

— Santo Deus — murmurou —, outro golpe baixo. E acrescentou ansiosamente: — E as bagagens?

— Seu amigo levou.

— Ah!... E os senhores as entregaram?

— Claro, uma vez que sua carta nos autorizava.

— Com efeito… com efeito…

Os dois saíram à deriva pelos Champs-Élysées, calados e devagar. Um bonito sol de outono iluminava a avenida. O ar estava ameno e leve.

Na rotunda, Herlock acendeu seu cachimbo e seguiu adiante. Wilson exclamou:

— Não compreendo, Sholmes, esta sua calma. Zombam de você, brincam com você de gato e rato… E você não fala nada!

Sholmes parou e lhe disse:

— Wilson, estou pensando no seu cartão de visita.

— O que tem ele?

— Tem o seguinte: eis um homem que, prevendo uma luta possível contra nós, arranjou amostras de sua caligrafia e da minha, e que ainda possui, prontinho na carteira, um cartão de visita seu. Vê o que isso representa de precaução, vontade perspicaz, método e organização?

— Isso quer dizer?...

— Isso quer dizer, Wilson, que para combater um inimigo tão prodigiosamente armado, tão magnificamente preparado — e vencê-lo —, é preciso ser… é preciso ser eu. E mesmo assim, Wilson, como você pode ver — acrescentou, rindo —, não triunfamos na primeira tentativa.

Às seis horas, o *Écho de France*, na edição vespertina, publicava a seguinte a nota:

> *Esta manhã, o senhor Thénard, Comissário de Polícia do 16º Distrito, libertou os senhores Herlock Sholmes e Wilson, trancafiados sob os auspícios de Arsène Lupin no palacete do finado Barão d'Hautrec, onde haviam passado uma excelente noite.*
>
> *Aliviados, além disso, de suas valises, eles depositaram uma queixa contra Arsène Lupin.*
>
> *Arsène Lupin, que dessa vez contentou-se em infligir aos dois uma pequena lição, suplica-lhes que não o obriguem a medidas mais graves.*

— Bah! — fez Herlock Sholmes, amassando o jornal. — Criancices! É a única coisa que censuro a Lupin… o excesso de criancice… A plateia é muito importante para ele… Há um moleque nesse homem!

— Ora, Herlock, onde está a calma de antes?

— Continuo calmo — replicou Sholmes, num tom em que fervilhava a cólera mais terrível. — Para que me irritar? Tenho tanta certeza de que a última palavra será minha!

4

Um pouco de luz sobre as trevas

Por mais bem forjado que seja o caráter de um homem — e Sholmes é dessas criaturas a quem a má sorte não atinge —, há, todavia, circunstâncias em que o mais intrépido sente necessidade de recompor suas forças antes de enfrentar novamente as vicissitudes de uma batalha.

— Vou tirar folga hoje — ele disse.

— E eu?

— Você, Wilson, vai comprar roupas e cuecas para refazer nosso guarda-roupa. Enquanto isso, vou descansar.

— Descanse, Sholmes. Eu vigio.

Wilson pronunciou essas duas palavras com toda a importância de uma sentinela posicionada nas primeiras fileiras e, por conseguinte, exposta aos piores perigos. Estufou o peito. Retesou os músculos. Com um olho de águia, examinou o espaço do pequeno quarto de hotel onde haviam se instalado.

— Vigie, Wilson. Aproveitarei para elaborar um plano de campanha mais adequado ao adversário que temos pela frente. Veja, Wilson, nós nos enganamos sobre Lupin. Temos de recomeçar do princípio.

— Ou até de antes, se possível. Mas temos tempo?

— Nove dias, velho camarada! São cinco a mais.

O inglês passou a tarde inteira fumando e dormindo. Só no dia seguinte deu início aos trabalhos.

— Estou pronto, Wilson, agora vamos caminhar.

— Caminhemos — exclamou Wilson, transbordando de ardor marcial. — Confesso que, de minha parte, sinto as pernas formigar.

Sholmes teve três longas entrevistas — com o doutor Detinan em primeiro lugar, cujo apartamento ele estudou nos menores detalhes; com Suzanne Gerbois, a quem telegrafara para vir e a quem interrogou sobre a Mulher Loura; com a irmã Auguste, por fim, reclusa no convento das Visitandinas desde o assassinato do Barão d'Hautrec.

A cada visita, Wilson esperava do lado de fora, e a cada vez perguntava:

— Satisfeito?

— Muito.

— Eu estava certo, estamos no caminho certo. Caminhemos.

Caminharam muito. Visitaram os dois prédios que ladeiam o palacete da avenida Henri-Martin, depois foram até a rua Clapeyron e, enquanto examinava a fachada do número 25, Sholmes continuou:

— É evidente que existem passagens secretas entre todos esses prédios… Mas o que não percebo…

Lá no fundo, e pela primeira vez, Wilson duvidou da onipotência de seu genial chefe. Por que falava tanto e agia tão pouco?

— Por quê?! — exclamou Sholmes, respondendo aos pensamentos íntimos de Wilson. — Porque, com esse diabo do Lupin, trabalhamos no vazio, ao acaso, e, em vez de extrair a verdade de fatos precisos, temos de arrancá-la de seu próprio cérebro, para em seguida verificar se ela se encaixa nos acontecimentos.

— Mas e as passagens secretas?

— O que é que tem? Mesmo quando eu as descobrir, tanto aquela que permitiu a Lupin entrar na casa de seu advogado quanto aquela que a Mulher Loura seguiu após o assassinato do Barão d'Hautrec, terei avançado alguma coisa? Isso me forneceria armas para atacá-lo?

— Por via das dúvidas, ataquemos — exclamou Wilson.

Não tinha terminado essas palavras quando recuou, com um grito. Alguma coisa acabava de cair aos seus pés, um saco de areia cheio até a metade, que poderia tê-los ferido gravemente.

Sholmes levantou a cabeça, operários trabalhavam num andaime preso na sacada do quinto andar.

— Muito bem! Estamos com sorte — exclamou. — Um passo a mais e receberíamos no crânio o saco de um desses desastrados. Até parece que…

Interrompeu-se, depois correu em direção ao prédio, subiu os cinco andares, tocou, irrompeu no apartamento, para grande pavor do criado, e dirigiu-se à sacada. Não havia ninguém.

— Os operários que estavam aqui?... — indagou ao criado.

— Acabam de partir.

— Por onde?

— Ora, pela escada de serviço.

Sholmes debruçou-se para fora. Viu dois homens sair do prédio, empurrando suas bicicletas. Subiram no selim e desapareceram.

— Faz muito tempo que eles trabalham nesse andaime?

— Esses aí? Chegaram hoje de manhã. São novos.

Sholmes juntou-se a Wilson.

Retornaram ao hotel melancolicamente e esse segundo dia terminou num mutismo tristonho.

No dia seguinte, o ritual se repetiu. Sentaram-se no mesmo banco da avenida Henri-Martin e, para grande desespero de Wilson, que não se divertia nem um pouco, foi uma tocaia sem fim defronte dos três prédios.

— O que espera, Sholmes? Que Lupin saia desses prédios?

— Não.

— Que a Mulher Loura apareça?

— Não.

— Então o quê?

— Espero que um pequeno fato se produza, um fatozinho qualquer, que me sirva de ponto de partida.

— E se ele não se produzir?

— Nesse caso, alguma coisa se produzirá em mim, uma centelha que ateará fogo na pólvora.

Um único incidente rompeu a monotonia daquela manhã, porém de maneira desagradável.

O cavalo de um senhor, que seguia pela aleia equestre situada entre as duas pistas da avenida, desgarrou e veio abalroar o banco onde os dois estavam sentados, de maneira que sua anca resvalou no ombro de Sholmes.

— He, he! — escarneceu, com um sorrisinho. — Mais um pouco e me fraturava o ombro!

O sujeito procurava dominar sua montaria. O inglês sacou seu revólver e mirou. Wilson agarrou-lhe o braço com energia.

— Está louco, Herlock! Ora vamos… vai matar esse *gentleman*!

— Solte-me, Wilson… solte-me.

Começou uma luta entre eles, durante a qual o senhor dominou sua montaria e esporeou.

— Agora pode atirar — exclamou Wilson, triunfante, quando o cavaleiro se distanciou um pouco.

— Ora, seu imbecil ao cubo, não percebeu que era um cúmplice de Arsène Lupin?

Sholmes tremia de raiva. Wilson, digno de pena, balbuciou:

— O que está dizendo? Esse *gentleman*?...

— Cúmplice de Lupin, assim como os operários que jogaram o saco em nossa cabeça.

— Acha isso possível?

— Possível ou não, era um meio de termos certeza.

— Matando esse *gentleman*?

— Abatendo seu cavalo, pura e simplesmente. Não fosse por você, eu teria um dos cúmplices de Lupin. Percebeu sua tolice?

A tarde foi melancólica. Não trocaram uma palavra. Às cinco horas, enquanto os dois vagavam pela rua Clapeyron, ao mesmo tempo tomando o cuidado de se manter afastados dos prédios, três jovens operários que cantavam de braços dados esbarraram neles e quiseram seguir adiante sem se soltar. Sholmes, que estava de mau humor, opôs-se a isso. Houve um breve empurra-empurra. Sholmes, fazendo pose de pugilista, desferiu um soco no peito, um soco na cara e derrubou dois dos três jovens, que, sem insistirem mais, afastaram-se, assim como seu companheiro.

— Ah! — exclamou. — Como isso me fez bem… Eu estava justamente muito tenso… excelente trabalho…

Mas, percebendo Wilson recostado no muro, disse-lhe:

— Epa! O que houve, velho camarada? Você está lívido.

O velho camarada mostrou seu braço, que pendia inerte, e balbuciou:

— Não sei o que tenho… uma dor no braço.

— Uma dor no braço? É grave?

— Sim… sim… o braço direito…

Apesar de todos os seus esforços, não conseguia mexê-lo. Sholmes apalpou-o, delicadamente primeiro, depois de maneira mais rude, “para verificar”, disse, “o grau exato da dor”. O grau exato da dor foi tão elevado

que, preocupadíssimo, ele entrou numa farmácia da vizinhança, onde Wilson viu-se forçado a desmaiar.

O farmacêutico e seus ajudantes acorreram. Constataram que o braço estava quebrado e falou-se logo em cirurgião, operação e casa de saúde. Nesse ínterim, despiram o paciente, que, sacudido pela dor, começou a dar gritos.

— Ótimo… ótimo… perfeito… — dizia Sholmes, que se encarregara de segurar o braço —, um pouco de paciência, meu velho camarada… dentro de cinco ou seis semanas estará curado… Mas eles me pagarão, os velhacos! Está ouvindo… ele sobretudo… pois foi novamente o desgraçado do Lupin que armou o golpe… Ah! juro que se um dia…

Calou-se bruscamente e soltou o braço, o que causou em Wilson tamanho sobressalto de dor que o pobre coitado desmaiou novamente… e, batendo na testa, articulou:

— Wilson, tenho uma ideia… será que por acaso?...

Ele não se mexia, os olhos fixos, e resmungava fragmentos de frases.

— Claro, é isso… tudo se explicaria… Procuramos longe o que está ao nosso lado… Ah, mas é claro, eu sabia que bastava refletir… Ah, meu bom Wilson, acho que vai ficar satisfeito!

E, deixando para trás o velho camarada, desabalou para a rua e correu até o número 25.

Acima e à direita da porta, gravado numa das pedras, lia-se: *Destange, arquiteto, 1875*.

No 23, os mesmos dizeres.

Até aí, nada de anormal. Mas lá, na avenida Henri-Martin, o que haveria?

Um coche passava.

— Cocheiro, avenida Henri-Martin, número 134, no galope.

De pé no coche, ele instigava o cavalo e oferecia gorjetas ao cocheiro.

— Mais rápido!... Mais rápido ainda!

Qual não foi sua angústia no cruzamento da rua de la Pompe! Teria sido um fiapo da verdade que entrevira?

Numa das pedras do palacete, estavam gravadas estas palavras: *Destange, arquiteto, 1874*.

Nos prédios vizinhos, a mesma informação: *Destange, arquiteto, 1874*.

O choque dessas emoções foi tão grande que ele se recolheu por alguns minutos no fundo do coche, tendo arrepios de alegria. Por fim, uma luzinha vacilou em meio às trevas! Na grande floresta escura, onde mil veredas se cruzavam, eis que recolhia o primeiro indício de uma pista seguida pelo inimigo!

Numa agência de correio, pediu uma ligação telefônica para o castelo de Crozon. A própria condessa atendeu.

— Alô!... É a senhora, madame?

— Senhor Sholmes, não é? Como vai?

— Muito bem, mas estou com pressa. Pode me dizer… alô… só uma palavrinha…

— Estou ouvindo.

— Em que época foi construído o castelo de Crozon?

— Ele pegou fogo há trinta anos e foi reconstruído.

— Por quem? Em que ano?

— Uma inscrição acima da escada da entrada diz: *"Lucien Destange, arquiteto, 1877"*.

— Obrigado, madame, meus cumprimentos.

Partiu, murmurando:

— Destange… Lucien Destange… Esse nome não me é estranho.

Passando por um gabinete de leitura, consultou um dicionário biográfico moderno e copiou o verbete relativo a *"Lucien Destange, nascido em 1840, Grand Prix de Roma, oficial da Legião de Honra, autor de obras muito apreciadas sobre arquitetura… etc."*

Dirigiu-se então à farmácia e, de lá, à casa de saúde para onde haviam levado Wilson. Em seu leito de tortura, o braço aprisionado numa tala, tiritando de febre, o velho camarada divagava.

— Vitória! Vitória! — exclamou Sholmes. — Agarrei uma das pontas do fio.

— De que fio?

— Aquele que me levará ao objetivo! Vou caminhar em terreno sólido, onde haverá digitais, indícios…

— Cinzas de cigarro? — perguntou Wilson, cujo interesse pela situação o reanimava.

— E muitas outras coisas! Pense um pouco, Wilson, descobri o elo misterioso que unia entre si as diferentes aventuras da Mulher Loura. Por

que as três moradias onde se concluíram essas três aventuras foram escolhidas por Lupin?

— Sim, por quê?

— Porque essas três moradias, Wilson, foram construídas pelo mesmo arquiteto. Fácil de adivinhar, dirá você? Decerto… daí ninguém ter pensado nisso.

— Ninguém, exceto você.

— Exceto eu, que agora sei que o mesmo arquiteto, combinando plantas análogas, tornou possível o desfecho dos três atos, aparentemente milagrosos, na realidade simples e fáceis.

— Que felicidade!

— E já não era sem tempo, velho camarada, eu estava começando a perder a paciência… Afinal, já estamos no quarto dia.

— De dez.

— Oh! Daqui em diante…

Ele não parava no lugar, exuberante e alegre, ao contrário de seu estilo.

— Não, mas quando penso que, ainda há pouco, na rua, esses patifes poderiam ter quebrado meu braço como fizeram com o seu. O que me diz sobre isso, Wilson?

Wilson limitou-se a sentir um arrepio diante daquela horrível suposição. E Sholmes continuou:

— Que essa lição nos ensine! Veja, Wilson, nosso grande erro foi combater Lupin com o rosto descoberto e nos oferecer gentilmente aos seus golpes. Menos mal, uma vez que ele só atingiu você…

— E que me safei apenas com um braço quebrado — gemeu Wilson.

— Quando podia ter quebrado os dois. Mas chega de fanfarronadas. Em plena luz do dia e vigiado, fui vencido. Na sombra, e livre para me deslocar, a vantagem é minha, sejam quais forem as forças do inimigo.

— Ganimard poderia ajudá-lo.

— Jamais! O dia em que eu puder dizer: Arsène Lupin está aqui, eis o seu covil, e eis como podemos deitar-lhe as mãos, irei catar Ganimard num dos dois endereços que ele me deu: o seu domicílio, na rua Pergolèse, ou a taberna suíça, na praça do Châtelet. Daqui até lá, ajo sozinho.

Aproximou-se do leito, colocou a mão no ombro de Wilson — o ombro lesionado, naturalmente — e disse com grande afeição:

— Cuide-se, meu velho camarada. Doravante seu papel consiste em ocupar dois ou três homens de Arsène Lupin, que, para encontrar meu rastro, esperarão à toa que eu venha saber notícias dele. É um papel de confiança.

— Um papel de confiança e lhe agradeço por isso — replicou Wilson, cheio de gratidão. — Farei de tudo para desempenhá-lo conscienciosamente. Mas, pelo que vejo, você não volta mais?

— Para fazer o quê? — perguntou friamente Sholmes.

— Com efeito… com efeito… melhor eu não podia estar. Então, um último favor, Herlock: pode me dar alguma coisa para beber?

— Para beber?

— Sim, estou morrendo de sede, e com a minha febre…

— Oh, como não! É para já…

Remexeu em duas ou três garrafas, percebeu um pacote de fumo, acendeu seu cachimbo e, como se não tivesse sequer ouvido o pedido do amigo, foi embora, enquanto o velho camarada implorava com o olhar por um copo d'água inacessível.

— O SENHOR DESTANGE!

O criado considerou o indivíduo para o qual acabava de abrir a porta da mansão — a magnífica mansão na esquina da praça Malesherbes com a rua Montchanin — e, diante do aspecto daquele homenzinho de cabelos grisalhos, barba por fazer, e cuja comprida pelerine escura, de um asseio duvidoso, conformava-se às bizarrices de um corpo que a natureza havia singularmente maltratado, respondeu com o desdém que convinha:

— O senhor Destange está ou não está. Isso depende. O cavalheiro tem um cartão?

O cavalheiro não tinha um cartão, mas tinha uma carta de apresentação, e o criado foi levar essa carta ao senhor Destange. Este deu ordens para que o recém-chegado entrasse.

Ele foi então introduzido numa imensa rotunda, que ocupava uma das alas da mansão e cujas paredes estavam cobertas de livros. O arquiteto indagou:

— É o senhor Stickmann?

— Sim, senhor.

— Meu secretário me comunicou que está doente e lhe envia para continuar a catalogação geral dos livros que ele começou sob minha

direção, e, mais especialmente, dos livros alemães. Tem experiência com esse tipo de trabalho?

— Sim, senhor, uma longa experiência — respondeu o senhor Stickmann com um forte sotaque alemão.

Nessas condições, o acordo foi logo firmado e, sem demora, o senhor Destange pôs-se ao trabalho com seu novo secretário.

Herlock Sholmes estava no lugar certo.

Para escapar à vigilância de Lupin e penetrar na mansão onde Lucien Destange morava com a filha Clotilde, o ilustre detetive tivera de dar um mergulho no desconhecido, acumular estratagemas, obter, sob os nomes mais variados, as boas graças e confidências de uma série de personagens. Em suma, vivera, durante quarenta e oito horas, uma vida cheia de complicações.

Em sua pesquisa, apurara o seguinte: o senhor Destange, com a saúde abalada e desejando repousar, retirara-se dos negócios e vivia entre as coleções de livros sobre arquitetura que reunira. Nenhuma diversão lhe interessava, afora o espetáculo e a manipulação dos velhos tomos empoeirados.

Quanto à sua filha Clotilde, tinha fama de excêntrica. Sempre enfermiça, como o pai, mas morando em outra ala da mansão, nunca saía.

"Nada disso", ele ruminava, inscrevendo num registro títulos de livros que o senhor Destange lhe ditava, "nada disso é decisivo, mas que passo à frente! Será possível que eu não descubra a solução de um desses problemas apaixonantes: o senhor Destange é parceiro de Arsène Lupin? Continua a vê-lo? Existem papéis relativos à construção dos três prédios? Esses papéis não me fornecerão o endereço de outros prédios, igualmente traiçoeiros, que Lupin teria reservado para ele e seu bando?"

O senhor Destange, cúmplice de Arsène Lupin! Aquele homem venerável, oficial da Legião de Honra, trabalhando ao lado de um assaltante? A hipótese era inadmissível. Aliás, aceitando tal cumplicidade, como o senhor Destange poderia ter previsto, trinta anos antes, as evasões de Arsène Lupin, então ainda um bebê?

Não importa! O inglês se obstinava. Com seu faro prodigioso, com o instinto que lhe é peculiar, percebia um mistério rondando à sua volta. Presumia isso a partir de pequenas coisas que não saberia precisar, mas que intuía desde que entrara na mansão.

Na manhã do segundo dia, ainda não fizera nenhuma descoberta interessante. Às duas horas, viu pela primeira vez Clotilde Destange, que viera buscar um livro na biblioteca. Era uma mulher de uns trinta anos, morena, de gestos lentos e silenciosos, cujo rosto conservava a expressão indiferente daqueles que vivem fechados em si mesmos. Trocou algumas palavras com o senhor Destange e se retirou, sem ao menos voltar os olhos para Sholmes.

A tarde se arrastou, monótona. Às cinco horas, o senhor Destange comunicou que ia sair. Sholmes permaneceu sozinho na galeria circular situada à meia altura da rotunda. O dia chegava ao fim. Também se dispunha a partir quando um estalo ressoou. Instantaneamente, ele teve a sensação de que havia mais alguém no ambiente. Longos minutos se sucederam uns aos outros. E de repente ele foi percorrido por um arrepio: uma sombra emergia da semipenumbra, bem perto dele, na sacada. Como podia ser? Há quanto tempo aquele personagem invisível lhe fazia companhia? E de onde viera?

O homem desceu os degraus e se encaminhou para um grande armário de carvalho. Dissimulado atrás dos reposteiros que pendiam sobre a balaustrada da galeria, de joelhos, Sholmes observou e viu o homem, que remexia nos papéis que atulhavam o armário. O que procurava?

E eis que de repente a porta se abriu e a senhorita Destange entrou precipitadamente, dizendo a alguém que a seguia:

— Então não vai mesmo sair, pai?... Nesse caso vou acender as luzes… um segundo… não se mexa…

O homem empurrou os batentes do armário e se escondeu na reentrância de uma grande janela, cujas cortinas puxou sobre si. Como a senhorita Destange não o viu? Como não o ouviu? Muito calmamente, ela girou o botão da eletricidade e deu passagem ao pai. Sentaram-se um ao lado do outro. Ela pegou um volume que trouxera e começou a ler.

— Seu secretário então não está mais aqui? — ela disse, ao fim de um instante.

— Não… como vê…

— Continua satisfeito com ele? — ela continuou, como se ignorasse a doença do verdadeiro secretário e sua substituição por Stickmann.

— Continuo… continuo…

A cabeça do senhor Destange pendia de um lado a outro. Ele adormeceu.

Passou um tempo. A jovem lia. Nesse ínterim, uma das cortinas da janela foi afastada, e o homem se esgueirou ao longo da parede, na direção da porta, movimento que o fazia passar por trás do senhor Destange, mas em frente a Clotilde, e de tal maneira que Sholmes pôde vê-lo distintamente. Era Arsène Lupin.

O inglês teve um calafrio de alegria. Seus cálculos estavam certos, ele penetrara no próprio âmago do misterioso caso, Lupin estava no lugar previsto.

Clotilde, contudo, não se mexia, embora fosse inadmissível que um único gesto daquele homem lhe escapasse. Lupin estava quase alcançando a porta e já estendia o braço para a maçaneta quando um objeto caiu de uma mesa, resvalado por sua roupa. O senhor Destange acordou sobressaltado. Arsène Lupin já estava à sua frente, chapéu na mão e sorridente.

— Maxime Bermond — exclamou o senhor Destange com alegria. — Querido Maxime!... Que bons ventos o trazem?

— O desejo de vê-lo, bem como a senhorita Destange.

— Então voltou de viagem?

— Ontem.

— E fica para jantar?

— Não, janto com amigos em um restaurante.

— Amanhã, então? Clotilde, insista para que ele venha amanhã. Ah, esse bom Maxime… Justamente, eu pensava em você nos últimos dias.

— Verdade?

— Sim, estava arrumando meus papéis antigos, nesse armário, e encontrei nossa última conta.

— Que conta?

— A da avenida Henri-Martin.

— Como? Ainda guarda essa papelada? Para quê?...

Instalaram-se os três numa saleta que se comunicava à rotunda por um amplo arco.

"Será Lupin?", ruminou Sholmes, invadido por uma dúvida súbita.

Sim, com toda a certeza era ele, mas era outro homem também, que se parecia com Arsène Lupin em certos aspectos e que, não obstante, conservava sua individualidade singular, seus traços pessoais, seu olhar, a

cor do cabelo…

De terno, gravata branca, camisa modelando o torso, ele falava alegremente, contando histórias das quais o senhor Destange ria com gosto e que desenhavam um sorriso nos lábios de Clotilde. E cada um daqueles sorrisos parecia uma recompensa que Arsène Lupin buscava e se regozijava de ter obtido. Redobrava de espirituosidade e gaiatice e, imperceptivelmente, ao som daquela voz alegre e franca, o rosto de Clotilde se animava e perdia a expressão de frieza que o tornava tão pouco simpático.

"Eles se amam", pensou Sholmes, "mas que diabos pode haver de comum entre Clotilde Destange e Maxime Bermond? Ela sabe que Maxime Bermond não é outro senão Arsène Lupin?"

Até as sete horas, escutou ansiosamente, tirando proveito das menores palavras. Em seguida, com infinitas precauções, desceu e atravessou o lado do aposento onde não corria o risco de ser visto da sala.

Do lado de fora, Sholmes certificou-se de que não havia nem automóvel nem fiacre no ponto, e afastou-se claudicando pelo bulevar Malesherbes. Porém, numa rua adjacente, colocou nas costas o paletó que carregava no braço, deformou seu chapéu, aprumou-se e, assim metamorfoseado, voltou até a praça, onde esperou, os olhos pregados na porta da mansão Destange.

Arsène Lupin saiu quase imediatamente, e, pelas ruas de Constantinople e de Londres, dirigiu-se ao centro de Paris. Cem passos atrás dele, caminhava Herlock.

Minutos deliciosos para o inglês! Aspirava sofregamente o ar, como um bom cão que fareja a pista fresca! De fato, parecia-lhe uma coisa infinitamente agradável seguir seu adversário. Não era mais ele sendo vigiado, e sim Arsène Lupin, o invisível Arsène Lupin. Segurava-o, por assim dizer, pela ponta de seu olhar, como se o prendesse com amarras impossíveis de romper. E se deleitava, observando, entre os pedestres, aquela presa que lhe pertencia.

Mas um fenômeno bizarro não demorou a impressioná-lo no intervalo que o separava de Arsène Lupin: outras pessoas avançavam na mesma direção, em especial dois rapagões de chapéu redondo, na calçada da esquerda, e outros dois, de boné e cigarro na boca, na calçada da direita.

Talvez fosse apenas uma coincidência. Mas Sholmes, contudo, espantou-se mais ainda quando, tendo Lupin entrado num quiosque de tabaco, os quatro homens pararam — e mais ainda quando tornaram a andar ao mesmo tempo que ele, porém separados agora, cada qual evoluindo do seu lado pela Chaussée d'Antin.

"Maldição", pensou Sholmes, "ele está sendo seguido!"

A ideia de que outros estavam no rastro de Arsène Lupin, de que outros lhe arrebatavam não a glória — preocupava-se pouco com isso —, mas o prazer imenso, a ardente volúpia de, sozinho, derrotar o mais temível inimigo que jamais havia encontrado, essa ideia o exasperava. No entanto, era impossível que se enganasse, os homens tinham o ar displicente, o ar excessivamente natural daqueles que, embora regulando seu passo ao de outra pessoa, não querem ser notados.

"Ganimard saberia mais do que diz saber?", murmurou Sholmes. "Estará me fazendo de bobo?"

Teve vontade de abordar um dos quatro indivíduos, a fim de tirar aquilo a limpo. Porém, nas proximidades do bulevar, com a multidão engrossando, temeu perder Lupin e apertou o passo. Flagrou-o subindo a escada do restaurante húngaro, na esquina da rua Helder. A porta estava aberta, de maneira que Sholmes, sentado num banco do bulevar, do outro lado da rua, viu-o ocupar um lugar numa mesa luxuosamente posta, enfeitada com flores, e onde já se encontravam três senhores de terno e duas damas extremamente elegantes, que o acolheram com demonstrações de simpatia.

Herlock procurou com o olhar os quatro perseguidores e os avistou, misturados aos grupos que escutavam a orquestra de ciganos de um café próximo. Coisa curiosa, não pareciam ocupar-se com Arsène Lupin, e sim, muito mais, com as pessoas que os cercavam.

Um deles, de repente, pegou um cigarro no bolso e abordou um senhor de redingote e cartola. O senhor ofereceu a brasa de seu charuto, e Sholmes teve a impressão de que conversavam, aliás mais tempo do que teria exigido o ato de acender um cigarro. Por fim, o senhor subiu os degraus da escada e deu uma espiada na sala do restaurante. Percebendo Lupin, avançou, confabulou alguns instantes com ele, depois escolheu uma mesa próxima, e então Sholmes constatou que esse senhor não era outro senão o homem a cavalo da avenida Henri-Martin.

Então compreendeu. Não só Arsène Lupin não estava sendo seguido, como aqueles homens faziam parte do seu bando! Aqueles homens zelavam por sua segurança! Eram seus guarda-costas, seus satélites, sua escolta atenta. Em toda parte onde o patrão corresse perigo, os cúmplices lá estavam, prontos a alertá-lo, prontos a defendê-lo. Cúmplices, os quatro indivíduos! Cúmplice o senhor de redingote.

Um calafrio percorreu o inglês. Seria possível que jamais conseguisse capturar aquela criatura inviolável? Que potência ilimitada representava tal associação, dirigida por tal chefe!

Arrancou uma folha da caderneta, escreveu a lápis algumas linhas, que enfiou num envelope, e disse ao adolescente de uns quinze anos que estava deitado no banco:

— Ei, garoto, pegue um coche e leve essa carta à taberna suíça, na praça do Châtelet. E depressa…

Deu-lhe uma moeda de cinco francos. O garoto desapareceu.

Meia hora se passou. Mais gente chegara, e só de tempos em tempos Sholmes avistava os comparsas de Lupin. Mas alguém roçou nele e lhe disse ao ouvido:

— Muito bem! O que há, senhor Sholmes?

— É o senhor, Ganimard?

— Sim, recebi seu bilhete na taberna. O que há?

— Ele está aqui.

— O que está dizendo?

— Ali… no fundo do restaurante… Chegue mais para a direita… Está vendo?

— Não.

— Servindo champanhe à moça ao seu lado…

— Mas não é ele.

— É ele.

— Pois eu lhe respondo… Ora! Pensando bem… Com efeito, poderia ser… Ah, o patife! Como é parecido! — murmurou Ganimard ingenuamente.

— E os outros, cúmplices?

— Não, quem está ao seu lado é lady Cliveden, a outra é a duquesa de Cleath e, em frente, o embaixador da Espanha em Londres.

Ganimard deu um passo. Herlock o reteve.

— Que imprudência! O senhor está sozinho.

— Ele também.

— Não, ele tem homens montando guarda no bulevar… sem falar no interior desse restaurante, aquele senhor…

— Mas, quando eu tiver posto as mãos no colarinho de Arsène Lupin, terei toda a sala a meu favor, todos os garçons.

— Eu preferiria alguns agentes.

— Aí sim é que os amigos de Arsène Lupin abririam o olho… Não, veja, senhor Sholmes, não temos escolha.

Ele tinha razão, Sholmes admitiu. Era preferível arriscar-se e aproveitar-se de circunstâncias excepcionais. Apenas recomendou a Ganimard:

— Faça com que demorem o máximo possível a reconhecê-lo.

E ele mesmo se esgueirou para trás de um quiosque de jornais, sem perder de vista Arsène Lupin, que, lá dentro, inclinado sobre sua vizinha, sorria.

O inspetor atravessou a rua, mãos nos bolsos, como alguém que caminha reto à sua frente. Mas, assim que atravessou a rua, bifurcou subitamente e num pulo subiu a escada da entrada.

Um apito estridente… Ganimard esbarrou no *maître*, plantado subitamente na porta, barrando a passagem, e que o empurrou com indignação, como teria feito com um intruso cujo traje equívoco desonrasse o luxo do restaurante. Ganimard vacilou. No mesmo instante, o senhor de redingote saiu. Tomou o partido do inspetor, e ambos, o *maître* e ele, discutiram violentamente, ambos agarrados a Ganimard, um segurando-o, o outro empurrando-o, e de tal maneira que, apesar de todos os seus esforços, apesar de todos os seus protestos furiosos, o infeliz foi escorraçado até o pé da escada.

Uma aglomeração logo se formou. Dois policiais, atraídos pelo barulho, tentaram atravessar a massa, mas uma resistência incompreensível imobilizou-os, sem que se conseguissem desvencilhar dos ombros que os espremiam, das costas que os impediam de avançar…

De repente, num passe de mágica, dão-lhes passagem!... O *maître*, compreendendo seu erro, confunde-se em desculpas, o senhor de redingote interrompe sua defesa do inspetor, a multidão se afasta, os policiais passam, Ganimard investe na direção da mesa onde estão os seis comensais… Mas agora só há cinco… Ele olha à sua volta… nenhuma outra saída além da

porta.

— A pessoa que estava aqui neste lugar? — gritou o inspetor para os cinco comensais estupefatos. — Sim, os senhores eram seis… Onde está a sexta pessoa?

— O senhor Destro?

— Claro que não, Arsène Lupin!

Um garçom se aproxima:

— Esse senhor acaba de subir para o mezanino.

Ganimard se precipita. O mezanino é composto de salas particulares e tem uma saída especial para o bulevar!

— Vá então procurá-lo agora — gemeu Ganimard. — Ele está ganhando distância!

Não tanta distância; estava a duzentos metros no máximo, no ônibus Madeleine-Bastillle, que avançava tranquilamente no ritmo lento de seus três cavalos, atravessando a praça da Ópera e seguindo pelo bulevar des Capucines. No primeiro andar do ônibus, dois brutamontes de chapéu-coco estavam alertas. Na parte de cima, no alto da escada, cochilava um velhote: Herlock Sholmes.

Cabeceando, embalado pelo movimento do veículo, o inglês monologava: "Se o meu bom Wilson me visse, como estaria orgulhoso de seu chefe!... Bah!... Era fácil prever pelo apito que a partida estava perdida e que não havia nada melhor a fazer senão vigiar os arredores do restaurante. Mas, pensando bem, a vida fica bem interessante com esse homem demoníaco por perto!"

No ponto final, Herlock, tendo-se debruçado, viu Arsène Lupin passar em frente aos seus guarda-costas e o ouviu murmurar: "Na Étoile."

"Na Étoile, perfeito, encontro marcado. Lá estarei. Deixemos que ele fuja nesse fiacre motorizado, e sigamos de coche os dois comparsas."

Os dois comparsas seguiram a pé, dirigindo-se efetivamente para a Étoile, e tocaram à porta de uma casa estreita, situada no número 40 da rue Chalgrin. Na esquina dessa rua pouco frequentada, Sholmes pôde esconder-se na sombra de uma reentrância.

Uma das duas janelas do térreo se abriu, um homem de chapéu redondo fechou os postigos. Acima dos postigos, a bandeira da janela se iluminou.

Ao cabo de dez minutos, um senhor veio tocar a essa mesma porta; depois, imediatamente depois, outro indivíduo. E, por fim, um fiacre motorizado parou, do qual Sholmes viu descer duas pessoas: Arsène Lupin e uma mulher envolta num casaco e numa grossa mantilha.

"A Mulher Loura, sem dúvida alguma", ruminou Sholmes, enquanto o fiacre motorizado se afastava.

Ele deixou passar um instante, aproximou-se da casa, trepou no parapeito da janela e, subindo na ponta dos pés, conseguiu, pela bandeira de vidro, dar uma espiada no aposento.

Arsène Lupin, recostado na lareira, falava com animação. Em pé à sua volta, os outros o escutavam atentamente. Dentre eles, Sholmes reconheceu o senhor de redingote e julgou reconhecer o *maître* do restaurante. Quanto à Mulher Loura, estava de costas, sentada numa poltrona.

"Estão conferenciando…", pensou. "Os acontecimentos desta noite os inquietaram e sentem a necessidade de deliberar. Ah! capturar a todos de uma vez!..."

Como um dos cúmplices se mexeu, ele pulou para o chão e se refugiou na penumbra. O senhor de redingote e o *maître* saíram da casa. Imediatamente o primeiro andar se iluminou, alguém puxou os postigos das janelas e a escuridão instalou-se nos dois andares.

"Ela e ele permaneceram no térreo", raciocinou Herlock. "Os dois cúmplices moram no primeiro andar."

Esperou parte da noite sem se mexer, temendo que Arsène Lupin fosse embora durante sua ausência. Às quatro horas, percebendo dois guardas na ponta da rua, juntou-se a eles, explicou a situação e delegou-lhes a vigilância da casa.

Dirigiu-se então à residência de Ganimard, na rua Pergolèse, e tirou-o da cama.

— Ainda o tenho.

— Arsène Lupin?

— Sim.

— Se o tem como ainda há pouco, melhor voltar a dormir. Por via das dúvidas, passemos no comissariado.

Foram até a rua Mesnil e de lá ao domicílio do comissário, o senhor Decointre. Em seguida, acompanhados de meia dúzia de homens, voltaram à rua Chalgrin.

— Alguma novidade? — perguntou Sholmes aos dois guardas de plantão.

— Nada.

O dia começava a clarear o céu quando, tomadas as devidas precauções, o comissário tocou a campainha e se dirigiu à cabine da zeladora. Assustada com a invasão, a mulher, toda trêmula, respondeu que não havia locatários no térreo.

— Como, nenhum locatário? — exclamou Ganimard.

— Claro que não, são os do primeiro andar, os senhores Leroux… Eles mobiliaram o térreo para parentes da província…

— Um cavalheiro e uma dama?

— Sim.

— Que vieram ontem com eles?

— Pode ser… eu estava dormindo… No entanto, não creio, eis a chave, eles não pediram…

Com essa chave, o comissário abriu a porta que se encontrava do outro lado do vestíbulo. O térreo só continha dois cômodos; estavam vazios.

— Impossível! — proferiu Sholmes. — Eu os vi, ela e ele.

O comissário riu:

— Não duvido, mas não estão mais aqui.

— Subamos ao primeiro andar. Devem estar lá.

— No primeiro andar moram os senhores Leroux.

— Interrogaremos os senhores Leroux.

Todos subiram a escada, o comissário tocou. No segundo toque, um indivíduo, que não era outro senão um dos guarda-costas, apareceu, em mangas de camisa e com ar furioso.

— Que história é essa! Sem escândalo… Isso é jeito de acordar as pessoas…

Mas calou-se, confuso:

— Deus me perdoe… será que estou sonhando? É o senhor Decointre!... E o senhor também, senhor Ganimard? O que houve para estarem aqui?

Uma gargalhada formidável irrompeu. Ganimard prendia o riso, numa crise de hilaridade que o fazia contorcer-se e lhe congestionava o rosto.

— É você, Leroux… — gaguejava. — Que piada… Leroux, cúmplice de Arsène Lupin… Ah, é de morrer de rir… E seu irmão, Leroux, está por

perto?

— Edmond, onde está você? É o senhor Ganimard que veio nos fazer uma visita…

Apareceu outro sujeito, fazendo redobrar a alacridade de Ganimard.

— Não acredito! Quem poderia imaginar! Ah, meus amigos, vocês estão em maus lençóis… Quem diria! Por sorte, o velho Ganimard está de olho e, mais que isso, tem amigos para ajudá-lo… amigos que vêm de longe!

E, voltando-se para Sholmes, apresentou:

— Victor Leroux, inspetor da Sûreté, um dos bons entre os melhores da brigada de ferro… Edmond Leroux, diretor do serviço antropométrico…

5

Um sequestro

Herlock Sholmes não piscou. Protestar? Acusar aqueles dois homens? Era inútil. A menos que tivesse provas, o que não tinha, e não queria perder seu tempo procurando-as, ninguém acreditaria nele.

Todo crispado, punhos cerrados, só pensava em não trair, diante de um Ganimard triunfante, sua raiva e decepção. Cumprimentou respeitosamente os irmãos Leroux, cidadãos modelo, e retirou-se.

No vestíbulo, deu uma guinada na direção de uma porta baixa que indicava a entrada da adega e recolheu uma pedrinha vermelha: era uma granada.

Do lado de fora, voltando-se, leu, perto do número 40 do prédio, estes dizeres: *Lucien Destange, arquiteto, 1877.*

Mesma inscrição no número 42.

"Outra saída dupla", pensou. "O 40 e o 42 comunicam-se. Como não pensei nisso? Eu deveria ter ficado com os dois guardas esta noite."

Disse a esses homens:

— Duas pessoas saíram por esta porta durante minha ausência, não é?

E apontava a porta do prédio ao lado.

— Sim, um cavalheiro e uma dama.

Ele agarrou o braço do inspetor-chefe e arrastou-o:

— Senhor Ganimard, o senhor riu o bastante para eu me arrepender pelo pequeno incômodo que lhe causei…

— Oh, fique certo de que não o culpo de nada.

— Jura? Mas as melhores piadas não duram para sempre, e sou da opinião de que devemos dar-lhes um fim.

— Concordo.

— Estamos no sétimo dia. Dentro de três dias, será indispensável eu estar em Londres.

— Ora, ora!

— Estarei lá, senhor, e peço que esteja preparado na noite de terça para quarta-feira.

— Para uma incursão do mesmo gênero? — perguntou Ganimard, troçando.

— Sim, senhor, do mesmo gênero.

— E que se concluirá?...

— Com a captura de Lupin.

— Acredita nisso?

— Juro pela minha honra, senhor.

Sholmes despediu-se e foi descansar um pouco no hotel mais próximo; depois disso, revigorado, autoconfiante, voltou à rua Chalgrin, deslizou dois luíses na mão da zeladora, certificou-se de que os irmãos Leroux haviam partido, soube que a casa pertencia a um tal senhor Harmingeat e, munido de uma vela, desceu à adega pela portinhola junto à qual recolhera a granada.

No pé da escada, recolheu outra de forma idêntica.

"Eu não estava enganado", pensou, "é por aqui que se comunicam… Vejamos, minha gazua abre o compartimento reservado ao locatário do térreo? Sim… perfeito… examinemos essas estantes de vinhos. Ahá! Eis alguns pontos em que o pó se espalhou… e, no chão, pegadas…

Um leve ruído o fez esticar os ouvidos. Rapidamente empurrou a porta, apagou a vela e escondeu-se atrás de uma pilha de caixotes vazios. Ao cabo de alguns segundos, observou que uma das estantes de ferro girava lentamente, arrastando com ela toda a aba da parede na qual estava grudada. A luz de uma lanterna se projetou. Um braço apareceu. Um homem entrou.

Estava curvado para a frente, como quem procura alguma coisa no chão. Com a ponta dos dedos, remexia no pó, soerguendo-se várias vezes e atirando alguma coisa numa caixa de papelão que segurava com a mão esquerda. Em seguida, apagou o vestígio de seus passos, assim como as

pegadas deixadas por Lupin e a Mulher Loura, e se aproximou da estante.

Deu um grito rouco e desmoronou. Sholmes pulara em cima dele. Foi coisa de um minuto, e da maneira mais simples do mundo. O homem, quando viu, já se encontrava estendido no solo, tornozelos atados e punhos amarrados.

O inglês se debruçou.

— Quanto quer para falar? Para dizer o que sabe?

O homem respondeu com um sorriso tão irônico que Sholmes compreendeu a inutilidade da pergunta.

Limitou-se a explorar os bolsos de seu prisioneiro, mas tal revista só lhe proporcionou um molho de chaves, um lenço e a caixinha de papelão que o indivíduo carregava, contendo uma dúzia de granadas iguais às que Sholmes recolhera. Magro butim!

Além disso, o que ia fazer daquele homem? Esperar que seus amigos viessem em seu socorro e entregá-los todos à polícia? Para quê? Que vantagem extrairia disso contra Lupin?

Hesitava, quando o exame da caixa o decidiu. Estampava o seguinte endereço: *Léonard, joalheiro, rua de la Paix.*

Resolveu pura e simplesmente abandonar o homem. Empurrou de volta a estante de vinhos e saiu da casa. De uma agência de correio, avisou o senhor Destange, por telegrama, que não poderia ir no dia seguinte. Em seguida, foi até o joalheiro, ao qual entregou as granadas.

— A senhora me enviou por causa dessas pedras. Elas se soltaram de uma joia que ela comprou aqui.

Sholmes acertara. O comerciante respondeu:

— De fato… essa senhora me telefonou. Logo estará aqui, e virá pessoalmente.

Somente às cinco horas, na calçada, Sholmes percebeu uma mulher envolta num espesso véu, cujo aspecto lhe pareceu suspeito. Pelo vidro, observou-a colocar no balcão uma joia antiga, ornamentada com granadas.

Ela foi embora quase imediatamente, fez compras a pé, subiu para o lado de Clichy e circulou por ruas que o inglês não conhecia. Ao cair da noite ele entrou em seu encalço, sem que a zeladora o visse, num prédio de cinco andares, com dois blocos de apartamentos e, por conseguinte, com muitos moradores. No segundo andar, ela parou e entrou. Dois minutos mais tarde, o inglês tentava a sorte e, uma depois da outra, testava com

precaução as chaves do molho de que se apoderara. A quarta rodou na fechadura.

Mesmo na penumbra que os envolvia, percebeu cômodos completamente vazios, como os de um apartamento desabitado, daí todas as portas estarem abertas. Contudo, no fim de um corredor, a luz de uma luminária se espalhou. Tendo se aproximado na ponta dos pés, ele viu, pelo espelho descascado que separava a sala de um quarto contíguo, a mulher de véu tirar sua roupa e seu chapéu, colocando-os sobre o único assento daquele quarto e vestindo um penhoar de veludo.

Viu-a também avançar em direção à lareira e apertar o botão de uma campainha elétrica. A metade do painel que se estendia à direita da lareira se moveu, deslizou no próprio plano da parede e insinuou-se para dentro da outra metade do painel.

Assim que o vão ficou suficientemente espaçoso, a mulher passou… e desapareceu, carregando a luminária.

O sistema era simples. Sholmes utilizou-o.

Caminhou no escuro, às apalpadelas, mas imediatamente seu rosto esbarrou em coisas moles. Com a chama de um fósforo, constatou que se encontrava num pequeno compartimento atulhado de vestidos e roupas em cabides. Abriu passagem e parou em frente à moldura de uma porta fechada por um reposteiro, ou pelo avesso de um reposteiro. Consumido seu fósforo, avistou uma luz que atravessava a trama esgarçada e surrada do pano velho.

Então observou.

Ali estava a Mulher Loura, sob seus olhos, ao alcance de sua mão.

Ela apagou a lamparina e acendeu a eletricidade. Pela primeira vez, Sholmes pôde ver seu rosto em plena luz. Estremeceu. A mulher que ele terminara surpreendendo após tantos desvios e manobras não era outra senão Clotilde Destange.

Clotilde Destange, a assassina do Barão d'Hautrec e a ladra do diamante azul! Clotilde Destange, a misteriosa amiga de Arsène Lupin! A Mulher Loura, enfim.

"É óbvio", pensou, "não passo de um asno! Porque a amiga de Lupin é loura e Clotilde, morena, não pensei em aproximar as duas mulheres uma da outra! Como se a Mulher Loura pudesse permanecer loura após o assassinato do barão e o roubo do diamante!"

Sholmes via uma parte do aposento, elegante alcova feminina, decorado com reposteiros claros e bibelôs valiosos. Um divã de mogno se estendia um degrau baixo. Clotilde estava sentada ali, imóvel, com a cabeça entre as mãos. Ao cabo de um instante, ele percebeu que a mulher chorava. Grossas lágrimas corriam por suas faces pálidas, deslizavam na direção da boca, caíam gota a gota sobre o veludo de seu penhoar. E outras lágrimas sucediam-se indefinidamente, como se brotadas de uma fonte inesgotável. Era o espetáculo mais triste aquele desespero melancólico e resignado que se exprimia pelo vagaroso escoar das lágrimas.

Mas uma porta se abriu atrás dela. Arsène Lupin entrou.

Mediram-se durante um longo tempo, sem uma palavra, depois ele se ajoelhou diante dela, recostou a cabeça em seu peito e envolveu-a em seus braços. Havia no gesto com que enlaçava a moça uma ternura profunda, cheia de piedade. Um doce silêncio os unia, e as lágrimas corriam menos abundantes.

— Eu queria tanto fazê-la feliz! — ele murmurou.

— Sou feliz.

— Não, uma vez que está chorando… Suas lágrimas me deixam destroçado, Clotilde.

Apesar de tudo, ela se deixava seduzir por aquela voz acariciante e escutava, ávida de esperança e felicidade. Um sorriso relaxou sua fisionomia, mas um sorriso ainda tão triste! Ele suplicou:

— Não fique triste, Clotilde, você não pode ficar assim. Não tem esse direito.

Ela lhe mostrou as mãos brancas, delicadas e macias e disse gravemente:

— Enquanto essas mãos forem minhas, serei triste, Maxime.

— Mas por quê?

— Elas mataram.

Maxime exclamou:

— Cale-se! Não pense nisso… O passado está morto, o passado não conta.

E beijava suas esguias mãos pálidas, enquanto ela o fitava com um sorriso mais claro, como se cada beijo apagasse um pouco a horrível lembrança.

— Você precisa me amar, Maxime, porque nenhuma mulher o amará como eu. Para agradá-lo, agi, ajo ainda, não segundo suas ordens, mas

segundo seus desejos secretos. Executo atos contra os quais todos os meus instintos e minha consciência se revoltam, mas não posso resistir… Tudo que faço, faço mecanicamente, porque lhe é útil e porque você quer… e estou pronta a recomeçar amanhã… e sempre.

Ele disse com amargura:

— Ah! Clotilde, por que a envolvi em minha vida de aventuras? Eu deveria ter permanecido o Maxime Bermond que você amou durante cinco anos, e não a ter apresentado… ao outro homem que sou.

Ela disse baixinho:

— Também amo esse outro homem, e não me arrependo de nada.

— Sim, você tem saudade de sua vida pregressa, a vida à luz do dia.

— Não tenho saudade de nada quando você está aqui! — ela disse, apaixonadamente. — Não há mais pecado, não há mais crime quando meus olhos o veem. O que me importa ser infeliz longe de você e sofrer, e chorar, e ter horror a tudo que faço… seu amor apaga tudo… aceito tudo… mas você tem a obrigação de me amar!...

— Não a amo por obrigação, Clotilde, mas simplesmente porque a amo.

— Tem certeza disso? — disse ela com toda a confiança.

— Tenho certeza tanto por mim como por você. Minha vida, contudo, é violenta e frenética, e nem sempre posso lhe dedicar o tempo que gostaria.

Ela se inquietou imediatamente.

— O que há? Um novo perigo? Vamos, fale.

— Oh, nada de grave ainda. No entanto…

— No entanto?

— Pois bem, ele está na nossa cola.

— Sholmes?

— Sim. Foi ele que lançou Ganimard no episódio do restaurante húngaro. Foi ele que colocou, esta noite, os dois agentes na rua Chalgrin. Tenho a prova disso. Ganimard vasculhou a casa esta manhã e Sholmes o acompanhava. Além disso…

— Além disso?

— Muito bem, tem outra coisa: sentimos a falta de um de nossos homens, Jeanniot.

— O porteiro?

— Sim.

— Mas fui eu que o enviei hoje de manhã à rua Chalgrin, para recolher as granadas que haviam caído do meu broche.

— Não há dúvida, Sholmes pegou-o na armadilha.

— Não pode ser. As granadas foram levadas ao joalheiro da rua de la Paix.

— Então, aonde ele foi parar depois?

— Oh, Maxime, estou com medo.

— Não há motivos para se assustar. Mas admito que a situação é muito grave. O que ele sabe? Onde se esconde? A força dele reside no isolamento. Torna-se imune a traições.

— O que você pretende fazer?

— Tomar todos os cuidados, Clotilde. Faz tempo que resolvi mudar meu esconderijo e transferi-lo para lá, para o reduto inviolável que você conhece. A intervenção de Sholmes acelera as coisas. Quando um homem como ele segue uma pista, devemos considerar que fatalmente chegará ao fim dela. Portanto, preparei tudo. Depois de amanhã, quarta-feira, a mudança será realizada. Ao meio-dia, estará concluída. Às duas horas, eu mesmo poderei abandonar o local, após retirar os últimos vestígios do nosso refúgio, o que não é pouco. Daqui até lá…

— Daqui até lá?

— Não devemos nos ver e ninguém deve nos ver, Clotilde. Não saia. Não receie nada por mim. Receio tudo quando se trata de você.

— É impossível esse inglês chegar até mim.

— Com ele tudo é possível, e estou desconfiado. Ontem, quando quase fui surpreendido por seu pai, eu vasculhava o armário que contém os antigos registros do senhor Destange. Há um perigo ali. Como em todo lugar. Vislumbro o inimigo rondando na sombra e se aproximando cada vez mais. Sinto que ele nos vigia… que estende suas malhas ao nosso redor. Esta é uma intuição que nunca me engana.

— Nesse caso — ela disse —, vá, Maxime, e não pense mais nas minhas lágrimas. Serei forte e esperarei até que o perigo esteja afastado. Adeus, Maxime.

Beijou-o longamente. E foi ela mesma que o empurrou para fora.

Sholmes ouviu o som de suas vozes se afastar.

Ousadamente, superexcitado pela mesma necessidade de agir, contra tudo e contra todos, que o estimulava desde a véspera, o detetive entrou

numa antecâmara que terminava em uma escada. Contudo, quando se preparava para descer, o barulho de uma conversa subiu do andar inferior, e ele julgou preferível seguir por um corredor circular que o levou a outra escada. Ao descê-la, ficou bastante surpreso ao ver móveis cuja forma e arrumação já conhecia. Uma porta estava entreaberta. Entrou num grande aposento circular. Era a biblioteca do senhor Destange.

— Perfeito! Admirável! — murmurou. — Compreendo tudo. A alcova de Clotilde, isto é, da Mulher Loura, comunica-se com um dos apartamentos do prédio vizinho, e esse prédio vizinho tem sua saída não para a praça Malesherbes, mas para uma rua adjacente, a rua Montchanin, ao que me lembre… Magnífico! E agora sei como Clotilde Destange vai encontrar seu bem-amado, mantendo ao mesmo tempo a fama de uma pessoa resguardada. E sei também como Arsène Lupin surgiu ao meu lado, ontem, ali naquela galeria: deve haver outra comunicação entre o apartamento vizinho e essa biblioteca…

E concluía:

— Mais uma casa traiçoeira. Mais uma vez, sem dúvida, Destange arquiteto! Trata-se agora de aproveitar minha presença aqui para verificar o conteúdo do armário… e para me informar sobre as outras casas enganadoras.

Sholmes subiu até a galeria e se dissimulou atrás dos reposteiros. Ficou até o fim da noite. Um criado veio apagar as lâmpadas elétricas. Uma hora mais tarde, o inglês ligou sua lanterna e se dirigiu ao armário.

Como ele já sabia, lá estavam guardados os antigos papéis do arquiteto, pastas, projetos, livros de contabilidade. Mais ao fundo, via-se uma série de registros, classificados por ordem de antiguidade.

Pegou alternadamente os dos últimos anos e foi direto à página do sumário, mais especificamente à letra H. Por fim, tendo descoberto a palavra Harmingeat, acompanhada do número 63, reportou-se à página 63 e leu: *Harmingeat, rua Chalgrin, 40.*

Seguiam-se detalhes de obras executadas para esse cliente, com vistas à instalação de uma calefação em seu prédio. E, à margem, esta anotação: *Ver o dossiê M.B.*

"Agora já sei", ruminou, "preciso do dossiê M.B. Nele, saberei o domicílio atual do senhor Lupin."

Foi só de manhã que, na segunda metade de um livro de registro, descobriu esse famoso dossiê.

Tinha quinze páginas. Uma reproduzia aquela dedicada ao senhor Harmingeat da rua Chalgrin. Outra detalhava as obras executadas pelo senhor Vatinel, proprietário, rua Clapeyron, 25. Outra estava reservada ao Barão d'Hautrec, avenida Henri-Martin, 134, outra ao castelo de Crozon, e as outras onze a diferentes proprietários em Paris.

Sholmes copiou a lista de onze nomes e onze endereços, recolocou as coisas no lugar, abriu uma janela e saltou para uma praça deserta, tendo o cuidado de empurrar os postigos.

Em seu quarto de hotel, acendeu o cachimbo com a gravidade que atribuía a esse gesto, cercando-se por nuvens de fumaça, e estudou as conclusões que era possível tirar do dossiê M.B., ou, sendo mais claro, do dossiê Maxime Bermond, vulgo Arsène Lupin.

Às oito horas, enviava este telegrama a Ganimard: "Sem dúvida passarei esta manhã na rua Pergolèse e lhe entregarei uma pessoa cuja captura é da mais alta importância. Em todo caso, esteja em casa esta noite e amanhã, quarta-feira, até o meio-dia, e tenha uns trinta homens à disposição".

Em seguida, escolheu no bulevar um fiacre motorizado, cujo chofer lhe agradou por sua fisionomia alegre e pouco inteligente, e dirigiu-se à praça Malesherbes, cinquenta passos à frente do prédio de Destange.

— Feche o carro, meu rapaz — ele instruiu ao motorista —, levante a gola de seu agasalho, pois o vento está frio, e espere pacientemente. Dentro de uma hora e meia, ligue o motor. Assim que eu voltar, iremos à rua Pergolèse.

No momento de entrar no prédio, teve uma última hesitação. Não era um erro ocupar-se assim da Mulher Loura, enquanto Lupin terminava seus preparativos de partida? E não teria sido melhor, com a ajuda da lista dos prédios, procurar primeiro o domicílio de seu adversário?

"Bah…", ruminou. "Quando a Mulher Loura for minha prisioneira, serei senhor da situação."

E tocou a campainha.

O senhor Destange já estava na biblioteca. Trabalharam por um momento, e Sholmes procurava um pretexto para subir até o quarto de Clotilde quando a moça entrou, disse bom-dia ao pai, sentou-se na saleta e começou a escrever.

De onde estava, Sholmes a via, debruçada sobre a mesa, meditando de tempos em tempos, a pena no ar e o rosto pensativo. Esperou um pouco; depois, pegando um volume, interpelou o senhor Destange:

— Aqui está o livro que a senhorita Destange me pediu para ver assim que eu topasse com ele.

Foi até a saleta e postou-se diante de Clotilde de maneira que seu pai não o pudesse ver e anunciou:

— Sou o senhor Stickmann, novo secretário do senhor Destange.

— Ah! — ela disse, sem se incomodar. — Meu pai mudou de secretário?

— Sim, senhorita, e eu desejava falar-lhe.

— Queira sentar-se, cavalheiro, terminei o que estava fazendo. Acrescentou algumas palavras à carta, assinou-a, lacrou o envelope, empurrou seus papéis, apertou a campainha de um telefone, obteve uma ligação com sua costureira, pediu a esta que apressasse a conclusão de um casaco de viagem do qual tinha necessidade urgente e, por fim, voltando-se para Sholmes:

— Sou toda sua, cavalheiro. Mas nossa conversa não pode se dar na presença do meu pai?

— Não, senhorita, e suplico inclusive que não fale alto. É preferível que o senhor Destange não nos ouça.

— Para quem é preferível?

— Para a senhorita.

— Não admito conversa que meu pai não possa ouvir.

— Mas terá de admitir esta.

Levantaram-se ambos, cruzando os olhares. Ela disse:

— Fale, senhor.

Sempre de pé, ele começou:

— Vai me perdoar se me engano sobre alguns pontos secundários. O que garanto é a exatidão geral dos incidentes que exponho.

— Menos rodeios, por favor. E mais fatos.

Nessa interrupção, lançada bruscamente, ele percebeu que a jovem estava ressabiada, e prosseguiu.

— Assim seja, irei direto ao ponto. Há cinco anos, o senhor seu pai teve a oportunidade de conhecer um certo senhor Maxime Bermond, o qual se apresentou a ele como empreiteiro… ou arquiteto, não saberei precisar. O

fato é que o senhor Destange tomou-se de afeição por esse rapaz e, como sua saúde não lhe permitia mais cuidar dos negócios, confiou ao senhor Bermond a execução de algumas encomendas que ele aceitara por parte de antigos clientes e que pareciam em consonância com as aptidões de seu colaborador.

Herlock calou-se. Pareceu-lhe que a palidez da jovem se acentuara. Foi, contudo, com a maior calma que ela replicou:

— Não conheço os fatos que o senhor me relata, cavalheiro, e sobretudo não vejo em que podem me interessar.

— O que lhe diz respeito vem agora, senhorita, é que o nome verdadeiro do senhor Maxime Bermond, e a senhorita sabe tão bem quanto eu, é Arsène Lupin.

Ela desatou a rir.

— Não é possível! Arsène Lupin? O senhor Maxime Bermond se chama Arsène Lupin?

— Como tenho a honra de lhe dizer, senhorita, e como a senhorita se recusa a me compreender com meias palavras, acrescento que Arsène Lupin encontrou aqui, para a realização de seus projetos, uma amiga, mais que uma amiga, uma cúmplice cega e… apaixonadamente devotada.

Ela se levantou e, sem emoção, ou pelo menos com tão pouca que Sholmes ficou impressionado com tamanho autocontrole, declarou:

— Ignoro a finalidade de sua conduta, cavalheiro, e faço questão de ignorá-la. Peço então que não acrescente uma palavra e deixe esta casa.

— Nunca tive a intenção de lhe impor minha presença indefinidamente — respondeu Sholmes, tão sereno quanto ela. — Estou decidido, contudo, a não sair sozinho.

— E quem o acompanhará, cavalheiro?

— A senhorita!

— Eu?

— Sim, senhorita, sairemos juntos desta casa, e me seguirá sem contestação, sem um ai.

O que havia de estranho na cena era a calma absoluta dos dois adversários. Mais do que um duelo implacável entre duas vontades poderosas, diríamos, por suas atitudes, pelo tom de suas vozes, assistir à discussão educada de duas pessoas que não partilham a mesma opinião.

Na rotunda, através do grande arco, via-se o senhor Destange manipular seus livros com gestos ponderados.

Clotilde sentou-se de novo, encolhendo ligeiramente os ombros. Herlock puxou seu relógio.

— São dez e meia. Partimos dentro de cinco minutos.

— Caso contrário?

— Caso contrário, vou encontrar o senhor Destange e lhe contar…

— O quê?

— A verdade. A vida mentirosa de Maxime Bermond e a vida dupla de sua cúmplice.

— De sua cúmplice?

— Sim, daquela que chamam de Mulher Loura, que foi loura.

— E que provas lhe dará?

— Levo-o à rua Chalgrin e mostro a passagem que Arsène Lupin, aproveitando-se das obras que dirigia, mandou seus homens fazerem entre o 40 e o 42, a passagem que serviu para vocês dois na noite da antevéspera.

— E depois?

— Depois levo o senhor Destange à casa do doutor Detinan, descemos a escada de serviço pela qual a senhorita desceu com Arsène Lupin para escapar de Ganimard. E ambos procuraremos a comunicação sem dúvida análoga que existe com o prédio vizinho, prédio cuja saída dá para o bulevar des Batignolles, e não para a rua Clapeyron.

— E depois?

— Depois levo o senhor Destange ao castelo de Crozon e será fácil para ele, que sabe o tipo de obras executadas por Arsène Lupin por ocasião da restauração daquele castelo, descobrir as passagens secretas que seu falso assistente mandou os homens construir. O senhor Destange constatará que essas passagens permitiram à Mulher Loura introduzir-se, à noite, no quarto da condessa e lá pegar na lareira o falso diamante azul; depois, duas semanas mais tarde, introduzir-se no quarto do conselheiro Bleichen e esconder esse diamante azul no fundo de um frasco… Ato bastante bizarro, admito, pequena vingança de mulher, talvez, não sei, isso não interessa.

— E depois?

— Depois — fez Herlock com uma voz mais grave —, levo o senhor Destange ao número 134 da avenida Henri-Martin e apuramos como o Barão d'Hautrec…

— Cale-se, cale-se… — balbuciou a jovem, com um pavor súbito. — Proíbo-o! Então ousa dizer que fui eu… Acusa-me…

— Acuso-a de ter matado o Barão d'Hautrec.

— Não, não, isso é uma infâmia.

— Matou o Barão d'Hautrec, senhorita. Empregou-se na casa dele usando o nome de Antoinette Bréhat, com a finalidade de lhe roubar o diamante azul, e o matou.

Mais uma vez, arrasada, reduzida a súplicas, ela murmurou:

— Cale-se, cavalheiro, eu lhe imploro. Uma vez que sabe tantas coisas, deve saber que não assassinei o barão.

— Eu não disse que o assassinou. O Barão d'Hautrec era sujeito a acessos de loucura que só a irmã Auguste era capaz de controlar. Obtive esse detalhe dela mesma. Na ausência dessa pessoa, ele deve ter investido contra a senhorita e foi durante essa luta, para defender sua vida, que a senhorita o golpeou. Transtornada com o que fez, a senhorita tocou a campainha e fugiu sem sequer arrancar do dedo de sua vítima o diamante azul que tinha ido pegar. Um instante depois, a senhorita levava um dos cúmplices de Lupin, empregado na casa ao lado, transportava o barão para sua cama, arrumava novamente o quarto… mas sempre sem ousar pegar o diamante azul. Eis o que se passou. Portanto, repito, a senhorita não assassinou o barão. Por outro lado, foram de fato suas mãos que o golpearam.

Ela as havia cruzado sobre o rosto, suas mãos esguias e pálidas, e assim conservou-as durante um longo tempo, imóveis. Por fim, soltando os dedos, revelou seu semblante de dor e indagou:

— É tudo que tem a intenção de dizer ao meu pai?

— Sim, e lhe direi que tenho como testemunhas a senhorita Gerbois, que reconhecerá a Mulher Loura, a irmã Auguste, que reconhecerá Antoinette Bréhat, e a condessa de Crozon, que reconhecerá a senhora de Réal. Eis o que lhe direi.

— O senhor não ousará — ela disse, recobrando o sangue-frio diante da ameaça de um perigo imediato.

Ele se levantou e deu um passo na direção da biblioteca. Clotilde deteve-o:

— Um instante, cavalheiro.

Refletiu, senhora de si mesma agora, e, bastante calma, perguntou-lhe:

— O senhor é Herlock Sholmes, não é?

— Sim.

— O que quer de mim?

— O que eu quero? Comecei um duelo com Arsène Lupin do qual preciso sair vencedor. Na expectativa de um desfecho que não deve demorar muito, suponho que um refém tão precioso como a senhorita me dê uma vantagem considerável sobre meu adversário. Logo, siga-me, senhorita, vou deixá-la com um de meus amigos. Assim que meu objetivo for alcançado, estará livre.

— Isso é tudo?

— É tudo, não faço parte da polícia do seu país e, por conseguinte, não me sinto no direito… de fazer justiça.

Ela parecia determinada. No entanto, exigiu ainda um momento de trégua. Seus olhos se fecharam, e Sholmes a observou, subitamente tão tranquila, quase indiferente aos perigos que a cercavam.

"A propósito", pensou o inglês, "será que se julga em perigo? Claro que não, uma vez que Lupin a protege. Com Lupin, nada pode atingir você. Lupin é todo-poderoso. Lupin é infalível."

— Senhorita — disse —, falei que partiríamos em cinco minutos, já passaram trinta.

— Posso subir ao meu quarto, senhor, e pegar minhas coisas?

— Se quiser, senhorita, posso esperá-la na rua Montchanin. Sou um excelente amigo do porteiro Jeanniot.

— Ah! o senhor sabe… — ela reagiu, com visível temor.

— Sei muitas coisas.

— Que seja. Irei então.

Trouxeram-lhe seu chapéu e seu casaco, e Sholmes disse:

— Precisa dar ao senhor Destange uma razão que explique nossa partida e que possa, caso necessário, explicar sua ausência durante alguns dias.

— É inútil. Logo estarei de volta.

Mais uma vez se desafiaram com o olhar, ambos irônicos e sorrindo.

— Como confia nele! — Sholmes exclamou.

— Cegamente.

— Tudo que ele faz é certo, não é? Tudo que ele quer se realiza. E a senhorita aprova tudo e está disposta a tudo por ele.

— Amo-o — ela respondeu, num arroubo de paixão.

— E acredita que ele a salvará?

Ela encolheu os ombros e, indo até o seu pai, preveniu-o:

— Vou lhe roubar o senhor Stickmann. Vamos à Biblioteca Nacional.

— Volta para almoçar?

— Talvez… ou melhor, não… mas não se preocupe…

Determinada, declarou a Sholmes:

— Agora estou sob seu comando, senhor.

— Sem subterfúgios?

— De olhos fechados.

— Se tentar escapar, eu telefono, grito, prendem a senhorita e levam-na para a prisão. Não se esqueça de que a Mulher Loura é objeto de um mandado.

— Juro pela minha honra que nada farei para escapar.

— Acredito na senhorita. Vamos.

Juntos, como ele ordenara, deixaram o prédio.

Na praça, o automóvel estava estacionado, voltado para a direção oposta. Viam-se as costas do motorista e seu boné, que praticamente cobria a gola do agasalho. Aproximando-se, Sholmes ouviu o ronco do motor. Abriu a porta, pediu a Clotilde que entrasse e sentou-se ao seu lado.

O carro arrancou bruscamente, alcançou os bulevares marginais, a avenida Hoche, a avenida de la Grande-Armée.

Herlock, pensativo, divagava sobre seus planos.

"Ganimard está em casa… deixo a moça em suas mãos… Conto para ele quem é a moça? Não, ele a levaria direto à Central, o que atrapalharia tudo. Quando ficar sozinho, consulto a lista do dossiê M.B. e vou à caça. E hoje à noite, ou no mais tardar amanhã de manhã, encontro Ganimard, como combinado, e lhe entrego Arsène Lupin e seu bando…"

Esfregou as mãos, feliz por sentir finalmente o objetivo ao seu alcance e ver que nenhum obstáculo sério o separava dele. Cedendo a uma necessidade de expansão que contrastava com sua natureza, exclamou:

— Desculpe, senhorita, se demonstro tanta satisfação. A batalha foi árdua, e o sucesso me envaidece particularmente.

— Sucesso legítimo, cavalheiro, e com o qual tem o direito de se regozijar.

— Obrigado. Mas que trajeto estranho é esse! Será que o motorista não ouviu?

Naquele momento, deixavam Paris pela porta de Neuilly. Que diabos!

No entanto, a rua Pergolèse não fica fora das fortificações.

Sholmes abaixou o vidro.

— Ei, motorista, o senhor se enganou… rua Pergolèse!...

O homem não respondeu. Ele repetiu, mais alto:

— Mandei que seguisse para a rua Pergolèse.

O homem continuou sem responder.

— Ah, e essa agora! O senhor é surdo, por acaso, meu amigo? Ou está de má vontade? Não temos nada a fazer aqui… Rua Pergolèse! Ordeno que dê meia-volta o mais rápido possível.

Sempre o mesmo silêncio. O inglês sentiu um calafrio. Olhou para Clotilde: um sorriso indefinível vincava os lábios da moça.

— Por que está rindo? — ele resmungou. — Esse incidente não tem nenhuma relação… isso não muda as coisas em nada…

— Absolutamente nada — ela respondeu.

De repente uma ideia o tirou do sério. Soerguendo-se, examinou mais atentamente o homem que se encontrava ao volante. Os ombros eram mais delicados, a atitude, mais displicente… Foi tomado por um suor frio, suas mãos se crisparam, enquanto a mais terrível convicção se impunha ao seu espírito: aquele homem era Arsène Lupin.

— Muito bem, senhor Sholmes, o que me diz deste pequeno passeio?

— Delicioso, caro senhor, realmente delicioso — replicou Sholmes.

Nunca talvez se violentara tanto quanto precisou para articular essas palavras sem nenhum tremor na voz, sem nada que pudesse denunciar a fúria de todo o seu ser. Mas imediatamente, numa espécie de reação extrema, uma onda de raiva e ódio arrebentou o dique, carregou sua vontade e, com um gesto brusco, sacando seu revólver, ele o apontou para a senhorita Destange.

— Pare neste exato minuto, neste exato segundo, Lupin, ou abro fogo contra a senhorita.

— Recomendo que mire na face se quiser atingir a têmpora — respondeu Lupin, sem voltar a cabeça.

Clotilde pronunciou:

— Maxime, não vá tão depressa, a pista está escorregadia e sou muito medrosa.

Ela continuava a sorrir, os olhos pregados na pista, cujo asfalto irregular subia e descia diante do carro.

— Diga-lhe que pare! Diga-lhe que pare! — intimou-a Sholmes, louco de cólera. — Está vendo que sou capaz de tudo!

O cano do revólver roçou nos cachos do cabelo.

Ela murmurou:

— Esse Maxime é tão imprudente! Nessa velocidade, não resta dúvida de que vamos derrapar.

Sholmes guardou a arma no bolso e agarrou a maçaneta da porta, disposto a se jogar, apesar do absurdo da iniciativa.

Clotilde lhe disse:

— Tome cuidado, cavalheiro, há um automóvel atrás de nós.

Ele se debruçou. Um carro os seguia, com efeito, enorme, de aspecto feroz graças à sua frente pontiaguda, cor de sangue, e ocupado por quatro homens envoltos em peles.

"Ora", pensou, "estou bem vigiado, um pouco de paciência."

Cruzou os braços no peito, com a submissão orgulhosa daqueles que se inclinam e acatam quando o destino se volta contra eles. Enquanto atravessavam o Sena e deixavam para trás Suresnes, Rueil, Chatou, e permanecia imóvel, resignado, dominando sua cólera e sem amargura, só pensava em descobrir o milagre operado por Arsène Lupin para substituir seu chofer. Que o bom rapaz que escolhera de manhã no bulevar pudesse ser um cúmplice colocado ali previamente, ele não admitia. Em todo caso, Arsène Lupin fora necessariamente avisado e só poderia ter sido depois do momento em que ele, Sholmes, ameaçara Clotilde, uma vez que ninguém, antes, desconfiava do seu plano. Ora, desde aquele momento, Clotilde e ele não haviam se separado.

Lembrou-se de um detalhe: a ligação telefônica pedida pela moça, sua conversa com a costureira. E imediatamente compreendeu. Antes mesmo que tivesse falado, unicamente diante do anúncio da entrevista que ele solicitava como novo secretário do senhor Destange, ela farejara o perigo, adivinhara o nome e o objetivo do visitante e, com frieza, naturalmente, como se executasse mesmo o ato que parecia executar, chamara Lupin em seu socorro, sob a fachada de um serviço banal e recorrendo a fórmulas

combinadas entre eles.

Como Arsène Lupin viera, como o automóvel estacionado, cujo motor vibrava, parecera-lhe suspeito, como subornara o motorista, tudo isso não tinha importância. O que fascinava Sholmes, a ponto de aplacar sua fúria, era a recordação do instante em que uma simples mulher, apaixonada, é verdade, domando seus nervos, esmagando seu instinto, congelando os traços de seu rosto, subjugando a expressão de seus olhos, ludibriara o velho Herlock Sholmes.

O que fazer contra um homem assistido por tais auxiliares, que, exclusivamente pela ascendência de sua autoridade, insuflava numa mulher tais provisões de audácia e energia?

Atravessaram o Sena e subiram a colina de Saint-Germain; porém, quinhentos metros após essa cidade, o fiacre desacelerou. O outro carro o alcançou e ambos pararam. Não havia ninguém nas cercanias.

— Senhor Sholmes — disse Lupin —, faça a gentileza de mudar de veículo. O nosso é realmente tão lento!...

— Ora essa! — exclamou Sholmes, apressado na mesma medida em que não tinha escolha.

— Permita-me igualmente lhe emprestar esse casaco, pois iremos a toda, e lhe oferecer esses dois sanduíches… Sim, sim, aceite, sabe lá quando vai jantar!

Os quatro homens haviam saltado do carro. Um deles se aproximou e, como retirara os óculos que o disfarçavam, Sholmes reconheceu o senhor de redingote do restaurante húngaro. Lupin lhe disse:

— Devolva esse fiacre ao motorista de quem o aluguei. Ele está esperando na primeira taberna de vinhos à direita da rua Legendre. Pague a segunda parcela de mil francos que prometi. Ah! Já ia esquecendo, passe os seus óculos para o senhor Sholmes.

Trocou algumas palavras com a senhorita Destange, depois se instalou ao volante e partiu, com Sholmes ao seu lado e, atrás dele, um de seus homens. Lupin não exagerara ao dizer que iriam "a toda". Desde o início foi uma velocidade vertiginosa. O horizonte vinha ao encontro deles como se atraído por uma força misteriosa, desaparecendo no mesmo instante como se tragado por um abismo, para o qual imediatamente outras coisas, árvores, casas, planícies e florestas, lançavam-se com a pressa tumultuosa de uma cachoeira que sente a aproximação do precipício.

Sholmes e Lupin não trocavam uma palavra. Acima de sua cabeça, as folhas das árvores faziam um barulho amplo como ondas, ritmadas pelo espacejamento regular de cada tronco. E as cidades evaporavam: Mantes, Vernon, Gaillon. De uma colina a outra, de Bon-Secours a Canteleu. Rouen, seu subúrbio, seu porto, seus quilômetros de cais, pareceu apenas a rua de um vilarejo. E vieram Duclair, Caudebec, a região de Caux, cujo relevo ultrapassaram em seu voo poderoso, e Lillebonne e Quillebeuf. E eis que se viram subitamente na beira do Sena, na ponta de um pequeno cais, onde se estendia um iate sóbrio e de linhas robustas, cuja chaminé lançava espirais de fumaça preta.

O carro parou. Em duas horas, haviam percorrido mais de duzentos quilômetros.

Um homem de impermeável azul e quepe com insígnias douradas avançou e cumprimentou.

— Perfeito, capitão! — exclamou Lupin. — Recebeu a mensagem?

— Recebi.

— A *Andorinha* está pronta?

— A *Andorinha* está pronta.

— Nesse caso, senhor Sholmes?

O inglês olhou à sua volta, percebeu um grupo de pessoas na varanda de um bar e logo outro mais próximo, compreendendo que antes de qualquer intervenção seria agarrado, embarcado e despachado para o fundo do porão. Portanto, atravessou a passarela e seguiu Lupin até a cabine do capitão.

Esta era vasta e meticulosamente limpa. O verniz de seus lambris e o polimento de seus cobres rebrilhavam.

Lupin fechou a porta e, sem preâmbulo, quase brutalmente, interpelou Sholmes:

— O que sabe ao certo?

— Tudo.

— Tudo? Esclareça.

Não havia mais na entonação de sua voz aquela civilidade um tanto irônica que afetava para com o inglês. Era o tom imperioso do chefe acostumado a comandar e a que todo mundo se curvasse diante dele, mesmo um Herlock Sholmes.

Estudaram-se com o olhar, inimigos agora, inimigos declarados e indóceis. Um pouco nervoso, Lupin continuou:

— Foram muitas as vezes, cavalheiro, que esbarrei com o senhor no meu caminho. Isso já passou dos limites, e cansei de perder meu tempo desfazendo as armadilhas estendidas por sua pessoa. Advirto-o, portanto, que meu comportamento com o senhor dependerá de sua resposta. O que sabe ao certo?

— Tudo, senhor, repito.

Arsène Lupin se conteve e, num tom espasmódico:

— Vou lhe dizer, eu, o que sabe. Sabe que, sob o nome de Maxime Bermond, eu… reformei quinze prédios construídos pelo senhor Destange.

— Sim.

— Desses quinze prédios, o senhor conhece quatro.

— Sim.

— E tem a lista dos outros onze.

— Sim.

— O senhor pegou essa lista na casa do senhor Destange, nesta noite sem dúvida.

— Sim.

— E como supõe que, dentre esses onze prédios, há fatalmente um que reservei para mim, para minhas necessidades e as dos meus amigos, o senhor delegou a Ganimard a tarefa de tomar providências e descobrir meu refúgio.

— Não.

— O que significa?

— O que significa que agi sozinho e que ia tomar minhas disposições sozinho.

— Então não tenho nada a temer, uma vez que está em minhas mãos.

— Não tem nada a temer enquanto eu estiver em suas mãos.

— Quer dizer que não pretende continuar assim?

— Não.

Arsène Lupin aproximou-se mais do inglês e, pousando a mão sobre seu ombro com toda a delicadeza:

— Escute, cavalheiro, não estou com disposição para conversar e, infelizmente para o senhor, não o vejo em condições de me fazer fracassar. Portanto, terminemos com isso.

— Terminemos.

— Vai me dar sua palavra de honra que não tentará escapar deste barco antes de estar em águas inglesas.

— Dou-lhe minha palavra de honra que tentarei escapar por todos os meios — respondeu Sholmes, indômito.

— Ora, faça-me o favor! O senhor sabe que basta eu dizer uma palavra para liquidá-lo. Todos esses homens me obedecem cegamente. A um sinal meu, eles lhe colocam uma corrente no pescoço…

— As correntes se rompem…

— … e o atiram por cima da amurada, a dez milhas da costa.

— Sei nadar.

— Boa resposta — exclamou Lupin, rindo. — Deus me perdoe, eu estava com raiva. Desculpe, mestre… concluamos. Admite que tomo as medidas necessárias à minha segurança e à de meus amigos?

— Todas as medidas. Mas elas são inúteis.

— De acordo. No entanto, não me quer mal por eu as tomar.

— É seu dever.

— Vamos.

Lupin abriu a porta e chamou o capitão e dois marujos. Estes agarraram o inglês e, após tê-lo revistado, amarraram-lhe as pernas e o prenderam no beliche do capitão.

— Basta! — ordenou Lupin. — Na verdade, só a sua obstinação, cavalheiro, e a gravidade excepcional das circunstâncias para que eu chegue a…

Os marujos se retiraram. Lupin disse ao capitão:

— Capitão, um homem da tripulação permanecerá aqui à disposição do senhor Sholmes, e o senhor mesmo lhe fará companhia na medida do possível. Tenham toda a consideração por ele. Não é um prisioneiro, mas um hóspede. Que horas são no seu relógio, capitão?

— Duas e cinco.

Lupin consultou seu relógio, depois um pêndulo afixado na divisória da cabine.

— Duas e cinco?... Estamos acertados. De quanto tempo necessita para ir a Southampton?

— Nove horas, sem nos apressar.

— Levará onze. Não deve tocar a terra antes da partida do paquete que deixa Southampton à meia-noite e chega ao Havre às oito da manhã. Entendeu, não é, capitão? Repito: como seria infinitamente perigoso para nós todos se o cavalheiro retornasse à França nesse navio, não deve chegar a Southampton antes de uma da manhã.

— Entendido.

— Minhas saudações, mestre. Até o ano que vem, neste ou no outro mundo.

— Até amanhã.

Alguns minutos mais tarde, Sholmes ouviu o automóvel se afastar e, na mesma hora, nas profundezas do iate *Andorinha*, o vapor ofegou mais violentamente. A embarcação zarpava.

Por volta das três horas, haviam atravessado o estuário do Sena e alcançado o mar aberto. Nesse momento, no beliche onde estava preso, Herlock Sholmes dormia profundamente.

Na manhã seguinte, décimo e último dia da guerra travada pelos dois grandes rivais, o *Écho de France* publicava esta deliciosa notinha:

> *Ontem, uma ordem de expulsão foi decretada por Arsène Lupin contra Herlock Sholmes, detetive inglês. Assinada ao meio-dia, a ordem foi executada no mesmo dia. À uma hora da manhã, Sholmes foi desembarcado em Southampton.*

6

A segunda prisão de Arsène Lupin

Às oito horas, doze coches de uma empresa de mudanças obstruíram a rua Crevaux, entre a avenida do Bois de Boulogne e a avenida Bugeaud. O senhor Félix Davey deixava o apartamento que ocupava no quarto andar do número 8. E o senhor Dubreuil, perito em arte, que juntara num único apartamento o quinto andar do mesmo prédio e o quinto andar dos dois prédios contíguos, expedia no mesmo dia — pura coincidência, uma vez que esses senhores não se conheciam — as coleções de móveis visitadas diariamente por inúmeros diletantes estrangeiros.

Detalhe notado no bairro, mas só comentado *a posteriori*, nenhum dos doze coches estampava o nome e o endereço da empresa de mudanças, e nenhum dos homens que vieram com eles se demorou nas biroscas dos arredores. Trabalharam tão bem que às onze horas tudo estava terminado. Só restavam montes de papéis e farrapos que ficaram para trás, nos cantos dos quartos vazios.

Rapaz elegante, trajado na moda mais refinada, a despeito de portar nas mãos uma bengala cujo peso indicava em seu detentor um bíceps invulgar, o senhor Félix Davey instalou-se tranquilamente no banco da aleia transversal que corta a avenida do Bois, em frente à rua Pergolèse. Perto dele, uma mulher, pelas roupas pequeno-burguesa, lia seu jornal, enquanto uma criança brincava de cavar, com sua pazinha, um túnel num montinho de areia.

Ao fim de um instante, Félix Davey perguntou à mulher, sem voltar a cabeça:

— Ganimard?

— Saiu às nove.

— Aonde foi?

— À Chefatura de Polícia.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Nenhuma mensagem de noite?

— Nenhuma.

— Continuam a confiar em você no prédio?

— Continuam. Dou uma ajudinha à senhora Ganimard e ela me conta o que o marido faz… Passamos a manhã juntas.

— Está bem. Até nova ordem, continue a vir aqui diariamente, às onze horas.

Ele se levantou e dirigiu-se ao Pavilhão Chinês, nas redondezas da Porta Dauphine, onde fez uma refeição frugal — dois ovos, legumes e frutas. Em seguida, retornou à rua Crevaux e comunicou à zeladora:

— Vou dar uma espiada lá em cima, depois lhe devolvo a chave.

Terminou sua inspeção pelo cômodo que lhe servia de gabinete de trabalho. Ali, pegou a ponta do duto de gás, cujo cotovelo era articulado e que ficava dependurado junto à lareira, desatarraxou a bucha de cobre que o vedava, encaixou um pequeno dispositivo em forma de corneta e soprou.

Um assobio lhe respondeu. Na ponta do duto, murmurou:

— Ninguém, Dubreuil?

— Ninguém.

— Posso subir?

— Sim.

Recolocou o tubo no lugar, enquanto ruminava: "Até onde vai o progresso? Nosso século abunda em pequenas invenções que tornam a vida realmente encantadora e pitoresca. E tão divertida!... Sobretudo quando sabemos jogar a vida como eu!"

Girou um dos frisos de mármore da lareira. A placa de mármore se moveu por inteiro, e o espelho que a encimava correu sobre trilhos invisíveis, fazendo surgir uma ampla abertura, onde o aguardavam os primeiros degraus de uma escada construída no próprio corpo da lareira;

tudo muito bem executado, em metal polido e lajotas de porcelana branca.

Subiu. No quinto andar, uma abertura idêntica acima da lareira. O senhor Dubreuil esperava.

— Terminou na sua casa?

— Terminou.

— Tudo esvaziado?

— Completamente.

— O pessoal?

— Só ficaram os três seguranças.

— Vamos.

Um depois do outro, subiram pela mesma passagem secreta até o andar dos criados e saíram numa mansarda onde se encontravam três indivíduos, um dos quais olhava pela janela.

— Nada de novo?

— Nada, patrão.

— A rua está calma?

— Completamente.

— Mais dez minutos e parto em definitivo… Você também irá. Daqui até lá, ao menor movimento suspeito na rua, avise-me.

— Mantenho sempre o dedo na campainha de alarme, patrão.

— Dubreuil, recomendou aos homens da mudança para não tocar nos fios dessa campainha?

— Claro, está funcionando perfeitamente.

— Isso me deixa tranquilo.

Os dois senhores desceram de volta até o apartamento de Félix Davey. E este, após devolver ao lugar a placa de mármore, exclamou alegremente:

— Dubreuil, eu queria ver a cara daqueles que descobrirão todos esses admiráveis truques, campainhas de alarme, rede de fios elétricos e tubos acústicos, passagens invisíveis, tacos que deslizam, escadas ocultas… Uma verdadeira engrenagem para um drama de suspense!

— Que propaganda para Arsène Lupin!

— Uma propaganda que ele teria muito bem dispensado. Pena abandonar um esconderijo assim. Temos de recomeçar do zero, Dubreuil… e seguindo um novo modelo, evidentemente, pois nunca é bom se repetir. Tudo culpa do Sholmes!

— O Sholmes ainda não voltou?

— E como? De Southampton, só há um único paquete, o da meia-noite. Do Havre, um único trem, o das oito da manhã, que chega às onze e onze. Visto que ele não pegou o paquete da meia-noite — e não pegou, sendo categóricas as instruções dadas ao capitão —, só poderá estar na França hoje à noite, via Newhaven e Dieppe.

— Se conseguir!

— Sholmes nunca desiste do jogo. Voltará, porém será tarde demais.

Estaremos longe.

— E a senhorita Destange?

— Devo encontrá-la daqui a uma hora.

— Na casa dela?

— Oh, não, ela só voltará para casa daqui a uns dias, depois da tormenta… e quando eu puder me dedicar inteiramente a ela. Mas, você, Dubreuil, precisa apressar-se. O embarque das nossas coisas vai demorar, e sua presença no cais é necessária.

— Tem certeza de que não somos vigiados?

— Por quem? Sholmes era meu único receio.

Dubreuil se retirou. Félix Davey deu uma última volta, recolheu duas ou três cartas rasgadas, depois, percebendo um pedaço de giz, pegou-o, desenhou no papel de parede escuro da sala de jantar uma grande moldura e escreveu, como se faz numa placa comemorativa:

AQUI RESIDIU, DURANTE CINCO ANOS,
NO INÍCIO DO SÉCULO XX,
ARSÈNE LUPIN, LADRÃO DE CASACA.

Essa pequena brincadeira pareceu lhe dar grande satisfação. Contemplou-a, assobiando uma melodia alegre, e exclamou:

— Agora que estou em regra com os historiadores das gerações futuras, fujamos. Avie-se, mestre Herlock Sholmes, antes de três minutos deixarei minha toca e sua derrota será total… Mais dois minutos! Está me fazendo esperar, mestre! Mais um minuto! Não vem? Pois bem, proclamo sua derrocada e minha apoteose. Dito isso, safo-me. Adeus, reino de Arsène Lupin! Não o verei mais. Adeus aos cinquenta e cinco cômodos dos seis apartamentos nos quais eu reinava! Adeus, meu quartinho, meu austero quartinho.

Uma campainha cortou bruscamente seu acesso de lirismo, uma campainha aguda, rápida e estridente, que parou duas vezes, recomeçou

duas vezes e parou. Era a campainha de alarme.

O que havia então? Que perigo imprevisto? Ganimard? Não podia ser… Fez menção de voltar ao seu escritório e fugir. Mas primeiro foi na direção da janela. Ninguém na rua. O inimigo já estaria dentro do prédio? Escutou e julgou discernir rumores confusos. Sem mais hesitar, correu até o seu gabinete de trabalho e, quando atravessava a soleira, distinguiu o barulho de uma chave que tentavam introduzir na porta do vestíbulo.

— Diabos — murmurou —, na hora decisiva. A casa talvez esteja cercada… a escada de serviço, impossível. Felizmente a lareira…

Empurrou precipitadamente o friso de mármore: não se mexeu. Fez um esforço mais violento: não se mexeu.

Nesse exato momento teve a impressão de que a porta se abria e passos ressoavam.

— Raios — praguejou —, estou perdido se esse maldito mecanismo…

Seus dedos se convulsionaram em torno da lareira. Imprimiu todo o seu peso. Nada se mexeu. Nada! Por um azar incrível, por uma maldade realmente impiedosa do destino, o mecanismo, que funcionava ainda um minuto antes, não funcionava mais.

Insistiu, crispou-se. O bloco de mármore permanecia inerte, imutável. Maldição! Era admissível que aquele obstáculo estúpido lhe barrasse o caminho? Socou o mármore, deu socos raivosos, martelou-o, xingou-o…

— Muito bem, senhor Lupin, por acaso alguma coisa que não funciona a seu contento?

Lupin se voltou, tremendo de pavor. Herlock Sholmes estava à sua frente!

Herlock Sholmes! Encarou-o, piscando, como se incomodado por uma visão cruel. Herlock Sholmes em Paris! Herlock Sholmes, que ele despachara na véspera para a Inglaterra como um pacote perigoso e que surgia à sua frente, vitorioso e livre! Ah!, para que aquele milagre impossível tivesse se realizado, a despeito da vontade de Arsène Lupin, era preciso uma subversão das leis naturais, o triunfo de tudo que é ilógico e anormal! Herlock Sholmes à sua frente!

E o inglês tomou a palavra, irônico por sua vez, e despejando a polidez desdenhosa com que seu adversário tanto o havia flagelado:

— Senhor Lupin, advirto-o de que a partir deste minuto não penso mais na noite que o senhor me fez passar no palacete do Barão d'Hautrec, nem

nas desventuras do meu amigo Wilson, ou no rapto de automóvel que sofri, e tampouco nessa viagem que acabo de fazer, amarrado por ordem sua num beliche desconfortável. Este minuto apaga tudo. Não me lembro de mais nada. Estou compensado. Regiamente compensado.

Lupin conservou o silêncio. O inglês continuou:

— Não é sua opinião?

Parecia insistir, como se exigisse uma aquiescência, uma espécie de indenização pelo passado.

Após um instante de reflexão, durante o qual o inglês se sentiu invadido e examinado até as profundezas de sua alma, Lupin declarou:

— Suponho, cavalheiro, que sua conduta atual se apoie em motivos sérios…

— Extremamente sérios.

— O fato de ter escapado do meu capitão e dos meus marujos não passa de um incidente secundário de nossa luta. Mas o fato de estar aqui, na minha frente, sozinho, está entendendo, sozinho diante de Arsène Lupin, faz pensar que sua revanche é tão completa quanto real.

— Tão completa quanto real.

— Este prédio?

— Cercado.

— Os dois prédios vizinhos?

— Cercados.

— O apartamento em cima deste?

— Os três apartamentos do quinto andar que o senhor Dubreuil ocupava, cercados.

— De modo que…

— De modo que está preso, senhor Lupin, irremediavelmente preso.

Os mesmos sentimentos que haviam agitado Sholmes durante seu passeio de automóvel, Lupin os experimentou, a mesma fúria concentrada, a mesma revolta — assim como, no fim das contas, a mesma lealdade o fez curvar-se à força das circunstâncias. Os dois homens igualmente poderosos deviam aceitar analogamente a derrota como um mal provisório ao qual cumpre resignar-se.

— Estamos quites, cavalheiro — disse Lupin de modo claro.

O inglês pareceu deslumbrado com essa confissão. Calaram-se. Ele então continuou, já senhor de si e sorridente:

— E não estou zangado com isso! Estava ficando maçante ganhar todas as vezes. Bastava eu esticar o braço para golpeá-lo no meio do peito. Desta vez, sou eu. *Touché*, mestre!

E riu francamente.

— Enfim vamos nos divertir! Lupin caiu na ratoeira. Como sairá? Na ratoeira!... Que aventura!... Ah, mestre, devo-lhe uma emoção ímpar. É isso, a vida!

Pressionou as têmporas com os dois punhos fechados, como se para comprimir a alegria desordenada que fervilhava nele, e fazia gestos de criança que se diverte além de suas forças.

Em seguida, aproximou-se do inglês.

— E agora, o que está esperando?

— O que estou esperando?

— Sim, Ganimard está aqui com seus homens. Por que ele não entra?

— Pedi para que não entrasse.

— E ele consentiu?

— Requeri seus serviços com a condição expressa de que se deixaria guiar por mim. Aliás, ele acredita que o senhor Félix Davey não passa de um cúmplice de Lupin!

— Então repito minha pergunta sob outra forma. Por que entrou sozinho?

— Quis primeiro falar com você.

— Ahá! Fez questão de falar comigo.

Essa ideia pareceu agradar singularmente a Lupin. Há determinadas circunstâncias em que preferimos de longe as palavras aos atos.

— Senhor Sholmes, lamento não ter poltrona a lhe oferecer. Esse velho caixote rachado lhe agrada? Ou o parapeito dessa janela? Tenho certeza de que um copo de cerveja seria bem-vindo… escura ou clara?... Mas sente-se, por favor…

— Inútil. Conversemos.

— Estou escutando.

— Serei breve. O objetivo de minha viagem à França não era sua prisão. Se fui levado a persegui-lo, foi porque não havia outro meio de chegar ao meu verdadeiro objetivo.

— E qual era?

— Encontrar o diamante azul!

— O diamante azul!

— Claro, uma vez que o descoberto no frasco do cônsul Bleichen não era o verdadeiro.

— Com efeito. O verdadeiro foi expedido pela Mulher Loura, mandei fazer uma cópia exata e, como naquela oportunidade eu tinha planos para as outras joias da condessa, e o cônsul Bleichen já era suspeito, a mencionada Mulher Loura, para não ser alvo de suspeita, esgueirou o falso diamante nas bagagens do mencionado cônsul.

— Enquanto o senhor guardava o verdadeiro.

— Naturalmente.

— Preciso desse diamante.

— Impossível. Mil desculpas.

— Prometi-o à condessa de Crozon. E o terei.

— Como o terá, uma vez que ele está em minha posse?

— Justamente por isso é que o terei.

— Eu o devolverei, então?

— Sim.

— Voluntariamente?

— Compro-o do senhor.

Lupin teve um acesso de riso.

— O senhor é mesmo do seu país. Trata isso como um negócio.

— É um negócio.

— E o que me oferece?

— A liberdade da senhorita Destange.

— A liberdade dela? Mas que eu saiba ela não está presa.

— Fornecerei ao senhor Ganimard as indicações necessárias. Sem a sua proteção, ela também será presa.

Lupin gargalhou novamente.

— Cavalheiro, o senhor me oferece o que não tem. A senhorita Destange está em segurança e nada teme. Peço-lhe que me ofereça outra coisa.

O inglês hesitou, visivelmente constrangido, um pouco vermelho nas faces. Depois, bruscamente, pousou a mão no ombro de seu adversário.

— E se eu lhe propusesse…

— Minha liberdade?

— Não… mas, enfim, posso sair desta sala, entender-me com o senhor Ganimard…

— E me deixar refletir?

— Sim.

— Meu Deus, de que isso me serviria? Esse satânico mecanismo não funciona mais — disse Lupin, empurrando com irritação o friso da lareira.

Abafou um grito de estupefação dessa vez, pois, capricho das coisas, retorno inesperado da sorte, o bloco de mármore se moveu sob seus dedos.

Era a salvação, a evasão possível. Nesse caso, para que se submeter às condições de Sholmes?

Andou para um lado e para o outro, como se meditasse numa resposta.

Em seguida, foi sua vez de pousar a mão no ombro do inglês.

— Pensando bem, senhor Sholmes, prefiro fazer meus pequenos negócios sozinho.

— No entanto…

— Não, não preciso de ninguém.

— Quando Ganimard agarrá-lo, será o fim. Não o soltarão.

— Quem sabe!

— Vejamos, isso é loucura. Todas as saídas estão vigiadas.

— Resta uma.

— Qual?

— A que escolherei.

— Palavras! Pode considerar sua prisão coisa feita.

— Ainda não.

— Então?

— Então fico com o diamante azul.

Sholmes sacou seu relógio.

— São duas e cinquenta. Às três horas chamo Ganimard.

— Temos, portanto, dez minutos pela frente para jogar conversa fora. Aproveitemos, senhor Sholmes, e, para satisfazer a curiosidade que me devora, conte-me como soube meu endereço e meu nome Félix Davey.

Enquanto vigiava atentamente Lupin, cujo bom humor o preocupava, Sholmes prestou-se de bom grado a essa pequena explicação, que afagava seu amor-próprio, e foi em frente:

— Seu endereço? Peguei-o com a Mulher Loura.

— Clotilde!

— Ela mesma. Lembre-se… ontem de manhã… quando eu quis raptá-la de automóvel, ela telefonou para a costureira.

— De fato.

— Pois bem, posteriormente compreendi que a costureira era o senhor. E, no barco, aquela noite, puxando pela memória, que talvez seja uma das coisas de que posso me gabar, consegui reconstituir os dois últimos algarismos do seu número de telefone… 73. Dessa forma, possuindo a lista de suas casas "reformadas", foi fácil para mim, assim que cheguei a Paris hoje de manhã, às onze horas, procurar e descobrir no catálogo telefônico o nome e o endereço do senhor Félix Davey. Conhecidos esse nome e esse endereço, pedi ajuda ao senhor Ganimard.

— Admirável! De primeira ordem! Só me resta me curvar. Mas o que não entendi é como o senhor pegou o trem do Havre. Como fez para se evadir do *Andorinha*?

— Não me evadi.

— No entanto…

— O senhor tinha dado ordens ao capitão para só chegar a Southampton à uma da manhã. Fui desembarcado à meia-noite. Pude então embarcar no paquete do Havre.

— O capitão me teria traído? Isso é inadmissível.

— Ele não o traiu.

— Então?...

— Foi seu relógio.

— Seu relógio.

— Sim, adiantei seu relógio em uma hora.

— Como?

— Como adiantamos um relógio, girando o ponteiro. Conversávamos, sentados um ao lado do outro, eu lhe contava histórias que o interessavam… Céus, ele não percebeu nada.

— Bravo, bravo, belo golpe, vou guardá-lo na memória. Mas e o relógio de parede que estava preso na divisória de sua cabine?

— Ah, esse relógio era mais difícil, pois eu estava com as pernas amarradas, mas o marujo que me vigiava durante as ausências do capitão se dispôs a dar um empurrãozinho nos ponteiros.

— Ele? Ora, vamos! Ele consentiu?...

— Oh! Ele ignorava a importância de seu ato! Eu apenas disse que precisava pegar o primeiro trem para Londres de qualquer maneira, e… ele se deixou convencer…

— Mediante…

— Mediante um presentinho… que o excelente homem aliás tem a intenção de lhe entregar lealmente.

— Que presente?

— Uma bagatela.

— Ora vamos…

— O diamante azul.

— O diamante azul!

— Sim, o falso, o que o senhor colocou no lugar do diamante da condessa, e que ela me entregou…

Foi uma explosão de risos, súbita e tumultuosa. Lupin se contorcia, com os olhos marejados de lágrimas.

— É de rolar de rir! Meu falso diamante passado ao marujo! E o relógio do capitão! E os ponteiros do pêndulo!...

Nunca antes Sholmes sentira tão violenta a luta entre Lupin e ele. Com seu instinto prodigioso, pressentia, sob aquela alegria excessiva, uma concentração de pensamento formidável, como que uma síntese de todas as faculdades.

Pouco a pouco Lupin se aproximara. O inglês recuou e, distraidamente, esgueirou os dedos em sua algibeira.

— São três horas, senhor Lupin.

— Três horas, já? Que pena!... Estávamos nos divertindo tanto!

— Espero sua resposta.

— Minha resposta? Meu Deus, como o senhor é exigente! Chegamos então ao fim do nosso jogo. E, como recompensa, minha liberdade!

— Ou o diamante azul.

— Que seja… jogue primeiro. O que faz?

— Jogo o rei — disse Sholmes, disparando um tiro de revólver.

— E eu o curinga — replicou Arsène, desfechando um soco na direção do inglês.

Sholmes atirara para o alto, para chamar Ganimard, cuja intervenção lhe parecia urgente. Mas o punho de Arsène atingiu em cheio o estômago de Sholmes, que empalideceu e vacilou. Num pulo, Lupin alcançou a lareira

e fez com que a placa de mármore se deslocasse… Tarde demais! A porta se abriu.

— Renda-se, Lupin. Senão…

Sem dúvida posicionado mais perto do que Lupin pensara, Ganimard estava ali, com o revólver apontado para ele. E atrás de Ganimard dez, vinte homens se espremiam, brutamontes sem pruridos, que o teriam abatido feito um cão ao menor sinal de resistência.

Ele fez um gesto, muito calmo.

— Abaixem as patas! Eu me rendo.

E cruzou os braços no peito.

Houve uma espécie de estupor. No aposento despojado de seus móveis e suas cortinas, as palavras de Arsène Lupin se prolongavam como um eco. "Eu me rendo!" Palavras inacreditáveis! Esperavam que ele sumisse num passe de mágica por um alçapão ou que uma parede desmoronasse à sua frente e o furtasse mais uma vez a seus agressores. E ele se rendia!

Ganimard avançou e, nervosíssimo, com toda a gravidade que comportava tal ato, lentamente estendeu a mão sobre seu adversário e teve o prazer infinito de pronunciar:

— Considere-se preso, Lupin.

— Brrr!!! — arrepiou-se Lupin —, assim você me dá medo, meu bom Ganimard. Que cara mais lúgubre! Parece que está falando diante do túmulo de um amigo. Vamos, não faça essa cara de enterro.

— Considere-se preso.

— E isso o choca? Em nome da lei da qual é fiel executor, Ganimard, inspetor-chefe, prende o malvado Lupin. Minuto histórico, cuja importância os senhores captam plenamente… E é a segunda vez que esse fato se produz. Bravo, Ganimard, você irá longe na carreira!

E ofereceu seus pulsos às grilhetas de aço…

Foi um acontecimento que se deu de maneira um pouco solene. Os agentes, a despeito de sua proverbial brusquidão e da força de seu ressentimento contra Lupin, agiam com sobriedade, surpresos com a chance de tocar naquela criatura intangível.

— Meu pobre Lupin — ele suspirou —, o que diriam seus amigos do nobre *faubourg*, vendo-o humilhado dessa maneira?

Afastou os punhos num esforço progressivo e contínuo de todos os seus músculos. As veias de sua testa saltaram. Os elos da corrente penetraram-

lhe na pele.

— Vamos — ele disse.

A corrente arrebentou, rompida.

— Outra, camaradas, esta não vale nada.

Passaram-lhe duas. Ele aprovou:

— Assim é melhor! Nunca é demais tomar todas as precauções.

Depois, contando os agentes:

— Quantos vocês são, meus amigos? Vinte e cinco? Trinta? É muito… Nada a fazer. Ah, se fossem apenas quinze!

Era realmente uma atuação, a atuação de um grande ator que desempenha seu papel por instinto e com verve, com impertinência e despreocupação. Sholmes assistia, como assistimos a um belo espetáculo cujas belezas e nuances apreciamos. De fato, teve a impressão bizarra de que a luta era igual entre aqueles trinta homens de um lado, apoiados por todo o aparato formidável da justiça, e do outro aquela criatura solitária, sem armas e acorrentado. Os dois lados se equivaliam.

— Muito bem, mestre — disse-lhe Lupin —, eis a sua obra. Graças ao senhor, Lupin apodrecerá na palha úmida das masmorras. Confessa que sua consciência não está absolutamente tranquila e que o remorso o devora?

Involuntariamente o inglês encolheu os ombros, parecendo dizer: "Só depende do senhor!..."

— Nunca! Nunca! — exclamou Lupin. — Devolver-lhe o diamante azul? Ah!, não, ele me deu um trabalhão. Prezo-o. Por ocasião da primeira visita que eu tiver a honra de lhe fazer em Londres, mês que vem sem dúvida, direi minhas razões… Mas estará em Londres mês que vem? Prefere Viena? São Petersburgo?

Sobressaltou-se. No teto, subitamente, soava uma campainha. E não era mais a campainha de alarme, e sim do telefone, cujos fios saíam no seu escritório, entre as duas janelas, e cujo aparelho não fora retirado.

O telefone! Ora, quem cairia na armadilha que um abominável acaso preparava! Arsène Lupin esboçou um gesto de raiva em direção ao aparelho, como se quisesse arrebentá-lo, reduzi-lo a migalhas e, com isso, abafar a voz misteriosa que o chamava. Mas Ganimard pegou o fone e se debruçou.

— Alô… alô… o número 648.73… sim, é aqui.

Rapidamente, com autoridade, Sholmes afastou-o, pegou o aparelho e cobriu o bocal com seu lenço, para tornar irreconhecível o som de sua voz.

Nesse momento, ergueu os olhos para Lupin. E o olhar que trocaram lhes provou que o mesmo pensamento ocorrera a ambos, e que os dois previam até as últimas consequências daquela hipótese possível, provável, quase certa: era a Mulher Loura que telefonava. Julgava telefonar para Félix Davey, ou melhor, para Maxime Bermond, e era com Sholmes que ela ia se abrir!

E o inglês falou, lentamente:

— Alô… alô…

Uma pausa, e Sholmes:

— Sim, sou eu, Maxime.

O drama se delineou imediatamente, com uma precisão trágica. Lupin, o indomável e trocista Lupin, nem mesmo tentava esconder sua ansiedade e, com o rosto pálido de angústia, esforçava-se para ouvir, adivinhar. E Sholmes continuou, em resposta à voz misteriosa:

— Alô… alô… claro, está tudo terminado, eu me preparava justamente para encontrá-la, como combinado… Onde? Ora, onde você está. Não acha que é melhor assim…

Ele hesitou, procurando as palavras, então se calou. Estava claro que tentava interrogar a moça sem falar muito e que ignorava completamente onde ela se encontrava. Além disso, a presença de Ganimard parecia incomodá-lo… Ah!, se algum milagre pudesse cortar o fio daquela conversa diabólica! Lupin o convocava com todas as suas forças, tensionando os seus nervos!

E Sholmes pronunciou:

— Alô! Alô! Não está ouvindo? Eu também não… muito mal… quase não consigo entender… Está escutando? Muito bem, pronto… pensando bem… é preferível que volte para sua casa… Perigo? Nenhum… Mas ele está na Inglaterra! Recebi um despacho de Southampton, confirmando sua chegada.

A ironia dessas palavras! Sholmes articulou-as com um bem-estar inexprimível. E acrescentou:

— Portanto, não perca tempo, querida amiga, estou indo ao seu encontro.

Desligou o aparelho.

— Senhor Ganimard, peço três de seus homens.

— É para a Mulher Loura, não é?

— Sim.

— Sabe quem é, onde está?

— Sim.

— Danado! Bela captura. Com Lupin… a missão está completa.

Folenfant, pegue dois homens e acompanhe o cavalheiro.

O inglês se afastou, seguido por três agentes.

Estava terminado. A Mulher Loura também cairia no poder de Sholmes. Graças à sua admirável obstinação, graças à cumplicidade de acontecimentos auspiciosos, a batalha findava para ele em vitória; para Lupin, num desastre irreparável.

— Senhor Sholmes!

O inglês se deteve.

— Senhor Lupin?

Lupin parecia profundamente abalado por aquele último golpe. Rugas escavavam sua testa. Estava cansado e triste. Aprumou-se, contudo, em um sobressalto de energia. Alegre e displicente apesar de tudo, exclamou:

— O senhor há de convir que o destino está contra mim. Ainda há pouco, ele me impediu de fugir por essa lareira e me entregou ao senhor. Dessa vez, serve-se do telefone para lhe dar de presente a Mulher Loura. Curvo-me às suas ordens.

— O que significa?...

— Significa que estou pronto a reabrir as negociações.

Sholmes puxou à parte o inspetor e solicitou, num tom aliás que não admitia réplica, autorização para trocar algumas palavras com Lupin. Em seguida, voltou-se para este. Colóquio supremo! Começou num tom seco e nervoso.

— O que deseja?

— A liberdade da senhorita Destange.

— Sabe o preço?

— Sim.

— E aceita?

— Aceito todas as suas condições.

— Ah! — fez o inglês, perplexo. — Mas o senhor recusou… para o senhor…

— Tratava-se de mim, senhor Sholmes. Agora é uma mulher… E a mulher que amo. Na França, compreenda, temos ideias muito singulares sobre essas coisas. E não é porque me chamo Lupin que agiria de maneira diferente… Ao contrário!

Disse isso com muita calma. Sholmes inclinou imperceptivelmente a cabeça e murmurou:

— E então, o diamante azul?

— Pegue minha bengala, ali, no canto da lareira. Aperte com uma das mãos o castão e, com a outra, gire a argola de ferro que remata a ponta oposta do bastão.

Sholmes pegou a bengala e girou a argola, e, enquanto girava, percebeu que o castão desatarraxava. No interior desse castão estava uma bola de argamassa. Dentro da bola, um diamante.

Examinou-o. Era o diamante azul.

— A senhorita Destange está livre, senhor Lupin.

— Livre no futuro como no presente? Não tem nada a recear de sua parte?

— Nem de ninguém.

— Aconteça o que acontecer?

— Aconteça o que acontecer. Acabo de apagar seu nome e seu endereço.

— Obrigado. E até logo. Pois nos veremos novamente, não é, senhor Sholmes?

— Não tenho dúvida disso.

Houve entre o inglês e Ganimard uma explicação bastante agitada que Sholmes interrompeu com certa brusquidão:

— Lamento muito, senhor Ganimard, por não estarmos de acordo. Mas não tenho tempo de convencê-lo. Parto para a Inglaterra em uma hora.

— Mas… e a Mulher Loura?...

— Não conheço essa pessoa…

— Mas um instante atrás…

— É pegar ou largar. Já lhe entreguei Lupin. Eis o diamante azul… que o senhor terá o prazer de devolver pessoalmente à condessa de Crozon. Parece-me que não tem do que se queixar.

— Mas a Mulher Loura?

— Encontre-a.

Enfiou seu chapéu na cabeça e saiu rapidamente, como alguém que não tem o costume de se demorar quando seus assuntos estão resolvidos.

— Boa viagem, mestre — gritou Lupin. — E pode crer que nunca esquecerei as relações cordiais que cultivamos. Meu apreço ao senhor Wilson.

Não obteve nenhuma resposta e riu:

— É o que se chama sair à inglesa. Ah, esse digno ilhéu não tem a flor de cortesia pela qual nos distinguimos. Pense um pouco, Ganimard, na saída que um francês teria executado em tais circunstâncias, com que requintes de polidez teria revestido seu triunfo! Mas, Deus me perdoe, Ganimard, o que está fazendo? Ora vamos, uma revista! Não há mais nada, pobre amigo, nem sequer um papel. Meus arquivos estão em local seguro.

— Quem sabe? Quem sabe?

Lupin resignou-se. Contido por dois inspetores, cercado pelos demais, assistiu pacientemente às diversas operações. No entanto, ao fim de vinte minutos, suspirou:

— Vamos, Ganimard, você nunca termina.

— Então está com pressa?

— Se estou com pressa? Tenho um encontro urgente!

— Na Central?

— Não, na cidade.

— Bah! E a que horas?

— Às duas.

— São três.

— Justamente, chegarei atrasado, e não há nada que eu deteste mais do que chegar atrasado.

— Me dá cinco minutos?

— Nem um a mais.

— Muito amável… vou tentar…

— Não fale tanto… De novo esse armário? Mas está vazio!

— No entanto, eis algumas cartas.

— Velhas faturas!

— Não, um maço amarrado com uma fita.

— Uma fita cor-de-rosa? Oh! Ganimard, não desate, pelo amor de Deus!

— É de uma mulher?

— Sim.

— Uma mulher da sociedade?

— Da melhor.

— Seu nome?

— Senhora Ganimard.

— Muito engraçado! Muito engraçado! — exclamou o inspetor, num tom ofendido.

Nesse momento, os homens espalhados nos outros cômodos comunicaram que as revistas não tinham dado nenhum resultado. Lupin desatou a rir.

— Claro que não! Por acaso esperavam descobrir a lista de meus camaradas ou a prova de minhas relações com o imperador da Alemanha? O que você teria de procurar, Ganimard, são os pequenos mistérios deste apartamento. Por exemplo, esse tubo de gás é um tubo acústico. Essa lareira contém uma escada. Essa parede é oca. E o emaranhado das campainhas! Veja, Ganimard, aperte esse botão…

Ganimard obedeceu.

— Não ouve nada? — interrogou Lupin.

— Não.

— Eu também não. Contudo, você ordenou ao comandante do meu parque aerostático que preparasse o balão dirigível que em breve irá nos carregar pelos ares.

— Vamos — disse Ganimard, que terminara sua inspeção —, chega de tolices, a caminho!

Deu alguns passos, os homens o seguiram. Lupin não saiu do lugar.

Seus guardiões o empurraram. Em vão.

— Muito bem — disse Ganimard —, recusa-se a andar?

— Em absoluto.

— Nesse caso…

— Se irei ou não, depende.

— De quê?

— Do lugar para onde me levarão.

— Para a Central, é claro.

— Então não saio do lugar. Não tenho nada a fazer na Central.

— Por acaso está louco?

— Não tive a honra de lhe avisar que tenho um encontro urgente?

— Lupin!

— Ora, Ganimard, a Mulher Loura aguarda minha visita e decerto não supõe que eu seja tão grosseiro a ponto de inquietá-la! Seria indigno de um homem galante.

— Escute, Lupin — disse o inspetor, a quem aquela galhofa começava a irritar —, até aqui fui muito amável com você. Mas tudo tem limite. Siga-me.

— Impossível. Tenho um encontro, estarei presente a esse encontro.

— Pela última vez…

— Im-pos-sí-vel.

Ganimard fez um sinal. Dois homens agarraram Lupin pelas axilas e o levantaram, mas o largaram imediatamente, com um gemido de dor: com suas duas mãos, Arsène Lupin enfiara neles duas longas agulhas na carne.

Furiosos, os outros se precipitaram, dando finalmente vazão ao seu ódio, loucos para vingar seus camaradas e a si mesmos de tantos ultrajes, e bateram, bateram à vontade. Um soco mais violento atingiu-o na têmpora. Ele caiu.

— Se o estragarem — rosnou Ganimard, furioso —, terão de se haver comigo.

Debruçando-se sobre o prisioneiro, averiguou seu estado. Ao constatar que respirava livremente, ordenou que o pegassem pelos pés e pela cabeça, enquanto ele mesmo escorava seu torso.

— Vamos, com delicadeza, por favor! Sem solavancos… Ah, brutos, eles o teriam matado. Ei, Lupin, você está bem?

Lupin abria os olhos. Balbuciou:

— Um trapo, Ganimard… Você permitiu que eles me demolissem.

— Culpa sua, desgraçado… cabeça-dura! — respondeu Ganimard, desolado. — Está doendo muito?

Chegaram ao saguão. Lupin gemeu:

— Ganimard… o elevador… eles vão me quebrar os ossos…

— Boa ideia, excelente ideia — aprovou Ganimard. — Aliás, a escada é muito estreita, não haveria como…

Chamou o elevador. Instalaram Lupin no assento com todo tipo de precauções. Ganimard acomodou-se ao seu lado e disse a seus homens:

— Desçam pela escada enquanto vamos de elevador. Esperem-me em frente à cabine da zeladora. Combinado?

Puxou a porta. Mas ela ainda não se fechara quando ressoaram gritos. Num pulo, o ascensor subira como um balão do qual cortaram o cabo. Uma gargalhada reverberou, sardônica.

— Miserável… — berrou Ganimard, procurando freneticamente no escuro o botão para descer.

E, como não o encontrava, gritou:

— O quinto! Vigiem a porta do quinto.

Em grupos de quatro, os agentes subiram a escada. Mas produziu-se um fato estranho: o elevador pareceu furar o teto do último andar, desapareceu sob os olhos dos agentes, emergiu subitamente no andar superior, o dos criados, e parou. Três homens espreitavam e abriram a porta. Dois deles dominaram Ganimard, o qual, imobilizado, estupefato, não pensava em se defender. O terceiro carregou Lupin.

— Eu o tinha avisado, Ganimard… a subida no balão… e graças a você! Seja menos piedoso em outra ocasião. E, sobretudo, lembre-se de que Arsène Lupin não permite que o surrem e ridicularizem sem bons motivos. Adeus…

A cabine já estava novamente fechada, e o elevador, com Ganimard, fora despachado novamente para os andares inferiores. E tudo isso foi executado tão depressa que o velho policial ainda alcançou os agentes perto da cabine da zeladora.

Sem sequer se comunicarem, atravessaram o pátio correndo e subiram pela escada de serviço, único meio de chegar ao andar dos criados por onde a evasão se dera.

Um longo corredor labiríntico e servindo a pequenos quartos numerados conduzia a uma porta, que estava simplesmente arrombada. Do outro lado dessa porta, e por conseguinte num outro prédio, partia outro corredor, igualmente com ângulos quebrados e ladeado por quartos semelhantes. Ao fundo, uma escada de serviço. Ganimard desceu por ela, atravessou um pátio, um vestíbulo e se precipitou por uma rua, a rua Picot. Então compreendeu: os dois prédios, construídos em profundidade, tocavam-se e suas fachadas davam para duas ruas, não perpendiculares, mas paralelas, e distantes uma da outra mais de sessenta metros.

Entrou na cabine da zeladora e, mostrando sua carteira, inquiriu:

— Quatro homens acabam de passar por aqui?

— Sim, os criados do quarto e do quinto e dois amigos.

— Quem mora no quarto e no quinto?

— Os senhores Fauvel e seus primos Provost… Eles se mudaram hoje. Só ficaram esses dois criados… Eles acabam de sair.

"Ah!", pensou Ganimard, afundando-se num sofá da cabine. "Que belo golpe deixamos de dar! O bando inteiro ocupava esse bloco de prédios!"

Quarenta minutos mais tarde, dois senhores chegavam de carro à Gare du Nord e corriam até o trem expresso de Calais, seguidos por um carregador com suas malas.

Um deles tinha um braço na tipoia, e seu rosto pálido não exibia um aspecto saudável. O outro parecia alegre.

— Avie-se, Wilson, não podemos perder o trem… Ah, Wilson, nunca esquecerei estes dez dias!

— Eu também não.

— Ah! Que belas batalhas!

— Soberbas.

— Exceto, aqui e ali, alguns pequenos aborrecimentos…

— Pequenininhos.

— E finalmente o triunfo, de ponta a ponta. Lupin preso! O diamante azul recuperado!

— Meu braço quebrado.

— Quando estão em jogo satisfações desse tipo, o que é um braço quebrado?

— Sobretudo o meu.

— Exatamente! Lembre-se, Wilson, foi justamente no momento em que você estava no farmacêutico, sofrendo como um herói, que descobri o fio que me guiou nas trevas.

— Que feliz coincidência!

Portinholas se fechavam.

— Para o vagão, por favor. Estamos na hora, cavalheiros.

O carregador subiu os degraus de um compartimento vazio e dispôs as malas no aparador, enquanto Sholmes içava o desafortunado Wilson.

— Mas o que você tem, Wilson? Não termina com isso! Mais fibra, velho camarada…

— Não é fibra que me falta.

— Então o que é?

— Só tenho uma das mãos disponível.

— E daí? — exclamou alegremente Sholmes. — Chega de conversa fiada. Parece até que você é a única pessoa nesse estado. E os pinguins? Os verdadeiros manetas? Vamos lá, certo? Não é nada de mais.

Estendeu ao carregador uma moeda de cinquenta cêntimos.

— Ótimo, meu amigo. Aqui para você.

— Obrigado, senhor Sholmes.

O inglês ergueu os olhos: Arsène Lupin.

— O senhor… O senhor! — balbuciou, estupefato.

E Wilson gaguejou, agitando sua única mão com gestos de alguém que demonstra um fato:

— O senhor! O senhor! Mas o senhor está preso! Sholmes me contou. Quando ele se despediu, Ganimard e seus trinta agentes o cercavam…

Lupin cruzou os braços e, com ar indignado:

— Então os senhores imaginaram que eu os deixaria partir sem dizer adeus? Após as excelentes relações de amizade que jamais deixamos de cultivar uns com os outros? Mas isso seria o cúmulo da indelicadeza. Por quem me tomam?

O trem apitava.

— Enfim, eu lhes perdoo… Mas têm tudo de que precisam? Fumo, fósforos… sim… e os jornais vespertinos? Neles encontrarão detalhes sobre minha prisão, sua última façanha, mestre. E agora, até logo. Foi um prazer conhecê-los, de verdade!... Caso precisem de mim, ficarei muito feliz…

Pulou para a plataforma e fechou a portinhola.

— Adeus — repetiu, agitando um lenço. — Adeus, escreverei… Os senhores também, combinado? E seu braço quebrado, senhor Wilson? Espero notícias de todos os dois… Um cartão-postal de quando em quando… Como endereço: Lupin, Paris… Isso é suficiente. Não precisa selar… Adeus, até breve…

SEGUNDO EPISÓDIO

A LÂMPADA JUDAICA

1

Herlock Sholmes e Wilson estavam sentados à direita e à esquerda da grande lareira, os pés estendidos para um aconchegante fogo de hulha.

O cachimbo de Sholmes, cujo corpo era de raiz de urze, curto e rematado por um anel de prata, apagou. Ele bateu a cinza, encheu-o novamente, acendeu-o, trouxe para os joelhos as abas de seu robe de chambre e deu longas baforadas, que se esmerava em lançar para o teto em pequenas rodelas de fumaça.

Wilson observava-o. Observava-o como o cão deitado encolhido no tapete da sala olha seu dono, com olhos arregalados, que não piscam, olhos que não têm outra esperança senão corresponder ao gesto esperado. O mestre iria romper o silêncio? Iria revelar-lhe o segredo de sua divagação atual e admiti-lo no reino da meditação cuja entrada parecia proibida a Wilson?

Sholmes se calava.

Wilson arriscou:

— Os tempos estão calmos. Nenhum caso para abocanharmos.

Sholmes calou-se mais violentamente ainda, mas suas rodelas de fumaça estavam cada vez mais perfeitas, e qualquer outro que não Wilson teria observado que ele extraía disso a profunda satisfação que dão esses pequenos deleites de amor-próprio, nas horas em que o cérebro está completamente vazio de pensamentos.

Wilson, desencorajado, levantou-se e foi até a janela.

A triste rua se estendia entre as fachadas melancólicas dos prédios, sob um céu escuro do qual caía uma chuva cruel e raivosa. Um táxi passou, e mais outro. Wilson escreveu seus números num bloquinho. Sabe-se lá?...

— Ora — exclamou —, o carteiro.

O homem entrou, conduzido por um criado.

— Duas cartas registradas, senhor… poderia fazer o favor de assiná-las?

Sholmes assinou o registro, acompanhou o homem até a porta e voltou, abrindo uma das cartas.

— Você parece felicíssimo — observou Wilson ao fim de um momento.

— Essa carta contém uma proposta bem interessante. Você que pedia um caso, ei-lo aqui. Leia…

Wilson leu:

Senhor, Venho pedir-lhe o socorro de sua experiência. Fui vítima de um roubo importante, e as buscas efetuadas até aqui parecem destinadas ao fracasso.

Envio junto com essa correspondência um certo número de jornais que o deixarão ao par do episódio, e, se for de seu interesse assumi-lo, coloco minha mansão ao seu dispor e peço-lhe que escreva no cheque anexo, assinado por mim, a soma que julgar conveniente estabelecer para suas despesas de viagem.

Queira fazer a gentileza de me telegrafar sua resposta e aceite, senhor, meus protestos da mais elevada consideração.

Barão Victor d'Imblevalle, rua Murillo, 18.

— Ora, ora! — fez Sholmes. — Isto se anuncia promissor… Uma pequena viagem a Paris, afinal, por que não? Desde meu famoso duelo com Arsène Lupin, não tive oportunidade de voltar. Não me aborreceria ver a capital do mundo em condições um pouco mais tranquilas.

Rasgou o cheque em quatro e, enquanto Wilson, cujo braço não recuperara a antiga flexibilidade, pronunciava palavras amargas contra Paris, abriu o segundo envelope.

Imediatamente teve um gesto de irritação, franziu a testa durante a leitura e, amassando o papel, fez com ele uma bola, que atirou com violência no assoalho.

— O que foi? O que há? — exclamou Wilson, assustado.

Recolheu a bola, desamassou-a e leu com crescente estupor:

Meu caro Mestre,

Sabe a admiração que tenho pelo senhor e o interesse que dedico à sua reputação. Pois bem, creia-me, não assuma o caso para o qual solicitam sua colaboração. Sua intervenção causaria muito mal, todos os

seus esforços não desembocariam senão num resultado lamentável, e o senhor seria obrigado a admitir publicamente o seu fracasso.

Profundamente desejoso de lhe poupar tal humilhação, rogo, em nome de nossa amizade, que permaneça tranquilamente junto à sua lareira.

Minhas lembranças ao senhor Wilson, e para o senhor, meu caro Mestre, a respeitosa homenagem do seu devotado

Arsène Lupin.

— Arsène Lupin!… — repetiu Wilson, confuso.

Sholmes começou a socar a mesa.

— Ah, mas esse animal começa a me irritar! Zomba de mim como se eu fosse um moleque! A confissão pública do meu fracasso! Não o obriguei a devolver o diamante azul?

— Ele está com medo — insinuou Wilson.

— Não diga tolices! Arsène Lupin nunca tem medo, a prova disso é que me provoca.

— Mas como teria ele conhecimento da carta enviada pelo Barão d'Imblevalle?

— Como vou saber? Você faz umas perguntas estúpidas, meu caro!

— Apenas pensei… imaginei…

— O quê? Que sou um bruxo?

— Não, mas já o vi realizar tantos prodígios!

— Ninguém realiza prodígios… nem eu nem outro qualquer. Reflito, deduzo, concluo, mas não adivinho. Só os imbecis adivinham.

Wilson adotou a postura humilde de um cão espancado e procurou, a fim de não ser um imbecil, não adivinhar por que Sholmes perambulava pela sala com passadas largas e irritadas. Mas, como Sholmes chamou o criado e pediu sua mala, Wilson julgou-se no direito, uma vez que aí havia fato material, de refletir, deduzir e concluir que o mestre partia em viagem.

Operação intelectual idêntica lhe permitiu afirmar, sem vergonha de errar:

— Herlock, você vai a Paris.

— Possível.

— E vai mais para responder à provocação de Lupin do que para ajudar o Barão d'Imblevalle.

— Possível.

— Herlock, vou com você.

— Ah! Ah, velho amigo — exclamou Sholmes, interrompendo a caminhada —, não teme que seu braço esquerdo tenha o mesmo destino do direito?

— O que pode me acontecer? Você estará lá.

— Esplêndido então, camarada! E mostraremos a esse senhor que ele talvez esteja errado ao desafiar-nos atirando sua luva com tamanha audácia! Rápido, Wilson, nós nos encontramos no primeiro trem.

— Sem esperar os jornais que o barão disse ter enviado?

— Para quê?

— Mando um telegrama?

— Inútil. Arsène Lupin saberá da minha chegada. Não ligo. Desta vez, Wilson, temos que jogar pesado.

À tarde, os dois amigos embarcavam em Dover. A travessia foi excelente. No rápido Calais-Paris, Sholmes presenteou-se com três horas do sono mais profundo, enquanto Wilson permanecia vigilante na porta da cabine e meditava, o olhar vago.

Sholmes acordou alegre e bem-disposto. A perspectiva de um novo duelo com Arsène Lupin o arrebatava e ele esfregava as mãos com o ar satisfeito de um homem que se prepara para degustar abundantes alegrias.

— Finalmente — exclamou Wilson —, vamos desenferrujar! E esfregou as mãos com o mesmo ar satisfeito.

Na estação, Sholmes pegou os casacos. Seguido por Wilson, que carregava as malas — cada qual com seu fardo —, entregou os tíquetes e saiu alegremente:

— Que tempo bonito, Wilson… Sol! Paris está em festa para nos receber.

— Quanta gente!

— Melhor assim, Wilson! Não corremos o risco de ser notados. Ninguém nos reconhecerá no meio dessa multidão!

— Senhor Sholmes, correto?

O detetive estacou, pasmo. Que demônio poderia interpelá-lo pelo nome?

Ao seu lado, uma mulher, uma jovem, cuja roupa muito simples sublinhava a figura distinta, e cujo belo rosto exibia uma expressão inquieta e dolorosa.

Ela repetiu:

— O senhor não é o senhor Sholmes?

Como ele se calava, perplexo e com um pé atrás, ela repetiu pela terceira vez:

— É de fato com o senhor Sholmes que tenho a honra de falar?

— O que deseja de mim? — ele retrucou, bastante rude, suspeitando daquele encontro.

Ela se plantou à sua frente.

— Escute, cavalheiro, é muito grave, sei que o senhor está a caminho da rua Murillo.

— O que está dizendo?

— Sei de tudo… rua Murillo… número 18. Preste atenção, não faça isso… Não vá… Asseguro-lhe que se arrependeria. Não pense que tenho algum interesse na coisa. É em nome da razão, é com toda a consciência.

Ele tentou afastá-la, ela insistiu:

— Oh, por favor, não seja obstinado!... Ah, se eu soubesse como convencê-lo! Olhe bem para mim, no fundo dos meus olhos… são sinceros… dizem a verdade.

Ela oferecia seus olhos ardorosamente, aqueles belos olhos graves e cristalinos, parecendo oferecer a própria alma. Wilson balançou a cabeça:

— A senhorita parece bastante sincera.

— Claro que sim — ela implorou —, os senhores precisam confiar…

— Eu confio, senhorita — replicou Wilson.

— Oh! Como fico feliz! E seu amigo também, não é? Sinto isso… tenho certeza! Que felicidade! Tudo vai se arranjar! Ah, que boa ideia eu tive! Veja, senhor, há um trem para Calais dentro de vinte minutos… Pois bem, o senhor embarcará nele… Depressa, sigam-me. É para esse lado, e os senhores só têm tempo para…

Ela procurava arrastá-lo. Sholmes agarrou-lhe o braço e disse, com uma voz que queria fazer soar tão doce quando possível:

— Desculpe, senhorita, por não poder aquiescer ao seu desejo, mas nunca largo um trabalho no meio.

— Suplico-lhe… suplico-lhe… Ah, se o senhor pudesse compreender!

Ele desistiu e se afastou rapidamente.

Wilson disse à moça:

— Tenha esperança… ele irá até o fim do caso… ainda não há exemplo de ter fracassado…

E alcançou Sholmes, correndo.

HERLOCK SHOLMES — ARSÈNE LUPIN

Essas palavras, que se destacavam em letras grandes e escuras, detiveram-nos assim que deram os primeiros passos. Aproximaram-se; um bando de homens-sanduíche circulava, um atrás do outro, carregando nas mãos pesadas bengalas chumbadas com que batiam na calçada ritmicamente, e, nas costas, enormes cartazes, nos quais era possível ler:

> *O* match *Herlock Sholmes — Arsène Lupin. Chegada do campeão inglês. O grande detetive ataca o mistério da rua Murillo. Leiam os detalhes no* Écho de France.

Wilson balançou a cabeça:

— E então, Herlock, nós que nos gabávamos de trabalhar incógnitos! Não me admiraria se a guarda republicana estivesse nos esperando na rua Murillo e houvesse recepção oficial, com brindes e champanhe.

— Quando se arrisca a ser irônico, Wilson, você vale por dois — grunhiu Sholmes.

Então avançou na direção de um daqueles homens com o nítido propósito de agarrá-lo com suas mãos poderosas e reduzi-lo a pó, ele e sua tabuleta. A multidão, no entanto, aglomerava-se em torno dos cartazes. Faziam piadas e riam.

Reprimindo um furioso acesso de raiva, ele perguntou ao homem:

— Quando o contrataram?

— Hoje de manhã.

— O senhor começou seu passeio?...

— Há uma hora.

— Mas os cartazes estavam prontos?

— Oh, estavam sim… Quando fomos hoje de manhã à agência, já estavam lá.

Quer dizer, Arsène Lupin previra que ele, Sholmes, aceitaria a batalha. E mais, a carta escrita por Lupin era prova de que ele a desejava, estava em seus planos medir-se mais uma vez com o rival. Por quê? Que motivo o levava a recomeçar a luta?

Herlock teve um segundo de hesitação. Era preciso que Lupin tivesse certeza absoluta da vitória para ser tão insolente. Diante disso, acorrer ao

primeiro chamado não seria render-se à armadilha?

— Vamos, Wilson. Cocheiro, rua Murillo, 18 — exclamou, num despertar de energia.

E, com as veias saltadas, os punhos cerrados como se fosse entrar num ringue de boxe, ele pulou dentro de um coche.

A rua Murillo passa defronte a luxuosos palacetes, cujas fachadas posteriores têm vista para o parque Monceau. Uma das mais bonitas mansões é a de número 18, e o Barão d'Imblevalle, que mora ali com a mulher e os filhos, mobiliou-a da maneira mais suntuosa, como artista e milionário que era. Um pátio elegante precede o palacete, e dependências de serviço o margeiam à direita e à esquerda. Atrás, um jardim mistura os galhos de suas árvores às árvores do parque.

Após tocar, os dois ingleses atravessaram o pátio e foram recebidos por um criado que os conduziu a um pequeno salão situado na fachada dos fundos.

Sentaram-se e passaram os olhos nos objetos preciosos que decoravam essa alcova.

— Bonitas coisas — murmurou Wilson —, bom gosto e imaginação… Podemos deduzir que os que tiveram tempo para desencavar tais objetos são gente de certa idade… cinquenta anos talvez…

Não terminou. A porta se abriu, e o senhor d'Imblevalle entrou, seguido de sua mulher.

Ao contrário das deduções de Wilson, os dois eram jovens, de aspecto elegante, e intensos nos gestos e nas palavras. Ambos se confundiram em agradecimentos.

— É muito amável de sua parte! Tamanho incômodo! Estamos quase felizes com o problema que vivemos, uma vez que isso nos proporciona o prazer…

"Que sedutores esses franceses!", pensou Wilson, que não fugia de uma constatação verdadeiramente relevante.

— Mas tempo é dinheiro… — exclamou o barão. — Principalmente o seu, senhor Sholmes. Portanto, direto ao ponto. O que pensa do caso? Espera elucidá-lo?

— Para elucidá-lo, preciso primeiro conhecê-lo.

— Não o conhece?

— Não, e peço que me explique as coisas detalhadamente e sem omitir nada. Do que se trata?

— Trata-se de um roubo.

— Em que dia ele se deu?

— No último sábado — replicou o barão —, na noite de sábado para domingo.

— Faz então seis dias. Muito bem, sou todo ouvidos.

— Convém dizer, em primeiro lugar, senhor, que minha mulher e eu, embora adaptados ao estilo de vida que nossa situação requer, saímos pouco. A educação de nossos filhos, algumas recepções e o embelezamento de nossa casa, eis a existência para nós, e todas as noites, ou quase, transcorrem aqui, neste aposento que é a alcova de minha mulher e onde reunimos alguns objetos de arte. No último sábado, portanto, por volta das onze horas, apaguei a luz e, como de hábito, minha mulher e eu nos retiramos para o nosso quarto.

— Que fica?...

— Ao lado, esta porta que o senhor vê. No dia seguinte, isto é, domingo, levantei cedo. Como Suzanne, minha mulher, ainda dormia, entrei nesta alcova o mais discretamente possível para não a acordar. Qual não foi meu espanto ao constatar que essa janela estava aberta, quando, na noite da véspera, a havíamos fechado!

— Um criado…

— Ninguém entra aqui de manhã antes de chamarmos. Além disso, tomo sempre a precaução de empurrar o ferrolho dessa segunda porta, que se comunica com a antecâmara. Logo, a janela fora de fato aberta pelo lado de fora. Tive aliás a prova disso: o segundo vidro da janela da direita, perto do puxador, fora cortado.

— E essa janela?

— A janela, como pode constatar, dá para um pequeno terraço delimitado por uma sacada de pedra. Estamos aqui no primeiro andar, e o senhor vê o jardim que se estende atrás da casa e o portão que o separa do parque Monceau. Temos então certeza de que o homem veio do parque Monceau, pulou o portão com a ajuda de uma escada e subiu até o terraço.

— Certeza, o senhor diz?

— Encontramos de ambos os lados do portão, na terra fofa dos canteiros, buracos deixados pelas duas hastes da escada, e os dois mesmos

buracos existiam ao pé do terraço. Enfim, foram detectados dois leves arranhões, na sacada, causados evidentemente pelo contato das hastes.

— O parque Monceau não fica fechado à noite?

— Fechado não, mas, mesmo assim, há uma casa em construção no número 14. Seria fácil entrar por ali.

Herlock Sholmes refletiu um momento e continuou:

— Vamos ao roubo.

Ele teria sido cometido no aposento onde nos encontramos?

— Sim. Havia, entre essa Virgem do século XII e esse tabernáculo em prata cinzelada, uma pequena lâmpada judaica. Ela desapareceu.

— E foi tudo?

— Tudo.

— Hum, hum!... E o que vem a ser uma lâmpada judaica?

— São luminárias de cobre usadas antigamente, compostas de uma alça e um recipiente onde se colocava o azeite. Desse recipiente saíam dois ou três bicos destinados às mechas.

— Resumindo, são objetos sem grande valor.

— Com efeito, sem grande valor. Mas essa lâmpada tinha um esconderijo onde costumávamos guardar uma magnífica joia antiga, uma quimera de ouro, incrustada com rubis e esmeraldas e que valia muito.

— Por que esse costume?

— Juro, cavalheiro, eu não saberia explicar. Talvez a simples diversão de utilizar um esconderijo desse gênero.

— Ninguém o conhecia?

— Ninguém.

— Exceto, evidentemente, o ladrão da quimera… — objetou Sholmes. — Sem o que ele não teria se dado ao trabalho de roubar a lâmpada judaica.

— Evidentemente. Mas como ele podia conhecê-lo, uma vez que foi o acaso que nos revelou o mecanismo secreto dessa lâmpada?

— O mesmo acaso pôde revelá-lo a alguém… um criado… um frequentador da casa… Mas continuemos: a justiça foi avisada?

— Sem dúvida. O juiz de instrução fez sua investigação. Os repórteres policiais vinculados a todos os grandes jornais fizeram a deles. Mas, como lhe escrevi, parece que o problema não tem nenhuma chance de vir a ser solucionado.

Sholmes se levantou, dirigiu-se à janela, examinou o vidro, o terraço, a sacada, recorreu à sua lupa para estudar os dois arranhões na pedra e pediu ao senhor d'Imblevalle que o conduzisse ao jardim.

Lá fora, Sholmes simplesmente sentou numa poltrona de vime e observou o telhado da casa com um olhar pensativo. Em seguida, dirigiu-se subitamente aos dois pequenos caixotes com os quais haviam coberto, a fim de conservar a marca exata, os buracos deixados ao pé do terraço pelas hastes da escada. Retirou os caixotes, pôs-se de joelhos no chão, curvando-se até ficar com o nariz a vinte centímetros do solo, fuçou e tomou medidas. Repetiu a operação ao longo do portão, porém menos demoradamente.

Estava terminado.

Os dois homens retornaram à alcova, onde os esperava a senhora d'Imblevalle.

Sholmes manteve-se calado por alguns minutos ainda, depois pronunciou estas palavras:

— Desde o início do seu relato, senhor barão, fiquei impressionado com o lado simples do golpe. Apoiar uma escada, cortar o vidro de uma janela, escolher um objeto e ir embora?... Não, as coisas não se passam com tanta facilidade. Tudo isso é claro demais, cristalino demais.

— De modo que...

— De modo que o roubo da lâmpada judaica foi cometido sob a supervisão de Arsène Lupin.

— Arsène Lupin! — exclamou o barão.

— Mas foi cometido sem a sua participação, sem que ninguém entrasse na casa… Um criado talvez possa ter descido de sua mansarda no terraço, ao longo de uma calha que percebi do jardim.

— Mas com que provas?...

— Arsène Lupin não teria saído da alcova com as mãos vazias.

— Mãos vazias! E a lâmpada?

— Pegar a lâmpada não o teria impedido de pegar essa tabaqueira adornada com diamantes ou esse colar de opalas antigas. Bastavam-lhe dois gestos a mais. Se ele não os executou, é porque não viu.

— Mas e os indícios detectados?

— Comédia! Encenação para desviar as suspeitas.

— Os arranhões na balaustrada?

— Mentira! Foram produzidos com uma lixa. Veja, eis alguns resíduos que recolhi.

— As marcas deixadas pelas hastes da escada?

— Piada! Examine os dois buracos retangulares ao pé do terraço e os dois buracos situados junto ao portão. Sua forma é semelhante, mas, paralelos aqui, lá deixam de sê-lo. Meça a distância que separa cada buraco do vizinho. A distância muda conforme o lugar. Ao pé do terraço, é de 23 centímetros. Ao longo do portão, é de 28 centímetros.

— E disso o senhor conclui...

— Concluo, uma vez que sua forma é idêntica, que os quatro buracos foram feitos com a ajuda de um único pedaço de madeira adequadamente modelado.

— A melhor comprovação seria o próprio pedaço de madeira.

— Ei-lo — disse Sholmes —, recolhi-o no jardim, sob o vaso de um loureiro.

O barão se inclinou. Havia quarenta minutos que o inglês atravessara o umbral daquela porta, e não restava mais nada de tudo que haviam estabelecido até ali com base nos fatos manifestos. Surgia a realidade, uma outra realidade, fundada em algo muito mais sólido: o raciocínio de um Herlock Sholmes.

— A acusação que o senhor lança contra o nosso pessoal é muito grave, senhor — protestou a baronesa. — Nossos criados são antigos servidores da família e nenhum deles é capaz de nos trair.

— Se um deles não os traiu, como explicar que essa carta tenha chegado no mesmo dia, e pelas mãos do mesmo carteiro, que aquela que os senhores me escreveram?

E ele estendeu a carta que Arsène Lupin lhe dirigira. A senhora d'Imblevalle ficou estupefata.

— Arsène Lupin… como ele soube?

— Não informou a ninguém de sua carta?

— Ninguém — disse o barão —, foi uma ideia que tivemos à mesa, na outra noite.

— Na frente dos criados?

— Só havia nossas duas filhas. Aliás, não… Sophie e Henriette não estavam mais à mesa, não é, Suzanne?

A senhora d'Imblevalle refletiu e afirmou:

— Com efeito, já estavam com a senhorita.

— Senhorita? — indagou Sholmes.

— A governanta, senhorita Alice Demun.

— Essa pessoa então não faz as refeições com os senhores?

— Não, ela é servida à parte, em seu quarto. Wilson teve uma ideia.

— A carta escrita ao meu amigo Herlock Sholmes foi posta no correio.

— Naturalmente.

— Quem então a levou?

— Dominique, meu criado de quarto há vinte anos — respondeu o barão. — Qualquer desconfiança nessa direção seria tempo perdido.

— Nunca se perde tempo quando se procura — sentenciou Wilson, solenemente.

O interrogatório inicial estava terminado. Sholmes pediu permissão para se retirar.

Uma hora depois, no jantar, ele conheceu Sophie e Henriette, as duas filhas dos d'Imblevalle, duas bonitas meninas de oito e seis anos. Conversaram pouco. Sholmes respondeu às amabilidades do barão e de sua mulher com um ar tão carrancudo que eles optaram pelo silêncio. Serviu-se o café. Sholmes engoliu o conteúdo de sua xícara e se levantou.

Nesse momento, um criado entrou, trazendo uma mensagem passada por telefone e dirigida ao detetive. Ele abriu e leu:

Transmito-lhe minha admiração entusiasta. Os resultados obtidos pelo senhor em tão pouco tempo são prodigiosos. Estou perplexo.

Arpin Lusène.

Com um gesto de irritação, ele mostrou a mensagem ao barão:

— Acredita agora, senhor, que suas paredes têm olhos e ouvidos?

— Não estou entendendo nada — balbuciou o senhor d'Imblevalle, atônito.

— Nem eu. O que compreendo é que nenhum movimento é feito aqui sem que seja percebido por ele. Nenhuma palavra é pronunciada sem que ele ouça.

Naquela noite, Wilson dormiu com a consciência tranquila de quem cumpriu seu dever e não tem outra missão a não ser dormir. Assim, dormiu muito rápido e teve belos sonhos, nos quais perseguia Lupin sozinho e se preparava para detê-lo com as próprias mãos, e a sensação dessa perseguição era tão nítida que despertou.

Alguém roçava em sua cama. Ele pegou o revólver.

— Mais um gesto, Lupin, e eu atiro.

— Diabos! Que precipitação, velho camarada!

— Como? É você, Sholmes?! Precisa de mim?

— Preciso dos seus olhos. Levante-se… Levou-o até a janela.

— Veja… do outro lado do portão…

— No parque?

— Sim. Não vê nada?

— Não vejo nada.

— Sim, você vê alguma coisa.

— Ah, com efeito, uma sombra… duas até.

— Não é mesmo? Encostadas no portão… Repare, estão se mexendo.

Não percamos mais tempo.

Às apalpadelas, guiando-se pelo corrimão, desceram a escada e saíram num cômodo que dava para a escada do jardim. Através dos vidros da porta, perceberam os dois vultos no mesmo lugar.

— É curioso — disse Sholmes —, tenho a impressão de ouvir barulho na casa.

— Na casa? Impossível! Todos dormem.

— Em todo caso, escute…

Nesse momento, um tênue assobio vibrou do lado do portão. Eles perceberam uma luz difusa que parecia vir da mansão.

— Os d'Imblevalle devem ter acendido a luz — murmurou Sholmes. — É o quarto deles que fica em cima do nosso.

— Sem dúvida foram eles que ouvimos — concordou Wilson. — Talvez estejam vigiando o portão.

Um segundo assobio, ainda mais discreto.

— Não compreendo, não compreendo — disse Sholmes, irritado.

— Eu tampouco — confessou Wilson.

Sholmes girou a chave da porta, tirou o ferrolho e empurrou delicadamente o batente.

Um terceiro assobio, este um pouco mais alto e modulado de outra forma. Acima de sua cabeça, o barulho se acentuou, precipitou-se.

— Está parecendo vir do terraço da alcova — sussurrou Sholmes.

Ele passou a cabeça pelo vão, mas imediatamente recuou, reprimindo um palavrão. Foi a vez de Wilson olhar. Rente a eles, uma escada achava-se

recostada na parede, apoiada no balcão da sacada.

— Oh, mas é claro — constatou Sholmes —, há alguém na alcova! Eis o que ouvíamos. Rápido, retiremos a escada.

Nesse instante, porém, uma forma deslizou de cima para baixo, a escada foi retirada e o homem que a carregava correu a toda a pressa na direção do portão, onde seus cúmplices o esperavam. Num pulo, Sholmes e Wilson dispararam. Alcançaram o homem quando ele apoiava a escada no portão. Do outro lado, dois tiros foram disparados.

— Ferido? — gritou Sholmes.

— Não — respondeu Wilson.

Este agarrou o torso do homem e tentou imobilizá-lo. Mas o homem voltou-se, agarrou-o com uma das mãos e com a outra mergulhou uma faca no meio do seu peito. Wilson exalou um suspiro, vacilou e caiu.

— Maldição! — berrou Sholmes. — Se o mataram, eu mato.

Ele deitou Wilson no gramado e correu para a escada. Tarde demais… O homem a subira e, recebido por seus cúmplices, fugia por entre os arbustos.

— Wilson, Wilson, nada grave, hein? Um simples arranhão.

As portas da mansão se abriram bruscamente. O senhor d'Imblevalle apareceu primeiro, depois os criados, trazendo velas.

— O quê? O que há? — exclamou o barão. — O senhor Wilson está ferido?

— Nada, um simples arranhão — repetiu Sholmes, procurando se iludir. O sangue corria em abundância e o rosto do ferido estava lívido.

O médico, vinte minutos depois, constatava que a ponta da faca parara a quatro milímetros do coração.

— Quatro milímetros do coração! Esse Wilson sempre teve sorte — concluiu Sholmes, num tom de inveja.

— Sorte… sorte… — resmungou o médico.

— Ora, com sua robusta constituição, ele vai se safar…

— Com seis semanas de cama e dois meses de convalescença.

— Não mais que isso?

— Não, a menos que haja complicações.

— Por que diabos está sugerindo que haverá complicações?

Totalmente tranquilizado, Sholmes juntou-se ao barão na alcova. Dessa vez, o misterioso visitante não exibira a mesma discrição. Sem pudor,

furtara a tabaqueira guarnecida de diamantes, o colar de opalas e, de maneira geral, tudo que podia caber nos bolsos de um honesto assaltante.

A janela continuava aberta, um dos vidros havia sido literalmente cortado e, quando já amanhecia, um inquérito sumário, estabelecendo que a escada provinha da casa em construção, indicou o caminho que haviam seguido.

— Em suma — disse o senhor d'Imblevalle com alguma ironia —, é a repetição exata do roubo da lâmpada judaica.

— Sim, se aceitarmos a primeira versão adotada pela justiça.

— Continua a refutá-la? Esse segundo roubo não abala sua opinião sobre o primeiro?

— Confirma-a, cavalheiro.

— Será possível! O senhor tem a prova irrefutável de que a agressão dessa noite foi cometida por alguém de fora e persiste em sustentar que a lâmpada judaica foi subtraída por alguém do nosso círculo?

— Por alguém que mora nesta casa.

— Então como explica?...

— Eu não explico nada, cavalheiro, constato dois fatos que não têm um com o outro senão relações de aparência, julgo-os isoladamente, e procuro o laço que os une.

Sua convicção parecia tão profunda, sua maneira de agir fundada em motivos tão fortes, que o barão se rendeu:

— Que seja. Vamos avisar o comissário…

— Em hipótese alguma! — exclamou enfaticamente o inglês. — Em hipótese alguma! Pretendo me dirigir a essas pessoas apenas quando precisar delas.

— Mas e os tiros?...

— Não interessa!

— Seu amigo?...

— Meu amigo só está ferido… Faça com que o médico se cale. Respondo por tudo do lado da justiça.

Passaram dois dias sem quaisquer incidentes, mas durante os quais Sholmes prosseguiu seu trabalho com um cuidado minucioso e o amor-próprio exasperado pela lembrança da audaciosa agressão, executada diante de seus olhos, a despeito de sua presença, e sem o que ele pudesse fazer para evitá-la. Infatigável, o detetive vasculhou a mansão e o jardim,

conversou com os criados e fez longas incursões na cozinha e no estábulo. Embora não recolhesse nenhum indício que o esclarecesse, ele não esmoreceu.

"Acharei", pensava, "e é aqui que acharei. Não se trata, como no caso da Mulher Loura, de caminhar ao acaso e alcançar, por caminhos que eu ignorava, um objetivo desconhecido. Dessa vez estou no próprio campo de batalha. O inimigo não é mais apenas o intangível e invisível Lupin, é o cúmplice de carne e osso que vive e se move nos limites desse palacete. O mais ínfimo detalhe, e estou feito."

Esse detalhe, do qual ele devia obter a esperada consequência, e com uma habilidade tão prodigiosa que podemos considerar o caso da lâmpada judaica um daqueles em que brilha mais vitoriosamente seu gênio de policial, esse detalhe, foi o acaso que forneceu.

Na tarde do terceiro dia, ao entrar na sala situada acima da alcova, que servia de sala de estudos para as crianças, ele encontrou Henriette, a irmã mais nova. Procurava sua tesoura.

— Sabe — ela disse a Sholmes —, também faço papéis como você recebeu a outra noite.

— A outra noite?

— É, no fim do jantar. Você recebeu um papel com tiras em cima… você sabe, um telegrama… Pois então, também sei fazer.

Ela saiu. Para qualquer outro, essas palavras não teriam significado nada senão a banal reflexão de uma criança, e Sholmes, por sua vez, escutou-as com um ouvido distraído enquanto fazia sua inspeção. Mas, de repente, começou a correr atrás da criança cuja última frase tanto o impressionou. Alcançou-a no topo da escada e lhe perguntou:

— Quer dizer que você também cola tiras no papel?

Henriette, toda prosa, declarou:

— Claro que sim, corto palavras e colo.

— E quem lhe ensinou esse joguinho?

— A senhorita… minha governanta… Eu a vi fazendo igual. Ela recorta palavras dos jornais e cola.

— E o que ela faz com isso?

— Telegramas, cartas que ela manda.

Herlock Sholmes voltou à sala de estudos, singularmente intrigado por essa confidência e se esforçando em extrair dela as deduções que

comportava.

Havia um maço de jornais sobre a lareira. Ele os abriu e, com efeito, viu grupos de palavras ou linhas que faltavam, retiradas com precisão e minúcia. Mas bastou que lesse as palavras que as precediam ou seguiam para constatar que as palavras ausentes haviam sido recortadas ao acaso da tesoura, por Henriette evidentemente. Era possível que, no maço dos jornais, houvesse um que a senhorita tivesse recortado pessoalmente. Mas como ter certeza disso?

De modo mecânico, Herlock folheou os livros escolares empilhados sobre a mesa, depois outros que repousavam nas prateleiras de uma estante. E súbito deu um grito de alegria. Num canto dessa estante, sob velhos cadernos amontoados, encontrara um álbum para crianças, um alfabeto ilustrado, e, numa das páginas desse álbum, topou com um espaço vazio.

Verificou. Era a nomenclatura dos dias da semana. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira etc. Faltava a palavra sábado. Ora, o roubo da lâmpada judaica acontecera na noite de um sábado.

Herlock sentiu aquele ligeiro aperto do coração que sempre lhe anunciava, da maneira mais clara, ter chegado ao âmago de uma intriga. Esse frêmito da verdade, essa emoção da certeza, nunca o enganava.

Nervoso e confiante, folheou imediatamente o álbum. Um pouco adiante, outra surpresa o esperava.

Era uma página que estampava letras maiúsculas, seguidas por uma linha de algarismos.

Nove dessas letras e três desses algarismos haviam sido retirados cuidadosamente.

Sholmes escreveu-os na sua caderneta, seguindo as lacunas pela ordem, e obteve o seguinte resultado:

CDEHNOPRS-237

— Diabos — murmurou —, a princípio isso não significa muita coisa.

Seria possível, misturando aquelas letras e usando todas elas, formar uma, ou duas, ou três palavras completas?

Sholmes tentou isso em vão.

Uma única solução se impunha a ele, que voltava incessantemente ao seu lápis, e que, com o tempo, lhe pareceu a verdadeira, tanto porque correspondia à lógica dos fatos, como porque coincidia com as

circunstâncias gerais.

Dado que a página do álbum não comportava senão uma única vez cada uma das letras do alfabeto, era provável, era certo que estava em presença de palavras incompletas e que essas palavras haviam sido completadas por letras retiradas de outras páginas. Nessas condições, e salvo erro, o enigma se colocava assim:

RESPOND. CH 237

A primeira palavra era clara: responde com um E faltando porque a letra E, já empregada, não estava mais disponível.

Quanto à segunda palavra inacabada, indubitavelmente, formava junto com o número 237 o endereço que o remetente fornecia ao destinatário da carta. Propunha-se primeiro estabelecer o dia no sábado e pedia-se uma resposta para o endereço CH.237.

Ou CH.237 era a senha de uma caixa postal ou as letras CH faziam parte de uma palavra incompleta. Sholmes folheou o álbum: nenhum outro recorte fora efetuado nas páginas seguintes. Logo, era preciso, até nova ordem, ater-se à explicação encontrada.

— Divertido, não é mesmo?

Henriette voltara. Ele respondeu:

— E como! Mas não tem outros papéis?... Ou palavras já recortadas e que você poderia colar?

— Papéis? Não… E, depois, a senhorita não ficaria contente.

— A senhorita?

— É, ela já me deu uma bronca.

— Por quê?

— Porque eu lhe contei coisas… Ela disse que é feio contar coisas sobre quem a gente gosta.

— Você tem toda a razão.

Henriette pareceu deslumbrada com a aprovação, tão deslumbrada que tirou de uma bolsinha de pano, presa no seu vestido, alguns berloques, três botões, dois torrões de açúcar e, finalmente, um quadrado de papel que ela estendeu a Sholmes.

— Tome, dou para você mesmo assim. Era o número de uma charrete, a 8279.

— De onde vem esse número?

— Caiu do porta-moedinhas dela.

— Quando?

— Domingo, na missa, quando ela pegava uns centavos para a igreja.

— Perfeito. E agora vou lhe ensinar um jeito de não se "levar bronca".

Não conte à senhorita que se encontrou comigo.

Sholmes foi procurar o senhor d'Imblevalle e interrogou-o explicitamente sobre a senhorita.

O barão teve um choque.

— Alice Demun! Por acaso está pensando... Isso é impossível.

— Há quanto tempo ela está a seu serviço?

— Um ano somente, porém não conheço ninguém mais tranquilo e em quem eu deposite mais confiança.

— Como é possível que eu ainda não a tenha visto?

— Ela se ausentou por dois dias.

— E agora?

— Assim que voltou, tomou a iniciativa de instalar-se à cabeceira do seu amigo. Ela tem todas as qualidades de uma enfermeira… doce… atenciosa… O senhor Wilson parece encantado com ela.

— Ah! — reagiu Sholmes, que se esquecera completamente de obter notícias do velho camarada.

Refletindo, perguntou:

— E no domingo de manhã, ela saiu?

— No dia seguinte ao roubo?

— Sim.

O barão chamou sua mulher e lhe fez a pergunta. Ela respondeu:

— A senhorita, como sempre, saiu para ir à missa das onze com as crianças.

— Mas e antes?

— Antes? Não… ou melhor… Eu estava tão transtornada com esse roubo! Entretanto, lembro que na véspera ela tinha me pedido autorização para sair no domingo de manhã… ia encontrar uma prima de passagem por Paris, acho. Mas suponho que não suspeite dela…

— Claro que não… Mas gostaria de encontrá-la.

Ele subiu até o quarto de Wilson. Uma mulher, vestindo, como as enfermeiras, um longo vestido de algodão cinzento, estava curvada sobre o doente e lhe dava de beber. Quando ela se voltou, Sholmes reconheceu a jovem que o abordara em frente à Gare du Nord.

Não houve entre eles a menor explicação. Alice Demun sorriu docemente, com seus olhos sedutores e graves, sem nenhum constrangimento. O inglês quis falar, esboçou algumas sílabas e se calou. Então ela voltou aos seus afazeres, andando pelo quarto tranquilamente, sob o olhar perplexo de Sholmes. Mexeu nuns frascos, desenrolou e enrolou faixas de gaze, e de novo lhe dirigiu um sorriso impávido.

Ele girou nos calcanhares, desceu, percebeu no pátio o automóvel do senhor d'Imblevalle, instalou-se nele e pediu para ser levado a Levallois, ao depósito de coches, cujo endereço estava marcado no recibo do fiacre fornecido pela criança. O cocheiro Duprêt, que conduzia o 8279 na manhã de domingo, não estando lá, Sholmes mandou de volta o automóvel e esperou até a hora da troca de turno.

O cocheiro Duprêt disse que realmente "carregara" uma mulher até as cercanias do parque Monceau. Uma jovem de vestido preto, com um buquê de violetas e que parecia muito agitada.

— Ela carregava um embrulho?

— Sim, um embrulho bastante comprido.

— E o senhor a levou?...

— Até a avenida des Ternes, na esquina da praça Saint-Ferdinand. Ela ficou ali uns dez minutos e depois retornamos ao parque Monceau.

— O senhor reconheceria a casa da avenida des Ternes?

— Claro que sim! Quer que o leve até lá?

— Agora mesmo. Mas primeiro vamos passar no Quai des Orfèvres, 36.

Na Chefatura de Polícia, ele teve a sorte de encontrar imediatamente o inspetor-chefe Ganimard.

— Senhor Ganimard, está livre?

— Se se tratar de Lupin, não.

— Trata-se de Lupin.

— Então não me mexo.

— Como assim? Então está desistindo…

— Desisto do impossível! Cansei de uma luta desigual, em que temos certeza de ficar por baixo. É covarde, é absurdo, tudo que quiser… pouco me importa! Lupin é mais forte do que nós. Diante disso, só nos resta curvar.

— Eu não me curvo.

— Ele o curvará, ao senhor como aos outros.

— Pois pense bem, assistir a tal espetáculo não lhe daria um imenso prazer?

— Ah, isso é verdade — reconsiderou Ganimard, com ingênua sinceridade. — E, uma vez que ainda não apanhou o suficiente, vamos.

Os dois subiram no fiacre. A uma ordem, o cocheiro largou-os um pouco antes da casa, na avenida des Ternes, do outro lado da rua, num pequeno café em cuja varanda se sentaram, entre loureiros e evônimos. O dia começava a morrer.

— Garçom — chamou Sholmes —, traga-me alguma coisa para escrever.

Após escrever, chamou o garçom de novo:

— Leve esta carta ao porteiro dessa casa aí em frente. É evidentemente o homem de boné que está fumando sob a porta-cocheira.

O porteiro veio até eles, e, tendo Ganimard anunciado seu título de inspetor-chefe, Sholmes perguntou se, na manhã de domingo, estivera ali uma jovem dama vestida de preto.

— De preto? Sim, por volta das nove horas… A moça que vai ao segundo andar.

— O senhor a vê com frequência?

— Não, porém de uns tempos para cá tenho visto mais… Na última quinzena, quase diariamente.

— E desde domingo?

— Só uma vez… sem contar hoje.

— Como? Ela veio?

— Ela está aqui.

— Ela está aqui?

— Chegou há uns dez minutos. O coche espera-a na praça Saint--Ferdinand, como de hábito. Cruzei com ela na porta.

— E quem aluga o segundo andar?

— São dois inquilinos, uma modista, a senhorita Langeais, e certo cavalheiro, que há um mês alugou dois quartos mobiliados, sob o nome de Bresson.

— Por que diz “sob o nome”?

— Por pura cisma, acho que é um nome falso. Minha mulher faz a faxina na casa dele: pois bem, não há duas camisas em que os monogramas bordados sejam os mesmos.

— Como ele vive?

— Oh! Praticamente na rua. Há três dias não pisa em casa.

— Ele voltou na noite de sábado para domingo?

— Na noite de sábado para domingo? Espere, deixe-me pensar… Sim, no sábado à noite ele voltou e não saiu mais.

— E como ele é fisicamente?

— Juro que não saberia dizer. Ele muda tanto! É alto, baixo, gordo, magro… moreno e louro. Nem sempre o reconheço.

Ganimard e Sholmes entreolharam-se.

— É ele — murmurou o inspetor-chefe. — Sem tirar nem pôr.

O velho policial viveu realmente um momento de perturbação, traduzido por um bocejo e uma crispação dos punhos.

Sholmes, embora mais senhor de si, também sentiu um aperto no coração.

— Vejam — disse o porteiro —, eis a moça.

A senhorita com efeito aparecia na soleira da porta e atravessava a praça.

— E eis o senhor Bresson.

— O senhor Bresson? Qual?

— O que carrega um embrulho embaixo do braço.

— Mas ele não parece acompanhá-la. Ela está voltando sozinha para o seu coche.

— Ah, tem isso, eu nunca os vi juntos.

Os dois policiais se levantaram precipitadamente. À luz dos postes, haviam reconhecido o vulto de Lupin, que se afastava na direção oposta à praça.

— Quem o senhor prefere seguir? — perguntou Ganimard.

— Ele, claro! É a caça graúda.

— Então vou atrás da senhorita — propôs Ganimard.

— Não, não — disse apressadamente o inglês, que não queria revelar nada do caso a Ganimard. — A senhorita, eu sei onde encontrar… Não saia de perto de mim.

A distância, momentaneamente misturando-se ao fluxo dos pedestres e quiosques, os dois puseram-se na perseguição de Lupin. Perseguição fácil, aliás, pois ele não olhava para trás e caminhava a passos rápidos, mancando ligeiramente da perna direita, tão ligeiramente que era preciso o olho calejado de um observador para perceber o fato. Ganimard disse:

— Ele está fingindo que manca.

E continuou:

— Ah, se pudéssemos juntar dois ou três agentes e capturar já o nosso homem! Corremos o risco de perdê-lo.

Mas nenhum guarda apareceu antes de passarem pela Porta des Ternes, e, já do outro lado, desistiram de contar com algum auxílio.

— Vamos nos separar — decidiu Sholmes. — O lugar está deserto.

Era o bulevar Victor-Hugo. Cada qual ficou com uma calçada e avançou, acompanhando o renque das árvores.

Seguiram assim por vinte minutos, até o momento em que Lupin dobrou à esquerda e margeou o Sena. Lá, viram-no descer até a beira do rio. Ficou ali alguns segundos sem que lhes fosse possível distinguir o que fazia. Em seguida, subiu o barranco e voltou por onde viera. Os detetives se esconderam entre os pilares de um portão. Lupin passou por eles. Não carregava mais nenhum embrulho.

Enquanto se afastava, outro indivíduo surgiu de uma reentrância da casa e se esgueirou entre as árvores.

Sholmes disse baixinho:

— Parece estar seguindo-o também.

— Sim, tenho a impressão de ter visto esse homem na ida.

A caçada recomeçou, embora complicada pela presença do indivíduo. Seguindo pelo mesmo caminho, Lupin atravessou novamente a Porta des Ternes e retornou ao prédio da praça Saint-Ferdinand.

O porteiro estava em seu posto quando Ganimard se apresentou.

— O senhor o viu, não foi?

— Sim, eu estava apagando o gás da escada, ele empurrou o ferrolho de sua porta.

— Há alguém com ele?

— Ninguém, nenhum criado… Ele nunca faz as refeições aqui.

— Não existe uma escada de serviço?

— Não.

Ganimard disse a Sholmes:

— O mais simples é eu me instalar na própria porta de Lupin, enquanto o senhor vai chamar o comissário de polícia da rua Demours. Escreverei um bilhete para ele.

Sholmes objetou:

— E se ele escapar nesse ínterim?

— Eu não disse que vou ficar?...

— Um contra um, a luta é desigual com ele.

— Em todo caso, não posso arrombar seu domicílio, não tenho esse direito, principalmente à noite.

Sholmes deu de ombros.

— Quando o senhor tiver detido Lupin, não o questionarão sobre as circunstâncias da prisão. Aliás, pense bem! Basta tocar a campainha. Veremos então o que vai acontecer.

Nenhum barulho. Tocou novamente. Ninguém.

— Entremos — murmurou Sholmes.

— Sim, vamos.

No entanto, permaneceram imóveis, vacilantes. Como pessoas que hesitam no momento de realizar um ato decisivo, temiam agir, e pareceu-lhes subitamente impossível que Arsène Lupin estivesse ali, tão perto, atrás daquela frágil divisória que um soco podia derrubar. Ambos conheciam bem demais o diabólico personagem para admitir que ele se deixasse agarrar de modo tão estúpido. Não, não, mil vezes não, Lupin não estava mais ali. Pelas casas contíguas, pelos telhados, por uma determinada saída convenientemente preparada, devia ter fugido, e, mais uma vez, capturariam apenas uma sombra.

Sentiram um arrepio. Um ruído imperceptível, do outro lado da porta, pareceu roçar o silêncio. Tiveram a impressão, a certeza, de que afinal de contas ele estava ali, separado pela tênue divisória de madeira, e que os escutava, que os ouvia.

O que fazer? A situação era trágica. A despeito do sangue-frio de policiais tarimbados, os dois viviam uma emoção tão grande que imaginavam sentir seus corações batendo.

Com o rabo do olho, Ganimard consultou Sholmes. Então, violentamente, com um soco, fez estremecer o batente da porta.

Novo ruído de passos, um que agora não procurava mais se dissimular… Ganimard sacudiu a porta. Sholmes, projetando o ombro com um impulso irresistível, derrubou-a. Em seguida, investiram.

Estacaram. Um tiro reverberou no cômodo ao lado. Mais um, e o barulho de um corpo caindo…

Quando entraram, viram o homem estendido, a face colada no mármore da lareira. Teve uma convulsão. O revólver caiu de sua mão.

Ganimard se debruçou e virou a cabeça do defunto. Estava coberta de sangue, que escorria de dois grandes ferimentos, um na face, outro na têmpora.

— Está irreconhecível — murmurou.

— Claro! — reagiu Sholmes. — Não é ele.

— Como sabe? Nem sequer o examinou.

O inglês riu:

— Acha que Arsène Lupin seria capaz de se matar?

— No entanto, achamos que era ele enquanto estava na rua…

— Achamos porque queríamos achar. Esse homem nos deixa atordoados.

— Então é um de seus cúmplices.

— Os cúmplices de Arsène Lupin não se matam.

— Então quem é?

Revistaram o cadáver. Num dos bolsos, Herlock Sholmes encontrou uma carteira vazia, em outro Ganimard encontrou alguns luíses. Na ceroula, nenhuma etiqueta, tampouco nas roupas.

Nos baús — um baú grande e duas malas —, nada senão pertences pessoais. Sobre a lareira, um maço de jornais. Ganimard abriu-os. Todos falavam do roubo da lâmpada judaica.

Uma hora depois, ao deixarem o local, Ganimard e Sholmes continuavam sem saber muita coisa sobre o singular personagem que haviam impelido ao suicídio.

Quem era? Por que se matara? Que elo o associava ao caso da lâmpada judaica? Quem o seguira durante seu passeio? Quantas perguntas, uma mais complexa que a outra… Quantos mistérios…

Herlock Sholmes foi deitar-se de péssimo humor. Ao acordar, recebeu um telegrama nos seguintes termos:

Arsène Lupin tem a honra de lhes participar sua trágica morte na pessoa do senhor Bresson, e convidá-los para assistir às suas exéquias, missa e enterro, a serem realizados às expensas do Estado, quinta-feira, 25 de junho.

2

— Veja, meu velho camarada — dizia Sholmes a Wilson, agitando o telegrama de Arsène Lupin —, o que me exaspera nesta aventura é sentir continuamente o olho desse demoníaco *gentleman* pousar em mim. Nenhum dos meus pensamentos mais secretos lhe escapa. Comporto-me como um ator cujos passos são todos determinados por uma encenação rigorosa, que anda até certo ponto e diz certa frase porque assim o quis uma vontade superior. Você me entende, Wilson?

Wilson certamente o teria entendido se não estivesse dormindo o sono profundo de um homem cuja temperatura oscila entre quarenta e um e quarenta e dois graus. Mas, ele ouvindo ou não, isso não tinha nenhuma importância para Sholmes, que continuou:

— Preciso recorrer a toda a minha energia e pôr em prática todos os meus recursos para não desanimar. Por sorte, no meu caso, essas pequenas zombarias são meras alfinetadas que me estimulam. Aplacado o ardor da picada, cicatrizada a ferida no amor-próprio, sempre consigo dizer: "Divirta-se enquanto pode, meu caro. Mais cedo ou mais tarde, você mesmo se trairá". Pois, afinal, Wilson, não foi Lupin, com sua primeira mensagem e a reflexão que ela sugeriu à pequena Henriette, que me entregou o segredo de sua correspondência com Alice Demun? Está se esquecendo desse detalhe, velho camarada.

Ele circulava pelo quarto, com passadas sonoras, ameaçando acordar o velho camarada.

— Enfim! As coisas não vão tão mal e, se os caminhos em que me encontro são um pouco escuros, começo a me achar neles. Em primeiro lugar, vou me concentrar no senhor Bresson. Ganimard e eu logo iremos à

beira do Sena, ao lugar onde Bresson jogou fora seu embrulho, e o papel do cavalheiro nos será revelado. De resto, é uma partida a ser jogada entre Alice Demun e eu. É um adversário de pequena envergadura, hein, Wilson? E não acha que daqui a pouco desvendarei a frase do álbum e o significado das duas letras isoladas, o C e o H? Pois tudo reside aí, Wilson.

A senhorita entrou no mesmo instante e, percebendo Sholmes, que gesticulava, advertiu-o gentilmente:

— Senhor Sholmes, terei de repreendê-lo se acordar meu doente. Ele não deve ser perturbado. O médico recomendou repouso absoluto.

Ele a contemplava sem uma palavra, espantado, como no primeiro dia, com sua calma inexplicável.

— Por que está me olhando assim, senhor Sholmes? Nada? Claro que há… O senhor parece estar sempre desconfiando de alguma coisa… O que é? Responda, por favor.

Ela o interrogava com sua fisionomia franca, seus olhos ingênuos, sua boca risonha, e com todos os seus movimentos também, pois juntara as mãos e projetara o busto ligeiramente. Havia nela tanta candura que o inglês sentiu raiva. Aproximou-se e lhe disse baixinho:

— Bresson se matou ontem.

Ela repetiu, sem parecer compreender:

— Bresson se matou ontem…

De fato, nenhum espasmo alterou seu rosto, nada que revelasse o esforço da dissimulação.

— A senhorita já sabia — ele atalhou, com irritação. — Caso contrário, teria ao menos estremecido… Ah, a senhorita é mais forte do que eu julgava… Mas por que dissimular?

Ele pegou o álbum de imagens que acabava de colocar numa mesa próxima e, abrindo na página recortada:

— Poderia me dizer em que ordem devemos dispor as letras que faltam aqui, para eu conhecer o teor exato do bilhete que enviou a Bresson quatro dias antes do roubo da lâmpada judaica?

— Em que ordem?... Bresson?... O roubo da lâmpada judaica?...

Ela repetia as palavras, lentamente, como se lhes procurando o sentido.

Ele insistiu.

— Sim. Eis as letras utilizadas… nesse pedaço de papel. O que dizia a Bresson?

— As letras utilizadas… o que eu dizia…

Subitamente, ela caiu na risada:

— É isso! Compreendo! Sou a cúmplice do roubo! Há um senhor Bresson que roubou a lâmpada judaica e se matou. E eu sou a amiga desse senhor. Oh, como é divertido!

— Quem então a senhora foi encontrar ontem à noite, no segundo andar do prédio da avenida des Ternes?

— Quem? Ora, minha modista, a senhorita Langeais. Será que minha modista e o meu amigo Bresson não seriam a mesma pessoa?

Apesar de tudo, Sholmes duvidou. Podemos fingir, com o intuito de enganar, simulando terror, alegria, inquietude, mas não indiferença, não um riso feliz e despreocupado.

Mesmo assim, ainda lhe disse:

— Uma última palavra: por que na outra noite, na Gare du Nord, a senhorita me abordou? E por que me suplicou que regressasse imediatamente, sem resolver esse caso?

— Ah, o senhor é curioso demais, senhor Sholmes — respondeu ela, rindo sempre da maneira mais natural. — Como castigo, nada saberá; além disso, cuidará do doente enquanto vou à farmácia. Uma receita urgente… Darei um pulo até lá.

Saiu.

— Fui enrolado — murmurou Sholmes. — Não só não arranquei nada dela, como ainda me revelei.

E lembrou-se do caso do diamante azul e do interrogatório a que submetera Clotilde Destange. Não havia acabado de ver a mesma serenidade que a Mulher Loura lhe opusera, não estava novamente diante de uma dessas criaturas que, protegidas por Arsène Lupin, sob a ação direta de sua influência, conservam na própria angústia do perigo a calma mais estarrecedora?

— Sholmes… Sholmes…

Ele foi até Wilson, que o chamava, e se inclinou sobre o ferido.

— O que há, velho camarada? Está doendo?

Wilson remexeu os lábios sem conseguir falar. Afinal, após grandes esforços, gaguejou:

— Não… Sholmes… Não é ela… É impossível que seja ela…

— O que está cacarejando aí? Estou dizendo que é ela! Só perante uma criatura de Lupin, elaborada e montada por ele, é que perco a cabeça e me comporto tão estupidamente… Ei-la agora que conhece toda a história do álbum… Aposto que antes de uma hora Lupin será avisado. Antes de uma hora? O que digo! Imediatamente! O farmacêutico, a receita urgente… conversa fiada!

Esquivou-se rapidamente, desceu a avenida de Messine e avistou a senhorita, que entrava numa farmácia. Ela reapareceu dez minutos mais tarde, com frascos e uma garrafa embrulhados em papel branco. Contudo, enquanto subia a avenida, foi abordada por um homem que a perseguiu, de boné na mão e ar obsequioso, como se pedisse uma ajuda.

Ela parou e deu-lhe uma esmola, depois seguiu adiante. "Ela falou com ele", ruminou o inglês.

Mais que uma certeza, foi uma intuição, suficientemente forte, todavia, para que mudasse de tática. Abandonando a moça, lançou-se na pista do falso mendigo.

Chegaram assim, um atrás do outro, à praça Saint-Ferdinand, onde o homem vagou um bom tempo em torno do prédio de Bresson, às vezes erguendo os olhos para as janelas do segundo andar e vigiando as pessoas que entravam no prédio.

Ao cabo de uma hora, subiu na plataforma superior de um bonde em direção a Neuilly. Sholmes também subiu e sentou atrás do indivíduo, um pouco mais longe, e ao lado de um senhor encoberto pelas folhas de um jornal aberto. Nas fortificações, o jornal abaixou, Sholmes percebeu Ganimard, e este lhe disse ao ouvido, referindo-se ao indivíduo:

— É o nosso homem de ontem à noite, aquele que seguia Bresson. Faz uma hora que dá voltas na praça.

— Nada de novo no que se refere a Bresson? — perguntou Sholmes.

— Sim, uma carta endereçada a ele chegou nesta manhã.

— Nesta manhã? Então foi postada ontem, antes que o remetente soubesse da morte de Bresson.

— Precisamente. Ela está nas mãos do juiz de instrução. Mas decorei o teor: ele não aceita nenhuma negociação. Quer tudo, tanto a primeira coisa quanto as do segundo caso. Senão, vai agir. Não estava assinada — acrescentou Ganimard. — Como vê, essas linhas não nos dizem muita coisa.

— Não concordo com a sua opinião, senhor Ganimard. Ao contrário, essas linhas me parecem muito interessantes.

— E por quê, meu Deus?

— Por razões muito pessoais — respondeu Sholmes, com a sem-cerimônia que dispensava ao colega.

O bonde parou na rua du Château, no ponto final. O indivíduo desceu e se foi, calmamente.

Sholmes o escoltava e de tão perto que Ganimard teve receio:

— Se ele olhar para trás, estamos fritos.

— Ele não se voltará agora.

— Como sabe disso?

— É cúmplice de Arsène Lupin, e o fato de um cúmplice de Lupin caminhar assim, com as mãos nos bolsos, prova em primeiro lugar que ele sabe estar sendo seguido e, em segundo lugar, que nada teme.

— Mas estamos na cola dele!

— Não o suficiente para evitar que ele escorra pelos nossos dedos em poucos segundos. Está muito seguro de si.

— Calma lá! Calma lá! Deve estar de brincadeira… Logo ali, na porta daquele café, há dois policiais de bicicleta. Se eu os requisitar e abordar o personagem, pergunto-me como ele me escapará por entre os dedos.

— O personagem não parece se perturbar muito com essa eventualidade.

É ele mesmo que os requisita!

— Miserável — praguejou Ganimard. — Que audácia!

Com efeito, o indivíduo avançou na direção dos policiais no momento em que estes se preparavam para montar em suas bicicletas. Disse-lhes algumas palavras; depois, subitamente, saltou sobre uma terceira bicicleta, que estava recostada na fachada do café, e se afastou rapidamente com os dois guardas.

O inglês caiu na gargalhada.

— Que tal? Eu não tinha previsto isso? Um, dois, três, raptado! Por quem? Por dois colegas seus, senhor Ganimard. Ah, que espertalhão esse Arsène Lupin! Policiais de bicicleta na folha de pagamento! Quando eu lhe dizia que nosso personagem estava calmo demais!

— E daí? — exclamou Ganimard, vexado. — O que fazemos agora? É muito cômodo rir!

— Vamos, vamos, não se zangue. Nós nos vingaremos. No momento, precisamos de reforços.

— Folenfant me espera no fim da avenida de Neuilly.

— Muito bem, pegue-o na passagem e venha juntar-se a mim.

Ganimard se afastou, enquanto Sholmes seguia os rastros das bicicletas, ainda mais visíveis na rua poeirenta, uma vez que duas delas estavam equipadas com pneus estriados. Ele não demorou a perceber que os rastros o conduziam à beira do rio e que os três homens haviam desviado para o mesmo lado que Bresson na noite da véspera. Logo alcançou o portão junto ao qual ele mesmo se escondera com Ganimard e, um pouco adiante, percebeu que as linhas estriadas se emaranhavam, provando que haviam parado naquele local. Bem defronte, havia uma pequena língua de terreno que entrava no Sena e em cuja ponta estava amarrada uma velha balsa.

Era ali que Bresson devia ter jogado fora seu embrulho, ou melhor, deixou-o cair. Sholmes desceu o barranco e constatou que, como o barranco descia num declive bem suave e a água do rio estava baixa, seria fácil encontrar o embrulho… a menos que os três homens houvessem tomado a dianteira.

"Não, não", pensou, "não tiveram tempo para isso… quinze minutos no máximo… e, no entanto, por que passaram por aqui?"

Um pescador estava sentado no barco. Sholmes perguntou:

— Não viu três homens de bicicleta?

O pescador fez sinal que não.

O inglês insistiu:

— Viu sim… Três homens… Acabam de parar a dois passos do senhor…

O pescador colocou sua linha embaixo do braço, pegou um bloquinho no bolso, escreveu numa das páginas, arrancou-a e estendeu-a a Sholmes.

Um grande calafrio sacudiu o inglês. Num relance vira, no centro da página que segurava, a série das letras arrancadas do álbum:

CDEHNOPRESO-237

Um sol pesado caía sobre o rio. O homem voltara aos seus afazeres, abrigado sob as vastas abas de um chapéu de palha, com seu paletó e o colete dobrados juntos de si. Pescava concentradamente, enquanto a cortiça da linha boiava na superfície.

Um minuto se escoou, um minuto de solene e terrível silêncio. "Será ele?", pensava Sholmes com uma ansiedade quase dolorosa. E num lampejo:

"É ele! É ele! Só ele é capaz de permanecer assim sem um tremor de inquietude, sem temer nada quanto ao que vai acontecer… E quem mais saberia da história do álbum? Alice o avisou por meio de seu mensageiro."

De repente, o inglês percebeu que sua mão, que sua própria mão agarrara a coronha do revólver e que seus olhos miravam as costas do indivíduo, um pouco abaixo da nuca. Um gesto, e todo o drama se concluiria, a vida do estranho aventureiro terminaria miseravelmente.

O pescador não se mexeu.

Sholmes apertou nervosamente a arma com uma vontade ferrenha de atirar e acabar com aquilo, e ao mesmo tempo horrorizado diante de um ato que contrariava sua natureza. A morte era certa. Seria o fim.

"Ah", pensou, "que ele se levante, que se defenda… senão pior para ele… Mais um segundo… e eu atiro…"

Contudo, o ruído de passos fez com que virasse a cabeça, e ele avistou Ganimard, chegando na companhia dos inspetores.

Então, mudando de ideia, tomou impulso e, com um salto, pulou para o barco, cujas amarras arrebentaram com o tranco, caiu sobre o homem e deu-lhe uma gravata. Ambos rolaram no fundo da embarcação.

— E depois? — exclamou Lupin, enquanto se debatia. — O que isso prova? Quando um de nós imobilizar o outro, estaremos bem avançados! O senhor não saberá o que fazer de mim, nem eu do senhor. Ficaremos aqui como dois imbecis…

Os dois remos caíram na água. O barco se foi à deriva. Exclamações se entrecruzavam ao longo da margem, enquanto Lupin continuava:

— Que ideia, cavalheiro! Então perdeu a noção das coisas! Uma tolice dessas na sua idade! Um menino crescido como o senhor! Que coisa mais feia!...

Ele conseguiu se desvencilhar.

Exasperado, decidido a tudo, Herlock Sholmes pôs a mão no bolso.

Soltou um palavrão. Lupin pegara seu revólver.

Então ele se pôs de joelhos e tentou alcançar um dos remos a fim de chegar à margem, ao passo que Lupin corria atrás do outro, a fim de se afastar dela.

— Vai alcançar… não vai alcançar — dizia Lupin. — Aliás, isso não tem a mínima importância… Se alcançar o seu remo, impeço-o de usá-lo… e o senhor, idem. Mas veja bem, na vida nos esforçamos para agir… sem a menor razão, uma vez que é sempre a sorte que decide… Aí é que está, entendeu, a sorte… Pois bem, ela pende para o seu velho Lupin… Vitória! A correnteza me favorece!

Com efeito, o barco tendia a se afastar.

— Cuidado — gritou Lupin.

Alguém, na margem, apontava um revólver. Ele abaixou a cabeça, uma detonação ressoou, um pouco d'água espirrou perto deles. Lupin desatou a rir.

— Deus me perdoe, é nosso amigo Ganimard! Mas é muito feio o que está fazendo, Ganimard. Você só tem o direito de atirar em caso de legítima defesa… Esse pobre Arsène o deixa feroz a ponto de esquecer todos os seus deveres? Que coisa, meu Deus, lá vai ele de novo! Ora, infeliz, é no meu caro mestre que você vai acertar.

Ele protegeu Sholmes com seu corpo e, de pé na balsa, postou-se de frente para Ganimard:

— Ótimo! Agora estou tranquilo… Mire aqui, Ganimard, bem no coração… mais alto… à esquerda… Errou. Que desastrado. Mais um tiro! Mas está tremendo, Ganimard… É você que está no comando, não é? Sangue-frio! Um, dois, três, fogo!... Errou! Que absurdo, o governo lhe dá então brinquedo de criança como pistola?

Ele sacou então um longo revólver, maciço e liso. Sem mirar, atirou. O inspetor levou a mão ao chapéu: uma bala o atravessara.

— O que me diz, Ganimard? Ah! esse vem de uma boa fábrica. Respeito, senhores, é o revólver do meu nobre amigo, mestre Herlock Sholmes!

E, com um arremesso, lançou a arma exatamente nos pés de Ganimard.

Sholmes não conseguia se abster de sorrir e admirar. Que vida fervilhante! Que alegria jovem e espontânea! E como ele parecia se divertir. Parecia que a sensação do perigo lhe insuflava uma euforia física e que para esse homem extraordinário a existência não tinha outro objetivo senão a busca de perigos que em seguida ele se divertia em exorcizar.

De ambos os lados do rio, contudo, pessoas se espremiam, e Ganimard e seus homens seguiam a embarcação que oscilava ao largo, tranquilamente

carregada pela corrente. Era a captura inevitável, matemática.

— Confesse, mestre — exclamou Lupin, voltando-se para o inglês —, que não trocaria o seu lugar nem por todo o ouro do Transvaal! É que o senhor está na primeira fila! Mas, em primeiro lugar e acima de tudo, o prólogo… depois do que pularemos direto para o quinto ato, a captura ou a evasão de Arsène Lupin. Portanto, caro mestre, tenho uma pergunta a lhe fazer e suplico, a fim de que não haja equívoco, que responda com um sim ou um não. Desista de cuidar desse caso. Ainda é tempo para isso e posso reparar o mal que lhe causei. Mais tarde, não poderei mais. Está combinado?

— Não.

O rosto de Lupin se contraiu. Visivelmente, aquela obstinação o irritava. Continuou:

— Eu insisto. Mais pelo senhor do que por mim, repito, pois estou certo de que será o primeiro a lamentar sua intervenção. Pela última vez, sim ou não?

— Não.

Lupin pôs-se de cócoras, deslocou uma das tábuas do fundo e, durante alguns minutos, executou um trabalho cujo propósito Sholmes não conseguiu discernir. Em seguida, levantou-se, sentou ao lado do inglês e lhe falou nos seguintes termos:

— Creio, mestre, que viemos até a beira deste rio por razões idênticas: pescar o objeto de que Bresson se livrou, não foi? De minha parte, eu tinha marcado com alguns camaradas e estava prestes, e meus trajes sumários indicam isso, a efetuar uma pequena exploração nas profundezas do Sena, quando meus amigos me avisaram de sua chegada. Confesso, aliás, que não fiquei surpreso com isso, estando informado hora a hora, ouso dizer, dos progressos de sua investigação. É tão fácil. Assim que acontece qualquer coisa suscetível de me interessar na rua Murillo, basta um telefonema e sou avisado! Compreenda que, nestas condições…

Parou. A tábua que ele afastara soerguia-se agora e, em volta dela, a água esguichava em pequenos jatos.

— Diabos, ignoro o que fiz, mas tenho todos os motivos para pensar que há um vazamento no fundo desta pequena embarcação. Não está com medo, mestre?

Sholmes deu de ombros. Lupin continuou:

— Compreenda então que, nestas condições, sabendo antecipadamente que o senhor procuraria a luta com a mesma obsessão com que eu me esforçava para evitá-la, era mais agradável para mim disputar com o senhor um jogo cujo desfecho era certo, uma vez que tenho todos os trunfos na mão. E quis dar ao nosso encontro a maior visibilidade possível, a fim de que sua derrota fosse universalmente conhecida e que outra condessa de Crozon ou outro Barão d'Imblevalle não ficassem tentados a solicitar sua ajuda contra mim. Não veja nisso, caro mestre…

Calou-se novamente e, fazendo uma luneta com as mãos, observou as margens.

— Diabos! Eles fretaram uma soberba canoa, um verdadeiro navio de guerra, e ei-los remando feito loucos. Antes de cinco minutos, eles nos abordarão e estarei perdido. Senhor Sholmes, um conselho: o senhor se joga sobre mim, amarra-me e me entrega à justiça do meu país… Tal plano lhe agrada? A menos que, daqui até lá, naufraguemos. Nesse caso só nos resta preparar nosso testamento. O que acha?

Seus olhares se cruzaram. Dessa vez Sholmes entendeu a manobra de Lupin: ele furara o fundo da embarcação. E a água subia.

Ela alcançou as solas de suas botinas. Cobriu seus pés: eles não esboçaram nenhum movimento.

A água subiu até os seus tornozelos: o inglês pegou sua bolsa de fumo, enrolou um cigarro e o acendeu.

Lupin prosseguiu:

— E não veja nisso, caro mestre, senão a humilde confissão de minha impotência a seu respeito. É em respeito ao senhor que aceito apenas as batalhas em que a vitória me esteja reservada, a fim de evitar aquelas cujo terreno não escolhi. É por reconhecer em Sholmes o único inimigo que temo e proclamar minha inquietude enquanto Sholmes não for retirado do meu caminho. Eis, caro mestre, o que eu fazia questão de lhe dizer, uma vez que o destino me concede a honra de uma conversa com o senhor. Só lastimo uma coisa, é que essa conversa se dê enquanto lavamos nossos pés!... Situação que carece de dignidade, confesso… O que digo! Banho nos pés!... Banho de assento, isso sim!

A água, de fato, alcançava o banco onde sentavam, e o barco afundava cada vez mais.

Sholmes, imperturbável, cigarro nos lábios, parecia absorto na contemplação do céu. Por nada no mundo, diante daquele homem envolto em perigos, cercado pela multidão, acuado pela matilha de agentes, e que no entanto conservava seu bom humor, por nada no mundo teria consentido em demonstrar qualquer perturbação.

O quê?! Os dois não pareciam dizer: vou esquentar a cabeça por causa de tais futilidades? Não acontece todo dia de nos afogarmos num rio? Será que tais fatos merecem nossa atenção? E um tagarelava e o outro devaneava, ambos escondendo sob a mesma máscara de tranquilidade o choque formidável de seus dois orgulhos.

Mais um minuto e afundariam.

— O essencial — formulou Lupin — é saber se iremos a pique antes ou depois da chegada dos paladinos da justiça. Tudo reside nisso. Pois o naufrágio é ponto pacífico. Mestre, é a hora solene do testamento. Lego toda a minha fortuna a Herlock Sholmes, cidadão inglês, com a condição de… Mas, meu Deus, os paladinos da justiça avançam rápido! Ah, bons rapazes! Dão prazer de ver. Que precisão na remada! Ei, mas é o senhor, brigadeiro Folenfant? Bravo! A ideia do navio de guerra é excelente. Vou recomendá-lo a seus superiores, brigadeiro Folenfant… É a medalha que o senhor deseja? Entendido… considere feito. E seu camarada Dieuzy, onde está? Na margem esquerda, não é mesmo, acompanhado de uma centena de indígenas?... De maneira que, se eu escapar do naufrágio, sou recolhido à esquerda por Dieuzy e seus indígenas, ou à direita por Ganimard e as populações de Neuilly. Dilema atroz…

Houve um remoinho. A embarcação virou, e Sholmes teve de se agarrar ao encaixe dos remos.

— Mestre — disse Lupin —, suplico-lhe que tire o seu paletó. Ficará mais à vontade para nadar. Não? Recusa-se? Então vestirei novamente o meu.

Enfiou o paletó, abotoou-o hermeticamente como fizera Sholmes e suspirou:

— Como o senhor é durão! Pena haver teimado em se meter neste caso… no qual certamente mostra seus recursos, mas tão em vão! Sério, o senhor desperdiça sua genialidade…

— Senhor Lupin — pronunciou Sholmes, saindo finalmente do seu mutismo —, o senhor fala demais, e com frequência peca por excesso de

confiança e leviandade.

— A crítica é severa.

— Pois assim, sem saber, o senhor me forneceu há um instante a informação que eu procurava.

— Como! O senhor procurava uma informação e não me dizia!

— Não preciso de ninguém. Daqui a três horas fornecerei a chave do enigma ao senhor e à senhora d'Imblevalle. Eis a única resposta…

Não terminou sua frase. O barco soçobrara de repente, arrastando a ambos. Emergiu logo depois, virado, com o casco para cima. Ouviram-se gritos nas duas margens, depois reinou um silêncio ansioso e, subitamente, novas exclamações: um dos náufragos reaparecera.

Era Herlock Sholmes.

Excelente nadador, dirigiu-se com largas braçadas para o barco de Folenfant.

— Força, senhor Sholmes — gritou o brigadeiro —, estamos aqui… Não esmoreça… Cuidaremos dele depois… Nós o pegamos, vamos… Um pequeno esforço, senhor Sholmes… Segure a corda…

O inglês agarrou uma corda que lhe estendiam. Porém, enquanto se içava a bordo, uma voz, atrás dele, interpelou-o:

— A chave do enigma, caro mestre, claro, o senhor possuirá. Espanta-me ainda não ter feito isso… E depois? De que lhe servirá? Nesse momento, justamente, a batalha estará perdida para o senhor…

Montado no casco onde acabara de subir enquanto perorava, e agora confortavelmente instalado, Arsène Lupin prosseguia seu discurso com gestos solenes, como se esperasse convencer seu interlocutor.

— Compreenda, caro mestre, não há o que fazer, absolutamente nada… O senhor está na situação deplorável de um cavalheiro…

Folenfant o enquadrou:

— Renda-se, Lupin.

— O senhor é um grosseirão, brigadeiro Folenfant. Cortou-me no meio da frase. Eu dizia…

— Renda-se, Lupin.

— Por Deus, brigadeiro Folenfant, a gente só se rende quando está em perigo. Ora, o senhor não tem a pretensão de crer que corro algum perigo!

— Pela última vez, Lupin, intimo-o a se render.

— Brigadeiro Folenfant, o senhor não tem a mínima intenção de me matar, no máximo me ferir, de tal forma tem medo que eu escape. E se por acaso o ferimento for mortal? Ora, pense na culpa que vai sentir, infeliz! Na sua velhice envenenada!...

O tiro partiu.

Lupin vacilou, agarrou-se por um instante no casco virado, depois se soltou e desapareceu.

Eram exatamente três horas quando esses acontecimentos se produziram. Às seis em ponto, como prometera, Herlock Sholmes, vestindo uma calça pesca-siri e um paletó abaixo do seu número, que pegara emprestado de um hoteleiro de Neuilly, usando um boné e paramentado com uma camisola de flanela e uma faixa de seda amarrada na cintura, entrou na alcova da rua Murillo, após mandar avisar ao senhor e à senhora d'Imblevalle que lhes pedia uma entrevista.

Encontraram-no andando para lá e para cá. E ele lhes pareceu tão cômico em seu traje extravagante que tiveram de reprimir uma forte vontade de rir. Com o semblante pensativo, as costas curvadas, andava feito um robô, da janela até a porta e da porta até a janela, em todas as vezes com o mesmo número de passos e girando todas as vezes no mesmo sentido.

Parou, pegou um bibelô, examinou-o mecanicamente, depois retomou a perambulação.

Por fim, plantando-se à frente deles, perguntou:

— A senhorita está na casa?

— Sim, no jardim, com as crianças.

— Senhor barão, como a conversa que vamos ter é definitiva, eu gostaria que a senhorita Demun estivesse presente.

— Será, realmente?...

— Tenha um pouco de paciência, cavalheiro. A verdade brotará claramente dos fatos que exporei diante dos senhores com a maior precisão possível.

— Está bem. Suzanne, você pode?...

A senhora d'Imblevalle se levantou e voltou quase imediatamente, acompanhada de Alice Demun. A senhorita, mais pálida do que de costume, permaneceu de pé, recostada a uma mesa, e nem mesmo perguntou a razão de estar ali.

Sholmes pareceu não vê-la e, voltando-se bruscamente para o senhor d'Imblevalle, articulou num tom que não admitia réplica:

— Após vários dias de investigação, senhor, e embora certos acontecimentos tenham modificado minha maneira de ver as coisas, repetirei aquilo que lhe disse desde o primeiro momento: a lâmpada judaica foi roubada por alguém que mora nesta casa.

— O nome do culpado?

— Eu o conheço.

— As provas?

— Bastarão para encurralá-lo.

— Não basta que ele seja encurralado. Ele também terá de nos restituir…

— A lâmpada judaica? Eu a tenho em meu poder.

— O colar de opalas? A tabaqueira?...

— O colar de opalas, a tabaqueira, em suma, tudo que lhe foi roubado da segunda vez está em meu poder.

Sholmes apreciava esses efeitos dramáticos e essa maneira um pouco seca de anunciar suas vitórias.

De fato, o barão e sua mulher pareciam estupefatos, observando-o com uma curiosidade silenciosa que era o melhor dos elogios.

Empreendeu então, no detalhe, o relato do que fizera durante os últimos três dias. Contou a descoberta do álbum, escreveu numa folha de papel a frase formada pelas letras recortadas, depois relatou a expedição de Bresson à beira do Sena e o suicídio do aventureiro, e por fim a luta que ele, Sholmes, acabara de travar com Lupin, o naufrágio do barco e o desaparecimento de Lupin.

Quando terminou, o barão disse baixinho:

— Só lhe resta agora revelar o nome do culpado. Quem então o senhor acusa?

— Acuso a pessoa que recortou as letras desse alfabeto e se comunicou por meio dessas letras com Arsène Lupin.

— Como sabe que o correspondente dessa pessoa é Arsène Lupin?

— Pelo próprio Lupin.

Estendeu um pedaço de papel molhado e amassado. Era a página que Lupin arrancara de sua caderneta, no barco, e no qual escrevera a frase codificada.

— Repare — observou Sholmes com satisfação — que nada o obrigava a me entregar essa folha e, por conseguinte, a se desmascarar. Simples criancice de sua parte e que me informou.

— Que o informou… — disse o barão. — Entretanto, não vejo nada… Sholmes copiou com lápis as letras e os algarismos.

CDEHNOPRSEO-237

— E daí? — perguntou o senhor d'Imblevalle. — É a fórmula que o senhor mesmo acaba de nos mostrar.

— Não, se o senhor tivesse virado e revirado essa fórmula em todos os sentidos, teria visto prontamente, como eu vi, que ela não é semelhante à primeira.

— E em que então?

— Ela compreende duas letras a mais, um E e um O.

— Com efeito, eu não tinha observado.

— Aproxime essas duas letras do C e do H que ficavam fora da palavra "responde!" e constatará que a única palavra possível é *ECHO*.

— O que significa?...

— O que significa O *Écho de France*, o jornal de Lupin, seu órgão oficial, ao qual ele reserva seus "comunicados". Responda ao "*Écho de France*, seção de correspondência, número 237". Era essa a chave do enigma que eu tanto procurava e que Lupin me forneceu com tanta boa vontade. Estou chegando da redação do *Écho de France*.

— E o senhor descobriu...

— Descobri toda a história detalhada das relações de Arsène Lupin com sua cúmplice.

E Sholmes espalhou sete jornais abertos na quarta página, dos quais destacou estas sete linhas:

1. *ARS. LUP. Mulher impl. proteç. 540.*

2. *540. Espera explicações. A.L.*

3. *A. L. Sob domin. inimiga. Perdida.*

4. *540. Escreva endereço. Farei investigação.*

5. *A. L. Murillo.*

6. *540. Parque três horas. Violetas.*

7. *237. Entendido sáb. estarei dom. man. Parque.*

— E chama isso de história detalhada! — exclamou o senhor d'Imblevalle.

— Meu Deus, sim, e por pouco que preste atenção o senhor concordará comigo. Em primeiro lugar, uma mulher que assina 540 implora a proteção de Lupin, ao que Lupin responde com um pedido de explicações. A mulher responde que está sob o domínio de um inimigo, de Bresson, sem dúvida alguma, e que está perdida se não vierem em seu socorro. Lupin, que desconfia, que não ousa ainda entrar em contato com essa desconhecida, exige o endereço e propõe uma investigação. A mulher ainda hesita por quatro dias — consultem as datas — e por fim, pressionada pelos acontecimentos, influenciada pelas ameaças de Bresson, fornece o nome da rua onde mora, Murillo. No dia seguinte, Arsène Lupin anuncia que estará no parque Monceau às três horas e pede a sua desconhecida que leve um buquê de violetas como sinal de identificação. Ocorre então uma interrupção de oito dias na correspondência. Arsène Lupin e a mulher não precisam se escrever por intermédio do jornal: encontram-se ou escrevem-se diretamente. O plano está urdido para satisfazer as exigências de Bresson, a mulher roubará a lâmpada judaica. Resta marcar o dia. A mulher, que, por prudência, se corresponde com a ajuda de palavras recortadas e coladas, se decide pelo sábado e acrescenta: *Responda Écho 237*. Lupin lhe responde que está combinado e que, além disso, estará no parque no domingo de manhã. No domingo de manhã, o roubo é efetuado.

— Com efeito, tudo se encadeia — aprovou o barão —, a história está completa.

Sholmes prosseguiu:

— Então o roubo é executado. A mulher sai no domingo de manhã, presta contas a Lupin do que fez e leva a lâmpada judaica para Bresson. As coisas se passam então como Lupin previra. A justiça, iludida por uma janela aberta, quatro buracos na terra e dois arranhões numa sacada, admite imediatamente a hipótese de roubo por arrombamento. A mulher está tranquila.

— Que seja — disse o barão —, admito que essa explicação é bastante lógica. Mas o segundo roubo…

— O segundo roubo foi provocado pelo primeiro. Como os jornais contaram como a lâmpada judaica desaparecera, alguém teve a ideia de reproduzir o assalto e se apoderar do que não havia sido levado. E dessa vez não foi um roubo simulado, mas um roubo real, com arrombamento de verdade, escalada etc.

— Lupin, evidentemente…

— Não, Lupin não age de forma tão estúpida. Lupin não atira nas pessoas por uma besteira qualquer.

— Então quem foi?

— Bresson, sem dúvida alguma, e à revelia da mulher que ele extorquira. Foi Bresson que entrou aqui, foi ele que persegui, foi ele que feriu meu pobre Wilson.

— Tem mesmo certeza disso?

— Absoluta. Um dos cúmplices de Bresson lhe escreveu ontem, antes do seu suicídio, uma carta que prova as negociações entabuladas entre esse cúmplice e Lupin com vistas à restituição de todos os objetos roubados na sua casa. Lupin exigia tudo, tanto a primeira coisa (isto é, a lâmpada judaica) quanto as do segundo caso. Além disso, vigiava Bresson. Quando este se dirigiu ontem à noite à beira do Sena, um dos companheiros de Lupin o seguia ao mesmo tempo que nós.

— O que Bresson ia fazer na beira do Sena?

— Avisado dos progressos de minha investigação…

— Avisado por quem?

— Pela mesma mulher, a qual temia pertinentemente que a descoberta da lâmpada judaica resultasse na descoberta de sua aventura… Avisado Bresson, portanto, ele reúne num único embrulho o que o pode comprometer e joga num lugar onde o pode recuperar quando o perigo passar. É na volta que, encurralado por Ganimard e por mim, tendo sem dúvida outros crimes na consciência, ele perde a cabeça e se mata.

— Mas o que continha o embrulho?

— A lâmpada judaica e seus outros bibelôs.

— Eles então não estão com o senhor?

— Logo após o desaparecimento de Lupin, aproveitei o banho que ele me obrigou a tomar para ser levado ao lugar escolhido por Bresson, onde encontrei, embrulhado em pano e lona encerada, o que lhe foi subtraído. Aqui está, sobre esta mesa.

Sem uma palavra, o barão cortou o barbante, rasgou com um golpe o pano molhado, retirou dali a lâmpada, girou um parafuso instalado sob o pé, fez força com as duas mãos sobre o recipiente, desatarraxou-o, abriu-o em duas partes iguais e descobriu a quimera de ouro, decorada com rubis e diamantes.

Estava intacta.

Havia em toda a cena, aparentemente tão natural, simples exposição de fatos, alguma coisa que a tornava terrivelmente trágica: era a acusação formal, direta, irrefutável que, a cada palavra sua, Sholmes lançava à senhorita. E também o silêncio impressionante de Alice Demun.

Durante essa longa e cruel acumulação de pequenas provas sobrepostas umas às outras, nenhum músculo de seu rosto se mexera, nenhuma explosão de revolta ou temor perturbara a serenidade de seu límpido olhar. Em que ela pensava? E, sobretudo, o que iria dizer no minuto solene em que tivesse de responder, em que teria de se defender e romper o círculo de ferro no qual Herlock Sholmes a aprisionava tão habilmente?

Esse minuto havia chegado, e a jovem manteve-se calada.

— Fale! Fale então! — exclamou o senhor d'Imblevalle.

Ela não falou. Ele insistiu:

— Uma palavra a desculparia… Uma palavra de revolta, e acreditarei na senhorita.

Essa palavra ela não falou.

O barão atravessou energicamente o recinto, voltou sobre seus passos, repetiu a operação e dirigiu-se a Sholmes:

— Pois bem, eu digo não, cavalheiro! Não posso admitir que seja verdade! Há crimes impossíveis! E este vai de encontro a tudo que sei, a tudo que vejo há um ano.

Ele pousou a mão no ombro do inglês.

— Mas o senhor mesmo, cavalheiro, tem certeza absoluta e definitiva de não estar enganado?

Sholmes hesitou, como alguém atacado de surpresa e cuja resposta não é imediata. No entanto, sorriu e disse:

— Somente a pessoa a quem acuso podia saber, pela situação que ocupa em sua casa, que a lâmpada judaica continha essa magnífica joia.

— Recuso-me a acreditar — murmurou o barão.

— Pergunte-lhe.

Era, com efeito, a única coisa que ele não teria tentado, na confiança cega que lhe inspirava a moça. Contudo, não podia mais se furtar às evidências.

Aproximou-se dela e, olhos nos olhos:

— Foi a senhorita? Foi a senhorita que pegou a joia? Foi a senhorita que se correspondeu com Arsène Lupin e simulou o roubo?

Ela respondeu:

— Fui eu, cavalheiro.

Não abaixou a cabeça. Sua fisionomia não exprimiu nem vergonha nem embaraço.

— Será possível! — murmurou o senhor d'Imblevalle. — Eu jamais teria acreditado… A senhorita seria a última pessoa de quem eu suspeitaria… Como se deu o roubo, infeliz?

Ela disse:

— Fiz como o senhor Sholmes contou. Na noite de sábado para domingo, desci até esta alcova, peguei a lâmpada e, de manhã, levei-a… para aquele homem.

— Não — objetou o barão —, o que a senhorita afirma é impossível.

— Impossível! E por quê?

— Porque de manhã encontrei a porta desta alcova fechada com ferrolho.

Ela ruborizou, ficou constrangida e olhou para Sholmes, como se lhe pedisse conselhos.

Mais do que pela objeção do barão, Sholmes pareceu chocado com o embaraço de Alice Demun. Ela então não tinha nada a responder? As confissões que consagravam a explicação que ele, Sholmes, fornecera sobre o roubo da lâmpada judaica porventura mascaravam uma mentira que a análise dos fatos destruía prontamente?

O barão continuou:

— Essa porta estava fechada. Afirmo que encontrei o ferrolho como o deixara na noite da véspera. Se a senhorita tivesse passado por essa porta, assim como afirma, teria sido necessário que alguém a recebesse do lado de dentro, isto é, da alcova ou de nosso quarto. Ora, não havia ninguém nesses dois cômodos… não havia ninguém a não ser minha mulher e eu.

Sholmes curvou-se na mesma hora e cobriu o rosto com as duas mãos a fim de disfarçar o rubor. Alguma coisa como uma luz forte demais o atingira, e ele sentia-se ofuscado, incomodado. Tudo se desvelava para ele qual uma paisagem escura da qual a noite se afastasse de repente.

Alice Demun era inocente.

Alice Demun era inocente. Havia nisso uma verdade inconteste, ululante, que ao mesmo tempo explicava a espécie de constrangimento que ele experimentava desde o primeiro dia em lançar a terrível acusação contra a moça. Via claro agora. Sabia. Um gesto, e a prova irrefutável se ofereceria a ele prontamente.

Ergueu a cabeça e, após alguns segundos, tão naturalmente quanto pôde, voltou os olhos para a senhora d'Imblevalle.

Estava pálida, dessa palidez incomum que nos invade nas horas implacáveis da vida. Suas mãos, que ela procurava esconder, tremiam imperceptivelmente.

"Mais um segundo", pensou Sholmes, "e ela se trai."

Colocou-se entre ela e o marido, com o desejo imperioso de afastar o terrível perigo que, por culpa sua, ameaçava aquele homem e aquela mulher. Mas, ao ver o barão, estremeceu no mais recôndito do seu ser. A mesma revelação súbita que o cegara com sua claridade iluminava agora o senhor d'Imblevalle. O mesmo raciocínio se operava no cérebro do marido. Ele compreendia por sua vez! Ele via!

Num gesto de desespero, Alice Demun se revoltou contra a verdade implacável.

— Tem razão, cavalheiro, eu me enganei… Com efeito, não entrei por aqui. Passei pelo vestíbulo e pelo jardim, e foi com a ajuda de uma escada…

Supremo esforço de devotamento… Mas esforço inútil! As palavras soavam falsas. A voz estava alquebrada, e a doce criatura não tinha mais seus olhos cristalinos e seu grande ar de sinceridade. Vencida, ela abaixou a cabeça.

O silêncio foi atroz. A senhora d'Imblevalle esperava, lívida, toda enrijecida pela angústia e o pavor. O barão parecia ainda se debater, como se não quisesse acreditar no colapso de sua felicidade.

Por fim, balbuciou:

— Fale! Explique-se!...

— Não tenho nada a lhe dizer, meu pobre querido — ela falou baixinho e com o rosto contorcido pela dor.

— Então… a senhorita…

— A senhorita me salvou… por devotamento… por afeição… e se incriminou…

— Salvou de quê? De quem?

— Daquele homem.

— Bresson?

— Sim, eu era o alvo de suas ameaças… Conheci-o na casa de uma amiga… e cometi a loucura de escutá-lo… Oh, nada que você não possa perdoar… No entanto, escrevi duas cartas… cartas que você verá… Eu as recuperei… Você sabe como. Oh! Tenha piedade de mim… chorei tanto!

— Você? Você? Suzanne!

Ele ergueu para a esposa os punhos cerrados, prestes a espancá-la, a matá-la. Mas seus braços tornaram a cair e ele murmurou novamente:

— Você, Suzanne? Você?... Será possível?!

Com pequenas frases entrecortadas, ela contou a tormentosa e banal aventura, seu despertar assustado diante da infâmia do personagem, seus remorsos, seu pânico, e referiu-se também ao comportamento admirável de Alice, a moça que adivinhava o desespero da patroa, arrancando-lhe sua confissão, escrevendo a Lupin e planejando aquela história de roubo para salvá-la das garras de Bresson.

— Você, Suzanne, você… — repetia o senhor d'Imblevalle, recurvado, aterrado. — Como pôde?...

Na noite desse mesmo dia, o vapor Ville-de-Londres, que fazia a linha entre Calais e Dover, deslizava lentamente sobre o espelho d'água. A noite estava escura e calma. Nuvens tranquilas insinuavam-se acima do barco e, à sua volta, tênues véus de bruma o separavam do espaço infinito, onde se espalhavam a claridade da lua e das estrelas.

A maioria dos passageiros havia se recolhido aos camarotes e salões.

Alguns, no entanto, mais intrépidos, passeavam no convés ou ainda cochilavam no fundo de amplas cadeiras de balanço e sob grossos cobertores. Aqui e ali se viam brasas acesas de charutos e ouvia-se, misturado ao suave sopro da brisa, um murmúrio de vozes que não ousavam se levantar diante do grande silêncio imponente.

Um dos passageiros, que vagava com passos regulares pelas amuradas, parou perto de uma pessoa estendida num banco, examinou-a e, como essa pessoa se mexia um pouco, disse-lhe:

— Achei que estava dormindo, senhorita Alice.

— Não, não, senhor Sholmes, não estou com sono. Reflito.

— Em quê? É indiscreto de minha parte perguntar?

— Eu pensava na senhora d'Imblevalle. Ela deve estar tão triste! Sua vida está perdida.

— Claro que não, claro que não — ele replicou prontamente. — Seu erro não é imperdoável. O senhor d'Imblevalle esquecerá essa fraqueza. Quando partimos, ele já olhava para ela com menos severidade.

— Talvez… mas o esquecimento vai demorar… e ela está sofrendo.

— Gosta muito dela?

— Muito. Foi o que me deu força para sorrir, quando tremia de medo, ao encarar o senhor, querendo fugir dos seus olhos.

— Está triste por separar-se dela?

— Muito triste. Não tenho parentes nem amigos… Eu só tinha a ela.

— A senhorita terá amigos — disse o inglês, comovido por aquela aflição —, eu lhe prometo… Tenho relações… muita influência… Asseguro-lhe que não lamentará sua situação.

— Pode ser, mas a senhora d'Imblevalle não estará mais comigo…

Não trocaram outras palavras. Herlock Sholmes deu ainda duas ou quatro voltas pelo convés, depois foi instalar-se novamente junto à sua companheira de viagem.

A cortina de bruma se dissipava, e as nuvens pareciam dividir-se no céu.

Estrelas cintilaram.

Sholmes puxou o cachimbo do fundo de sua capa, encheu-o e riscou sucessivamente quatro palitos de fósforo sem conseguir acendê-los. Como não tinha outros, levantou-se e perguntou a um cavalheiro que se encontrava sentado a alguns passos:

— Teria fogo, por favor?

O cavalheiro abriu uma caixa de fósforos grandes e riscou. Imediatamente uma chama irrompeu. Com a luz, Sholmes reconheceu Arsène Lupin.

Se o inglês não tivesse esboçado um pequeno gesto, um imperceptível recuo, Lupin poderia ter suposto que sua presença a bordo não era conhecida de Sholmes; de tal forma que este permaneceu senhor de si, e tão natural foi a desenvoltura com que estendeu a mão a seu adversário.

— Sempre em forma, senhor Lupin?

— Bravo! — exclamou Lupin, deixando escapar um grito de admiração diante de tal autocontrole.

— Bravo… E por quê?

— Como, por quê? O senhor me vê reaparecer à sua frente, como um fantasma, após assistir à minha queda no Sena, e, por orgulho, por um milagre de orgulho que eu qualificaria de absolutamente britânico, não esboça um gesto de estupor, uma palavra de surpresa! Caramba, repito, bravo, é admirável!

— Não é admirável… Pela sua maneira de cair do barco, vi muito bem que caía voluntariamente e que não fora atingido pela bala do brigadeiro.

— E partiu sem saber do meu paradeiro?

— Seu paradeiro? Eu sabia. Quinhentas pessoas comandavam as duas margens no espaço de um quilômetro. A partir do momento em que o senhor escapava da morte, sua captura era certa.

— No entanto, aqui estou.

— Senhor Lupin, há dois homens no mundo de quem nada me surpreende: primeiro eu e o senhor em seguida.

A paz estava firmada.

Se Sholmes não triunfara em suas investidas contra Arsène Lupin, se Lupin permanecia o inimigo excepcional que era preciso desistir definitivamente de agarrar, se no correr dos embates ele estava sempre em vantagem, nem por isso o inglês, com sua tenacidade formidável, deixara de recuperar a lâmpada judaica, assim como recuperara o diamante azul. Talvez dessa vez o resultado fosse menos brilhante, sobretudo do ponto de vista do público, uma vez que Sholmes era obrigado a resguardar as circunstâncias sob as quais a lâmpada judaica fora descoberta e declarar que ignorava o nome do culpado. Mas de homem para homem, de Lupin para Sholmes, de polícia para ladrão, não havia, com toda a justiça, nem vencedor nem vencido. Ambos podiam reivindicar triunfos idênticos.

Conversaram, então, como adversários amigáveis que depuseram suas armas e se admiram por seus respectivos méritos.

A pedido de Sholmes, Lupin contou sobre sua fuga.

— Se é — disse — que podemos chamar isso de fuga. Foi tão simples! Meus amigos aguardavam, uma vez que tínhamos um encontro marcado para recuperar a lâmpada judaica. Assim, após ter permanecido uma boa meia hora sob o casco virado do barco, aproveitei um instante em que Folenfant e seus homens procuravam meu cadáver ao longo das margens e subi novamente no casco virado. Meus amigos só tiveram que me recolher

em sua lancha e fugir sob os olhos pasmos dos quinhentos curiosos, de Ganimard e de Folenfant.

— Que beleza! — exclamou Sholmes. — Sucesso total! E agora tem negócios na Inglaterra?

— Sim, alguns acertos de contas… Mas eu ia esquecendo… O senhor d'Imblevalle?

— Ele sabe tudo.

— Ah, meu caro mestre, o que foi que eu disse? O mal agora é irreparável. Não teria sido melhor deixar eu agir do meu jeito? Mais um ou dois dias, e eu recuperava de Bresson a lâmpada judaica e os bibelôs, enviava-os aos d'Imblevalle, e essas duas boas pessoas teriam terminado de viver sossegadamente um do lado do outro. Em vez disso…

— Em vez disso — riu Sholmes —, embaralhei as cartas e semeei a discórdia no seio de uma família que o senhor protegia.

— Meu Deus, sim, que eu protegia! Será sempre indispensável roubar, enganar e fazer o mal?

— Então também faz o bem?

— Quando tenho tempo. E depois isso me diverte. Acho muito engaçado que, na aventura que nos ocupa, eu seja o gênio bom que socorre e salva, e o senhor, o gênio mau que traz o desespero e as lágrimas.

— Lágrimas! Lágrimas! — protestou o inglês.

— Claro! O casal d'Imblevalle está demolido, e Alice Demun, chorando.

— Ela não podia mais ficar… Ganimard terminaria surpreendendo-a… e por meio dela seria possível chegar à senhora d'Imblevalle.

— Totalmente de acordo, mestre, mas de quem é a culpa?

Dois homens passaram à sua frente. Sholmes, com uma voz cujo timbre parecia ligeiramente alterado, disse a Lupin:

— Sabe quem são esses *gentlemen*?

— Julguei reconhecer o capitão do navio.

— E o outro?

— Ignoro.

— É o senhor Austin Gilett. E o senhor Austin Gilett ocupa na Inglaterra um cargo que corresponde ao do senhor Dudouis, seu chefe da Sûreté.

— Ah! que sorte! Faria a gentileza de me apresentar? O senhor Dudouis é um dos meus bons amigos, e eu ficaria feliz em poder dizer o

mesmo do senhor Austin Gilett.

Os dois *gentlemen* voltaram.

— E se eu o levasse ao pé da letra, senhor Lupin? — disse Sholmes, levantando-se.

Agarrara o pulso de Arsène Lupin e o apertava com uma mão de ferro.

— Por que aperta tão forte, mestre? Estou pronto a segui-lo.

Deixava-se, de fato, arrastar sem a menor resistência. Os dois *gentlemen* se afastavam.

Sholmes apertou o passo. Suas unhas penetravam na própria carne de Lupin.

— Vamos… vamos… — proferia surdamente, numa espécie de pressa urgente em resolver tudo o mais rápido possível. — Vamos! Mais depressa.

Mas estacou: Alice Demun os seguira.

— O que está fazendo, senhorita? É inútil… Não venha!

Foi Lupin que respondeu:

— Peço-lhe que observe, mestre, que a senhorita não vem por vontade própria. Estou apertando seu pulso com uma energia semelhante à que o senhor usa comigo.

— E por quê?

— Ora! Faço questão de apresentá-la também. Seu papel no caso da lâmpada judaica é ainda mais importante que o meu. Cúmplice de Arsène Lupin, cúmplice de Bresson, ela deve contar também a aventura da baronesa d'Imblevalle, o que interessará prodigiosamente à justiça… E assim o senhor terá levado sua altruísta intervenção até seus últimos limites, generoso Sholmes.

O inglês largara o pulso de seu prisioneiro. Lupin libertou a senhorita. Ficaram alguns segundos imóveis, um em frente ao outro. Em seguida, Sholmes voltou ao seu banco e se sentou. Lupin e a moça reocuparam seus lugares.

Um longo silêncio os dividiu. Até Lupin dizer:

— Veja, mestre, independentemente do que façamos, nunca estaremos do mesmo lado. O senhor está de um lado do fosso, eu do outro. Podemos nos cumprimentar, apertar as mãos, conversar por um momento, mas o fosso está sempre presente. O senhor será sempre Herlock Sholmes, detetive, e eu, Arsène Lupin, ladrão. E Herlock Sholmes sempre obedecerá, mais ou menos espontaneamente, com maior ou menor destreza, ao seu

instinto de detetive, que é perseguir o ladrão e "engaiolá-lo" se possível. E Arsène Lupin será sempre fiel à sua alma de ladrão, evitando as garras do detetive e zombando dele se a ocasião se apresentar. E dessa vez a ocasião se apresentou! Há, há, há!

Desatou a rir, um riso sarcástico, cruel e detestável…

Em seguida, subitamente grave, inclinou-se na direção da moça.

— Esteja certa, senhorita, de que, mesmo reduzido ao limite extremo, eu não a teria traído. Arsène Lupin nunca trai, sobretudo aqueles a quem ama e admira. E permita-me lhe dizer que amo e admiro a valente e querida criatura que a senhorita é.

Puxou de sua carteira um cartão de visita, rasgou-o ao meio, estendeu metade à moça e, com a mesma voz comovida e respeitosa:

— Se o senhor Sholmes não for bem-sucedido em sua iniciativa, senhorita, apresente-se na casa de lady Strongborough (encontrará com facilidade seu endereço atual) e entregue-lhe essa metade de cartão, dirigindo-lhe estas duas palavras: "lembrança fiel". Lady Strongborough lhe será devotada como uma irmã.

— Obrigada — disse a moça —, irei amanhã mesmo à casa dessa senhora.

— E agora, mestre — exclamou Lupin, no tom satisfeito de um cavalheiro que cumpriu seu dever —, desejo-lhe boa noite. Ainda temos uma hora de travessia. Vou aproveitá-la.

Estendeu-se ao comprido e cruzou as mãos atrás da cabeça.

O céu se abrira diante da lua. Em volta das estrelas e rente ao mar, sua claridade radiosa se espalhava. Ela flutuava na água, e a imensidão, onde se dissolviam as últimas nuvens, parecia pertencer a ele.

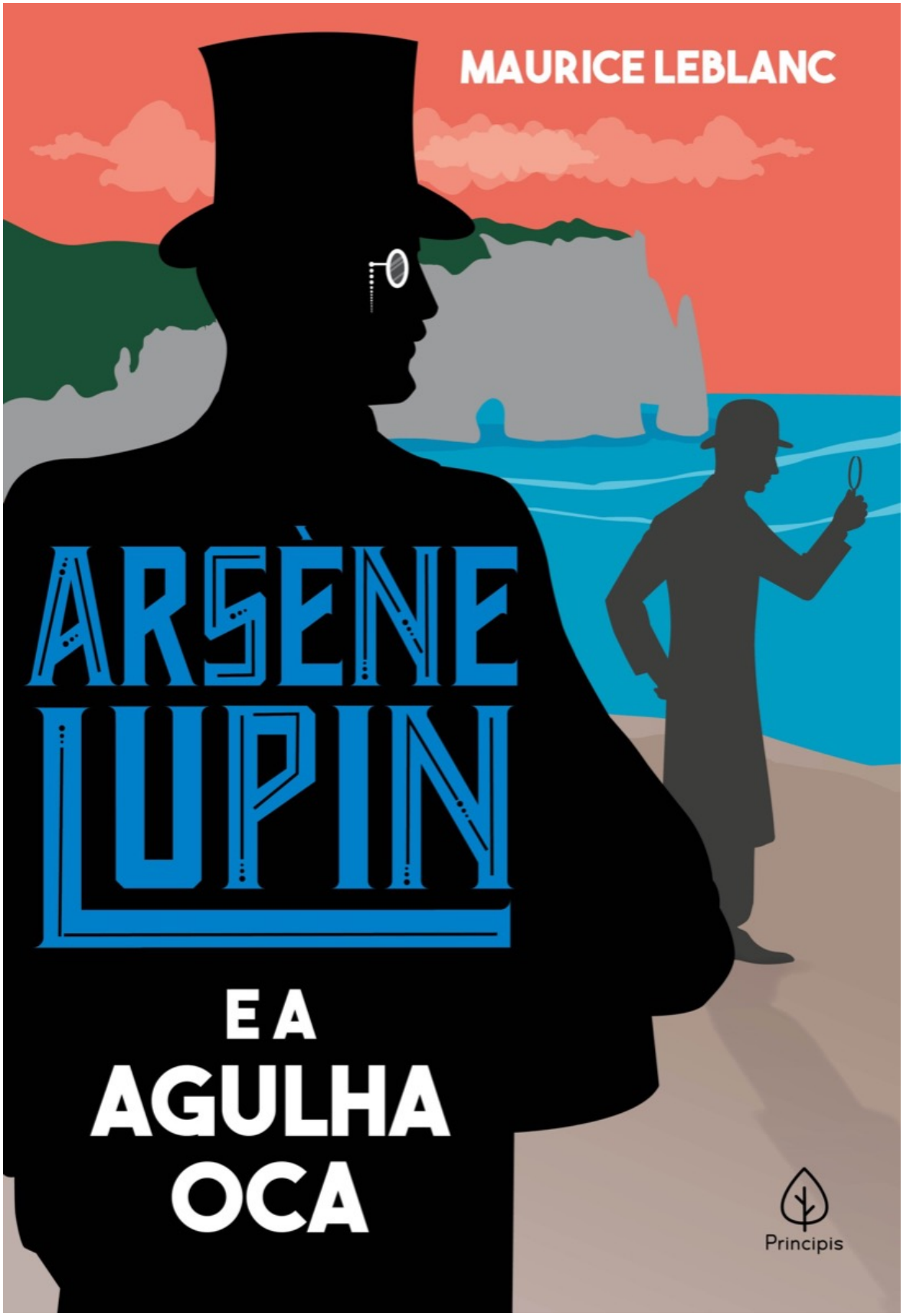
O desenho do litoral se apartou do horizonte escuro. Passageiros subiram. O convés se encheu de gente. O senhor Austin Gilett passou na companhia de dois indivíduos que Sholmes reconheceu como agentes da polícia inglesa.

Em seu banco, Lupin dormia…

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A AGULHA OCA



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A AGULHA OCA
Tradução
Frank de Oliveira
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Aiguille Creuse
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Frank de Oliveira
Revisão
Renata Daou Paiva
Diagramação
Linea Editora
Produção editorial
Ciranda Cultural
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
MZ Picturesque/shutterstock.com;
Dervish45/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a agulha oca [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Frank de Oliveira. — Jandira, SP : Principis, 2021.

224 p. ; ePUB ; 1,1 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: L'Aiguille Creuse
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-531-1 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.

2021-2192 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O tiro

Raymonde aguçou os ouvidos. Novamente e por duas vezes o ruído soou, claro o suficiente para que se pudesse destacá-lo de todos os barulhos confusos que formavam o grande silêncio noturno, mas tão fraco que ela não teria tido condições de dizer se estava próximo ou distante, se acontecia entre as paredes do vasto castelo, ou fora, entre os recantos tenebrosos do parque.

Ela se levantou devagar. Sua janela estava entreaberta, ela empurrou os batentes para o lado. O clarão da lua repousava sobre uma paisagem calma de gramados e bosques onde as ruínas espalhadas da antiga abadia se destacavam em trágicas silhuetas, colunas truncadas, ogivas incompletas, esboços de pórticos e fragmentos de arcobotantes. Uma brisa flutuava na superfície das coisas, deslizando pelos galhos nus e imóveis das árvores, mas sacudindo as pequenas folhas que nasciam dos maciços.

E de repente, o mesmo barulho… Era à sua esquerda e abaixo do andar onde ela morava, portanto nos salões que ocupavam a ala oeste do castelo.

Embora valente e forte, a jovem sentiu a angústia do medo. Vestiu a camisola e pegou os fósforos.

— Raymonde… Raymonde…

Uma voz fraca como um sopro a chamava do quarto ao lado, cuja porta não tinha sido fechada. Ela estava indo para lá tateando quando Suzanne, sua prima, saiu desse quarto e desabou em seus braços.

— Raymonde… É você?… Você ouviu?…

— Sim… você não está dormindo?

— Acho que foi o cachorro que me acordou… faz um tempo… Mas ele não está mais latindo. Que horas devem ser?

— Mais ou menos quatro horas.

— Escute… Tem alguém andando no salão.

— Não há perigo, seu pai está lá, Suzanne.

— Mas há perigo para ele. Ele dorme ao lado do pequeno salão.

— O senhor Daval também está lá…

— Na outra extremidade do castelo… Como quer que ele ouça?

Elas hesitavam, sem saber o que fazer. Chamar? Gritar por ajuda? Elas não ousavam, de tal forma o próprio som de suas vozes lhes parecia assustador. Mas Suzanne, que se aproximara da janela, abafou um grito.

— Olhe… um homem perto do lago.

De fato, um homem estava se afastando com passos rápidos. Ele carregava debaixo do braço um objeto de dimensões bastante grandes, cuja natureza elas não puderam discernir, e que, balançando contra sua perna, interferia em seu andar. Elas o viram passar perto da antiga capela e se dirigir a uma portinhola que havia no muro. Essa porta devia estar aberta, pois o homem desapareceu repentinamente, e elas não ouviram o rangido usual das dobradiças.

— Ele estava vindo do salão — murmurou Suzanne.

— Não, a escadaria e o vestíbulo o teriam conduzido muito mais para a esquerda… A menos que…

Uma mesma ideia as sacudiu. Elas se inclinaram para a frente. Abaixo delas, uma escada estava erguida contra a fachada e se apoiava no primeiro andar. Um clarão iluminava o balcão de pedra. E outro homem, que também carregava alguma coisa, passou por cima do balcão, deixou-se escorregar pela escada e fugiu pelo mesmo caminho.

Suzanne, apavorada, sem forças, caiu de joelhos, gaguejando:

— Vamos gritar!… Pedir ajuda!…

— Quem viria? Seu pai… E se houver alguns outros homens e eles o atacarem?

— Poderíamos avisar os criados… Sua campainha se comunica com o andar deles.

— Sim… Sim… Talvez, é uma ideia… Desde que cheguem a tempo!

Raymonde procurou a campainha elétrica perto de sua cama e a apertou. Um timbre alto vibrou, e elas tiveram a impressão de que, de baixo, tinha sido possível ouvir seu som característico.

Elas esperaram. O silêncio se tornava assustador, e mesmo a brisa não agitava mais as folhas dos arbustos.

— Estou com medo… Estou com medo… — Suzanne repetia.

E de repente, na noite profunda, abaixo delas, o som de uma luta, um estrondo de móveis empurrados, exclamações, depois, horrível, sinistro, um gemido rouco, o estertor de um ser que é estrangulado…

Raymonde saltou em direção à porta. Suzanne agarrou-se desesperadamente ao seu braço.

— Não… não me deixe… estou com medo. Raymonde a empurrou e lançou-se para o corredor, logo seguida por Suzanne, que cambaleava de parede a parede, soltando gritos. Ela alcançou a escadaria, precipitou-se de degrau em degrau, correu para a grande porta do salão e parou bruscamente, pregada na soleira, enquanto Suzanne caía prostrada a seu lado. Na frente delas, a três passos de distância, estava um homem com uma lanterna na mão. Com um gesto, dirigiu-a para as duas jovens, cegando-as com a luz, olhou longamente para seus rostos, depois, sem pressa, com os movimentos mais calmos do mundo, apanhou o boné, pegou um pedaço de papel e duas hastes de palha, apagou seus rastros no tapete, aproximou-se do balcão, voltou-se para as jovens, fez uma reverência e desapareceu.

A primeira, Suzanne, correu para o pequeno quarto de vestir que separava o grande salão do quarto de seu pai. Mas desde a entrada, uma visão terrível a deixou aterrorizada. À luz oblíqua da lua, dois corpos inanimados podiam ser vistos no chão, deitados próximos um do outro.

— Pai!… Pai!… É você?… O que houve? — ela gritou em pânico, inclinando-se sobre um deles.

Depois de um momento, o conde de Gesvres se mexeu. Com a voz partida, ele disse:

— Não tema nada… Não estou ferido… E Daval? Está vivo? A faca?… A faca?…

Naquele momento, dois criados chegavam com velas. Raymonde se jogou na frente do outro corpo e reconheceu Jean Daval, o secretário e homem de confiança do conde. Seu rosto já apresentava a palidez da morte.

Então ela se levantou, voltou para o salão, pegou uma arma do meio de uma panóplia presa à parede, que ela sabia que estava carregada, e saiu

para o balcão. Certamente não fora há mais que cinquenta a sessenta segundos que o indivíduo colocara os pés na primeira barra da escada. Portanto, ele não poderia estar muito longe dali, especialmente porque tivera a precaução de deslocar a escada para que não pudessem usá-la. Ela logo o viu, de fato, caminhando pelas ruínas do velho claustro. Ela encostou a arma no ombro, mirou silenciosamente e atirou. O homem caiu.

— Perfeito! Perfeito! — gritou um dos criados. — Pegamos este. Vou até lá.

— Não, Victor, ele está se levantando… desça a escadaria e vá até a portinhola. Ele só pode escapar por lá.

Victor se apressou, mas antes mesmo de chegar ao parque, o homem tinha caído novamente. Raymonde chamou o outro criado.

— Albert, consegue vê-lo lá embaixo? Perto da grande arcada?…

— Sim, ele está rastejando na grama… Está perdido…

— Tome conta dele daqui.

— Não há como ele escapar. À direita das ruínas, está o gramado descoberto…

— E Victor vigia a porta à esquerda — disse ela, pegando novamente a espingarda.

— Não vá, senhorita!

— Ora — disse ela, com voz resoluta e gestos bruscos, deixem-me… Ainda tenho um cartucho… Se ele se mover…

E saiu. Um momento depois, Albert a viu indo em direção às ruínas. Ele gritou-lhe da janela:

— Ele se arrastou para trás da arcada. Não o estou vendo mais… Atenção, senhorita…

Raymonde contornou o velho claustro para impedir qualquer fuga do homem, e logo Albert a perdeu de vista. Depois de alguns minutos, sem conseguir revê-la, ele ficou preocupado e, sempre observando as ruínas, em vez de descer pelas escadarias, tentou alcançar a escada. Quando conseguiu, desceu rapidamente e correu direto para a arcada perto da qual o homem lhe aparecera pela última vez. Trinta passos adiante, encontrou Raymonde, que procurava por Victor.

— E então? — ele disse.

— Não consigo encontrá-lo — disse Victor.

— A portinhola?

— Estou indo… Aqui está a chave.

— No entanto… É preciso…

— Oh! A situação dele é certa… Em dez minutos, o bandido vai ser nosso.

O granjeiro e seu filho, despertados pelo tiro de espingarda, chegavam do lugar onde moravam e trabalhavam, que ficava bem longe à direita, mas dentro dos muros; eles não tinham encontrado ninguém.

— Diabos, não — disse Albert —, o patife não conseguiu sair das ruínas… Vamos desencavá-lo do fundo de algum buraco.

Eles organizaram uma batida metódica, vasculhando cada arbusto, afastando os pesados ramos de hera enrolados nas hastes das colunas. Certificaram-se de que a capela estava bem fechada e de que nenhum dos vitrais estava quebrado. Caminharam pelo claustro, visitaram todos os cantos e recantos. As buscas foram em vão.

Uma única descoberta: bem no local onde o homem havia caído, ferido por Raymonde, encontraram um boné de cocheiro, de couro amarelado. Exceto isso, nada.

Às seis horas da manhã, a polícia de Ouville-la-Rivière era notificada e se dirigia ao local, após ter enviado expressamente ao tribunal de Dieppe uma pequena nota relatando as circunstâncias do crime, a iminente captura do principal culpado, "a descoberta de seu boné e do punhal com o qual perpetrara seu crime". Às dez horas, dois veículos desciam a leve encosta que conduzia ao castelo. Um deles, uma venerável caleça, trazia o assistente do procurador e o juiz de instrução acompanhado de seu escrivão. Na outra, um modesto cabriolé, tinham tomado lugar dois jovens repórteres, representando o *Journal de Rouen* e uma grande folha parisiense.

O velho castelo apareceu. Antiga casa de abadia dos priores de Ambrumésy, mutilada pela Revolução, restaurada pelo conde de Gesvres a quem pertencia havia vinte anos, inclui um corpo principal encimado por um pináculo em que há um relógio, e duas alas, cada uma das quais envolvida por uma escada com balaustrada de pedra. Por cima dos muros do parque e para além do planalto suportado pelas altas falésias normandas, é possível ver, entre os vilarejos de Sainte-Marguerite e Varangeville, a linha azul do mar.

Ali vivia o conde de Gesvres com sua filha Suzanne, uma criatura bonita e frágil de cabelos loiros, e sua sobrinha Raymonde de Saint-Véran,

que ele havia recolhido dois anos antes, quando a morte simultânea do pai e da mãe da jovem a deixara órfã. A vida era calma e regular no castelo. Alguns vizinhos iam lá de vez em quando. No verão, o conde levava as duas jovens quase todos os dias a Dieppe. Era um homem alto, com rosto sério e bonito, de cabelos grisalhos. Muito rico, administrava ele mesmo sua fortuna e supervisionava suas propriedades com a ajuda do secretário Jean Daval.

Na entrada, o juiz de instrução recolheu as primeiras constatações do sargento de polícia de Quevillon. A captura do culpado, sempre iminente aliás, ainda não fora efetuada, mas todas as saídas do parque estavam vigiadas. Uma fuga era impossível.

A pequena tropa cruzou então a casa capitular e o refeitório localizados no térreo, e chegou ao primeiro andar. Imediatamente, a ordem perfeita do salão foi notada. Nem uma peça de mobiliário, nem um bibelô que parecesse não ocupar seu lugar habitual, e nenhum vazio entre esses móveis e esses bibelôs. À direita e à esquerda pendiam magníficas tapeçarias flamengas. Ao fundo, nos painéis, quatro belas telas, em molduras, representavam cenas mitológicas. Eram os célebres quadros de Rubens legados ao conde de Gesvres, assim como as tapeçarias de Flandres, pelo seu tio materno, o marquês de Bodadilla, fidalgo da Espanha.

O juiz de instrução, senhor Filleul, observou:

— Se o roubo foi o motivo do crime, esse salão de qualquer forma não foi objeto dele.

— Quem sabe? — disse o assistente, que falava pouco, mas sempre em uma direção contrária às opiniões do juiz.

— Vejamos, caro senhor, o primeiro cuidado de um ladrão teria sido retirar essas tapeçarias e essas pinturas, cuja fama é universal.

— Talvez não tenha tido a oportunidade.

— Isso é o que vamos descobrir.

Nesse momento, entrou o conde de Gesvres, seguido pelo médico. O conde, que não parecia ressentir-se da agressão de que tinha sido vítima, deu as boas-vindas aos dois magistrados. Em seguida, abriu a porta do quarto de vestir.

O cômodo, em que ninguém havia entrado desde o crime, exceto o médico, apresentava, ao contrário do salão, a maior desordem. Duas cadeiras estavam derrubadas, uma das mesas quebrada e vários outros

objetos, um relógio de cabeceira, um classificador, uma caixa de papel de carta, estavam jogados no chão. E havia sangue em algumas das folhas brancas espalhadas.

O médico afastou o lençol que escondia o cadáver. Jean Daval, vestido com suas roupas comuns de veludo e calçado com botas ferradas, estava estendido de costas, um dos braços dobrado sob o corpo. Sua camisa havia sido aberta e percebia-se um grande ferimento que lhe perfurava o peito.

— A morte deve ter sido instantânea — declarou o médico. — Uma facada foi o suficiente.

— Certamente com a faca que vi na lareira da sala, perto de um boné de couro? — indagou o juiz.

— Sim — certificou o conde de Gesvres, — a faca foi apanhada aqui mesmo. Vem da panóplia do salão de onde minha sobrinha, a senhorita de Saint-Véran, retirou a espingarda. Quanto ao boné de cocheiro, obviamente é o do assassino.

O senhor Filleul ainda estudou certos detalhes do cômodo, dirigiu algumas perguntas ao médico e pediu ao senhor de Gesvres que lhe fizesse o relato do que tinha visto e do que sabia. Eis em que termos o conde se expressou:

— Foi Jean Daval quem me acordou. Aliás, eu dormia mal, com lampejos de lucidez em que tinha a impressão de ouvir passos, quando de repente, abrindo os olhos, o vi aos pés da minha cama, a vela na mão, e totalmente vestido como está agora, porque muitas vezes trabalhava até tarde da noite. Ele parecia muito agitado e me disse em voz baixa: "Tem gente no salão". De fato, percebi um barulho. Levantei-me e entreabri suavemente a porta deste quarto de vestir. No mesmo momento, a outra porta que dá para o grande salão foi empurrada e apareceu um homem que saltou sobre mim e me deu um soco na têmpora. Conto-lhe isso sem maiores detalhes, senhor juiz de instrução, pelo motivo de que só me recordo dos fatos principais e de que esses fatos aconteceram com extraordinária rapidez.

— E depois?

— Depois, não sei mais… Quando me recuperei, Daval estava estendido, mortalmente ferido.

— À primeira vista, o senhor não suspeita de ninguém?

— Ninguém.

— O senhor não tem nenhum inimigo?

— Não que eu saiba.

— O senhor Daval também não os tinha?

— Daval! Um inimigo? Ele era a melhor criatura que já existiu. Durante vinte anos em que Jean Daval foi meu secretário e, posso dizer, meu confidente, nunca vi em torno dele senão simpatias e amizades.

— No entanto, aconteceu uma invasão, um assassinato, deve haver um motivo para tudo isso.

— O motivo? Foi o roubo, puro e simples.

— Alguém roubou algo do senhor?

— Nada.

— Então?

— Então, se não roubaram nada e não falta nada, pelo menos devem ter levado alguma coisa.

— O quê?

— Não sei. Mas minha filha e minha sobrinha lhe dirão, com absoluta certeza, que viram dois homens cruzar sucessivamente o parque e que eles carregavam fardos bastante grandes.

— Essas moças…

— Essas moças sonharam? Ficaria tentado a acreditar, pois, desde de manhã, estou me exaurindo em buscas e suposições. Mas é fácil interrogá-las.

Fizeram com que as duas primas viessem até o salão. Suzanne, ainda muito pálida e trêmula, mal conseguia falar. Raymonde, mais enérgica e corajosa, mais bonita também com o brilho dourado de seus olhos castanhos, contou os acontecimentos da noite e o papel que assumira neles.

— Então, senhorita, seu testemunho é categórico?

— Sem dúvida. Os dois homens que cruzavam o parque carregavam objetos.

— E o terceiro?

— Ele saiu daqui de mãos vazias.

— Poderia nos dar sua descrição?

— Ele nunca deixou de nos ofuscar com sua lanterna. No máximo, eu poderia dizer que é alto e de aparência pesada…

— Foi assim que ele lhe pareceu, senhorita? — perguntou o juiz a Suzanne de Gesvres.

— Sim… ou melhor, não… — disse Suzanne, pensando. — Eu o achei de estatura mediana e magro.

O senhor Filleul sorriu, acostumado às divergências de opinião e de visão entre as testemunhas de um mesmo fato.

— Estamos aqui, pois, em presença, por um lado, de um indivíduo, o do salão, que é ao mesmo tempo alto e baixo, gordo e magro e, por outro, de dois indivíduos, os do parque, os quais são acusados de terem removido deste salão objetos… que ainda estão aqui.

O senhor Filleul era um juiz da escola ironista, como ele mesmo dizia. Era também um juiz que não detestava uma plateia nem as oportunidades de mostrar ao público suas habilidades, como o atestava o crescente número de pessoas que se espremiam no salão. Aos jornalistas haviam se juntado o granjeiro e seu filho, o jardineiro e sua esposa, depois os funcionários do castelo, depois os dois cocheiros que haviam trazido as carruagens de Dieppe. Ele continuou:

— Seria também o caso de se colocar de acordo sobre a maneira como esse terceiro personagem desapareceu. A senhora atirou com essa espingarda e dessa janela?

— Sim, o homem estava chegando à lápide quase enterrada sob os arbustos, à esquerda do claustro.

— Mas ele se levantou?

— Pela metade apenas. Victor desceu imediatamente para vigiar a portinhola, e eu o segui, deixando nosso criado Albert aqui para observação.

Albert, por sua vez, deu seu testemunho, e o juiz concluiu:

— Consequentemente, segundo o senhor, o ferido não poderia escapar pela esquerda, pois seu camarada vigiava a porta, nem pela direita, pois o senhor o teria visto atravessar o gramado. Então, logicamente, ele está, no momento, no espaço relativamente pequeno que temos diante de nossos olhos.

— É minha opinião.

— É a sua, senhorita?

— Sim.

— E a minha também — disse Victor.

O assistente do procurador falou, em tom malicioso:

— O campo das investigações é estreito, só temos de continuar as buscas iniciadas há quatro horas.

— Talvez sejamos mais felizes.

O senhor Filleul pegou o boné de couro que estava em cima da lareira, examinou-o e, chamando o sargento de polícia, disse-lhe à parte:

— Sargento, mande imediatamente um de seus homens a Dieppe, na chapelaria Maigret, e que ele nos diga, se possível, a quem esse boné foi vendido.

"O campo das investigações", segundo a expressão do assistente, limitava-se ao espaço compreendido entre o castelo, o gramado à direita, e o ângulo formado pelo muro da esquerda e pelo muro oposto ao castelo; isto é, um quadrilátero de cerca de cem metros de lado, onde surgiam aqui e ali as ruínas de Ambrumésy, o mosteiro tão famoso na Idade Média.

Imediatamente, na grama pisada, notou-se a passagem do fugitivo. Em dois lugares, traços de sangue enegrecido, quase ressecado, foram observados. Depois da curva da arcada, que marcava a extremidade do claustro, nada mais restava, com a natureza do terreno, forrada de agulhas de pinheiro, não mais se prestando para registrar a marca de um corpo. Mas então, como o homem ferido poderia ter escapado do olhar da jovem, de Victor e de Albert? Algumas touceiras, que os criados e os gendarmes haviam derrubado, algumas lápides sob as quais haviam explorado, e era tudo.

O juiz de instrução fez com que o jardineiro, que tinha a chave, abrisse a Chapelle-Dieu, verdadeira joia da escultura que o tempo e as revoluções haviam respeitado e que sempre fora considerada, com as finas cinzeladuras do seu pórtico e a delicadeza de suas estatuetas, como uma das maravilhas do estilo gótico normando. A capela, muito simples por dentro, sem nenhum outro ornamento exceto seu altar de mármore, não oferecia nenhum refúgio. Além disso, ele teria de ter entrado nela. De que jeito?

A vistoria terminava na portinhola que servia de entrada para os visitantes das ruínas. Dava para um caminho escavado espremido entre o muro e um matagal onde se avistavam pedreiras abandonadas. O senhor Filleul inclinou-se para a frente: a poeira da estrada mostrava marcas de pneus antiderrapantes. Na verdade, Raymonde e Victor pensaram ter ouvido, depois do tiro de espingarda, o ronco do motor de um carro. O juiz

de instrução insinuou:

— O ferido terá se juntado a seus cúmplices.

— Impossível! — exclamou Victor. — Eu estava lá, enquanto a senhorita e Albert ainda o avistavam.

— Enfim, ele tem de estar em algum lugar! Fora ou dentro, não temos escolha!

— Ele está aqui — disseram os criados teimosamente.

O juiz deu de ombros e voltou para o castelo, bastante soturno. Decididamente, a coisa ia mal. Um roubo em que nada fora roubado, um prisioneiro invisível, não havia nada para comemorar.

Era tarde. O senhor de Gesvres convidou para almoçar os magistrados, bem como os dois jornalistas. Comeram em silêncio, então o senhor Filleul voltou para o salão, onde interrogou os criados. Mas o trote de um cavalo ecoou na lateral do pátio e, um momento depois, o policial que havia sido enviado a Dieppe entrou:

— E então? Falou com o chapeleiro? — exclamou o juiz, impaciente por finalmente conseguir alguma informação.

— O boné foi vendido a um cocheiro.

— Um cocheiro!

— Sim, um cocheiro que parou a carruagem em frente à loja e perguntou se poderiam fornecer-lhe, para um de seus clientes, um boné de cocheiro de couro amarelo. Só havia esse. Ele pagou sem nem pensar no tamanho e foi embora. Estava com muita pressa.

— Que tipo de carruagem?

— Um cupê de quatro lugares.

— E em que dia foi?

— Que dia? Foi nesta manhã.

— Nesta manhã? O que você está me dizendo?

— O boné foi comprado esta manhã.

— Mas isso é impossível, já que ele foi encontrado esta noite no parque. Para isso tinha de ter estado ali e, consequentemente, ter sido comprado antes.

— O chapeleiro me disse que foi hoje de manhã.

Houve um momento de perplexidade. O juiz de instrução, estupefato, tentava compreender. De repente, ele teve um sobressalto, atingido por uma ideia luminosa.

— Tragam o cocheiro que nos conduziu até aqui esta manhã!

O sargento de polícia e seu subordinado correram apressados para os estábulos. Depois de alguns minutos, o sargento voltou sozinho.

— E o cocheiro?

— Ele se serviu na cozinha, almoçou e então…

— E então?

— Foi embora.

— Com sua carruagem?

— Não. A pretexto de ir ver um dos pais em Ouville, pediu emprestada a bicicleta do ajudante de cavalariças. Aqui está seu chapéu e seu casaco.

— Mas ele saiu sem nada na cabeça?

— Ele tirou um boné do bolso e o colocou.

— Um boné ?

— Sim, de couro amarelo, ao que parece.

— De couro amarelo? Mas não é possível. Ele está aqui.

— De fato, senhor juiz de instrução, mas o dele era parecido.

O assistente do procurador deu um sorrisinho de escárnio.

— Muito engraçado! Muito divertido! Existem dois bonés… Um, que era o verdadeiro, e que constituía a nossa única prova, foi embora na cabeça do pseudococheiro. O outro, o falso, está em suas mãos. Ah! O tal homem nos enganou habilmente.

— Alcancem-no! É preciso pegá-lo! Que ele seja trazido de volta — gritou o senhor Filleul. — Sargento Quevillon, dois de seus homens a cavalo, e a galope!

— Ele está longe — disse o assistente do procurador.

— Por mais longe que ele esteja, temos de colocar nossas mãos nele.

— Espero que sim, mas acredito, senhor juiz de instrução, que nossos esforços devem, acima de tudo, concentrar-se aqui. Por favor, leia este papel que acabei de encontrar nos bolsos do casaco!

— Qual casaco?

— O do cocheiro.

E o assistente do procurador entregou ao senhor Filleul um papel dobrado em quatro, no qual se liam estas poucas palavras escritas a lápis, em uma caligrafia um tanto vulgar:

Ai da jovem se ela tiver matado o chefe.

O incidente causou alguma emoção.

— Para bom entendedor, meia palavra basta. Estamos avisados — murmurou o assistente do procurador.

— Senhor conde — retomou o juiz de instrução —, imploro que não se preocupe. Também vocês, senhoritas. Essa ameaça não tem nenhuma importância, pois a justiça está presente. Todas as precauções serão tomadas. Eu respondo por sua segurança. Quanto aos senhores — acrescentou, dirigindo-se aos dois repórteres —, conto com sua discrição. É graças à minha complacência que vocês assistiram a essa investigação, e seria errado me recompensar…

Fez uma pausa, como se tivesse tido uma ideia, olhou para os dois jovens um de cada vez com atenção e se aproximou de um deles:

— Para qual jornal trabalha?

— Para o *Journal de Rouen*.

— Tem algum documento que o identifique?

— Aqui está.

O documento estava em ordem. Não havia nada a dizer. O senhor Filleul interpelou o outro repórter.

— E você?

— Eu?

— Sim, você, pergunto a que redação pertence.

— Meu Deus, senhor juiz de instrução, escrevo para vários jornais…

— Seu documento de identificação?

— Não tenho nenhum.

— Ah! E como pode ser isso?

— Para que um jornal emita uma identificação, é preciso que a pessoa escreva nele continuamente.

— E então?

— Então… Sou apenas um colaborador ocasional. Envio daqui e dali artigos que são publicados… ou recusados, dependendo das circunstâncias.

— Nesse caso, seu nome? Seus documentos?

— Meu nome não lhe acrescentaria nada. Quanto a meus documentos, não os tenho.

— Não tem um documento qualquer que ateste sua profissão?

— Não tenho profissão.

— Mas, afinal, senhor — exclamou o juiz com certa brutalidade —, não pretende, porém, ficar incógnito depois de ter sido introduzido aqui por esperteza e ter descoberto os segredos da justiça.

— Peço-lhe que observe, senhor juiz de instrução, que nada me perguntou quando cheguei e que, portanto, eu nada tinha a dizer. Além disso, não me pareceu que a investigação fosse secreta, posto que todos estavam presentes… até mesmo um dos culpados.

Ele falava baixinho, em um tom de infinita polidez. Era muito jovem, muito alto e muito magro, vestia calças bem curtas e um casaco por demais apertado. Tinha o rosto rosado de uma jovem, testa larga com cabelo à escovinha e uma barba loira mal aparada. Seus olhos tinham um brilho inteligente. Ele não parecia nem um pouco constrangido e deu um sorriso simpático em que não havia traços de ironia.

O senhor Filleul o observava com uma desconfiança agressiva. Os dois policiais avançaram. O jovem exclamou alegremente:

— Senhor juiz de instrução, é claro que suspeita que eu seja um dos cúmplices. Mas, se assim fosse, não teria eu me esquivado na hora certa, a exemplo do meu camarada?

— O senhor poderia esperar…

— Qualquer esperança teria sido absurda. Pense nisso, senhor juiz de instrução, e concordará que em boa lógica…

O senhor Filleul o olhou direto nos olhos, e disse secamente:

— Chega de brincadeiras! Seu nome?

— Isidore Beautrelet.

— Sua profissão?

— Estudante de retórica no liceu Janson-de-Sailly.

O senhor Filleul o olhou nos olhos, e disse secamente:

— O que você está querendo me dizer? Estudante de retórica…

— No liceu Janson, Rue de la Pompe, número…

— Ora — exclamou o senhor Filleul —, está zombando de mim! Vamos acabar com esse joguinho!

— Devo admitir, senhor juiz de instrução, que sua surpresa me espanta. O que há de errado em eu ser estudante no liceu Janson? Minha barba, talvez? Fique tranquilo, minha barba é falsa.

Isidore Beautrelet arrancou os poucos tufos que enfeitavam seu queixo, e seu rosto imberbe parecia ainda mais jovem e rosado, um verdadeiro rosto de estudante de liceu. E, enquanto um riso de criança revelava seus dentes brancos:

— Está convencido agora? Ainda precisa de provas? Aqui, leia, nestas cartas do meu pai o endereço:

"Sr. Isidore Beautrelet, interno no liceu Janson-de-Sailly".

Convencido ou não, o senhor Filleul não parecia estar gostando nada da história. Ele perguntou rispidamente:

— O que está fazendo aqui?

— Ora… estou me educando.

— Existem liceus para isso… o seu.

— Está se esquecendo, senhor juiz de instrução, que hoje, 23 de abril, estamos em pleno feriado da Páscoa.

— E daí?

— Bem, estou livre para usar esses dias de feriado como achar melhor.

— Seu pai?…

Meu pai mora longe, nas profundezas da Saboia, e foi ele mesmo quem me aconselhou a fazer uma pequena viagem à costa da Mancha.

— Com uma barba falsa?

— Oh! Isso não. A ideia foi minha. No liceu, falamos muito sobre aventuras misteriosas, lemos romances policiais em que as pessoas se disfarçam. Imaginamos muitas coisas complicadas e terríveis. Então, eu queria me divertir e coloquei uma barba postiça. Além disso, tinha a vantagem de ser levado a sério e me fazia passar por um repórter parisiense. Foi assim que ontem à noite, depois de mais de uma semana insignificante, tive o prazer de conhecer meu colega de Rouen e, esta manhã, sabendo do caso Ambrumésy, ele me propôs gentilmente acompanhá-lo e alugar um transporte dividindo a despesa.

Isidore Beautrelet dizia tudo isso com uma simplicidade franca, um tanto ingênua, da qual era impossível não sentir o encanto. O próprio senhor Filleul, embora conservando uma reserva desafiadora, sentia prazer em ouvi-lo.

Ele lhe perguntou num tom menos áspero:

— E está contente com sua expedição?

— Encantado! Nunca tinha assistido em um caso assim, e a este não falta interesse.

— Nem essas complicações misteriosas de que você tanto gosta.

— E que são tão fascinantes, senhor juiz de instrução! Não conheço emoção maior que ver todos os fatos que emergem das sombras, que se agrupam uns contra os outros e que gradualmente formam a verdade provável.

— A verdade provável… Está indo muito longe, meu jovem! Isso significa que já tem pronta sua pequena solução para o enigma?

— Oh! Não — respondeu Beautrelet, rindo. — Só… parece-me que há certos pontos em que não é impossível formar uma opinião, e outros, mesmo, tão precisos, que bastaria… concluir.

— Ora, mas isso está ficando muito curioso e finalmente vou saber de algo. Porque, confesso-lhe para minha grande vergonha, não sei nada.

— É porque não teve tempo de refletir, senhor juiz de instrução. O essencial é refletir. É muito raro que os fatos não tragam em si mesmos sua explicação. Não concorda? Em todo o caso, não constatei outros fatos além daqueles que constam no interrogatório.

— Maravilha! De sorte que se eu lhe perguntasse quais foram os itens roubados deste salão?

— Eu diria que sei quais são.

— Bravo! O senhor sabe mais sobre isso que o próprio dono! O senhor de Gesvres tem sua avaliação: o senhor Beautrelet não. Falta-lhe uma estante e uma estátua em tamanho natural, as quais ninguém nunca tinha notado. E se eu lhe perguntasse o nome do assassino?

— Também diria que sei qual é.

Houve um sobressalto entre todos os presentes. O assistente do procurador e o jornalista se aproximaram. O senhor de Gesvres e as duas jovens ouviam com atenção, impressionadas com a segurança serena de Beautrelet.

— O senhor sabe o nome do assassino?

— Sim.

— E o lugar onde ele está?

— Sim.

O senhor Filleul esfregou as mãos:

— Que sorte! Essa captura será a honra da minha carreira. E você pode, agora mesmo, me fazer essas fulminantes revelações?

— Sim, agora… Ou então, se não lhe for inconveniente, em uma ou duas horas, quando eu tiver assistido até o fim a investigação que está realizando.

— Mas não, imediatamente, rapaz…

Nesse momento, Raymonde de Saint-Véran, que, desde o início da cena, não tirara os olhos de Isidore Beautrelet, se aproximou do senhor Filleul.

— Senhor juiz de instrução…

— O que deseja, senhorita?

Por dois ou três segundos, ela hesitou, os olhos fixos em Beautrelet. Então, dirigindo-se ao senhor Filleul:

— Peço-lhe que pergunte ao cavalheiro o motivo pelo qual ele passeava ontem no caminho escavado que leva à portinhola.

A frase teve um efeito teatral. Isidore Beautrelet pareceu confuso.

— Eu, senhorita? Eu? A senhorita me viu ontem?

Raymonde permaneceu pensativa, os olhos ainda fixos em Beautrelet, como se tentasse firmar em si mesma sua convicção, e disse em tom firme:

— Eu encontrei no caminho escavado, às quatro da tarde, ao atravessar o bosque, um jovem do tamanho desse cavalheiro, vestido como ele, e que usava uma barba aparada como a dele… E tive a impressão de que estava tentando se esconder.

— E era eu?

— Seria impossível para mim dizer isso absolutamente, porque minha lembrança é um pouco vaga. Porém… no entanto parece-me bem… caso contrário, a semelhança seria estranha…

O senhor Filleul estava perplexo. Já enganado por um dos cúmplices, ia ele se deixar enganar por aquele que se dizia um estudante?

— O que tem a responder, senhor?

— Que a senhorita está enganada e que é fácil para mim demonstrá-lo. Ontem, a essa hora, eu estava em Veules.

— Será preciso provar isso, será preciso. Em todo caso, a situação não é mais a mesma. Sargento, um de seus homens fará companhia ao cavalheiro.

O rosto de Isidore Beautrelet mostrou uma forte contrariedade.

— Isso vai demorar?

— O tempo de reunir as informações necessárias.

— Senhor juiz de Instrução, imploro que as reúna com a maior rapidez e discrição possíveis…

— Por quê?

— Meu pai está velho. Nós nos amamos muito… e não gostaria que ele sofresse por mim.

O tom choroso de sua voz desagradou ao senhor Filleul. Aquilo cheirava a cena de melodrama. No entanto, ele prometeu:

— Esta noite… o mais tardar amanhã, saberei em que me apoiar.

A tarde avançava. O juiz voltou às ruínas do velho claustro, tendo o cuidado de proibir a entrada a todos os curiosos e, pacientemente, com método, dividindo o terreno em porções sucessivamente estudadas, ele mesmo dirigiu as investigações. Mas, no final do dia, ele não tinha ido muito adiante, e declarou a um exército de repórteres que havia invadido o castelo:

— Senhores, tudo nos leva a supor que o ferido está aqui, ao alcance de nossas mãos, tudo menos a realidade dos fatos. Portanto, em nossa humilde opinião, ele deve ter escapado e é lá fora que o encontraremos.

Por precaução, porém, organizou, de comum acordo com o sargento, a vigilância do parque e, após novo exame dos dois salões e uma visita completa ao castelo, depois de se ter municiado de todas as informações necessárias, retomou a estrada para Dieppe em companhia do assistente.

A noite chegou. Como o quarto de vestir deveria permanecer fechado, o cadáver de Jean Daval foi transportado para outro cômodo. Duas mulheres da região o velavam, ajudadas por Suzanne e Raymonde. Abaixo, sob o olhar atento do guarda-florestal, que tinha sido designado para ficar com ele, o jovem Isidore Beautrelet dormia no banco do antigo oratório. Lá fora, os policiais, o granjeiro e uma dúzia de camponeses estavam postados entre as ruínas e ao longo dos muros.

Até as onze da noite tudo foi tranquilo, mas às onze e dez um tiro soou do outro lado do castelo.

— Atenção — gritou o sargento. — Que dois homens fiquem aqui!… Fossier e Lecanu… Os outros em passo de corrida.

Juntos, todos avançaram e contornaram o castelo pela esquerda. Nas sombras, uma silhueta se esgueirou. Então, imediatamente, um segundo tiro mais distante os atraiu, quase nos limites da propriedade. E de repente,

quando eles estavam chegando em grupo até a cerca viva que margeia o pomar, uma chama irrompeu à direita da casa do granjeiro, e outras chamas imediatamente se elevaram em uma coluna espessa. Era um celeiro em chamas, cheio de palha até o topo.

— Os patifes! — gritou o sargento Quevillon —, foram eles que atearam o fogo. Vamos agarrá-los, rapazes. Eles não podem estar longe.

Mas com a brisa empurrando as chamas para o prédio principal, era preciso antes de tudo afastar o perigo. Todos se entregaram a isso ainda com mais ardor pelo fato de senhor de Gesvres, após acorrer ao local do desastre, tê-los encorajado com a promessa de uma recompensa. Quando controlaram o fogo, eram duas da manhã. Qualquer perseguição teria sido inútil.

— Veremos isso à luz do dia — disse o sargento… — Com certeza, deixaram rastros… nós os encontraremos.

— E eu bem que gostaria — acrescentou o senhor de Gesvres —, de saber o motivo desse ataque. Atear fogo a fardos de palha parece-me totalmente inútil.

— Venha comigo, senhor conde… talvez eu possa lhe dizer a razão.

Juntos, eles chegavam às ruínas do claustro. O sargento chamou:

— Lecanu?… Fossier?…

Outros policiais já procuravam seus camaradas deixados de guarda. Acabaram descobrindo-os na entrada da portinhola. Estavam estendidos no chão, amarrados, amordaçados, com os olhos vendados.

— Senhor conde — murmurou o sargento ao serem libertados —, brincaram conosco como se fôssemos crianças.

— Como assim?

— Os tiros… o ataque… o incêndio… tudo isso foi apenas um ardil para nos atrair para aquele lado… Uma diversão… Durante esse tempo, amarraram nossos dois homens e a coisa foi feita.

— Que coisa?

— O sequestro do ferido, claro!

— Então o senhor acredita…?

— Se eu acho? É a verdade certa. Essa ideia me ocorreu há uns dez minutos. Mas não passo de um imbecil por não ter pensado nisso antes. Teríamos pegado todos eles.

Quevillon bateu o pé em um súbito acesso de raiva.

— Mas onde, diabos? Por onde eles passaram? Por onde o levaram? E ele, o bandido, onde estava se escondendo? Pois, afinal, examinamos a área o dia inteiro e um indivíduo não se esconde em um tufo de grama, principalmente quando está ferido. Essas histórias são mágicas!…

O sargento Quevillon ainda não esgotara seu espanto. Ao amanhecer, ao entrarem no oratório que servia de cela para o jovem Beautrelet, perceberam que ele havia desaparecido. Numa cadeira, curvado, o guarda campestre dormia. Ao lado dele estava uma garrafa e dois copos. No fundo de um desses copos, era possível ver um pouco de pó branco.

Após exame, comprovou-se, primeiro, que Beautrelet havia administrado um narcótico ao guarda-florestal, que ele só podia ter escapado por uma janela, situada a dois metros e meio de altura — e por fim, um detalhe interessante, que ele só conseguira chegar àquela janela usando as costas de seu guardião como degrau.

Isidore Beautrelet, estudante de retórica

Transcrito do *Grand Journal*:

NOTÍCIAS DA NOITE

Sequestro do doutor Delattre.

Um golpe de grande audácia.

No momento de enviar o jornal para impressão, recebemos uma notícia cuja autenticidade não ousamos garantir, de tal forma nos parece improvável. Portanto, a publicamos com todas as reservas.

Ontem à noite, o doutor Delattre, o famoso cirurgião, assistia com sua esposa e sua filha à apresentação de Hernani, *na Comédie-Française. No início do terceiro ato, ou seja, por volta das dez horas, a porta de seu camarote se abriu; um cavalheiro, que estava acompanhado por dois outros, inclinou-se para o médico e disse alto o suficiente para que a senhora Delattre ouvisse:*

— Doutor, tenho uma missão das mais penosas a cumprir e lhe ficaria muito grato se tornasse minha tarefa mais fácil.

— Quem é o senhor?

— Sou Thézard, comissário de polícia, e temos ordens de levá-lo ao senhor Dudouis, na Prefeitura.

— Mas, afinal de contas…

— Nem uma palavra, doutor, peço-lhe, nem um gesto… É um erro lamentável, por isso devemos agir em silêncio e não chamar a atenção de ninguém. Antes do final da apresentação, o senhor estará de volta, não tenho dúvidas.

O médico se levantou e seguiu o comissário. No final da apresentação, ele não havia retornado.

Muito preocupada, a senhora Delattre foi à delegacia. Lá, encontrou o verdadeiro senhor Thézard e reconheceu, para seu grande espanto, que o indivíduo que levara seu marido não passava de um impostor.

As primeiras buscas revelaram que o médico tinha entrado em um automóvel e esse automóvel havia se afastado na direção da Concorde.

Nossa segunda edição manterá nossos leitores informados sobre essa incrível aventura.

Por mais incrível que fosse, a aventura era verídica. O desfecho não devia tardar a chegar e *Le Grand Journal*, ao mesmo tempo que a confirmava na edição do meio-dia, anunciou em poucas palavras a reviravolta que a encerrava.

O FIM DA HISTÓRIA

e o início das suposições.

Esta manhã, às nove horas, o doutor Delattre foi trazido de volta à porta do número 78 da Rua Duret, por um automóvel que, logo em seguida, rapidamente se distanciou. O número 78 da Rua Duret nada mais é que a própria clínica do doutor Delattre, clínica onde ele chega todas as manhãs nessa mesma hora.

Quando nos apresentamos, o médico, que estava em reunião com o chefe da Segurança, teve a gentileza de nos receber.

— Tudo que posso dizer — respondeu ele —, é que fui tratado com o maior respeito. Meus três companheiros são as pessoas mais charmosas que conheço, primorosamente educados, espirituosos e bons conversadores, o que não era desprezível, dada a extensão da viagem.

— Quanto tempo durou?

— Cerca de quatro horas.

— E o propósito dessa viagem?

— Fui levado a um paciente cujo estado exigia uma intervenção cirúrgica imediata.

— E essa operação deu certo?

— Sim, mas as consequências são temíveis. Aqui, eu responderia pelo doente. Mas lá, nas condições em que se encontra…

— Más condições?

— Execráveis… Um quarto de hospedaria… e a impossibilidade, por assim dizer absoluta, de receber tratamento.

— Então, quem pode salvá-lo?

— Um milagre… e, além do milagre propriamente dito, a sua constituição de uma força excepcional.

— E o senhor não pode falar mais sobre esse estranho cliente?

— Não posso. Primeiro, jurei, e depois recebi a quantia de dez mil francos[1] *em benefício da minha clínica popular. Se eu não ficar calado, essa quantia me será retomada.*

— Ora, vamos! Acredita?

— Por minha fé, sim, acredito. Todas essas pessoas me parecem extremamente sérias.

Essas foram as declarações que o médico nos deu.

E sabemos, por outro lado, que o chefe da Segurança ainda não conseguiu obter dele informações mais precisas sobre a operação que realizou, sobre o paciente que tratou e sobre as regiões que o automóvel percorreu. Portanto, parece difícil saber a verdade.

Essa verdade que o redator da entrevista admitia ser impotente para descobrir, as mentes um tanto clarividentes adivinharam por uma simples associação dos fatos ocorridos na véspera no castelo de Ambrumésy, e que todos os jornais noticiavam no mesmo dia nos mínimos detalhes. Obviamente, havia ali, entre o desaparecimento de um ladrão ferido e o sequestro de um famoso cirurgião, uma coincidência que devia ser levada em consideração.

A investigação, além disso, demonstrou a exatidão da hipótese. Ao seguir o rastro do pseudococheiro que fugira de bicicleta, constatou-se que este tinha chegado à floresta de Arques, situada a cerca de quinze quilômetros; que, dali, depois de ter atirado a bicicleta numa vala, ele se dirigira ao povoado de São Nicolau, e enviara a seguinte mensagem:

A.L.N., ESCRITÓRIO 45, PARIS

Situação desesperada. Operação urgente. Envie uma celebridade pela nacional catorze.

A prova era irrefutável. Avisados, os cúmplices em Paris se apressaram em fazer seus arranjos. Às dez horas da noite, despacharam a celebridade

pela estrada nacional número 14 que margeia a floresta de Arques e termina em Dieppe. Nesse período, graças ao incêndio ateado por ele mesmo, o bando de ladrões sequestrava seu líder e o transportava para uma hospedaria onde a operação passara a ser realizada assim que o médico chegou, por volta das duas da manhã.

Não havia dúvidas sobre isso. Em Pontoise, em Gournay, em Forges, o inspetor-chefe Ganimard, enviado especialmente de Paris, com o inspetor Folenfant, constatou a passagem de um automóvel na noite anterior… Da mesma forma, na estrada de Dieppe para Ambrumésy; e, embora os rastros do carro se perdessem a cerca de meia légua do castelo, pelo menos era possível notar muitos vestígios de passos entre a portinhola do parque e as ruínas do claustro. Além disso, Ganimard chamou a atenção para o fato de que a fechadura da portinhola fora forçada.

Então, tudo se explicava. Restava determinar de qual hospedaria o médico havia falado. Tarefa fácil para um policial experiente como Ganimard, bisbilhoteiro e paciente. O número de hospedarias é limitado, e esta, dado o estado do ferido, só poderia ficar nas proximidades de Ambrumésy. Ganimard e o sargento se puseram a campo. Quinhentos metros, mil metros, cinco mil metros ao redor, eles visitaram e vasculharam tudo que pudesse passar por uma hospedaria. Mas, contra todas as probabilidades, o moribundo persistiu em permanecer invisível.

Ganimard se manteve obstinado. Voltou ao castelo para dormir na noite de sábado, com a intenção de fazer sua investigação pessoal no domingo. No entanto, na manhã de domingo, ele soube que uma ronda de policiais vira naquela mesma noite uma figura escorregando no caminho escavado, fora dos muros. Era um cúmplice que voltava com informações? Seria o caso de supor que o líder do bando não havia deixado o claustro ou os arredores dele?

À noite, Ganimard dirigiu abertamente o esquadrão de policiais para o lado da granja e colocou a si mesmo e a Folenfant fora dos muros, perto da porta.

Um pouco antes da meia-noite, um indivíduo emergiu do bosque, disparou entre eles, cruzou a soleira da porta e penetrou no parque. Por três horas, eles o viram vagando pelas ruínas, curvando-se, escalando os velhos pilares, às vezes permanecendo imóvel por longos minutos. Então, ele se aproximou da porta e novamente passou entre os dois inspetores.

Ganimard o pegou pela gola, enquanto Folenfant o segurava pela cintura. Ele não ofereceu resistência e, obedientemente, permitiu que lhe amarrassem os pulsos e o conduzissem ao castelo. Mas, quando quiseram interrogá-lo, ele simplesmente respondeu que não lhes devia nenhuma explicação e que aguardaria a chegada do juiz de instrução.

Então, eles o amarraram firmemente ao pé de uma cama, em um dos dois quartos adjacentes que ocupavam.

Segunda-feira de manhã, às nove horas, assim que o senhor Filleul chegou, Ganimard anunciou a captura que havia realizado. Fizeram com que o prisioneiro descesse. Era Isidore Beautrelet.

— Senhor Isidore Beautrelet! — exclamou o senhor Filleul, com ar de alegria, estendendo as mãos para o recém-chegado. — Que surpresa boa! Nosso excelente detetive amador, aqui! À nossa disposição!… Mas é uma dádiva de Deus! Inspetor, permita-me apresentar-lhe o senhor Beautrelet, estudante de retórica no liceu Janson-de-Sailly.

Ganimard pareceu um pouco confuso. Isidore o cumprimentou em voz baixa, como um colega estimado por seu valor, e voltando-se para o senhor Filleul:

— Parece, senhor juiz de instrução, que recebeu boas informações sobre mim?

— Ótimas! Em primeiro lugar, você estava de fato em Veules-les-Roses quando a senhorita de Saint-Véran pensou tê-lo visto no caminho escavado. Vamos descobrir, não tenho dúvidas, a identidade de seu sósia. Em seguida, o senhor é de fato Isidore Beautrelet, um estudante de retórica, e até mesmo um excelente aluno, aplicado e de conduta exemplar. Como seu pai mora na província, você sai apenas uma vez por mês e se hospeda na casa do correspondente dele, o senhor Bernod, que não economiza elogios a seu respeito.

— De modo que…

— De modo que está livre.

— Absolutamente livre?

— Sem dúvida. Ah! No entanto, coloco para isso uma condição pequena, muito pequena. Entende que não posso libertar um cavalheiro que administra narcóticos, que foge pelas janelas e que é então pego em flagrante delito de vagabundagem em uma propriedade privada, sendo isso algo que não posso fazer sem uma compensação.

— Entendo.

— Então… vamos retomar nossa conversa interrompida, e você vai me dizer em que ponto estão suas buscas… Em dois dias de liberdade, deve ter avançado bastante com elas.

E como Ganimard estava para sair, demonstrando desdém por esse tipo de exercício, o juiz exclamou:

— Mas de forma alguma, senhor inspetor, seu lugar é aqui… Garanto-lhe que vale a pena ouvir o senhor Isidore Beautrelet. O senhor Isidore Beautrelet, de acordo com minhas informações, conquistou no liceu Janson-de-Sailly uma reputação de observador a quem nada pode passar despercebido, e me foi dito que seus colegas estudantes o consideram como seu êmulo, como o rival de Herlock Sholmes.

— É mesmo? — Ganimard disse em tom irônico.

— Perfeitamente. Um deles escreveu-me: "Se Beautrelet declara que sabe, deve-se acreditar nele e não duvide que o que ele vai dizer seja a expressão exata da verdade". Senhor Isidore Beautrelet, é agora ou nunca o momento de justificar a confiança de seus companheiros. Eu lhe ordeno, forneça-nos a expressão exata da verdade.

Isidore ouviu com um sorriso e respondeu:

— Senhor juiz de instrução, o senhor é cruel. Zomba dos pobres estudantes que se divertem como podem. O senhor tem toda a razão, aliás, não vou lhe dar outros motivos para me ridicularizar.

— Acontece que você não sabe nada, senhor Isidore Beautrelet.

— Admito, na verdade, muito humildemente, que nada sei. Porque não chamo "saber de alguma coisa" a descoberta de dois ou três pontos mais precisos que, aliás, tenho certeza, não lhe escaparam.

— Por exemplo?

— Por exemplo, o objeto do roubo.

— Ah, você realmente sabe qual foi o objeto do roubo?

— Como não tenho dúvidas de que o senhor o conhece. Foi mesmo a primeira coisa que estudei, já que era a tarefa que me parecia mais fácil.

— Mais fácil mesmo?

— Meu Deus, sim. É, no máximo, uma questão de raciocínio.

— Não mais?

— Não mais.

— E esse raciocínio?

— Aqui está, despojado de qualquer comentário. Primeiramente, *houve roubo*, já que essas duas jovens concordam em que de fato viram dois homens fugindo com objetos.

— Houve roubo.

— Por outro lado, *nada desapareceu*, já que o senhor de Gesvres afirma isso e ele mais que ninguém está em condições de sabê-lo.

— Nada desapareceu.

— Dessas duas observações, decorre inevitavelmente a seguinte consequência: a partir do momento em que houve roubo e nada desapareceu, é porque o objeto levado foi substituído por um objeto idêntico. Pode ser, apresso-me a dizer, que esse raciocínio não seja confirmado pelos fatos. Mas afirmo que é o primeiro que deve ser oferecido a nós, e que alguém tem o direito de rejeitá-lo somente após um exame sério.

— De fato… de fato… — murmurou o juiz de instrução, visivelmente interessado.

— Agora — continuou Isidore —, o que havia neste salão que poderia atrair a cobiça dos ladrões? Duas coisas. A tapeçaria primeiro. Não pode ser isso. Uma velha tapeçaria não pode ser imitada, e a fraude teria saltado aos olhos. Restavam os quatro Rubens.

— O que está dizendo?

— Digo que os quatro Rubens pendurados nesta parede são falsos.

— Impossível!

— Eles são falsos, *a priori*, inevitavelmente, e sem apelação.

— Repito que é impossível.

— Quase um ano atrás, senhor juiz de instrução, um jovem que se autodenominava Charpenais veio ao castelo de Ambrumésy e pediu permissão para copiar as pinturas de Rubens. Essa permissão foi concedida a ele pelo senhor de Gesvres. Todos os dias, durante cinco meses, de manhã à noite, Charpenais trabalhou neste salão. Foram as cópias que fez, molduras e telas, que substituíram as quatro grandes pinturas originais legadas ao senhor de Gesvres por seu tio, o marquês de Bobadilla.

— A prova?

— Não tenho provas para oferecer. Um quadro é falso porque é falso e acho que nem é preciso se examinar isso.

O senhor Filleul e Ganimard se entreolharam sem esconder seu espanto. O inspetor não pensava mais em se retirar. No final, o juiz de instrução murmurou:

— Seria necessário ter a opinião do senhor de Gesvres.

E Ganimard aprovou:

— Seria preciso ter sua opinião.

E deram ordem para que o conde fosse chamado ao salão.

Era uma verdadeira vitória para o jovem retórico. Obrigar dois profissionais como o senhor Filleul e Ganimard a levar em conta suas hipóteses, essa era uma homenagem da qual qualquer outro teria se orgulhado. Mas Beautrelet parecia insensível a essas pequenas satisfações de amor-próprio e, ainda sorrindo, sem a menor ironia, esperava. O senhor de Gesvres entrou.

— Senhor conde — disse-lhe o juiz de instrução —, o prosseguimento da nossa investigação coloca-nos frente à frente com uma eventualidade totalmente imprevista, e que lhe apresentamos com todas as reservas. Pode ser… eu digo, pode ser… que os assaltantes, ao invadir sua casa, tivessem por objetivo roubar seus quatro Rubens ou pelo menos substituí-los por quatro cópias… cópias que teriam sido executadas há um ano por um pintor chamado Charpenais. O senhor gostaria de examinar essas pinturas e nos dizer se as reconhece como autênticas?

O conde pareceu reprimir um movimento de contrariedade. Olhou para Beautrelet, depois para o senhor Filleul, e respondeu sem se preocupar em se aproximar dos quadros:

— Eu esperava, senhor juiz de instrução, que a verdade continuaria ignorada. Já que não aconteceu isso, não hesito em declarar: esses quatro quadros são falsos.

— Então o senhor sabia?

— Desde a primeira hora.

— Por que não disse?

— O proprietário de um objeto nunca tem pressa em dizer que esse objeto não é… ou não é mais autêntico.

— No entanto, essa era a única maneira de encontrá-los.

— Havia uma melhor.

— Qual?

— A de não tornar público o segredo, não assustar meus ladrões e lhes propor o resgate dos quadros com os quais eles devem estar um tanto embaraçados.

— Como se comunicar com eles?

O conde não respondeu, foi Isidore quem o fez:

— Por uma nota colocada nos jornais. Esta pequena nota foi publicada em *Le Journal* e *Le Matin*, nos seguintes termos:

Estou disposto a comprar de volta os quadros.

O conde assentiu. Mais uma vez, o jovem levou vantagem em relação aos mais velhos. O senhor Filleul era um bom jogador.

— Decididamente, caro senhor, estou começando a acreditar que seus camaradas não estão totalmente errados. Santo Deus, que visão! Que intuição! Se isso continuar, o senhor Ganimard e eu não teremos mais nada para fazer.

— Ora, essa parte não tinha nada de tão complicado.

— Quer dizer que o resto é mais? Eu me lembro de que, quando do nosso primeiro encontro, você parecia saber mais. Vejamos, pelo que me lembro, você disse que sabia o nome do assassino…

— De fato.

— Quem então matou Jean Daval? Esse homem está vivo? Onde ele está escondido?

— Há um mal-entendido entre nós, senhor juiz, ou melhor, um mal-entendido entre o senhor e a realidade dos fatos, e isso desde o início. O assassino e o fugitivo são dois indivíduos distintos.

— O que está dizendo? — exclamou o senhor Filleul. — O homem que o senhor de Gesvres viu no quarto de vestir e contra quem lutou, o homem que essas jovens viram no salão e em quem a senhorita de Saint-Véran atirou, o homem que caiu no parque e que estamos procurando, esse homem não foi quem matou Jean Daval?

— Não.

— Você descobriu os vestígios de um terceiro cúmplice que teria desaparecido antes da chegada dessas jovens?

— Não.

— Então eu não entendo mais… Quem é então o assassino de Jean Daval?

— Jean Daval foi morto por…

Beautrelet fez uma pausa, permaneceu pensativo por um momento e retomou:

— Mas primeiro devo mostrar-lhe o caminho que segui para chegar à certeza, e as próprias razões do assassinato… sem o que minha acusação lhe pareceria monstruosa… E ela não é… não, ela não é… Há um detalhe que não foi notado e que no entanto é da maior importância: é que Jean Daval, no momento em que foi atingido, estava completamente vestido, calçado com suas botas de caminhada, enfim, vestido como em pleno dia. No entanto, o crime foi cometido às quatro da manhã.

— Percebi essa estranheza — disse o juiz. — O senhor de Gesvres respondeu que Daval passava parte de suas noites trabalhando.

— Os criados dizem, ao contrário, que ele costumava se deitar muito cedo. Mas admitamos que estivesse de pé: por que desfez a cama para dar a impressão de que mentia? E se ele estava deitado, por que, ao ouvir o barulho, se deu ao trabalho de se vestir da cabeça aos pés, em vez de se vestir sumariamente? Visitei seu quarto no primeiro dia, enquanto o senhor almoçava: seus chinelos estavam ao pé da cama. Quem o impediu de colocá-los, em vez de calçar suas pesadas botinas ferradas?

— Até agora, não vejo…

— Até agora, na verdade, o senhor só pode ver anomalias. No entanto, pareceram-me muito mais suspeitas quando soube que o pintor Charpenais, o copista de Rubens, fora apresentado ao conde pelo próprio Jean Daval.

— E então?

— Então… daí a concluir que Jean Daval e Charpenais eram cúmplices, resta apenas um passo. Este passo, eu já o tinha dado quando de nossa conversa.

— Um pouco rápido, me parece.

— Na verdade, era necessária uma prova material. Ora, eu tinha descoberto no quarto de Daval, numa das folhas do bloco em que ele escrevia, este endereço, que aliás ainda está, decalcado pelo avesso, no mata-borrão: "Senhor A.L.N., agência 45, Paris". No dia seguinte, descobriu-se que o telegrama enviado de Saint-Nicolas pelo pseudococheiro tinha esse mesmo endereço: "A.L.N., agência 45". A prova material existia, Jean Daval se correspondia com o bando que havia organizado o sequestro dos quadros.

O senhor Filleul não fez nenhuma objeção.

— Está bem. A cumplicidade está estabelecida. E o que conclui disso?

— Em primeiro lugar, não foi o fugitivo quem matou Jean Daval, já que Jean Daval era seu cúmplice.

— Então?

— Senhor juiz de instrução, lembra-se da primeira frase que o senhor de Gesvres pronunciou ao acordar de seu desmaio. A frase, relatada pela senhorita de Gesvres, está nos autos: "Não estou ferido. E Daval?… Está vivo?… A faca?". Peço-lhe que a confronte com a parte de seu depoimento, também gravada nos autos, em que o senhor de Gesvres relata o ataque: "O homem saltou sobre mim e deu-me um soco na têmpora". Como poderia o senhor de Gesvres, que estava inconsciente, saber ao acordar que Daval fora atingido por uma faca?

Beautrelet não esperou de forma alguma por uma resposta à sua pergunta. Alguém diria que ele se apressava em fornecê-la ele mesmo, a fim de cortar todos os comentários. Ele recomeçou imediatamente:

— Portanto, foi Jean Daval quem conduziu os três ladrões para este salão. Enquanto ele estava ali com aquele que eles chamam de chefe, um barulho foi ouvido no quarto de vestir. Daval abriu a porta. Reconhecendo o senhor de Gesvres, correu em sua direção, armado com a faca. O senhor de Gesvres conseguiu arrancar-lhe a faca, golpeou-o com ela e caiu atingido por um soco por aquele indivíduo que as duas meninas devem ter visto poucos minutos depois.

De novo, o senhor Filleul e o inspetor se entreolharam. Ganimard balançou a cabeça desconcertado. O juiz retomou:

— Senhor conde, devo acreditar que essa versão é correta?…

O senhor de Gesvres não respondeu.

— Vamos, senhor conde, seu silêncio nos permitiria supor…

Muito claramente, o senhor de Gesvres pronunciou:

— Esta versão está correta em todos os aspectos.

O juiz sobressaltou-se.

— Então, não entendo por que o senhor induziu a justiça a incorrer num erro. Por que encobrir um ato que o senhor tinha o direito de cometer, em legítima defesa?

— Durante vinte anos — disse o senhor de Gesvres —, Daval trabalhou ao meu lado. Eu confiava nele. Ele me prestou serviços inestimáveis. Se ele

me traiu, seguindo não sei quais tentações, eu pelo menos não queria, em memória do passado, que sua traição fosse conhecida.

— O senhor não queria, mas tinha de…

— Não sou da sua opinião, senhor juiz de instrução. Desde que nenhum inocente fosse acusado desse crime, meu direito absoluto era de não acusar aquele que foi ao mesmo tempo o culpado e a vítima. Ele está morto. Acredito que a morte é um castigo suficiente.

— Mas agora, senhor conde, agora que a verdade foi revelada, o senhor pode falar.

— Sim. Aqui estão dois rascunhos de cartas escritas por ele aos seus cúmplices. Eu os tirei de sua carteira alguns minutos após sua morte.

— E quanto ao motivo do roubo?

— Vá a Dieppe, no número 18 da Rue de la Barre. Ali mora uma certa senhora Verdier. Foi por causa dessa mulher, que ele conheceu há dois anos, para sustentar suas necessidades de dinheiro, que Daval roubou.

Então tudo ia sendo esclarecido. O drama emergia das sombras e aos poucos aparecia sob uma luz verdadeira.

— Continuemos — disse o senhor Filleul, depois que o conde se retirou.

— Por minha fé — disse Beautrelet alegremente —, esgotei quase todos os meus recursos.

— Mas o fugitivo, o ferido?

— Sobre isso, senhor juiz de instrução, o senhor sabe tanto quanto eu… O senhor seguiu o rastro dele na grama do claustro… O senhor sabe…

— Sim, eu sei… mas, depois, eles o levaram, e o que eu queria são as indicações dessa hospedaria…

Isidore Beautrelet caiu na gargalhada.

— A hospedaria! A hospedaria não existe! É um truque para despistar a justiça, um truque engenhoso já que teve sucesso.

— No entanto, o doutor Delattre afirma…

— Ora, justamente — gritou Beautrelet, em tom convicto. — É porque o doutor Delattre afirma que não se deve acreditar.

— Como assim?

— De sua aventura, o doutor Delattre quis fornecer apenas os detalhes mais vagos! Não quis dizer nada que pudesse comprometer a segurança de seu cliente… E de repente ele chama a atenção para uma hospedaria! Mas

pode ter certeza de que, se ele usou essa palavra hospedaria, foi porque lhe foi imposta. Pode estar certo de que toda a história que ele nos contou lhe foi ditada sob ameaça de terríveis represálias. O médico tem mulher e filha. E as ama demais para desobedecer às pessoas cujo formidável poder ele experimentou. E é por isso que ele forneceu aos seus esforços a indicação mais precisa.

— Tão precisa que a hospedaria não pode ser encontrada.

— Tão precisa que o senhor continua procurando, contra toda probabilidade, e seus olhos se desviaram do único lugar onde o homem pode estar, desse lugar misterioso que ele não deixou, do qual nunca saiu desde o momento em que, ferido pela senhorita de Saint-Véran, conseguiu deslizar para dentro dele, como um animal em sua toca.

— Mas onde, caramba?…

— Nas ruínas da velha abadia.

— Mas não há muitas ruínas mais! Alguns restos de muros! Algumas colunas!

— É ali que ele se esconde, senhor juiz de instrução — exclamou Beautrelet com força —, é ali que devem se limitar suas buscas! É ali, e não em outro lugar, que o senhor encontrará Arsène Lupin.

— Arsène Lupin! — exclamou o senhor Filleul, levantando-se de um salto.

Houve um silêncio um tanto solene, no qual se prolongaram as sílabas do nome famoso. Arsène Lupin, o grande aventureiro, o rei dos ladrões, seria possível que fosse ele o adversário vencido, mas ainda assim invisível, que procuravam encarniçadamente e em vão havia vários dias? Mas Arsène Lupin apanhado na armadilha, preso, por um juiz de instrução, significava uma promoção imediata, a fortuna, a glória!

Ganimard não havia reagido. Isidore lhe disse:

— O senhor concorda comigo, não é, inspetor?

— Diabos!

— O senhor também. O senhor nunca duvidou de que ele fosse o organizador desse caso?

— Nem por um segundo! A assinatura está aí. Um golpe de Lupin é diferente de outro golpe, como um rosto é de outro rosto. Só precisa abrir os olhos.

— Você acredita… você acredita… — repetia o senhor Filleul.

— Claro que acredito! — gritou o jovem. — Veja, apenas este pequeno fato: usando quais iniciais essas pessoas se correspondiam? A.L.N., ou seja, a primeira letra do nome de Arsène, a primeira e a última do nome de Lupin.

— Ah! — disse Ganimard —, nada lhe escapa. Você é dos bons, e o velho Ganimard está baixando as defesas.

Beautrelet corou de prazer e apertou a mão que o inspetor lhe estendia. Os três homens tinham se aproximado do balcão e seu olhar se estendia sobre o campo de ruínas. O senhor Filleul murmurou:

— Então, ele estaria ali.

— *Ele está ali* — disse Beautrelet, numa voz contida. — Ele está ali desde o minuto em que caiu. De um ponto de vista lógico e prático, ele não poderia escapar sem ser visto pela senhorita de Saint-Véran e pelos dois criados.

— Que prova você tem disso?

— A prova, seus cúmplices a forneceram para nós. Naquela mesma manhã, um deles se disfarçou de cocheiro e trouxe o senhor até aqui…

— Para recuperar o boné, peça de identidade.

— Sim, mas também, e acima de tudo, para visitar o lugar, e verificar por si mesmo o que havia acontecido com o patrão.

— E ele conseguiu?

— Acho que sim, já que conhecia o esconderijo. E suponho que lhe foi revelado o estado de desespero de seu chefe, pois, sob o efeito da ansiedade, cometeu a imprudência de escrever esta frase de ameaça: *"Ai da jovem se ela tiver matado o chefe"*.

— Mas seus amigos foram capazes de sequestrá-lo depois?

— Quando? Seus homens não deixaram as ruínas. E então para onde o teriam levado? No máximo a algumas centenas de metros de distância, porque não se faz um moribundo viajar… Nesse caso, os senhores o teriam encontrado. Não, eu lhe digo, ele está lá. Seus amigos não o teriam arrancado do mais seguro dos retiros. Foi para lá que levaram o médico, enquanto os policiais corriam como crianças para o fogo.

— Mas como ele vive? Para viver é preciso comida, água!

— Não posso dizer nada… Não sei de nada… mas ele está ali, juro. Ele está ali porque não pode deixar de estar. Tenho certeza disso como se o visse, como se o tocasse. Ele está ali.

Com o dedo apontado em direção às ruínas, ele desenhava um pequeno círculo no ar que ia diminuindo gradualmente até se tornar apenas um ponto. E, esse ponto, os dois companheiros o procuravam desesperadamente, ambos curvados sobre o espaço, ambos comovidos pela mesma fé de Beautrelet e tremendo pela convicção ardente que ele lhes havia imposto. Sim, Arsène Lupin estava ali. Na teoria como de fato, ele estava ali, nenhum dos dois poderia duvidar mais.

E havia algo de terrível e trágico no fato de que, em algum refúgio escuro, jazia por terra, indefeso, febril, exausto, o famoso aventureiro.

— E se ele morrer? — disse M. Filleul em voz baixa.

— Se ele morrer — disse Beautrelet —, e se seus cúmplices tiverem certeza disso, cuide da salvação da senhorita Saint-Véran, senhor juiz, porque a vingança será terrível.

Poucos minutos depois, e apesar das súplicas do senhor Filleul, que de bom grado se conformaria com esse prestigioso auxiliar, Beautrelet, cujas férias terminavam nesse mesmo dia, retomou a estrada para Dieppe. Ele desembarcou em Paris por volta das cinco horas e, às oito horas, cruzava ao mesmo tempo que seus companheiros a porta do liceu Janson.

Ganimard, depois de uma exploração tão meticulosa quanto inútil nas ruínas de Ambrumésy, voltou no expresso da noite. Quando chegou em casa, encontrou a seguinte mensagem:

Senhor inspetor-chefe,

Tendo tido um pouco de folga no final do dia, pude recolher algumas informações adicionais que não deixarão de interessá-lo.

Há um ano, Arsène Lupin mora em Paris com o nome de Etienne de Vaudreix. É um nome que o senhor pôde ler com frequência em colunas sociais ou em reportagens esportivas. Grande viajante, ausenta-se por longos períodos, durante os quais vai, diz ele, caçar tigres em Bengala ou raposas-azuis na Sibéria.

Passa por negociante, sem que se possa especificar a que negócios se dedica.

Seu domicílio atual: Rue Marbeuf, 36. (Observe que a Rue Marbeuf fica perto da agência do Correio número 45.) Desde quinta-feira, 23 de abril, um dia antes do ataque de Ambrumésy, não temos notícias de

Etienne de Vaudreix.

Receba, senhor inspetor-chefe, com toda a minha gratidão pela gentileza que me dispensou, meus melhores votos de estima e consideração.

Isidore Beautrelet

P.S.: Acima de tudo, não pense que me custou muito obter essas informações. Na própria manhã do crime, quando o senhor Filleul continuava sua instrução na frente de uns poucos privilegiados, tive a feliz inspiração de examinar o boné do fugitivo antes que o pseudococheiro viesse trocá-lo. O nome do chapeleiro foi suficiente para mim, pode imaginar, para encontrar o fio que me fez saber o nome do comprador e seu domicílio.

Na manhã seguinte, Ganimard apresentava-se no número 36 da Rue Marbeuf. Após obter informações com o porteiro, ele mandou abrir o andar térreo à direita, onde não descobriu nada além de cinzas na lareira. Quatro dias antes, dois amigos tinham vindo queimar todos os papéis comprometedores. Mas, na hora de ir embora, Ganimard passou pelo carteiro, que trazia uma carta para o senhor de Vaudreix. À tarde, o Ministério Público, encarregado do caso, reclamava a carta. Tinha o carimbo da América e continha estas linhas, escritas em inglês:

Senhor,

Confirmo a resposta que dei ao seu agente. Assim que tiver em sua posse os quatro quadros do senhor de Gesvres, envie-os pelo método combinado. O senhor poderá acrescentar o resto, caso tenha conseguido, o que duvido muito.

Um imprevisto me obriga a partir, chegarei ao mesmo tempo que esta carta. Vai me encontrar no Grand-Hôtel.

Harlington

No mesmo dia, Ganimard, munido de um mandado de prisão, levou ao distrito o senhor Harlington, um cidadão americano, acusado de receptação e de cumplicidade em roubo.

Assim, no espaço de vinte e quatro horas, graças às indicações verdadeiramente inesperadas de um garoto de dezessete anos, todos os nós da trama se desatavam. Em vinte e quatro horas, o que era inexplicável tornava-se simples e brilhante. Em vinte e quatro horas, o plano dos cúmplices para salvar seu chefe fora frustrado, a captura de Arsène Lupin ferido, moribundo, era dada como certa, seu bando estava desorganizado, sabia-se onde estava instalado em Paris, conhecia-se a máscara com que se cobria. E trazia-se à luz, pela primeira vez, antes que ele pudesse assegurar a sua execução, um de seus golpes mais hábeis e mais longamente estudados.

Houve então como que um clamor imenso de espanto, admiração e curiosidade. O jornalista de Rouen, num artigo de muito sucesso, havia contado o primeiro interrogatório do jovem retórico, destacando sua boa presença, seu charme ingênuo e sua segurança tranquila. As indiscrições às quais sem querer Ganimard e o senhor Filleul se abandonaram, arrastados por um ímpeto mais forte que seu orgulho profissional, iluminaram o público sobre o papel de Beautrelet durante os últimos acontecimentos. Ele sozinho tinha feito tudo. Apenas para ele ia todo o crédito pela vitória.

As pessoas ficaram apaixonadas. De um dia para o outro, Isidore Beautrelet se tornou um herói, e a multidão, repentinamente fascinada, exigiu mais detalhes sobre seu novo favorito. Os repórteres se dedicaram a isso. Lançaram-se de assalto ao liceu Janson-de-Sailly, vigiaram os alunos do externato na saída das aulas e reuniram tudo que estava relacionado, de perto ou de longe, a Beautrelet; e assim se soube da reputação de que gozava entre seus camaradas aquele a quem chamavam de rival de Herlock Sholmes. Raciocinando com lógica e sem mais informações do que as que lia nos jornais, ele tinha, em várias ocasiões, anunciado a solução de casos complicados que a justiça só iria desvendar muito tempo depois. No liceu Janson havia se tornado uma diversão colocar para Beautrelet perguntas difíceis, problemas indecifráveis, e era de espantar com que certeza de análise, por meio de que deduções engenhosas, ele se posicionava no meio da escuridão mais densa. Dez dias antes da prisão do dono da mercearia Jorisse, ele indicava o partido que se podia tirar do famoso guarda-chuva. Da mesma forma, afirmava desde o início, em relação ao drama de Saint-Cloud, que o porteiro era o único assassino possível.

Mas o mais curioso era o opúsculo que circulava entre os alunos do liceu, opúsculo assinado por ele, impresso em máquina de escrever e com

tiragem de dez exemplares. Tinha como título: *"Arsène Lupin, seu método, em que ele é clássico e em que é original"*. Seguia-se um paralelo entre o humor inglês e a ironia francesa.

Era um estudo aprofundado de cada uma das aventuras de Lupin, em que os processos do ilustre ladrão apareciam com extraordinário relevo, em que era mostrado o próprio mecanismo de seus modos de agir, sua tática muito especial, suas cartas aos jornais, suas ameaças, o anúncio de seus roubos, em suma, todos os artifícios que ele empregava para "cozinhar" a vítima escolhida e colocá-la em tal estado de espírito que ela quase se oferecia ao golpe arquitetado contra ela. E como tudo era realizado, por assim dizer, com seu próprio consentimento.

E era tão justo quanto crítico, tão penetrante, tão vivo, e de uma ironia ao mesmo tempo tão ingênua e tão cruel, que os que riam imediatamente passaram para o seu lado, que a simpatia das multidões se voltou sem transição de Lupin para Isidore Beautrelet. Na luta que se travava entre eles, a vitória do jovem retórico foi proclamada de antemão.

Em todo caso, tanto o senhor Filleul quanto a polícia de Paris pareciam ter ciúmes de reservar-lhe a possibilidade dessa vitória. Por um lado, de fato, não se conseguia estabelecer a identidade do senhor Harlington, nem fornecer prova decisiva de sua filiação ao bando de Lupin. Comparsa ou não, ele se mantinha obstinadamente calado. Além disso, depois de examinar sua caligrafia, ninguém ousava afirmar que ele tinha sido o autor da carta interceptada. Um senhor Harlington, munido de uma mala de viagem e de um grosso talão de cheques, tinha se hospedado no Grand-Hôtel, isso era tudo que se podia dizer.

Por outro lado, em Dieppe, o senhor Filleul repousava sobre as posições que Beautrelet conquistara para ele. Não dava um passo adiante. Em torno do indivíduo que a senhorita de Saint-Véran tomara por Beautrelet, na véspera do crime, o mesmo mistério. As mesmas trevas também sobre tudo o que tinha a ver com o sequestro dos quatro Rubens. O que acontecera com essas pinturas? E o automóvel que os havia levado à noite, que caminho tomara?

Em Luneray, Yerville, Yvetot, tinham sido recolhidas provas da sua passagem, bem como em Caudebec-en-Caux, onde tivera de atravessar o Sena ao amanhecer no ferry a vapor. Mas ao se aprofundar a investigação, soube-se que o referido automóvel era descoberto e que teria sido

impossível empilhar nele quatro grandes pinturas sem que os funcionários da balsa os tivessem visto. Muito provavelmente era o mesmo carro, mas ainda assim se colocava a questão: o que havia acontecido com os quatro Rubens?

Tantos problemas que o senhor Filleul deixava sem resposta. Diariamente, seus subordinados vasculhavam o quadrilátero das ruínas. Quase todos os dias, ele vinha dirigir as explorações. Mas daí à descoberta do local onde Lupin agonizava — se a opinião de Beautrelet estivesse correta — daí a descobrir o esconderijo, havia um abismo que o excelente magistrado não parecia de forma alguma preparado para atravessar.

Portanto, era natural que se recorresse a Isidore Beautrelet, pois só ele havia conseguido dissipar as trevas que, ao seu redor, tornavam-se mais intensas e impenetráveis. Por que ele não estava mais interessado no caso? No ponto em que ele o levara, bastava um pequeno esforço para concluir.

A pergunta foi feita a ele por um editor do *Grand Journal*, que se introduziu no liceu Janson com o nome falso de Bernod, correspondente de Beautrelet. Ao que Isidore respondeu muito sabiamente:

— Caro senhor, não há só Lupin neste mundo, não há só histórias de ladrões e detetives, há também essa realidade chamada exame final. Ora, vou prestar minhas provas em julho. Estamos em maio. E não quero falhar. O que meu bom pai diria?

— Mas o que ele diria se você levasse Arsène Lupin à justiça?

— Ora! Há um tempo para todas as coisas. Nos próximos feriados…

— No dia de Pentecostes?

— Sim. Partirei no sábado, 6 de junho, no primeiro trem.

— E na noite desse sábado Arsène Lupin será preso.

— O senhor não me dá um prazo até domingo? — perguntou Beautrelet, rindo.

— Por que essa demora? — retrucou o jornalista num tom mais sério.

Essa confiança inexplicável, nascida recentemente e já tão forte, todos a sentiam em relação ao jovem, embora na realidade os acontecimentos a justificassem apenas até certo ponto. Que importava! Acreditava-se. De seu lado, nada lhe parecia difícil. Esperava-se dele o que se teria podido esperar, no máximo, de algum fenômeno de clarividência e intuição, experiência e habilidade. Dia 6 de junho! Essa data estava estampada em todos os jornais. Em 6 de junho, Isidore Beautrelet pegaria o expresso para Dieppe e,

à noite, Arsène Lupin seria preso.

— A menos que daqui até lá ele escape… — objetavam os últimos apoiadores do aventureiro.

— Impossível! Todas as saídas estão vigiadas.

— A menos que ele tenha sucumbido aos ferimentos — retomavam os partidários de Lupin, os quais teriam preferido a morte à captura de seu herói.

E a resposta era imediata:

— Vamos lá, se Lupin estivesse morto, seus cúmplices saberiam, e ele seria vingado — Beautrelet disse.

E chegou o dia 6 de junho. Meia dúzia de jornalistas vigiavam Isidore na estação Saint-Lazare. Dois deles queriam acompanhá-lo em sua viagem. Ele implorou que não o fizessem.

Então partiu sozinho. Sua cabine estava vazia. Bastante cansado de uma série de noites consagradas ao trabalho, ele logo adormeceu profundamente. Em sonho, teve a impressão de que parava em estações diferentes e que as pessoas subiam e desciam do trem. Quando acordou, à vista de Rouen, ainda estava sozinho. Mas, no encosto do banco à sua frente, uma grande folha de papel, fixada por um alfinete ao tecido de cor cinza, se apresentava a seus olhos. Ela continha estas palavras:

Cada um tem seus próprios negócios. Ocupe-se dos seus. Caso contrário, será muito ruim para você.

— Perfeito! — disse ele para si mesmo, esfregando as mãos. — As coisas estão ruins no campo adversário. Essa ameaça é tão estúpida quanto a do pseudococheiro. Que estilo! Pode-se ver que não foi escrita por Lupin.

O trem estava no túnel que precede a velha cidade normanda. Na estação, Isidore deu duas ou três voltas na plataforma para esticar as pernas. Estava prestes a retornar à sua cabine, quando um grito lhe escapou. Ao passar perto da banca de jornais, ele lera distraidamente, na primeira página de uma edição especial do *Journal de Rouen*, essas poucas linhas das quais repentinamente percebeu o assustador significado:

Urgente. — Comunicam-nos por telefone de Dieppe que, esta noite, malfeitores entraram no castelo de Ambrumésy, amarraram e amordaçaram a senhorita de Gesvres e sequestraram a senhorita de Saint-Véran. Traços de sangue foram notados a quinhentos metros do castelo, e nas proximidades encontrou-se uma echarpe também

manchada de sangue. Há motivos para temer que a infeliz jovem tenha sido assassinada.

Até Dieppe, Isidore Beautrelet permaneceu imóvel. Curvado, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos pressionadas contra o rosto, ele refletia. Em Dieppe, alugou um carro. Na entrada de Ambrumésy, encontrou o juiz de instrução, que lhe confirmou a horrível notícia.

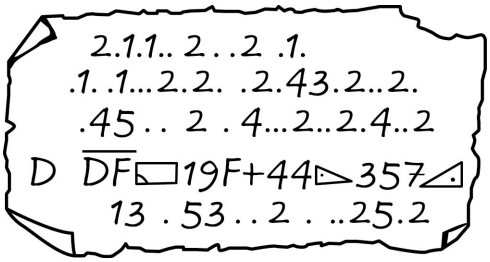
— O senhor não sabe de mais nada? — perguntou Beautrelet.

— Nada. Acabo de chegar.

Ao mesmo tempo, o sargento de polícia aproximava-se do senhor Filleul e entregava-lhe um pedaço de papel amarelado, amassado e rasgado, que acabara de pegar não muito longe do local onde o lenço fora encontrado. O senhor Filleul o examinou e o entregou a Isidore Beautrelet, dizendo:

— Isso não vai nos ajudar muito em nossas buscas.

Isidore se virou e revirou o pedaço de papel. Coberto de números, pontos e sinais, oferecia exatamente o desenho que mostramos a seguir:



---

[1] Francos de 1909. (N.E.)

O cadáver

Por volta das seis da tarde, terminadas as operações, o senhor Filleul, acompanhado de seu escrivão, senhor Brédoux, esperava o transporte que o levaria de volta a Dieppe. Ele parecia inquieto, nervoso. Por duas vezes, perguntou:

— Não viu o jovem Beautrelet?

— Não vi, senhor juiz.

— Onde diabos ele pode estar? Ele não foi visto durante o dia.

De repente, ele teve uma ideia. Confiou sua pasta a Brédoux, deu a volta ao castelo rapidamente e rumou para as ruínas.

Perto da grande arcada, deitado de bruços no chão forrado com longas agulhas de pinheiro, um dos braços dobrado sob a cabeça, Isidore parecia meio adormecido.

— Que aconteceu, meu jovem? Está dormindo?

— Não estou dormindo. Estou refletindo.

— Isso é hora de refletir? É preciso ver primeiro. É preciso estudar os fatos, procurar as pistas, estabelecer os pontos de referência. É a partir daí que, por meio da reflexão, se coordena tudo isso e se descobre a verdade.

— Sim, eu sei… é o método usual… o correto sem dúvida. Mas eu tenho outro… Reflito primeiro, busco antes de tudo encontrar a ideia geral do caso, se é que posso colocar dessa forma. Então, imagino uma hipótese razoável e lógica, de acordo com essa ideia geral. E é só depois que examino se os fatos estão dispostos a se adaptar à minha hipótese.

— Método esquisito e muito complicado!

— Método seguro, senhor Filleul, enquanto o seu não é.

— Ora vamos, fatos são fatos.

— Com adversários comuns, sim. Mas, enquanto o inimigo tiver alguma astúcia, os fatos são os que ele escolheu. Essas pistas famosas sobre as quais o senhor está construindo sua investigação, ele esteve livre para usá-las como quisesse. E o senhor vê então, quando se trata de um homem como Lupin, aonde isso pode levá-lo, a que erros e a que bobagens! O próprio Sholmes caiu na armadilha.

— Arsène Lupin está morto.

— Que seja. Mas seu bando permanece, e os alunos de tal mestre são eles próprios mestres.

O senhor Filleul pegou Isidore pelo braço e arrastou-o consigo:

— Palavras, meu jovem. Aqui está o que é mais importante. Ouça com atenção. Ganimard, atualmente retido em Paris, só chegará em alguns dias. Por outro lado, o conde de Gesvres telegrafou para Herlock Sholmes, que prometeu ajuda para a próxima semana. Meu jovem, não acha que haveria alguma glória em dizer a essas duas celebridades, no dia da sua chegada: "Mil desculpas, caros senhores, mas não pudemos esperar mais. O trabalho está terminado".

Era impossível alguém confessar sua impotência com mais engenhosidade do que o que fazia aquele bom senhor Filleul. Beautrelet reprimiu um sorriso e, fingindo ter sido iludido, respondeu:

— Admito, senhor juiz de instrução, que não fui assistir à sua investigação agora há pouco esperando que o senhor me comunicasse os resultados. Vejamos, o que o senhor sabe?

— Então… aqui está. Ontem à noite, às 11 horas, os três policiais que o sargento Quevillon tinha deixado de serviço no castelo receberam uma pequena nota do próprio sargento chamando-os a toda pressa para Ouville, onde se encontra seu regimento. Eles montaram a cavalo imediatamente, e quando chegaram lá…

— Descobriram que haviam sido enganados, que a ordem era falsa e que só lhes restava retornar para Ambrumésy.

— Foi o que fizeram, sob a liderança do sargento. Mas sua ausência durou uma hora e meia, e durante esse tempo o crime tinha sido cometido.

— Sob que condições?

— Sob as condições mais simples. Uma escada emprestada dos edifícios da granja foi fixada contra o segundo andar do castelo. Depois, uma vidraça foi cortada, uma janela aberta. Dois homens, munidos de uma lanterna,

entraram no quarto da senhorita de Gesvres e a amordaçaram antes que ela tivesse tempo de gritar por socorro. Depois, tendo a amarrado com cordas, abriram com muita delicadeza a porta do quarto onde a senhorita de Saint-Véran dormia. A senhorita de Gesvres ouviu um gemido abafado, depois o som de uma pessoa que se debatia. Um minuto depois, ela viu os dois homens carregando sua prima, também amarrada e amordaçada. Eles passaram por ela e saíram pela janela. Exausta, apavorada, a senhorita de Gesvres desmaiou.

— Mas e os cachorros? O senhor de Gesvres não tinha comprado dois molossos?

— Eles foram encontrados mortos, envenenados.

— Mas por quem? Ninguém conseguia se aproximar deles.

— Mistério. A verdade é que os dois homens atravessaram as ruínas sem incidentes e saíram pela famosa portinhola. Cruzaram o matagal, contornando as antigas pedreiras… Foi a apenas quinhentos metros do castelo, ao pé da árvore chamada o Grande Carvalho, que pararam… e colocaram o seu projeto em prática.

— Por que, se tinham vindo com a intenção de matar a senhorita de Saint-Véran, não o fizeram em seu quarto?

— Não sei. Talvez o incidente que os determinou a fazer isso só tenha ocorrido na saída do castelo. Talvez a jovem tenha conseguido se desamarrar. Então, para mim, a echarpe encontrada tinha sido usada para amarrar seus pulsos. Em todo caso, foi ao pé do Grande Carvalho que atacaram. As evidências que reuni são irrefutáveis…

— Mas o corpo?

— O corpo não foi encontrado, o que, aliás, não deveria nos surpreender muito. O caminho percorrido levou-me, de fato, à igreja de Varengeville, ao antigo cemitério suspenso no alto da falésia. Lá há o precipício… um abismo de mais de cem metros. E, embaixo, os rochedos e o mar. Em um ou dois dias, uma maré mais forte trará o corpo de volta à orla.

— Obviamente, tudo isso é muito simples.

— Sim, é tudo muito simples e não me embaraça. Lupin está morto, seus cúmplices souberam disso e, para se vingarem, tal como haviam escrito, assassinaram a senhorita de Saint-Véran, fatos que nem precisavam ser verificados. Mas… e Lupin?

— Lupin?

— Sim, o que aconteceu com ele? Muito provavelmente, seus cúmplices removeram o cadáver dele ao mesmo tempo que levavam a jovem, mas que prova temos desse sequestro? Nenhuma. Não mais do que sua permanência nas ruínas, não mais do que de sua morte ou de sua vida. E esse é todo o mistério, meu caro Beautrelet. O assassinato da senhorita Raymonde não é um desfecho. Pelo contrário, é uma complicação. O que aconteceu nos últimos dois meses no castelo de Ambrumésy? Se não decifrarmos esse enigma, virão outros que nos deixarão a ver navios.

— Que dia eles virão, esses outros?

— Quarta… Terça, talvez…

Beautrelet pareceu fazer um cálculo, então disse:

— Senhor juiz de instrução, hoje é sábado. Tenho de voltar para o liceu na segunda à noite. Então… Segunda-feira de manhã, se o senhor quiser estar aqui às dez horas, vou tentar revelar-lhe a palavra do enigma.

— Sério, Beautrelet… você acha? Tem certeza ?

— Pelo menos assim espero.

— E agora para onde está indo?

— Vou ver se os fatos estão dispostos a se acomodar à ideia geral que estou começando a discernir.

— E se eles não se acomodarem?

— Pois bem, senhor juiz de instrução, serão eles que estarão errados — disse Beautrelet rindo —, e procurarei outros mais dóceis. Vejo-o na segunda, certo?

— Na segunda.

Poucos minutos depois, o senhor Filleul viajava para Dieppe, enquanto Isidore, munido de uma bicicleta que lhe fora emprestada pelo conde de Gesvres, seguia na estrada de Yerville e de Caudebec-en-Caux.

Havia um detalhe sobre o qual o jovem queria acima de tudo formar uma opinião clara, porque este parecia-lhe ser precisamente o ponto fraco do inimigo. Objetos do tamanho dos quatro Rubens não podem ser escondidos. Eles tinham de estar em algum lugar. Se no momento não havia como encontrá-los, não seria possível descobrir o caminho pelo qual eles tinham desaparecido?

A hipótese de Beautrelet era a seguinte: o automóvel havia levado os quatro quadros, mas antes de chegar a Caudebec eles tinham sido passados

para outro automóvel que cruzara o Sena rio acima ou rio abaixo de Caudebec. Rio abaixo, a primeira balsa era a de Quillebeuf, uma passagem movimentada e, portanto, perigosa. Rio acima, havia a balsa de La Mailleraie, uma grande vila isolada, fora de qualquer comunicação.

Por volta da meia-noite, Isidore cruzara as dezoito léguas que o separavam de La Mailleraie e batia na porta de uma hospedaria situada à beira da água. Ele dormiu lá e, pela manhã, questionou os marinheiros da balsa. Eles consultaram o livro de passageiros. Nenhum automóvel passara na quinta-feira 23 de abril.

— Então, uma carruagem? — Beautrelet insinuou. — Uma charrete?

— Também não.

Durante toda a manhã, Isidore procurou se informar. Ia partir para Quillebeuf, quando o rapaz da hospedaria onde tinha dormido lhe disse:

— Naquela manhã, eu voltava dos meus treze dias de férias e vi uma charrete, mas ela não atravessou o rio.

— Como?

— Não. Transferiram sua carga para uma espécie de barco plano, uma barcaça, como eles chamam, que estava atracada no cais.

— E essa charrete, de onde vinha?

— Oh, eu a reconheci bem! Era do Mestre Vatinel, o charreteiro.

— Onde ele mora?

— No povoado de Louvetot.

Beautrelet olhou para seu mapa. O povoado de Louvetot ficava no cruzamento da estrada de Yvetot para Caudebec com um pequeno caminho sinuoso que atravessava a floresta até La Mailleraie!

Só às seis da tarde Isidore conseguiu descobrir numa taberna o Mestre Vatinel, um daqueles velhos normandos astutos, sempre na defensiva, que desconfiam de estranhos, mas que não sabem resistir ao fascínio de uma moeda de ouro e à influência de alguns pequenos copos.

— Bem, senhor, naquela manhã os homens no carro tinham combinado de me encontrar às cinco horas no cruzamento. Eles me deram quatro grandes embrulhos, desse tamanho. Um deles me acompanhou. E carregamos tudo para a barcaça.

— O senhor fala sobre eles como se já os conhecesse.

— É claro que os conhecia! Era a sexta vez que trabalhava para eles.

Isidore estremeceu.

— O senhor diz a sexta vez?… E desde quando?

— Todos os dias antes daquele, diabos! Mas então eram outros volumes. Grandes pedaços de pedra… ou umas menores bem compridas que eles tinham embrulhado e carregavam como se fosse o Santíssimo Sacramento. Ah, naquelas não podíamos tocar… Mas o que tem? Está pálido.

— Não é nada… o calor…

Beautrelet saiu aos tropeções. A alegria e o inesperado da descoberta o atordoavam.

Ele voltou de forma bem tranquila, dormiu à noite no vilarejo de Varengeville, passou, na manhã seguinte, uma hora na prefeitura com o preceptor e voltou ao castelo. Uma carta o esperava lá "aos cuidados do senhor conde de Gesvres". Seu conteúdo era o seguinte:

Segundo aviso. Cale a boca. Se não…

— Ora — ele murmurou —, vou ter de tomar algumas precauções para minha segurança pessoal. Caso contrário, como costumam dizer…

Eram nove horas; ele caminhou entre as ruínas, depois se deitou perto da arcada e fechou os olhos.

— Então… jovem, está feliz com suas buscas?

Era o senhor Filleul que chegava na hora marcada.

— Muito feliz, senhor juiz de instrução.

— O que significa isso?

— Significa que estou pronto para cumprir minha promessa, apesar desta carta que não me estimula muito.

Ele mostrou a carta ao senhor Filleul.

— Ora, bobagens — exclamou este último —, e espero que isso não o impeça…

— De lhe dizer o que sei? Não, senhor juiz de instrução. Eu prometi: vou cumprir. Em dez minutos, saberemos… uma parte da verdade.

— Uma parte?

— Sim, na minha opinião, o esconderijo de Lupin não constitui todo o problema. Mas quanto ao resto, veremos depois.

— Senhor Beautrelet, nada me surpreende de sua parte. Mas como conseguiu descobrir?…

— Oh, bem naturalmente. Há na carta do senhor Harlington ao senhor Etienne de Vaudreix, ou melhor, a Lupin…

— A carta interceptada?

— Sim. Há uma frase que sempre me intrigou. É esta aqui: "Assim que tiver em sua posse os quatro quadros do senhor de Gesvres, envie-os pelo método combinado. O senhor poderá acrescentar o resto, caso tenha conseguido, o que duvido muito".

— De fato, eu me lembro.

— O que era esse resto? Um objeto de arte, uma curiosidade? Fora os Rubens e as tapeçarias, o castelo não oferecia nada de precioso. Joias? São muito poucas e de valor medíocre. Então o quê? E, por outro lado, seria possível admitir que gente como Lupin, de tão prodigiosa habilidade, não tivesse conseguido acrescentar ao envio *esse resto*, que eles obviamente tinham proposto? Tarefa difícil, é provável; excepcional, sim, mas possível, portanto certa, pois Lupin o queria.

— No entanto, ele falhou: nada desapareceu.

— Ele não falhou; algo desapareceu.

— Sim, os Rubens… mas…

— Os Rubens, e mais alguma coisa… Algo que se substituiu por uma coisa idêntica, como foi feito com o Rubens, algo muito mais extraordinário, mais raro e mais precioso que os Rubens.

— O que, então? Você me deixa impaciente.

Andando pelas ruínas, os dois homens tinham se dirigido à portinhola e caminhado ao longo da Chapelle-Dieu. Beautrelet parou.

— Quer mesmo saber, senhor juiz de instrução?

— Sim, quero!

Beautrelet tinha uma bengala na mão, um bastão sólido e nodoso. De repente, com um golpe dessa bengala, ele quebrou uma das estatuetas que adornavam o portal da capela.

— Mas você está louco — exclamou o senhor Filleul, fora de si, e se precipitando em direção aos pedaços da estatueta. Você está louco! Esse velho santo era admirável…

— Admirável! — exclamou Isidore, ao mesmo tempo que rodando o bastão derrubava a Virgem Maria.

O senhor Filleul agarrou-o pela cintura.

— Meu jovem, não vou deixá-lo cometer…

Um rei mago ainda foi pelos ares, depois uma manjedoura com o Menino Jesus…

— Mais um movimento e atiro.

O conde de Gesvres aparecera e engatilhava seu revólver.

Isidore Beautrelet caiu na gargalhada.

— Então, atire, senhor conde… atire, como se estivesse num parque de diversões… Veja… esse sujeito que segura a cabeça com as duas mãos.

E o São João Batista se espatifou.

— Ah! — disse o conde, apontando o revólver —, que profanação!… essas obras-primas!

— Falsas, senhor conde!

— O quê? O que está dizendo? — gritou o senhor Filleul, enquanto desarmava o conde.

— Lixo, papelão.

— Será possível?

— Massa porosa. Vazia! Nada!

O conde se abaixou e pegou um fragmento de uma estatueta.

— Dê uma boa olhada, senhor conde… gesso! Gesso patinado, mofado, esverdeado como pedra velha… mas gesso, moldes de gesso… isso é tudo o que resta de uma obra-prima pura… foi o que fizeram em poucos dias!… foi isso que o senhor Charpenais, o copiador dos Rubens, preparou há um ano.

Ele agarrou o braço do senhor Filleul.

— O que acha, senhor juiz de instrução? É bonito? É enorme? Gigantesco? A capela levada! Uma capela gótica inteira recolhida pedra por pedra! Toda uma população de estatuetas, tornada cativa e substituída por figuras de estuque! Um dos mais magníficos exemplares de uma era incomparável da arte, confiscado! A Chapelle-Dieu, finalmente, roubada! Não é formidável? Ah, senhor juiz de instrução, que gênio esse homem é!

— Está se empolgando, senhor Beautrelet.

— A gente nunca se empolga, senhor, quando se trata de tais indivíduos. Qualquer coisa que está acima da média vale a pena admirar. E esse homem paira acima de tudo. Há nesse voo uma riqueza de concepção, uma força, um poder, uma destreza e uma desenvoltura que me dão arrepios.

— Pena que ele esteja morto — zombou o senhor Filleul —, caso contrário, teria acabado por roubar as torres de Notre-Dame.

Isidore encolheu os ombros.

— Não ria, senhor. Mesmo morto, ele o perturba.

— Não o nego, senhor Beautrelet, e admito que não é sem certa emoção que me preparo para contemplá-lo… Isso se, no entanto, seus camaradas não tiverem sumido com seu cadáver.

— Pode-se admitir, então — observou o conde de Gesvres —, que tenha sido ele ele que minha sobrinha feriu.

— Foi ele, senhor conde — afirmou Beautrelet —, foi ele quem caiu nas ruínas sob a bala disparada pela senhorita de Saint-Véran; foi ele quem ela viu se levantar, e quem caiu de novo, e se arrastou até a grande arcada para se levantar por uma última vez. Por um milagre, cuja explicação lhes darei em breve, ele chegou a esse refúgio de pedra que viria a ser seu túmulo.

E com sua bengala atingiu a soleira da capela.

— Hein? O quê? — gritou o senhor Filleul, espantado… — Seu túmulo?… Você acha que esse esconderijo impenetrável…

— Encontra-se aqui…— ele repetiu.

— Mas nós procuramos.

— Procuraram mal.

— Não há esconderijo aqui — protestou o senhor de Gesvres. — Eu conheço a capela.

— Sim, senhor conde, existe. Vá até a prefeitura de Varengeville, onde estão recolhidos todos os papéis que estavam na antiga paróquia de Ambrumésy, e ficará sabendo, por esses papéis datados do século XVIII, que havia uma cripta sob a capela. Essa cripta data, sem dúvida, da capela românica, sobre cuja localização esta aqui foi construída.

— Mas como Lupin teria sabido desse detalhe? — perguntou o senhor Filleul.

— De uma forma muito simples, pelas obras que teve de realizar para remover a capela.

— Vamos, vamos, Beautrelet, está exagerando… Ele não removeu a capela inteira. Veja, nenhuma dessas pedras fundamentais foi tocada.

— Obviamente, ele só moldou e só levou o que tinha valor artístico, as pedras trabalhadas, as esculturas, as estatuetas, todo o tesouro das colunetas e das ogivas cinzeladas. Ele não se ocupou da base da construção. As fundações permanecem.

— Consequentemente, senhor Beautrelet, Lupin não conseguiu entrar na cripta.

Nesse momento, o senhor de Gesvres, que havia chamado um de seus criados, voltava com a chave da capela. Ele abriu a porta. Os três homens entraram.

Após um momento de análise, Beautrelet retomou:

— As lajes do terreno, é claro, foram respeitadas. Mas é fácil perceber que o altar-mor nada mais é que um molde. Porém, geralmente, a escada que desce para as criptas abre-se em frente ao altar-mor e passa por baixo dele.

— E o que conclui disso?

— Concluo que foi enquanto trabalhava lá que Lupin encontrou a cripta.

Com a ajuda de uma picareta que o conde mandou buscar, Beautrelet atacou o altar. Os pedaços de gesso saltaram para todo lado.

— Caramba! — murmurou o senhor Filleul —, mal posso esperar para saber…

— Eu também, eu também — disse Beautrelet, cujo rosto estava pálido de angústia.

Ele acelerou os golpes. E de repente, a picareta, que até então não havia encontrado resistência, atingiu um material mais duro e ricocheteou. Houve um som de desmoronamento e o que restou do altar afundou no vazio seguindo o bloco de pedra que a picareta havia atingido. Beautrelet se inclinou para a frente. Acendeu um fósforo e o passou através do vazio:

— A escada começa mais à frente do que eu esperava, quase sob as lajes da entrada. Consigo ver os últimos degraus.

— É profundo?

— Três ou quatro metros… Os degraus são muito altos… e faltam alguns.

— Não é provável — disse o senhor Filleul —, que durante a curta ausência dos três policiais, quando a senhorita de Saint-Véran estava sendo sequestrada, não é provável que os cúmplices tenham tido tempo de retirar o cadáver deste subterrâneo. Aliás, por que teriam feito isso, afinal? Não, para mim, ele está lá.

Um criado trouxe-lhes uma escada que Beautrelet introduziu na escavação. Tateando, apoiou-a nos escombros caídos. Em seguida, segurando-a vigorosamente, disse:

— Quer descer, senhor Filleul?

O juiz de instrução, munido de uma vela, aventurou-se. O conde de Gesvres o seguiu. Beautrelet, por sua vez, pôs o pé no primeiro degrau.

Havia dezoito que ele contou mecanicamente enquanto seus olhos examinavam a cripta onde a luz da vela lutava contra a escuridão pesada. Mas, embaixo, um odor violento e imundo o atingiu, um daqueles odores de podridão cuja lembrança provoca vômitos. O cheiro fez seu estômago revirar.

E de repente uma mão trêmula agarrou-lhe o ombro.

— Então? O que está havendo?

— Beautrelet — gaguejou o senhor Filleul.

Ele não conseguia falar, dominado pelo medo.

— Vamos, senhor juiz de instrução, recomponha-se…

— Beautrelet… ele está lá…

— Hein?

— Sim… Havia algo sob a pedra grande que se soltou do altar… eu empurrei a pedra… e toquei… Oh, nunca vou me esquecer disso…

— Onde ele está?

— Deste lado… Está sentindo esse cheiro?… Olhe… veja…

Ele pegara a vela e projetava sua luz em uma forma caída no chão.

— Oh! — Beautrelet exclamou horrorizado.

Os três homens inclinaram-se. Seminu, o cadáver jazia magro, assustador. A carne esverdeada, em tons de cera macia, aparecia em alguns lugares, entre as roupas esfarrapadas. Mas o mais terrível, o que arrancou um grito de terror do jovem, era a cabeça, a cabeça que o bloco de pedra acabara de esmagar, a cabeça informe, uma massa hedionda em que nada mais se distinguia… E, quando seus olhos se acostumaram com a escuridão, viram que toda aquela carne fervilhava abominavelmente…

Em quatro passadas, Beautrelet subiu a escada e fugiu para a luz do dia, para o ar livre. O senhor Filleul o encontrou novamente deitado de bruços, as mãos coladas ao rosto. Ele lhe disse:

— Meus cumprimentos, Beautrelet. Além de encontrar o esconderijo, há dois pontos que me permitiram verificar a exatidão de suas afirmações. Em primeiro lugar, o homem em que a senhorita de Saint-Véran atirou foi Arsène Lupin, como você tinha dito desde o início. Da mesma forma, era de fato sob o nome de Etienne de Vaudreix que ele vivia em Paris. A roupa está marcada com as iniciais E.V. Parece-me que essa prova é suficiente, não

é verdade?

Isidore não se mexia.

— O senhor conde foi procurar o doutor Jouet, que fará as verificações de praxe. Para mim, a morte data de pelo menos oito dias. O estado de decomposição do cadáver… Mas você não parece estar ouvindo?

— Sim, sim.

— O que estou dizendo é apoiado por razões convincentes. Assim, por exemplo…

O senhor Filleul continuou sua demonstração, sem obter mais sinais evidentes de atenção. Mas o retorno do senhor de Gesvres interrompeu seu monólogo.

O conde voltava com duas cartas. Uma anunciava a chegada de Herlock Sholmes para o dia seguinte.

— Maravilha — exclamou o senhor Filleul, bastante alegre. — O inspetor Ganimard também vai chegar. Será ótimo.

— Esta outra carta é sua, senhor juiz de instrução — disse o conde.

— Isso vai cada vez melhor — retomou o senhor Filleul, depois de ter lido. — Esses senhores, decididamente, não terão muito o que fazer. Beautrelet, fui avisado de Dieppe que pescadores de camarões encontraram esta manhã nos rochedos o cadáver de uma jovem.

Beautrelet teve um sobressalto:

— O que está dizendo? O cadáver…

— De uma jovem… um cadáver terrivelmente mutilado, especifica-se, e do qual não seria possível estabelecer a identidade, se não tivesse no braço direito uma pequena pulseira de ouro, muito fina, que está incrustada na pele inchada. Ora, a senhorita de Saint-Véran usava uma pulseira de ouro no braço direito. Obviamente, trata-se de sua infeliz sobrinha, senhor conde, que o mar terá levado até ali. O que acha, Beautrelet?

— Nada… nada… ou melhor, sim… tudo está ligado, como o senhor vê, não falta nada na minha argumentação. Todos os fatos, um a um, mesmo os mais contraditórios, mesmo os mais desconcertantes, sustentam a hipótese que imaginei desde o primeiro momento.

— Não estou entendendo.

— O senhor logo entenderá. Lembre-se de que lhe prometi toda a verdade.

— Mas me parece…

— Um pouco de paciência! Até agora o senhor não teve o que reclamar de mim. O tempo está bom. Dê um passeio, almoce no castelo, fume seu cachimbo. Quanto a mim, estarei de volta lá pelas quatro ou cinco horas. Quanto ao meu liceu, tanto pior, vou pegar o trem da meia-noite.

Eles haviam chegado às dependências na parte de trás do castelo. Beautrelet montou em sua bicicleta e foi embora.

Em Dieppe, parou na redação do jornal *La Vigie*, onde pediu que lhe mostrassem as edições dos últimos quinze dias. Em seguida, partiu para o lugarejo de Envermeu, localizado a dez quilômetros de distância. Ali, conversou com o prefeito, com o padre, com o guarda-florestal. Soaram três horas no sino da igreja. Sua investigação estava encerrada.

Voltou cantando de alegria. Suas pernas impulsionavam alternadamente os pedais, num ritmo forte e constante. Seu peito se abria amplamente para o ar fresco que soprava do mar. E às vezes se via lançando clamores de triunfo aos céus, pensando no objetivo que perseguia e em seus felizes esforços.

Ambrumésy surgiu. Ele se deixou levar a toda velocidade na ladeira que precede o castelo. As árvores ao longo do caminho, em uma fileira quádrupla secular, pareciam correr ao seu encontro e imediatamente desaparecer atrás dele. E, de repente, ele soltou um grito. Tinha avistado uma corda se estendendo de uma árvore à outra, atravessada na estrada.

A bicicleta, ao chocar-se, parou de imediato. Ele foi atirado para a frente com uma violência incrível e teve a impressão de que apenas um acaso, um acaso milagroso, o fizera evitar um amontoado de pedras onde logicamente sua cabeça teria ido se quebrar.

Ficou desacordado por alguns segundos. Então, todo machucado, com os joelhos arranhados, examinou o local. Um pequeno bosque estendia-se à direita, por onde, sem dúvida alguma, o agressor havia fugido. Beautrelet desamarrou a corda. Na árvore à esquerda, em torno da qual ela tinha sido amarrada, havia um pequeno pedaço de papel preso com um barbante. Ele o desdobrou e leu:

Terceiro e último aviso.

Regressou ao castelo, fez algumas perguntas aos criados e juntou-se ao juiz de instrução numa sala do térreo, na extremidade da ala direita, onde o senhor Filleul costumava ficar durante seu trabalho. O senhor Filleul estava escrevendo, seu escrivão sentado à sua frente. A um sinal, o escrivão saiu e

o juiz exclamou:

— Mas o que há, senhor Beautrelet? Suas mãos estão sangrando.

— Não é nada, não é nada — disse o jovem… — Uma simples queda causada por essa corda que esticaram na frente da minha bicicleta. Peço apenas que observe que a dita corda vem do castelo. Há pouco menos de vinte minutos ela servia para estender a roupa, perto da lavanderia.

— Seria possível?

— Senhor, é aqui que sou vigiado por alguém que está no coração do lugar, que me vê, que me ouve e que, minuto a minuto, testemunha minhas ações e conhece minhas intenções.

— Acredita nisso?

— Tenho certeza. Cabe ao senhor descobrir, e não lhe será difícil fazer isso. Quanto a mim, quero terminar e dar-lhes as explicações prometidas. Andei mais rápido que nossos adversários esperavam e estou convencido de que, por sua vez, eles vão agir com vigor. O cerco se aperta ao meu redor. O perigo se aproxima, tenho um pressentimento.

— Ora, vamos, Beautrelet…

— Bem, veremos. Por enquanto, vamos nos apressar. E, primeiro, uma pergunta sobre um ponto que quero descartar imediatamente. Não contou a ninguém sobre esse documento que o sargento Quevillon recolheu e lhe entregou na minha presença?

— Bem, não, ninguém. Mas você atribui algum valor a isso?

— Um grande valor. É uma ideia que tenho, uma ideia que, de resto, admito, não se baseia em nenhuma prova porque, até agora, não consegui decifrar esse documento. Além disso, estou falando sobre ele… para não voltar ao assunto.

Beautrelet pousou a mão sobre a do senhor Filleul, e em voz baixa:

— Não fale… estamos sendo ouvidos… lá fora…

O cascalho rangeu. Beautrelet correu para a janela e se inclinou para a frente.

— Não há mais ninguém… Mas a platibanda foi pisoteada… Nós facilmente vamos distinguir as pegadas.

Ele fechou a janela e veio se sentar.

— Veja, senhor juiz de instrução, o inimigo nem está mais tomando precauções… Não tem mais tempo para isso… Também ele sente que o tempo está se esgotando. Então vamos nos apressar e falar, já que eles não

querem que eu fale.

Ele colocou o documento na mesa e o segurou aberto.

— Em primeiro lugar, uma observação. Existem neste papel, além dos pontos, apenas números. E, nas três primeiras linhas e na quinta, as únicas com as quais temos de lidar, porque a quarta parece ser de uma natureza totalmente diferente, nenhum desses números é maior que 5. Portanto, temos uma boa chance de que cada um desses números represente uma das cinco vogais, e em ordem alfabética. Vamos anotar o resultado. Ele escreveu em uma folha separada:

e. a.a..e..e.a.

.a.. a…e.e..e. oi. e.. e.

.ou..e.o…e..e.o..e

ai.ui..e..eu.e

Depois, continuou:

— Como pode ver, isso não nos ajuda muito. A chave é ao mesmo tempo muito fácil… já que nos contentamos em substituir as vogais por números e as consoantes por pontos… e muito difícil, senão impossível, já que não se deram ao trabalho de complicar mais o problema.

— Na verdade, é suficientemente obscuro.

— Vamos tentar esclarecer. A segunda linha é dividida em duas partes, e a segunda parte é apresentada de tal maneira que é muito provável que forme uma palavra. Se tentarmos agora substituir os pontos intermediários por consoantes, vamos concluir, por tentativa e erro, que as únicas consoantes que podem servir logicamente como suporte para vogais podem produzir também logicamente apenas uma palavra, uma única palavra: "demoiselles" [senhoritas].

— Seriam então a senhorita de Gesvres e a senhorita de Saint-Véran?

— Com toda certeza.

— E você não consegue ver nada além disso?

— Sim. Ainda noto uma quebra no meio da última linha, e se eu fizer o mesmo trabalho no início da linha, vejo logo que entre os dois ditongos "ai" e "ui", a única consoante que pode substituir o ponto é um *g*, e que, quando formei o início dessa palavra *"aigui"*, foi natural e essencial que eu chegasse, com os dois pontos seguintes e o "e" final, à palavra "*aiguille*" [agulha].

— De fato, a palavra agulha se impõe.

— Finalmente, para formar a última palavra, tenho três vogais e três consoantes. Ainda estou tateando, tentando todas as letras uma após a outra e, partindo do princípio de que as duas primeiras letras sejam consoantes, constato que cabem quatro palavras: as palavras *"fleuve", "preuve", "pleure" e "creuse"* [rio, prova, chora e oca]. Elimino as três primeiras por não terem nenhuma conexão possível com a palavra "agulha", e me sobra a palavra "oca".

— O que dá "agulha oca". Admito que sua solução parece correta, mas em que ela nos ajuda?

— Em nada — disse Beautrelet pensativo. — Em nada, por enquanto. Mais tarde, veremos. Tenho a ideia de que muitas coisas estão incluídas no enigmático acoplamento dessas duas palavras: "agulha oca". O que me preocupa mais é o material do documento, o papel que foi utilizado… Ainda se fabrica esse tipo de pergaminho um pouco granulado? E também essa cor marfim… E essas dobras… o desgaste dessas quatro dobras… e finalmente, veja, essas marcas de lacre, por trás…

Nesse momento, Beautrelet foi interrompido. Era o escrivão Brédoux que abria a porta e anunciava a chegada repentina do procurador-geral.

O senhor Filleul se levantou.

— O senhor procurador-geral está aqui embaixo?

— Não, senhor juiz de instrução. Ele não saiu do seu veículo. Está passando e pede que o senhor vá encontrá-lo na frente do portão. Só quer lhe dar uma palavrinha.

— Estranho — murmurou o senhor Filleul. — Enfim… vamos ver. Beautrelet, com licença, já volto.

Ele saiu. Ouviram-se os seus passos se afastando. Em seguida, o escrivão fechou a porta, girou a chave e colocou-a no bolso.

— Que é isso? — exclamou Beautrelet surpreso, o que está fazendo? Por que nos trancar?

— Será melhor para conversarmos — respondeu Brédoux.

Beautrelet correu em direção à outra porta, que dava para o cômodo vizinho. Ele tinha entendido. O cúmplice era Brédoux, o próprio escrivão do juiz de instrução!

Brédoux zombou:

— Não esfole os dedos, meu jovem amigo, tenho também a chave dessa porta.

— Resta a janela — gritou Beautrelet.

— Tarde demais — disse Brédoux, parado em frente à vidraça, com o revólver na mão.

Todas as saídas estavam bloqueadas. Não havia mais nada a fazer, a não ser se defender do inimigo que se desmascarava com uma audácia brutal. Isidore, oprimido por um sentimento até então desconhecido de angústia, cruzou os braços.

— Bom — resmungou o escrivão —, agora sejamos breves.

Puxou o relógio.

— Esse bravo senhor Filleul vai caminhar até o portão. Ali, não há ninguém, é claro, muito menos o procurador. Então ele vai voltar. Isso nos dá cerca de quatro minutos. Preciso de um para escapar por esta janela, passar pela portinhola das ruínas e pular na motocicleta que está me esperando. Restam então três minutos. Isso basta.

Era um ser estranho, disforme, que equilibrava sobre pernas muito compridas e muito frágeis um tronco enorme, redondo como o corpo de uma aranha e dotado de braços imensos. O rosto ossudo, a testa pequena e baixa, o nariz aquilino, indicavam a obstinação um tanto tacanha do personagem.

Beautrelet cambaleou, sentindo as pernas moles. Teve de se sentar.

— Diga. O que quer?

— O papel. Há três dias que o procuro.

— Não o tenho.

— Está mentindo. Quando entrei, eu o vi colocá-lo na carteira.

— E depois?

— E depois? Depois você se comprometerá a permanecer muito sensato. Você está nos irritando. Deixe-nos em paz e cuide da sua vida. Estamos no limite de nossa paciência.

Ele tinha dado um passo à frente, a arma ainda apontada para o jovem, e falava de forma contida, martelando suas sílabas, enfatizando-as com incrível energia. O olhar era duro, o sorriso cruel. Beautrelet sentiu um calafrio. Era a primeira vez que experimentava a sensação do perigo. E que perigo! Sentia-se diante de um inimigo implacável, de uma força cega e irresistível.

— E depois? — disse ele, com a voz estrangulada.

— E depois? Nada… Você estará livre…

Silêncio. Brédoux continuou:

— Só resta um minuto. Você tem de decidir. Vamos, meu rapaz, sem tolices… Somos os mais fortes, sempre e em todo lugar… Rápido, o papel…

Isidore não reagia, lívido, apavorado, dono de si mesmo no entanto, e com o cérebro lúcido, apesar do colapso de seus nervos. A vinte centímetros de seus olhos, o pequeno buraco negro do cano do revólver se abria. O dedo recurvado pesava visivelmente no gatilho. Bastaria um leve esforço…

— O papel — repetiu Brédoux. — Se não…

— Aqui está — disse Beautrelet.

Tirou a carteira do bolso e estendeu-a ao escrivão.

— Perfeito! Somos razoáveis. Definitivamente, é possível fazer alguma coisa com você… Um pouco estranho, mas de bom senso. Vou falar a respeito com meus camaradas. E agora estou indo. Adeus!

Guardou o revólver e girou o trinco da janela. Um barulho ecoou no corredor.

— Adeus — ele disse, de novo. — Bem na hora.

Mas uma ideia o deteve. Com um gesto, verificou a carteira.

— Raios… — exclamou rangendo os dentes. — O papel não está aqui… Você me enganou.

Ele saltou para dentro do cômodo. Dois tiros soaram. Isidore, por sua vez, havia pego sua pistola e estava atirando.

— Errou, meu jovem — gritou Brédoux. — Sua mão está tremendo… Você tem medo…

Eles se agarraram e rolaram pelo chão. Alguém batia insistentemente na porta.

Isidore fraquejou, sendo imediatamente dominado pelo adversário. Era o fim. Uma mão se ergueu, armada com uma faca, e abateu-se sobre ele. Uma dor violenta lhe queimou o ombro. Ele não mais resistiu.

Teve a impressão de que vasculhavam seu bolso interno do casaco e pegavam o documento. Então, através do véu de suas pálpebras semicerradas, ele adivinhou o homem caminhando pelo parapeito da janela…

Os mesmos jornais que, na manhã seguinte, relatavam os últimos episódios ocorridos no castelo de Ambrumésy, as falsificações da capela, a descoberta dos cadáveres de Arsène Lupin e de Raymonde e, finalmente, o assassinato de Beautrelet por Brédoux, escrivão do juiz de instrução, os

mesmos jornais anunciavam as duas notícias seguintes:

O desaparecimento de Ganimard e o sequestro, em plena luz do dia, no centro de Londres, enquanto ia apanhar o comboio para Dover, de Herlock Sholmes.

Assim, portanto, o bando de Lupin, por um momento desorganizado pela extraordinária engenhosidade de um garoto de dezessete anos, retomava a ofensiva, e ao primeiro golpe, em todos os lugares e em todos os pontos, continuava vitorioso. Os dois grandes adversários de Lupin, Sholmes e Ganimard, estavam eliminados. Beautrelet, fora de combate. Não havia mais ninguém capaz de lutar contra tais inimigos.

Face a face

Uma noite, seis semanas depois, eu tinha dado folga ao meu criado. Era véspera do 14 de Julho. Fazia um calor tempestuoso, e a ideia de sair não me agradava muito. Com as janelas do balcão abertas, a lâmpada de trabalho acesa, sentei-me numa poltrona e, como ainda não tinha lido os jornais, resolvi dar uma olhada neles. Claro que se falava de Arsène Lupin. Desde a tentativa de homicídio de que o pobre Isidore Beautrelet fora vítima, não se passara um dia sem que se discutisse o caso Ambrumésy. Uma coluna diária lhe era dedicada. Nunca a opinião pública ficara tão entusiasmada com uma tal série de eventos precipitados, lances teatrais inesperados e desconcertantes. O senhor Filleul que, decididamente, aceitava, com meritória boa-fé, seu papel de subordinado, tinha confidenciado a seus entrevistadores as façanhas do seu jovem conselheiro durante os três dias memoráveis, de modo que era possível entregar-se às mais temerárias suposições.

As pessoas não se privavam disso. Especialistas e técnicos em crimes, romancistas e dramaturgos, magistrados e ex-chefes da Segurança, detetives famosos aposentados e candidatos a Herlock Sholmes em formação, cada um tinha sua teoria e a disseminava em copiosos artigos. Retomavam e concluíam a investigação. E tudo isso pela palavra de um jovem, Isidore Beautrelet, estudante de retórica no liceu Janson-de-Sailly.

Porque de fato, era necessário dizer, todos possuíam os elementos completos da verdade. O mistério… em que consistia? Conhecia-se o esconderijo onde se refugiara Arsène Lupin e onde morrera, e quanto a isso não havia dúvidas: o doutor Delattre, que sempre se refugiava no segredo profissional e que se recusava a dar qualquer depoimento, no entanto

confessara a amigos íntimos — cujo primeiro cuidado foi falar — que realmente tinha sido para uma cripta que ele fora levado, junto a um homem ferido que seus cúmplices lhe apresentaram sob o nome de Arsène Lupin. E como, nessa mesma cripta, se havia encontrado o cadáver de Etienne de Vaudreix, que era de fato Arsène Lupin, como a investigação provara, a identidade de Arsène Lupin e do ferido recebia ali mais uma comprovação.

Então, com Lupin morto, o cadáver da senhorita de Saint-Véran reconhecido graças à pulseira que ela usava, o drama acabara.

Mas não acabara. Não acabara para ninguém, já que Beautrelet havia dito o contrário. Não se sabia em que aspecto não tinha acabado, mas, segundo a palavra do jovem, o mistério permanecia intacto. O testemunho da realidade não prevalecia contra a afirmação de um Beautrelet. Havia algo que não se sabia, e esse algo, não se tinha dúvidas de que ele seria capaz de explicar vitoriosamente.

Também com que ansiedade se esperavam, no início, os boletins de saúde publicados pelos médicos de Dieppe aos quais o conde confiara o paciente! Que desolação, durante os primeiros dias, quando se pensou que sua vida corria perigo! E que entusiasmo na manhã em que os jornais anunciaram que nada mais havia a temer! Os menores detalhes empolgavam a multidão. As pessoas se comoviam ao vê-lo ser cuidado por seu velho pai, a quem uma mensagem havia convocado às pressas, e admiraram a devoção da senhorita de Gesvres, que passou noites à cabeceira do jovem ferido.

Depois, foi uma recuperação rápida e com muita alegria. Enfim, seria possível saber! Saber o que Beautrelet prometera revelar ao senhor Filleul e as últimas palavras que a faca do criminoso o haviam impedido de proferir! E se saberia também tudo que, fora do próprio drama, permanecia impenetrável ou inacessível aos esforços da justiça.

Com Beautrelet livre, curado de sua ferida, se teria alguma certeza sobre o senhor Harlington, o enigmático cúmplice de Arsène Lupin, que continuava detido na prisão de La Santé. Seria possível saber o que havia acontecido com o escrivão Brédoux depois do crime, aquele outro cúmplice cuja audácia fora verdadeiramente assustadora.

Com Beautrelet livre, seria possível ter uma ideia precisa do desaparecimento de Ganimard e do sequestro de Sholmes. Como dois

ataques desse tipo podiam ter acontecido? Os detetives ingleses, assim como seus colegas na França, não tinham nenhum indício a esse respeito. No domingo de Pentecostes, Ganimard não havia voltado para casa, nem na segunda-feira, nem tampouco durante seis semanas.

Em Londres, na segunda-feira de Pentecostes, às quatro da tarde, Herlock Sholmes pegava um cabriolé para ir à estação. Assim que subiu, tentou descer, provavelmente avisado do perigo. Mas dois indivíduos subiram no veículo à direita e à esquerda, derrubaram-no e seguraram-no entre eles, ou melhor, sob eles, dado o tamanho reduzido do veículo. E isso diante de dez testemunhas, que não tiveram tempo de intervir. O cabriolé fugiu a galope. E depois? Depois, nada. Não se sabia de nada.

E talvez também, por Beautrelet, se teria a explicação completa do documento, daquele papel misterioso ao qual o escrivão Brédoux atribuía importância suficiente para o tomar, a golpes de faca, daquele que o possuía. "O enigma da Agulha Oca", como o chamavam os inúmeros Édipos que, debruçados sobre os números e os pontos, procuravam encontrar neles um sentido… A Agulha Oca! Associação desconcertante de duas palavras, pergunta incompreensível colocada por aquele pedaço de papel do qual até mesmo a origem era desconhecida! Era uma expressão insignificante, o enigma de um estudante que mancha com tinta o canto de uma folha? Ou seriam duas palavras mágicas pelas quais toda a grande aventura do aventureiro Lupin adquiria seu verdadeiro significado? Não se sabia de nada.

Logo se saberia. Havia vários dias, os jornais anunciavam a chegada de Beautrelet. A luta estava prestes a recomeçar, e, dessa vez, implacável por parte do jovem que estava morrendo de vontade de ter sua revanche.

E justamente seu nome, em letras grandes, chamou-me a atenção. *Le Grand Journal* escreveu a seguinte nota:

> *Conseguimos com o senhor Isidore Beautrelet que ele reservasse para nós a primeira de suas revelações. Amanhã, quarta-feira, antes mesmo que a justiça seja informada,* Le Grand Journal *publicará toda a verdade sobre o drama de Ambrumésy.*

— Isso promete, hein? Que acha, meu caro?

Dei um pulo na poltrona. Havia alguém perto de mim na cadeira ao lado que eu não conhecia.

Eu me levantei e procurei por uma arma. Mas, como sua atitude parecia totalmente inofensiva, eu me contive e me aproximei dele.

Era um jovem de rosto enérgico, longos cabelos loiros e cuja barba, um pouco ruiva, dividia-se em duas pontas curtas. Sua vestimenta lembrava o traje sóbrio de um sacerdote inglês e, além disso, toda a sua pessoa tinha algo de austero e grave que inspirava respeito.

— Quem é o senhor? — perguntei a ele.

E, como ele não respondesse, repeti:

— Quem é o senhor? Como entrou aqui? O que veio fazer?

Ele olhou para mim e disse:

— Não me reconhece?

— Não… não!

— Ah, é realmente curioso… Pense bem… um de seus amigos… um amigo de um tipo um tanto especial…

Agarrei seu braço vivamente:

— Está mentindo, está mentindo! Você não é quem diz que é… Isso não é verdade…

— Então por que pensa neste e não em um outro? — disse ele rindo.

Ah, aquela risada! Aquela risada jovem e clara, cuja ironia engraçada tantas vezes me divertira!… Tive um arrepio. Era possível?

— Não, não, protestei com uma espécie de terror… Não pode ser…

— Não pode ser eu, porque estou morto, hein, e você não acredita em fantasmas?

Ele riu novamente.

— Acaso sou um daqueles que morrem? Morrer assim, de uma bala disparada pelas costas por uma jovem! Realmente, é errado me julgar! Como se eu fosse consentir com tal fim!

— Então é você! — gaguejei, ainda incrédulo, e bastante emocionado. — Não consigo reconhecê-lo…

— Então — disse ele alegremente —, estou tranquilo. Se o único homem a quem me mostrei em meu verdadeiro aspecto não me reconhece hoje, qualquer um que me veja agora como estou também não me reconhecerá quando me vir em meu aspecto real… se é que tenho um aspecto real.

Eu reconhecia sua voz, agora que ele não mudava mais o seu timbre, e eu também reconhecia seus olhos, e a expressão de seu rosto, e toda sua

atitude, e seu próprio ser, através da aparência que ele assumira para si mesmo.

— Arsène Lupin — murmurei.

— Sim, Arsène Lupin — gritou ele, levantando-se. — O único e verdadeiro Lupin, de retorno do reino das sombras, pois parece que agonizei e faleci em uma cripta. Arsène Lupin vivendo plenamente sua vida, agindo com toda a sua vontade, feliz e livre, e mais que nunca disposto a desfrutar dessa feliz independência em um mundo onde até agora encontrou apenas favores e privilégios.

Foi a minha vez de rir.

— Vamos, é bem você, e mais alegre que no dia em que tive o prazer de vê-lo no ano passado… Eu o cumprimento por isso.

Eu estava me referindo à sua última visita, uma visita que se seguiu à famosa aventura do diadema[2], seu casamento desfeito, sua fuga com Sonia Krichnoff e a morte horrível da jovem russa. Naquele dia, tinha visto um Arsène Lupin que não conhecia, fraco, abatido, os olhos cansados de chorar, em busca de um pouco de simpatia e ternura.

— Cale-se — disse ele —, o passado está longe.

— Foi há um ano — observei.

— Faz dez anos — afirmou ele. — Os anos de Arsène Lupin equivalem a dez dos demais.

Não insisti e, mudando de assunto:

— Como foi que entrou?

— Meu Deus, como todo mundo, pela porta. Aí, sem ver ninguém, atravessei a sala, segui pelo balcão e aqui estou.

— Sim, mas a chave da porta?

— Não há porta para mim, você sabe disso. Eu precisava do seu apartamento, entrei.

— Às suas ordens. Devo deixá-lo?

— Oh, de forma alguma, você não será demais. Posso até lhe dizer que a noite vai ser interessante.

— Está esperando alguém?

— Sim, marquei um encontro aqui às dez horas…

Ele puxou o relógio.

— Dez horas. Se o telegrama chegou, a pessoa não vai demorar…

A campainha tocou no vestíbulo.

— O que eu lhe disse? Não, não se preocupe… Eu mesmo vou.

Com quem, diabos, ele poderia ter marcado um encontro? E a que cena dramática ou burlesca eu iria assistir? Para que o próprio Lupin a considerasse digna de interesse, a situação tinha de ser excepcional.

Depois de um momento, ele voltou e ficou de lado junto a um jovem, magro, alto e muito pálido.

Sem dizer uma palavra, com certa solenidade nos gestos que me incomodava, Lupin acendeu todas as lâmpadas elétricas. A sala ficou inundada de luz. Então os dois homens se entreolharam, profundamente, como se, com todo o esforço de seus olhos ardentes, estivessem tentando se penetrar mutuamente. E era uma visão impressionante vê-los assim, sérios e silenciosos. Mas quem poderia ser aquele recém-chegado?

Quando eu estava prestes a adivinhar, pela semelhança que ele aparentava com uma fotografia publicada recentemente, Lupin se voltou para mim:

— Caro amigo, apresento-lhe o senhor Isidore Beautrelet.

E imediatamente, dirigindo-se ao jovem:

— Devo agradecer-lhe, senhor Beautrelet, em primeiro lugar por ter gentilmente, diante de uma carta minha, adiado suas revelações para depois desta conversa, e em seguida por me conceder essa entrevista com tão boa vontade.

Beautrelet sorriu.

— Peço-lhe que observe que a minha boa vontade consiste sobretudo em obedecer às suas ordens. A ameaça que me fazia na carta em questão era ainda mais peremptória por não ter sido dirigida a mim, mas por visar meu pai.

— Bem — respondeu Lupin, rindo —, a gente faz o que pode e tem de usar os meios de ação de que dispõe. Eu sabia por experiência que você era indiferente à sua própria segurança, já que resistiu aos argumentos do senhor Brédoux. Restava seu pai… seu pai a quem ama profundamente… Eu toquei nessa corda.

— E aqui estou — concordou Beautrelet.

Eu os fiz sentar. Eles concordaram, e Lupin, naquele tom de imperceptível ironia que lhe é peculiar:

— De qualquer forma, senhor Beautrelet, se não aceitar meus agradecimentos, pelo menos não rejeitará minhas desculpas.

— Desculpas! E por que, senhor?

— Pela brutalidade empregada pelo senhor Brédoux para consigo.

— Admito que a atitude me surpreendeu. Não era a maneira usual de Lupin fazer as coisas. Uma facada…

— E acrescento que não tenho nada a ver com isso. O senhor Brédoux é um novo recruta. Meus amigos, durante o tempo em que estiveram encarregados de nossos assuntos, acharam que nos seria útil ganharmos para nossa causa o próprio escrivão do juiz que conduzia a investigação.

— Seus amigos não estavam errados.

— Na verdade, Brédoux, que foi encarregado de ficar de olho em você, nos foi precioso. Mas, com aquele ardor próprio de todo neófito que quer se distinguir, ele levou seu zelo um pouco longe e contrariou meus planos, permitindo-se, por iniciativa própria, atacá-lo.

— Oh, esse foi um pequeno infortúnio.

— Não, não, e eu o repreendi severamente. Devo dizer, entretanto, a seu favor, que ele foi pego de surpresa com a velocidade inesperada de sua investigação. Se nos tivesse deixado algumas horas a mais, você teria escapado desse atentado imperdoável.

— E eu teria tido a grande vantagem, sem dúvida, de sofrer o destino dos senhores Ganimard e Sholmes?

— Precisamente — disse Lupin, rindo ainda mais. — E eu não teria conhecido as dores cruéis que seu ferimento me causou. Passei ali, juro-lhe, horas atrozes, e, ainda hoje, sua palidez é um remorso abrasador para mim. Você não tem mais raiva de mim?

— A prova de confiança — respondeu Beautrelet — que o senhor me dá ao se entregar a mim incondicionalmente, já que teria sido tão fácil para mim trazer alguns amigos de Ganimard, essa prova de confiança apaga tudo.

Ele estava falando sério? Admito que fiquei muito confuso. A luta entre aqueles dois homens começava de uma forma que me era impossível entender. Eu que tinha assistido à primeira reunião de Lupin e Sholmes[3], no café da Gare du Nord, não pude deixar de lembrar o olhar altivo dos dois combatentes, o choque assustador de seu orgulho sob a polidez de suas maneiras, os golpes duros que trocavam, suas fintas, sua arrogância.

Aqui, nada parecido, Lupin não havia mudado. A mesma tática e a mesma afabilidade astuta. Mas que adversário estranho ele estava

enfrentando! Era mesmo um adversário? Na verdade, ele não tinha nem o tom nem a aparência. Muito calmo, mas com uma calma real, que não mascarava o arrebatamento de um homem que se contém, muito polido, mas sem exageros, sorrindo mas sem zombar, ele oferecia com Arsène Lupin o mais perfeito contraste, de tal forma perfeito que Lupin parecia tão confuso quanto eu.

Não, com certeza, Lupin não tinha diante daquele adolescente frágil, com as bochechas rosadas de uma moça, com os olhos cândidos e charmosos, não, Lupin não tinha sua autoconfiança de sempre. Por várias vezes, observei nele traços de constrangimento. Ele hesitava, não atacava com franqueza, perdia tempo em frases adocicadas e em frivolidades.

Também parecia que lhe faltava alguma coisa. Ele aparentava estar buscando, esperando. O quê? Que ajuda?

A campainha tocou de novo. Por si mesmo, e rapidamente, ele foi abrir a porta.

Voltou com uma carta.

— Permitem, senhores? — nos perguntou.

Abriu a carta. Continha um telegrama. Ele leu.

Foi como uma transformação nele. Seu rosto se iluminou, seu porte se endireitou e eu vi as veias em sua testa inchando. Era o atleta que eu reencontrava, o dominador, seguro de si, senhor dos acontecimentos e senhor das pessoas. Ele jogou o telegrama sobre a mesa e, acertando-o com um soco, gritou:

— Agora, senhor Beautrelet, é entre nós!

Beautrelet colocou-se em posição de ouvir, e Lupin começou, com voz moderada, mas seca e determinada:

— Vamos jogar as máscaras, não é, e nada de brandura hipócrita. Somos dois inimigos que sabem perfeitamente a que nos agarrar um em relação ao outro, é como inimigos que agimos um em relação ao outro e, portanto, é como inimigos que devemos tratar um ao outro.

— Tratar? — disse Beautrelet, surpreso.

— Sim, tratar. Não disse essa palavra ao acaso e vou repeti-la, não importa o que me custe. E ela me custa muito. É a primeira vez que a emprego perante um adversário. Mas também, digo-lhe de imediato, é a última vez. Aproveite. Só vou sair daqui com uma promessa sua. Caso contrário, é guerra.

Beautrelet parecia cada vez mais surpreso. Ele disse gentilmente:

— Não esperava isso… fala comigo de uma maneira tão esquisita! É tão diferente do que eu pensava!… Sim, eu o imaginava bem diferente… Por que a raiva? As ameaças? Então, somos inimigos porque as circunstâncias nos colocam um contra o outro? Inimigos… por quê?

Lupin pareceu um pouco desconcertado, mas zombou, inclinando-se sobre o jovem:

— Ouça, meu pequeno, não se trata de escolher suas expressões. Trata-se de um fato, um fato certo e indiscutível. Este: em dez anos, não enfrentei um adversário com sua força; com Ganimard, com Herlock Sholmes, eu brinquei como com crianças. Com você, sou obrigado a me defender, direi mais, a recuar. Sim, no momento, você e eu sabemos muito bem que devo me considerar o vencido. Isidore Beautrelet vence Arsène Lupin. Meus planos estão de cabeça para baixo. O que tentei deixar na sombra você trouxe à luz. Você me atrapalha, bloqueia meu caminho. Então… Estou cansado disso… Brédoux lhe disse isso inutilmente. E eu repito, insistindo que leve em consideração. Estou cansado disso.

Beautrelet assentiu.

— Mas afinal o que o senhor quer?

— A paz! Cada um na sua casa, no seu domínio.

— Quer dizer, o senhor, livre para arrombar à vontade, e eu, livre para voltar aos meus estudos.

— Para seus estudos… para o que quiser. Isso não é da minha conta… Mas, você vai me deixar em paz… Eu quero paz…

— Como posso atrapalhar sua paz agora?

Lupin agarrou-lhe a mão com violência.

— Você sabe bem como! Não finja que não sabe. Atualmente, é dono de um segredo ao qual atribuo a mais alta importância. Esse segredo, você tinha o direito de adivinhá-lo, mas não tem nenhum direito de torná-lo público.

— Tem certeza de que sei qual é?

— Você sabe, tenho certeza: dia a dia, hora a hora, acompanhei o andamento do seu pensamento e os progressos de sua investigação. No exato momento em que Brédoux o atacou, você ia dizer tudo. Por preocupação com seu pai, atrasou suas revelações. Mas hoje elas estão prometidas a esse jornal que aqui vemos. O artigo está pronto. Em uma

hora, ele será composto. Amanhã estará publicado.

— Isso é certo.

Lupin se levantou e cortando o ar com um gesto:

— Ele não vai ser publicado — gritou ele.

— Ele vai ser — disse Beautrelet, levantando-se de forma brusca.

Finalmente, os dois homens estavam colocados um contra o outro. Tive a impressão de um choque, como se eles tivessem se agarrado. Uma energia repentina inflamava Beautrelet. Dir-se-ia que uma faísca havia acendido nele sentimentos novos, ousadia, amor-próprio, a volúpia da luta, a embriaguez do perigo.

Quanto a Lupin, senti pelo brilho de seu olhar sua alegria de duelista que finalmente encontra a espada do odiado rival.

— O artigo foi entregue?

— Ainda não.

— Você o tem aí… com você?

— Não sou estúpido! Eu já não o teria mais.

— Então?

— Quem o tem é um dos editores, num envelope duplo. Se à meia-noite eu não estiver no jornal, ele mandará compor.

— Ah, o patife — murmurou Lupin —, ele planejou tudo.

Sua raiva estava fervendo, visível, aterrorizante.

Beautrelet zombou, por sua vez, gozador e inebriado por seu triunfo.

— Cale a boca, fedelho — gritou Lupin. — Não sabe quem sou? E que se eu quisesse… Caramba, ele ousa rir!

Um grande silêncio caiu entre eles. Então Lupin deu um passo à frente e, com a voz contida, os olhos fixos nos de Beautrelet:

— Você vai correr para o *Grand Journal*…

— Não.

— Vai rasgar seu artigo.

— Não.

— Vai ver o editor.

— Não.

— Dirá a ele que se enganou.

— Não.

— E vai escrever outro artigo, no qual vai dar, para o caso Ambrumésy, a versão oficial, aquela que todos aceitaram.

— Não.

Lupin agarrou uma régua de ferro que estava na minha mesa e a quebrou sem esforço. Sua palidez era assustadora. Ele enxugou as gotas de suor que brotavam de sua testa. Ele que nunca conhecera resistência a suas vontades, enlouquecia com a teimosia daquele jovem.

Colocou as mãos no ombro de Beautrelet e gritou:

— Você fará tudo isso, Beautrelet, dirá que suas últimas descobertas o convenceram de minha morte, que não há a menor dúvida a respeito. Vai dizer isso porque eu quero, porque é preciso que acreditem que estou morto. Vai dizer isso principalmente porque se não disser…

— Porque se eu não disser?

— Seu pai será sequestrado esta noite, como Ganimard e Herlock Sholmes foram.

Beautrelet sorriu.

— Não ria. Responda.

— Respondo que é muito desagradável para mim incomodá-lo, mas prometi falar e vou falar.

— Fale no sentido que estou lhe dizendo.

— Falarei no sentido da verdade — gritou Beautrelet com veemência. — É algo que o senhor não consegue entender, o prazer, ou melhor, a necessidade de dizer o que é e de dizê-lo em alto e bom som. A verdade está aqui, neste cérebro que a descobriu, e ela sairá nua e vibrante. O artigo, portanto, será publicado como o escrevi. As pessoas saberão que Lupin está vivo, saberão o motivo pelo qual ele queria que fosse considerado morto. Saberão tudo.

E ele acrescentou baixinho:

— E meu pai não será sequestrado.

Os dois ficaram em silêncio mais uma vez, os olhos ainda fixos um no outro. Estavam se observando. As espadas estavam entrelaçadas até a base. Era o silêncio pesado que precede o golpe fatal. Quem iria dá-lo?

Lupin sussurrou:

— Esta noite, às três da manhã, a menos que eu diga o contrário, dois de meus amigos têm ordens de entrar no quarto de seu pai, prendê-lo, de boa vontade ou à força, para levá-lo a se juntar com Ganimard e Herlock Sholmes.

A explosão de um riso estridente foi a resposta para ele.

— Mas não entende que tomei minhas precauções? — perguntou Beautrelet. — Então imagina que sou ingênuo o suficiente para ter, tolamente, estupidamente, enviado meu pai para casa, para a casinha isolada que ele ocupava no campo?

Ah, o belo riso irônico que animava o rosto do jovem! Riso novo em seus lábios, riso em que a própria influência de Lupin era sentida… E a intimidade insolente que de pronto o colocava ao nível do seu adversário!… Ele continuou:

— Veja, Lupin, seu grande defeito é acreditar que suas combinações são infalíveis. Você se declara derrotado! Que piada! Está convencido de que no final, e sempre, vencerá… e se esquece que os outros também podem ter suas combinações. A minha é muito simples, meu bom amigo.

Era delicioso ouvi-lo falar. Ele ia e vinha, com as mãos nos bolsos, com a audácia, com a petulância de uma criança que assedia a besta feroz acorrentada. Verdadeiramente, naquela hora, ele estava vingando, pela mais terrível das vinganças, todas as vítimas do grande aventureiro. E concluiu:

— Lupin, meu pai não está na Saboia. Está do outro lado da França, no centro de uma grande cidade, guardado por vinte de nossos amigos que têm ordens de não perdê-lo de vista até o fim de nossa batalha. Você quer detalhes? Ele está em Cherbourg, na casa de um dos funcionários do arsenal. Arsenal que fecha à noite, e onde só se pode entrar durante o dia com uma autorização e na companhia de um guia.

Ele havia parado na frente de Lupin e o estava provocando como uma criança que faz uma careta para um colega.

— O que diz, mestre?

Por vários minutos, Lupin permanecera imóvel. Nenhum músculo de seu rosto se movera. O que ele estava pensando? Que atitude iria tomar? Para qualquer um que conhecesse a violência cruel de seu orgulho, apenas um resultado era possível: o colapso total, imediato e definitivo de seu inimigo. Seus dedos se crisparam. Tive a sensação por um segundo de que iria se jogar sobre ele e estrangulá-lo.

— O que diz, mestre? — repetiu Beautrelet.

Lupin pegou o telegrama que estava sobre a mesa, estendeu-o a ele e disse, com muito controle de si mesmo:

— Veja, bebê, leia isso.

Beautrelet ficou sério, repentinamente impressionado com a gentileza do gesto. Desdobrou o papel e de imediato, erguendo os olhos, murmurou:

— O que significa?… Não entendo.

— Você entende muito bem a primeira palavra — disse Lupin… — A primeira palavra da mensagem… quer dizer o nome do lugar de onde foi enviada… Olhe… *Cherbourg*.

— Sim… sim… — gaguejou Beautrelet. — Sim… *Cherbourg*… e daí?

— E daí?… Parece-me que o resto não é menos claro: "Retirada de pacote concluída… os camaradas partiram com ele e aguardarão instruções até as oito da manhã. Tudo vai bem". O que é que parece obscuro para você? A palavra pacote? Bem, dificilmente se poderia escrever *senhor Beautrelet pai*. Daí o quê? Como a operação foi realizada? O milagre graças ao qual seu pai foi arrancado do arsenal de Cherbourg, apesar de seus vinte guarda-costas? Ora, isso é a infância da arte! Ainda assim, o pacote foi enviado. O que diz disso, bebê?

Com todo o seu ser tenso, com todo seu esforço exasperado, Isidore tentava não fazer feio. Mas era possível ver o tremor de seus lábios, a mandíbula que se contraía, os olhos que tentavam em vão se fixar em um ponto. Ele gaguejou algumas palavras, ficou em silêncio e, de repente, dobrando-se sobre si mesmo, com as mãos no rosto, começou a soluçar:

— Papai… papai…

Um resultado imprevisto, que era de fato o colapso que o amor-próprio de Lupin exigia, mas que também era outra coisa, algo infinitamente tocante e ingênuo. Lupin fez um gesto de aborrecimento e pegou o chapéu, como se sentisse incomodado diante daquele ataque incomum de sentimentalismo. Mas, na soleira da porta, ele parou, hesitou, depois voltou, passo a passo, lentamente.

O som suave dos soluços aumentou como o lamento triste de uma criancinha dominada pela dor. Os ombros marcavam o ritmo aflitivo. Lágrimas apareciam entre os dedos cruzados. Lupin se inclinou para a frente e, sem tocar em Beautrelet, disse-lhe em uma voz que não continha o menor sinal de zombaria, nem mesmo aquela ofensiva piedade dos vencedores:

— Não chore, garoto. Esses são os golpes que se deve esperar quando se entra na batalha, de cabeça baixa como fez. Os piores desastres esperam por você… É nosso destino de lutadores que assim o deseja. Devemos suportar

com coragem.

Então, gentilmente, ele continuou:

— Você estava certo, sabe, não somos inimigos. Sei disso há muito tempo… Desde a primeira hora, senti por você, pelo ser inteligente que é, uma simpatia involuntária… admiração… E é por esse motivo que eu gostaria de lhe dizer isso… Não se ofenda particularmente… Eu lamentaria ofendê-lo… Mas tenho de lhe dizer… Então… desista de lutar contra mim… Não é por vaidade que estou lhe dizendo isso. Também não é porque eu o despreze… Mas veja… a luta é muito desigual… Você não conhece… ninguém conhece todos os recursos de que disponho… Veja, esse segredo da Agulha Oca que em vão você procura decifrar, admita por um momento que é um tesouro formidável, inesgotável… ou um refúgio invisível, prodigioso, fantástico… Ou talvez ambos… Pense no poder sobre-humano que posso tirar disso! E você também não conhece todos os recursos que tenho, tudo o que minha vontade e minha imaginação me permitem empreender e conseguir. Pense então que toda a minha vida… desde que nasci, eu poderia dizer… foi direcionada para o mesmo objetivo, que trabalhei como um condenado antes de ser o que sou, e para alcançar em toda a sua perfeição o tipo que eu queria criar, que consegui criar. Então o que você pode fazer? No exato momento em que achar que conquistou a vitória, ela lhe escapará… haverá algo em que você não terá pensado… um nada… o grão de areia que terei colocado no lugar certo, sem seu conhecimento… Por favor desista… Eu seria obrigado a lhe fazer mal e isso me entristece…

E, colocando a mão em sua testa, ele repetiu:

— Uma segunda vez, garoto, desista. Eu iria lhe fazer mal. Quem sabe se a armadilha em que você inevitavelmente vai cair já não está aberta sob seus pés?

Beautrelet tirou as mãos do rosto. Não estava mais chorando. Ele ouvira as palavras de Lupin? Alguém poderia ter dúvidas sobre isso diante de seu ar distraído. Por dois ou três minutos, ele ficou em silêncio. Parecia pesar a decisão que iria tomar, examinar os prós e os contras, contar as chances favoráveis ou desfavoráveis. Finalmente, disse a Lupin:

— Se eu mudar o sentido do meu artigo, e se eu confirmar a versão de sua morte, e se eu me comprometer a nunca negar a versão falsa que vou confirmar, você me jura que meu pai ficará livre?

— Juro. Meus amigos foram com seu pai para outra cidade na província. Amanhã de manhã, às sete horas, se o artigo do *Grand Journal* estiver como eu lhe peço, telefonarei a eles e eles colocarão seu pai em liberdade.

— Muito bem — disse Beautrelet —, eu me submeto às suas condições.

Rapidamente, como se achasse inútil, depois de aceitar a derrota, prolongar a conversa, ele se levantou, pegou o chapéu, me cumprimentou, cumprimentou Lupin e saiu.

Lupin o observou ir embora, ouviu o som da porta fechando e murmurou:

— Pobre criança…

Na manhã seguinte, às oito horas, mandei meu criado buscar um *Grand Journal*. Ele só o trouxe depois de vinte minutos, a maioria das bancas já estava ficando sem cópias.

Desdobrei febrilmente o jornal. *No alto, aparecia o artigo de Beautrelet.* Aqui está, como foi reproduzido em jornais de todo o mundo:

O DRAMA DE AMBRUMÉSY

O propósito destas poucas linhas não é explicar em detalhes o trabalho de reflexão e pesquisa graças ao qual consegui reconstituir o drama, ou melhor, o duplo drama de Ambrumésy. Na minha opinião, esse tipo de trabalho e os comentários que envolve, deduções, induções, análises, etc., tudo isso oferece apenas um interesse relativo e, em todo caso, muito banal. Não, vou me contentar em expor as duas ideias norteadoras de meus esforços e, por esse caminho, veremos que, expondo-as e resolvendo os dois problemas que elas levantam, terei contado esse caso de maneira bastante simples, seguindo a própria ordem dos fatos que o constituem.

Talvez se perceba que alguns desses fatos não estão comprovados e que deixo uma parte bastante grande para a hipótese. É verdade. Mas acredito que minha hipótese se baseia em um número suficientemente grande de certezas, para que a sequência dos fatos, mesmo não comprovada, se imponha com um rigor inflexível. A fonte muitas vezes se perde sob o leito de seixos, ainda assim não deixa de ser a mesma fonte que vemos novamente nos intervalos onde o azul do céu se reflete…

Afirmo assim o primeiro enigma, um enigma não de detalhe, mas de conjunto, que me solicitou: como é que Lupin, ferido de morte, poder-se-ia dizer, viveu quarenta dias, sem cuidados, sem drogas, sem comida, no fundo de um buraco escuro?

Vamos começar do começo. Na quinta-feira, dia 16 de abril, às quatro da manhã, Arsène Lupin, surpreendido em meio a um de seus mais ousados assaltos, foge pelo caminho das ruínas e cai ferido por uma bala. Ele se arrasta com dificuldade, torna a cair e se levanta, com a esperança encarniçada de chegar à capela. Lá fica a cripta que o acaso lhe revelou. Se ele puder se agachar ali, talvez esteja a salvo. Com muita energia, ele se aproxima, está a poucos metros dela, quando ocorre o som de passos. Extenuado, perdido, ele se entrega. O inimigo chega. É a senhorita Raymonde de Saint-Véran. Esse é o prólogo do drama, ou melhor, a primeira cena do drama.

O que acontece entre eles? É muito mais fácil adivinhar pelo fato de o resto da aventura nos dar todas as indicações. Aos pés da jovem, está um homem ferido, exausto de sofrimento, e que em dois minutos será capturado. Este homem, foi ela quem feriu. *Irá ela também entregá-lo.*

Se ele é o assassino de Jean Daval, sim, ela deixará o destino se cumprir. Mas, em frases rápidas, ele lhe conta a verdade sobre esse assassinato legítimo cometido por seu tio, o senhor de Gesvres. Ela acredita nisso. O que ela vai fazer? Ninguém pode vê-los. O criado Victor vigia a portinhola. O outro, Albert, postado na janela do salão, perdeu de vista ambos. Ela irá entregar o homem que feriu?

Um irresistível movimento de piedade, que todas as mulheres vão entender, envolve a jovem. Orientada por Lupin, em poucos gestos, ela enfaixa o ferimento com o lenço para evitar as marcas que o sangue deixaria. Então, usando a chave que ele lhe entrega, ela abre a porta da capela. Ele entra, apoiado pela jovem. Ela a fecha e se afasta. Albert chega.

Se alguém tivesse visitado a capela naquele momento, ou pelo menos nos minutos que se seguiram, Lupin, sem ter tido tempo de recuperar as forças, de levantar a laje e de desaparecer pelas escadas da cripta, teria sido preso… Mas essa visita só aconteceu seis horas depois, e da maneira mais superficial. Lupin foi salvo e salvo por quem? Por aquela que quase o matou.

Agora, queira ou não, a senhorita de Saint-Véran é sua cúmplice. Não só ela não pode mais entregá-lo, mas deve continuar sua obra, caso contrário o ferido morrerá no abrigo onde ela ajudou a escondê-lo. E ela continua… Além disso, se seu instinto de mulher torna a tarefa obrigatória, também a torna fácil para ela. Ela tem todas as delicadezas, ela prevê tudo. É ela quem dá ao juiz de instrução uma falsa descrição de Arsène Lupin (é preciso lembrar da diferença de opinião das duas primas a esse respeito). É ela, claro, que, com base em algumas pistas que não conheço, adivinha, sob o disfarce de cocheiro, o cúmplice de Lupin. É ela quem o avisa. É ela quem o informa da urgência de uma operação. É ela sem dúvida quem substitui um boné por outro. É ela quem manda escrever o famoso bilhete em que é designada e ameaçada pessoalmente. Como, depois disso, alguém poderia suspeitar dela?

É ela quem, no momento em que eu ia confiar as minhas primeiras impressões ao juiz de instrução, afirma ter me visto na véspera no matagal. É ela quem deixa o senhor Filleul preocupado quanto a mim e me reduz ao silêncio. Manobra perigosa, certamente, pois me desperta a atenção e a dirige contra aquela que me oprime com uma acusação que eu sei ser falsa, mas uma manobra eficaz, pois se trata antes de tudo de ganhar tempo e de me fechar a boca. E é ela quem, por quarenta dias, alimenta Lupin, leva-lhe remédios (que se pergunte ao farmacêutico de Ouville, ele mostrará as receitas que fez para a senhorita de Saint-Véran), e finalmente é ela que trata do paciente, quem cuida dele, olha por ele e o cura.

E aqui está o primeiro dos nossos dois problemas resolvidos, ao mesmo tempo que o drama é exposto. Arsène Lupin encontrou perto dele, no próprio castelo, a ajuda que lhe era indispensável, primeiro para não ser descoberto, depois para viver.

Agora ele está vivo. E é aí que surge o segundo problema, cuja busca me serviu de fio condutor e que corresponde ao segundo drama de Ambrumésy. Por que Lupin, vivo, livre, novamente à frente de seu bando, todo-poderoso como antigamente, por que Lupin fez esforços desesperados, esforços que eu constantemente enfrento, para impor à justiça e ao público a ideia de sua morte?

É preciso lembrar que a senhorita de Saint-Véran era muito bonita. As fotos que os jornais reproduziram após seu desaparecimento dão

apenas uma ideia imperfeita de sua beleza. Acontece então o que não poderia deixar de acontecer. Lupin, que, por quarenta dias, vê essa linda jovem, que deseja sua presença quando ela não está, que experimenta, quando ela está, seu encanto e sua graça, que respira, quando ela se inclina sobre ele, o cheiro fresco de sua respiração, Lupin se apaixona por sua enfermeira. O reconhecimento se transforma em amor, a admiração se converte em paixão. Ela é a salvação, mas é também a alegria dos olhos, o sonho de suas horas solitárias, sua clareza, sua esperança, sua própria vida.

Ele a respeita a ponto de não explorar a devoção da jovem, e de não usá-la para orientar seus cúmplices. De fato, existia alguma hesitação nos atos do bando. Mas ele também a ama, e seus escrúpulos diminuem e como a senhorita de Saint-Véran não se deixa tocar por um amor que a ofende, como ela começa a espaçar suas visitas à medida que se tornam menos necessárias, e como ela as interrompe quando ele é curado… desesperado, enlouquecido pela dor, ele toma uma resolução terrível. Sai de seu abrigo, prepara seu golpe e, no sábado, 6 de junho, com a ajuda de seus cúmplices, sequestra a jovem.

E não é tudo. Esse sequestro, não deve ser conhecido. É preciso acabar logo com as buscas, com as suposições, até mesmo com as esperanças: a senhorita de Saint-Véran passará por morta. O assassinato é simulado, as evidências são apresentadas para investigação. O crime é certo. Um crime previsto, aliás, um crime anunciado pelos cúmplices, um crime executado para vingar a morte do chefe, e por isso mesmo — vejam a maravilhosa engenhosidade de tal concepção —, por isso mesmo, como direi?… se vê ligado à crença nessa morte.

Não basta despertar uma crença, é preciso impor uma certeza. Lupin prevê minha intervenção. Eu vou adivinhar a farsa da capela. Vou encontrar a cripta. E como a cripta estará vazia, toda a estrutura desabará.

Mas a cripta não ficará vazia.

Da mesma forma, a morte da senhorita de Saint-Véran só será definitiva se o mar rejeitar seu cadáver.

O mar vai rejeitar o cadáver da senhorita de Saint-Véran!

A dificuldade é formidável? O duplo obstáculo intransponível? Sim, para qualquer um que não seja Lupin, mas não para Lupin…

Como ele havia previsto, eu adivinho a farsa da capela, descubro a cripta e desço até a toca onde Lupin se refugiou. Seu cadáver está ali!

Qualquer um que tivesse admitido a morte de Lupin como possível teria sido derrotado. Mas nem por um segundo eu havia admitido essa possibilidade (primeiro por intuição, depois por raciocínio). O subterfúgio então se tornava inútil, assim como se tornavam vãs todas as combinações. Imediatamente, digo a mim mesmo que o bloco de pedra sacudido por uma picareta havia sido colocado ali com uma precisão muito curiosa, que o menor impacto o faria cair e que, caindo, inevitavelmente reduziria a uma pasta a cabeça do falso Arsène Lupin para torná-lo irreconhecível.

Outro achado. Meia hora depois, soube que o cadáver da senhorita de Saint-Véran fora descoberto nas rochas de Dieppe… ou melhor, um cadáver que se acreditava ser o da senhorita de Saint-Véran, pelo fato de no braço haver um bracelete semelhante a um dos braceletes da jovem. Era aliás a única marca de identidade, porque o cadáver estava irreconhecível.

Então me recordo e compreendo tudo. Alguns dias antes, eu lera numa edição de La Vigie de Dieppe, *que um jovem casal de americanos, de passagem por Envermeu, se envenenara voluntariamente, e que na própria noite de sua morte seus cadáveres desapareceram. Corro para Envermeu. A história é verdadeira, me contam, exceto no que diz respeito ao desaparecimento, já que foram os irmãos das duas vítimas que vieram reclamar os cadáveres e os levaram após as verificações de praxe. Esses irmãos, não há dúvida de que se chamassem Arsène Lupin e seus comparsas.*

Portanto, a prova está produzida. Sabemos o motivo pelo qual Arsène Lupin simulou o assassinato da jovem e fez com que acreditassem no boato de sua própria morte. Ele ama e não quer que ninguém saiba disso. E, para que ninguém saiba disso, não recua diante de nada, vai ao ponto de empreender esse incrível roubo dos dois cadáveres de que necessita para desempenhar os papéis dele e da senhorita de Saint-Véran. Então ficará tranquilo. Ninguém poderá preocupá-lo. Ninguém suspeitará da verdade que ele quer encobrir.

Ninguém? Sim… Três adversários, se necessário, poderiam esboçar algumas dúvidas: Ganimard, cuja chegada esperamos, Herlock Sholmes

que deve atravessar o estreito, e eu, que estou no local. Existe um perigo triplo aqui. Ele o remove. Sequestra Ganimard. Sequestra Herlock Sholmes. Faz com que eu seja apunhalado por Brédoux.

Um único ponto permanece obscuro. Por que Lupin terá se esforçado tanto para roubar de mim o documento da Agulha Oca? Ele não teria a pretensão, ao retomá-lo, de apagar da minha memória o texto das cinco linhas que o compõem. Então por quê? Ele tem medo de que a própria natureza do papel, ou qualquer outro indício, me forneça alguma informação?

De qualquer maneira, essa é a verdade sobre o caso Ambrumésy. Repito que a hipótese desempenha certo papel na explicação que estou propondo, assim como desempenhou grande papel em minha investigação pessoal. Mas se alguém esperasse pelas provas e pelos fatos para lutar contra Lupin, haveria uma grande possibilidade de ou esperar por eles sempre, ou descobrir algumas que, preparadas por Lupin, levariam justamente ao oposto do objetivo.

Estou confiante de que os fatos, quando forem todos conhecidos, confirmarão minha hipótese em todos os pontos.

Assim, Beautrelet, por um momento dominado por Arsène Lupin, perturbado pelo sequestro do pai e resignado com a derrota, Beautrelet, no final, não conseguiu decidir por ficar em silêncio. A verdade era linda e estranha demais, as provas que ele poderia fornecer eram lógicas e conclusivas demais para ele concordar em disfarçá-la. O mundo inteiro estava esperando por suas revelações. Ele falava.

Na própria noite do dia em que foi publicado seu artigo, os jornais anunciaram o sequestro do senhor Beautrelet pai. Isidore fora informado disso por uma mensagem de Cherbourg, recebida às três horas.

---

[2] *Arsène Lupin*, peça em quatro atos. (N.T.)

[3] *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*. (N.T.)

Na pista

A violência do golpe abalou o jovem Beautrelet. Embora ele tivesse obedecido, ao publicar seu artigo, a um daqueles movimentos irresistíveis que fazem desdenhar de toda cautela, no fundo não tinha acreditado na possibilidade de um sequestro. Suas precauções tinham sido muito bem tomadas. Os amigos de Cherbourg não só haviam sido instruídos a ficar com o velho Beautrelet, mas também a vigiar as suas idas e vindas, nunca deixá-lo sair sozinho, nem mesmo entregar-lhe nenhuma carta sem a ter previamente aberto. Não, não havia perigo. Lupin estava blefando; Lupin, ansioso para ganhar tempo, procurava intimidar seu adversário. O golpe foi, portanto, quase imprevisto, e, durante todo o final do dia, incapaz como estava de agir, ele sentia o choque doloroso dele decorrente. Uma ideia o sustentava: partir, ir até lá, ver por si mesmo o que tinha acontecido e retomar a ofensiva. Enviou um telegrama para Cherbourg. Por volta das oito horas, chegou à estação Saint-Lazare. Em poucos minutos, tomou o expresso.

Foi apenas uma hora depois, abrindo maquinalmente um jornal vespertino comprado no cais, que ele teve conhecimento da famosa carta pela qual Lupin respondia indiretamente ao seu artigo matinal.

Senhor diretor,

Não pretendo de forma alguma que minha modesta personalidade, que, claro, em tempos mais heroicos, teria passado completamente despercebida, assuma algum relevo nos nossos tempos de fraqueza e mediocridade. Mas há um limite que a curiosidade doentia das multidões

não poderia ultrapassar, sob pena de uma indiscrição desonesta. Se não respeitarmos mais a barreira da privacidade, qual será a proteção dos cidadãos?

Os interesses superiores da verdade serão invocados? Vão pretexto para mim, pois a verdade é conhecida e não tenho nenhuma dificuldade em escrever a confissão oficial dela. Sim, a senhorita de Saint-Véran está viva. Sim, eu a amo. Sim, estou triste por não ser amado por ela. Sim, a investigação do pequeno Beautrelet é admirável em termos de precisão e exatidão. Sim, concordamos em todos os pontos. Não há mais enigma. Muito bem. E então?...

Atingido até nas profundezas da minha alma, ainda sangrando pelas mais cruéis feridas morais, peço que não mais se divulgue à malignidade pública meus sentimentos mais íntimos e minhas esperanças mais secretas. Peço a paz, a paz que me é necessária para que eu ganhe o afeto da senhorita de Saint-Véran, e para apagar de sua memória os mil pequenos insultos que seu tio e sua prima lhe fizeram — isso não foi dito —, sua situação de parente pobre. A senhorita de Saint-Véran esquecerá esse passado detestável. O que quer que ela deseje, seja a joia mais linda do mundo, seja o tesouro mais inacessível, eu colocarei a seus pés. Ela será feliz. Ela me amará. Mas para ter sucesso, digo mais uma vez, preciso de paz. É por isso que deponho minhas armas, e é por isso que trago o ramo de oliveira para os meus inimigos — advertindo-os, aliás, generosamente, que uma recusa da sua parte poderia ter para eles as mais graves consequências.

Mais uma palavra sobre o senhor Harlington. Por trás desse nome, esconde-se um excelente rapaz, secretário do bilionário americano Cooley, e encarregado por ele de arrebanhar pela Europa todos os objetos de arte antiga que se possa descobrir. O azar quis que ele topasse com meu amigo, Etienne de Vaudreix, aliás Arsène Lupin, aliás eu. Ele soube assim, o que no caso era falso, que um certo senhor de Gesvres queria desfazer-se de quatro Rubens, com a condição de que fossem substituídos por cópias e que essa barganha permanecesse em segredo, com o que ele concordou. Meu amigo Vaudreix garantia que conseguiria persuadir o senhor de Gesvres a vender a Chapelle-Dieu. As negociações continuaram com total boa-fé do lado de meu amigo Vaudreix, com charmosa ingenuidade por parte do senhor Harlington, até o dia em que os Rubens

e as pedras esculpidas da Chapelle-Dieu foram colocados em lugar seguro… e o senhor Harlington na prisão. Portanto, nada mais resta a fazer senão libertar o infeliz americano, que se contentou com o modesto papel de ingênuo, desmascarar o bilionário Cooley, já que, por medo de possíveis problemas, ele não protestou contra a prisão de seu secretário, e parabenizar meu amigo Etienne de Vaudreix, aliás eu, já que ele vinga a moralidade pública guardando os quinhentos mil francos que recebeu como adiantamento do pouco simpático Cooley.

Desculpe a extensão dessas linhas, meu caro diretor, e receba meus sinceros cumprimentos.

Arsène Lupin

Talvez Isidore tenha pesado os termos dessa carta com tanta minúcia quanto havia estudado o documento da *Agulha Oca*. Ele partia do princípio, cuja correção era fácil de demonstrar, que Lupin nunca se dera ao trabalho de enviar aos jornais uma única de suas divertidas cartas sem absoluta necessidade, sem uma razão que os acontecimentos não deixavam de trazer à luz um dia ou outro. Qual era o motivo daquela? Por que razão secreta ele confessava seu amor e o fracasso desse amor? Será que era preciso procurar, quer nas explicações que diziam respeito ao senhor Harlington, quer mais longe ainda, nas entrelinhas, por trás de todas aquelas palavras cujo significado aparente talvez não tivesse outro propósito senão sugerir a pequena ideia má, traiçoeira, desconcertante?…

Por horas, o jovem, trancado em sua cabine, permaneceu pensativo, preocupado. Aquela carta lhe inspirava suspeitas, como se tivesse sido escrita para ele, e fosse destinada a induzi-lo ao erro, especialmente ele. Pela primeira vez, e porque se via confrontado não mais com um ataque direto, mas com um processo de luta ambíguo, indefinível, ele experimentava a sensação muito distinta do medo. E, pensando em seu velho e bom pai, sequestrado por sua culpa, ele se perguntava angustiado se não seria loucura continuar um duelo tão desigual. O resultado não era certo? Lupin já não teria ganho de antemão a partida?

Um desânimo de curta duração! Quando ele saiu da cabine às seis da manhã, reconfortado por algumas horas de sono, havia recuperado toda a fé.

No cais, Froberval, o funcionário do porto militar que havia hospedado o velho Beautrelet, esperava por ele, acompanhado de sua filha Charlotte, uma menina de doze a treze anos.

— E então? — exclamou Beautrelet.

Como o pobre homem começasse a gemer, ele o interrompeu, conduziu-o a uma taberna próxima, fez com que lhe servissem café e começou a falar com clareza, sem permitir ao seu interlocutor a menor digressão:

— Meu pai não foi levado embora, não é, era impossível?

— Impossível. No entanto, ele desapareceu.

— Desde quando?

— Não sabemos.

— Como assim?

— Não. Ontem de manhã, às seis horas, vendo que ele não descia, abri sua porta. Ele não estava mais lá.

— Mas, anteontem, ele ainda estava lá?

— Sim. Anteontem ele não saiu do quarto. Ele estava um pouco cansado, e Charlotte lhe levou seu almoço ao meio-dia e seu jantar às sete da noite.

— Então, foi entre as sete da noite de anteontem e as seis da manhã de ontem que ele desapareceu?

— Sim, na noite anterior a esta. Só que…

— Só que?

— Bem!… à noite, não se pode sair do arsenal.

— Então ele não saiu?

— Impossível! Meus colegas e eu vasculhamos todo o porto militar.

— Então ele saiu.

— Impossível. Tudo está vigiado.

Beautrelet refletiu, depois disse:

— No quarto, a cama estava desfeita?

— Não.

— E o quarto estava em ordem?

— Sim. Encontrei seu cachimbo no mesmo lugar, seu tabaco, o livro que ele estava lendo. Tinha até, no meio do livro, essa pequena fotografia sua segurando a página aberta.

— Deixe-me ver.

Froberval lhe passou a fotografia. Beautrelet fez um gesto de surpresa. Ele tinha acabado de se reconhecer no instantâneo, de pé, as duas mãos nos bolsos, tendo ao seu redor um gramado onde se distinguiam árvores e ruínas. Froberval acrescentou:

— Este deve ser o último retrato seu que o senhor enviou a ele. Veja, atrás, tem a data… 3 de abril, o nome do fotógrafo, R. de Val, e o nome da cidade, Lion… Lion-sur-Mer… talvez.

Isidore, de fato, havia virado a foto e lia esta pequena anotação, com sua letra: R. de Val — 3-4 — Lion.

Ele permaneceu em silêncio por alguns minutos, então continuou:

— Meu pai ainda não lhe tinha mostrado esse instantâneo?

— Bem, não… e fiquei surpreso quando vi isso ontem… porque seu pai falava com muita frequência do senhor!

Um novo silêncio, muito longo. Froberval murmurou:

— Tenho de ir cuidar da oficina… Talvez pudéssemos voltar…

Ele se calou. Isidore não tinha tirado os olhos da fotografia, examinando-a em todos os detalhes. Finalmente, o jovem perguntou:

— Existe uma hospedaria Lion d'Or, a uma légua depois da cidade?

— Sim, claro, a uma légua daqui.

— Na estrada para Valognes, não é?

— Na estrada para Valognes, de fato.

— Bem, tenho todos os motivos para supor que essa hospedaria foi o quartel-general dos amigos de Lupin. Foi de lá que entraram em contato com meu pai.

— Que ideia! Seu pai não falava com ninguém. Não viu ninguém.

— Ele não viu ninguém, mas usaram um intermediário.

— Que prova tem disso?

— Essa fotografia.

— Mas é sua?

— É minha, mas não foi enviada por mim. Eu nem a conhecia. Foi tirada sem meu conhecimento nas ruínas de Ambrumésy, sem dúvida pelo escrivão do juiz de instrução, que era, como o senhor sabe, cúmplice de Arsène Lupin.

— E daí?

— Essa fotografia foi o passaporte, o talismã graças ao qual conquistaram a confiança de meu pai.

— Mas quem? Quem poderia penetrar em minha casa?

— Não sei, mas meu pai caiu na armadilha. Disseram-lhe, e ele acreditou, que eu estava nos arredores e que pedia para vê-lo e que o encontraria na hospedaria Lion d'Or.

— Mas tudo isso é loucura, não? Como pode afirmar?

— Muito simplesmente. Imitaram minha letra atrás da foto e definiram o encontro… Estrada de Valognes, 3 km 400, hospedaria Lion d'Or. Meu pai foi e eles o pegaram, eis tudo.

— Que seja — Froberval murmurou atordoado —, que seja… eu admito… as coisas aconteceram assim… mas tudo isso não explica como ele pôde sair durante a noite.

— Ele saiu, em plena luz do dia, mesmo que isso significasse esperar até o anoitecer para ir ao encontro.

— Mas, que diabo, já que anteontem não saiu do quarto o dia inteiro!

— Haveria uma maneira de ter certeza; corra até o porto, Froberval, e procure um dos homens que estava de serviço anteontem à tarde… Mas se apresse se quiser me encontrar aqui.

— O senhor vai partir então?

— Sim, vou pegar o trem novamente.

— Como assim? Mas o senhor não sabe… Sua investigação…

— Minha investigação acabou. Sei quase tudo que eu queria saber. Em uma hora, terei deixado Cherbourg.

Froberval havia se levantado. Olhou para Beautrelet absolutamente perplexo, hesitou por um momento, depois pegou o boné.

— Você vem, Charlotte?

— Não — disse Beautrelet —, eu ainda precisaria de algumas informações. Deixe-a comigo. Assim conversaremos. Eu a conheci quando era pequena.

Froberval saiu. Beautrelet e a menina foram deixados sozinhos na sala da taberna. Minutos se passaram, um rapaz entrou, pegou algumas xícaras e desapareceu.

Os olhos do jovem e da criança se encontraram e, muito gentilmente, Beautrelet pôs a mão na mão da garota. Ela olhou para ele por dois ou três segundos, perdida, como se estivesse sufocada. Então, de repente cobrindo a cabeça entre os braços dobrados, ela explodiu em soluços.

Ele a deixou chorar e, depois de um momento, lhe disse:

— Foi você quem fez tudo, não é, foi você quem serviu de intermediária? Foi você quem levou a fotografia? Você admite, não é? E quando disse que anteontem meu pai estava no quarto dele, você sabia muito bem que não, não é, pois foi você quem o ajudou a sair…

Ela não respondia. Ele lhe disse:

— Por que fez isso? Ofereceram-lhe dinheiro, sem dúvida… o suficiente para comprar fitas… um vestido…

Ele descruzou os braços de Charlotte e lhe ergueu a cabeça. Viu um pobre rosto riscado de lágrimas, um rosto gracioso, inquietante e expressivo, dessas meninas que estão destinadas a todas as tentações, a todos os desfalecimentos.

— Pronto — retomou Beautrelet —, acabou, não falemos mais nisso… Não estou nem perguntando como foi. Você só vai me contar tudo que pode ser útil para mim!… Você surpreendeu alguma coisa… uma palavra dessas pessoas? Como foi feito o sequestro?

Ela respondeu imediatamente:

— No carro… Eu os ouvi falando sobre isso.

— E que rota eles tomaram?

— Ah!, isso eu não sei.

— Eles não trocaram nenhuma palavra na sua frente que possa nos ajudar?

— Nenhuma… Houve um, porém, que disse: "Não haverá tempo a perder… é amanhã de manhã às oito horas, que o patrão deve nos telefonar lá…".

— Onde lá?… Lembra… Era um nome de cidade, não era?

— Sim… um nome… como castelo…

— Châteaubriant?… Château-Thierry?

— Não… não…

— Châteauroux?

— É isso… Châteauroux…

Beautrelet não esperara que ela pronunciasse a última sílaba. Ele já estava de pé, e sem se preocupar com Froberval, sem mais se ocupar com a menina. Enquanto ela o olhava com espanto, ele abria a porta e corria para a estação.

— Châteauroux… Senhora… uma passagem para Châteauroux…

— Por Le Mans e Tours? — perguntou a bilheteira.

— Obviamente… o mais curto… Chegarei lá até a hora do almoço?

— Ah, não!…

— Na hora do jantar? Para dormir?…

— Ah, não, para isso seria preciso passar por Paris… O expresso para Paris sai às oito horas… É tarde demais.

Não era tarde demais. Beautrelet ainda conseguiu pegá-lo.

— Vejamos — disse Beautrelet, esfregando as mãos —, só passei uma hora em Cherbourg, mas foi um tempo bem empregado.

Nem por um momento ele pensou em acusar Charlotte de mentir. Fracas, desamparadas, capazes das piores traições, essas pequenas naturezas obedecem igualmente a rompantes de sinceridade, e Beautrelet vira, em seus olhos assustados, a vergonha do mal que havia cometido e a alegria de repará-lo, em parte. Ele, portanto, não tinha dúvidas de que Châteauroux era a outra cidade à qual Lupin havia aludido, e de onde seus cúmplices deveriam lhe telefonar.

Assim que chegou a Paris, Beautrelet tomou todas as precauções necessárias para não ser seguido. Ele sentia que a hora era séria. Estava indo pelo caminho certo que o levaria até seu pai; uma imprudência podia estragar tudo.

Entrou na casa de um de seus amigos do liceu e saiu uma hora depois, irreconhecível. Era um inglês na casa dos trinta, vestido com um terno marrom xadrez, calça curta, meias de lã, boné de viagem, rosto colorido e uma barba ruiva curta.

Pegou uma bicicleta à qual estava presa um completo material de pintura e acelerou em direção à estação de Austerlitz.

À noite, estava dormindo em Issoudun. No dia seguinte, já ao amanhecer, montou na bicicleta. Às sete horas, apresentou-se no correio em Châteauroux e pediu uma comunicação com Paris. Forçado a esperar, puxou conversa com o funcionário e soube que na véspera, na mesma hora, um sujeito vestido de automobilista também havia solicitado comunicação com Paris.

Ele já tinha a prova. Não esperou mais.

À tarde, soube, por testemunhos irrecusáveis, que uma limusine, seguindo a rota de Tours, havia cruzado a vila de Buzançais, depois a cidade de Châteauroux e tinha parado além da cidade, na orla da floresta. Por volta das dez horas, um cabriolé, conduzido por um indivíduo,

estacionara perto da limusine e partira para o sul pelo vale da Bouzanne. Nesse momento, outra pessoa estava ao lado do cocheiro. Quanto ao automóvel, tomando o caminho oposto, dirigira-se para o norte, em direção a Issoudun.

Isidore descobriu facilmente o dono do cabriolé. Mas esse dono não pôde dizer nada. Havia alugado o veículo e o cavalo a um indivíduo que os trouxera de volta no dia seguinte.

Por fim, nessa mesma noite, Isidore notou que o automóvel apenas passara por Issoudun, continuando seu percurso para Orléans, ou seja, para Paris.

De tudo isso decorria, da maneira mais absoluta, que o velho Beautrelet estava nos arredores. Do contrário, como se poderia admitir que pessoas percorressem quase quinhentos quilômetros pela França para vir telefonar em Châteauroux e subir, em ângulo agudo, pelo caminho de Paris? Esta volta imensa tinha um objetivo específico: transportar o velho Beautrelet até o local que lhe estava designado.

— E esse lugar está ao alcance das minhas mãos — disse Isidore a si mesmo, estremecendo de esperança. — A dez léguas, quinze léguas daqui, meu pai está esperando que eu o socorra. Ele está aqui. Respira o mesmo ar que eu.

Imediatamente, ele se pôs em campo. Pegando um mapa, dividiu-o em quadradinhos que visitava, um por um, entrando nas fazendas, conversando com os camponeses, procurando os professores, prefeitos, padres, puxando conversa com as mulheres. Parecia-lhe que iria alcançar a meta sem demora e seus sonhos iam se ampliando: já não era mais seu pai quem ele esperava libertar, mas todos aqueles que Lupin mantinha em cativeiro, Raymonde de Saint-Véran, Ganimard, Herlock Sholmes talvez, e outros, muitos outros. E, quando os alcançasse, chegaria ao mesmo tempo ao coração da fortaleza de Lupin, em seu covil, em seu retiro impenetrável onde ele empilhava os tesouros que roubara do universo.

Mas, depois de quinze dias de pesquisas infrutíferas, seu entusiasmo finalmente acabou por arrefecer e muito rapidamente ele perdeu a confiança. Como o sucesso demorasse a surgir, quase da noite para o dia ele passou a considerá-lo impossível e, embora continuasse a perseguir seu plano de investigações, teria experimentado uma verdadeira surpresa se seus esforços tivessem resultado na menor descoberta.

Mais dias se passaram, monótonos e desanimados. Soube pelos jornais que o conde de Gesvres e sua filha haviam deixado Ambrumésy e se estabelecido nos arredores de Nice. Soube também da libertação do senhor Harlington, cuja inocência saltou à vista, de acordo com as indicações de Arsène Lupin.

Mudou seu quartel-general, fixando-se dois dias em La Châtre, dois dias em Argenton. Mesmo resultado.

A essa altura, ele estava prestes a desistir do jogo. Obviamente, o cabriolé que trouxera seu pai servira apenas por uma etapa à qual uma outra, servida por outro veículo, havia sucedido. E seu pai estava longe. Ele pensou em ir embora.

Porém, numa segunda-feira de manhã, no envelope de uma carta não selada que lhe enviavam de Paris, notou uma caligrafia que o perturbou. Sua emoção foi tanta, por alguns minutos, que não ousava abrir, com medo de uma decepção. Sua mão tremia. Era possível? Não haveria ali uma armadilha que seu inimigo infernal estava preparando para ele? Com um gesto brusco, ele abriu. Na verdade, era uma carta de seu pai, escrita por ele próprio. A escrita tinha todas as peculiaridades, todos os tiques da caligrafia que ele conhecia tão bem. Ele leu:

Essas palavras vão chegar até você, meu filho querido? Não me atrevo a acreditar.

Durante toda a noite do sequestro viajamos de automóvel, depois, de manhã, de carruagem. Não consegui ver nada. Estava com os olhos vendados. O castelo onde estou detido deve ficar, a julgar pela sua construção e pela vegetação do parque, no centro da França. O quarto que ocupo fica no segundo andar, um cômodo com duas janelas, uma delas quase bloqueada por uma cortina de glicínias. À tarde, fico livre, em determinados horários, para circular nesse parque, mas sob vigilância constante.

Seja como for, escrevo esta carta para você e a amarro a uma pedra. Talvez um dia eu consiga jogá-la por cima dos muros e algum camponês a pegue. Não fique preocupado. Sou tratado com muita consideração.

Seu velho pai que ama você e que fica triste ao pensar na preocupação que lhe causa.

Beautrelet

Imediatamente Isidore olhou para os carimbos do correio. Eram de Cuzion (Indre). Indre! O departamento que ele vinha investigando encarniçadamente havia semanas!

Consultou um pequeno guia de bolso que nunca largava. *Cuzion*, cantão de *Eguzon*… Por lá também ele havia passado.

Por prudência, rejeitou sua personalidade de inglês, que começava a ser conhecida na região, disfarçou-se de trabalhador e disparou para Cuzion, um vilarejo bem pouco importante, onde lhe foi fácil encontrar o remetente da carta.

Além disso, imediatamente a sorte o ajudou.

— Uma carta colocada no correio quarta-feira passada? — exclamou o prefeito, bom burguês ao qual contou sua história e que se colocou à sua disposição… Ouça, acho que posso lhe dar uma indicação valiosa… Sábado de manhã, um velho amolador de facas que faz todas as feiras do departamento, o pai Charel, com quem cruzei no final do vilarejo, perguntou-me: "Senhor prefeito, uma carta que não tem selo, vai da mesma forma?" "Claro! E chega ao seu destino?" "Com certeza, bastará que o destinatário pague uma taxa adicional, só isso."

— E onde mora esse pai Charel?

— Mora ali, sozinho… na encosta… a cabana depois do cemitério… Quer que o acompanhe?

Era um casebre isolado, no meio de um pomar cercado de árvores altas. Quando eles entraram, três pegas voaram para fora da casinha onde o cão de guarda estava amarrado. E o cachorro não latiu nem se mexeu diante da aproximação deles.

Muito surpreso, Beautrelet deu um passo à frente. O animal estava deitado de lado, com as pernas rígidas, morto.

Eles se dirigiram apressadamente para a casa. A porta estava aberta.

Entraram. No fundo de um cômodo baixo e úmido, sobre um colchão de palha ruim jogado no chão, um homem estava deitado, totalmente vestido.

— O pai Charel! — gritou o prefeito… — Será que também está morto?

As mãos do homem estavam frias, seu rosto tinha uma palidez assustadora, mas o coração ainda batia, em um ritmo lento e fraco, e ele parecia não ter ferimentos.

Tentaram reanimá-lo e, como não conseguiam, Beautrelet saiu em busca de um médico. O médico não teve mais sucesso. O homem não parecia estar com dor. Dir-se-ia que simplesmente dormia, mas um sono artificial, como se tivesse adormecido por hipnose ou com a ajuda de um narcótico.

No meio da noite seguinte, porém, Isidore, que o vigiava, percebeu que sua respiração estava ficando mais forte e que todo o seu ser parecia se livrar das amarras invisíveis que o paralisavam.

Ao amanhecer, ele acordou e retomou suas funções normais, comeu, bebeu e se mexeu. Mas durante todo o dia não conseguiu responder às perguntas do jovem, seu cérebro ainda como que adormecido com um torpor inexplicável.

No dia seguinte, ele perguntou a Beautrelet:

— O que está fazendo aqui?

Era a primeira vez que se surpreendia com a presença de um estranho perto dele.

Aos poucos, dessa forma, ele recuperou toda a sua lucidez. Ele falou. Fez planos. Mas, quando Beautrelet lhe perguntou sobre os eventos que haviam precedido seu sono, pareceu não entender.

E realmente, Beautrelet sentiu que ele não entendia. Ele havia perdido a memória do que acontecera desde a sexta-feira anterior. Era como um abismo repentino no curso normal de sua vida. Ele contava sobre a manhã e a tarde da sexta-feira, os negócios realizados na feira, a refeição que fizera na hospedaria. Depois… mais nada… Ele pensava ter acordado no dia seguinte àquele dia.

Foi horrível para Beautrelet. A verdade estava ali, naqueles olhos que tinham visto os muros do parque atrás dos quais seu pai o esperava, naquelas mãos que tinham pegado a carta, naquele cérebro confuso que registrara o lugar da cena, o cenário, o pequeno canto do mundo onde aquele drama estava se desenrolando. E daquelas mãos, daqueles olhos, daquele cérebro, ele não conseguia extrair o menor eco daquela verdade tão próxima!

— Oh! Aquele obstáculo impalpável e formidável contra o qual iam seus esforços, aquele obstáculo feito de silêncio e de esquecimento, quão bem ele carregava a marca de Lupin! Só ele tinha podido, sem dúvida informado que o velho Beautrelet tentara dar um sinal, só ele tinha podido

golpear com morte parcial aquele único ser cujo testemunho podia incomodá-lo. Não que Beautrelet se sentisse descoberto, e que ele pensasse que Lupin, ciente de seu ataque furtivo e sabendo que uma carta chegara até ele, tivesse se defendido pessoalmente contra ele. Mas que demonstração de clarividência e de verdadeira inteligência fora suprimir a possível acusação daquele transeunte! Agora, ninguém mais sabia que havia um prisioneiro dentro dos muros de um parque, um prisioneiro que pedia ajuda.

Ninguém? Sim, Beautrelet. O pai Charel não conseguia falar? Tudo bem. Mas seria possível saber pelo menos a feira para onde o homem tinha ido e o caminho lógico que ele tomara para voltar dela. E, ao longo dessa estrada, talvez finalmente fosse possível encontrar…

Isidore, que aliás só fora até o casebre do pai Charel tendo tomado as maiores precauções, e também para não chamar a atenção, decidira não voltar lá. Tendo perguntado, soube que sexta-feira era dia de feira em Fresselines, um grande burgo comercial localizado a algumas léguas de distância, para onde se podia ir pela estrada principal, que era bastante sinuosa, ou por atalhos.

Na sexta-feira, ele escolheu a estrada principal para ir até lá e não viu nada que chamasse sua atenção, nenhum recinto de muros altos, nenhuma silhueta de um velho castelo. Ele almoçou em uma pousada em Fresselines e estava se preparando para sair quando viu o pai Charel chegar, ele que estava atravessando a praça empurrando seu pequeno carro de amolador. Pôs-se a segui-lo de bem longe.

O velho fez duas paradas intermináveis, durante as quais amolou dezenas de facas. Então, por fim, escolheu um caminho completamente diferente que levava a Crozant e ao vilarejo de Eguzon.

Beautrelet foi atrás dele nessa estrada. Mas não tinha andado nem cinco minutos quando teve a impressão de que não era o único a seguir o homem. Entre eles, caminhava um indivíduo que parava e avançava ao mesmo tempo que o pai Charel, sem muito cuidado para não ser visto.

— Eles o estão observando, pensou Beautrelet, talvez queiram saber se ele para na frente dos muros…

Seu coração disparou. Os acontecimentos estavam se precipitando.

Os três, um atrás do outro, subiam e desciam as encostas íngremes da região e chegaram a Crozant. Lá, o pai Charel fez uma parada de uma hora.

Em seguida, desceu até o rio e cruzou a ponte. Mas então aconteceu um fato que surpreendeu Beautrelet. O indivíduo não atravessou o rio. Ele viu o velho ir embora e quando o perdeu de vista, tomou um atalho que o conduziu para o campo aberto. Que fazer? Beautrelet hesitou por alguns segundos, mas de repente se decidiu. Pôs-se a perseguir o indivíduo.

"Ele deve ter notado", pensou, que o pai Charel passou direto. "Ele ficou tranquilo e foi embora. Para onde? Para o castelo?"

Estava se aproximando do seu objetivo. Sentia isso com uma espécie de alegria dolorosa que o animava.

O homem entrou em um bosque escuro que dava para o rio, então apareceu novamente em plena luz, no horizonte do atalho. Quando Beautrelet, por sua vez, saiu do bosque, ficou muito surpreso ao não ver mais o indivíduo. Estava procurando por ele com os olhos, quando de repente sufocou um grito e, com um salto para trás, retomou a linha de árvores que acabara de deixar. À sua direita, tinha visto um conjunto de muros altos, flanqueados a distâncias iguais por contrafortes maciços.

Ele estava lá! Ele estava lá! Aqueles muros aprisionavam seu pai! Ele havia encontrado o lugar secreto onde Lupin mantinha suas vítimas!

Ele não ousou mais sair do abrigo que a espessa folhagem da floresta lhe proporcionava. Lentamente, quase de bruços, inclinou-se para a direita e assim alcançou o topo de um monte que chegava à cumeeira das árvores vizinhas. Os muros eram ainda mais altos.

No entanto, ele discerniu o telhado do castelo que eles cercavam, um antigo telhado Luís XIII encimado por pequeninos campanários muito finos dispostos em círculo em torno de uma flecha mais aguda e mais alta.

Naquele dia, Beautrelet não fez mais nada. Ele precisava pensar e preparar seu plano de ataque sem deixar nada ao acaso. Mestre da situação, cabia a ele agora escolher a hora e o modo de combate. Ele se foi.

Perto da ponte, passou por duas camponesas que carregavam baldes cheios de leite. Perguntou a elas:

— Qual é o nome do castelo que fica ali, atrás das árvores?

— Esse, senhor, é o Castelo da Agulha.

Ele havia colocado sua pergunta sem dar importância a ela. A resposta o perturbou.

— O castelo da Agulha… Ah!… Mas onde estamos aqui? No departamento de Indre?

— Oh, não, Indre fica do outro lado do rio… Aqui é o departamento de Creuse [Oca].

Isidore teve um deslumbramento. O castelo da Agulha… o departamento de Creuse! A Agulha, Oca! A própria chave do documento! A vitória assegurada, definitiva, total…

Sem outra palavra, ele deu as costas às duas mulheres e saiu cambaleando como um bêbado.

Um segredo histórico

A resolução de Beautrelet foi imediata: ele agiria sozinho. Prevenir a justiça era muito perigoso. Além de só poder oferecer presunções, ele temia a lentidão da justiça, as esperadas indiscrições, toda uma investigação preliminar durante a qual Lupin, inevitavelmente informado, teria tempo para realizar sua retirada.

No dia seguinte, às oito horas, com seu pacote debaixo do braço, saiu da hospedaria em que morava nos arredores de Cuzion, foi até o primeiro matagal que apareceu, livrou-se de suas roupas de operário, tornou-se novamente o jovem pintor inglês que era antes e se apresentou ao tabelião de Eguzon, a maior vila da região.

Falou que gostava do lugar e que, se encontrasse um lar adequado, ficaria feliz em morar lá com seus pais. O tabelião indicou várias áreas. Beautrelet insinuou que havia sido informado sobre o castelo da Agulha, ao norte de Creuse.

— De fato, mas o castelo da Agulha, que pertence a um de meus clientes há cinco anos, não está à venda.

— Ele mora lá então?

— Ele morava lá, ou melhor, sua mãe. Mas esta última, por achar o castelo um pouco triste, não gostava. De sorte que eles o deixaram no ano passado.

— E ninguém mora lá?

— Sim, um italiano, a quem meu cliente o alugou para o verão, o barão Anfredi.

— Ah! O barão Anfredi, um homem ainda jovem, um tanto pedante…

— Bem, eu não sei nada a esse respeito… Meu cliente tratou diretamente. Não houve contrato… apenas uma carta…

— Mas o senhor conhece o barão?

— Não, ele nunca sai do castelo… De carro, às vezes, e à noite, ao que parece. As compras são feitas por uma cozinheira velha que não fala com ninguém. Pessoas esquisitas…

— Seu cliente concordaria em vender o castelo?

— Não creio. É um castelo histórico, no mais puro estilo Luís XIII. Meu cliente gostava muito dele, e se não mudou de opinião…

— O senhor pode me dar o nome dele?

— Louis Valméras, 34, Rue du Mont-Thabor.

Beautrelet pegou o trem para Paris na estação mais próxima. Dois dias depois, após três visitas sem sucesso, enfim encontrou Louis Valméras. Era um homem de cerca de trinta anos, com um rosto franco e simpático. Beautrelet, julgando desnecessário usar de rodeios, claramente se deu a conhecer e descreveu seus esforços e o objetivo de seu procedimento.

— Tenho todos os motivos para acreditar — conclui ele —, que meu pai está preso no castelo da Agulha, provavelmente na companhia de outras vítimas. E venho lhe perguntar o que sabe sobre seu inquilino, o barão Anfredi.

— Pouca coisa. Conheci o barão Anfredi no inverno passado em Monte Carlo. Ao saber, por acaso, que eu era dono de um castelo, e como queria passar o verão na França, fez-me ofertas de locação.

— É um homem ainda jovem…

— Sim, olhos muito enérgicos, cabelos loiros.

— Barba?

— Sim, terminada por duas pontas que caem sobre colarinho falso, o qual se fecha por trás, como o colarinho de um clérigo. Além disso, ele se parece um pouco com um padre inglês.

— É ele — murmurou Beautrelet —, é ele, como eu o vi, é sua descrição exata.

— Sério?… O senhor acha?…

— Acho, estou certo de que seu inquilino não é outro senão Arsène Lupin.

A história divertiu Louis Valméras. Ele conhecia todas as aventuras de Lupin e as peripécias de sua luta com Beautrelet. Esfregou as mãos.

— Vamos, o castelo da Agulha vai ficar famoso… o que não me desagrada, porque afinal, como minha mãe já não mora lá, sempre tive a ideia de me livrar dele na primeira oportunidade. Depois disso, vou encontrar um comprador. Só que…

— Só que?

— Peço-lhe que aja com a máxima cautela e que notifique a polícia apenas quando houver toda certeza. Veja que meu inquilino pode não ser Lupin…

Beautrelet expôs seu plano. Iria sozinho à noite, transporia os muros, se esconderia no parque.

Louis Valméras o interrompeu imediatamente.

— Não será fácil transpor muros daquela altura. Se conseguir fazer isso, será saudado por dois enormes mastins que pertencem à minha mãe e que deixei no castelo.

— Bah! Uma almôndega…

— Muito obrigado! Mas suponhamos que escape deles. E depois? Como entrará no castelo? As portas são maciças, as janelas têm grades. E, além disso, depois de entrar, quem o guiaria? Existem oitenta quartos.

— Sim, mas esse quarto com duas janelas no segundo andar?…

— Eu o conheço, nós o chamamos de quarto das Glicínias. Mas como o encontrará? Existem três escadas e um labirinto de corredores. Não importa quanto eu o oriente, quanto eu lhe explique o caminho a seguir, você se perderá.

— Venha comigo — disse Beautrelet rindo.

— Impossível. Prometi a minha mãe me juntar a ela no Sul.

Beautrelet voltou para a casa do amigo que lhe oferecera hospitalidade e começou seus preparativos. Mas no final do dia, quando se dispunha a partir, recebeu a visita de Valméras.

— Ainda quer minha companhia?

— Sim, quero!

— Pois bem! Vou acompanhá-lo. Sim, a expedição me tenta. Acho que não vamos ficar entediados, e me diverte estar envolvido em tudo isso… E além disso minha ajuda não lhe será inútil. Veja, eis já um começo de colaboração.

Ele mostrou uma grande chave, toda enferrujada e de aspecto venerável.

— E essa chave abre?… — perguntou Beautrelet.

— Uma pequena porta escondida entre dois contrafortes, abandonada durante séculos, e que nem me dei ao trabalho de indicar ao meu inquilino. Ela dá para o campo, precisamente na orla do bosque…

Beautrelet o interrompeu abruptamente.

— Eles a conhecem, essa saída. Com certeza foi por ela que o indivíduo que eu estava seguindo penetrou no parque. Vamos, o jogo está bom e vamos vencê-lo. Mas, droga, vamos ter de jogar com cautela!

Dois dias depois, no passo de um cavalo famélico, uma carroça de ciganos chegava a Crozant, e seu condutor obteve permissão para estacionar no final do vilarejo, sob um antigo galpão deserto. Além do condutor, ninguém menos que Valméras, havia três jovens que se ocupavam em trançar poltronas de vime: Beautrelet e dois de seus colegas do liceu Janson.

Eles ficaram lá por três dias, esperando por uma noite propícia e rondando isoladamente os arredores do parque. Uma vez, Beautrelet viu a pequena porta. Instalada entre dois contrafortes, ela quase se confundia, por trás do véu de espinheiros que a mascarava, com o desenho formado pelas pedras da muralha. Finalmente, na quarta noite, o céu encheu-se de grandes nuvens negras e Valméras decidiu que iriam fazer um reconhecimento, mesmo que isso significasse voltar se as circunstâncias não fossem favoráveis.

Todos os quatro cruzaram o pequeno bosque. Então, Beautrelet rastejou entre as urzes, esfolou as mãos na sebe de espinheiros e, meio que se erguendo, lentamente, com gestos contidos, enfiou a chave na fechadura. Girou-a lentamente. A porta iria se abrir com seu esforço? Não havia um ferrolho do outro lado? Ele empurrou, a porta se abriu, sem ranger, suavemente. Ele estava no parque.

— Está aí, Beautrelet? — perguntou Valméras. — Espere por mim. Vocês dois, meus amigos, vigiem a porta para que nossa saída não seja impedida. Ao menor alerta, apitem uma vez.

Ele pegou a mão de Beautrelet e os dois se afundaram na sombra espessa dos matagais. Um espaço mais claro se ofereceu para eles quando chegaram à beira do gramado central. No mesmo instante, um raio de luar se filtrou e eles divisaram o castelo com seus campanários pontiagudos dispostos em torno daquela flecha afilada à qual, sem dúvida, devia seu nome. Nenhuma luz nas janelas. Nenhum barulho. Valméras agarrou o

braço de seu companheiro.

— Cale-se.

— O quê?

— Os cachorros ali… você vê…

Um rosnado se fez ouvir. Valméras assobiou muito baixo. Duas silhuetas brancas pularam e em quatro saltos caíram aos pés do seu dono.

— Quietinhos, meninos… deitem… isso… não se mexam…

E ele disse a Beautrelet:

— E agora, vamos, estou tranquilo.

— Tem certeza do caminho?

— Sim. Estamos nos aproximando do terraço.

— Mas e daí?

— Lembro-me que à esquerda, num local onde o terraço, que dá para o rio, se eleva ao nível das janelas do térreo, existe uma janela que não fecha bem e que pode ser aberta pelo exterior.

De fato, quando eles chegaram, sob pressão, a janela cedeu. Com uma ponta de diamante, Valméras cortou um quadrado do vidro. Girou o trinco. Um após o outro, eles cruzaram o balcão. Agora, estavam no castelo.

— O cômodo em que estamos — diz Valméras —, fica no final do corredor. Depois, há um enorme vestíbulo decorado com estátuas e, no final desse vestíbulo, uma escada que leva ao quarto ocupado por seu pai.

Deu um passo à frente.

— Você vem, Beautrelet?

— Sim. Sim.

— Mas não, você não está vindo… O que você tem?

Ele agarrou-lhe a mão. Ela estava gelada e ele percebeu que o jovem estava agachado no chão.

— O que tem? — ele repetiu.

— Nada… vai passar.

— Mas enfim…

— Estou com medo…

— Está com medo!

Sim — admitiu Beautrelet ingenuamente… são meus nervos que vacilam… Muitas vezes consigo controlá-los… mas hoje, o silêncio… a emoção… E então, desde que o escrivão me esfaqueou… Mas vai passar… vamos, isso passa…

De fato, ele conseguiu se levantar, e Valméras o conduziu para fora do quarto. Seguiram tateando ao longo de um corredor, com tanta suavidade que nenhum deles percebia a presença do outro. Uma luz fraca, entretanto, parecia iluminar o vestíbulo para o qual estavam indo. Valméras enfiou a cabeça. Era uma lamparina colocada na parte inferior da escada, sobre uma mesa de pedestal que podia ser vista através dos frágeis galhos de uma palmeira.

— Pare! — Valméras sussurrou.

Perto da lamparina estava um homem de sentinela, de pé, segurando uma espingarda. Ele os teria visto? Talvez. Pelo menos algo deve tê-lo preocupado, pois ele se empertigou.

Beautrelet havia caído de joelhos contra um vaso com um arbusto e não se mexia mais, o coração disparando no peito. Porém, o silêncio e a imobilidade das coisas tranquilizaram o sentinela. Ele baixou a arma. Mas sua cabeça permaneceu voltada para o vaso do arbusto.

Minutos amedrontadores se passaram, dez, quinze. Um raio de luar se introduzira por uma janela na escada. E de repente Beautrelet percebeu que o raio se deslocava imperceptivelmente e que, em menos de quinze, dez minutos, estaria em cima dele, clareando em cheio sua face. Gotas de suor escorreram-lhe do rosto para as mãos trêmulas.

A angústia era tanta que ele esteve a ponto de se levantar e fugir. Mas, lembrando-se de que Valméras estava ali, olhou em volta à sua procura e ficou pasmo ao vê-lo, ou melhor, ao adivinhá-lo se arrastando nas sombras ao abrigo dos arbustos e das estátuas. Já estava chegando ao pé da escada, a alguns passos da sentinela. O que ia fazer? Passar mesmo assim? Subir sozinho para libertar o prisioneiro? Mas ele conseguiria passar? Beautrelet não o via mais e teve a impressão de que algo ia acontecer, algo que o silêncio, mais pesado, mais terrível, também parecia pressentir.

E de repente uma sombra salta sobre o homem, a lamparina se apaga, há o som de uma luta… Beautrelet acorreu. Os dois corpos tinham rolado sobre as lajes. Ele quis se inclinar. Mas ouviu um gemido rouco, um suspiro e imediatamente um dos adversários se levantou e agarrou-lhe o braço.

— Depressa… Vamos!

Era Valméras.

Subiram dois andares e desembocaram na entrada de um corredor coberto por um tapete.

— À direita — sussurrou Valméras. — O quarto cômodo à esquerda.

Logo eles encontraram a porta desse quarto. Como esperavam, o prisioneiro estava trancado à chave. Demorou meia hora, meia hora de esforços abafados, tentativas em surdina de forçar a fechadura. Finalmente eles entraram. Tateando, Beautrelet encontrou a cama. Seu pai estava dormindo. Ele o acordou suavemente.

— Sou eu, Isidore… e um amigo… Não tenha medo… Levante-se… Nem uma palavra…

O pai se vestiu, mas na hora de sair disse-lhes em voz baixa:

— Não estou sozinho no castelo…

— Ah! Então quem? Ganimard? Sholmes?

— Não… pelo menos não os vi.

— Então?

— Uma jovem.

— A senhorita de Saint-Véran, sem dúvida?

— Não sei… Eu a vi de longe várias vezes no parque… e além disso, quando me debruço na minha janela, vejo a dela… Ela me fez sinais.

— Sabe onde fica o quarto dela?

— Sim, neste corredor, o terceiro à direita.

— O quarto azul — murmurou Valméras. — A porta tem dois batentes, teremos menos problemas.

De fato, muito rapidamente, um dos batentes cedeu. Foi o velho Beautrelet quem se encarregou de avisar a jovem.

Dez minutos depois, ele saiu da sala com ela e disse ao filho:

— Você estava certo… É a senhorita de Saint-Véran.

Os quatro desceram. Ao pé da escada, Valméras parou e se inclinou sobre o homem, conduzindo-os depois até o quarto do terraço:

— Ele não está morto, ele vai viver.

— Ah! — disse Beautrelet com alívio.

— Felizmente, a lâmina da minha faca dobrou… o golpe não é fatal. E, além do mais, esses patifes não merecem piedade.

Do lado de fora, foram saudados pelos dois cães que os acompanharam até a pequena porta. Lá Beautrelet reencontrou seus dois amigos. A pequena tropa deixou o parque. Eram três da manhã.

Essa primeira vitória não podia ser suficiente para Beautrelet. Assim que instalou o pai e a jovem, perguntou-lhes sobre as pessoas que viviam no

castelo e, em particular, sobre os hábitos de Arsène Lupin. Soube que Lupin só vinha a cada três ou quatro dias, chegando à noite de carro e partindo pela manhã. Em cada uma de suas viagens, visitava os dois prisioneiros, e ambos concordavam em elogiar sua consideração e sua extrema afabilidade. No momento, ele não devia estar no castelo.

Além dele, só tinham visto uma velha senhora, que fazia as vezes de cozinheira e arrumadeira, e dois homens que os vigiavam alternadamente e não falavam com eles. A julgar por seus modos e suas fisionomias, eram obviamente subalternos.

— Dois cúmplices de qualquer forma — concluiu Beautrelet, ou melhor, três, com a velha senhora. É uma caça que não deve ser desprezada. E se não perdermos tempo…

Pegou uma bicicleta, correu para o vilarejo de Eguzon, acordou a polícia, pôs todos em polvorosa, fez soar o toque de clarim e voltou a Crozant às oito horas, seguido pelo sargento e por seis policiais

Dois desses homens permaneceram de vigia perto da carroça. Dois outros se postaram em frente à pequena porta. Os quatro últimos, comandados por seu chefe e acompanhados de Beautrelet e Valméras, dirigiram-se à entrada principal do castelo. Tarde demais. A porta estava totalmente aberta. Um camponês lhes disse que uma hora antes vira um automóvel sair do castelo.

De fato, a busca não produziu nenhum resultado. Com toda probabilidade, o bando devia ter se estabelecido lá de forma provisória. Foram encontrados alguns objetos pessoais, roupas e utensílios domésticos, e isso foi tudo.

O que mais espantou Beautrelet e Valméras foi o desaparecimento do ferido. Não conseguiram identificar o menor vestígio de luta, nem mesmo uma gota de sangue nas lajes do vestíbulo.

Em suma, nenhum testemunho material poderia ter comprovado a passagem de Lupin pelo castelo da Agulha, e se teria tido o direito de contestar as afirmações de Beautrelet e de seu pai, de Valméras e da senhorita de Saint-Véran, se não tivessem descoberto, numa sala adjacente àquela que a jovem ocupava, meia dúzia de admiráveis buquês nos quais estavam pregados cartões de visita de Arsène Lupin. Buquês desprezados por ela, murchos, esquecidos… Um deles, além do cartão de visita, trazia uma carta que Raymonde não tinha visto. À tarde, quando esta carta foi

aberta pelo juiz de instrução, encontraram-se ali dez páginas de preces, súplicas, promessas, ameaças, desespero, toda a loucura de um amor que sempre só conheceu desprezo e repulsa. E a carta terminava assim: "Irei terça-feira à noite, Raymonde. Até lá, pense a respeito. Por mim, estou decidido a tudo".

A noite de terça-feira fora a própria noite em que Beautrelet tinha acabado de libertar a senhorita de Saint-Véran.

Vale lembrar a tremenda explosão de surpresa e de entusiasmo que irrompeu em todo o mundo com a notícia desse desfecho inesperado: a senhorita de Saint-Véran livre! A jovem que Lupin cobiçava, pela qual ele havia arquitetado suas combinações mais maquiavélicas, arrancada de suas garras! Também livre o pai de Beautrelet, aquele que Lupin, em seu desejo exagerado por um armistício necessário pelas exigências de sua paixão, aquele que Lupin havia escolhido como refém. Ambos livres, os dois prisioneiros!

E o segredo da Agulha, que se havia pensado ser impenetrável, conhecido, publicado, lançado aos quatro cantos do universo!

Realmente, a multidão se divertiu. Cantou-se sobre o aventureiro vencido. "Os amores de Lupin", "Os soluços de Arsène!…", "O ladrão apaixonado", "Queixumes do batedor de carteiras". Isso era entoado nos bulevares, cantarolado na oficina.

Pressionada por perguntas, perseguida pelos jornalistas, Raymonde respondeu com a mais extrema reserva. Mas a carta estava lá, e os buquês de flores, e toda a lamentável aventura!

Lupin, achincalhado, ridicularizado, caiu de seu pedestal. E Beautrelet foi o ídolo. Ele tinha visto tudo, previsto tudo, esclarecido tudo. O depoimento que a senhorita de Saint-Véran prestou perante o juiz de instrução sobre seu sequestro confirmou a hipótese que o jovem tinha imaginado. Em todos os pontos, a realidade parecia se submeter ao que ele decretara anteriormente. Lupin havia encontrado seu mestre.

Beautrelet exigiu que seu pai, antes de retornar às suas montanhas na Saboia, tirasse alguns meses de descanso ao sol, e ele próprio o levou, assim como a senhorita de Saint-Véran, para os arredores de Nice, onde o conde de Gesvres e sua filha Suzanne estavam instalados para passar o inverno. Dois dias depois, Valméras trouxe sua mãe para junto de seus novos amigos, e eles formaram uma pequena colônia, agrupada em torno da casa

de Gesvres e vigiada noite e dia por meia dúzia de homens contratados pelo conde.

No início de outubro, Beautrelet, estudante de retórica, foi a Paris para retomar os estudos e se preparar para os exames. E a vida recomeçou, dessa vez calma e sem incidentes. O que poderia acontecer? A guerra não acabara?

Lupin, por seu lado, devia ter a sensação clara de que só tinha de se resignar ao fato consumado, pois um belo dia suas duas outras vítimas, Ganimard e Herlock Sholmes, reapareceram. De resto, o retorno deles à vida deste mundo careceu totalmente de prestígio. Foi um catador de trapos que os recolheu, no Quai des Orfèvres, em frente à Delegacia de Polícia, ambos adormecidos e amarrados.

Depois de uma semana de total aturdimento, eles conseguiram retomar o rumo de suas ideias e contaram — ou melhor, Ganimard contou, porque Sholmes se fechou em um mutismo feroz — que haviam realizado, a bordo do iate *L'Hirondelle*, uma viagem de circum-navegação pela África, uma viagem encantadora e instrutiva, na qual podiam se considerar livres, exceto em certas horas que passavam no fundo do porão, enquanto a tripulação descia em portos exóticos. Quanto ao desembarque no Quai des Orfèvres, eles não se lembravam de nada, adormecidos sem dúvida havia vários dias.

Essa liberação era uma admissão de derrota. E, sem lutar mais, Lupin a proclamava sem restrições.

Além disso, um acontecimento tornou-a ainda mais estridente: foi o noivado de Louis Valméras com a senhorita de Saint-Véran. Na intimidade que as condições atuais de sua existência criavam entre eles, os dois jovens se apaixonaram. Valméras amou o encanto melancólico de Raymonde, e esta, ferida pela vida, ávida por proteção, admirou a força e a energia daquele que tão valentemente contribuíra para sua salvação.

O dia do casamento foi aguardado com alguma ansiedade. Lupin não tentaria retomar a ofensiva? Aceitaria de boa vontade a perda irreparável da mulher que amava? Duas ou três vezes pessoas com rostos suspeitos foram vistas rondando a casa, e uma noite o próprio Valméras teve de se defender contra um suposto bêbado que disparou contra ele um tiro de pistola e atravessou seu chapéu com uma bala. Mas, no final, a cerimônia foi realizada no dia e na hora marcados, e Raymonde de Saint-Véran tornou-se

a senhora Louis Valméras.

Era como se o próprio destino tivesse ficado do lado de Beautrelet e referendado o certificado de sua vitória. A multidão sentiu isso tão bem que foi nesse momento que surgiu entre seus admiradores a ideia de um grande banquete para celebrar seu triunfo e o esmagamento de Lupin. Uma ideia maravilhosa e que despertou entusiasmo. Em quinze dias, houve trezentas adesões. Convites foram enviados aos liceus de Paris, à razão de dois alunos por classe de retórica. A imprensa entoou hinos. E o banquete foi o que não poderia deixar de ser, uma apoteose.

Mas uma apoteose charmosa e simples, pois Beautrelet era seu herói. Sua presença bastou para colocar as coisas em suas devidas medidas. Ele se mostrou modesto como sempre, um pouco surpreso com os excessivos "vivas", um pouco constrangido com os elogios hiperbólicos com que se afirmava sua superioridade sobre os mais ilustres policiais… um pouco constrangido, mas também muito emocionado. Disse isso em poucas palavras que agradaram a todos e com a perturbação de uma criança que enrubesce ao ser olhada. Falou de sua alegria, de seu orgulho. E realmente, por mais razoável, por mais dono de si mesmo que fosse, ele experimentou ali inesquecíveis momentos de enlevo. Sorria para os amigos, para os colegas do liceu Janson, para Valméras, que tinha vindo especialmente para o aplaudir, para o senhor de Gesvres, para seu pai.

Então, quando ele estava terminando de falar e ainda segurava o copo na mão, ouviu-se um som de vozes no fundo da sala e alguém foi visto gesticulando, agitando um jornal. O silêncio foi restabelecido, o importuno sentou-se novamente, mas um frêmito de curiosidade se espalhava pela mesa, o jornal passava de mão em mão, e cada vez que um dos convivas batia os olhos na página oferecida, ouviam-se exclamações.

— Leia! Leia! — gritavam do lado oposto.

Na mesa de honra, as pessoas se levantaram. O velho Beautrelet foi pegar o jornal e o entregou ao filho.

— Leia! Leia! — gritavam mais alto.

E outros diziam:

— Escutem então! Ele vai ler… escutem!

Beautrelet, em pé diante do público, procurava com os olhos no jornal vespertino que seu pai lhe dera o artigo que causava tanto alvoroço e, de repente, vendo um título sublinhado a lápis azul, levantou a mão para

exigir silêncio. E leu com uma voz que a emoção alterava cada vez mais estas revelações surpreendentes que reduziam a nada todos os seus esforços, perturbavam suas ideias sobre a Agulha Oca e marcavam o caráter vão de sua luta contra Arsène Lupin:

Carta aberta do senhor Massiban, da Academia das Inscrições e Belas-Letras.

Senhor diretor,

Em 17 de março de 1679 — ressalto a data de 1679, isto é, sob Luís XIV —, um livro muito pequeno foi publicado em Paris com este título:

O MISTÉRIO DA AGULHA OCA

Toda a verdade denunciada pela primeira vez.

Cem exemplares impressos por mim mesmo e para instrução do Tribunal.

Às nove horas da manhã, neste dia 17 de março, o autor, um homem muito jovem, bem vestido, cujo nome não se sabe, começou a entregar esse livro nas residências dos principais personagens da Corte. Às dez horas, quando já havia completado quatro dessas entregas, foi detido por um capitão da guarda, que o levou ao gabinete do rei e saiu de imediato em busca dos quatro exemplares distribuídos. Quando as cem cópias foram reunidas, contadas, cuidadosamente folheadas e verificadas, o próprio rei as jogou no fogo, exceto uma que conservou em seu poder. Em seguida, ele instruiu o capitão da guarda a levar o autor do livro ao senhor de Saint-Mars, que trancou seu prisioneiro primeiro em Pignerol, depois na fortaleza da ilha Sainte-Marguerite. Esse homem obviamente não era outro senão o famoso homem da Máscara de Ferro.

A verdade, ou pelo menos parte dela, nunca teria sido conhecida se o capitão da guarda que assistira à conversa, aproveitando um momento em que o rei se virou, não tivesse tido a tentação de retirar da lareira, antes que o fogo o alcançasse, outro dos exemplares. Seis meses depois, esse capitão foi encontrado na estrada de Gaillon para Mantes. Seus assassinos o haviam despido de todas as suas roupas, esquecendo, porém,

no bolso direito uma joia que mais tarde se descobriu ali, um diamante da mais extraordinária pureza, de considerável valor.

Em seus papéis, foi encontrada uma nota escrita à mão. Ela não mencionava o livro arrancado das chamas, mas fazia um resumo dos primeiros capítulos. Tratava-se de um segredo que foi conhecido pelos reis da Inglaterra, perdido por eles quando a coroa do pobre e louco Henrique VI passou para a cabeça do duque de York, revelado ao rei da França Carlos VII por Joana d'Arc, e que, tendo se tornado segredo de Estado, foi transmitido de soberano a soberano por carta lacrada a cada vez, que era encontrada no leito de morte do falecido com a seguinte menção: "Para o rei da França". Esse segredo dizia respeito à existência e determinava a localização de um tesouro formidável, possuído pelos reis, e que aumentava a cada século.

Mas cento e catorze anos depois, Luís XVI, prisioneiro no Templo, chamou de lado um dos oficiais que eram responsáveis por vigiar a família real e lhe disse:

— O senhor não teve, sob meu avô, o grande rei, um ancestral que servia como capitão da guarda?

— Sim, senhor.

— Bem, o senhor seria homem… o senhor seria homem…

Ele hesitou. O oficial terminou a frase.

— Para não o trair? Oh, senhor!

— Então, escute.

O rei tirou do bolso um livrinho, do qual arrancou uma das últimas páginas. Mas, mudando de ideia:

— Não, é melhor eu copiar…

Pegou uma grande folha de papel que rasgou, deixando apenas um pequeno espaço retangular no qual copiou cinco linhas de pontos, linhas e números que havia na página impressa. Depois de ter queimado esta, dobrou a folha escrita à mão em quatro e lacrou-a com cera vermelha.

— Senhor, depois da minha morte, o senhor vai dar isto à rainha, e vai dizer a ela: "Da parte do rei, senhora… para vossa Majestade e para seu filho…" Se ela não entender…

— Se ela não entender?…

— O senhor vai acrescentar: 'Trata-se do segredo da Agulha". A rainha vai entender.

Tendo falado, ele jogou o livro entre as brasas que avermelhavam na lareira.

Em 21 de janeiro, ele subia no cadafalso.

Demorou dois meses para o oficial, após a transferência da rainha para a Conciergerie, cumprir a missão da qual fora encarregado. Finalmente, por força de intrigas tortuosas, ele conseguiu um dia encontrar-se na presença de Maria Antonieta. Ele lhe disse de modo que só ela conseguisse ouvir:

— Do falecido rei, senhora, para Vossa Majestade e seu filho.

E lhe entregou a carta lacrada.

Ela certificou-se de que os guardas não pudessem vê-la, quebrou os lacres, pareceu surpresa com as linhas indecifráveis, então, imediatamente, pareceu entender. Ela sorriu amargamente, e o oficial ouviu estas palavras:

— Por que tão tarde?

Ela hesitou. Onde esconder aquele documento perigoso? Finalmente, abriu seu livro de orações e, em uma espécie de bolso secreto inserido entre o couro encadernado e o pergaminho que ele cobria, enfiou a folha de papel.

— Por que tão tarde?…— ela havia dito.

É provável, de fato, que esse documento, se tivesse sido capaz de lhe trazer a salvação, chegava tarde demais, pois, no mês de outubro seguinte, era a vez de a rainha Maria Antonieta subir no cadafalso.

Ora, esse oficial, folheando os papéis de sua família, encontrou a nota manuscrita de seu bisavô, capitão da guarda de Luís XIV. Daquele momento em diante, ele teve apenas uma ideia, que era dedicar seu tempo livre para resolver aquele estranho problema. Ele leu todos os autores latinos, percorreu todas as crônicas da França e as dos países vizinhos, introduziu-se nos mosteiros, decifrou os livros de contabilidade, os de cartórios, os tratados, e foi assim capaz de encontrar certas citações esparsas ao longo dos tempos.

No livro III dos Comentários de César sobre a Guerra da Gália, conta-se que, após a derrota de Viridovix por G. Titulius Sabinus, o chefe dos Calcetas foi levado perante César e, como pagamento de resgate, revelou o segredo da Agulha…

O tratado de Saint-Clair-sur-Epte, entre Carlos, o Simples, e Roll, chefe dos bárbaros do Norte, faz com que o nome de Roll seja seguido de todos os seus títulos, entre os quais lemos mestre do segredo da Agulha.

A crônica saxã (edição de Gibson, página 134) falando de Guilherme, o Vigoroso (Guilherme, o Conquistador) diz que a haste de seu estandarte terminava em uma ponta afiada e perfurada com uma fenda na forma de uma agulha…

Em uma frase um tanto ambígua durante seu interrogatório, Joana d'Arc confessa que ainda tem uma coisa secreta a dizer ao rei da França, ao que seus juízes respondem: "Sim, sabemos do que se trata, e é por isso, Joana, que você vai morrer".

— Pela virtude da Agulha — jura às vezes o bom rei Henrique IV.

Anteriormente, Francisco I, discursando para os notáveis de Le Havre em 1520, pronunciou esta frase que nos foi transmitida pelo diário de um burguês de Honfleur:

"Os reis da França carregam segredos que regulam a conduta das coisas e o destino das cidades".

Todas essas citações, senhor Diretor, todos os relatos ligados ao Máscara de Ferro, ao capitão da guarda e a seu bisneto, encontrei-os hoje em uma brochura escrita justamente por esse bisneto e publicada em junho de 1815, na véspera ou no dia seguinte a Waterloo, ou seja, em um período de convulsão, quando as revelações que continha deviam passar despercebidas.

De que vale essa brochura? Nada, me dirá o senhor, e não devemos lhe dar nenhum crédito. Esta é minha primeira impressão; mas qual foi a minha surpresa, ao abrir os Comentários *de César no capítulo indicado e descobrir a frase encontrada na brochura! A mesma observação em relação ao tratado de Saint-Clair-sur-Epte, a crônica saxã, o interrogatório de Joana d'Arc, enfim, tudo que me foi possível verificar até agora.*

Finalmente, há um fato ainda mais preciso que o autor da brochura de 1815 relata. Durante a campanha da França, oficial de Napoleão, ele tocou uma noite, tendo seu cavalo sido morto, à porta de um castelo onde foi recebido por um velho cavaleiro de São Luís. Pouco a pouco soube ao conversar com o ancião que esse castelo, situado à margem do Creuse, se chamava castelo da Agulha, que tinha sido construído e batizado por

Luís XIV, e que, por sua ordem expressa, fora adornado com campanários e uma flecha que representava a agulha. Como data constava… deve constar ainda 1680.

1680! Um ano após a publicação do livro e a prisão do Máscara de Ferro. Tudo se explicava: Luís XIV, prevendo que o segredo pudesse ser espalhado, construiu e batizou esse castelo para oferecer aos curiosos uma explicação natural do antigo mistério. A Agulha Oca! Um castelo com campanários pontiagudos, localizado à margem do Creuse e pertencente ao rei. De imediato, acreditava-se ter encontrado a palavra do enigma e as buscas cessavam!

O cálculo estava correto, pois, mais de dois séculos depois, Beautrelet caiu na armadilha. E é aí que eu queria chegar, senhor Diretor, ao lhe escrever esta carta. Se Lupin, sob o nome de Anfredi, alugou o castelo da Agulha do senhor Valméras nas margens do Creuse, se ele alojou seus dois prisioneiros ali, foi porque admitia o sucesso das inevitáveis buscas do senhor Beautrelet, e, para obter a paz que havia pedido, ele preparava precisamente para o senhor Beautrelet o que podemos chamar de armadilha histórica de Luís XIV.

E daí somos levados a uma conclusão irrefutável, que ele, Lupin, com suas únicas luzes, sem conhecer nenhum outro fato além dos que conhecemos, chegou, pelo encanto de um gênio verdadeiramente extraordinário, a decifrar o indecifrável documento; é que Lupin, último herdeiro dos reis da França, conhece o mistério real da Agulha Oca.

Ali terminava o artigo. Mas, havia alguns minutos, desde a passagem referente ao castelo da Agulha, não era mais Beautrelet quem o lia. Compreendendo sua derrota, esmagado pelo peso da humilhação sofrida, ele deixara cair o jornal e desabara na cadeira, o rosto enterrado nas mãos.

Ofegantes e sacudidos por essa história incrível, todos tinham se aproximado gradualmente e agora se aglomeravam ao redor dele. Esperava-se com angústia trêmula as palavras que ele ia responder, as objeções que ia levantar.

Ele não se mexeu.

Com um gesto gentil, Valméras descruzou-lhe as mãos e lhe ergueu a cabeça.

Isidore Beautrelet estava chorando.

O Tratado da Agulha

São quatro da manhã. Isidore não voltou ao liceu. Não voltará a ele até o fim da guerra impiedosa que declarou contra Lupin. Ele jurou isso em voz baixa, enquanto seus amigos o levavam embora de carro, todo abatido e magoado. Juramento insensato! Guerra absurda e ilógica! Que pode ele pode fazer, ele, uma criança isolada e desarmada, contra tal fenômeno de energia e poder? Por onde atacá-lo? Ele é inatacável. Onde feri-lo? Ele é invulnerável. Onde alcançá-lo? Ele é inacessível.

Quatro da manhã… Isidore aceitou novamente a hospitalidade de seu colega do liceu Janson. Em pé em frente à lareira de seu quarto, com os cotovelos bem apoiados no mármore, os dois punhos cerrados no queixo, ele olha para a imagem que o espelho lhe devolve.

Não chora mais, não quer mais chorar, nem se contorcer na cama, nem se desesperar, como vem fazendo há duas horas. Ele quer refletir, refletir e compreender.

E seus olhos não abandonam seus olhos no espelho, como se ele esperasse duplicar a força do seu pensamento ao contemplar sua imagem pensativa e encontrar no fundo desse ser a solução insolúvel que não encontra em si mesmo. Até as seis ele permanece assim. E é aos poucos que, livre de todos os detalhes que a complicam e a obscurecem, a questão se apresenta em sua mente nua e crua, com o rigor de uma equação.

Sim, ele se enganara. Sim, sua interpretação do documento está errada. A palavra "agulha" não se refere ao castelo à margem do Creuse. Da mesma forma, a palavra "*demoiselles*" [senhoritas] não pode ser aplicada a Raymonde de Saint-Véran e sua prima, pois o texto do documento remonta a séculos.

Então tudo tem de ser refeito. Como?

Uma única base de documentação seria sólida: o livro publicado sob Luís XIV. No entanto, dos cem exemplares impressos por aquele que devia ser o Máscara de Ferro, apenas dois escaparam das chamas. Um foi roubado pelo capitão da guarda e perdido. O outro foi guardado por Luís XIV, transmitido a Luís XV e queimado por Luís XVI. Mas resta uma cópia da página essencial, aquela que contém a solução do problema, ou pelo menos a solução criptográfica, aquela que foi levada a Maria Antonieta e furtivamente guardada por ela sob a capa de seu livro de orações.

O que aconteceu com esse papel? É aquele que Beautrelet teve nas mãos e que Lupin ordenou ao escrivão Brédoux que o trouxesse de volta? Ou ainda se encontra no livro de orações de Maria Antonieta?

E a pergunta volta a ser esta: "O que aconteceu com o livro de orações da rainha?".

Depois de alguns momentos de descanso, Beautrelet questionou o pai de seu amigo, um colecionador emérito, muitas vezes chamado de especialista a título não oficial, e a quem, até recentemente, o diretor de um de nossos museus consultava para a elaboração de seu catálogo.

— O livro de orações de Maria Antonieta? — exclamou ele. — Foi legado pela rainha à sua camareira, que ficou com a missão secreta de entregá-lo ao conde de Fersen. Piedosamente preservado na família do conde, está há cinco anos em uma vitrine.

— Em uma vitrine?

— Do museu Carnavalet, simplesmente.

— E esse museu vai abrir?…

— Em vinte minutos.

No exato minuto em que se abria a porta do antigo palacete da senhora de Sévigné, Isidore saltava do carro com o amigo.

— Vejam, é o senhor Beautrelet!

Dez vozes saudaram sua chegada. Para sua grande surpresa, ele reconheceu toda a tropa dos repórteres que acompanhavam o "caso da Agulha Oca". E um deles exclamou:

— Engraçado, hein!? Todos nós tivemos a mesma ideia. Atenção, pois Arsène Lupin pode estar entre nós.

Eles entraram juntos. O diretor, imediatamente informado, colocou-se à inteira disposição deles, conduziu-os até a vitrine e mostrou-lhes um

volume modesto, sem o menor enfeite, e que certamente nada tinha de régio. Ainda assim, um pouco de emoção os invadiu ao ver aquele livro que a rainha havia tocado em dias tão trágicos, que seus olhos vermelhos de lágrimas tinham percorrido… E não ousavam pegá-lo e folheá-lo, como se considerassem isso um sacrilégio…

— Venha, senhor Beautrelet, é uma tarefa que lhe compete.

Ele pegou o livro com um gesto ansioso. A descrição correspondia bem ao que o autor da brochura tinha feito. Primeiro, uma capa de pergaminho, pergaminho sujo, enegrecido, desgastado em alguns lugares, e, por baixo, a capa verdadeira, de couro rígido.

Com que arrepio Beautrelet procurou pelo bolso secreto! Seria uma fábula? Ou ele ainda encontraria o documento escrito por Luís XVI e legado pela rainha a seu amigo fervoroso?

Na primeira página, na parte superior do livro, nenhum esconderijo.

— Nada — murmurou ele.

— Nada — repetiram, palpitantes, os outros.

Mas na última página, depois de forçar um pouco a abertura do livro, ele viu imediatamente que o pergaminho se descolava da capa. Deslizou os dedos… Algo, sim, ele sentiu algo… um papel…

— Oh! — ele disse vitoriosamente. — Aqui está… é possível!

— Rápido! Rápido! — gritaram para ele. — O que está esperando?

Ele puxou uma folha, dobrada ao meio.

— Então, leia!… Há palavras em tinta vermelha… vejam… parece sangue… sangue muito pálido… leia então!

Ele leu:

Para você, Fersen. Para meu filho, 16 de outubro de 1793… Maria Antonieta.

E de repente, Beautrelet soltou uma exclamação de espanto. Sob a assinatura da rainha havia… havia, em tinta preta, duas palavras sublinhadas… duas palavras: "Arsène Lupin".

Cada um deles, alternadamente, pegou a folha, e o mesmo grito escapava de imediato:

— Maria Antonieta… Arsène Lupin!

Um silêncio os uniu. Aquela dupla assinatura, aqueles dois nomes acoplados, descobertos no fundo do livro de orações, aquela relíquia em que havia mais de um século dormia o apelo desesperado da pobre rainha,

aquela data horrível, 16 de outubro de 1793, dia em que caiu a cabeça real, tudo era tragicamente triste e desconcertante.

— Arsène Lupin — gaguejou uma das vozes, enfatizando assim o que havia de assustador em ver aquele nome diabólico no pé da folha sagrada.

— Sim, Arsène Lupin — repetiu Beautrelet. — O amigo da rainha não conseguiu entender o apelo desesperado da moribunda. Ele viveu com a lembrança que lhe fora enviada por aquela a quem ele amava, e não adivinhou o motivo dessa lembrança. Lupin, ele sim, descobriu tudo, ele… e ele levou.

— Levou o quê?

— O documento, diabos! O documento escrito por Luís XVI, e foi isso que eu tive em minhas mãos. A mesma aparência, a mesma configuração, os mesmos lacres vermelhos. Entendo por que Lupin não quis deixar comigo um documento do qual eu poderia tirar partido apenas examinando o papel, os lacres etc.

— E daí?

— E daí, visto que o documento de que conheço o texto é autêntico, visto que vi os vestígios dos lacres vermelhos, visto que a própria Maria Antonieta certifica, por esse bilhete de seu próprio punho, que todo o relato da brochura reproduzida pelo senhor Massiban é autêntica, visto que realmente há um enigma histórico relativo à Agulha Oca, tenho certeza de que terei sucesso.

— Como? Autêntico ou não, o documento, se o senhor não conseguir decifrá-lo, é inútil, pois Luís XVI destruiu o livro que fornecia a sua explicação.

— Sim, mas a outra cópia, arrancada das chamas pelo capitão da guarda do rei Luís XIV, não foi destruída.

— Como sabe?

— Prove o contrário.

Beautrelet ficou em silêncio, então lentamente, com os olhos fechados, como se quisesse esclarecer e resumir seu pensamento, disse:

— Possuidor do segredo, o capitão da guarda começa por revelar algumas partes dele no diário que seria encontrado por seu bisneto. Então vem o silêncio. A palavra do enigma, ele não a fornece. Por quê? Porque a tentação de utilizar o segredo gradualmente se infiltra nele, e ele sucumbe a ela. A prova? Seu assassinato. A prova? A magnífica joia descoberta junto

com ele e que, sem dúvida, ele retirara de um certo tesouro real cujo esconderijo, desconhecido por todos, constitui precisamente o mistério da Agulha Oca. Lupin me permitiu ouvi-lo: Lupin não estava mentindo.

— Então, Beautrelet, o que conclui?

— Concluo que temos de fazer o máximo de publicidade possível em torno dessa história, e que se possa divulgar, por todos os jornais, que estamos procurando um livro intitulado *O Tratado da Agulha*. Talvez o encontremos no fundo de alguma biblioteca do interior.

Imediatamente a nota foi redigida e, imediatamente, sem esperar que ela pudesse produzir um resultado, Beautrelet começou a trabalhar.

Um início de pista se apresentou: o assassinato ocorrera nos arredores de Gaillon. No mesmo dia, ele foi para essa cidade. É claro que ele não esperava reconstruir um crime cometido duzentos anos antes. Mas, mesmo assim, há certos crimes que deixam rastros nas lembranças, nas tradições dos lugares.

As crônicas locais os recolhem. Um dia, algum erudito provinciano, algum amante de velhas lendas, algum evocador de pequenos incidentes da vida passada, faz deles o assunto de um artigo de jornal ou de uma comunicação à academia da cidade.

Ele falou com três ou quatro desses eruditos. Com um deles, sobretudo, um velho tabelião, esquadrinhou, consultou os registros da prisão, os registros dos antigos cartórios e das paróquias. Nenhuma notícia fazia alusão ao assassinato de um capitão da guarda no século XVII.

Ele não desanimou e continuou suas buscas em Paris, onde talvez a investigação do caso tivesse ocorrido. Seus esforços foram infrutíferos.

Mas a ideia de uma outra pista o lançou em uma nova direção. Seria impossível saber o nome desse capitão da guarda cujo neto emigrou, e cujo bisneto serviu aos exércitos da República, foi destacado para o Templo durante a detenção da família real, serviu a Napoleão e fez a campanha da França?

Com muita paciência, acabou por estabelecer uma lista em que pelo menos dois nomes apresentavam semelhança quase total: o senhor de Larbeyrie, no tempo de Luís XIV, o cidadão Larbrie, sob o período do Terror.

Já era um ponto importante. Ele deixou claro em um comunicado que transmitiu aos jornais, perguntando se poderiam lhe fornecer informações

sobre esse Larbeyrie ou sobre seus descendentes.

Foi o senhor Massiban, o Massiban da brochura, o membro do Instituto, quem lhe respondeu.

Senhor,

Gostaria de apontar-lhe uma passagem de Voltaire, que observei em seu manuscrito do Século de Luís XIV *(capítulo XXV: Particularidades e anedotas do reino). Essa passagem foi excluída nas várias edições.*

"Ouvi contar ao falecido senhor de Caumartin, intendente das finanças e amigo do ministro Chamillard, que um dia o rei partiu às pressas na sua carruagem ao saber que o senhor de Larbeyrie tinha sido assassinado e despojado de magníficas joias. Ele parecia tomado de grande emoção e repetia: 'Tudo está perdido… tudo está perdido…'. No ano seguinte, o filho desse Larbeyrie e sua filha, que tinha se casado com o marquês de Vélines, foram exilados em suas terras na Provença e na Bretanha. Não devemos duvidar de que haja aí alguma peculiaridade".

Devemos duvidar ainda menos, eu acrescentaria, que o senhor Chamillard, segundo Voltaire, foi o último ministro que teve o estranho segredo do Máscara de Ferro.

Veja, senhor, o benefício que se pode extrair dessa passagem, e a ligação óbvia que se estabelece entre as duas aventuras. Eu, de minha parte, não me atrevo a imaginar hipóteses demasiado precisas sobre a conduta, sobre as suspeitas, sobre as apreensões de Luís XIV nessas circunstâncias, mas não é admissível, por outro lado, uma vez que o senhor de Larbeyrie deixou um filho que foi provavelmente o avô do cidadão-oficial Larbrie, e uma filha, não é possível supor que parte dos papéis deixados por Larbeyrie tenham ficado para a filha, e que, entre esses papéis, estava a famosa cópia que o capitão da guarda salvou das chamas?

Consultei o Anuário dos Castelos. Há um barão de Vélines nos arredores de Rennes. Seria um descendente do marquês? Por acaso, ontem, escrevi a esse barão para perguntar-lhe se não tinha em seu poder um livrinho velho, cujo título mencionaria essa palavra Agulha. Estou esperando sua resposta.

Eu teria a maior satisfação em falar sobre todas essas coisas com o senhor. Se isso não o incomodar muito, venha me ver. Queira aceitar, senhor, meus protestos de estima e consideração.

P.S.: Claro, não comunico essas pequenas descobertas aos jornais. Agora que o senhor está se aproximando do objetivo, a discrição é obrigatória.

Essa era absolutamente a opinião de Beautrelet. Ele foi ainda mais longe: tendo sido assediado naquela manhã por dois jornalistas, forneceu-lhes as informações mais fantasiosas sobre seu estado de espírito e seus planos.

À tarde, ele se apressou em ver Massiban, que morava no número 17 do Quai Voltaire. Para sua surpresa, soube que Massiban acabara de sair inesperadamente, deixando um bilhete para o caso de ele aparecer. Isidore quebrou o lacre e leu:

Recebi uma mensagem que me dá alguma esperança. Portanto, estou partindo e dormirei em Rennes. Você pode pegar o trem noturno e, sem parar em Rennes, continuar até a pequena estação de Vélines. Poderíamos nos encontrar no castelo, localizado a quatro quilômetros dessa estação.

O programa agradou a Beautrelet e principalmente a ideia de que ele chegaria ao castelo ao mesmo tempo que Massiban, porque temia alguma asneira daquele homem inexperiente. Voltou para a casa do amigo e passou o resto do dia com ele. À noite, pegou o expresso para a Bretanha. Às seis horas, desembarcava em Vélines. Percorreu a pé, entre bosques densos, os quatro quilômetros de estrada. De longe, viu no alto um solar comprido, uma construção bastante híbrida, Um misto de Renascença e de Luís Filipe, mas ainda parecendo imponente com suas quatro torres e sua ponte levadiça envolta em hera.

Isidore sentiu seu coração bater ao se aproximar. Ele estava realmente chegando ao fim de sua corrida? O castelo continha a chave do mistério?

Ele não deixava de sentir medo. Tudo lhe parecia bom demais, e ele se perguntava se, mais uma vez, não estava obedecendo a um plano infernal, combinado por Lupin, se Massiban não era, por exemplo, um instrumento nas mãos de seu inimigo.

Ele explodiu numa gargalhada.

“Ora, estou ficando cômico. Seria realmente possível pensar que Lupin é um cavalheiro infalível que prevê tudo, uma espécie de Deus todo-poderoso, contra o qual não há nada a fazer. Que diabo! Lupin se engana, Lupin está também ele à mercê das circunstâncias, Lupin comete erros, e é justamente por causa do erro que cometeu ao perder o documento que estou começando a ganhar terreno sobre ele. Tudo decorre disso. E seus esforços, em suma, servem apenas para reparar o erro cometido.” E alegremente, cheio de confiança, Beautrelet tocou a campainha.

— Que deseja, senhor? — disse um criado aparecendo na soleira.

— O barão de Vélines pode me receber?

E estendeu seu cartão.

— O senhor barão ainda não se levantou, mas se o senhor quiser esperar por ele.

— Não veio procurá-lo até o momento um homem de barba branca, um pouco curvado? — disse Beautrelet, que conhecia Massiban pelas fotos que os jornais haviam publicado.

— Sim, esse senhor chegou há dez minutos, eu o introduzi no salão. Se o senhor quiser me seguir também.

O encontro entre Massiban e Beautrelet foi bastante cordial. Isidore agradeceu ao velho homem as informações de primeira linha que devia a ele e Massiban expressou-lhe sua admiração da maneira mais calorosa. Depois, trocaram impressões sobre o documento, sobre as possibilidades que tinham de descobrir o livro, e Massiban repetiu o que soubera, em relação ao senhor de Vélines. O barão era um homem de sessenta anos que, viúvo de longa data, vivia bem retirado com sua filha, Gabrielle de Villemon, que acabava de ser cruelmente atingida pela perda do marido e do filho mais velho, mortos em consequência de um acidente de carro.

— O senhor barão pede aos senhores a gentileza de subir.

O criado conduziu-os ao primeiro andar, a um grande cômodo com paredes nuas e mobiliado de forma simples com escrivaninhas, armários e mesas cobertas de papéis e de registros. O barão os saudou com muita afabilidade e com aquela grande necessidade de falar que pessoas muito solitárias costumam ter. Eles encontraram grande dificuldade em expor o objeto de sua visita.

— Sim, eu sei, o senhor me escreveu sobre isso, senhor Massiban. Trata-se, não é, de um livro no qual se fala de uma Agulha, e que me viria de um

antepassado?

— De fato.

— Devo lhes dizer que meus ancestrais e eu estamos brigados. Naquele tempo, as pessoas tinham algumas ideias esquisitas. Já eu sou do meu tempo. Rompi com o passado.

— Sim — objetou Beautrelet impaciente —, mas o senhor não possui nenhuma lembrança de ter visto este livro?

— Pois sim! Telegrafei para o senhor — exclamou, dirigindo-se a Massiban, que, aborrecido, ia e voltava no salão e olhava pelas outras janelas. — Pois sim!… Ou pelo menos pareceu à minha filha que ela tinha visto esse título entre os milhares de livros que atulham a biblioteca. Porque, para mim, senhores, a leitura… Não leio nem mesmo os jornais… Minha filha às vezes o faz, e olhe lá! Contanto que seu pequeno Georges, o filho que lhe resta, se comporte bem! E contanto, quanto a mim, que minhas propriedades me tragam renda, que meus aluguéis estejam em ordem!… Vejam meus registros… Vivo enterrado nesses assuntos, senhores… e confesso que ignoro em absoluto qualquer coisa a respeito dessa história, da qual o senhor me falou por carta, senhor Massiban…

Isidore Beautrelet, cansado de tanta tagarelice, interrompeu-o bruscamente:

— Desculpe, senhor, mas então esse livro…

— Minha filha o procurou. Ela o procura desde ontem.

— E então?

— Bem, ela o encontrou, ela o encontrou uma ou duas horas atrás. Quando os senhores chegaram…

— E onde ele está?

— Onde ele está ? Mas ela o colocou na mesa… vejam… ali…

Isidore deu um pulo. Na ponta da mesa, sobre uma confusão de papéis, havia um livrinho coberto de marroquino vermelho. Colocou a mão sobre o livro, violentamente, como se proibisse qualquer pessoa no mundo de tocá-lo… e um pouco como se também ele próprio não ousasse pegá-lo.

— Então — exclamou Massiban, bastante emocionado.

— Eu o tenho… aqui está… agora, é isso…

— Mas o título… o senhor tem certeza!

— Diabos, claro! Vejam.

Ele mostrou as letras douradas gravadas no marroquino: "O mistério da Agulha Oca".

— O senhor está convencido? Finalmente somos os mestres e guardiães do segredo?

— A primeira página… O que há na primeira página?

— Leiam: "Toda a verdade exposta pela primeira vez. Cem exemplares impressos por mim mesmo e para instrução do Tribunal".

— É isso, é isso — murmurou Massiban, com a voz alterada, é o exemplar arrancado das chamas, é o próprio livro que Luís XIV condenou.

Eles o folhearam. A primeira metade recontava as explicações dadas pelo capitão de Larbeyrie em seu diário.

— Vamos, vamos — disse Beautrelet, que tinha pressa em chegar a uma solução.

— Calma, calma! Não precisa ter pressa. Já sabemos que o homem da Máscara de Ferro foi preso porque sabia e queria divulgar o segredo da casa real da França! Mas como ele ficou sabendo dele? E por que queria divulgá-lo? Enfim, quem é esse estranho personagem? Meio-irmão de Luís XIV, como achava Voltaire, ou o ministro italiano Mattioli, como afirma a crítica moderna? Caramba! Essas são questões de interesse primordial!

— Mais tarde! mais tarde ! — protestou Beautrelet, como se temesse que o livro voasse de suas mãos antes que ele conhecesse o enigma.

— Mas — objetou Massiban — esses detalhes históricos são apaixonantes, temos tempo, depois… Vamos ver a explicação primeiro.

De repente, Beautrelet parou. O documento! No meio de uma página, à esquerda, seus olhos viram as cinco linhas misteriosas de pontos e números. Com um olhar, percebeu que o texto era idêntico ao que ele tanto havia estudado. A mesma disposição de sinais… os mesmos intervalos que permitiam isolar a palavra *demoiselles* [senhoritas] e determinar os dois termos da Agulha Oca, um separado do outro.

Uma pequena nota o precedia:

Todas as informações necessárias foram reduzidas pelo rei Luís XIII, ao que parece, a um pequeno quadro, que transcrevo abaixo.

Seguia-se o quadro. Então vinha a própria explicação do documento.

Beautrelet leu com uma voz entrecortada:

Como podemos ver, esse quadro, embora tenhamos trocado os números por vogais, não lança nenhuma luz. Pode-se dizer que para

decifrar esse enigma é preciso primeiro conhecê-lo. É no máximo um fio que se dá a quem conhece os caminhos do labirinto. Peguemos esse fio e caminhemos, eu o guiarei.

A quarta linha primeiro. A quarta linha contém as medidas e as indicações. Conformando-se às indicações e levando em conta as medidas inscritas, chegaremos inevitavelmente ao objetivo, com a condição, é claro, de sabermos onde estamos e para onde vamos, enfim, de sermos esclarecidos sobre o real significado da Agulha Oca. É o que pode ser aprendido pelas três primeiras linhas. A primeira é, portanto, projetada para me vingar do rei, eu o tinha avisado, aliás…

Beautrelet parou, perplexo.

— O quê? O que há? — disse Massiban.

— Perdeu o sentido.

— De fato — continuou Massiban. — "A primeira foi portanto concebida para me vingar do rei…" O que isso quer dizer?

— Droga! — gritou Beautrelet.

— O quê?

— Rasgadas! Duas páginas! As páginas seguintes!… Veja os resquícios!…

Ele estava tremendo, perturbado pela raiva e pela decepção. Massiban se inclinou para a frente:

— Isso mesmo… há resquícios de duas páginas. As marcas parecem bem recentes. Não foram cortadas, mas arrancadas… violentamente arrancadas… Veja, todas as páginas no final estão amassadas.

— Mas quem? Quem? — gemeu Isidore, apertando os punhos. — Um criado? Um cúmplice?

— De qualquer forma, isso pode ter sido feito há alguns meses — observou Massiban.

— Mesmo assim… alguém deve ter encontrado esse livro primeiro… Vejamos, senhor — exclamou Beautrelet, interpelando o barão —, o senhor não sabe de nada?… Não suspeita de ninguém?

— Poderíamos interrogar minha filha.

— Sim… sim… é isso… talvez ela saiba…

O senhor de Vélines chamou o criado. Poucos minutos depois, a senhora de Villemon entrava. Era uma mulher jovem, com um rosto marcado pela dor e pela resignação. Imediatamente, Beautrelet lhe

perguntou:

— A senhora encontrou aquele livro lá em cima, na biblioteca?

— Sim, em um pacote de volumes, que não estava desamarrado.

— E a senhora o leu?

— Sim, ontem à noite.

— Quando leu, as duas páginas estavam faltando? A senhora se lembra bem das duas páginas que se seguem a esse quadro de números e pontos?

— Não, não — ela disse muito surpresa —, não faltava nenhuma página.

— No entanto, elas foram rasgadas…

— Mas o livro não saiu do meu quarto esta noite.

— E esta manhã?

— Esta manhã, eu mesma o trouxe aqui quando se anunciou a chegada do senhor Massiban.

— Então?

— Então eu não entendo… a menos que… mas não…

— O quê?

— Georges… meu filho… esta manhã… Georges brincou com este livro.

Ela saiu precipitadamente, acompanhada por Beautrelet, por Massiban e pelo barão. O menino não estava em seu quarto. Eles o procuraram por todo lado. Finalmente, ele foi encontrado brincando atrás do castelo. Mas essas três pessoas pareciam tão agitadas, e o chamavam a prestar contas com tanta autoridade, que ele começou a gritar. Todo mundo corria em todas as direções. Os criados foram questionados. Foi um alvoroço indescritível. E Beautrelet teve a terrível impressão de que a verdade se retirava dele como água se filtrando por entre seus dedos. Fez um esforço para se recompor, pegou o braço da senhora de Villemon e, seguido pelo barão e por Massiban, levou-a de volta para o salão e lhe disse:

— O livro está incompleto, ou seja, duas páginas foram arrancadas…

mas a senhora as leu, não é?

— Sim.

— Sabe o que elas continham?

— Sim.

— Poderia repetir para nós?

— Perfeitamente. Li o livro todo com muita curiosidade, mas essas duas páginas me impressionaram especialmente, dado o interesse das revelações, um interesse considerável.

— Bem, fale, senhora, fale, eu lhe suplico. Essas revelações são de excepcional importância. Fale, por favor, os minutos perdidos não podem ser recuperados. A Agulha Oca…

— Oh, é muito simples, a Agulha Oca significa…

Nesse momento, um criado entrou.

— Uma carta para a senhora…

— Ora… mas o carteiro já passou.

— Foi uma criança que me entregou.

A senhora de Villemon abriu o lacre, leu e colocou a mão no coração, cambaleando, de repente lívida e apavorada.

O papel havia escorregado para o chão. Beautrelet pegou e, sem se desculpar, leu:

Cale a boca… senão seu filho não vai acordar…

— Meu filho… meu filho… — gaguejou ela, tão debilitada que nem mesmo podia ir em socorro daquele que era ameaçado.

Beautrelet a tranquilizou:

— Não é sério… é uma brincadeira… vamos, quem teria interesse?

— A não ser — insinuou Massiban —, que seja Arsène Lupin.

Beautrelet lhe fez sinal para que ficasse em silêncio. Sabia muito bem, é claro, que o inimigo estava ali, mais uma vez, atento e decidido a tudo, e era por isso mesmo que queria arrancar da senhora de Villemon as palavras supremas, por tanto tempo esperadas, e arrancá-las imediatamente, naquele mesmo instante.

— Eu imploro, senhora, recomponha-se… Estamos todos aqui… Não há nenhum perigo…

Ela iria falar? Ele acreditava nisso, ele esperava que isso acontecesse. Ela gaguejou algumas sílabas. Mas a porta se abriu novamente. Dessa vez, a empregada entrou. Ela parecia perturbada.

— O senhor Georges… senhora… o senhor Georges.

De repente, a mãe recuperou todas as suas forças. Mais rápida que todos eles e movida por um instinto que não a enganava, desceu as escadas aos tropeções, atravessou o vestíbulo e correu para o terraço. Ali, numa poltrona, o pequeno Georges estava estendido, imóvel.

— E então, qual o problema? Ele está dormindo!…

— Ele adormeceu de repente, senhora — disse a empregada. — Eu quis impedi-lo, levá-lo para seu quarto. Ele já estava dormindo, e suas mãos… suas mãos estavam frias.

— Frias! — gaguejou a mãe… — Sim, é verdade… Oh, meu Deus, meu Deus… *Tomara que ele acorde!*

Beautrelet enfiou os dedos em um dos bolsos, segurou a coronha do revólver, posicionou o indicador no gatilho, puxou de repente a arma e atirou em Massiban.

Antecipadamente, por assim dizer, como se observasse as ações do jovem, Massiban tinha se esquivado do tiro. Mas já Beautrelet tinha se lançado sobre ele, gritando para os criados:

— Ajudem-me! É Lupin!…

Sob a violência do choque, Massiban foi derrubado em uma das poltronas de vime.

Depois de sete ou oito segundos, ele se levantou, deixando Beautrelet atordoado, sufocando e tendo nas mãos o revólver do jovem.

— Bem… perfeito… não se mexa… você tem dois ou três minutos… não mais… Mas, francamente, você custou a me reconhecer. Será que eu consegui imitar Massiban tão bem?

Ele se endireitou, e agora ereto sobre as pernas, o peito sólido, a atitude temível, zombou, olhando para os três criados petrificados e para o barão perplexo.

— Isidore, você jogou mal. Se não tivesse contado a eles que eu era Lupin, eles pulariam sobre mim. E com pessoas fortes como essas, caramba, o que teria me acontecido, meu Deus! Um contra quatro!

Ele se aproximou deles:

— Vamos, crianças, não tenham medo… não vou fazer dodói em vocês… Então, querem um pedaço de açúcar de cevada? Isso irá recuperá-los. Ah, você, por exemplo, vai me devolver minha nota de cem francos. Sim, sim, estou reconhecendo-o. Foi a você que paguei agora há pouco para levar a carta a sua patroa… Vamos, rápido, criado ruim…

Pegou a nota azul que o criado lhe entregou com tanta presteza e rasgou-a em pedacinhos.

— O dinheiro da traição… queima meus dedos.

Tirou o chapéu e fez uma profunda reverência para a senhora de Villemon:

— A senhora me perdoa? Os acasos da vida, especialmente da minha, muitas vezes forçam a crueldades diante das quais sou o primeiro a corar. Mas não tema por seu filho, é uma simples picada, uma picadinha no braço dele que eu dei enquanto ele estava sendo interrogado. Em uma hora, no máximo, não vai parecer… Mais uma vez, minhas desculpas. Mas preciso do seu silêncio.

Fez outra saudação, agradeceu ao senhor de Vélines sua amável hospitalidade, pegou sua bengala, acendeu um cigarro, ofereceu um ao barão, despediu-se com um gesto circular do chapéu, gritou num tom baixo e protetor a Beautrelet:

— Adeus, bebê!

E foi embora calmamente, lançando baforadas de cigarro no nariz dos criados…

Beautrelet esperou por alguns minutos. A senhora de Villemon, mais calma, velava o filho. Ele se aproximou dela com o objetivo de fazer um último pedido. Seus olhos se encontraram. Ele não disse nada. Tinha entendido que, nunca mais, não importava o que acontecesse, ela falaria. Também ali, no cérebro daquela mãe, o segredo da Agulha Oca estava enterrado tão profundamente quanto nas trevas do passado.

Então ele desistiu e foi embora.

Eram dez e meia. Havia um trem às onze horas e cinquenta minutos. Lentamente, ele seguiu a alameda do parque e pegou o caminho que levava à estação.

— Então, o que diz sobre isso?

Era Massiban, ou melhor, Lupin, emergindo da floresta adjacente à estrada.

— Foi bem organizado? Seu velho colega sabe dançar na corda bamba? Tenho certeza que você não vai insistir, hein? E que você se pergunta se o tal Massiban, membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras, alguma vez existiu? Claro, existe. Vamos mostrar se você se comportar. Mas primeiro, deixe-me devolver seu revólver… Você dá uma olhada para ver se está carregada? Perfeitamente, meu pequeno. Cinco balas que restam, das quais apenas uma já seria suficiente para me mandar para o outro mundo… Então, vai colocar no bolso?… Ainda bem… Gosto mais disso do que

daquilo que fez agora há pouco… Que coisa feia! Mas, pois é, somos jovens, de repente percebemos que fomos superados mais uma vez por esse Lupin danado, e que ele está ali na nossa frente a três passos… *pffft*, atiramos… Não lhe quero mal, sabe… A prova é que o convido a sentar-se no meu cem-cavalos. Que tal?

Ele colocou os dedos na boca e assobiou.

O contraste era delicioso entre a aparência venerável do velho Massiban e a jovialidade de gestos e sotaques que Lupin afetava, Beautrelet não pôde deixar de rir.

— Ele riu. Ele riu! — gritou Lupin, pulando de alegria. — Você vê, o que lhe falta, bebê, é o sorriso… Você é um pouco sério para a sua idade… É muito simpático, tem um grande charme de ingenuidade e simplicidade… mas é verdade, você não tem o sorriso.

Ele se plantou na frente dele.

— Olhe, aposto que vou fazê-lo chorar. Sabe como acompanhei sua investigação? Como tomei conhecimento da carta que Massiban lhe escreveu e do encontro que ele tinha marcado para esta manhã no castelo de Vélines? Pela tagarelice do seu amigo, aquele com quem você mora… Você confia nesse idiota, e ele corre para contar tudo para a namorada… E a namorada dele não tem segredos para Lupin. O que eu estava lhe dizendo? Olha lá, você já está ficando abalado… Seus olhos estão ficando molhados… amizade traída, hein? Isso o magoa… Vamos, você é gente boa, meu pequeno… Por pouco não lhe dou um abraço… você sempre tem olhares de espanto que vão direto ao coração… Sempre me lembrarei da outra noite, em Gaillon, quando você me consultou… Sim, era eu, o velho tabelião… Mas ria, garoto… É verdade, eu lhe repito, você não tem o sorriso. Veja, a você lhe falta… como eu diria? Falta-lhe "espontaneidade". Eu tenho "espontaneidade".

Ouvia-se o barulho de um motor bem próximo. Lupin agarrou bruscamente o braço de Beautrelet e, em um tom frio, olhou-o nos olhos:

— Você vai ficar quieto agora, hein? Pode ver bem que não há nada a fazer. Então, de que adianta usar suas forças e perder seu tempo? Existem bandidos suficientes no mundo… Corra atrás deles e me deixe… do contrário… Está combinado, não é?

Ele o sacudia para impor-lhe sua vontade. Então, zombou:

— Como sou tolo! Você, me deixar em paz? Você não é daqueles que desistem… Ah, eu não sei o que está me detendo… Em dois tempos e três movimentos, você seria amarrado, amordaçado… e em duas horas, colocado na sombra por alguns meses… E eu poderia cruzar os braços em total segurança, aposentar-me no refúgio de paz preparado para mim por meus ancestrais, os reis da França, e desfrutar dos tesouros que eles fizeram a gentileza de acumular para mim… Mas não, está dito que farei asneiras até o fim… O que você quer? Nós temos nossos pontos fracos… E eu tenho um em relação a você… E então, ainda não terminou. Daqui até você conseguir colocar o dedo no oco da Agulha, muita água vai passar por baixo da ponte… Que diabo! Eu, Lupin, levei dez dias. Você vai precisar de dez anos. Há espaço, no entanto, entre nós dois.

O automóvel estava chegando, um enorme veículo de carroceria coberta. Ele abriu a porta, Beautrelet soltou um grito. Na limusine havia um homem e esse homem era Lupin, ou melhor, Massiban.

Ele estourou de rir, entendendo de repente.

Lupin lhe disse:

— Não se reprima, ele dorme bem. Eu prometi a você que o veria. Você pode explicar as coisas para si mesmo agora? Por volta da meia-noite, eu soube do seu encontro no castelo. Às sete da manhã, eu estava lá. Quando Massiban apareceu, só tive de pegá-lo… E então, uma pequena picada… e pronto! Durma, meu amigo… Vamos deixá-lo no barranco… Em pleno sol, para que não sinta frio… Vamos… bem… perfeito… Maravilha! E com nosso chapéu na mão!.. Uma esmolinha, por favor… Ah, meu velho Massiban, quem mandou se meter com Lupin!

Era realmente muito engraçado ver os dois Massiban um diante do outro, um adormecido e balançando a cabeça, o outro sério, cheio de atenções e de respeito.

— Tenha piedade de um pobre cego… Aqui, Massiban, aqui estão dois tostões e meu cartão de visita…

— E agora, crianças, vamos em quarta marcha… Está ouvindo, chofer, 120 por hora. Para o carro, Isidore… Hoje há sessão plenária do Instituto e Massiban deve ler, às três e meia, um pequeno trabalho sobre não sei o quê. Bem, ele vai ler para eles, seu pequeno trabalho. Servirei a eles um Massiban completo, mais verdadeiro que o real, com minhas próprias ideias sobre as inscrições lacustres. Por uma vez, serei do Instituto. Mais rápido,

chofer, estamos só a 115… Está com medo, esquece que está com Lupin?… Ah, Isidore, e ousam dizer que a vida é monótona, mas a vida é uma coisa adorável, meu pequeno, só é preciso saber… e eu, eu sei… Se acha que eu não estava explodindo de alegria agora há pouco, no castelo, quando você conversava com o velho Vélines e eu, encostado à janela, rasgava as páginas do livro histórico! E depois, quando você perguntava à senhora de Villemon sobre a Agulha Oca! Ela iria falar? Sim, ela falaria… não, ela não falaria… sim… não… Eu ficava arrepiado… Se ela falasse, era minha vida a ser refeita, toda uma estrutura destruída. O criado chegaria a tempo? Sim… não… aí está ele… Mas Beautrelet vai me desmascarar? Nunca! É muito tolo! Sim… não… aí está… não, não é… sim… ele me olha de soslaio… é isso… ele vai pegar o revólver… Ah, que volúpia!… Isidore, você fala demais… Vamos dormir? Estou morrendo de sono… boa noite…

Beautrelet olhou para ele. Parecia já estar quase dormindo. Estava dormindo.

O automóvel, lançado através do espaço, disparava em direção a um horizonte sempre alcançado e sempre em fuga. Não havia mais cidades, vilarejos, campos, florestas, nada além de espaço, espaço devorado, engolido. Beautrelet olhou longamente para seu companheiro de viagem com ardente curiosidade, mas também com vontade de penetrar, através da máscara que a cobria, sua real fisionomia. E pensou nas circunstâncias que os encerravam assim um ao lado do outro na intimidade daquele automóvel.

Mas, depois das emoções e decepções daquela manhã, cansado, também adormeceu.

Quando acordou, Lupin estava lendo. Beautrelet se inclinou para ver o título do livro. Era *Cartas a Lucílio*, de Sêneca.

De César a Lupin

"Que diabo! Eu, Lupin, levei dez dias… Você vai precisar de dez anos!"

Essa frase, proferida por Lupin ao sair do castelo de Vélines, teve uma influência considerável na conduta de Beautrelet. No fundo muito calmo e sempre senhor de si, Lupin tinha no entanto esses momentos de exaltação, essas expansões um tanto românticas, teatrais e ao mesmo tempo ingênuas, nas quais lhe escapavam certas confissões, certas palavras de que um rapaz como Beautrelet podia tirar vantagem.

Com ou sem razão, Beautrelet acreditava ver nessa frase uma dessas confissões involuntárias. Ele tinha o direito de concluir que, se Lupin colocava seus esforços em paralelo com os dele na busca da verdade sobre a Agulha Oca, era porque ambos possuíam meios idênticos para atingir o objetivo, era porque ele, Lupin, não tinha tido elementos de sucesso diferentes daqueles de que dispunha seu adversário. As chances eram as mesmas. Ora, com essas mesmas chances, com esses mesmos elementos de sucesso, dez dias tinham sido suficientes para Lupin. Quais eram esses elementos, esses meios e essas chances? Isso acabava se resumindo ao conhecimento da brochura publicada em 1815, brochura que Lupin tinha sem dúvida, como Massiban, encontrado por acaso, e graças à qual ele conseguira descobrir, no missal de Maria Antonieta, o indispensável documento. Portanto, a brochura e o documento, eis as duas únicas bases nas quais Lupin estava apoiado. Com isso, ele tinha reconstruído todo o edifício. Sem ajuda externa. O estudo da brochura e o estudo do documento, ponto final, era isso.

Pois bem! Beautrelet não poderia se limitar ao mesmo terreno? De que adiantava uma luta impossível? De que adiantavam aquelas investigações

fúteis nas quais ele tinha certeza de que, por mais que evitasse as armadilhas que se multiplicavam sob seus passos, chegaria, no final, ao mais desprezível dos resultados?

Sua decisão foi clara e imediata e, ao se conformar a ela, ele tinha a feliz intuição de que estava no caminho certo. Em primeiro lugar, ele deixou sem recriminações inúteis seu colega do liceu Janson-de-Sailly e, pegando sua mala, foi se acomodar, depois de muitas voltas e reviravoltas, em um pequeno hotel localizado bem no centro de Paris. Ele não saiu desse hotel por dias inteiros. No máximo, comia do prato do dia. O resto do tempo, trancado, as cortinas do quarto hermeticamente fechadas, ele pensava.

"Dez dias", dissera Arsène Lupin. Beautrelet, tentando esquecer tudo que havia feito e lembrar-se apenas dos elementos da brochura e do documento, ambicionava ardorosamente ficar dentro dos limites daqueles dez dias. O décimo, porém, passou, e o décimo primeiro e o décimo segundo, mas no décimo terceiro um lampejo surgiu em seu cérebro, e muito rapidamente, com a velocidade desconcertante dessas ideias que se desenvolvem em nós como plantas milagrosas, a verdade emergiu, floresceu, ficou mais forte. Na noite desse décimo terceiro dia, ele certamente não sabia a solução do problema, mas conhecia com toda certeza um dos métodos que poderiam levar à sua descoberta, o método fecundo que Lupin sem dúvida alguma havia usado.

Um método muito simples e que decorria desta única questão: existe uma ligação entre todos os acontecimentos históricos, mais ou menos importantes, aos quais a brochura relaciona o mistério da Agulha Oca?

A diversidade dos eventos tornava difícil a resposta. No entanto, do exame aprofundado a que Beautrelet se entregou, finalmente acabou por emergir uma característica essencial a todos esses eventos. Todos, sem exceção, se passavam dentro dos limites da antiga Nêustria, limites esses que correspondem aproximadamente à atual Normandia. Todos os heróis da aventura fantástica ou são normandos ou passam a sê-lo, ou atuam na região normanda.

Que viagem emocionante através dos tempos. Que espetáculo comovente esse de todas aquelas pessoas, aqueles barões, duques e reis, partindo de pontos tão opostos e se encontrando nesse canto do mundo!

Ao acaso, Beautrelet folheou a história. Roll, ou Rollon, primeiro duque *normando*, torna-se mestre do segredo da Agulha após o tratado de Saint-

Clair-sur-Epte!

Surge Guilherme, o Conquistador, duque da *Normandia*, rei da Inglaterra, cujo estandarte é perfurado à maneira de uma agulha!

Em *Rouen,* os ingleses queimam Joana d'Arc, dona do segredo!

E bem na origem da aventura, quem é esse chefe dos Calcetas que paga seu resgate a César com o segredo da Agulha senão o chefe dos homens da região de Caux, da região essa situada no próprio coração da *Normandia*?

A hipótese se torna mais clara. O campo se estreita. Rouen, às margens do Sena, a região de Caux… parecia mesmo que todas as estradas convergiam para aquele lado. Se formos citar particularmente dois reis da França, agora que o segredo, perdido para os duques da Normandia e para seus herdeiros, os reis da Inglaterra, tornou-se o segredo real da França, esses são Henrique IV, que sitiou Rouen e venceu a batalha de Arques, às portas de Dieppe. E Francisco I, que fundou Le Havre e pronunciou essa frase reveladora: "Os reis da França carregam segredos que muitas vezes regem o destino das cidades!" Rouen, Dieppe, Le Havre… os três cumes do triângulo, as três grandes cidades que ocupam as três pontas. No centro, a região de Caux.

Chega o século XVII. Luís XIV queima o livro onde o desconhecido revela a verdade. O capitão de Larbeyrie se apodera de um exemplar, aproveita-se do segredo que violou, rouba um certo número de joias e, surpreendido por ladrões de estrada, morre assassinado. Mas qual é o lugar onde ocorre a emboscada? Gaillon! Gaillon, uma pequena cidade localizada na estrada que vai de Le Havre, de Rouen ou de Dieppe a Paris.

Um ano depois, Luís XIV compra uma propriedade e constrói o castelo da Agulha. Que local ele escolhe? O centro da França. Dessa forma, os curiosos são despistados. Não se procura na Normandia.

Em Rouen… Em Dieppe… Em Le Havre… O triângulo da região de Caux… Está tudo ali… De um lado o mar. De outro, o Sena. De um outro, os dois vales que vão de Rouen a Dieppe.

Um clarão iluminou a mente de Beautrelet. Essa área, esses confins de altos planaltos que se estendem desde as falésias do Sena às falésias do Canal da Mancha, foram sempre, quase sempre, o próprio campo de operações em que Lupin atuava.

Por dez anos, era exatamente nessa região que ele vinha agitando, como se tivesse seu covil bem no centro da região à qual a lenda da Agulha Oca

estava mais intimamente ligada.

O caso do Barão de Cahorn[4]? Nas margens do Sena, entre Rouen e Le Havre. O caso Tibermesnil[5]? Na outra extremidade do planalto, entre Rouen e Dieppe. Os roubos de Gruchet, de Montigny, de Crasville? No coração da região de Caux. Para onde Lupin estava indo quando foi atacado e amarrado em sua cabine por Pierre Onfrey, o assassino da rue Lafontaine[6]? Para Rouen. Onde Herlock Sholmes, prisioneiro de Lupin, tinha sido embarcado[7]? Perto de Le Havre.

De todo o drama atual, qual foi o teatro? Ambrumésy, na estrada de Le Havre para Dieppe.

Rouen, Dieppe, Le Havre, sempre o triângulo de Caux.

Assim, alguns anos antes, Arsène Lupin, dono da brochura e conhecedor do esconderijo onde Maria Antonieta havia ocultado o documento, Arsène Lupin acabou por colocar as mãos no famoso livro de orações. Possuidor do documento, saía a campo, *encontrava* o país conquistado e nele se estabelecia.

Beautrelet saiu a campo.

Partiu com verdadeira emoção, pensando na mesma viagem que Lupin fizera, nas mesmas esperanças que ele devia ter alimentado quando se colocava no rumo da descoberta do formidável segredo que devia investi-lo de todo esse poder. Seus esforços teriam o mesmo resultado vitorioso?

Ele saiu de Rouen cedo, a pé, o rosto bem maquiado e com um saco pendurado na ponta de uma vara, nas costas, como um estudante em viagem pela França.

Foi direto para Duclair, onde almoçou. Ao sair desse burgo, seguiu o Sena e praticamente não mais o deixou. Seu instinto, reforçado, aliás, por muitas conjeturas, sempre o levava de volta às margens sinuosas do belo rio. Quando o castelo de Cahorn foi assaltado, não foi pelo Sena que passaram suas coleções? Quando a Chapelle-Dieu foi roubada, foi para o Sena que as velhas pedras esculpidas foram transportadas. Ele imaginava uma flotilha de barcaças fazendo o serviço regular de Rouen a Le Havre e drenando as obras de arte e as riquezas de uma região para despachá-las de lá para a terra dos bilionários.

— Estou esquentando… Estou esquentando!… — murmurava o jovem, ofegando sob os golpes da verdade que o atingia com grandes choques sucessivos.

O fracasso dos primeiros dias não o desanimou. Ele tinha uma fé profunda e inabalável no acerto da hipótese que o guiava. Ousada, exagerada, não importava! Ela era digna do inimigo perseguido. A hipótese valia a prodigiosa realidade que se chamava Lupin. Com esse homem, devia-se olhar para fora do enorme, do exagerado, do sobre-humano? Jumièges, La Mailleraye, Saint-Wandrille, Caudebec, Tancarville, Quillebeuf, localidades todas cheias de sua lembrança! Quantas vezes ele devia ter contemplado a glória de suas torres góticas ou o esplendor de suas vastas ruínas!

Mas Le Havre, os arredores de Le Havre atraíam Isidore como as luzes de um farol.

"Os reis da França carregam segredos que muitas vezes regem o destino das cidades."

Palavras obscuras e, de repente, radiantes de clareza para Beautrelet! Não fora a declaração exata dos motivos que fizera com que Francisco I decidisse criar uma cidade ali, e o destino de Le Havre de Grâce não estava ligado ao próprio segredo da Agulha?

— É isso… é isso… — balbuciou Beautrelet inebriado.. O antigo estuário normando, um dos pontos essenciais, um dos núcleos primitivos em torno dos quais se formou a nacionalidade francesa, o antigo estuário é completado por essas duas forças, uma em pleno céu, viva, conhecida, porto novo que comanda o oceano e que se abre para o mundo; a outra tenebrosa, ignorada e tanto mais perturbadora por ser invisível e impalpável. Todo um lado da história da França e da casa real pode ser explicado pela Agulha, assim como toda a história de Lupin. Os mesmos recursos de energia e de poder nutrem e renovam a fortuna dos reis e a do aventureiro.

De burgo ao burgo, do rio ao mar, Beautrelet vasculhou, de nariz ao vento, de orelha em pé, tentando extrair até das coisas seu significado profundo. Era essa encosta que precisava ser interrogada? Essa floresta? As casas desse vilarejo? Seria entre as palavras insignificantes desse camponês que ele recolheria a pequena palavra reveladora?

Certa manhã, ele almoçava numa hospedaria, vizinha a Honfleur, antiga cidade do estuário. À sua frente, comia um daqueles negociantes normandos, ruivos e pesados, que fazem as feiras da região vendendo cavalos, chicote na mão, uma blusa comprida nas costas. Depois de um

momento, Beautrelet teve a impressão de que aquele homem o olhava com certa atenção, como se o conhecesse, ou pelo menos como se tentasse reconhecê-lo.

"Bah!" pensou. "Devo estar enganado, nunca vi esse vendedor de cavalos e ele nunca me viu."

De fato, o homem pareceu não se ocupar mais dele. Acendeu o cachimbo, pediu café e conhaque, fumou e bebeu. Terminada a refeição, Beautrelet pagou e se levantou. Como um grupo de indivíduos estava entrando quando se preparava para sair, ele teve de ficar por alguns segundos perto da mesa onde o negociante estava sentado, e o ouviu dizer em voz baixa:

— Olá, senhor Beautrelet.

Isidore não hesitou. Sentou-se junto do homem e lhe disse:

— Sim, sou eu… mas quem é o senhor? Como me reconheceu?

— Não foi difícil… E, no entanto, tudo que vi foi apenas seu retrato nos jornais. Mas o senhor está tão mal… como se diz em francês? Tão mal disfarçado.

Ele tinha um sotaque estrangeiro muito nítido, e Beautrelet pensou ter percebido, ao examiná-lo, que também ele usava um disfarce que alterava sua fisionomia.

— Quem é o senhor? — ele repetiu. — Quem é o senhor?

O estranho sorriu:

— Não me reconhece?

— Não. Nunca o vi.

— Nem eu tampouco o vi antes. Mas tente lembrar-se… Eu também, meu retrato é publicado nos jornais… e com frequência. Então, já está lembrado?

— Não.

— Herlock Sholmes.

O encontro era original. Também era significativo. Imediatamente, o jovem avaliou seu alcance. Após uma troca de cumprimentos, disse a Sholmes:

— Suponho que se está aqui… é por causa dele?

— Sim…

— Então… então… acha que temos chances… deste lado…

— Tenho certeza.

A alegria que Beautrelet sentiu ao constatar que a opinião de Sholmes coincidia com a dele não foi sem contrariedades. Se o inglês atingisse o objetivo, seria uma vitória compartilhada e quem sabe se não chegaria antes dele?

— O senhor tem provas? Indícios?

— Não tenha medo — o inglês zombou, entendendo sua preocupação —, eu não estou caminhando sobre seus passos. Suas pistas são o documento, a brochura… coisas que não me inspiram muita confiança.

— E o senhor?

— Comigo não é esse o caso.

— Seria indiscreto perguntar?…

— De modo nenhum. O senhor se lembra da história do diadema, a história do duque de Charmerace[8]?

— Sim.

— Você não se esqueceu de Victoire, a velha babá de Lupin, aquela que meu bom amigo Ganimard deixou escapar num falso carro da penitenciária?

— Não.

— Reencontrei a pista de Victoire. Ela mora em uma fazenda não muito longe da estrada nacional nº 25. A estrada nacional nº 25 é a estrada de Le Havre a Lille. Por meio de Victoire, chegarei facilmente a Lupin.

— Isso vai demorar.

— Que importa! Larguei todos os meus casos. Só esse é que conta. Entre Lupin e eu existe uma luta… uma luta até a morte.

Ele pronunciou essas palavras com uma espécie de selvageria em que se sentia todo o rancor das humilhações sentidas, todo um ódio feroz contra o grande inimigo que o havia enganado tão cruelmente.

— Vá embora — murmurou ele —, estamos sendo vigiados… é perigoso… Mas lembre-se das minhas palavras: no dia em que Lupin e eu nos enfrentarmos, será… será trágico.

Ao deixar Sholmes, Beautrelet sentia-se completamente tranquilo: não havia razão para temer que o inglês o ultrapassasse.

E que outra evidência a oportunidade dessa entrevista ainda lhe trazia! A estrada de Le Havre a Lille passa por Dieppe. É a grande estrada costeira da região de Caux! A estrada marítima que domina as falésias do Canal da

Mancha! E era em uma fazenda próxima a essa estrada que Victoire estava instalada. Victoire, quer dizer Lupin, já que um não podia ir sem o outro, o senhor sem a serva, sempre cegamente devotada.

"Estou esquentando… Estou esquentando…", o jovem repetia para si mesmo… "Sempre que as circunstâncias me trazem um novo elemento de informação, é para confirmar minha suposição. De um lado, a certeza absoluta das margens do Sena; de outro, a certeza da estrada nacional. As duas vias de comunicação se encontram em Le Havre, na cidade de Francisco I, a cidade do segredo. Os limites estão se estreitando. A região de Caux não é grande, e ainda é apenas a parte ocidental da região que devo pesquisar."

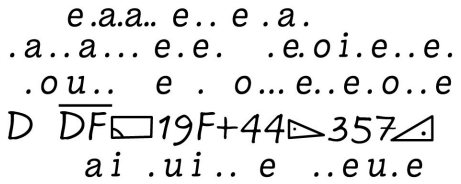
Ele se pôs de novo a trabalhar ferozmente.

"O que Lupin encontrou não há razão para que eu não consiga encontrar", ele não parava de dizer a si mesmo. Certamente, Lupin devia ter tido grandes vantagens sobre ele, talvez um conhecimento profundo da área, dados precisos sobre lendas locais, menos que isso, uma lembrança — uma vantagem preciosa, já que ele, Beautrelet, não sabia de nada e ignorava totalmente aquela região, tendo-a percorrido pela primeira vez por ocasião do roubo de Ambrumésy, e rapidamente, sem ali se demorar.

Mas que importava!

Se ele tivesse de devotar dez anos de sua vida àquela investigação, ele iria levá-la a termo. Lupin estava lá. Ele o via. Adivinhava isso. Ele o estava esperando em alguma curva de uma estrada, na borda de um bosque, na saída de um vilarejo. Toda vez que ficava desapontado, parecia-lhe que encontrava em cada decepção um motivo mais forte para continuar persistindo.

Em muitas ocasiões, deixava-se cair na beira da estrada e mergulhava loucamente no exame do documento, pois sempre carregava consigo a cópia, ou seja, com a substituição dos números por vogais:



Frequentemente, também, como era seu costume, ele se deitava de bruços na grama alta e pensava por horas. Ele tinha tempo. O futuro lhe

pertencia.

Com admirável paciência, ia do Sena ao mar, e do mar ao Sena, afastando-se gradualmente, retornando sobre seus passos, e só abandonando o terreno quando não havia mais teoricamente nenhuma possibilidade de extrair dele a menor informação.

Ele estudou, examinou Montivilliers, Saint-Romain, Octeville e Gonneville, e Criquetot.

Batia à porta nos camponeses à noite e lhes pedia abrigo. Depois do jantar, fumavam juntos e conversavam. E ele fazia com que lhe contassem as histórias que contavam um ao outro nos longos serões de inverno.

E sempre aquela pergunta furtiva:

— E a Agulha? A lenda da Agulha Oca… Não sabem sobre isso?

— Sinceramente… Não sei nada disso…

— Pensem bem… alguma história antiga… alguma coisa que fala de uma agulha… Uma agulha encantada talvez… sei lá?

Nada. Nenhuma lenda, nenhuma lembrança. E no dia seguinte, ele partia de novo com alegria.

Um dia, passou pelo bonito vilarejo de Saint-Jouin voltado para o mar e desceu por entre o caos de rochas que desmoronara da falésia.

Então, subiu de volta ao planalto e foi rumo ao vale de Bruneval, ao cabo de Antifer, à pequena enseada de Belle-Plage. Ele caminhava alegre e com leveza, um pouco cansado, mas muito feliz de viver! Tão feliz que se esquecia de Lupin e do mistério da Agulha Oca e de Victoire e de Sholmes, de tal forma se interessava pelo espetáculo das coisas, pelo céu azul, pelo grande mar esmeralda, tudo deslumbrante de sol.

Encostas retas, restos de muros de tijolos, onde ele pensou ter reconhecido os vestígios de um campo romano, o intrigaram. Então percebeu uma espécie de pequeno castelo, construído como a imitação de um forte antigo, com torres rachadas, altas janelas góticas, e que estava situado em um promontório irregular, montanhoso e rochoso, e quase separado do penhasco. Um portão, ladeado por grades de proteção e parapeitos de ferro, defendia a passagem estreita.

Não sem dificuldade, Beautrelet conseguiu cruzá-lo. Acima da porta ogival, que estava fechada por uma velha fechadura enferrujada, ele leu estas palavras:

Forte de Fréfossé[9]

Não tentou entrar e, virando à direita, tomou, após ter descido um pequeno declive, um atalho que corria sobre uma crista de terra provida um corrimão de madeira. Bem no final, havia uma gruta de proporções exíguas, formando uma espécie de guarita na ponta da rocha onde era escavada, uma rocha íngreme que se inclinava sobre o mar.

Mal era possível ficar de pé no centro da gruta. Um grande número de inscrições se entrecruzava em suas paredes. Um buraco quase quadrado perfurado na pedra servia de lucarna do lado da terra, exatamente em frente ao forte de Fréfossé, cuja coroa ameada podia ser vista a trinta ou quarenta metros de distância. Beautrelet jogou sua bolsa no chão e se sentou. Fora um dia pesado e cansativo. Ele adormeceu por um momento.

O vento frio que circulava na gruta o despertou. Ele permaneceu imóvel e distraído por alguns minutos, o olhar vago. Estava tentando refletir, retomar seu pensamento ainda entorpecido. E já, mais consciente, ia se levantar, quando teve a impressão de que seus olhos repentinamente fixos, repentinamente arregalados, olhavam… Um arrepio o agitou. Suas mãos se crisparam e ele sentiu gotas de suor se formando na raiz de seu cabelo.

— Não… não… ele gaguejou… é um sonho, uma alucinação… Vamos ver, isso seria possível?

Ele se ajoelhou bruscamente e se inclinou para a frente. Apareceram duas letras enormes, cada uma com o tamanho aproximado de um pé, gravadas em relevo no granito do solo.

Essas duas letras, esculpidas de forma grosseira, mas clara, e das quais o desgaste dos séculos tinham arredondado os ângulos e alisado a superfície, essas duas letras eram um D e um F.

Um D e um F! Milagre perturbador! Um D e um F, precisamente, duas letras do documento! As duas únicas letras do documento!

Ah, Beautrelet nem precisava consultá-lo para evocar esse conjunto de letras na quarta linha, a linha das medidas e das indicações!

Ele as conhecia bem! Elas estavam gravadas para sempre no fundo de suas pupilas, incrustadas para sempre na própria substância de seu cérebro!

Ele se levantou, desceu a trilha escarpada, subiu ao longo do velho forte, de novo agarrou-se às pontas do guarda-corpo para passar, e caminhou rapidamente em direção a um pastor cujo rebanho se alimentava

sobre uma ondulação do planalto.

— Aquela gruta ali… aquela gruta…

Seus lábios tremiam e ele procurava por palavras que não conseguia encontrar. O pastor o contemplava com espanto. Finalmente, ele repetiu:

— Sim, essa gruta… que fica ali… à direita do forte… Ela tem um nome?

— Caramba! Todas as pessoas que vivem em Étretat dizem que são as Demoiselles.

— O que, o quê?… O que está dizendo?

— Ora, isso… o quarto das Demoiselles…

Isidore esteve a ponto de agarrá-lo pelo pescoço, como se toda a verdade residisse naquele homem, e esperasse tomá-la dele de um golpe, arrancá-la…

As Demoiselles! Uma das palavras, uma das duas únicas palavras conhecidas do documento!

Um vento de loucura fez balançarem as pernas de Beautrelet. E isso se inflava ao seu redor, soprava como uma borrasca impetuosa que vinha do mar, que vinha da terra, que vinha de todos os lados e o açoitava com grandes golpes de verdade… Ele entendia! O documento aparecia para ele com seu verdadeiro significado! O quarto das Demoiselles… Étretat…

"É isso…", ele pensou, a mente inundada de luz… "Só pode ser isso. Mas como não adivinhei antes?"

Ele disse ao pastor em voz baixa:

— Bem… vá embora… pode ir… obrigado…

O homem, espantado, assobiou para seu cachorro e se afastou.

Uma vez sozinho, Beautrelet voltou para o forte. Ele já quase o havia ultrapassado, quando de repente jogou-se no chão e ficou encolhido contra um pedaço de muro. E ele pensava, torcendo as mãos:

— Estou louco! E se *ele* estiver me vendo? Se *seus* cúmplices estiverem me vendo? Faz uma hora que vou… e venho…

Ele não se mexeu mais. O sol tinha se posto. A noite gradualmente se misturava com o dia, borrando os contornos das coisas.

Então, com pequenos gestos insensíveis, de bruços, escorregando, engatinhando, avançou por uma das pontas do promontório, até o extremo da falésia. Atingiu-a. Com as pontas das mãos estendidas, separou tufos de grama e sua cabeça emergiu acima do abismo.

À sua frente, quase ao nível da falésia, em alto-mar, erguia-se uma enorme rocha, com mais de oitenta metros de altura, um colossal obelisco, ereto sobre sua grande base de granito que se via ao nível da água e depois se afinava em direção ao topo, como o dente gigante de um monstro marinho. Branco como a falésia, um branco-acinzentado e sujo, o terrível monólito era riscado de linhas horizontais marcadas com sílex, e onde se via o lento trabalho dos séculos acumulando umas sobre as outras as camadas de calcário e as de seixos.

Aqui e ali, uma fenda, uma cavidade e, logo além, um pouco de terra, grama, folhas.

E tudo isso poderoso, sólido, formidável, com um ar de coisa indestrutível contra a qual o assalto furioso das ondas e das tempestades não podia prevalecer. Tudo isso, definitivo, imanente, grandioso apesar da grandeza da muralha de falésias que o dominava, imenso apesar da imensidão do espaço onde se erguia.

As unhas de Beautrelet cravavam-se no solo como as garras de um animal pronto para pular sobre sua presa. Seus olhos penetravam na casca rugosa da rocha, em sua pele, parecia-lhe, em sua carne. Ele a tocava, a apalpava, tomava conhecimento e posse dela… Assimilava-se a ela…

O horizonte estava inundado com todos os fogos do sol desaparecido, e longas nuvens, como brasas, imóveis no céu, formavam paisagens magníficas, lagoas irreais, planícies flamejantes, florestas douradas, lagos de sangue, toda uma fantasmagoria ígnea e tranquila.

O azul do céu escureceu. Vênus irradiava um brilho maravilhoso, então as estrelas se acenderam, ainda tímidas.

E Beautrelet fechou subitamente os olhos e pressionou convulsivamente os braços cruzados contra a testa. Ali!… Ah!… Pensou em morrer de alegria, tão cruel foi a emoção que lhe apertou o coração. Ali, quase no topo da Agulha de Étretat, embaixo da ponta extrema em torno da qual esvoaçavam gaivotas, um pouco de fumaça escapava de uma fresta, como de uma chaminé invisível, um pouco de fumaça subia em espirais lentas no ar calmo do crepúsculo.

---

[4] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* (Arsène Lupin na prisão). (N.T.)

[5] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* (Herlock Sholmes chega tarde demais). (N.T.)

[6] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* (O viajante misterioso). (N.T.)

[7] *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes* (A mulher loura). (N.T.)
[8] *Arsène Lupin*, peça em quatro atos. (N.T.)
[9] O forte Fréfossé tinha o nome de uma propriedade vizinha da qual dependia. Sua destruição, ocorrida poucos anos depois, foi exigida pela autoridade militar, após as revelações registradas neste livro. (N.T.)

Abre-te, Sésamo!

A Agulha de Étretat é oca!

Fenômeno natural? Escavação produzida por cataclismos internos ou pelo esforço insensível da efervescência do mar, da chuva que se infiltra? Ou uma obra sobre-humana, executada por humanos, celtas, gauleses, homens pré-históricos? Questões insolúveis, sem dúvida. E o que isso importava? O essencial residia nisso: a Agulha era oca.

A quarenta ou cinquenta metros desse arco imponente chamado Porta de Aval, que se eleva do topo da falésia como o colossal ramo de uma árvore, para fincar raízes nas rochas submarinas, se ergue um cone calcário de grandes dimensões; e esse cone é apenas um boné de casca pontudo colocado sobre o vazio.

Uma revelação prodigiosa! Depois de Lupin, eis que Beautrelet descobria a palavra-chave do grande enigma, que pairou por mais de vinte séculos! Palavra de suprema importância para quem a possuía outrora, nos tempos distantes em que hordas de bárbaros cavalgavam o velho mundo! Palavra mágica que abriu o antro ciclópico para tribos inteiras em fuga diante do inimigo! Palavra misteriosa que guardou a porta do asilo mais inviolável! Palavra de prestígio que deu poder e garantiu preponderância!

Por ter conhecido essa palavra, César pôde submeter a Gália. Por terem-na conhecido, os normandos se impuseram à região, e dali, mais tarde, encostados nesse ponto de apoio, conquistaram a ilha vizinha, conquistaram a Sicília, conquistaram o Oriente, conquistaram o Novo Mundo!

Mestres do segredo, os reis da Inglaterra dominaram a França, humilharam-na, desmembraram-na, se fizeram coroar reis em Paris. Eles o

perderam e veio a derrota.

Mestres do segredo, os reis da França cresceram, foram além dos estreitos limites de seu domínio, aos poucos fundaram a grande nação e irradiaram glória e poder — eles o esqueceram ou não souberam como usá-lo, e veio a morte, o exílio, a decadência.

Um reino invisível, no seio das águas e a dez braças da terra!… Uma fortaleza ignorada, mais alta que as torres de Notre-Dame e construída sobre uma base de granito mais larga que uma praça pública… Quanta força e quanta segurança! De Paris ao mar, pelo Sena. Ali, Le Havre, cidade nova, cidade necessária. E a sete léguas dali, a Agulha Oca. Não era um asilo inexpugnável?

É o asilo e também o formidável esconderijo. Todos os tesouros dos reis, aumentados a cada século, todo o ouro da França, tudo que foi tirado do povo, tudo que foi arrancado do clero, todo o butim recolhido nos campos de batalha da Europa, foram amontoados ali, na caverna real. Velhas moedas de ouro, escudos brilhantes, dobrões, ducados, florins, guinéus e pedras preciosas, e diamantes, e todas as joias e todos os adornos, tudo está lá. Quem o descobriria? Quem jamais saberia o segredo impenetrável da Agulha? Ninguém.

Sim, Lupin.

E Lupin se tornara aquele tipo de ser realmente desproporcional que se conhece, aquele milagre impossível de explicar enquanto a verdade permanecer nas sombras. Por mais infinitos que sejam os recursos de seu gênio, não podem ser suficientes para a luta que ele sustenta contra a sociedade. Outros, mais materiais, são-lhe necessários. É necessário um retiro seguro, é necessária a certeza da impunidade, a paz que permite a execução dos planos.

Sem a Agulha Oca, Lupin é incompreensível, é um mito, um personagem de romance, sem relação com a realidade. Mestre do segredo — e de que segredo! —, é um homem como qualquer outro, simplesmente, mas que sabe manejar de maneira superior a extraordinária arma com que o destino o dotou.

Portanto, a Agulha é oca, e isso é um fato indiscutível. Restava saber como era possível chegar a ela.

Pelo mar, claro. Devia haver no lado do mar, alguma fenda acessível para os barcos em certas horas da maré. Mas do lado da terra?

Até o anoitecer, Beautrelet permaneceu suspenso sobre o abismo, os olhos fixos na massa de sombras formada pela pirâmide, e pensando, meditando com todo o esforço de sua mente.

Depois, desceu para Étretat, escolheu o hotel mais modesto, jantou, subiu para o quarto e desdobrou o documento.

Para ele, agora, era um jogo determinar seu significado. De imediato, percebeu que as três vogais da palavra Étretat se encontravam na primeira linha, na ordem e nos intervalos desejados. Essa primeira linha, portanto, se estabelecia da seguinte forma:

e. a. a.. é t r e t a t. a..

Que palavras poderiam preceder *Étretat*? Palavras que sem dúvida se aplicavam à situação da Agulha em relação ao vilarejo. Ora, a Agulha erguia-se à esquerda, a oeste… Ele olhou em volta e, lembrando-se de que os ventos de oeste eram chamados nas costas de ventos de aval [ventos do mar] e que a porta era justamente chamada de Aval, ele escreveu:

En aval d'Étretat. a.. [A oeste de Étretat]

A segunda linha era a da palavra *Demoiselles*, e, notando imediatamente, antes desta palavra, a série de todas as vogais que compõem as palavras *la chambre des* [o quarto das], ele anotou as duas sentenças:

En aval d'Étretat — La chambre des Demoiselles

[A oeste de Étretat, o quarto das Senhoritas].

Teve mais problemas com a terceira linha, e só depois de tatear é que, lembrando-se da localização, não muito longe do quarto das Demoiselles, do castelinho construído no lugar do forte de Fréfossé, ele acabou por reconstituir assim o documento quase completo:

En aval d'Étretat — la chambre des Demoiselles — Sous le fort de Fréfossé — Aiguille creuse [A oeste de Étretat — o quarto das Senhoritas — Debaixo do forte de Fréfossé — Agulha Oca].

Essas foram as quatro grandes fórmulas, as fórmulas essenciais e gerais. Com base nelas, uma pessoa se dirigia do oeste de Étretat, entrava no quarto das Demoiselles, passava com toda a probabilidade por baixo do forte de Fréfossé e chegava à agulha.

Como? Pelas indicações e medidas que formavam a quarta linha:

D $\overline{DF}$ ▭19F+44▷357◿

Evidentemente, tratava-se das fórmulas mais especiais, destinadas à procura do local por onde se entrava e do caminho que conduzia à Agulha.

Beautrelet logo supôs — e sua hipótese era a consequência lógica do documento — que, se de fato havia uma comunicação direta entre a terra e o obelisco da Agulha, o subterrâneo devia partir do quarto das Demoiselles, passar sob o Forte de Fréfossé, descer a pique os cem metros da falésia e, por um túnel feito sob as rochas do mar, terminar na Agulha Oca.

A entrada do subterrâneo? Não eram as duas letras D e F, tão claramente recortadas, que a designavam, que talvez também a abrissem graças a algum mecanismo engenhoso?

Durante toda a manhã do dia seguinte, Isidore caminhou por Étretat e conversou aqui e ali para tentar recolher alguma informação útil. Finalmente, à tarde, ele escalou a falésia. Disfarçado de marinheiro, ficara ainda mais jovem e parecia um menino de doze anos, com as calças muito curtas e sua camisa de malha de pescador.

Assim que entrou na gruta, ele se ajoelhou diante das letras. Uma decepção o esperava. Não importava quão fortemente ele as atingisse, as empurrasse, as manipulasse em todas as direções, elas não se moviam. E ele se deu conta rapidamente que elas de fato não podiam se mover e, em consequência, não controlavam nenhum mecanismo. No entanto… no entanto elas significavam algo! Pelas informações que obtivera no vilarejo, resultava que ninguém jamais fora capaz de explicar sua presença, e que o abade Cochet, em seu precioso livro sobre Étretat[10], também havia se debruçado em vão sobre aquele pequeno enigma. Mas Isidore sabia o que o erudito arqueólogo normando ignorava, isto é, a presença das mesmas duas letras no documento, na linha das indicações. Coincidência fortuita? Impossível. Então?…

De repente, uma ideia lhe ocorreu, e tão racional, tão simples, que ele não duvidou por um segundo que fosse correta. Não eram D e F as iniciais de duas das palavras mais importantes do documento? Palavras que representavam — com a Agulha — os marcos essenciais da estrada a seguir: o quarto das *Demoiselles* e o forte de *Fréfossé*. O D de Demoiselles, o F de Fréfossé, havia ali uma relação estranha demais para ser fruto do acaso.

Sendo assim, o problema se apresentaria da seguinte forma: o grupo DF representa a relação que existia entre o quarto das Demoiselles e o forte de Fréfossé; a letra D isolada que inicia a linha representa as Demoiselles, isto é, a gruta onde a pessoa deve primeiro se colocar; e a letra F isolada, que se situa no meio da linha, representa Fréfossé, ou seja, a provável entrada do subterrâneo.

Entre esses vários signos, restam ainda dois: uma espécie de retângulo irregular, marcado com uma linha à esquerda, na parte inferior, e o número 19, sinais que, obviamente, indicam aos que estão na gruta o meio de penetrar no forte.

A forma desse retângulo intrigava Isidore. Haveria ao seu redor, nos muros, ou pelo menos ao alcance do olhar, uma inscrição, qualquer coisa ligada a uma forma retangular?

Ele procurou por muito tempo, e estava prestes a abandonar essa pista, quando seus olhos encontraram a pequena abertura feita na rocha e que era como a janela do quarto. Ora, as bordas dessa abertura desenhavam precisamente um retângulo áspero, irregular e grosseiro, mas ainda assim um retângulo, e imediatamente Beautrelet constatou que quem colocasse os dois pés no D e no F gravados no solo — e assim explicava a barra acima das duas letras do documento — estaria exatamente na altura da janela!

Ele firmou posição ali e observou. Sendo a janela dirigida, como já dissemos, para a terra firme, avistava-se primeiro o caminho que ligava a gruta ao solo, caminho esse suspenso entre dois abismos, depois se percebia a própria base do montículo que sustentava o forte. Para tentar ver o forte, Beautrelet inclinou-se para a esquerda, e foi então que entendeu o significado da linha arredondada, da vírgula que marcava o documento embaixo, à esquerda embaixo, à esquerda da janela, um pedaço de sílex formava uma saliência, e a extremidade desse pedaço curvava-se como uma garra. Parecia um verdadeiro ponto de mira. E, posicionando-se o olho naquele ponto de mira, o olhar recortava, na encosta do montículo oposto, uma área bastante pequena e quase inteiramente ocupada por um velho muro de tijolos, vestígio do antigo forte de Fréfossé ou do antigo *oppidum* romano construído naquele lugar.

Beautrelet correu em direção àquele trecho do muro, com talvez dez metros de comprimento, cuja superfície era atapetada de grama e plantas. Ele não indicou nenhuma pista.

E no entanto, aquele número 19?

Ele voltou para a gruta, tirou do bolso um rolo de barbante e um medidor de metros de tecido de que havia se munido, atou o barbante ao ângulo de sílex, amarrou uma pedra na altura do décimo nono metro e o atirou na direção da terra. O seixo mal alcançou o fim do caminho.

"Triplo idiota", pensou Beautrelet. Naquela época as distâncias eram medidas em metros? 19 significa 19 *toises*[11] ou não significa nada."

Feito o cálculo, ele contou trinta e sete metros no barbante, deu um nó e, tateando, procurou na lateral do muro o ponto exato e necessariamente único em que o nó formado a trinta e sete metros da janela das Demoiselles tocaria o muro de Fréfossé. Alguns instantes depois, o ponto de contato foi estabelecido. Com a mão livre, ele afastou as folhas de verbasco enfiadas entre os interstícios.

Deixou escapar um grito. O nó estava colocado no centro de uma pequena cruz gravada em relevo em um tijolo.

Ora, o sinal que se seguia ao número 19 no documento era uma cruz!

Ele precisou de toda a sua força de vontade para dominar a emoção que o invadia. Apressadamente, com os dedos cerrados, ele agarrou a cruz e, ao pressionar para baixo, girou-a como teria feito girar os raios de uma roda. O tijolo oscilou. Ele redobrou o esforço: não mexia mais. Então, sem girar, ele pressionou mais. Imediatamente o sentiu ceder. E de repente houve algo como um deslocamento, o som de uma fechadura se abrindo; e, à direita do tijolo, ao longo de um metro de largura, a porção do muro girou e revelou a entrada de um subterrâneo.

Como um louco, Beautrelet agarrou a porta de ferro em que os tijolos estavam chumbados, puxou-a de volta com violência e a fechou. O espanto, a alegria, o medo de ser surpreendido contraíam seu rosto até torná-lo irreconhecível. Ele teve a visão aterrorizante de tudo que havia acontecido ali, em frente àquela porta, durante vinte séculos, de todos os personagens iniciados no grande segredo, que haviam entrado por aquela abertura… Celtas, gauleses, romanos, normandos, ingleses, franceses, barões, duques, reis e, depois de todos eles, Arsène Lupin… e depois de Lupin, ele, Beautrelet… Sentiu que seu cérebro lhe escapava. Suas pálpebras tremeram. Ele caiu inconsciente e rolou até a parte baixa da rampa, bem na beira do precipício.

Sua tarefa havia terminado, pelo menos a tarefa que ele poderia realizar sozinho, com os únicos recursos de que dispunha.

À noite, ele escreveu uma longa carta ao chefe da Segurança, na qual relatava fielmente os resultados de sua investigação e revelava o segredo da Agulha Oca. Ele pedia ajuda para completar a obra e dava seu endereço.

Enquanto esperava pela resposta, passou duas noites consecutivas no quarto das Demoiselles. Passou essas noites, entorpecido de medo, os nervos tensos por um pavor exasperado pelos ruídos noturnos… Todo o tempo ele pensava ver sombras avançando em sua direção. Sabiam de sua presença na gruta… se aproximavam… iam esganá-lo… Seu olhar, porém, irremediavelmente fixo, sustentado por toda a sua vontade, agarrava-se ao pedaço de muro.

Na primeira noite, nada se moveu, mas na segunda, à luz das estrelas e de uma lua crescente fina, ele viu a porta se abrir e vultos emergirem das trevas. Ele contou dois, três, quatro, cinco…

Pareceu-lhe que aqueles cinco homens carregavam fardos bastante volumosos. Eles cortaram direto pelos campos até a estrada para Le Havre e ouviu-se o som de um carro se afastando.

Voltou sobre seus passos, caminhou ao longo de uma grande fazenda. Mas, no desvio do atalho que a margeava, só teve tempo de subir uma encosta e se esconder atrás das árvores. Mais homens passaram, quatro… cinco… todos carregados de pacotes. E dois minutos depois, outro automóvel rugiu. Dessa vez, ele não teve forças para retornar ao seu posto e voltou para o hotel.

Quando acordou, o rapaz do hotel lhe trouxe uma carta. Ele a abriu. Era o cartão de Ganimard.

— Enfim! — exclamou Beautrelet, que realmente sentia, depois de tão dura campanha, a necessidade de ajuda.

Ele avançou com as mãos estendidas. Ganimard tomou-as, olhou para ele por um momento e lhe disse:

— Você é um sujeito durão, meu garoto.

— Bah! — ele disse —, o acaso me ajudou bem.

— Não há acaso com *ele* — afirmou o inspetor, que ainda falava solenemente de Lupin e sem dizer seu nome.

Ele se sentou.

— Então nós o temos?

— Como já tivemos mais de vinte vezes — disse Beautrelet, rindo.

— Sim, mas hoje…

— Hoje, de fato, o caso é diferente. Conhecemos seu retiro, seu castelo fortificado, o que faz, afinal, que Lupin seja Lupin. Ele pode escapar. A Agulha de Étretat não pode.

— Por que você acredita que ele vai escapar? — Ganimard perguntou, mostrando bastante preocupação.

— Por que acha que ele precisa escapar? — respondeu Beautrelet. — Não há evidências de que ele esteja atualmente na Agulha. Naquela noite, onze de seus cúmplices saíram dali. Ele pode ter sido um desses onze.

Ganimard refletiu.

— Tem razão. O principal é a Agulha Oca. Quanto ao resto, esperemos que a sorte nos favorecerá. E agora, vamos conversar.

Ele assumiu de novo sua voz profunda, seu ar de importância convicta, e disse:

— Meu caro Beautrelet, tenho ordens de lhe recomendar a mais absoluta discrição em relação a esse caso.

— Ordens de quem? — disse Beautrelet brincando. — Do chefe de polícia?

— Mais alto.

— Do presidente do Conselho?

— Mais alto.

— Caramba!

Ganimard baixou a voz.

— Beautrelet, acabo de chegar do Palácio do Eliseu. Esse caso é considerado segredo de Estado, de extrema gravidade. Existem sérias razões para que essa cidadela invisível se mantenha ignorada… razões estratégicas sobretudo… Isto aqui poderá se tornar um centro de abastecimento, um depósito de novos explosivos, de projéteis recém-inventados, sei lá. O arsenal desconhecido da França.

— Mas como se espera manter esse segredo? Antigamente, apenas um homem o detinha, o rei. Hoje, somos já alguns a saber, sem contar o bando de Lupin.

— Ora, ainda que fosse possível ganhar dez anos, ou mesmo cinco anos de silêncio! Esses cinco anos podem ser a salvação…

— Mas, para tomar essa cidadela, esse futuro arsenal, é preciso atacá-lo, é preciso desalojar Lupin. E tudo isso não se faz sem alarde.

— Obviamente, adivinharão algo, mas não saberão. De qualquer modo, vamos tentar.

— Que seja, qual é o seu plano?

— Em suma, é o seguinte. Em primeiro lugar, você não é Isidore Beautrelet, e ninguém está tratando de Arsène Lupin. Você é e continua sendo um garoto de Étretat que, enquanto passeava, surpreendeu indivíduos que saíam de uma passagem subterrânea. Você supõe, não é, a existência de uma escada que atravessa a falésia de alto a baixo?

— Sim, existem várias dessas escadas ao longo da costa. Olhe, bem perto, me mostraram, em frente a Bénouville, a Escada do Cura, conhecida de todos os banhistas. E não estou falando dos três ou quatro túneis destinados aos pescadores.

— Então, metade dos meus homens e eu caminhamos guiados por você. Eu entro sozinho, ou acompanhado, isso fica para ser decidido. Ainda assim, o ataque será por ali. Se Lupin não estiver na Agulha, montamos uma ratoeira, onde mais cedo ou mais tarde ele será pego. Se ele estiver lá…

— Se ele estiver lá, senhor Ganimard, fugirá da Agulha pela face posterior, aquela que dá para o mar.

— Nesse caso, ele será imediatamente detido pela outra metade dos meus homens.

— Sim, mas se, como suponho, o senhor tiver escolhido o momento em que o mar baixou, deixando a descoberto a base da Agulha, a caça será pública, visto que acontecerá perante todos os pescadores de mexilhões, camarões e mariscos que abundam nos rochedos circundantes.

— É por isso que escolherei exatamente a hora em que o mar estará cheio.

— Nesse caso, ele fugirá em um barco.

— E como terei lá uma dúzia de barcos de pesca, cada um dos quais comandado por um de meus homens, ele será pego.

— Isso se ele não passar entre sua dúzia de barcos, assim como um peixe passa pela malha da rede.

— Que seja. Nesse caso, eu o afundo completamente.

— Caramba! Então o senhor terá canhões?

— Claro que sim. Há atualmente um grande torpedeiro em Le Havre. Com um telefonema meu, ele estará nos arredores da Agulha na hora marcada.

— Do que Lupin terá orgulho! Um torpedeiro!… Vamos, estou entendendo, senhor Ganimard, tem tudo planejado. Só resta agirmos. Quando faremos o ataque?

— Amanhã.

— À noite?

— Em plena luz do dia, com a maré subindo, por volta das dez horas.

— Perfeito!

Sob uma aparência de alegria, Beautrelet escondia uma verdadeira angústia. Até o dia seguinte, ele não dormiu, pois os mais inviáveis planos agitavam sua mente. Ganimard o havia deixado para ir a Yport, a cerca de dez quilômetros de Étretat, onde, por prudência, combinou um encontro com seus homens e onde fretou doze barcos de pesca, o que, para todos os efeitos, se destinava a fazer sondagens ao longo da costa.

Às quinze para as dez, escoltado por doze companheiros fortes, ele encontrava Isidore na parte inferior do caminho que sobe a falésia. Às dez em ponto, eles chegaram à frente do painel do muro. Aquele era o momento decisivo.

— O que há de errado com você, Beautrelet? Você está verde? — Ganimard brincou, dirigindo-se ao jovem de forma zombeteira.

— E você, senhor Ganimard — respondeu Beautrelet —, dá para pensar que chegou sua hora final.

Ambos se sentaram e Ganimard tomou alguns goles de rum.

— Não é medo — disse ele —, mas, droga, que emoção! Cada vez que estou prestes a colocar as mãos nele, isso mexe com as minhas entranhas. Quer um pouco de rum?

— Não.

— E se você ficar no caminho?

— É porque estarei morto.

— Caramba! Enfim, veremos. E agora, abra. Nenhum perigo de ser visto, hein?

— Não. A Agulha é mais baixa que a falésia, além disso estamos numa dobra do terreno.

Beautrelet se aproximou do muro e se apoiou no tijolo. O deslocamento se deu e a entrada do subterrâneo surgiu. À luz das lanternas que acenderam, eles viram que era perfurada em forma de abóbada, e que esta, bem como o solo, era inteiramente coberta de tijolos.

Caminharam por alguns segundos, e imediatamente uma escada se apresentou. Beautrelet contou quarenta e cinco degraus, degraus de tijolo, mas que a lenta ação dos passos havia afundado no meio.

— Droga! — praguejou Ganimard, que ia na frente, e que de repente parou como se tivesse batido em alguma coisa.

— O que está havendo?

— Uma porta!

— Droga — murmurou Beautrelet, olhando para ela —, e não é fácil de demolir. Nada mais, nada menos que um bloco de ferro.

— Estamos perdidos — disse Ganimard —, não tem nem fechadura.

— Justamente, é isso que me dá esperança.

— E por quê?

— Uma porta é feita para abrir e, se não tiver fechadura, é porque há um segredo para abri-la.

— E como não conhecemos esse segredo…

— Vou descobri-lo.

— De que jeito?

— Por meio do documento. A quarta linha não tem outra razão a não ser resolver as dificuldades quando elas surgem. E a solução é relativamente fácil, já que está inscrita, não para confundir, mas para ajudar aqueles que procuram.

— Relativamente fácil! Não concordo com você — exclamou Ganimard, que havia desdobrado o documento… — O número 44 e um triângulo marcado com um ponto à esquerda. É bastante obscuro.

— Não é não! Examine a porta. Verá que é reforçada, nos quatro cantos, com placas de ferro em forma de triângulos e que essas placas são presas por grandes pregos. Veja a placa de baixo, à esquerda; faça girar o prego que está no ângulo… Existem nove chances para um de que consigamos acertar.

— Você caiu na décima — Ganimard disse depois de tentar.

— Então, é que o número 44…

Em voz baixa, sempre refletindo, Beautrelet continuou:

— Vejamos… Ganimard e eu, nós estamos aqui, nós dois, no último degrau da escada… são 45… Por que 45, sendo que o número do documento é 44? Coincidência? não… Em todo esse caso, nunca houve nenhuma coincidência, a não ser involuntária. Ganimard, tenha a gentileza de subir um degrau… É isso aí, não saia deste quadragésimo quarto degrau. E agora, eu farei girar o prego. E o trinco vai funcionar… Caso contrário vou perder minha pose…

A pesada porta de fato girou nas dobradiças. Uma caverna bastante espaçosa surgiu diante deles.

— Devemos estar exatamente embaixo do forte Fréfossé — disse Beautrelet. — Agora as camadas de terra foram ultrapassadas. Acabou o tijolo. Estamos em plena massa calcária.

A sala era confusamente iluminada por um jato de luz que vinha da outra extremidade. Ao se aproximarem, viram que era uma fenda na falésia, aberta em uma saliência da pedra, e que formava uma espécie de observatório. À frente deles, a cinquenta metros de distância, erguia-se das ondas o impressionante bloco da Agulha. À direita, muito próximo, ficava o arcobotante da Porta de Aval, e, à esquerda, muito longe, fechando a curva harmoniosa de uma vasta enseada, outro arco, ainda mais imponente, destacava-se contra a falésia: a Manneporte (magna porta), tão grande que um navio teria encontrado passagem ali, com os mastros erguidos e todas as velas içadas. Ao fundo, em todo lugar, o mar.

— Não vejo nossa flotilha — disse Beautrelet.

— Nem poderia — disse Ganimard, a porta de Aval esconde de nós toda a costa de Étretat e Yport. Mas veja, lá embaixo, ao largo, aquela linha preta, no nível da água…

— E então?

— Bem, essa é a nossa frota de guerra, torpedeiro n.º 25. Com isso, Lupin pode fugir… se quiser conhecer as paisagens submarinas.

Uma rampa marcava a abertura na escada, perto da fenda. Penetraram por ela. De vez em quando, uma pequena janela perfurava a parede da rocha e, a cada vez, eles viam a Agulha, cuja massa lhes parecia gradualmente mais colossal. Pouco antes de eles chegarem ao nível da água, as janelas pararam e fez-se a escuridão.

Isidore contava os degraus em voz alta. No degrau de número trezentos e cinquenta e oito, eles desembocaram num corredor mais amplo que

estava bloqueado por uma porta de ferro, reforçada com placas e pregos.

— Conhecemos isso — disse Beautrelet. — O documento nos dá o número 357 e um triângulo apontado para a direita. Só precisamos recomeçar a operação..

A segunda porta obedeceu como a primeira. Um túnel longo, muito longo, se apresentou, iluminado a intervalos regulares pelo brilho intenso de lanternas suspensas na abóbada. Os muros suavam água e gotas caíam no chão, de modo que, de uma ponta à outra, uma verdadeira calçada de tábuas fora disposta para facilitar a marcha.

— Estamos passando por baixo do mar — disse Beautrelet. — O senhor vem, Ganimard?

O inspetor se aventurou no túnel, seguiu a passarela de madeira e parou em frente a uma lanterna que tirou do gancho:

— Os utensílios talvez sejam da Idade Média, mas a iluminação é moderna. Esses cavalheiros usam mangas de incandescência.

Ele continuou seu caminho. O túnel terminava em outra gruta de proporções mais espaçosas, na qual se avistavam, em frente, os primeiros degraus de uma escada que subia.

— Agora, começa a subida da Agulha — disse Ganimard —, isso está ficando mais sério.

Mas um de seus homens o chamou.

— Chefe, há outra escada ali, à esquerda.

E, imediatamente depois, eles descobriram uma terceira, à direita.

— Droga — murmurou o inspetor —, a situação está ficando mais complicada. Se passarmos por aqui, eles vão fugir por lá.

— Vamos nos separar — propôs Beautrelet.

— Não, não… isso iria nos enfraquecer… É melhor se um de nós for como batedor.

— Eu posso ir, se o senhor quiser.

— Pode ser, Beautrelet. Vou ficar com meus homens… assim, não teremos nada a temer. Pode haver outros caminhos além daquele que seguimos na falésia, e vários caminhos também através da Agulha. Mas, com certeza, entre a falésia e a Agulha, não há outra comunicação senão o túnel. Portanto, temos de passar por essa gruta. Assim, vou me instalar lá até o seu retorno. Vá, Beautrelet, e tome cuidado… Ao menor alerta, volte…

Isidore desapareceu rapidamente na escada do meio. No trigésimo degrau, uma porta, uma verdadeira porta de madeira o deteve. Ele girou a maçaneta. Não estava fechada.

Entrou em uma sala que lhe pareceu muito baixa, tão imensa era ela. Iluminada por lâmpadas fortes, sustentada por pilares achatados, entre os quais se abriam profundas perspectivas, ela devia ter quase as mesmas dimensões da Agulha. Estava atulhada de caixas e de uma infinidade de objetos, móveis, assentos, baús, aparadores, estojos, toda uma confusão de coisas como se vê no porão de antiquários. À sua direita e à sua esquerda, Beautrelet viu a abertura de duas escadas, sem dúvida as mesmas que partiam da gruta inferior. Então ele poderia ter descido de volta e avisado Ganimard. Mas, à sua frente, uma nova escada subia, e ele teve a curiosidade de prosseguir sozinho em suas investigações.

Mais trinta degraus. Uma porta, depois uma sala um pouco menor, pareceu a Beautrelet. E sempre, em frente, uma escada que subia.

Mais trinta degraus. Uma porta! Uma sala menor…

Beautrelet entendeu o plano das obras realizadas no interior da Agulha. Era uma série de salas sobrepostas umas às outras e, consequentemente, cada vez mais exíguas. Todas eram usadas como depósitos.

Na quarta, não havia mais lâmpada. Um pouco de luz do dia filtrava-se pelas fendas e Beautrelet avistou o mar cerca de dez metros abaixo dele.

Naquele momento, sentiu-se tão distante de Ganimard que uma certa angústia começou a invadi-lo, e ele teve de controlar os nervos para não fugir a toda velocidade. Nenhum perigo o ameaçava, entretanto, e mesmo ao seu redor o silêncio era tal que ele se perguntou se a Agulha inteira não tinha sido abandonada por Lupin e por seus cúmplices.

"No próximo andar", disse a si mesmo, "eu vou parar."

Trinta degraus, sempre, depois uma porta, esta mais leve, mais moderna na aparência. Ele a empurrou suavemente, pronto para fugir. Ninguém. Mas a sala era diferente das outras quanto ao uso. Nas paredes, tapeçarias, no chão, tapetes. Dois magníficos aparadores estavam frente a frente, carregados de ourivesaria. As pequenas janelas, cortadas nas fendas estreitas e profundas, eram guarnecidas de vidraças.

No meio da sala, uma mesa ricamente servida com uma toalha de renda, compoteiras de frutas e bolos, champanhe em garrafas, e flores, montes de flores.

Em torno da mesa, três lugares postos.

Beautrelet aproximou-se. Sobre os guardanapos, havia cartões com os nomes dos convivas.

Leu o primeiro: "Arsène Lupin".

À frente deste: "Senhora Arsène Lupin".

Pegou o terceiro cartão e estremeceu de espanto. Este tinha seu nome: "Isidore Beautrelet".

---

[10] *As origens de Étretat*. No final, o Padre Cochet parece concluir que as duas letras são iniciais de um transeunte. As revelações que trazemos demonstram o erro de tal suposição. (N.T.)

[11] Medida equivalente a quase dois metros. (N.T.)

O tesouro dos reis da França

Uma cortina se abriu.

— Olá, meu caro Beautrelet, está um pouco atrasado. O almoço estava marcado para o meio-dia. Mas, enfim, alguns minutos a mais… Então o que há? Não me reconhece? Estou tão mudado?

No decorrer de sua luta contra Lupin, Beautrelet se deparara com muitas surpresas, e ainda esperava, na hora do desfecho, passar por muitas outras emoções, mas dessa vez o choque foi imprevisto. Não era espanto, mas estupor, pânico.

O homem que tinha à sua frente, o homem que toda a força brutal dos acontecimentos o obrigava a considerar como Arsène Lupin, esse homem era Valméras. Valméras, o proprietário do castelo da Agulha. Valméras, o mesmo a quem ele tinha pedido ajuda contra Arsène Lupin. Valméras, seu companheiro de expedição em Crozant. Valméras, o amigo corajoso que tornara possível a fuga de Raymonde ao golpear ou fingir golpear, na sombra do vestíbulo, um cúmplice de Lupin!

— Você… você… Então era você! — ele gaguejou.

— E por que não? — exclamou Lupin. — Você achava que me conhecia definitivamente porque me tinha visto sob os traços de um sacerdote ou sob a aparência do senhor Massiban? Ai de mim! Quando alguém escolheu a situação social que ocupo, tem de fazer bom uso de seus pequenos talentos sociais. Se Lupin não podia ser, a seu bel-prazer, pastor da Igreja Reformada e membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras, seria desesperador ser Lupin. Ora, Lupin, o verdadeiro Lupin, Beautrelet, aqui está ele! Olhe com todos os seus olhos, Beautrelet…

— Mas então… se é você… então… a senhorita…

— Sim, Beautrelet, você disse…

Ele afastou a cortina novamente, fez um sinal e anunciou:

— A senhora Arsène Lupin.

— Ah! — murmurou o jovem apesar de tudo confuso… — A senhorita de Saint-Véran.

— Não, não — protestou Lupin —, a senhora Arsène Lupin ou, se preferir, a senhora Louis Valméras, minha esposa oficialmente casada, de acordo com os mais rigorosos trâmites legais. E graças a você, meu caro Beautrelet.

Ele lhe estendeu a mão.

— Meus melhores agradecimentos… e, espero, sem rancores da sua parte.

Estranhamente, Beautrelet não experimentava nenhum rancor. Nenhum sentimento de humilhação. Nenhuma amargura. Sentia tão fortemente a enorme superioridade de seu adversário que não enrubescia por ter sido derrotado por ele. Apertou a mão que lhe era oferecida.

— O almoço está servido.

Um criado tinha colocado uma bandeja cheia de comida na mesa.

— Você vai nos desculpar, Beautrelet, meu cozinheiro está de folga e vamos ter que comer a comida fria.

Beautrelet não tinha nenhuma vontade de comer. Ele se sentou, no entanto, prodigiosamente interessado na atitude de Lupin. O que exatamente ele sabia? Dava-se conta do perigo que realmente estava correndo? Ignorava a presença de Ganimard e de seus homens?… E Lupin continuava:

— Sim, graças a você, meu caro amigo. Certamente, Raymonde e eu nos apaixonamos no primeiro dia. Perfeitamente, meu pequeno… O sequestro de Raymonde, seu cativeiro, as histórias inventadas: nós nos amávamos… Mas nem ela nem eu, aliás, quando ficamos livres para nos amarmos, pudemos admitir que se estabelecesse entre nós um daqueles laços passageiros que estão à mercê do acaso. A situação era, portanto, insolúvel para Lupin. Mas não era se eu voltasse a ser o Louis Valméras que não deixei de ser desde a minha infância. Foi então que tive a ideia, já que você não desistia e havia encontrado o castelo da Agulha, de me aproveitar de sua obstinação.

— E de minha ingenuidade.

— Ora, quem não teria sido enganado?

— De sorte que foi com minha cobertura, com meu apoio, que você conseguiu ter sucesso?

— É claro! Como alguém poderia suspeitar que Valméras era Lupin, já que Valméras era amigo de Beautrelet e acabara de arrebatar de Lupin aquela que Lupin amava? E foi adorável. Oh! As lindas lembranças! A expedição para Crozant! Os buquês de flores encontrados: minha dita carta de amor para Raymonde! E, mais tarde, as precauções que eu, Valméras, tive de tomar contra mim mesmo, Lupin, antes do meu casamento! E, na noite do seu famoso banquete, quando você desmaiou em meus braços! As lindas lembranças!…

Houve um silêncio. Beautrelet observou Raymonde. Ela ouvia Lupin sem dizer uma palavra, e o mirava com um olhar em que havia amor, paixão e algo mais, que o jovem não teria sido capaz de definir, uma espécie de perturbação inquieta e uma tristeza confusa. Mas Lupin voltou os olhos para ela e ela lhe sorriu ternamente. Por sobre a mesa, suas mãos se juntaram.

— O que você acha de minha pequena instalação, Beautrelet? — exclamou Lupin. — Tem estilo, não é? Não pretendo que seja a última palavra em conforto… No entanto, alguns ficaram satisfeitos com ela, e não foram pessoas de pouca importância… Veja a lista de alguns personagens que foram donos da Agulha e que tiveram a honra de deixar nela a marca de sua passagem.

Nas paredes, uma abaixo da outra, estas palavras estavam gravadas:

César. Carlos Magno. Roll. Guilherme, o Conquistador. Ricardo, rei da Inglaterra. Luís XI. Francisco. Henrique IV. Luís XIV. Arsène Lupin.

— Quem vai se registrar agora? — ele retomou. — Que pena! A lista está fechada. De César a Lupin, e pronto. Em breve, será a multidão anônima que virá visitar a estranha cidadela. E pensar que, sem Lupin, tudo isso permanecia para sempre desconhecido dos homens. Ah, Beautrelet, no dia em que pus os pés neste solo abandonado, que sensação de orgulho! Encontrar o segredo perdido, tornar-se seu mestre, o único mestre! Herdeiro de tal herança! Depois de tantos reis, habitar a Agulha!…

Um gesto da esposa o interrompeu. Ela parecia muito agitada.

— Um barulho — ela disse… — Um barulho abaixo de nós… Está ouvindo…

— É o marulho — disse Lupin.

— Não… não… O som das ondas, eu o conheço… é outra coisa…

— O que você quer que seja, minha cara amiga — disse Lupin, rindo. — Só convidei Beautrelet para almoçar.

E, dirigindo-se ao criado:

— Charolais, você fechou as portas das escadas após a passagem do senhor Beautrelet?

— Sim, e coloquei os ferrolhos.

Lupin se levantou:

— Venha, Raymonde, não trema assim… Ah, mas você está muito pálida!

Ele falou algumas palavras em voz baixa para ela e para o criado, levantou a cortina e fez com que os dois saíssem.

Embaixo, o barulho ficava mais claro. Eram pancadas abafadas que se repetiam em intervalos iguais. Beautrelet pensou:

"Ganimard perdeu a paciência e está arrombando as portas".

Muito calmo, e como se realmente não tivesse ouvido absolutamente nada, Lupin continuou:

— Por exemplo, a Agulha estava muito danificada quando consegui descobri-la! Era óbvio que ninguém tinha possuído o segredo havia um século, desde Luís XVI e da Revolução. O túnel ameaçava desabar. As escadas estavam se desfazendo. A água estava fluindo para dentro. Tive de escorar, consolidar, reconstruir.

Beautrelet não pôde deixar de dizer:

— Quando chegou, ela estava vazia?

— Quase. Os reis não devem ter usado a Agulha, como eu fiz, como depósito…

— Como refúgio, então?

— Sim, sem dúvida, na época das invasões, na época das guerras civis, também. Mas seu verdadeiro destino era ser… como devo dizer? O cofre-forte dos reis da França.

Os golpes redobravam, menos surdos agora. Ganimard devia ter quebrado a primeira porta, e estava atacando a segunda.

Um silêncio, depois outros golpes ainda mais próximos. Era a terceira porta. Restavam duas.

Por uma das janelas, Beautrelet viu os barcos singrando em torno da Agulha e, não longe dali, flutuando como um grande peixe preto, o torpedeiro.

— Que barulho! — exclamou Lupin —, não conseguimos nos ouvir! Vamos subir, sim? Talvez você vá se interessar em visitar a Agulha.

Eles foram para o andar acima, defendido, como os outros, por uma porta, que Lupin fechou atrás de si.

— Minha galeria de pinturas — disse ele.

As paredes eram cobertas por telas, onde Beautrelet leu imediatamente as assinaturas mais famosas. Havia o *Virgin e Agnus Dei*, de Rafael, o *Retrato de Lucrezia Fede*, de Andrea del Sarto; a *Salomé*, de Ticiano; a *Virgem e os Anjos*, de Botticelli; e telas de Tintoreto, Carpaccio, Rembrandt, Vélasquez.

— Lindas cópias! — aprovou Beautrelet…

Lupin olhou-o com espanto:

— Quê? Cópias!? Você está louco ! As cópias estão em Madri, meu caro, em Florença, em Veneza, em Munique, em Amsterdã.

— Então estas?…

— Estas são as telas originais, recolhidas com paciência em todos os museus da Europa, onde honestamente as substituí por excelentes cópias.

— Mas… qualquer dia desses…

— Qualquer dia desses a fraude será descoberta? Pois bem, você encontrará minha assinatura em cada uma das telas — por trás — e saberá que fui eu quem dotou meu país de obras-primas originais. Afinal, só fiz o que Napoleão fez na Itália… Ah! Aqui, Beautrelet, aqui estão os quatro Rubens do senhor de Gesvres…

As pancadas não paravam no oco da Agulha.

— Não dá para aguentar isso! — disse Lupin. — Vamos subir de novo.

Mais uma escada. Mais uma porta.

— A sala das tapeçarias — Lupin anunciou.

Não estavam suspensas, mas enroladas, amarradas, etiquetadas e misturadas, aliás, com pacotes de tecidos antigos, que Lupin desdobrou: brocados maravilhosos, veludos admiráveis, sedas suaves em tons desbotados, casulas, tecidos de ouro e de prata…

Subiram de novo e Beautrelet viu a sala dos relógios e pêndulos, a sala dos livros (que magníficas encadernações e preciosos volumes que não

podiam ser encontrados, exemplares únicos roubados de grandes bibliotecas!), a sala das rendas, a sala dos bibelôs.

E, a cada vez o círculo da sala diminuía. E, a cada vez, agora, o som das pancadas se distanciava. Ganimard estava perdendo terreno.

— A última — disse Lupin —, a sala do tesouro.

Esta era bem diferente. Redonda, também, mas muito alta, de formato cônico, ocupava o topo do edifício, e sua base devia estar a quinze ou vinte metros da ponta extrema da Agulha.

Do lado da falésia, nenhuma claraboia. Mas, em direção ao mar, como não se precisava temer nenhum olhar indiscreto, abriam-se dois recortes envidraçados, pelos quais entrava luz em abundância. O chão era coberto por um piso de madeira rara, com desenhos concêntricos. Contra as paredes, vitrines, algumas pinturas.

— As pérolas de minhas coleções — disse Lupin. — Tudo o que você viu até agora está à venda. Objetos se vão, outros chegam. Isso faz parte do trabalho. Aqui, neste santuário, tudo é sagrado. Nada que não seja de escol, o essencial, o melhor do melhor, o inestimável. Veja essas joias, Beautrelet, amuletos caldeus, colares egípcios, braceletes celtas, correntes árabes… Veja essas estatuetas, Beautrelet, essa Vênus grega, esse Apolo de Corinto… Veja só essas tânagras, Beautrelet! Todas as verdadeiras tânagras estão aqui. Fora desta vitrine, não há uma única no mundo que seja autêntica. Que prazer dizer isso a si mesmo! Beautrelet, você se lembra dos saqueadores de igrejas no Sul, o bando de Thomas e companhia, agentes meus, diga-se de passagem. Pois bem, aqui está o relicário de Ambazac, o verdadeiro, Beautrelet! Você se lembra do escândalo do Louvre, a tiara reconhecida como falsa, imaginada, feita por um artista moderno… Aqui está a tiara de Saitaferne, a verdadeira, Beautrelet! Olhe, olhe bem, Beautrelet! Aqui está a maravilha das maravilhas, a obra suprema, o pensamento de um deus, aqui está a *Monalisa* de Da Vinci, a verdadeira. De joelhos, Beautrelet, a mulher inteira está na sua frente!

Houve um longo e compreensível silêncio entre eles. Embaixo, as pancadas estavam se aproximando. Duas ou três portas, não mais, os separavam de Ganimard.

No mar, era possível ver a parte traseira preta do torpedeiro e os barcos que passavam. O jovem perguntou:

— E o tesouro?

— Ah! meu pequeno, isso é o que mais te interessa! Todas essas obras-primas da arte humana, não é? Não valem, para sua curiosidade, a contemplação do tesouro… E toda a multidão será como você! Vamos, se satisfaça!

Bateu o pé com violência, fazendo se movimentar dessa maneira um dos discos que compunham o assoalho, e, erguendo-o como a tampa de uma caixa, expôs uma espécie de tina, toda redonda, escavada na rocha. Estava vazia. Um pouco mais adiante, ele executou a mesma manobra. Outra tina apareceu. Também vazia. Mais três vezes ele recomeçou. As outras três tinas estavam vazias.

— Hein! Que decepção — zombou Lupin. — Sob Luís XI, sob Henrique IV, sob Richelieu, as cinco cubas deviam estar cheias. Mas pense em Luís XIV, na loucura de Versalhes, nas guerras, nos grandes desastres do reino! E pense em Luís XV, o rei pródigo, na Pompadour, na Du Barry! O que devem ter tirado daqui! Com que unhas em forma de gancho devem ter arranhado a pedra! Você vê, mais nada…

Ele parou:

— Sim, Beautrelet, tem mais uma coisa, o sexto esconderijo! Ele permaneceu intangível. Nenhum deles ousou jamais tocá-lo. Era o recurso supremo… vamos dizer, o último tostão. Olhe, Beautrelet.

Ele se abaixou e levantou a tampa. Um pequeno cofre de ferro enchia a tina. Lupin tirou do bolso uma chave de formato e ranhuras complicadas e o abriu.

Foi um deslumbramento. Todas as pedras preciosas brilhavam, todas as cores resplandeciam, o azul das safiras, o fogo dos rubis, o verde das esmeraldas, o sol dos topázios.

— Olhe, olhe, pequeno Beautrelet. Eles devoraram todas as moedas de ouro, todas as moedas de prata, todas os escudos, e todos os ducados, e todos os dobrões, mas o cofre das pedras preciosas está intacto! Olhe os engastes. Existem exemplos de todas as épocas, de todos os séculos, de todos os países. Os dotes das rainhas estão aí. Cada uma trouxe sua parte, Margarida da Escócia e Carlota da Saboia, Maria da Inglaterra e Catarina de Médici e todas as arquiduquesas da Áustria, Eleonora, Isabel, Maria Teresa, Maria Antonieta… Olhe essas pérolas, Beautrelet! E esses diamantes, a enormidade desses diamantes! Não há nenhum deles que não seja digno de uma imperatriz! O regente da França não é mais bonito!

Ele se levantou e estendeu a mão em sinal de juramento:

— Beautrelet, você vai contar ao universo que Lupin não pegou uma única das pedras que estavam no cofre real, nenhuma, juro pela minha honra! Eu não tinha o direito de fazer isso. Era a fortuna da França…

Embaixo, Ganimard se apressava. Pelas repercussões das batidas, era fácil julgar que estavam atacando a penúltima porta, aquela que dava acesso à sala dos bibelôs.

— Vamos deixar o cofre aberto — disse Lupin —, todas as tinas também, todos esses sepulcros vazios…

Ele caminhou ao redor da sala, examinou algumas vitrines, contemplou algumas pinturas e, andando, com ar pensativo:

— Como é triste deixar tudo isso! Que sofrimento! Minhas melhores horas, eu as passei aqui, sozinho diante desses objetos que adorava… E meus olhos não os verão mais e minhas mãos não os tocarão mais.

Havia uma expressão tão cansada em seu rosto contraído que Beautrelet experimentou uma piedade confusa. A dor naquele homem devia assumir proporções maiores que em outro, assim como a alegria, assim como o orgulho ou a humilhação.

Perto da janela, agora, com o dedo estendido em direção ao horizonte, ele dizia:

— O que é mais triste ainda é aquilo, tudo aquilo a que devo renunciar. É bonito? O mar imenso… o céu… À direita e à esquerda, as falésias de Étretat, com suas três portas, a porta de Amont, a porta de Aval, a Manneporte… Tantos arcos de triunfo para o mestre… E o mestre era eu! Rei da aventura! Rei da Agulha Oca! Reino estranho e sobrenatural! De César a Lupin… Que destino!

Ele começou a rir.

— Rei de fantasia? E por que isso? Digamos logo rei de Yvetot! Que bobagem! Rei do mundo, sim, essa é a verdade! Dessa ponta da Agulha, eu dominava o universo, eu o segurava em minhas garras como uma presa! Levante a tiara de Saitapharnes, Beautrelet… Você vê esse duplo aparelho telefônico… À direita, é a comunicação com Paris, linha especial. À esquerda, com Londres, linha especial. Por meio de Londres, tenho a América, tenho a Ásia, tenho a Austrália! Em todos esses países, tenho escritórios, agentes de vendas, receptadores. É o tráfico internacional. É o grande mercado de arte e de antiguidades, a feira mundial. Ah! Beautrelet,

há momentos em que meu poder vira minha cabeça. Estou bêbado de força e autoridade…

A porta embaixo cedeu. Ganimard e seus homens foram ouvidos correndo e procurando… Depois de um momento, Lupin continuou, em voz baixa:

— E agora acabou… Uma garotinha passou, com cabelos loiros, lindos olhos tristes, e uma alma honesta, sim, honesta, e acabou… Eu mesmo demoli o formidável edifício… tudo o mais me parece absurdo e infantil… só o cabelo dela conta… seus olhos tristes… e sua pequena alma honesta.

Os homens subiam as escadas. Uma pancada abalou a porta, a última… Lupin agarrou bruscamente o braço do jovem.

— Você entende, Beautrelet, por que lhe deixei o campo livre, quando tantas vezes, há semanas, poderia tê-lo esmagado? Você entende que você conseguiu chegar aqui? Você entende que dei a cada um dos meus homens sua parte do saque e que você os encontrou na outra noite na falésia? Você entende isso, não é? A Agulha Oca é a Aventura. Enquanto ela for minha, continuo sendo o Aventureiro. Com a Agulha sendo tomada, todo o passado se desprende de mim, é o futuro que começa, um futuro de paz e felicidade em que não vou mais enrubescer quando os olhos de Raymonde me olharem, um futuro…

Ele se virou furioso para a porta:

— Mas cale a boca, Ganimard, ainda não terminei meu discurso!

As pancadas se tornavam mais rápidas. Podia-se dizer que era o choque de uma viga projetada contra a porta. Em pé em frente a Lupin, Beautrelet, dominado pela curiosidade, aguardava os acontecimentos, sem entender o comportamento de Lupin. Que ele tivesse entregado a Agulha, sim, mas por que estava se entregando? Qual era seu plano? Ele esperava escapar de Ganimard? E por outro lado, onde estava Raymonde?

Lupin, no entanto, murmurava pensativamente:

— Honesto… Arsène Lupin honesto… Chega de roubar… Viver a vida como qualquer um… E por que não? Não há razão para eu não ter o mesmo sucesso… Mas então me deixe em paz, Ganimard! Você não sabe, então, triplo idiota, que estou falando palavras históricas, e que Beautrelet as recolhe para nossos netos!

Ele começou a rir:

— Estou perdendo meu tempo. Ganimard nunca compreenderá a utilidade de minhas palavras históricas.

Ele pegou um pedaço de giz vermelho, aproximou um banco da parede e escreveu em letras grandes:

Arsène Lupin deixa todos os tesouros da Agulha Oca para a França, com a única condição de que esses tesouros sejam instalados no Museu do Louvre, em salas que levarão o nome de "Salas Arsène Lupin".

— Agora — disse ele, — minha consciência está em paz. A França e eu estamos quites.

Os agressores batiam com toda a força. Um dos painéis foi rasgado. A mão de alguém passou por ele procurando pela fechadura.

— Droga — disse Lupin —, Ganimard é capaz de alcançar seu objetivo, por uma única vez.

Ele pulou na fechadura e retirou a chave.

— Caia fora, meu velho, essa porta é sólida… Eu tenho muito tempo… Beautrelet, eu me despeço de você… E obrigado!… Porque você realmente poderia ter complicado o ataque para mim… Mas você é gentil!

Ele havia se movido em direção a um grande tríptico de Van den Weiden, que representava os Reis Magos. Fechou a veneziana certa e revelou uma pequena porta, da qual agarrou a maçaneta.

— Boa caça, Ganimard, e lembranças aos seus!

Um tiro ecoou. Ele saltou para trás.

— Ah, canalha, bem no coração! Então você teve aulas? Maldito rei mago! No coração ! Despedaçado como um cachimbo no parque de diversões…

— Renda-se, Lupin! — gritou Ganimard, cujo revólver surgia do painel quebrado e cujos olhos brilhantes podiam ser vistos… Renda-se, Lupin!

— E a guarda, ela se rende?

— Se você se mover, eu o queimo…

— Vamos lá, você não pode me tirar daqui!

Na verdade, Lupin havia se afastado, e se Ganimard, através da brecha aberta na porta, podia atirar bem na sua frente, em contrapartida ele não podia atirar nem mirar especialmente no lado onde Lupin estava… A situação deste não era menos terrível, já que a saída com a qual contava, a portinha do tríptico, se abria diante de Ganimard. Tentar escapar era se expor ao fogo do policial… e havia cinco balas no revólver.

— Droga — disse ele rindo —, minhas ações estão em baixa. Muito bem, meu velho Lupin, você queria ter uma última sensação e esticou demais a corda. Não deveria falar tanto.

Ele se achatou contra a parede. Sob os esforços dos homens, mais uma parte do painel tinha cedido e Ganimard estava mais à vontade. Três metros, não mais, separavam os dois adversários. Mas uma vitrine de madeira dourada protegia Lupin.

— Ajude-me, então, Beautrelet — gritou o velho policial, que urrava de raiva… — Atire nele, em vez de ficar olhando desse jeito!

De fato, Isidore não havia se mexido, um espectador apaixonado, mas indeciso até então. Com todas as suas forças, ele teria gostado de se juntar à luta e abater a presa que tinha à sua mercê. Um sentimento obscuro o impedia de fazer isso.

O apelo de Ganimard o sacudiu. Sua mão apertou a coronha do revólver.

"Se eu tomar partido", pensou, "Lupin está perdido… e eu tenho o direito… é meu dever…"

Seus olhos se encontraram. Os de Lupin estavam calmos, atentos, quase curiosos, como se, no perigo terrível que o ameaçava, ele estivesse apenas interessado no problema moral que se apoderava do jovem. Isidore se decidiria a desferir o golpe final no inimigo vencido?… A porta cedeu de cima a baixo.

— Ajude-me, Beautrelet, nós o pegamos — gritou Ganimard.

Isidore ergueu seu revólver.

O que aconteceu foi tão rápido que ele só percebeu depois, por assim dizer. Ele viu Lupin se abaixar, correr ao longo da parede, passar rente à porta, abaixo da própria arma que Ganimard brandia em vão, e de repente ele, Beautrelet, se sentiu jogado ao chão, imediatamente agarrado e levantado por uma força invencível.

Lupin o segurou no ar, como um escudo vivo, atrás do qual se escondia.

— Dez contra um que consigo escapar, Ganimard! Com Lupin, você vê, sempre há um recurso…

Ele recuou rapidamente em direção ao tríptico. Segurando Beautrelet contra o peito com uma das mãos, com a outra abriu passagem e fechou a pequena porta. Ele estava salvo… Imediatamente, uma escada se abriu para eles, e ela descia abruptamente.

— Vamos — disse Lupin, empurrando Beautrelet na frente dele. — O exército está derrotado… Vamos cuidar da frota marítima francesa. Depois de Waterloo, Trafalgar… Você vai fazer o seu dinheiro valer a pena, hein, garoto!… Ah, que engraçado, ali estão eles atingindo o tríptico agora… Tarde demais, crianças… Mas fuja, Beautrelet…

A escada, esculpida na parede da Agulha em sua própria casca, envolvia toda a pirâmide, circundando-a como a espiral de um tobogã.

Um pressionando o outro, eles desceram os degraus dois a dois, três a três. Daqui e dali, um jato de luz esguichava por uma fenda, e Beautrelet tinha a visão dos barcos de pesca que se moviam a algumas dezenas de braças e do torpedeiro preto…

Eles desciam, desciam, desciam… Isidore em silêncio, Lupin sempre exuberante.

— Eu gostaria de saber o que Ganimard está fazendo? Será que está descendo as outras escadas para barrar minha entrada no túnel? Não, ele não é tão estúpido… Ele terá deixado quatro homens lá… e quatro homens são suficientes.

Ele parou:

— Ouça… eles estão gritando lá em cima… é isso, eles devem ter aberto a janela e estão chamando sua frota… Olhe, as pessoas estão se mexendo nos barcos… trocam sinais… o torpedeiro está se movendo… Bravo torpedeiro! Eu o reconheço, você vem de Le Havre… Canhoneiros, em seus postos… Droga, ali está o comandante… Olá, Duguay-Trouin.

Ele passou o braço por uma janela e acenou com o lenço. Então começou a andar novamente.

— A frota inimiga rema vigorosamente — disse ele. — A abordagem é iminente. Meu Deus, como estou me divertindo!

Ouviram o som de vozes abaixo deles. A essa altura, eles estavam se aproximando do nível do mar e quase imediatamente desembocaram em uma grande gruta em que duas lanternas iam e vinham em meio à escuridão. Uma sombra apareceu e uma mulher se jogou no pescoço de Lupin!

— Rápido! Rápido! Eu estava preocupada!… O que estava fazendo?… Mas você não está sozinho?…

Lupin a tranquilizou.

— É o nosso amigo Beautrelet… Imagine que nosso amigo Beautrelet teve a delicadeza… mas vou contar-lhe… não temos tempo… Charolais, você está aí?… Ah, bom! O barco?…

Charolais respondeu: "O barco está pronto".

— Ligue — Lupin disse.

Um instante depois, o barulho de um motor se fez ouvir, e Beautrelet, cujo olhar se acostumava aos poucos com a penumbra, acabou percebendo que estavam numa espécie de cais, à beira da água, e que à sua frente flutuava um barco.

— Um barco automóvel — Lupin disse, completando as observações de Beautrelet. — Ora, tudo isso o surpreende, meu velho Isidore… Você não entende?… Como a água que vocês veem não é outra senão a água do mar que se infiltra a cada maré nesta escavação, o resultado é que tenho ali um pequeno ancoradouro invisível e seguro…

— Mas fechado — objetou Beautrelet. — Ninguém pode entrar e ninguém pode sair.

— Pode sim — disse Lupin —, e vou lhe provar isso.

Ele começou por conduzir Raymonde e depois voltou para buscar Beautrelet. Este hesitou.

— Está com medo — disse Lupin.

— De quê?

— De ser totalmente afundado pelo torpedeiro?

— Não.

— Então você se pergunta se seu dever não é ficar do lado de Ganimard, da justiça, da sociedade, da moralidade, em vez de ir para o lado de Lupin, da vergonha, da infâmia, da desonra?

— Exatamente.

— Infelizmente, meu pequeno, você não tem escolha… Por enquanto, é preciso que acreditem que nós dois estamos mortos… e que me deem a paz que se deve dar a um futuro homem honesto. Mais tarde, quando eu tiver devolvido sua liberdade, você poderá falar à vontade… Não terei mais nada a temer.

Pela maneira como Lupin apertou seu braço, Beautrelet sentiu que qualquer resistência era inútil. E, aliás, por que resistir? Não tinha ele o direito de se render à irresistível simpatia que, apesar de tudo, aquele homem lhe inspirava? Esse sentimento era tão claro nele que tinha vontade

de dizer a Lupin:

"Escute, você corre outro perigo mais sério: Sholmes está no seu encalço…"

— Ande, venha — Lupin lhe disse antes que ele se decidisse a falar.

Ele obedeceu e deixou-se conduzir até o barco, cuja forma lhe parecia incomum e o aspecto completamente imprevisto.

Uma vez na ponte, eles desceram os degraus de uma pequena escada íngreme, mais exatamente uma escadinha, presa a um alçapão, que se fechou sobre eles.

Na parte inferior da escada, fortemente iluminada por uma lâmpada, havia um recanto de dimensões muito exíguas onde Raymonde já estava, e onde os três tinham exatamente o lugar para se sentar. Lupin pegou uma espécie de megafone e ordenou:

— Dê a partida, Charolais!

Isidore teve a desagradável impressão que se experimenta ao descer de elevador, a impressão do solo, do solo que cede debaixo dos pés. Desta vez, era a água que ia cedendo, e o vazio ia se abrindo, aos poucos…

— Ora, estamos afundando? — Lupin zombou. — Fique tranquilo… O tempo de ir da gruta superior onde estamos para uma pequena gruta localizada no fundo, meio aberta para o mar, e onde podemos entrar na maré baixa… Todos os catadores de conchas a conhecem… Ah, dez segundos de parada… passamos… e a passagem é estreita, apenas o tamanho do submarino…

— Mas — perguntou-se Beautrelet —, como é que os pescadores que entram na gruta por baixo não sabem que ela é furada no topo e se comunica com outra gruta de onde começa uma escada que atravessa a Agulha? A verdade está à disposição do primeiro que chegar.

— Errado, Beautrelet! A abóbada da pequena gruta pública é fechada, na maré baixa, por um teto móvel, da cor da rocha. Ao subir, o mar move esse teto e o eleva com ele; e, ao descer, o mar o recoloca hermeticamente sobre a pequena gruta. É por isso que, na maré alta, eu posso passar… Puxa, isso é engenhoso… Uma ideia minha… É verdade que nem César nem Luís XIV, enfim, que nenhum dos meus antepassados poderia tê-la tido, já que não dispunham do submarino… Eles se davam por satisfeitos com a escada que descia para a pequena gruta no fundo… Já eu tirei os últimos degraus e imaginei esse teto móvel. Um presente que estou dando

para a França… Raymonde, minha querida, apague a lâmpada do seu lado… não precisamos mais dela… pelo contrário.

De fato, uma luz pálida, que parecia da própria cor da água, os havia saudado quando saíram da gruta e entrava na cabine pelas duas vigias das quais era munida e por uma grande calota de vidro que se projetava do chão da ponte e permitia inspecionar as camadas superiores do mar.

E imediatamente uma sombra caiu sobre eles.

— O ataque vai acontecer. A frota inimiga cerca a Agulha… Mas por mais oca que esta Agulha seja, eu me pergunto como eles vão entrar nela…

Ele pegou o megafone:

— Não vamos emergir ainda, Charolais… Para onde vamos? Mas eu lhe disse… Para Port-Lupin… e a toda velocidade, hein? É preciso que haja água para atracar… temos uma senhora conosco.

Eles roçavam a planície de rochas. As algas, levantadas, erguiam-se como uma vegetação negra e densa, e as correntes profundas as faziam ondular graciosamente, relaxar e se alongar como cabelos esvoaçantes. Mais uma sombra, mais longa…

— É o torpedeiro — disse Lupin —, o canhão vai se fazer ouvir… O que Duguay-Trouin fará? Irá bombardear a Agulha? O que estamos perdendo, Beautrelet, por não comparecer ao encontro de Duguay-Trouin e Ganimard! A reunião das forças terrestres e das forças navais!… Ei, Charolais! Estamos dormindo…

Na verdade, estavam fugindo rápido. Os campos de areia haviam sucedido aos rochedos, então eles viram quase imediatamente outros rochedos, que marcavam a ponta direita de Étretat, a porta de Amont. Os peixes fugiam quando eles se aproximavam. Um deles, mais ousado, grudou-se à vigia e olhava para eles com seus olhos grandes, imóveis e fixos.

— Agora sim, estamos avançando — gritou Lupin… — O que diz da minha casca de noz, Beautrelet? Nada mal, não é?… Você se lembra da aventura do Sept-de-cœur[12], o miserável fim do engenheiro Lacombe, e como, após ter punido seus assassinos, ofereci ao Estado seus papéis e planos para a construção de um novo submarino… mais um presente para a França. Pois é! Entre esses planos, eu havia guardado os de um barco a motor submersível, e é assim que você tem a honra de navegar em minha companhia…

Ele chamou Charolais.

— Leve-nos para cima, não há mais perigo…

Eles saltaram para a superfície e a calota de vidro emergiu… Estavam a um quilômetro e meio da costa, portanto, fora de vista, e Beautrelet agora podia ter uma ideia melhor da velocidade vertiginosa com que avançavam.

Fécamp passou primeiro na frente deles, depois todas as praias normandas, Saint-Pierre, Les Petites-Dalles, Veulettes, Saint-Valéry, Veules, Quiberville.

Lupin brincava sempre, e Isidore nunca se cansava de olhar para ele e de ouvi-lo, maravilhado com a verve daquele homem, sua animação, seu jeito de criança, seu descuido irônico, sua alegria de viver.

Ele também observava Raymonde. A jovem permanecia em silêncio, apertada contra aquele que ela amava. Ela tomara suas mãos entre as dela e muitas vezes erguera os olhos para ele, e em várias ocasiões Beautrelet notou que suas mãos se crispavam um pouco e que a tristeza de seus olhos se acentuava. E, a cada vez, era como uma resposta muda e dolorosa aos gracejos de Lupin. Dir-se-ia que essa leveza de palavras, essa visão sarcástica da vida, lhe causavam sofrimento.

— Cale a boca — murmurava ela —, rir é desafiar o destino… Muitos infortúnios ainda podem nos sobrevir!

Em frente a Dieppe, tiveram de mergulhar para não serem avistados pelos barcos de pesca. E, vinte minutos depois, eles desviaram em direção à costa, e o barco entrou em um pequeno porto subaquático formado por um corte irregular entre as rochas, parou ao lado de um molhe e subiu suavemente à superfície.

— Port-Lupin — anunciou Lupin.

O local, situado a cinco léguas de Dieppe, a três léguas de Le Tréport, protegido à direita e à esquerda por dois desmoronamentos de falésia, era absolutamente deserto. Uma areia fina cobria as encostas da pequena praia.

— Para a terra, Beautrelet… Raymonde, dê-me sua mão… Você, Charolais, volte para a Agulha para ver o que está acontecendo entre Ganimard e Duguay-Trouin, e venha me dizer no final do dia. Esse caso me apaixona!

Beautrelet se perguntava com certa curiosidade como iriam sair daquela enseada aprisionada que se chamava Port-Lupin, quando notou uma escada de ferro logo no sopé da falésia.

— Isidore — disse Lupin —, se você conhecesse sua geografia e sua história, saberia que estamos no fundo do desfiladeiro de Parfonval, na comuna de Biville. Há mais de um século, na noite de 23 de agosto de 1803, Georges Cadoudal e seis cúmplices, desembarcados na França com a intenção de sequestrar o primeiro cônsul Bonaparte, subiram ao topo pelo caminho que vou lhes mostrar. Desde então, deslizamentos de terra demoliram esse caminho. Mas Valméras, mais conhecido pelo nome de Arsène Lupin, mandou restaurá-lo às suas próprias custas, e comprou a fazenda Neuvillette, onde os conspiradores passaram sua primeira noite, e onde, retirado dos negócios, desinteressado das coisas deste mundo, ele vai viver, com sua mãe e sua esposa, a respeitável vida de um fidalgo de província. O cavalheiro-ladrão está morto, viva o cavalheiro-fazendeiro!

Depois da escada, havia uma espécie de estrangulamento, uma ravina íngreme escavada pela água da chuva e no fundo da qual era possível se agarrar a um simulacro de escada guarnecido de um corrimão. Como Lupin explicou, esse corrimão havia sido colocado no lugar da *estamperche*, longa corda presa a estacas que os locais outrora usavam para descer até a praia… Meia hora de subida e eles desembocaram no planalto, não muito longe de uma dessas cabanas escavadas em pleno solo, e que servem de abrigo para os oficiais da alfândega do litoral. E precisamente, na curva do caminho, um funcionário da alfândega apareceu.

— Nada de novo, Gomel? — lhe disse Lupin.

— Nada, chefe.

— Ninguém suspeito?

— Não, chefe… porém…

— O quê?

— Minha esposa… que é costureira em La Neuvillette…

— Sim, sei… Césarine… Então?

— Parece que um marinheiro estava rondando esta manhã todo o vilarejo.

— Como era a cabeça desse marinheiro?

— Não natural… Uma cabeça de inglês.

— Ah! — disse Lupin preocupado… — E você deu ordens para Césarine…

— Para ficar de olho, sim, chefe.

— Ótimo. Fique atento à volta de Charolais, que deve acontecer daqui a duas, três horas… Se houver alguma coisa, estou na fazenda.

Ele retomou seu caminho e disse a Beautrelet:

— Isso é preocupante… Seria Sholmes? Ah, se for ele, exasperado como deve estar, pode-se temer tudo.

Ele hesitou por um momento:

— Eu me pergunto se não deveríamos voltar… Sim, estou com maus pressentimentos…

Planícies ligeiramente onduladas se estendiam a perder de vista. Um pouco à esquerda, belas alamedas com árvores levavam à fazenda Neuvillette, da qual já era possível ver as construções… Era o retiro que ele havia preparado, o asilo de descanso prometido a Raymonde. Acaso ele ia, por causa de ideias absurdas, renunciar à felicidade no mesmo instante em que alcançava a meta?

Segurou o braço de Isidore, mostrando-lhe Raymonde, que os precedia:

— Olhe para ela. Quando ela anda, sua cintura faz um leve balanço que não consigo ver sem tremer… Mas tudo nela me dá esse tremor de emoção e de amor, tanto seus gestos quanto sua quietude, tanto seu silêncio quanto o som de sua voz. Veja, o simples fato de andar sobre o rastro de seus passos me traz um verdadeiro bem-estar. Ah, Beautrelet, ela vai esquecer que um dia eu fui Lupin? Todo esse passado que ela odeia, vou conseguir apagá-lo de sua memória?

Ele se controlou e, com obstinada segurança:

— Ela vai esquecer! — ele afirmou. — Vai esquecer porque fiz todos os sacrifícios por ela. Sacrifiquei o refúgio inviolável da Agulha Oca, sacrifiquei meus tesouros, meu poder, meu orgulho… Vou sacrificar tudo… Não quero ser mais nada… nada mais que um homem que ama… um homem honesto, pois ela só pode amar um homem honesto… Afinal, o que me custa ser honesto? Não é mais desonroso que qualquer outra coisa…

A piada lhe escapou, por assim dizer, sem que ele percebesse. Sua voz permaneceu séria e sem ironia. E ele murmurou com violência contida:

— Ah, você vê, Beautrelet, de todas as alegrias desenfreadas que experimentei em minha vida aventureira, não há uma que valha a alegria que seu olhar me dá quando está feliz comigo… Eu me sinto muito fraco então… e tenho vontade de chorar…

Ele estava chorando? Beautrelet intuiu que lágrimas molhavam seus olhos. Lágrimas nos olhos de Lupin! Lágrimas de amor!

Eles estavam se aproximando de um velho portão que servia de entrada para a fazenda. Lupin parou por um segundo e gaguejou:

— Por que estou com medo?… É como uma opressão… Será que a aventura da Agulha Oca não acabou? Será que o destino não aceita o desfecho que escolhi?

Raymonde se virou, bastante preocupada.

— Lá está Césarine. Ela vem correndo…

De fato, a esposa do oficial da alfândega chegava da fazenda a toda pressa. Lupin precipitou-se ao seu encontro:

— O que há? O que está acontecendo? Fale!

Sufocada, sem fôlego, Césarine gaguejou:

— Um homem… Vi um homem na sala de estar.

— O inglês desta manhã?

— Sim… mas disfarçado de outra forma…

— Ele a viu?

— Não. Ele viu sua mãe. A senhora Valméras o surpreendeu quando ele estava indo embora.

— Então?

— Ele lhe disse que estava procurando por Louis Valméras, que ele era seu amigo.

— Então?

— Então a senhora respondeu que seu filho estava viajando… por alguns anos…

— E ele foi embora?…

— Não. Ele acenou pela janela olhando para a planície… como se chamasse alguém.

Lupin parecia hesitar. Um grito alto rasgou o ar. Raymonde gemeu:

— É sua mãe… eu reconheço…

Lupin lançou-se sobre ela e a arrastou num impulso de paixão feroz:

— Venha… vamos fugir… você primeiro…

Mas parou imediatamente, perplexo, perturbado.

— Não, não posso… é abominável… Perdoe-me… Raymonde… a pobre mulher ali… Fique aqui… Beautrelet, não a deixe.

Ele disparou ao longo do barranco que circunda a fazenda, virou-se e seguiu-o, correndo, até a barreira que se abre para a planície… Raymonde, que Beautrelet não conseguira segurar, chegou quase ao mesmo tempo que ele, e Beautrelet, escondido atrás das árvores, viu, na alameda deserta que ia da fazenda até a barreira, três homens, um dos quais, o mais alto, caminhava na frente, enquanto dois outros seguravam pelos braços uma mulher que tentava resistir e emitia gemidos de dor.

A noite estava começando a cair. Ainda assim, Beautrelet reconheceu Herlock Sholmes. A mulher era idosa. Cabelos brancos emolduravam seu rosto lívido. Os quatro estavam se aproximando. Alcançavam a barreira. Sholmes abriu uma porta. Então, Lupin deu um passo à frente e se colocou diante dele.

O choque pareceu ainda mais terrível porque tudo estava silencioso, quase solene. Por muito tempo, os dois inimigos ficaram se encarando. Um ódio igual convulsionava seus rostos, eles não se moviam.

Lupin disse com uma calma aterrorizante:

— Ordene a seus homens que soltem essa mulher.

— Não!

Seria possível pensar que tanto um como o outro temiam se engajar na luta suprema e que ambos estavam reunindo todas as suas forças. E sem palavras desnecessárias dessa vez, sem provocações zombeteiras. O silêncio, um silêncio de morte.

Enlouquecida de angústia, Raymonde aguardava o resultado do duelo. Beautrelet tinha agarrado seu braço e a mantinha imóvel. Depois de um momento, Lupin repetiu:

— Ordene a seus homens que soltem essa mulher.

— Não!

Lupin disse:

— Ouça, Sholmes…

Mas parou, entendendo a estupidez das palavras. Diante daquele colosso de orgulho e vontade que se chamava Sholmes, que significavam as ameaças?

Decidido a tudo, de repente ele colocou a mão no bolso do casaco. O inglês previu o gesto e, saltando para a prisioneira, colou o cano do revólver a cinco centímetros de sua têmpora.

— Nem um movimento, Lupin, ou atiro.

Ao mesmo tempo, seus dois acólitos sacaram suas armas e as apontaram para Lupin… Este se enrijeceu, dominou a raiva que tomava conta dele e, friamente, com as duas mãos nos bolsos, o peito oferecido ao inimigo, recomeçou:

— Sholmes, pela terceira vez, deixe essa mulher em paz.

O inglês zombou:

— Não temos o direito de tocá-la, talvez! Vamos, vamos, chega de piadas! Você não se chama mais Valméras, assim como não se chama Lupin, é um nome que você roubou, tal como roubou o nome de Charmerace. E aquela que você faz passar por sua mãe é Victoire, sua velha cúmplice, aquela que o criou…

Sholmes cometeu um erro. Levado pelo desejo de vingança, ele olhou para Raymonde, a quem essas revelações horrorizavam. Lupin se aproveitou da imprudência. Com um movimento rápido, ele atirou.

— Desgraçado! — gritou Sholmes, cujo braço, transpassado, tombou ao longo do corpo.

E interpelando seus homens:

— Atirem! Atirem!

Mas Lupin havia saltado sobre eles e não demorou dois segundos antes que o da direita rolasse para o chão, com o peito demolido, enquanto o outro, com a mandíbula quebrada, batia contra a barreira.

— Mexa-se, Victoire… amarre-os… E agora nós dois, seu inglês…

Ele se abaixou praguejando:

— Ah, canalha…

Sholmes tinha pegado sua arma com a mão esquerda e apontava para ele.

Uma detonação… um grito de angústia… Raymonde tinha se jogado entre os dois homens, de frente para o inglês. Ela cambaleou, levou a mão à garganta, endireitou-se, girou e caiu aos pés de Lupin.

— Raymonde!… Raymonde!

Ele se jogou sobre ela e a apertou contra si.

— Morta — disse ele.

Houve um momento de espanto. Sholmes parecia confuso com seu ato. Victoire gaguejou:

— Meu filho… Meu filho…

Beautrelet se aproximou da jovem e se inclinou para examiná-la. Lupin ficava repetindo: "Morta… morta…", em tom pensativo, como se ainda não entendesse.

Mas seu rosto ficou vazio, de repente transformado, devastado pela dor. E então foi sacudido por uma espécie de loucura, fez gestos irracionais, torceu os punhos, sapateou como uma criança que sofre demais.

— Miserável! — ele gritou de repente, em um acesso de ódio.

E com um tremendo choque, derrubando Sholmes, agarrou-o pelo pescoço e enfiou os dedos crispados em sua carne. O inglês gemeu, sem nem mesmo lutar.

— Meu filho, meu filho — implorou Victoire…

Beautrelet acorreu. Mas Lupin já o havia soltado e, ao lado de seu inimigo caído no chão, ele soluçava.

Espetáculo lamentável! Beautrelet jamais esqueceria o horror trágico daquilo, ele que conhecia todo o amor de Lupin por Raymonde, e tudo que o grande aventureiro havia sacrificado para colocar um sorriso no rosto de sua amada.

A noite estava começando a cobrir o campo de batalha com uma mortalha de sombras. Os três ingleses, amarrados e amordaçados, estavam deitados na grama alta. Cantorias embalaram o vasto silêncio da planície. Eram as pessoas de La Neuvillette que estavam voltando do trabalho.

Lupin se levantou. Ouviu as vozes monótonas. Em seguida, olhou para a fazenda feliz onde esperara viver em paz ao lado de Raymonde. Então olhou-a, a pobre amante, que o amor matara, e que dormia, toda branca, o sono eterno.

Os camponeses estavam se aproximando, entretanto. Então, Lupin se abaixou, agarrou a mulher morta em seus braços fortes, ergueu-a com um só movimento e, dobrando-se, a colocou nas costas.

— Vamos, Victoire.

— Vamos, meu filho.

— Adeus, Beautrelet — disse ele.

E, carregado com o precioso e horrível fardo, seguido por sua velha criada, silencioso, feroz, ele partiu em direção ao mar, e mergulhou nas sombras profundas…

---

[12] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca.* (N.T.)

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A ROLHA DE CRISTAL

Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A ROLHA DE CRISTAL
Tradução
Michele Gerhardt MacCulloch
Princípis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Original
Le bouchon de cristal
Traduzido da publicação em inglês
The crystal stopper, 1922
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Michele Gerhardt MacCulloch
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com;
Zdenek Sasek/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a rolha de cristal / Maurice Leblanc ; traduzido por Michele Gerhardt MacCulloch. - Jandira, SP : Principis, 2021.

256 p. ; ePUB ; 1,3 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Le bouchon de crystal
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-351-5

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. MacCulloch, Michele Gerhardt. II. Título. III. Série.

2021-413 CDD 843.7
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843.7
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

As detenções

Os dois barcos, amarrados ao pequeno cais que se alongava desde o jardim, balançavam à sombra. Aqui e ali era possível ver janelas iluminadas através da espessa névoa que cobria as margens do lago. Do outro lado, as luzes do cassino de Enghien cintilavam, embora já fosse final de setembro. Poucas estrelas apareciam entre as nuvens. Uma leve brisa agitava a superfície da água.

Arsène Lupin saiu da casa de veraneio onde estava fumando um cigarro e inclinou-se para a frente na ponta do cais:

— Grognard? — ele chamou. — Le Ballu? Vocês estão aí?

De cada barco levantou-se um homem, e um deles respondeu:

— Estamos sim, patrão.

— Estejam preparados. Estou escutando o carro de Gilbert e Vaucheray se aproximar.

Ele atravessou o jardim, deu a volta na casa que estava em construção cujo andaime estava exposto, e com cuidado abriu a porta que dava para a Avenida de Ceinture. Não estava enganado: uma luz forte iluminou quando um automóvel aberto fez a curva e parou. Dele saíram dois homens usando sobretudos, com as golas viradas para cima, e gorros.

Eram Gilbert e Vaucheray: Gilbert, um jovem de 20 ou 22 anos, com um rosto simpático e corpo forte e ágil; Vaucheray era mais baixo, o cabelo grisalho e rosto pálido e cansado.

— Bem — Lupin começou —, vocês o viram? O deputado?

— Sim, patrão — respondeu Gilbert —, nós o vimos pegar o trem das dezenove e quarenta para Paris, como imaginávamos que faria.

— Então estamos livres para agir?

— Totalmente. Villa Marie-Thérèse está à nossa disposição.

O chofer permanecera em seu lugar. Lupin ordenou:

— Não espere aqui. Pode chamar atenção. Volte às nove e meia em ponto, a tempo de carregar o carro, a não ser que todo o negócio dê errado.

— Por que daria errado? — questionou Gilbert.

O automóvel se afastou, e Lupin, pegando o caminho para o lago com seus dois companheiros, respondeu:

— Por quê? Porque não fui eu quem preparou o plano; e, quando eu mesmo não faço alguma coisa, não fico totalmente confiante.

— Ora, patrão, trabalho para o senhor há três anos já… Estou começando a conhecê-lo!

— Sim, meu rapaz, está começando — concordou Lupin —, e é exatamente por isso que temo os erros… Aqui, venha comigo… E você, Vaucheray, entre no outro barco… É isso… Agora, vamos, rapazes… e façam o mínimo de barulho possível.

Grognard e Le Ballu, os dois remadores, seguiram diretamente para a outra margem, um pouco à esquerda do cassino.

Eles cruzaram com um barco em que um casal se abraçava, à deriva, e outro em que várias pessoas cantavam a plenos pulmões. E só.

Lupin aproximou-se de seu companheiro e disse baixinho:

— Gilbert, me diga, foi você quem pensou nesse trabalho ou foi ideia de Vaucheray?

— Juro para o senhor, não sei bem dizer: nós dois estamos discutindo isso há semanas.

— A questão é que eu não confio em Vaucheray: ele é um mau-caráter. Não sei por que não me livro dele.

— Ah, patrão!

— Sim, sim! Estou dizendo, ele é um camarada perigoso, sem contar que deve ter alguns delitos guardados na consciência.

Lupin ficou quieto por um momento, depois continuou:

— Então você tem certeza absoluta de que viu o deputado Daubrecq?

— Vi com meus próprios olhos, patrão.

— E tem certeza de que ele tem um compromisso em Paris?

— Ele vai ao teatro.

— Muito bem; mas os empregados dele continuam na vila em Enghien…

— A cozinheira foi dispensada. Quanto ao criado, Leonard, que é o confidente de Daubrecq, vai aguardar o mestre em Paris. Eles não vão voltar da cidade antes de uma hora da manhã. Mas…

— Mas o quê?

— Devemos considerar algum possível capricho da parte de Daubrecq, uma mudança de planos, uma volta inesperada, e providenciar para que tudo esteja terminado em uma hora.

— E quando você conseguiu esses detalhes?

— Hoje de manhã. Vaucheray e eu concordamos que era um momento favorável. Escolhi o jardim da casa em construção, de onde acabamos de sair, como o melhor lugar para se começar, já que não é vigiada durante a noite. Chamei dois camaradas para remarem e telefonei para o senhor. Isso é tudo.

— Você tem as chaves?

— Da porta da frente.

— É aquela vila que vejo daqui, rodeada por um parque?

— Sim, Villa Marie-Thérèse; e as outras duas, uma de cada lado, com jardins em volta, estão desocupadas há uma semana, assim poderemos tirar o que quisermos; e eu juro, patrão, vale muito a pena.

— O trabalho é muito simples — murmurou Lupin. — Não tem nenhum charme!

Eles atracaram em uma pequena enseada de onde subiam alguns degraus, escondidos embaixo de um telhado podre. Lupin refletiu que trazer os móveis para o barco seria uma tarefa fácil. Mas, de repente, ele disse:

— Tem alguém na vila. Olhe… uma luz.

— É uma lâmpada a gás, patrão. A luz não está se movendo.

Grognard continuou no barco, com instruções para ficar de vigia, enquanto Le Ballu, o outro remador, foi para o portão na Avenida de Ceinture, e Lupin e seus dois companheiros rastejaram nas sombras até os degraus.

Gilbert subiu primeiro. Tateando no escuro, introduziu primeiro a grande chave da porta, e depois a do trinco. Ambas viraram com facilidade, a porta se abriu, e os três homens entraram.

Uma lâmpada a gás estava acesa no vestíbulo.

— Está vendo, patrão… — disse Gilbert.

— Estou, sim — respondeu Lupin, com a voz baixa —, mas acho que a luz que vi acesa não vinha daqui…

— Vinha de onde, então?

— Não sei dizer… Esta é a sala de estar?

— Não — replicou Gilbert, que não temia falar alto —, não. Por precaução, ele mantém tudo no primeiro andar, no quarto dele e nos outros dois quartos, ao lado.

— E onde ficam as escadas?

— À direita, atrás da cortina.

Lupin foi até a cortina e estava puxando-a quando, de repente, a quatro passos à esquerda, uma porta se abriu e uma cabeça apareceu, a cabeça de um homem pálido, com olhos aterrorizados.

— Socorro! Assassino! — gritou o homem.

E voltou apressadamente para dentro do cômodo.

— É Leonard, o criado! — afirmou Gilbert.

— Se ele fizer escândalo, vou atirar nele — ameaçou Vaucheray.

— Você não vai fazer nada disso, entendeu, Vaucheray? — avisou Lupin, em um tom veemente. E saiu atrás do criado. Primeiro, entrou na sala de jantar, onde viu um lampião ainda aceso, com pratos e uma garrafa em volta, e encontrou Leonard nos fundos de um escritório, tentando em vão abrir uma janela.

— Não se mova, camarada! Não estou de brincadeira! Não tente ser valente!

Lupin se jogou no chão ao ver Leonard levantar o braço para ele. Três tiros foram disparados de dentro da escuridão do escritório; e então o camareiro caiu trêmulo no chão, derrubado por Lupin, que tirou a arma dele e agarrou-o pela garganta:

— Saia daqui, seu valentão! — ordenou Lupin. — Por pouco ele não me acertou… Vaucheray, amarre este cavalheiro!

Ele lançou a luz de sua lanterna de bolso no rosto do criado e riu:

— Não é um cavalheiro bonito… Sua consciência não pode estar limpa, Leonard; e ainda é o fantoche do deputado Daubrecq! Acabou, Vaucheray? Não quero esperar a noite toda!

— Não tem perigo, patrão — disse Gilbert.

— Mesmo? Então você acha que tiros não podem ser ouvidos de longe?

— Praticamente impossível.

— Não importa, precisamos ser rápidos. Vaucheray, pegue o lampião e vá lá para cima.

Lupin pegou Gilbert pelo braço e, enquanto o arrastava pelo primeiro andar, disse:

— Seu imbecil, é assim que você se informa? Agora, me diga se eu não estava certo com as minhas dúvidas!

— Veja bem, patrão, eu não tinha como saber que ele ia mudar de ideia e voltar para jantar.

— É preciso saber tudo quando temos a honra de invadir a casa de uma pessoa. Seu idiota! Vou me lembrar disso quando você e Vaucheray… dois inúteis!

A visão da mobília do primeiro andar acalmou Lupin, e ele começou seu inventário com o ar de satisfação de um amador que encontra algumas obras de arte:

— Nossa! Não tem muita coisa, mas o que tem é autêntico! Esse representante do povo tem bom gosto. Quatro cadeiras Aubusson… Uma escrivaninha assinada por Percier-Fontaine… Duas luminárias Gouttieres… Um Fragonard genuíno e um Nattier falso, que qualquer milionário americano daria um olho para ter: em resumo, uma fortuna… E há miseráveis fingindo que não sobrou nada de autêntico. Santo Deus, por que não fazem como eu? Que procurem!

Gilbert e Vaucheray, seguindo as ordens e instruções de Lupin, na mesma hora começaram a remover os móveis maiores de forma metódica. Em meia hora o primeiro barco estava cheio; então decidiram que Grognard e Le Ballu deveriam ir na frente e começar a carregar o automóvel.

Lupin foi ver a partida deles. Ao voltar para a casa, passando pelo vestíbulo, achou ter escutado uma voz no escritório. Foi até lá e encontrou Leonard deitado de bruços, sozinho, com as mãos amarradas nas costas:

— Então é você resmungando, fantoche de confiança? Não se anime, já estamos quase acabando. Mas, se você fizer muito barulho, vai nos obrigar a tomar medidas mais sérias… Você gosta de pera? Podemos enfiar uma na sua boca para ficar quieto!

Ao subir as escadas, escutou de novo o mesmo barulho e, parando para prestar atenção, captou estas palavras, sussurradas com uma voz rouca, que, sem dúvida, vinha do escritório:

— Socorro! Assassino! Socorro! Vão me matar! Avisem o comissário!

— O camarada está completamente louco! — murmurou Lupin. — Francamente! Perturbar a polícia às nove horas da noite, quanta indiscrição!

Ele voltou ao trabalho. Demorou mais do que esperava, já que descobriram que havia nos armários todo tipo de bibelôs valiosos que não podiam negligenciar, e, em contrapartida, Vaucheray e Gilbert estavam sendo tão meticulosos em suas investigações que ele estava desconcertado.

Finalmente, perdeu a paciência:

— Isso basta! — ordenou ele. — Não vamos estragar o trabalho todo fazendo o carro esperar por causa de uns bibelôs. Vou para o barco.

Já estavam perto da água e Lupin desceu os degraus. Gilbert o segurou:

— Escute, patrão, precisamos voltar mais uma vez, cinco minutos, não mais do que isso.

— Mas que diabos, para quê?

— Bem, é o seguinte, ficamos sabendo de um antigo relicário, algo surpreendente…

— Bem?

— Não conseguimos colocar as mãos nele, e eu estava pensando… tem um armário com um grande cadeado no escritório… Não podemos…

Ele já estava voltando para a porta. Vaucheray corria apressado.

— Vou dar-lhes dez minutos, nem um segundo mais! — gritou Lupin. — Em dez minutos vou embora.

Mas os dez minutos se passaram e ele ainda estava esperando.

Olhou no relógio:

— Nove e quinze — disse para si mesmo. — Isso é loucura.

Além disso, lembrou-se de que Gilbert e Vaucheray haviam se comportado de forma estranha enquanto tiravam as coisas, sempre um perto do outro e se entreolhando. O que poderia estar acontecendo?

Sem nem perceber, Lupin voltou à casa, motivado por uma sensação de ansiedade que não conseguia explicar; e, ao mesmo tempo, ouvia um som oco que vinha de longe, da direção de Enghien, que parecia estar se aproximando… Pessoas passeando, sem dúvida…

Deu um assobio agudo e, então, foi para o portão principal, para olhar para a avenida. Mas de repente, enquanto abria o portão, um tiro estourou, seguido por um grito de dor. Voltou correndo, deu a volta na casa, subiu as

escadas e correu para a sala de jantar:

— Que diabos vocês dois estão fazendo?

Gilbert e Vaucheray, em um furioso corpo a corpo, estavam rolando no chão, gritando palavras de raiva. As roupas deles estavam encharcadas de sangue. Lupin correu para separá-los. Mas Gilbert já tinha abatido o adversário e estava sacando um objeto que Lupin não teve tempo de ver. E Vaucheray, que estava perdendo sangue por uma ferida no ombro, desmaiou.

— Quem o feriu? Foi você, Gilbert? — questionou Lupin, furioso.

— Não. Foi Leonard.

— Leonard? Mas ele estava amarrado!

— Ele conseguiu se soltar e pegar o revólver.

— Aquele canalha! Onde ele está?

Lupin pegou o lampião e foi para o escritório.

O criado estava deitado de costas, com os braços estendidos, um punhal enfiado em sua garganta, com o rosto lívido. Uma linha vermelha escorria de sua boca.

— Oh — exclamou Lupin, após examiná-lo —, ele está morto!

— Você acha? Você acha? — gaguejou Gilbert, com a voz trêmula.

— Ele está morto, já disse.

Gilberto gaguejou:

— Foi Vaucheray… foi Vaucheray quem matou…

Pálido de raiva, Lupin o segurou:

— Foi Vaucheray, foi? E você também, seu patife, já que estava lá e não fez nada para impedi-lo! Sangue! Sangue! Vocês bem sabem que eu não aceito isso… Bem, nós nos deixamos pegar… Vocês vão ter que pagar, meus companheiros, e não vai ser barato… Lembrem-se da guilhotina!

Olhar o cadáver o deixou nervoso e, sacudindo Gilbert violentamente, ele disse:

— Por quê? Por que Vaucheray o matou?

— Ele queria procurar as chaves do armário nos bolsos dele. Quando se debruçou sobre ele, viu que o homem tinha soltado os braços. Ele ficou assustado… e o acertou…

— Mas e o tiro com o revólver?

— Foi Leonard… ele estava com o revólver na mão… ele conseguiu atirar antes de morrer.

— E a chave do armário?

— Vaucheray pegou.

— Ele abriu?

— Abriu.

— E encontrou o que estava procurando?

— Encontrou.

— E você quis pegar a coisa dele. O que era? O relicário? Não, era muito pequeno para isso… Então o que era? Responda…

Pela expressão silenciosa e determinada de Gilbert, Lupin percebeu que não conseguiria uma resposta. Com um gesto ameaçador, ele falou:

— Vou fazê-lo falar. Ou não me chamo Lupin. Mas, por enquanto, temos que sair daqui. Venha, me ajude a levar Vaucheray para o barco…

Eles voltaram para a sala de jantar, e Gilbert estava debruçado sobre o homem ferido quando Lupin falou:

— Ouça.

Eles se entreolharam, alarmados. Alguém estava falando no escritório. Uma voz muito baixa, estranha, distante… Entretanto, conforme eles se certificaram imediatamente, não havia ninguém no escritório além do morto, cujo corpo escuro estava estendido no chão.

E a voz falou de novo, em alguns momentos estridente, em outros abafada, gaguejando, gritando, assustada. Pronunciava palavras indistintas, sílabas soltas.

Lupin sentiu sua cabeça ficar coberta de suor. O que era essa voz incoerente, tão misteriosa quanto uma voz que vem de outro mundo?

Ele se ajoelhara ao lado do criado. A voz ficou em silêncio, depois recomeçou:

— Ilumine aqui — pediu a Gilbert.

Estava tremendo um pouco, abalado por um terror que não conseguia controlar, pois não havia dúvida: quando Gilbert tirou a cobertura da lanterna, Lupin percebeu que a voz vinha do cadáver, sem que o corpo sem vida fizesse qualquer movimento, sem nem um tremor da boca ensanguentada.

— Patrão, estou com medo — gaguejou Gilbert.

Mais uma vez a mesma voz, o mesmo sussurro anasalado.

De repente, Lupin caiu na gargalhada, agarrou o corpo e o puxou para o lado.

— Exatamente! — disse ele, colocando os olhos em um objeto de metal polido. — Exatamente, é isso! Nossa, demorei para descobrir!

No chão, no lugar de onde ele tirou o corpo, estava o receptor de um telefone, cujo fio ia até o aparelho preso na parede, na altura usual.

Lupin colocou o receptor no ouvido. O barulho recomeçou na mesma hora, mas era uma mistura de sons, formada por diferentes chamadas, exclamações, gritos confusos, barulho produzido por várias pessoas falando ao mesmo tempo.

— Você está aí?… Ele não responde. Que terrível… Devem tê-lo matado. O que é?… Fique calmo. A polícia… os soldados… estão a caminho.

— Droga! — reclamou Lupin, largando o telefone.

A verdade se mostrou uma visão terrível. Bem no começo, enquanto tiravam as coisas do andar de cima, Leonard, que não estava bem amarrado, conseguira ficar de pé, pegar o receptor, provavelmente com os dentes, deixou cair e pediu ajuda para a central telefônica de Enghien.

E foram essas palavras que Lupin tinha ouvido depois que o primeiro barco partiu:

— Socorro! Assassino! Vão me matar!

E essa era a resposta da central telefônica. A polícia estava a caminho. Lupin se lembrou dos sons que escutara do jardim, quatro ou cinco minutos antes, no máximo.

— A polícia! Corra! — gritou ele, atravessando a sala de jantar.

— E Vaucheray? — perguntou Gilbert.

— Sinto muito, mas não podemos ajudar!

Mas Vaucheray, acordando de seu torpor, suplicou enquanto ele passava:

— Patrão, o senhor não me deixaria aqui assim!

Lupin parou, apesar do perigo, e estava levantando o homem ferido, com a ajuda de Gilbert, quando um barulho alto veio do lado de fora.

— Tarde demais! — exclamou.

Naquele momento, pancadas fizeram a porta dos fundos da casa balançar. Lupin correu para os degraus da frente: alguns homens já tinham dado a volta na casa correndo. Ele até poderia conseguir correr na frente deles, com Gilbert, e chegar à água. Mas qual a chance de embarcar e fugir sob o fogo inimigo?

Ele fechou e trancou a porta.

— Estamos cercados… e acabados — balbuciou Gilbert.

— Cale a boca — ordenou Lupin.

— Mas eles nos viram, patrão. Olhe, eles estão batendo à porta.

— Cale a boca — repetiu Lupin. — Nem uma palavra. Nem um gesto.

Permaneceu inabalável, com uma expressão totalmente calma, a postura pensativa de alguém que tem todo o tempo do mundo para examinar a situação delicada de todos os pontos de vista. Ele alcançara um daqueles minutos que chamava de "momentos superiores da existência", aqueles em que se dá valor à vida. Nessas ocasiões, por mais ameaçador que fosse o perigo, ele sempre começava a contar devagar para si mesmo: um, dois, três, quatro, cinco, seis… até que os batimentos de seu coração voltassem ao normal. Só então ele refletia, mas com tanta intensidade, com tanta perspicácia, com tanta intuição das possibilidades. Todos os aspectos do problema estavam presentes em sua mente. Ele previa tudo. Admitia tudo. E tomava sua decisão com toda a lógica e certeza.

Após trinta ou quarenta segundos, enquanto os homens do lado de fora batiam nas portas e arrombavam as fechaduras, ele disse para seu companheiro:

— Siga-me.

Voltando para a sala de jantar, Lupin abriu a janela devagar e puxou as venezianas de uma janela lateral. Pessoas iam e vinham, tornando a fuga impossível.

Então ele começou a gritar com toda a sua força, com uma voz ofegante:

— Aqui! Socorro! Eu os peguei! Aqui!

Ele apontou o revólver e deu tiros no topo das árvores. Então, voltou para Vaucheray, debruçou-se sobre ele e esfregou o sangue do homem machucado em suas mãos e rosto. Por último, virando-se para Gilbert, pegou-o violentamente pelos ombros e jogou-o no chão.

— O que o senhor quer, patrão? Teve uma ideia?

— Deixe-me ir — disse Lupin, destacando cada sílaba de forma imperativa. — Eu vou responder por tudo… por vocês dois… Deixe-me ir. Vou tirar vocês dois da prisão. Mas só posso fazer isso se estiver livre.

Gritos excitados vinham da janela aberta.

— Aqui! — gritou ele. — Eu os peguei! Me ajudem!

E, baixinho, em um sussurro:

— Pense bem… Você tem alguma coisa para me dizer? Alguma coisa que seja útil para nós?

Gilbert estava confuso, furioso, chateado demais para entender o plano de Lupin. Vaucheray, mais perspicaz e sem esperança de fugir por causa de seu ferimento, falou:

— Deixe o patrão fazer do jeito dele, seu idiota! Contanto que ele saia, isso não é o principal?

De repente, Lupin se lembrou do objeto que Gilbert colocara em seu bolso, depois de pegá-lo de Vaucheray. Tentou pegá-lo.

— Isso nunca! — rebateu Gilbert, tentando se soltar.

Lupin o derrubou mais uma vez. Mas dois homens de repente apareceram na janela; e Gilbert cedeu, entregando o objeto para Lupin, que o colocou no bolso sem nem olhar, e sussurrou:

— Aqui está, patrão. Eu vou explicar. Pode ter certeza disso…

Ele não teve tempo de terminar… Dois policiais e depois outros homens atrás deles e soldados que entraram por todas as portas e janelas vieram ajudar Lupin.

Na mesma hora, pegaram Gilbert e amarraram-no. Lupin retirou-se.

— Que bom que vocês chegaram — exclamou ele. — O outro homem me deu muito trabalho, eu o feri. Mas este aqui…

O comissário de polícia logo perguntou:

— O senhor viu o criado? Eles o mataram?

— Não sei — respondeu ele.

— O senhor não sabe?

— Ora, eu vim com vocês de Enghien, ao saber do assassinato! Mas, enquanto vocês davam a volta pela esquerda da casa, eu fui pela direita. Uma janela estava aberta. Eu escalei quando esses dois bandidos estavam prestes a pular. Eu atirei neste aqui — contou ele, apontando para Vaucheray —, e segurei o parceiro dele.

Como poderiam suspeitar disso? Ele estava coberto de sangue. Entregara os assassinos do camareiro. Várias pessoas tinham testemunhado o final da luta que ele heroicamente travara.

Além disso, o tumulto estava muito grande para alguém querer discutir ou perder tempo com dúvidas. Durante a primeira confusão, os vizinhos invadiram a vila. Todos em pânico. Corriam para todos os lados, subiam,

desciam, entravam em cada cômodo. Faziam perguntas entre si, gritavam, e ninguém pensou em verificar o testemunho de Lupin, que parecia plausível.

Entretanto, a descoberta do corpo no escritório restaurou o senso de responsabilidade do comissário. Ele deu ordens, esvaziou a casa e colocou guardas no portão para não deixar ninguém entrar nem sair. Então, sem demora, examinou o local e começou sua investigação. Vaucheray deu seu nome; Gilbert se recusou a dar o seu, alegando que só falaria na presença de um advogado. Mas, quando ele foi acusado de assassinato, denunciou Vaucheray, que se defendeu acusando o outro, e os dois começaram a falar ao mesmo tempo, com o claro desejo de monopolizar a atenção do comissário. Quando este se virou para Lupin para pedir seu testemunho, percebeu que o estranho não estava mais lá.

Sem a menor suspeita, ele pediu a um dos policiais:

— Vá chamar o cavalheiro e diga que gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Eles procuraram o cavalheiro. Alguém o vira na escada, acendendo um cigarro. Depois, disseram que ele dera cigarros para um grupo de soldados e caminhara na direção do lago, dizendo que podiam chamá--lo se quisessem.

Eles o chamaram. Ninguém respondeu.

Um soldado veio correndo. O cavalheiro acabara de entrar em um barco e saíra remando.

O comissário olhou para Gilbert e percebeu que fora enganado.

— Precisamos pará-lo — gritou ele. — Atirem nele! Ele é cúmplice!

Ele próprio saiu correndo, seguido por dois policiais, enquanto os outros permaneciam com os prisioneiros. Ao chegar à margem, ele viu o cavalheiro, a uns cem metros de distância, acenando com o chapéu para ele no crepúsculo.

Um dos policiais descarregou seu revólver sem pensar.

O vento trouxe o som das palavras. O cavalheiro estava cantando enquanto remava:

"Vá, barquinho,
Flutue pelo escurinho…".

O comissário, então, viu um barco preso ao cais da propriedade vizinha. Atravessou a cerca que separava os jardins e, depois de ordenar que os policiais vigiassem as margens do lago e amarrassem o fugitivo se ele tentasse desembarcar, reuniu dois de seus homens e saíram atrás de Lupin.

Era uma tarefa bem fácil, já que a luz intermitente da lua iluminava os movimentos dele, mostrando que estava tentando cruzar o lago seguindo para a direita, ou seja, na direção de Saint-Gratien. Além disso, o comissário logo percebeu que, com a ajuda de seus homens e graças à leveza de seu barco, ele estava ganhando velocidade. Em dez minutos ele tinha diminuído pela metade a distância entre os barcos.

— É isso! — entusiasmou-se. — Nós nem vamos precisar dos soldados para evitar que ele desembarque. Eu realmente quero conhecer esse camarada. Não lhe falta coragem!

O engraçado era que agora a distância estava diminuindo de uma forma anormal, como se o fugitivo tivesse percebido que era inútil tentar. Os policiais redobraram seus esforços. O barco disparou pela água com extrema rapidez. Mais cem metros e eles alcançariam o homem.

— Pare! — gritou o comissário.

O inimigo, cuja silhueta agachada eles conseguiam distinguir, não se mexia mais. Os remos estavam sendo levados pela correnteza. E essa ausência de movimento era perturbadora. Um bandido desse naipe podia muito bem estar deitado à espera de seus adversários, esperando para morrer bravamente ou para atirar para matá-los antes que tivessem a chance de atacá-lo.

— Entregue-se! — gritou o comissário.

Naquele momento, o céu estava escuro. Os três homens deitaram no fundo do barco, pois percebiam uma ameaça.

O barco, sendo levado pelo próprio ímpeto, estava se aproximando do outro.

O comissário falou:

— Não vamos nos deixar enganar. Vamos atirar nele. Vocês estão prontos? — E, mais uma vez, ameaçou: — Entregue-se, ou nós…

Nenhuma resposta.

O inimigo não se moveu.

— Entregue-se! Mãos ao alto! Você se recusa? Pior para você! Vou começar a contar: um… dois…

Os policiais não esperaram a ordem. Atiraram e na mesma hora se debruçaram sobre seus remos, dando um impulso tão forte no barco que chegaram ao destino com poucos movimentos.

O comissário assistia a tudo, revólver na mão, pronto para o menor movimento. Levantou o braço:

— Se você se mexer, estouro seus miolos!

Mas o inimigo não se mexeu por um momento e, quando os dois barcos se bateram e os policiais, soltando os remos, prepararam-se para o formidável assalto, o comissário compreendeu o motivo da atitude passiva: não havia ninguém no barco. O inimigo escapara nadando, deixando para trás alguns dos objetos roubados que, amontoados embaixo de um paletó e de um chapéu-coco, podiam ser confundidos na semiescuridão com a silhueta de um homem.

À luz de fósforos, eles examinaram as roupas deixadas pelo inimigo. Não havia iniciais gravadas no interior do chapéu. Não havia documentos nem carteira no paletó. Mas eles fizeram uma descoberta que daria celebridade ao caso e que teria uma péssima influência no destino de Gilbert e Vaucheray: em um dos bolsos o fugitivo deixara para trás um cartão de visita, o cartão de Arsène Lupin.

Praticamente no mesmo instante, enquanto a polícia, rebocando o barco capturado atrás deles, continuava sua busca vã e enquanto os soldados nas margens se esforçavam para acompanhar o combate naval, Arsène Lupin estava calmamente desembarcando no mesmo local do qual saíra duas horas antes.

Ali, encontrou seus outros dois cúmplices, Grognard e Le Ballu, deu-lhes qualquer explicação, entrou no automóvel, entre as cadeiras do deputado Daubrecq e outros objetos valiosos, envolveu-se em peles e seguiu pelas estradas desertas até seu depósito em Neuilly, onde deixou o chofer. Um táxi o levou de volta a Paris, deixando-o na igreja de Saint-Philippe-du-Roule, que não era longe da Rua Matignon, onde ele tinha um apartamento no térreo, do qual ninguém do seu bando, com exceção de Gilbert, sabia, e que tinha entrada privativa.

Ficou satisfeito em tirar as roupas e se esfregar; apesar de sua constituição forte, estava congelando. Antes de ir para a cama, esvaziou os bolsos, como sempre, na cornija da lareira. Só então viu, perto de sua carteira e das chaves, o objeto que Gilbert colocara em sua mão no último

instante.

E ficou muito surpreso. Era uma pequena rolha de cristal, como aquelas que colocamos em garrafas. E não havia nada de especial nessa rolha. O máximo que Lupin observou foi que era multifacetada com detalhes dourados. Mas, para falar a verdade, esse detalhe não lhe chamava a atenção.

— E foi a esse pedaço de vidro que Gilbert e Vaucheray deram tanta importância! — disse para si mesmo. — Foi por isso que mataram o camareiro, brigaram, perderam tempo, se arriscaram a serem presos… serem condenados à guilhotina! Droga, é tudo muito estranho!

Cansado demais para continuar pensando no assunto, por mais que fosse excitante, ele colocou a rolha sobre a cornija e foi para a cama.

Teve pesadelos. Gilbert e Vaucheray estavam ajoelhados nas lajes de suas celas, esticando as mãos para ele e gritando com medo:

— Socorro!… Socorro! — eles clamavam.

Mas, apesar de todos os seus esforços, ele não conseguia se mexer. Estava amarrado por cordas invisíveis. E, tremendo, obcecado por uma visão monstruosa, ele assistia aos preparativos fúnebres, ao corte de cabelo dos condenados, ao drama sinistro.

— Meu Deus! — exclamou quando acordou após uma série de pesadelos. — Que maus presságios! Felizmente, não somos supersticiosos. Caso contrário… — E ele acrescentou: — Na verdade, temos um talismã que, a julgar pelo comportamento de Gilbert e Vaucheray, com a ajuda de Lupin, deve ser suficiente para acabar com o azar e garantir o triunfo da boa causa. A rolha de cristal.

Ele se levantou da cama para pegar o objeto e examiná-lo com mais atenção. Deixou escapar uma exclamação. A rolha de cristal desaparecera…

Nove menos oito igual a um

A despeito do meu relacionamento amigável com Lupin e das muitas provas lisonjeiras de confiança que ele me dera, há uma coisa que nunca fui capaz de entender: a organização da sua quadrilha.

A existência da quadrilha é um fato indubitável. Algumas aventuras podem ser explicadas apenas pelos diversos atos de devoção, pelos esforços arrebatadores e pela cumplicidade, que mostram forças obedecendo a uma vontade única e formidável. Mas como se exerce essa vontade? Por meio de quais intermediários, por meio de quais subordinados? Isso é o que eu não sei. Lupin guarda seu segredo; e os segredos que Lupin escolhe guardar são, por assim dizer, impenetráveis.

A única suposição que me atrevo a fazer é que sua quadrilha, a qual, na minha opinião, é limitada em número e, portanto, ainda mais formidável, se completa pela adição de unidades independentes, membros provisórios, escolhidos em todas as classes da sociedade e em todos os países do mundo, os quais são os agentes executores de uma autoridade que muitas vezes eles nem conhecem. Entre eles e o mestre, entram e saem companheiros, iniciados, fiéis, aqueles que desempenham os papéis principais sob o comando direto de Lupin.

Gilbert e Vaucheray evidentemente pertenciam à quadrilha principal. E foi por isso que a lei se mostrou tão implacável para eles. Pela primeira vez tinham cúmplices de Lupin nas mãos, cúmplices declarados, inegáveis, e que tinham cometido um assassinato. Se o assassinato era premeditado, se a acusação de homicídio doloso pudesse ser provada por evidências substanciais, isso significava a guilhotina. Havia pelo menos uma prova evidente, o pedido de socorro que Leonard fizera pelo telefone poucos

minutos antes de sua morte:

— Socorro! Assassinos! Vão me matar!

O apelo desesperado fora ouvido por dois homens, o operador de plantão e um de seus colegas, que afirmou categoricamente o que ouviu. E, por causa desse apelo, o comissário de polícia, assim que foi informado, seguiu para Villa Marie-Thérèse, escoltado por seus homens e vários soldados de licença.

Lupin tinha uma noção bem clara do perigo desde o começo. A luta intensa que ele travava contra a sociedade estava entrando em uma nova e terrível fase. Sua sorte estava mudando. Agora não era mais uma questão de atacar os outros, mas de se defender e salvar a pele de seus dois companheiros.

Uma pequena anotação que eu copiei de um dos cadernos em que ele costumava expor um resumo das situações que o perturbavam vai nos mostrar como o cérebro dele funcionava:

> "*Um fato definitivo, para começar, é que Gilbert e Vaucheray me enganaram. A expedição em Enghien, que aparentemente se destinava a roubar objetos da Villa Marie-Thérèse, tinha um propósito secreto. Esse propósito confundiu a mente deles durante toda a operação; e o que eles estavam procurando, embaixo dos móveis e dentro dos armários, era apenas uma única coisa: a rolha de cristal. Portanto, se quero ver claramente daqui para a frente, preciso primeiro entender o que isso significa. Está claro que, por alguma razão oculta, aquele pedaço de vidro misterioso tem um valor inestimável para eles. E não apenas para eles, já que, ontem à noite, alguém teve a audácia e a habilidade para entrar em meu apartamento e roubar de mim o objeto em questão*".

Esse roubo do qual ele foi a vítima intrigou Lupin de maneira singular.

Dois problemas, ambos igualmente difíceis de solucionar, apresentavam-se em sua mente. Primeiro, quem era o visitante misterioso? Gilbert, que gozava de sua inteira confiança e agia como seu secretário particular, era a única pessoa que sabia de seu retiro na Rua Matignon. Mas Gilbert estava preso. Lupin deveria desconfiar de que Gilbert o traíra e colocara a polícia atrás dele? Nesse caso, por que ficaram satisfeitos em levar a rolha de cristal em vez de prender Lupin?

Mas havia algo ainda mais estranho. Admitindo que tinham conseguido arrombar a porta do apartamento, e ele até se forçava a admitir isso, embora não houvesse nenhuma marca na porta para provar, como eles haviam conseguido entrar no quarto? Ele virou a chave e puxou o ferrolho como fazia todas as noites, conforme um hábito que nunca abandonava. Contudo, o fato era inegável: a rolha de cristal desaparecera sem que a fechadura e o ferrolho tivessem sido tocados. E, embora Lupin se gabasse de ter ouvidos aguçados, mesmo enquanto dormia, nenhum som o despertara!

Não precisava pensar muito. Conhecia esses enigmas bem demais para ter esperança de que pudesse ser esclarecido por outros meios que não os eventos subsequentes. Mas, sentindo-se muito desconcertado e preocupado, fechou seu apartamento na Rua Matignon e jurou que nunca mais colocaria o pé ali de novo.

E, imediatamente, pôs-se a pensar na questão de se corresponder com Vaucheray ou Gilbert.

Agora, um novo problema o esperava. A Justiça, embora não pudesse estabelecer a cumplicidade de Lupin, decidiu que o caso seria investigado não pelo departamento de Seine-et-Oise, mas em Paris, e anexado à investigação geral aberta contra ele. Gilbert e Vaucheray estavam encarcerados na prisão de La Santé. E tanto lá como no Palácio de Justiça havia ordens claras de que toda comunicação entre Lupin e os prisioneiros precisava ser evitada, e diversas precauções foram determinadas pelo chefe de polícia e estavam sendo minuciosamente respeitadas pelos seus subordinados. Dia e noite, policiais treinados, sempre os mesmos homens, vigiavam Gilbert e Vaucheray e nunca os perdiam de vista.

Lupin, nessa época, ainda não havia sido promovido, em honra de sua carreira, a chefe de Segurança, e, consequentemente, não podia entrar no Palácio de Justiça para garantir a execução de seus planos. Após quinze dias de tentativas infrutíferas, ele foi obrigado a curvar-se, algo que fez com o coração furioso e sentindo uma inquietação crescente.

Ele sempre dizia: "A parte difícil de um caso não é o fim, mas o começo".

Por onde ele poderia começar nas circunstâncias atuais? Que caminho deveria seguir?

Seus pensamentos se voltavam para o deputado Daubrecq, dono original da rolha de cristal, que provavelmente sabia de sua importância.

De outro lado, como Gilbert conhecia os fatos e os gestos do deputado Daubrecq? Quais meios ele empregara para observá-lo? Quem lhe contara onde Daubrecq passaria aquela noite? Todas essas eram questões interessantes de se responder.

Imediatamente após o assalto à Villa Marie-Thérèse, Daubrecq se mudara para sua casa de inverno em Paris, no lado esquerdo da pequena Praça Lamartine, que termina na Avenida Victor-Hugo.

Disfarçado de um velho aposentado de bengala, Lupin passou um tempo na vizinhança, sentado nos bancos da praça e da avenida. No primeiro dia, fez uma descoberta. Dois homens, vestidos como trabalhadores, mas com um comportamento que não deixava dúvidas sobre seus objetivos, estavam vigiando a casa do deputado. Quando Daubrecq saía, eles o seguiam; e chegavam logo atrás dele quando voltava para casa. À noite, assim que as luzes se apagavam, eles iam embora.

Por sua vez, Lupin os seguiu. Eles eram detetives.

— Ora, ora! — disse para si mesmo. — Isso não é exatamente o que eu esperava. Então Daubrecq também é suspeito?

Mas no quarto dia, ao anoitecer, outros seis homens se juntaram a esses dois e conversaram na parte mais escura da Praça Lamartine. Entre os recém-chegados, Lupin ficou impressionado ao reconhecer, por seu porte e comportamento, o famoso Prasville, o antigo advogado, esportista e explorador, agora favorito no Palácio do Élysée, que, por alguma razão misteriosa, havia sido nomeado secretário-geral da polícia.

De repente Lupin se lembrou de que dois anos antes Prasville e o deputado Daubrecq brigaram na Praça du Palais-Bourbon. Ninguém sabia o motivo do encontro. No mesmo dia, Prasville enviou suas testemunhas. Daubrecq se recusou a lutar.

Um pouco depois Prasville foi nomeado secretário-geral.

— Muito estranho, muito estranho — concluiu Lupin, que estava imerso em seus pensamentos enquanto continuava observando os movimentos de Prasville.

Às sete horas o grupo de homens de Prasville se afastou alguns metros na direção da Avenida Henri-Martin. A porta de um pequeno jardim à direita da casa se abriu, e Daubrecq saiu. Os dois detetives seguiram-no de perto e, quando ele pegou o trem na Rua Taitbout, entraram logo atrás dele.

Prasville, na mesma hora, cruzou a praça e tocou a campainha. O portão do jardim ficava entre a casa e a portaria. A zeladora veio e abriu. Conversaram rapidamente e, logo em seguida, Prasville e seus colegas puderam entrar.

— Uma visita domiciliar — disse Lupin. — Secreta e ilegal. Pelas regras da boa educação, eu deveria ser convidado. Minha presença é indispensável.

Sem a menor hesitação, ele se dirigiu à casa, cuja porta não havia sido fechada, e, ao passar na frente da zeladora, que estava olhando para o lado de fora, perguntou de forma apressada, como se estivesse atrasado para um compromisso:

— Os cavalheiros já entraram?

— Já, o senhor os encontrará no escritório.

Seu plano era bem simples: se alguém o visse, fingiria ser um vendedor. Entretanto não precisou usar esse subterfúgio. Após passar pelo vestíbulo vazio, conseguiu entrar na sala de jantar, onde também não havia ninguém, mas de onde, pelo painel de vidro que a separava do escritório, conseguia ver Prasville e seus cinco colegas.

Prasville abriu todas as gavetas com a ajuda de chaves falsas. Depois, examinou todos os papéis, enquanto seus colegas tiravam os livros das prateleiras, balançavam as páginas de cada um e apalpavam as encadernações.

— É claro que eles estão procurando por algum papel — disse Lupin. — Notas bancárias, talvez…

Prasville exclamou:

— Que droga! Não vamos encontrar nada!

Mas ele obviamente não perdeu todas as esperanças de encontrar o que queria, já que de repente pegou as quatro garrafas do bar, tirou as quatro rolhas e as inspecionou.

— Ora! — pensou Lupin. — Agora ele está inspecionando as rolhas das garrafas! Então não é um papel? Bem, eu desisto.

Então Prasville levantou e examinou diferentes objetos; depois perguntou:

— Quantas vezes você esteve aqui?

— Seis vezes no último inverno — foi a resposta.

— E você procurou pela casa toda?

— Cada cômodo, em uma das vezes, por dias, enquanto ele estava visitando seu eleitorado.

— Ainda assim… — acrescentou ele — ele não tem empregados?

— Faz as refeições fora, e a zeladora mantém a casa da melhor maneira que pode. A mulher é fiel a nós…

Prasville continuou sua investigação por quase uma hora e meia, mexendo em todos os bibelôs, mas tomando cuidado para colocar tudo exatamente onde encontrara. Às nove horas, porém, os dois detetives que haviam seguido Daubrecq entraram no escritório:

— Ele está voltando!

— A pé?

— Sim.

— Temos tempo?

— Temos, sim!

Prasville e os homens da polícia saíram, sem pressa, depois de dar uma última olhada pelo cômodo para se certificarem de que nada denunciaria sua visita.

A situação de Lupin estava ficando crítica. Ele corria o risco de topar com Daubrecq, se saísse, ou de não conseguir sair, se permanecesse lá. Mas, ao avaliar que as janelas da sala de jantar eram um meio de saída direta para a praça, ele resolveu ficar. Além disso, a oportunidade de observar Daubrecq de perto era boa demais para recusar; e, como Daubrecq saíra para jantar, não era provável que entrasse ali.

Lupin, portanto, esperou, preparando-se para se esconder atrás de uma cortina de veludo que podia ser puxada pela parede de vidro se fosse necessário.

Ouviu o barulho de portas sendo abertas e fechadas. Alguém entrou no escritório e acendeu a luz. Reconheceu Daubrecq.

O deputado era um homem robusto, atarracado, com o pescoço curto, quase calvo, uma barba grisalha, e usava um pincenê escuro por cima dos óculos, já que seus olhos estavam cansados.

Lupin notou os traços fortes, o queixo quadrado, as maçãs do rosto proeminentes. As mãos eram grandes e cobertas por pelos, as pernas eram curvadas, e as costas, arqueadas, alternando o peso ora em um quadril, ora no outro, o que fazia com que sua marcha parecesse a de um gorila. O rosto era coroado por uma enorme testa, cheia de linhas, cavidades e saliências.

O conjunto dava uma aparência bestial, repugnante, selvagem à personalidade do homem. Lupin lembrou-se de que, na Câmara dos Deputados, o apelido de Daubrecq era "Homem da Floresta", e esse rótulo não era apenas porque ele estava sempre distante e nunca se misturava com os outros membros, mas também por causa de sua aparência, seu comportamento, seu passo peculiar e seu desenvolvimento muscular sólido.

Ele se sentou à sua escrivaninha, tirou do bolso um cachimbo de Meerschaum e, entre vários pacotes de tabaco que secavam em um vaso, escolheu um do tipo caporal, abriu a embalagem, encheu o cachimbo e acendeu. Então começou a escrever cartas.

Após um momento, parou o trabalho e ficou pensando, sua atenção fixa em um ponto da escrivaninha.

Ele levantou uma pequena caixa de carimbo e examinou-a. Então verificou a posição de diferentes objetos que Prasville tocara e recolocara no lugar; observou-os, pegou com as mãos, debruçando-se sobre eles como se alguns sinais, que apenas ele próprio conhecia, fossem capazes de lhe dizer o que desejava saber.

Finalmente, tocou uma campainha. A zeladora apareceu um minuto depois.

Ele perguntou:

— Eles vieram, não vieram?

Como a mulher hesitou em responder, ele insistiu:

— Vamos, Clémence, a senhora abriu essa caixa de carimbo?

— Não, senhor.

— Bem, eu fechei a tampa com uma fita de papel com cola. A fita foi rasgada.

— Mas posso garantir para o senhor… — a mulher começou.

— Por que mentir — questionou ele —, considerando que eu mesmo a instruí a receber essas visitas?

— O fato é que…

— O fato é que a senhora quer ficar bem com os dois lados… Muito bem! — Ele entregou a ela uma nota de cinquenta francos e repetiu: — Eles vieram?

— Sim, senhor.

— Os mesmos homens que vieram na primavera?

— Sim, todos os cinco… e mais um, que deu as ordens.

— Um homem alto e moreno?

— Sim.

Lupin viu a mandíbula de Daubrecq se contrair. Daubrecq continuou:

— Isso é tudo?

— Outro chegou um pouco depois e se juntou a eles… depois, mais dois, aqueles que estão sempre de vigia do lado de fora da casa.

— Eles ficaram no escritório?

— Sim, senhor.

— E eles foram embora quando eu voltei? Poucos minutos antes, talvez?

— Sim, senhor.

— Isso é tudo.

A mulher saiu do escritório. Daubrecq voltou a escrever sua carta. Então, esticando o braço, escreveu alguns símbolos em um bloco de papel branco, que estava na ponta de sua escrivaninha, e colocou em uma posição como se quisesse mantê-lo à vista. Os símbolos eram números, e Lupin conseguiu ler a seguinte subtração:

"9 - 8 = 1"

E Daubrecq, falando entre os dentes, pronunciou as sílabas com um ar pensativo:

— Nove menos oito é igual a um… Não há dúvida sobre isso — acrescentou em voz alta. Escreveu mais uma carta, bem curta, e endereçou o envelope com uma inscrição que Lupin conseguiu decifrar quando a carta foi colocada ao lado do bloco:

"Para o senhor Prasville, secretário-geral do Departamento de Polícia".

Então ele tocou a campainha de novo:

— Clémence, a senhora frequentou a escola quando criança? — perguntou para a zeladora.

— Sim, senhor, claro que frequentei.

— E aprendeu cálculo?

— Ora, senhor…

— Bem, a senhora não é muito boa em subtração.

— Por que diz isso?

— Porque a senhora não sabe que nove menos oito é igual a um. E isso, veja, é um fato da mais alta importância. A vida se torna impossível quando se ignora essa verdade fundamental.

Ao falar, ele se levantou e andou pelo cômodo, com as mãos para trás, balançando os quadris. Fez isso mais uma vez. Então, parando na sala de jantar, abriu a porta.

— Podemos colocar o problema de outra forma. Tirando oito de nove, resta um. E o que resta está aqui, não? Correto! E o senhor nos dá uma prova brilhante, não é mesmo?

Ele bateu na cortina de veludo na qual Lupin se enrolara apressadamente.

— Na verdade, o senhor deve estar sufocando embaixo disso! Sem falar que eu poderia ter me divertido enfiando um punhal na cortina. Lembra a loucura de Hamlet e a morte de Polônio: "Que é isso? Um rato? Morto! Aposto um ducado; morto!" Vamos, senhor Polônio, saia do seu buraco.

Essa era uma daquelas situações às quais Lupin não estava acostumado e que detestava. Prender os outros em uma armadilha, zombar deles, podia admitir; mas era bem diferente quando as pessoas riam à sua custa. Mas o que ele poderia responder?

— O senhor está um pouco pálido, Polônio… Ora, se não é o respeitável cavalheiro que tem andado pela praça nos últimos dias! Então o senhor também é da polícia, Polônio? Vamos, controle-se, não vou machucá-lo!… Está vendo, Clémence, como meu cálculo estava certo? A senhora me disse que nove espiões entraram na casa. Quando eu estava chegando, contei oito a distância. Nove menos oito resta um: esse um que evidentemente ficou para trás para ver o que poderia ver. *Ecce homo*!

— Então? — disse Lupin, que sentia uma vontade louca de voar no camarada e fazê-lo calar a boca.

— E então? Nada, meu bom homem… O que mais o senhor quer? A farsa acabou. Só vou pedir que leve esse pequeno bilhete para o senhor Prasville, seu patrão. Clémence, por favor, acompanhe o senhor Polônio até a porta. E, se ele aparecer outra vez, as portas estarão abertas. Considere-se em casa, senhor Polônio. Seu servo, senhor!

Lupin hesitou. Gostaria de se despedir em alto estilo, com uma frase de efeito, como um ator fazendo uma saída triunfante do palco, e pelo menos desaparecer da guerra com honras. Mas essa derrota foi tão lastimável que não conseguia pensar em nada melhor do que enfiar o chapéu na cabeça e seguir a zeladora até a porta. Não era uma boa vingança.

— Seu patife safado! — gritou ele, assim que passou pela porta, sacudindo o punho para as janelas de Daubrecq. — Miserável! Desgraçado, escória do mundo, deputado, vai me pagar por isso! Ah, se me permite, senhor…! Eu juro por Deus, senhor, que qualquer dia desses…

Estava espumando de raiva, ainda mais porque, no fundo, reconhecia a força de seu novo inimigo e não podia negar a maneira magistral com que ele tratara o assunto.

A frieza de Daubrecq, a confiança com que enganou os policiais, o desprezo com o qual aceitava as visitas à sua casa e, principalmente, a sua admirável compostura, a sua descontração e a impertinência do seu comportamento perante o nono personagem que o espionava: tudo isso mostrava um homem de caráter, forte, com uma mente equilibrada, lúcido, ousado, confiante em si mesmo e nas cartas na sua mão.

Mas quais eram as cartas dele? Que jogo ele estava jogando? Quem estava apostando? E como os jogadores se colocavam de cada lado? Lupin não sabia. Não sabia de nada, mergulhou de cabeça na briga, entre os adversários desesperadamente envolvidos, embora ele ignorasse totalmente suas posições, suas armas, suas fontes e seus planos secretos. Porque, por fim, não podia admitir que o objetivo de tanto esforço fosse a posse de uma rolha de cristal!

Uma única coisa o deixou satisfeito: Daubrecq não descobrira seu disfarce. Daubrecq acreditou que ele era funcionário da polícia. Portanto, nem ele nem a polícia suspeitaram da intrusão de um terceiro ladrão no negócio. Esse era seu único trunfo, um trunfo que lhe daria a liberdade de ação àquilo que dava mais importância.

Sem mais demora, ele abriu a carta que Daubrecq lhe entregara para levar para o secretário-geral da polícia. Continha estas poucas linhas:

> *"Ao alcance das suas mãos, meu caro Prasville! Você o tocou! Um pouco mais e teria conseguido… Mas é muito estúpido. E pensar que não conseguiram ninguém melhor do que você para me derrubar. Pobre França! Adeus, Prasville. Mas, se eu pegá-lo no ato, já aviso que vai ficar ruim para o seu lado: meu lema é atirar na hora.*
>
> *Assinado: DAUBRECQ."*

— Ao alcance das suas mãos — repetiu Lupin, após ler o bilhete. — E pensar que ele pode ter escrito a verdade! Os esconderijos mais elementares

são os mais seguros. Mesmo assim, tenho que procurar. E também preciso descobrir por que Daubrecq mantém o objeto em estrita supervisão e obter algumas informações sobre ele.

As informações que Lupin conseguira com um escritório de investigações foram as seguintes:

"Alexis Daubrecq há dois anos é deputado de Bouches-du--Rhone; está entre os membros independentes. Opiniões políticas não estão bem definidas, mas sua posição eleitoral é muito forte, devido à enorme quantia que ele gastou em sua candidatura. Não possui fortuna pessoal. Entretanto possui uma casa em Paris, uma vila em Enghien e outra em Nice, e perde muito em jogos, embora ninguém saiba de onde vem o dinheiro. Tem muita influência e consegue tudo o que deseja, embora não frequente os ministérios e não pareça ter amizades ou conexões nos círculos políticos".

— Isso é uma ficha comercial — disse Lupin para si mesmo. — O que eu quero é uma ficha pessoal, policial, que me fale sobre a vida privada desse cavalheiro e me ajude a trabalhar com mais facilidade nas sombras e saber se não vou me enrolar ao investigar o tal Daubrecq. Droga, o tempo urge!

Uma das casas que Lupin ocupava naquele período e que usava com mais frequência do que as outras ficava na Rua Chateaubriand, perto do Arco do Triunfo. Ali ele era conhecido como Michel Beaumont. Tinha um apartamento confortável e um criado, Achille, fiel aos seus interesses e cujo principal dever era centralizar as comunicações telefônicas para Lupin.

Ao voltar para casa, com muita surpresa, Lupin ficou sabendo que uma mulher o esperava havia quase uma hora:

— Como? Nunca alguém vem me visitar aqui! Ela é jovem?

— Acredito que não, senhor.

— Você acredita que não!

— Ela está usando um xale de renda por cima da cabeça, no lugar de um chapéu, e não é possível ver seu rosto… Ela parece uma funcionária de escritório ou de uma loja. Não é elegante.

— Quem ela procurou?

— O senhor Michel Beaumont — respondeu o criado.

— Estranho. E por que a visita?

— Ela apenas disse que era sobre o negócio em Enghien… Então eu pensei que…

— O quê? O negócio de Enghien! Então ela sabe que estou envolvido nesse negócio… Então ela sabe que vindo aqui…

— Não consegui mais nenhuma informação com ela, mas, ao mesmo tempo, achei melhor deixá-la entrar.

— Fez bem. Onde ela está?

— Na sala de estar. Acendi as luzes.

Lupin cruzou apressadamente o vestíbulo e abriu a porta da sala de estar.

— Do que você está falando? — questionou ele para o criado. — Não tem ninguém aqui.

— Não tem ninguém? — retrucou Achille, correndo até lá.

E a sala, de fato, estava vazia.

— Bem, não faz sentido — justificou-se o criado. — Vinte minutos atrás, entrei para conferir e ela estava sentada bem ali. E não tem nada de errado com a minha visão!

— Veja bem — Lupin começou, irritado. — Onde você estava enquanto a mulher esperava?

— No vestíbulo, patrão! Não saí dali nem por um segundo! Eu a teria visto sair! Puxa vida!

— Mas ela não está aqui agora!

— Estou vendo — gemeu o criado, confuso. — Ela deve ter se cansado de esperar e foi embora. Mas eu gostaria de saber como ela saiu, droga!

— Como ela saiu? — questionou Lupin. — Não precisa ser um gênio para descobrir.

— Como assim?

— Ela saiu pela janela. Olhe, ainda está entreaberta. Estamos no térreo… A rua está quase sempre deserta à noite. Não tenho dúvida sobre isso.

Ele já olhara em volta e estava satisfeito, pois nada tinha sido levado nem tirado do lugar. Quanto a isso, não havia nada de valor na sala, nenhum documento importante que explicasse a visita da mulher, seguida por seu repentino desaparecimento. Mas por que essa fuga inexplicável?

— Alguém telefonou? — perguntou ele.

— Não.

— Alguma carta?

— Sim, o último carteiro trouxe uma.

— Onde está?

— Coloquei-a na cornija da lareira, patrão, como sempre.

O quarto de Lupin era perto da sala de estar, mas ele trancava permanentemente a porta entre os dois cômodos. Portanto, teve de passar pelo vestíbulo de novo.

Lupin acendeu a luz e, no momento seguinte, disse:

— Não estou vendo…

— Coloquei ao lado do jarro de flores.

— Não tem nada aqui.

— O senhor deve estar procurando no lugar errado, patrão.

Achille mexeu o jarro, levantou o relógio, agachou-se, mas a carta não estava lá.

— Céus! — murmurou ele. — Ela fez isso… ela pegou a carta e, então, foi embora. Ah, aquela vadia!

Lupin objetou:

— Você está maluco! Não tem como passar de um cômodo ao outro.

— Então, quem pegou, patrão?

Ambos ficaram em silêncio. Lupin se esforçou para controlar a ira e organizar as ideias. Ele perguntou:

— Você olhou o envelope?

— Olhei sim, senhor.

— Alguma particularidade?

— Nada, apenas o endereço escrito a lápis.

— A lápis?

— E parecia ter sido escrito às pressas.

— A quem a carta estava endereçada? — perguntou Lupin, com a voz ansiosa. — Você se lembra?

— Lembro sim, porque achei engraçado…

— Então, fale logo!

— Dizia: “Senhor de Beaumont, Michel”.

Lupin pegou o criado pelos ombros e sacudiu:

— Dizia “de” Beaumont? E “Michel” depois de “Beaumont”? Tem certeza?

— Certeza absoluta.

— Ah! — exclamou Lupin, com a voz embargada. — Era uma carta de Gilbert!

Ele ficou parado, um pouco pálido, com o rosto contraído. Não tinha dúvida: a carta era de Gilbert. Era a forma de endereçar a carta que, sob as ordens de Lupin, Gilbert usara para se corresponder com ele por anos. Finalmente, Gilbert, após uma longa espera e sabe-se lá a que custas, encontrou um jeito de enviar uma carta da prisão e, apressadamente, escrevera para ele. E agora a carta fora interceptada! O que dizia? Que instruções o infeliz prisioneiro lhe dava? Que ajuda ele esperava? Qual estratagema sugeria?

Lupin olhou em volta do quarto, que, ao contrário da sala, tinha documentos importantes. Mas nenhuma das fechaduras havia sido arrombada; e ele precisou admitir que o único objetivo da mulher era pegar a carta de Gilbert. Segurando-se para manter a calma, ele perguntou:

— A carta chegou enquanto a mulher estava aqui?

— Ao mesmo tempo. O carteiro tocou no mesmo instante.

— Ela pôde ver o envelope?

— Sim.

A conclusão era evidente. Só faltava descobrir como a visitante conseguira efetuar o roubo. Pulando de uma janela para a outra, por fora do apartamento? Impossível: Lupin deixou a janela do seu quarto fechada. Abrindo a porta entre os cômodos? Impossível: Lupin deixou-a fechada e trancada com os dois ferrolhos internos.

Entretanto uma pessoa não pode passar através de uma parede apenas pela força de vontade. Para entrar e sair de um cômodo é preciso haver uma passagem; e, como o ato foi realizado em poucos minutos, era necessário, nas circunstâncias, que a passagem já existisse antes e, claro, que a mulher soubesse de sua existência. Essa hipótese simplificou a busca, fazendo-o se concentrar na porta; como não havia nada na parede, nenhum armário, lareira ou quadros de qualquer tipo, não havia como esconder a menor passagem.

Lupin voltou para a sala e se preparou para avaliar a porta. Mas encontrou na mesma hora. Assim que olhou, percebeu que o painel inferior esquerdo dos seis pequenos painéis que ficavam entre as barras transversais não estava mais na mesma posição de antes e a luz não passava mais por

ele. Ao se inclinar, viu duas tachinhas, uma de cada lado, sustentando o painel, como uma placa de madeira atrás de uma moldura. Só precisou mexer nele. Na mesma hora o painel se soltou.

Achille soltou um grito, espantado. Mas Lupin objetou:

— E daí? Não avançamos muito. Temos um retângulo vazio, com uns dezoito centímetros de largura e quarenta de altura. Você não vai sugerir que uma mulher consiga passar por essa abertura que não comportaria nem a mais magra criança de 10 anos!

— Não, mas ela pode ter passado o braço e soltado os ferrolhos.

— O ferrolho de baixo, sim — afirmou Lupin —, mas o de cima, não. É muito distante. Tente você mesmo e veja.

Achille tentou e teve de desistir.

Lupin não respondeu. Ficou pensando por um longo tempo. Então, de repente, disse:

— Achille, me dê meu chapéu e meu casaco…

Saiu apressado, motivado por uma ideia. E, no momento em que chegou à rua, acenou para um táxi:

— Rua Matignon, depressa!

Assim que chegaram à casa de onde lhe roubaram a rolha de cristal, ele saiu do táxi, abriu sua entrada privativa, subiu as escadas, correu para a sala de estar, acendeu a luz e abaixou-se na frente da porta que levava para o seu quarto.

Sua suposição estava certa. Um dos pequenos painéis estava solto da mesma forma.

E, assim como em seu outro apartamento na Rua Chateaubriand, a abertura era grande o suficiente para passar um braço e um ombro, mas não para que conseguisse abrir o ferrolho superior.

— Que desgraça! — gritou Lupin, incapaz de segurar a raiva que estava fervendo havia duas horas. — Droga! Será que nunca vou conseguir resolver esse problema?

De fato, parecia que um azar incrível o estava perseguindo, fazendo com que ele ficasse tateando aleatoriamente, sem permitir que usasse os elementos de sucesso que sua própria persistência ou força de vontade colocara ao alcance de suas mãos. Gilbert lhe dera a rolha de cristal. Gilbert lhe enviara uma carta. E ambas desapareceram logo.

E não era, como ele acreditara até então, uma série de circunstâncias independentes e fortuitas. Não, era a manifestação do efeito de uma vontade adversa buscando um objeto definido com prodigiosa habilidade e incrível ousadia, atacando-o, Lupin, em seus retiros mais seguros e atingindo-o com golpes tão severos e tão inesperados que ele não sabia bem contra quem precisava se defender. Nunca, no curso de suas aventuras, encontrara obstáculos como esses com que se deparava agora.

E, pouco a pouco, bem no fundo de si, crescia um medo do futuro. Diante de seus olhos, uma data se agigantava, a terrível data que ele, inconscientemente, designara para a justiça realizar sua vingança, a data em que, à luz de uma manhã pálida de abril, dois homens iriam para a guilhotina, dois homens que caminharam ao seu lado, dois camaradas que ele não conseguira salvar de uma pena terrível…

A vida privada de Alexis Daubrecq

Quando o deputado Daubrecq chegou do almoço um dia depois de a polícia ter feito a busca na casa dele, Clémence, sua zeladora, parou-o no portão e disse que havia encontrado uma cozinheira inteiramente de confiança.

A cozinheira chegou alguns minutos depois e mostrou cartas de recomendação de alto gabarito, assinadas por pessoas com quem seria fácil conferir essas referências. Ela era uma mulher muito ativa, embora tivesse certa idade, e concordou em fazer o serviço da casa sem a ajuda de um criado, já que essa era uma condição na qual Daubrecq insistira, pois preferia reduzir as chances de espionagem.

O último emprego dela fora com um membro da Câmara dos Deputados, o conde de Saulevat, a quem Daubrecq telefonou na mesma hora. O mordomo do conde deu as melhores recomendações, e ela foi contratada.

Assim que ela trouxe a mala, começou a trabalhar e limpou e esfregou até a hora de preparar o jantar.

Daubrecq jantou e saiu.

Às onze horas, depois que a zeladora já havia ido para a cama, a cozinheira cuidadosamente abriu a porta do jardim. Um homem entrou.

— É o senhor? — perguntou ela.

— Sim, sou eu, Lupin.

Ela o levou para seu quarto no terceiro andar, com vista para o jardim, e logo começou suas lamentações:

— Mais um dos seus truques, nada além de truques! Por que o senhor não me deixa em paz, em vez de ficar me mandando fazer seu trabalho

sujo?

— Como posso evitar, minha querida Victoire? Quando preciso de uma pessoa com aparência respeitável e moral incorruptível, só consigo pensar na senhora. Deveria ficar lisonjeada.

— Assim o senhor me comove! — ela murmurou. — Está me colocando em perigo mais uma vez e acha que é engraçado!

— Qual perigo?

— Como assim qual perigo? Todas as minhas cartas de recomendação são falsas.

— Cartas de recomendação são sempre falsas.

— E se o senhor Daubrecq descobrir? Se ele se informar?

— Ele já se informou.

— Como? O que o senhor está dizendo?

— Ele telefonou para o mordomo do conde de Saulevat, com quem a senhora disse que teve a honra de trabalhar.

— Está vendo? Para mim, basta!

— O mordomo do conde lhe fez muitos elogios.

— Ele não me conhece.

— Mas eu o conheço. Eu que consegui o posto dele com o conde de Saulevat. Então, se me entende…

Victoire pareceu acalmar-se um pouco.

— Bem — disse ela —, que seja feita a vontade de Deus… ou a sua. E qual é o meu papel em tudo isso?

— Primeiro, me colocar para dentro. A senhora foi minha ama de leite. Pode muito bem dividir o quarto comigo. Posso dormir na poltrona.

— E depois?

— Depois? Alimentar-me.

— E depois?

— Depois? Fazer, comigo, e sob a minha supervisão, uma série de buscas com o objetivo de…

— De quê?

— De descobrir o precioso objeto do qual eu lhe falei.

— O que é?

— Uma rolha de cristal.

— Uma rolha de cristal. Deus do céu, quanto trabalho! E se não encontrarmos sua bendita rolha?

Lupin segurou gentilmente o braço dela e, com a voz séria, falou:

— Se nós não a encontrarmos, o jovem Gilbert, que a senhora conhece e tanto ama, vai correr o risco de perder a cabeça, assim como Vaucheray.

— Não me importo com Vaucheray, um canalha como ele! Mas Gilbert…

— A senhora viu os jornais nesta noite? A situação está cada vez pior. Como era de se esperar, Vaucheray acusa Gilbert de dar a punhalada no camareiro; mas acontece que o punhal que Vaucheray usou pertence a Gilbert. Descobriram isso hoje de manhã. Então Gilbert, que é inteligente, mas se assusta facilmente, começou a gaguejar e a contar histórias e mentiras que vão acabar mal. Essa é a situação atual. A senhora vai me ajudar?

Depois desse dia, por vários dias, Lupin moldou sua vida à de Daubrecq, começando suas investigações no momento em que o deputado saía de casa. Sua busca era metódica, dividindo cada cômodo em seções que ele não abandonava até que tivesse procurado em cada cantinho e esgotado todas as possibilidades.

Victoire também procurava. E também não se esquecia de nenhum lugar. Pés das mesas, armações de cadeiras, molduras de espelhos e quadros, relógios, bases de estatuetas, bainhas de cortinas, telefones e instalações elétricas; qualquer lugar que uma imaginação engenhosa poderia ter escolhido como esconderijo foi revirado.

E eles também observavam todos os movimentos do deputado, mesmo os mais inconscientes, a expressão de seu rosto, os livros que lia e as cartas que escrevia.

Era fácil. Daubrecq parecia viver sua vida de forma transparente. Nenhuma porta ficava fechada. Ele não recebia visitas. E sua rotina funcionava com uma regularidade mecânica. Ele ia à Câmara à tarde e ao clube à noite.

— Contudo — disse Lupin —, deve existir alguma coisa nada ortodoxa por trás disso tudo.

— Não tem nada — reclamou Victoire. — O senhor está perdendo tempo, e nós vamos ser pegos.

A presença dos detetives e suas idas e vindas pelas janelas a enlouqueciam. Ela se recusava a acreditar que eles estivessem lá por algum outro motivo além de preparar uma armadilha para ela, Victoire. E toda vez

que saía para ir ao mercado se surpreendia por nenhum desses homens encostar nela.

Um dia, voltou bem chateada. A cesta de compras tremia em seus braços.

— O que houve, querida Victoire? — perguntou Lupin. — A senhora está verde.

— Verde? Devo estar mesmo! O senhor também estaria…

Ela se sentou e mal conseguiu gaguejar após algumas tentativas:

— Um homem… um homem falou comigo… na barraca de frutas.

— Meu Deus! Ele queria sequestrá-la?

— Não, ele me entregou uma carta…

— Então de que a senhora está reclamando? Era uma carta de amor, com certeza!

— Não. Ele disse: "É para o seu patrão". Perguntei "Meu patrão?", e ele respondeu "Sim, aquele cavalheiro que está hospedado no seu quarto". "Como assim?".

Foi a vez de Lupin estremecer:

— Victoire, me dê a carta — ordenou ele, pegando a carta da mão dela. O envelope não tinha endereço. Mas havia outro dentro, em que estava escrito:

"Senhor Arsène Lupin. Aos cuidados de Victoire".

— Droga! — exclamou ele. — Isso já está passando dos limites! — Ele rasgou o segundo envelope. Dentro havia uma folha de papel com estas palavras, escritas em letras maiúsculas:

"Tudo o que você está fazendo é inútil e perigoso. Desista".

Victoire gemeu e desmaiou. Lupin sentiu seu rosto ficar vermelho, como se tivesse sido insultado. Ele sentiu a humilhação que um duelista sentiria se escutasse o conselho mais secreto que tivesse recebido da boca de um adversário irônico.

Mas não disse uma palavra. Victoire voltou ao trabalho. E ele passou o dia no quarto, pensando.

Não dormiu naquela noite.

Ficava repetindo para si mesmo:

— De que adianta pensar? Estou diante de um daqueles problemas que não são solucionados com pensamentos. É certo que não estou sozinho e que, entre Daubrecq e a polícia, existe, além do terceiro ladrão, que sou eu,

um quarto ladrão, que está trabalhando por conta própria, que me conhece e que compreende meu jogo. Mas quem é o quarto ladrão? Será que posso estar errado? Droga! Melhor dormir!

Mas ele não conseguia dormir e passou boa parte da noite assim, inquieto.

Às quatro da manhã, pensou ter escutado um barulho na casa. Levantou rapidamente e, do topo das escadas, viu Daubrecq descer e se dirigir para o jardim.

Um minuto depois, após abrir o portão, o deputado voltou com um homem que estava com a cabeça enterrada em uma enorme gola de pele e o levou para o escritório.

Pensando em uma eventualidade como aquela, Lupin tomara suas precauções. Como as janelas do escritório e de seu quarto ficavam para os fundos da casa, com vista para o jardim, ele amarrou uma escada de corda na sua varanda, desenrolou-a devagar e desceu até que estivesse em cima da janela do escritório.

Venezianas cobriam essa janela, mas, como eram arqueadas, sobrava um espaço semicircular pelo qual Lupin conseguia ver o que se passava lá dentro, embora não conseguisse ouvir.

Foi então que ele percebeu que a pessoa que ele acreditara ser um homem era uma mulher, ainda jovem, embora já houvesse alguns fios grisalhos em seu cabelo escuro, alta e vestida com uma elegância simples, cujos traços traziam a expressão de cansaço e melancolia de quem está acostumada a sofrer.

— Onde foi que eu a vi antes? — Lupin perguntou para si mesmo. — Eu certamente conheço esse rosto, esse olhar, essa expressão.

Ela estava de pé, encostada na mesa, impassível, escutando Daubrecq, que também estava de pé e falava animadamente. Ele estava de costas para Lupin; mas este, ao se esticar para a frente, conseguia ver a imagem do deputado refletida em um espelho. E ficou assustado com o olhar estranho no rosto dele, o ar de desejo brutal com que Daubrecq encarava sua visitante.

Isso pareceu perturbá-la também, já que se sentou e baixou o olhar. Então Daubrecq se debruçou sobre ela e pareceu que ia envolvê-la com seus longos braços e mãos enormes. E, de repente, Lupin percebeu que grandes lágrimas escorriam pelo rosto triste da mulher.

Talvez tenham sido as lágrimas que fizeram Daubrecq perder a cabeça e, com um movimento brusco, agarrar a mulher e puxá-la para si. Ela o empurrou com uma violência que demonstrava todo o seu ódio. Depois de uma breve luta, durante a qual Lupin conseguiu ver a expressão contorcida e bestial do homem, os dois ficaram cara a cara, com um olhar de ódio de inimigos mortais.

Então eles pararam. Daubrecq se sentou. Havia maldade e sarcasmo em seu rosto. E começou a falar de novo, dando tapinhas na mesa como se estivesse ditando regras.

Ela não se mexeu mais. Ficou sentada em sua cadeira, com sua postura arrogante, distraída, o olhar vago. Lupin, atraído por aquele semblante poderoso e triste, continuou observando-a e tentava em vão recordar quem ou do que ela o lembrava, quando percebeu que ela havia virado a cabeça de leve e estava mexendo o braço de forma imperceptível.

O braço foi se estendendo e Lupin viu que, na ponta da mesa, havia uma garrafa com uma rolha dourada. Sua mão pegou a garrafa, apalpou-a, levantou-a devagar e avaliou a rolha. Um leve movimento com a cabeça. Um olhar, e a garrafa foi colocada de volta em seu lugar. Obviamente, não era o que a mulher esperava encontrar.

— Droga! — exclamou Lupin. — Ela também está atrás da rolha de cristal! O caso está ficando mais complicado a cada dia, sem dúvida!

Mas, ao voltar a observar a visitante, ele ficou pasmo ao perceber a repentina e inesperada mudança no semblante dela, uma expressão terrível, implacável, feroz. E viu que sua mão continuava explorando a mesa e, com um movimento ininterrupto e habilidoso, estava empurrando os livros e aproximando-se de um punhal cuja lâmina cintilava entre os papéis espalhados.

Ela pegou o punhal.

Daubrecq continuava falando. Pelas costas dele, a mão levantou, firme, pouco a pouco; e Lupin viu os olhos desesperados e furiosos da mulher fixos no ponto do pescoço em que pretendia cravar o punhal.

"A senhorita está fazendo uma tolice", pensou Lupin.

Ele já estava começando a pensar nas melhores formas de escapar e de levar Victoire com ele.

A mulher, porém, hesitou, com o braço levantado. Mas foi apenas uma fraqueza momentânea. Ela cerrou os dentes. O rosto todo, contraído de

ódio, ficou ainda mais retorcido. E ela fez o temido movimento.

No mesmo instante, Daubrecq se abaixou e, pulando de sua cadeira, virou-se e agarrou o frágil pulso da mulher.

Por estranho que pareça, ele não a repreendeu, como se o feito não o tivesse surpreendido mais do que um ato natural, ordinário e simples. Balançou os ombros, como um homem acostumado àquele tipo de perigo, e ficou andando de um lado para outro em silêncio.

Ela largara a arma e agora estava chorando, segurando a cabeça entre as mãos, com soluços que sacudiam seu corpo todo.

Em seguida, ele se aproximou dela e disse algumas palavras, mais uma vez dando tapinhas na mesa enquanto falava.

Ela acenou negativamente e, como ele insistiu, ela, por sua vez, bateu o pé no chão e exclamou, alto o suficiente para Lupin escutar:

— Jamais! Jamais!

Então, sem mais nenhuma palavra, Daubrecq pegou a gola de pele com que ela chegara e pendurou sobre os seus ombros, enquanto ela envolvia o rosto em uma renda.

Ele a acompanhou até a saída.

Dois minutos depois, o portão do jardim estava trancado de novo.

"Uma pena não poder correr atrás daquela mulher estranha", pensou Lupin, "e conversar com ela sobre Daubrecq. Tenho a impressão de que nós dois poderíamos fazer bons negócios juntos".

Em todo caso, havia um ponto a ser esclarecido: o deputado Daubrecq, cuja vida era tão ordenada, tão aparentemente respeitável, tinha o hábito de receber visitas à noite, quando sua casa não estava sendo vigiada pela polícia.

Lupin mandou Victoire falar com dois membros de sua quadrilha para vigiarem a casa. E ele próprio ficou acordado na noite seguinte.

Como na madrugada anterior, escutou um barulho às quatro da manhã. Como na madrugada anterior, o deputado recebeu alguém.

Lupin desceu pela escada e, quando chegou ao espaço livre sobre as venezianas, viu um homem rastejar aos pés de Daubrecq, lançar os braços nos joelhos do deputado em desespero e chorar convulsivamente.

Daubrecq, rindo, empurrava-o, mas o homem se segurava em suas pernas. Ele se comportava quase como uma pessoa que perdeu a cabeça, e finalmente, em um genuíno ato de loucura, meio em pé, pegou o deputado

pelo pescoço e jogou-o em uma cadeira. Daubrecq lutou, impotente no começo, enquanto as veias de suas têmporas cresciam. Logo, com uma força muito além da normal, ele reconquistou o controle da situação e tirou toda a chance de o adversário se mover. Então, segurando-o com uma das mãos, deu dois socos no rosto dele com a outra.

O homem se levantou devagar. Estava lívido e mal conseguia ficar em pé. Esperou por um momento, como se para recuperar o equilíbrio. Então, com uma calma aterrorizante, tirou um revólver no bolso e apontou para Daubrecq.

Daubrecq não se mexeu. Nem mesmo sorriu, exibindo um ar desafiador e sem mostrar nenhum medo, como se a arma apontada para ele fosse de brinquedo.

O homem ficou imóvel por uns quinze ou vinte segundos, encarando o inimigo, com o braço estendido. E com a mesma lentidão deliberada, demonstrando um autocontrole que era ainda mais impressionante, pois se seguia a um surto de extrema agitação, ele guardou o revólver e pegou sua carteira.

Daubrecq deu um passo à frente.

O homem abriu a carteira. Várias cédulas apareceram.

Daubrecq as pegou e contou. Eram notas de mil francos e havia trinta delas.

O homem assistiu a isso, sem o menor sinal de revolta ou protesto. Ele obviamente entendia a futilidade das palavras. Daubrecq era daquelas pessoas que não sabem ceder. Por que seu visitante perderia tempo implorando ou fazendo ameaças e insultos vazios? Ele não tinha esperança de derrotar aquele inimigo inacessível. Nem mesmo a morte de Daubrecq o livraria de Daubrecq.

Ele pegou seu chapéu e saiu.

Às onze horas da manhã, ao voltar do mercado, Victoire entregou a Lupin um bilhete de seus cúmplices.

Ele abriu e leu:

> *"O homem que veio ver Daubrecq ontem à noite é o deputado Langeroux, líder da esquerda independente. Um homem pobre, com família grande."*

— Ora — disse Lupin —, Daubrecq não passa de um chantagista. Mas seus meios de ação são indubitavelmente eficazes.

Os eventos subsequentes levaram Lupin a confirmar sua suposição. Três dias depois, outro visitante entregou uma grande quantia de dinheiro a Daubrecq. E, dois dias depois disso, veio outro e deixou um colar de pérolas.

O primeiro se chamava Dachaumont, senador e ex-ministro. O segundo era o marquês d'Albufex, um deputado bonapartista, antigo chefe de gabinete do príncipe Napoleão.

A cena, em ambos esses casos, foi muito similar àquela com o deputado Langeroux, violenta e trágica, terminando com a vitória de Daubrecq.

"E assim vai continuar", pensou Lupin, ao receber essas informações. "Estive presente em quatro visitas. Não vou descobrir nada mais se estiver em dez, ou vinte, ou trinta. Para mim, basta que os meus amigos sentinelas me digam os nomes dos visitantes. Devo ir falar com eles? Para quê? Eles não têm razão para confiar em mim. De outro lado, devo insistir nas investigações aqui que não estão progredindo e que Victoire pode muito bem continuar sem mim?"

Ele estava perplexo. As notícias do caso contra Gilbert e Vaucheray pioravam a cada dia, o tempo estava voando, e não se passava nem uma hora sem que Lupin se perguntasse, agoniado, se todos os seus esforços, mesmo se fossem bem-sucedidos, não acabariam tendo resultados ridículos, totalmente alheios ao objetivo que estava buscando. Enfim, supondo que ele descobrisse os negócios escusos de Daubrecq, isso lhe daria os meios de resgatar Gilbert e Vaucheray?

Naquele dia ocorreu um incidente que colocou um fim na sua indecisão. Depois do almoço, Victoire entreouviu uma conversa de Daubrecq ao telefone. Pelo que Victoire relatou, Lupin supôs que o deputado tinha um encontro com uma mulher às oito e meia e que ele a levaria ao teatro:

— Vou pegar um camarote, como aquele em que ficamos seis semanas atrás — dissera Daubrecq, e acrescentou, com uma gargalhada: — Espero que não assaltem a minha casa desta vez.

Não havia dúvidas na mente de Lupin. Daubrecq faria esta noite a mesma coisa que fizera seis semanas antes, enquanto eles estavam invadindo a vila dele em Enghien. Descobrir quem ele ia encontrar e,

talvez, como Gilbert e Vaucheray ficaram sabendo que Daubrecq ficaria fora das oito da noite até uma da manhã: essas eram questões da maior importância.

Lupin saiu da casa à tarde, com a ajuda de Victoire. Ela lhe informara que Daubrecq viria jantar mais cedo do que de costume.

Ele foi para seu apartamento na Rua Chateaubriand, telefonou para três amigos, vestiu-se como seu personagem favorito, o príncipe russo, com cabelo claro e costeleta curta.

Os cúmplices chegaram em um automóvel.

Naquele momento, Achille, seu criado, entregou-lhe um telegrama, endereçado a senhor Michel Beaumont, Rua Chateaubriand, que dizia:

"Não vá ao teatro hoje. Sua intervenção pode colocar tudo a perder."

Havia um vaso de flores na cornija da lareira ao seu lado. Lupin pegou-o e quebrou em pedacinhos.

— É isso, é isso — disse ele, irritado. — Eles estão brincando comigo da mesma forma que eu costumava brincar com os outros. Mesmo comportamento, mesmos truques. Mas tem uma diferença…

Qual diferença? Ele mal sabia. A verdade era que ele também estava desconcertado, profundamente perturbado até, e que só continuava agindo por obstinação, por um senso de dever, por assim dizer, sem colocar seu costumeiro bom humor e alto astral no trabalho.

— Venham — chamou seus cúmplices.

Seguindo as suas instruções, o chofer os deixou perto da Praça Lamartine, mas ficou com o motor ligado. Lupin previu que Daubrecq, para escapar dos detetives que vigiavam sua casa, entraria no primeiro táxi, e ele não queria ficar para trás.

Não daria chance para a perspicácia de Daubrecq.

Às sete e meia, as duas portas do jardim foram abertas, uma luz forte brilhou, e uma motocicleta saiu para a rua, contornou a praça, virou na frente do carro e disparou em uma velocidade tão alta que eles seriam loucos de tentar ir atrás.

— Vá com Deus! — disse Lupin, tentando fazer piada, mas, no fundo, morrendo de raiva.

Olhou para seus cúmplices na esperança de que um deles desse um risinho irônico. Como ele ficaria satisfeito de descontar sua raiva neles!

— Vamos para casa — ordenou aos seus companheiros.

Deu jantar a eles, depois fumou um charuto e saiu de novo de carro para passar pelos teatros, começando com aqueles que estavam exibindo operetas ou comédias musicais, pelas quais ele presumia que Daubrecq e sua senhora teriam preferência. Pegava um assento, verificava os camarotes e ia embora.

Então foi para os teatros mais sérios: o Renaissance, o Gymnase.

Finalmente, às dez da noite, ele viu um camarote quase completamente protegido por suas telas, e mediante uma gorjeta ficou sabendo que ali dentro havia um cavalheiro de certa idade, baixo e atarracado, e uma senhora que usava um véu de renda.

O camarote seguinte estava vazio. Pegou-o, voltou para dar instruções a seus companheiros e se sentou vizinho do casal.

Durante o intervalo, quando as luzes se acenderam, ele viu o perfil de Daubrecq. A mulher permanecia no fundo do camarote, invisível.

Os dois conversavam baixinho; quando a cortina subiu de novo, eles continuaram falando, mas de tal forma que Lupin não conseguia distinguir uma palavra.

Dez minutos se passaram. Alguém bateu à porta deles. Era um inspetor do teatro.

— O senhor é o deputado Daubrecq? — perguntou.

— Sim — respondeu Daubrecq, surpreso. — Mas como o senhor sabe o meu nome?

— Há um cavalheiro pedindo para falar com o senhor ao telefone. Ele me disse para me dirigir ao camarote 22.

— Mas quem é?

— O senhor marquês de Albufex.

— Como?

— O que devo dizer, senhor?

— Eu vou… eu vou…

Daubrecq levantou-se apressadamente de seu assento e seguiu o inspetor até o escritório.

Lupin ainda não o tinha perdido de vista quando saiu do seu camarote, abriu a porta ao lado e se sentou ao lado da senhora.

Ela engoliu um grito.

— Cale-se — ordenou ele. — Preciso falar com a senhora. É muito importante.

— Ah! — exclamou ela, entre os dentes. — Arsène Lupin!

Ele ficou pasmo. Por um momento, ficou sentado em silêncio. A mulher o conhecia! E não apenas o conhecia como o havia reconhecido mesmo disfarçado! Por mais que estivesse acostumado aos eventos mais extraordinários e insólitos, isso o deixou desconcertado.

Ele nem sonhou em protestar, e perguntou gaguejando:

— Então a senhora… me conhece?

Bruscamente, ele arrancou o véu dela antes que ela pudesse se defender.

— Como é possível? — murmurou ele, ainda mais perplexo.

Era a mulher que ele vira na casa de Daubrecq alguns dias antes, a mulher que o ameaçara com um punhal e que tivera a intenção de atingi-lo com toda a força de seu ódio.

Dessa vez, ela ficou surpresa:

— O quê? O senhor já me viu antes?

— Já, na outra noite na casa dele… Eu vi o que a senhora tentou fazer.

Ela fez um movimento de que ia fugir, mas ele a segurou e falou:

— Preciso saber quem é a senhora — disse ele. — Foi por isso que armei esse telefonema para Daubrecq.

Ela parecia assustada:

— O senhor está dizendo que não era o marquês de Albufex?

— Não, é um dos meus assistentes.

— Então Daubrecq vai voltar?

— Vai, mas temos tempo. Escute-me, precisamos nos encontrar outra vez. Ele é seu inimigo. Posso salvá-la dele.

— Por que faria isso? Qual é o seu objetivo?

— Não desconfie de mim. Provavelmente nossos interesses são os mesmos. Onde posso encontrá-la? Amanhã? A que horas? Onde?

— Bem…

Ela olhou para ele com óbvia hesitação, sem saber o que fazer, prestes a falar, mas ainda cheia de incertezas e dúvidas.

Ele pressionou:

— Por favor, eu imploro… responda… apenas um momento! E agora ele vai voltar, não seria bom me encontrar aqui! Eu imploro…

Com a voz clara, ela respondeu:

— Não importa meu nome. Vamos nos encontrar primeiro para que o senhor me explique tudo. Isso, vamos nos encontrar… amanhã, às três da tarde, na esquina do Boulevard…

Naquele exato momento, a porta do camarote se abriu, e Daubrecq apareceu.

— Droga! — reclamou Lupin baixinho, furioso por ser pego antes de conseguir o que queria.

Daubrecq riu sarcasticamente:

— Então é isso! Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. O velho truque do telefone, isso já está ultrapassado, senhor! Não cheguei nem na metade do caminho antes de voltar.

Ele empurrou Lupin para a parte da frente do camarote e, sentando--se ao lado da senhora, disse:

— E então, quem é o senhor? Um funcionário da delegacia de polícia? Tem uma aparência profissional.

Ele encarou Lupin, que não mexeu um músculo, e tentou dar um nome àquele rosto, mas não reconheceu o homem que ele chamara de Polônio.

Lupin, sem tirar os olhos de Daubrecq, refletiu. Por nada neste mundo ele desperdiçaria aquela oportunidade de chegar a um acordo com seu inimigo mortal.

A mulher continuava sentada no canto, sem mexer um músculo, e observava os dois.

Lupin disse:

— Vamos sair, senhor. Isso facilitaria nossa conversa.

— Não, meu senhor, aqui — respondeu o deputado. — Vai ser aqui dentro, durante o intervalo. Assim, não vamos perturbar ninguém.

— Mas…

— Não se preocupe, bom homem, o senhor não sairá daqui.

Ele pegou Lupin pelo colarinho, com a clara intenção de não o soltar antes do intervalo.

Gesto imprudente! Como Lupin poderia aceitar tal atitude, principalmente diante de uma mulher a quem ele oferecera uma aliança, uma mulher que, agora ele percebia, era muito bonita e cuja beleza o atraía? Seu orgulho de homem borbulhou.

Entretanto, não disse nada. Aceitou o peso da mão sobre seu ombro e até se dobrou em dois, como se estivesse derrotado, impotente, quase assustado.

— Esperto — zombou o deputado. — Parece que não perdemos a cabeça.

O palco estava cheio de atores que brigavam e faziam barulhos.

Daubrecq afrouxara seu aperto e Lupin sentiu que havia chegado o momento.

Com a lateral da mão, deu um golpe violento na parte interna do braço do deputado, como teria feito com uma machadinha.

A dor descompensou Daubrecq. Lupin conseguiu se soltar totalmente e voou para cima do outro para pegá-lo pelo pescoço. Mas Daubrecq foi rápido em se colocar na defensiva e deu um passo atrás, e as quatro mãos se agarraram.

Eles se agarraram com uma energia sobre-humana, a força dos dois adversários concentrada naquelas mãos. As de Daubrecq tinham um tamanho monstruoso; e Lupin, preso naquele torno de ferro, sentia como se não estivesse lutando com um homem, mas com uma terrível fera, um enorme gorila.

Eles se seguravam contra a porta, curvados, como dois lutadores apalpando e tentando se agarrar. Seus ossos estalavam. O que cedesse primeiro seria pego pelo pescoço e estrangulado. E tudo isso aconteceu no momento de um silêncio repentino, já que os atores no palco agora estavam escutando um deles que falava baixo.

A mulher recostou-se na parede, olhando para eles aterrorizada. Se ela escolhesse um dos lados, com apenas um movimento a vitória seria decidida na mesma hora para o escolhido. Mas qual deles ela ajudaria? O que Lupin representava para ela? Um amigo? Um inimigo?

Rapidamente, ela foi para a parte da frente do camarote, forçou a tela e, inclinando-se, pareceu fazer um sinal. Então, voltou e tentou escapulir para a porta.

Lupin, como se quisesse ajudá-la, sugeriu:

— Por que não move a cadeira?

Ele estava falando de uma cadeira pesada que caíra entre ele e Daubrecq e sobre a qual os dois estavam lutando.

A mulher abaixou-se e tirou a cadeira. Era o que Lupin estava esperando. Uma vez livre do obstáculo, ele deu um chute no queixo de Daubrecq com a ponta de sua bota de couro. O resultado foi o mesmo do golpe que dera no braço dele. A dor causou uma distração de um segundo, da qual ele logo tirou vantagem para largar as mãos de Daubrecq e enterrar os dez dedos no pescoço do adversário.

Daubrecq resistiu, tentou afastar as mãos que o enforcavam, mas estava começando a sufocar e sentiu sua força diminuir.

— Ah, seu macaco velho! — Lupin grunhiu, forçando-o para o chão. — Por que não grita pedindo ajuda? Está com medo de um escândalo?

Ao som da queda, eles bateram na divisória do outro lado.

— Saia da frente — disse Lupin, baixinho. — A peça está acontecendo no palco. Isso aqui é problema meu e, até que eu derrube esse gorila…

Não demorou muito. O deputado estava sufocando. Lupin deu um soco no maxilar dele. Então, só precisava pegar a mulher e fugir antes que o alarme fosse dado.

Mas, quando se virou, viu que a mulher tinha ido embora.

Não poderia estar longe. Saindo do camarote, começou a correr, sem se preocupar com os porteiros e fiscais do teatro.

Ao chegar ao *lobby* de entrada, viu-a por uma porta aberta, atravessando a Rua de Chaussée d'Antin.

Ela estava entrando em um automóvel quando ele se aproximou.

Ela fechou a porta.

Ele agarrou a maçaneta e tentou puxar.

Mas um homem apareceu e deu um soco no rosto de Lupin, com menos habilidade, mas não menos força do que Lupin usara ao socar Daubrecq.

Por mais surpreso que estivesse com o soco, teve tempo de reconhecer o homem e o motorista do carro, apesar do disfarce. Eram Grognard e Le Ballu, os dois homens que controlaram os barcos na noite em Enghien, dois amigos de Gilbert e Vaucheray: ou seja, dois cúmplices de Lupin.

Quando chegou ao seu apartamento na Rua Chateaubriand, Lupin, depois de lavar o sangue do rosto, ficou sentado por quase uma hora. Pela primeira vez em sua vida sentira a dor da traição. Pela primeira vez seus companheiros de luta estavam se virando contra o chefe.

De forma mecânica, para distrair os pensamentos, pegou sua correspondência e rasgou a embalagem do jornal noturno. Entre as últimas notícias, encontrou estas linhas:

"O CASO DA VILA MARIE-THÉRÈSE

A verdadeira identidade de Vaucheray, um dos supostos assassinos de Leonard, o camareiro, foi finalmente descoberta.

Ele é um bandido da pior espécie, um criminoso que já foi condenado por homicídio duas vezes, sob outro nome.

Sem dúvida, a polícia acabará descobrindo o nome real do seu cúmplice, Gilbert. De qualquer modo, o juiz responsável está determinado a encaminhar o caso para julgamento assim que possível.

O povo não terá motivos para reclamar de atrasos na justiça."

Entre os jornais e prospectos havia uma carta. Lupin deu um pulo ao vê-la. Estava assim endereçada:

"Senhor de Beaumont, Michel."

— Ah! — exclamou Lupin. — Uma carta de Gilbert!

Continha poucas palavras:

"Patrão, me ajude! Estou com medo! Muito medo!"

Mais uma vez Lupin passou a noite alternando entre insônia e pesadelos. Mais uma vez ele estava atormentado por visões atrozes e aterrorizantes.

O chefe dos inimigos

— Pobre rapaz — murmurou Lupin quando olhou a carta de Gilbert na manhã seguinte. — Como ele deve estar se sentindo!

No dia em que colocou os olhos sobre ele, passou a gostar do jovem tão distraído, alegre e de bem com a vida. Gilbert era dedicado ao patrão, teria aceitado a morte a um sinal dele. E Lupin também adorava sua franqueza, seu bom humor, sua simplicidade, seu rosto aberto e simpático.

— Gilbert — ele costumava dizer —, você é um homem honesto. Se eu fosse você, abandonaria esse negócio e me tornaria um homem honesto para sempre.

— Só depois que o senhor fizer isso, patrão — respondia ele com uma gargalhada.

— Você faria isso?

— Não, patrão. Um homem honesto é aquele que trabalha, que sua a camisa. Talvez eu tenha sentido esse gostinho quando era criança; mas eles me fizeram não querer mais.

— Quem são eles?

Gilbert ficou em silêncio. Ele sempre ficava em silêncio quando era questionado sobre o começo de sua vida; Lupin só sabia que era órfão desde a infância e que vivera em todo tipo de lugar, mudando de nome e aceitando os trabalhos mais bizarros. Tudo era um mistério em que ninguém conseguia penetrar e, pelo que parecia, a polícia não estava se saindo muito melhor.

No entanto, também não parecia que a polícia iria atrasar o processo por causa desse mistério. Eles mandariam o cúmplice de Vaucheray a julgamento, usando o nome de Gilbert ou qualquer outro nome, e lhe

dariam o mesmo castigo inevitável.

— Pobre rapaz — repetia Lupin. — Estão perseguindo-o só por minha causa. Estão com medo de que ele fuja, por isso estão correndo para terminar o processo: o veredito primeiro, depois… a execução. Ah, esses açougueiros! Um rapaz de 20 anos, que não matou ninguém, que nem é cúmplice do homicídio…

Infelizmente, Lupin bem sabia que isso era algo impossível de provar e que precisava concentrar todos os seus esforços em outra questão. Mas em qual? Deveria abandonar o rastro da rolha de cristal?

Não conseguia se decidir. Sua única distração da busca foi ir a Enghien, onde Grognard e Le Ballu moravam, e se certificar de que ninguém sabia deles desde o assassinato na Villa Marie-Thérèse. Além disso, concentrou-se na questão de Daubrecq e nada mais.

Recusava-se até a pensar em um problema que estava bem diante dele: a traição de Grognard e Le Ballu; a conexão deles com a senhora de cabelo grisalho; a espionagem cujo objeto era ele mesmo…

— Calma, Lupin — disse ele. — Ninguém pensa direito no calor do momento. Então, fique quieto. Nada de deduções! Nada é mais tolo do que deduzir um fato a partir de outro antes de encontrar um ponto de partida. É assim que você se coloca em maus lençóis. Escute seus instintos. Aja de acordo com os seus instintos. E, já que está convencido, apesar de todos os argumentos lógicos, de que esse negócio gira em torno da bendita rolha, vá atrás dela. Grude em Daubrecq e no cristal dele!

Lupin não esperou chegar a essa conclusão para agir. No momento em que chegava a ela com clareza, três dias depois da cena no teatro, estava sentado, vestido como um comerciante aposentado, com um sobretudo velho e um cachecol no pescoço, em um banco na Avenida Victor-Hugo, a alguma distância da Praça Lamartine. Tinha dado instruções a Victoire para passar por aquele banco toda manhã, à mesma hora.

— Sim — repetiu para si mesmo —, a rolha de cristal: tudo gira em torno dela. Quando eu colocar as mãos nela…

Victoire chegou, com sua cesta de compras pendurada no braço. Na mesma hora ele percebeu a agitação e a palidez dela.

— O que houve? — perguntou Lupin, caminhando ao lado da velha ama de leite.

Ela entrou em um grande mercado, que estava cheio, e virou-se para ele:

— Aqui — disse ela, com a voz emocionada. — Aqui está o que o senhor estava procurando.

E, pegando algo na cesta, entregou a ele.

Lupin ficou estarrecido: em sua mão estava a rolha de cristal.

— Isso é verdade? Isso é verdade? — murmurou, como se a solução fácil o tivesse desequilibrado.

Mas o fato estava ali, visível e palpável. Ele reconheceu pela forma, pelo tamanho, pelo ouro gasto de suas facetas. Reconheceu, sem a menor possibilidade de dúvida, a rolha de cristal que ele já vira. Até notou um pequeno arranhão do qual se lembrava perfeitamente.

Era uma rolha de cristal, só isso. Não havia nada de especial para distingui-la de outras rolhas. Não havia nenhum sinal, nenhuma marca e, como fora feita de uma única peça, não continha nenhum objeto dentro.

— E agora?

Então Lupin teve uma rápida visão sobre a profundidade de seu erro. De que valeria ficar com a rolha de cristal se não sabia seu valor? Aquele pedaço de cristal não continha um valor por si, mas contava com um significado dado a ela. Antes de pegá-la, ele precisava saber. E como poderia saber que, ao pegá-la, ao roubá-la de Daubrecq, não estaria cometendo um ato de estupidez?

Era uma questão à qual era impossível responder, mas se impunha a ele com um rigor singular.

— Nada de erros — murmurou para si mesmo, ao guardar a rolha no bolso. — Nesse negócio maldito, erros são fatais.

Não tirara os olhos de Victoire. Acompanhada por um vendedor, ela ia de balcão em balcão, no meio de uma porção de clientes. Depois, parou no caixa e passou na frente de Lupin.

Ele sussurrou as instruções:

— Encontre-me atrás do Liceu Janson.

Ela o encontrou em uma rua pouco movimentada.

— Acha que fui seguida? — perguntou ela.

— Não — declarou ele. — Prestei atenção. Escute-me. Onde encontrou a rolha?

— Na gaveta da mesinha de cabeceira dele.

— Mas já tínhamos procurado lá.

— Sim, mas procurei hoje de novo. Pensei que ele poderia ter colocado lá ontem à noite.

— E ele deve querer pegá-la na gaveta — opinou ele.

— É bem provável.

— Suponha que ele não encontre.

Victoire pareceu amedrontada.

— Responda — insistiu Lupin. — Se ele descobrir que sumiu, vai acusá-la de roubo, não vai?

— Com certeza.

— Então coloque de volta no lugar, o mais rápido possível.

— Ah, meu Deus! — exclamou ela. — Espero que ele não tenha tido tempo de descobrir. Rápido, me devolva.

— Ela está aqui.

Ele apalpou o bolso do sobretudo.

— Então? — questionou Victoire, estendendo a mão.

— Então — respondeu ele após um momento — ela sumiu.

— O quê?

— Eu lhe dou minha palavra, ela sumiu… alguém tirou de mim.

Ele caiu na gargalhada, uma gargalhada que, desta vez, não tinha a menor amargura.

Victoire se indignou.

— Como você pode rir nessas circunstâncias?

— Como não rir? Você deve confessar que é engraçado. Não é mais uma tragédia que estamos encenando, mas um conto de fadas, como *O gato de botas* ou *João e o pé de feijão*. Vou escrever essa história quando tirar algumas semanas de folga: *A rolha mágica* ou *Os contratempos do pobre Arsène*.

— Bem, quem a pegou de você?

— Do que a senhora está falando? Ela sumiu, desapareceu do meu bolso: escafedeu-se!

Ele deu um leve empurrão na criada e disse com o tom mais sério:

— Vá para casa, Victoire, e não se preocupe. Com certeza alguém viu quando a senhora me deu a rolha e se aproveitou que o mercado estava cheio e a pegou do meu bolso. Isso só mostra que estamos sendo vigiados mais de perto do que eu imaginava e por adversários de primeira categoria.

Mas fique calma. As pessoas honestas sempre dão a última palavra. A senhora tem mais alguma coisa para me contar?

— Sim. Alguém entrou na casa ontem à noite enquanto o senhor Daubrecq estava fora. Eu vi as luzes refletidas nas árvores do jardim.

— A zeladora?

— Ela estava acordada.

— Então deve ter sido um daqueles detetives; eles ainda estão procurando. Victoire, nos vemos mais tarde. A senhora precisa me deixar entrar de novo.

— O quê? O senhor quer…

— Qual é o risco? Seu quarto fica no terceiro andar. Daubrecq não desconfia de nada.

— Mas e os outros?

— Os outros? Se eles quisessem me pregar uma peça, já teriam tentando antes. Eu estou no caminho deles, só isso. Eles não têm medo de mim. Até mais tarde, Victoire, às cinco em ponto.

Mais uma surpresa esperava Lupin. À noite, sua velha ama de leite lhe contou que abriu a gaveta da mesa de cabeceira por curiosidade e encontrou a rolha de cristal lá dentro de novo.

Lupin não estava mais animado com esses incidentes miraculosos. Simplesmente disse para si mesmo:

— Então trouxeram de volta. A pessoa que fez isso, e entrou nesta casa por meios inexplicáveis, considerou, assim como eu, que a rolha não deveria desaparecer. Ainda assim, Daubrecq, que sabe que está sendo vigiado até no próprio quarto, mais uma vez deixou a rolha na gaveta, como se não desse a menor importância a ela! O que pensar disso?

Embora ainda não tivesse uma opinião formada, Lupin não conseguia escapar de alguns argumentos, algumas associações de ideias que lhe davam uma vaga amostra da luz que uma pessoa vê ao se aproximar da saída de um túnel.

— Da forma como o caso está andando, é inevitável que logo terá de haver um encontro entre mim e os outros. A partir de então serei o dono da situação.

Cinco dias se passaram sem que Lupin descobrisse nada. No sexto dia, de manhã, Daubrecq recebeu a visita do deputado Laybach, que, assim como seus colegas, se jogou no chão desesperado e, no final, entregou vinte

mil francos.

Mais dois dias e então, à noite, parado no patamar do segundo andar, Lupin ouviu uma porta se abrir, percebeu que era a porta da frente, que comunicava o vestíbulo ao jardim. No escuro, ele distinguiu, ou supôs, a presença de duas pessoas, que subiram as escadas e pararam no primeiro andar, na frente da porta do quarto de Daubrecq.

O que eles estavam fazendo ali? Não era possível entrar no quarto, porque Daubrecq trancava toda noite. Então o que eles esperavam?

Pelos sons ocos que vinham, era evidente que estavam trabalhando na porta. Então, algumas palavras sussurradas:

— Deu certo?

— Sim, perfeitamente, mas mesmo assim acho melhor deixarmos para amanhã, porque…

Lupin não escutou o final da frase. Os homens já estavam descendo as escadas. A porta foi fechada bem devagar, depois o portão.

"É curioso", pensou Lupin. "Aqui nesta casa onde Daubrecq cuidadosamente esconde suas patifarias e está sempre, por um bom motivo, de guarda contra espiões, todo mundo entra e sai como se estivesse em uma feira livre. Victoire me deixa entrar, a zeladora deixa os emissários da polícia entrar; tudo bem, mas quem está enganando quem? Devemos supor que eles estejam trabalhando sozinhos? Mas que destemidos! E como conheciam bem a casa!"

À tarde, durante a ausência de Daubrecq, ele examinou a porta do quarto do primeiro andar. E, à primeira vista, ele entendeu: um dos painéis inferiores tinha sido habilidosamente cortado e colocado de volta no lugar com tachas invisíveis. Portanto, as pessoas que fizeram esse serviço eram as mesmas que tinham feito isso em seus dois apartamentos, na Rua Matignon e na Rua Chateaubriand.

Ele também descobriu que o trabalho tinha sido feito antes, ou seja, nesse caso a abertura já tinha sido feita de antemão, antecipando circunstâncias favoráveis ou alguma necessidade imediata.

O dia não pareceu longo para Lupin. Logo ficaria sabendo. Não apenas descobriria a maneira pela qual seus adversários usavam aquelas pequenas aberturas, que pareciam impossíveis de ser usadas, já que não permitiam que a pessoa alcançasse os ferrolhos superiores, como também descobriria quem eram seus enérgicos e engenhosos adversários, com os quais repetida

e inevitavelmente vinha se confrontando.

Um incidente o aborreceu. À noite, Daubrecq, que reclamara de cansaço durante o jantar, voltou para casa às dez horas e, ao contrário do seu costume, fechou os ferrolhos da porta de entrada. Nesse caso, como os outros conseguiriam levar seu plano adiante e subir até o quarto de Daubrecq? Lupin esperou uma hora depois que o deputado apagou a luz. Então, desceu para o escritório, deixou uma das janelas entreabertas e voltou para o terceiro andar, onde preparou sua escada de corda para que, se precisasse, pudesse chegar ao escritório sem a necessidade de cruzar a casa. Por fim, voltou ao seu posto no patamar do segundo andar.

Não precisou esperar muito. Uma hora mais cedo do que na véspera, alguém tentou abrir a porta da frente. Como não conseguiu, seguiram--se alguns minutos de absoluto silêncio. Lupin estava começando a achar que os homens tinham abandonado a ideia, quando levou um susto. Sem fazer o menor som para quebrar o silêncio, alguém havia passado. Ele não teria nem percebido, já que o som dos passos era totalmente abafado pelo carpete da escada, e se o corrimão, que ele próprio segurava, não tivesse balançado de leve. Alguém estava subindo pela escada.

E, conforme a subida continuava, Lupin ficou consciente da inquietante sensação de não ouvir nada além do que escutara antes. Ele sabia, por causa do corrimão, que alguma coisa estava vindo e conseguia contar o número de degraus pela vibração do corrimão; mas nenhuma outra indicação que lhe mostrasse a presença que ele sentia pelos movimentos distintos, mas que não via nem ouvia. Mas uma sombra mais escura devia ter se formado na escuridão e alguma coisa devia, pelo menos, ter modificado a qualidade do silêncio. Não, poderia ter acreditado que ninguém estava lá.

E, embora não quisesse, Lupin acabou acreditando nisso, já que o corrimão não se moveu mais, então achou que talvez tivesse tido uma ilusão.

E isso durou um longo tempo. Ele hesitou, sem saber o que fazer, sem saber o que pensar. Mas uma circunstância bizarra o deixou impressionado. O relógio batia duas horas. Ele reconheceu o som do relógio de Daubrecq. E o som não parecia ser interrompido por uma porta.

Lupin desceu a escada e foi até a porta. Estava fechada, mas havia um espaço no lado inferior esquerdo, um espaço deixado quando tiraram um

pequeno painel.

Ele escutou. Daubrecq, naquele momento, virou-se na cama; e logo sua respiração voltou ao normal, apenas um pouco mais grave. Lupin ouviu perfeitamente o som de roupas sendo remexidas. Sem a menor dúvida, a coisa estava lá, remexendo as roupas que o deputado deixara ao lado da cama.

"Mas como", pensou Lupin, "o invasor entrou? Será que conseguiu puxar os ferrolhos e abrir a porta? Mas, então, por que cometeria o erro de fechá-la de novo?"

Nem por segundo, uma anomalia curiosa em um homem como Lupin, uma anomalia que só podia ser explicada pela sensação bizarra que essa aventura causava nele, nem por um segundo ele suspeitou da simples verdade que estava prestes a lhe ser revelada. Continuando a descer, ele se agachou em um dos degraus inferiores, colocando-se entre o quarto e a porta da frente, no caminho que o inimigo de Daubrecq passaria inevitavelmente para se juntar a seus cúmplices.

Ele questionou a escuridão com uma angústia inexplicável. Estava prestes a desmascarar o inimigo de Daubrecq, que também era seu adversário. Frustraria os planos dele. E Lupin, por sua vez, pegaria o que fora roubado de Daubrecq, enquanto este dormia e enquanto os cúmplices escondidos por trás da porta ou do lado de fora do portão esperavam o retorno do líder.

E esse retorno aconteceu. Lupin sabia pela vibração do corrimão. Mais uma vez, com cada nervo tenso, ele se esforçou para discernir a coisa misteriosa que estava vindo em sua direção. De repente, apenas a poucos metros de distância, ele percebeu. Ele próprio, escondido em um canto escuro, não podia ser visto. E o que viu, de forma bem vaga, estava se aproximando degrau a degrau, com um cuidado enorme, segurando o corrimão.

— Com quem estou lidando? — perguntou-se Lupin, enquanto seu coração disparava dentro do peito.

A catástrofe se precipitou. O estranho parou, percebeu um movimento incauto de Lupin, que temeu que o outro virasse as costas e fugisse. Pulou no adversário e ficou pasmo ao encontrar nada além de espaço e bater no corrimão sem conseguir agarrar a forma que vira. Na mesma hora, correu, cruzou o vestíbulo e viu seu antagonista exatamente quando ele estava

chegando à abertura da porta para o jardim.

Houve um suspiro de medo, seguido por outros suspiros do outro lado da porta.

— Ah, o que é isso? — murmurou Lupin, cujos braços tinham se fechado em volta de uma coisinha minúscula e chorosa.

De repente, compreendendo, ele ficou imóvel e boquiaberto por um momento, sem saber o que fazer com sua presa recém-conquistada. Mas os outros estavam gritando e batendo pelo lado de fora da porta. Então, temendo que Daubrecq acordasse, enfiou a coisinha por baixo de seu paletó, contra seu peito, abafando o choro com seu lenço, e correu os três lances de escada acima.

— Aqui — disse ele para Victoire, que acordou sobressaltada. — Eu lhe trouxe o indomável chefe de nossos inimigos, o Hércules da quadrilha. Você tem uma mamadeira?

Ele colocou na poltrona um menino de uns seis ou sete anos de idade, uma figurinha minúscula, vestindo uma camisa cinza e um gorro de lã, cujos traços pálidos e lindos estavam manchados por lágrimas que escorriam de olhos assustados.

— Onde você pegou essa criança? — perguntou Victoire, chocada.

— Na escada, quando estava saindo do quarto de Daubrecq — respondeu Lupin, apalpando a camisa na esperança de que o menino tivesse trazido alguma coisa do quarto.

Victoire foi tomada pela compaixão:

— Coitadinho, está tentando não chorar! Por todos os santos, as mãos dele parecem gelo! Não tenha medo, filhinho, nós não vamos machucar você. Esse senhor não é mau.

— Sim — disse Lupin —, este senhor aqui não é mau, mas tem um homem muito malvado que vai acordar se eles continuarem fazendo tanto barulho do lado de fora. Está escutando, Victoire?

— Quem são?

— Os capangas do nosso jovem Hércules, o indomável líder da quadrilha.

— Bem… — gaguejou, muito nervosa.

— Bem, como eu não quero ser pego com a boca na botija, vou começar limpando o campo. Você vem comigo, Hércules?

Ele enrolou o menino em um cobertor, de maneira que apenas a cabeça ficasse para fora, amordaçou-o da forma mais gentil que conseguiu e pediu que Victoire o amarrasse nos seus ombros.

— Viu, Hércules? Vamos fazer uma brincadeira. Você nunca pensou que acharia um homem para brincar de cavalinho com você às três da manhã! Vamos voar. Espero que não tenha vertigem.

Lupin passou pela borda da janela e colocou o pé em um dos degraus da escada de corda. Chegou ao jardim em um minuto.

Ele não deixou de ouvir, e agora ouvia ainda mais alto as batidas na porta da frente. Estava surpreso por Daubrecq não ter acordado com tanto tumulto.

— Se eu não puser um fim nisso, eles vão estragar tudo — falou consigo mesmo.

Parou em uma quina da casa, invisível na escuridão, e mediu a distância entre ele e o portão, que estava aberto. À sua direita, viu os degraus, no topo dos quais as pessoas se agitavam; à sua esquerda estava o cômodo ocupado pela zeladora.

A mulher havia saído de seu quarto e estava parada perto do portão, suplicando:

— Fiquem quietos! Ele vai escutar!

— Perfeito! — exclamou Lupin. — Por Deus, ela também é cúmplice deles!

Ele foi até ela e, pegando-a pelo pescoço, sussurrou:

— Vá e diga a eles que eu estou com a criança. Que venham pegá-la comigo na minha casa, na Rua Chateaubriand.

Um pouco afastado, na avenida, havia um táxi, que Lupin presumiu que estivesse com a quadrilha. Falando de forma autoritária, como se fosse um dos cúmplices, entrou no carro e mandou o homem levá-lo para casa.

— Bem — disse para a criança —, espero que não esteja muito abalado. O que acha de descansarmos um pouco?

Enquanto seu criado, Achille, dormia, Lupin acomodou o menino e fez carinho em seu cabelo.

O menino parecia sonolento. O pobre rostinho petrificado em uma expressão rígida que mostrava, ao mesmo tempo, medo e não querer demonstrar o medo, de querer gritar, mas fazer um esforço enorme para não gritar.

— Pode chorar, pequenino — disse Lupin. — Vai ser bom para você.

O menino não chorou, mas a voz foi tão gentil que ele relaxou os músculos tensos e, agora, seus olhos estavam mais tranquilos, e sua boca, menos retorcida. Lupin, que o estava examinando de perto, encontrou ali alguma coisa, uma semelhança indubitável.

De novo, isso confirmou certos fatos de que ele suspeitava e que já vinha articulando em sua mente havia um tempo. Na verdade, a não ser que estivesse errado, a situação estava ficando bem diferente, e ele logo saberia a direção dos eventos. Depois disso…

A campainha soou uma vez, depois mais duas.

— Viu? — disse Lupin para o menino. — A mamãe veio pegá-lo. Não se mova.

Ele correu e abriu a porta.

Uma mulher entrou, desesperada.

— Meu filho! — ela gritou. — Meu filho! Onde ele está?

— No meu quarto — respondeu Lupin.

Sem mais nenhuma pergunta, provando que sabia o caminho, ela correu para o quarto.

— Como eu imaginei — murmurou Lupin. — A jovem de cabelo grisalho: amiga e inimiga de Daubrecq.

Foi até a janela e olhou pelas cortinas. Dois homens estavam andando de um lado para outro na calçada do outro lado: Grognard e Le Ballu.

— E eles nem estão se escondendo — disse para si mesmo. — Isso é um bom sinal. Eles acham que não podem continuar sem mim e que devem obedecer ao patrão. Com isso, sobra a bonita dama de cabelo grisalho. Isso será mais difícil. Agora, somos eu e você, mamãe!

Ele encontrou a mãe e o menino abraçados; ela, em estado de alerta, com os olhos úmidos de lágrimas, estava dizendo:

— Você está machucado? Tem certeza? Ah, como deve ter ficado com medo, pobrezinho do meu Jacques!

— Um rapazinho durão — comentou Lupin.

Ela não respondeu. Estava apalpando a blusa do menino, como Lupin fizera mais cedo, sem dúvida para ver se ele tinha conseguido cumprir sua missão noturna; e ela perguntou a ele em um sussurro.

— Não, mamãe — respondeu ele —, juro que não.

Ela o beijou com doçura e fez carinho até que, um pouco depois, o menino, exausto pela fadiga e pela tensão, pegou no sono. Ela permaneceu debruçada sobre ele por um longo tempo. Também parecia esgotada e precisando de um descanso.

Lupin não interrompeu sua contemplação. Fitava-a de forma ansiosa, com uma atenção que ela não percebia, e ele notou as manchas escuras embaixo de seus olhos e as marcas mais profundas de rugas. Ainda assim, considerava-a mais bonita do que pensara, com aquela beleza comovente que o sofrimento habitual traz para alguns rostos que ficam mais humanos, mais sensíveis do que outros.

A expressão dela era tão triste que, em uma explosão de empatia, ele se aproximou e disse:

— Eu não sei quais são os seus planos, mas, quaisquer que sejam, a senhora precisa de ajuda. Não conseguirá sozinha.

— Não estou sozinha.

— Aqueles homens lá fora? Eu os conheço. Não são bons. Eu suplico que me use. Lembra-se da outra noite, no camarote do teatro? A senhora estava prestes a falar. Não hesite hoje.

Ela virou os olhos para ele, encarou-o fixamente e, como que incapaz de fugir daquela vontade, falou:

— O que o senhor sabe exatamente? O que sabe sobre mim?

— Tem muitas coisas que eu não sei, seu nome, por exemplo. Mas sei…

Ela o interrompeu com um gesto, de forma convincente, dominando o homem que a estava convencendo a falar:

— Isso não importa — exclamou ela. — O que o senhor sabe não é muito e não tem importância. Mas quais são os seus planos? O senhor me oferece a sua ajuda: com qual objetivo? Para qual trabalho? O senhor mergulhou de cabeça nesse negócio. Não consigo fazer nada sem encontrá-lo no meu caminho. O senhor deve ter algum objetivo… Qual?

— Qual objetivo? Eu lhe dou a minha palavra, a minha conduta…

— Não, não — ela retrucou enfaticamente. — Nada de frases prontas! O que eu e o senhor precisamos é de certezas. E para alcançá-las precisamos ser francos. Vou dar um exemplo. O senhor Daubrecq possui um objeto de inestimável valor, não pelo que é, mas pelo que representa. O senhor sabe o que é. Esteve com ele em suas mãos duas vezes. Bem, isso me leva a acreditar que, ao tentar obtê-lo, o senhor deseja usar o poder atribuído a

ele em benefício próprio.

— O que a faz pensar assim?

— Sim, o senhor deseja usá-lo nos seus próprios esquemas, nos interesses dos seus negócios, de acordo com os seus hábitos de…

— De ladrão e vigarista — disse Lupin, completando a frase para ela.

Ela não protestou. Ele tentou ler os pensamentos secretos dela no fundo de seus olhos. O que ela queria dele? De que tinha medo? Se ela desconfiava dele, ele também não tinha razões para desconfiar dessa mulher que duas vezes pegara a rolha de cristal dele para devolver para Daubrecq? Por mais que fosse inimiga mortal do deputado, até que ponto ela continuava se submetendo à vontade dele? Ao se entregar a ela, não estaria se arriscando a se entregar para Daubrecq? Mas ele nunca olhara dentro de olhos mais graves nem de um rosto mais honesto.

Sem mais hesitação, ele afirmou:

— Meu objetivo é muito simples: soltar meus amigos Gilbert e Vaucheray.

— Isso é verdade? Jura que é verdade? — questionou ela com um olhar ansioso, e tremendo bastante.

— Se a senhora me conhecesse…

— Eu conheço o senhor… Sei quem é. Há meses faço parte da sua vida, sem que desconfie… ainda assim, por algumas razões, ainda duvido…

Ele disse, em um tom de voz mais incisivo:

— A senhora não me conhece. Se conhecesse, saberia que não vou ficar em paz até que meus dois companheiros tenham escapado do terrível destino que os espera.

Ela correu até ele, pegou-o pelos ombros e, angustiada, disse:

— O quê? O que disse? Terrível destino? Então o senhor acredita… acredita…

— Eu realmente acredito — ele confirmou, percebendo como essa ameaça mexia com ela —, realmente acredito que, se eu não chegar a tempo, Gilbert estará perdido.

— Cale-se! Cale-se! — gritou ela, segurando-o com força. — Cale-se… Não tem razão para… É só uma suposição sua que…

— Não apenas eu, Gilbert também…

— O quê? Como o senhor sabe?

— Ele mesmo falou.

— Ele mesmo?

— Sim, Gilbert, que não tem mais nenhuma esperança, a não ser em mim. Gilbert, que sabe que apenas um único homem no mundo pode salvá-lo e que me mandou um apelo desesperado da prisão. Aqui está a carta.

Ela agarrou o papel e leu gaguejando:

— "Patrão, me ajude! Estou com medo! Muito medo!"

A mulher largou a carta, as mãos agitadas no ar. Era como se estivesse tendo uma visão sinistra que também aterrorizava Lupin. Ela deu um grito de horror, tentou levantar-se e desmaiou.

Os vinte e sete

O menino estava dormindo tranquilamente na cama. A mãe não se mexeu do sofá em que Lupin a deitara; mas sua respiração mais fácil e o sangue que começava a voltar para seu rosto anunciavam sua recuperação iminente do desmaio.

Ele percebeu que ela usava uma aliança de casamento. Ao ver um medalhão pendurado em seu pescoço, inclinou-se e, virando-o, encontrou uma fotografia minúscula representando um homem com uns quarenta anos e um rapaz, um adolescente, usando uniforme. Observou o rosto jovem com cabelo cacheado.

— Como eu pensei — disse ele. — Pobre mulher!

A mão que ele segurava entre as suas foi esquentando. Os olhos se abriram, então se fecharam de novo. Ela murmurou:

— Jacques…

— Não se preocupe, ele está bem, dormindo ainda.

Ela recuperou a consciência completamente. Mas, como não falou nada, Lupin fez perguntas para que ela sentisse a necessidade gradual de se abrir. Apontando para o medalhão, ele perguntou:

— O menino de uniforme é Gilbert, não é?

— É, sim — respondeu ela.

— Gilbert é seu filho?

Ela estremeceu e sussurrou:

— Sim, Gilbert é meu filho, meu filho mais velho.

Então ela era mãe de Gilbert, aquele que estava preso em La Santé, sendo implacavelmente perseguido pelas autoridades e, agora, aguardando seu julgamento por homicídio!

Lupin continuou:

— E o outro na foto?

— Meu marido.

— Seu marido?

— Sim, ele morreu há três anos.

Agora ela estava se sentando. A vida voltava a circular por suas veias, junto a todo o horror de viver e todas as coisas terríveis que a ameaçavam. Lupin continuou perguntando:

— Qual era o nome de seu marido?

Ela hesitou por um momento e respondeu:

— Mergy.

— Victorien Mergy, o deputado?

— Isso.

Houve uma longa pausa. Lupin se lembrava do incidente e da agitação que causou. Três anos antes, o deputado Mergy estourou os próprios miolos no *lobby* da Câmara, sem deixar nenhuma explicação; e nunca alguém descobriu a razão daquele suicídio.

— Você sabe a razão? — perguntou Lupin, completando seu pensamento em voz alta.

— Sei, sim.

— Gilbert, talvez?

— Não, Gilbert já tinha desaparecido havia alguns anos, expulso de casa e amaldiçoado por meu marido. Foi um enorme sofrimento, mas houve outro motivo.

— Qual foi? — questionou Lupin.

Não era mais necessário Lupin fazer perguntas. Madame Mergy não conseguiria mais manter o silêncio e, a princípio lentamente, com toda a angústia do passado que precisava ser relembrado, ela contou sua história:

— Vinte e cinco anos atrás, quando meu nome era Clarisse Darcel e meus pais ainda eram vivos, conheci três jovens em Nice. Assim que eu falar os nomes deles, o senhor terá ideia da tragédia atual: Alexis Daubrecq, Victorien Mergy e Louis Prasville. Os três eram velhos amigos, haviam estudado juntos e servido no mesmo regimento. Naquela época, Prasville estava apaixonado por uma cantora da ópera de Nice. Os outros dois, Mergy e Daubrecq, estavam apaixonados por mim. Vou ser breve quanto isso, já que os fatos contam a sua própria história. Eu me apaixonei por

Victorien Mergy à primeira vista. Talvez eu tenha errado ao não me declarar logo. Mas o amor verdadeiro é sempre tímido e hesitante. E eu só anunciei a minha escolha quando me senti segura e livre. Infelizmente, o período de espera, tão prazeroso para aqueles que nutrem uma paixão secreta, permitiu que Daubrecq tivesse esperança. A raiva dele foi terrível.

Clarisse Mergy parou por alguns segundos e então continuou, com a voz embargada:

— Nunca vou esquecer… Nós três estávamos na sala de estar. Ainda posso escutar as terríveis palavras de ódio e ameaça que ele pronunciou! Victorien ficou totalmente perplexo. Nunca vira o amigo daquele jeito, com aquele rosto repugnante, com aquela expressão bestial: sim, a expressão era de uma fera descontrolada… Daubrecq rangia os dentes. Batia os pés. Os olhos, que ainda não precisavam de óculos naquela época, estavam injetados de sangue e reviravam, e ele ficava repetindo: "Eu vou me vingar, eu vou me vingar, vocês não sabem do que sou capaz! Posso esperar dez, vinte anos, se necessário, mas vou voltar como um raio! Ah, vocês não me conhecem! Vou me vingar, vou fazer vocês sofrerem! Vai ser uma alegria! Eu nasci para fazer o mal. E vocês dois vão me implorar perdão de joelhos". Naquele momento meu pai entrou na sala e, com a ajuda dele e de seu criado, Victorien Mergy conseguiu colocar a criatura odiosa para fora. Seis semanas depois, eu me casei com Victorien.

— E Daubrecq? — perguntou Lupin, interrompendo-a. — Ele tentou…

— Não, mas, no dia do nosso casamento, Louis Prasville, que era o melhor amigo do meu marido e tinha ficado contra Danbrecq, chegou a casa e encontrou a garota que amava, a cantora de ópera, morta, estrangulada…

— O quê? — questionou Lupin, surpreso. — Daubrecq…

— Todos sabiam que Daubrecq a vinha perseguindo com suas atenções havia uns dias, mas apenas isso. Não conseguiram descobrir quem entrou e quem saiu enquanto Prasville estava fora. Não deixaram nem um rastro, absolutamente nada.

— Mas Prasville…

— Não havia dúvida para Prasville nem para nós. Daubrecq havia tentado fugir com a garota, talvez tenha tentado forçá-la, apressá-la e, durante a luta, enlouquecido, ele perdeu a cabeça, agarrou-a pelo pescoço e a matou, talvez sem saber o que estava fazendo. Mas não havia provas de

nada disso, e Daubrecq não foi nem interrogado.

— E o que aconteceu com ele depois disso?

— Passamos alguns anos sem saber nada dele. Só sabíamos que ele havia perdido todo o dinheiro em apostas e viajado para a América. Eu acabei esquecendo o ódio e as ameaças dele e estava disposta a acreditar que ele não me amava mais e não pensava mais em vingança. Além disso, eu estava tão feliz que nem pensava em nada além da minha felicidade, do meu amor, da carreira política do meu marido, da saúde do meu filho Antoine.

— Antoine?

— Sim, Antoine é o nome verdadeiro de Gilbert. O infeliz pelo menos conseguiu esconder sua identidade.

Lupin perguntou, um pouco hesitante:

— Em que ponto… Gilbert começou a…?

— Não sei exatamente. Gilbert, prefiro chamá-lo assim e não pronunciar seu verdadeiro nome, quando criança era como ele é hoje: adorável, todos gostavam dele, charmoso, mas preguiçoso e rebelde. Quando ele completou 15 anos, nós o colocamos em um colégio interno no subúrbio, com o objetivo deliberado de que não ficasse muito em casa. Depois de dois anos, ele foi expulso da escola e enviado de volta para casa.

— Por quê?

— Por causa do comportamento. Os professores descobriram que ele costumava fugir à noite e desaparecia por algumas semanas, fingindo que estava em casa conosco.

— E o que ele fazia?

— Ele se divertia, apostando em corridas de cavalo, ficando em cafés e dançando em casas noturnas.

— Então ele tinha dinheiro?

— Tinha.

— Quem dava a ele?

— O gênio do mal, que secretamente, sem que os pais soubessem, o atraiu para longe da escola, o homem que o afastou de nós, o corrompeu, o tirou de nós e o ensinou a mentir, a pecar e a roubar.

— Daubrecq?

— Daubrecq.

Clarisse Mergy cobriu o rosto com as mãos para enconder que estava corada. Ela continuou, com a voz cansada:

— Daubrecq tinha conseguido sua vingança. Um dia depois de o meu marido ter expulsado nosso filho de casa, Daubrecq nos enviou uma carta cínica na qual revelava o odioso papel que desempenhara e as maquinações que o levaram a conseguir depravar nosso filho. E ele ainda disse: "Qualquer dia desses, o reformatório. Depois, a prisão… E então, quem sabe, a guilhotina".

Lupin exclamou:

— O quê? Daubrecq tramou a situação atual?

— Não, não, foi apenas um acidente. A odiosa profecia foi apenas um desejo que ele expressou. Ah, mas como isso me aterrorizou! Eu estava doente na época; meu outro filho, meu pequeno Jacques, tinha acabado de nascer, e todos os dias recebíamos notícias dos malfeitos de Gilbert: falsificação, fraude. Então decidimos espalhar a notícia para os mais próximos de que ele havia viajado para o exterior e morrido lá. A vida se tornou um tormento e piorou ainda mais quando estourou a tempestade política em que meu marido se afundaria.

— Como assim?

— Basta dizer que o nome do meu marido estava na lista dos Vinte e Sete.

— Ah!

O véu de repente foi levantado dos olhos de Lupin e ele entendeu, com clareza, toda uma legião de coisas que até então estavam escondidas no escuro.

Clarisse Mergy continuou, com a voz mais firme:

— Sim, o nome dele estava na lista, mas por engano, por um azar inacreditável do qual foi vítima. É verdade que Victorien Mergy era membro do comitê designado para analisar a questão do Canal dos Dois Mares. É verdade que ele votou com os membros que eram favor do esquema da companhia. Ele até recebeu dinheiro. Sim, estou sendo tão franca que vou até mencionar a quantia, quinze mil francos. Mas ele recebeu em nome de outro, um dos amigos políticos, um homem em quem tinha absoluta confiança e de quem era apenas um instrumento. Ele achou que estava fazendo uma boa ação para o amigo, mas se perdeu. Só no dia seguinte ao suicídio do presidente da companhia e do desaparecimento da

secretária, no dia em que o caso do canal foi publicado nos jornais, com uma série de fraudes e sujeiras, é que meu marido soube que vários de seus colegas tinham recebido suborno e tomou conhecimento da misteriosa lista da qual as pessoas de repente começaram a falar, e de que seu nome estava nela, junto com o nome de outros deputados, líderes de partidos e políticos influentes. Nossa, que dias terríveis foram aqueles! A lista seria publicada? Seu nome apareceria? Foi uma tortura! O senhor deve se lembrar da loucura da Câmara; a atmosfera de terror e denúncia prevalecia. Com quem estava a lista? Ninguém sabia. Só se sabia da sua existência. Dois nomes foram arrastados pela tempestade. E ainda não sabíamos de onde vinha a denúncia e nas mãos de quem estavam os documentos acusatórios.

— Daubrecq — sugeriu Lupin.

— Não, não! — retrucou madame Mergy. — Daubrecq não era nada na época, ainda não tinha entrado em cena. Não, o senhor não se lembra, a verdade foi revelada de repente por quem a guardava: Germineaux, ex-ministro da Justiça, primo do presidente da Companhia do Canal. Tuberculoso, em seu leito de morte, ele escreveu ao chefe de polícia revelando que, após a sua morte, ele encontraria a lista em um cofre de ferro no seu quarto. A casa foi cercada pela polícia, e o chefe se colocou ao lado do doente. Germineaux morreu. O cofre foi aberto e estava vazio.

— Daubrecq, dessa vez — declarou Lupin.

— Sim, Daubrecq — afirmou madame Mergy, cuja agitação estava aumentando. — Alexis Daubrecq, que por seis meses se disfarçara e estava servindo como secretário de Germineaux. Não importa como ele descobriu que Germineaux tinha a posse do documento em questão. O fato é que ele abriu o cofre na véspera da morte. Isso foi provado na investigação, e a identidade de Daubrecq foi revelada.

— Mas ele não foi preso?

— Para quê? Eles sabiam muito bem que ele devia ter guardado a lista em algum lugar seguro. Sua prisão só causaria um escândalo, a reabertura do caso…

— Então…

— Então eles fizeram um acordo.

Lupin riu:

— Engraçado, fazer um acordo com Daubrecq!

— Sim, muito engraçado — concordou a senhora Mergy, com amargura. — Durante esse tempo, ele agiu sem demora, sem pudor, indo direto para seu objetivo. Uma semana depois do roubo, ele foi à Câmara dos Deputados, mandou chamar meu marido e exigiu que lhe pagasse trinta mil francos dentro de vinte e quatro horas. Ele o ameaçou com a exposição e a desgraça se não pagasse. Meu marido conhecia o homem com quem estava lidando, sabia que era implacável e cheio de ódio. Ele perdeu a cabeça e se matou.

— Que absurdo! — Lupin não conseguiu deixar de falar. — Que absurdo! Daubrecq possui a lista dos vinte e sete nomes. Ele será obrigado a dar um desses nomes se quiser que deem crédito à sua denúncia, ou publicar a própria lista, renunciar ao documento, ou pelo menos mostrar uma fotografia. Ao fazer isso, causaria um escândalo, mas ele prefere usar como meio de chantagem.

— Sim e não — respondeu ela.

— Como a senhora sabe?

— Pelo próprio Daubrecq. O mau caráter me procurou e cinicamente me contou a conversa dele com meu marido e as palavras que foram ditas. Bem, há mais do que a lista, mais do que aquela famosa folha de papel na qual a secretária escreveu os nomes e as quantias pagas e que, o senhor deve se lembrar, o presidente da companhia, antes de morrer, assinou com sangue. Ainda há mais. Existem algumas provas não tão precisas de que os interessados não têm conhecimento: a correspondência entre o presidente e a secretária, entre o presidente e seu conselheiro, e assim por diante. Claro, a lista escrita naquela folha de papel é a única prova que conta, é a prova incontestável, e não seria útil copiá-la ou fotografá-la, já que sua genuinidade pode ser comprovada. Mas as outras provas ainda são perigosas. Elas foram suficientes para acabar com dois deputados. E Daubrecq é incrivelmente inteligente ao levar isso em consideração. Ele escolhe sua vítima, a deixa totalmente assustada, mostra o inevitável escândalo, e a vítima paga a quantia que ele exige. Ou se mata, como meu marido fez. Entende agora?

— Entendo — afirmou Lupin.

E, no silêncio que se seguiu, ele formou uma imagem mental da vida de Daubrecq. Ele o viu como dono da lista, usando seu poder, emergindo gradualmente das sombras, esbanjando o dinheiro que extorquia de suas

vítimas, assegurando sua eleição como conselheiro distrital e deputado, mantendo o controle por meio de ameaças e de terror, impune, invulnerável, inatacável, temido pelo governo, que prefere se submeter às suas ordens a declarar guerra contra ele, respeitado pelas autoridades públicas; tão poderoso que nomearam Prasville como secretário-geral de polícia, contra todos que tinham prioridade na escolha, por uma única razão: ele tinha um ódio pessoal por Daubrecq.

— E a senhora o viu de novo? — perguntou ele.

— Sim. Eu precisava. Meu marido estava morto, mas sua memória continuava intacta. Ninguém desconfiava da verdade. Para pelo menos defender o nome que ele me deixou, eu aceitei o primeiro encontro com Daubrecq.

— O primeiro, sim, mas houve outros.

— Muitos outros — confessou ela, com a voz embargada. — Sim, muitos outros. No teatro, ou à noite, em Enghien, ou em Paris… eu tinha vergonha de me encontrar com aquele homem e não queria que as pessoas soubessem. Mas era necessário. Um dever mais imperativo do que qualquer outro: o dever de vingar meu marido…

Ela se inclinou sobre Lupin e confessou:

— Sim, vingança tem sido o motivo do meu comportamento e a única preocupação da minha vida. Vingar meu marido, vingar meu filho arruinado, vingar a mim mesma por todo o mal que ele me causou. Eu não tinha outro sonho na minha vida, nenhum outro objetivo. Tudo que eu queria era ver aquele homem destruído, reduzido à pobreza, às lágrimas, como se ele ainda soubesse chorar, soluçando em desespero…

— A senhora queria a morte dele — disse Lupin, lembrando-se da cena entre eles no escritório de Daubrecq.

— Não, sua morte, não. Eu até cheguei a pensar nisso, cheguei até a levantar meu braço para acertá-lo, mas de que adiantaria? Ele deve ter tomado suas precauções. O papel continuaria existindo. E não existe vingança em matar um homem. Meu ódio ia além disso, eu queria sua ruína, sua queda, e para conseguir isso só havia um jeito: cortar suas garras. Daubrecq, sem o documento que lhe dá tanto poder, deixa de existir. Significaria falência imediata e desastre, sob as mais deploráveis condições. É isso que tenho buscado.

— Mas Daubrecq deve saber das suas intenções?

— Certamente. E, posso lhe garantir, nossos encontros são muito estranhos: observá-lo de perto, tentando adivinhar seu segredo por trás das ações e palavras, e ele…

— E ele — disse Lupin, completando o pensamento de Clarisse — esperando a presa que deseja… a mulher que nunca deixou de amar, a mulher que ele cobiça com toda a sua força e fúria…

Ela abaixou a cabeça e simplesmente disse:

— Sim.

De fato, era um estranho duelo esse que fazia dois seres separados por tantos acontecimentos implacáveis se encarar! Quão desmedida deve ser a paixão de Daubrecq para arriscar essa ameaça perpétua de morte e introduzir na privacidade de sua própria casa essa mulher cuja vida ele destruíra! E quão absolutamente seguro ele deve se sentir!

— E como a sua busca terminou? — perguntou Lupin.

— A minha busca — respondeu ela — permaneceu infrutífera por muito tempo. Sabe os métodos de investigação que o senhor seguiu e que a polícia, por sua vez, também seguiu? Bem, eu também os usei anos antes de vocês, e foram em vão. Eu estava começando a entrar em desespero. Então, um dia, quando fui encontrar Daubrecq em sua vila em Enghien, peguei, embaixo da escrivaninha dele, uma carta que ele começara a escrever, amassara e jogara na lata de lixo. Eram poucas linhas em um inglês ruim, e eu consegui ler o seguinte: "Tire o cristal de dentro, de maneira a deixar um vazio que seja impossível de suspeitar". Talvez eu não tivesse nem dado muita importância a esse papel se Daubrecq, que estava no jardim, não tivesse entrado correndo e começado a revirar a lata de lixo, com uma voracidade que era muito significativa. Ele me lançou um olhar suspeito, dizendo que havia uma carta ali. Fingi não entender. Ele não insistiu, mas não deixei de perceber sua agitação. E continuei minha busca nessa direção. Um mês depois descobri, entre cinzas na lareira da sala de estar, metade de uma nota fiscal inglesa. Um vidreiro chamado John Howard, da cidade de Stourbridge, tinha vendido para Daubrecq uma rolha de cristal feita conforme um modelo. A palavra "cristal" me chamou atenção na hora. Fui a Stourbridge, encontrei o contramestre da vidraria e descobri que essa rolha fora feita oca por dentro, de acordo com as instruções no pedido, de modo a deixar uma cavidade que não pudesse ser observada.

Lupin assentiu:

— Sem dúvida, muito perspicaz. Entretanto não me pareceu, mesmo por baixo da camada dourada… E o esconderijo seria minúsculo!

— Minúsculo, mas grande o suficiente — disse ela.

— Como a senhora sabe isso?

— Por Prasville.

— A senhora costuma vê-lo?

— Depois daquela época, sim. Antes, meu marido e eu tínhamos cessado todas as relações com ele, na sequência de alguns incidentes ambíguos. Prasville é um homem de moralidade mais do que duvidosa, um ambicioso sem escrúpulos, e que certamente teve um papel desagradável no caso do Canal dos Dois Mares. Ele teve envolvimento nisso? Provavelmente. De qualquer forma, eu precisava de ajuda. Ele tinha acabado de ser nomeado secretário-geral da polícia. Então eu o procurei.

— Ele sabia — perguntou Lupin — da conduta de seu filho Gilbert?

— Não. Justamente pelo cargo que ele ocupa, tomei a precaução de confirmar-lhe, como a todos os nossos amigos, a partida e a morte de Gilbert. Quanto ao resto, disse-lhe a verdade, isto é, os motivos que determinaram o suicídio do meu marido e meu objetivo de vingança. Quando voltei da Inglaterra e o informei de minhas descobertas, ele pulou de alegria e percebi que seu ódio contra Daubrecq não havia diminuído. Conversamos por muito tempo, e descobri por ele que a lista estava escrita em um pedaço de papel extremamente fino, que, se bem dobrado, caberia perfeitamente nos espaços mais apertados. Nós não tivemos dúvidas. Conhecíamos o esconderijo. Combinamos que cada um de nós agiria por conta própria, enquanto nos corresponderíamos secretamente. Coloquei-o em contato com Clémence, a zeladora da casa da Praça Lamartine, que era muito leal a mim…

— Acho que ela não é tão leal a Prasville — afirmou Lupin. — Posso provar que ele o trai.

— Talvez agora, mas não no começo. E as buscas da polícia foram muitas. Foi nessa época, dez meses atrás, que Gilbert voltou para a minha vida. Uma mãe nunca deixa de amar o filho, independentemente do que ele tenha feito ou do que possa fazer. E Gilbert tem um charme! Bem, você o conhece. Ele chorou, beijou o pequeno Jacques, irmão dele, e eu o perdoei.

Ela parou e, com a voz fraca, os olhos fixos no chão, continuou:

— Quem dera eu não tivesse perdoado! Ah, se eu pudesse voltar para aquele momento, encontraria a coragem para mandá-lo embora! Minha pobre criança… fui eu que o arruinei!

E, pensativamente, ela continuou:

— Eu teria tido toda a coragem, se ele fosse como eu o imaginava, e tal como foi por muito tempo: marcado pela libertinagem e pelo vício, rude, derrotado. Mas, apesar de sua aparência ter mudado completamente, tanto que eu mal o reconheci, do ponto de vista… como posso falar… do ponto de vista moral houve uma melhora indubitável. O senhor o ajudou, o levantou; e, apesar de eu odiar o estilo de vida dele, ele manteve uma certa dignidade, uma espécie de decência subjacente que estava vindo à tona de novo. Ele estava alegre, despreocupado, feliz. E ele fala do senhor com tanto afeto!

Ela escolhia as palavras, escondendo seu embaraço, não ousando condenar, na presença de Lupin, o estilo de vida que Gilbert escolhera; mas também não conseguia aprovar.

— O que aconteceu depois? — perguntou Lupin.

— Passei a vê-lo com muita frequência. Ele vinha me ver escondido, ou eu ia até ele, e nós caminhávamos pelo campo. Dessa forma, acabei contando a ele nossa história, do suicídio do pai e do objeto que eu estava procurando. Ele logo se inflamou. Também queria vingar o pai e, ao roubar a rolha de cristal, se vingar pelo mal que Daubrecq tinha feito a ele mesmo. A primeira ideia dele, e devo lhe dizer que nunca se desviou dela, era combinar com o senhor.

— Bem, ele deveria ter feito isso — gritou Lupin.

— Sim, eu sei, eu era da mesma opinião. Infelizmente, meu pobre Gilbert… o senhor sabe como ele é fraco… se deixou influenciar por um de seus companheiros.

— Vaucheray?

— Sim, Vaucheray, uma alma perturbada, cheia de amargura e inveja, um homem ambicioso, inescrupuloso, astuto e sombrio que passou a ter um grande domínio sobre meu filho. Gilbert cometeu o erro de confiar nele e pedir conselho a ele. Foi quando começou todo esse mal. Vaucheray o convenceu e a mim de que seria melhor se agíssemos sozinhos. Ele estudou o assunto, assumiu a liderança e, finalmente, organizou a expedição a Enghien sob a sua orientação, o assalto à Villa Marie-Thérèse, onde

Prasville e seus detetives não haviam conseguido fazer uma busca completa por causa da vigilância ativa de Leonard, o camareiro. Foi um esquema louco. Deveríamos ter confiado inteiramente na experiência do senhor ou tê-lo deixado de fora, assumindo o risco de erros fatais e hesitações perigosas. Mas o que podíamos fazer? Vaucheray mandava em nós. Concordei em encontrar Daubrecq no teatro. Enquanto isso, tudo aconteceu. Quando cheguei a casa por volta da meia-noite, fiquei sabendo do terrível resultado: Leonard morto, meu filho preso. Na mesma hora, tive uma intuição do futuro. A assustadora profecia de Daubrecq estava se realizando: julgamento e condenação. E tudo isso por culpa minha, mãe dele, que levei meu filho na direção do abismo de onde nada consegue tirá-lo.

Clarisse torceu as mãos e estremeceu da cabeça aos pés. Que sofrimento seria comparável ao de uma mãe estremecendo pela cabeça do filho? Movido pela pena, Lupin disse:

— Podemos salvá-lo. Não tenho a menor dúvida disso. Mas para isso é necessário que eu saiba de todos os detalhes. Termine sua história, por favor. Como a senhora ficou sabendo, na mesma noite, do que havia acontecido em Enghien?

Ela se controlou e, com o rosto contorcido de angústia, respondeu:

— Pelos dois cúmplices de vocês, ou melhor, de Vaucheray, a quem eles são inteiramente leais e que os escolheu para remar os barcos.

— Os dois homens lá fora, Grognard e Le Ballu?

— Sim. Quando o senhor deixou a vila, ao desembarcar depois de ser perseguido no lago pelo comissário de polícia, disse algumas palavras para eles, como explicação, enquanto se dirigia para o carro. Morrendo de medo, eles correram até a minha casa, onde já tinham estado antes, e me contaram as terríveis notícias. Gilbert estava preso! Ah, que noite terrível! O que poderia fazer? Procurar o senhor? Certamente, e implorar sua ajuda. Mas como eu poderia encontrá-lo? Foi quando os dois, a quem o senhor chama de Grognard e Le Ballu, acuados pelas circunstâncias, decidiram me contar o papel de Vaucheray, suas ambições, seu plano, que vinha amadurecendo havia um bom tempo…

— De se livrar de mim, suponho. — questionou Lupin, com um sorriso.

— Sim. Como Gilbert contava com sua inteira confiança, Vaucheray o vigiou e descobriu todos os seus domicílios. Mais uns poucos dias e, de

posse da rolha de cristal e da lista dos Vinte e Sete, herdando todo o poder de Daubrecq, ele o entregaria para a polícia, sem comprometer nenhum membro da quadrilha, que ele considerava como dele.

— Imbecil! — exclamou Lupin. — Um assassino como aquele! E os painéis das portas?

— Foram cortados por instrução dele, antecipando-se à luta que ele travaria contra o senhor e Daubrecq, em cuja casa ele fez a mesma coisa. Ele tinha à disposição uma espécie de acrobata, um anão extremamente magro, que era capaz de passar por aquelas aberturas e, assim, interceptava sua correspondência e descobria todos os seus segredos. Foi isso que os dois amigos dele me contaram. Na mesma hora eu tive a ideia de salvar meu filho mais velho usando seu irmão, meu pequeno Jacques, que é tão magro e tão inteligente, tão corajoso, como o senhor mesmo viu. Saímos naquela mesma noite e, me baseando nas informações dos meus companheiros, fui à casa de Gilbert e encontrei as chaves do seu apartamento da Rua Matignon, onde aparentemente o senhor iria dormir. No caminho eles confirmaram os meus planos e achei melhor, em vez de pedir a sua ajuda, recuperar a rolha de cristal, que, se tivesse sido encontrada em Enghien, obviamente estaria no seu apartamento. Eu estava certa nos meus cálculos. Em poucos minutos meu pequeno Jacques entrou no seu quarto e a trouxe para mim. Saí de lá tremendo de esperança. De posse do meu talismã, guardando-o comigo, sem contar a Prasville, eu teria poder absoluto sobre Daubrecq. Poderia obrigá-lo a fazer tudo que eu quisesse; ele se tornaria escravo da minha vontade e, sob o meu comando, faria de tudo para favorecer Gilbert, dando a ele todos os meios para fugir ou evitando que ele fosse condenado. Isso significava a segurança do meu garoto.

— Bem?

Clarisse levantou-se de onde estava sentada, com um impulso de todo o seu ser, debruçou-se sobre Lupin e disse com a voz abafada:

— Não havia nada naquele pedaço de cristal, nada, entendeu? Nenhum papel, nenhum esconderijo! Toda a expedição a Enghien foi em vão! O assassinato de Leonard foi inútil! A prisão do meu filho foi inútil! Todos os meus esforços foram inúteis!

— Mas por quê?

— Por quê? Porque o que vocês roubaram de Daubrecq não era a rolha feita sob encomenda, mas a rolha que ele mandou para John Howard, da

vidraria de Stourbridge, para servir de modelo.

Se Lupin não estivesse na presença de uma tristeza tão profunda, não teria conseguido segurar um daqueles ataques de riso que essas brincadeiras do destino costumam provocar nele. Então, murmurou entre dentes:

— Que estupidez! E ainda mais estupidez de Daubrecq, já que recebera o aviso.

— Não — disse ela. — Eu fui a Enghien no mesmo dia. Em tudo aquilo que tem lá, Daubrecq não vê nada além de bugigangas baratas, uma extensão da sua coleção. O fato de o senhor ter participado o induziu ao erro.

— Ainda assim, a rolha desapareceu.

— Para começar, aquela rolha tem no máximo uma importância secundária para ele, já que é apenas o modelo.

— Como a senhora sabe?

— Tem um arranhão na base, e eu fiz algumas investigações na Inglaterra desde então.

— Muito bem, então por que a chave do armário de onde a rolha foi roubada ficava o tempo todo com o camareiro? E por que ela foi encontrada depois na gaveta da mesinha de cabeceira de Daubrecq em Paris?

— É claro que Daubrecq se interessa por ela, já que é o modelo de um objeto valioso. E foi por isso que eu recoloquei a rolha no lugar antes que ele sentisse a falta dela. E foi por isso também que, em uma segunda ocasião, fiz com que o pequeno Jacques pegasse a rolha do bolso do seu sobretudo e pedi à zeladora que a colocasse de volta na gaveta.

— Então ele não suspeita de nada?

— Nada. Ele sabe que procuram a lista, mas não tem consciência de que eu e Prasville sabemos do objeto no qual ele a esconde.

Lupin havia se levantado de onde estava sentado e agora estava andando de um lado para outro, pensando. Então, parou ao lado de Clarisse e perguntou:

— Agora que me contou tudo… desde o incidente em Enghien, a senhora não avançou nem um passo?

— Não. Tenho agido dia após dia, dando ordens para aqueles dois homens ou recebendo ordens deles, sem um plano definido.

— Ou, pelo menos, sem nenhum outro plano que não o de pegar a lista dos Vinte e Sete de Daubrecq.

— Sim, mas como? Além disso, as táticas que o senhor usou dificultaram as coisas para mim. Não demoramos muito para reconhecer a sua criada Victoire como a nova cozinheira de Daubrecq e para descobrir, pelo que a zeladora nos contou, que o senhor estava no quarto dela. Eu fiquei com medo dos seus esquemas.

— Foi a senhora que escreveu para mim pedindo que eu me afastasse da luta?

— Sim, fui eu.

— A senhora também me pediu que não fosse ao teatro naquela noite?

— Sim. A zeladora pegou Victoire escutando a minha conversa com Daubrecq pelo telefone; e Le Ballu, que estava vigiando a casa, viu quando o senhor saiu. Portanto, desconfiei de que fosse seguir Daubrecq naquela noite.

— E a mulher que veio aqui uma tarde…

— Fui eu mesma. Eu estava desanimada e queria vê-lo.

— E a senhora interceptou a carta de Gilbert?

— Sim. Reconheci a letra dele no envelope.

— Mas o pequeno Jacques não estava com a senhora?

— Não, ele estava do lado de fora, em um automóvel, com Le Ballu, que o levantou para que entrasse pela janela da sala, e ele passou para o quarto através da abertura no painel.

— O que estava escrito na carta?

— Por azar, só acusações. Gilbert o acusava de abandoná-lo, de assumir o negócio por sua própria conta. Em suma, apenas confirmou minhas suspeitas. E eu fugi.

Lupin deu de ombros, irritado:

— Quanto tempo perdido! E que fatalidade não termos conseguido chegar a um entendimento antes! Nós dois estávamos brincando de esconde-esconde, fazendo armadilhas um para o outro, enquanto os dias iam passando, dias valiosos que não voltam mais.

— Veja — comentou ela, estremecendo —, o senhor também está com medo do futuro!

— Não estou com medo — gritou Lupin —, mas estou pensando em todo o trabalho útil que poderíamos ter feito nesse tempo se tivéssemos

unido nossos esforços. Estou pensando em todos os erros e todas as imprudências que poderíamos ter evitado se estivéssemos trabalhando juntos. Estou pensando que a sua tentativa nesta noite de buscar nas roupas que Daubrecq estava usando foi em vão, assim como todas as outras, e que neste momento, graças ao nosso tolo duelo, graças a todo o barulho que fizemos na casa dele, Daubrecq agora está alerta e terá mais cautela do que nunca.

Clarisse Mergy balançou a cabeça:

— Não, não concordo. O barulho não o acordou, já que tínhamos adiado a tentativa por vinte e quatro horas para que a zeladora colocasse um sonífero no vinho dele. Além disso, nada vai fazer Daubrecq ficar mais atento do que já está. A vida dele não passa de uma precaução atrás da outra. Ele não deixa nada ao acaso. Ele não tem todos os trunfos?

— O que a senhora quer dizer? — questionou Lupin. — Pelo que está dizendo, perdeu as esperanças? Não existe nenhum jeito de chegarmos ao nosso fim?

— Existe, sim — murmurou ela —, um… apenas um…

Ele percebeu a palidez dela antes que ela conseguisse cobrir o rosto com as mãos. E mais uma vez um tremor a sacudiu.

Lupin pareceu compreender o motivo do desespero e, aproximando-se dela, comovido por seu sofrimento, disse:

— Por favor, me responda com franqueza. Pelo bem de Gilbert. Embora a polícia, felizmente, não tenha conseguido descobrir o passado dele, embora o verdadeiro nome do cúmplice de Vaucheray não tenha vazado, há um homem, pelo menos, que sabe da verdade, não é? Daubrecq reconheceu seu filho Antoine, não reconheceu?

— Reconheceu, sim…

— E ele prometeu salvá-lo, não foi? Ofereceu a liberdade dele, a soltura, a fuga, a vida: foi isso que ele lhe ofereceu naquela noite no escritório dele, quando a senhora tentou atingi-lo com o punhal?

— Sim, foi isso mesmo.

— E ele impôs uma condição, não foi? Uma condição abominável, que só um crápula como ele sugeriria? Estou certo?

Clarisse não respondeu. Ela parecia exausta de sua luta com um homem que estava ganhando terreno dia após dia e contra quem era impossível lutar. Lupin viu nela a presa derrotada por antecipação, entregue à vontade

do vitorioso. Clarisse Mergy, a amorosa esposa de Mergy que Daubrecq realmente assassinou, a mãe assustada de Gilbert que Daubrecq corrompeu, Clarisse Mergy, para salvar o filho da guilhotina, deve, venha o que vier e por mais ignominiosa que seja a posição, ceder aos desejos de Daubrecq. Ela seria a amante, a esposa, a escrava obediente de Daubrecq, daquele monstro com a aparência e os modos de uma fera selvagem, daquela pessoa indescritível sobre quem Lupin só conseguia pensar com repulsa e nojo.

Sentando-se ao lado dela, mostrando sua pena, ele fez com que ela levantasse a cabeça e, olhando dentro dos seus olhos, disse:

— Escute o que eu vou falar. Juro que vou salvar seu filho. Eu juro! Seu filho não vai morrer, entendeu? Não existe poder nessa terra que faça com que seu filho perca a cabeça enquanto eu estiver vivo.

— Eu acredito no senhor. Confio na sua palavra.

— Pode confiar. É a palavra de um homem que não conhece a derrota. Vou conseguir. Mas peço que a senhora me prometa uma coisa.

— O quê?

— Não deve se encontrar com Daubrecq de novo.

— Eu juro.

— A senhora deve afastar da sua mente qualquer ideia, qualquer medo, por mais sombrio que seja, de um acordo entre a senhora e ele… nenhum tipo de negócio.

— Eu juro.

Ela o encarou com uma expressão de total segurança e confiança; e ele, sob o olhar dela, sentiu a alegria da devoção e um desejo ardente de fazer aquela mulher feliz ou, pelo menos, dar-lhe a paz para curar as piores feridas.

— Venha — ele chamou, em um tom de voz alegre, levantando-se da cadeira —, tudo vai ficar bem. Temos dois ou três meses à nossa frente. É mais do que o necessário. Só tenho uma condição, claro, que eu tenha carta branca para agir. E, para isso, a senhora precisa se retirar da disputa, entende?

— O que o senhor quer dizer?

— A senhora deve desaparecer por um tempo; vá morar no campo. Não fica com pena do pequeno Jacques? Esse tipo de coisa vai acabar deixando o menino com os nervos em frangalhos. E ele certamente merece esse

descanso, não é, Hércules?

No dia seguinte, Clarisse Mergy, que estava quase tendo um colapso nervoso sob toda essa pressão e precisava também de um repouso, ou ficaria seriamente doente, foi, junto com o filho, hospedar-se na casa de uma amiga, nos arredores do Bosque de Saint-Germain. Ela se sentia fraca, a mente assombrada por visões e os nervos à flor da pele por causa dos problemas, que só pioravam. Ela passou alguns dias lá, em um estado físico e mental de inércia, pensando em nada e proibida de ler os jornais.

Enquanto Lupin, mudando sua tática, estava trabalhando em um esquema para sequestrar Daubrecq e deixá-lo confinado; enquanto Grognard e Le Ballu, a quem ele prometera perdoar caso fosse bem-sucedido, estavam vigiando os passos do inimigo; enquanto os jornais anunciavam o julgamento por homicídio dos dois cúmplices de Arsène Lupin, uma tarde, às quatro horas, o telefone tocou de repente no apartamento da Rua Chateaubriand.

Lupin atendeu:

— Alô!

Uma voz feminina, sem fôlego, disse:

— Senhor Michel Beaumont?

— Está falando com ele, senhora. Com quem tenho a honra…

— Rápido, senhor, venha imediatamente; a senhora Mergy tomou veneno.

Lupin não esperou para ouvir os detalhes. Correu até seu automóvel e se dirigiu para Saint-Germain.

A amiga de Clarisse estava esperando por ele na porta do quarto.

— Ela morreu? — ele perguntou.

— Não — respondeu a mulher —, não tomou o suficiente. O médico acabou de sair. Ele disse que ela vai superar.

— E por que ela fez isso?

— O filho dela, Jacques, desapareceu.

— Ele foi levado?

— Sim, ele estava brincando no bosque. Viram um automóvel parando. Então ouviram gritos. Clarisse tentou correr, mas estava fraca e caiu no chão, murmurando: “É ele… aquele homem… está tudo perdido!”. Ela parecia louca. Então colocou um pequeno frasco na boca e engoliu o que tinha dentro.

— O que aconteceu depois?

— Meu marido e eu a levamos para o quarto dela, já que sentia muita dor.

— Como a senhora sabia meu endereço, meu nome?

— Ela disse, enquanto o médico a estava atendendo. Então telefonei para o senhor.

— Mais alguém ficou sabendo?

— Não, ninguém. Sei que Clarisse tem um fardo pesado para carregar e prefere que não falem dela.

— Posso vê-la?

— Ela está dormindo agora. E o médico proibiu todo tipo de agitação.

— O médico ficou preocupado com ela?

— Ele teme que ela tenha febre; qualquer tensão ou ataque pode fazer com que ela atente contra a própria vida de novo. E isso seria…

— O que é preciso para evitar isso?

— Uma ou duas semanas de repouso absoluto, o que é impossível, já que o pequeno Jacques…

Lupin interrompeu-a:

— A senhora acha que, se o filho dela voltar…

— Ah, certamente não teríamos mais o que temer!

— Tem certeza? Certeza? Claro que sim… Bem, quando a senhora Mergy acordar, diga-lhe que trarei o filho dela de volta hoje à noite, antes da meia-noite. Esta noite, antes da meia-noite, é uma promessa solene.

Com essas palavras, Lupin saiu da casa, entrou no carro e ordenou ao chofer:

— Para Paris, Praça Lamartine, casa do deputado Daubrecq!

A sentença de morte

O automóvel de Lupin não era apenas seu escritório, com livros, itens de papelaria, canetas e tinta, mas também um camarim de ator, com uma caixa de maquiagem, um baú com toda a variedade de peças de vestuário e outra caixa abarrotada com "acessórios": guarda-chuvas, bengalas, cachecóis, óculos e afins; em resumo, um conjunto completo de parafernálias que possibilitava que ele alterasse sua aparência da cabeça aos pés durante uma viagem.

O homem que bateu à porta da casa do deputado Daubrecq às seis horas daquela noite era um cavalheiro idoso, robusto, usando uma sobrecasaca preta, chapéu-coco, óculos e bigode.

A zeladora o levou para a porta da frente da casa e tocou a campainha. Victoire apareceu.

Lupin perguntou:

— O senhor Daubrecq pode ver o doutor Vernes?

— O senhor Daubrecq está no quarto dele, e já está tarde…

— Entregue a ele meu cartão, por favor.

Ele escreveu as palavras "De madame Mergy" na margem e acrescentou:

— Aqui está, ele certamente vai me receber.

— Mas… — Victoire começou.

— Nada de mas, senhora, faça o que estou dizendo, e não farei nenhum escândalo!

Ela ficou totalmente surpresa e gaguejou:

— Você!… É você?

— Não, é Luís XIV! — E, puxando-a para um canto do vestíbulo: — Escute… No momento em que eu for falar com ele, suba para seu quarto, arrume suas coisas e vá embora.

— O quê?

— Faça o que estou dizendo. Terá um carro meu esperando um pouco mais à frente, na avenida. Vá, se mexa, me anuncie! Vou esperar no escritório.

— Mas está escuro lá.

— Acenda a luz.

Ela ligou a luz elétrica e deixou Lupin sozinho.

— Está aqui — disse ele, refletindo ao se sentar —, a rolha de cristal está aqui… A não ser que Daubrecq sempre a carregue com ele… Não, quando a pessoa tem um bom esconderijo, usa. E esse deve ser excelente, já que nenhum de nós… até agora…

Concentrando toda a sua atenção, ele examinou os objetos no ambiente e lembrou-se do bilhete que Daubrecq escreveu para Prasville:

> *"Ao alcance das suas mãos, meu caro Prasville! Você tocou-o! Um pouco mais e teria conseguido…".*

Nada parecia ter mudado de lugar desde então. Os mesmos objetos estavam em cima da mesa: livros, livros contábeis, um frasco de tinta, uma caixa de carimbo, cachimbos, tabaco, coisas que foram mexidas e remexidas nas buscas.

"Que salafrário!", pensou Lupin. "Ele organizou as coisas de forma muito inteligente. Tudo executado com maestria."

Mas, no íntimo, ele sabia exatamente o que viera fazer e como pretendia agir. Lupin tinha plena consciência do perigo e da incerteza envolvidos nesta visita a um adversário tão poderoso. Era possível que Daubrecq, armado como estava, continuasse dominando a situação e que a conversa tomaria um rumo totalmente diferente do que Lupin esperava.

E essa perspectiva o deixava com muita raiva.

Levantou-se quando ouviu os sons de passos se aproximando.

Daubrecq entrou.

Sem dar nenhuma palavra, ele fez um gesto para Lupin, que se levantara da cadeira, retomar seu assento, e então ele próprio se sentou à sua escrivaninha. Olhando para o cartão que tinha nas mãos, disse:

— Doutor Vernes?

— Sim, senhor deputado, doutor Vernes, de Saint-Germain.

— E vejo que veio em nome da madame Mergy. Sua paciente?

— Paciente recente. Eu não a conhecia até ser chamado para atendê-la, um dia desses, em circunstâncias particularmente trágicas.

— Ela está doente?

— Madame Mergy tomou veneno.

— O quê?

Daubrecq ficou sobressaltado e não escondeu sua preocupação:

— O que o senhor disse? Veneno! Ela morreu?

— Não, a dose não foi suficiente. Se nenhuma complicação acontecer, acredito que a vida de madame Mergy esteja a salvo.

Daubrecq não disse nada, apenas ficou sentado em silêncio, com a cabeça virada para Lupin.

"Ele está olhando para mim? Seus olhos estão abertos ou fechados?", Lupin perguntou a si mesmo.

Lupin se preocupava terrivelmente por não ver os olhos do adversário, aqueles olhos escondidos por trás dos dois obstáculos dos óculos de grau e dos óculos escuros: olhos fracos, injetados, madame Mergy lhe dissera. Como poderia seguir a trilha secreta dos pensamentos do homem sem ver a expressão de seu rosto? Era quase como lutar com um inimigo empunhando uma espada invisível.

Nesse momento, Daubrecq falou:

— Então a vida de madame Mergy está a salvo. E ela pediu que o senhor me procurasse… Não estou entendendo. Eu mal a conheço.

"Este é um momento delicado", pensou Lupin. "Vamos lá!"

Então, usando um tom de voz bem-humorado para cortar o constrangimento causado pela timidez, ele disse:

— Não, senhor deputado, existem casos em que os deveres de um médico se tornam muito complexos, muito obscuros. O senhor pode achar que, ao procurá-lo… Bem, vamos lá. Em suma, enquanto eu estava atendendo madame Mergy, ela tentou se envenenar uma segunda vez. Infelizmente o frasco ficou ao alcance dela. Eu o arranquei de suas mãos. Tivemos uma briga. E, no delírio febril, ela me disse, com palavras intercaladas: "É ele, ele é o responsável, o deputado Daubrecq. Faça com que ele devolva meu filho. Diga isso a ele, ou eu prefiro morrer. Vá, agora,

esta noite. Ou eu vou morrer". Foram as palavras dela, senhor deputado. Então achei que era minha obrigação avisá-lo. É certo que, no estado de nervos da madame… Claro, eu não compreendo exatamente o que essas palavras querem dizer. Não fiz nenhum questionamento, apenas obedeci espontaneamente ao impulso e vim diretamente ao senhor.

Daubrecq refletiu por um momento e disse:

— Contudo, doutor, o senhor veio me perguntar se eu sei o paradeiro dessa criança que, eu presumo, está desaparecida. É isso?

— Isso mesmo.

— E, se por acaso eu soubesse, o senhor a levaria de volta para a mãe dela?

Houve uma pausa mais longa, momento em que Lupin se perguntou: "Será que ele acreditou nessa história? Será que a ameaça de morte foi suficiente? Não, impossível! Mas, ainda assim, ele parece hesitante".

— O senhor me dá licença? — perguntou Daubrecq, puxando o telefone em sua escrivaninha. — Preciso dar um telefonema urgente.

— Certamente, senhor deputado.

Daubrecq pediu:

— Alô! Senhorita, preciso falar com 8-2219, por favor.

Ele repetiu o número do telefone e ficou sentado, sem se mover.

Lupin sorriu:

— Sede da polícia, não é? Gabinete do secretário-geral…

— Sim, doutor. Como sabe?

— Como médico legista, às vezes preciso telefonar para eles.

E, para si mesmo, Lupin perguntou:

"Que diabos isso quer dizer? O secretário-geral é Prasville… E agora?".

Daubrecq colocou os dois receptores nos ouvidos e disse:

— É do 8-2219? Preciso falar com o senhor Prasville, o secretário-geral… Está me dizendo que ele não está? Sim, sim, ele sempre está no gabinete a esta hora. Diga a ele que é o deputado Daubrecq, preciso falar com ele urgentemente.

— Talvez eu esteja sendo indiscreto? — sugeriu Lupin.

— De forma alguma, doutor — respondeu Daubrecq. — Além disso, o que tenho a dizer tem a ver com a sua visita. — E, ao telefone, disse: — Alô! Senhor Prasville? Ah, é você, Prasville, meu velho!… Ora, você parece surpreso! Sim, verdade, faz séculos que não nos vemos. Mas nunca estamos

longe em pensamento! Aliás, tenho recebido muitas visitas suas e de seus homens… Na minha ausência, eu sei… Alô!… O quê?… Ah, está com pressa? Sinto muito. Na verdade, eu também estou… Bem, vamos direto ao assunto: gostaria que você fizesse um servicinho… espere, seu animal, você não vai se arrepender. Será a sua glória. Alô! Está me escutando? Bem, traga uma dúzia de homens com você, oficiais em serviço de preferência. Peguem o carro e venham até aqui o mais rápido possível. Tenho uma tarefa especial para você, meu velho. Alto escalão, o próprio Napoleão. Resumindo: Arsène Lupin!

Lupin ficou em pé de um salto. Estava preparado para tudo, menos para aquilo. Ainda assim, algo dentro dele mais forte do que a surpresa, um impulso, o fez dizer, com uma gargalhada:

— Bravo! Bravo!

Daubrecq abaixou a cabeça, como agradecimento, e murmurou:

— Ainda não terminei! Tenha um pouco de paciência. — E continuou: — Alô, Prasville!… Não, não, meu velho, não estou enganado. Você encontrará Lupin aqui, comigo, no meu escritório… Lupin, que tem me importunado, assim como vocês… Um a mais, um a menos, não faz diferença. De toda forma, este aqui está exagerando. E eu apelo para sua gentileza. Livre-me desse camarada… Meia dúzia dos seus homens, mais os dois que ficam rondando a minha casa, serão suficientes… Ah, e enquanto estiver aqui pode subir ao terceiro andar e prender a minha cozinheira também… É a famosa Victoire: você sabe, a velha enfermeira do mestre Lupin… Mais uma dica, para lhe mostrar todo o meu amor por você: envie um esquadrão até a Rua Chateaubriand, na esquina com a Rua Balzac… É onde nosso herói nacional mora, usando o nome Michel Beaumont… Entendeu, meu velho? Agora, ao trabalho. Vamos logo!

Quando Daubrecq levantou a cabeça, Lupin estava em pé, punhos cerrados. Sua demonstração de admiração não sobreviveu ao resto do discurso e às revelações de Daubrecq sobre Victoire e o apartamento da Rua Chateaubriand. A humilhação era grande demais; e Lupin não se incomodou mais em continuar o jogo do médico da aldeia. Só pensava em uma coisa: não ceder à sua ira que o exortava a partir para cima de Daubrecq como um touro.

Daubrecq soltou uma espécie de risada que, para ele, cumpria o papel de uma gargalhada. Deu alguns passos, naquele seu jeito cambaleante, com

as mãos nos bolsos, e disse, veemente:

— O senhor não acha que assim é melhor? Assim o terreno fica limpo, a situação, esclarecida. Pelo menos nós dois agora sabemos onde estamos pisando. Lupin *versus* Daubrecq, apenas isso. Além disso, pense no tempo que vamos poupar! Doutor Vernes, o médico legista, teria levado duas horas para desenrolar seu novelo! Enquanto isso, mestre Lupin é obrigado a desvendar sua pequena história em trinta minutos, a não ser que queira sair daqui algemado e com seus cúmplices presos. Que situação inesperada! Trinta minutos, nem um minuto a mais. O senhor tem trinta minutos para esclarecer tudo, fugir como uma lebre e bater em retirada. Ha, ha, ha, que divertido! Sabe, Polônio, o senhor é realmente azarado, toda vez que se volta contra Bibi Daubrecq! Era o senhor que estava escondido atrás daquela cortina, não era, meu pobre Polônio?

Lupin não moveu um músculo. A única solução que acalmaria seus nervos, por assim dizer, seria estrangular seu adversário, mas era tão absurda que ele preferia aceitar as piadas de Daubrecq sem tentar retrucar, embora cada uma delas o atingisse como uma chicotada. Era a segunda vez, neste mesmo cômodo e em circustâncias similares, que tinha de se curvar perante Daubrecq e manter a mais ridícula atitude em silêncio. Em seu âmago, ele estava convencido de que, se abrisse a boca, cuspiria palavras de raiva e insultos na cara de seu opressor. Isso seria bom? Não era essencial que ele mantivesse a calma e fizesse as coisas da maneira que a nova situação exigia?

— Ora, ora, senhor Lupin. — o deputado voltou a falar. — O senhor parece confuso. Vamos, admita que às vezes alguém um pouco menos bobo do que seus contemporâneos cruza seu caminho. Então o senhor achou que, porque uso óculos e lentes escuras, eu era cego? Não posso dizer que suspeitei de imediato de que era Lupin por trás de Polônio e Polônio por trás do cavalheiro que me importunou no camarote no teatro. Não, não! Mas, ao mesmo tempo, isso me preocupava. Eu conseguia ver que, entre a polícia e madame Mergy, havia um terceiro ladrão tentando se esgueirar. E gradualmente, com o que a zeladora dizia, observando os movimentos da minha cozinheira e investigando sobre ela nos lugares adequados, comecei a compreender. Então, na outra noite, eu vi a lanterna. Escutei a arruaça na casa, apesar de estar dormindo. Consegui reconstituir o incidente, seguir os rastros de madame Mergy, primeiro na Rua Chateaubriand e, depois, até

Saint-Germain… E depois eu juntei os fatos: o assalto em Enghien… a prisão de Gilbert… a inevitável aliança entre a mãe enlutada e o chefe da quadrilha… a velha enfermeira colocada como cozinheira… todas essas pessoas entrando na minha casa pelas portas e janelas… E eu soube o que tinha de fazer. Mestre Lupin estava farejando o segredo. O cheiro dos Vinte e Sete o estava atraindo. Eu só precisava esperar pela sua visita. A hora chegou. Boa noite, mestre Lupin.

Daubrecq fez uma pausa. Entoara seu discurso com a evidente satisfação de um homem que merece receber os elogios dos críticos mais rigorosos.

Como Lupin não se pronunciou, ele tirou o relógio do bolso.

— Então, apenas vinte e três minutos! Como o tempo voa! Assim não teremos tempo para o senhor se explicar. — E, aproximando-se mais de Lupin: — Devo dizer que estou decepcionado. Pensei que Lupin fosse outro tipo de cavalheiro. Então, no momento em que encontra um adversário um pouco mais sério, o colosso cai? Pobre homem! Tome um copo de água para se recompor!

Lupin não disse uma palavra, não deixou escapar um gesto de irritação. Com total compostura, com uma precisão de movimento que mostrava perfeito autocontrole e clareza no plano de conduta que adotou, gentilmente empurrou Daubrecq para o lado, foi até a mesa e pegou o receptor do telefone:

— Uma ligação para 5-6534, por favor — pediu.

Esperou até que completasse a ligação; então, com a voz baixa e pronunciando cada sílaba, disse:

— Alô!… Rua Chateaubriand?… É você, Achille?… Sim, é o patrão. Escute com atenção, Achille… Você deve sair do apartamento! Alô!… Sim, imediatamente. A polícia chegará em poucos minutos. Não, não perca a cabeça… Você tem tempo. Apenas faça o que eu mandei. Sua mala ainda está arrumada?… Bom. E um dos lados está vazio como eu instruí?… Bom. Então vá até meu quarto e fique de frente para a lareira. Com a mão esquerda, aperte a pequena roseta esculpida em frente à placa de mármore, no meio, e, com a sua mão direita, em cima da cornija. Você verá uma espécie de gaveta, com duas caixinhas dentro. Pegue com cuidado. Uma delas contém todos os nossos documentos; a outra, cédulas bancárias e joias. Coloque-as no compartimento vazio da mala. Pegue a mala e saia a

pé, o mais rápido que puder, até a esquina da Avenida Victor-Hugo com a Montespan. Você encontrará um carro esperando, com Victoire. Vou encontrar com vocês lá… O quê?… Minhas roupas? Minhas coisas?… Não se preocupe com isso… Deixe tudo aí e vá o mais rápido possível. Nós nos veremos em breve.

Lupin calmamente desligou o telefone. Então, pegou Daubrecq pelo braço e o colocou sentado em uma cadeira ao seu lado e disse:

— Agora, escute, Daubrecq.

— Oh! — exclamou o deputado, rindo. — Estamos dialogando?

— Sim — respondeu Lupin —, vou permitir. — E, quando Daubrecq soltou o próprio braço com uma certa preocupação, ele disse: — Não fique com medo. Não vamos lutar. Nenhum de nós ganha nada ao bater no outro. Uma facada? Para quê? Não, senhor! Palavras, nada além de palavras. Mas palavras certeiras. Aqui vão as minhas: são simples e diretas. Peço que me responda da mesma forma, sem pensar, assim é bem melhor. O menino?

— Estou com ele.

— Devolva-o.

— Não.

— Madame Mergy vai se matar.

— Não, não vai.

— Eu digo que vai.

— E eu digo que não vai.

— Mas ela já tentou uma vez.

— Por isso mesmo, não vai tentar de novo.

— Bem, então…

— Não.

Lupin, após um momento, continuou:

— Eu esperava por isso. E no caminho para cá pensei que o senhor talvez não acreditasse na história do doutor Vernes e que eu talvez precisasse usar outros métodos.

— Os métodos de Lupin.

— Como o senhor disse, eu resolvi deixar a máscara cair. O senhor a puxou de mim. Bravo! Mas isso não muda os meus planos.

— Fale.

Lupin pegou de dentro de um livro uma folha dupla de papel almaço, desdobrou-a e entregou a Daubrecq, dizendo:

— Aqui está um inventário numerado, detalhado e exato das coisas que eu e meus amigos tiramos da sua Villa Marie-Thérèse, em Lac d'Enghien. Como pode ver, tem cento e treze itens. Desses, sessenta e oito, aqueles com uma cruz vermelha, foram vendidos e enviados para os Estados Unidos. Os quarenta e cinco restantes estão em minha posse… até segunda ordem. E estes são os mais bonitos. Eu os ofereço de volta em troca da entrega imediata da criança.

Daubrecq não conseguiu evitar uma demonstração de surpresa.

— Oh! — exclamou ele. — O senhor parece muito disposto a isso.

— Infinitamente — retrucou Lupin —, já que estou convencido de que uma separação mais longa de seu filho vai significar a morte para madame Mergy.

— E isso o deixa triste, não é, don Juan?

— O quê?

Lupin se colocou na frente do outro e repetiu:

— O quê? O que o senhor quer dizer com isso?

— Nada… nada… Só uma ideia que me passou pela cabeça. Clarisse Mergy ainda é uma mulher jovem e muito bonita.

Lupin deu de ombros:

— Seu crápula! — exclamou ele. — O senhor imagina que todos são da sua laia, sem coração e impiedosos. O senhor acha que um criminoso do meu nível perderia tempo bancando o dom Quixote? E deve se perguntar quais motivos imundos eu posso ter? Nem tente descobrir: estão além do seu poder de percepção. Em vez disso, me responda: o senhor aceita?

— Então o senhor está falando sério? — questionou Daubrecq, que parecia pouco impressionado com o tom de desdém de Lupin.

— Absolutamente. As quarenta e cinco peças estão em um hangar, cujo endereço eu lhe darei, e lhe serão entregues se o senhor aparecer lá, hoje, às nove da noite, com a criança.

Não houve dúvida na resposta de Daubrecq. Para ele, o sequestro do pequeno Jacques representara apenas um meio de magoar Clarisse Mergy e talvez também um aviso para ela acabar com a guerra que começara. Mas a ameaça de suicídio deve ter mostrado para Daubrecq que ele estava seguindo o caminho errado. Dessa forma, por que recusar a troca favorável

que Arsène Lupin estava lhe oferecendo?

— Eu aceito — respondeu ele.

— Aqui está o endereço do meu hangar: Rua Charles-Lafitte, 95, em Neuilly. Só precisa tocar a campainha.

— E se eu mandar o secretário-geral Prasville no meu lugar?

— Se o senhor mandar Prasville — declarou Lupin —, o lugar está arrumado de tal maneira que o verei chegar e terei tempo de fugir, depois de colocar fogo nos feixes de palha e feno que estão em volta para esconder as suas mesas, relógios e virgens góticas.

— Mas o seu hangar também vai pegar fogo…

— Não me importo. A polícia já está de olho nele. Eu já o abandonaria mesmo.

— E como posso saber que isso não é uma armadilha?

— Comece recebendo a mercadoria, só entregue a criança depois. Eu confio no senhor.

— Bom — comentou Daubrecq —, o senhor pensou em tudo. Muito bem, o senhor terá o menino; a bela Clarisse viverá, e todos ficaremos felizes. Agora, posso lhe dar um conselho? Fuja, e rápido!

— Ainda não.

— Como?

— Eu disse que ainda não.

— O senhor está maluco! Prasville está a caminho!

— Ele pode esperar. Ainda não acabei.

— Ora, ora, o que mais o senhor quer? Clarisse terá o filho de volta. Isso não é suficiente?

— Não.

— Por que não?

— Ainda resta outro filho.

— Gilbert.

— Sim.

— Bem?

— Quero que o senhor salve Gilbert.

— O que está dizendo? Eu? Salvar Gilbert!

— O senhor pode, se quiser. Só precisa tomar algumas providências.

Até aquele momento, Daubrecq permanecera calmo. Mas agora, de repente, ele se inflamou, dando um soco na mesa.

— Não — gritou ele —, isso não! Nunca! Não conte comigo! Só se eu fosse um idiota!

Ele andou de um lado para outro, em um estado de pura agitação, com aquele seu passo oscilante que o fazia balançar para a esquerda e para a direita, como uma fera selvagem, um urso pesado e desengonçado. E, com uma voz rouca e expressão distorcida, ele gritou:

— Ela que venha aqui! Ela que venha implorar pelo perdão do filho! Mas que venha desarmada, sem intenções criminosas, como da última vez! Que ela venha suplicar, como uma mulher submissa, domesticada, que compreende e aceita a situação… Gilbert? A condenação de Gilbert? A guilhotina? Essa é a minha força! Ora! Por mais de vinte anos eu esperei a minha hora. E, agora que a hora chegou, quando a sorte me trouxe essa chance que eu nem esperava, quando estou prestes a conhecer a alegria de uma vingança completa, e que vingança, o senhor acha que eu vou desistir, desistir da coisa que eu busco há vinte anos? Salvar Gilbert? Eu? Por nada? Por amor? Eu, Daubrecq? Não, não, o senhor não me conhece!

Ele soltou uma gargalhada feroz e cheia de ódio. Visivelmente, enxergava diante de si, ao alcance das mãos, a presa que ele caçava havia tanto tempo. E Lupin também visualizou Clarisse, como a vira alguns dias antes, fraca, abatida, derrotada, porque todos os poderes hostis estavam contra ela.

Ele se segurou e disse:

— Escute o que vou falar.

E, quando Daubrecq se afastou com impaciência, Lupin o pegou pelos ombros, com aquela força super-humana que Daubrecq conhecia, pois a sentira naquele dia no camarote do teatro, e, segurando-o imóvel, disse:

— Uma última palavra.

— Está desperdiçando seu latim — retrucou o deputado.

— Uma última palavra. Escute, Daubrecq: esqueça madame Mergy, desista desses atos imprudentes e tolos que seu orgulho e sua paixão o estão levando a cometer. Deixe tudo isso de lado e pense apenas nos seus interesses…

— Meus interesses — disse Daubrecq — sempre coincidem com meu orgulho e com o que o senhor chama de minhas paixões.

— Até o momento, talvez. Mas não agora, não quando eu assumi esse negócio. Isso constitui um novo fato, que o senhor escolheu ignorar. Está

errado. Gilbert é meu parceiro. Gilbert é meu amigo. Ele precisa ser salvo da guilhotina. Use sua influência para esse fim, e eu juro, está escutando, eu juro que vamos deixá-lo em paz. A segurança de Gilbert é tudo que eu peço. O senhor não terá que travar mais batalhas com a madame Mergy nem comigo; não haverá mais armadilhas. O senhor será o mestre, livre para agir como bem entender. A segurança de Gilbert, Daubrecq! Se recusar…

— O que acontecerá?

— Se recusar, teremos guerra, uma guerra impiedosa; ou seja, o senhor será derrotado.

— Isso quer dizer…

— Isso quer dizer que vou tirar a lista dos Vinte e Sete do senhor.

— Até parece! O senhor realmente acha isso?

— Eu juro.

— O que Prasville e todos os seus homens, o que Clarisse Mergy, o que ninguém conseguiu, o senhor acha que vai conseguir!

— Eu vou!

— E por quê? Qual santo vai ajudá-lo em uma tarefa em que todos falharam? Deve haver uma razão.

— E há.

— Qual?

— Meu nome é Arsène Lupin.

Ele precisava ir embora, mas manteve Daubrecq sob seu olhar autoritário. Finalmente, Daubrecq abaixou o olhar, deu alguns tapinhas em seu ombro e, com a mesma calma, a mesma obstinação, disse:

— E meu nome é Daubrecq. A minha vida toda tem sido uma guerra desesperada, uma longa série de catástrofes e derrotas nas quais gastei todas as minhas energias até que a vitória veio: completa, decisiva, esmagadora, irrevogável. A polícia, o governo, a França, o mundo estão contra mim. Que diferença vai fazer se o senhor Arsène Lupin também estiver contra mim? Ainda digo mais: quanto mais inimigos tenho, quanto mais talentosos eles são, mais cuidadoso sou obrigado a ser. E é por isso, meu querido senhor, que em vez de prendê-lo, como eu deveria ter feito, sim, eu deveria ter feito isso, eu o deixei solto e devo lembrá-lo de que o senhor tem menos de três minutos para desistir.

— A resposta é não?

— A resposta é não.

— O senhor não fará nada por Gilbert?

— Não, e continuarei fazendo o que tenho feito desde sua prisão: exercer um poder indireto sobre o ministro da Justiça para que o julgamento aconteça logo e que seu fim seja o que eu quero ver.

— O quê? — gritou Lupin, com indignação. — É por sua causa…

— Sim, por minha causa; sim, por Deus! Eu tenho um trunfo e estou jogando com ele. Quando eu pedir uma pena de morte para Gilbert, quando os dias passarem e o recurso dele for rejeitado pelos meus bons gabinetes, o senhor verá, Lupin, que a mamãezinha dele esquecerá todas as objeções de ser chamada de madame Alexis Daubrecq e me dará uma prova irrepreensível de sua boa vontade. Esse destino é inevitável, queira o senhor ou não. Está escrito. A única coisa que posso fazer pelo senhor é convidá-lo para o casamento e para o café da manhã. Isso lhe agrada? Não? Persiste nos seus planos sinistros? Bem, boa sorte, jogue suas armadilhas, espalhe suas teias, limpe suas armas e pegue seu guia do ladrão perfeito. Vai precisar dele. E agora, boa noite. As regras de hospitalidade exigem que eu lhe mostre a saída. Vá!

Lupin permaneceu em silêncio por algum tempo. Com os olhos fixos em Daubrecq, parecia estar avaliando o tamanho do adversário, seu peso, estimando sua força física, escolhendo em qual parte exata atacar. Daubrecq fechou os punhos e preparou seu plano de defesa para responder ao ataque.

Meio minuto se passou. Lupin colocou a mão no bolso. Daubrecq fez o mesmo e segurou a coronha de seu revólver. Mais alguns segundos. Friamente Lupin pegou uma caixinha dourada de doces, abriu e ofereceu a Daubrecq:

— Uma pastilha?

— O que é isso? — perguntou o outro, surpreso.

— Pastilhas para tosse.

— Para quê?

— Para o golpe de vento que vai pegar!

E, aproveitando a breve distração que a piada causou em Daubrecq, rapidamente pegou seu chapéu e se esquivou.

— Claro — disse ele, ao passar pelo vestíbulo —, estou derrotado. Mesmo assim, essa encenação foi nova nessas circunstâncias. Esperar uma

bala e receber uma pastilha para tosse deve ser uma decepção. Deixou o velho chimpanzé atordoado.

Ao fechar o portão, um automóvel se aproximou e um homem saltou apressado, seguido por muitos outros.

Lupin reconheceu Prasville:

— Senhor secretário-geral — murmurou ele —, seu humilde servo. Acredito que algum dia o destino vá nos colocar cara a cara, e lamento pelo senhor, já que não me inspira nenhuma estima em particular, e acredito que vá passar por maus bocados nesse dia. Enquanto isso, se eu não estivesse com tanta pressa, esperaria até o senhor sair e seguiria Daubrecq para descobrir onde ele escondeu a criança que vai me devolver. Mas estou com pressa. Além disso, nada me garante que Daubrecq não agirá por telefone. Então, não vou perder tempo com esforços em vão, por isso vou me juntar a Victoire, Achille e nossa preciosa mala.

Duas horas mais tarde, Lupin, depois de tomar todas as suas medidas, estava de vigia no hangar em Neuilly e viu Daubrecq sair de uma rua adjacente e se aproximar com o ar incrédulo.

O próprio Lupin abriu as grandes portas:

— Suas coisas estão aqui, senhor deputado — anunciou. — Pode entrar e olhar. Tem uma locadora de veículos aqui perto; o senhor só precisa ir lá, pedir um caminhão e alguns homens. Onde está a criança?

Primeiro Daubrecq inspecionou os artigos, e então levou Lupin até a Avenida de Neuilly, onde duas senhoras com véu esperavam com o pequeno Jacques.

Lupin levou o menino até seu carro, onde Victoire esperava por ele.

Tudo foi feito rapidamente, sem palavras desnecessárias e como se os papéis e os movimentos tivessem sido ensaiados antes, como as muitas saídas e entradas de um palco.

Às dez horas da noite, Lupin manteve a sua promessa e entregou o pequeno Jacques à mãe. Mas o médico teve de ser chamado às pressas, já que o menino, impressionado por todos os acontecimentos, mostrava sinais de agitação e de medo.

Levou mais de duas semanas até que ele estivesse suficientemente recuperado para aguentar a mudança que Lupin considerava necessária. A própria madame Mergy só estava pronta para viajar quando chegou a hora. A viagem aconteceu à noite, com todas as precauções possíveis e com a

escolta de Lupin.

Ele levou a mãe e o filho para uma pequena praia na Bretanha e os deixou aos cuidados de Victoire.

— Finalmente — murmurou, quando os viu acomodados —, não há mais ninguém entre mim e Daubrecq. Ele não pode mais fazer nada com madame Mergy e o menino; e ela não corre mais o risco de nos desviar da luta com suas intervenções. Por Deus, já cometemos erros demais! Primeiro, precisei me revelar para Daubrecq. Segundo, precisei entregar a minha parcela dos móveis de Enghien. Verdade, vou acabar recuperando-os, não tenho a menor dúvida. Mas, ao mesmo tempo, não estamos avançando, e daqui a uma semana Gilbert e Vaucheray serão julgados.

O que mais atingiu Lupin em todo o negócio foi a revelação de Daubrecq da localização de seu apartamento na Rua Chateaubriand. A polícia entrara lá. A identidade de Lupin e Michel Beaumont fora reconhecida, e certos documentos, descobertos. E Lupin, enquanto buscava seu objetivo, organizando diversos negócios que começara, enquanto evitava as buscas da polícia, que estavam se tornando cada vez mais zelosas e persistentes, precisou voltar ao trabalho e reorganizar completamente seus assuntos em uma nova base.

Portanto, sua raiva por Daubrecq crescia na mesma proporção da preocupação que o deputado lhe causara. Só tinha um desejo: colocá-lo no bolso, como ele dizia, tê-lo à sua disposição por meios legais ou por meio da força, e tirar o segredo dele. Sonhava com torturas pensadas para fazer o mais silencioso dos homens soltar a língua. Chuteiras, cavalete, pinças incandescentes, pranchas de pregos; em sua opinião, nenhum sofrimento era mais do que o inimigo merecia. E os fins justificavam os meios.

— Ah — disse ele para si mesmo —, uma boa sala em brasas, alguns carrascos frios! Seria um belo trabalho!

Todas as tardes Grognard e Le Ballu vigiavam a rua que Daubrecq pegava entre a Praça Lamartine, a Câmara dos Deputados e seu clube. Receberam instruções de escolher a rua mais deserta e o momento mais favorável e empurrá-lo para dentro do automóvel.

Lupin, por sua vez, preparou uma velha construção, no meio de um grande jardim, não longe de Paris, que apresentava todas as condições necessárias de segurança e isolamento, e à qual deu o nome de Jaula do Macaco.

Infelizmente, Daubrecq deve ter suspeitado de alguma coisa, já que a cada dia mudava sua rota e pegava o metrô ou o bonde; e a jaula permanecia vazia.

Lupin elaborou outro plano. Chamou um de seus associados de Marselha, um merceeiro aposentado chamado Brindebois, que morava no distrito eleitoral de Daubrecq e se interessava por política. O velho Brindebois escreveu para Daubrecq de Marselha, anunciando sua visita. O deputado foi muito hospitaleiro com seu importante eleitor e providenciou um jantar para a semana seguinte.

O eleitor sugeriu um pequeno restaurante na margem esquerda do Sena, onde a comida, ele dizia, era maravilhosa. Daubrecq aceitou.

Era isso que Lupin queria. O proprietário do restaurante era seu amigo. O atentado, que aconteceria na quinta-feira seguinte, estava fadado ao sucesso.

Enquanto isso, na segunda-feira da mesma semana, iniciou-se o julgamento de Gilbert e Vaucheray.

Como o caso acontecera recentemente, nós nos lembramos bem da incompreensível parcialidade que o juiz demonstrou no interrogatório de Gilbert. Foi tão patente que ele foi severamente criticado na época. Lupin reconheceu ali a influência odiosa de Daubrecq.

A atitude dos prisioneiros se mostrou bem diferente. Vaucheray estava sombrio, silencioso, o rosto fechado. De forma cínica, com frases curtas, irônicas e provocativas, admitiu os crimes dos quais já fora considerado culpado. Mas, com uma contradição inexplicável para todos, menos para Lupin, ele negou qualquer participação no assassinato do camareiro Leonard e acusou violentamente Gilbert. O objetivo dele, ao ligar seu destino ao de Gilbert, era forçar Lupin a tomar medidas idênticas para seus dois cúmplices.

Gilbert, de outro lado, cujo semblante franco e olhos sonhadores e melancólicos ganharam a simpatia de todos, não conseguia se proteger das armadilhas colocadas para ele pelo juiz ou contradizer as mentiras de Vaucheray. Ele chorava, falava muito ou não falava quando deveria. Além disso, seu advogado, um dos líderes da associação dos advogados, ficou doente no último momento (fato em que Lupin, mais vez, viu as mãos de Daubrecq) e foi substituído por um jovem advogado que falava mal, levou o caso na direção errada, colocou o júri contra ele e não conseguiu apagar a

impressão deixada pelos discursos do promotor e do advogado de Vaucheray.

Lupin, que teve a inconcebível audácia de estar presente no último dia do julgamento, uma quinta-feira, não tinha dúvidas do resultado. Os dois receberiam o veredito de culpado.

Estava claro como todos os esforços da promotoria, assim como as táticas de Vaucheray, tinham a intenção de ligar os dois prisioneiros. Assim como também estava claro, acima de tudo, porque se tratavam de dois cúmplices de Lupin. Desde a abertura da investigação até a expedição da sentença, e embora a Justiça, por falta de provas suficientes, e também para não divulgar seus esforços, não quisesse envolver Lupin no caso, todo esse julgamento foi dirigido contra Lupin. Ele era o adversário em que estavam mirando, o líder que devia ser punido na pessoa de seus amigos, o famoso e popular criminoso cuja fascinação aos olhos do povo deveria ser destruída de uma vez por todas. Com a execução de Gilbert e de Vaucheray, a auréola de Lupin sumiria, e seria o fim da lenda.

Lupin… Lupin… Arsène Lupin: esse foi o nome mais ouvido nos quatro dias. O promotor, o juiz, o júri, o defensor, as testemunhas não falavam outro nome. A todo momento Lupin era mencionado, amaldiçoado, insultado, zombado e acusado por todos os crimes que cometera. Era como se Gilbert e Vaucheray fossem meros comparsas, enquanto o verdadeiro criminoso em julgamento fosse ele, Lupin, mestre Lupin, Lupin o assaltante, o líder da quadrilha de ladrões, o falsificador, o incendiário, o reincidente, o ex-condenado, Lupin o assassino, manchado com o sangue de sua vítima, Lupin se esgueirando pelas sombras, como um covarde, depois de mandar seus amigos para a guilhotina.

— Ah, eles sabem bem o que estão fazendo! — murmurou. — Estão fazendo o pobre Gilbert pagar pelos meus crimes.

E a terrível tragédia continuou.

Às sete da noite, após uma longa deliberação, o júri voltou para o tribunal, e o presidente leu as respostas às perguntas feitas pela corte. A resposta era “sim” para todas as perguntas, uma sentença de culpa sem circunstâncias atenuantes.

Os prisioneiros foram trazidos. Em pé, mas trêmulos e pálidos, eles receberam sua sentença de morte.

E, no meio do solene silêncio, no qual a ansiedade dos espectadores estava misturada com pena, o presidente da corte perguntou:

— Vaucheray, tem mais alguma coisa a dizer?

— Nada, senhor presidente. Agora que meu companheiro foi condenado, assim como eu, estou tranquilo… Nós dois estamos no mesmo pé… Então o patrão terá que encontrar um jeito de nos salvar.

— O patrão?

— Sim, Arsène Lupin.

Houve risos na plateia.

O presidente perguntou:

— E o senhor, Gilbert?

Lágrimas escorriam pelo rosto do pobre, e ele gaguejou algumas frases mal articuladas. Mas, quando o juiz repetiu a pergunta, ele conseguiu se recompor e respondeu, com a voz trêmula:

— Eu gostaria de dizer, senhor presidente, que eu sou culpado de muitas coisas, é verdade… Fiz muitas coisas erradas… mas não isso. Não, eu não matei ninguém… Nunca matei ninguém… E eu não quero morrer… seria horrível demais…

Ele vacilou, sendo sustentado pelos guardas, e começou a chorar como uma criança pedindo socorro:

— Patrão… me salve! Me salve! Não quero morrer!

Então, na plateia, no meio de uma excitação geral, uma voz se elevou mais alta do que o alvoroço à sua volta:

— Não tenha medo, pequeno, o patrão está aqui!

Um tumulto se seguiu. Houve empurrões. Os guardas municipais e os policiais entraram no tribunal e agarraram um homem grande, com rosto vermelho, que foi denunciado por quem estava em volta como o autor da fala, e que se debatia com mãos e pés.

Questionado na mesma hora, ele deu seu nome, Philippe Bonel, funcionário de uma funerária, e declarou que alguém sentado ao lado dele lhe oferecera uma nota de cem francos se ele aceitasse, no momento oportuno, gritar algumas palavras que foram escritas em um pedaço de papel. Como poderia recusar?

Para provar sua declaração, ele mostrou a nota de cem francos e uma pedaço de papel.

Philippe Bonel foi liberado.

Enquanto isso, Lupin, que evidentemente entregara o indivíduo aos guardas, deixou o tribunal com o coração angustiado. Seu carro o aguardava no cais. Entrou no carro, desesperado, tomado por tanto sofrimento que precisou se esforçar para segurar as lágrimas. O choro de Gilbert, sua voz aflita, sua expressão distorcida, seu corpo vacilante: tudo isso assombrava sua mente, e ele se sentia como se nunca mais, nem por um segundo, fosse se esquecer daquelas lembranças.

Foi para sua nova casa, que escolhera entre as suas diferentes residências e que ficava na esquina da Praça de Clichy. Esperava encontrar Grognard e Le Ballu, com quem deveria sequestrar Daubrecq naquela noite. Mas, ao abrir a porta de seu apartamento, soltou um grito: Clarisse estava diante dele; Clarisse, que voltara da Bretanha no momento do veredito.

No mesmo instante, pela postura e palidez dela, ele percebeu que ela sabia. E imediatamente, recobrando sua coragem na presença dela, sem lhe dar tempo de falar, ele exclamou:

— Sim, sim, sim, mas não importa. Nós previmos isso. Não pudemos evitar. O que temos de fazer agora é impedir que aconteça. E hoje à noite, hoje à noite a coisa será feita, entendeu?

Imóvel em seu sofrimento, ela gaguejou:

— Hoje à noite?

— Sim. Já preparei tudo. Daqui a duas horas Daubrecq estará nas minhas mãos. Hoje à noite, independentemente dos meios que eu precisar usar, ele vai falar.

— O senhor está falando sério? — perguntou ela, fraca, enquanto um raio de esperança começava a iluminar seu rosto.

— Ele vai falar. Eu vou descobrir o segredo dele. Vou arrrancar dele a lista dos Vinte e Sete. E essa lista vai libertar o seu filho.

— Tarde demais — murmurou Clarisse.

— Tarde demais? Por quê? A senhora acha que, em troca desse documento, não conseguirei a fuga simulada de Gilbert? Ora, Gilbert estará livre em três dias! Em três dias!

A campainha o interrompeu:

— Escute, nossos amigos chegaram. Confie em mim. Lembre-se de que cumpro as minhas promessas. Eu lhe devolvi o pequeno Jacques. Vou lhe devolver Gilbert.

Ele foi abrir a porta para Grognard e Le Ballu e disse:

— Tudo pronto? O velho Brindebois já está no restaurante? Rápido, vamos logo!

— Não vale a pena, patrão — respondeu Le Ballu.

— Como? Por quê?

— Temos uma notícia.

— Que notícia? Fale, homem!

— Daubrecq desapareceu.

— Como? O que você disse? Daubrecq desapareceu?

— Sim, levaram-no da casa dele, em plena luz do dia.

— Que diabo! Quem o levou?

— Ninguém sabe… quatro homens… houve tiros. A polícia está no local. Prasville está conduzindo as investigações.

Lupin não mexeu um músculo. Olhou para Clarisse Mergy, que estava encolhida em uma cadeira.

Ele mesmo teve de baixar a cabeça. O sequestro de Daubrecq significava mais uma chance perdida.

O perfil de Napoleão

Assim que o chefe de polícia, o chefe de segurança e os juízes de instrução saíram da casa de Daubrecq, após uma investigação preliminar e totalmente infrutífera, Prasville retomou sua busca pessoal.

Ele estava examinando o escritório e os rastros da luta que acontecera ali quando a zeladora lhe entregou um cartão de visita com algumas palavras escritas a lápis.

— Deixe a senhora entrar — instruiu ele.

— A senhora não está sozinha — avisou a zeladora.

— Ah! Bem, deixe que a outra pessoa também entre.

Clarisse Mergy entrou na mesma hora e apresentou o cavalheiro que a acompanhava. Ele usava uma sobrecasaca preta, apertada e maltrapilha, parecia tímido e constrangido com seu velho chapéu--coco, guarda-chuva de algodão e apenas uma luva; na verdade, parecia constrangido com toda a sua pessoa.

— Senhor Nicole — apresentou Clarisse —, professor particular que está trabalhando como tutor do meu pequeno Jacques. O senhor Nicole tem-me ajudado muito com seus conselhos neste último ano. Ele me ajudou com a história da rolha de cristal. Se o senhor não se incomodar, gostaria que contasse para mim e para ele os detalhes desse sequestro, que me deixa inquieta e prejudica meus planos. Os seus também, imagino.

Prasville confiava plenamente em Clarisse Mergy. Sabia do ódio dela por Daubrecq e era grato pela ajuda que ela dera no caso. Portanto, não se importou em contar a ela o que sabia, graças a algumas pistas e, principalmente, ao depoimento da zeladora.

Além disso, tudo era muito simples.

Daubrecq, que servira de testemunha no julgamento de Gilbert e Vaucheray e fora visto no tribunal durante os discursos, voltou para casa às seis horas. A zeladora afirmou que ele chegou sozinho e que não havia ninguém na casa àquela hora. Contudo, alguns minutos depois, ela escutou gritos, seguidos pelos sons de uma luta e dois tiros; de seu alojamento ela viu quatro homens mascarados descer apressados os degraus da frente, carregando o deputado Daubrecq para o portão, que eles abriram. No mesmo instante, um automóvel parou na frente da casa. Os quatro homens entraram, e o automóvel, que mal tivera tempo de parar, saiu a toda velocidade.

— Não tem sempre dois policiais de plantão? — perguntou Clarisse.

— Eles estavam ali — respondeu Prasville —, mas a cento e cinquenta metros de distância; e foi tudo tão rápido que eles nem conseguiram interferir, embora tenham vindo correndo.

— E eles não descobriram nada? Não encontraram nada?

— Nada, ou quase nada. Apenas isto.

— O que é isso?

— Um pedaço de marfim, que eles pegaram no chão. Havia um quinto homem no carro; e a zeladora o viu descer enquanto os outros colocavam Daubrecq dentro do carro. Ao entrar de volta no carro, esse homem deixou cair alguma coisa, que pegou imediatamente. Mas a coisa, o que quer que seja, deve ter quebrado, já que meus homens encontraram este pedacinho de marfim no chão.

— Mas como os quatro homens conseguiram entrar na casa? — perguntou Clarisse.

— Eles usaram chaves falsas, evidentemente, enquanto a zeladora estava no mercado, durante a tarde. E eles não tiveram problema para se esconder, já que não há outros empregados na casa. Acredito que eles tenham se escondido na sala de jantar, aqui ao lado, e atacaram Daubrecq aqui mesmo no escritório. A bagunça nos móveis e nos objetos mostra como a luta foi violenta. Encontramos um revólver de alto calibre, que pertence a Daubrecq, no tapete. Uma das balas quebrou o vidro da lareira.

Clarisse virou-se para seu acompanhante, para que ele desse sua opinião. Mas o senhor Nicole, olhando para baixo, não se mexera em sua cadeira e passava a mão na aba do chapéu, como se ainda não tivesse encontrado um lugar adequado para ele.

Prasville sorriu. Era evidente que não considerava o conselheiro de Clarisse um homem muito inteligente:

— O caso me parece bem nebuloso, não concorda, senhor? — questionou ele.

— Sim… sim — concordou Nicole —, muito nebuloso.

— Então o senhor não tem nenhuma teoria sobre o assunto?

— Bem, senhor secretário-geral, estou aqui pensando que Daubrecq tem muitos inimigos.

— Com certeza.

— E muitos desses inimigos, que têm interesse no desaparecimento dele, podem ter-se unido contra ele.

— Perfeito, perfeito! — exclamou Prasville, com uma aprovação irônica. — Perfeito! Tudo está ficando claro como a luz do dia. O senhor só precisa nos dar uma indicação que nos permita seguir pela direção certa.

— O senhor não acha, secretário-geral, que esse pedacinho de marfim que foi encontrado no chão…

— Não, senhor Nicole, não. Esse pedacinho de marfim pertence a algum objeto que não conhecemos e que o dono certamente esconderá. Para rastrearmos o dono, precisaríamos pelo menos conseguir definir a natureza do objeto em si.

O senhor Nicole refletiu e, então, começou:

— Senhor secretário-geral, após a queda de Napoleão…

— Ah, senhor Nicole, uma aula de história da França!

— Apenas uma frase, senhor secretário-geral, só lhe peço permissão para completar uma frase. Após a queda de Napoleão I, a Restauração deixou um certo número de oficiais com metade do salário, oficiais esses que as autoridades consideravam suspeitos e foram mantidos sob vigilância da polícia. Eles se mantiveram fiéis à memória do imperador e se esforçaram para reproduzir o perfil de seu ídolo em todo tipo de objetos cotidianos, como caixas de rapé, anéis, alfinetes de gravata, facas, etc.

— Então?

— Então essa peça vem de uma bengala, ou algo parecido, cujo castão é formado por marfim esculpido. Quando se olha para o castão por determinado ângulo, é possível ver o perfil do cabo. O que o senhor tem em mãos, senhor secretário-geral, é o pedaço de um castão de marfim de uma bengala de um oficial com meio salário.

— Sim — concordou Prasville, examinando a peça em questão —, sim, consigo distinguir um perfil… mas não entendo sua conclusão…

— A conclusão é muito simples. Entre as vítimas de Daubrecq, cujos nomes estão escritos na famosa lista, está o descendente de uma família da Córsega fiel a Napoleão, que recebeu seu título e riqueza do imperador e enfrentou a ruína com a Restauração. Existem nove em dez chances de que esse descendente, que foi líder do partido bonapartista alguns anos atrás, seja a quinta pessoa escondida no automóvel. Preciso dizer seu nome?

— O marquês d'Albufex? — questionou Prasville.

— O marquês d'Albufex — confirmou Nicole.

Nicole, que não parecia mais nem um pouco preocupado com o chapéu, com a luva ou o guarda-chuva, levantou-se e disse para Prasville:

— Senhor secretário-geral, talvez eu só devesse ter revelado a minha descoberta depois da vitória final, ou seja, depois de lhe entregar a lista dos Vinte e Sete. Mas esse assunto é urgente. O desaparecimento de Daubrecq, ao contrário do que os sequestradores acreditam, pode causar uma catástrofe que o senhor deve querer evitar. Portanto, devemos agir com rapidez. Senhor secretário-geral, peço sua poderosa ajuda imediata.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Prasville, que estava começando a ficar impressionado com esse indivíduo bizarro.

— Entregando para mim, amanhã, todas as informações sobre o marquês d'Albufex, que eu sozinho levaria dias para juntar.

Prasville pareceu hesitar e se virou para Clarisse Mergy. E ela disse:

— Imploro que aceite os serviços do senhor Nicole. Ele é um aliado inestimável e dedicado. Respondo pelos atos dele como responderia pelos meus próprios.

— De quais informações o senhor precisa? — perguntou Prasville.

— Tudo que envolva o marquês d'Albufex: sua posição na família, como passa o tempo, as conexões de sua família, suas propriedades em Paris e no campo.

Prasville fez uma objeção:

— Afinal, seja o marquês ou não o sequestrador de Daubrecq, ele está trabalhando a nosso favor, já que, ao pegar a lista, deixa Daubrecq desarmado.

— E quem garante, senhor secretário-geral, que ele não esteja trabalhando a favor dele mesmo?

— Isso não é possível, já que o nome dele também está na lista.

— Suponha que ele apague. Suponha que estejamos lidando com um segundo chantagista, ainda mais implacável e poderoso do que o primeiro e que, como adversário político, está em uma situação melhor do que Daubrecq para se manter na briga.

O secretário-geral ficou impressionado com o argumento. Após pensar por um momento, disse:

— Vá ao meu gabinete amanhã às quatro da tarde. Eu lhe darei as informações. Qual é o seu endereço, caso eu precise falar com o senhor?

— Praça de Clichy, 25. Estou no apartamento de um amigo, que me emprestou enquanto está fora da cidade.

A entrevista acabou. Nicole agradeceu ao secretário-geral com uma reverência e saiu na companhia de Clarisse Mergy:

— Ótimo trabalho — exclamou ele, do lado de fora, esfregando as mãos. — Agora posso entrar no gabinete da polícia sempre que quiser e colocar todo mundo para trabalhar.

Clarisse, que estava menos esperançosa, disse:

— Ai de mim! Será que chegaremos a tempo? O que mais me assusta é a ideia de a lista ser destruída.

— Por quem? Por Daubrecq?

— Não, pelo marquês, quando ele conseguir pegá-la.

— Ele ainda não tem a lista! Daubrecq vai resistir por tempo suficiente até que nós o encontremos. Pense! Prasville está à minha disposição!

— Suponha que ele descubra quem é o senhor. Uma pequena investigação provará que não existe nenhum senhor Nicole.

— Mas isso não prova que o senhor Nicole é a mesma pessoa que Arsène Lupin. Além disso, fique tranquila. Prasville não é um bom policial; seu único objetivo na vida é destruir seu velho inimigo Daubrecq. Para conseguir isso, todos os meios são justificáveis, e ele não vai perder tempo verificando a identidade do senhor Nicole, que prometeu entregar Daubrecq. Isso sem mencionar o fato de que a senhora me trouxe e que meus talentos o deixaram bem impressionado. Então, vamos seguir corajosamente.

Clarisse sempre recuperava a confiança na presença de Lupin. O futuro parecia menos assustador para ela; e ela admitia, forçava-se a admitir para si mesma, que as chances de salvar Gilbert não tinham sido diminuídas por

essa terrível sentença de morte. Mas ele não conseguiu convencê-la a voltar para a Bretanha. Ela queria lutar ao lado dele. Queria estar lá e compartilhar todas as suas esperanças e decepções.

No dia seguinte, as investigações da polícia confirmaram o que Prasville e Lupin já sabiam: o marquês d'Albufex se envolvera profundamente no negócio do canal, tanto que o príncipe Napoleão fora obrigado a tirá-lo do gerenciamento de sua campanha política na França; e ele só conseguiu sustentar seu estilo de vida extravagante por meio de empréstimos e improvisos. De outro lado, em relação ao sequestro de Daubrecq, foi confirmado que, diferentemente de seu costume, o marquês não aparecera em seu clube entre seis e sete daquela noite e não jantara em casa. Só voltou quase meia-noite, e chegou a pé.

Portanto, a acusação do senhor Nicole estava sendo comprovada de forma antecipada. Infelizmente, e Lupin não teve mais sucesso em suas próprias tentativas, foi impossível conseguir qualquer pista do automóvel, do chofer e das quatro pessoas que entraram na casa de Daubrecq. Eram sócios do marquês, também envolvidos nos negócios do canal como ele? Ou eram homens pagos por ele? Ninguém sabia.

Consequentemente, toda a busca se concentrou no marquês e em todas as propriedades e casas de campo que ele possuía a uma certa distância de Paris, uma distância que, com a velocidade média de um automóvel e as inevitáveis paradas, seria entre cem e cento e cinquenta quilômetros.

Mas d'Albufex, depois de vender tudo que já possuíra, não dispunha mais de casas de campo nem propriedades.

Voltaram suas atenções para os relacionamentos e as amizades do marquês. Ele conseguiria dispor de um lugar seguro no qual prender Daubrecq?

O resultado foi igualmente inútil.

E os dias foram passando. E que dias foram aqueles para Clarisse Mergy! Cada dia colocava Gilbert mais perto do seu terrível ajuste de contas. Cada dia representava vinte e quatro horas a menos da data que Clarisse instintivamente fixara em sua cabeça. E dissera a Lupin, que estava tomado pela mesma ansiedade:

— Mais cinquenta e cinco dias… cinquenta e cinco… O que podemos fazer em tão poucos dias? Por favor, senhor, eu lhe imploro…

O que eles realmente podiam fazer? Lupin, que não quis designar a tarefa de vigiar o marquês a nenhuma outra pessoa além de si mesmo, praticamente não dormia. Mas o marquês voltara à sua vida normal e, sem a menor dúvida, suspeitando de alguma coisa, não arriscava se afastar.

Apenas uma vez ele foi, sozinho, à casa do duque de Montmaur durante o dia. O duque tinha um grupo de caça a javalis na floresta de Durlaine. D'Albufex não tinha nenhuma relação com o duque além da caça esportiva.

— É muito pouco provável — disse Prasville — que o duque de Montmaur, um homem extremamente rico, que só se interessa por suas propriedades e por caça, e que não gosta de política, se envolveria no sequestro do deputado Daubrecq.

Lupin concordava, mas, como não queria arriscar, na semana seguinte, ao ver d'Albufex sair uma manhã com roupa de montaria, seguiu-o até a estação du Nord e pegou o mesmo trem.

O marquês saltou na estação Aumale, onde pegou uma carruagem que o levou para o Château de Montmaur.

Lupin desembarcou discretamente, alugou uma bicicleta e avistou a casa no momento em que os convidados estavam indo para o parque, alguns de automóvel, outros a cavalo. O marquês d'Albufex estava a cavalo.

Três vezes naquele dia Lupin o viu galopar. E encontrou-o, à noite, na estação, para onde d'Albufex foi a cavalo, seguido por um guarda.

As evidências eram conclusivas: não havia nada de suspeito ali. Mas por que Lupin não se dava por satisfeito com as aparências? E por que, no dia seguinte, mandou Le Ballu investigar nos arredores de Montmaur? Era uma precaução a mais, sem base na razão lógica, mas que refletia sua forma metódica e cuidadosa de agir.

Dois dias depois, Le Ballu lhe enviou, junto com outras informações menos importantes, uma lista com todos os convidados, todos os empregados e todos os guardas de Montmaur.

Um nome lhe chamou a atenção, entre os guardas. Na mesma hora, telegrafou:

"Investigue o guarda Sebastiani".

A resposta de Le Ballu veio no dia seguinte:

"Sebastiani, da Córsega, foi recomendado ao duque de Montmaur pelo marquês d'Albufex. Ele mora a uns cinco quilômetros da casa, em uma

cabana de caça construída entre as ruínas de um forte feudal, que é o berço da família Montmaur".

— É isso — disse Lupin para Clarisse Mergy, mostrando a ela a carta de Le Ballu. — Esse nome, Sebastiani, na mesma hora me lembrou de que d'Albufex vem da Córsega. Havia uma conexão…

— O que o senhor pretende fazer?

— Se Daubrecq está preso naquelas ruínas, pretendo entrar em contato com ele.

— Ele não vai confiar em você.

— Não. Com a ajuda da polícia, eu acabei descobrindo as duas senhoras que pegaram seu pequeno Jacques em Saint-Germain e o entregaram a mim, na mesma noite, em Neuilly. São duas solteironas, primas de Daubrecq, que lhes dá uma pequena mesada. Eu fiz uma visita às senhoritas Rousselot. Lembre-se do nome e do endereço: 134 bis, Rua du Bac. Inspirei confiança nelas, prometi que encontraria o primo e benfeitor delas; e a irmã mais velha, Euphrasie Rousselot, me deu uma carta em que pede que Daubrecq confie plenamente no senhor Nicole. Então, pode ver que tomei todas as precauções. Eu partirei nesta noite.

— Quer dizer, nós — corrigiu Clarisse.

— A senhora?

— Como posso viver assim, nessa inércia febril? — E ela sussurrou: — Não estou mais contando os dias, os trinta e oito ou quarenta que nos restam. Estou contando as horas.

Lupin percebeu que a decisão dela era forte demais para ele tentar convencê-la do contrário. Às cinco da manhã os dois saíram de automóvel. Grognard foi com eles.

Para não levantar suspeita, Lupin escolheu uma cidade grande para ser sua base. Em Amiens, onde instalou Clarisse, estava a apenas vinte e cinco quilômetros de Montmaur.

Às oito horas ele encontrou Le Ballu não muito longe do forte, que era conhecido na vizinhança pelo nome de Mortepierre, e os dois examinaram o lugar.

Nos confins da floresta, um pequeno rio chamado Ligier abria seu caminho por um vale profundo, formando um ciclo que domina toda a falésia de Mortepierre.

— Nada pode ser feito deste lado — disse Lupin. — O penhasco é muito íngreme, mais de sessenta metros de altura, e o rio passa por toda a sua volta.

Não muito longe eles encontraram uma ponte que levava ao caminho que, por meio de carvalhos e pinheiros, conduzia a uma pequena esplanada onde havia um portão de ferro pesado, cravejado de pregos e flanqueado por duas grandes torres.

— É aqui que Sebastiani mora? — perguntou Lupin.

— Sim — respondeu Le Ballu —, com sua esposa, em uma cabana no meio das ruínas. Também descobri que ele tem três filhos altos e que todos os quatro estavam fora no dia em que Daubrecq foi sequestrado.

— Não diga! — exclamou Lupin. — Muito bem lembrada essa coincidência. É bem provável que esses caras e o pai tenham realizado o sequestro.

Já no final da tarde, Lupin aproveitou uma brecha para escalar a parede do forte que ficava à direita das torres. De lá ele conseguia ver a cabana e as ruínas da fortaleza: um pedaço de parede, sugerindo uma chaminé; mais à frente, um tanque de água; do outro lado, os arcos de uma capela; do outro, uma pilha de pedras caídas.

À frente, um caminho beirava o penhasco, e na extremidade desse caminho havia as ruínas de uma formidável masmorra quase no nível do solo.

Lupin voltou para Clarisse Mergy à noite. E, depois disso, ficou indo e vindo entre Amiens e Mortepierre, deixando Grognard e Le Ballu permanentemente em vigia.

Seis dias se passaram. Os hábitos de Sebastiani pareciam se resumir aos deveres de seu emprego. Ele subia para o Château de Montmaur caminhando pela floresta, mapeando as trilhas dos animais e fazendo patrulhas à noite.

No sétimo dia, porém, sabendo que pela manhã uma carruagem tinha sido enviada à estação de Aumale, Lupin assumiu seu posto entre os arbustos que contornavam a esplanada em frente ao portão.

Às duas horas, ouviu os latidos da matilha. Os cães se aproximaram, acompanhados de gritos, depois se afastaram. Ele os ouviu de novo no meio da tarde, não de forma tão distinta; e foi só. Mas de repente, em pleno silêncio, veio o som forte do galope de cavalos, e poucos minutos depois viu

dois cavaleiros subir o caminho do rio.

Reconheceu o marquês d'Albufex e Sebastiani. Ao chegarem à esplanada, ambos desmontaram, e uma mulher, sem dúvida a esposa do guarda, abriu o portão. Sebastiani amarrou as rédeas dos cavalos em anéis presos em um poste a poucos metros de Lupin e correu para se juntar ao marquês. Fechou o portão ao entrar.

Lupin não hesitou; embora ainda fosse dia, confiando na solidão do lugar, subiu até a abertura oca. Passando a cabeça com cuidado pela brecha, viu os dois homens e a esposa de Sebastiani se dirigir apressados para as ruínas do forte.

O caçador levantou uma cortina de hera que escondia a entrada para uma escadaria, que ele desceu, acompanhado do marquês, deixando a esposa de guarda.

Não havia como ir atrás deles, e Lupin voltou para seu esconderijo. Pouco tempo depois, o portão se abriu de novo.

O marquês d'Albufex parecia muito nervoso. Batia com o chicote na sua bota e murmurava palavras zangadas que Lupin conseguiu distinguir quando a distância entre eles ficou menor:

— Ah, esse miserável! Eu vou fazê-lo falar. Vou voltar hoje à noite, às dez horas, ouviu, Sebastiani? E faremos o que for necessário! Ah, infeliz!

Sebastiani desamarrou os cavalos. D'Albufex virou-se para a mulher:

— Mande seus filhos ficar vigiando. Se alguém tentar entregá-lo, pior para ele. O alçapão está lá. Posso confiar neles?

— Completamente, como se fosse em mim, senhor marquês — assentiu o guarda. — Eles sabem o que o senhor já fez por mim e por eles. Não vão recuar.

— Vamos montar e voltar para a caçada — ordenou d'Albufex.

Então as coisas estavam acontecendo como Lupin tinha suposto. Durante essas caçadas, o marquês galopava até Mortepierre, sem ninguém suspeitar de nada. Sebastiani, que era fiel a ele de corpo e alma, por razões do passado que não valiam a pena ser investigadas, acompanhava-o. E juntos eles iam ver o refém, que era vigiado pela mulher e pelos filhos do caçador.

— Esta é a posição em que nos encontramos — disse Lupin para Clarisse Mergy quando se juntou a ela em um albergue local. — Hoje à noite o marquês irá interrogar Daubrecq, com violência, como eu mesmo

pretendia fazer.

— E Daubrecq contará seu segredo — concluiu Clarisse, já um pouco chateada.

— Acredito que sim.

— Então…

— Estou na dúvida entre dois planos — revelou Lupin, que parecia muito calmo. — Impedir o interrogatório…

— Como?

— Nós nos antecipando a d'Albufex. Às nove horas, Grognard, Le Ballu e eu escalamos os muros e entramos no forte, atacamos e desarmamos a guarnição. Pronto: Daubrecq será nosso.

— A não ser que os filhos de Sebastiani façam com que ele passe pelo alçapão que o marquês mencionou…

— Por essa razão — explicou Lupin —, só quero arriscar essa medida violenta como última saída e no caso de o outro plano não ser possível.

— Qual é o outro plano?

— Testemunhar o interrogatório. Se Daubrecq não falar, isso nos dará tempo para tirá-lo de lá em condições mais favoráveis. Se ele falar, se eles conseguirem fazê-lo revelar o lugar em que a lista dos Vinte e Sete está escondida, saberei da verdade ao mesmo tempo que d'Albufex e juro por Deus que vou tirar proveito disso antes dele.

— Sim, sim — disse Clarisse. — Mas como o senhor pretende estar presente?

— Ainda não sei — confessou Lupin. — Depende de algumas informações que Le Ballu vai trazer para mim e algumas que eu mesmo vou descobrir.

Ele saiu do albergue e só voltou uma hora depois, quando a noite estava caindo. Le Ballu se juntou a ele.

— Está com o livro? — perguntou Lupin.

— Sim, patrão. Foi o que eu vi no jornaleiro de Aumale. Comprei por dez centavos.

— Deixe-me ver.

Le Ballu entregou a ele um livro velho, sujo, rasgado, cujo título era *Uma visita a Mortepierre, 1824,* com ilustrações e mapas.

Na mesma hora Lupin procurou o mapa da masmorra.

— É isso — disse ele. — Acima do chão havia três andares, que foram demolidos, e abaixo do solo, cavado entre as rochas, dois andares; um deles está bloqueado pelo entulho, mas o outro… Aqui é onde está o nosso amigo Daubrecq. O nome é significativo: a câmara da tortura. Pobre amigo! Entre a escada e a câmara da tortura, duas portas. Entre as duas portas, um espaço, onde obviamente os três irmãos ficam, armados…

— Então é impossível que o senhor entre sem que eles o vejam.

— Impossível… A não ser que eu procure uma maneira de chegar ao teto e venha de cima… Mas é muito arriscado…

Ele continuou a virar as páginas do livro. Clarisse perguntou:

— Há janelas nesse cômodo?

— Sim — respondeu ele. — Virada para o rio, eu passei por lá, é possível ver uma pequena abertura, que também está marcada na planta. Mas fica a cinquenta metros de altura, na vertical. E a rocha se projeta da água. Então, impossível também.

Ele olhou mais algumas páginas do livro. O título de um capítulo chamou a sua atenção: "A Torre dos Amantes". Leu as primeiras linhas:

> *"Antigamente a masmorra era conhecida pelo povo dos arredores como a Torre dos Amantes, por causa da lembrança da tragédia fatal que aconteceu nela na Idade Média. O conde de Mortepierre, ao receber provas da infidelidade de sua esposa, prendeu-a na câmara da tortura, onde ela passou vinte anos. Uma noite, o amante dela, o senhor de Tancarville, com audácia, montou uma escada no rio e subiu pela encosta até chegar à janela da câmara. Após serrar as barras, ele conseguiu soltar a mulher amada e descer com ela com a ajuda de uma corda. Os dois chegaram ao topo da escada, que estava sendo vigiada pelos amigos deles, quando um tiro foi disparado no caminho da encosta e atingiu o homem no ombro. Os dois amantes foram lançados pelos ares…".*

Houve uma pausa depois que ele leu isso, uma longa pausa durante a qual cada um deles formou uma imagem mental da trágica fuga. Então, três ou quatro séculos antes, um homem, arriscando sua vida, tentara um feito surpreendente que teria sido bem-sucedido se não fosse pela vigilância de alguma sentinela que escutou o barulho. Um homem ousou fazer isso! Um homem conseguiu!

Lupin levantou o olhar para Clarisse. Ela estava olhando para ele com tanto desespero, um olhar cheio de súplica! O olhar de uma mãe que pedia o impossível e que teria sacrificado qualquer coisa para salvar seu filho.

— Le Ballu — disse ele —, consiga uma corda forte, mas fina, para que eu possa amarrá-la na minha cintura, e bem longa, cinquenta ou sessenta metros. Grognard, vá procurar três ou quatro escadas e amarre uma à outra.

— Patrão, o que o senhor está pensando? — questionaram os dois cúmplices. — O senhor está querendo… Mas é uma loucura!

— Loucura? Se outro já fez, eu também posso fazer!

— Mas é uma chance em cem de que o senhor não quebre o pescoço.

— Bem, Le Ballu, temos uma chance de eu não quebrar.

— Mas, patrão…

— Basta, meus amigos. Encontrem-me daqui a uma hora na margem do rio.

A preparação demorou. Foi difícil encontrar material para uma escada de quinze metros que chegasse à primeira saliência da encosta, e foram necessários esforço e cuidado infinitos para juntar as partes.

Finalmente, um pouco depois das nove horas, a escada estava armada no meio do rio, presa a um barco, cuja frente foi engatada entre duas barras e cuja parte traseira foi amarrada na margem.

A estrada pelo vale do rio era pouco usada, e ninguém passou para interromper o trabalho. A noite estava escura, o céu, pesado, com nuvens paradas.

Lupin passou as instruções finais para Le Ballu e Grognard e disse, com uma gargalhada:

— Vocês não imaginam como estou achando divertido pensar na cara de Daubrecq quando eles forem escalpelá-lo ou cortar uma tira de sua pele. Juro para vocês, isso vale o sacrifício.

Clarisse também estava no barco. Ele lhe disse:

— Até breve. E, acima de tudo, fique calma. Independentemente do que acontecer, não se mova, não grite.

— Alguma coisa pode acontecer? — perguntou ela.

— Ora, lembre-se do senhor de Tancarville! Foi no momento em que ele estava atingindo seu objetivo, com seu verdadeiro amor nos braços, que um acidente o traiu. Mas fique tranquila, eu ficarei bem.

Ela não respondeu. Pegou a mão dele e apertou-a com carinho entre as suas.

Ele colocou o pé na escada e se certificou de que ela não balançava muito. Então subiu.

Rapidamente, chegou ao último degrau. Era onde a subida ficava perigosa, pois era muito íngreme, e a partir da metade realmente se transformava na escalada de um muro.

Felizmente, aqui e ali havia pequenas saliências e pedras onde ele podia se segurar. Mas por duas vezes essas pedras cederam e ele escorregou, e nas duas vezes acreditou que tudo estava perdido. Ao encontrar uma saliência maior, Lupin descansou. Estava verdadeiramente exausto, sentindo-se pronto para abandonar a jornada, perguntando-se se valia a pena se expor a tamanho perigo.

"Credo!", pensou. "Está me parecendo que você está vacilando, Lupin, meu velho. Desistir? E deixar Daubrecq revelar seu segredo, o marquês conseguir a lista e Lupin voltar de mãos vazias, e Gilbert…"

A longa corda amarrada em sua cintura lhe causava um incômodo e uma fadiga desnecessários. Prendeu uma das extremidades à presilha de sua calça e deixou a corda desenrolar para baixo, de forma que ele pudesse usar na volta como um corrimão.

Então continuou a escalar, com unhas machucadas e os dedos sangrando. A todo momento ele esperava a queda inevitável. E o que mais o desencorajava era escutar vozes que vinham do barco, murmúrios tão distintos que parecia que ele não estava aumentando a distância entre si e seus companheiros.

E ele se lembrou do senhor de Tancarville, sozinho também, no meio da escuridão, que deve ter estremecido ao som das pedras que se soltavam e caíam penhasco abaixo. Como o menor dos sons reverberava no silêncio! Se um dos guardas de Daubrecq olhasse pela janela da Torre dos Amantes, isso significaria um tiro… e morte.

E ele continuou subindo… subindo… Subiu tanto que chegou a pensar que seu alvo já tinha passado. Sem dúvida, ele havia se inclinado involuntariamente para a esquerda e para a direita, e acabaria terminando no caminho da patrulha. Que final estúpido! E qual outro final poderia ter uma tentativa que a rápida sequência de eventos não lhe permitiu estudar e se preparar?

Como um louco, ele redobrou seus esforços, escalou mais alguns metros, escorregou, recuperou o terreno perdido, agarrou umas raízes que se soltaram na sua mão, escorregou de novo e estava quase abandonando o jogo em desespero quando, de repente, enrijecendo e contraindo seu corpo todo, seus músculos e sua vontade, ele ficou imóvel: um som de vozes parecia vir da pedra que estava segurando.

Escutou. Vinha da direita. Virando a cabeça, achou ter visto um raio de luz penetrar na escuridão do espaço. Com uma onda de energia e movimentos imperceptíveis, ele conseguiu se arrastar até o local que não tinha sido capaz de perceber. Mas, então, viu-se em uma saliência bem aberta, pelo menos três metros de profundidade, que se abria para dentro do penhasco como uma passagem, enquando sua outra extremidade, muito mais estreita, estava fechada por três barras.

Lupin rastejou para dentro. E viu…

A Torre dos Amantes

A câmara da tortura estava abaixo dele. Era uma sala grande, irregular, dividida em formas desiguais pelos quatro pilares maciços que suportavam o teto abobadado. Um cheiro de umidade e mofo vinha das paredes e das lajes encharcadas pelas infiltrações. Seu aspecto, em qualquer época, deve ter sido sinistro. Mas naquele momento, com as silhuetas altas de Sebastiani e de seus filhos, com as luzes oblíquas que brincavam nos pilares, com a visão do refém acorrentado a uma cama, tinha um aspecto misterioso e bárbaro.

Daubrecq estava em primeiro plano, a uns quatro ou cinco metros da janela por onde Lupin espiava. Além das velhas correntes que tinham sido usadas para prendê-lo à cama e para prender a cama a um gancho de ferro na parede, seus pulsos e tornozelos estavam amarrados com tiras de couro, e um dispositivo engenhoso fazia com que, ao menor de seus movimentos, um sino tocasse no pilar mais próximo.

Um lampião iluminava o rosto dele.

O marquês d'Albufex estava de pé ao lado dele. Lupin podia ver suas feições pálidas, seu bigode grisalho, sua silhueta longa e magra, enquanto ele olhava para o prisioneiro com uma expressão de desprezo e ódio.

Alguns minutos de profundo silêncio se passaram. Então o marquês deu uma ordem:

— Acenda aquelas três velas, Sebastiani, para que eu possa vê-lo melhor.

E, quando as três velas foram acesas e ele deu uma boa olhada em Daubrecq, debruçou-se sobre o cativo e, quase com gentileza, disse:

— Não sei qual fim eu e você teremos, mas, de qualquer forma, sei que terei alguns momentos felizes aqui. Você me causou tanto mal, Daubrecq! As lágrimas que me fez derramar! Sim, lágrimas de verdade, soluços de desespero… O dinheiro que roubou de mim! Uma fortuna! E o meu terror ao pensar que poderia me denunciar! Era só você pronunciar meu nome para completar a minha ruína e desgraçar a minha vida. Ah, seu patife!

Daubrecq não se moveu. Não estava usando as lentes escuras, apenas os óculos de grau que refletiam a luz das velas. Ele perdera uma boa quantidade de gordura, e os ossos sobressaíam em seu rosto magro.

— Vamos — disse d'Albufex. — Chegou a hora de agir. Parece que tem amigos seus rondando a vizinhança. Deus queira que não estejam aqui por sua causa e tentem soltá-lo, pois isso significaria sua morte imediata, como você bem sabe. O alçapão está funcionando bem, Sebastiani?

Sebastiani se aproximou, apoiou-se sobre um joelho, virou um anel e levantou um alçapão, no pé da cama, que Lupin não havia percebido. Uma das placas se moveu, revelando um buraco negro.

— Está vendo — continuou o marquês —, foi tudo providenciado, e eu tenho tudo de que preciso à mão, incluindo masmorras. Reza a lenda do castelo que essa masmorra é impenetrável. Então você não tem esperança, nenhum tipo de ajuda. Vai falar?

Daubrecq não respondeu, e ele continuou:

— Esta é a quarta vez que estou interrogando você, Daubrecq. É a quarta vez que pergunto sobre o documento que possui, para que eu possa escapar da sua chantagem. É a quarta e última vez. Você vai falar?

O mesmo silêncio de antes. D'Albufex fez um sinal para Sebastiani. O guarda deu um passo à frente, seguido por dois de seus filhos. Um deles estava com um bastão na mão.

— Vá em frente — ordenou d'Albufex, após esperar alguns segundos.

Sebastiani afrouxou as tiras que amarravam os pulsos de Daubrecq e enfiou o bastão entre elas.

— Posso virar, senhor marquês?

Mais silêncio. O marquês esperou. Vendo que Daubrecq não recuou, ele sussurrou:

— Não vai falar? Por que se expor ao sofrimento físico?

Nenhuma resposta.

— Pode virar, Sebastiani.

Sebastiani girou o bastão. As tiras esticaram. Daubrecq gemeu.

— Não vai falar? Mesmo sabendo que eu não vou desistir, que eu não posso desistir, que tenho você em meu poder e que, se necessário, vou torturá-lo até a morte? Não vai falar? Não vai? Sebastiani, mais uma vez.

O guarda obedeceu. Daubrecq deu um sobressalto de dor e caiu na cama gemendo.

— Imbecil! — gritou o marquês, tremendo de raiva. — Por que você não fala? Já não aproveitou a lista o suficiente? Agora está na vez de outra pessoa! Vamos, fale… Onde está? Uma palavra. Uma palavra apenas… e vamos deixá-lo em paz. E amanhã, quando eu estiver com a lista, você estará livre. Livre, entendeu? Mas, pelo amor de Deus, fale! Ah, seu cretino! Sebastiani, mais uma volta.

Sebastiani fez mais um esforço. Os ossos quebraram.

— Socorro! Socorro! — gritou Daubrecq, com a voz rouca, lutando em vão para se soltar. E sussurrou, balbuciante: — Por favor… Por favor…

Era uma cena terrível. Os rostos dos três filhos estavam aterrorizados. Lupin estremeceu, com nojo, e percebeu que ele nunca teria conseguido fazer algo tão abominável. Prestou atenção às palavras que logo seriam ditas. Precisava saber a verdade. O segredo de Daubrecq estava prestes a ser revelado em sílabas, em palavras arrancadas dele pela dor. E Lupin começou a pensar na sua retirada, no carro que o esperava, na corrida para Paris, na vitória se aproximando.

— Fale — sussurrou d'Albufex. — Fale e tudo vai acabar.

— Sim… Sim — murmurou Daubrecq.

— Bem?

— Depois… amanhã…

— Você está louco! Do que está falando? Amanhã? Sebastiani, mais uma volta!

— Não, não! — gritou Daubrecq. — Pare!

— Fale!

— Bem, então… o papel… eu o escondi…

Mas a dor dele era muito forte. Ele levantou a cabeça com um último esforço, balbuciou algumas palavras incoerentes e conseguiu dizer duas vezes:

— Marie… Marie… — e caiu para trás, exausto e inerte.

— Solte-o — ordenou d'Albufex para Sebastiani. — Droga, será que exageramos?

Mas um rápido exame mostrou que Daubrecq estava apenas desmaiado. Então, também exausto pela emoção, o marquês caiu ao pé da cama e, enxugando as gotas de suor da testa, murmurou:

— Que negócio sujo!

— Talvez seja o suficiente por hoje — disse o guarda, cujo rosto endurecido demonstrava alguma emoção. — Podemos tentar de novo amanhã ou depois de amanhã…

O marquês ficou em silêncio. Um dos filhos de Sebastiani lhe entregou uma garrafa de conhaque. Ele serviu um copo e tomou de um só gole.

— Amanhã? — disse ele. — Não. Aqui e agora. Mais um esforço. No estágio em que ele se encontra, não vai ser difícil. — E, puxando o guarda para o lado: — Você escutou o que ele disse? O que ele quis dizer com "Marie", que ele repetiu duas vezes?

— Verdade, duas vezes — repetiu o guarda. — Talvez ele tenha confiado o documento a uma pessoa chamada Marie.

— Não! — protestou d'Albufex. — Ele nunca confia nada a ninguém. Significa alguma outra coisa.

— Mas o quê, senhor marquês?

— Logo vamos descobrir, e eu lhe respondo.

Naquele momento, Daubrecq respirou fundo e se remexeu em seu torpor.

D'Albufex, que agora já havia recuperado toda a sua compostura e não tirava os olhos do inimigo, foi até ele e disse:

— Está vendo, Daubrecq, é loucura resistir. Você já está derrotado, não há mais nada a fazer a não ser se submeter ao vencedor, em vez de se deixar torturar como um idiota. Vamos, seja razoável.

Ele se virou para Sebastiani:

— Amarre a corda, deixe que ele sinta um pouco para despertar. Ele está se fingindo de morto.

Sebastiani pegou o bastão de novo e girou até que a corda tocasse a carne inchada. Daubrecq sobressaltou-se.

— Isso basta, Sebastiani — disse o marquês. — Nosso amigo parece mais disposto e entende a necessidade de chegar a um acordo. Não é isso, Daubrecq? Você prefere acabar logo com isso? E está certo!

Os dois homens estavam debruçados sobre o refém, Sebastiani com a mão no bastão, d'Albufex segurando o lampião para iluminar o rosto de Daubrecq.

— Os lábios dele estão se movendo… ele vai falar. Afrouxe a corda um pouco, Sebastiani, não quero que nosso amigo se machuque… Não, aperte, acho que nosso amigo está hesitando… Mais um giro… pare! Vamos acabar com isso! Meu querido Daubrecq, se você não pode ser mais claro do que isso, é inútil! O que disse?

Arsène Lupin praguejou. Daubrecq estava falando e ele, Lupin, não conseguia escutar uma palavra do que ele dizia! Em vão ele apurou os ouvidos, tentando não escutar as batidas de seu coração e o pulsar de suas têmporas. Nenhum som chegava a ele.

"Céus", pensou. "Nunca poderia ter previsto isso. O que vou fazer?"

Estava prestes a apontar seu revólver para Daubrecq e disparar uma bala que acabaria com qualquer explicação. Mas refletiu que isso não seria sábio e que seria melhor confiar nos eventos, na esperança de tirar o melhor proveito deles.

Enquanto isso, a confissão continuava abaixo dele, interrompida por silêncios e gemidos. D'Albufex não largava sua presa.

— Vamos! Termine!

E ele pontuava as frases com exclamações de aprovação:

— Bom!… Ótimo!… Que engraçado!… E ninguém suspeitou?… Nem mesmo Prasville?… Que idiota!… Solte um pouco, Sebastiani: não está vendo que nosso amigo está sem fôlego?… Calma, Daubrecq… não se canse… Então, meu amigo, você estava dizendo…

Essa foi a última. Houve um longo sussuro que d'Albufex escutou sem nenhuma interrupção e do qual Arsène Lupin não conseguiu captar nenhuma sílaba. Então o marquês se levantou e exclamou com alegria:

— É isso! Obrigado, Daubrecq. E, acredite em mim, nunca vou me esquecer do que acabou de fazer. Se algum dia precisar de alguma coisa, é só bater à minha porta e sempre haverá um pedaço de pão e um copo de água para você. Sebastiani, cuide do senhor deputado como se fosse um de seus filhos. E, primeiro de tudo, solte as cordas. É uma coisa imperdoável amarrar um homem dessa forma, como uma galinha no espeto!

— Devo dar algo para ele beber? — sugeriu o guarda.

— Sim, dê-lhe uma bebida.

Sebastiani e seus filhos desamarraram as tiras de couro, esfregaram os pulsos feridos, passaram uma pomada e fizeram um curativo. Depois, Daubrecq tomou alguns goles de conhaque.

— Está se sentindo melhor? — perguntou o marquês. — Ah, não é nada de mais. Em poucas horas nem vai aparecer, e você poderá se gabar de já ter sido torturado, como nos bons e velhos tempos da Inquisição. Seu sortudo!

Ele pegou o relógio.

— Basta! Sebastiani, deixe seus filhos cuidando dele em turnos. E você vai me levar à estação para o último trem.

— Então, vamos deixá-lo sair assim, senhor marquês, livre, quando quiser?

— Por que não? Você não acha que vamos mantê-lo preso aqui até ele morrer, acha? Não, Daubrecq, durma bem. Eu vou até a sua casa amanhã à tarde e, se o documento estiver onde me disse, enviarei um telegrama imediatamente e você será solto. Você não me contou uma mentira, não é mesmo?

Ele voltou até Daubrecq e, debruçando-se novamente sobre o prisioneiro, disse:

— Nenhuma trapaça, não é? Isso seria uma burrice da sua parte. Eu perderia apenas um dia. Enquanto você perderia todos os dias que restam da sua vida. Mas não, o esconderijo é muito bom. Ninguém inventa uma história dessa por diversão. Vamos, Sebastiani. Amanhã você vai receber um telegrama.

— Suponha que não o deixem entrar na casa, senhor marquês.

— Por que não deixariam?

— A casa da Praça Lamartine está ocupada pelos homens de Prasville.

— Não se preocupe, Sebastiani. Eu vou entrar. Se eles não abrirem a porta, sempre tem uma janela. E, se a janela não abrir, consigo com algum homem do Prasville. É uma questão de dinheiro, só isso. E, graças a Deus, isso não vai faltar para mim daqui para a frente! Boa noite, Daubrecq.

O marquês saiu, acompanhado por Sebastiani, que fechou a pesada porta ao sair.

Na mesma hora, Lupin começou a colocar em prática seu plano de retirada, que desenhara enquanto acompanhava a cena.

O plano era bem simples: descer, com a ajuda da corda, até o pé do penhasco, juntar-se aos seus amigos, pegar o automóvel e atacar d'Albufex e Sebastiani na estrada deserta que leva à estação de Aumale. Não havia dúvida do resultado. Com d'Albufex e Sebastiani presos, seria uma tarefa fácil fazê-los falar. D'Albufex lhe mostrara como fazer, e Clarisse Mergy seria inflexível quando se tratasse de salvar o próprio filho.

Pegou a corda que levara e tateou em volta para encontrar uma pedra em que pudesse amarrá-la, a fim de deixar duas pontas iguais penduradas, por onde ele desceria. Mas, quando encontrou o que queria, em vez de agir rapidamente, já que o assunto era urgente, ficou imóvel, pensando. No final das contas, não estava satisfeito com seu esquema.

— O que estou imaginando é absurdo — disse para si mesmo. — Absurdo e não tem lógica. Como posso garantir que d'Albufex e Sebastiani não vão escapar? Como posso garantir que, uma vez sob meu poder, eles vão falar? Não, devo ficar. Existem planos melhores para tentar… muito melhores. Não devo ir atrás daqueles dois, mas de Daubrecq. Ele está exausto, não vai apresentar a menor resistência. Se ele contou o segredo ao marquês, não tem razão para não contar para mim e para Clarisse, se empregarmos os mesmos métodos. Está resolvido! Vou sequestrar Daubrecq! O que tenho a perder? Se o plano der errado, Clarisse e eu fugimos para Paris e, com Prasville, organizamos uma vigília cuidadosa na Praça Lamartine para evitar que d'Albufex se beneficie das revelações de Daubrecq. É essencial avisar Prasville do perigo. Ele precisa saber.

O relógio da igreja da aldeia bateu meia-noite. Isso dava a Lupin seis ou sete horas para colocar seu plano em ação. Começou a trabalhar imediatamente.

Ao sair do buraco em que havia a janela no fundo, ele encontrou um grupo de pequenos arbustos em uma das concavidades do penhasco. Cortou alguns galhos com uma faca e os deixou do mesmo tamanho. Depois, cortou dois pedaços iguais da sua corda, que serviram como os montantes da escada. Amarrou doze galhos entre os montantes e, então, criou uma escada de uns seis metros.

Quando voltou ao seu posto, apenas um dos três filhos continuava ao lado da cama de Daubrecq na câmara da tortura. Estava fumando cachimbo perto do lampião enquanto Daubrecq dormia.

“Droga!”, pensou Lupin. “Aquele camarada vai ficar sentado lá a noite inteira? Nesse caso, não há nada que eu possa fazer além de me esgueirar…”

A ideia de que d’Albufex conhecia o segredo o atormentava. O interrogatório deixara a clara impressão de que o marquês estava trabalhando sozinho e que, ao tomar posse da lista, pretendia não apenas escapar da chantagem de Daubrecq, mas também assumir o poder que este tinha e construir sua fortuna usando os mesmos meios que Daubrecq empregara.

Para Lupin, isso significava uma nova batalha contra um novo inimigo. A rápida sequência de acontecimentos não permitiu a contemplação de tal hipótese. Precisava a todo custo impedir os próximos passos do marquês, avisando Prasville.

No entanto, Lupin continuava preso a uma esperança teimosa de que algum incidente lhe daria a oportunidade de agir.

O relógio bateu meia-noite e meia.

Bateu uma hora.

A espera estava se tornando insuportável, ainda pior quando uma névoa gelada subiu do vale e Lupin sentiu o frio penetrar nos seus ossos.

Escutou o trote de um cavalo a distância.

“Sebastiani voltando da estação”, pensou.

Mas o filho que estava vigiando a câmara da tortura, ao acabar seu pacote de tabaco, abriu a porta e perguntou aos irmãos se tinham mais. Eles responderam alguma coisa e ele saiu para ir até a cabana.

Lupin ficou estupefato. Assim que a porta se fechou, Daubrecq, que dormia profundamente, sentou-se, escutou, colocou um pé no chão, depois o outro e, levantando-se, mancando um pouco, mas com as pernas mais firmes do que se podia esperar, avaliou suas forças.

— Bem — disse Lupin —, o campanheiro não demorou a se recuperar. Ele pode muito bem ajudar na própria fuga. Só tem um ponto que me incomoda: ele se deixará convencer? Vai concordar em ir comigo? Não vai pensar que essa ajuda milagrosa que veio dos céus é uma armadilha do marquês?

Então, de repente, Lupin se lembrou da carta que ele fizera as primas de Daubrecq escrever, a carta de recomendação, por assim dizer, que a mais velha das irmãs Rousselot assinara com seu primeiro nome, Euphrasie.

Estava em seu bolso. Ele pegou e escutou. Nenhum som, além dos passos fracos de Daubrecq na laje. Na opinião de Lupin, havia chegado a hora. Ele enfiou os braços entre as barras e jogou a carta para dentro.

Daubrecq pareceu atordoado.

A carta flutuou pela câmara e caiu no chão, a três passos dele. De onde tinha vindo? Ele levantou a cabeça na direção da janela e tentou esquadrinhar a escuridão que escondia a parte superior do cômodo. Olhou para o envelope, sem ousar tocá-lo, como se temesse uma cilada. Então, de repente, após uma olhada para a porta, ele se abaixou, avaliou o envelope e o abriu.

— Ah — exclamou, com um suspiro de prazer ao ver a assinatura.

Ele leu a carta baixinho:

> *"Confie totalmente no mensageiro deste bilhete. Ele conseguiu descobrir o segredo do marquês, com o dinheiro que demos para ele, e elaborou um plano de fuga. Está tudo preparado para isso. Euphrasie Rousselot."*

Ele leu a carta de novo e repetiu:

— Euphrasie… Euphrasie… — e levantou a cabeça mais uma vez.

Lupin sussurrou:

— Vou levar duas ou três horas para serrar uma das barras. Sebastiani ou algum dos filhos dele vai voltar logo?

— Certamente — respondeu Daubrecq, com a mesma voz baixa. — Mas espero que eles me deixem sozinho.

— Mas eles dormem atrás dessa porta?

— Dormem, sim.

— Eles não vão escutar?

— Não, a porta é muito grossa.

— Muito bem. Nesse caso, não vai demorar. Tenho uma escada de corda. O senhor consegue subir sozinho, sem a minha ajuda?

— Acho que sim… vou tentar. Eles quebraram os meus pulsos… Aqueles animais! Mal consigo mover as minhas mãos… e me resta pouca força. Mas tentarei mesmo assim… Será necessário…

Ele parou, escutou e, com o dedo na boca, sussurrou:

— Psiu!

Quando Sebastiani e seus filhos entraram na câmara, Daubrecq, que havia escondido a carta e se deitado na cama, fingiu acordar assustado.

O guarda lhe trouxera uma garrafa de vinho, um copo e comida.

— Como está, senhor deputado? — perguntou ele. — Bem, talvez tenhamos apertado um pouco demais… É muito doloroso esse torniquete de madeira. Parece que usavam muito na época da Grande Revolução e de Bonaparte… na época dos *chauffeurs*[1]. Que invenção! Boa e limpa… sem derramamento de sangue… E nem demora muito! Em vinte minutos o senhor desvendou o enigma.

Sebastiani começou a rir.

— Aliás, senhor deputado, meus parabéns! Excelente esconderijo! Quem poderia suspeitar? Sabe, o que atrapalhou a mim e ao senhor marquês foi aquele nome de Marie que o senhor falou primeiro. Não estava mentindo, só não tinha terminado a palavra. Precisávamos saber o resto. Diga o que quiser, é surpreendente! Quem diria, na sua escrivaninha! Que piada!

O guarda levantou e ficou andando de um lado para outro, esfregando as mãos.

— O senhor marquês está muito satisfeito, tão satisfeito que, amanhã à noite, ele mesmo vai vir soltar o senhor. Sim, ele mudou de ideia, vai haver algumas formalidades: o senhor terá de assinar um cheque ou dois para recompensar pelas despesas e problemas que causou ao senhor marquês. Mas o que é isso para o senhor? Nada! Sem falar que, a partir de agora, nada mais de correntes, de tiras de couro nos seus pulsos; ou seja, o senhor será tratado como um rei! E recebi ordens, olhe bem, para lhe dar uma boa garrafa de vinho e uma de conhaque.

Sebastiani fez mais algumas piadas, depois pegou o lampião, examinou a câmara uma última vez e falou para seus filhos:

— Vamos deixá-lo dormir. Vocês três também precisam descansar. Mas durmam com um olho aberto. Nunca se sabe…

E eles saíram.

Lupin esperou um pouco e perguntou baixinho:

— Posso começar?

— Pode, mas com cuidado. Não é impossível que eles resolvam fazer uma ronda daqui a uma ou duas horas.

Lupin começou a trabalhar. Tinha uma serra muito poderosa, e o ferro das barras, enferrujado e gasto com o tempo, estava quase reduzido a pó em alguns pontos. Duas vezes Lupin parou para escutar, com os ouvidos aguçados. Mas era apenas um rato no andar de cima, ou o voo de algum pássaro noturno; e ele continuou a tarefa, encorajado por Daubrecq, que estava atrás da porta, pronto a avisá-lo do menor alarme.

— Ufa! — exclamou ele, serrando pela última vez. — Fico feliz de ter acabado, juro por Deus, está apertado aqui nesse maldito túnel. Sem falar do frio…

Com toda a sua força, Lupin empurrou a barra, cuja base fora serrada, e conseguiu forçá-la o suficiente para que um homem conseguisse passar entre as duas barras restantes. Depois, ele precisou voltar para a saliência mais aberta onde deixara a escada de corda. Após prendê-la nas barras, peguntou para Daubrecq:

— Ei! Está tudo certo! Está pronto?

— Sim… estou indo. Só mais um segundo, enquanto eu escuto. Tudo certo, eles estão dormindo, jogue a escada.

Lupin abaixou-a e perguntou:

— Preciso descer?

— Não… Estou fraco, mas acho que consigo.

Ele realmente conseguiu chegar à janela bem rápido e rastejou pela passagem logo atrás de seu salvador. O ar puro, contudo, pareceu deixá-lo um pouco tonto. Além disso, para lhe dar força, ele tomara meia garrafa de vinho, então teve alguns desmaios que o fizeram ficar deitado nas pedras da saliência por meia hora. Lupin, perdendo a paciência, estava amarrando-o a uma das extremidades da corda. A outra extremidade continuava amarrada às barras. Já o preparava para descer como um fardo de mercadorias quando Daubrecq acordou, sentindo-se melhor:

— Acabou — informou ele. — Estou bem agora. Vai demorar?

— Vai, sim. Temos que subir uns cento e cinquenta metros.

— Como d'Albufex não previu que era possível fugir dessa forma?

— O penhasco é íngreme.

— E o senhor conseguiu…

— Bem, suas primas insistiram… E o senhor tem que viver. Além disso, elas foram tão generosas.

— Que boas almas! — exclamou Daubrecq. — Onde elas estão?

— Lá embaixo, em um barco.

— Tem um rio, então?

— Sim, mas não vamos conversar, se não se importa. É perigoso.

— Só mais uma coisa. O senhor já estava lá havia muito tempo quando me jogou a carta?

— Não, não. Uns quinze minutos. Eu lhe contarei tudo… Enquanto isso, precisamos nos apressar.

Lupin foi na frente, depois de recomendar a Daubrecq para segurar com força na corda e vir logo atrás. Ele lhe daria a mão nos lugares mais difíceis.

Eles levaram quarenta minutos para chegar à plataforma formada na falésia, e diversas vezes Lupin precisou ajudar seu companheiro, cujos pulsos, ainda feridos pela tortura, haviam perdido toda a força e flexibilidade.

Várias vezes Daubrecq reclamou:

— Ah, aqueles canalhas, o que fizeram comigo! Canalhas! Ah, d'Albufex, vou fazer você pagar por isso!

— Psiu! — disse Lupin.

— O que houve?

— Um barulho… Lá de cima…

Parados na plataforma, eles escutaram. Lupin pensou no senhor de Tancarville e na sentinela que o matou com um tiro de arcabuz. Estremeceu, sentindo toda a angústia do silêncio e da escuridão.

— Não — disse ele —, eu estava errado… Além disso, é absurdo, eles não conseguem nos alcançar aqui.

— Quem nos alcançaria aqui?

— Ninguém, ninguém… foi um pensamento tolo.

Ele tateou até encontrar as pontas da escada e então disse:

— Venha, aqui tem uma escada. Está presa no leito do rio. Um amigo meu está tomando conta, assim como as suas primas.

Ele assobiou:

— Lá vamos nós — disse ele, baixinho. — Segure bem a corda. Vou na frente.

Daubrecq objetou:

— Talvez seja melhor eu descer primeiro.

— Por quê?

— Estou muito cansado. O senhor poderia amarrar a sua corda na minha cintura e me segurar… Se não, eu posso…

— Sim, está certo — concordou Lupin — aproxime-se.

Daubrecq se aproximou e ajoelhou-se na pedra. Lupin amarrou a corda nele e então, debruçando-se, segurou um dos montantes com as duas mãos, para a corda não balançar.

— Pode ir — disse ele.

Nesse momento ele sentiu uma forte dor no ombro:

— Droga! — exclamou, caindo no chão.

Daubrecq lhe dera uma facada embaixo no pescoço, um pouco para a direita.

— Seu miserável!

Ele viu rapidamente Daubrecq, no escuro, livrar-se da corda e escutou-o dizer:

— O senhor é um tolo! Trouxe uma carta das minhas primas Rousselot, na qual reconheci a letra da mais velha, Adelaide, mas, como ela é muito astuta, suspeitando de algo e querendo me avisar para manter a guarda, tomou o cuidado de assinar com o nome da mais nova, Euphrasie Rousselot. E o senhor acreditou! Então, pensando um pouco, o senhor deve ser o mestre Arsène Lupin, não é? O protetor de Clarisse e salvador de Gilbert… Pobre Lupin, temo que esteja em maus lençóis… não costumo usar a faca, mas, quando uso, levo a sério.

Ele se debruçou sobre o homem ferido e apalpou seus bolsos:

— Vou pegar seu revólver. Seus amigos logo verão que não é o patrão deles e vão tentar me conter… Então, como não me restou muita força, uma bala ou duas… Adeus, Lupin. Nós nos encontramos no outro mundo! Reserve um bom apartamento para mim, com os luxos mais modernos. Adeus, Lupin. E muito obrigado. De verdade, não sei o que teria feito sem o senhor. Por Deus, d'Albufex usou de muita violência! Será muito engraçado encontrar o desgraçado de novo!

Daubrecq estava pronto. Assobiou mais uma vez. Uma resposta veio do barco.

— Aqui vou eu — disse ele.

Com um último esforço, Lupin estendeu os braços para impedi-lo. Mas sua mão não tocou nada além de ar. Tentou gritar, para avisar seus cúmplices, mas sua voz estava presa na garganta.

Sentiu uma dormência em todo o corpo. Suas têmporas latejavam.

De repente, escutou gritos lá embaixo. Então, um tiro. Depois, outro, seguido por uma gargalhada de triunfo. E o choro e gemidos de uma mulher. E, logo depois, mais dois tiros.

Lupin pensou em Clarisse, ferida, morta talvez; em Daubrecq, fugindo vitorioso; na rolha de cristal, que um dos seus dois adversários recuperaria sem resistência. Então uma visão repentina trouxe-lhe a cena do senhor de Tancarville caindo com a mulher que amava. Murmurou repetidas vezes:

— Clarisse… Clarisse… Gilbert… — Um silêncio profundo o envolveu; uma paz infinita tomou conta dele e, sem a menor revolta, ele teve a impressão de que seu corpo exausto, não tendo nada em que se segurar, estava rolando para a beirada da rocha, na direção do abismo.

---

[1] Nome dado aos salteadores de Vendeia, região da França, que torturavam suas vítimas com fogo para fazê-las confessar onde o dinheiro estava escondido. (N.T.)

No escuro

Em um quarto de hotel em Amiens

Lupin estava recuperando um pouco da consciência pela primeira vez. Clarisse e Le Ballu estavam sentados à sua cabeceira.

Ambos estavam conversando, e Lupin os escutava, sem abrir os olhos. Ficou sabendo que eles temeram por sua vida, mas que não havia mais perigo. Depois, durante a conversa, ele pegou certas palavras que revelavam o que tinha acontecido na trágica noite em Mortepierre: a descida de Daubrecq, o medo dos cúmplices quando viram que não era o patrão, então a rápida luta: Clarisse se jogando para cima de Daubrecq e sendo ferida no ombro, Daubrecq pulando para a margem, Grognard atirando com seu revólver enquanto procurava por ele, Le Ballu subindo a escada e encontrando o patrão desmaiado.

— Eu juro pela minha vida — disse Le Ballu —, até agora não sei como ele não rolou. Havia um buraco lá, e era inclinado. Mesmo desmaiado, ele deve ter-se segurado com os dez dedos. Por Deus, cheguei bem na hora!

Lupin escutava, escutava, desesperado. Ele juntava sua força para captar e compreender as palavras. Mas, de repente, disseram uma frase terrível: Clarisse, chorando, contou dos dezoito dias que tinham se passado, dezoito dias perdidos para a segurança de Gilbert.

Dezoito dias! O número assustou Lupin. Sentiu como se tudo tivesse acabado, que nunca seria capaz de recuperar sua força e voltar a lutar e que Gilbert e Vaucheray estavam condenados… Seu cérebro estava se esvaindo. A febre e o delírio voltaram.

E mais dias se passaram. Talvez seja a época da vida da qual Lupin fala com mais terror. Ele recobrava apenas um pouco de consciência, suficiente para ter breves momentos de lucidez e entender a posição em que estavam. Mas não conseguia coordenar suas ideias, seguir uma linha de raciocínio nem dar instruções ou proibir seus amigos de adotarem esta ou aquela linha de ação.

Geralmente, quando emergia de seu torpor, sentia sua mão na de Clarisse e, naquela condição meio adormecida em que a febre mantém a pessoa, ele falava palavras estranhas para ela, palavras de amor e paixão, implorando, agradecendo, abençoando-a por toda a luz e alegria que havia trazido para a escuridão.

Então, acalmando-se e sem compreender inteiramente o que tinha dito, ele tentava brincar:

— Eu tenho delirado, não tenho? Quantas besteiras devo ter falado!

Mas Lupin percebia pelo silêncio de Clarisse que ele estava seguro para falar quantos absurdos fossem que sua febre o fizesse falar. Ela não ouvia. O cuidado e a atenção que ela dispensava ao paciente, sua devoção, vigilância, preocupação à menor recaída, nada disso era por ele, mas pelo possível salvador de Gilbert. Ela assistia ansiosa ao progresso de sua convalescência. Quando ele estaria pronto para voltar para a batalha? Não era loucura ficar ao lado dele quando cada dia levava consigo um pouco de esperança?

Lupin nunca deixava de repetir para si mesmo, com uma crença interna de que, ao fazer isso, poderia influenciar o curso de sua doença.

— Eu vou melhorar… Eu vou melhorar…

E ele ficou deitado por dias a fio sem se mexer, como se não quisesse desfazer o curativo de sua ferida ou ficar ainda mais nervoso.

Ele também se esforçava para não pensar em Daubrecq. Mas a imagem de seu adversário o assombrava; e ele reconstituía as várias fases da fuga, a descida do penhasco. Um dia, assustado pela terrível lembrança, ele exclamou:

— A lista! A lista dos Vinte e Sete! Deve estar com Daubrecq… ou com d'Albufex. Estava na escrivaninha!

Clarisse garantiu a ele:

— Ninguém pode ter pego — declarou ela. — Grognard esteve em Paris no mesmo dia e levou um bilhete meu para Prasville, implorando para que ele redobrasse sua vigília na Praça Lamartine, para que ninguém entrasse,

principalmente d'Albufex…

— Mas e Daubrecq?

— Ele está ferido. Ainda não voltou para casa.

— Ah, bem — disse ele —, então está tudo certo! Mas a senhora também está ferida…

— Só um arranhão no ombro.

Lupin ficou mais tranquilo depois dessas revelações. Mas ideias teimosas o perseguiam, as quais ele não conseguia afastar de sua mente nem colocar em palavras. Acima de tudo, pensava incessantemente no nome "Maria" que Daubrecq falara em meio ao sofrimento. A que o nome se referia? Seria o título de um dos livros nas prateleiras, ou parte do título? O livro em questão teria a chave para o mistério? Ou seria a combinação de um cofre? Ou uma série de letras escritas em algum lugar: em uma parede, em um papel, em um painel de madeira, no fundo de uma gaveta, em uma nota fiscal?

Essas perguntas, para as quais não conseguia encontrar uma resposta, deixavam-no obcecado e exausto.

Uma manhã, Arsène Lupin acordou se sentindo bem melhor. A ferida estava fechada; a temperatura, quase normal. O médico, um amigo íntimo, que vinha todo dia de Paris, prometeu que ele conseguiria se levantar em dois dias. E naquele dia, na falta de seus cúmplices e de Clarisse Mergy, que haviam saído em busca de informações, ele se levantou sozinho para abrir a janela.

Sentiu a vida voltar com a luz do sol, com o ar fresco que anunciava a chegada da primavera. Recuperou a concatenação das ideias, e os fatos voltaram a seus lugares em sua mente, em sua sequência lógica e de acordo com as relações que tinham uns com os outros.

À noite, recebeu um telegrama de Clarisse dizendo que as coisas não estavam indo bem e que ela, Grognard e Le Ballu ficariam em Paris. Ele ficou muito perturbado com a mensagem e teve uma noite agitada. Quais fatos teriam dado origem a esse telegrama?

No dia seguinte, porém, ela entrou em seu quarto parecendo muito pálida, os olhos vermelhos de tanto chorar e totalmente esgotada, e se jogou em uma cadeira.

— O recurso foi negado — contou ela.

Ele escondeu suas emoções e perguntou, com a voz surpresa:

— A senhora contava com isso?

— Não, não — respondeu ela —, mas ao mesmo tempo tinha um pouco de esperança…

— Foi negado ontem?

— Uma semana atrás. Le Ballu escondeu de mim, e eu não tenho tido coragem de ler os jornais ultimamente.

— Resta um indulto — sugeriu ele.

— Indulto? O senhor acha que vão dar indulto aos cúmplices de Arsène Lupin?

Ela cuspiu as palavras com uma virulência e uma amargura que ele não fingiu não ter notado. E ele disse:

— Vaucheray talvez não… Mas eles podem ficar com pena de Gilbert, de sua juventude…

— Eles não vão fazer nada desse tipo.

— Como a senhora sabe?

— Fui ver o advogado dele.

— A senhora foi ver o advogado dele! E o que disse a ele?

— Contei que eu era mãe de Gilbert e perguntei se, caso eu revelasse a identidade do meu filho, se isso poderia influenciar o resultado… ou pelo menos atrasar.

— A senhora faria isso? — sussurrou ele. — Admitiria que…

— A vida de Gilbert vem antes de qualquer coisa. Do que me vale meu nome? Do que me vale o nome do meu marido?

— E o seu pequeno Jacques? — objetou ele. — A senhora tem o direito de arruinar a vida de Jacques, de transformá-lo no irmão de um homem condenado à morte?

Ela abaixou a cabeça. E ele continuou:

— O que o advogado disse?

— Ele disse que uma revelação desse tipo não ajudaria Gilbert em nada. E, apesar dos protestos dele, eu pude ver que não tem nenhuma ilusão de que a comissão do perdão vá contra a execução.

— A comissão, posso garantir que não, mas e o presidente da República?

— O presidente sempre segue o conselho da comissão.

— Ele não fará isso desta vez.

— E por que não?

— Porque podemos influenciá-lo.

— Como?

— Colocando como condição para entregarmos a lista dos Vinte e Sete!

— O senhor está com ela?

— Não, mas vou conseguir.

Sua certeza não denotava qualquer vacilação. Ele fez essa declaração com doses iguais de calma e fé na sua infinita força de vontade.

Ela perdera um pouco de sua confiança nele e deu de ombros.

— Se d'Albufex não roubou a lista, apenas um homem pode exercer essa influência, um único homem: Daubrecq.

Clarisse falou essas palavras com um tom de voz baixo e ausente, que fez com que ele estremecesse. Estaria ela pensando, como ele percebera algumas vezes, em procurar Daubrecq e se sacrificar pela vida de Gilbert?

— A senhora me fez um juramento — disse ele. — Quero que se lembre dele. Combinamos que a luta contra Daubrecq seria conduzida por mim e que nunca haveria a menor possibilidade de qualquer acordo entre vocês dois.

Ela retrucou:

— Eu nem sei onde ele está. Se eu soubesse, o senhor não saberia?

Foi uma resposta evasiva. Mas ele não insistiu e decidiu observá-la no momento oportuno. Então, perguntou a ela, já que não sabia de todos os detalhes:

— Então não se sabe de Daubrecq?

— Não. Claro, umas das balas de Grognard o atingiu. No dia seguinte à fuga dele, encontramos um lenço sujo de sangue em uma moita. Além disso, um homem com aparência muita cansada e andando com muita dificuldade foi visto na estação de Aumale. Ele comprou uma passagem para Paris, entrou no primeiro trem e só sabemos disso…

— Ele deve estar seriamente ferido — opinou Lupin — e deve estar se recuperando em algum lugar seguro. Talvez também considere seguro ficar escondido por algumas semanas e evitar quaisquer armadilhas por parte da polícia, de d'Albufex, da senhora, de mim e de seus outros inimigos.

Ele parou para pensar e continuou:

— O que aconteceu em Mortepierre depois da fuga de Daubrecq? Houve algum boato na vizinhança?

— Não, a corda foi tirada antes do amanhecer, o que prova que Sebastiani ou seus filhos descobriram a fuga de Daubrecq na mesma noite. Sebastiani passou o dia seguinte inteiro fora.

— Sim, ele deve ter ido avisar o marquês. E onde está o marquês?

— Em casa. E, pelo que Grognard ficou sabendo, não fez nada de suspeito.

— Eles têm certeza de que ele não entrou na casa de Daubrecq?

— Certeza absoluta.

— Nem Daubrecq?

— Nem Daubrecq.

— A senhora encontrou Prasville?

— Prasville está afastado, em licença. Mas o inspertor-chefe Blanchon, que está cuidando do caso, e os detetives que estão vigiando a casa disseram que, seguindo as instruções de Prasville, eles não relaxaram a vigilância nem um momento, nem à noite. Que sempre tem alguém de plantão no escritório e que ninguém pode ter entrado.

— Então, em princípio — concluiu Arsène Lupin —, a rolha de cristal ainda deve estar no escritório de Daubrecq?

— Se estava lá antes do desaparecimento de Daubrecq, deve continuar lá.

— Na escrivaninha.

— Na escrivaninha? Por que diz isso?

— Porque eu sei — revelou Lupin, que não se esquecera das palavras de Sebastiani.

— Mas o senhor não sabe dentro de que objeto a rolha está escondida?

— Não. Mas uma escrivaninha é um espaço limitado. É possível explorá-la em vinte minutos. É possível destruí-la, se for necessário, em dez minutos.

A conversa deixara Arsène Lupin um pouco cansado. Como não queria cometer nenhuma imprudência, disse para Clarisse:

— Escute. Peço que me dê dois ou três dias. Hoje é segunda-feira, dia 4 de março. Na quarta ou na quinta, eu estarei pronto. E a senhora pode ter certeza de que nós teremos sucesso.

— Enquanto isso…

— Enquanto isso, volte para Paris. Reserve quartos para você, Grognard e Le Ballu no Hotel Franklin, perto do Trocadero, e fiquem de olho na casa

de Daubrecq. A senhora pode entrar e sair quando quiser. Dê um estímulo para os detetives de plantão.

— E se Daubrecq voltar?

— Se ele voltar, melhor ainda: nós o teremos.

— E se ele só passar por lá?

— Nesse caso, Grognard e Le Ballu devem segui-lo.

— E se eles o perderem de vista?

Lupin não respondeu. Ninguém sentia mais do que ele a fatalidade de estar inativo em um quarto de hotel e como sua presença teria sido útil no campo de batalha! Talvez até mesmo essa vaga ideia tenha prolongado sua convalescência além dos limites normais.

Ele murmurou:

— Vá agora, por favor.

Havia uma tensão entre eles que crescia enquanto aquele terrível dia se transformava em noite. Em sua injustiça, esquecendo-se, ou querendo esquecer, de que fora ela que envolvera o filho no roubo de Enghien, Clarisse Mergy não se esquecia de que a lei estava atrás de Gilbert com tanto rigor não por ele ser criminoso, mas por ser cúmplice de Arsène Lupin. Mas então, apesar de todos os esforços, apesar de toda a energia que gastou, o que Lupin conseguiu? Como sua intervenção beneficiou Gilbert?

Após uma pausa, ela se levantou e o deixou sozinho.

No dia seguinte ele estava se sentindo bem deprimido. Mas no outro dia, quarta-feira, quando o médico lhe disse que queria que ficasse quieto até o final da semana, ele respondeu:

— Se não ficar, o que devo temer?

— A volta da febre.

— Nada pior?

— Não. A ferida já está bem cicatrizada.

— Então não me importo. Vou voltar com você de carro para Paris. Ao meio-dia já estaremos lá.

O que fez Lupin decidir começar imediatamente foi uma carta em que Clarisse lhe dizia que descobrira os passos de Daubrecq, e também um telegrama publicado no jornal de Amiens, que afirmava que o marquês d'Albufex havia sido preso por seu envolvimento no caso do canal.

Daubrecq estava se vingando.

O fato de que Daubrecq estava se vingando provava que o marquês não conseguira pegar o documento que estava na escrivaninha do escritório. Provava que o inspector-chefe Blanchon e os detetives tinham feito um bom trabalho de vigilância. Provava que a rolha de cristal ainda estava na Praça Lamartine.

Ainda estava lá; e isso mostrava que Daubrecq ainda não tinha se arriscado a voltar para casa ou que seu estado de saúde o impedia de fazer isso, ou então, que ele tinha tanta confiança no esconderijo que nem se importava em voltar.

De toda forma, não havia dúvidas sobre o curso que ele deveria seguir: Lupin precisava agir, e agir com inteligência. Precisava se antecipar a Daubrecq e se apossar da rolha de cristal.

Quando eles cruzaram o Bosque de Bolonha e estavam se aproximando da Praça Lamartine, Lupin se despediu do médico e saiu do carro. Grognard e Le Ballu, a quem ele avisara, encontraram-no.

— Onde está a madame Mergy? — perguntou.

— Ela não voltou desde ontem; ela nos enviou uma mensagem expressa dizendo que vira Daubrecq sair da casa das primas e entrar em um táxi. Ela sabe o número do táxi e vai nos manter informados.

— Mais nada?

— Mais nada.

— Nenhuma outra novidade?

— Sim, o jornal *Paris-Midi* diz que d'Albufex cortou os pulsos ontem à noite com um pedaço de vidro quebrado, em sua cela em La Santé. Parece que deixou uma longa carta, confessando sua culpa, mas acusando Daubrecq por sua morte e expondo o papel de Daubrecq no caso do canal.

— Isso é tudo?

— Não. O mesmo jornal afirma que existe razão para se acreditar que a comissão do perdão, após examinar os autos, rejeitou a petição de Vaucheray e Gilbert e que o advogado dele provavelmente será recebido para uma audiência com o presidente na sexta-feira.

Lupin estremeceu.

— Eles não estão perdendo tempo — comentou ele. — É possível ver que Daubrecq, no seu primeiro dia, já colocou a velha máquina da Justiça para funcionar. Mais uma semana… e o machado cai. Pobre Gilbert! Se, na próxima sexta-feira, os papéis que seu advogado apresentar para o

presidente da República não contiverem a oferta condicional da lista dos Vinte e Sete, então, meu pobre Gilbert, acabou para você.

— Vamos, patrão, está perdendo a coragem?

— Eu? Que estupidez! Estarei com a rolha de cristal em uma hora. Em duas horas encontraremos o advogado de Gilbert. E o pesadelo vai chegar ao fim!

— Muito bem, patrão! Está parecendo seu antigo eu. Devemos esperá-lo aqui?

— Não, voltem para o hotel. Eu me encontro com vocês lá, mais tarde.

Os dois foram embora. Lupin caminhou diretamente para a casa e tocou a campainha.

Um detetive abriu a porta e o reconheceu:

— Senhor Nicole, creio?

— Sim — respondeu ele. — O inspetor-chefe Blanchon está aqui?

— Está, sim.

— Posso falar com ele?

O homem o levou para o escritório onde Blanchon lhe deu as boas-vindas com óbvio prazer.

— Bem, inspetor-chefe, o senhor diria que tem alguma novidade?

— Senhor Nicole, recebi ordens para me colocar à sua inteira disposição, e devo dizer que estou muito feliz em vê-lo hoje.

— Por quê?

— Porque temos uma novidade.

— Alguma coisa séria?

— Sim, muito séria.

— Vamos, fale logo.

— Daubrecq voltou.

— Como? — espantou-se Lupin, assustado. — Daubrecq voltou? Ele está aqui?

— Não, ele saiu.

— E ele entrou aqui, no escritório?

— Sim, nesta manhã.

— E o senhor não o impediu?

— Com que direito eu poderia fazer isso?

— E o deixou sozinho?

— Por ordem dele, sim, nós o deixamos sozinho.

Lupin empalideceu. Daubrecq voltara para resgatar a rolha de cristal!

Ele ficou em silêncio por um tempo e repetiu para si mesmo:

"Ele voltou para pegá-la… Ficou com medo de que fosse encontrada e a pegou… Claro, era inevitável… com d'Albufex preso, acusado e acusando-o, Daubrecq iria se defender. É um jogo difícil para ele. Após meses e meses de mistério, o público está descobrindo que o ser infernal que causou toda a tragédia dos Vinte e Sete e que arruinou e matou seus adversários é ele, Daubrecq. O que aconteceria com ele se, por um milagre, seu talismã não o protegesse? Ele o pegou de volta".

E, tentando fazer sua voz soar firme, perguntou a Blanchon:

— Ele ficou muito tempo?

— Vinte segundos, talvez.

— O quê? Vinte segundos? Só isso?

— Só isso.

— A que horas foi isso?

— Às dez horas.

— Ele já poderia saber do suicídio do marquês d'Albufex a essa hora?

— Sim, eu vi a edição especial do *Paris-Midi* no bolso dele.

— É isso, é isso — disse Lupin. E perguntou: — O senhor Prasville lhe deu alguma instrução para o caso de Daubrecq voltar?

— Não. Então, na ausência do senhor Prasville, telefonei para a delegacia e estou esperando. O desaparecimento do deputado Daubrecq causou grande agitação, como o senhor bem sabe, e nossa presença aqui tem uma razão, aos olhos do público, contanto que o desaparecimento continue. Mas, agora que Daubrecq voltou, agora que temos provas de que ele não está sequestrado nem morto, como podemos continuar na casa?

— Não importa — comentou Lupin, distraído. — Não importa se a casa está sendo vigiada ou não.

Nem tinha terminado a frase quando uma pergunta naturalmente entrou em sua mente. Se a rolha de cristal não estava mais aqui, isso não teria deixado algum sinal material óbvio? A retirada do objeto que sem dúvida continha outro objeto dentro não deixou nenhum rastro?

Era fácil averiguar. Lupin precisava simplesmente examinar a escrivaninha, já que sabia, pelas piadas de Sebastiani, que o esconderijo era ali. E o esconderijo não podia ser complicado, considerando-se que Daubrecq não ficara no escritório mais do que vinte segundos, apenas o

suficiente, por assim dizer, para entrar e sair.

Lupin olhou. E o resultado foi imediato. Sua memória gravara de forma fidedigna a imagem da escrivaninha, com todos os objetos sobre ela, e a ausência de um deles chamou sua atenção instantaneamente, como se o objeto em si fosse um sinal característico que distinguisse essa escrivaninha em particular de qualquer outra no mundo.

"Oh", pensou ele, estremecendo de prazer. "Tudo se encaixa! Tudo! Até a meia palavra que Daubrecq disse sob tortura na torre em Mortepierre! O mistério está resolvido. Nada mais de hesitações, de tatear no escuro. O final está perto."

E, sem responder às perguntas do inspetor, ele pensou na simplicidade do esconderijo e se lembrou de uma história maravilhosa de Edgar Allan Poe na qual a carta roubada, que todos procuravam, estava, por assim dizer, exposta aos olhos de todos. As pessoas não desconfiam do que não parece estar escondido.

— Bem, bem — disse Lupin, ao sair, muito animado com sua descoberta. — Parece que está escrito que, nessa bendita aventura, enfrentarei as piores decepções até o fim. Tudo que eu construo desaba na mesma hora. Toda vitória acaba em desastre.

Mas ele não se deixou desanimar. Por um lado, agora sabia onde o deputado Daubrecq escondia a rolha. Por outro, logo saberia por Clarisse Mergy onde o próprio Daubrecq estava se escondendo. Para ele, o resto seria brincadeira de criança.

Grognard e Le Ballu o estavam esperando no saguão do Hotel Franklin, um pequeno hotel familiar perto do Trocadero. Madame Mergy ainda não tinha escrito para ele.

— Ah — exclamou —, eu posso confiar nela! Ela não vai deixar de seguir Daubrecq até ter certeza!

Contudo, no final da tarde, ele começou a ficar cada vez mais impaciente e ansioso. Estava lutando uma daquelas batalhas, esperava que fosse a última, em que o menor atraso podia pôr tudo em risco. Se Daubrecq despistasse Clarisse Mergy, como conseguiríamos pegá-lo de novo? Eles não tinham mais semanas ou dias, mas apenas algumas horas, um número terrivelmente limitado de horas, para reparar quaisquer erros que pudessem ter cometido.

Ele viu o dono do hotel e perguntou-lhe:

— O senhor tem certeza de que não chegou nenhuma carta expressa para os meus dois amigos?

— Certeza absoluta, senhor.

— Nem para mim, senhor Nicole?

— Não, senhor.

— Que curioso — comentou Lupin. — Estamos certos de que deveríamos receber alguma notícia da madame Audran.

Audran era o nome que Clarisse estava usando para se hospedar no hotel.

— Mas a madame esteve aqui — disse o proprietário.

— Como?

— Ela veio um tempo atrás e, como os cavalheiros não estavam, deixou uma carta no quarto dela. O porteiro não avisou aos senhores?

Lupin e seus amigos subiram correndo. Havia uma carta em cima da mesa.

— Ei, exclamou Lupin —, a carta está aberta! Como pode? E por que foi cortada com uma tesoura?

A carta continha estas linhas:

"Daubrecq passou a semana no Hotel Central. Nesta manhã ele levou sua bagagem para a estação de ____ e telefonou para reservar uma cabine no vagão-dormitório para ____.

Não sei quando o trem parte. Mas ficarei na estação a tarde toda. Venham assim que puderem. Podemos nos preparar para sequestrá-lo."

— O quê? — perguntou Le Ballu. — Em qual estação? E para onde vai o vagão-dormitório? Ela cortou exatamente as palavras mais importantes!

— Sim — concordou Grognard. — Dois cortes com a tesoura em cada lugar, e as palavras mais importantes sumiram. Madame Mergy perdeu a cabeça?

Lupin não se moveu. Uma onda de sangue latejava em suas têmporas com tanta violência que as pressionou com os pulsos com toda a força. A febre voltou, ardente e confundindo seus pensamentos, e sua vontade, exasperada a ponto de fazê-lo sofrer, concentrou-se sobre esse inimigo furtivo que deveria ser detido o mais rápido possível, se ele próprio não quisesse ser irremediavelmente derrotado.

Ele murmurou, com muita calma:

— Daubrecq esteve aqui.

— Daubrecq!

— Não podemos supor que madame Mergy resolveu cortar essas duas palavras para se divertir. Ela achou que o estava vigiando, mas ele é que a está vigiando.

— Como?

— Sem dúvida com a ajuda do porteiro, que não nos avisou de que madame Mergy esteve no hotel, mas que deve ter contado a Daubrecq. Ele subiu. Leu a carta. E, ironicamente, se contentou em cortar as palavras essenciais.

— Podemos descobrir… podemos perguntar…

— De que adianta? Para que saber como ele entrou, quando já sabemos que ele entrou?

Ele examinou a carta por um tempo, virou-a, levantou-se e disse:

— Venham.

— Para onde?

— Para a estação de Lyon.

— Tem certeza?

— Não tenho certeza de nada em relação a Daubrecq. Mas, como temos que fazer uma escolha, segundo o conteúdo da carta, entre as estações de l'Est e de Lyon[2], estou presumindo que os negócios, o prazer e a saúde levariam Daubrecq na direção de Marselha e da Riviera, e não da estação de l'Est.

Eram sete e meia quando Lupin e seus companheiros saíram do Hotel Franklin. Um automóvel atravessou Paris em alta velocidade, mas eles logo viram que Clarisse Mergy não estava do lado de fora da estação, nem nas salas de espera, nem em nenhuma plataforma.

— Ainda assim — murmurou Lupin, cuja agitação crescia conforme os obstáculos aumentavam —, se Daubrecq reservou uma cabine em um vagão-dormitório, só pode ter sido em um trem noturno. E mal passou das sete e meia!

Um trem estava partindo, o expresso noturno. Eles tiveram tempo de correr pelo corredor. Ninguém… nem madame Mergy nem Daubrecq…

Mas, quando os três estavam indo embora, um funcionário os abordou perto do banheiro:

— Algum de vocês é o senhor Le Ballu?

— Sim, eu — respondeu Lupin. — Diga, o que o senhor quer?

— Ah, é o senhor! A senhora me disse que seriam dois ou três homens… E eu não sabia…

— Mas, pelo amor de Deus, fale, homem! Que senhora?

— Uma senhora que passou o dia inteiro na calçada, com suas malas, esperando.

— Bem, diga logo! Ela pegou o trem?

— Sim, pegou o trem de luxo, às seis e meia. Ela me pediu para dizer que mudou de ideia no último minuto. E também me pediu para dizer que o cavalheiro estava no mesmo trem e eles já haviam embarcado para Monte Carlo.

— Droga! — praguejou Lupin. — Tínhamos que ter pego o expresso! Agora só restam os trens noturnos, e eles são lentos! Perdemos mais de três horas!

A espera parecia interminável. Eles reservaram seus assentos, telefonaram para o dono do Hotel Franklin pedindo para enviar suas cartas para Monte Carlo. Jantaram. Leram os jornais. Finalmente, às nove e meia, o trem partiu.

Assim, por uma série de trágicas circunstâncias, no momento mais crítico da luta Lupin estava dando as costas ao campo de batalha e se afastando, ao acaso, para procurar, ele não sabia onde, e derrotar, ele não sabia como, o inimigo mais formidável com quem já lutara.

E isso estava acontecendo quatro ou cinco dias antes da execução inevitável de Gilbert e Vaucheray.

Foi uma noite difícil e dolorosa para Lupin. Quanto mais analisava a situação, mais terrível ela lhe parecia. Por todos os lados ele estava cercado por incertezas, escuridão, confusão, desamparo.

Verdade, ele sabia o segredo da rolha de cristal. Mas como poderia saber se Daubrecq não mudaria ou se até já tivesse mudado suas táticas? Como poderia saber que a lista dos Vinte e Sete ainda estava dentro daquela rolha de cristal ou se a rolha de cristal ainda estava dentro do objeto em que Daubrecq a tinha escondido?

E havia mais uma razão séria para alarme no fato de Clarisse Mergy achar que estava seguindo e vigiando Daubrecq quando, na verdade, era o contrário, ele que a estava seguindo e arrastando-a, com uma esperteza

diabólica, para lugares que ele escolhera, longe de qualquer ajuda ou esperança de ajuda.

Ah, o jogo de Daubrecq estava claro como a luz do dia! Lupin não conhecia todas as hesitações da pobre mulher? Não sabia, e Grognard e Le Ballu confirmaram, que Clarisse via como possível, como aceitável, a infame proposta de Daubrecq? Nesse caso, como ele, Lupin, poderia ser bem-sucedido? A lógica dos eventos, tão habilmente moldada por Daubrecq, levou a um resultado fatal: a mãe teria que se sacrificar e, para salvar o filho, imolar seus escrúpulos, sua repugnância, sua honra!

— Ah, seu canalha! — praguejou Lupin, em um ataque de raiva. Se eu o pegar, vou fazer com que dance conforme a minha música! Não gostaria de estar no seu lugar quando isso acontecer.

Eles chegaram a Monte Carlo às três da tarde. Lupin ficou decepcionado quando não viu Clarisse na plataforma.

Esperou. Nenhum mensageiro se aproximou dele.

Perguntou aos carregadores de malas e aos vendedores de passagem se tinham visto, no meio das pessoas, dois viajantes com a descrição de Daubrecq e Clarisse. Ninguém tinha visto.

Portanto, precisou se colocar ao trabalho e caçar pelos hotéis e albergues do principado. Ah, quanto tempo perdido!

Na noite seguinte, Lupin sabia, sem a menor dúvida, que Daubrecq e Clarisse não estavam em Monte Carlo, nem em Mônaco, nem em Cap d'Ail, nem em La Turbie, nem em Cap Martin.

— Onde eles podem estar, então? — perguntou-se, tremendo de raiva.

Finalmente, no sábado ele recebeu, como posta-restante, um telegrama que havia sido encaminhado do Hotel Franklin e que dizia:

> *"Ele saiu do trem em Cannes e está seguindo para San Remo, Hotel Palace des Ambassadeurs. Clarisse."*

O telegrama era do dia anterior.

— Droga! — exclamou Lupin. — Eles só passaram por Monte Carlo. Um de nós deveria ter ficado na estação. Eu pensei nisso, mas no meio de toda a confusão…

Lupin e seus amigos pegaram o primeiro trem para a Itália.

Eles cruzaram a fronteira ao meio-dia. O trem entrou na estação de San Remo quarenta minutos depois.

Na mesma hora, viram um mensageiro de hotel com a inscrição "Ambassadeurs-Palace" bordada no boné que parecia estar procurando alguém entre os passageiros recém-chegados.

Lupin foi até ele:

— Está procurando o senhor Le Ballu?

— Sim, Le Ballu e dois cavalheiros.

— Da parte de uma senhora?

— Sim, madame Mergy.

— Ela está hospedada no seu hotel?

— Não. Ela nem desceu do trem. Ela me chamou, descreveu os senhores e me pediu que dissesse que estava indo para Gênova, Hotel Continental.

— Ela estava sozinha?

— Sim.

Lupin deu uma gorjeta para o homem, dispensou-o e se virou para os seus amigos:

— Hoje é sábado. Se a execução for na segunda-feira, não há nada a fazer. Mas é provável que não seja na segunda-feira… O que eu preciso é colocar as mãos em Daubrecq hoje à noite e estar de volta a Paris na segunda, com o documento. É nossa última chance. Vamos aproveitá-la!

Grognard foi à bilheteria e voltou com três passagens para Gênova.

O trem apitou.

Lupin hesitou uma última vez:

— Não, é uma estupidez o que estamos fazendo. Devemos voltar para Paris. Pensem comigo…

Ele estava a ponto de abrir a porta e se jogar para fora. Mas seus amigos o seguraram. O trem partiu. Ele se sentou de novo.

E eles continuaram sua busca alucinada, viajando aleatoriamente, em direção ao desconhecido…

E isso estava acontecendo dois dias antes da inevitável execução de Gilbert e Vaucheray.

---

[2] Existem apenas duas estações principais em Paris com a palavra "de" em seus nomes. As outras têm "du" (como Gare du Luxembourg) ou "d' (como Gare d'Orléans), ou nenhuma preposição (Gare Montparnasse). (N.T.)

Extra-dry?

Em uma das colinas que cercavam Nice, formando o mais lindo cenário do mundo, entre os bairros de Saint-Sylvestre e La Mantega, fica um enorme hotel com vista para a cidade e para a maravilhosa Baía dos Anjos. Pessoas de todas as origens formavam um mosaico de todas as classes e nações.

À noite, no mesmo sábado, enquanto Lupin, Grognard e Le Ballu estavam viajando pela Itália, Clarisse Mergy entrou nesse hotel, pediu um quarto virado para o sul e escolheu o número 130, no segundo andar, que estava vazio desde a manhã.

O quarto era separado do número 129 por portas duplas. Assim que ficou sozinha, Clarisse puxou a cortina que escondia a primeira porta, sem fazer barulho, puxou o ferrolho e colocou o ouvido contra a segunda porta.

"Ele está aqui", pensou ela. "Está se vestindo para ir ao clube, como ontem."

Enquanto seu vizinho estava fora, ela foi para o corredor e, aproveitando que não havia ninguém por perto, foi até a porta do quarto 129. Estava trancada.

Esperou toda a noite até que seu vizinho chegasse e só foi para a cama às duas da manhã. No domingo de manhã, continuou sua vigília.

O vizinho saiu às onze. Desta vez, deixou a chave na porta.

Virando a chave apressamente, Clarisse entrou, foi até a porta que dividia com seu quarto, levantou a cortina, puxou o ferrolho e se viu em seu próprio quarto.

Poucos minutos depois, escutou duas camareiras arrumando o quarto 129.

Esperou até que elas saíssem. Então, tendo certeza de que não seria incomodada, mais uma vez entrou no quarto.

Sua animação fez com que se recostasse em uma cadeira. Após dias e noites de uma busca incansável, após alternar esperanças e decepções, finalmente conseguira entrar em um quarto ocupado por Daubrecq. Poderia procurar à vontade; e, se não encontrasse a rolha de cristal, poderia pelo menos se esconder entre a cortina e as portas, observar Daubrecq, espiar seus movimentos e descobrir seu segredo.

Ela olhou em volta. Uma bolsa de viagem chamou sua atenção imediatamente. Conseguiu abri-la, mas sua busca foi inútil.

Vasculhou um baú e os bolsos de uma mala. Procurou no armário, na escrivaninha, na cômoda, no banheiro, em todas mesas, em todos os móveis. Não encontrou nada.

Ela estremeceu quando viu um papel na varanda, como se tivesse caído ali ao acaso.

— Isso pode ser uma armadilha de Daubrecq? — perguntou-se em voz alta. — Será que esse pedaço de papel contém…

— Não — disse uma voz atrás dela, enquanto ela colocava a mão do trinco.

Ela se virou e viu Daubrecq.

Clarisse não ficou surpresa nem apavorada, nem mesmo com vergonha por ficar cara a cara com ele. Havia sofrido muito nos últimos meses para se importar com o que Daubrecq poderia pensar dela, ou dizer, ao pegá-la em um ato de espionagem.

Ela se sentou, exausta.

Ele sorriu:

— Não, querida, está errada. Como as crianças dizem, não está "quente". Ah, nem um pouco! E é tão fácil! Posso ajudá-la? Está ao seu lado, querida amiga, naquela mesinha… Ainda assim, não há quase nada na mesinha! Algo para ler, algo para escrever, algo para fumar, algo para comer… e só… Quer uma fruta cristalizada? Ou prefere esperar pela refeição mais reforçada que eu pedi?

Clarisse não respondeu. Ela nem parecia ouvir o que ele estava dizendo, como se esperasse outras palavras, palavras mais sérias, que ele não poderia deixar de falar.

Ele tirou todos os objetos de cima da mesa e colocou-os na cornija da lareira. Então, tocou um sino.

O maître do hotel apareceu e Daubrecq perguntou:

— O almoço que eu pedi já está pronto?

— Está sim, senhor.

— Para dois, não é?

— Sim, senhor.

— E champanhe?

— Sim, senhor.

— *Extra-dry*?

— Sim, senhor.

Outro garçom trouxe uma bandeja e colocou talheres para duas pessoas, uma refeição fria, algumas frutas e uma garrafa de champanhe em um balde com gelo.

Então os dois garçons se retiraram.

— Sente-se, minha querida dama. Como pode ver, eu estava pensando na senhora e pedi que colocassem o seu lugar à mesa.

E, sem parecer perceber que Clarisse não estava disposta a aceitar seu convite, ele se sentou, começou a comer e continuou:

— Sim, eu juro que tinha esperança de que a senhora me concedesse esse pequeno encontro. Na última semana, enquanto a senhora me vigiava de forma tão assídua, eu apenas me perguntava: "Será que ela prefere champanhe doce, seco ou *extra-dry*?". Eu estava realmente confuso, principalmente depois que deixamos Paris. Perdi seu rastro, por assim dizer, e fiquei com medo de que a senhora também tivesse perdido o meu e abandonado essa busca que tanto me agrada. Quando eu saía para uma caminhada, sentia falta de seus lindos olhos escuros, brilhando cheios de ódio sob seu cabelo que começa a ficar grisalho. Mas hoje de manhã entendi tudo: o quarto ao meu lado estava finalmente vago, e minha amiga Clarisse conseguiu se estabelecer em minha cabeceira, vamos dizer assim. A partir daquele momento, fiquei tranquilo. Eu tinha certeza de que, quando voltasse, em vez de almoçar no restaurante como de costume, eu a encontraria arrumando as minhas coisas conforme a sua conveniência e gosto. Foi por isso que pedi talheres para dois: um para seu humilde servo e outro para sua boa amiga.

Agora ela o estava escutando, horrorizada. Então Daubrecq sabia que ela o estava espionando? Ao longo de toda a semana ele sabia dela e de seus esquemas!

Com a voz baixa e olhos ansiosos, ela perguntou:

— O senhor fez isso de propósito, não foi? Só saiu de Paris para que eu fosse atrás?

— Sim — concordou ele.

— Mas por quê? Por quê?

— A senhora está dizendo que não sabe? — retrucou Daubrecq, soltando uma gargalhada de prazer.

Ela meio que se levantou da cadeira e, inclinando-se na direção dele, pensou, como pensava todas as vezes, no assassinato que poderia cometer, no assassinato que iria cometer. Um tiro de revólver e esse homem odioso estaria acabado.

Lentamente a mão dela deslizou até a arma escondida em seu corpete.

Daubrecq disse:

— Um segundo, querida amiga. Antes de atirar em mim, deveria ler primeiro este telegrama que acabei de receber.

Ela hesitou, sem saber qual armadilha ele estava preparando; mas ele continuou enquanto pegava o telegrama:

— É sobre seu filho.

— Gilbert? — perguntou ela, muito preocupada.

— Sim, Gilbert… Aqui, leia.

Ela deu um grito apavorado quando leu:

"Execução na terça-feira de manhã."

Imediatamente ela se atirou em cima de Daubrecq, chorando:

— Não é verdade! É mentira! Só para me enlouquecer. Eu o conheço, é capaz de tudo! Confesse! Não será na terça-feira! Daqui a dois dias! Não, não, ainda temos quatro ou cinco dias, nos quais vou conseguir salvá-lo. Confesse, confesse!

Não restava mais força a ela, exausta por esse ataque de rebeldia, e sua voz passou a pronunciar sons incompreensíveis.

Ele a observou por um momento, então se serviu de uma taça de champanhe e tomou de um só gole. Deu alguns passos para um lado e para outro no quarto, voltou até ela e disse:

— Escute-me, Clarisse…

O insulto a fez estremecer com uma energia inesperada. Ela se levantou e, arfando de indignação, disse:

— Eu proíbo que fale comigo assim. Não vou aceitar tal afronta. Seu miserável!

Ele deu de ombros e continuou:

— Vamos lá, vejo que a senhora ainda não está a par de tudo. Claro, ainda tem esperanças de receber ajuda de alguém. Prasville, talvez? O excelente Prasville, de quem a senhora é o braço direito… Minha querida amiga, perca as esperanças. A senhora precisa saber que Prasville está envolvido no caso do canal! Não diretamente. O nome dele não está na lista dos Vinte e Sete, mas, sim, o nome de um amigo, um ex-deputado chamado Vorenglade, Stanislas Vorenglade, seu laranja, aparentemente: um pobre diabo que deixei à própria sorte e por um bom motivo. Eu não sabia de nada disso até hoje de manhã, quando recebi esta carta me informando da existência de documentos que provam a cumplicidade de nosso querido e único Prasville! E quem é o meu informante? O próprio Vorenglade! Vorenglade, que, cansado de viver na pobreza, quer extorquir dinheiro de Prasville, arriscando ser preso, e que vai adorar chegar a um acordo comigo. E Prasville será demitido. Eu lhe juro que aquele cretino vai ser demitido! Por Deus, ele já me irrita há muito tempo! Prasville, meu velho, você merece…

Ele esfregou as mãos, festejando sua vingança. E continuou:

— Está vendo, minha querida Clarisse… não há nada a fazer nesse sentido. E então? Qual será a sua tábua da salvação? Ora, estava me esquecendo do Arsène Lupin! Senhor Grognard! Senhor Le Ballu! A senhora deve admitir que esses cavalheiros não brilharam e que todas as suas proezas não me impediram de seguir meu caminho. Eles acreditam que não existe ninguém igual a eles. Quando encontraram um adversário como eu, que não deve ser subestimado, eles cometeram erros atrás de erros, embora acreditem que estão seguindo o caminho certo. Colegiais, isso é o que são! Contudo, como a senhora parece ainda ter algumas ilusões sobre Lupin, já que conta com o pobre diabo para acabar comigo e fazer um milagre a favor do seu inocente Gilbert, deixe-me acabar com essa ilusão. Ah! Lupin! Deus do céu, ela acredita em Lupin! Colocou suas últimas esperanças em Lupin! Lupin! Espere até que eu pegue você, meu ilustre

fantoche!

Ele pegou o telefone que se comunicava com a recepção do hotel e falou:

— Estou no quarto 129, senhorita. Poderia, por favor, pedir à pessoa sentada em frente ao seu escritório que suba para meu quarto?… Sim, senhorita, um senhor usando um chapéu de feltro cinza. Ele sabe. Obrigado, senhorita.

Desligando, ele se virou para Clarisse:

— Não tenha medo. O homem é a discrição em pessoa. Além disso, o lema do negócio dele é "Discrição e entrega". Como um detetive aposentado, ele já me prestou vários serviços, incluindo seguir a senhora enquanto a senhora me seguia. Desde que chegamos ao Sul, ele tem estado menos ocupado com a senhora, mas isso porque estava mais ocupado em outro lugar. Pode entrar, Jacob.

Daubrecq abriu a porta, e um homem magro e baixo, com um bigode ruivo, entrou no quarto.

— Por favor Jacob, conte a esta senhora, em poucas palavras, o que você tem feito desde quarta-feira à noite, quando ela entrou no trem de luxo que estava saindo da estação de Lyon para o Sul, comigo a bordo, e você continuou na plataforma da estação. Claro, não estou perguntando como ocupou o seu tempo, exceto no que se refere à madame e aos negócios que confiei a você.

Jacob colocou a mão na parte interna no paletó e tirou do bolso um pequeno bloco cujas páginas ele virou e leu em voz alta como se estivesse reproduzindo um relatório:

— Quarta-feira, 8h15 da noite. Estação de Lyon. Aguardando dois cavalheiros, Grognard e Le Ballu. Eles chegam com um terceiro que ainda não conheço, mas que só pode ser o senhor Nicole. Dou ao carregador dez francos para que me empreste seu quepe e sua camisa. Aproximo-me dos cavalheiros e dou o recado de uma senhora dizendo que "eles estão indo para Monte Carlo". Depois, telefono para o porteiro do Hotel Franklin. Todos os telegramas enviados para o patrão e encaminhados para ele devem ser lidos pelo tal porteiro e, se necessário, interceptados.

"Quinta-feira. Monte Carlo. Os três cavalheiros fazem uma busca nos hotéis.

“Sexta-feira. Fazem visitas a La Turbie, Cap d’Ail e Cap Martin. O senhor Daubrecq me telefona. Acha mais sábio mandar os cavalheiros para a Itália. Peço ao porteiro do Hotel Franklin que envie para eles um telegrama marcando um encontro em San Remo.

“Sábado. San Remo. Plataforma da estação. Dou dez francos para o porteiro do Ambassadeurs-Palace para me emprestar seu boné. Os três cavalheiros chegam. Falam comigo. Explico a eles que uma senhora viajante, madame Mergy, está indo para Gênova, Hotel Continental. Os cavalheiros hesitam. O senhor Nicole quer sair do trem. O outros o seguram. O trem parte. Boa sorte, cavalheiros! Uma hora depois, pego um trem para a França e salto em Nice para aguardar novas ordens.”

Jacob fecha o bloco e conclui:

— Isso é tudo. Os feitos de hoje serão atualizados à noite.

— Pode atualizar agora, senhor Jacob. “Meio-dia, o senhor Daubrecq me manda até Wagon-Lits Co. Reservo duas cabines no vagão-dormitório para Paris, no trem das 2h48, e envio as passagens para ele por um mensageiro expresso. Então pego o trem das 12h58 para Vintimille, estação da fronteira, onde passo o dia na plataforma, observando os passageiros que chegam à França. Caso os senhores Nicole, Grognard e Le Ballu resolvam deixar a Itália e voltar a Paris, passando por Nice, minhas instruções são de telegrafar para a polícia denunciando que o mestre Arsène Lupin e seus dois cúmplices estão no trem número tal e tal.”

Enquanto falava, Daubrecq conduziu Jacob até a porta. Fechou a porta quando o outro saiu, virou a chave, puxou o ferrolho e, dirigindo--se a Clarisse, disse:

— E agora, querida, ouça-me.

Desta vez ela não protestou. O que ela poderia fazer contra esse inimigo tão poderoso, tão engenhoso, que providenciava tudo nos mínimos detalhes e brincava com os adversários com tanta desenvoltura? Mesmo se tivesse tido esperanças da interferência de Lupin até aquele minuto, como poderia continuar agora que sabia que ele estava vagando pela Itália atrás de uma sombra?

Finalmente, compreendeu por que os três telegramas que havia enviado para o Hotel Franklin tinham ficado sem resposta. Daubrecq estava lá, espreitando nas sombras, observando, criando uma redoma ao redor dela, afastando-a de seus companheiros de luta, tornando-a cada vez mais uma

prisioneira dentro das quatro paredes daquele quarto.

Ela sentiu sua fraqueza. Estava à mercê do monstro. Devia ficar quieta e aceitar.

Ele repetiu, com um prazer maligno:

— Querida, ouça-me. Escute as palavras irremediáveis que vou lhe falar. Escute bem. Agora é meio-dia. O último trem parte às 2h48; entenda que esse é o último trem que pode fazer com que eu esteja em Paris amanhã, segunda-feira, a tempo de salvar seu filho. Os trens noturnos vão chegar muito tarde. Os trens de luxo estão cheios. Portanto, preciso partir às 2h48. Devo partir?

— Sim.

— Nossas cabines estão reservadas. A senhora vem comigo?

— Sim.

— A senhora conhece as minhas condições para interferir?

— Sei.

— A senhora as aceita?

— Aceito.

— A senhora aceita se casar comigo?

— Sim.

Ah, que respostas terríveis!

A infeliz respondeu às perguntas em uma espécie de torpor, recusando-se até a compreender o que estava prometendo. Deixe que ele parta, deixe que ele salve Gilbert daquela máquina de morte, cuja visão a assombrava dia e noite… E então… então… que venha o que for preciso…

Ele caiu na gargalhada:

— Ah, danadinha, é tão fácil falar! A senhora está disposta a prometer tudo, não é? O mais importante é salvar Gilbert. Depois, quando aquele ingênuo do Daubrecq vier com um anel de noivado, vamos rir da cara dele! Não, não, nada de palavras vazias. Não quero promessas que não serão cumpridas. Quero fatos imediatos.

Ele se sentou ao lado dela e declarou:

— Eis a minha proposta… o que deve ser… o que será. Para começar, vou pedir, ou melhor, vou exigir, não que Gilbert seja perdoado, mas que sua execução seja adiada por umas três ou quatro semanas. Eles vão inventar algum pretexto, isso não é da minha conta. E, quando a madame Mergy tiver se tornado madame Daubrecq, eu pedirei que ele seja

perdoado, ou seja, uma comutação de pena. Pode ficar tranquila, eles vão conceder.

— Eu aceito… eu aceito — ela gaguejou.

Ele riu mais uma vez.

— Sim, a senhora aceita porque isso vai acontecer daqui a um mês, e, enquanto isso, conta em encontrar alguma artimanha, alguma ajuda de… Arsène Lupin…

— Juro pelo meu filho morto.

— Seu filho morto! Coitadinha, venderia a alma ao diabo para impedir que isso aconteça!

— Ah, sim — disse ela, estremecendo. — Eu venderia a minha alma, feliz.

Ele se debruçou sobre ela e disse baixinho:

— Clarisse, eu não estou pedindo a sua alma… Eu quero outra coisa… Há mais de vinte anos que a minha vida gira em torno desse desejo. Você é a única mulher que já amei… Pode me odiar, me detestar, eu não me importo, mas não me rejeite. Vou esperar? Esperar mais um mês? Não, Clarisse, já esperei muitos anos…

Ele tentou tocar na mão dela. Clarisse recuou com tanto nojo que ele foi tomado pela fúria e gritou:

— Ah, juro por Deus, minha bela, o executor não terá tanta cerimônia com seu filho! E a senhora se fazendo de rogada! Ora, pense, vai acontecer daqui a quarenta horas! Não mais do que isso, e ainda está hesitando… ainda tem escrúpulos quando a vida do seu filho está em risco! Vamos, nada de choro, nada de sentimentalismo tolo! Encare os fatos. A senhora me prometeu ser minha esposa, a partir desse momento é minha noiva… Clarisse, Clarisse, me dê os seus lábios…

Quase desmaiando, ela mal teve força para esticar o braço e afastá--lo. E, com um cinismo em que toda a sua natureza abominável se mostrava, Daubrecq, misturando palavras de crueldade e de paixão, continuou:

— Salve seu filho! Pense na última manhã: nos preparativos da guilhotina, quando tirarem a camisa dele e cortarem seu cabelo… Clarisse, Clarisse, eu vou salvá-lo. Tenha certeza disso. A minha vida será sua, Clarisse…

Ela não resistiu mais. Estava acabado. Os repugnantes lábios do cretino estavam quase tocando os dela; e tinha que ser assim, nada poderia evitar.

Era seu dever obedecer ao decreto do destino. Há muito tempo conhecia esse destino, compreendia-o. E, fechando os olhos, para não ver o rosto imundo que lentamente se aproximava do seu, ela repetia para si mesma:

— Meu filho… meu pobre filho.

Alguns segundos se passaram: dez, vinte talvez. Daubrecq não se moveu. Não falou. E ela ficou surpresa com o enorme silêncio e repentina tranquilidade. Será que o monstro, no último momento, sentiu uma pontada de remorso?

Ela abriu os olhos.

A visão que teve a deixou estupefata. Em vez dos traços sorridentes que esperava ver, viu um rosto imóvel, irreconhecível, contorcido em uma expressão de terror: e os olhos, invisíveis por baixo dos óculos duplos, pareciam estar encarando algum ponto acima da cabeça dela, acima da cadeira em que ela estava prostrada.

Clarisse virou o rosto. À direita, um pouco acima da cadeira, dois canos de revólver apontavam para Daubrecq. Ela só viu isso: dois revólveres enormes e formidáveis, segurados por duas mãos fechadas. Só viu isso, e o rosto de Daubrecq, que pouco a pouco ia perdendo a cor até se tornar lívido. E, quase ao mesmo tempo, alguém surgiu atrás de Daubrecq, passou um braço em volta do pescoço dele, jogou-o no chão com uma violência incrível e pressionou um pano de algodão em seu rosto. Um repentino cheiro de clorofórmio se espalhou pelo quarto.

Clarisse havia reconhecido o senhor Nicole.

— Venha, Grognard! — gritou ele. — Venha, Le Ballu! Abaixem as armas. Eu o peguei. Está desmaiado. Podem amarrá-lo.

Daubrecq, de fato, estava dobrado em dois, caído de joelhos como um boneco desconjuntado. Sob o poder do clorofórmio, o bruto temível mergulhou na impotência, tornando-se infensivo e grotesco.

Grognard e Le Ballu o enrolaram em cobertores que pegaram na cama e o amarraram com força.

— É isso! É isso! — disse Lupin, ficando de pé.

Em uma repentina reação de prazer insano, ele começou a dançar no meio do quarto, uma dancinha que misturava os passos do cancã e as contorções do *cakewalk*[3], giros de um dervixe rodopiante, movimentos acrobáticos de um palhaço e passos cambaleantes de um bêbado. E ele anunciou, como se os três estivessem se apresentando em um musical:

— A dança do prisioneiro! O cancã do cativo! A fantasia de cadáver de um representante do povo! A polca do clorofórmio. Os passos dos óculos vencidos! Olé! Olé! O fandango do chantageador! E, então, a dança do urso! Agora, a tirolesa! Lá, lá, lá, lá… Vamos, crianças!… Zing, bum, bum! Zing, bum, bum!

Todo o seu espírito zombeteiro, seus instintos alegres, havia tanto presos por sua constante ansiedade e sucessivas derrotas, tudo entrou em erupção em uma explosão de gargalhadas, de entusiasmo e em uma pitoresca necessidade infantil de comemorar.

Deu um último salto, girou pelo quarto e terminou parando com os braços nos quadris com um pé em cima do corpo inerte de Daubrecq.

— Uma pintura alegórica! — exclamou ele. — O anjo da virtude destruindo a hidra do mal!

E a cena foi duas vezes mais engraçada porque Lupin estava caracterizado como senhor Nicole, com as roupas e a maquiagem do pequeno tutor rígido e envergonhado.

Um sorriso triste surgiu no rosto de madame Mergy, o primeiro sorriso que ela conseguia abrir em um longo mês. Mas, voltando imediatamente para a realidade, ela suplicou:

— Por favor, pense em Gilbert!

Ele foi até ela, pegou-a em seus braços e, obedecendo a um impulso espontâneo, tão ingênuo que ela poderia ter rido, deu-lhe um sonoro beijo em cada bochecha.

— Esse, madame, é o beijo de um homem decente! Em vez de Daubrecq, sou eu abraçando você. Mais uma palavra e faço de novo. Pode ficar brava comigo se quiser! Como estou feliz!

Ele se ajoelhou na frente dela e disse de forma respeitosa:

— Perdoe-me, madame. A crise acabou.

E, levantando-se de novo, reassumindo seu jeito irônico, continuou, enquanto Clarisse se perguntava o que estava por vir.

— Qual é o seu próximo desejo, madame? O perdão de seu filho, talvez? Certamente! Madame, tenho o prazer de lhe oferecer o perdão do seu filho, a comutação de sua pena para prisão perpétua e, para terminar, sua fuga. Já está tudo providenciado, não é, Grognard? Certo, Le Ballu? Vocês dois vão com o garoto para Nova Caledônia e preparam tudo. Ah, meu caro Daubrecq, nós temos uma grande dívida com você! Mas não

estou me esquecendo de você, acredite! Qual é o seu desejo? Uma pastilha? Não? Um último cachimbo? Claro!

Ele pegou um cachimbo na cornija da lareira, debruçou-se sobre o prisioneiro, tirou sua máscara e enfiou a piteira entre seus dentes:

— Fume, meu velho, fume. Senhor, como está engraçado, com esse lenço no nariz e seu cachimbinho na boca. Vamos, fume. Céus, esqueci de encher o cachimbo! Qual é o seu tabaco preferido? Maryland? Ah, aqui…

Ele pegou na cornija uma embalagem amarela fechada e rasgou o selo.

— O fumo do grande senhor! Senhoras e senhores, fiquem de olho em mim! Este é um grande momento. Estou prestes a colocar tabaco no cachimbo do grande senhor! Que honra! Observem meus movimentos! Vejam, não tenho nada nas mãos, nada nas mangas!

Ele abriu a embalagem e enfiou o polegar e o indicador ali dentro, lenta e delicadamente, como um mágico fazendo um truque na frente do público maravilhado e, com um enorme sorriso, tirou da embalagem um objeto brilhante que mostrou para os espectadores.

Clarisse soltou um grito.

Era a rolha de cristal.

Ela correu até Lupin e a pegou de sua mão:

— É essa! É essa! — exclamou ela, freneticamente. — Não tem o arranhão na haste! Olhe essa linha dividindo ao meio, onde termina o dourado… É essa! Ela desenrosca! Ah, meu Deus, não tenho mais forças.

Ela tremeu tanto que Lupin pegou a rolha de volta e a desenroscou.

O interior era oco, e no espaço oco havia um pedaço de papel enrolado.

— O papel — sussurrou Lupin, ele mesmo muito excitado e com as mãos trêmulas.

Houve um longo silêncio. Os quatro sentiam como se seus corações fossem explodir no peito, temerosos do que estava por vir.

— Por favor, por favor… — murmurou Clarisse.

Lupin desdobrou o papel fino.

Havia uma lista de nomes escritos um embaixo do outro, os vinte e sete nomes da famosa lista: Langeroux, Dechaumont, Vorenglade, d'Albufex, Victorien Mergy e outros.

E, no rodapé, a assinatura do presidente da companhia do Canal dos Dois Mares. A assinatura com letras de sangue.

Lupin olhou para o relógio:

— Quinze para uma — disse ele. — Temos vinte minutos sobrando. Vamos almoçar.

— Mas — começou Clarisse, que já estava começando a perder a cabeça — não se esqueça…

Ele simplesmente respondeu:

— Eu só sei que estou morrendo de fome.

Ele se sentou à mesa, cortou uma grande fatia de torta fria e perguntou para seus cúmplices:

— Grognard? Le Ballu? Aceitam um pedaço?

— Não posso recusar, patrão.

— Então, apressem-se, rapazes. E uma taça de champanhe para descer melhor. Um oferecimento do paciente do clorofórmio. À sua saúde, Daubrecq! Champanhe doce? Champanhe seco? *Extra-dry*?

---

[3] Competição de passos e figuras de dança entre os negros americanos. (N.T.)

A Cruz de Lorena

No momento em que Lupin terminou de almoçar, ele imediatamente recuperou todo o seu domínio e autoridade. A hora da brincadeira tinha chegado ao fim, e ele não podia mais ceder à sua paixão por surpreender as pessoas com truques e encenações. Agora que encontrara a rolha de cristal em seu esconderijo, que ele adivinhara com absoluta certeza, agora que possuía a lista dos Vinte e Sete, era uma questão de dar a cartada final sem demora.

Era uma brincadeira de criança, sem dúvida, e o que ainda precisava ser feito não apresentava nenhuma dificuldade. Entretanto era fundamental que ele desempenhasse esses atos finais com decisão, prontidão e uma perspicácia infalível. A menor falha seria irremediável. Lupin sabia disso; mas sua mente, tão estranhamente lúcida, examinara todas as hipóteses. E se sentia pronto para os passos que estava prestes a dar e para as palavras que estava prestes a pronunciar:

— Grognard, o carregador está esperando no Boulevard Gambetta com a charrete e o baú que compramos. Traga o carregador e o baú para cá. Se alguém do hotel perguntar alguma coisa, diga que é para a madame do quarto 130.

Então, dirigindo-se para seu outro companheiro:

— Le Ballu, volte para a estação e pegue a limusine. O preço já está acertado: dez mil francos. Compre um boné e um paletó de motorista e traga o carro para o hotel.

— O dinheiro, patrão.

Lupin abriu a carteira que tirara do paletó de Daubrecq e pegou um grande maço de notas. Separou dez.

— Aqui, dez mil francos. Parece que nosso amigo ganhou uma grande quantia no clube. Vá, Le Ballu!

Os dois homens saíram pelo quarto de Clarisse. Lupin aproveitou um momento em que Clarisse Mergy não estava olhando para se apossar da carteira com grande satisfação:

— O negócio não será ruim — disse ele para si mesmo. — Quando todas as despesas forem pagas, ainda ficarei com alguma coisa, mas ainda não acabou.

Então, virando-se para Clarisse, ele perguntou:

— A senhora tem uma mala?

— Tenho sim. Comprei uma quando cheguei a Nice, com algumas roupas e artigos de toalete, já que saí de Paris desprevenida.

— Arrume tudo. Depois desça para a recepção. Diga que está esperando um baú que o carregador está trazendo do guarda-volumes da estação e que a senhora precisa desfazer e refazer no seu quarto, pois vai embora logo em seguida.

Sozinho, Lupin examinou Daubrecq com cuidado, apalpou todos os seus bolsos e se apropriou de tudo que representasse algum interesse.

Grognard foi o primeiro a voltar. O grande baú era revestido de couro preto e foi levado para o quarto de Clarisse. Com a ajuda de Clarisse e Grognard, Lupin arrastou Daubrecq e o colocou dentro do baú, sentado, mas com a cabeça baixada para que a tampa pudesse ser fechada.

— Não digo que seja tão confortável quanto sua cabine no vagão-dormitório, caro deputado — comentou Lupin. — Mas eu diria que é melhor do que um caixão. Pelo menos você consegue respirar. Três buraquinhos de cada lado. Não tem do que reclamar!

Então, abrindo um frasco:

— Mais um pouco de clorofórmio? Você parece adorar!

Ele ensopou o lenço mais uma vez, enquanto, seguindo suas ordens, Clarisse e Grognard envolviam o deputado com roupas, panos e travesseiros, que tinham tido o cuidado de colocar no baú.

— Perfeito! — exclamou Lupin. — Este baú está pronto para viajar o mundo. Fechem e tranquem.

Le Ballu chegou, vestido de chofer.

— O carro está lá embaixo, patrão.

— Bom. Vocês dois levem o baú lá para baixo. Seria perigoso deixar os funcionários do hotel carregar.

— Mas e se encontrarmos alguém?

— Bem, Le Ballu, você não é um carregador? Está carregando o baú de sua patroa, no caso a senhora do quarto 130, que também irá descer, entrar no carro e esperar por mim a duzentos metros do hotel. Grognard, ajude a carregar. Ah, primeiro tranquem a porta que liga os quartos!

Lupin foi para o outro quarto, fechou a porta, puxou o ferrolho, saiu, trancou a porta e desceu pelo elevador.

Na recepção, ele disse:

— O senhor Daubrecq foi surpreendido com um chamado de Monte Carlo. Ele me pediu para avisar que só voltará na terça-feira, mas deseja manter o quarto. As coisas dele estão lá. Aqui está a chave.

Ele se afastou tranquilamente e foi ao encontro do carro, onde Clarisse se lamentava:

— Nunca chegaremos a Paris amanhã de manhã! É uma loucura! O menor percalço e…

— É por isso que eu e a senhora vamos pegar o trem. É mais seguro…

Ele a colocou em um táxi e deu suas últimas instruções aos dois homens:

— Cinquenta quilômetros por hora em média, entenderam? Dirijam e descansem, se revezando. Nessa velocidade, vocês devem chegar a Paris amanhã entre seis e sete da noite. Mas não acelerem. Vou ficar com Daubrecq, não porque precise dele para os meus planos, mas como refém… e por precaução. Gosto de saber que vou poder colocar as mãos nele nos próximos dias. Então, cuidem bem dele. Deem algumas gotinhas de clorofórmio a cada três ou quatro horas. É a única fraqueza dele. Pode ir, Le Ballu… E você, Daubrecq, não se anime aí, não. O teto é forte… Se se sentir mal, não se preocupe. Vá, Le Ballu!

Ele observou o carro se afastar e então pediu para o motorista do táxi seguir para os correios, onde despachou um telegrama com as seguintes palavras:

"Senhor Prasville, delegacia de polícia, Paris:

Pessoa encontrada. Entregarei o documento às onze horas da manhã de amanhã. Comunicação urgente. Clarisse."

Clarisse e Lupin chegaram à estação às duas e meia.

— Será que conseguiremos lugar? — questionou Clarisse, que ficava preocupada com o menor detalhe.

— Lugar? Ora, nossas cabines estão reservadas!

— Quem reservou?

— Jacob… Daubrecq.

— Como?

— Ora, na recepção do hotel me entregaram uma carta que chegara para Daubrecq por um mensageiro expresso. Eram as passagens para as cabines que Jacob enviara para ele. Além disso, estou com o cartão do deputado. Então, viajaremos usando os nomes de senhor e senhora Daubrecq e receberemos toda a atenção por causa de nossa posição. Viu, minha querida madame, tudo está preparado.

Desta vez a viagem pareceu curta para Lupin. Clarisse contou a ele tudo que fizera nos últimos dias. Ele explicou a ela o milagre de sua aparição repentina no quarto de Daubrecq no momento em que seu adversário pensava que estava na Itália.

— Um milagre, não — disse ele. — Mas senti um fenômeno especial dentro de mim quando saí de San Remo para Gênova, uma espécie de intuição misteriosa que fez com que eu, primeiro, tentasse pular do trem, o que Le Ballu não deixou, e depois que fosse até a janela, abaixasse o vidro e acompanhasse com o olhar o porteiro do Ambassadeurs-Palace, que me dera o seu recado. Bem, naquele minuto o porteiro estava esfregando as mãos com a maior satisfação, e por alguma razão de repente eu entendi tudo: eu tinha sido enganado, ludibriado por Daubrecq, assim como a senhora. Pequenos detalhes surgiram na minha mente. O esquema do meu adversário ficou claro para mim, do início ao fim. Mais um minuto e o desastre seria irreversível. Preciso confessar que fiquei desesperado por alguns momentos, ao pensar que poderia não conseguir reparar todos os erros que havia cometido. Dependia simplesmente do horário dos trens, que me permitiria ou não encontrar o emissário de Daubrecq na plataforma da estação em San Remo. Desta vez, finalmente, a sorte me favoreceu. Nosso trem mal tinha parado na primeira estação quando passou um trem para a França. Quando chegamos a San Remo, o homem ainda estava lá. Minha suposição estava certa. Ele não estava mais com o uniforme de porteiro e entrou em um compartimento da segunda classe. Daquele

momento em diante a vitória estava garantida.

— Mas como? — perguntou Clarisse, que, apesar dos pensamentos que a atormentavam, estava interessada na história de Lupin.

— Como a encontrei? Simplesmente não perdendo de vista o senhor Jacob, mas o deixando livre para ir e vir como bem entendesse, sabendo que ele acabaria tendo que prestar contas de seus atos para Daubrecq. De fato, hoje de manhã, depois de passar a noite em um pequeno hotel em Nice, ele se encontrou com Daubrecq no Passeio dos Ingleses. Eles conversaram um pouco. Eu os segui. Daubrecq voltou para o hotel, deixou Jacob em um dos vestíbulos do térreo, em frente à recepção, e subiu de elevador. Dez minutos depois eu descobri o número do quarto dele e descobri que uma senhora estava no quarto ao lado desde ontem, no número 130. Falei com Grognard e Le Ballu que tínhamos conseguido. Bati à sua porta de leve. Ninguém respondeu. E a porta estava trancada.

— Então? — perguntou Clarisse.

— Então nós abrimos a porta. A senhora acha que só existe uma chave no mundo que faça uma porta abrir? Então eu entrei. Não havia ninguém no quarto. Mas a porta que liga os quartos estava entreaberta. Entrei de fininho. Portanto, uma simples cortina me separava de você, de Daubrecq e da embalagem de tabaco que eu vi na cornija da lareira.

— Então o senhor sabia o esconderijo?

— Uma olhada no escritório de Daubrecq em Paris me mostrou que a embalagem de tabaco tinha desaparecido. Além disso…

— O quê?

— Por causa das confissões arrancadas de Daubrecq na Torre dos Amantes, eu sabia que a palavra Marie era a chave para o mistério. Desde então venho pensando nessa palavra, mas com a ideia preconcebida de que se escrevia M A R I E. Bem, eram as duas primeiras sílabas de uma outra palavra, que eu só adivinhei no momento em que dei falta da embalagem de tabaco.

— Qual palavra?

— Maryland, tabaco Maryland, o único que Daubrecq fuma.

E Lupin começou a rir:

— Não é estúpido? E ao mesmo tempo genial da parte de Daubrecq? Procuramos em todos os lugares, reviramos tudo. Desatarrachamos as lâmpadas para ver se a rolha de cristal estava escondida ali. Mas como eu

poderia ter pensado, como alguém poderia, por mais perspicaz que fosse, pensar em tirar o selo de uma embalagem de Maryland afixada, colada, lacrada, carimbada, datada pelo Estado e fiscalizada pela receita federal? Pense! O Estado é cúmplice de tal ato de infâmia! A fiscalização da receita federal se prestando a esse papel! Não, mil vezes não! A Regie[4] não é perfeita. Ela faz fósforos que não acendem e cigarros cheios de palha dentro. Mas tem toda uma diferença entre reconhecer o fato e acreditar que a receita federal estava mancomunada com Daubrecq para esconder a lista dos Vinte e Sete da curiosidade do governo e dos esforços de Arsène Lupin! Observe que Daubrecq, para colocar a rolha de cristal ali, só precisou soltar um pouco o selo, desdobrar o papel amarelo, tirar o tabaco e colar de volta. Observe também que, em Paris, nós só precisávamos pegar a embalagem e examiná-la para descobrir o esconderijo! Não importa! O que importa é que a embalagem de Maryland, fabricada e fiscalizada pelo Estado e pela receita federal, era sagrada, uma coisa intocável, acima de qualquer suspeita! E ninguém abriu. Foi assim que o diabo do Daubrecq deixou aquela embalagem intocada todos esses meses sobre a escrivaninha dele, entre os cachimbos e outras embalagens fechadas de tabaco. E nenhuma força deste mundo poderia ter dado a mais vaga ideia a alguém de procurar naquele pequeno cubo. Além disso…

Lupin continuou contando suas observações sobre a embalagem de Maryland e a rolha de cristal. A ingenuidade e a perspicácia de seu adversário o interessavam ainda mais agora que o havia vencido. Mas para Clarisse esses tópicos importavam pouco em comparação com a ansiedade quanto aos atos que aconteceriam para salvar seu filho; e ela ficou sentada ali, perdida em seus próprios pensamentos, mal o escutando.

— O senhor tem certeza — ela repetia — de que vai dar certo?

— Certeza absoluta.

— Mas Prasville não está em Paris.

— Se ele não estiver lá, está em Havre. Eu vi no jornal de ontem. Em todo caso, o telegrama o fará voltar para Paris na mesma hora.

— E o senhor acha que ele tem influência suficiente?

— Para conseguir o perdão de Vaucheray e Gilbert pessoalmente? Não. Se ele fosse capaz disso, já o teríamos acionado antes. Mas ele é inteligente o bastante para entender o valor do que vamos levar para ele e agir sem demora.

— Mas, para sermos exatos, o senhor não está iludido quanto ao valor?

— Daubrecq estava iludido? Ele não estava em uma posição melhor do que a de todos nós para reconhecer o poder daquele papel? Ele não teve vinte provas disso, uma mais convincente do que a outra? Pense em tudo que ele conseguiu fazer pelo simples motivo de possuir a lista. Eles sabiam, só isso. Ele não usou a lista, mas estava em seu poder. E com isso ele matou seu marido. Construiu a própria fortuna sobre a ruína e a desgraça dos Vinte e Sete. Na semana passada mesmo, um dos nomes da lista, d'Albufex, cortou a própria garganta na prisão. Acredite em mim, entregando a lista poderemos pedir o que quisermos. E o que vamos pedir? Quase nada… menos do que nada… o perdão de um garoto de vinte anos. Em outras palavras, eles vão achar que somos idiotas. Ora! O que temos nas mãos…

Ele parou. Clarisse, exausta depois de tanta animação, pegou no sono na frente dele.

Eles chegaram a Paris às oito da manhã.

Lupin encontrou dois telegramas esperando por ele em seu apartamento, na Praça de Clichy.

Um era de Le Ballu, enviado de Avignon na véspera e dizendo que estava tudo correndo bem e que eles esperavam chegar pontualmente ao compromisso naquela noite. O outro era de Prasville, enviado de Havre e endereçado a Clarisse:

"Impossível voltar na segunda-feira de manhã. Vá ao meu gabinete às cinco horas da tarde. Confio totalmente na senhora."

— Cinco horas! — exclamou Clarisse. — Muito tarde!

— É uma boa hora — comentou Lupin.

— Ainda assim, se…

— Se a execução estiver marcada para amanhã de manhã, é isso que a senhora quer dizer? Não tenha medo de falar, pois a execução não irá acontecer.

— Os jornais…

— A senhora não leu os jornais e não vai ler. Nada do que eles disserem importa. Apenas uma coisa importa: nosso encontro com Prasville. Além disso…

Ele pegou uma pequena garrafa do armário e, colocando a mão sobre o ombro de Clarisse, disse:

— Deite-se aqui no sofá e tome algumas gotas deste líquido.

— Para quê?

— Fará com que durma por algumas horas… e esqueça. Isso é sempre bom.

— Não, não — protestou Clarisse —, eu não quero. Gilbert não vai dormir. Ele não vai esquecer.

— Beba — pediu Lupin, com uma insistência gentil. Ela cedeu, de repente, por covardia, por sofrimento, e fez o que ele pediu, depois deitou-se no sofá e fechou os olhos. Em poucos minutos pegou no sono.

Lupin chamou seu empregado:

— Os jornais, rápido! Você os comprou?

— Estão aqui, patrão.

Lupin abriu um deles e, na mesma hora, leu a notícia:

> *"Cúmplices de Arsène Lupin*
>
> *Uma fonte inquestionável nos informou que os cúmplices de Arsène Lupin, Gilbert e Vaucheray, serão executados amanhã, terça-feira, de manhã. O senhor Deibler já inspecionou a guilhotina. Está tudo pronto."*

Ele levantou a cabeça com um olhar desafiador.

— Cúmplices de Arsène Lupin! A execução dos cúmplices de Arsène Lupin! Que bonito espetáculo! E que multidão estará presente para testemunhar! Sinto muito, cavalheiros, mas a cortina não vai se abrir. O teatro será fechado por ordem das autoridades. E eu sou a autoridade!

Ele bateu no peito com força, em um gesto arrogante:

— Eu sou a autoridade!

Ao meio-dia, Lupin recebeu um telegrama que Le Ballu lhe enviara de Lyon:

"Tudo correndo bem. A mercadoria vai chegar sem nenhuma avaria".

Às três horas Clarisse acordou. Suas primeiras palavras foram:

— Vai ser amanhã?

Ele não respondeu. Mas ela percebeu que ele estava tão calmo e sorridente que se sentiu tomada por uma imensa sensação de paz e teve a impressão de que tudo tinha terminado, tudo tinha se resolvido segundo a vontade de seu amigo.

Eles saíram da casa às quatro e dez. A secretária de Prasville, que recebera ordens do chefe por telefone, levou-os até o gabinete e pediu que

esperassem. Faltavam quinze para as cinco.

Prasville chegou correndo exatamente às cinco horas e perguntou:

— A senhora está com a lista?

— Estou, sim.

— Então me entregue.

Ele estendeu a mão. Clarisse, que se levantara da cadeira, não se mexeu.

Prasville a fitou por um momento, hesitou e se sentou, compreendendo. Ao perseguir Daubrecq, Clarisse Mergy não agira apenas motivada pelo ódio e pelo desejo de vingança. Ela tivera outra motivação. Não entregaria o papel exceto com alguma condição.

— Sente-se, por favor — disse ele, mostrando que aceitara a discussão.

Clarisse retomou seu assento, mas, como continuou em silêncio, Prasville disse:

— Fale, minha amiga, e seja franca. Não tenho escrúpulos em dizer que queremos aquele papel.

— Se for apenas um desejo — começou Clarisse, que fora instruída por Lupin nos mínimos detalhes —, se for apenas um desejo, temo que não conseguiremos chegar a um acordo.

Prasville sorriu:

— Um desejo, claro, que pode nos levar a fazer certos sacrifícios.

— Qualquer sacrifício — corrigiu madame Mergy.

— Qualquer sacrifício, contanto, claro, que fiquemos dentro de limites aceitáveis.

— Até se ultrapassarmos esses limites — disse Clarisse, inflexível.

Prasville começou a perder a paciência.

— Fale, o que está acontecendo? Explique-se.

— Meu amigo, me perdoe, mas antes de tudo quero enfatizar a grande importância que o senhor dá àquele papel e, tendo em vista a transação que estamos prestes a concluir, especificar… como posso dizer, o valor da minha participação nisso. Repito, esse valor, que não tem limites, deve ser trocado por um valor ilimitado.

— Concordo — disse Prasville, em tom queixoso.

— Portanto, presumo que não seja necessário eu contar toda a história do negócio ou enumerar os desastres que a posse desse papel teria permitido ao senhor evitar, e as vantagens incalculáveis que terá como

consequência de tê-lo em suas mãos.

Prasville teve de fazer um esforço para se conter e responder em um tom de voz civilizado, ou quase:

— Eu aceito tudo. Isso é suficiente?

— Desculpe-me, mas não podemos nos explicar de forma tão simples. E há um ponto que ainda precisa ser esclarecido. O senhor, pessoalmente, está em posição de negociar?

— O que a senhora quer dizer?

— Eu quero saber, claro, não se o senhor tem poder para resolver este assunto aqui e agora, mas se, ao negociar comigo, representa todos aqueles que sabem do negócio e que são qualificados para resolvê-lo.

— Sim — respondeu Prasville.

— Então o senhor pode me dar uma resposta uma hora depois de eu lhe dizer as minhas condições?

— Sim.

— A resposta será do governo?

— Sim.

Clarisse se inclinou para a frente e falou mais baixo:

— A resposta será do Palácio do Élysée?

Prasville pareceu surpreso. Refletiu por momento, depois disse:

— Sim.

— Só me resta perguntar se o senhor me dá a sua palavra de honra de que, por mais incompreensível que a minha condição lhe pareça, o senhor não vai insistir para que eu revele a razão. Tem de ser assim. A sua resposta deve ser sim ou não.

— Dou a minha palavra de honra — jurou Prasville, formalmente.

Clarisse passou por um momento de agitação que a deixou ainda mais pálida. Então, controlando-se, com os olhos fixos nos de Prasville, disse:

— O senhor terá a lista dos Vinte e Sete em troca do perdão de Gilbert e Vaucheray.

— O quê?

Prasville se levantou de sua cadeira, parecendo totalmente abismado.

— O perdão de Gilbert e Vaucheray? Os cúmplices de Arsène Lupin?

— Isso — respondeu ela.

— Os assassinos de Villa Marie-Thérèse? Os dois que devem ser executados amanhã?

— Sim, aqueles dois — respondeu ela, com o tom de voz mais alto. — Eu exijo o perdão deles.

— Mas isso é loucura! Por quê? Por que a senhora poderia querer isso?

— Devo lembrar-lhe, Prasville, que o senhor me deu a sua palavra…

— Sim, sim, eu sei. Mas isso foi tão inesperado.

— Por quê?

— Por quê? Por diversas razões!

— Quais razões?

— Bem, bem, pense! Gilbert e Vaucheray foram sentenciados à morte!

— É só mudar a pena deles para perpétua. O senhor só precisa fazer isso.

— Impossível! O caso criou uma enorme comoção. Eles são cúmplices de Arsène Lupin. O mundo inteiro conhece o veredito.

— E então?

— Bem, nós não podemos ir contra as decisões da Justiça.

— Não estou pedindo que faça isso. Estou pedindo uma comutação de pena por meio de graça. A graça é um ato legal.

— A comissão já deu seu parecer…

— Verdade, mas ainda resta o presidente da República.

— Ele recusou.

— Ele pode reconsiderar a recusa.

— Impossível!

— Por quê?

— Não tem pretexto para isso.

— Ele não precisa de um pretexto. O direito à graça é absoluto. É exercido sem controle, sem motivo, sem pretexto ou explicação. É uma prerrogativa real, o presidente da República pode dar segundo sua vontade, ou de acordo com sua consciência, nos melhores interesses do Estado.

— Mas é tarde demais! Está tudo pronto. A execução vai acontecer em algumas horas.

— Uma hora é suficiente para que o senhor obtenha a sua resposta; acabou de falar isso.

— Mas isso é uma completa loucura! Existem obstáculos insuperáveis para a sua condição. Eu lhe digo de novo, é impossível, fisicamente impossível.

— Então a resposta é não?

— Não! Não! Mil vezes não!

— Nesse caso, não temos mais nada o que fazer a não ser ir embora.

Ela se dirigiu para a porta. O senhor Nicole a seguiu. Prasville atravessou o gabinete e impediu sua passagem.

— Aonde estão indo?

— Bem, meu amigo, me parece que a nossa conversa chegou ao fim. Como o senhor parece achar que o presidente da República não irá considerar que a famosa lista dos Vinte e Sete vale…

— Fique onde está — pediu Prasville.

Ele virou a chave na porta e começou a andar de um lado para outro, com as mãos nas costas e os olhos fixos no chão.

E Lupin, que não dera uma palavra durante toda a cena e se contentara em desempenhar um papel coadjuvante, pensou:

"Que bagunça! Quanta afetação para chegar a um resultado inevitável! Como se Prasville, que não é um gênio, mas também não é burro, fosse perder a chance de se vingar de seu inimigo mortal! O que eu disse? A ideia de jogar Daubrecq em um poço sem fundo o atraía. Vamos, nós vencemos a disputa."

Prasville estava abrindo uma pequena porta interna que levava à sala do seu secretário particular.

Ele deu uma ordem em voz alta:

— Senhor Lartigue, telefone para o Palácio do Élysée e diga que peço o favor de uma audiência com a mais alta importância.

Ele fechou a porta, aproximou-se de Clarisse e falou:

— Em todo caso, a minha intervenção está limitada a submeter a sua proposta.

— Uma vez submetida, ela será aceita.

Um longo silêncio se seguiu. A expressão de Clarisse mostrava um prazer tão profundo que Prasville ficou surpreso e a observou com atenção e curiosidade. Qual era a razão misteriosa para Clarisse querer salvar Gilbert e Vaucheray? Qual era o elo incompreensível que a ligava a esses dois homens? Que tragédia conectava essas três vidas e, sem dúvida, Daubrecq também?

"Pode tentar, meu velho", pensou Lupin, "quebre sua cabeça, você não vai descobrir! Ah, se tivéssemos pedido apenas o perdão para Gilbert, como Clarisse desejava, você poderia descobrir o segredo! Mas Vaucheray, aquele

cretino do Vaucheray, realmente não poderia existir o menor elo entre ele e madame Mergy… Ah, por Deus, que reviravolta!… Ele está me observando… Seu monólogo interior recaiu sobre mim: 'Quem é esse tal de senhor Nicole? Por que esse provinciano se dedica de corpo e alma a Clarisse Mergy? Qual é a verdadeira personalidade desse intruso? Eu errei em não perguntar. Preciso investigar isso. Preciso desmascará-lo. Afinal de contas, não é comum um homem se envolver em tantos problemas para resolver um assunto no qual não tenha nenhum interesse direto. Por que ele poderia querer salvar Gilbert e Vaucheray? Por quê?'"

Lupin virou a cabeça suavemente.

"Olhe! Olhe! Uma ideia passou pela cabeça desse burocrata: uma noção confusa que ele não consegue colocar em palavras. Droga, ele não pode suspeitar de que Lupin está por trás de Nicole! As coisas já estão complicadas do jeito que estão."

Houve, porém, uma bem-vinda interrupção. O secretário de Prasville veio dizer que a audiência aconteceria dali a uma hora.

— Muito bem. Obrigado — disse Prasville. — Pode sair.

E, voltando ao diálogo, sem nenhuma delonga, falando como um homem que deseja encerrar um assunto, ele declarou:

— Eu acho que conseguiremos resolver essa situação. Mas, antes de tudo, para que eu possa fazer o que me comprometi a fazer, quero informações mais precisas, mais detalhes. Onde estava o papel?

— Dentro da rolha de cristal, como achávamos — respondeu a madame Mergy.

— E onde estava a rolha de cristal?

— Em um objeto que Daubrecq pegou na casa dele alguns dias atrás, de cima de sua escrivaninha no escritório, na casa na Praça Lamartine, um objeto que peguei dele ontem.

— Que tipo de objeto?

— Uma simples embalagem de tabaco, tabaco Maryland, que costumava ficar em cima da escrivaninha dele.

Prasville ficou petrificado. Ingenuamente, ele murmurou:

— Ah, se eu soubesse! Eu estive com aquela embalagem de Maryland na mão uma dezena de vezes. Que burro eu fui!

— O que importa? — perguntou Clarisse. — O fundamental é que conseguimos descobrir.

A expressão de Prasville mostrava que ele achava que a descoberta teria sido muito mais prazerosa se ele próprio a tivesse feito. Então, perguntou:

— Então nós temos a lista?

— Temos.

— Mostre para mim.

Como Clarisse hesitou, ele acrescentou:

— Ah, por favor, não tenha medo! A lista pertence à senhora, e eu vou devolvê-la. Mas a senhora deve entender que não posso dar o passo em questão sem ter certeza.

Clarisse consultou o senhor Nicole com um olhar que não passou despercebido por Prasville. Então ela disse:

— Aqui está.

Ele pegou o papel com alguma insegurança, examinou-o e disse quase imediatamente:

— Sim, sim, é a caligrafia da secretária, eu reconheço. E a assinatura do presidente da companhia, a assinatura em vermelho… Além disso, eu tenho outras provas. Por exemplo, o pedaço de papel que completa o canto superior esquerdo dessa folha.

Ele abriu o cofre e pegou uma caixa especial, um pedaço de papel minúsculo que encaixou no canto superior esquerdo.

— Está certo. A ponta rasgada encaixa perfeitamente. A prova é irrefutável. Só falta verificar a natureza desse papel.

Clarisse estava radiante. Ninguém acreditaria no suplício que ela passara nas últimas semanas e que ainda estava sangrando e tremendo por dentro.

Enquanto Prasville segurava o papel contra o painel da janela, ela disse para Lupin:

— Eu exijo que Gilbert seja informado hoje à noite. Ele deve estar sofrendo tanto!

— Sim — concordou Lupin. — Além disso, a senhora pode ir avisar ao advogado dele.

Ela continuou:

— E eu quero ver Gilbert amanhã. Não me importo com o que Prasville possa pensar.

— Claro. Mas, primeiro, ele precisa ganhar a causa no Palácio do Élysée.

— Não haverá dificuldades, não é?

— Não. A senhora viu que ele cedeu na mesma hora.

Prasville continuou examinando com a ajuda de uma lente de aumento, comparando o papel com o pedaço de papel rasgado. Depois ele pegou de dentro da caixa mais algumas folhas de papel e examinou uma delas, segurando-a contra a luz.

— É isso — disse ele. — Já me convenci. Peço desculpas, minha querida amiga. Foi um trabalho muito difícil, passei por vários estágios. Eu já estava desconfiado, e não sem razão…

— O que o senhor está dizendo? — perguntou Clarisse.

— Um segundo, preciso dar uma ordem primeiro.

Ele chamou o secretário:

— Por favor, telefone imediatamente para o Palácio do Élysée, peça desculpas e diga que não preciso mais da audiência, por razões que explicarei mais tarde.

Ele fechou a porta e voltou para sua mesa. Clarisse e Lupin ficaram ofegantes, com a expressão abismada, sem entender a repentina mudança. Ele estava louco? Era algum truque? Uma quebra de confiança? Estava se recusando a manter sua promessa agora que estava com a lista em mãos?

Ele a entregou para Clarisse:

— Pode ficar com ela.

— Ficar com ela?

— E devolver para Daubrecq.

— Para Daubrecq?

— A não ser que prefira queimá-la.

— O que o senhor está dizendo?

— Estou dizendo que, se eu fosse a senhora, queimaria essa lista.

— Por que o senhor diz isso? É absurdo!

— Pelo contrário, é muito razoável.

— Mas por quê? Por quê?

— Por quê? Vou lhe dizer. Nós temos absoluta certeza de que a lista dos Vinte e Sete foi escrita em um papel de carta que pertencia ao presidente da Companhia do Canal, do qual temos algumas amostras no cofre. Todas as amostras têm uma pequena marca d'água, quase invisível, de uma Cruz de Lorena[5], que só é possível ver ao colocar o papel contra a luz. O papel que a senhora me trouxe não contém a Cruz de Lorena.

Lupin sentiu-se estremecer da cabeça aos pés e não ousou olhar para Clarisse, sabendo que isso era um terrível golpe para ela. Ele a escutou gaguejar:

— Então, devemos supor que… que Daubrecq foi enganado?

— De forma alguma! — exclamou Prasville. — A senhora que foi enganada, minha pobre amiga. Daubrecq tem a lista verdadeira, a lista que ele roubou do cofre do moribundo.

— Mas e esta?

— Esta é falsa.

— Falsa?

— Sem a menor dúvida, falsa. Foi uma estratégia admirável de Daubrecq. Hipnotizada pela rolha de cristal que ele colocou embaixo do seu nariz, a senhora só procurou pela rolha, não se importando com mais nada, enquanto ele, tranquilamente, mantinha…

Prasville parou de falar. Clarisse estava se aproximando dele com passos curtos e duros, como se fosse um autômato, e disse:

— Então…

— Então o quê, querida amiga?

— O senhor recusa?

— Certamente, sou obrigado a isso, não tenho escolha.

— O senhor se recusa a dar esse passo?

— Veja bem, como posso fazer o que a senhora me pede? Não é possível, na fé de um documento falso.

— O senhor não fará isso? E amanhã de amanhã, daqui a poucas horas, Gilbert…

Ela estava assustadoramente pálida, o rosto sugado, como de uma moribunda. Os olhos arregalados, a mandíbula contraída.

Lupin, temendo as palavras perigosas e inúteis que ela estava prestes a pronunciar, agarrou-a pelos ombros e tentou arrastá-la para fora. Mas ela o empurrou com uma força indomável, deu mais dois ou três passos, cambaleou como se fosse cair e, de repente, em uma explosão de força e desespero, agarrou Prasville e berrou:

— O senhor tem que ir ao Palácio do Élysée! Tem que ir imediatamente! Precisa salvar Gilbert!

— Por favor, minha cara amiga, acalme-se…

Ela soltou uma gargalhada estridente:

— O senhor quer que eu me acalme? Sabendo que amanhã de manhã Gilbert… Ah, não, não, estou assustada… Isso é horrível! Corra, seu miserável, corra! Consiga a graça para ele! Não entende? Gilbert… Gilbert é meu filho! Meu filho! Meu filho!

Prasville soltou um grito. A lâmina de uma faca brilhava na mão de Clarisse, e ela levantou o braço como se fosse dar um golpe contra si mesma. Mas ela não completou o movimento. Nicole segurou o braço dela e, pegando a faca de sua mão, reduzindo-a à sua impotência, ele disse, com um tom de voz que ressoou pela sala como aço:

— O que a senhora está fazendo é loucura! Eu lhe dei a minha palavra de que vou salvá-lo! A senhora precisa viver por ele! Gilbert não vai morrer. Como ele pode morrer se eu lhe dei a minha palavra?

— Gilbert… meu filho — murmurou Clarisse com um gemido.

Ele a pegou com força, puxou-a para si e tapou sua boca.

— Basta! Quieta! Imploro que fique quieta! Gilbert não vai morrer!

Com uma autoridade irresistível, arrastou-a para fora como uma criança subjugada que de repente se torna obediente; mas, no momento em que abriu a porta, ele se virou para Prasville:

— Espere por mim aqui, senhor — ordenou, em um tom de voz imperativo. — Se o senhor tem interesse na verdadeira lista dos Vinte e Sete, espere por mim. Estarei de volta em uma hora, no máximo duas, e então conversaremos.

E, abruptamente, para Clarisse:

— E a senhora, um pouco de coragem. Exijo que mostre coragem, por Gilbert.

Ele saiu pelos corredores e escadas, segurando-a embaixo do braço como se ela fosse uma boneca, amparando-a, quase a carregando. Um pátio, outro pátio, então a rua.

Enquanto isso, Prasville, que ficara surpreso e confuso com o curso dos eventos, estava começando a se recompor e pensando. Pensou no senhor Nicole, no início um mero ajudante, que desempenhava um papel de conselheiro de Clarisse, a quem ela se apegava nos momentos de crise e que, de repente, afastando toda a sua letargia, se mostrou à luz do dia, resoluto, autoritário, cheio de paixão, transbordando audácia, pronto para superar todos os obstáculos que o destino colocava em seu caminho.

Quem poderia agir assim?

Prasville estremeceu. Mal a pergunta apareceu em sua mente, e a resposta lhe ocorreu, com absoluta certeza. Todas as provas estavam ali, uma mais exata, mais convincente do que a outra.

Apenas uma questão o deixava em dúvida. O rosto e os traços do senhor Nicole não se pareciam minimamente com as fotos que já havia visto de Lupin. Ele era um homem jovem, mais alto, com outra constituição, formato do rosto e da boca, expressão dos olhos, tez, cabelo, absolutamente tudo diferente de todas as descrições do aventureiro. Mas Prasville não sabia que a força de Lupin era exatamente esse prodigioso poder de transformação? Não havia dúvida.

Apressadamente, ele saiu de seu gabinete. Encontrou um inspetor e perguntou com fervor:

— Você chegou agora?

— Sim, senhor secretário-geral.

— Você viu o cavalheiro e a dama que saíram?

— Vi, sim, no pátio, alguns minutos atrás.

— Você reconheceria o homem?

— Sim.

— Então não perca nem mais um minuto, sargento. Leve seis inspetores com você. Vá para a Praça de Clichy. Faça perguntas sobre um homem chamado Nicole e vigie a casa. O senhor Nicole está voltando para lá.

— E se ele sair, senhor secretário-geral?

— Prenda-o. Vou lhe dar um mandado.

Prasville voltou para seu gabinete, sentou-se à mesa e escreveu um nome em um formulário.

O inspetor pareceu desconcertado.

— Mas o senhor falou de um senhor Nicole.

— E daí?

— O mandado está em nome de Arsène Lupin.

— Arsène Lupin e Nicole são a mesma pessoa.

---

[4] Departamento fiscal francês que tem o monopólio da fabricação de cigarros, charutos, tabaco e fósforos. (N.T.)

[5] A Cruz de Lorena é originalmente uma cruz heráldica, uma relíquia cristã de origem espanhola. Seu formato é uma barra vertical maior, cortada no alto por duas barras menores. (N.R.)

O cadafalso

— Eu vou salvá-lo — repetia Lupin, sem cessar, no táxi que ele e Clarisse pegaram. — Eu juro que vou salvá-lo.

Clarisse não ouvia, estava sentada imóvel como se estivesse entorpecida, como se possuída por um pesadelo mortal, que a deixava alheia a tudo que acontecia fora dela. E Lupin apresentou seus planos, talvez mais para reassegurar a si mesmo do que para convencer Clarisse.

— Não, não, o jogo ainda não está perdido. Ainda temos um trunfo: as cartas e documentos que Vorenglade, o ex-deputado, está oferecendo vender para Daubrecq, dos quais ele falou ontem em Nice. Vou comprar essas cartas e documentos de Stanislas Vorenglade pelo preço que ele pedir. Depois venderemos para o gabinete de polícia, ou seja, para Prasville, dizendo: "Vá ao Palácio do Élysée imediatamente. Use a lista como se fosse genuína, salve Gilbert da morte e contente-se em descobrir amanhã, quando Gilbert estiver salvo, que a lista é falsa. Vá rápido! Do contrário… bem, do contrário as cartas e documentos de Vorenglade serão publicadas amanhã em um grande jornal. Vorenglade será preso. Prasville será preso na mesma noite".

Lupin esfregou as mãos.

— Ele vai fazer o que mandarmos! Percebi isso enquanto estava com ele. O caso me pareceu certo, infalível. E eu encontrei o endereço de Vorenglade no bloco de Daubrecq. Então, motorista, para o Boulevard Raspail!

Eles foram para o endereço. Lupin saiu do táxi e subiu correndo três lances de escada.

A empregada disse que o senhor Vorenglade estava viajando e só voltaria no dia seguinte à noite.

— E a senhora não sabe onde ele está?

— O senhor Vorenglade está em Londres, senhor.

Lupin não deu uma palavra quando voltou para o táxi. Clarisse, por sua vez, nem perguntou, tão indiferente que estava a tudo, tanta certeza tinha de que a morte de seu filho era um fato consumado.

Foram para a Praça de Clichy. Enquanto entrava na casa, Lupin passou por dois homens que estavam deixando correspondência na caixa de correio. Estava absorto demais nos próprios pensamentos para notá-los. Eram os inspetores de Prasville.

— Algum telegrama? — perguntou ele para seu criado.

— Não, patrão — respondeu Achille.

— Alguma notícia de Le Ballu e Grognard?

— Não, patrão, nenhuma.

— Tudo bem — disse ele para Clarisse, em um tom de voz casual. — Ainda são sete horas e não devemos esperar vê-los antes das oito ou nove horas. Prasville terá de esperar. Vou telefonar pedindo que ele espere.

Ele fez isso e estava desligando quando escutou um gemido atrás de si. Clarisse estava de pé, perto da mesa, lendo um jornal noturno. Ela colocou a mão no coração, cambaleou e caiu.

— Achille, Achille — gritou Lupin, chamando seu criado —, me ajude a colocá-la na minha cama. Depois vá ao armário da cozinha e pegue meu frasco de remédio com o número quatro, o frasco com sonífero.

Ele forçou para abrir a boca da amiga com a ponta de uma faca e a fez engolir metade do frasco.

— Bom — disse ele. — A pobrezinha só vai acordar amanhã… depois.

Ele pegou o jornal que ainda estava na mão de Clarisse e leu a nota:

> *"Foram tomadas medidas rigorosas para manter a ordem durante a execução de Gilbert e Vaucheray, para a hipótese de que Arsène Lupin faça alguma tentativa de resgatar seus cúmplices da pena de morte. À meia-noite de hoje um cordão de tropas será formado nas ruas que cercam La Santé. Como já declarado, a execução acontecerá fora dos muros da prisão, no canteiro central do Boulevard Arago.*

Conseguimos obter detalhes sobre a atitude dos dois condenados. Vaucheray, sempre cínico, aguarda o desfecho fatal com grande coragem.

— Droga — disse ele —, não posso dizer que estou feliz, mas, se tenho que passar por isso, melhor ficar calmo. — E acrescentou: — Não me importo com a morte! O que me preocupa é pensar que eles vão cortar a minha cabeça fora. Ah, se o patrão conseguisse fazer algum truque que me mandasse direto para o outro mundo antes que eu tivesse tempo de suspirar! Uma gota de cianeto, por favor, patrão.

A calma de Gilbert é ainda mais impressionante, principalmente quando nos lembramos de como ele desmoronou no julgamento. Ele continua confiante na onipotência de Arsène Lupin:

— O patrão gritou para mim, na frente de todo mundo, dizendo para eu não ter medo, que ele estava lá, que resolveria tudo. Bem, eu não estou com medo. Vou confiar nele até o último dia, até o último minuto, até o momento de colocar o pé na guilhotina. Eu conheço o patrão! Ele não vê perigo. Ele prometeu e vai manter a palavra. Se cortarem a minha cabeça, ele vai replantá-la sobre os meus ombros. E bem firme! Arsène Lupin deixou seu amigo Gilbert morrer? Ah, não! Desculpem meu humor!

Há algo de comovente e ingênuo nesse entusiasmo, que não deixa de ser nobre.

Veremos se Arsène Lupin merece toda essa confiança cega que foi depositada nele."

Lupin mal conseguiu terminar de ler o artigo, pois lágrimas embaçavam sua visão: lágrimas de afeto, lágrimas de pena, lágrimas de angústia.

Não, ele não merecia a confiança do seu amigo Gilbert. Ele certamente fizera coisas impossíveis, mas há ocasiões em que é necessário fazer mais do que o impossível, nas quais temos de nos mostrar mais fortes do que o destino; e desta vez o destino se provara mais forte do que ele. Desde o primeiro dia e durante toda essa lamentável aventura, os eventos ocorreram de forma contrária ao que ele previa, contrária à própria lógica. Clarisse e ele, embora buscassem o mesmo objetivo, desperdiçaram semanas ao lutar um contra o outro. Depois, quando finalmente uniram seus esforços, os desastres vieram em seguida: o sequestro do pequeno Jacques, o desaparecimento de Daubrecq, sua prisão na Torre dos Amantes, o

ferimento de Lupin, sua imobilidade forçada, seguidos pelas manobras inúteis de Clarisse que só a levaram, e a Lupin, para o Sul e para a Itália. E então, para coroar a catástrofe, quando, após as maravilhas da força de vontade, após os milagres da perseverança, eles foram levados a pensar que o velo de ouro havia sido conquistado, tudo se resumiu a nada. A lista dos Vinte e Sete não tinha mais valor do que um pedaço de papel insignificante.

— O jogo acabou! — exclamou Lupin. — Foi uma derrota absoluta. E se eu me vingar de Daubrecq, arruiná-lo e destruí-lo? Ele é o verdadeiro vencedor, já que Gilbert vai morrer.

Ele chorou de novo, não com raiva ou despeito, mas de desespero. Gilbert ia morrer! O rapaz que ele chamava de amigo, o melhor dos seus camaradas, iria embora para sempre dali a poucas horas. Ele não poderia salvá-lo. Não tinha mais meios. Nem tentou criar um último expediente. De que adiantaria?

Mais cedo ou mais tarde ele sabia que a sociedade se vingaria, a hora da expiação sempre chega, e não há criminoso que possa alegar ter escapado da punição. Mas que horror adicional o fato de a vítima escolhida ser o pobre Gilbert, inocente do crime pelo qual iria morrer. Não havia algo de trágico ali, que destacava ainda mais a impotência de Lupin?

Ele estava convencido da própria impotência, que lhe parecia tão profunda e definitiva que nem ficou revoltado ao receber um telegrama de Le Ballu dizendo:

> *"Problemas no motor. Peça essencial quebrada. Conserto longo. Chegamos amanhã de manhã."*

Era a última prova para mostrar que o destino já dera sua decisão. Não pensava mais em se rebelar contra a decisão.

Olhou para Clarisse. Ela dormia tranquilamente; e essa total alienação, sua ausência de consciência, parecia-lhe tão invejável que, cedendo a um acesso de covardia, Lupin pegou o frasco, ainda meio cheio de sonífero, e bebeu.

Então ele se esticou no sofá e chamou seu criado.

— Vá para cama, Achille, e não me acorde por nada.

— Então não há nada mais a fazer por Gilbert e Vaucheray, patrão? — perguntou Achille.

— Nada.

— Eles vão passar por isso?

— Eles vão passar por isso.

Vinte minutos depois, Lupin caiu em um sono pesado. Eram dez horas da noite.

A noite foi tumultuada em volta da prisão. À uma hora da manhã, a Rua de la Santé, o Boulevard Arago e todas as ruas ao redor da prisão foram cercadas pela polícia, que não permitia que ninguém passasse sem ser interrogado.

Além disso, estava chovendo torrencialmente, e parecia que os amantes desse tipo de espetáculo não seriam muitos. Uma ordem especial fechou todos os cabarés. Por volta das três horas, três companhias de infantaria tomaram suas posições nas ruas, enquanto um batalhão ocupava o Boulevard Arago, caso acontecesse alguma surpresa. Entre as tropas circulavam guardas, iam e vinham oficiais de paz, funcionários públicos, policiais, todos mobilizados para a ocasião, ao contrário do normal.

A guilhotina foi armada em silêncio, no meio do canteiro central formado pelo boulevard e pela rua. E escutou-se o sinistro som de martelos.

Mas, perto das cinco horas, a multidão chegou, apesar da chuva, e as pessoas começaram a gritar. Pediam lampiões, pediam que as cortinam fossem levantadas, ficaram exasperados ao ver que, por causa da distância em que as barreiras foram montadas, eles mal conseguiam distinguir a forma da guilhotina.

Várias carruagens chegaram, trazendo oficiais vestidos de preto. Houve aplausos e protestos, depois dos quais uma tropa armada de guardas municipais dispersou os grupos e esvaziou o espaço a uma distância de trezentos metros do canteiro central. Duas novas companhias de soldados se alinharam.

E, de repente, houve um grande silêncio. Uma luz branca e fraca vinha do céu escuro. A chuva parou de repente.

Dentro da prisão, na extremidade do corredor onde ficavam as celas dos condenados, homens em roupas pretas conversavam em voz baixa.

Prasville conversava com o promotor, que expressava seus temores:

— Não, não — declarou Prasville —, posso assegurar-lhe, tudo caminhará sem nenhum tipo de incidente.

— Os seus relatórios não mencionam nada suspeito, senhor secretário-geral?

— Nada. E não mencionam nada pelo simples fato de que temos Lupin.

— Isso é possível?

— Sim, conhecemos o esconderijo dele. A casa em que vive, na Praça de Clichy, para onde ele foi ontem às sete horas da noite, está cercada. Além disso, eu conheço o esquema que planejou para salvar seus dois cúmplices. O esquema desandou no último momento. Portanto, não temos nada a temer. A lei seguirá seu curso.

A hora chegou.

Eles pegaram Vaucheray primeiro, e o diretor da prisão ordenou que as portas fossem abertas.

Vaucheray pulou da cama, com os olhos arregalados de terror para os homens que entraram na cela.

— Vaucheray, nós viemos anunciar…

— Calem-se, calem-se — murmurou ele. — Nenhuma palavra. Eu sei do que se trata. Vamos acabar logo com isso.

Poderia parecer que ele estava com pressa de acabar com tudo o mais rápido possível, tão prontamente se submeteu aos preparativos. Só não permitia que ninguém falasse com ele:

— Nenhuma palavra — repetia ele. — O quê? Confessar-me para um padre? Não vale a pena. Eu derramei sangue. A lei derrama sangue. É a boa e velha lei. Estamos quites.

Entretanto, ele parou de repente.

— Então, me digam, o meu companheiro também vai passar por isso?

E, quando soube que Gilbert também iria para a guilhotina, hesitou por dois ou três segundos, observou os espectadores, pareceu que ia falar, ficou em silêncio e finalmente murmurou:

— É melhor assim… Nós fizemos isso juntos, vamos brindar juntos.

Gilbert também não estava dormindo quando os homens entraram em sua cela.

Sentando-se na cama, ele escutou as terríveis palavras, tentou se levantar, começou a tremer da cabeça aos pés, como um esqueleto sendo sacudido, depois caiu, soluçando:

— Ah, coitada da mamãe, coitada da mamãe! — exclamou ele, gaguejando.

Tentaram questioná-lo sobre a mãe, de quem ele nunca havia falado, mas suas lágrimas foram interrompidas por um repentino acesso de

rebeldia, e ele gritou:

— Eu não matei ninguém… Não vou morrer… Não matei ninguém…

— Gilbert — disseram —, tenha coragem.

— Sim, sim… mas eu não matei ninguém. Por que devo morrer? Não matei ninguém… eu juro… não matei ninguém… eu não quero morrer… não matei ninguém…

Os dentes dele batiam com tanta força que suas palavras ficaram ininteligíveis. Ele deixou que os homens fizessem seu trabalho, confessou-se, ouviu a missa e então, mais calmo, quase dócil, com a voz de uma criancinha resignada, murmurou:

— Diga à minha mãe que eu imploro o perdão dela.

— Sua mãe?

— Sim… Coloque nos jornais, ela vai entender. Depois…

— O quê, Gilbert?

— Bem, quero que o patrão saiba que eu não perdi a confiança…

Ele encarou os espectadores, um a um, como se cultivando uma esperança louca de que o "patrão" fosse um deles, disfarçado de forma a não ser reconhecido e pronto para carregá-los nos braços.

— Sim — disse ele baixinho e, com uma espécie de devoção religiosa, continuou: — Sim, eu ainda confio, mesmo agora… Façam com que ele saiba, por favor. Tenho certeza de que ele não vai me deixar morrer. Tenho certeza disso…

Pelo olhar fixo do condenado, eles imaginaram que ele viu Lupin, que sentiu a sombra de Lupin se esgueirando e procurando uma brecha para pegá-lo. E nunca se havia visto um espetáculo mais comovente: aquele rapaz, usando uma camisa de força, com os braços e as pernas amarrados, vigiado por milhares de homens, a quem o carrasco já tinha em suas inexoráveis mãos, ainda tinha esperança.

A angústia tomou conta do coração de todos os espectadores. Seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Coitadinho! — gaguejou alguém.

Prasville, emocionado como todos os outros e pensando em Clarisse, repetiu em um sussurro:

— Coitadinho!

Mas a hora chegou, os preparativos terminaram. Eles começaram a andar.

As duas procissões se encontraram no corredor. Vaucheray, ao ver Gilbert, zombou:

— Viu, garoto, o patrão nos abandonou!

E ele acrescentou uma frase que ninguém, exceto Prasville, compreendeu:

— Acho que ele preferiu embolsar os lucros da rolha de cristal.

Eles desceram as escadas. Cruzaram os pátios da prisão. Um percurso interminável.

E de repente viram, pelo grande portão, a pálida luz do dia, a chuva, a rua, o contorno das casas, enquanto sons distantes quebravam o terrível silêncio.

Eles caminharam ao longo do muro, até a esquina do Boulevard.

Alguns metros à frente, Vaucheray deu um passo atrás: ele tinha visto!

Gilbert seguiu, com a cabeça baixa, apoiado pelo assistente e por um capelão que o fez beijar o crucifixo.

Lá estava a guilhotina.

— Não, não — gritou Gilbert —, eu não vou morrer… eu não matei ninguém…. Socorro! Socorro!

Um último apelo, perdido no espaço.

O carrasco deu um sinal. Pegaram Vaucheray, levantaram-no, arrastaram-no, quase correndo.

Então aconteceu algo incrível: um tiro, um tiro vindo da casa em frente.

Os ajudantes pararam na mesma hora.

O fardo que eles carregavam se dobrou em seus braços.

— O que é isso? O que houve? — todos se perguntavam.

— Ele está ferido…

Sangue jorrava da testa de Vaucheray, cobrindo o seu rosto.

Ele gaguejou:

— É isso… no alvo! Obrigado, patrão, obrigado… Não vão cortar a minha cabeça… Obrigado, patrão!

— Acabe com ele! Carregue-o para lá! — disse uma voz, no meio da confusão geral.

— Mas ele está morto!

— Vamos… acabe com ele!

O tumulto tomou conta entre o pequeno grupo de magistrados, oficiais e policiais. Todo mundo dando ordens:

— Execute-o! A lei precisa ser cumprida! Não temos o direito de voltar atrás! Seria uma covardia! Execute-o!

— Mas o homem já está morto!

— Isso não faz diferença! Deve-se obedecer à lei! Execute-o.

O capelão protestava, enquanto dois carcereiros e Prasville estavam de olho em Gilbert. Enquanto isso, os assistentes pegaram o corpo de Vaucheray de novo e o estavam carregando para a guilhotina.

— Rápido! — gritou o carrasco, assustado e com a voz rouca. — Ainda temos o outro. Não podemos perder tempo…

Ele nem tinha acabado de falar quando um segundo tirou ressoou. Ele virou e caiu, gemendo:

— Não é nada… um ferimento no ombro… Vamos. Está na vez do outro!

Mas seus assistentes estavam fugindo, gritando horrorizados. O espaço em volta da guilhotina estava vazio. E o chefe de polícia, que conseguiu manter toda a sua compostura, deu um comando em voz estridente, reuniu seus homens e se dirigiu de volta para a prisão, em um tumulto, como um rebanho desordenado: magistrados, oficiais, os condenados, o capelão, todos aqueles que haviam passado pelo arco dois ou três minutos antes.

Enquanto isso, sem se importar com o perigo, um esquadrão de policiais, detetives e soldados estava correndo na direção de uma casa antiga de três andares, cujo andar térreo era ocupado por duas lojas que estavam vazias. Imediatamente após o primeiro tiro, eles tinham visto vagamente, em uma das janelas do segundo andar, um homem segurando uma arma e uma nuvem de fumaça.

Tiros foram disparados contra ele, mas não o acertaram. Calmamente apoiando-se em uma mesa, o homem mirou uma segunda vez, atirou e escutou-se o som do segundo tiro. Então ele entrou para o quarto.

Embaixo, como ninguém atendia ao chamado do sino, derrubaram a porta, que cedeu quase na mesma hora. Foram para as escadas, mas a arremetida deles foi interrompida no primeiro andar por várias camas, cadeiras e outros móveis, que formavam uma barricada tão emaranhada que eles levaram uns quatro ou cinco minutos para conseguir abrir caminho.

Aqueles quatro ou cinco minutos perdidos foram suficientes para tornar a busca infrutífera. Quando eles chegaram ao segundo andar, escutaram

uma voz que os chamava de cima:

— Por aqui, amigos! Mais dezoito degraus. Mil desculpas por dar tanto trabalho a vocês!

Eles subiram os dezoito degraus correndo. Mas no topo, acima do terceiro andar, havia um sótão, que para ser alcançado precisava de uma escada e tinha um alçapão. E o fugitivo tirara a escada e trancara o alçapão.

O leitor não terá esquecido a confusão causada por esse ato incrível, as edições dos jornais saíam em uma rápida sucessão, os jornaleiros gritando pelas ruas, toda a metrópole à beira da indignação e, por assim dizer, curiosa e ansiosa.

Mas foi na sede da polícia que a agitação se tornou um paroxismo. Homens corriam para todos os lados. Mensagens, telegramas, chamadas de telefone, uma atrás da outra.

Finalmente, às onze horas da manhã, houve uma reunião no gabinete do chefe de polícia, e Prasville estava presente. O detetive-chefe leu um relatório de sua investigação, cujo resultado se resumia a isto: pouco depois da meia-noite de ontem, alguém tocou na casa do Boulevard Arago. O porteiro, que dormia em um quartinho no térreo, atrás de uma das lojas, puxou a corda. Um homem entrou e bateu à porta dele. Disse que era da polícia, um assunto urgente relativo à execução do dia seguinte. O porteiro abriu a porta e foi atacado, amarrado e amordaçado.

Dez minutos depois, o senhor e a senhora que moravam no primeiro andar e que tinham acabado de chegar a casa também foram reduzidos à impotência e trancados pelo mesmo indivíduo, cada um em uma das lojas. O inquilino do terceiro andar teve um destino parecido, mas em seu próprio apartamento, em sua própria cama, onde o homem conseguiu entrar sem ser ouvido. O segundo andar estava desocupado, e o homem se instalou ali. Agora ele era o mestre da casa.

— E então — disse o chefe de polícia, começando a rir, com certa amargura. — E então! Foi tudo muito simples. Só o que surpreende foi ele ter conseguido escapar com tanta facilidade.

— Peço que entenda, senhor chefe de polícia, que, como mestre absoluto da casa entre uma e cinco horas da manhã, ele teve tempo de preparar sua fuga.

— E como aconteceu essa fuga?

— Pelos telhados. Naquele ponto as casas da rua ao lado, Rua de la Glacière, ficam umas bem perto das outras, e o espaço entre os telhados é só de uns três metros, com uma diferença de altura de apenas um metro.

— Bem?

— Bem, nosso homem pegou a escada que levava ao sótão e usou como uma ponte. Após cruzar o bloco seguinte de prédios, ele só precisou olhar pelas janelas até encontrar um sótão vazio, entrar em uma das casas da Rua de la Glacière e sair calmamente com as mãos nos bolsos. Dessa forma, a fuga dele, que foi devidamente planejada com antecedência, foi efetivamente muito simples e sem o menor obstáculo.

— Mas vocês tomaram as medidas necessárias.

— Todas que mandou, senhor chefe de polícia. Meus homens passaram três horas ontem à noite visitando todas as casas, para nos certificarmos de que não havia nenhum estranho escondido. No momento em que eles saíram da última casa, fechei a rua. Nosso homem deve ter-se esgueirado durante esse intervalo de poucos minutos.

— Perfeito! E não temos dúvidas, claro, de que se trata de Arsène Lupin?

— Nenhuma dúvida. Em primeiro lugar, eram os cúmplices dele. Além disso, ninguém além de Arsène Lupin seria capaz de levar a cabo um golpe de mestre com essa ousadia inconcebível.

— Mas nesse caso — disse o chefe de polícia, e, virando-se para Prasville, continuou —, nesse caso, caro Prasville, o camarada de quem você falou, que seus homens estavam vigiando desde ontem à noite, no apartamento na Praça de Clichy, não é Arsène Lupin?

— É, sim, senhor chefe de polícia. Não há dúvida sobre isso.

— Então por que ele não foi preso quando saiu ontem à noite?

— Ele não saiu.

— Ora, isso está ficando complicado!

— É simples, senhor chefe de polícia. Como todas as casas em que encontramos rastros de Arsène Lupin, a casa na Praça de Clichy tem duas saídas.

— E você não sabia disso?

— Eu não sabia. Só descobri nesta manhã, ao inspecionar o apartamento.

— Havia alguém no apartamento?

— Não. O criado, um homem chamado Achille, saiu hoje cedo acompanhado de uma senhora que estava hospedada na casa de Lupin.

— Qual é o nome dessa senhora?

— Eu não sei — respondeu Prasville, após uma pausa imperceptível.

— Mas você sabe o nome que Arsène Lupin estava usando?

— Sim, senhor Nicole, um professor particular, bacharel em artes. Aqui está o cartão dele.

Assim que Prasville acabou de falar, um mensageiro veio dizer ao chefe de polícia que ele estava sendo chamado ao Palácio do Élysée imediatamente. O primeiro-ministro já estava lá.

— Eu já vou — disse ele. E, entredentes, acrescentou: — O destino de Gilbert será decidido.

Prasville se arriscou a falar:

— O senhor acha que ele receberá a graça, senhor chefe de polícia?

— Nunca! Depois do que aconteceu hoje, deixaria uma impressão deplorável. Gilbert deve pagar sua dívida amanhã de manhã.

Ao mesmo tempo, o mensageiro entregara um cartão de visitas a Prasville, que olhou, ficou sobressaltado e murmurou:

— Estou morto! Que coragem, que atrevimento!

— Qual é o problema? — perguntou o chefe de polícia.

— Nada, nada, senhor chefe de polícia — respondeu Prasville, que não desejava compartilhar com ninguém a honra de encerrar esse assunto. — Nada… uma visita inesperada. Espero logo ter o prazer de lhe contar o resultado.

Ao se afastar, ele murmurou, com ar confuso:

— Que coragem tem esse vagabundo!

O cartão de visitas que ele segurava tinha apenas duas linhas:

Senhor Nicole
Professor particular, bacharel em Artes

A última batalha

Quando Prasville voltou ao seu gabinete, encontrou o senhor Nicole sentado em um banco na sala de espera, com as costas arqueadas, seu ar sofredor, o guarda-chuva de algodão, o chapéu surrado e sua única luva.

— É ele mesmo — disse Prasville, que temeu, por um momento, que Lupin pudesse ter enviado outro Nicole para vê-lo. — E o fato de ter vindo pessoalmente prova que ele não desconfia de que eu descobri quem ele é. — E pela terceira vez Prasville repetiu: — Que coragem!

Fechou a porta de sua sala e ligou para seu secretário.

— Senhor Lartigue, vou receber uma pessoa muito perigosa aqui e é bem provável que ele saia do meu gabinete algemado. Assim que ele entrar na minha sala, tome todas as providências necessárias: mande uma dúzia de inspetores para ficarem na sala de espera e na sua sala. A próxima instrução é a mais importante: quando eu tocar a campainha elétrica, todos devem entrar, empunhando armas, e cercar o camarada. Entendeu?

— Sim, senhor secretário-geral.

— Acima de tudo, nada de hesitação. Entrada repentina, armas nas mãos. Agora, mande o senhor Nicole entrar, por favor.

Assim que ficou sozinho, Prasville cobriu o botão da campainha elétrica em sua mesa com alguns papéis e colocou dois revólveres de tamanho respeitável atrás de uma pilha de livros.

— Agora — disse para si mesmo — está na hora do jogo. Se ele tiver a lista, vamos pegá-la. Se ele não tiver, vamos pegá-lo. E, se possível, vamos pegar os dois, Lupin e a lista dos Vinte e Sete, no mesmo dia, ainda mais depois do escândalo desta manhã. Isso me colocaria sob os holofotes.

Bateram à sua porta.

— Entre — disse Prasville.

E, levantando-se de sua cadeira:

— Entre, senhor Nicole, entre.

Nicole entrou timidamente na sala, sentou-se na beirada da cadeira que Prasville lhe apontou e disse:

— Vim terminar… nossa conversa de ontem. Por favor, perdoe-me a demora, senhor.

— Por favor, me dê licença um segundo — pediu Prasville.

Ele se dirigiu com agilidade para a outra sala e, ao ver seu secretário, disse:

— Eu estava esquecendo, senhor Lartigue. Peça para fazerem uma busca nas escadas e corredores… para o caso de haver cúmplices.

Ele voltou, sentou-se confortavelmente, como se para uma longa e interessante conversa, e começou:

— O senhor estava dizendo?

— Eu estava dizendo, senhor secretário-geral, que sinto muito por fazê-lo esperar ontem à noite. Fiquei preso por diferentes assuntos. Primeiro de tudo, madame Mergy….

— Sim, o senhor levou madame Mergy para casa.

— Exatamente, e cuidei dela. O senhor pode imaginar o desespero da coitada. O filho dela, Gilbert, tão perto da morte! E que morte! Àquela altura, só podíamos esperar um milagre… um milagre impossível. Eu mesmo já havia me resignado ao inevitável. O senhor sabe tão bem quanto eu que, quando o destino se mostra implacável, as pessoas acabam se desesperando.

— Mas eu achei — observou Prasville — que sua intenção, ao me deixar, fosse arrancar o segredo de Daubrecq a qualquer custo.

— Certamente. Mas Daubrecq não estava em Paris.

— Não?

— Não. Ele estava vindo para Paris em um automóvel.

— O senhor tem um automóvel?

— No momento, sim, uma lata velha, fora de moda. Bem, ele estava a caminho de Paris em um automóvel, ou melhor, em cima de um, dentro de um baú onde eu o tranquei. Mas, infelizmente, o automóvel só conseguiu chegar a Paris depois da execução. Assim…

Prasville encarou Nicole boquiaberto. Se ele tivesse alguma dúvida sobre a verdadeira identidade do indivíduo, essa forma de lidar com Daubrecq teria acabado com ela. Céus! Trancar um homem em um baú e colocá-lo em cima de um automóvel! Só Lupin era capaz de realizar tal proeza, só Lupin confessaria isso com tamanha ingenuidade e frieza!

— Assim — repetiu Prasville —, o que o senhor decidiu?

— Procurei outro método.

— Qual método?

— Ora, secretário-geral, o senhor sabe tão bem quanto eu!

— O que o senhor quer dizer?

— Ora, o senhor não estava na execução?

— Estava.

— Nesse caso, o senhor viu Vaucheray e o carrasco serem baleados, um mortalmente e o outro apenas com um ferimento leve. E o senhor deve perceber…

— Ah — exclamou Prasville, abismado —, então o senhor confessa? Foi o senhor quem disparou os tiros hoje de manhã?

— Pense, senhor secretário-geral! Que escolha eu tinha? A lista dos Vinte e Sete que o senhor examinou era falsa. Daubrecq, que possui a lista genuína, só chegaria depois da execução. Portanto, não havia outra maneira para eu salvar Gilbert e conseguir sua graça. Aquilo foi para atrasar a execução em algumas horas.

— Evidentemente.

— Bem, claro. Ao matar aquele criminoso frio do Vaucheray, e ferindo o carrasco, eu espalhei desordem e pânico, o que tornou a execução de Gilbert física e moralmente impossível. Assim, ganhei algumas horas que foram indispensáveis aos meus propósitos.

— Evidentemente — repetiu Prasville.

— Bem, claro — repetiu Lupin —, isso deu a todos nós, ao governador, ao presidente e a mim, tempo para refletir e ver a questão com mais clareza. O que o senhor acha, secretário-geral?

Prasville pensava em diversas coisas, principalmente que esse Nicole estava dando provas de uma proeza tão grande que o policial se questionou se estava certo em identificar Nicole com Lupin e Lupin com Nicole.

— Eu acho, senhor Nicole, que um homem tem de ser muito hábil para, a uma distância de cento e cinquenta passos, matar um indivíduo que

deseja matar e ferir um indivíduo que só deseja ferir.

— Eu tenho um pouco de prática — disse Nicole, com modéstia.

— E eu também acho que o seu plano só pode ser fruto de uma longa preparação.

— De modo algum! Aí o senhor se engana! Foi absolutamente espontâneo! Se meu criado, ou melhor, o criado do meu amigo que me emprestou esse apartamento na Praça de Clichy não tivesse me acordado durante o sono para me dizer que já havia trabalhado como vendedor em uma pequena casa no Boulevard Arago, que não tinha muitos inquilinos e que algo poderia ser feito dali, nosso pobre Gilbert já teria tido sua cabeça cortada agora… e madame Mergy provavelmente estaria morta.

— Ah, o senhor acha isso?

— Tenho certeza. E foi por isso que mergulhei de cabeça na sugestão do fiel criado. Só que o senhor interferiu nos meus planos, secretário-geral.

— Eu?

— Sim. O senhor tomou a precaução bizarra de colocar doze homens na porta da minha casa. Precisei subir cinco andares pela escada dos fundos para sair pela porta de serviço e passar pela casa vizinha. Um trabalho desnecessário!

— Sinto muito, senhor Nicole. Da próxima vez…

— Foi a mesma coisa às oito da manhã de hoje, quando eu estava esperando o automóvel que me traria o baú com Daubrecq: precisei dar voltas pela Praça de Clichy para evitar parar na frente da minha casa, já que seus homens estavam interferindo nos meus assuntos pessoais. De outro modo, Gilbert e Clarisse Mergy estariam perdidos.

— Mas — disse Prasville — me parece que esses eventos dolorosos só serviram para atrasar em um, dois ou três dias, no máximo. Para evitar definitivamente, seria necessária…

— A lista verdadeira, eu suponho.

— Exatamente, e eu ouso dizer que o senhor não a possui.

— Eu a possuo.

— A lista verdadeira?

— Sim, sem a menor dúvida, a lista verdadeira.

— Com a Cruz de Lorena?

— Com a Cruz de Lorena.

Prasville ficou em silêncio. Uma violenta emoção se apoderou dele, agora que travava um duelo com esse adversário cuja espantosa superioridade ele reconhecia. Tremeu ao pensar que Arsène Lupin, o formidável Arsène Lupin, estava ali, na sua frente, calmo e plácido, buscando seus objetivos com tal frieza como se estivesse com todas as armas nas mãos e encarando um inimigo desarmado.

Ainda não ousando um ataque frontal, sentindo-se quase intimidado, Prasville disse:

— Então Daubrecq a deu para o senhor?

— Daubrecq não dá nada a ninguém. Eu a peguei.

— Por meio da força, acredito.

— Por Deus, não — disse Nicole, rindo. — Claro que eu estava pronto para tudo, e, quando nosso bom Daubrecq foi tirado do baú em que estava viajando, com algumas gotas de clorofórmio para alimentá-lo, eu já havia preparado tudo para a diversão começar imediatamente. Ah, nada de torturas inúteis, nada de sofrimento em vão! Não… Morte, simplesmente… É só pressionar uma agulha no peito, onde fica o coração, e introduzi-la pouco a pouco, com doçura e gentileza. Isso é tudo, mas o ponto teria sido dirigido por madame Mergy. O senhor entende: uma mãe impiedosa, uma mãe cujo filho está prestes a morrer!

"'Fale, Daubrecq, ou vou entrar mais fundo… Não vai falar? Então vou empurrar mais um centímetro… mais um.'

"E o coração do paciente para de bater, o coração que sente a agulha se aproximar… E mais um centímetro, mais um… Juro por Deus que o vilão teria falado! Debruçamos sobre ele e esperamos que acordasse, tremendo de impaciência, tanta era a nossa pressa. O senhor consegue imaginar a cena, secretário-geral? O idiota deitado no sofá, amarrado, o peito nu, se esforçando para expulsar o clorofórmio que deixava sua mente entorpecida. Ele respira rápido, arqueja… recupera a consciência, os lábios se movem. Clarisse Mergy sussurra:

"'Sou eu, Clarisse… Você vai falar, seu miserável?'.

"Ela coloca o dedo no peito de Daubrecq, onde o coração se agita como um animal preso sob a pele dele. Mas ela me diz:

"'Os olhos dele, não consigo vê-los por baixo dos olhos… Quero vê-los'.

"E eu também quero ver aqueles olhos que não conheço, quero ver a angústia e quero lê-los antes de ouvir uma palavra, o segredo que está

prestes a ser revelado dos mais profundos recessos do corpo aterrorizado. Eu quero ver. Desejo ver. A ação que vou fazer me excita extraordinariamente. Eu acho que, quando vir aqueles olhos, o véu será rasgado. É um pressentimento. A intuição profunda da verdade me agita. Os óculos são tirados. Mas o segundo par de lentes opacas e grossas ainda está lá. Eu as arranco de repente. E, surpreso com a visão desconcertante, deslumbrado com a clareza que me toma, começo a rir, morro de rir, e com meu polegar faço o olho esquerdo dele pular para fora!"

Nicole estava realmente rindo, como ele dissera, morrendo de rir. E ele não era mais aquele provinciano tímido e obsequioso, mas um camarada cheio de prumo que, após reproduzir e gesticular toda a cena com um ardor impressionante, agora estava rindo com uma gargalhada cujo som deixava Prasville arrepiado.

— Vamos! Pule, marquês! Para fora do ninho, açor! Para que dois olhos? Um a mais do que precisa. Vamos, Clarisse, olhe, está rolando pelo tapete! Cuidado com o olho de Daubrecq! Cuidado com a gaiola!

Nicole, que se levantara e fingia estar procurando algo pela sala, sentou-se de novo, tirou um objeto do bolso, fê-lo rolar pela palma de sua mão, fê-lo saltar como uma bola, depois guardou no bolso de novo e disse, friamente:

— O olho esquerdo de Daubrecq.

Prasville estava atordoado. Qual era o objetivo desse estranho visitante? O que toda essa história queria dizer? Pálido, ele disse:

— Explique-se.

— Mas já está tudo explicado, pelo que me parece. E tudo se encaixa perfeitamente com as coisas como elas são, com as hipóteses que eu vinha criando e que, inevitavelmente, me levariam a solucionar o mistério, se aquele maldito Daubrecq não tivesse me tirado do meu caminho com tanta destreza! Sim, pense comigo: uma vez que não encontramos a lista fora de Daubrecq, como não estava nas roupas que ele usa, devia estar ainda mais escondida, nele mesmo, em sua carne, sob sua pele…

— Em seu olho, talvez? — sugeriu Prasville, de brincadeira.

— Em seu olho! Secretário-geral, o senhor disse a palavra.

— O quê?

— Repito, no olho dele. É verdade que isso deveria ter-me ocorrido de forma lógica, e não apenas por acidente. E vou lhe dizer por quê. Daubrecq

sabia que Clarisse vira uma carta que ele enviara para um vidraceiro inglês, dando instruções para fazer uma "rolha de cristal oca por dentro, com um espaço vazio que fosse acima de qualquer suspeita". Então Daubrecq, por prudência, desviou a atenção das buscas. E foi por isso que ele mandou fazer a rolha de cristal, oca por dentro, seguindo um modelo que ele mesmo deu. E é essa rolha de cristal que eu e o senhor passamos meses procurando, é essa rolha de cristal que eu encontrei dentro da embalagem de tabaco. Enquanto tudo que eu precisava fazer…

— O quê? — perguntou Prasville, intrigado.

Nicole caiu na gargalhada de novo:

— Era simplesmente pegar o olho de Daubrecq, aquele olho "oco por dentro, com um espaço vazio que fosse acima de qualquer suspeita", o olho que o senhor acabou de ver.

E o senhor Nicole mais uma vez o tirou de seu bolso e jogou na mesa, produzindo um som de corpo duro.

Prasville sussurrou, incrédulo:

— Um olho de vidro!

— Ora, claro! — exclamou Nicole, rindo. — Um olho de vidro! Uma simples tampa que o bandido inseriu na órbita ocular no lugar do olho que havia perdido. Uma rolha de cristal, se preferir, mas desta vez a verdadeira, que ele manipulou, escondeu atrás das lentes duplas de seus óculos, que continha e contém o talismã que permitiu que Daubrecq agisse a seu bel-prazer em segurança.

Prasville abaixou a cabeça e apoiou a testa na mão para esconder seu rosto corado: estava quase de posse da lista dos Vinte e Sete. Estava na sua frente, em cima da mesa.

Controlando suas emoções, ele disse, de forma casual:

— Então ainda está aí?

— Pelo menos eu suponho que sim — respondeu Nicole.

— O quê? O senhor supõe?

— Eu não abri o esconderijo. Resolvi deixar esse prazer para o senhor secretário-geral.

Prasville estendeu a mão, pegou o objeto e o inspecionou. Era um bloco de cristal que imitava a natureza à perfeição, com todos os detalhes de um globo ocular, a íris, a pupila, a córnea.

Nâo demorou e viu uma parte móvel no lado de trás, que deslizava. Empurrou-a. O olho era oco.

Havia um pedaço de papel dentro. Ele o desdobrou, alisou e, rapidamente, sem perder tempo examinando os nomes, a caligrafia ou a assinatura, levantou os braços e colocou o papel contra a luz da janela.

— A Cruz de Lorena está aí? — perguntou Nicole.

— Sim, está — respondeu Prasville. — Esta é a lista genuína.

Ele hesitou alguns segundos e continuou com os braços levantados enquanto refletia sobre o que iria fazer. Então, dobrou o papel de novo, recolocou-o em seu pequeno esconderijo de cristal e guardou no bolso. Nicole, que o estava encarando, perguntou:

— O senhor está convencido?

— Totalmente.

— Então temos um acordo?

— Temos um acordo.

Houve uma pausa durante a qual os dois homens se encararam disfarçadamente. Nicole parecia estar esperando que a conversa recomeçasse. Prasville, protegido atrás das pilhas de livros em sua mesa, sentou-se com uma das mãos segurando o revólver e a outra tocando a campainha elétrica. Sentiu todo o poder de sua posição. Ele tinha a lista. Ele tinha Lupin.

"Se ele se mover", pensou, "aponto a arma para ele e aperto a campainha. Se me atacar, eu atiro."

E a situação lhe pareceu tão prazerosa que a prolongou.

No final, Nicole retomou a conversa:

— Então, se temos um acordo, senhor secretário-geral, acho que deve se apressar. A execução não será amanhã?

— Sim, amanhã.

— Nesse caso, vou esperar aqui.

— Esperar o quê?

— A resposta do Palácio do Élysée.

— Alguém vai lhe trazer essa resposta?

— Sim. O senhor, secretário-geral.

Prasville balançou a cabeça:

— Não conte comigo, senhor Nicole.

— Mesmo? — questionou Nicole, com um ar de surpresa. — Posso perguntar por quê?

— Eu mudei de ideia.

— Só isso?

— Só isso. Eu cheguei à conclusão de que, na situação atual, depois do último escândalo é impossível tentar fazer qualquer coisa para salvar Gilbert. Além disso, uma tentativa nessa direção no Palácio do Élysée, nas condições atuais, constituiria um caso de chantagem, do qual eu me recuso a participar.

— O senhor é livre para fazer o que bem entender. Seus escrúpulos o honram, mas chegaram tarde, já que ontem eles não existiam. Mas, nesse caso, senhor secretário-geral, como o acordo entre nós foi destruído, me devolva a lista dos Vinte e Sete.

— Para quê?

— Para que eu possa procurar outro intermediário.

— Para quê? Gilbert é uma causa perdida.

— De forma alguma. Muito pelo contrário, acredito que, agora que o cúmplice dele está morto, será muito mais fácil conseguir para ele a graça que todos veem como justa e humana. Senhor, devolva a lista.

— Não.

— Francamente, o senhor tem memória curta e nenhuma consciência. Esqueceu a promessa que fez ontem?

— Ontem eu fiz uma promessa ao senhor Nicole.

— Bem?

— O senhor não é Nicole.

— Verdade! Então me diga, quem eu sou?

— Preciso dizer?

Nicole não respondeu, mas começou a rir baixinho, como se feliz pelo caminho que a conversa estava seguindo; e Prasville sentiu certa apreensão ao perceber a alegria. Segurou o cabo de sua arma e se perguntou se deveria ou não tocar a campainha pedindo ajuda.

Nicole aproximou mais sua cadeira, colocou os dois cotovelos em cima da mesa, fitou Prasville e disse:

— Então, Prasville, o senhor sabe quem eu sou e, mesmo assim, está confiante de que quer fazer esse jogo comigo?

— Estou confiante — garantiu Prasville, aceitando a provocação sem piscar.

— Isso prova que o senhor acredita que sou Arsène Lupin, podemos usar o nome, sim, Arsène Lupin, o que prova que me considera tolo o suficiente para me entregar assim, de pés e mãos atados, para o senhor?

— Meu Deus — disse Prasville, distraído, dando tapinhas no bolso do colete no qual guardara a bola de cristal —, eu não sei o que você poderia fazer, senhor Nicole, agora que o olho de Daubrecq está aqui, com a lista dos Vinte e Sete dentro dele.

— O que eu posso fazer? — repetiu Nicole, com ironia.

— Sim! O senhor não tem mais a proteção do talismã e não é melhor do que qualquer outro homem que entre no coração da sede da polícia, entre dezenas de camaradas atrás de cada uma dessas portas e algumas centenas de outros que viriam correndo ao primeiro sinal.

Nicole deu de ombros e lançou um olhar de comiseração para Prasville.

— Posso lhe contar o que está acontecendo, senhor secretário-geral? Bem, toda essa história virou a sua cabeça. Agora que possui a lista, a sua mente afundou para o mesmo nível da de Daubrecq ou d'Albufex. Não existe nenhuma dúvida na sua cabeça se deve levá-la aos seus superiores, de modo a acabar com esse fermento da desgraça e da discórdia. Não, não. Uma tentação repentina se apoderou e intoxicou o senhor. E, perdendo a cabeça, fala para si mesmo: "Está aqui no meu bolso. Com a ajuda da lista, sou onipotente. Ela significa riqueza, poder absoluto e ilimitado. Por que não me beneficiar dela? Por que não deixar Gilbert e Clarisse Mergy morrer? Por que não prender o idiota do Lupin? Por que não aproveitar essa sorte única?".

Ele se debruçou sobre a mesa, aproximando-se de Prasville, e bem baixinho, em um tom de voz amigável e confiante, disse:

— Não faça isso, senhor, não faça.

— Por que não?

— Não é do seu interesse, acredite em mim.

— Não diga!

— Não. Ou, se insiste em fazer isso, tenha a gentileza de consultar os vinte e sete nomes na lista que acabou de roubar de mim e reflita, por um instante, no nome da terceira pessoa.

— Ah… O nome da terceira pessoa?

— É o nome de um amigo seu.

— Qual amigo?

— Stanislas Vorenglade, o ex-deputado.

— E então? — questionou Prasville, que parecia estar perdendo um pouco de sua autoconfiança.

— Então? Pergunte-se se uma investigação, mesmo sumária, não acabaria descobrindo, por trás de Stanislas Vorenglade, o nome de uma pessoa que compartilhou certos lucros com ele.

— E de quem seria esse nome?

— Louis Prasville.

— O que o senhor está dizendo? — balbuciou Prasville.

— Eu digo que, se o senhor me desmascarou, sua máscara também está prestes a cair, e que, por trás dela, o que vemos não é bonito.

Nicole se levantou, bateu com o punho na mesa e gritou:

— Basta dessas besteiras, senhor! Estamos aqui há vinte minutos dando voltas. Chega. Vamos nos entender. E, para começar, largue suas armas. O senhor não acha que eu estou com medo desses brinquedinhos! Levante-se, senhor, levante-se como eu e termine esse negócio. Estou com pressa.

Ele colocou a mão no ombro de Prasville e falou:

— Se, dentro de uma hora, o senhor não estiver de volta do Palácio do Élysée, trazendo a notícia de que o decreto de graça foi assinado… Se, daqui a uma hora e dez minutos, eu, Arsène Lupin, não sair deste prédio são e salvo e totalmente livre, quatro jornais de Paris receberão nesta noite quatro cartas escolhidas entre a correspondência trocada entre o senhor e Stanislas Vorenglade, correspondência essa que Stanislas Vorenglade me vendeu hoje de manhã. Aqui estão o seu chapéu, seu sobretudo, sua bengala. Vá. Vou esperá-lo aqui.

Então aconteceu algo extraordinário e compreensível: Prasville não fez o menor protesto nem tentou resistir. Ele compreendeu total e profundamente o que a personalidade conhecida como Arsène Lupin queria dizer, em toda a sua amplitude. Nem pensou em discursar ou fingir, como acreditara até então, que as cartas tinham sido destruídas pelo deputado Vorenglade, ou que o deputado não ousaria entregá-las, porque, ao fazer isso, Vorenglade estaria se autodestruindo. Não, Prasville não falou nenhuma palavra. Ele se sentia preso a um torno do qual nenhuma força poderia livrá-lo. Não havia nada a fazer a não ser ceder.

Ele cedeu.

— Daqui a uma hora — repetiu Nicole.

— Daqui a uma hora — acrescentou Prasville, com perfeita docilidade. Entretanto, para saber exatamente onde estava pisando, acrescentou: — As cartas, claro, serão devolvidas a mim depois que Gilbert receber a graça?

— Não.

— Como assim, não? Nesse caso, é inútil…

— Elas lhe serão devolvidas intactas dois meses depois que eu e meus amigos tivermos tirado Gilbert da prisão… de sua fuga, graças à vigília displicente que, seguindo suas ordens, lhe será dispensada.

— Só isso?

— Não, mais duas condições: primeiro, o pagamento imediato de um cheque de quarenta mil francos.

— Quarenta mil francos?

— O valor pelo qual Stanislas Vorenglade me vendeu as cartas. É justo…

— E o que mais?

— Segundo, sua renúncia do seu cargo atual, daqui a seis meses.

— Minha renúncia? Por quê?

Nicole fez um gesto muito digno:

— Porque é contra a moral pública que um dos mais altos cargos da polícia seja ocupado por uma pessoa que não tenha as mãos totalmente limpas. Faça com que lhe mandem para o Parlamento ou o façam ministro, conselheiro de Estado, embaixador, qualquer cargo que seu sucesso no caso Daubrecq lhe dê o direito de pleitear. Menos secretário--geral. Só de pensar nisso, fico enojado.

Prasville refletiu por um momento. Teria ficado feliz com a repentina destruição de seu adversário e buscou em sua mente meios para fazer isso. Mas o que poderia fazer?

Foi para a porta e chamou:

— Senhor Lartigue. — E diminuindo o tom de voz, mas não muito, para que Nicole escutasse: — Senhor Lartigue, dispense seus homens. Foi um erro. E não deixe ninguém entrar na minha sala enquanto eu estiver fora. Este cavalheiro irá me esperar aqui.

Voltou, pegou o chapéu, a bengala e o sobretudo que Nicole lhe entregou e saiu.

— Muito bem, senhor — murmurou Lupin entre dentes quando a porta se fechou —, comportou-se como um perfeito cavalheiro. Assim como eu, mas talvez eu tenha usado um toque muito óbvio de desprezo… e um pouco de grosseria. Mas negócios assim precisam de mãos firmes! O inimigo precisa ser derrotado! Além disso, quando a consciência está limpa, não podemos facilitar com esse tipo de pessoa. Levante a cabeça, Lupin. Você foi o campeão da ofensiva da moralidade. Sinta-se orgulhoso de seu trabalho. E agora pegue uma cadeira, estique as pernas e descanse. Você merece.

Quando Prasville voltou, encontrou Lupin cochilando e teve de dar um tapa ligeiro em seu ombro para acordá-lo.

— Está feito? — perguntou Lupin.

— Está feito. A graça logo será assinada. Aqui está a promessa escrita.

— E os quarenta mil francos?

— Aqui está seu cheque.

— Bom. Não me resta nada senão agradecer, senhor.

— E a correspondência…

— A correspondência de Stanislas Vorenglade será entregue ao senhor sob as condições indicadas. Entretanto, como forma de agradecimento, fico feliz em lhe entregar as quatro cartas que eu planejava entregar aos jornais nesta noite.

— Ah, o senhor está com elas? — perguntou Prasville.

— Eu tinha tanta certeza, senhor secretário-geral, que nós chegaríamos a um entendimento…

Lupin tirou do chapéu um envelope grosso, fechado com cinco selos vermelhos, que estava preso dentro do forro, e entregou a Prasville, que o enfiou no bolso. Então ele disse:

— Senhor secretário-geral, não sei quando terei o prazer de vê-lo de novo. Se quiser entrar em contato comigo, deixe uma linha na coluna de propaganda do jornal. Isso será suficiente. Só escreva “Senhor Nicole”. Bom dia para o senhor.

E se retirou.

Prasville, quando estava sozinho, sentiu como se estivesse acordando de um pesadelo durante o qual cometera atos incoerentes que sua mente não controlava. Chegou a pensar em ligar e causar um tumulto nas saídas da delegacia, mas escutou uma batida na porta, e um de seus mensageiros

entrou.

— O que houve? — perguntou Prasville.

— Senhor secretário-geral, o senhor deputado Daubrecq está pedindo para vê-lo… uma questão da mais alta importância.

— Daubrecq! — exclamou Prasville, estupefato. — Daubrecq aqui! Deixe-o entrar.

Daubrecq nem esperou a ordem. Correu para Prasville, sem fôlego, com suas roupas desarrumadas, um curativo cobrindo o olho esquerdo, sem gravata, sem colarinho, parecendo um fugitivo lunático. E a porta foi fechada antes que suas enormes mãos tocassem Prasville.

— Você está com a lista?

— Estou.

— Você a comprou?

— Sim.

— Em troca da graça de Gilbert?

— Sim.

— Está assinada?

— Sim.

Daubrecq fez um gesto furioso.

— Seu tolo! Você caiu em uma armadilha! Por ódio por mim, imagino. E agora vai se vingar?

— Com certa satisfação, Daubrecq. Lembre-se da minha amiga dançarina em Nice… Agora é a sua vez de dançar.

— Isso quer dizer que vou ser preso?

— Isso não importa — disse Prasville. — De qualquer forma, você está acabado. Sem a lista, você está fadado a entrar em colapso sozinho. E eu serei testemunha do seu desastre. Essa é a minha vingança.

— Você realmente acredita nisso! — gritou Daubrecq, furiosamente. — Você acha mesmo que eles vão me estrangular como se eu fosse uma galinha e que eu não sei me defender? Que não tenho mais unhas e dentes para lutar? Bem, meu rapaz, se eu vou cair, sempre tem alguém para cair comigo, e esse alguém é o senhor Prasville, sócio de Stanislas Vorenglade, que vai me entregar todas as provas que existem contra ele para que eu possa mandá-lo para a prisão a qualquer momento. Ah, peguei você, meu velho! Com aquelas cartas, você fará o que eu quiser, e o deputado Daubrecq ainda terá muitos bons dias! O quê? Você está rindo? Talvez essas

cartas não existam?

Prasville deu de ombros.

— Sim, elas existem. Mas elas não estão mais com Vorenglade.

— Desde quando?

— Desde hoje de manhã. Vorenglade as vendeu, duas horas atrás, por quarenta mil francos; e eu as comprei de volta pelo mesmo preço.

Daubrecq caiu na gargalhada:

— Céus, que engraçado! Quarenta mil francos! Você pagou quarenta mil francos! Suponho que para o senhor Nicole, que também lhe vendeu a lista dos Vinte e Sete. Bem, você gostaria que eu lhe dissesse o verdadeiro nome do senhor Nicole? É Arsène Lupin!

— Eu sei.

— Possivelmente. Mas o que você não sabe, seu imbecil, é que eu acabei de sair da casa de Stanislas Vorenglade e que ele deixou Paris quatro dias atrás! Que piada! Eles lhe venderam papel velho! E por quarenta mil francos! Que idiota!

Ele saiu da sala, rindo e deixando Prasville totalmente desnorteado.

Então Arsène Lupin não possuía nenhuma prova; e, quando estava ameaçando e tratando Prasville com insolência, era tudo uma farsa, um blefe!

"Não, não, é impossível", pensou o secretário-geral. "Eu estou com o envelope selado. Está aqui. Só preciso abri-lo."

Não ousava abri-lo. Pegou-o, pesou-o, examinou-o… E a dúvida se instalou tão rapidamente em sua mente que não ficou nem um pouco surpreso quando abriu e encontrou quatro folhas de papel em branco.

— Bem, bem — disse ele. — Eu não sou páreo para esses safados. Mas essa história ainda não acabou!

E não acabou mesmo. Se Lupin agira de forma tão ousada, mostrava que as cartas existiam e que ele contava que iria comprá-las de Stanislas Vorenglade. Mas, de outro lado, Vorenglade não estava em Paris. Prasville só precisava chegar a Vorenglade antes de Lupin e conseguir reaver aquelas perigosas cartas a todo custo. O primeiro a chegar seria o vencedor.

Novamente Prasville pegou seu chapéu, sobretudo e bengala, desceu, pegou um táxi e se dirigiu ao apartamento de Vorenglade.

Ali, ficou sabendo que esperavam que o ex-deputado chegasse em casa às seis horas daquela noite.

Eram duas da tarde. Portanto, Prasville tinha muito tempo para preparar seu plano.

Ele chegou à estação du Nord às cinco horas e espalhou por todos os lados, nas salas de espera e nos escritórios, as três ou quatro dúzias de inspetores que levara.

Isso o deixou tranquilo. Se o senhor Nicole tentasse falar com Vorenglade, eles prenderiam Lupin. E, por garantia, prenderiam qualquer suspeito de ser Lupin ou um emissário dele.

Além disso, Prasville fez uma busca minuciosa em toda a estação. Não encontrou nada suspeito. Mas, às dez para as seis, o inspetor-chefe Blanchon, que estava com ele, disse:

— Olhe, ali está Daubrecq.

Lá estava Daubrecq; e a visão de seu inimigo deixou o secretário-geral tão exasperado que estava a ponto de prendê-lo. Mas por qual motivo? Com que direito? Com qual mandado?

Além disso, a presença de Daubrecq era uma prova ainda mais contundente de que tudo agora dependia de Stanislas Vorenglade, que possuía as cartas. Quem acabaria ficando com elas? Daubrecq? Lupin? Ou ele, Prasville?

Lupin não estava ali, nem poderia. Daubrecq não estava em posição de lutar. Assim, não havia dúvida do resultado: Prasville voltaria a ser o dono de suas cartas e, com isso, escaparia das ameaças de Daubrecq e de Lupin e recuperaria sua liberdade de ação contra eles.

O trem chegou.

Seguindo as ordens de Prasville, o comissário da estação dera instruções de que ninguém tinha autorização para ficar na plataforma. Prasville, portanto, cruzou a plataforma sozinho, na frente de seus homens, liderados pelo inspetor-chefe Blanchon.

O trem parou.

Na mesma hora Prasville viu Stanislas Vorenglade na janela do vagão da primeira classe, no meio do trem.

O ex-deputado desceu e, então, estendeu a mão para ajudar um senhor idoso que tinha viajado com ele.

Prasville correu até ele e disse ansiosamente:

— Vorenglade… preciso falar com você…

No mesmo momento, Daubrecq, que conseguira ultrapassar a barreira, apareceu e exclamou:

— Senhor Vorenglade, recebi a sua carta. Estou à sua disposição.

Vorenglade olhou para os dois homens, reconheceu Prasville, reconheceu Daubrecq e sorriu:

— Nossa! Parece que a minha volta estava sendo aguardada com alguma impaciência! Que agitação é essa? Acredito que sejam certas cartas.

— Sim, sim — responderam os dois homens em volta dele.

— Os senhores estão atrasados — declarou ele.

— Como? O que está dizendo?

— Estou dizendo que as cartas foram vendidas.

— Vendidas! Para quem?

— Para este senhor — respondeu Vorenglade, apontando para seu companheiro de viagem —, para este senhor que achou que valia a pena sair de seu caminho para fazer esse negócio e foi me encontrar em Amiens.

O velho senhor, um idoso envolto em peles e apoiado na sua bengala, tirou o chapéu e cumprimentou-os.

"É Lupin", pensou Prasville, "é Lupin, sem a menor dúvida".

E ele olhou para seus detetives, já ia chamá-los, quando o velho senhor explicou:

— Sim, eu achei que essas cartas valiam algumas horas de viagem e o custo de duas passagens de volta.

— Duas passagens?

— Uma para mim e outra para meu amigo.

— Seu amigo?

— Sim, ele nos deixou alguns minutos atrás, indo para a parte da frente do trem pelo corredor. Ele estava com muita pressa.

Prasville compreendeu: Lupin tomara a precaução de levar um cúmplice, e esse cúmplice estava com as cartas. O jogo estava perdido. Lupin o tinha em suas mãos. Não havia nada a fazer além de se submeter e aceitar as condições do vencedor.

— Muito bem, senhor — disse Prasville. — Nós nos encontraremos quando a hora chegar. Adeus. Daubrecq, você ainda vai ter notícias minhas. — E, puxando Vorenglade: — Quanto a você, Vorenglade, está jogando um jogo perigoso.

— E por quê, meu Deus? — questionou o ex-deputado.

Os dois homens de afastaram.

Daubrecq não pronunciara uma palavra e estava imóvel, como se plantado no chão.

O idoso foi até ele e sussurrou:

— Daubrecq, meu velho, acorde… deve ser o clorofórmio…

Daubrecq fechou os punhos e rosnou baixinho.

— Ah, vejo que me reconheceu! — disse o senhor idoso. — Então, deve se lembrar do dia, alguns meses atrás, em que fui à sua casa na Praça Lamartine e pedi que intercedesse a favor de Gilbert. Naquele dia eu lhe disse: "Abaixe suas armas, salve Gilbert e o deixaremos em paz. Caso contrário, eu tomarei a lista dos Vinte e Sete e você estará acabado". Bem, tenho uma forte suspeita de que você está realmente acabado. Isso acontece com quem não chega a um acordo com o senhor Lupin. Mais cedo ou mais tarde, está fadado a perder. Mas que lhe sirva de lição. A propósito, aqui está a sua carteira, que me esqueci de lhe devolver. Perdoe-me se estiver faltando alguma coisa. Havia apenas umas poucas cédulas, mas também o recibo do armazém onde você guardou os móveis de Enghien que pegou de mim. Pensei em poupá-lo do trabalho de ir buscá-los. A esta altura, o trabalho já deve estar acabado. Não precisa me agradecer! Adeus, Daubrecq. E, se precisar de uma ou duas moedas de luíses[6] de ouro para comprar uma rolha nova, me avise. Adeus, Daubrecq.

Ele se afastou.

Ainda não havia dado cinquenta passos quando ouviu o som de um tiro.

Virou-se.

Daubrecq explodiu seus miolos.

— *De profundis*[7] — murmurou Lupin, tirando o chapéu.

Um mês depois, Gilbert, cuja sentença havia sido comutada para trabalhos forçados vitalícios, fugiu da Ilha de Ré, na véspera do dia em que seria transportado para a Nova Caledônia.

Foi uma fuga estranha. Os detalhes permaneceram inexplicáveis; e, assim como os dois tiros no Boulevard Arago, o prestígio de Arsène Lupin aumentou muito.

— No entanto — Lupin me disse, um dia depois de contar os diferentes episódios da história —, no entanto nenhuma aventura me deu mais problemas e mais trabalho do que essa, que, se não se importa, vou chamar

de “A rolha de cristal” ou “Nunca desanime”. Em doze horas, entre as seis da manhã e as seis da noite, eu compensei seis meses de azar, de tentativas, de erros e derrotas. Eu certamente conto aquelas doze horas como as melhores e mais gloriosas da minha vida.

— E Gilbert? — perguntei. — O que aconteceu com ele?

— Ele está cultivando sua própria terra na Argélia, usando seu nome verdadeiro, Antoine Mergy. Ele se casou com uma inglesa e eles têm um filho a quem insistiram em dar o nome de Arsène. De vez em quando recebo cartas carinhosas e alegres dele. Recebi uma hoje. Escute: “Chefe, se você soubesse o que é ser um homem honesto, levantar de manhã com um longo dia de trabalho pela frente e ir para a cama à noite exausto de cansaço… Mas você sabe disso, não é? Arsène Lupin tem um jeito especial, não muito católico. Mas, no julgamento final, a lista de suas boas ações ficará tão cheia que o resto será preterido. Gosto de você, chefe.” — E Lupin acrescentou: — Que rapaz corajoso!

— E madame Mergy?

— Ela e o pequeno Jacques moram com eles.

— Você a viu de novo?

— Nunca mais a vi.

— Mesmo?

Lupin hesitou por alguns instantes e, então, disse com um sorriso:

— Meu querido amigo, vou lhe contar um segredo que fará com que me ache ridículo. Mas você sabe que sempre fui sentimental como um colegial e tolo como um cordeirinho. Bem, à noite, quando voltei para encontrar Clarisse Mergy e contei a ela as novidades do dia, parte delas, pois algumas ela já sabia, senti duas coisas no fundo do meu coração. Uma era que eu nutria por ela um sentimento muito mais profundo do que eu imaginava. A outra era que ela, ao contrário, nutria por mim um sentimento que não era desprovido de desprezo, ressentimento ou mesmo de uma certa aversão.

— Não pode ser! Por quê?

— Por quê? Porque Clarisse Mergy é uma mulher excepcionalmente honesta e porque eu sou… Arsène Lupin.

— Ah!

— Sim, meu caro, um bandido simpático, um ladrão romântico e cavalheiresco, o que você preferir. Ainda assim, aos olhos de uma mulher

verdadeiramente honesta, com uma natureza direita e mente equilibrada, eu não passo de um simples canalha.

Eu vi que a ferida era mais profunda do que ele estava disposto a admitir. E perguntei:

— Então você realmente a amou?

— Eu até acredito — ele respondeu, com um tom de voz zombeteiro — que a pedi em casamento. Afinal, eu havia salvado o filho dela, não? Então eu pensei… quanta rejeição! Desde então…

— Você a esqueceu?

— Certamente! Mas precisei do consolo de uma italiana, duas americanas, três russas, uma grã-duquesa alemã e uma chinesa para conseguir!

— E depois disso…?

— Depois disso eu coloquei uma barreira insuperável entre nós: eu me casei.

— Como? Você é casado? Você, Arsène Lupin?

— Casado, da forma mais legítima do mundo. Com um dos maiores nomes da França. Filha única. Enorme fortuna… O quê? Você não conhece essa história? Bem, vale a pena ouvir.

E então Lupin, que estava com um espírito confidente, começou a me contar a história de seu casamento com Angelique de Sarzeau--Vendôme, princesa de Bourbon-Condé, hoje irmã Marie-Auguste, uma humilde freira enclausurada no convento dominicano[8].

Mas, depois de algumas palavras, ele parou, como se sua narrativa de repente não lhe interessasse mais, e ficou pensativo.

— Qual é o problema, Lupin?

— Problema? Nenhum.

— Sim, agora você está sorrindo. É o esconderijo secreto de Daubrecq, o olho de vidro dele, que está fazendo você rir?

— De forma alguma.

— O quê, então?

— Nada, apenas uma lembrança.

— Uma lembrança agradável?

— Sim! Sim, uma memória deliciosa! Uma noite, na Ilha de Ré, no barco de pesca em que Clarisse e eu estávamos levando Gilbert embora… Estávamos sozinhos, nós dois, na popa do barco… E eu me lembro… eu

falei, falei mais e mais palavras… Disse tudo que estava no meu coração… E então… veio o silêncio, um silêncio constrangedor.

— Então?

— Bem, eu juro para você que a mulher que tomei nos braços naquela noite, por pouco tempo, apenas alguns segundos, mas não importa! Eu juro que ela era mais do que uma mãe agradecida, muito mais do que uma amiga cedendo a um momento de suscetibilidade, que ela também era uma mulher trêmula e abalada. — E ele continuou, com um riso amargo: — Que fugiu no dia seguinte, e nunca mais me viu.

Lupin ficou em silêncio de novo e então sussurrou:

— Clarisse… Clarisse… No dia em que eu estiver cansado e decepcionado com a vida, vou encontrá-la aí, em sua casinha árabe, sua casinha branca, onde, tenho certeza, espera por mim…

---

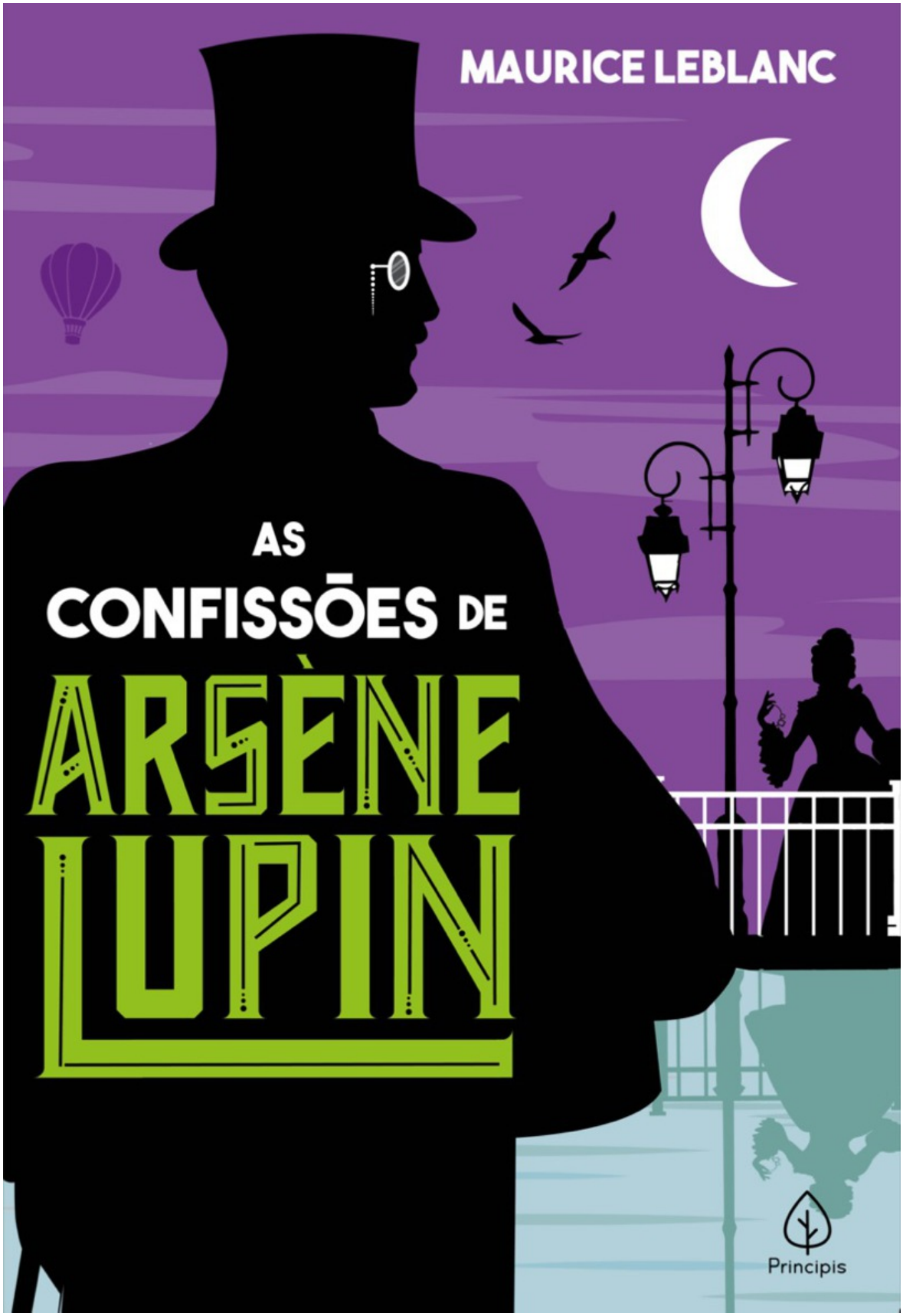
[6] Antiga moeda francesa da época do rei Luís XIII, na qual sua efígie aparecia estampada em uma das faces. (N.R.)

[7] Palavras iniciais do salmo 130, em latim, recitadas em cerimônias fúnebres. (N.T.)

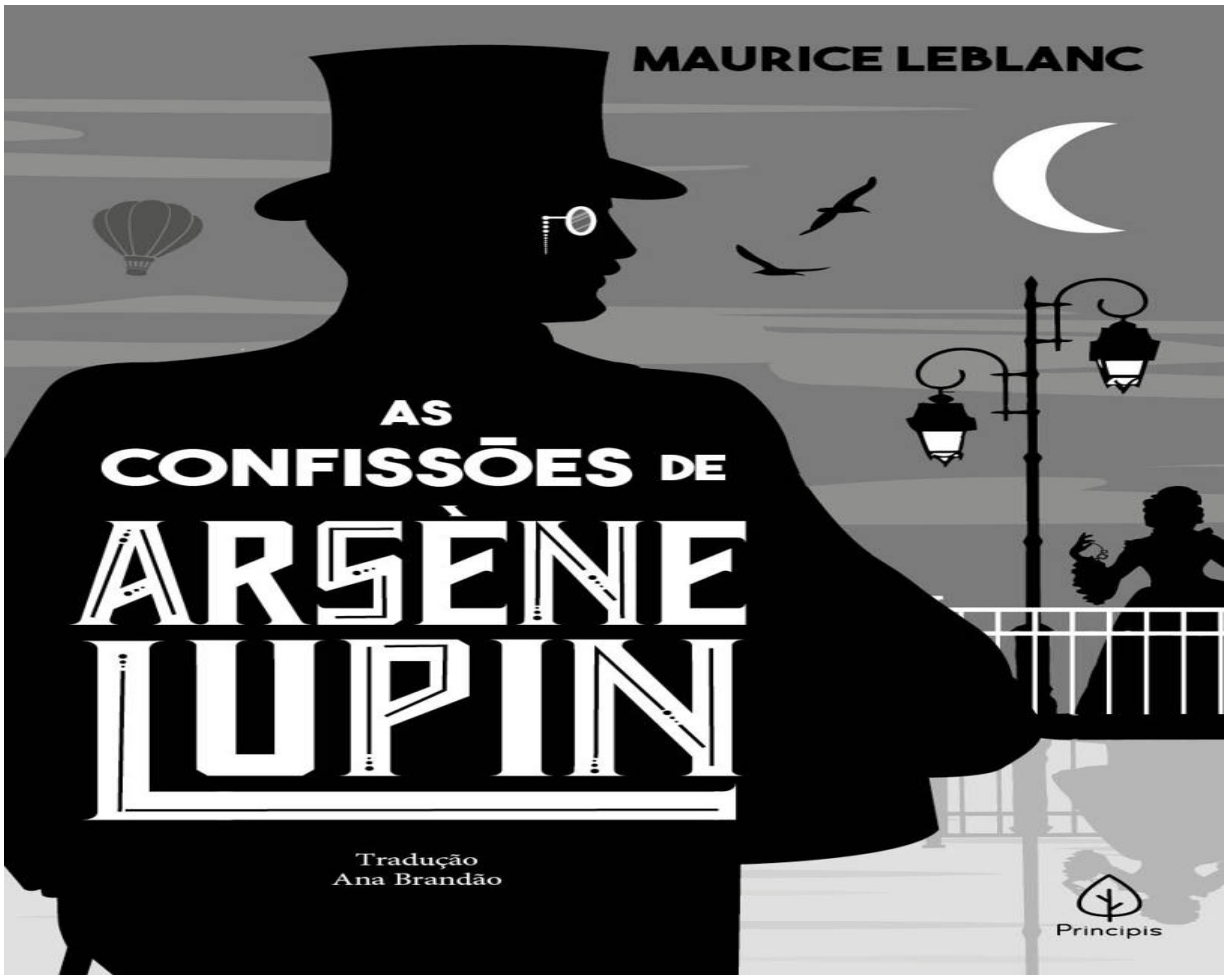
[8] Ver *As confidências de Arsène Lupin.* (N.T.)

MAURICE LEBLANC

AS CONFISSÕES DE ARSÈNE LUPIN



Principis


MAURICE LEBLANC
AS CONFISSÕES DE
ARSÈNE LUPIN
Tradução
Ana Brandão
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Les confidences d'Arsène Lupin
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Ana Brandão
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Orfeev/shutterstock.com;
ducu59us/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445c Leblanc, Maurice

As confissões de Arsène Lupin [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Ana Brandão. - Jandira, SP : Principis 2021.

224 p. ; ePUB ; 1007 KB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Les confidences de Arsène Lupin
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-383-6 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Brandão, Ana. II. Título. III. Série.

2021-744 CDD 843.7
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843.7

2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Uma recompensa de duzentos mil francos!

— Lupin — disse eu —, conte-me algo sobre você.

— Ora, e o que você gostaria que eu contasse? Todos conhecem a minha vida! — respondeu Lupin, deitado com ar sonolento no sofá do meu escritório.

— Ninguém conhece! — protestei. — As pessoas sabem, por suas cartas nos jornais, que você esteve envolvido nesse caso, que começou aquele. Mas a sua parte em todos eles, os fatos concretos da história, o desfecho do mistério: todas essas são coisas das quais elas não têm conhecimento.

— Ora essa! Um monte de baboseiras desinteressantes.

— O quê? O seu presente de cinquenta mil francos para a esposa de Nicolas Dugrival! Você chama isso de desinteressante? E a forma como você resolveu o enigma dos três quadros?

Lupin riu.

— Sim, aquele certamente foi um enigma estranho. Posso sugerir um título para você, se quiser: o que acha de *O signo da sombra*?

— E os seus sucessos na sociedade e com o sexo oposto? — prossegui. — Os romances do intrépido Arsène. E a pista para suas boas ações? Esses capítulos da sua vida que você mencionou tão frequentemente sob os títulos de *A aliança de casamento, Sob a sombra da morte,* e assim por diante! Por que postergar essas confidências e confissões, meu caro Lupin? Vamos, faça o que peço!

Isso aconteceu naquela época em que Lupin ainda não tinha travado suas batalhas mais conhecidas, apesar de já ser famoso; a época que precedia as grandes aventuras de *A agulha oca* e *813*. Ele ainda nem sonhava em obter os tesouros acumulados da Casa Real Francesa[1] ou em

mudar o mapa da Europa bem embaixo do nariz do Cáiser[2]: contentava-se com surpresas mais leves e lucros mais humildes, em cumprir seu esforço diário, fazendo o mal todos os dias e um pouquinho de bem também, naturalmente e por amor à coisa, como um Dom Quixote extravagante e compassivo.

Ele estava em silêncio e eu insisti:

— Lupin, gostaria que contasse!

Para minha surpresa, ele respondeu:

— Pegue uma folha de papel, velho amigo, e um lápis.

Eu obedeci a ele com rapidez, encantado com o pensamento de que ele finalmente iria ditar para mim algumas daquelas páginas que ele sabe como enfeitar com tanto vigor e capricho, páginas que eu, infelizmente, sou obrigado a desvirtuar com explicações tediosas e progressos enfadonhos.

— Está pronto? — perguntou.

— Sem dúvida.

— Anote. 14, 1, 15, 19, 5, 5.

— O quê?

— Anote, estou dizendo.

Ele agora estava sentado, com os olhos voltados para a janela aberta e seus dedos enrolando um cigarro de tabaco turco. Ele continuou:

— Anote. 18, 18, 9, 19…

Ele parou. E então continuou:

— 17, 21, 5, 19…

E, depois de uma pausa:

— 5, 13, 14…

Tinha enlouquecido? Olhei-o detidamente e em pouco tempo percebi que seus olhos não estavam mais desligados, como estiveram há instantes, mas perspicazes e atentos, e pareciam estar observando, em alguma parte do espaço, algo que aparentemente os fascinava.

Enquanto isso, continuava ditando, com intervalos entre cada número.

— 5, 3, 5, 19, 19…

Havia pouquíssimo a ser visto pela janela, apenas um pedaço de céu azul à direita e a fachada de uma construção do outro lado, um velho casarão, cujos postigos estavam fechados, como de costume. Não havia nada específico a respeito de tudo isso, nenhum detalhe que me parecesse novo dentre aqueles que estavam há anos diante dos meus olhos…

— 9, 4…

Então entendi subitamente… Ou achei que entendi, pois como poderia admitir que Lupin, um homem que era tão sensato sob sua máscara de frivolidade, perderia seu tempo com uma tolice tão infantil? O que ele contava eram os lampejos intermitentes de um raio de sol brincando na fachada escura da casa do lado oposto, na altura do segundo andar!

— 1, 4… — disse Lupin.

O lampejo desapareceu por alguns segundos e então atingiu a casa novamente, sucessivamente, em intervalos regulares, e desapareceu mais uma vez.

Eu contei os lampejos instintivamente e disse, em voz alta:

— 5…

— Entendeu o raciocínio? Meus parabéns! — respondeu ele, sarcástico.

Ele foi até a janela e se curvou para fora, como se quisesse descobrir a direção exata que o raio de luz tinha seguido. Voltou, então, e se deitou novamente no sofá, dizendo:

— É sua vez agora. Continue contando!

O meu colega parecia tão confiante que fiz o que mandou. Além disso, não podia evitar confessar que havia algo curioso a respeito da frequência ordenada desses brilhos na fachada da casa do lado oposto, essas aparições e desaparições indo e vindo, como vários sinais brilhosos.

Eles obviamente vinham de uma casa do nosso lado da rua, pois o sol chegava às minhas janelas obliquamente. Era como se alguém estivesse abrindo e fechando uma janela alternadamente, ou, mais provável, que alguém estivesse se divertindo fazendo lampejos com a luz do sol em um pequeno espelho.

— É uma criança brincando! — exclamei depois de um tempo, sentindo-me um pouco irritado pela ocupação trivial que me fora imposta.

— Tanto faz, continue!

E continuei contando…E anotei fileiras de números… E o sol continuou a brincar diante de mim com uma precisão matemática.

— E então? — disse Lupin, depois de uma pausa mais longa do que de costume.

— Ora, parece que acabou… Não tem mais nada há alguns minutos.

Esperamos e, conforme nenhuma luz brilhou naquele espaço, eu disse, zombeteiro:

— Acredito que foi uma perda de tempo. Alguns números em uma folha de papel: um resultado medíocre.

Lupin, sem se levantar do sofá, respondeu:

— Faça-me um favor, caro amigo, e coloque no lugar de cada um desses números a letra correspondente do alfabeto. Conte A como 1, B como 2, e assim sucessivamente. Entendeu?

— Mas isso é uma idiotice!

— Uma idiotice completa, mas fazemos várias coisas assim na vida… Uma a mais ou a menos, tanto faz.

Sentei-me para fazer essa tarefa tola e escrevi as primeiras letras:

"*Não se…*"

Parei com surpresa:

— Palavras! — exclamei. — Duas palavras completas que querem dizer…

— Continue, amigo.

Eu continuei, e as próximas letras formaram mais duas palavras, que eu separei conforme foram surgindo. E, para minha grande surpresa, uma oração completa aparecia diante dos meus olhos.

— Terminou? — perguntou Lupin depois de um tempo.

— Terminei. Aliás, há alguns erros de ortografia…

— Não se importe com eles e leia a mensagem, por favor… Leia devagar.

Então eu li a seguinte mensagem, incompleta, que registrarei aqui como aparecia no papel diante de mim:

> *Não se errisque sem necessidade. Sobrettudo, evite ataques, aproxime-se com muinta prudência do animigo e…*

Comecei a rir:

— Veja só! *Fiat lux*[3]*!* Estamos simplesmente aturdidos pela luz! Mas Lupin, no fim das contas, confesse que esse conselho, dado aos pouquinhos por uma criada, não o ajuda muito!

Lupin se levantou sem quebrar seu silêncio desdenhoso e pegou a folha de papel.

Pouco depois disso me lembrei de que, nesse instante, eu olhei para o relógio. Eram dezessete horas e dezoito minutos.

Lupin estava de pé com a folha de papel em suas mãos; e eu pude observar com tranquilidade aquela extraordinária mobilidade de expressão em seus traços jovens que desorienta todos os seus observadores e constitui sua maior força e principal salvaguarda. Quais são os sinais que alguém pode usar para identificar um rosto que muda a seu bel-prazer, mesmo sem o auxílio de maquiagem, e de quem todas as expressões momentâneas parecem ser a expressão final e definitiva? Quais são os sinais? Havia um que eu conhecia bem, um sinal invariável: duas pequenas rugas cruzadas que apareciam em sua testa sempre que fazia um grande esforço de concentração. E eu a via naquele momento, a cruz reveladora, clara e profunda.

Ele soltou a folha de papel e murmurou:

— Brincadeira de criança!

O relógio mostrava que eram dezessete e trinta.

— Como assim? — exclamei. — Você resolveu? Em doze minutos?

Ele andou pela sala, acendeu um cigarro e disse:

— Poderia ligar para o barão Repstein, por favor, e dizer que estarei com ele às vinte e duas horas de hoje?

— Barão Repstein? — perguntei. — O marido da famosa baronesa?

— Sim.

— Está falando sério?

— Bastante sério.

Sentindo-me completamente perdido, mas incapaz de resistir, abri a lista telefônica e tirei o aparelho do gancho. Naquele momento, porém, Lupin me interrompeu com um gesto peremptório e disse, com os olhos no papel que tinha pegado novamente:

— Não, não diga nada… Não adianta avisá-lo… Há algo mais urgente… Algo estranho que me intriga…Por que diabos a última frase não está completa? Por que a frase…

Ele pegou seu chapéu e a bengala.

— Vamos andando. Se não estou enganado, esse é um assunto que precisa de uma solução imediata; e não acho que eu esteja enganado.

Ele passou o braço pelo meu enquanto descíamos as escadas e disse:

— Sei o mesmo que todos sabem. O barão Repstein, financista e um entusiasta das corridas, cujo cavalo Etna ganhou neste ano o Derby de Epsom e o Grand Prix de Paris, foi enganado pela esposa. Ela, que era

muito conhecida por seu cabelo claro, suas roupas e sua extravagância, fugiu há duas semanas, levando consigo uma soma de três milhões de francos, roubada do marido, e uma grande coleção de diamantes, pérolas e joias que a princesa de Berny deixara em suas mãos e ela iria comprar. A polícia perseguiu a baronesa pela França e pelo continente durante duas semanas: um trabalho fácil, já que ela deixava ouro e joias por onde passava. Pensavam que a capturariam a qualquer instante. Dois dias atrás nosso detetive campeão, o ilustre Ganimard, prendeu uma visitante em um grande hotel na Bélgica, uma mulher contra quem as provas mais certeiras pareciam se acumular. No interrogatório, a dama revelou-se uma notória atriz de teatro chamada Nelly Darbal. Quanto à baronesa, tinha desaparecido. O barão, por sua conta, ofereceu uma recompensa de duzentos mil francos para quem encontrar sua esposa. O dinheiro está nas mãos de um advogado. Além disso, ele vendeu de uma só tacada seu cavalo de corridas, sua casa na Alameda Haussman e sua casa de campo em Roquencourt para poder indenizar a princesa de Berny por sua perda.

— E o valor da venda será pago em breve — acrescentei. — Os jornais dizem que a princesa receberá seu dinheiro amanhã. Mas, francamente, não consigo ver a conexão entre essa história, que você contou muito bem, e a frase enigmática…

Lupin não se dignou de responder.

Caminhávamos pela rua em que eu moro e já passáramos por quatro ou cinco casas quando ele desceu para o meio-fio e começou a examinar um bloco de apartamentos, não muito novos, que pareciam conter um grande número de inquilinos.

— De acordo com meus cálculos — disse —, os sinais vieram daqui, provavelmente daquela janela aberta.

— No terceiro andar?

— Sim.

Ele foi à porteira e perguntou:

— Algum dos seus inquilinos por acaso é conhecido do barão Repstein?

— Ora, claro que sim! — respondeu a mulher. — Temos aqui o senhor Lavernoux, um cavalheiro tão gentil; ele é secretário e administrador do barão. Eu cuido do apartamento dele.

— E podemos vê-lo?

— Vê-lo? O pobre cavalheiro está muito doente.

— Doente?

— Está doente há duas semanas… Desde a situação com a baronesa… Ele chegou a casa no dia seguinte com a temperatura alta e ficou na cama.

— Mas certamente ele se levanta?

— Ah, isso não sei dizer!

— Como assim, não sabe dizer?

— O médico dele não deixa que ninguém entre em seu quarto. Ele tomou minha chave.

— Quem tomou?

— O médico. Ele vem e atende às necessidades dele, duas ou três vezes ao dia. Ele saiu daqui há apenas vinte minutos… um cavalheiro velho com uma barba grisalha e óculos… Anda bem encurvado… Mas aonde está indo, senhor?

— Vou subir, mostre-me o caminho — disse Lupin, já com o pé na escada. — É no terceiro andar, não é? À esquerda?

— Mas não devo ir até lá! — gemeu a porteira, correndo atrás dele. — Além disso, não tenho a chave… O médico…

Eles subiram os três lances de escada, um atrás do outro. No patamar, Lupin tirou uma ferramenta do bolso e, sem se importar com os protestos da mulher, colocou-a na fechadura. A porta cedeu quase imediatamente. Entramos.

Nos fundos de um pequeno cômodo escuro, vimos uma faixa de luz passando por uma porta que fora deixada entreaberta. Lupin atravessou o cômodo e gritou ao chegar à porta:

— Oh, maldição! Tarde demais!

A porteira caiu de joelhos, como se desmaiasse.

Entrei no quarto, depois deles, e vi um homem deitado seminu no carpete, com as pernas enroscadas, os braços contorcidos e o rosto bem pálido, um rosto macilento, descarnado, com os olhos ainda petrificados de terror e a boca torcida em um esgar horrível.

— Está morto — disse Lupin após um rápido exame.

— Mas por quê? — exclamei. — Não há nem rastros de sangue!

— Sim, há alguns — respondeu Lupin, apontando para duas ou três gotas que apareciam no peito, através da camisa aberta dele. — Veja, devem tê-lo segurado pela garganta com uma mão enquanto furavam seu coração com a outra. E eu digo “furavam” porque a ferida realmente nem pode ser

vista. Isso sugere que o buraco foi feito por uma agulha muito longa.

Ele observou o chão em volta do cadáver. Não havia nada que chamasse sua atenção, além de um pequeno espelho de bolso, o pequeno espelho com o qual o senhor Lavernoux tinha se entretido fazendo os raios de sol dançar pelo espaço.

Mas repentinamente, conforme a porteira começava a lamentar e a chamar por ajuda, Lupin pulou para cima dela e a sacudiu:

— Pare com isso! Ouça-me… Pode chamar ajuda depois… Ouça e me responda. Isto é de suma importância. O senhor Lavernoux tinha um amigo vivendo nesta rua, não tinha? Do mesmo lado, à direita? Um amigo íntimo?

— Sim.

— Um amigo com quem ele se encontrava na cafeteria no fim da tarde e com quem trocava os jornais ilustrados?

— Sim.

— Esse amigo era inglês?

— Sim.

— Qual o nome dele?

— Senhor Hargrove.

— Onde ele mora?

— No número 92.

— Mais uma coisa: o velho médico cuidava dele havia muito tempo?

— Não. Eu não o conhecia. Ele veio no dia em que o senhor Lavernoux ficou doente.

Sem outra palavra, Lupin me arrastou, desceu as escadas correndo e, já na rua, virou à direita, o que fez com que passássemos na frente do meu apartamento mais uma vez. Depois de outras quatro portas, ele parou no número 92, uma casa pequena, com andares baixos, cujo andar térreo era ocupado pelo proprietário de um bar que estava fumando em sua porta, próximo à entrada. Lupin perguntou se o senhor Hargrove estava em casa.

— O senhor Hargrove saiu há cerca de meia hora — disse o comerciante. — Ele parecia extremamente empolgado e tomou um táxi, algo que não faz com frequência.

— E o senhor não sabe…

— Para onde ele ia? Bem, não é nenhum segredo. Ele gritou alto o suficiente! “Para a Delegacia de Polícia!” foi o que disse ao motorista…

Lupin já estava chamando um táxi quando mudou de ideia; e eu o ouvi murmurar:

— Que bem isso vai fazer? O homem já está muito à nossa frente…

Ele perguntou se alguém viera procurar o senhor Hargrove depois que este saíra.

— Sim, um cavalheiro idoso com uma barba grisalha e óculos. Ele subiu até o apartamento do senhor Hargrove, tocou a campainha e foi embora.

— Agradeço muitíssimo — disse Lupin, tocando a aba do chapéu.

Ele se afastou andando lentamente, sem falar comigo, com o ar pensativo. Não havia dúvida de que o problema lhe parecia muito difícil e que ele não via nada com clareza nessa escuridão onde antes parecia se mover com tanta certeza.

Quanto a isso, ele próprio confessou a mim:

— Existem casos que precisam bem mais da intuição do que da reflexão. Mas este, posso lhe dizer, é daqueles que vale o trabalho que vai dar.

Agora já estávamos na avenida. Lupin entrou em uma sala de leitura pública e passou muito tempo consultando os jornais dos últimos quinze dias. De vez em quando, murmurava:

— Sim… sim… é claro… É só um palpite, mas explicaria tudo… Bem, um palpite que responde a todas as perguntas não pode estar muito longe da verdade…

Já tinha escurecido. Jantamos em um pequeno restaurante e percebi que o rosto de Lupin ficava cada vez mais animado. Seus gestos eram mais decididos. Ele recuperou seu ânimo, sua vitalidade. Quando saímos, durante a caminhada em que me levou pela Alameda Haussmann em direção à casa do barão Repstein, ele era o Lupin de verdade das grandes ocasiões, o Lupin que decidira entrar no jogo e vencê-lo.

Afrouxamos o passo quando nos aproximamos da Rua de Courcelles. O barão Repstein vivia do lado esquerdo, entre essa rua e a Faubourg-Saint--Honoré, em um casarão de três andares cuja fachada podíamos ver, decorada com colunas e cariátides.

— Pare! — disse Lupin repentinamente.

— O que foi?

— Outra prova que confirma minha suposição…

— Que prova? Não vejo coisa alguma.

— Eu vejo… É o suficiente…

Ele levantou o colarinho do seu casaco, abaixou a aba do chapéu macio e disse:

— Céus, vai ser uma luta difícil! Vá dormir, meu amigo. Contarei sobre minha expedição amanhã… se não me custar minha vida.

— Do que está falando?

— Oh, eu sei do que estou falando! Estou arriscando muita coisa. Em primeiro lugar, ser preso, o que não é muito. Em seguida, ser morto, o que é pior. Mas… — ele agarrou meu ombro. — Mas há uma terceira coisa que estou arriscando, que é conseguir dois milhões… E, uma vez que eu tenha um capital de dois milhões, vou mostrar às pessoas o que posso fazer! Boa noite, velho amigo, e se nunca me vir novamente…

E ele proferiu os versos de Musset[4]:

Plante um salgueiro em minha sepultura,
Pois amo a sua copa que chora[5]*…*

Eu fui embora. Três minutos depois (continuo aqui a narrativa como ele a contou para mim no dia seguinte), Lupin tocou a campainha da Hotel Repstein.

— O senhor barão está em casa?

— Sim — respondeu o mordomo, examinando o intruso com um ar surpreso —, mas o senhor barão não recebe pessoas tarde assim.

— O senhor barão sabe sobre o assassinato do senhor Lavernoux, seu administrador?

— Certamente.

— Bem, por favor diga ao senhor barão que vim tratar do assassinato e que não há tempo a perder.

Uma voz falou do andar de cima:

— Traga o cavalheiro até aqui, Antoine.

Obedecendo a essa ordem categórica, o mordomo levou-o ao primeiro andar. Na frente de uma porta aberta estava um cavalheiro que Lupin reconheceu por suas fotos nos jornais como o barão Repstein, marido da famosa baronesa e dono do Etna, o cavalo do ano.

Ele era um homem muito alto, de ombros largos. Seu rosto bem barbeado trazia uma expressão agradável, quase sorridente, que não era afetada pela tristeza em seus olhos. Vestia um fraque com um bom caimento, com um colete marrom e uma gravata escura presa com um

alfinete de pérola, que Lupin percebeu ter um valor considerável.

O barão levou Lupin ao seu escritório, um cômodo amplo com três janelas, forrado de estantes, escaninhos, uma escrivaninha americana e um cofre. Ele imediatamente perguntou, com uma ansiedade mal disfarçada:

— Sabe de alguma coisa?

— Sim, senhor barão.

— Sobre o assassinato do coitado do Lavernoux?

— Sim, senhor barão, e sobre a senhora baronesa também.

— Está falando sério? Diga logo, eu lhe suplico…

Ele empurrou uma cadeira. Lupin sentou-se e começou:

— Senhor, as circunstâncias são graves. Serei conciso.

— Por favor, seja.

— Bem, senhor, resumindo, a situação é esta: cinco ou seis horas atrás, Lavernoux, que pelos últimos quinze dias foi mantido em confinamento forçado por seu médico, Lavernoux… como posso dizer isso?, telegrafou certas revelações através de sinais que foram parcialmente anotados por mim e que me colocaram na pista desse caso. Ele próprio foi surpreendido enquanto comunicava essa mensagem e foi assassinado.

— Mas por quem? Por quem?

— Pelo médico dele.

— Quem é esse médico?

— Não sei. Mas um dos amigos do senhor Lavernoux, um inglês chamado Hargrove, o amigo com quem ele de fato estava se comunicando, deve saber e deve saber também o significado preciso e completo da mensagem, porque sem esperar pelo fim dela entrou em um táxi e foi até a delegacia de polícia.

— Por quê? Por quê? E qual foi o resultado dessa providência?

— O resultado, senhor barão, é que sua casa está cercada. Há doze detetives sob suas janelas. Assim que o sol nascer, eles entrarão em nome da lei e prenderão o criminoso.

— Quer dizer que o assassino de Lavernoux está escondido em minha casa? Quem é ele? Um dos criados? Mas não pode ser, já que você falava sobre um médico!

— Devo observar, senhor, que, quando esse senhor Hargrove foi à polícia para contar a eles sobre as revelações de seu amigo Lavernoux, ele não sabia que seu amigo seria assassinado. A decisão tomada pelo senhor

Hargrove era relacionada com outra coisa…

— Com o quê?

— Com o desaparecimento da senhora baronesa, segredo do qual ele tinha conhecimento graças à mensagem transmitida por Lavernoux.

— Mas o quê? Eles finalmente sabem! Eles encontraram a baronesa! Onde ela está? E as joias? E o dinheiro que ela roubou de mim?

O barão Repstein falava em um estado de extrema excitação. Levantou-se e exclamou para Lupin, quase gritando:

— Termine sua história, senhor! Não posso suportar esse suspense!

Lupin prosseguiu, com uma voz lenta e hesitante.

— O fato é que… veja só… é bastante difícil de explicar… Porque você e eu vemos a situação de pontos de vista completamente diferentes.

— Não estou entendendo.

— Mas tem que entender, senhor barão… Começamos dizendo… E aqui eu cito os jornais. Começamos dizendo que a baronesa Repstein sabia todos os segredos de seus negócios e conseguia abrir não só aquele cofre ali como aquele no Crédit Lyonnais onde o senhor mantinha seus títulos guardados, não é isso?

— Sim, é isso mesmo.

— Bem, em uma noite, duas semanas atrás, enquanto o senhor estava no clube, a baronesa Repstein, que convertera todos esses títulos em dinheiro sem o seu conhecimento, deixou esta casa com uma mala cheia com o seu dinheiro e as joias da princesa de Berny?

— Sim.

— E desde então ela não foi vista?

— Não.

— Bem, há um motivo excelente para isso.

— Que motivo?

— Este: a baronesa Repstein foi assassinada…

— Assassinada! A baronesa! Você enlouqueceu!

— Assassinada… E provavelmente naquela mesma noite.

— Digo novamente: você enlouqueceu! Como pode a baronesa ter sido assassinada, quando a polícia seguia sua trilha passo a passo, por assim dizer?

— Estavam seguindo os passos de outra mulher.

— Que mulher?

— A cúmplice do assassino.

— E quem é o assassino?

— O mesmo homem que, pelos últimos quinze dias, sabendo que Lavernoux descobrira a verdade por meio da posição que ocupava nessa casa, manteve-o aprisionado e forçou a ficar em silêncio, ameaçou-o, aterrorizou-o; o mesmo homem que, ao encontrar Lavernoux no ato de se comunicar com um amigo, se livrou dele a sangue-frio, apunhalando-o no coração.

— O médico, portanto?

— Sim.

— Mas quem é esse médico? Quem é esse gênio maléfico, esse ser infernal que aparece e desaparece, que ataca no escuro e de quem ninguém suspeita?

— Não consegue adivinhar?

— Não.

— E quer mesmo saber?

— Se quero saber? Ora, homem, fale logo! Sabe onde ele está se escondendo?

— Sim.

— Nesta casa?

— Sim.

— E a polícia está atrás dele?

— Sim.

— E eu o conheço?

— Sim.

— Quem é ele?

— O senhor!

— Eu?

Lupin não estivera com o barão por mais de dez minutos, e o duelo estava começando. A acusação foi lançada de forma definitiva, violenta e implacável.

Lupin repetiu:

— Sim, o senhor. Colocou uma barba falsa e um par de óculos e se encurvou como um velhinho. Resumindo, o senhor, barão Repstein. E é o senhor por um motivo muito bom, em que ninguém pensou: se não foi o senhor que pensou em toda essa trama, o caso se torna inexplicável.

Ao passo que, se tomarmos o senhor como o criminoso, assassinando a baronesa para se livrar dela e gastar aqueles milhões com outra mulher, assassinando Lavernoux, seu administrador, para eliminar uma testemunha irrepreensível, ora, então o caso inteiro se explica! Então, está claro o suficiente? E o senhor, não está convencido?

O barão, que estivera curvado sobre seu visitante durante toda essa conversa, esperando por cada palavra com uma avidez febril, agora se afastava e olhava para Lupin como se estivesse sem dúvida lidando com uma pessoa insana. Quando Lupin terminou seu discurso, o barão deu dois ou três passos para trás, por um instante parecendo que diria algo que terminou por não dizer, e então, sem tirar os olhos de seu estranho visitante, foi até a lareira e tocou a campainha.

Lupin nem se moveu. Aguardou sorridente.

O mordomo entrou. Seu patrão disse:

— Pode ir dormir, Antoine. Eu levo este cavalheiro até a porta.

— Devo apagar as luzes, senhor?

— Deixe uma acesa no saguão.

Antoine saiu do escritório, e o barão, depois de pegar um revólver de sua escrivaninha, voltou-se para Lupin, pôs a arma no bolso e disse, muito calmamente:

— Deve desculpar essa pequena precaução, senhor. Fui obrigado a pegá-la, caso o senhor enlouqueça, apesar de isso não parecer provável. Não, o senhor não está louco. Mas veio até aqui com um objetivo que não consigo compreender; e me surpreendeu com uma acusação tão chocante que estou curioso para saber o motivo. Já passei por tantas decepções e sofrimentos que um ultraje desse tipo simplesmente me deixa indiferente. Por favor, prossiga.

Sua voz tremia com emoção, e seus olhos tristes pareciam estar cheios de lágrimas.

Lupin estremeceu. Estaria ele enganado? Poderia essa dedução sugerida por sua intuição e baseada no frágil alicerce de fatos triviais estar errada?

Sua atenção foi capturada por um detalhe: pela abertura no colete do barão ele viu o lugar em que o alfinete prendia a gravata, e assim pôde perceber o comprimento incomum dele. Além disso, a haste de ouro era triangular e era quase uma adaga em miniatura, muito fina e delicada, ainda assim formidável em uma mão experiente.

E Lupin não tinha dúvida alguma de que o alfinete preso àquela pérola magnífica era a arma que perfurara o coração do infeliz senhor Lavernoux.

Ele murmurou:

— É extremamente esperto, senhor barão!

O outro, mantendo uma seriedade bastante desdenhosa, continuou em silêncio, como se não entendesse e ainda aguardasse a explicação que lhe era devida. E essa atitude impassível preocupava Arsène Lupin, apesar de tudo. Não obstante, sua convicção era profunda; além disso, tinha tanto a perder com essa aventura que repetiu:

— Sim, extremamente esperto, pois é evidente que a baronesa simplesmente obedeceu a suas ordens ao liquidar seus títulos e também ao tomar emprestadas as joias da princesa com a desculpa de comprá-las. E é evidente que a pessoa que saiu de sua casa com a mala não era sua esposa, mas uma cúmplice, provavelmente aquela atriz, e que foi essa atriz que deliberadamente se permitiu ser perseguida por todo o país pelo nosso valoroso Ganimard. E eu considero esse truque maravilhoso. O que essa mulher está arriscando, já que estão procurando pela baronesa? E como poderiam procurar por outra mulher além da baronesa, já que o senhor prometeu uma recompensa de duzentos mil francos para a pessoa que a encontrasse? Oh, a recompensa nas mãos de um advogado: que golpe de gênio! Confundiu a polícia! Jogou areia nos olhos daqueles que têm olhos de lince! Um cavalheiro que deixa duzentos mil francos nas mãos de um advogado certamente está falando a verdade… Assim, eles continuam caçando a baronesa! E deixam o senhor tranquilo para continuar cuidando de seus negócios, vender seu garanhão e suas duas casas para quem pagar mais e preparar sua fuga! Céus, que piada!

O barão nem vacilou. Ele foi até Lupin e perguntou, sem deixar de lado sua frieza imperturbável:

— Quem é você?

Lupin desatou a rir.

— E o que interessa quem sou eu? Diga que sou um emissário do destino, saindo da escuridão para destruí-lo!

Ele saltou da cadeira e agarrou o barão, puxando-o com força:

— Sim, para destruí-lo, ousado barão! Agora me escute! Os três milhões de sua esposa, quase todas as joias da princesa, o dinheiro que recebeu hoje pela venda do seu garanhão e da sua propriedade: tudo isso está aí no seu

bolso ou naquele cofre. Sua fuga está preparada. Olhe, eu consigo ver o couro da sua valise atrás daquela tapeçaria. Os documentos em sua escrivaninha estão organizados. Nesta mesma noite, sairia de fininho. Nesta mesma noite, disfarçado para não ser reconhecido, depois de tomar todas as suas precauções, encontraria sua atriz, a criatura por quem cometeu assassinato, a mesma Nelly Darbal que Ganimard prendeu na Bélgica, sem dúvida. A não ser por um simples obstáculo inesperado: a polícia, os doze detetives que, graças às revelações de Lavernoux, estão a postos sob suas janelas. Sua batata está assando, meu velho! Bem, posso salvá-lo. Faço uma ligação e, mais ou menos às três ou quatro da manhã, vinte dos meus amigos terão removido o obstáculo, terão se livrado dos doze detetives, e você e eu fugiremos discretamente. Minhas condições? Quase nada, uma ninharia: dividiremos os milhões e as joias. Não é uma bagatela?

Ele estava curvado sobre o barão, vociferando com uma energia irresistível. O barão sussurrou:

— Estou começando a entender. Está me chantageando…

— Chantagem ou não, chame do que quiser, meu caro, mas tem de aceitar e fazer o que eu disser. E não ache que desistirei no último momento. Não diga a si mesmo "ele é um cavalheiro que vai acabar pensando duas vezes por causa do medo da polícia. Se eu corro um grande risco por recusar, ele também corre o risco de ser algemado, trancafiado e todo o resto, já que estamos ambos sendo caçados como feras selvagens!" Isso seria um erro, senhor barão. Eu sempre consigo me safar. É uma questão do senhor e somente sua. Seu dinheiro ou sua vida, meu senhor! Divida e divida igualmente… Caso contrário, o cadafalso! Não é uma bagatela?

Um movimento rápido. O barão se soltou, apanhou seu revólver e atirou.

Mas Lupin estava preparado para o ataque, já que o rosto do barão perdera sua confiança e gradualmente, sob o impulso lento da fúria e do medo, adquirira uma expressão de ferocidade quase animalesca que anunciava a rebelião que foi mantida tanto tempo sob controle.

Ele disparou duas vezes. Primeiro, Lupin jogou-se para o lado e depois mergulhou para os joelhos do barão, agarrou suas pernas e derrubou-o no chão. O barão se libertou com esforço. Os dois adversários rolaram, engalfinhando-se; e houve em seguida um combate teimoso, astuto, brutal

e selvagem.

Subitamente, Lupin sentiu uma dor em seu peito.

— Seu patife! — gritou. — Esse é o mesmo truque usado em Lavernoux; o alfinete da gravata!

Enrijecendo seus músculos com um esforço desesperado, ele sobrepujou o barão e segurou-o pela garganta, finalmente vitorioso e onipotente.

— Seu asno! — exclamou. — Se não tivesse mostrado suas cartas, eu teria desistido! Tem uma aparência tão honesta! Mas que bíceps, meu senhor! Pensei por um momento… Mas agora tudo chegou ao fim! Vamos, entregue-me o alfinete, meu amigo, e sorria. Não, isso mais parece uma careta…Talvez esteja apertando com muita força? O senhor está quase sem forças? Vamos, seja obediente! Isso mesmo, só um cordãozinho nos punhos, se não se importa. Ora veja, nós dois concordando como se fôssemos irmãos! Chega a ser emocionante! No fundo, até gosto do senhor, veja bem… E agora, meu belo rapaz, preste atenção! E mil desculpas!

Meio que se levantando, ele deu um golpe com toda a sua força no estômago do outro. O barão deu um gemido e caiu atordoado e inconsciente.

— É o que acontece por ter um senso de lógica deficiente, meu amigo — disse Lupin. — Eu lhe ofereci metade do seu dinheiro. Agora não terá mais nada… desde que eu consiga achá-lo. Pois essa é a parte mais importante. Onde o ladrãozinho guardou seu saque? No cofre? Céus, vai dar muito trabalho! Por sorte, tenho a noite toda a meu dispor…

Ele começou a tatear os bolsos do barão e achou um molho de chaves. Primeiramente se certificou de que a valise atrás da cortina não continha documentos ou joias e então foi procurar no cofre.

Mas parou abruptamente: ouviu um ruído em algum lugar. Os criados? Impossível. Os aposentos deles ficavam no último andar. Ele parou para ouvir. O barulho vinha de baixo. E, subitamente, ele entendeu: os detetives, ouvindo os dois disparos, estavam batendo à porta da frente, seguindo sua obrigação, sem esperar pelo amanhecer. Logo soou uma campainha elétrica, que Lupin reconheceu como sendo a do saguão.

— Por Júpiter! — disse. — Que beleza! Lá vêm esses palhaços… bem na hora que colheria os frutos de um esforço tão grandioso! *Tsc*, *tsc*, Lupin, mantenha a calma! O que deve fazer agora? Abrir em trinta segundos um cofre cujo segredo você não sabe. Isso não é suficiente para que você perca

sua cabeça! Vamos lá, você só precisa descobrir o segredo! Quantas letras tem a palavra? Quatro?

Ele continuou pensando, enquanto falava e ouvia os barulhos do lado de fora. Deu duas voltas na tranca da porta da antecâmara e voltou para o cofre:

— Quatro cifras… Quatro letras… quatro letras… Quem poderia me dar uma mão? Quem poderia me dar apenas uma dica? Quem? Ora, Lavernoux, obviamente! O bom Lavernoux, já que se deu ao trabalho de se dedicar à telegrafia óptica arriscando sua vida… Por Deus, como sou tolo! Ora, é óbvio, é óbvio, é isso! Céus, isso é muito empolgante! Lupin, conte até dez e reprima esses batimentos do seu coração para não se distrair. Caso contrário, vai trabalhar mal.

Ele contou até dez e, depois de se acalmar, ajoelhou-se na frente do cofre. Girou os quatro botões com uma atenção cuidadosa. Depois, examinou o molho de chaves, escolheu uma delas, outra em seguida, e tentou em vão colocá-las na fechadura:

— A sorte está nos números ímpares. — murmurou, tentando a terceira chave. — Vitória! Esta é a chave certa! Abre-te, Sésamo, meu bom Sésamo, abre-te!

A fechadura virou. A porta moveu-se em suas dobradiças. Lupin puxou-a contra si, depois de tirar o molho de chaves:

— Os milhões são meus — disse. — Barão, eu o perdoo.

E então deu um salto para trás, soluçando de medo, as pernas vacilando sob seu peso. As chaves tilintavam em sua mão febril com um som sinistro. E, apesar de todo o alvoroço que as campainhas elétricas faziam soando pela casa, por vinte, trinta segundos ele ficou ali parado, com os olhos esbugalhados, olhando para a visão mais horrível, mais abominável do mundo: o corpo de uma mulher, seminu, dobrado ao meio dentro do cofre, como um pacote grande demais… seu cabelo loiro pendurado… e sangue… coágulos de sangue… e a pele lívida, azulada em alguns lugares, decompondo-se, flácida.

— A baronesa! — ofegou. — A baronesa! Oh, aquele monstro!

Ele repentinamente despertou de seu torpor para cuspir no rosto do assassino e chutá-lo.

— Tome isso, seu miserável! Tome isso, seu canalha! E depois, o cadafalso, a guilhotina!

Enquanto isso, vinham gritos dos andares superiores respondendo aos chamados dos detetives. Lupin ouviu passos correndo pelas escadas. Era a hora de pensar em sua retirada.

Na realidade, isso não o preocupou muito. Durante sua conversa com o barão, a extraordinária frieza de seu adversário lhe deu a sensação de que devia existir uma saída escondida. Além disso, como o barão teria começado a briga se não tivesse certeza de que escaparia da polícia?

Lupin entrou no cômodo seguinte, que tinha uma vista do jardim. Enquanto os detetives entravam na casa, ele passou as pernas sobre o parapeito e desceu por um cano. Deu a volta na construção. Do outro lado havia um muro forrado com arbustos. Esgueirou-se entre eles e o muro e imediatamente encontrou uma pequena porta que abriu facilmente com uma das chaves do molho. Tudo que restava para ele fazer era andar um metro e passar pelos cômodos vazios de um pavilhão; e em pouco tempo estava na Rua do Faubourg-Saint-Honoré. É claro, e isso ele já tinha percebido, que a polícia não previra essa saída secreta.

— E então? Qual sua opinião sobre o barão Repstein? — bradou Lupin, depois de me contar todos os detalhes da noite trágica. — Que patife imundo! E como isso nos ensina a não confiar nas aparências! Eu juro, o sujeito parecia ser completamente honesto!

— Mas e os milhões? — perguntei. — E as joias da princesa?

— Estavam no cofre. Eu me lembro de ter visto o pacote.

— E?

— Ainda estão lá.

— Impossível!

— Estão, e dou minha palavra! Poderia dizer que estava com medo dos detetives, ou então alegar um ataque súbito de delicadeza. Mas a verdade é bem mais simples… e mais prosaica: o fedor era tenebroso!

— O quê?

— Sim, meu caro amigo, o fedor que vinha daquele cofre… daquele caixão… Não, eu não consegui… minha cabeça girava… Um segundo a mais e eu passaria mal… Não é uma tolice? Veja, isto é tudo o que consegui de minha expedição: o prendedor de gravata… Por baixo, essa pérola vale trinta mil francos… Mesmo assim, eu me sinto muitíssimo chateado. Que roubada!

— Só mais uma pergunta — disse eu —, e a palavra que abria o cofre?

— Sim?

— Como a adivinhou?

— Oh, foi bem fácil! Na verdade, estou surpreso por não ter pensado nisso antes.

— Então me diga.

— Ela estava nas revelações transmitidas pelo infeliz Lavernoux.

— O quê?

— Veja só, meu caro, os erros de ortografia…

— Os erros de ortografia?

— Ora, é claro! Eram erros deliberados. Certamente você não imagina que o administrador, o secretário particular do barão, que era um financista e um entusiasta das corridas, não tinha suficiente domínio da língua para escrever "arrisque" com "e", "sobretudo" com dois "t", "muita" com "n" e "inimigo" com "a"! Percebi imediatamente. Juntei as quatro letras e formei "Etna", o nome do famoso cavalo.

— E essa palavra foi suficiente?

— É claro! Foi suficiente para começar, para me colocar na trilha do caso Repstein, que estava em todos os jornais, e depois para me fazer adivinhar que era a senha do cofre, porque, por um lado, Lavernoux sabia o conteúdo pavoroso do cofre e, por outro, estava denunciando o barão. E foi da mesma maneira que eu fui levado a suspeitar que Lavernoux tinha um amigo na rua, que ambos frequentavam a mesma cafeteria, que se entretinham solucionando os problemas e criptogramas dos jornais ilustrados e que eles tinham elaborado uma forma de trocar telegramas de uma janela para a outra.

— Isso deixa tudo muito simples! — exclamei.

— Bem simples. E o incidente mostra mais uma vez que, na descoberta dos crimes, há algo muito mais valioso do que averiguação de fatos, do que observações, deduções, inferências, e todas essas coisas e baboseiras. O que quero dizer é, como disse anteriormente, intuição… intuição e inteligência… E Arsène Lupin, sem se gabar, não sofre da falta de uma nem da outra!

---

[1] Em *A agulha oca,* de Maurice Leblanc.

[2] Em *813,* de Maurice Leblanc.

[3] *Fiat lux* é uma expressão latina traduzida frequentemente como "faça-se a luz", ou "que haja luz", remetendo à passagem bíblica da criação divina da luz descrita em *Gênesis* 1:3. (N.T.)
[4] Alfred Louis Charles de Musset (1810-1857) foi um poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como Romantismo. (N.T.)
[5] Tradução própria do poema "Lucie", de Alfred de Musset. No original: "(…) *Plantez un saule au cimetière. J'aime son feuillage éploré* (…)". (N.T.)

A aliança de casamento

Yvonne d'Origny beijou seu filho e disse a ele que se comportasse.

— Sabe que sua avó não gosta muito de crianças. Agora que ela mandou buscá-lo para que a visitasse, deve mostrar que garotinho comportado você é. — E, virando-se para a governanta: — Não se esqueça de trazê-lo para casa imediatamente após o jantar, fräulein[6]… O conde ainda está em casa?

— Sim, senhora, o senhor conde está no escritório.

Assim que se viu sozinha, Yvonne d'Origny foi até a janela para acompanhar seu filho saindo de casa. Em pouco tempo ele estava na rua. Ele levantou o rosto e mandou um beijo para ela, como era seu costume diário. Então a governanta tomou a mão do menino com um movimento agressivo incomum, como Yvonne percebeu, para sua surpresa. Ela se debruçou mais na janela e, quando o garoto chegou à esquina da alameda, ela viu um homem, que reconheceu como sendo Bernard, o criado de confiança de seu marido, pegar a criança pelo braço, fazê-la e à governanta entrar no carro e ordenar ao chofer que dirigisse.

Todo o incidente não levou nem dez segundos.

Yvonne, em sua agitação, correu para seu quarto, agarrou um xale e foi até a porta, que estava trancada. A chave não estava na fechadura.

Ela foi apressada para seu *closet*. A porta também estava trancada.

Então, subitamente, a imagem de seu marido surgiu diante dela, aquele rosto sombrio que nunca se iluminava com um sorriso, aqueles olhos implacáveis nos quais, por anos, ela percebera tanto ódio e malícia.

— É ele… é ele! — disse para si mesma. — Ele levou o menino… Oh, isso é terrível!

Ela esmurrou e chutou a porta, logo depois se jogando em direção à lareira e tocando a campainha ferozmente. O som agudo soou pela casa de cima a baixo. Os criados certamente viriam. Talvez uma multidão se juntasse na rua. E, impelida por um tipo de esperança desesperada, ela manteve o dedo no botão.

Uma chave virou na fechadura… A porta foi escancarada. O conde apareceu na entrada do *closet*. E a expressão em seu rosto era tão terrível que Yvonne começou a tremer.

Ele entrou no quarto. Cinco ou seis passos o separavam dela. Com um esforço supremo, ela tentou se mover, mas qualquer movimento era impossível; e, quando tentou falar, conseguiu somente tremular os lábios e emitir sons incoerentes. Ela se sentiu perdida. A ideia da morte a deixava transtornada. Seus joelhos cederam, e ela desabou no chão com um gemido.

O conde correu para ela e pegou-a pela garganta.

— Segure sua língua… não grite! — disse em voz baixa. — Será melhor para você!

Ao perceber que ela não tentava se defender, ele reduziu o aperto e tirou do bolso algumas tiras de lona de diferentes comprimentos já enroladas. Em alguns minutos, Yvonne estava colocada no sofá, com os punhos e tornozelos presos, e seus braços amarrados bem junto ao corpo.

Agora estava escuro no *closet*. O conde acendeu a luz elétrica e foi até a pequena escrivaninha onde Yvonne costumava manter suas cartas. Sem conseguir abri-la, arrombou-a com um arame dobrado, esvaziou as gavetas e juntou todo o conteúdo em um amontoado, que levou embora em uma pasta de papelão:

— Perda de tempo, hein? — sorriu ele. — Nada além de contas e cartas sem importância… Nenhuma prova contra você… Bolas! Vou ficar com meu filho mesmo assim; e juro por Deus que não vou libertá-lo!

Enquanto saía do cômodo, já perto da porta, seu criado Bernard chegou. Os dois pararam e conversaram em voz baixa, mas Yvonne ouviu o criado dizer:

— Tenho uma resposta do ourives. Ele disse que se coloca à minha disposição.

Ao que o conde respondeu:

— Vai ficar para o meio-dia de amanhã. Minha mãe acabou de telefonar dizendo que não podia vir antes.

Então Yvonne ouviu a chave girar na fechadura e o som de passos descendo para o térreo, onde ficava o escritório de seu marido.

Ela ficou inerte por um longo tempo, a cabeça girando com ideias vagas e rápidas que a queimavam como chamas. Lembrou-se então do comportamento infame de seu marido, sua conduta humilhante para com ela, suas ameaças, seus planos de pedir o divórcio; e ela gradualmente chegou à conclusão de que era a vítima de uma verdadeira conspiração, que os criados tinham sido dispensados até a noite seguinte por ordem do patrão, que a governanta tinha levado seu filho embora segundo as instruções do conde e com a ajuda de Bernard, que seu filho não retornaria e ela jamais o veria novamente.

— Meu filho! — chorou ela. — Meu filho!

Exasperada por sua dor, ela enrijeceu, tensionando cada nervo, cada músculo, para fazer um esforço violento. E ficou surpresa ao perceber que sua mão direita, que o conde prendera com muita pressa, ainda mantinha certa liberdade.

Então uma esperança enlouquecida tomou conta dela; e vagarosamente, pacientemente, começou seu trabalho de autolibertação.

Demorou bastante. Ela precisou de bastante tempo para alargar suficientemente o nó e mais tempo ainda depois, quando a mão estava livre, para desfazer as outras amarras que prendiam seus braços ao corpo e as que prendiam seus tornozelos.

Ainda assim, pensar em seu filho a fortalecia; a última amarra caiu ao mesmo tempo que o relógio batia as oito horas. Estava livre!

Mal ficou de pé e foi em direção à janela, abrindo-a de uma vez com a intenção de chamar o primeiro transeunte. Naquele instante um policial passou andando pela calçada. Ela se debruçou na janela. Mas o frio ar da noite, atingindo seu rosto, acalmou-a. Ela pensou no escândalo, na investigação judicial, nos inquéritos, no seu filho. Ó, céus! O que podia fazer para recuperá-lo? Como poderia escapar? O conde poderia aparecer ao menor ruído. E quem poderia dizer se em um rompante de fúria…

Ela estremeceu da cabeça aos pés, tomada por um terror súbito. O horror da morte misturava-se, em seu pobre cérebro, à lembrança de seu filho; e ela balbuciou, com a garganta sufocada:

— Socorro! Socorro!

Parou e disse para si mesma várias vezes, em uma voz baixa, "Socorro! Socorro!", como se a palavra despertasse uma ideia, uma memória dentro de si, e como se a esperança de um auxílio não parecesse mais impossível. Por alguns instantes ela permaneceu absorvida em uma meditação profunda, interrompida por medos e sobressaltos. Então, com uma série quase mecânica de movimentos, esticou seu braço em direção a um pequeno conjunto de prateleiras sobre a escrivaninha, pegou quatro livros, um após o outro, folheou-os com um ar desorientado, colocou-os no lugar e terminou encontrando, entre as páginas do quinto livro, um cartão de visitas com este nome:

HORACE VELMONT

seguido por um endereço, escrito a lápis:

CÍRCULO DA RUA ROYALE

E sua memória invocou a frase estranha que esse homem lhe dissera alguns anos atrás, naquela mesma casa, em uma tarde em que ela recebia visitas:

> *Se algum dia estiver ameaçada por algum perigo, se precisar de ajuda, não hesite; envie este cartão, que está me vendo colocar neste livro, e a qualquer hora, quaisquer que sejam os obstáculos, eu virei.*

Como falara essas palavras de um modo curioso e como passara a impressão de certeza, de força, de poder ilimitado, de ousadia indomável!

Abruptamente, inconscientemente, agindo sob o impulso de uma determinação irresistível, sem medir as consequências que se recusava a prever, Yvonne, com os mesmos gestos automáticos, pegou um envelope de correio pneumático[7], colocou o cartão dentro, fechou-o, endereçou-o a "Horace Velmont, Círculo da Rua Royale" e foi até a janela aberta. O policial estava rondando pela calçada. Ela atirou o envelope, confiando no destino. Talvez ele fosse apanhado, tratado como uma carta perdida e enviado.

Ela mal tinha terminado o ato quando percebeu quão absurdo ele foi. Era loucura supor que a mensagem chegaria ao endereço, e uma loucura ainda maior esperar que o homem para quem ela a enviava viria em seu

socorro, “a qualquer hora, quaisquer que sejam os obstáculos”.

Seguiu-se uma reação tão grande quanto o esforço tinha sido súbito e violento. Yvonne cambaleou, apoiou-se contra uma cadeira e, perdendo completamente as energias, deixou-se cair.

As horas se passaram, as horas melancólicas das noites de inverno, quando nada além do som das carruagens interrompia o silêncio da rua. O relógio corria, impiedoso. Naquele sono leve que entorpecia seus membros, Yvonne contava as batidas. Ela também ouvia certos ruídos, em diferentes andares da casa, que indicavam que seu marido tinha jantado, que subia para seu quarto e descia novamente para seu escritório. Mas tudo isso parecia vago demais para ela; e seu torpor era tamanho que sequer pensou em se deitar no sofá, caso ele entrasse…

As doze badaladas da meia-noite… E então meia-noite e meia… uma hora… Yvonne não pensava em coisa alguma, aguardando os eventos que aconteceriam e contra os quais qualquer rebelião seria inútil. Ela imaginou a si e seu filho como aqueles seres que sofreram muito e não sofrerão mais, abraçando-se amorosamente. Mas um pesadelo estilhaçou esse sonho. Pois agora esses dois seres seriam arrancados um do outro; e ela tinha a terrível sensação, em seu delírio, de que estava chorando e sufocando…

Ela saltou da cadeira. A chave girara na fechadura. O conde estava chegando, atraído por seus gritos. Yvonne olhou em volta, em busca de uma arma para se defender. Mas a porta foi aberta rapidamente, e, aturdida, como se a visão diante de seus olhos fosse o prodígio mais inexplicável, ela gaguejou:

— Você… Você!

Um homem andava em sua direção, com roupas sociais, com sua cartola e capa embaixo do braço, e esse homem, jovem, esbelto e elegante, ela reconheceu como Horace Velmont.

— Você! — repetiu.

Curvando-se, ele disse:

— Sinto muito, madame, mas não recebi sua carta até tarde da noite.

— É possível? É possível que seja você… Que você tenha conseguido…

Ele parecia enormemente surpreso:

— Não prometi que atenderia seu chamado?

— Sim… mas…

— Bem, aqui estou — disse ele com um sorriso.

Ele examinou as tiras de lona das quais Yvonne tinha conseguido se libertar e acenou com a cabeça, enquanto continuava sua inspeção.

— Então foram esses os meios que ele utilizou? O conde d'Origny, presumo. Também vi que ele a trancou. Mas a carta do correio pneumático… Ah, pela janela! Que descuido da parte dele não a fechar!

Ele puxou ambos os lados da janela. Yvonne ficou com medo:

— E se eles ouvirem?

— Não há ninguém na casa. Eu procurei.

— Mesmo assim…

— Seu marido saiu há dez minutos.

— Onde ele está?

— Com a mãe dele, a condessa d'Origny.

— Como sabe?

— Ah, é muito simples! Ele recebeu uma ligação, e aguardei o resultado na esquina desta rua e da avenida. Como esperado, o conde saiu apressado, seguido por seu criado. Imediatamente eu entrei, com o auxílio de chaves especiais.

Ele contou isso de uma forma muito natural, assim como alguém conta uma anedota desimportante em uma sala de visitas. Mas Yvonne, subitamente tomada por uma nova apreensão, perguntou:

— Então não é verdade? A mãe dele não está doente? Nesse caso, meu marido voltará…

— Decerto, o conde perceberá que foi vítima de um trote e no máximo em quarenta e cinco minutos…

— Então vamos logo… Não quero que ele me encontre aqui… Devo ir atrás do meu filho…

— Só um instante…

— Um instante! Mas não sabe o que eles tomaram de mim? Que talvez o estejam machucando?

Com uma expressão decidida e gestos febris, ela tentou empurrar Velmont. Ele, com enorme gentileza, fez com que a condessa se sentasse e, curvando-se sobre ela com uma atitude respeitável, disse com uma voz séria:

— Escute, madame, não nos faça perder tempo, pois cada minuto é valioso. Primeiramente, lembre-se disto: nós nos vimos quatro vezes, seis anos atrás… E, na quarta ocasião, quando eu conversava com a senhora, na

sala de visitas desta casa, com muito… como dizer?, com muito sentimento, a senhora me deu a entender que minhas visitas não eram mais bem-vindas. Desde aquele dia, não a vi. Contudo, apesar de tudo isso, sua confiança em mim foi tanta que guardou o cartão que coloquei entre as páginas daquele livro e, seis anos depois, procurou-me e a mais ninguém. Peço que continue a ter essa fé em mim. Deve obedecer a mim cegamente. Da mesma forma que ultrapassei todos os obstáculos para chegar até aqui, assim vou salvá-la, qualquer que seja a situação.

A calma de Horace Velmont, sua voz magistral, com a entonação amigável, gradualmente acalmou a condessa. Apesar de ainda estar muito fraca, ela ganhou uma nova sensação de tranquilidade e segurança com a presença daquele homem.

— Não tema — prosseguiu ele. — A condessa d'Origny vive na outra ponta do Bois de Vincennes. Mesmo que seu marido encontre um táxi, é impossível que ele volte antes das três e quinze. Bem, são duas e trinta e cinco agora. Eu juro que a levarei embora exatamente às três e que a levarei até onde está seu filho. Mas não irei embora até saber de tudo.

— O que devo fazer? — ela perguntou.

— Responda-me e responda com sinceridade. Temos vinte minutos. É o bastante. Mas não é muito.

— Pergunte-me o que quer saber.

— Acha que o conde tinha alguma… alguma intenção assassina?

— Não.

— Então é a respeito de seu filho?

— Sim.

— Ele está levando-o embora, imagino, porque quer divorciar-se da senhora e casar com outra mulher, uma antiga amiga sua, que a senhora expulsou da sua casa. É isso? Oh, eu suplico que responda com franqueza! Esses são fatos de notoriedade pública; e sua hesitação, seus escrúpulos, tudo isso deve ficar para trás, agora que o assunto envolve o seu filho. Então, seu marido desejava se casar com outra mulher?

— Sim.

— A mulher não tem dinheiro. Seu marido, por sua vez, perdeu tudo o que tinha em apostas e não tem mais nada além da pensão que recebe da mãe, a condessa d'Origny, e os juros da grande fortuna que seu filho herdou de dois dos seus tios. É essa fortuna que seu marido cobiça e da

qual ele se apropriaria mais facilmente se o garoto estivesse sob seu controle. Esta é a única forma: divórcio. Estou certo?

— Sim.

— E o que o impediu até agora foi a sua recusa?

— Sim, a minha e a da minha sogra, cujos sentimentos religiosos são contra o divórcio. A condessa d'Origny só cederia caso…

— Caso?

— Caso eles pudessem comprovar que eu sou culpada de conduta vergonhosa.

Vermont deu de ombros:

— Portanto, ele é impotente para fazer qualquer coisa contra a senhora ou contra o seu filho. Tanto do ponto de vista legal quanto dos próprios interesses dele, ele encontra um obstáculo que é o mais intransponível de todos: a virtude de uma mulher honesta. E mesmo assim, apesar de tudo isso, ele repentinamente decide entrar na briga.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que, se um homem como o conde, após tantas hesitações e diante de tantas dificuldades, arrisca uma aventura tão duvidosa, deve ser porque ele pensa que dispõe de armas…

— Que armas?

— Não sei. Mas elas existem… ou então ele nem teria começado levando seu filho embora.

Yvonne cedeu ao desespero:

— Oh, isso é horrível! Como posso saber o que ele pode ter feito, o que pode ter inventado?

— Tente pensar… Procure em suas memórias… Diga-me: nesta escrivaninha, que ele arrombou, havia algum tipo de carta que ele poderia de alguma forma usar contra a senhora?

— Não, apenas contas e endereços…

— E, nas palavras que ele usou contra a senhora, em suas ameaças, há alguma coisa que lhe permita tentar adivinhar?

— Nada.

— Mesmo assim… mesmo assim — Velmont insistia —, deve haver algo — ele continuou. — O conde tem um amigo particularmente íntimo… em quem ele confie?

— Não.

— Alguém veio vê-lo ontem?

— Não, ninguém.

— Ele estava sozinho quando a amarrou e a trancou?

— Naquele momento, sim.

— Mas depois?

— Seu criado, Bernard, juntou-se a ele perto da porta, e eu os ouvi falar sobre um ourives…

— Isso é tudo?

— E sobre algo que aconteceria no dia seguinte, quer dizer, hoje, ao meio-dia, porque a condessa d'Origny não poderia chegar mais cedo.

Velmont refletiu:

— Essa conversa tem algum significado que possa esclarecer os planos de seu marido?

— Não vejo significado algum.

— Onde estão suas joias?

— Meu marido vendeu todas.

— Não restou nenhuma?

— Não.

— Nem mesmo um anel?

— Não — disse ela, mostrando suas mãos —, nenhum exceto esta aliança.

— Que é sua aliança de casamento?

— Que é minha… aliança…

Ela parou, perplexa, Velmont viu-a corar enquanto gaguejava:

— Seria possível? Mas não… não… ele não sabe…

Velmont imediatamente pressionou-a com perguntas, e Yvonne ficou calada, imóvel, com a expressão ansiosa. Finalmente, ela respondeu, em voz baixa:

— Esta não é minha aliança de casamento. Um dia, há muito tempo, ela caiu da lareira no meu quarto, onde eu a colocara logo antes, e, por mais que eu a procurasse, não consegui encontrá-la. Então encomendei uma nova, sem contar nada… E é esta aqui, na minha mão…

— A aliança de verdade tinha a data do seu casamento?

— Sim… 23 de outubro.

— E a segunda?

— Esta não tem data.

Ele percebeu uma leve hesitação nela e uma confusão que, na verdade, ela não tentou esconder.

— Eu lhe imploro — exclamou ele —, não esconda nada de mim… Vê quão longe fomos em alguns minutos, com lógica e calma? Continuemos, peço como um favor.

— Tem certeza de que isso é necessário? — perguntou ela.

— Tenho certeza de que o menor detalhe tem importância e que estamos quase chegando ao nosso objetivo. Mas devemos nos apressar. Este é um momento crucial.

— Não tenho nada a esconder — disse ela, levantando sua cabeça com orgulho. — Foi o período mais miserável e perigoso da minha vida. Enquanto era humilhada em casa, era cercada de atenções, tentações e armadilhas do lado de fora, assim como qualquer mulher que é perceptivelmente negligenciada por seu marido. Então eu me lembrei: antes do meu casamento, um homem se apaixonara por mim. Eu adivinhara seu amor inconfesso; e então ele morreu. O nome desse homem estava gravado dentro da aliança; e eu a usava como um talismã. Não havia amor em mim, pois era a esposa de outro homem. Mas, em segredo, dentro do meu coração, havia uma memória, um sonho triste, algo doce e gentil que me protegia…

Ela falara lentamente, sem estar envergonhada, e Velmont não duvidou nem por um segundo de que ela contava a verdade inteira. Ele ficou em silêncio; e ela, novamente ansiosa, perguntou:

— Acha que… meu marido...

Ele segurou a mão dela e, enquanto examinava a simples aliança de ouro, disse:

— O enigma está aqui. Seu marido, não sei como, sabe sobre a substituição de uma aliança pela outra. A mãe dele estará aqui ao meio-dia. Na presença de testemunhas, ele a convencerá a tirar sua aliança; e, dessa forma, obterá a aprovação da mãe e, ao mesmo tempo, conseguirá o divórcio, porque terá a prova que procurava.

— Estou perdida! — lamentou ela. — Perdida!

— Ao contrário, está salva! Dê-me essa aliança… E em pouco tempo ele encontrará outra aí, outra que mandarei para a senhora, que chegará antes do meio-dia e que trará a data de 23 de outubro. Então…

Ele parou subitamente. Enquanto falava, a mão de Yvonne ficara gelada na sua; e, levantando seus olhos, ele viu que a jovem estava pálida, terrivelmente pálida:

— Qual o problema? Eu lhe imploro…

Ela entrou em um ataque enlouquecido de desespero.

— O problema é esse, que estou perdida! O problema é que não consigo tirar a aliança! Ficou pequena demais para mim! Está entendendo? Não fazia diferença e eu nem pensei nisso… Mas hoje… essa prova… essa acusação… Oh, que tortura! Veja… é como se fosse parte do meu dedo… entrou na minha carne… e não consigo… não consigo…

Ela puxava a aliança em vão, com toda a sua força, correndo o risco de se machucar. Mas a carne em volta da aliança inchou; e a aliança nem se moveu.

— Oh! — gritou ela, tomada por uma ideia que a aterrorizava. — Eu me lembro… uma noite… um pesadelo que tive… Parecia que alguém entrava no meu quarto e segurava minha mão… E eu não conseguia acordar… Foi ele! Foi ele! Ele me deu algo para dormir, eu tenho certeza… e estava olhando para minha aliança… E em pouco tempo ele a arrancará diante dos olhos de sua mãe… Ah, eu entendo tudo: o ourives! Ele a cortará da minha mão amanhã… Está vendo, está vendo… Estou perdida!

Ela escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar. Mas, durante o silêncio, o relógio bateu uma vez… duas… e mais uma. Yvonne se levantou em um salto:

— Ele está vindo! — gritou. — Está chegando… São três horas! Vamos embora!

Ela agarrou sua capa e correu para a porta… Velmont ficou no caminho e disse em um tom magistral:

— Você não deve ir!

— Meu filho… Quero vê-lo, trazê-lo de volta…

— Você nem sabe onde ele está!

— Quero ir.

— Não deve ir! Seria loucura… Ele segurou seus punhos. Ela tentou se soltar; e Velmont teve de usar um pouco de força para vencer sua resistência. No fim, ele conseguiu levá-la de volta ao sofá, depois conseguiu deitá-la e imediatamente, sem ouvir suas lamentações, pegou as tiras de lona e prendeu seus punhos e tornozelos:

— Sim — disse ele. — Seria loucura! Quem a teria soltado? Quem teria aberto a porta para que saísse? Um cúmplice? Que bom argumento contra a senhora seria esse e que bom uso seu marido faria dele com a mãe! Além disso, que bem faria? Fugir significa aceitar o divórcio… E, se não fugir, o que pode acontecer? Deve ficar aqui…

Ela soluçou:

— Estou com medo… Com medo… A aliança está me queimando… Quebre-a… Leve-a… Não deixe que ele a encontre!

— E se ela não estiver em seu dedo, quem a terá quebrado? Novamente, um cúmplice… Não, deve dançar conforme a música… E dançar feliz, pois eu respondo por tudo… Acredite em mim… Eu respondo por tudo… Mesmo que eu precise derrubar a condessa d'Origny no chão para atrasar o encontro… Se eu mesmo tiver que vir aqui antes do meio-dia… A aliança que será tirada do seu dedo será a real. Eu prometo! E seu filho será devolvido.

Convencida e subjugada, Yvonne instintivamente estendeu suas mãos para serem amarradas. Quando Velmont se levantou, ela estava amarrada da mesma forma como estivera antes.

Ele deu uma olhada pelo cômodo para ter certeza de que não houvesse vestígios de sua visita. Então ele parou perto da condessa novamente e sussurrou:

— Pense em seu filho e, aconteça o que acontecer, não tema coisa alguma… Estou cuidando da senhora.

Ela o ouviu abrir e fechar a porta do *closet* e, alguns momentos depois, a porta do saguão.

Às três e meia, um táxi se aproximou. A porta do andar de baixo bateu novamente; e, quase imediatamente em seguida, Yvonne viu seu marido entrar com pressa, com um olhar furioso. Ele correu até ela, tateou para verificar se ainda estava amarrada e, agarrando sua mão, examinou sua aliança. Yvonne desmaiou…

Ela não conseguia dizer, quando acordou, por quanto tempo tinha dormido. Mas a clara luz do dia enchia o *closet,* e ela percebeu, com o primeiro movimento que fez, que suas amarras tinham sido cortadas. Virou a cabeça e viu seu marido parado de pé ao seu lado, olhando para ela:

— Meu filho… Meu filho… — gemeu ela. — Quero meu filho…

Ele respondeu, com uma voz na qual ela sentiu uma insolência zombeteira:

— Nosso filho está em um lugar seguro. E, por enquanto, a questão não é com ele, mas, sim, com você. Estamos frente a frente um com o outro, provavelmente pela última vez, e o esclarecimento entre nós será muito sério. Devo lhe avisar que acontecerá na presença da minha mãe. Tem alguma objeção?

Yvonne tentou esconder sua agitação e respondeu:

— De forma nenhuma.

— Posso mandar chamá-la?

— Sim. Deixe-me sozinha, enquanto isso. Estarei pronta quando ela chegar.

— Minha mãe está aqui.

— Sua mãe está aqui? — exclamou Yvonne, desesperada, lembrando-se da promessa de Horace Velmont.

— Por que está surpresa com isso?

— E é agora… quer fazer isso imediatamente?

— Sim.

— Por quê? Por que não hoje à noite? Por que não amanhã?

— Hoje e agora — avisou o conde. — Um incidente muitíssimo curioso aconteceu ontem à noite, um incidente que não consigo entender e que me fez decidir apressar esse esclarecimento. Não quer comer algo antes?

— Não… não…

— Então vou buscar minha mãe.

Ele foi em direção ao quarto de Yvonne. Ela olhou para o relógio. Eram dez e trinta e cinco!

— Ah! — lamentou ela, tremendo de medo.

Faltavam vinte e cinco minutos para as onze! Horace Velmont não a salvaria, e ninguém nem nada no mundo poderia salvá-la, pois não havia um milagre que poderia colocar a aliança em seu dedo.

O conde, voltando com a condessa d'Origny, pediu que ela se sentasse. Sua mãe era uma mulher alta, esguia e angular, que sempre demonstrara um sentimento hostil para com Yvonne. Ela nem mesmo desejou bom-dia à nora, mostrando que já estava decidida quanto à acusação:

— Não acho que precisaremos conversar muito — disse ela. — Meu filho acha que em duas palavras…

— Não acho, mãe — disse o conde. — Tenho certeza. Afirmo com a minha palavra que, três meses atrás, durante o feriado, o tapeceiro, ao colocar o carpete neste cômodo e no *closet,* encontrou em uma fresta no chão a aliança de casamento que dei à minha mulher. Aqui está ela. A data de 23 de outubro está gravada do lado de dentro.

— Então — disse a condessa —, a aliança que está na mão de sua mulher…

— Essa é outra aliança, que ela encomendou em troca da verdadeira. Agindo de acordo com minhas ordens, Bernard, meu criado, depois de muito procurar, acabou descobrindo nos arredores de Paris, onde ele mora agora, o pequeno ourives aonde ela foi. Esse homem lembra-se perfeitamente e está disposto a servir de testemunha de que sua cliente não pediu que ele gravasse uma data, mas, sim, um nome. Ele esqueceu o nome, mas o homem que trabalhava em sua loja com ele talvez ainda se lembre. Esse ourives foi informado por carta de que eu precisava de seus serviços e respondeu ontem, colocando-se à minha disposição. Bernard foi buscá-lo às nove hoje. Os dois estão aguardando em meu escritório.

Ele virou-se para sua mulher:

— Vai me entregar a aliança por vontade própria?

— Já sabe desde a outra noite que ela não vai sair do meu dedo — disse ela.

— Nesse caso, posso pedir que o homem suba? Ele está com os equipamentos necessários.

— Sim — ela assentiu, em uma voz que mais parecia um sussurro.

Yvonne estava resignada. Imaginou o futuro como em uma visão: o escândalo, o decreto de divórcio pronunciado contra si, a custódia do garoto dada ao pai; e ela aceitou tudo isso pensando que sequestraria seu filho, que iria até os confins da terra com ele e que os dois viveriam sozinhos e felizes…

Sua sogra disse:

— Foi muito descuidada, Yvonne.

Yvonne estava prestes a confessar à sogra e pedir sua proteção. Mas que bem isso faria? Como a condessa d'Origny poderia acreditar em sua inocência? Não encontrou resposta.

Além disso, o conde logo retornou, seguido por seu criado e um homem que carregava uma sacola de ferramentas.

E o conde disse para o homem:

— Sabe o que tem de fazer?

— Sim — disse o artesão. — Cortar uma aliança que ficou pequena demais… Isso é fácil… É só usar o alicate…

— E então verá se a inscrição dentro da aliança foi a que você gravou — disse o conde.

Yvonne olhou para o relógio. Faltavam dez minutos para as onze. Ela parecia ouvir, em algum lugar da casa, o som de vozes mais altas discutindo; e, contra sua vontade, sentiu uma centelha de esperança. Talvez Velmont tivesse conseguido… Mas o som se repetiu; e ela percebeu que eram alguns vendedores passando sob sua janela e seguindo caminho.

Era o fim. Horace Velmont não tinha conseguido ajudá-la. E ela entendia que, para recuperar seu filho, teria de confiar em sua própria força, pois as promessas dos outros são vãs.

Fez um movimento de recuo. Ela sentira a mão pesada do ourives na sua; e aquele toque odioso a revoltou.

O homem se desculpou, desajeitadamente. O conde disse à sua mulher:

— Tem que se decidir, você sabe.

Então ela esticou sua mão esguia e trêmula para o artesão, que a segurou, virou-a e a colocou na mesa, com a palma virada para cima. Yvonne sentiu o ferro frio. Ela queria morrer naquele momento; e, imediatamente atraída por aquela ideia de morte, ela pensou nos venenos que poderia comprar e qual deles a faria dormir quase sem saber.

A operação não levou muito tempo. Colocado de forma inclinada, o pequeno alicate de aço empurrou a carne, abriu espaço para ele e mordeu a aliança. Um grande esforço… e a aliança quebrou. As duas metades só precisaram ser separadas para tirar a aliança do dedo. Foi o que o artesão fez.

O conde exclamou, triunfante:

— Finalmente! Agora veremos! A prova está ali! E todos somos testemunhas…

Ele agarrou a aliança e olhou a inscrição. Um grito de surpresa escapou-lhe: a aliança trazia a data de seu casamento com Yvonne: “23 de outubro”.

Estávamos sentados na varanda em Monte Carlo. Lupin terminou sua história, acendeu um cigarro e calmamente soprou a fumaça no céu azul.

Eu disse:

— E então?

— E então o quê?

— Ora, o fim da história…

— O fim da história? Mas que outro fim poderia ter?

— Ora, vamos… você está brincando…

— De modo algum. Não foi suficiente para você? A condessa foi salva. O conde, sem ter a menor prova contra ela, foi forçado por sua mãe a desistir do divórcio e devolver o garoto. Isso é tudo. Desde então, ele deixou a esposa, que está vivendo feliz com seu filho, um belo jovem de dezesseis anos.

— Sim… Sim… Mas e a maneira como a condessa foi salva?

Lupin desatou a rir:

— Meu caro amigo — Lupin às vezes se digna a dirigir-se a mim dessa forma afetuosa —, meu caro amigo, você pode ser muito esperto ao relatar minhas aventuras, mas, por Deus, você quer que eu faça todo o trabalho por você! Eu lhe garanto, a condessa não pediu explicações!

— É bem provável. Mas não tenho tanto orgulho — acrescentei, rindo. — Ponha os pingos nos is para mim, por favor.

Ele pegou uma moeda de cinco francos e fechou a mão em volta dela.

— O que tenho em minha mão?

— Uma moeda de cinco francos.

Ele abriu a mão. A moeda tinha desaparecido.

— Veja como é fácil! Um ourives, com seu alicate, corta uma aliança com uma data gravada nela: 23 de outubro. É um simples truque de prestidigitação, um dos vários que tenho na manga. Por Deus, não passei seis meses com Dickson, o invocador[8], por nada!

— Mas então…

— Diga logo!

— O ourives?

— Era Horace Velmont! Era o bom e velho Lupin! Ao deixar a condessa às três da manhã, eu empreguei os últimos minutos que me restavam antes do retorno do marido para dar uma olhada em seu escritório. Na escrivaninha, eu encontrei a carta do ourives. A carta me deu o endereço. Um suborno de alguns luíses[9] permitiu que eu tomasse o lugar dele; e eu cheguei com uma aliança já cortada e gravada. *Eureka*! O conde não

conseguiu perceber a diferença.

— Esplêndido! — exclamei. E acrescentei, irritadiço, por minha vez. — Mas não acha que foi um pouco enganado naquela ocasião?

— Oh! E por quem, diga-me?

— Pela condessa?

— De que forma?

— Ora bolas, aquele nome gravado como um talismã! O adônis misterioso que a amou e sofreu por ela! Toda essa história parece muito improvável; e eu me pergunto se, mesmo sendo Lupin, você não caiu em uma história de amor bonitinha, absolutamente genuína e… nada inocente.

Lupin olhou de esguelha para mim:

— Não — disse ele.

— Como sabe?

— Se a condessa tivesse mentido ao me contar que tinha conhecido o homem antes de seu casamento, e que ele estava morto, e se ela realmente o amasse no fundo do coração, eu pelo menos teria uma prova certeira de que era um amor idealizado e que o conde não tinha suspeita alguma.

— E onde está a prova?

— Está gravada dentro da aliança que eu mesmo quebrei no dedo da condessa… E que eu carrego comigo. Aqui está. Pode ler o nome gravado.

Ele me entregou a aliança. Eu li:

— Horace Velmont.

Houve um momento de silêncio entre mim e Lupin; e, ao percebê-lo, também observei em seu rosto certa emoção, um toque de melancolia.

Eu continuei:

— O que o fez me contar essa história… à qual já fez tantas alusões em minha presença?

— O que me fez…

Ele chamou minha atenção para uma mulher, ainda extremamente bela, que passava de braços dados com um jovem. Ela viu Lupin e fez uma mesura.

— É ela — sussurrou ele. — Ela e o filho.

— Então ela o reconheceu?

— Ela sempre me reconhece, não importa o disfarce.

— Mas desde o roubo no Château de Thibermesnil[10] a polícia identificou os dois nomes, Arsène Lupin e Horace Velmont.

— Sim.

— Então ela sabe quem você é.

— Sim.

— E ela se curva para você? — exclamei, sem querer.

Ele agarrou meu braço e disse ferozmente:

— Acha que sou Lupin para ela? Acha que sou um assaltante a seus olhos, um ladrão, um trapaceiro? Ora, posso ser o pior dos cafajestes, posso ser até mesmo um assassino… E mesmo assim ela se curvaria para mim!

— Por quê? Porque ela o amou uma vez?

— Claro que não! Muito pelo contrário, essa seria uma razão extra para que ela me desprezasse.

— Por que, então?

— Eu sou o homem que lhe devolveu seu filho!

---

[6] Senhorita, em alemão. (N.T.)

[7] Os sistemas de transporte pneumático constituem-se de uma rede de tubos pelos quais recipientes cilíndricos (cápsulas) são impulsionados por ar comprimido ou por vácuo. Esses sistemas são utilizados para transportar pequenos objetos. O sistema pneumático de Paris foi usado até 1984. (N.T.)

[8] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca,* de Maurice Leblanc: "A fuga de Arsène Lupin".

[9] Luís, oficialmente luís de ouro, foi uma antiga moeda francesa. A mais recente delas valia vinte francos e circulou entre 1800 e 1914. (N.T.)

[10] *Arsène Lupin, o ladrão de casaca,* de Maurice Leblanc: "Herlock Sholmes chega tarde demais". (N.T.)

O signo da sombra

— Recebi seu telegrama e aqui estou — disse um cavalheiro com um bigode grisalho, que entrou em meu escritório usando um fraque marrom escuro e um chapéu de aba larga, com um laço vermelho em sua botoeira. — Qual é o problema?

Se eu não estivesse esperando Arsène Lupin, certamente nunca o reconheceria na pessoa desse velho oficial de reserva.

— Qual é o problema? — repeti. — Oh, nada de mais: uma coincidência muito curiosa, só isso. E, como sei que você gosta tanto de esclarecer um mistério quanto de planejar um…

— E então?

— Parece estar com muita pressa!

— Estou… A não ser que o mistério em questão valha o meu esforço. Então, vá direto ao ponto.

— Muito bem. Comece dando uma olhada neste pequeno quadro, que eu comprei uma ou duas semanas atrás, em uma loja velha e suja do outro lado do rio. Eu o comprei por causa da moldura imperial, com os ornamentos de palmeira nela… Já que a pintura é execrável.

— É execrável, como você diz — disse Lupin depois de tê-la examinado —, mas o objeto da pintura é bastante agradável. Esse canto de um pátio antigo, com sua rotunda de colunas gregas, seu relógio de sol e sua lagoa de peixes e aquele poço arruinado com o telhado renascentista e os degraus e bancos de pedra: tudo muito pitoresco.

— E genuíno — acrescentei. — A pintura, boa ou ruim, nunca foi tirada da sua moldura imperial. Além disso, ela é datada… Ali, no canto inferior esquerdo: aqueles números vermelhos, 15.4.2, que obviamente querem

dizer 15 de abril de 1802.

— Devo dizer… devo dizer… Mas você estava falando sobre coincidências e, até agora, não estou vendo…

Fui até um canto do meu escritório, peguei um telescópio, coloquei-o em seu suporte e apontei, pela janela aberta, para a janela aberta do pequeno cômodo em frente ao meu apartamento, do outro lado da rua. E pedi que Lupin olhasse através dele.

Ele inclinou-se para a frente. Os raios oblíquos do sol da manhã iluminavam o cômodo do outro lado, revelando um conjunto de móveis de mogno, todos muito simples, uma cama grande e uma cama de criança com cortinas de cretone.

— Ah! — exclamou Lupin, repentinamente. — O mesmo quadro!

— Exatamente o mesmo! — disse eu. — E a data: está vendo a data, em vermelho? 15.4.2.

— Sim, estou vendo… E quem vive naquele cômodo?

— Uma dama… ou melhor, uma trabalhadora, pois tem que trabalhar por seu sustento… Ela costura para fora e mal é o suficiente para manter os dois, ela e a criança.

— Como ela se chama?

— Louise d'Ernemont… Até onde sei, ela é bisneta de um agente de impostos que foi guilhotinado durante o Terror[11].

— Sim, no mesmo dia que André Chénier[12] — disse Lupin. — Segundo as memórias da época, esse d'Ernemont devia ser um homem muito rico. — Ele levantou a cabeça e acrescentou: — Essa história é interessante… Por que esperou para me contar?

— Porque hoje é 15 de abril.

— E?

— Bem, descobri ontem… Eu os ouvi falar sobre isso na portaria… Que o dia 15 de abril é um dia importante da vida de Louise d'Ernemont.

— Baboseira!

— Contrariamente aos seus hábitos de sempre, essa mulher que trabalha todos os dias da sua vida, que mantém os dois cômodos organizados, que cozinha o almoço que sua filhinha come quando volta para casa da escola municipal… Essa mulher, no dia 15 de abril, sai com a criança às dez da manhã e não volta até o anoitecer. E isso tem acontecido por anos e em todos os climas. Deve admitir que há algo estranho sobre

essa data, que eu encontrei em uma pintura antiga, que está escrita em outra pintura similar e que controla os movimentos anuais da descendente do agente de impostos d'Ernemont.

— Sim, é curioso… Você está definitivamente certo — disse Lupin lentamente. — E não sabe aonde ela vai?

— Ninguém sabe. Ela não confia em ninguém. Na verdade, ela fala muito pouco.

— Tem certeza da sua informação?

— Absolutamente. E a melhor prova de sua precisão é que lá vem ela.

Uma porta se abrira no fundo do cômodo do outro lado da rua. Uma garotinha de sete ou oito anos entrou e olhou pela janela. Uma senhora apareceu atrás dela, alta, ainda bonita e com uma expressão triste e gentil. Ambas estavam prontas e vestidas com roupas que eram simples, mas que demonstravam um amor pelo asseio e certa elegância da parte da mãe.

— Está vendo? — sussurrei. — Elas estão saindo.

E logo depois a mãe pegou a criança pela mão e elas saíram juntas do quarto.

Lupin apanhou seu chapéu.

— Você vem?

Minha curiosidade era grande demais para que eu levantasse a menor das objeções. Desci com Lupin.

Ao sairmos à rua, vimos minha vizinha entrar em uma padaria. Ela comprou dois pães e os colocou em uma pequena cesta que sua filha carregava e que parecia já conter outras provisões. Então elas foram na direção das avenidas externas, e nós as seguimos até a Praça de l'Étoile, onde elas viraram na direção da Avenida Kléber para andar em direção à Passy.

Lupin andava ao meu lado silenciosamente, evidentemente obcecado por uma linha de raciocínio que eu estava feliz de ter provocado. De vez em quando, ele murmurava uma sentença que me mostrava a linha de suas reflexões; e eu podia ver que o enigma continuava sendo um mistério tão grande para ele quanto era para mim.

Enquanto isso, Louise d'Ernemont dobrou à esquerda, ao longo da Rua Raynouard, uma velha rua tranquila em que Franklin e Balzac um dia moraram, uma dessas ruas que, repletas de casas antiquadas e jardins murados, dão a impressão de se estar em uma cidade de interior. O Sena

corria pela encosta do monte encimado pela rua; e várias vielas iam em direção ao rio.

Minha vizinha tomou uma dessas vielas estreitas, sinuosas e desertas. A primeira construção, à direita, era uma casa cuja fachada ficava de frente para a Rua Raynouard. Depois dela vinha um muro cheio de musgo, mais alto que a média, sustentado por contrafortes e cheio de cacos de vidro.

Na metade do muro havia uma porta arqueada baixa. Louise d'Ernemont parou diante dela e a abriu com uma chave que parecia enorme para nós. Mãe e filha entraram e fecharam a porta.

— De qualquer forma — disse Lupin —, ela não tem nada a esconder, pois não olhou em sua volta uma única vez…

Ele mal terminara sua frase quando ouvimos o som de passos atrás de nós. Eram dois velhos mendigos, um homem e uma mulher, esfarrapados, sujos e esquálidos, vestidos em trapos. Eles passaram por nós sem prestar a menor atenção à nossa presença. O homem pegou em sua sacola uma chave parecida com a da minha vizinha e a colocou na fechadura. A porta se fechou atrás deles.

E subitamente, do começo da viela, veio o som de um automóvel parando… Lupin me arrastou por mais cinquenta metros pela viela, até uma esquina onde podíamos nos esconder. E vimos uma jovem mulher muito bem vestida descer a viela, carregando um cachorro embaixo do braço, usando muitas joias. Tinha olhos escuros demais, lábios vermelhos demais e cabelos claros demais. Diante da porta, o mesmo desempenho, com a mesma chave… A dama e o cachorro desapareceram de vista.

— Isso promete ser divertido — disse Lupin, rindo. — Qual será a conexão possível entre essas pessoas tão diferentes?

Enquanto estávamos lá, apareceram sucessivamente duas senhoras mais velhas, magras e de aparência bastante miserável, muito parecidas, evidentemente irmãs; um lacaio de libré; um cabo de infantaria; um cavalheiro gordo em um terno manchado e remendado; e, finalmente, a família de um operário, pai, mãe e quatro filhos, todos os seis pálidos e com aparência doentia, parecendo pessoas que nunca comem o suficiente. E cada um dos recém-chegados carregava uma cesta ou uma sacola cheia de provisões.

— É um piquenique! — exclamei.

— Fica cada vez mais surpreendente — disse Lupin —, e não ficarei satisfeito até saber o que está acontecendo por trás daquele muro.

Escalá-lo estava fora de cogitação. Também observamos que ele terminava, tanto na parte mais alta da viela quanto na mais baixa, em casas que não tinham nenhuma janela virada para a área que o muro cercava.

Durante a hora seguinte, ninguém mais apareceu. Nós tentamos pensar em um estratagema, em vão; e Lupin, cuja mente fértil já tinha pensado em qualquer recurso possível, estava prestes a ir à procura de uma escada quando, repentinamente, a pequena porta se abriu e um dos filhos do operário saiu.

O garoto subiu a viela até a Rua Raynouard. Alguns minutos depois ele voltou, carregando duas garrafas de água, que colocou na calçada para pegar a grande chave de dentro do bolso.

Naquele momento, Lupin já tinha saído de perto de mim e caminhava lentamente ao longo do muro. Quando o garoto, depois de entrar no espaço murado, empurrou a porta, Lupin se adiantou e colocou a ponta de sua faca na fechadura. A fechadura não travou; então foi fácil deixar a porta entreaberta.

— Funcionou muito bem! — disse Lupin.

Ele colocou sua mão pela porta com cautela e depois, para minha grande surpresa, entrou audaciosamente. Mas, ao seguir seu exemplo, eu vi que, a dez metros do muro, uma moita de louros formava um tipo de cortina que permitia que nos aproximássemos sem ser notados.

Lupin tomou sua posição bem no meio da moita. Eu me juntei a ele e, da mesma forma, empurrei para o lado os galhos de um dos arbustos. E a visão que se apresentou diante dos meus olhos foi tão inesperada que não pude reprimir uma exclamação, enquanto Lupin, no seu canto, murmurou, entre dentes:

— Por Júpiter! Que situação curiosa!

Vimos diante de nós, dentro do espaço confinado entre duas casas sem janelas, uma cena idêntica à representada na velha pintura que eu comprara em um vendedor de coisas usadas!

A cena idêntica! Ao fundo, contra o muro do outro lado, a mesma rotunda grega mostrava suas colunas esguias. No centro, os mesmos bancos de pedra encimavam um círculo de quatro degraus que desciam para um lago de peixes com pedras cheias de musgo. À esquerda, o mesmo poço

trazia sua cobertura de ferro fundido; e, perto dele, o mesmo relógio de sol trazia seu gnômon inclinado e o mostrador de mármore.

A cena idêntica! E o que aumentou a estranheza da visão foi a memória, que obcecava tanto a Lupin quanto a mim, da data do dia 15 de abril, inscrita no canto da pintura, e o pensamento de que esse dia era 15 de abril e que dezesseis ou dezessete pessoas, de idades, condições e maneiras tão diferentes, tivessem escolhido o dia 15 de abril para se juntar nesse canto esquecido de Paris!

Todos eles, no momento em que os vimos, estavam sentados em grupos separados nos bancos e nos degraus; e todos estavam comendo. Não muito distantes da minha vizinha e sua filha, a família do operário e o casal mendigo dividiam suas provisões; enquanto o lacaio, o cavalheiro com o terno encardido, o cabo de infantaria e as duas irmãs esguias compartilhavam seu estoque de presunto fatiado, suas latas de sardinha e seu queijo Gruyère.

Apenas a dama com o cachorrinho, que não trouxera comida, sentava-se longe dos outros, os quais fizeram questão de se sentar de costas para ela. Mas Louise d'Ernemont ofereceu-lhe um sanduíche, e imediatamente depois seu exemplo foi seguido pelas duas irmãs; e o cabo começou a ser tão agradável com a jovem dama quanto possível.

Agora já eram treze e trinta. O mendigo pegou seu cachimbo, assim como o cavalheiro gordo; e, ao perceberem que um não tinha tabaco e o outro não tinha fósforos, suas necessidades logo os uniram. Os homens foram fumar perto da rotunda, e as mulheres juntaram-se a eles. Na verdade, todas essas pessoas pareciam se conhecer muito bem.

Eles estavam a alguma distância de nós, então não conseguíamos ouvir o que diziam. Entretanto, gradualmente notamos que as conversas iam se animando. A jovem com o cachorro, em particular, que a essa hora parecia ser muito requisitada, deixava-se levar em uma conversa muito loquaz, acompanhando suas palavras com muitos gestos, o que fazia seu cachorrinho latir furiosamente.

Mas, subitamente, houve um clamor, prontamente seguido por gritos de fúria; e todos eles, tanto homens quanto mulheres, apressaram-se desordenadamente na direção do poço. Um dos filhos do operário estava naquele instante saindo dele, com seu cinto preso ao gancho na ponta da corda; e os outros três pestinhas giravam a alavanca para puxá-lo. Mais

ativo que o restante, o cabo se jogou sobre ele; e logo em seguida o lacaio e o cavalheiro gordo também o agarraram, enquanto os mendigos e as irmãs esbeltas começaram a brigar com o operário e sua família.

Em poucos segundos, o garotinho não tinha nada além de sua camisa no corpo. O lacaio, que pegara o restante das roupas dele, fugiu, seguido pelo cabo, que surrupiara as calças do garoto, mas que depois foram arrancadas dele por uma das irmãs esbeltas.

— Eles enlouqueceram! — murmurei, sentindo-me completamente desnorteado.

— De forma nenhuma, de forma nenhuma — disse Lupin.

— O quê? Você quer dizer que consegue entender o que está acontecendo?

Ele não respondeu. A jovem com o cachorrinho, colocando seu bichinho embaixo do braço, começou a correr atrás do garoto só de camisa, que gritava alto. Os dois correram em volta da moita de louros onde nos escondíamos; e o menino se jogou nos braços da mãe.

Finalmente, Louise d'Ernemont, que tivera um papel conciliatório desde o começo, conseguiu apaziguar o tumulto. Todos se sentaram novamente; mas houve uma reação em todas aquelas pessoas exasperadas, e elas continuaram imóveis e quietas, como se exaustas com seus esforços.

E o tempo passou. Perdendo a paciência e começando a sentir a fome apertar, fui à Rua Raynouard buscar algo para comer, que nós dividimos enquanto observávamos os atores daquela comédia incompreensível que estava se desenrolando diante dos nossos olhos. Eles mal se moveram. Cada minuto que se passava parecia deixá-los ainda mais melancólicos; e eles caíram em uma atitude de desânimo, curvaram mais suas costas e sentaram-se cada vez mais absorvidos em seus pensamentos.

A tarde se passou dessa maneira, sob um céu cinzento que banhava o lugar em uma luz lúgubre.

— Eles vão passar a noite aqui? — perguntei, com a voz entediada.

Mas, aproximadamente às cinco da tarde, o cavalheiro gordo com o terno encardido pegou seu relógio. Os outros fizeram a mesma coisa, e todos eles, com o relógio em mãos, pareciam estar ansiosamente aguardando um evento bastante importante para o grupo. O evento não aconteceu, pois em quinze ou vinte minutos o cavalheiro gordo fez um gesto de desespero, levantou-se e colocou o chapéu.

Então as lamentações começaram. As duas irmãs esbeltas e a mulher do operário caíram de joelhos e fizeram o sinal da cruz. A dama com o cachorrinho e a mendiga se beijaram e choraram; e vimos Louise d'Ernemont pressionar sua filha contra si, tristemente.

— Vamos embora — disse Lupin.

— Acha que acabou?

— Sim, e temos pouco tempo para dar o fora.

Saímos sãos e salvos. No começo da viela, Lupin virou à esquerda, deixando-me do lado de fora, e entrou na primeira casa na Rua Raynouard, aquela que ficava com a parte de trás virada para o cercado.

Depois de falar com o porteiro por alguns segundos, ele se juntou a mim e paramos um táxi que passava:

— Número 34, Rua de Turin — disse ao motorista.

O térreo do número 34 era ocupado por um cartório; e fomos levados, quase sem espera, ao senhor Valandier, o dono, um homem de certa idade, sorridente e de fala agradável.

Lupin se apresentou como capitão Jeanniot, aposentado do Exército. Disse que queria construir uma casa própria e que alguém tinha sugerido a ele um lote situado perto da Rua Raynouard.

— Mas aquele lote não está à venda — disse o tabelião Valandier.

— Ah, mas me disseram…

— Receio que foi uma informação errada.

O advogado se levantou, foi até um armário e voltou com um quadro, o qual nos mostrou. Eu fiquei petrificado. Era o mesmo quadro que eu comprara, o mesmo quadro que estava pendurado no quarto de Louise d'Ernemont.

— Esta é uma pintura do lote a que se refere — disse ele. — É conhecido como Clos d'Ernemont.

— Precisamente.

— Bem, esse *clos* — prosseguiu o tabelião — já foi parte de um grande jardim que pertencia ao d'Ernemont, o agente de impostos, que foi executado durante o Terror. Os herdeiros venderam tudo o que podia ser vendido, pouco a pouco. Mas sobrou esse último lote, e ele continuará na posse conjunta deles… a não ser…

O tabelião começou a rir.

— A não ser o quê?

— Bem, é quase um romance, um romance bastante curioso, na verdade. Frequentemente me divirto olhando os muitos documentos do caso.

— Seria indiscrição minha perguntar…

— De forma nenhuma, de forma nenhuma — afirmou o Valandier, que, muito ao contrário, parecia encantado por ter encontrado um ouvinte para sua história. E, sem esperar pedirem, começou: — No início da Revolução, Louis Agrippa d'Ernemont, com o pretexto de encontrar sua esposa, que estava em Genebra com a filha deles, Pauline, fechou sua mansão no bairro Saint-Germain, dispensou os criados e, com seu filho Charles, veio e fixou residência em sua casa de férias em Passy, onde ninguém o conhecia, a não ser uma criada velha e devotada. Ele ficou escondido ali por três anos e tinha todos os motivos para esperar que esse esconderijo não seria descoberto quando um dia, após o almoço, enquanto ele cochilava, a velha criada irrompeu pela porta do seu quarto. Ela vira, no fim da rua, uma patrulha de homens armados que pareciam estar vindo na direção da casa. Louis d'Ernemont se vestiu rapidamente e, assim que os homens bateram à porta da frente, desapareceu pela porta que dava para o jardim, gritando para seu filho, com uma voz atemorizada, para mantê-los falando, mesmo que só por cinco minutos. Ele deve ter tido a intenção de escapar e deu com as saídas do jardim vigiadas. De qualquer forma, ele voltou em seis ou sete minutos, respondeu com muita calma às perguntas que lhe fizeram e acompanhou os homens sem resistência. Seu filho, Charles, apesar de ter apenas dezoito anos de idade, também foi preso.

— Quando foi isso? — perguntou Lupin

— Aconteceu no dia 26 do germinal do ano II[13], o que quer dizer, no dia…

Valandier parou, com o olhar fixo em um calendário pendurado na parede, e exclamou:

— Ora, foi no mesmo dia de hoje! Hoje é 15 de abril, o aniversário da prisão do agente de impostos.

— Que coincidência curiosa! — disse Lupin. — E, considerando o período em que aconteceu, a prisão sem dúvida teve consequências muito graves.

— Oh, as mais graves! — disse o tabelião, rindo. — Três meses depois, no começo do Termidor[14], o agente de impostos subiu ao cadafalso. Seu

filho Charles ficou esquecido na prisão, e a propriedade foi confiscada.

— Imagino que o patrimônio fosse imenso. — disse Lupin.

— Veja só! É aí que a situação complica. O patrimônio, que, de fato, era imenso, nunca foi localizado. Descobriu-se que a mansão em Saint--Germain fora vendida, antes da Revolução, para um inglês, junto de todas as casas de campo e propriedades e todas as joias, títulos e coleções pertencentes ao agente de impostos. A Convenção instituiu inquéritos minuciosos, assim como o Diretório fez depois. Mas os inquéritos não chegaram a resultado nenhum[15].

— De qualquer modo, ainda existia a casa em Passy — disse Lupin.

— A casa em Passy foi comprada, a preço de banana, pelo mesmo delegado da Comuna que prendera d'Ernemont, um tal de cidadão Broquet. Broquet se fechou lá dentro, barricou as portas, fortificou as paredes e, quando Charles d'Ernemont finalmente foi libertado e apareceu do lado de fora, recebeu-o atirando contra ele com um mosquete. Charles tentou um processo atrás do outro, perdeu todos, e então decidiu oferecer grandes somas de dinheiro. Mas o Broquet se provou intratável. Ele comprara a casa e ali ficou; e ele teria ficado ali até sua morte se Charles não tivesse conseguido o apoio de Napoleão Bonaparte. Broquet saiu de lá em 12 de fevereiro de 1803; mas a alegria de Charles d'Ernemont foi tamanha e sua mente, sem dúvida, fora tão violentamente perturbada por tudo que ele passara que, ao chegar à porta da casa que ele finalmente recuperara, mesmo antes de abri-la, ele começou a dançar e cantar na rua. Claramente tinha perdido a cabeça.

— Por Deus! — disse Lupin. — E o que aconteceu com ele?

— Sua mãe e sua irmã Pauline, que acabara de se casar com um primo com o mesmo nome em Genebra, tinham morrido. A velha criada cuidou dele, e eles viveram juntos na casa em Passy. Passaram-se anos sem nenhum acontecimento notável, mas subitamente, em 1812, aconteceu um incidente inesperado. A velha criada fez uma série de revelações estranhas em seu leito de morte, na presença de duas testemunhas que ela mandara buscar. Ela afirmou que o agente de impostos levara para sua casa em Passy várias malas repletas de ouro e prata e que essas malas desapareceram alguns dias antes de ele ser preso. De acordo com as confissões dadas antes por Charles d'Ernemont, que as recebera de seu pai, os tesouros estavam escondidos no jardim, entre a rotunda, o relógio de sol e o poço. Como

prova do que dizia, ela mostrou três quadros, ou, melhor dizendo, três telas, pois ainda não estavam emolduradas, que o agente de impostos tinha pintado durante seu cativeiro e que ele tinha conseguido entregar a ela, com instruções para entregá-las a sua esposa, seu filho e sua filha. Tentados pela promessa da riqueza, Charles e a velha criada não contaram nada. E então vieram os processos, a retomada da casa, a loucura de Charles, as buscas infrutíferas da própria criada; e os tesouros continuaram lá.

— E ainda continuam lá — riu Lupin.

— E continuarão lá para sempre — exclamou Valandier. — A não ser… A não ser que Broquet, que sem dúvida farejou algo, os tenha encontrado. Mas isso é uma suposição pouco provável, já que o cidadão Broquet morreu em extrema pobreza.

— Então…

— Então todos começaram a caçar. Os filhos de Pauline, a irmã, vieram de Genebra. Descobriram que Charles se casara secretamente e que tinha filhos. Todos esses herdeiros colocaram as mãos à obra.

— E o próprio Charles?

— Viveu em completo isolamento. Não saiu do seu quarto.

— Nunca?

— Bem, essa é a parte mais extraordinária, mais espantosa, da história. Uma vez ao ano, Charles d'Ernemont, impelido por um tipo de força de vontade do subconsciente, descia, saía pelo mesmo caminho que o pai saíra, atravessava o jardim e se sentava nos degraus da rotunda, que podem ver aqui, no quadro, ou à beira do poço. Às dezessete e vinte e sete ele se levantava e voltava para dentro de casa; e até morrer, em 1820, ele nunca deixou de fazer essa peregrinação incompreensível. Bem, o dia em que isso acontecia era invariavelmente 15 de abril, o aniversário da prisão.

Valandier não estava mais sorrindo, e ele mesmo parecia impressionado pela história que nos contava.

— E desde que Charles morreu? — perguntou Lupin, depois de um momento de reflexão.

— Desde então — respondeu o advogado, em um tom um pouco solene —, por quase um século os herdeiros de Charles e Pauline d'Ernemont continuaram a peregrinação de 15 de abril. Nos primeiros anos eles fizeram as escavações mais completas possíveis. Fizeram buscas em cada centímetro do jardim, cada pedacinho de terra foi cavado. Mas tudo

isso chegou ao fim. Eles mal se esforçam agora. Tudo o que fazem é, de vez em quando, por nenhum motivo em especial, virar uma pedra ou explorar o poço. Na maior parte do tempo eles se contentam em se sentar nos degraus da rotunda, como o pobre homem enlouquecido; e, como ele, aguardam. E essa, vocês podem perceber, é a parte triste do destino deles. Nesses cem anos, todas essas pessoas que se sucederam, de pai para filho, perderam… como posso dizer... a energia da vida. Não lhes resta mais coragem nem iniciativa. Eles aguardam. Esperam pelo dia 15 de abril; e, quando esse dia chega, esperam que um milagre aconteça. Todos eles acabaram sendo tomados pela pobreza. Meus antecessores e eu vendemos primeiro a casa, para construir outra que tenha um aluguel melhor, e depois partes do jardim e outras partes. Mas aquele canto ali — apontou para o quadro —, eles prefeririam morrer a vendê-lo. Todos eles concordam quanto a isso: Louise d'Ernemont, que é a herdeira direta de Pauline, assim como os mendigos, o operário, o lacaio, a dançarina do circo, e assim por diante, que representam o infeliz Charles.

Depois de uma nova pausa, Lupin perguntou:

— Qual é sua opinião, Valandier?

— Minha opinião pessoal é de que não há nada lá. Que crédito podemos dar às declarações de uma velha criada debilitada pela idade? Que importância podemos dar aos caprichos de um homem louco? Além disso, se o agente de impostos tivesse realizado seus bens, não acha que essa fortuna teria sido encontrada? Pode-se esconder um papel, um documento, em um espaço pequeno como aquele, mas não tesouros.

— Mesmo assim, e os quadros?

— Sim, é claro. Mas, no fim das contas, eles são prova suficiente?

Lupin curvou-se sobre a cópia que o advogado tirara do armário e, depois de examiná-la por um tempo, perguntou:

— Disse que havia três quadros?

— Sim, este que está aqui foi entregue ao meu antecessor pelos herdeiros de Charles. Louise d'Ernemont tem o outro. Quanto ao terceiro, ninguém sabe o que foi feito dele.

Lupin olhou para mim e continuou:

— E todos eles trazem a mesma data?

— Sim, a data inscrita por Charles d'Ernemont quando emoldurou as pinturas, pouco antes de sua morte… A mesma data, o que quer dizer 15

de abril, do ano II, de acordo com o calendário revolucionário, já que a prisão aconteceu em abril de 1794.

— Oh, sim, é claro — disse Lupin. — O número 2 significa…

Ele pensou por alguns instantes e continuou:

— Mais uma pergunta, por favor. Ninguém se dispôs a resolver o problema?

Valandier jogou os braços para cima:

— Meu Deus do céu! — exclamou. — Ora, foi a praga do escritório! Um dos meus antecessores, o professor Turbon, foi convocado a Passy nada menos que dezoito vezes, entre 1820 e 1843, pelos grupos de herdeiros, a quem adivinhos, clarividentes, visionários e impostores de todo tipo tinham prometido que encontrariam os tesouros do agente de impostos. Finalmente, estabelecemos uma regra: qualquer intruso que quisesse fazer uma busca precisaria depositar uma soma.

— Que soma?

— Mil francos.

— E isso teve o efeito de espantá-los?

— Não. Quatro anos atrás, um hipnólogo húngaro tentou o experimento e fez com que eu perdesse um dia inteiro. Depois disso, determinamos que o depósito seria de cinco mil francos. Em caso de sucesso, um terço do tesouro vai para quem encontrá-lo. Em caso de fracasso, o depósito é dado para os herdeiros. Desde então, fui deixado em paz.

— Aqui estão seus cinco mil francos.

O advogado se sobressaltou:

— Hein? O que disse?

— Eu disse — repetiu Lupin, tirando cinco notas de seu bolso e espalhando-as calmamente sobre a mesa — que aqui está o depósito de cinco mil francos. Por gentileza, entregue-me o recibo e convide todos os herdeiros de d'Ernemont para me encontrarem em Passy no dia 15 de abril do ano que vem.

O tabelião não acreditava em seus sentidos. Eu mesmo, apesar de Lupin já ter me acostumado a essas surpresas, estava completamente chocado.

— Está falando sério? — perguntou Valandier.

— Completamente sério.

— Mas, sabe, eu lhe disse minha opinião. Todas essas histórias improváveis não têm nenhum tipo de prova.

— Não concordo com isso.

O tabelião olhou para ele da mesma maneira que olhamos para alguém que não bate bem da cabeça. Então, aceitando a situação, pegou sua caneta e escreveu um contrato em um papel timbrado, reconhecendo o pagamento do depósito pelo capitão Jeanniot e prometendo-lhe um terço de qualquer dinheiro que ele encontrasse:

— Se mudar de ideia — acrescentou —, pode me avisar até uma semana antes do dia. Não informarei à família d'Ernemont até o último momento, para não dar àquelas pobres pessoas uma esperança muito duradoura.

— Pode informá-las hoje mesmo, professor Valandier. Fará o ano delas ser melhor.

Nós nos despedimos. Do lado de fora, na rua, eu exclamei:

— Então, descobriu algo?

— Eu? — respondeu Lupin. — Absolutamente nada! E é exatamente o que me diverte.

— Mas estão procurando há cem anos!

— Não é tanto uma questão de procurar, e sim de pensar. Agora eu tenho 365 dias para pensar. É bem mais do que eu desejo; e receio que esquecerei tudo sobre o assunto, por mais interessante que ele seja. Faça o favor de me lembrar, sim?

Eu o lembrei do caso diversas vezes nos meses que se seguiram, apesar de ele nunca parecer dar muita importância ao assunto. E então veio um longo período em que eu não tive oportunidade de vê-lo. Foi o período, como descobri depois, da sua visita à Armênia e da terrível luta em que ele embarcou contra Abdul, o Maldito, uma luta que terminou com a queda do tirano.

No entanto, eu costumava escrever para ele no endereço que ele me deu, e assim pude mandar-lhe alguns detalhes que consegui juntar, aqui e ali, sobre minha vizinha Louise d'Ernemont, tais como o amor que ela tivera, havia alguns anos, por um jovem rico, que ainda a amava, mas tinha sido convencido por sua família a abandoná-la; o desespero da jovem viúva e a vida corajosa que levava com sua filhinha.

Lupin não respondeu a nenhuma de minhas cartas. Eu não sabia se elas chegaram até ele; e, enquanto isso, a data se aproximava e eu não podia deixar de pensar se suas numerosas empreitadas não o impediriam de manter o compromisso que ele mesmo tinha assumido.

Na verdade, a manhã do dia 15 de abril chegou e Lupin não estava comigo quando eu tinha terminado de almoçar. Já era meio-dia e quinze. Saí do meu apartamento e fui de táxi para Passy.

Mal eu entrara na viela e já vi os quatro filhos do operário parados do lado de fora da porta no muro. O advogado Valandier, informado da minha chegada por eles, apressou-se em minha direção:

— E então? — exclamou. — Onde está o capitão Jeanniot?

— Ele não veio?

— Não; e posso garantir que todos estão muito impacientes para vê-lo.

Os grupos distintos começaram a se amontoar em torno do advogado; e eu notei que todos os rostos, que eu reconheci, tinham abandonado as expressões sombrias e desanimadas que exibiam no ano anterior.

— Estão cheios de esperança — disse Valandier —, e a culpa é minha. Mas o que poderia ter feito? Seu amigo me causou tamanha impressão que falei com essas pessoas com muita confiança… Que não posso dizer estar sentindo agora. Mas ele parece um tipo estranho esse seu capitão Jeanniot…

Ele me fez várias perguntas e eu lhe dei vários detalhes mais ou menos fantasiosos sobre o capitão, que os herdeiros escutaram, acenando as cabeças, apreciando minhas observações.

— Claro, a verdade seria descoberta mais cedo ou mais tarde — disse o cavalheiro gordo, com um tom convencido.

O cabo de infantaria, deslumbrado pela patente do capitão, não tinha dúvida alguma em sua mente.

A dama com o cachorrinho queria saber se o capitão Jeanniot era jovem.

Mas Louise d'Ernemont disse:

— E se ele não vier?

— Ainda assim teremos os cinco mil francos para dividir entre nós — disse o mendigo.

Mesmo assim, as palavras de Louise d'Ernemont diminuíram o entusiasmo deles. Seus rostos começaram a assumir expressões taciturnas, e

eu sentia uma atmosfera de angústia pesar sobre nós.

Às treze e trinta, as duas irmãs esguias se sentiram fracas e se sentaram. Então o cavalheiro gordo com o terno encardido subitamente se virou contra o tabelião:

— A culpa é toda sua, Valandier… Devia ter trazido o capitão aqui à força… Ele é um charlatão, e isso está muito claro.

Ele me lançou um olhar selvagem, e o lacaio, por sua vez, murmurou xingamentos para mim.

Confesso que suas reprovações me pareciam muito bem fundadas e que a ausência de Lupin me incomodava muito:

— Ele não virá agora — sussurrei para o advogado.

Eu estava pensando em como sairia dali, quando o garoto mais velho apareceu na porta, gritando:

— Tem alguém vindo! Uma motocicleta!

O motor rugia do outro lado do muro. Um homem em uma motocicleta veio disparado pela ruela, correndo o risco de partir o pescoço. Subitamente, ele freou, do lado de fora da porta, e saltou da moto.

Sob a camada de pó que o cobria da cabeça aos pés, podíamos ver que seu paletó social azul-marinho, suas calças cuidadosamente vincadas, o chapéu preto de feltro e as botas de couro envernizado não eram as roupas que um homem geralmente veste para andar de motocicleta.

— Mas esse não é o capitão Jeanniot! — gritou o tabelião, que não o reconheceu.

— É, sim — disse Lupin, apertando nossas mãos. — Sou o capitão Jeanniot, com toda certeza… É que tirei o bigode… Além disso, Valandier, aqui está seu recibo.

Ele pegou um dos filhos do operário pelo braço e disse:

— Vá até a praça e peça um táxi para a esquina da Rua Raynouard. Vá depressa! Tenho um compromisso urgente às duas da tarde, no máximo às duas e quinze.

Ouviu-se um murmúrio de protesto. Jeanniot pegou seu relógio:

— Ora! São apenas treze e quarenta e oito! Tenho ainda uns bons quinze minutos pela frente. Mas, por Deus, como estou cansado! E, além de tudo, com fome!

O cabo enfiou seu pão de munição[16] nas mãos de Lupin, ele o mastigou enquanto se sentava e disse:

— Devem me desculpar. Estava no expresso de Marselha, que descarrilou entre Dijon e Laroche. Doze pessoas morreram e várias ficaram feridas, as quais eu tive de ajudar. Então eu encontrei essa motocicleta no vagão de bagagens… Professor Valandier, faça a gentileza de devolvê-la ao dono. Vai ver a etiqueta presa no guidão. Ah, você voltou, meu garoto! O táxi está lá? Na esquina da Rua Raynouard? Excelente!

Ele olhou seu relógio novamente:

— Epa! Não temos tempo a perder!

Eu olhava para ele com uma curiosidade interessada. Mas imagine o tamanho da ansiedade dos herdeiros d'Ernemont! É verdade, eles não tinham a mesma confiança no capitão Jeanniot que eu tinha em Lupin. Mesmo assim, seus rostos estavam pálidos e com caretas de preocupação. O capitão Jeanniot virou-se lentamente para a esquerda e foi na direção do relógio de sol. O pedestal representava a figura de um homem com um torso forte, que trazia nos ombros uma placa de mármore, cuja superfície já estava tão gasta pelo tempo que mal se conseguia distinguir as linhas gravadas marcando as horas. Acima da placa, o cupido, com suas asas abertas, segurava uma flecha que servia como gnômon.

O capitão ficou ali curvado para a frente por um minuto, com olhos atentos.

Então ele pediu:

— Alguém me dê uma faca, por favor?

Um relógio no bairro bateu duas horas. Naquele exato momento, a sombra da flecha foi lançada sobre o relógio pela linha de uma rachadura no mármore que quase dividia a placa em duas.

O capitão pegou a faca que lhe entregaram e, com a ponta, muito lentamente, começou a raspar a mistura de terra e musgo que preenchia a rachadura estreita.

Quase imediatamente, a alguns centímetros da beirada, ele parou, como se sua faca tivesse encontrado um obstáculo, colocou o polegar e o indicador ali e tirou um pequeno objeto, que esfregou entre a palma das mãos e entregou para o advogado:

— Aqui, professor Valandier. Pelo menos já temos algo.

Era um diamante enorme, do tamanho de uma avelã, lindamente lapidado.

O capitão continuou seu trabalho. Logo em seguida, parou novamente. Surgiu um segundo diamante, tão magnífico e brilhante quanto o primeiro.

E depois surgiram um terceiro e um quarto.

Em um minuto, seguindo a rachadura de uma beirada à outra, e certamente sem se aprofundar mais do que uma polegada, o capitão tinha retirado dezoito diamantes do mesmo tamanho.

Durante esse minuto não houve uma só exclamação, nem mesmo um movimento em volta do relógio de sol. Os herdeiros pareciam paralisados em um tipo de estupor. Então o cavalheiro gordo murmurou:

— Maldição!

O cabo gemeu:

— Oh, capitão! Oh, capitão!

As duas irmãs caíram desmaiadas. A dama com o cachorrinho caiu de joelhos, orando, enquanto o lacaio, cambaleando como se estivesse bêbado, segurou a cabeça com as duas mãos, e Louise d'Ernemont chorou.

Quando a calma foi restaurada e todos quiseram agradecer ao capitão Jeanniot, viram que ele tinha ido embora.

Alguns anos se passaram antes que eu tivesse a oportunidade de falar com Lupin sobre esse caso. Ele estava disposto a confidenciar e respondeu:

— O caso dos dezoito diamantes? Céus, quando penso que três ou quatro gerações de meus companheiros estiveram procurando a solução! E os dezoito diamantes estavam ali o tempo todo, debaixo de um pouco de barro e poeira.

— Mas como você adivinhou?

— Eu não adivinhei. Eu refleti. Duvido até que precisava ter refletido. Percebi, desde o princípio, o fato de que toda a circunstância era governada por uma questão primária: a questão do tempo. Quando Charles d'Ernemont ainda estava bem do juízo, escreveu uma data nos quadros. Depois, na escuridão em que vivia, uma fagulha de inteligência o levava todo ano ao centro do velho jardim; e aquela mesma fagulha o afastava dele todo ano, no mesmo instante, ou seja, às dezessete e vinte e sete. Algo devia ter feito a máquina falha que era seu cérebro funcionar dessa forma. Qual era a força superior que controlava os movimentos do pobre louco? Obviamente, a noção instintiva de tempo representada pelo relógio de sol nas pinturas do agente de impostos. O movimento anual da Terra ao redor

do sol levava Charles d'Ernemont ao jardim em uma data fixa. E era o movimento diário da Terra em torno de seu próprio eixo que o levava embora de lá em uma hora fixa, ou seja, muito provavelmente, quando o sol, escondido por objetos diferentes dos que temos hoje, deixava de iluminar o jardim de Passy. Agora, de tudo isso, o relógio de sol era o símbolo. E por isso eu sabia onde procurar.

— Mas como decidiu a que horas começar a procurar?

— Simplesmente pelos quadros. Um homem vivendo naquela época, como Charles d'Ernemont, teria escrito 26 do germinal, Ano II, ou então 15 de abril de 1794, mas não 15 de abril, Ano II. Eu fiquei chocado que ninguém pensou nisso.

— Então o número 2 queria dizer duas da tarde?

— Evidentemente. E o que deve ter acontecido foi o seguinte: o agente de impostos começou a transformar sua fortuna em ouro sólido e dinheiro de prata. E então, como uma precaução extra, com todo esse outro e prata, ele comprou dezoito diamantes maravilhosos. Quando foi surpreendido pela chegada da patrulha, ele fugiu para o jardim. Qual era o melhor lugar para escondê-los? O destino fez com que seus olhos caíssem sobre o relógio de sol. Eram duas da tarde. A sombra da flecha estava caindo sobre a rachadura no mármore. Ele obedeceu ao sinal da sombra, enfiou os dezoito diamantes no pó e calmamente voltou e se rendeu aos soldados.

— Mas a sombra da flecha coincide com a rachadura no mármore todos os dias, e não só no dia 15 de abril.

— Você se esquece, meu caro amigo, de que estamos lidando com um lunático e de que ele se lembrava somente dessa data do dia 15 de abril.

— Muito bem; mas você, uma vez que já tinha desvendado o enigma, poderia facilmente ter ido ao cercado e pegado os diamantes.

— É bem verdade; e não teria nem hesitado se estivesse lidando com pessoas diferentes. Mas realmente senti pena daqueles pobres miseráveis. E você sabe quanto este Lupin é idiota. A ideia de surgir subitamente como um gênio benevolente e maravilhar seus comuns seria suficiente para fazê-lo cometer qualquer insensatez.

— Ora! — exclamei. — A insensatez nem foi tão grande assim. Seis diamantes magníficos! Imagino que os d'Ernemont não gostaram nada de cumprir com a parte deles do contrato!

Lupin olhou para mim e desatou a rir incontrolavelmente:

— Então não ficou sabendo? Oh, que piada! A satisfação dos herdeiros d'Ernemont! Ora, meu caro amigo, no dia seguinte, aquele valoroso capitão Jeanniot tinha aquele mesmo tanto de inimigos mortais! No dia seguinte, as duas irmãs esguias e o cavalheiro gordo organizaram uma oposição. Um contrato? Não valia nem o papel em que fora escrito, porque, como podia ser facilmente comprovado, não existia nenhum capitão Jeanniot. De onde surgira aquele aventureiro? Pois deixe que ele os processe e ele vai ver com quantos paus se faz uma canoa!

— Louise d'Ernemont também?

— Não, Louise d'Ernemont protestou contra essa sem-vergonhice. Mas o que poderia fazer contra tantos outros? Além disso, agora que era rica, conseguiu seu jovem de volta. Não ouvi mais dela desde então.

— E então?

— Então, meu caro amigo, fui pego em uma armadilha, sem ter o que fazer, e tive de ceder e aceitar um diamante modesto como minha parte, o menor e menos bonito de todos eles. É isso que eu ganho por fazer o meu melhor para ajudar as pessoas!

E Lupin resmungou entre dentes:

— Oh, gratidão! É tudo uma enganação! Onde estaríamos nós, homens honestos, se não tivéssemos nossa própria consciência e a satisfação de uma tarefa cumprida para nos recompensar?

---

[11] Período da Revolução Francesa compreendido entre setembro de 1793 e julho de 1794. (N.T.)

[12] André Marie Chénier (1762-1794) foi um poeta francês que, por criticar certos eventos da Revolução Francesa, foi executado na guilhotina. (N.T.)

[13] Germinal é o primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa. Criado em 1792 para celebrar o fim da ordem antiga e o início da nova era, ele só vigorou entre 1792 e 1805 e durante a Comuna de Paris, em 1871. O mês germinal representava o período de 21 de março a 19 de abril. (N.T.)

[14] Décimo-primeiro mês do calendário revolucionário francês, representando o período de 19 de julho a 17 de agosto. (N.T.)

[15] Convenção Nacional, ou simplesmente Convenção, é a denominação dada ao regime político que vigorou na França de setembro de 1792 a outubro de 1795. Já o Diretório foi o regime político adotado pela Primeira República Francesa entre outubro de 1795 (no calendário revolucionário, 4 de Termidor do ano IV) e o golpe de Estado do 18 de brumário (9 de novembro de 1799). Foi assim chamado porque o poder executivo era exercido por cinco membros, denominados Diretores. (N.T.)

[16] Pão especial fornecido por alguns exércitos. No caso da França, houve uma crise de abastecimento de pão entre setembro de 1788 e dezembro de 1789, agravada pela má colheita de trigo no inverno deste último ano. A escassez do alimento minou a estabilidade social e política do país. É de 1789 a sentença de desprezo à fome do povo, atribuída à rainha Maria Antonieta, mulher do então rei Luís XVI: "Se não têm pão, que comam brioches". O casal foi executado em 1793, logo após a queda da Bastilha e a Revolução Francesa. Restam controvérsias sobre se realmente Maria Antonieta pronunciou essa frase. (N.R.)

A armadilha infernal

Quando a corrida terminou, uma multidão de pessoas, indo para a saída da arquibancada, pressionava-se contra Nicolas Dugrival. Ele rapidamente pôs a mão no bolso interno do paletó.

— Qual é o problema? — perguntou sua esposa.

— Ainda me sinto nervoso… com todo esse dinheiro comigo! Fico com medo de algum acidente horrível.

Ela murmurou:

— Eu não consigo entendê-lo. Como pode pensar em andar com uma soma tão grande assim? Cada centavo que possuímos! Só Deus sabe o trabalho que foi conseguirmos!

— Ora! — disse ele. — Ninguém adivinharia que está aqui na minha carteira.

— Sim, sim — ela resmungou. — Aquele jovem criado que dispensamos na semana passada sabia tudo a respeito disso, não sabia, Gabriel?

— Sim, tia — disse um jovem ao seu lado.

Nicolas Dugrival, sua esposa e seu sobrinho Gabriel eram figuras conhecidas nas corridas, onde os frequentadores regulares os viam quase todos os dias: Dugrival, um homem grande e gordo com o rosto vermelho, que se parecia com alguém que sabia aproveitar a vida; sua esposa, tão grande quanto ele, dona de um rosto vulgar e grosseiro, e sempre vestida com um vestido de seda cor de ameixa que já vira dias melhores; o sobrinho, bem jovem, esbelto, com traços pálidos, olhos escuros e um cabelo claro e bem cacheado.

Como de hábito, o casal ficava sentado a tarde inteira. Era Gabriel quem fazia as apostas por seu tio, observando os cavalos no *paddock*[17],

ouvindo dicas por todos os lados entre os jóqueis e os cavalariços da cocheira, indo de um lado para outro entre as arquibancadas e o guichê de apostas.

A sorte os favorecera naquele dia, pois por três vezes as pessoas ao lado de Dugrival viram o jovem voltar e entregar dinheiro a ele.

A quinta corrida estava quase terminando. Dugrival acendeu um charuto. Naquele momento, um cavalheiro vestindo um terno marrom justo, com um rosto que terminava em uma barba grisalha pontuda, aproximou-se e perguntou, com um sussurro discreto:

— Isso por acaso pertence ao senhor?

E mostrou um relógio e uma corrente de ouro.

Dugrival se sobressaltou:

— Ora, sim… São meus… Olhe, aqui estão minhas iniciais, N. G.: Nicolas Dugrival!

E ele imediatamente, com um movimento aterrorizado, apertou o bolso do paletó. A carteira ainda estava ali.

— Ah — disse, imensamente aliviado —, que sorte a minha! Mas, de qualquer forma, como diabos conseguiram pegar? Conhece o salafrário?

— Sim, eu o prendi. Por favor, venha comigo e logo resolveremos a situação.

— Quem eu tenho a honra de…

— Senhor Delangle, inspetor-detetive. Mandei avisar o senhor Marquenne, o magistrado.

Nicolas Dugrival saiu com o inspetor; e os dois foram para o escritório do comissário, alguns metros atrás da arquibancada. Estavam a cinquenta metros do escritório quando o inspetor foi abordado por um homem que lhe disse apressadamente:

— O homem com o relógio deu com a língua nos dentes; estamos na trilha da gangue inteira. O senhor Marquenne quer que espere por ele no guichê de apostas e que mantenha alguém de vigia perto do quarto guichê.

Havia uma multidão do lado de fora dos guichês de apostas, e o inspetor Delangle sussurrou:

— Mas isso é uma ideia absurda… Eu devo vigiar atrás de quem? É bem a cara do senhor Marquenne!

Ele empurrou um grupo de pessoas que se amontoavam perto demais:

— Céus, por aqui temos que usar nossos cotovelos e segurar bem as carteiras. Foi assim que levaram seu relógio, senhor Dugrival.

— Não consigo entender…

— Oh, se soubesse como essa gentalha trabalha! Não se pode adivinhar o que farão em seguida. Um deles pisa no seu pé, o outro acerta seu olho com a bengala, e o terceiro rouba seu bolso antes que saiba onde está… Já fizeram isso comigo — ele parou e depois continuou, irritado. — Inferno, do que serve ficar aqui? Com uma multidão dessas! É insuportável! Ah, lá está o senhor Marquenne acenando para nós! Um momento, por favor… E aguarde por mim bem aqui.

Ele fez seu caminho empurrando a multidão com os ombros. Nicolas Dugrival seguiu-o com os olhos por um tempo. Uma vez que o inspetor tinha saído de vista, afastou-se um pouco, para evitar ser assaltado.

Alguns minutos se passaram. A sexta corrida estava quase começando quando Dugrival viu sua esposa e sobrinho procurar por ele. Ele explicou aos dois que o inspetor Delangle estava combinando as coisas com o magistrado.

— Seu dinheiro ainda está aí? — perguntou sua esposa.

— Ora, claro que está! — respondeu. — O inspetor e eu tomamos cuidado, garanto, para que a multidão não nos passasse a perna.

Ele tateou a jaqueta, deu um grito abafado, enfiou a mão no bolso e começou a gaguejar sílabas inarticuladas, enquanto a senhora Dugrival arquejava, preocupada:

— O que foi? Qual é o problema?

— Roubada! — lamentou ele. — A carteira… As cinquenta notas!

— Não é verdade! — gritou ela. — Não é verdade!

— Sim, o inspetor… um trapaceiro comum… foi ele…

Ela começou a gritar bem alto:

— Ladrão! Ladrão! Parem o ladrão! Meu marido foi roubado! Cinquenta mil francos! Estamos arruinados! Ladrão! Ladrão…

Em um momento estavam cercados por policiais e foram levados ao escritório do comissário. Dugrival foi como um cordeirinho, completamente perplexo. Sua esposa continuou gritando o mais alto que podia, acumulando explicações, queixando-se ao inspetor:

— Procure-o! Encontre-o! Um terno marrom… uma barba pontuda… Oh, aquele patife, pensar no que ele nos roubou! Cinquenta mil francos!

Por quê… Por quê… Dugrival, o que você está fazendo?

Com um salto, ela se jogou sobre seu marido. Tarde demais! Ele tinha colocado o cano de um revólver contra sua têmpora. Ouviu-se um tiro. Dugrival caiu. Estava morto.

O leitor não pode ter-se esquecido da comoção feita pelos jornais a respeito do caso, nem de quanto eles aproveitaram a oportunidade para mais uma vez acusar a polícia de negligência e inépcia. Era concebível que um batedor de carteiras pudesse fingir ser um inspetor dessa forma, em plena luz do dia e em um local público, e que roubasse impunemente um homem respeitável?

A viúva de Nicolas Dugrival manteve a controvérsia viva graças a seus queixumes e às entrevistas que concedia a qualquer oportunidade. Um repórter garantiu uma fotografia dela na frente do corpo do marido, com a mão levantada, jurando que vingaria a morte dele. Seu sobrinho Gabriel estava de pé a seu lado, com o ódio estampado no rosto. Ele também, aparentemente, com algumas palavras sussurradas, mas em um tom de firme determinação, fizera um voto de caçar e encontrar o assassino.

Os relatos descreviam o apartamento humilde que eles ocupavam na Rua Batignolles; e, como todo o seu dinheiro tinha sido roubado, um jornal esportivo fez uma assinatura em favor da família.

Quanto ao misterioso Delangle, permaneceu foragido. Dois homens foram presos, mas logo tiveram de ser liberados. A polícia encontrou muitas pistas, que foram imediatamente abandonadas; sugeriram mais de um nome; e, finalmente, acusaram Arsène Lupin, uma ação que provocou o famoso telegrama, mandado de Nova Iorque, seis dias após o incidente:

> *Protesto com indignação contra calúnia inventada pela polícia aturdida. Mando meus pêsames para vítimas infelizes. Instruo meus banqueiros a enviar cinquenta mil francos a eles.*
>
> *Lupin*

E, assim como prometido, no dia seguinte à publicação do telegrama um estranho tocou a campainha da senhora Dugrival e entregou um envelope. Continha cinquenta notas de mil francos.

Esse golpe teatral não foi de forma alguma calculado para acalmar o burburinho global. Mas logo aconteceu um evento que garantiu uma boa

animação extra. Dois dias depois os moradores do mesmo prédio da senhora Dugrival e seu sobrinho foram despertados, às quatro horas da manhã, por terríveis choros e gritos clamando por ajuda. Eles correram para o apartamento. O porteiro conseguiu abrir a porta. Com a luz de uma lanterna levada por um dos vizinhos, ele encontrou Gabriel completamente estirado em seu quarto, com os tornozelos e punhos amarrados e amordaçado, enquanto, no outro cômodo, a senhora Dugrival estava se esvaindo em sangue com uma ferida no peito.

Ela sussurrou:

— O dinheiro… Fui roubada… Todas as notas se foram…

E ficou inconsciente.

O que acontecera? Gabriel contou (e, assim que conseguiu falar novamente, a senhora Dugrival completou a história do sobrinho) que acordou assustado ao ser atacado por dois homens, um dos quais o amordaçou, enquanto o outro o amarrava. Ele não conseguiu ver os homens na escuridão, mas ouviu o barulho da luta entre eles e sua tia. Foi uma luta terrível, afirmou a senhora Dugrival. Os bandidos, que obviamente sabiam o que estavam fazendo, levados por alguma intuição, foram direto para o pequeno armário onde o dinheiro estava guardado e, apesar da resistência e dos gritos dela, puseram as mãos no monte de notas. Enquanto saíam, um deles, que ela mordera no braço, a esfaqueou, e logo depois os dois homens fugiram.

— Por onde? — perguntaram a ela.

— Pela porta do meu quarto e depois, eu presumo, pela porta do saguão.

— Impossível! O porteiro os teria visto.

Então todo o mistério era esse: como os ladrões entraram na casa e como conseguiram sair? Não havia uma passagem aberta para eles. Teria sido um dos inquilinos? Um inquérito cuidadoso comprovou o absurdo dessa suposição.

O que poderia ser, então?

O inspetor-chefe Ganimard, a quem o caso fora especialmente designado, confessou que nunca tinha visto algo tão surpreendente:

— Parece muito ser obra de Lupin — disse. — Ainda assim, não foi ele… Não, há algo escondido, algo muito duvidoso e suspeito… Além disso, se tivesse sido Lupin, por que levaria de volta os cinquenta mil francos que

mandou? E há outro ponto que me intriga: qual é a ligação entre o segundo roubo e o primeiro, aquele do hipódromo? A situação toda é incompreensível, e tenho um tipo de sensação, que é algo muito raro para mim, de que não adianta sair caçando. Do meu lado, eu desisto.

O juiz de instrução se dedicou ao caso de corpo e alma. Os repórteres uniram esforços com a polícia. Um famoso detetive inglês cruzou o canal. Um americano muito rico, que tinha se tornado fanático por histórias de detetives, ofereceu uma grande recompensa para qualquer um que desse a primeira informação que levasse à descoberta da verdade. Seis semanas depois, ninguém tinha descoberto coisa alguma. O público adotou o ponto de vista de Ganimard; e o próprio juiz de instrução se cansou de lutar em uma escuridão que só se tornava mais densa com o passar do tempo.

E a vida continuou como sempre com a viúva de Dugrival. Com os cuidados de seu sobrinho, ela logo se recuperou da ferida. Durante as manhãs, Gabriel colocava-a em uma poltrona próxima à janela da sala de jantar, arrumava os quartos e saía para fazer compras. Ele fazia o almoço deles sem sequer aceitar a ajuda que a esposa do porteiro oferecera.

Preocupados com as investigações da polícia e, principalmente, com os pedidos para entrevista, a tia e o sobrinho recusavam-se a receber qualquer um. Não recebiam nem mesmo a porteira, cuja tagarelice incomodava e cansava a senhora Dugrival. Ela voltou-se para Gabriel, a quem abordava todas as vezes que passava pela portaria:

— Tome cuidado, senhor Gabriel, vocês dois estão sendo vigiados. Há homens que os observam. Ora, ontem à noite mesmo meu marido viu alguém espreitando suas janelas.

— Tolice! — disse Gabriel. — Está tudo bem. É a polícia nos protegendo.

Uma tarde, por volta das dezesseis horas, houve uma briga violenta entre dois vendedores ambulantes no fim da rua. A mulher do porteiro imediatamente saiu da portaria para ouvir as ofensas trocadas entre os adversários. Assim que ela virou as costas, um homem jovem, de altura mediana e com um terno cinza de corte impecável, esgueirou-se para dentro do prédio e correu escada acima.

Quando chegou ao terceiro andar, tocou a campainha. Como ninguém respondeu, ele tocou novamente. Na terceira tentativa, a porta foi aberta.

— A senhora Dugrival? — perguntou ele, tirando o chapéu.

— A senhora Dugrival continua doente e não pode receber ninguém — respondeu Gabriel, parado no *hall*.

— É de extrema importância que eu fale com ela.

— Sou o sobrinho dela e talvez possa levar uma mensagem…

— Muito bem — disse o homem. — Por favor, diga à senhora Dugrival que um acidente me forneceu informações valiosas ligadas ao roubo sofrido por ela e que eu gostaria de dar uma olhada no apartamento para averiguar certos detalhes com meus próprios olhos. Estou acostumado com esse tipo de investigação, e minha visita com certeza será útil para ela.

Gabriel examinou o visitante por um instante, refletiu e disse:

— Nesse caso, suponho que minha tia aprovaria… Entre, por gentileza.

Ele abriu a porta da sala de jantar e saiu da frente para que o outro passasse. O estranho chegou à porta, mas, enquanto a atravessava, Gabriel levantou o braço e, com um movimento rápido, acertou-o com uma adaga acima do ombro direito.

Uma explosão de risos ecoou pela sala:

— Você o pegou! — gritou a senhora Dugrival, saltando de sua cadeira. — Muito bem, Gabriel! Mas diga-me, não matou o patife, matou?

— Acho que não, tia. A lâmina é curta e não o atingi com muita força.

O homem cambaleava, com as mãos estendidas à sua frente e seu rosto mortalmente pálido.

— Seu tolo! — zombou a viúva. — Então você caiu na armadilha… E foi uma boa armadilha também! Estivemos procurando por você por um longo tempo. Venha, meu caro amigo, abaixe-se aqui! Você não se importa, não é? Mas não pode evitar, percebe? Isso mesmo: um joelho no chão, diante da patroa… agora, o outro… Veja como é educado! Caia, vamos lá, aí no chão! Senhor, se meu pobre Dugrival pudesse pelo menos vê-lo assim! E agora, Gabriel, mãos à obra!

Ela foi para o seu quarto e abriu uma das portas de uma guarda-roupa repleto de vestidos. Afastando-os para o lado, ela abriu outra porta que formava o fundo do guarda-roupa e levava a um cômodo na casa vizinha:

— Ajude-me a carregá-lo, Gabriel. E vai cuidar dele tão bem quanto puder, não vai? Neste momento ele é muito valioso para nós, esse artista!

As horas se sucederam. Dias se passaram.

Uma manhã, o homem ferido recuperou a consciência por um momento. Levantou as pálpebras e olhou em volta.

Estava deitado em um aposento maior do que aquele em que fora esfaqueado, um quarto pouco mobiliado, com cortinas pesadas cobrindo as janelas de cima a baixo. Mas havia luz suficiente para que ele pudesse ver o jovem Gabriel Dugrival sentado em uma cadeira ao seu lado, observando-o.

— Ah, é você, garoto! — murmurou. — Eu o parabenizo, meu jovem. Tem uma mão firme e sabe usar bem a adaga.

E dormiu novamente.

Naquele dia e nos seguintes, o homem acordou várias vezes, e todas as vezes ele viu o rosto pálido do rapaz, seus lábios finos e os olhos escuros, sempre com um olhar duro.

— Você me assusta — disse. — Se tiver jurado acabar comigo, não faça cerimônias. Mas alegre-se, pelo amor de Deus. A ideia da morte sempre me pareceu a coisa mais engraçada do mundo. Enquanto com você, meu amigo, ela simplesmente se torna lúgubre. Eu prefiro ir dormir. Boa noite!

Mesmo assim, Gabriel, obedecendo às ordens da senhora Dugrival, continuou cuidando dele com o maior carinho e atenção possíveis. O paciente estava quase sem febre e já começava a tomar caldo de carne e leite. Ficou um pouco mais forte e brincou:

— Quando vão deixar que o convalescente saia pela primeira vez? A cadeira para o banho está aí? Ora, alegre-se, seu tonto! Você parece um salgueiro-chorão observando um crime. Vamos, dê um sorrisinho para o papai aqui!

Um dia, ao acordar, ele teve uma sensação desagradável de estar preso. Depois de alguns esforços, percebeu que, durante o sono, suas pernas, tórax e braços foram amarrados à cama com pedaços finos de metal que cortavam sua pele com o menor dos movimentos.

— Ah — disse ao seu carcereiro —, chegou a hora da grande *performance*! Vão sangrar o frango. Você que fará a operação, anjo Gabriel? Se for, garanta que sua navalha esteja afiada e limpa, velho amigo! Se possível, dê-me o tratamento antisséptico!

Mas ele foi interrompido pelo som de uma chave rangendo na fechadura. A porta do outro lado do quarto se abriu, e a senhora Dugrival entrou.

Ela se aproximou lentamente, pegou uma cadeira e, tirando um revólver do bolso, engatilhou-o e o colocou na mesa de cabeceira.

— *Brrrrr*! — disse o prisioneiro. — Devemos estar em um teatro! Quarto ato: "A perdição do traidor". E é alguém do sexo frágil que puxa o gatilho… A mão das Graças… Quanta honra! Senhora Dugrival, confio que não desfigurará meu rosto.

— Cale a boca, Lupin.

— Ah, então sabe quem sou? Deus do céu, como somos inteligentes!

— Cale a boca, Lupin.

Havia um tom solene em sua voz que impressionou o cativo e o compeliu a fazer silêncio. Ele observou seus dois carcereiros, um de cada vez. Os traços inchados e a pele avermelhada da senhora Dugrival formavam um contraste impressionante com o rosto refinado de seu sobrinho; mas ambos tinham o mesmo ar de implacável determinação.

A viúva curvou-se para a frente e disse:

— Está pronto para responder às minhas perguntas?

— Por que não?

— Então me escute. Como sabia que Dugrival levava todo o seu dinheiro em seu bolso?

— Fofoca de criados…

— Um jovem criado que trabalhara conosco: foi isso?

— Sim.

— E você roubou o relógio de Dugrival para devolvê-lo a ele e inspirar confiança?

— Sim.

Ela reprimiu um movimento de fúria:

— Seu idiota! Seu idiota! Como assim! Você rouba meu marido, você faz com que ele se suicide e, em vez de ir se esconder no fim do mundo, continua agindo como Lupin no coração de Paris! Esqueceu que jurei, sobre a cabeça do meu marido morto, encontrar o assassino dele?

— É isso que me surpreende — disse Lupin. — Como suspeitou de mim?

— Como? Ora, você se entregou!

— Eu me entreguei?

— Claro que sim… Os cinquenta mil francos…

— E o que têm eles? Foram um presente…

— Sim, um presente sobre o qual você deu instruções por telegrama para que fosse entregue para mim, para que acreditássemos que estivesse na

América no dia das corridas. Um presente, de fato! Que enganação! O fato é: você não queria pensar sobre o pobre homem que assassinara. Então devolveu o dinheiro à viúva, publicamente, é claro, porque você adora fazer esses gestos dramáticos e discursar e posar, como o charlatão que é. Isso tudo foi muito bem pensado. Mas, meu caro amigo, você não deveria ter mandado as mesmas notas que foram roubadas de Dugrival! Sim, seu idiota ignorante, as mesmíssimas notas! Nós sabíamos os números delas, Dugrival e eu. E você foi suficientemente estúpido para mandar o maço para mim. Agora entende a sua tolice?

Lupin começou a rir:

— Foi uma grande confusão, eu admito. Mas não foi minha culpa; as ordens que eu dei foram diferentes. Mas, de qualquer forma, só posso culpar a mim mesmo.

— Ah, então você admite! Assinou seu roubo e sua ruína ao mesmo tempo. Não restava mais nada a fazer além de encontrá-lo. Encontrá-lo? Não, melhor ainda. Pessoas sensatas não encontram Lupin: elas fazem com que ele venha até elas! Essa foi uma ideia brilhante. E veio da mente do meu jovem sobrinho, que o odeia tanto quanto eu, se é que isso é possível, e que o conhece profundamente, por ter lido todos os livros que foram escritos sobre você. Ele conhece sua natureza bisbilhoteira, sua necessidade de estar sempre tramando algo, sua obsessão de caçar no escuro e desvendar o que outros não conseguiram. Ele também conhece essa sua gentileza falsa, o sentimentalismo babão que o faz banhar com lágrimas de crocodilo as pessoas que você engana. E ele planejou toda a farsa! Ele inventou a história dos dois assaltantes, do segundo roubo de cinquenta mil francos! Oh, eu lhe juro, diante de Deus, que a facada que dei em mim mesma nem me machucou! E eu lhe juro, diante de Deus, que passamos momentos gloriosos aguardando a sua chegada, o garoto e eu, espreitando os seus cúmplices que rondavam sob nossas janelas, determinando as posições deles! E não havia erro: com certeza você viria! Uma vez que você tinha devolvido os cinquenta mil francos da viúva Dugrival, seria completamente absurdo pensar que permitiria que os roubassem dela! Você com certeza viria, atraído pelo cheiro do mistério. Você com certeza viria, para se gabar, por pura vaidade! E veio!

A viúva deu uma risada estridente:

— Foi uma boa jogada, não foi? O Lupin dos Lupins, o mestre dos mestres, inacessível e invisível, foi pego na armadilha de uma mulher e um garoto! Aqui está ele em carne e osso… aqui está ele com as mãos e pés atados, tão perigoso quanto um pardal… aqui está ele… aqui está ele!

Ela tremia de alegria e começou a andar pelo quarto, olhando de esguelha para a cama, como um animal selvagem que não tira os olhos da presa nem por um instante. E Lupin nunca vira tamanho ódio e selvageria em um ser humano.

— Já chega dessa tagarelice — disse ela.

Repentinamente se contendo, ela voltou até ele e, em um tom completamente diferente, com uma voz fria, disse, enfatizando cada sílaba:

— Graças aos papéis em seu bolso, Lupin, usei muito bem os últimos doze dias. Sei de todos os seus negócios, todos os seus esquemas, todos os nomes que você usa, a organização do seu bando, todas as residências que você tem em Paris e em outros lugares. Eu até mesmo visitei uma delas, a mais secreta delas, onde você guarda os seus documentos, seus registros e todo o histórico de suas operações financeiras. O resultado das minhas investigações foi muito satisfatório. Aqui tenho quatro cheques, tirados de quatro talões e que correspondem a quatro contas que você mantém em quatro bancos diferentes sob quatro nomes diferentes. Preenchi cada um deles com a soma de dez mil francos. Uma soma maior seria arriscada demais. E, agora, assine-os.

— Meu Deus! — disse Lupin sarcasticamente. — Isso é chantagem, minha honrada senhora Dugrival.

— Isso o deixa surpreso, ou não?

— Isso me deixa muito surpreso, como diz.

— E encontrou um oponente do seu nível?

— Esse oponente está muito além do meu nível. Então, a armadilha… vamos chamá-la de infernal… a armadilha infernal em que caí não foi feita apenas por uma viúva sedenta por vinganças, mas também por uma empresária de primeira linha ansiosa para aumentar seu capital?

— Exatamente.

— Meus parabéns. E, enquanto penso nisso, talvez tenha usado o senhor Dugrival para…

— Você acertou, Lupin. Afinal, para que esconder o fato? Vai aliviar sua consciência. Sim, Lupin, Dugrival costumava trabalhar pelas mesmas linhas

que você. Oh, não na mesma escala! Éramos pessoas humildes: um luís aqui, outro ali… uma carteira ou outra que ensinamos Gabriel a bater nas corridas… E, dessa forma, fizemos nossa pequena economia… o suficiente para comprar um lugarzinho no interior.

— Prefiro que tenha sido assim — disse Lupin.

— Está muito bem! Só estou contando para que saiba que não sou uma iniciante e que você não tem escapatória. Um resgate? Não. O quarto em que estamos agora tem saída somente para o meu quarto. Tem uma saída privada da qual ninguém sabe. Era o apartamento especial de Dugrival. Ele costumava encontrar os amigos aqui. Deixava seus apetrechos e ferramentas guardados aqui, seus disfarces… Até mesmo seu telefone, como pode ver. Assim, não lhe resta esperança, percebe? Seus cúmplices já desistiram de procurá-lo por aqui. Já os despachei em outra pista. Sua batata está assando. Está entendendo a posição em que se encontra?

— Sim.

— Então assine os cheques.

— E, depois de assiná-los, vão me libertar?

— Devo depositá-los primeiro.

— E depois disso?

— Depois, juro pela minha alma, pela minha salvação eterna, libertaremos você.

— Não acredito em você.

— E você tem alguma escolha?

— Isso é verdade. Entregue-me os cheques.

Ela desamarrou a mão direita de Lupin, entregou-lhe uma caneta e disse:

— Não se esqueça de que os quatro cheques precisam de quatro assinaturas diferentes e que a letra precisa ser alterada em cada um deles.

— Não se preocupe.

Ele assinou os cheques.

— Gabriel — disse a viúva —, são dez horas. Se eu não tiver voltado até o meio-dia, significa que esse salafrário fez algum de seus truques. Ao meio-dia, exploda seus miolos. Vou deixar aqui o revólver que seu tio usou para se matar. Ainda tem cinco balas das seis. É mais do que suficiente.

Ela saiu do quarto, cantarolando uma música enquanto se afastava.

Lupin murmurou:

— Eu não daria nem dois centavos pela minha vida.

Ele fechou seus olhos por um instante e então, subitamente, disse para Gabriel:

— Quanto?

E, quando o outro pareceu não entender, ele ficou irritado:

— Estou falando sério. Quanto? Não consegue me responder? Estamos no mesmo negócio, você e eu. Eu roubo, tu roubas, nós roubamos. Então deveríamos nos entender: é para isso que estamos aqui. E então? Estamos negociando? Vamos começar, então? Eu lhe darei um posto na minha gangue, um posto fácil e bem pago. Quanto você quer para si mesmo? Dez mil? Vinte mil? Dê-me seu preço; não fique tímido. Tenho o suficiente para qualquer que seja o seu desejo.

Um tremor raivoso passou por seu corpo quando viu o rosto impassível de seu carcereiro.

— Oh, o mendigo não quer nem responder! Ora, você não poderia ter tanto carinho assim pelo velho Dugrival! Ouça-me: se consentir em me libertar…

Mas ele se interrompeu. Conhecia muito bem a expressão cruel que via nos olhos do jovem. Qual era a serventia de tentar convencê-lo?

— Maldição! — lamentou ele. — Não vou morrer aqui, como um cachorro! Oh, se eu pudesse pelo menos…

Enrijecendo seus músculos, ele tentou romper as amarras, fazendo um esforço tão violento que o fez soltar um grito de dor; e caiu de volta na cama, exausto.

— Muito bem — ele resmungou, depois de um momento —, é como disse a viúva: a minha batata está assando. Não resta nada a ser feito. *De profundis*[18], Lupin…

Passaram-se quinze minutos, depois meia hora…

Gabriel, aproximando-se de Lupin, viu que os olhos dele estavam fechados e que sua respiração estava compassada, como se estivesse dormindo. Mas Lupin disse:

— Não pense que estou dormindo, meu jovem. Não, as pessoas não dormem em um momento desses. Eu estou apenas me consolando. É necessário, não é? E estou aqui pensando no que vai acontecer depois.… Exatamente. Tenho uma pequena teoria própria. Não pensaria nisso só de olhar para mim, mas eu acredito na metempsicose, na transmigração de

almas[19]. Mas levaria muito tempo para explicar… Veja, meu garoto… E se apertarmos as mãos antes de nos despedirmos? Não faria isso? Então adeus. Que tenha muita saúde e uma longa vida pela frente, Gabriel!

Ele fechou os olhos e não se mexeu novamente até a volta da senhora Dugrival.

A viúva entrou com um passo animado, alguns minutos antes do meio-dia. Parecia imensamente empolgada.

— Estou com o dinheiro — disse para o sobrinho. — Vá logo. Eu o encontro no carro lá embaixo.

— Mas…

— Não quero sua ajuda para acabar com ele. Posso fazer isso sozinha. Mas, se quiser ver que careta um bandido fará… Passe-me a arma.

Gabriel deu-lhe o revólver, e a viúva continuou:

— Queimou nossos documentos?

— Sim.

— Então vamos ao trabalho. E, assim que acabarmos com ele, vamos embora. Os tiros podem atrair os vizinhos. Quando eles chegarem, os dois apartamentos precisam estar vazios.

Ela se aproximou da cama:

— Está pronto, Lupin?

— Pronto não é bem a palavra: estou queimando de impaciência.

— Tem algum pedido a me fazer?

— Nenhum.

— Então…

— Tenho uma palavra apenas.

— Que palavra?

— Se eu encontrar Dugrival no além-mundo, que mensagem deseja que eu dê a ele?

Ela deu de ombros e colocou o cano do revólver na têmpora de Lupin.

— É isso — disse ele —, e se certifique de não tremer a mão, minha cara senhora. Não vai machucá-la, juro. Está pronta? Ao meu comando, sim? Um… dois… três…

A viúva puxou o gatilho. Ouviu-se o som de um tiro.

— Isso é a morte? — disse Lupin. — Que engraçado! Eu pensava que seria algo completamente diferente da vida!

Houve um segundo tiro. Gabriel arrancou a arma das mãos da tia e a examinou:

— Ah — exclamou ele —, alguém tirou as balas! Deixaram apenas as espoletas de percussão!

Por um momento, sua tia e ele pararam imóveis e confusos:

— Isso é impossível! — exclamou ela. — Quem poderia ter feito isso? Um inspetor? O juiz de instrução?

Ela parou e disse com uma voz baixa:

— Diabos… Ouço um barulho…

Eles escutaram, e a viúva saiu para o saguão. Ela voltou, furiosa, exasperada com seu fracasso e com o susto que levara:

— Não há ninguém lá fora… Deve ter sido um dos vizinhos saindo… Temos tempo de sobra… Ah, Lupin, estava começando a ficar contente! A faca, Gabriel.

— Está no meu quarto.

— Vá buscá-la.

Gabriel saiu com pressa. A viúva pisoteou o chão com raiva.

— Eu jurei que o faria! Você tem que sofrer, meu caro amigo! Eu prometi a Dugrival que o faria e repeti meu juramento toda manhã e noite desde que me ajoelhei, sim, me ajoelhei diante de Deus para que ele me ouvisse! É meu dever e meu direito vingar meu finado marido! A propósito, Lupin, não parece estar tão contente quanto estava antes! Por Deus, até se poderia pensar que está com medo! Ele está com medo! Está com medo! Posso ver em seus olhos! Venha logo, Gabriel, meu garoto! Olhe nos olhos dele! Olhe os lábios dele! Ele está tremendo! Dê-me a faca, para que eu a enterre em seu coração enquanto ele treme… Oh, seu covarde! Rápido, rápido, Gabriel, a faca!

— Não a encontro em lugar algum — disse o jovem, voltando em desespero. — Sumiu do meu quarto! Não consigo entender!

— Tanto faz! — gritou a viúva Dugrival, meio enlouquecida. — Melhor ainda! Eu mesma darei um jeito.

Ela agarrou a garganta de Lupin, envolveu-a com os dez dedos, fincando suas unhas na pele dele, e começou a apertá-la com toda a sua força. Lupin soltou um ruído rouco e desistiu.

Subitamente, ouviu-se uma pancada na janela. Uma das vidraças estava estilhaçada.

— O que foi isso? O que houve? — gaguejou a viúva, pondo-se de pé, alarmada.

Gabriel, que estava ainda mais pálido do que de costume, murmurou:

— Não sei… Não consigo pensar…

— Quem poderia ter feito isso? — disse a viúva.

Ela não se atreveu a se mexer, esperando o que poderia acontecer em seguida. E uma coisa a aterrorizava acima de todas as outras: o fato de que não havia um projétil no chão em volta deles, apesar de a vidraça, como era claramente visível, ter sido destruída pelo impacto de um objeto pesado e bastante grande, provavelmente uma pedra.

Depois de um tempo, ela olhou embaixo da cama, sob o baú com gavetas:

— Nada — disse ela.

— Não — disse seu sobrinho, que também procurava.

E, voltando ao seu lugar, ela disse:

— Estou com medo… Meus braços não estão funcionando… você acaba com ele…

Gabriel confessou:

— Também estou com medo.

— Mesmo assim… Mesmo assim… — gaguejou ela — isso precisa ser feito… Eu fiz uma promessa…

Fazendo um último esforço, ela foi até Lupin e colocou seus dedos duros em volta do pescoço dele. Mas Lupin, que observava seu rosto pálido, teve uma sensação muito clara de que ela não teria coragem de matá-lo. Para ela, ele se tornava algo sagrado, invulnerável. Um poder misterioso o protegia de todos os ataques, um poder que já o salvara três vezes, de formas inexplicáveis, e que encontraria ainda outras para protegê-lo contra os ardis da morte.

Ela disse a ele, com uma voz rouca:

— Como deve estar rindo de mim!

— De forma nenhuma, dou minha palavra. Eu mesmo estaria com medo se estivesse em seu lugar.

— Coisa nenhuma, escória! Você está pensando que será resgatado… Que seus amigos estão esperando lá fora? Isso está fora de questão, meu amigo.

— Eu sei. Não são eles que estão me defendendo… ninguém está me defendendo…

— Então o que está acontecendo?

— Então, de qualquer forma, tem algo estranho lá no fundo, algo fantástico e miraculoso que lhe dá calafrios, minha cara senhora.

— Seu cafajeste! Em pouco tempo não estará mais rindo.

— Eu duvido.

— Aguarde e vai ver.

Ela refletiu mais uma vez e disse ao seu sobrinho:

— O que você faria?

— Amarre o braço dele novamente e vamos embora — respondeu ele.

Uma sugestão horrenda! Significava condenar Lupin a morrer da pior das formas, morrer de fome.

— Não — disse a viúva. — Ele ainda pode encontrar uma forma de escapar. Sei de algo melhor que isso.

Ela tirou o telefone do gancho, aguardou e disse:

— Número 8-2248, por favor.

E, depois de alguns segundos:

— Alô! É o Departamento de Investigação Criminal? O inspetor-chefe Ganimard está aí? Em vinte minutos, você diz? Sinto muito! Entretanto, quando ele chegar, dê a ele esta mensagem da senhora Dugrival… Sim, a senhora Nicolas Dugrival… Peça que ele venha ao meu apartamento. Diga a ele para abrir a porta de espelho do meu guarda-roupa; e, depois que o fizer, ele verá que o guarda-roupa esconde uma saída que faz meu quarto se comunicar com outros dois cômodos. Em um deles, ele encontrará um homem com as mãos e os pés atados. É o ladrão, o assassino de Dugrival… Não acredita em mim? Diga ao senhor Ganimard; ele sim, acreditará… Oh, quase esqueci de lhe dizer o nome do homem: Arsène Lupin!

E, sem outra palavra, ela colocou o telefone no gancho.

— Pronto, Lupin, está feito. No fim das contas, preferiria ter a minha vingança dessa forma. Como rirei quando ler as notícias sobre o julgamento de Lupin! Está vindo, Gabriel?

— Sim, tia.

— Adeus, Lupin. Você e eu não nos veremos novamente, imagino, já que sairemos do país. Mas prometo lhe mandar algumas guloseimas enquanto estiver atrás das grades.

— Chocolates, mamãe! E os comeremos juntos!

— Adeus.

— *Au revoir.*

A viúva saiu com seu sobrinho, deixando Lupin preso na cama.

Ele imediatamente moveu seu braço livre e tentou se soltar; mas percebeu, na primeira tentativa, que nunca teria força suficiente para romper os arames que o amarravam. Exausto, com febre e dolorido, o que ele poderia fazer nos cerca de vinte minutos que lhe restavam antes da chegada de Ganimard?

Também não contava com seus amigos. Era verdade: ele tinha sido salvo da morte três vezes; mas isso tinha sido evidentemente devido a uma inacreditável série de acidentes, e não a qualquer interferência da parte de seus aliados. Caso contrário, eles não teriam se contentado com essas manifestações extraordinárias, e sim o teriam resgatado de uma vez por todas.

Não, ele deveria abandonar completamente suas esperanças. Ganimard estava a caminho. Ganimard o encontraria ali. Era inevitável. Esse fato era inescapável.

E a perspectiva do que estava por vir o irritava extraordinariamente. Ele já ouvia as chacotas do seu velho inimigo zunindo em seus ouvidos. Ele previa os arroubos de risada que responderiam à notícia no dia seguinte. Ser capturado em ação, por assim dizer, no campo de batalha, por um imponente contingente de adversários, era uma coisa; mas ser capturado, ou melhor dizendo, ser recolhido, apanhado, buscado, em uma condição daquelas era realmente ridículo. E Lupin, que tanto zombara dos outros, sentia toda a infâmia que caía sobre ele ao fim desse caso dos Dugrival, todo o anticlímax de ter-se permitido ser pego naquela destruidora e infernal armadilha de uma viúva e ser finalmente "entregue de bandeja" para a polícia como uma caça, bem assado e temperado.

— Dane-se essa viúva! — rugiu ele. — Preferiria que ela tivesse cortado minha garganta e acabado logo com isso.

Ele ficou de orelha em pé. Alguém se movia no cômodo vizinho. Ganimard! Não. Por mais ansioso que estivesse, ainda não teria conseguido chegar lá. Além disso, Ganimard não agiria dessa forma, não abriria a porta tão gentilmente quanto essa outra pessoa o fazia. Quem era essa pessoa? Lupin se lembrou das três intervenções miraculosas às quais devia sua vida.

Seria possível que realmente existisse alguém que o protegera da viúva e que esse alguém agora tentasse resgatá-lo? Mas, caso existisse, quem seria?

Sem ser vista por Lupin, a pessoa estranha se agachou atrás da cama. Lupin ouviu o som de alicates atacando os arames e soltando-o aos poucos. Primeiro, seu tórax estava livre, depois seus braços, e então suas pernas.

E uma voz lhe disse:

— Deve se levantar e se vestir.

Sentindo-se muito fraco, ele se levantou um pouco no momento que a pessoa estranha se erguia de sua posição agachada.

— Quem é você? — sussurrou ele. — Quem é você?

E ele foi tomado por uma imensa surpresa.

Ao seu lado estava uma mulher, vestida de preto, com um xale de renda sobre a cabeça, que cobria parte do seu rosto. E a mulher, até onde ele podia avaliar, era jovem e com uma estatura graciosa e esguia.

— Quem é você? — repetiu ele.

— Deve vir agora — disse a mulher. — Não há tempo a perder.

— Será que consigo? — indagou Lupin, esforçando-se desesperadamente. — Duvido que tenha força suficiente.

— Beba isto.

Ela colocou um pouco de leite em uma xícara; e, ao entregá-la a ele, seu xale se abriu, descobrindo seu rosto.

— Você! — gaguejou ele. — É você! É você que… era você que estava…

Ele encarava aturdido essa mulher cujos traços apresentavam uma semelhança tão notável com Gabriel, cujo rosto delicado e simétrico tinha a mesma palidez, a boca trazia a mesma expressão dura e hostil. Nenhuma irmã poderia ser tão parecida assim com seu irmão. Não havia dúvida alguma: era a mesma pessoa. E, sem acreditar nem por um momento que Gabriel tivesse se disfarçado com roupas femininas, Lupin, ao contrário, teve a nítida impressão de que era uma mulher quem estava ao seu lado e que o jovem que o perseguira com tanto ódio e o apunhalara com a adaga era, de fato, uma mulher. Para se dedicarem mais facilmente ao seu ofício, os Dugrival a acostumaram a se vestir como um garoto.

— Você… você! — repetiu ele. — Quem suspeitaria…

Ela esvaziou o conteúdo de um frasco na xícara:

— Beba esse tônico — disse ela.

Ele hesitou, pensando em veneno.

Ela acrescentou:

— Fui eu quem salvou você.

— É claro, é claro — disse ele. — Foi você quem tirou as balas do revólver?

— Sim.

— E foi você quem escondeu a faca?

— Aqui está ela, no meu bolso.

— E foi você quem quebrou a janela enquanto sua tia me esganava?

— Sim, fui eu, com o peso de papéis da mesa: eu o joguei na rua.

— Mas por quê? Por quê? — ele perguntou, completamente aturdido.

— Beba o tônico.

— Não quer que eu morra? Então por que me esfaqueou, para começo de conversa?

— Beba o tônico.

Ele bebeu tudo de uma golada só, ainda sem saber o motivo dessa súbita confiança.

— Vista-se… rápido — ela ordenou, andando para a janela.

Ele obedeceu e ela voltou, pois ele tinha caído na cadeira, exausto.

— Temos que ir agora, precisamos, o tempo é curto… Tente reunir todas as suas forças.

Curvou-se um pouco para a frente, para que ele pudesse se apoiar no ombro dela, e se virou na direção da porta e da escada.

E Lupin caminhou como se caminha em um sonho, um desses sonhos estranhos em que as coisas mais inconsequentes acontecem, um sonho que era a sequência feliz do terrível pesadelo em que ele vivera nos últimos quinze dias.

Entretanto um pensamento lhe ocorreu, e ele começou a rir:

— Pobre Ganimard! Dou minha palavra que o pobre homem não tem sorte. Eu pagaria para vê-lo vir me prender.

Depois de descer as escadas com a ajuda de sua companheira, que o apoiou com um vigor incrível, ele se viu na rua, de frente com um carro em que ela o ajudou a entrar.

— Vamos logo — ela disse ao motorista.

Lupin, atordoado com o ar livre e a velocidade em que se moviam, mal percebeu como foram a viagem e os incidentes na estrada. Ele recobrou completamente a consciência quando se viu em casa, em um dos

apartamentos que ocupava, sob os cuidados de seu criado, a quem a garota deu instruções rápidas.

— Pode ir — disse ao homem.

Mas, quando a mulher também se virou para ir embora, ele a segurou por uma das dobras do vestido.

— Não… não… primeiro tem que me explicar… Por que me salvou? Voltou sem sua tia saber? Mas por que me salvou? Foi por pena?

Ela não respondeu. Com o corpo enrijecido e a cabeça um pouco jogada para trás, ela manteve seu ar duro e impenetrável. Mesmo assim, ele pensou perceber que as linhas ao redor da boca eram mais amargas do que cruéis. Seus olhos, seus lindos olhos escuros, revelavam melancolia. E Lupin, ainda sem entender, tinha uma vaga intuição do que se passava dentro dela. Ele a tomou pela mão. Ela o empurrou, com um sobressalto de revolta em que ele sentiu ódio, quase repulsa. E, quando ele insistiu, ela gritou:

— Não pode me deixar em paz? Deixe-me em paz! Não consegue ver que eu o detesto?

Eles se olharam por um momento, Lupin desconcertado, ela trêmula e inquieta, seu rosto pálido completamente corado com uma cor pouco comum.

Ele disse gentilmente a ela:

— Se me detestasse, teria me deixado morrer… Seria muito simples… Por que não deixou?

— Por quê? Por quê? E acha que sei?

Seu rosto se contorceu. Com um movimento súbito, ela o escondeu em suas mãos, e ele viu lágrimas escorrer por entre seus dedos.

Muito emocionado, ele pensou em se dirigir a ela com palavras gentis, como alguém usaria para consolar uma garotinha, e dar-lhe bons conselhos, salvá-la e, por sua vez, arrancá-la da vida ruim que levava, talvez até mesmo contra sua própria natureza.

Mas palavras assim teriam soado ridículas saindo dos lábios dele, e ele não sabia o que dizer, agora que sabia a história por inteiro e podia imaginar a jovem sentada ao lado do leito dele, cuidando do homem que tinha ferido, admirando sua coragem e alegria, afeiçoando-se a ele, apaixonando-se por ele e salvando-o da morte por três vezes, provavelmente contra sua vontade, sob um tipo de impulso instintivo, entre

crises de rancor e raiva.

E tudo isso era tão estranho, tão imprevisível; Lupin ficou tão estupefato com sua surpresa que, dessa vez, não tentou pará-la quando ela saiu na direção da porta, de costas, sem parar de olhá-lo.

Ela abaixou a cabeça, sorriu por um instante e desapareceu.

Ele rapidamente tocou a campainha:

— Siga aquela mulher — disse ao seu criado. — Ou não, fique onde está… Afinal, é melhor assim…

Ele se sentou pensativo por um tempo, possuído pela imagem da garota. Então, repassou em sua mente toda aquela aventura curiosa, empolgante e trágica, em que ele estivera tão perto de sucumbir; e, pegando um espelho da mesa de cabeceira, olhou para seu rosto por um longo tempo e com certa autocomplacência, o rosto que a doença e a dor não conseguiram prejudicar muito:

— Ser bonito conta para alguma coisa, no fim das contas! — murmurou.

---

[17] Área junto à pista dos hipódromos onde os cavalos fazem os últimos preparativos para a corrida. (N.R.)

[18] Das profundezas. Palavras iniciais da versão latina do Salmo 130, recitado nas cerimônias fúnebres e no ofício dos mortos. (N.T.)

[19] Metempsicose é o termo genérico para transmigração ou teoria da transmigração da alma, de um corpo para outro, seja este do mesmo tipo de ser vivo ou não. (N.T.)

A echarpe de seda vermelha

Ao sair de sua casa certa manhã, na hora em que sempre ia para o tribunal, o inspetor-chefe Ganimard percebeu o comportamento curioso de um indivíduo que andava pela Rua Pergolèse adiante dele. Mal vestido e com um chapéu de palha, apesar de estarem quase no inverno, o homem parava a cada trinta ou quarenta metros para amarrar os cadarços do sapato, ou pegar sua bengala, ou por algum outro motivo. E toda vez, ele tirava um pedaço de casca de laranja do bolso e a colocava na calçada disfarçadamente. Provavelmente era apenas um sinal de excentricidade, um divertimento infantil ao qual ninguém mais teria prestado atenção; mas Ganimard era um desses observadores astutos que não são indiferentes a nada que passe por suas vistas e que nunca estão satisfeitos até que descubram o motivo secreto das coisas. Portanto, ele começou a seguir o homem.

Agora, no momento em que o sujeito virava à direita, na Avenida da Grande-Armée, o inspetor percebeu que ele trocava sinais com um garoto de doze ou treze anos de idade que seguia pela calçada do lado esquerdo da rua. A vinte metros dali o homem se abaixou e dobrou para cima a bainha de sua calça. Um pedaço de casca de laranja marcou o lugar. No mesmo instante, o garoto parou e, com um pedaço de giz, desenhou uma cruz branca, cercada por um círculo, na parede da casa perto dele.

Os dois continuaram em seus caminhos. Depois de um minuto, pararam novamente. O indivíduo estranho pegou um alfinete e deixou cair um pedaço de casca de laranja; e o garoto imediatamente fez uma segunda cruz na parede e mais uma vez desenhou um círculo branco em volta dela.

“Céus!”, pensou o inspetor-chefe com um grunhido de satisfação. “Isso é muito promissor… O que diabos esses dois fregueses podem estar maquinando?”

Os dois “fregueses” seguiram pela Avenida Friedland e pela Rua do Faubourg-Saint-Honoré, mas não aconteceu nada de especial que merecesse ser mencionado. A *performance* da dupla foi repetida quase a intervalos regulares e, por assim dizer, mecanicamente. Apesar disso, era óbvio, de um lado, que o homem com as cascas de laranja não fazia a sua parte do negócio até depois de ter escolhido com um olhar a casa que deveria ser marcada e, de outro lado, que o garoto não marcava a casa em particular até depois de ter observado o sinal de seu companheiro. Portanto, com certeza havia um acordo entre os dois; e esses procedimentos apresentavam um grande interesse aos olhos do inspetor-chefe.

Na Praça Beauveau, o homem hesitou. Então, aparentemente se decidindo, ele dobrou e desdobrou duas vezes a bainha de sua calça. Depois disso, o garoto sentou-se no meio-fio, defronte à sentinela que estava de guarda do lado de fora do Ministério do Interior, e marcou a pedra com duas pequenas cruzes dentro de dois círculos. A mesma cerimônia foi repetida um pouco mais à frente, quando chegaram à Elysée. Só que, na calçada em que a sentinela do presidente marchava para cima e para baixo, havia três sinais em vez de dois.

— Maldição! — murmurou Ganimard, pálido de empolgação e pensando, contra sua vontade, no seu inimigo inveterado, Lupin, cujo nome surgia em sua mente sempre que uma circunstância misteriosa se apresentava. — Maldição, o que significa isso?

Ele estava muito perto de prender e interrogar os dois “fregueses”. Mas era esperto demais para cometer um engano desses. O homem com as cascas de laranja agora tinha acendido um cigarro; e o garoto, também colocando um cigarro entre os lábios, foi até ele, aparentemente com o objetivo de pedir que o acendesse.

Eles trocaram algumas palavras. Tão rápido quanto um pensamento, o garoto entregou ao seu companheiro um objeto que parecia um revólver, ou pelo menos assim pareceu ao inspetor. Ambos se curvaram sobre esse objeto; e o homem, com o rosto de frente para o muro, colocou sua mão no bolso seis vezes e fez um movimento como se estivesse recarregando uma arma.

Assim que isso tinha terminado, eles andaram depressa para a Rua de Surène; e o inspetor, que os seguiu tão de perto quanto podia sem atrair a atenção deles, viu que entraram pelo portão de uma casa antiga que tinha todas as janelas fechadas, exceto aquelas no terceiro andar, o último.

Ganimard seguiu depressa atrás dos dois. No fim da entrada de carruagens, ele viu um grande pátio, com um cartaz de um pintor de casas ao fundo e uma escadaria à esquerda.

Ele subiu as escadas e, assim que chegou ao primeiro andar, correu ainda mais rápido, porque ouviu, lá do alto, um escarcéu que parecia ser de uma briga.

Quando chegou ao último andar, achou a porta aberta. Entrou, escutou por um instante, percebeu o barulho de uma luta, correu para o quarto de onde o som parecia vir e ficou parado na porta, bastante ofegante e extremamente surpreso de ver o homem das cascas de laranja e o garoto batendo no chão com cadeiras.

Naquele momento, uma terceira pessoa saiu de um quarto adjacente. Era um jovem de vinte e oito ou trinta anos, com um par de costeletas curtas, bigode, óculos e um *blazer* casual com um colarinho de astracã. Parecia um estrangeiro, um russo.

— Bom dia, Ganimard — disse ele. E, virando-se para os dois companheiros: — Obrigado, meus amigos, e meus parabéns por terem sido bem-sucedidos. Aqui está a recompensa que prometi.

Ele deu uma nota de cem francos, empurrou-os para fora e fechou as portas.

— Sinto muito, velho amigo — disse a Ganimard. — Queria falar com você… Queria muito falar com você.

Ele ofereceu sua mão ao inspetor-chefe e, vendo que o último continuava aturdido e que seu rosto ainda estava distorcido pela raiva, exclamou:

— Ora, mas parece que você não entende! Mesmo sendo claro o bastante… Queria especificamente vê-lo… Então o que poderia fazer?

E disse, fingindo responder a uma objeção:

— Não, não, velho amigo — continuou ele. — Está muito enganado. Se eu tivesse escrito ou telefonado, você não teria vindo… ou teria vindo acompanhado de um regimento. Eu queria vê-lo completamente sozinho; e pensei que a melhor coisa a fazer seria mandar aqueles dois sujeitos

decentes encontrá-lo, com instruções de espalhar pedaços de casca de laranja e desenhar cruzes e círculos, ou seja, de mapear o seu caminho para esse lugar… Ora, você parece muito confuso! O que é? Talvez não me reconheça? Lupin… Arsène Lupin… Vasculhe a sua memória… O nome não o faz lembrar-se de nada?

— Seu patife imundo! — rosnou Ganimard.

Lupin pareceu imensamente preocupado e disse, com uma voz carinhosa:

— Ficou irritado? Sim, posso ver em seus olhos… Imagino que tenha sido aquele caso dos Dugrival? Eu deveria ter esperado você chegar e me levar como suspeito? Ora, a ideia nunca me passou pela cabeça! Prometo, na próxima vez…

— Você é a escória do mundo! — grunhiu Ganimard.

— E eu achando que estava fazendo uma coisa boa! Dou minha palavra! Eu disse para mim mesmo: "Aquele bom e velho Ganimard! Faz eras que não nos vemos. Ele certamente correrá na minha direção quando me vir!".

Ganimard, que ainda não movera um músculo, parecia estar acordando de seu estupor. Olhou em volta, olhou para Lupin, visivelmente se perguntou se o melhor não seria correr contra ele e então, controlando-se, pegou uma cadeira e se sentou, como se repentinamente tivesse tomado a decisão de ouvir seu inimigo:

— Fale — disse ele. — E não desperdice meu tempo com tolices. Estou com pressa.

— Exatamente — disse Lupin —, vamos conversar. Não pode nem imaginar um lugar mais silencioso que este. É uma antiga casa senhorial, que um dia esteve em campo aberto, e pertence ao duque de Rochelaure. O duque, que nunca morou aqui, aluga este andar para mim e os anexos a um pintor e decorador. Eu sempre mantenho alguns estabelecimentos desse tipo: é um plano sólido e prático. Aqui, apesar de parecer um nobre russo, sou o senhor Daubreuil, um ex-ministro do gabinete… Você entende, eu tinha que escolher uma profissão bastante complicada para não atrair atenção…

— Acha que eu dou a mínima para qualquer uma dessas coisas? — disse Ganimard, interrompendo-o.

— Está certo, estou gastando palavras, e você está com pressa. Perdoe-me. Não demorarei agora… Cinco minutos, e termino… Começarei imediatamente… Quer um charuto? Não? Muito bem, eu também não fumarei.

Ele também se sentou, batucou os dedos na mesa, enquanto pensava, e começou assim:

— No dia 17 de outubro de 1599, em um dia de outono quente e ensolarado… Está me acompanhando? Mas, agora que eu estou pensando no assunto, será que preciso voltar aos dias do reinado de Henrique IV e contar tudo sobre a construção da Pont-Neuf? Não, não acho que você seja muito versado na história francesa, e eu ia acabar por confundi-lo. É o suficiente, então, que você saiba que, na noite passada, à uma hora da manhã, um barqueiro passando por baixo do último arco da já mencionada Pont-Neuf, pela margem esquerda do rio, ouviu algo caindo na parte da frente do seu barco. O objeto fora jogado da ponte, e seu destino era, evidentemente, o fundo do Sena. O cachorro do barco correu para a frente, latindo, e, quando o homem chegou à ponta da sua embarcação, ele viu o animal morder um pedaço de jornal que servira para embalar vários objetos. Ele tomou do cachorro os conteúdos que não caíram na água, foi para sua cabine e os examinou cuidadosamente. O resultado lhe pareceu interessante. E, como o homem tem ligação com muitos dos meus amigos, mandou que me avisassem. Hoje pela manhã me acordaram, contaram-me sobre os fatos e me deram os objetos que o homem colhera. Aqui estão eles.

Lupin apontou para os objetos, espalhados em uma mesa. Havia, primeiramente, os pedaços rasgados de um jornal. Ao lado deles, um grande tinteiro de cristal, com um pedaço de barbante preso à tampa. Havia alguns cacos de vidro e um tipo de papelão flexível, completamente rasgado. Finalmente, um pedaço de seda escarlate brilhante, terminando em uma franja da mesma cor e material.

— Você vê aqui nossas provas, meu velho amigo — disse Lupin. — Sem dúvida o problema seria resolvido mais facilmente se tivéssemos os objetos que caíram no rio por causa da estupidez do cachorro. Mas me parece, de qualquer forma, que daremos conta, com um pouco de reflexão e inteligência. E essas são exatamente suas grandes qualidades. Como toda essa questão lhe parece?

Ganimard não se moveu. Ele estava disposto a suportar a tagarelice de Lupin, mas sua dignidade exigia que não respondesse com palavra alguma, nem mesmo com um aceno de cabeça que pudesse expressar aprovação ou crítica.

— Vejo que concordamos inteiramente — continuou Lupin, aparentemente sem notar o silêncio do inspetor-chefe. — E posso resumir brevemente a questão, como ela nos é contada a partir desses objetos. Ontem à noite, entre as vinte e uma horas e a meia-noite, um cavalheiro bem vestido, que usava um monóculo e tem interesse em corridas, feriu com uma faca uma jovem vestida de maneira chamativa, com quem comera três merengues e uma bomba de café, e então a segurou pelo pescoço e a sufocou até a morte.

Lupin acendeu um cigarro e, puxando a manga de Ganimard, disse:

— Ahá, não contava com essa, inspetor-chefe! Pensou que, na esfera das deduções policiais, tais feitos eram proibidos a forasteiros. Muito ao contrário, senhor! Lupin lida com inferências e deduções para o mundo inteiro como um detetive em um romance. Minhas provas são chocantes e completamente simples.

E, apontando para os objetos um por um, enquanto demonstrava sua afirmação, ele continuou:

— Eu disse, depois das vinte e uma horas de ontem à noite. Este pedaço de jornal traz a data de ontem, com as palavras "Edição noturna". Além disso, pode ver aqui, grudado no papel, um pedaço daqueles embrulhos amarelos em que enviam os exemplares dos assinantes. Esses exemplares são sempre entregues pelo correio das vinte e uma horas. Portanto, foi depois desse horário. Eu disse, um homem bem vestido. Por favor, note que esse pequeno caco de vidro tem o buraco redondo de um monóculo em uma das beiradas e que o monóculo é um artigo essencialmente aristocrático. Esse homem bem vestido entrou em uma confeitaria. Aqui está o papelão bem fino, com o formato de uma caixa, que ainda mostra um pouco do creme dos merengues e bombas que estavam embrulhados do jeito habitual. Ao pegar seu embrulho, o cavalheiro com o monóculo juntou-se a uma pessoa jovem cuja excentricidade na forma de se vestir é claramente indicada por essa echarpe de seda vermelho vivo. Depois de se juntar a ela, por algum motivo ainda desconhecido, ele primeiro a apunhalou com uma faca e depois a estrangulou com a ajuda da própria

echarpe. Pegue sua lupa, inspetor-chefe, e verá, na seda, manchas de um vermelho mais escuro, que são, aqui, as marcas de uma faca que foi limpa na echarpe e, ali, as marcas de uma mão coberta de sangue, segurando o material. Depois de cometido o assassinato, sua próxima providência foi a de não deixar rastros. Então ele tirou do bolso, primeiramente, o jornal que assina (um jornal sobre corridas, como você pode ver olhando o conteúdo desse pedaço, e não será difícil descobrir o título dele) e, depois, uma corda, que, sob inspeção mais atenta, se percebe ser uma corda de chicote. Esses dois detalhes comprovam que nosso homem tem interesse em corridas e que ele próprio anda a cavalo, não é mesmo? Depois, ele recolhe os pedaços de seu monóculo, cujo cordão se partiu durante a luta. Ele pega uma tesoura (observe a marca do corte da tesoura) e corta fora a parte manchada da echarpe, deixando a outra ponta, sem dúvida, na mão fechada da sua vítima. Ele amassa a caixa de papelão da confeitaria. Também coloca ali outras coisas que o denunciariam, como a faca, que deve ter caído no Sena. Embrulha tudo no jornal, amarra com a corda e prende esse tinteiro de cristal, como um peso. E então ele desaparece. Um pouco mais tarde, o pacote cai na embarcação do barqueiro. E aqui está você. Ufa, foi muito trabalho! O que você me diz a respeito da história?

Ele olhou para Ganimard para ver que impressão seu discurso produzira no inspetor. Ganimard não mudou sua atitude silenciosa.

Lupin começou a rir:

— Na verdade, você está irritado e surpreso. Mas também está desconfiado: "Por que esse diabo desse Lupin me entregaria esse caso", diz você, "em vez de ficar com ele para si, caçar o assassino e esquadrinhar seus bolsos, caso tenha havido um roubo?". A pergunta é muito lógica, é claro. Mas, e existe um "mas", eu não tenho tempo, sabe? Estou cheio de trabalho no momento: um roubo em Londres, outro em Lausanne, uma troca de crianças em Marselha, isso sem falar em ter que salvar uma jovem que está neste momento às sombras da morte. É como dizem: desgraça pouca é bobagem. Então, disse a mim mesmo: "E se eu passasse esse caso para meu bom e velho Ganimard? Agora que já resolvi metade para ele, ele tem capacidade suficiente para ser bem-sucedido. E que favor estarei fazendo para ele! Ele poderá se distinguir de forma magnânima!". Assim que pensei nisso, fiz. Às oito horas, mandei o palhaço com as cascas de laranja ir encontrá-lo. Você engoliu a isca; e estava aqui às nove, completamente

nervoso e pronto para a briga.

Lupin se levantou de sua cadeira. Foi até o inspetor e, olhando para Ganimard, disse:

— Isso é tudo. Agora sabe a história toda. Em pouco tempo, conhecerá a vítima: alguma bailarina, provavelmente, ou uma cantora em uma casa de espetáculos. De outro lado, é bem provável que o criminoso viva perto da Pont-Neuf, mais provavelmente na margem esquerda. Finalmente, aqui estão todas as provas. Estou lhe dando como presente. Mãos à obra. Vou ficar apenas com esta ponta da echarpe. Se quiser completá-la, traga-me a outra ponta, que a polícia encontrará em volta do pescoço da vítima. Traga-a para mim exatamente daqui a quatro semanas, ou seja, dia 29 de dezembro, às dez horas. Pode ter certeza de que me encontrará aqui. E não tema: tudo isso é perfeitamente sério, meu velho amigo; eu lhe juro. Não o estou enganando, dou minha palavra. Pode ir em frente. Oh, a propósito, quando prender o sujeito de monóculo, tome cuidado: ele é canhoto! Adeus, velho amigo, e boa sorte!

Lupin girou em seus calcanhares, foi até a porta, abriu-a e desapareceu antes mesmo que Ganimard sequer tivesse pensado em tomar uma decisão. O inspetor correu atrás dele, mas imediatamente descobriu que a maçaneta da porta, por algum truque ou mecanismo que ele não conhecia, se recusava a girar. Ele levou dez minutos para desatarraxar a fechadura e mais dez para fazer o mesmo com a porta do saguão. Quando conseguiu descer os três lances de escadas, Ganimard já tinha perdido as esperanças de alcançar Arsène Lupin.

Ademais, ele nem estava pensando nisso. Lupin o inspirava com um sentimento estranho e complexo, uma mistura de medo, ódio, admiração involuntária e também o instinto vago de que ele, Ganimard, apesar de todos os seus esforços, apesar da persistência de suas tentativas, nunca levaria a melhor sobre esse adversário em particular. Ele o perseguia por um senso de dever e orgulho, mas com o pavor contínuo de ser tapeado por aquele enganador formidável e ser ridicularizado e caçoado na frente de um público que sempre estava disposto demais a rir dos contratempos do inspetor-chefe.

Essa parte da echarpe vermelha, em particular, parecia-lhe a mais suspeita. Era interessante, certamente, de várias formas, mas tão improvável! E a explicação de Lupin, aparentemente tão lógica, nunca

aguentaria o teste de um exame sério!

— Não — disse Ganimard —, isso tudo é presunção: um pacote de suposições e adivinhações baseadas em absolutamente nada. Não vou me envolver nessa baboseira.

Quando ele chegou à delegacia de polícia, no Quai des Orfèvres 36, já tinha se decidido a tratar o incidente como se nunca tivesse acontecido.

Ganimard subiu até o Departamento de Investigação Criminal. Lá, um de seus colegas inspetores disse:

— Já falou com o chefe?

— Não.

— Ele estava procurando você agorinha.

— Ah, é?

— Sim, é melhor ir atrás dele.

— Aonde?

— Rua de Berne… Houve um assassinato lá na noite passada.

— Oh! Quem é a vítima?

— Não sei exatamente… Uma cantora, acho.

Ganimard simplesmente murmurou:

— Por Deus!

Vinte minutos depois, ele saiu da estação do metrô e foi para a Rua de Berne.

A vítima, que era conhecida no mundo do teatro por seu nome artístico de Jenny Safira, morava em um pequeno apartamento no segundo andar de uma das casas. O policial levou o inspetor-chefe ao andar de cima e mostrou o caminho, atravessando duas salas de visitas, até o quarto, onde já estavam os dois magistrados encarregados do inquérito, juntamente com o médico-legista e o senhor Dudouis, chefe do departamento de detetives.

Ao observar o quarto pela primeira vez, Ganimard teve um sobressalto. Ele viu, largado em um sofá, o cadáver de uma jovem cujas mãos agarravam uma tira de seda vermelha! Um dos ombros, que aparecia sobre o corpete decotado, trazia as marcas de duas feridas rodeadas de sangue coagulado. O rosto distorcido e quase enegrecido ainda trazia uma expressão de terror frenético.

O legista, que acabara de terminar seu exame, disse:

— Minhas primeiras conclusões são muito claras. A vítima foi apunhalada duas vezes com uma adaga e estrangulada depois disso. A causa imediata da morte foi asfixia.

"Por Deus", pensou Ganimard novamente, lembrando-se das palavras de Lupin e da imagem do crime que ele lhe desenhara.

O juiz de instrução contestou:

— Mas não há descoloração no pescoço.

— Ela pode ter sido estrangulada com um guardanapo ou um lenço — disse o médico.

— Muito provavelmente com esta echarpe de seda — disse o chefe dos detetives —, que a vítima estava usando e da qual ainda resta um pedaço, como se ela a tivesse segurado com as duas mãos para se proteger.

— Mas por que só ficou esse pedaço? — perguntou o juiz. — O que aconteceu com o outro?

— O outro pode ter ficado manchado de sangue e ter sido levado pelo assassino. Podemos claramente perceber o corte apressado de uma tesoura.

— Por Deus! — disse Ganimard, entre dentes, pela terceira vez. — O animal do Lupin viu tudo sem ter visto coisa alguma!

— E o motivo do assassinato? — indagou o juiz. — As fechaduras foram arrombadas, os armários foram revirados. Tem algo a dizer, senhor Dudouis?

O chefe dos detetives respondeu:

— Eu posso pelo menos oferecer uma hipótese, originada das afirmações feitas pela criada. A vítima, que tinha mais reputação por sua aparência do que por seus talentos como cantora, foi à Rússia, dois anos atrás, e trouxe com ela uma safira magnífica, que aparentemente ganhou de alguma pessoa importante na corte. Desde então, assumiu o nome de Jenny Safira e parece geralmente ter mostrado muito orgulho desse presente, apesar de, por prudência, nunca o usar. Eu me atrevo a dizer que não estaremos muito errados se presumirmos que o roubo da safira tenha sido a causa do crime.

— Mas a criada sabia onde estava a gema?

— Não, ninguém sabia. E a bagunça do quarto tende a provar que o assassino também não sabia.

— Vamos interrogar a criada — disse o juiz de instrução.

Dudouis puxou o inspetor-chefe para o canto e disse:

— Você está com uma aparência estranha, Ganimard. Qual o problema? Suspeita de algo?

— Não, chefe, não suspeito de coisa alguma.

— Que pena. Um trabalho grandioso faria muito bem para o departamento. Esse é um de uma série de crimes, todos do mesmo tipo, em que falhamos em encontrar o infrator. Desta vez queremos o criminoso… E depressa.

— É um trabalho difícil, chefe.

— Tem que ser feito. Escute aqui, Ganimard. Segundo o que diz a criada, Jenny Safira levava uma vida muito regular. Neste último mês ela estava com o hábito de frequentemente receber visitas quando voltava da casa de espetáculos, ou seja, por volta das vinte e duas e trinta, de um homem que ficava aqui até mais ou menos meia-noite. "Ele é um homem da sociedade e quer se casar comigo", Jenny Safira costumava dizer. Esse homem da sociedade tomava todas as precauções para evitar ser visto, como levantar seu colarinho e abaixar a aba do chapéu quando passava pelo porteiro. E Jenny Safira sempre fazia questão de dispensar a criada antes que ele chegasse. É esse homem que precisamos encontrar.

— Ele não deixou nenhum vestígio?

— Nenhum. É óbvio que estamos lidando com um salafrário muito esperto, que premeditou seu crime e o cometeu com todas as chances possíveis de escapar impunemente. Sua prisão seria um grande feito para nós. Confio em você, Ganimard.

— Ah, confia em mim, chefe? — respondeu o inspetor — Bem, vejamos… vejamos… Eu não estou dizendo que não… É só que…

Ele parecia estar muito nervoso, e Dudouis percebeu sua agitação.

— É só que… — continuou Ganimard — É só que eu juro… está me ouvindo, chefe? Eu juro…

— Jura o quê?

— Nada… Veremos, chefe… veremos…

Ganimard não terminou sua sentença até estar sozinho do lado de fora. E ele a terminou em voz alta, batendo o pé, em um tom de raiva muito violento:

— É só que eu juro por Deus que vou fazer essa prisão à minha maneira, sem usar nenhuma das pistas que aquele patife me deus. Ah, não! Ah, não!

Xingando Lupin, furioso por estar envolvido nesse caso e decidido, mesmo assim, a chegar ao fundo da questão, ele andou sem rumo pelas ruas. Sua mente estava conturbada com irritação; e ele tentava ajustar suas ideias um pouco e descobrir, em meio ao caos dos fatos, algum detalhe insignificante, que passara despercebido por todos, que o próprio Lupin nem suspeitara, que podia levá-lo ao sucesso.

O inspetor almoçou rapidamente em um bar, continuou caminhando e subitamente parou, petrificado, aturdido e confuso. Estava atravessando o portão da mesma casa na Rua de Surène para onde Lupin o atraíra apenas algumas horas antes! Alguma força mais poderosa que a sua o atraía mais uma vez para aquele lugar. A solução do problema estava ali. Ali e apenas ali estavam todos os elementos da verdade. Ele podia dizer e fazer o que bem entendesse, mas as afirmações de Lupin eram tão precisas, seus cálculos eram tão certeiros que, inquieto até o mais profundo de seu íntimo com uma demonstração tão prodigiosa de perspicácia, não podia fazer nada além de continuar o trabalho do ponto no qual seu inimigo o deixara.

Abandonando qualquer resistência, Ganimard subiu os três lances de escada. A porta do apartamento estava aberta. Ninguém tocara nas provas. Ele as colocou em seu bolso e foi embora.

A partir daquele momento, ele pensou e agiu, por assim dizer, mecanicamente, sob a influência do mestre a quem não podia evitar obedecer.

Ao admitir que a pessoa desconhecida que ele procurava vivia nas proximidades da Pont-Neuf, tornou-se necessário encontrar, em algum lugar entre a ponte e a Rua de Berne, a confeitaria de primeira classe, que abria à noite, onde os doces foram comprados. Isso não levou muito tempo. Uma confeiteira perto da estação Saint-Lazare mostrou-lhe algumas caixas de papelão, idênticas em forma e material àquela que ele carregava. Além disso, uma das funcionárias da loja se lembrava de ter atendido, na noite anterior, um cavalheiro cujo rosto estava quase completamente escondido no colarinho do casaco de peles, mas que usava um monóculo em que ela reparara.

"Muito bem, uma das pistas foi confirmada", pensou o inspetor. "Nosso suspeito usa um monóculo."

Depois ele juntou os pedaços do jornal de corridas e os mostrou ao dono de uma banca de jornais, que facilmente reconheceu o *Turf Illustré*.

Ganimard foi imediatamente ao escritório do jornal e pediu para ver a lista de assinantes. Analisando a lista, anotou os nomes e endereços de todos aqueles que viviam próximos à Pont-Neuf e, principalmente por causa do que Lupin dissera, daqueles que viviam na margem esquerda.

Voltou, então, para o Departamento de Investigações Criminais, juntou meia dúzia de homens e os despachou com as instruções necessárias.

Às dezenove horas, o último desses homens voltou e trouxe boas novas. Um certo senhor Prévailles, um assinante do *Turf,* ocupava um apartamento no mezanino no Quai des Augustins. Na noite anterior, ele saiu de sua casa, usando um casaco de pele, apanhou sua correspondência e seu jornal, o *Turf Illustré,* com a mulher do porteiro, saiu e voltou para casa à meia-noite. Esse Prévailles usava um monóculo. Era um frequentador assíduo das corridas e também dono de vários cavalos que ele mesmo montava ou então alugava.

A investigação fora tão rápida e os resultados obtidos estavam tão exatamente de acordo com as previsões de Lupin que Ganimard se sentiu muito superado ao ouvir o relato do detetive. Mais uma vez ele media o limite prodigioso dos recursos que Lupin tinha ao seu dispor. Nunca, durante toda a sua vida (e Ganimard já tinha idade bem avançada), ele encontrara tamanha perspicácia, uma mente tão rápida e presciente.

Ele saiu em busca do senhor Dudouis.

— Está tudo pronto, chefe. Tem um mandado?

— Como?

— Eu disse que está tudo pronto para a prisão, chefe.

— Sabe o nome do assassino de Jenny Safira?

— Sim.

— Mas como? Explique-se.

Ganimard teve um escrúpulo de consciência momentâneo, corou levemente, mas mesmo assim respondeu:

— Um acidente, chefe. O assassino jogou no Sena tudo que poderia comprometê-lo. Resgataram parte do embrulho e o entregaram para mim.

— Quem entregou?

— Um barqueiro, que se recusou a dizer seu nome, por medo de ter algum problema. Mas eu tinha todas as pistas de que precisava. Não foi tão difícil quanto eu esperava.

E o inspetor descreveu como trabalhou no caso.

— E você chama isso de acidente! — exclamou Dudouis. — E diz que não foi difícil! Ora, é um dos seus melhores desempenhos! Termine você mesmo, Ganimard, e seja prudente.

Ganimard estava ansioso para acabar logo com o caso. Foi até o Quai des Augustins com seus homens e os espalhou em torno da casa. Ele fez perguntas à porteira, que disse que o seu inquilino fazia suas refeições fora dali, mas sempre voltava depois do jantar.

De fato, um pouco antes das vinte e uma horas, debruçando-se para fora de sua janela, ela fez um gesto e avisou Ganimard, que imediatamente deu um assobio baixo. Um cavalheiro com uma cartola e um casaco de pele vinha pela calçada ao lado do Sena. Ele atravessou a rua e andou em direção à casa.

Ganimard foi na direção dele:

— Senhor Prévailles, suponho.

— Sim, mas quem é você?

— Tenho uma ordem para…

Não conseguiu terminar sua sentença. Ao ver os homens surgir das sombras, Prévailles rapidamente recuou para a parede e encarou seus adversários, de costas para a porta de uma loja do térreo, cujas janelas estavam fechadas.

— Para trás! — gritou ele. — Não sei quem são vocês!

Ele brandia uma bengala pesada em sua mão direita, enquanto a esquerda estava às suas costas, tentando abrir a porta.

Ganimard teve a impressão de que esse homem poderia escapar por ali e sair por um lugar secreto.

— Nada dessa tolice — ele advertiu, chegando mais perto do suspeito. — Você foi pego… É melhor vir tranquilamente.

Mas, assim que segurava a bengala de Prévailles, Ganimard se lembrou da observação de Lupin: Prévailles era canhoto; e era seu revólver que ele tateava atrás de si.

O inspetor se abaixou. Ele percebera o movimento súbito do homem. Ouviram-se dois tiros. Ninguém foi atingido.

Um segundo depois, Prévailles levou uma coronhada abaixo do queixo que o derrubou. Foi levado à delegacia poucos minutos depois.

Naquela época, Ganimard já tinha uma reputação excelente. Mas essa captura, efetuada tão rapidamente, de forma tão simples, e imediatamente

anunciada pela polícia, fez dele uma celebridade instantânea. Prévailles foi logo acusado de todos os assassinatos que tinham ficado sem solução; e os jornais disputavam uns com os outros nos elogios à proeza do inspetor.

O caso foi conduzido com rigor desde o começo. Primeiramente averiguaram que Prévailles, cujo nome real era Thomas Derocq, já estivera em problemas antes. Além disso, a busca que fizeram em seus cômodos, ainda que não tenha produzido provas novas, pelo menos levou à descoberta de uma corda de chicote similar àquela usada para amarrar o embrulho e também à descoberta de adagas que teriam produzido uma ferida similar àquelas encontradas na vítima.

Mas no oitavo dia tudo mudou. Até então Prévailles se recusara a responder às perguntas que lhe tinham sido feitas; mas agora, assistido por seu advogado, ele alegava um álibi circunstancial e afirmava que estava no Folies-Bergère[20] na noite do assassinato.

Havia realmente nos bolsos de seu paletó o canhoto de uma entrada e um programa da apresentação, ambos com a data daquela noite.

— Um álibi preparado de forma premeditada — contestou o juiz de instrução.

— Prove — disse Prévailles.

O prisioneiro foi colocado de frente com as testemunhas de acusação. A jovem da confeitaria "achava que reconhecia" o cavalheiro de monóculo. O porteiro da Rua de Berne "achava que era" o cavalheiro que costumava visitar Jenny Safira. Mas nenhum deles se atreveu a dar uma declaração mais definitiva.

Portanto, a investigação não encontrou nada específico, nenhuma base sólida para assim estabelecer uma acusação séria.

O juiz mandou chamar Ganimard e contou a ele sobre a dificuldade.

— Não há possibilidade alguma de continuar dessa forma. Não há prova alguma para sustentar a acusação.

— Mas o senhor certamente tem que estar convencido disso, meritíssimo. Prévailles nunca resistiria à prisão se não fosse culpado.

— Ele diz que achava que estivesse sendo atacado. Ele também diz que nunca nem viu Jenny Safira; e, na verdade, não conseguimos encontrar uma só pessoa que contradiga sua declaração. Além disso, se admitirmos que a safira foi roubada, também não conseguimos encontrá-la no apartamento dele.

— Nem em nenhum outro lugar — sugeriu Ganimard.

— Isso é bem verdade, mas não há provas contra ele. Vou lhe dizer o que queremos, senhor Ganimard, e bem depressa: a outra ponta da echarpe vermelha.

— A outra ponta?

— Sim, já que é óbvio que, se o assassino a levou com ele, o motivo é que o objeto está manchado com as marcas do sangue em seus dedos.

Ganimard não respondeu. Por vários dias ele tivera a sensação de que todo esse assunto estava chegando ao fim. Não havia outra prova possível. Com a echarpe de seda, e em nenhuma outra circunstância, a culpa de Prévailles seria certa. Agora a situação de Ganimard exigia que a culpa de Prévailles fosse comprovada. Ele era o responsável pela prisão, ela tinha lançado um *glamour* sobre ele, ele fora louvado até os céus como o adversário mais formidável dos criminosos; e ele pareceria completamente ridículo se Prévailles fosse libertado.

Infelizmente, a única prova indispensável estava no bolso de Lupin. Como ele poria suas mãos nela?

Ganimard procurou por todos os lados, ficou exausto com novas investigações, repassou o inquérito do começo ao fim, passou noites em claro estudando o mistério da Rua de Berne, estudou os registros da vida de Prévailles, mandou dez homens irem em busca da safira invisível. Tudo era inútil.

No dia 28 de dezembro, o juiz de instrução o parou em um dos corredores do tribunal:

— E então, senhor Ganimard, tem alguma novidade?

— Não, meritíssimo.

— Então vou anular o caso.

— Espere só mais um dia.

— Com qual motivo? Queremos a outra ponta da echarpe: você a tem?

— Estarei com ela amanhã.

— Amanhã!

— Sim, mas, por favor, empreste-me a ponta que está com o senhor.

— O que acontece se eu emprestar?

— Se me emprestar, prometo que entregarei a echarpe inteira.

— Muito bem, então estamos combinados.

Ganimard seguiu o juiz de instrução até seu escritório e saiu de lá com o pedaço de seda:

— Inferno! — rosnou. — Sim, vou buscar a prova e trazê-la de volta… Sempre supondo que o mestre Lupin terá a coragem de manter o compromisso.

Na verdade, ele não duvidava nem por um instante de que Lupin teria essa coragem, e era isso que o exasperava. Por que Lupin insistira nesse encontro? Qual era seu objetivo nessas circunstâncias?

Ansioso, furioso e repleto de ódio, Ganimard decidiu tomar todas as precauções necessárias não só para evitar que ele mesmo caísse em uma armadilha, mas para fazer com que seu inimigo caísse em uma, agora que surgia uma oportunidade. Assim, no dia seguinte, 29 de dezembro, a data marcada por Lupin, depois de passar a noite estudando a velha casa--senhorial da Rua de Surène e se convencendo de que não havia outra saída além da porta da frente, ele avisou seus homens de que sairia em uma missão perigosa e que chegaria com eles ao campo de batalha.

Ele os colocou em uma cafeteria e deu ordens formais à equipe: se aparecesse em uma das janelas do terceiro andar, ou se não voltasse em uma hora, os detetives deveriam entrar na casa e prender qualquer um que tentasse sair.

O inspetor-chefe se certificou de que o seu revólver estava funcionando e então subiu.

Ficou surpreso ao ver que as coisas estavam como ele tinha deixado, as portas abertas e as fechaduras quebradas. Depois de se assegurar de que as janelas do cômodo principal davam para a rua, ele visitou os outros três cômodos do apartamento. Não havia ninguém ali.

— Mestre Lupin ficou com medo — murmurou, não sem uma certa satisfação.

— Não seja bobo — disse uma voz atrás dele.

Virando-se, ele viu um velho operário, usando o guarda-pó comprido de um pintor de paredes, parado na porta.

— Não precisa nem quebrar a cabeça — disse o homem. — Sou eu mesmo, Lupin. — Estou trabalhando na oficina de pintura desde muito cedo. Agora é quando fazemos um intervalo para tomar café. Então eu subi.

Ele olhou para Ganimard com um sorriso zombeteiro e exclamou:

— Dou minha palavra, este é um momento maravilhoso e o devo a você, velho amigo! Não o trocaria nem por dez anos da sua vida; e mesmo assim sabe como eu gosto de você! O que pensa de tudo isso, artista? Não foi tudo muito bem pensado e bem previsto? Previsto do alfa ao ômega? E eu não entendi todo o negócio? Não penetrei no mistério da echarpe? Não estou dizendo que não existiam furos no meu argumento, nenhum elo faltando na corrente… Mas que obra-prima da inteligência! Ganimard, que reconstituição dos eventos! Que intuição sobre tudo que acontecera e tudo que ainda aconteceria, desde a descoberta do crime até sua chegada aqui em busca de uma prova! Que adivinhação realmente maravilhosa! Está com a echarpe?

— Sim, metade dela. Está com a outra metade?

— Aqui está ela. Vamos compará-las.

Eles esticaram as duas metades da seda na mesa. Os cortes feitos pela tesoura correspondiam exatamente. Além disso, as cores eram idênticas.

— Mas suponho que não veio aqui só por isso — disse Lupin. — Está interessado em ver as marcas de sangue. Venha comigo, Ganimard, está muito escuro aqui.

Eles passaram ao cômodo seguinte, que, apesar de estar de frente para o pátio, era mais claro; e Lupin segurou sua metade da seda contra a janela:

— Veja — disse, dando espaço para Ganimard.

O inspetor soltou uma exclamação de prazer. As marcas dos cinco dedos e da palma da mão eram distintamente visíveis. A evidência era inegável. O assassino segurara o objeto com sua mão manchada de sangue, a mesma mão que apunhalara Jenny Safira e que amarrara a echarpe em volta de seu pescoço.

— E é a marca de uma mão esquerda — observou Lupin. — Por isso fiz aquela observação, que não tinha nada de milagrosa, como pode perceber. Pois, apesar de eu admitir, meu velho amigo, por mais que você me veja como alguém que tem uma inteligência superior, não admitirei que me trate como um mago.

Ganimard rapidamente guardou o pedaço de seda no bolso. Lupin acenou com a cabeça, aprovando:

— Muito bem, meu garoto, ele é seu. Estou tão feliz por estar satisfeito! E, está vendo, não há nenhuma armadilha em tudo isso… Apenas o desejo de ajudá-lo… Um trabalho entre amigos, entre companheiros… E também,

eu confesso, um pouco de curiosidade… Sim, eu queria examinar esse outro pedaço de seda, o que estava com a polícia… Não tema: eu o devolverei a você… Só um segundo…

Lupin, com um movimento descuidado, brincou com a franja na ponta dessa metade da echarpe, enquanto Ganimard o ouvia, contra sua vontade:

— Que engenhosos esses pequenos trabalhos femininos! Você percebeu um pequeno detalhe no depoimento da criada? Jenny Safira era muito habilidosa com a agulha e costumava fazer todos os seus chapéus e vestidos. É óbvio que ela mesma fez essa echarpe… Além disso, percebi desde o início. Sou naturalmente curioso, como já lhe contei, e examinei cuidadosamente esse pedaço de seda que você acabou de guardar no bolso. Na franja, eu encontrei uma pequenina medalha sagrada, que a pobre garota costurou ali para que trouxesse sorte a ela. Comovente, não é, Ganimard? Uma medalhinha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O inspetor sentiu-se muitíssimo intrigado e não tirou os olhos do outro homem. E Lupin prosseguiu:

— Então eu disse a mim mesmo: "Será muito interessante examinar a outra metade da echarpe, aquela que a polícia encontrará em volta do pescoço da vítima!". Pois essa outra metade, que eu tenho agora em mãos, termina da mesma forma… Então eu poderia verificar se também é um esconderijo e o que ela esconde… Mas veja, meu amigo, não foi feita muito habilmente? E é tão simples! Tudo o que tem de fazer é pegar um novelo de fio vermelho e trançá-lo em volta de um potinho de madeira oco, deixando uma pequena folga, um pequeno espaço no meio, bem pequeno, é claro, mas grande o suficiente para abrigar uma medalhinha de uma santa… ou qualquer outra coisa… Uma pedra preciosa, por exemplo… Como uma safira…

No momento em que terminou de empurrar o fio de seda, de dentro do espaço vazio no potinho ele pegou com seu polegar e indicador uma pedra azul maravilhosa, perfeita quanto a seu tamanho e pureza.

— Ahá! O que eu lhe disse, meu velho amigo?

Lupin levantou a cabeça. O inspetor estava lívido e encarava a pequena pedra com olhos esbugalhados, como se estivesse fascinado com seu brilho. Finalmente, ele entendeu toda a trama:

— Seu patife imundo! — murmurou, repetindo os insultos que usara da primeira vez. — Escória da Terra!

Os dois homens estavam de pé, um de frente para o outro.

— Devolva-me isso — disse o inspetor.

Lupin estendeu o pedaço de seda.

— E a safira — disse Ganimard, em um tom veemente.

— Não seja tolo.

— Devolva, senão…

— Senão o quê, seu idiota? — gritou Lupin. — Olhe aqui, você acha que eu lhe dei esse caso tolo por nada?

— Devolva!

— Você não percebeu qual era minha intenção, e isso está claro! Ora! Por quatro semanas fiz você se mover como um cervo; e você quer… Vamos, Ganimard, velho amigo, controle-se! Não vê que estava fazendo o papel de um cãozinho obediente por essas quatro semanas? Pegue, Totó! Tem uma pedrinha azul bem bonitinha ali, que seu dono não alcança. Vá atrás dela, Ganimard, pegue… Traga-a para o seu dono… Ah, quem é o cãozinho obediente? Sente! Dê a patinha! Quer um petisco?

Ganimard, contendo a raiva que borbulhava dentro de si, só pensava em uma coisa: invocar seus detetives. E, como o cômodo em que estava agora ficava de frente para o pátio, ele tentou aos poucos chegar até a porta de ligação. Então ele iria a uma das janelas e quebraria uma das vidraças.

— De todo modo — continuou Lupin —, que monte de cabeças de bagre você e todos os outros devem ser! Vocês estiveram com a echarpe por todo esse tempo e nenhum de vocês sequer pensou em tateá-la, nenhum de vocês se perguntou o motivo de a pobre garota estar agarrada à sua echarpe. Nenhum de vocês! Só agiram de forma desorganizada, sem pensar, sem pressupor coisa alguma…

O inspetor atingira seu objetivo. Tirando vantagem de um segundo em que Lupin virara as costas para ele, Ganimard subitamente girou e agarrou a maçaneta. Mas um xingamento escapou de seus lábios: a maçaneta não se moveu.

Lupin desatou a rir:

— Nem mesmo isso! Você não previu nem mesmo isso! Você prepara uma armadilha para mim e não admitirá que eu talvez já tenha sentido o cheiro dela de longe… E se permite ser trazido para dentro desse cômodo sem nem se indagar se estou trazendo-o aqui por algum motivo em especial e sem se lembrar de que as fechaduras têm um mecanismo especial. Vamos

lá, falando francamente, o que você acha de tudo isso?

— O que eu acho disso? — urrou Ganimard, completamente furioso e fora de si.

Ele sacara seu revólver e o apontava diretamente para o rosto de Lupin.

— Mãos ao alto! — gritou. — É isso o que eu acho!

Lupin se colocou na frente dele e deu de ombros:

— Enganado novamente! — disse ele.

— Mãos ao alto, digo mais uma vez!

— E enganado novamente, digo eu. Sua arma mortífera não vai disparar.

— O quê?

— A velha Catherine, sua criada, está a meu serviço. Ela encharcou as cargas hoje de manhã enquanto você tomava seu café.

Ganimard fez um gesto furioso, botou o revólver no bolso e partiu para cima de Lupin.

— E então? — disse Lupin, parando-o de uma vez com um chute bem dado na canela.

As roupas deles quase se tocavam. Eles trocavam olhares desafiadores, os olhares de dois adversários que estão prestes a lutar. Apesar disso, não houve briga. A lembrança de brigas passadas tornava qualquer refrega inútil agora. E Ganimard, que se lembrava de todos os seus fracassos do passado, de seus ataques em vão, das represálias aniquiladoras de Lupin, não levantou um dedo. Não restava nada a ser feito. Ele sentia. Lupin tinha poderes ao seu dispor contra os quais qualquer força individual simplesmente se estilhaçava. Então, que bem faria lutar contra ele?

— Eu concordo — disse Lupin com uma voz amigável, como se respondesse ao pensamento que Ganimard nem mencionou —, seria melhor que deixasse as coisas como estão. Além disso, meu velho amigo, pense em todas as coisas que esse incidente lhe deu: fama, a certeza de uma promoção rápida e, graças a isso, a perspectiva de uma velhice feliz e confortável! Certamente você não quer também a descoberta da safira e a cabeça do pobre Arsène Lupin! Não seria justo. Isso sem contar com o fato de que o pobre Lupin salvou sua vida… Sim, senhor! Quem o avisou, neste mesmo lugar, que Prévailles era canhoto? E é assim que quer me agradecer? Não é muito decente da sua parte, Ganimard. Dou minha palavra, sinto até vergonha por você!

Enquanto tagarelava, Lupin fizera o mesmo que Ganimard e agora estava perto da porta. Ganimard viu que o inimigo estava prestes a escapar. Deixando toda a prudência de lado, tentou bloquear o caminho dele e levou um tremendo golpe no estômago, que fez com que ele rolasse até atingir a parede do outro lado do cômodo.

Lupin tocou uma mola habilmente, virou a maçaneta, abriu a porta e fugiu, rindo muito alto enquanto ia embora.

Vinte minutos depois, quando Ganimard finalmente conseguiu se juntar aos seus homens, um deles disse:

— Um pintor de paredes saiu da casa, enquanto seus colegas voltavam do café da manhã, e pôs uma carta na minha mão. "Entregue-a ao seu patrão", ele disse. "Que patrão?", perguntei; mas ele já tinha ido embora. Suponho que ele se referia ao senhor.

— Vejamos.

Ganimard abriu a carta. Estava escrita com uma caligrafia apressada e continha as seguintes palavras:

Isso é para adverti-lo, meu velho amigo, contra a credulidade excessiva. Quando um sujeito lhe disser que as cargas em seu revólver estão encharcadas, por maior que seja sua confiança no tal sujeito, mesmo que o nome dele seja Arsène Lupin, nunca se permita ser enganado. Atire primeiro; e, se o tal sujeito bater as botas, você terá as provas (1) de que as cargas não estavam encharcadas; e (2) de que a velha Catherine é a mais honesta e respeitável de todas as criadas.

Um dia desses, espero ter o prazer de conhecê-la.

Até lá, velho amigo, acredite que sempre terá minha mais completa amizade,

Arsène Lupin

---

[20] Famoso cabaré de Paris, que viveu seu esplendor entre 1890 e a década de 1920. (N.R.)

Sob a sombra da morte

Depois de ter rondado os muros da propriedade, Arsène Lupin voltou ao lugar de onde começara. Estava perfeitamente claro para ele que não havia nenhuma abertura nos muros; e a única forma de entrar no extenso território do Château de Maupertuis era por uma pequena porta baixa, firmemente aferroada pelo lado de dentro, ou pelo portão principal, que era vigiado pela guarita.

— Muito bem — disse. — Precisaremos empregar métodos heroicos.

Abrindo caminho pela mata onde escondera sua motocicleta, tirou um pedaço de barbante de baixo do banco e foi a um lugar que tinha notado durante sua exploração. Nesse lugar, que ficava longe da estrada, à beira do bosque, várias árvores altas, dentro do parque, passavam por cima do muro.

Lupin amarrou uma pedra na ponta da corda, atirou-a, capturou um galho grosso que puxou em sua direção e subiu nele. O galho, ao recuperar sua posição, levantou-o do chão. Ele passou por cima do muro, desceu da árvore e saltou levemente na grama.

Era inverno; e, através dos galhos sem folhas, através dos gramados ondulantes, ele podia ver o pequeno Château de Maupertuis a distância. Receando que pudesse ser notado, escondeu-se atrás de um grupo de abetos. Dali, com o auxílio de um binóculo, ele estudou a frente escura e melancólica da casa senhorial. Todas as janelas estavam fechadas, bloqueadas com postigos sólidos. A casa poderia facilmente estar desabitada.

— Céus! — murmurou Lupin. — Não é a residência mais animada. Certamente não virei para cá para terminar meus dias!

Mas o relógio soou as quinze horas; uma das portas no térreo se abriu, e surgiu a figura de uma mulher, uma figura muito esguia enrolada em uma capa marrom.

A mulher andou para cima e para baixo por alguns minutos e foi imediatamente cercada por pássaros, para os quais espalhou migalhas de pão. Então ela foi até os degraus de pedra que levavam ao gramado central e contornou-o, pegando o caminho da direita.

Com seu binóculo, Lupin podia vê-la distintamente vindo em sua direção. Ela era alta, tinha cabelo claro, uma aparência graciosa e parecia ser uma moça bem jovem. Andava com um passo animado, observando o sol pálido de dezembro e se divertindo quebrando os galhinhos secos dos arbustos no caminho.

Ela já tinha percorrido quase dois terços da distância que a separava de Lupin quando veio um som de latido furioso e um cachorro enorme, um dogue alemão colossal, surgiu de um canil vizinho e estava de pé na ponta da corrente à qual estava preso.

A moça se moveu um pouco para um lado, sem dar mais atenção ao que era sem dúvida um incidente diário. O cão ficou mais irritado do que nunca, apoiado nas patas de trás e puxando sua coleira, correndo o risco de se estrangular.

Trinta ou quarenta passos mais à frente, provavelmente cedendo a um impulso de impaciência, a moça se virou e fez um gesto com a mão. O dogue alemão deu um sobressalto de raiva, voltou para dentro do canil e de repente correu para fora, dessa vez livre. A moça soltou um grito de terror ensandecido. O cão estava se aproximando dela, arrastando sua corrente quebrada atrás dele.

Ela começou a correr o mais rápido que podia e gritou desesperadamente pedindo ajuda. Mas o cachorro a alcançou em pouco tempo.

Ela caiu imediatamente, exausta, dando-se como perdida. O animal já estava em cima dela, quase a tocando.

Naquele exato momento, ouviu-se um disparo. O cão deu um salto mortal no ar, ficou de pé novamente, arranhou o chão com as patas e então deitou-se, soltando vários uivos roucos e ofegantes que terminaram em um gemido murcho e um gorgolejo indistinto. E isso foi tudo.

— Está morto — disse Lupin, que imediatamente se levantara, preparado, se necessário, para disparar seu revólver uma segunda vez.

A moça tinha se levantado e estava pálida, ainda cambaleante. Ela olhava com grande surpresa para esse homem que ela não conhecia e que tinha salvado sua vida. E sussurrou:

— Obrigada… Foi um susto muito grande… Você chegou na hora certa… Eu lhe agradeço, senhor.

Lupin tirou seu chapéu:

— Permita-me que eu me apresente, senhorita… Meu nome é Paul Daubreuil… Mas, antes que eu comece a me explicar, devo pedir um momento…

Ele se agachou sobre o corpo morto do cachorro e examinou a corrente no ponto onde o esforço do animal a partira…

— É isso mesmo — disse ele, entre dentes. — Exatamente como eu suspeitava. Por Júpiter, as coisas estão se movendo rapidamente! Eu devia ter vindo mais cedo.

Voltando para perto da moça, disse a ela, falando muito rapidamente:

— Senhorita, não temos nem um minuto a perder. Minha presença neste terreno é bastante ilegal. Não quero ser surpreendido aqui, e isso por motivos que só têm a ver com a senhorita. Acha que o tiro pode ter sido ouvido na casa?

A moça parecia já ter-se recuperado do susto; e respondeu, com uma calma que revelava toda a sua coragem:

— Acho que não.

— Seu pai está em casa hoje?

— Meu pai está doente e está de cama há meses. Além disso, seu quarto dá para o outro lado.

— E os criados?

— Os aposentos deles e a cozinha também são do outro lado. Ninguém vem para este lado. Eu ando por aqui, mas ninguém mais anda.

— Portanto, é provável que eu também não tenha sido visto, especialmente já que as árvores nos escondem?

— É muito provável.

— Então posso falar-lhe livremente?

— Certamente, mas não entendo…

— Vai entender em pouco tempo. Permita-me ser breve. O ponto é este: quatro dias atrás, a senhorita Jeanne Darcieux…

— Esse é o meu nome — disse ela, sorrindo.

— A senhorita Jeanne Darcieux — continuou Lupin — escreveu uma carta para uma de suas amigas, chamada Marceline, que vive em Versalhes…

— Como sabe de tudo isso? — perguntou a garota, surpresa. — Rasguei a carta antes de terminá-la.

— E jogou os pedaços à beira da estrada que vai da casa até Vendôme.

— Isso é verdade… Eu tinha saído para caminhar…

— Juntaram os pedaços e eles chegaram às minhas mãos no dia seguinte.

— Então… Deve tê-los lido — disse Jeanne Darcieux, demonstrando alguma chateação.

— Sim, cometi essa indiscrição; e não me arrependo, porque posso salvá-la.

— Salvar-me? Do quê?

— Da morte.

Lupin pronunciou essa curta sentença com uma voz muito clara. A moça tremeu. Então, disse:

— Não estou sendo ameaçada pela morte.

— Está sim, senhorita. No fim de outubro, estava lendo em um banco na varanda onde estava acostumada a se sentar na mesma hora todos os dias, quando um bloco de pedra caiu da cornija sobre sua cabeça e ficou a centímetros de ser esmagada.

— Foi um acidente…

— Em uma bela noite de novembro, você estava caminhando pela horta, ao luar. Um tiro foi disparado. A bala zuniu perto da sua orelha.

— Pelo menos eu achei que tinha passado.

— Finalmente, menos de uma semana atrás, a pequena ponte de madeira que passa por cima do rio no parque, a dois metros da cachoeira, cedeu quando a senhorita estava nela. Por um milagre, conseguiu segurar-se na raiz de uma árvore.

Jeanne Darcieux tentou sorrir.

— Muito bem. Mas, como eu escrevi para Marceline, isso foi apenas uma série de coincidências, de acidentes…

— Não, senhorita, não. Um acidente desse tipo é permissível… Até dois… E mesmo assim! Mas não temos direito de pressupor que a sequência de acidentes, repetindo o mesmo ato três vezes em circunstâncias tão diferentes e extraordinárias, é uma simples coincidência divertida. É por isso que pensei que poderia tomar a liberdade de vir ajudá-la. E, como minha intervenção será inútil a não ser que permaneça em segredo, não hesitei em entrar aqui… sem passar pelo portão. Cheguei bem na hora, como disse. Seu inimigo a atacava mais uma vez.

— O quê? Acha que foi isso? Não, é impossível… Recuso-me a acreditar…

Lupin pegou a corrente e, mostrando-a para ela, disse:

— Veja o último elo. Não há dúvida de que ele foi limado. Caso contrário, uma corrente tão forte quanto esta nunca teria cedido. Além disso, pode ver a marca da lima aqui.

Jeanne empalideceu, e seus belos traços ficaram distorcidos com o terror:

— Mas quem pode ter tamanho ressentimento contra mim? — arquejou ela. — Isso é terrível… Nunca fiz mal nenhum a ninguém… Mesmo assim, é claro que você está certo… Isso é pior ainda…

Ela terminou sua frase em uma voz mais baixa:

— Pior ainda, estou me perguntando se o mesmo perigo não ameaça meu pai.

— Ele também foi atacado?

— Não, já que nunca sai de seu quarto. Mas a doença dele é tão misteriosa! Ele não tem força alguma… Não consegue andar de forma nenhuma… Além disso, ele está sujeito a ataques de asfixia, como se o coração dele parasse de bater… Oh, é uma coisa horrível!

Lupin percebeu toda a autoridade que ele poderia reivindicar em um momento daqueles e disse:

— Não tema, senhorita. Se obedecer a mim cegamente, com certeza serei bem-sucedido.

— Sim… sim… estou bem disposta… mas tudo isso é tão terrível…

— Confie em mim, eu imploro. E por favor, ouça-me, vou precisar de alguns detalhes.

Ele fez várias perguntas, que Jeanne Darcieux respondeu rapidamente:

— Aquele animal nunca ficava solto, certo?

— Nunca.

— Quem o alimentava?

— O caseiro. Ele trazia a comida dele toda noite.

— Consequentemente, ele podia chegar perto do cachorro sem ser mordido?

— Sim; e apenas ele, pois o cachorro era muito selvagem.

— E não suspeita dele?

— Oh, não! Baptiste? Nunca!

— E não consegue pensar em ninguém?

— Não. Nossos criados são bem devotados a nós. Gostam muito de mim.

— Não há amigos seus hospedados na casa?

— Não.

— Nenhum irmão?

— Não.

— Então seu pai é seu único protetor?

— Sim; e já lhe contei sobre a condição dele.

— Contou a ele sobre as diferentes tentativas?

— Sim; e não devia ter feito isso. Nosso médico, o velho doutor Guéroult, proibiu que eu lhe causasse qualquer ansiedade.

— Sua mãe?

— Não me lembro dela. Ela morreu faz dezesseis anos… Exatamente dezesseis anos.

— Quantos anos a senhorita tinha na época?

— Não tinha nem cinco anos.

— E morava aqui?

— Morávamos em Paris. Meu pai só comprou este lugar no ano seguinte.

Lupin ficou quieto por alguns momentos. Então concluiu:

— Muito bem, senhorita, eu agradeço. Esses detalhes são tudo de que eu preciso no momento. Além disso, não seria sábio de nossa parte passar mais tempo juntos.

— Mas o caseiro logo encontrará o cachorro… — disse ela. — Quem o teria matado?

— Você, senhorita, defendendo-se contra um ataque.

— Eu nunca ando com armas de fogo.

— Receio dizer que anda — disse Lupin, sorrindo —, pois matou o cachorro e não havia mais ninguém que pudesse ter feito isso. Por isso, deixe que pensem o que quiserem. O mais importante é que não suspeitem de mim quando eu vier a casa.

— Vier a casa? Pretende vir?

— Sim. Ainda não sei como… Mas devo vir… Hoje à noite mesmo… Então, mais uma vez, mantenha a mente tranquila. Terei respostas para tudo.

Jeanne olhou para ele e, dominada, conquistada por seu ar de segurança e boa-fé, ela disse simplesmente:

— Estou bastante tranquila.

— Então tudo vai dar certo. Até hoje à noite, senhorita.

— Até hoje à noite.

Ela foi embora; e Lupin, seguindo-a com o olhar até o momento em que desapareceu pelo canto da casa, murmurou:

— Que bela criatura! Seria uma pena se algo ruim acontecesse com ela. Por sorte, Arsène Lupin está de olhos bem abertos.

Tomando cuidado para não ser visto, atento a qualquer coisa que visse ou ouvisse, ele inspecionou cada canto do terreno, procurou pela pequena porta que tinha percebido do lado de fora e que era a porta da horta, puxou o ferrolho, pegou a chave e então andou acompanhando o muro e se viu mais uma vez perto da árvore que tinha escalado. Dois minutos depois, estava montado em sua motocicleta.

O vilarejo de Maupertuis ficava bem perto da propriedade. Lupin perguntou e descobriu que o doutor Guéroult vivia ao lado da igreja.

Ele tocou a campainha, foi levado à sala de consulta e se apresentou com o nome de Paul Daubreuil, da Rua de Surène, em Paris, acrescentando que tinha relações oficiais com o serviço de detetives, um fato que pedia que fosse mantido em segredo. Ele ficara sabendo, através de uma carta rasgada, sobre os incidentes que ameaçavam a vida da senhorita Darcieux, e viera para auxiliar a jovem.

O doutor Guéroult, um velho médico do interior, que idolatrava Jeanne, ao ouvir as explicações de Lupin imediatamente concordou que esses incidentes constituíam provas inegáveis de uma conspiração. Ele mostrou uma grande preocupação, ofereceu hospitalidade ao visitante e o

recebeu para o jantar.

Os dois homens conversaram bastante. À noite, eles foram juntos para o Château.

O médico subiu para o quarto do enfermo, que ficava no primeiro andar, e pediu licença para trazer um jovem colega, para quem ele tinha a intenção de passar sua clínica quando se aposentasse.

Lupin, ao entrar, viu Jeanne Darcieux sentada ao lado de seu pai. Ela reprimiu um movimento de surpresa e, a um sinal do médico, saiu do quarto.

A consulta a partir de então aconteceu na presença de Lupin. O rosto do senhor Darcieux estava esgotado, com muito sofrimento, e os seus olhos brilhavam, febris. Ele reclamou especialmente do seu coração naquele dia. Depois de ser auscultado, ele inquiriu o médico com uma ansiedade óbvia; e cada resposta parecia aliviá-lo. Também falou sobre Jeanne e expressou sua certeza de que o estavam enganando e de que sua filha tinha escapado de ainda mais acidentes. Ele continuou perturbado, mesmo depois das negativas do médico. Queria que a polícia fosse informada e começassem investigações.

Mas sua animação o cansou, e ele gradualmente adormeceu.

Lupin parou o médico no corredor:

— Vamos, doutor, dê-me sua opinião precisa. Acha que a doença do senhor Darcieux pode ser atribuída a uma causa externa?

— O que quer dizer?

— Bem, suponha que o mesmo inimigo estivesse interessado em eliminar tanto o pai quanto a filha.

O médico pareceu surpreso com a sugestão.

— Dou minha palavra, tem algo nisso que disse… A doença do pai às vezes tem características muito incomuns! Por exemplo, a paralisia das pernas, que já é quase completa, deveria ser acompanhada por…

O médico refletiu por um momento e depois disse em voz baixa:

— Você acha que é veneno, claro… mas qual? Além disso, não vejo sintomas tóxicos… Teria que ser… Mas o que está fazendo? Qual o problema?

Os dois homens conversavam do lado de fora de uma pequena sala de visitas no primeiro andar, onde Jeanne, aproveitando a oportunidade enquanto o médico estava com seu pai, começara a jantar. Lupin, que a

observava pela porta aberta, viu que ela levava uma xícara aos lábios e tomava alguns goles.

Subitamente, ele correu até ela e agarrou seu braço:

— O que está bebendo?

— Ora — respondeu ela, aturdida —, apenas chá!

— Você fez uma careta de nojo… Qual foi o motivo?

— Não sei… Eu achei…

— Achou o quê?

— Que… que o gosto estava meio amargo… Mas imagino que seja por causa do remédio que misturei nele.

— Que remédio?

— Algumas gotas que tomo no jantar… as gotas que prescreveu para mim, como sabe, doutor.

— Sim — disse o doutor Guéroult —, mas esse remédio não tem gosto… Você sabe que não tem, Jeanne, já que o vem tomando por duas semanas e essa é a primeira vez…

— Isso é verdade — disse a garota —, e isso tem um gosto… Aqui… Oh! Minha boca ainda está queimando!

O doutor Guéroult tomou um gole da xícara.

— Diabos! — exclamou, cuspindo o que bebera. — Não há nenhum engano aqui…

Lupin, ao lado dele, examinava a garrafa com o remédio; e perguntou:

— Onde a garrafa fica durante o dia?

Mas Jeanne não podia responder. Ela colocara a mão sobre o coração e, pálida e com os olhos arregalados, parecia estar sofrendo uma dor tremenda:

— Está doendo… doendo… — gaguejou.

Os dois homens a carregaram rapidamente para o seu quarto e a deitaram na cama:

— Ela deve tomar um emético — disse Lupin.

— Abra o armário — disse o médico. — Vai ver uma maleta médica… Pegou? Pegue um dos tubos pequenos… Sim, esse… E agora um pouco de água quente… Vai achar um pouco na bandeja de chá, no outro cômodo.

A criada de Jeanne veio correndo responder ao sino. Lupin disse a ela que a senhorita Darcieux tinha passado mal, por alguma razão desconhecida.

Então ele voltou à pequena sala de jantar, inspecionou o aparador e os armários, foi até a cozinha e fingiu que o médico o mandara ali para perguntar sobre a dieta do senhor Darcieux. Sem aparentar, sondou o cozinheiro, o mordomo e Baptiste, o caseiro, que fazia suas refeições na casa senhorial juntamente dos criados. Depois voltou para onde o médico estava:

— E então?

— Ela está dormindo.

— Algum perigo?

— Não. Felizmente, ela só tomou dois ou três goles. Mas esta é a segunda vez hoje que você salvou a vida dela, como mostrará a análise dessa garrafa.

— É bem supérfluo fazer uma análise, doutor. Não há dúvida alguma sobre o fato de que houve uma tentativa de envenenamento.

— Feita por quem?

— Não sei dizer. Mas o demônio que está engendrando tudo isso claramente sabe como as coisas funcionam nesta casa. Ele vem e vai quando quer, caminha pelo parque, lima a corrente do cachorro, mistura veneno na comida e, em resumo, move-se e age precisamente como se estivesse vivendo a vida daquela, ou melhor, daqueles que ele quer matar.

— Ah! Realmente acredita que o senhor Darcieux está sendo ameaçado pelo mesmo perigo?

— Não tenho dúvida alguma.

— Então deve ser algum dos criados? Mas isso é extremamente improvável! Acha mesmo…

— Eu não acho nada, doutor! Não sei de nada. Tudo o que posso dizer é que a situação é extremamente trágica e que temos de nos preparar para o pior. A morte está à porta, doutor, jogando sua sombra sobre as pessoas desta casa; e em breve atacará aqueles que persegue.

— O que devemos fazer?

— Vigiar, doutor. Vamos fingir que estamos preocupados com a saúde do senhor Darcieux e passar a noite aqui. Os quartos do pai e da filha são próximos. Se algo acontecer, certamente ouviremos.

Havia uma poltrona no quarto. Eles combinaram de dormir nela em turnos.

Na verdade, Lupin só dormiu por duas ou três horas. No meio da noite ele saiu do quarto, sem perturbar seu companheiro, vistoriou cuidadosamente toda a casa e saiu pelo portão principal.

Chegou a Paris em sua motocicleta às nove horas. Dois de seus amigos, para quem ele telefonou da estrada, encontraram-no ali. Todos os três passaram o dia fazendo buscas que Lupin planejara anteriormente.

Ele pegou a estrada novamente com muita pressa às dezoito horas; e provavelmente nunca, conforme me contou mais tarde, tinha arriscado sua vida com tanta temeridade como nessa viagem vertiginosa, em uma velocidade insana, em uma noite nublada de dezembro, quando a luz de seu farol mal penetrava a escuridão.

Lupin saltou de sua motocicleta do lado de fora do portão, que ainda estava aberto, correu até a casa e chegou ao primeiro andar em poucos passos.

Não havia ninguém na pequena sala de jantar.

Sem hesitação, sem bater, ele entrou no quarto de Jeanne:

— Ah, aqui está você! — disse, com um suspiro de alívio ao ver Jeanne e o médico sentados lado a lado, conversando.

— O que houve? Tem alguma novidade? — perguntou o médico, alarmado ao ver tal estado de agitação em um homem cujo sangue-frio ele já tivera chance de observar.

— Não — disse Lupin —, nenhuma. E por aqui?

— Nada por aqui também. Acabamos de sair do quarto do senhor Darcieux. Ele teve um dia excelente e jantou com bastante apetite. Quanto à Jeanne, pode ver por si mesmo, seu rosto voltou a ter sua bela coloração.

— Então ela deve ir embora.

— Ir embora? Mas isso está completamente fora de questão! — protestou a moça.

— Deve ir embora, deve ir! — exclamou Lupin com veemência, batendo o pé no chão.

Imediatamente ele se controlou, disse algumas palavras se desculpando pelo ímpeto e depois, por três ou quatro minutos, ficou em completo silêncio, que o médico e Jeanne tomaram muito cuidado para não perturbar.

Ele finalmente disse à jovem:

— Deve ir embora amanhã pela manhã, senhorita. Será apenas por uma ou duas semanas. Vou levá-la para sua amiga em Versalhes, aquela para quem você escrevia. Eu lhe imploro para arrumar todas as suas coisas hoje à noite… sem nenhum tipo de dissimulação. Deixe os criados saberem que está indo embora… De outro lado, o doutor fará o favor de contar ao senhor Darcieux e fazê-lo entender, com todas as precauções possíveis, que essa viagem é essencial para sua segurança. Além disso, ele pode juntar-se a você assim que a saúde dele permitir… Está decidido, certo?

— Sim — disse ela, completamente convencida pela voz gentil e imperiosa de Lupin.

— Nesse caso — disse ele —, seja o mais rápida possível… e não saia do seu quarto…

— Mas devo ficar sozinha hoje à noite? — perguntou a moça, com um tremor.

— Não tema. Caso haja qualquer perigo, o doutor e eu voltaremos. Não abra a sua porta a não ser que escute três batidas leves.

Jeanne imediatamente tocou a campainha chamando sua criada. O médico foi para o quarto do senhor Darcieux, enquanto trouxeram uma ceia para Lupin na pequena sala de jantar.

— Tudo pronto — disse o médico, juntando-se a ele em vinte minutos. — O senhor Darcieux não criou nenhuma dificuldade. Na verdade, ele mesmo acha que é uma ótima ideia mandarmos Jeanne embora.

Eles então desceram e foram embora juntos.

Ao chegar à casa do caseiro, Lupin chamou-o.

— Pode fechar o portão, meu bom homem. Se o senhor Darcieux precisar de nós, mande nos chamar imediatamente.

O relógio da igreja de Maupertuis soou dez badaladas. O céu estava cheio de nuvens negras, entre as quais a lua aparecia em alguns momentos.

Os dois homens andaram por sessenta ou setenta metros.

Estavam se aproximando do vilarejo quando Lupin agarrou o braço de seu colega:

— Pare!

— Que diabos é o problema? — perguntou o doutor.

— O problema é esse — exclamou Lupin —, que, se meus cálculos estiverem corretos, se não me enganei a respeito desse caso desde o começo, a senhorita Darcieux será assassinada antes do fim da noite.

— Hein? Como assim? — arquejou o médico, desesperado. — Então por que saímos de lá?

— Pelo exato motivo de que o salafrário, que está vigiando nossos movimentos escondido, não adie seu crime e o cometa, não na hora escolhida por ele, mas na hora que eu decidi.

— Então vamos voltar ao Château?

— Sim, é claro que vamos, mas separadamente.

— Nesse caso, vamos logo, imediatamente.

— Ouça-me, doutor — disse Lupin, a voz controlada —, e não percamos tempo com palavras inúteis. Acima de tudo, precisamos derrotar qualquer tentativa de nos vigiar. Portanto, o senhor vai direto para casa e não sairá novamente até que tenha certeza de não ter sido seguido. Então, irá até os muros da propriedade, mantendo-se à esquerda, até chegar à pequena porta da horta. Aqui está a chave. Quando o relógio da igreja soar vinte e três horas, abra a porta com cuidado e vá até a varanda nos fundos da casa. A quinta janela está mal fechada. O senhor só precisará escalar a varanda. Assim que estiver dentro do quarto da senhorita Darcieux, aferrolhe a porta e não se mexa. Entenda bem, não se mexam, nenhum dos dois, independentemente do que aconteça. Eu percebi que a senhorita Darcieux deixa a porta de seu *closet* entreaberta, não é?

— Sim, é um hábito que ensinei a ela.

— É por ali que virão.

— E você?

— É por ali que virei também.

— E sabe quem é o canalha?

Lupin hesitou, e então respondeu:

— Não, não sei… E é exatamente isso que descobriremos. Mas, imploro ao senhor, mantenha a frieza. Nenhuma palavra, nenhum movimento, independentemente do que aconteça!

— Eu prometo.

— Quero mais que isso, doutor. Deve me dar sua palavra de honra.

— Dou-lhe minha palavra de honra.

O médico foi embora. Lupin imediatamente escalou uma elevação próxima de onde ele podia observar as janelas do primeiro e do segundo andar. Várias delas estavam com as luzes acesas.

Ele esperou por pouco tempo. As luzes foram se apagando uma a uma. E então, tomando a direção oposta àquela do médico, desviou-se à direta e andou rente ao muro até que chegou ao agrupamento de árvores perto de onde escondera sua motocicleta no dia anterior.

Ouviu as badaladas das vinte e três horas. Calculou o tempo que o médico levaria para atravessar a horta e entrar na casa.

— Um ponto para mim! — murmurou ele. — Tudo está dando certo desse lado. E agora, Lupin, ao resgate? Não vai demorar até que o inimigo jogue seu último trunfo… E, por todos os deuses, eu tenho que estar lá!

Ele repetiu as mesmas ações que fez da primeira vez, puxou o galho e se içou para o topo do muro, de onde conseguia alcançar os maiores ramos da árvore.

Nesse instante, ficou com as orelhas em pé. Pareceu ouvir um farfalhar de folhas secas. E realmente percebeu uma forma escura mover-se abaixo dele, a trinta metros de distância:

— Diabos! — disse para si mesmo. — Já era: o salafrário me farejou.

Um raio de luz do luar atravessou as nuvens. Lupin viu distintamente o homem mirando. Ele tentou pular para o chão e virou a cabeça. Mas sentiu algo atingi-lo no peito, ouviu o som de um tiro, soltou um xingamento raivoso e caiu de galho em galho, como um defunto.

Enquanto isso, o doutor Guéroult, seguindo as instruções de Arsène Lupin, tinha escalado o parapeito da quinta janela e se pendurado até chegar ao primeiro andar. Ao chegar ao quarto de Jeanne, ele bateu à porta levemente, três vezes, e, imediatamente depois de entrar, aferrolhou a porta.

— Deite-se imediatamente — sussurrou para a moça, que não trocara de roupa. — Deve aparentar ter ido dormir. Brrrrr, está frio aqui! A janela do seu *closet* está aberta?

— Sim… gostaria que eu…

— Não, deixe assim. Estão vindo.

— Estão vindo! — exclamou Jeanne, com medo.

— Sim, sem a menor dúvida.

— Mas quem? Suspeita de alguém?

— Não sei quem… Suponho que exista alguém escondido na casa… Ou no parque.

— Oh, estou com tanto medo!

— Não fique com medo. O camarada que está cuidando da senhorita parece ser bastante esperto e faz questão de ser precavido. Imagino que ele esteja de tocaia no pátio.

O médico apagou a lamparina, foi até a janela e abriu a cortina. Uma cornija estreita, que circundava o primeiro andar, impedia-o de ver mais do que uma parte distante do pátio; e ele voltou e se sentou perto da cama.

Alguns minutos muito tensos se passaram, minutos que pareciam ser interminavelmente longos para eles. O relógio do vilarejo soou; mas, preocupados como estavam com os pequenos ruídos da noite, eles mal perceberam o som. Ouviram, e ouviram, com os nervos à flor da pele:

— Ouviu isso? — sussurrou o médico.

— Sim… sim — disse Jeanne, sentando-se na cama.

— Deite-se… deite-se — disse ele logo em seguida. — Alguém está vindo.

Houve um som de batidinhas do lado de fora, contra a cornija. Depois, uma série de ruídos indistintos, cuja natureza eles não conseguiram discernir com certeza. Mas tiveram a sensação de que alguém abria mais a janela do *closet,* pois sentiam lufadas de vento frio.

De repente, ficou bem claro: havia alguém no aposento vizinho.

O médico, cuja mão tremia um pouco, apanhou seu revólver. Ainda assim, não se mexeu, lembrando as ordens formais que recebera e receando agir contra elas.

O aposento estava na mais absoluta escuridão, e eles não conseguiam ver onde o adversário estava. Mas sentiam sua presença.

Eles seguiram seus movimentos invisíveis, o som de seus passos abafados pelo tapete; e não tinham dúvida de que ele já tinha cruzado a soleira do quarto.

E o adversário parou. Tinham certeza disso. Ele estava parado a seis passos da cama, imóvel, talvez indeciso, tentando ver na escuridão com seus olhos argutos.

A mão de Jeanne, gélida e suada, tremia na mão do médico.

Com a outra mão, ele apertava o revólver, com o dedo no gatilho. Apesar de ter dado sua palavra, ele não hesitou. Se o adversário tocasse a ponta da cama, o tiro seria disparado inevitavelmente.

O adversário deu outro passo e então parou mais uma vez. E havia algo terrível a respeito daquele silêncio, aquele silêncio impassível, aquela escuridão em que aqueles seres humanos encaravam uns aos outros, selvagemente.

Quem era aquele se espreitando pela escuridão sombria? Quem era aquele homem? Que inimizade terrível o colocara contra a moça e que objetivo horrível era esse que ele buscava?

Apesar de estarem aterrorizados, Jeanne e o médico pensavam apenas em uma coisa: em olhar, em descobrir a verdade, ver a face do adversário.

Ele deu mais um passo e não se moveu mais. Parecia a eles que a silhueta dele se destacava, mais escura ainda, contra o espaço escuro, e que seu braço se levantava lentamente, lentamente…

Um minuto se passou, e então outro minuto…

E subitamente, além do homem, à direita, um estalo… Uma luz brilhante lampejou, foi jogada sobre o homem, iluminou-o diretamente no rosto, impiedosa.

Jeanne deu um grito de medo. Ela vira, parado sobre ela, com uma adaga em sua mão, ela vira… seu pai!

Quase ao mesmo tempo, apesar de a luz já se ter apagado, veio um tiro: o médico atirara.

— Maldição, não atire! — vociferou Lupin.

Ele jogou seus braços em volta do médico, que disse, sem ar:

— Você não viu? Não viu? Ouça! Ele está escapando!

— Deixe-o ir: é o melhor que poderia acontecer.

Ele pressionou a mola da lanterna elétrica novamente, correu em direção ao *closet,* certificou-se de que o homem tinha desaparecido e, voltando calmamente para a mesa, acendeu a lamparina.

Jeanne estava deitada na cama, pálida, desmaiada.

O médico, encolhido em sua cadeira, emitia sons desarticulados.

— Vamos — disse Lupin, rindo —, recomponha-se. Não há nada para ficarmos ansiosos: já está tudo terminado.

— O pai dela! O pai dela! — gemia o velho doutor.

— Por favor, doutor, a senhorita Darcieux não está bem. Cuide dela.

Sem outra palavra, Lupin voltou ao *closet* e saiu pelo parapeito da janela. Havia uma escada encostada no parapeito. Ele desceu por ela. Acompanhando a parede da casa, vinte passos mais à frente, tropeçou nos

degraus de uma escada de corda, a qual ele subiu, e se encontrou no quarto do senhor Darcieux. O quarto estava vazio.

— É isso mesmo — disse ele. — O cavalheiro não gostou de sua posição e desapareceu. Desejo a ele uma boa jornada… E, é claro, a porta está aferrolhada? Exatamente! É assim que nosso enfermo, enganando seu digno médico, saía à noite completamente seguro, prendia sua escada de corda na varanda e preparava seus joguinhos. Nada tolo esse nosso amigo Darcieux!

Lupin removeu os parafusos e voltou para o quarto de Jeanne. O médico, que estava passando pela porta, puxou-o para a pequena sala de jantar:

— Ela está dormindo: não devemos perturbá-la. Foi um choque terrível, e ela levará um tempo para se recuperar.

Lupin serviu um copo de água para si mesmo e bebeu. Então, sentou-se em uma cadeira e disse calmamente:

— Que nada! Ela estará bem amanhã.

— Como é?

— Eu disse que ela estará bem amanhã.

— Por quê?

— Primeiramente, porque não me parecia que a senhorita Darcieux nutria qualquer tipo de afeição muito especial por seu pai.

— Não importa! Pense nisto: um pai que tenta matar sua filha! Um pai que, por vários meses, repete sua tentativa monstruosa quatro, cinco, seis vezes novamente! Bem, não é o suficiente para atormentar uma alma menos sensível que Jeanne para todo o sempre? Que memória odiosa!

— Ela esquecerá.

— Não é possível esquecer algo assim.

— Ela esquecerá, doutor, e por um motivo muito simples…

— Explique o quer dizer!

— Ela não é filha do senhor Darcieux!

— Hein?

— Repito, ela não é filha daquele salafrário.

— O que quer dizer? O senhor Darcieux…

— Darcieux é apenas o padrasto dela. Ela acabara de nascer quando seu pai, seu pai de verdade, morreu. Então a mãe de Jeanne casou-se com um primo de seu marido, um homem que tinha o mesmo sobrenome, e morreu

depois de um ano de ter-se casado pela segunda vez. Ela deixou Jeanne aos cuidados do senhor Darcieux. A princípio ele a levou para outro país e depois comprou esta casa de campo; e, como ninguém o conhecia na vizinhança, fingiu que a criança era sua filha. Ela mesma não sabia a verdade sobre seu nascimento.

O médico estava confuso. Ele perguntou:

— Tem certeza desses fatos?

— Passei o dia nas prefeituras dos municípios parisienses. Procurei nos registros, entrevistei dois advogados, vi todos os documentos. Não há a menor possibilidade de dúvida.

— Mas isso não explica o crime, ou melhor, a série de crimes.

— Explica, sim — afirmou Lupin. — E desde o início, desde o primeiro momento em que me intrometi nesse assunto, algumas palavras usadas pela senhorita Darcieux me fizeram suspeitar de qual direção minha investigação deveria seguir. "Não tinha nem cinco anos de idade quando minha mãe morreu", disse ela. "Isso faz dezesseis anos." A senhorita Darcieux, portanto, tinha quase vinte e um anos de idade, ou seja, estava quase chegando à maioridade. Imediatamente percebi que esse era um detalhe importante. O dia em que atinge sua maioridade é o dia em que prestam contas sobre sua herança. Qual era a posição financeira da senhorita Darcieux, que era a herdeira natural de sua mãe? Claro, não pensei em seu pai por nem um segundo. No começo, nem se imagina algo assim; e então há a farsa engendrada pelo senhor Darcieux… Indefeso, acamado, doente…

— Doente de verdade — interrompeu o médico.

— Tudo isso fazia com que não suspeitássemos dele… E cada vez mais eu acreditava que ele mesmo estava exposto a ataques criminosos. Mas não havia ninguém na família que estaria interessado na remoção deles? Minha viagem a Paris me revelou a verdade: a senhorita Darcieux herdou uma grande fortuna de sua mãe, da qual seu padrasto tira a renda dele. O advogado marcaria uma reunião de família em Paris no mês que vem. A verdade seria revelada. Seria a ruína do senhor Darcieux.

— Ele não tinha guardado nenhum dinheiro?

— Sim, mas perdera muito como o resultado de investimentos infelizes.

— Mas, no fim das contas, Jeanne não tiraria a administração de sua fortuna das mãos dele!

— Existe um detalhe que o senhor não sabe, doutor, que eu descobri ao ler a carta rasgada. A senhorita Darcieux está apaixonada pelo irmão de Marceline, a amiga dela de Versalhes; o senhor Darcieux era contrário ao casamento; e, agora o senhor entende o motivo, ela estava esperando atingir a maioridade para se casar.

— Você tem razão — disse o médico —, tem razão… Seria a ruína dele.

— A ruína completa. Restava uma chance de se salvar: a morte de sua enteada, de quem ele é o herdeiro.

— Certamente, mas desde que ninguém suspeitasse dele.

— É claro; e é por isso que ele maquinou a série de acidentes, para que a morte parecesse um acidente. E é por isso que eu, de minha parte, querendo que as coisas acontecessem, pedi que o senhor contasse a ele sobre a partida iminente da senhorita Darcieux. A partir daquele momento, não seria mais suficiente para o homem doente de mentira percorrer o terreno e os corredores, no escuro, e executar algum plano bem pensado com todo o tempo a seu dispor. Não, ele precisava agir, imediatamente, sem preparo, violentamente, com a adaga em sua mão. Eu não tinha dúvida de que ele decidiria agir. E assim o fez.

— Então ele não suspeitava?

— De mim, sim. Ele sentia que eu voltaria hoje à noite, e ficou vigiando o lugar por onde eu pulara o muro da outra vez.

— E então?

— Bem — disse Lupin, rindo —, eu recebi uma bala direto no peito… Ou melhor, minha carteira recebeu uma bala… Aqui, dá para ver o buraco… Assim, eu caí da árvore, como um defunto. Pensando que tinha se livrado do seu único adversário, ele voltou para casa. Eu o vi rondando o lugar por duas horas. E então, decidindo, ele foi até a cocheira, pegou uma escada e apoiou-a contra a janela. Eu só precisei segui-lo.

O médico refletiu e disse:

— Você poderia tê-lo capturado antes. Por que o deixou subir? Foi uma situação dolorosa para Jeanne… E desnecessária.

— Ao contrário, era indispensável! A senhorita Darcieux nunca aceitaria a verdade. Era essencial que ela visse o rosto do assassino. Deve contar--lhe as circunstâncias assim que ela acordar. Ela melhorará em breve.

— Mas… E o senhor Darcieux?

— Pode explicar o desaparecimento dele como achar melhor… Uma viagem súbita… Um acesso de loucura… Haverá alguns inquéritos… E pode ter certeza de que nunca ouviremos falar dele novamente.

O médico acenou afirmativamente com a cabeça:

— Sim… é isso… é isso mesmo… você está certo. Cuidou de todo esse assunto com uma habilidade assustadora, e Jeanne deve a vida dela a você. Ela agradecerá pessoalmente… Mas, agora, posso ajudá-lo de alguma forma? Você me disse que está ligado ao serviço de detetives… Vai permitir que eu escreva enaltecendo sua conduta, sua coragem?

Lupin começou a rir:

— Certamente! Uma carta desse tipo fará todo o bem do mundo para mim. Pode escrever para o meu superior imediato, inspetor-chefe Ganimard. Ele ficará muito feliz em saber que seu agente preferido, Paul Daubreuil, da Rua de Surène, mais uma vez se distinguiu em uma ação brilhante. Na verdade, tenho um encontro marcado com ele a respeito de um caso sobre o qual o senhor deve ter ouvido falar: o caso da echarpe vermelha… Como o senhor Ganimard ficará satisfeito!

Uma tragédia na floresta das morgues

O vilarejo inteiro estava aterrorizado.

Foi em um domingo de manhã. Os camponeses de Saint-Nicolas e da vizinhança estavam saindo da igreja e se espalhando pela praça quando, subitamente, as mulheres que andavam à frente e que já tinham chegado à estrada principal pararam com gritos de desespero.

Naquele momento um automóvel enorme, que parecia um monstro terrível, surgiu na estrada em uma velocidade vertiginosa. Entre os gritos das pessoas que se espalhavam alucinadamente, o automóvel foi direto na direção da igreja, desviou no exato instante em que parecia que iria se espatifar contra os degraus, raspou a parede do presbitério, voltou à continuação da estrada nacional, acelerou, virou a esquina e desapareceu, sem, por algum milagre incompreensível, sequer ter encostado em qualquer uma das pessoas que se amontoavam na praça.

Mas eles viram! Eles viram um homem no banco do motorista vestindo um casaco de pele de cabra, com um chapéu de pele na cabeça e o rosto escondido por um par de óculos grandes, e com ele, no banco da frente, jogada para trás, dobrada em dois, uma mulher cuja cabeça, completamente coberta de sangue, estava pendurada sobre o capô do carro…

E eles ouviram! Eles ouviram os gritos da mulher, gritos de horror, gritos de agonia…

E tudo isso foi uma visão tão infernal e tão repleta de carnificina que as pessoas ficaram por alguns segundos completamente imóveis, estupefatas.

— Sangue! — gritou alguém.

Havia sangue por todo lado, nos paralelepípedos da praça, no solo endurecido pelas primeiras geadas do outono; e, quando alguns homens e garotos foram atrás do automóvel, eles usaram essas marcas sinistras para guiá-los.

As marcas, por sua vez, seguiam a estrada principal, mas de uma maneira muito estranha, indo de um lado para outro e deixando uma trilha em ziguezague, na esteira dos pneus, que fazia tremer aqueles que a viam. Como aquele carro não bateu naquela árvore? Como ele se endireitou em vez de colidir naquela ladeira? Quem era aquele principiante, aquele louco, aquele bêbado, aquele criminoso assustado que dirigia o automóvel com guinadas e desvios tão impressionantes?

Um dos camponeses afirmou:

— Eles nunca conseguirão fazer aquela curva na floresta.

E outro disse:

— Claro que não! O automóvel com certeza vai capotar!

A Floresta das Morgues começava oitocentos metros depois de Saint--Nicolas; e a estrada, que era reta até lá, exceto por uma curva suave ao sair do vilarejo, começava a subir, imediatamente depois de adentrar a floresta, e fazia uma curva abrupta entre as rochas e as árvores. Nenhum automóvel era capaz de fazer essa curva sem antes diminuir a velocidade. Havia placas para avisar do perigo.

Os camponeses ofegantes chegaram ao quincunce de faias que formava a entrada da floresta. E um deles imediatamente gritou:

— Aí está você!

— O quê?

— Ele capotou!

O carro, a limusine, tinha capotado e estava ali batido, retorcido e disforme. Ao lado dele, o cadáver de uma mulher. Mas a coisa mais horrível, sórdida e assustadora era a cabeça da mulher, esmagada, achatada, invisível sob uma pedra, uma pedra imensa presa ali por alguma ação desconhecida e prodigiosa. Quanto ao homem com o casaco de pele de cabra, não estava em lugar algum.

Ele não foi encontrado na cena do acidente. Nem na vizinhança. Além disso, alguns trabalhadores vindos da Côte de Morgues afirmaram não ter visto ninguém.

Portanto, o homem tinha buscado refúgio na floresta.

Os gendarmes[21], chamados imediatamente, fizeram uma busca minuciosa, com auxílio dos camponeses, mas não descobriram nada. Da mesma forma, os juízes de instrução, depois de uma investigação aprofundada que durou vários dias, não encontraram nenhuma pista que pudesse lançar alguma luz sobre essa tragédia incompreensível. Ao contrário, as investigações só levaram a mais mistérios e mais incertezas.

Assim, foi decidido que a pedra veio de onde houvera um deslizamento de terra, a pelo menos quarenta metros de distância. E o assassino em alguns minutos carregara a pedra por toda aquela distância e a atirara na cabeça da vítima.

De outro lado, o assassino, que com certeza não estava se escondendo na floresta, pois se estivesse inevitavelmente teria sido descoberto, já que a mata não era grande, teve a audácia de, oito dias depois do crime, voltar à curva na colina e deixar seu casaco ali. Por quê? Qual era seu objetivo? Não havia nada nos bolsos do casaco, exceto um saca-rolhas e um guardanapo. O que significava tudo isso?

Questionaram o fabricante do automóvel, que reconheceu a limusine como uma que ele tinha vendido, três anos atrás, para um russo. O russo, declarou o fabricante, revendera-a em seguida. Para quem? Ninguém sabia. O carro não tinha número de registro.

Além disso, era impossível identificar o cadáver da mulher. Suas roupas e roupas de baixo não tinham nenhum tipo de identificação. E o rosto era desconhecido.

Enquanto isso, os detetives percorriam a estrada nacional na direção oposta àquela tomada pelos atores dessa tragédia misteriosa. Mas quem poderia provar que o carro seguira aquela estrada em particular na noite anterior?

Eles examinaram cada metro do solo, investigaram todas as pessoas. Finalmente, tiveram sucesso ao descobrir que, na noite do sábado, uma limusine parara em um mercado, em uma cidadezinha a trezentos quilômetros de Saint-Nicolas, em uma estrada que saía da estrada nacional. O motorista primeiro enchera o tanque, comprara algumas latas de reserva de combustível e, por último, um pequeno estoque de provisões: um presunto, frutas, biscoitos, vinho e metade de uma garrafa de conhaque Trois Étoiles.

Havia uma senhora no banco do motorista. Ela não desceu. As cortinas da limusine estavam fechadas. Viram uma dessas cortinas se mover várias vezes. O vendedor tinha certeza de que havia alguém lá dentro.

Presumindo que o depoimento do vendedor estivesse certo, o problema ficava ainda mais complicado, pois até então nenhuma pista revelara a presença de uma terceira pessoa.

Enquanto isso, já que os viajantes tinham comprado provisões, ainda precisavam descobrir o que fizeram com elas e o que aconteceu com os restos.

Os detetives refizeram seus passos até chegar à bifurcação das duas estradas, um lugar a dezessete ou dezoito quilômetros de Saint-Nicolas, onde encontraram um pastor que, respondendo às suas perguntas, apontou um campo próximo, escondido de vista por vários arbustos, onde ele vira uma garrafa vazia e outras coisas.

Os detetives ficaram convencidos ao primeiro exame. O automóvel parara ali; e os viajantes desconhecidos, provavelmente após uma noite de descanso no carro, tomaram café e continuaram a viagem durante a manhã.

Uma prova inquestionável era a garrafa de conhaque Trois Étoiles, vendida no mercado, com o conteúdo pela metade. A garrafa fora quebrada no gargalo com uma pedra. A pedra usada com esse intuito foi recolhida, assim como o gargalo da garrafa, com a rolha, coberta por um selo de papel-alumínio. O selo mostrava marcas de tentativas feitas para abrir a garrafa da maneira comum.

Os detetives continuaram sua busca e seguiram uma vala que percorria o campo perpendicularmente à estrada. Ela terminava em uma pequena nascente, escondida sob um espinheiro, que parecia exalar um cheiro pútrido. Ao levantar os galhos do espinheiro, encontraram um cadáver, o cadáver de um homem cuja cabeça fora esmagada, de tal forma que tinha se tornado uma espécie de polpa, fervilhando com vermes. O corpo estava vestido com um paletó e calça de couro marrom-escuro. Os bolsos estavam vazios: sem documentos, sem carteira, sem relógio.

O vendedor e seus funcionários foram convocados e, dois dias depois, identificaram formalmente, pelas vestimentas e pela silhueta, o viajante que comprara o combustível e os suprimentos na noite de sábado.

Portanto, o caso inteiro precisou ser reaberto sob novos fundamentos. As autoridades foram confrontadas com uma tragédia não mais

interpretada por duas pessoas, um homem e uma mulher, na qual um matara o outro, mas por três pessoas, incluindo duas vítimas, uma das quais era o próprio homem acusado de matar sua companheira.

Quanto ao assassino, não havia dúvida; era a pessoa que viajava dentro do automóvel e tomou o cuidado de ficar escondido atrás das cortinas. Ele primeiro se livrara do motorista e esvaziara seus bolsos e então, depois de ferir a mulher, carregou-a em uma corrida insana para a morte.

Com um caso novo, descobertas inesperadas, provas imprevisíveis, seria esperado que o mistério fosse esclarecido, ou pelo menos que a investigação daria alguns passos na estrada rumo à verdade. Mas não foi o que aconteceu. O cadáver foi simplesmente colocado ao lado do cadáver anterior. Novos problemas foram adicionados aos anteriores. A acusação de assassinato foi mudada de uma pessoa para outra. E esse foi o fim. Além desses fatos tangíveis e óbvios, não havia nada além do mistério. O nome da mulher, o nome do homem, o nome do assassino, todos eram enigmas. Além disso, o que acontecera com o assassino? Se ele tivesse desaparecido de uma hora para outra, só isso seria um fenômeno muitíssimo curioso. Mas o fenômeno era algo muito parecido com um milagre, já que o assassino não tinha desaparecido de forma alguma. Ele estava ali! Ele fez questão de voltar à cena da catástrofe! Além do casaco de pele de cabra, um chapéu de pele foi recolhido um dia; e, com um prodígio incomparável, uma manhã, depois de passarem a noite de guarda na rocha, ao lado da famosa curva, os detetives encontraram, na grama da própria curva, um par de óculos para dirigir quebrado, enferrujado, sujo, destruído. Como o assassino conseguira trazer esses óculos de volta sem ser visto pelos detetives? Além de tudo isso, por que ele os trouxera de volta?

O cérebro dos homens girava diante de tais anormalidades. Eles estavam quase com medo de perseguir uma aventura tão ambígua. Tinham a impressão de uma atmosfera pesada, sufocante, ofegante, que escurecia a visão e confundia até aqueles com os olhos mais argutos.

O juiz encarregado do caso adoeceu. Quatro dias depois, seu sucessor confessou que o caso estava além de seus limites.

Dois andarilhos foram presos e imediatamente soltos. Outro foi perseguido, mas não foi capturado; além disso, não havia evidência de qualquer tipo contra ele. Em resumo, era tudo uma confusão impotente de

neblina e contradição.

Um acidente, o mais simples dos acidentes, levou à solução, ou, melhor dizendo, produziu uma série de circunstâncias que terminaram por levar à solução. Um jornalista da equipe de um importante jornal parisiense, que fora enviado para investigar o local, concluiu assim seu artigo:

> *Repito que precisamos aguardar novos acontecimentos, novos fatos; precisamos aguardar algum acidente fortuito. Da forma como as coisas estão agora, estamos apenas perdendo tempo. Os elementos da verdade não são suficientes nem para sugerir uma teoria plausível. Estamos no meio de uma escuridão absoluta, dolorosa e impenetrável. Não há nada a ser feito. Todos os Sherlock Holmes do mundo não saberiam o que fazer com esse mistério, e o próprio Arsène Lupin, se ele me permitir dizer, teria que desistir desse caso.*

No dia seguinte à publicação do artigo, o mesmo jornal publicou este telegrama:

> *Eu desisti algumas vezes, mas nunca de algo tão tolo quanto esse caso. A tragédia de Saint-Nicolas é um mistério para bebês.*
>
> *Arsène Lupin*

E o editor acrescentou:

> *Publicamos esse telegrama por curiosidade, já que é obviamente a obra de um gaiato. Arsène Lupin, por mais especialista que seja na arte das brincadeiras, seria o último homem a demonstrar uma falta de respeito tão infantil.*

Dois dias se passaram; e então o jornal publicou a famosa carta, tão precisa e categórica em suas conclusões, em que Arsène Lupin forneceu a solução do problema. Eu a reproduzo inteiramente:

> *Senhor:*
>
> *Atingiu meu ponto fraco ao me provocar. O senhor me desafia, e eu aceito o desafio. Vou começar afirmando mais uma vez que a tragédia de Saint-Nicolas é um mistério para bebês. Não conheço nada tão simples, tão natural; e a prova da simplicidade está na concisão da minha demonstração. Ela está presente nestas poucas palavras: quando um*

crime parece ir além do âmbito comum das coisas, quando ele parece incomum e tolo, então há uma grande probabilidade de sua explicação ser encontrada em motivos extraordinários, sobrenaturais, sobre-humanos.

Digo que há uma grande probabilidade porque sempre devemos levar em conta a parte desempenhada pelo absurdo nos eventos mais lógicos e comuns. Mas, obviamente, é impossível ver as coisas como elas são e não levar em conta o absurdo e o desproporcional.

Desde o princípio fiquei impressionado pelo caráter evidente da estranheza. Primeiramente, temos o percurso estranho, em ziguezague, do automóvel, que daria a impressão de que o carro era guiado por um principiante. As pessoas falaram em um bêbado ou um louco, uma suposição por si só justificável. Mas nem a loucura nem a embriaguez explicariam a força incrível necessária para transportar, especialmente em um período de tempo tão curto, a pedra com que a cabeça da pobre mulher foi esmagada. Essa ação precisava de tamanha força muscular que não hesito em vê-la como um segundo sinal da estranheza que perpassa toda a tragédia. E por que mover aquela pedra tão enorme para acabar com a vítima, quando um pedregulho qualquer serviria? E por que o assassino não morreu, ou pelo menos não foi reduzido a um estado de incapacidade temporária, naquele acidente terrível que capotou o carro? Como ele desapareceu? E por que, ao desaparecer, ele voltou à cena do acidente? Por que ele jogou seu casaco de pele ali; e então, em outro dia, seu chapéu; e então, em ainda outro dia, seus óculos?

Ações incomuns, inúteis e tolas.

Além disso, por que deixar aquela mulher ferida, moribunda no assento dianteiro do carro, onde qualquer um podia vê-la? Por que fazer isso em vez de colocá-la dentro do carro, ou atirá-la em algum canto, morta, assim como o homem foi atirado sob o espinheiro na vala?

Atitudes estranhas, incomuns, estúpidas.

Tudo em toda a história é absurdo. Tudo indica hesitação, incoerência, constrangimento, a tolice de uma criança, ou melhor, de um selvagem louco e desajeitado, de um bruto.

Olhe a garrafa de conhaque. Havia um saca-rolhas: ele foi encontrado no bolso do casaco. O assassino o usou? Sim, as marcas do saca-rolhas podem ser percebidas no selo. Mas a operação era complicada

demais para ele. Ele quebrou o gargalo com uma pedra. Sempre pedras: observe esse detalhe. Elas são a única arma, a única ferramenta que a criatura utiliza. É sua arma de costume, a ferramenta com que ele tem familiaridade. Ele mata o homem com uma pedra, mata a mulher com uma pedra e abre garrafas com uma pedra!

Um bruto, eu repito, um selvagem; confuso, desequilibrado, subitamente enlouquecido. Pelo quê? Ora, é claro, pelo mesmo conhaque, que ele bebeu de uma vez enquanto o motorista e sua companheira tomavam café da manhã no campo. Ele saiu da limusine, onde viajava, com seu casaco de pele de cabra e seu chapéu de pele, pegou a garrafa, quebrou o gargalo e bebeu. Aí está a história completa. Depois de beber, ele enlouqueceu completamente e saiu distribuindo golpes aleatoriamente, sem motivo. Então, tomado por um medo instintivo, temendo a punição inevitável, ele escondeu o corpo do homem. E, como um idiota, pegou a mulher ferida e fugiu. Fugiu no automóvel que não sabia como dirigir, mas que representava segurança para ele, uma fuga do aprisionamento.

Mas e o dinheiro, você vai indagar, a carteira roubada? Ora, quem disse que foi ele o ladrão? Quem disse que não foi um andarilho de passagem, algum trabalhador, guiado pelo fedor do cadáver?

Muito bem, você contesta, mas o bruto teria sido encontrado, já que se escondeu em algum lugar perto da curva, e já que, no fim das contas, precisa comer e beber.

Bem, bem, eu vejo que você ainda não entendeu. A forma mais simples, imagino, para terminar com isso e responder a suas objeções é ir direto ao ponto. Então deixemos os cavalheiros da polícia e da gendarmaria irem eles mesmos direto ao ponto. Deixemos que eles levem suas armas de fogo. Deixemos que eles explorem a floresta dentro de um raio de duzentos ou trezentos metros da curva, não mais do que isso. Mas, em vez de explorar com suas cabeças baixas e seus olhos presos ao chão, que eles procurem pelos ares, sim, pelos ares, entre as folhas e galhos dos carvalhos mais altos e das faias mais improváveis. E, acredite em mim, vão vê-lo. Pois ele está ali. Ele está ali, confuso, lamentavelmente perdido, procurando o homem e a mulher que assassinou, procurando e esperando por eles, sem se atrever a sair dali e sem conseguir entender.

Eu mesmo estou muito arrependido por estar preso na capital por assuntos particulares urgentes e por alguns assuntos complicados que preciso resolver, pois gostaria muito de ver o final dessa aventura curiosa.

Peço, assim, licença aos meus amigos da polícia para estar aos seus serviços, senhor.

Atenciosamente,

Arsène Lupin.

O desfecho será lembrado. Os "cavalheiros da polícia e da gendarmaria" deram de ombros e não prestaram atenção a essa elucubração. Mas quatro dos nobres do campo pegaram seus rifles e foram caçar, olhando para cima, como se quisessem acertar algumas aves. Em meia hora avistaram o assassino. Dois tiros e ele caiu de galho em galho. Fora apenas ferido, e o levaram ainda vivo.

Naquela noite, um jornal parisiense, que ainda não sabia da captura, publicou esta nota:

Estão sendo feitas investigações a respeito de um senhor e uma senhora Bragoff, que chegaram a Marselha há seis semanas e lá alugaram um automóvel. Eles viviam na Austrália há muitos anos, durante os quais não visitaram a Europa; e escreveram para o diretor do Jardin d'Acclimatation[22]*, com quem tinham o hábito de se corresponder, anunciando que traziam com eles uma criatura curiosa, de uma espécie completamente desconhecida, da qual era difícil dizer se se tratava de um homem ou um macaco.*

Segundo o senhor Bragoff, que é um arqueólogo importante, o espécime em questão é um gorila antropoide, ou melhor, o homem-gorila, cuja existência ainda não tinha sido definitivamente comprovada. Dizem que a estrutura dele é exatamente similar àquela do Pithecanthropus erectus*, descoberto pelo doutor Dubois em Java, em 1891.*

Esse animal curioso, inteligente e observador agia como criado de seu dono na propriedade deles na Austrália e costumava limpar o automóvel deles e até mesmo tentar dirigi-lo.

A pergunta é: onde está o casal Bragoff? Onde está o estranho primata que chegou com eles a Marselha?

A resposta a essa pergunta agora estava fácil. Graças às dicas fornecidas por Arsène Lupin, todos os elementos da tragédia já eram conhecidos. Graças a ele, o culpado estava nas mãos da lei.

Você pode vê-lo no Jardin d'Acclimatation, onde está enjaulado sob o nome de "Trois Étoiles". Ele é, na verdade, um macaco; mas também é um homem. Ele tem a gentileza e a sabedoria dos animais domésticos e a tristeza que eles sentem quando seus donos morrem. Mas tem muitas outras qualidades que o colocam muito mais perto da humanidade: é traiçoeiro, cruel, indolente, ganancioso e briguento; e, acima de tudo, gosta imoderadamente de conhaque.

Fora isso, ele é um macaco. A não ser que de fato…

Alguns dias depois da captura do Trois Étoiles, eu vi Arsène Lupin parado em frente à jaula do bicho. Lupin estava claramente tentando resolver esse problema interessante para si mesmo. Eu imediatamente disse, já que tinha decidido discutir o assunto com ele:

— Sabe, Lupin, essa sua intervenção, seu argumento, sua carta, em resumo, não me surpreenderam tanto quanto imaginaria!

— É mesmo? — disse ele, calmamente. — E por quê?

— Por quê? Porque o incidente já aconteceu antes, setenta ou oitenta anos atrás. Edgar Allan Poe usou o caso como o assunto de uma de suas melhores histórias[23]. Nessas circunstâncias, a resposta do enigma era fácil de ser encontrada.

Arsène Lupin me pegou pelo braço e, afastando-se comigo, disse:

— Quando você adivinhou?

— Ao ler sua carta — confessei.

— E que parte da minha carta?

— O final.

— O final, é? Depois que eu já tinha colocado os pingos em todos os is. Então temos um crime que é repetido por acidente, em condições bem diferentes, é verdade, mas ainda tem o mesmo tipo de herói; e os seus olhos precisavam ser abertos, assim como os de outras pessoas. E precisavam do auxílio da minha carta, a carta em que eu me diverti usando, além das exigências dos fatos, o argumento e às vezes palavras idênticas àquelas usadas pelo poeta americano em uma história que todo mundo já leu. Então percebe que a minha carta não foi tão completamente inútil

e que é possível arriscar-se a repetir com muita segurança às pessoas coisas que elas aprenderam só para esquecer.

Com isso, Lupin virou sobre seus calcanhares e desatou a rir na cara de um velho macaco, que estava sentado com a expressão de um filósofo, meditando seriamente.

---

[21] Gendarmes são os guardas de uma corporação militar, a gendarmaria, encarregada de garantir a ordem social na França. (N.T.)

[22] Um parque de diversões e atividades para crianças em Paris que começou como um zoológico e espaço de aclimatação para espécies estrangeiras de fauna e flora. (N.T.)

[23] O autor se refere ao conto *Os crimes da Rua Morgue,* de Edgar Allan Poe. (N.T.)

O casamento de Lupin

O senhor Arsène Lupin tem a honra de informá-lo sobre seu próximo casamento com a senhorita Angélique de Sarzeau-Vendôme, princesa de Bourbon-Condé, e de requisitar o prazer de sua companhia na cerimônia, que acontecerá na igreja de Sainte-Clotilde…

O duque de Sarzeau-Vendôme tem a honra de informá-lo sobre o casamento de sua filha Angélique, princesa de Bourbon-Condé, com o senhor Arsène Lupin, e de requisitar…

O duque Jean de Sarzeau-Vendôme não conseguia nem terminar de ler os convites que segurava em suas mãos trêmulas. Lívido de raiva, seu corpo alto e esbelto sacudia com tremores:

— Aqui! — arquejou, entregando as duas missivas à sua filha. — Isso foi o que seus amigos receberam! Paris inteira só fala disso desde ontem! O que tem a dizer a respeito desse vil insulto, Angélique? O que sua pobre mãe diria a respeito, se ainda estivesse viva?

Angélique era alta e esbelta como o pai, magra e angular como ele. Estava com trinta e três anos de idade, vestia-se sempre de preto, tinha uma maneira tímida e retraída, com uma cabeça pequena demais em proporção a sua altura e estreita dos dois lados até o nariz parecer saltar para a frente em protesto a toda aquela parcimônia. E mesmo assim seria impossível dizer que era feia, pois seus olhos eram extremamente belos, suaves e sérios, orgulhosos e um pouco tristes: olhos patéticos que só precisavam ser vistos uma vez para serem lembrados.

Ela corou de vergonha ao ouvir as palavras do pai, que lhe contaram sobre o escândalo de que ela era vítima. Mas, como o amava, apesar de sua

aspereza para consigo, sua injustiça e despotismo, disse:

— Oh, acredito que tenha a intenção de ser uma piada, pai, e que não devemos dar atenção!

— Uma piada? Ora, todos estão falando sobre isso! Uma dúzia de jornais publicou essa maldita notícia hoje de manhã, com comentários satíricos. Eles citam nosso *pedigree*, nossos ancestrais, nossos mortos ilustres. Eles fingem levar as coisas a sério…

— Mesmo assim, ninguém acreditaria…

— Claro que não. Mas não impede que sejamos a fofoca de Paris.

— Tudo isso estará esquecido amanhã.

— Amanhã, minha filha, as pessoas lembrarão que o nome de Angélique de Sarzeau-Vendôme foi banalizado como não deveria ter sido. Oh, se eu descobrisse o nome do salafrário que teve a ousadia de…

Nesse momento, Hyacinthe, o camareiro do duque, entrou e disse que queriam falar com o senhor duque ao telefone. Ainda furioso, ele pegou o receptor e rosnou:

— E então? Quem é? Sim, é o duque de Sarzeau-Vendôme quem fala.

Uma voz respondeu:

— Quero me desculpar com o senhor, duque, e com a senhorita Angélique. É culpa do meu secretário.

— Seu secretário?

— Sim, os convites eram apenas um rascunho que eu queria apresentar ao senhor. Infelizmente, meu secretário achou…

— Mas diga-me: quem é o senhor?

— Como assim, senhor duque, não reconhece minha voz? A voz do seu futuro genro?

— O quê?

— Arsène Lupin.

O duque caiu em uma cadeira. Seu rosto estava lívido.

— Arsène Lupin… é ele… Arsène Lupin…

Angélique sorriu:

— Está vendo, pai, é apenas uma piada, uma brincadeira.

Mas a raiva do duque se renovou, e ele começou a andar de um lado para outro, movendo os braços:

— Irei à polícia! Não podem permitir que aquele sujeito me faça de idiota dessa forma! Se existe qualquer tipo de lei nesta terra, ele tem que ser

impedido!

Hyacinthe entrou no cômodo novamente, trazendo dois cartões de visitas.

— Chotois? Lepetit? Não sei quem são.

— Ambos são jornalistas, senhor duque.

— E o que querem?

— Eles gostariam de falar com o senhor a respeito… do casamento…

— Mande-os embora! — exclamou o duque. — Enxote-os daqui! E diga ao porteiro para não deixar que esse tipo de escória entre na minha casa no futuro.

— Por favor, pai… — Angélique tentou dizer.

— Quanto a você, cale-se! Se tivesse consentido em se casar com um de seus primos quando eu disse para fazê-lo, isso não teria acontecido.

Naquela mesma noite um dos dois jornalistas publicou, na primeira página de seu jornal, uma história uma tanto fantasiosa de sua expedição à mansão da família dos Sarzeau-Vendôme, na Rua de Varennes, e discorreu agradavelmente sobre os protestos irados do velho nobre.

Na manhã seguinte, outro jornal publicou uma entrevista com Arsène Lupin que diziam ter acontecido em um saguão da Ópera. Arsène Lupin respondeu em uma carta ao editor:

> *Compartilho inteiramente da indignação do meu futuro sogro. O envio dos convites foi uma violação de etiqueta grosseira, pela qual eu não sou responsável, mas pela qual desejo me desculpar publicamente. Ora, a data da união ainda não foi definida. O pai da minha noiva sugere o começo de maio. Ela e eu achamos que seis semanas é tempo demais para esperar!*

O que dava um tempero especial ao caso e aumentava imensamente a diversão dos amigos da família era a personalidade bem conhecida do duque: seu orgulho e a natureza inflexível de suas ideias e princípios. O duque Jean era o último descendente dos barões de Sarzeau, a família mais antiga da Bretanha; era o descendente direto daquele Sarzeau que, ao se casar com uma Vendôme, se recusou a ostentar o novo título que Luís XV o forçou a adotar até depois de ter ficado preso na Bastilha por dez anos; e não abandonara nenhum dos preconceitos do velho regime. Em sua juventude, ele acompanhou o conde de Chambord no exílio. Já na velhice,

recusou um assento na Câmara sob o pretexto de que um Sarzeau só podia se sentar com seus comuns.

O incidente atingiu imensamente seus sentimentos. Nada conseguia acalmá-lo. Ele amaldiçoava Lupin com veemência, ameaçava-o com todos os tipos de punição e descontava em sua filha:

— Veja, se pelo menos tivesse se casado! Afinal, teve chances suficientes. Seus três primos, Mussy, d'Emboise e Caorches, são nobres de boa ascendência, ligados às melhores famílias, bastante ricos; e ainda estão ansiosos para se casar com você. Por que se recusa a se casar com eles? Ah, porque a senhorita é uma sonhadora, uma sentimentalista; e porque seus primos são gordos demais, ou magros demais, ou grosseiros demais para ela…

Ela era, de fato, uma sonhadora. Deixada por conta própria desde a infância, tinha lido todos os livros sobre cavalheirismo, todos os romances sem graça de épocas passadas que enchiam as impressoras antigas; e ela via a vida como um conto de fadas em que as belas donzelas estão sempre felizes, enquanto as outras aguardam até a morte pelo noivo que não chega. Por que ela deveria se casar com um de seus primos que só estavam atrás de seu dinheiro, os milhões que herdara de sua mãe? Era melhor continuar solteira e sonhando…

Ela respondeu, gentilmente:

— Vai acabar adoecendo, pai. Esqueça todo esse assunto tolo.

Mas como ele podia esquecer? Toda manhã uma alfinetada abria sua ferida. Durante três dias seguidos Angélique recebera um lindo ramalhete de flores, com o cartão de Arsène Lupin enfiado nele. O duque não podia ir ao seu clube sem um amigo abordá-lo:

— Essa de hoje foi excelente!

— Essa qual?

— Ora, a última do seu genro! Não viu? Aqui, leia você mesmo:

> *O senhor Arsène Lupin está solicitando ao Conselho do Estado uma permissão para acrescentar o nome de sua esposa ao seu e ser conhecido daqui para a frente como Lupin de Sarzeau-Vendôme.*

E, no dia seguinte, o duque leu:

Como, em virtude de um decreto não revogado do rei Carlos X, a jovem noiva carrega o título e o brasão dos Boubon-Condé, de quem é herdeira descendente, o filho mais velho dos Lupin de Sarzeau--Vendôme será chamado de príncipe de Bourbon-Condé.

E, no dia seguinte, um anúncio.

Exibição do enxoval da senhorita Sarzeau-Vendôme no Grande Armazém de Linho dos senhores ----------. Cada artigo marcado com as iniciais L. S. V.

Então um jornal ilustrado publicou uma cena fotográfica: o duque, sua filha e seu genro sentados a uma mesa jogando cartas.

E a data também foi anunciada com grande ostentação: dia 4 de maio.

Deram também os detalhes do acordo do casamento. Lupin se demonstrava maravilhosamente desinteressado. Os jornais diziam que ele estava preparado para assinar o acordo de olhos fechados, sem saber o valor do dote.

Todas essas coisas enlouqueciam o velho duque. Seu ódio por Lupin chegou a proporções mórbidas. Por mais que tenha sido difícil para ele, entrou em contato com o chefe de polícia, que o aconselhou a tomar cuidado:

— Sabemos como esse cavalheiro se comporta; ele está usando um de seus artifícios preferidos. Perdoe a expressão, senhor duque, mas ele está "cozinhando" o senhor. Não caia na armadilha,

— Que artifícios? Que armadilha? — perguntou o duque, ansiosamente.

— Ele está tentando fazer com que o senhor perca a cabeça e, pela intimidação, que faça algo que não faria a sangue-frio.

— Ainda assim, o senhor Arsène Lupin não pode esperar que eu ofereça a ele a mão da minha filha!

— Não, mas espera que o senhor, para dizer o mínimo, cometa um engano.

— Que engano?

— Exatamente aquele que ele espera que o senhor cometa.

— Então o senhor acha…

— Acho que a melhor coisa que pode fazer, senhor duque, é ir para casa, ou, se toda essa ansiedade o preocupa, ir para o interior e ficar lá

quieto, sem se irritar.

Essa conversa só aumentou os medos do velho duque. Lupin lhe parecia uma pessoa terrível, que empregava métodos diabólicos e tinha cúmplices em todas as esferas da sociedade. O lema agora era prudência.

E a partir daquele momento a vida tornou-se intolerável. O duque ficou mais isolado e silencioso do que nunca e não recebia a visita de nenhum de seus velhos amigos, nem mesmo dos três pretendentes de Angélique, seus primos de Mussy, d'Emboise e de Caorches, que não conversavam uns com os outros por causa de sua rivalidade e que tinham o hábito de visitá-lo em turnos, toda semana.

Sem motivo algum, ele demitiu o mordomo e o cocheiro. Mas não se atrevia a substituí-los, pois tinha medo de contratar criaturas de Arsène Lupin; e seu próprio camareiro, Hyacinthe, em quem ele confiava inteiramente, por trabalhar com ele há mais de quarenta anos, precisou assumir as tarefas laboriosas dos estábulos e da despensa.

— Vamos, pai — disse Angélique, tentando fazê-lo ouvir o bom senso. — Realmente não consigo ver o que o amedronta. Ninguém pode me forçar a esse casamento ridículo.

— Ora, é claro, não é disso que estou com medo.

— É do quê, então, pai?

— Como posso dizer? Um sequestro! Um assalto! Um ato de violência! Não há dúvida de que esse patife está planejando algo; e também não há dúvida de que estamos cercados por espiões.

Uma tarde ele recebeu um jornal em que o seguinte parágrafo estava marcado por um lápis vermelho:

> *A assinatura do contrato de casamento está marcada para hoje à noite, na casa dos Sarzeau-Vendôme. Será uma cerimônia bastante reservada, e apenas alguns amigos privilegiados estarão presentes para parabenizar o feliz casal. As testemunhas do contrato em nome da senhorita de Sarzeau-Vendôme, o príncipe de la Rochefoucauld--Limours e o conde de Cartres, serão apresentadas pelo senhor Arsène Lupin aos dois cavalheiros que terão a honra de ser seus padrinhos, a saber, o chefe de polícia e o diretor da prisão La Santé.*

Dez minutos depois, o duque mandou seu camareiro Hyacinthe ao correio com três mensagens expressas. Às dezesseis horas, na presença de

Angélique, ele recebeu os três primos: Mussy, gordo, pesado e muito pálido; d'Emboise, esbelto, com o rosto avermelhado e tímido; e Caorches, baixo, magro e com aparência doentia — todos os três, já velhos solteirões, sem nenhuma *finesse* em suas vestes ou aparência.

O encontro durou pouco tempo. O duque já tinha decidido todo o seu plano de campanha, uma campanha defensiva, cuja primeira fase ele descreveu com clareza:

— Angélique e eu sairemos de Paris hoje à noite e iremos para nossa casa na Bretanha. Confio em vocês, meus três sobrinhos, para nos ajudarem a irmos embora. Você, d'Emboise, virá nos buscar em seu carro, com a capota levantada. Você, Mussy, trará seu grande carro e gentilmente cuidará da bagagem com meu criado, Hyacinthe. Você, Caorches, irá à estação d'Orléans para reservar nossos lugares no carro-leito para Vannes, no trem das vinte e duas e quarenta. Estamos combinados?

O resto do dia transcorreu sem incidentes. O duque, para evitar quaisquer indiscrições acidentais, esperou até depois do jantar para dizer a Hyacinthe para arrumar um baú e uma valise. Hyacinthe os acompanharia, assim como a criada de Angélique.

Às vinte e uma horas, todos os outros criados foram dormir, obedecendo às ordens do patrão. Às dez para as vinte e duas o duque, que terminava suas preparações, ouviu o som da buzina de um carro. O porteiro abriu os portões do pátio. O duque, parado em frente à janela, reconheceu o Landaulette[24] de d'Emboise:

— Diga a ele que descerei em um instante — disse a Hyacinthe —, e avise à senhorita.

Em alguns minutos, como Hyacinthe não voltou, ele saiu de seu quarto. Mas foi atacado no patamar por dois homens mascarados que o amordaçaram e amarraram antes que pudesse dar um grito. E um dos homens disse para ele, em voz baixa:

— Este é o primeiro aviso, senhor duque. Se persistir em sair de Paris e recusar-se a dar seu consentimento, as coisas ficarão mais sérias.

O mesmo homem então disse ao seu companheiro:

— Fique de olho nele. Vou ver a jovem dama.

Naquele momento, dois outros homens já tinham prendido a criada da dama; e a própria Angélique, amordaçada, estava desmaiada em um sofá, em seu *closet*.

Ela voltou a si quase imediatamente, com o estímulo de uma garrafa de sais sob suas narinas; e, quando abriu os olhos, ela viu, curvado sobre si, um jovem, vestido a rigor, com um rosto amigável e sorridente, que disse:

— Imploro que nos perdoe, senhorita. Todos estes acontecimentos são um pouco repentinos, e este comportamento é bastante inusitado. Mas as circunstâncias muitas vezes nos obrigam a fazer coisas que nossa consciência não aprova. Por favor, perdoe-me.

Ele tomou a mão dela com muita gentileza e colocou uma grossa aliança de ouro em seu dedo, dizendo:

— Pronto, agora estamos noivos. Nunca se esqueça do homem que lhe deu esse anel. Ele implora para que não fuja dele… E que fique em Paris e aguarde as provas de sua devoção. Tenha fé nele.

Disse tudo isso com uma voz tão séria e respeitosa, com tanta certeza e deferência, que ela não teve forças para resistir. Seus olhos se encontraram. Ele sussurrou:

— Essa pureza extraordinária dos seus olhos! Seria como estar no paraíso viver com esses olhos sobre si. Agora feche-os…

Ele foi embora. Seus cúmplices o seguiram. O carro partiu e a casa na Rua de Varennes continuou quieta e silenciosa até o momento em que Angélique, ficando completamente consciente, chamou os criados.

Eles encontraram o duque, Hyacinthe, a criada da dama, o porteiro e sua mulher todos muito bem amarrados. Alguns ornamentos inestimáveis tinham desaparecido, assim como a carteira do duque e todas as suas joias: alfinetes de gravatas, cravos de pérolas, relógio, e assim por diante.

A polícia foi chamada imediatamente. De manhã, foram avisados de que, na noite anterior, d'Emboise, ao sair de sua casa no automóvel, foi esfaqueado por seu próprio chofer e jogado, quase morto, em uma rua deserta. Mussy e Caorches receberam uma mensagem telefônica cada um, fingindo ser do duque, cancelando os planos.

Na semana seguinte, sem se preocupar mais com a investigação policial, sem obedecer às convocações do juiz de instrução, sem sequer ler as cartas de Arsène Lupin nos jornais sobre "a fuga de Varennes", o duque, sua filha e seu camareiro furtivamente tomaram um trem para Vannes e chegaram uma noite ao velho castelo feudal que se eleva sobre a terra dos Sarzeau. O duque imediatamente organizou uma defesa com o auxílio dos camponeses bretões, verdadeiros vassalos medievais. No quarto dia, Mussy chegou; no

quinto, Caorches; e, no sétimo, d'Emboise, cujo ferimento não era tão sério quanto se temia.

O duque aguardou dois dias antes de comunicar àqueles à sua volta que, agora que sua fuga tinha sido bem-sucedida, apesar de Lupin, ele iniciava a segunda parte do seu plano. Ele o fez, na presença dos três primos, com uma ordem ditatorial a Angélique, expressa categoricamente:

— Toda essa chateação tem-me irritado profundamente. Comecei uma batalha com esse homem cuja ousadia vocês viram por si mesmos; e essa batalha está me matando. Quero terminá-la a qualquer custo. E só há uma forma de fazer isso, Angélique, que é você me libertando de qualquer responsabilidade ao aceitar a mão de um de seus primos. Antes de um mês, deve tornar-se a esposa de Mussy, Caorches ou d'Emboise. A escolha é sua, mas deve decidir.

Angélique chorou e implorou a seu pai por quatro dias inteiros, mas foi em vão. Ela sentia que ele seria inflexível, e que acabaria por se submeter aos desejos dele. Ela aceitou:

— Escolha qual deles quiser, pai. Eu não amo nenhum deles. Então posso ser igualmente infeliz com qualquer um deles.

Com isso, iniciou-se uma nova discussão, já que o duque queria forçá-la a tomar sua própria decisão. Ela se manteve firme. Relutantemente e por motivos financeiros, ele escolheu d'Emboise.

Os proclamas foram publicados imediatamente.

A partir desse momento, dobraram a guarda dentro do castelo e em volta dele, tanto mais que o silêncio de Lupin e o súbito fim da campanha que ele estivera conduzindo na imprensa não podiam deixar de alarmar o duque de Sarzeau-Vendôme. Era óbvio que o inimigo estava se preparando para atacar e que tentaria se opor ao casamento com uma de suas manobras características.

Mesmo assim, nada aconteceu: nada dois dias antes da cerimônia, nada no dia antes, nada na manhã da cerimônia. O casamento aconteceu na prefeitura, seguido pela celebração religiosa na igreja; e o assunto estava encerrado.

Foi só então que o duque conseguiu respirar livremente. Sem se importar com a tristeza da filha, sem se importar com o silêncio constrangido de seu genro, que achava toda a situação um pouco incômoda, ele esfregava as mãos com um ar de prazer, como se tivesse

alcançado uma vitória brilhante:

— Mande baixar a ponte levadiça — disse a Hyacinthe — e permitir que todos entrem. Não temos mais nada a temer daquele patife.

Depois do café da manhã do casamento, mandou servir vinho aos camponeses e brindou com eles. Todos dançaram e cantaram.

Às quinze horas, o duque voltou aos aposentos do térreo. Era hora de seu cochilo vespertino. Ele chegou à sala de guarda no fim do cômodo. Mas, antes de entrar, parou subitamente e exclamou:

— O que está fazendo aqui, d'Emboise? Isso é uma piada?

D'Emboise estava parado à sua frente, vestido como um pescador bretão, com um paletó sujo e calças rasgadas e remendadas, e muito grandes para ele.

O duque parecia confuso. Ele olhava incrédulo para aquele rosto que conhecia e que, ao mesmo tempo, trazia lembranças de um passado muito distante. Então, andou abruptamente para uma das janelas que davam para o terraço do castelo e gritou:

— Angélique!

— O que foi, pai? — perguntou ela, aproximando-se.

— Onde está seu marido?

— Ali, pai — disse Angélique, apontando para d'Emboise, que fumava um cigarro e lia a alguma distância.

O duque cambaleou e caiu em uma cadeira, trêmulo de medo:

— Oh, estou enlouquecendo!

Mas o homem vestido de pescador ajoelhou-se diante dele e disse:

— Olhe para mim, tio. O senhor me conhece, não conhece? Sou seu sobrinho, aquele que costumava brincar aqui antigamente, aquele que o senhor chamava de Jacquot… Pense por um instante… Aqui, olhe esta cicatriz…

— Sim, sim — gaguejou o duque. — Reconheço você. É o Jacques. Mas e o outro…

Ele pôs as mãos na cabeça:

— E mesmo assim, não, não pode ser… Explique-se… Eu não compreendo… Não quero compreender…

Houve uma pausa, durante a qual o recém-chegado fechou a janela e a porta que levava ao aposento vizinho. Ele então se aproximou do velho duque, tocou-o gentilmente no ombro, para acordá-lo de seu torpor, e sem

nenhuma introdução, como se para eliminar qualquer explicação que não fosse completamente necessária, relatou o seguinte:

— Há quatro anos, ou seja, no décimo primeiro ano do meu exílio voluntário, quando eu estava no extremo sul da Argélia, conheci, durante uma expedição de caça organizada por um importante chefe árabe, um homem cuja genialidade, cujo charme de comportamento, cuja proeza perfeita, cuja coragem indômita, cuja combinação de humor charmoso e profundidade mental fascinaram-me imensamente. O conde d'Andrésy passou seis semanas como meu convidado. Depois que foi embora, mantivemos uma correspondência em intervalos regulares. Frequentemente via o nome dele nos jornais, nas colunas sociais e esportivas. Ele voltaria, e eu estava me preparando para recebê-lo, três meses atrás, quando, em uma noite em que estava passeando a cavalo, meus dois criados árabes se jogaram sobre mim, amarraram-me, amordaçaram-me, vendaram-me e me levaram, viajando dia e noite, por uma semana, por estradas desertas, para uma baía no litoral, onde cinco homens esperavam por eles. Fui imediatamente levado a bordo de um pequeno barco a vapor, que levantou âncora sem demora. Não havia nada que me indicasse quem eram os homens ou qual era seu objetivo ao me sequestrar. Eles me trancaram em uma cabine estreita, com uma porta pesada e iluminada por uma escotilha protegida por duas barras de ferro cruzadas. Toda manhã uma mão passava por uma portinha entre a outra cabine e a minha e colocava mais ou menos um quilo de pão, uma porção generosa de comida e um jarro de vinho na minha cama, e retirava as sobras da refeição do dia anterior, que eu deixava ali com esse objetivo. De vez em quando, à noite, o barco parava e eu ouvia o som de um bote sendo remado para algum porto e depois voltando, sem dúvida com mantimentos. Então partíamos mais uma vez, sem pressa, como se estivéssemos em um cruzeiro com pessoas de nossa classe, que viajam por prazer e não estão com pressa. Algumas vezes, subindo em uma cadeira, eu podia ver o litoral pela minha escotilha, mas ele estava muito indistinto para que eu conseguisse localizá-lo. Isso durou semanas. Uma manhã, na nona semana, eu percebi que a portinha ficara destrancada e a abri. A cabine estava vazia. Com esforço, consegui pegar uma lixa de unhas de uma penteadeira. Duas semanas depois disso, com a força e a paciência da perseverança, tinha conseguido lixar as barras da minha escotilha e poderia ter escapado por ali,

mas, apesar de ser um bom nadador, eu me canso rápido. Portanto, precisava escolher um momento em que o barco não estivesse muito distante da terra. Só ontem que, empoleirado na cadeira, consegui ver o litoral; e à noite, no pôr do sol, eu reconheci, para meu espanto, o contorno do Château de Sarzeau, com suas torres pontudas e sua guarda quadrada. Eu me perguntei se esse era o destino da minha viagem misteriosa. A noite inteira ficamos navegando no mar aberto. A mesma coisa ontem, o dia inteiro. Finalmente, hoje de manhã chegamos a uma distância que achei favorável, ainda mais porque estávamos passando por pedras que pensei que serviriam de esconderijo para eu me esconder. Mas, assim que ia fugir, percebi que a portinha, que eles achavam que tinham fechado, tinha se aberto mais uma vez e estava batendo contra a divisória. Eu novamente a abri por curiosidade. Ao alcance do meu braço havia um pequeno armário que consegui abrir, e minha mão, tateando aleatoriamente, pegou um pacote de papéis. Eram cartas. Cartas com instruções para os piratas que me mantinham prisioneiro. Uma hora depois, quando me enfiei pela escotilha e pulei no mar, sabia de tudo: as razões para o meu sequestro, os meios que foram usados, o objetivo e o plano infame bolado durante os últimos três meses contra o duque de Sarzeau-Vendôme e sua filha. Infelizmente, era tarde demais. Fui obrigado, para não ser visto do barco, a me agachar na fenda de uma rocha e não cheguei à terra firme até o meio-dia. Quando eu consegui chegar à casa de um pescador, trocar minhas roupas pelas roupas dele e vir até aqui, já eram quinze horas. Quando cheguei, descobri que o casamento de Angélique foi celebrado hoje de manhã.

O velho duque não falou uma palavra sequer. Com seus olhos presos no estranho, ele ouvia com um desespero crescente. De vez em quando, a lembrança dos avisos que o chefe de polícia lhe dera voltavam a sua mente:

— Estão cozinhando-o, senhor duque, estão cozinhando-o.

Ele disse em uma voz vazia:

— Continue… termine sua história… Tudo isso é terrível… Eu ainda não compreendo… e me sinto nervoso…

O estranho continuou:

— Sinto dizer, a história é muito fácil de juntar e é resumida em poucas frases. É o seguinte: o conde d'Andrésy se lembrava de várias coisas de sua estada comigo e dos segredos que eu fui tolo o suficiente para contar a ele. Em primeiro lugar, que eu era seu sobrinho e que mesmo assim o senhor

não tinha me visto muito, porque saí de Sarzeau ainda muito jovem, e desde então nossa convivência era limitada às poucas semanas que passei aqui, quinze anos atrás, quando pedi a mão da minha prima Angélique em casamento; em segundo lugar, que eu, por ter cortado relações com o passado, não recebia cartas; e, finalmente, que havia uma certa semelhança entre mim e d'Andrésy, que poderia ser acentuada o suficiente para se tornar incrível. O plano dele foi construído nesses três pontos. Ele subornou meus criados árabes para avisá-lo caso eu saísse da Argélia. Então voltou para Paris, usando meu nome e disfarçado para parecer-se exatamente comigo, veio ver o senhor, foi convidado para sua casa a cada quinze dias e viveu com o meu nome, que se tornou um dos muitos com os quais ele esconde sua verdadeira identidade. Três meses atrás, quando o "fruto estava maduro", como ele escreve em suas cartas, começou o ataque com uma série de cartas para a imprensa; e, ao mesmo tempo, sem dúvida receoso de que eu ficaria sabendo por um jornal na Argélia a parte que estava sendo contracenada em meu nome em Paris, ele fez com que meus criados me atacassem e que seus comparsas me sequestrassem. Não preciso explicar mais nada até onde o senhor está envolvido, tio.

O duque de Sarzeau-Vendôme foi tomado por um ataque de tremores nervosos. A horrível verdade à qual ele se recusava a abrir os olhos apareceu completamente nua em sua frente e assumiu a terrível fisionomia do inimigo. Ele agarrou as mãos de seu sobrinho e disse, feroz e desesperadamente:

— É Lupin, não é?

— Sim, tio.

— E foi a ele… Foi a ele que entreguei minha filha!

— Sim, tio, a ele, que roubou meu nome Jacques d'Emboise de mim e que roubou sua filha do senhor. Angélique agora é a esposa de Arsène Lupin, e de acordo com suas ordens. Esta carta escrita com a letra dele é o testemunho disso. Ele virou toda a sua vida de cabeça para baixo, desequilibrou-o, sitiando seus momentos acordado e suas noite de sono, roubou sua casa, até o momento que, tomado pelo terror, o senhor se refugiou aqui, onde, achando que escaparia de seus artifícios e de sua caça, disse à sua filha para escolher um de seus três primos, Mussy, d'Emboise ou Caorches, como seu marido.

— Mas por que ela escolheu aquele em vez dos outros?

— A escolha foi sua, tio.

— De maneira aleatória… porque era o que tinha mais dinheiro…

— Não, não foi de maneira aleatória, mas foi por causa do conselho sutil, persistente e muito inteligente de seu criado Hyacinthe.

O duque sobressaltou-se:

— O quê? Hyacinthe é cúmplice?

— Não, não de Arsène Lupin, mas do homem que ele acredita ser d'Emboise e que prometeu dar-lhe cem mil francos em até uma semana depois do casamento.

— Oh, o salafrário! Ele planejou tudo, previu tudo…

— Previu tudo, tio, até simular um atentado contra sua própria vida para evitar suspeitas, até mesmo simular um ferimento recebido estando a seu serviço.

— Mas com qual objetivo? Por que todos esses truques vis?

— Angélique tem uma fortuna de onze milhões de francos. Seu advogado em Paris deveria entregar os títulos na semana que vem para o d'Emboise falso, que só precisaria convertê-los e desaparecer. Mas, hoje de manhã, o senhor mesmo daria ao seu genro, como um presente de casamento, um total de quinhentos mil francos de títulos ao portador, que ele tinha combinado de entregar a um de seus cúmplices às vinte e uma horas de hoje, do lado de fora do castelo, perto do Grande Carvalho, para que sejam negociados amanhã em Bruxelas.

O duque de Sarzeau-Vendôme levantou-se de sua cadeira e começou a andar furiosamente de um lado para outro:

— Às vinte e uma horas de hoje? — disse ele. — Veremos… Veremos… Vamos chamar os gendarmes aqui antes disso…

— Arsène Lupin ri na cara dos gendarmes.

— Vamos telegrafar para Paris.

— Sim, mas e os quinhentos mil francos? E, ainda pior, tio, e o escândalo? Pense nisto: sua filha, Angélique de Sarzeau-Vendôme, casada com aquele salafrário, aquele ladrão… Não, não, isso seria inconcebível…

— O que faremos, então?

— O quê?

O sobrinho se levantou e, indo em direção ao suporte de armas, pegou um rifle e o colocou na mesa em frente ao duque:

— Lá na Argélia, tio, à beira do deserto, quando nos víamos frente a frente com um animal selvagem, não mandávamos chamar os gendarmes. Pegávamos nossos rifles e atirávamos no animal. Senão, o animal nos aniquilaria com suas garras.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que lá eu desenvolvi o hábito de não depender tanto dos gendarmes. É uma forma bastante sumária de fazer justiça, mas é a melhor forma, acredite em mim, e hoje, neste caso, é a única. Uma vez que o animal esteja morto, você e eu vamos enterrá-lo em algum canto, sem sermos vistos e sem ninguém saber.

— E Angélique?

— Contaremos a ela depois.

— E o que acontecerá com ela?

— Ela será minha esposa, a esposa do verdadeiro d'Emboise. Eu a abandonarei amanhã e voltarei para a Argélia. O divórcio será dado em até dois meses.

O duque ouviu, pálido e com os olhos arregalados, sem dizer nada. Então sussurrou:

— Tem certeza de que os cúmplices dele no barco não o informarão sobre a sua fuga?

— Não antes de amanhã.

— Então…

— Então inevitavelmente, às vinte e uma horas de hoje, Arsène Lupin, a caminho do Grande Carvalho, irá pelo caminho de patrulha que segue as velhas muralhas e contorna as ruínas da capela. Eu estarei lá, nas ruínas.

— Eu também — disse o duque de Sarzeau-Vendôme, calmamente, pegando uma arma.

Eram dezessete horas. O duque conversou com seu sobrinho por mais algum tempo, examinou as armas, carregou-as com balas novas. Então, quando a noite chegou, ele levou d'Emboise pelos corredores escuros até seu quarto e o escondeu no *closet* adjacente.

Nada mais aconteceu até o jantar. O duque se forçou a manter-se calmo durante a refeição. De vez em quando ele dava uma olhada em seu genro e se surpreendia com quanto ele era parecido com o d'Emboise verdadeiro. Era a mesma expressão, as mesmas características faciais, o mesmo corte de cabelo. Mesmo assim, o olhar era diferente, mais astuto e brilhante, e

gradualmente o duque percebeu detalhes menos importantes que passaram despercebidos até então e que provavam a impostura do sujeito.

A festa terminou depois do jantar. Já eram vinte horas. O duque foi para seu quarto e soltou seu sobrinho. Dez minutos depois, cobertos pela escuridão, eles se esgueiraram para as ruínas carregando as armas.

Enquanto isso, Angélique, acompanhada de seu marido, tinha ido para a suíte que ocupava no térreo de uma torre que flanqueava a ala esquerda. Seu marido parou na entrada dos aposentos e disse:

— Vou sair para uma pequena caminhada, Angélique. Posso encontrá-la aqui quando voltar?

— Sim — respondeu ela.

Ele a deixou e subiu para o primeiro andar, onde ficavam seus aposentos. Assim que se viu sozinho, trancou a porta, abriu silenciosamente uma janela que dava para o terreno e se curvou para fora. Viu uma sombra ao pé da torre, alguns metros abaixo dele. Assobiou e recebeu um assobio baixo como resposta.

Então ele pegou em um armário uma bolsa de couro grosso, cheia de papéis, enrolou-a em um pedaço de tecido preto e a amarrou. Sentou-se à mesa e escreveu:

Estou feliz que recebeu minha mensagem, pois não acho que seja seguro sair do castelo com esse grande número de seguranças. Aqui estão eles. Você estará em Paris, com sua motocicleta, a tempo de pegar o trem matutino para Bruxelas, onde entregará os títulos ao Z.; e ele os negociará imediatamente.

P.S.: Quando passar pelo Grande Carvalho, diga aos nossos colegas que chegarei em breve. Tenho algumas instruções para dar a eles. Mas tudo está indo bem. Ninguém aqui suspeita de coisa alguma.

Ele amarrou a carta ao embrulho e o baixou pela janela com um cordão.

— Bom — disse. — Isso está resolvido. É um peso a menos.

Esperou por mais alguns minutos, andando pelo quarto e sorrindo para os retratos de dois cavalheiros galantes pendurados na parede:

— Horace de Sarzeau-Vendôme, marechal da França… E você, o Grande Condé… Eu os saúdo, ambos meus ancestrais. Lupin de Sarzeau--Vendôme se mostrará digno de vocês.

Finalmente, quando chegou a hora, ele pegou seu chapéu e desceu. Mas, quando chegou ao térreo, Angélique saiu correndo de seus aposentos

e exclamou, com o ar perturbado:

— Escute, por favor… Acho que seria melhor…

E então, sem dizer nada mais, ela entrou novamente, deixando a visão de um vago terror na mente de seu marido.

— Ela não está bem — ele disse para si mesmo. — O casamento não combina com ela.

Ele acendeu um cigarro e saiu, sem dar importância a um incidente que deveria tê-lo impressionado:

— Pobre Angélique! Isso tudo terminará em um divórcio…

A noite do lado de fora estava escura, o céu nublado.

Os criados estavam fechando os postigos do castelo. Não havia luzes nas janelas, já que era costume do duque ir dormir logo depois do jantar.

Lupin passou pela casa do porteiro e, assim que pôs o pé na ponte levadiça, disse:

— Deixe o portão aberto. Estou indo tomar um ar; voltarei em pouco tempo.

O caminho da patrulha ficava à direita e seguia uma das velhas muralhas, que costumavam cercar o castelo com uma segunda delimitação muito maior, até que terminava em um portão traseiro que já estava quase completamente destruído. O parque, que contornava um outeiro e depois seguia a lateral de um vale profundo, era limitado à esquerda por um bosque denso.

— Que lugar maravilhoso para uma emboscada! — disse ele. — Um lugar bastante fatal!

Ele parou, pensando ter ouvido um barulho. Mas não, era só o farfalhar das folhas. Mesmo assim, uma pedra saiu rolando pela encosta, batendo contra as projeções escarpadas da rocha. Mas, estranhamente, nada parecia perturbá-lo. A brisa marinha fria vinha soprando sobre as planícies da península; e ele encheu seus pulmões com ela avidamente:

— Como é bom estar vivo! — pensou. — Ainda jovem, um membro da velha nobreza, um multimilionário: o que mais um homem poderia querer?

A curta distância, ele viu contra a escuridão a silhueta ainda mais escura da capela, com suas ruínas no caminho. Algumas gotas de chuva começaram a cair, e ele ouviu um relógio soar as vinte e uma horas. Apertou o passo. Havia uma descida curta; então o caminho subia novamente. E, subitamente, ele parou.

Uma mão segurou a sua.

Ele puxou-a, tentando se soltar.

Mas alguém saiu de dentro do grupo de árvores ali perto, e uma voz disse:

— Psiu! Não diga nada!

Ele reconheceu Angélique:

— Qual é o problema? — perguntou.

Ela sussurrou, tão baixo que ele mal entendeu as palavras:

— Eles estão aguardando você… Estão ali, nas ruínas, com suas armas…

— Quem?

— Fique quieto… Ouça…

Eles ficaram parados por um momento, imóveis; então ela disse:

— Eles não estão se mexendo… Talvez não tenham me ouvido… Vamos voltar…

— Mas…

— Venha comigo.

Seu tom era tão imperioso que ele obedeceu a ela sem questionar mais. Mas subitamente ela ficou amedrontada:

— Corra! Eles estão vindo! Tenho certeza!

Era verdade, eles ouviram o som de passos.

Então, rapidamente, ainda segurando-o pela mão, ela o arrastou, com uma energia irresistível, por um atalho, seguindo suas curvas sem hesitação, apesar da escuridão e dos espinheiros. E eles logo chegaram à ponte levadiça.

Ela deu-lhe o braço. O porteiro tocou a aba de seu chapéu. Eles atravessaram o pátio e entraram no castelo; e ela o levou à torre do canto onde ficavam os aposentos de ambos.

— Venha aqui — disse ela.

— Aos seus aposentos?

— Sim.

Duas criadas a aguardavam. A patroa ordenou que fossem para seus próprios quartos, no terceiro andar.

Quase imediatamente depois, houve uma batida na porta do aposento exterior, e uma voz chamou:

— Angélique!

— É o senhor, pai? — perguntou, contendo sua agitação.

— Sim. Seu marido está aí?

— Acabamos de entrar.

— Diga a ele que quero conversar com ele. Peça que vá ao meu quarto. É importante.

— Muito bem, pai, vou enviá-lo ao senhor.

Ela prestou atenção por alguns instantes, então voltou ao *closet,* onde seu marido estava, e disse:

— Tenho certeza de que meu pai ainda está ali.

Ele se mexeu, como se fosse sair:

— Nesse caso, se ele quer falar comigo…

— Meu pai não está sozinho — ela disse, bloqueando seu caminho rapidamente.

— Quem está com ele?

— O sobrinho dele, Jacques d'Emboise.

Houve um momento de silêncio. Ele olhou para ela com espanto, sem conseguir entender a atitude de sua mulher. Mas entrou no assunto sem demora:

— Ah, então o bom e velho d'Emboise está ali? — ele riu. — Então já não há mais escapatória? A não ser que, na verdade…

— Meu pai sabe de tudo — disse ela. — Eu ouvi uma conversa entre eles há pouco tempo. O sobrinho dele leu algumas cartas… Eu hesitei a princípio em contar a você… Então achei que meu dever…

Ele a observou novamente. Mas, imediatamente tomado pela estranheza da situação, desatou a rir:

— Como assim? Meus amigos no barco não queimam minhas cartas? E deixaram o prisioneiro escapar? Aqueles idiotas! Oh, quando você não faz tudo você mesmo! Não importa, mas é muito engraçado… D'Emboise contra d'Emboise… Oh, mas e se eles não me reconhecessem mais? E se o próprio d'Emboise me confundisse com ele?

Ele se virou para um lavatório; apanhou uma toalha, molhou-a na bacia e a ensaboou e, em segundos, retirou a maquiagem do rosto e mudou o estilo em que seu cabelo estava penteado:

— Pronto — disse, mostrando-se para Angélique, com o mesmo aspecto que ela tinha visto na noite do assalto em Paris. — Sinto-me mais confortável para discutir com meu sogro assim.

— Aonde está indo? — exclamou ela, jogando-se na frente da porta.

— Ora, juntar-me aos cavalheiros.

— Não deixarei que passe!

— Por que não?

— E se eles o matarem?

— Matar-me?

— É o que querem fazer, matar você… esconder seu corpo em algum lugar… Quem ficaria sabendo?

— Muito bem — disse ele —, do ponto de vista deles, estão completamente certos. Mas, se eu não for até eles, eles virão aqui. Aquela porta não os impedirá… Nem você, imagino. Assim, é melhor terminar logo o assunto.

— Siga-me — ordenou Angélique.

Ela pegou a lamparina que iluminava o quarto, empurrou o guarda-roupa, que escorregou facilmente sobre rodas escondidas, puxou uma velha tapeçaria que estava pendurada e disse:

— Aqui há uma porta que não é usada há anos. Meu pai acredita que a chave foi perdida. Ela está comigo. Destranque a porta com ela. Uma escadaria na parede vai levá-lo à base da torre. Você só precisará tirar os parafusos de outra porta e estará livre.

Ele mal podia acreditar em seus ouvidos. Subitamente, ele compreendeu o significado de todo o comportamento de Angélique. De frente para aquele rosto triste e comum, mas incrivelmente gentil, ele ficou por um momento desconcertado, quase envergonhado. Não pensava mais em rir. Um sentimento de respeito, misturado com remorso e gentileza, tomou conta dele.

— Por que está me salvando? — sussurrou ele.

— Você é meu marido.

Ele protestou:

— Não, não… Eu roubei esse título. A lei nunca reconhecerá este casamento.

— Meu pai não quer um escândalo — ela observou.

— É verdade — ele respondeu, bruscamente —, é verdade. Eu previ isso; e é por isso que tinha seu primo d'Emboise por perto. Quando eu desaparecer, ele se torna seu marido. Ele é o homem com quem você se casou aos olhos dos homens.

— Você é o homem com quem me casei aos olhos da Igreja.

— Da Igreja! A Igreja! Há formas de resolver as coisas com a Igreja… Seu casamento pode ser anulado.

— Sob qual pretexto que possamos admitir?

Ele ficou calado, pensando nesses pontos que não tinha considerado, todos esses pontos que eram triviais e absurdos para ele, mas que eram sérios para ela, e repetiu várias vezes:

— Isso é terrível… é terrível… Eu deveria ter previsto…

E subitamente, tomado por uma ideia, ele bateu as mãos e exclamou:

— Pronto, já sei! Sou unha e carne com uma das pessoas mais importantes do Vaticano. O papa nunca recusa nada para mim. Vou conseguir uma audiência e não tenho dúvida alguma de que Sua Santidade, comovido por minhas súplicas…

Seu plano era tão engraçado, e seu deleite, tão ingênuo que Angélique não podia deixar de sorrir; e ela disse:

— Sou sua esposa aos olhos de Deus.

Ela olhou para ele sem demonstrar desprezo ou animosidade, nem mesmo raiva; e ele percebeu que ela deixou de ver nele o fora da lei e o malfeitor e se lembrava apenas do homem que era seu marido e com quem o sacerdote a unira até a hora de sua morte.

Ele deu um passo em sua direção e observou-a com mais atenção. Ela não abaixou os olhos a princípio. Mas corou. E ele nunca vira antes um rosto tão patético, marcado por tanta modéstia e dignidade. Ele disse para ela, assim como dissera naquela primeira noite em Paris:

— Oh, seus olhos… a calma e a tristeza dos seus olhos… a beleza dos seus olhos!

Ela baixou a cabeça e gaguejou:

— Vá embora… vá…

Vendo sua confusão, ele intuiu rapidamente os sentimentos mais profundos que a inquietavam, mesmo que ela não os percebesse. Para aquela alma solteirona, na qual ele reconhecia o poder romântico da imaginação, os anseios negligenciados, o quanto se debruçara sobre livros antiquados, ele subitamente representava, naquele momento excepcional e em consequência das circunstâncias pouco convencionais de seus encontros, alguém especial, um herói byroniano[25], um bandido cavalheiresco do romance. Uma noite, apesar de todos os obstáculos, ele, o

aventureiro mundialmente famoso, já enobrecido por músicas e histórias e exaltado por sua própria audácia, tinha vindo até ela e colocado a aliança mágica em seu dedo: um noivado místico e apaixonado, como nos dias de "O corsário" e *Hernani*[26]... Muito comovido e tocado, ele estava quase cedendo a um impulso entusiasmado e exclamando:

"Vamos fugir juntos! Vamos embora! Você é minha noiva... minha esposa... Viva comigo meus perigos, meus arrependimentos e minhas alegrias... Será uma vida estranha e vigorosa, orgulhosa e magnífica...".

Mas os olhos de Angélique estavam fitando os dele novamente; e eram tão puros e nobres que foi sua vez de corar. Esse não era o tipo de mulher a quem ele podia dizer essas palavras.

Ele sussurrou:

— Perdoe-me... Sou um desgraçado desprezível... Eu destruí sua vida...

— Não — respondeu ela suavemente. — Ao contrário, você me mostrou onde está a minha vida verdadeira.

Ele estava prestes a pedir que ela explicasse. Mas ela abrira a porta e estava mostrando o caminho para ele. Não havia mais nada a ser dito. Ele se foi sem nenhuma outra palavra, curvando-se bastante enquanto passava.

Um mês depois, Angélique de Sarzeau-Vendôme, princesa de Bourbon--Condé, esposa legítima de Arsène Lupin, tomou o hábito, sob o nome de irmã Marie-Auguste, e enterrou-se dentro do Convento da Visitação.

No dia de sua cerimônia, a madre superiora do convento recebeu um pesado envelope, selado, contendo uma carta com estas palavras:

Para os pobres da irmã Marie-Auguste.

No envelope havia quinhentas notas de mil francos.

---

[24] Um landaulet ou landaulette é um tipo de carroceria de carro semelhante a uma limusine, mas com a seção de passageiros coberta por uma capota conversível. Baseava-se em uma carruagem de estilo similar que era uma versão reduzida de um landau. (N. T.)

[25] Referência a lorde Byron, poeta britânico e uma das figuras mais influentes do romantismo. (N.T.)

[26] "O corsário", poema de lorde Byron, e *Hernani,* peça de Victor Hugo, ambos do período do Romantismo. (N.T.)

O prisioneiro invisível

Certa tarde, por volta das dezesseis horas, perto do anoitecer, o fazendeiro Goussot, com seus quatro filhos, voltava de um dia de caça. Eles eram homens robustos, todos os cinco, com pernas e braços longos, peitos largos e rostos marcados pelo sol e pelo vento. Todos exibiam, plantada em enormes pescoços e ombros, a mesma cabeça pequena com a testa curta, lábios finos, nariz adunco e um rosto duro com semblante desagradável. Eram temidos e detestados por todos ao redor. Eram uma família gananciosa e astuta; e não se podia confiar na palavra deles.

Ao chegar à velha mureta que cerca a propriedade Héberville, o fazendeiro abriu uma porta estreita e pesada, colocando a grande chave de volta em seu bolso depois de seus filhos passarem. E ele os seguiu pelo caminho que passava pelo pomar. Havia aqui e ali árvores grandes, desnudadas pelos ventos outonais, e grupos de pinheiros, os últimos sobreviventes do antigo parque que era agora coberto pela velha fazenda Goussot.

Um dos filhos disse:

— Espero que nossa mãe tenha colocado lenha na lareira.

— Tem fumaça saindo pela chaminé — disse o pai.

No final do gramado podiam-se ver os anexos e a casa principal; e, sobre eles, a igreja do vilarejo, cujo campanário parecia tocar as nuvens que passeavam pelo céu.

— Todas as armas estão descarregadas? — perguntou o velho Goussot.

— A minha não está — disse o mais velho. — Coloquei mais uma bala para explodir a cabeça de um tagarela qualquer…

Ele era um dos mais orgulhosos de suas habilidades. E disse para seus irmãos:

— Olhem aquele galho, no topo da cerejeira. Vejam-me parti-lo com tiro.

No galho havia um espantalho, que estava ali desde a primavera e protegia os galhos sem folhas com seus braços idiotas.

Ele ergueu a arma e disparou.

A figura foi caindo com gestos grandes e cômicos e ficou presa em um galho mais baixo, onde ficou deitada de barriga para baixo, com a grande cartola em sua cabeça de trapos e suas pernas cheias de palha balançando de um lado para outro sobre a água que passava pela cerejeira por uma gamela de madeira.

Todos eles riram. O pai aprovou:

— Um bom tiro, meu garoto. Além disso, aquele homenzinho já estava começando a me irritar. Não podia levantar os olhos do meu prato durante as refeições sem que visse aquele pateta…

Eles deram mais alguns passos. Não estavam a mais de trinta metros da casa quando o pai parou subitamente e disse:

— Olá! O que houve?

Os filhos também pararam e ficaram escutando. Um deles disse:

— Está vindo da casa… da rouparia…

E outro balbuciou:

— Parecem ser gemidos… E mamãe está sozinha!

Subitamente, ouviram um grito terrível. Todos correram. Outro grito, acompanhado por exclamações de aflição.

— Estamos aqui! Estamos chegando! — gritou o filho mais velho, que estava na frente.

E, como a porta ficava depois de uma curva, ele quebrou uma janela com os punhos e saltou para dentro do quarto dos pais. O cômodo seguinte era a rouparia, onde a mãe Goussot passava a maior parte do seu tempo.

— Maldição! — disse ele, vendo-a deitada no chão, com sangue espalhado por todo o rosto. — Pai! Pai!

— O quê? Onde ela está? — vociferou o velho Goussot, aparecendo na cena. — Deus do céu, o que é isso? O que fizeram com sua mãe?

Recompondo-se, ela gaguejou, com o braço esticado:

— Corram atrás dele! Por ali! Por ali! Eu estou bem… são só alguns arranhões… Mas corram, corram! Ele pegou o dinheiro.

O pai e os filhos se sobressaltaram:

— Ele levou o dinheiro! — gritou o velho Goussot, correndo para a porta que sua mulher apontava. — Ele levou o dinheiro! Parem o ladrão!

Mas o som de várias vozes surgiu do fim do corredor por onde os outros filhos vinham:

— Eu o vi! Eu o vi!

— Eu também! Ele subiu as escadas correndo.

— Não, ali está ele, está descendo novamente!

Uma corrida de obstáculos maluca balançou todos os andares da casa. O fazendeiro Goussot, ao chegar ao fim do corredor, viu um homem parado na porta da frente, tentando abri-la. Caso conseguisse, estaria seguro, escapando pela praça do mercado e pelas vielas do vilarejo.

Surpreendido enquanto tentava desaferrolhar a porta, o homem se desesperou, enlouqueceu, atacou o velho Goussot e derrubou-o, desviou do irmão mais velho e, seguido pelos quatro filhos, voltou pelo longo corredor, entrou no quarto do casal, pulou pela janela quebrada e desapareceu.

Os filhos correram atrás dele pelos gramados e pomares, agora escurecidos pela noite que caía.

— É o fim desse patife — riu o velho Goussot. — Ele não tem como escapar. Os muros são muito altos. É o fim dele, desse salafrário!

Os dois criados da fazenda chegaram do vilarejo nesse momento; ele contou a ambos o que tinha acontecido e deu uma arma a cada um deles:

— Se esse porco der as caras em qualquer lugar perto da casa — disse ele —, disparem contra ele. Sem misericórdia!

Ele indicou aos dois onde ficarem, foi certificar-se de que os portões da fazenda, que eram usados apenas para as carroças, estavam trancados, e somente nesse momento se lembrou de que sua mulher pudesse estar precisando de auxílio:

— Então, minha velha, o que houve?

— Onde ele está? Pegaram-no? — perguntou ela, esbaforida.

— Sim, estamos atrás dele. Os garotos já devem tê-lo capturado.

A notícia fez com que ela melhorasse bastante; e um gole de rum lhe deu a força para se arrastar até a cama, com a ajuda do velho Goussot, e contar sua história. Na verdade, não havia muito o que dizer. Ela acabara

de acender o fogo na sala e estava tricotando tranquilamente perto da janela do seu quarto, esperando que os homens voltassem, quando pensou ter ouvido um som de algo arranhando na rouparia ao lado:

"Devo ter deixado o gato lá dentro", pensou para si mesma.

Ela entrou, sem suspeitar de nada, e ficou surpresa ao ver as duas portas de um dos armários de roupas de cama, aquele onde guardavam o dinheiro, abertas. Foi até elas, ainda sem suspeitas. Havia um homem ali, escondido, com as costas contra as prateleiras.

— Mas como ele entrou? — perguntou o velho Goussot.

— Imagino que pela passagem. Nunca trancamos a porta de trás.

— E então ele a atacou?

— Não, eu o ataquei. Ele tentou fugir.

— Devia tê-lo deixado ir.

— E o dinheiro?

— Ele já tinha pego?

— Sim! Eu vi o punhado de notas nas mãos dele, o ladrãozinho! Só o deixaria escapar por cima do meu cadáver… Oh, tivemos uma boa briga, dou minha palavra!

— Então ele não tinha arma nenhuma?

— Não mais do que eu. Tínhamos nossos dedos, nossas unhas, nossos dentes. Olhe aqui, onde ele me mordeu. E eu gritei muito! Só que sou uma mulher velha, você sabe… Tive que largá-lo…

— Sabe quem era ele?

— Tenho quase certeza de que era o velho Trainard.

— Aquele vagabundo? Ora, é claro que é o velho Trainard! — gritou o fazendeiro. — Achei que o tinha reconhecido também… Além disso, ele andou por perto da casa nestes últimos três dias. O velho vagabundo deve ter sentido o cheiro do dinheiro. Ahá, Trainard, meu amigo, vamos nos divertir um pouco! Vamos dar uma lição nele primeiro; depois, a polícia… Muito bem, minha velha, consegue se levantar agora, não consegue? Então vá chamar os vizinhos… Peça que eles chamem os gendarmes… Aliás, o filho mais novo do advogado tem uma bicicleta… Como aquele velho Trainard correu! Ele tem pernas boas para a idade dele, isso sim. Corre como uma lebre!

Goussot segurava a barriga, rindo com o acontecido. Ele não arriscava nada esperando. Nenhum poder na terra ajudaria o vagabundo a escapar

ou o impediria de receber a surra que merecia e de ser levado, com uma escolta segura, para o presídio da cidade.

O fazendeiro pegou uma arma e saiu para falar com os criados:

— Alguma novidade?

— Não, fazendeiro Goussot, ainda não.

— Não teremos que esperar muito tempo. A não ser que o próprio diabo o carregue sobre os muros…

De vez em quando, ouviam os quatro irmãos chamando uns aos outros ao longe. O velho patife certamente estava dando trabalho, era mais ativo do que teriam imaginado. Mesmo assim, com sujeitos vigorosos como os irmãos Goussot…

Mas um deles voltou, parecendo bastante cabisbaixo, e não demorou para dizer sua opinião:

— Não adianta nada continuar procurando agora. Está escuro demais. O velho sujeito deve ter-se escondido em algum buraco. Vamos caçá-lo amanhã.

— Amanhã! Ora, garoto, deve ter perdido a cabeça! — protestou o fazendeiro.

O filho mais velho apareceu nesse momento, bastante ofegante, e tinha a mesma opinião que seu irmão. Por que não esperar até o dia seguinte, já que o rufião estava tão seguro dentro da propriedade quanto estaria em uma prisão?

— Ora, então eu mesmo vou — exclamou o velho Goussot. — Alguém me dê uma lanterna!

Mas, naquele momento, três gendarmes chegaram, e vários dos rapazes do vilarejo também vieram para ouvir as novidades.

O sargento dos gendarmes era um homem metódico. Primeiro, ele insistiu em ouvir a história inteira, com todos os detalhes; então, parou para pensar; depois, interrogou os quatro irmãos, separadamente, e não teve pressa com suas reflexões após cada depoimento. Quando lhe contaram que o vagabundo fugira em direção aos fundos da propriedade, que o perderam de vista repetidas vezes e que finalmente desaparecera perto de um lugar conhecido como a Colina do Corvo, ele meditou mais uma vez e anunciou sua conclusão:

— É melhor esperarmos. O velho Trainard pode escapar pelos nossos dedos no meio da confusão de uma perseguição no escuro, portanto, boa

noite a todos!

O fazendeiro deu de ombros e, xingando baixinho, cedeu aos argumentos do sargento. Este organizou uma guarda rigorosa, distribuiu os irmãos Goussot e os rapazes do vilarejo sob o comando de seus homens, certificou-se de que as escadas estavam trancadas e montou seu quartel-general na sala de jantar, onde ele e o fazendeiro Goussot se sentaram e deram cochilos com uma garrafa de conhaque.

A noite passou tranquilamente. A cada duas horas, o sargento fazia uma ronda e inspecionava os postos. Não houve nenhum alarme. O velho Trainard não saiu de seu buraco.

A batalha começou com o raiar do dia.

Durou quatro horas.

Nessas quatro horas, eles buscaram, exploraram e percorreram os treze acres de terra dentro dos muros em todas as direções com vinte homens, que bateram nos arbustos com gravetos, pisotearam a grama alta, revistaram troncos ocos de árvores e espalharam os montes de folhas secas. E o velho Trainard continuou invisível.

— Bem, isso não parece muito bom! — rosnou Goussot.

— Estou completamente perdido — respondeu o sargento.

E, de fato, não havia como explicar o fenômeno. Pois, no fim das contas, além de alguns loureiros e arbustos ornamentais, em que bateram com muito afinco, todas as outras árvores não tinham folhas. Não havia nenhuma construção, galpão, chaminé, enfim, nada que pudesse servir de esconderijo.

Quanto ao muro, uma inspeção cuidadosa convenceu até mesmo o sargento de que era impossível escalá-lo.

À tarde, as investigações começaram novamente na presença do juiz de instrução e do substituto do procurador público. Os resultados não foram melhores. Na verdade, ainda pior, os oficiais viram o assunto de forma tão suspeita que não puderam segurar o mau humor e perguntaram:

— Tem certeza, fazendeiro Goussot, que você e seus filhos não estavam alucinando?

— E a minha mulher? — respondeu o fazendeiro, vermelho de raiva. — Ela também alucinou quando o patife a estava enforcando? Vá ver as marcas, se duvida de mim!

— Muito bem. Mas então onde está o patife?

— Aqui, entre estes muros.

— Muito bem, então faça com que ele saia do seu esconderijo. Nós desistimos. Está muito claro que, se um homem estivesse escondido nas terras desta fazenda, nós já o teríamos encontrado.

— Eu juro que vou pôr minhas mãos nele, ou não me chamo Goussot! — gritou o fazendeiro. — Não vão sair por aí dizendo que me roubaram seis mil francos. Sim, seis mil! Eu tinha vendido três vacas e a colheita de trigo, e depois as maçãs. Seis mil francos em dinheiro, que eu ia levar ao banco. Bem, juro por Deus que é como se o dinheiro estivesse no meu bolso!

— Então está bem, e lhe desejo sorte — disse o juiz de instrução enquanto ia embora, seguido pelo substituto do procurador e pelos gendarmes.

Os vizinhos também se afastaram com um humor mais ou menos zombeteiro. E, no fim da tarde, não tinha sobrado ninguém além dos Goussots e os dois criados da fazenda.

O velho Goussot explicou seu plano imediatamente. Durante o dia, eles procurariam. À noite, montariam uma guarda incessante. Isso duraria o tempo que fosse necessário. Maldição, o velho Trainard era um homem como qualquer outro; e homens precisam comer e beber! O velho Trainard, portanto, precisaria sair de seu esconderijo para comer e beber.

— No máximo — disse Goussot —, ele pode ter alguns pedaços de pão em seus bolsos, ou até mesmo comer uma ou duas raízes durante a noite. Mas quanto ao que beber, não tem o que fazer. Só tem a nascente. E ele vai estar acabado se chegar perto dela.

Ele mesmo, naquela noite, tomou seu posto perto da nascente. Três horas depois, seu filho mais velho o rendeu. Os outros irmãos e os criados dormiram na casa, cada um responsável por seu turno de vigia e mantendo todas as lamparinas e velas acesas, para que não houvesse nenhuma surpresa.

E assim fizeram por catorze noites consecutivas. E, durante catorze dias, enquanto dois dos homens e a mãe Goussot ficavam de guarda, os outros cinco exploravam o terreno Héberville.

Ao cabo de duas semanas, não apareceu nenhum sinal.

O fazendeiro nunca desistiu. Ele mandou buscar um detetive-inspetor aposentado que vivia em uma cidade vizinha. O inspetor ficou com ele por uma semana inteira. E não encontrou o velho Trainard nem a menor pista

que pudesse lhes dar a menor esperança de encontrá-lo.

— Isso é um absurdo! — repetiu o fazendeiro Goussot. — Pois esse salafrário está aqui! Tanto quanto alguém pode estar em algum lugar, ele está aqui. Assim…

Colocando-se na porta, ele provocou o inimigo bradando o mais alto que podia:

— Seu completo idiota, prefere morrer no seu buraco a devolver o dinheiro? Então morra, seu porco!

E a mãe Goussot, por sua vez, gritou, com sua voz aguda:

— Está com medo da prisão? Devolva as notas e pode fugir.

Mas o velho Trainard não disse uma palavra; e o casal cansou os pulmões à toa.

Dias chocantes se passaram. Goussot não conseguia mais dormir e tremia de febre. Os filhos ficaram mais casmurros e briguentos e nunca largavam suas armas, sem pensar em nada além de atirar no vagabundo.

Era o único assunto no vilarejo; e a história dos Goussot, que a princípio era bastante local, em pouco tempo chegou à imprensa. Repórteres de jornais vinham da cidade grande, da capital, e eram grosseiramente mandados embora pelo fazendeiro.

— Cada macaco no seu galho — disse ele. — Cuidem dos seus problemas. Dos meus, cuido eu. Ninguém tem que ficar se metendo.

— Mesmo assim, fazendeiro Goussot…

— Vá para o inferno!

E batia a porta na cara deles.

O velho Trainard agora já estava escondido dentro dos muros de Héberville havia mais ou menos quatro semanas. Os Goussot continuavam sua busca com a mesma persistência e confiança de sempre, mas com a esperança diminuindo diariamente, como se estivessem enfrentando um desses obstáculos misteriosos que desencorajam o esforço humano. E a ideia de que nunca mais veriam o dinheiro começou a criar raízes neles.

Em uma bela manhã, por volta das dez horas, um automóvel, atravessando a praça do vilarejo a toda velocidade, quebrou e parou completamente.

O motorista, depois de uma inspeção cuidadosa, avisou que o conserto levaria algum tempo, e então o proprietário do carro resolveu aguardar na

pousada e almoçar. Ele era um cavalheiro que ainda não chegara aos quarenta anos, com suíças bem aparadas e uma expressão agradável no rosto; e em pouco tempo fez amizade com as pessoas na pousada.

Obviamente, contaram-lhe sobre a história dos Goussot. Ele ainda não a conhecia, já que estivera no exterior; mas ela pareceu interessá-lo imensamente. Ele fez com que lhe dessem todos os pormenores, levantou objeções, discutiu várias teorias com muitas pessoas que almoçavam na mesma mesa e terminou exclamando:

— Baboseira! Não pode ser tão complicado assim! Tenho experiência com esse tipo de coisa. E, se eu estivesse no local…

— Isso é fácil de resolver — disse o dono da pousada. — Conheço o fazendeiro Goussot… Ele não fará objeções…

O pedido foi feito e logo foi concedido. O velho Goussot estava em um daqueles estados de espírito em que estamos menos dispostos a protestar contra interferências de fora. Sua mulher, de qualquer forma, foi bem firme:

— Deixe que o cavalheiro venha se quiser.

O cavalheiro pagou sua conta e instruiu seu motorista a testar o carro na estrada principal assim que tivesse terminado os reparos:

— Precisarei de uma hora — disse ele —, não mais do que isso. Esteja pronto em uma hora.

Então ele foi até a casa do fazendeiro Goussot.

Não falou muito lá. O velho Goussot, muito esperançoso, apesar de tudo, tinha muitas informações e levou o visitante pelos muros até a pequena porta que dava para os campos, pegou a chave e deu detalhes minuciosos de todas as buscas que tinham sido feitas até o momento.

Estranhamente, o forasteiro, que mal falou, parecia também nem ouvir. Ele simplesmente olhou, com a expressão bem vazia. Quando tinham percorrido toda a propriedade, o velho Goussot perguntou, ansiosamente:

— E então?

— E então o quê?

— Acha que sabe?

O visitante ficou parado por um momento, sem responder. Então, disse:

— Não, nada.

— Ora, mas é claro que não! — exclamou o fazendeiro, jogando os braços para cima. — Como saberia? É tudo um absurdo. Devo dizer o que

eu acho? Bem, acho que o velho Trainard foi tão esperto que está morto em seu buraco… E as notas estão apodrecendo junto com ele. Está me ouvindo? Dou minha palavra.

O cavalheiro disse, com muita calma:

— Só há uma coisa que me interessa. O vagabundo, no fim das contas, estava livre à noite e podia se alimentar do que conseguisse pegar. Mas e quanto ao que podia beber?

— Fora de cogitação! — vociferou o fazendeiro. — Completamente fora de cogitação! Não tem água exceto esta; e mantivemos guarda ao lado dela toda noite.

— É uma nascente. De onde ela brota?

— Daqui, onde estamos.

— Tem pressão suficiente para que ela empoce sozinha?

— Sim.

— E para onde vai a água quando escapa da poça?

— Para este cano aqui, que fica subterrâneo e a leva para casa, para a usarmos na cozinha. Então não há como bebê-la, já que estávamos lá e já que a nascente fica a vinte metros da casa.

— Não choveu nas últimas quatro semanas?

— Nenhuma vez; já lhe disse isso.

O forasteiro foi até a nascente e a examinou. A gamela era feita de algumas tábuas de madeira juntas bem acima do chão; e a água passava por ela, lenta e limpa.

— A água não tem mais que trinta centímetros de profundidade, certo? — perguntou ele.

Para medir, ele pegou uma palha na grama e colocou-a na poça. Mas, enquanto se agachava, deteve-se subitamente e olhou em redor.

— Oh, que engraçado! — desatando a rir.

— O quê? Qual o problema? — arquejou o velho Goussot, correndo em direção à poça, como se um homem pudesse ter-se escondido entre as tábuas estreitas.

E a mãe Goussot apertou suas mãos.

— O que foi? O senhor o viu? Onde ele está?

— Não está aí dentro, nem embaixo — respondeu o forasteiro, que ainda ria.

Ele caminhou em direção à casa, ansiosamente seguido pelo fazendeiro, pela velha mulher e os quatro filhos. O dono da pousada também estava lá, assim como as pessoas que estiveram na pousada e observavam os movimentos do forasteiro. Fez-se um silêncio absoluto enquanto aguardavam pela conclusão extraordinária.

— É como pensei — disse ele, com uma expressão divertida. — O velho sujeito precisava matar sua sede em algum lugar; e, como só havia a nascente…

— Oh, mas veja bem — rosnou o fazendeiro Goussot —, nós o teríamos visto!

— Foi durante a noite.

— Nós o ouviríamos… e o veríamos também, já que estávamos perto.

— Ele também estava.

— E ele bebeu água da poça?

— Sim.

— Como?

— A uma certa distância.

— Com o quê?

— Com isto.

E o forasteiro mostrou a palha que pegara:

— Olhem, aqui está o canudo para a bebida a distância do consumidor. Pode perceber que é uma palha mais longa do que de costume: na verdade, são três palhas encaixadas umas nas outras. Essa foi a primeira coisa que percebi: essas três palhas presas umas nas outras. A prova é conclusiva.

— Maldição, isso é prova do quê? — exclamou Goussot, irritado.

O forasteiro pegou uma espingarda do suporte.

— Ela está carregada? — perguntou.

— Sim — disse o irmão mais novo. — Eu a uso para matar pardais, para me divertir. O calibre é pequeno.

— Perfeito! Um tiro que não vai machucá-lo vai ser suficiente.

Seu rosto subitamente assumiu uma expressão magistral. Ele agarrou o fazendeiro pelo braço e disse, com um tom imperioso:

— Ouça-me, fazendeiro Goussot. Não estou aqui para fazer o trabalho da polícia; e não vou fazer o pobre vagabundo ser preso a qualquer preço. Quatro semanas de fome e terror são suficientes para qualquer um. Então precisam me prometer, você e seus filhos, que vão deixá-lo ir sem machucá-

lo.

— Ele terá que devolver o dinheiro!

— Ora, mas é claro. Você promete?

— Prometo.

O cavalheiro voltou para a soleira, na entrada do pomar. Mirou rapidamente, apontando sua arma no ar, para a cerejeira que ficava por cima da nascente. Atirou. Ouviram um grito rouco vindo da árvore; e o espantalho que estivera encarapitado no galho maior há um mês caiu no chão, ficando de pé em um salto e correndo o mais rápido que suas pernas conseguiam.

Houve um momento de espanto, seguido por gritos. Os filhos saíram perseguindo-o e não demoraram muito para voltar com o fugitivo, já que os trapos e a privação o deixaram mais lento. Mas o forasteiro já o protegia contra a ira deles:

— Tirem as mãos dele! Este homem pertence a mim. Não permitirei que encostem nele… Espero não o ter machucado demais, Trainard.

Apoiado em suas pernas de palha amarradas com tiras de tecido rasgado, com seus braços e todo o corpo vestidos com o mesmo material, sua cabeça embrulhada em um pano, bem amarrado como uma linguiça, o velho homem ainda tinha a aparência rígida de um boneco. E o efeito somado era tão ridículo e inesperado que os espectadores rugiam com risadas.

O forasteiro desamarrou a cabeça dele; e então viram uma máscara velada de uma barba grisalha embaraçada invadindo todos os lados de um rosto esquelético iluminado por dois olhos queimando de febre.

Os risos ficaram ainda mais altos.

— O dinheiro! As seis notas! — vociferou o fazendeiro.

O forasteiro o manteve a distância:

— Um momento… Vamos devolver, não vamos, Trainard?

E, pegando sua faca e cortando toda a palha e os panos, ele brincou, alegremente:

— Seu pobre miserável, olhe como está! Mas como diabos conseguiu fazer isso? Deve ser extremamente esperto, ou então teve uma boa sorte absurda… Então, na primeira noite, usou o tempo de descanso que lhe deram para se vestir com esses trapos! Não foi uma ideia ruim. Quem suspeitaria de um espantalho? Eles estavam tão acostumados a vê-lo na

árvore! Mas, pobre velhinho, deve ter-se sentido tão desconfortável, deitado lá em cima, de barriga para baixo, com seus braços e pernas pendurados! O dia inteiro desse jeito! Que posição maldita! E como deve ter ficado nervoso quando se atrevia a mexer um membro, hein? E deve ter morrido de medo de dormir! E então precisava comer! E beber! Então ouvia a patrulha e sentia o cano da arma a um metro do seu rosto! *Brrrrr*! Mas a parte mais difícil de todas, você sabe, foi o seu canudo de palha! Dou minha palavra, quando penso naquilo, sem nenhum som, sem nenhum movimento, por assim dizer, você precisou pegar pedaços de palha da sua roupa, encaixar as pontas deles, colocar seu aparato na água e sugar aquele líquido paradisíaco gota a gota… Dou minha palavra, podia até gritar de admiração… Muito bem, Trainard… — Então acrescentou, entre dentes: — Só que está em um estado muito desagradável, meu bom homem. Não se lavou nenhuma vez neste mês, seu porco? No fim das contas, tinha toda a água que queria! Aqui, todos vocês, ele é responsabilidade de vocês agora. Vou lavar minhas mãos, é isso que farei.

O fazendeiro Goussot e seus quatro filhos agarraram a presa que o forasteiro deixava para eles:

— Agora, vamos lá, devolva o dinheiro.

Por mais confuso que estivesse, o vagabundo ainda conseguiu fingir espanto.

— Não se faça de idiota — rosnou o fazendeiro. — Vamos logo. Entregue as seis notas…

— O quê? O que quer de mim? — gaguejou o velho Trainard.

— O dinheiro… imediatamente…

— Que dinheiro?

— As notas.

— As notas?

— Ah, estou ficando cansado! Aqui, garotos…

Eles deitaram o velho sujeito no chão, rasgaram os trapos que ele vestia, tatearam-no e procuraram em seu corpo inteiro.

Não tinha nada com ele.

— Seu ladrão e bandido! — gritou o velho Goussot. — O que fez com o dinheiro?

O velho vagabundo parecia ainda mais confuso. Esperto demais para confessar, continuou choramingando:

— O que quer de mim? Dinheiro? Eu não tenho nem duas moedas para esfregar uma na outra…

Mas seus olhos, arregalados com incredulidade, continuavam fixos nas próprias roupas; e ele mesmo parecia não entender.

Os Goussot não podiam mais conter a ira. Eles começaram a bater nele, o que não melhorou as coisas. Mas o fazendeiro tinha certeza de que Trainard escondera o dinheiro antes de se transformar em espantalho:

— Onde você o colocou, seu salafrário? Diga logo! Em que parte do pomar o escondeu?

— O dinheiro? — repetiu o vagabundo com uma expressão estúpida.

— Sim, o dinheiro! O dinheiro que enterrou em algum lugar… Oh, se não o encontrarmos, sua batata vai assar! Temos testemunhas, não temos? Todos vocês, amigos, não é? Além do cavalheiro…

Goussot se virou, com a intenção de falar com o forasteiro, na direção da nascente, que estava trinta ou quarenta passos à esquerda. E ficou muito surpreso de não o ver lavando as mãos ali:

— Ele foi embora? — perguntou.

Alguém respondeu:

— Não, ele acendeu um cigarro e foi caminhar no pomar.

— Ah, tudo bem — disse o fazendeiro. — É capaz de ele encontrar as notas para nós, assim como encontrou esse homem.

— A não ser… — disse uma voz.

— A não ser o quê? — repetiu o fazendeiro. — O que quer dizer? Tem algo em mente? Diga logo! O que é?

Mas ele se interrompeu subitamente, tomado por uma dúvida; e houve um momento de silêncio. A mesma ideia passou por todos os camponeses. A chegada do forasteiro a Héberville, o seu carro parando de funcionar, a forma como interrogou as pessoas na pousada e como conseguiu entrar na fazenda: tudo isso não fazia parte de um trabalho, do truque de um salteador que viu a história nos jornais e que viera tentar sua sorte?

— Muito esperto da parte dele! — disse o dono da pousada. — Ele deve ter tirado o dinheiro do bolso do velho Trainard, bem na nossa frente, enquanto o revistava.

— Impossível! — arquejou o fazendeiro Goussot. — Teríamos visto ele indo embora por ali… Pela casa… Mas ele está caminhando pelo pomar.

A mãe Goussot, repentinamente, sugeriu:

— A portinha lá na ponta, lá no fim?

— A chave está sempre comigo.

— Mas você a mostrou para ele.

— Sim; e a peguei de volta… Veja, aqui está ela.

Ele bateu a mão no bolso e deu um grito:

— Maldição, não está aqui! Ele a roubou!

Saiu correndo imediatamente, seguido e escoltado por seus filhos e vários dos moradores do vilarejo.

Quando estavam na metade do caminho para o pomar, ouviram o rugir de um automóvel, obviamente aquele pertencente ao forasteiro, que dera ordens ao seu chofer para esperá-lo perto da entrada inferior.

Quando os Goussot chegaram à porta, viram rabiscadas com um pedaço de tijolo, na tábua deteriorada, duas palavras:

ARSÈNE LUPIN

Por mais que tentassem, os Goussot raivosos acharam impossível provar que o velho Trainard tivesse roubado algum dinheiro. Vinte pessoas precisaram testemunhar que, no fim das contas, não encontraram coisa alguma com ele. Ele escapou depois de alguns meses de reclusão pelo ataque.

Trainard não se arrependeu. Assim que foi solto, informaram-no em segredo que, a cada trimestre, a uma certa hora, sob certo marcador de uma certa estrada, ele encontraria três luíses de ouro.

Para um homem como o velho Trainard, isso significava riqueza.

Edith Pescoço de Cisne

— Arsène Lupin, qual sua verdadeira opinião sobre o inspetor Ganimard?

— Excelente, meu caro amigo.

— Excelente? Então por que você nunca perde a oportunidade de poder ridicularizá-lo?

— É um mau hábito; e sinto muito por ele. Mas o que posso dizer? É como o mundo funciona. Temos aqui um detetive decente, um grupo inteiro de homens decentes, que defendem a lei e a ordem, que nos protegem contra os inimigos e arriscam suas vidas pelas pessoas honestas como você e eu; e não temos nada para dar a eles em retorno a não ser zombaria e escárnio.

— Bravo, Lupin! Está falando como um pagador de impostos respeitável!

— E o que sou além disso? Posso ter visões peculiares sobre os bens de outras pessoas, mas lhe garanto que é bem diferente quando se trata dos meus. Céus, que ninguém encoste no que me pertence! Caso contrário, caçarei essa pessoa eternamente! Ahá! É o meu bolso, meu dinheiro, meu relógio… não encoste! Tenho a alma de um conservador, meu bom amigo, os instintos de um comerciante aposentado e o devido respeito por todo tipo de tradição e autoridade. E é por isso que Ganimard me inspira com bastante gratidão e estima.

— Mas não com muita admiração?

— Admiração o bastante, também. Além da coragem intrépida, que é natural para aqueles senhores do Departamento de Investigação Criminal, Ganimard possui qualidades bastante admiráveis: resolução, discernimento

e ponderação. Eu já o observei trabalhando. No fim das contas, ele é alguém a ser respeitado. Conhece a história da Edith Pescoço de Cisne, como foi chamada?

— O mesmo que todo mundo.

— O que significa que conhece muito pouco. Bem, aquele trabalho foi, ouso dizer, o que planejei mais astutamente, com o maior cuidado e a maior precaução, o que eu envolvi com a escuridão e o mistério mais absolutos, o que precisou de mais estratégia para ser levado a cabo. Foi como um jogo de xadrez, jogado de acordo com regras científicas e matemáticas muito rigorosas. E mesmo assim Ganimard terminou desatando o nó. Graças a ele, hoje sabem a verdade no Quai des Orfèvres. E é uma verdade muito incomum, eu lhe garanto.

— Poderei ouvi-la?

— Certamente… um dia desses… quando eu tiver tempo… Mas a Brunelli está dançando na Ópera hoje à noite; e se ela não me vir no meu camarote…

Eu não vejo Lupin com muita frequência. Ele dificilmente faz confissões, só quando lhe convém. Assim, foi apenas gradualmente, aos pedaços, com pequenos detalhes de confidências, que consegui obter os diferentes incidentes e completar a história com todos os seus detalhes.

Os elementos principais são bem conhecidos, portanto mencionarei apenas os fatos.

Há três anos, quando o trem de Brest chegou a Rennes, encontraram a porta de um dos vagões de carga destruída. Esse vagão fora reservado pelo coronel Sparmiento, um brasileiro rico, que viajava com sua esposa. Lá dentro havia um conjunto completo de tapeçarias. O baú que levava uma delas fora arrombado, e a tapeçaria desaparecera.

O coronel Sparmiento decidiu processar a empresa ferroviária, requerendo indenização por perdas e danos, não só pela tapeçaria roubada, mas também pela perda de valor sofrida pela coleção por causa do roubo.

A polícia abriu inquéritos. A empresa ofereceu uma grande recompensa. Quinze dias depois, uma carta que se abrira no correio foi lida pelas autoridades e revelou o fato de que o roubo fora realizado a pedido de Arsène Lupin e que um pacote iria para os Estados Unidos no dia seguinte. Na mesma noite, a tapeçaria foi encontrada em um baú guardado no bengaleiro da estação Saint-Lazare.

O plano, portanto, dera errado. Lupin ficara tão decepcionado que descontou seu mau humor em uma missiva para o coronel Sparmiento, terminando com as seguintes palavras, claras o bastante para qualquer pessoa:

Foi muito cortês da minha parte ter pego apenas uma. Da próxima vez pegarei as doze.

Para um bom entendedor…

A. L.

O coronel Sparmiento morava havia alguns meses em uma casa no fim de uma pequena praça na esquina da Rua de la Faisanderie com a Rua Dufresnoy. Ele era um homem bastante forte e espadaúdo, com cabelo negro e uma pele morena, sempre bem vestido, de maneira sóbria. Era casado com uma inglesa muito bonita, mas delicada, que ficara muito transtornada com toda a situação das tapeçarias. Desde o começo ela implorou ao marido que as vendesse pelo preço que conseguissem. O coronel tinha uma natureza irritadiça e obstinada demais para ceder ao que tinha todo o direito de descrever como caprichos femininos. Ele não vendeu nenhuma delas, mas redobrou suas precauções e adotou todas as medidas que impossibilitariam um assalto.

Para começar, para que pudesse limitar sua vigilância à fachada do jardim, ele emparedou todas as janelas do térreo e do primeiro andar que davam para a Rua Dufresnoy. Depois, contratou os serviços de uma firma especializada em proteger casas contra roubos. Todas as janelas da galeria em que as tapeçarias estavam penduradas receberam alarmes invisíveis contra ladrões, cuja posição apenas ele sabia. Ao menor toque, os alarmes acendiam todas as luzes elétricas e acionavam todo um sistema de sinos e campainhas.

Além disso, as companhias de seguro que ele contratou recusaram-se a se comprometer com qualquer quantia considerável a não ser que deixasse três homens, escolhidos pelas empresas e pagos por ele, patrulhar o térreo da casa toda noite. Escolheram para essa tarefa três ex-detetives, homens experientes e confiáveis, que odiavam Lupin como se fosse um veneno. Quanto aos criados, o coronel os conhecia há anos e estava disposto a pôr sua mão no fogo por eles.

Depois de tomar essas providências e organizar a defesa da casa como se fosse uma fortaleza, o coronel deu uma grande festa, um tipo de exibição privativa, para a qual convidou os sócios de seus dois clubes, assim como várias damas, jornalistas, patronos e críticos de arte.

Os convidados sentiram, conforme entravam pelo portão do jardim, como se estivessem entrando em uma prisão. Os três detetives particulares, postados ao pé das escadas, pediam o convite de cada visitante e olhavam para eles de cima a baixo com desconfiança, fazendo-os sentir como se fossem revistá-los ou colher suas impressões digitais.

O coronel, que recebeu seus convidados no primeiro andar, desculpou-se rindo e parecia deleitado pela oportunidade de explicar as medidas que tinha inventado para garantir a segurança das tapeçarias. Sua mulher estava ao seu lado, parecendo encantadoramente bela e jovem, com seu cabelo claro, pálida e sinuosa, a expressão triste e gentil, uma expressão de resignação geralmente estampada no rosto daqueles ameaçados pelo destino.

Depois que todos os convidados chegaram, os portões e as portas do saguão foram fechados. Então todos entraram em fila na galeria central, à qual se chegava por duas portas de aço, enquanto as janelas, com seus postigos enormes, eram protegidas por barras de ferro. As doze tapeçarias ficavam ali.

Eram obras de arte incomparáveis e, inspiradas na famosa Tapeçaria Bayeux[27], atribuída à rainha Matilda, representavam a história da conquista normanda. Tinham sido encomendadas no século XIV pelo descendente de um homem de armas da comitiva de Guilherme, o Conquistador[28]; e foram feitas por Jehan Gosset, um tecelão famoso de Arras; foram descobertas, quinhentos anos depois, em uma velha mansão bretã. Ao ficar sabendo disso, o coronel as comprara em uma barganha por cinquenta mil francos. Elas valiam dez vezes mais.

Mas a melhor das tapeçarias do conjunto, a mais incomum porque o tema não era relativo à rainha Matilda, era aquela que Arsène Lupin roubara e que felizmente fora recuperada. Ela retratava Edith Pescoço de Cisne no campo de batalha de Hastings, procurando entre os cadáveres o corpo de seu amado Harold, o último rei dos saxões.

Os convidados estavam perdidos no entusiasmo por essa tapeçaria, pela beleza não sofisticada do desenho, as cores desbotadas, o agrupamento

realista de figuras e a tristeza lastimável da cena. A pobre Edith Pescoço de Cisne estava com a cabeça baixa como um lírio pesado demais. Seu traje branco revelava os traços de seu corpo lânguido. As mãos longas e finas apareciam esticadas em um gesto de terror e súplica. E nada poderia ser mais pesaroso que seu perfil, no qual se via o sorriso mais abatido e desesperado.

— Um sorriso angustiante — observou um dos críticos, ouvido pelos outros com deferência. — Um sorriso muito encantador, também; ele me lembra, coronel, do sorriso da senhora Sparmiento.

E, percebendo que a ideia fora recebida com aprovação, ele explicou melhor:

— Existem outros pontos de semelhança que percebi imediatamente, como a curva bastante graciosa do pescoço e a delicadeza das mãos… E também algo sobre a figura, sobre a atitude como um todo…

— O que diz é tão verdadeiro — disse o coronel — que confesso ter comprado as tapeçarias por causa dessa semelhança. E houve outro motivo: por um curioso acaso, o nome da minha esposa é Edith. Eu a chamo de Edith Pescoço de Cisne desde então. — E o coronel acrescentou, rindo: — Espero que as coincidências terminem por aí e que minha querida Edith nunca precise ir em busca do corpo de seu amado, como a original.

Ele riu ao dizer essas palavras, mas sua risada não contagiou os visitantes; e temos a mesma impressão de silêncio constrangido em todos os relatos daquela noite que surgiram nos dias seguintes. As pessoas que estavam próximas a ele não sabiam o que dizer. Uma delas tentou brincar:

— Seu nome não é Harold, é, coronel?

— Não, graças a Deus — afirmou ele, ainda alegre. — Não, esse não é meu nome; nem tenho nenhuma semelhança com o rei saxão.

Todos desde então concordaram em afirmar que naquele momento, assim que o coronel terminou de falar, o primeiro alarme das janelas soou. Se da janela à direita ou da janela no meio, as opiniões quanto a isso são diferentes. Foi uma nota curta e aguda. O estrépito do alarme foi seguido por uma exclamação de terror da senhora Sparmiento, que agarrou o braço do marido. Ele exclamou:

— Qual o problema? O que isso significa?

Os convidados ficaram imóveis, encarando as janelas. O coronel repetiu:

— O que isso significa? Não compreendo. Ninguém além de mim sabe onde está o alarme…

E naquele momento, aqui também a evidência é unânime, naquele momento caiu uma escuridão repentina e absoluta, seguida imediatamente pelo estardalhaço enlouquecedor de todos os sinos e campainhas, da casa inteira, em todos os cômodos e janelas.

Por alguns segundos reinou uma desordem estúpida, um terror insano. As mulheres gritavam. Os homens esmurravam as portas fechadas. Eles corriam e se chocavam. Pessoas caíam no chão e eram pisoteadas. Era como uma multidão tomada pelo pânico, assustada por chamas ameaçadoras ou pelo disparo de um tiro. E, acima do clamor, ouvia-se a voz do coronel, bradando:

— Calados! Não se mexam! Está tudo bem! O interruptor fica aqui no canto… Esperem um pouco… Pronto!

Ele abriu caminho entre seus convidados e chegou a um canto da galeria; instantaneamente a luz elétrica se acendeu novamente, e o pandemônio de sinos parou.

Então, na luz repentina, todos tiveram uma visão estranha. Duas damas haviam desmaiado. A senhora Sparmiento, pendurada no braço do seu esposo, com os joelhos arrastando no chão e o rosto lívido, parecia quase morta. Os homens, pálidos, com as gravatas tortas, pareciam todos ter estado em combate.

— As tapeçarias estão ali! — gritou alguém.

Houve uma grande surpresa, como se o desaparecimento delas fosse o resultado natural e única explicação plausível do incidente. Mas nada tinha saído do lugar. Alguns quadros valiosos, pendurados nas paredes, ainda estavam lá. E, apesar de o estardalhaço ter reverberado pela casa inteira, apesar de todos os cômodos terem sido jogados na escuridão, os detetives não viram ninguém entrar ou tentar entrar.

— Além disso — disse o coronel —, apenas as janelas da galeria têm alarmes. Ninguém além de mim sabe como eles funcionam; e eu ainda não os tinha acionado.

As pessoas riram bastante de como tinham se assustado, mas riram sem convicção e de maneira um tanto envergonhada, pois todos percebiam claramente o despropósito do comportamento dele. E todos pensavam na mesma coisa: em sair dessa casa onde, independentemente do que se

dissesse, a atmosfera era de uma ansiedade agonizante.

Entretanto, dois jornalistas ficaram para trás; e o coronel juntou-se a eles, depois de ajudar Edith e deixá-la aos cuidados de suas criadas. Os três, acompanhados pelos detetives, fizeram uma busca que não levou a qualquer descoberta interessante. Então o coronel mandou buscar champanhe; e o resultado foi que apenas bem tarde, às quinze para as três, para sermos exatos, os jornalistas se despediram, o coronel foi para seus aposentos, e os detetives se retiraram para o cômodo designado para eles no térreo.

Eles patrulharam em turnos, uma patrulha que consistia em, primeiramente, ficar acordado e, em segundo lugar, vigiar o jardim e visitar a galeria em intervalos.

Essas instruções foram seguidas com muito rigor, exceto entre as cinco e as sete horas, quando o sono venceu a batalha e os homens não foram em suas rondas. Mas já era plena luz do dia do lado de fora. Além disso, se houvesse o menor som de campainha, eles não acordariam?

Mesmo assim, quando um deles, às sete e vinte, abriu a porta da galeria e os postigos, viu que as tapeçarias tinham desaparecido.

Esse homem e os outros foram culpados posteriormente por não terem dado o alarme imediatamente e por começar suas próprias investigações antes de informar ao coronel e telefonar para o comissário local. Ainda assim, mal se pode dizer que esse atraso muito justificável atrapalhou a ação da polícia. De qualquer forma, o coronel não ficou sabendo até as oito e meia. Ele já estava vestido e pronto para sair. A notícia não pareceu perturbá-lo excessivamente, ou pelo menos ele conseguiu controlar sua emoção. Mas o esforço deve ter sido demasiado, pois subitamente desabou em uma cadeira e, por alguns momentos, cedeu a um grave acesso de desespero e angústia, muito doloroso de se ver em um homem com sua aparência resoluta.

Quando se recuperou e se controlou, ele foi à galeria, encarou as paredes vazias e então sentou-se a uma mesa e escreveu apressadamente uma carta, colocou-a em um envelope e o selou.

— Pronto — disse. — Estou com pressa… Tenho um compromisso importante. Aqui está uma carta para o comissário de polícia. — E acrescentou, ao notar os olhos dos detetives sobre ele: — Estou contando ao comissário minha opinião… dizendo sobre uma suspeita que me ocorreu…

Ele deve verificá-la… Eu farei o possível…

O coronel saiu de casa correndo, com gestos excitados dos quais os detetives se lembrariam depois.

Alguns minutos depois, o comissário de polícia chegou. Ele recebeu esta carta:

Estou no fim da minha corda. O roubo dessas tapeçarias completa a falência que tenho tentado esconder neste último ano. Eu as comprei para especular, e esperava conseguir um milhão de francos por elas, graças ao alarde que foi feito a respeito. Dessa forma, um americano me ofereceu seiscentos mil. Significou minha salvação. Isso é minha destruição completa.

Espero que minha querida esposa perdoe o sofrimento que estou trazendo a ela. Seu nome estará em meus lábios em meu último segundo.

A senhora Sparmiento foi informada. Ela ficou estarrecida enquanto inquéritos foram abertos e tentaram seguir os movimentos do coronel.

No fim da tarde, uma mensagem telefônica chegou da Ville-d'Avray. Um grupo de ferroviários achara o corpo de um homem jogado na entrada de um túnel depois que um trem tinha passado. O corpo estava horrivelmente mutilado; o rosto perdera qualquer semelhança com algo humano. Não havia documentos nos bolsos. Mas a descrição era semelhante à do coronel.

A senhora Sparmiento chegou de carro à Ville-d'Avray às dezenove horas. Ela foi levada a uma sala da estação ferroviária. Quando o lençol que cobria o corpo foi removido, Edith, Edith Pescoço de Cisne, reconheceu o cadáver do marido.

Nessas circunstâncias, Lupin não recebeu suas boas notícias costumeiras pela imprensa.

"Ele que tome cuidado!", zombou um colunista, resumindo a opinião geral. "Não vai precisar de muitas proezas desse tipo para que perca a popularidade que recebeu de bom grado até agora. Não precisamos de Lupin, a não ser quando suas malandragens são perpetradas à custa de financistas desonestos, aventureiros estrangeiros, barões alemães, bancos e empresas financeiras. E, acima de tudo, não precisamos de assassinatos! Podemos aturar um assaltante; mas um assassino, não! Se ele não for

diretamente culpado, é no mínimo responsável por essa morte. Suas mãos estão sujas de sangue; as armas de seu brasão estão manchadas de carmesim…”.

A raiva e o desprezo públicos aumentaram com a pena que o rosto de Edith despertava. Os convidados da noite anterior deram sua versão do que acontecera, sem omitir nenhum dos detalhes impressionantes; e uma lenda se formou instantaneamente em volta da inglesa de cabelo claro, uma lenda que adotava um caráter muito trágico, em razão da popular história da heroína com pescoço de cisne.

E mesmo assim o público não podia deixar de admirar a habilidade extraordinária com a qual o roubo fora efetuado. A polícia explicou, depois de um tempo. Os detetives perceberam desde o começo e depois revelaram que uma das janelas da galeria estava escancarada. Não havia dúvida de que Lupin e seus comparsas entraram por ela. Parecia uma sugestão muito plausível. Mesmo assim, nesse caso, como conseguiram, em primeiro lugar, escalar as grades do jardim, para entrar e sair, sem ser vistos; em segundo lugar, atravessar o jardim e colocar uma escada contra o canteiro de flores, sem deixar nenhum rastro; e, finalmente, abrir os postigos e a janela, sem disparar as campainhas nem acender as luzes da casa?

A polícia acusou os três detetives de serem cúmplices. O juiz encarregado do caso os examinou exaustivamente, inquiriu suas vidas minuciosamente e declarou formalmente que estavam acima de qualquer suspeita. Quanto às tapeçarias, parecia não haver esperança de que fossem recuperadas.

Foi nesse momento que o inspetor-chefe Ganimard voltou da Índia, onde estivera perseguindo Lupin com base em várias provas muitíssimo convincentes fornecidas por antigos comparsas do próprio Lupin. Sentindo que mais uma vez fora trapaceado por seu eterno adversário, e acreditando completamente que Lupin o tinha enviado a essa busca inútil para se livrar dele durante o caso das tapeçarias, ele pediu uma licença de quinze dias, Ganimard visitou a senhora Sparmiento e prometeu vingar seu marido.

Edith tinha chegado ao ponto em que nem mesmo o pensamento de vingança diminui a dor. Ela dispensou os três detetives no dia do funeral e contratou apenas um homem e uma velha criada e cozinheira para substituir a grande equipe de criados que a faziam lembrar muito cruelmente do passado. Sem se importar com o que aconteceria, manteve-

se em seus aposentos e deixou Ganimard livre para agir como quisesse.

Ele se instalou no térreo e imediatamente começou uma série de investigações extremamente minuciosas. Recomeçou o inquérito, interrogou as pessoas na vizinhança, estudou a distribuição dos cômodos e acionou cada um dos alarmes trinta, quarenta vezes.

Ao fim de quinze dias, ele pediu uma prorrogação da licença. O chefe do serviço de detetives, que naquela época era o senhor Dudouis, veio vê-lo e encontrou-o encarapitado no topo de uma escada, na galeria. Naquele dia o inspetor-chefe admitiu que todas as suas buscas tinham se provado inúteis.

Entretanto, dois dias depois, o senhor Dudouis visitou-o novamente e encontrou Ganimard em um estado de espírito muito pensativo. Uma pilha de jornais estava espalhada na frente dele. Finalmente, respondendo às perguntas urgentes de seu superior, o inspetor-chefe murmurou:

— Não sei de coisa alguma, chefe, de absolutamente nada; mas há uma ideia confusa me perturbando… Só que parece ser tão absurdo… E não explica as coisas… Ao contrário, só as confunde ainda mais…

— E então?

— Então eu peço, chefe, que tenha um pouco de paciência… Deixe que eu faça as coisas ao meu modo. Mas, se eu ligar para o senhor algum dia, deve entrar em um táxi sem perder um só segundo. Vai significar que descobri o segredo.

Passaram-se quarenta e oito horas. E então, certa manhã, Dudouis recebeu um telegrama:

Estou indo para Lille.
Ganimard.

— E que diabos ele vai fazer em Lille? — perguntou-se o detetive-chefe.

O dia se passou sem notícias, seguido por outro dia. Mas Dudouis confiava inteiramente em Ganimard. Ele conhecia seu homem, sabia que o velho detetive não era daquelas pessoas que se empolgavam à toa. Quando Ganimard "tomava uma atitude", significava que tinha razões sensatas para isso.

Na verdade, na noite do segundo dia, Dudouis recebeu um telefonema.

— É o senhor, chefe?

— É Ganimard que está falando?

Os dois, sendo homens cautelosos, primeiramente se asseguraram da identidade um do outro. Assim que estavam satisfeitos, Ganimard continuou, com pressa:

— Dez homens, chefe, imediatamente. E, por favor, venha o senhor também.

— Onde está?

— Na casa, aqui em Paris, no térreo. Mas esperarei por vocês na entrada do portão.

— Vou imediatamente. De táxi, certamente?

— Sim, chefe. Pare o táxi a cinquenta metros da casa. Abrirei o portão quando o senhor assobiar.

As coisas aconteceram como Ganimard pediu. Pouco depois da meia-noite, quando todas as luzes dos andares superiores estavam apagadas, ele esgueirou-se para a rua e encontrou Dudouis. Houve uma conversa apressada. Os oficiais se postaram da maneira indicada por Ganimard. E então o chefe e o inspetor-chefe voltaram juntos, sem fazer barulho, atravessaram o jardim e usaram todas as precauções possíveis:

— Bem, e o que é tudo isso? — perguntou Dudouis. — O que significa tudo isso? Dou minha palavra, parecemos um par de conspiradores!

Mas Ganimard não estava rindo. Seu chefe nunca o vira em tal estado de perturbação nem jamais o ouvira falar em uma voz tão excitada:

— Alguma novidade, Ganimard?

— Sim, chefe, e… dessa vez… Mas eu mesmo mal consigo acreditar… E ainda assim não estou enganado: sei a verdade… Pode parecer extremamente improvável, mas é a verdade, apenas a verdade, nada mais que a verdade.

Ele secou as gotas de suor que desciam por sua testa e, depois de outra pergunta do chefe Dudouis, controlou-se, tomou um copo d'água e começou:

— Lupin geralmente me passa a perna…

— Escute aqui, Ganimard — disse Dudouis, interrompendo-o. — Não podemos ir direto ao ponto? Diga-me, em duas palavras, o que houve.

— Não, chefe — respondeu o inspetor-chefe —, é essencial que o senhor saiba as diferentes etapas por que passei. Desculpe-me, mas considero isso indispensável. — E retomou: — Como dizia, chefe, Lupin geralmente me passa a perna e me fez de bobo muitas vezes. Mas, nessa

competição em que eu sempre saio perdendo… até hoje… eu pelo menos adquiri experiência sobre a forma como ele joga e aprendi a conhecer suas táticas. Agora, nesse caso das tapeçarias, ocorreu-me desde o começo que havia dois problemas. Em primeiro lugar, Lupin, que nunca age sem saber o que procura, obviamente sabia que o coronel Sparmiento tinha chegado à falência e que a perda das tapeçarias poderia levá-lo ao suicídio. Não obstante, Lupin, que odeia a ideia de derramamento de sangue, roubou as tapeçarias.

— Houve o incentivo dos quinhentos ou seiscentos mil francos que elas valem — objetou Dudouis.

— Não, chefe, digo novamente, independentemente da ocasião, Lupin não tiraria uma vida, ou causaria a morte de alguém, por nada neste mundo, nem por milhões e milhões. Esse é o primeiro ponto. Em segundo lugar, qual era o objetivo de toda aquela perturbação, à noite, durante a festa? Obviamente, para mergulhar toda a situação em uma atmosfera de ansiedade e terror, no menor tempo possível, e também para desviar qualquer suspeita da verdade, que, caso contrário, poderia facilmente ser suspeita, não acha? Parece não estar entendendo, chefe.

— Dou minha palavra que não estou!

— Para ser sincero — disse Ganimard —, para ser sincero, não é muito claro. E eu mesmo, quando coloquei o problema diante de mim com essas mesmas palavras, não o entendi muito claramente… Ainda assim, sentia que estava na direção certa… Sim, não havia dúvida de que Lupin queria afastar suspeitas… Afastá-las na direção dele mesmo, Lupin, veja bem… Para que a verdadeira pessoa que estivesse cuidando desse caso pudesse continuar escondida…

— Um comparsa — sugeriu Dudouis. — Um comparsa, disfarçado entre os visitantes, que disparou os alarmes… E que conseguiu se esconder na casa depois de a festa terminar.

— Está esquentando, chefe, está esquentando! É certo que as tapeçarias, como não poderiam ter sido roubadas por alguém entrando sorrateiramente na casa, foram roubadas por alguém que ficou lá dentro; e é igualmente certo que, ao fazer uma lista das pessoas convidadas e investigando os antecedentes de cada uma delas, pode-se…

— E então?

— Então há um “mas”, chefe, a saber, que os três detetives estavam com a lista em mãos quando os convidados chegaram e continuaram com ela quando eles foram embora. E sessenta e três pessoas entraram e as mesmas sessenta e três foram embora. Então, o senhor percebe…

— Então acha que foi um dos criados?

— Não.

— Os detetives?

— Não.

— Mas então… mas então… — disse o chefe com impaciência —, se o roubo foi cometido de dentro…

— Não há qualquer dúvida quanto a isso — afirmou o inspetor, cuja empolgação estava quase febril. — De forma nenhuma. Todas as minhas investigações levaram à mesma certeza. E a minha convicção gradualmente tornou-se tão positiva que terminei, um dia, criando esse axioma surpreendente: na teoria e na verdade, o roubo só pode ter sido cometido com o auxílio de um cúmplice que estivesse na casa. Embora não houvesse cúmplice algum!

— Isso é absurdo — disse Dudouis.

— Bastante absurdo — disse Ganimard. — Mas, no momento em que disse essa sentença absurda, a verdade surgiu na minha frente.

— Hein?

— Oh, uma verdade bem obscurecida, bem incompleta, mas ainda assim suficiente! Com essa pista para me guiar, eu encontraria o caminho. Está me acompanhando, chefe?

Dudouis estava sentado em silêncio. O mesmo fenômeno que acontecera com Ganimard evidentemente acontecia com ele também. Ele murmurou:

— Se não é um dos convidados, nem um dos criados, nem um dos detetives particulares, então não sobra ninguém…

— Sim, chefe, sobra uma pessoa…

Dudouis sobressaltou-se como se tivesse levado um choque; e, com uma voz que demonstrava sua animação, disse:

— Mas, veja bem, isso é um absurdo.

— Por quê?

— Ora, pense bem!

— Vamos, chefe: diga o que está pensando.

— Não faz sentido! O que quer dizer?

— Vamos lá, chefe.

— É impossível! Como Sparmiento pode ter sido o cúmplice de Lupin?

Ganimard deu um risinho.

— Exatamente, cúmplice de Arsène Lupin! Isso explica tudo. Durante a noite, enquanto os três detetives estavam no andar de baixo vigiando, ou melhor, dormindo, pois o coronel dera champanhe a eles e talvez tenha o adulterado de antemão, o próprio coronel tirou as tapeçarias da parede e as passou pela janela do seu quarto. O quarto fica no segundo andar e dá para outra rua, que não era vigiada, porque as janelas mais baixas estão emparedadas.

Dudouis refletiu e depois deu de ombros:

— Isso é um absurdo! — repetiu.

— Por quê?

— Por quê? Porque, se o coronel fosse o cúmplice de Arsène Lupin, ele não teria cometido suicídio depois de ter sido bem-sucedido.

— Quem disse que ele cometeu suicídio?

— Ora, ele foi encontrado morto nos trilhos!

— Eu lhe disse, não existe isso de morte com Lupin.

— Mesmo assim, isso era bastante plausível. Além disso, a senhora Sparmiento identificou o corpo.

— Imaginei que diria isso, chefe. Esse argumento também me preocupou. Lá estava eu, de repente, com três pessoas diante de mim em vez de só uma: em primeiro lugar, Arsène Lupin, golpista; depois, o coronel Sparmiento, seu cúmplice; e finalmente, um cadáver. Meu Deus! Era coisa demais!

Ganimard pegou uma pilha de jornais, desamarrou-a e deu um deles para Dudouis:

— Lembra-se, chefe, de que, da última vez que esteve aqui, eu estava olhando os jornais? Eu queria ver se tinha acontecido algo, nesse período, que poderia ter influência no caso e confirmar minhas suspeitas. Por favor, leia este parágrafo.

Dudouis pegou o jornal e leu em voz alta:

Nosso correspondente em Lille nos informa que um curioso incidente ocorreu na cidade. Um cadáver desapareceu do necrotério local, o

cadáver de um homem desconhecido que se jogara sob as rodas de um bonde no dia anterior. Ninguém consegue sugerir um motivo para esse desaparecimento.

Dudouis pensou por um tempo e então perguntou:

— Então… acredita que…?

— Acabei de voltar de Lille — respondeu Ganimard —, e minha investigação não deixa dúvida alguma para mim. O cadáver desapareceu na mesma noite em que o coronel Sparmiento deu sua festa. Foi levado direto para a Ville-d'Avray de automóvel; e o carro ficou perto do trilho até a noite.

— Próximo ao túnel, portanto — disse Dudouis.

— Ao lado, chefe.

— Então o corpo encontrado é simplesmente esse, vestido com as roupas do coronel Sparmiento.

— Precisamente, chefe.

— Então o coronel Sparmiento não está morto?

— Não mais que eu ou o senhor, chefe.

— Mas então, para que todas essas complicações? Para que o roubo da tapeçaria, seguido pela recuperação dela, seguido pelo roubo de todas as doze? Para que a festa? Para que a perturbação? Para que tudo isso? Sua história está cheia de furos, Ganimard.

— Só porque o senhor, assim como eu, parou na metade do caminho; porque, por mais estranha que a história já pareça, precisamos ir ainda mais longe, muito mais longe, na direção do improvável e do espantoso. E por que não, no fim das contas? Lembre-se de que estamos lidando com Arsène Lupin. Com ele, não estamos sempre procurando pelo improvável e pelo espantoso? Não temos que ir diretamente para as suposições mais insanas? E, quando digo mais insanas, estou usando as palavras erradas. Pelo contrário, a situação toda é tão incrivelmente lógica e simples que uma criança conseguiria entender. Comparsas só servem para trair você. Para que confiar em comparsas quando é tão fácil e natural agir você mesmo, sozinho, com suas próprias mãos e com os recursos ao seu alcance?

— O que está dizendo? O que está dizendo? O que está dizendo? — espantou-se Dudouis, com uma voz cantada e um tom de confusão que aumentava com cada frase.

Ganimard riu novamente.

— Isso o deixa sem ar, não é, chefe? Deixou-me sem ar também, no dia em que veio me ver aqui quando a ideia começava a se formar na minha mente. Eu estava estupefato e aturdido. E isso porque já tive a experiência do outro lado. Sei do que ele é capaz… Mas isso, não, isso era demais!

— É impossível! É impossível! — protestou Dudouis, em voz baixa.

— Ao contrário, chefe, é bem possível, bem lógico e bem comum. É a encarnação tripla do mesmo indivíduo. Um garoto de escola resolveria o problema em um minuto, com o simples processo de eliminação. Elimine o homem morto: restam Sparmiento e Lupin. Elimine Sparmiento…

— Resta Lupin — murmurou o detetive-chefe.

— Sim, chefe, simplesmente Lupin, Lupin com suas cinco letras e duas sílabas, Lupin sem sua pele brasileira, Lupin ressuscitado dos mortos, Lupin transformado, nos últimos seis meses, no coronel Sparmiento, viajando pela Bretanha, ouvindo sobre o descobrimento das doze tapeçarias, comprando-as, planejando o roubo da melhor delas, para chamar atenção para ele, Lupin, e desviar a atenção dele, Sparmiento. Depois ele começa, de forma bem pública, um duelo estrondoso entre Lupin e Sparmiento ou entre Sparmiento e Lupin, planeja e dá uma festa, aterroriza seus convidados e, quando tudo está pronto, providencia que Lupin roube as tapeçarias de Sparmiento e que Sparmiento, a vítima de Lupin, desapareça completamente e morra sem que ninguém suspeite dele, com seus amigos sentindo sua falta, o público sentindo pena, e deixando para trás, para colher os frutos do golpe…

Ganimard parou, olhou o chefe nos olhos e, com uma voz que enfatizava a importância de suas palavras, concluiu:

— … deixando para trás uma viúva desconsolada.

— A senhora Sparmiento! Realmente acha…?

— Maldição! — disse o inspetor-chefe. — As pessoas não planejam um golpe desse tipo sem ter algo em mente… Um lucro sólido.

— Mas o lucro, ao que me parece, está na venda das tapeçarias que Lupin fará na América ou em outro lugar.

— A princípio, sim. Mas o coronel Sparmiento poderia fazer essa venda também. Até melhor. Então existe algo a mais.

— Algo a mais?

— Vamos, chefe, está esquecendo que o coronel Sparmiento foi vítima de um roubo importante e que, apesar de estar morto, sua viúva continua

entre nós. Então é a viúva que ficará com todo o dinheiro.

— Que dinheiro?

— Que dinheiro? Ora, o dinheiro que lhe é devido! O dinheiro do seguro, é claro!

Dudouis estava chocado. Todo o golpe repentinamente ficou muito claro para ele, com seus motivos verdadeiros. Ele sussurrou:

— É verdade! É verdade! O coronel tinha feito seguro das tapeçarias…

— Exatamente! E por uma bolada.

— Quanto?

— Oitocentos mil francos.

— Oitocentos mil?

— Exatamente. Em cinco empresas diferentes.

— E a senhora Sparmiento recebeu o dinheiro?

— Ela recebeu cento e cinquenta mil francos ontem e duzentos mil hoje, enquanto eu não estava aqui. Os pagamentos restantes serão feitos ao longo desta semana.

— Mas isso é terrível! Você tem que…

— O quê, chefe? Para começo de conversa, eles tiraram vantagem do fato de que eu não estava na França, para fazer os contratos com as empresas. Só fiquei sabendo quando voltei e esbarrei com um corretor de seguros que conheço e aproveitei a oportunidade para fazê-lo me contar tudo.

O detetive-chefe ficou quieto por algum tempo, sem saber o que dizer. Então, balbuciou:

— Ele é impressionante, apesar de tudo!

Ganimard concordou com a cabeça:

— Sim, chefe, um canalha, mas não posso deixar de dizer que é esperto como o diabo. Para o seu plano funcionar, ele deve ter agido de tal modo que, por quatro ou cinco semanas, ninguém podia expressar ou mesmo conceber a menor suspeita do papel do coronel Sparmiento. Toda a indignação e todas as investigações tinham que se concentrar apenas em Lupin. Como seu último recurso, as pessoas precisavam apenas se ver diante de uma viúva pesarosa, triste e sem um tostão, a pobre Edith Pescoço de Cisne, uma visão linda e lendária, uma criatura tão patética que os cavalheiros das empresas de seguro ficaram quase felizes de lhe dar algo para atenuar sua pobreza e sua tristeza. Esse era o desejo e foi o que

aconteceu.

Os dois homens estavam próximos e não baixaram os olhos.

O chefe perguntou:

— Quem é essa mulher?

— Sonia Kritchnoff.

— Sonia Kritchnoff?

— Sim, a moça russa que eu prendi ano passado, no roubo da tiara, e que Lupin ajudou a escapar[29].

— Tem certeza?

— Absolutamente. Eu me distraí, como todo mundo, com as maquinações de Lupin e não prestei muita atenção nela. Mas, assim que percebi o papel que teve, eu me lembrei. Ela certamente é Sonia, transformada em uma inglesa; Sonia, a atriz com aparência mais inocente de todas, mas ao mesmo tempo a mais astuta; Sonia, que não hesitaria em enfrentar a morte por amor a Lupin.

— Foi uma boa dedução, Ganimard — disse Dudouis, aprovativamente.

— Tenho algo ainda melhor, chefe!

— Mesmo? O quê?

— A velha mãe adotiva de Lupin.

— Victoire[30]?

— Ela está aqui desde que a senhora Sparmiento começou a desempenhar o papel de viúva; ela é a cozinheira.

— Ho ho! — disse Dudouis. — Meus parabéns, Ganimard!

— Tenho mais uma coisa, chefe, que é ainda melhor!

Dudouis sobressaltou-se. A mão do inspetor, que agarrou a do chefe, tremia de empolgação.

— O que quer dizer, Ganimard?

— O senhor acha, chefe, que eu o traria aqui, a esta hora, se não tivesse algo mais atrativo para oferecer do que Sonia e Victoire? Ora! Elas podiam esperar!

— Quer dizer…? — sussurrou Dudouis, finalmente, entendendo a agitação do inspetor-chefe.

— Adivinhou, chefe!

— Ele está aqui?

— Está, sim.

— Escondido?

— Nem um pouco. Está simplesmente disfarçado. Ele é o criado.

Desta vez Dudouis não disse palavra alguma ou fez qualquer gesto. A ousadia de Lupin o confundia.

Ganimard riu.

— Não é mais uma encarnação tripla, mas, sim, quádrupla. Edith Pescoço de Cisne pode ter cometido um engano. A presença do patrão era necessária; e ele teve a cara de pau de voltar. Por três semanas ele tem estado ao meu lado durante minha investigação, calmamente acompanhando o progresso que eu fazia.

— Você o reconheceu?

— Não há como reconhecê-lo. Ele tem um talento de maquiar seu rosto e alterar as proporções de seu corpo de um jeito que impede qualquer um de reconhecê-lo. Além disso, eu estava muito longe de suspeitar… Mas nesta noite, enquanto observava Sonia na sombra das escadas, ouvi Victoire falando com o criado e chamando-o de "meu queridinho". E foi como se uma luz tivesse se acendido sobre mim. "Meu queridinho!" era como ela costumava chamá-lo. E naquele momento eu soube o que estava acontecendo.

Dudouis, por sua vez, parecia alvoroçado pela presença do inimigo, tantas vezes perseguido e sempre tão inatingível:

— Nós o pegamos desta vez — disse ele entre dentes. — Nós o pegamos, e ele não tem como escapar.

— Não, chefe, nem ele nem as duas mulheres.

— Onde eles estão?

— Sonia e Victoire estão no segundo andar; Lupin está no terceiro.

Dudouis ficou repentinamente ansioso:

— Ora, foi pela janela de um desses andares que as tapeçarias foram passadas quando desapareceram.

— Isso mesmo, chefe.

— Nesse caso, Lupin também pode fugir. As janelas dão para a Rua Dufresnoy.

— Exatamente, chefe; mas tomei minhas precauções. Assim que o senhor chegou, eu mandei quatro dos nossos homens ficar de vigia sob as janelas na Rua Dufresnoy. Eles têm instruções rigorosas de atirar se qualquer pessoa aparecer nas janelas com aparência de que vai descer. Balas de festim primeiro e depois balas de verdade.

— Muito bom, Ganimard! Você pensou em tudo. Vamos esperar aqui; e imediatamente depois do alvorecer…

— Esperar, chefe? Ter cerimônia com aquele sem-vergonha? Preocupar-nos com regras, normas, horários legais e toda essa baboseira? E se ele não for assim tão cortês e fugir enquanto isso? E se ele fizer um de seus truques? Não, não, não podemos dar sorte para o azar! Nós o temos aqui: vamos prendê-lo; e sem demora!

E Ganimard, trêmulo, com uma impaciência indignada, saiu, atravessou o jardim e voltou em pouco tempo com meia dúzia de homens:

— Está tudo certo, chefe. Falei para os homens da Rua Dufresnoy para ficarem com os revólveres a postos e mirar nas janelas. Vamos.

Todos esses alarmes e incursões acabaram fazendo algum barulho, que sem dúvida foi ouvido pelos moradores da casa. Dudouis sentiu-se pressionado a tomar uma decisão e decidiu agir:

— Vamos lá, então — disse.

A invasão não levou muito tempo. Os oito, com suas pistolas Browning em punho, subiram as escadas sem muito cuidado, ansiosos por surpreender Lupin antes que ele tivesse tempo de organizar suas defesas.

— Abra a porta! — vociferou Ganimard, correndo até a porta do quarto da senhora Sparmiento.

Um policial a arrombou com o ombro.

Não havia ninguém no quarto; tampouco no quarto de Victoire.

— Estão todos lá em cima! — gritou Ganimard. — Juntaram-se a Lupin no sótão. Tomem cuidado!

Todos subiram correndo o terceiro lance de escadas. Para seu completo assombro, Ganimard achou a porta do sótão aberta e o cômodo vazio. Assim como os outros cômodos.

— Malditos! — vociferou. — Para onde foram?

Mas o chefe o chamou. Dudouis, que descera para o segundo andar novamente, percebeu que uma das janelas não estava trancada, só encostada:

— Aqui — disse para Ganimard —, este foi o caminho que pegaram, o mesmo das tapeçarias. Eu lhe disse: a Rua Dufresnoy…

— Mas nossos homens teriam atirado neles — protestou Ganimard, rangendo os dentes com ódio. — A rua estava sendo vigiada.

— Eles devem ter saído antes de colocarmos os vigias.

— Os três estavam em seus quartos quando liguei para o senhor, chefe!

— Devem ter saído enquanto você me esperava no jardim.

— Mas por quê? Por quê? Não havia motivo algum para irem hoje em vez de amanhã, ou no dia seguinte, ou na semana seguinte, na verdade, quando tivessem recebido todo o dinheiro do seguro!

Sim, havia um motivo; e Ganimard soube disso quando viu, sobre a mesa, uma carta destinada a ele. Abriu-a e a leu. A carta estava escrita como um depoimento:

> *Eu, o abaixo-assinado Arsène Lupin, cavalheiro ladrão, ex-coronel, ex-faz-tudo, ex-cadáver, por meio desta certifico que a pessoa com o nome de Ganimard provou ter as qualidades mais notáveis durante sua estada nesta casa. Ele foi exemplar em seu comportamento, completamente devotado e atencioso; e, sem o auxílio de qualquer pista, ele frustrou parte dos meus planos e economizou às empresas de seguro quatrocentos e cinquenta mil francos. Eu o parabenizo e estou disposto a desconsiderar seu deslize de não prever que o telefone do térreo se comunica com o do quarto de Sonia Kritchnoff e que, ao telefonar para o senhor detetive-chefe, ele estava ao mesmo tempo telefonando para mim e me dizendo para sair daqui o mais depressa possível. Foi uma falha perdoável, que não deve obscurecer o* glamour *de seus serviços nem diminuir os méritos de sua vitória.*
>
> *Tendo dito isso, imploro a ele que aceite a homenagem da minha admiração e a minha amizade sincera.*
>
> *Arsène Lupin*

---

[27] A tapeçaria de Bayeux é um imenso tapete bordado, datado do século XI, que descreve os eventos-chave da conquista normanda da Inglaterra por Guilherme II da Normandia, notadamente a batalha de Hastings (14 de outubro de 1066). (N.T.)

[28] Guilherme I, geralmente chamado de Guilherme, o Conquistador e algumas vezes de Guilherme, o Bastardo, foi o primeiro rei normando da Inglaterra e governou de 1066 até sua morte, em 1087. (N.T.)

[29] *Arsène Lupin*, peça traduzida por Edgar Jepson (1863-1938), autor inglês principalmente de ficção e aventuras policiais e que traduziu várias obras de Maurice Leblanc.

[30] *A agulha oca,* de Maurice Leblanc.

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E O ESTILHAÇO DE OBUS

Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E O
ESTILHAÇO
DE OBUS
Tradução
Eric Heneault
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Éclat d'obus
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Eric Heneault
Revisão
Karine Ribeiro
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Potapov Alexander/shutterstock.com;
Vertyr/shutterstock.com;
viewgene/shutterstock.com;
vadimmmus/shutterstock.com;
svekloid/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e o estilhaço de obus [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Eric Heneault. - Jandira : Principis, 2021.

256 p. ; ePUB ; 1,5 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: L'Éclat d'obus
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-507-6 (Ebook)

1. Literatura francesa. I. Heneault, Eric. II. Título. III. Série.

2021-1589 CDD 840
CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Primeira Parte

Cometeram um crime

— Se eu lhe contasse que me deparei com ele há muito tempo, em próprio território francês!

Élisabeth olhou Paul Delroze com a expressão de ternura de uma recém-casada para quem qualquer palavra do amado é motivo de deslumbramento.

— Você viu Guilherme II na França? — disse ela.

— Com meus próprios olhos, e sem que seja possível esquecer nenhuma das circunstâncias que marcaram esse encontro. E, no entanto, faz muito tempo…

Ele falava com repentina gravidade e como se a evocação dessa lembrança tivesse despertado nele os mais penosos pensamentos.

Élisabeth lhe disse:

— Quer me contar tudo isso, Paul?

— Vou lhe contar — respondeu ele. — Aliás, embora eu ainda fosse criança na época, o incidente está ligado de maneira tão trágica à minha própria vida que eu não poderia deixar de lhe contar com todos os detalhes.

Desceram. O trem parara na Estação de Corvigny, terminal da linha local que sai da capital regional, alcança o vale do rio Liseron e termina seis léguas antes da fronteira, ao pé da pequena cidade lorena que Vauban[1] circundou, como disse em suas *Memórias*, em uma "das mais perfeitas meias-luas que se possam imaginar".

A estação apresentava extrema animação. Havia muitos soldados e inúmeros oficiais. Uma multidão de viajantes, famílias burguesas, camponeses, operários, banhistas das cidades termais vizinhas que Corvigny

servia esperavam na plataforma, no meio de um amontoado de malas, a partida do próximo comboio para a capital regional.

Era a última quinta-feira de julho, a quinta-feira que antecedeu a mobilização.

Élisabeth achegou-se ansiosamente ao marido.

— Ah, Paul — disse, estremecendo —, tomara que não haja guerra…!

— Guerra! Que ideia estranha!

— No entanto, todas essas pessoas indo embora, todas essas famílias que se afastam da fronteira…

— Isso não prova…

— Não, mas você mesmo leu no jornal há pouco. As notícias são muito ruins. A Alemanha está se preparando. Organizou tudo… Ah! Paul, se ficarmos separados…! E se então eu não souber mais nada de você… e se estiver ferido… e se…

Ele lhe apertou a mão.

— Não tenha medo, Élisabeth. Nada disso irá acontecer. Para que haja guerra, é preciso que alguém a declare. Ora, qual o louco, o odiento criminoso, que ousaria tomar essa abominável decisão?

— Não tenho medo — disse ela —, e até tenho certeza de que seria muito corajosa se você tivesse que ir embora. Contudo… contudo, seria mais cruel para nós que para muitos outros. Pense, meu querido, acabamos de nos casar esta manhã.

Diante da recordação desse casamento tão recente, e em que havia tantas promessas de profunda e durável alegria, seu lindo rosto claro, que iluminava uma auréola de mechas douradas, já sorria com o mais confiante dos sorrisos, e ela sussurrou…

— Casados esta manhã, Paul… então, você entende que minha provisão de felicidade não seja bem grande.

Houve um movimento na multidão. Todo mundo se agrupou ao redor da saída. Era um general, acompanhado por dois oficiais superiores, que se dirigia para o pátio onde um carro esperava. Ouviu-se uma música militar: na avenida da estação passava um batalhão de caçadores a pé. Então passou, conduzida por artilheiros, uma parelha de dezesseis cavalos que arrastava uma enorme arma de cerco cuja silhueta, apesar do peso da carreta, parecia leve graças ao extremo comprimento do canhão. Foi seguida por uma boiada.

Com as duas sacolas de viagem em mãos, Paul, que não achara carregadores, permanecia na calçada quando um homem com polainas de couro, vestindo uma calça de veludo verde grosso e um paletó de caça com botões de chifre, aproximou-se dele e, tirando seu boné:

— Sr. Paul Delroze, não é? Sou o caseiro do castelo…

Tinha um rosto enérgico e franco, a pele enrijecida pelo sol e o frio, cabelos já grisalhos, e o ar um tanto rude que têm certos velhos criados cuja função lhes proporciona completa independência. Havia dezessete anos que ele habitava e dirigia para o conde de Andeville, o pai de Élisabeth, a vasta propriedade de Ornequin, acima de Corvigny.

— Ah, você é o Jérôme! — exclamou Paul. — Muito bem. Vejo que recebeu a carta do conde de Andeville. Nossos criados chegaram?

— Os três, hoje de manhã, senhor, e nos ajudaram, a mim e a minha mulher, a pôr um pouco de ordem no castelo para receber o senhor e a senhora.

Cumprimentou de novo Élisabeth, que lhe disse:

— Então, está me reconhecendo, Jérôme? Faz tanto tempo que não venho!

— A srta. Élisabeth tinha quatro anos. Foi com pesar que minha mulher e eu soubemos que não voltaria ao castelo… nem o senhor conde, por causa do falecimento de sua pobre mulher. E, então, o senhor conde não pretende dar uma volta por aqui este ano?

— Não, Jérôme, não creio. Apesar de tantos anos terem se passado, meu pai ainda sente muita tristeza.

Jérôme pegou as sacolas e as colocou na caleche alugada em Corvigny e que mandou avançar. Quanto às bagagens maiores, devia levá-las na charrete da fazenda.

O tempo estava bom. Levantaram a capota da caleche.

Paul e sua mulher se acomodaram.

— O caminho não é muito longo… — disse o caseiro — quatro léguas… Mas é íngreme.

— O castelo está mais ou menos habitável? — perguntou Paul.

— Ora! Não é igual a um castelo habitado, mas, mesmo assim, o senhor vai ver. Fizemos o possível. Minha mulher está tão feliz que os patrões estejam chegando…! O senhor e a senhora vão encontrá-la ao pé da escada. Avisei-a que o senhor e a senhora chegariam por volta das seis e

meia, sete horas…

— Um bom homem — disse Paul a Élisabeth, uma vez que se puseram a caminho —, mas não deve ter muita ocasião de falar. Está compensando…

A estrada subia em uma ladeira íngreme até a parte mais alta de Corvigny e constituía, no meio da cidade, entre a dupla fileira de lojas, monumentos públicos e hotéis, a principal artéria, congestionada naquele dia por inusitadas aglomerações. Voltava a descer em seguida e contornava os antigos bastiões de Vauban. Então, havia leves ondulações no meio da planície que dominavam, à direita e à esquerda, os dois fortes, do Pequeno e do Grande Jonas.

Foi seguindo essa sinuosa estrada, que serpeava entre plantações de aveia e trigo, sob a sombreada abóbada formada acima dela por um alinhamento de álamos, que Paul Delroze voltou àquele episódio de sua infância que prometera narrar a Élisabeth.

— Como eu lhe disse, Élisabeth, o episódio se relaciona a um terrível drama, e tão estreitamente que só podia formar um acontecimento único em minha lembrança. Falou-se muito na época desse drama, do qual seu pai, que era amigo do meu, como sabe, tomou conhecimento pelos jornais. Se não lhe contou nada, foi a pedido meu, e porque eu queria ser o primeiro a lhe contar esses eventos… tão dolorosos para mim.

Juntou as mãos. Sabia que cada uma de suas frases seria recebida com fervor, e, após um silêncio, continuou:

— Meu pai era um desses homens que desperta a simpatia, afeto até, de todos aqueles que se aproximam dele. Entusiasta, generoso, repleto de sedução e de bom humor, exaltando-se por todas as belas causas e por todos os belos espetáculos, ele amava a vida e desfrutava dela com alguma ansiedade.

"Em 1870[2], alistado voluntário, ganhou nos campos de batalha sua divisa de tenente, e a existência heroica do soldado convinha tão bem à sua natureza, que se alistou uma segunda vez para combater em Tonquim[3] e uma terceira, para ir à conquista de Madagascar.

"Foi ao regressar dessa campanha, da qual voltou capitão e oficial da Legião de Honra, que se casou. Seis anos depois, ficou viúvo.

"Quando minha mãe morreu, eu tinha apenas quatro anos, e meu pai me manifestou um carinho ainda mais vivo porque a morte de sua mulher

o atingira cruelmente. Fez questão de começar ele mesmo minha educação. Do ponto de vista físico, dedicava-se a me treinar em exercícios e me transformar em um rapaz robusto e corajoso. No verão, íamos para a beira-mar; no inverno, ficávamos nas montanhas da Savoia, na neve e no gelo. Eu o amava de todo o meu coração. Ainda hoje, não posso pensar nele sem real emoção.

"Com onze anos, acompanhei-o em uma viagem pela França, que ele adiara por anos porque queria que eu a fizesse com ele, e somente na idade em que eu pudesse entender todo o seu significado. Era uma peregrinação pelos próprios lugares e estradas em que lutara durante aquele terrível ano.

"Esses dias, que deviam acabar pela mais terrível catástrofe, deixaram-me profundas impressões. À beira do rio Loire, nas planícies da Champagne, nos maciços dos Vosges e, sobretudo, no meio das aldeias da Alsácia[4], quantas lágrimas derramei ao ver correr as suas! Palpitei de singela esperança ao ouvir suas palavras de esperança!

"—Paul — dizia-me ele —, não duvido que um dia ou outro você não se depare com o mesmo inimigo que combati. Desde agora, e apesar de todas as belas frases de conciliação que você possa ouvir, odeie esse inimigo com todo o seu ódio. Não importa o que digam, é um bárbaro, um bruto orgulhoso, um sanguinário e um predador. Esmagou-nos uma primeira vez, não descansará até que nos esmague de novo, e definitivamente. Naquele dia, Paul, lembre cada uma das etapas que percorremos juntos. Tenho certeza de que aquelas que for seguir serão etapas vitoriosas. Mas não esqueça um único instante os nomes destas, Paul, e que sua alegria de triunfar nunca apague esses nomes de dor e humilhação que são: Froeschwiller, Mars-la-Tour, Saint-Privat, e tantos outros! Não esqueça, Paul…

"Então, sorria.

"—Mas por que me preocupar? Fora ele mesmo que se encarregara de despertar ódio no coração de quem esqueceu e de quem não viu. Será que ele pode mudar? Você verá, Paul, você verá. Tudo o que posso lhe dizer não se compara à terrível realidade. São monstros."

Paul Delroze se calara. Sua mulher lhe perguntou, com voz um pouco tímida:

— Você acha que seu pai estava totalmente certo?

— Meu pai talvez tenha sido influenciado por lembranças muito recentes. Viajei muito pela Alemanha, até passei lá umas estadias, e creio que o estado de espírito não seja o mesmo. E também confesso que, às vezes, tenho certa dificuldade em entender as palavras de meu pai… Contudo… contudo, elas me perturbam com frequência. Ademais, o que ocorreu depois é tão estranho.

A caleche diminuíra a velocidade. A estrada subia suavemente em direção às colinas que dominam o vale do Liseron. O Sol se inclinava do lado de Corvigny. Uma diligência cruzou-os, carregada de malas, e então dois automóveis em que se amontoavam passageiros e pacotes. Um destacamento a cavalo galopava pelos campos.

— Vamos andar — disse Paul Delroze.

Seguiram a caleche a pé, e Paul continuou:

— O que me resta lhe dizer, Élisabeth, surge na minha memória com detalhes muito precisos, que de certo modo emergem de uma espessa bruma em que não distingo nada. Apenas posso afirmar que, uma vez encerrada essa parte da viagem, deveríamos ir de Estrasburgo para a Floresta Negra. Por que nosso itinerário foi mudado? Não sei. Eu me vejo uma manhã na estação ferroviária de Estrasburgo e subindo em um trem que se dirigia para o maciço dos Vosges… sim, para os Vosges. Meu pai lia e relia uma carta que acabara de receber e que parecia lhe dar prazer. Teria essa carta modificado nossos projetos? Também não sei. Almoçamos no meio do caminho. Fazia um calor como o que precede uma tempestade e adormeci, de modo que me lembro somente da praça principal de uma cidadezinha alemã em que alugamos duas bicicletas, após deixarmos nossas malas no guarda-volumes… E então, como tudo isso é confuso! Rodamos por meio de uma área da qual não me resta nenhuma impressão. Em determinado momento, meu pai me disse:

— Veja, Paul, estamos passando a fronteira… Estamos na França…

"E mais tarde… quanto tempo depois…? Ele parou para perguntar o caminho a um camponês, que lhe indicou um atalho no meio dos bosques. Mas que caminho? E que atalho? Na minha mente, é uma escuridão impenetrável em que meus pensamentos estão como que aterrados.

"E de repente, a escuridão se rasga e vejo, mas com surpreendente nitidez, uma clareira, grandes árvores, um musgo que se parece com veludo e uma antiga capela. Começa a chover, grandes gotas, cada vez mais

rápidas, e meu pai me diz:

"—Vamos procurar um abrigo, Paul.

"Como sua voz ecoa em mim! E como imagino exatamente a pequena capela, com paredes esverdeadas pela umidade! Atrás, sob o telhado, que avançava para além da nave, abrigamos nossas bicicletas. Foi então que o ruído de uma conversa chegou até nós de dentro da capela, e ouvimos também o ranger da porta, que se abria na lateral.

"Alguém saiu e disse em alemão:

"—Não há ninguém. Vamos depressa.

"Naquele momento, contornávamos a capela com o intuito de entrar ali por aquela porta, e ocorreu que meu pai, que andava na frente, deparou-se de repente com o homem que devia ter pronunciado as palavras em alemão.

De ambos os lados, houve um movimento de recuo, o estrangeiro parecendo muito contrariado e meu pai estupefato com esse insólito encontro. Um segundo ou dois, talvez, permaneceram imóveis, um diante do outro. Ouvi meu pai sussurrar:

"—Será que é possível? O imperador…

"E eu mesmo, surpreso por aquelas palavras, e tendo visto com frequência o retrato do cáiser, não podia duvidar: quem estava lá, diante de nós, era o imperador da Alemanha.

"O imperador da Alemanha na França! Rapidamente baixou a cabeça e ergueu, até as abas reclinadas de seu chapéu, a gola de veludo de uma ampla pelerine. Virou-se para a capela. Uma senhora saía de lá, seguida por um indivíduo que mal vi, com aparência de criado. A senhora era alta, ainda jovem, bastante bela e morena.

"O imperador a agarrou pelo braço com verdadeira violência e a puxou, dizendo-lhe, em tom de cólera, palavras que não conseguimos distinguir. Retomaram o caminho pelo qual havíamos chegado e que levava à fronteira. O criado se precipitara no bosque diante deles.

"—A aventura é verdadeiramente bizarra — disse meu pai, rindo. — Por que diabos Guilherme II se arriscaria por aí? Em plena luz do dia! Será que a capela apresenta algum interesse artístico? Vamos ver, está a fim, Paul?

"Entramos. Somente um pouco de luz do dia passava pelo vitral escurecido pela poeira e as teias de aranha. Mas essa pouca luz foi

suficiente para vermos pilares troncudos, paredes nuas, nada que parecesse merecer a honra de uma visita imperial, segundo a expressão de meu pai, que acrescentou:

"—É evidente que Guilherme II veio visitar isso como turista, pela aventura, e que está muito contrariado por ter sido surpreendido nessa escapada. Talvez a senhora que o acompanha tenha lhe assegurado que não corria risco nenhum. Daí sua irritação contra ela e suas censuras.

"—É curioso, não é, Élisabeth, que todos esses pequenos fatos, que na realidade tinham uma importância apenas relativa para uma criança de minha idade, eu os tenha registrado fielmente, ao passo que outros, mais essenciais, não ficaram gravados em mim. Contudo, eu lhe conto o que aconteceu, como se visse agora diante de meus olhos, e como se as palavras ecoassem ao meu ouvido. E vejo ainda, no instante em que lhe falo, tão nitidamente quanto a vi no momento em que saímos da capela, a companheira do imperador que está voltando e atravessa a clareira com passo apressado, e a ouço dizer a meu pai:

"—Poço lhe pedir um favor, senhor?

"Está ofegante. Deve ter corrido. E imediatamente, sem esperar a resposta, ela acrescenta:

"—A pessoa que encontrou aqui gostaria de ter uma conversa com o senhor.

"A desconhecida se expressa facilmente em francês. Sem nenhum sotaque.

"Meu pai hesita. Mas essa hesitação parece revoltá-la, como uma inconcebível ofensa contra a pessoa que a enviou, e ela diz em tom áspero:

"—Não suponho que tenha a pretensão de recusar!

"—E por que não? — disse meu pai, de quem adivinho a impaciência. — Não recebo ordem alguma.

"—Não se trata de ordem — disse ela, contendo-se. — É um desejo.

"—Que assim seja, aceito conversar. Fico aqui à disposição dessa pessoa.

"Ela pareceu indignada.

"—Não, não, é preciso que seja o senhor…

"—É preciso que seja eu que vá até lá — exclamou meu pai em voz alta —, e certamente que eu cruze a fronteira além da qual essa pessoa se digna a esperar por mim! Lamento muito, senhora, trata-se de uma iniciativa que não tomarei. A senhora dirá a essa pessoa que, se teme de minha parte uma

indiscrição, pode ficar tranquila. E aí, Paul, vamos andando?

"Ele tirou o chapéu e se inclinou diante da desconhecida. Mas ela lhe bloqueou a passagem.

"—Não, não, o senhor vai me escutar. Será que uma promessa de discrição conta? Não, é preciso acabar com isso de uma maneira ou outra, e o senhor há de admitir…

"A partir desse momento, não ouvi mais nada. Ela estava diante de meu pai, hostil, veemente. Seu rosto se contraía com uma expressão verdadeiramente feroz que me dava medo. Ah, como não pude prever!?… Mas eu era tão jovem! E, então, tudo foi tão rápido! Avançando em direção a meu pai, ela o encurralou, por assim dizer, até o pé de uma grande árvore, à direita da capela. Ambos elevaram a voz. Ela fez um gesto ameaçador. Ele começou a rir. E tudo foi brusco, imediato: com uma facada só, ah! aquela lâmina cujo brilho vi de repente na sombra!, ela o golpeou em pleno peito, duas vezes… duas vezes, lá, em pleno peito. Meu pai caiu."

Paul Delroze se calou, todo pálido diante da lembrança do crime.

— Ah! — balbuciou Élisabeth. — Seu pai foi assassinado… Meu pobre Paul, meu pobre amigo…

E prosseguiu, ofegante de angústia:

— Então, Paul, o que aconteceu? Você gritou?

— Gritei, precipitei-me na direção dele, mas uma mão implacável me agarrou. Era o indivíduo, aquele criado, que surgiu do bosque e me apanhou. Vi a faca levantada acima de minha cabeça. Senti um choque terrível no ombro. E foi minha vez de cair.

---

[1] Sébastien le Prestre, conhecido sob o nome de Vauban (163-1707), foi um engenheiro, urbanista e arquiteto militar francês. Desenvolveu um estilo de fortificação que leva seu nome. (N.T.)

[2] Referência à Guerra Franco-Prussiana, travada em 1870-71 e vencida pela Prússia, aliada aos outros Estados alemães. (N.T.)

[3] Reino da antiga Indochina Francesa, hoje parte integrante do Vietnã. (N.T.)

[4] A Alsácia e a Lorena são duas regiões da França, na fronteira com a Alemanha. Sempre foram alvo de disputa entre os dois países, e mudaram de mãos, desde a Guerra Franco-Prussiana até as duas guerras mundiais. (N.T.)

O quarto fechado

A caleche esperava por Élisabeth e Paul a pouca distância. Ao chegarem à planície, sentaram-se à beira do caminho. O vale do rio Liseron se abria diante deles em curvas suaves e verdejantes, em que o riozinho sinuoso era escoltado por duas estradas brancas que seguiam todos os seus caprichos. Mais longe, sob o sol, aglomerava-se Corvigny, que, no máximo, ficava cem metros abaixo. Uma légua mais adiante, erguiam-se as torrezinhas de Ornequin e as ruínas de um antigo torreão.

A jovem mulher manteve o silêncio por muito tempo, aterrorizada que estava pela história de Paul. Finalmente, ela lhe disse:

— Ah, Paul, tudo isso é terrível! Você sofreu muito?

— Não me lembro de nada a partir desse momento, de nada até o dia em que despertei em um quarto que eu não conhecia, sob os cuidados de uma velha prima de meu pai e uma religiosa. Era o mais belo quarto de um albergue situado entre Belfort e a fronteira. Uma manhã, bem cedo, doze dias antes, o albergueiro descobrira dois corpos imóveis que haviam sido deixados lá durante a noite, dois corpos encharcados de sangue. Num primeiro exame, constatou que um desses corpos estava gelado. Era o de meu pobre pai. O outro era o meu, que mal conseguia respirar!

"A convalescência foi muito longa e entrecortada por recaídas e acessos de febre em que, tomado pelo delírio, eu queria fugir. Minha velha prima, única parente que me restara, foi admirável em dedicação e atenção. Dois meses depois, levou-me à casa dela quase curado de minha ferida, mas tão profundamente abalado pela morte de meu pai e as terríveis circunstâncias dessa morte que precisei de vários anos para recuperar a saúde. Quanto ao drama em si…"

— E então? — disse Élisabeth, que passara o braço em volta do pescoço de seu marido em um gesto de apaixonada proteção.

— Então — disse Paul —, nunca foi possível resolver esse mistério. No entanto, a justiça mostrou bastante zelo e minúcia, tentando verificar as únicas informações que podia utilizar, aquelas que eu lhe dava. Todos esses esforços fracassaram. Aliás, essas informações eram tão vagas! Fora o que acontecera na clareira e diante da capela, o que eu sabia? Onde procurar essa clareira? Onde descobrir essa capela? Em que lugar o drama havia ocorrido?

— Mas, no entanto, vocês fizeram uma viagem, você e seu pai, para chegar a esse lugar, parece-me que, se regressar à própria partida em Estrasburgo…

— Ah! Você bem que entende que não descartamos essa pista, e que a justiça francesa, não satisfeita em solicitar a ajuda da justiça alemã, enviou ao local seus melhores policiais. Mas foi isso precisamente que, mais tarde, quando estava na idade da razão, me pareceu mais estranho, o fato de que não encontraram nenhum rastro de nossa passagem em Estrasburgo. Nenhum, entende? Ora, se há algo de que estou absolutamente certo é que comemos e dormimos mesmo em Estrasburgo, pelo menos por dois dias inteiros. O juiz encarregado do inquérito que seguia o caso concluiu que minhas lembranças de criança, de criança ferida, abalada, deviam estar erradas. Mas eu sabia que não; sabia e ainda sei.

— E então, Paul?

— Então, não posso deixar de estabelecer uma relação entre a abolição total dos fatos incontestáveis, fáceis se serem controlados ou reconstituídos, como a estadia de dois franceses em Estrasburgo, a viagem que fizeram de trem, as malas deixadas no guarda-volumes, o aluguel de duas bicicletas em uma aldeia da Alsácia, uma relação, estava dizendo eu, entre esses fatos e o fato primordial: que o imperador foi envolvido diretamente, sim, diretamente no caso.

— Mas essa relação, Paul, deve ter prevalecido na mente do juiz, assim como na sua…

— Evidentemente; mas nem o juiz nem nenhum dos magistrados e oficiais que colheram os depoimentos quiseram admitir a presença do imperador na Alsácia naquele dia.

— Por quê?

— Porque os jornais alemães constataram sua presença em Frankfurt, no mesmo horário.

— Em Frankfurt!

— Ora, essa presença é constatada onde ele manda, e jamais onde ele não quer que seja. Em todo caso, nesse ponto ainda, fui acusado de estar enganado, e o inquérito esbarrava em um conjunto de obstáculos, de impossibilidades, de mentiras, de álibis, que, para mim, revelava a ação contínua e todo-poderosa de uma autoridade sem limites. Essa é a única explicação admissível. Veja, será que dois franceses podem se hospedar em um hotel de Estrasburgo sem que se anotem seus nomes no registro desse hotel? Ora, tendo tal registro sido confiscado, ou tal página arrancada, nossos nomes não foram anotados em lugar nenhum. Sendo assim, nenhuma prova, nenhum indício. Patrões e criados de hotel, de restaurantes, vendedores de cigarro nas estações, empregados da ferroviária, locadores de bicicletas, todos são subalternos, isto é, cumplices, que receberam ordem de silêncio e à qual nenhum sequer desobedeceu.

— Mas, mais tarde, Paul, você deve ter procurado por conta própria?

— Sim, procurei! Quatro vezes já, desde minha adolescência, percorri a fronteira da Suíça até Luxemburgo, de Belfort a Longwy, interrogando as pessoas, estudando as paisagens! E, sobretudo, durante quantas horas cavei até o fundo de meu cérebro para extrair dele a mais ínfima lembrança que me trouxesse uma luz. Nada. Nessa escuridão, nenhuma claridade nova. Apenas três imagens surgiram por meio da espessa bruma do passado. A imagem dos lugares e das coisas que foram as testemunhas do crime: as árvores da clareira, a antiga capela, a trilha que corre entre os bosques. A imagem do imperador. E a imagem… a imagem da mulher que o matou.

Paul baixara a voz. A dor e o ódio contraíam seu rosto.

— Ah! Aquela mulher, eu poderia viver cem anos que a veria diante de meus olhos como vemos um espetáculo cujos detalhes estão todos em plena luz. A forma de sua boca, a expressão de seu olhar, as ondas de seu cabelo, o caráter especial de seu andar, o ritmo de seus gestos, o desenho de sua silhueta, tudo isso está em mim, não como visões que evoco quando quero, mas como coisas que fazem parte de meu próprio ser. É como se, durante meu delírio, todas as misteriosas forças de minha mente tivessem trabalhado na completa assimilação dessas odiosas lembranças. E se hoje

não se trata mais da obsessão doentia de antes, é um sofrimento de certas horas, quando cai a noite e estou sozinho. Meu pai assassinado, e aquela que o matou ainda vive, impune, feliz, rica, honrada, perseguindo sua obra de ódio e destruição.

— Você a reconheceria, Paul?

— Se eu a reconheceria? Entre mil e mil mulheres! E mesmo que estivesse transformada pela idade, eu encontraria por baixo das rugas da velha mulher o exato rosto da jovem mulher que assassinou meu pai, num final de tarde do mês de setembro. Como não reconhecê-la! Mas até a própria cor do vestido eu notei! Não é incrível? Um vestido cinza com um lenço de renda em volta dos ombros, e na blusa, servindo de broche, um pesado camafeu emoldurado por uma serpente dourada com olhos feitos de rubis. Como pode ver mesmo, Élisabeth, não esqueci e nunca vou esquecer.

Calou-se. Élisabeth chorava. Assim como seu marido, esse passado a envolvia de horror e amargura. Ele a atraiu para si e beijou sua testa.

Ela lhe disse:

— Não esqueça, Paul. O crime será punido porque é assim que deve ser. Mas sua vida não deve se submeter a essa lembrança de ódio. Agora somos dois, e nós nos amamos. Olhe para o futuro.

O Castelo de Ornequin era uma bela e simples construção do século XVI, com quatro torrezinhas terminadas por pequenos campanários, altas janelas com pináculos serrilhados, e uma fina balaustrada saliente no primeiro andar.

Gramados regulares, emoldurando o retângulo do pátio de honra, formam uma esplanada e levam, à direita e à esquerda, aos jardins, aos bosques e aos pomares. Um dos lados desses gramados acaba em um largo terraço com vista sobre o vale do Liseron, e que acolhe, alinhadas com o castelo, as majestosas ruínas de um torreão quadrado.

O conjunto é muito imponente. Cercado por fazendas e campos, a propriedade, quando bem mantida, pressupõe um empreendimento ativo e bem-cuidado. É uma das maiores da região.

Dezessete anos antes, na venda que se seguira à morte do último barão de Ornequin, o conde de Andeville, pai de Élisabeth, comprara-o por desejo de sua mulher. Casado havia cinco anos, tendo pedido demissão de seu cargo de oficial da cavalaria para se dedicar à mulher que amava,

viajava com ela quando o acaso os levou a visitar Ornequin no exato momento em que a venda, que acabara de ser anunciada nos jornais da região, ia acontecer. Hermine de Andeville se empolgou. O conde, que procurava uma propriedade cuja exploração ocupasse seu tempo livre, fez o negócio por intermédio de um homem de lei.

Durante todo o inverno seguinte, ele dirigiu, de Paris, as obras de restauração necessárias por causa do abandono em que o antigo proprietário deixara o castelo. Queria que a moradia fosse confortável, e, almejando também que fosse bonita, mandou para lá todos os bibelôs, as tapeçarias, os objetos de arte e quadros de mestres que enfeitavam sua casa de Paris.

Foi apenas em agosto que puderam se instalar no castelo. Viveram lá umas semanas deliciosas com a querida Élisabeth, então com quatro anos, e Bernard, um menino forte a que a condessa acabara de dar à luz.

Completamente dedicada aos filhos, Hermine de Andeville nunca saía do parque. O conde cuidava de suas fazendas e percorria suas propriedades com seu caseiro Jérôme.

Ora, no final de outubro, tendo a condessa ficado resfriada e o mal-estar decorrente tido consequências bastante graves, o conde de Andeville decidiu levá-la junto com seus filhos ao Sul da França. Duas semanas depois, houve uma recaída. Em três dias, ela faleceu.

O conde sentiu esse desespero que nos faz entender que a vida acabou e que, não importa o que acontecer, nunca mais provaremos nenhum tipo de alegria ou sossego. Viveu, nem tanto para seus filhos, mas para manter em si o culto da falecida e perpetuar uma lembrança que se tornava sua única razão de viver.

Incapaz de voltar a esse Castelo de Ornequin em que conhecera uma felicidade por demais perfeita, e, por outro lado, não aceitando que intrusos pudessem nele morar, deu a Jérôme a ordem de fechar as portas e as persianas e de trancar o *boudoir* e o quarto da condessa de modo que ninguém nunca pudesse entrar ali. Ademais, Jérôme teve por missão arrendar as fazendas a agricultores e receber os aluguéis.

Essa ruptura com o passado não foi suficiente para o conde. Estranhamente para um homem que não existia mais senão pela lembrança de sua mulher, tudo o que a rememorava, objetos familiares, moradia, lugares e paisagem, lhe era uma tortura, e seus próprios filhos lhe

inspiravam um sentimento de mal-estar que ele não conseguia superar. Tinha, em Chaumont, cidade do interior da França, uma irmã mais velha e viúva. Confiou-lhe sua filha Élisabeth e seu filho Bernard, e foi viajar.

Ao lado de sua tia Aline, mulher do dever e da abnegação, Élisabeth teve uma infância carinhosa, grave e estudiosa, em que seu coração se formou ao mesmo tempo que sua mente e seu caráter. Recebeu uma excelente educação e uma disciplina moral muito rigorosa.

Aos vinte anos, era uma moça alta e bela, valente e destemida, cujo rosto, naturalmente um pouco melancólico, iluminava-se às vezes com o mais singelo e carinhoso dos sorrisos, um desses rostos em que se inscrevem de antemão as provas e os encantos que o destino reserva. Sempre úmidos, seus olhos pareciam se comover diante do espetáculo de todas as coisas. Os cabelos, com mechas claras, davam alegria à sua fisionomia.

O conde de Andeville que, a cada estadia que fazia junto dela, entre duas viagens, experimentava cada vez mais o encanto de sua filha, levou-a dois invernos seguintes para a Espanha e a Itália. Foi assim que em Roma ela encontrou Paul Delroze, que eles voltaram a se ver em Nápoles, depois em Siracusa, e depois em uma longa excursão pela Sicília, e que essa intimidade criou entre eles um laço cuja força sentiram logo que se separaram.

Assim como Élisabeth, Paul fora criado no interior da França e, como ela, na casa de uma parente dedicada, que tentou fazê-lo esquecer, com muitos cuidados e afeto, o drama de sua infância. Se o esquecimento não ocorreu, ao menos ela conseguiu continuar a obra de seu pai e fazer de Paul um rapaz direto, amante do trabalho, de ampla cultura, apaixonado pela ação e curioso da vida. Ele passou pela Escola Central e, após cumprir o serviço militar, permaneceu dois anos na Alemanha, estudando lá certos assuntos industriais e mecânicos pelos quais, antes de mais nada, era apaixonado.

De alta estatura, bem proporcionado, de cabelos pretos jogados para trás, rosto um pouco magro, queixo voluntarioso, dava uma impressão de força e energia.

Seu encontro com Élisabeth lhe revelou todo um mundo de sentimentos e emoções que até então ele desdenhara. Para ele, como para a moça, foi uma espécie de embriaguez mesclada de surpresa. O amor criava neles almas novas, livres, leves, cujo entusiasmo e desabrochamento

contrastavam com os hábitos que lhes impusera o modo severo de sua existência. Assim que regressou à França, pediu a mão da moça. Foi-lhe concedida.

Ao contrato que ocorreu três dias antes do casamento, o conde de Andeville anunciou que acrescentava ao dote de Élisabeth o Castelo de Ornequin. Os noivos decidiram se estabelecer nele, e Paul procuraria então nos vales industriais dessa região algum negócio que pudesse adquirir e dirigir.

Em 30 de julho, casaram-se em Chaumont. A cerimônia foi bem íntima, já que se falava muito da guerra, embora, com base em informações a que dava o maior crédito, o conde de Andeville afirmasse que essa eventualidade não podia ser considerada. Durante o almoço de família que reuniu os padrinhos, Paul conheceu Bernard de Andeville, o irmão de Élisabeth, estudante de apenas dezessete anos cujas férias começavam, e que lhe agradou por seu belo ânimo e sua franqueza. Acertou-se que Bernard ia se juntar a eles poucos dias depois em Ornequin.

Finalmente, à uma hora, Élisabeth e Paul deixaram Chaumont de trem. De mãos dadas, iam rumo ao castelo em que deviam passar os primeiros anos de sua união, talvez até todo esse futuro de felicidade e quietude que se abre diante do olhar maravilhado dos amantes.

Eram seis e meia quando avistaram ao pé da escada a mulher de Jérôme, Rosalie, uma boa senhora gorda, de faces rosáceas e aspecto alegre. Às pressas, antes do jantar, deram uma volta pelo jardim e visitaram o castelo.

Élisabeth não segurava sua emoção. Embora nenhuma lembrança pudesse agitá-la, contudo parecia-lhe reencontrar algo dessa mãe que conhecera tão pouco, de cuja imagem não se lembrava, e que vivera lá seus últimos dias de felicidade. Para ela, a sombra da falecida caminhava pelas alamedas. Os grandes gramados verdejantes exalavam um cheiro especial. As folhas das árvores tremiam na brisa com um murmúrio que ela acreditava já ter percebido nesse mesmo lugar, nas mesmas horas, quando sua mãe o ouvia ao lado dela.

— Você está triste, Élisabeth? — perguntou Paul.

— Triste não, mas confusa. É minha mãe que nos recebe aqui, neste refúgio em que sonhara viver e aonde chegamos com o mesmo sonho. Então, uma leve inquietude me oprime. É como se eu fosse uma estranha,

uma intrusa que perturba a paz e o descanso. Pense! Há tanto tempo que minha mãe mora neste castelo. Está sozinha. Meu pai nunca quis vir, e penso que talvez não tenhamos o direito de vir, com nossa indiferença por tudo que não se refere a nós.

Paul sorriu:

— Élisabeth, minha querida amiga, você simplesmente experimenta essa impressão de mal-estar que sentimos ao chegarmos ao fim do dia em um país novo.

— Não sei — disse ela. — Você deve estar certo… Contudo, não posso evitar certo mal-estar, que é contrário à minha natureza! Você acredita em pressentimentos, Paul?

— Não, e você?

— Bem, eu também não — disse, rindo e oferecendo-lhe seus lábios.

Ficaram surpresos ao descobrir, nos salões e quartos do castelo, um ar de cômodos que não deixaram de ser habitados. Conforme as ordens do conde, tudo mantivera a mesma disposição que nos distantes dias de Hermine de Andeville. Os antigos bibelôs estavam lá, nos mesmos lugares, e todos os bordados, todas as toalhinhas de renda, todas as miniaturas, todas as belas poltronas do século XVIII, todas as tapeçarias flamengas, todos os móveis antes colecionados pelo conde para embelezar sua moradia. Assim, à primeira vista, entravam em um ambiente de vida atraente e íntimo.

Após o jantar, voltaram aos jardins e passearam abraçados e silenciosos. Do terraço, viram o vale tomado pela escuridão em meio à qual brilhavam algumas luzes. O velho torreão erguia suas ruínas robustas no céu pálido, em que se demorava ainda um pouco da luz confusa do dia.

— Paul — disse Élisabeth em voz baixa —, você notou que, ao visitar o castelo, passamos perto de uma porta trancada por um grande cadeado?

— No meio do grande corredor — disse Paul — e bem perto de seu quarto, não é?

— Sim. Era o *boudoir* que minha pobre mãe ocupava. Meu pai exigiu que fosse trancado, assim como o quarto comunicante, e Jérôme pôs um cadeado e lhe enviou a chave. Assim, ninguém entrou nele desde então. Continua como era na época. Tudo de que minha mãe se servia, seus trabalhos de costura não acabados, os livros familiares, estão lá. E na parede da frente, entre as duas janelas sempre fechadas, está seu retrato que meu

pai encomendara um ano antes de um grande pintor amigo seu, um retrato de pé e que é a imagem perfeita de mamãe, pelo que ele me disse. Ao lado, um genuflexório, o dela. Hoje de manhã, meu pai me deu a chave do *boudoir*, e prometi ajoelhar-me nesse genuflexório e rezar diante do retrato.

— Vamos, Élisabeth.

A mão da jovem mulher tremia na de seu marido quando subiram a escada que levava ao primeiro andar. Algumas luzes estavam acesas ao longo do corredor. Eles se imobilizaram.

A porta era larga e alta, encaixada em uma parede espessa, e coroada por um tremó com relevos dourados.

— Abra, Paul — disse Élisabeth, cuja voz tremia.

Ela lhe apresentou a chave. Ele abriu o cadeado e segurou a maçaneta. Mas, de repente, ela agarrou o braço de seu marido.

— Paul, Paul, um instante… Para mim é tão perturbador! Pense bem, estou aqui pela primeira vez diante de minha mãe, diante de sua imagem… e você está ao meu lado, meu bem-amado… parece-me que toda minha vida de menininha está recomeçando.

— Sim, de menininha — disse ele, pressionando-a apaixonadamente contra si —, e é sua vida de mulher também…

Ela se soltou, reconfortada por seu abraço, e murmurou:

— Vamos entrar, meu querido Paul.

Ele empurrou a porta e dirigiu-se para o corredor, em que pegou uma das lamparinas suspensas na parede, e voltou para colocá-la sobre uma mesinha.

Élisabeth já atravessara o cômodo e se encontrava diante do retrato.

Tendo o rosto de sua mãe permanecido na sombra, ela acomodou a luz de maneira que ficasse totalmente iluminado.

— Como é linda, Paul!

Ele se aproximou e levantou a cabeça. Abalada, Élisabeth se ajoelhou no genuflexório. Mas, após um momento, como Paul permanecia calado, ela o olhou, estupefata.

Ele não se movia, lívido, os olhos arregalados pela mais assustadora das visões.

— Paul! — exclamou ela. — O que você tem?

Ele começou a recuar em direção à porta, sem poder desviar os olhos do retrato da condessa Hermine. Titubeava como um homem embriagado, e

seus braços batiam o ar ao seu redor.

— Essa mulher… Essa mulher… — balbuciou em voz rouca.

— Paul! — implorou Élisabeth. — O que quer dizer?

— Essa mulher, foi ela que matou meu pai.

Ordem de mobilização

À horrível acusação, seguiu-se um silêncio assustador. De pé diante de seu marido, Élisabeth procurava entender as palavras que, para ela, ainda não tinham um verdadeiro sentido, mas que contudo a atingiam como profundas feridas.

Deu dois passos na direção dele e, olhos nos olhos, articulou, tão baixo que ele mal ouviu:

— O que acaba de dizer, Paul? É tão monstruoso…!

Ele respondeu no mesmo tom:

— Sim, é monstruoso. Eu mesmo ainda não consigo acreditar… não quero acreditar…

— Então… deve ter se enganado, não? Enganou-se… confesse…

Ela o supliciava com todo seu desespero, como se esperasse que ele cedesse.

Por cima do ombro de sua mulher, voltou a prender o olhar no amaldiçoado retrato, e estremeceu da cabeça aos pés.

— Ah! É ela — afirmou, cerrando os punhos. — É ela… Eu a reconheço… Foi ela quem matou…

Um sobressalto de revolta sacudiu a jovem mulher, e batendo violentamente no próprio peito:

— Minha mãe! Minha mãe teria matado… Minha mãe! Aquela que meu pai adorava e nunca deixou de adorar…! Minha mãe que me acalentava e me beijava! Esqueci tudo dela, mas não isso, não a impressão de seus afagos e seus beijos. E ela é que teria matado!?

— É ela.

— Ah, Paul, não diga tamanha infâmia! Como pode afirmar, tanto tempo depois do crime? Era apenas uma criança e, essa mulher, você a viu tão pouco…! Alguns minutos apenas.

— Eu a vi mais de que se pode ver — exclamou Paul com força. — Desde o momento do crime sua imagem não me abandonou. Às vezes, já quis me livrar dela, como queremos nos livrar de um pesadelo. Não consegui. E essa imagem está aí na parede. Tão certo quanto existo, aí está ela, eu a reconheço como eu reconheceria sua imagem após vinte anos! É ela… Veja, mas veja, na blusa dela, esse broche envolto por uma serpente dourada… Um camafeu! Não foi o que eu lhe disse? E os olhos dessa serpente… são rubis! E o lenço de renda preta em volta dos ombros! É ela! É a mulher que vi!

Um crescente furor deixava-o superexcitado e, com o punho, ele ameaçava o retrato de Hermine de Andeville.

— Cale-se — exclamou Élisabeth, torturada por cada uma das palavras de Paul —, cale-se, eu o proíbo…

Quis tampar a boca dele com sua mão para que se calasse. Mas Paul teve um gesto de recuo como se recusasse sofrer o contato de sua mulher, e foi um movimento tão brusco, tão instintivo, que ela desmoronou aos prantos, ao passo que ele, exasperado, assolado de dor e ódio, tomado por uma espécie de aterrorizante alucinação que o fazia recuar até a porta, proferia:

— É ela! É sua boca malvada, são seus olhos implacáveis! Ela pensa no crime. Eu a vejo… eu a vejo… avança em direção a meu pai! Ele se deixa levar! Ela levanta o braço… e o mata! Ah, miserável…!

Ele saiu correndo…

Paul passou aquela noite no parque, correndo como um louco, ao acaso, pelas alamedas obscuras, ou jogando-se exausto na relva dos gramados, chorando, chorando indefinidamente.

Paul Delroze nunca sofrera senão pela lembrança do crime, sofrimento abafado, mas que, no entanto, em certas crises, tornava-se agudo, até lhe parecer a queimadura de uma nova ferida. Desta vez, a dor foi tamanha e tão imprevista que, apesar de seu costumeiro controle e do equilíbrio de seu raciocínio, ele realmente perdeu o juízo. Seus pensamentos, seus atos, suas atitudes, as palavras que criava na noite, foram de um homem que não está mais no controle de si.

Uma única ideia voltava sempre em sua mente tumultuada, em que ideias e impressões rodopiavam como folhas ao vento, um único pensamento terrível: "Conheço aquela mulher que matou meu pai, e a mulher que amo é filha dela!".

E ele, a amava ainda? Decerto chorava desesperadamente a felicidade que fora destruíra, mas será que ainda amava Élisabeth? Será que podia amar a filha de Hermine d'Andeville?

Ao amanhecer, quando entrou e passou diante do quarto de Élisabeth, seu coração não bateu mais depressa. Seu ódio da assassina abolia tudo o que pudesse palpitar nele de amor, de desejo, de ternura e até de simples e humana compaixão.

O entorpecimento em que caiu por algumas horas fez seus nervos relaxarem um pouco, mas não mudou a disposição de sua mente. Ao contrário, talvez, e até mesmo sem refletir, ele se recusava com mais força a encontrar Élisabeth. No entanto, queria saber, dar-se conta, cercar-se de todas as informações necessárias, e somente com total certeza tomar a decisão que ia desatar em um sentido ou outro o grande drama de sua vida.

Antes de mais nada, devia interrogar Jérôme e sua mulher, cujo testemunho adquiria um valor considerável pelo fato de eles terem conhecido a condessa de Andeville. Certas questões de data, por exemplo, podiam ser elucidadas imediatamente.

Encontrou-os em sua casa, ambos muito agitados, Jérôme com um jornal na mão e Rosalie gesticulando com pavor.

— É isso aí, senhor — exclamou Jérôme. — O senhor pode ter certeza: é para logo!

— O quê? — disse Paul.

— A mobilização! O senhor vai ver. Os policiais, amigos meus, alertaram-me. Os avisos estão prontos.

Paul observou distraidamente:

— Os avisos estão sempre prontos.

— Sim, mas vão colá-los daqui a pouco, o senhor vai ver. E, o senhor tem que ler o jornal. Aqueles porcos — o senhor que me desculpe, não há outra palavra — aqueles porcos querem a guerra. A Áustria bem que gostaria de negociar, mas enquanto isso eles se mobilizam, e já faz vários dias. Prova disso é que não podemos mais entrar no país deles. E mais

ainda, ontem, não longe daqui, destruíram uma estação ferroviária francesa e explodiram os trilhos. O senhor tem que ler!

Paul percorreu com os olhos as notícias de última hora, mas, embora sentisse sua gravidade, a guerra lhe parecia algo tão inverossímil que só deu a elas uma atenção passageira.

— Tudo isso vai se resolver — concluiu —, é o jeito deles de falar, com a mão no cabo da espada, mas não quero crer…

— O senhor está muito errado — murmurou Rosalie.

Ele não ouvia mais, pensando somente na tragédia de seu destino e imaginando por que meio obteria de Jérôme as respostas de que precisava. Mas, incapaz de se conter mais, tocou diretamente no assunto.

— Talvez você saiba, Jérôme, que a senhora e eu entramos no quarto da condessa de Andeville.

Essa declaração provocou no caseiro e em sua mulher uma reação extraordinária, como se tivesse sido um sacrilégio entrar naquele quarto fechado havia tanto tempo, o quarto da senhora, assim como o chamavam entre si.

— Como é possível, por Deus! — balbuciou Rosalie.

E Jérôme acrescentou:

— Mas não, não, já que enviei ao conde a única chave do cadeado, uma chave de segurança.

— Ele a deu para nós ontem de manhã — disse Paul.

E imediatamente, sem se preocupar mais com o espanto deles, questionou:

— Entre as duas janelas está o retrato da condessa de Andeville. Em que época esse retrato foi trazido e colocado ali?

Jérôme não respondeu imediatamente. Refletia. Olhou para sua mulher e, após um instante, articulou:

— É bem simples, na época em que o conde mandou todos os seus móveis para o castelo, antes da instalação.

— O que significa?

Durante os três ou quatro segundos em que Paul esperou a resposta, sua angústia foi intolerável. Essa resposta era decisiva.

— E então? — perguntou.

— Então, foi na primavera do ano 1898.

— 1898!

Paul repetiu em voz abafada. Aquele era o ano em que seu pai fora assassinado!

Sem se dar tempo para refletir, com o sangue-frio de um juiz encarregado de um inquérito que não se desvia do plano que traçou, ele perguntou:

— Assim, portanto, o conde e a condessa de Andeville chegaram aqui…?

— O conde e a condessa chegaram ao castelo em 28 de agosto de 1898, e partiram para o sul em 24 de outubro.

Agora, Paul conhecia a verdade, já que o assassinato de seu pai ocorrera em 19 de setembro.

E todas as circunstâncias que dependiam dessa verdade, que a explicavam em seus principais detalhes, ou que decorriam dela, apareceram-lhe de repente. Lembrou que seu pai mantinha relações de amizade com o conde de Andeville. Disse-se que, durante sua viagem à Alsácia, seu pai devia ter sabido da estadia na Lorena de seu amigo de Andeville e projetara fazer-lhe a surpresa de uma visita. Avaliou a distância que separava Ornequin de Estrasburgo, distância que correspondia exatamente às horas passadas no trem.

Então, perguntou:

— Quantos quilômetros daqui à fronteira?

— Exatamente sete, senhor.

— Do outro lado, chegamos a uma pequena cidade alemã bastante próxima, não é?

— Sim, senhor, Ébrecourt.

— É possível seguir um atalho para chegar à fronteira?

— Até a metade da estrada que leva à fronteira, sim, senhor, uma trilha na parte alta do parque.

— Pelo meio dos bosques?

— Pelo meio dos bosques do conde.

— E nesses bosques…

Só restava, para adquirir a certeza total, absoluta, aquela que resultava não de uma interpretação dos fatos, mas dos próprios fatos, que, por assim dizer, tornaram-se visíveis e palpáveis, só restava a fazer a suprema pergunta: nos bosques não existe uma pequena capela no meio de uma clareira? Por que Paul não fez essa pergunta? Será que julgou que era tão

precisa que podia levar o caseiro a refletir e a fazer conclusões que a própria natureza da conversa já motivava?

Limitou-se então a dizer:

— A condessa de Andeville não viajou durante os dois meses em que morou em Ornequin? Uma ausência de alguns dias…

— Olhe, não. A condessa não saiu de suas propriedades.

— Ah! Permaneceu no parque?

— Sim, senhor. O conde ia quase todas as tardes até Corvigny, ou para o lado do vale, mas a condessa não saía do parque ou dos bosques.

Paul já sabia o que queria saber. Indiferente àquilo que Jérôme e sua mulher poderiam pensar, não se deu ao trabalho de fornecer um pretexto a essa estranha série de perguntas, sem relação aparente entre si. Saiu da casa.

Não obstante a pressa que sentia para levar seu inquérito até o fim, resolveu adiar as investigações que queria fazer fora do parque. Parecia ter medo de se deparar com essa última prova, contudo bem inútil após aquelas que o acaso já lhe havia fornecido.

Assim, voltou ao castelo e, quando chegou a hora do almoço, decidiu aceitar o inevitável encontro com Élisabeth.

Mas a camareira o alcançou no salão e lhe anunciou que sua mulher pedia desculpas. Sentindo-se um pouco adoentada, pedia a permissão de almoçar em seus aposentos. Entendeu que ela queria deixá-lo inteiramente livre, recusando-se a implorar em favor de uma mãe que respeitava para, no final das contas, submeter-se de antemão às decisões do marido.

Ele então teve que almoçar sozinho, sob os olhares das pessoas que o serviam, com a profunda sensação de que sua vida estava perdida e que Élisabeth e ele, no exato dia de seu casamento, tornavam-se, em decorrência de circunstâncias de que não eram responsáveis, inimigos que nada mais no mundo podia reaproximar. Decerto, não sentia ódio dela e não a censurava pelo crime de sua mãe, mas inconscientemente estava ressentido, como se fosse um defeito ser filha daquela mulher.

Durante duas horas, após o almoço, permaneceu recolhido no quarto do retrato, trágico encontro que ele queria ter com a assassina, para encher seus olhos da amaldiçoada imagem e dar às suas lembranças uma nova força.

Examinou os mínimos detalhes, estudou o camafeu, o cisne de asas abertas que nele era representado, as cinzelamentos da serpente dourada que servia de moldura, o espaçamento dos rubis, e também o movimento da renda em volta dos ombros, a forma da boca e as ondas dos cabelos e o desenho do rosto.

Era mesmo a mulher que ele vira, uma noite de setembro. Num canto do quadro, estava a assinatura do pintor e, abaixo, o título: *Retrato da condessa H.* Esse quadro fora provavelmente exposto, e limitaram-se a essa discreta designação: condessa Hermine.

— Olhe — disse-se Paul —, alguns minutos ainda e todo esse passado vai ressuscitar. Achei a culpada, só me resta encontrar o local do crime. Se a capela estiver mesmo lá, nos bosques, a verdade estará completa.

Dirigiu-se resolutamente a essa verdade. Temia-a menos, já que não podia escapar de seu abraço. E, no entanto, como eram dolorosas as batidas de seu coração e como era horrível a impressão que sentia enquanto percorria esse caminho que levava àquele que seu pai seguira dezesseis anos antes!

Com um gesto vago, Jérôme lhe ensinara a direção. Atravessou o parque do lado da fronteira, indo obliquamente para a esquerda, e passou perto de um pavilhão. À beira dos bosques, abria-se uma longa alameda bordada de pinheiros na qual entrou e que, quinhentos passos adiante, dividia-se em três alamedas mais estreitas. Duas delas, que explorou, davam em um matagal inextricável. A terceira levava ao cume de um montículo, de onde desceu, ainda à esquerda, por outra alameda de pinheiros.

E, ao escolher esta, Paul se deu conta de que o motivo de sua escolha era precisamente que essa alameda de pinheiros despertava nele, e não saberia dizer por que semelhanças de forma e disposição, reminiscências que guiavam seus passos.

Primeiramente reta por um tempo, a alameda fez uma brusca curva dentro de um bosque de altas faias, cujas folhagens se juntavam no alto; então, endireitou-se e, no final da escura abóbada sob a qual caminhava, Paul avistou aquele desabrochar de luz que indica a abertura de uma rotunda.

Verdade seja dita, a angústia lhe abalou as pernas e ele teve que se esforçar para seguir adiante. Era mesmo a clareira em que seu pai recebera o golpe fatal? À medida que seu olhar descobria um pouco mais do espaço

luminoso, ele se sentia invadido por uma convicção mais profunda. Como no quarto do retrato, o passado retomava nele e diante dele o aspecto da realidade!

Era a mesma clareira, envolta por um círculo de árvores que ofereciam o mesmo quadro, e coberta por um tapete de relva e musgo que as mesmas trilhas dividiam em setores análogos. Era a mesma porção de céu que recortava a caprichosa massa das folhagens. E foi lá, à esquerda, vigiada por dois teixos, que Paul reconheceu a capela.

A capela! A pequena, velha e maciça capela cujas linhas haviam cavado como que sulcos na mente do jovem homem! As árvores crescem, alargam-se e mudam de formato. A aparência de uma clareira se modifica. Nela, as trilhas se entrelaçam de maneira diferente. É possível se enganar. Mas isso, uma construção de granito e cimento, isso é imutável. Séculos são necessários para lhe dar aquela coloração cinzenta e esverdeada que é a marca do tempo na pedra, essa pátina que não se altera mais.

A capela que se erguia ali, com a frente cavada por uma rosácea de vitrais empoeirados, era mesmo aquela de onde o imperador da Alemanha surgira, seguido da mulher que, dez minutos depois, assassinava…

Paul se dirigiu à porta. Queria rever o lugar no qual, pela última vez, seu pai se dirigira a ele. Que emoção! O mesmo pequeno telhado que abrigara suas bicicletas avançava além da parte traseira, e era a mesma porta de madeira com espessas fechaduras enferrujadas.

Ele subiu o único degrau. Levantou o trinco. Empurrou a porta. Mas, no exato momento em que entrava, dois homens escondidos na sombra, à direita e à esquerda, pularam em cima dele.

Um mirou-o no rosto com o revólver. Por que milagre Paul conseguiu avistar o cano da arma e se abaixar a tempo para que a bala não o atingisse? Um segundo tiro ecoou. Mas ele havia empurrado o homem e lhe arrancava a arma das mãos, ao passo que o segundo de seus agressores o ameaçava com um punhal. Recuou, saiu da capela, de braço estendido e mantendo-os à distância com o revólver.

— Mãos ao alto! — gritou.

Sem esperar o gesto que intimava, sem se dar conta, apertou o gatilho duas vezes. Em ambas as vezes não ouve estalo… nenhum disparo. Mas bastou que ele atirasse para que os dois miseráveis, assustados, dessem meia-volta às pressas e fugissem correndo.

Por um segundo, Paul ficou indeciso, estupefato pela brusquidão dessa armadilha. Depois, rapidamente, atirou de novo contra os fugitivos. Mas não adiantou! A arma, certamente carregada com duas únicas balas, estalava, mas não atirava.

Então, pôs-se a correr na direção que seus agressores seguiam, lembrando-se de que outrora o imperador e sua companheira, ao se afastarem da capela, haviam tomado essa mesma direção, que, obviamente, era a da fronteira.

Quase imediatamente os homens, vendo-se perseguidos, entraram no bosque e se esgueiraram entre as árvores. Porém Paul, mais ágil, diminuía a distância, e ainda mais rapidamente contornava uma depressão repleta de samambaias e plantas espinhosas aonde os fugitivos haviam se aventurado.

De repente, um deles soprou um apito estridente. Seria um sinal dirigido a algum cúmplice? Pouco depois, despareceram atrás de uma linha de arbustos folhudos. Após terem ultrapassado essa linha, Paul avistou cem passos adiante um muro elevado que parecia cercar os bosques por todos os lados. Os homens se encontravam a meio caminho, e ele percebeu que se dirigiam em linha reta para um trecho desse muro em que havia uma pequena porta baixa.

Paul redobrou os esforços para chegar antes que tivessem tempo de abri-la. O terreno descoberto lhe permitia manter um ritmo mais alerta, ao passo que os homens, visivelmente esgotados, iam mais devagar.

— Vou pegar aqueles bandidos — disse em voz alta. — Finalmente vou saber…

Ouviu-se um segundo apito, seguido de um grito rouco. Ele não estava a mais de trinta passos e ouvia-os falar.

— Vou pegá-los, vou pegá-los — repetia com alegria feroz.

Projetava acertar o primeiro no rosto com o cano de seu revólver e pular no pescoço do outro.

Mas, antes mesmo que tivessem alcançado o muro, a porta foi empurrada de fora. Um terceiro indivíduo apareceu, abrindo-lhes a passagem.

Paul soltou o revólver, e seu ímpeto foi tão forte, gastou tanta energia, que conseguiu agarrar a porta e puxá-la para si.

A porta cedeu. E o que ele viu então o espantou tanto que teve um movimento de recuo e não pensou em se defender contra esse novo ataque.

O terceiro indivíduo, ô terrível pesadelo…! Aliás, seria possível que fosse outra coisa senão um pesadelo?, o terceiro indivíduo levantava uma faca contra ele, e Paul conhecia seu rosto… era um rosto semelhante àquele que vira antes, um rosto de homem e não de mulher, mas o mesmo tipo de rosto, incontestavelmente o mesmo tipo… Um rosto marcado por dezesseis anos a mais e por uma expressão mais dura e ainda mais malvada, mas o mesmo tipo de rosto, o mesmo…!

E o homem acertou Paul, como a mulher antigamente, como aquela que, morta desde então, acertara o pai de Paul.

Se Paul cambaleou foi mais por decorrência do abalo nervoso que lhe causou o aspecto desse fantasma, já que a lâmina do punhal, ao bater contra o botão que fechava a ombreira de pano de seu casaco, estilhaçou-se. Atordoado, olhos embaçados de bruma, ele percebeu o ruído da porta e o ranger da chave na fechadura, e finalmente o ronco de um automóvel que dava a partida do outro lado do muro. Quando Paul saiu de seu torpor, não havia mais nada que pudesse fazer. O indivíduo e seus dois cúmplices estavam fora de alcance.

Aliás, por enquanto, o mistério da incompreensível semelhança entre a pessoa do passado e a de hoje o absorvia inteiramente. Só pensava nisso: "A condessa de Andeville morreu, e eis que ressuscita sob a aparência de um homem cujo rosto é igual àquele que ela teria hoje. Rosto de algum parente? Rosto de um irmão desconhecido, um irmão gêmeo?".

Então, pensou:

"Afinal de contas, será que não estou enganado? Será que não sou vítima de alucinação, algo tão natural na crise pela qual estou passando? Quem me garante que existe a mais ínfima relação entre o passado e o presente? Eu precisaria de uma prova."

Essa prova estava à disposição de Paul, e era tão forte que ele não pôde mais duvidar.

Tendo avistado na relva os estilhaços do punhal, recolheu o cabo.

Neste, feito de chifre, quatro letras estavam gravadas como a ferro em brasa, um H, um E, um R e um M.

H.E.R.M… as quatro primeiras letras de Hermine!

Foi nesse exato momento, em que contemplava as letras que, para ele, tinham tamanho significado, foi nesse momento, e Paul não se esqueceria mais disso, que o sino de uma igreja vizinha começou a badalar da maneira

mais estranha, um tinido regular, monótono, ininterrompido, ao mesmo tempo alegre e tão comovente!

— O rebate — murmurou ele, sem conectar essa palavra ao sentido que tinha.

E acrescentou:

— Algum incêndio, provavelmente.

Dez minutos depois, Paul conseguia, utilizando os galhos salientes de uma árvore, pular o muro. Outros bosques se estendiam, atravessados por uma trilha florestal. Nessa trilha, seguiu as marcas deixadas pelo automóvel e em uma hora chegou à fronteira.

Um posto de policiais alemães acampava ao pé do mastro, e avistava-se uma estrada branca em que desfilavam ulanos[5].

Mais adiante, um amontoado de telhados vermelhos e jardins. Era essa a pequena cidade em que outrora seu pai e ele haviam alugado bicicletas, a cidadezinha de Ébrecourt?

O sino melancólico não parara. Paul se deu conta de que o som vinha da França, e que outro sino tocava em algum lugar, também na França, e um terceiro ao lado do rio Liseron, e os três com a mesma pressa, como se lançassem ao redor um chamado desesperado.

Ele repetiu ansiosamente:

— O rebate… o rebate… que passa de igreja em igreja… Será?

Descartou esse terrível pensamento… Não, não estava ouvindo bem, ou então era o eco de um único sino que batia no fundo do vale e corria pelas planícies.

Contudo, olhava a estrada branca que saía da pequena cidade alemã, e observou que um fluxo contínuo de cavaleiros chegava por lá e se espalhava no campo. Ademais, um destacamento de dragões franceses surgiu no cume de uma colina. Com um binóculo, o oficial estudou o horizonte antes de ir embora com seus homens.

Então, sem poder ir mais além, Paul regressou até o muro que pulara, e constatou que esse muro cercava mesmo toda a propriedade, o bosque e o parque. Soube, aliás, por um velho camponês, que a construção datava de uns doze anos, o que explicava por que, em suas explorações ao longo da fronteira, Paul nunca encontrara a capela. Uma única vez, lembrou-se, alguém lhe falara de uma capela, mas localizada dentro de uma propriedade fechada. Como ele poderia ter se preocupado com isso?

Seguindo o recinto do castelo, aproximou-se da aldeia de Ornequin, cuja igreja surgiu de repente no fundo de uma clareira em meio aos bosques. O rebate de sinos, que não se ouvia mais um instante antes, voltou a tocar nitidamente. Era o sino de Ornequin. Era fraco, dilacerante como uma lamúria e, apesar de sua precipitação e leveza, mais solene que a badalada que anuncia a morte.

Paul foi em sua direção.

Uma linda aldeia, florida com gerânios e margaridas, agrupava-se ao redor da igreja. Grupos silenciosos de pessoas estacionavam diante de um cartaz branco afixado na prefeitura.

Paul avançou e leu:

ORDEM DE MOBILIZAÇÃO

Em qualquer outra época de sua vida, essas palavras teriam surgido diante dele com todo o seu formidável e lúgubre significado. Mas a crise que sofria era demasiadamente forte para que uma grande emoção tomasse conta dele. Mal se dignou a encarar as inelutáveis consequências dessa notícia. Pois então, havia mobilização. De noite, à meia-noite começava o primeiro dia da mobilização. Então, todos deviam partir. Assim, ele também partiria. E isso tomava em sua mente a forma de um ato tão imperioso, as proporções de um dever que se sobrepunha tanto a todas as pequenas obrigações e todas as pequenas necessidades individuais, que, ao contrário, ele experimentou uma espécie de alívio ao receber, por assim dizer de fora, a ordem que lhe ditava sua conduta. Não havia hesitação possível.

O dever estava chamando: partir.

Partir? Nesse caso, por que não partir imediatamente? Que sentido fazia voltar ao castelo, rever Élisabeth, procurar uma explicação dolorosa e vã, conceder ou recusar um perdão que sua mulher não lhe pedia, mas que a filha de Hermine de Andeville não merecia?

Diante do principal albergue, uma diligência esperava com a seguinte menção:

Corvigny— Ornequin — Serviço da estação ferroviária

Algumas pessoas se acomodavam nela. Sem mais refletir sobre uma situação que os próprios eventos davam um jeito de desfazer, ele subiu.

Na Estação de Corvigny, disseram-lhe que o trem só sairia dali a meia-hora, e que não havia outro, já que o trem noturno, que correspondia ao expresso noturno na linha principal, havia sido suprimido.

Paul reservou um lugar e, então, após se informar, foi até um locador de carros na cidade que possuía dois automóveis.

Acertou com esse locador e decidiram que o maior dos dois automóveis iria sem demora até o Castelo de Ornequin e ficaria à disposição da sra. Paul Delroze.

Então, escreveu à sua mulher as seguintes palavras:

Élisabeth,

As circunstâncias são suficientemente graves para que eu lhe peça que deixe Ornequin. As viagens de trem não estão mais garantidas; mando-lhe um automóvel que a levará esta noite até Chaumont, à casa de sua tia. Suponho que os criados queiram acompanhá-la, e que, no caso de uma guerra, que apesar de tudo ainda me parece improvável, Jérôme e Rosalie fechem o castelo e fiquem em Corvigny.

Quanto a mim, vou me juntar ao regimento. Independentemente do futuro que nos espera, Élisabeth, jamais esquecerei aquela que foi minha noiva e carrega meu nome.

Paul Delroze.

---

[5] Originários dos mongóis e tártaros, cavaleiros armados originalmente de lanças e depois de pistolas ou carabinas, usados também por alemães e eslavos, semelhantes aos lanceiros franceses. (N.T.)

Uma carta de Élisabeth

Às nove horas, a posição não era mais sustentável.

O coronel estava furioso.

Desde o meio da noite, os fatos se passavam no primeiro mês da guerra[6], em 22 de agosto, levara seu regimento ao cruzamento dessas três estradas, entre as quais uma desembocava na província belga de Luxemburgo. Na véspera, o inimigo ocupava as linhas da fronteira, a cerca de doze quilômetros de distância. Segundo a ordem formal do general comandante da divisão, deviam contê-lo até o meio-dia, isto é, até que toda a divisão pudesse chegar. Uma bateria de calibre setenta e cinco milímetros auxiliava o regimento.

O coronel dispusera seus homens em uma vala do terreno. A bateria também estava escondida. Ora, desde os primeiros raios do dia, o regimento e a bateria tinham sido localizados pelo inimigo e copiosamente bombardeados por obuses.

Mudaram-se para dois quilômetros à direita. Cinco minutos depois, os obuses caíam e matavam meia dúzia de homens e dois oficias.

Novo deslocamento. Dez minutos depois, novo ataque. O coronel se obstinou. Em uma hora, trinta homens estavam fora de combate. Um dos canhões foi destruído.

E eram apenas nove horas da manhã.

— Caramba! — exclamou o coronel. — Como podem nos localizar desse jeito? Deve ter alguma feitiçaria por baixo disso!

Escondera-se com seus comandantes, com o capitão da artilharia e alguns homens encarregados das ligações, atrás de uma escarpa por cima da qual descobria-se um horizonte bastante amplo de ondulosos planaltos.

Perto daí, à esquerda, uma aldeia abandonada. À frente, fazendas esparsas, e, por toda uma extensão deserta, nenhum inimigo visível. Nada que pudesse indicar de onde provinha aquela chuva de obuses. Fora em vão que os setenta e cinco milímetros haviam "tateado" alguns pontos. A metralha ainda continuava.

— Mais três horas a aguentar — resmungou o coronel. — Vamos aguentar, mas perderemos um quarto do regimento.

Naquele momento, um obus assobiou entre os oficiais e os homens de ligação e fincou-se na terra. Todos fizeram um movimento de recuo, aguardando a explosão. Mas um dos homens, um cabo, lançou-se, pegou o obus e o examinou.

— Está louco, cabo! — berrou o coronel. — Largue isso, rápido.

O cabo devolveu cuidadosamente o projetil para dentro do buraco e, às pressas, aproximou-se do coronel, bateu continência, levando a mão ao quepe.

— Desculpe-me, coronel, quis ver no foguete a que distância se encontram os canhões inimigos. São cinco quilômetros e duzentos e cinquenta metros. A informação pode ter algum valor.

Sua calma confundiu o coronel, que exclamou:

— Caramba! E se tivesse explodido?

— Bem, coronel, quem não arrisca…

— Obviamente… mas, mesmo assim, é um pouco demais. Como se chama?

— Delroze, Paul, cabo da terceira companhia.

— Pois bem, cabo Delroze, eu o parabenizo por sua coragem, e creio que logo terá seus galões de sargento. Enquanto isso não chegar, um bom conselho: nunca faça isso de novo…

Sua frase foi interrompida pela explosão bem próxima de um *shrapnel*[7]. Um dos homens de ligação caiu, atingido no peito, ao passo que um oficial cambaleava sob o monte de terra que caiu por cima dele.

— Vamos — disse o coronel quando a ordem foi reestabelecida —, só nos resta esconder a cabeça da tempestade. Que cada um se abrigue como puder e vamos esperar.

Mais uma vez, Paul Delroze deu um passo adiante.

— Perdoe-me, coronel, por me intrometer no que não me diz respeito, mas creio que poderíamos evitar…

— Evitar a metralha? Diabo! Basta mudar de posição mais uma vez. E como seremos localizados imediatamente… Por favor, meu rapaz, volte ao seu posto.

Paul insistiu:

— Talvez, coronel, não se trate de mudar de posição, mas de mudar o tiro do inimigo.

— Ah, Ah! — fez o coronel um tanto irônico, porém impressionado pelo sangue-frio de Paul. — E você conhece uma maneira?

— Sim, coronel.

— Explique-se.

— Dê-me vinte minutos, coronel, e daqui a vinte minutos os obuses vão mudar de direção.

O coronel não pôde deixar de sorrir.

— Perfeito! E você provavelmente fará com que caiam onde quiser?

— Sim, coronel.

— Na plantação de beterrabas que fica lá, a mil e quinhentos metros à direita?

— Sim, coronel.

O capitão da artilharia, que ouvira a conversa, pôs-se também a gracejar:

— E aproveitando o ensejo, cabo, já que me forneceu a indicação da distância, e que conheço mais ou menos a direção, você poderia me precisar essa direção para que eu ajuste meu tiro e destrua as baterias alemãs?

— Será mais demorado, capitão, e bem mais difícil — respondeu Paul. — Contudo, vou tentar. Às onze em ponto, faça a gentileza de examinar o horizonte, do lado da fronteira. Lançarei um sinal.

— Qual?

— Não sei. Três sinalizadores provavelmente.

— Mas seu sinal só terá valor se subir acima da posição exata do inimigo.

— Justamente.

— E para tanto, seria preciso conhecer essa posição.

— Vou conhecê-la.

— E chegar até lá.

— Vou chegar lá.

Paul os saudou, girou os calcanhares, e, antes que os oficiais tivessem tempo de aprovar ou objetar, correu agachado pelo talude, enfiou-se à esquerda em uma espécie de cavidade cujas bordas eram eriçadas de espinhos e desapareceu.

— Sujeito estranho — murmurou o coronel. — Onde quer chegar?

Tamanha decisão e audácia o predispunham favoravelmente com o jovem soldado e, embora tivesse uma confiança bastante limitada no resultado da empreiteira, não pôde deixar de consultar várias vezes seu relógio durante os minutos que passaram, junto com seus oficiais, atrás da frágil proteção de uma meda de feno. Terríveis minutos, em que o chefe do regimento não pensava um momento sequer no perigo que o ameaçava, mas no perigo que ameaçava a todos sob suas ordens, e que considerava como filhos.

Via-os ao seu redor, deitados na palha, com a cabeça coberta pela mochila e aninhados no matagal, ou ainda deitados nos sulcos do solo. A tempestade de ferro se enfurecia contra eles. Precipitava-se como um raivoso granizo que, a toda a pressa, pretende cumprir sua tarefa de destruição. Sobressaltos de homens que fazem uma pirueta e caem imóveis, berros de feridos, gritos de soldados que se interpelam, gracejos até… E por cima o estrondo ininterrompido das explosões…

E, de repente, o silêncio, um silêncio total, definitivo, uma infinita calma no espaço e no chão, uma espécie de inefável libertação.

O coronel manifestou sua alegria soltando uma risada.

— Caramba! O cabo Delroze é um homem corajoso. O cúmulo seria que aquela plantação de beterrabas recebesse uma chuvarada, como ele prometeu.

Mal acabara de falar e uma bomba explodia a mil e quinhentos metros à direita, não na plantação de beterrabas, mas adiante. Uma segundo foi mais além. Na terceira explosão, o local havia sido localizado e a descarga começou.

Havia no cumprimento da tarefa que o cabo se impusera algo tão prodigioso e de precisão tão matemática, que o coronel e seus oficiais de certa maneira não duvidaram que ele fosse até o final dessa tarefa, e que, apesar dos obstáculos insuperáveis, conseguisse dar o sinal combinado.

Sem trégua, perscrutaram o horizonte com seus binóculos, ao passo que o inimigo redobrava seus esforços contra o campo de beterrabas.

Às onze e cinco, avistaram um sinalizador vermelho.

Surgiu bem mais à direita de que imaginavam.

Então, seguiram dois outros.

Munido de sua luneta, o capitão de artilharia não demorou a descobrir um campanário de igreja que mal emergia do vale cuja depressão permanecia invisível entre as ondulações do planalto, e a flecha desse campanário se sobrepunha tão pouco que poderia ter sido confundida com uma árvore isolada. Com a ajuda de mapas, foi fácil constatar que era a aldeia de Brumoy.

Sabendo, pelo obus que o cabo havia examinado, a distância exata das baterias alemães, o capitão telefonou ao seu tenente.

Meia hora depois, as baterias alemãs se calavam, e, como um quarto sinalizador fora lançado, os canhões de setenta e cinco milímetros continuaram a bombardear a igreja, junto com a aldeia e os arredores imediatos.

Pouco antes do meio-dia, o regimento foi alcançado por uma companhia de ciclistas, que precedia a divisão. Foi dada a ordem de seguir adiante a qualquer preço.

O regimento foi em frente, apenas ameaçado, nas proximidades de Brumoy, por alguns tiros de espingarda. A retaguarda inimiga estava recuando.

Na aldeia em ruínas, e onde algumas casas ainda estavam em chamas, encontraram o maior caos de cadáveres, feridos, cavalos mortos, canhões demolidos, carretas e furgões destruídos. Uma brigada inteira havia sido pega de surpresa no momento em que, certa de ter limpado o terreno, ia seguir caminho.

Mas um chamado ecoou do alto da igreja, cuja nave e fachada desmoronadas não eram mais do que um caos indescritível. Apenas a torre do campanário, furada de lado a lado, e escurecida pelo incêndio de algumas vigas, mantinha-se e ainda carregava, graças a um milagre de equilíbrio, a fina flecha de pedra que a coroava. Meio debruçado para fora dessa flecha, um camponês agitava os braços e gritava para chamar a atenção.

Os oficiais reconheceram Paul Delroze.

Com prudência, entre os escombros, subiram pela escada que levava à plataforma da torre. Lá, amontoados contra a pequena porta escavada na

flecha, estavam oito cadáveres de alemães, e a porta, derrubada, caída transversalmente, bloqueava a passagem de tal maneira que foi preciso quebrá-la a golpes de machado para liberar Paul.

No final da tarde, quando se constatou que a perseguição ao inimigo se deparava com obstáculos por demais sérios, o coronel juntou o regimento na praça e abraçou o cabo Delroze.

— Em primeiro lugar, a recompensa — disse-lhe ele. — Vou pedir a medalha militar e, com tamanha façanha, você a obterá. Agora, meu rapaz, explique-nos.

E Paul, no meio do círculo que formavam ao seu redor os oficiais e graduados de cada companhia, respondeu às perguntas.

— Meu Deus, é bem simples, coronel. Estávamos sendo espionados.

— Obviamente, mas quem era o espião e onde se encontrava?

— Coronel, fui informado por acaso. Ao lado do local que ocupávamos de manhã, não havia, à nossa esquerda, uma aldeia com uma igreja?

— Sim, mas mandei evacuar a aldeia assim que cheguei, não havia ninguém na igreja.

— Se não havia ninguém na igreja, por que motivo o galo que coroa o campanário indicava que o vento vinha de Leste, ao passo que vinha de Oeste? E por que, quando mudávamos de posição, a direção do galo apontava para nós?

— Tem certeza?

— Sim, coronel. É por isso que, após ter obtido sua permissão, não hesitei em ir às escondidas até a igreja e entrar no campanário o mais disfarçadamente possível. Eu não estava errado. Estava lá um homem que, não sem dificuldade, consegui dominar.

— O miserável! Um francês?

— Não, coronel, um alemão disfarçado de camponês.

— Será fuzilado.

— Não, coronel, prometi que teria a vida salva.

— Impossível.

— Coronel, era preciso saber como ele informava o inimigo.

— E então?

— Ah! Não era complicado. Do lado Norte, a igreja possui um relógio cujo mostrador não podíamos ver. De dentro, nosso homem manobrava os ponteiros de maneira que o maior, alternativamente posto em três ou

quatro números, enunciasse a que distância exata estávamos da igreja, e isso na direção do galo. É o que eu mesmo fiz, e imediatamente o inimigo, corrigindo seu tiro segundo minhas indicações, metralhou conscienciosamente o campo de beterrabas.

— De fato — disse o coronel, rindo.

— Só me restava ir até o segundo posto de observação, em que coletavam as mensagens do espião. De lá eu saberia, porque o espião ignorava esse detalhe essencial, onde se escondiam as baterias inimigas. Assim, corri até aqui, e foi somente ao chegar que constatei, ao pé mesmo da igreja que servia de observatório, a presença dessas baterias de uma brigada alemã inteira.

— Mas foi uma imprudência completa! Não atiraram em você?

— Coronel, vesti as roupas do espião, do espião *deles*, falo alemão, eu sabia a senha, e um só entre eles conhecia esse espião, o oficial de observação. Sem a menor desconfiança, o general que comandava a brigada mandou-me então para ele assim que soube por mim que os franceses me desmascararam e que eu acabava de escapar deles.

— E você teve essa audácia?

— Era necessário, coronel, e realmente eu tinha todos os trunfos em mãos. Esse oficial não desconfiava de nada; quando cheguei à plataforma da torre de onde ele transmitia suas indicações, não tive dificuldade para atacá-lo e silenciá-lo. Minha tarefa estava encerrada, só restava lhe fazer o sinal combinado.

— Só isso! E no meio de seis ou sete mil homens!

— Eu lhe havia prometido, coronel, e eram onze horas. Na plataforma estava todo o equipamento necessário para enviar sinais de dia e de noite. Como não aproveitar? Acendi um sinalizador, então outro, e um terceiro e um quarto, e a batalha começou.

— Mas esses sinalizadores eram avisos que dirigiam nossos tiros para o mesmo campanário em que você estava! Era contra você que atirávamos!

— Ah, juro, coronel, que esse tipo de ideia não vem à mente nesses momentos. O primeiro obus que atingiu a igreja me pareceu bem-vindo. Ademais, o inimigo não me deixava tempo para refletir! Logo, meia dúzia de soldados escalava a torre. Acertei alguns com meu revólver, mas em seguida houve outro assalto, e mais tarde outro ainda. Precisei me refugiar atrás da porta, que fecha o acesso à flecha. Uma vez que a derrubaram,

serviu-me de barricada, e, como eu dispunha das armas e munições deixadas pelos primeiros assaltantes, que era inacessível e quase invisível, foi fácil aguentar o cerco.

— Enquanto nossos canhões de setenta e cinco milímetros o bombardeavam.

— Enquanto nossos canhões de setenta e cinco milímetros me libertavam, coronel, pois pode imaginar que, uma vez a igreja demolida e a estrutura em chamas, eles não ousaram mais se aventurar na torre. Só tive que esperar pacientemente até sua chegada.

Paul Delroze contara sua história da maneira mais simples e como se se tratassem de fatos totalmente naturais. O coronel, após parabenizá-lo de novo, confirmou sua nomeação à patente de sargento e lhe disse:

— Não a nada que queira me pedir?

— Sim, coronel, gostaria de interrogar o espião alemão que deixei naquela igreja e, ao mesmo tempo, recuperar meu uniforme, que escondi.

— Autorizado, você vai jantar conosco, e depois lhe daremos uma bicicleta.

Às sete da noite, Paul voltava à primeira igreja. Uma grande decepção o esperava. O espião havia cortado as amarras e fugido.

Todas as buscas de Paul, na igreja e na aldeia, foram inúteis. Contudo, em um dos degraus da escada, perto do lugar em que se lançara sobre o inimigo, encontrou o punhal com o qual o adversário tentara esfaqueá-lo.

Esse punhal era exatamente semelhante àquele que encontrara na relva três semanas antes, diante da pequena porta do bosque de Ornequin. A mesma lâmina triangular. O mesmo cabo de chifre marrom e, no cabo, as quatro letras: H. E. R. M.

O espião e a mulher que se parecia tão estranhamente com Hermine de Andeville, a assassina de seu pai, serviam-se de uma arma idêntica.

No dia seguinte, a divisão a que pertencia o regimento de Paul continuava sua ofensiva e entrava na Bélgica após ter derrotado o inimigo. Mas, de noite, o general recebia ordem de recuar.

A retirada começava. Dolorosa para todos, talvez o tenha sido ainda mais para aqueles de nossos soldados que haviam conhecido a vitória. Paul e seus camaradas da terceira companhia continuavam enfurecidos. Durante a metade do dia que passaram na Bélgica, viram as ruínas de uma pequena cidade aniquilada pelos alemães, os cadáveres de oitenta mulheres

fuziladas, idosos enforcados pelos pés, muitas crianças degoladas. E era preciso recuar diante desses monstros!

Alguns soldados belgas haviam se misturado ao regimento e, com o rosto ainda assombrados pelas visões infernais, contavam coisas que nem a imaginação podia conceber. E era preciso recuar. Era preciso recuar com ódio no coração e um furioso desejo de vingança que enrijecia as mãos ao segurar as armas.

E por que recuar? Não era a derrota, já que uma retirada se fazia em ordem, com bruscas paradas e violentos ataques contra o inimigo desconcertado. Mas o número arruinava qualquer resistência. O fluxo dos bárbaros se refazia. Dois mil vivos substituíam mil mortos. E recuávamos.

Uma noite, Paul soube, por um jornal da semana anterior, uma das causas daquela retirada, e a notícia lhe foi dolorosa. Em 20 de agosto, após umas horas de bombardeio realizado nas mais inexplicáveis condições, Corvigny havia sido invadida, ao passo que se esperava dessa praça-forte que se defendesse pelo menos durante alguns dias, o que teria dado mais energia às nossas operações no flanco esquerdo dos alemães.

Assim Corvigny havia sucumbido, e o Castelo de Ornequin, provavelmente abandonado, como Paul o desejava, por Jérôme e Rosalie, agora devia ter sido destruído e saqueado com o requinte e o método que os bárbaros aplicavam à sua obra de devastação. E, ainda desse lado, hordas furiosas se precipitavam.

Dias sinistros do fim de agosto, talvez os mais trágicos que a França já viveu. Paris ameaçada. Doze departamentos invadidos[8]. O vento da morte soprava sobre a heroica nação.

Foi na manhã de um desses dias que Paul ouviu, atrás de si, em um grupo de jovens soldados, uma voz alegre que o interpelava.

— Paul! Paul! Finalmente consegui o que queria. Que felicidade!

Esses jovens soldados eram alistados voluntários, mobilizados nesse regimento e, entre eles, Paul reconheceu imediatamente o irmão de Élisabeth, Bernard de Andeville.

Não teve tempo de pensar na atitude que devia tomar. Seu primeiro movimento teria sido de se afastar, mas Bernard segurou suas mãos, apertando-os com um carinho e um afeto que mostravam que o rapaz ainda não sabia da ruptura que ocorrera entre Paul e sua mulher.

— Sim, Paul, sou eu — disse alegremente. — Posso chamá-lo de você, certo? Sim, sou eu, e isso o surpreende, não é? Você pensa num encontro providencial, um acaso como não existe? Os dois cunhados reunidos no mesmo regimento…! Pois bem, não, foi a meu pedido expresso. "Quero me alistar", eu disse mais ou menos assim às autoridades, "quero me alistar, como é meu dever e meu prazer. Mas, na qualidade de atleta mais que completo e premiado de todas as academias de ginástica e de preparo militar, desejo ser enviado imediatamente para a linha de frente e no regimento de meu cunhado, o cabo Paul Delroze." E como não podiam abrir mão de meus serviços, mandaram-me aqui. E, então, o que há? Você não parece muito feliz?

Paul mal escutava. Pensava: "Eis o filho de Hermine de Andeville. Aquele que está me tocando é o filho da mulher que matou…". Mas o rosto de Bernard expressava tamanha franqueza e ingênua alegria, que ele articulou:

— Sim, sim… Mas você é tão jovem!

— Eu? Já sou bem velho. Dezessete anos no dia de meu alistamento.

— Mas e seu pai?

— Papai me deu sua autorização. Sem a qual, aliás, eu não teria lhe dado a minha.

— Como?

— Pois é, ele se alistou.

— Na idade dele?

— Como? É muito jovem. Cinquenta anos no dia de seu alistamento! Foi recrutado como intérprete no estado-maior inglês. A família toda se alistou, como pode ver… Ah! Já ia me esquecendo, tenho uma carta de Élisabeth para você.

Paul estremeceu. Até agora, não quisera interrogar o cunhado a respeito de sua mulher. Murmurou, segurando a carta.

— Ah! Ela lhe entregou isso…

— Claro que não, mandou-a para nós de Ornequin.

— De Ornequin, mas é impossível! Élisabeth foi embora no dia mesmo da mobilização. Ia para Chaumont, na casa de sua tia.

— De jeito nenhum. Fui me despedir de nossa tia: não tinha nenhuma notícia de Élisabeth desde o início da guerra. Aliás, olhe o envelope. "*Paul Delroze*, *aos cuidados do sr. de Andeville*, *em Paris*"… E tem o carimbo de

Ornequin e de Corvigny.

Após ter olhado, Paul balbuciou:

— Sim, você tem razão, e a data é visível no carimbo do correio: "18 de agosto". E Corvigny caiu no poder dos alemães em 20 de agosto, dois dias depois. Portanto, Élisabeth ainda estava lá.

— Claro que não, claro que não — exclamou Bernard —, Élisabeth não é mais uma criança. Você deve entender que ela não terá esperado os boches, a dez passos da fronteira! No primeiro tiro vindo daqueles lados, deve ter deixado o castelo. E é isso que ela lhe anuncia. Leia a carta, Paul.

Paul, ao contrário, não duvidava do que ia ficar sabendo ao ler essa carta, e foi com arrepio que abriu o envelope.

Élisabeth lhe escrevera:

Paul,

Não consigo me decidir a deixar Ornequin. Um dever me segura aqui, e não pretendo falhar, o de restabelecer a memória de minha mãe. Entenda-me bem, Paul: para mim, minha mãe permanece a mais pura das pessoas. A que me embalou em seus braços, para quem meu pai guarda todo o seu amor, não pode ser suspeita. Mas você a acusa, e é contra você que quero defendê-la.

As provas, de que não preciso para acreditar nela, vou encontrá-las para obrigá-lo a acreditar. E essas provas, ao que me parece, só poderei encontrá-las aqui. Portanto, vou ficar.

Jérôme e Rosalie também vão ficar, embora saibam que o inimigo está se aproximando. Têm coração generoso, e você não precisa temer nada, já que não estarei sozinha.

Élisabeth Delroze.

Paul dobrou a carta, estava muito pálido.

Bernard lhe perguntou:

— Ela não está mais lá, certo?

— Sim, está lá.

— Mas é uma loucura! Como! Mas com esses monstros…! Um castelo isolado. Olhe, Paul, ela não pode ignorar os terríveis perigos que a ameaçam! O que pode tê-la retido? Ah, é pavoroso…!

O rosto contraído, os punhos cerrados, Paul permanecia em silêncio…

---

[6] Trata-se da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em que os inimigos eram o império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano. (N.T.)

[7] Do nome de seu inventor, o artilheiro britânico Henry Shrapnel, trata-se de um obus antipessoal, pois solta balas que, ao caírem, podem atingir alvos individuais. (N.T.)

[8] O território da França é dividido administrativamente em 96 departamentos. (N.T.)

A camponesa de Corvigny

Três semanas antes, ao saber que a guerra havia sido declarada, Paul sentira surgir nele, imediata e implacável, a resolução de querer ser morto.

O desastre de sua vida, o horror de seu casamento, com uma mulher que, no fundo, ele não deixara de amar, as certezas adquiridas no Castelo de Ornequin, tudo isso o confundira de tal modo que a morte lhe aparecia como uma bênção.

Para ele, a guerra era a morte, instantaneamente e sem conversa. Tudo o que podia admirar de emocionante e grave, de reconfortante e magnífico, nos eventos dessas primeiras semanas, a ordem perfeita da mobilização, o entusiasmo dos soldados, a admirável unidade da França, o despertar da alma nacional, nenhum desses grandes espetáculos chamou sua atenção. No mais profundo de si mesmo, decretara que, ao cumprir tais atos, nem a sorte mais inverossímil poderia salvá-lo.

Foi assim que acreditou encontrar, logo no primeiro dia, a ocasião desejada. Dominar o espião que suspeitava estar no campanário da igreja e então penetrar no próprio cerne das tropas inimigas para sinalizar sua posição era entregar-se a uma morte certa. Mostrou coragem. E, como tinha uma consciência muito nítida de sua missão, cumpriu-a com prudência e valentia. Morrer, que fosse, mas morrer após obter êxito. E experimentou, na ação e no sucesso, uma singular alegria que não esperava.

A descoberta do punhal utilizado pelo espião o impressionou muito. Que relação podia estabelecer entre esse homem e aquele que tentara esfaqueá-lo? Que relação existia entre esses dois e a condessa de Andeville, que falecera dezesseis anos antes? E como, e por que invisíveis vínculos, os três faziam parte dessa mesma manobra de traição e espionagem cujas

diferentes manifestações Paul descobrira?

Mas, acima de tudo, a carta de Élisabeth atingiu-o de forma mais brutal. Assim, a jovem mulher estava lá, no meio dos bombardeios, das balas, das sangrentas lutas ao redor do castelo, do delírio e da fúria dos vencedores, do incêndio, dos fuzilamentos, das torturas e atrocidades! Estava lá, jovem e bela, quase sozinha, sem defesa! E porque ele, Paul, não tivera a energia de revê-la e de levá-la consigo!

Esses pensamentos provocavam em Paul crises de abatimento, das quais saía de repente para se jogar à frente de qualquer perigo, perseguindo suas loucas empreitadas até o fim, sem se importar com o que ocorresse, com tranquila coragem e feroz obstinação que inspiravam aos seus camaradas tanto surpresa quanto admiração. E, talvez menos que a morte, ele agora procurava essa inefável embriaguez que sentimos ao desafiá-la.

E chegou o dia 6 de setembro; o dia do incrível milagre em que o grande chefe, dirigindo aos seus exércitos imortais palavras, finalmente deu a ordem de se lançar contra o inimigo. A retirada, cruel porém tão valentemente suportada, encerrava-se. Esgotados, sem fôlego, lutando um contra dois dias a fio, sem ter tempo para dormir e comer, conseguindo andar graças ao prodígio de esforços de que não tinham mais consciência, sem saber por que não se deitavam nas valas das estradas para esperar a morte… foi a esses homens que disseram: "Alto! Deem meia-volta! E agora, em direção ao inimigo!".

E deram meia-volta. Esses moribundos reencontraram forças. Do mais humilde ao mais ilustre, cada um retesou sua vontade e lutou como se a salvação da França dependesse dele só. Tantos soldados, tantos heróis sublimes. Pediam-lhes para vencer ou morrer. Foram vitoriosos.

Entre os mais intrépidos, Paul brilhou na primeira fila. O que ele fez e aguentou, o que tentou e conseguiu, ele próprio tinha consciência de que isso ultrapassava os limites da realidade. Nos dias 6, 7 e 8, e então do dia 11 ao dia 13, apesar do excesso de cansaço e da falta de sono e comida à qual não imaginamos que seja possível resistir, ele não teve outra sensação senão a de avançar, mais e sempre. Fosse à sombra ou à luz do Sol, nas margens do rio Marne ou nos corredores do Argonne, fosse rumo ao Norte ou a Leste, quando mandaram sua divisão reforçar as tropas da fronteira, fosse deitado de bruços e arrastando-se pelas lavouras, ou de pé atacando com a baioneta, ele seguia adiante, e cada passo era uma libertação, e cada passo

era uma conquista.

E também cada passo exasperava seu ódio. Ah, como seu pai tivera razão ao execrar esses homens! Agora, Paul via-os agir. Por todo lugar só havia devastação estúpida e aniquilação insensata. Por todo lugar, incêndio, saque e morte. Reféns fuzilados, mulheres assassinadas à toa, pelo prazer. Igrejas, castelos, mansões e casebres, não sobrava nada. As próprias ruínas haviam sido destruídas e os cadáveres torturados.

Que alegria lutar contra tamanho inimigo! Embora reduzido à metade de seus membros, o regimento de Paul, lançado como uma matilha, mordia incessantemente a besta selvagem. Ela parecia mais agressiva e temível à medida que se aproximava da fronteira, e, no entanto, ainda disparavam contra ela com a louca esperança de lhe dar o golpe de misericórdia.

E um dia, no poste que marcava a bifurcação de duas estradas, Paul leu:

Corvigny: 14 km

Ornequin: 31,4 km

Fronteira: 38,3 km

Corvigny! Ornequin! Foi com emoção por todo o seu ser que ele leu essas sílabas imprevistas! Habitualmente absorto no ardor da luta e em inúmeras preocupações, ele prestava pouca atenção ao nome dos lugares que atravessava e que somente o acaso lhe ensinava. E eis que se encontrava bem perto do Castelo de Ornequin! Corvigny, catorze quilômetros… Era em direção a Corvigny que se dirigiam as tropas francesas, em direção à pequena praça-forte que os alemães haviam invadido e ocupado em condições tão estranhas?

Naquele dia, lutavam desde o amanhecer contra um inimigo que parecia resistir mais frouxamente. Paul, liderando um pelotão, fora enviado por seu capitão até a aldeia de Bléville com a ordem de entrar nela se o inimigo já tivesse se retirado, porém sem seguir mais adiante. E foi atrás das últimas casas dessa aldeia que avistou o poste de sinalização.

Naquele momento, estava bastante inquieto. Um taube[9] acabara de sobrevoar a área. Uma emboscada era de se esperar.

— Vamos voltar à aldeia — disse ele. — E nos proteger nela enquanto esperamos.

Mas um ruído repentino estalou atrás de uma colina arborizada que cortava a estrada do lado de Corvigny, um ruído cada vez mais nítido e no qual Paul, em poucos instantes, reconheceu o ronco enorme de um veículo,

certamente uma autometralhadora.

— Joguem-se na vala — gritou aos seus homens. — Escondam-se nas medas de feno. Preparem as baionetas. E ninguém se mexa!

Ele entendera o perigo, aquele veículo atravessando a aldeia, arremessando-se no meio da companhia, provocando pânico, para então escapar por outro caminho qualquer.

Rapidamente, escalou o tronco rachado de um velho carvalho e acomodou-se no meio dos galhos, a uma altura que dominava a estrada de alguns metros. Quase instantaneamente o veículo apareceu. Era um carro blindado, formidável e monstruoso sob sua carapaça, porém de modelo bastante antigo e que deixava à mostra, acima das placas de aço, o capacete e a cabeça dos homens.

Vinha em velocidade alta, prestes a se lançar em caso de alerta. Os homens curvavam as costas. Paul contou uma meia dúzia. Dois canhões de metralhadoras se salientavam.

Apoiou o fuzil no ombro e mirou o motorista, um alemão gordo cujo rosto vermelho parecia tingido de sangue. Então, com calma e no momento propício, atirou.

— Ao ataque, rapazes! — gritou, enquanto pulava da árvore.

Mas nem lhe foi preciso dar a ordem de atacar. O motorista, atingido no peito, ainda tivera a presença de espírito de frear e parar o carro. Vendo-se cercados, os alemães levantaram os braços.

— *Kamerad! Kamerad!*

E um deles, pulando o carro após ter jogado suas armas, precipitou-se em direção a Paul.

— Alsaciano, sargento! Alsaciano de Estrasburgo! Ah! Sargento, estou esperando este dia há tanto tempo!

Enquanto seus homens levavam os prisioneiros pela aldeia, Paul, apressado, interrogou o alsaciano:

— De onde vem o carro?

— De Corvigny.

— Tem soldados em Corvigny?

— Bem poucos. Uma retaguarda de duzentos e cinquenta vindos de Baden, no máximo.

— E nos fortes?

— Quase o mesmo. Não achamos por bem consertar as torres e fomos pegos por surpresa. Será que vão tentar manter a posição ou vão recuar em direção à fronteira? Estão hesitando, é por isso que nos mandaram fazer um reconhecimento.

— Então, podemos seguir adiante?

— Sim, mas tem que ser agora, do contrário vão receber importantes reforços, duas divisões.

— Que chegarão…?

— Amanhã. Devem atravessar a fronteira amanhã, por volta do meio-dia.

— Caramba! Não podemos perder tempo — disse Paul.

Ao passo que examinava a autometralhadora e mandava desarmar e revistar os prisioneiros, Paul refletia sobre as medidas a serem tomadas. Foi quando um de seus homens, que permanecera na aldeia, veio lhe anunciar a chegada de um pelotão francês, comandado por um tenente.

Paul se apressou em deixar esse oficial a par da situação. Os eventos requeriam uma ação imediata. Ofereceu-se para ir descobrir informações no carro mesmo que haviam capturado.

— Pois bem — disse o oficial. — Do meu lado, vou ocupar a aldeia e fazer com que a divisão seja informada o mais cedo possível.

O automóvel correu em direção de Corvigny. Oito homens haviam se amontoado nele. Dois deles, especialmente encarregados das metralhadoras, estudavam seu mecanismo. O prisioneiro alsaciano, de pé de modo que seu capacete e uniforme fossem vistos por todo lugar, vigiava o horizonte.

Tudo isso foi decidido e executado em poucos minutos, sem discussão e sem que esmiuçassem os detalhes da operação.

— Estamos nas mãos de Deus! — exclamou Paul, quando sentou no volante. — Vocês estão prontos para levar essa aventura até o fim, meus amigos?

— E até além, sargento — disse ao seu lado uma voz que ele reconheceu.

Era Bernard de Andeville, o irmão de Élisabeth. Já que Bernard pertencia à nona companhia, Paul conseguira evitá-lo desde que se encontraram, ou ao menos não falar com ele. Mas sabia que o rapaz lutava bem.

— Ah, é você! — disse ele.

— Em carne e osso — exclamou Bernard. — Vim com meu tenente, e quando o vi subir no carro e levar quem se apresentava, você entende que aproveitei a ocasião!

E acrescentou, constrangido:

— A ocasião de dar um belo golpe sob suas ordens, e a ocasião de falar com você, Paul… porque não tive chance até então… achei que você não estava agindo comigo… como eu esperava…

— Sim, claro que sim — articulou Paul. — … É que, as preocupações…

— A respeito de Élisabeth, não é?

— Sim.

— Compreendo. Mesmo assim, isso não explica por que há entre nós… como que um mal-estar…

Naquele momento, o alsaciano alertou:

— Não podemos nos mostrar… são ulanos…!

Uma patrulha desembocava de um caminho transversal, na curva de uma floresta. Ele gritou para eles, quando passavam perto:

— Vão embora, camaradas! Depressa! Os franceses estão chegando…!

Paul aproveitou o incidente para não responder ao cunhado. Aumentara a velocidade, e o carro corria com ruído de trovão, escalando ladeiras e novamente descendo em disparada.

Os destacamentos inimigos eram cada vez mais numerosos. O alsaciano os interpelava ou, mediante sinais, incitava-os a uma retirada imediata.

— Como é engraçado vê-los! — disse, rindo. — É um corre-corre desenfreado atrás de nós.

E acrescentou:

— Preciso alertá-lo, sargento, que nessa velocidade vamos aterrissar no meio de Corvigny. É isso que quer?

— Não — retrucou Paul —, vamos parar quando avistarmos a cidade.

— E se formos cercados?

— Por quem? Em todo caso, não são esses bandos de fugitivos que poderiam se opor ao nosso regresso.

Bernard de Andeville declarou:

— Paul, estou suspeitando que você não esteja nem pouco pensando em nosso regresso.

— Nem um pouco, de fato. Está com medo?

— Ah! Que palavra feia!

Mas, após um silêncio, Paul continuou em voz menos rude:

— Lamento que tenha vindo, Bernard.

— Será que o perigo é maior para mim do que para você e os outros?

— Não.

— Então, faça-me o favor de não lamentar nada.

Ainda de pé, debruçado por cima de sargento, o alsaciano indicou:

— A ponta do campanário diante de nós, atrás da cortina de árvores, é Corvigny. Penso que se formos para a área elevada à esquerda, poderemos ver o que acontece na cidade.

— Veremos bem melhor entrando nela — comentou Paul. — Mas o risco é grande… Sobretudo para você, alsaciano. Se for preso, será fuzilado. Quer descer antes de Corvigny?

— O senhor não me olhou bem, sargento.

A estrada alcançou a linha ferroviária. Então, apareceram as primeiras casas da periferia. Alguns soldados se mostravam.

— Nem uma palavra a estes — ordenou Paul. — Não devemos assustá-los… Do contrário, poderiam nos encurralar no momento decisivo.

Ele reconheceu a estação ferroviária e constatou que estava fortemente ocupada. Ao longo da avenida que subia para a cidade, capacetes pontiagudos iam e vinham.

— Vamos em frente! — exclamou Paul. — Se as tropas se juntaram, só pode ser na praça. As metralhadoras estão prontas? E os fuzis? Prepare o meu, Bernard. E, ao primeiro sinal, fogo à vontade!

O carro desembocou violentamente no meio da praça. Como previra, cerca de cem homens estavam lá, agrupados diante do pórtico da igreja, perto de feixes de baionetas. A igreja não era mais que um monte de escombros, e quase todas as casas da praça haviam sido destruídas pelo bombardeio.

Os oficiais, que ficavam a distância, soltaram exclamações alegres e fizeram sinais ao avistarem aquele carro que haviam enviado em reconhecimento e cujo retorno obviamente esperavam antes de tomar uma decisão sobre a defesa da cidade. Eram numerosos, já que a eles haviam se juntado oficiais de ligação. Um general dominava a todos pelo tamanho. A certa distância, alguns automóveis estavam estacionados.

A rua era de paralelepípedos, mas nenhuma calçada a separava do próprio terreno da praça. Paul a seguiu e então, a vinte metros dos oficiais, girou brutalmente o volante e a terrível máquina correu direto para o grupo, derrubando, atropelando, antes de virar levemente para acertar todos os feixes de fuzis e penetrar como uma irresistível marreta no meio do destacamento. E houve morte, correria e fuga desesperada, e vociferações de dor e terror.

— Fogo à vontade! — gritou Paul, que parou o veículo.

E, desse irredutível blocause que surgira de repente no centro da praça, o tiroteio começou, enquanto se embalava o sinistro estalido das duas metralhadoras.

No espaço de cinco minutos, a praça ficou abarrotada de mortos e feridos. O general e vários oficiais jaziam inertes. Os sobreviventes fugiram.

— Cessar fogo! — ordenou Paul.

Levou o veículo para o fim da avenida que descia até a estação. Atraídas pelos estrondos, as tropas da estação acorriam. Alguns tiros de metralhadoras as dispersaram.

Por três vezes, em alta velocidade, Paul deu a volta na praça para vigiar os acessos. Por todos os lados, o inimigo fugia pelas estradas e trilhas que levavam à fronteira. E de todos os lados, os habitantes de Corvigny saíam das casas e manifestavam sua alegria.

— Levantem os feridos e cuidem deles — ordenou Paul. — E chamem o sineiro da igreja ou alguém que saiba tocar o sino. É urgente!

E imediatamente, ao velho sacristão que se apresentou:

— O rebate, meu bom homem, o rebate a toda a força! E quando estiver cansado, que um camarada tome seu lugar! Vá… o rebate, sem um segundo de descanso!

Era o sinal que Paul acertara com o tenente francês e que devia anunciar à divisão que a empreitada fora bem-sucedida e que era preciso marchar para a frente.

Eram duas horas. Às cinco horas, o estado-maior e uma brigada tomavam posse de Corvigny, e nossos canhões de setenta e cinco milímetros lançavam alguns obuses. Às dez da noite, tendo chegado o resto da divisão, os alemães foram expulsos do Grand-Jonas e do Petit-Jonas e se concentraram mais perto da fronteira. Decidiu-se removê-los assim que amanhecesse.

— Paul — disse Bernard ao cunhado, com quem se encontrou após a chamada da noite. — Paul, preciso lhe contar algo… que me deixa intrigado… algo muito suspeito… você vai ver por si mesmo. Há pouco, eu estava passando por uma das ruas próximas da igreja quando fui abordado por uma mulher… uma mulher de quem, de início, não distingui as feições, nem a roupa porque a escuridão era quase completa, mas que, contudo, pelo ruído de seus tamancos nos paralelepípedos, pareceu-me ser um camponesa. Ela me disse, e, para uma camponesa, sua maneira de se expressar me surpreendeu um pouco:

"—Meu amigo, talvez o senhor possa me dar uma informação…

"E, como me coloquei à disposição dela, continuou:

"—É o seguinte. Moro em uma pequena aldeia perto daqui. Mais cedo, soube que seu corpo militar estava aqui. Então, vim porque queria ver um soldado que faz parte desse corpo militar. Só que não sei o número de seu regimento… Sei que houve mudanças… suas cartas não estão chegando… ele provavelmente não recebeu as minhas… Ah! Será que o senhor não o conhece, por acaso…! Um bom rapaz, tão corajoso!

"Eu lhe respondi:

"—De fato, o acaso pode ajudá-la, senhora. Qual é o nome desse soldado?

"—Delroze, o cabo Paul Delroze."

Paul exclamou:

— Como? Tratava-se de mim?

— Tratava-se de você, Paul, e a coincidência me pareceu tão curiosa que lhe dei apenas o número de seu regimento e o de sua companhia, sem revelar nosso parentesco.

"—Ah, bem — ela disse —, e esse regimento está em Corvigny?

"—Sim, desde esta tarde.

"—E o senhor conhece Paul Delroze.

"—Somente de nome — respondi.

"E realmente, não sei explicar por que respondi dessa maneira e por que, depois, continuei a conversa de modo que ela não adivinhasse minha surpresa.

"—Foi patenteado a sargento e citado na ordem do dia, foi assim que ouvi falar dele. A senhora quer que eu me informe e a leve até ele?

"—Ainda não — disse ela —, ainda não, eu ficaria emocionada demais.

“Emocionada demais? Tudo isso me parecia cada vez mais estranho. Essa mulher que o procurava com tanta ansiedade e adiava o momento de vê-lo!

Eu lhe perguntei:

“—A senhora tem grande interesse por ele?

“—Sim, muito grande.

“—É de sua família, talvez?

“—É meu filho.

“—Seu filho!

“Com certeza, até então, ela não suspeitara por um segundo sequer que eu estava conduzindo um interrogatório. Mas sua estupefação foi tamanha que ela recuou na escuridão como se estivesse se pondo na defensiva.

“Pus a mão no bolso e peguei a pequena lanterna elétrica que sempre carrego comigo. Apertei o interruptor e lancei a luz para seu rosto, enquanto avançava em sua direção. Meu gesto a desconcertou, e ela ficou imóvel por uns segundos. Então, com violência, baixou o lenço que lhe cobria a cabeça, e com vigor imprevisível golpeou meu braço, de modo que soltei a lanterna. E foi um silêncio imediato, absoluto. Onde estava? Diante de mim? À direita? À esquerda? Como fazia para que nenhum ruído me revelasse sua presença ou partida? A explicação me foi dada quando, após ter encontrado e reacendido minha lanterna elétrica, avistei no chão seus dois tamancos, que ela abandonara para fugir. Desde então, eu a procurei, porém em vão. Ela desapareceu.”

Paul escutara o relato do cunhado com atenção crescente.

Perguntou-lhe:

— Então, você viu seu rosto?

— Ah! Bem nitidamente. Um rosto enérgico… sobrancelhas e cabelos pretos… um ar malvado… quanto às roupas, um traje de camponesa, mas limpo e arrumado demais, e parecia um disfarce.

— Que idade, mais ou menos?

— Quarenta anos.

— Você a reconheceria?

— Sem hesitação.

— Você me falou de um lenço. De que cor?

— Preto.

— Amarrado como? Por um nó?

— Não, por um broche.

— Um camafeu?

— Sim. Um camafeu largo cingido de ouro. Como você sabe?

Paul ficou calado bastante tempo, e então murmurou:

— Eu lhe mostrarei amanhã, em um dos cômodos do Castelo de Ornequin, um retrato que deve ter uma impressionante semelhança com a mulher que o abordou, a semelhança que pode existir entre duas irmãs, talvez… ou então… ou então…

Agarrou seu cunhado pelo braço e, puxando-o:

— Escute Bernard, houve ao nosso redor, no passado e no presente, coisas estarrecedoras… que pesam sobre minha vida e sobre a vida de Élisabeth… sobre a sua também, por consequência. São trevas terríveis, no meio das quais eu me debato e em que, há vinte anos, inimigos que desconheço perseguem um plano que não consigo entender. Bem no início dessa luta meu pai morreu, vítima de um assassinato. Hoje, é a mim que estão atacando. Minha união com sua irmã se rompeu, e não há nada que possa nos aproximar um do outro, assim como não há nada também pode fazer com que exista, entre você e eu, a amizade e a confiança que tínhamos o direito de esperar. Não me pergunte, Bernard, não procure saber mais. Um dia, e não desejo que isso ocorra, talvez você saiba por que lhe peço silêncio.

---

[9] Avião de guerra monoplano utilizado pela Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

O que Paul viu no Castelo de Ornequin

Logo ao amanhecer, Paul Delroze foi despertado por toques de clarim. E imediatamente, no duelo dos canhões que se iniciava, reconheceu o som breve e seco do canhão de setenta e cinco milímetros e o latido rouco do alemão de setenta e sete milímetros.

— Você vem, Paul? — chamou Bernard. — O café está servido embaixo.

Os dois cunhados haviam encontrado dois quartos acima de um comércio de vinhos. Ao mesmo tempo que fazia as honras a uma refeição substancial, Paul, que, na véspera de noite, recolhera informações sobre a ocupação de Corvigny e Ornequin, contou:

— Na quarta-feira, 19 de agosto, Corvigny, para a maior satisfação de seus moradores, ainda podia acreditar que os horrores da guerra lhe seriam poupados. Lutava-se na Alsácia e na frente de Nancy. Lutava-se na Bélgica, mas o esforço alemão parecia desprezar a rota de invasão, de fato estreita e aparentemente de interesse secundário, que oferecia o vale do Liseron. Em Corvigny, uma brigada francesa ativava obras de defesa. O Grand e o Petit-Jonas estavam prontos sob sua cúpula de concreto. Agora só restava esperar.

— E Ornequin? — perguntou Bernard.

— Em Ornequin, havia uma companhia de caçadores a pé cujos oficiais moravam no castelo. Dia e noite, apoiada por um destacamento de dragões, ela patrulhava a fronteira.

"Em caso de alarme, a ordem era alertar imediatamente os fortes e se retirar enquanto resistiam energicamente.

"A tarde dessa quarta-feira foi absolutamente tranquila. Uma dúzia de dragões havia atravessado a fronteira até avistar a pequena cidade alemã de

Ébrecourt. Nenhum movimento de tropas se desenhava desse lado, nem na linha ferroviária que chega a Ébrecourt. A noite foi tranquila também. Nenhum tiro de fuzil. Constatou-se que à duas da manhã nenhum soldado alemão havia atravessado a fronteira. Ora, foi às duas horas em ponto que uma formidável explosão ressoou. Foi seguida por quatro outras a intervalos bem próximos. Essas cinco detonações decorriam da explosão de cinco obuses de quatrocentos e vinte milímetros, que, *já na primeira tentativa*, destruíram as três cúpulas do Grand-Jonas e as duas cúpulas do Petit-Jonas."

— Como! Mas Corvigny fica a vinte e quatro quilômetros da fronteira, e os quatrocentos e vinte milímetros não têm esse alcance!

— Isso não impede que mais seis grandes obuses tenham caído em Corvigny, todos na igreja e na praça. E esses seis obuses caíram vinte minutos depois, isto é, no momento que seria possível pensar que, dado o alarme, a guarnição de Corvigny haveria se agrupado na praça. De fato, foi o que ocorreu, e você pode imaginar a carnificina que resultou disso.

— Que seja, mas, de novo, a fronteira fica a vinte e quatro quilômetros. Tamanha distância deve ter deixado às nossa tropas tempo suficiente para se recomporem e se prepararem para os ataques que esse bombardeio anunciava. Ao menos, tinham três ou quatro horas pela frente.

— Nem quinze minutos. O bombardeio ainda não havia terminado quando o ataque começou. Um ataque? Não exatamente. Nossas tropas, as de Corvigny, como aquelas que acorriam dos dois fortes, nossas tropas, dizimadas e em debandada, eram cercadas por inimigos, massacradas ou obrigadas a se render, antes que se pudesse organizar um pouco de resistência. Tudo isso ocorreu de repente, sob a luz ofuscante de projetores postos não se sabe onde nem como. E o desfecho foi imediato. Pode-se dizer que em dez minutos Corvigny foi invadida, atacada, tomada e ocupada pelo inimigo.

— Mas de onde vinha? De onde saía?

— Não sabemos.

— E as patrulhas noturnas na fronteira? Os postos de sentinelas? O destacamento do Castelo de Ornequin?

— Nada. Nenhuma notícia. Desses trezentos homens cuja missão era vigiar e alertar, nunca se ouviu falar, entende, nunca. Podemos reconstituir a guarnição de Corvigny seja com os soldados que escaparam, seja com os

mortos que os moradores identificaram e enterraram. Mas os trezentos caçadores de Ornequin desapareceram sem deixar qualquer rastro. Não há fugitivos, ou feridos, ou cadáveres. Nada.

— É inacreditável. Você perguntou?

— A dez pessoas ontem à noite, dez pessoas que, aliás, há um mês, sem estarem incomodados por alguns soldados do *Landsturm*[10] aos quais foi confiada a guarda de Corvigny, procederam a um minucioso inquérito sobre todos esses problemas, e não conseguiram estabelecer uma só hipótese plausível. A única certeza: a empreitada havia sido preparada com antecedência e nos mínimos detalhes. Os fortes, as cúpulas, a igreja, a praça, tudo fora exatamente localizado, e os canhões do cerco dispostos de antemão e rigorosamente apontados de modo que os onze obuses pudessem atingir os onze alvos que queriam alcançar. É isso. Quanto ao resto, mistério.

— E o Castelo de Ornequin? E Élisabeth?

Paul se levantara. Os clarins tocavam a chamada da manhã. O bombardeio redobrava de intensidade. Ambos os homens se dirigiram para a praça, e Paul prosseguiu:

— Lá também o mistério é avassalador, e ainda mais, talvez. Uma das estradas transversais que cortam a planície entre Corvigny e Ornequin foi designada pelo inimigo como um limite que ninguém, aqui, pôde atravessar, sob pena de morte.

— Então, para Élisabeth…? — disse Bernard.

— Não sei, não sei nada mais. E é terrível, essa sombra de morte que se estende sobre todas as coisas e todos os eventos. Ao que parece, não consegui controlar a origem desse rumor, a aldeia de Ornequin, localizada perto do castelo, não existe mais. Foi inteiramente destruída, mais ainda, suprimida, e seus quatrocentos morados levados em cativeiro. E então…

Paul baixou a voz e disse, estremecendo:

— E então, o que fizeram do castelo? Dá para ver o castelo. Avistam-se ainda, de longe, as torres, as paredes. Mas, atrás dessas paredes, o que aconteceu? O que ocorreu com Élisabeth? Já faz quatro semanas que ela vive no meio desses brutamontes, sozinha, exposta a todas as ofensas. Pobre dela…!

O dia mal começava a raiar quando chegaram à praça. Paul foi chamado pelo coronel, que lhe transmitiu os calorosos parabéns por parte

do general comandante da divisão, e lhe anunciou que era indicado para a cruz e a patente de subtenente, e que desde já estava encarregado do comando de seu esquadrão.

— É só isso — acrescentou o coronel, rindo. — A menos que queira algo mais…?

— Duas coisas, coronel.

— Pode falar.

— Primeiramente, que meu cunhado Bernard de Andeville, aqui presente, seja incorporado agora mesmo ao meu esquadrão como cabo. Ele fez por merecer.

— Aprovado. Que mais?

— Que, daqui a pouco, quando formos enviados em direção à fronteira, que meu esquadrão seja direcionado para o Castelo de Ornequin, que se situa na própria estrada.

— Quer dizer, que seja designado para atacar o castelo?

— Como, para atacar? — disse Paul, inquieto. — Mas o inimigo se concentrou ao longo da fronteira, seis quilômetros além do castelo.

— É o que acreditávamos ontem. Na realidade, a concentração ocorreu no Castelo de Ornequin, excelente posição de defesa à qual o inimigo se agarra desesperadamente enquanto espera reforços. A melhor prova disso é que ele contra-ataca. Veja, lá, à direita, esse obus que está explodindo… e mais adiante, aquele *shrapnel*… dois… três *shrapnels*. Foram eles que localizaram as baterias que instalamos nas áreas elevadas dos arredores e as bombardeiam conscientemente. Devem ter cerca de vinte canhões.

— Mas, então — balbuciou Paul, assolado por uma terrível ideia —, mas então o tiro de nossas baterias se dirige para…

— Se dirige para eles, obviamente. Já faz mais de uma hora que nossos canhões de setenta e cinco milímetros bombardeiam o Castelo de Ornequin.

Paul soltou um grito.

— O que está dizendo, coronel? O Castelo de Ornequin está sendo bombardeado…

E, perto dele, Bernard de Andeville, repetia com angústia:

— Bombardeado, como é possível?

Surpreso, o oficial perguntou:

— Vocês conhecem esse castelo? Será que lhes pertence? Sim? Ainda têm parentes morando lá?

— Minha mulher, coronel.

Paul estava muito pálido. Embora, para dominar sua emoção, ele se esforçasse por manter uma imobilidade rígida, suas mãos tremiam um pouco e seu queixo tinha convulsões.

Em direção ao Grand-Jonas, três peças de artilharia pesada, três Rimailhos[11], içados por tratores, começaram a trovoar. E isso, junto à manobra tenaz dos canhões de setenta e cinco milímetros, assumia, conforme as palavras de Paul Delroze, um terrível significado. O coronel e, ao seu redor, os oficiais que assistiram à conversa, ficavam calados. A situação era daquelas em que as fatalidades da guerra se desencadeiam no seu trágico horror, mais fortes que as próprias forças da natureza e, como elas, cegas, injustas e implacáveis. Não havia nada que se pudesse fazer. Nenhum desses homens teria pensado em interceder para que a ação da artilharia cessasse ou diminuísse sua intensidade. Nem Paul pensou nisso.

Ele murmurou:

— Parece que o fogo do inimigo está diminuindo. Talvez estejam se retirando…

Três obuses que estouraram na parte baixa da cidade, atrás da igreja, desmentiram essa esperança. O coronel meneou com a cabeça.

— Uma retirada? Ainda não. O local é importante demais para eles, estão esperando reforços, e só o abandonarão quando nossos regimentos entrarem em ação… o que não deve demorar.

De fato, a ordem de avançar foi trazida poucos instantes depois ao coronel. O regimento seguiria a estrada e se poria em formação nas planícies localizadas à direita.

— Vamos, senhores — disse ele aos seus oficiais. — O esquadrão do sargento Delroze andará na frente. Sargento, ponto de chegada: o Castelo de Ornequin. Existem dois pequenos atalhos. Vocês vão segui-los.

— Bem, coronel.

Toda a dor e toda a raiva de Paul se exasperavam em uma imensa necessidade de agir, e quando se pôs a caminho com seus homens, sentiu forças inesgotáveis e o poder de conquistar sozinho a posição inimiga. Ia de um ao outro com a incansável pressa de um cão pastor guiando seu rebanho. Multiplicava os conselhos e os incentivos.

— Você, meu amigo, é um rapaz robusto, eu o conheço e sei que não vai falhar… Você também não… só que pensa demais na própria pele, e resmunga quando deveria rir… Digam, rapazes, estamos rindo, não é? Precisamos dar uma bela de uma arrancada, e vamos dá-la em cheio, sem olhar para trás, não é mesmo?

Acima deles, os obuses seguiam seu caminho no espaço, assobiando, gemendo, explodindo, formando como uma abóbada de metralha e ferro.

— Abaixem a cabeça! Deitem no chão! — gritava Paul.

Ele permanecia de pé, indiferente aos projéteis do inimigo. Mas com que pavor ele ouvia os nossos, aqueles que vinham de trás, de todas as colinas dos arredores que levavam adiante a destruição e a morte. Onde ia cair este? E aquele, onde irromperia sua chuva fatal de balas e estilhaços?

Várias vezes ele murmurou:

— Élisabeth! Élisabeth…!

A visão de sua mulher, ferida, agonizando, o obcecava. Há alguns dias, desde o dia em que soubera que Élisabeth havia se recusado a deixar o Castelo de Ornequin, ele não conseguia pensar nela sem uma emoção que não era mais contrariada por resquícios de revolta ou movimentos de cólera. Não misturava mais as abomináveis lembranças do passado e as encantadoras realidades de seu amor. Quando pensava na mãe execrada, a imagem da filha não vinha mais à sua mente. Eram dois seres de raças diferentes e sem relação um com o outro. Valente, arriscando a própria vida para obedecer a um dever cujo valor ela julgava mais importante que sua vida, Élisabeth assumia aos olhos de Paul uma nobreza singular. Era mesmo a mulher que ele amara e prezara, e a mulher que ele ainda amava.

Paul parou. Ele e seus homens haviam se aventurado em um terreno mais descoberto, e provavelmente vigiado, que o inimigo metralhava constantemente. Vários soldados foram derrubados.

— Parem! — ordenou. — Todos deitados de bruços no chão.

Ele agarrou Bernard.

— Deite-se, menino! Por que se expor inutilmente…? Fique aí… Não se mexa…

Segurava-o no chão com gesto amigável, abraçando-o pelo pescoço, e lhe falava com doçura, como se quisesse manifestar ao irmão toda a ternura que voltava a sentir no coração por sua querida Élisabeth. Esquecia as duras palavras que dissera a Bernard na noite anterior, e dizia-lhe outras bem

diferentes, em que palpitava um afeto que ele havia renegado.

— Não se mexa, menino. Veja, eu não deveria tê-lo escolhido e trazido comigo, desse jeito, nessa fornalha. Sou responsável por você e não quero… Não quero que seja ferido.

O fogo diminuiu. Arrastando-se, os homens alcançaram uma dupla fileira de álamos ao longo das quais progrediram e que os levou por uma leve ladeira em direção a um cume cortado por uma trilha encovada. Paul, tendo escalado a escarpa e dominando o planalto de Ornequin, avistou ao longe as ruínas da aldeia, a igreja destruída, e, mais à esquerda, um caos de pedras e árvores de onde emergiam alguns pedaços de parede. Era o castelo.

Por todo lugar ao redor, fazendas, medas de feno e celeiros estavam em chamas…

Para trás, as tropas francesas se espalhavam por todos os lados. Uma bateria que viera se abrigar num bosque próximo atirava sem interrupção. Paul via ao longe a erupção dos obuses acima do castelo e entre as ruínas.

Incapaz de suportar tamanho espetáculo, Paul, liderando o esquadrão, retomou o caminho. O canhão inimigo, provavelmente reduzido ao silêncio, havia deixado de trovoar. Mas, quando estavam a três quilômetros de Ornequin, as balas assobiaram ao redor deles, e Paul avistou ao longe um destacamento alemão que, embora atirando, se retirava em direção a Ornequin.

E os canhões de setenta e cinco milímetros e os Rimailhos ainda rugiam. Era horrível.

Paul agarrou Bernard pelo braço e pronunciou em voz trêmula:

— Se o pior me acontecer, diga a Élisabeth que lhe peço perdão, certo, que lhe peço perdão…

De repente, tinha medo que o destino não lhe permitisse rever sua mulher, e dava-se conta de que havia agido em relação a ela com inexcusável crueldade, abandonando-a como alguém culpado de uma falta que ela não cometera, entregando-a a todos os desesperos e todas as torturas. Andava depressa, seguido de longe por seus homens.

Mas no lugar em que o atalho desemboca na estrada, com vista para o Liseron, ele foi alcançado por um ciclista. O coronel dava ao esquadrão ordem de esperar os reforços do regimento para um ataque conjunto.

Foi a mais dura das provas.

Paul, tomado por uma exaltação crescente, tremia de febre e de cólera.

— Olhe, Paul — dizia-lhe Bernard —, não se deixe abalar desse jeito! Vamos chegar a tempo.

— A tempo… para fazer o quê? — retrucou ele. — Para encontrá-la morta ou ferida…? Para não encontrá-la de jeito nenhum? E que mais? Nossos malditos canhões não podem se calar? O que estão bombardeando agora, que o inimigo parou de responder? Alguns cadáveres… umas casas destruídos…

— E a retaguarda, protegendo a retirada dos alemães?

— E daí? Nós, da infantaria, não estamos aqui? É nossa tarefa. Um destacamento de atiradores e então uma investida com baionetas…

Finalmente, o esquadrão retomou seu curso, com o reforço do resto da terceira companhia, sob o comando do capitão. Um destacamento de hussardos, a cavalaria ligeira, passou galopando, dirigindo-se para a aldeia de maneira a bloquear a retirada dos fugitivos. A companhia desviou-se em direção ao castelo.

Diante deles, só havia o grande silêncio da morte. Uma armadilha, talvez? Como não acreditar que as forças inimigas, solidamente entrincheiradas e protegidas por barricadas, se preparassem para a resistência máxima?

Na alameda dos velhos carvalhos que levava ao pátio principal, nada de suspeito. Nenhuma silhueta, nenhum ruído.

Paul e Bernard seguiam na liderança, o dedo sobre o gatilho do fuzil, perscrutando com olhar meticuloso a claridade opaca que vinha dos bosques. Por cima do muro, bem próximas e repletas de brechas escancaradas, subiam colunas de fumaça.

Ao se aproximarem, ouviram gemidos, e então uma aflitiva agonia de estertor. Eram alemães feridos.

E de repente a terra tremeu, como se um cataclismo interno tivesse rompido sua crosta, e do outro lado do muro houve uma formidável explosão, e mais, uma série de explosões, como estrondos sucessivos. O espaço se obscureceu sob uma nuvem de areia e poeira, de onde jorrava todo tipo de materiais e destroços. O inimigo acabara de explodir o castelo.

— Isso certamente estava destinado a nós — disse Bernard —, devíamos explodir ao mesmo tempo. Erraram o cálculo.

Quando passaram pelo portão, o espetáculo do pátio revirado, das torres arruinadas, do castelo destruído, das dependências em chamas, dos agonizantes que se convulsionavam, dos cadáveres amontoados, assustou-os tanto que fizeram um movimento de recuo.

— Para a frente! Para a frente! — gritou o coronel, que acorria a galope. — Algumas tropas devem certamente ter escapado pelo parque.

Paul conhecia o caminho, já que o percorrera poucas semanas antes, em circunstâncias tão trágicas. Lançou-se em meio aos gramados, aos blocos de pedras e às árvores arrancadas. Mas, como passava perto de um pequeno pavilhão que se erguia na entrada do bosque, imobilizou-se, incapaz de dar um passo a mais. Bernard e todos os homens permaneceram lá estupefatos, boquiabertos diante do horror.

Contra a parede do pavilhão estavam de pé dois cadáveres amarrados com elos à mesma corrente que lhes cingia a barriga. Os bustos se debruçavam sobre a corrente e os braços pendiam até o chão.

Corpos de homem e de mulher. Paul reconheceu Jérôme e Rosalie.

Haviam sido fuzilados.

Ao lado deles, a corrente continuava. Um terceiro elo estava fixado na parede. Havia sangue manchando o gesso e marcas de tiros eram visíveis. Sem dúvida, havia uma terceira vítima cujo corpo fora retirado.

Aproximando-se, Paul notou no gesso um estilhaço de obus nele incrustado. À beira do buraco, entre o gesso e o fragmento de projetil, via-se um punhado de cabelos, cabelos loiros com reflexos dourados, cabelos arrancados da cabeça de Élisabeth.

---

[10] Unidade militar composta por tropas de escalão mais baixo. (N.T.)

[11] Do nome do engenheiro e artilheiro francês Émile Rimailho (1864-1954). (N.T.)

H.E.R.M.

Mais que desespero e horror, naquele momento Paul sentiu a imensa necessidade de se vingar, e imediatamente, a qualquer preço. Olhou ao redor, como se todos os feridos que agonizavam no parque fossem culpados pelo monstruoso crime…

— Covardes! — esganiçava ele. — Assassinos…!

— Tem certeza…? — balbuciou Bernard… — Tem certeza de que são os cabelos de Élisabeth?

— Sim, sim, eles a fuzilaram como aos dois outros. Eu os reconheci, é o caseiro e sua mulher. Ah, os miseráveis…

Paul levantou a coronha em direção de um alemão que se arrastava na relva, ia golpeá-lo quando o coronel chegou perto dele.

— E aí, Delroze, o que está fazendo? E sua companhia?

— Ah, se soubesse, coronel…!

Paul avançou em direção a seu chefe. Parecia um demente, e articulou, erguendo seu fuzil:

— Eles a mataram, coronel; sim, fuzilaram minha mulher… Veja, contra essa parede, com as duas pessoas que estavam a seu serviço… eles os fuzilaram… ela tinha vinte anos, coronel… Ah! Precisamos massacrar todos eles, como cães.

Mas Bernard já o levava embora.

— Não devemos perder tempo, Paul, vamos nos vingar contra os que estão lutando… Dá para ouvir tiros ao longe. Alguns devem estar cercados.

Paul mal tinha consciência dos próprios atos. Retomou o caminho, embriagado de fúria e dor.

Dez minutos depois, juntava-se à sua companhia e, avistando a capela, atravessava o cruzamento em que seu pai havia sido esfaqueado. Mais adiante, no lugar da pequena porta que antes se abria na parede, fora aberta uma ampla brecha, por onde deviam entrar e sair os comboios de abastecimento destinados ao castelo. A oitocentos metros de lá, na planície, no cruzamento da trilha com a estrada principal, retumbava uma violenta fuzilada.

Dezenas de fugitivos tentavam abrir uma passagem no meio dos hussardos que haviam seguido na estrada. Atacados por trás pela companhia de Paul, conseguiram se refugiar em um quadrado de relva e arbustos, em que se defenderam com feroz energia. Recuavam passo a passo, caindo um após o outro.

— Por que estão resistindo? — murmurou Paul, que atirava sem pausa e a quem o ardor da luta acalmava aos poucos. — Parece que querem ganhar tempo.

— Olhe! — articulou Bernard, cuja voz parecia alterada.

Debaixo das árvores, vindo da fronteira, surgia um automóvel, repleto de soldados alemães. Eram reforços? Não. O automóvel girou quase ao chegar na praça, e, entre ela e os últimos combatentes do pequeno bosque, lá estava, de pé com o casaco cinza, um oficial que, de revólver na mão, exortava-os a resistir, ao passo que se retirava em direção ao carro que fora enviado para resgatá-lo.

— Veja, Paul, veja — repetiu Bernard.

Paul ficou estupefato. O oficial que Bernard lhe indicava, era… Mas não, não era possível. E, no entanto…

Ele perguntou:

— O que quer dizer, Bernard?

— O mesmo rosto — murmurou Bernard —, o mesmo rosto de ontem, sabe, Paul, o rosto dessa mulher que me questionou ontem sobre você, Paul.

E, de seu lado, Paul reconhecia, sem hesitação possível, a pessoa misteriosa que tentara matá-lo perto da pequena porta do parque, a pessoa que apresentava uma semelhança tão inconcebível com a assassina de seu pai, com a mulher do retrato, com Hermine de Andeville, com a mãe de Élisabeth e de Bernard.

Bernard encostou o fuzil no ombro.

— Não, não atire! — gritou Paul, assustado pelo gesto.

— Por quê?

— Vamos tentar pegá-lo vivo.

Lançou-se, movido pelo ódio, mas o oficial havia corrido até o carro. Os soldados alemães já lhe estendiam a mão e o içavam junto deles. Atirando, Paul atingiu aquele que estava no volante. O oficial então agarrou o volante no instante em que o automóvel ia bater contra uma árvore e, endireitando-o, dirigiu por meio dos obstáculos com grande habilidade, levando o carro até uma descida do terreno e, de lá, em direção à fronteira.

Estava salvo.

Logo que ele ficou fora do alcance das balas, os inimigos que ainda lutavam se renderam.

Paul tremia de impotente fúria. Para ele, aquela pessoa representava o mal sob todas as suas formas e, desde o primeiro até o último minuto dessa longa série de dramas, assassinatos, espionagens, atentados, traições, fuziladas, que se multiplicavam em um mesmo sentido e um mesmo espírito, aparecia como o gênio do crime.

Apenas a morte daquela pessoa poderia saciar o ódio de Paul. Paul não duvidava que fosse ele o monstro que mandara fuzilar Élisabeth. Ah, que ignomínia! Élisabeth fuzilada! Visão infernal que o martirizava…

— Quem é? — exclamou ele. — Como saber? Como chegar até ele, torturá-lo e degolá-lo…?

— Interrogue os prisioneiros — disse Bernard.

A uma ordem do capitão, que achava prudente não seguir adiante, a companhia se retirou para permanecer em contato com o resto do regimento, e Paul foi designado especialmente para ocupar o castelo com seu esquadrão e levar para lá os prisioneiros.

A caminho, apressou-se em questionar dois ou três graduados e alguns soldados. Mas não tirou nada deles senão informações confusas, porque haviam chegado a Corvigny na véspera e tinham passado uma única noite no castelo.

Ignoravam até o nome do oficial de casaco cinza, por quem haviam se sacrificado. Era chamado de major, e só.

— Contudo… contudo — insistiu Paul —, era o chefe imediato de vocês.

— Não. O chefe do destacamento de retaguarda ao qual pertencemos é um *Oberleutnant*[12], que foi ferido pela explosão das minas, enquanto fugíamos. Queríamos levá-lo conosco. O major se recusou veementemente, e, de revólver na mão, mandou que andássemos diante dele, ameaçando de morte o primeiro que o abandonasse. E, há pouco, enquanto lutávamos, ele estava dez passos atrás e ainda nos ameaçava com seu revólver, para nos obrigar a defendê-lo. Três dos nossos caíram sob suas balas.

— Ele contava com o resgate do automóvel, não é?

— Sim, e com reforços que deviam salvar a todos nós, segundo ele. Mas apenas o automóvel veio, e o resgatou sozinho.

— O *Oberleutnant* certamente sabe seu nome, não? Foi gravemente ferido?

— O *Oberleutnant*? Quebrou uma perna. Nós o deixamos deitado em um dos pavilhões do parque.

— O pavilhão contra o qual fuzilaram pessoas?

— Sim.

Ora, estavam se aproximando desse pavilhão, uma espécie de pequena estufa em que se guardavam as plantas durante o inverno. Os corpos de Jérôme e Rosalie haviam sido retirados. Mas a sinistra corrente ainda pendia ao longo da parede, amarrada aos três elos de ferro e, com arrepio de pavor, Paul voltou a ver as marcas das balas, e o pequeno estilhaço de obus que prendia no gesso os cabelos de Élisabeth.

Um obus francês! Isso tornava a atrocidade do crime ainda mais apavorante.

Assim, na véspera, o próprio Paul, ao capturar o automóvel blindado e liderar o audacioso ataque até Corvigny, abrira caminho às tropas francesas e determinara os eventos que levaram ao assassinato de sua mulher! O inimigo se vingava de sua retirada fuzilando os moradores do castelo! Élisabeth, encostada na parede, amarrada a uma corrente, havia sido crivada de balas! E, por uma terrível ironia, seu corpo ainda receberia os estilhaços dos primeiros obuses que os canhões franceses atiraram antes do anoitecer, do alto das colinas dos arredores de Corvigny.

Paul retirou o estilhaço de obus e desprendeu as mechas douradas, que recolheu cuidadosamente. Em seguida, com Bernard, entrou no pavilhão onde os enfermeiros já haviam instalado uma ambulância provisória. Encontrou o *Obterleutnant* deitado em um leito de palha, sendo bem

tratado e em estado de responder às perguntas.

Logo um ponto se esclareceu, de maneira bem nítida: é que a guarnição alemã deixada no Castelo de Ornequin não tinha tido, por assim dizer, nenhum contato com as tropas que, na véspera, haviam recuado para além de Corvigny e dos fortes contíguos. Como se alguém tivesse medo que uma indiscrição fosse cometida relativamente ao que acontecera durante a ocupação do castelo, a guarnição fora evacuada antes da chegada das tropas de combate.

— Naquele momento — contou o *Oberleutnant*, que fazia parte dessas últimas —, eram sete da noite, seus canhões de setenta e cinco milímetros já haviam localizado o castelo, e só encontramos um grupo de generais e oficiais superiores. As carretas com as bagagens já iam embora e os automóveis estavam prontos para levá-los. Deram-me a ordem de segurar o lugar o quanto possível e de explodir o castelo. Aliás, o major já havia organizado tudo, em consequência.

— O nome desse major?

— Não sei. Andava junto de um jovem oficial a quem até mesmo os generais falavam com respeito. Foi esse mesmo oficial que me chamou e me pediu para obedecer ao major "como ao imperador".

— E esse jovem oficial, quem era?

— O príncipe Conrad.

— Um dos filhos do cáiser?

— Sim. Ele deixou o castelo ontem, no final do dia.

— E o major passou a noite aqui?

— Suponho que sim. Em todo caso, estava aqui de manhã. Pusemos fogo nas minas e fomos embora. Tarde demais, já que fui ferido perto deste pavilhão… perto da parede…

Paul se controlou e disse:

— Perto da parede diante da qual fuzilaram três franceses, não foi?

— Sim.

— Quando foram fuzilados?

— Ontem à noite, por volta das seis, creio, antes de nossa chegada de Corvigny.

— Quem mandou fuzilá-los?

— O major.

Paul sentia as gotas de suor que escorriam de sua cabeça para a testa e a nuca. Não estava errado: Élisabeth havia sido fuzilada por ordem desse homem inominável e inconcebível, cujo rosto evocava, a ponto de se enganar, o próprio rosto de Hermine de Andeville, a mãe de Élisabeth!

Continuou, em voz trêmula:

— Assim, três franceses fuzilados, tem certeza?

— Sim, os moradores do castelo. Haviam traído.

— Um homem e duas mulheres, não é isso?

— Sim.

— Contudo, só encontramos dois corpos amarrados ao pavilhão.

— Sim, dois. Por ordem do príncipe Conrad, o major mandou enterrar a senhora do castelo.

— Onde?

— O major não me disse.

— Mas talvez saiba por que ela foi fuzilada?

— Disseram que havia descoberto segredos muito importantes.

— Poderiam tê-la levado como prisioneira…?

— Obviamente, mas o príncipe Conrad não queria mais nada dela.

— Hein!

Paul estremecera. O oficial continuou, com um sorriso ambíguo:

— Diabo! Todos conhecem o príncipe. É o dom-joão da família. Morava no castelo havia semanas, tivera tempo, não é, de seduzir… e então… e então de se cansar… Aliás, o major supõe que essa mulher e os dois criados tentaram envenenar o príncipe. Então, não é?

Não terminou sua frase. Paul se debruçava sobre ele com o rosto convulso, agarrava-o pela garganta e articulava:

— Mais uma palavra e o estrangulo… Ah! Tem sorte de estar ferido… do contrário… do contrário…

E Bernard, fora de si, também o sacudia:

— Sim, você tem sorte. E, sabe, seu príncipe Conrad, bem, é um porco… e faço questão de lhe dizer na cara… um porco como toda a sua família e como vocês todos…

Deixaram o *Oberleutnant* totalmente desconcertado e sem nada entender daquele furor repentino.

Mas, lá fora, Paul teve uma crise de desespero. Seus nervos relaxavam. Toda a sua fúria e todo o seu ódio se transformavam em um infinito

abatimento. Mal conseguia segurar as lágrimas.

— Olhe, Paul — exclamou Bernard —, você não deve acreditar numa única palavra…

— Não, mil vezes não! Mas adivinho o que ocorreu. Esse bruto desse príncipe quis se pavonear diante de Élisabeth e aproveitar que era ele quem mandava… Pense bem! Uma mulher sozinha, indefesa, é uma conquista que vale a pena. Quantas torturas ela deve ter sofrido, coitada! Quantas humilhações! Uma luta a cada dia… ameaças, brutalidades… E então, no último momento, para puni-la por sua resistência, a morte…

— Vamos vingá-la, Paul — disse Bernard em voz baixa.

— Com certeza, mas nunca vou esquecer que foi por mim que ela ficou aqui… por minha culpa. Mais tarde, vou lhe explicar e você vai entender o quanto fui duro e injusto… E, contudo…

Ficou pensativo. A imagem do major o assombrava, e ele repetiu:

— E contudo… contudo… há coisas tão estranhas…

A tarde toda, tropas francesas continuaram a chegar pelo vale do Liseron e pela aldeia de Ornequin, para se oporem a uma volta de ofensiva do inimigo. Estando o esquadrão de Paul de folga, ele aproveitou para fazer com Bernard buscas minuciosas no parque e nas ruínas do castelo. Mas nenhum indício lhes revelou onde o corpo de Élisabeth havia sido enterrado.

Por volta das cinco horas, deram a Rosalie e a Jérôme uma sepultura decente. Duas cruzes foram erguidas no alto de um pequeno outeiro coberto de flores. Foi com emoção que Paul se ajoelhou no túmulo dos dois fiéis criados cuja dedicação havia sido fatal.

A esses dois também, Paul prometeu vingá-los. E seu desejo de vingança evocava nele, com intensidade quase dolorosa, a execrada imagem daquele major, imagem que agora não podia mais separar da lembrança que guardava da condessa de Andeville.

Levou Bernard com ele.

— Tem certeza de não estar enganado ao fazer um paralelo entre o major e a suposta camponesa que o questionou em Corvigny?

— Absolutamente certo.

— Então, venha. Eu lhe falei de um retrato de mulher. Vamos vê-lo e você me dará sua impressão imediata.

Paul notara que a parte do castelo em que se situavam o quarto e o *boudoir* de Hermine de Andeville não havia sido totalmente demolida pela explosão das minas e dos obuses. Assim, talvez o *boudoir* ainda estivesse em seu estado primitivo.

Já que a escada não existia mais, precisaram escalar as pedras de alvenaria desabadas para alcançar o primeiro andar. O corredor ainda se adivinhava em certos trechos. Todas as portas haviam sido arrancadas e os quartos ofereciam um caos lamentável.

— É aqui — disse Paul, mostrando um espaço vazio entre dois pedaços de parede que se mantinham por milagre.

Era mesmo o *boudoir* de Hermine de Andeville, arrasado, esburacado, coberto por reboco e destroços, mas perfeitamente reconhecível e repleto de móveis que Paul entrevira na noite de seu casamento. As persianas das janelas obstruíam parcialmente a luz do dia. Mas a luz era suficiente para que Paul adivinhasse a parede oposta. E logo exclamou:

— O quadro foi removido!

Para ele, foi uma grande decepção e, ao mesmo tempo, uma prova da considerável importância que o adversário dava a esse retrato. Se havia sido retirado, não era porque constituía um testemunho arrasador?

— Eu lhe juro — disse Bernard — que isso não muda em nada minha opinião. A certeza que tenho a respeito do major e da camponesa de Corvigny não precisa ser averiguada. O que esse retrato representava?

— Já lhe disse, uma mulher.

— Que mulher? Era um quadro que meu pai pusera aqui, um dos quadros de sua coleção?

— Justamente — afirmou Paul, querendo iludir seu cunhado.

Tendo desprendido uma das persianas, avistou na parede nua o grande retângulo que antes o quadro cobria, e pôde constatar, por certos detalhes, que a remoção havia sido precipitada. Assim, a cartela arrancada da moldura estava no chão. Paul a pegou furtivamente, de modo que Bernard não pudesse ver a inscrição nela gravada.

Mas, como examinava mais atentamente o painel e Bernard desprendera a outra persiana, soltou uma exclamação.

— O que há? — disse Bernard.

— Aí… está vendo… essa assinatura na parede… no exato lugar do quadro… uma assinatura e uma data.

Estava escrito a lápis, em duas linhas que riscavam o gesso branco à altura de um homem. A data: quarta-feira à noite, 16 de setembro de 1914. A assinatura: major Hermann.

Major Hermann! Antes mesmo que Paul percebesse, seus olhos se detiveram em um detalhe onde se concentrava todo o significado dessas linhas e, enquanto Bernard se debruçava e olhava por sua vez, murmurou com infinita surpresa:

— Hermann… Hermine…

Eram quase as mesmas palavras! Hermine começava pelas mesmas letras que o nome ou o sobrenome que o major escrevera depois de sua patente na parede. Major Hermann! A condessa Hermine! H. E. R. M… as quatro letras gravadas no punhal com que quiseram matá-lo. H. E. R. M… as quatro letras gravadas no punhal do espião que ele capturara no campanário de uma igreja! Bernard afirmou:

— Na minha opinião, trata-se de uma letra de mulher… Mas então…

E, pensativamente, prosseguiu:

— Mas, então… O que devemos concluir? Ou a camponesa de ontem e o major Hermann são uma única e mesma pessoa, isto é, essa camponesa é um homem, e aí é o major que não é… ou então… então estamos lidando com duas pessoas distintas, uma mulher e um homem, e creio que seja assim, apesar da semelhança sobrenatural que existe entre esse homem e essa mulher… porque, enfim, como admitir que uma mesma pessoa tenha conseguido assinar isso ontem à noite, atravessar as linhas francesas e, disfarçada de camponesa, abordar-me em Corvigny… e então, hoje de manhã, ela tenha voltado aqui disfarçada de major alemão, mandado explodir o castelo, fugido e, após ter matado alguns de seus soldados, desaparecido de automóvel?

Paul não respondeu, absorto em suas reflexões. Após um momento, foi para o quarto vizinho, que separava o *boudoir* do apartamento que sua mulher Élisabeth havia ocupado.

Do apartamento não sobrava nada senão escombros. Mas o cômodo intermediário não havia sofrido demais e, olhando a pia, a cama coberta por lençóis desarrumados, era fácil constatar que servira de quarto a alguém que dormira nele na noite anterior.

Na mesa, Paul encontrou jornais alemães e um jornal francês, datado de 10 de setembro, em que o comunicado que narrava a vitória no rio

Marne fora riscado com dois grandes traços vermelhos, com a seguinte anotação em vermelho: “Mentira, mentira!”, e a assinatura H.

— Estamos mesmo nos aposentos do major Hermann — disse Paul a Bernard.

— E esta noite — declarou Bernard — o major Hermann queimou papéis comprometedores. Vê na lareira esse montinho de cinzas?

Abaixou-se e pegou alguns envelopes e umas folhas meio queimadas que, aliás, só apresentavam palavras soltas e frases incoerentes.

Mas, tendo por acaso virado os olhos em direção à cama, avistou debaixo dela uma trouxa de roupas escondidas, ou talvez esquecidas na pressa da partida. Puxou-a para si e então exclamou:

— Ah! Essa é demais!

— O quê? — disse Paul, que examinava o outro lado do quarto.

— Estas roupas… roupas de camponesa… aquelas que vi na mulher em Corvigny. Não há erro possível… era mesmo essa cor marrom com esse pano de lã grosseiro. E, veja, esse lenço de renda preta de que lhe falei…

— O que está dizendo!? — exclamou Paul, vindo logo para perto dele.

— Diabo! Veja só, é um tipo de lenço e que não é de ontem. Está bem usado e rasgado. E ainda tem, preso nele, aquele broche que lhe mencionei, está vendo?

Enquanto se aproximava, Paul havia notado esse broche com pavor! Que terrível sentido dava à descoberta das roupas no próprio quarto do major Hermann, e perto do *boudoir* de Hermine de Andeville! O camafeu, gravado com um cisne de asas abertas, e cingido uma serpente de ouro com os olhos feitos de rubis! Desde sua infância, Paul conhecia esse camafeu por tê-lo visto na blusa da mulher que matara seu pai, e o conhecia por tê-lo visto de novo em seus mínimos detalhes no retrato da condessa Hermine. E eis que o encontrava ali, preso no lenço de renda preta, misturado com as roupas da camponesa de Corvigny, e esquecido no quarto do major Hermann!

Bernard disse:

— Agora, a prova é concludente. Já que as roupas estão aqui, isso significa que a mulher que me questionou sobre você voltou aqui esta noite; mas que relação existe entre ela e o oficial que é tão parecido com ela? Será que a pessoa que me questionou sobre você é aquela que, duas horas antes, mandava fuzilar Élisabeth? Quem são essas pessoas? Com que bando de

assassinos e espiões estamos lidando?

— Com alemães, nada mais — declarou Paul. — Assassinar e espionar, para eles são formas naturais e permitidas de guerra, e de uma guerra que começaram em pleno período de paz. Eu já lhe disse, Bernard, há quase vinte anos somos as vítimas dessa guerra. O assassinato de meu pai foi o início do drama. E agora é nossa pobre Élisabeth que choramos. E não acabou.

— No entanto — disse Bernard —, ele fugiu.

— Vamos vê-lo de novo, pode ter certeza. Se não vier, serei eu que irei buscá-lo. E nesse dia…

Havia duas poltronas naquele quarto. Paul e Bernard decidiram passar a noite ali, e sem demora puseram seu nome na parede do corredor. Então, Paul foi encontrar seus homens para verificar como estavam instalados, entre os estábulos e as dependências ainda de pé. Lá, o soldado que lhe servia de ordenança, um corajoso auvérnio chamado Gériflour, informou-o que encontrara dois pares de lençóis e colchões limpos no fundo de uma casinha anexa ao pavilhão do caseiro. As camas já estavam arrumadas.

Paul aceitou. Combinaram que Gériflour e um de seus camaradas dormiriam no castelo, onde se acomodariam nas poltronas.

A noite correu sem alertas, noite de febre e insônia para Paul, assombrado pela lembrança de Élisabeth.

De manhã, caiu em um sono profundo, agitado por pesadelos, interrompidos de repente pelo despertador do relógio.

Bernard estava esperando por ele.

A chamada foi feita no pátio do castelo. Paul constatou que seu ordenança Gériflour e seu camarada estavam ausentes.

— Devem estar dormindo — disse a Bernard —, vamos acordá-los.

Refizeram, no meio das ruínas, o caminho que levava ao primeiro andar e ao longo dos quartos demolidos.

No cômodo que o major Hermann ocupara, encontraram, na cama, o soldado Gériflour deitado, coberto de sangue, morto. Em uma das poltronas jazia seu camarada, morto também.

Em volta dos corpos, nada desarrumado, nenhum rastro de luta. Os dois soldados deviam ter sido mortos enquanto dormiam.

Quanto à arma, Paul a avistou imediatamente. Era um punhal com cabo de madeira que levava as letras H. E. R. M.

[12] Patente alemã equivalente à de primeiro tenente. (N.T.)

O diário de Élisabeth

Havia nesse duplo assassinato, que se seguia a uma série de trágicos eventos, todos vinculados uns aos outros pela mais rigorosa relação, havia tamanha acumulação de horrores e de revoltante fatalidade que os dois homens não falaram uma única palavra sequer nem fizeram nenhum gesto.

Nunca a morte, cujo sopro já tinham sentido tantas vezes durante as batalhas, lhes aparecera sob um aspecto mais sinistro e odioso.

A morte! Viam-na não como um mal dissimulado que escolhe suas vítimas ao acaso, mas como um espectro que se introduz na sombra, espia o adversário, escolhe seu momento, e ergue o braço com determinado propósito. E, para eles, esse espectro tomava a própria aparência e o rosto de major Hermann.

Paul articulou, e sua voz tinha verdadeiramente esse tom abafado, assustado, que parece evocar as forças más das trevas:

— Ele veio de noite. Veio e, como havíamos marcado nossos nomes na parede, esses nomes Bernard de Andeville e Paul Delroze, que representam aos seus olhos os nomes de dois inimigos, aproveitou a ocasião para se livrar deles. Convencido de que quem dormia nesse quarto era você e eu, ele atacou… e aqueles que acertou foram esse pobre Gériflour e seu camarada, que morreram em nosso lugar.

Após um longo silêncio, murmurou:

— Morreram como meu pai morreu… e como Élisabeth morreu… e também o caseiro e sua mulher… pela mesma mão… a mesma, entende, Bernard! É inaceitável, não é? E minha razão se recusa a admiti-lo… Contudo, é a mesma mão que ainda segura o punhal… o de antes, e este.

Bernard examinou a arma. Disse, ao ver as quatro letras:

— Hermann, não é? Major Hermann.

— Sim — afirmou Paul rapidamente… — Não sei se é seu nome real e qual é sua verdadeira personalidade. Mas a pessoa que cometeu todos esses crimes deve ser mesmo aquela que assina com estas quatro letras: H. E. R. M.

Após ter alertado os homens de seu esquadrão e mandado chamar o capelão e o médico-chefe, Paul resolveu pedir uma conversa particular a seu coronel e lhe contar toda a história secreta que poderia trazer alguma luz sobre a execução de Élisabeth e o assassinato dos dois soldados. Mas foi informado que o coronel e seu regimento estavam travando uma batalha do outro lado da fronteira, e que a terceira companhia havia sido chamada às pressas, exceto um destacamento que devia permanecer no castelo sob as ordens do sargento Delroze. Assim, Paul decidiu conduzir o inquérito por conta própria com seus homens.

Não lhe revelou nada. Foi impossível encontrar qualquer indício sobre a maneira como o assassino entrara, primeiramente no recinto do parque, depois nas ruínas e finalmente no quarto. Já que nenhum civil passara, seria possível deduzir que o autor do duplo crime era um dos soldados da terceira companhia? Obviamente, não. E, no entanto, que suposição adotar fora essa?

E Paul não descobriu nada também que o informasse sobre a morte de sua mulher e o lugar onde fora enterrada. E essa era a mais dura provação.

Junto aos feridos alemães, deparou-se com a mesma ignorância que entre os prisioneiros. Todos sabiam da execução de um homem e duas mulheres, mas todos haviam chegado após essa execução e após a partida das tropas de ocupação.

Foi até a aldeia de Ornequin. Talvez lá soubessem de algo. Talvez os moradores tivessem ouvido falar da castelã, da vida que ela levava no castelo, de seu martírio, de sua morte…

Ornequin estava vazia. Nenhuma mulher, nenhum idoso. O inimigo devia ter enviado os moradores para a Alemanha, e provavelmente desde o início, já que sua meta clara havia sido eliminar qualquer testemunha de seus atos durante a ocupação e esvaziar toda a área ao redor do castelo.

Assim, Paul dedicou três dias a fazer buscas em vão.

— E, no entanto — dizia ele a Bernard —, Élisabeth não pode ter desaparecido completamente. Se eu não encontrar seu túmulo, não deveria

ao menos achar algum rastro de sua estadia aqui? Viveu no castelo. Uma lembrança dela seria tão preciosa!

Acabara por reconstituir a localização exata do quarto que ela ocupava, e até, no meio dos escombros, o monte de pedras e reboco que sobrava desse quarto.

Estavam misturados com os escombros dos salões, no térreo, sobre os quais haviam desmoronado os tetos do primeiro andar, e foi nesse caos, debaixo de um amontoado de paredes pulverizadas e móveis despedaçados, que uma manhã encontrou um pequeno espelho quebrado e então uma escova feita de tartaruga, um canivete de prata e um estojo de tesouras, todos objetos que haviam pertencido a Élisabeth.

Mas o que o deixou ainda mais confuso foi a descoberta de uma agenda espessa, em que, como sabia, a jovem mulher anotava antes de seu casamento suas despesas, a lista de compras ou visitas a fazer e, às vezes, comentários mais íntimos sobre sua vida.

Ora, dessa agenda só restava uma divisória com a data 1914, e a parte relativa aos sete primeiros meses do ano. Todos os fascículos dos cinco últimos meses haviam sido, se não arrancados, ao menos destacados um por um dos cordões que os prendiam na encadernação.

Imediatamente Paul pensou:

"Teriam sido destacados por Élisabeth, e sem pressa, em um momento em que nada a apressava ou inquietava, e ela simplesmente desejava utilizar essas folhas para escrever dia após dia… ou o quê? O que senão essas anotações mais íntimas que antes ela punha na agenda, entre um extrato de contas e uma receita. E como, após minha partida, não houve mais contas e, para ela, a existência não passou do mais terrível dos dramas, foi certamente a essas páginas sumidas que ela confessou seu desespero… suas queixas… e sua revolta contra mim."

Naquele dia, na ausência de Bernard, Paul redobrou seus esforços. Vasculhou por baixo de todas as pedras e em todos os buracos. Levantou os mármores quebrados, os lustres retorcidos, os tapetes rasgados, as vigas escurecidas pelas chamas. Durante horas, obstinou-se em buscas.

Organizou as ruínas em setores aos quais interrogou pacientemente, e, já que as ruínas não respondiam às suas perguntas, voltou a fazer minuciosas investigações no parque.

Esforços inúteis, e cuja inutilidade Paul sentia. Élisabeth devia dar demasiado valor a essas páginas para não tê-las ou destruído ou escondido perfeitamente… a não ser…

— A não ser que alguém as tenha roubado — disse a si mesmo. — O major devia vigiá-la o tempo todo. E, nesse caso, quem sabe…?

Uma hipótese se desenhava na mente de Paul.

Após ter descoberto a roupa de camponesa e o lenço de renda preta, ele os deixara, sem dar-lhes maior importância, na própria cama do quarto, e se perguntava se o major, na noite em que assassinara os dois soldados, não havia voltado com a intenção de reaver as roupas ou, ao menos, o conteúdo dos bolsos, o que não pudera fazer, já que o soldado Gériflour, deitado por cima, as ocultava de sua vista.

Ora, Paul acreditava lembrar que, ao desdobrar a saia e a blusa de camponesa, sentira em um dos bolsos um farfalhar de papéis. Daí, não era possível deduzir que fosse o diário de Élisabeth, encontrado e roubado pelo major Hermann?

Paul correu até o quarto em que o duplo crime fora cometido. Apanhou as roupas e procurou.

— Ah — logo exclamou, com verdadeira alegria —, aqui estão!

As folhas destacadas da agenda ocupavam um grande envelope amarelo. Estavam todas soltas umas das outras, amassadas e rasgadas em alguns pontos, e, logo na primeira olhada, Paul percebeu que essas correspondiam somente aos meses de agosto e setembro, e que algumas até faltavam na sequência desses dois meses.

Viu a letra de Élisabeth.

À primeira vista, não era um diário muito detalhado. Eram anotações simples, anotações singelas em que se exalava um coração ferido, e que, às vezes mais longas, haviam precisado de uma folha a mais. Anotações escritas de dia ou de noite, às vezes a caneta ou a lápis, às vezes mal legíveis, e que davam a impressão de uma mão trêmula, de dois olhos embaçados por lágrimas, e de alguém desesperado de dor.

E nada podia comover Paul mais profundamente.

Estava sozinho, e leu:

Domingo, 2 de agosto.

Ele não deveria ter escrito essa carta. É cruel demais. E ademais, por que me propõe deixar Ornequin? A guerra? Então, já que a guerra é possível, não teria eu coragem de ficar aqui e cumprir meu dever? Ele me conhece bem pouco! Será que acha que sou covarde ou capaz de suspeitar de minha pobre mãe…? Paul, meu querido Paul, você não deveria ter me deixado…

Segunda-feira, 3 de agosto.

Desde que os criados foram embora, Jérôme e Rosalie redobram seus cuidados comigo. Rosalie também insistiu para que eu fosse embora. "E vocês, Rosalie", eu lhe disse, "irão embora também?" "Ah, somos pessoas sem importância, e não temos nada a temer. Além disso, aqui é nosso lugar." Eu lhe respondi que era o meu também. Mas vi muito bem que ela não podia entender.

Quando encontro Jérôme, ele meneia a cabeça e me olha com olhos tristes.

Terça-feira, 4 de agosto.

Meu dever? Não o contesto. Eu preferiria morrer a renunciar a ele. Mas como cumprir esse dever? E como chegar à verdade? Estou cheia de coragem, e contudo não paro de chorar, como se não tivesse nada melhor a fazer. É que, acima de tudo, penso em Paul. Onde estará? O que estará acontecendo com ele? Quando hoje de manhã Jérôme me disse que a guerra havia sido declarada, pensei que fosse desmaiar. Assim, Paul vai à luta. E talvez fique ferido! Morto! Ah, meu Deus, será que meu lugar não deveria ser realmente ao lado dele, em uma cidade próxima de onde está combatendo? O que posso esperar ao permanecer aqui? Sim, meu dever, sei… minha mãe. Ah! Mamãe, peço-lhe perdão. Mas, sabe, é que amo Paul e temo que lhe aconteça algo.

Quinta-feira, 6 de agosto.

Sempre lágrimas. Estou cada vez mais infeliz. Mas sinto que, mesmo que tivesse de sê-lo ainda mais, eu não cederia. Aliás, como poderia ir atrás dele, já que não quer mais saber de mim e nem me escreve? Seu

amor? Mas ele me detesta! Sou a filha de uma mulher para a qual seu ódio não tem limites. Ah, que horror! Como é possível? Mas, então, se pensa isso de mamãe e se eu não for bem-sucedida em minha tarefa, nunca mais poderemos nos rever, ele e eu? Essa é a vida que me espera?

Sexta-feira, 7 de agosto.

Fiz muitas perguntas a Jérôme e Rosalie sobre mamãe. Eles a conheceram apenas durante poucas semanas, mas lembram-se bem dela, e tudo que me disseram me deixou tão feliz! Dizem que era muito boa e muito bonita! Todo mundo a adorava.

— Nem sempre estava alegre — disse-me Rosalie. — Não sei se já era por causa do mal que a minava, mas quando sorria era de mexer com o coração.

Minha pobre mãe querida…!

Sábado, 8 de agosto.

Hoje de manhã ouvimos o canhão bem longe. Estão lutando a dez léguas daqui.

Mais cedo, uns franceses vieram aqui. Eu já avistara alguns com frequência do alto do terraço, que passavam no vale do Liseron. Estes vão se acomodar no castelo. O capitão deles pediu desculpas. Por medo de me incomodar, seus tenentes e ele se alojaram e tomam as refeições no pavilhão em que Jérôme e Rosalie moravam.

Domingo, 9 de agosto.

Ainda sem notícias de Paul. E eu também nem tento lhe escrever. Não quero que ouça nada a meu respeito até o momento em que eu esteja com todas as provas.

Mas o que fazer? E como ter provas de algo que ocorreu há dezesseis anos? Procuro, estudo, reflito. Nada.

Segunda-feira, 10 de agosto.

O canhão não para de ecoar ao longe. Mas o capitão me disse que nenhum movimento deixa prever um ataque inimigo deste lado.

Terça-feira, 11 de agosto.

Mais cedo, um soldado de vigia nos bosques, perto da pequena porta que dá para o campo, foi morto a facadas. Supõem que ele tenha querido bloquear a passagem a um indivíduo que procurava sair do parque. Mas como esse indivíduo entrou?

Quarta-feira, 12 de agosto.

O que está acontecendo? Esse fato me impressionou vivamente e me parece inexplicável. De resto, existem outros que são igualmente desconcertantes, embora eu não saiba dizer por quê. Estou muito surpresa que o capitão e todos os soldados que encontro pareçam tão despreocupados e cheguem até a brincar entre si. Quanto a mim, experimento essa impressão que nos oprime quando os estrondos se aproximam. É provável que seja o nervosismo.

Então, hoje de manhã…

Paul interrompeu a leitura. A parte inferior da página em que essas linhas haviam sido escritas, e a página seguinte, tinham sido arrancadas. Dever-se-ia concluir que o major, após ter roubado o diário de Élisabeth, retirara, por motivos quaisquer, as páginas em que a jovem dava certas explicações? No entanto, o diário continuava:

Sexta-feira, 14 de agosto.

Não tive outro jeito senão confiar no capitão. Levei-o até a árvore morta, envolta de hera, e pedi que se deitasse e ouvisse. Mostrou muita paciência e dedicação em seu exame. Mas não ouviu nada e, de fato, fazendo eu de novo a experiência por minha vez, tive de reconhecer que ele estava certo.

— Como pode ver, senhora, tudo está absolutamente normal.

— Capitão, eu lhe juro que há dois dias saía dessa árvore um ruído confuso. E isso durou alguns minutos.

Ele me respondeu, não sem deixar de sorrir um pouco:

— Seria fácil mandar derrubar essa árvore. Mas a senhora não pensa que, no estado de tensão nervosa em que todos estamos, possamos estar sujeitos a certos erros, a algum tipo de alucinação? Porque, enfim, de

onde viria esse ruído…?

Sim, evidentemente, estava certo. E contudo eu ouvi… e vi…

Sábado, 15 de agosto.

Ontem à noite, trouxeram dois oficiais alemães que foram trancados na lavanderia, no final das dependências.

Hoje de manhã não encontraram ninguém nessa lavanderia, somente os uniformes deles.

Que tenham arrombado a porta, tudo bem. Mas o inquérito do capitão mostrou que fugiram vestindo uniformes franceses e passaram diante das sentinelas dizendo ser encarregados de uma missão em Corvigny.

Quem lhes forneceu esses uniformes? Ademais, precisavam conhecer a senha… quem lhes revelou essa senha…?

Dizem que uma camponesa veio nos dias seguintes trazer ovos e leite, uma camponesa um tanto arrumada demais e que não foi vista hoje… Mas nada comprova que seja cúmplice.

Domingo, 16 de agosto.

O capitão me incentivou a ir rapidamente embora. Deixou de sorrir, agora. Parece muito preocupado.

— Estamos cercados por espiões — disse-me ele. — Além disso, há sinais que nos levam a crer que poderíamos ser atacados daqui a pouco. Não um ataque grande, com o intuito de forçar a passagem em Corvigny, mas uma operação contra o castelo. É meu dever avisá-la, senhora, que a qualquer momento podemos ser obrigados a recuar para Corvigny e que, para a senhora, seria imprudente ficar aqui.

Respondi ao capitão que nada ia mudar minha resolução.

Jérôme e Rosalie me imploraram também. Para quê? Não vou partir.

Mais uma vez, Paul parou de ler. Naquela passagem da agenda, havia uma página a menos, e a seguinte, a de 18 de agosto, rasgada do começo ao fim, só tinha um fragmento do diário escrito pela jovem naquela data:

… e é o motivo pelo qual não falei disso na carta que acabo de mandar a Paul. Ele saberá que fico em Ornequin e os motivos de minha decisão, e só. Mas deve ignorar minha esperança.

E essa esperança é ainda tão confusa, baseada em um detalhe tão insignificante! Todavia, estou muito alegre. Não entendo a significação desse detalhe e, independentemente de mim, sinto sua importância. Ah, o capitão pode se agitar e multiplicar as patrulhas, todos os soldados podem conferir suas armas e clamar sua vontade de ir à luta! O inimigo pode se instalar em Ébrecourt, como dizem! O que me importa? Uma única ideia conta! Será que encontrei o ponto de partida? Estou no caminho certo?

Pois bem, preciso refletir…

A página estava rasgada no exato lugar em que Élisabeth ia entrar em explicações detalhadas. Será que a medida havia sido tomada pelo major Hermann? Sem dúvida, mas por quê?

A primeira metade da quarta-feira, 19 de agosto, também estava rasgada. Em 19 de agosto, na véspera do dia em que os alemães haviam investido e conquistado Ornequin, Corvigny e toda a região… Que linhas escrevera a jovem mulher na tarde dessa quarta-feira? O que descobria? O que se tramava na sombra?

O medo dominava Paul. Ele recordava que às duas da manhã, na quinta-feira, o primeiro tiro de canhão ressoara acima de Corvigny, e foi com o coração apertado que leu a segunda parte da página:

Onze da noite.

Levantei da cama e abri a janela. Por todo lado, ouvem-se latidos de cães. Respondem entre si, param, parecem escutar e recomeçam a uivar como eu nunca os ouvi antes. Quando se calam, o silêncio se torna impressionante, e então, é minha vez de prestar ouvidos para surpreender os ruídos indistintos que os mantêm acordados.

E, para mim também, esses ruídos parecem existir. É algo diferente do farfalhar das folhas. Não tem nenhuma relação com o que costuma animar a grande calma das noites. Vem não sei de onde, e minha impressão ao mesmo tempo é tão forte e tão confusa, que me pergunto se não perco tempo ouvindo os batimentos de meu próprio coração ou se não estou prenunciando o ruído de todo um exército marchando.

Vamos! Estou ficando louca. Um exército marchando! E nossos postos avançados na fronteira? E nossas sentinelas ao redor do castelo…? Haveria uma batalha, troca de tiros de fuzis…

Uma da manhã.

Não saí de perto da janela. Os cães não latiam mais, tudo estava dormindo. E de repente vi alguém saindo dentre as árvores e atravessando o gramado. Pude crer que era um de nossos soldados. Mas, quando a sombra passou sob minha janela, havia luz suficiente no céu para que eu pudesse distinguir uma silhueta de mulher. Pensei em Rosalie. Mas não, a silhueta era alta, o passo leve e rápido.

Estive prestes a acordar Jérôme e dar o alarme, mas não o fiz. A sombra havia desaparecido do lado do terraço. E, de repente, houve um grito de pássaro que me pareceu estranho… e um clarão no céu, como uma estrela cadente surgindo da própria terra.

E então, mais nada. De novo o silêncio, a imobilidade das coisas. Mais nada. E, no entanto, desde então, receio me deitar. Tenho medo, sem saber do quê. Todos os perigos surgem de todos os cantos do horizonte. Avançam, e me cercam, me aprisionam, me sufocam, me esmagam. Não consigo mais respirar. Tenho medo… tenho medo…

Filho de imperador

Paul segurava em suas mãos crispadas o lamentável diário ao qual Élisabeth confiara suas angústias.

"Ah, coitada", pensou, "como deve ter sofrido! E isso só foi o início do caminho que a levaria à morte…"

Temia seguir adiante. As horas do suplício se aproximavam para Élisabeth, ameaçadoras e implacáveis, e ele teria querido lhe gritar: "Vá embora! Não enfrente o destino! Eu esqueço o passado. Eu a amo".

Tarde demais! Era ele mesmo, por sua crueldade, que a condenara ao suplício e, até o fim, devia assistir a todos os passos do martírio, cuja etapa final e aterrorizante ele já conhecia.

Com gesto brusco, virou as folhas.

Primeiramente, havia três páginas em branco, as que mencionavam as datas de 20, 21 e 22 de agosto… dias de grande confusão, durante os quais ela não conseguira escrever. Faltavam as páginas dos dias 23 e 24. Estas, certamente, relatavam os eventos e continham revelações sobre a inexplicável invasão.

O diário retomava no meio de uma folha rasgada, a da terça-feira, 25 de agosto.

… sim, Rosalie, estou me sentindo perfeitamente bem e lhe agradeço pela maneira como cuidou de mim.

— Então, não tem mais febre?

— Não, Rosalie, acabou.

— A senhora já me disse isso ontem e a febre voltou… talvez por causa dessa visita… mas essa visita não vai acontecer hoje… apenas amanhã… recebi a ordem de avisar a senhora… Amanhã, às cinco

horas…

Não respondi. De que serve se revoltar? Nenhuma das humilhantes palavras que terei de ouvir me machucará mais que aquilo que está diante de meus olhos: o gramado invadido, os cavalos acorrentados, caminhões e caixas nas alamedas, metade das árvores derrubada, oficiais deitados na grama, que bebem e cantam, e bem na minha frente, pendurada na própria sacada de minha janela, a bandeira alemã. Ah, os miseráveis!

Fecho os olhos para não ver. E é ainda mais horrível… Ah! a lembrança daquela noite… e daquela manhã, quando o sol raiou, a visão de todos aqueles corpos. Havia esses coitados que ainda viviam e ao redor dos quais os monstros dançavam, e eu percebia os gritos dos agonizantes, que imploravam para serem mortos.

E então… e então… Mas não quero mais pensar nisso e em nada que possa destruir minha coragem e minha esperança.

Paul, é pensando em você que escrevo este diário. Algo me diz que você o lerá, se algo acontecer comigo, e assim preciso ter forças para prosseguir e mantê-lo informado de cada dia. Talvez já esteja entendendo, segundo meu relato, o que, para mim, ainda está bem obscuro. Que relação existe entre o passado e o presente, entre o antigo crime e o inexplicável ataque da outra noite? Não sei. Eu lhe expus os fatos em detalhes, junto com minhas hipóteses. Você é quem deverá concluir e ir até o fundo da verdade.

Quarta-feira, 26 de agosto.

Há muito barulho no castelo. Pessoas indo e vindo em todos os sentidos e sobretudo nos salões abaixo de meu quarto. Faz uma hora que meia dúzia de caminhões e carros surgiram no gramado. Os caminhões estavam vazios. Duas ou três senhoras saíram de cada limusine, eram alemãs que faziam gestos largos e riam ruidosamente. Os oficiais correram ao seu encontro, houve manifestações de alegria. Então, todo esse mundo se dirigiu para o castelo. Com que finalidade?

Mas me parece que alguém está andando no corredor… já são cinco horas…

Alguém está batendo…

Cinco homens entraram, ele primeiro, e mais quatro oficiais obsequiosos e que se inclinaram diante dele.

Ele lhes disse secamente em francês:

— Estão vendo, senhores. Peço que não toquem no que está neste quarto e no apartamento reservado à senhora. Quanto ao resto, com exceção dos dois grandes salões, é de vocês. Mantenham aqui o que for necessário e levem embora o que quiserem. É a guerra, é o direito da guerra.

Com que acento de estúpida convicção ele pronunciou essas palavras: "É o direito da guerra!". E repetiu:

— Quanto ao apartamento da senhora, está certo? Nenhum móvel pode sair daqui. Conheço as conveniências.

Agora, estava olhando para mim e pareceu me dizer:

— Hein! Como sou cavalheiro! Eu poderia levar tudo. Mas sou alemão e, como tal, conheço as conveniências.

Estava esperando um agradecimento. Eu lhe disse:

— Estão começando a saquear? Isso explica a chegada dos caminhões.

— Não se saqueia aquilo que é seu pelo direito da guerra — respondeu ele.

— Ah… e o direito da guerra não se estende ao móveis e o objetos de arte dos dois salões?

Ele corou. Então, comecei a rir.

— Entendo, esta é sua parte. Boa escolha. Só coisas preciosas e de grande valor. As sobras, seus criados vão dividi-las entre si.

Os oficiais se voltaram, furiosos. Ele corou ainda mais. Tinha rosto redondo, cabelos loiros demais, engomados, e divididos ao meio por uma risca impecável. A testa era baixa, e por trás dela adivinho o esforço que fez para encontrar uma resposta. Finalmente, aproximando-se de mim, disse em voz triunfante:

— Os franceses foram derrotados em Charleroi, em Morhange, em todo lugar. Estão recuando por toda a linha da frente. A sorte da guerra está decidida.

Por mais violenta que seja minha dor, não retruquei, meus olhos o desafiaram e murmurei:

— Cafajeste!

Ele estremeceu. Seus companheiros ouviram, e vi um deles levando a mão à espada. Mas ele, o que ia fazer? O que ia dizer? Senti que estava muito incomodado e que seu prestígio fora abalado.

— Senhora — disse ele —, com certeza, não sabe quem sou?

— Sei com certeza, senhor. É o príncipe Conrad, um dos filhos do cáiser. E daí?

Novo esforço de dignidade. Ele se aprumou. Aguardei ameaças e a expressão de sua fúria; mas não, foi com uma gargalhada que ele me respondeu, um riso afetado de grande senhor despreocupado, demasiadamente desdenhoso para se ofuscar, inteligente demais para se aborrecer.

— Essa francesinha! É encantadora, senhores! Vocês ouviram? Quanta impertinência! É a parisiense, senhores, com toda a sua graça e a sua jocosidade.

E, saudando-me com um gesto largo, sem mais uma única palavra, foi embora brincando:

— Francesinha! Ah, senhores, essas francesinhas…!

Quinta-feira, 27 de agosto.

Transportaram objetos o dia todo. Os caminhões estão indo em direção à fronteira, sobrecarregados com o espólio.

Era o presente de núpcias de meu pobre pai, todas as suas coleções, tão paciente e amorosamente adquiridas, e era o precioso ambiente em que Paul e eu devíamos viver. Que dor!

As notícias da guerra são ruins, chorei muito.

O príncipe Conrad veio. Fui obrigada a recebê-lo, porque mandou Rosalie me avisar que se eu não aceitasse suas visitas, os moradores de Ornequin sofreriam as consequências!

Nessa altura do diário, Élisabeth de novo havia parado de escrever. Dois dias depois, na data de 29, retomou:

Ele veio ontem. E hoje também. Esforça-se para se mostrar espirituoso, cultivado, fala de literatura e música, Goethe, Wagner… Fala sozinho, aliás, e isso o deixa tão furioso que acaba gritando:

— Mas responda! O quê, não há nada de desonroso, nem para uma francesa, conversar com o príncipe Conrad!

— Uma mulher não conversa com seu carcereiro.

Ele protestou rapidamente.

— Mas, diabos, não está presa!

— Posso sair do castelo?

— Pode passear… no parque…

— Portanto, entre quatro paredes, como uma prisioneira.

— Mas, enfim. O que quer?

— Ir embora daqui, e viver… onde exigir, em Corvigny, por exemplo.

— Isso quer dizer longe de mim!

Como eu ficasse em silêncio, ele se debruçou um pouco e continuou em voz baixa:

— Está me odiando, não é? Ah, é algo que não ignoro! Estou acostumado com as mulheres. Só que não é o príncipe Conrad que odeia, não é? É o alemão… O vencedor… Porque não há motivo para que o homem em si lhe seja… antipático… E, neste momento, é o homem que está em jogo… que procura agradar… Entende…? Então…

Levantei-me diante dele. Não pronunciei uma única palavra, mas ele deve ter visto, em meus olhos, tamanho desgosto, que se calou no meio de sua frase, com ar absolutamente estúpido. Então, sua natureza falando mais alto, com grosseria mostrou-me o punho e saiu batendo a porta e resmungando ameaças…

Faltavam ao diário as duas páginas seguintes. Paul estava lívido. Jamais nenhum sofrimento o consumira dessa maneira. Parecia-lhe que sua pobre Élisabeth querida ainda vivia e lutava diante de seus olhos, que se sentia olhada por ele. E nada podia perturbá-lo mais profundamente que o grito de desespero e de amor anotado na folha de 1º de setembro.

Paul, meu Paul, não tenha medo. Sim, rasguei essas duas páginas porque não queria que soubesse de coisas tão feias. Mas isso não o afastará de mim, não é? Não é porque um bárbaro se autorizou a me ultrajar que sou menos digna de ser amada, não é? Ah, tudo o que ele me disse, Paul… Ontem mesmo… suas ofensas, suas odiosas ameaças, suas promessas ainda mais infames… e toda a sua raiva… não, não quero lhe repetir isso. Ao me confiar a esse diário, eu pensava lhe confiar meus pensamentos e atos de cada dia. Eu acreditava trazer nele nada mais que o testemunho de minha dor. Mas isso é outra coisa, e não tenho coragem… Perdoe meu silêncio. Basta que saiba da ofensa para poder me

vingar mais tarde. Não me peça nada mais além disso…

De fato, nos dias seguintes, a jovem mulher não contou mais os detalhes das visitas cotidianas do príncipe Conrad, mas sentia-se em seu relato a presença obstinada do inimigo ao redor dela! Eram breves anotações, em que não ousava mais se entregar como antes, e que lançava ao acaso das páginas, marcando os dias por conta própria, sem se preocupar com as datas eliminadas.

E Paul lia, trêmulo. E novas revelações aumentavam seu pavor:

Quinta-feira.

Todas as manhãs, Rosalie procura informações. Os franceses ainda estão recuando. Diz-se até que a derrota é total e que Paris foi abandonada. O governo teria fugido. Estamos perdidos.

Sete da noite.

Está passeando sob minhas janelas como de costume. É acompanhado por uma mulher que já vi de longe várias vezes e que sempre está envolta em uma grande capa de camponesa, e usa um lenço de renda que lhe esconde o rosto. Mas a maior parte do tempo seu companheiro de passeio no gramado é um oficial que chamam de major. Este também mantém a cabeça oculta atrás da gola levantada de seu casaco cinza.

Sexta-feira.

Os soldados estão dançando no gramado, ao passo que a música toca hinos alemães e os sinos de Ornequin soam sem parar. Estão celebrando a entrada das tropas em Paris. Como duvidar que não seja verdadeiro? Infelizmente! A alegria deles é a maior prova da verdade.

Sábado.

Entre meu apartamento e o boudoir *onde fica o retrato de mamãe, há um quarto que ela ocupava. Nele está morando o major. É um amigo íntimo do príncipe, e alguém muito importante, ao que dizem, que os soldados só conhecem sob o nome de major Hermann. Ele não se*

humilha como os demais oficiais diante do príncipe. Ao contrário, parece se dirigir a ele com certa familiaridade.

Neste momento, estão andando um ao lado do outro, na alameda. O príncipe se apoia no braço do major Hermann. Adivinho que falam de mim e não concordam. Parece até que o major Hermann está furioso.

Dez horas da manhã.

Eu não estava enganada. Rosalie me informou que houve entre eles uma cena violenta.

Terça-feira, 8 de setembro.

Há algo estranho no comportamento de todos. O príncipe, o major, os oficiais, parecem nervosos. Os soldados pararam de cantar. Ouvem-se ruídos de briga. Será que os eventos estão ao nosso favor?

Quinta-feira.

A agitação está crescendo. Dizem que chegam cartas o tempo todo. Os oficiais mandaram de volta para a Alemanha parte de sua bagagem. Tenho muita esperança. Mas, por outro lado…

Ah, meu querido Paul, se soubesse a tortura dessas visitas…! Não é mais o homem afável dos primeiros dias. Jogou fora a máscara… Mas não, não, preciso manter o silêncio sobre isso…

Sexta-feira.

Toda a aldeia de Ornequin foi evacuada para a Alemanha. Não querem que haja uma única testemunha daquilo que ocorreu na terrível noite que lhe contei.

Domingo à noite.

É a derrota, o recuo longe de Paris. Ele me confessou isso, esganiçando de raiva e proferindo ameaças contra mim. Sou a refém contra quem está se vingando…

Terça-feira.

Paul, se por acaso você o encontrar nessa batalha, mate-o como a um cão. Mas será que essas pessoas sabem lutar? Ah! Não sei mais o que digo… Estou perdendo a cabeça. Por que fiquei no castelo? Deveria ter me levado à força, Paul.

Paul, sabe o que ele imaginou? Ah, covarde… Mantiveram doze moradores de Ornequin como reféns, e agora sou responsável pela existência deles. Compreende o horror? Conforme minha conduta, viverão ou serão fuzilados, um por um… como acreditar em tamanha infâmia? Ele quer me assustar? Ah, que ameaça sórdida! Que inferno! Eu preferiria morrer…

Nove da noite.

Morrer? Mas não, por que morrer? Rosalie veio. Seu marido se entendeu com uma das sentinelas que estarão de guarda esta noite na portinhola do parque, para além da capela.

Às três da manhã, Rosalie vai me acordar e fugiremos até uns grandes bosques em que Jérôme conhece um refúgio inacessível… Meu Deus, tomara que consigamos!

Onze da noite.

O que aconteceu? Por que levantei? Tenho certeza de que tudo isso não passa de um pesadelo… e, no entanto, estou tremendo de febre e mal consigo escrever… E esse copo d'água na minha mesa…? Por que não ouso beber essa água, como costumo fazer quando sofro de insônia?

Ah, que pesadelo abominável! Como esquecerei o que vi enquanto dormia? Porque tenho certeza de que eu estava dormindo; deitei-me para descansar um pouco antes de fugir, e foi em sonho que vi esse fantasma de mulher! Um fantasma…? Sim, só fantasmas conseguem atravessar portas trancadas, e seu passo era tão abafado ao deslizar no soalho que eu só ouvia o imperceptível farfalhar de sua saia.

O que veio fazer? À luz de minha lâmpada noturna, eu a vi contornar a mesa e vir em direção de minha cama, com precaução, a cabeça escondida na escuridão. Tive tanto medo que fechei os olhos para que acreditasse que eu estava dormindo. Mas a sensação de sua presença e aproximação crescia em mim, e eu acompanhava com a maior nitidez

tudo o que ela fazia. Após debruçar-se sobre mim, olhou-me por muito tempo, como se não me conhecesse e quisesse estudar meu rosto. Como, então, não ouviu os batimentos desordenados de meu coração? Eu ouvia os dela, assim como o movimento regular de sua respiração. Como eu sofria! Quem era essa mulher? Qual era sua finalidade?

Parou de me examinar e se afastou. Não para muito longe. Através de minhas pálpebras, eu a adivinhava curvada perto de mim e ocupada com alguma tarefa silenciosa, e, com o tempo, tive tanta certeza de que não me observava mais que, aos poucos, cedi à tentação de abrir os olhos. Eu queria ver, mesmo que por um segundo, ver seu rosto, ver seu gesto…

E olhei.

Meu Deus, por que milagre tive força para segurar o grito que saía de mim? A mulher que estava lá, e cujo rosto eu distinguia nitidamente, era… Ah, não vou escrever tamanha blasfêmia! Se essa mulher tivesse estado ao meu lado, ajoelhada, rezando, e eu tivesse avistado um suave rosto sorrindo entre as lágrimas, não, eu não teria tremido diante dessa visão inesperada daquela que já morreu. Mas essa expressão convulsa, atroz, de ódio e maldade, selvagem, infernal… nenhum espetáculo no mundo podia desencadear em mim maior medo. E talvez tenha sido por causa disso, daquilo que tamanho espetáculo tinha de excessivo e sobrenatural, que não gritei e que agora estou quase calma. No momento em que meus olhos a miravam, entendi que eu era vítima de um pesadelo.

Mamãe, mamãe, você nunca teve nem pode ter essa expressão, não é? Era boa, não é? Sorria? E se vivesse ainda teria sempre o mesmo ar de bondade e doçura? Mamãe querida, desde aquela terrível noite em que Paul reconheceu seu retrato, entrei frequentemente nesse quarto, para decorar seu rosto de mãe que eu esquecera, eu era tão jovem quando morreu, mamãe!, e se eu sofria que o pintor tivesse lhe dado uma expressão diferente daquela que eu desejava, ao menos não era a expressão maldosa e feroz de há pouco. Por que me odiaria? Sou sua filha. Papai me disse com frequência que tínhamos o mesmo sorriso, você e eu, e que, ao me olhar, seus olhos lacrimejavam de ternura. Então… então… você não me odeia, não é? Ou será que sonhei?

Ou, ao menos, se não sonhei ao ver uma mulher em meu quarto, estava sonhando quando essa mulher me pareceu ter seu rosto.

Alucinação… delírio… de tanto olhar seu retrato e pensar em você, dei a essa desconhecida o rosto que eu conhecia, e é ela, e não você, quem tinha essa expressão de ódio.

E então não vou beber essa água. Aquela que ela serviu deve provavelmente estar envenenada… ou talvez haja algo para me fazer dormir profundamente e me entregar ao príncipe… E penso naquela mulher que, às vezes, passeia com ele.

Mas não sei nada… não entendo nada… as ideias rodopiam em minha mente exausta…

Logo mais serão três horas… estou esperando Rosalie. A noite está calma. Nenhum ruído no castelo ou nos arredores.

Três horas estão soando. Ah, fugir daqui! Estar livre!

Setenta e cinco ou cento e cinquenta e cinco?

Ansiosamente, Paul Delroze virou a página, como se esperasse que esse projeto de fuga pudesse ter um final feliz, e foi, por assim dizer, o choque de uma nova dor que recebeu ao ler as primeiras linhas escritas, na manhã seguinte, com letra quase ilegível:

Fomos denunciados, traídos. Vinte homens nos espiavam… Pularam sobre nós, como brutamontes… Agora, estou trancada no pavilhão do parque. Ao lado, um pequeno quarto serve de prisão para Jérôme e Rosalie. Estão amarrados e amordaçados. Eu estou solta, mas há soldados na porta. Eu os ouço falar.

Meio-dia.

Tenho muita dificuldade para lhe escrever, Paul. A cada instante o soldado de guarda abre a porta e me vigia. Não me revistaram, de modo que conservei as páginas de meu diário, e lhe escrevo rapidamente, por pedaços, na escuridão…

… Meu diário…! Será que o encontrará, Paul? Que saberá tudo o que ocorreu e o que foi feito de mim? Tomara que não o arranquem de mim…!

Trouxeram pão e água. Ainda estou separada de Rosalie e Jérôme. Não lhes deram comida.

Duas horas.

Rosalie conseguiu se livrar de sua mordaça. Do quartinho onde está, fala comigo à meia-voz. Ouviu o que diziam os soldados alemães que nos

vigiam, e eu soube que o príncipe Conrad foi embora ontem à noite para Corvigny, que os franceses estão se aproximando e que todos aqui estão muito preocupados. Vão se defender? Vão recuar em direção à fronteira…? Foi o major Hermann que impediu nossa fuga. Rosalie diz que estamos perdidos…

Duas e meia.

Rosalie e eu tivemos que interromper nossa conversa. Acabo de lhe perguntar o que ela queria dizer… Por que estamos perdidos…? Ela afirma que o major Hermann é uma pessoa diabólica.

— Sim, diabólica — repetiu —, e como tem motivos especiais para agir contra a senhora…

— Que motivos, Rosalie?

— Logo mais, eu lhe explicarei… Mas tenha certeza de que, se o príncipe Conrad não voltar de Corvigny a tempo para nos salvar, o major Hermann vai se aproveitar da situação para mandar nos fuzilar, os três…

Paul soltou um verdadeiro berro ao ver essa terrível palavra traçada pela mão de sua pobre Élisabeth. Estava na última página. Depois disso, só havia algumas frases escritas ao acaso, aleatoriamente no papel, visivelmente às apalpadelas. Entre essas frases ofegantes como soluços de agonia…

O rebate de sinos… O vento o traz de Corvigny… O que isso significa…? As tropas francesas…? Paul, Paul… Talvez esteja com elas…! Dois soldados entraram, rindo:

— Kaputt, *senhora…!* Kaputt, *os três…! O major Hermann disse* kaputt…

Sozinha mais uma vez… vamos morrer… Mas Rosalie quer falar comigo… Ela não ousa…

Cinco horas.

… O canhão francês… obuses explodem ao redor do castelo… Ah, se um deles pudesse me atingir…! Ouço a voz de Rosalie… O que tem a me dizer? Que segredo descobriu…?

... Ah, que horror! Ah, que terrível verdade! Rosalie falou. Meu Deus, eu lhe peço, dê-me tempo de escrever… Paul, você nunca poderá supor…

É preciso que saiba, antes que eu morra… Paul…

O resto da página havia sido arrancado, e as páginas seguintes até o fim do mês estavam em branco. Tivera Élisabeth tempo e força para transcrever as revelações de Rosalie?

Era uma pergunta que Paul nem se fez. O que lhe importavam essas revelações e as trevas que envolviam de novo e para sempre uma verdade que ele não podia mais descobrir? O que lhe importavam a vingança, e o príncipe Conrad, e o major Hermann e todos esses selvagens que martirizavam e matavam mulheres? Élisabeth estava morta. Por assim dizer, ele acabara de vê-la morrer diante de seus olhos.

Fora essa realidade, nada valia pensamento ou esforço. E, enfraquecido, entorpecido por uma repentina covardia, os olhos fixados no diário em que a pobre mulher anotara as frases do mais cruel suplício que seria possível imaginar, aos poucos ele se sentia deslizar para uma imensa necessidade de obliteração e esquecimento. Élisabeth o chamava. Para que lutar agora? Por que não se juntar a ela?

Alguém bateu em seu ombro. Uma mão agarrou o revólver que ele segurava, e Bernard lhe disse:

— Deixe isso pra lá, Paul. Se julgar que um soldado tem o direito de se matar nas condições atuais, eu o deixarei livre daqui a pouco, uma vez que tiver me ouvido…

Paul não protestou. A tentação da morte o tocara levemente, mas quase sem que o percebesse. E embora ele talvez tivesse sucumbido, em um momento de loucura, ainda estava naquele estado de espírito em que logo recuperamos a consciência.

— Fale — disse ele.

— Não vai ser longo. Três minutos de explicações, no máximo. Preste atenção.

E Bernard começou:

— Vejo, pela letra, que encontrou um diário escrito por Élisabeth. Esse diário confirma mesmo o que você já sabia?

— Sim.

— Élisabeth, quando o escreveu, era mesmo ameaçada de morte, junto com Jérôme e Rosalie?

— Sim.

— E todos os três foram fuzilados no dia em que chegávamos, você e eu, a Corvigny, isto é, na quarta-feira, 16?

— Sim.

— Quer dizer, entre cinco e seis horas da noite e na véspera da quinta-feira em que conseguimos chegar aqui, no Castelo de Ornequin?

— Sim, mas por que essas perguntas?

— Por quê? É o seguinte, Paul, peguei de você e tenho em mãos o estilhaço de obus que você encontrou na parede do pavilhão, no lugar exato em que Élisabeth foi fuzilada. Aqui está. Uma mecha de cabelo estava colada nele.

— E então?

— Então, conversei há pouco com um ajudante de artilharia, de passagem no castelo, e resulta de nossa conversa e do exame que ele fez, que esse estilhaço não provém de um obus atirado por um canhão de setenta e cinco milímetros, mas de um obus atirado por um canhão de cento e cinquenta e cinco milímetros, um Rimailho.

— Não entendo.

— Não entende porque ignora, ou esqueceu, esse fato que meu ajudante me lembrou. Na noite de quarta-feira, 16, em Corvigny, as baterias que abriram fogo e lançaram alguns obuses contra o castelo, no momento em que ocorria a execução, eram todas nossas baterias de setenta e cinco milímetros, pois nossos Rimailhos de cento e cinquenta e cinco milímetros atiraram apenas no dia seguinte, quinta-feira, enquanto marchávamos em direção ao castelo. Portanto, como Élisabeth foi fuzilada e enterrada na noite da quarta-feira, por volta das seis horas, é materialmente impossível que um estilhaço de obus atirado por um Rimailho lhe tenha arrancado mechas de cabelo, já que os Rimailhos só foram disparados na quinta-feira de manhã.

— Então? — murmurou Paul, como voz alterada.

— Então, como duvidar que o estilhaço de obus do Rimailho, apanhado no chão na quinta-feira de manhã, não tenha sido voluntariamente enfiado entre as mechas de cabelo cortadas na véspera à noite?

— Mas você está louco! Com que finalidade alguém teria feito isso?

Bernard deu um sorriso.

— Meu Deus, com a finalidade de fazer crer que Élisabeth fora fuzilada, embora não o tivesse sido.

Paul lançou-se sobre ele e, sacudindo-o, disse:

— Você sabe algo, Bernard! Do contrário, como poderia rir? Mas fale então! E essas marcas de balas na parede do pavilhão? E essa corrente de ferro? Esse terceiro elo?

— Justamente. Muita encenação! Quando ocorre uma execução, vê-se tanto assim a marca das balas? E o corpo de Élisabeth, você o encontrou? Quem lhe prova que, após terem fuzilado Jérôme e sua mulher, não tiveram piedade dela; ou então, quem sabe, uma intervenção…

Paul sentia-se invadir por um pouco de esperança. Condenada pelo major Hermann, talvez Élisabeth tivesse sido salva pelo príncipe Conrad, que poderia ter voltado de Corvigny antes da execução…

Ele balbuciou:

— Talvez… sim, talvez… e então é isso: o major Hermann, sabendo de nossa presença em Corvigny — lembre-se de seu encontro com essa camponesa —, o major Hermann, querendo ao menos que Élisabeth fosse morta para nós, e que desistíssemos de procurá-la, o major Hermann simulou essa encenação. Ah! Como saber?

Bernard se aproximou dele e disse em tom grave:

— Não é a esperança que lhe trago, Paul, é a certeza. Eu quis prepará-lo para isso. Agora, ouça. Se interroguei esse ajudante de artilharia, foi para averiguar fatos que eu não ignorava mais. Sim, mais cedo, na própria aldeia de Ornequin onde eu me encontrava, chegou da fronteira um comboio de prisioneiros alemães. Um deles, com quem pude trocar algumas palavras, fazia parte da guarnição que ocupava o castelo. Portanto, ele viu. Ele sabe! Pois bem! Élisabeth não foi fuzilada. O príncipe Conrad impediu a execução.

— O que está dizendo? O que está dizendo? — exclamou Paul, desfalecendo de alegria. — Então, tem certeza? Está viva?

— Sim, viva… Eles a levaram para a Alemanha.

— Mas e desde então…? Porque o major Hermann pode muito bem tê-la alcançado e executado seu plano!

— Não.

— Como sabe disso?

— Por esse soldado prisioneiro. A senhora francesa que ele viu aqui, ele voltou a vê-la hoje de manhã.

— Onde?

— Perto da fronteira, em uma vila nos arredores de Ébrecourt, sob a proteção daquele que a salvou, e que, com certeza, tem como defendê-la contra o major Hermann.

— O que está dizendo? — repetiu Paul, dessa vez com voz abafada, e o rosto contraído.

— Estou dizendo que o príncipe Conrad, que parece levar seu ofício de soldado como um amador, — aliás, passa por um cretino, mesmo junto da família, estabeleceu seu quartel-general em Ébrecourt, e visita Élisabeth todo dia e, consequentemente, qualquer receio…

Mas Bernard se calou, e perguntou, estupefato:

— O que tem? Você está lívido…

Paul agarrou seu cunhado pelos ombros e articulou:

— Élisabeth está perdida. O príncipe Conrad se apaixonou por ela… Lembra-se, já nos disseram isso… e esse diário não passa de um grito de angústia… ele se apaixonou por ela e não abre mão de sua presa, entende? Não vai recuar diante de nada!

— Ah! Paul, não posso crer…

— Diante de nada, eu lhe digo. Não somente é um cretino, mas é enganoso e um miserável. Quando for ler esse diário, entenderá… e chega de palavras, Bernard. O que precisamos agora é agir, sem mesmo perdermos tempo para refletir.

— O que quer fazer?

— Tirar Élisabeth desse homem, libertá-la.

— Impossível.

— Impossível? Estamos a três léguas do lugar onde minha mulher está encarcerada, exposta aos ultrajes desse bandido, e você imagina que vou ficar aqui, de braços cruzados? Nem pensar! Seria preciso não ter sangue nas veias! Mãos à obra, Bernard, e, se hesitar, vou sozinho.

— Você irá sozinho… aonde?

— Lá. Não preciso de ninguém… não preciso de nenhuma ajuda. Um uniforme alemão e basta. Vou aproveitar a noite para passar a fronteira. Matarei os inimigos que for preciso, e amanhã de manhã Élisabeth estará aqui, livre.

Bernard meneou com a cabeça e disse suavemente:

— Meu pobre Paul!

— O quê? O que significa…?

— Significa que eu teria sido o primeiro a aprová-lo, e que teríamos ido juntos socorrer Élisabeth. Os riscos não contam… Infelizmente…

— Infelizmente?

— Bem! É o seguinte, Paul. Estão renunciando a uma ofensiva mais vigorosa deste lado. Os regimentos de reserva e o territorial foram chamados. Quanto a nós, estamos indo embora.

— Indo embora? — balbuciou Paul, chocado.

— Sim, hoje à noite. Esta noite nossa divisão embarca em Corvigny, e estamos indo para não sei onde… Reims talvez, ou Arras. Enfim, para Oeste ou para o Norte. Como pode ver, meu pobre Paul, seu projeto não pode ser realizado. Vamos, seja corajoso. E não fique com esse ar de desespero. Está me cortando o coração… Olhe, Élisabeth não está correndo perigo… saberá se defender…

Paul não respondeu uma única palavra sequer. Lembrava-se daquela abominável frase do príncipe Conrad, relatada no diário de Élisabeth: "É a guerra… é o direito, é a lei da guerra". Sentia pesar nele o formidável peso dessa lei, mas, ao mesmo tempo, sentia que a vivenciava no que ela tem de mais nobre e exaltante: o sacrifício individual de tudo o que a salvação da nação exige.

O direito da guerra? Não, o dever da guerra, e um dever tão imperioso que não o discutimos, e que nem devemos, por mais implacável que seja, deixar palpitar, no cerne de nossa alma, o tremor de uma queixa. Quer Élisabeth estivesse diante da morte ou da desonra, isso não dizia respeito ao sargento Delroze, e não podia desviá-lo por um segundo do caminho que lhe ordenavam seguir. Antes de ser homem, era soldado. Não tinha outro dever senão para com a França, sua pátria dolorosa e bem-amada.

Dobrou cuidadosamente o diário de Élisabeth e saiu, seguido por seu cunhado. Ao anoitecer, deixava o Castelo de Ornequin.

Segunda Parte

Yser... miséria

Toul, Bar-le-Duc, Vitry-le-François… As pequenas cidades desfilaram diante do longo comboio que levava Bernard e Paul para o Oeste da França. Outros trens, inúmeros, precediam ou seguiam o deles, carregados de tropas e material. Então, chegaram à periferia de Paris, e depois subiram ao Norte, Beauvais, Amiens, Arras.

Era preciso chegar lá antes dos outros, na fronteira, juntar-se aos heroicos belgas, quanto mais ao Norte possível. Cada légua de terreno percorrida devia ser uma légua subtraída ao invasor durante a longa guerra imóvel que estava se preparando.

Essa subida ao Norte, o subtenente Paul Delroze, sua nova patente lhe fora dada a caminho, cumpriu-a em sonho, por assim dizer, lutando a cada dia, arriscando ser morto a cada instante, levando seus homens com irresistível ímpeto, mas tudo isso como se o fizesse sem perceber, e mediante disparo automático de uma vontade predeterminada. Enquanto Bernard arriscava sua vida rindo, e sustentava com sua lábia e alegria a coragem de seus camaradas, Paul permanecia sombrio e distraído. Cansaços, privações, mau tempo, tudo lhe parecia indiferente.

No entanto, para ele era um prazer profundo, às vezes, ele confessava a Bernard, seguir adiante. Tinha a impressão de se dirigir para um objetivo preciso, o único que o interessava, a libertação de Élisabeth. Quer fosse essa fronteira que ele atacasse e não a outra, a do Leste, era sempre e de qualquer modo o inimigo execrado, contra o qual ele se lançava com todo o seu ódio. Derrotá-lo aqui ou ali, pouco importava. Em todo caso, Élisabeth estaria livre.

— Vamos chegar lá — dizia-lhe Bernard. — Você compreende que Élisabeth saberá dar conta desse canalha. Enquanto isso, vamos flanquear

os boches, atravessar rapidamente a Bélgica e conquistar Ébrecourt em um piscar de olhos! Essa perspectiva não o faz rir? Acho que não, sei que nunca ri senão quando acaba com um boche. Ah! Agora, por exemplo, está dando uma risadinha afiada, bem clara. Digo a mim mesmo: "Bum, o tiro foi certeiro…" ou ainda: "Pronto… pegou um na ponta da baioneta". Porque você sabe como manusear a baioneta, quando precisa… Ah, tenente! Como estamos ficando ferozes! Rimos porque matamos! E pensar que temos motivos para rir!

"Roye, Lassigny, Chaulnes… Mais tarde, o canal de La Bassée e o rio Lys… E depois, finalmente. Ypres, Ypres! As duas linhas férreas param aí, prolongadas até o mar. Após os rios franceses, após o Marne, após o Aisne, após o Oise, após o Somme, é um riozinho belga que o sangue desses jovens vai avermelhar. A terrível batalha do Yser está começando."

Bernard, que logo obteve os galões de sargento, e Paul Delroze viveram nesse inferno até os primeiros dias de dezembro. Formaram, com meia dúzia de parisienses, dois alistados voluntários, um reservista, e um belga chamado Laschen, que escapara de Roulers e achara mais prático, para combater o inimigo, juntar-se aos franceses, uma pequena tropa que o fogo parecia respeitar. De todo o esquadrão que Paul comandava, só restavam eles, e quando esse esquadrão foi reconstituído, eles continuaram juntos. Pediam todas as missões perigosas. E toda vez, quando a expedição acabava, encontravam-se sãos e salvos, sem um arranhão, como se mutuamente se dessem sorte.

Durante as duas últimas semanas, o regimento, lançado na extrema ponta da retaguarda, foi amparado por formações belgas e inglesas. Houve ações heroicas. Furiosos ataques com baionetas foram realizados, na lama, na própria água das enchentes, e os alemães caíam aos milhares, dezenas de milhares.

Bernard exultava.

— Você está vendo, Tommy — dizia a um pequeno soldado inglês ao lado do qual ele avançava um dia sob a metralha, e que, aliás, não entendia uma única palavra sequer de francês —, está vendo, Tommy, ninguém admira os belgas mais do que eu, mas eles não me surpreendem, e isso pelo simples motivo de que lutam do nosso jeito, isto é, como leões. Os que me espantam são vocês, os rapazes de Álbion. Isto é outra coisa… vocês ingleses têm sua maneira de executar o serviço… e que serviço! Nada de

excitação ou de furor. Tudo acontece no fundo de vocês. Ah, por exemplo, vocês mostram raiva quando recuam e, então, ficam terríveis. Nunca ganham terreno senão quando têm que recuar. Resultado: os boches viram purê.

Foi no entardecer daquele dia, como a terceira companhia atirava nos arredores de Dixmude, que ocorreu um incidente cuja natureza pareceu muito estranha para os dois cunhados. Paul sentiu bruscamente, logo acima da cintura, do lado direito, um choque bem forte. Não teve tempo de se preocupar. Mas, ao voltar para a trincheira, constatou que uma bala havia furado o couro de seu estojo de revólver e batera contra o cano da arma. Ora, considerando a posição que Paul ocupava, teria sido preciso que essa bala fosse atirada contra ele por trás, isto é, por um soldado de sua companhia e de uma companhia de seu regimento. Teria sido um acaso? Uma falha?

Dois dias depois, o mesmo ocorreu com Bernard. A sorte também o protegeu. Uma bala atravessou sua mochila e lhe raspou o ombro.

E quatro dias depois, o quepe de Paul foi perfurado e, mais uma vez, o projétil vinha das linhas francesas.

Assim, não havia dúvida possível. Os cunhados eram visados da maneira mais óbvia, e o traidor, bandido a soldo do inimigo, escondia-se no meio das tropas francesas.

— Não há dúvidas — disse Bernard. — Você primeiro, e então eu, e de novo você. Tem o dedo de Hermann nisso. O major deve estar em Dixmude.

— E talvez o príncipe também — observou Paul.

— Talvez. Em todo caso, um dos agentes deles deve ter se infiltrado entre nós. Como poderemos descobrir? Avisamos o coronel?

— Se quiser, Bernard, mas não vamos falar de nós e de nossa briga particular contra o major. Se por um momento tive a intenção de avisar o coronel, renunciei depois, por não querer que o nome de Élisabeth fosse envolvido em toda essa aventura.

Aliás, não precisava deixar os chefes de sobreaviso. Se não houve mais tentativas contra os dois cunhados, atos de traição se repetiam a cada dia. Baterias francesas localizadas, ataques informados de antemão, tudo provava a organização metódica de um sistema de espionagem muito mais ativo que em qualquer outro lugar. Como não suspeitar da presença do

major Hermann, que era obviamente uma das principais engrenagens desse sistema?

— Está aí — repetia Bernard, mostrando as linhas alemães. — Está aí por que atualmente a partida principal está ocorrendo nesses pântanos, e ele tem muito o que fazer. E também está aí porque nós estamos aqui.

— Mas, como ele poderia saber? — objetava Paul.

E Bernard retrucava:

— Por que não saberia?

Uma tarde, em um barracão que servia de alojamento ao coronel, houve uma reunião dos chefes de batalhão e dos capitães à qual Paul Delroze foi convocado. Nela, ele soube que o general comandante da divisão havia ordenado a tomada de uma pequena casa situada na margem esquerda do canal e que, em tempos normais, era habitada por um canoeiro. Os alemães haviam se fortificado nela. O fogo de suas baterias pesadas, instaladas no alto, do outro lado, defendia esse blocause, que era objeto de disputa havia vários dias. Era preciso tomá-lo.

— Para isso — precisou o coronel —, pedimos às companhias da África cem voluntários, que partem esta noite e vão atacar amanhã de manhã. Nosso papel é apoiá-las imediatamente, e uma vez a investida concluída, repelir os contra-ataques, que não deixarão de ser extremamente violentos, vista a importância da posição. Essa posição, os senhores a conhecem. Está separada de nós por pântanos em que nossos voluntários da África vão penetrar esta noite… até a cintura, por assim dizer. Mas, à direita desse pântano, ao longo do canal, existe um caminho de sirga pelo qual nós poderemos chegar para ajudá-los. Esse caminho, varrido pelas duas artilharias, está livre em grande parte. No entanto, quinhentos metros antes da casa do canoeiro, há um velho farol que até agora era ocupado pelos alemães e que destruímos à tarde com tiros de canhão. Será que o evacuaram totalmente? Corremos o risco de nos deparar com um posto avançado? É o que seria bom saber. Pensei em você, Delroze.

— Eu lhe agradeço, coronel.

— Embora não seja perigosa, a missão é delicada e deve nos conduzir a uma certeza. Parta hoje de noite. Se o velho farol estiver ocupado, volte. Do contrário, junte doze homens robustos, que você ocultará cuidadosamente até nossa chegada. Será um excelente ponto de apoio.

— Muito bem, coronel.

Logo Paul tomou suas disposições, reuniu o pequeno grupo de parisienses e alistados que, com o reservista e o belga Laschen, formava sua equipe habitual, avisou-os que certamente precisaria deles no decorrer da madrugada, e de noite, às nove horas, partiu na companhia de Bernard de Andeville.

O feixe dos projetores inimigos os reteve bastante tempo à beira do canal, atrás de um enorme tronco de salgueiro desarraigado. Então, impenetráveis trevas se acumularam ao redor deles, a tal ponto que nem enxergavam mais a linha de água.

Arrastavam-se mais do que marchavam, por medo dos clarões inesperados. Uma leve brisa passava sobre os campos enlameados e sobre os pântanos, onde se ouvia o farfalhar dos juncos.

— É lúgubre — murmurou Bernard.

— Cale-se.

— Como quiser, subtenente.

Alguns canhões trovoavam de tempo em tempo sem razão, como cães latindo para fazer barulho no meio do grande silêncio inquietante, e logo outros canhões latiam raivosamente, como se, por sua vez, quisessem fazer barulho e mostrar que não estavam dormindo.

E, de novo, a calma. Nada mais se movia no espaço. Parecia que a relva dos pântanos ficava imóvel. No entanto, Bernard e Paul pressentiam a progressão lenta dos voluntários da África que haviam partido ao mesmo tempo que eles, suas longas paradas no meio da água gelada, seus esforços tenazes.

— Cada vez mais lúgubre — gemeu Bernard.

— Como você está impressionável, esta noite! — observou Paul.

— É o rio Yser, Yser, miséria, dizem os boches.

Deitaram-se rapidamente. O inimigo varria o caminho com refletores e sondava também os pântanos. Houve mais duas alertas e finalmente alcançaram sem obstáculos os arredores do velho farol.

Eram onze e meia. Com infinita precaução, deslizaram entre os blocos demolidos e conseguiram verificar que o posto havia sido abandonado. Contudo, sob os degraus desmoronados da entrada, descobriram um alçapão e uma escada que levava a um porão em que brilhavam lampejos de sabres e capacetes. Mas Bernard, que do alto varria a escuridão com uma lâmpada elétrica, disse:

— Nada a temer, estão mortos. Os boches os jogaram lá, após a canhonada desta tarde.

— Sim — disse Paul. — Portanto, precisamos prever o caso de eles virem buscá-los. Fique de vigia do lado do Yser, Bernard.

— E se um desses trastes ainda estiver vivo?

— Vou matá-lo.

— Vasculhe os bolsos deles — disse Bernard, indo embora — e traga os diários de bordo. Sou apaixonado por isso. Não há melhor documento sobre o estado da alma deles… ou melhor, do estômago deles.

Paul desceu. O porão tinha proporções bastante amplas. Meia dúzia de corpos jaziam no chão, todos inertes e já gelados. Distraidamente, seguindo o conselho de Bernard, ele vasculhou os bolsos e folheou os diários. Nada interessante chamou sua atenção. Mas, na jaqueta do sexto soldado que examinou, um rapaz magro que fora atingido em pleno rosto, encontrou uma carteira em nome de Rosenthal, que continha notas de dinheiro francês e belga e um pacote de cartas com carimbos da Espanha, da Holanda e da Suíça. As cartas, todas escritas em alemão, haviam sido endereçadas a um agente alemão que residia na França, cujo nome não aparecia, e transmitidas por ele ao soldado Rosenthal em que Paul as encontrava. Esse soldado devia comunicá-las, junto com uma fotografia, a uma terceira pessoa designada sob o nome de Excelência.

— Serviços de espionagem — disse Paul, percorrendo as cartas. — Informações confidenciais… Estatísticas… Que bando de canalhas!

Mas, ao abrir de novo a carteira, retirou um envelope que rasgou. Nele, havia uma fotografia e a surpresa de Paul foi tamanha ao olhar essa fotografia que soltou um grito.

Representava a mulher de quem vira o retrato no quarto trancado de Ornequin, a mesma mulher, com o lenço de renda arrumado de modo idêntico, e com essa mesma expressão cujo sorriso não escondia a dureza. E, essa mulher, não era mesmo a condessa Hermine de Andeville, a mãe de Élisabeth e Bernard?

A prova carregava o nome de Berlim. Virando-a, Paul avistou algo que aumentou seu espanto. Algumas palavras estavam escritas: “A Stéphane de Andeville, 1902”.

Stéphane, era o nome do conde de Andeville!

Assim, a fotografia havia sido enviada de Berlim ao pai de Élisabeth e de Bernard em 1902, isto é, quatro anos *após* a morte da condessa Hermine. De tal modo que estávamos diante de duas soluções: ou a fotografia, tirada antes da morte da condessa Hermine, mencionava a data do ano em que o conde a recebera, ou a condessa Hermine ainda estava viva…

E, à sua revelia, Paul pensava no major Hermann, do qual essa imagem, assim como o retrato do quarto trancado, evocava a lembrança, em sua mente confusa, Hermann! Hermine! E eis que agora ele descobria a imagem de Hermine no cadáver de um espião alemão, à beira desse rio Yser por onde devia rondar o chefe da espionagem, que certamente era o major Hermann!

— Paul! Paul!

Era seu cunhado que o chamava. Paul se ergueu rapidamente, escondeu a fotografia, decidido a não comentar nada, e subiu até o alçapão.

— E aí, Bernard, o que está acontecendo?

— Uma pequena tropa de boches. Primeiramente, pensei que fosse uma patrulha, que fosse a troca de guardas e que iriam permanecer do outro lado. Mas, não. Desatracaram dois barcos e estão atravessando o canal.

— De fato, começo a ouvi-los.

— E que tal atirarmos neles? — propôs Bernard.

— Não, daríamos o alarme. É melhor observá-los. Aliás, é nossa missão.

Mas, naquele momento, ouviu-se um leve apito vindo do caminho de sirga que Bernard e Paul haviam seguido. Alguém respondeu, do barco, por outro apito de mesma natureza. Dois outros sinais foram trocados a intervalos regulares. Um relógio de igreja tocou meia-noite.

— Um encontro — supôs Paul. — Está ficando interessante. Venha. Lá embaixo, avistei um lugar onde penso que podemos nos abrigar contra qualquer surpresa.

Era um cubículo, separado do porão por um bloco de alvenaria em que havia uma brecha pela qual foi fácil eles passarem. Rapidamente, tamparam essa brecha com pedras que haviam caído do teto e das paredes.

Mal haviam acabado, um ruído de passos ecoou acima deles, e ouviram palavras em alemão. A tropa inimiga devia ser bastante numerosa. Bernard inseriu a extremidade de seu fuzil em uma das embocaduras formadas por sua barricada.

— O que está fazendo? — perguntou Paul.

— E se vierem? Estou me preparando. Podemos resistir a um cerco em regra.

— Não faça besteira, Bernard. Vamos escutar. Talvez possamos captar algumas palavras.

— Você, talvez, Paul, mas eu não entendo uma única sílaba de alemão…

Um clarão violento inundou o porão. Um soldado desceu e pendurou uma grande lamparina em um prego da parede. Cerca de doze homens juntaram-se a ele, e os dois cunhados logo foram informados. Esses homens estavam ali para remover os mortos.

Não demorou. Em quinze minutos não havia mais senão um único corpo no porão, o do agente Rosenthal. Do alto, uma voz imperiosa ordenou:

— Permaneçam aqui vocês e aguardem por nós. E você, Karl, desça primeiro.

Alguém apareceu nos degraus superiores. Paul e Bernard ficaram estupefatos ao entrever uma calça vermelha e então um capote azul, e finalmente o uniforme completo de um soldado francês. O indivíduo pulou no chão e gritou:

— Cheguei, Excelência. Agora, é sua vez.

Viram então o belga Laschen, ou melhor, o suposto belga que se fazia chamar Laschen e estava no esquadrão de Paul. Agora, sabiam de onde vinham os três tiros disparados contra eles. O traidor estava ali. Sob a luz, distinguiam nitidamente seu rosto, o rosto de um homem de quarenta anos, de feições gordas e pesadas, os olhos muito vermelhos.

Ele agarrou as barras da escada de maneira a firmá-la. Um oficial desceu prudentemente, envolto em um amplo casaco cinzento com a gola levantada. Reconheceram o major Hermann.

O major Hermann

Instantaneamente, e apesar do sobressalto de ódio que o teria levado a um ato de vingança imediato, Paul pressionou o braço de Bernard com a mão para obrigá-lo a ter prudência.

Mas com que raiva a imagem desse demônio o assolava! Aquele que aos seus olhos representava todos os crimes cometidos contra seu pai e sua mulher, esse mesmo se oferecia à bala de seu revólver, e Paul não podia agir! Ademais, as circunstâncias se apresentavam de tal modo que, com certeza, esse homem iria embora dali a poucos minutos, prestes a cometer outros crimes, sem que fosse possível matá-lo.

— Bem na hora, Karl — disse o major em alemão, e ele se dirigia ao falso Laschen —, bem na hora, você é pontual no compromisso. E então, o que há de novo?

— Antes de mais nada, Excelência — respondeu Karl, que parecia tratar o major com essa deferência mesclada de familiaridade que se tem em relação a um superior que é ao mesmo tempo um cúmplice —, antes de mais nada, peço permissão…

Ele tirou o capote azul, vestiu a jaqueta de um dos mortos e, batendo continência:

— Ufa…! Veja bem, Excelência, sou um bom alemão. Nenhuma tarefa me repugna. Mas, neste uniforme, estou sufocando.

— Então, vai desertar?

— Excelência, praticar o ofício desse jeito é muito perigoso, a roupa do camponês francês, tudo bem; o capote do soldado francês, não. Esses homens não têm medo de nada, sou obrigado a segui-los, e corro o risco de ser morto por uma bala alemã.

— Mas e os dois cunhados?

— Três vezes atirei neles pelas costas, e as três vezes falhei. Não há nada que se possa fazer, são sortudos, e vou acabar por ser pego. Portanto, como o senhor diz, estou desertando, e aproveitei o garoto que leva os recados entre mim e Rosenthal para marcar este encontro.

— Rosenthal reenviou seu recado aos meus cuidados no quartel-geral.

— Mas havia também uma fotografia, aquela que o senhor conhece, e junto um pequeno pacote de cartas recebidas de seus agentes da França. Eu não queria, se fosse descoberto, que encontrassem essas provas comigo.

— Rosenthal devia trazê-las pessoalmente para mim. Infelizmente, cometeu uma besteira.

— Qual, Excelência?

— A de se fazer matar por um obus.

— Como assim?

— É seu cadáver que está aos seus pés.

Karl se limitou a dar de ombros e disse:

— O imbecil!

— Sim, ele nunca soube se virar — acrescentou o major, completando a oração fúnebre. — Pegue a carteira dele, Karl. Costumava guardá-la no bolso interno de seu colete de lã.

O espião se abaixou e logo depois disse:

— Não está lá, Excelência.

— É que deve tê-la mudado de lugar. Procure nos outros bolsos.

— Também não está — afirmou Karl, após ter obedecido.

— Como? Isso é demais! Rosenthal nunca se separava de sua carteira. Guardava-a consigo para dormir. Deve tê-la guardado para morrer.

— Pode procurar por si mesmo, Excelência.

— Mas então?

— Então, alguém veio aqui depois desta tarde e pegou a carteira.

— Quem? Franceses?

O espião se levantou devagar, permaneceu calado por um momento e, aproximando-se do major, disse-lhe em voz lenta:

— Franceses, não, Excelência; mas um francês.

— O que quer dizer?

— Excelência, Delroze partiu há pouco para fazer um reconhecimento com seu cunhado Bernard de Andeville. Para que lado? Na hora, não

consegui saber. Mas agora sei. Veio para cá. Explorou as ruínas do farol e, vendo os mortos, vasculhou os bolsos deles.

— Isso é muito ruim — resmungou o major. — Tem certeza?

— Absoluta. Devia estar aqui há uma hora no máximo. Talvez até — acrescentou Karl, rindo — ainda esteja aqui, escondido em um buraco qualquer…

Ambos os homens lançaram um olhar ao redor, mas maquinalmente, e sem que esse gesto indicasse de sua parte um temor sério. Então, o major continuou pensativamente:

— No fundo, esse pacote de cartas recebidas por nossos agentes, cartas sem endereços nem nomes, só tem uma importância relativa. Mas a fotografia, isso é mais grave.

— Muito mais, Excelência! E como! Trata-se de uma fotografia tirada em 1902 e que, consequentemente, procuramos há doze anos! Depois de quantos esforços, consegui encontrá-la nos papéis que o conde Stéphane de Andeville deixou em sua casa durante a guerra. E essa fotografia que o senhor queria reaver do conde de Andeville a quem tivera a imprudência de dar, agora está nas mãos de Paul Delroze, genro do sr. de Andeville, marido de Élisabeth de Andeville, e seu inimigo mortal!

— Eh! Meu Deus, sei muito bem! — exclamou o major, visivelmente irritado. — Não precisa me contar tudo isso!

— Excelência, sempre é preciso encarar a verdade. Qual foi sua meta em relação a Paul Delroze? Esconder dele tudo o que pode informá-lo sobre sua verdadeira personalidade e, para tanto, desviar sua atenção, suas buscas, seu ódio para o major Hermann. É isso mesmo, não é? Vossa Excelência chegou até a multiplicar os punhais gravados com as quatro letras, H. E. R. M., e até mesmo a colocar a assinatura "major Hermann" no painel onde estava pendurado o famoso retrato. Em suma, todas as precauções. Desse modo, quando Vossa Excelência achar por bem fazer o major Hermann desaparecer, Paul Delroze acreditará que seu inimigo morreu e não pensara mais no senhor. Ora, o que aconteceu hoje? Aconteceu que, com essa fotografia, ele possui a prova mais certeira da relação que existe entre o major Hermann e esse famoso retrato que ele viu na noite de seu casamento, isto é, entre o presente e o passado.

— Obviamente, mas essa fotografia encontrada em um cadáver qualquer só teria importância para ele se ele conhecesse sua origem, por

exemplo, se pudesse ver seu sogro de Andeville.

— Seu sogro está batalhando junto com as tropas inglesas, a três léguas de Paul Delroze.

— Eles sabem disso?

— Não, mas um acaso pode aproximá-los. Bernard e seu pai se escrevem, e Bernard deve ter contado ao pai os eventos que ocorreram no Castelo de Ornequin, ao menos aqueles que Paul e ele puderam reconstituir.

— Eh! O que importa, se ignoram os outros eventos. E é isso que importa. Por meio de Élisabeth, saberiam todos nossos segredos e adivinhariam quem sou. Ora, não vão procurá-la já que acham que morreu.

— Tem mesmo certeza disso, Excelência?

— O que quer dizer?

Os dois cúmplices estavam um contra o outro, olhos nos olhos, o major inquieto e irritado, o espião um pouco irônico.

— Fale — disse o major. — O que há?

— Excelência, há que, mais cedo, consegui dar uma olhada na mala de Delroze. Ah! Não por muito tempo… alguns segundos… mas, mesmo assim, o suficiente para ver duas coisas.

— Depressa.

— Primeiro, as folhas soltas desse manuscrito de que, por precaução, o senhor queimou as páginas mais importantes, mas que, infelizmente, perdeu em parte.

— O diário de sua mulher?

— Sim.

O major soltou um palavrão.

— Que eu seja amaldiçoado! Nesses casos, tem que queimar tudo! Ah! Se eu não tivesse essa curiosidade estúpida…! E depois?

— Depois, Excelência? Ah! Quase nada, um estilhaço de obus, sim, um pequeno estilhaço de obus, que me pareceu mesmo ser o estilhaço que o senhor me mandou fincar na parede do pavilhão, após ter colado nele os cabelos de Élisabeth. O que acha disso, Excelência?

O major bateu o pé com raiva e soltou outra série de palavrões e anátemas sobre a cabeça de Paul Delroze.

— O que acha disso, Excelência? — repetiu o espião.

— Você tem razão — exclamou ele. — Por meio do diário de sua mulher, esse maldito francês pode entrever a verdade, e esse estilhaço de obus em sua posse, é a prova que, para ele, sua mulher talvez ainda esteja viva, e é isso que eu queria evitar. Do contrário, sempre estará atrás de nós.

Sua fúria crescia.

— Ah! Karl, ele está me aborrecendo. Ele e aquele garoto que é seu cunhado, que canalhas! Por Deus, eu acreditava ter-me livrado deles naquela noite em que voltamos ao castelo no quarto que ocupavam e onde vimos seus nomes inscritos na parede. E você entende que não vou parar por aí, agora que sabem que a garota não morreu. Vão procurá-la. Vão achá-la. E como ela sabe todos nossos segredos…! Era preciso dar um fim nela, Karl!

— E o príncipe? — zombou o espião.

— Conrad é um idiota. Toda essa família de francesas vai nos trazer azar, a Conrad em primeiro lugar, que é suficientemente tolo para se apaixonar por essa lambisgoia. Precisava dar um fim nela, imediatamente, Karl, eu lhe dei a ordem, e não esperar a volta do príncipe…

Colocado em plena luz, o major Hermann mostrava a mais assustadora cara de bandido que se pudesse imaginar, assustadora não pela deformidade dos traços ou por algo especialmente feio, mas pela expressão que era repulsiva e selvagem, e em que Paul ainda encontrava, mas levada ao seu paroxismo, a expressão da condessa Hermine, segundo seu retrato e sua fotografia. Ao evocar o crime falho, o major Hermann parecia sofrer mil mortes, como se o crime tivesse sido sua razão de viver. Os dentes rangiam. Os olhos estavam injetados de sangue.

Com voz distraída, os dedos crispados no ombro de seu cúmplice, ele articulou, dessa vez em francês:

— Karl, parece que não conseguimos atingi-los e que são protegidos de nós por algum milagre. Você, nos últimos dias, falhou em acertá-los por três vezes. No Castelo de Ornequin, matou dois outros no lugar deles. Eu também, não consegui acertá-lo um dia, perto da pequena porta do parque. E foi nesse mesmo parque… perto da mesma capela… você não esqueceu… há dezesseis anos… quando ele ainda era criança, ele, e que você lhe enfiou a faca em plena carne… Pois bem, naquele dia, você começava suas mancadas… O espião se pôs a rir, com riso cínico e insolente.

— O que quer, Excelência? Eu debutava na carreira e não tinha sua maestria. Lá estavam um pai e seu marmanjo que não conhecíamos dez minutos antes, e que não fizeram nada senão incomodar o cáiser. Minha mão tremeu, confesso. Ao passo que o senhor… Ah! O senhor soube dar cabo do pai! Um pequeno golpe de sua mão, ufa! Estava feito!

Dessa vez foi Paul que, lentamente, com precaução, introduziu o cano de seu revólver em uma das brechas. Não podia mais duvidar, agora, após as revelações de Karl, que o major tivesse matado seu pai. Era mesmo ele! E seu cúmplice de hoje, já era seu cúmplice de outrora, o subalterno que tentara matá-lo, a ele, Paul, enquanto seu pai expirava.

Bernard, diante do gesto de Paul, soprou-lhe ao ouvido:

— Está decidido, hein? Vamos matá-lo.

— Espere por meu sinal — murmurou Paul —, mas não atire nele. Atire no espião.

Apesar de tudo, ele pensava no inexplicável mistério dos vínculos que uniam o major Hermann a Bernard de Andeville e à sua irmã Élisabeth, e não admitia que fosse Bernard que cumprisse a obra de justiça. Ele próprio hesitava, como hesitamos diante de um ato cujas consequências não conhecemos inteiramente. Quem era esse bandido? Que personalidade lhe atribuir? Hoje, major Hermann e chefe da espionagem alemã; ontem, companheiro de prazer do príncipe Conrad, todo-poderoso no Castelo de Ornequin, disfarçando-se de camponesa e rodando por meio de Corvigny; outrora, assassino, cúmplice do imperador, castelã de Ornequin… Entre todas essas personalidades, que todas não passavam dos diversos aspectos de uma única e mesma pessoa, qual era a verdadeira?

Ao desespero, Paul olhava o major, como olhara a fotografia, e no quarto trancado, o retrato de Hermine de Andeville. Hermann… os nomes se confundiam nele.

E ele notava a fineza das mãos, brancas e pequenas como mãos de mulher. Os dedos longos eram enfeitados com anéis de pedras preciosas. Os pés também, calçando botas, eram delicados. O rosto, muito pálido, não apresentava qualquer rastro de barba. Mas toda essa aparência efeminada era desmentida pelo som rouco de uma voz estridente, pelo peso dos movimentos e do andar, e por uma espécie de energia realmente bárbara.

O major cobriu o rosto com as duas mãos e refletiu por alguns minutos. Karl o considerava com certa compaixão e parecia se perguntar se seu

patrão não experimentava, ao se lembrar dos crimes cometidos, um começo de remorso.

Mas o patrão, saindo de seu torpor, disse-lhe, e apenas o ódio tremia em sua voz mal perceptível:

— Azar o deles, Karl, azar o daqueles que tentam se interpor em nosso caminho. Dei cabo do pai, e fiz bem. Um dia será a vez do filho… Agora, agora, precisamos cuidar da garota.

— Quer que me encarregue disso, Excelência?

— Não, preciso de você aqui, e eu mesmo preciso ficar. Os negócios estão indo muito mal. Mas, no começo de janeiro, irei até lá. No dia 10 de manhã estarei em Ébrecourt. Quarenta e oito horas depois, tudo precisa estar acabado. E juro que tudo vai acabar.

Calou-se de novo, ao passo que o espião dava uma gargalhada. Paul se abaixara para ficar à altura de seu revólver. Uma hesitação mais demorada teria sido criminosa. Matar o major não era mais se vingar e matar o assassino de seu pai, era prevenir um novo crime e salvar Élisabeth. Era preciso agir, quaisquer que fossem as consequências do ato. Ele se decidiu.

— Está pronto — disse em voz muito baixa a Bernard.

— Sim. Aguardo seu sinal.

Ele mirou friamente, esperando o segundo propício, e ia apertar o gatilho quando Karl disse em alemão:

— Diga, Excelência, o senhor sabe o que se prepara para a casa do canoeiro?

— O quê?

— Simplesmente um ataque. Cem voluntários das companhias da África já estão a caminho pelos pântanos. A investida deve acontecer ao amanhecer. Só lhe resta tempo para alertar o quartel-general e se certificar das precauções que entendem tomar.

O major declarou simplesmente:

— Já foram tomadas.

— O que está dizendo, Excelência?

— Eu lhe digo que já foram tomadas. Fui alertado por outro lado, e como fazemos muita questão da casa do canoeiro, liguei para o comandante do posto para dizer que íamos mandar trezentos homens às cinco da manhã. Os voluntários da África vão cair na armadilha. Nenhum deles vai retornar vivo.

O major deu um pequeno riso de satisfação e levantou a gola de seu casaco enquanto acrescentava:

— Aliás, para maior segurança, vou passar a noite lá… ainda mais que me pergunto se, por acaso, não foi o comandante do posto que teria enviado homens aqui e mandado pegar os papéis de Rosenthal que ele sabia morto.

— Mas…

— Chega de conversa. Cuide de Rosenthal e vamos embora.

— Eu o acompanho, Excelência?

— Inútil. Um dos barcos vai me levar pelo canal. A casa fica a apenas quarenta minutos daqui.

Chamados pelo espião, três soldados desceram, e o cadáver foi erguido até o alçapão superior.

Karl e o major permaneceram imóveis, ao pé da escada, e Karl dirigia para o alçapão o feixe da lanterna que havia desprendido. Bernard murmurou:

— Vamos atirar?

— Não — respondeu Paul.

— Mas…

— Eu o proíbo…

Quando a operação acabou, o major ordenou:

— Ilumine bem e tenha cuidado para que a escada não se mexa. Ele subiu e desapareceu.

— Pronto — gritou. — Apresse-se.

Por sua vez, o espião subiu. Os passos dos dois homens ecoaram acima do porão. Esses passos se afastaram em direção ao canal, e não houve mais qualquer ruído.

— E aí — exclamou Bernard, o que deu em você? A ocasião era única. Os dois bandidos caíam ao mesmo tempo.

— E nós depois — pronunciou Paul. — Havia doze homens lá em cima. Iam acabar conosco.

— Mas Élisabeth seria salva, Paul! Realmente, não o entendo. Como! Esses monstros estavam ao alcance de nossas balas e você os deixa ir embora! O assassino de seu pai, o carrasco de Élisabeth está aqui, e é em nós que você pensa!

— Bernard — disse Paul Delroze —, você não entendeu a últimas palavras que eles trocaram. O inimigo foi prevenido do ataque e de nossos projetos em relação à casa do canoeiro. Daqui a pouco cem voluntários da África que estão rastejando no pântano serão vítimas da emboscada que lhes foi preparada. É primeiramente neles que devemos pensar. São eles que devemos salvar antes de tudo. Não temos o direito de ser mortos, ao passo que ainda devemos cumprir esse dever. E tenho certeza de que você me dá razão.

— Sim — disse Bernard. — Mas mesmo assim a ocasião era boa.

— Encontraremos outra, e logo, talvez — afirmou Paul, que pensava na casa do canoeiro onde o major Hermann devia ir.

— Finalmente, quais são suas intenções?

— Vou alcançar o destacamento dos voluntários. Se o tenente que os lidera estiver de acordo comigo, o ataque não vai acontecer às sete horas, mas imediatamente, e será uma festa.

— E eu?

— Vá até o coronel. Explique-lhe a situação, e diga que a casa do canoeiro será tomada esta manhã e que a seguraremos até a chegada dos reforços.

Deixaram-se sem uma palavra a mais e Paul lançou-se com determinação nos pântanos.

A tarefa que empreendia não encontrou os obstáculos com os quais achava que ia se deparar. Após quarenta minutos de marcha bastante penosa, ouviu murmúrios de vozes, lançou a palavra de ordem e foi levado até o tenente.

As explicações de Paul convenceram imediatamente o oficial: era preciso ou renunciar à empreitada ou precipitar sua execução.

A coluna seguiu adiante.

Às três horas, guiados por um camponês que conhecia uma passagem em que os homens só afundavam até os joelhos, conseguiram chegar aos arredores da casa sem serem vistos. Mas, o alarme sendo dado por uma sentinela, o ataque começou. Esse ataque, um dos mais belos feitos de arma da guerra, é por demais conhecido para que seja necessário detalhá-lo aqui. Foi de extrema violência. O inimigo, que estava de sobreaviso ripostou com igual vigor. Os fios de arame se embaralhavam. As armadilhas abundavam. Um furioso corpo a corpo se iniciou diante da casa, e então na casa, e após

os franceses, vitoriosos, terem abatido ou feito prisioneiros os oitenta e três alemães que a defendiam, eles próprios haviam sofrido perdas que reduziam seu quadro pela metade.

Paul fora o primeiro a pular nas trincheiras cuja linha flanqueava a casa à esquerda e se prolongava em meio círculo até o Yser. Tinha uma ideia: antes que o ataque tivesse êxito, queria cortar a retirada aos fugitivos.

Inicialmente rechaçado, alcançou a margem, seguido por três voluntários, entrou na água, seguiu o canal à contracorrente e assim chegou do outro lado da casa onde achou, como esperava, um embarcadouro. Naquele momento, avistou uma silhueta que desaparecia na escuridão.

— Fiquem aqui — disse aos seus homens — e não deixem ninguém passar.

Por sua vez, lançou-se, atravessou a ponte e se pôs a correr.

Um projetor tendo iluminado a margem do rio, ele voltou a avistar a silhueta cinquenta passos à frente. Um minuto depois ele gritava:

— Pare! Ou eu atiro.

E, como o fugitivo continuava, ele atirou, mas de maneira a não atingi-lo.

O homem parou e disparou quatro vezes com seu revólver ao passo que Paul, curvado em dois, jogava-se em suas pernas e o derrubava.

Dominado, o inimigo não opôs nenhuma resistência. Paul o enrolou em seu casaco e segurou-o pela garganta.

Com sua mão livre, jogou-lhe em pleno rosto a luz de sua lanterna. Seu instinto não o enganara: ele segurava o major Hermann.

A casa do canoeiro

Paul Delroze não pronunciou uma única palavra. Empurrando diante dele seu prisioneiro, de quem havia amarrado os punhos às costas, voltou para a ponte, no meio das trevas iluminadas por breves clarões.

O ataque seguia adiante. No entanto, vários fugitivos tendo procurado escapar, os voluntários que vigiavam a ponte os receberam com tiros de fuzil; os alemães acreditaram estar cercados e essa diversão precipitou a derrota deles.

Quando Paul chegou, o combate havia acabado. Mas um contra-ataque inimigo, apoiado pelos reforços prometidos ao comandante do posto não devia demorar a acontecer e, imediatamente, organizaram a defesa.

A casa do canoeiro, que os alemães haviam poderosamente fortificado e cercado de trincheiras, compunha-se de um térreo e um único andar de três cômodos que agora formavam um único. Uma água-furtada, no entanto, que antes servia de quarto para um criado, e à qual se acessava mediante três degraus de madeira, abria-se como uma alcova no fundo dessa ampla sala. Foi lá que Paul, a quem era reservada a organização do andar, levou seu prisioneiro. Deitou-o no assoalho, amarrou-o com corda e prendeu-o solidamente a uma viga e, enquanto agia, foi tomado por tamanho ímpeto de ódio que o agarrou pela garganta como se fosse estrangulá-lo.

Dominou-se. Para que se apressar? Antes de matar esse homem ou de entregá-lo aos soldados que o fuzilariam, não seria uma profunda alegria se explicar com ele?

Como o tenente entrava, ele lhe disse de modo a ser ouvido por todos e sobretudo pelo major:

— Tenente, recomendo-lhe esse miserável, que não é outro senão o major Hermann, um dos chefes da espionagem alemã. Tenho provas comigo. Se algo me acontecer, não se esqueçam dele. E, se tivermos que recuar…

O tenente sorriu.

— Hipótese inadmissível. Não vamos recuar pelo bom motivo que eu preferiria mandar explodir o casebre. E, consequentemente, o major Hermann explodiria conosco. Portanto, fique tranquilo.

Os dois oficiais se concertaram sobre as medidas de defesa, e rapidamente os soldados puseram mãos à obra.

Antes de mais nada, o embarcadouro foi deslocado, trincheiras cavadas ao longo do canal, e as metralhadores viradas para o novo alvo. No andar de cima, Paul mandou transportar sacos de terra de uma fachada para outra e consolidar, com a ajuda de vigas postas em arcobotantes, as partes de parede que pareciam menos sólidas.

Às cinco e meia, sob a luz dos projetores alemães, vários obuses caíram nos arredores. Um deles atingiu a casa. A artilharia pesada começava a varrer o caminho de sirga.

Foi por esse caminho que, pouco antes do amanhecer, desembocou um destacamento de ciclistas mandado às pressas. Era liderado por Bernard de Andeville.

Ele explicou que duas companhias de um esquadrão de sapadores, precedendo um batalhão completo, se puseram a caminho, mas que, incomodados pelos obuses inimigos, deviam seguir os pântanos, mais abaixo, e protegido pelo talude que sustentava o caminho de sirga. Sua marcha assim retardada, seria preciso esperá-los ao menos durante uma hora.

— Uma hora — disse o tenente — vai ser demorado. Mas é possível. Portanto…

Ao passo que dava novas ordens e distribuía seus postos aos ciclistas, Paul subiu e ia contar a Bernard a captura do major Hermann quando seu cunhado lhe anunciou:

— Sabe, Paul, papai está aqui comigo!

Paul estremeceu.

— Seu pai está aqui. Seu pai veio com você?

— Perfeitamente, e da maneira mais natural do mundo. Imagine que ele já procurava uma ocasião havia um tempo… Ah! Aliás, foi nomeado subtenente intérprete.

Paul não prestava ouvidos. Apenas se dizia:

"O sr. de Andeville está aqui. O sr. de Andeville, o marido da condessa Hermine. É impossível que ele não saiba. Ela morreu ou está viva? Ou então, será que até o fim ele foi enganado por uma intrigante e que até hoje cultiva recordações e mantém seu carinho pela falecida? Não, isso não é crível, já que existe essa fotografia, tirada quatro anos depois, e que lhe fora enviada de Berlim! Portanto, ele sabe e então…"

Paul estava visivelmente abalado. As revelações do espião Karl de repente lhe haviam mostrado o sr. de Andeville sob um aspecto estranho. E agora as circunstâncias traziam o sr. de Andeville perto dele, no exato momento em que o major Hermann acabara de ser capturado!

Paul virou-se para a água-furtada. O major não se mexia, o rosto colado contra a parede.

— Seu pai permaneceu do lado de fora? — disse ao seu cunhado.

— Sim, ele trouxe a bicicleta de um homem que viera conosco e está levemente ferido. Papai está cuidando dele.

— Vá buscá-lo, e se o tenente não vir inconveniente…

Foi interrompido pela explosão de um shrapnel cujas balas crivaram os sacos de terra empilhados diante deles. O dia estava raiando. Via-se uma coluna inimiga surgir da sombra a mil metros no máximo.

— Preparem-se — gritou o tenente, de baixo. — E nenhum tiro sem minha ordem. Ninguém se mostra…!

Foi após quinze minutos e somente durante quatro ou cinco minutos que Paul e o sr. de Andeville puderam trocar algumas palavras, de maneira tão atropelada, aliás, que Paul não teve a oportunidade de se perguntar que atitude ele tomaria diante do pai de Élisabeth. O drama do passado, o papel que o marido da condessa Hermine podia interpretar nesse drama, tudo isso se misturava com a defesa do blocause. E, apesar do afeto que ligava ambos os homens, apertaram-se as mãos de maneira quase distraída.

Paul mandava obstruir uma pequena janela com um colchão. Bernard estava postado do outro lado da sala. O sr. de Andeville disse a Paul:

— Tem certeza de poder resistir, não é?

— Absolutamente, já que é preciso.

— Sim, é preciso. Eu estava ontem na divisão com o general inglês a quem fui destacado como intérprete quando decidiram sobre este ataque. Ao que dizem, a posição é de primeira ordem, e é indispensável que a mantenhamos. Vi então uma ocasião para revê-lo, Paul. Eu sabia que seu regimento estava presente. Assim, pedi para acompanhar o contingente designado para…

Nova interrupção. Um obus esburacou o telhado e abriu uma brecha na fachada oposta ao canal.

— Ninguém foi ferido?

— Ninguém — respondeu alguém.

Logo depois, o sr. de Andeville prosseguia:

— O mais curioso é ter encontrado Bernard com seu coronel esta noite. Pode imaginar com que alegria juntei-me aos ciclistas. Era a única maneira de permanecer um pouco ao lado de meu pequeno Bernard e vir lhe apertar a mão… E eu não tinha notícias de minha pobre Élisabeth, e Bernard me contou…

— Ah! — disse Paul bruscamente. — Bernard lhe contou tudo que aconteceu no castelo?

— Ao menos tudo que eu pude saber, e existem muitas coisas inexplicáveis, sobre as quais, segundo ele, Paul, você tem informações mais precisas. Assim, por que Élisabeth permaneceu em Ornequin?

— Foi ela que quis — retrucou Paul, — e fui avisado de sua decisão bem mais tarde, por carta.

— Sei. Mas, por que não a levou consigo, Paul?

— Ao deixar Ornequin, tomei todas as disposições necessárias para que ela pudesse ir embora.

— Tudo bem. Mas você não deveria ter deixado Ornequin sem ela. É daí que vem todo o mal.

O sr. de Andeville havia falado com certo rigor, e, como Paul permanecia calado, ele insistiu:

— Por que não levou Élisabeth? Bernard me disse que coisas muito graves haviam acontecido, que você fizera alusão a eventos excepcionais. Talvez possa me explicar.

Paul parecia adivinhar no sr. de Andeville uma hostilidade surda, e isso o irritava ainda mais por parte de um homem cuja conduta agora lhe parecia tão desconcertante.

— Acredita — disse-lhe ele — que o momento seja apropriado?

— Sim, sim, podemos ficar separados a qualquer momento…

Paul não o deixou acabar. Virou-se bruscamente para ele e exclamou:

— O senhor tem razão! É uma ideia terrível. Seria terrível que eu não pudesse responder às suas perguntas e que o senhor não pudesse responder às minhas. A sorte de Élisabeth depende talvez das poucas frases que vamos pronunciar. Porque a verdade está entre nós. Uma palavra para trazê-la à luz, e tudo nos apressa. Precisamos falar agora mesmo, não importa o que ocorrer.

Sua emoção surpreendeu o sr. de Andeville que lhe disse:

— Não seria bom chamar Bernard?

— Não! Não! — disse Paul. — Em absoluto! É algo que ele não deve saber, já que se trata…

— Já que se trata? — perguntou o sr. de Andeville, cada vez mais espantado.

Um homem caiu perto deles, atingido por uma bala. Paul se precipitou: baleado na testa, o homem estava morto. E duas balas penetraram ainda por uma brecha larga demais, que Paul mandou obstruir parcialmente.

O sr. de Andeville, que o ajudara, retomou a conversa:

— Estava dizendo que Bernard não deve ouvir já que se trata…?

— Já que se trata da mãe dele — respondeu Paul.

— Da mãe dele? Como! Trata-se da mãe dele…? De minha esposa? Não entendo.

Pelas seteiras, avistavam-se três colunas inimigas que avançavam, por cima das planícies inundadas, em estreitos calçadas que convergiam em direção ao canal em frente à casa do canoeiro.

— Quando estiverem a duzentos metros do canal, vamos atirar — disse o tenente que comandava os voluntários e vira inspecionar as obras de defesa. — Mas tomara que seus canhões não arrombem demais o casebre!

— E nossos reforços? — perguntou Paul.

— Chegarão daqui a trinta ou quarenta minutos. Enquanto isso, os setenta e cinco milímetros estão fazendo um bom trabalho.

No espaço os obuses se cruzavam. Alguns caíam no meio das colunas alemãs. Outros nos arredores do blocause.

Paul, correndo por todo lado, incentivava os homens e lhes dava conselhos.

De vez em quando, aproximando-se da água-furtada, ele examinava o major Hermann. Então, voltava ao seu posto.

Nem um único segundo sequer deixava de pensar no dever que lhe incumbia como oficial e combatente, e nem um único segundo também no que precisava dizer ao sr. de Andeville. Mas ambas essas obsessões, ao se confundirem, tiravam-lhe qualquer lucidez, e ele não sabia como se explicar com seu sogro e como desemaranhar a inexplicável situação. Várias vezes, o sr. de Andeville o questionou. Ele não respondeu.

A voz do tenente se fez ouvir.

— Atenção…! Mirar…! Fogo…!

Por quatro vezes a ordem foi repetida.

A coluna inimiga mais próxima, dizimada pelas balas, pareceu hesitar.

Mas as outras a alcançaram e ela se reformou.

Dois obuses alemães explodiram sobre a casa. O telhado foi levado de uma só vez, alguns metros da fachada demolidos, e três homens soterrados.

À tormenta sucedeu uma calmaria. Mas Paul tivera tão nitidamente a sensação do perigo que ameaçava a todos que lhe foi impossível se conter por mais tempo. Decidindo-se de repente, apostrofou o sr. de Andeville, e, sem mais procurar preâmbulos, lançou:

— Uma palavra antes de tudo… Eu preciso saber… O senhor tem certeza mesmo que a condessa de Andeville esteja morta?

E logo mais continuou:

— Sim, minha pergunta lhe parece louca… parece-lhe assim porque não sabe nada. Mas, não sou louco, e eu lhe peço para responder como se eu tivesse tido tempo de lhe expor os motivos que a justificam. A condessa Hermine está morta?

O sr. de Andeville se controlou e, aceitando se colocar no estado de espírito que Paul lhe pedia, ele disse:

— Existe qualquer motivo que lhe permitiria supor que minha esposa ainda está viva?

— Motivos muito sérios, eu ousaria dizer motivos irrefutáveis.

O sr. de Andeville deu de ombros e declarou em voz firme:

— Minha mulher morreu nos meus braços. Senti sob meus lábios suas mãos geladas, esse frio da morte que é tão horrível quando se ama. Eu mesmo a vesti, conforme seu desejo, com seu vestido de noiva, e eu estava lá quando pregaram o caixão. E agora?

Paul o escutava, pensando:

"Será que disse a verdade? Sim, e no entanto, como posso admitir…?"

— Agora? — repetiu o sr. de Andeville em tom mais imperioso.

— Agora — respondeu Paul —, outra pergunta… a seguinte: o retrato que estava no *boudoir* da condessa de Andeville era dela mesma?

— Obviamente, seu retrato de pé…

— Representando-a — disse Paul — com um lenço de renda preta em volta dos ombros.

— Sim, um lenço como ela gostava de usar.

— E que era fechado na frente por um camafeu cingido de uma serpente dourada?

— Sim, um velho camafeu que me vinha de minha mãe, e que minha mulher nunca deixava de usar.

Um impulso irrefletido sacudiu Paul. As afirmações do sr. de Andeville lhe pareciam confissões, e, tremendo de fúria, ele exclamou:

— O senhor não esqueceu que meu pai foi assassinado, não é? Nós dois já falamos várias vezes sobre isso. Era seu amigo. Pois bem, a mulher que o matou e que vi, cuja imagem estava gravada em minha mente, essa mulher usava um lenço de renda preta em volta dos ombros, e um camafeu cingido de uma serpente dourada. E essa mulher, encontrei seu retrato no quarto de sua esposa… Sim, em nossa noite de núpcias, vi seu retrato… Entende, agora? Entende?

Entre os dois homens, o minuto foi trágico. O sr. de Andeville, as mãos crispadas em seu fuzil, tremia.

"Mas por que está tremendo?", perguntava-se Paul, cujas suspeitas cresciam até se tornar uma verdadeira acusação. "É a revolta ou a raiva por ser desmascarado que o faz tremer assim? E devo considerá-lo como cúmplice de sua mulher? Porque, enfim…"

Sentiu seu braço ser torcido por um violento aperto. O sr. de Andeville balbuciava, lívido:

— Como se atreve! Assim, minha mulher teria assassinado seu pai…! Mas está bêbado! Minha mulher era uma santa diante de Deus e diante dos homens! E você se atreve? Ah! Não sei o que me impede de lhe quebrar a cara.

Paul se soltou com rudeza. Ambos os homens tomados por uma fúria desenfreada pelo barulho do combate e a loucura de sua própria briga,

estavam prestes a chegar às vias de fato ao passo que as balas e os obuses assobiam ao seu redor.

Outra parede desmoronou. Paul deu ordens e, ao mesmo tempo, pensava no major Hermann que estava ali em um canto, e diante do qual poderia ter levado o sr. de Andeville como um criminal que é confrontado com seu cúmplice. Mas, no entanto, por que não o fazia?

Lembrando de repente, tirou de seu bolso a fotografia da condessa Hermine encontrada no cadáver do alemão Rosenthal.

— E isso — disse ele, colocando-a diante dos olhos do sr. de Andeville —, sabe o que é? A data está acima: 1902. E o senhor pretende que a condessa Hermine está morta? Hein! Responda: uma fotografia de Berlim, que lhe foi *mandada por sua mulher quatro anos após sua morte!*

O sr. de Andeville vacilou. Parecia que toda sua fúria desaparecia e se transformava em infinito espanto. Paul erguia diante dele a devastadora prova que constituía o pedaço de cartolina. Ouviu-o murmurar:

— Quem roubou isso de mim? Estava nos meus documentos em Paris… Mas também, por que não a rasguei?

E, em voz muito baixa, articulava:

— Ah! Hermine, minha amada Hermine…!

Não era isso a confissão? Mas, então, o que significava uma confissão expressa nesses termos e com essa afirmação de carinho para com uma mulher incriminada de crimes e infâmias?

Do térreo, o tenente gritou:

— Todo mundo nas trincheiras da frente, exceto dez homens. Delroze, fique com os melhores atiradores, e fogo à vontade!

Os voluntários, conduzidos por Bernard, desceram a toda a pressa. Apesar das perdas sofridas, o inimigo se aproximava do canal. Até mesmo, à direita e à esquerda, grupos de pioneiros constantemente renovados, insistiam em reunir os barcos encalhados na margem. Contra a investida iminente, o tenente dos voluntários juntava seus homens na primeira linha, ao passo que os artilheiros da casa tinham por missão, sob a metralha dos obuses, atirar repetidamente. Um por um, cinco desses artilheiros caíram.

Paul e o sr. de Andeville redobravam de esforços, ao mesmo tempo que se concertavam sobre as ordens a dar e os atos a executar. Não havia chance, considerando a grande inferioridade numérica, que pudessem resistir. Mas talvez fosse possível aguentar até a chegada dos reforços, o que

garantiria a posse do blocause.

A artilharia francesa, diante da impossibilidade de atirar eficientemente no meio dos combatentes, cessara o fogo, enquanto os canhões alemães ainda mantinham a casa como alvo e obuses explodiam a todo momento.

Mais um homem ficou ferido, que levaram até a água-furtada ao lado do major Hermann, e que morreu logo depois.

Fora, a luta se travava sobre e embaixo da água do canal, nos barcos e em volta dos barcos. Corpo a corpo furioso, tumulto, gritos de ódio e de dor, berros de terror e cantos de vitória… a confusão era tamanha que Paul e o sr. de Andeville mal conseguiam ajustar seu tiro.

Paul disse ao seu sogro:

— Temo que sucumbamos antes de sermos socorridos. Devo então avisá-lo que o tenente tomou suas disposições para explodir a casa. Como está aqui por acaso, sem missão que lhe dê o título e os deveres de um combatente…

— Estou aqui como francês — retrucou o sr. de Andeville. — Ficarei até o último minuto.

— Então, talvez tenhamos o tempo de acabar. Escute-me, senhor. Vou tentar ser breve. Mas se uma palavra, uma única palavra o esclarecer, peço-lhe que me interrompa imediatamente.

Ele entendia que havia entre eles trevas incomensuráveis, e que, culpado ou não, cúmplice ou enganado por sua mulher, o sr. de Andeville devia saber coisas que ele, Paul, ignorava, e que essas coisas só podiam ser esclarecidas por uma exposição suficiente dos eventos.

Assim, começou a falar. Falou pausada e calmamente, enquanto o sr. de Andeville escutava em silêncio. E não paravam de atirar, armando seus fuzis, pondo-os no ombro, mirando e recarregando com tranquilidade, como se estivessem se exercitando. Ao seu redor e acima deles, a morte perseguia sua obra implacável.

Mas Paul mal contara sua chegada a Ornequin com Élisabeth, sua entrada no quarto trancado e seu espanto ao ver o retrato, que um enorme obus explodiu acima deles, aspergindo-os de metralha.

Os quatro voluntários foram atingidos. Paul caiu também, atingido no pescoço, embora não sofresse. Sentiu que todas suas ideias afundavam aos poucos na névoa sem que pudesse retê-las. No entanto, esforçava-se e ainda tinha, por um prodígio de sua vontade, um resto de energia que lhe

permitia certas reflexões e impressões. Assim, viu seu sogro ajoelhado diante dele e conseguiu lhe dizer:

— O diário de Élisabeth… o senhor vai encontrá-lo na minha mala, no acampamento… com algumas páginas escritas por mim… que o farão entender… Mas, primeiro, é preciso… veja, esse oficial alemão que está ali, amarrado… é um espião… fique de olho nele… mate-o… do contrário, em 10 de janeiro… Mas o senhor vai matá-lo, não é?

Paul não conseguia mais articular. Aliás, percebia que o sr. de Andeville não estava ajoelhado para ouvi-lo e cuidar dele, mas que, atingido também, o rosto ensanguentado, dobrava-se em dois e, acabava por se agachar com gemidos cada vez mais surdos.

Na ampla sala houve uma grande calma além da qual crepitavam as detonações de fuzil. Os canhões alemães não atiravam mais. O contra-ataque do inimigo devia prosseguir com êxito, e Paul, incapaz de qualquer movimento, esperava a formidável explosão anunciada pelo tenente.

Várias vezes pronunciou o nome de Élisabeth. Pensava que nenhum perigo doravante ia ameaçá-la, já que o major Hermann ia morrer também. Aliás, seu irmão Bernard saberia muito bem defendê-la. Mas, com o tempo, no entanto, essa espécie de quietude desaparecia, transformava-se em mal-estar, e então em tormento, e deixava lugar a uma sensação de tortura que piorava a cada segundo. Era um pesadelo, uma alucinação doentia que o atormentava? Tudo isso se passava do lado da água-furtada em que ele havia levado o major Hermann e onde jazia o cadáver de um soldado. Que horror! Parecia-lhe que o major havia cortado suas amarras, que se levantava e olhava ao seu redor.

De todas suas forças Paul abriu os olhos, e de todas suas forças exigiu que permanecessem abertos.

Mas essa sombra cada vez mais espessa os vendava, e por meio dessa sombra, ele discernia, como de noite vemos um espetáculo confuso, o major Hermann que retirava seu casaco, debruçava-se sobre o cadáver, tirava-lhe o capote de pano azul, vestia-o, punha na cabeça o quepe do morto e amarrava sua gravata no pescoço, pegava seu fuzil, sua baioneta, seus cartuchos, e que, assim transformado, descia os três degraus de madeira.

Visão terrível! Paul teria querido duvidar e acreditar na aparição de algum fantasma decorrente de sua febre e de seu delírio. Mas tudo lhe atestava a realidade do espetáculo. E, para ele, era o mais infernal dos

sofrimentos. O major estava fugindo!

Paul estava fraco demais para encarar a situação do jeito que se apresentava. Será que o major pensava matá-lo ou matar o sr. de Andeville? O major sabia mesmo que estavam ali, e ambos feridos e ao alcance de sua mão? Tantas perguntas que Paul nem fazia. Uma única ideia obcecava sua mente falhando: o major Hermann estava fugindo. Graças ao seu uniforme ia se misturar com os voluntários! Com a ajuda de algum sinal, ia se juntar aos alemães! E estaria livre! E retomaria contra Élisabeth sua obra de perseguição, sua obra de morte!

Ah, se a explosão pudesse ocorrer! Que a casa do canoeiro explodisse, o major estaria perdido…

Em sua inconsciência, Paul ainda contava com essa esperança. No entanto, sua razão vacilava. Seus pensamentos se tornavam cada vez mais confusos. Rapidamente, mergulhou nas trevas em que não se pode mais ver, nem ouvir…

Três semanas depois, o general que chefiava as tropas armadas descia de automóvel diante da escada de um velho castelo da região de Boulogne-sur-Mer[13], transformado em hospital militar.

O oficial encarregado da administração o esperava diante da porta.

— O subtenente Delroze foi avisado de minha visita?

— Sim, general.

— Leve-me até o quarto dele.

Paul Delroze estava levantado, o pescoço enfaixado, mas o rosto tranquilo e sem rastro de cansaço.

Muito comovido pela presença do grande chefe cuja energia e sangue-frio haviam salvado a França, imediatamente bateu continência. Mas o general lhe estendeu a mão e exclamou com voz afetuosa:

— Sente-se, tenente Delroze… Eu digo mesmo tenente, já que é sua patente desde ontem. Não, nada de agradecimentos. Caramba! Somos nós que estamos lhe devendo. E então, já está de pé?

— Sim, general. O ferimento não era muito grave.

— Melhor assim. Tenho orgulho de todos meus oficiais. Mas, mesmo assim, não existem dúzias de homens de sua espécie. Seu coronel me entregou um relatório particular sobre você que oferece tamanha sequência de ações incomparáveis que me pergunto se eu não deveria fazer exceção à regra que me impus, e se eu não deveria tornar esse relatório público.

— Não, general, eu lhe peço.

— Tem razão, meu amigo. Está na nobreza do heroísmo ficar anônimo, e é somente a França que, por enquanto, deve ter toda a glória. Portanto, eu me limitarei a citá-lo mais uma vez à ordem do exército, e a lhe entregar a cruz para a qual já havia sido indicado.

— General, não sei como…

— Ademais, meu amigo, se desejar qualquer coisa, insisto energicamente para que me dê a ocasião de lhe ser pessoalmente agradável.

Paul meneou a cabeça, sorrindo. Tanta bondade e atenções tão cordiais o deixavam à vontade.

— E se eu for por demais exigente, general?

— Fale!

— Pois bem, que assim seja, general. Aceito. E eis o que lhe peço. Primeiramente uma licença de convalescência de duas semanas, a partir de sábado 9 de janeiro, isto é, do dia em que deixarei o hospital.

— Não se trata de um favor, mas de um direito.

— Sim, general. Mas essa licença, terei o direito de passá-la onde eu quiser.

— Combinado.

— Ademais, terei comigo uma autorização de circular escrita com sua letra, general, que me dará toda latitude para ir e vir por meio das linhas francesas e de solicitar toda a assistência de que me for útil.

O general olhou Paul um instante e disse:

— O que está me pedindo é muito grave, Delroze.

— Sei, general. Mas o que quero realizar também é grave.

— Pois bem. Está acertado. O que mais?

— General, o sargento Bernard de Andeville, meu cunhado, participava comigo da missão na casa do canoeiro. Ferido como eu, foi transportado nesse mesmo hospital do qual ele provavelmente poderá sair ao mesmo tempo que eu. Eu gostaria que ele tivesse a mesma licença e a autorização de me acompanhar.

— Combinado. O que mais?

— O pai de Bernard, o conde Stéphane de Andeville, subtenente intérprete junto do exército inglês, também foi ferido naquele dia, ao meu lado. Soube que seu ferimento, embora grave, não põe sua vida em perigo, e que foi evacuado para um hospital inglês… ignoro qual. Peço que o faça vir

assim que estiver restabelecido, e que o mantenha em seu estado-maior até que eu venha lhe prestar contas da tarefa que estou empreendendo.

— De acordo. É tudo?

— Quase tudo, general. Só me restar lhe agradecer por suas bondades, pedindo-lhe uma lista de vinte prisioneiros franceses, detidos na Alemanha, nos quais o senhor presta um interesse especial. Esses prisioneiros estarão livres daqui a quinze dias no máximo.

— Hem?

Apesar de todo seu sangue-frio, o general parecia um pouco estupefato. Ele repetiu:

— Livres daqui a quinze dias! Vinte prisioneiros!

— Eu me comprometo.

— Que diabos?

— Será feito como estou dizendo.

— Qualquer que seja a patente desses prisioneiros? Qualquer que seja sua situação social?

— Sim, general.

— Por meios regulares, confessáveis?

— Por meios contra os quais nenhuma objeção será possível.

O general olhou Paul mais uma vez, como um chefe que costuma julgar os homens e avaliá-los em seu justo valor. Sabia que este não era um fanfarrão, mas um homem de decisão e de realização, que andava em linha reta e cumpria o que prometia.

Ele respondeu:

— Muito bem, meu amigo. Essa lista lhe será entregue amanhã.

---

[13] Cidade litorânea situada à beira do Canal da Mancha, no norte da França. (N.T.)

Uma obra-prima da Kultur

Na manhã do domingo, 10 de janeiro, o tenente Delroze e o sargento de Andeville desembarcavam na estação de Corvigny, iam ver o comandante do lugar e, pegando um carro, faziam-se conduzir até o Castelo de Ornequin.

— Confesso — disse Bernard espreguiçando-se na caleche — que eu não pensava que as coisas tomariam esse caminho, quando fui atingido por um estilhaço de shrapnel entre o Yser e a casa do canoeiro. Que fornalha foi aquele momento! Pode crer em mim, Paul, se nossos reforços não tivessem chegado, cinco minutos a mais e já éramos. Foi uma sorte danada!

— Sim — disse Paul —, uma sorte danada! Dei-me conta disso no dia seguinte, quando acordei em uma ambulância francesa.

— O irritante, por exemplo — continuou Bernard —, foi a evasão desse bandido de major Hermann. Assim, você o havia capturado? E o viu se soltar das amarras e fugir? Aquele homem é muito ousado! Pode ter certeza que conseguiu escapar sem dificuldade.

Paul murmurou:

— Não duvido, assim como não duvido que queira pôr em execução suas ameaças contra Élisabeth.

— Ora! Temos quarenta e oito horas, já que deu ao seu cúmplice Karl o dia 10 de janeiro como data de sua chegada, e que deve agir somente dois dias depois.

— E se agir hoje mesmo? — objetou Paul, em voz alterada.

Contudo, apesar de sua angústia, o trajeto lhe pareceu rápido. Aproximava-se finalmente, de maneira real desta vez, da meta da qual cada dia o afastava nos últimos quatro meses. Ornequin era a fronteira, e a poucos passos se encontrava Ébrecourt. Ele não queria pensar nos

obstáculos que se opunham a ele antes que chegasse a Ébrecourt, antes que descobrisse o retiro de Élisabeth, e que pudesse salvar sua mulher. Estava vivo. Élisabeth estava viva. Entre ela e ele não existiam obstáculos.

O Castelo de Ornequin, ou melhor, o que sobrava dele, porque até as ruínas do castelo haviam sofrido outro bombardeio em novembro, serviam de acampamento a tropas territoriais, cujas trincheiras de primeira linha seguiam a fronteira.

Batalhava-se pouco desse lado, já que os adversários, por motivos de tática, não tinham muito vantagem a querer avançar. As defesas eram equivalentes, de um lado e outro, e a vigilância era muito ativa.

Tais foram as informações que Paul obteve do tenente territorial com quem almoçou.

— Meu caro camarada — concluiu o oficial, após Paul lhe confiar o motivo de sua empreitada —, estou ao seu inteiro dispor, mas se trata de passar de Ornequin para Ébrecourt, e pode ter certeza de que não conseguirá passar.

— Passarei.

— Pelas vias aéreas, então? — disse o oficial, rindo.

— Não.

— Então, por uma via subterrânea?

— Talvez.

— Não se iluda. Quisemos executar obras de sapa e escavação. Em vão. Estamos aqui em um terreno de velhas rochas no qual é impossível cavar.

Foi a vez de Paul sorrir.

— Meu caro camarada, tenha a bondade de me emprestar, por apenas uma hora, quatro homens sólidos, armados com picaretas e pás, e esta noite estarei em Ébrecourt.

— Ah! Ah! Para cavar na rocha um túnel de dez quilômetros, quatro homens e uma hora!

— Nada mais. Além disso, peço-lhe total segredo, sobre a tentativa e sobre as descobertas bastante curiosas que não pode deixar de produzir. Apenas o general-chefe terá conhecimento do relatório que devo lhe fazer.

— Combinado. Eu mesmo vou escolher os quatro homens. Aonde devo levá-los?

— Para o terraço, perto do torreão.

Esse terraço domina o Liseron de uma altura de quarenta a cinquenta metros, e em decorrência de uma curva do rio, orienta-se exatamente em frente a Corvigny, de quem se avistam ao longe o campanário e as colinas vizinhas. Do torreão só resta sua base enorme, prolongada pelas paredes de fundação, misturadas com rochas naturais, que sustentam o terraço. Um jardim estende até o parapeito seus maciços de loureiros e evônimos.

Foi para lá que Paul se dirigiu. Várias vezes percorreu a esplanada, debruçando-se por cima do rio e examinando, sob o manto de hera, os blocos caídos do torreão.

— E então — disse o tenente que apareceu com seus homens —, eis seu ponto de partida? Quero avisá-lo de que estamos de costas em relação à fronteira.

— Ora! — respondeu Paul no mesmo tom de brincadeira. — Todos os caminhos levam a Berlim.

Indicou um círculo que havia traçado com a ajuda de estacas e, convidando os homens a trabalhar:

— Podem começar, meus amigos.

Atacaram, numa circunferência de cerca de três metros, um solo vegetal em que cavaram, em vinte minutos, um buraco de um metro e meio. Nessa profundeza, encontraram uma camada de pedras cimentadas umas às outras, e o esforço ficou muito mais difícil, já que o cimento era incrivelmente duro e só podia ser desprendido com a ajuda de picaretas introduzidas nas rachaduras. Paul acompanhava o trabalho com inquieta atenção.

— Parem! — gritou após uma hora.

Quis descer sozinho na escavação e, a partir daí, seguiu cavando, porém lentamente, e examinando por assim dizer o efeito de cada golpe que dava.

— Pronto — disse, erguendo-se.

— O quê? — perguntou Bernard.

— O terreno em que estamos é só um andar de amplas construções que antigamente ladeavam o velho torreão, construções que foram demolidas há séculos e sobre as quais esse jardim foi projetado.

— Então?

— Então, ao cavar o terreno, furei o teto de uma das antigas salas. Vejam.

Ele pegou uma pedra, introduziu-a no centro do orifício mais estreito que havia praticado, e a soltou. A pedra desapareceu. Ouviu-se quase imediatamente um ruído surdo.

— Só nos restar alargar a entrada. Enquanto isso, vamos procurar uma escada e luz… quanto mais luz possível.

— Temos tochas de resina — disse o oficial.

— Perfeito.

Paul não estava enganado. Quando a escada foi introduzida e ele pôde descer com o tenente e Bernard, viram uma sala de dimensões muito amplas e cujas abóbadas eram sustentadas por pilares maciços que a dividiam, como uma igreja irregular, em duas naves principais e em laterais mais estreitas.

Mas, imediatamente, Paul chamou a atenção de seus companheiros para o próprio chão das duas naves.

— Olhem, o chão é de concreto… e, vejam, como eu esperava, aqui estão dois trilhos que correm ao longo de um dos vãos entre os pilares…! E ali dois outros trilhos no outro vão!

— Mas enfim, o que isso significa? — exclamaram Bernard e o tenente.

— Significa simplesmente — declarou Paul — que está diante de nós a explicação evidente do grande mistério que circundou a tomada de Corvigny e de seus dois fortes.

— Como?

— Corvigny e seus dois fortes foram demolidos em poucos minutos, não é? De onde vinham esses tiros de canhão, ao passo que Corvigny fica a seis léguas da fronteira, e que nenhum canhão inimigo havia atravessado a fronteira? Vinham daqui, dessa fortaleza subterrânea.

— Impossível!

— Aqui estão os trilhos em que foram manobradas as duas peças gigantes que realizaram o bombardeio.

— Ora! Não se pode bombardear do fundo de uma caverna! Onde estão as aberturas?

— Os trilhos vão nos levar até lá. Ilumine bem, Bernard. Olhem, aqui está uma plataforma montada sobre um eixo giratório. É muito grande, o que acham? E ali está a outra plataforma.

— Mas as aberturas?

— À sua frente, Bernard.

— É uma parede…

— É a parede que, com a rocha da mesma colina, sustenta o terraço acima do Liseron, em frente a Corvigny. E nessa parede duas brechas circulares foram praticadas e depois tampadas. Distingue-se nitidamente a marca ainda visível, quase fresca, dos remanejamentos que foram feitos.

Bernard e o tenente estavam espantados.

— Mas é um trabalho enorme! — pronunciou o oficial.

— Colossal! — respondeu Paul. — Mas não esteja muito surpreso, meu caro camarada. Pelo que sei, foi iniciado há dezesseis ou dezessete anos. Além disso, como eu lhe disse, parte da obra já era feita, já que nos encontramos nas salas inferiores das antigas construções de Ornequin e que bastou encontrá-las e remanejá-la conforme a finalidade que lhes era destinada. Há algo bem mais colossal…

— Que é?

— Que é o túnel que precisaram construir para trazer as duas peças até aqui.

— Um túnel?

— Diabo! Por onde quer que tenham chegado? Seguiremos os trilhos no sentido contrário e vamos chegar lá.

De fato, um pouco para trás, as duas vias férreas se juntavam e eles avistaram o enorme orifício de um túnel de cerca de dois metros e meio de largura e de igual altura. Adentrava-se na terra, em declive bem suave. As paredes eram de tijolos. Nenhuma umidade escorria das paredes e o chão estava totalmente seco.

— A linha de Ébrecourt — disse Paul, rindo. Onze quilômetros protegidos do sol. E foi assim que escamotearam a praça-forte de Corvigny. Primeiramente, alguns milhares de homens passaram, que degolaram a pequena guarnição de Ornequin e os postos da fronteira, e seguiram seu caminho em direção à cidade. Ao mesmo tempo, os dois canhões monstruosos eram trazidos, montados e apontados para lugares previamente marcados. Uma vez a tarefa cumprida, foram levados embora e tamparam os buracos. Tudo isso não durou mais que duas horas.

— Mas, para essas duas horas decisivas — disse Bernard —, o rei da Prússia trabalhou dezessete anos!

— E acontece — concluiu Paul — que na realidade foi para nós que o rei da Prússia trabalhou.

— Que seja abençoado, e vamos!

— Vocês querem que meus homens os acompanhem? — propôs o tenente.

— Obrigado. É preferível que estejamos sozinhos, meu cunhado e eu. No entanto, se o inimigo tiver demolido o túnel, voltaremos a buscar ajuda. Mas isso me surpreenderia. Além de eles terem tomado todas as precauções para que não pudéssemos descobrir sua existência, ele o terá conservado para o caso em que precisasse voltar a usá-lo.

E assim, às três horas da tarde, os dois cunhados entravam no túnel imperial, conforme o chamara Bernard. Estavam bem armados, abastecidos de suprimentos e munições, e decididos a levar a aventura até o fim.

Quase imediatamente, isto é, duzentos metros mais adiante, a luz da lanterna elétrica lhes mostrou os degraus de uma escada que subia à direita.

— Primeira bifurcação — notou Paul. — Segundo meu cálculo, deve haver pelo menos três.

— E essa escada leva…?

— Ao castelo, obviamente. E se me perguntar em que parte do castelo, eu lhe responderei: no quarto do retrato. É incontestavelmente por ali que o major Hermann veio ao castelo na noite do ataque. Seu cúmplice Karl o acompanhava. Vendo nossos nomes inscritos na parede, apunhalaram quem dormia nesse quarto. Eram o soldado Gériflour e seu camarada.

Bernard de Andeville brincou:

— Escute, Paul, de umas horas para cá, você está me surpreendendo. Age com adivinhação e perspicácia! Vá direto ao lugar onde precisamos cavar, contando o que ocorreu como se tivesse o testemunhado, sabendo e prevendo tudo. Na verdade, não sabíamos que tinha tamanhos dons! Será que frequentou Arsène Lupin?

Paul se imobilizou.

— Por que pronuncia esse nome?

— O nome de Lupin?

— Sim.

— Bem, o acaso… será que há alguma relação…?

— Não, não… e no entanto…

Paul se pôs a rir.

— Escute essa história estranha. E será que se trata mesmo de uma história? Sim, obviamente, não é um sonho… Todavia… Acontece que uma manhã, ainda febril, eu estava dormindo no hospital militar onde estávamos, e percebi, com uma surpresa que você vai entender, que havia no meu quarto um oficial que eu não conhecia, um major médico, que estava sentado diante de uma mesa e, tranquilamente, vasculhava minha mala.

"Meio que me levantei e vi que havia espalhado na mesa todos meus documentos, e entre este, o diário de Élisabeth.

"Ao ruído que fiz, ele se virou. Decididamente eu não o conhecia. Tinha um bigode fino, um ar enérgico e um sorriso muito terno. Ele me disse… não, na verdade, não era um sonho… ele me disse:

"—Não se mexa, não fique agitado…

"Dobrou os documentos, guardou-os na mala e se aproximou de mim:

"—Peço-lhe perdão por não ter me apresentado antes, eu o farei daqui a pouco, e perdão também pela pequena tarefa que acabo de realizar sem sua autorização. Aliás, eu esperava que acordasse para lhe prestar contas. Portanto, é o seguinte. Um dos emissários que mantenho atualmente junto da polícia secreta me entregou documentos que dizem respeito à traição de certo major Hermann, chefe da espionagem alemã. Nesses documentos, o senhor é citado várias vezes. É por isso que o acaso, tendo me revelado sua presença aqui, eu quis vê-lo e me entender com o senhor. Portanto, eu vim e me introduzi… por meios que me são pessoais. O senhor estava doente e dormindo, meu tempo é precioso (só tenho alguns minutos), portanto eu não podia hesitar em tomar conhecimento dos seus documentos. E tive razão porque agora sei.

"Eu contemplava com estupefação o estranho personagem. Pegou seu quepe, como se estivesse prestes a sair e me disse:

"—Eu o parabenizo, tenente Delroze, por sua coragem e habilidade. Tudo que fez é admirável e os resultados obtidos são de primeira ordem. Obviamente, faltam-lhe alguns dons preciosos que lhe permitiriam chegar mais rapidamente ao fim. O senhor não entende muito bem as relações entre os eventos, e não tira deles as conclusões que comportam. Assim, surpreendo-me que certos trechos do diário de sua mulher, em que fala de suas desconcertantes descobertas, não tenham despertado sua curiosidade. Por outro lado, se se tivesse perguntado por que os alemães haviam tomado

tantas medidas para esvaziar os arredores do castelo, aos poucos, de dedução em dedução, interrogando o passado e o presente, lembrando-se de seu encontro com o imperador da Alemanha, e de muitas outras coisas que se ligam por si só umas com as outras, o senhor teria chegado a pensar que deve ter, entre ambos os lados da fronteira, uma comunicação secreta chegando ao lugar exato de onde se pudesse atirar sobre Corvigny.

"—À primeira vista, esse lugar parece dever ser o terraço, e o senhor terá certeza absoluta disso se encontrar nesse terraço a árvore morta envolta de hera ao lado da qual sua mulher acreditou ouvir ruídos subterrâneos. A partir daí, só lhe restará pôr mão à obra, isto é, passar para o país inimigo e… Mas, vou parar por aí. Um plano de ação preciso demais poderia atrapalhá-lo. Além disso, um homem como o senhor não precisa que lhe mastiguem a tarefa. Boa noite, tenente. Ah! A propósito, seria bom que meu nome não lhe fosse totalmente desconhecido. Deixe-me me apresentar: sou o major médico… Mas, afinal de contas, por que não lhe dizer meu verdadeiro nome? Ele o informará melhor: Arsène Lupin.

"Calou-se, cumprimentou-me com ar amável e saiu sem dizer uma palavra a mais. Eis a história. O que acha, Bernard?"

— Digo que deve ter lidado com um debochado.

— Que seja, mas mesmo assim ninguém conseguiu me dizer quem era aquele major médico e como se introduzira no meu quarto. E confesse que, para um debochado, ele me revelou coisas que são muito úteis agora.

— Mas Arsène Lupin está morto…

— Sim, eu sei, é dado como morto, mas quem sabe, com tal sujeito! Seja como for, vivo ou morto, falso ou verdadeiro, aquele Lupin me prestou um grande serviço.

— Então, qual é sua meta?

— Só tenho uma, libertar Élisabeth.

— Seu plano?

— Não tenho. Tudo vai depender das circunstâncias, mas estou convencido de estar no caminho certo.

De fato, todas as hipóteses se verificavam. Após seis minutos, chegaram a um cruzamento em que se emendava, à direita, outro túnel também equipado com trilhos.

— Segunda bifurcação — disse Paul —, estrada para Corvigny. Foi por lá que os alemães marcharam em direção à cidade para surpreender nossas

tropas antes mesmo que estivessem reunidas, e foi por lá que passou a camponesa que o abordou à noite. A saída deve ficar a pouca distância da cidade, talvez em uma fazenda pertencente à suposta camponesa.

— E a terceira bifurcação? — disse Bernard.

— Aqui está — respondeu Paul.

— De novo é uma escada.

— Sim, e não duvido que leve à capela. De fato, como não supor que no dia em que meu pai foi assassinado, o imperador da Alemanha queria examinar as obras encomendadas por ele e executados sob as ordens da mulher que o acompanhava? Essa capela, que na época não era cercada pelos muros do parque, é obviamente uma das saídas da rede clandestina cuja artéria principal estamos seguindo.

Dessas ramificações, Paul avistou mais duas outras que, segundo sua localização e direção, deviam terminar nos arredores da fronteira, completando assim um maravilhoso sistema de espionagem e invasão.

— É admirável — dizia Bernard. — Isso aqui se chama "*kultur*", se é que entendo do que se trata. Dá para ver que essa gente tem o senso da guerra. Um francês nunca teria a ideia de cavar durante vinte anos um túnel destinado ao possível bombardeio de uma pequena praça-forte. Para tanto, é preciso ter um grau de civilização ao qual não podemos pretender. Ah! Bandidos!

Seu entusiasmo cresceu ainda após ter notado que o túnel era equipado na parte superior de chaminés de aeração. Mas, no final, Paul lhe recomendou ficar calado ou falar em voz baixa.

— Você bem que imagina, se acharam útil manter suas linhas de comunicação, devem ter agido de modo que essa linha não pudesse servir aos franceses. Ébrecourt não fica longe daqui. Talvez haja lá postos de escuta, sentinelas postas no lugar certo. Essa gente não deixa nada ao acaso.

O que dava peso à observação de Paul era a presença, entre os trilhos, dessas placas de ferro fundido que recobrem os fornilhos de mina preparados de antemão e que uma faísca elétrica pode fazer explodir. A primeira carregava o número cinco, a segunda o número quatro, e assim por diante. Eles as evitavam com cuidado, e sua progressão era então freada, porque não ousavam mais acender as lanternas senão por breves momentos.

Por volta das sete horas, ouviram, ou melhor, pareceram ouvir, os rumores confusos que propagam na superfície do solo a vida e o movimento. Sentiram uma grande emoção. A terra alemã se estendia acima deles, e o eco lhes trazia os ruídos provocados pela vida dessa terra.

— Não deixa de ser curioso — observou Paul — que esse túnel não esteja sendo mais vigiado e que possamos ir tão longe sem dificuldade.

— Um mau ponto para eles — disse Bernard. — A "*kultur*" está em falta.

No entanto, sopros mais vivos corriam ao longo das paredes. O ar de fora penetrava em baforadas frescas, e, de repente, avistaram ao longe a sombra de uma luz distante. Não se movia. Tudo parecia calmo ao redor dela, como se se tratasse de um desses sinais fixos postos à beira das vias férreas.

Aproximando-se, deram-se conta de que era a luz de uma lâmpada elétrica, localizada dentro de um barracão erguido na saída do túnel, e que a claridade se projetava sobre grandes falésias brancas e montanhas de areia e cascalhos.

Paul murmurou:

— São pedreiras. Ao colocarem aqui a entrada do túnel, eles podiam prosseguir com as obras em tempo de paz sem chamar atenção. Pode ter certeza que a exploração dessas supostas pedreiras era feita discretamente, dentro de um recinto fechado em que mantinham os operários.

— Que "*kultur*"! — repetiu Bernard.

Sentiu a mão de Paul lhe apertando o braço com violência. Algo havia passado diante da luz, como uma silhueta que se ergue e se abaixa imediatamente.

Com infinita precaução, rastejaram até o barracão e levantaram-se até a metade de modo que seus olhos alcançassem a altura das janelas.

Havia lá meia dúzia de homens, todos deitados, ou para melhor disso, jogados uns sobre os outros, entre garrafas vazias, pratos sujos, papéis engordurados e restos de embutidos e frios.

Eram os guardas do túnel. Estavam bêbados.

— Ainda a "*kultur*" — disse Bernard.

— Temos sorte — retrucou Paul —, e agora entendo a falta de vigilância: hoje é domingo.

Numa mesa se encontrava um aparelho telegráfico. Um telefone estava pendurado na parede e, sob uma placa de vidro espessa, Paul notou um painel com cinco manetas de cobre, as quais correspondiam obviamente mediante fios elétricos com os cinco fornilhos de mina preparados no túnel.

Afastando-se, Bernard e Paul continuaram a seguir os trilhos no meio de um estreito desfiladeiro cavado na rocha, que os levou a um espaço descoberto em que brilhavam inúmeras luzes. Uma aldeia inteira se estendia diante deles, composta de casernas e habitada por soldados de que se viam as idas e vindas. Eles a contornaram. Um ruído de automóvel e os clarões violentos de dois faróis os chamaram, e eles avistaram, após ter passado por um tapume e atravessado uma moita de arbustos, uma grande casa toda iluminada.

O automóvel parou diante de uma escada em que se encontravam lacaios e um posto de soldados. Dois oficiais e uma senhora com casaco de pele desceram do veículo. Ao voltar o carro, a luz dos faróis iluminou um vasto jardim cercado por muros muito altos.

— É mesmo aquilo que o supunha — disse Paul. — Aqui está a contraparte do Castelo de Ornequin. No ponto de partida como no ponto de chegada, um sólido recinto que permite trabalhar longe dos olhares indiscretos. Se a estação fica ao ar livre aqui, em vez de ser subterrânea como lá, ao menos as pedreiras, os canteiros, as casernas, as tropas de guarnição, a casa do estado-maior, o jardim, as dependências, todo esse organismo militar está cercado por muros e certamente vigiado por postos externos. Isso explica que possamos circular dentro tão facilmente.

Naquele momento, um segundo automóvel trouxe três oficiais e juntou-se ao primeiro do lado das dependências.

— Tem festa — comentou Bernard.

Resolveram se aproximar o quanto possível, sendo ajudados pela espessura dos maciços plantados ao longo da alameda que circundava a casa.

Esperaram bastante tempo e, ao ouvirem clamores e gargalhadas vindos do térreo, na parte de trás, concluíram que o salão de festa ficava lá e que os convidados punham-se à mesa. Houve cantorias, ruídos de vozes. Do lado de fora, nenhum movimento. O jardim estava deserto.

— O lugar está tranquilo — disse Paul. — Você vai me dar uma ajuda e ficar escondido.

— Quer subir no parapeito de uma das janelas? Mas e as persianas?

— Não devem ser bem sólidas. A luz filtra por elas.

— Mas, enfim, qual é sua finalidade? Não há motivo para se preocupar com essa casa mais do que com qualquer outra.

— Há sim. Você mesmo me relatou, segundo o que diz um ferido, que o príncipe Conrad se acomodou em uma casa nos arredores de Ébrecourt. Ora, a situação desta no meio de uma espécie de campo fortificado e à beira do túnel me parece ao menos ser uma indicação.

— Sem contar essa festa que tem uma aparência realmente principesca — disse Bernard, rindo. — Você tem razão. Vá escalar.

Atravessaram a alameda. Com a ajuda de Bernard, Paul conseguiu facilmente agarrar a cornija que formava a base do andar e se içar até a sacada de pedra.

— Pronto — disse. — Volte ao seu posto e, em caso de alerta, dê um apito.

Tendo pulado na sacada, ele desprendeu aos poucos uma das persianas, passando os dedos, e então a mão, pela fenda que as separava, e conseguiu destravar o elo da fechadura.

As cortinas fechadas por dentro lhe permitiam agir sem ser visto, mas, mal cruzadas no alto, deixavam um triângulo pelo qual ele poderia ver à condição de subir na sacada.

Foi o que ele fez. Debruçou-se então e olhou.

E o espetáculo que se ofereceu aos seus olhos foi tamanho e o chocou tão horrivelmente que suas pernas começaram a tremer sob seu peso…

O príncipe Conrad se diverte

Uma mesa, uma mesa que se estendia paralelamente às três janelas da sala. Um incrível amontoamento de garrafas, de jarras e copos, deixando pouco lugar aos pratos de doces e frutas. Bolos festivos sustentados por garrafas de champanhe. Uma cesta com flores apoiada em garrafas de licor.

Vinte convidados, dos quais meia dúzia de mulheres em vestido de baile. Os demais, oficiais ostentando suntuosos trajes de gala e condecorações.

No meio, portanto em frente às janelas, o príncipe Conrad, presidindo o banquete, com uma dama à sua direita e outra à sua esquerda. E foi a vista dessas três personagens, reunidos pelo mais inverossímil desafio da própria lógica das coisas, que, para Paul, foi um suplício incessantemente renovado.

Que uma das mulheres se encontrasse lá, à direita do príncipe imperial, toda aprumada em seu vestido de lã marrom, com lenço de renda preta meio escondendo seus cabelos curtos, isso se explicava. Mas a outra mulher, para a qual o príncipe Conrad se virava com afetação de galanteria tão grosseira, essa mulher que Paul olhava com terror e que ele teria querido estrangular com as duas mães, o que essa mulher estava fazendo lá? O que Élisabeth fazia no meio de oficiais embriagados e de oficiais mais ou menos equívocos, ao lado do príncipe Conrad, ao lado da monstruosa criatura que o perseguia de seu ódio?

A condessa Hermine de Andeville! Élisabeth de Andeville! A mãe e a filha! Não existia um único argumento plausível que permitisse a Paul dar outro título às duas companheiras do príncipe. E, esse título, um incidente lhe forneceu todo seu valor de terrível realidade, logo depois, quando o príncipe Conrad se levantou, com taça de champanhe na mão, e gritou:

— *Hoch! Hoch! Hoch!* Bebo à nossa amiga vigilante! *Hoch! Hoch! Hoch*!

À saúde da condessa Hermine!

As assombrosas palavras foram pronunciadas e Paul as ouviu.

— *Hoch! Hoch! Hoch!* — vociferou o rebanho dos convidados. — À condessa Hermine!

A condessa pegou uma taça, esvaziou-a em um só trago e se pôs a dizer palavras que Paul não pôde entender, ao passo que os demais convidados esforçavam-se para ouvir com um fervor que tornavam mais meritórias as copiosas libações.

E, ela também, Élisabeth, escutava.

Usava um vestido cinza que Paul já conhecia, bem simples, de decote alto, e cujas mangas desciam até os punhos.

Mas, em volta do pescoço, pendia sobre a blusa um maravilhoso colar de quatro fileiras de grandes perolas, e esse colar, Paul não o conhecia.

— A miserável, a miserável! — balbuciou ele.

Ela sorria. Sim, ele viu nos lábios da jovem mulher um sorriso provocado pelas palavras que o príncipe Conrad lhe disse, inclinando-se para ela.

E o príncipe teve um acesso de alegria tão ruidoso que a condessa Hermine, que ainda falava, mandou-o se calar com golpe de leque na mão.

A cena toda era assustadora para Paul e este sofrimento o queimava tanto que não teve outra ideia senão ir embora, parar de ver, abandonar a luta e escorraçar de sua vida, como de sua memória, a abominável esposa.

"É mesmo a filha da condessa Hermine", pensava em desespero.

Estava prestes a ir embora quando um pequeno fato o reteve. Élisabeth levava aos olhos um lencinho amassado que segurava na palma a mão, e enxugava furtivamente a lágrima prestes a correr.

Ao mesmo tempo, ele percebeu que ela estava terrivelmente pálida, não de uma palidez fictícia, que até então ele atribuíra à crueza da luz, mas da própria palidez da morte. Parecia que todo o sangue havia se retirado de seu pobre rosto. E que triste sorriso, no fundo, era aquele que torcia seus lábios em resposta aos gracejos do príncipe!

"Mas, então, o que está fazendo aqui?", perguntou-se Paul. "Será que não tenho o direito de acreditá-la culpada e que seja o remorso que lhe tira lágrimas? O desejo de viver, o medo, as ameaças, tornaram-na covarde e hoje está chorando."

Continuava a injuriá-la, mas, aos poucos, sentia-se tomado por uma grande compaixão para com a mulher que não tivera a força de suportar essas intoleráveis provações.

No entanto, a condessa Hermine encerrava seu discurso. Bebeu mais uma vez, gole após gole, lançando o copo por detrás a cada rodada. Os oficiais e as mulheres a imitavam. Os *hoch* entusiastas se cruzavam, e, em um acesso de embriaguez patriótica, o príncipe se levantou e entoou o hino *Deustschland über Alles*, que os demais convidados cantaram em coro com uma espécie de frenesi.

Élisabeth pusera os cotovelos na mesa e as mãos contra o rosto, como se quisesse se isolar. Mas o príncipe, ainda de pé e berrando, agarrou-lhe os braços, abrindo-os brutalmente.

— Chega de fingimentos, minha linda!

Ela teve um gesto de repulsão que o deixou exasperado.

— O quê! O quê! Está "reclamando", e não é que parece estar choramingando! Ah! A senhora tem cada uma! Mas, diabos! O que estou vendo? O copo da senhora ainda está cheio!

Pegou o copo e, tremendo, aproximou-o dos lábios de Élisabeth.

— À minha saúde, garota! À saúde do senhor e amo! E aí, está se recusando…? Entendo. Não quer mais champanhe. Abaixo o champanhe! É do vinho do Reno que precisa, não é, garota? Lembra-se da canção de seu país: "Nós tivemos vosso Reno alemão. Coube em nosso copo…" O vinho do Reno!

Com um único movimento, os oficiais se levantaram e vociferaram: "*Die Wacht am Rhein*". "Eles não o terão, o Reno alemão, mesmo que peçam em seus gritos, como corvos ávidos…"

— Eles não o terão — continuou o príncipe exasperado —, mas você vai beber dele, garota!

Encheram outra taça. De novo, ele quis obrigar Élisabeth a levá-la aos lábios, e como ela a empurrava, ele lhe falou baixinho, no ouvido, ao passo que o líquido respingava no vestido da jovem mulher.

Todos haviam se calado, na espera do que ia acontecer. Élisabeth, ainda mais pálida, não se mexia. Debruçado sobre ela, o príncipe mostrava um rosto de bruto que, alternativamente, ameaça e suplica, manda e ultraja. Visão nojenta! Paul teria querido dar a vida para que Élisabeth, em um surto de revolta, apunhalasse o insultante. Mas ela deixou cair a cabeça

para trás, fechou os olhos, e, desfalecendo, aceitou o cálice e bebeu alguns goles.

O príncipe soltou um grito de triunfo erguendo a taça, e então, gulosamente, pôs seus lábios no mesmo lugar e a esvaziou de um só trago.

— *Hoch! Hoch!* — proferiu. — De pé, camaradas! De pés nas cadeiras e um pé na mesa! De pé os vencedores do mundo! Vamos cantar a força alemã! Vamos cantar o galanteio alemão! "Eles não terão o livre Reno alemão, enquanto corajosos rapazes cortejarão esbeltas moças." Élisabeth, bebi o vinho do Reno em seu copo. Élisabeth, conheço seu pensamento. Pensamento de amor, meus camaradas! Sou o mestre! Ah! Parisiense… Mulherzinha de Paris… É Paris que precisamos tomar. Ah, Paris! Ah, Paris…

Ele titubeava. A taça escapou de suas mãos e se quebrou contra o gargalo de uma garrafa. Ele caiu de joelhos na mesa, em um estrondo de pratos e copos quebrados, agarrou o frasco de licor, e desmoronou no chão, balbuciando:

— Precisamos tomar Paris… Paris e Calais… Foi papai que disse… O Arco de Triunfo… o Café Anglais… O Grand Seize… O Moulin-Rouge…!

O tumulto cessou de repente. A voz imperiosa da condessa Hermine ordenou:

— Vão embora! Que cada um volte para sua casa! Mais rápido que isso, senhores, por favor.

Os oficiais e as damas se esgueiraram rapidamente. Fora, do outro lado da casa, vários apitos ecoaram. Quase imediatamente uns automóveis chegaram das dependências. A partida foi geral.

Entretanto, a condessa fizera um sinal aos criados, e, mostrando o príncipe Conrad:

— Levem-no ao seu quarto.

Em um instante o príncipe foi retirado.

Então, a condessa Hermine se aproximou de Élisabeth.

Não havia cinco minutos que o príncipe desmoronara sob a mesa, e após o barulho da festa, agora reinava um grande silêncio na sala desarrumada em que as duas mulheres estavam sozinhas.

Élisabeth havia voltado a pôr o rosto nas mãos e chorava copiosamente, com soluços que lhe convulsionavam os ombros. A condessa Hermine se sentou ao lado dela e tocou-lhe o braço de leve.

Ambas as mulheres se olharam sem uma só palavra. Estranho olhar, numa e na outra, carregado de igual ódio. Paul não as perdia de vista. Ao observar uma e outra, não podia duvidar que elas já tivessem se visto e que as palavras que iam ser trocadas não fossem sequência da conclusão de explicações anteriores. Mas que explicações? E o que Élisabeth sabia a respeito da condessa Hermine? Será que aceitava como sendo sua mãe essa mulher que olhava com tanta aversão?

Jamais duas pessoas haviam se distinguido por uma fisionomia mais diferente e, sobretudo, uma expressão que indicasse naturezas mais opostas. E, no entanto, quanto era forte o conjunto de provas que as ligavam uma à outra! Não eram mais provas, mas elementos de uma realidade tão viva que Paul nem pensava mais em discuti-los. O abalo do sr. de Andeville diante da fotografia da condessa, fotografia tomada em Berlim alguns anos após a morte simulada da mulher, não mostrava mesmo que o sr. de Andeville era cúmplice dessa morte simulada, cúmplice talvez de muitas outras coisas?

E então Paul voltava à pergunta que levantava o angustiante encontro da mãe com a filha: o que Élisabeth sabia de tudo isso? Que esclarecimentos conseguira obter sobre esse monstruoso conjunto de vergonhas, infâmias, traições e crimes? Será que acusava sua mãe? E, sentindo-se esmagada pelo peso das felonias, será que a tornava responsável por sua própria covardia?

"Sim, sim, obviamente", dizia-se Paul, "mas por que tanto ódio? Há entre elas um ódio que somente a morte poderia acalmar. E o desejo de matar talvez esteja mais violento nos olhos de Élisabeth que nos daquela que veio para matá-la."

Paul experimentava essa impressão de maneira tão aguda que esperava realmente que uma ou outra agisse imediatamente, e procurava um meio de socorrer Élisabeth. Mas aconteceu algo totalmente imprevisto. A condessa Hermine tirou do bolso um desses grandes mapas topográficos de que se servem os automobilistas, desdobrou-o, pôs o dedo sobre um ponto, seguiu o traçado de uma estrada até outro ponto, e, parando lá, pronunciou algumas palavras que pareceram encher Élisabeth de alegria.

Ela agarrou o braço da condessa e começou a falar febrilmente com risos e soluços, enquanto a condessa meneava a cabeça parecendo dizer:

"Está decidido… estamos de acordo… tudo vai se passar como você deseja…"

Paul pensou que Élisabeth ia beijar a mão de sua inimiga, de tanto que ela parecia transbordar de felicidade e de reconhecimento, e perguntava-se ansiosamente em que nova armadilha a pobre mulher estava caindo, quando a condessa se levantou, andou até a porta e a abriu.

Fez um sinal e voltou.

Alguém entrou, vestido um uniforme.

E Paul entendeu. O homem que a condessa Hermine introduzia era o espião Karl, seu cúmplice, o executante de seus desígnios, aquele que ia encarregar de matar Élisabeth. A hora da jovem mulher havia chegado.

Karl se inclinou. A condessa o apresentava e então, mostrando a estrada e os dois pontos no mapa, explicou-lhe o que se esperava dele.

Ele tirou seu relógio e fez um movimento como para prometer:

"Será feito naquela hora."

Logo, Élisabeth, a convite da condessa, saiu da sala.

Embora Paul não tivesse ouvido uma única palavra de que se dissera, para ele essa cena rápida tomava o mais claro e assustador dos sentidos. A condessa, usando de seus poderes ilimitados, e aproveitando que o príncipe Conrad dormia, propunha a Élisabeth um plano de fuga, certamente de automóvel e para um ponto das áreas vizinhas determinado de antemão. Élisabeth aceitava essa libertação inesperada. E a fuga ia ocorrer sob a direção e a proteção de Karl!

A armadilha era tão bem preparada e a jovem mulher, atordoada pelo sofrimento, precipitou-se nela com tanta boa fé que os dois cúmplices, uma vez sozinhos, olharam-se rindo. Na verdade, a tarefa se executava muito facilmente e não havia nenhum mérito a ser bem-sucedido em tais condições.

Houve então entre eles, antes mesmo de qualquer explicação, uma curta mímica, dois gestos no máximo, mas de infernal cinismo. Os olhos fixados na condessa, o espião Karl entreabriu seu dólmã e tirou até a metade, da bainha que o retinha, um punhal. A condessa fez um sinal de reprovação e entregou ao miserável um pequeno frasco que ele pôs no bolso ao passo que respondia com alçar de ombros.

"Como quiser! Para mim, tanto faz."

E, sentados um ao lado do outro, conversaram animadamente, a condessa dando suas instruções, que Karl aprovava ou discutia.

Paul teve a sensação que, se não dominasse seu espanto, se não controlasse os batimentos desordenados de seu coração, Élisabeth estava perdida. Para salvá-la, precisava ter a mente absolutamente lúcida, e tomar conforme as circunstâncias, sem refletir nem hesitar, resoluções imediatas.

Ora, ele só podia tomar essas resoluções ao acaso e talvez a contrassenso, já que não conhecia realmente os planos do inimigo. Contudo, armou seu revólver.

Supunha então que a jovem mulher, uma vez prestes a partir, voltaria à sala e iria embora com o espião; mas, após um momento, a condessa tocou um sininho e disse algumas palavras ao criado que se apresentou. O criado saiu. Paul ouviu dois apitos, e então o ronco de um automóvel cujo ruído se aproximava.

Karl olhava no corredor pela porta entreaberta. Virou-se para a condessa como se tivesse dito:

"Ela vem… está descendo…"

Paul entendeu então que Élisabeth ia diretamente até o automóvel onde Karl a alcançaria. Nesse caso, era preciso agir sem demora.

Por um segundo, permaneceu indeciso. Será que ia aproveitar o fato de Karl ainda estar ali para irromper na sala e matá-lo a tiros de revólver junto com a condessa Hermine? Era a salvação de Élisabeth, já que somente os dois bandidos queriam atentar contra sua existência.

Mas temeu o fracasso de uma tentativa tão audaciosa e, pulando da sacada, chamou Bernard.

— Élisabeth está saindo de automóvel. Karl está com ela e deve envenená-la. Siga-me… com revólver em mão…

— O que quer fazer?

— Veremos.

Deram a volta da casa, rastejando por meio dos arbustos que bordavam a alameda. Aliás, os arredores estavam desertos.

— Ouça — disse Bernard. — Um automóvel está indo embora.

Paul, de início muito inquieto, protestou:

— Não, não, é o ruído do motor.

De fato, quando puderam avistar a fachada principal, viram diante da escada uma limusine em volta da qual estavam agrupados cerca de doze soldados e criados, e cujos faróis iluminavam a outra parte do jardim, deixando na escuridão o lugar em que Paul e Bernard se encontravam.

Uma mulher desceu os degraus da escada e desapareceu no automóvel.

— Élisabeth — disse. — E agora vem Karl.

O espião parou no último degrau e deu ao soldado que servia de motorista ordens de que Paul só ouviu trechos.

A partida se aproximava. Mais um minuto e, se Paul não se opusesse, o automóvel ia levar o assassino com sua vítima. Minuto horrível, porque Paul Delroze sentia todo o perigo de uma intervenção que nem teria a vantagem de ser eficaz, já que a morte de Karl não impediria a condessa Hermine de prosseguir com seus projetos.

Bernard murmurou:

— Mas você não pretende raptar Élisabeth? Há aí todo um posto de sentinelas.

— Só quero uma coisa: matar Karl.

— E depois?

— Depois? Vão nos prender. Haverá interrogatório, inquérito, escândalo… O príncipe Conrad estará envolvido no caso.

— E seremos fuzilados. Confesso que seu plano…

— Tem outro a propor?

Interrompeu-se. O espião Karl, muito irritado, praguejava contra seu motorista e Paul entendeu essas palavras:

— Espécie de imbecil. Nunca faz nada diferente! Não tem gasolina. Onde acha que vamos encontrar gasolina de noite? Onde tem gasolina? Na dependência? Corra lá, cretino. E minha peliça? Esqueceu também? Rápido! Traga-a. Eu mesmo vou dirigir. Com um aloprado de sua espécie, é demais arriscado…

O soldado se pôs a correr. E, imediatamente, Paul constatou que, para que ele mesmo fosse até a dependência cujas luzes ele avistava, não precisaria se afastar da escuridão que o protegia.

— Venha — disse a Bernard —, tenho uma ideia que você vai entender.

Com seus passos abafados pela relva do gramado, chegaram às dependências reservadas aos estábulos e às garagens de carros, e onde puderam penetrar sem que suas silhuetas fossem vistas de fora. O soldado se encontrava no fundo, em um depósito cuja porta estava aberta. De seu esconderijo, viram que despendurava de um gancho uma enorme peliça de cabra que jogou no ombro, então pegou quatro garrafões de gasolina. Assim carregado, saiu do depósito e passou diante de Paul e Bernard.

O golpe foi rapidamente executado. Antes mesmo que tivesse tempo de soltar um grito, foi derrubado, imobilizado e amordaçado.

— Está feito — disse Paul. — Agora, dê-me seu casaco e seu boné. Eu gostaria de me poupar esse disfarce. Mas quem quer o fim…

— Então — perguntou Bernard — vai arriscar a aventura? E se Karl não reconhecer seu motorista?

— Nem vai pensar em olhá-lo.

— Mas se ele lhe dirigir a palavra?

— Não vou responder. Aliás, assim que estivermos fora do recinto, não haverá mais nada a temer dele.

— E eu?

— Você, amarre cuidadosamente seu prisioneiro e tranque-o em algum cubículo. Em seguida, volte aos maciços de plantas, atrás da janela da sacada. Espero encontrar você aí junto com Élisabeth no meio da noite, e então nós três só precisaremos seguir o caminho do túnel. Se, por acaso, você não me vir voltar…

— E então?

— Então, vá embora sozinho, antes do amanhecer.

— Mas…

Paul já se afastava. Estava nessa disposição de espírito em que nem consentimos mais refletir sobre os atos que decidimos cumprir. De resto, os eventos pareciam lhe dar razão. Karl o recebeu com xingamentos, mas sem prestar qualquer atenção nesse comparsa para o qual não tinha suficiente desprezo. O espião pôs sua peliça de cabra, sentou no volante, e manuseou as marchas ao passo que Paul se acomodava ao seu lado.

O carro já começava a se mexer quando uma voz, vinda da escada, ordenou:

— Karl! Karl!

Paul ficou inquieto por um momento. Era a condessa Hermine.

Aproximou-se do espião e disse em voz baixa e em francês:

— Eu lhe aconselho, Karl… Mas seu motorista não entende francês, não é?

— Mal entende alemão. Excelência. É um bruto. Pode falar.

— É o seguinte. Só derrame dez gotas do frasco, do contrário…

— Combinado, Excelência. O que mais?

— Você vai me escrever daqui a oito dias se tudo correr bem. Escreva a nosso endereço de Paris, e não antes, seria inútil.

— Então, Vossa Excelência vai voltar para França?

— Sim. Meu projeto está maduro.

— Ainda o mesmo?

— Sim. O tempo parece favorável. Há dias que está chovendo, e o estado-maior me avisou que ia agir de seu lado. Portanto, estarei lá amanhã à noite e bastará uma ajudinha.

— Ah, sim, uma ajudinha e nada mais! Eu mesmo trabalhei nisso, e está tudo pronto. Mas Vossa Excelência me falou de outro projeto, para completar o primeiro, e confesso que este…

— É preciso — disse ela. — A sorte está virando contra nós. Se eu conseguir, será o fim de nossos reveses.

— E Vossa Excelência obteve o consentimento do imperador?

— Inútil. São empreitadas de que não se fala.

— Esta é perigosa e terrível.

— Pouco importa.

— Vai precisar de mim lá, Excelência?

— Não. Livre-nos da garota. Por enquanto, isso basta. Adeus.

— Adeus, Excelência.

O espião soltou a embreagem e o carro partiu.

A alameda que circundava o gramado central levava a um pavilhão que comandava a abertura da grade do jardim e servia de posto de guarda. De cada lado erguiam-se os altos muros do recinto.

Um oficial saiu do pavilhão. Karl lançou a senha: "*Hohenstaufen*". A grade foi aberta, e o carro acelerou em uma grande estrada que atravessava primeiramente a pequena cidade de Ébrecourt para depois serpentear no meio de colinas baixas.

Assim, às onze da noite, Paul se encontrava sozinho na campina deserta, com Élisabeth e o espião Karl. Que conseguisse dominar o espião era algo de que ele não duvidava; Élisabeth estaria livre. Então, só lhes restaria voltar, entrar na casa do príncipe Conrad, graças à senha, e encontrar Bernard. Uma vez a empreitada terminada, e completada conforme os desígnios de Paul, o túnel os levaria de volta ao Castelo de Ornequin.

Desse modo, Paul se entregou à alegria que tomava conta dele. Élisabeth estava aí, sob sua proteção. Élisabeth cuja coragem havia certamente enfraquecido sob o peso das provações, mas a quem ele devia sua indulgência já que era infeliz por culpa dele. Ele esquecia, queria esquecer todas as fases ruins do drama, para somente pensar no desfecho próximo, no triunfo, na libertação de sua mulher.

Ele observa atentamente a estrada, para não se perder na volta, e combinava o plano de ataque, fixando-o na primeira parada que seriam obrigados a fazer. Decidido a não matar o espião, ele o atordoaria com um soco e, após tê-lo dominado e amarrado, o jogaria em algum bosque.

Passaram por uma aglomeração importante, em seguida por duas aldeias, e depois por uma cidade em que tiveram de parar e mostrar os documentos de carro.

Naquele momento, a luz dos faróis enfraquecendo, Karl diminuiu a velocidade. Ele resmungou:

— Duplamente asno, nem sabe tomar cuidado dos faróis! Você repôs carbureto?

Paul não respondeu. Karl continuou a resmungar. Então, freou, xingando:

— Nunca vi mais imbecil! Não há como ir para frente… Vamos, mexa-se e acenda…

Paul pulou do assento, ao passo que o carro estacionava à beira da estrada.

Era o momento de agir.

Cuidou primeiramente do farol, enquanto vigiava os movimentos do espião e tinha o cuidado se de manter fora dos feixes de luz. Karl desceu, abriu a porta da limusine, iniciou uma conversa que Paul não ouviu. Então, voltou para a frente do carro.

— E então, idiota, ainda não acabou?

Paul estava de costas para ele, muito atento à sua tarefa e espiando o segundo propício em que o espião, dando dois passos à frente, estaria ao seu alcance. Passou-se um minuto. Ele cerrou os punhos. Previu exatamente o gesto necessário, e ia executá-lo, quando, de repente, foi agarrado por trás, o corpo segurado por dois braços, e derrubado sem poder oferecer qualquer resistência.

— Ah! Diabo! — exclamou o espião segurando-o sob seu joelho. — É por isso que não respondia…? E também você parecia ter um comportamento estranho ao meu lado… mas eu pensei nisso… Foi agora mesmo. A lanterna que o iluminou de perfil. Veja só! Mas quem é esse cara? Um cachorro de um francês, talvez?

Paul se enrijecera e, por um momento, acreditou que fosse possível escapar das garras de Karl. O esforço do adversário se afrouxava, aos poucos ele o dominava, e exclamou:

— Sim, um francês, Paul Delroze, aquele que você quis matar antes, o marido de Élisabeth, de sua vítima… Sim, sou eu, e sei quem você é… o falso belga Laschen, o espião Karl.

Calou-se. O espião, que só afrouxara sua pressão para poder tirar um punhal da cintura, levantava a arma para ele.

— Ah! Paul Delroze… credo! A expedição será frutífera… Os dois, um por um… o marido… a mulher… Ah! Você veio se meter entre minhas garras… Pois bem! Leve isso, rapaz…

Paul viu acima de seu rosto o clarão de uma lâmina que brilhava: fechou os olhos pronunciando o nome de Élisabeth…

Mais um segundo e, de repente, houve três detonações. Atrás do grupo formado pelos dois adversários, alguém atirava.

O espião soltou um palavrão abominável. Sua pressão se afrouxou. A arma caiu e ele desabou de bruços gemendo.

— Ah! Maldita mulher… maldita mulher. Eu deveria tê-la estrangulado no carro… Bem que eu desconfiava que isso fosse acontecer…

Então, ele gaguejou:

— Acertou-me em cheio! Ah! Maldita mulher, como estou sofrendo…!

Calou-se. Algumas convulsões. Um soluço de agonia e foi tudo.

De um só pulo, Paul se levantou. Correu até a mulher que o havia salvado e que ainda segurava o revólver na mão.

— Élisabeth! — disse, louco de felicidade.

Mas se imobilizou, os braços estendido. Na escuridão, a silhueta dessa mulher não lhe parecia ser a de Élisabeth, mas uma silhueta mais alta e mais forte.

Ele balbuciou com infinita angústia:

— Élisabeth… É você…? É você mesma…?

E, ao mesmo tempo, tinha a profunda intuição da resposta que ia ouvir.

— Não — disse a mulher. — A sra. Delroze partiu um pouco antes de nós, em outro automóvel, Karl e eu devíamos ir ao seu encontro.

Paul se lembrou desse automóvel de que acreditara ter ouvido o motor quando contornava a casa com Bernard. No entanto, como essas duas partidas haviam ocorrido no máximo a poucos minutos de intervalo, ele não perdeu a coragem e exclamou:

— Então, rápido, vamos depressa. Se formos mais depressa, com certeza vamos alcançá-los…

Mas a mulher objetou imediatamente:

— Alcançá-los? É impossível, os dois automóveis seguem estradas diferentes.

— Não importa, se eles se dirigirem para o mesmo destino. Aonde estão levando a sra. Delroze?

— A um castelo que pertence à condessa Hermine.

— E esse castelo fica…?

— Não sei.

— A senhora não sabe? Mas é terrível. Sabe seu nome ao menos?

— Karl não me disse. Eu ignoro.

A luta impossível

No imenso desespero em que essas últimas palavras o precipitaram, Paul experimentou, assim como no espetáculo da festa dada pelo príncipe Conrad, a necessidade de uma reação imediata. Com certeza, qualquer esperança estava perdida. Seu plano, que consistia em utilizar a passagem do túnel antes que o alarme fosse dado, seu plano desmoronava. Ao admitir mesmo que conseguisse alcançar Élisabeth e libertá-la, o que parecia cada vez mais inverossímil, a que momento isso ia se produzir? E como, depois, escapar do inimigo e entrar na França?

Não, agora o espaço e o tempo estavam contra ele. Sua derrota era daquelas após as quais só resta se resignar e esperar o golpe de misericórdia.

No entanto, não se lamentou. Entendia que qualquer falha seria irreparável. O impulso que o trouxera até aqui devia perdurar sem trégua e com mais ardor ainda.

Aproximou-se do espião. A mulher estava debruçada sobre o corpo e o examinava à luz de uma das lanternas que ela havia desprendido.

— Está morto, não é? — disse ele.

— Sim, está morto. Duas balas o atingiram nas costas. — Ela murmurou com voz alterada: — É horrível o que fiz. Eu o matei, eu mesma! Não se trata de um assassinato, senhor, não é mesmo? E eu tinha o direito…? Mesmo assim, é horrível… Acabo de matar Karl!

Seu rosto, ainda jovem e bastante bonito, embora muito vulgar, estava decomposto. Seus olhos não pareciam poder se desviar o cadáver.

— Quem é a senhora? — perguntou Paul.

Ela respondeu soluçando:

— Eu era amiga dele… melhor do que isso, ou pior que isso… ele havia jurado que se casaria comigo… Mas as promessas de Karl…! Tão mentiroso, senhor, tão covarde…! Ah, tudo que sei ao seu respeito… eu mesma, aos poucos, de tanto me calar, tornei-me sua cúmplice. É que me dava tanto medo! Eu não o amava mais, mas eu tremia e obedecia… com que ódio, no final…! E como ele sentia esse ódio! Dizia-me com frequência: "Um dia desses você é bem capaz de me degolar." Não, senhor… Bem que eu pensava nisso, mas eu não teria tido coragem. Foi apenas há pouco, quando vi que ele ia esfaqueá-lo… e sobretudo quando ouvi seu nome…

— Meu nome, por quê?

— É o marido da sra. Delroze.

— E daí?

— Daí que a conheço. Não há muito tempo, só de hoje. Foi hoje de manhã que Karl, vindo da Bélgica, passou pela cidade onde moro e me levou até a casa do príncipe Conrad. Tratava-se de entrar ao serviço, como camareira, de uma dama francesa que devíamos levar a um castelo. Entendi o que isso significava. Mais uma vez, eu precisava ser cúmplice, inspirar confiança… E então, vi essa dama francesa… eu a vi chorar… E era tão doce, tão boa, que me partiu o coração. Prometi socorrê-la… eu somente não pensava que fosse dessa maneira, matando Karl…

Levantou-se bruscamente e disse em tom áspero:

— Mas era preciso, senhor. Não podia ser de outra maneira, porque eu sabia demais a respeito dele. Ele ou eu… Foi ele… Melhor assim, não lamento nada… Não havia no mundo alguém tão miserável, e com pessoas de sua espécie, não se deve hesitar. Não lamento nada.

Paul lhe disse:

— Era devotado à condessa Hermine, não é?

Ela estremeceu e baixou a voz para responder.

— Ah! Não vamos falar dela, eu lhe peço. Esta é ainda mais terrível, e ainda está viva! Ah! Se vier a suspeitar de mim qualquer dia!

— Quem é essa mulher?

— Quem sabe? Ela vai e vem, é ela que manda onde quer que esteja… Obedecem-lhe como ao imperador. Todos a temem. É como seu irmão…

— Seu irmão?

— Sim, o major Hermann.

— Hem? Está dizendo que o major Hermann é irmão dela?

— Com certeza, aliás, basta vê-lo. Parece a condessa Hermine em pessoa!

— Mas já os viu juntos?

— Pois bem… Não me lembro… Por que essa pergunta?

O tempo era precioso demais para que Paul insistisse. O que essa mulher podia pensar da condessa Hermine importava pouco.

Ele lhe perguntou:

— Ela está morando mesmo na casa do príncipe?

— Atualmente, sim… O príncipe mora no primeiro andar, na parte de trás; ela, no mesmo andar, na frente.

— Se eu mandar lhe dizer que Karl, vítima de um acidente, enviou seu motorista, eu no caso, para avisá-la, ela me receberá?

— Com certeza.

— Ela conhece o motorista de Karl, aquele de quem tomei o lugar?

— Não. É um soldado que Karl trouxe da Bélgica.

Paul refletiu um instante, então prosseguiu:

— Ajude-me.

Empurraram o cadáver para a vala da estrada, desceram-no ali e o cobriram com galhos secos.

— Estou voltando à casa do príncipe — disse ele. — Quanto à senhora, ande até encontrar um grupo de habitações. Desperte as pessoas e conte o assassinato de Karl por seu motorista e sua fuga. O tempo de avisar a polícia, de interrogá-la, de telefonar à casa do príncipe, é mais do que vou precisar.

Ela se assustou:

— Mas a condessa Hermine…

— Não tema nada desse lado. Admitindo-se até que eu não consiga dominá-la, como poderia suspeitar da senhora, já que o inquérito vai me designar como único culpado? Aliás, não temos outra escolha.

E, sem mais ouvi-la, voltou a ligar o carro, pegou o volante e, apesar das preces assustadas da mulher, partiu.

Partiu com o mesmo ardor e determinação que se se entregasse às exigências de um novo projeto de que tivesse fixado todos os detalhes e sabido com certeza a eficiência.

“Vou ver a condessa”, ele se dizia. “E então, quer preocupada com o destino de Karl ela queira que eu a leve até ele, quer me receba em algum

cômodo da casa, eu vou obrigá-la por qualquer meio a me revelar o nome do castelo que serve de prisão a Élisabeth. Eu a obrigo a me dar o meio de libertá-la e fazer com que fuja."

Mas como tudo isso era vago! Quantos obstáculos! Quantas impossibilidades! Como supor que as circunstâncias seriam fáceis a ponto de iludir a condessa e de privá-la de qualquer socorro? Uma mulher de seu porte não era daquelas que se deixam enganar por palavras e se submetem a ameaças.

Não importa! Paul não aceitava a dúvida. No final de sua empreitada estava o sucesso, e para alcançá-lo mais rapidamente, ele aumentava a velocidade, lançando seu carro em disparada por meio dos campos e mal diminuindo a velocidade ao atravessar aldeias e cidades.

— "*Hohenstaufen*" — gritou à sentinela plantada diante do posto do recinto.

O oficial de guarda, após tê-lo interrogado, mandou-o ao suboficial do posto que estacionava diante da escada. Só este tinha livre acesso à casa e, por ele, a condessa seria informada.

— Bem — disse Paul —, primeiramente, vou colocar meu carro na dependência.

Uma vez chegado, desligou os faróis, e como se dirigia para a casa, teve a ideia, antes de se apresentar diante do suboficial, de procurar Bernard e de se informar sobre o que seu cunhado pudera descobrir.

Encontrou-o atrás da casa, no meio dos maciços agrupados diante da janela da sacada.

— Então, está sozinho? — perguntou Bernard com ansiedade.

— Sim, o negócio não deu certo. Élisabeth foi levada em um primeiro carro.

— É terrível o que está me dizendo!

— Sim, mas o mal pode ser consertado.

— Como?

— Ainda não sei. Mas conte-me: Como as coisas estão andando? E o motorista?

— Bem guardado. Ninguém vai descobri-lo… ao menos não antes da manhã, quando outros motoristas virão às dependências.

— Bem. Fora isso?

— Uma patrulha no parque, há uma hora. Consegui me esconder.

— E então?

— Então, dei uma corrida até o túnel. Os homens começavam a se mexer. Aliás, há algo que os fez despertar e como!

— O quê?

— A irrupção de certa pessoa que conhecemos, a mulher que encontrei em Corvigny, aquela que se parece tanto com o major Hermann.

— Fazia uma ronda?

— Não, ia embora…

— Sim, sei que deve partir.

— Já partiu.

— Olhe, não dá para crer, sua partida para a França não era imediata.

— Eu a vi partir.

— Mas por onde? Por que estrada?

— Bem, e o túnel? Você acha que esse túnel não serve a mais nada? Ela pegou esse caminho, diante de meus olhos, e em condições eminentemente confortáveis… um pequeno vagão conduzido por um mecânico e acionado eletricamente. Já que o destino de sua viagem, como você diz, era a França, é provável que tenha sido orientado para a linha de Corvigny. Isso ocorreu há duas horas. Ouvi o vagão voltar.

Para Paul, o sumiço da condessa Hermine era um novo golpe. Como, então, achar e libertar Élisabeth? A que fio se segurar nas trevas em que cada um de seus esforços acabava em desastre?

Retesou-se para dar novo ânimo à sua força de vontade e decidiu continuar a empreitada até completo sucesso.

Perguntou a Bernard:

— Não notou mais nada?

— Nada mais.

— Nem idas e vindas?

— Não. Os criados foram se deitar. As luzes estão apagadas.

— Todas as luzes?

— Exceto uma, contudo. Veja, lá, acima de nossas cabeças.

Era no primeiro andar e em uma janela situada acima daquela pela qual Paul assistira à ceia do príncipe Conrad. Ele disse:

— Essa luz foi acesa enquanto eu havia subido na sacada?

— Sim, perto do fim.

Paul murmurou:

— Segundo minhas informações, deve ser o quarto do príncipe Conrad. Ele também estava bêbado e tiveram de carregá-lo até lá.

— Vi sombras, de fato, naquele momento e desde então tudo está imóvel.

— Obviamente, está se recuperando do champanhe. Ah, se pudéssemos ver…! Penetrar nesse quarto!

— É fácil — disse Bernard.

— Por onde?

— Pelo cômodo adjacente, que deve ser o gabinete de toalete e cuja janela deixaram entreaberta, provavelmente para trazer um pouco de ar ao príncipe.

— Mas precisaríamos de uma escada.

— Sei onde tem uma. Está pendurada na parede da dependência. Quer pegá-la?

— Sim, sim — disse Paul, energicamente. — Ande logo.

Em sua mente, uma combinação totalmente nova se formava, vinculada aliás às suas primeiras disposições para o combate, e que agora lhe parecia capaz de levá-lo à sua meta.

Verificou que as aproximações da casa, à direita e à esquerda estavam desertas, e que nenhum soldado do posto se afastava da entrada principal, e então, assim que Bernard voltou, fincou a escada na alameda e a apoiou na parede.

Subiram.

A janela entreaberta era mesmo a do gabinete de toalete. A luz do quarto adjacente o iluminava. Nenhum ruído vinha desse quarto senão um ronco sonoro. Paul esticou a cabeça.

Atravessado na cama, vestido com seu uniforme cujo peitilho estava sujo de manchas, jogado como um boneco, o príncipe Conrad dormia. Dormia tão profundamente que Paul ficou à vontade para examinar o quarto. Um pequeno cômodo servindo de vestíbulo o separava do corredor, de modo que havia entre o quarto e o corredor duas portas de que Paul empurrou os ferrolhos e trancou as fechaduras, dando duas voltas. Assim, estavam sozinhos com o príncipe Conrad, sem que se pudesse ouvir nada de dentro.

— Vamos — disse Paul, uma vez que se distribuíram as tarefas.

E ele aplicou sobre o rosto do príncipe uma toalha enrolada cujas pontas ele tentava lhe enfiar na boca, ao passo que Bernard, com a ajuda de outras tolhas, amarrava-lhe as pernas e os pulsos. Isso foi executado em silêncio. Por parte do príncipe, nenhuma resistência, nenhum grito. Ele abrira os olhos e olhava seus agressores com a aparência de um homem que não entende nada daquilo que lhe está acontecendo, mas que um medo cada vez mais forte invade à medida que toma consciência do perigo.

— Nem um pouco corajoso o herdeiro de Guilherme — zombou Bernard. — Que medo! Vamos, rapaz, vai precisar se recompor. Onde está seu frasco de sais?

Paul havia acabado de lhe introduzir na boca metade da toalha.

— Agora — disse ele — vamos embora.

— O que quer fazer? — perguntou Bernard.

— Levá-lo.

— Aonde?

— Para a França.

— Para a França?

— Ora! Agora que o pegamos, que nos sirva para algo!

— Não vão deixá-lo sair.

— E o túnel?

— Impossível! Está sendo muito vigiado agora.

— É o que veremos.

Pegou seu revólver e o apontou para o príncipe Conrad.

— Escute-me. Está com as ideias muito confusas para entender minhas perguntas. Mas um revólver, dá para compreender sozinho, não é? É uma linguagem muito clara, até mesmo para alguém bêbado e que treme de medo. Pois bem, se não me seguir tranquilamente, se tentar se debater e fazer barulho, se meu camarada e eu estivermos correndo perigo um só instante, será liquidado. O Browning de que sente o cano em sua têmpora lhe fará estourar a cabeça. Estamos de acordo?

O príncipe meneou a cabeça.

— Perfeito — concluiu Paul. — Bernard, desate-lhe as pernas, mas amarre seus braços em volta do corpo… Bem… Vamos.

A descida se efetuou nas melhores condições e eles andaram no meio dos maciços de plantas até o tapume que separava o jardim do vasto recinto reservados às casernas. Lá, passaram-se o príncipe de um lado para outro,

como um embrulho, e seguindo o mesmo caminho da chegada, alcançaram as pedreiras.

Além de a noite ser suficientemente clara para que pudessem se orientar, avistavam diante deles um largo feixe de luz que devia subir do corpo de guarda estabelecido na entrada do túnel. De fato, no posto, todas as luzes estavam acesas, e os homens, de pé fora do barracão, bebiam café.

Diante do túnel, um soldado deambulava, o fuzil ao ombro.

— Somos dois — sussurrou Bernard. — Eles são seis, e ao primeiro disparo, vão surgir várias centenas de boches alojados a cinco minutos daqui. A luta seria um tanto desigual, o que acha?

O que agravava a dificuldade até torná-la insuperável era que na realidade não eram dois, porém três, e que seu prisioneiro constituía para eles o mais terrível dos estorvos. Com ele, era impossível correr ou fugir. Precisavam arrumar algum estratagema.

Lenta e prudentemente, de modo que nenhuma pedra rolasse sob seus passos ou sob os passos do príncipe, descreveram, fora do espaço iluminado, um circuito que os levou, após uma hora, à proximidade do túnel, nas encostas rochosas contra as quais se apoiavam seus primeiros contrafortes.

— Fique aqui — disse Paul, e ele falava em voz bem baixa, mas de modo que o príncipe o ouvisse. — Fique aqui e decore minhas instruções. Primeiro, você se encarrega do príncipe… revólver em punho e a mão esquerda sobre seu colarinho. Se ele esbravejar, quebre sua cabeça. Azar o nosso, e azar o dele também. Do meu lado, vou voltar a certa distância do barracão e atrair os cinco homens do posto. Então, ou o homem de guarda lá embaixo junta-se aos seus camaradas, nesse caso você passa com o príncipe; ou, seguindo as ordens, ele não se mexe, nesse caso você atira nele para feri-lo… e você passa.

— Sim, passo, mas os boches correm atrás de mim.

— Obviamente.

— E eles nos alcançam.

— Não vão alcançá-los.

— Tem certeza?

— Certeza.

— Já que você o afirma…

— Portanto, está entendido. E o senhor também — disse Paul ao príncipe —, está entendido, certo? Submissão absoluta, do contrário,

qualquer imprudência, qualquer desentendimento podem lhe custar a vida.

Bernard disse ao ouvido de seu cunhado:

— Encontrei uma corda, vou amarrá-la no pescoço dele, e, à primeira desobediência, um pequeno gesto seco o fará voltar à realidade. Somente, Paul, eu lhe aviso que, se lhe der na cabeça se debater, sou incapaz de matá-lo… assim… friamente…

— Fique tranquilo… está demais apavorado para se debater. Vai segui-lo como um cão até a outra extremidade do túnel.

— E então, uma vez lá?

— Uma vez lá, tranque-o nas ruínas de Ornequin, mas sem revelar seu nome a ninguém.

— E você, Paul?

— Não se preocupe comigo.

— No entanto…

O risco é igual para nós dois. A partida que vamos jogar é assustadora, e há chances que a percamos. Mas, se ganharmos, é a salvação de Élisabeth. Portanto, vamos de coração cheio. Até logo, Bernard. Em dez minutos, tudo deve estar resolvido, num sentido ou no outro.

Abraçaram-se longamente e Paul se afastou.

Como Paul anunciara, esse supremo esforço não podia ser bem-sucedido senão com audácia e prontidão, e era preciso executá-lo como se executa uma manobra desesperada.

Mais dez minutos e ia ser o desfecho da aventura. Mais dez minutos e seria vitorioso ou fuzilado.

Todos os atos que executou a partir desse momento foram tão ordenados e metódicos como se ele tivesse tido tempo de preparar cuidadosamente seu desencadeamento e de garantir seu inevitável sucesso, ao passo que, na realidade, tratou-se de uma série de decisões isoladas que ele tomava conforme as mais trágicas circunstâncias.

Por meio de um atalho e mantendo-se nas encostas dos outeiros formados pela exploração da areia, ele alcançou o desfiladeiro que punha em comunicação as pedreiras e o campo reservado à guarnição. No último desses outeiros, o acaso fez com que batesse num bloco de pedra que vacilou. Tateando, deu-se conta que esse bloco segurava por trás um amontoamento de areia de cascalhos.

— É disso que preciso — disse ele, sem mesmo refletir.

Com pontapé violento, sacudiu a massa que, logo, seguindo a reentrância de uma ravina, precipitou-se no desfiladeiro com o estrondo de um desmoronamento.

Com um salto, Paul pulou entre as pedras, deitou-se de bruços e começou a gritar por socorro, como se fosse vítima de um acidente.

Do lugar em que jazia, não era possível, por causa das sinuosidades do desfiladeiro, ouvi-lo das casernas, mas qualquer chamado devia ecoar até o barracão do túnel, distante de cem metros no máximo. E, de fato, os homens do posto logo acorreram.

Ele não contou menos do que cinco, que se apressaram ao seu redor e o levantaram, ao mesmo tempo que o interrogavam. Com voz mal inteligível, deu ao suboficial respostas incoerentes, ofegantes, que permitiam concluir que era enviado pelo príncipe Conrad à procura da condessa Hermine.

Paul sentia mesmo que seu estratagema não tinha nenhuma chance de ter êxito além de um tempo muito limitado, mas qualquer minuto ganhado tinha preço inestimável, já que Bernard o aproveitaria para agir do seu lado contra o sexto homem de vigia diante o túnel e para fugir com o príncipe Conrad. Talvez até esse homem acabasse por vir também… Ou talvez Bernard se livrasse dele sem precisar usar seu revólver e, consequentemente, sem chamar a atenção.

E Paul, erguendo um pouco a voz, balbuciava explicações confusas que o suboficial se irritava por não entender, quando um tiro estourou acolá, seguido por duas outras detonações.

No momento o suboficial hesitou, sem saber muito bem de onde vinha o ruído. Os homens, afastando-se de Paul, prestaram ouvidos. Nesse momento, ele passou por meio deles e saiu adiante sem que eles se dessem conta, na escuridão, que era ele que se afastava. Então, na primeira curva, pôs-se a correr, e em poucos pulos alcançou o barracão.

Avistou de relance Bernard, a trinta passos à frente, diante do orifício do túnel, lutando com o príncipe Conrad, que tentava fugir. Perto deles, a sentinela se arrastava no chão, gemendo.

Paul teve a visão muito exata do que ia fazer. Ajudar Bernard e tentar com ele o risco de uma evasão seria uma loucura, já que seus adversários os alcançariam fatalmente, e que em todo caso o príncipe Conrad seria libertado. Não, o essencial era deter a chegada dos homens do posto, cujas sombras já apareciam na saída do desfiladeiro, e permitir a Bernard que

desse cabo do príncipe.

Meio escondido pelo barracão, apontou seu revolver para eles e gritou:

— Parem!

O suboficial não obedeceu e adentrou a zona iluminada. Paul atirou. O alemão caiu, porém somente ferido, porque ordenou com voz selvagem:

— Para a frente! Vão em cima dele! Para a frente, seu bando de medrosos!

Os homens não se moviam. Paul agarrou um fuzil no feixe de armas deixadas perto do barracão, e, enquanto mirava, pôde, de um olhar lançado para trás, constatar que Bernard havia finalmente dominado o príncipe Conrad e o levava para as profundezas do túnel.

"Agora, só se trata de aguentar durante cinco minutos", pensou Paul, "para que Bernard vá o mais longe possível".

Estava tão calmo naquele momento que poderia ter contado os minutos com o batimento regular de seu pulso.

— Para a frente! Vão em cima dele! Para a frente! — não parava de exclamar o suboficial que, sem dúvida, embora não houvesse reconhecido o príncipe Conrad, discernira a silhueta de dois fugitivos.

De joelho, atirou com seu revólver em Paul, que lhe quebrou o braço com uma bala. Mas o suboficial vociferou mais do que nunca:

— Para a frente! Há dois homens que fugiram pelo túnel. Para a frente! Os reforços estão chegando.

Era meia dúzia de soldados das casernas, que acorreram ao ouvir as detonações. Paul, que conseguira penetrar no barracão, quebrou o vidro de uma claraboia e atirou três vezes. Os soldados se protegeram, mas outros chegaram, receberam as ordens do suboficial e se dispersaram, e Paul viu que escalavam as encostas vizinhas para contorná-lo. Atirou ainda algumas vezes com seu fuzil. Para quê? Qualquer esperança de resistência mais longa desaparecia.

Obstinou-se, no entanto, e manteve seus adversários a distância, atirando sem parar e ganhando assim tempo até os limites do possível. Mas percebeu que a manobra do inimigo tinha por finalidade, após tê-lo contornado, dirigir-se para o túnel e caçar os fugitivos.

Paul resistia. Tinha realmente consciência de cada segundo que passava, de cada um desses segundos inapreciáveis que aumentavam a distância em que Bernard se encontrava.

Três homens se precipitaram no orifício escancarado, e então quatro, e cinco.

Ademais, as balas começavam a chover sobre o barracão.

Paul calculava:

"Bernard deve estar a seiscentos ou setecentos metros. Os três homens que o perseguem estão a cinquenta metros… a setenta e cinco agora. Está tudo bem."

Um grupo unido de alemães vinha em direção ao barracão. Era evidente que não acreditavam que Paul estivesse trancado sozinho nele, de tanto que ele redobrava seus esforços. Dessa vez só lhe restava se render.

"Está na hora", pensou ele. "Bernard está fora da zona de perigo".

Bruscamente, precipitou-se para o quadro que continha as manetas que correspondiam aos fornilhos de mina praticados no túnel, com coronhada estraçalhou o vidro e abaixou a primeira e a segunda das manetas.

A terra pareceu tremer. Um barulho de trovão rolou sob o túnel e se propagou longamente como um eco repicando.

Entre Bernard de Anville e o grupo que procurava alcançá-lo, o caminho estava bloqueado. Bernard podia levar tranquilamente para a França o príncipe Conrad.

Então, Paul saiu do barracão, levantando os braços e gritando com voz alegre:

— Camarada! Camarada!

Dez homens já o cercavam e um oficial que os comandava berrou, louco de raiva:

— Que seja fuzilado…! Agora mesmo… Agora mesmo… Que seja fuzilado…!

A lei do vencedor

Mesmo sendo tratado com brutalidade, Paul não opôs qualquer resistência. Enquanto o punham, com violência exasperada, contra uma parede vertical da falésia, ele continuava calculando mentalmente:

"É matematicamente certo que as duas explosões se produziram a distâncias de trezentos a quatrocentos metros. Portanto, posso considerar também como certeiro que Bernard e o príncipe Conrad estavam além desse ponto, e que os homens que os perseguiam estavam aquém. Então, está tudo ótimo."

Docilmente, como uma espécie de irônica complacência, entregava-se aos preparativos de sua execução, e os doze soldados encarregados dela, alinhando-se na viva luz de um projetor elétrico, já só esperavam uma ordem. O suboficial que fora ferido no começo da luta, arrastou-se até ele e disse em tom esganiçado:

— Fuzilado…! Fuzilado…! "*Franzose*" imundo…

Ele respondeu, rindo:

— Não, não, as coisas não estão indo tão depressa.

— Fuzilado — repetiu o outro. — O *herr leutnant* disse.

— E então! O que está esperando o *herr leutnant*?

O tenente fazia uma rápida averiguação na entrada do túnel. Os homens que haviam entrado nele voltaram correndo, meio asfixiados pelos gases da explosão. Quanto ao soldado de vigia de quem Bernard tivera que se livrar, perdia sangue tão abundantemente que tiveram que renunciar a obter dele novas informações.

Foi nesse momento que notícias chegaram das casernas. Acabaram de saber por um estafeta enviado da casa que o príncipe Conrad havia

desaparecido, e ordenou aos oficiais que dobrassem os postos e reforçassem a vigilância, principalmente nos arredores do túnel.

Decerto Paul esperara essa diversão, ou qualquer outra semelhante, que suspendesse sua execução. O dia começava a raiar, e ele supunha que, o príncipe Conrad tendo sido deixado totalmente embriagado em seu quarto, um de seus criados devia ter por missão vigiá-lo. Esse criado, encontrando as portas trancadas, havia dado o alarme. Daí as buscas imediatas.

Mas a surpresa de Paul foi que não suspeitassem do sequestro do príncipe por meio do túnel. O soldado de guarda desmaiado não podia falar. Os homens não se deram conta de que, entre dois fugitivos que avistaram de longe, um dos dois arrastava o outro. Em suma, pensaram que o príncipe havia sido assassinado. Seus agressores deviam ter jogado o corpo em algum lugar das pedreiras antes de fugirem. Dois deles conseguiram escapar. O terceiro estava preso. E nem um segundo sequer pensaram numa empreitada cuja audácia, justamente, ultrapassava a imaginação.

De qualquer modo, já não era mais questão de fuzilar Paul sem inquérito preliminar, e sem que os resultados desse inquérito fossem comunicados ao alto escalão.

Foi levado à casa do príncipe onde, após lhe retirar o capote alemão e tê-lo revistado minuciosamente, trancaram-no em um quarto sob a proteção de quatro homens sólidos.

Permaneceu aí cochilando por várias horas, encantado com esse descanso de que muito precisava e, de resto, bem tranquilo, já que Karl estava morto, a condessa Hermine ausente, Élisabeth em segurança, e só lhe restava entregar-se ao curso normal dos eventos.

Por voltar das dez horas, recebeu a visita de um general que tentou interrogá-lo, e que, sem receber nenhuma resposta satisfatória, enfureceu-se, mas com certa reserva em que Paul entreviu esse tipo de consideração que se experimenta para com criminosos notáveis.

"Está tudo bem", ele pensou. "Essa visita não passa de uma etapa e me anuncia a visita de um embaixador mais importante, algo como um plenipotenciário."

Segundo as palavras do general, entendeu que continuavam procurando o corpo do príncipe. Aliás, procuravam-no também fora do recinto, já que um novo fato, a descoberta e as revelações do motorista rendido nas dependências por Paul e Bernard, assim como a partida e o

regresso do automóvel, sinalizados pelos postos, abriam singularmente o campo das investigações.

Ao meio-dia, serviram a Paul uma refeição substancial. O trato melhorava. Houve cerveja e café.

"Talvez eu seja fuzilado", pensava ele, "mas conforme as regras e não antes que saibam exatamente qual é o misterioso personagem que têm a honra de fuzilar, os motivos de sua empreitada, e os resultados obtidos. Ora, só eu posso dar as informações. Portanto…"

Sentia tão nitidamente a força de sua posição e a necessidade em que o adversário se encontrava de contribuir ao sucesso de seu plano que não ficou surpreso ao ser levado, uma hora depois, a um pequeno salão da casa, na presença de dois personagens agaloados, que mandaram que fosse revistado mais uma vez, e então amarrado com insólito luxo de precauções.

"Deve ser ao menos", ele pensou, "o chanceler do império que se deslocou para me ver… a menos que…"

No fundo de si, dadas as circunstâncias, não podia deixar de prever uma intervenção mais poderosa até que a do chanceler, e quando ouviu, sob as janelas da casa, um automóvel parar, quando constatou a agitação dos dois personagens agaloados, teve a certeza de que seus cálculos recebiam uma retumbante confirmação.

Tudo estava pronto. Antes mesmo que a aparição se produzisse, os dois personagens se aprumaram em uma postura militar, e os soldados, ainda mais rígidos, tomaram a aparência de manequins.

A porta se abriu.

A entrada pareceu uma rajada de vento, num tinido de espada e esporas. Imediatamente, o homem que assim chegava dava uma impressão de febril pressa e partida iminente. O que vinha cumprir, só tinha um número restrito de minutos para fazê-lo.

Um gesto: todos os presentes se retiraram.

O imperador e o oficial francês permaneceram um diante do outro.

E logo o imperador articulou, com voz furiosa:

— Quem é o senhor? O que veio fazer aqui? Onde estão seus cúmplices? Sob as ordens de quem o senhor agiu?

Era difícil reconhecer nele a imagem que ofereciam suas fotografias e os desenhos dos jornais, de tal modo o rosto havia envelhecido, máscara agora devastada, cavada de rugas, borrada por uma tez amarelada.

Paul tremeu de ódio, não tanto de um ódio pessoal provocado pela lembrança de seus próprios sofrimentos, quanto de um ódio feito de horror e desprezo para com o maior criminoso que se pudesse imaginar. E, apesar de sua absoluta vontade de não se afastar das fórmulas usuais e das regras de aparente respeito, ele respondeu:

— Soltem-me!

O imperador estremeceu. Decerto, era a primeira vez que alguém lhe falava desse jeito, e ele exclamou:

— Mas o senhor esquece que basta uma palavra para que seja fuzilado! E se atreve! Exige condições!

Paul ficou calado. O imperador ia e vinha, a mão sobre o cabo da espada que deixava arrastar no tapete. Duas vezes parou e olhou Paul e, como este não se mexia, voltou a andar ainda mais indignado.

E, de repente, apertou o botão de um sino elétrico.

— Soltem-no! — ordenou àqueles que se precipitaram para atender seu chamado.

Liberado de suas amarras, Paul se levantou e corrigiu sua postura como um soldado diante de um superior.

De novo a sala se esvaziou. Então, o imperador se aproximou, e, deixando entre Paul e ele a proteção de uma mesa, perguntou, em tom ainda rude:

— O príncipe Conrad?

Paul respondeu:

— O príncipe Conrad não está morto. Majestade, está em boa saúde.

— Ah! — fez o cáiser, visivelmente aliviado.

E prosseguiu, evitando ainda atacar o fundo do assunto:

— Isso não muda as coisas no que lhe diz respeito: agressão… espionagem… sem contar o assassinato de um de meus melhores servidores…

— O espião Karl, não é, Majestade? Ao matá-lo, não fiz nada senão me defender contra ele.

— Mas o senhor o matou? Portanto, por esse assassinato e pelo resto, o senhor será fuzilado.

— Não, Majestade. A vida do príncipe Conrad depende de minha.

O imperador deu de ombros.

— Se o príncipe Conrad estiver vivo, vamos encontrá-lo.

— Não, Majestade. Não será encontrado.

— Não há esconderijo na Alemanha que possa se subtrair às minhas buscas — afirmou, batendo o punho.

— O príncipe Conrad não está na Alemanha, Majestade.

— Hem? O que está dizendo?

— Digo que o príncipe Conrad não está na Alemanha, Majestade.

— E onde está nesse caso?

— Na França.

— Na França!

— Sim, Majestade, no Castelo de Ornequin, vigiado por meus amigos. Se amanhã à noite, às seis horas, eu não estiver junto deles, o príncipe Conrad será entregue às autoridades militares.

O imperador pareceu sufocado a tal ponto que sua fúria definhou de repente e que ele nem procurou esconder a violência do golpe. Toda a humilhação, todo o ridículo que respingariam sobre ele, sobre sua dinastia e o império, se seu filho fosse prisioneiro, as gargalhadas do mundo inteiro diante dessa notícia, a insolência que daria ao inimigo a posse de tal refém, tudo isso transpareceu em seu olhar inquieto e em seus ombros que se curvaram.

Paul sentiu a vibração da vitória. Segurava esse homem tão fortemente quanto se segura sob o joelho o vencido que pede graça, e o equilíbrio das forças presentes estava tão bem rompido ao seu favor que os próprios olhos do cáiser, levantando-se sobre ele, deram a Paul a impressão de seu triunfo.

O imperador entrevia as fases do drama que se desenrolara no decorrer da noite, a chegada pelo túnel, o sequestro pelo túnel, a explosão das minas provocada para garantir a fuga dos agressores.

E o louco atrevimento da aventura o confundia.

Ele murmurou:

— Quem é o senhor?

Paul se departiu um pouco de sua postura rígida. Tremendo, pôs uma de suas mãos sobre a mesa que os separava, e ele pronunciou gravemente:

— Há dezesseis anos, Majestade, num final de tarde do mês de setembro…

— Hem! O que significa…? — articulou o imperador, surpreso por esse preâmbulo.

— Vossa Majestade me perguntou. Devo responder.

E ele prosseguiu, com a mesma gravidade:

— Há dezesseis anos, num final de tarde do mês de setembro, Vossa Majestade visitou, conduzido por uma pessoa… como posso dizer? uma pessoa encarregada de seu serviço de espionagem, as obras do túnel de Ébrecourt em Corvigny. No exato momento em que saía de uma pequena capela localizada nos bosques de Ornequin, Vossa Majestade se deparou com dois franceses, o pai e o filho… Vossa Majestade se lembra? Chovia… e esse encontro lhe foi tão desagradável que um movimento de humor lhe escapou. Dez minutos depois, a dama que o acompanhava voltou, e quis levar um desses franceses, o pai, no território alemão, sob o pretexto de um encontro com Vossa Majestade. O francês recusou. A mulher o assassinou sob os olhos de seu filho. Ele se chamava Delroze. Era meu pai.

O cáiser havia escutado com crescente estupor. Pareceu a Paul que a tez de seu rosto ficava ainda mais amarelada. No entanto, ele manteve a compostura sob o olhar de Paul. Para ele, a morte desse sr. Delroze era um desses mínimos incidentes nos quais um imperador não se detém. Será que somente se lembrava?

Recusando-se, portanto, a explicar um crime que certamente não encomendara, mas do qual sua indulgência para com a criminosa o tornava cúmplice, limitou-se, após um silêncio, a deixar cair estas palavras:

— A condessa Hermine é responsável por seus atos.

— E só é responsável perante si própria — comentou Paul —, já que a justiça de seu país não quis que tivesse que prestar contas deste.

O imperador deu de ombros, como um homem que desdenha discutir questões de moral alemã e de política superior. Consultou seu relógio, tocou o sino, avisou que sua partida ocorreria dentro de poucos minutos e, voltando-se para Paul:

— Assim — disse ele —, é para vingar a morte de seu pai que o senhor sequestrou o príncipe Conrad?

— Não, Majestade, isso é uma questão entre a condessa Hermine e eu, mas com o príncipe Conrad tenho outra coisa para resolver. Durante sua estadia no Castelo de Ornequin, o príncipe Conrad assediou uma jovem mulher que morava nesse castelo. Rechaçado por ela, ele a levou como prisioneira, aqui, em sua casa. Essa jovem mulher traz meu nome. Vim buscá-la.

A atitude do imperador evidenciava que ele ignorava tudo dessa história e que as travessuras de seu filho o importunavam singularmente.

— Tem certeza? — disse ele. — Essa dama está aqui?

— Estava aqui ontem à noite, Majestade. Mas a condessa Hermine, tendo resolvido matá-la, confiou minha mulher ao espião Karl com missão de subtrair a pobre às buscas do príncipe Conrad e de envenená-la.

— Mentira! Abominável mentira! — exclamou o imperador.

— Eis o frasco que a condessa Hermine entregou ao espião Karl.

— Depois? Depois? — mandou o cáiser com voz irritada.

— Depois, Majestade? Karl estando morto e como não sei o lugar onde se encontrava minha mulher, voltei aqui. O príncipe Conrad dormia. Com um de meus amigos, eu o tirei de seu quarto e despachei para a França pelo túnel.

— O senhor fez isso?

— Fiz, Majestade.

— E, certamente, em troca da liberdade do príncipe Conrad está pedindo a liberdade de sua mulher?

— Sim, Majestade.

— Mas — exclamou o imperador — ignoro onde ela está!

— Está em um castelo que pertence à condessa Hermine. Pense um instante, Majestade… um castelo no qual se chega em algumas horas de carro, portanto situado a cento e cinquenta, duzentos quilômetros, no máximo.

Taciturno, o imperador batia na mesa com o manípulo de sua espada, com pequenos golpes raivosos.

— É só isso que está me pedindo? — disse ele.

— Não, Majestade.

— O que mais?

— A liberdade de vinte prisioneiros franceses cuja lista me foi entregue pelo general comandante do exército francês.

Dessa vez o imperador se levantou de um só salto.

— Está louco! Vinte prisioneiros e todos oficiais, certamente? Chefes de corpos, generais!

— A lista inclui também simples soldados, Majestade.

O imperador não o escutava. Expressava-se por gestos desordenados e interjeições incoerentes. Fulminava Paul com o olhar. A ideia de sofrer a lei

desse tenentezinho francês, cativo, e que, no entanto, falava como quem manda, devia lhe parecer terrivelmente desagradável. Em vez de castigar o insolente inimigo, precisava discutir com ele e baixar a cabeça sob a afronta de suas propostas! Mas o que fazer? Nenhuma saída se oferecia. Tinha como adversário um homem que nem a tortura tivesse dobrado.

E Paul prosseguiu:

— Majestade, a liberdade de minha mulher contra a liberdade do príncipe Conrad, o acordo seria verdadeiramente por demais desigual. O que importa à Vossa Majestade que minha mulher esteja cativa ou livre? Não, é justo que a liberação do príncipe Conrad seja objeto de uma troca que a justifique… e vinte prisioneiros francês, não é demais… De resto, é inútil que isso aconteça publicamente. Os prisioneiros voltarão à França um por um, se preferir, como se trocados contra prisioneiros alemães de mesma patente… de modo que…

Quanta ironia nessas palavras conciliadoras destinadas a amenizar o amargor de uma derrota e a dissimular, sob a aparência de uma concessão, o golpe dado ao orgulho imperial! Paul saboreava profundamente esses minutos. Tinha a impressão que esse homem, a quem uma decepção de amor-próprio relativamente tão pequena infligia um tormento tão grande, ademais devia sofrer ao ver abortar seu plano gigantesco e ao se sentir esmagado sob o peso do formidável destino.

"Vamos", pensou Paul, "estou bem vingado, e isso é só o começo de minha vingança".

A capitulação estava próxima. O imperador declarou:

— Eu vou ver… Vou dar ordens.

Paul protestou:

— Seria perigoso esperar, Majestade. A captura do príncipe Conrad poderia ficar conhecida na França…

— Pois bem — disse o imperador —, traga o príncipe Conrad e no mesmo dia sua mulher lhe será devolvida.

Mas Paul foi inflexível. Exigia que lhe fizessem inteiramente confiança.

— Majestade, não penso que as coisas devam se passar assim. Minha mulher se encontra na mais horrível situação que seja, e sua própria existência está em jogo. Peço para ser levado imediatamente junto dela. Esta noite, ela e eu estaremos na França. É indispensável que estejamos lá à noite.

Repetiu essas palavras em tom mais firme, e acrescentou:

— Quanto aos prisioneiros franceses, Majestade, sua entrega será efetuada nas condições que lhe agradar definir. Eis a lista com seu local de carceragem.

Paul pegou um lápis e uma folha de papel. Assim que acabou, o imperador lhe arrancou a lista das mãos, e logo seu rosto se convulsionou. Cada um dos nomes, por assim dizer, fazia-o tremer de impotente raiva. Amassou a folha e reduziu-a a uma bola, como se estivesse decidido a romper qualquer acordo.

Mas, de repente, sem mais resistência, de um movimento brusco, em que havia uma pressa febril de acabar com toda essa exasperante história, por três vezes apertou o sino elétrico.

Um oficial de ordenança entrou rapidamente e bateu continência diante dele.

O imperador refletiu mais um momento.

Então, determinou:

— Leve o tenente Delroze de automóvel ao Castelo de Hildensheim, de onde o trará com sua esposa até os postos avançados de Ébrecourt. Oito dias depois, você o encontrará nesse mesmo ponto de nossas linhas. Ele será acompanhado do príncipe Conrad, e você de vinte prisioneiros franceses cujos nomes já estão inscritos nesta lista. A troca acontecerá de maneira discreta, que você definirá com o tenente Delroze. É isso. Você me deixará a par mediante relatórios pessoais.

Isso foi lançado aos solavancos, em tom autoritário, como uma série de medidas que o imperador tivesse tomado por conta própria, sem sofrer qualquer pressão e pelo simples efeito de sua vontade imperial.

Tendo assim resolvido esse assunto, saiu de cabeça erguida, a espada vitoriosa e a espora sonora.

“Mais uma vitória ao seu crédito. Que cabotino!”, pensou Paul, que não pôde deixar de rir, para grande escândalo do oficial de ordenança.

Ouviu o carro do imperador dar a partida.

A conversa não havia durado dez minutos.

Um momento depois, ele próprio ia embora e corria pela estrada de Hildensheim.

O esporão 132

Que viagem feliz! E com que alegria Paul Delroze a fez! Finalmente, alcançava sua meta, e dessa vez não era uma daquelas empreitadas arriscadas que, com frequência, terminam pela mais cruel das decepções; no final dessa estava o desfecho lógico e a recompensa de seus esforços. Nem a sombra de uma preocupação podia anuviá-lo. Existem vitórias, e a que acabara de obter contra o imperador era dessas, que consequentemente provocam a submissão de todos os obstáculos. Élisabeth se encontrava no Castelo de Hildensheim, e ele se dirigia para esse castelo sem que nada pudesse se opor ao seu impulso.

À claridade do dia, pareceu-lhe reconhecer as paisagens que se escondiam dele nas trevas da noite anterior, tal aldeia, tal aglomeração, tal rio por onde já passara. E ele viu a sucessão dos pequenos bosques. E viu a vala perto da qual lutara com o espião Karl.

Não precisou mais do que uma hora ainda para chegar à colina que dominava a fortaleza feudal de Hildensheim. Largos fossos a precediam, atravessados por uma ponte levadiça. Um zelador desconfiado se apresentou, mas algumas palavras do oficial abriram totalmente as portas.

Dois criados acorreram do castelo, e a uma pergunta de Paul, responderam-lhe que a dama francesa passeava à beira da lagoa.

Pediu o caminho e disse ao oficial:

— Irei sozinho. Iremos embora imediatamente.

Havia chovido. Um pálido sol de inverno, deslizando entre grandes nuvens, iluminava os gramados e maciços de plantas. Paul ladeou estufas, passou por um grupo de rochas artificiais de onde escapava um fraco fio de água que formava, em uma paisagem de pinheiros negros, uma vasta lagoa

alegrada por cisnes e patos selvagens.

Na extremidade dessa lagoa, havia um terraço enfeitado com estátuas e bancos de pedra.

Élisabeth estava ali.

Uma emoção indizível tomou conta de Paul. Desde a véspera da guerra, Élisabeth estava perdida para ele. Desde aquele dia, ela sofrera as mais terríveis provações, e as sofrera pelo único motivo que queria parecer aos olhos de seu marido uma mulher irrepreensível, filha de uma mãe irrepreensível.

E eis que ele a encontrava em uma hora em que nenhuma das acusações lançadas contra a condessa Hermine podia ser descartada, e em que a própria Élisabeth, por sua presença na ceia do príncipe Conrad, provocara em Paul tamanha indignação.

Mas como tudo isso já era distante! E como pouco contava! A infâmia do príncipe Conrad, os crimes da condessa Hermine, os laços de parentesco que podiam unir as duas mulheres, todas as lutas que Paul sustentara, todas suas angústias, todas suas revoltas, todos seus ódios… tantos detalhes insignificantes, agora que avistava a vinte passos dele sua pobre bem-amada. Não pensou em mais nada senão nas lágrimas que ela havia derramado e não vislumbrou mais nada senão sua silhueta emagrecida, tremendo sob a brisa invernal.

Aproximou-se. Seu passo rangeu nos cascalhos da alameda, e a jovem mulher se virou.

Ela não fez um único gesto. Ele entendeu, pela expressão de seu olhar, que não o via, na realidade, mas que, para ela, era como um fantasma que surge das brumas do sonho, e que esse fantasma devia flutuar com frequência diante de seus olhos alucinados.

Ela até chegou a lhe sorrir um pouco, porém tão tristemente que Paul juntou as mãos e esteve prestes de se ajoelhar.

— Élisabeth… Élisabeth… — balbuciou ele.

Então ela se levantou, levou a mão ao coração e ficou ainda mais pálida que na noite anterior, entre o príncipe Conrad e a condessa Hermine. A imagem saía das brumas. A realidade se precisava diante dela e em sua mente. Dessa vez ela via Paul!

Ele se precipitou, achando que Élisabeth ia cair. Mas ela fez um esforço sobre si mesma, estendeu as mãos para que ele não avançasse, e o olhou

profundamente, como se quisesse penetrar nas próprias trevas de sua alma e saber o que ele pensava.

Paul não se mexeu, todo palpitante de amor.

Ela murmurou:

— Ah! Vejo que você me ama… não cessou de me amar… agora tenho certeza.

No entanto, mantinha os braços estendidos como um obstáculo, e ele mesmo não procurava ir adiante. Toda a vida e toda a felicidade deles estavam na troca de olhares, e, ao passo que seus olhos se misturavam perdidamente, ela prosseguiu:

— Disseram-me que você estava prisioneiro. Então é verdade? Ah! Como supliquei que me levassem até você! Como eu me rebaixei! Tive que me sentar à mesa deles, e rir de suas graças, e usar suas joias, colares de perolas que me impuseram. Tudo isso para vê-lo…! E sempre prometiam… e, finalmente, essa noite me trouxeram aqui… ou então era uma nova armadilha… ou decidiam-se finalmente a me matar… e agora você está aqui… Está aqui… você, meu Paul querido…!

Segurou-lhe o rosto com as duas mãos e, de repente, desesperada:

— Mas você não vai embora de novo? Amanhã somente, não é? Não vão tirá-lo de mim, assim, após alguns minutos? Você vai ficar, não é? Ah, Paul, não tenho mais coragem… Não me deixe mais…

Ficou muito surpresa ao vê-lo sorrir.

— O que você tem, meu Deus? Como parece feliz!

Ele se pôs a rir e, desta vez, puxando-a contra si com autoridade que não admitia qualquer resistência, beijou-lhe os cabelos e a testa, e as faces e os lábios, e dizia:

— Estou rindo porque não há outra coisa a fazer senão rir e beijá-la. Estou rindo porque imaginei muitas histórias absurdas… Sim, imagina, essa ceia de ontem… avistei-a de longe, e pensei que eu fosse morrer de dor… eu a acusei do não sei mais o quê… Como é preciso ser burro!

Ela não entendia sua alegria, e repetiu:

— Como está feliz! Como pode estar tão feliz?

— Não há motivo para que eu não o esteja — disse Paul ainda rindo. — Olhe, pense… Nós nos encontramos após adversidades, perto das quais as que assolaram a família dos Átridas não são nada. Estamos juntos, nada mais pode nos separar, e você não quer que eu esteja feliz?

— Nada mais pode então nos separar? — disse ela, toda ansiosa.

— Obviamente. É tão estranho assim?

— Você vai ficar comigo? Vamos viver aqui?

— Ah! Não, claro… Que ideia é essa! Você vai arrumar suas coisas depressa e vamos embora.

— Para onde?

— Onde? Para a França. Pensando bem, é o único lugar onde ainda nos sentimos à vontade.

E, como ela o observava, estupefata, ele lhe disse:

— Vamos nos apressar. O carro está esperando por nós e prometi a Bernard… sim, seu irmão Bernard, prometi que estaríamos com ele ainda esta noite… Está pronta? Ah, mas por que esse ar apavorado? Precisa de explicações? Mas, minha querida adorada, teremos horas e horas para nos explicarmos. Você virou a cabeça de um príncipe imperial… e então foi fuzilada… e então… e então… Mas enfim! Vou precisar pedir ajuda para que me siga?

De repente, ela entendeu que ele estava falando sério, e lhe disse, sem tirar os olhos dele:

— É verdade? Estamos livres?

— Totalmente livres.

— E voltamos para a França?

— Diretamente.

— Não temos mais nada a temer.

— Nada.

Então, ela se sentiu bruscamente aliviada. Pôs-se a rir também, em um desses acessos de alegrias desenfreados em que nos entregamos a todas as criancices e infantilidades. Por pouco, teria cantado e dançado. E, no entanto, suas lágrimas corriam. E ela balbuciava:

— Livre…! Acabou…! Se sofri…? Mas não… Ah! Você sabia que fui fuzilada? Pois bem, eu lhe juro que não é tão terrível assim… Eu lhe contarei isso e muitas outras coisas… Você também vai me contar… Como conseguiu? Então, você é mais forte que eles? Mais forte que o inefável Conrad, mais forte que o imperador? Meu Deus, como é engraçado! Meu Deus, como é engraçado…!

Ela se interrompeu e, agarrando-lhe o braço com uma violência súbita:

— Vamos embora, meu querido. É uma loucura ficar aqui um segundo a mais. Essa gente é capaz de tudo. São traiçoeiros, criminosos. Vamos embora… Vamos embora…

Eles partiram.

Nenhum incidente atrapalhou a viagem. De noite, chegavam às linhas da frente, diante de Ébrecourt.

O oficial de ordenança, que tinha plenos poderes, mandou acender um refletor, e ele próprio, após ter dado ordens para que se agitasse uma bandeira branca, levou Élisabeth e Paul até o oficial francês que se apresentou.

Este telefonou aos serviços da retaguarda. Um automóvel foi enviado.

Às nove horas, Élisabeth e Paul paravam diante da grade de Ornequin, e Paul mandava chamar Bernard, ao encontro do qual ele foi:

— É você, Bernard? — disse Paul. — Ouça-me e sejamos breves. Estou trazendo Élisabeth. Sim, ela está aqui no carro. Estamos partindo para Corvigny e você vem conosco. Enquanto vou buscar minha mala e você a sua, dê as ordens necessárias para que o príncipe Conrad seja vigiado de perto. Está bem trancado, não é?

— Sim.

— Então, depressa. Trata-se de alcançar a mulher que você viu ontem à noite no momento em que ela entrava no túnel. Já que está na França, vamos atrás dela.

— Você não acha, Paul, que encontraríamos mais facilmente sua pista se voltássemos ao túnel e procurássemos o lugar em que desemboca nos arredores de Corvigny?

— Seria perda de tempo. Estamos em um momento de luta e precisamos pular etapas.

— Mas, Paul, a luta acabou, já que Élisabeth foi salva.

— A luta não vai acabar enquanto essa mulher estiver viva.

— Mas enfim, quem é?

Paul não respondeu.

Às dez horas, os três desciam em frente à estação de Corvigny. Não havia mais trem. Todo mundo dormia. Sem se abalar, Paul foi até o posto militar, acordou a ajudante de serviço, mandou chamar o chefe da estação, mandou chamar o bilheteiro, e conseguiu, após um minucioso inquérito, estabelecer que, na própria manhã dessa segunda-feira, uma mulher

comprara uma passagem para Château-Thierry, apresentando um salvo-conduto em regra no nome de sra. Antonin. Nenhuma outra mulher havia viajado sozinha. Ela usava o uniforme da Cruz Vermelha. Sua descrição, em tamanho e rosto, correspondia àquele da condessa Hermine.

— É ela mesma — afirmou Paul, uma vez acomodado no hotel vizinho, junto com Élisabeth e Bernard, para passar a noite. — É ela mesma. Só podia ir embora de Corvigny por esse meio. E é por lá que amanhã de manhã, terça-feira, no mesmo horário que ela, iremos embora. Espero que ela não tenha tempo de pôr em execução o projeto que a traz à França. De qualquer modo, a ocasião é única para nós. Temos que aproveitá-la.

E como Bernard repetia:

— Mas, enfim, quem é?

Ele respondeu:

— Quem é? Élisabeth vai lhe dizer. Temos uma hora à nossa frente para nos explicarmos sobre certos pontos, e então descansaremos, algo de que nós três estamos precisando.

No dia seguinte, foram embora.

A confiança de Paul era inabalável. Embora não soubesse nada das intenções da condessa Hermine, tinha certeza de estar no caminho certo. De fato, várias vezes tiveram a prova que uma enfermeira da Cruz Vermelha, viajando sozinha e na primeira classe, havia passado na véspera pelas mesmas estações.

Desceram em Château-Thierry perto do entardecer. Paul se informou. Na noite anterior, um automóvel da Cruz Vermelha, que esperava diante da estação, levara a enfermeira. Esse automóvel, de acordo com o exame de sua documentação, estava a serviço de uma das ambulâncias estabelecidas na retaguarda de Soissons, mas ninguém podia precisar o lugar exato dessa ambulância.

A informação bastava a Paul. Soissons ficava mesmo na linha de frente.

— Vamos — disse ele.

A ordem que possuía, assinada pelo general-chefe, dava-lhe todos os poderes necessários para requisitar um automóvel e penetrar na zona de combate. Chegaram a Soissons no momento do jantar.

Os subúrbios, bombardeados e destruídos, estavam desertos. A cidade em si parecia em grande parte abandonada. Mas, à medida que se aproximavam do centro, certa animação se notava nas ruas. Companhias

passavam às pressas. Canhões e carretas de munições corriam ao trote de seus cavalos, e no hotel que lhes indicaram na praça principal, em que vários oficiais estavam hospedados, havia agitação, idas e vindas, e uma leve desordem.

Paul e Bernard foram se informar. Responderam-lhes que, havia uns dias, atacavam com sucesso as encostas situadas em frente de Soissons, do outro lado do rio Aisne. Dois dias antes, batalhões de caçadores e de marroquinos haviam investido contra o esporão 132. Na véspera, seguraram as posições conquistas e tomaram as trincheiras da saliência de Crouy.

Ora, durante a noite anterior, no exato momento em que o inimigo contra-atacava violentamente, produziu-se um fato bastante estranho. O Aisne, engrossando em decorrência de fortes chuvas, transbordava e arrastava todas as pontes de Villeneuve e de Soissons.

A cheia do Aisne era normal, mas, por mais forte que fosse, ela não explicava a ruptura das pontes, e essa ruptura, coincidindo com o contra-ataque alemão, e que parecia provocada por meios suspeitos que tentavam esclarecer, havia complicado a situação das tropas francesas ao tornar quase impossível o envio de reforços. O dia todo, as tropas haviam se mantido no esporão, mas com dificuldade e muitas perdas. Naquele momento, traziam pela margem direita do Aisne parte da artilharia.

Paul e Bernard não tiveram um segundo de hesitação. Nisso tudo, reconheciam a mão da condessa Hermine. Ruptura das pontes, ataques alemães, ambos os eventos se produzindo na exata noite precedendo sua chegada, como duvidar que não fossem a consequência de um plano concebido por ela e cuja execução, preparada para a época em que as chuvas engrossavam o Aisne, provava a colaboração da condessa e do estado-maior inimigo?

Aliás, Paul se lembrava as frases que ela trocara com o espião Karl diante da escada da casa do príncipe Conrad:

— Vou para França… Está tudo pronto. O tempo está favorável e o estado-maior me avisou… Portanto, estarei lá amanhã à noite… e bastará uma ajudinha.

A ajudinha, ela a dera. Todas as pontes, previamente sabotadas pelo espião Karl ou por agentes sob suas ordens, haviam desmoronado.

— Obviamente, é ela — disse Bernard. — E então, se é ela, por que parece inquieto? Ao contrário, você deveria se alegrar porque agora temos

logicamente certeza de alcançá-la.

— Sim, mas será que a alcançaremos a tempo? Em sua conversa com Karl, ela falou de outra ameaça que me parece muito mais grave e cujos termos eu já lhe trouxe: "A sorte está virando contra nós. Se eu conseguir, será o fim de nossos reveses". E como seu cúmplice lhe perguntava se ela tinha o consentimento do imperador, ela respondeu: "Inútil. São empreitadas de que não se fala". Você entende, Bernard, que não se trata do ataque alemão nem da ruptura das pontes, isso é próprio da guerra e o imperador está informado; não, trata-se de outra coisa que deve coincidir com os eventos e dar-lhes sua significação completa. Essa mulher não pode acreditar que um avanço de um ou dois quilômetros seja um incidente capaz de pôr fim ao que ela chama de reveses. O que, então? O que há? Não sei. E é a razão de minha angústia.

Toda aquela noite e todo o dia da quarta-feira, 13, Paul os empregou em investigações nas ruas da cidade ou nas margens do Aisne. Pusera-se em relação com a autoridade miliar. Oficiais e soldados participavam de suas buscas. Vasculharam várias casas e interrogaram vários moradores.

Bernard se oferecera para acompanhá-lo, mas ele recusou obstinadamente:

— Não. É verdade que essa mulher não o conhece, mas não deve ver sua irmã. Peço, portanto, que fique com Élisabeth, para impedi-la de sair, e que cuide dela sem um segundo de descanso, porque estamos lidando com o inimigo mais terrível que seja.

Assim, os irmãos passaram todas as horas desse dia colados nas vidraças de sua janelas. Paul voltava rapidamente para tomar suas refeições. Estava tremendo de esperança.

— Está aí — ele se dizia. — Deve ter abandonado, junto com quem a acompanhava no carro, seu disfarce de enfermeira, e está a espreita no fundo de algum buraco, como uma aranha atrás de sua teia. Eu a vejo, com telefone na mão, e dando ordens a todo um bando de indivíduos, escondidos como ela, e como ela invisíveis. Mas seu plano, começo a discerni-lo, e tenho uma vantagem sobre ela, é que ela acredita estar em segurança. Ignora a morte de seu cúmplice Karl. Ignora meu encontro com o cáiser. Ignora a libertação de Élisabeth, ignora nossa presença aqui. Está em minhas mãos, a abominável criatura. Está em minhas mãos.

As notícias da batalha, no entanto, não estavam melhorando.

O movimento de recuo continuava na margem esquerda. Em Crouy, a amargura das perdas e a espessura da lama travavam o ímpeto dos marroquinos. Um embarcadouro, construído às pressas, ia à deriva.

Quando Paul reapareceu, por volta das seis da tarde, um pouco de sangue pingava de sua manga. Élisabeth se assustou.

— Não é nada — disse ele, rindo. — Um arranhão que fiz a mim mesmo, não sei onde.

— Mas sua mão, olhe sua mão. Está sangrando!

— Não, não é meu sangue. Não se preocupe. Está tudo bem.

Bernard lhe disse:

— Sabe que o general-chefe está em Soissons desde hoje de manhã?

— Sim, parece… Melhor assim. Eu gostaria de lhe entregar a espiã e seus cúmplices. Seria um belo presente.

Por mais uma hora ele esteve afastado. Então, voltou e fez-se servir o jantar.

— Agora, parece que tem certeza de suas informações — observou Bernard.

— Será que um dia temos certeza? Essa mulher é o diabo em pessoa.

— Mas você conhece seu esconderijo?

— Sim.

— E está esperando o quê?

— Nove horas. Até lá, vou descansar. Acordem-me um pouco antes das nove.

O canhão não parava de trovoar na noite longínqua. Às vezes, um obus caía sobre a cidade com grande estrondo. Tropas passavam em todas as direções. Então, havia silêncios em que todos os ruídos da guerra pareciam suspensos, e eram esses minutos, talvez, que tomavam a mais temível significação.

Paul despertou sozinho.

Disse à sua mulher e a Bernard:

— Vocês sabem que vão fazer parte da expedição. Vai ser duro, Élisabeth, muito duro. Tem certeza que vai aguentar?

— Ah! Paul… Mas você mesmo, como está pálido!

— Sim — disse ele —, um pouco de emoção. Não por causa do que vai acontecer… Mas, até o último momento, e apesar de todas as precauções

tomadas, terei medo que o adversário escape…

— Contudo…

— Ah! Sim, uma imprudência, uma má sorte que os alerte e teremos que recomeçar tudo do início… O que está fazendo, Bernard?

— Estou pegando meu revólver.

— Inútil.

— O quê? — disse o jovem homem. — Então, não vai ter luta em sua expedição?

Paul não respondeu. Conforme seu hábito, só se expressava agindo ou após ter agido, Bernard pegou seu revólver.

Soava a última badalada das nove horas quando atravessaram a praça principal, no meio das trevas em que permeava, aqui e ali, um fino feixe de luz que irrompia de uma loja fechada.

Na praça da catedral, cuja sombra gigante sentiram acima deles, uma grupo de soldados estava reunido.

Paul, tendo lançado sobre eles o feixe de uma lanterna elétrica, disse àquele que comandava:

— Nada novo, sargento?

— Nada, tenente. Ninguém entrou na casa e ninguém saiu de lá.

O sargento assobiou de leve. Perto do meio da rua, dois homens saíram da escuridão que os envolvia e se juntaram ao grupo.

— Nenhum ruído na casa?

— Nenhum, sargento.

— Nenhuma luz atrás das persianas?

— Nenhuma, sargento.

Paul, então, pôs-se a caminho e, ao passo que os outros, obedecendo às suas instruções, seguiam-no sem fazer nenhum barulho, ele avançava decidido, como um passante atrasado que volta ao seu domicílio.

Pararam diante de uma casa estreita, de que mal se distinguia o térreo na escuridão da noite. A porta se encontrava no alto de três degraus. Paul bateu nela quatro vezes com pequenas pancadas. Ao mesmo tempo, tirou uma chave do bolso e abriu.

No corredor de entrada, acendeu sua lanterna elétrica, e com seus companheiros ainda observando o mesmo silêncio, ele se dirigiu para um espelho que se erguia a partir do próprio piso do corredor.

Após ter dado quatro pequenas pancadas nesse espelho, empurrou-o, apoiando-se em um dos lados. Escondia o orifício de uma escada que descia no subsolo e cujo vão ele imediatamente iluminou.

Isso devia ser um sinal, o terceiro sinal combinado, porque de baixo, uma voz, uma voz feminina, porém rouca e esganiçada, perguntou:

— É o senhor, padre Walter?

Chegara o momento de agir. Sem responder, Paul desceu a escada em alguns pulos.

Chegou no exato momento em que uma porta maciça se fechava e o acesso ao porão ia ser bloqueado.

Empurrando-a com violência, ele entrou.

A condessa Hermine estava ali, na penumbra, imóvel, hesitante.

E então, de repente, correu para o outro lado do porão, pegou um revólver em uma mesa, virou-se e atirou.

A alavanca estalou. Mas não houve nenhuma detonação.

Três vezes ela recomeçou e três vezes a mesma coisa ocorreu.

— É inútil insistir — zombou Paul. — A arma foi descarregada.

A condessa soltou um grito de raiva, abriu a gaveta da mesa e, pegando outro revólver, atirou quatro vezes seguidas. Nenhuma detonação.

— Não há nada que possa fazer — disse Paul, rindo. — Este também foi descarregado, e igualmente aquele que está na segunda gaveta, e o mesmo com todas as armas da casa.

E, como ela olhava estupefata, sem entender, aterrorizada diante da própria impotência, ele saudou e, apresentando-se, pronunciou simplesmente as duas palavras que significavam tudo:

— Paul Delroze.

Hohenzollern

Sem ter as mesmas dimensões, o porão oferecia o aspecto dessas grandes salas abobadadas que encontramos na Champagne. Paredes limpas, um chão nivelado com caminhos feitos de tijolos, uma atmosfera morna, uma alcova reservada entre dois barris e fechada por uma cortina, cadeiras, móveis, tapetes, tudo isso formava, ao mesmo tempo que uma moradia confortável, protegida dos obuses, a garantia de um refúgio para quem temesse visitas indiscretas.

Paul se lembrou das ruínas do velho farol à beira do Yser e do túnel de Ornequin a Ébrecourt. Assim, a luta prosseguia debaixo da terra. Guerra de trincheiras e guerra de porões, guerra de espionagem e guerra de astúcia, eram sempre os mesmos procedimentos traiçoeiros, vergonhosos, equívocos, criminosos.

Paul havia apagado sua lanterna de modo que agora a sala era vagamente iluminada por uma lamparina a óleo suspensa na abóbada, cuja luz, confinada por um abajur opaco, desenhava um círculo branco no meio do qual ambos se encontravam sozinhos.

Élisabeth e Bernard permaneciam atrás, na sombra.

O sargento e seus homens não haviam aparecido. Mas ouvia-se o ruído de sua presença ao pé da escada.

A condessa não se movia. Estava vestida como na noite da ceia na casa do príncipe Conrad. Seu rosto, em que não se via mais medo ou estupefação, mostrava mais o esforço da reflexão, como se ela quisesse calcular todas as consequências da situação que lhe era revelada. Paul Delroze? Qual era a finalidade de sua agressão? Sem dúvida, e, obviamente, era esse pensamento que fazia com que a expressão da

condessa Hermine se relaxasse pouco a pouco, sem dúvida ele procurava libertar sua mulher.

Ela sorriu. Élisabeth prisioneira na Alemanha, que moeda de troca para ela, para ela, que caíra numa armadilha, mas que ainda podia comandar os eventos!

A um sinal, Bernard deu um passo adiante e Paul disse à condessa:

— Meu cunhado. O major Hermann, quando estava amarrado na casa do canoeiro, talvez o tenha visto, assim como me vira talvez. Mas, em todo caso, a condessa Hermine, sejamos mais precisos, a condessa de Andeville, não conhece, ou ao menos esqueceu seu filho, Bernard de Andeville.

Agora, ela parecia totalmente tranquila, e mantinha o ar de quem luta com armas iguais ou até mais poderosas. Portanto, não se abalou na presença de Bernard e disse em tom desprendido:

— Bernard de Andeville se parece muito com sua irmã Élisabeth, que as circunstâncias me permitiram não perder de vista. Três dias atrás, ceamos, ela e eu, com o príncipe Conrad. O príncipe Conrad tem grande afeição por Élisabeth e é justo, porque ela é encantadora, e tão amável! Gosto muito dela, de verdade!

Paul e Bernard tiveram o mesmo gesto, que os teria jogado em cima da condessa se não tivessem conseguido conter o ódio. Paul afastou seu cunhado de quem sentia a exasperação e, respondendo ao desafio da adversária, em tom também alegre:

— Sim, eu sei… eu estava lá… assisti até à partida dela.

— Realmente?

— Realmente. Seu amigo Karl me ofereceu um lugar em seu automóvel.

— Em seu automóvel?

— Perfeitamente, e nós todos fomos embora para seu Castelo de Hildensheim… uma bela moradia que eu teria tido prazer em conhecer mais detalhadamente… Mas a estadia é perigosa, fatal com frequência… de modo que…

A condessa o olhava com crescente preocupação. O que ele queria dizer? Como sabia essas coisas?

Quis assustá-lo por sua vez, para ver claro no jogo de seu inimigo, e pronunciou em tom áspero:

— De fato, com frequência a estadia é fatal! Respira-se lá um ar que não é bom para todos.

— Um ar envenenado…

— Justamente.

— E a senhora teme por Élisabeth?

— Sinceramente, sim. A saúde dessa pobre menina já está comprometida, e só ficarei tranquila…

— Quando ela estiver morta, não é?

Ela deixou passar alguns segundos e então retrucou muito nitidamente, de modo que Paul entendesse bem o significado de suas palavras:

— Sim, quando estiver morta… o que não deve demorar muito… se já não aconteceu.

Houve um silêncio bastante longo. Mais uma vez, diante dessa mulher, Paul sentia a mesma necessidade de assassinato, a mesma necessidade de saciar seu ódio. Era preciso que isso ocorresse. Seu dever era matar e era um crime não obedecer.

Élisabeth permanecia na sombra, de pé, três passos atrás.

Sem uma palavra, Paul virou-se para seu lado, levantou o braço, apertou o botão de sua lanterna e dirigiu o feixe para a jovem mulher, cujo rosto permaneceu, assim, em plena luz.

Jamais Paul, ao fazer esse gesto, teria pensado que o efeito pudesse ser tão violento sobre a condessa Hermine. Uma mulher como ela não podia se enganar, crer-se o joguete de uma alucinação ou vítima de uma semelhança. Não. Ela admitiu imediatamente que Paul libertara sua mulher, e que Élisabeth estava diante dela. Mas como tal acontecimento era possível? Élisabeth, que, três dias antes, fora deixada nas mãos de Karl… Élisabeth, que, agora, devia estar morta ou prisioneira em uma fortaleza alemã cuja aproximação era interditada por mais de dois milhões de soldados… Élisabeth estava ali? Em menos de três dias havia escapado de Karl, fugido do Castelo de Hildensheim, atravessado as linhas de dois milhões de alemães?

A condessa Hermine, o rosto decomposto, sentou-se diante daquela mesa que lhe servia de proteção, e raivosamente encostou as faces contra seus punhos crispados. Entendia a situação. Não se tratava mais de zombar ou provocar. Tratava-se de uma negociação a fazer. Na terrível partida que jogava, de repente qualquer chance de vitória lhe faltava. Ela devia experimentar a lei do vencedor, e o vencedor era Paul Delroze!

Ela balbuciou:

— Onde quer chegar? Qual é sua finalidade? É me matar?

Ele deu de ombros.

— Não somos daqueles que assassinam. Está aqui para ser julgada. A pena que terá de sofrer lhe será aplicada após um debate legal, em que poderá se defender.

Ela estremeceu e protestou:

— Vocês não têm o direito de me julgar, não são juízes.

O medo, esse sentimento que ela parecia ignorar até então, o medo crescia nela.

Em voz baixa, repetiu:

— Vocês não são juízes… protesto… Vocês não têm o direito.

Naquele momento, houve do lado da escada certo tumulto. Uma voz gritou: "Continência!"

Quase imediatamente, a porta, que havia permanecido entreaberta, foi empurrada e deu passagem a três oficiais cobertos por grandes casacos.

Paul foi rapidamente a seu encontro e ofereceu-lhes cadeiras para se sentarem na parte em que a luz não penetrava.

Um quarto oficial surgiu. Recebido por Paul, ele se sentou mais longe, afastado dos outros.

Élisabeth e Bernard permaneciam lado a lado.

Paul retomou seu lugar na frente, na lateral da mesa, e de pé. Então, disse em tom grave:

— Não somos juízes, de fato, e não queremos tomar um direito que não nos pertence. Os que a julgarão estão aqui. Quanto a mim, eu acuso.

A palavra foi articulada de maneira áspera e cortante, com energia extrema.

E imediatamente, sem hesitação, como se tivesse bem estabelecido de antemão todos os pontos da acusação que ia pronunciar em um tom em que não queria mostrar ódio ou cólera, ele começou:

— A senhora nasceu no Castelo de Hildensheim, de que seu avô era administrador e que foi dado ao seu pai após a guerra de 1870. Chama-se realmente Hermine, Hermine de Hohenzollern. Esse nome de Hohenzollern era a glória de seu pai, embora ele não tivesse o direito de usá-lo, mas a consideração extraordinária que o velho imperador havia para com ele impediu que jamais fosse contestado. Fez a campanha de 1870 como coronel, e nela se destacou por sua incrível crueldade e rapacidade.

Todas as riquezas que enfeitam seu Castelo de Hildensheim provêm da França e, como cúmulo da insolência, em cada objeto está uma nota que estabelece o lugar de origem e o nome do proprietário de quem foi roubado. Ademais, no vestíbulo, uma placa de mármore carrega em letras douradas o nome de todos os vilarejos franceses incendiados por ordem de Sua Excelência, o coronel conde de Hohenzollern. O cáiser veio com frequência a esse castelo. Todas as vezes que passa diante da placa, faz uma saudação.

A condessa escutava distraidamente. Essa história devia parecer de importância medíocre. Esperava que tratassem dela própria.

Paul continuou:

— A senhora herdou de seu pai dois sentimentos que dominam sua vida inteira, um amor descomedido por essa dinastia dos Hohenzollern, à qual o acaso de um capricho imperial, ou melhor, real, parece ter vinculado seu pai, e esse ódio feroz, selvagem contra essa França que ele lamentava não ter feito sofrer o suficiente. O amor da dinastia, a senhora o concentrou inteiramente, logo que se tornou mulher, naquele que a representa atualmente, e de tal maneira que, após ter tido a inverossímil esperança de subir ao trono, a senhora lhe perdoou tudo, até seu casamento, até sua ingratidão, para se dedicar a ele de corpo e alma. Casada por ele a um príncipe austríaco que morreu não se sabe como, e então a um príncipe russo que morreu também não se sabe como, em todo lugar a senhora trabalhou apenas para a grandeza de seu ídolo. No momento em que a guerra entre a Inglaterra e o Transvaal foi declarada, a senhora estava no Transvaal. No momento da Guerra Russo-Japonesa, estava no Japão. Estava em todo lugar, em Viena quando o príncipe Rodolfo foi assassinado; em Belgrado quando o rei Alexandre e a rainha Draga foram assassinados. Mas não insistirei mais sobre seu papel… diplomático. Tenho pressa de chegar à sua obra predileta, a que persegue há vinte anos contra a França.

Uma expressão maldosa, quase feliz, contraiu o rosto da condessa Hermine. Sim, verdadeiramente, era sua obra predileta. Empregara nela todas suas forças e toda sua perversa inteligência.

— Da mesma forma — retificou Paul —, não insistirei na gigantesca tarefa de preparação e espionagem que a senhora dirigiu. Até em uma aldeia do Norte, no alto de um campanário, encontrei um de seus cúmplices armado de um punhal com suas iniciais. Tudo que foi feito, foi a

senhora que o concebeu, organizou e executou. As provas que coletei, as cartas de seus correspondentes assim como suas próprias cartas, já estão nas mãos do tribunal. Mas o que quero especialmente esclarecer, é a parte de seu esforço que diz respeito ao Castelo de Ornequin. Aliás, não será demorado. Alguns fatos ligados por crimes. E só.

Mais um silêncio. A condessa prestava atenção com uma espécie de ansiosa curiosidade. Paul articulou:

— Foi em 1894 que a senhora propôs ao imperador a perfuração de um túnel de Ébrecourt a Corvigny. Após os estudos feitos pelos engenheiros, reconheceu-se que essa obra "colossal" não era possível e só poderia ser eficiente com a condição de dispor do Castelo de Ornequin. O proprietário desse castelo estava justamente com graves problemas de saúde. Esperou-se. Como ele não se apressava a morrer, a senhora veio a Corvigny. Oito dias depois, ele morria. Primeiro crime.

— Está mentindo! Está mentido! — gritou a condessa. — Não tem nenhuma prova. Eu o desafio a apresentar provas.

Paul continuou sem responder:

— O castelo foi posto à venda e, coisa inexplicável, sem a menor publicidade, às escondidas, por assim dizer. Ora, aconteceu o seguinte, o agente de negócios a quem a senhora dera suas instruções manobrou tão desastradamente que o castelo foi arrematado pelo conde de Andeville, que veio morar nele no ano seguinte, com sua mulher e seus dois filhos.

"Daí fúria, desespero e, por fim, a resolução de começar mesmo assim, e de praticar as primeiras sondagens no lugar em que se encontrava uma pequena capela, localizada, na época, fora do parque. O imperador veio várias vezes de Ébrecourt. Um dia, ao sair dessa capela, deu de encontro comigo e com meu pai, e nós o reconhecemos. Dez minutos depois, a senhora abordava meu pai. Fui ferido. Meu pai morreu. Segundo crime."

— Está mentido! — proferiu de novo a condessa. — Tudo isso não passa de mentiras! Não há uma única prova!

— Um mês depois — continuou Paul, ainda muito calmo —, a condessa de Andeville, obrigada por sua saúde a deixar Ornequin, foi para o Sul da França, onde acabou por falecer nos braços de seu marido, e a morte de sua mulher inspirou ao sr. de Andeville tamanha repulsão por Ornequin que ele decidiu nunca mais voltar lá.

“Imediatamente seu plano é executado. Estando o castelo livre, é preciso se instalar nele. Como? Comprando o caseiro, Jérôme, e sua mulher. Sim, comprando-os, e foi assim que fui enganado, eu que confiava nos seus rostos francos e em seus modos que mostravam uma boa índole. Assim, a senhora os compra. Esses dois miseráveis, que na realidade têm como desculpa não serem alsacianos, como o pretendem, mas de origem estrangeira, e que não preveem as consequências de sua traição, esses dois miseráveis aceitam o pacto. A partir daí, a senhora está em sua casa, e livre para vir a Ornequin quando lhe agrada. Por ordem sua, Jérôme chega até a manter secreta a morte da condessa Hermine, da verdadeira condessa. E como a senhora se chama também condessa Hermine, e como ninguém conhecia a sra. de Andeville, que vivia afastada de todos, tudo corre muito bem.

“Aliás, a senhora acumula precauções. Uma ou outra me confunde, tanto quanto a cumplicidade do caseiro e de sua mulher. O retrato da condessa de Andeville estava no *boudoir* que antes ela ocupava. A senhora manda fazer de um retrato si mesma, do mesmo tamanho, que se adapta à própria moldura em que o nome da condessa está inscrito. E esse retrato a representa sob o mesmo aspecto que ela, vestida, penteada da mesma maneira. Em suma, está se tornando o que procurou parecer desde o início, e quando ainda era viva a sra. de Andeville, de quem começa a copiar a vestimenta; a senhora está se tornando a condessa de Andeville, ao menos em suas estadias em Ornequin.

“Um único perigo, a possível volta, imprevista, do sr. de Andeville. Para impedi-la com certeza, um único remédio, o crime.

“A senhora então dá um jeito de conhecer o sr. de Andeville, o que lhe permite vigiá-lo e corresponder-se com ele. Somente ocorre alguma coisa com que não havia contado, é que um sentimento, verdadeiramente inesperado em uma mulher como a senhora, aos poucos a afeiçoa àquele que havia escolhido como vítima. Juntei ao relatório uma fotografia sua, enviada de Berlim ao sr. de Andeville. Naquela época, a senhora esperava levá-lo a se casar, mas ele vê claro o seu jogo, esquiva-se e rompe.”

A condessa havia franzido as sobrancelhas. Sua boca se torceu. Sentia-se toda a humilhação que ela sofrera e todo o rancor que guardava por causa disso. Ao mesmo tempo, ela experimentava não exatamente vergonha, mas uma crescente surpresa ao ver sua vida assim divulgada em seus mínimos

detalhes, e seu passado de crimes surgir das trevas em que ela o achava enterrado.

— Quando a guerra foi declarada — prosseguiu Paul —, sua obra estava concluída. Posicionada na casa de Ébrecourt, na entrada do túnel, estava pronta. Meu casamento com Élisabeth de Andeville, minha chegada repentina ao Castelo de Ornequin, meu desespero diante do retrato daquela que matara meu pai, tudo isso, que lhe foi anunciado por Jérôme, deixou-a um tanto surpresa, e a senhora precisou improvisar uma tocaia na qual por pouco não foi minha vez de ser assassinado. Mas a mobilização a livrou de mim. Podia agir. Três semanas depois, Corvigny era bombardeada, Ornequin invadido, Élisabeth feita prisioneira do príncipe Conrad.

"A senhora viveu lá horas inexprimíveis. Para a senhora, é a vingança, mas é também, e graças à senhora, a grande vitória, o grande sonho realizado, ou quase, a apoteose dos Hohenzollern. Mais dois dias e Paris é tomada. Mais dois meses e a Europa é derrotada. Que embriaguez! Sei as palavras que a senhora pronunciou nessa época, e li cartas escritas pela senhora que testemunham uma verdadeira loucura, loucura de orgulho, loucura bárbara, loucura do impossível e do sobre-humano.

"E então, de repente, o despertar brutal. A Batalha do Marne! Ah! De novo, li cartas escritas pela senhora. À primeira vista, uma mulher com sua inteligência devia prever, e a senhora previu, que era o desmoronamento das esperanças e das certezas. Escreveu isso ao imperador. Sim, escreveu! Tenho a cópia da carta! No entanto, era preciso se defender. As tropas francesas se aproximavam. Por meu cunhado Bernard, a senhora soube de minha presença em Corvigny. Élisabeth seria libertada? Élisabeth, que conhece todos seus segredos… Não, ela ia morrer. A senhora manda executá-la. Tudo está pronto. Se ela é salva, graças ao príncipe Conrad, e se, em vez de sua morte, a senhora precisa se contentar com um simulacro de execução destinado a pôr fim às minhas buscas, ao menos ela é levada como escrava. Ademais, duas vítimas a consolam, Jérôme e Rosalie. Seus cúmplices, repletos de remorsos e comovidos pelas torturas de Élisabeth, tentam fugir com ela. A senhora teme os testemunhos deles; são fuzilados. Terceiro e quarto crimes. E, no dia seguinte, ocorrem mais dois, os dois soldados que a senhora manda assassinar, confundindo-os com Bernard e eu. Quinto e sexto crimes."

Assim, todo o drama se reconstituía em seus trágicos episódios, e segundo a ordem dos acontecimentos e dos crimes. E era um espetáculo repleto de horror o dessa mulher, culpada de tanta felonia, e que o destino emparedava no fundo daquele porão, diante de seus mortais inimigos. Como, no entanto, era possível que ela não parecesse ter perdido toda esperança? Porque era assim, e Bernard o notou.

— Observe-a — disse ao se aproximar de Paul. — Por duas vezes ela consultou seu relógio. Parece esperar por um milagre, ou melhor ainda, um socorro direto, inevitável, que deve vir em alguma hora marcada. Veja… Seus olhos estão procurando… Ela está escutando…

— Mande entrar todos os soldados que estão ao pé da escada — respondeu Paul. — Não há motivo para que não ouçam o que me resta a dizer.

E, virando-se para a condessa, ele pronunciou, com voz que se animava aos poucos:

— Aproximamo-nos do desfecho. Toda essa parte da luta, a senhora a conduziu sob a aparência do major Hermann, o que lhe era mais cômodo para seguir as tropas e cumprir seu papel de espiã-chefe. Hermann, Hermine… O major Hermann, que, quando necessário, fingia ser seu irmão, era a senhora, condessa Hermine. E foi a senhora de que surpreendi a conversar com o falso Laschen, ou melhor, com o espião Karl, nas ruínas do farol à beira do rio Yser. E foi a senhora que consegui prender e amarrar na água-furtada da casa do canoeiro.

"Ah, que bela oportunidade a senhora perdeu naquele dia! Seus três inimigos feridos, ao alcance de sua mão… e fugiu sem vê-los, sem matá-los! E não sabia mais nada a nosso respeito, ao passo que nós conhecíamos seus projetos. Domingo, 10 de janeiro, encontro em Ébrecourt, encontro sinistro que marcara com Karl, anunciando-lhe sua implacável vontade de suprimir Élisabeth. E nesse domingo, eu estava pontualmente no encontro. Assisti à ceia do príncipe Conrad! Eu estava lá, após a ceia, quando a senhora entregou a Karl o frasco de veneno! Eu estava lá, no assento do automóvel, quando deu a Karl suas ultimas instruções! Eu estava em todo lugar. E na mesma noite, Karl morria. E na noite seguinte, eu sequestrava o príncipe Conrad. E no dia seguinte, isto é, anteontem, em posse de tal refém, obrigando assim o imperador a negociar comigo, eu lhe ditei minhas condições, sendo a primeira delas a libertação imediata de Élisabeth. E o

imperador cedeu. E aqui estamos!”

Uma palavra, entre todas essas palavras, em que cada uma mostrava à condessa Hermine com que implacável energia ela havia sido caçada, uma palavra a abalou, como a mais terrível das catástrofes.

Ela balbuciou:

— Morto? Está dizendo que Karl morreu?

— Morto por sua amante no exato momento em que tentava me matar! — exclamou Paul, que o ódio voltava a exaltar. — Morto como um bicho raivoso! Sim, o espião Karl está morto, e até em sua morte foi o traidor que sempre fora a vida toda. Pediu-me provas? Foi no bolso de Karl que as encontrei. Foi no seu caderno que li a história de seus crimes, e a cópia de suas cartas, e até algumas de suas cartas. Ele previa que um dia ou outro, uma vez sua obra executada, a senhora o sacrificaria pela sua segurança, e ele se vingava de antemão… Vingava-se como o caseiro Jérôme e sua mulher Rosalie, prestes a serem executados por ordem sua, vingaram-se ao revelar a Élisabeth seu misterioso papel no Castelo de Ornequin. Eis os seus cúmplices! A senhora os mata, mas eles são sua perdição. Já não sou mais eu que a estou acusando. São eles. Suas cartas, seus testemunhos já estão nas mãos de seus juízes. O que a senhora pode responder?

Paul estava quase junto a ela. O canto da mesa mal os separava um do outro, e ele a ameaçava com toda a sua fúria e toda a sua execração.

Ela recuou até a parede, sob um cabide do qual pendiam roupas, jalecos, todo um conjunto de roupas de que devia se servir para se disfarçar. Embora cercada, presa na armadilha, confundida por tantas provas, desmascarada e impotente, ela mantinha uma atitude de desafio e provocação. A partida não parecia perdida para ela. Ainda tinha trunfos na manga. E então disse:

— Não tenho nada a responder. O senhor está falando de uma mulher que cometeu crimes. E não sou essa mulher. Não se trata de provar que a condessa Hermine é uma espiã e uma criminosa. Trata-se de provar que eu seja a condessa Hermine. Ora, quem pode provar?

— Eu!

Afastado dos três oficiais que Paul havia indicado à função de juízes, havia um quarto, que entrara ao mesmo tempo e escutara, no mesmo silêncio e na mesma imobilidade.

Ele avançou.

A luz da lâmpada iluminou seu rosto.

A condessa murmurou:

— Stéphane de Andeville… Stéphane…

De fato, era o pai de Élisabeth e de Bernard. Estava muito pálido, enfraquecido pelos ferimentos que sofrera e dos quais começava apenas a se restabelecer.

Beijou seus filhos. Bernard lhe disse com emoção:

— Ah, aqui está, pai!

— Sim — disse ele —, fui avisado pelo general-chefe, e vim a chamado de Paul. Seu marido é um homem de fibra, Élisabeth. Mais cedo, já nos encontramos nas ruas de Soissons, e ele me deixou a par. E agora, estou me dando conta de tudo o que ele fez… para esmagar essa cascavel.

Pusera-se em frente à condessa, e sentia-se toda a importância das palavras que ia dizer. Por um momento, ela baixou a cabeça diante dele. Mas seus olhos voltaram a ser provocantes. E ela articulou:

— Você também veio para me acusar? O que tem a dizer contra mim, de sua parte? Mentiras, não é? Infâmias?

Ele esperou que um longo silêncio tivesse coberto essas palavras, então, lentamente, pronunciou:

— Primeiramente, vim como testemunha que traz, sobre sua identidade, a atestação que acabou de exigir. Apresentou-se outrora sob um nome que não era seu, e sob o qual procurou travar entre nós relações mais estreitas, revelou-me sua verdadeira personalidade, esperando assim me deslumbrar com seus títulos e suas alianças. Portanto, tenho o direito e o dever de declarar, diante de Deus e diante dos homens, que você é mesmo a condessa Hermine de Hohenzollern. Os pergaminhos que me mostrou são autênticos. E foi justamente porque era a condessa de Hohenzollern que cortei relações, as quais aliás, eu não sabia por quê, eram-me penosas e desagradáveis. Eis meu papel como testemunha.

— Papel infame! — exclamou ela, enfurecida. — Papel de mentira, como eu bem disse. Não há provas!

— Não há provas? — disse o conde de Andeville, que se aproximou dela vibrando de fúria. — E essa fotografia, mandada de Berlim por você, e assinada por você? Essa fotografia em que teve o despudor de se vestir como minha mulher? Sim, você! Você fez isso. Acreditou que, ao tentar aproximar sua imagem da imagem de minha pobre bem-amada, despertaria

em mim sentimentos que lhe seriam favoráveis. E não sentiu que era a pior das injúrias, para mim, e o pior ultraje para a morta! E você se atreveu, após o que havia acontecido…!

Assim como Paul Delroze um instante antes, o conde estava de pé junto a ela, ameaçador e cheio de ódio. Ela murmurou, com uma espécie de incômodo:

— Bem, e por que não?

Ele cerrou os punhos e continuou:

— De fato, por que não? Naquela época eu ignorava quem você era, eu não sabia nada do drama… do antigo drama… Foi hoje somente que juntei os fatos, e, se a rechacei antes com uma repulsão instintiva, é com execração sem igual que agora eu a acuso… agora que sei… sim, que sei, e com toda a certeza. Já quando minha pobre mulher estava morrendo, várias vezes, em seu quarto de agonia, o médico me dizia: "É um mal estranho. Bronquite, pneumonia certamente, mas, contudo, há coisas que não entendo… sintomas… por que não dizê-lo? Sintomas de envenenamento". Eu protestava então. A hipótese era impossível. Envenenada, minha mulher! E por quem? Por você, condessa Hermine, por você! Hoje eu afirmo. Pela senhora! Eu juro pela minha eterna salvação. Provas? Mas é sua própria vida, é tudo aquilo o que a acusa.

"Vejam, há um ponto que Paul Delroze não elucidou totalmente. Ele não entendeu por que, quando você assassinou o pai dele, por que usava roupas semelhantes às de minha mulher. Por quê? Mas pelo abominável motivo de que, nessa época, a morte de minha mulher já havia sido decidida, e que você já queria criar na mente daqueles que poderiam surpreendê-la uma confusão entre a condessa de Andeville e você. A prova é irrecusável. Minha mulher a incomodava: você a matou. Adivinhara que, uma vez minha mulher morta, eu não voltaria a Ornequin e matou minha mulher…! Paul Delroze, você anunciou seis crimes. Eis o sétimo, o assassinato da condessa de Andeville!"

O conde levantara os dois punhos e os segurava perante o rosto da condessa Hermine. Tremia de raiva e parecia prestes a bater nela.

Ela, no entanto, permanecia impassível. Contra essa nova acusação, não teve uma palavra de revolta. Parecia que tudo agora lhe era indiferente, tanto essa acusação imprevista como as outras que pesavam contra ela. Todos os perigos se afastavam dela. O que ela havia a responder não a

obcecava mais. Seu pensamento estava em outro lugar. Ela ouvia algo que não eram essas palavras. Via algo outro que esse espetáculo, e, como o notara Bernard, parecia estar mais preocupada com o que acontecia fora do que com a situação, ainda assim tão assustadora, em que se encontrava.

Mas por quê? O que esperava?

Uma terceira vez, consultou seu relógio. Um minuto passou. Outro minuto ainda.

E então, em algum lugar do porão, na parte superior, houve um ruído, uma espécie de ativação.

A condessa se levantou. E, com toda sua atenção, ela escutou, com expressão tão ardente que ninguém perturbou o enorme silêncio. Instintivamente, Paul Delroze e o sr. de Andeville haviam recuado até a mesa. A condessa Hermine escutava… Ela escutava…

E, de repente, acima dela, na espessura das abóbadas, uma campainha vibrou. Alguns segundos somente. Quatro toques iguais… e foi tudo.

Duas execuções

Mais ainda talvez que pela inexplicável vibração dessa campainha, a virada foi produzida pelo sobressalto de triunfo que sacudiu a condessa Hermine. Ela soltou um grito selvagem e então gargalhou. Seu rosto se transformou. Não havia mais preocupação, nem essa tensão em que se sente o pensamento que procura e se assusta, mas insolência, certeza, desprezo, e um orgulho desmedido.

— Imbecis! — zombou ela… — Imbecis…! Então, vocês acreditaram? Não, como os franceses são ingênuos…! Vocês acreditaram que iam me pegar assim, em uma ratoeira? Eu! Eu…!

As palavras não conseguiam mais sair de sua boca, de tão numerosas e apressadas que estavam. Ela se enrijeceu, fechou os olhos um instante em um grande esforço de vontade e, esticando o braço direito e empurrando uma poltrona, desvelou uma pequena placa de mogno sobre a qual havia uma maneta de cobre que ela pegou tateando, os olhos ainda dirigidos para Paul, para o conde de Andeville, seu filho e os três oficiais.

Exclamou, com voz seca e cortante:

— O que tenho a temer de vocês agora? A condessa Hermine de Hohenzollern? Querem saber se sou eu? Sim, sou eu mesma. Não nego… eu o proclamo até… Todos meus atos que chamam estupidamente de crimes, sim, eu os cumpri… era meu dever para com meu imperador… Espiã? Em absoluto… alemã, simplesmente. E o que uma alemã faz para sua pátria é justamente feito.

"Ademais… chega de palavras tolas e conversas sobre o passado. Apenas o presente e o futuro importam. E, do presente como do futuro, voltei a ser a dona. Sim, sim, graças a vocês, retomo a direção dos acontecimentos, e

vamos rir. Querem saber algo? Tudo que acaba de se produzir aqui de uns dias para cá, fui eu que o preparei. As pontes que o rio arrastou, foi por ordem minha que foram sabotadas nas bases… Por quê? Pelo pobre resultado de vê-los recuar? Decerto, precisávamos disso em primeiro lugar, precisávamos anunciar uma vitória… Vitória ou não, será anunciada, e terá seu efeito, respondo disso. Mas o que eu queria, era melhor. E consegui."

Parou, e então prosseguiu em tom abafado, o busto debruçado em direção àqueles que a escutavam:

— A retirada, a desordem de suas tropas, a necessidade de se opor ao avanço e de trazer reforços, era evidentemente a obrigação de seu general-chefe de vir aqui e de se concertar com seus generais. Há meses que estou o espreitando. Impossível chegar perto dele. Impossível executar meu plano. Então o que fazer? Mas simplesmente, fazê-lo vir até mim, já que eu não podia ir até ele… fazê-lo vir e atraí-lo em um lugar de minha escolha, em que eu teria tomado todas minhas disposições. Ora, ele veio. Minhas disposições foram tomadas. Só me resta querer… só me resta querer! Está aqui, em um dos quartos da pequena casa em que se aloja toda vez que vem a Soissons. Sei que está na casa. Eu esperava o sinal que um de meus agentes devia me dar. Esse sinal, vocês o ouviram. Portanto, não é, não há nenhuma dúvida. Aquele que eu espreitava está trabalhando agora mesmo com seus generais na casa que eu conheço e que mandei minar. Ao seu lado está um comandante do exército, um dos melhores, e um comandante de corpo de exército, também um dos melhores. São três, não estou falando dos comparsas, e, esses três, só tenho um gesto a fazer, levantar essa maneta, para que voem pelos ares com a casa que os abriga. E esse gesto, devo fazê-lo?

Na sala, houve um breve estalo. Bernard de Andeville estava armando seu revólver.

— Mas precisamos matar essa miserável — gritou ele.

Paul jogou-se em sua frente, exclamando:

— Cale-se! Não se mexa!

A condessa se pôs a rir de novo, e com que malvada alegria soava essa risada!

— Você tem razão, Paul Delroze. Você entende a situação. Por mais célere que seja esse jovem tolo a atirar em mim, eu ainda terei o tempo de levantar a maneta. E é isso que não pode acontecer, não é? É isso que esses

senhores e você querem evitar a qualquer preço… *até ao preço de minha liberdade*, não é? Porque, infelizmente, esse é o ponto ao que chegamos! Todo meu belo plano desmorona já que estou em suas mãos. Mas eu sozinha valho tanto quanto seus três grandes generais, hem? E tenho mesmo o direito de poupá-los para me salvar… então, estamos de acordo? A vida deles contra a minha! E imediatamente…! Paul Delroze, você tem um minuto para consultar esses senhores. Se, daqui a um minuto, falando em seu nome e no deles, você não me der sua palavra que me consideram como livre, e que toda proteção me será concedida para passar na Suíça, então… então "a porta se abrirá", como se diz em *Chapeuzinho vermelho*. Ah, peguei todos vocês! E como é cômico! Apresse-se, amigo Delroze. Sua palavra… sim, isso me basta. Diabo! A palavra de um oficial francês…! Ah! Ah! Ah!

Seu riso, um riso nervoso e desdenhoso, prolongou-se no grande silêncio. E, aos poucos, chegou a ressoar de maneira menos segura, como essas palavras que não provocam o efeito previsto. Por si só, pareceu se deslocar, interrompeu-se e parou de repente.

E ela estava estupefata: Paul Delroze não havia se mexido, e nenhum dos oficiais, nenhum dos soldados que estavam na sala, se mexera.

Ela os ameaçou com o punho.

— Exijo que se apressem…! Vocês têm um minuto, senhores franceses. Um minuto, nada mais…

Ninguém se mexeu.

Ela contava em voz baixa, e, de dez em dez, proclamava os segundos já corridos.

No quadragésimo, calou-se, o rosto inquieto. Entre os presentes, a mesma imobilidade.

Ela soltou um grito de furor.

— Mas, vocês estão loucos! Não entenderam? Ou talvez não acreditem em mim? Sim, adivinhei, eles não acreditam em mim! Não imaginam que seja possível, que eu tenha alcançado tamanho resultado! Um milagre, não é? Não, trata-se de vontade, simplesmente, e de perseverança. Ademais, seus soldados não estavam lá? Meu Deus, sim, seus próprios soldados trabalharam para mim quando puseram linhas telefônicas entre o correio e a casa reservada ao quartel-general! Meus agentes só tiveram que se conectar nelas e a coisa estava feita: o fornilho de mina cavado sob a casa

estava conectado com este porão! Acreditam em mim agora?

Sua voz se quebrava, ofegante, rouca. Sua inquietação, cada vez mais precisa, devastava suas feições. Por que esses homens não se mexiam? Por que não executavam nenhuma de suas ordens? Teriam eles tomado a inadmissível resolução de tudo aceitar para não agraciá-la?

— Vamos, o quê? — murmurou ela. — Vocês estão me compreendendo, certo…? Ou então, é uma loucura! Vamos, reflitam… Seus generais? O efeito que sua morte causaria…? A formidável impressão que essa morte daria à nossa potência…? E que desespero…! A retirada de suas tropas…! O alto comando desorganizado…! Vamos, vamos!

Parecia que procurava convencê-los… mais do que isso, que suplicava que se pusessem no ponto de vista dela, que admitissem as consequências que ela havia atribuído ao seu ato. Para que seu plano tivesse êxito, era preciso que eles consentissem a agir no sentido da lógica. Do contrário… do contrário…

Bruscamente, revoltou-se contra si mesma e contra essa espécie de humilhante suplicação à qual se abaixava. E, retomando sua postura ameaçadora, gritou:

— Azar o deles! Azar o deles! São vocês que os condenam. Então, é isso que querem? Estamos de acordo? Ademais, acham que me pegaram, talvez? Ora essa! Mesmo que teimem, a condessa Hermine ainda não disse sua última palavra! Vocês não conhecem a condessa Hermine… ela nunca se rende… a condessa Hermine… a condessa Hermine…

Ela estava abominável de se ver. Uma espécie de demência a possuía. Convulsionada, torcida de raiva, horrível, parecendo vinte anos mais velha, ela evocava a imagem de um demônio queimando nas chamas do inferno. Ela xingava. Blasfemava. Lançava imprecações. Ria até à ideia da catástrofe que seu gesto ia provocar. E gaguejava:

— Azar o deles! São vocês… são vocês os carrascos… Ah! Que loucura! Então, é isso que exigem? Mas são loucos…! Seus generais! Seus chefes! Não, mas perderam a cabeça! Eis que sacrificam de coração alegre seus grandes generais! Seus grandes chefes! E isso, sem motivo, por estúpida teimosia. Pois bem! Azar o deles! Azar o deles! Vocês é que quiseram! Vocês é que quiseram. Considero-os responsáveis. Bastava uma palavra. E essa palavra…

Ela teve uma última hesitação. Com rosto feroz e inflexível, espiou esses homens obstinados que pareciam obedecer a uma ordem implacável.

Nenhum deles se mexeu.

Então, pareceu que, posta diante de uma decisão fatal, ela estivesse tomada por tamanha ebulição de malvada volúpia que parecia esquecer o horror de sua situação. Ela pronunciou simplesmente:

— Que a vontade de Deus seja feita, e que meu imperador seja vitorioso!

Os olhos fixos, o busto rígido, com o dedo levantou a maneta.

Foi imediato, por meio das abóbadas, por meio do espaço, o barulho da explosão distante penetrou até o porão. O chão pareceu tremer como se o choque se tivesse propagado nas entranhas da terra.

Então, o silêncio.

A condessa Hermine ainda escutou alguns segundos. Seu rosto irradiava de alegria. Ela repetiu:

— Para que meu imperador seja vitorioso!

E, de repente, trazendo seu braço contra ela, fez um violento esforço para trás, entre as roupas e os jalecos contra os quais suas costas se apoiavam, deu a impressão de afundar na parede, e desapareceu.

Ouviu-se o barulho de uma porta pesada que se fecha e, quase instantaneamente, no meio do porão, uma detonação.

Bernard havia atirado no meio das roupas. E já se lançava em direção à porta escondida quando Paul o agarrou e imobilizou. Bernard se debateu para se soltar.

— Mas está escapando…! E você deixa acontecer? Mas como! Você bem que se lembra do túnel de Ébrecourt e do sistema de fios elétricos…? É a mesma coisa! E agora ela está fugindo!

Ele não entendia nada da conduta de Paul. E sua irmã estava indignada como ele. Tratava-se da imunda criatura que matara sua mãe, tomara o nome e o lugar de sua mãe e a deixavam escapar!

Élisabeth gritou:

— Paul, Paul, é preciso persegui-la… é preciso esmagá-la… Paul, será que esqueceu o que ela fez?

Ela, por sua vez, não havia esquecido. Lembrava-se do Castelo de Ornequin, e da casa do príncipe Conrad, e da noite em que tivera que esvaziar uma taça de champanhe, e do acordo que lhe impuseram, e de

todas as vergonhas e de todas as torturas…

Mas Paul não prestava atenção no irmão ou na irmã, e nem os oficiais e soldados. Todos observavam a mesma regra de impassibilidade. Nenhum acontecimento podia abalá-los.

Passaram-se dois ou três minutos durante os quais foram trocadas umas palavras em voz baixa, sem que contudo ninguém saísse de seu lugar. Desfalecente e extremamente emocionada, Élisabeth chorava. Bernard, que os soluços de sua irmã horripilavam, tinha a impressão de um desses pesadelos em que assistimos aos mais horríveis espetáculos sem ter força ou poder de reagir.

E então aconteceu algo que todos, exceto ele e Élisabeth, pareceram achar natural. Ouviu-se um rangido do lado das roupas. A porta invisível girou sobre suas dobradiças. As roupas se agitaram e abriram passagem a uma forma humana que foi jogada no chão como um pacote.

Bernard de Andeville soltou uma exclamação de alegria. Élisabeth olhava e ria por meio das lágrimas.

Era a condessa Hermine, amarrada e amordaçada.

Atrás dela, três policiais militares entraram.

— Aqui está o objeto — brincava um deles com voz grossa e afável. — Ah! É que estávamos começando a ficar preocupados, tenente, e nos perguntávamos se o senhor havia acertado e se era mesmo a saída por onde ela ia escapar. Mas, caramba, tenente, a malandra nos deu trabalho. Que fúria! Mordia como um bicho fedorento. E como berrava! Ah! A cachorra…!

E, dirigindo-se para seus camaradas nos quais suas palavras provocavam uma viva hilaridade:

— Camaradas, só faltava esse animal para nossa caça desta tarde. Mas, verdade, é uma bela peça, e o tenente Delroze encontrou mesmo sua pista. Assim, o quadro está completo agora. Todo um bando de boches num só dia! Eh! Tenente, o que está fazendo? Cuidado! A fera tem dentes!

Paul se debruçara sobre a espiã. Afrouxou sua mordaça, que parecia fazê-la sofrer. Imediatamente, ela tentou gritar, mas eram sílabas abafadas, incoerentes, em que, contudo, Paul discerniu algumas palavras contra as quais protestou.

— Não — disse ele —, nem isso, nem essa satisfação. O golpe deu errado… e é o mais terrível castigo, não é…? Morrer sem ter feito o mal que

queria fazer. E que mal!

Levantou-se e se aproximou do grupo de oficiais.

Os três conversavam, sua missão de juízes tendo terminado, e um deles disse a Paul:

— Bela jogada, Paul. Todos meus parabéns.

— Eu lhe agradeço, general. Eu poderia ter evitado essa tentativa de evasão, mas quis acumular o maior número de provas possível contra essa mulher, e não só para acusá-la dos crimes que cometeu, mas para mostrá-la aos senhores em plena ação e em pleno crime.

O general observou:

— Eh! É que ela não faz as coisas pela metade, a danada! Sem você, Delroze, a casa explodia com todos meus colaboradores, e comigo, ainda mais! Mas, diga-me, essa explosão que ouvimos…?

— Uma construção inútil, general, construção já demolida pelos obuses, aliás, e cujo comando local queria se livrar. Só precisamos desviar o fio elétrico que sai daqui.

— Assim, todo o bando foi preso?

— Sim, general, graças a um dos cúmplices, que tive a sorte de poder apanhar mais cedo, e que me forneceu as indicações necessárias para penetrar aqui, após ter me revelado com detalhes o plano da condessa Hermine e o nome de todos seus cúmplices. Esta noite, às dez horas, este devia, se o senhor estivesse trabalhando em sua casa, avisar a condessa mediante essa campainha. O sinal ocorreu, mas por ordem minha e dado por um de nossos soldados.

— Parabéns, e mais uma vez obrigado, Delroze.

O general avançou no círculo de luz. Era alto e forte. Um espesso bigode branco lhe cobria o lábio.

Houve entre os participantes um movimento de surpresa. Bernard de Andeville e sua irmã se aproximaram. Os soldados bateram continência. Haviam reconhecido o general-chefe. O comandante do exército e o comandante do corpo de exército o acompanhavam.

Diante deles, os policiais militares haviam empurrado a espiã contra a parede. Soltaram-lhe as pernas, mas tiveram que segurá-la, porque suas pernas cambaleavam.

E, mais ainda que o pavor, era um indizível estupor que seu rosto expressava. De seus olhos arregalados, ela contemplava fixamente aquele

que quisera matar, aquele que acreditava morto, e que vivia, e que ia pronunciar contra ela a inevitável sentença de morte.

Paul repetiu:

— Morrer sem ter conseguido fazer o mal que queria fazer, é isso que é terrível, não é?

O general-chefe vivia! O terrível e formidável complô havia abortado! Ele vivia, e todos os seus colaboradores viviam também, e todos os inimigos da espiã viviam igualmente, Paul Delroze, Stéphane de Andeville, Bernard, Élisabeth… aqueles que ela perseguira com seu incansável ódio estavam aí! Ela ia morrer com essa visão, atroz para ela, de seus inimigos felizes e reunidos.

E, sobretudo, ia morrer com essa ideia que tudo estava perdido. Seu grande sonho desmoronava.

Com a condessa Hermine desaparecia a própria alma dos Hohenzollern. E tudo isso se via em seus olhos apreensivos, em que passavam lampejos de demência.

O general disse a um de seus companheiros:

— Já deu as ordens? O bando vai ser fuzilado?

— Sim, general, esta noite mesmo.

— Pois bem, que comecem por esta mulher. E agora, aqui mesmo.

A espiã estremeceu. Sob o esforço de um ricto, conseguiu deslocar a mordaça e ouviram que ela implorava seu perdão em um fluxo de palavras e gemidos.

— Vamos embora — disse o general-chefe.

Sentiu que duas mãos ardendo pressionavam as suas. Élisabeth, inclinada para ele, suplicava-o, chorando.

Paul apresentou sua mulher. O general disse em voz doce:

— Vejo que tem piedade, senhora, apesar de tudo que lhe foi feito. Não devemos ter piedade, senhora. Sim, obviamente, é piedade que temos por aqueles que vão morrer. Mas não podemos sentir piedade por estes, nem por aqueles dessa raça. Puseram-se fora da humanidade e é algo que nunca deveremos esquecer. Quando for mãe, senhora, ensinará aos seus filhos um sentimento que a França ignorava que será uma salvação no futuro: o ódio dos bárbaros.

Segurou-lhe o braço com gesto amigável e a levou em direção à porta.

— Permita que eu a conduza. Você vem, Delroze? Deve precisar descansar após um dia como este.

Saíram.

A espiã berrou:

— Graça! Graça!

Já os soldados se alinhavam na parede oposta.

O conde, Paul e Bernard permaneceram um instante. Ela havia matado a mulher do conde de Andeville. Matara a mãe de Bernard e o pai de Paul. Havia torturado Élisabeth. E, embora a alma deles estivesse abalada, eles sentiam essa grande calma que dá o sentimento de justiça. Nenhum ódio os agitava. Nenhuma ideia de vingança palpitava neles.

Para segurá-la, os policiais militares haviam amarrado a espiã a um prego pela cintura. Afastaram-se.

Paul lhe disse:

— Um dos soldados que está aí é padre. Se precisar de sua assistência…

Mas ela não entendia. Não ouvia. Apenas via o que estava acontecendo e o que ia acontecer, e balbuciava interminavelmente:

— Graça…! Graça…! Graça…!

Foram embora, todos os três. Quando chegaram ao alto da escada, uma ordem chegou até eles:

— Apontar…!

Para não ouvir, Paul fechou rapidamente atrás dele a porta do vestíbulo e a porta da rua. Fora, o ar estava fresco, um bom ar puro que se respira enchendo os pulmões. As tropas circulavam cantando. Souberam que o combate havia terminado e que nossas posições estavam definitivamente garantidas. Nesse quesito também, a condessa havia fracassado.

Alguns dias depois, no Castelo de Ornequin, o subtenente Bernard de Andeville, seguido por doze homens, entrava em uma espécie de casamata, saudável e bem aquecida, que servia de prisão ao príncipe Conrad.

Na mesa estavam garrafas e os vestígios de uma abundante refeição.

Ao lado, na cama, o príncipe dormia. Bernard bateu em seu ombro.

— Tenha coragem, alteza.

O prisioneiro se ergueu, apavorado.

— Hem! O quê! O que está dizendo?

— Tenha coragem, alteza. Chegou a hora.

Ele balbuciou, pálido como um defunto:

— Coragem…? Coragem…? Não entendo… Meu Deus! Meu Deus! Como é possível…!

Bernard retrucou:

— Tudo é sempre possível, e o que deve acontecer sempre acontece, sobretudo as catástrofes.

E ele propôs:

— Um copo de rum para se refazer, alteza…? Um cigarro…?

— Meu Deus! Meu Deus! — repetia o príncipe, que tremia como uma folha.

Aceitou maquinalmente o cigarro que Bernard lhe apresentava. Mas este lhe caiu da boca nas primeiras tragadas.

— Meu Deus…! Meu Deus…! — não parava de balbuciar.

Seu desespero redobrou quando avistou os doze homens que esperavam, segurando fuzis. Ele teve esse olhar louco do condenado que, na luz pálida do amanhecer, adivinha a silhueta da guilhotina. Tiveram de carregá-lo até o terraço, diante de uma parede.

— Sente-se, alteza — disse-lhe Bernard.

Aliás, o infeliz estava incapaz de ficar de pé. Desabou em uma pedra.

Os doze soldados tomaram posição em frente dele. Ele baixou a cabeça para não vê-los e todo seu corpo estava agitado como o corpo de uma marionete de que se puxam as cordas. Um momento se passou. Bernard lhe perguntou em tom de boa amizade:

— Vossa alteza prefere de frente ou de costas?

E como o príncipe, aniquilado, não respondia, ele exclamou:

— E aí, como Vossa alteza parece um pouco doente? Olha, é preciso ter cuidado. O tempo não lhe falta. O tenente Paul Delroze não estará aqui antes de dez minutos. Quer absolutamente assistir… como dizer… assistir a essa pequena cerimonia. E realmente, ele vai achar que sua alteza está adoentado. Vossa alteza está verde.

Ainda com muito interesse, como se quisesse distraí-lo, ele disse:

— O que eu bem poderia lhe contar? A morte de sua amiga a condessa Hermine? Ah! Ah! Parece-me que isso está chamando sua atenção! Pois bem, sim, imagine que essa digna pessoa foi executada outro dia em Soissons. E, realmente, não parecia em melhor saúde que Vossa alteza. Tiveram que segurá-la. E como gritava! E como pedia graça! Nenhuma compostura, em suma! Nenhuma dignidade! Mas vejo que está pensando

em outra coisa. Diabo! Como diverti-lo? Ah! Uma ideia…

Tirou de seu bolso um opúsculo.

— Olhe, alteza, vou lhe ler algo, simplesmente. Decerto, uma Bíblia seria mais de circunstância, mas não tenho. Ademais, trata-se, sobretudo, de lhe trazer um momento de devaneio, não é? E não conheço nada melhor para um bom alemão, orgulhoso de seu país e das façanhas de seu exército, não conheço nada mais reconfortante que este livrinho. Vamos saboreá-lo juntos, sua alteza gostaria? Título: *Os crimes alemães segundo testemunhos alemães*. Trata-se de cadernos de viagem escritos por seus compatriotas, portanto documentos irrefutáveis diante dos quais a ciência alemã se inclina com respeito. Vou abrir e ler ao acaso:

> *Os moradores fugiram da aldeia. Foi horrível. Tem sangue grudado em todas as casas, e, quanto aos rostos dos mortos, são horríveis. Enterramos todos imediatamente, eram sessenta. Entre eles, muitas idosas e idosos, e uma mulher grávida e três crianças que estavam agarradas umas às outras e morreram assim. Todos os sobreviventes foram expulsos e vi quatro meninos levando em duas varas um berço com criança de cinco a seis meses. Tudo está sendo saqueado; e vi também uma mãe com seus dois filhos; e um deles tinha uma grande ferida na cabeça e um olho furado.*

— É curioso tudo isso, não é, alteza? — e prosseguiu:

> *Vinte e seis de agosto. A admirável aldeia de Gué-d'Hossus (nas Ardennes) foi incendiada, embora inocente, ao que me parece. Dizem-me que um ciclista caiu de sua máquina e que, em sua queda, seu fuzil disparou sozinho; então, atiramos em sua direção. A partir daí, simplesmente jogamos os moradores homens nas chamas.*

— E mais adiante:

> *25 de agosto (na Bélgica). Entre os moradores da cidade, fuzilamos trezentos. Os que sobreviveram à salva de tiros foram requisitados como coveiros. Havia de ver as mulheres naquele momento…*

E a leitura prosseguiu, cortada por judiciosas reflexões que Bernard emitia em tom plácido, como se tivesse comentado um texto de história. E o príncipe Conrad parecia prestes a desmaiar.

Quando Paul chegou ao Castelo de Ornequin e que, após descer do automóvel, foi ao terraço, a visão do príncipe, a encenação dos doze soldados, tudo lhe indicou a pequena comédia um tanto macabra à qual Bernard havia se dedicado. Protestou, em tom de censura: "Ah! Bernard…"

O jovem homem exclamou, fingindo um ar inocente:

— Ah! Aqui está, Paul? Rápido! Sua alteza e eu o esperávamos. Finalmente vamos concluir esse assunto!

Foi se posicionar diante de seus homens a dez passos do príncipe.

— Vossa alteza, está preparado? Ah! Decididamente, prefere de frente… Perfeito! Aliás, é bem mais simpático de frente. Ah! Por exemplo, as pernas menos frouxas, por favor! Um pouco de ânimo…! E o sorriso, não é? Cuidado… estou contando… Um, dois… Mas sorria, caramba…!

Havia abaixado a cabeça e segurava contra o peito uma pequena máquina fotográfica. Quase imediatamente, o clique se produziu. Ele exclamou:

— Pronto! Já está! Alteza, não sei como lhe agradecer. Vossa alteza mostrou tanta complacência, tanta paciência! Talvez o sorriso tenha sido um pouco forçado, a boca mantém o ricto de quem foi condenado à morte, e o olhar é de cadáver. Fora isso, a expressão é encantadora. Receba todos meus agradecimentos.

Paul não pôde deixar de rir. O príncipe Conrad não achou muita graça na brincadeira. No entanto, sentia que o perigo sumira, e tentava se empertigar como um senhor que suporta todos os reveses com desdenhosa dignidade. Paul Delroze lhe disse:

— Vossa alteza está livre. Um dos oficiais de ordenança do imperador e eu temos um encontro marcado às três horas na própria linha de frente. Ele traz vinte prisioneiros franceses e vou entregá-lo nas mãos dele. Queira ter a amabilidade de entrar nesse automóvel.

Visivelmente, o príncipe Conrad não entendia uma única palavra do que Paul dizia. O encontro na linha de frente, os vinte prisioneiros sobretudo, tantas frases confusas que não entravam em seu cérebro.

Mas, como se acomodara no automóvel e que o carro contornava lentamente o gramado, ele teve uma visão que acabou de desconsertá-lo: Élisabeth de Andeville, de pé na grama, inclinava-se sorrindo.

Alucinação, obviamente. Esfregou os olhos com ar atordoado, e seu gesto indicava tão nitidamente seu pensamento que Bernard lhe disse:

— Não está enganado, alteza. É mesmo Élisabeth de Andeville. Pois, sim, Paul Delroze e eu, julgamos que era preferível buscá-la na Alemanha. Então, tomamos seu Baedeker[14]. Pedimos um encontro ao imperador. E foi ele que quis, com sua boa vontade habitual… Ah! Por exemplo, alteza, espere que seu papai lhe dê um puxão de orelha. Sua Majestade está furiosa contra Vossa alteza. O quê! Um escândalo…! Uma conduta desvairada! Que bronca Vossa alteza vai levar!

A troca ocorreu na hora marcada.

Os vinte prisioneiros franceses foram devolvidos.

Paul Delroze chamou à parte o oficial de ordenança.

— Senhor — disse-lhe ele —, queira por favor informar o imperador que a condessa Hermine de Hohenzollern tentou assassinar, em Soissons, o general-chefe. Detida por mim e julgada, foi fuzilada por ordem do general-chefe. Estou em posse de certos de seus documentos e sobretudo de cartas íntimas às quais, não duvido, o imperador deve pessoalmente dar a maior importância. Essas cartas lhe serão enviadas no dia em que o Castelo de Ornequin receberá de volta todos seus móveis e todas suas coleções. Saudações, senhor.

Estava tudo terminado. Em toda a linha, Paul vencia a batalha. Libertara Élisabeth e vingara seu pai. Havia atingido a chefia do serviço de espionagem alemão e cumprido, ao exigir a liberdade de vinte oficiais franceses, todas as promessas que fizera ao general-chefe.

Podia conceber sua obra com legítimo orgulho.

Quando regressou, Bernard lhe disse:

— Então, eu o choquei mais cedo?

— Mais que chocou — disse Paul, rindo —, deixou-me indignado.

— Indignado, realmente…! Indignado… Assim, eis um jovem cafajeste que tenta pegar sua mulher, e que fica quite com alguns dias de cadeia! Eis um dos chefes desses bandidos que assassinam e pilham, e que vai voltar à sua casa e retomar suas pilhagens e seus assassinatos! Olhe, isso é absurdo. Pense um pouco que todos esses bandidos que quiseram a guerra, príncipes, imperadores, mulheres de príncipes e imperadores, não conhecem nada da guerra senão suas trágicas grandezas e belezas, e nunca nada das angústias que torturam as pessoas comuns. Sofrem moralmente no terror do castigo que os espera, mas não fisicamente na própria carne e na carne de sua carne. Os outros morrem. Eles continuam a viver. E,

quando tenho a ocasião única de ter um deles em minhas mãos, quando eu poderia me vingar dele e de seus cúmplices, executá-lo friamente como eles executam nossas irmãs e mulheres, você acha extraordinário que eu lhe faça conhecer durante dez minutos o arrepio da morte! Não, isso significa que conforme a boa justiça humana e a lógica eu deveria tê-lo castigado com um mínimo de suplício que ele não teria esquecido. Ter-lhe cortado uma orelha, por exemplo, ou a ponta do nariz.

— Você tem mil vezes razão — disse Paul.

— Está vendo, eu deveria ter-lhe cortado a ponta do nariz! Você concorda comigo! Lamento mesmo! E eu, imbecil que sou, contentei-me com uma miserável lição de que ele nem se lembrará amanhã. Como sou tolo! Enfim, o que me consola é que tirei uma fotografia que constitui o mais inestimável dos documentos… a cara de um Hohenzollern perante a morte. Não, mas você viu aquela cara!

O carro atravessava a aldeia de Ornequin. Estava deserta. Os bárbaros haviam incendiado todas as casas e levado todos os moradores, como se leva diante de si um rebanho de escravos.

No entanto, avistaram sentado no meio dos escombros um homem vestindo farrapos, um idoso. Fitou-os estupidamente com olhos de louco.

Ao seu lado, uma criança estendeu os braços, pobres bracinhos que não tinham mais mãos…

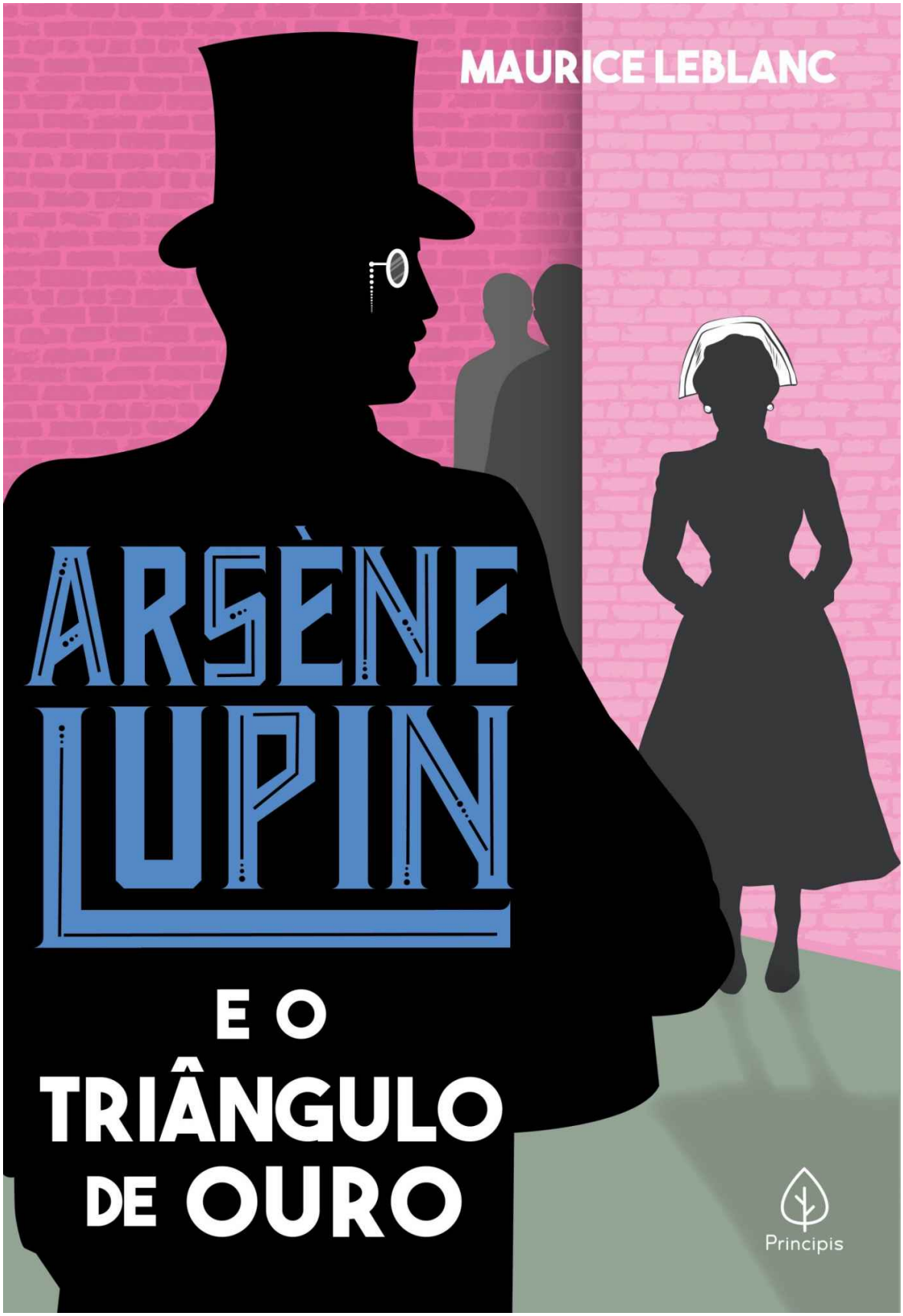
---

[14] Referência aos guias de viagem criados pelo editor alemão Karl Baedeker no século XIX. (N.T.)

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E O TRIÂNGULO DE OURO



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E O TRIÂNGULO DE OURO
Tradução
Eric Heneault
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le triangle d'or
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Eric Heneault
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Agnaldo Alves
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
studiostoks/shutterstock.com;
NadzeyaShanchuk/shutterstock.com;
kiberstalker/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e o triângulo de ouro [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Eric Heneault. — Jandira, SP : Principis, 2021.

288 p. ; ePUB ; 1,2 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: Le triangle d'or
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-555-7 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Heneault, Eric. II. Título. III. Série.

2021-2251 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Primeira parte

A chuva de faíscas

Mamãe Coralie

Um pouco antes de soarem as dezoito e trinta, quando as sombras do anoitecer se tornavam mais espessas, dois soldados alcançaram o pequeno cruzamento, plantado de árvores, que forma o encontro da Rua de Chaillot com a Rua Pierre-Charon, em frente ao museu Galliera.

Um deles vestia um capote azul-horizonte do soldado de Infantaria. O outro, um senegalês, roupas de lã bege, com calça larga e paletó cinturado, que desde a guerra vestem os zuavos e as tropas da África. Um deles só tinha uma perna, a esquerda; o outro, um único braço, o direito.

Deram a volta da esplanada, no centro da qual se ergue um lindo grupo de estátuas de Silenos, e pararam. O soldado da Infantaria jogou seu cigarro. O senegalês o recolheu, deu umas tragadas rápidas, então o apertou, para apagá-lo entre o polegar e o indicador, e o pôs no bolso.

Tudo isso sem uma única palavra.

Quase ao mesmo tempo, da Rua Galliera, surgiram mais dois soldados, dos quais teria sido impossível dizer a que corpo do Exército pertenciam, já que seu traje militar se compunha das mais diversas roupas civis. No entanto, um ostentava o barrete do zuavo, o outro o quepe do artilheiro. O primeiro andava com muletas, o segundo com bengalas.

Os dois homens ficaram perto do quiosque situado à beira da calçada.

Pelas ruas Pierre-Charon, Brignoles e de Chaillot, mais três outros chegaram isoladamente, um caçador a pé maneta, um sapador que mancava e um marinheiro cujo quadril parecia torto. Foram direto, cada um em direção a uma árvore, nas quais se apoiaram.

Não trocaram nenhuma palavra. Nenhum desses sete mutilados parecia conhecer seus companheiros, nem parecia se preocupar ou notar a presença

deles.

De pé atrás das árvores, ou atrás do quiosque, ou atrás do grupo de silenas, eles não se mexiam. E os raros passantes que, nessa noite de 3 de abril de 1915, atravessavam esse cruzamento pouco frequentado, que postes de luz encapuzados mal iluminavam, não perdiam tempo para notar as silhuetas imóveis.

Soaram dezoito e trinta.

Nesse momento, a porta de uma das casas que dão para a praça se abriu. Um homem saiu da casa, fechou a porta, atravessou a Rua de Chaillot e contornou a esplanada.

Era um oficial, com traje cáqui. Sob seu barrete de vermelho policial, enfeitado com três sutaches dourados, uma larga faixa de pano lhe envolvia a cabeça, escondendo a testa e a nuca. O homem era alto e muito delgado. Sua perna direita terminava em um toco de madeira provida de uma arruela de borracha. Apoiava-se em uma bengala.

Tendo deixado a praça, desceu na calçada da Rua Pierre-Charron. Lá, virou-se e olhou calmamente para vários lugares.

Esse exame o levou até uma das árvores da esplanada. Com a ponta da bengala, tocou levemente uma barriga que ultrapassava. A barriga se encolheu.

Isso feito, o oficial foi embora.

Dessa vez, afastou-se definitivamente pela Rua Pierre-Charron em direção ao centro de Paris. Assim, alcançou a Avenida dos Champs-Élysées, que percorreu pela calçada esquerda.

Duzentos passos adiante havia uma construção enorme, transformada, como o anunciava uma faixa, em enfermaria.

O oficial se postou a certa distância, de modo a não ser visto por quem saía de lá, e esperou.

Soaram dezenove e quarenta e cinco.

Passaram-se ainda alguns minutos.

Cinco pessoas foram embora da casa. E então mais duas. Finalmente, uma dama apareceu na soleira do saguão, uma enfermeira vestindo um grande casaco azul marcado com a cruz vermelha.

— É ela — murmurou o oficial.

Ela tomou o caminho que ele próprio tomara e alcançou a Rua Pierre-Charron, que ela seguiu na calçada da direita, dirigindo-se assim para o

cruzamento da Rua de Chaillot.

Andava com ligeireza, o passo suave e cadenciado. O vento que ia de encontro a seu ritmo rápido inchava o longo véu azul que flutuava em volta dos seus ombros. Apesar da largura do casaco, adivinhavam-se o ritmo de seu quadril e a juventude de sua postura.

O oficial permanecia para trás e andava com ar distraído, fazendo sarilhos com a bengala, como um passeador caminhando à toa.

E nesse instante não havia outras pessoas visíveis nessa parte da rua, a não ser ela e ele.

Mas, como ela acabara de atravessar a Avenida Marceau, e bem antes que ele mesmo chegasse lá, um automóvel estacionado ao longo da avenida deu a partida e começou a andar no mesmo sentido que a jovem mulher, ao passo que mantinha uma distância constante.

Era um táxi. O oficial notou duas coisas: primeiramente, que havia dois homens dentro e, em seguida, que um desses homens, de quem ele pôde distinguir rapidamente o rosto atravessado por um espesso bigode e coroado por um chapéu cinza, ficava quase constantemente debruçado para fora da porta do carro e conversava com o motorista.

No entanto, a enfermeira andava sem olhar para trás. O oficial havia mudado de calçada e apressava o passo, ainda mais que tinha a impressão de ver o automóvel acelerar à medida que a jovem se aproximava do cruzamento.

De onde se encontrava, o oficial abarcava de um só olhar quase toda a pequena praça, e por mais aguda que fosse a acuidade de sua visão, ele não distinguia nada na sombra que pudesse revelar a presença dos sete mutilados. Ademais, nenhum passante. Nenhum carro. No horizonte, entre as trevas das largas avenidas que se cruzavam, apenas dois bondes, com os toldos baixados, interrompiam o silêncio.

A jovem mulher, mesmo admitindo que prestasse atenção nos espetáculos da rua, também não parecia ver nada que fosse de natureza a preocupá-la. E a manobra do carro que a seguia não devia tê-la intrigado muito, já que não se virou para trás uma única vez sequer.

Entretanto, o carro ganhava terreno. Na beira da praça, dez a quinze metros no máximo separavam o oficial da enfermeira. Quando ela, ainda abstraída, chegou às primeiras árvores, o carro se aproximou ainda mais e, deixando o meio da rua, começou a ladear a calçada, enquanto, do lado

oposto dessa calçada, consequentemente à esquerda, aquele dos dois homens que se debruçava havia aberto a porta e descia no estribo.

O oficial atravessou a rua mais uma vez, rapidamente, sem medo de ser visto, já que aquelas pessoas, no ponto em que as coisas haviam chegado, pareciam despreocupadas com tudo que não dissesse respeito ao seu propósito. Levou um apito à boca. Não tinha dúvida de que o acontecimento que imaginava estivesse prestes a se produzir.

De fato, o carro parou bruscamente.

Pelas duas portas, os dois homens surgiram e pularam na calçada da praça, poucos metros antes do quiosque.

Ouviu-se, ao mesmo tempo, um grito de pavor vindo da jovem mulher, e um apito estridente lançado pelo oficial. Nesse momento, também, os dois homens alcançaram e agarraram seu alvo, que tentaram levar imediatamente para o carro, e os sete soldados feridos, parecendo surgir do próprio tronco das árvores que os dissimulavam, corriam atrás dos dois agressores.

A batalha durou pouco. Ou melhor, não houve batalha. Logo no primeiro momento, o motorista do táxi, constatando que se tratava de um ataque, deu partida e fugiu às pressas. Quanto aos dois homens, vendo sua tentativa falhar, enfrentando uma leva de bengalas e muletas ameaçadoras, e sob o cano de um revólver que o oficial apontava em sua direção, soltaram a mulher, correram em ziguezague para não serem alvos fáceis e se perderam na sombra da Rua Brignoles.

— Corra, Ya-Bon — ordenou o oficial ao senegalês maneta —, e traga um deles pelo pescoço.

Em seu braço ele sustentava a jovem, que tremia e parecia prestes a desmaiar. Disse-lhe com muita solicitude:

— Não tema nada, mamãe Coralie, sou eu, o capitão Belval… Patrice Belval…

Ela balbuciou:

— Ah! É você, capitão…

— Sim, e aqui estão todos os seus amigos reunidos para defendê-la, todos os seus antigos feridos da enfermaria que encontrei no anexo dos convalescentes.

— Obrigada… obrigada…

E ela acrescentou, com voz tremida:

— E os outros? Aqueles dois homens?

— Sumiram. Ya-Bon está atrás deles.

— Mas o que queriam? E por que milagre você estava aqui?

— Falaremos disso mais tarde, mamãe Coralie. Primeiro, vamos falar de você. Onde devemos levá-la? Olhe, deveria vir até aqui… o tempo de se recompor e descansar um pouco.

Com a ajuda de um dos soldados, ele a empurrou delicadamente para a casa de onde ele mesmo havia saído quarenta e cinco minutos antes. A jovem mulher se entregava à sua vontade.

Todos entraram no térreo e passaram para um salão, onde acendeu as luzes elétricas e onde a lareira estava acesa.

— Sente-se — disse.

Ela se deixou cair em uma cadeira, e o capitão deu ordens.

— Você, Poulard, vá buscar um copo na sala de jantar. E você, Ribrac, uma jarra de água fresca na cozinha… Chatelain, você vai encontrar uma garrafa de rum no armário da despensa… Não, não, ela não gosta de rum… Então…

— Então — disse ela, sorrindo —, um copo d'água apenas.

Um pouco de cor voltava-lhe às faces, que, aliás, eram naturalmente pálidas. O sangue afluía aos lábios, e o sorriso que animava seu rosto era confiante.

Esse rosto, absolutamente charmoso e doce, tinha uma forma pura, traços excessivamente finos, uma tez morena clara e a expressão ingênua de uma criança que se surpreende e vê as coisas com olhos sempre arregalados. E, não obstante, tudo isso, que era gracioso e delicado, dava em certos momentos uma impressão de energia que decorria certamente do brilho escuro dos olhos e das duas fitas pretas e regulares que desciam do véu branco sob o qual a testa estava presa.

— Ah! — exclamou alegremente o capitão quando ela bebeu a água —, parece que está melhor, mamãe Coralie?

— Bem melhor.

— Que bom! Mas que minutos terríveis temos vivido! E que aventura! Vamos ter de conversar e esclarecer tudo isso, não é? Enquanto isso, rapazes, façam o favor de cumprimentar mamãe Coralie. Hein, meus amigos, quem teria dito, quando ela os paparicava e afofava o travesseiro para que sua cabeça se acomodasse nele, quem teria dito que chegaria

nossa vez de cuidar dela, e que seriam as crianças que iriam paparicar sua mãe?

Juntaram-se em volta dela os manetas e mancos e coxos, os mutilados e enfermos, todos felizes por vê-la. E ela lhes apertava as mãos, com todo carinho.

— E aí, Ribrac, e essa perna?

— Não estou sofrendo mais, mamãe Coralie.

— E você, Vatinel, como vai seu ombro?

— Não tem mais sinal de nada, mamãe Coralie…

— E você, Poulard? E você, Jorisse?…

Sua emoção crescia ao reencontrá-los, eles que ela chamava de seus filhos. E Patrice Belval exclamou:

— Ah! Mamãe Coralie agora está chorando! Mamãe, mamãe, foi assim que conquistou o coração de todos nós. Quando fazíamos os maiores esforços para não gritar, na cama de tortura, víamos profusas lágrimas que brotavam de seus olhos. Mamãe Coralie chorava por seus filhos. E aí apertávamos ainda mais os dentes.

— E eu, eu chorava ainda mais — disse ela —, justamente porque vocês tinham medo de me causar pena.

— E hoje volta a chorar. Ah! não, chega de compaixão! A senhora nos ama. Amamos a senhora. Não há motivo para nos lamentarmos. Vamos, mamãe Coralie, um sorriso… E veja, Ya-Bon está chegando, e Ya-Bon sempre está rindo.

Ela se levantou bruscamente.

— Você acha que ele conseguiu alcançar um desses dois homens?

— Acredito, e como! Eu disse a Ya-Bon para trazer um pelo pescoço. Ele não vai falhar. Só tenho receio de uma coisa…

Haviam se dirigido para o vestíbulo. O senegalês já subia os degraus. Com a mão direita, segurava a nuca de um homem, um trapo para melhor dizer, que ele parecia carregar na ponta dos dedos, como um fantoche. O capitão ordenou:

— Solte-o.

Ya-Bo abriu os dedos. O homem desmoronou na laje do vestíbulo.

— Era mesmo o que eu temia — murmurou o oficial. — Ya-Bon só tem a mão direita, mas quando essa mão agarra alguém pela garganta, só um milagre para não o estrangular. Os boches bem que sabem disso.

Ya-Bon era uma espécie de colosso, cor de carvão reluzente, com o cabelo crespo e alguns pelos frisados no queixo, com uma manga vazia fixada no ombro esquerdo e duas medalhas espetadas no seu dólmã. Uma explosão de obus lhe arruinara uma bochecha, um lado da mandíbula, metade da boca e o céu da boca. A outra metade dessa boca se abria até a orelha em um riso que nunca parecia se interromper, e que surpreendia ainda mais que a parte ferida do rosto, remendada tanto quanto possível e coberta por um enxerto de pele, sempre permanecia impassível.

Ademais, Ya-Bon perdera o uso da fala. No máximo, emitia uma série de grunhidos confusos em que se ouvia seu apelido Ya-Bon eternamente repetido.

Disse-o mais uma vez com ar satisfeito, olhando por vez seu superior e sua vítima, como um bom cão diante de uma peça de caça que pegou.

— Bem — disse o oficial —, mas da próxima vez pegue um pouco mais leve.

Debruçou-se sobre o homem e, constatando que só estava desmaiado, disse à enfermeira:

— Você o reconhece?

— Não — afirmou ela.

— Tem certeza? Nunca viu essa cara em lugar nenhum?

Era uma cara bem grande, com cabelo preto e engomado, um bigode cinzento. As roupas, de pano azul e bem cortadas, indicavam uma boa situação financeira.

— Nunca… nunca — repetiu a jovem mulher.

O capitão vasculhou os bolsos. Não havia nenhum documento.

— Pois bem — disse, levantando-se —, vamos esperar que acorde para interrogá-lo. Ya-Bon, amarre-lhe braços e pernas e fique aqui, no vestíbulo. Vocês outros, camaradas, está na hora de voltar ao anexo. Eu tenho a chave. Despeçam-se de mamãe e apressem-se.

Uma vez que se despediram, ele os empurrou para fora, voltou para a jovem mulher, trouxe-a até o salão e exclamou:

— Agora, vamos conversar, mamãe Coralie. E primeiramente, antes de qualquer explicação, escute-me. Vou ser breve.

Estavam sentados diante do fogo claro cujas chamas brilhavam alegremente. Patrice Belval acomodou uma almofada sob os pés de mamãe Coralie, apagou uma luz elétrica que parecia incomodá-la e então, certo de

que ela estava bem à vontade, prosseguiu:

— Como sabe, mamãe Coralie, saí da enfermaria há oito dias e estou morando no boulevard Maillot, em Neuilly, no anexo reservado aos convalescentes dessa enfermaria, anexo em que me aplicam curativos de manhã e aonde vou dormir à noite. Aproveito o resto do tempo para passear, ando à toa, almoço e janto aqui e ali, visito antigos amigos. Ora, nesta manhã eu esperava um deles na sala de um grande café-restaurante do boulevard quando escutei o fim de uma conversa…. Mas preciso lhe dizer que essa sala é separada em dois por uma divisória que se eleva à altura de um homem, e contra a qual se encostam, de um lado, os consumidores do café e, do outro, os clientes do restaurante. Eu ainda estava sozinho, do lado do restaurante, e os dois consumidores que estavam de costas para mim e que eu não via provavelmente acreditavam que não havia ninguém, porque falavam em tom um tanto alto demais, dadas as frases que surpreendi… e que, depois, anotei neste caderninho.

Tirou o caderninho do bolso e prosseguiu:

— Essas frases, que se impuseram à minha atenção por motivos que vai entender, foram precedidas por algumas outras que tratavam de faíscas, de uma chuva de faíscas que já ocorrera duas vezes antes da guerra, uma espécie de sinal noturno cuja possível volta prometiam espiar, de modo a agirem rapidamente assim que se produzisse. Tudo isso não lhe diz nada?

— Não… Por quê?

— Logo verá. Ah! Esqueci-me de lhe dizer que os dois interlocutores se expressavam em inglês, e de maneira correta, mas com entonações que me permitem afirmar que nenhum dos dois era inglês. Aqui estão suas palavras fielmente traduzidas:

"Então, para concluir", disse um deles, "está tudo acertado. Vocês estarão, você e ele, hoje à noite, um pouco antes das sete, no lugar marcado."

"Sim, estaremos lá, coronel. Já reservamos o carro."

"Bem, lembre-se de que a garota sai da enfermaria às sete horas."

"Não se preocupe. Não há erro possível, já que ela sempre segue o mesmo caminho, passando pela Rua Pierre-Charron."

"E todo o plano já está acertado?"

"Cada passo. Vai acontecer na praça em que termina a Rua de Chaillot. E mesmo admitindo que haja lá algumas pessoas, elas não terão tempo de

socorrer a dama, dada a rapidez com que agiremos."

"Confia no seu motorista?"

"Tenho certeza de que o pagamos de modo que nos obedeça. Isso basta."

"Perfeito. Quanto a mim, vou esperá-los onde sabe, em um automóvel. Vocês me entregarão a garota. A partir daí, seremos donos da situação."

"E o senhor, da garota, coronel, o que não é desagradável, já que é incrivelmente bonita."

"Incrivelmente. Há muito tempo que a conheço de vista, mas nunca consegui ser apresentado… Portanto, conto mesmo aproveitar a ocasião para levar as coisas a toque de caixa."

— O coronel acrescentou:

"Talvez haja choros, ranger de dentes. Melhor assim! Adoro que me resistam… quando sou o mais forte."

— E ele se pôs a rir grosseiramente. O outro o imitou. Como pagavam suas bebidas, levantei-me imediatamente e dirigi-me para a porta do boulevard, mas só um deles saiu por essa porta, um homem com grande bigode pendente e que usava um chapéu cinza. O outro havia ido embora pela porta de uma rua perpendicular. Naquele momento só havia um táxi na rua. O homem o tomou e tive que renunciar a segui-lo. Somente… somente… como eu sabia que toda noite você saía da enfermaria por volta das sete horas e seguia a Rua Pierre-Charron, então eu tinha motivos para acreditar…

O capitão se calou. A jovem mulher refletia com ar preocupado. Após um instante, ela disse:

— Por que não me avisou?

Ele exclamou:

— Avisá-la! E se, afinal de contas, não se tratasse de você? Por que deixá-la preocupada? E se, ao contrário, se tratasse de você, por que alertá-la? Após o fracasso do golpe, seus inimigos lhe teriam preparado outra armadilha e, ignorando-a, não teríamos como evitá-la. Não, o melhor era ir à luta. Contratei o pequeno grupo de seus antigos doentes, que estão sendo tratados no anexo, e como justamente o amigo que eu esperava mora nessa praça, aqui mesmo, perguntei se por acaso ele deixaria seu apartamento à minha disposição das seis às nove horas. Eis o que fiz, mamãe Coralie, e agora que sabe tanto quanto eu, o que acha?

Ela lhe estendeu a mão.

— Penso que me salvou de um perigo que ignoro, mas que parece terrível, e eu lhe agradeço.

— Ah, não — disse ele —, não aceito agradecimentos. Fico tão feliz por ter conseguido! Não, o que lhe peço é sua opinião sobre o caso em si.

Ela não hesitou um segundo sequer e respondeu nitidamente:

— Não tenho. Nenhuma palavra, nenhum incidente, dentro de tudo que me conta, desperta em mim a menor ideia que possa nos informar.

— Não pensa que possa ter inimigos?

— Pessoalmente, não.

— E esse homem a quem seus dois agressores deviam entregá-la, e que disse que a conhece?

Ela corou levemente e declarou:

— Toda mulher já encontrou na vida homens que a perseguem mais ou menos abertamente, não é? Não sei lhe dizer quem é.

O capitão permaneceu calado por bastante tempo, então prosseguiu:

— Afinal de contas, não podemos esperar qualquer esclarecimento senão pelo interrogatório de nosso prisioneiro. Se ele se recusar a responder, azar o dele… eu o entrego à polícia, que, por sua vez, saberá resolver o caso.

A jovem mulher estremeceu.

— A polícia?

— Obviamente. O que quer que eu faça desse indivíduo? Não pertence a mim, mas à polícia.

— Não, não! — exclamou ela, vivamente. — De jeito nenhum! Como! Entrariam em minha vida!… Haveria inquéritos!… Meu nome estaria envolvido em todas essas histórias!

— No entanto, mamãe Coralie, não posso…

— Ah! Eu lhe peço, eu lhe suplico, meu amigo, encontre um meio, mas que não se fale de mim! Não quero que falem de mim!

O capitão a observou, bastante surpreso ao vê-la tão agitada, e disse:

— Não falarão de você, mamãe Coralie, eu lhe garanto.

— E então, o que vai fazer desse homem?

Ele se levantou.

— Meu Deus — disse, rindo —, primeiramente, vou lhe perguntar com todo o respeito se ele se dignará a responder às minhas perguntas, então vou lhe agradecer as atenções que teve para com você, e finalmente vou

pedir que se retire.

Ele se levantou.

— Deseja vê-lo, mamãe Coralie?

— Não — disse ela —, estou tão cansada! Se não precisar de mim, interrogue-o sozinho. Você me contará depois…

De fato, ela parecia exausta por essa emoção e essa fadiga novas, acrescentadas àquelas que já lhe tornavam tão penosa a vida de enfermeira. O capitão não insistiu e saiu fechando atrás dele a porta do salão.

Ela o ouviu dizendo:

— E aí, Ya-Bon, fez boa guarda? Nada de novo? E seu prisioneiro? Ah, aqui está, camarada? Começa a respirar? Ah! É que a mão de Ya-Bon é um tanto pesada… Hein? O quê? Não está respondendo… Ah! Mas o que é isso? Não está se mexendo… Caramba, mas parece…

Soltou um grito. A jovem mulher correu até o vestíbulo. Encontrou o capitão, que tentou lhe bloquear a passagem e que lhe disse energicamente:

— Não vá adiante. Para que serviria?

— Mas você está ferido! — exclamou ela.

— Eu?

— Tem sangue lá, na sua manga.

— De fato, mas não é nada, é o sangue desse homem que me manchou.

— Então ele foi ferido?

— Sim, ou ao menos sangrava pela boca. Alguma ruptura de vaso…

— Como! Mas Ya-Bon não apertou tanto assim…

— Não foi Ya-Bon.

— Quem, então?

— Os cúmplices.

— Então eles voltaram?

— Sim, e o estrangularam.

— Eles o estrangularam! Não, olhe, é inacreditável.

Ela conseguiu passar e se aproximou do prisioneiro.

Ele não se movia. Seu rosto tinha a palidez da morte. Um fino cordão de seda vermelho, finamente trançado, com argola em cada extremidade, cercava-lhe o pescoço.

A mão direita e a perna esquerda

— Um canalha a menos, mamãe Coralie — exclamou Patrice Belval, após reconduzir a jovem mulher ao salão e fazer uma inquirição rápida com Ya-Bon. — Lembre esse nome que achei gravado no relógio dele: "Mustapha Rovalaïoff", o nome do canalha.

Pronunciou essas palavras em tom alegre, em que não havia mais sinal de emoção, e prosseguiu, enquanto andava de lá para cá pelo cômodo:

— Nós, que já assistimos a tantas catástrofes e que vimos morrer tantas boas pessoas, mamãe Coralie, não vamos chorar a morte de Mustapha Rovalaïoff, assassinado por seus cúmplices. Nem mesmo uma oração fúnebre, não é? Ya-Bon o pegou com o braço e, aproveitando um momento em que não havia ninguém na praça, levou-o para a Rua Brignoles, com ordem para jogá-lo por cima da grade, no jardim do museu Galliera. A grade é alta. Mas a mão direita de Ya-Bon não conhece obstáculos. Assim, mamãe Coralie, o caso está encerrado. Não falarão de você e, dessa vez, peço um agradecimento.

Pôs-se a rir. E continuou:

— Um agradecimento, mas nada de elogios. Caramba, como eu sou péssimo carcereiro! E com que destreza os outros deram cabo de meu prisioneiro! Como não previ que o segundo de seus agressores, o homem de chapéu cinza, ia alertar o terceiro cúmplice que esperava no carro, e que ambos viriam resgatar seu companheiro? E não é que vieram mesmo? E enquanto você e eu conversávamos, arrombaram a entrada de serviço, passaram pela cozinha, chegaram diante da pequena porta que separa a despensa do vestíbulo e entreabriram essa porta. Lá, perto deles, no sofá, o personagem ainda estava desmaiado, e firmemente amarrado. Como fazer?

Impossível tirá-lo fora do vestíbulo sem alertar Ya-Bon. E, no entanto, se não for libertado, se falar, irá entregar seus cúmplices, impedirá a conclusão de um plano preparado cuidadosamente. Então? Então um dos companheiros se debruça furtivamente, estende o braço, rodeia com o cordão essa garganta que Ya-Bon já danificou bastante, reúne as argolas das duas extremidades e aperta, aperta lentamente, aperta tranquilamente até a morte. Nenhum ruído, nenhum suspiro. Tudo ocorre no silêncio. Viram, mataram e foram embora. Boa noite. Pronto, o camarada não vai falar.

A alegria do capitão redobrou.

— O camarada não vai falar — prosseguiu —, e a Justiça, que encontrará seu cadáver amanhã de manhã no jardim fechado, não entenderá nada do caso. E nós também não, mamãe Coralie, e nunca saberemos por que essas pessoas queriam sequestrá-la. Verdade! Se não valho muito como carcereiro, como policial não valho nada mesmo.

Seguia deambulando de um lado a outro do salão. A amputação de sua perna, ou melhor, de sua panturrilha, não parecia incomodá-lo, e as articulações da coxa e do joelho, tendo conservado sua flexibilidade, a cada passo provocavam no máximo certo desencontro do quadril com os ombros. Aliás, sua altura corrigia bastante essa falta de harmonia, aparentemente reduzida a proporções insignificantes pela desenvoltura de seus gestos e a despreocupação com a qual ele parecia aceitá-la.

Tinha o rosto aberto, bastante escuro, queimado pelo sol e endurecido pelas intempéries, uma expressão franca, alegre e frequentemente zombadora. O capitão Belval devia ter entre 28 e 30 anos. Lembrava um pouco, por sua aparência, esses oficiais do Primeiro Império a quem a vida dos campos militares dava um ar especial, e que depois mantinham nos salões e junto das mulheres.

Ele ficou imóvel para contemplar Coralie, cujo lindo perfil se destacava nas luzes da lareira, e então voltou a se sentar ao lado dela e lhe disse suavemente:

— Não sei nada de você. Na enfermaria, as enfermeiras e os médicos a chamam de senhora Coralie. Seus feridos a chamam de mamãe. Qual é seu sobrenome de casada ou solteira? É casada ou viúva? Onde mora? Não o sabemos. Todo dia, nos mesmos horários, você chega e vai embora pela mesma rua. Às vezes, um velho criado de longos cabelos cinzentos e barba emaranhada, como cachecol em volta do pescoço e usando óculos

amarelos, acompanha-a ou vem buscá-la. Às vezes, também, espera por você, sentado na mesma cadeira, no pátio envidraçado. Já o questionamos, mas ele não responde a ninguém.

— Não sei nada de você, senão uma coisa: que é adoravelmente bondosa e caridosa, e que também, posso dizê-lo, não é?, é adoravelmente linda. E talvez seja porque sua existência é desconhecida por mim, mamãe Coralie, que a imagino tão misteriosa e, de certo modo, tão dolorosa, sim, tão dolorosa! Você dá a impressão de viver na pena e na inquietação. Sente-se que está sozinha. Ninguém se dedica à sua felicidade e segurança. Então, pensei… há muito tempo que venho pensando nisso e espero a ocasião para confessá-lo… pensei que precisa certamente de um amigo, de um irmão que a guie e defenda. Estou enganado, mamãe Coralie?

À medida que falava, parecia como se a jovem mulher se ensimesmasse, que pusesse maior distância entre ambos, como se não quisesse que ele penetrasse nessas regiões secretas para as quais ele apontava.

Ela murmurou:

— Sim, está enganado. Minha vida é bem simples e não preciso ser defendida.

— Não precisa ser defendida! — exclamou ele com crescente animação. — E então, esses homens que tentaram sequestrá-la? Esse complô urdido contra você? Esse complô cuja descoberta seus agressores temem tanto que chegam a suprimir o cúmplice que se deixou pegar? Então, como, isso não é nada? Estou enganado ao afirmar que está cercada de perigos? Que seus inimigos possuem uma audácia extraordinária? Que é preciso defendê-la contra essas conspirações? E que, se não aceitar a assistência que lhe ofereço… então… então…

Ela se obstinava em seu silêncio, cada vez mais distante, quase hostil.

O oficial golpeou o mármore da lareira com o punho e debruçou-se sobre a jovem mulher:

— Então — disse ele, terminando sua frase em tom decidido —, se não aceitar a assistência que lhe ofereço, então estou lhe impondo.

Ela meneou a cabeça.

— Estou lhe impondo — repetiu furiosamente. — É meu dever e meu direito.

— Não — disse ela, a meia voz.

— Meu direito absoluto — retrucou o capitão —, e por um motivo superior a todos os outros e que me dispensa até de consultá-la, mamãe Coralie.

— Qual é? — disse a jovem mulher, olhando-o.

— É que eu a amo.

Ele lhe lançou essas palavras nitidamente, não como um apaixonado que arrisca uma confissão tímida, mas como um homem orgulhoso do sentimento que experimenta e feliz por declará-lo.

Ela baixou os olhos, corando, e ele exclamou, em tom alegre:

— Estou lhe confessando sem rodeio, hein, mamãe? Nada de tiradas ardentes, nada de suspiros, nem grandes gestos, nem mãos juntas. Não, apenas três pequenas palavras que lhe digo sem me ajoelhar. E isso me é tanto mais fácil que você já o sabia. Sim, mamãe Coralie, por mais que queira se mostrar surpresa, você bem que sabe que eu a amo, e sabe disso há tanto tempo quanto eu. Vimos nascer juntos esse sentimento, quando suas mãozinhas adoradas tocavam minha cabeça ensanguentada. As outras me torturavam. As suas eram como carícias. Assim como eram carícias seus olhares de compaixão. E eram carícias suas lágrimas que caíam porque eu sofria. Mas, primeiramente, é possível vê-la sem amá-la? Seus sete doentes que chamei hoje estão apaixonados por você, mamãe Coralie. Ya-Bon a adora. Só que são simples soldados. Eles se calam. Eu sou capitão. E falo sem constrangimento, e de cabeça erguida, pode crer.

A jovem mulher pusera as mãos sobre as faces ardentes, e, com o busto inclinado, calava-se.

Ele prosseguiu, com uma voz que soava claramente:

— Compreende o que quero lhe dizer ao declarar que falo sem constrangimento e de cabeça erguida? Sim, não é? Se, antes da guerra, eu tivesse sido como hoje, mutilado, não teria tido essa segurança, e lhe teria confessado humildemente meu amor, pedindo-lhe perdão por meu atrevimento. Mas agora… Ah, acredite, mamãe Coralie, que aqui, diante de você, que é mulher e que amo apaixonadamente, nem penso mais em minha enfermidade. Nem por um único instante tenho a impressão de poder lhe parecer ridículo ou presunçoso.

Parou, como se quisesse retomar o fôlego, e, levantando-se, prosseguiu:

— É preciso que seja assim. É preciso que se saiba mesmo que os mutilados dessa guerra não se consideram como párias, infelizes ou

desgraçados, mas como homens absolutamente normais. Sim, normais! Uma perna a menos? E depois? Será que isso significa que não temos cérebro ou coração? Então, porque a guerra tirou de mim uma perna ou um braço, ou até as duas pernas e os dois braços, eu não teria o direito de amar, sob o risco de ser rechaçado ou de pensar que têm piedade de mim? Piedade? Mas não queremos que lamentem por nós, nem que se esforcem para nos amar, nem mesmo que se acreditem caridosos por nos tratarem amavelmente. O que exigimos, tanto diante da mulher como diante da sociedade, diante do transeunte que cruza conosco como diante do mundo de que fazemos parte, é total igualdade entre nós e aqueles que a boa fortuna ou a covardia pouparam.

O capitão voltou a bater na lareira.

— Sim, igualdade total. Nós todos, coxos, manetas, zarolhos, cegos, estropiados, disformes, pretendemos valer, física e moralmente, tanto, e talvez mais, quanto qualquer um. Como! Aqueles que se serviram das duas pernas para correr mais rapidamente ao ataque, uma vez amputados, seriam distanciados na vida por aqueles que esquentaram as duas patas no chão da lareira de um escritório? Ora! Há lugar para nós como para os outros! E pode crer que esse lugar, ao qual temos direito, saberemos tomá-lo e saberemos mantê-lo. Não há felicidade que não tenhamos o direito de alcançar e não há tarefa de que não sejamos capazes, com um pouco de exercício e treino. A mão direita de Ya-Bon já vale todos os pares de mãos do universo, e a perna esquerda do capitão Belval lhe permite percorrer duas léguas por hora, se quiser.

Ele se pôs a rir.

— A mão direita e a perna esquerda… a mão esquerda e a perna direita… Não importa o que nos resta se soubermos utilizá-lo. Em que perdemos valor? Quer se trate de um cargo ou quer se trate de perpetuar a raça, não somos mesmo o que éramos antes? E talvez melhores ainda. Acredito poder dizer que os filhos que daremos à pátria serão tão bem proporcionados, terão braços e pernas, e o resto… sem contar uma famosa herança de coração e ânimo. Eis são nossas pretensões, mamãe Coralie. Não admitimos que pernas de pau nos impeçam de seguir adiante e que, na vida, não estejamos equilibrados em nossas muletas, como em pernas de carne e osso. Não consideramos que seja um sacrifício dedicar-se a nós, e que seja necessário falar de heroísmo porque uma moça tem a honra de se

casar com um soldado cego!

— Mais uma vez, não somos pessoas diferentes das outras! Volto a repetir que não sofremos nenhuma desgraça, e se trata de uma verdade à qual todo o mundo se dobrará, em duas ou três gerações. Você compreende que, em um país como a França, em que os mutilados se encontram às centenas de milhares, a concepção do que significa um homem completo não será mais tão rígida, e que, afinal de contas, haverá, nessa nova humanidade que se prepara, homens com dois braços e homens com um só braço, assim como existem homens morenos e homens loiros, pessoas usando barba e outras não. Tudo isso parecerá muito natural. Cada um viverá a vida que quiser, sem precisar ter o corpo intacto. E como minha vida está em você, mamãe Coralie, e minha felicidade depende de você, não quis esperar mais para lhe fazer meu pequeno discurso. Ufa! Acabou! Eu ainda teria muitas coisas a dizer a respeito disso, mas não é, não é em um dia…

Ele se interrompeu, intimidado apesar de tudo pelo silêncio da jovem mulher.

Ela não se mexera desde as primeiras palavras de amor que ele havia pronunciado. Suas mãos deslizaram pelo rosto até a testa. Um leve tremor lhe sacudia os ombros.

Ele se debruçou e, com infinita ternura, abrindo os dedos frágeis, descobriu o lindo rosto.

— Por que está chorando, mamãe Coralie?

A intimidade do tom não a incomodou. Entre o homem e a mulher que se debruçara sobre suas feridas, estabelecera-se uma relação de natureza especial e, em particular, o capitão Belval tinha modos um tanto familiares, porém respeitosos, diante dos quais não cabia se ofender. Ele lhe perguntou:

— Eu que fiz brotar essas lágrimas?

— Não — disse ela em voz baixa —, é sua alegria, sua maneira não só de se rebelar contra o destino, mas de dominá-lo completamente. O mais humilde entre vocês se ergue sem esforço acima de sua natureza, e não conheço nada mais bonito e comovente do que essa despreocupação.

Ele voltou a se sentar ao lado dela.

— Então não se sente ofendida por eu ter-lhe dito… o que eu lhe disse?

— Sentir-me ofendida? — retrucou ela, fingindo se enganar sobre o sentido da pergunta. — Mas todas as mulheres concordam com você! Se a ternura tiver que fazer uma escolha entre aqueles que voltarão da guerra, tenho certeza de que será a favor dos que sofreram mais cruelmente.

Ele meneou a cabeça.

— É que peço mais que ternura, e também uma resposta mais precisa a algumas de minhas palavras. Devo recordá-las?

— Não.

— Então? A resposta…

— A resposta, meu amigo, é que nunca mais dirá essas palavras.

Ele tomou um ar solene.

— Está me proibindo?

— Estou.

— Nesse caso, juro me calar até a próxima vez que a vir…

Ela murmurou:

— Não me verá mais.

Essa afirmação divertiu muito o capitão Belval.

— Ah! Ah! Por que eu não a verei mais, mamãe Coralie?

— Porque não quero.

— E o motivo dessa decisão?

— O motivo?

Virou os olhos para ele e, lentamente, pronunciou:

— Sou casada.

Essa declaração não pareceu abalar o capitão, que afirmou com a maior tranquilidade do mundo:

— Pois bem, então se casará outra vez. Não há dúvida de que seu marido é velho e que você não gosta dele. Assim, ele vai entender muito bem que, sendo amada…

— Não brinque, meu amigo…

Ele pegou energicamente a mão da jovem mulher no momento em que ela se levantava, prestes a ir embora.

— Você tem razão, mamãe Coralie, e peço desculpas por não ter adotado um tom mais sério para lhe dizer coisas tão graves. Trata-se de minha vida e de sua vida. Tenho a profunda convicção de que estão indo uma em direção à outra, sem que sua vontade possa se opor, e é por isso que a sua resposta é inútil. Não lhe peço nada. Espero tudo do destino. Ele

nos reunirá.

— Não — disse ela.

— Sim — afirmou ele —, as coisas vão ocorrer assim.

— As coisas não vão ocorrer assim. Não devem ocorrer assim. Você vai me dar sua palavra de honra de que não vai mais procurar ver-me, nem mesmo saber meu nome. Eu poderia ter dado mais espaço à sua amizade. A confissão que fez nos afasta um do outro. Não quero ninguém em minha vida… ninguém.

Ela usou de certa veemência em sua declaração e, ao mesmo tempo, tentava soltar seu braço do aperto que o mantinha preso.

Patrice Belval se opôs, dizendo:

— Está errada… não tem o direito de se expor dessa maneira… eu lhe peço, pense…

Ela o rechaçou. Foi então que, por acaso, se produziu um incidente estranho. No movimento que ela fez, bateu em uma pequena bolsa que pusera no parapeito da lareira, a qual caiu no tapete. Mal fechada, a bolsa abriu-se. Dois ou três objetos saíram de dentro, que ela recolheu, enquanto Patrice Belval se agachava rapidamente.

— Pegue — disse ele —, ainda sobrou isso.

Era um estojo, um pequeno estojo de palha trançada que o choque também abrira e do qual escapavam as contas de um rosário.

De pé, ambos ficaram calados. O capitão examinava o rosário. E ele murmurou:

— Curiosa coincidência… essas contas de ametista… esse antigo engaste em filigrana de ouro… É estranho encontrar o mesmo trabalho e a mesma matéria…

Ele estremeceu, e tão nitidamente que a jovem mulher perguntou:

— O que há?

Ele segurava entre os dedos uma das contas, maior que as outras e na qual se reuniam, de um lado, o cordão das dezenas e, de outro lado, o curto cordão de oração. Ora, essa conta estava quebrada no meio, quase rente às garras de ouro que a engastavam.

— Há que… — disse ele — há que a coincidência é tão inconcebível que mal ouso… Contudo, eu poderia verificar o fato imediatamente… Mas, antes, uma palavra: quem lhe deu esse rosário?…

— Ninguém me deu — disse ela. — Eu sempre o tive.

— Mas pertencia a alguém, antes de lhe pertencer?

— À minha mãe, provavelmente.

— Ah! Procede de sua mãe?

— Sim, suponho que venha dela, assim como as diferentes joias que ela me deixou.

— Você perdeu sua mãe?

— Sim, eu tinha 4 anos quando ela morreu. Eu mal guardo dela uma lembrança muito confusa. Mas por que me pergunta isso, a respeito de um rosário?

— É a respeito disso — ele disse —, a respeito dessa conta de ametista quebrada no meio…

Ele abriu seu dólmã e tirou o relógio do bolso do colete. Vários berloques estavam amarrados ao relógio por uma pequena corrente de couro e prata.

Um desses berloques era constituído pela metade de uma conta de ametista igualmente quebrada em sua face externa, igualmente engastada em garras de filigrana. O tamanho das duas contas parecia idêntico. As ametistas eram de mesma cor, engastadas na mesma filigrana.

Olharam-se ansiosamente. A jovem mulher balbuciou:

— Só pode ser um acaso, nada mais que um acaso…

— Tudo bem — disse ele —, mas devemos admitir que essas duas metades de conta se encaixam exatamente uma na outra…

— Não é possível — disse ela, também assustada diante da ideia de fazer o pequeno e simples gesto que era preciso para ter a prova indiscutível.

Esse gesto, no entanto, o oficial decidiu fazê-lo. Sua mão direita que segurava a conta do rosário e a mão esquerda que segurava o berloque se aproximaram. O encontro ocorreu. As mãos hesitaram, tatearam, então não se moveram mais. O contato se produzira.

As desigualdades da divisão correspondiam exatamente umas às outras. Os relevos encontravam vãos equivalentes. As duas metades de ametista eram as duas metades da mesma ametista. Reunidas, formavam uma única peça.

Houve um longo silêncio carregado de emoção e mistério. O capitão Belval disse em voz baixa:

— Eu também não sei exatamente a origem desse berloque. Em minha infância, eu o vi, no meio de objetos sem grande valor que guardava em uma caixa, chaves, relógios, velhos anéis, antigos carimbos, entre os quais escolhi esses berloques há dois ou três anos. De onde vem este? Eu o ignoro. Mas o que sei…

Ele havia separado os dois fragmentos e, examinando-o atentamente, concluiu:

— O que sei, sem dúvida, é que a maior conta desse rosário um dia se desprendeu e se quebrou, e que as duas metades dessa conta foram recolhidas, que uma reencontrou seu lugar e a outra, com seu cordão, formou este berloque. Portanto, você e eu possuímos as duas metades de algo que alguém possuía inteiramente há cerca de vinte anos.

Aproximou-se dela e continuou, no mesmo tom, baixo e um pouco grave:

— Há pouco você protestava quando eu afirmava minha fé no destino e na certeza de que os acontecimentos nos levavam um para o outro. Ainda está negando? Porque, enfim, trata-se ou de um acaso tão extraordinário que não temos o direito de admiti-lo, ou então de um fato real que mostra que nossas duas existências já se encontraram no passado em algum ponto misterioso, e que voltarão a se encontrar no futuro, para não mais se separarem. E é por isso que, sem esperar esse futuro talvez distante, eu lhe ofereço, hoje que está sendo ameaçada, o apoio de minha amizade. Note que não estou falando mais de amor, mas somente de amizade. Aceita?

Ela permanecia atônita, e tão confusa por tudo o que havia de milagroso na união completa dos dois fragmentos de ametista que parecia não ouvir mais a voz do capitão.

— Aceita? — repetiu ele.

Após um instante, ela respondeu:

— Não.

— Então — disse ele com bom humor —, a prova que o destino lhe dá de sua vontade não lhe basta?

Ela declarou:

— Não devemos nos ver mais.

— Que seja. Confio nas circunstâncias. Não vai demorar. Enquanto isso, juro não fazer nada para procurar revê-la.

— E não fazer nada para saber meu nome?

— Nada. Eu lhe juro.

Ela lhe estendeu a mão.

— Adeus — disse ela.

Ele respondeu:

— Até logo.

Ela se afastou. Na soleira da porta, virou-se e pareceu hesitar. Ele permanecia imóvel perto da lareira. Ela voltou a lhe dizer:

— Adeus.

Pela segunda vez, ele retrucou:

— Até logo, mamãe Coralie.

Tudo havia sido dito entre eles por enquanto. Ele não tentou segurá-la.

Ela foi embora.

Quando a porta da rua se fechou, e só então, o capitão Belval se dirigiu para uma das janelas. Avistou a jovem mulher que passava por entre as árvores, toda miúda na escuridão. Sentiu um aperto no coração.

Jamais voltaria a vê-la?

— Sim, vou vê-la de novo — exclamou. — E amanhã, talvez. Não sou mesmo favorecido pelos deuses?

E, pegando sua bengala, foi embora, como ele dizia, com o pé direito.

À noite, após ter jantado em um restaurante vizinho, o capitão Belval chegava a Neuilly. O anexo da enfermaria, uma linda casa situada no começo do boulevard Maillot, dava para o Bois de Boulogne. Nela a disciplina era bastante relaxada, o capitão podia chegar a qualquer hora da noite, e os homens conseguiam facilmente autorizações da supervisora.

— Ya-Bon está aqui? — ele lhe perguntou.

— Sim, capitão, está jogando baralho com seu flerte.

— É seu direito amar e ser amado — disse ele. — Tem cartas para mim?

— Não, capitão, apenas um pacote.

— Por parte de quem?

— Foi um entregador que o trouxe, sem dizer nada senão essas palavras: “Para o capitão Belval”. Deixei-o em seu quarto.

O oficial foi até o quarto, que escolhera no último andar, e avistou o pacote na mesa, amarrado com barbante e embrulhado com papel.

Abriu-o. Era uma caixa. E essa caixa continha uma chave, uma grande chave enferrujada, e que era de forma e fabricação obviamente antigas.

Que diabo isso significava? A caixa não mencionava endereço ou qualquer carimbo. Ele supôs que devia ser algum engano que se explicaria por si, e pôs a chave no bolso.

— Chega de enigmas por hoje — disse a si mesmo —, vou me deitar.

Mas, quando ia fechar as cortinas da janela, ele avistou pela vidraça, acima das árvores do Bois de Boulogne, uma explosão de faíscas que se espalhavam a certa distância, na espessa sombra da noite.

E lembrou-se da conversa que surpreendera no restaurante e dessa chuva de faíscas sobre a qual aqueles que tramavam o sequestro de mamãe Coralie haviam falado…

A chave enferrujada

Aos 8 anos, Patrice Belval, que até então morara em Paris com seu pai, foi enviado para uma escola francesa em Londres, de onde saiu somente dez anos depois.

Nos primeiros tempos, recebera semanalmente notícias de seu pai. E um dia, então, o diretor da escola o informou que era órfão, que os gastos com sua educação estavam cobertos e que, uma vez maior de idade, ele receberia, por meio de um *solicitor* inglês, a quantia de cerca de duzentos mil francos, valor da herança paternal.

Duzentos mil francos não podiam ser suficientes para um rapaz cujos gostos se revelaram dispendiosos e que, enviado à Argélia para cumprir seu serviço militar, deu um jeito, já que ainda não tinha dinheiro, de fazer vinte mil francos de dívidas.

Assim, começou dilapidando a herança para, então, pôr-se a trabalhar. De mente engenhosa, ativo, sem vocação especial, mas apto a tudo que exige iniciativa e resolução, cheio de ideias, sabendo querer e executar, ele inspirou confiança, encontrou financiamentos e criou negócios.

Negócios de eletricidade, compra de fontes e cascatas, organização de serviços de automóveis nas colônias, linhas marítimas, exploração mineira; em poucos anos, improvisou uma dúzia de empresas que, todas, foram bem-sucedidas.

A guerra foi para ele uma maravilhosa aventura. Lançou-se nela destemidamente. Sargento de tropas coloniais, ganhou sua patente de tenente no Marne. Em 15 de setembro, atingido na panturrilha, foi amputado no mesmo dia. Dois meses depois, não se sabe em decorrência de que tramas, ele, o mutilado, subiu como observador no avião de um de

nossos melhores pilotos. Em 10 de janeiro, um shrapnel[1] pôs fim às façanhas dos dois heróis. Dessa vez o capitão Belval, gravemente ferido na cabeça, foi transferido para a enfermaria da Avenida dos Champs-Élysées. Na mesma época, aquela que ele ia chamar de mamãe Coralie entrava igualmente nessa enfermaria como enfermeira.

A trepanação à qual foi submetido foi bem-sucedida. Mas houve complicações. Ele sofreu muito, mesmo sem nunca se queixar, e sempre animando com bom humor seus companheiros de miséria, que sentiam para com ele uma verdadeira afeição. Fazia-os rir. Consolava-os e animava-os com sua verve e seu jeito sempre feliz de encarar as piores situações.

Nenhum deles jamais esquecera a maneira como ele recebeu um fabricante que veio lhe oferecer uma perna articulada.

— Ah, ah! Uma perna articulada! E para fazer o quê, senhor? Certamente, para enganar o mundo e que não se perceba que fui amputado, não é? Consequentemente, o senhor considera que é um defeito ser amputado e que eu, oficial francês, devo esconder isso como algo vergonhoso?

— Em absoluto, capitão. Contudo…

— E quanto custa sua mecânica?

— Quinhentos francos.

— Quinhentos francos! E acha que sou capaz de gastar quinhentos francos em uma perna articulada, quando existem cem mil pobres rapazes amputados como eu e que serão obrigados a exibir suas pernas de pau?

Os homens que estavam lá riam com prazer. A própria mamãe Coralie ouvia sorrindo. E quanto Patrice Belval não teria dado por um sorriso de mamãe Coralie?

Como ele lhe dissera, desde os primeiros dias apaixonara-se por ela, por sua tocante beleza, sua graça ingênua, os olhos enternecidos, a alma doce que se debruçava sobre os doentes e que parecia tocá-los levemente como uma carícia benfeitora. Desde os primeiros dias o encanto se insinuava nele ao mesmo tempo que o envolvia. A voz dela o reanimava. Ela o fascinava com seu olhar e seu perfume. Contudo, embora se submetesse ao império desse amor, ele experimentava ao mesmo tempo uma imensa necessidade de se dedicar e colocar sua força a serviço dessa pessoa miúda e delicada que ele sentia cercada de perigos.

E eis que os acontecimentos lhe davam razão, que esses perigos se definiam, e que ele tivera o prazer de arrancar a jovem mulher das garras de seus inimigos. Primeira batalha cujo desfecho o alegrava, mas que ele não podia crer encerrada. Os ataques iam recomeçar. E ele já não tinha o direito de se perguntar se não havia uma estreita correlação entre o complô preparado de manhã contra a jovem e essa espécie de sinal que a chuva de faíscas revelava? Será que ambos os fatos anunciados pelos dois interlocutores não pertenciam à mesma tenebrosa maquinação?

As faíscas ainda cintilavam ao longe.

Pelo que Patrice Belval podia julgar, o sinal se elevava do lado do rio Sena, entre dois pontos extremos que podiam ser o Trocadero, à esquerda, e a estação ferroviária de Passy, à direita.

— Portanto — disse para si mesmo —, no máximo a dois ou três quilômetros em linha reta. Vamos ver do que se trata.

No segundo andar, um pouco de luz filtrava pela fechadura de uma porta. Ya-Bon morava ali, e o oficial sabia pela supervisora que Ya-Bon jogava cartas com seu flerte. Ele entrou.

Ya-Bon não jogava mais. Adormecera em uma poltrona diante do baralho espalhado e, na manga virada do avesso que pendia a partir no ombro esquerdo, estava encostada uma cabeça de mulher, uma cabeça da mais terrível vulgaridade, cujos lábios espessos como os de Ya-Bon deixavam ver dentes pretos, e cuja pele gordurosa e amarela era impregnada de óleo. Era Angèle, a moça da cozinha, o flerte de Ya-Bon. Ela roncava.

Patrice os contemplou com satisfação. Esse espetáculo confirmava a validade de suas teorias. Se Ya-Bon havia encontrado uma namorada, será que, por sua vez, os mais mutilados entre os heróis não podiam almejar todas as alegrias do amor?

Ele tocou o ombro do senegalês. Este despertou e sorriu, ou melhor, tendo adivinhado a presença de seu capitão, sorriu antes de acordar.

— Preciso de você, Ya-Bon.

Ya— Bon grunhiu de prazer e empurrou Angèle, que desmoronou na mesa e continuou roncando.

Fora, Patrice não viu mais as faíscas. A massa de árvores as escondia dele. Ele seguiu o boulevard e, para ganhar tempo, tomou o anel ferroviário até a Avenida Henri-Martin. De lá, entrou na Rua de la Tour, que o levou a

Passy.

A caminho, não parou de compartilhar suas preocupações com Ya-Bon, embora soubesse que o negro não podia entender muita coisa. Mas era um costume de Patrice Belval. Ya-Bon, seu companheiro de guerra, e então seu ordenança, era-lhe fiel como um cão. Amputado no mesmo dia que seu chefe, atingido no mesmo dia que ele na cabeça, Ya-Bon se achava destinado a todas as mesmas provações, e se regozijava por ter sido ferido duas vezes, assim como teria se regozijado por morrer ao mesmo tempo que o capitão Belval. O capitão respondia a essa submissão de animal fiel com uma camaradagem afetuosa, um tanto brincalhona, com frequência até rude, que exaltava a afeição do negro. Ya-Bon tinha o papel de confidente passivo que se consulta sem o ouvir de volta, e em quem se descarrega o mau humor.

— O que acha de tudo isso, senhor Ya-Bon? — dizia, caminhando de braço dado com ele. — Acho que ainda é a mesma história. Concorda comigo, hein?

Ya-Bon emitia dois grunhidos, um significando sim, o outro não.

Ele grunhiu:

— Sim.

— Portanto, não há dúvida — afirmou o oficial —, e precisamos reconhecer que mamãe Coralie está correndo um novo perigo, não é?

— Sim — grunhiu Ya-Bon, que, por princípio, sempre aprovava.

— Pois bem. Só resta saber, agora, o que significa essa chuva de faíscas. Por um momento, como aqueles zepelins que nos fizeram uma primeira visita há uns oito dias, imaginei… Mas está me ouvindo?

— Sim.

— Imaginei que era um sinal de traição tendo por objetivo uma segunda visita de zepelins…

— Sim.

— Não, imbecil, não diga sim. Como quer que seja um sinal para zepelins já que, conforme a conversa que surpreendi, o sinal já aconteceu duas vezes antes da guerra? E, por falar nisso, trata-se realmente de um sinal?

— Não.

— Como não? Mas então o que seria, idiota ao quadrado? É melhor você se calar e me escutar, ainda mais que nem sabe do que se trata… Eu

também não, de resto, e confesso que estou perdido. Deus! Como tudo isso é complicado e sou pouco qualificado para resolver esses problemas!

Patrice Belval ficou ainda mais confuso ao desembocar da Rua de la Tour. Vários caminhos se ofereciam a ele. Qual escolher? Ademais, embora estivesse no centro de Passy, nenhuma faísca reluzia no céu escuro.

— É provável que tenha acabado — ele disse —, e estamos a ver navios. A culpa é sua, Ya-Bon. Se não tivesse me feito perder preciosos minutos para arrancá-lo dos braços de sua namorada, teríamos chegado a tempo. Reconheço os encantos de Angèle, mas mesmo assim…

Orientou-se, cada vez mais indeciso. Decididamente, a expedição iniciada ao acaso, e sem informações suficientes, não trazia nenhum resultado, e ele pensava em abandoná-la quando, nesse momento, um automóvel surgiu da Rua Franklin, vindo do Trocadero, e alguém que estava dentro gritou pelo tubo acústico:

— Vire à esquerda… e em seguida siga reto, até que eu o avise.

Ora, pareceu ao capitão Belval que essa voz tinha as mesmas inflexões estrangeiras de uma das vozes que ouvira de manhã no restaurante.

— Será que é o indivíduo de chapéu cinza? — murmurou —, ou seja, um daqueles que tentaram sequestrar mamãe Coralie?

— Sim — grunhiu Ya-Bon.

— Não é? O sinal das faíscas explica sua presença nos arredores. Não podemos largar essa pista. Corra, Ya-Bon.

Mas era inútil que Ya-Bon corresse. O carro — uma imponente limusine — seguira pela Rua Raynouard, e o próprio capitão conseguiu chegar no momento em que parava a três ou quatro metros do cruzamento, diante de um portão, situado à esquerda.

Cinco homens desceram.

Um deles tocou a campainha.

Passaram-se trinta ou quarenta segundos. Então, pela segunda vez, Patrice percebeu a vibração da campainha. Os cincos homens agrupados na calçada estavam esperando. Finalmente, após tocarem uma terceira vez, uma pequena fresta em uma das duas folhas do portão foi entreaberta.

Houve uma pausa. Parlamentavam. A pessoa que havia aberto devia estar pedindo explicações. Mas, de repente, dois dos homens empurraram fortemente a folha do portão, que cedeu à pressão e abriu passagem a todo o bando.

Um ruído violento. A porta se fechou. Logo o capitão estudou o lugar.

A Rua Raynouard era um antigo caminho rural que antes serpentava entre as casas e os jardins da aldeia de Passy, nas encostas nas colinas banhadas pelo Rio Sena. Em certas partes, cada vez mais raras, infelizmente, mantivera um ar provinciano. É ladeada por propriedades antigas. Casas velhas se escondem no meio das árvores. Conserva-se a casa em que Balzac morou. Era lá que ficava o jardim misterioso em que Arsène Lupin descobriu, na fenda de um antigo relógio solar, os diamantes de um coletor de impostos[2].

A casa que os cinco indivíduos haviam invadido, e perto da qual o automóvel ainda estacionava, o que impedia que o capitão se aproximasse, ficava ao lado de um muro. Tinha a aparência dos velhos hotéis construídos durante o Primeiro Império. Janelas redondas, protegidas por grades no térreo, fechadas por persianas no primeiro andar, alinhavam-se ao longo da larga fachada. Mais adiante, como uma ala independente, agregava-se outro edifício.

— Nada que se possa fazer deste lado — disse o capitão. — Está trancado como uma fortaleza feudal. Vamos procurar por outro lado.

Da Rua Raynouard, ruelas estreitas, que separavam as antigas propriedades, correm em direção ao rio. Uma delas ladeava o muro que antecedia a casa. O capitão entrou nela com Ya-Bon. Era calçada com terríveis cascalhos pontiagudos, entrecortada por degraus, e fracamente iluminada pela claridade de um poste de luz.

— Dê-me uma ajuda, Ya-Bon. O muro é muito alto. Mas, talvez, com esse poste de luz…

Ajudado por Ya-Bon, ele se ergueu até a lanterna e já estendia uma das mãos quando se deu conta de que toda essa parte da cumeeira era provida de cacos de vidro que tornavam a passagem absolutamente impossível.

Desceu, furioso.

— Caramba, Ya-Bon, poderia ter me avisado. Mais um pouco e eu cortava as mãos. No que está pensando? Na verdade, pergunto-me por qual motivo você fez questão de me acompanhar.

Havia uma curva. Não sendo mais iluminada, a ruela ficou totalmente escura e o capitão só avançava tateando.

A mão do senegalês caiu sobre seu ombro.

— O que quer, Ya-Bon?

A mão o empurrou contra o muro. Naquele lugar havia a reentrância de uma porta.

— Obviamente — disse ele — é uma porta. Você imagina que eu não a havia visto? Não, só o senhor Ya-Bon é que tem olhos!

Ya-Bon lhe ofereceu uma caixa de fósforos. Ele acendeu vários, um atrás do outro, para examinar a porta.

— O que eu lhe disse? — resmungou. — Não há nada que possamos fazer. Madeira maciça, reforçada com barras e pregos… Veja, não há maçaneta deste lado… apenas o buraco de uma fechadura… Ah, precisaríamos de uma chave, e feita especialmente, sob medida!… Olhe, uma chave do tipo daquela que um entregador deixou de tarde para mim no anexo.

Calou-se. Uma ideia absurda passava por sua mente, e no entanto, por mais absurda que fosse, ele se sentia incapaz de resistir ao pequeno gesto que ela lhe sugeria.

Voltou sobre seus passos. Havia trazido essa chave consigo. Tirou-a do bolso.

A porta voltou a ser iluminada. O buraco da fechadura apareceu. Na primeira tentativa, o capitão introduziu a chave. Fez um esforço à esquerda: a chave girou; ele empurrou, a porta se abriu.

— Vamos entrar — disse.

O negro não se moveu. Patrice adivinhou seu estupor. No fundo, seu próprio estupor não era menor. Por que incrível prodígio essa chave era precisamente a chave dessa porta? Por qual prodígio a pessoa desconhecida que lhe mandara a chave havia adivinhado que ele saberia utilizá-la, sem maior informação?… Por qual prodígio?…

Mas Patrice havia resolvido agir sem procurar a resposta aos enigmas que um malicioso acaso parecia se deleitar em lhe apresentar.

— Vamos entrar — repetiu vitoriosamente.

Galhos de árvore chicotearam-lhe o rosto, e ele percebeu que andava na relva e que um jardim devia se estender à sua frente. A escuridão era tamanha que não se distinguiam as alamedas na massa preta dos gramados. Após ter andado por um ou dois minutos, ele se chocou contra rochas sobre as quais corria um lençol freático.

— Droga! — resmungou —, estou todo molhado. Maldito Ya-Bon!

Nem acabara de falar e um latido furioso se fez ouvir nas profundezas do jardim, e imediatamente o som do latido se aproximou com extrema rapidez. Patrice entendeu que um cão de guarda, avisado de sua presença, lançava-se na direção deles, e, por mais corajoso que fosse, estremeceu, de tão impressionante que parecia esse ataque no meio da noite. Como se defender? Um tiro os denunciaria, mas não tinha outra arma senão seu revólver.

O animal se precipitava, e devia ser muito forte, a julgar pelo estrondo de sua corrida, que evocava a de um javali no meio do matagal. Devia ter rompido sua corrente, porque um ruído de metal o acompanhava. Patrice se retesou. Mas, em meio às trevas, viu que Ya-Bon passava diante dele para protegê-lo, e quase em seguida o choque ocorreu.

— Coragem, Ya-Bon, por que não me deixou na frente? Coragem, rapaz… aqui estou.

Os dois adversários haviam rolado na relva. Patrice se debruçou, tentando socorrer o negro. Tocou os pelos de um animal e então a roupa de Ya-Bon. Mas tudo isso se engalfinhava no chão em um bloco tão unido e lutavam com tamanho frenesi que sua intervenção não podia servir para nada.

Aliás, a luta foi breve. Após alguns minutos, os adversários não se moviam mais. Um estertor confuso saía do grupo que formavam.

— E aí? E aí, Ya-Bon? — murmurou o capitão, ansioso.

O negro se levantou aos grunhidos. À luz de um fósforo, Patrice viu que ele segurava com o braço, seu único braço com o qual precisara se defender, um enorme cão que arquejava, a garganta apertada por cinco dedos implacáveis. Uma corrente rompida pendia de sua coleira.

— Obrigado, Ya-Bon, escapei por pouco. Agora, pode soltá-lo. Deve estar inofensivo.

Ya-Bon obedeceu. Mas devia certamente ter apertado demais. O cão se contorceu por um instante na relva, soltou alguns gemidos e permaneceu imóvel.

— Pobre animal — disse Patrice —, e contudo só cumprira seu dever ao se lançar contra os ladrões que somos. Vamos cumprir o nosso, Ya-Bon, que é bem menos claro.

Algo que brilhava como a vidraça de uma janela dirigia seus passos e o levou, por uma série de escadas talhadas na pedra e plataformas

superpostas, ao plano no qual a casa era construída. Desse lado, também, todas as janelas, redondas e altas com as da rua, eram trancadas por persianas. Mas uma delas deixava filtrar a luz que ele avistara de baixo.

Tendo mandado Ya-Bon se esconder nos maciços de plantas, aproximou-se da fachada, escutou, percebeu o ruído confuso de palavras, constatou que a sólida tranca das persianas não lhe permitia ver ou ouvir, e assim alcançou, após a quarta janela, os degraus de uma escada.

No final dessa escada havia uma porta.

— Já que me mandaram a chave do jardim — disse a si mesmo —, não há motivo para que a porta da casa dando para o jardim não esteja aberta.

Estava aberta.

Dentro, o ruído das vozes era mais nítido, e o capitão observou que esse ruído chegava a ele pelo vão da escada, e essa escada, que parecia levar a uma parte inabitada da casa, estava vagamente iluminada acima dele.

Ele subiu.

De fato, no primeiro andar uma porta estava entreaberta. Ele passou a cabeça pela abertura e, curvando-se, entrou.

Encontrou-se então em uma estreita sacada que corria a meia altura de uma ampla sala. Essa galeria ladeava fileiras de livros que alcançavam o teto, e percorria três lados da sala. Duas escadas de ferro, em forma de caracol, desciam contra a parede em cada extremidade.

Pilhas de livros se amontoavam também contra as tábuas do parapeito que protegia a galeria, de modo que Patrice não podia ser visto pelas pessoas agrupadas embaixo, três ou quatro metros abaixo dele, no andar térreo.

Cuidadosamente, afastou duas pilhas. Então o ruído das vozes transformou-se de repente em um violento clamor e, de uma olhada, avistou cinco indivíduos que se lançavam sobre um homem e, antes que este tivesse tempo de se defender, o derrubavam com gritos de furor.

O primeiro movimento do capitão foi precipitar-se em socorro da vítima. Com a ajuda de Ya-Bon, que teria acorrido ao seu chamado, ele certamente teria dado conta dos homens. Só não o fez porque, afinal de contas, não usavam nenhuma arma e não pareciam ter intenções assassinas. Tendo imobilizado sua vítima, limitaram-se a segurá-la pela garganta, os ombros e os tornozelos. O que ia acontecer?

Rapidamente um dos cinco indivíduos se levantou e ordenou, em um tom de chefe:

— Amarrem-no… uma mordaça na boca… Aliás, ele pode gritar quanto quiser, não há ninguém para ouvi-lo.

Imediatamente Patrice reconheceu uma das duas vozes que já ouvira de manhã no restaurante. O indivíduo era baixo, magro, elegante, a tez verde-oliva, o rosto cruel.

— Finalmente — disse ele — pegamos esse malandro! E creio que dessa vez vai acabar por falar. Estão determinados a tudo, meus amigos?

Um dos quatro resmungou com ódio:

— A tudo! E sem demora, não importa o que acontecer!

Este tinha um espesso bigode preto, e Patrice reconheceu o outro interlocutor do restaurante, um dos dois agressores de mamãe Coralie, aquele que havia fugido. Deixara seu chapéu cinza em uma das cadeiras.

— A tudo, hein, Bournef, e não importa o que acontecer? — zombou o chefe. — Pois bem, vamos em frente! Ah, meu velho Essarès, você se recusa a entregar seu segredo! Então vamos nos divertir.

Todos os gestos deviam ter sido ensaiados entre eles e a tarefa parecia rigorosamente dividida, porque os atos que realizaram foram executados com método e prontidão incríveis.

Uma vez amarrado o homem, ergueram-no e jogaram-no em uma poltrona com encosto muito inclinado, no qual o ataram, com a ajuda de uma corda, pelo peito e o tronco.

As pernas, ainda amarradas, foram deitadas no assento de uma cadeira pesada da mesma altura que a poltrona, de modo que os dois pés ficassem acima dela. Então, tiraram dos pés as botas e as meias.

O chefe disse:

— Vamos!

Havia, entre duas das quatro janelas que davam para o jardim, uma grande lareira na qual se consumia um fogo de carvão todo vermelho, com umas manchas brancas, de tão incandescente que estava.

Os homens empurraram a poltrona e a cadeira que carregavam a vítima, aproximando-a, com os pés descalços na frente, até meio metro do braseiro.

Apesar da mordaça, subiu um grito de dor atroz, e apesar das amarras as pernas conseguiram se encolher sobre si mesmas.

— Vamos! Vamos! Mais perto! — proferiu o chefe exasperado.

Patrice Belval pegou seu revólver.

— Ah! Eu também vou — ele,murmurou —, não vou deixar esse coitado…

Mas nesse exato segundo, quando estava prestes a se levantar e agir, o acaso de um movimento o fez avistar o espetáculo mais extraordinário e imprevisto.

À sua frente, do outro lado da sala, na parte da sacada simétrica àquela que ele ocupava, ali estava uma cabeça de mulher, colada às barras do parapeito, lívida, assustada, cujos olhos arregalados pelo terror contemplavam desesperadamente a terrível cena que acontecia embaixo, diante do braseiro vermelho.

O capitão reconheceu mamãe Coralie.

---

[1] Do nome de seu inventor, o artilheiro britânico Henry Shrapnel, trata-se de um obus antipessoal, pois solta balas que, ao caírem, podem atingir alvos individuais. (N.T.)

[2] Referência ao livro *As confissões de Arsène Lupin,* de Maurice Leblanc, coletânea composta de nove contos e publicada pela primeira vez em 1921. (N.T.)

Diante das chamas

Mamãe Coralie! Era mamãe Coralie, escondida nessa casa que seus agressores haviam invadido, e onde ele mesmo se escondia graças a um conjunto de circunstâncias inexplicáveis!

Pensou imediatamente — e então pelo menos um dos enigmas se dissipava — que ela também devia ter entrado pela ruela, invadido a casa pela escada e, desse modo, ela lhe abrira a passagem. Mas, nesse caso, como encontrara os meios de levar a cabo tamanha tarefa? E, acima de tudo, o que estava fazendo ali?

Aliás, todas essas perguntas se formavam na mente do capitão Belval sem que ele tentasse achar respostas, de tão impressionado que estava com o rosto alucinado de Coralie. Ademais, um segundo grito, ainda mais selvagem que o primeiro, saiu de baixo, e ele viu os dois pés da vítima que se torciam diante do braseiro incandescente.

Mas dessa vez Patrice, imóvel pela presença de Coralie, não quis ir socorrer a vítima. Decidiu basear toda a sua conduta na da jovem mulher, não se mexer, e até mesmo não fazer nada para chamar a atenção dela.

— Descanso! — mandou o chefe. — Tragam-no para trás. Com certeza a amostra deve bastar.

E, aproximando-se:

— E agora, meu caro Essarès, o que me diz? Está gostando dessa história? Você sabe que só estamos no começo. Se não falar, iremos até o fim, como faziam os verdadeiros "aquecedores[3]" do tempo da Revolução, que eram mestres nessa arte. Então, está decidido a falar?

O chefe soltou um xingamento.

— Hein? O que quer dizer? Você se recusa? Mas, maldito teimoso, não entende a situação? Ou então é que ainda tem um pouco de esperança. Esperança! Está louco. Quem poderia socorrê-lo? Seus criados? O zelador, o lacaio e o mordomo trabalham para mim. Dei-lhes oito dias de licença. Nesta hora já foram embora. A camareira? A cozinheira? Moram na outra extremidade da casa, e você mesmo me disse que não se podia ouvir nada daquela extremidade. E quem mais? Sua mulher? Ela também dorme longe dessa sala e também não ouviu nada. Siméon, seu velho secretário? Nós o prendemos quando ele abriu a porta principal há pouco. Aliás, vamos dar um jeito nisso. Bournef!

O homem com bigode espesso, que naquele momento segurava a cadeira, ergueu-se e respondeu:

— O que há?

— Bournef, onde trancamos o secretário?

— Na portaria do zelador.

— Sabe onde fica o quarto da esposa?

— Com certeza, segundo as indicações que você me deu.

— Vocês quatro, vão até lá e tragam a esposa e o secretário.

Os quatro indivíduos saíram por uma porta que se encontrava abaixo de mamãe Coralie, e mal haviam sumido quando o chefe se debruçou rapidamente sobre sua vítima e pronunciou:

— Estamos sozinhos, Essarès. Foi o que eu quis. Vamos aproveitar.

Abaixou-se ainda mais e murmurou de tal modo que Patrice mal conseguia ouvi-lo:

— É um bando de imbecis que manipulo como quero e a quem revelo o mínimo possível sobre meus planos. Ao passo que nós, Essarès, somos feitos para nos entender. É o que você não quis admitir e veja aonde isso o levou. Vamos, Essarès, não seja teimoso e não queira bancar o esperto comigo. Caiu na armadilha, está impotente e submetido à minha vontade. Pois bem, antes que as torturas acabem com sua energia, aceite uma transação. Dividimos em dois, que tal? Vamos fazer as pazes e fechar nessa base de divisão igual. Você entra no meu jogo e eu entro no seu. Reunidos, seremos fatalmente vitoriosos. Inimigos, quem sabe se o vencedor conseguirá superar todos os obstáculos que ainda se oporão a ele? Por isso, repito: dividimos em duas partes. Responda: sim ou não?

Ele afrouxou a mordaça e prestou atenção. Dessa vez Patrice não conseguiu distinguir as poucas palavras ditas pela vítima. Mas, quase imediatamente o outro, o chefe, levantou-se em uma repentina explosão de fúria.

— Hein? O quê? O que está me propondo? Fala verdade, você tem coragem! Uma proposta desse tipo, a mim? Ofereça isso a Bournef ou aos seus camaradas. Eles vão entender. Mas eu? Eu? O coronel Fakhi! Ah, não, rapaz, eu sou mais guloso! Aceito dividir. Mas receber esmola, nunca!

Patrice escutava avidamente e, ao mesmo tempo, não perdia de vista mamãe Coralie, cujo rosto, ainda descomposto pela angústia, expressava a mesma atenção.

E ele olhava também a vítima, que o espelho posto acima da lareira refletia parcialmente. Vestido com jaqueta de veludo com sutache e uma calça de flanela marrom, era um homem de cerca de 50 anos, completamente calvo, o rosto espesso, o nariz pronunciado e adunco, os olhos bem fundos sob espessas sobrancelhas, as faces inchadas e cobertas por uma pesada barba cinza. De resto, Patrice podia examiná-lo de maneira mais detalhada ainda em um retrato dele que estava pendurado à esquerda da lareira, entre a segunda e a primeira janela, e que representava um rosto enérgico, imponente e, por assim dizer, de expressão violenta.

"Um rosto oriental", pensou Patrice. "No Egito e na Turquia, vi rostos semelhantes a este."

Os nomes de todos esses indivíduos, aliás, o coronel Fakhi, Mustapha, Bournef, Essarès, o sotaque, a maneira de ser, o aspecto, a silhueta, tudo remetia a impressões experimentadas lá, nos hotéis de Alexandria ou nas margens do Bósforo, nos bazares de Andrinopla ou nos barcos gregos que cruzam o Mar Egeu. Tipos de levantinos, mas de levantinos enraizados em Paris. Essarès bei era um nome de financista que Patrice conhecia, assim como o do coronel Fakhi, que suas entonações e sua linguagem denotavam ser um parisiense.

Mas um ruído de voz voltou a subir do lado da porta. Esta foi aberta brutalmente, e os quatro indivíduos surgiram arrastando um homem atado, que deixaram cair na entrada da sala.

— Aqui está o velho Siméon — exclamou Bournef.

— E a mulher? — perguntou energicamente o chefe. — Espero mesmo que a pegaram!

— Bem, não.

— Hein? Como! Ela fugiu?

— Pela janela.

— Mas precisam correr atrás dela! Só pode estar no jardim… Lembrem-se, há pouco o cão de guarda estava latindo…

— E se fugiu?

— Como?

— A porta da ruela?

— Impossível!

— Por quê?

— Há anos que essa porta não é mais usada. Nem mesmo tem chave.

— Pois bem — respondeu Bournef. — Mas não vamos organizar uma batida com lanternas e atrair o bairro todo, apenas para encontrar uma mulher…

— Sim, mas essa mulher…

O coronel Fakhi parecia exasperado. Voltou-se para o prisioneiro.

— Está com sorte, velho malandro. É a segunda vez hoje que ela escapa às minhas garras, a sua florzinha! Ela lhe contou o que aconteceu de tarde? Ah, se não estivesse lá um maldito capitão… que vou encontrar e que vai me pagar sua intervenção…

Patrice cerrou os punhos com raiva. Ele entendeu: mamãe Coralie se escondia em sua própria casa. Surpresa pela invasão dos cinco indivíduos, ela conseguira — com que esforço! — descer pela janela, seguir no terraço até a escada, alcançar a parte da casa oposta aos quartos habitados e se refugiar na galeria dessa biblioteca, de onde era possível assistir à terrível luta empreendida contra seu marido.

"Seu marido! Seu marido!", pensou Patrice, estremecendo.

E, se ainda houvesse alguma dúvida a respeito disso, os acontecimentos que se precipitaram a apagaram imediatamente, porque o chefe se pôs a caçoar:

— Sim, meu velho Essarès, posso lhe confessar, gosto infinitamente de sua mulher e, como a deixei escapar hoje à tarde, eu bem esperava, uma vez resolvidos meus negócios com você, resolver outros mais agradáveis com ela nesta noite. Sem contar que, uma vez em meu poder, a moça serviria de refém, que eu lhe teria devolvido, pode acreditar, somente após a execução integral de nosso acordo. E você teria andado na linha, Essarès!

É que você é apaixonado por sua Coralie! E como eu o aprovo!

Dirigiu-se para a direita da lareira e, girando um interruptor, acendeu uma luz elétrica posta sob um refletor, entre a terceira e a quarta janela.

Havia lá um quadro que era simétrico ao retrato de Essarès. Estava coberto. O chefe puxou o pano. Coralie apareceu em plena luz.

— A rainha desse lugar! A encantadora! O ídolo! A pérola das pérolas! O diamante imperial de Essarès bei, banqueiro! Como é bonita! Admire a forma delicada de seu rosto, a pureza desse oval, e esse pescoço encantador, e esses ombros graciosos. Essarès, não há favorita, em nossos países distantes, que valha sua Coralie! Será minha logo! Porque vou conseguir achá-la. Ah! Coralie! Coralie!…

Patrice olhou para a jovem mulher e pareceu-lhe que um rubor de vergonha corava seu rosto.

Ele mesmo, a cada palavra de injúria, estremecia de indignação e cólera. Para ele, já era uma dor muito violenta que Coralie fosse esposa de outro homem, e a essa dor se acrescentava a raiva de vê-la assim exposta aos olhos desses homens e prometida como uma presa impotente a quem se mostraria mais forte.

Ao mesmo tempo, perguntava-se o motivo pelo qual Coralie permanecia na sala. Supondo que não pudesse sair do jardim, no entanto, estando livre para ir e vir nessa parte da casa, ela podia abrir alguma janela e pedir socorro. Quem a impedia de agir nesse sentido? Decerto, ela não amava seu marido. Se o tivesse amado, teria afrontado todos os perigos para defendê-lo. Mas como era possível deixar torturar esse homem e, mais ainda, assistir ao seu suplício, contemplar o mais terrível dos espetáculos e ouvir os gritos de seu sofrimento?

— Chega de besteiras! — exclamou o chefe pondo de volta o pano. — Coralie, você será minha recompensa suprema, mas é preciso merecê-la. Mãos à obra, camaradas, e vamos terminar com nosso amigo. Para começar, dez centímetros mais adiante. Nada mais. Está queimando, hein, Essarès? Mas, mesmo assim, ainda é suportável. Tenha paciência, meu bom amigo, tenha paciência.

Desamarrou o braço do cativo, instalou perto dele uma mesinha na qual pôs um lápis e uma folha de papel e continuou:

— Tudo que precisa para escrever. Já que sua mordaça o impede de falar, escreva. Não ignora do que se trata, certo? Algumas letras rabiscadas

nessa folha e estará livre. Aceita? Não? Camaradas, dez centímetros a mais.

Afastou-se e, debruçando-se sobre o velho secretário, em quem Patrice, graças a uma luz mais viva, reconhecera de fato o homem que às vezes acompanhava Coralie até a enfermaria, disse-lhe:

— Quanto a você, Siméon, não lhe será feito mal nenhum. Sei que é dedicado ao seu patrão, mas que este não o deixa a par de nenhum dos seus negócios particulares. Ademais, tenho certeza de que manterá silêncio sobre tudo isso, já que uma única palavra de denúncia contra nós acarrearia a perda do seu patrão antes da nossa. Está entendido, não é? Bem, por que não responde? Será que lhe apertaram demais a garganta com as cordas? Espere, vou lhe dar um pouco de ar…

Enquanto isso, perto da lareira, a sinistra tarefa prosseguia. Pelos dois pés avermelhados pelo calor parecia ser possível ver, por transparência, o brilho fulgurante das chamas. A vítima usava todas as suas forças para tentar dobrar as pernas e recuar, e um gemido saía de sua mordaça, abafado e ininterrompido.

— Ah! Caramba — Patrice disse a si mesmo —, vamos deixá-lo assar desse jeito, como um frango no espeto?

Ele olhou para Coralie. Ela não se movia, o rosto convulsionado, irreconhecível, e os olhos fascinados pela aterrorizante visão.

— Cinco centímetros a mais — gritou do outro lado da sala o chefe, que afrouxava as amarras do velho Siméon.

A ordem foi executada. A vítima soltou tamanho grito que Patrice se sentiu abalado. Mas, ao mesmo tempo, deu-se conta de uma coisa que, até então, ele não notara, ou ao menos à qual não havia dado nenhum significado. A mão da vítima, por uma série de pequenos gestos que pareciam decorrer de crispações nervosas, havia agarrado a beira oposta da mesinha, ao passo que o braço se apoiava no mármore. E aos poucos essa mão, sem que os carrascos que se esforçavam para lhe manter as pernas imóveis percebessem, assim como o chefe, ainda ocupado com Siméon, essa mão fez girar uma gaveta pivotante, deslizou na gaveta, tirou dela um revólver e, bruscamente recolhida, escondeu a arma na poltrona.

O ato, ou melhor, o propósito que esse ato anunciava era extremamente ousado, porque, reduzido à impotência como o estava, o homem não podia esperar a vitória contra cinco adversários livres e armados. No entanto, no espelho em que o via, Patrice notou no rosto uma inabalável resolução.

— Cinco centímetros a mais — mandou o coronel Fakhi, voltando para a lareira.

Tendo examinado o estado das feridas, ele disse rindo:

— A pele está inchando em alguns lugares, as veias estão prestes a se romper. Essarès bei, não deve estar se divertindo muito, nem duvido de sua boa vontade. Será que começou a escrever? Não? E não quer? Prefere esperar um pouco mais? Do lado de sua mulher, talvez? Ora, dá para você ver que, mesmo que tenha conseguido escapar, ela não vai dizer nada. Então? Então, está zombando de mim?

Tomado por um repentino acesso de fúria, ele vociferou:

— Coloquem-lhe os pés no fogo! Quero sentir o cheiro de queimado, de uma vez por todas! Ah! Está zombando de mim? Pois bem, espere um pouco, meu rapaz, e eu mesmo vou começar a brincar e lhe arrancar uma orelha ou as duas… quem sabe? Como fazem em meu país.

Havia tirado de seu colete um punhal que brilhou na luz. Seu rosto era repugnante, de crueldade bestial. Com um grito selvagem, levantou o braço e se endireitou, implacável.

Mas, por mais rápido que seu gesto tenha sido, Essarès antecipou-se.

O revólver apontado subitamente disparou com estrondo. A faca caiu da mão do coronel. Durante alguns segundos ele manteve sua atitude ameaçadora, o braço suspenso no ar, os olhos perdidos, como se não entendesse bem o que estava acontecendo. Então, de repente, desabou sobre sua vítima, imobilizando o braço com seu peso no exato momento em que Essarès mirava um dos outros cúmplices.

Ainda respirava. Balbuciou:

— Ah! o animal… o animal… ele me matou… mas será sua derrota, Essarès… eu havia previsto a possibilidade. Se eu não voltar nesta noite, o chefe da polícia vai receber uma carta… sua traição será conhecida, Essarès… toda a sua história… seus projetos… Ah! miserável… Não é uma burrice?… poderíamos ter-nos entendido tão bem…

Balbuciou ainda umas palavras confusas e rolou sobre o tapete. Era o fim.

Talvez ainda mais que essa reviravolta, a revelação feita pelo chefe antes de morrer e o anúncio dessa carta, que certamente acusava tanto os agressores quanto sua vítima, provocaram um minuto de estupor. Bournef havia desarmado Essarès. Este, aproveitando que a cadeira não era mais

segurada, pôde dobrar as pernas e ninguém se movia.

No entanto, a impressão de terror que emanava da cena toda parecia aumentar com o silêncio. No chão, o corpo deitado, cujo sangue escorria no tapete. Perto, o vulto inerte de Siméon. E então a vítima, ainda presa diante das chamas prestes a lhe devorar a carne. De pé ao lado dele, os quatro carrascos, hesitando talvez sobre a conduta a seguir, porém cuja fisionomia indicava a implacável resolução de dominar o inimigo por qualquer meio que fosse.

Bournef, que os demais consultavam com o olhar, parecia prestes a tudo. Era um homem bastante gordo e baixo, vigoroso, o lábio adornado daquele bigode que Patrice Belval havia notado. Aparentemente menos cruel que o chefe, de aspecto menos elegante e autoritário, ele mostrava mais calma e sangue-frio.

Quanto ao coronel, seus cúmplices não pareciam se preocupar com ele. A partida que jogavam os impedia de qualquer vã compaixão.

Finalmente, Bournef tomou as rédeas, como um homem cujo plano já está estabelecido. Foi pegar seu chapéu cinza deixado perto da porta, abriu o forro e retirou de dentro um pequeno rolo cujo aspecto fez Patrice estremecer. Era um fino cordão vermelho, idêntico àquele que encontrara no pescoço de Mustapha Rovalaïoff, o primeiro cúmplice detido por Ya-Bon.

Bournef desdobrou o cordão e, pegando-o pelas duas argolas, verificou sua solidez com o joelho e, voltando perto de Essarès, passou-o em volta do pescoço da vítima, após ter-lhe retirado a mordaça.

— Essarès — ele disse, com uma tranquilidade mais impressionante que os rompantes e as zombarias do coronel —, Essarès, não vou fazê-lo sofrer. A tortura é um procedimento que me dá nojo, e não quero recorrer a ele. Sabe o que tem que fazer, e eu sei o que devo fazer. Uma palavra de sua parte, um ato da minha, e tudo estará acabado. Essa palavra é o sim ou o não que você vai pronunciar. O ato que vou executar em resposta ao seu sim ou ao seu não será sua libertação, ou então…

Parou alguns segundos e arrematou:

— Ou então sua morte.

A curta frase foi articulada com muita simplicidade, mas com uma firmeza que lhe dava o significado de uma sentença irrevogável. Era claro que Essarès estava diante de um desfecho que não podia mais evitar senão

com absoluta submissão. Em menos de um minuto, falaria ou estaria morto.

Mais uma vez Patrice observou mamãe Coralie, prestes a intervir se adivinhasse nela mais do que um terror passivo. Mas a atitude da jovem mulher não havia mudado. Assim, ela admitia os piores acontecimentos, mesmo aquele que ameaçava seu marido? Patrice se conteve.

— Estamos de acordo? — disse Bournef aos seus cúmplices.

— Totalmente de acordo — disse um deles.

— Vocês aceitam sua parte da responsabilidade?

— Aceitamos.

Bournef aproximou suas mãos uma da outra e as cruzou, amarrando o cordão em volta do pescoço de Essarès. Então, apertou levemente de maneira que a pressão se fizesse sentir, e perguntou em tom seco:

— Sim ou não?

— Sim.

Houve um murmúrio de alegria. Os cúmplices respiravam, e Bournef meneou a cabeça com ar de aprovação.

— Ah! Você aceita?… Já era hora… não creio que alguém possa estar mais perto da morte do que você esteve, Essarès.

No entanto, e sem soltar o cordão, prosseguiu:

— Pois bem. Você vai falar. Mas eu o conheço, e sua resposta me surpreende, porque eu tinha dito ao coronel que nem a própria certeza de morrer o faria confessar seu segredo. Estou enganado?

Essarès respondeu:

— Não, nem a morte, nem a tortura…

— Então você tem outra coisa a nos propor?

— Sim.

— Algo que vale a pena?

— Sim. Há pouco eu o propus ao coronel quando vocês saíram. Mas, embora aceitasse traí-los e tratar comigo do segredo como um todo, ele recusou essa outra coisa.

— Por que eu aceitaria?

— Porque é pegar ou largar, e você entende o que ele não entendeu.

— Portanto, uma transação, não é?

— Sim.

— Dinheiro.

— Sim.

Bournef deu de ombros.

— Certamente, algumas notas de mil francos? E você imagina que Bournef e seus amigos serão tão ingênuos? Olha, Essarès, por que quer que façamos concessões? Seu segredo, já o conhecemos quase inteiramente…

— Vocês sabem em que consiste, mas ignoram os meios de utilizá-lo. Vocês ignoram, por assim dizer, a "localização" do segredo. Aí está o problema.

— Nós a descobriremos.

— Nunca.

— Sim, sua morte vai facilitar nossas buscas.

— Minha morte? Em poucas horas, graças à denúncia do coronel, vocês serão perseguidos e provavelmente presos, e de qualquer modo ficarão incapazes de continuar suas buscas. Consequentemente, vocês também não têm escolha. Ou o dinheiro que proponho ou então… a prisão.

— E se aceitarmos — disse Bournef, abalado pelo argumento —, quando seremos pagos?

— Imediatamente.

— Então o dinheiro está aqui?

— Sim.

— Uma quantia miserável, suponho.

— Não, muito maior do que você espera, infinitamente maior.

— Quanto.

— Quatro milhões.

---

[3] Referência aos "chauffeurs", como eram popularmente apelidados bandos de criminosos que, durante a Revolução Francesa, invadiam casas à noite e queimavam os pés dos moradores para que estes confessassem onde escondiam seu dinheiro. (N.T.)

O marido e a mulher

Os cúmplices se sobressaltaram, como se tivessem recebido um choque elétrico. Bournef se precipitou.

— Hein? O que diz?

— Digo quatro milhões, o que representa um milhão para cada um de vocês.

— O quê? Vamos!… tem certeza?… quatro milhões?

— Quatro milhões.

A quantia era tão elevada, e a proposta tão inesperada, que os cúmplices sentiram o que Patrice Belval também experimentava de seu lado. Acreditaram que fosse uma armadilha, e Bournef não pôde deixar de dizer:

— De fato, a oferta ultrapassa nossas previsões… Portanto, eu me pergunto por que chegou a essa quantia.

— Você teria se conformado com menos?

— Sim — disse Bournef com franqueza.

— Infelizmente, não posso fazer menos. Para escapar da morte, tenho um único meio que é abrir meu cofre. Ora, no meu cofre estão quatro maços de mil notas cada.

Bournef não acreditava no que estava ouvindo e desconfiava cada vez mais de tudo.

— Quem lhe garante que após pegarmos os quatro milhões não vamos exigir mais?

— Exigir o quê? O segredo da localização?

— Sim.

— Não, já que sabem que prefiro morrer. Os quatro milhões são o máximo. Vão querer? Em troca, não peço nenhuma promessa, nenhum juramento, já que tenho certeza de que, uma vez com os bolsos cheios, vocês não terão outra ideia senão fugir, sem se complicar com o assassinato que poderia perdê-los.

O argumento era tão peremptório que Bournef não discutiu mais.

— O cofre está nesta sala?

— Sim, entre a primeira e segunda janela, atrás do meu retrato.

Bournef tirou o quadro da parede e disse:

— Não vejo nada.

— Sim. O cofre é delimitado pelas próprias molduras do pequeno painel central. No meio, há uma rosácea, não de madeira, mas de metal, e existem quatro outras nos quatro cantos do painel. Essas quatro devem ser giradas à direita, ponto por ponto e seguindo uma palavra que é a senha da fechadura, a palavra "Cora".

— As quatro primeiras letras de Coralie? — disse Bournef, que executava as indicações de Essarès.

— Não — respondeu ele —, mas as quatro primeiras letras da palavra Coran[4]. Chegou lá?

Após um instante, Bournef respondeu.

— Cheguei. E a chave?

— Não há chave. A quinta letra da palavra, o *n*, é a letra da rosácea central.

Bournef girou a quinta rosácea e imediatamente um clique se produziu.

— Só lhe resta puxar — mandou Essarès. — Bem. O cofre não é profundo. Foi cavado em uma das pedras da fachada. Põe a mão. Vai encontrar quatro carteiras.

Na verdade, naquele momento Patrice Belval esperava que um acontecimento insólito interrompesse as buscas de Bournef e o lançasse em algum precipício subitamente aberto pelos malefícios de Essarès. E os três cúmplices deviam ter essa desagradável apreensão, já que estavam lívidos, e o próprio Bournef parecia agir com cautela e desconfiança.

Finalmente, virou-se e voltou a se sentar ao lado de Essarès. Segurava nas mãos um pacote com quatro carteiras amarradas juntas por uma tira de pano e que eram pequenas, porém extremamente espessas. Abriu uma delas após ter desatado o nó da tira.

Seus joelhos, sobre os quais pusera o precioso pacote, tremiam e, após ter apanhado, dentro de um dos bolsos, um enorme maço de notas de dinheiro, suas mãos pareciam ser as de um velhinho tremendo de frio. Ele murmurou:

— Notas de mil… dez maços de notas de mil.

Brutalmente, como pessoas prestes a brigar, cada um dos cúmplices apanhou uma das carteiras, fuçou dentro e resmungou:

— Dez maços… a conta está certa… dez maços de notas de mil.

E imediatamente um deles exclamou, com a voz estrangulada:

— Vamos embora… Vamos embora…

Um medo repentino os enlouquecia. Não podiam imaginar que Essarès lhes tivesse entregado tamanha fortuna sem ter um plano que lhe permitisse reavê-la antes que saíssem da sala. Era uma certeza. O teto ia cair sobre eles. As paredes iam se aproximar para asfixiá-los, ainda que poupassem seu incompreensível adversário.

Patrice Belval, por sua vez, não tinha mais dúvida. O cataclismo era iminente, a vingança imediata de Essarès era inevitável. Um homem como ele, um lutador tão forte quanto ele parecia ser, não abandona tão facilmente uma quantia de quatro milhões, se não tiver alguma carta escondida. Patrice parecia oprimido, ofegante. Desde o começo das cenas trágicas às quais ele assistia, ainda não tremera por causa de uma emoção tão violenta, e constatou que o rosto de mamãe Coralie expressava a mesma ansiedade.

Bournef, contudo, recuperou um pouco de seu sangue-frio e, segurando seus companheiros, disse-lhes:

— Não façam besteiras! Ele e o velho Siméon seriam capazes de se soltar e correr atrás de nós.

Todos os quatro, servindo-se de uma única mão, já que com a outra agarravam as carteiras, fixaram na poltrona o braço de Essarès, enquanto ele reclamava:

— Imbecis! Vocês vieram com a intenção de roubar meu segredo, do qual conhecem a extraordinária importância, e perdem a cabeça por uns miseráveis quatro milhões. Sem dúvida, o coronel tinha mais garra que vocês.

Voltaram a amordaçá-lo e Bournef lhe deu um violento soco na cabeça que o estonteou.

— Assim, nossa retirada está garantida — disse Bournef.

Um de seus companheiros perguntou:

— E o coronel, vamos deixá-lo?

— Por que não?

Mas não lhe pareceu ser uma boa solução, já que prosseguiu:

— Afinal, não, não nos interessa comprometer mais Essarès. Nosso interesse, de todos, é desaparecer o mais rápido possível, tanto Essarès quanto nós, antes que essa maldita carta do coronel chegue à polícia, ou seja, antes do meio-dia, suponho.

— E então?

— Então vamos carregá-lo no carro e o deixaremos em qualquer lugar. A polícia terá que se virar.

— E seus documentos?

— Vamos revistá-lo a caminho. Ajudem-me.

Enfaixaram a ferida para que o sangue parasse de escorrer e então levantaram o corpo, cada um segurando por um membro, e saíram sem que nenhum deles tivesse soltado sua carteira um segundo sequer.

Patrice ouviu que atravessavam às pressas outra sala e que, em seguida, pisavam nas sonoras lajotas do vestíbulo.

— É agora — murmurou. — Essarès ou Siméon vão apertar um botão, e os malandros estarão presos.

Essarès não se mexeu.

Siméon não se mexeu.

O capitão ouviu todos os ruídos da partida, o portão batendo, o motor do carro sendo ligado e finalmente o ronco que se afastava.

E foi só isso. Nada acontecera. Os cúmplices fugiram com os quatro milhões.

Seguiu-se um longo silêncio durante o qual a angústia de Patrice persistiu. Ele não pensava que o drama tivesse chegado à sua última fase, e tinha tanto medo das coisas imprevisíveis que ainda podiam ocorrer que quis sinalizar sua presença para Coralie.

Uma nova circunstância o impediu. Coralie havia se levantado.

O rosto da jovem mulher não oferecia mais a mesma expressão de espanto e horror, mas talvez Patrice estivesse mais assustado ao vê-la de repente animada por uma energia maligna que dava aos seus olhos um brilho incomum e lhe crispava as sobrancelhas e os lábios. Ele entendeu

que mamãe Coralie estava disposta a agir.

Em que sentido? Seria isso o desfecho do drama?

Ela se dirigiu para o canto onde se encontrava uma das duas escadas em caracol e desceu lentamente, mas sem tentar abafar o ruído de seus passos.

Inevitavelmente, o marido a ouviu. No espelho, aliás, Patrice viu que ele levantava a cabeça e a seguia com os olhos. Chegando embaixo, ela parou.

Não havia indecisão em sua atitude. Seu plano devia ser muito nítido, e ela só pensava na melhor maneira de executá-lo.

— Ah! — disse Patrice estremecendo —, o que você está fazendo, mamãe Coralie?

Ele se sobressaltou. A direção que o olhar da jovem mulher tomou e a estranha rigidez da expressão dela lhe revelaram seu pensamento secreto. Coralie havia avistado o punhal, que escapara das mãos do coronel e estava no chão.

Patrice não duvidou nem um segundo sequer que ela quisesse pegar o punhal com outra intenção senão a de esfaquear o marido. A vontade de matar estava escrita em seu rosto lívido, de tal modo que, antes mesmo que ela fizesse um único gesto, Essarès estremeceu de terror e procurou, por um esforço de todos os músculos, romper as amarras que o aprisionavam.

Ela avançou, parou de novo e, em um movimento brusco, pegou o punhal.

Quase imediatamente, deu ainda mais dois passos. Nesse momento, estava na altura e à direita da poltrona em que Essarès estava deitado. Bastou-lhe virar levemente a cabeça para vê-la. Passou-se um minuto terrível. O marido e a mulher se olhavam.

A efervescência de ideias, medos, ódios, paixões desordenadas e contrárias que agitava a mente desses dois seres, um dos quais ia matar e outro ia morrer, repercutia na mente de Patrice Belval e na profundeza de sua consciência. O que devia fazer? Que participação devia ter no drama que se desenrolava diante dele? Devia intervir, impedi-la de cometer o ato irreparável, ou então devia cometê-lo por si mesmo e estourar a cabeça do homem com uma bala de revólver?

Mas, para dizer a verdade, desde o começo havia em Patrice Belval um sentimento que se misturava aos outros, que o dominava aos poucos e tornava ilusória qualquer luta interna, um sentimento de curiosidade

levado à exasperação. Não a curiosidade banal de conhecer os bastidores de um negócio tenebroso, mas a mais altiva, de conhecer a alma misteriosa de uma mulher que ele amava, que era levada pelo turbilhão dos acontecimentos e que, de repente, voltando a ser dona de si, tomava em total liberdade e com impressionante calma a mais espantosa das resoluções. E, então, outras perguntas se impunham a ele. Por que ela tomava essa resolução? Era vingança, castigo, a satisfação de um ódio?

Patrice Belval permaneceu imóvel.

Coralie levantou o braço. Diante dela, seu marido nem tentava mais os movimentos de desespero que indicam o esforço supremo, em seus olhos não havia nem preces, nem ameaças. Estava resignado e esperava.

Não longe deles, o velho Siméon, ainda amarrado, erguera-se um pouco nos cotovelos e os contemplava desesperado. Coralie levantou ainda mais o braço. Todo o seu ser se erguia e crescia em um impulso invisível no qual todas as suas forças estavam a serviço de sua vontade. Estava prestes a dar o golpe. Seu olhar escolhia o lugar onde golpearia.

Contudo, esse olhar estava se tornando menos duro e menos sombrio. Patrice teve até a impressão de que nele flutuava certa hesitação e que Coralie voltava a ter, não sua costumeira doçura, mas um pouco de sua graça feminina.

— Ah, mamãe Coralie — disse Patrice para si mesmo —, agora voltou a si. Eu a reconheço. Fosse qual fosse o direito que achava ter de matar esse homem, você não o fará… e prefiro assim.

Lentamente o braço da jovem mulher voltou a cair ao longo do corpo. Sua expressão relaxou. Patrice adivinhou o imenso alívio que ela sentia ao escapar das garras da ideia fixa que a levaria a matar. Ela examinou o punhal com estupefação, como se saísse de um terrível pesadelo. Então, debruçando-se sobre o marido, pôs-se a cortar suas amarras.

Ela o fez com visível repugnância, evitando, por assim dizer, tocá-lo e fugindo do olhar do marido. Uma por uma, as cordas foram cortadas. Essarès estava livre.

O que ocorreu então foi a cena mais desconcertante. Sem uma palavra de agradecimento a sua mulher, e sem mesmo uma palavra de cólera contra ela, o homem, que acabara de sofrer um suplício cruel e que ainda sentia esse sofrimento, esse homem se precipitou, titubeante e descalço, para um telefone instalado na mesa e que era ligado por fios a um posto fixado na

parede.

Parecia um homem faminto que, ao avistar um pedaço de pão, o apanha com avidez. Era a salvação, o retorno à vida. Ofegante, Essarès tirou o receptor do gancho e gritou:

— Central, 40-39.

Então, virou-se imediatamente para a mulher:

— Vá embora!

Ela pareceu não ouvir. Estava debruçada sobre o velho Siméon para soltá-lo também.

Ao telefone, Essarès se impacientava:

— Alô… telefonista… a ligação não é para amanhã, mas para hoje e imediatamente… o 40-39… imediatamente…

E, dirigindo-se para Coralie, repetiu em tom imperioso:

— Vá embora!

Ela fez um sinal para dizer que não iria embora e que, ao contrário, queria ouvir. Ele lhe mostrou o punho e voltou a dizer:

— Vá embora! Vá embora! Ordeno que vá embora. Você também, Siméon, vá embora.

O velho Siméon se levantou e avançou na direção de Essarès. Parecia querer falar e, certamente, protestar. Mas seu gesto permanecia hesitante e, após um movimento de reflexão, dirigiu-se para a porta, sem ter pronunciado uma única palavra, e saiu.

— Vá embora! Vá embora! — continuou Essarès, ameaçando sua mulher com toda a veemência.

Mas Coralie se aproximou dele e cruzou os braços com uma obstinação que manifestava certo desafio.

No mesmo instante o telefonema se completou e Essarès perguntou:

— O 40-39? Ah! bem…

Hesitou. Obviamente, a presença de Coralie lhe era extremamente desagradável e ele ia dizer coisas que ela não deveria saber. Mas, decerto, faltava-lhe tempo. Bruscamente, decidiu-se e pronunciou, em inglês, os dois receptores colados no ouvido:

— É você, Grégoire?… Sou eu, Essarès… Alô… sim, estou ligando da Rua Raynouard… não vamos perder tempo… Ouça…

Sentou-se e continuou:

— É o seguinte. Mustapha morreu. O coronel também… Mas caramba! Não me interrompa, do contrário estamos perdidos…

— Eh! Sim, perdidos, e você também… Ouça, eles vieram, o coronel, Bournef, o bando todo, e me roubaram usando a força e ameaças… Dei cabo do coronel. Mas acontece que ele escreveu à polícia denunciando nós todos. Então, você entende, Bournef e seus três bandidos vão se pôr a salvo. O tempo de passar em casa e de pegar alguns papéis… Calculo que estarão em sua casa daqui a uma hora, duas no máximo. É o refúgio certo. Foram eles que te prepararam sem saber que nós nos conhecíamos, você e eu. Portanto, não há erro possível. Eles vão vir…

Essarès se calou. Após ter refletido, prosseguiu:

— Você ainda tem uma cópia de cada uma das chaves dos cômodos que lhes servirão de quarto? Sim?… Bem. E tem também uma cópia das chaves que abrem os armários desses cômodos? Sim? Perfeito. Bem, assim que estiverem dormindo, ou melhor, quando você tiver certeza de que dormem profundamente, entre nos quartos deles e vasculhe os armários. É inevitável que cada um deles esconda dentro sua parte do roubo. Vai encontrá-las facilmente. São as quatro carteiras que você conhece. Ponha-as em sua mala de viagem, saia o mais rápido possível e me encontre.

Nova pausa. Dessa vez era Essarès quem escutava. Ele retrucou:

— O que disse? Rua Raynouard? Aqui? Encontrar-me aqui? Mas está louco! Você pensa que eu posso ficar aqui após a denúncia do coronel? Não, vá esperar por mim no hotel, perto da estação. Estarei lá por volta do meio-dia ou de uma hora, talvez mais tarde. Não se preocupe. Almoce tranquilamente e avisaremos. Alô, entendeu? Em todo caso, respondo por tudo. Até mais.

A ligação estava terminada e tudo parecia indicar que, uma vez tomadas essas medidas para reaver os quatro milhões, Essarès não tinha mais motivo de preocupação. Pôs os receptores nos ganchos, foi até a poltrona onde fora torturado, virou o encosto do lado da lareira, sentou-se, cobriu os pés com a parte inferior da calça, pôs as meias e calçou os chinelos, tudo isso penosamente, não sem algumas caretas de dor, porém calmamente, e como um homem que não precisa se apressar.

Coralie não desgrudava os olhos dele.

"Eu deveria ir embora", pensou o capitão Belval, um pouco incomodado pela ideia de surpreender as palavras que o marido e a mulher iam trocar.

Permaneceu, no entanto. Temia por mamãe Coralie.

Foi Essarès que iniciou o ataque.

— E então — ele disse —, por que está me olhando assim?

Ela murmurou, contendo sua revolta:

— Então é verdade? Não tenho o direito de duvidar?

Ele ironizou:

— Por que eu estaria mentindo? Eu não teria ligado diante de você se não tivesse certeza de que você já estava aqui antes, desde o começo.

— Eu estava lá em cima.

— Então, ouviu tudo?

— Sim.

— E viu tudo?

— Sim.

— E, vendo o suplício que eu sofria, e ouvindo meus gritos, não fez nada para me defender, para me defender contra a tortura, contra a morte!

— Nada, já que eu sabia a verdade.

— Que verdade?

— Aquela que eu suspeitava sem me atrever a admitir.

— Que verdade? — repetiu ele, em tom mais forte.

— A verdade sobre sua traição.

— Você enlouqueceu. Não estou traindo.

— Ah! Não brinque com as palavras. De fato, desconheço parte dessa verdade, não entendi tudo o que esses homens disseram, nem o que queriam de você. Mas esse segredo que queriam lhe arrancar é um segredo de traição.

Ele deu de ombros.

— Não estou traindo meu país, não sou francês.

— Você era francês — exclamou ela. — Pediu para sê-lo e o obteve. Casou comigo, uma francesa, e é na França que mora e que conseguiu sua fortuna. Portanto, está traindo a França.

— Ora! E em proveito de quem?

— Ah! Isso também é o que não entendo. Há meses, há anos até, o coronel, Bournef, todos os seus antigos cúmplices e você, executaram uma obra enorme, sim, enorme, foram eles que o disseram, e agora parece que estão brigando pelos lucros dessa empreitada comum, e os outros o acusam de embolsar sozinho esses lucros e guardar um segredo que não lhe

pertence. De modo que entrevejo algo mais sujo talvez e mais abominável que a traição… não sei qual trabalho de ladrão e bandido.

— Chega!

O homem batia com o punho sobre o braço da poltrona.

Coralie não pareceu se assustar. Ela pronunciou:

— Chega, você tem razão. Chega de palavras entre nós. Aliás, há um fato que está acima de tudo, é sua fuga. É a confissão. Você tem medo da polícia.

Mais uma vez ele deu de ombros.

— Não temo nada.

— Pode ser, mas está indo embora.

— Sim.

— Então vamos acabar com isso. A que horas vai embora?

— Logo, por volta do meio-dia.

— E se for preso?

— Não vão me prender.

— Mas se o prenderem, mesmo assim?

— Vão me soltar.

— Ao menos haverá uma investigação, um processo?

— Não, o caso será abafado.

— E o que espera…

— Tenho certeza.

— Que Deus o ouça! E vai deixar a França, provavelmente?

— Assim que eu puder.

— O que significa?

— Daqui a duas ou três semanas.

— Avise-me nesse dia, para que eu possa finalmente respirar.

— Eu a avisarei, Coralie, mas por outro motivo.

— Qual?

— Para que possa se juntar a mim.

— Juntar-me a você!

Ele sorriu com ar maligno:

— É minha mulher. A mulher deve seguir o marido, e você até sabe que, em minha religião, o marido tem todos os direitos sobre sua mulher, até o direito de morte. Ora, você é minha mulher.

Coralie meneou a cabeça e, com um desprezo indizível, retrucou:

— Não sou sua mulher. Não tenho para com você nada senão ódio e horror. Não quero mais vê-lo e, não importa o que ocorrer, quais forem suas ameaças, não o verei mais.

Ele se levantou e, andando na direção dela, curvado em dois, com as pernas tremendo, articulou, os punhos cerrados:

— O que diz? O que se atreve a dizer? Eu, eu, seu dono, ordeno que me encontre assim que eu a chamar.

— Não o encontrarei. Juro por Deus. Juro pela minha salvação eterna.

Ele batia com os pés de raiva. Seu rosto ficou com expressão atroz e ele vociferou:

— Então você quer ficar! Sim, tem motivos que ignoro, mas que são fáceis de adivinhar… motivos que têm a ver com o coração, não é?… Há algo em sua vida, certamente? Cale-se! Cale-se! Não é que sempre me odiou?… Seu ódio não data de hoje. Data do primeiro minuto, antes mesmo de nos casarmos… sempre vivemos como inimigos mortais. Eu a amava… eu a adorava… Uma palavra sua e eu me jogava aos seus pés. O simples ruído dos seus passos mexe com meu coração… Mas você, o que sente por mim é horror. E imagina que vai refazer sua vida sem mim? Mas eu preferiria matá-la, minha menina.

Seus dedos se cerraram e as mãos abertas tremiam à direita e à esquerda de Coralie, bem perto da cabeça dela, como em volta de uma presa que pareciam prestes a esmagar. Um tremor nervoso agitava sua mandíbula. O suor brilhava ao longo da testa.

Diante dele, Coralie, frágil e miúda, permanecia impassível. Patrice Belval, oprimido de angústia, e se preparando para agir, não conseguia ler nada em seu rosto calmo, senão desdém e aversão.

No final, Essarès, conseguindo se controlar, anunciou:

— Você vai ao meu encontro, Coralie. Queira ou não, sou seu marido. Foi o que sentiu mesmo há pouco, quando a vontade de me matar a armou contra mim e você não teve a coragem de cumprir seu desígnio. E será sempre assim. Sua revolta vai se acalmar e você irá ao encontro daquele que é seu dono.

Ela respondeu:

— Ficarei aqui para lutar contra você, na mesma casa. A obra de traição que executou, eu a destruirei. Farei isso sem ódio, porque não tenho mais ódio, mas eu o farei sem trégua, para consertar o mal.

Ele disse em voz baixa:

— Eu tenho ódio. Tome cuidado, Coralie. No exato momento em que acreditar que não tem mais nada a temer, eu talvez venha lhe pedir um acerto de contas. Tome cuidado.

Apertou o botão de uma campainha elétrica. O velho Siméon não demorou a entrar. Ele lhe disse:

— Então, os criados escapuliram?

E, sem esperar a resposta, prosseguiu:

— Que façam uma boa viagem. A camareira e a cozinheira poderão cuidar do serviço sozinhas. Elas não ouviram nada, certo? Seus quartos ficam muito longe. Não importa, Siméon, você as vigiará depois que eu for embora.

Observou a mulher, surpreso que ela não saísse, e ordenou ao secretário:

— Preciso levantar às seis para preparar tudo, e estou exausto. Leve-me até meu quarto. Depois, volte aqui para fechar.

Saiu com a ajuda de Siméon.

Imediatamente Patrice Belval entendeu que Coralie não quisera se mostrar frágil diante de seu marido, mas que ela estava sem energia e incapaz de andar. Desfalecendo, caiu de joelhos, persignando-se.

Quando pôde se levantar, alguns minutos depois, avistou no tapete, entre ela e a porta, uma folha de papel de carta em que seu nome estava escrito. Pegou-a e leu:

Mamãe Coralie, a luta é acima de suas forças. Por que não recorrer à minha amizade? Um gesto e estou ao seu lado.

Cambaleou, estonteada pela inexplicável descoberta dessa carta e confusa pela audácia de Patrice. Mas, juntando em um esforço supremo o que lhe restava de vontade, saiu por sua vez, sem ter feito o gesto que Patrice lhe implorava.

---

[4] Alcorão, em francês. (N.T.)

Sete horas e dezenove

Naquela noite, no quarto do anexo, Patrice não conseguia dormir. Em estado de vigília, continuava a se sentir oprimido e acossado, como se sofresse a aflição de um pesadelo monstruoso. Tinha a impressão de que os terríveis acontecimentos, em que tinha ao mesmo tempo o papel de testemunha desconcertada e de ator impotente, não paravam enquanto tentava descansar, mas que, ao contrário, se desencadeavam com maior intensidade e violência. A despedida do marido e da mulher não punha fim, mesmo que momentaneamente, aos perigos que ameaçavam Coralie. Por todos os lados surgiam perigos, e Patrice Belval se reconhecia incapaz de prevê-los e, até mais, de esconjurá-los.

Após duas horas de insônia, ele acendeu a luz e pôs-se a escrever em um pequeno caderno, em páginas breves, a história das últimas doze horas que acabara de viver. Esperava, assim, desemaranhar um pouco o inextricável novelo.

Às seis horas, foi acordar Ya-Bon e o trouxe ao seu quarto. Então, plantado diante do negro atônito, os braços cruzados, o capitão o advertiu:

— Então, pensa que cumpriu sua tarefa! Enquanto processo informações em plena noite, o senhor dorme e está tudo bem! Meu caro, você tem uma consciência realmente elástica.

A palavra elástica divertiu muito o senegalês, cuja boca se alargou e grunhiu de prazer.

— Chega de discursos — ordenou o capitão. — Só se ouve sua voz. Sente-se, leia este relato e dê-me sua opinião fundamentada. O quê? Não sabe ler? Bem, na verdade, de que valeu a pena gastar a pele do seu traseiro nos bancos dos colégios e das escolas do Senegal? Que educação mais

singular!

Suspirou e arrancou-lhe o relatório das mãos:

— Escute, reflita, raciocine, deduza e conclua. Portanto, eis onde estamos. Vou resumir. Primeiro: há um senhor Essarès bei, riquíssimo banqueiro, que é o pior dos bandidos e, ao mesmo tempo, trai a França, o Egito, a Inglaterra, a Turquia, a Bulgária e a Grécia… a ponto de seus cúmplices quase lhe ferverem os pés. Em seguida, ele mata um e acaba com quatro com a ajuda de outros tantos milhões, milhões que menos de cinco minutos depois ele encarrega outro cúmplice de lhe recuperar. E todos eles vão se esconder debaixo da terra às onze horas, porque, ao meio-dia, a polícia entra em cena. Pois bem.

Patrice Belval retomou o fôlego e prosseguiu:

— Segundo: mamãe Coralie. Eu me pergunto por que, por exemplo, ela se casou com esse bandido chamado bey. Ela o detesta e quer matá-lo. Ele a ama e quer matá-la. Há também um coronel que a ama e morre por causa disso, e um tal de Mustapha que a sequestra a mando do coronel, e que morre também, estrangulado por um senegalês. E, finalmente, um capitão francês, meio sem perna, que a ama igualmente, e de quem ela foge porque é casada com um homem que ela execra, capitão com o qual, em uma existência anterior, ela dividiu em dois uma conta de ametista. Acrescente a isso como acessórios uma chave enferrujada, um cordão de seda vermelho, um cão asfixiado e uma grelha de carvões vermelhos. E se você se atrever a compreender uma única palavra de minhas explicações, eu lhe darei um chute em certo lugar com minha perna de pau, porque não estou entendendo nada, e eu sou seu capitão.

Ya-bon ria com toda a boca e toda a ferida que lhe cortava uma das faces. Seguindo a ordem do capitão, aliás, ele não entendia absolutamente nada do caso, e pouca coisa do discurso de Patrice, mas quando este se dirigia a ele com esse tom rude ele tremia de alegria.

— Chega — mandou o capitão. — É minha vez de raciocinar, deduzir e concluir.

Apoiado contra a lareira, os dois cotovelos no mármore, Patrice segurou a cabeça entre as mãos. Sua alegria, que se devia a uma natureza habitualmente despreocupada, dessa vez era somente superficial. No fundo, não parava de pensar em Coralie com dolorosa apreensão. O que fazer para protegê-la?

Vários projetos se desenhavam nele: qual escolher? Devia procurar, graças ao número de telefone, o esconderijo do homem chamado Grégoire, onde Bournef e seus companheiros haviam se refugiado? Devia alertar a polícia? Devia voltar à Rua Raynouard? Ele não sabia. Agir, sim, ele era capaz disso, quando agir consistia em se jogar na batalha com todo o seu ardor e fúria. Mas preparar a ação, adivinhar os obstáculos, rasgar as trevas e, como ele dizia, perceber o invisível e apreender o intangível, não estava dentro de suas capacidades.

Virou-se bruscamente para Ya-Bon, cujo silêncio o desolava.

— O que tem com seu ar lúgubre? Você é quem está me anuviando. Sempre vê o lado negro das coisas… como um negro. Saia daí.

Ya-Bon ia embora desconcertado, mas alguém bateu na porta e gritou de fora:

— Capitão, telefone para o senhor.

Patrice saiu precipitadamente. Quem podia lhe telefonar tão cedo?

— Quem é? — perguntou à enfermeira que o chamara.

— Bem, não sei, capitão… Uma voz de homem… que parecia ter pressa de falar com o senhor. O telefone tocou bastante tempo. Eu estava embaixo na cozinha…

Involuntariamente, Patrice pensou no telefone da Rua Raynouard, na grande sala da casa de Essarès. Ambos os fatos tinham alguma relação entre si?

Desceu um andar e seguiu pelo corredor. O telefone ficava além de uma antecâmara, em um cômodo que então servia de rouparia, e onde ele se trancou.

— Alô!… sou eu, o capitão Belval. Do que se trata?

Uma voz, de fato uma voz de homem, e que ele não conhecia, respondeu-lhe, mas tão ofegante, tão enfraquecida!

— Capitão Belval!… Ah! muito bem… aqui está… mas temo que seja tarde demais… não sei se terei tempo… Você recebeu a chave e a carta?

— Quem é você?

— Você recebeu a chave e a carta? — insistiu a voz.

— A chave, sim, mas a carta, não — respondeu Patrice.

— A carta, não! Mas que horror. Então, você não sabe?…

Um grito rouco feriu o ouvido de Patrice e do outro lado da linha ele ouviu sons incoerentes, o ruído de uma discussão. Então a voz pareceu

grudar no aparelho e ele a ouviu gaguejar nitidamente:

— Tarde demais… Patrice… é você?… Escute, o medalhão de ametista… sim, está comigo… o medalhão… Ah! Tarde demais… eu queria tanto! Patrice… Coralie… Patrice… Patrice…

Depois, outro grande grito, um grito lancinante, e clamores mais distantes em que Patrice acreditou discernir: "Socorro… socorro… Ah! Assassino, miserável…", clamores que aos poucos definharam. Então, o silêncio. E, de repente, um pequeno estalo. O assassino havia posto o receptor no gancho.

O diálogo não havia durado vinte segundos. Quando Patrice quis desligar por sua vez, teve de fazer muito esforço para soltar o telefone, de tão crispados que estavam seus dedos em volta do aparelho.

Ele ficou atônito. Seus olhos se fixaram em um grande relógio que se via, pela janela, em outro prédio do pátio, e que marcava sete horas e dezenove minutos, e ele repetia maquinalmente esses números, atribuindo-lhes valor de documentação. Então, de tão irreal que a cena parecia, perguntou-se se tudo isso era verdade, e se o crime não havia se perpetrado nele mesmo, nas profundezas de sua mente dolorida.

Mas o eco dos clamores ainda vibrava em seu ouvido, e de repente ele pegou o telefone como alguém que se agarra desesperadamente a uma esperança confusa.

— Alô… telefonista… foi a senhora que me chamou ao telefone? Ouviu os gritos?… Alô, Alô!…

Ninguém respondia, ele se enfureceu, xingou a telefonista, saiu da rouparia, encontrou Ya-Bon e o empurrou.

— Saia daqui! A culpa é sua… Obviamente! Deveria ter ficado lá para cuidar de Coralie. Então você vai lá para ficar à disposição dela. E eu vou avisar a polícia… Se não tivesse me impedido, teria sido feito há muito tempo e não estaríamos na situação atual. Vá, corra!

Ele o reteve.

— Não, não se mexa. Teu plano é absurdo. Fique aqui. Ah! Não aqui, perto de mim, ora! Está lhe faltando sangue-frio, rapaz.

Empurrou-o para fora e entrou na rouparia, que percorreu em todos os sentidos com uma agitação que se traduzia em gestos irritados e palavras de cólera. No entanto, no meio de seu desespero, uma ideia se formava aos poucos: era que, afinal, ele não tinha nenhuma prova daquilo que ocorrera

na casa da Rua Raynouard. A lembrança que guardava não devia obcecá-lo a ponto de levá-lo sempre à mesma visão, ao mesmo ambiente trágico. Decerto, o drama continuava, como ele o pressentia, mas talvez em outro lugar e longe de Coralie.

E essa primeira ideia trouxe outra: por que não verificar agora mesmo?

— Sim, por que não? — perguntou-se. — Antes de chamar a polícia, de encontrar o número do indivíduo que perguntou por mim e de retornar até o ponto de partida, procedimentos que utilizaremos mais tarde, nada impede que eu ligue imediatamente para a Rua Raynouard, sob qualquer pretexto da parte de qualquer um. Assim terei a oportunidade de saber com o que estou lidando…

Bem que Patrice sentia que sua ideia não valia muito. Se ninguém respondesse, isso provaria que o crime havia ocorrido lá? Ou então, simplesmente, que ninguém ainda havia se levantado?

Mas a necessidade de agir o fez decidir. Procurou na lista telefônica o número de Essarès bei, e, sem hesitar, ligou.

A espera lhe causou uma emoção insuportável. Então recebeu um choque que o fez estremecer da cabeça aos pés. A comunicação havia sido estabelecida. Alguém, do outro lado, respondia à sua chamada.

— Alô — disse ele.

— Alô — respondeu uma voz. — Quem fala?

Era a voz de Essarès bei.

Embora isso fosse muito natural, já que, nessa hora, Essarès devia organizar seus papéis e preparar sua fuga, Patrice ficou tão espantado que não sabia o que dizer, e pronunciou as primeiras palavras que lhe vieram à mente.

— Senhor Essarès bei?

— Sim. A quem tenho a honra de falar?

— É da parte de uns dos feridos da enfermaria que está sendo tratado no anexo…

— O capitão Belval, talvez?

Patrice ficou totalmente desconcertado. Então o marido de Coralie o conhecia? Ele balbuciou:

— Sim… de fato, o capitão Belval.

— Ah, que sorte, capitão! — exclamou Esarès bey em tom encantado. Precisamente, liguei para o anexo há pouco para perguntar…

— Ah! Era o senhor… — interrompeu Patrice, cujo espanto não tinha limites.

— Sim, eu queria saber a que horas eu poderia falar com o capitão Belval, para lhe expressar meus agradecimentos.

— Era o senhor… era o senhor… — repetiu Patrice, atônito e cada vez mais confuso…

A entonação de Essarès mostrou sua surpresa.

— Sim — disse ele —, a coincidência não é mesmo curiosa? Infelizmente, a ligação caiu, ou melhor, outra comunicação se superpôs à minha.

— Então o senhor ouviu?

— O quê, capitão?

— Gritos…

— Gritos?

— Ao menos foi o que me pareceu, a comunicação era tão pouco clara!

— Quanto a mim, simplesmente ouvi alguém que perguntava pelo senhor e estava com muita pressa. Como não era eu, desliguei e deixei para mais tarde o prazer de lhe agradecer.

— De me agradecer?

— Sim, sei sobre a agressão que minha mulher sofreu ontem à noite e como o senhor a salvou. Assim, faço questão de vê-lo e de lhe expressar meu reconhecimento. Quer marcar um horário? Na enfermaria, por exemplo? Hoje, por volta das três horas…

Patrice não respondia. A audácia desse homem correndo o risco de ser detido e que estava prestes a fugir o desconcertava. Ao mesmo tempo, perguntava-se a qual motivo real Essarès bei obedecera ao telefonar, sem que nada o obrigasse a fazê-lo. Mas seu silêncio não perturbou o banqueiro, que continuou com suas cortesias e encerrou sua inexplicável ligação com um monólogo em que respondia com a maior facilidade às perguntas que ele mesmo fazia.

Os dois homens se despediram. A conversa tinha acabado.

Apesar de tudo, Patrice se sentia mais tranquilo. Voltou para seu quarto, jogou-se na cama e dormiu duas horas. Então mandou chamar Ya-Bon.

— Da próxima vez — disse —, procure controlar seus nervos e não perder a cabeça como há pouco. Você foi ridículo. Mas esqueça. Já almoçou? Não. Eu também não. Já passou a visita? Não. Eu também não. E,

justamente, o major prometeu que ia retirar essa sinistra faixa em volta de minha cabeça. Pode imaginar quanto isso me deixa alegre! Uma perna de pau, tudo bem, mas a cabeça enfaixada por pano, para alguém apaixonado! Vá, depressa. E quando estivermos prontos, vamos até a enfermaria. Mamãe Coralie não pode impedir que eu a encontre lá!

Patrice estava bem feliz. Como dizia a Ya-Bon, uma hora depois, a caminho da Porte Maillot, as trevas começavam a se dissipar.

— Sim, sim, Ya-Bon, estão se dissipando. E eis o ponto em que estamos. Primeiramente, Coralie não corre perigo. Como eu esperava, a briga se passa longe dela, certamente entre os cúmplices e a respeito de seus milhões. Quanto ao coitado que me ligou e de quem ouvi os gritos de agonia, era evidentemente um amigo desconhecido, já que me chamava de Patrice e usava "você". Decerto foi ele quem mandou a chave do jardim. Infelizmente, a carta que acompanhava o envio da chave se perdeu. Enfim, apressado pelos eventos, ele ia me confessar tudo quando o ataque se produziu. Quem o atacou, você pergunta? Provavelmente um dos cúmplices que essas revelações assustavam. É isso, Ya-Bon. Tudo isso é extremamente claro. Aliás, é possível que a verdade seja exatamente o contrário daquilo que sugiro. Mas pouco me importa. O essencial é apoiarmo-nos em uma hipótese, verdadeira ou falsa. Aliás, se a minha for falsa, reservo-me o direito de jogar a responsabilidade sobre você. A bom entendedor…

Após a Porte Maillot, pegaram um carro, e Patrice teve a ideia de desviar o caminho para a Rua Raynouard. Quando desembocavam no cruzamento da Passy, avistaram mamãe Coralie saindo da Rua Raynouard, acompanhada pelo velho Siméon.

Ela parara um carro. Siméon se acomodou no assento.

Seguidos por Patrice e Ya-bon, os dois foram até o prédio da enfermaria dos Champs-Élysées.

Eram onze horas.

— Tudo está correndo bem — disse Patrice. — Enquanto seu marido escapa, ela não quer mudar nada em sua vida cotidiana.

Almoçaram nos arredores, passearam ao longo da avenida, enquanto vigiavam a enfermaria, e finalmente foram até lá à uma e meia.

Imediatamente Patrice avistou, no fundo de um pátio envidraçado em que os soldados se reuniam, o velho Siméon, que, com metade da cabeça

envolvida em seu costumeiro cachecol e os espessos óculos amarelos diante dos olhos, fumava um cachimbo na cadeira que sempre ocupava.

Quanto à mamãe Coralie, estava no terceiro andar, em uma das salas da sua área, sentada ao lado da cama de um doente de quem segurava as mãos. O homem dormia.

Patrice achou mamãe Coralie muito cansada. As olheiras e o rosto ainda mais pálidos do que habitualmente atestavam seu cansaço.

"Minha pobre mamãe", pensou ele, "todos esses bandidos vão acabar por matá-la."

Agora, ao se lembrar das cenas da noite anterior, ele entendia por que Coralie escondia sua existência dessa maneira e se esforçava, ao menos para o pequeno mundo da enfermaria, em não ser ninguém senão a caridosa freira que é chamada pelo prenome. Suspeitando das infâmias pelas quais era cercada, renegava o nome do marido e escondia onde morava. E os obstáculos que sua vontade e seu pudor acumulavam a defendiam tão bem que Patrice não ousava se aproximar dela.

— Mas — ele disse para si mesmo, parado na soleira da porta e olhando a jovem mulher de longe, sem ser visto por ela — não vou mandar entregar-lhe meu cartão de visita!

Estava decidindo entrar quando uma mulher, que subira a escada falando bastante alto, exclamou perto dele:

— Onde está a senhora?. Ela precisa vir imediatamente, Siméon…

O velho Siméon, que também havia subido, mostrou Coralie no fundo da sala e a mulher se precipitou.

Disse poucas palavras a Coralie, que pareceu abalada e correu para a porta, passou diante de Patrice e desceu rapidamente a escada, seguida por Siméon e a mulher.

— Estou de carro, senhora — balbuciava a mulher, ofegante. — Tive a sorte de encontrar um carro ao sair da casa e pedi que esperasse. Vamos depressa, senhora… O delegado me mandou…

Patrice, que também descia, não ouviu mais nada, mas essas últimas palavras o decidiram. Chamou Ya-Bon pelo caminho e ambos entraram em um carro cujo motorista recebeu ordens de seguir o carro de Coralie.

— Tem novidade, Ya-Bon, tem novidade — contou o capitão. — Os fatos estão se precipitando. Essa mulher é evidentemente uma criada da casa de Essarès e veio buscar sua patroa por ordem do delegado. Portanto, a

denúncia do coronel está surtindo efeito. Visita no domicílio, inquérito, todos os problemas para mamãe Coralie. E você tem a ousadia de me aconselhar discrição? Você imagina que vou deixá-la sozinha durante essa crise? Como você é ruim, meu pobre Ya-Bon!

Uma ideia perpassou-lhe a mente e ele exclamou:

— Caramba! Tomara que esse bandido do Essarès não se tenha deixado pegar! Seria uma catástrofe! Mas também, confia demais em si mesmo. Deve ter-se demorado…

Durante todo o trajeto, esse medo excitou o capitão Belval, tirando-lhe qualquer escrúpulo. No final, sua certeza era absoluta. Apenas a detenção de Essarès podia ter provocado a chegada assustada da criada e a partida precipitada de Coralie. Nessas condições, como ele poderia hesitar em intervir em um caso no qual suas revelações eram suscetíveis de ajudar a Justiça? Ainda mais que, ao acentuar ou atenuar as revelações conforme as circunstâncias, ele poderia fazer com que elas só servissem aos interesses de Coralie…

Os dois carros pararam quase ao mesmo tempo diante da casa de Essarès, onde já estacionava um terceiro automóvel. Coralie desceu e desapareceu pelo pórtico da entrada.

A camareira e Siméon também entraram na casa.

— Venha — disse Patrice ao senegalês.

A porta estava entreaberta e Patrice entrou.

No grande vestíbulo, havia dois policiais de guarda.

Patrice os cumprimentou com um gesto apressado e passou como se fosse alguém da casa, cuja importância era tão considerável que nada de útil poderia ser feito sem sua presença.

O som de seus passos nas lajotas lhe lembrou a fuga de Bournef e seus cúmplices. Ele estava na direção certa. Aliás, um salão se abria à esquerda, aquele pelo qual os cúmplices haviam levado o cadáver do coronel e que se comunicava com a biblioteca.

Ruídos de vozes vinham desse lado. Ele atravessou o salão.

Nesse momento, ouviu Coralie exclamando em tom aterrorizado:

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Como é possível?

Outros dois policiais lhe bloquearam a entrada. Ele lhes disse:

— Sou parente da senhora Essarès… O único parente…

— Temos ordens, capitão.

— Sei muito bem, diabo! Não deixem entrar ninguém! Ya-Bon, fique aqui, exijo!

Ele passou.

Mas, na ampla sala, um grupo de seis ou sete homens, provavelmente delegados e magistrados, o impediam de ir adiante, debruçados que estavam sobre algo que ele não podia ver. Desse grupo saiu de repente Coralie, que se dirigiu em sua direção titubeando e chacoalhando as mãos. Sua camareira, segurando-a pela cintura, levou-a até uma poltrona.

— O que está acontecendo? — perguntou Patrice.

— A senhora não está se sentindo bem — respondeu a camareira, ainda assustada. — Ah! estou totalmente confusa.

— Mas, afinal, por quê?… Por que motivo?

— É, senhor! Imagine! Esse espetáculo… eu também fiquei transtornada.

— Que espetáculo?

Um dos senhores deixou o grupo e se aproximou.

— A senhora Essarès está passando mal?

— Não é nada — disse a camareira… — Uma síncope… A senhora costuma sentir cansaço.

— Leve-a assim que puder andar. A presença dela é inútil.

E, dirigindo-se para Patrice Belval com ar interrogativo:

— Capitão?…

Patrice fingiu não entender.

— Sim, senhor — disse ele —, vamos levar a senhora Essarès. Na verdade, sua presença é inútil. Porém, antes sou obrigado…

Patrice fez um movimento lateral para evitar seu interlocutor e, aproveitando que o grupo dos magistrados estava menos compacto, aproximou-se.

O que viu então lhe explicou o desmaio de Coralie e a agitação da camareira. Ele também sentiu a pele de sua cabeça se arrepiar diante de um espetáculo infinitamente mais horrível que o da véspera.

No chão, perto da lareira, portanto quase no lugar em que fora torturado, Essarès bei jazia de costas. Usava as mesmas roupas da véspera, calça de flanela marrom e paletó de veludo com sutache. Os ombros e a cabeça haviam sido cobertos com uma toalha. Mas um dos assistentes, provavelmente um médico legista, mantinha a toalha erguida com uma das

mãos, e, com a outra, mostrava o rosto do morto, enquanto comentava em voz baixa.

E esse rosto… mas será que se poderia chamar de rosto um inominável amálgama de carne, do qual uma parte parecia carbonizada e a outra não formava mais que uma mescla sangrenta em que se misturavam pedaços de ossos e fragmentos de pele, cabelos, pelos de barba e o glóbulo esmagado de um olho?…

Ah! — balbuciou Patrice —, que ignomínia! Mataram-no e ele caiu com a cabeça no meio das chamas. Foi assim que o encontraram, não é?

Aquele que já o interpelara, e que parecia ser o mais importante do grupo, aproximou-se de novo.

— Quem é o senhor mesmo?

— Capitão Belval, senhor, sou amigo da senhora Essarès, um dos feridos que ela salvou graças aos seus cuidados…

— Pois bem, senhor — respondeu o personagem importante. — Mas não pode ficar aqui. Ninguém, aliás, deve ficar aqui. Delegado, por favor, queira fazer sair todo mundo da sala, exceto o médico, e colocar um guarda na porta. Não deixe ninguém entrar, sob pretexto algum…

— Senhor — insistiu Patrice —, preciso lhe comunicar revelações de importância excepcional.

— Vou ouvi-las de bom grado, capitão, porém mais tarde. Com licença.

Meio-dia e vinte e três

O grande vestíbulo que leva da Rua Raynouard ao terraço superior do jardim, e que em sua metade é ocupado por uma larga escada, divide a casa de Essarès em duas partes que se comunicam somente por esse vestíbulo.

À esquerda ficam o salão e a biblioteca, à qual se segue uma construção independente, com escada privada. À direita, a sala de bilhar e a sala de jantar, cômodos de teto mais baixo e acima dos quais ficam os quartos que ocupavam Essarès bei, do lado da rua, e Coralie, do lado do jardim.

Mais além, a ala dos criados, na qual dormia também o velho Siméon.

Levaram Patrice à sala de bilhar, convidando-o a esperar junto com o senegalês. Estava lá havia quinze minutos, quando Siméon foi introduzido junto da camareira.

O velho secretário parecia devastado pela morte de seu patrão, e resmungava em voz baixa, com ar estranho. Patrice o questionou. O homem lhe disse ao ouvido:

— Não acabou… Há coisas para temer… coisas! Ainda hoje… esta tarde…

— Esta tarde? — disse Patrice.

— Sim, sim… — afirmou o velho homem, tremendo…

Não disse mais nada.

Quanto à camareira, questionada por Patrice, ela contou:

— Antes de mais nada, senhor, nesta manhã, primeira surpresa: nada de mordomo, lacaio, zelador. Os três foram embora. E então, às seis horas e meia, o senhor Siméon veio nos dizer, por parte do patrão, que o patrão ia se trancar na biblioteca e que não devia ser incomodado, até para o almoço. A patroa estava um pouco doente. Seu chocolate lhe foi servido às nove

horas… Às dez ela saiu com o senhor Siméon. Então, uma vez os quartos arrumados, não saímos mais da cozinha. Onze horas, meio-dia… e então, por volta de uma hora, toca a campainha. Olho pela janela. Um carro, com quatro senhores. Abro imediatamente. É o delegado que se apresenta e quer ver o patrão. Levo-os até ele. Batem na porta. Sacodem-na, já que estava trancada. Sem resposta. Finalmente, um deles, que tinha uma ferramenta, força a fechadura. Então, então… dá para ver daqui… ou melhor, não… era bem pior, já que o pobre patrão, naquele momento, tinha a cabeça quase sob a grade do carvão. Hein! Como *tem* pessoas miseráveis!… porque foi morto, não é? Um desses senhores logo disse que havia morrido de apoplexia e tinha caído para trás… só que, a meu ver…

O velho Siméon ouvira sem dizer nada, ainda agasalhado, a barba cinzenta desgrenhada, os olhos escondidos por trás dos óculos amarelos. Nesse momento da história, deu uma risadinha, aproximou-se de Patrice e lhe disse ao ouvido:

— Há coisas para temer!… Coisas!… A senhora Coralie… ela precisa ir embora… imediatamente… do contrário, ai dela…

O capitão queria questioná-lo, mas não conseguiu mais nada. Além disso, o velho homem não ficou na sala. Um policial veio buscá-lo e o levou à biblioteca.

Seu depoimento demorou bastante. Foi seguido pelo depoimento da cozinheira e da camareira. Então os policiais foram interrogar Coralie.

Às quatro horas, outro carro chegou. Patrice viu passar no vestíbulo dois senhores que todo mundo cumprimentava respeitosamente. Reconheceu o ministro da Justiça e o ministro dos Assuntos Internos.

Fizeram uma reunião na biblioteca durante pouco mais de meia hora e foram embora. Finalmente, por volta das cinco horas, um policial veio buscar Patrice e levou-o até o primeiro andar. O policial bateu na porta e se afastou. Patrice foi introduzido em um toucador de dimensões estreitas, iluminado por uma lareira, no qual duas pessoas estavam sentadas: Coralie, diante de quem ele se inclinou, e, na frente dela, o senhor o que havia interpelado quando chegara e que parecia dirigir o inquérito.

Era um homem de cerca de 50 anos, corpulento, de rosto espesso e gestos pesados, mas cujos olhos vivos brilhavam de inteligência.

— O senhor é o juiz de instrução, certamente? — perguntou Patrice.

— Não — disse ele. — Sou o senhor Desmalions, ex-juiz, especialmente delegado para esclarecer esse caso… não para instruí-lo, como o senhor disse, porque não me parece que haja motivo para instrução.

— Como? — exclamou Patrice, muito surpreso. — Não há motivo para instrução?

Ele observou Coralie. Ela mantinha os olhos fixados nele com ar atento. Então, dirigiu-os para o senhor Desmalions, que prosseguiu:

— Uma vez que tivermos nos explicado, capitão, não duvido que estejamos de acordo sobre todos os pontos… assim como acabamos concordando, a senhora e eu.

— Não duvido — disse Patrice. — No entanto, mesmo assim, temo que muitos desses pontos permaneçam obscuros.

— Certamente, mas, juntos, conseguiremos esclarecê-los. Quer me contar o que sabe?

Patrice refletiu e então disse:

— Não vou lhe esconder minha surpresa, senhor. A narração que vou lhe fazer não é desprovida de importância, no entanto, não há ninguém aqui para registrá-la. Portanto, não terá valor de depoimento, de declaração feita sob juramento e que eu deveria corroborar com minha assinatura?

— Capitão, é o senhor mesmo que determinará o valor de suas palavras e as consequências que desejará dar-lhes. Por enquanto, trata-se de uma conversa prévia, de uma troca de pontos de vista relativamente a fatos… sobre os quais, aliás, a senhora Essarès me deu, creio, as informações que o senhor pode me dar.

Patrice adiou sua resposta. Tinha a impressão confusa de que havia um acordo entre a jovem mulher e o magistrado, e que, diante desse acordo, seja por sua presença ou seu zelo, ele fazia o papel de um importuno que procuravam dispensar. Assim, decidiu manter a reserva até que seu interlocutor baixasse a guarda.

— De fato — disse ele —, a senhora pôde informá-lo. Portanto, o senhor sabe a respeito da conversa que surpreendi ontem no restaurante?

— Sim.

— E da tentativa de sequestro de que a senhora Essarès foi vítima?

— Sim.

— E o assassinato?

— Sim.

— A senhora Essarès lhe contou a cena de chantagem que ocorreu esta noite contra o senhor Essarès, os detalhes do suplício, a morte do coronel, a entrega dos quatro milhões, depois a conversa telefônica entre o senhor Essarès e o homem chamado Grégoire, e finalmente as ameaças lançadas contra a senhora Essarès por seu marido?

— Sim, capitão, sei tudo isso, isto é, tudo o que o senhor sabe, e, ademais, sei tudo o que meu inquérito pessoal me revelou.

— De fato, de fato… — repetiu Patrice —, vejo que minha explicação se torna inútil e que o senhor já tem todos os elementos necessários para concluir.

E acrescentou, ainda interrogando e se substituindo às perguntas:

— Posso lhe perguntar, então, em que sentido concluiu?

— Meu Deus, capitão, minhas conclusões não são definitivas. Contudo, até que se prove o contrário, atenho-me aos termos de uma carta que o senhor Essarès escrevia à sua mulher hoje por volta do meio-dia, e que encontramos inacabada em seu escritório. A senhora Essarès pediu que eu a lesse e, se preciso, que eu lhe comunicasse. Eis o texto:

Hoje, 4 de abril, meio-dia

Coralie,

Ontem você se equivocou ao atribuir minha partida a motivos inconfessáveis, e talvez eu tenha me equivocado ao não me defender suficientemente contra sua acusação. O único motivo de minha partida são os ódios que me cercam, e cuja implacável ferocidade você pôde ver. Diante de tamanhos inimigos, que procuram me despojar de todas as maneiras possíveis, não há outra salvação senão a fuga. Assim, vou embora, porém lembrando-lhe minha vontade absoluta, Coralie. Você deve se juntar a mim ao meu primeiro sinal. Se não deixar Paris, nada poderá protegê-la contra uma cólera legítima, nada, nem mesmo minha morte. De fato, tomei minhas disposições para que, no caso…

— A carta para aí — disse o senhor Desmalions, devolvendo-a a Coralie —, e sabemos por um indício irrefutável que as últimas linhas precederam por pouco a morte do senhor Essarès, já que, em sua queda, ele deixou cair o pequeno relógio que estava em sua mesa de trabalho, e esse

relógio marca meio-dia e vinte e três. Penso que passou mal, quis se levantar e, vítima de vertigem, desmoronou no chão. Infelizmente, a lareira ficava perto, um forte fogo queimava nela, a cabeça bateu contra a grade e o ferimento era tão profundo, como o médico constatou, que ele desmaiou. Então o fogo, bem próximo, fez seu trabalho… o senhor pôde ver de que maneira…

Patrice ouvia com estupor essa explicação imprevista. Ele murmurou:

— Assim, a seu ver, o senhor Essarès morreu vítima de acidente? Não foi assassinado?

— Assassinado? Diabo, não, nenhum indício apurado nos permite tamanha hipótese.

— No entanto…

— Capitão, o senhor é vítima de uma associação de ideias, aliás totalmente justificáveis. Desde ontem, vem assistindo a uma série de acontecimentos trágicos e sua imaginação é naturalmente levada a dar-lhes a mais trágica solução que seja, o assassinato. Porém… reflita… por que esse assassinato, e quem o teria cometido? Bournef e seus amigos? Com que finalidade? Já estavam repletos de notas de dinheiro e, mesmo admitindo que o desconhecido chamado Grégoire tenha reavido esses milhões, não é assassinando Essarès que eles os teriam recuperado. Ademais, por onde teriam entrado? E depois, por onde saíram? Não, desculpe, capitão, o senhor Essarès morreu por acidente. Os fatos são indiscutíveis, e é a opinião do médico legista, que vai redigir seu relatório nesse sentido.

Patrice Belval se virou para Coralie.

— E é a opinião da senhora também?

Ela corou levemente e respondeu:

— Sim.

— E é a opinião do velho Siméon?

— Ah! O velho Siméon — prosseguiu o magistrado —, ele está delirando. Se lhe dermos crédito, parece que tudo está prestes a recomeçar, que um perigo ameaça a senhora Essarès e que ela deveria fugir agora mesmo. Foi tudo que consegui tirar dele. Contudo, ele me levou até uma antiga porta que dá do jardim para uma ruela perpendicular à Rua Raynouard, e lá me mostrou, primeiramente, o cadáver do cão de guarda, e depois, entre essa porta e a escada vizinha da biblioteca, algumas pegadas. Mas o senhor conhece essas pegadas, não é, capitão? São suas e as de seu

senegalês. Quanto ao estrangulamento do cão de guarda, devo atribuí-lo ao seu senegalês? Sim, não é?

Patrice começava a entender. As reticências do magistrado, suas explicações, seu acordo com a jovem mulher, aos poucos tudo isso tomava sua verdadeira significação.

Ele arrematou nitidamente:

— Portanto, nada de crime?

— Não.

— E não vai haver inquérito?

— Não.

— Então, não se vai falar mais do caso? Silêncio, esquecimento?

— Justamente.

O capitão Belval se pôs a andar de um lado para outro, conforme seu hábito. Lembrava-se agora da predição de Essarès:

— Não vão me prender… Se me prenderem, vão me soltar… O caso será abafado.

Essarès tinha razão. A Justiça se calava. E como não teria encontrado em Coralie uma cúmplice do seu silêncio?

Essa maneira de agir irritava profundamente o capitão. Pelo pacto inegável concluído entre Coralie e o senhor Desmalions, ele suspeitava que o ex-juiz estava iludindo a jovem mulher e levando-a a sacrificar os próprios interesses em prol de considerações que não lhe diziam respeito. Para tanto, era preciso antes de mais nada que se livrasse de Patrice.

— Ah! Ah! — Patrice disse a si mesmo. — Esse senhor, com sua calma e ironia, está começando a me irritar. Parece zombar de mim descaradamente.

Mas ele se conteve e, fingindo uma intenção de conciliação, voltou a se sentar ao lado do magistrado.

— Desculpe, senhor — disse —, uma insistência que deve lhe parecer bastante indiscreta. Mas minha conduta não se explica senão pela simpatia ou pelo sentimento que nutro pela senhora Essarès, em um momento da vida em que está mais isolada do que nunca… simpatia e sentimento que ela parece rechaçar ainda mais do que antes… minha conduta se explica por certos vínculos que nos unem um ao outro, e que remetem a uma época em que nossos olhos não conseguiram penetrar. Será que a senhora Essarès o informou desses detalhes que, a meu ver, têm considerável

importância, e que não posso deixar de vincular aos acontecimentos que nos preocupam?

O senhor Desmalions observou Coralie, que fez um sinal com a cabeça. Ele respondeu:

— Sim, a senhora Essarès me informou, e até…

Hesitou de novo, e mais uma vez consultou a jovem mulher, que corou e perdeu a compostura.

No entanto, o senhor Desmalions esperava uma resposta que lhe permitisse seguir adiante. Ela acabou por conceder em voz baixa:

— O capitão Belval precisa conhecer o que descobrimos a respeito disso. Essa verdade pertenceu a ele como a mim, e não tenho o direito de escondê-la dele. Diga, senhor.

O senhor Desmalions pronunciou:

— É mesmo necessário falar? Creio que seja suficiente apresentar ao capitão este álbum de fotografias que encontrei. Veja, capitão.

Entregou a Patrice um álbum bem fino, encadernado com tecido cinza e fechado por um elástico.

Patrice o pegou com certa ansiedade. Mas o que ele viu após abri-lo era tão inesperado que exclamou:

— É incrível!

Na primeira página estavam, presas nos quatro cantos, duas fotografias, uma à direita representando um menino em roupa de aluno inglês, a outra à esquerda, mostrando uma garotinha. Havia duas legendas abaixo. À direita: "Patrice aos dez anos". À esquerda: "Coralie com três meses".

Comovido além do que podia expressar, Patrice virou a folha.

A segunda página ainda os mostrava, ele aos 15 anos, Coralie aos 8.

E ele voltou a se ver com19, 23 e 28 anos, e Coralie sempre o acompanhava, menina, moça, e finalmente mulher.

— É incrível! — murmurava ele. — Como é possível? São retratos meus que eu desconhecia, fotos de amador obviamente, e que me seguem ao longo da vida. Aqui estou eu, soldado durante meu serviço militar… aqui a cavalo… quem mandou que essas fotografias fossem tiradas? E quem as reuniu assim, junto com as suas?

Mantinha os olhos fixados em Coralie. A jovem mulher se esquivava do seu interrogatório e baixava a cabeça como se a intimidade de suas existências, atestada por essas páginas, a perturbasse no mais profundo de

seu ser.

Ele repetiu:

— Quem pode tê-las reunido? Você sabe? E de onde vem esse álbum?

O senhor Desmalions respondeu:

— Foi o médico que o encontrou ao despir o senhor Essarès. Por baixo da camisa o senhor Essarès usava uma camiseta, e em um bolso interno dessa camiseta, em uma bolsa costurada, havia esse pequeno álbum que o médico sentiu por causa da encadernação.

Dessa vez os olhos de Patrice e de Coralie se encontraram. A ideia de que o senhor Essarès colecionava as fotografias deles havia vinte e cinco anos, que as conservava junto ao peito, vivia com elas e morrera com elas, tamanha ideia o abalava tanto que ele nem tentava examinar o estranho significado disso.

— Tem certeza do que está dizendo, senhor? — perguntou Patrice.

— Eu estava lá — disse o senhor Desmalions. — Assisti à descoberta. Aliás, eu mesmo fiz outra que confirma esta e a completa de maneira realmente surpreendente. É a descoberta de um medalhão, talhado em um bloco de ametista e cingido por um círculo de filigrana.

— O que está dizendo? O que está dizendo? — exclamou o capitão Belval. — Um medalhão? Um medalhão de ametista?

— Veja por si mesmo, senhor — ofereceu o magistrado, após ter, mais uma vez, consultado a senhora Essarès.

E Desmalions apresentou ao capitão uma bola de ametista, maior do que a conta formada pela reunião das duas metades que Coralie e ele, Patrice, possuíam, ela em seu rosário e ele no berloque, e essa nova bola era cingida por uma filigrana de ouro que lembrava exatamente o trabalho do rosário e o trabalho do berloque.

O engaste fazia as vezes de fecho.

— Devo abrir? — perguntou ele.

Com um gesto, Coralie o convidou.

Ele abriu.

A parte interna estava dividida por uma peça móvel de cristal que separava duas fotografias muito reduzidas, a de Coralie com roupa de enfermeira, a outra representando Patrice mutilado e com uniforme de oficial.

Patrice refletia, muito pálido. Após um momento, ele disse:

— E esse medalhão, de onde vem? Foi o senhor que o encontrou?

— Sim, capitão.

— Onde?

O magistrado pareceu hesitar. Pela reação de Coralie, Patrice teve a impressão de que ela desconhecia esse detalhe.

Finalmente, o senhor Desmailons respondeu:

— Eu o encontrei na mão do morto.

— Na mão do morto? Na mão do senhor Essarès?

Patrice se sobressaltara como se tivesse recebido o mais imprevisto dos choques, e debruçava-se sobre o magistrado, ansioso por uma resposta que queria ouvir uma segunda vez antes de admiti-la como certa.

— Sim, em sua mão. Tive que desapertar os dedos crispados para poder arrancá-lo.

O capitão se levantou e, batendo com o punho na mesa, exclamou:

— Pois bem, senhor, vou lhe dizer algo que eu reservava como último argumento, para lhe provar que minha colaboração não é inútil, e essa coisa toma uma importância considerável após o que acabamos de aprender. Senhor, hoje de manhã alguém pediu para falar comigo pelo telefone, e a comunicação mal havia sido estabelecida e essa pessoa, que parecia muito agitada, sofreu uma agressão criminosa, cujo barulho pude ouvir. E, no meio do tumulto da luta e dos gritos de agonia, ouvi essas palavras que o coitado se esforçava por me transmitir como últimas informações: "Patrice… Coralie… O medalhão de ametista… Sim, está comigo… o medalhão… Ah! tarde demais… eu queria tanto! Patrice… Coralie…".

E ele continuou:

— Foi o que ouvi, senhor, e ambos os fatos se impõem a nós. Esta manhã, às sete e dezenove, um homem que carregava consigo um medalhão de ametista foi assassinado. Primeiro fato indiscutível. Algumas horas depois, ao meio-dia e vinte e três, descobre-se na mão de outro homem o mesmo medalhão de ametista. Segundo fato indiscutível. Aproxime os dois fatos, e será obrigado a concluir que o primeiro crime, aquele de que ouvi o eco distante, foi cometido aqui, nesta casa, nesta mesma biblioteca, em que vêm ocorrendo, desde ontem à noite, todas as cenas do drama a que assistimos.

Essa revelação, que na realidade levava a uma nova acusação contra Essarès bei, pareceu ter um grande efeito sobre o magistrado. Patrice a

lançara no debate com apaixonada veemência, e uma lógica de argumentação à qual não era possível se subtrair sem evidente má-fé.

Coralie havia se virado levemente e Patrice, embora não conseguisse vê-la, adivinhava seu desespero diante de tamanha desonra e vergonha.

O senhor Desmalions objetou:

— O senhor fala de dois fatos indiscutíveis, capitão? Sobre o primeiro ponto, eu lhe farei notar que não encontramos o corpo desse homem que teria sido assassinado às sete e dezenove.

— Vai ser achado.

— Que seja. Segundo ponto: no que diz respeito ao medalhão de ametista encontrado na mão de Essarès bei, quem nos diz que Essarès bei o pegou desse homem assassinado e não em outro lugar? Porque, afinal, nem sabemos se estava em casa naquele horário e menos ainda se estava na biblioteca.

— Eu sei.

— E como?

— Liguei para ele alguns minutos depois e ele me atendeu. Ademais, e para excluir qualquer outra eventualidade, disse-me que acabara de me ligar, mas que a ligação havia sido cortada.

O senhor Desmalions refletiu e então perguntou:

— Ele saiu hoje de manhã?

— A senhora Essarès pode nos informar.

Sem se virar, com o evidente desejo de não encontrar os olhos de Patrice, Coralie declarou:

— Não creio que ele tenha saído. As roupas que usava quando morreu eram roupas para ficar em casa.

— A senhora o viu desde ontem à noite?

— Três vezes nesta manhã, veio bater à minha porta, entre sete e nove horas. Não abri. Por volta das onze horas, saí sozinha; eu o ouvi chamando o velho Siméon e lhe ordenando para me acompanhar. Siméon me alcançou imediatamente na rua. Isso é tudo o que eu sei.

Houve um silêncio muito longo. Cada um refletia do seu lado sobre essa estranha sequência de aventuras.

No final, o senhor Desmalions, que acabava por compreender que não era fácil se livrar de um homem com o caráter do capitão Belval, continuou, com o tom de alguém que, antes de agir, quer conhecer exatamente a

última palavra de seu adversário:

— Direto ao ponto, capitão, está elaborando uma hipótese que me parece muito confusa. Qual é mesmo? E se eu não concordar, qual será a sua conduta? Duas perguntas bem claras. Quer responder?

— Com a mesma clareza com que o senhor as fez.

Aproximou-se do magistrado e disse:

— Eis, senhor, o terreno de combate e de ataque, sim, de ataque, se necessário, que escolho. Um homem que me conheceu antes, que conheceu a senhora Essarès ainda criança, e se interessa por nós, um homem que colecionava nossos retratos a cada idade, que tinha motivos secretos para nos amar, que me mandou a chave desse jardim e se dispunha a nos aproximar um do outro por motivos que nos teria revelado, esse homem foi assassinado no momento em que ia executar seus planos. Ora, tudo prova que foi assassinado pelo senhor Essarès. Assim, estou decidido a dar queixa, não importa quais sejam as consequências do meu ato. E pode acreditar, senhor, que minha queixa não será abafada. Sempre há um meio de se fazer ouvir… mesmo que gritando a verdade do alto dos telhados.

O senhor Desmalions se pôs a rir.

— Diabo, capitão, quanto ímpeto!

— O ímpeto é igual à minha consciência, senhor, e tenho certeza de que a senhora Essarès vai me perdoar. Estou agindo pelo bem dela, e ela sabe. Sabe que está perdida se esse caso for abafado e se a Justiça não lhe prestar apoio. Sabe que os inimigos que a ameaçam são implacáveis. Não vão recuar diante de nada para alcançar sua meta e para suprimi-la, já que é um obstáculo para eles. E o que há de mais terrível é que essa meta parece invisível aos olhos mais perspicazes. Jogamos contra esses inimigos a mais formidável das partidas e nem sabemos o que estamos apostando. Somente a Justiça pode descobrir essa aposta.

O senhor Desmalions deixou passar alguns segundos e então, pondo a mão no ombro de Patrice, disse calmamente:

— E se a Justiça conhecer essa aposta?

Patrice o olhou com surpresa:

— O quê, o senhor conheceria?…

— Talvez.

— E pode me dizer?

— Diabo! Já que está me obrigando…

— E do que se trata?

— Ah! nada muito importante! Uma ninharia…

— Mas o quê?

— Um bilhão.

— Um bilhão?

— Simplesmente. Um bilhão, do qual dois terços, infelizmente, senão três quartos, já saíram da França antes da guerra. Mas, mesmo assim, os duzentos e cinquenta ou trezentos milhões restantes valem mais que um bilhão, e isso por um bom motivo…

— Qual?

— São de ouro.

A obra de Essarès bei

Dessa vez o capitão Belval pareceu se abrandar um pouco. Entrevia vagamente as considerações que obrigavam a Justiça a conduzir a batalha com prudência.

— Tem certeza? — disse ele.

— Sim, capitão. Há dois anos fui encarregado de estudar esse caso e meu inquérito me provou que havia, na França, exportações de ouro realmente inexplicáveis. Mas confesso que é somente desde minha conversa com a senhora Essarès que vejo de onde procediam essas fugas e quem construíra, por toda a França e até nos menores vilarejos, a formidável organização pela qual saía aos poucos o indispensável metal.

— Então a senhora Essarès sabia?…

— Não, mas suspeitava de muitas coisas e nesta noite, antes de sua chegada, ouviu outras que foram ditas entre Essarès e seus agressores e que ela me repetiu, dando-me assim a chave do enigma. Eu queria solucionar completamente esse enigma sem o senhor. Era, aliás, a ordem do ministro dos Assuntos Internos, e a senhora Essarès manifestava o mesmo desejo, mas seu entusiasmo acaba com minhas hesitações, e já que não há meio de afastá-lo, capitão, resolvi abrir completamente o jogo… ainda mais que não há como desdenhar um colaborador de sua têmpera.

— Assim, então… — atalhou Patrice, ansioso para saber mais.

— Assim, o cabeça do complô estava aqui. Essarès bei, diretor do Banco Franco-Oriental, situado na Rua La Fayette, Essarès bei, egípcio em aparência, turco na realidade, gozava de grande influência no mundo financeiro de Paris. Naturalizado inglês, mas tendo mantido relações secretas com antigos proprietários de terras do Egito, Essarès bei era

encarregado, em nome de uma potência estrangeira, que ainda não posso nomear exatamente, de sangrar, não há outra palavra, de sangrar a França de todo o ouro que fosse possível fazer chegar aos seus cofres.

Desmalions avançou:

— Segundo certos documentos, desse jeito ele conseguiu enviar setecentos milhões em dois anos. Preparava uma última remessa quando a guerra foi declarada. O senhor deve entender que, a partir desse momento, quantias tão importantes não podiam desaparecer tão facilmente quanto em tempo de paz. Nas fronteiras, os trens são inspecionados. Nos portos, os navios de saída são vistoriados. Em suma, a remessa não ocorreu. Os duzentos e cinquenta a trezentos milhões de ouro permaneceram na França. Dez meses se passaram. E o que aconteceu, e que era inevitável, foi que Essarès bei, dispondo desse fabuloso tesouro, aos poucos o considerou como seu e, por fim, decidiu se apropriar dele. Só que tinha cúmplices.

— Aqueles que vi nesta noite?

— Sim, meia dúzia de levantinos estranhos, falsos naturalizados, búlgaros mais ou menos disfarçados, agentes pessoais das pequenas cortes alemãs de lá. Todos, antigamente, cabiam em sucursais provincianas do banco de Essarès. Todos subornavam, por causa de Essarès, centenas de subagentes que reviravam as aldeias, frequentavam feiras, bebiam com os camponeses, ofereciam notas e títulos em troca de ouro francês, e esvaziavam as poupanças. Com o início da guerra, todos encerraram os negócios e vieram se juntar a Essarès bei, que, por sua vez, também fechara seu escritório da Rua La Fayette.

— E então?

— Então ocorreram incidentes que ignoramos. Decerto os cúmplices souberam por seus governos que a última remessa de ouro não havia sido realizada, e também adivinharam que Essarès bei tentava guardar para si os trezentos milhões recolhidos pelo bando. Seja como for, uma luta começou entre os antigos sócios, luta acirrada, implacável, uns querendo sua parte do tesouro, o outro decidido a não abrir mão de nada e defendendo que os milhões tinham ido embora. Ontem essa luta chegou ao paroxismo de intensidade. De tarde, os cúmplices tentaram sequestrar a senhora Essarès para ter um refém com quem contavam utilizar contra o marido. À noite… à noite o senhor viu o apogeu…

— Mas por que precisamente ontem à noite?

— Pelo motivo de que os cúmplices tinham razões para acreditar que os milhões iam desaparecer ontem à noite. Sem conhecer os procedimentos empregados por Essarès bei nas últimas remessas, pensavam que cada uma dessas remessas, ou melhor, que a retirada dos sacos era precedida por um sinal.

— Sim, uma chuva de faíscas, não é?

— Justamente. No canto do jardim existem antigas estufas encimadas por uma chaminé que as aquecia. Essa chaminé entupida, cheia de fuligem e sujeira, ao ser acesa solta fagulhas e faíscas que se veem de longe e serviam de alerta. O próprio Essarès bei a acendeu ontem à noite. Logo, assustados e determinados, os cúmplices vieram.

— E o plano de Essarès bei fracassou?

— Sim. Aliás, o dos cúmplices também. O coronel morreu. Os outros só conseguiram levar alguns maços de dinheiro que já devem ter perdido novamente. Mas a luta não havia acabado, e hoje de manhã os mais trágicos sobressaltos acompanharam seu desfecho. Segundo o senhor afirmou, um homem que o conhecia e procurava entrar em contato com o senhor foi assassinado às sete e dezenove, possivelmente por Essarès bei, que temia sua intervenção. E poucas horas depois, ao meio-dia e vinte e três, o próprio Essarès bei foi morto, provavelmente por um de seus cúmplices. Eis o caso todo, capitão. Agora que sabe tanto quanto eu, o senhor não acha que a instrução desse caso deve permanecer secreta e seguir um pouco fora das regras habituais?

Após um instante de reflexão, Patrice respondeu:

— Sim, creio.

— Ah, sim! — exclamou o senhor Desmalions. — Além de ser inútil divulgar essa história de ouro desaparecido e de ouro não achado que assustaria as imaginações, o senhor pode imaginar que uma operação que consistiu em escoar durante dois anos tamanha massa de ouro não pôde se realizar sem compromissos muito lamentáveis. Tenho certeza de que meu inquérito pessoal vai me revelar, do lado de certos bancos mais ou menos importantes e de certas instituições financeiras, uma série de falhas e negociatas sobre as quais não quero insistir, mas cuja divulgação seria desastrosa. Portanto, silêncio.

— Mas é possível manter o silêncio?

— Por que não?

— Diabo! Há alguns cadáveres, o do coronel Fakhi, por exemplo.

— Suicídio.

— O desse Mustapha que o senhor vai encontrar, ou já encontrou, no jardim do museu Galliera.

— Acontecimento fortuito.

— O do senhor Essarès.

— Acidente.

— De modo que todas essas manifestações da mesma força criminosa permanecerão isoladas umas das outras?

— Nada mostra o vínculo que liga umas às outras.

— O público talvez pense o contrário.

— O público vai pensar o que julgarmos bom que pense. Estamos em tempo de guerra.

— A imprensa vai falar.

— A imprensa não vai falar. Temos a censura.

— Mas se um fato qualquer, um novo crime?…

— Um novo crime? Por quê? O caso está encerrado, ao menos em sua parte ativa e dramática. Os atores principais morreram. A cortina se fechou com o assassinato de Essarès bei. Quanto aos comparsas, Bournef e os demais, antes de oito dias estarão trancados em um campo de concentração. Estamos diante de alguns milhões sem dono, que ninguém vai ousar reclamar, e nos quais a França tem o direito de pôr a mão. Vou trabalhar para isso ativamente.

Patrice Belval meneou a cabeça.

— Há também a senhora Essarès, senhor. Não devemos descartar as ameaças tão claras de seu marido.

— Ele está morto.

— Não importa, a ameaça permanece. O velho Siméon lhe contou de maneira arrepiante.

— É meio louco.

— Exatamente, seu cérebro mantém a impressão do perigo mais urgente. Não, senhor, a luta não acabou. Talvez até só esteja começando.

— Pois bem, capitão, e não estamos aqui? Proteja e defenda a senhora Essarès com todos os meios que estão em seu poder e com todos aqueles que coloco à sua disposição. Nossa colaboração será constante, já que minha tarefa está aqui, e que, se houver a batalha que o senhor espera e da

qual duvido, ela acontecerá dentro desta casa e deste jardim.

— O que o faz supor?…

— Certas palavras ouvidas ontem à noite pela senhora Essarès. O coronel Fakhi repetiu várias vezes: "O ouro está aqui, Essarès". E ele acrescentava: "Há anos, toda semana, seu automóvel trazia aqui o que havia no seu banco da Rua La Fayette. Siméon, o motorista e você, faziam deslizar os sacos pelo último respiradouro à esquerda. E de lá, como o expedia? Não sei. Mas o que estava aqui no momento da guerra, os setecentos ou oitocentos sacos que esperavam lá fora, nada saiu da casa. Eu suspeitava do golpe, e noite e dia nós temos vigiado. O ouro está aqui".

— E não tem nenhum indício? — perguntou Patrice.

— Nenhum. Isso, no máximo, embora eu lhe atribua apenas um valor relativo.

Desmalions tirou do bolso um papel bastante amassado, que desdobrou, e continuou calmamente:

— Junto ao medalhão havia na mão de Essarès esse papel sujo de tinta em que se podem ver ainda algumas palavras meio garatujadas, escritas às pressas, e das quais as únicas mais ou menos legíveis são "Triângulo de ouro". O que significa esse triângulo de ouro? O que tem a ver com o nosso caso? Por enquanto, não sei. No máximo, imagino que o pedaço de papel, assim como o medalhão, tenha sido arrancado por Essarès bei ao homem que morreu nesta manhã às sete e dezenove, e que, quando ele próprio foi morto, ao meio-dia e vinte e três, estava examinando-o.

— Sim, as coisas devem ter ocorrido dessa maneira. E veja, senhor — concluiu Patrice —, como todos esses detalhes se ligam uns aos outros. Pode ter certeza que se trata de um único e mesmo caso.

— Que seja — assentiu Desmalions, levantando-se. — Um único caso em duas partes. Investigue a segunda, capitão. Confesso que não há nada mais estranho do que essa descoberta das fotografias que os retratavam, a senhora Essarès e o senhor, em um mesmo álbum e um mesmo medalhão. Isso constitui um problema, cuja solução certamente nos levará bem perto da verdade. Até logo, capitão. E, mais uma vez, recorra a mim e aos meus homens.

Ele apertou a mão de Patrice…

Patrice o segurou.

— Irei recorrer ao senhor. Mas não é desde já que precisamos tomar as devidas precauções?

— Já foram tomadas, capitão. A casa não está ocupada por nós?

— Sim… sim… sei disso… mas, mesmo assim… tenho um pressentimento de que o dia não vai acabar… lembre-se das estranhas palavras do velho Siméon…

O senhor Desmalions se pôs a rir.

— Ora, capitão, não precisa exagerar. Por enquanto, mesmo que ainda tenhamos inimigos a combater, com certeza eles precisam se esconder. Falaremos sobre tudo isso amanhã, certo, capitão?

Apertou a mão de Patrice, inclinou-se diante da senhora Essarès e saiu.

Por discrição, o capitão Belval fizera um movimento para sair com ele. Parou perto da porta e voltou sobre seus passos. A senhora Essarès, que dava a impressão de não ouvi-lo, permanecia imóvel, recurvada e com a cabeça voltada para outra direção.

Ele lhe disse:

— Coralie…

Ela não respondeu, e ele lhe disse uma segunda vez: "Coralie", com a esperança de que ela também não respondesse, já que o silêncio da jovem mulher de repente lhe parecia a mais desejável das coisas. Não havia mais constrangimento ou revolta. Coralie aceitava que ele estivesse ali, junto dela, como um amigo prestando socorro. E Patrice não pensava mais em todos os problemas que o atormentavam, nem nessa série de crimes que se acumulara ao redor deles, nem nos perigos que podiam rodeá-los. Só pensava no abandono e na dor da mulher.

— Não responda, Coralie, não diga uma única palavra. É minha vez de falar. Eu preciso que você saiba questões que ignora, isto é, os motivos pelos quais queria me afastar desta casa… desta casa e da tua própria existência…

Pôs a mão no encosto da poltrona onde ela estava sentada, e a mão roçou o cabelo da mulher.

— Coralie, você imagina que é a vergonha do seu casamento que a afasta de mim. Cora por ter sido a mulher desse homem, e isso a deixa confusa e inquieta, como se você mesma fosse culpada. Mas por quê? A falta é sua? Será que não pensa que adivinho, entre vocês dois, um passado inteiro de miséria e ódio, e que você foi obrigada a se casar por não sei qual maquinação? Não, Coralie, há algo mais, que vou lhe contar. Há algo

mais…

Debruçara-se ainda mais sobre ela. Discernia seu perfil encantador que a chama da lenha iluminava, e exclamou com crescente ardor, usando esse tom familiar que, nele, ainda guardava um respeito afetuoso

— Devo lhe dizer, mamãe Coralie? Não, não é mesmo? Já entendeu e vê claramente em si mesma. Ah! Sinto que está tremendo dos pés à cabeça. Mas, sim, desde o primeiro dia você amou teu grande demônio ferido, por mais ferido e mutilado que estivesse. Cale-se, não proteste. Sim, dou-me conta… Você fica um pouco desconcertada por ouvir essas palavras hoje. Eu talvez devesse ter esperado… Por quê? Não lhe peço nada. Eu sei e isso me basta. Não voltarei a falar sobre isso antes de muito tempo, antes da hora inevitável em que você mesma será obrigada a dizê-lo. Até lá, ficarei silencioso. Mas nosso amor sempre estará entre nós e isso é delicioso, mamãe Coralie. É delicioso saber que me ama, Coralie… Bem! Agora está chorando! E ainda gostaria de negar? Mas quando você chora, mamãe, eu a conheço, isso significa que seu adorável coração transborda de ternura e amor. Está chorando? Ah, mamãe, eu não acreditava que você me amasse a esse ponto!

Patrice também estava com lágrimas nos olhos. As de Coralie corriam em suas faces pálidas, e ele teria querido beijar esse rosto molhado. Mas o mínimo gesto de afeto lhe parecia uma ofensa naquele minuto. Limitava-se a olhá-la perdidamente.

E, enquanto a olhava, ele teve a impressão de que o pensamento da jovem mulher se destacava do seu, que seus olhos eram atraídos por um espetáculo imprevisto, e que ela escutava, no grande silêncio do amor deles, algo que ele não ouvira.

Então, de repente, ele também ouviu essa coisa, embora fosse, por assim dizer, imperceptível. Mais que um ruído, era a sensação de uma presença que se mesclava aos rumores distantes da cidade.

O que estava ocorrendo?

O dia terminara sem que Patrice percebesse. Sem que também o notasse, como o toucador era pequeno e o calor da lareira estava ficando muito forte, a senhora Essarès entreabrira a janela, cujas folhas, no entanto, quase se juntavam. Era esse detalhe que ela considerava atentamente, e era de lá que vinha o perigo.

Patrice esteve prestes a correr para a janela. Não o fez. O perigo se precipitava. Fora, na escuridão do crepúsculo, ele distinguia, através dos vidros oblíquos, uma forma humana. Então, avistou entre as duas folhas um objeto que brilhava com intensidade à luz da lareira e que lhe pareceu ser o cano de um revólver.

"Se suspeitarem por um instante que estou de sobreaviso", pensou ele, "Coralie está perdida."

De fato, a jovem mulher se encontrava em frente à janela, portanto nenhum obstáculo se interpunha diante dela. Mas ele pronunciou em voz alta e tom despreocupado:

— Coralie, você deve estar um pouco cansada. Vamos nos despedir.

Ao mesmo tempo, contornava a poltrona para protegê-la.

Ele, no entanto, não teve tempo para executar seu movimento. Com certeza, ela também vira reluzir o cano do revólver. Recuou bruscamente e balbuciou:

— Ah! Patrice… Patrice…

Duas detonações ecoaram, seguidas por um gemido.

— Você foi ferida! — exclamou Patrice, precipitando-se para ela.

— Não, não — disse ela —, mas o medo…

— Ah! Se ele a acertou, o miserável!…

— Não, não…

— Tem certeza?

Perdeu uns trinta segundos acendendo a luz, examinando a mulher, esperando com angústia que ela retomasse toda a sua consciência.

Somente então Patrice lançou-se em direção à janela, que abriu inteiramente, e passou por cima do parapeito da sacada. O cômodo era localizado no primeiro andar. Havia treliças ao longo do muro. Mas, por causa de sua perna, teve dificuldade para descer.

Embaixo, tropeçou nas tábuas de uma escada caída no chão do terraço. Então, esbarrou em policiais que surgiam do térreo, e um deles vociferou:

— Vi uma silhueta que fugia por ali.

— Por onde? — perguntou Patrice.

O homem corria em direção à pequena ruela. Patrice o seguiu. Mas nesse momento, do lado da porta do jardim, elevaram-se clamores agudos e o ganido de uma voz gemendo:

— Socorro! Socorro!

Quando Patrice chegou, o policial já varria o chão com o feixe de sua lanterna, e ambos avistaram uma forma humana que se contorcia no canteiro.

— A porta está aberta — gritou Patrice —, o agressor escapou… Corra.

O policial desapareceu na ruela e, como Ya-Bon apareceu, Patrice lhe ordenou:

— Depressa, Ya-Bon… Se o policial for por um lado da ruela, vá pelo outro. Depressa, e eu vou cuidar da vítima.

Enquanto isso, Patrice se debruçava, projetando o feixe da lanterna do policial sobre o homem que se debatia no chão. Reconheceu o velho Siméon meio estrangulado, um cordão de seda vermelha em volta do pescoço.

— Tudo bem? — perguntou ele. — Está me ouvindo?

Afrouxou o cordão e repetiu a pergunta. Siméon gaguejou uma sequência de sílabas incoerentes e, de repente, pôs-se a cantar e a rir, com um riso convulsivo, bem baixo, entremeado de soluços. Tinha enlouquecido.

— O senhor — disse Patrice a Desmalions, quando este se juntou a ele e ouviu suas explicações — acredita mesmo que o caso esteja encerrado?

— Tinha razão — confessou o senhor Desmalions —, e vamos tomar todas as precauções necessárias para a segurança da senhora Essarès. A casa será vigiada a noite toda.

Alguns minutos depois, o policial e Ya-Bon voltaram após uma procura inútil. Na ruela, encontraram uma chave que servira para abrir a porta. Era exatamente semelhante àquela que Patrice possuía, igualmente velha e enferrujada. O agressor se livrara dela durante a fuga.

Eram sete da noite quando Patrice, na companhia de Ya-Bon, deixou a casa da Rua Raynouard e voltou a tomar o caminho de Neuilly. Conforme seu hábito, Patrice segurou o braço do senegalês e, apoiando-se nele para andar, disse:

— Adivinho sua ideia, Ya-Bon.

Ya-Bon grunhiu.

— É isso mesmo — aprovou o capitão Belval. — Estamos totalmente de acordo em todos os pontos. O que mais o surpreende é a incapacidade total da polícia nessa ocorrência, não é? Um monte de nulidades, você diria? Falando desse jeito, Ya-Bon, o senhor diz uma besteira e manifesta uma

insolência que não me surpreendem de sua parte, e que poderiam lhe trazer de minha parte uma correção que merece. Mas vamos esquecer isso. Portanto, não importa o que diga, a polícia faz o que pode, sem contar que em tempo de guerra tem outras coisas para fazer do que cuidar das misteriosas relações que existem entre a senhora Essarès e o capitão Belval. Assim, sou eu que vou ter de agir, e só posso contar comigo. Pois bem, pergunto-me se tenho cacife para lutar contra tamanhos adversários. Quando penso que um deles teve a ousadia de voltar à casa que a polícia vigiava, de erguer uma escada, de certamente escutar minha conversa com o senhor Desmalions e então as palavras que eu disse à mamãe Coralie, e, no final das contas, disparar duas balas de revólver! O que acha disso, hein? Sou suficientemente forte? E será que toda a polícia francesa, já sobrecarregada, vai me oferecer a ajuda indispensável? Não, o que precisaria para resolver esse caso é de um tipo excepcional e que reunisse todas as qualidades. Enfim, um homem como não se encontra.

Patrice se apoiou ainda mais no braço do companheiro.

— Você, que tem relações tão importantes, será que não tem isso no bolso? Um gênio, um semideus!

Ya-Bon voltou a grunhir, com a expressão alegre, e soltou o braço. Sempre carregava consigo uma pequena lanterna. Acendeu-a e pôs o cabo entre os dentes. Então, tirou de seu dólmã um pedaço de giz.

Ao longo da rua havia um muro revestido de gesso, sujo e escurecido pelo tempo. Ya-Bon se postou diante do muro e, projetando o feixe de luz, pôs-se a escrever com mão desajeitada, como se cada uma das letras lhe custasse um grande esforço, e como se a junção delas fosse a única que jamais pudesse compor e reter. E, desse jeito, escreveu duas palavras que Patrice conseguiu ler de repente:

Arsène Lupin.

— Arsène Lupin — disse Patrice a meia voz.

E, contemplando-o com estupor:

— Está ficando louco? Arsène Lupin, o que isso quer dizer? O quê? Está me sugerindo Arsène Lupin?

Ya-Bon fez um sinal afirmativo.

— Arsène Lupin? Então você o conhece?

— Sim — declarou Ya-Bon.

Patrice se lembrou então de que o senegalês passava seus dias no hospital a pedir a seus camaradas de boa vontade que lhe lessem todas as aventuras de Arsène Lupin, e ele deu uma risadinha:

— Sim, você o conhece como conhecemos alguém de quem lemos a história.

— Não — protestou Ya-Bon.

— Você o conhece pessoalmente?

— Sim.

— Seu tolo! Arsène Lupin está morto. Jogou-se no mar do alto de uma rocha, e você acha que o conhece?

— Sim.

— Já teve a ocasião de encontrá-lo desde que morreu?

— Sim.

— Diabo! E o poder do senhor Ya-Bon sobre Arsène Lupin é suficiente para que Arsène Lupin ressuscite e venha correndo ao primeiro sinal do senhor Ya-Bon?

— Sim.

— Caramba! Eu já tinha muita consideração por você, mas agora só resta inclinar-me. Amigo do falecido Arsène Lupin, como você é chique! E quanto tempo você precisa para pôr essa sombra à nossa disposição? Seis meses? Três meses? Um mês? Quinze dias?

Ya-Bon fez um gesto.

— Cerca de quinze dias — traduziu o capitão Belval. — Pois bem, evoque o espírito de seu amigo, estarei encantado por conhecê-lo. Só que, na verdade, você deve ter uma ideia bem medíocre de mim para imaginar que preciso de colaborador. Então, acha que sou um imbecil, um incapaz?

Patrice e Coralie

Tudo ocorreu como o senhor Desmalions previra. A imprensa não falou nada. O público não se comoveu. Acidentes e pequenas ocorrências foram recebidos com indiferença. O enterro do riquíssimo banqueiro Essarès bei passou despercebido.

Mas, no dia seguinte ao enterro, após algumas diligências realizadas pelo capitão Belval junto às autoridades militares, com o apoio da polícia, uma nova ordem das coisas foi estabelecida na casa da Rua Raynouard. Reconhecida como anexo número dois da enfermaria dos Champs-Élysées, a casa se tornou, sob a vigilância da senhora Essarès, residência exclusiva do capitão Belval e de seus sete mutilados.

Assim, Coralie permaneceu lá sozinha. Sem camareira ou cozinheira. Os sete mutilados se encarregaram de todas as tarefas. Um era zelador, outro cozinheiro, outro, mordomo. Ya-Bon, nomeado camareiro, encarregou-se do serviço pessoal de mamãe Coralie. De noite, deitava-se no corredor, diante da porta. De dia, ficava de vigia diante de sua janela.

— Não deixe ninguém se aproximar dessa porta, nem dessa janela! — disse-lhe Patrice. — Ninguém pode entrar! Se deixar um único mosquito se aproximar dela, você vai se ver comigo.

Apesar de tudo, Patrice não estava tranquilo. Tivera provas demais do que o inimigo se atrevia a fazer para acreditar que, quaisquer que fossem, as medidas poderiam garantir uma proteção absolutamente eficaz. O perigo se insinua sempre por onde não é esperado, e é ainda mais difícil proteger-se contra ele quando não se sabe de onde vem a ameaça. Essarès bei morto, quem perseguia sua obra? E quem retomaria contra mamãe Coralie o plano de vingança que ele anunciou em sua última carta?

O senhor Desmalions havia começado imediatamente suas investigações, mas o aspecto dramático do caso parecia deixá-lo indiferente. Como não havia encontrado o corpo do homem de quem Patrice ouvira os gritos de agonia, nem encontrara qualquer indício sobre o misterioso agressor que atirara em Patrice e Coralie, no fim do dia, sem ter podido estabelecer de onde vinha a escada que o agressor havia usado, ele não se preocupava mais com essas questões, limitando seus esforços à procura dos mil e oitocentos sacos. Era a única questão com que se importava.

— Temos todos os motivos para acreditar que os sacos então aqui — dizia — entre os quatro lados do quadrilátero formado pelo jardim e os prédios de moradia. Obviamente, um saco de cinquenta quilos de ouro não tem, nem de longe, o volume de um saco de carvão de mesmo peso. Mas, mesmo assim, mil e oitocentos sacos devem representar um volume de sete a oito metros cúbicos, e não é fácil esconder tamanho volume.

Depois de dois dias, Desmalions adquirira a certeza que o esconderijo não se encontrava nem na casa, nem debaixo dela. Quando, certas noites, o motorista de Essarès bei trazia à Rua Raynouard o conteúdo dos cofres do Banco Franco-Oriental, Essarès bei, o próprio motorista e o homem chamado Grégoire faziam passar pelo respiradouro que os cúmplices do coronel haviam mencionado um largo arame que acabou sendo encontrado. Ao longo desse arame deslizavam ganchos, também encontrados, nos quais os homens suspendiam os sacos que então se empilhavam em um grande porão situado exatamente sob a biblioteca.

É inútil mencionar a engenhosidade, a minúcia e a paciência que o senhor Desmalions e seus agentes manifestaram para vasculhar cada canto desse porão. Ao menos, seus esforços permitiram que soubessem — sem qualquer dúvida — que o lugar não oferecia segredos, exceto o de uma escada que descia da biblioteca e cuja saída superior era trancada por um alçapão coberto por um tapete. Além do respiradouro da Rua Raynouard, havia outro que dava para o jardim, no nível do primeiro terraço. Ambas as aberturas eram fechadas de dentro mediante persianas de ferro muito pesadas, de modo que milhares e milhares de sacos de ouro podiam ter sido empilhados no porão até serem despachados.

— Mas como ocorria essa remessa? — perguntava-se o senhor Desmalions. — Mistério. E por que essa parada no subsolo da Rua Raynouard? Outro mistério. E eis então que Fakhi, Bournef e seus

cúmplices afirmam que da última vez não houve remessa, que o ouro está aqui e que basta procurar para achá-lo. Só resta o jardim. Vamos procurar desse lado.

É um admirável jardim antigo que outrora fizera parte da vasta propriedade em que, até o fim do século XVIII, funcionava a estação termal de Passy. Da Rua Raynouard até o cais, em uma largura de duzentos metros, o jardim desce, por quatro terraços superpostos, em direção a harmoniosos gramados delineados por maciços de arbustos verdejantes dominados por grupos de grandes árvores.

Mas a beleza do jardim se deve antes de tudo aos seus quatro terraços e à vista que oferecem para o rio, as planícies da margem esquerda e as colinas ao longe. Vinte escadas comunicam esses terraços entre si e vinte trilhas levam de um a outro, cavadas entre os muros de contenção e às vezes imersas sob ondas de hera que se alastram de cima para baixo.

Em um ponto ou outro emergem uma estátua, uma coluna truncada e destroços de uma marquise. A sacada de pedra que orla o terraço superior é enfeitada com antigos vasos de barro. Nesse terraço, veem-se também as ruínas de dois pequenos templos redondos que outrora serviam de bebedouros. Diante das janelas da biblioteca, um tanque circular, no centro do qual uma criança lança um fino fio d'água pela abertura de uma concha.

Era a água de escoamento desse tanque, recolhida de um riacho, que deslizava sobre as rochas contra as quais Patrice se chocara naquela primeira noite.

— Em suma, três a quatro mil hectares para vasculhar — disse o senhor Desmalions.

Para essa tarefa, o ex-juiz recrutou, além dos mutilados de Patrice, uma dúzia de policiais. Tarefa bastante fácil no fundo, e que certamente devia trazer resultados. Como Desmalions não cessava de repetir, mil e oitocentos sacos não podem permanecer invisíveis. Qualquer escavação deixa rastros. É preciso ter como entrar e sair. Ora, a grama dos canteiros e a areia das alamedas não revelavam qualquer vestígio de terra remexida recentemente. A hera? Os muros de contenção? Os terraços? Tudo foi visitado. Inutilmente. Acharam-se, em alguns lugares, nas trincheiras cavadas, antigas canalizações que se dirigiam para o Sena, e segmentos de aqueduto que antes serviam para escoar as águas de Passy. Mas o que não encontraram foi algo que se parecesse com um abrigo, uma casamata, um

alpendre de alvenaria, ou que tivesse a aparência de esconderijo.

Patrice e Coralie acompanhavam essas buscas. No entanto, embora entendessem o interesse disso, e embora, por outro lado, ainda sentissem a ansiedade das dramáticas horas que haviam vivido, no fundo só eram fascinados pelo inexplicável problema de seu destino comum, e quase todas as palavras deles se dirigiam para as trevas do passado.

A mãe de Coralie, filha de um cônsul da França em Salônica, casara-se lá com homem de certa idade, muito rico, o conde Odolavitz, membro de uma antiga família sérvia, que morreu um ano após o nascimento de Coralie. Na época, a viúva e sua filha estavam na França, precisamente nessa casa da Rua Raynouard, que o conde Odolavitz havia comprado por meio de um jovem egípcio, Essarès, que lhe servia de secretário e de factótum.

Assim, Coralie vivera três anos de sua infância nessa casa. Então, subitamente, perdeu sua mãe. Sozinha no mundo, foi levada por Essarès a Salônica, onde seu avô, o cônsul, havia deixado uma irmã bem mais jovem que ele e que se encarregou da menina. Infelizmente, essa mulher caiu sob o domínio de Essarès, assinou documentos, mandou sua sobrinha-neta assinar outros, de modo que toda a fortuna da criança, administrada pelo egípcio, aos poucos desapareceu.

Finalmente, com cerca de 17 anos, Coralie foi vítima de uma aventura que lhe deixou a mais terrível das lembranças e que teve uma influência fatal sobre sua vida. Raptada certa manhã nos arredores de Salônica por um bando de turcos, passou duas semanas trancada em um palácio, sendo objeto dos desejos do governador da província. Essarès a libertou. Mas essa libertação aconteceu de maneira tão estranha que, com frequência desde então, Coralie chegava a se perguntar se o turco e o egípcio não haviam estado em conluio.

Seja como for, doente, deprimida, temendo nova agressão e obrigada por sua tia, casou-se um mês depois com esse Essarès que já a cortejava e que, agora e definitivamente, aparecia aos seus olhos como um salvador. União lamentável, cujo horror se lhe tornou evidente no mesmo dia em que foi consumada. Coralie era a mulher de um homem que ela detestava, homem cujo amor se exasperou diante de todo o ódio e todo o desprezo que ela lhe devotou.

No mesmo ano do casamento, instalaram-se na casa da Rua Raynouard. Essarès, que, havia muito tempo, fundara e dirigia em Salônica a filial do Banco Franco-Oriental, abarcou quase todas as ações desse banco e comprou como sede da instituição o prédio da Rua La Fayette, tornando-se um dos maiores financistas de Paris e recebendo no Egito o título de bei[5].

Era essa a história que um dia, no belo jardim de Passy, Coralie contou, e, nesse melancólico passado que questionaram juntos, confrontando-o com o passado de Patrice, nem ele nem Coralie conseguiram descobrir um único ponto que lhes fosse comum. Ambos haviam vivido em lugares diferentes. Nenhum nome despertava neles uma mesma lembrança. Nenhum detalhe podia levá-los a entender por que cada um possuía pedaços da mesma conta de ametista, por que suas fotos se encontravam reunidas no mesmo medalhão ou coladas nas páginas do mesmo álbum.

— No limite — disse Patrice —, podemos explicar que o medalhão achado na mão de Essarès havia sido arrancado por ele a esse homem desconhecido que nos vigiava e que ele assassinou. Mas e o álbum, esse álbum que ele carregava em uma bolsa costurada na roupa de baixo?…

Permaneceram calados. Então Patrice perguntou:

— E Siméon?

— Siméon sempre morou aqui.

— Até mesmo na época de sua mãe?

— Não. Foi um ano ou dois após a morte de minha mãe e após minha partida para Salônica, que ele foi encarregado por Essarès de guardar esta propriedade e cuidar de sua manutenção.

— Era secretário de Essarès?

— Nunca soube seu papel exato. Secretário? Não. Confidente? Também não. Nunca conversavam juntos. Três ou quatro vezes, foi ver-nos em Salônica. Lembro-me de uma de suas visitas. Eu ainda era criança e ouvi que falava com Essarès de maneira muito violenta e que parecia ameaçá-lo.

— De quê?

— Não sei. Ignoro tudo de Siméon. Vivia aqui, porém muito distante dos outros, quase sempre no jardim, fumando seu cachimbo, devaneando, cuidando das árvores e das flores com a ajuda de dois ou três jardineiros que ele chamava de vez em quando.

— Que conduta ele mantinha diante de você?

— De novo, não posso dizer nada com exatidão. Nunca falávamos, e suas ocupações não o aproximavam de mim. No entanto, às vezes tive a impressão de que, por seus óculos amarelos, seu olhar me procurava com certa insistência, talvez até com interesse. Além disso, nos últimos tempos gostava de me acompanhar até a enfermaria, e mostrava-se então, seja lá, seja a caminho, mais atento, mais solícito… de tal maneira que faz um ou dois dias me pergunto…

Após um instante de indecisão, ela seguiu:

— Ah! é uma ideia bem vaga… mas, mesmo assim… Olhe, há algo que não pensei em lhe dizer… por que entrei na enfermaria dos Champs-Élysées, nessa enfermaria em que você já se encontrava ferido, doente? Por quê? Porque Siméon me levou até lá. Sabia que eu queria trabalhar como enfermeira e me indicou essa enfermaria… na qual não duvidava que as circunstâncias nos colocariam um diante do outro…

— E então, reflita… Mais tarde, a fotografia do medalhão, a que nos representa juntos, você de uniforme e eu em traje de enfermeira, só pode ter sido tirada na enfermaria… ora, entre as pessoas dessa casa Siméon era o único que havia ido lá. Quero lembrá-lo também de que ele fora a Salônica, que me vira lá ainda criança, depois moça, e, também lá, pôde tirar as fotos do álbum. De modo que, se admitirmos que ele tenha tido algum correspondente que, por seu lado, seguia você ao longo da vida, não seria impossível acreditar que o amigo desconhecido de quem você supôs a intervenção entre nós tenha lhe mandado a chave do jardim…

— Que esse amigo tenha sido o velho Siméon? — interrompeu vivamente Patrice. — A hipótese é inadmissível.

— Por quê?

— Porque esse amigo morreu. Aquele que procurava, como você diz, intervir entre nós, aquele que me mandou a chave do jardim, aquele que me chamou pelo telefone para me contar a verdade, esse homem foi assassinado… não há dúvida a respeito disso. Ouvi os gritos de um homem sendo degolado… gritos de agonia… daqueles que alguém solta ao morrer.

— E quem lhe garante que foi assim que ocorreu?…

— Tenho certeza. Minha certeza é inabalável. Aquele que chamo de nosso amigo desconhecido morreu antes de terminar sua obra, morreu assassinado. Ora, Siméon está vivo.

E Patrice acrescentou:

— Aliás, sua voz era diferente da de Siméon, uma voz que eu nunca havia ouvido e que nunca mais ouvirei.

Convencida por Patrice, Coralie não insistiu mais.

Estavam sentados em um dos bancos do jardim, aproveitando um belo sol de abril. Os brotos dos castanheiros brilhavam na ponta dos galhos. Subia dos canteiros o inebriante perfume dos goivos, cujas flores amarelas ou douradas, como vestidos de vespas ou abelhas apertadas umas nas outras, ondulavam ao ritmo de uma leve brisa.

De repente, Patrice estremeceu. Coralie pusera a mão na sua, em um gesto de encantador abandono, e, observando-a, ele logo viu que estava emocionada a ponto de chorar.

— O que está acontecendo, mamãe Coralie?

A cabeça da jovem se inclinou, e sua face tocou o ombro do oficial. Patrice não ousou se mover, para não dar a esse movimento fraternal um valor de ternura que pudesse ferir Coralie.

Ele repetiu:

— O que há? O que você tem, minha amiga?

— Ah — murmurou ela —, como é estranho! Olhe, Patrice, olhe essas flores.

Encontravam-se no terceiro terraço, e portanto dominavam o quarto terraço. Este último, mais baixo, em vez de maciços de goivos abrigava canteiros onde se misturavam todas as flores da primavera, tulipas, ibéris e arabetas. No meio havia um grande círculo plantado de amores-perfeitos.

— Ali, ali — disse ela, apontando esse círculo com o braço estendido — ali, olhe bem… está vendo?… letras…

De fato, aos poucos Patrice se dava conta de que os tufos de amores-perfeitos estavam dispostos de maneira a escrever no solo algumas letras que se destacavam entre outros tufos de flores. Não era visível a um primeiro olhar. Precisava-se de certo tempo para ver, mas, uma vez percebidas, as letras se juntavam por si só e formavam na mesma linha três palavras: *Patrice e Coralie*.

— Ah — disse ele, em voz baixa —, estou entendendo!

Era tão estranho, de fato, e tão comovente ler os dois nomes, semeados, por assim dizer, por uma mão amiga, os dois nomes reunidos em forma de amores-perfeitos! Era tão estranho e tão comovente estarem sempre juntos, reunidos por vontades misteriosas, ligados agora pelo laborioso esforço de

florezinhas que surgem, despertam para a vida e desabrocham segundo uma ordem determinada!

Coralie se levantou e disse:

— É o velho Siméon que cuida do jardim.

— Obviamente — disse ele, um pouco abalado — isso não muda minha ideia. Nosso amigo desconhecido morreu, mas Siméon pode tê-lo conhecido. Siméon talvez tenha estado em conluio com ele em certos pontos, e deve saber muita coisa. Ah, se pudesse falar e nos pôr na direção certa.

Uma hora depois, quando o sol se punha no horizonte, subiram aos terraços.

Ao chegarem ao terraço de cima, avistaram o senhor Desmalions, que fez um sinal para que se aproximassem e disse:

— Quero avisá-los de algo bastante curioso, uma descoberta de interesse especial para a senhora… e para o senhor, capitão.

Levou-os até o final do terraço, diante da parte inabitada que seguia a biblioteca. Havia lá dois policiais, segurando picaretas. Durante as buscas, o senhor Desmalions explicou, haviam primeiramente afastado a hera que cobria o pequeno muro enfeitado com vasos de barro. Ora, um detalhe chamara a atenção dele: ao longo de alguns metros o muro estava coberto por uma camada de gesso que parecia ser mais recente que a pedra.

— Por quê? — disse Desmalions. — Parecia um indício que eu não podia deixar de considerar. Mandei demolir essa camada de gesso e, embaixo, encontrei outra menos espessa, misturada às asperezas da pedra. Vejam, aproximem-se… ou não, afastem-se um pouco… assim se vê melhor.

De fato, a camada inferior só servia para conter uma série de pedrinhas brancas que criavam um tipo de mosaico emoldurado por pedras pretas, e que formavam grandes letras largas, as quais compunham três palavras. Essas palavras eram, mais uma vez, *Patrice e Coralie.*

— O que acham disso? — interrogou o senhor Desmalions. — Vejam que a inscrição data de alguns anos… dez anos pelo menos, dada a disposição da hera no muro…

— Dez anos pelo menos… repetiu Patrice, quando ficou sozinho com Coralie. — Dez anos, isto é, uma época em que você não estava casada, ainda morava em Salônica, e quando ninguém vinha a este jardim…

ninguém, salvo Siméon e aqueles que ele deixava entrar.

E Patrice concluiu:

— Entre eles, Coralie, estava nosso amigo desconhecido que morreu. E Siméon conhece a verdade.

Nesse final de tarde, ambos viram, como o viam desde o drama, o velho Siméon andar a esmo no jardim ou nos corredores da casa, com atitude inquieta e desamparada, seu cachecol enrolado em volta da cabeça, os óculos pressionando as têmporas. Gaguejava palavras incompreensíveis. À noite, seu vizinho, um dos mutilados, ouviu-o cantarolar várias vezes.

Em duas ocasiões Patrice tentou fazê-lo falar. Siméon meneava a cabeça e não respondia, ou então ria com um ar inocente.

Assim, o problema se complicava, e nada deixava prever que pudesse ser revolvido. Quem, desde sua infância, os havia prometido, um ao outro, como noivos por uma lei inflexível disposta com antecedência? Quem, no último outono, quando ainda não se conheciam, havia preparado o canteiro de amores-perfeitos, e quem, dez anos antes, inscrevera seus nomes com pedras brancas na espessura do muro?

Questões perturbadoras para duas pessoas nas quais o amor despertara espontaneamente e que, de repente, percebiam que tinham um longo passado em comum. Cada passo que faziam juntos no jardim parecia uma peregrinação entre lembranças esquecidas, e a cada curva de alameda esperavam descobrir uma nova prova da ligação que os unira sem que o soubessem.

E, de fato, nesses poucos dias eles viram suas iniciais entrelaçadas, duas vezes no tronco de uma árvore, uma vez no respaldo de um banco. E outras duas vezes os dois nomes apareceram inscritos em velhas paredes e escondidos por uma camada de gesso coberta por hera.

Nessas duas últimas ocasiões, seus nomes eram acompanhados de duas datas: *"Patrice e Coralie*, 1904"… *"Patrice e Coralie*, 1907".

— Há onze anos e há oito anos — disse o capitão. — Sempre nossos nomes… Patrice e Coralie.

Seguravam-se pelas mãos com mais força. O grande mistério de seu passado aproximava-os, tanto quanto o profundo amor que sentiam e sobre o qual evitavam falar.

Apesar de si mesmos, no entanto, ambos procuravam a solidão, e foi assim que um dia, duas semanas após o assassinato de Essarès bei,

enquanto passavam diante da pequena porta da ruela, decidiram sair e descer até a margem do Sena. Ninguém os viu, já que as proximidades dessa porta e o caminho que leva até lá estavam escondidos por grandes bosques, e o senhor Desmalions então explorava com seus homens as antigas estufas situadas do outro lado do jardim, e a velha chaminé que servira para mandar os sinais.

Mas, uma vez fora, Patrice se imobilizou. Havia, quase em frente deles, no muro oposto, uma porta exatamente semelhante. Comentou o fato e Coralie lhe disse:

— Não é surpreendente. Esse muro delimita um jardim que antes dependia daquele que acabamos de deixar.

— Quem mora aí?

— Ninguém. A pequena casa que o domina e fica antes da minha na Rua Raynouard está sempre fechada.

Patrice murmurou:

— Mesma porta… mesma chave, talvez?

Introduziu na fechadura a chave enferrujada que lhe havia sido enviada.

A fechadura girou.

— Vamos entrar — disse ele —, a série de milagres continua. Será que este nos será favorável?

Era uma faixa de terreno estreita e entregue a todos os caprichos da vegetação. Contudo, no meio da relva exuberante, uma trilha de terra batida, que devia ser usada com frequência, saía da porta e subia obliquamente em direção ao único terraço, no qual estava construída a casa térrea com as persianas fechadas, deteriorada, coroada por um pequeno belvedere em forma de lanterna.

A casa tinha uma entrada particular na Rua Raynouard, da qual era separada por um pátio e um muro bem alto. Essa entrada era obstruída por tábuas e vigas pregadas umas nas outras.

Deram a volta na casa e foram surpresos pelo espetáculo que esperava por eles do lado direito. Era uma espécie de claustro de vegetação, retangular, cuidadosamente mantido, com arcos regulares, recortados nas sebes de buxos e teixos. Um jardim miniatura era desenhado nesse espaço em que pareciam se juntar o silêncio e a paz. Lá também havia flores variadas, amores-perfeitos e margaridas. E quatro sendas que vinham dos

quatro cantos do claustro terminavam em uma rotunda central, em que se erguiam as cinco colunas de um pequeno templo aberto, grosseiramente construído com seixos e pedras de alvenaria em equilíbrio.

Sob a cúpula desse pequeno templo via-se uma lápide.

Diante dessa lápide, um velho genuflexório de madeira, nos barrotes do qual estavam pendurados, à esquerda um cristo de marfim, à direita um rosário composto por contas de ametista e de filigrana de ouro.

— Coralie, Coralie — murmurou Patrice, a voz tremendo de emoção… — Quem está enterrado aqui?

Aproximaram-se.

Coroas de pérolas estavam alinhadas na lápide. Contaram dezenove delas, nas quais estavam gravadas as dezenove colheitas dos dezenove últimos anos. Tendo-as separado, leram esta inscrição em letras de ouro gastas e sujas pela chuva.

Aqui descansam
Patrice e Coralie
ambos assassinados
em 14 de abril de 1895
Serão vingados

---

[5] Título honorífico antigamente dado a altos funcionários e oficiais superiores do Exército otomano. (N.T.).

O cordão vermelho

Coralie havia sentido suas pernas enfraquecerem e se deixara cair no genuflexório, onde, ardente e desesperadamente, agora rezava. Por quem? Pelo descanso de que almas desconhecidas? Ela não sabia. Mas todo o seu ser era tomado por febre e exaltação, e só as palavras da prece podiam acalmá-la.

Patrice lhe disse ao ouvido:

— Como se chamava sua mãe, Coralie?

— Louise — respondeu ela.

— E meu pai se chamava Armand. Portanto, não se trata dela ou dele, e no entanto…

Patrice também estava extremamente agitado. Agachou-se e examinou as dezenove coroas, depois a lápide, e prosseguiu:

— No entanto, Coralie, a coincidência é realmente anormal demais. Meu pai morreu nesse ano de 1895.

— Minha mãe também morreu no mesmo ano — disse ela —, sem que eu possa precisar a data.

— Vamos descobrir, Coralie — afirmou ele. — Tudo isso pode ser verificado. Mas uma verdade está surgindo: aquele que entrelaçava os nomes Patrice e Coralie não pensava só em nós e não olhava só para o futuro. Talvez pensasse ainda mais no passado, nessa Coralie e nesse Patrice cujas mortes violentas ele soubera e a quem havia prometido vingança. Venha, Coralie, ninguém deve suspeitar que estivemos aqui.

Desceram pela senda e atravessaram as duas portas da ruela. Ninguém os viu entrar. Logo Patrice levou Coralie aos seus aposentos e recomendou a Ya-Bon e seus camaradas que redobrassem a vigilância. Então, saiu.

Só voltou à noite, para sair de novo na manhã seguinte. Um dia depois, por volta das três horas, pediu a Coralie que o recebesse.

Imediatamente ela lhe perguntou:

— Soube de algo?…

— Sei de muitas coisas, Coralie, que não dissipam as trevas do presente, e eu estaria quase tentado a dizer ao contrário, mas que trazem luzes bem vivas sobre o passado.

— E que explicam o que vimos anteontem? — perguntou ela ansiosamente.

— Escute-me, Coralie.

Sentou-se na frente dela e disse:

— Não vou lhe contar todas as diligências que empreendi. Vou resumir simplesmente aquelas que deram resultado. Antes de mais nada, fui à prefeitura de Passy e à legação da Sérvia.

— Então — disse ela — você segue supondo que se trata de minha mãe?

— Sim, peguei uma cópia do atestado de óbito, Coralie. Sua mãe morreu em 14 de abril de 1895.

— Ah — disse ela —, é a data inscrita no túmulo.

— A mesma data.

— Mas e esse nome, Coralie?… Minha mãe se chamava Louise.

— Sua mãe se chamava Louise-Coralie, condessa Odolavitch.

Ela repetiu entre os dentes:

— Ah! minha mãe… minha mãe querida… assim, ela é que foi assassinada… portanto, foi por ela que rezei naquele jardim.

— Foi por ela, Coralie, e por meu pai. Meu pai se chamava Armand-Patrice Belval. Encontrei seu nome exato na prefeitura da Rua Drouot. Morreu em 14 de abril de 1895.

Patrice tivera razão ao dizer que luzes singulares agora iluminavam o passado. Estava definido, da maneira mais incontestável, que a inscrição no túmulo dizia respeito ao seu pai e à mãe de Coralie, ambos assassinados no mesmo dia. Por quem? Por quais motivos? Em decorrência de que dramas? Foi o que a jovem mulher perguntou a Patrice.

— Ainda não posso responder às suas perguntas — disse ele. Mas há outra que eu me fiz, mais fácil de resolver e que também traz certeza sobre um ponto essencial. A quem pertence a casa? Do lado de fora, na Rua

Raynouard, nenhuma indicação. Você mesmo pôde ver o muro do pátio e a porta desse pátio: nada especial. Mas o número da propriedade era suficiente. Fui até o escritório da Receita Fiscal do bairro e soube que os impostos eram pagos por um tabelião situado na Avenida de L'Opéra. Fui visitá-lo e soube de alguns fatos.

Fez uma pequena pausa e declarou:

— A casa foi comprada, há vinte e um anos, por meu pai. Dois anos depois, meu pai morreu, e essa casa, que portanto fazia parte de seu legado, foi posta à venda pelo antecessor do tabelião atual e comprada por um senhor Siméon Diodokis, cidadão grego.

— É ele! — exclamou Coralie. — Diodokis é o sobrenome de Siméon.

— Ora — continuou Patrice —, Siméon Diodokis era amigo de meu pai, já que meu pai, em seu testamento, que encontrei, o havia designado como legatário universal, e foi Siméon que, por meio do tabelião anterior e de um *solicitor* de Londres, pagava minhas despesas de internato e mandou me entregar, na minha maioridade, a quantia de duzentos mil francos, o saldo da herança paternal.

Ficaram em silêncio por um bom tempo. Vislumbravam muitas questões, porém ainda indistintas, esmaecidas, como esses espetáculos que entrevemos na bruma da noite.

Uma dessas questões sobrepujava todas as outras. Patrice murmurou:

— Sua mãe e meu pai se amaram, Coralie.

Essa ideia os unia ainda mais, deixando-os profundamente confusos. Seu amor se duplicava de outro, igualmente ferido pelas provações, mais trágico ainda, e que acabara no sangue e na morte.

— Tua mãe e meu pai se amaram — continuou ele. — Foram certamente desses amantes um pouco exaltados cujo amor às vezes se manifesta por infantilidades encantadoras, porque quiseram se chamar entre si de uma maneira que ninguém usara antes para chamá-los, e escolheram seus segundos nomes, que também *eram o teu e o meu*. Um dia tua mãe deixou cair seu rosário de contas de ametista. A maior quebrou em duas partes. Meu pai mandou fazer um berloque com um dos pedaços que prendeu à corrente de seu relógio.

— Tua mãe e meu pai eram viúvos. Você tinha 2 anos, e eu, 8. Para se dedicar inteiramente à mulher que amava, meu pai me mandou para a Inglaterra e comprou a casa de onde tua mãe, que morava ao lado,

atravessava a ruela e usava essa mesma chave para encontrá-lo. Foi nessa casa ou no jardim que dela que foram certamente assassinados. Aliás, é o que iremos descobrir, já que devem permanecer provas visíveis desse assassinato, provas que Siméon Diodokis encontrou, já que não temeu afirmá-lo na inscrição da lápide.

— E quem foi o assassino? — murmurou a jovem mulher?

— Assim como eu, Coralie, você suspeita de quem se trata. O nome odiado lhe vem à mente, embora nenhum indício nos permita ter certeza.

— Essarès! — disse Coralie com um grito de angústia.

— Muito provavelmente.

Ela escondeu o rosto nas mãos.

— Não, não… não pode ser… não posso ter sido a mulher daquele que matou minha mãe.

— Você carregou o nome de Essarès, mas nunca foi mulher dele. Foi o que você até lhe disse na noite antes de ele morrer, na minha presença. Não vamos afirmar nada além daquilo que podemos, mas, mesmo assim, devemos lembrar que ele foi seu gênio mau, e que Siméon, o amigo e legatário universal de meu pai, o homem que comprou a casa dos dois amantes, o homem que jurou no túmulo que ia vingá-los, devemos lembrar que Siméon, poucos meses após a morte de sua mãe, foi contratado por Essarès como zelador de sua propriedade, tornou-se seu secretário e, aos poucos, entrava em sua vida. Com que finalidade? Senão a de pôr em execução seus projetos de vingança.

— Não houve vingança.

— O que sabemos a respeito disso? Sabemos como morreu Essarès bei? Decerto não foi Siméon quem o matou, já que Siméon estava na enfermaria. Mas talvez o tenha mandado matar? Ademais, a vingança tem mil maneiras de se interpretar. Por fim, Siméon obedecia certamente ordens de meu pai. Ele provavelmente queria alcançar uma meta que meu pai e sua mãe se haviam fixado: a união de nossos destinos, Coralie. E essa meta dominou sua vida. Foi ele, obviamente, que colocou entre meus pequenos objetos de criança essa metade de ametista cuja outra metade formava uma conta do teu rosário. Foi ele que colecionou nossas fotografias. Foi ele, finalmente, nosso amigo desconhecido, que me mandou a chave, acompanhada por uma carta… que não recebi, infelizmente!

— Então, Patrice, você não acredita mais que esse amigo desconhecido tenha morrido, e que você ouviu seus gritos de agonia?

— Não sei. Será que Siméon agiu sozinho? Ou tinha um confidente, um assistente na obra que havia empreendido? E que foi este homem que caiu às sete e dezenove? Não sei. Tudo o que ocorreu naquela sinistra manhã permanece em uma escuridão que nada atenua. A única convicção que podemos ter é que, nos últimos vinte anos, Simeón Diodokis perseguiu, em nosso favor e contra o assassino de nossos pais, uma tarefa obscura e paciente, e que Siméon Diodokis está vivo.

E Patrice acrescentou:

— Vivo, porém louco! De modo que não podemos nem lhe agradecer, nem nada lhe perguntar a respeito da sombria história que ele conhece ou dos perigos que a ameaçam. E, no entanto, só ele…

Mais uma vez Patrice quis tentar a prova, embora estivesse certo de que ia fracassar de novo. Siméon ocupava, na ala antes reservada à acomodação dos criados, um quarto contíguo ao de dois mutilados. Patrice foi até ali, onde encontrou Siméon.

Meio adormecido em uma poltrona virada para o jardim, ele segurava um cachimbo apagado na boca. O quarto era pequeno, com poucos móveis, mas limpo e claro. Toda a vida secreta desse velho homem se passara nele. Várias vezes, em sua ausência, o senhor Desmalions o visitara. Patrice também, cada um com um objetivo diferente.

A única descoberta que merecera ser notada consistia em um desenho simples, feito a lápis, atrás de uma cômoda: três linhas que se cruzavam formando um amplo triângulo regular. No meio dessa figura geométrica, um rabisco grosseiro, feito com ouro adesivo. O triângulo de ouro! Além disso, que não ajudava em nada as buscas do senhor Desmalions, nenhum indício.

Patrice foi diretamente até o velho homem e tocou-o no ombro.

— Siméon — disse ele.

Siméon levantou seus óculos amarelos para encará-lo, e Patrice sentiu uma vontade repentina de lhe arrancar esse obstáculo de vidro que escondia os olhos do homem e impedia de penetrar no fundo de sua alma e de suas distantes lembranças.

Siméon se pôs a rir tolamente.

"Ah", pensou Patrice. "Este é meu amigo e o amigo de meu pai. Amou meu pai, respeitou sua vontade, foi fiel à sua memória, consagrou-lhe um túmulo no qual rezava, jurou vingá-lo. E agora perdeu a razão."

Patrice sentiu a inutilidade de qualquer palavra. Mas, se o som da voz não despertava qualquer eco nessa mente perdida, talvez os olhos mantivessem alguma memória. Ele escreveu em uma folha de papel branca as palavras que Siméon devia ter contemplado tantas vezes:

Patrice e Coralie. — 14 de abril de 1895.

O velho olhou, meneou a cabeça, e voltou a soltar sua risadinha dolorosa e estúpida. O oficial continuou:

Armand Belval.

Siméon permaneceu no mesmo torpor. Patrice quis tentar mais uma vez. Escreveu os nomes de Essarès e do coronel Fakhi, desenhou um triângulo. O velho não entendia e seguia com sua risada.

Mas, de repente, seu riso teve algo de menos infantil. Patrice escrevera o nome do cúmplice Bournef, e pareceu que, dessa vez, uma lembrança agitava o velho secretário. Tentou se levantar, voltou a cair na poltrona, então ergueu-se de novo e pegou seu chapéu, que estava pendurado na parede.

Deixou o quarto e, seguido por Patrice, saiu da casa e virou à esquerda do lado de Auteuil.

Parecia avançar como essas pessoas adormecidas que a sugestão obriga a andar sem que saibam aonde vão. Tomou a Rua de Boulainvilliers, atravessou o Sena, e, sem nenhuma hesitação, entrou no bairro de Grenelle.

Então, no boulevard, parou e, com o braço estendido, fez um sinal para que Patrice também parasse.

Estavam escondidos por um quiosque. Siméon passou a cabeça para olhar adiante. Patrice o imitou.

Em frente, na esquina desse boulevard com outro, havia um café, com o terraço delimitado por vasos de evônimos.

Atrás desses vasos, quatro consumidores estavam sentados, três de costas para eles. Patrice viu o único que estava de frente e reconheceu Bournef.

Nesse momento o velho Siméon já ia embora, como um homem que acabou sua parte e deixa aos outros o cuidado de terminar a missão. Patrice

procurou com os olhos, encontrou uma agência de correios e entrou nela rapidamente. Sabia que o senhor Desmalions estava na Rua Raynouard. Por telefone, avisou-o da presença de Bournef. Desmalions respondeu que chegaria o mais rápido possível.

Desde o assassinato de Essarès bei, as investigações do senhor Desmalions não haviam progredido no que dizia respeito aos quatro cúmplices do coronel Fakhi. Haviam encontrado o retiro do senhor Grégoire e os quartos com os armários, mas a casa estava vazia. Os cúmplices haviam sumido.

"O velho Siméon", pensou Patrice, "conhecia os hábitos deles. Devia saber que, tal dia da semana, em tal horário, reuniam-se nesse café, e lembrou-se disso de repente quando escrevi o nome de Bournef."

Alguns minutos depois o senhor Desmalions saía de um carro com seus policiais. Tudo ocorreu rapidamente. O terraço foi cercado. Os cúmplices não opuseram resistência. Desmalions mandou três deles, sob a devida custódia, à delegacia e empurrou Bournef até uma sala privada.

— Venha — disse a Patrice. — Vamos interrogá-lo.

Patrice objetou:

— A senhora Essarès está sozinha em casa.

— Sozinha, não. Todos os seus homens estão lá.

— Sim, mas prefiro estar lá também. É a primeira vez que a deixo sozinha, e podemos temer o pior.

— Vai demorar poucos minutos — insistiu Desmalions. — Sempre devemos aproveitar o desespero causado pela detenção.

Patrice o seguiu, mas logo perceberam que Bournef não era desses homens que se abalam facilmente. Diante das ameaças, respondeu dando de ombros.

— É inútil tentar me assustar, senhor. Não corro nenhum risco. Fuzilado? Bobagem! Na França não se fuzila por ninharias, e nós quatro somos cidadãos de um país neutro. Um processo? Uma condenação? A prisão? Em absoluto. O senhor bem que entende que, se abafou o caso até agora e encobriu o assassinato de Mustapha, de Fakhi e de Essarès, não é para ressuscitar o mesmo caso sem motivo válido. Não, senhor, estou tranquilo. O campo de concentração é tudo que posso esperar.

— Então — disse o senhor Desmalions — o senhor se recusa a responder?

— De jeito nenhum! O campo de concentração, tudo bem. Mas existem vinte tratamentos diferentes nesses campos, e faço questão de merecer seus favores e viver confortavelmente até o fim da guerra. Mas, primeiramente, o que o senhor sabe?

— Quase tudo.

— Que pena, meu valor diminui. Sabe como foi a última noite de Essarès?

— Sim, e o pagamento dos quatro milhões. O que aconteceu com eles?

Bournef fez um gesto de raiva.

— Foram retomados! Roubados! Era uma armadilha!

— Quem os retomou?

— Um homem chamado Grégoire.

— Quem era?

— Seu fiel escudeiro, como o soubemos desde então. Descobrimos que esse Grégoire não é outro senão um indivíduo que lhe servia de motorista de vez em quando.

— Que lhe servia, consequentemente, para transportar os sacos de ouro do banco até sua casa?

— Sim, e acreditamos até saber… olhe, melhor dizer que é uma certeza… Pois bem… Grégoire é uma mulher.

— Uma mulher!

— Perfeitamente. Sua amante. Temos várias provas disso. Mas uma mulher sólida, firme, forte como um homem, e que não recua diante de nada.

— Sabe seu endereço?

— Não.

— E quanto ao ouro, não tem nenhum indício, nenhuma suspeita?

— Não. O ouro está no jardim ou na casa da Rua Raynouard. Durante uma semana toda, vimos esse ouro entrar. Desde então, não saiu mais. Ficamos de vigia todas as noites. Afirmo que os sacos estão lá.

— Nenhum indício também sobre o assassino de Essarès?

— Nenhum.

— Tem certeza mesmo?

— Por que eu ia mentir?

— E se fosse você?… Ou um de seus amigos?

— Achamos mesmo que vocês iam pensar nisso. Por acaso, e por sorte, temos um álibi.

— Fácil de comprovar?

— Irrefutável.

— Vamos examinar isso. Então, não tem outra revelação?

— Não. Porém, uma ideia… ou melhor, uma pergunta à qual responderá se quiser. Quem nos traiu? Sua resposta pode ser esclarecedora, porque só uma pessoa conhecia nossos encontros semanais, aqui, das quatro às cinco horas… Uma única pessoa, Essarès bei… e ele mesmo com frequência se juntava a nós. Essarès morreu. Portanto, quem nos denunciou?

— O velho Siméon.

— Como! Siméon! Siméon Diodokis!

— Siméon Diodokis, o secretário de Essarès bei.

— Ele! Ah, o bandido, ele vai me pagar… Mas não, é impossível!!

— Por que diz que é impossível?

— Por quê? Mas porque…

Refletiu bastante tempo, provavelmente para ter certeza de que não havia inconveniente em falar. Então, terminou sua frase:

— Porque o velho Siméon estava de acordo conosco.

— O que disse? — exclamou Patrice, surpreso.

— Digo e afirmo que Siméon Diodokis estava de acordo conosco. Era um de nossos homens. Era ele que nos mantinha informado das duvidosas manobras de Essarès bei. Foi ele quem, por um telefonema, dado às nove horas da noite, nos avisou que Essarès havia acendido o forno das antigas estufas e que o sinal de faíscas ia funcionar. Foi ele que nos abriu a porta, obviamente fingindo resistência e deixando-se amarrar no cubículo do zelador. Foi ele, enfim, que dispensou e pagou os criados.

— Mas o coronel Fakhi não falou com ele como se fosse um cúmplice…

— Comédia para enganar Essarès. Comédia do começo ao fim!

— Tudo bem. Mas por que Siméon traía Essarès? Por dinheiro?

— Não, por ódio. Tinha contra Essarès bei um ódio que, muitas vezes, chegou a nos assustar.

— O motivo?

— Não sei. Siméon é do tipo calado, mas é algo muito antigo.

— Ele conhecia o esconderijo do ouro? — perguntou o senhor Desmalions.

— Não. E não foi por falta de ter procurado! Nunca soube como os sacos saíam do porão, que era apenas um esconderijo provisório.

— No entanto, saíam da propriedade. Em todo caso, quem pode afirmar que o mesmo não aconteceu da última vez?

— Dessa vez estávamos vigiando do lado de fora, por todos os lados, o que Siméon não podia fazer sozinho.

Patrice prosseguiu:

— E não sabe mais nada a respeito dele?

— Juro que não. Ah! Contudo, ocorreu algo bastante curioso. Na tarde que precedeu a famosa noite, recebi uma carta na qual Siméon me dava certas informações. No mesmo envelope havia outra carta, obviamente posta dentro por incrível engano, já que parecia muito importante.

— E o que dizia? — perguntou Patrice, ansioso.

— Falava de uma chave.

— Pode ser mais preciso?

— Eis a carta. Guardei-a para lhe devolver e alertá-lo. Vejam, é mesmo a letra dele…

Patrice pegou a folha de papel, e imediatamente viu seu nome. A carta lhe era endereçada, como o pressentira. Era a carta que ele não havia recebido.

Patrice

Esta noite você vai receber uma chave. Essa chave abre, no meio de uma ruela que desce para o Sena, duas portas, uma à direita, a do jardim da mulher que você ama; a outra, à esquerda, a do jardim e onde eu te encontrarei no dia 14 de abril, às 9 da manhã. A mulher que você ama também estará lá. Vocês saberão quem eu sou e o objetivo que quero alcançar. Vocês aprenderão sobre o passado coisas que os aproximam ainda mais um do outro.

Daqui ao dia 14 de abril, a luta que começa hoje à noite será terrível. Se eu cair, pode ter certeza de que a mulher que você ama vai correr os maiores perigos. Vigie-a, Patrice, e que sua proteção não a abandone um único instante. Mas não vou cair, e vocês terão a felicidade que há tanto

tempo lhes preparo.

Com todo o meu carinho.

— Não está assinada — continuou Bournef —, mas repito que é a letra de Siméon. Quanto à mulher, trata-se obviamente da senhora Essarès.

— Mas que perigo ela corre? — exclamou Patrice, inquieto. — Essarès morreu. Portanto, não há nada a temer.

— Como sabemos? Era um homem temível.

— A quem ele teria dado a difícil missão de vingá-lo? Quem continuaria sua obra?

— Não sei, mas é preciso ter cuidado.

Patrice não ouvia mais. Com um gesto vivo, entregou a carta ao senhor Desmalions e, sem querer ouvir mais nada, saiu.

— Rua Raynouard, e rapidamente — disse ao motorista, assim que subiu em um táxi.

Tinha pressa de chegar. Os perigos de que falava o velho Siméon de repente lhe pareciam pairar sobre a cabeça de Coralie. Logo o inimigo, aproveitando sua ausência, ia atacar sua amada. "E quem poderia defendê-la se eu cair?", dissera Siméon. Ora, essa hipótese havia se realizado em parte, já que ele perdera o juízo.

— Vejamos — murmurava Patrice —, que tolice… Estou imaginando coisas… não há motivo…

Mas seu tormento crescia a cada minuto. Dizia a si mesmo que o velho Siméon o avisara propositalmente que a chave abria a porta do jardim de Coralie, de modo que ele, Patrice, pudesse exercitar uma vigilância eficiente ao entrar, se fosse preciso, na casa da mulher.

De longe, avistou Siméon. Já era noite, e o homem entrava na casa. Patrice o ultrapassou diante do cubículo do zelador e ouviu-o cantarolar.

Patrice perguntou ao soldado de guarda:

— Alguma novidade?

— Nada, capitão.

— Mamãe Coralie?

— Foi dar uma volta no jardim. Subiu para seu quarto faz meia hora.

— Ya-Bon?

— Ya-Bon seguiu mamãe Coralie. Deve estar diante da porta dela.

Mais calmo, Patrice subiu a escada. Mas, ao chegar ao primeiro andar, ficou surpreso ao ver que a luz não estava acesa. Acionou o interruptor. Viu

então, no final do corredor, Ya-Bon ajoelhado diante do quarto de mamãe Coralie, a cabeça encostada na parede. O quarto estava aberto.

— O que está fazendo? — exclamou, correndo.

Ya-Bon não respondeu. Patrice constatou que havia sangue no ombro do dólmã. No mesmo instante, o senegalês caiu no chão.

— Diabo! Está ferido!… Morto, talvez!

Pulou por cima do corpo e se precipitou no quarto, onde imediatamente acendeu a luz.

Coralie estava deitada em um sofá. O assustador cordão de seda vermelha rodeava seu pescoço. E, no entanto, Patrice não sentia dentro de si o terrível aperto do desespero que experimentamos diante de desgraças irreparáveis. Parecia-lhe que o rosto de Coralie não tinha a palidez da morte. E, de fato, a mulher respirava.

— Não morreu… não morreu — murmurou Patrice. — Tenho certeza de que não vai morrer… e Ya-Bon também não. O golpe falhou.

Ele afrouxou o cordão.

Após alguns segundos, Coralie respirava profundamente e voltava à consciência. Ela lhe sorriu.

Mas logo, recordando-se, agarrou-o com os dois braços, ainda bem fracos, e lhe disse, com voz trêmula:

— Ah, Patrice, estou com medo… Com medo por você…

— Medo de quê, Coralie? Quem é o miserável?…

— Não o vi… ele havia apagado a luz… agarrou-me imediatamente pela garganta e disse em voz baixa: “Primeiro você… esta noite será a vez de seu amante…”. Ah, Patrice, temo por você… Temo por você, Patrice…

Rumo ao precipício

Patrice tomou imediatamente uma decisão. Transportou a jovem até sua cama e pediu que ela não se mexesse e não chamasse ninguém. Verificou então que Ya-Bon não estava ferido com gravidade. Finalmente, tocou o alarme com violência, fazendo vibrar todas as campainhas que comunicavam com os postos de guarda que ele pusera em diversos lugares da casa.

Os homens chegaram às pressas. Ele lhes disse:

— Vocês não passam de um bando de brutamontes. Alguém entrou aqui. Mamãe Coralie e Ya-Bon quase foram mortos…

E, como eles reclamassem:

— Silêncio! — ordenou. — Vocês mereciam umas bastonadas! Vou perdoá-los sob uma condição, que de agora em diante e a noite toda vocês falem de mamãe Coralie como se tivesse morrido.

Um deles protestou:

— Mas falar com quem, capitão? Não há ninguém aqui.

— Há alguém, sim, seu idiota, já que mamãe Coralie e Ya-Bon foram atacados. A menos que tenha sido por vocês… Não? Então… e querem saber, chega de besteiras! Não se trata de falar com outras pessoas, mas de falar entre si… e até de pensar nisso no segredo de sua consciência. Estão sendo escutados, vigiados, alguém ouve o que dizem e adivinha o que não dizem. Portanto, até amanhã mamãe Coralie não vai sair do quarto. Vamos vigiá-la em turnos. Os outros vão se deitar logo após o jantar. Nada de idas e vindas pela casa. Silêncio.

— E o velho Siméon, capitão?

— Tranquem-no no seu quarto. É louco e, portanto, perigoso. Alguém pode ter-se aproveitado de sua demência para mandá-lo abrir a porta. Que fique trancado!

O plano de Patrice era simples. Como o inimigo acreditava que Coralie estava à beira da morte, revelara à mulher que sua meta era também matá-lo, Patrice, era preciso que o inimigo se achasse livre para agir, sem que ninguém suspeitasse de seus projetos e desconfiasse dele. O inimigo viria. Atacaria e cairia na armadilha.

Enquanto esperava por essa luta, que desejava com todas as suas forças, Patrice mandou cuidar de Ya-Bon, cuja ferida de fato não era nada grave, e o questionou, assim como a mamãe Coralie.

As duas respostas foram idênticas. A mulher contou que, deitada e um pouco cansada, ela lia, enquanto Ya-Bon permanecia no corredor diante da porta, de cócoras. Nenhum dos dois ouviu algo suspeito. E, de repente, Ya-Bon viu uma sombra se interpor entre ele e a luz do corredor. Essa luz, que vinha de uma lâmpada elétrica, foi apagada, por assim dizer, ao mesmo tempo que a lâmpada que iluminava o quarto. Ya-Bon, já meio levantado, recebeu um golpe violento na nuca e desmaiou. Coralie tentou fugir pela porta de seu toucador, não conseguiu abri-la, pôs-se a gritar, e logo foi agarrada e derrubada. Tudo isso em poucos segundos.

A única indicação que Patrice conseguiu obter foi que o homem vinha não da escada, mas do lado da chamada ala dos serviçais. Essa ala, a que se chegava por uma escada menor, ligava-se à cozinha por uma despensa cuja porta de serviço dava para a Rua Raynouard.

Patrice encontrou essa porta trancada. Mas alguém podia ter a chave.

À noite, Patrice passou um momento junto de Coralie e, às nove horas, retirou-se para seus aposentos, situados um pouco mais adiante, do mesmo lado do corredor. Era antes o cômodo que Essarès bei usava como fumadouro.

Como não esperava que o ataque, do qual desejava tão bons resultados, ocorresse antes do meio da noite, Patrice sentou-se diante de uma escrivaninha e tirou dela um caderno no qual começara a escrever um diário detalhado dos eventos.

Por trinta ou quarenta minutos ele escreveu, e estava prestes a fechar o caderno quando acreditou ouvir como se fosse uma confusa roçadela, que não teria percebido se não estivesse com os nervos tão tensos. Aquilo vinha

da janela, de fora. Lembrou-se do dia em que haviam atirado em Coralie e nele. Mas desta vez a janela não estava entreaberta.

Assim, continuou escrevendo sem virar a cabeça e sem que nada pudesse indicar que sua atenção havia sido despertada, e ele escrevia, pode-se dizer que sem se dar conta, frases que relatavam sua própria ansiedade.

"Está ali, olhando-me. O que vai fazer? Não acredito que quebre a vidraça e dispare uma bala. O método não é seguro e já fracassou uma vez. Não, seu plano deve ser estabelecido de maneira diferente e mais inteligente. Suponho mais que esteja esperando o momento em que vou me deitar, que vai vigiar meu sono, e somente então entrar, por um meio que desconheço."

"Até lá, experimento um verdadeiro prazer ao me sentir vigiado. Ele me odeia, e nossos dois ódios vão de encontro um ao outro, como duas espadas que se procuram e se cruzam. Está me olhando, como uma fera, à espreita na escuridão, olha sua presa e escolhe o lugar em que seus dentes vão morder. Mas eu sei que ele é quem é a presa, condenado de antemão à derrota e à aniquilação. Ele prepara a faca e o cordão vermelho. E são minhas duas mãos que encerrarão à luta. Já são fortes e vigorosas. Serão implacáveis…"

Patrice fechou a tampa da escrivaninha. Então, acendeu um cigarro que fumou tranquilamente, como todas as noites. Despiu-se, dobrou cuidadosamente as roupas no encosto de uma cadeira, deu corda ao relógio, deitou-se e apagou a luz.

— Finalmente — dizia a si mesmo — vou saber. Vou saber quem é esse homem. Um amigo de Essarès? Quem dá continuidade à sua obra? Mas por que esse ódio contra Coralie? Deve amá-la, já que procura me atingir também? Vou saber… Vou saber…

Uma hora se passou, no entanto, e mais outra, sem que nada se produzisse do lado da janela. Um único estalo, que ocorreu do lado da escrivaninha. Mas era provavelmente um desses estalos de madeira que se ouvem no silêncio da noite.

Patrice começou a perder a bela esperança que o animara. No fundo, dava-se conta de que toda a sua comédia em relação à suposta morte de Coralie era medíocre, e que certamente um homem do tamanho do seu inimigo não devia ter-se deixado enganar por ela. Bastante decepcionado, estava prestes a dormir quando o mesmo estalo se produziu exatamente no

mesmo lugar.

A necessidade de agir o fez pular da cama. Ele acendeu a luz. Tudo parecia na mesma ordem. Nenhum rastro de presença estranha.

— Bem — suspirou Patrice —, decididamente não sou páreo para ele. O inimigo deve ter adivinhado minha intenção e percebido a armadilha que estava preparada. É melhor dormir, não vai acontecer nada esta noite.

De fato, não houve nenhum alerta.

No dia seguinte, ao examinar a janela, notou que ao longo da fachada do jardim havia uma cornija de pedra que corria acima do térreo, larga o suficiente para que um homem pudesse andar nela, segurando-se nas sacadas e calhas.

Visitou todos os cômodos no quais essa cornija dava acesso. Um deles era o quarto do velho Siméon.

— Ele não saiu daqui? — perguntou aos dois soldados encarregados de vigiá-lo.

— É de se crer, capitão. De qualquer modo, não lhe abrimos a porta.

Patrice entrou e, sem se preocupar com o velho homem que ainda fumava seu cachimbo apagado, vasculhou o quarto todo, pensando que podia servir de refúgio ao inimigo.

Não encontrou ninguém. Mas descobriu em um armário vários objetos que não vira nas investigações que fizera com o senhor Desmalions: uma escada de corda, um rolo de canos de chumbo que pareciam ser canos de gás e um pequeno maçarico.

"Tudo isso é muito estranho", pensou. "Como esses objetos entraram aqui? Será que Siméon os juntou sem uma finalidade especial, maquinalmente? Ou então devo supor que Siméon é o instrumento do inimigo? Antes de perder o juízo, ele conhecia esse inimigo, e hoje está sob sua influência."

Sentado diante da janela, Siméon estava de costas para Patrice. Este se aproximou dele e estremeceu. O homem segurava nas mãos uma coroa funerária de pérolas pretas e brancas. Nela estava mencionada uma data: *14 de abril de 1915*. Era a vigésima, aquela que Siméon devia pôr na lápide de seus amigos mortos.

— E é o que vai fazer mesmo — disse Patrice, em voz alta. — Seu instinto de amigo e vingador, que o animara a vida toda, ainda existe em meio à loucura. Ele vai pôr a coroa. Não é verdade, Siméon, que você vai

levá-la amanhã? Porque amanhã, 14 de abril, é o aniversário sagrado…

Debruçou-se para o homem incompreensível em quem vinham se juntar, como os caminhos que se encontram em um cruzamento, todas as intrigas, boas ou más, favoráveis ou pérfidas, que compunham aquele drama inextricável. Siméon pensou que Patrice queria pegar sua coroa, e apertou-a fortemente contra si, com um gesto veemente.

— Não tenha medo — disse Patrice —, não vou pegá-la. Até amanhã, Siméon, até amanhã. Coralie e eu estaremos no horário exato no encontro a que nos convidou. E amanhã talvez a lembrança do terrível passado liberte sua mente.

Para Patrice, o dia pareceu longo. Estava tão ansioso para chegar a algo que fosse como uma luz nas trevas! E essa luz não ia surgir justamente das circunstâncias que esse vigésimo aniversário de 14 de abril faria brotar?

No final da tarde, o senhor Desmalions apareceu na Rua Raynouard e disse a Patrice:

— Veja o que recebi, é bastante curioso… uma carta anônima com letra disfarçada… ouça só:

Senhor, quero avisá-lo de que o ouro vai ir embora. Tenha cuidado. Amanhã à noite os mil e oitocentos sacos de ouro estarão a caminho do estrangeiro. — Um amigo da França.

— E amanhã é 14 de abril — disse Patrice, que logo estabeleceu a relação.

— Sim. O que isso tem a ver?

— Ah! nada… uma ideia…

Estava prestes a contar ao senhor Desmalions todos os fatos que se relacionavam a essa data de 14 de abril, e todos aqueles que diziam respeito à estranha personalidade do velho Siméon. Se não falou, foi por motivos obscuros, talvez porque quisesse levar sozinho adiante e até o fim essa parte do caso, talvez também por um tipo de pudor que o impedia de deixar o senhor Desmalions a par de todos os segredos do passado. Manteve-se calado em relação a esses pontos e disse:

— Então, essa carta?

— Bem, não sei o que pensar. Trata-se de um aviso justificado? Ou de um estratagema para nos levar a agir de certa maneira e não de outra? Vou falar a respeito com Bournef.

— Ainda sem novidade desse lado?

— Não, não estou esperando mais nada. O álibi que deu é verdadeiro. Ele e seus amigos e são apenas comparsas cujo papel acabou.

Dessa conversa Patrice só reteve uma informação: a coincidência das datas.

Ambas as direções que o senhor Desmalions e ele seguiam no caso se encontravam de repente nessa data há tanto tempo marcada pelo azar. O passado e o presente iam se reunir. O desfecho se aproximava. Era mesmo no dia 14 de abril que o ouro devia desaparecer para sempre, e que uma voz desconhecida convocava Patrice e Coralie ao mesmo encontro que seus pais haviam tido vinte anos antes.

E o dia seguinte foi 14 de abril.

Às nove horas Patrice foi se informar a respeito do velho Siméon.

— Ele saiu, capitão — responderam os soldados. — O senhor havia levantado a proibição de sair.

Patrice entrou no quarto e procurou a coroa. Não estava mais lá, assim como os três objetos do armário, a escada de corda, o rolo de chumbo e o maçarico. Ele perguntou:

— Siméon não levou nada?

— Sim, capitão, uma coroa.

— Nada mais?

— Não, capitão.

A janela estava aberta. Patrice deduziu que os objetos haviam seguido esse caminho, e sua hipótese de uma cumplicidade inconsciente de Siméon se confirmou.

Pouco antes das dez horas, Coralie se juntou a ele no jardim. Patrice a informara dos últimos incidentes. A jovem mulher estava pálida e inquieta.

Contornaram os gramados e, sem serem vistos, alcançaram os bosques de evônimos que dissimulavam a porta da ruela.

Patrice abriu essa porta.

No momento de abrir a outra, teve uma hesitação. Lamentava não ter avisado o senhor Desmalions, e por executar, sozinho com Coralie, essa peregrinação que alguns sinais anunciavam como perigosa. Mas afastou essa impressão. Tivera o cuidado de pegar dois revólveres. O que podia temer?

— Vamos entrar, certo, Coralie?

— Sim — ela concordou.

— Mesmo assim, você parece indecisa, ansiosa…

— É verdade — murmurou a jovem —, estou com o coração apertado.

— Por quê? Está com medo?

— Não… ou melhor, sim… não tenho medo por hoje, mas, de certo modo, pelo passado. Penso em minha pobre mãe que passou por essa porta antes de mim, em uma manhã de abril. Estava feliz, ia ao encontro do amor… e então é como se eu quisesse segurá-la e lhe gritar: "Não siga adiante… a morte está à espreita… não siga adiante…". E essas palavras de pavor, sou eu que as ouço… estão zumbindo em meu ouvido…. e sou eu que não ouso mais avançar. Estou com medo…

— Vamos voltar, Coralie.

Ela agarrou-lhe o braço e, com voz firme, disse:

— Vamos andar. Quero rezar. A oração vai me fazer bem.

Corajosamente, ela seguiu a pequena senda transversal que sua mãe seguira e que subia entre ervas daninhas e galhos invasivos. Deixaram a casa à esquerda e alcançaram o claustro de vegetação em que descansavam seus pais. E imediatamente, no primeiro olhar, viram que a vigésima coroa estava ali.

Siméon veio — disse Patrice. — O instinto, mais forte que tudo, obrigou-o a vir. Não deve estar longe daqui.

Enquanto Coralie se ajoelhava, ele procurou ao redor do claustro e desceu até a metade do jardim. Mas Siméon permanecia invisível. Só restava visitar a casa, mas era obviamente um ato temível, cuja execução adiaram, não por medo, mas ao menos pela espécie de temor sagrado que experimentamos ao adentrar um lugar de morte e de crime.

Mas uma vez foi Coraline quem deu a orientação da ação.

— Venha — disse ela.

Patrice não sabia como iam entrar na casa, cujas janelas e entradas lhe pareciam fechadas. Mas, ao se aproximar, constataram que a porta traseira, dando para o pátio, estava escancarada, e logo pensaram que Siméon esperava por eles lá dentro.

Eram exatamente dez horas quando passaram pela soleira da casa. Um pequeno vestíbulo levava por um lado à cozinha, por outro a um quarto. Em frente devia ficar o cômodo principal. A porta estava entreaberta e Coralie balbuciou:

— Foi aqui que as coisas devem ter acontecido… antes.

— Sim — disse Patrice —, e ali vamos encontrar Siméon. Mas, se não se sentir forte o suficiente, Coralie, é melhor renunciar.

Uma vontade inconsciente animava a mulher. Nada poderia deter seu impulso.

Ela seguiu adiante.

Embora grande, a sala dava uma impressão de intimidade pela maneira como era mobiliada. Sofás, poltronas, tapetes, cortinas, tudo ajudava a torná-la confortável, e seu aspecto não parecia ter mudado desde a trágica morte daqueles que tinham morado na casa.

A aparência geral era mais a de um ateliê, por causa da vidraça que ocupava metade do alto teto, onde ficava o belvedere e por onde descia a luz do dia. Havia também duas janelas, mas escondidas por cortinas.

— Siméon não está aqui — disse Patrice.

Coralie não respondeu. Examinava as coisas com uma emoção que contraía seu rosto. Havia livros que remetiam ao século passado. Alguns tinham na capa, amarela ou azul, uma assinatura a lápis: "Coralie". Havia trabalhos de costura inacabados, uma tela de bordado, uma tapeçaria da qual pendia uma agulha na ponta de um pedaço de lã. E havia também livros com a assinatura "Patrice" e uma caixa de charutos, uma pasta para documentos, porta-penas e um tinteiro. E duas pequenas fotografias emolduradas, as de duas crianças, Patrice e Coralie.

E assim toda a vida de outrora continuava, não só a vida dos dois namorados que se amam de amor violento e passageiro, mas de duas pessoas que se encontram na quietude e na certeza de uma longa existência em comum.

— Ah! Mamãe, mamãe — sussurrava Coralie.

Sua emoção crescia a cada uma das lembranças que colhia. Palpitante, apoiou-se no ombro de Patrice.

— Vamos embora — disse ele.

— Sim, sim, é melhor, meu amigo. Voltaremos… reviveremos junto deles… retomaremos aqui a intimidade de sua vida ceifada. Vamos embora. Hoje não tenho mais forças.

Mas mal haviam dado alguns passos e pararam, confusos. A porta estava fechada.

Seus olhos se encontraram, carregados de inquietude.

— Não a havíamos fechado, não é? — disse ele.

Aproximou-se para abrir e percebeu que a porta não tinha maçaneta ou fechadura.

Era uma porta de folha única, de madeira maciça, que parecia dura e robusta. Era como se tivesse sido feita de uma só peça e tirada do próprio cerne de um carvalho. Não era envernizada, nem pintada. Em alguns lugares viam-se arranhões, como se tivesse sido golpeada com uma ferramenta.

E então… então… à direita, essas poucas palavras, escritas a lápis:

Patrice e Coralie — 14 de abril de 1895

Deus nos vingará

Acima via-se uma cruz, e abaixo dessa cruz outra data, mas de caligrafia diferente e mais recente:

14 de abril de 1915

— 1915!… 1915! — exclamou Patrice. Que horror! A data de hoje! Quem escreveu isso? Acaba de ser escrito. Ah! Que horror!… Vejamos… Vejamos… Mas nós não vamos…

Correu para uma das janelas, puxou a cortina que a vendava com um movimento rápido e a abriu.

Soltou um grito.

A janela estava murada com grandes blocos que se interpunham entre as vidraças e as persianas.

Correu até a outra janela: o mesmo obstáculo.

Havia duas portas, que deviam dar, à direita, no quarto, e à esquerda, provavelmente em um cômodo contíguo à cozinha.

Abriu-as rapidamente.

Ambas estavam muradas.

Ele correu por todos os lados, tomado por pavor, e então se precipitou para a primeira das três portas que tentou sacudir.

Ela não se moveu. Dava a impressão de ser um bloco imutável.

Então os dois voltaram a se olhar desesperadamente e o mesmo pensamento terrível tomou conta deles. O que acontecera antes estava se repetindo. O drama recomeçava em condições idênticas. Após a mãe e o pai, era a vez da filha e do filho. O inimigo os mantinha sob sua garra poderosa, e eles certamente iam saber a maneira como seus pais haviam morrido, já que iam morrer do mesmo jeito… 14 de abril de 1895… 14 de abril de 1915…

Segunda parte

A vitória de Arsène Lupin

O terror

— Ah! Não, não — exclamou Patrice —, não vai ser assim!

Lançou-se contra as janelas e as portas, pegou um suporte de ferro da lareira com o qual bateu na madeira dos batentes, ou na parede de blocos. Gestos inúteis! Eram os mesmos que seu pai executara antes, e ele só chegava a fazer na madeira dos batentes e nos blocos dos muros os mesmos arranhões, ineficientes e irrisórios.

— Ah!, mamãe Coralie, mamãe Coralie — disse em um grito de desespero —, a culpa é minha. Para que abismo eu a arrastei! Mas era uma loucura querer lutar sozinho. Era preciso pedir socorro àqueles que sabem, que estão acostumados!… Não, pensei que eu poderia… Perdoe-me, Coralie.

A jovem mulher havia se deixado cair em uma poltrona. Ele, quase ajoelhado, a envolvia com seus braços e suplicava.

Ela sorriu, para acalmá-lo, e disse suavemente:

— Olhe, meu amigo, não podemos perder a coragem. Talvez estejamos enganados… porque, afinal, nada prova que tudo isso não seja efeito de um acaso.

— A data! — ele a interrompeu —, a data deste ano, a data deste dia, escrita por outra mão! Eram nossos pais que haviam escrito a outra… mas esta, Coralie, esta não está mesmo provando a premeditação e a implacável vontade de acabar conosco?

Ela estremeceu. No entanto, disse ainda, obstinando-se em querer confortá-lo.

— Bem, concordo. Mas, finalmente, ainda não chegamos lá. Mesmo que tenhamos inimigos, também temos amigos… Eles vão procurar por

nós…

— Vão procurar por nós, mas como poderiam nos encontrar, Coralie? Tomamos todas as precauções para que ninguém soubesse aonde íamos, e ninguém conhece esta casa.

— O velho Siméon?

— Siméon veio e deixou a coroa, mas outro veio com ele, alguém que o domina e que talvez já tenha se livrado dele, agora que Siméon cumpriu seu papel.

— E então, Patrice?

Sentiu-a confusa e teve vergonha de sua própria fraqueza.

— Então — disse ele, controlando-se — vamos esperar. Afinal, o ataque pode não acontecer. O fato de estarmos trancados não significa que estejamos perdidos. Ademais, mesmo assim, lutaremos, não é? E pode acreditar que ainda não esgotei forças e recursos. Vamos esperar, Coralie, e agiremos.

O essencial era averiguar se não existia alguma entrada que permitisse um ataque inesperado. Após uma hora de procura, não descobriram nada. Em todos os lugares as paredes devolviam o mesmo som. Sob o tapete, que tiraram, havia um piso de ladrilhos que não mostrava nada de anormal.

Decididamente, só havia a porta e, como não podiam impedir que alguém a abrisse, já que só se abria por fora, amontoaram diante dela a maior parte dos móveis da sala, formando assim uma barricada que os protegia de qualquer surpresa.

Então Patrice carregou os dois revólveres, deixando-os bem à vista, perto dele.

— Assim, estamos tranquilos — disse ele. — Qualquer inimigo que aparecer é um homem morto.

Mas a lembrança do passado pesava sobre os dois com toda a sua carga formidável. Todas as suas palavras e ações, outros já as haviam dito ou executado, em condições análogas, com os mesmos pensamentos e as mesmas apreensões. O pai de Patrice devia ter preparado suas armas. A mãe de Coralie devia ter juntado as mãos e rezado. Juntos, haviam barricado a porta e, juntos também, investigado as paredes e levantado o tapete.

Que angústia é aquela à qual vem se somar uma angústia igual!

Para rechaçar a terrível ideia, folhearam livros, romances e revistas que seus pais haviam lido. Em algumas páginas, no final de capítulos ou volumes, algumas linhas estavam escritas. Eram cartas que o pai de Patrice e a mãe de Coralie se escreviam.

Meu amado Patrice, corri até aqui nesta manhã para reviver nossa vida de ontem e sonhar em nossa vida de hoje. Como chegará antes de mim, você lerá essas linhas. Lerá que eu o amo…

E em outro livro:

Minha amada Coralie, você acaba de partir e não a verei antes de amanhã, e não queiro deixar o refúgio em que nosso amor experimentou tantas alegrias, sem lhe dizer, mais uma vez…

Assim, folhearam grande parte dos livros, nos quais, em vez das indicações que procuravam, não encontraram mais do que ternura e paixão.

Mais de duas horas se passaram na espera e no tormento daquilo que podia ocorrer.

— Nada — disse Patrice —, não vai haver nada. E talvez isso seja o mais temível, porque, se nada se produzir, somos condenados a não sair daqui. E nesse caso…

A conclusão da frase de Patrice não vinha, mas Coralie a entendeu, e eles tiveram juntos essa visão da morte pela fome que parecia ameaçá-los. Mas Patrice exclamou:

— Não, não, não precisamos ter medo disso. Não. Para que pessoas de nossa idade morram de fome, são necessários dias inteiros, três, quatro dias ou mais. E até lá seremos resgatados.

— Como? — perguntou Coralie.

— Como? Ora, por nossos soldados, por Ya-Bon, pelo senhor Desmalions. Vão se preocupar se nossa ausência passar desta noite.

— Como você já disse, Patrice, não podem saber onde estamos.

— Vão descobrir. É fácil. Apenas a ruela separa os dois jardins. E, aliás, todos os nossos atos não estão mesmo mencionados no diário que escrevo e que está na escrivaninha do meu quarto? Ya-Bon conhece a existência desse diário. Não vai deixar de falar a respeito com o senhor Desmalions. Ademais… ademais, há Siméon… O que aconteceu com ele? Será que não vão anotar suas idas e vindas? Ou que ele não vai avisá-los de algum jeito?

Mas as palavras não eram suficientes para tranquilizá-los. Se não iam morrer de fome, era porque o inimigo havia imaginado outro suplício. A

inação os torturava. Patrice voltou às suas investigações, que, por um curioso acaso, seguiram um novo sentido.

Tendo aberto um dos livros que eles ainda não haviam folheado, um livro publicado em 1895, Patrice avistou duas páginas dobradas juntas. Separou uma da outra e leu uma nota que seu pai lhe endereçara:

Patrice, meu filho, se o acaso puser esta nota diante de seus olhos, é que a morte violenta que nos espera não terá permitido que eu a apagasse. Então, sobre essa morte, procure a verdade na parede do ateliê, entre as duas janelas. Eu talvez tenha tempo de escrevê-la.

Assim, nessa época, as duas vítimas haviam previsto o trágico destino que lhes era reservado, e o pai de Patrice e a mãe de Coralie conheciam o perigo que corriam ao se encontrarem nessa casa.

Restava saber se o pai de Patrice havia conseguido executar seu projeto.

Entre as duas janelas havia, como em volta da sala toda, um lambril de madeira envernizada, coroado, a dois metros de altura, por uma cornija. Da cornija para cima a parede era de gesso simples. Patrice e Coralie já haviam notado, sem dar maior atenção, que o lambril, naquele lugar, parecia ter sido refeito, o verniz das tábuas não tinha o mesmo tom uniforme das demais. Patrice, manuseando um dos suportes de lareira como se fosse um cinzel, demoliu a cornija e levantou a primeira tábua.

Quebrou-se facilmente. Sob essa tábua, no próprio gesso da parede, umas linhas estavam escritas.

— É o mesmo procedimento que, desde então, o velho Siméon utiliza. Escrever nas paredes, cobri-las de madeira ou de gesso — ele observou.

Quebrou a parte superior das demais tábuas e, desse modo, apareceram várias linhas completas, linhas traçadas às pressas a lápis, e fortemente alteradas pelo tempo.

Patrice as decifrou com enorme emoção. Seu pai as escrevera no momento em que a morte o rodeava. Algumas horas depois, não vivia mais. Era o testemunho de sua agonia, e talvez sua imprecação contra o inimigo que o matava e a sua amada.

Ele leu a meia voz:

Escrevo para que os desígnios do bandido não se executem até o fim e para garantir seu castigo. Vamos certamente morrer, Coralie e eu, mas ao menos não morreremos sem que se saiba a causa de nossa morte.

— Poucos dias antes, ele dizia a Coralie:

Você rechaça meu amor e me fere com seu ódio. Está bem, mas eu vou matá-la, você e o seu amante, e de tal maneira que ninguém poderá me acusar de uma morte que parecerá um suicídio. Tudo está pronto. Tenha cuidado, Coralie!

Tudo estava pronto, de fato. Ele não me conhecia, mas devia saber que Coralie tinha encontros diários aqui, e foi nessa casa que ele preparou nosso túmulo.

Qual será nossa morte? Ignoramos. Por falta de alimentos, certamente. Estamos prisioneiros há quatro horas. A porta se fechou sobre nós, uma porta pesada que ele deve ter colocado nesta noite. Todas as demais aberturas, portas e janelas, também foram obstruídas por blocos de pedras acumuladas e cimentadas desde nosso último encontro. Qualquer tentativa de fuga é impossível. O que vai ser de nós?

A parte descoberta parava aí. Patrice disse:

— Está vendo, Coralie, eles passaram pelos mesmos tormentos que nós. Também recearam a fome. Eles também passaram por longas horas de espera em que a inação é tão dolorosa, e foi um pouco para se distrair de seus pensamentos que escreveram essas linhas.

Após examiná-las um instante, ele acrescentou:

— Podiam acreditar, e foi o que aconteceu, que aquele que os matava não leria esse documento. Veja, uma única cortina grande corria diante dessas janelas e ao longo do intervalo que as separa, como prova o único trilho que domina todo o espaço. Após a morte de nossos pais, ninguém pensou em abrir essa cortina, a verdade permaneceu escondida… até o dia em que Siméon a descobriu, e, por precaução, escondeu-a de novo sob um entabuamento e pôs duas cortinas no lugar da única. Assim, tudo parecia normal.

Patrice pôs-se de novo à obra. Novas linhas apareceram.

Ah!, se eu fosse o único a sofrer, o único a morrer, mas o horror de tudo isso é que arrasto comigo minha amada Coralie. Ela desmaiou e está descansando, abatida pelo terror que tenta dominar. Minha pobre amada! Já creio ver em seu doce rosto a palidez da morte. Perdão, perdão, minha amada.

Patrice e Coralie se olharam. Eram os mesmos sentimentos que os agitavam, os mesmos escrúpulos, as mesmas delicadezas, o mesmo esquecimento de si diante da dor do outro.

Patrice murmurou:

— Ele amava sua mãe como eu a amo. Eu também não tenho medo da morte. Já a enfrentei tantas vezes, e sorrindo! Mas você, você, Coralie, por você eu sofreria todas as torturas…

Pôs-se a andar. A fúria voltava a tomar conta dele.

— Vou salvá-la, Coralie, eu juro. E com que alegria então nos vingaremos! Ele terá o mesmo fim que nos reservava, está ouvindo, Coralie? É aqui que vai morrer… é aqui. Ah! Eu empregarei todo meu ódio nisso!

Arrancou novos pedaços de tábua na esperança de aprender coisas que poderiam lhe ser úteis, já que a luta retomava em condições idênticas.

Mas as frases seguintes eram, como aquelas que ele acabara de pronunciar, juramentos de vingança:

Coralie, ele será castigado. Se não for por nós, será pela justiça divina. Não, seu plano infernal não vai se realizar. Não, ninguém poderá acreditar que teremos recorrido ao suicídio para nos libertarmos de uma existência que não era nada mais que alegria e felicidade. Seu crime será conhecido. Hora após hora, darei aqui provas irrefutáveis disso…

— Palavras! Palavras! — exclamou Patrice, exasperado. — Palavras de ameaça e de dor. Mas nenhum fato que nos oriente… Pai, o senhor não vai dizer-me nada para salvar a filha de Coralie? E se a sua Coralie sucumbiu, que ao menos a minha Coralie escape dessa infelicidade graças ao senhor, meu pai! Ajude-me! Aconselhe-me!

Mas o pai não respondia ao filho senão por outras palavras de apelo e desespero.

Quem vai nos socorrer? Estamos presos nesse túmulo, enterrados vivos e condenados ao suplício sem poder nos defender. Meu revólver está ali, na mesa. De que serve? O inimigo não nos ataca. Tem ao seu favor todo o tempo, o implacável tempo que mata por sua única força, e pelo único fato de ser o tempo. Quem vai nos socorrer? Quem vai salvar minha amada Coralie?

Situação aterrorizante, da qual sentiam todo o trágico horror. Parecia-lhes que já haviam morrido antes, que a provação, sofrida por outros, eram eles que ainda a sofriam nas mesmas condições, e sem que nada lhes permitisse escapar de todas as fases pelas quais haviam passado os outros — seu pai e sua mãe. A analogia entre a sorte deles e a sorte de seus pais era

tamanha que eles sofriam dois sofrimentos, e que sua segunda agonia estava começando.

Coralie, vencida, começou a chorar. Patrice, transtornado pelas lágrimas, insistiu na pressão contra o lambril, cujas tábuas, reforçadas por travessas, resistiam aos seus esforços.

Finalmente ele leu:

O que está acontecendo? Tivemos a impressão de que alguém andava do lado de fora, diante da fachada do jardim. Sim, ao colar o ouvido contra a parede de blocos que obstrui a abertura da janela, acreditamos ter ouvido passos. Será possível? Ah! Tomara que seja verdade! Finalmente chegaria a luta… e qualquer coisa vale mais que o silêncio sufocante e a incerteza sem fim.

É isso!… É isso!… o ruído ficou mais definido… e outro ruído, aquele que se faz ao cavar a terra com picareta. Alguém está cavando a terra, não diante da casa, mas do lado direito, perto da cozinha.

Patrice redobrou seus esforços. Coralie havia se aproximado e o ajudava. Dessa vez ele sentia que um pedaço do misterioso véu ia se levantar. A inscrição seguia:

Mais uma hora, com ruídos e silêncios alternados… o mesmo ruído de terra remexida e o mesmo silêncio em que se adivinha uma obra que continua.

Então alguém entrou no vestíbulo… uma pessoa só… ele, obviamente. Reconhecemos seu passo… anda sem procurar abafá-lo… dirigiu-se para a cozinha, onde trabalhou como antes, com uma picareta, mas dessa vez na pedra. Ouvimos o barulho de um ladrilho quebrado.

E agora saiu de novo, é outro ruído que parece subir ao longo da casa como se o miserável precisasse elevar-se para pôr seu projeto em execução…

Patrice parou de ler e olhou!

Ambos prestaram atenção. Ele disse em voz baixa:

— Ouça…

— Sim, sim — disse ela —, estou ouvindo… São passos do lado de fora… passos diante da casa ou no jardim…

Eles foram juntos até uma das janelas cuja divisória não estava totalmente obstruída por blocos de pedra e escutaram.

Alguém realmente estava andando e, ao adivinharem a aproximação do inimigo, eles experimentaram o alívio que seus pais haviam sentido.

O indivíduo andou duas vezes por volta da casa. Mas, ao contrário de seus pais, eles não reconheceram o ruído dos passos. Eram passos de alguém desconhecido, ou os passos de alguém que mudara o ritmo de seu andar.

Então, por alguns minutos, não houve mais nada. De repente, outro ruído se elevou, e, embora no fundo o esperassem, ficaram confusos ao ouvi-lo. E Patrice pronunciou com a voz abafada, repetindo a frase escrita por seu pai vinte anos antes:

— É o ruído que se faz ao cavar a terra com picareta.

Sim, devia ser isso. Alguém cavava a terra, não diante da casa, mas do lado direito da cozinha.

Assim, o abominável milagre do drama renovado continuava. Mais uma vez o fato de outrora acontecia, fato bem simples em si, mas que se tornava sinistro, porque era daqueles que já se tinham produzido, e antecipava a morte outrora já anunciada e preparada.

Passou-se uma hora. A tarefa prosseguia com descansos e retomadas. Era como se cavassem um túmulo. O coveiro não parecia apressado. Descansava e então retomava o trabalho.

Patrice e Coralie escutavam de pé, um ao lado do outro, juntando mãos e olhares.

— Ele parou — disse Patrice em voz baixa.

— Sim — disse ela —, mas parece…

— Sim, Coralie, alguém entrou no vestíbulo… Ah! não precisa escutar… basta lembrar… Veja… "Ele se dirige para a cozinha, e cava como o fez antes com a picareta, mas na pedra…" E então, então… Ah, Coralie, o mesmo ruído de ladrilho quebrado…

De fato, eram lembranças, lembranças que se mesclavam à macabra realidade. O presente e o passado se uniam. Eles previam os eventos no exato instante em que ocorriam.

O inimigo voltou a sair e imediatamente "parece subir ao longo da casa como se o miserável precisasse elevar-se para pôr seu projeto em execução…".

E então… e então… o que ia acontecer? Eles não pensavam mais em interrogar a inscrição da parede, ou talvez não ousassem. Toda a atenção

deles estava voltada para os atos invisíveis e, por momentos, imperceptíveis, que se cumpriam fora deles e contra eles, esforço sorrateiro e ininterrompido, plano misterioso cujos menores detalhes estavam regulados como um mecanismo de relógio havia vinte anos!

O inimigo entrou na casa, e eles ouviram um atrito leve na parte inferior da porta, um atrito de coisas flexíveis que foram juntadas e pressionadas por baixo da madeira da porta. Em seguida houve ruídos confusos nos dois cômodos contíguos, contra as paredes muradas, e os mesmos ruídos do lado de fora entre os blocos das janelas e as persianas abertas. Então, o ruído no telhado.

Levantaram os olhos. Dessa vez, não podiam duvidar de que o desfecho estivesse se aproximando, ou ao menos uma das cenas do desfecho. Para eles, o telhado era a estrutura envidraçada que ocupava o centro do teto, e de onde vinha a única luz que iluminava o cômodo.

E sempre a mesma pergunta angustiante voltava a assolá-los. O que ia acontecer? O inimigo ia mostrar seu rosto acima desse telhado e finalmente se desmascarar?

O trabalho no telhado durou bastante tempo. Os passos faziam estremecer as placas de zinco que o cobriam, conforme uma direção que ligava o lado direito da casa ao entorno da claraboia.

E, de repente, essa claraboia, ou parte dela, um retângulo de quatro vidros, foi levantada levemente, por uma mão que encaixou um bastão, de modo a deixá-la aberta.

O inimigo voltou a atravessar o telhado e desceu.

Foi quase uma decepção, e tamanha foi a necessidade deles de saber algo mais que Patrice começou a quebrar as tábuas do lambril, os últimos pedaços, que escondiam o fim da inscrição.

Essa inscrição os fez reviver os últimos minutos que acabavam de se passar. A entrada do inimigo, o atrito contra as portas e janelas muradas, o ruído sobre o telhado, a abertura da claraboia, a maneira de mantê-la aberta, tudo seguia a mesma ordem, e, por assim dizer, nos mesmos espaços de tempo. O pai de Patrice e a mãe de Coralie haviam conhecido as mesmas impressões. O destino fazia questão de seguir a mesma trilha, reproduzindo os mesmos gestos e procurando a mesma finalidade.

E a inscrição continuava:

Voltou a subir… voltou a subir… de novo seus passos no telhado… ele se aproxima da claraboia… será que vai olhar? Veremos seu odiado rosto?…

— Voltou a subir… voltou a subir… — balbuciou Coralie, apertando-se contra Patrice.

De fato, os passos do inimigo martelavam o zinco.

— Sim… — disse Patrice… —, está subindo, como da outra vez, sem se desviar da programação que o outro seguiu. Só não sabemos que rosto vai aparecer… nossos pais, por sua vez, conheciam seu inimigo.

Ela estremeceu ao pensar na imagem daquele que matara sua mãe e perguntou:

— Era ele, não é?

— Sim, era ele… Eis o nome que meu pai escreveu.

Patrice havia descoberto a inscrição quase inteiramente. Meio inclinado, mostrou-a com o dedo:

— Veja… leia esse nome… Essarès… Está vendo… ali? Foi uma das últimas palavras que meu pai escreveu… Leia, Coralie.

"A claraboia se levantou ainda mais… uma mão a empurrava… e vimos… ele nos olhava, rindo… ah, o miserável! Essarès… Essarès..."

"Então algo passou pela abertura, algo que desceu e se desenrolou no meio da sala, acima de nossas cabeças… uma escada, uma escada de corda…"

"Não entendemos… ela se balança diante de nós… e então, no final, eu avisto… Espetada e enrolada em torno do último degrau, há uma folha de papel… e nessa folha leio estas palavras que foram escritas por Essarès:

Coralie pode subir sozinha. Sua vida estará a salvo. Dou-lhe dez minutos para aceitar. Do contrário…"

— Ah! — disse Patrice, erguendo-se. — Será que isso também vai acontecer de novo? E essa escada… essa escada de corda que encontrei no armário do velho Siméon.

Coralie não tirava os olhos da claraboia, já que os passos ecoavam em volta. De repente, pararam. Patrice e Coralie não duvidavam que o momento tivesse chegado, e que eles também estavam prestes a ver…

E Patrice murmurou, em tom alterado:

— Quem? Só existem três homens que podiam ter desempenhado esse sinistro papel, já representado antes. Dois morreram: Essarès e meu pai. E o

terceiro, Siméon, está louco. Será que ele, em sua loucura, seguiu adiante com toda essa maquinação? Mas como supor que o tenha feito com tanta precisão? Não… não… é o outro, aquele que o dirige e que até agora permaneceu na sombra.

Sentiu em seu braço os dedos crispados de Coralie.

— Silêncio, lá vem ele…

— Não… não… — disse ele.

— Sim… Tenho certeza…

Ela adivinhava o outro acontecimento que se prenunciava, e de fato, como antigamente, a claraboia voltou a se levantar… Uma mão a empurrava. E, de repente, viram…

Viram uma cabeça que passava pela claraboia entreaberta.

Era a cabeça do velho Siméon.

Na verdade, o que viram não os surpreendeu muito. Que fossem perseguidos por esse homem e não por outro, não podia lhes parecer algo extraordinário, já que, nas últimas semanas, *aquele homem* se mesclara à existência deles como um ator ao drama que se desenrola. Não importava o que fizessem, eles o encontravam sempre e em todo lugar, cumprindo seu papel misterioso e incompreensível. Cúmplice inconsciente? Força cega do destino? Em todo caso, era quem agia, quem atacava incansavelmente, e contra o qual não há como se defender.

Patrice sussurrou:

— O louco… O louco…

Mas Coralie insinuou:

— Talvez não esteja louco… não deve estar louco.

Ela tremia, tomada por uma convulsão interminável.

No alto, o homem os olhava, escondido atrás dos óculos amarelos, sem que qualquer expressão de ódio ou alegria animasse seu rosto impassível.

— Coralie — disse Patrice em voz baixa… —, não oponha resistência… venha…

Empurrava-a suavemente, como se a sustentasse e a conduzisse até uma poltrona. Na realidade, tinha uma única ideia, aproximar-se da mesa em que deixara o revólver, pegar a arma e atirar.

Siméon não se mexia, igual a um gênio do mal que veio para desencadear a tempestade… Coralie não podia se libertar desse olhar que pesava sobre ela.

— Não — murmurava, resistindo, como se tivesse medo de que o plano de Patrice precipitasse o temido desfecho. — Não, não deve…

Porém, mais determinado que ela, Patrice alcançava sua meta. Mais um esforço e sua mão ia tocar o revólver.

Decidiu-se rapidamente. Apontou a arma de repente e o disparo soou.

No alto, a cabeça desapareceu.

— Ah! — disse Coralie — Foi um erro, Patrice, ele vai se vingar…

— Não… talvez, não… — disse Patrice, com a arma na mão. — Não, quem disse que não o acertei? A bala bateu na beira da claraboia… mas, se ricocheteou, então…

Eles aguardaram, de mãos dadas, com uma leve esperança.

Esperança que durou pouco. O ruído recomeçou no telhado.

Então, *como antigamente,* e tiveram a impressão de já terem visto antes, *como antigamente algo passou pela abertura, algo que descia, que se desenrolou no meio da sala… uma escada… uma escada de corda…* A mesma que Patrice avistara no armário do velho Siméon.

Como antigamente, eles olhavam e sabiam muito bem que tudo recomeçava e que os fatos se encadeavam uns aos outros com implacável rigor. Seus olhos procuraram imediatamente a inevitável folha de papel que devia estar alfinetada no degrau inferior.

E de fato lá estava ela, formando como um rolo de papel. Estava amarela, seca, desgasta.

Era a mesma folha, escrita vinte anos antes por Essarès e que, *como antigamente,* servia à mesma obra de tentação e ameaça.

"Coralie pode subir sozinha. Sua vida estará a salvo. Dou-lhe dez minutos para aceitar. Do contrário…"

Os pregos do caixão

"Do contrário…" Patrice repetiu essas palavras maquinalmente, várias vezes, enquanto a terrível significação tornava-se patente para ambos. Do contrário… isso significava que, se Coralie não obedecesse e não se entregasse ao inimigo, se não fugisse da prisão para seguir aquele que detinha as chaves dessa jaula, ambos iam morrer.

Naquele instante, nenhum dos dois pensava no tipo de morte que lhes era reservado, nem mesmo na própria morte.

Só pensavam na ordem de separação que o inimigo lhes endereçava. Um devia partir e outro morrer. A vida era prometida a Coralie, desde que sacrificasse Patrice. Mas a que preço era essa promessa? E como se pagaria o sacrifício imposto?

Houve entre os jovens um longo silêncio cheio de incerteza e angústia. Agora algo ficava claro, e o drama não acontecia mais totalmente fora deles e sem que participassem dele senão como vítimas impotentes. Passava-se dentro deles e tinham a faculdade de mudar seu desfecho. Terrível dilema. Que já fora apresentado à Coralie de outrora, e que ela resolvera no sentido do amor, já que havia morrido…

E apresentava-se de novo.

Patrice leu a inscrição, e as palavras, traçadas rapidamente, tornavam-se menos distintas. Patrice leu:

Supliquei a Coralie… ela caiu de joelhos e me abraçou. Queria morrer comigo…

Patrice observou a mulher. Dissera a frase em voz muito baixa e ela não tinha ouvido.

Atraiu-a vivamente contra si, em um ímpeto de paixão, e exclamou:

— Você vai sair, Coralie. Entenda que, se eu não o disse imediatamente, não foi por hesitação. Não… somente… eu pensava na oferta desse homem… e temo por você… O que ele pede é terrível, Coralie. Se promete salvar sua vida, é porque a ama… e então, você entende… não importa, Coralie, é preciso obedecer… é preciso viver… vá embora… É inútil esperar que se passem os dez minutos… ele poderia mudar de ideia… condená-la também a morrer, não, Coralie, vá embora, vá embora agora mesmo.

Ela respondeu simplesmente:

— Eu fico.

Ele estremeceu.

— Mas é loucura. Por que esse sacrifício inútil? Tem medo do que poderia acontecer se obedecesse?

— Não.

— Então, vá embora.

— Eu fico.

— Mas por quê? Por que essa obstinação? Não serve para nada. Por quê?

— Porque eu te amo, Patrice.

Ele ficou perplexo. Não ignorava que a jovem o amasse, e ela já lhe dissera. Mas que o amasse a ponto de morrer ao seu lado era uma alegria imprevista, ao mesmo tempo deliciosa e terrível.

— Ah! — disse ele —, você me ama, Coralie… você me ama…

— Eu te amo, Patrice.

Ela lhe rodeava o pescoço com os braços e ele sentiu que esse abraço era daqueles de que é impossível se desprender. Mesmo assim, não cedeu, decidido a salvá-la.

— Justamente — disse ele —, se me ama, deve me obedecer e viver. Pode acreditar que me é cem vezes mais doloroso morrer com você do que sozinho. Se eu souber que está livre, a morte me será mais suave.

Ela não ouvia e continuava sua confissão, feliz por fazê-la, feliz por pronunciar palavras que guardava em si havia tanto tempo.

— Eu te amo desde o primeiro dia, Patrice. Não precisei que você o dissesse para saber, e se eu não o disse mais cedo foi porque esperava um momento solene, uma circunstância em que seria bom dizê-lo olhando no fundo de seus olhos e oferecendo-me inteira a você. Já que tive de me encontrar à beira da morte para falar, escute-me e não me imponha uma

separação que seria pior que a morte.

— Não, não — respondeu ele, tentando se soltar —, você deve partir.

— Meu dever é ficar ao lado daquele que amo.

Ele fez um esforço e agarrou-lhe as mãos.

— Seu dever é fugir — murmurou —, e quando estiver livre, tentar tudo para me salvar.

— O que diz, Patrice?

— Sim — prosseguiu ele —, para me salvar. Nada prova que você não poderá escapar das garras desse miserável, denunciá-lo, procurar socorro, alertar nossos amigos… você vai inventar e usar alguma artimanha…

Ela o olhava com um sorriso tão triste e tamanha expressão de dúvida que ele se interrompeu.

— Está tentando me iludir, meu pobre amado — disse ela —, mas suas palavras não iludem nem a você nem a mim. Não, Patrice, sabe bem que se eu me entregar a esse homem ele vai me reduzir ao silêncio e me manter em algum esconderijo, com mãos e pés atados, até seu último suspiro.

— Tem certeza?

— Assim como você, Patrice, assim como você sabe o que vai acontecer depois.

— O que vai acontecer?

— Olhe, Patrice, se esse homem me salva, não é por generosidade. Uma vez que eu estiver nas mãos dele, você pode antever seu plano abominável, não é? E pode antever também o único meio que terei de escapar disso, não é? Então, Patrice, se devo morrer daqui a poucas horas, por que não morrer agora, nos seus braços… junto de você, com os seus lábios sobre meus lábios? Pode isso ser a morte? Não é viver em um instante a mais bela das vidas?

Patrice resistia ao seu abraço. Sabia que no primeiro beijo desses lábios que se ofereciam ele ia perder toda a sua vontade.

— É terrível — murmurou —, como quer que eu aceite o teu sacrifício? Você… tão jovem… com todos os anos de felicidade que tem o direito de esperar…

— Anos de viuvez e desespero, se não estiver mais aqui.

— É preciso viver, Coralie. Com toda a minha alma, eu te suplico.

— Não posso viver sem você, Patrice. Você é minha única alegria. Não tenho outro motivo de ser senão para amá-lo. Você me ensinou o amor. Eu

te amo…

Ah! Que palavras divinas! Ecoavam pela segunda vez entre as quatro paredes da sala. As mesmas palavras de amor pronunciadas pela filha, e que a mãe havia pronunciado com a mesma paixão e o mesmo ardor de sacrifício! As mesmas palavras que a lembrança da morte e que a morte impregnava de uma emoção duplamente sagrada! Coralie as pronunciava sem pavor. Todo o seu medo parecia se perder em seu amor, e só o amor fazia tremer sua voz e turvava seus lindos olhos.

Patrice a contemplava com olhar enlevado. Agora ele julgava também que aqueles minutos valiam morrer.

No entanto, fez um esforço supremo.

— E se eu lhe desse a ordem de partir, Coralie?

— Isto é — murmurou ela —, se me desse a ordem de ir ao encontro desse homem e de me entregar a ele? É isso que desejaria, Patrice?

Ele estremeceu, chocado.

— Ah! Que horror! Esse homem… Esse homem… Você, Coralie, tão pura… tão viçosa…

Esse homem, nem ela nem ele o representavam sob a imagem precisa de Siméon. O inimigo mantinha, até para ele, e apesar da terrível visão que aparecera no alto, um caráter de mistério. Talvez fosse Siméon. Talvez fosse outro homem de quem Siméon era o instrumento. Em todo caso, era o inimigo, o malvado gênio agachado acima de suas cabeças, que preparava a agonia deles, e cujo infame desejo perseguia a jovem mulher.

Patrice apenas perguntou:

— Nunca percebeu que Siméon a perseguia?

— Nunca… Nunca… não me perseguia… talvez até me evitasse…

— Então ele enlouqueceu…

— Não está louco… não creio… está se vingando.

— Impossível. Era amigo de meu pai. A vida toda trabalhou para nos unir, e agora estaria prestes a nos matar por vontade própria?

— Não sei, Patrice, não entendo…

Não falaram mais de Siméon. O fato de a morte vir de um ou de outro não tinha importância. Era contra ela que precisavam lutar, sem se preocupar em saber quem a comandava. Ora, o que podiam fazer contra ela?

— Você aceita, não é, Patrice? — disse Coralie em voz baixa.

Ele não respondeu. Ela continuou:

— Não vou partir, mas quero que concorde comigo. Eu lhe peço. É uma tortura pensar que está sofrendo mais. É preciso que nossos sofrimentos sejam iguais. Você aceita, não é?

— Sim — disse ele.

— Dê-me suas mãos. Olhe no fundo de meus olhos, e vamos sorrir, Patrice.

Perderam-se por um instante em uma espécie de êxtase, transportados de amor e desejo. Mas ela lhe disse:

— O que tem, Patrice? Voltou a ficar transtornado…

— Olhe… olhe.

Soltou um grito rouco. Dessa vez, tinha certeza do que vira.

A escada subia. Os dez minutos haviam se passado.

Precipitou-se e agarrou violentamente um dos degraus.

A escada parou de subir.

O que queria fazer? Ele não sabia. Essa escada oferecia a única chance de salvação para Coralie. Ele ia renunciar e se resignar ao inevitável? Um minuto, dois minutos se passaram. No alto, a escada devia ter sido amarrada novamente, porque Patrice sentia a resistência que oferecem as coisas solidamente fixadas.

Coralie suplicou:

— Patrice, Patrice, o que está esperando?

Ele olhava ao redor e para cima, como se procurasse uma ideia, e parecia olhar também em si mesmo, como se estivesse procurando essa ideia em todas as lembranças que havia acumulado no momento em que *seu pai também segurava a escada* na última tensão de sua vontade.

E, de repente, em um único impulso de sua perna esquerda, pôs o pé no quinto degrau, enquanto se erguia pela força dos braços pelas laterais da corda.

Tentativa absurda! Escalar a escada? Alcançar a claraboia? Dominar o inimigo e, assim, salvar a si e a Coralie? E se seu pai havia fracassado, como admitir que ele pudesse conseguir?

Isso não durou mais do que três segundos. Bruscamente Patrice caiu. No mesmo instante a escada foi desprendida do gancho que provavelmente a mantinha suspensa na claraboia e caía ao lado de Patrice.

Ao mesmo tempo, uma risada estridente ecoou do alto. E, logo, ouviu-se um ruído. A claraboia fora fechada.

Patrice se levantou furioso, xingou o inimigo e, sua raiva crescendo, deu dois tiros de revólver que quebraram dois vidros.

Em seguida, descarregou sua fúria contra as janelas e portas, que golpeou com o suporte de lareira. Bateu nas paredes, no assoalho, ameaçou com os punhos o demônio invisível que zombava dele. Mas, subitamente, após alguns gestos no vazio, imobilizou-se. Algo como um véu espesso havia sido estendido no alto. E tudo ficou escuro.

Ele entendeu. O inimigo fechara a claraboia com uma persiana que a cobria inteiramente.

— Patrice! Patrice — gritou Coralie, a quem as trevas assustavam e que perdeu toda a força de ânimo. — Patrice! Onde está, Patrice? Ah! estou com medo… onde está?

Então os dois se procuraram às apalpadelas, como cegos. Nada lhes havia parecido tão horrível como estarem perdidos nessa noite implacável.

— Patrice! Onde está, Patrice?

Suas mãos se chocaram, as pobres mãos geladas de Coralie e as de Patrice, que ardiam de febre, e elas se apertavam umas nas outras, entrelaçavam-se e se agarravam, como se tivessem sido os sinais palpáveis da existência de ambos.

— Ah! Não me deixe, Patrice — implorava a jovem.

— Estou aqui — respondeu ele —, não tenha medo… ninguém pode nos separar.

Ela balbuciou:

— Ninguém pode nos separar, você tem razão… estamos em nosso túmulo.

E a palavra era tão terrível, e Coralie a pronunciou em tom tão doloroso, que Patrice estremeceu de revolta.

— Não!… O que disse? Não pode desesperar… até o último momento existe a possibilidade da salvação.

Soltou uma das mãos e apontou o revólver na claridade que filtrava pelos interstícios ao redor da claraboia. Atirou três vezes. Ouviram o estalo da madeira e a risada do inimigo. Mas a persiana devia ser reforçada com metal, e nenhuma rachadura se produziu.

Logo, aliás, os interstícios foram obstruídos e eles se deram conta de que o inimigo executava o mesmo trabalho que fizera em volta das portas e janelas. Tomou bastante tempo e deve ter sido feito minuciosamente. Então houve outro trabalho que completou o primeiro. O inimigo pregou a persiana contra a estrutura da claraboia.

O ruído era terrível! As marteladas eram leves e rápidas, mas como penetravam fundo no cérebro! Era o caixão deles que o homem pregava, o grande caixão que fazia pesar sobre eles sua tampa hermeticamente fechada. Não havia mais esperança! Nem socorro possível! Cada martelada reforçava a prisão escura e multiplicava os obstáculos, erguendo, entre o mundo e eles, muros que nenhum poder humano poderia derrubar.

— Patrice — balbuciou Coralie —, estou com medo… Ah, essas marteladas me machucam.

Ela desfalecia nos braços de Patrice. Ele sentia lágrimas correrem em suas faces.

Enquanto isso, no alto, a obra terminava. Eles tinham essa impressão apavorante que os condenados devem sentir na manhã de seu último dia. Do fundo de suas celas, ouvem os preparativos, a sinistra máquina que está sendo montada, ou as baterias elétricas que já funcionam. Homens que se esforçam para que tudo esteja pronto, para que não haja nenhuma chance favorável e que o destino se cumpra em todo o seu inflexível rigor.

E o deles ia se cumprir. A morte estava a serviço do inimigo; a morte e o inimigo trabalhavam juntos. Ele era a própria morte, agindo, combinando, e levando a cabo a luta contra aqueles que havia decidido suprimir.

— Não me deixe — disse Coralie, soluçando —, não me deixe…

— Somente alguns segundos — disse ele… — É preciso que mais tarde sejamos vingados.

— De que serve, Patrice, de que isso pode nos servir?

Ele tinha alguns fósforos em uma caixa. Acendendo-os, um após o outro, levou Coralie para o painel da inscrição.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Não quero que atribuam nossa morte a um suicídio. Quero repetir o que nossos pais fizeram e preparar o futuro. Alguém lerá o que vou escrever e nos vingará.

Abaixou-se e tirou um lápis do bolso. Havia um espaço livre na parte inferior do painel. Ele escreveu:

Patrice Belval e sua noiva Coralie morrem da mesma morte, assassinados por Siméon Diodokis, em 14 de abril de 1915.

Mas, como acabava de escrever, avistou algumas palavras da antiga inscrição, que não lera até então porque estavam, por assim dizer, separadas das outras e não pareciam fazer parte do mesmo texto.

— Mais um fósforo — disse ele. — Você viu?… Essas palavras, ali… certamente as últimas que meu pai escreveu.

Coralie acendeu o fósforo.

Na luz vacilante, decifraram algumas letras, mal formadas, visivelmente escritas às pressas e que compunham duas palavras…

Asfixiados… Óxido…

O fósforo se apagou. Levantaram-se, em silêncio. A asfixia… entendiam que era dessa maneira que seus pais haviam morrido, assim como eles mesmos iam morrer. Mas não entendiam bem como isso se produziria. A falta de ar nunca seria absoluta para asfixiá-los, nessa ampla sala em que a quantidade de ar poderia ser suficiente por dias a fio.

— A menos que… murmurou Patrice —… a menos que a qualidade desse ar possa ser alterada, e que, consequentemente…

Parou, e então prosseguiu:

— Sim… é isso… agora estou me lembrando…

Disse a Coralie o que suspeitava, ou, melhor, o que se adaptava tão bem à realidade que não havia mais dúvida possível.

No armário do velho Siméon, não só vira a escada de corda que o louco trouxera, mas também um maço de canos de chumbo e então o comportamento de Siméon, desde o momento em que estavam trancados, suas idas e vindas ao redor da casa, o cuidado que tivera para obstruir todos os interstícios, seu trabalho ao longo da parede e no telhado, tudo se explicava da maneira mais precisa. O velho Siméon simplesmente emendara em uma instalação de gás, provavelmente localizada na cozinha, o cano que em seguida pusera contra a parede e deitara no telhado.

Era assim, então, da mesma maneira que seus pais, que iam morrer, asfixiados pelo gás.

Ambos sentiram um acesso de pavor e andaram pela sala ao acaso, segurando-se pela mão, a mente desordenada, sem ideias, sem vontade, iguais a pequenos objetos sacudidos pela mais violenta das tempestades.

Coralie dizia palavras incoerentes. Patrice, implorando que ela se acalmasse, sentia o mesmo tormento e não conseguia reagir contra a espantosa sensação de desamparo produzida pelo peso das trevas em que a morte espera. Não há o que fazer senão fugir, escapar a esse sopro frio que já gela a nuca. É preciso fugir, mas aonde? Por onde? As muralhas são intransponíveis e as trevas ainda mais resistentes que as muralhas.

Imobilizaram-se, exaustos. Um sibilo vinha de algum lugar, o sibilo leve que sai de uma boca de gás mal fechada. Tendo ouvido, deram-se conta de que vinha do alto.

O suplício começava. Patrice sussurrou:

— Vai demorar meia hora, uma hora no máximo.

Ela havia recobrado a consciência, e respondeu:

— Sejamos corajosos, Patrice.

— Ah, se eu estivesse sozinho! Mas você, minha pobre Coralie…

Ela disse em tom muito baixo:

— Não se sofre.

— Você vai sofrer, você que é tão fraca!

— Quem é fraco sofre ainda menos. E sei que não sofreremos, Patrice.

De repente ela pareceu tão serena que, por sua vez, Patrice foi tomado por uma grande paz.

Calaram-se, os dedos ainda entrelaçados, sentados no grande sofá. Impregnavam-se aos poucos da grande calma que emana dos acontecimentos que consideramos, por assim dizer, como já ocorridos, e que não passa de uma resignação, uma submissão às forças superiores. Naturezas como as deles não se revoltam mais quando a ordem do destino se manifesta e só resta obedecer e rezar.

Coralie rodeou o pescoço de Patrice e disse:

— Diante de Deus, você é meu noivo. Que Ele nos acolha, como acolheria dois esposos.

Sua ternura o fez chorar. Ela secou suas lágrimas com beijos, e entregou seus lábios a Patrice.

Ah! — disse ele —, você tem razão, morrer assim é viver.

Um silêncio infinito os envolveu. Perceberam os primeiros odores de gás que desciam ao redor deles, mas não sentiram terror.

Patrice sussurrou:

— Tudo vai se passar como antigamente até o último segundo, Coralie. Tua mãe e meu pai, que se amavam como nos amamos, morreram também abraçados e com os lábios unidos. Haviam decidido unir-nos e nos uniram.

Ela murmurou:

— Nosso túmulo ficará ao lado do deles.

Suas ideias aos poucos se confundiam e eles pensavam como se em meio de uma bruma crescente. Como não haviam comido, a fome trazia seu mal-estar em uma espécie de vertigem em que a mente de ambos definhava insensivelmente, e essa vertigem, à medida que aumentava, perdia qualquer caráter de inquietude ou ansiedade. Era mais um êxtase, um torpor, uma aniquilação, um repouso em que esqueciam o horror de logo não existirem mais.

Coralie foi a primeira a desmaiar e pronunciou palavras de delírio que, a princípio, surpreenderam Patrice.

— Meu amado, são flores que caem, rosas! Ah, é delicioso!

Mas logo ele também sentiu a mesma beatitude e uma exaltação que se traduziu por sensações de ternura, alegria e emoção.

Sem medo, sentiu aos poucos que Coralie enfraquecia em seus braços e se abandonava, e ele teve a impressão de que a seguia em um imenso abismo, banhado de luz, no qual ambos pairavam enquanto desciam, lentamente, sem esforço, em direção a uma região feliz.

Minutos e horas se passaram. Ainda desciam, ele carregando-a pela cintura, ela um pouco inclinada para trás, os olhos fechados e sorrindo. Patrice se lembrava de imagens em que se veem casais de deuses deslizando no céu e, embriagado de claridade e de ar, ele fazia largos círculos acima da região feliz.

No entanto, enquanto se aproximava, sentiu-se mais cansado. Coralie estava pesada sobre seu braço dobrado. A descida se acelerou. As ondas de luz se escureceram. Ele viu uma nuvem espessa, e depois outras que formavam um turbilhão de trevas.

De repente, exausto, com suor na testa e o corpo tremendo de febre, ele caiu em um grande buraco negro…

Um indivíduo estranho

Ainda não era totalmente a morte. Nesse estado de agonia, o que persistia de sua consciência misturava, em uma espécie de pesadelo, as realidades da vida com as realidades imaginárias de um mundo novo em que ele se encontrava e que era o da morte.

Nesse mundo, Coralie não existia mais, o que provocava nele uma imensa pena. Mas parecia-lhe ouvir e ver alguém cuja presença se revelava pela passagem de uma sombra diante de suas pálpebras fechadas.

Esse alguém, ele o representava, sem nenhum motivo, aliás, sob a aparência do velho Siméon, o qual vinha constatar a morte de suas vítimas, levava primeiramente Coralie, antes de voltar para Patrice, levá-lo e estendê-lo em algum lugar. E tudo era tão preciso que Patrice se perguntava se não estava acordado.

Depois, passaram-se horas… ou segundos. No fim, Patrice teve a impressão de que dormia, mas um sono infernal, durante o qual sofria, física e moralmente, como devem sofrer os condenados. Havia voltado ao fundo do buraco negro como um homem caído no mar procurando chegar à superfície. E assim atravessava — com tanta dificuldade! — camadas de água que o sufocavam com seu peso, que devia escalar, agarrando-se com pés e mãos a coisas que escorregavam, escadas de corda que, sem pontos de apoio, caíam.

Contudo, as trevas estavam ficando menos espessas. Um pouco de claridade turva filtrava por elas. Patrice se sentia menos oprimido. Entreabriu os olhos, respirou várias vezes e viu ao seu redor um espetáculo que o surpreendeu: o vão de uma porta aberta, ao lado da qual ele estava deitado, ao ar livre, em um sofá.

Estendida em outro sofá, ao lado dele, estava Coralie. Ela se mexia e parecia sofrer infinitamente.

Ele pensou:

"Ela está subindo do buraco negro… Como eu, está se esforçando… Minha pobre Coralie…".

Entre eles havia uma mesinha, e nessa mesinha, dois copos d'água. Sentindo muita sede, pegou um. Mas não ousou beber. Naquele momento, alguém saiu pela porta aberta, que era, como Patrice então percebeu, a porta da casa, e essa pessoa, Patrice constatou que não era o velho Siméon, como o acreditara, mas um estranho que nunca vira antes.

Sussurrou para si mesmo:

— Não estou dormindo… tenho certeza de que não durmo e que esse estranho é um amigo.

Tentava dizer essas coisas em voz alta, para que sua certeza fosse melhor. Mas não tinha forças.

No entanto, o estranho se aproximou dele e pronunciou em tom leve:

— Não se canse, capitão. Está tudo bem. Pegue, é necessário beber.

O estranho ofereceu-lhe um dos dois copos, que Patrice bebeu de um só trago, sem desconfiança, e ficou feliz ao ver que Coralie também bebia.

— Sim, está tudo bem — disse. — Meu Deus! Como é bom viver! Coralie está viva, não é?

Não ouviu a resposta e caiu em um sono reparador.

Quando despertou, a crise tinha acabado, embora ele ainda sentisse alguns zumbidos na cabeça e tivesse dificuldade para respirar profundamente. No entanto, levantou-se, e entendeu que todas essas sensações haviam sido exatas, que se encontrava na entrada da casa, que Coralie tomara o segundo copo d'água e dormia calmamente. E ele repetiu em voz alta:

— Como é bom viver!

Queria agir, mas não ousava entrar na casa, apesar das portas abertas. Afastou-se, ladeou o claustro reservado aos túmulos e então — sem rumo preciso, porque ainda não sabia o motivo de seus atos e não entendia nada daquilo que lhe acontecia e andava ao acaso — voltou até a casa pela outra fachada, a que dominava o jardim, e de repente parou.

Alguns metros à frente da fachada, ao pé de uma árvore que fazia fronteira com o caminho oblíquo, um homem estava deitado em uma

espreguiçadeira de vime, a cabeça na sombra, as pernas ao sol. Parecia dormir. Tinha um livro sobre os joelhos.

Então, e somente então, Patrice se deu conta nitidamente de que Coralie e ele haviam escapado da morte, que ambos estavam vivos e que seu salvador devia ser esse homem cujo sono indicava um estado de segurança absoluta e de consciência tranquila.

Examinou-o. Magro, ombros largos, a tez morena, um bigode fino, alguns cabelos cinzentos nas têmporas, o desconhecido parecia ter no máximo uns 50 anos. O corte de suas roupas indicava uma grande preocupação com a elegância. Patrice se debruçou e olhou o título do livro: *As memórias de Benjamin Franklin*. Leu também as iniciais que adornavam o forro de um chapéu caído na grama: L. P.

— Foi ele que me salvou — Patrice a si mesmo. — Eu o reconheço. Ele nos carregou para fora do ateliê e cuidou de nós. Mas como esse milagre se produziu? Quem o mandou?

Tocou-lhe o ombro. Imediatamente o homem se levantou e seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Desculpe-me, capitão, mas minha vida anda tão preenchida que, quando tenho alguns minutos, aproveito para dormir… em qualquer lugar… como Napoleão, não é? Meu Deus, sim, essa pequena semelhança não me é desagradável… mas chega de falar de mim. E o senhor, capitão, como vai? E a senhora "mamãe Coralie", não está mais indisposta? Após ter aberto as portas e transportado vocês para fora, não achei por bem acordá-los. Eu estava tranquilo, havia feito o necessário. Ambos respiravam. O bom ar puro se encarregaria do resto.

Ele se interrompeu e, diante do espanto de Patrice, seu sorriso deu lugar a um riso de alegria.

— Ah! Eu me esquecia, o senhor não me conhece? É verdade, a carta que lhe escrevi foi interceptada. Assim, preciso me apresentar: dom Luís Perenna, de uma antiga família espanhola, autêntica nobreza, documentos em ordem…

Seu riso redobrou.

— Mas vejo que isso não lhe diz nada. Ya-Bon certamente deve ter me chamado de outra maneira quando escreveu meu nome na parede dessa rua, há uns quinze dias, de noite? Ah, ah! Está começando a entender… Pois é, sim, o senhor a quem pediu ajuda… Devo pronunciar o nome

claramente? Pois bem, capitão. Então, Arsène Lupin, para servi-lo.

Patrice estava estupefato. Esquecera completamente a proposta de Ya-Bon e a distraída autorização que dera ao senegalês para recorrer ao famoso aventureiro. E eis que Arsène Lupin estava diante dele, eis que Arsène Lupin, com um único esforço de sua vontade, por um incrível milagre, o resgatara, e também Coralie, do fundo do seu caixão hermeticamente fechado.

Estendeu-lhe a mão e disse:

— Obrigado.

— Psiu! — disse dom Luís, alegremente. — Não precisa agradecer! Basta um bom aperto de mãos. E pode apertar minha mão, capitão. Se alguns pecadilhos pesam sobre minha consciência, por outro lado fiz várias boas ações que devem me valer a estima das pessoas honestas… começando por minha própria… portanto…

Interrompeu-se de novo, pareceu refletir e, segurando Patrice por um dos botões de seu dólmã, segredou:

— Não se mexa… estamos sendo vigiados…

— Por quem?

— Alguém que se encontra no cais, ao final do jardim… O muro não é muito alto. Uma grade serve de acabamento. Alguém está olhando por meio dessa grade e procura por nós.

— Como pode saber? Está de costas para o cais e, ademais, há árvores.

— Ouça.

— Não estou ouvindo nada especial.

— Sim, um ruído de motor… o motor de um carro parado. Ora, o que faria um carro parado no cais, diante de um muro perto do qual não há moradia?

— E então, a seu ver, quem seria?

— Ora! O velho Siméon.

— Siméon?

— Com certeza. Está verificando se eu realmente salvei vocês dois.

— Então não está louco?

— Louco, ele? Não mais que nós dois.

— Contudo…

— Contudo, o senhor quer dizer que Siméon o protegia, que seu objetivo era reunir vocês dois, que lhe mandou a chave do jardim, etc.

— O senhor sabe tudo isso?

— É preciso. Do contrário, como eu lhe teria prestado socorro?

— Mas — disse Patrice com ansiedade —, se esse bandido atacar de novo, não deveríamos tomar certas precauções? Voltar à casa. Coralie está sozinha.

— Não há perigo nenhum.

— Por quê?

— Estou aqui.

Patrice estava cada vez mais estupefato. Ele perguntou:

— Então Siméon conhece o senhor? Sabe que está aqui?

— Sim, por uma carta que lhe escrevi sob o disfarce de Ya-Bon e que ele interceptou. Nela eu anunciava minha chegada e ele se apressou a agir. Só que, conforme meu hábito nessas ocasiões, adiantei minha chegada em algumas horas, de modo que o surpreendi em plena ação.

— Naquele momento o senhor ignorava que ele fosse o inimigo… Não sabia nada…

— Absolutamente nada…

— Foi hoje de manhã?

— Não, de tarde, à uma e quarenta e cinco.

Patrice sacou seu relógio.

— São quatro horas. Assim, em duas horas…

— Nem isso, cheguei aqui há uma hora.

— O senhor interrogou Ya-Bon?

— Se acha que perdi meu tempo! Ya-Bon simplesmente me respondeu que você não estava lá, e que começava a estranhar sua ausência.

— Então?

— Procurei onde você podia estar.

— Como?

— Primeiro, vasculhei seu quarto e, como é algo que sei fazer, acabei descobrindo que havia uma fenda no fundo de sua escrivaninha, e que essa fenda se comunicava com outra praticada na parede do cômodo adjacente. Assim, pude pegar o caderno em que mantém seu diário e tomar conhecimento dos acontecimentos. Era assim, aliás, que Siméon estava a par de suas menores intenções. Foi assim que descobriu seu plano de vir aqui, em peregrinação, no dia 14 de abril. Foi assim que, na noite passada, vendo-o escrever, ele preferiu, antes de atacá-lo, saber o que escrevia. Uma

vez que soube, pelo seu diário, que o senhor estava em alerta, ele se absteve. Como pode ver, tudo isso é fácil. O senhor Desmalions, inquieto com a sua ausência, poderia ter conseguido salvá-los, mas… só amanhã.

— Isto é, tarde demais — disse Patrice.

— Sim, tarde demais. Esse assunto não é dele, nem da polícia. Ademais, prefiro que ela não se meta nisso. Pedi aos seus mutilados que permanecessem calados sobre tudo que pode lhes parecer suspeito. De modo que, se o senhor Desmalions vier hoje, ele vai acreditar que tudo está em ordem. Então, tranquilizado desse lado, com a ajuda das informações do seu caderno e na companhia de Ya-Bon, atravessei a ruela e entrei neste jardim.

— A porta estava aberta?

— Não, mas ao mesmo tempo Siméon saía do jardim. Azar o dele, não é? Então aproveitei intrepidamente a oportunidade. Pus a mão na maçaneta e entramos sem que ele ousasse protestar. E, com certeza, ele soube mesmo quem eu era.

— Mas, naquele momento, o senhor ignorava que ele fosse o inimigo?

— Como, eu o ignorava?… E seu diário?

— Eu não pensava…

— Mas, capitão, cada página é uma acusação contra ele. Não houve um único incidente em que ele não estivesse envolvido, um único crime que ele não tivesse preparado!

— Nesse caso, era preciso pegá-lo.

— E depois? De que isso teria me servido? Eu o teria obrigado a falar? Não, é deixando-o livre que vou pegá-lo mais facilmente. Assim, vai causar sua própria perda. Como pode ver, já está rondando a casa, em vez de fugir. Ademais, eu tinha coisas melhores para fazer, primeiramente socorrer vocês dois…. se ainda tivesse tempo. Ya-Bon e eu corremos até a porta da casa. Estava aberta, mas a outra, a da escada, estava fechada com chave e tranca. Abri as duas trancas e para nós foi fácil forçar a fechadura. Então, só pelo cheiro de gás, compreendi. Siméon devia ter conectado um velho registro a algum conduto externo, provavelmente aquele que alimenta os postes de luz da ruela e os asfixiava. Só restava tirá-los da casa e dar-lhes os cuidados de praxe, massagens, flexões, etc., e assim vocês foram salvos.

Patrice perguntou:

— Ele certamente deve ter retirado toda a instalação macabra?

— Não, obviamente pensava voltar para deixar tudo em ordem, de modo que ninguém pudesse comprovar sua intervenção e que se pensasse em um suicídio… suicídio misterioso, morte sem causa aparente. Em suma, o mesmo drama de antigamente, entre seu pai e a mãe de mamãe Coralie.

— Então o senhor sabe?

— Ora, não tenho olhos para ler? E a inscrição na parede, as revelações de seu pai? Sei tanto quanto o senhor, capitão… e talvez mais.

— Mais?

— Meu Deus, o hábito, a experiência. Muitos problemas, indecifráveis para os outros, para mim parecem entre os mais simples e claros do mundo. Assim…

— Assim?

Dom Luís hesitou e, finalmente, respondeu:

— Não, não… Acho melhor não falar… Aos poucos a escuridão vai se dissipar. Vamos esperar por enquanto…

Ele escutou com atenção.

— Olhe, deve tê-lo visto. E agora que foi informado, está indo embora.

Patrice se alterou:

— Ele vai embora… está vendo… teria sido melhor pegá-lo. Será que voltaremos a encontrá-lo, esse miserável? Será que poderemos nos vingar?

Dom Luís sorriu.

— Está chamando de miserável o homem que cuida do senhor há vinte anos e que o aproximou de mamãe Coralie! Seu benfeitor!

— Ah! Sei lá! Tudo isso está tão obscuro! Só posso odiá-lo… e lamento que tenha fugido… eu gostaria de torturá-lo e, no entanto…

Ele teve um gesto de desespero e segurava a cabeça entre as mãos. Dom Luís o reconfortou.

— Não tenha medo. Ele nunca esteve tão perto de sua derrota como agora. Está em minha mão como esta folha da árvore.

— Mas como?

— O homem que dirige o carro dele é dos meus.

— O quê? O que disse?

— Eu disse que pus um dos meus homens em um táxi; que esse táxi, conforme minha ordem, esperava no fim da ruela, e Siméon não hesitou em pular dentro.

— Isso é o que o senhor supõe… — observou Patrice, cada vez mais espantado.

— Reconheci o ruído do motor no final do jardim, quando eu o avisei.

— E confia plenamente em seu homem?

— Plenamente.

— Não importa! Siméon pode pedir para ser levado longe de Paris e se livrar desse homem… e então, quando seremos avisados?

— Se pensa que alguém sai de Paris e passeia pelas estradas principais sem autorização especial!… Não, se sair de Paris, Siméon vai querer ser levado até uma estação qualquer, e seremos informados vinte minutos depois. E logo que soubermos iremos atrás.

— Como?

— De carro.

— O senhor tem algum salvo-conduto?

— Sim, válido na França inteira.

— É possível?

— Perfeitamente, e, ademais, um salvo-conduto autêntico: em nome de dom Luís Perrena, assinado pelo ministro do Interior e ratificado…

— E ratificado?

— Pelo presidente da República.

O espanto de Patrice de repente se transformou em violenta emoção. Na terrível aventura em que se encontrava envolvido, e na qual, até então, suportando a implacável vontade do inimigo, só conhecera derrotas e os tormentos de uma morte sempre ameaçadora, de repente ocorria que uma determinação mais poderosa surgia a seu favor. E, bruscamente, tudo se modificava. O destino parecia mudar de direção, como um navio que um bom vento imprevisto leva para o porto.

— Realmente, capitão — disse-lhe dom Luís —, parece que está prestes a chorar, como mamãe Coralie. Está com os nervos à flor da pele, capitão… e com fome, talvez… Precisa se alimentar. Vamos…

Andando devagar e segurando-o, levou-o para a casa e declarou, com a voz um tanto grave:

— Sobre tudo isso, capitão, peço-lhe a mais absoluta discrição. Exceto alguns velhos amigos, exceto Ya-Bon, que encontrei na África e que salvou minha vida, ninguém na França me conhece por meu nome verdadeiro. Chamo-me dom Luís Perrena. Em Marrocos, onde lutei, tive a ocasião de

prestar serviço ao muito simpático rei de uma nação vizinha da França, e neutra, que, embora obrigado a esconder seus verdadeiros sentimentos, deseja ardentemente nossa vitória. Foi ele quem me trouxe para cá e, consequentemente, pedi-lhe que me credenciasse e obtivesse para mim um salvo-conduto. Portanto, e oficiosamente, tenho uma missão secreta, que acaba dentro de dois dias. Dentro de dois dias volto… para de onde eu vim e onde, durante a guerra, sirvo à França à minha maneira… que não é ruim, pode acreditar, como se comprovará um dia ou outro.

Estavam chegando perto da cadeira em que mamãe Coralie dormia. Dom Luís deteve Patrice.

— Uma palavra a mais, capitão. Jurei a mim mesmo e dei minha palavra àquele que confiou em mim que meu tempo, durante essa missão, seria exclusivamente dedicado a defender, na medida de minhas possibilidades, os interesses do meu país. Portanto, devo avisá-lo que, apesar da simpatia que sinto pelo senhor, não posso prorrogar minha estada por um só minuto a partir do momento em que eu descobrir os mil e oitocentos sacos de ouro. Só respondi ao chamado de Ya-Bon por esse único motivo. Quando os sacos de ouro estiverem em nosso poder, isto é, depois de amanhã à noite, irei embora. Aliás, os dois casos estão ligados. O desfecho de um será a conclusão do outro. E agora, chega de palavras, chega de explicações, apresente-me à mamãe Coralie, e vamos trabalhar!

Ele se pôs a rir:

— Não faça mistério com ela, capitão. Diga meu verdadeiro nome. Não tenho nada a temer: Arsène Lupin tem todas as mulheres a seu favor.

Quarenta minutos depois, mamãe Coralie estava em seu quarto, bem cuidada e vigiada. Patrice tivera uma refeição substancial, enquanto dom Luís passeava no terraço e fumava cigarros.

— Pronto, capitão? Podemos começar?

Olhou seu relógio.

— Cinco e meia. Temos ainda mais de uma hora de luz do dia. É mais que suficiente.

— Suficiente?… Suponho que o senhor não pretenda resolver o caso em uma hora.

— Resolver o caso, não, mas chegar ao objetivo que almejo, sim… e antes até. Uma hora? Para fazer o quê, meu Deus? Daqui a poucos minutos teremos informações sobre o esconderijo do ouro.

Dom Luís se fez levar até o porão cavado sob a biblioteca e onde Essarès bei trancava os sacos de ouro até serem enviados.

— Era mesmo por esse respiradouro que os sacos eram jogados, capitão?

— Sim.

— Não há outras saídas?

— Só a escada que leva à biblioteca e o respiradouro correspondente.

— Aquele que abre para o terraço?

— Sim.

— Portanto, está claro. Os sacos entravam pelo primeiro e saíam pelo segundo.

— Mas…

— Não há outra alternativa, capitão. Como quer que seja diferente? Veja, o erro que sempre cometemos é complicar as coisas inutilmente.

Voltaram ao terraço. Dom Luís se pôs perto do respiradouro e inspecionou o entorno. Não se demorou. Quatro metros à frente das janelas da biblioteca havia um tanque redondo, enfeitado, em seu centro, por uma estátua de criança que lançava um jato d'água pela abertura de uma concha.

Dom Luís se aproximou, examinou o tanque e, debruçando-se, alcançou a estatueta, que fez girar sobre si mesma, da direita para a esquerda.

Ao mesmo tempo, o pedestal girou noventa graus.

— Pronto — disse, levantando-se.

— O quê?

— O tanque vai se esvaziar.

De fato, muito rapidamente a água baixou e o fundo do tanque apareceu.

Dom Luís desceu e se agachou. A parede interna era coberta por um mosaico de mármore com largos desenhos brancos e vermelhos, compondo o que se chama uma grega[6]. No meio desses desenhos engastava-se um aro que dom Luís levantou e puxou. Toda a porção de parede que formava o desenho respondeu a esse comando e se abaixou, deixando à mostra um orifício de cerca de trinta centímetros por vinte e cinco.

Dom Luís afirmou:

— Os sacos iam embora por esse caminho. Segunda etapa. A remessa era feita da mesma maneira, por meio de um gancho que deslizava sobre um arame. Veja, no alto dessa canalização está o arrame.

— Caramba! — exclamou o capitão Belval. Mas não podemos seguir o arame.

— Não, mas basta saber onde termina. Olhe, capitão, vá até o final do jardim, perto do muro, seguindo uma linha perpendicular em relação à casa. Uma vez lá, corte um galho de árvore um pouco alta. Ah, eu estava me esquecendo, precisa sair pela ruela. O senhor tem a chave da porta? Sim? Dê para mim.

Patrice deu a chave, e então foi até o muro que ladeava o cais.

— Um pouco mais à direita — dom Luís orientou. — Mais um pouco. Muito bem. Agora espere.

Ele saiu do jardim pela ruela, alcançou o cais e, do outro lado do muro, chamou:

— Está aí, capitão?

— Sim.

— Plante o galho de maneira que eu possa vê-lo daqui… Maravilha!

Patrice então se juntou a dom Luís, que atravessou o cais.

Ao longo do Sena, mais abaixo, estendem-se uns cais, construídos na própria margem do rio, e reservados à cabotagem. Neles as barcaças encostam, descarregam suas mercadorias, recebem outras, e com frequência permanecem atracadas umas junto das outras.

No lugar em que Patrice e dom Luís desciam pelos degraus de uma escada, o cais apresenta uma série de canteiros de obras, dos quais um deles, a que chegaram, parecia abandonado certamente desde o começo da guerra. Nele, entre os materiais inúteis, havia blocos de pedras e tijolos amontoados, uma cabana com os vidros quebrados e a base de um guindaste a vapor. Um cartaz pendurado em um poste mostrava uma inscrição: “Canteiro Berthou, construção”.

Dom Luís andou ao longo do muro de contenção, acima do qual o cais formava um terraço.

Um amontoamento de areia ocupava metade do espaço, e avistavam-se no muro as barras de uma grade de ferro cuja parte inferior, escorada por tábuas, era escondida pela areia.

Dom Luís desobstruiu a grade e disse, gracejando:

— Já reparou que nessa aventura nenhuma porta está trancada?… Tomara que aconteça o mesmo com esta.

A hipótese se confirmou, o que, apesar de tudo, não deixou de surpreender dom Luís, e eles penetraram em um desses cubículos nos quais os operários guardam suas ferramentas.

— Até então, nada anormal — murmurou dom Luís, que acendeu uma luz elétrica. Baldes, picaretas, carrinhos, uma escada… Ah! Ah! É mesmo o que eu pensava… trilhos… todo um sistema de trilhos de pequena largura… Ajude-me a limpar o fundo, capitão. Perfeito… Está pronto.

No nível do chão e em frente à grade, abria-se um orifício retangular exatamente semelhante ao do tanque. Avistaram o arame no alto. Dele pendiam ganchos enfileirados.

Dom Luís explicou:

— Então, os sacos chegavam aqui. Caíam, por assim dizer, nesses pequenos vagonetes que está vendo no canto. De noite, claro, os trilhos eram colocados e atravessavam a margem, e os vagonetes eram dirigidos para uma barcaça em que o conteúdo era descarregado… simples movimento basculante!

— De modo que?…

— De modo que o ouro da França ia embora por aí… não sei aonde… no estrangeiro.

— E acredita que os mil e oitocentos sacos de ouros também tenham sido enviados?

— Receio.

— Então chegamos tarde demais?

Houve um silêncio bastante longo entre os dois homens. Dom Luís refletia, Patrice, embora desapontado por um desfecho que não previra, permanecia confuso diante da extraordinária habilidade com a qual, em tão pouco tempo, seu companheiro conseguira desembaraçar parcialmente o novelo.

Ele murmurou:

— É um verdadeiro milagre. Como conseguiu?

Sem nenhuma palavra, don Luís tirou do bolso o livro que Patrice avistara sobre seus joelhos, *As memórias de Benjamin Franklin,* e, com um sinal, convidou-o a ler algumas linhas que mostrou com o dedo.

Essas linhas haviam sido escritas durante os últimos anos do reinado de Luís XVI. Diziam:

Todo dia vamos à aldeia de Passy, vizinha à minha casa, onde tomamos as águas em um jardim admirável. Riachos e cascatas correm por todo lado, trazidos e reenviados por canais muito bem organizados.

Como sabem que gosto da boa mecânica, mostraram-me o tanque onde todas as águas das fontes são recolhidas. Basta girar uma pequena estátua de mármore noventa graus à esquerda e tudo vai embora, em linha reta, até o Sena, por um aqueduto que se abre na parede…

Patrice fechou o livro. Dom Luís explicou:

— As coisas mudaram desde então, certamente por causa de Essarès bei. A água escapa de outra maneira, e o aqueduto servia para escorrer o ouro. Ademais, o leito do rio foi estreitado. Construíram-se os cais sob os quais passa a canalização. Como vê, capitão, era fácil encontrar tudo isso, já que o livro me informava. *Doctus cum libro*[7].

— Sim, claro, mas ainda era preciso ler esse livro.

— O acaso. Eu o encontrei no quarto de Siméon e pus no bolso, curioso por saber os motivos pelos quais ele o lia.

Patrice exclamou:

— Ah! É justamente assim que ele também deve ter descoberto o segredo de Essarès bei, segredo que ele ignorava. Encontrou o livro entre os documentos de seu patrão e se informou dessa maneira. O que acha? Não? Parece que não concorda comigo? Tem outra ideia?

Dom Luís Perenna não respondeu. Olhava o rio. Ao longo dos cais, um pouco distante do canteiro, via-se uma barcaça amarrada, aparentemente sem ninguém dentro. Mas uma leve fumaça começava a subir de um cano que emergia do convés.

— Vamos ver — ele disse.

A barcaça carregava a inscrição: *La Nonchalante-Beaune*.

Precisaram passar por cima do espaço que separava o barco do cais e por meio das cordas e barricas vazias que cobriam as partes planas do convés. Uma escada os levou a um tipo de cabine que servia de cozinha e quarto. Um homem estava nela, de aspecto robusto, o peito largo, cabelos pretos e cacheados, o rosto sem barba. Vestia uma bata e uma calça de sarja, sujas e remendadas.

Dom Luís apresentou-lhe uma nota de vinte francos que o homem pegou com vivacidade.

— Uma informação, amigo. Nos últimos dias você viu uma barcaça diante do canteiro Berthou?

— Sim, uma barcaça motorizada que foi embora ontem.

— O nome da barca?

— *Belle-Hélène*. As pessoas que moravam nela, dois homens e uma mulher, eram estrangeiros que falavam… não sei que língua… inglês, creio, ou espanhol… a menos que… bem, não sei…

— Mas ninguém está trabalhando no canteiro Berthou?

— Não, o chefe foi recrutado, ao que me disseram… e depois os capatazes… ninguém escapa, não é, nem eu. Estou aguardando minha convocação… embora eu esteja com problema no coração.

— Mas, se ninguém trabalha no canteiro, o que esse barco fazia ali?

— Não sei. No entanto, trabalharam uma noite toda. Tinham postos trilhos no cais. Eu ouvia os vagonetes e estavam carregando… o quê? Não sei, e de manhã foram embora.

— Aonde iam?

— Desceram o rio para o lado de Mantes.

— Obrigado, amigo, era o que eu queria saber.

Dez minutos depois, ao chegar à casa de Essarès, Patrice e Dom Luís encontraram o motorista do carro que Siméon utilizara após seu encontro com dom Luís. Conforme a previsão de dom Luís, Siméon havia sido levado até uma estação ferroviária, a estação Saint-Lazare, onde comprou uma passagem.

— Para qual destino? — perguntou dom Luís.

O motorista respondeu:

— Para Mantes!

---

[6] Ornamento formado por linhas quebradas em ângulo reto. (N.T.)

[7] Sábio (ou culto) com o livro. Diz-se dos que ostentam ciência livresca por serem incapazes de raciocinar. (N.T.)

A “Belle-Hélène”

— Não tem como errar — disse Patrice. — O aviso que foi dado ao senhor Desmalions, de que a remessa do ouro estava sendo feita… a rapidez com a qual o trabalho foi executado, de noite, sem preparativos e pelas próprias pessoas do barco… a nacionalidade estrangeira dessas pessoas… a direção que tomaram… tudo se encaixa. Provavelmente deve haver, entre o porão em que era jogado e o cubículo aonde chegava, um esconderijo intermediário onde o ouro permanecia, a menos que os mil e oitocentos sacos tenham esperado a remessa, pendurados um atrás do outro ao longo da canalização?

— Mas isso não importa. O essencial é saber que a *Belle-Hélène,* aninhada em algum canto do subúrbio, esperava o momento oportuno. Antes, por prudência, Essarès bei lhe lançava um sinal mediante essa chuva de faíscas que observei. Dessa vez o velho Siméon, que continua a obra de Essarès, certamente por vontade própria, avisou a tripulação, e os sacos de ouro estão fugindo do lado de Rouen e do Havre, em que algum navio a vapor os levará… até o Oriente. Afinal, algumas dezenas de toneladas no fundo do porão do navio sob uma camada de carvão não representam nada. O que acha? É isso mesmo, não é? Para mim é uma certeza…

— E Mantes, essa cidade para a qual ele comprou uma passagem e rumo à qual a *Belle-Hélène* está navegando? Está claro? Mantes, em que Siméon vai reencontrar seu carregamento de ouro, e onde vai embarcar disfarçado de marinheiro… nunca visto ou conhecido antes… O ouro e o bandido desaparecem… O que acha? Não tem erro?

Mais uma vez, dom Luís não respondeu. Mas devia concordar com as ideias de Patrice, porque, após um instante, ele disse:

— Está bem, vou até lá e veremos…

E disse ao motorista:

— Vá até a garagem e traga o carro de oitenta cavalos. Quero estar em Mantes daqui a uma hora. Quanto ao senhor, capitão…

— Quanto a mim, eu vou acompanhá-lo.

— E quem vai vigiar?…

— Mamãe Coralie? Que perigo está correndo? Agora ninguém pode atacá-la. O golpe de Siméon fracassou e neste momento ele só pensa na própria segurança… e nos seus sacos de ouro.

— Quer vir mesmo?

— Insisto.

— Talvez esteja errado. Mas, enfim, isso lhe diz respeito. Vamos embora… Ah! Antes, uma precaução…

Ele chamou:

— Ya-Bon!

O senegalês chegou às pressas.

Se Ya-Bon sentia por Patrice um apego baseado na lealdade, ele parecia professar em relação a dom Luís um culto religioso. O menor gesto do aventureiro o mergulhava em uma espécie de êxtase. Não parava de rir na presença do grande chefe.

— Ya-Bon, você sarou completamente? Sua ferida já se curou? Não está mais cansado? Perfeito. Nesse caso, siga-me.

Ele o levou até o cais, um pouco além do canteiro de obras Berthou.

— Esta noite, a partir das nove horas, você ficará de guarda aqui, neste banco. Traga algo para comer e beber e vigie especialmente o que acontece ali, mais abaixo. O que vai acontecer? Nada, talvez. Não importa, não saia daqui antes que eu tenha voltado… a menos… a menos que algo ocorra… e nesse caso você agirá conforme as circunstâncias.

Fez uma pausa e prosseguiu:

— Acima de tudo, Ya-Bon, desconfie de Siméon. Foi ele que o feriu. Se o avistar, pule em sua garganta e traga-o para cá… Mas não o mate, diabo! Não faça besteira, hein? Não quero que me entregue um cadáver… mas um homem vivo. Entendeu, Ya-Bon?

Patrice ficou preocupado.

— Assim, está temendo algo desse lado? Olhe, não é possível, já que Siméon foi embora…

— Capitão — disse dom Luís —, quando um bom general começa a perseguir o inimigo, isso não o impede que garanta o terreno conquistado e que deixe tropas em fortalezas. O canteiro Berthou é obviamente um ponto de encontro, o mais importante, talvez, de nosso adversário. Precisa ser vigiado.

Dom Luís tomou igualmente sérias precauções quanto a mamãe Coralie. Muito cansada, a jovem precisava de repouso e cuidados. Acomodaram-na no automóvel e, após uma corrida em direção ao centro de Paris, executada em alta velocidade para despistar qualquer tentativa de espionagem, ela foi levada ao anexo da Avenida Maillot, onde Patrice a entregou aos cuidados da supervisora e deu recomendações ao médico. Proibiu que qualquer pessoa estranha lhe fosse apresentada. Não devia responder a nenhuma carta que não estivesse assinada pelo "Capitão Patrice".

Às nove da noite o carro corria pela estrada de Saint-Germain e Mantes. Acomodado no fundo, ao lado de dom Luís, Patrice experimentava a exaltação da vitória e passava o tempo elaborando hipóteses que, aliás, tinham para ele o valor de certezas irrefutáveis. No entanto, algumas dúvidas permaneciam em sua mente, alguns pontos continuavam obscuros, sobre os quais ele gostaria de ter a opinião de Arsène Lupin.

— Para mim — dizia ele —, duas coisas seguem absolutamente incompreensíveis. Primeiramente, quem foi morto por Essarès no dia 4 de abril, às 7h19 da manhã? Ouvi gritos de agonia. Quem morreu? E o que aconteceu com o cadáver?

Dom Luís ainda não respondia, e Patrice continuava:

— O segundo ponto, ainda mais estranho, é a conduta de Siméon. Como, eis um homem que dedica sua vida a uma única meta, vingar o assassinato de seu amigo Belval e, ao mesmo tempo, garantir minha felicidade e a de Coralie. Nenhum fato desmente a coerência de sua vida. Adivinha-se nele um caráter obsessivo, maníaco até. E então, no dia em que seu inimigo Essarès bei falece, de repente ele muda radicalmente e nos persegue, Coralie e eu, até tramar e pôr em execução essa terrível maquinação que Essarès bei praticara com êxito contra nossos pais. Olhe, confesse que tudo isso é muito incrível. Será que foi a ganância pelo ouro que o fez enlouquecer, o prodigioso tesouro posto ao seu dispor desde o dia em que desvendou o segredo? Isso explicaria seus crimes? O homem

honesto tornou-se bandido para satisfazer instintos que despertaram nele de repente? O que acha?

Silêncio de dom Luís. Patrice, que esperava que todos os enigmas fossem resolvidos em um instante pelo ilustre aventureiro, sentia irritação e surpresa.

Fez uma última tentativa.

— E o triângulo de ouro? Mais um mistério? Porque, afinal, nisso tudo não há sinal de qualquer triângulo! Onde está o triângulo de ouro? Tem alguma ideia a respeito disso?

Silêncio de dom Luís. No final, o capitão não conseguiu deixar de dizer:

— Mas o que está acontecendo? O senhor não responde… parece preocupado…

— Talvez — disse dom Luís.

— Mas por qual motivo?

— Ah! Não há motivo.

— No entanto…

— Pois acho que tudo está correndo bem demais.

— O que está correndo bem demais?

— Nosso caso.

E, como Patrice ia interrogá-lo, ele falou:

— Capitão, tenho pelo senhor a mais franca simpatia e o mais vivo interesse em tudo que lhe diz respeito, mas, devo confessar, há um problema que domina todos os meus pensamentos, e uma meta para a qual a todos os meus esforços se dirigem agora. É a busca pelo ouro que nos foi roubado, e não quero que esse ouro nos escape. Tive êxito no que diz respeito ao senhor. Mas, do outro lado, ainda não. Vocês dois estão sãos e salvos e ainda não tenho os mil e oitocentos sacos, e preciso tê-los… preciso tê-los…

— Mas o senhor vai conseguir, já que sabe onde estão.

— Vou pegá-los — disse dom Luís — quando estiverem alinhados diante de meus olhos. Até lá, nada está garantido.

Em Mantes, as buscas não se alongaram. Tiveram quase imediatamente a satisfação de saber que um viajante, cuja aparência correspondia à do velho Siméon, havia se hospedado no hotel Trois-Empereurs, e que nesse exato momento ele dormia em um quarto do terceiro andar.

Dom Luís se acomodou no térreo, enquanto Patrice, que por causa de sua perna podia facilmente chamar a atenção, foi para o Grand-Hôtel.

Acordou tarde, no dia seguinte. Um telefonema de dom Luís o informou que Siméon, após passar nos correios, fora até a margem do Sena, e depois à estação, de onde trouxera uma dama, bastante elegante, cujo rosto era escondido por um véu espesso. Ambos almoçaram no quarto do terceiro andar.

Às quatro horas, novo telefonema. Dom Luís pedia ao capitão que o encontrasse sem demora em um pequeno café na saída da cidade, em frente ao rio. Lá, Patrice pôde ver Siméon, que passeava ao longo do cais.

Andava com as mãos às costas, a fisionomia de um homem que passeia à toa sem objetivo preciso.

— Cachecol, óculos, sempre a mesma aparência, sempre o mesmo aspecto — disse Patrice.

E acrescentou:

— Olhe-o bem, ele finge estar despreocupado, mas adivinha-se que seus olhos estão mirando rio acima, para a direção por onde a *Belle-Hélène* deve chegar.

— Sim, sim — murmurou dom Luís. — Olhe, aqui está a dama.

— Ah, essa? — disse Patrice. — Já a encontrei duas ou três- vezes na rua.

Um casaco de gabardina desenhava sua cintura e os ombros, que eram largos e um pouco fortes. Ao redor de seu chapéu de feltro de abas grande caía um véu. Ela entregou a Siméon o papel azul de um telegrama que ele leu imediatamente.

Então, conversaram por um momento, pareceram se orientar, passaram diante do café e pararam um pouco adiante.

Ali, Siméon escreveu algumas palavras em uma folha de papel que entregou à companheira. Ela o deixou e voltou à cidade. Siméon continuou a seguir o curso do rio.

— O senhor vai ficar aqui, capitão — disse dom Luís.

— Mas — protestou Patrice — o inimigo não parece estar de sobreaviso. Nem está olhando para trás.

— É melhor sermos prudentes, capitão. Mas que pena que não possamos saber o que Siméon escreveu naquele papel.

— E se eu alcançasse…

— Se alcançasse aquela dama? Não, não, capitão. Sem querer ofendê-lo, você não é páreo. Eu mesmo mal…

Ele se afastou.

Patrice esperou. Alguns barcos subiam e desciam o rio. Maquinalmente, olhava seus nomes. E, de repente, meia hora após o instante em que dom Luís o deixara, ele ouviu o ritmo muito nítido, a martelagem ritmada de um dos potentes motores que, há algum tempo, haviam sido adaptados em algumas barcaças.

De fato, uma barcaça desembocava na curva do rio. Quando passou diante dele, ele leu distintamente, e com forte emoção: *Belle-Hélène!*

Ela deslizava rapidamente, em um estrondo de explosões regulares. Era larga, abaulada e pesada, e andava bem mergulhada na água, embora não parecesse transportar nenhuma carga.

Patrice viu dois marinheiros sentados e que fumavam distraidamente. Amarrada à popa do barco, uma canoa era rebocada.

A barcaça se afastou e chegou à curva seguinte.

Patrice esperou uma hora a mais antes que dom Luís estivesse de volta. Imediatamente o capitão lhe perguntou:

— E aí, a *Belle-Hélène*?

— Dois quilômetros adiante. Soltaram a canoa e vieram buscar Siméon.

— Então ele foi embora com eles?

— Sim.

— Sem suspeitar de nada?

— Está me perguntando demais, capitão.

— Não importa! A vitória é nossa. Com o carro, vamos alcançá-los, ultrapassá-los e em Vernon, por exemplo, alertar as autoridades, militares e as demais, para que procedam à detenção, à apreensão…

— Não vamos avisar ninguém, capitão. Vamos executar essas pequenas operações por nós mesmos.

— Como? Mas…

Os dois homens se olharam. Patrice não conseguira esconder o pensamento que lhe vira à mente.

Dom Luís não se irritou.

— Tem medo de que eu leve os trezentos milhões? Caramba, é bem difícil esconder um pacote desse tamanho debaixo do paletó.

— Contudo — disse Patrice —, posso lhe perguntar quais são suas intenções a respeito disso?

— Pode, capitão, mas permita que eu adie minha resposta até o momento em que conseguirmos êxito. Por enquanto, precisamos ir ao encontro da barcaça.

Voltaram ao hotel Trois-Empereurs e saíram de carro em direção a Vernon. Dessa vez os dois permaneceram calados.

A estrada alcançava o rio alguns quilômetros adiante, ao pé de uma ladeira íngreme que começa em Rosny. No momento em que chegavam a Rosny, a *Belle-Hélène* já entrava na grande curva no fim da qual fica Roche-Guyon, e então o rio segue em direção à estrada principal em Bonnières. Três horas no mínimo eram necessárias para percorrer esse trajeto, ao passo que o carro, escalando a colina e cortando em linha reta, chegava a Bonnières quinze minutos depois.

Atravessaram a aldeia.

Um pouco adiante, à direita, havia um albergue. Dom Luís parou e disse ao motorista.

— Se não estivermos de volta à meia-noite, regresse a Paris. Vai me acompanhar, capitão?

Patrice o seguiu e eles chegaram, por um caminho estreito, às margens do rio, que percorreram durante quinze minutos. Finalmente dom Luís encontrou o que parecia procurar: uma canoa atracada a uma estaca, perto de uma casa cujas persianas estavam fechadas.

Dom Luís desamarrou a corrente.

Eram perto das sete da noite. A escuridão se estendia rapidamente, mas um belo luar iluminava a água.

— Primeiramente — disse dom Luís —, umas palavras de explicação. Vamos espiar a barcaça, que deve aparecer por volta das dez horas. Ela vai nos encontrar atravessados no meio do rio e, com a ajuda do luar… ou de minha tocha elétrica, daremos a ordem de parar, ordem à qual, decerto e vendo seu uniforme, vão obedecer. Então subiremos.

— E se não obedecerem?

— Nós a abordaremos. Lá há três pessoas e somos dois… portanto…

— E depois?

— Depois? Tudo nos leva a pensar que os dois tripulantes não passam de comparsas a serviço de Siméon, que ignoram seus atos e não sabem a

natureza da carga. Uma vez neutralizado Siméon, eles, bem remunerados por mim, vão levar a barcaça aonde eu quiser. Mas, e é o ponto aonde eu queria chegar, capitão, devo alertá-lo que farei dessa barcaça o que eu bem entender. Vou entregar a carga na hora que eu quiser. É meu espólio, minha presa. Ninguém tem direito sobre a carga senão eu.

O oficial se retesou:

— Mas não posso aceitar tamanho papel…

— Nesse caso, dê-me sua palavra de honra de que guardará um segredo que não lhe pertence. E então, adeus, cada um vai para o seu lado. Vou abordar sozinho essa barca e o senhor volta a cuidar de seus negócios. Note, aliás, que não exijo uma resposta imediata. Tem todo o tempo para refletir e tomar a decisão que lhe ditam seus interesses e seus bem nobres escrúpulos. Quanto a mim, desculpe-me, mas lhe confidenciei minhas pequenas fraquezas: quando as circunstâncias me dão um pouco de trégua, aproveito para dormir. *"Carpe omnium*[8]*"*, disse o poeta. Boa noite, capitão.

E, sem mais uma palavra, dom Luís se cobriu com seu casaco, pulou no barco e se deitou.

Patrice tivera que fazer um violento esforço para refrear sua fúria. A calma irônica de dom Luís, sua entonação polida, em que havia um pouco de sarcasmo, o irritavam, ainda mais porque ele sofria a influência desse homem e se reconhecia incapaz de agir sem sua ajuda. E, ademais, como esquecer que dom Luís havia salvado a vida dele e de Coralie?

Passaram-se horas. O aventureiro dormia na noite fresca. Patrice hesitava, procurando um plano de conduta que lhe permitisse atingir Siméon e se livrar desse implacável inimigo, ao mesmo tempo que impedisse dom Luís de pôr a mão no enorme tesouro. Ele se consternava por ser cúmplice. E, no entanto, quando as primeiras batidas do motor se fizeram ouvir ao longe e dom Luís despertou, Patrice estava ao seu lado, pronto para agir.

Não trocaram uma única palavra. Um sino de aldeia tocou onze horas. A *Belle-Hélène* se aproximava.

Patrice sentia sua emoção crescer. A *Belle-Hélène* significava a captura de Siméon, a recuperação dos milhões, Coralie fora de perigo, o fim do mais abominável pesadelo, a obra de Essarès definitivamente derrotada. O motor martelava, cada vez mais perto. Seu ritmo regular e potente se ampliava no Sena, que deslizava em silêncio. Dom Luís, cuidando da

direção da canoa, remava com vigor para alcançar o meio do rio.

E, de repente, viram ao longe uma massa preta que surgia na luz branca. Doze a quinze minutos ainda, e estaria ali.

— Quer que eu o ajude? — murmurou Patrice. — Parece que a corrente o está levando e que tem dificuldade para manter o barco no lugar.

— Dificuldade nenhuma — disse dom Luís, que se pôs a cantarolar.

— Mas o que…

Patrice estava surpreso. A canoa havia girado a cento e oitenta graus e voltava à margem.

— Mas o que… o que… — repetiu… O que está fazendo? Ficou de costas para eles… O quê? Decidiu renunciar?… Não entendo… ou é porque somos apenas dois? Dois contra três? E está com receio? É isso?

De um só movimento, Dom Luís pulou para a margem e estendeu a mão a Patrice.

Este o rechaçou e resmungou:

— Vai me explicar?

— Vai ser longo demais — respondeu dom Luís. — Uma única pergunta: esse livro que encontrei no quarto do velho Siméon, *As memórias de Benjamin Franklin,* o senhor já o vira em suas investigações?

— Diabo! Parece-me que temos outras coisas…

— É urgente, capitão.

— Pois bem, não, não estava lá.

— Então — disse dom Luís — é isso mesmo, fomos enganados, ou melhor, para ser mais justo, fui enganado. Vamos, capitão, e rápido.

Patrice não havia saído da canoa. Com um movimento brusco, empurrou-a para dentro do rio e agarrou o remo, resmungando.

— Caramba! Acho que está zombando de mim!

E, já a dez metros da margem, exclamou:

— Se tem medo, irei sozinho. Não preciso de ninguém!

Dom Luís lhe respondeu:

— Até mais, capitão, vou esperá-lo no albergue.

A expedição de Patrice não encontrou nenhuma dificuldade. À primeira ordem que lançou com voz imperiosa, a *Belle-Hélène* se imobilizou, de modo que a abordagem se realizou na maior tranquilidade.

Os dois marinheiros, homens já maduros, oriundos da costa basca e aos quais ele se apresentou como agente delegado pela autoridade militar, deixaram que visitasse a barcaça.

Ele não encontrou o velho Siméon, nem o menor saco de ouro. O porão estava quase vazio.

O interrogatório foi rápido.

— Aonde estão indo?

— Até Rouen. Fomos requisitados para um serviço de abastecimento.

— Mas deixaram alguém subir a caminho?

— Sim, em Mantes.

— Seu nome?

— Siméon Diodokis.

— O que aconteceu com ele?

— Pediu para descer logo depois para pegar o trem.

— O que queria?

— Pagar-nos.

— Em troca de quê?

— De um carregamento que fizemos em Paris há dois dias.

— Eram sacos?

— Sim.

— De quê?

— Não sabemos. Pagava bem. Isso bastava.

— E onde está esse carregamento?

— Nós o transferimos ontem à noite para um pequeno barco a vapor que nos acostou logo depois de Poissy.

— O nome desse barco?

— O *Chamois*. Seis tripulantes.

— E onde está?

— Mais adiante. Ia às pressas. Já deve estar além de Rouen. Siméon Diodokis deve ir ao seu encontro.

— Desde quando conhecem Siméon Diodokis?

— Era a primeira vez que o víamos. Mas sabíamos que trabalhava para o senhor Essarès.

— Ah! Vocês trabalharam para o senhor Essarès?

— Várias vezes… o mesmo trabalho e a mesma viagem.

— Ele os chamava mediante um sinal?

— Uma velha chaminé de fábrica que ele acendia.

— Eram sempre sacos?

— Sim, sacos. Não sabíamos de que se tratava. Ele pagava bem.

Patrice não fez outras perguntas. Rapidamente, desceu na canoa, voltou para a margem e encontrou dom Luís sentado diante de um reconfortante jantar.

— Rápido — disse ele. — O carregamento está a bordo de um barco a vapor, o *Chamois,* que vamos alcançar entre Rouen e o Havre.

Dom Luís se levantou e entregou ao oficial um pacote embrulhado com papel branco.

— Aqui estão dois sanduíches, capitão. A noite vai ser difícil. Lamento que não tenha dormido tão bem quanto eu. Vamos, e dessa vez vou dirigir. O motor vai roncar. Sente-se ao meu lado, capitão.

Os dois homens subiram no carro, junto ao motorista. Mas mal estavam na estrada e Patrice exclamou:

— Ah! Olhe, cuidado! Não desse lado! Estamos voltando para Mantes e Paris.

— É exatamente o que quero — disse dom Luís com uma risada.

— Hein? O quê? Para Paris?

— Obviamente.

— Ah! Não, não! Isso está ficando absurdo demais. Já que eu lhe disse que os dois marinheiros…

— Seus marinheiros? Uns farsantes.

— Afirmaram-me que o carregamento…

— O carregamento? Um lastro.

— Mas o *Chamois*…

— O *Chamois?* Um barco. Eu lhe repito que fomos enganados, capitão, completamente enganados! O velho Siméon é um homem prodigioso! É um grande adversário, o velho Siméon. Com ele não falta diversão! Preparou uma armadilha na qual caí até o pescoço. Que seja assim! Só que mesmo a melhor brincadeira tem seus limites, não é? Chega de rir!

— Contudo…

— Não está feliz, capitão? Após a *Belle-Hélène,* quer atacar o *Chamois?* Como quiser, pode descer em Mantes. Mas quero avisá-lo que Siméon está em Paris, com três ou quatro horas à nossa frente.

Patrice estremeceu. Siméon em Paris! Em Paris, onde Coralie se encontrava. Parou de protestar, e dom Luís prosseguiu:

— Ah! Miserável! E não é que soube jogar mesmo? Um golpe de mestre, *As memórias de Benjamin Franklin!*… Sabendo de minha chegada, ele disse a si mesmo: "Arsène Lupin? É um homem perigoso, capaz de resolver o caso e dar conta de mim e dos sacos de ouro. Para me livrar dele, um único jeito: fazer com que corra atrás da pista verdadeira, e com tanto ímpeto que nem vai perceber do minuto psicológico em que a verdadeira pista se tornar falsa". Hein? Não é esperto? Então o livro de Franklin foi posto como uma isca, foi a página que se abre sozinha no lugar desejado, foi minha inevitável e fácil descoberta da canalização, foi o fio de Ariadne[9] que me foi oferecido com tanta gentileza e que segui docilmente, conduzido que fui pela própria mão de Siméon, desde o porão até o canteiro Berthou.

— E, até aí, estava tudo bem. Mas a partir de então, cuidado! No canteiro Berthou não havia ninguém. Apenas, ao lado, uma barcaça, portanto uma possibilidade de obter informações e, consequentemente, a certeza de que eu ia me informar. E acabo me informando e, uma vez informado, eu me perco.

— Mas, então, aquele homem?

— Ah! Sim, um cúmplice de Siméon, que, suspeitando que ia ser seguido até a estação Saint-Lazare, me mandou assim por duas vezes na direção de Mantes. Em Mantes, a farsa continua. A *Belle-Hélène* passa, carregando Siméon e os sacos de ouro; corremos atrás da *Belle-Hélène*. Obviamente, na *Belle-Hélène*, nada, nem Siméon, nem os sacos de ouro. "Corram atrás do *Chamois*. Transferimos o carregamento para o *Chamois*."

E dom Luís concluiu:

— Corremos atrás do *Chamois,* até Rouen, até o Havre, até o fim do mundo, e claro, em vão, já que o *Chamois* não existe. Mas acreditamos firmemente que existe e que escapou às nossas investigações. Então está tudo acabado. Os milhões foram embora. Siméon desapareceu. E não nos resta nada a fazer senão nos resignarmos e abandonar nossas buscas. Você percebe, abandonarmos nossas buscas, essa é a meta desse homem. E ele teria alcançado essa meta se…

O carro andava a toda velocidade. Uma vez ou outra, com incrível destreza, dom Luís parava de repente. Um posto de controle. Apresentação de salvo-conduto. E ele voltava a pisar no acelerador e retomar a corrida

desenfreada e vertiginosa.

— Se… o quê?… — perguntou Patrice, não totalmente convencido. — Qual indício o pôs no caminho certo?

— A presença dessa mulher em Mantes. Indício vago, no começo. Mas, de repente, lembrei que na primeira barcaça, a *Nonchalante,* o indivíduo que nos deu essas informações… lembre-se… o canteiro Berthou! Pois bem, diante desse indivíduo… eu tive uma impressão estranha… inexplicável, que eu talvez estivesse diante de uma mulher disfarçada. Essa impressão surgiu de novo em mim. Fiz um paralelo com a mulher de Mantes… e então… então, de repente, tudo ficou claro…

Dom Luís refletiu e, em voz baixa, continuou:

— Mas que diabo, quem pode ser essa mulher?

Houve um silêncio, e Patrice murmurou instintivamente:

— Grégoire, certamente…

— Hein? O que disse? Grégoire?

— É no que acredito que esse Grégoire é uma mulher.

— Olha só, o que está me contando?

— É óbvio… Lembre… foi o que os cúmplices me revelaram no dia em que mandei detê-los, no terraço do café.

— Como! Mas não há uma única palavra sobre isso em seu diário!

— Ah!… de fato… eu me esqueci desse detalhe.

— Um detalhe! Chama isso de detalhe. Mas é da maior importância, capitão! Se eu tivesse sabido, eu poderia ter adivinhado que esse barqueiro não era ninguém mais que Grégoire, e não íamos perder uma noite inteira. Credo, o senhor tem cada uma, capitão!

Mas isso não podia alterar o bom humor de dom Luís. Agora, enquanto Patrice, atormentado por pressentimentos, se tornava cada vez mais taciturno, ele se punha a cantar vitória.

— Já não era sem tempo! A batalha está ficando séria! E também tudo estava muito fácil, e é por isso que eu estava me sentido desmotivado, eu, Lupin! E quem disse que as coisas funcionam assim na realidade? Será que tudo se encadeia com essa precisão? Franklin, o canal de ouro, o esquema ininterrompido, as pistas que se revelam por si só, o encontro em Mantes, a *Belle-Hélène,* não, tudo isso me incomodava. Era fácil demais para ser verdade! E então, essa fuga do ouro em uma barcaça!… Em tempo de paz, até que tudo bem, mas durante a guerra, em pleno regime de salvo-

condutos, de barcos de patrulha, de busca e apreensão… Como um homem como Siméon se arrisca a fazer uma viagem dessas? Não, eu estava desconfiado, e foi por isso, capitão, que, por mero acaso, pus Ya-Bon de vigia diante do canteiro Berthou. Uma ideia como qualquer outra…

Lupin seguiu seu raciocínio:

— Bem que esse canteiro estava no centro da aventura! Hein? Não tive razão? E o senhor Lupin perdeu seu faro? Capitão, eu lhe confirmo que vou embora amanhã à noite. Aliás, devo ir, como eu lhe disse: vencedor ou derrotado, tenho que ir embora… mas vamos vencer… tudo vai se esclarecer… Chega de mistério… nem o do triângulo de ouro… Ah! Não pretendo lhe trazer um belo triângulo do metal precioso. Não, não deve se deixar iludir por essas palavras. Talvez seja uma disposição geométrica dos sacos de ouro, um amontoamento em forma de triângulo… ou então o buraco na terra que foi cavado dessa maneira. Não importa, será nosso! E os sacos de ouro também serão nossos! E Patrice e Coralie se apresentarão perante o juiz de paz e receberão minha bênção, e terão muitos filhos!

Estavam chegando às portas de Paris. Patrice, cada vez mais preocupado, perguntou:

— Assim, acredita que não haja mais nada a temer?

— Ah, ah!, eu não disse isso, o drama não acabou. Após a grande cena do terceiro ato, que vamos chamar de cena do monóxido de carbono, com certeza haverá um quarto ato, e talvez um quinto. O inimigo ainda não entregou suas armas, diabo!

Estavam seguindo os cais.

— Vamos descer aqui — disse dom Luís.

Ele deu um apito e repetiu o sinal por três vezes.

— Sem resposta — murmurou. — Ya-Bon não está mais ali. A luta já começou, estou certo disso.

— Mas e Coralie?

— Não tema por ela. Siméon não sabe onde está.

No canteiro Berthou não havia ninguém. No cais, mais abaixo, ninguém também. Mas, com a ajuda do luar, era possível ver a outra barcaça, a *Nonchalante*.

— Vamos lá — disse dom Luís. — Será que essa barcaça é a moradia habitual dessa tal de Grégoire? Será que já voltou a ela, pensando que estamos a caminho do Havre? É o que espero. Em todo caso, Ya-Bon

certamente deve ter passado por aí e deixado algum sinal. Você me acompanha, capitão?

— Claro. Só acho estranho o quanto sinto medo!

— Do quê? — disse dom Luís, que era suficientemente corajoso para entender essa impressão.

— Do que vamos encontrar…

— Bem, talvez nada.

Cada um ligou sua lanterna elétrica e apalpou a coronha do revólver.

Passaram pela prancha que ligava o barco à margem. Alguns degraus. A cabine.

A porta estava trancada.

— Olá, amigo, seria bom você abrir.

Sem resposta. Tiveram que derrubar a porta, o que não foi fácil porque era maciça e não tinha nada em comum com uma porta habitual de cabine.

Finalmente ela cedeu.

— Caramba — disse dom Luís, o primeiro a entrar —, eu não esperava por isso!

— O quê?

— Veja por si… essa mulher, a quem chamávamos Grégoire… parece morta…

Estava deitada em uma pequena cama de ferro, sua bata masculina aberta, o peito descoberto. O rosto mantinha uma expressão de medo extremo. A desordem da cabine indicava que a luta havia sido furiosa.

— Eu não estava enganado. Ao lado dela estão as roupas que ela usava em Mantes. Mas o que há, capitão?

Patrice havia abafado um grito.

— Ali… à nossa frente… abaixo da janela…

Era uma janelinha que dava para o rio. O vidro estava quebrado.

— Bem — disse dom Luís. — O quê? Sim, de fato, alguém deve ter sido jogado por aí…

— Esse véu azul… Esse véu azul… — gaguejou Patrice — é seu véu de enfermeira… o véu de Coralie…

Dom Luís se irritou:

— Impossível! Olhe, ninguém conhecia seu endereço.

— No entanto…

— No entanto, o quê? O senhor lhe escreveu? Telegrafou para ela?

— Sim… Eu lhe telegrafei… de Mantes…

— O que disse? Mas então… Olhe, olhe… é uma loucura… O senhor fez isso?

— Sim.

— Telegrafou dos correios de Mantes?

— Sim.

— E havia alguém mais nessa agência dos correios?

— Sim, uma mulher.

— Quem? A que está aqui, assassinada?

— Sim.

— Mas ela leu o que escreveu?

— Não, mas eu tive que refazer minha mensagem duas vezes.

— E o rascunho, o senhor o jogou ao acaso, no chão… de modo que o primeiro que chegasse… Ah! realmente, há de confessar, capitão…

Patrice já estava longe. Corria a toda pressa em direção ao carro.

Meia hora depois, voltava com dois telegramas na mão, os dois encontrados na mesa de Coralie.

O primeiro, enviado por ele, continha as seguintes palavras:

Está tudo bem… Fique tranquila e não saia. Carinhosamente, capitão Patrice.

O segundo, obviamente enviado por Siméon, estava assim redigido:

Graves acontecimentos. Projetos modificados. Estamos voltando. Espero por você às nove horas na portinha de seu jardim. Capitão Patrice.

Coralie havia recebido esse segundo telegrama às oito horas. Logo depois, tinha saído.

---

[8] "Aproveite tudo", em latim. (N.T.)

[9] Conta a lenda da mitologia grega que Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, ajudou seu grande amor, Teseu, a sair do labirinto do Minotauro seguindo um novelo de lã, o "fio de Ariadne". Teseu entrou no labirinto e venceu o monstro, que era metade homem, metade touro. (N.T.)

O quarto ato

— Capitão — notou dom Luís —, o senhor já cometeu dois belos deslizes. O primeiro foi por não ter me avisado que Grégoire era uma mulher. O segundo…

Mas dom Luís viu o oficial em tamanho estado de abatimento que interrompeu sua acusação. Pôs a mão sobre o ombro de Patrice e disse:

— Vamos, capitão, não se abale. A situação não é tão ruim quanto pensa.

Patrice murmurou:

— Para escapar desse homem, Coralie se jogou por essa janela.

Dom Luís deu de ombros.

— Mamãe Coralie está viva… nas mãos de Siméon, mas viva.

— Eh, e como sabe? Ademais, estar nas mãos desse monstro não é a morte, a morte em todo o seu horror?

— É uma ameaça de morte. Mas é a vida, se chegarmos a tempo. E vamos chegar.

— O senhor tem uma pista?

— Acha que estou de braços cruzados? E que meia hora não tenha sido suficiente para um velho aventureiro como eu decifrar os enigmas que se encontram nessa cabine?

— Então vamos embora — exclamou Patrice, já pronto para a luta. — Vamos atrás do inimigo.

— Ainda não — disse dom Luís, que ainda procurava ao redor. — Escute-me. Eis o que sei, capitão, e eu vou lhe dizer sem rodeios, sem tentar deslumbrá-lo com minhas deduções, sem mesmo lhe contar todas as coisinhas que me serviram de prova. A realidade nua, nada mais.

Portanto…

— Portanto?

— Às nove horas mamãe Coralie veio ao encontro. Siméon já estava lá com sua cúmplice. Ambos a amarraram e amordaçaram e a trouxeram até aqui. Note que, para eles, o esconderijo era seguro, já que, com toda certeza, ainda não havíamos descoberto a armadilha. No entanto, devemos presumir que se tratava de um esconderijo provisório, escolhido para uma parte da noite, e que Siméon contava deixar mamãe Coralie nas mãos de sua cúmplice e ir em busca de um refúgio definitivo, de uma prisão. Mas, felizmente, e disso tiro certo orgulho, Ya-Bon estava ali. Ya-Bon, perdido na escuridão, vigiava tudo de seu posto. Deve ter visto essas pessoas que atravessavam o cais e, certamente, ter reconhecido de longe a silhueta de Siméon.

— Imediatamente Ya-Bon os perseguiu, pulou no convés da barcaça e chegou aqui ao mesmo tempo que os dois agressores, e antes que eles pudessem se trancar. Quatro pessoas nesse cômodo exíguo, em plena escuridão, deve ter sido um tumulto geral. Conheço Ya-Bon nessas situações. É terrível. Infelizmente, não foi Siméon que ele apanhou com sua mão implacável… foi essa mulher. Siméon se aproveitou disso. Não havia soltado Coralie. Pegou-a em seus braços, subiu até o convés, jogou-a no alto dos degraus e voltou para trancar a porta da cabine, deixando nela os dois combatentes.

— O senhor acredita?… Acredita que tenha sido Ya-Bon, e não Siméon, que matou essa mulher?

— Com certeza. Se não houvesse outras provas, ao menos existe essa, essa fratura da laringe, que é a marca típica de Ya-Bon. O que não entendo é o motivo pelo qual Ya-Bon, uma vez seu adversário dominado, não derrubou a porta com um tranco de ombro para correr atrás de Siméon. Suponho que foi ferido e, por isso, não pôde fazer o esforço necessário. Também suponho que a mulher não morreu imediatamente, e que deve ter falado, e falado contra Siméon, que a abandonou em vez de defendê-la. De qualquer modo, Ya-Bon quebrou as vidraças…

— Para se jogar no Sena, ferido, com um único braço? — objetou Patrice.

— Em absoluto. Há um parapeito ao longo dessa janela. Ele pode ter-se equilibrado nele e ido embora por aí.

— Tudo bem, mas tinha dez a vinte minutos de atraso em relação a Siméon.

— Tanto faz, se antes de morrer essa mulher teve tempo de lhe dizer onde Siméon se escondia.

— E como vamos saber?

— É o que estou procurando enquanto conversamos, capitão… e é o que acabo de descobrir.

— Aqui?

— Agora mesmo, e não esperava menos de Ya-Bon. Essa mulher lhe indicou um lugar da cabine… olhe, certamente essa gaveta que ficou aberta, e onde estava um cartão de visita com endereço. Ya-Bon pegou esse cartão e, para me avisar, o prendeu nessa cortina. Eu o vi antes, mas foi somente no instante em que notei o alfinete que o segurava. Um alfinete de ouro com o qual eu mesmo pendurei no peito de Ya-Bon a cruz de Marrocos.

— E esse endereço?

— Amédée Vacherot, Rua Guimard, 18. A Rua Guimard fica bem perto daqui, o que confirma a informação.

Foram embora imediatamente, deixando o cadáver da mulher. Como disse dom Luís, a polícia ia cuidar disso.

Ao atravessar o canteiro Berthou, deram uma olhada no cubículo, e dom Luís comentou:

— Falta uma escada. Vamos nos lembrar desse detalhe. Siméon deve ter passado por aqui, e Siméon também começa a cometer deslizes.

O carro os levou à Rua Guimard, uma ruazinha de Passy cujo número 18 corresponde a um amplo prédio de moradia, de construção já antiga. Já eram duas da manhã quando tocaram a campainha da porta principal.

Demoraram para abrir e, quando eles entraram pelo pórtico de entrada, o zelador passou a cabeça para fora da portaria.

— Quem está aqui?

— Precisamos muito ver o senhor Amédée Vacherot.

— Sou eu.

— É o senhor?

— Sim, eu, o zelador. Mas com que direito?

— Ordem da polícia — disse dom Luís, exibindo uma medalha qualquer.

Entraram na portaria.

Amédée Vacherot era um velhinho, com rosto honesto, suíças brancas, e aparência de sacristão.

— Responda claramente — ordenou dom Luís em voz rude — e sem rodeios, está bem? Procuramos o senhor Siméon Diodokis.

O zelador se assustou.

— Para lhe causar algum mal? Se for para prejudicá-lo, é inútil querer me interrogar. Prefiro morrer aos poucos do que prejudicar esse bom senhor Siméon.

O tom de voz de dom Luís se suavizou.

— Causar-lhe algum mal? Ao contrário, estamos procurando-o para lhe fazer um favor, protegê-lo contra um grande perigo.

— Um grande perigo — exclamou Vacherot. — Ah! Isso não me surpreende. Eu nunca o vi tão agitado.

— Então ele veio?

— Sim, logo depois da meia-noite.

— Está aqui?

— Não, já foi embora.

Patrice teve um gesto de desespero e perguntou:

— Talvez tenha deixado alguém?

— Não, mas queria trazer alguém.

— Uma dama?

O senhor Vacherot hesitou.

— Sabemos — interveio dom Luís — que Siméon Diodokis tenta proteger uma dama pela qual tem a mais profunda veneração.

— Mas pode me dizer o nome dessa senhora? — questionou o zelador, ainda desconfiado.

— Certamente. É a senhora Essarès, a viúva do banqueiro na casa de quem Siméon exercia a função de secretário. A senhora Essarès está sendo perseguida, ele a defende contra seus inimigos, e como nós queremos socorrer ambos, e nos encarregarmos desse caso criminal, insistimos para que o senhor…

— Pois bem, é o seguinte — disse Vacherot, totalmente tranquilizado. — Conheço Siméon Diodokis há muitos anos, prestou-me serviço na época em que eu trabalhava como marceneiro, emprestou-me algum dinheiro, conseguiu esta vaga para mim e com muita frequência vinha conversar aqui

na portaria, falar sobre muitas coisas…

— Sobre suas histórias com Essarès bei? Sobre seus projetos em relação a Patrice Belval? — perguntou dom Luís casualmente.

O zelador hesitou mais uma vez e disse:

— Sobre muitas coisas. É um excelente homem, o senhor Siméon, que faz o bem e que recorria a mim para suas boas obras no bairro. E, ainda há pouco ainda, arriscava a própria vida pela senhora Essarès.

— Mais uma palavra. O senhor o viu desde que Essarès bei morreu?

— Não. Foi a primeira vez. Chegou por volta de uma hora. Falava em voz baixa, ofegante, e prestava atenção nos ruídos da rua. "Fui seguido", ele me disse… "Fui seguido… posso jurar…" "Mas por quem?", perguntei. "Você não o conhece… Só tem uma mão, mas que torce o pescoço…", e então ele se calou. Mas voltou a falar em voz bem baixa… eu mal conseguia ouvir: "É o seguinte, você vai comigo. Vamos buscar uma senhora, a senhora Essarès… querem matá-la… eu a escondi bem, mas ela desmaiou… vai ter que carregá-la… Mas, não, afinal, vou sozinho; vou dar um jeito… Mas eu queria saber… meu quarto ainda está livre?". Devo lhes dizer que ele tem um pequeno alojamento aqui, desde o dia em que também teve que se esconder. Voltava aqui de vez em quando e o mantinha, porque é um quarto isolado, afastado dos outros inquilinos.

— E depois? — disse Patrice, ansioso.

— Depois? Mas ele foi embora.

— Mas então, por que ainda não voltou?

— Confesso que é preocupante. Talvez esse homem que o seguia o tenha atacado? Ou então talvez seja a dama… a dama que sofreu alguma desgraça?

— O que disse? Por que teria sofrido alguma desgraça?

— Temo que sim. À primeira vista, quando me indicou de que lado íamos buscá-la, ele me disse: "Depressa. Para salvá-la, tive de escondê-la em um buraco… duas a três horas, tudo bem. Além disso, ela vai sufocar… por falta de ar…".

Patrice havia agarrado o velho homem. Estava fora de si. Enlouquecia diante da ideia que Coralie, já doente e exausta, pudesse agonizar em algum lugar, assolada de medo e martírio.

— Você vai falar! — gritava ele —, e agora. Vai nos dizer onde ela está! Ah! Pensa que pode zombar de nós dessa maneira! Onde ela está? Ele lhe

contou… você sabe…

Sacudia o senhor Vacherot pelos ombros e lhe lançava sua cólera com incrível violência.

Dom Luís deu uma risada:

— Muito bem, capitão! Está de parabéns! Minha colaboração o ajudou a fazer verdadeiros progressos. Agora o senhor Vacherot vai colaborar conosco.

— Ah! Muito bem — exclamou Patrice —, você vai ver se não consigo soltar a língua desse homem!

— Inútil, senhor — declarou o zelador com muita firmeza e grande calma. — Estão enganados, senhores; são inimigos do senhor Siméon. Não vou falar uma única palavra sequer que possa informá-los.

— Você não vai falar? Não vai falar?

Exasperado, Patrice apontou o revólver para o zelador.

— Vou contar até três. Se até lá você não se decidir a falar, eu, capitão Belval, vou lhe dar uma lição que nunca esquecerá.

O zelador estremeceu. Pela expressão de seu rosto, era possível ver que algo novo acabara de se produzir e que modificava completamente a situação atual.

— O capitão Belval! O que disse? O senhor é o capitão Belval?

— Ah, homem, parece que isso o fez refletir!

— É o capitão Belval? Patrice Belval?

— Ao seu dispor se, daqui a dois segundos, você não tiver explicado…

— Patrice Belval! É Patrice Belval e pretende ser o inimigo de Siméon? Olhe, olhe, não é possível. Como! O senhor quer…

— Matá-lo feito cachorro, como o cachorro que ele é… sim, esse bandido de Siméon, e você também, seu cúmplice… Ah! que bandidos! Ah! Mas vai se decidir a falar?

— Seu infeliz! — balbuciou o zelador… — Infeliz! Não sabe o que faz… Matar o senhor Siméon! O senhor! O senhor! Mas é o último homem que poderia cometer tamanho crime!

— E daí? Fale então, seu velho estúpido!

— O senhor, matar o senhor Siméon, o senhor, Patrice! O senhor, o capitão Belval!

— E por que não?

— Existem coisas…

— Que coisas?…

— É que…

— Ah, diabo! Mas será que vai falar, seu velho tolo? Do que se trata?

— O senhor, Patrice, matar o senhor Siméon!

— E por que não! Fala, em nome de Deus! Por que não?

O zelador ficou mudou por alguns instantes, então murmurou:

— Você é filho dele.

Toda a fúria, toda a angústia de Patrice ao pensar que Coralie estava em poder de Siméon ou então jazia no fundo de algum buraco, toda a sua dolorosa impaciência, todos os seus temores, de repente deram lugar a uma formidável alegria que se expressou em longas risadas.

— O filho de Siméon! O que está contando! Ah! Essa piada é bem boa! É verdade, você inventa cada uma para tentar salvá-lo, velho bandido! Caramba, assim é fácil. "Não mate esse homem, é seu pai!" Meu pai, o imundo Siméon! Siméon Diodokis, pai do capitão Belval! Não, é de rolar no chão de rir.

Dom Luís havia escutado em silêncio. Fez um sinal a Patrice e disse:

— Capitão, quer que eu resolva esse assunto? Poucos minutos serão suficientes, e não vamos nos atrasar. Ao contrário.

E, sem esperar a resposta do oficial, debruçou-se sobre o zelador, a quem pediu lentamente:

— Vamos esclarecer as coisas, senhor Vacherot. É do interesse de todos. Trata-se somente de ser claro e não se perder em frases supérfluas. Aliás, você já falou demais para não ir até o fim de sua revelação. Siméon Diodokis não é o verdadeiro nome de seu benfeitor, não é?

— De fato.

— Ele se chama Armand Belval e aquela que o amava chamava-o de Patrice Belval.

— Sim, assim como seu filho.

— No entanto, esse Armand Belval foi vítima do mesmo assassinato que a mulher a quem ele amava, que é a mãe de Coralie Essarès?

— Sim, mas a mãe de Coralie Essarès morreu. Ele não morreu.

— Foi no dia 14 de abril de 1895.

— Isso mesmo.

Patrice agarrou Dom Luís pelo braço.

— Venha — balbuciou. — Coralie está agonizando. O monstro a soterrou. É só isso que importa.

Dom Luís respondeu:

— Esse monstro, o senhor não acredita que seja seu pai?

— Está louco?

— Contudo, capitão, está tremendo…

— Pode ser… pode ser… mas, por causa de Coralie!… Não ouço o que esse homem está dizendo! Ah! Suas palavras são como um pesadelo! Que se cale! Que se cale! Eu deveria tê-lo estrangulado!

Desabou em uma cadeira, os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça entre as mãos. De fato, o momento era aterrador, e nenhuma catástrofe poderia ter abalado um homem mais profundamente que essa.

Dom Luís o olhou com emoção e então, dirigindo-se para o zelador, disse, de maneira incisiva:

— Explique-se, senhor Vacherot. Em poucas palavras, certo? Sem detalhes. Mais tarde veremos. Portanto, em 14 de abril de 1895…

— Em 14 de abril de 1895, um escrivão de tabelião, acompanhado pelo delegado de polícia, veio encomendar ao meu patrão, bem perto daqui, dois caixões para serem entregues assim que prontos. A oficina toda se pôs à obra. Às dez da noite o patrão, um de meus camaradas e eu chegávamos à Rua Raynouard, em uma casa…

— Eu a conheço. Prossiga.

— Lá estavam dois corpos. Envolvemos ambos com sudário e os colocamos nos caixões. Então, às onze horas, meu patrão e meu camarada me deixaram sozinho com a religiosa. Só restava pregá-los. Ora, naquele momento a religiosa, que estava vigiando e rezando, adormeceu, e aconteceu essa coisa… Ah! Algo que deixou meus cabelos em pé e que nunca vou esquecer, senhor… eu mal me segurava de pé… eu tremia de medo… Senhor, *o corpo do homem havia se mexido… o homem vivia.*

Dom Luís perguntou:

— Então você não sabia nada a respeito do crime? Ignorava tudo sobre o atentado?

— Sim, disseram-nos que ambos haviam se asfixiado com gás. Aliás, esse homem precisou de várias horas para recuperar a consciência. Estava como que envenenado.

— Mas por que não avisou a religiosa?

— Não sei dizer. Estava atordoado. Eu olhava o morto que voltava à vida, que se animava aos poucos, e que acabou por abrir os olhos. Sua primeira palavra foi: "Ela morreu, não é?". E imediatamente ele me disse: "Não diga nada. Silêncio a respeito disso. Vão acreditar que morri, e é melhor assim". E, não sei por quê, aceitei. Esse milagre tirava de mim qualquer vontade própria… Eu obedecia como uma criança…

Vacherot continuou seu relato:

— Ele acabou se levantando. Debruçou-se sobre o outro caixão, abriu o sudário e beijou várias vezes o rosto da morta, murmurando: "Vou vingá-la. Minha vida toda será dedicada a vingá-la, e também, como o queria, a unir nossos filhos. Se não me mato, é por eles, por Patrice e Coralie. Adeus". Depois, ele me disse: "Ajude-me". Então, tiramos a morta do caixão e a transportamos até um pequeno cômodo ao lado. Depois, fomos ao jardim, pegamos pedras grandes e as pusemos no lugar dos dois corpos. Uma vez isso feito, preguei os dois caixões e saí, após ter despertado a freira. Ele havia se trancado no cômodo com a morta. De manhã, os homens da funerária vinham buscar os dois caixões.

Patrice havia desapertado os punhos, e seu olhar convulsionado intercalava-se entre o de dom Luís e o do zelador. Com os olhos apreensivos fixados no homem, ele balbuciou:

— Mas e os túmulos…? Essa inscrição que diz que ambos os mortos descansam lá, perto da casa em que ocorreu o assassinato?… Esse cemitério?

— Armand Belval quis que fosse assim. Naquela época eu morava em uma água-furtada desse prédio onde estamos. Aluguei para ele um apartamento em que ele veio morar furtivamente sob o nome de Siméon Diodokis, já que Armand Belval estava legalmente morto, e onde ele permaneceu vários meses sem sair. Então, sob seu novo nome, e por meu intermediário, ele comprou de volta sua casa. E, aos poucos, juntos, cavamos os túmulos, o de Coralie e o seu. O seu, sim, já que, repito, ele quis que fosse assim. Desse modo, ele tinha a impressão de não a deixar. E talvez também, devo confessar, o desespero o tenha desequilibrado um pouco… ah, bem pouco… somente no que dizia respeito à lembrança e à devoção àquela que morrera em 14 de abril de 1895. Ele escrevia o nome dela e o seu em todo lugar, no túmulo e também nas paredes, nas árvores e até nos canteiros de flores. Era o seu nome e o de Coralie Essarès. Mas para

aquilo, para o que dizia respeito à sua vingança contra o assassino, e o que tratava de seu filho e da filha da morta… ah, para tudo isso, senhor, ele estava com as ideias bem claras.

Patrice estendeu os punhos crispados e o rosto aturdido na direção do zelador.

— Provas — articulou, em voz abafada. — Dê-me provas, imediatamente. Agora mesmo alguém está morrendo pela vontade criminosa desse bandido… há uma mulher agonizando. Quero provas!

— Não tenha medo — disse o senhor Vacherot. — Meu amigo não tem outra ideia senão salvar essa mulher, jamais matá-la…

— Ele atraiu, a ela e a mim, àquela casa para nos matar, do mesmo jeito que nossos pais foram mortos…

— Ele só procura uni-los.

— Sim, na morte.

— Na vida. É seu filho, que ele tanto ama. Ele me falava do senhor com orgulho.

— É um bandido! Um monstro! — rebateu o oficial.

— É o homem mais honesto do mundo, senhor, e seu pai.

Patrice se sobressaltou, abalado pela terrível afronta.

— Provas, quero provas! — gritou. — Eu o proíbo de dizer uma palavra a mais até ter provado a verdade da maneira mais irrefutável.

O homem não se moveu de seu assento. Apenas estendeu o braço para uma velha escrivaninha de mogno de que baixou a tampa e abriu uma das gavetas ao apertar uma mola. Então, entregou a Patrice um maço de documentos.

— O senhor conhece a letra de seu pai, capitão, não é? Deve ter conservado cartas que ele lhe mandou, do tempo em que estava na Inglaterra, em uma escola. Pois bem, leia as cartas que ele me escrevia. Vai ver seu nome mencionado cem vezes, o nome do filho dele, e o nome dessa Coralie que ele lhe destinava. Toda a sua existência, seus estudos, suas viagens, seus trabalhos, tudo está aqui. E encontrará também fotografias suas, que ele mandava correspondentes tirarem, e fotografias de Coralie, que ele havia encontrado em Salônica. E, acima de tudo, verá o ódio que sentia contra Essarès bei, de quem se tornara secretário, e seus projetos de vingança, sua tenacidade, sua paciência. Também verá seu desespero quando soube do casamento de Essarès e Coralie e, logo depois, sua alegria

ao pensar que sua vingança seria ainda mais cruel uma vez que conseguisse unir seu filho Patrice à própria mulher de Essarès.

Aos poucos o homem punha as cartas diante dos olhos de Patrice, que, à primeira vista, havia reconhecido a letra de seu pai e lia fervorosamente pedaços de frases em que seu nome se repetia o tempo todo.

O senhor Vacherot o observava e finalmente lhe disse:

— Não está mais duvidando?

O oficial voltou a apertar os punhos fortemente contra as têmporas. Falou de modo lento:

— Vi o rosto dele, no alto da claraboia, na casa em que nos trancou… Ele nos via morrer… um rosto transtornado pelo ódio… odiava-nos muito mais do que a Essarès.

— Erro! Alucinação! — protestou o zelador.

— Ou loucura — murmurou Patrice.

O capitão bateu violentamente na mesa, em um acesso de revolta.

— Não é verdade! Não é verdade! — exclamou. — Esse homem não é meu pai. Não! Tamanho criminoso…

Deu uns passos em círculo dentro da portaria e então parou diante de dom Luís e disse, em tom trêmula:

— Vamos embora. Eu também vou acabar enlouquecendo. Um pesadelo… não há outra palavra… um pesadelo em que as coisas giram ao contrário e o cérebro naufraga. Vamos embora… Coralie está correndo perigo… só isso importa…

O zelador meneou a cabeça.

— Receio que…

— O que receia?

— Receio que meu pobre amigo tenha sido alcançado pelo indivíduo que o seguia… porque, então, como poderia ter salvado a senhora Essarès? Segundo ele me disse, a pobre mulher mal conseguia respirar.

— Ela mal conseguia respirar… — repetiu Patrice com voz abafada. — Assim, Coralie está agonizando… Coralie…

Saiu da portaria como um homem embriagado, segurando-se em dom Luís:

— Está perdida, não é? — disse ele.

— Em absoluto — respondeu dom Luís. — Assim como você, Siméon está tomado pela febre da ação. Vê aproximar-se o desfecho. Treme de

medo e não mediu suas palavras. Acredite em mim, mamãe Coralie não está correndo um perigo imediato. Ainda temos algumas horas.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Mas Ya-Bon…

— O quê?

— Se Ya-Bon conseguiu pegá-lo.

— Dei a Ya-Bon a ordem de não o matar. Portanto, não importa o que acontecer, Siméon está vivo. É o essencial, Siméon vivo, não há nada a temer. Não vai deixar mamãe Coralie morrer.

— Por quê, já que a odeia? Por quê? O que há no fundo desse homem? Dedica a existência inteira a uma obra de amor para conosco, e em um minuto esse amor se transforma em execração.

De repente, pressionou o braço de dom Luís e balbuciou, a voz fraca:

— Acredita que seja meu pai?

— Ouça… não podemos negar que certas coincidências…

— Eu lhe peço — interrompeu o oficial… sem rodeios… uma resposta clara. Sua opinião em duas palavras.

Dom Luís respondeu:

— Siméon Diodokis é seu pai, capitão.

— Ah! Cale-se, cale-se! É horrível. Meu Deus, que trevas!

— Ao contrário — disse dom Luís —, as trevas se dissipam um pouco, e devo confessar que nossa conversa com o senhor Vacherot trouxe-me alguma luz.

— É possível?

Mas, na mente confusa de Patrice, as ideias se embaralhavam umas contra as outras.

De repente, ele parou.

— Siméon talvez volte à portaria? E não estaremos mais lá! Ele talvez traga Coralie?

— Não — afirmou dom Luís —, já o teria feito, se pudesse. Não, somos nós que devemos ir ao seu encontro.

— Mas por onde?

— Ah! Meu Deus! Do lado onde toda a batalha aconteceu… *Do lado do ouro.* Todas as operações do inimigo giram em torno desse ouro, e tenha certeza de que, mesmo que esteja recuando, ele não pode se afastar muito

do ouro. Aliás, sabemos que não está bem longe do canteiro Berthou.

Sem uma palavra a mais, Patrice se deixou levar. Mas, bruscamente, dom Luís exclamou:

— Ouviu?

— Sim, uma detonação.

Naquele momento, encontravam-se prestes a desembocar na Rua Raynouard. A altura das casas impedia que discernissem o lugar exato onde o tiro havia sido disparado, mas vinha aproximadamente da casa de Essarès ou de seus arredores. Patrice ficou inquieto:

— E se foi Ya-Bon?

— Receio — respondeu dom Luís —, já que Ya-Bon não atira, que foi contra ele que atiraram… Ah, diabo, se meu pobre Ya-Bon morrer…

— E se foi contra ela, contra Coralie? — murmurou Patrice.

Dom Luís se pôs a rir:

— Ah! Capitão, estou quase lamentando por ter-me envolvido nessa história. Antes de minha chegada, o senhor era bem mais forte… e até perspicaz. Por que diabos Siméon atacaria mamãe Coralie se ela já está em seu poder?

Apressaram-se. Ao passar diante da casa de Essarès, viram que tudo estava tranquilo e seguiram adiante até a ruela, que desceram.

Patrice tinha a chave, mas a pequena porta que abria para o jardim estava trancada por dentro.

— Ah! — exclamou dom Luís. — É um sinal de que estamos perto. Vá até o cais, capitão. Eu vou correr ao canteiro Berthou, para me assegurar.

Um dia pálido começava a se infiltrar nas sombras da noite.

No entanto, o cais ainda estava deserto.

Dom Luís não notou nada de especial no canteiro Berthou, mas, quando se juntou a Patrice, este lhe mostrou, na calçada que ladeava a parte baixa do jardim da casa, uma escada, e dom Luís reconheceu a escada cuja ausência ele havia notado no cubículo do canteiro. Logo, com essa acuidade de visão que era um de seus trunfos, ele explicou:

— Já que Siméon tem a chave do jardim, evidentemente foi Ya-Bon quem se serviu dessa escada para entrar. Portanto, ele viu que Siméon procurava aqui um refúgio ao voltar de sua visita ao senhor Vacherot, depois que tivesse ido buscar mamãe Coralie. Mas será que Siméon conseguiu recuperar mamãe Coralie ou teve de fugir de novo antes? Não

sei, mas de qualquer modo…

Recurvado, ele olhava a calçada e continuou:

— Mas, de qualquer modo, o que é certo é que Ya-Bon conhece o esconderijo onde os sacos de ouro se encontram, e que provavelmente deve ser o lugar onde Coralie estava e onde, infelizmente, ela ainda pode estar, se o inimigo, pensando antes de tudo na própria segurança, não teve tempo de tirá-la de lá.

— Tem certeza?

— Capitão, Ya-Bon sempre carrega consigo um pedaço de giz. Como não sabe escrever, exceto as letras do meu nome, traçou essas duas linhas retas que, com a linha do muro, destacada por ele, aliás, formam um triângulo. O triângulo de ouro.

Dom Luís se levantou.

— A indicação é um tanto sucinta. Mas Ya-Bon acredita que sou bruxo. Não duvidou de que eu conseguiria vir até aqui e que essas três linhas me bastariam. Pobre Ya-Bon!

— Mas — objetou Patrice —, a seu ver, tudo isso teria acontecido antes de nossa chegada a Paris, portanto por volta de meia-noite ou uma hora.

— Sim.

— E esse tiro que acabamos de ouvir, quatro ou cinco horas depois?

— Aí não posso ser tão afirmativo. Podemos presumir que Siméon ficou agachado na escuridão. Foi só quando começou a clarear que, mais tranquilo e sem ouvir Ya-Bon, ele se arriscou a dar alguns passos. Ya-Bon, que espiava em silêncio, deve ter pulado sobre ele.

— De modo que supõe…

— Suponho que houve uma luta, que Ya-Bon foi ferido e que Siméon…

— E que Siméon fugiu?

— Ou que Siméon está morto. De resto, daqui a poucos minutos certamente ficaremos sabendo.

Ergueu a escada contra a grade que encimava o muro. Com a ajuda de dom Luís, o capitão passou. Então, tendo por sua vez passado por cima da grade, dom Luís retirou a escada que jogou no jardim e observou com atenção.

Finalmente, no meio da relva alta e dos arbustos folhudos, dirigiram-se para a casa.

O dia avançava rapidamente, e as coisas tomavam um aspecto preciso. Eles contornaram a casa.

Ao avistarem o pátio, do lado da rua, dom Luís, que andava na frente, virou-se e disse:

— Eu não estava enganado.

Imediatamente, lançou-se:

Diante da porta do vestíbulo jaziam os corpos dos dois adversários, entrelaçados e confundidos. Ya-Bon tinha uma horrível ferida na cabeça, cujo sangue lhe corria ao longo do rosto. Com a mão direita, segurava Siméon pelo pescoço.

Dom Luís se deu conta de que Ya-Bon estava realmente morto. Siméon Diodokis vivia.

Siméon vai à luta

Precisaram de tempo para desapertar a mão de Ya-Bon. Mesmo morto, o senegalês não soltava sua presa, e seus dedos duros como ferro, armados de unhas afiadas com garras de tigre, entravam no pescoço do inimigo, desmaiado e sem forças.

No chão do pátio, via-se o revólver de Siméon.

— Você teve sorte, velho bandido — disse dom Luís em voz baixa —, que Ya-Bon não tenha tido tempo de apagá-lo antes do tiro. Mas não se alegre: talvez ele o tivesse poupado… ao passo que, agora que Ya-Bon morreu, pode escrever à sua família e reservar sua poltrona no inferno. *De profundis*[10], Diodokis. Você não pertence mais a este mundo.

E acrescentou, emocionado:

— Pobre Ya-Bon, salvou-me de uma morte terrível, um dia, na África… e hoje ele é quem morre, por ter seguido minhas ordens, a bem dizer… meu pobre Ya-Bon!

Fechou os olhos do senegalês. Ajoelhou-se perto dele, beijou sua testa ensanguentada e sussurrou ao ouvido do morto, prometendo-lhe tudo o que há de mais suave para as almas simples e fiéis, a lembrança, a vingança…

Finalmente, com a ajuda de Patrice, transportou o cadáver para o pequeno cômodo adjacente à grande sala.

— Esta noite, capitão — disse ele —, quando o drama acabar, avisaremos a polícia. Por enquanto, trata-se de vingá-lo, a ele e aos outros.

Procedeu então à vistoria minuciosa do local da luta, voltou para Ya-Bon e, em seguida, para Siméon, de quem examinou as roupas e os sapatos.

Patrice Belval estava ali, diante de seu terrível inimigo, que havia apoiado encostado contra a parede da casa e o mirava em silêncio, com

olhar fixo e carregado de ódio. Siméon! Siméon Diodokis! O execrável demônio que, dois dias antes, havia tramado o terrível complô e que, debruçado sobre a claraboia, contemplava rindo a horrível agonia dele e de Coralie! Siméon Diodokis, que, como um bicho feroz, escondera Coralie no fundo de algum buraco, para poder torturá-la quando quisesse!

Parecia sofrer e respirar com muita dificuldade, a laringe certamente lesionada pelo implacável punho de Ya-Bon. Durante o combate, seus óculos amarelos haviam caído. Espessas sobrancelhas cinzentas delineavam suas pesadas pálpebras.

Dom Luís disse:

— Reviste-o, capitão.

Mas, como Patrice parecia sentir repugnância, ele mesmo vasculhou os bolsos do homem, de onde tirou uma carteira que entregou ao oficial.

Em primeiro lugar, havia uma permissão de residência em nome de Siméon Diodokis, cidadão grego, com sua fotografia colada no alto no documento. Óculos, cachecol, cabelos compridos… o retrato era recente e apresentava o carimbo da polícia com data de dezembro de 1914. Havia uma série de documentos relativos a negócios, faturas, notas endereçadas a Siméon, secretário de Essarès bei, e, entre esses documentos, uma carta do zelador, Amédée Vacherot. A carta dizia o seguinte:

Caro senhor Siméon,

Consegui. Um de meus jovens amigos conseguiu tirar, na enfermaria, a fotografia da senhora Essarès e de Patrice, que estavam próximos um do outro naquele momento. Estou muito feliz por poder lhe fazer esse favor. Quando pretende dizer a verdade ao seu filho querido? Que alegria vai ser para ele!…

Ao pé da carta estavam palavras escritas por Siméon Diodokis como uma nota pessoal:

Mais uma vez, comprometo-me solenemente a não revelar nada a meu filho querido antes que minha noiva Coralie tenha sido vingada, e antes que Patrice e Coralie Essarès estejam livres para se amar e se unir.

— É mesmo a letra do seu pai? — perguntou dom Luís.

— Sim — respondeu Patrice, confuso… — E é a letra das cartas endereçadas por esse miserável ao seu amigo Vacherot… Ah! Que

ignomínia!… esse homem… Esse bandido!…

Siméon fez um movimento. Suas pálpebras se abriram e se fecharam várias vezes. Então, despertando totalmente, ele olhou Patrice.

Imediatamente, em tom abafado, o oficial pronunciou:

— Coralie?…

E, como Siméon não parecia entender, ainda atordoado e contemplando-o com estupor, ele repetiu mais duramente:

— Coralie?… Onde está?… Onde a escondeu? Está morrendo, não é?

Aos poucos Siméon voltava a se reanimar e recuperava a consciência.

Ele balbuciou:

— Patrice… Patrice…

Olhou ao redor, avistou dom Luís, lembrou-se certamente de sua luta implacável com Ya-Bon e voltou a fechar os olhos. Mas Patrice, cuja raiva redobrava, gritou:

— Escute… sem hesitação!… Precisa responder… É a sua vida que está em jogo.

Os olhos do homem se reabriram, olhos estriados de sangue e sombreados de vermelho. Esboçou em direção à garganta um gesto que significava quanto lhe era difícil falar. Finalmente, com visível esforço, voltou a dizer:

— Patrice, é você?… Espero por este momento há tanto tempo!… E é hoje, como dois inimigos, que nós…

— Como dois inimigos mortais — gritou Patrice. — A morte está entre nós… a morte de Ya-Bon… A morte de Coralie, talvez… Onde ela está? Você precisa falar… Do contrário…

O homem repetiu em voz baixa:

— Patrice… Então é você?

Essa familiaridade exasperava o oficial. Pegou o adversário pela lapela do paletó e o brutalizou.

Mas Siméon avistara a carteira que Patrice segurava na outra mão e, sem opor resistência à agressão de Patrice, disse:

— Você não vai me machucar, Patrice… Deve ter encontrado as cartas, e sabe do vínculo que nos liga um ao outro… Ah! Eu teria ficado tão feliz!…

Patrice, que o soltara, olhava-o com horror. Em voz baixa, foi sua vez de dizer:

— Eu o proíbo de falar disso…. É algo impossível.

— É uma verdade, Patrice.

— Está mentindo! Está mentindo! — exclamou o oficial, incapaz de se conter, com o rosto contraído pela dor a ponto de se tornar irreconhecível.

— Ah! Vejo que já havia adivinhado. Então é inútil lhe explicar…

— Está mentindo!… Não passa de um bandido!… Se fosse verdade, por que o complô contra Coralie e contra mim? Por que esse duplo assassinato?

— Eu estava louco, Patrice… Sim, há momentos que fico louco… Todas essas catástrofes me deixaram atordoado… a morte de Coralie no passado… minha vida à sombra de Essarès… e então… então… o ouro, sobretudo… será que eu realmente quis matar vocês dois? Não me lembro… ou, pelo menos, lembro-me de um sonho que tive… acontecia na casa, não é? Como antigamente… Ah, a loucura… que suplício! Ser obrigado, como um condenado, a fazer coisas contra a própria vontade! Então, foi na casa, como antigamente, provavelmente, e da mesma maneira?… Com os mesmos instrumentos?… Sim, de fato, em meu sonho, recomecei toda a minha agonia, e a da mulher que eu amava… Em vez de ser torturado, eu era quem torturava… Que suplício!

Falava em voz baixa, para si mesmo, com hesitações e silêncios e um ar de sofrimento além de qualquer expressão. Patrice o escutava, tomado por crescente ansiedade. Dom Luís não deixava de olhá-lo, como se procurasse saber aonde o outro queria chegar.

E Siméon continuou:

— Meu pobre Patrice… eu o amava tanto… E agora não tenho inimigo mais implacável… Como poderia ser diferente?… Como poderia esquecer?… Ah! Por que não me trancaram após a morte de Essarès? Foi naquele momento que senti que não controlava mais meu raciocínio…

— Então foi você que o matou? — perguntou Patrice.

— Não, justamente não… foi outra pessoa que se apoderou de minha vingança.

— Quem?

— Não sei… tudo isso é incompreensível. É melhor ficarmos calados sobre isso… tudo isso me faz mal… sofri tanto desde a morte de Coralie!

— De Coralie! — exclamou Patrice.

— Sim, daquela que eu amava… quanto à filha, sofri muito também por causa dela…. não deveria ter-se casado com Essarès, e então muitas

coisas talvez não tivessem acontecido…

Patrice murmurou, o coração apertado:

— Onde ela está?…

— Não posso lhe dizer.

— Ah — disse Patrice, estremecendo de raiva —, é que ela morreu!

— Não, está viva, eu juro.

— Então onde está? Só isso importa… Todo o resto pertence ao passado… Mas isso, a vida de uma mulher, a vida de Coralie…

— Escute…

Siméon parou, deu uma olhada para dom Luís e disse:

— Eu bem que falaria… mas…

— O que o impede?

— A presença desse homem, Patrice. Primeiro ele tem que ir embora!

Dom Luís Perenna se pôs a rir.

— Esse homem sou eu, não é?

— É o senhor.

— E devo ir embora?

— Sim.

— Em troca de, seu velho bandido, você indicar o esconderijo em que mamãe Coralie está?

— Sim…

A alegria de Dom Luís só aumentou.

— Ah! Caramba, mamãe Coralie está no mesmo esconderijo que os sacos de ouro. Salvar mamãe Coralie significa entregar os sacos de ouro.

— E então? — disse Patrice, em um tom que manifestava um pouco de hostilidade.

— Então, capitão — respondeu dom Luís com certa ironia —, imagino que, se o honrado senhor Siméon lhe desse sua palavra de que iria buscar mamãe Coralie caso eu o deixasse solto, o senhor aceitaria?

— Não.

— Não é? Não tem a menor confiança nele e está certo. Embora louco, o honrado senhor Siméon manifestou, ao nos enviar para passear do lado de Mantes, tanta superioridade e equilíbrio que seria perigoso dar às suas promessas o mais ínfimo crédito. E daí que…

— Daí quê?

— Daí que, capitão, o honrado senhor Siméon vai lhe propor uma troca… que pode se enunciar da seguinte maneira: “Eu lhe dou Coralie, mas fico com o ouro”.

— E então?

— Então? Seria perfeito se estivesse sozinho com esse digno cavalheiro. O acordo se concluiria rapidamente. Mas acontece que estou aqui… e ora!

Patrice havia se levantado. Avançou em direção a dom Luís e argumentou, em um tom de voz que se tornava nitidamente agressivo:

— Presumo que o senhor também não vai se opor. Trata-se da vida de uma mulher.

— Evidentemente. Mas, por outro lado, trata-se de trezentos milhões.

— Então, está se recusando?

— Sim, estou me recusando!

— Está se recusando, enquanto essa mulher agoniza! Prefere que ela morra!… Mas esqueceu que isso me diz respeito… que esse caso… que esse caso…

Os dois homens estavam de pé, em frente um ao outro. Dom Luís mantinha essa calma um tanto irônica e esse ar de saber mais que os outros que irritavam Patrice. No fundo, Patrice, embora sofresse a dominação de dom Luís, concebia certa irritação e sentia algum incômodo ao utilizar um colaborador de quem conhecia o passado. Fechou os punhos e gritou:

— Está se recusando?

— Sim — disse dom Luís, ainda tranquilo. — Sim, capitão, eu me recuso a esse acordo que acho absurdo… um verdadeiro engano. Caramba! Trezentos milhões… abandonar tamanha oportunidade! Nunca! Mas não me recuso em absoluto em deixá-lo a sós com o honrado senhor Siméon… desde que eu não me afaste. Isso lhe basta, Siméon?

— Sim.

— Pois bem, façam um bom negócio. Assinem o acordo. O honrado senhor Siméon Diodokis, que, por sua vez, confia totalmente em seu filho, vai lhe dizer, capitão, onde fica o esconderijo, e o senhor vai libertar mamãe Coralie.

— Mas e o senhor? — exclamou Patrice, exasperado.

— Eu vou completar meu pequeno inquérito sobre o presente e o passado, ao visitar de novo a sala em que quase morreu, capitão. Até breve. E, sobretudo, tome todas as garantias possíveis.

Então, acendendo sua lanterna de bolso, dom Luís entrou na casa e foi ao ateliê. Patrice viu os reflexos de luz projetados nos lambris, entre as janelas emparedadas.

Imediatamente o oficial voltou para perto de Siméon e, em tom imperioso, disse:

— Pronto. Ele foi embora. Vamos agir rapidamente.

— Tem certeza de que não está escutando?

— Totalmente.

— Desconfie dele, Patrice. Ele quer pegar o ouro para si mesmo.

Patrice se impacientou.

— Não vamos perder tempo. Coralie…

— Já lhe disse que Coralie está viva.

— Estava viva quando a deixou, mas desde então…

— Ah! Desde então…

— O quê? Parece estar duvidando?…

— Não podemos ter certeza de nada. Foi esta noite, há cinco ou seis horas, e receio…

Patrice sentia o suor escorrer por suas costas. Teria dado tudo para ouvir palavras decisivas e, ao mesmo tempo, estava prestes a estrangular o velho homem para castigá-lo.

Dominou-se e repetiu:

— Não vamos perder mais tempo. As palavras são totalmente inúteis. Diga-me onde ela está.

— Não, iremos juntos.

— Você não vai ter força…

— Sim… sim. Vou ter força… Não fica longe. Mas antes, ouça-me…

O velho parecia exausto. Às vezes sua respiração era entrecortada, como se a mão de Ya-Bon ainda lhe agarrasse o pescoço e, gemendo, ele caía sobre si mesmo.

Patrice se debruçou sobre ele e disse:

— Estou ouvindo. Mas, por Deus, apresse-se!

— Bem — disse Siméon. — Bem… daqui a poucos minutos Coralie estará livre. Mas com uma condição… uma única… Patrice.

— Aceito. Qual é?

— Bem, Patrice, você vai me jurar pela vida de Coralie que deixará o ouro e que ninguém no mundo saberá…

— Juro pela vida dela.

— Você jura, tudo bem, mas o outro… seu maldito companheiro… ele vai nos seguir… ele vai ver.

— Não.

— Sim… a menos que concorde…

— Em quê? Ah! Pelo amor de Deus!

— Nisso… escute… mas lembre-se de que precisa ir socorrer Coralie… e rapidamente… do contrário…

Patrice, a perna esquerda dobrada, quase ajoelhado, estava ofegante.

— Então venha — disse ao seu inimigo… —, venha, já que Coralie…

— Mas esse homem…

— Ah! Coralie acima de tudo!

— O que diz? E se ele nos vê? Se toma o ouro de mim?

— Não importa!…

— Ah! Não diga isso, Patrice!… O ouro! O ouro é tudo! Desde que esse ouro é meu, minha vida mudou. O passado não conta mais… nem o ódio… nem o amor… só existe o ouro… os sacos de ouro. Eu preferiria morrer e que Coralie morresse… e que o mundo inteiro desaparecesse…

— Afinal, o que quer? O que exige?

Patrice segurava os dois braços do homem, que era seu pai, e que nunca antes detestara com tanta violência. Suplicava com todo o seu ser. Teria derramado lágrimas se acreditasse que as lágrimas fossem comover o velho homem.

— O que quer?

— O seguinte. Escute. Está ali, não é?

— Sim.

— No ateliê?

— Sim.

— Nesse caso… ele não deve sair…

— Como!

— Não… Enquanto não tivermos acabado, é preciso que permaneça lá dentro.

— Mas…

— É simples. Ouça bem. Só precisa fazer um único gesto… trancar a porta… a fechadura foi forçada, mas ainda tem dois fechos e isso basta… entendeu?

Patrice se revoltou.

— Mas você está louco! Como eu poderia consentir!… Um homem que salvou minha vida… que salvou Coralie!

— Mas que agora é responsável por sua perda. Reflita… Se não estivesse aqui, se não tivesse se envolvido nesse caso… Coralie estaria livre… Aceita?

— Não.

— Por quê? Sabe quem é esse homem? Um bandido… um miserável, que só tem uma ideia, a de se apossar dos milhões. E você teria escrúpulos? Olhe, Patrice, é absurdo, não é? Aceita?

— Não, mil vezes não.

— Então, azar o de Coralie… pois é, vejo que não se dá exatamente conta da situação. Está na hora, Patrice. Talvez já seja tarde demais.

— Ah! Cale-se.

— Pois sim, você precisa saber e assumir sua responsabilidade. Quando o maldito negro me perseguia, livrei-me de Coralie como pude, pensando que ia soltá-la em uma ou duas horas… e então… então… sabe o que aconteceu. Eram onze da noite… já faz quase oito horas… então, pense…

Patrice retorcia as mãos. Nunca imaginara que tamanho suplício pudesse ser imposto a um homem, e Siméon prosseguia, implacável:

— Ela não consegue respirar, eu juro… apenas pouquíssimo ar chega até ela… e ainda eu me pergunto se tudo aquilo que a cobre e protege não desmoronou. Então, está sufocando… está sufocando enquanto você fica aqui discutindo. Olhe, qual é o problema de trancar esse homem durante dez minutos? Não mais que dez minutos, entende… e você hesita? Então é você quem a mata, Patrice. Reflita… enterrada viva!

Patrice se reergueu, decidido. Naquele momento, nenhum pacto, por tão penoso que fosse, lhe teria causado repugnância. E o que Siméon lhe pedia era tão pouco!

— O que quer? — disse ele. — Ordene.

O outro murmurou:

— Já sabe muito bem o que quero, é tão simples! Vá até a porta, tranque-a e volte.

— É sua última exigência? Não haverá outra?

— Nenhuma a mais. Se fizer isso, Coralie estará livre em poucos instantes.

Com passo decidido, o oficial entrou na casa e atravessou o vestíbulo.

No fundo do ateliê, a luz dançava.

Não disse uma única palavra. Não teve qualquer hesitação. Fechou a porta violentamente, empurrou os dois fechos de um só movimento e voltou rapidamente. Sentia-se aliviado. O gesto era desprezível, mas ele não duvidava de que tivesse executado um dever imperioso.

— Pronto — disse ele… — Vamos, depressa.

— Ajude-me — disse Siméon. — Não consigo me levantar.

Patrice o agarrou por baixo dos dois braços e o pôs de pé. Mas teve de segurá-lo, já que as pernas do velho tremiam.

— Ah, maldição! — balbuciou Siméon. — Esse maldito negro acabou comigo. Estou sufocando, não consigo andar.

Patrice quase o carregava, e Siméon, sem forças, gaguejava:

— Por aqui… Agora, reto…

Passaram pelo canto da casa e se dirigiram para o lado dos túmulos.

— Tem certeza de que trancou bem a porta? — insistiu Siméon. — Sim, não é? Eu ouvi… Ah! É que esse homem é terrível… Deve desconfiar dele… Mas você me jurou que não ia dizer nada, hein? Jure mais uma vez, pela memória de sua mãe… Não, melhor ainda, jure por Coralie… Que ela morra agora mesmo se você trair seu juramento!

O velho estacou. Não aguentava mais e se contorcia para que um pouco mais de ar chegasse aos pulmões. Apesar de tudo, continuou:

— Posso ficar tranquilo, não é? Aliás, você não gosta de ouro. Nesse caso, por que iria falar? Não importa, jure que ficará calado. Dê-me sua palavra de honra… É o que tem de melhor, sua palavra, hein?

Patrice ainda o segurava pela cintura. Para o oficial, essa marcha tão arrastada e esse tipo de abraço a que se obrigava para libertar Coralie eram um terrível calvário. Ao sentir contra si o corpo desse homem odiado, sua vontade era apertar cada vez mais até sufocá-lo.

E, no entanto, uma frase repugnante se repetia no seu íntimo mais profundo: "Sou o filho dele… Sou o filho dele…".

— É aí — disse o velho.

— Aí? Mas são os túmulos.

— É o túmulo de minha Coralie, e o meu, e aqui está nosso alvo.

Ele se virou, confuso:

— E os rastros dos nossos passos? Você vai apagá-los na volta, hein? Do contrário, ele encontraria nossa pista e saberia que é aí…

Patrice exclamou:

— Ah! Não há nada a temer! Depressa. Então Coralie está ali? No fundo? Enterrada? Ah, que abominação!

Para Patrice, parecia que cada minuto que passava contava mais que uma hora de atraso, e que a salvação de Coralie dependia de uma hesitação ou um movimento errado. Fez todos os juramentos exigidos. Jurou por Coralie. Deu sua palavra de honra. Naquele momento, não havia ato que ele não estivesse pronto a cumprir.

Agachado na relva, sob o pequeno templo, o dedo estendido, Siméon repetiu:

— É aí… embaixo.

— Dá para acreditar? Sob a lápide?

— Sim.

— Então a pedra se levanta? — perguntou Patrice com ansiedade.

— Sim.

— Mas, sozinho, não consigo levantá-la. Não dá… Seriam necessários pelo menos três homens.

— Não — disse Siméon —, existe um movimento de balanço. Vai conseguir facilmente… basta fazer pressão em uma das extremidades.

— Qual?

— Esta, à direita.

Patrice se aproximou e pegou a grande placa na qual estava inscrito "Aqui descansam Patrice e Coralie…", e tentou pressionar.

De fato, a pedra se levantou imediatamente, como se um contrapeso a obrigasse a afundar na outra ponta.

— Espere, espere — disse Siméon. — É preciso apoiá-la, do contrário vai cair de volta.

— E apoiá-la com quê?

— Com uma barra de ferro.

— Tem alguma?

— Sim, depois do segundo degrau.

Três degraus estavam descobertos e desciam para uma pequena cavidade na qual, mesmo dobrado em dois, mal cabia um homem. Patrice avistou a barra de ferro e, segurando a lápide com o ombro, pegou a barra e a ergueu.

— Muito bem — continuou Siméon —, agora está firme. Só lhe resta se abaixar na escavação. É ali que meu caixão deveria se encontrar, e onde muitas vezes vim me deitar ao lado de minha amada Coralie. Eu permanecia lá por horas, deitado no chão… falando com ela. Nós dois conversávamos, pode acreditar, conversávamos… Ah! Patrice!

Patrice havia curvado seu alto corpo no espaço estreito em que mal cabia, e perguntou:

— O que devo fazer?

— Não está ouvindo a sua Coralie? Apenas uma parede a separa de você… alguns tijolos escondidos por um pouco de terra… E uma porta… Atrás fica o outro túmulo, o de Coralie… e atrás, Patrice, há mais um… onde estão os sacos de ouro.

Siméon havia se debruçado e dirigia as buscas, ajoelhado sobre a grama…

— A porta fica à esquerda… um pouco mais adiante… Não consegue encontrá-la? Que estranho… Mas você precisa se apressar… Ah! Parece que a achou… Não? Ah, se eu pudesse descer! Mas só há lugar para uma pessoa.

Houve um silêncio. Então ele prosseguiu:

— Deite-se mais… bem… consegue se mexer?

— Sim — disse Patrice.

— Não muito, hein?

— Mal.

— Então fique assim, meu rapaz — exclamou o velho homem com uma gargalhada.

E, afastando-se rapidamente, fez um gesto brusco e deixou cair a barra de ferro. Pesadamente, com lentidão causada pelo contrapeso, porém com força irresistível, o enorme bloco de pedra se fechou.

Embora inteiramente envolvido por terra remexida, Patrice, diante do perigo, quis se levantar. Siméon, que havia apanhado a barra de ferro, deu-lhe um golpe na cabeça. Patrice soltou um grito e parou de se mexer. A pedra o cobriu. A cena havia durado poucos segundos.

— Está vendo — exclamou Siméon —, tive razão de separá-lo de seu camarada. Ele não se teria deixado enganar. Mas, por outro lado, que comédia você me fez interpretar!

Siméon não perdeu mais um único instante. Sabia que Patrice, ferido como devia estar, enfraquecido pela posição que não podia mudar, não conseguiria fazer o esforço necessário para levantar a tampa do túmulo. Portanto, não havia nada a temer por esse lado.

Voltou para a casa e, embora andando com dificuldade, devia ter exagerado seu sofrimento, porque não parou antes do vestíbulo. Não se preocupou em apagar os rastros de seus passos. Ia diretamente ao seu objetivo, como um homem que tem um plano e se apressa a executá-lo, sabendo que, uma vez o plano executado, todos os caminhos estarão livres.

Já no vestíbulo, prestou atenção. Dentro do ateliê e do lado do quarto, dom Luís batia contra as paredes e divisórias.

— Perfeito — disse Siméon com uma risadinha. — Este também caiu feito um patinho. Agora é a sua vez! Realmente, esses senhores não são muito espertos.

Tudo aconteceu rapidamente. Andou em direção à cozinha, que ficava à direita, abriu a porta do medidor de gás e virou a chave, soltando assim o gás e refazendo com dom Luís o que não conseguira completar com Patrice e Coralie.

Foi só então que se entregou ao imenso cansaço que o assolava e se permitiu dois ou três minutos de relaxamento. Seu mais implacável inimigo também estava fora de combate.

Mas as coisas ainda não haviam acabado. Ele precisava agir e garantir a própria salvação. Contornou a casa, procurou e pôs os óculos amarelos, desceu pelo jardim, abriu e fechou a porta. E então, pela ruela, chegou ao cais.

Nova parada, dessa vez diante do parapeito que encima o canteiro Berthou. Ele pareceu hesitar quando à decisão a tomar. Mas o fato de avistar pessoas passando, carroceiros, feirantes, etc., pôs fim à sua indecisão. Chamou um carro e se fez levar até a Rua Guimard, na casa do zelador Vacherot.

Encontrou o amigo na soleira da portaria e logo foi recebido com uma prontidão e uma emoção que demonstravam o afeto do homem.

— Ah, é o senhor, senhor Siméon? — exclamou o zelador. — Mas meu Deus! Em que estado!

— Cale-se, não fale meu nome — murmurou Siméon, entrando na portaria. — Alguém me viu?

— Ninguém. São apenas sete e meia e a casa mal está despertando. Mas por Deus! O que esses miseráveis fizeram com o senhor? Parece estar com falta de ar. Foi vítima de uma agressão.

— Sim, esse negro que me seguia…

— Mas e os outros?

— Que outros?

— Aqueles que vieram aqui?… Patrice?

— Hein? Patrice esteve aqui? — indagou Siméon, sempre em voz baixa.

— Sim, chegou aqui nesta noite, após o senhor, com um de seus amigos.

— E você lhe disse?…

— Que era seu filho?… Obviamente, era preciso…

— Então era isso — resmungou o velho homem… — É por isso que não pareceu surpreso com minha revelação.

— Onde estão agora?

— Com Coralie. Consegui salvá-la. Eu a entreguei a eles. Mas não se trata dela. Depressa… um médico… o tempo urge…

— Temos um no prédio.

— Não quero. Você tem uma lista telefônica.

— Aqui está.

— Abra-a e procure…

— Que nome?

— O doutor Géradec.

— Como? Mas não é possível. O doutor Géradec? Não está pensando nisso!…

— Por quê? Sua clínica fica perto daqui, no boulevard de Montmorency, e em um lugar totalmente isolado.

— Sei. Mas o senhor não ignora? Existem rumores a respeito dele, senhor Siméon… todo um caso de passaportes e certificados falsos…

— Procure…

— Olhe, senhor Siméon, será que pretende ir embora?

— Procure.

O zelador folheou a lista telefônica e ligou. A linha estando ocupada, anotou o número em um pedaço de jornal e voltou a ligar.

Responderam-lhe então que o médico tinha saído e só estaria de volta pelas dez da manhã.

— Melhor assim — disse Siméon —, eu não teria tido força suficiente para ir até lá agora. Avise que irei às dez.

— Devo anunciá-lo sob o nome de Siméon?

— Sob meu verdadeiro nome, Armand Belval. Diga que é urgente… que preciso de intervenção cirúrgica.

O zelador obedeceu e desligou, murmurando:

— Ah, meu pobre senhor Siméon! Um homem como o senhor, tão bom, tão generoso. O que aconteceu?

— Não se preocupe com isso. Meu apartamento está arrumado?

— Claro.

— Vamos até lá sem que ninguém nos veja.

— Não há como nos verem, o senhor bem sabe.

— Apresse-se. Pegue seu revólver. E a portaria? Pode deixá-la?

— Sim… cinco minutos.

Por trás, a portaria dava para um pequeno pátio que se comunicava com um longo corredor. Na extremidade desse corredor havia outro pátio pequeno, e nesse pátio uma casinha composta por um térreo e um sótão.

Entraram.

Um vestíbulo e três cômodos enfileirados.

Apenas o segundo estava mobiliado. O último abria diretamente para uma rua paralela à Rua Guimard.

Pararam no segundo cômodo.

Siméon parecia exausto. Mesmo assim, reergueu-se quase imediatamente, com o gesto de um homem decidido e que nada pode enfraquecer.

Ele disse:

— Você trancou mesmo a porta do térreo?

— Sim, senhor Siméon.

— E ninguém nos viu entrar?

— Ninguém.

— Ninguém pode suspeitar de sua presença aqui?

— Ninguém.

— Dê-me seu revólver.

O zelador entregou a arma.

— Aqui está.

— Você acha — murmurou Siméon — que, se eu atirasse, alguém ouviria o disparo?

— Não, com certeza. Quem ouviria? Mas…

— Mas o quê?

— O senhor não vai atirar?

— Não vou ficar parado!

— Em si mesmo, senhor Siméon, em si? Vai se matar?

— Idiota.

— Em quem, então?

— Em alguém que está me incomodando e que poderia me trair.

— Em quem, afinal? — Em você, diabo! — disse Siméon com uma risada.

E, com um tiro, acertou-o na cabeça.

O senhor Vacherot desabou como uma massa amorfa, morto no ato.

Siméon, por sua vez, soltou a arma e permaneceu impassível, um pouco vacilante. Um por um, até seis, abriu os dedos. Contava as seis pessoas de quem havia se livrado nas últimas horas: Grégoire, Coralie, Ya-Bon, Patrice, dom Luís, o senhor Vacherot…

Sua boca teve um ricto de satisfação. Um esforço a mais antes da salvação, da fuga.

Por enquanto, era incapaz de fazer esse esforço. Sua cabeça girava, seus braços se moviam no vazio. Caiu desmaiado, arquejando, o peito como esmagado por um peso intolerável.

Mas, às quinze para as dez, em um sobressalto de vontade, levantou-se e, controlando a crise, desprezando a dor, saiu pela outra porta da casa.

Às dez horas, após ter mudado de carro duas vezes, Siméon chegou ao boulevard de Montmorency, no exato momento em que o doutor Géradec descia de sua limusine e subia a escada externa de sua suntuosa vila, onde sua clínica funcionava desde o começo da guerra.

---

[10] "Das profundezas", em latim. A expressão também é possivelmente uma alusão a *De profundis,* obra (publicada em 1897) escrita por Oscar Wilde na prisão, onde cumpriu pena de dois anos por homossexualismo. (N.T)

O doutor Géradec

A clínica do doutor Géradec agrupava, em um belo jardim na área interna, várias construções, cada uma com sua finalidade. A vila era destinada às operações mais importantes.

Era ali também que o médico mantinha seu consultório, e foi nela que Siméon Diodokis foi recebido. Após ter sido examinado rapidamente por um enfermeiro, Siméon foi levado para uma sala em uma ala independente.

O médico já o esperava. Era um homem de uns 60 anos, de aparência ainda jovem, o rosto barbeado, e que seu monóculo, sempre preso no olho direito, obrigava a fazer uma careta que lhe contraía o rosto. Vestia um grande avental branco dos pés à cabeça.

Com grande dificuldade, já que mal conseguia falar, Siméon lhe explicou seu caso. Na noite anterior um assaltante o agredira, agarrando-o pelo pescoço, e o roubara, deixando-o quase morto na calçada.

— O senhor já poderia ter chamado um médico desde aquela hora — observou Géradec, enquanto olhava fixamente o velho homem.

E, já que Siméon não respondia, acrescentou:

— Aliás, não é nada. O fato de o senhor estar vivo significa que não houve fratura. Portanto, seu caso se reduz a espasmos da laringe, aos quais vamos remediar com intubação.

Deu ordens ao seu assistente. Introduziram na garganta do paciente um longo tubo de alumínio que ele manteve por meia hora. O médico, que se ausentara nesse intervalo, voltou e, tendo retirado o tubo, examinou o paciente, que já começava a respirar com maior facilidade.

— Acabou — disse o doutor Géradec —, e mais rapidamente do que eu esperava. No caso, havia evidentemente um fenômeno de oclusão que contraía a garganta. Pode ir para sua casa. Descanse um pouco e logo não sentirá mais nada.

Siméon perguntou quanto devia e pagou. Mas, enquanto o médico o levava até a porta, ele parou e disse bruscamente, em tom de confidência:

— Sou amigo da senhora Albouin.

O médico não pareceu entender o que significava essa frase. Ele insistiu:

— Talvez esse nome não lhe diga nada? Mas, se eu lembrar você de que ele esconde a personalidade da senhora Mosgranem, não duvido de que possamos nos entender.

— Entender-nos a respeito do quê? — perguntou o médico, cuja surpresa contraía ainda mais o rosto.

— Olhe, doutor, o senhor está desconfiado, e é um erro. Estamos sozinhos. Todas as portas são duplas e almofadadas. Podemos conversar.

— Não me recuso a conversar, de forma alguma. Mas, para isso, é necessário que eu saiba…

— Um pouco de paciência, doutor.

— É que meus pacientes estão esperando por mim.

— Não vai demorar, doutor. Não estou lhe pedindo uma entrevista, mas apenas o tempo de dizer algumas frases. Vamos nos sentar.

Ele se sentou com ar resoluto. O doutor se acomodou em sua frente, parecendo cada vez mais surpreso.

E Siméon disse sem rodeios:

— Sou de nacionalidade grega. A Grécia, sendo um país neutro e amigo até hoje, não encontro dificuldade para obter um passaporte e sair da França. Mas, por motivos pessoais, desejo que esse passaporte não esteja em meu nome, mas em outro qualquer, que procuraremos juntos, e que, com sua ajuda, permitirá que eu vá embora sem o menor perigo.

O médico se levantou, indignado.

Siméon insistiu:

— Não venha com frases prontas, por favor. Aqui, trata-se de definir o preço, certo? Estou disposto a pagar. Quanto?

Com um gesto, o médico lhe mostrou a porta.

Siméon não protestou. Pôs seu chapéu. Mas, ao chegar perto da porta, articulou:

— Vinte mil?… É o suficiente?

— Devo chamar alguém para que o ponha para fora? — disse o doutor.

— Trinta mil?… Quarenta?… Cinquenta?… Ah, mais? Está jogando alto, pelo visto… uma quantia redonda… vamos lá. Mas, sabe, está tudo incluído no preço que acertarmos. Não somente o senhor me arruma um passaporte cuja autenticidade não será contestada, mas ainda me garante o meio de sair da França, como o fez para minha amiga, a senhora Mosgranem, e diabo, com condições bem melhores! Afinal, não estou regateando. Preciso do senhor. Então estamos de acordo, doutor? Cem mil?

O doutor Géradec o olhou longamente e então, com um movimento rápido, trancou a porta. Depois, foi sentar-se à sua mesa e disse simplesmente:

— Podemos conversar.

— É tudo o que quero. As pessoas honestas sempre acabam por se entender. Mas, antes de tudo, repito minha pergunta: estamos de acordo sobre cem mil?

— Estamos de acordo… — disse o médico —, a menos que a situação se apresente de uma forma menos clara do que aquela que sugere.

— O que quer dizer?

— Digo que o valor de cem mil é uma base de discussão aceitável, e só.

Siméon Diodokis hesitou um segundo. O indivíduo lhe parecia guloso demais. No entanto, voltou a se sentar, e o médico logo emendou:

— Seu verdadeiro nome, por favor?

— Impossível. Repito que por motivos…

— Então são duzentos mil.

— Hein?

Siméon se sobressaltou.

— Diabo! Com o senhor, não há meio termo. Uma quantia dessas!

Géradec respondeu calmamente:

— Ninguém o obriga a aceitar. Estamos negociando. O senhor é livre.

— Mas, afinal, a partir do momento em que aceita fazer-me um falso passaporte, o que lhe importa saber meu nome?

— Importa-me muito. Corro muito mais riscos ao facilitar a fuga, porque se trata de uma fuga, de um espião do que de um homem honesto.

— Não sou espião.

— E como posso saber? O senhor vem até minha casa para me propor algo desonesto. Esconde seu nome, sua personalidade, e tem tanta pressa de desaparecer que está prestes a pagar cem mil francos. E, apesar de tudo, tem a pretensão de se fazer passar por um homem honesto. Reflita. É absurdo. Um homem honesto não se comporta como um ladrão… ou como um assassino.

O velho Siméon não retrucou. Após um instante, enxugou a testa com um lenço. Obviamente, pensava que Géradec era um jogador duro e que talvez tivesse sido melhor não recorrer aos seus serviços. Mas, afinal de contas, o pacto era condicional. Sempre haveria tempo para rompê-lo.

— Oh! Oh! — exclamou, tentando rir. — O senhor usa cada palavra!

— São apenas palavras — disse o médico. — Não estabeleço nenhuma hipótese. Limito-me a resumir a situação e a justificar minhas pretensões.

— O senhor está totalmente certo.

— Portanto, fazendo minha a sua pergunta: estamos de acordo?

— Estamos de acordo. Talvez, porém, e será minha última observação, o senhor pudesse ter tratado com mais amabilidade um amigo da senhora Mosgranem.

— E como sabe que a tratei diferentemente do senhor? — perguntou o médico. — O senhor tem informações a esse respeito?

— A senhora Mosgranem confessou para mim que o senhor não cobrou absolutamente nada dela.

O médico deu um sorriso um tanto satisfeito e murmurou:

— De fato, não lhe cobrei nada, mas talvez ela me tenha dado muito. A senhora Mosgranem era uma dessas lindas mulheres cujos favores valem muito.

Essas palavras foram seguidas por um silêncio. O velho Siméon parecia cada vez mais incomodado diante de seu interlocutor. Finalmente, este insinuou:

— Minha indiscrição parece ser-lhe desagradável. Será que existiam entre a senhora Mosgranem e o senhor laços de ternura?… Nesse caso, desculpe-me… Aliás, tudo isso, senhor, não tem mais importância após o que acaba de ocorrer, não é?

E o médico suspirou:

— Pobre senhora Mosgranem!

— Por que o senhor fala dela dessa maneira? — questionou Siméon.

— Por quê? Mas justamente por causa do que acaba de ocorrer.

— Ignoro totalmente…

— Como, o senhor ignora o terrível drama?

— Mas não recebi carta dela desde sua partida.

— Ah! Eu recebi uma ontem à noite, e fiquei muito surpreso ao saber que ela estava de volta à França.

— Na França, a senhora Mosgranem!

— Pois é. E ela até marcou um encontro comigo para hoje cedo… Um encontro estranho…

— Em que lugar? — perguntou Siméon, visivelmente inquieto.

— Eu que lhe pergunto.

— Fale!

— Bem, em uma barcaça.

— Hein?

— Sim, em uma barcaça, chamada *Nonchalante,* atracada no cais de Passy, ao longo do canteiro Berthou.

— Como é possível? — balbuciou Siméon.

— É a mais pura realidade. E sabe como a carta era assinada? Estava assinada com o nome de Grégoire.

— Grégoire… Um nome de homem… — murmurou Siméon em tom abafado.

— De fato, um nome do homem… Olhe, a carta está comigo. Ela me diz que leva uma vida bem perigosa, que desconfia do homem ao qual sua fortuna está associada, e que gostaria de me pedir um conselho.

— Então… então… O senhor foi ao encontro?

— Fui.

— Mas quando?

— Hoje de manhã. Eu estava lá quando o senhor telefonou aqui. Infelizmente…

— Infelizmente?…

— Cheguei tarde demais.

— Tarde demais?…

— Sim, o senhor Grégoire, ou melhor, a senhora Mosgranem estava morta.

— Morta!

— Havia sido estrangulada.

— Que horror — disse Siméon, que parecia voltar a se sentir sufocado. — E o senhor não sabe nada mais?

— Nada mais a respeito do quê?

— A respeito do homem que havia mencionado.

— O homem de quem ela desconfiava?

— Sim.

— Sim, sim, escreveu-me o nome dele nessa carta. É um grego que se diz chamar Siméon Diodokis. Deu-me até sua descrição… que li sem prestar muita atenção.

Abriu a carta e deu uma olhada na segunda página, murmurando:

— Um homem bastante velho… curvado… que usa um cachecol… sempre usa um cachecol e espessos óculos amarelos.

O doutor Géradec interrompeu sua leitura e olhou Siméon com ar estupefato. Ambos ficaram calados por um momento. Então o médico repetiu maquinalmente:

— Um homem bastante velho… curvado… que usa um cachecol… e espessos óculos amarelos.

Após cada trecho da frase, ele parava o tempo necessário para conferir o detalhe acusador. Finalmente, pronunciou:

— O senhor é Siméon Diodokis…

O outro não protestou. Todos os incidentes se encadeavam de maneira tão estranha, e ao mesmo tão natural, que ele sentia quanto mentir era inútil.

O doutor Géradec fez um gesto largo e declarou:

— Eis exatamente o que eu havia previsto. A situação não é mais como o senhor a apresentou. Não se trata mais de ninharias, mas de algo muito grave e terrivelmente perigoso para mim.

— O que significa?

— O que significa que o preço não é mais o mesmo.

— Quanto, então?

— Um milhão.

— Ah! Não, não! — exclamou Siméon com veemência. — Não! E não fui eu que agredi a senhora Mosgranem. Eu mesmo fui atacado pelo homem que a estrangulou, e é o mesmo indivíduo, um negro chamado Ya-Bon, que me alcançou e tentou me estrangular.

O médico lhe agarrou o braço.

— Repita esse nome! O senhor disse mesmo Ya-Bon?
— Sim, um senegalês, mutilado de um braço.
— E houve uma luta entre esse Ya-Bon e o senhor?
— Sim.
— E o senhor o matou?
— Eu me defendi.
— Que seja. Mas matou-o?
— Isto é…
O médico deu de ombros, sorrindo.
— Olhe, senhor, a coincidência é curiosa. Ao sair da barcaça, encontrei meia dúzia de soldados mutilados, que conversaram comigo. Procuravam justamente seu camarada Ya-Bon, procuravam seu capitão, o capitão Belval, também procuravam um amigo desse oficial e ainda uma senhora, na casa da qual estavam alojados. Essas quatro pessoas haviam desaparecido, e acusavam um indivíduo de ser responsável por esse desaparecimento… mas, veja só, disseram-me o nome… Ah, é cada vez mais estranho! Era Siméon Diodokis, era o senhor que acusavam… não é curioso? Mas, por outro lado, confesse que tudo isso representa fatos novos e que, consequentemente…
Houve uma pausa. Então o médico anunciou claramente:
— Dois milhões.
Dessa vez Siméon permaneceu impassível. Sentia-se preso nas garras desse homem como o rato entre as garras de um gato. O médico brincava com ele, deixava-o escapar, pegava-o de volta, sem que ele, por um segundo sequer, tivesse a esperança de poder escapar desse jogo mortal.
Ele disse simplesmente:
— É chantagem…
O médico fez um sinal de aprovação:
— De fato, não vejo outra palavra. É chantagem. E, ainda mais, uma chantagem para a qual não dei motivos de estar na origem da ocasião que agora aproveito. Um maravilhoso acaso surge ao alcance de minha mão. Não o deixo passar, assim como o senhor não deixaria. O que quer? Tive com a Justiça de meu país alguns problemas que o senhor bem conhece. Ela e eu assinamos um tratado de paz. Mas, minha situação profissional ficou tão abalada que não posso recusar por desdém o que o senhor me traz com tanta benevolência.

— E se eu me recusar a aceitar?

— Então chamo a delegacia de polícia, em que hoje sou muito bem-visto, já que presto alguns serviços a esses senhores.

Siméon olhou do lado da janela, e então do lado da porta. O médico já estava pegando o telefone. Não havia nada que ele pudesse fazer por enquanto, senão ceder… na esperança de poder tirar proveito de futuras circunstâncias mais favoráveis.

— Pois bem — declarou Siméon. — Afinal de contas, é melhor assim. O senhor me conhece, eu conheço o senhor. Podemos chegar a nos entender.

— Sobre a base indicada?

— Sim.

— Dois milhões?

— Sim. Explique-me seu plano.

— Não vale a pena. Tenho meios próprios, e acho inútil divulgá-los antecipadamente. O essencial é sua evasão, não é? E o fim dos perigos que está correndo? Por tudo isso eu respondo.

— Quem me garante?

— O senhor vai me pagar metade agora, e metade no fim da empreitada. Permanece a questão do passaporte. Para mim, é secundária. Mas precisamos fazer algum. Com qual nome?

— Aquele que o senhor quiser.

O médico pegou um papel para escrever a descrição e, enquanto observava seu interlocutor, murmurava: cabelo cinza… rosto imberbe… óculos amarelos… Então, perguntou:

— Mas o senhor… quem me garante o indispensável pagamento? Quero cédulas de banco… cédulas verdadeiras, autênticas…

— O senhor as terá.

— Onde estão?

— Em um esconderijo inacessível.

— Seja mais preciso.

— Posso fazê-lo. Mas mesmo que eu indique onde estão, o senhor não vai achá-las.

— Então?

— Grégoire era quem as guardava. São quatro milhões… estão na barcaça. Iremos até lá juntos e lhe entregarei o primeiro milhão.

O médico bateu na mesa.

— Hein? O que disse?

— Digo que esses milhões estão na barcaça.

— A barcaça que está atracada perto do canteiro Berthou, na qual a senhora Mosgranem foi morta?

— Sim, foi lá que escondi quatro milhões. Um deles lhe será entregue.

O medico meneou a cabeça e disse:

— Não, não aceito esse dinheiro como pagamento!

— Por quê? Está louco.

— Por quê? Porque ninguém é pago com aquilo que já lhe pertence.

— O que disse? — exclamou Siméon, espantado.

— Esses quatro milhões me pertencem. Consequentemente, não pode oferecê-los a mim.

Siméon deu de ombros.

— Está divagando. Para que fossem seus, precisaria primeiramente que estivessem com o senhor.

— Claro.

— E estão com o senhor?

— Sim.

— O quê? Explique-se. Explique-se imediatamente — gritou Siméon, fora de si.

— Vou explicar. O esconderijo inacessível consistia em quatro listas telefônicas obsoletas. A lista de Paris e as de alguns departamentos[11], cada uma em dois volumes. Cada um desses quatro volumes, vazios por dentro e dos quais só restava a encadernação, continha um milhão.

— Está mentindo! Está mentindo!

— Estavam em uma prateleira, no pequeno cubículo que fica ao lado da cabine.

— E então? Então?

— Então? Bem, estão aqui.

— Aqui?

— Nesta prateleira, diante dos seus olhos. Portanto, nessas condições, já que estão em minha posse legítima, não posso aceitar, não é?…

— Ladrão! ladrão! — gritou Siméon, tremendo de raiva e mostrando o punho. — O senhor não passa de um ladrão e vou obrigá-lo a me devolver… Ah, bandido…

Muito calmo, o doutor Géradec sorriu e levantou a mão em sinal de protesto.

— Quantas palavras, e como são injustas! Sim, repito, injustas! Devo lhe lembrar que sua amante, a senhora Mosgranem, me honrava com seus favores? Um dia, ou melhor, uma manhã, após um momento de efusividade, ela me disse: "Meu amigo (chamava-me de seu amigo e, naqueles momentos, manifestava muita intimidade), meu amigo, quando eu morrer… tinha pressentimentos sombrios… quando eu morrer, eu lhe lego tudo que estiver em meu apartamento". Seu apartamento, no minuto em que morreu, era a barcaça em questão. Como eu poderia, sem ofender sua memória, não obedecer a uma vontade tão sagrada?

O velho Siméon não escutava. Uma ideia infernal despertava nele e, levantando-se, foi em direção ao médico em um gesto de desesperada atenção.

O médico lhe disse.

— Não vamos desperdiçar um tempo precioso, meu caro senhor. O que decide?

Brincava com a folha em que inscrevera as informações necessárias para o passaporte. Siméon avançou em sua direção sem dizer uma palavra. No final, o velho homem sussurrou:

— Dê-me essa folha… Quero ver como elaborou meu passaporte… e com que nome…

Arrancou o papel, percorreu-o com os olhos e, de repente, deu um salto para trás.

— Que nome o senhor pôs? Que nome o senhor pôs? Com que direito me dá esse nome? Por quê? Por quê?

— O senhor me disse para colocar o nome que eu quisesse.

— Mas este? Este?… Por que escreveu este?

— Na verdade, não sei… uma ideia como qualquer outra. Eu não podia colocar Siméon Diodokis, não é, já que não se chama assim… e eu não podia utilizar Armand Belval, já que também não se chama assim. Então, pus esse nome.

— Mas por que justamente esse nome?

— Diabo, porque é o seu nome verdadeiro.

O velho teve um movimento de espanto e, em tom baixo, cada vez mais debruçado sobre o médico, disse, estremecendo:

— Apenas um único homem… apenas um único homem era capaz de adivinhar…

Mais um longo silêncio. Então o médico disse, com uma risada:

— De fato, creio que um único homem era capaz disso. Portanto, digamos que eu seja esse homem.

— Um único — continuou o outro, a quem a respiração de novo parecia faltar… — também um único homem podia encontrar o esconderijo dos quatro milhões, como o senhor o encontrou, em poucos segundos…

O médico não respondeu. Sorria e seu rosto se descontraía aos poucos.

Era como se Siméon não ousasse pronunciar o nome temido que lhe vinha aos lábios. Curvava a cabeça. Era como um escravo diante de seu amo. Algo formidável, cujo peso ele já havia sentido durante a luta, esmagava-o. O homem que estava diante dele tomava, em sua mente, as proporções de um gigante que podia eliminá-lo com uma única palavra, podia aniquilá-lo com um único gesto. E apenas um homem tinha essas proporções, fora das dimensões humanas.

No final, ele murmurou com um terror quase incompreensível:

— Arsène Lupin… Arsène Lupin…

— Acertou na mosca — exclamou o médico, levantando-se.

Lupin deixou cair seu monóculo. Tirou do bolso uma caixinha que continha uma pomada, passou essa pomada no rosto, lavou-se em uma bacia d'água que ficava dentro de um armário e reapareceu com a tez clara, o rosto sorridente e zombeteiro, o ar desenvolto.

— Arsène Lupin — repetiu Siméon, petrificado… — Arsène Lupin… Estou perdido…

— Completamente, seu velho estúpido. E precisa ser mesmo estúpido! Como! Conhece minha fama, sente para comigo um medo intenso e salutar que um homem honesto de minha envergadura deve inspirar a um velho bandido como você, e imaginou que eu seria tolo o suficiente para me deixar prender em sua câmara de gás.

Lupin ia e vinha, como um hábil comediante que tem uma tirada para dizer, que a pontua nos lugares certos, se alegra com o efeito produzido e que se escuta falar com certa complacência. Sentia que por nada no mundo teria deixado seu lugar e abandonado seu papel.

Ele continuou:

— Note que naquele momento eu poderia tê-lo agarrado pelo pescoço e representado imediatamente com você a grande cena do quinto ato, que estamos interpretando agora. Mas acontece que meu quinto ato era um pouco curto, e sou homem de teatro! Enquanto desta maneira o interesse voltou a crescer! Como foi divertido ver a ideia brotar em sua cabeça de tolo! E como foi divertido ir até o ateliê, amarrar minha lanterna a um barbante, levar assim Patrice a crer que eu estava lá, sair, ouvir Patrice me renegar três vezes e trancar cuidadosamente, o quê? Minha lanterna! Tudo isso foi muito bem feito, o que acha? Não é? Sinto que está boquiaberto de admiração… e dez minutos depois, quando você voltou, hein? Que linda cena interpretei! Obviamente, eu batia mesmo contra a porta emparedada, entre o ateliê e o cômodo da esquerda… Só que, velho Siméon, eu não estava no ateliê, mas no quarto da esquerda! E o velho Siméon não duvidou de nada, e foi embora tranquilamente, convencido de que deixava para trás um condenado à morte. Um golpe de mestre, não acha? E eu dominava tanto a situação que nem precisei segui-lo até o fim. Eu tinha certeza, assim como dois e dois são quatro, de que ia à casa de seu amigo, o senhor Amédée Vacherot, o zelador. E, de fato, você foi lá na mesma hora.

Lupin retomou o folego e prosseguiu:

— Ah! Só que aí você cometeu uma bela imprudência, velho Siméon, que me tirou de apuro. Cheguei lá: não havia ninguém na portaria. O que fazer? Como achar sua pista? Felizmente, a providência me protegia. O que li em um pedaço de jornal? Um número de telefone que acabara de ser escrito a lápis. Olhe, olhe! Eis uma pista! Liguei para esse número. Consegui a comunicação e, friamente, sugeri: "Senhor, sou eu quem ligou há pouco. Acontece que tenho seu número, mas não tenho seu endereço". E foi assim que me deram esse endereço: "Doutor Géradec, boulevard de Montmorency". Então entendi. O doutor Géradec? É isso mesmo. Primeiramente, o velho Siméon vai receber uma boa intubação. Em seguida, vão cuidar de seu passaporte, já que o doutor Géradec é especialista em passaportes falsificados. Ah! Ah! Então é assim que o velho Siméon pretende fugir? De jeito nenhum! Então, vim aqui, sem me ocupar do seu pobre amigo, o senhor Vacherot, que você assassinou em algum canto para se livrar de um possível acusador. E, aqui, encontrei o doutor Géradec, um homem encantador, que, por causa dos erros que já cometeu, tem-se tornado mais sossegado e flexível, e que me… deixou seu lugar

emprestado por uma manhã. Não foi barato, mas, sabe? Os fins justificam… Em suma, como sua consulta estava marcada para as dez horas, eu ainda tinha duas horas inteiras para mim; portanto, fui visitar a barcaça, pegar os milhões, acertar certas coisas. E aqui estou!

Lupin parou diante de Siméon e lhe disse:

— Então, está pronto?

Siméon, que parecia absorto, estremeceu.

— Pronto para o quê? — continuou Lupin, sem esperar a resposta. — Mas para a grande viagem. Seu passaporte está em ordem. Paris-Inferno. Ida simples. Trem-bala. Leito-caixão. A bordo!

Houve um longo silêncio. O velho homem refletia e, visivelmente, procurava uma saída para escapar das garras de seu inimigo. Mas os gracejos de Arsène Lupin deviam atordoá-lo profundamente, porque só conseguiu balbuciar algumas sílabas confusas.

No fim, fez um esforço e pronunciou:

— E Patrice?

— Patrice? — repetiu Lupin.

— Sim. O que vai acontecer com ele?

— Tem alguma ideia a respeito disso?

— Ofereço minha vida em troca da dele.

Lupin pareceu estupefato.

— A seu ver, ele está correndo perigo de morte?

— Sim, é por isso que proponho o acordo: a vida dele contra a minha.

Lupin cruzou os braços, parecendo escandalizado:

— Realmente! Não tem vergonha! Como, Patrice é meu amigo, e acha que sou capaz de abandoná-lo desse jeito? Acha que eu, Lupin, faria gracejos mais ou menos engraçados sobre sua morte iminente enquanto meu amigo Patrice estaria correndo perigo? Está se rebaixando, velho Siméon. Está na hora de ir descansar em um mundo melhor.

Levantou uma cortina, abriu uma porta e chamou:

— E aí, capitão?

Então, após chamar outra vez, ele continuou:

— Ah! Vejo que recuperou a consciência, capitão. Que bom! Não está surpreso por me ver? Não! Ah! Sobretudo, eu lhe peço, nada de agradecimentos. Apenas queira vir até aqui. Nosso velho Siméon reclama sua presença. E, neste momento, o velho Siméon merece certa

consideração.

Então, virando-se para o velho homem, ele lhe disse:

— Aqui está seu filho, pai desnaturado.

---

[11] A França é dividida em regiões (dezoito, atualmente), e estas em departamentos (de dois a treze por região), totalizando 101 departamentos. (N.T.)

A última vítima de Siméon

Patrice entrou, a cabeça enfaixada, já que o golpe que Siméon lhe dera e o peso da lápide haviam reaberto antigas feridas. Estava muito pálido e parecia sofrer muito.

Ao ver Siméon Diodokis, teve um terrível gesto de fúria. No entanto, conteve-se. De pé um diante do outro, os dois homens não se mexiam, e Lupin, esfregando as mãos, dizia a meia voz:

— Que cena! Que cena admirável! Isso não é mesmo um bom teatro? O pai e o filho! O criminoso e a vítima! Atenção, orquestra… um *tremolo* em surdina… O que vão fazer? Será que o filho vai matar o pai, ou o pai matar o filho? Minutos palpitantes… Que silêncio! Só se expressa a voz do sangue, e em que termos! Pronto! A voz do sangue falou, e eles vão se jogar um nos braços do outro, para melhor se sufocarem.

Patrice dera dois passos adiante, e o movimento anunciado por Lupin ia se realizar, os dois braços do oficial se abriam para a luta. Mas, de repente, Siméon, enfraquecido pelo sofrimento, dominado por uma vontade mais forte, abandonou-se e suplicou:

— Patrice… Patrice… o que vai fazer?

Estendia as mãos, recorria à piedade de seu adversário, e este, detido em seu impulso, ficou confuso e olhou longamente para o homem a quem o vinculavam laços misteriosos e inexplicáveis.

Patrice finalmente falou, os punhos ainda erguidos:

— Coralie! Coralie! Diga-me onde ela está e terá a vida salva.

O velho estremeceu; seu ódio, despertado pela lembrança de Coralie, pela possibilidade de causar algum dano, recuperava energias, e ele respondeu com um riso cruel:

— Não, não… Salvar Coralie? Não, prefiro morrer. Ademais, o esconderijo de Coralie também é o do ouro… Não, nunca, prefiro morrer…

— Mate-o então, capitão — interveio dom Luís. — Mate-o, já que ele prefere que seja assim.

De novo a ideia da morte imediata e da vingança corava de sangue o rosto do oficial. Mas a mesma hesitação suspendeu o impulso.

— Não, não — disse ele em voz baixa. — Não posso…

— Por quê? — insistiu dom Luís… — É tão fácil! Vamos! Torça-lhe o pescoço como o faria com uma galinha.

— Não posso.

— Por quê? Acha repugnante a ideia de estrangulá-lo? Isso lhe dá nojo? No entanto, se fosse um boche[12], no campo de batalha…

— Sim, mas esse homem…

— São suas mãos que estão se recusando, talvez? A ideia de agarrar essa carne e apertá-la?… Olhe, capitão, pegue meu revólver e exploda os miolos dele.

Patrice pegou a arma com ansiedade e a apontou para o velho Siméon. O silêncio foi aterrador. Os olhos de Siméon se fecharam e gotas de suor corriam em seu rosto lívido.

No final, o braço do oficial desceu e ele repetiu:

— Não posso.

— Atire — ordenou dom Luís, impaciente.

— Não… não…

— Mas, mais uma vez, por que não?

— Não posso.

— Não pode? Quer que eu lhe diga o motivo, capitão? Você pensa nesse homem como se fosse seu pai.

— Talvez — disse o oficial, em tom baixo… — Há momentos em que as aparências me obrigam a acreditar nisso.

— Isso não importa, já que se trata de um crápula e um bandido!

— Não, não, não tenho esse direito. Que morra, mas não pelas minhas mãos. Não tenho o direito.

— Então, renuncia a se vingar?

— Seria abominável, seria monstruoso!

Dom Luís se aproximou e, tocando-lhe o ombro, disse em tom grave:

— E se não fosse seu pai?

Patrice o olhou. Não estava entendendo.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que a certeza não existe, que a dúvida, se se apoia em aparências, ou até em presunções, não é corroborada por nenhuma prova. E, por outro lado, pense no desgosto, na repugnância que sente… porque, enfim, isso também deve ser levado em conta. Para quem é, como você, limpo, leal, cheio de honra e orgulho, é aceitável ser filho de tamanho bandido? Pense nisso, Patrice.

Fez uma pausa e repetiu:

— Pense nisso, Patrice… e também em outra coisa que tem seu valor, eu lhe juro.

— Que coisa? — perguntou Patrice, que o contemplava com ar perdido.

Dom Luís pronunciou:

— Não importa qual seja o meu passado, o que possa pensar a meu respeito, você bem que reconhece que tenho certa consciência, não é? Sabe que minha conduta, em todo esse caso, nunca foi influenciada, senão por motivos que posso confessar em voz alta, não é?

— Sim, sim — declarou Patrice Belval com força.

— Pois bem, então, capitão, acredita que o incentivaria a matar esse homem se fosse seu pai?

Patrice parecia fora de si.

— Tenho certeza de que você deve ter alguma prova… Ah, eu lhe peço.

Dom Luís continuou:

— Acha que eu lhe diria para odiar esse homem se fosse seu pai?

— Ah — exclamou Patrice —, então não é meu pai?

— Não, não, repetiu Dom Luís, com irresistível convicção e ardor crescente. — Mil vezes não! Mas observe-o! Veja essa cara de bandido! Todos os crimes e todos os vícios estão inscritos nesse rosto de canalha. Nessa aventura, desde o primeiro dia até o último, não houve um crime que não fosse obra dele… nenhum, entende? Não estivemos enfrentando dois criminosos, como temos acreditado. Não houve Essarès para começar a tarefa infernal e o velho Siméon para terminá-la. Só há um criminoso, um único, entende, Patrice? O mesmo bandido que diante de nós, por assim dizer, matou Ya-Bon, matou o zelador Vacherot, matou sua própria cúmplice, o mesmo bandido havia começado sua sinistra empreitada muito antes, e já matava quem o incomodava. E entre essas vítimas ele matou

alguém que você conhecia, Patrice, matou um de quem você é a carne e o sangue.

— Quem? De quem está falando? — perguntou Patrice, sentindo-se totalmente confuso.

— Daquele de quem você ouviu, por telefone, os gritos de agonia; daquele que o chamava Patrice e que só vivia por você: ele matou esse homem! E esse homem era seu pai, Patrice! Era Armand Belval! Entende agora?

Patrice não entendia. As palavras de dom Luís caíam nas trevas sem que nenhuma delas fizesse brilhar a mais ínfima luz. No entanto, algo formidável se impunha à sua mente, e ele balbuciou:

— Ouvi a voz de meu pai… Era ele mesmo que me chamava?

— Era seu pai, Patrice.

— E o homem que o matava?

— Era este — disse dom Luís, apontando para o velho homem.

Siméon permanecia imóvel, os olhos perdidos, como um miserável que espera a sentença de morte. Patrice não deixava de olhá-lo, e era tomado por arrepios de raiva.

E, no entanto, certa alegria surgia na desordem de seus sentimentos, crescia nele e ocupava todos os seus pensamentos. Esse homem imundo não era seu pai. Seu pai estava morto, e era melhor assim. Ele respirava melhor. Podia reerguer a cabeça e odiar livremente, com um ódio justo e santo.

— Quem é você? Quem é você?

E, dirigindo-se para dom Luís:

— O nome dele? Eu lhe suplico… Quero saber o maldito nome antes de poder esmagá-lo.

— O nome dele? — disse dom Luís. — O nome dele? Ainda não adivinhou? É verdade que eu mesmo tive de procurar bastante, no entanto, era a única hipótese admissível.

— Mas que hipótese? Que ideia? — exclamou Patrice, exasperado.

— Quer saber?

— Ah! Eu lhe peço! Não vejo a hora de acabar com ele, mas antes quero conhecer seu nome.

— Pois bem…

Houve um silêncio entre os dois homens. Olhavam-se, de pé um ao lado do outro.

Mas dom Luís teve certamente a impressão de que ainda era preciso adiar o momento da revelação, e assim prosseguiu:

— Ainda não está pronto para a verdade, Patrice, e mesmo assim quero que, quando a ouvir, ela não provoque em você qualquer objeção. Veja bem, Patrice, e não pense que estou brincando, acontecem na vida, como na arte dramática, momentos em que o que chamamos de reviravolta não surte efeito se não for preparada. Não procuro criar uma reviravolta, mas impor-lhe uma convicção total, irresistível, a respeito do homem que não é seu pai, como agora você o admite, mas que também não é Siméon Diodokis, embora tenha tomado a aparência, a identidade e até a própria vida de Siméon Diodokis. Está começando a entender? Devo lhe repetir minha frase anterior: "Durante essa luta, não estivemos enfrentando dois criminosos. Não houve Essarès para começar a tarefa infernal e o velho Siméon para terminá-la". Só existiu, só existe um criminoso, ainda vivo, desde o começo, ainda agindo, eliminando quem o incomoda e, se preciso, utilizando-se da personalidade deles, e perseguindo sob essa aparência sua maldita obra… Entende? Preciso nomear aquele que foi a própria alma desse caso colossal, aquele que escreveu o enredo e que o fez evoluir para um desfecho favorável, apesar de todos os obstáculos e da guerra feroz que seus cúmplices lhe declararam? Procure além daquilo que viu com os próprios olhos, Patrice.

E dom Luís avançou:

— Não questione somente suas lembranças, até as do primeiro dia. Interrogue as lembranças dos outros, e tudo aquilo que Coralie lhe contou sobre o passado. Quem é o único perseguidor, o único bandido, o único assassino, o único gênio de todo o mal que foi feito ao seu pai e à mãe de Coralie, a Coralie, ao coronel Fakhi, a Grégoire, a Ya-Bon, a Vacherot, a todos, Patrice, a todos que foram envolvidos na trágica aventura? Vamos, vamos, sinto que está quase adivinhando. Se a verdade ainda não lhe aparece, seu fantasma invisível já o está rodeando. O nome desse homem brota em sua mente. Sua alma hedionda sai das trevas, sua verdadeira personalidade ganha corpo, sua máscara cai. E, na sua frente, está o próprio criminoso, isto é…

Quem pronunciou o nome terrível? Foi dom Luís, com todo o ardor da certeza? Foi Patrice, com a hesitação e a surpresa de uma convicção nascente? No entanto, assim que as quatro sílabas ecoaram no silêncio solene, o oficial não teve um momento de dúvida. Nem mesmo por um segundo procurou entender por qual prodígio tamanha revelação podia ser a simples expressão da verdade. Instantaneamente, ele admitiu essa verdade como incontestável e comprovada pelos fatos mais evidentes. E repetiu várias vezes o nome no qual nunca pensara, e que dava a explicação ao mesmo tempo mais lógica e mais extraordinária para o mais incompreensível dos problemas.

— Essarès bei… Essarès bei…

— Essarès bei — repetiu dom Luís —, Essarès bei, o homem que matou seu pai, e que o matou, por assim dizer, duas vezes, outrora na casa, tirando-lhe sua felicidade e sua razão de viver, e há poucos dias, na biblioteca, quando Armand Belval, seu pai, estava ligando para você. Essarès bei, o homem que matou a mãe de Coralie e que enterrou Coralie em um túmulo impossível de encontrar.

Dessa vez a morte foi decidida. Os olhos do oficial expressaram uma resolução indomável. Era preciso que o assassino de seu pai, o assassino de Coralie, morresse imediatamente. O dever era claro e preciso. O terrível Essarès devia morrer pela própria mão do filho e do noivo.

— Reze por sua alma — disse ele friamente — Dentro de dez segundos estará morto.

Contou esses dez segundos, e no décimo ia atirar quando o inimigo teve um arrojo de desmedida energia, que provava que, sob a aparência do velho Siméon, ainda havia um homem jovem e vigoroso. E ele exclamou com incrível virulência, que levou Patrice a hesitar:

— Pois sim, mate-me! Sim, e que tudo acabe! Fui vencido… aceito minha derrota. Mas é uma vitória, já que Coralie morreu e meu ouro está salvo!… Morro, mas ninguém os terá, nenhum dos dois… nem a mulher que amo, nem esse ouro que foi minha vida. Ah! Patrice, Patrice, a mulher que nós dois amávamos loucamente, ela não existe mais… ou então agoniza sem que agora seja possível salvá-la. Se eu não a tenho, você também tampouco a terá, Patrice. Minha vingança se cumpriu. Coralie está perdida! Está perdida!

Ele berrava e balbuciava ao mesmo tempo, recuperando uma força selvagem. Diante dele, Patrice o sobrepujava, prestes a agir, mas ainda esperando para ouvir as terríveis palavras que o torturavam.

— Ela está perdida, Patrice — continuou o inimigo com violência redobrada. — Perdida! Não há nada que se possa fazer! E você nem encontrará seu cadáver nas entranhas da terra em que a escondi com os sacos do ouro. Sob a lápide? Não, não sou tão tolo! Não, Patrice, você nunca vai achá-la. O ouro a sufoca. Está morta! Coralie está morta! Ah! Que delícia é poder jogar isso na tua cara! Como deve sofrer, Patrice! Coralie está morta! Morta!

— Não grite tanto. Você vai acordá-la — disse dom Luís Perenna, calmamente.

Havia tirado um cigarro de uma caixinha de metal que estava na mesa, acendeu-o e deu umas tragadas cuja fumaça subia em espirais. E parecia ter dito a frase como um aviso banal, dado despretensiosamente.

Contudo, uma espécie de estupor se seguiu à frase estranha e imprevista, um estupor que paralisava os dois adversários. Patrice deixou cair o braço, Siméon desfaleceu e se deixou desmoronar em uma poltrona. Ambos, sabendo do que Lupin era capaz, entendiam o que ele quisera dizer.

Mas Patrice precisava de algo mais do que palavras obscuras, que bem podiam ser uma bravata. Precisava de certeza. Com a voz entrecortada, ele perguntou:

— O que disse? Vamos acordá-la?

— Diabo! — respondeu dom Luís. — Quem grita demais acaba acordando as pessoas!

— Então ela está viva?

— Apesar do que se diz, ninguém acorda os mortos, somente os vivos.

— Coralie está viva! Coralie está viva! — repetiu Patrice, com uma espécie de embriaguez que o transfigurava. — Como é possível? Mas então ela estaria aí? Ah! Eu lhe peço, confirme esse fato, preciso ouvir seu juramento… Mas não, não é verdade, não é? Não posso crer… Quis brincar comigo.

Dom Luís retrucou:

— Vou lhe dizer, capitão, o que há pouco eu disse a esse miserável: “Você acredita que eu abandonaria minha obra antes de tê-la concluído?”.

É conhecer-me mal. Tudo que começo, capitão, eu o termino, e com sucesso. Trata-se de um hábito que mantenho porque o acho bom. Portanto…

Dirigiu-se para um dos lados da sala. Simetricamente à primeira cortina que escondia a porta por onde Patrice entrara antes, havia outra que ele levantou e que escondia uma segunda porta.

Patrice Belval dizia, com uma voz quase ininteligível:

— Não, não, ela não está aí… Não posso acreditar… A decepção seria grande demais… Jure-me…

— Não tenho nada a lhe jurar, capitão… Basta que abra os olhos. Diabo! Acha que isso é comportamento de um oficial francês? Está pálido! Pois sim, é ela, é mamãe Coralie. Está dormindo nessa cama, aos cuidados de dois guardas. Não há perigo, aliás. Nenhum ferimento. Um pouco de febre, apenas, e um cansaço extremo. Pobre mamãe Coralie, sempre que eu a vi foi nesse estado de esgotamento e de torpor.

Patrice se aproximou, transbordando de alegria. Dom Luís o deteve.

— Chega, capitão, não vá adiante. Se eu a trouxe aqui em vez de levá-la à sua casa foi porque achei necessário que ela mudasse de ambiente e de atmosfera. Chega de emoções. Já tem sofrido muito e, ao se mostrar, você poderia pôr tudo a perder.

— Você tem razão — disse Patrice —, mas tem certeza mesmo?

— Que está viva? — disse dom Luís, rindo. — Tanto quanto você e eu, e pronta a lhe dar a felicidade que merece e ser chamada de senhora Patrice Belval. Peço-lhe apenas um pouco de paciência. E não esqueça que ainda há um obstáculo para vencer, capitão, porque, afinal, ela é casada…

Ele fechou a porta e trouxe Patrice diante de Essarès bei.

— Eis o obstáculo, capitão. Está determinado, dessa vez? Entre mamãe Coralie e você, ainda há esse miserável. O que vai fazer dele?

Essarès nem havia olhado para o quarto vizinho, como se soubesse que a palavra de dom Luís Perenna não podia ser posta em dúvida. Curvado, sem forças, impotente, tremia em sua poltrona.

Dom Luís o interpelou:

— Olhe, rapaz, não parece estar muito à vontade. O que o aborrece? Está com medo, talvez? Por quê? Eu lhe prometo que não faremos nada sem concordarmos previamente e sem que nós três estejamos com a mesma opinião. Isso o tranquiliza, hein? Que ideia! Nós três somos os que vão

julgá-lo. E agora mesmo. O capitão Patrice Belval, dom Luís Perenna e o velho Siméon formam um tribunal. Vamos abrir os debates. Ninguém toma a palavra para defender o senhor Essarès bei? Ninguém. O senhor Essarès bei é condenado à morte. Sem circunstâncias atenuantes. Sem poder recorrer. Sem concessão de graça. Sem suspensão de pena. Execução imediata. Caso julgado!

Bateu no ombro do homem e lhe disse:

— Como pode ver, foi tudo rápido! Por unanimidade, hein? É um veredito satisfatório e que deixa todo mundo feliz. Só resta escolher o tipo de morte. O que acha? Um tiro de revólver? Está entendido. É limpo e rápido. Capitão Belval, siga em frente. O alvo está postado e aqui está a arma.

Patrice não havia se mexido. Contemplava o imundo indivíduo que o prejudicara tanto. Um formidável ódio fervilhava dentro dele. No entanto, ele respondeu:

— Não vou matar esse homem.

— Tem razão — aprovou dom Luís. — Afinal de contas, tem razão, e seus escrúpulos o honram. Não, você não tem o direito de matar esse homem, ainda mais que é o marido da mulher que ama. Não lhe pertence eliminar o obstáculo. Ademais, matar lhe dá desgosto. A mim, também. E esse animal é sujo demais. Então, Siméon, só você pode nos ajudar a sair dessa situação delicada.

Dom Luís se calou e se debruçou sobre Essarès. Será que o miserável havia ouvido? Será que ainda estava vivo? Parecia desmaiado, privado de sua consciência.

Dom Luís o sacudiu bruscamente pelo ombro.

Essarès gemeu:

— O ouro… os sacos de ouro…

— Ah! Está pensando nisso, seu velho malandro? Ainda está interessado?

Dom Luís deu uma gargalhada.

— Aliás, sim, nós nos esquecemos de falar disso. Mas você pensa no ouro, seu velho malandro. Continua interessado? Pois bem, meu caro, os sacos de ouro estão no meu bolso… na medida em que um bolso pode conter mil e oitocentos sacos de ouro.

O homem protestou.

— O esconderijo…

— Seu esconderijo? Mas não existe mais para mim. Não preciso lhe trazer a prova, já que Coralie está aí. E como Coralie estava soterrada no meio dos sacos de ouro, você deve concluir por simples lógica… Consequentemente, está perdido. A mulher que queria está livre, mais terrível ainda, livre junto daquele que adora e nunca mais deixará. E, por outro lado, seu tesouro foi descoberto. Então, acabou, não é? Estamos de acordo? Veja, aqui está o brinquedo de sua libertação.

Apresentou-lhe o revólver, que Essarès, maquinalmente, pegou e apontou para Lupin. Mas seu braço não tinha força e voltou a descer.

— Perfeito! — disse dom Luís. — Sua consciência se revolta, e não é contra mim que seu braço se volta. Perfeito! Estamos nos entendendo, e o ato que quer executar vai redimir a má vida que levou, seu velho bandido. Quando toda esperança desaparece, só resta uma coisa: a morte. É o grande refúgio.

Pegou-lhe a mão, e apertando na coronha os dedos enfraquecidos, apontou a arma para o rosto de Essarès.

— Vamos, um pouco de coragem. O que resolveu fazer está muito certo. Já que o capitão e eu nos recusamos a ter a desonra de matá-lo, você decidiu agir por conta própria. Nossos agradecimentos comovidos. Eu sempre disse: "Essarès não passa de um velho bandido, mas na hora de morrer vai acabar honrosamente, como um herói, com um sorriso no rosto e uma flor na lapela". Ainda mostra um pouco de resistência, mas estamos chegando ao objetivo. Mais uma vez, está de parabéns. Sua maneira de sair de cena é muito elegante. Dá-se conta de que está sobrando na Terra, que incomodaria Patrice e Coralie… Mas, sim, o marido sempre é um estorvo… existem leis, conveniências… Então, prefere se retirar. Que coragem. Um verdadeiro gentleman! E como está certo! Acabou o amor, acabou o ouro. Acabou o ouro, Essarès! As belas moedas reluzentes que cobiçava, com as quais teria construído uma existência confortável, tudo isso se volatilizou, desapareceu… Não, decididamente, é melhor desaparecer, não é?

Essarès mal conseguia resistir. Era uma sensação de impotência? Ou será que entendia realmente que dom Luís tinha razão e que sua vida não valia mais a pena ser vivida? A arma subiu até sua testa. O cano tocou a têmpora.

Ao contato do aço, ele estremeceu e gemeu:

— Perdão!

— Não, não — disse dom Luís —, não pode perdoar a si mesmo. E não vou ajudá-lo nisso! Talvez, se não tivesse matado meu pobre Ya-Bon, talvez pudéssemos ter procurado outro desfecho. Mas, realmente, você não me inspira mais piedade do que tem para si mesmo. Vai morrer, e tem razão. Não vou impedi-lo.

E ele continuou:

— Ademais, teu passaporte está pronto, tua passagem está no teu bolso. Não há mais como recuar. Esperam por você lá embaixo. E sabe, não vai ter tempo de se entediar. Já viu alguma vez os desenhos que representam o inferno? Neles, cada um tem seu próprio túmulo coberto por uma lápide enorme, a qual deve erguer e sustentar com as costas para escapar das chamas que jorram por baixo. Um verdadeiro banho de fogo. Como pode ver, não falta distração. Ora, teu túmulo já está reservado. As chamas estão jorrando. O banho do senhor está pronto.

Lenta e pacientemente, conseguira introduzir o indicador do miserável sob a coronha, de modo a colocá-lo sobre o gatilho. Essarès se entregava. Não era mais que um farrapo. A morte já estava nele.

— Note bem — continuava dom Luís — que está totalmente livre. Quem deve apertar é você, se estiver a fim. Eu não tenho nada a ver com isso. De forma alguma pretendo influenciá-lo. Não, não estou aqui para "suicidá-lo", mas para aconselhá-lo e lhe dar uma ajuda.

De fato, havia soltado o indicador e só segurava o braço. Mas ele pesava sobre Essarès com toda a sua vontade e energia. Vontade de destruição, vontade de aniquilação, vontade indomável à qual Essarès não podia se subtrair.

A cada segundo a morte entrava um pouco mais no corpo inerte, dissociava os instintos, escurecia as ideias e trazia uma imensa necessidade de descanso e inação.

— Você vê como é fácil. A embriaguez está lhe subindo à cabeça. É quase um prazer, não é? Que alívio! Não viver mais! Não sofrer mais! Não pensar mais nesse ouro que não tem e não pode mais ter, nessa mulher que pertence a outro, a quem vai entregar seus lábios, todo o seu ser encantador… Você poderia viver com essa ideia? Você poderia imaginar a infinita felicidade desses dois apaixonados? Não, certo? Então…

O miserável cedia aos poucos, entregue à covardia. Encontrava-se diante de uma dessas forças que esmagam, uma força da natureza, poderosa como o destino e à qual se deve obedecer. Uma vertigem o estonteava. Ele descia rumo ao abismo.

— Então, vamos… Não esqueça, aliás, que já morreu uma vez… Lembre-se… já teve um serviço funeral como Essarès bei, já foi enterrado, rapaz. Consequentemente, só pode reaparecer neste mundo para se entregar à Justiça. E, obviamente, estou aqui para dirigir essa justiça, se for preciso. Então, vai acabar na cadeia, no cadafalso, seu velho…. hein? O amanhecer gelado… a guilhotina…

Tudo havia acabado. Essarès afundava nas trevas. Tudo rodopiava ao seu redor. A vontade de dom Luís se introduzia nele e o aniquilava.

Por um momento, virou-se para Patrice e tentou implorar.

Mas Patrice persistia em sua atitude impassível. Os braços cruzados, olhava sem piedade o assassino de seu pai. O castigo era merecido. Só precisava deixar o destino se cumprir. Patrice Belval não interferiu.

— Então, vamos… Não é nada, e aí vem o grande descanso! Como é gostoso! Esquecer!… Parar de lutar!… Pense no ouro que perdeu… Trezentos milhões volatilizados… e Coralie perdida também. A mãe e a filha, não teve nem uma nem a outra. Em todo caso, a vida não passa de um logro… é melhor escapar. Vamos, um pequeno esforço, um pequeno gesto…

Esse pequeno gesto, o bandido o executou. Inconscientemente, pressionou o gatilho. A arma disparou. E ele caiu para a frente, ajoelhado no chão.

Dom Luís teve de dar um salto para o lado para que o sangue que jorrou da cabeça rompida não respingasse nele. E disse:

— Diabo! O sangue desse bandido teria me trazido má sorte. Mas, meu Deus, que canalha! Creio definitivamente que fiz uma boa ação a mais em minha vida, e que esse suicídio me dá direito a um lugar no paraíso. Ah! Não sou exigente… uma modesta cadeira dobrável na sombra. Mas tenho esse direito. O que acha, capitão?

---

[12] Um alemão. (N.T.)

Que haja luz!

No mesmo dia, ao anoitecer, Patrice andava de um lado para outro no cais de Passy. Eram quase seis horas. De vez em quando um bonde passava, ou algum caminhão. Havia poucos pedestres. Patrice estava quase sozinho.

Não voltara a ver dom Luís Perenna desde a manhã. Simplesmente recebera um bilhete pelo qual dom Luís lhe pedia para mandar transportar Ya-Bon à casa de Essarès e dirigir-se em seguida para a parte alta do canteiro Berthou.

A hora do encontro se aproximava e Patrice se alegrava com essa reunião, em que toda a verdade finalmente ia ser revelada. Essa verdade, ele a adivinhava em parte, mas quantas áreas escuras ainda existiam! Quantos problemas insolúveis! O drama havia acabado. A cortina caía sobre a morte do bandido. Tudo estava correndo bem. Não havia mais nada a temer, nenhuma armadilha a evitar. O formidável inimigo havia sido derrotado. Mas com que intensa ansiedade Patrice Belval esperava o momento em que toda a luz se faria sobre esse drama!

— Algumas palavras — ele se dizia —, algumas palavras desse incrível indivíduo que se chama Lupin, e o mistério será esclarecido. Com ele, vai ser rápido. Ele deve ir embora daqui a uma hora.

E Patrice se perguntava:

— Será que vai levar o segredo do ouro consigo? Vai resolver para mim o problema do triângulo? E esse ouro, como o guardará para si mesmo? Como o levará?

Um automóvel chegava do Trocadéro. Diminuiu a velocidade e parou ao longo da calçada. Devia ser dom Luís.

Mas, para sua grande surpresa, Patrice reconheceu o senhor Desmalions, que abria a porta e vinha ao seu encontro, a mão estendida:

— E então, capitão, como vai? Cheguei na hora certa ao encontro, hein? Mas, diga-me, feriu a cabeça de novo?

— Sim… não é nada — respondeu Patrice. — Mas de que encontro se trata?

— Como? Aquele que o senhor marcou comigo!

— Mas eu não marquei nenhum encontro com o senhor!

— Ah — replicou Desmalions —, o que isso significa? Olhe, aqui está o bilhete que me trouxeram na delegacia. Vou ler: "Por parte do capitão Belval, avisa-se ao senhor Desmalions de que o problema do triângulo foi resolvido. Os mil e oitocentos sacos estão à sua disposição. Peça-se que ele queira se encontrar às seis horas no cais de Passy, devidamente outorgado pelo governo, para aceitar as condições da entrega. Seria útil trazer uns vinte agentes robustos, a metade dos quais deveria se postar uns cem metros antes da casa de Essarès, e a outra metade uns cem metros depois dessa casa". Eis o bilhete. Está claro?

— Muito claro — disse Patrice —, mas não é meu.

— De quem é, então?

— De um homem extraordinário, que desvendou todos esses enigmas à medida que surgiam e que, certamente, vai lhe trazer pessoalmente a explicação.

— Seu nome?

— Não posso lhe dizer.

— Ah! Em tempo de guerra é um segredo difícil de guardar.

— Muito fácil, senhor — disse uma voz atrás do senhor Desmalions. Basta querer.

O senhor Desmalions e Patrice se viraram e avistaram um homem com uma longa sobrecasaca que descia até abaixo dos joelhos, e o pescoço rodeado por uma gola alta, à maneira de um clérigo inglês.

— Eis o amigo de quem eu lhe falava — disse Patrice, que teve certa dificuldade a reconhecer dom Luís. — Salvou minha vida e a de minha noiva duas vezes. Respondo por ele.

O senhor Desmalions o cumprimentou e, imediatamente, dom Luís pronunciou com leve sotaque:

— Senhor, seu tempo é precioso, assim como o meu. Devo deixar Paris ainda hoje, e amanhã a França. Assim, minhas explicações serão bem curtas, ainda mais que até agora o senhor acompanhou as principais peripécias do drama que se desatou nesta manhã, e sobre o qual o capitão Belval o deixará a par daquilo que ainda ignora. Aliás, com suas qualidades profissionais e seu sentido apurado dessas questões, o senhor vai elucidar facilmente os poucos pontos que ainda permanecem obscuros. Portanto, só lhe contarei o essencial, e primeiramente o seguinte: nosso pobre Ya-Bon morreu. Sim, morreu nesta noite, ao lutar corajosamente contra o inimigo. Ademais, o senhor vai encontrar três cadáveres, o de Grégoire, cujo verdadeiro nome é senhora Mosgranem, nessa barcaça; o de Vacherot, em um canto qualquer do prédio situado da Rua Guimard, 18; e finalmente, na clínica do doutor Géradec, no boulevard de Montmorency, o cadáver do senhor Siméon Diodokis.

— O velho Siméon? — perguntou o senhor Desmalions, muito surpreso.

— O velho Siméon se matou. O capitão Belval lhe dará sobre esse indivíduo e sua verdadeira personalidade todas as informações possíveis, e creio que o senhor irá concluir, assim como eu, que é necessário abafar o caso. Mas, repito, vamos em frente. Tudo isso, no ponto de vista especial em que se encontra, não passa de ninharias e detalhes retrospectivos. O que o preocupa acima de tudo, e pelo qual o senhor aceitou vir até aqui, é a questão do ouro, não é?

— De fato.

— Vamos falar sobre isso. O senhor trouxe seus agentes?

— Sim, mas por qual motivo? O esconderijo, mesmo que me indique sua localização, permanecerá o que é, um lugar impossível de encontrar para quem não o conhece.

— Sim, mas quanto mais pessoas o conhecerem, menos o segredo poderá ser guardado. Em todo caso — e dom Luís articulou essa frase nitidamente —, de qualquer modo trata-se de uma de minhas condições.

Desmalions sorriu.

— Pode imaginar que está aceita de antemão. Nossos homens ocupam seus postos. E a outra condição?

— Esta é mais grave, senhor, tão grave que, não importa quais poderes lhe tenham sido outorgados, duvido que sejam suficientes.

— Fale e veremos.

— É o seguinte.

E dom Luís, com tom fleumático, como se estivesse contando a mais insignificante das histórias, expôs secamente sua incrível proposta.

— Senhor, dois meses atrás, graças às minhas relações no Oriente, e em decorrência das influências de que disponho em certos meios otomanos, consegui que a camarilha que atualmente governa a Turquia aceitasse a ideia de uma paz em separado. Tratava-se simplesmente de algumas centenas de milhões a serem distribuídos. A oferta, que transmiti aos Aliados, foi rejeitada, não por motivos financeiros, mas por razões políticas que não me cabe julgar. Esse pequeno fracasso diplomático, não quero mais sofrê-lo. Falhei na minha primeira negociação, não vou falhar na segunda. Por isso, tomo minhas precauções.

Fez uma pausa, que o senhor Desmalions, totalmente confuso, não interrompeu. Então ele continuou, e sua voz se tornou um pouco mais solene:

— O senhor não ignora que agora mesmo, em abril de 1915, ocorrem negociações entre os Aliados e a última das grandes potências europeias que ainda ficou neutra. Essas negociações estão prestes a obter êxito, e vão lograr porque o destino dessa potência o exige e seu povo inteiro está muito entusiasta com esse desfecho. Entre as questões levantadas há uma que foi objeto de certa divergência: é a questão do dinheiro. Essa potência nos pede um empréstimo de trezentos milhões em ouro, deixando claro, todavia, que uma recusa de nossa parte não mudaria nada quanto a uma decisão que já foi tomada irrevogavelmente. Pois bem! Tenho esses trezentos milhões, são meus, e ponho-os à disposição de nossos novos amigos. Esta é minha última e, na realidade, única condição.

Desmalions parecia aturdido. O que significava tudo isso? Quem era esse desconcertante personagem que parecia fazer malabarismo com os problemas mais graves e dispor de soluções pessoais para o fim do grande conflito mundial?

Ele retrucou:

— Mas enfim, senhor, trata-se de negócios que não nos dizem respeito, e que devem ser examinados e tratados por outros que não nós.

— Cada um tem o direito de usar seu dinheiro como bem entende.

Desmalions teve um gesto de desânimo.

— Olhe, pense, o senhor mesmo disse que essa própria potência considera a questão secundária.

— Sim, mas o simples fato de discutir a respeito dela vai atrasar o acordo por alguns dias.

— Pois bem, e o que são uns dias a mais ou a menos?

— Cada hora que passa tem sua importância, senhor.

— Mas por quê?

— Por um motivo que o senhor ignora, e que tudo mundo aqui ignora… exceto eu e algumas pessoas que estão a quase dois mil e quinhentos quilômetros daqui.

— Qual?

— Que os russos não têm mais munições.

O senhor Desmalions deu de ombros, com alguma impaciência. O que essa história, esse conto sem pé nem cabeça vinha fazer aqui?

— Os russos não têm mais munições — repetiu dom Luís. — Ora, está ocorrendo lá agora uma batalha formidável, cujo desfecho é uma questão de horas. A linha de frente russa vai ser penetrada e os exércitos russos vão recuar, recuar… até onde? Obviamente, essa eventualidade… certa, inevitável, não pode influenciar a vontade da grande potência de que falamos. No entanto, existe nela um partido neutralista implacável, violento. Que arma lhe oferecemos ao atrasar o acordo! Em que constrangimento o senhor coloca os que dirigem e preparam a guerra! Seria uma falha imperdoável. Quero evitá-la para o meu país. É por isso que pus essa condição.

Desmalions estava totalmente confuso. Gesticulava. Meneava a cabeça. Murmurou:

— É impossível. Tamanha situação nunca será aceita. Precisamos de tempo… de negociações…

— Apenas cinco minutos são necessários… seis, no máximo.

— Mas olhe, o senhor está falando de coisas…

— De coisas que conheço melhor que ninguém, de uma situação muito clara, de um perigo muito real que pode ser resolvido em um piscar de olhos.

— Mas é impossível, senhor, impossível! Enfrentamos dificuldades…

— Quais?

— Mas — exclamou o senhor Desmallions — dificuldades de todo tipo, e mil obstáculos insuperáveis…

Alguém pôs a mão em seu braço, alguém que havia se aproximado um pouco antes e escutado o pequeno discurso de dom Luís. Esse novo ouvinte descera de um automóvel estacionado mais à frente e, para grande surpresa de Patrice, sua presença não suscitara qualquer oposição, nem por parte do senhor Desmalions, nem de dom Luís Perenna.

Era um homem bastante idoso, de rosto enérgico e atormentado.

Ele disse:

— Meu caro Desmalions, creio que esteja vendo a questão sob um aspecto errado.

— É minha opinião, senhor presidente — disse dom Luís.

— Ah! O senhor me conhece — disse o recém-chegado.

— O senhor ministro Valenglay, não é, senhor presidente? Tive a honra de ser recebido pelo senhor, há alguns anos, quando o senhor era presidente do Conselho.

— Sim, de fato!… Bem que estava me lembrando… embora sem saber precisamente…

— Não procure, senhor presidente. O passado não tem interesse. O que importa é que concorde comigo.

— Não sei se concordo com o senhor. Mas penso que isso não significa nada. E era o que eu lhe dizia, meu caro Desmalions. Não se trata de saber se deve discutir as propostas desse senhor. Nesse caso, não há negociação. Em uma negociação, cada um traz algo. Não trazemos absolutamente nada… ao passo que o senhor traz tudo e nos declara: "Querem os trezentos milhões em ouro? Nesse caso, eis o que farão com eles. Do contrário, boa noite". Esta é precisamente a situação, não é, Desmalions?

— Sim, senhor presidente.

— Pois bem, e pode dispensar esse senhor? Pode, sem esse senhor, encontrar o esconderijo do ouro? Note que ele lhe facilitou as coisas, já que o trouxe até aqui e que quase lhe indica onde está o ouro. Isso é suficiente? Espera descobrir o segredo que procura há semanas, há meses?

Desmalions foi muito franco. Não teve qualquer hesitação.

— Não, senhor presidente, não espero mais…

— Então?

E, voltando-se para dom Luís, Valenglay perguntou:

— E quanto ao senhor, essa é a sua última palavra?

— Minha última palavra!

— Se recusarmos… boa noite?

— O senhor disse a expressão certa, senhor presidente.

— E se aceitarmos, a entrega do ouro será imediata?

— Imediata.

— Nós aceitamos.

Foi categórico. O antigo presidente do Conselho acompanhara sua afirmação com um pequeno gesto seco que reforçava seu valor.

E, após uma breve pausa, ele confirmou:

— Nós aceitamos. Nesta noite o embaixador será informado.

— O senhor me dá sua palavra, senhor presidente?

— Eu lhe dou minha palavra.

— Nesse caso, estamos de acordo.

— Estamos de acordo. Agora fale.

Todas essas frases haviam sido trocadas rapidamente. Os quatro homens estavam perto uns dos outros, como passeantes que se encontram e conversam por um momento. Valenglay, um dos braços apoiado no parapeito do muro de contenção do cais, virado para o Sena, levantava e abaixava sua bengala acima do amontoado de areia. Patrice e o senhor Desmalions ficavam calados, o rosto um pouco crispado.

Dom Luís começou a rir.

— Não espere, senhor presidente, que eu faça surgir o ouro com a ajuda de uma vara mágica, ou que eu lhe mostre uma caverna em que o valioso metal se encontra. Sempre pensei que a expressão "O triângulo de ouro" enganava ao evocar algo misterioso e fabuloso. Não, a meu ver tratava-se simplesmente do espaço em que o ouro se encontrava e que tinha a forma de um triângulo. O triângulo de ouro é isso: sacos de ouro dispostos em triângulo, um local tendo uma forma de triângulo. Portanto, a realidade é bem mais simples, e talvez fique decepcionado, senhor presidente!

— Não vou ficar — retrucou Valenglay —, se me puser diante dos mil e oitocentos sacos de ouro.

Dom Luís insistiu:

— Faço minhas as suas palavras, senhor presidente. Assim, sua aprovação será completa.

— Minha aprovação será completa, absoluta, total, se me puser diante dos sacos de ouro.

— Está diante dos sacos de ouro, senhor presidente.

— Como, estou diante deles? O que quer dizer?

— Exatamente o que digo, senhor presidente. A menos que toque os sacos, é difícil ficar mais perto do que o senhor está.

Apesar de seu autocontrole, Valenglay não escondia sua surpresa.

— Contudo, isso não significa que eu esteja pisando em ouro e que bastaria levantar os paralelepípedos da calçada ou derrubar este parapeito.

— Ainda seriam obstáculos a serem removidos, senhor presidente. Ora, nenhum obstáculo o separa de sua meta.

— Nenhum obstáculo!

— Nenhum, senhor presidente, já que só precisa fazer um pequeno gesto para tocar os sacos.

— Um pequeno gesto! — disse Valenglay, que, maquinalmente, repetia as palavras de Dom Luís.

— Chamo de pequeno gesto aquele que podemos fazer sem esforço, quase sem nos mexermos, por exemplo, apenas enfiando a bengala em uma poça d'água… ou então…

— Ou então?

— Ou então um amontoado de areia.

Valenglay permaneceu silencioso e impassível. Apenas um leve estremecimento sacudiu seus ombros. Não fez o gesto sugerido. Não precisava fazê-lo. Havia entendido.

Os outros também se calaram, estupefatos pela prodigiosa e tão simples verdade que de repente aparecia diante deles com a clareza de um relâmpago.

No meio desse silêncio que nenhum protesto ou manifestação de incredulidade rompia, dom Luís continuou a falar lentamente:

— Se tivesse qualquer dúvida, senhor presidente… e vejo que não tem… o senhor afundaria sua bengala… ah, não muito… cinquenta centímetros no máximo… e sentiria uma resistência que a deteria imediatamente. São os sacos de ouro. Deve haver mil e oitocentos. E, como pode ver, isso não faz um volume enorme. Um quilo de ouro convertido em numerário (queira desculpar esses detalhes técnicos, mas são necessários) representa trezentos mil francos. Portanto, como calculei aproximadamente,

um saco de cinquenta quilos, que contém cento e cinquenta e cinco mil francos em rolinhos de mil francos, é um saco de dimensões reduzidas. Empilhados uns ao lado dos outros, e uns sobre os outros, esses sacos representam um volume de cerca de cinco metros cúbicos, não mais. Se der a esse volume a forma grosseira de uma pirâmide triangular, o senhor obterá uma base em que cada lado terá aproximadamente de três metros a três metros e meio, considerando o espaço perdido entre as pilhas de moedas. A altura dessa pirâmide seria a desse muro. Se cobrir tudo com uma camada de areia, obterá o amontoado que está diante de seus olhos…

Após uma nova pausa, dom Luís prosseguiu:

— E que está aqui há meses, senhor presidente. Não somente sem que aqueles que procuravam o ouro pudessem tê-lo descoberto sob a areia, mas sem mesmo que o acaso tenha revelado sua presença a ninguém. Pense mesmo, um monte de areia! Procuramos em um porão, vasculhamos tudo que se parece com uma gruta, uma caverna, um buraco, uma escavação, um poço, um esgoto, um subterrâneo. Mas um monte de areia! Quem teria a ideia de fazer nele uma pequena abertura para ver o que contém? Os cães param na beira, as crianças brincam, fazem castelos, algum operário se deita e dorme. A chuva o amolece, o sol o endurece, a neve o cobre de branco, mas isso se produz na superfície, na parte visível. Dentro, o mistério é impenetrável. Dentro, as trevas são inexploráveis. Não há esconderijo no mundo que valha a parte interna de um amontoado de areia exposto em um lugar público. Aquele que imaginou servir-se dele para esconder trezentos milhões de ouro é um homem inteligente, senhor presidente.

Valenglay havia escutado dom Luís sem interrompê-lo. No final das explicações, meneou a cabeça duas ou três vezes e então disse:

— Um homem inteligente, de fato. Mas existe alguém ainda mais forte, senhor.

— Não creio.

— Sim, existe aquele que adivinhou que o amontoado de areia abrigava os trezentos milhões. Este homem é um mestre, diante do qual é preciso se inclinar.

Dom Luís saudou-o, bastante lisonjeado pelo elogio recebido. Valenglay estendeu-lhe a mão.

— Não vejo recompensa digna do serviço que prestou ao país, senhor.

— Não procuro recompensas — disse dom Luís.

— Tudo bem, senhor, mas ao menos eu gostaria que fosse agradecido por vozes mais autorizadas que a minha.

— É realmente necessário, senhor?

— Indispensável. E devo confessar que estou curioso para saber como conseguiu descobrir esse segredo. Passe no Ministério dentro de uma hora.

— Lamento, senhor presidente, mas daqui a quinze minutos estarei de partida.

— Não, não pode ir embora dessa maneira — afirmou Valenglay em tom muito firme.

— E por quê, senhor?

— Diabo, porque não sabemos nem seu nome, nem quem é.

— Isso importa tão pouco!

— Em tempo de paz, talvez. Mas, em tempo de guerra, é inaceitável!

— Bah! Senhor presidente, farão uma exceção para mim.

— Oh! Oh! uma exceção…

— Admitamos que essa seja a recompensa que peço. Será recusada?

— É a única que somos obrigados a lhe recusar. Mas, aliás, o senhor não vai pedi-la. Um bom cidadão como o senhor entende as exigências às quais cada um deve se submeter.

— Entendo perfeitamente as exigências a que se refere, senhor presidente. Infelizmente…

— Infelizmente?

— Não costumo me submeter a elas.

Havia um pouco de desafio na entonação de dom Luís. Valenglay não pareceu notar e disse, rindo:

— Mau costume, senhor, e do qual aceitará se departir por uma vez. O senhor Desmalions o ajudará. Não é, meu caro Desmalions? Queira se entender com o senhor a respeito disso. No Ministério, daqui a uma hora, certo? Conto absolutamente com o senhor. Do contrário… Até mais, senhor. Espero sua visita.

Após uma saudação muito amável, fazendo alegres rodopios com sua bengala, Valenglay se dirigiu para seu carro, acompanhado por Desmalions.

— Muito bem — disse dom Luís com uma risadinha —, eis um homem determinado! Em um piscar de olhos ele aceitou trezentos milhões de ouro, assinou um tratado histórico e decretou a prisão de Arsène Lupin.

— O que disse? — exclamou Patrice, desconcertado. — Sua prisão?

— Ou ao menos meu comparecimento, o exame de meus documentos e tudo o mais.

— Mas seria abominável!

— É legal, meu caro capitão. Portanto, devemos aceitar.

— Mas…

— Capitão, acredite que alguns contratempos desse tipo não diminuem em nada a satisfação absoluta que sinto por prestar serviço ao meu país. Durante a guerra, eu queria fazer algo para a França e desfrutar amplamente o tempo que eu podia lhe dedicar durante minha estada. Está feito. E, ademais, tenho outra recompensa… os quatro milhões. Porque mamãe Coralie me inspira estima demais para que eu acredite que ela seja capaz de tocar nesse dinheiro… que, de fato, lhe pertence.

— Posso lhe garantir, em nome dela.

— Obrigado, e tenha certeza de que o presente será bem empregado e que nenhuma parcela será desviada para outra finalidade senão a grandeza de meu país e a indispensável vitória. Portanto, está tudo acertado. Agora, ainda tenho alguns minutos a lhe consagrar. Vamos aproveitar. O senhor Desmalions já está juntando seus homens. Para facilitar a tarefa deles e evitar um escândalo, vamos descer no cais, perante o amontoado de areia. Ali lhe será mais cômodo me prender.

Desceram e, enquanto andavam, Patrice disse:

— Aceito esses poucos minutos, mas, antes de tudo, quero ter a oportunidade de me desculpar…

— Por quê, capitão? Por ter-me traído um pouco e por ter-me trancado no ateliê da casa? O que quer? Defendia mamãe Coralie. Por ter acreditado que eu fosse capaz de me apossar do tesouro no dia em que o descobrisse? O que quer? Era possível supor que alguém como Arsène Lupin ia desdenhar trezentos milhões de ouro?

— Portanto, nada de desculpas — disse Patrice, rindo. — Porém, agradecimentos.

— A respeito do quê? Por ter salvado sua vida e a de mamãe Coralie? Não me agradeça. Para mim, salvar pessoas é como um esporte.

Patrice segurou a mão de dom Luís e a apertou com muita força. Então, disse com uma alegria que escondia sua emoção:

— Então não vou lhe agradecer. Não vou lhe dizer que me livrou de um terrível pesadelo ao me revelar que eu não era o filho desse monstro e ao

me mostrar sua verdadeira personalidade. E também não lhe direi que estou feliz, que a vida se abre para mim, toda radiante, e que Coralie está livre para me amar. Não, não vamos falar. Mas devo lhe confessar que minha felicidade é ainda… como explicar?… um pouco obscura… um pouco tímida… não existe mais dúvida em mim. Mas, apesar de tudo, não entendo bem a verdade e, enquanto eu não entender, a verdade me trará alguma preocupação. Portanto, fale… explique-me… quero saber…

— Mas essa verdade é tão clara! — exclamou dom Luís. — As mais complexas verdades sempre são tão simples! Olhe, não entende? Reflita na maneira como o problema se apresenta. Durante dezesseis a dezoito anos Siméon Diodokis se comportou a seu respeito como um amigo perfeito, dedicado até a abnegação, em suma, como um pai. Não teve outra ideia, fora sua vingança, senão sua felicidade e a de Coralie. Queria uni-los. Coleciona suas fotografias. Segue-o em toda sua existência. Entra em contato com você. Manda-lhe a chave do jardim e prepara um encontro. E, de repente, mudança total! Torna-se seu inimigo implacável, que só pensa em matar Coralie e você. O que houve entre esses dois estados de espírito? Um único fato, ou melhor, uma data, a noite de 3 para 4 de abril, e o drama que ocorreu naquela noite e no dia seguinte na casa de Essarès. Antes dessa data, você é o filho de Siméon Diodokis. Depois dessa data, você se tornou o maior inimigo de Siméon Diodokis. Isso lhe abre os olhos, hein? Quanto a mim, todas as minhas descobertas decorrem dessa visão geral que tive desde o começo do caso.

Patrice meneava a cabeça, sem responder. Decerto, ele entendia, e, no entanto, o enigma conservava parte de seu segredo.

— Sente-se aí — disse dom Luís — em nosso famoso monte de areia e ouça-me. Em dez minutos terei acabado.

Encontravam-se no canteiro Berthous. O dia começava a definhar e, do outro lado do Sena, as silhuetas se tornavam imprecisas. Na beira do cais, a barcaça balançava lentamente.

Dom Luís começou a sua análise:

— Na noite em que, escondido na sacada interna da biblioteca, você assistia ao drama da casa de Essarès, havia, diante de seus olhos, dois homens amarrados pelos cúmplices, Essarès bei e Siméon Diodokis. Ambos os homens, agora, já morreram. Um era seu pai. Vamos falar do outro, de Essarès bei. Naquela noite, sua situação era crítica. Após ter extraído o ouro

da França em favor de uma potência oriental, obviamente a mando da Alemanha, ele procurava se apossar do saldo do bilhão que havia coletado. A *Belle-Hélène,* avisada pela chuva de faíscas, vinha atracar ao longo do canteiro Berthou. A transferência devia ocorrer à noite, do amontoado de areia até a barcaça a vapor. Tudo estava correndo bem, quando houve uma reviravolta inesperada, os cúmplices, alertados por Siméon, entraram em cena. Daí a cena da chantagem, a morte do coronel Fakhi, etc… e o senhor Essarès descobriu então que os cúmplices conheciam seu esquema e seu projeto de se apossar do ouro, e que o coronel Fakhi havia apresentado uma denúncia contra ele junto à Justiça. Ele estava perdido. O que fazer? Fugir? Mas, em tempo de guerra, a fuga é quase impossível. Ademais, fugir significa abandonar o ouro, e abandonar Coralie, e isso nunca. Então? Então só havia um único meio, desaparecer. Desaparecer e, no entanto, ficar presente, no local da luta, perto do ouro e perto de Coralie. E a noite chega, e ele se aproveita dessa noite para executar seu plano. Isso é o que diz respeito a Essarès. Agora vamos para o segundo personagem, Siméon Diodokis.

Dom Luís retomou o fôlego. Patrice o ouvia avidamente, como se cada palavra trouxesse seu quinhão de luz na sufocante obscuridade.

— Aquele que era chamado de velho Siméon — prosseguiu dom Luís —, isto é, seu pai… sim, seu pai, porque você já sabia disso, não é? Esse homem também estava em um ponto crítico de sua existência. Armand Belval, outrora vítima de Essarès com a mãe de Coralie, Armand Belval, seu pai, estava alcançando sua meta. Denunciara e entregara seu inimigo, Essarès, ao coronel Fakhi e aos cúmplices. Conseguira aproximá-lo de Coralie. Havia lhe enviado a chave da casa. Alguns dias ainda e ele podia imaginar que tudo acabaria conforme seus desejos. Mas no dia seguinte, quando acordou, certos sinais, que ignoro, revelaram-lhe a ameaça de um perigo, e certamente ele deve ter pressentido o projeto que Essarès estava elaborando. E ele também se fez essa pergunta: o que fazer? Avisá-lo, e sem demora ligar imediatamente para você. Porque o tempo urge. O perigo está se aproximando. Essarès vigia, espia aquele que, pela segunda vez, escolheu como vítima. Talvez Siméon tenha sido perseguido. Talvez então tenha se trancado na biblioteca… conseguiria ligar para você? Você atenderia à ligação?

— De qualquer modo, ele quer alertá-lo a qualquer preço. Portanto, pede a ligação. Consegue e o chama, ouve sua voz e, enquanto Essarès tenta arrombar a porta, seu pai, ofegante, exclama: "É você, Patrice? Está com a chave? E a carta? Não? Mas é terrível! Então, você não sabe…". Então um grito rouco, que você ouve do outro lado da linha, e esses sons incoerentes, o ruído de uma discussão. E a voz colada no telefone, e que balbucia, ao acaso: "Patrice, o medalhão de ametista… Patrice, eu queria tanto!… Patrice, Coralie". Um grito alto… clamores que se apagam… e então o silêncio. É isso. Seu pai está morto, assassinado. Dessa vez, Essarès bei, que antes havia falhado, na casa, vingava-se de seu antigo rival.

Dom Luís parou. Todo o drama ressuscitava com estas palavras veementes. O crime se cometia de novo diante dos olhos do filho.

Patrice, atordoado, murmurou:

— Meu pai, meu pai…

— Era seu pai — afirmou dom Luís. — Eram sete e dezenove da manhã, como o notou. Alguns minutos depois, ávido por saber e entender, você ligava e era Essarès quem respondia, o cadáver de seu pai aos pés dele.

— Ah, o miserável! De modo que esse cadáver, que não encontramos e que não podíamos encontrar…

— Essarès bei simplesmente maquiou esse cadáver, ele o desfigurou, transformou-o, e foi assim, capitão, e aqui está o caso inteiro, que Siméon Diodokis morreu, e se tornou Essarès bei, até que Essarès bei, transformado em Siméon Diodokis, interpretasse o personagem de Siméon Diodokis.

— Sim — murmurou Patrice —, entendo… percebo…

E dom Luís continuou:

— Ignoro que relações existiam entre esses dois homens. Será que Essarès sabia antes que o velho Siméon era ninguém menos que seu velho rival, o amante da mãe de Coralie, o homem que escapara à morte? Sabia que Siméon era seu pai, isto é, Armand Belval? São tantas perguntas que nunca serão resolvidas e que, aliás, não importam. Mas o que suponho é que esse novo crime não foi improvisado. Creio firmemente que Essarès, tendo constatado certas semelhanças de altura e aparência, já havia preparado tudo para tomar o lugar de Siméon Diodokis, caso as circunstâncias o obrigassem a desaparecer. E foi fácil. Siméon Diodokis usava uma peruca e não tinha barba. Ao contrário, Essarès era calvo e usava uma barba. Barbeou-se, esmagou o rosto de Siméon com um golpe de

suporte de lareira, mesclou pelos da própria barba a essa ferida sangrenta, vestiu o cadáver com as próprias roupas, tomou para si as roupas da vítima, pôs a peruca, pós os óculos e o cachecol. A transformação estava acabada.

Após refletir, Patrice objetou:

— Tudo bem, isso foi o que ocorreu às sete e dezenove da manhã. Mas ocorreu algo mais ao meio-dia e vinte e três…

— Nada…

— No entanto… esse relógio que marcava meio-dia e vinte e três?

— Nada, digo-lhe. Somente era preciso despistar as investigações. Acima de tudo, era preciso driblar a inevitável acusação que ia ser formulada contra o novo Siméon.

— Que acusação?

— Como? Ora, a de ter matado Essarès bei. Descobre-se de manhã um cadáver. Quem o matou? As suspeitas teriam imediatamente sido dirigidas contra Siméon. Ele teria sido interrogado, detido. E, sob a máscara de Siméon, iam encontrar Essarès… Não, ele precisava estar livre, dispor de seus movimentos. Para tanto, escondeu o crime a manhã toda e deu um jeito para que ninguém entrasse na biblioteca. Por três vezes foi bater à porta de sua mulher, para que ela pudesse afirmar que Essarès bei ainda estava vivo durante a manhã. Então, quando ela saiu, ele ordenou em voz alta a Siméon, isto é, a si mesmo, que a levasse até a enfermaria dos Champs-Élysées. E, dessa maneira, a senhora Essarès acreditou ter deixado seu marido vivo e estar acompanhada do velho Siméon, enquanto, na realidade, ela deixava, em um cômodo desocupado da casa, o cadáver do velho Siméon e acreditava que estava sendo acompanhada de seu marido. O que aconteceu? O que o bandido havia desejado. Por volta de uma da tarde, a Justiça, avisada pelo coronel Fakhi, chegava e se deparava com um cadáver. O cadáver de quem? Não houve a esse respeito a sombra de uma dúvida. As camareiras reconheceram seu patrão e, quando a senhora Essarès chegou, foi seu marido quem avistou estendido diante da lareira em que havia sido torturado na noite anterior. O velho Siméon, isto é, Essarès, confirmou essa identidade. Você mesmo caiu na armadilha. A fraude era perfeita!

Patrice meneou a cabeça.

— Sim, foi assim que os acontecimentos se produziram, é mesmo a maneira como as coisas se desenrolaram. — A fraude era perfeita —

continuou dom Luís. — E ninguém teve dúvidas. Ademais, não havia lá, como prova, essa carta escrita pelo próprio Essarès e achada em sua escrivaninha? Essa carta, datada de 4 de abril, ao meio-dia, endereçada à sua mulher e na qual anunciava sua partida? Além disso, a fraude era tão perfeita que os próprios indícios que deviam ter revelado a verdade só serviram para reforçar a mentira. Assim, seu pai carregava um pequeno álbum de fotografias em um bolso dentro de sua camiseta. Essarès não prestou atenção e não o despiu dessa camiseta. Pois bem, quando o álbum foi encontrado, admitiu-se imediatamente o que era inverossímil: Essarès bei conservava consigo um álbum com fotografias de sua mulher e do capitão Belval!

— Da mesma maneira, quando encontraram na mão do morto, isto é, na mão de seu pai, um medalhão de ametista com suas duas mais recentes fotografias, e quando encontraram também um papel amassado que mencionava um triângulo de ouro, admitiu-se logo que Essarès bei havia roubado o medalhão e o documento, que ainda os segurava no momento de sua morte. Era tão evidente que quem morrera era Esarrès bei, já que seu corpo fora encontrado, que não havia mais motivo para tratar desse assunto! Desse modo, o novo Siméon passou a controlar a situação. Essarès bei está morto, viva Siméon!

Dom Luís deu uma gargalhada. A aventura lhe parecia mesmo divertida, e, como artista, desfrutava tudo o que ela sugeria de invenção perversa e de gênio maléfico.

— E imediatamente — prosseguiu — Essarès, sob sua máscara impenetrável, pôs seu plano em execução. No mesmo dia, ouvia pela janela entreaberta sua conversa com mamãe Coralie, e, enfurecido ao vê-lo debruçado sobre ela, atirou com o revólver. Então, como esse novo crime havia fracassado, fugiu e interpretou essa comédia perto da porta do jardim, gritando contra um assassino, jogando a chave por cima do muro de maneira a criar uma pista falsa, e deixando-se cair semimorto, como se tivesse sido estrangulado pelo inimigo que, supostamente, havia disparado a arma. Comédia que terminava com a simulação da loucura.

— Mas qual era o objetivo dessa loucura?

— Qual objetivo? Para que o deixassem em paz, para não ser interrogado, para que não desconfiassem dele. Louco, ele podia ficar calado e permanecer no seu canto. Do contrário, já nas primeiras palavras a

senhora Essarès teria reconhecido sua voz, mesmo que tivesse disfarçado perfeitamente sua entonação. Doravante, ficou louco. É um ser irresponsável. Vai e vem conforme sua vontade: é louco! E sua loucura é um fato tão aceito que ele leva você, por assim dizer, pela mão até seus antigos cúmplices, e faz com que sejam detidos, sem que você se pergunte, um instante sequer, se esse louco não está agindo com a visão mais clara dos próprios interesses. É um louco, um pobre louco, um louco inofensivo, e quem sofre de loucura nunca é incomodado! A partir daí, só resta a ele lutar contra seus dois últimos adversários, mamãe Coralie e você, capitão. E isso é fácil. Penso que ele deve ter-se apropriado de um diário escrito por seu pai. De qualquer modo, dias após dia, ele toma conhecimento daquilo que você escreve. Assim, aprende toda a história dos túmulos, e sabe que, em 14 de abril, mamãe Coralie e você irão fazer uma peregrinação nesse lugar. Incentiva-os, aliás, por meio de suas maquinações, a ir até lá. Seu plano está pronto. Ele prepara contra o filho e a filha, contra o Patrice e a Coralie de hoje, o golpe que outrora havia preparado contra o pai e a mãe. Esse golpe dá certo no começo. E ele teria tido êxito até o fim se, graças a uma ideia de nosso pobre Ya-Bon, um novo adversário não tivesse surgido com minha pessoa…

Dom Luís tinha mais explicações:

— Mas é preciso mesmo lhe contar mais? O resto, você o conhece como eu e, como eu, pode julgar em todo o seu esplendor o imundo bandido que, nas últimas vinte e quatro horas, deixou estrangular seu cúmplice Grégoire, ou melhor, sua amante, a senhora Mosgranem, soterrou mamãe Coralie debaixo de um monte de areia, assassinou Ya-Bon, trancou-me, ou ao menos acreditou me trancar, na casa, enterrou-o no túmulo cavado por seu pai e eliminou o zelador Vacherot. E agora, capitão, acredita mesmo que eu deveria tê-lo impedido de se matar, esse bandido que, em última instância, tentava se fazer passar por seu pai?

— O senhor teve razão — disse Patrice. — Nisso tudo, o senhor teve razão do começo ao fim. Agora enxergo o caso em sua totalidade, o conjunto e os detalhes. Só resta um ponto: o triângulo de ouro. Como descobriu a verdade? O que o levou até esse amontoado de areia? E o que lhe permitiu liberar Coralie da mais terrível das mortes?

— Ah — respondeu dom Luís —, desse lado é ainda mais simples, e a luz se fez quase sem que eu percebesse. Em poucas palavras, você vai ver…

Mas, primeiramente, vamos sair daqui. O senhor Desmalions e seus homens estão se tornando um pouco incômodos.

Os agentes estavam espalhados pelas duas entradas do canteiro Berthou. O senhor Desmalions dava-lhes suas instruções. Falava claramente de dom Luís, e se preparava para abordá-lo.

— Vamos até a barcaça — disse dom Luís. — Deixei nela documentos importantes.

Patrice o seguiu.

Em frente à cabine onde estava o cadáver de Grégoire, havia outra, à qual se chegava pela mesma escada. Uma mesa e uma cadeira compunham o único mobiliário.

— Capitão — disse dom Luís, que abriu uma das gavetas e pegou uma carta que selou —, capitão, eis uma carta que lhe peço para entregar… mas não, chega de frases inúteis. Mal terei tempo de satisfazer sua curiosidade. Esses senhores estão se aproximando. Trata-se por enquanto do triângulo. Vamos falar sobre isso sem mais demora.

Apurou os ouvidos com uma atenção cujo real sentido logo Patrice ia entender.

E, ao mesmo tempo que escutava o que acontecia do lado de fora, ele continuou:

— O triângulo de ouro! Existem problemas que resolvemos um pouco ao acaso, sem procurar. São os eventos que nos levam à solução, e entre esses eventos escolhemos inconscientemente, desemaranhamos, examinamos este, descartamos aquele, e de repente avistamos a solução… Portanto, hoje de manhã, após tê-lo levado para os túmulos, e enterrado sob a lápide, Essarès bei voltou para mim. Acreditando ter-me trancado no ateliê da casa, teve a gentileza de abrir o gás, foi embora e veio até o cais, acima do canteiro Berthou. Ali, teve uma hesitação, e essa hesitação foi para mim, que o seguia, um precioso indício. Decerto, ele pensava em libertar mamãe Coralie. Umas pessoas passaram. Ele se afastou. Sabendo aonde ia, voltei para socorrê-lo, alertei seus camaradas na casa de Essarès e pedi para que cuidassem de você.

— Em seguida, voltei aqui. Aliás, todo o andamento do caso me obrigava a voltar. Era de supor que os sacos de ouro não estavam dentro da canalização, e, como a *Belle-Hélène* não os retirara, deviam estar fora do jardim, fora da canalização, portanto nos arredores. Vasculhei esta barcaça,

não tanto para procurar os sacos, mas mais para achar alguma informação imprevista, e para procurar também, devo confessar, os quatro milhões entregues a Grégoire. Ora, quando comecei a explorar o lugar onde não acho o que procuro lembro-me do estranho conto de Edgar Allan Poe: *A carta roubada*… Você lembra, esse documento diplomático que foi roubado e que sabemos estar escondido em certo cômodo? Vasculham-se todos os cantos desse cômodo. Levantam-se todos os tacos do chão. Nada. Mas o senhor Dupin chega e, quase imediatamente, dirige-se para uma caixa pendurada na parede da qual sobressai um velho papel. É o documento. Pois bem, instintivamente, emprego o mesmo procedimento. Procuro onde ninguém teria a ideia de procurar, em lugares que não constituem esconderijos, porque seriam fáceis demais de descobrir. Foi assim, por exemplo, que tive a ideia de folhear quatro velhas listas obsoletas, alinhadas nessa prateleira. Os quatro milhões estavam dentro. Eu tinha a informação de que precisava.

— Como, qual informação?

— Sim, sobre o estado de espírito de Essarès, sobre suas leituras, sobre seus hábitos, a maneira como concebia um bom esconderijo. Procuramos longe e profundamente demais. Fomos atrás da dificuldade. Era preciso optar pela facilidade, olhar para fora, a superfície. Dois pequenos indícios também me serviram. Eu havia notado que os montantes da escada que Ya-Bon encontrara por aí tinham alguns grãos de areia. Finalmente, lembrei-me do seguinte: Ya-Bon havia traçado um triângulo a giz na calçada, e esse triângulo só tinha dois lados, o terceiro sendo constituído pela base do muro. Por que esse detalhe? Por que não uma terceira linha traçada a giz? Será que a ausência dessa terceira linha significava que o esconderijo se encontrava no pé do muro? Em resumo, acendi um cigarro, subi até o convés da barcaça e eu me disse, enquanto olhava ao redor: "Meu pequeno Lupin, eu lhe dou cinco minutos". Toda vez que me digo "Meu pequeno Lupin", não consigo resistir a mim mesmo. Eu mal havia fumado um quarto do cigarro e já sabia.

— O senhor sabia?…

— Eu sabia. Entre os elementos de que eu dispunha, qual fez surgir a faísca? Ignoro. Todos ao mesmo tempo, provavelmente. É uma operação psicológica bastante complexa, como uma experiência de química. A ideia simplesmente se forma de repente mediante reações e combinações

misteriosas entre os elementos que a continham potencialmente. E, ademais, havia em mim um princípio de intuição, uma sobre-excitação bem especial que, fatalmente, me obrigava a descobrir o esconderijo: mamãe Coralie estava lá dentro. Eu tinha certeza de que um fracasso de minha parte, que uma falha, uma hesitação mais longa, seria sua perdição. Uma mulher estava ali, em um raio de poucas dezenas de metros. Era preciso saber. Eu soube. A faísca se produziu. A combinação ocorreu. E corri reto até o amontoado de areia. Imediatamente, vi rastros de passos, e quase no cume, outros mais marcados. Vasculhei. No primeiro contato com um dos sacos, pode acreditar que minha emoção foi viva. Mas eu não tinha tempo para me emocionar. Retirei alguns sacos. Mamãe Coralie estava ali, mal protegida da areia que, aos poucos, a sufocava, se infiltrava, tampava seus olhos e a asfixiava. É inútil contar-lhe mais detalhes, não é? Como de costume, o canteiro estava deserto. Eu a tirei dali. Chamei um táxi. Primeiramente, levei-a até sua casa. Então, cuidei de Essarès, do zelador Vacherot e, informado sobre os projetos de nosso inimigo, fui tratar de negócios com o doutor Géradec. Finalmente, mandei que você fosse levado à clínica do boulevard Montmorency e dei a ordem para que mamãe Coralie também fosse levada até lá, já que ela precisava mudar um pouco de ambiente. É isso, capitão. Tudo em três horas. Quando o carro do médico me levou à clínica, Essarès chegou lá ao mesmo tempo que eu para ser tratado. Não tinha como escapar de mim.

Dom Luís se calou.

Nenhuma outra palavra era necessária entre os dois homens. Um havia prestado ao outro os maiores serviços que se pudesse prestar a alguém, e esse outro sabia que eram serviços para os quais não existe agradecimento. E sabia também que jamais teria a ocasião de provar seu reconhecimento. Dom Luís, de certo modo, estava acima desse tipo de demonstrações pelo fato de serem impossíveis. Como prestar serviço a um homem como ele, que dispunha de tamanhos recursos, e que fazia milagres com a mesma facilidade com que executamos pequenos atos do dia a dia?

Mais uma vez Patrice apertou a mão vigorosamente, sem nenhuma palavra.

Dom Luís aceitou a homenagem dessa emoção silenciosa e disse:

— Se um dia falarem de Arsène Lupin em sua frente, defenda-o, capitão, ele fez por merecer.

E acrescentou, rindo:

— É engraçado, mas, com a idade, preocupo-me com minha reputação. O diabo está se tornando eremita.

Prestou atenção em redor e, depois de um momento, disse:

— Capitão, chegou a hora de nos separarmos. Apresente meus respeitos a mamãe Coralie. Por assim dizer, eu não conheci mamãe Coralie, e ela não me conhece. Talvez seja melhor assim. Adeus, capitão.

— Então, já nos separamos?

— Sim, estou ouvindo o senhor Desmalions. Vá ao seu encontro, por favor. E faça a gentileza de trazê-lo.

Patrice hesitou. Por que dom Luís o mandava ao encontro do senhor Desmalions? Era para que ele, Patrice, intercedesse em favor de Lupin?

Essa ideia o animou. Ele saiu.

Produziu-se então algo que Patrice jamais ia entender, algo muito rápido e totalmente inexplicável. Foi como o desfecho imprevisto que bruscamente põe fim a uma longa e tenebrosa aventura.

No convés, Patrice encontrou o senhor Desmalions, que lhe perguntou:

— Seu amigo está ali?

— Sim, mas antes, duas palavras… O senhor não pretende…

— Não tenha medo. Não lhe queremos mal algum, ao contrário.

O tom foi tão nítido que o oficial não encontrou nenhuma objeção.

O senhor Desmalions seguiu adiante. Patrice foi atrás dele. Desceram a escada.

— Que estranho — disse Patrice —, deixei a porta dessa cabine aberta.

Empurrou. A porta se abriu. Mas dom Luís não estava mais na cabine.

Uma averiguação imediata provou que ninguém o vira sair, nem os agentes espalhados pelo no cais, nem os que haviam atravessado a passarela.

Patrice refletiu um instante:

— Não duvido de que, quando tivermos tempo de examinar essa barcaça a fundo, vamos descobrir que tem muitos truques.

— De modo que nosso amigo terá fugido por algum alçapão, e a nado? — perguntou o senhor Desmalions, que parecia muito ofendido.

— Acho que sim — disse Patrice, rindo —, ou até por algum submarino.

— Um submarino no Sena?

— Por que não? Acho que os recursos e a vontade de meu amigo não têm limites.

Mas o que espantou mesmo o senhor Desmalions foi encontrar, sobre a mesa, uma carta que lhe era endereçada, carta que dom Luís Perenna havia deixado desde o começo de sua conversa com Patrice Belval.

— Então ele sabia que eu viria aqui? Previra, antes mesmo de nosso encontro, que eu ia exigir certas formalidades dele?

A carta era assim redigida:

Senhor,

Desculpe minha partida, e creia que, de meu lado, eu entendo perfeitamente o motivo que o traz aqui. De fato, minha situação não é regular, e o senhor tem o direito de exigir explicações de mim. Prometo que, um dia ou outro, eu lhe darei essas explicações. O senhor verá então que, se sirvo a França da minha maneira, essa maneira não é a pior, e que meu país me deverá algum reconhecimento pelos imensos serviços, ouso dizer a expressão, que eu lhe terei prestado durante esta guerra. No dia desse encontro, senhor, quero que me agradeça. Nessa época, porque conheço sua ambição secreta, o senhor será o chefe da polícia. Talvez até seja possível que eu contribua pessoalmente para sua indicação, que acho merecida. Aplico-me nisso desde já. Queira receber, etc…

O senhor Desmalions permaneceu em silêncio durante bastante tempo. Então, disse:

— Que homem estranho! Se quisesse, poderíamos tê-lo encarregado de grandes coisas. Era a missão que eu lhe trazia por parte do senhor Valenglay.

— Tenha certeza, senhor — disse Patrice —, de que as coisas que ele está realizando atualmente são ainda maiores.

E acrescentou:

— Um homem estranho, de fato! E ainda mais estranho, mais poderoso e mais extraordinário do que pode imaginar. Se cada uma das nações aliadas tivesse tido ao seu dispor três ou quatro indivíduos como ele, decerto a guerra não teria durado nem seis meses.

E o senhor Desmalions murmurou:

— Acredito mesmo… só que indivíduos como ele costumam ser solitários, são pessoas refratárias que agem conforme sua vontade e não aceitam se submeter a nenhuma autoridade… Olhe, são indivíduos como esse famoso aventureiro que, uns anos atrás, obrigaram o kaiser a ir até sua prisão e libertá-lo… e que, em decorrência de um amor infeliz, se precipitou do alto das falésias de Capri.

— De quem está falando?

— O senhor sabe muito bem… De Lupin… De Arsène Lupin…

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A ILHA DOS TRINTA CAIXÕES

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A ILHA DOS TRINTA CAIXÕES
Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos
Princípis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Île aux trente cercueils
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Revisão
Cleusa S. Quadros
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
Forgem/shutterstock.com;
bins/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a Ilha dos Trinta Caixões / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.

288 p. : EPUB. - (Arsène Lupin)
Título original: L'ile aux trente cercueils
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-582-3 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Enigma. I. Santos, Luciene Ribeiro. II. Título.

2021-0052 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Francesa : Ficção 843

2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Primeira Parte

Véronique

Prólogo

A guerra provocou tantas perturbações que poucas pessoas se lembram hoje do que foi, há alguns anos, o escândalo de d'Hergemont.

Recordemos os fatos em algumas linhas.

No mês de junho de 1902, o senhor Antoine d'Hergemont, cujos estudos sobre os monumentos megalíticos da Bretanha são bastante apreciados, passeava no bosque com sua filha Véronique, quando foi assaltado por quatro indivíduos e atingido no rosto por uma bengalada que o derrubou.

Depois de uma curta luta, e apesar dos seus esforços desesperados, Véronique, a bela Véronique, como lhe chamavam as suas amigas, era arrastada e empurrada para dentro de um automóvel que os espectadores desta rapidíssima cena viram afastar-se para os lados de Saint-Cloud.

Foi um rapto fácil. No dia seguinte, sabia-se a verdade. O conde Alexis Vorski, um jovem fidalgo polonês, com bastante má reputação, mas de boa figura, que se dizia de sangue real, amava Véronique d'Hergemont e ela o amava. Rejeitado pelo pai, insultado várias vezes por ele, combinara a aventura sem que Véronique, aliás, fosse minimamente cúmplice.

Antoine d'Hergemont, que era — conforme certas cartas tornadas públicas atestaram — violento, taciturno, e que, por causa de seu humor caprichoso, de seu egoísmo extremo e de sua sórdida avareza, tornara a filha extremamente infeliz, jurou que se vingaria da maneira mais implacável.

Deu o seu consentimento ao casamento, que ocorreu, dois meses depois, em Nice. Mas no ano seguinte surgiam notícias sensacionais. Mantendo a sua palavra de ódio, o senhor d'Hergemont raptou, por sua

vez, a criança nascida do casamento da filha com Vorski, e, em Ville-Franche, embarcou em um pequeno iate que recentemente comprara.

O mar estava agitado. O iate afundou-se perto da costa italiana. Os quatro marujos que o tripulavam foram recolhidos por uma barca. Segundo o testemunho deles, o senhor d'Hergemont e a criança tinham desaparecido no meio das ondas.

Quando Véronique teve a prova da morte deles, entrou para um convento de carmelitas.

São estes os fatos. Eles conduziram, catorze anos mais tarde, a mais horrível e extraordinária aventura. No entanto, uma aventura autêntica, ainda que certos detalhes assumam, à primeira vista, o aspecto de fábula, de fantástico. Mas a guerra complicou a existência de tal maneira que acontecimentos exteriores a ela, como aqueles cuja narrativa vamos seguir, retiram desse grande drama qualquer coisa de anormal, de ilógico e, por vezes, de miraculoso. É necessária toda a resplandecente luz da verdade para dar a esses acontecimentos a marca de uma realidade, afinal bastante simples…

A casa abandonada

A pitoresca vila de Faouët, situada em pleno coração da Bretanha, viu chegar de carruagem, em uma manhã do mês de maio, uma senhora que usava um vestido cinzento e um véu sombrio que lhe envolvia o rosto, peças que não impediam de discernir a sua grande beleza e perfeita graciosidade.

Esta senhora almoçou rapidamente na hospedaria principal. Depois, por volta do meio-dia, pediu ao dono da estalagem que lhe guardasse a mala, obteve algumas informações sobre a região e, atravessando a vila, dirigiu-se em direção ao campo.

Logo se viu diante de duas estradas: uma que conduzia a Quimperlé, outra, a Quimper. Escolheu esta última, desceu ao fundo de um vale, tornou a subir e, avistou, à sua direita, à entrada de um caminho vicinal, um poste indicativo que mencionava: *Locriff, 3 quilômetros.*

"É aqui o local", disse para si própria.

No entanto, tendo lançado um olhar em volta, ficou surpreendida por não encontrar o que procurava. Compreendera mal as instruções que lhe tinham dado?

Ninguém a sua volta e ninguém tão longe quanto se podia ver até o horizonte dos campos bretões, para além dos prados rodeados de árvores e das ondulações das colinas. Um pequeno castelo, surgido da verdura nascente da primavera, erigia não longe da vila uma fachada cinzenta onde todas as janelas tinham as portinholas fechadas. Ao meio-dia, os sinos do toque das ave-marias balançaram no espaço. Depois houve um grande silêncio e uma grande paz.

Ela sentou-se então sobre a erva rasa de um talude e tirou do bolso uma carta de que desdobrou as numerosas folhas.

A primeira página tinha, ao alto, a seguinte firma social:

Agência Dutreillis.

Gabinete de Consultas. Informações confidenciais. Discrição.

Depois, por baixo, este endereço:

Para a senhora Véronique, modista, Besançon.

Ela leu:

Minha senhora:

Seria difícil para a senhora imaginar com que prazer decifrei a dupla missão que me quis confiar através da sua carta do corrente mês de maio de 1917. Não esqueci nunca as condições em que me foi possível, há catorze anos, prestar-lhe o meu concurso eficaz, quando dos penosos acontecimentos que ensombraram a sua existência. Fui eu, efetivamente, que consegui obter todas as certezas relativas à morte do seu querido e respeitável pai, o senhor Antoine d'Hergemont, e do seu adorado filho, François — primeira vitória de uma carreira que proporcionaria tantas outras brilhantes vitórias.

Fui também eu, não o esqueça, que, a seu pedido, e vendo quanto era útil subtraí-la ao ódio e, digamos a palavra, ao amor do seu marido, fiz as diligências necessárias para a sua entrada no convento de carmelitas. Fui eu, enfim, que, tendo-lhe o seu retiro nesse convento mostrado que a vida religiosa era contrária à sua natureza, lhe arranjei esse humilde lugar de modista em Besançon, longe das cidades onde passou os anos da sua infância e as semanas do seu casamento. Tinha bom gosto e necessidade de trabalhar para viver e para não pensar. Era natural que fosse bem-sucedida. E foi bem-sucedida.

E agora vamos ao fato, ao duplo fato que nos importa.

Antes de tudo, a primeira questão: Que aconteceu no meio desta tormenta ao seu marido, o senhor Alexis Vorski, polonês de nascimento, segundo os seus documentos, e filho de rei, segundo as suas palavras? Serei breve. Suspeito, encarcerado desde o princípio da guerra em um campo de concentração perto de Carpentras, o senhor Vorski evadiu-se, foi para a Suíça, voltou à França, foi preso e acusado de espionagem, pois

ficou provado que era alemão. Mais uma vez, quando inevitavelmente o esperava uma condenação à morte, evadiu-se, desapareceu na floresta de Fontainebleau e, finalmente, foi apunhalado não se sabe por quem.

Conto-lhe tudo isto muito abertamente, minha senhora, sabendo o desprezo que tinha por esse ser que a traiu abominavelmente e sabendo também que conhecia, através dos jornais, a maior parte destes fatos sem no entanto ter podido verificar a sua absoluta autenticidade.

Ora, as provas existem. Eu as vi. Já não há dúvida alguma. Alexis Vorski está sepultado em Fontainebleau.

E permito-me, já agora, minha senhora, chamar a sua atenção para a estranheza desta morte. Lembra-se certamente da curiosa profecia de que me falou, e que se referia a ele. O senhor Vorski, cuja real inteligência e energia pouco comum eram afetadas por um espírito falso e supersticioso, atormentado por alucinações e terrores, ficara extremamente impressionado com esta profecia que pesava sobre a vida dele e que fora feita por várias pessoas versadas nas ciências ocultas: "Vorski, filho de rei, tu morrerás pela mão de um amigo, e a tua esposa será crucificada". Eu rio, minha senhora, ao escrever estas últimas palavras. Crucificada! É um suplício um tanto ultrapassado, e estou tranquilo a seu respeito! Mas o que pensa a senhora da punhalada sofrida pelo senhor Vorski em conformidade com as ordens misteriosas do destino? Mas basta de reflexões. O que importa agora…

Véronique deixou cair por um instante a carta sobre os joelhos. As frases pretensiosas, as brincadeiras familiares do senhor Dutreillis feriam a sua delicadeza e, além disso, a imagem trágica de Alexis Vorski a obcecava. Um arrepio de angústia percorreu-lhe o corpo perante a terrível recordação desse homem. Dominou-se e recomeçou:

O que importa agora, minha senhora, é a minha outra missão, a mais importante aos seus olhos, pois todo o resto já pertence ao passado.

Analisemos os fatos. Há três semanas, em uma dessas raras ocasiões em que a senhora consente em romper a tão digna monotonia da sua existência, em uma noite de quinta-feira em que levara as suas empregadas ao cinema, ficou impressionada com um detalhe verdadeiramente inexplicável. O filme principal, intitulado "Lenda Bretã", apresentava, no decorrer de uma peregrinação, uma cena que se passava na beira de uma estrada, frente a uma pequena cabana

abandonada, que não tinha qualquer importância para a ação do filme. Estava ali, evidentemente, por acaso. Mas qualquer coisa verdadeiramente anormal chamou a sua atenção. Sobre, as tábuas cobertas de betume da velha porta, havia, traçadas à mão, estas três letras: "V. d'H."; estas três letras eram pura e simplesmente a sua assinatura de solteira, tal como a usava outrora nas suas cartas familiares e tal como nunca mais a utiliza, faz catorze anos! Véronique d'Hergemont! Não podia haver qualquer engano. Duas maiúsculas separadas pelo "d" minúsculo e pelo apóstrofo. E, o que é mais significativo, a barra da letra "H", prolongada sob as três letras, sublinhava a assinatura, exatamente como a costumava então fazer!

Minha senhora, foi o espanto que lhe provocou esta surpreendente coincidência que a determinou a solicitar o meu auxílio. Ele estava antecipadamente concedido. E antecipadamente a senhora sabia que esse auxílio seria eficaz.

De acordo com as suas previsões, minha senhora, fui bem-sucedido. E, mais uma vez, serei breve, como é meu hábito.

Minha senhora, apanhe em Paris o expresso da noite, que a deixará na manhã do dia seguinte em Quimperlé. Aí, tome uma carruagem até Faouët, se tiver tempo, antes ou depois do almoço, visite a curiosíssima capela de Sainte-Barbe, alcandorada no local mais extravagante e que serviu de pretexto para o filme "Lenda Bretã". Depois vá a pé pela estrada de Quimper. No fim da primeira subida, um pouco antes do caminho vicinal que conduz a Locriff, encontra-se, em um semicírculo rodeado de árvores, a cabana abandonada onde está a inscrição. No seu interior não há nada. Nem sequer um soalho. Uma tábua apodrecida serve de banco. Como teto, uma armação de madeira carcomida, através da qual entra a chuva. Mais uma vez, não há qualquer dúvida, de que foi o acaso que a colocou no campo de visibilidade do cineasta. Acrescentarei que o filme "Lenda Bretã" foi feito no mês de setembro último, o que indica que a inscrição tem pelo menos oito meses.

É tudo, minha senhora. A minha dupla missão está terminada. Sou demasiado discreto para lhe dizer com que esforços e por que meios engenhosos consegui cumprir esta missão em tão pouco tempo, senão consideraria realmente um pouco ridícula a soma de quinhentos francos à qual restrinjo o preço da minha intervenção.

Com os meus melhores cumprimentos.

Véronique dobrou outra vez a carta e refletiu durante alguns minutos sobre as impressões que ela lhe provocara, impressões dolorosas como todas as que ressuscitavam os dias atrozes do seu casamento. Uma delas, sobretudo, persistira, tão forte como as que sentira nas horas em que, para se esconder, se refugiou, na sombra de um convento. Era a impressão e até a certeza de que todas as suas infelicidades, a morte do pai, a morte do filho, eram decorrentes do erro que ela cometera ao amar Vorski. É certo que resistira ao amor desse homem, e que só se decidira casar por constrangimento, desesperada, e para livrar o senhor d'Hergemont da vingança de Vorski. Mas ainda assim amara esse homem. Ainda assim, a princípio, empalidecera sob o seu olhar, e disso, do que lhe parecia agora uma infâmia imperdoável, tinha um remorso que o tempo não suavizara.

"Bem", murmurou, "basta de divagações. Não vim aqui para chorar."

A necessidade de saber quem a fizera interromper a sua vida retirada em Besançon reanimou-a, e levantou-se, resolvida a entrar em ação.

"Um pouco adiante do caminho vicinal que conduz a Locriff... um semicírculo rodeado de árvores...", dizia a carta do senhor Dutreillis. Já ultrapassara então o local. Voltou rapidamente e logo avistou, à direita, as árvores que tinham ocultado a cabana. Quando se aproximou, viu-a.

Era uma espécie de abrigo de pastor ou de cantoneiro, que se ia desfazendo e decompondo sob a ação das intempéries. Véronique aproximou- -se e verificou que a inscrição, gasta pela chuva e pelo sol, estava muito menos nítida que no filme. Mas as três letras eram visíveis, assim como o traço que as sublinhava, e ela até distinguiu, por baixo, uma coisa que o senhor Dutreillis não havia notado: o desenho de uma seta e um número, o número 9.

A sua emoção crescia. Ainda que não tivessem de maneira nenhuma procurado imitar a forma exata da assinatura, tratava-se realmente da sua assinatura de solteira. Ora, quem poderia tê-la feito dessa forma em uma cabana abandonada, nessa Bretanha que ela visitava pela primeira vez?

Véronique já não conhecia ninguém. Por uma série de circunstâncias, todo o seu passado tinha se desmoronado, por assim dizer, com a morte de todos aqueles que ela amara e conhecera. Então, como era possível que a lembrança da sua assinatura persistisse para além dela e daqueles que já não existiam? E sobretudo por que essa inscrição, ali, naquele local? O que

significava?

Véronique deu uma volta à cabana. Nenhuma outra marca era visível ali, nem sobre as árvores ao redor. Lembrou-se de que o senhor Dutreillis a abrira e nada vira no interior. Contudo, quis certificar-se ela própria de que ele não se enganara.

A porta estava fechada apenas por um trinco de madeira que rodava à volta de um parafuso. Levantou-o, e, coisa singular, que não poderia explicar, foi preciso fazer um esforço, não físico, mas moral, um esforço da vontade, para puxar essa porta para si. Parecia-lhe que ia, através desse pequeno gesto, penetrar em um mundo de fatos e acontecimentos que temia sem saber.

"Então", pensou, "o que é que me detém?" Puxou bruscamente a porta.

Soltou um grito de horror. O cadáver de um homem estava na cabana. E, ao mesmo tempo, no exato momento em que avistou o cadáver, se deu conta da anomalia que o marcava particularmente: uma das mãos do homem estava faltando.

Era velho, com uma barba grisalha que se espalhava em forma de leque, e com longos cabelos brancos que envolviam o pescoço.

Os lábios enegrecidos, uma certa cor da pele tumificada, deram a Véronique a ideia de que fora talvez envenenado, pois não havia nenhum vestígio de ferimento, a não ser a ferida do braço, nitidamente cortado acima do pulso, e que aparentava ter já alguns dias. As suas roupas eram as de um camponês bretão, limpas, mas muito usadas. O cadáver estava sentado no chão, a cabeça apoiada no banco e as pernas encarquilhadas.

Foram estas constatações que Véronique fez, em uma espécie de inconsciência, e que posteriormente deveriam reaparecer na sua memória, pois, nesse momento, ficou ali, completamente trêmula e com olhar fixo, balbuciando:

— Um cadáver… um cadáver…

De repente, pensou que talvez estivesse enganada e que o homem não estava morto. Mas, ao tocar a sua fronte, arrepiou-se com o contato da pele gelada.

Contudo, esse gesto tirou-a do seu torpor. Resolveu agir e, como não havia ninguém nos campos ao redor, voltar a Faouët para avisar às autoridades. Mas primeiro examinou o cadáver para verificar se algum indício podia informá-la sobre a sua identidade.

Os bolsos estavam vazios. A túnica e as roupas de baixo não tinham qualquer marca. Mas, como deslocara um pouco o cadáver para fazer as suas buscas, aconteceu que a cabeça pendeu para a frente e arrastou o tronco, que caiu sobre as pernas, deixando assim à vista o espaço por baixo do banco.

Sob o banco ela viu um rolo de papel, uma folha de papel para desenho, com uma folha muito fina, que estava amarrotada.

Apanhou-o e desenrolou-o. Ainda não acabara este movimento e as suas mãos começaram a tremer e balbuciou:

— Ah! Meu Deus!… Ah! Meu Deus!…

Com toda a sua energia, quis impor a si própria a calma necessária e olhar atentamente para ver e pensar de forma que pudesse compreender.

Quando muito, foi-lhe possível manter-se assim durante alguns segundos. E, durante esses segundos, através de um nevoeiro cada vez mais denso que parecia envolver-lhe os olhos, pôde discernir um desenho vermelho que representava quatro mulheres crucificadas em quatro troncos de árvore.

E, na frente desse desenho, a primeira figura, a imagem central, o corpo rígido sob os seus véus e transtornada pelo mais horrível dos sofrimentos, porém, reconhecível, essa mulher crucificada era ela! Não havia dúvida, era ela, ela própria, Véronique d'Hergemont!

Aliás, por cima da cabeça, a extremidade do poste de tortura apresentava, segundo o costume antigo, um letreiro com uma inscrição a traço fortemente carregado.

Tratava-se da assinatura, composta por três letras sublinhadas, de Véronique quando solteira, V. d'H.: Véronique d'Hergemont!

Um espasmo a fez estremecer dos pés à cabeça. Levantou-se, girou sobre si e, cambaleando para fora da cabana, caiu sobre a relva, desmaiada.

Véronique era uma mulher de bom porte, grande, vigorosa, de um equilíbrio admirável, cujas provações nunca conseguiram atingir a boa saúde moral e a esplêndida harmonia física. Só circunstâncias excepcionais e imprevistas como estas, acrescidas à fadiga de duas noites de viagem, podiam provocar-lhe uma tal perturbação dos nervos e da vontade.

Mas isso não durou mais que dois ou três minutos, ao fim dos quais o seu espírito se tornou novamente lúcido e intrépido.

Levantou-se, voltou à cabana, pegou a folha de papel amarrotada, e, certamente, com uma angústia inexplicável, mas desta vez com olhos para enxergar e com cabeça para pensar, observou os detalhes: primeiro aqueles que pareciam insignificantes, ou pelo menos cujo significado não descobria. À esquerda, havia uma coluna estreita, de uma quinzena de linhas, compostas de letras que não formavam palavras, sendo as hastes das letras sempre iguais, e que só tinham evidentemente a finalidade de preencher o espaço. No entanto, em vários locais, eram visíveis algumas palavras.

Véronique conseguiu ler: *"Quatro mulheres crucificadas";* mais adiante: *"Trinta caixões"* e, finalmente, toda a última linha assim redigida: *"A pedra-deus que dá morte ou vida"*.

Toda esta coluna era envolvida por uma esquadria traçada a duas linhas, muito regulares — uma a tinta negra, outra a tinta vermelha, e havia, ainda a vermelho, em cima, a representação de duas foices enlaçadas por um ramo de visco e, embaixo, os contornos de um caixão.

Do lado direito, sem dúvida o mais importante, era preenchido pelo desenho, a sanguínea, que dava a toda a página, com a sua coluna de explicações adjacentes, a aparência de uma folha, ou antes, de uma cópia de folha de livro — algum grande livro de imagens antigas, onde os temas fossem tratados um pouco à maneira primitiva, com uma total ignorância das regras.

E eram quatro mulheres crucificadas.

Três delas distanciavam-se em profundidade até o horizonte, cada vez mais pequenas, vestidas com trajes bretões, a cabeça encimada de toucas igualmente bretãs, mas de uma moda especial que indicava um uso local e que consistia sobretudo em um grande laço negro, com as asas desdobradas como os laços das Alsacianas. E, no meio da página, estava a coisa horrível de que Véronique não conseguia desviar o olhar aterrorizado. Era a cruz principal, o tronco de árvore cujos ramos inferiores estavam cortados e ao longo do qual, à direita e à esquerda, desciam os dois braços da mulher.

As mãos e os pés não estavam pregados, mas sim atados por cordas que se enrolavam até os ombros e até o cimo das duas pernas unidas. Em vez do traje bretão, a vítima vestia uma espécie de sudário que caía quase até ao solo, alongando a silhueta delgada de um corpo emagrecido pelo sofrimento.

A expressão do rosto era dilacerante, expressão de dor resignada e de graça melancólica. Era realmente o rosto de Véronique, sobretudo tal como ele era na época dos seus vinte anos, como Véronique se lembrava de tê-lo visto nas horas sombrias em que se contemplam em um espelho os próprios olhos sem esperança e as lágrimas caindo. À volta da cabeça, a mesma onda dos seus cabelos espessos, que desciam até à cintura em curvas semelhantes. Por cima, a inscrição: "V. d'H."

Véronique ficou muito tempo refletindo, interrogando o passado e procurando ligar nessa obscuridade os fatos atuais às lembranças da sua juventude. Mas nenhuma lembrança surgia no seu espírito. As palavras que lia, o desenho que via, nada disso tinha o menor significado para ela, e não havia nenhuma explicação.

Examinou ainda várias vezes a folha de papel. Depois, lentamente, sem parar de pensar nela, rasgou-a em pequenos pedaços que foram levados pelo vento. Quando o último pedaço voou, a sua decisão estava tomada. Endireitou o cadáver do homem, fechou a porta e, rapidamente, afastou-se em direção à vila, a fim de dar a esta aventura a conclusão judiciária que de momento lhe convinha.

Mas quando voltou, uma hora mais tarde, com o presidente da câmara de Faouët, o guarda-florestal e um grupo de curiosos, atraídos pelas suas declarações, a cabana estava vazia.

O cadáver tinha desaparecido.

Tudo isso era tão estranho. Véronique sabia bem que, na desordem das suas ideias, era impossível responder às interrogações que lhe faziam e dissipar as suspeitas e as dúvidas que podiam ter, e que tinham, acerca da veracidade do seu testemunho, acerca do motivo da sua presença, acerca da sua própria razão, por isso renunciou imediatamente a qualquer esforço e a qualquer luta. O dono da estalagem estava lá. Ela perguntou-lhe qual a vila mais próxima que encontraria seguindo por aquela estrada, e se assim chegaria a alguma estação de trem que lhe permitisse voltar a Paris.

Gravou os nomes Scaèr e Rosporden, mandou chamar uma carruagem, que a apanharia na estrada com a sua mala, e partiu, protegida, aliás, contra toda a má vontade, pelo seu ar elegante e pela sua beleza grave.

Partiu ao acaso, por assim dizer. A estrada era longa, léguas e mais léguas, mas tinha tanta pressa de acabar com aqueles acontecimentos incompreensíveis e de voltar para a calma e para o esquecimento, que

caminhava com grandes passadas, sem mesmo pensar que essa fadiga era inútil, pois uma carruagem vinha atrás dela.

Subiu colinas, desceu vales, e já não pensava, recusando-se a procurar a solução para tantos enigmas que lhe apresentavam. Era o passado que regressava à superfície da sua vida, e ela tinha um medo terrível desse passado, que se estendia desde o seu rapto por Vorski até a morte do pai e do filho…

Não queria pensar senão na modesta existência que construíra para si própria em Besançon. Lá não havia desgostos, nem sonhos, nem recordações, e ela não duvidava que, no meio dos mínimos hábitos cotidianos que a envolviam na humilde casa que escolhera, não esqueceria a cabana abandonada, o cadáver mutilado do homem e o horrível desenho que continha a inscrição misteriosa.

Mas, um pouco antes da grande vila de Scaèr, ao ouvir atrás dela o guizo de um cavalo, viu, na encruzilhada da estrada que levava a Rosporden, um pedaço de muro que restava de uma casa meio desmoronada.

E sobre esse pedaço de muro, marcado com giz branco, por cima de uma seta e do número 10, estava a inscrição fatídica: “V. d’H.”.

À beira do oceano

O estado de espírito de Véronique mudou subitamente. Quanto mais resoluta estava com a ideia de fugir, perante a ameaça do perigo que lhe parecia surgir do seu passado funesto, mais se resolvia a ir até o fim do temível caminho que se abria.

Uma pequena luz que surgia bruscamente nas trevas era a razão desta reviravolta. Ela compreendia de repente uma coisa, bastante simples, aliás: que a seta indicava uma direção, e que o número 10 devia ser o décimo de uma série de números que assinalavam um trajeto a partir de um ponto fixo até outro ponto fixo.

Seria um sinal que alguém fizera e que se destinava a conduzir os passos de outra pessoa? Pouco importava. O essencial era que havia ali uma pista capaz de levar Véronique à resolução do problema que lhe interessava: por que prodígio a sua assinatura de solteira reaparecia no meio de um entrelaçar de circunstâncias trágicas?

Entretanto, chegava a carruagem, enviada de Faouët. Ela subiu e disse ao cocheiro para se dirigir, a passo muito lento, para Rosporden.

Chegou lá à hora do jantar e as suas previsões não a tinham induzido a erro. Por duas vezes tornou a ver, antes dos entroncamentos, a sua assinatura, acompanhada dos números 11 e 12.

Véronique dormiu em Rosporden e, logo no dia seguinte, recomeçou as suas investigações.

O número 12, que encontrou sobre o muro de um cemitério, fê-la seguir pela estrada de Concarneau, atingindo quase esta vila sem ter visto outras inscrições.

Pensou então que tinha se enganado, voltou atrás, e perdeu todo o dia em investigações inúteis.

Foi só no dia seguinte que o número 13, muito apagado, lhe indicou a direção de Fouesnant. Depois abandonou essa direção para seguir sempre, segundo os sinais, por caminhos entre os campos, onde mais uma vez se perdeu.

Chegou enfim, quatro dias depois de ter deixado Faouët, à grande praia de Beg-Meil, à beira do oceano.

Passou duas noites na vila sem obter a mínima resposta às perguntas discretas que fazia. Finalmente, uma manhã, andando ao acaso entre as rochas meio submersas que dividem a praia e sobre a baixa falésia coberta de árvores e de mato que a rodeia, descobriu, entre dois carvalhos desnudados, um abrigo de terra e troncos que devia ter sido usado por guardas alfandegários. Um pequeno bloco de pedra erguia-se à entrada. Sobre ele estava a inscrição, seguida do número 17.

Nenhuma seta. Embaixo, um simples ponto. E era tudo.

Dentro do abrigo, três garrafas partidas e latas de conserva vazias.

"Era aqui o ponto de chegada", disse Véronique para si mesma. "Comeram aqui. Alimentos trazidos antecipadamente, talvez."

Nesse momento, notou que, não longe dela, na margem de uma pequena baía que se arredondava como uma concha no meio das rochas, um barco flutuava, um barco a gasolina cujo motor era visível.

E ouviu vozes de pessoas que vinham da vila, uma voz de homem e uma de mulher.

Do local onde se encontrava, só lhe foi possível ver um homem bastante idoso, que trazia nos braços meia dúzia de sacos com provisões, massas, legumes secos, e que os pôs no chão, dizendo:

— Então, fez boa viagem, senhora Honorine?

— Excelente.

— E onde é que esteve?

— Em Paris, ora… oito dias fora… fazendo compras para o meu patrão…

— Contente por voltar?

— Meu Deus, sim.

— Olhe, senhora Honorine, aqui está o seu barco, no mesmo local. Vim visitá-lo todos os dias. Então, hoje de manhã, tirei-lhe a cobertura.

Continua a andar bem?

— Lindamente.

— E a senhora guia-o bem. Hein, senhora Honorine, quem diria que a senhora ainda ia fazer este trabalho?

— É a guerra. Os rapazes novos foram embora da ilha, os outros estão na pesca. E depois, já não há carreiras de barcos a cada quinze dias, como antes. Então faço eu mesma os fretes.

— Mas, e a gasolina?…

— Temos de reserva. Por esse lado não há perigo.

— Bem, então vou indo, senhora Honorine. Quer que a ajude a carregar?

— Não vale a pena, você está com pressa.

— Bem, então vou indo — repetiu o homenzinho. — Até a próxima, senhora Honorine. Da próxima vez faço os embrulhos com antecedência.

Ele afastou-se e um pouco mais adiante gritou:

— Mas tenha cuidado com as pontas dos recifes, em volta da sua maldita ilhota! É que ela tem má fama! Por alguma razão chamam-na a Ilha dos Trinta Caixões. Boa sorte, senhora Honorine.

E desapareceu por detrás de uma rocha.

Véronique estremecera. Os trinta caixões! As mesmas palavras que lera na margem daquele horrível desenho!

Espreitou. A mulher deu alguns passos até ao barco e, depois de colocar nele outras provisões que ela própria trouxera, voltou-se.

Véronique viu-a então de frente. Usava um traje bretão, e a sua touca era encimada por um laço de veludo negro.

"Ah", balbuciou Véronique, "a touca do desenho… a touca das três mulheres crucificadas!…"

A bretã devia ter uns quarenta anos. O seu rosto sério, queimado pelo sol e pelo frio, era ossudo, de traços duros, mas animado por dois grandes olhos negros, inteligentes e doces. Uma pesada corrente de ouro caía-lhe sobre o peito. O vestido de veludo apertava-lhe fortemente o busto.

Cantava em voz muito baixa, enquanto levava os embrulhos e carregava o barco, o que a obrigava a ajoelhar-se sobre uma grande pedra à qual ele estava amarrado. Quando terminou, olhou o horizonte, onde havia algumas nuvens negras. Pareceu, contudo, não se inquietar com isso, e, desfazendo a amarra, continuou a cantar, mas em voz mais alta, o que

permitiu a Véronique ouvir as palavras. Era uma lenta melopeia, uma canção de embalar que ela cantava com um sorriso, mostrando uns belos dentes brancos:

E dizia a mamãe
Embalando o menino:
Não chores.
Quando choras, Nossa Senhora também chora.
Que o menino cante e ria
Para que a Virgem sorria.
Junta as mãos e reza à boa Virgem Maria.

Ela não terminou. Véronique estava à sua frente, o rosto contraído e muito pálido.

Surpreendida, ela murmurou:

— O que foi?

Véronique, com voz trêmula, disse:

— Essa canção, quem a ensinou?… Onde a ouviu?… É uma canção que a minha mãe cantava… uma canção da terra dela, da Saboia… Eu nunca a tinha ouvido desde… desde a sua morte… Então… eu quero… eu queria…

Calou-se. A bretã contemplava-a em silêncio, com um ar estupefato, e como se estivesse, também ela, prestes a fazer perguntas. Véronique repetiu:

— Quem lhe ensinou essa canção?…

— Uma pessoa de lá — respondeu enfim aquela a quem chamavam a senhora Honorine.

— De lá?

— Sim, uma pessoa da minha ilha.

Véronique, apreensiva, disse:

— A Ilha dos Trinta Caixões?

— É um nome que lhe dão. Chama-se Ilha de Sarek.

Continuaram a fitar-se, com um olhar onde havia desconfiança misturada com uma grande necessidade de falar e de saber. E, ao mesmo tempo, sentiram ambas que não eram inimigas.

Foi Véronique quem recomeçou:

— Desculpe-me, mas, veja, há coisas tão desconcertantes…

A bretã abanou a cabeça firmemente, com ar de quem aprovava, e Véronique continuou:

— Tão desconcertantes, tão perturbadoras… Olhe, sabe por que é que estou nesta praia? Vou dizer. Talvez você possa me explicar… É o seguinte… O acaso, foi um pequeno acaso que no fundo originou tudo isto, trouxe-me pela primeira vez à Bretanha, e vi na porta de uma velha cabana abandonada, à beira da estrada, as iniciais da minha assinatura de solteira, assinatura que já não uso há catorze ou quinze anos. Continuando pela estrada, descobri ainda várias vezes essa inscrição, com um número de ordem sempre diferente, e foi assim que cheguei aqui, a esta praia de Beg-Meil, e a esta parte da praia que era o fim de um trajeto previsto e efetuado… por quem? Eu ignoro.

— A sua assinatura está ali? — perguntou Honorine. — Em que local?

— Sobre aquela pedra, por cima de nós, à entrada do abrigo.

— Não vejo daqui. Que letras são?

— V. d'H.

A bretã reprimiu um movimento. O seu rosto ossudo traiu uma profunda emoção, e ela disse por entre os dentes:

— Véronique… Véronique d'Hergemont.

— Ah! — disse Véronique — Você sabe o meu nome!… Você sabe!…

Honorine pegou-lhe nas mãos e conservou-as nas suas. O seu rosto rude iluminava-se com um sorriso. Os seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto repetia:

— Menina Véronique… Senhora Véronique, então é você, Véronique?… Ah! meu Deus. Será possível? Virgem Maria seja bendita!

Véronique estava confusa e não parava de dizer:

— Você sabe o meu nome… você sabe quem eu sou… Então pode explicar-me todo este enigma?

Depois de um silêncio bastante longo, Honorine respondeu:

— Não posso explicar-lhe nada… Eu também não compreendo… Mas podemos tentar descobrir juntas… Vejamos: que vila era essa na Bretanha?

— A vila de Faouët.

— Faouët… eu conheço. E essa cabana abandonada ficava…?

— A dois quilômetros de lá.

— E abriu a cabana?

— Sim. E foi isso o mais terrível. Dentro dessa cabana havia…

— Diga… o que é que havia lá?

— O cadáver de um homem, de um velho, com traje da região, longos cabelos brancos e uma barba grisalha… Ah! esse morto, nunca o esquecerei… Devia ter sido assassinado… envenenado… não sei…

Honorine ouvia avidamente, porém esse crime não parecia dar-lhe nenhuma indicação, por isso disse simplesmente:

— Quem era? Foi feita uma investigação?

— Quando eu voltei com pessoas de Faouët, o cadáver tinha desaparecido.

— Desaparecido? Mas quem o levou?

— Não sei.

— De maneira que não sabe de nada?

— Nada. No entanto, da primeira vez, encontrei na cabana um desenho… um desenho que rasguei, mas cuja lembrança conservo como um pesadelo que se renova constantemente… Não posso evitar… Ouça… havia um rolo de papel onde, era evidente, alguém copiara uma imagem antiga, e que representava, oh! uma coisa terrível… terrível… quatro mulheres crucificadas! E uma dessas mulheres era eu, com o meu nome… E as outras tinham uma touca parecida com a sua…

Honorine apertara-lhe as mãos com uma violência extraordinária.

— O que está dizendo? — exclamou a bretã. — O que está dizendo? Quatro mulheres crucificadas?

— Sim, e isso relacionava-se com os trinta caixões, portanto com a ilha em que você mora.

A bretã tapou-lhe a boca com as mãos.

— Cale-se! Cale-se! Oh! Não se deve falar disso. Não, não, não se deve… São coisas do inferno… É um sacrilégio falar disso… Vamos calar-nos… Mais tarde se verá… talvez daqui a alguns anos… Mais tarde… Mais tarde…

Parecia que o terror a sacudia como um vento tempestuoso que chicoteia as árvores e revolve toda a natureza. E subitamente ela caiu de joelhos sobre a rocha, e rezou durante muito tempo, dobrada ao meio, a cabeça entre as mãos, em um tal recolhimento que Véronique não lhe fez mais nenhuma pergunta.

Finalmente levantou-se e passado um instante repetiu:

— Sim, tudo isso é terrível, mas o nosso dever não mudou, e não é possível uma única hesitação.

E disse gravemente à jovem mulher:

— Tem que ir para lá comigo.

— Lá, à sua ilha? — replicou Véronique sem esconder a sua repugnância.

Honorine pegou outra vez nas mãos dela e continuou, sempre no mesmo tom um pouco solene, que parecia a Véronique cheio de pensamentos secretos e não ditos.

— O seu nome é mesmo Véronique d'Hergemont?

— Sim.

— O seu pai chamava-se…?

— Antoine d'Hergemont.

— Casou-se com um suposto polonês chamado Vorski?

— Sim, Alexis Vorski.

— Casou-se com ele depois do escândalo de um rapto e de uma ruptura com o seu pai?

— Sim.

— Teve um filho dele?

— Sim, um filho, François.

— Que praticamente não o conheceu, pois ele foi raptado pelo seu pai?

— Sim.

— E os dois, o seu pai e o seu filho, desapareceram em um naufrágio?

— Sim, morreram.

— Como é que sabe?

Véronique nem sequer se espantou com esta pergunta e respondeu:

— A investigação que mandei fazer e a investigação judiciária fundamentaram-se em um mesmo depoimento irrecusável, feito por quatro marujos.

— Quem lhe diz que eles não mentiram?

— Por que haviam de mentir? — disse Véronique, surpreendida.

— O depoimento deles podia ter sido comprado… Podia ter sido combinado antecipadamente.

— Por quem?

— Pelo seu pai.

— Que ideia! E depois, o meu pai está morto!

— Repito-lhe: como é que sabe?

Desta vez Véronique ficou estupefata.

— Onde quer chegar? — murmurou.

— Calma. Sabe os nomes desses quatro marujos?

— Eu sabia. Já não me lembro.

— Não se recorda que eram nomes bretões?

— É verdade. Mas não compreendo…

— A senhora nunca veio à Bretanha, mas o seu pai veio aqui muitas vezes por causa dos livros que escrevia. Ele esteve aqui mesmo quando a sua mãe era viva. Por isso deve ter conhecido pessoas da região. Suponhamos que conhecia há muito tempo os quatro marujos, e que esses homens, dedicados a ele, ou por ele comprados, foram contratados exatamente para essa aventura… Suponhamos que eles levaram primeiro o seu pai e o seu filho para um pequeno porto na Itália, e que depois, sendo os quatro bons nadadores, afundaram o iate frente à costa. Admitamos…

— Mas esses homens existem! — exclamou Véronique cada vez mais agitada. — Podiam ser interrogados!

— Dois deles morreram de morte natural há alguns anos. O terceiro chama- se Maguennoc, um velho que poderá encontrar em Sarek. Quanto ao quarto, talvez o tenha visto há pouco. Com o dinheiro que lhe deu esse negócio, trapaceando comprou uma mercearia em Beg-Meil.

— Ah, esse, podemos ir já falar com ele — disse Véronique emocionada. — Vamos procurá-lo.

— Para quê? Sei mais do que ele.

— Você sabe… você sabe…

— Sei tudo o que ignora. Posso responder a todas às suas perguntas. Pergunte-me.

Mas Véronique não ousava fazer-lhe a pergunta principal, aquela que começava a palpitar nas trevas da sua consciência. Tinha medo de uma verdade que talvez já não fosse inadmissível, verdade que ela entrevia obscuramente, e foi em um tom doloroso que balbuciou:

— Não compreendo… não compreendo. Por que é que o meu pai teria agido assim. Por que é que teria querido que se acreditasse na sua morte, e na morte do meu pobre filho?

— O seu pai jurou vingança…

— De Vorski, tudo bem… Mas de mim?… Da sua filha?… E uma tal vingança!…

— A senhora amava o seu marido. Depois de ser raptada, em vez de fugir, consentiu em se casar com ele. E, além disso, a injúria foi pública… E a senhora conhecia o seu pai, o seu caráter violento, rancoroso… a sua natureza um pouco… um pouco desequilibrada, segundo a sua expressão.

— Mas, e depois?…

— Depois!… Depois!… Os remorsos vieram com o tempo, com a ternura que tinha pela criança… Ele procurou-a por todo o lado… As viagens que você fez! A começar pela sua ida às carmelitas de Chartres. Mas a senhora partira já havia muito tempo… e onde, onde encontrá-la?

— Um anúncio nos jornais…

— Ele pôs um anúncio, mas muito discreto por causa do escândalo. Alguém respondeu. Marcaram um encontro. Sabe quem veio ao encontro? Vorski. Vorski, que também a procurava, que ainda a amava e a odiava. O seu pai teve medo e não ousou agir abertamente.

Véronique calou-se. Muito abatida, sentara-se sobre a pedra e mantinha a cabeça inclinada. Murmurou:

— Fala do meu pai como se ele ainda estivesse vivo.

— E ele está vivo.

— E como se o visse frequentemente…

— Todos os dias.

— E, por outro lado — Véronique baixou a voz —, e por outro lado, não diz uma palavra sobre o meu filho… Então receio terrivelmente… Talvez não tenha sobrevivido?… Talvez tenha morrido depois? É por isso que não fala dele?

Com esforço, ela ergueu a cabeça. Honorine sorria.

— Ah, suplico-lhe — implorou Véronique —, diga-me a verdade… é horrível esperar mais do que é necessário… suplico-lhe…

Honorine pôs-lhe o braço à volta do pescoço.

— Mas, minha pobre senhora, teria eu contado tudo isso se ele estivesse morto, o meu lindo François?

— Ele está vivo? Ele está vivo? — exclamou, desvairada, a jovem mulher.

— Mas é verdade! E como ele está crescido. Ah! É um rapazinho forte, de pernas sólidas! E tenho realmente direito de me orgulhar disso, porque fui eu quem o criou, o seu François.

Sentiu que Véronique se abandonava contra ela, sob o peso de intensos sentimentos, que decerto tinham tanto de sofrimento como de alegria, e disse-lhe:

— Chore, minha boa senhora, isso fará bem. São lágrimas melhores que as de antigamente, não acha? Chore, para que toda a sua miséria passada se vá embora. Eu volto à vila. Tem alguma mala na estalagem? Conhecem-me por lá. Vou buscá-la e partimos.

Quando a bretã voltou, passada meia hora, viu Véronique de pé, a fazer-lhe sinal para se apressar, e ouviu-a gritar:

— Depressa!… Meu Deus, como demorou! Não há um minuto a perder.

No entanto, Honorine não se apressou muito e nada respondeu. Nenhum sorriso iluminava o seu rosto severo.

— Então, vamos? — disse Véronique ao abordá-la. — Há algum problema? Algum obstáculo? Você não parece a mesma…

— Não… não é nada…

— Então, vamos depressa.

Com a sua ajuda, Honorine pôs no barco as malas e os sacos com provisões. Depois, parando de repente à frente de Véronique, disse-lhe:

— Tem mesmo a certeza de que a mulher crucificada representada no desenho era a senhora?

— Absoluta… aliás, as minhas iniciais estavam por cima da cabeça…

— É estranho — murmurou a bretã — e muito inquietante.

— Por quê?… Alguém que me conhece… e que se diverte… É só uma coincidência, uma fantasia do acaso que ressuscita coisas do passado.

— Oh! Não é o passado que me inquieta. É o futuro.

— O futuro?

— Lembre-se da predição…

— Não compreendo.

— Sim, sim, aquela predição feita a Vorski a seu respeito…

— Ah! Você sabe?

— Sei. E é horrível pensar nesse desenho e noutras coisas que a senhora ignora, e que são muito mais assustadoras.

Véronique desatou a rir.

— Então é por isso que hesita em levar-me?… Enfim, é disso que se trata?

— Não ria. Não dá vontade de rir quando se veem as próprias chamas do inferno.

A bretã pronunciou estas palavras ao mesmo tempo que fechava os olhos e se benzia. Depois recomeçou:

— Claro… Está caçoando de mim… Pensa que sou uma mulher de província, supersticiosa, que acredita em fantasmas e em fogos-fátuos. Não digo que não seja verdade. Mas… há… há verdades que cegam!… Falará disso com Maguennoc, se conquistar a sua confiança.

— Maguennoc?

— Um dos quatro marujos. É um velho amigo do seu filho. Também ele o criou. Maguennoc sabe mais que todos os sábios, mais que o seu pai. E no entanto…

— E no entanto…

— No entanto, Maguennoc quis tentar o destino e ir para além daquilo que é permitido conhecer.

— O que ele fez?

— Quis tocar com a mão, veja bem, com a sua própria mão (foi ele quem confessou), no fundo das trevas.

— E então? — disse Véronique, muito impressionada.

— E então, ficou com a mão queimada pelas chamas. Uma ferida horrível, que ele me mostrou, que eu vi com os meus próprios olhos, horrível como a ferida de um câncer… e doía-lhe tanto que…

— Tanto que?

— Que pegou com a mão esquerda um machado e cortou ele mesmo a mão direita.

Véronique ficou bastante perturbada. Lembrava-se do cadáver de Faouët e balbuciou:

— A mão direita? Afirma que Maguennoc cortou a mão direita?

— Com uma machadada, há dez dias, dois dias antes da minha partida… fui eu que o tratei. Por que é que me pergunta isso?

— Porque — disse Véronique com a voz alterada —, porque o homem morto, o velho que encontrei na cabana abandonada e que desapareceu, ele não tinha a mão direita, e via-se que fora recentemente cortada.

Honorine teve um sobressalto. Apareceu-lhe outra vez aquela expressão assustada e aquela emoção desordenada que contrastavam com a sua habitual atitude calma. Elevando a voz, disse:

— Tem certeza? Sim, sim, é isso… é ele… Maguennoc… Um velho com longos cabelos brancos, não é? E uma barba que se alarga para baixo? Ah, que desgraça!

Ela conteve-se e olhou à sua volta, inquieta por ter falado tão alto. Fez outra vez o sinal da cruz, e quase só para si mesma pronunciou as seguintes palavras:

— É o primeiro dos que têm de morrer… ele avisou-me… e o velho Maguennoc tinha olhos que liam tanto no livro do futuro como no livro do passado. Ele via claramente o que ninguém vê. "A primeira vítima serei eu, senhora Honorine. E quando o criado tiver desaparecido, alguns dias depois será a vez do patrão…"

— E o patrão dele era…? — disse Véronique em voz baixa.

Honorine enrijeceu-se e cerrou os punhos com um ar brutal.

— Esse eu hei de defender — declarou —, hei de salvá-lo, o seu pai não será a segunda vítima. Não, não, eu chegarei a tempo. Deixe-me ir embora.

— Vamos as duas — disse firmemente Véronique.

— Por favor — suplicou Honorine —, não insista. Deixe-me tratar disto. Esta noite mesmo, antes do jantar, trago-lhe o seu pai e o seu filho…

— Mas, por quê?

— Há muitos perigos na ilha… para o seu pai… e sobretudo para a senhora. Lembre-se das quatro cruzes! É lá que elas serão erguidas… Oh! Não deve ir!… A ilha está amaldiçoada.

— E o meu filho?

— Estará com ele hoje, daqui a algumas horas.

Véronique riu bruscamente.

— Daqui a algumas horas! Mas é uma loucura! Como! Há catorze anos que penso que o meu filho morreu. Descubro de repente que ele está vivo, e você me pede que espere algumas horas para abraçá-lo! Nem uma hora! Prefiro mil vezes arriscar a vida a retardar esse momento.

Honorine olhou para ela, e deve ter percebido que seria inútil contrariar a resolução de Véronique, pois não insistiu. Pela terceira vez se benzeu, e disse simplesmente:

— Seja feita a vontade de Deus.

Arranjaram as duas um lugar entre as mercadorias que obstruíam a estreita coberta. Honorine pôs o motor a trabalhar, pegou no volante, e, com muita destreza, fez evoluir o barco entre as rochas e os escolhos que

despontavam à tona da água.

O filho de Vorski

Sentada a estibordo em cima de uma caixa, voltada para Honorine, Véronique sorria. Sorriso ainda inquieto, indeciso, cheio de reticências, hesitante como um raio de sol que quer brilhar através das últimas nuvens da tempestade, mas de qualquer forma um sorriso feliz.

E a felicidade parecia a expressão justa daquele rosto admirável, que tinha um cunho de nobreza e desse especial pudor que dão a algumas mulheres, marcadas por uma excessiva infelicidade ou preservadas pelo amor, o hábito da gravidade e a suspensão de qualquer vaidade feminina.

Os seus cabelos negros, um pouco grisalhos nas fontes, estavam atados sobre a nuca. Ela tinha a tez mate de um meridional e grandes olhos de um azul muito claro, em que o globo parecia da mesma cor, pálida como um céu de inverno. Era alta, de ombros largos e busto harmonioso.

A sua voz musical, um pouco masculina, tornava-se leve e alegre quando falava do filho reencontrado. E Véronique só queria falar disso. Em vão a bretã tentava voltar aos problemas que a atormentavam, e por vezes recomeçava:

— Vejamos, há duas coisas que não consigo explicar: quem estabeleceu essas pistas, cujas indicações a conduziram de Faouët ao preciso local onde eu sempre embarco? Quem faria esse caminho de Faouët até a ilha de Sarek? E depois, por outro lado, como o velho Maguennoc deixou a ilha? Foi por livre vontade? Ou será que transportaram o seu cadáver? E então, de que maneira?

— Vale a pena pensar nisso?… — objetava Véronique.

— Claro que vale. Olha! Além de mim, que vou com o meu barco de quinze em quinze dias a Beg-Meil, ou a Pont-Abbé, para buscar provisões,

só há mais dois barcos de pescadores, que vão sempre para mais longe, subindo a costa até Audriene, onde vendem a pesca. Então, como é que Maguennoc conseguiu atravessar? E, além disso, foi ele mesmo que se matou? Mas então, por que teria desaparecido o cadáver?

Mas Véronique protestava.

— Por favor… isso agora não tem importância. Tudo se esclarecerá. Falemos de François. A senhora me contava como ele tinha chegado a Sarek…

E Honorine cedia às súplicas da jovem mulher.

— Chegou nos braços do pobre Maguennoc, alguns dias depois do rapto. Maguennoc, instruído pelo senhor d'Hergemont, contou que uma senhora estrangeira lhe confiara a criança e deixou-a aos cuidados da filha, que mais tarde veio a morrer. Eu não estava na ilha, trabalhei durante dez anos em uma casa em Paris. Quando voltei, ele já era um belo rapazinho, que corria pelos campos e pelas falésias. Foi então que fui servir na casa do seu pai, que se instalara em Sarek. Quando morreu a filha de Maguennoc, a criança ficou em nossa casa.

— Mas com que nome?

— Com o seu nome, François… simplesmente François. O senhor d'Hergemont se apresentava pelo nome de senhor Antoine. A criança o chamava de avô. Nunca ninguém achou isso estranho.

— E você sabe como é o caráter dele? — perguntou Véronique, com uma certa ansiedade.

— Oh, quanto a isso, ele é uma bênção! — respondeu Honorine. — Nada do pai… e também nada do avô, como o próprio senhor d'Hergemont o confessa. Uma criança doce, amável e educada. Nunca se encoleriza… está sempre de bom humor. Foi por isso que conquistou as graças do avô, e foi assim que o senhor d'Hergemont começou a sentir saudades suas, de tal forma, o neto lhe lembrava a filha que renegara. "É mesmo o retrato da mãe", dizia. "Véronique era doce e terna como ele, amável e carinhosa." E então começou a procurá-la, com a minha ajuda, pois pouco a pouco ele confiara em mim e contara-me tudo.

Véronique irradiava alegria. O seu filho era parecido com ela! O seu filho era bom e sorridente!

— Mas — disse ela — ele sabe sobre mim? Sabe que a mãe está viva?

— Se sabe! A princípio, o senhor d'Hergemont queria guardar segredo. Mas não tardou que eu dissesse tudo.

— Tudo?

— Tudo, não. Ele julga que o pai está morto, e que depois do naufrágio em que o senhor d'Hergemont e ele, François, desapareceram, a senhora entrou para um convento, e que não a conseguimos encontrar. E como anseia por notícias, quando volto de viagem! Como ele espera! Ah, gosta muito da sua mamãe! Está sempre cantando aquela canção que a senhora ouviu, e que o avô lhe ensinou.

— O meu François… o meu querido François!…

— Ah, sim, ele gosta da senhora — continuou a bretã. — Eu sou a "mamãe Honorine". Mas a senhora, a senhora é simplesmente "a mamãe". E é para procurá-la que ele quer crescer e acabar os estudos depressa.

— Os estudos? Ele estuda?…

— Estudou com o avô, e estuda há dois anos com um valente rapaz que eu trouxe de Paris, Stéphane Maroux, um mutilado da guerra, que recebeu uma medalha para cada cicatriz e reformado depois de várias operações. François ligou-se a ele de alma e coração.

O barco deslizava rapidamente sobre o mar tranquilo onde deixava um sulco de espuma prateada. As nuvens tinham-se dissipado no horizonte. O fim do dia anunciava-se calmo e sereno.

— Fale-me mais! Fale-me mais dele! — repetia Véronique, que não se cansava de escutar. — Diga-me, como é que o meu filho se veste?

— Com calções, que lhe deixam as pernas à mostra, uma camisa grossa de flanela com botões dourados, e um gorro, como o seu grande amigo, o senhor Stéphane, mas um gorro vermelho, o dele, e que lhe fica muito bem.

— Ele tem mais amigos além do senhor Maroux?

— Antes eram todos os rapazes da ilha. Mas, salvo três ou quatro garotos, os outros, desde que os pais estão na guerra, deixaram a ilha com as mães e trabalham na costa, em Concarneau, em Lorient, deixando os velhos sozinhos em Sarek. Não somos mais que uns trinta na ilha.

— Então com quem é que ele brinca? Quem é que anda com ele?

— Oh! Para isso tem um grande companheiro.

— Ah, e quem é?

— Um cãozinho que Maguennoc lhe deu.

— Um cão?

— É muito engraçado, mal feito, ridículo, uma mistura de cachorro do mato com raposa, mas tão divertido, tão pândego! Ah! É mesmo um tipo curioso, o Tout-Va-Bien. François chama-o assim, e nenhum outro nome lhe assentaria melhor, pois em francês quer dizer "tudo vai bem"! Tem sempre um ar feliz, contente da vida, e independente, de resto, desaparece durante horas, durante dias inteiros, mas sempre presente quando é preciso, quando estamos tristes e as coisas não correm como queríamos. Tout-Va-Bien não gosta de lágrimas, de zangas, de discussões. Quando começamos a chorar ou fazemos cara de choro, senta-se à nossa frente, faz-se engraçado, fecha um olho, abre metade do outro, e parece tanto estar ele próprio a rir que desatamos a rir. "Então, meu velho", diz François, "tem razão, tudo vai bem. Não vale a pena ficar triste, não é?", e quando já estamos consolados, Tout-Va-Bien afasta-se rapidamente. Cumpriu o seu dever.

Véronique ria e chorava ao mesmo tempo. Depois ficou silenciosa durante muito tempo, cada vez mais triste e invadida por um desespero que submergia toda a sua alegria. Pensava na felicidade que perdera nesses catorze anos em que fora uma mãe sem filho, enlutada por um filho que estava vivo. Todos os cuidados que se dispensam ao ser que nasce, toda a ternura que o envolve e que dele se recebe, todo o orgulho que se sente ao vê-lo crescer e ao ouvi-lo falar, tudo o que alegra uma mãe, a exalta e faz transbordar no seu coração, um afeto cada dia renovado, tudo isso ela não pudera conhecer.

— Estamos na metade do caminho — disse Honorine.

O barco deslizava ao largo das ilhas Glenans. À direita, o cabo de Penmarch, cujas costas elas seguiam paralelamente a quinze milhas de distância, desenhava uma linha mais sombria, que nem sempre se distinguia do horizonte.

Véronique pensava no seu triste passado, na mãe, de quem mal se lembrava, na longa infância junto de um pai egoísta e enfadonho, no seu casamento, ah! sobretudo no seu casamento! Recordava os primeiros encontros com Vorski, quando tinha apenas dezessete anos. Como ficara logo com medo desse homem bizarro, temendo-o ao mesmo tempo em que era por ele influenciada, como nessa idade se é influenciável pelo que é misterioso e incompreensível!

Depois fora o dia detestável do rapto e os que se lhe seguiram, mais detestáveis ainda, as semanas em que ele a mantivera fechada em casa, ameaçando-a e dominando-a com todo o seu maligno poder. E fora a promessa de união que ele a obrigara a fazer, pacto contra o qual se insurgiam todos os instintos e toda a vontade da jovem, mas que lhe parecia ter de se submeter depois de tal escândalo e por que o pai consentia.

Irritaram-na estas recordações do ano que durou o seu casamento. Isso não, nunca, nem nos piores momentos em que os pesadelos do passado surgem como fantasmas, nunca ela consentia em ressuscitar, no segredo do seu espírito, essa época aviltante, os desgostos, as mágoas, a traição, a vida indecorosa do marido, que, sem vergonha, com uma altivez cínica, se mostrava pouco a pouco tal como era: bêbado, viciado em jogos, roubando os próprios companheiros, caloteiro e chantagista, dando à mulher a impressão, que ela ainda conservava e que a fazia estremecer, de uma espécie de gênio do mal, cruel e desequilibrado.

— Chega de sonhos, senhora Véronique — disse Honorine.

— Não são sonhos nem recordações — respondeu ela —, são remorsos.

— Remorsos? Logo a senhora que teve uma vida de mártir.

— Um martírio que foi um castigo.

— Mas tudo isso acabou, senhora Véronique, agora que vai rever o seu filho e o seu pai. Então, pense apenas em ser feliz.

— Se eu pudesse ainda ser feliz!

— Claro que pode! Vai ver que sim, e não tarda muito! Olhe, ali está Sarek.

Honorine tirou de dentro de uma caixa, que estava por baixo do banco, uma grande concha que usava como de uma buzina, à maneira dos marinheiros de outrora, e, colocando os lábios na abertura, inchando as bochechas, arrancou algumas notas poderosas, semelhantes a mugidos, que encheram o espaço.

Véronique interrogou-a com o olhar.

— Estou chamando por ele — disse Honorine.

— François! Está chamando François!

— Sempre que chego é assim. Ele desce correndo do alto das falésias onde moramos e vem até o cais.

— Então vou vê-lo! — disse Véronique, muito pálida.

— Vai vê-lo. Dobre o véu para que ele não a reconheça pelos seus retratos. Falarei com você como se fosse alguém que veio visitar Sarek.

Avistava-se a ilha distintamente, mas a base das falésias ficava escondida atrás de numerosos escolhos.

— Ah! Escolhos é coisa que não falta! Isto ferve como um cardume de arenques — exclamou Honorine, que tivera de desligar o motor e se servia de dois remos muito curtos. — Veja, o mar ainda há pouco estava calmo. Aqui, nunca.

Na verdade, milhares e milhares de pequenas ondas entrechocavam-se, rebentavam umas contra as outras, travavam com as rochas incessantes e implacáveis batalhas. O barco parecia navegar sobre o refluxo de uma corrente. Era impossível vislumbrar um bocado de mar azul ou verde no meio do fervilhar da espuma branca, agitada pelo incansável turbilhão de forças que se obstinavam contra os dentes pontiagudos dos escolhos.

— E à volta da ilha é tudo assim — recomeçou Honorine —, de tal maneira que só se pode desembarcar em Sarek em uma lancha. Ah! Aqui os alemães não podiam estabelecer uma base de submarinos. Por precaução, alguns oficiais de Lorient vieram para cá, há dois anos, para ficarem com a consciência tranquila em relação a umas cavernas que há do lado oeste e onde não se pode entrar senão na maré baixa. Foi tempo perdido. Nada a fazer, na nossa ilha. Veja, são rochas espalhadas por toda volta, rochas pontiagudas e que parecem morder, por baixo, traiçoeiramente. E, se bem que sejam estas as mais perigosas, talvez se devesse temer mais as outras, aquelas grandes que se veem e que têm o nome e a sua história em crimes e naufrágios. Ah! aquelas ali!…

A voz dela sumia. Com a mão hesitante, parecendo recear o gesto que esboçava, apontou para alguns recifes que se erguiam como massas poderosas de formas diversas, animais agachados, torreões com ameias, agulhas colossais, cabeças de esfinge, grosseiras pirâmides, tudo isto em um granito negro tingido de vermelho como se estivesse ensanguentado.

Ela murmurou:

— Ah! Aquelas ali guardam a ilha há séculos e séculos, mas, como se fossem animais ferozes, que só gostam de fazer mal e de matar. Aquelas… aquelas… Não, é melhor nunca falar delas, nem sequer pensar nelas. São os trinta animais ferozes… Sim, trinta, senhora Véronique… são trinta…

Fez o sinal da cruz e, mais calma, prosseguiu;

— São trinta. O seu pai diz que chamam a Sarek de Ilha dos Trinta Caixões, porque o instinto popular acabou por confundir as palavras "escolhos" e "caixões". Talvez… deve ter sido isso… Mas mesmo assim são verdadeiros caixões, senhora Véronique, e se pudessem ser abertos certamente que lá se encontrariam ossadas e mais ossadas… O próprio senhor d'Hergemont o afirma, Sarek vem da palavra sarcófago, que é, no seu dizer, a forma erudita da palavra "caixão". E depois, não é só isso…

Depois de um breve silêncio, Honorine, como se quisesse pensar em outra coisa, indicando um recife, disse:

— Olhe, senhora Véronique, depois daquele grande ali, que nos barra o caminho, vai ver por entre as rochas o pequeno porto e, no cais, o gorro vermelho de François.

Véronique ouvira distraidamente todas as explicações de Honorine. Inclinou-se um pouco para fora do barco para ver se conseguia enxergar a silhueta do filho, enquanto que, como se estivesse possuída por uma ideia obsessiva, a bretã prosseguia:

— Não é só isso. Na ilha de Sarek, e por essa razão o seu pai a escolheu para aqui morar, há uma série de dólmenes que não têm nada de especial, e que são todos mais ou menos iguais. Ora, sabe quantos dólmenes há? Trinta! Trinta, como os principais escolhos. E esses trinta estão distribuídos à volta da ilha, sobre as falésias, mesmo defronte dos trinta escolhos, e cada um deles tem o mesmo nome que o escolho que lhe corresponde. Dolerroeck, Dolkerlitu, etc. O que acha?

Ela pronunciara estes nomes com a mesma voz receosa com que falava de todas aquelas coisas, como se tivesse medo de ser ouvida por essas mesmas coisas, animadas por ela de uma vida terrível e sagrada.

— O que acha, senhora Véronique? Oh! É tudo muito misterioso, o melhor é não falar mais nisso. Contarei tudo quando tivermos ido embora, para longe da ilha, quando François estiver nos seus braços, com a senhora e com o seu pai…

Véronique estava calada, olhando para o local que a bretã indicara. De costas para ela, firmando as mãos na borda do barco, o seu olhar era intenso. Por ali, por aquele estreito intervalo entre as rochas, veria finalmente o filho, e não queria perder nem um segundo a partir do instante em que François aparecesse.

Aproximaram-se do recife. Um dos remos de Honorine tocou de leve na rocha. Deslizaram ao longo dela e atingiram a extremidade.

— Oh! — disse dolorosamente Véronique. — Ele não está lá.

— François não está lá! Não é possível! — exclamou Honorine.

Mas, por sua vez, também ela viu, trezentos ou quatrocentos metros mais à frente, as grandes pedras que serviam de quebra-mar no cimo da praia. Três mulheres, uma mocinha e velhos marinheiros esperavam o barco. Mas nenhum rapaz. Nenhum gorro vermelho.

— É estranho — disse Honorine em voz baixa. — É a primeira vez que não atende ao meu chamado.

— Talvez esteja doente? — insinuou Véronique.

— Não, François nunca fica doente.

— Então?

— Então, não sei.

— Mas não receia que alguma coisa tenha lhe acontecido? — perguntou Véronique, que já estava perturbada.

— A ele, não… mas quanto ao seu pai, Maguennoc tinha me avisado para não deixá-lo. É ele quem corre perigo.

— Mas François está lá para defendê-lo, assim como o senhor Maroux, o professor dele. Vamos, responda-me… o que pensa de tudo isto?

Depois de uma pausa, Honorine encolheu os ombros.

— Uma quantidade de tolices! Imagino coisas absurdas, sim, absurdas. Não me queira mal. Apesar de tudo, nunca deixarei de ser uma bretã. Tirando alguns anos, passei toda a vida aqui ouvindo lendas e histórias… Não falemos mais nisso.

A ilha de Sarek tem a forma de uma longa plataforma, bastante agitada, coberta de velhas árvores e suportada por falésias de altura média e extremamente recortadas. Parecem, à volta da ilha, uma coroa de renda desigual e variada, na qual trabalham incessantemente a chuva, o vento, o sol, a neve, o gelo, a bruma, toda a água que cai do céu e toda a água que ressuma da terra.

O único local acessível fica na costa oriental, no fundo de uma depressão de terreno onde se situa a aldeia, constituída por algumas casas de pescadores, a maior parte das quais abandonada desde o começo da guerra. Abre-se aí uma anfractuosidade, protegida pelo pequeno quebra-mar. O mar é muito calmo. Dois barcos estavam lá amarrados. Quando

atracaram, Honorine fez uma última tentativa:

— Bem, senhora Véronique, chegamos. Então… valerá a pena descer? Fique no barco… daqui a duas horas trago-lhe o seu pai e o seu filho, e jantamos em Beg-Meil ou em Pont-Abbé. Combinado?

Véronique levantara-se. Sem responder, saltou para o cais. Honorine acompanhou-a, não insistindo mais, e perguntou:

— Então, François não veio?

— Esteve aqui ao meio-dia — respondeu uma das mulheres. — Ele achava que você só voltaria amanhã.

— É verdade… mas ele deve ter ouvido dizer que eu chegaria hoje… Bem, depois veremos.

E disse aos homens que a ajudavam a descarregar:

— Não é preciso levar isso para o Priorado. Nem as malas… A menos que… Ouçam, se até as cinco horas eu não tiver voltado, então mandem um moleque com as malas.

— Não, eu levo — disse um dos marinheiros.

— Como desejar, Corréjou. Ah! É verdade, não sabe nada de Maguennoc?

— Maguennoc foi embora. Eu levei-o de barco até Pont-Abbé.

— Quando é que foi isso, Corréjou?

— No dia a seguir à sua partida, senhora Honorine.

— E onde é que ele ia?

— Disse-nos que ia… não sei onde, tinha a ver com a mão cortada… uma peregrinação…

— Uma peregrinação? Talvez fosse a Faouët, à capela de Sainte-Barbe?

— É isso… é isso mesmo… a capela de Sainte-Barbe… foi o nome que ele disse.

Honorine não fez mais perguntas. Como duvidar agora da morte de Maguennoc? Afastou-se, acompanhada por Véronique, que deixara descair o véu, e seguiram ambas por um caminho pedregoso, talhado em degraus, que subia por meio de um bosque de carvalhos em direção à extremidade setentrional da ilha.

— Afinal — disse Honorine —, não tenho certeza, mas tenho a impressão de que o senhor d'Hergemont queira ir embora. Ele acha que as minhas histórias são invenções, embora ele mesmo se espante com uma quantidade de coisas.

— A casa fica longe? — perguntou Véronique.

— Quarenta minutos a pé. Como vai ver, é quase outra ilha, ligada à primeira, e onde os beneditinos construíram uma abadia.

— Mas ele mora lá sozinho com François e o senhor Maroux?

— Antes da guerra havia mais dois homens. Depois, Maguennoc e eu fazíamos praticamente todo o trabalho, com a cozinheira, Marie Le Goff.

— Ela ficou lá durante a sua ausência?

— Claro que sim.

Chegaram ao planalto. O caminho, que seguia ao longo da costa, subia e descia por declives abruptos. Por todo o lado, velhos carvalhos cobertos de visco, que se entrevia por entre as folhas ainda muito dispersas. O oceano, de um cinzento-esverdeado, ao longe, envolvia a ilha em uma cintura branca.

Véronique recomeçou:

— Qual é o seu plano, Honorine?

— Entro sozinha e falo com o seu pai. Depois, venho buscá-la à porta do jardim e, aos olhos de François, passará por uma amiga da mãe. Pouco a pouco, ele virá a saber.

— E acha que o meu pai me vai receber bem?

— Vai recebê-la de braços abertos, senhora Véronique — exclamou a bretã —, e todos ficaremos felizes se… se não tiver acontecido nada… É tão estranho François não aparecer! Ele podia ver o nosso barco de qualquer ponto da ilha… desde que passamos as ilhas Glenans.

Ela estava outra vez pensando naquilo a que o senhor d'Hergemont chamava as suas invenções. Continuaram a caminhar, Véronique estava impaciente e ansiosa.

Honorine, de repente, benzeu-se.

— Faça como eu, senhora Véronique — disse ela. — Os monges santificaram este lugar, mas ficaram dos tempos antigos muitas coisas más que causam desgraças. Sobretudo naquele bosque, o bosque do Grande Carvalho.

Ao falar dos tempos antigos, ela queria sem dúvida referir-se à época dos Druidas e dos sacrifícios humanos. E, de fato, penetravam em um bosque onde os carvalhos, afastados uns dos outros, erguendo-se sobre montículos de pedras musgosas, tinham o aspeto de deuses antigos, cada um com o seu altar, o seu culto misterioso e o seu temível poder.

Véronique benzeu-se, como a bretã, e não pôde deixar de dizer, estremecendo:

— Como isto é triste! Não há uma flor neste planalto desolado.

— Nascem aqui flores maravilhosas, se nos dermos ao trabalho de as cultivar. Vai ver as de Maguennoc, no extremo da ilha, à direita do Dólmen das Fadas… um local a que chamam o Calvário Florido.

— São bonitas?

— Maravilhosas. Ele vai buscar a terra em certos lugares e a prepara. Mistura-lhe umas folhas especiais que têm determinados poderes…

E depois continuou, murmurando entre dentes:

— Vai ver as flores de Maguennoc… flores como não há outras no mundo, flores de milagre…

Ao contornar uma colina, o caminho sofria uma brusca depressão. Uma enorme brecha separava a ilha em duas partes, sendo aquela que se via no lado oposto um pouco mais baixa e muito mais pequena.

— Aquela parte ali é o Priorado — disse a bretã.

As mesmas falésias recortadas rodeavam a ilhota com uma muralha ainda mais escarpada e escavada embaixo como o círculo de uma coroa. E essa muralha ligava-se à ilha principal por meio de um prolongamento da falésia, com cinquenta metros de comprimento, pouco mais espesso que o muro de um torreão, e cuja crista delgada e acerada parecia tão cortante como o gume de um machado.

Era impossível caminhar sobre essa crista, porque uma grande rachadura a cortava ao meio. Por isso, tinham colocado nas suas extremidades as estacas de uma ponte de madeira, que primeiro se apoiava diretamente no rochedo e que transpunha em seguida a fissura mediana. Avançaram então, uma atrás da outra, pois a ponte era muito estreita, e além disso pouco sólida, vacilando sob os passos e ao sopro do vento.

— Olhe, ali, mesmo na ponta da ilha, já se vê o Priorado — disse Honorine.

O caminho que para lá se dirigia atravessava pradarias com pequenos abetos plantados em xadrez. Um outro caminho seguia para a direita e perdia-se em uma mata espessa.

Véronique não tirava os olhos do Priorado, cuja fachada baixa aparecia pouco a pouco, quando a bretã, ao fim de alguns minutos, parou, voltada para as matas à direita, e gritou:

— Senhor Stéphane!

— Está chamando por quem? — perguntou Véronique. — Pelo senhor Maroux?

— Sim, o professor de François. Estava correndo para o lado da ponte… Vi-o por uma clareira… senhor Stéphane!… Mas por que é que ele não responde? Viu um vulto passando ali?

— Não.

— Tenho certeza que era mesmo ele, com o gorro branco… Então, nós enxergamos a ponte daqui. Esperamos que ele passe.

— Esperar para quê? Se está acontecendo alguma coisa, se há qualquer perigo, é no Priorado…

— Tem razão. Vamos depressa.

Apressaram o passo, invadidas por pressentimentos, e depois, sem motivo, puseram-se a correr, à medida que as suas apreensões aumentavam com a aproximação da realidade.

A ilhota estreitava-se novamente, atravessado por um muro baixo que delimitava a propriedade do Priorado. Nesse instante ouviram-se gritos que vinham da casa.

Honorine exclamou:

— Alguém está gritando! Ouviu? Gritos de mulher!… É a cozinheira!… É Marie Le Goff…

Precipitou-se para o portão, pegou na chave, mas tão desajeitadamente que emperrou a fechadura, e não conseguiu abrir.

— Vamos pela brecha no muro!… — ordenou ela. — Olhe, à direita!…

Avançaram, pularam o muro e atravessaram um grande campo eriçado de minas, onde o caminho tortuoso e pouco visível se perdia a todo momento sob a hera e o musgo.

— Pronto! Pronto! — proferiu Honorine. — Já chegamos! — E dizia por entre os dentes: — Já não se ouvem gritos! É assustador… Ah! Pobre Marie Le Goff…

Agarrou no braço de Véronique.

— Vamos dar a volta. A entrada é do outro lado… Aqui, as portas e os postigos das janelas estão sempre fechados.

Mas Véronique tropeçou em algumas raízes e caiu de joelhos. Quando se levantou, a bretã já se afastara e contornava o lado esquerdo da casa. Inconscientemente, Véronique, em vez de a seguir, correu para a parte da

frente, subiu a escadaria exterior e se jogou contra a porta fechada, onde bateu várias vezes com toda a força.

A ideia de dar a volta, como Honorine, parecia-lhe uma perda de tempo irreparável. No entanto, vendo a inutilidade dos seus esforços, ia fazer isso, quando, novamente, ressoaram gritos que vinham da parte superior da casa.

Era uma voz de homem, e Véronique julgou reconhecer a voz do seu pai. Recuou alguns passos. Bruscamente, no primeiro andar, uma das janelas abriu-se e ela pôde ver o senhor d'Hergemont, o rosto transtornado por um pavor inexprimível, que gritava:

— Socorro! Socorro! Ah! Um monstro… Socorro!

— Pai! Pai! — chamou Véronique com desespero. — Sou eu!

Por um instante, ele olhou para baixo, não parecendo ver a filha, e, rapidamente, tentou saltar por cima do parapeito. Mas, atrás dele, houve uma detonação e um dos vidros da janela voou em estilhaços.

— Assassino! Assassino! — gritou ele, voltando para dentro.

Véronique, desvairada, impotente, olhou à sua volta. Como socorrer o pai? A parede era demasiado alta, sem nada a que pudesse agarrar-se. De repente avistou, a vinte metros dali, mesmo junto à casa, uma escada de mão. Em um impulso de vontade e de energia, conseguiu, apesar de a escada ser muito pesada, transportá-la e erguê-la por baixo da janela aberta.

Nos mais trágicos momentos da vida, quando o espírito não é mais que agitação e desordem, quando o corpo todo é sacudido pelo tremor da angústia, uma certa lógica continua a associar as ideias umas às outras, e Véronique perguntava a si mesma por que não ouvia mais a voz de Honorine, e o que teria retardado a sua intervenção.

Pensava também em François. Onde estava François? Acompanhara Stéphane Maroux na sua fuga inexplicável? Partira em busca de socorro? E a quem o senhor d'Hergemont chamava de monstro e assassino?

A escada não chegava à janela, e Véronique imediatamente deu-se conta do esforço que teria de fazer para saltar a varanda. No entanto, não hesitou. Lá em cima travava-se uma luta e ouviam-se os clamores abafados que seu pai soltava. Véronique subiu. Apenas conseguia agarrar a parte inferior da varanda. Mas uma estreita cornija permitiu-lhe içar-se sobre um joelho, levantar a cabeça e ver o drama que se desenrolava dentro da casa.

Nesse instante, o senhor d'Hergemont recuara de novo até à janela, um pouco mais para trás mesmo, de maneira que ela o podia ver quase de frente. Não se mexia, os olhos esgazeados, os braços estendidos em um gesto indeciso, como se estivesse à espera de qualquer coisa terrível que ia acontecer. E balbuciou:

— Assassino… Assassino… É você? Ah! Maldito seja! François! François!

Chamava o neto certamente para vir em seu socorro, mas François devia também ele estar sendo alvo de algum ataque, talvez estivesse ferido, talvez morto!

Véronique, fazendo um grande esforço, conseguiu pôr um pé sobre a cornija.

"Estou aqui!… Estou aqui!…", queria ela gritar, mas a sua voz extinguia-se na garganta. Ela vira!… Ela via!… Diante do pai, a cinco passos dele, encostando-se à parede oposta do quarto, estava alguém que apontava um revólver para o senhor d'Hergemont e o mirava atentamente. E essa pessoa… Que horror!… Véronique reconhecia o gorro vermelho de que falara Honorine, a camisa de flanela com botões dourados… E sobretudo descobria, naquele jovem rosto convulsionado por atrozes sentimentos, a mesma expressão de Vorski nas ocasiões em que o assaltavam os seus instintos de ódio e ferocidade.

O rapaz não a viu. Os seus olhos não se desprendiam do alvo que queria atingir, e parecia experimentar uma alegria selvagem com o retardar do gesto fatal.

Véronique ficou calada. As palavras e os gritos de nada serviriam para afastar o perigo. O que devia fazer era interpor-se entre o pai e o filho. Trepou, agarrou-se e saltou para a varanda.

Tarde demais. O revólver disparou, e o senhor d'Hergemont caiu com um gemido de dor.

E ao mesmo tempo, no instante em que o rapaz ainda tinha o braço estendido e em que o velho caía, uma porta abria-se ao fundo. Honorine apareceu e foi surpreendida por aquela visão abominável.

— François! — berrou ela. — Você! Você!

O rapaz lançou-se sobre ela. A bretã tentou barrar-lhe o caminho. Nem chegou a haver luta. Ele recuou um passo, levantou bruscamente a arma que tinha na mão e disparou.

Honorine dobrou os joelhos e sucumbiu, ficando atravessada na porta. E, enquanto ele saltava por cima do corpo e fugia, continuava a dizer:

— François!… François!… Não, não é verdade… Ah! Será possível?… François!…

O rapaz deu uma gargalhada. Véronique ouviu esse riso infernal, semelhante ao riso de Vorski, e tudo aquilo lhe provocava um tal sofrimento que reconheceu o seu sofrimento de outros tempos, o sofrimento que a consumia quando estava diante de Vorski!

Não perseguiu o assassino. Nem sequer chamou por ele. Ao lado dela, uma voz fraca murmurava o seu nome.

— Véronique… Véronique…

O senhor d'Hergemont jazia no chão e olhava para ela com olhos vítreos de moribundo.

Ela ajoelhou-se ao pé dele, e, quando tentava abrir-lhe o colete e a camisa ensanguentados, ele afastou-a lentamente com a mão. Compreendeu que nada havia a fazer, e que ele queria falar. Inclinou-se então um pouco mais.

— Véronique… me perdoe… Véronique…

Era a expressão espontânea do seu pensamento que se esvaía. Ela beijou-lhe a testa, chorando.

— Quietinho, pai… não se canse…

Porém, ele tinha mais alguma coisa a dizer, e a sua boca articulava inutilmente sílabas que não faziam sentido, e que ela ouvia desesperadamente. A vida lhe fugia. O espírito desvanecia-se nas trevas. Véronique colou a orelha naqueles lábios que em um último esforço se esgotavam, e pôde perceber estas palavras:

— Tenha cuidado… tenha cuidado… a pedra-deus…

De repente, ele soergueu-se, e os seus olhos tornaram-se brilhantes, como se fossem iluminados pelo clarão supremo de uma chama que se extinguia. Véronique teve a impressão de que o pai, que agora a olhava, compreendia todo o significado da sua presença e entrevia todos os perigos que a ameaçavam. Com voz rouca e aterrorizada, mas muito nítida, ele disse:

— Não fique aqui… Ficar aqui será a tua morte… Fuja desta ilha… Vá embora… Vá embora…

A cabeça dele tornou a cair. Balbuciou ainda algumas palavras, que Véronique conseguiu entender:

— Ah! A cruz… As quatro cruzes de Sarek… Filha… Filha… O suplício da cruz…

E isso foi tudo.

Fez-se um grande silêncio, um silêncio enorme que a jovem mulher sentiu pesar sobre si como um fardo, cujo peso aumentava a cada momento.

— Vá embora da ilha!… — repetia uma voz. — Vá embora. É o seu pai que ordena, senhora Véronique.

Honorine estava ao lado dela, lívida, apertando com as mãos uma toalha ensanguentada que mantinha sobre o peito.

— Mas é preciso tratar da senhora! — exclamou Véronique. — Espere… deixe-me ver.

— Depois… trataremos de mim depois… — balbuciou a bretã. — Ah! Que monstro! Se eu tivesse chegado a tempo! Mas a porta de baixo estava barricada…

Véronique suplicou-lhe:

— Deixe-me tratá-la… Está ouvindo…

— Mais tarde… Primeiro… Marie Le Goff, a cozinheira, ao fundo da escada… também está ferida… talvez morrendo… vá ver…

Véronique saiu pela porta do fundo, a mesma que o filho transpusera ao fugir. Havia um grande patamar e nos primeiros degraus, dobrada sobre si mesma, Marie Le Goff agonizava.

Morreu quase imediatamente, sem ter recuperado a consciência, a terceira vítima do incompreensível drama.

Conforme a previsão do velho Maguennoc, o senhor d'Hergemont fora realmente a segunda vítima.

A pobre gente de Sarek

Logo que acabou de tratar a ferida de Honorine — ferida pouco profunda e que não parecia pôr em risco a sua vida — e depois de ter levado o corpo de Marie Le Goff para o quarto, espaçoso, atulhado de livros e mobilado como um escritório, onde o pai jazia, Véronique fechou os olhos do senhor d'Hergemont, cobriu-o com um pano e pôs-se a rezar. Mas não lhe vinham aos lábios palavras de oração, e o seu espírito não se detinha em nenhum pensamento. Era como se estivesse aturdida pelos repetidos golpes da desgraça. Sentada, com a cabeça entre as mãos, ali ficou cerca de uma hora, enquanto Honorine dormia um sono febril.

Véronique repelia com todas as suas forças a imagem do filho, como sempre repelira a de Vorski. Mas as duas imagens confundiam-se, giravam à sua volta, dançavam diante dos seus olhos fechados, tal como essas claridades que, na sombra das nossas pálpebras obstinadamente cerradas, passam, voltam a passar, se multiplicam e se reúnem. E era um só rosto, cruel, sardónico, disforme, odioso.

Ela não sofria como sofre uma mãe que chora um filho. O seu filho morrera há catorze anos, e aquele que acabava de ressuscitar, aquele para quem toda a sua ternura maternal estava prestes a brotar, esse tornava-se subitamente um estranho, pior que isso, o filho de Vorski! Como poderia sofrer?

Mas que ferida aquela, no mais profundo do seu ser! Que devastação, semelhante a esses cataclismos que sacodem uma tranquila região até às entranhas! Que espetáculo infernal! Que visão de loucura e horror! Que jogo irônico do mais horroroso dos destinos! O seu filho matando o seu pai, no momento em que, após tantos anos de separação e de luto, ia poder

abraçá-los e viver a doçura da intimidade! O seu filho, um assassino! O seu filho semeando a morte! O seu filho apontando a arma implacável e matando com toda a alegria perversa e todas as forças do seu ser!

Os motivos que podiam explicar aqueles atos não lhe interessavam. Por que é que o filho fizera aquilo? Por que é que o seu professor, Stéphane Maroux — sem dúvida cúmplice e talvez instigador — fugira antes do drama? Eram interrogações a que não tentava responder. Não pensava senão na terrível cena, na carnificina, na morte. E perguntava a si mesma se a morte não seria para ela o único refúgio e o único desenlace possível.

— Senhora Véronique — murmurou a bretã.

— O que foi? — disse a jovem mulher, despertando da sua estupefação.

— Não ouve?

— O quê?

— Estão tocando a campainha no térreo. Deve ser alguém com as suas malas.

Véronique levantou-se impetuosamente.

— Mas o que eu vou dizer? Como explicar?… Se eu acusar o rapaz…

— Nem uma palavra, peço-lhe. Deixe-me falar.

— Mas está tão fraca, minha pobre Honorine.

— Não, não… estou melhor.

Véronique desceu e, ao fundo das escadas, em um grande vestíbulo com ladrilhos brancos e negros, abriu os ferrolhos de uma enorme porta. Era, de fato, um dos marujos.

— Bati à porta da cozinha — disse o homem. — Então, Marie Le Goff não está? E a senhora Honorine?

— Honorine está lá em cima e quer falar com o senhor.

O marujo olhou para ela, parecendo impressionado com aquela jovem mulher tão pálida e tão grave, e seguiu-a em silêncio.

Honorine, no primeiro andar, esperava de pé diante da porta aberta.

— Ah, é você, Corréjou?… Ouça-me com muita atenção… e nada de histórias, sim?

— O que está havendo, senhora Honorine? Mas está ferida? O que aconteceu?

Ela afastou-se do vão da porta e, mostrando os dois cadáveres sob as mortalhas, disse simplesmente:

— O senhor Antoine e Marie Le Goff… os dois foram assassinados.

O rosto do homem desfigurou-se. Balbuciou:

— Assassinados… será possível?… Por quem?

— Não sei, só chegamos depois.

— Mas… e o menino François?… O senhor Stéphane?…

— Desapareceram… devem estar mortos também.

— Mas… mas… e Maguennoc?

— Maguennoc?… Por que é que você fala nele, Corréjou?

— Falo nele… falo nele… porque, se Maguennoc estiver vivo… tudo isso é outra história. Maguennoc sempre disse que ele seria o primeiro. E Maguennoc tem sempre a certeza daquilo que diz. Maguennoc conhece o próprio fundo das coisas.

Honorine refletiu e depois declarou:

— Maguennoc está morto.

Desta vez Corréjou perdeu todo o sangue-frio e o seu rosto exprimiu aquele terror louco que Véronique já notara várias vezes em Honorine. Ele benzeu-se e disse em voz muito baixa:

— Então… então… chegou a hora, senhora Honorine? Maguennoc bem avisou… Ainda no outro dia, no meu barco, nos disse: "Já não falta muito tempo… Devíamos todos ir embora".

E, bruscamente, o marinheiro deu meia volta e escapou para a escada.

— Fique aqui, Corréjou! — ordenou Honorine.

— Mas devíamos ir embora, foi Maguennoc quem disse. Devíamos todos ir embora.

— Fique aqui — repetiu Honorine.

O marinheiro parou, indeciso, e ela continuou:

— Está bem. É preciso ir embora. Partiremos amanhã ao fim do dia. Mas antes, devemos tratar do senhor Antoine e de Marie Le Goff. Olhe, vá chamar as irmãs Archignat para velar os mortos. São más mulheres, mas já estão habituadas a fazer vigílias. Das três, que venham duas. Cada uma receberá o dobro do preço normal.

— E depois, senhora Honorine?

— Trate dos caixões com a ajuda dos velhos, e logo de madrugada enterramos os mortos no cemitério da capela.

— E depois, senhora Honorine?

— Depois, você está livre, e os outros também. Podem fazer as trouxas e desaparecer.

— E você, senhora Honorine?

— Eu, eu tenho o meu barco. Chega de conversa. Estamos combinados?

— Estamos combinados. É só mais uma noite. Mas, e se de hoje até amanhã acontecer mais alguma coisa?…

— Não… não há de acontecer nada… Vá, Corréjou… vá depressa. E não diga aos outros que Maguennoc morreu. Senão ninguém os segura.

— Está bem, senhora Honorine.

O marinheiro partiu apressadamente.

Uma hora mais tarde apareciam duas das irmãs Archignat, velhas criaturas, ossudas e secas, com ar de feiticeiras, ambas usando uma touca suja e repelente com abas de veludo negro. Honorine foi levada para o quarto que ocupava na ala esquerda do mesmo andar.

Essa noite, Véronique passou-a primeiro junto do pai, depois à cabeceira de Honorine, que parecia piorar. Acabou por adormecer, e foi acordada pela bretã, que lhe disse em um desses acessos de febre em que a consciência não perde por completo a lucidez:

— François deve estar escondido… e o senhor Stéphane também… Há esconderijos seguros na ilha, Maguennoc me disse. Por isso, não vamos conseguir encontrá-los e nada saberemos sobre eles.

— Tem certeza?

— Tenho… Então, ouça… Amanhã, quando todos tiverem deixado Sarek e ficarmos as duas sozinhas, eu faço o sinal com a concha e ele aparece.

Véronique revoltou-se.

— Mas eu não quero vê-lo!… Tenho-lhe horror!… Eu o amaldiçoo, como o meu pai… Veja bem, ele matou o meu pai na minha frente! Matou Marie Le Goff…! Tentou matar a senhora! Não, não é ódio, é repulsa o que sinto por esse monstro!…

A bretã apertou-lhe a mão, em um gesto que lhe era habitual, e murmurou:

— Não o condene ainda… ele não sabia o que estava fazendo.

— O que diz? Não sabia? Mas eu vi os olhos dele, os olhos de Vorski!…

— Ele não sabia… estava louco.

— Louco? Como é possível?

— Sim, senhora Véronique. Conheço o rapaz. Ele tem sentimentos bons. Se fez tudo aquilo, foi um ataque de loucura que deu nele… assim

como o senhor Stéphane. Devem estar agora chorando de desespero.

— É impossível… não posso acreditar…

— Não pode acreditar porque não sabe nada do que se passa… e do que se vai passar… Mas se soubesse… Ah! São coisas… coisas…

A sua voz já não era perceptível. Calou-se, mas os olhos mantinham-se muito abertos e os lábios moviam-se sem som.

Não houve incidentes até o amanhecer. Pelas cinco horas, Véronique ouviu pregar os caixões, e quase imediatamente abriu-se a porta do quarto em que se encontrava, e as irmãs Archignat entraram de repente, as duas muito agitadas.

Corréjou contara-lhes tudo. Para se animar, ele tinha bebido um pouco além da conta falava a torto e a direito.

— Maguennoc morreu! — gritaram elas. — Maguennoc morreu e não disseram nada! Vamos embora! Depressa, o nosso dinheiro!

Assim que receberam, fugiram a toda a velocidade e, uma hora mais tarde, outras mulheres, prevenidas por elas, apareceram e quiseram arrastar consigo os seus homens, que estavam ali para trabalhar. Todas proferiam as mesmas palavras.

— Temos que ir embora! É preciso preparar tudo… Depois, será tarde demais… As duas barcas podem levar todo mundo.

Honorine precisou intervir com toda a sua autoridade. Véronique distribuiu o dinheiro necessário para o enterro, que foi feito às pressas. Havia, não longe dali, uma velha capela, restaurada pelo senhor d'Hergemont, e onde todos os meses um padre de Pont-Abbé vinha rezar uma missa. Ao lado, o velho cemitério dos monges de Sarek. Os dois corpos foram enterrados, e um velho, que normalmente exercia as funções de sacristão, balbuciou as bênçãos.

Todas aquelas pessoas pareciam atingidas pela loucura. As vozes e os gestos eram bruscos. Obcecava-os a ideia fixa da partida, nem fizeram caso de Véronique, que rezava e chorava a um canto.

Antes das oito horas tudo estava acabado. Homens e mulheres desciam pela ilha. Véronique, que tinha a impressão de viver em um mundo de pesadelos em que os acontecimentos se sucediam sem qualquer lógica ou qualquer relação uns com os outros, voltou para junto de Honorine, cujo estado de fraqueza a impedira de assistir ao enterro do patrão.

— Estou melhor — disse a bretã. — Vamos embora hoje, ou amanhã, e levamos François.

E vendo que Véronique se indignava, ela repetiu:

— Sim, vamos com François e com o senhor Stéphane. E o mais cedo possível. Eu, eu também quero ir embora… e levá-la, a senhora e o François… A morte está na Ilha… a morte é quem manda aqui… ela que fique com Sarek… Vamos todos embora.

Véronique não quis contrariá-la. Pelas nove horas, ouviram-se novamente passos precipitados. Era Corréjou, que vinha da aldeia, e que, da entrada, gritou:

— Roubaram a sua lancha, senhora Honorine! A lancha desapareceu!

— Não pode ser! — protestou a bretã.

E o marinheiro, quase sem fôlego, afirmou:

— Desapareceu. Esta manhã, eu já estava desconfiado…. Mas, como tinha bebido um copo a mais… não pensei mais nisso. Depois, os outros também viram. As amarras foram cortadas… Foi durante a noite. E depois fugiram. Ninguém viu nada.

As duas mulheres entreolharam-se, e o mesmo pensamento as assaltou. François e Stéphane Maroux tinham fugido. Honorine balbuciou por entre os dentes:

— Sim… sim… é isso… ele sabe guiar o barco.

Véronique, ao perceber que o rapaz partira e que não o veria mais, sentiu-se talvez aliviada. Mas Honorine, de novo cheia de medo, exclamava:

— Então… então… o que vamos fazer?…

— Temos que partir imediatamente, senhora Honorine. As barcas estão prontas… cada um arranje as suas coisas… Às onze horas, estaremos todos fora da ilha.

Véronique se opôs:

— Honorine não está em condições de partir.

— Não… eu estou melhor… — declarou a bretã.

— Mas isso seria absurdo. Esperemos um ou dois dias… Volte depois de amanhã, Corréjou.

Ela conduziu até a porta o marinheiro, que aliás só pensava em ir-se embora.

— Pois sim. Está bem. Depois de amanhã voltarei… Em último caso, não podemos levar tudo de uma vez… Será preciso voltar várias vezes para buscar coisas… tome cuidado, senhora Honorine.

E saiu precipitadamente.

— Corréjou. Corréjou!

Honorine erguera-se na cama e chamava desesperadamente.

— Não… Não… Não vá embora… Corréjou… Espere por mim. Leve-me no seu barco.

Esperou pela resposta, mas como o marinheiro não voltava, Honorine quis levantar-se.

— Estou com medo… Não quero ficar sozinha…

Véronique a reteve.

— Mas não vai ficar sozinha, Honorine. Eu estou com você.

Entre as duas mulheres houve uma verdadeira luta. E Honorine, atirada à força para a cama, impotente, gemia:

— Estou com medo… Estou com medo… A ilha está amaldiçoada… Ficar aqui é desafiar a Deus… A morte de Maguennoc foi um aviso… Estou com medo…

Ela delirava, mas mantinha uma certa lucidez, o que lhe permitia misturar palavras claras e razoáveis a palavras incoerentes, que revelavam a alma supersticiosa da bretã.

Agarrou Véronique pelos ombros e continuou:

— Estou lhe dizendo… A ilha está amaldiçoada… Um dia Maguennoc me confessou: *"Sarek é uma das portas do inferno, a porta agora está fechada. Mas no dia em que se abrir, todas as desgraças virão como uma tempestade"*.

Cedendo às argumentações de Véronique, ela acalmou-se um pouco e foi com uma voz mais doce, que ia se extinguindo, que continuou:

— E ele gostava muito da ilha… como todos nós. Falava dela de uma maneira que eu não compreendia: *"A porta é dupla. Honorine. E ela também se abre para o Paraíso"*. Sim… Sim… Era bom viver na ilha… Gostávamos dela… Maguennoc cultivava flores… Oh. Essas flores… são enormes… três vezes mais altas… e mais belas…

Decorreram pesados minutos. O quarto ocupava na extremidade da casa uma ala saliente, cujas janelas tinham vista para a esquerda e para a direita da ilha, por sobre os rochedos que dominavam o mar.

Véronique sentou-se, com os olhos fixos sobre as ondas brancas que a brisa forte tornava mais agitadas. O sol erguia-se na bruma espessa que ocultava as costas da Bretanha, mas, a ocidente, o olhar podia estender-se, para além da coroa de espuma que as pontas negras dos escolhos perfuravam, pelas desertas planuras do oceano. Quase adormecida, a bretã murmurava:

— Dizem que a porta é uma pedra, e que veio de muito longe, de um país estrangeiro… é a pedra-deus. Dizem também que é uma pedra preciosa… de ouro e prata misturados… A pedra-deus… a pedra que dá vida ou morte… Maguennoc a viu. Abriu a porta e enfiou o braço… e a mão… a mão ficou em cinzas.

Véronique sentia-se oprimida. O medo, pouco a pouco, também a invadia, como água insalubre que escorre e penetra. Os acontecimentos horríveis a que vinha assistindo aterrorizada, nos últimos dias, pareciam provocar outros ainda mais terríveis. Ela os esperava como um furacão, que tudo anuncia e tudo arrasta no seu vertiginoso percurso.

Véronique esperava esses acontecimentos. Não duvidava que viessem, desencadeados pelo poder fatal que contra ela multiplicava os seus terríveis ataques.

— Não vê os barcos? — perguntou Honorine.

Véronique objetou:

— Não se podem ver daqui.

— Sim… Sim… é por esse caminho que irão com certeza, os barcos são pesados e há uma passagem mais larga junto à ponta da ilha.

De fato, passado um instante, Véronique viu surgir de trás do promontório a proa de um barco.

Mergulhava na água profundamente, muito grande, atulhado de caixas e trouxas, sobre as quais se sentavam mulheres e crianças. Quatro homens remavam vigorosamente.

— É o Corréjou — disse Honorine, que saltara da cama, meio despida. — E ali vai o outro, veja.

O segundo barco surgia, tão pesado como o anterior. Remavam apenas três homens e uma mulher.

Elas estavam demasiado longe — a setecentos ou oitocentos metros — para que pudessem discernir rostos. Mas nenhum som de vozes se desprendia daqueles pesados cascos, carregados de miséria, que fugiam

diante da morte.

— Meu Deus! Meu Deus! — gemeu Honorine. — Tomara que consigam sair do inferno!

— De que é que tem medo, Honorine? Nada os ameaça.

— Enquanto não saírem da ilha, há perigo.

— Mas eles já saíram.

— Ao redor de toda ilha, ainda é a ilha. É aí que espreitam os caixões.

— Mas o mar não está bravo.

— Há outra coisa além do mar… não é o mar que é o inimigo.

— Então o que é?

— Não sei… não sei.

Os dois barcos dirigiam-se para a ponta do lado norte. Deparavam-se diante deles duas passagens, que a bretã designava pelo nome de dois escolhos: a Rocha do Diabo e o Dente de Sarek.

Corréjou escolheu a passagem do Diabo.

— Estão chegando lá — notava a bretã. — Lá estão eles… mais cem metros e estão a salvo…

Quase deu uma gargalhada e continuou:

— Ah! Todas as maquinações do diabo vão se desfazer, senhora Véronique, creio que seremos salvas, a senhora e eu, e todos de Sarek.

Véronique ficou silenciosa. A sua tensão continuava, ainda mais opressiva porque apenas podia atribui-la a esses vagos pressentimentos que é impossível combater. Fixara um limite aquém do qual o perigo persistia, e Corréjou ainda não alcançara essa linha.

Honorine tiritava de febre e resmungava:

— Estou com medo… Estou com medo…

— Não há razão para isso — teimou Véronique. — É absurdo. De onde pode vir o perigo?

— Ah! — gritou a bretã. — O que é aquilo? O que está havendo?

— O quê? O que é?

Ambas tinham colado a testa nos vidros da janela e olhavam fixamente. Lá ao fundo, alguma coisa surgira de trás do Dente de Sarek. E logo reconheceram o barco a motor em que tinham vindo na véspera, e cujo desaparecimento fora anunciado por Corréjou.

— François!… François!… — articulou Honorine com estupefação. — François e o senhor Stéphane!…

Véronique reconheceu o rapaz. Ele ia de pé na proa da lancha e fazia sinais às pessoas dos outros dois barcos. Os homens respondiam agitando os remos, enquanto as mulheres gesticulavam. Apesar da oposição de Véronique, Honorine abriu os batentes da janela, e ouviram o som de vozes por entre o crepitar do motor, mas não conseguiram distinguir uma única palavra.

— O que está havendo?… — repetiu a bretã. — François e o senhor Stéphane… Por que é que não seguiram para a costa?

— Talvez por medo de serem descobertos e interrogados ao atracar… — explicou Véronique.

— Não, eles são conhecidos, sobretudo François, que me acompanhava muitas vezes. Além disso, os papéis de identificação estão no barco. Não, não, estavam ali à espera, escondidos atrás da rocha.

— Mas, Honorine, se estavam escondidos, por que é que resolveram aparecer agora?

— Ah! Olhe… olhe… não entendo… que estranho… O que estão fazendo, Corréjou e os outros?

Os dois barcos, que seguiam agora um atrás do outro, tinham quase parado. Todos os passageiros pareciam olhar para a lancha, que avançava rapidamente na direção deles, e que reduziu ao seu aproximar do segundo barco, continuando a deslizar paralelamente à linha dos dois barcos, a uma distância de quinze ou vinte metros.

— Não entendo… não entendo… — murmurou a bretã.

O motor estava desligado e a lancha alcançava assim, muito lentamente, o intervalo que separava os dois barcos.

Subitamente, as duas mulheres viram que François se abaixava, levantando-se em seguida, e erguendo o braço direito como se fosse fazer um lançamento.

Simultaneamente, Stéphane Maroux agia da mesma forma. E tudo aconteceu de uma forma brusca e terrível.

— Ah! — gritou Véronique.

Escondeu os olhos por um segundo, mas logo reergueu a cabeça, e viu, em todo o seu horror, o espetáculo abominável.

Através do pequeno espaço que separava os barcos, dois objetos tinham sido projetados, um deles partindo da frente, lançado por François, e outro de trás, lançado por Stéphane Maroux.

E imediatamente duas girândolas de foguetes jorraram dos dois barcos, seguidas por turbilhões de fumaça.

Ressoaram as detonações. Por um instante não se distinguiu nada do que se passava no meio daquela nuvem negra. Depois, a cortina de fumaça afastou-se, levada pelo vento, e Véronique e a bretã viram os dois barcos que afundavam rapidamente, enquanto as pessoas saltavam para o mar.

A visão — e que visão infernal! — não durou muito tempo. Elas avistaram, de pé sobre o barco, uma mulher com uma criança nos braços e que não se mexia, depois corpos imóveis, atingidos sem dúvida pela explosão, e também dois homens que lutavam, loucos talvez. E tudo desapareceu com os barcos.

Alguns borbotões de água e pontos escuros na superfície, era tudo o que restava.

Honorine e Véronique não tinham dito uma palavra sequer, mudas de terror. O que acontecera ultrapassava tudo o que, na sua angústia, poderiam imaginar.

Por fim, Honorine levou as mãos à cabeça e, com uma entoação que Véronique conhecia, disse em surdina:

— Minha cabeça… Ah! Pobre gente de Sarek!… Eram meus amigos… amigos de infância… e não voltaremos a vê-los… O mar nunca devolve os seus mortos a Sarek. Fica com eles… Já tem os caixões prontos… milhares e milhares de caixões escondidos… Ah! Minha cabeça está estourando… Estou ficando louca… louca como François… meu pobre François!

Véronique não respondeu. Estava lívida. Com os dedos crispados, agarrava-se às grades da varanda e olhava como se olha para o fundo de um abismo para onde se vai saltar. O que poderia fazer? Salvar aquelas pessoas de quem se ouviam os gritos de aflição? Como salvá-las? Pode-se ter acessos de loucura, mas as crises acalmam-se perante certos espetáculos.

A lancha recuara, depois da abordagem, para não ser arrastada pela agitação das águas. François e Stéphane, cujos gorros — vermelho e branco — continuavam visíveis, estavam de pé, nos mesmos locais, à frente e atrás, e tinham nas mãos… As duas mulheres dificilmente conseguiam discernir, por causa da distância, o que eles tinham nas mãos… Pareciam ser compridos paus…

— São varas para socorrê-los… — murmurou Véronique.

— Ou espingardas… — respondeu Honorine.

Os pontos escuros flutuavam. Eram nove, as nove cabeças dos sobreviventes de quem se entreviam por vezes os braços gesticulando, e de quem se ouviam os apelos.

Alguns afastaram-se apressadamente da lancha, mas quatro deles aproximaram-se, e destes quatro havia dois que estavam quase a alcançá-la.

Subitamente, François e Stéphane fizeram o mesmo movimento, um movimento de atiradores e apontaram as armas.

Dois clarões cintilaram, enquanto se propagava o estrondo de uma única detonação.

As cabeças de dois nadadores desapareceram.

— Ah! Que monstros! — balbuciou Véronique, caindo de joelhos, totalmente sem forças.

Ao seu lado, Honorine pôs-se a vociferar:

— François!… François!…

A sua voz não se fazia ouvir, demasiado fraca e contrariada pelo vento.

Mas a bretã continuava:

— François!… Stéphane…

E começou a correr pelo quarto fora, depois pelos corredores, à procura de qualquer coisa, e voltou para a janela, proferindo sempre:

— François! François!… Ouça…

Tinha acabado de encontrar a concha que lhe servia de sinal. Mas, levando-a aos lábios, não conseguiu extrair senão sons fracos e indistintos.

— Ah! Maldição! — balbuciou, pondo a concha de lado. — Já não tenho forças… François!… François!…

Era assustador olhar para ela, com os cabelos em desordem e o rosto a suar de febre. Véronique suplicou-lhe:

— Honorine, por favor…

— Mas olhe para eles! Olhe para eles!

Ao fundo, a lancha avançava, com os atiradores a postos, e com as armas prontas para o crime.

Os sobreviventes fugiam, mas dois deles ficaram para trás. Esses dois também foram atingidos. As cabeças desapareceram.

— Mas olhe para eles… — articulava a bretã roucamente. — Estão caçando!… Como se abatem os animais… Ah! Pobre gente de Sarek!…

Mais um tiro. Mais um ponto escuro mergulhou.

Véronique contorcia-se de desespero. Sacudia o gradeamento da varanda como se fosse uma jaula que a mantivesse aprisionada.

— Vorski!… Vorski!… — gemia ela, assaltada pela recordação do marido. — É o filho de Vorski.

Bruscamente sentiu-se agarrada pela garganta, e viu, encostado ao seu, o rosto irreconhecível da bretã.

— É o teu próprio filho! — balbuciava Honorine. — Maldita… é a mãe daquele monstro e será castigada…

E desatou a rir, batendo com os pés, em um acesso de histeria que a convulsionava.

— A cruz! Sim, a cruz… Vai subir à cruz… Pregos nas mãos!… Que castigo!… Pregos nas mãos!

Estava louca.

Véronique soltou-se, e quis obrigá-la a ficar quieta, mas Honorine, com uma raiva maldosa, empurrou-a, fê-la perder o equilíbrio e, rapidamente, subiu para a varanda.

Ficou de pé, na janela, levantando os braços e vociferando de novo:

— François!… François!…

Naquele lado da casa, por causa da diferença de nível do terreno, o andar não era tão alto. A bretã saltou para a trilha do jardim, atravessou-a, transpôs os maciços de vegetação que a ladeavam e correu para a crista das rochas que formavam a falésia e pendiam sobre o mar.

Deteve-se um instante, gritou três vezes o nome do rapaz que ela criara e, de cabeça, atirou-se para o abismo.

Ao longe, a caçada terminava.

Uma a uma, as cabeças afundaram. O massacre terminara.

Então, o barco tripulado por François e Stéphane dirigiu-se para a costa da Bretanha, em direção às praias de Beg-Meil e de Concarneau.

Véronique estava sozinha na Ilha dos Trinta Caixões.

Quatro mulheres crucificadas

Véronique estava sozinha na Ilha dos Trinta Caixões. Até ao momento em que o sol se pôs por entre as nuvens, que pareciam deitadas sobre o mar, no horizonte, não se mexeu, caída contra a janela, com a cabeça enfiada nos braços que se apoiavam no parapeito.

A realidade passava pelas trevas do seu espírito como quadros que se esforçava por não ver, mas que, por momentos, se tornavam tão nítidos que ela se imaginava revivendo as atrozes cenas.

Continuava a não procurar explicações para tudo aquilo, e a não tecer hipótese alguma sobre as razões que poderiam esclarecer o drama. Admitia a loucura de François e de Stéphane Maroux, não podendo vislumbrar outros motivos para tais atos. E, acreditando que os dois assassinos estavam loucos, não tentava atribuir-lhes projeto algum nem desígnios definidos.

Ela vira desencadear-se a loucura de Honorine, e isso também a incitava a considerar todos os acontecimentos como provocados por uma espécie de desequilíbrio mental coletivo, de que todos os habitantes de Sarek teriam sido vítimas. Ela própria, em certas alturas, sentia o cérebro vacilar, as ideias se desvanecerem e invisíveis fantasmas vagando à sua volta.

Adormeceu, mas o seu sono era assombrado por tais imagens. Sentia-se tão infeliz, que começou a soluçar. Contudo, parecia ouvir um ligeiro ruído que, no seu espírito entorpecido, adquiria um significado hostil. Aproximavam-se inimigos. Abriu os olhos.

Estava diante dela, a três passos, sentado sobre as patas traseiras, um animal bizarro, coberto por um comprido pelo cor de café com leite, e cujas patas da frente se cruzavam como se fossem braços.

Era um cão, e ela lembrou-se imediatamente do cão de François, de que Honorine lhe falara como sendo um corajoso animal, devotado e cômico. Lembrou-se até do seu nome: Tout-Va-Bien.

Ao pronunciar este nome, em voz baixa, teve um movimento de cólera e esteve quase para enxotar o animal que ridiculamente possuía tal alcunha irônica: Tout-Va-Bien! Ela pensava em todas as vítimas da horrível tormenta, todos os mortos de Sarek, o seu pai assassinado, Honorine cometendo suicídio, François que ficara louco. Tout-Va-Bien!

No entanto, o cão continuava ali. Exibia-se ostensivamente daquela maneira que Honorine descrevera, a cabeça um pouco inclinada, um olho fechado, os cantos da boca puxados para trás até às orelhas, as patas da frente cruzadas, e, realmente, uma espécie de sorriso emanava do seu focinho.

Agora Véronique lembrava-se: era a maneira de Tout-Va-Bien manifestar simpatia por aqueles que sofriam. Tout-Va-Bien não suportava ver lágrimas. Quando alguém chorava, fazia graça para provocar um sorriso e para que lhe fizessem festas.

Véronique não sorriu, mas puxou-o para si e disse-lhe:

— Não, meu pobre bicho, nem tudo vai bem. Pelo contrário, tudo vai mal. Mas não importa, é preciso viver, não é? E eu mesma também não ficar louca como os outros.

As necessidades da existência obrigavam-na a agir. Desceu à cozinha, onde encontrou alguns alimentos, dos quais uma boa parte deu ao cão. Depois voltou a subir.

A noite chegara. Ela abriu, no primeiro andar, a porta de um quarto que normalmente devia estar desocupado. Sentia-se abatida por uma enorme lassidão, cansada de tantos esforços e de emoções tão violentas. Adormeceu quase imediatamente. Tout-Va-Bien vigiava junto da cama.

No dia seguinte acordou tarde, com uma singular impressão de paz e de segurança. Parecia-lhe que a sua vida atual se ligava à vida doce e calma de Besançon. Aqueles dias de horror por que passara distanciavam-se como se fossem acontecimentos longínquos e cujo retorno não podia inquietá-la. Os seres que tinham desaparecido naquela grande tempestade continuavam a ser para ela um pouco como estranhos que se encontraram e que nunca mais se verão. O seu coração não sangrava. A dor do luto não mais atingia o fundo da sua alma.

Era um repouso imprevisto e sem limites, uma solidão reconfortante. E isso parecia-lhe tão bom que, tendo um vapor ancorado no cais, ela não fez sinal algum. Certamente, na véspera, vira-se da costa o clarão das explosões e ouvira-se o estrondo das detonações. Véronique nem sequer se mexeu.

Viu uma lancha partir do vapor, e pensou que iam desembarcar e explorar a ilha. Mas, além de recear uma investigação em que o seu filho pudesse ser envolvido, a última coisa que ela queria era que a encontrassem, que a interrogassem, que descobrissem o seu nome, a sua identidade, a sua história, e que a fizessem regressar ao círculo infernal de onde saíra. Preferia esperar uma ou duas semanas, esperar que um acaso fizesse passar perto da ilha algum barco de pesca que a recolhesse. Mas ninguém subiu até ao Priorado. O vapor distanciou-se, e nada perturbou o isolamento da jovem mulher.

E assim ficou durante três dias. O destino parecia ter renunciado a trazer-lhe novos sobressaltos. Estava só e senhora de si mesma. Tout-Va-Bien, cuja presença lhe dera um grande reconforto, havia desaparecido.

O domínio do Priorado ocupava toda a extremidade da ilhota, no local onde existia uma abadia de beneditinos, abandonada no século XV e pouco a pouco arruinada e destruída.

A casa, construída no século XVIII por um rico armador bretão com os materiais da antiga habitação abacial e com as pedras da igreja, não oferecia nada de curioso, nem na arquitetura, nem no mobiliário. Véronique, aliás, não ousou entrar em nenhum dos quartos. A recordação do seu pai e do seu filho detinha-a perante as portas fechadas.

Mas no outro dia, sob um claro sol de primavera, desceu ao parque. Este estendia-se até à extremidade da ilha e, como o relvado que precedia a casa, estava semeado de ruinas e vestido de hera. Ela notou que todas as áleas se dirigiam para um promontório escarpado e encimado por um grupo de enormes carvalhos. Quando aí chegou, viu que esses carvalhos envolviam uma clareira em forma de meia-lua, que se abria para o mar.

No centro dessa clareira encontrava-se um dólmen, cuja laje oval e bastante curta se apoiava sobre duas pedras quase quadradas. O local ora grandioso e de uma majestade impressionante. A vista que aí se descobria era infinita.

"O Dólmen das Fadas, de que Honorine falava", pensou ela. "Não devo estar longe do Calvário Florido e das flores de Maguennoc."

Deu uma volta no monumento megalítico. A face interna das duas pedras inferiores apresentava alguns sinais gravados e indecifráveis. Mas, sobre as duas faces exteriores viradas para o mar, que se alinhavam como duas placas unidas e preparadas para uma inscrição, havia coisas que lhe provocaram novamente uma sensação de angústia.

À direita, profundamente incrustado, o desenho desajeitado e primitivo de quatro cruzes, sobre as quais se contorciam quatro silhuetas de mulheres. À esquerda, uma série de linhas escritas, mas cujos caracteres, insuficientemente escavados na rocha, tinham sido quase apagados pelas intempéries, ou talvez mesmo raspados voluntariamente por mãos humanas. No entanto, conservavam-se algumas palavras, as mesmas palavras que Véronique lera no desenho encontrado junto do cadáver de Maguennoc: *"Quatro mulheres crucificadas… Trinta caixões… A pedra-deus que dá morte ou vida"*.

Véronique afastou-se vacilante. O mistério estava novamente perante ela, assim como por toda a ilha, e ela estava resolvida a fugir até ao momento em que pudesse ir embora de Sarek.

Um caminho partia da clareira e passava junto ao último carvalho do lado direito, um carvalho sem dúvida destruído por uma faísca e de que só restavam o tronco e alguns ramos mortos.

Mais adiante, desceu alguns degraus de pedra, atravessou um pequeno prado onde se alinhavam quatro filas de menires e parou bruscamente, dando um grito abafado, um grito de admiração e de espanto perante o espetáculo que se lhe oferecia.

"As flores de Maguennoc", murmurou.

Os dois últimos menires da álea central por onde seguia erguiam-se como batentes de uma porta aberta sobre a mais magnífica das visões, um terreno plano e retangular, com aproximadamente cinquenta metros de comprimento, para o qual se descia por alguns degraus, e que era ladeado, como colunas de um templo, por duas fileiras de menires da mesma altura, situados a intervalos estritamente iguais. A nave central e as naves laterais deste templo estavam pavimentadas com grandes lajes de granito, irregulares, quebradas, onde a erva que crescia nas suas fendas formava desenhos como o chumbo que enquadra os fragmentos de um vitral.

No meio, um quadrado de pequenas dimensões, e, no interior desse quadrado, comprimiam-se muitas flores, à volta de um velho Cristo em

pedra que emergia do centro. Mas que flores! Flores inimagináveis, fantásticas, flores de sonho, flores de milagre, flores incomparavelmente maiores do que as flores habituais.

Véronique reconhecia-as todas, e, no entanto, continuava perplexa com o seu tamanho e esplendor. Havia flores de muitas espécies, mas poucas de cada espécie. Pareciam ser ramos compostos de maneira a reunir todas as cores, todos os perfumes, toda a beleza.

E o que havia de mais estranho era que essas flores, que habitualmente não floriam ao mesmo tempo e cujas eclosões se sucediam mês após mês, cresciam e floriam aqui simultaneamente! Era no mesmo dia que essas flores, todas elas vivazes cuja florescência não se prolonga habitualmente para além de duas ou três semanas, se desenvolviam e multiplicavam, pesadas, resplandecentes, suntuosas, orgulhosamente sustentadas pelas suas hastes possantes.

Eram ranúnculos, lírios purpúreos, ancólias, potentilhas vermelhas como sangue, íris de um violeta mais luminoso que a túnica de um bispo! Também se podiam ver fúcsias, brincos-de-princesa, acônitos.

E, por cima de tudo isso — oh, que perturbação se apoderou da jovem mulher —, por cima do canteiro cintilante, mais elevadas em um estreito espaço de terra que circundava o pedestal do Cristo, com todos os cachos azuis, brancos, violetas, parecendo alçar-se para tocar o próprio corpo do Salvador, havia verônicas…

Ela quase desfaleceu com a emoção. Ao aproximar-se, lera em um pequeno cartão preso no pedestal estas simples palavras: *"A flor da mamãe"*.

Véronique não acreditava em milagres. Que as flores eram prodigiosas, sem relação alguma com as flores daquela região, ela tinha de o admitir, mas recusava-se a acreditar que essa anomalia só pudesse ser explicada por razões sobrenaturais ou pelas fórmulas secretas de que Maguennoc possuía o segredo. Não, havia ali uma causa qualquer, talvez muito simples, que os acontecimentos certamente iriam esclarecer.

No entanto, no meio desta bela cena pagã, em pleno coração do milagre que a sua presença parecia ter suscitado, o Cristo surgia do maciço de flores, que lhe faziam a oferenda das suas cores e dos seus perfumes. Véronique ajoelhou-se…

Nos dois dias que se seguiram, ela voltou ao Calvário Florido. Destas vezes, o mistério que a rodeava por todos os lados manifestava-se da

maneira mais encantadora, e o seu filho tinha aí um papel que permitia pensar nele, frente às verônicas, sem ódio nem desespero.

Mas no outro dia, ela viu que as suas provisões estavam acabando, e, mais ou menos no meio da tarde, desceu à vila.

Aí verificou que a maior parte das casas tinham ficado abertas, pois os seus donos, ao partir, estavam certos de que voltariam e que levariam, em uma segunda viagem, as coisas necessárias.

Com o coração apertado, não ousou transpor a soleira de nenhuma porta. Havia gerânios nos parapeitos das janelas. Os grandes relógios de pêndulo de cobre continuavam a marcar o tempo nas salas vazias. Ela afastou-se.

Mas, sob um hangar, não longe do cais, viu os sacos e as caixas que Honorine trouxera no barco.

"Bem", disse para si mesma, "não vou morrer de fome. Há o suficiente para algumas semanas, e daqui até lá…"

Pôs dentro de um cesto chocolate, biscoitos, algumas latas de conserva, arroz, fósforos, estava prestes a voltar ao Priorado, quando teve a ideia de continuar o seu passeio até o outro extremo da ilha. Na volta, levaria o cesto.

Um caminho sombrio subia até ao planalto. A paisagem não lhe pareceu diferente. As mesmas planuras, as mesmas charnecas sem culturas nem pastagens, os mesmos bosquezinhos de velhos carvalhos. Também ali a ilha se estreitava, sem qualquer obstáculo que a impedisse de ver o mar de ambos os lados e distinguir ao longe a costa bretã.

Havia também uma sebe que ia de uma falésia à outra e que servia de vedação a uma propriedade de aspecto pobre, com um comprido casebre em mau estado e anexos com os telhados remendados, com um pátio sujo, mal arranjado, obstruído por ferro-velho e por molhos de lenha. Véronique já voltava quando parou, confusa. Parecera-lhe ouvir um gemido. Pôs-se à escuta, espiando o grande silêncio e, novamente, chegou-lhe o mesmo som, no entanto, mais distinto, e outros se seguiram, eram gritos de dor e de socorro, gritos de mulheres. Então, nem todos os habitantes tinham conseguido fugir? Ficou contente, e ao mesmo tempo um pouco triste, ao saber que não estava sozinha em Sarek, e também pelo receio de que lhe provocava a ideia de que os acontecimentos talvez a fossem arrastar novamente para o mesmo ciclo de morte e horror.

Tanto quanto Véronique podia perceber, os sons não provinham da casa, mas dos anexos, situados do lado direito do pátio. Este pátio era fechado por uma simples cancela, que ela só teve de empurrar e que se abriu com um rangido do atrito da madeira.

Imediatamente, no interior dos anexos, os gritos redobraram. Tinham-na ouvido, sem dúvida. Véronique caminhou mais depressa.

O telhado dos anexos estava arrancado em certos locais, mas as paredes eram espessas e sólidas, com velhas portas, em arco, reforçadas com barras de ferro. Numa dessas portas, alguém deu algumas pancadas do lado de dentro, enquanto os apelos se tornaram mais insistentes.

— Socorro!… Socorro!…

Mas houve uma discussão, e outra voz, menos estridente, gritava:

— Cale-se, Clémence, devem ser eles…

— Não, não Gertrude, não são eles! Não os ouço!… Abra a porta, a chave deve estar aí…

Véronique, que tentava encontrar uma maneira de entrar, viu então uma grande chave na fechadura. Bastou girá-la e a porta se abriu.

Logo reconheceu as irmãs Archignat, seminuas, descarnadas, com o seu ar de bruxas más, que estavam em uma espécie de lavanderia atravancada de utensílios domésticos, e Véronique viu, ao fundo, deitada sobre a palha, uma outra mulher, que se lamentava com uma voz quase inaudível e que devia ser a terceira irmã.

Nesse momento, uma das outras duas caía, esgotada, e a outra, cujos olhos brilhavam de febre, pegou no braço de Véronique e pôs-se a falar, ofegante:

— Você os viu, não é?… Eles estão aí?… Como é que não a mataram?… Desde que os outros fugiram, eles são os donos de Sarek… E agora é a nossa vez… Já há seis dias que estamos aqui fechadas… olhe, foi na manhã da partida… Estávamos arrumando as coisas para embarcar… Viemos as três aqui, a esta lavanderia, buscar a roupa que estava secando. E eles apareceram… não os ouvimos… E depois, de repente, alguém fechou a porta… a porta bateu, a chave rodou na fechadura, e já estava… Tínhamos maçãs, pão, e sobretudo aguardente… Não passamos muito mal… Mas eles iriam voltar e matar-nos? Teria chegado a nossa vez? Ah, minha boa senhora, como nos pusemos à escuta! E como tremíamos de medo! A mais velha ficou louca… Ouça-a… está divagando… A outra, Clémence, não

pode mais… E eu… eu… Gertrude…

Ela ainda tinha forças, pois agarrou violentamente o braço de Véronique.

— E Corréjou? Ele voltou, não foi? E tornou a partir? Por que é que não nos procuraram?… Não era difícil… Sabiam bem onde estávamos e, se ouvíssemos algum barulho, nós chamávamos… Então?… Então?…

Véronique hesitava em responder. No entanto, por que razão havia ela de esconder a verdade? Declarou:

— Os dois barcos afundaram.

— O quê?

— Os dois barcos afundaram ao largo de Sarek. Todos estão mortos… Foi em frente do Priorado… na saída da passagem do Diabo.

Véronique não disse mais nada, evitando pronunciar os nomes e explicar o papel de François e do seu professor. Mas Clémence levantara-se o rosto alterado. Também ela, apoiada contra a porta, se erguia sobre os joelhos.

Gertrude murmurou:

— E Honorine?

— Honorine está morta.

— Morta!

As duas irmãs gritaram esta palavra ao mesmo tempo. Depois calaram-se e entreolharam-se. O mesmo pensamento assaltava-as. Pareciam refletir.

Gertrude começou a contar os dedos. E, sobre os dois rostos, crescia o horror.

Muito baixo, como se estivesse estrangulada pelo medo, Gertrude, com os olhos fixos nos de Véronique, articulou:

— Então… então… é a nossa vez… Você sabe quantos estavam nas barcas, sem contar comigo e com as minhas irmãs? Sabe? Vinte… Então, conte… Vinte, e depois Maguennoc, que foi o primeiro a morrer… e o senhor Antoine, que morreu a seguir… e depois o pequeno François e o senhor Stéphane, que desapareceram, mas que também morreram, e depois Honorine e Marie Le Goff, que morreram… Agora, conte… vinte e seis… vinte e seis… a conta está certa, não é? Trinta menos vinte e seis… Compreende, não é verdade? Os trinta caixões se destinam a alguém… então trinta menos vinte e seis… ficam quatro… não é?

Ela já não conseguia falar mais, a sua língua se embaraçava. No entanto, terríveis sílabas saíram da sua boca e Véronique ouvia-a balbuciar:

— Hein? Compreende?… Ficam quatro… nós quatro… as três irmãs Archignat, que ficaram aqui fechadas… e depois você… Então, não é? As quatro cruzes… com certeza já sabe… Quatro mulheres crucificadas… a conta está certa… somos nós, as quatro… não há mais ninguém na ilha além de nós… quatro mulheres…

Véronique ouvia em silêncio. Um ligeiro suor umedecia-lhe a pele.

Encolheu os ombros.

— Está bem, e daí? Se não há ninguém na ilha além de nós, de quem é que tem medo?

— Deles, ora! Deles!

Ela impacientou-se:

— Mas se todos partiram!

Gertrude assustou-se:

— Fale baixo. Se eles a ouvirem!

— Mas, quem?

— Eles… os de antigamente.

— Os de antigamente?

— Sim, os que faziam sacrifícios… os que matavam homens e mulheres… para agradar aos seus deuses…

— Mas tudo isso acabou! Os Druidas, quer você dizer? Mas veja, já não existem mais Druidas.

— Fale baixo! Fale baixo! Ainda há… há gênios malignos…

— Então são espíritos? — disse Véronique, horrorizada com aquelas superstições.

— Espíritos, sim, mas espíritos em carne e osso… com mãos que fecham as portas e nos aprisionam… seres que afundam os barcos, os mesmos que mataram o senhor Antoine, Marie Le Goff e os outros… os que mataram os vinte e seis…

Véronique não respondeu. Não havia o que responder. Ela própria sabia quem matara o senhor d'Hergemont, Marie Le Goff e os outros, e quem afundara as duas barcas. Perguntou:

— A que horas fecharam vocês aqui?

— Às dez e meia… nós tínhamos marcado um encontro com Corréjou na vila, às onze.

Véronique refletiu. Era impossível que François e Stéphane tivessem tido tempo para estar ali às dez e meia, e uma hora mais tarde atrás da rocha de onde se tinham lançado contra as duas barcas. Deveria supor que um ou mais dos seus cúmplices permanecera na ilha?

Ela disse:

— De qualquer maneira, é preciso tomar uma decisão. Não podem ficar nesse estado. Precisam descansar, recuperar forças…

A segunda irmã ficou de pé. Com a mesma entoação surda e veemente de sua irmã, disse:

— Antes de tudo, precisamos de nos esconder e preparar para nos defendermos deles.

— Como? — disse Véronique, que, contra a sua própria vontade, sentia também a necessidade de um abrigo contra um possível inimigo.

— Como? Olhe, são coisas de que se falava muito na ilha, sobretudo durante este ano, e Maguennoc decidira que aos primeiros ataques toda a gente se refugiaria no Priorado.

— No Priorado? E por quê?

— Porque lá podemos nos defender. As falésias são a pique. Estamos protegidas por todos os lados.

— E a ponte?

— Maguennoc e Honorine previram tudo. Há uma pequena cabana, vinte passos à esquerda da ponte. É o local que eles escolheram para guardar as reservas de gasolina. Com três ou quatro galões entornados sobre a ponte e um fósforo, o assunto está resolvido. Ficamos em casa. Sem a ponte, é impossível qualquer ataque.

— Então por que é que os outros não foram para o Priorado, em vez de fugirem nas barcas?

— As barcas, a fuga, era mais prudente. Porém, agora já não podemos escolher.

— Então vamos?

— Vamos agora mesmo! Ainda é dia, e é melhor irmos agora do que de noite.

— Mas e a sua irmã, a que está deitada?

— Temos um carrinho de mão. Podemos transportá-la. Há um caminho direto para o Priorado, sem passar pela vila.

Ainda que Véronique admitisse com repugnância a perspectiva de viver em intimidade com as irmãs Archignat, ela cedeu, tomada por um medo que não conseguia dominar.

— Está bem — disse. — Vamos. Irei com vocês até o Priorado e volto depois à vila para buscar provisões.

— Oh, não para muito tempo — objetou uma das irmãs. — Quando a ponte for cortada, acendemos fogueiras no alto do Dólmen das Fadas para que enviem um vapor da costa. Hoje haverá nevoeiro, mas amanhã…

Véronique não replicou. Aceitava agora a ideia de sair de Sarek, mesmo que fosse pelo preço de uma investigação que revelasse o seu nome.

Partiram depois de as duas irmãs terem bebido um copo de aguardente. Acocorada no carrinho de mão, a louca ria baixinho e pronunciava pequenas frases dirigidas a Véronique, como se quisesse fazê-la rir também.

— Não os encontramos… eles estão se preparando…

— Cale-se, velha maluca — ordenou Gertrude. — Vai nos trazer alguma desgraça.

— Sim. Sim, vamos nos divertir… vai ser engraçado… Eu trago uma cruz de ouro à volta do pescoço… e outra na mão, gravada na pele com uma tesoura… Olhem… Cruzes por todo o lado… Deve-se ficar bem em uma cruz… Deve-se dormir bem.

— Cale a boca, velha maluca — repetiu Gertrude, dando-lhe uma bofetada.

— Está bem… está bem… mas eles também vão te bater, vejo-os nas sombras…

O caminho, a princípio bastante irregular, atingia o planalto formado pelas falésias ocidentais, mais altas, mas menos recortadas e com menos ravinas. Os bosques eram mais raros, os carvalhos curvados pelo vento vindo do mar.

— Já estamos perto das charnecas, a que chamam as Charnecas Negras — declarou Clémence Archignat. — Eles moram lá.

Véronique encolheu novamente os ombros.

— Como é que sabe?

— Sabemos mais coisas que os outros… — disse Gertrude. — Chamam-nos de bruxas, e há alguma verdade nisso… Até Maguennoc, que sabia muito, nos pedia conselhos sobre tudo o que é remédio, sobre as pedras que dão felicidade, sobre as ervas de São João…

— A artemísia, a verbena… — escarneceu a louca — apanham-se ao pôr do sol…

— Sobre as tradições também — continuou Gertrude. — Sabemos o que se conta na ilha há centenas de anos, e sempre ouvimos dizer que havia uma cidade subterrânea onde eles moravam nos tempos passados. E ainda lá vivem… Eu já os vi, com esses próprios olhos.

Véronique não respondeu.

— Eu e as minhas irmãs, sim, nós vimos um… Por duas vezes, no sexto dia depois da lua de junho. Estava vestido de branco… e subia ao Grande Carvalho para colher o visco sagrado… com uma foice de ouro… o ouro brilhava ao luar… Eu o vi, estou lhe dizendo… e também outros o viram… E ele não está só. Há vários que ficaram desde os tempos passados para guardar o tesouro… sim, sim, digo bem, o tesouro… Diz-se que é uma pedra que faz milagres, que pode matar se for tocada, e que dá vida a quem se deitar sobre ela… Tudo isto é verdade, Maguennoc contou-nos, é verdade… Os de antigamente guardam a pedra… a pedra-deus… e eles precisam sacrificar a todos nós este ano… sim, a todos… trinta mortos para os trinta caixões…

— Quatro mulheres crucificadas… — cantarolou a louca.

— E não deve faltar muito tempo… O sexto dia depois da lua não tarda. Temos que partir, antes que subam ao Grande Carvalho para a colheita do visco. Olhe, o Grande Carvalho pode ser visto daqui. Fica no bosque antes da ponte… É maior do que os outros.

— Eles estão escondidos lá atrás — disse a louca, que se voltara sobre o carrinho de mão. — Eles estão à nossa espera.

— Sente-se e fique quieta… Então, vê o Grande Carvalho, não vê?… Ali… acima da última charneca? Ele é mais… é mais…

Deixou cair o carro de mão, sem acabar a frase. Clémence disse-lhe:

— Então, o que é? O que é que foi?

— Vi qualquer coisa… — balbuciou Gertrude. — Uma coisa branca se mexendo…

— Uma coisa? Como é possível? Agora eles aparecem em pleno dia? Está vendo coisas.

Olharam as duas por um momento, depois recomeçaram a andar. O Grande Carvalho logo deixou de ser visto.

A charneca que atravessavam era sombria e enrugada, eriçada de pedras deitadas como túmulos, que se alinhavam todas na mesma direção.

— É o cemitério deles — segredou Gertrude.

Não disseram mais nada. Gertrude teve de descansar várias vezes. Clémence não tinha mais forças para empurrar o carro de mão. As pernas de ambas vacilavam, e elas perscrutavam o espaço com olhos inquietos.

Havia uma depressão no terreno. Desceram e voltaram a subir. O caminho juntava-se àquele que Véronique seguira no primeiro dia com Honorine, e elas entraram no bosque que precedia a ponte.

Passado um instante, a crescente emoção das irmãs Archignat fez Véronique perceber que se aproximavam do Grande Carvalho, e ela viu-o efetivamente, maior do que os outros, elevando-se sobre um monte de terra e raízes, e separado deles por um maior intervalo. Foi impossível não pensar que vários homens podiam esconder-se atrás daquele tronco maciço, e que talvez estivessem mesmo lá escondidos.

Apesar do seu pavor, as irmãs aceleraram o passo e não olharam para a árvore fatal.

Afastaram-se. Véronique respirou mais à vontade. O perigo passara, e ela preparava-se para ridicularizar as irmãs Archignat quando uma delas, Clémence, rodopiou e caiu com um gemido.

Ao mesmo tempo, tombava sobre a terra alguma coisa que lhe batera nas costas. Era um machado de pedra.

— Ah! A pedra do raio! A pedra do raio! — gritou Gertrude.

Por um momento, ergueu a cabeça, como se, segundo as suas crenças populares ainda arraigadas, o machado viesse do céu e fosse uma emanação do trovão.

Mas, nesse momento, a louca, que saíra do carro de mão, deu um salto e caiu com a cabeça para a frente. Outra coisa zunira no espaço. A louca torcia-se de dor. Gertrude e Véronique viram uma flecha cravada no seu ombro, que ainda vibrava.

Então Gertrude fugiu, aos gritos.

Véronique, incrédula, hesitou. Clémence e a louca rolavam no chão. A louca troçava:

— Atrás do carvalho. Eles estão escondidos… posso vê-los…

Clémence balbuciava:

— Socorro! Ajude-me… leve-me… estou com medo.

Mas outra flecha zuniu e perdeu-se ao longe.

Véronique também fugiu, chegou às últimas árvores e precipitou-se para a ladeira que descia para a ponte.

Corria desvairadamente, empurrada não tanto pelo terror, aliás legítimo, mas pela vontade ardente de encontrar uma arma e se defender. Lembrava-se que, no escritório do pai, havia uma vitrine cheia de espingardas e revólveres, todos com a indicação "carregados", inscrita certamente por causa de François, e ela queria munir-se de uma dessas armas para fazer frente ao inimigo. Nem sequer olhava para trás. Não sentia necessidade de saber se estava sendo perseguida. Correu em direção ao único local que lhe podia ser útil.

Mais rápida e corajosa, ela acabou por alcançar Gertrude. Esta, ofegante, disse:

— A ponte… é preciso atear fogo… a gasolina está ali…

Véronique não respondeu. A destruição da ponte não era importante, seria até um obstáculo ao seu desejo de pegar uma espingarda e de atacar o inimigo.

Mas quando chegara à ponte, Gertrude deu uma pirueta que quase a lançou para o abismo. Uma flecha atingira-a nos rins.

— Ajude-me! Ajude-me!… — gritou. — Não me abandone…

— Eu volto… — replicou Véronique que, não tendo visto a flecha, pensou que Gertrude tropeçara. — Eu volto, vou buscar duas espingardas… depois eu venho buscá-la…

Em seu espírito, ela imaginava que, uma vez armadas, as duas voltariam ao bosque e libertariam as outras irmãs. Por isso, redobrando o esforço, atravessou a ponte, chegou ao muro da propriedade, passou pelo gramado e subiu ao escritório do pai. Aí, teve que parar, sem fôlego, e depois de empunhar as duas espingardas, foi obrigada, de tão acelerado que o seu coração batia, a caminhar mais devagar.

Ficou admirada por não encontrar Gertrude. Chamou-a. Nenhuma resposta.

E somente então pensou que talvez a bretã tivesse sido ferida, como as irmãs.

Recomeçou a caminhar. Mas quando avistou a ponte, ouviu queixumes estridentes, e, aproximando-se da encosta íngreme que subia até ao bosque do Grande Carvalho, ela viu…

O que viu deixou-a completamente pregada à entrada da ponte. Do outro lado, Gertrude, jogada no chão, debatia-se, agarrando-se às raízes, enfiando os dedos crispados na terra e na erva, e subindo ao longo da encosta, lentamente, em um movimento imperceptível e ininterrupto.

Véronique viu que a infeliz estava amarrada, por baixo dos braços e em volta do tronco, por uma corda que a içava como se fosse uma presa impotente, e que era puxada, lá em cima, por mãos invisíveis.

Véronique levou a espingarda ao ombro. Mas que inimigo devia visar? Que inimigo devia combater? Quem se escondia atrás dos troncos de árvores e das pedras que encimavam a colina como uma muralha?

Gertrude deslizou entre essas pedras e esses troncos de árvores. Já não gritava, sem dúvida exausta, desmaiada. E acabou por desaparecer.

Véronique não se mexera. Estava ciente de que qualquer tentativa seria em vão. Ao entregar-se a uma luta em que antecipadamente estava vencida, não podia libertar as irmãs Archignat, e oferecia-se ela própria ao vencedor, como nova e última vítima.

E além disso tinha medo. Tudo se passava segundo a lógica implacável de fatos de que não compreendia o significado, mas que, na verdade, pareciam ligados uns aos outros como elos de uma cadeia. Tinha medo, medo desses seres, medo desses fantasmas, medo instintivo e inconsciente, tal como as irmãs Archignat, como Honorine, como todas as vítimas do terrível flagelo.

Abaixou-se para que não pudessem vê-la do bosque do Grande Carvalho e, meio curvada, aproveitando a proteção que lhe davam algumas moitas de silvas, alcançou, à esquerda, a pequena cabana de que lhe tinham falado as irmãs Archignat, uma espécie de quiosque com telhado pontiagudo e vidraças coloridas. Metade do quiosque era ocupado por recipientes com gasolina.

Daí ela podia vigiar a ponte, e ninguém passaria sem ser visto. Mas ninguém desceu do bosque.

Veio a noite, uma noite de espesso nevoeiro que a lua tornava prateado, e que apenas permitia a Véronique distinguir o lado oposto.

Passada uma hora, tendo ficado mais tranquila, fez uma primeira viagem com duas latas de gasolina, que espalhou sobre as traves exteriores da ponte.

Repetiu o mesmo trajeto dez vezes, de ouvido atento, espingarda a tiracolo e sempre pronta para se defender. Espalhava a gasolina um pouco por acaso, às apalpadelas, escolhendo, tanto quanto possível, os locais onde lhe parecia pelo tato que a madeira estava mais apodrecida.

Tinha uma caixa de fósforos, a única que encontrara na casa. Tirou um fósforo, hesitou por um momento, receosa perante a ideia da grande claridade que se iria produzir.

"Ainda que o fogo pudesse ser visto da costa…", pensava ela, "mas com este nevoeiro…"

De repente riscou o fósforo e, imediatamente, acendeu uma tocha de papel que preparara e que embebera em gasolina.

Saltou uma grande chama que lhe queimou os dedos. Jogou então o papel para uma poça de gasolina que se formara em uma cavidade, e fugiu para o quiosque.

O incêndio foi imediato e propagou-se logo a todas as partes que ela regara. As falésias das duas ilhas, a ligação de granito que as reunia, as grandes árvores ao redor, a colina, o bosque do Grande Carvalho, o mar no fundo do precipício, tudo ficou iluminado.

"Sabem onde eu estou… Eles estão observando o quiosque onde estou escondida…", pensava Véronique, não desviando os olhos do Grande Carvalho.

Mas nenhuma sombra passou no bosque. Nenhum murmúrio de vozes lhe chegou. Quem se escondia lá em cima não saiu do seu refúgio impenetrável.

Ao fim de alguns minutos, metade da ponte caiu, com um grande estrondo e uma chuva de fagulhas. Mas a outra metade continuou a arder e, a todo o instante, caíam no precipício pedaços de madeira que iluminavam a profundeza das trevas.

Véronique começava a sentir-se mais aliviada. Os seus nervos exasperados aquietavam-se. Um sentimento de segurança invadia-a, cada vez mais justificado, tanto quanto o abismo se tornava maior entre ela e os seus inimigos. No entanto, permaneceu no quiosque e resolveu esperar o amanhecer, para se certificar de que daí em diante nenhuma comunicação seria possível.

A bruma adensou-se. A escuridão envolveu todas as coisas. Por volta da meia-noite, ela ouviu barulho do outro lado, parecendo-lhe que vinha do

alto da colina. Era o barulho que fazem os lenhadores cortando árvores. O machado batia regularmente nos troncos que depois acabavam por partir.

Véronique teve a ideia, aliás absurda, ela sabia, de que estavam talvez construindo uma ponte, e agarrou com força na espingarda.

Ao fim de uma hora, pareceu-lhe ouvir gemidos e até um grito abafado, depois, durante bastante tempo, o pisar de folhas, idas e vindas. Mas isso cessou. De novo voltou o grande silêncio em que se confunde tudo o que se move, tudo o que se inquieta, tudo o que estremece, tudo o que vive no ar.

O entorpecimento provocado pela fadiga e pela fome, que começava a apertar, não permitia a Véronique pensar muito. Lembrava-se sobretudo que não trouxera da vila nenhuma provisão e que não teria o que comer. Mas não se preocupou, pois decidira que acenderia grandes fogueiras com gasolina, quando a bruma se desfizesse, o que não devia tardar. Pensara até que o melhor local seria a extremidade da ilha, no local onde se erguia o dólmen.

Mas, de repente, assaltou-a uma temível ideia: não se esquecera da caixa de fósforos na ponte? Procurou nos bolsos e não encontrou. Todas as buscas foram inúteis.

Porém, isso não a inquietou muito. De repente, a impressão de ter escapado aos ataques do inimigo enchia-a de tanta alegria que lhe parecia que todas as dificuldades se resolveriam por si mesmas.

Assim as horas foram passando, horas infinitamente longas que a bruma penetrante e o frio tornavam mais penosas à medida que a manhã se aproximava.

Depois uma vaga luminosidade espalhou-se pelo céu. As coisas saíram da sombra e readquiriram as suas formas reais. Véronique pôde então ver que a ponte se desmoronara completamente. Um intervalo de cinquenta metros separava as duas ilhas, que ficavam ligadas apenas embaixo pela crista aguçada, cortante e inacessível da falésia.

Estava salva.

Mas, ao levantar os olhos para a colina do lado oposto, viu, mesmo no cimo da encosta, um espetáculo que lhe fez soltar um grito de horror. Três das árvores mais próximas, entre aquelas que encimavam a colina e que pertenciam ao bosque do Grande Carvalho, tinham sido despojadas dos ramos inferiores. E, sobre os três troncos desnudados, estavam as irmãs Archignat, com os braços erguidos e presos atrás, as pernas amarradas sob

as saias esfarrapadas, cordas prendiam as cabeças lívidas e meio ocultas pelas asas negras das toucas.

Elas tinham sido crucificadas.

Tout-Va-Bien

Muito empertigada, sem se voltar para aquela deprimente visão, sem se importar com o que podia acontecer se fosse vista, caminhando com uma passada automática e rápida, Véronique voltou ao Priorado.

Um só objetivo e uma só esperança a sustinham: deixar a ilha de Sarek. Estava saturada de horror. Mesmo se tivesse visto três cadáveres, três mulheres degoladas ou fuziladas, ou mesmo enforcadas, não teria tido aquela sensação de todo o seu ser que se revoltava. Aquilo, aquele suplício era demais. Havia ali um excesso de degradação, um ato sacrílego, um ato demoníaco, que ultrapassava os limites do mal.

E, além disso, pensava em si própria, a quarta e última vítima. O destino parecia encaminhá-la para esse desfecho como a um condenado à morte que se empurra para o cadafalso. Como era possível não tremer de medo? Como não ver um aviso na escolha da colina do Grande Carvalho para o suplício das três irmãs Archignat?

Tentava reconfortar-se com palavras:

"Tudo tem uma explicação… No fundo destes mistérios atrozes há causas muito simples, atos aparentemente fantásticos, mas na verdade realizados por seres da mesma natureza que eu e que agem por razões criminosas, segundo um determinado plano. Certamente que isso só é possível em consequência da guerra, que cria um estado de coisas especial, em que acontecimentos deste gênero podem desenrolar-se. Mas, contudo, não há aí nada de miraculoso e que escape às regras da vida cotidiana."

Palavras inúteis. Tentativas de raciocínio que o seu espírito tinha dificuldade em acompanhar! No fundo, perturbada por abalos nervosos demasiado violentos, ela acabava por pensar e sentir como os habitantes de

Sarek que vira morrer, enfraquecida como eles, sacudida pelos mesmos terrores, assaltada pelos mesmos pesadelos, desequilibrada por tudo o que nela restava dos instintos do passado e das superstições sempre prestes a vir à superfície.

Quem eram aqueles seres invisíveis que a perseguiam? Quem estava encarregado de preencher os trinta caixões de Sarek? Quem aniquilava todos os habitantes da desgraçada ilha? Quem morava nas cavernas e colhia, nas horas fatídicas, o visco sagrado e a erva de São João, e utilizava machados e flechas, e crucificava as mulheres? E com que terrível objetivo? Em vista de que monstruoso empreendimento? Segundo que desígnios inimagináveis? Espíritos das trevas, gênios do mal, sacerdotes de uma religião morta, oferecendo em sacrifício, a deuses sanguinários, homens, mulheres, crianças…

— Basta! Basta! Estou ficando louca! — disse ela em voz alta. — Vou embora!… Não quero pensar em mais nada senão em ir-me embora deste inferno!…

Mas poderíamos dizer que o destino teimava em martirizá-la. Tendo começado a procurar qualquer coisa para comer, viu de repente no escritório do pai, no fundo de um armário, uma folha de papel pregada na parede, e na qual era representada a mesma cena do papel encontrado na cabana abandonada, junto ao cadáver de Maguennoc.

Sobre uma das prateleiras do armário, estava uma pasta de desenhos. Ela abriu-a. Continha vários esboços da cena, igualmente desenhados a sanguínea. Todos eles apresentavam, por cima da primeira cabeça de mulher, a inscrição "V. d'H". Um deles tinha a assinatura de Antoine d'Hergemont.

Fora pois o pai quem fizera o desenho no papel de Maguennoc! Fora o pai quem tentara, em todos os esboços, dar à mulher torturada uma semelhança cada vez mais perfeita com a sua filha!

— Basta! Basta! — repetiu Véronique. — Não quero pensar… Não quero pensar.

Muito enfraquecida, continuou à procura, mas não conseguiu encontrar qualquer coisa que enganasse a sua fome.

Também não encontrou nada que lhe permitisse acender uma fogueira na ponta da ilha. Entretanto a bruma se dissipara, e os sinais seriam certamente notados!

Tentou esfregar duas pedras de sílex uma contra a outra. Mas não deu certo, e não obteve qualquer resultado.

Durante três dias, subsistiu à custa de água e de morangos silvestres colhidos entre as ruinas. Febril, quase sem forças, tinha crises de choro que, quase sempre, determinavam a aparição súbita de Tout-Va-Bien, e o seu esgotamento físico era tanto, que ela maldizia o pobre animal por ter aquele nome absurdo e o enxotava. Tout-Va-Bien, espantado, ia sentar-se mais longe e recomeçava a fazer os seus trejeitos engraçados. Véronique o perseguia, como se ele fosse culpado por ser o cão de François.

O mínimo ruído sacudia-a dos pés à cabeça e cobria-a de suor. Que estavam fazendo os seres do bosque do Grande Carvalho? De que modo se preparavam para a atacar? Apertava os braços à volta do seu próprio corpo, estremecendo com a ideia de cair nas mãos daqueles monstros, e não conseguia deixar de pensar que era bela, e que talvez eles fossem tentados pela sua beleza e juventude…

Mas, no outro dia, uma grande esperança animou-a. Encontrara em uma gaveta uma lupa bastante forte. E como havia sol, concentrou os raios luminosos sobre uma folha de papel, que acabou por se queimar, e assim conseguiu acender uma vela.

Julgou estar salva. Descobrira uma grande reserva de velas, o que lhe permitiu conservar até à noite a chama preciosa. Por volta das onze horas, munida de uma lanterna, dirigiu-se para o quiosque com a intenção de atear fogo nele. O tempo estava bom, e o sinal seria visto da costa.

Receando que a vissem com a lanterna, e receando sobretudo a aparição trágica das irmãs Archignat, pois a claridade da lua inundava o calvário, seguiu, à saída do Priorado, por outro caminho mais à esquerda e ladeado de mato. Caminhava pouco segura, evitando roçar pelas folhas ou tropeçar nas raízes. Quando chegou a um terreno descoberto, não longe do quiosque, estava tão cansada que teve de se sentar. Sua cabeça zumbia. Parecia-lhe que o coração se recusava a bater.

Dali também não podia ver o local do suplício. Mas tendo, contra sua vontade, voltado os olhos para a colina, teve a impressão de que qualquer coisa como uma silhueta branca se mexera. Era mesmo no meio do bosque, no extremo de um caminho que cortava o maciço de árvores naquela direção.

A silhueta passou novamente, sob a claridade, e Véronique notou, ainda que a distância fosse bastante grande, que era a silhueta de um ser vestido com uma túnica, e que estava no meio dos ramos de uma árvore isolada e mais alta do que as outras.

Lembrou-se das palavras da irmã Archignat: *"O sexto dia da lua se aproxima. Eles vão subir ao Grande Carvalho para colher o visco sagrado"*.

E logo se lembrou de certas descrições que lera em livros, ou que lhe tinham sido feitas pelo pai, e parecia-lhe que estava prestes a assistir a uma daquelas cerimónias druídicas que haviam impressionado a sua imaginação quando criança. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se tão fraca que não tinha a certeza de estar acordada e de que esse estranho espetáculo fosse real. Outras quatro silhuetas brancas juntaram-se ao pé da árvore e levantaram os braços como se estivessem à espera de receber as folhas prestes a cair. Lá em cima, de repente, um reflexo luminoso. A foice de ouro do grande sacerdote cortara o ramo de visco.

Depois o grande sacerdote desceu do carvalho, e as cinco silhuetas deslizaram ao longo do caminho, contornaram o bosque e atingiram o cume da colina.

Véronique, que não conseguia desviar desses seres os olhos esgazeados, virou a cabeça e viu os três cadáveres suspensos nas árvores da tortura. Ao longe, as asas negras das toucas pareciam corvos. Diante das vítimas, as silhuetas pararam como se fossem realizar qualquer rito incompreensível. Por fim, o grande sacerdote destacou-se do grupo e, levando a mão ao ramo de visco, desceu a encosta da colina, dirigindo-se para o local onde ainda estava preso o primeiro arco da ponte.

Véronique quase desfaleceu. O seu olhar vacilante, diante do qual as coisas pareciam dançar, prendia-se ao reflexo cintilante da foice que balançava sobre o peito do sacerdote, por baixo da sua longa barba branca. O que ele ia fazer? Embora a ponte já não existisse, Véronique sentia-se convulsionada pela angústia. As pernas já não a sustinham de pé. Deitou-se, sem tirar os olhos daquela assustadora visão.

À beira do abismo, o sacerdote parou novamente durante alguns segundos. Depois estendeu a mão em que levava o visco e, precedido pela planta sagrada como por um talismã que transformava as leis da natureza, deu um passo à frente, sobre o abismo.

E caminhou assim no vazio, todo de branco sob o luar.

O que se passou depois, Véronique não soube, e também não podia saber o que de fato se passara, se fora vítima de uma alucinação, e em que altura da estranha cerimônia essa alucinação começara no seu cérebro enfraquecido.

De olhos fechados, esperou acontecimentos que não chegaram a produzir-se e que ela aliás não tentava prever. Mas outros, mais reais, preocupavam-na. A vela da lanterna estava a se extinguir, ela tinha consciência disso, e, no entanto, era-lhe impossível reagir e voltar ao Priorado. E dizia para si mesma que, se não fizesse sol nos próximos dias, não poderia voltar a acender a chama, e que estaria perdida.

Resignou-se, cansada de lutar, e sabendo-se antecipadamente vencida nessa luta desigual. O único desenlace intolerável era ser capturada. Mas por que não se abandonar à morte que se oferecia? Quando se sofre, deve haver um momento em que o sofrimento se atenua e em que se passa, quase sem o saber, da vida excessivamente cruel a esse aniquilamento que ela desejava cada vez mais.

— É isso, é isso… — murmurou. — Ir embora de Sarek ou morrer, pouco importa! O que é preciso é sair daqui.

Um ruído de folhas a fez abrir os olhos. A chama da vela se apagou. Mas, atrás da lanterna, estava sentado Tout-Va-Bien, erguendo no ar as duas patas da frente.

E Véronique viu que ele trazia ao pescoço, preso por um fio, um pacote de biscoitos.

— Conte-me a tua história, meu pobre Tout-Va-Bien — dizia Véronique, na manhã seguinte, depois de um bom sono em seu quarto no Priorado. — Não acredito que tenha me procurado e que tenha me trazido comida por vontade própria. Foi um acaso, não foi? Você estava vadeando por aqueles lados, me ouviu chorar e veio. Mas quem é que atou o pacote de biscoitos no teu pescoço? Temos então um amigo em Sarek, um amigo que se interessa por nós? Por que é que ele não aparece? Fale, Tout-Va-Bien.

Abraçou o simpático animal e disse:

— E os biscoitos para quem eram? Para o teu dono, para François? Ou para Honorine? Não? Então? Talvez para o senhor Stéphane?

O cão abanou a cauda e dirigiu-se para a porta. Realmente ele parecia compreender. Véronique seguiu-o até ao quarto de Stéphane Maroux.

Tout-Va-Bien enfiou-se debaixo da cama do professor.

Havia lá mais três pacotes de biscoitos, duas embalagens de chocolate e duas caixas de conservas. E todas estas coisas amarradas por um fio, terminado por um laço que Tout-Va-Bien certamente conseguira desembaraçar.

— O que significa isto? — disse Véronique, estupefata. — Foi você quem os colocou aí embaixo? Mas quem deu a você? Temos então realmente na ilha um amigo que nos conhece, que conhece Stéphane Maroux? Você é capaz de me levar até esse amigo? Ele mora deste lado da ilha, já que não há comunicação com o outro lado, e você não podia ir até lá.

Véronique refletia. Mas, ao lado das provisões trazidas por Tout-Va-Bien, ela vira sob a cama uma pequena mala de pano e perguntava a si mesma a razão pela qual Stéphane Maroux escondera aquela mala. Julgou-se no direito de abri-la e procurar indícios sobre o papel desempenhado pelo professor, sobre o seu caráter, talvez sobre o seu passado, sobre as suas relações com o senhor d'Hergemont e com François.

— Sim — disse ela —, tenho esse direito, e até o dever.

Sem hesitar, com a ajuda de uma tesoura de pontas finas, fez saltar a frágil fechadura.

A mala continha apenas um diário, com um elástico à sua volta. Mas logo que abriu a capa do diário, Véronique ficou confusa.

Na primeira página estava o seu próprio retrato, uma fotografia de moça, com a sua assinatura completa e uma dedicatória: *"Para o meu amigo Stéphane"*.

— Não compreendo… não compreendo… — murmurava ela. — Lembro-me bem desta fotografia… devia ter dezesseis anos… Mas como podia eu tê-la oferecido? Será que eu o conhecia?

Ávida por saber mais, leu a página seguinte, uma espécie de prefácio assim formulado:

> *Véronique, quero viver sob o seu olhar. Se aceitar educar o seu filho, esse filho que eu devia detestar, pois é o filho de outro, e de quem gosto, pois é seu filho, é para que a minha vida esteja em pleno acordo com o sentimento secreto que a domina desde há tanto tempo. Um dia, não tenho a menor dúvida, voltará a desempenhar o seu papel de mãe. Nesse dia terá orgulho de François. Terei então expulsado dele tudo o que*

poderia sobreviver do pai, e terei exaltado todas as qualidades de nobreza e dignidade que herdou de você. É um objetivo suficientemente importante para que eu me devote a ele, de corpo e alma. Faço-o com alegria. O seu sorriso será a minha recompensa.

Uma singular emoção invadiu a alma de Véronique. A sua vida era iluminada por uma luz mais tranquila, e este novo mistério, que ela não conseguia compreender melhor do que os outros, era pelo menos, como o das flores de Maguennoc, doce e reconfortante.

Daí para a frente, voltando as páginas, ela podia seguir o dia a dia da educação do seu filho. Soube dos progressos do aluno e dos métodos do professor. O aluno era dócil, inteligente, aplicado, cheio de boa vontade, terno e sensível, simultaneamente espontâneo e sensato. O professor era afetuoso, paciente, animado por qualquer coisa de profundo que transparecia em cada linha.

Pouco a pouco o seu entusiasmo crescia, no decorrer das confissões cotidianas, e exprimia-se com uma liberdade cada vez menos vigiada.

François, meu filho amado — porque posso chamá-lo assim, não é verdade! —, François, é a tua mãe que revive em você. Os teus olhos puros têm a limpidez dos olhos dela. A tua alma é grave e ingênua como a alma dela. Ignoras o mal, e quase que se poderia dizer que ignoras o bem, de tal maneira ele se confunde com a tua graciosa natureza…

Alguns trabalhos do aluno eram transcritos no diário, trabalhos em que ele falava da mãe com ternura apaixonada e com a esperança tenaz de que não tardaria a reencontrá-la.

Vamos encontrá-la, François, e então compreenderás melhor o que é a beleza, a luminosidade, o encanto de viver, a alegria de ver e admirar.

Depois eram pequenas histórias a respeito de Véronique, detalhes de que ela própria já não se lembrava, ou que julgava ser a única a conhecer.

… Um dia, nas Tulherias — tinha ela dezesseis anos —, formou-se à volta dela um círculo de pessoas que a olhavam, espantadas com a sua beleza. As amigas riam, felizes porque a admiravam…

… Se abrir a mão direita dela, François, verás no meio da palma uma longa cicatriz branca. Era ela uma mocinha quando feriu a mão na ponta de ferro de uma grade…

Mas as últimas páginas não tinham sido escritas para o filho, nem certamente lidas por ele. O amor já não se disfarçava aí sob frases de

admiração, mostrava-se sem reserva, ardente, exaltado, doloroso, estremecendo de esperança, ainda que sempre respeitoso.

Véronique fechou o diário. Já não conseguia ler.

— Sim, sim, confesso, Tout-Va-Bien — murmurou ela, vendo o cão na sua pose engraçada —, sim, os meus olhos estão úmidos de lágrimas. Ainda que eu possa ser muito pouco mulher, digo a você o que a ninguém diria, fiquei completamente perturbada. Sim, queria evocar o rosto desconhecido daquele que assim me ama… Algum amigo de infância de quem não adivinhei o discreto amor, e cujo próprio nome não deixou vestígio na minha memória…

Puxou o cão para si.

— Dois bons corações, não acha, Tout-Va-Bien? Tanto o professor como o aluno não são culpados dos crimes monstruosos que os vi cometer. Se são cúmplices dos nossos inimigos, é contra a vontade deles e sem o saber. Não posso acreditar em filtros, em encantamentos, nem em plantas que fazem perder a razão. Mas, apesar de tudo, deve haver qualquer coisa, não acha, meu bom cão? A criança que cultivava as verônicas no Calvário Florido e escrevia "a flor da mamãe" não é culpada, não acha? E Honorine tinha razão quando falava em acesso de loucura? E ele voltará para me procurar, não é? Stéphane e ele voltarão?…

Duas horas de tranquilidade se passaram. Véronique já não estava só. O presente deixara de assustá-la, e tinha fé no futuro.

Na manhã do dia seguinte, disse a Tout-Va-Bien, que ficara preso ao pé da cama para não fugir outra vez:

— Agora, meu amigo, você vai me conduzir. Para onde? Até o amigo desconhecido que envia alimentos para Stéphane Maroux. Vamos.

Tout-Va-Bien só estava à espera da permissão de Véronique. Lançou-se em direção ao relvado que subia até ao dólmen e, a meio caminho, parou. Véronique alcançou-o. Ela virou à direita e enveredou por um caminho que o levou a um caos de ruinas situadas perto da borda da falésia.

Nova parada.

— É ali? — perguntou Véronique.

O cão se abaixou. À sua frente, na base de dois blocos de pedra apoiados um contra o outro e revestidos por um mesmo manto de hera, havia uma moita de silvas sob a qual se abria uma pequena passagem semelhante à entrada de uma toca de coelho. Tout-Va-Bien deslizou por ali,

desapareceu, depois voltou à procura de Véronique, que teve de regressar ao Priorado para trazer uma podadeira para cortar as silvas.

Passada uma meia hora, ela conseguiu enfim cortar as silvas e viu o primeiro degrau de uma escada que desceu às apalpadelas, precedida por Tout-Va-Bien, e que a conduziu a um longo túnel escavado na rocha e que era iluminado através de pequenos orifícios do lado direito. Espreitou e viu que esses orifícios davam para o mar.

Caminhou durante dez minutos e desceu mais degraus. O túnel estreitou-se. Os orifícios, dirigidos para o céu, sem dúvida para que não pudessem ser vistos de baixo, deixavam ali entrar luz tanto pela direita como pela esquerda. Véronique compreendeu então como é que Tout-Va-Bien conseguia comunicar com a outra parte da ilha. O túnel seguia pela estreita faixa de falésia que ligava o domínio do Priorado a Sarek. De cada um dos lados, as vagas embatiam nos rochedos.

Depois subia-se por degraus, sob a colina do Grande Carvalho. Em cima, uma bifurcação. Tout-Va-Bien escolheu o túnel da direita, que continuava pela margem do oceano.

Surgiram ainda, à esquerda, dois outros caminhos, ambos obscuros. A ilha devia estar assim rasgada por galerias invisíveis, e Véronique pensou, com o coração apertado, que se dirigia para a parte que as irmãs Archignat tinham designado como sendo o domínio dos inimigos, sob as Charnecas Negras.

Tout-Va-Bien ia diante dela, voltando-se de vez em quando para trás. Ela dizia-lhe em voz baixa:

— Sim, sim, meu amigo, eu vou, e pode ter certeza de que não tenho medo, você está me levando até um amigo… um amigo que encontrou um refúgio aqui… Mas por que ele não saiu do seu refúgio? Por que é que você não o guiou até mim?

A galeria era sempre igual, talhada a pequenas lascas, com uma abóbada arredondada e um solo de granito bem seco, que os orifícios ventilavam suficientemente. Nas paredes, nenhuma marca, nenhum vestígio. Por vezes surgia a ponta de um sílex negro.

— É ali? — perguntou Véronique a Tout-Va-Bien, que parara.

O túnel não prosseguia, alargando-se em uma sala em que a luz, menos abundante, era filtrada por uma janela mais estreita.

Tout-Va-Bien parecia indeciso. Escutava, as orelhas levantadas, em pé, com as patas apoiadas contra a parede do fim do túnel.

Véronique notou que a parede, naquele local, não era constituída, em toda a sua largura, pelo próprio granito, mas por uma acumulação de pedras desiguais e envolvidas de cimento. Era um trabalho que datava evidentemente de uma outra época, sem dúvida mais recente. Fora construído um muro que fechava o subterrâneo, que devia continuar do outro lado.

Ela repetiu:

— É ali, não é?

Mas nada mais disse. Ouvira o som abafado de uma voz.

Aproximou-se do muro e, passado um instante, estremeceu. A voz elevara-se. Os sons tornaram-se mais distintos. Alguém cantava, uma criança, e ela ouviu estas palavras:

E dizia a mamãe
Embalando o menino:
Não chores.
Quando choras, Nossa Senhora também chora…

Véronique murmurou:

— A canção… a canção…

Era exatamente a mesma que Honorine cantarolara em Beg-Meil. Quem será que a cantava agora? Uma criança presa na ilha? Um amigo de François?

E a voz continuava:

Que o menino cante e ria
Para que a Virgem sorria.
Junta as mãos e reza à boa Virgem Maria…

Aos últimos versos seguiu-se um silêncio que durou alguns minutos. Tout-Va-Bien tinha ares de quem escutava com atenção crescente, como se como se soubesse o que estava por vir.

De fato, exatamente no local em que ele estava, houve um ligeiro ruído de pedras sendo removidas com precaução. Tout-Va-Bien abanou a cauda freneticamente e ladrou, por assim dizer, para si mesmo, como animal que compreende o perigo de quebrar um silêncio. E de repente, acima da sua cabeça, uma das pedras recuou, puxada para o interior e deixando aberto um buraco bastante largo.

Com um salto, Tout-Va-Bien lançou-se para o buraco, esticou-se e, ajudando com as patas traseiras, torcendo-se, rastejando, desapareceu no interior.

— Ah! Olhe, o senhor Tout-Va-Bien — disse a criança. — Como vai, senhor Tout-Va-Bien, e por que é que não veio ontem fazer uma visita ao seu dono? Ocupações importantes? Um passeio com Honorine? Ah, se pudesse falar, hein, meu velho, o que teria para me contar! Antes de mais nada, vejamos…

Muito emocionada, Véronique ajoelhara-se contra a parede. Era a voz do filho que ela ouvia? Teria François voltado, escondendo-se ali? Em vão tentava olhar. O muro era espesso e a abertura que o atravessava fazia uma curva em forma de cotovelo. Mas de que maneira cada sílaba pronunciada, cada entoação, chegava nitidamente aos seus ouvidos!

— Vejamos — repetiu o rapaz —, por que Honorine não vem libertar-me? Por que não a traz aqui? Você conseguiu vir me ver outra vez… E o vovô, ele não está preocupado com a minha ausência?… Mas, também, que aventura! E você, ainda não mudou de opinião, hein, meu velho? Tudo vai bem, não é? Tudo vai cada vez melhor?

Véronique não compreendia. O seu filho — pois não tinha dúvidas de que era François —, o seu filho falava como se ignorasse tudo o que havia acontecido.

Teria ele esquecido? Não conservara lembrança alguma dos atos realizados durante o seu acesso de loucura?

"Sim, um acesso de loucura", pensava Véronique obstinadamente. "Sim, ele estava louco. Honorine não se enganara… ele estava louco… E depois recuperou a razão. Ah! François… François…"

Ela escutava, com o corpo tenso e a alma emocionada, as palavras que lhe poderiam trazer uma imensa alegria ou um grande acréscimo de desespero.

As trevas desceriam outra vez sobre ela, mais espessas e pesadas, ou o dia nasceria novamente, dessa noite sem-fim em que ela se debatia há quinze anos?

— Está bem — continuava o rapaz —, estamos de acordo, tudo vai bem. Mas, olhe, eu ficaria muito contente se você pudesse me dar verdadeiras provas. Por um lado, não há notícias do vovô, nem de Honorine, apesar de todas as mensagens que o encarreguei de levar até eles, por outro, não há

notícias de Stéphane, e é isso que me inquieta. Onde está ele? Onde o prenderam? Não estará morrendo de fome? Vá, Tout-Va-Bien, responda, para onde você levou os biscoitos anteontem?… Mas, o que você tem? Está preocupado? O que é que está procurando? Quer ir embora? Não? Então o que é?

O rapaz calou-se. Depois, passado um instante, disse em voz mais baixa:

— Veio com alguém?… Há alguém atrás do muro?

O cão ladrou surdamente. Depois houve um grande silêncio, durante o qual também François devia estar à escuta.

A emoção de Véronique era tão forte que François parecia ouvir as batidas do seu coração.

Ele segredou:

— É você, Honorine? — Um novo silêncio e continuou: — Sim, é você, tenho certeza… ouço você respirar… Por que não responde?

Véronique se encheu de esperança. Suas forças se redobraram desde que soube que Stéphane estava encarcerado, sem dúvida vítima do inimigo, como François, e passavam pelo seu espírito confusas suposições. E depois como resistir ao apelo daquela voz? O seu filho a interrogava… O seu filho!

Ela balbuciou:

— François… François…

— Oh!… — disse ele —, alguém respondeu… eu sabia… É você, Honorine?

— Não, François — respondeu ela.

— Então?

— Sou uma amiga de Honorine.

— Não a conheço?

— Não… mas sou sua amiga.

Ele hesitou. Desconfiava?

— Por que é que Honorine não veio com você?

Véronique não esperava esta pergunta, mas compreendeu imediatamente que, se as suas suposições involuntárias fossem corretas, então a verdade ainda não podia ser dita ao filho.

Por isso, declarou:

— Honorine chegou de viagem e voltou a partir.

— Foi à minha procura?

— É isso, é isso — disse ela. — Pensou que o tinham raptado de Sarek, assim como ao seu professor.

— E o vovô?

— Também partiu e, depois dele, todos os habitantes da ilha.

— Ah! Ainda aquela história dos caixões e das cruzes?

— Exatamente. Pensaram que o seu desaparecimento era o começo das catástrofes, e o medo os afugentou.

— E a senhora?

— Eu conheço Honorine há muito tempo. Vim de Paris com ela, para repousar em Sarek. Não vejo razão alguma para ir embora. Todas essas superstições não me assustam.

O rapaz calou-se. Devia perceber a incoerência e a insuficiência daquelas respostas, e a sua desconfiança aumentava. Confessou francamente:

— Ouça, minha senhora, quero dizer-lhe uma coisa. Há dez dias que estou fechado nesta cela. Nos primeiros dias, não vi nem ouvi ninguém. Mas, desde anteontem, todas as manhãs, um pequeno buraco na porta é aberto e surge a mão de uma mulher que renova a minha provisão de água. A mão de uma mulher… Então…

— Então, pergunta a si mesmo se essa mulher não sou eu?

— Sim, sou obrigado a perguntar isso.

— Reconheceria a mão dessa mulher?

— Oh, com certeza, é seca e magra, o braço é amarelo.

— Veja a minha — disse Véronique. — Vou enfiar o braço pelo mesmo local por onde Tout-Va-Bien passou.

Arregaçou a manga e, de fato, o seu braço nu, dobrando-se, passou facilmente.

— Oh! — disse logo François — Não foi esta mão que eu vi. — E, em voz baixa, acrescentou: — Que linda que é esta mão!

De repente, Véronique sentiu que ele lhe pegava na mão, em um gesto rápido, e ouviu-o exclamar:

— Oh! Não é possível! Não é possível!

Ele virara a mão e desdobrava os dedos para que a palma ficasse bem visível. Murmurou:

— A cicatriz… está aqui… muito branca…

Uma grande perturbação então invadiu Véronique. Lembrava-se do diário de Stéphane Maroux e de certos detalhes por ele referidos e que François devia ter lido. Um desses detalhes era aquela cicatriz, que evocava uma antiga ferida bastante profunda.

Sentiu os lábios do rapaz pousarem sobre a sua mão, primeiro docemente, depois com um ardor apaixonado e lágrimas abundantes, e ouviu-o balbuciar:

— Oh! Mamãe… querida mamãe… minha querida mamãe…

François e Stéphane

Mãe e filho ficaram assim durante muito tempo, ajoelhados contra o muro que os separava, mas tão perto um do outro como se estivessem se olhando incessantemente, entre beijos e lágrimas.

Falavam ao mesmo tempo, faziam perguntas e respondiam sem pensar. Estavam ébrios de alegria. A vida de cada um deles transbordava e era absorvida pelo outro. Nenhum poder no mundo podia agora dissolver aquela união, nem destruir os laços de ternura e confiança que uniam mãe e filho.

— Ah! Sim, meu velho Tout-Va-Bien, pode fazer festas. Estamos realmente chorando, e você vai ficar cansado antes de nós, porque destas lágrimas não nos fartamos, não é, mamãe?

Para Véronique, nada mais subsistia no seu espírito das visões terríveis que a tinham chocado. O seu filho assassino, o seu filho matando e massacrando, não, ela já não podia admitir isso. Nem sequer admitia a desculpa da loucura. Devia haver outra explicação, que ela não tinha pressa em conhecer. Só pensava no filho. Ele estava bem. Os seus olhos viam-no através do muro. O seu coração batia contra o dele. Estava vivo e era realmente a criança doce, afetuosa, encantadora e pura com que sonhara a sua imaginação de mãe.

— Meu filho, meu filho… — repetia ela incessantemente, como se nunca fosse de mais dizer estas palavras miraculosas. — Meu filho, então é você. Achei que estava morto, mil vezes morto, mais morto do que é possível… E você está vivo. E está aqui. E posso tocar você. Ah, meu Deus. Será possível? Tenho um filho… o meu filho está vivo…

E com o mesmo fervor apaixonado, ele dizia:

— Mamãe… mamãe… esperei tanto tempo por você. Para mim, você não estava morta, mas era tão triste ser uma criança sem mãe… ver os anos passar, e perdê-los à tua espera.

Durante uma hora falaram ao acaso, do passado, do presente, de mil e uma coisas que primeiro lhes pareciam as mais interessantes do mundo e que logo a seguir abandonavam para fazer outras perguntas, para tentarem conhecer-se um pouco mais e penetrar no segredo da vida e na intimidade da alma de cada um.

François foi o primeiro a querer dar um pouco de ordem à conversa.

— Ouça, mamãe, temos tantas coisas para dizer que não vamos conseguir dizer tudo hoje, e mesmo por dias e dias. Por agora, falemos do que é indispensável, e depressa, pois talvez não tenhamos muito tempo.

— Como? — disse Véronique, já inquieta. — Mas eu não a abandono mais.

— Para que não me deixe, mamãe, é preciso primeiro que estejamos juntos. Mas há muitos obstáculos a ultrapassar, muito mais do que este muro que nos separa. Além disso, sou muito vigiado e, de um momento para o outro, você pode ser obrigada a se afastar, como acontece com Tout-Va-Bien, ao menor ruído de passos que se aproximam.

— Vigiado por quem?

— Por quem me atacou, a mim e a Stéphane, no dia em que descobrimos a entrada destas grutas, sob as charnecas do planalto, as Charnecas Negras.

— E você os viu?

— Não, estava escuro.

— Mas quem são esses seres? Quem são esses inimigos?

— Não sei.

— Desconfia que sejam…

— Os Druidas?… — disse ele, rindo. — Esses seres de outros tempos, de que falam as lendas? Meu Deus, não. Espíritos? Também não. Eram mesmo pessoas de carne e osso.

— Mas eles vivem aqui dentro?

— Provavelmente.

— E vocês foram apanhados de surpresa?…

— Não, pelo contrário. Parecia até que nos esperavam e espiavam. Tínhamos descido uma escada de pedra e seguido por um comprido

corredor, ladeado talvez por oitenta grutas, ou melhor, oitenta celas, cujas portas de madeira estavam abertas e que deviam dar para o mar. À volta, quando subíamos a escada, no escuro, fomos agarrados, imobilizados, amarrados, vendados e amordaçados. Tudo isto em um instante. Percebi que nos tornavam a levar até ao fim do comprido corredor. Quando consegui soltar-me das cordas e da venda, estava fechado em uma das celas, sem dúvida a última do corredor, e aqui estou há dez dias.

— Meu querido, como você deve ter sofrido.

— Não sofri, mamãe, nem passei fome. Em um canto havia um monte de provisões e, no outro, palha para me deitar. Então, fiquei à espera tranquilamente.

— De quem?

— Não vai rir, mamãe?

— Rir de que, meu querido?

— Do que vou contar?…

— Como pode pensar isso?…

— Está bem… eu estava à espera de alguém que ouviu falar de todas essas histórias de Sarek, e que prometeu ao vovô que viria.

— Mas quem, meu querido?

O rapaz hesitou.

— Não, tenho certeza de que você zombaria de mim, mamãe… Eu digo depois. Aliás, ele não veio… ainda que durante um instante eu pensasse… Sim, imagine que eu tinha conseguido tirar duas pedras deste muro e tinha aberto este buraco, que os meus carcereiros evidentemente ignoram, quando ouvi um barulho… estavam arranhando a parede…

— Era Tout-Va-Bien?

— Era Tout-Va-Bien que estava do outro lado. Já viu como foi bem recebido. A única coisa que me surpreendeu foi que ninguém vinha com ele, nem Honorine nem o vovô. Eu não tinha lápis nem papel para escrever para eles mas, enfim, só tinham que seguir Tout-Va-Bien.

— Isso era impossível — disse Véronique —, pois supunham que você estivesse longe de Sarek, certamente raptado, e porque o teu avô partira.

— Mas por que essa suposição? O vovô sabia, segundo um documento recentemente descoberto, onde nós estávamos, já que foi ele quem nos indicou a entrada dos subterrâneos. Então, ele não lhe falou sobre isso?

Véronique escutara, muito contente, as palavras do filho. Pois, se o tinham raptado e prendido, não era então ele o monstro abominável que matara o senhor d'Hergemont, Marie Le Goff, Honorine, Corréjou e os seus companheiros? A verdade que ela já entrevira confusamente tornava-se mais precisa, ainda escondida sob bastantes véus, mas visível, pelo menos na sua parte essencial. François não era culpado. Alguém usara as suas roupas e fizera-se passar por ele, assim como alguém agira sob a aparência de Stéphane! Ah, que mais importava, as probabilidades e as contradições, as provas e as certezas. Véronique nem sequer pensava nisso. Só acreditava na inocência do seu filho querido.

Por isso, ela recusava-se ainda a revelar o que quer que pudesse ensombrar e estragar a alegria dele, e afirmou;

— Não, não vi o teu avô. Honorine queria prepará-lo para a minha visita, mas os acontecimentos se precipitaram…

— E você ficou sozinha na ilha, pobre mamãe? Queria me encontrar?

— Sim — disse ela, depois de uma hesitação.

— Estava sozinha, com Tout-Va-Bien?

— Sim. Nos primeiros dias quase que não lhe dei atenção. Só esta manhã pensei em segui-lo.

— E onde começa o caminho que a trouxe até aqui?

— É um subterrâneo com uma saída escondida entre duas pedras, perto do jardim de Maguennoc.

— Então as duas ilhas se comunicam?

— Sim, pela falésia, por baixo da ponte.

— É estranho! Disso nem Stéphane, nem eu, nem ninguém, de resto, tinha desconfiado… a não ser o bom Tout-Va-Bien, para encontrar o seu dono.

Calou-se e depois murmurou:

— Ouça…

Mas, passado um instante, prosseguiu:

— Não, ainda não é hora. No entanto, temos de nos apressar.

— O que devo fazer?

— É fácil, mamãe. Ao abrir este buraco, percebi que posso alargá-lo suficientemente, se for possível, tirar mais três ou quatro pedras. Mas estão muito presas, e preciso de uma ferramenta qualquer.

— Está bem, eu vou…

— É isso, mamãe, volte ao Priorado. Há lá, à esquerda, no subsolo, uma espécie de oficina onde Maguennoc guardava os utensílios de jardinagem. Encontrará lá uma pequena picareta de cabo curto. Pode trazê-la ao fim do dia. Durante a noite vou trabalhar e, amanhã de manhã, poderemos nos abraçar.

— Oh, se isso for verdade!

— Asseguro que sim. Depois só teremos de libertar Stéphane.

— O teu professor? Sabe onde ele está preso?

— Mais ou menos. Segundo as indicações que nos deu o vovô, os subterrâneos têm dois andares e a última cela de cada andar serviria de prisão. Eu estou em uma. Stéphane deve estar na outra por baixo de mim. O que me inquieta…

— O que o inquieta?

— Bem, olha, é que, ainda segundo o vovô, estas duas celas eram antigamente câmaras de suplício… "câmaras de morte", como diz o vovô.

— O que está dizendo? É terrível!

— Não se assuste, mamãe. Veja que não têm a intenção de me torturar. Simplesmente, ao acaso e sem saber o que acontecera a Stéphane, enviei-lhe alimentos por intermédio de Tout-Va-Bien, que terá certamente encontrado uma passagem.

— Não — disse ela. — Tout-Va-Bien não compreendeu.

— Como é que você sabe, mamãe?

— Ele julgou que você o mandava ir ao quarto de Stéphane Maroux, e pôs tudo debaixo da cama.

— Ah! — fez o rapaz, inquieto. — Que terá acontecido a Stéphane? — E acrescentou logo a seguir: — Veja, mamãe, temos de nos apressar, se quisermos salvar Stéphane e salvar a nós mesmos.

— Do que você tem medo?

— De nada, se agirmos rapidamente.

— Mas, mesmo assim…

— Nada, eu asseguro. Tenho certeza que venceremos todos os obstáculos.

— E se surgirem outros… perigos que não podemos prever?

— Será então — disse François a rir — que aparecerá essa pessoa que está para chegar, e que nos protegerá.

— Veja, meu querido, você mesmo admite a necessidade de alguém que nos socorra.

— Não, mamãe, só quero tranquilizá-la, nada vai acontecer. Olhe, como um filho que reencontrou a mãe pode perdê-la de novo? Será isso admissível? Na vida real talvez, mas nós não estamos na vida real, estamos em pleno romance e, nos romances, tudo acaba sempre bem. Pergunta a Tout-Va-Bien. Não é verdade, meu velho, que acabaremos por alcançar a vitória e que ficaremos juntos e felizes? Não é essa a tua opinião, Tout-Va-Bien? Então, ponha-se a andar, meu velho, e conduza a mamãe. Eu vou tapar outra vez o buraco, pois pode vir alguém à minha cela. E, sobretudo, não tente entrar quando ele estiver tapado, hein, Tout-Va-Bien? É nessas alturas que há perigo. Vá, mamãe, e não faça barulho quando voltar.

A viagem não foi longa. Véronique encontrou a picareta. Quarenta minutos depois, ela a trouxe e conseguiu introduzi-la na cela.

— Ainda não veio ninguém — disse François —, mas devem estar chegando, e é preferível que não fique aqui. Tenho trabalho para toda a noite, talvez, ainda mais porque serei obrigado a parar, é provável que façam rondas. Portanto, espero você amanhã às sete horas. Ah! Estive pensando a respeito de Stéphane. Alguns ruídos que ouvi, ainda há pouco, confirmam a minha ideia de que ele está preso mais ou menos embaixo de mim. A abertura que ilumina a minha cela é demasiado estreita para que eu possa passar. No local onde está agora, há alguma janela suficientemente larga?

— Não, mas pode ser alargada se lhe tirarmos algumas pedras.

— Está bem. Encontrará na oficina de Maguennoc uma escada de corda terminada por ganchos de ferro. Pode trazê-la facilmente amanhã de manhã. Traga também algumas provisões e cobertores, e deixe debaixo de uma moita, à entrada do subterrâneo.

— Mas para quê, meu querido?

— Você verá depois. Tenho um plano. Adeus, mamãe, durma bem e arranje forças. Amanhã vamos ter talvez um dia bastante duro.

Véronique seguiu o conselho do filho. No dia seguinte, cheia de esperança, percorreu novamente o caminho até a cela. Desta vez, Tout-Va-Bien, mais uma vez invadido pelos seus instintos de independência, não a acompanhava.

— Não faça barulho, mamãe — disse François, tão baixo que ela mal o ouvia. — Estou sendo vigiado de muito perto, pois creio que alguém anda no corredor. Quase já terminei o meu trabalho, as pedras estão se soltando. Mais duas horas e acabarei. Trouxe a escada?

— Sim.

— Tire as pedras da janela… adiantamos o trabalho… estou realmente com medo por causa de Stéphane… Mas não faça barulho…

Véronique afastou-se.

A janela elevava-se a pouco mais de um metro do solo, e as pedras, tal como ela supunha, eram unicamente sustentadas pelo peso e disposição. A abertura, sem essas pedras, era bastante larga, e foi-lhe fácil lançar para o exterior a escada que trouxera e prendê-la pelos ganchos de ferro à borda inferior.

Via-se o mar lá embaixo, a trinta ou quarenta metros, o mar todo branco e guardado pelos mil escolhos de Sarek. Mas ela não conseguiu ver a base da falésia, pois havia por baixo da janela uma pequena saliência de granito, sobre a qual a escada caíra em vez de ficar suspensa completamente na vertical.

"Isto vai ajudar François", pensou ela.

Contudo, o perigo do empreendimento parecia-lhe grande e perguntava a si mesma se não deveria arriscar-se ela no lugar do seu filho.

Ainda mais porque François, afinal de contas, podia ter-se enganado, e a cela de Stéphane não fosse talvez ali, ou não se poderia entrar lá por uma abertura análoga. Nesse caso, quanto tempo perdido! Quantos perigos inúteis para a criança!

Ela sentia naquele momento uma tal necessidade de se dedicar, um enorme desejo de afirmar a sua ternura por meio de atos imediatos, que, sem refletir, tomou uma decisão, como quem aceita sem hesitar um dever que não pode deixar de ser cumprido. Nada a deteve, nem o fato de os ganchos da escada, insuficientemente abertos, não agarrarem em toda a sua espessura na borda da janela, nem a visão do precipício, que lhe dava a impressão de que tudo vacilava sob ela. Era preciso agir. E ela agiu.

Depois de prender a saia com um alfinete, saltou para a janela, voltou-se de costas, segurou-se na borda, tateou o abismo e encontrou um dos degraus. Ela tremia inteira. O coração batia com muita força dentro do seu peito, como se fosse o badalo de um sino. No entanto, ela teve a audácia de

agarrar bravamente as duas cordas laterais da escada e descer.

Não demorou muito tempo. Havia vinte degraus, ela sabia. Contou-os. Quando chegou ao vigésimo, olhou para a esquerda e murmurou com indizível alegria:

— Oh! François… meu querido…

Avistara, a um metro dela, no máximo, uma cavidade, uma reentrância que parecia a entrada de uma gruta talhada no meio da falésia. Ela murmurou:

— Stéphane… Stéphane… — mas em voz tão baixa que Stéphane Maroux, se estivesse ali, não a poderia ouvir.

Ela hesitou durante alguns segundos, mas as suas pernas se dobravam, já não tinha forças para tornar a subir nem para ficar ali suspensa. Com a ajuda de algumas saliências na rocha e deslocando assim a escada, correndo o risco de a desprender, ela conseguiu, por uma espécie de milagre de que tinha consciência, agarrar um sílex saliente no granito e pôr um pé na gruta. Com uma energia selvagem, fez então um esforço supremo e, com um impulso que restabeleceu o seu equilíbrio, conseguiu entrar.

Viu imediatamente alguém deitado sobre palha e amarrado com cordas.

A gruta era pequena, pouco profunda, sobretudo na sua parte superior, voltada para o céu, mais do que para o mar, e devia parecer ao longe uma simples irregularidade da falésia. Na borda, nenhuma saliência a limitava. A luz entrava sem qualquer obstáculo.

Véronique aproximou-se. O homem não se mexeu. Dormia.

Inclinou-se sobre ele e, ainda que não o reconhecesse de forma segura, parecia-lhe que uma recordação se desprendia desse passado tenebroso em que pouco a pouco se desvanecem todas as imagens da nossa infância. E esta não lhe era de modo algum familiar — rosto doce, de traços regulares, cabelos loiros, puxados para trás, testa ampla e pálida, rosto um pouco feminino que lembrava a Véronique a cara encantadora de uma amiga do convento, morta antes da guerra.

Com as suas mãos hábeis, ela desfez os nós que apertavam os dois punhos. Sem estar ainda desperto, o homem estendeu os braços, como se se tivesse prestado a uma operação já anteriormente efetuada, habitual, e que não lhe interrompia necessariamente o sono. Deviam libertá-lo assim de tempos em tempos, talvez para comer, durante a noite, pois ele acabou por murmurar:

— Já… mas não tenho fome… e ainda é dia…

Ele próprio ficou admirado com esta reflexão. Entreabriu os olhos e, imediatamente, soergueu-se para ver quem estava ali, à sua frente, pela primeira vez sem dúvida em pleno dia.

Ele não ficou muito surpreendido, pois não tomou consciência imediatamente da realidade. Provavelmente pensou que estava sonhando ou alucinado, e disse em voz baixa:

— Véronique… Véronique…

Um pouco perturbada sob o olhar de Stéphane, ela acabou de desfazer os nós e, quando ele sentiu nitidamente sobre as suas mãos e à volta das suas pernas cativas as mãos da jovem mulher, compreendeu o maravilhoso acontecimento que era aquela presença e disse com a voz alterada:

— Você!… Você…. Será possível? Oh! Diga uma palavra… uma só… Será possível que seja você?…

Quase que para si próprio, ele prosseguiu:

— É ela… é ela… está aqui… — E logo a seguir, com ansiedade: — Você!… À noite… nas outras noites… não era você que vinha? Era outra, não é verdade, uma inimiga? Ah! Desculpe-me por perguntar isso… Mas é que não consigo entender… Por onde é que veio?

— Por ali — disse ela, apontando para o mar.

— Oh! — fez ele. — Que loucura!

Olhava-a com um olhar deslumbrado, como se fosse alguma visão descida do céu, e as circunstâncias eram tão estranhas que ele nem pensava em reprimir o ardor do seu olhar.

Ela repetiu, completamente confusa:

— Sim, por ali… foi François quem me indicou…

— Não estava pensando nele — disse ele. — Com você aqui, eu tinha certeza que ele estivesse livre.

— Ainda não — disse ela —, mas daqui a uma hora ele estará livre.

Iniciou-se um longo silêncio, que ela quebrou para disfarçar a sua perturbação:

— Ele estará livre… vai vê-lo… mas é preciso não assustá-lo… há coisas que ele não sabe…

Ela percebeu que ele escutava não as palavras pronunciadas, mas a voz que as pronunciava, e que essa voz devia mergulhá-lo em uma espécie de êxtase, pois ele calava-se e sorria. Então ela sorriu também, e interrogou-o,

obrigando-o assim a responder.

— Você disse logo o meu nome. Conhecia-me, não é verdade? A mim também me parece que antes… Sim, você me lembra uma amiga minha que morreu…

— Madeleine Ferrand?

— Sim, Madeleine Ferrand.

— Talvez eu também lhe faça lembrar o irmão dessa sua amiga, um rapaz tímido que ia muitas vezes ao parlatório e que olhava você de longe…

— Sim, sim… — afirmou ela. — É verdade, estou me lembrando. Chegamos mesmo a nos falar várias vezes… Você corava… Sim, sim, é isso… chamava-se Stéphane… Mas esse nome, Maroux?…

— Madeleine e eu não éramos filhos do mesmo pai.

— Ah! — disse ela. — Foi isso que me enganou. Ela estendeu-lhe a mão.

— Bem, Stéphane, já que somos velhos amigos e que novamente nos encontramos, deixemos para mais tarde todas as nossas recordações. Por agora, o mais urgente é partirmos. Sente-se com forças?

— Forças, sim, não tenho passado muito mal… Mas como vamos sair daqui?

— Pelo mesmo caminho por onde vim… Uma escada que se comunica com o corredor superior das celas…

Ele tinha-se levantado.

— Mas teve a coragem?… A temeridade?… — disse ele, percebendo-se enfim do que ela ousara fazer.

— Oh! Não foi difícil — declarou ela. — François estava tão inquieto! Ele pensa que os dois estão nas antigas câmaras de tortura… câmaras de morte…

Estas palavras o despertaram violentamente de um sonho, e de repente ele reconheceu que era loucura falar em tais circunstâncias.

— Vá embora! François tem razão… Ah, se soubesse o perigo que corre. Peço-lhe… peço-lhe…

Ele estava fora de si, como que perturbado por um perigo eminente. Ela quis acalmá-lo, mas ele suplicou-lhe:

— Mais um segundo e talvez esteja perdida. Não fique aqui… Estou condenado à morte, e à morte mais terrível. Olhe para este chão… esta espécie de soalho… Não, é inútil… Ah, por favor… vá embora…

— Vamos os dois — disse ela.

— Está bem, vamos. Mas ponha-se você primeiro a salvo…

Ela resistiu e pronunciou com firmeza:

— Para que nos salvemos, Stéphane, precisamos, antes de tudo, ter calma. O que eu fiz há pouco, quando vim, só poderemos repetir se os nossos gestos forem comedidos e se dominarmos as nossas emoções. Está pronto?

— Sim — disse ele, convencido pela segurança dela.

— Então, siga-me.

Ela avançou até à beira do abismo e inclinou-se.

— Dê-me a mão — disse ela —, para que eu não me desequilibre.

Ela voltou-se de costas, encostou-se contra a falésia e tateou com a mão livre.

Não encontrando a escada, virou-se ligeiramente.

A escada se deslocara. Quando Véronique, com um impulso, talvez demasiado brusco, saltara para a gruta, certamente que o gancho do lado direito se desprendera, e a escada, sustentada apenas pelo outro gancho, oscilara como um pêndulo.

Os degraus inferiores encontravam-se agora fora de alcance.

Angústia

Por mais intrépida que fosse, se Véronique estivesse sozinha, teria tido um desses momentos de fraqueza que a sua natureza, por mais intrépida que fosse, não conseguia fugir perante a adversidade do destino. Mas, diante de Stéphane, que ela pressentia mais fraco e certamente esgotado pelo cativeiro, teve forças para se conter e anunciou como se fosse um incidente sem importância.

— A escada se soltou… já não conseguiremos apanhá-la.

Stéphane olhou-a, estupefato.

— Então… então… você está perdida.

— Estamos perdidos por quê? — perguntou ela, sorrindo.

— Agora é impossível fugir.

— Como? Não é impossível. E François?

— François?

— Claro. Daqui a uma hora, no máximo, François já terá conseguido fugir e, ao ver a escada e o caminho por onde vim, chamará por nós. Facilmente o ouviremos. Basta ter um pouco de paciência.

— Paciência…. — disse ele, assustado. — Esperar uma hora. Mas durante todo esse tempo não tenho a menor dúvida de que alguém virá. A vigilância é contínua.

— Pois bem, ficaremos calados.

Ele apontou para a porta, onde se abria um postigo.

— E aquele postigo — disse —, eles abrem-no sempre. Eles vão nos ver através das grades.

— Há uma portinhola. Podemos fechá-la.

— Eles entrarão.

— Então não a fechamos e temos de ter confiança, Stéphane.

— É por você que tenho medo.

— Não vale a pena ter medo, nem por mim, nem por você… Se as coisas correrem mal, temos com que nos defender — acrescentou ela, mostrando um revólver que retirara da armadura do pai e que trazia sempre consigo.

— Ah — disse ele —, o que eu receio é que não tenhamos sequer como nos defender. Eles têm outros meios.

— Quais?

Ele não replicou. Lançara um olhar rápido para o chão, e Véronique, por um momento, observou a estrutura bizarra do solo.

Em toda a sua volta, formando um círculo ao longo das paredes, havia o próprio granito, desigual e rugoso. Mas, no granito, estava entalhado um grande quadrado e via-se, dos quatro lados, a fenda profunda que o isolava, sendo as traves que o compunham bastante desgastadas, sulcadas de rugas, gretadas, golpeadas, contudo maciças e fortes. O quarto lado estava quase sobre a beira do abismo, a uma distância de vinte centímetros, no máximo.

— Um alçapão? — disse ela, estremecendo.

— Não, não, é demasiado pesado — afirmou ele.

— Então?

— Não sei. Deve ser uma coisa antiga que já não funciona. No entanto…

— No entanto?…

— Esta noite… ou melhor, esta manhã, ouvi estalidos ali embaixo… Parecia que estavam fazendo ensaios, logo interrompidos, aliás, porque há tanto tempo que…. Não, isto já não funciona, e eles, eles não podem servir-se disto.

— Eles, quem?

Sem esperar pela resposta, ela prosseguiu:

— Ouça, Stéphane, ainda temos algum tempo, talvez menos do que julgamos. De um momento para o outro François se libertará e virá nos socorrer. Aproveitemos agora para dizer o que cada um de nós deve saber. Vamos falar com calma. Nenhum perigo imediato nos ameaça. Não será tempo perdido.

Véronique aparentava uma segurança que não sentia. Que François conseguiria fugir, ela não tinha a menor dúvida, mas quem podia garantir que o rapaz se aproximaria da janela e veria o gancho da escada suspensa? Não vendo a mãe, não teria ele, pelo contrário, a ideia de seguir pelo subterrâneo e correr até ao Priorado?

No entanto, ela dominou-se, sentindo a necessidade da explicação que solicitava e, sem demora, depois de se sentar sobre uma saliência de granito que formava uma espécie de banco, começou a colocar Stéphane a par dos acontecimentos de que fora testemunha, e nos quais participara, desde que as suas investigações a tinham conduzido à cabana abandonada onde jazia o cadáver de Maguennoc.

Relato assustador, que Stéphane ouviu sem uma interrupção, mas com um pavor que era manifestado pelos seus gestos de revolta e pela expressão desesperada do rosto. A morte do senhor d'Hergemont, sobretudo, e a de Honorine, deixaram-no completamente perturbado. Afeiçoara-se imensamente tanto a um como ao outro.

— Aqui está, Stéphane — disse Véronique, depois de relatar as angústias por que passara a seguir ao suplício das irmãs Archignat, a descoberta do subterrâneo e a sua conversa com François —, aqui está o que é lícito que saiba. Tudo o que escondi de François, você deve sabê-lo, para que possamos lutar contra os nossos inimigos.

Ele abanou a cabeça.

— Quais inimigos? — disse ele. — Também eu, apesar das suas explicações, faço a mesma pergunta que me fez. Tenho a impressão de que estamos envolvidos em um grande drama, que se desenrola há anos, há séculos, e que nele participamos apenas do seu desenlace, no momento em que se produz o cataclismo que várias gerações de homens prepararam. Talvez esteja enganado. Talvez se trate apenas de uma série incoerente de acontecimentos sinistros e absurdos para o meio dos quais fomos lançados, sem que consigamos pensar em outra razão que não seja a fantasia do acaso. Na verdade, eu não sei mais que você. Envolvem-me as mesmas trevas. Perturbam-me as mesmas dores e os mesmos lutos. Tudo isto é uma loucura, convulsões desordenadas, sobressaltos insólitos, crimes de selvagens, fúria de tempos bárbaros.

Véronique concordou:

— Sim, tempos bárbaros, e é isso que mais me desconcerta e que tanto me impressiona! Que ligação há entre o passado e o presente, entre os que hoje nos perseguem e os homens que outrora habitavam estas cavernas e cuja ação se prolonga e nos atinge de maneira tão incompreensível? A que se referem todas essas lendas, que eu aliás só as conheci através do delírio de Honorine e da aflição das irmãs Archignat?

Falavam em voz baixa, de ouvido sempre atento. Stéphane escutava os ruídos no corredor. Véronique olhava para o lado da falésia na esperança de ouvir o sinal de François.

— Lendas muito complicadas — explicou Stéphane —, tradições obscuras, de que é impossível saber o que é superstição e o que pode ser verdade. De toda essa miscelânea é, quando muito, possível destacar duas ordens de ideias, as que se relacionam com a predição dos trinta caixões e as que se referem à existência de um tesouro, ou melhor, de uma pedra milagrosa.

— Considera então uma predição — disse Véronique — o que eu li no desenho de Maguennoc, aquelas palavras que depois tornei a encontrar no Dólmen das Fadas?

— Sim, uma predição que remonta a uma época indeterminada e que, desde há séculos, domina toda a história e toda a vida de Sarek. Desde sempre se acreditou que viria um dia em que, no espaço de doze meses, os trinta escolhos principais que rodeiam a ilha, e a que chamam os trinta caixões, teriam as suas trinta vítimas, mortos de forma violenta e, que entre essas trinta vítimas, haveria quatro mulheres que morreriam crucificadas. É uma tradição estabelecida, indiscutível, que passa de pai para filho e em relação à qual não há incrédulos. É já é expressa neste verso e neste hemistíquio da inscrição do Dólmen das Fadas: *Para os trinta caixões, trinta vítimas — Quatro mulheres crucificadas.*

— Está bem, mas mesmo assim sempre viveram normalmente e em paz. Por que razão a explosão de medo se deu subitamente este ano?

— Isso deveu-se muito a Maguennoc. Maguennoc era um ser bizarro, bastante misterioso, ao mesmo tempo bruxo e algebrista, curandeiro e charlatão, conhecedor dos movimentos dos astros e das virtudes das plantas. Era muito consultado acerca das coisas do passado mais longínquo, assim como do futuro. Ora, Maguennoc começou a dizer que 1917 seria o ano fatídico.

— Por quê?

— Intuição, talvez, pressentimento, adivinhação, sua consciência, escolha a explicação que quiser. Maguennoc, que não desdenha dessas práticas da magia mais arcaica, falar-lhe-ia no voo do pássaro ou em entranhas de galinha. No entanto, a sua profecia apoiava-se em algo mais sério. Ele afirmava, e isso segundo testemunhos que ouvira durante a sua infância junto de anciões de Sarek, que, no princípio do século passado, a última linha da inscrição do Dólmen das Fadas ainda não fora apagada e que se podia ler o seguinte verso: *Na ilha Sarek, no ano catorze e três.* No ano catorze e três é o ano dezessete, e esta afirmação tornou-se, nos últimos tempos, cada vez mais impressionante para Maguennoc e para os seus amigos, pois o número resultante dividia-se em dois números, e precisamente em 1914 arrebentou a guerra. Desde então, Maguennoc tornou-se cada vez mais importante e, cada vez mais seguro das suas previsões e cada vez mais inquieto, aliás, ele chegou até a anunciar que a morte dele, seguida pela morte do senhor d'Hergemont, seria o sinal das catástrofes. E o ano de 1917 chegou, provocando em Sarek um verdadeiro terror. Os acontecimentos se aproximavam.

— No entanto… no entanto… — observou Véronique — tudo isso é extremamente absurdo.

— Absurdo, realmente, mas tudo adquiriu um significado singularmente perturbador no dia em que Maguennoc pôde confrontar os fragmentos da predição gravados no dólmen com a predição completa!

— Então ele conseguiu isso?

— Sim. Ele descobriu sob as ruínas da abadia, envolvido por um monte de pedras que pareciam formar uma câmara protetora, um velho missal, danificado, carcomido, usado, mas que tinha contudo algumas páginas em bom estado, uma delas, sobretudo, que é aquela que viu, ou melhor, da qual viu uma cópia na cabana abandonada.

— Uma cópia feita pelo meu pai?

— Pelo seu pai, como todas aquelas que estão no armário do escritório. Lembre-se que o senhor d'Hergemont gostava de desenhar, de pintar aquarelas. Ele copiou a página iluminada, mas reproduzindo da predição em verso que acompanhava o desenho apenas as palavras inseridas no Dólmen das Fadas.

— E como é que se explica a semelhança entre a mulher crucificada e eu?

— Nunca tive nas mãos o original que Maguennoc entregara ao senhor d'Hergemont e que este guardava cuidadosamente no seu quarto. Mas o senhor d'Hergemont afirmava que essa semelhança existia. Em todo o caso, ele acentuava-a nos seus desenhos, sem querer, ao lembrar-se de todo o sofrimento por que você passou por causa dele, segundo dizia.

— Talvez também — murmurou Véronique — ele tenha se lembrado daquela outra predição feita outrora a Vorski: *"Tu perecerás pela mão de um amigo e a tua mulher morrerá crucificada"*. Então, não é? Esta estranha coincidência deve tê-lo perturbado… ao ponto de chegar a inscrever no desenho as iniciais da minha assinatura de solteira, "V.d'H."?

E em voz mais baixa, acrescentou:

— E tudo se passou de acordo com a inscrição…

Calaram-se. Era impossível que eles próprios não pensassem também nas palavras escritas, desde há séculos, na página do missal e na pedra do dólmen. Se o destino ainda só oferecera vinte e sete vítimas aos trinta caixões de Sarek, não seriam eles as três últimas, ali prestes a completar o holocausto, presos, submetidos ao poder dos sacrificadores? E se no alto da encosta, perto do Grande Carvalho, ainda só se erguiam três cruzes, não iria em breve surgir a quarta para uma última condenada?

— François está demorando muito — disse Véronique, passado alguns instante.

Depois aproximou-se do abismo. A escada não se deslocara e continuava inacessível.

Então Stéphane disse:

— Os outros devem estar chegando… Estou admirado por não terem vindo ainda.

Mas eles não queriam confessar a sua ansiedade, e Véronique prosseguiu, com uma voz calma:

— E o tesouro? A pedra-deus?

— É um enigma não menos obscuro — disse Stéphane — e que igualmente se baseia apenas em um verso da inscrição, o último: A pedra-deus que dá morte ou vida. O que é esta pedra-deus? A tradição diz-nos que trata-se de uma pedra milagrosa e, segundo o senhor d'Hergemont, essa crença remonta às mais longínquas épocas. Em Sarek, sempre se

acreditou em uma pedra capaz de realizar prodígios. Na Idade Média, traziam crianças fracas e disformes, deitavam-nas durante dias e noites sobre essa pedra e elas levantavam-se depois com corpos sãos e robustos. Também as mulheres estéreis recorriam utilmente ao mesmo remédio, assim como os velhos, os feridos e todos os degenerados. Mas aconteceu que o lugar de peregrinação sofreu modificações e, segundo a tradição, a pedra foi transportada para outro local, e até havia quem dissesse que desaparecera. No século XVIII, era o Dólmen das Fadas que era venerado e, por vezes, ainda aí expunham as crianças escrofulosas.

— Mas — disse Véronique —, a pedra não tinha também propriedades maléficas, pois tanto levava à morte como dava a vida?

— Sim, se ela fosse tocada sem a permissão dos que tinham a missão de guardá-la e venerá-la. Mas, quanto a isso, o mistério ainda se complica mais, pois também se falava que é uma pedra preciosa, uma espécie de joia fantástica que liberta chamas, queima os que a tocam e impingem o suplício infernal.

— Foi isso que aconteceu a Maguennoc, segundo Honorine… — observou Véronique.

— Sim — respondeu Stéphane —, mas aí já entramos no presente. Até agora falei-lhe do passado fabuloso, das duas lendas, da predição e da pedra-deus. A aventura de Maguennoc sobre o período atual, que aliás não é menos tenebroso que o passado. O que aconteceu a Maguennoc? sem dúvida que nunca o saberemos. Já há oito dias que ele se mantinha afastado, sombrio e sem trabalhar, até que uma manhã irrompeu pelo escritório do senhor d'Hergemont, aos gritos: "*Toquei nela!… Estou perdido!… Toquei nela!… Agarrei-a com a mão… Ela queimava-me como fogo, mas eu quis guardá-la… Ah! Já há alguns dias que ela me corrói os ossos. É um inferno! Um inferno!*". E ele mostrou-nos a palma da mão, toda queimada, como se tivesse sido devorada por um câncer. Quiseram tratá-lo. Mas ele parecia completamente louco e balbuciava: "*Eu sou a primeira vítima… O fogo vai subir até o meu coração… E, depois de mim, serão os outros*". Nessa mesma noite, com uma machadada, decepou a mão. Uma semana mais tarde, depois de ter lançado o pavor na ilha de Sarek, ele foi embora.

— Para onde é que ele foi?

— Em uma peregrinação à capela de Faouët, junto do local onde você o encontrou morto.

— Mas quem o teria matado?

— Certamente uma dessas pessoas que se comunicavam entre si através dos sinais inscritos ao longo da estrada, uma dessas pessoas que vivem escondidas nas celas e que pretendem atingir qualquer objetivo, que ignoro qual seja.

— Aqueles que atacaram a você e a François?

— Sim, e que, logo a seguir, servindo-se das roupas que nos tiraram, se fizeram passar por mim e por François.

— Com que finalidade?

— Para entrar mais facilmente no Priorado e também, em caso de insucesso, para dificultar as investigações.

— Mas, desde que o têm aqui preso, ainda não os viu?

— Apenas vi, ou melhor, apenas vislumbrei uma mulher. Vem de noite. Traz-me o que comer e beber, desprende-me as mãos, desaperta um pouco as amarras das pernas e volta duas horas depois.

— Ela falou com você?

— Só uma vez, na primeira noite, em voz baixa e para me dizer que se eu chamasse, se gritasse ou tentasse fugir, François pagaria por mim.

— E quando foram atacados, não conseguiu vê-los?…

— Sobre isso sei tanto quanto François.

— E nada fazia prever essa agressão?

— Nada. Nessa manhã, o senhor d'Hergemont recebeu duas importantes cartas relacionadas com as investigações que ele estava fazendo sobre todos estes fatos. Uma delas, escrita por um velho nobre da Bretanha, conhecido pelas suas ideias monárquicas, era acompanhada de um documento curioso por ele encontrado entre os papéis do seu bisavô: o mapa das celas subterrâneas que os Chouans outrora ocuparam em Sarek. Evidentemente que eram as mesmas moradas Druídicas de que falam as lendas. O mapa indicava a entrada sob as Charnecas Negras e mostrava dois andares, que terminavam cada um deles por uma câmara de suplício. François e eu partimos então para uma exploração e foi quando regressávamos que nos atacaram.

— E depois, não fizeram nenhuma descoberta?

— Nenhuma.

— Mas François falou-me de que estava à espera de um socorro… alguém que prometera ajudar…

— Oh! Uma criancice, uma ideia de François, que se relaciona precisamente com a segunda carta recebida na mesma manhã pelo senhor d'Hergemont.

— E tratava-se de…?

Stéphane não respondeu imediatamente. Algo lhe fazia supor que estavam sendo espionados através da porta. Mas, ao aproximar-se do ralo, não viu ninguém do outro lado, no corredor.

— Ah — disse ele —, se alguém vem nos socorrer, que se apresse! De um momento para o outro eles vão chegar.

— Há então realmente uma possibilidade de ajuda?

— Oh, não devemos dar muita importância a isso — disse ele —, mas mesmo assim é bastante bizarro. Você sabe que Sarek foi várias vezes visitada por oficiais e comissários encarregados de explorar os acessos da ilha onde se podia dissimular alguma base de submarinos. Da última vez, o delegado especial, vindo de Paris, o capitão Patrice Belval, um mutilado de guerra, travou conhecimento com o senhor d'Hergemont, que lhe contou a lenda de Sarek e as apreensões que, apesar de tudo, começávamos a sentir. (Era o dia seguinte à partida de Maguennoc.) Esse relato interessou tanto ao capitão Belval que ele prometeu falar do assunto com um amigo seu de Paris, um nobre espanhol ou português, dom Luís Perenna, um ser fora do comum, segundo parece, capaz de desvendar os enigmas mais complicados e de solucionar os empreendimentos mais audaciosos. Alguns dias depois da partida do capitão Belval, o senhor d'Hergemont recebia desse tal dom Luís Perenna a carta de que lhe falei e da qual, infelizmente, só nos leu o princípio:

Caro senhor, considero o incidente de Maguennoc bastante grave e peço-lhe que, se houver novo sinal de alarme, telegrafe a Patrice Belval. Certos indícios fazem-me crer que você está à beira do abismo. Mas ainda que estivesse no fundo desse abismo, nada teria a recear, desde que eu fosse avisado a tempo. A partir desse momento, eu responderei por tudo o que quer que aconteça, mesmo quando tudo possa parecer perdido e até quando tudo esteja mesmo perdido.

Quanto ao enigma da pedra-deus, é uma coisa infantil e admira-me realmente que, apesar dos dados bastante suficientes que forneceu a

Belval, se possa considerá-lo por um instante como inexplicável. Eis em breves palavras o que intrigou tantas gerações de homens…

— E então? — disse Véronique, ávida de saber o resto.

— Como lhe disse, o senhor d'Hergemont não nos revelou o fim da carta. Ele leu-o diante de nós, ao mesmo tempo que ia murmurando com um ar espantado: *"Será possível?… Sim, sim, é isso… Que coisa prodigiosa!"*. E como o interrogávamos, ele respondeu: *"Contarei a vocês esta noite, meus filhos, quando voltarem das Charnecas Negras. Mas fiquem sabendo que este homem verdadeiramente extraordinário, não há outra palavra, me revelou sem mais nem menos o segredo da pedra-deus e o lugar exato onde ela se encontra, e de uma maneira tão lógica que não é possível qualquer dúvida"*.

— E nessa noite?

— Nessa noite, François e eu fomos raptados, e o senhor d'Hergemont assassinado.

Véronique refletiu.

— Quem sabe — disse ela — se não queriam roubar-lhe essa carta importante? Porque, enfim, o roubo da pedra-deus parece-me ser o único motivo que pode explicar todas as maquinações de que estamos sendo vítimas.

— Também penso isso, mas o senhor d'Hergemont, por recomendação de dom Luís Perenna, rasgou a carta na nossa frente.

— Mas, afinal, esse dom Luís Perenna não foi avisado.

— Não.

— No entanto, François…

— François ignora a morte do avô, e por isso não duvida que o senhor d'Hergemont, ao constatar o seu e o meu desaparecimento, não tenha prevenido dom Luís Perenna que, nesse caso, não poderia tardar. Além disso, François tem um outro motivo para esperar…

— Um motivo sério?

— Não, François é ainda uma criança. Leu muitos livros de aventuras que puseram a sua imaginação a funcionar. Ora, o capitão Belval contou-lhe coisas tão fantásticas sobre o seu amigo Perenna, descreveu-o sob uma aparência tão estranha, que François está persuadido de que dom Luís Perenna é, afinal, Arsène Lupin. Daí a sua confiança absoluta, e a certeza de que em caso de perigo a intervenção miraculosa se dará exatamente na hora em que for necessária.

Véronique não pôde deixar de sorrir.

— É uma criança, de fato, mas as crianças têm intuições que não se devem desprezar… E depois, isso dá-lhe coragem e boa disposição. Na sua idade, como ele teria suportado esta provação se não tivesse essa esperança?

A angústia apoderava-se dela novamente. Muito baixo, disse:

— Não importa de onde venha a salvação, desde que venha a tempo, e o meu filho não seja vítima desses terríveis seres.

Conservaram-se em silêncio durante bastante tempo. Sentiam sobre eles todo o aterrorizante peso do inimigo invisível e presente. Ele estava em todo o lado, dono e senhor da ilha, das habitações subterrâneas, das charnecas e dos bosques, do mar em volta, dos dólmens e dos caixões. Ele era o elo de ligação entre as épocas monstruosas do passado e as horas atuais, também monstruosas. Ele continuava a história segundo os ritos de outrora e desferia os golpes mil vezes anunciados.

— Mas por quê? Com que finalidade? O que é que tudo isto significa? — perguntava Véronique desencorajada. — Que relação pode se estabelecer entre estas pessoas de hoje e as do passado? Como explicar que tudo recomece segundo os mesmos métodos bárbaros?

Depois de um novo silêncio e porque, no fundo, para além das palavras trocadas e dos problemas insolúveis, não cessava de a perseguir esse pensamento obsessivo, ela pronunciou:

— Ah, se François estivesse aqui. Ah, se fôssemos os três para o combate. O que é que aconteceu com ele? O que é que o retém na cela? Um obstáculo imprevisto?…

Era a vez de Stéphane a reconfortar:

— Um obstáculo? Por que essa suposição? Não há obstáculo… Simplesmente é um trabalho demorado…

— Sim, sim, tem razão… o trabalho é demorado e difícil… Ah, tenho certeza de que ele não perdeu a coragem. Que boa disposição a dele. Que confiança. "*Uma mãe e um filho que se reencontram já não podem ser separados um do outro*", dizia-me ele. "*Ainda podem perseguir-nos, mas separar-nos, nunca. Por último, seremos nós os vencedores.*" Ele falava a verdade, não acha, Stéphane? Eu não reencontrei o meu filho para voltar a perdê-lo, não é?… Não, não, isso seria demasiado injusto, e não é admissível…

Stéphane olhou-a, surpreendido por ela se ter calado. Véronique pusera-se à escuta.

— O que é? — perguntou Stéphane.

— Ruídos… — disse ela.

Também ele se pôs à escuta.

— Sim… sim… é verdade…

— Talvez seja François… — disse ela. — Talvez seja lá em cima.

Ela ia levantar-se. Stéphane a deteve.

— Não, é um ruído de passos no corredor…

— Então?… Então?… — disse Véronique.

Eles olhavam um para o outro, desvairados, sem tomar decisão alguma, sem saber o que fazer…

O ruído tornava-se cada vez mais próximo. O inimigo não devia suspeitar de nada, pois eram passos de alguém que não pretendia esconder a sua aproximação.

Stéphane, em voz baixa, disse:

— É preciso que não me vejam de pé… Vou voltar para o meu lugar… Tente me amarrar outra vez…

Ficaram hesitantes, como se tivessem a esperança absurda de que o perigo se afastasse por si mesmo. E depois, de repente, arrancando-se àquela espécie de entorpecimento que a paralisava, Véronique se resolveu.

— Depressa… aí estão eles… está ouvindo?…

Ele obedeceu. Em alguns segundos, ela tornou a colocar as cordas em volta dele, como as encontrara, mas sem se dar ao trabalho de refazer os nós.

— Vire-se para o lado da rocha — disse ela —, esconda as mãos… podem denunciá-lo.

— E você?

— Não tenha medo.

Ela abaixou-se e encostou-se contra a porta, cujo ralo, com lâminas de ferro, fazia uma reentrância, de tal maneira que não podiam vê-la.

Nesse mesmo momento, no exterior, o inimigo detinha-se. Apesar da espessura da porta, Véronique ouviu o roçar de um vestido.

E, por cima dela, alguém olhava.

Um instante assustador. O mínimo indício e seria o alarme.

“Ah, por que fica ali?”, pensou Véronique. “Haverá algum vestígio da minha presença?… O meu vestido?…”

Imaginou que talvez fosse por causa de Stéphane, cuja atitude não parecia natural, ou porque as amarras não tivessem o seu aspeto habitual.

E, de repente, houve um movimento no exterior e ouviu-se por duas vezes um ligeiro assobio.

Então, da parte mais longínqua do corredor, chegou um outro ruído de passos, que ia aumentando no silêncio solene e que só parou, como o anterior, atrás da porta. Algumas palavras foram trocadas. Combinavam qualquer coisa.

Com gestos cuidadosos, Véronique levou a mão ao bolso. Tirou o revólver e pôs o dedo no gatilho. Caso entrassem, ela se levantaria e atiraria sem hesitar. A mínima hesitação não significaria o fim de François?

A Câmara da Morte

O cálculo de Véronique apenas se justificaria se a porta abrisse para o exterior e os inimigos ficassem logo a descoberto. Ela rapidamente examinou o batente e constatou que havia embaixo, contrariamente a toda a lógica, um grande ferrolho sólido e maciço. Iria servir-se dele?

Não teve tempo para refletir nas vantagens e nos inconvenientes desse projeto. Ouvira um tilintar de chaves e, quase ao mesmo tempo, o ruído de uma chave entrando na fechadura.

A visão muito nítida do que podia acontecer chocou Véronique. Perante a chegada dos agressores, desamparada, com movimentos perturbados, ela faria mal a pontaria e os tiros não atingiriam o alvo. Nesse caso, eles fechariam outra vez a porta e, sem demora, correriam até à cela de François.

Esta ideia a colocou fora de si, e o ato que realizou foi instintivo e imediato. Com um gesto, fechou o ferrolho de baixo. Com outro gesto, depois de ter se erguido um pouco, empurrou a portinhola de ferro do postigo. O trinco fechou-se. Já não podiam entrar nem olhar.

Ela compreendeu imediatamente o absurdo deste ato, que não levantaria obstáculo algum às ameaças do inimigo. Stéphane, que se aproximara, disse-lhe:

— Meu Deus, o que é que você fez? Eles viram que eu não me mexi, e saberão que não estou só.

— Exatamente — disse ela, tentando defender-se. — Eles vão querer arrombar a porta, o que nos dará todo o tempo necessário.

— O tempo necessário para quê?

— Para fugirmos.

— Como?

— François vai nos chamar… François…

Ela não terminou. Ouviam agora o ruído dos passos que se distanciavam rapidamente nas profundezas do corredor. Não havia dúvida: o inimigo, sem se importar com Stéphane, cuja evasão parecia impossível, dirigia-se para o andar superior. Não poderia ele supor que os dois amigos estavam combinados, e que era o rapaz que se encontrava na cela de François e que fechara a porta?

Véronique precipitara assim os acontecimentos da maneira que, por tantos motivos, ela mais receava: lá em cima, François seria surpreendido exatamente no momento em que se dispunha a fugir.

Ficou aterrorizada.

— Por que vim eu aqui? — murmurou ela. — Era tão simples esperar por ele. Nós dois conseguiríamos com toda a certeza salvá-lo…

Na confusão do seu espírito surgiu uma ideia: não quisera apressar a libertação de Stéphane porque sabia que ele a amava? E não fora uma curiosidade indigna que a lançara naquele empreendimento? Detestável ideia, que imediatamente afastou, dizendo:

— Não, era preciso vir. É o destino que nos persegue.

— Não pense assim — disse Stéphane —, vai tudo acabar bem.

— É tarde demais! — disse ela, abanando a cabeça.

— Por quê? Que prova temos de que François não fugiu da cela? Ainda há pouco você pensava que sim…

Ela não respondeu. O seu rosto contraía-se, completamente pálido. À custa de sofrimento, adquirira uma espécie de intuição do mal que a ameaçava. E o mal estava em todo o lado. As provações recomeçavam, ainda mais terríveis que as anteriores.

— A morte nos espreita — disse ela.

Ele tentou sorrir.

— Está falando como falava a gente de Sarek. Tinha os mesmos medos…

— Eles tinham razão para ter medo. E até você deve sentir o horror de tudo isto.

Lançou-se para a porta, puxou o ferrolho, tentou abrir, mas que podia ela contra aquele batente maciço e reforçado com placas de ferro? Stéphane pegou-lhe no braço.

— Espere… Ouça… Parece…

— Sim — disse ela —, estão batendo lá em cima… por cima de nós… na cela de François…

— Não, não, ouça…

Depois de um longo silêncio, as pancadas ressoaram na espessa falésia.

Era por baixo deles.

— As mesmas pancadas que ouvi hoje de manhã… — disse Stéphane, assustado. — O mesmo trabalho de que lhe falei… Ah, compreendo…

— O quê? Que quer dizer?…

As pancadas repetiam-se com intervalos regulares e então ouviu-se um ruído surdo, ininterrupto e rangidos mais agudos e estalidos súbitos. Parecia uma máquina a ser posta em movimento, um desses cabrestantes que à beira-mar servem para puxar os barcos.

Véronique escutava, em uma desvairada expectativa do que ia suceder, procurando adivinhar, atenta a qualquer indício nos olhos de Stéphane, que permanecia diante dela e que a olhava como se olha em um momento de perigo a mulher que se ama.

E de repente ela se desequilibrou, e teve de se apoiar com a mão na parede. Dir-se-ia que a gruta, que toda a falésia, se movimentava no espaço.

— Oh! Sou eu que estou tremendo?… — murmurou ela. — Ou é o medo que me sacode dos pés à cabeça?

Agarrou violentamente as mãos de Stéphane e pediu-lhe:

— Responda… quero saber…

Ele não respondeu. Não havia medo algum nos seus olhos úmidos de lágrimas de Stéphane, apenas um imenso amor, um desespero sem limites. Só pensava nela.

Era necessário, aliás, explicar-lhe o que se passava? A realidade não surgia por si mesma, à medida que os segundos passavam? Estranha realidade, sem relação com os acontecimentos habituais, extrapola tudo o que a imaginação pode inventar no domínio do mal; estranha realidade que Véronique, começando a perceber-lhe os sinais, se recusava ainda a considerar.

Como se fosse um alçapão, mas um alçapão que funcionava ao contrário, o quadrado de traves enormes, situado no meio da gruta, levantava-se, girando à volta do eixo imóvel que formava a sua charneira ao longo do abismo. O movimento, quase imperceptível, era o de uma enorme

tampa se abrindo, e parecia um trampolim que subia desde a entrada até ao fundo da gruta, trampolim ainda de fraca inclinação, e sobre o qual era fácil manter o equilíbrio…

A princípio, Véronique julgou que a finalidade do inimigo era esmagá-los entre o implacável soalho e o granito da abóbada. Mas, logo a seguir, compreendeu que a abominável máquina, ao elevar-se como uma ponte levadiça que se fecha, serviria para precipitá-los no abismo. E isso aconteceria, invariavelmente. O desenlace era fatal, inevitável. O que quer que tentassem, quaisquer que fossem os seus esforços para se agarrarem, chegaria uma altura em que a ponte levadiça se ergueria completamente, ficando em posição vertical, como se fosse parte integrante da abrupta falésia.

— É terrível… é terrível… — murmurou ela.

Continuavam de mãos dadas. Stéphane chorava silenciosamente. Ela disse:

— Não há nada a fazer, não é?

— Nada — respondeu ele.

— No entanto, há algum espaço ao redor deste chão. A gruta é redonda. Podíamos…

— O espaço é muito pequeno. Se tentássemos nos colocar entre os três lados do quadrado e as paredes, seríamos esmagados. Tudo isto foi calculado. Pensei nisso muitas vezes.

— E então?

— Temos que esperar.

— Por quem? Por quem?

— Por François.

— Oh! François — disse ela, suspirando —, talvez ele também esteja condenado… Ou talvez esteja à nossa procura e caia em alguma armadilha. De qualquer maneira, eu não chegarei a vê-lo… E ele nada saberá… Nem sequer verá a mãe antes de morrer…

Véronique apertou-lhe as mãos com mais força e disse;

— Stéphane, se um de nós escapar da morte… e espero que seja você…

— Será você — disse ele com convicção. — Espanta-me que o inimigo inflija a você o meu suplício. Mas, certamente, ignoram que você esteja aqui…

— Também isso me espanta… — retorquiu Véronique. — É outro suplício que está reservado para mim… Mas que me importa, se não volto a ver o meu filho! Stéphane, eu deixo-o aos seus cuidados, está bem? Sei tudo o que já fez por ele…

O soalho continuava a subir muito devagar, com uma trepidação irregular e bruscos sobressaltos. A inclinação acentuava-se. Mais alguns minutos e já não conseguiriam falar à vontade e com calma.

Stéphane respondeu;

— Se eu sobreviver, juro que levo a minha tarefa até ao fim. Juro pela memória…

— Pela minha memória — disse ela com firmeza —, pela memória da Véronique que conheceu… e amou.

Ele olhou-a apaixonadamente;

— Então sabe?…

— Sim, digo-lhe com franqueza. Li o seu diário… Sei do seu amor… e aceito-o…

Ela sorriu tristemente.

— Infeliz amor que você oferecia àquela que estava ausente… e que agora oferece àquela que vai morrer…

— Não, não — disse ele ansiosamente —, não acredite nisso… A salvação talvez não tarde… eu sinto-o, o meu amor não faz parte do passado, mas sim do presente.

Ele quis beijar-lhe as mãos.

— Dê-me um beijo — disse ela, oferecendo-lhe a fronte.

Ambos tiveram de pôr um pé na beira do abismo, sobre a estreita faixa de granito ao longo do quarto lado do trampolim.

Beijaram-se com voracidade.

— Segure-me bem — disse Véronique.

Inclinou-se o máximo possível, levantando a cabeça, e chamou com uma voz abafada:

— François… François…

Mas não havia ninguém na abertura superior. A escada continuava suspensa em um dos ganchos, fora de alcance.

Véronique debruçou-se sobre o mar. Naquele local a falésia era menos saliente e ela viu, entre os recifes rodeados de espuma, um pequeno lago de águas paradas, completamente tranquilas, e tão profundas que não se

conseguia ver o fundo. Pensou que a morte seria ali mais doce que sobre os recifes pontiagudos e disse a Stéphane, com um súbito desejo de morrer e de escapar àquela lenta agonia:

— Por que esperar pelo desenlace? Mais vale morrer do que viver esta tortura…

— Não, não diga isso — exclamou ele, revoltado contra a ideia da morte de Véronique.

— Então vai esperar?

— Até o último segundo por sua causa.

— Eu não vou esperar mais.

Também ele já não tinha esperança alguma, mas desejava tanto poder acabar com a dor de Véronique e ficar ele com todo o peso da provação suprema!

O soalho continuava a subir. A trepidação cessara e a inclinação acentuava-se, atingindo já a parte inferior do postigo, a meia altura da porta. Mas houve um movimento brusco, um choque violento, e todo o postigo ficou coberto. Tornava-se impossível ficar de pé.

Eles deitaram-se no soalho inclinado, apoiando os pés sobre a faixa de granito.

Houve duas sacudidelas, provocando cada vez um impulso mais forte da extremidade superior. O cimo da parede do fundo foi atingido e a enorme máquina movia-se pouco a pouco, sob a abóbada, em direção à abertura da gruta. Era óbvio que ela se ajustaria perfeitamente a essa abertura e que a fecharia hermeticamente, como se fosse uma ponte levadiça. A rocha fora talhada para que o sinistro trabalho fosse feito sem deixar lugar ao acaso.

Eles não pronunciavam sequer uma palavra. De mãos dadas, estavam resignados. A morte tornava-se como que um acontecimento decretado pelo destino. A máquina fora construída há muitos séculos, depois reconstruída, certamente reparada, aperfeiçoada e, ao longo dos séculos, movida por invisíveis carrascos, levara à morte condenados, criminosos, inocentes, gente da Armórica, da Gália, da França ou de raça estrangeira. Prisioneiros de guerra, monges sacrílegos, camponeses perseguidos, *chouans*, recrutas, soldados da Revolução — um a um — o monstro os lançara no abismo.

Agora era a vez deles.

Mas nem sequer tinham esse amargo alívio que se encontra no ódio e no furor. Odiar a quem? Iam morrer no meio das mais espessas trevas, sem que um rosto inimigo surgisse dessa noite implacável. Morreriam por motivos que ignoravam, para completar a conta, poder-se-ia dizer, e para que se cumprissem absurdas profecias, vontades imbecis, como se fossem ordens dadas por deuses bárbaros e formuladas por sacerdotes fanáticos. Eles eram, coisa inaudita, as vítimas de um qualquer sacrifício expiatório, de um qualquer holocausto oferecido às divindades de uma religião sanguinária!

A parede levantava-se por trás deles. Mais alguns minutos e ficaria na vertical. O desenlace se aproximava.

Várias vezes Stéphane teve que deter Véronique. Um crescente terror perturbava o espírito da jovem mulher. Ela queria atirar-se.

— Por favor — balbuciava ela —, deixe-me… estou sofrendo tanto…

Se não tivesse encontrado o filho, teria mantido até ao fim o seu domínio próprio. Mas a imagem de François a perturbava. Também o rapaz devia estar preso… iriam torturá-lo e imolá-lo tal como à mãe, sobre o altar dos execráveis deuses.

— Não, não, ele vem… — afirmava Stéphane. — Será salva… eu quero que seja… tenho a certeza…

Desorientada, ela respondia:

— Ele está preso como nós… estão queimando-o com tochas… atravessando-o com flechas… dilaceram-lhe a carne… Ah, meu pobre filho!…

— Ele vem… Ele disse, nada pode separar uma mãe e um filho que se reencontraram…

— Foi na morte que nos reencontramos… será a morte que nos reunirá… E que seja já!… Não quero que ele sofra…

A dor era demasiado intensa. Ela fez um esforço para desprender as mãos das de Stéphane e ia atirar-se. Mas logo a seguir voltou a encostar-se à ponte levadiça e, ao mesmo tempo que Stéphane, deu um grito de espanto.

Qualquer coisa passara diante dos seus olhos e depois desaparecera.

Vinha do lado esquerdo.

— A escada… é a escada… não é? — murmurou Stéphane.

— Sim, sim é François… — disse Véronique, ofegante de alegria e de esperança.

— Ele está salvo… Vem socorrer-nos…

Nesse momento, a parede do suplício estava quase na vertical. Estremecia sob os ombros deles, implacável. Já não existia nenhuma gruta por trás. Eles pertenciam agora ao abismo, apenas apoiados sobre a estreita faixa de granito. Véronique inclinou-se novamente. A escada voltou, depois imobilizou-se, presa pelos seus dois ganchos.

Em cima, na concavidade da abertura, estava o rosto de um rapaz, que sorria e gesticulava.

— Mamãe, mamãe… depressa…

O chamado era apressado e apaixonado. Ele estendia os dois braços para eles. Véronique disse:

— Ah! É você… é você, meu querido…

— Depressa, mamãe, eu seguro a escada… Depressa… não há perigo nenhum…

— Está bem, meu querido… eu vou…

Ela agarrara a escada. Desta vez, ajudada por Stéphane, não lhe custou a subir o último degrau. E disse-lhe:

— E você, Stéphane? Vem atrás de mim, não vem?

— Tenho tempo — respondeu ele —, suba depressa…

— Não, prometa-me…

— Eu juro, suba depressa…

Ela subiu quatro degraus e parou para dizer:

— Então não vem, Stéphane?

Ele já se virara contra a falésia e pusera a mão esquerda em uma estreita fissura entre a ponte levadiça e a rocha. Com a mão direita agarrou a escada e conseguiu pôr um pé sobre o degrau inferior. Também ele estava salvo.

Com que alegria Véronique atravessou o espaço. Mesmo que o vazio se abrisse por baixo dela, o que importava, se o filho estava ali à sua espera e ela enfim poderia abraçá-lo?

— Aqui estou… aqui estou — dizia ela —, aqui estou, meu querido!

Passou rapidamente a cabeça e os ombros para dentro da janela. O rapaz puxou-a. Ela saltou. Estava enfim junto do filho. Lançaram-se nos braços um do outro.

— Ah… Mamãe… Será possível, mamãe?…

Mas mal ela o tinha abraçado e logo se afastou um pouco para trás.

Por quê? Não sabia. Um mal-estar inexplicável detinha o seu entusiasmo.

— Anda, venha aqui — disse ela, levando-o até à janela para vê-lo à luz do dia. — Venha, quero olhar para você.

O rapaz deixou-se levar. Ela olhou-o durante dois ou três segundos, não mais, e de repente, com um sobressalto de pavor, exclamou:

— Então é você? É você o assassino?

Que horror. Ela reconhecia o mesmo rosto do monstro que matara diante dela o senhor d'Hergemont e Honorine.

— Então me reconhece? — troçou ele.

Pelo tom de voz do rapaz, Véronique compreendeu o seu engano. Aquele não era François, mas o outro, aquele que desempenhara o seu papel infernal com as roupas habituais de François.

Ele troçou de novo:

— Ah, começa a perceber, minha senhora. Reconhece-me, não é?

O rosto execrável contraía-se, tornava-se maldoso, cruel, animado pela mais vil expressão.

— Vorski… Vorski!… — balbuciou Véronique. — É Vorski quem eu vejo em você…

Ele desatou a rir.

— Por que não?… Julga que vou renegar o meu pai, como você fez?

— O filho de Vorski?… O filho dele… — repetia Véronique.

— Meu Deus. Sim, o filho dele… o que você queria? Ele tinha o direito de ter dois filhos, o bom homem. Primeiro eu, e depois o dócil François.

— O filho de Vorski. — disse Véronique outra vez.

— É um bravo rapaz, minha senhora, juro a você, digno do pai, educado nos bons princípios. Já demonstrei isso, hein? Mas ainda não acabou… ainda nem sequer começamos… Olha, quer que dê outra prova? Veja então esse tolo do professor… Veja só como é, quando eu me meto…

Em um segundo aproximou-se da janela. A cabeça de Stéphane apareceu. O rapaz agarrou uma pedra e bateu com toda a força, repelindo o fugitivo.

Véronique, que hesitara no primeiro momento, não percebendo a ameaça, lançou-se e agarrou o braço do rapaz. Demasiado tarde. A cabeça

desapareceu. Os ganchos da escada desprenderam-se. Ouviu-se um grande barulho e depois, embaixo, o ruído de uma queda na água.

Véronique correu imediatamente para a janela. A escada flutuava sobre a parte visível do pequeno lago, imóvel no meio dos recifes. Nada indicava o local onde Stéphane caíra. Nenhum refluxo das águas. Nem sequer uma ondulação.

Ela chamou:

— Stéphane…. Stéphane….

Nenhuma resposta. Só o grande silêncio do espaço, em que a brisa se cala e o mar adormece.

— Ah, miserável, o que você fez? — disse Véronique.

— Não chore, senhora… — retorquiu ele. — O senhor Stéphane educava muito mal o seu filho. Vá, é preciso rir. E se nos abraçássemos? Quer filhinha do papai? Ora, mas que cara! Então me detesta mesmo?

Ele aproximava-se, de braços estendidos. Impetuosamente, ela apontou-lhe o revólver.

— Vá embora… vá embora ou eu mato você, como a um animal sarnento. Vá embora…

O rosto do rapaz tornou-se ainda mais selvagem. Ele recuou passo a passo, resmungando:

— Ah, vai pagar por isto, minha linda. Então. Quero abraçar você, cheio de bons sentimentos, e você quer disparar? Vai me pagar com sangue… com sangue bem vermelho a correr… com sangue… com sangue…

Ele exultava ao pronunciar esta palavra. Repetiu-a várias vezes e depois, novamente, lançou uma gargalhada maldosa e fugiu pelo túnel que conduzia ao Priorado, gritando:

— Com o sangue do seu filho, mamãe Véronique… o sangue do seu querido François.

A Fuga

Tremendo, indecisa, Véronique ficou à escuta até que o último passo ressoou. Que fazer? O assassinato de Stéphane desviara por um instante o seu pensamento de François, e agora ela sentia-se novamente angustiada. Que acontecera ao seu filho? Deveria ir procurá-lo no Priorado e defendê-lo dos perigos que o ameaçavam?

— Vejamos, vejamos — disse ela —, estou perdendo a cabeça… Bem, tenho de pensar… Há algumas horas François falava-me através das paredes da sua cela… era mesmo ele… era mesmo François quem, ontem, me pegava na mão e a acariciava com os seus beijos… Uma mãe não se engana, e eu me estremecia de ternura e amor… Mas depois… depois dessa manhã, ele não saiu da prisão?

Ficou pensativa e depois pronunciou lentamente:

— Foi isso… foi isso que se passou… Embaixo, no andar inferior, Stéphane e eu fomos surpreendidos. O monstro, o filho de Vorski, subiu precisamente para vigiar François. Encontrou a cela vazia e, vendo a abertura que fora feita, rastejou até aqui. Sim, foi isso… Senão, por que caminho podia ele ter vindo?… Chegado aqui, lembrou-se de ir até à janela, pensando que ela dava para o mar e que fora por aí que François se evadira… Viu logo os ganchos da escada. Depois, debruçando-se, viu-me, reconheceu-me e chamou-me… E agora… agora dirige-se para o Priorado onde, inevitavelmente, encontrará François…

Contudo, Véronique não se mexia. Tinha a intuição de que o perigo não estava no Priorado, mas ali mesmo, junto das celas. Perguntava a si própria se François conseguira realmente fugir e se, antes que a sua tarefa tivesse terminado, não teria sido surpreendido pelo outro e sido agredido.

Terrível dúvida! Baixou-se, decidida, e constatando que a abertura fora alargada, quis passar por ali. Mas a passagem, quando muito suficiente para uma criança, era demasiado estreita para ela e os seus ombros não cabiam. Mas não desistiu, rasgou o vestido, feriu-se na rocha e, finalmente, à custa de muita paciência, conseguiu passar.

A cela estava vazia. Mas a porta que dava para os corredores estava aberta e Véronique teve a impressão — apenas a impressão, pois pouca luz entrava pela janela — de que alguém saía da cela por essa porta aberta. E dessa visão tão confusa de uma silhueta que quase não vira, ela ficara com a certeza de que era uma mulher que estava ali escondida, no corredor, uma mulher surpreendida pelo seu inesperado aparecimento.

"É cúmplice deles", pensou Véronique. "Ela subiu com o rapaz que matou Stéphane e certamente levou François… Talvez François ainda esteja ali, mesmo perto de mim, enquanto ela me espia…"

Entretanto, os olhos de Véronique acostumaram-se à penumbra e viu distintamente que, sobre o batente da porta, que se abria para o interior, estava a mão de uma mulher puxando-a devagar.

"Por que ela não fecha a porta logo?", perguntou Véronique a si mesma. "Por que, já que é evidente que ela quer interpor essa barreira entre nós?"

A resposta, Véronique conheceu-a ao ouvir, sob o batente, o rangido sobre uma pedra que dificultava o movimento da porta. Uma vez removido esse obstáculo, a porta se fecharia. Sem hesitar, Véronique avançou, agarrou a enorme maçaneta de ferro e puxou para si. A mão desapareceu, mas a força contrária continuou. Devia haver também uma maçaneta do outro lado.

Imediatamente se ouviu um assobio. A mulher pedia socorro. E, quase ao mesmo tempo, no corredor, a alguma distância da mulher, um grito:

— Mamãe! Mamãe!

Ah, aquele grito, com que profunda emoção o ouviu Véronique! O seu filho, o seu verdadeiro filho chamava-a, o seu filho ainda prisioneiro, mas vivo! Que alegria mais que humana!

— Estou aqui, meu filho.

— Depressa, mamãe, eles me amarraram, e o assobio é o sinal deles… eles vêm aí.

— Estou aqui… antes disso eu vou salvar você!…

Ela não duvidava desse desfecho. Parecia-lhe que as suas forças não tinham limites, e que nada poderia resistir à tensão exasperada de todo o seu ser. De fato, o adversário enfraquecia e pouco a pouco cedia terreno.

A abertura da porta tornava-se maior, e subitamente a luta terminou.

Véronique passou.

A mulher fugira já pelo corredor e puxava o rapaz por uma corda, para obrigá-lo a andar, apesar das amarras que o prendiam. Vã tentativa! E ela logo desistiu. Véronique aproximava-se com o revólver na mão.

A mulher largou o rapaz e ficou sob a claridade que vinha das celas abertas. Estava vestida de lã branca, com um cordão ao redor da cintura, os braços seminus, o rosto ainda jovem, mas sem vida, magro e enrugado. Os cabelos eram louros, com algumas madeixas brancas. Os olhos brilhavam de ódio.

As duas mulheres olharam-se, sem uma palavra, como duas inimigas que se confrontavam, e entre as quais a luta iria recomeçar. Triunfante, Véronique quase sorria, com um sorriso de desafio. Por fim, disse:

— Se tocar com um dedo no meu filho, eu te mato. Vá embora.

A mulher não estava com medo. Parecia refletir e escutava, esperando por socorro. Ninguém vinha. Então, baixou os olhos para François e fez um movimento como se fosse agarrar novamente a sua presa.

— Não toque! nele — disse Véronique com violência. — Não toque nele, ou eu atiro!

A mulher encolheu os ombros e retorquiu;

— Não é preciso ameaçar. Se eu quisesse matar o teu filho, já o teria feito. Mas ainda não chegou a hora dele, e não sou eu quem vai matá-lo.

Contra sua vontade, Véronique murmurou, estremecendo:

— E quem vai matá-lo?

— O meu filho. Sabe… aquele que você viu ainda agora.

— É o seu filho, o assassino… o monstro….

— É o filho de…

— Cale-se! Cale-se… — ordenou Véronique, compreendendo que aquela mulher fora amante de Vorski, e receando que ela fizesse alguma revelação diante de François. — Cale-se, esse nome não deve ser pronunciado.

— Será, quando for preciso — disse a mulher. — Ah, como eu sofri por tua causa, Véronique, agora é a sua vez, e isto ainda é só o começo…

— Vá embora — gritou Véronique, com a arma ainda apontada.

— Não é preciso ameaçar outra vez.

— Vá embora ou disparo. Pela vida do meu filho, juro que o faço.

A mulher recuou, já inquieta. Mas um novo acesso de raiva agitou-a. Impotente, ergueu os punhos e articulou, com uma voz rouca e brusca.

— Vou me vingar… vai ver, Véronique… A cruz… compreende? A cruz já está lá… Você é a quarta… Que vingança!

Os seus punhos secos e nodosos agitavam-se. Disse ainda;

— Ah, como eu odeio você! Quinze anos de ódio! Mas a cruz vai me vingar… Serei eu, serei eu que vou pendurá-la lá em cima… a cruz já está lá… você vai ver… a cruz já está lá…

Ela afastou-se muito lentamente, muito enfurecida, sob a ameaça do revólver.

— Mamãe, não vai matá-la, não é? — murmurou François, adivinhando a luta que se desenrolava na alma da mãe.

Véronique pareceu despertar e respondeu;

— Não, não tenha medo… No entanto, talvez eu devesse…

— Oh! Por favor, deixe-a, mamãe, e vamos embora.

Ela pegou-o nos seus braços, assim que a mulher desapareceu, apertou-o contra si e levou-o até à cela, como se não pesasse mais que uma criancinha.

— Mamãe… mamãe… — dizia ele.

— Sim, meu querido, é a tua mamãe, e ninguém nos separará outra vez, eu juro.

Sem se importar com os ferimentos que a pedra lhe provocava, deslizou, desta vez facilmente, pela fenda que François fizera na parede, depois puxou o menino e, sem demora, desfez-lhe as amarras.

— Aqui já não há perigo — disse ela —, pelo menos por agora, pois não nos podem atacar a não ser por aquela cela, e eu vigiarei a entrada.

Ah, que abraço, apertados um contra o outro! Nenhum obstáculo separava agora os seus lábios e os seus braços. Podiam ver-se, beijar-se, olhar-se nos olhos.

— Meu Deus! Como é lindo, meu François — dizia Véronique.

Ela não lhe encontrava nenhuma semelhança com o rapaz assassino, e espantava-se que Honorine pudesse tê-los confundido um com o outro. Não se cansava de admirar a nobreza, a franqueza e a doçura do seu filho.

— E você, minha mamãe — dizia ele —, eu não imaginava ter uma mãe tão bonita como você! Não, nem sequer nos meus sonhos, quando me aparecia como uma fada. E no entanto Stéphane disse-me muitas vezes…

Ela interrompeu-o;

— Temos de nos apressar, meu querido, eles vão perseguir-nos. Vamos embora.

— Sim — disse ele —, vamos embora de Sarek. Tenho um plano para fugirmos, que vai dar certo. Mas, primeiro, Stéphane… que lhe aconteceu? Ouvi por cima da minha cela o ruído do qual lhe falei e receio…

Sem responder à pergunta, ela levou-o pela mão.

— Tenho muitas coisas para contar a você, meu querido, coisas dolorosas que não pode continuar a ignorar. Mas, daqui a pouco… Agora temos de nos refugiar no Priorado. Aquela mulher vai procurar socorro e seguir-nos.

— Mas ela não estava só, mamãe, quando entrou de repente na minha cela e me surpreendeu fazendo o buraco na parede. Vinha alguém com ela…

— Um rapaz, não era? Um menino da tua idade?

— Quase não o vi. Atiraram-se sobre mim, a mulher e ele, amarraram-me e levaram-me para o corredor, depois a mulher desapareceu por um instante, e ele voltou para a cela. Agora ele conhece este túnel e a saída que dá para o Priorado.

— Sim, eu sei, mas nós podemos enfrentá-lo e esconderemos essa saída.

— Mas ainda há a ponte que liga as duas ilhas! — objetou François.

— Não — disse ela — eu a incendiei. O Priorado ficou completamente isolado.

Caminhavam rapidamente, Véronique acelerando o passo, François um pouco inquieto com as palavras que a mãe pronunciava.

— Sim, sim… — dizia ele —, percebo realmente que há muitas coisas que ignoro, e que você esconde para não me assustar, mamãe. Como a ponte que incendiou… Com a gasolina armazenada, não foi? E como fora combinado com Maguennoc, em caso de perigo?… Então também a ameaçavam, e a luta começou contra você, mamãe? E depois, tantas palavras que aquela mulher disse, com tanto ódio!… E depois… e depois, sobretudo, o que aconteceu a Stéphane? Na minha cela, ainda há pouco, falaram dele, em voz baixa… Tudo isso me atormenta… Também já não

vejo a escada que você trouxe…

— Por favor, meu querido, não podemos perder nem um instante. A mulher deve ter encontrado ajuda… Devem vir atrás de nós.

O rapaz parou.

— Mamãe…

— O que é? Está ouvindo alguma coisa?

— Ouço passos.

— Tem certeza?

— Vem alguém na nossa direção…

— Ah! É o assassino que volta do Priorado… — disse ela cautelosamente.

Agarrou o revólver pronta para tudo. Mas de repente empurrou François para um canto escuro, que se abria à direita, e que era formado pelo entroncamento dos túneis, provavelmente obstruídos, e que ela já notara durante a vinda.

— Ali… — disse ela — ficaremos bem… ele não nos verá.

O ruído tornava-se cada vez mais próximo.

— Esconda-se bem — disse ela — e não se mexa…

O rapaz murmurou:

— O que tem na mão?… O seu revólver… Ah, mamãe, não vai disparar…

— Devia fazê-lo… devia… — disse Véronique. — Ele é um monstro!… É como a mãe… eu devia… ainda vamos nos arrepender…

E quase sem ter consciência do que dizia, ela acrescentou:

— Ele matou o teu avô.

— Ah! Mamãe… mamãe…

Ela segurou-o para que ele não caísse e, no silêncio, ouviu o choro do rapaz, que soluçava encostado a ela e balbuciava:

— Não importa… não atire… mamãe…

— Aí está ele… meu querido… silêncio… aí está ele… olha…

O outro passou. Caminhava devagar, um pouco curvado, de ouvido à escuta. Pareceu a Véronique exatamente do mesmo tamanho do filho e, desta vez, olhando-o com mais atenção, não se admirou muito que Honorine e o senhor d'Hergemont tivessem se enganado, pois havia realmente alguma semelhança, que fora acentuada pelo gorro vermelho roubado a François.

Ele afastou-se.

— Conhece-o? — perguntou Véronique.

— Não, mamãe.

— Tem certeza de que nunca o viu antes?

— Nunca.

— E foi realmente ele que se atirou sobre você, na cela, com aquela mulher?

— Não duvido disso, mamãe. Ele até me bateu na cara, sem razão, cheio de ódio.

— Ah! Tudo isto é incompreensível — disse ela. — Quando é que nos livraremos deste pesadelo?

— Depressa, mamãe, o caminho está livre. Vamos aproveitar.

À luz, ela viu que ele estava completamente pálido e sentiu a sua mão gelada. Contudo, ele sorriu-lhe com um ar feliz.

Recomeçaram a andar e, passado pouco tempo, depois de terem atravessado a falésia que ligava as duas ilhas e subido as escadas, saíram para o ar livre, à direita do jardim de Maguennoc. O dia começava a escurecer.

— Estamos salvos — disse Véronique.

— Sim — retorquiu o rapaz —, mas só se não puderem nos seguir pelo mesmo caminho. Temos que escondê-lo.

— Como?

— Espera por mim, vou buscar ferramentas no Priorado.

— Oh! Não, não vamos nos separar, François.

— Então vamos juntos, mamãe.

— E se o inimigo chegar? Não, é preciso vigiar esta saída.

— Então, ajude-me, mamãe…

Em um rápido exame verificaram que uma das duas pedras que formavam a parte superior da entrada não estava segura com muita solidez. Não lhes custou muito, de fato, abaná-la primeiro e depois fazê-la cair. A pedra ficou atravessada na escada e foi logo coberta por um monte de terra e de pedregulhos que tornavam a passagem, se não impraticável, pelo menos difícil.

— Vamos ficar aqui — disse François — até podermos pôr o meu plano em execução. E fique tranquila, mamãe, a ideia é boa e não estamos muito longe do fim.

Mas, antes de tudo, eles reconheceram que precisavam descansar. Tanto um como o outro estavam esgotados.

— Deite-se, mamãe… olha, aqui… há um tapete de musgo, sob este rochedo que forma uma espécie de nicho. Ficará aqui como uma rainha, abrigada do frio.

— Ah, meu querido, meu querido — murmurou Véronique, muito feliz.

Tinha chegado a hora de se explicarem, e Véronique não hesitou em fazê-lo. O desgosto do rapaz ao saber da morte de todos aqueles que amava e de todos aqueles que conhecera seria suavizado por toda a alegria que ele sentia por ter encontrado a mãe. Por isso ela falou sem reticências, embalando-o nos seus braços, enxugando-lhe as lágrimas, sentindo que realmente ela bastava para substituir todos os afetos e amizades perdidas. Impressionou-o sobretudo a morte de Stéphane.

— Mas podemos ter certeza? — dizia ele. — Porque nada nos prova que ele tenha se afogado. Stéphane sabe nadar muito bem… e então… Sim, sim, mamãe, não há razão para perdermos a esperança… pelo contrário… Olha, aqui está um amigo que aparece sempre nas horas mais tristes para dizer que nada está perdido.

Era realmente Tout-Va-Bien que chegava. Ao ver o seu dono não pareceu ficar surpreendido. Nada surpreendia excessivamente Tout-Va-Bien.

— Mãos à obra, mamãe — disse ele, logo que abriu os olhos e depois de tê-la beijado. — Ninguém no subterrâneo? Não. Então temos bastante tempo para embarcar.

Levaram os cobertores e as provisões e dirigiram-se alegremente para a descida da Poterna, na ponta da ilha. Aí as rochas amontoavam-se em um formidável caos, e o mar, ainda que calmo, agitava-se ruidosamente.

— Tomara que o barco ainda esteja lá — disse Véronique.

— Debruce-se um pouco, mamãe. Está vendo, bem ali embaixo, suspenso naquela saliência? Bastará movimentar as roldanas e colocá-lo para flutuar. Ah! Foi tudo bem planejado, querida mamãe… Não há nada a temer… Mas… Mas…

Ele calara-se e refletia.

— O que é?… O que está havendo?… — perguntou Véronique.

— Oh, nada, um pequeno contratempo…

— Mas o que foi?…

Ele pôs-se a rir.

— Bem, para um chefe de expedição, confesso que é um pouco humilhante. Imagine que eu me esqueci de uma coisa: dos remos. Ficaram no Priorado.

— Mas isso é terrível — exclamou Véronique.

— Por quê? Vou correndo até o Priorado. Daqui a dez minutos estou de volta.

Todas as apreensões de Véronique reapareciam.

— E se enquanto isso eles saírem do túnel?

— Ora, mamãe — disse ele sorrindo —, você me prometeu que teria confiança. Para saírem do túnel é preciso uma hora, e nós ouviríamos. E depois, vamos deixar de explicações inúteis, querida mamãe. Até já.

Ele desatou a correr.

— François? François?

Ele não respondeu.

"Ah, eu jurei a mim mesma que não o deixaria nem por um segundo", pensou ela, de novo cheia de pressentimentos.

Seguiu-o de longe e parou sobre uma pequena elevação situada entre o Dólmen das Fadas e o Calvário Florido. Daí ela conseguia avistar a saída do túnel e também via o filho, que corria pelo relvado.

Ele entrou primeiro na cave do Priorado. Mas com certeza os remos não estavam lá, pois saiu quase imediatamente e dirigiu-se para a porta principal, abriu-a e desapareceu.

"Um minuto é mais que suficiente", disse Véronique para si mesma. "Os remos devem estar no vestíbulo… estão com certeza no térreo… No máximo dois minutos…"

Contou os segundos, continuando a olhar para a saída do túnel. Mas passaram-se três minutos, quatro minutos, e a porta principal não voltou a se abrir.

Toda a confiança de Véronique desapareceu. Pensou que fora uma loucura não acompanhar o filho, e que nunca devia ter se submetido à vontade de uma criança. Sem se importar com o túnel e com as ameaças que de lá podiam surgir, começou a andar em direção ao Priorado. Mas tinha aquela terrível sensação de que se experimenta em alguns sonhos, quando as pernas parecem paralisadas e não é possível andar, enquanto o

inimigo avança e se prepara para atacar.

E de repente, ao chegar ao dólmen, ela viu um estranho espetáculo —, cujo significado não compreendeu imediatamente. Ao pé dos carvalhos que rodeavam o hemiciclo do lado direito, o solo estava coberto de ramos, recentemente cortados e ainda com folhas verdes.

Levantou os olhos e ficou estupefata, aterrorizada.

Um único carvalho tinha sido desbastado. E sobre o enorme tronco, sem ramos até quatro ou cinco metros de altura, estava um letreiro preso por uma flecha e com a seguinte inscrição: "V. d'H".

— A quarta cruz… — balbuciou Véronique — a cruz com o meu nome!…

Ela pensou que, estando o pai morto, as iniciais da sua assinatura de solteira deviam ter sido traçadas por um dos inimigos, o principal, certamente, e pela primeira vez, sob a influência dos acontecimentos recentes, pensando na mulher e no rapaz que a perseguiam, ela atribuiu involuntariamente a esse inimigo um rosto indefinido.

Rápida impressão, hipótese inverossímil de que ela nem sequer teve consciência. Algo de mais terrível a perturbava. Compreendia subitamente que os monstros das charnecas e das celas, os cúmplices da mulher e do rapaz, deviam ter vindo, pois a cruz fora preparada. Certamente tinham construído e colocado outra ponte no lugar da que incendiara. Tinham-se apoderado do Priorado. E François encontrava-se de novo nas suas mãos.

Então ela lançou-se como uma flecha, com toda a energia. Por sua vez correu pelo relvado semeado de ruínas que descia até à parte da frente da casa.

— François!… François!… François!…

Ela chamava com uma voz dilacerante. Anunciava a sua aproximação com grandes gritos. Até que chegou ao Priorado.

Um dos batentes da porta estava entreaberto. Empurrou-o e entrou para o vestíbulo, aos gritos:

— François! François!

O apelo ressoou de alto a baixo, através de toda a casa, mas ficou sem resposta.

— François! François!

Ela subiu as escadas, abriu as portas ao acaso, correu até o quarto do filho, até o de Stéphane, até o de Honorine. Ninguém.

— François! François!… Não me ouve? Eles estão fazendo mal a você?… Oh! François, por favor.

Voltou ao patamar.

À sua frente estava o escritório do senhor d'Hergemont.

Lançou-se para a porta e logo recuou, como se tivesse tido uma visão surgida do próprio inferno.

Estava ali um homem, de pé, os braços cruzados, e que parecia esperar. Era realmente o homem que ela imaginara por um instante, ao pensar na mulher e no rapaz. Era o terceiro monstro.

Ela disse simplesmente, com inexprimível horror:

— Vorski…. Vorski!…

Segunda parte

A pedra miraculosa

O flagelo de Deus

Vorski! Vorski! O ser miserável, cuja lembrança a enchia de horror e vergonha, o monstruoso Vorski não morrera! O assassínio do espião por um dos seus companheiros, o seu enterro no cemitério de Fontainebleau, tudo isso não passava de uma invenção, de uma mentira! A realidade era só uma, Vorski estava vivo!

De todas as visões que já tinham ensombrado o espírito de Véronique, nenhuma fora tão abominável como aquele espetáculo: Vorski de pé, os braços cruzados, muito rígido sobre as pernas firmes, a cabeça levantada e vivo, vivo!

Ela teria aceito qualquer outra coisa com a sua habitual valentia, mas aquilo não. Tinha forças para enfrentar e desafiar qualquer inimigo, mas não aquele. Vorski era o opóbrio, a maldade nunca saciada, a selvageria sem limites, o método e a demência no crime.

E aquele homem a amava.

De repente ela corou. Vorski fixava os olhos ávidos sobre a carne nua dos seus ombros e dos seus braços, que apareciam sob o vestido esfarrapado, e olhava essa carne como se fosse uma presa que ninguém lhe poderia tirar. Contudo, Véronique não se mexeu. Nada havia ali com que se pudesse cobrir. Resistiu à afronta daquele desejo e desafiou Vorski com um tal olhar que ele ficou perturbado e desviou os olhos por um instante.

E logo, impulsivamente, ela exclamou:

— O meu filho! Onde está François? Quero vê-lo.

Ele retorquiu:

— O nosso filho é sagrado para mim, minha senhora. Ele nada tem a temer do seu pai.

— Quero vê-lo.

Ele levantou a mão em sinal de juramento.

— Você o verá, eu juro.

— Morto, talvez! — disse ela com uma voz surda.

— Tão vivo como nós, minha senhora.

Houve um novo silêncio. Visivelmente, Vorski procurava as frases e preparava o discurso que iniciaria entre eles um implacável combate.

Era um homem de estatura atlética, tronco forte, as pernas um pouco arqueadas, o pescoço enorme e dilatado pelos tendões dos músculos, uma cabeça muito pequena sobre a qual assentavam duas faixas de cabelos loiros. Aquilo que outrora lhe dava um ar de força brutal, que possuía ainda uma certa distinção, tornara-se com a idade, na atitude pesada e vulgar do lutador profissional que se exibe nos ringues dos estádios. O encanto inquietante que outrora seduzia as mulheres dissipara-se e restava apenas uma fisionomia áspera e cruel, cuja dureza ele procurava disfarçar com um sorriso impassível. Descruzou os braços, puxou uma cadeira e, inclinando-se diante de Véronique, disse:

— A conversa que vamos ter, minha senhora, será longa e por vezes penosa. Não quer sentar-se?

Esperou um instante e, não obtendo resposta, sem se perturbar, continuou:

— Há comida sobre esta mesa, e biscoitos, um pouco de vinho velho, uma taça de champanhe, talvez lhe fizesse bem…

Mostrava uma delicadeza exagerada, essa delicadeza tão germânica dos semibárbaros que querem provar que nenhuma das sutilezas da civilização lhes é desconhecida, e que estão familiarizados com todos os requintes da cortesia, mesmo em relação a uma mulher que o direito de conquista permitia tratar da maneira mais grosseira. E era esse um dos detalhes que, nos tempos passados, tinham deixado claro a Véronique sobre a provável origem do seu marido.

Ela encolheu os ombros e manteve-se em silêncio.

— Que seja — disse ele —, mas então permita-me ficar de pé, como é obrigação de um homem que se orgulha da sua educação. E, além disso, queira desculpar-me se apareço na sua presença assim vestido tão negligentemente. Os campos de concentração e as cavernas de Sarek não são muito propícios à renovação de um guarda-roupa.

Trajava umas calças velhas e remendadas, e um colete de lã vermelha rasgado. Mas, por cima disso, enfiara uma túnica de linho branco meio fechada com um cordão. Era um traje ridículo e rebuscado, cuja bizarrice ele acentuava com atitudes teatrais e um ar satisfeito de negligência.

Contente com o seu preâmbulo, começou a andar de um lado para o outro, as mãos atrás das costas, como alguém que sem pressa se pusesse a refletir nas mais graves circunstâncias. Depois parou e disse lentamente:

— Creio, minha senhora, que não seria perda de tempo se gastássemos alguns minutos numa exposição sumária do que foi a nossa vida em comum. Não é da mesma opinião?

Véronique não respondeu. E ele começou então com a mesma voz calma:

— Quando me amou…

Ela fez um gesto de indignação. Ele insistiu:

— No entanto, Véronique…

— Ah! Eu não lhe permito… — disse ela. — Esse nome pronunciado por você!… Eu não permito…

Ele sorriu e, em um tom condescendente, continuou:

— Não me queira mal, minha senhora. Quaisquer que sejam as palavras que eu empregue, pode estar certa do respeito que tenho por você. Por isso continuo. Quando me amou, eu era, tenho de confessá-lo, um libertino sem coração, um debochado, não desprovido talvez de um certo brio, pois sempre me empenhei a fundo em tudo o que fiz, mas que não tinha nenhuma das qualidades necessárias para o casamento. Essas qualidades tê-las-ia adquirido facilmente sob a sua influência, pois eu amava-a loucamente. Via em você uma pureza que me arrebatava, um encanto e uma ingenuidade que nunca encontrara em outra mulher. Teria sido suficiente um pouco de paciência da sua parte, um pouco mais de doçura, para me transformar. Infelizmente, desde a primeira hora, depois de um triste noivado durante o qual só pensou no desgosto e no rancor do seu pai, desde a primeira hora do nosso casamento, houve entre nós um profundo e irremediável desacordo. Você aceitara contra sua vontade o noivo que lhe fora imposto. E não teve em relação ao marido senão ódio e repulsa. Um homem como Vorski não pode perdoar tais coisas. Muitas mulheres e das mais elevadas classes tinham interesse por mim, pela minha delicadeza, não tendo eu o direito de me fazer qualquer censura. Se a burguesinha que

você era se atormentou, tanto pior. Vorski é daqueles que agem segundo os seus instintos e as suas paixões. Esses instintos e essas paixões desagradavam-lhe? Isso era com você, minha senhora. Eu fiquei livre, refiz a minha vida. Simplesmente…

Calou-se durante alguns segundos e depois terminou:

— Simplesmente, eu amava-a. E quando, um ano mais tarde, os acontecimentos se precipitaram, quando a perda do seu filho a levou para um convento, eu, eu fiquei com esse amor insatisfeito, ardente e que me torturava. Pode Imaginar o que foi a minha existência: uma sucessão de deboches e de violentas aventuras com que tentava em vão esquecê-la e depois súbitos acessos de esperança, pistas que me indicavam e nas quais eu me lançava desvairadamente, para depois tornar sempre a cair no desalento e na solidão. Foi assim que encontrei o seu pai e o seu filho. Foi assim que soube que estavam aqui e que os vigiei, que os espiei, eu mesmo, por intermédio de pessoas que me eram fiéis. Esperava desse modo chegar até você, única finalidade dos meus esforços e suprema razão de todos os meus atos, quando foi então declarada a guerra. Oito dias depois, não tendo podido atravessar a fronteira, estava preso em um campo de concentração…

Calou-se. O seu rosto duro tornou-se ainda mais duro e resmungou:

— Oh! Que inferno eu passei lá! Vorski! Vorski, filho de rei, misturado com todos os criados de café e todos os vadios da Germânia! Vorski, prisioneiro, desrespeitado e detestado por todos! Vorski, sujo e piolhento! Como sofri, meu Deus! Mas passemos à frente. O que fiz para fugir da morte, tive razões para o fazer. Se alguém, no meu lugar, foi apunhalado, se alguém foi enterrado com o meu nome em um recanto de França, não me arrependo disso. Ele ou eu, era preciso escolher. Escolhi. E não foi talvez apenas o amor tenaz pela vida que assim me fez agir, foi também e sobretudo uma outra coisa, uma imprevista aurora que se erguia nas minhas trevas e que já me ofuscava com o seu esplendor. Mas isso é o meu segredo. Falaremos dele mais tarde, se a tal você me obrigar. Por agora…

Perante todos estes discursos lançado com a ênfase de um ator que se deleitava com a sua eloquência e que aplaudia as suas próprias tiradas, Véronique mantivera a sua atitude impassível. Nenhuma das suas falsas declarações conseguia sensibilizá-la. Ela parecia ausente.

Ele aproximou-se dela e, para forçar a sua atenção, recomeçou em um tom mais agressivo:

— Parece, minha senhora, que não percebeu a extrema gravidade das minhas palavras. No entanto, elas são e tornar-se-ão ainda mais graves. Mas, antes de chegar ao mais temível, e esperando até não ter que aí chegar, insisto em apelar, não ao seu espírito de conciliação, pois não há conciliação possível entre nós, mas à sua razão, ao seu sentido das realidades… porque, enfim, não acredito que ignore a sua atual situação, a situação do seu filho…

Ele estava absolutamente convencido de que ela o deixara de escutar. Absorvida sem dúvida pensando no filho, ouvia palavras que não tinham para ela o mínimo significado. Irritado, mal escondendo a sua impaciência, apesar de tudo, ele continuou:

— A minha proposta é simples, e quero crer que não a rejeitará. Em nome de François e em virtude dos sentimentos de compaixão e de humanidade que me animam, peço-lhe que ligue o presente ao passado que acabo de esboçar a traços largos. Do ponto de vista social, o laço que nos uniu nunca foi quebrado. Você continua a ser, pelo nome e aos olhos da lei…

Calou-se, observou Véronique por um instante e depois, pondo-lhe violentamente a mão sobre o ombro, gritou:

— Ouça, bandida! Vorski está falando.

Véronique desequilibrou-se, agarrou-se às costas de uma cadeira e, novamente, de braços cruzados e com os olhos cheios de desprezo, ergueu-se diante do seu adversário.

Ainda desta vez Vorski conseguiu dominar-se. O seu ato fora impulsivo e contrário à sua vontade. A sua voz tomou uma entoação imperiosa e má.

— Repito que o passado continua a existir. Quer queira, quer não, a senhora é a esposa de Vorski. E é por causa desse fato irrecusável que lhe peço, por favor, que hoje se considere como tal. Entendamo-nos: se não pretendo obter o seu amor nem sequer a sua amizade, também não aceito voltar às relações hostis que foram as nossas. Já não aceito a esposa desdenhosa e distante de outrora. Quero… quero uma mulher, uma mulher que se submeta… que seja a companheira dedicada, atenta, fiel…

— Uma escrava — murmurou Véronique.

— Sim — exclamou ele —, uma escrava, disse bem. Não evito as palavras, assim como não receio os atos. Uma escrava! E por que não, se a escrava compreender o seu dever, que é obedecer cegamente? De mãos e pés juntos. Agrada-lhe esse papel? Quer pertencer-me de corpo e alma? E mesmo a sua alma, quero lá saber. O que eu quero… sabe bem… não é? O que eu quero é o que nunca tive. Seu marido? Ah! Ah! Alguma vez o fui, seu marido? Se procurar bem em toda a minha vida, na agitação das minhas sensações e alegrias, não encontro uma única lembrança que me recorde que outra coisa tenha havido entre nós senão a luta sem tréguas de dois inimigos. Olho para você e é uma estranha que vejo, estranha no passado tal como no presente. Ora, bem, já que a sorte mudou, já que pus outra vez as minhas garras sobre você, no futuro deixará de ser assim. Não será assim amanhã! nem mesmo na próxima noite, Véronique. Eu sou o senhor, é preciso aceitar o inevitável. Aceita?

Não esperou pela resposta e, elevando ainda mais a voz, exclamou:

— Aceita? Nada de evasivas nem de falsas promessas. Aceita? Se sim, ponha-se de joelhos, faça o sinal da cruz e pronuncie em voz alta: "Aceito. Serei uma esposa dócil. Submeter-me-ei a todas as suas ordens e a todos os seus caprichos. A minha vida já não conta. O meu marido é o meu senhor".

Ela encolheu os ombros e nada respondeu. Vorski ficou agitado. As veias da sua testa incharam. No entanto, ainda se conteve.

— Como queira. Aliás, eu já esperava isso. Mas as consequências da sua recusa serão tão graves para você, que quero fazer uma última tentativa. Talvez a recusa se dirija afinal ao fugitivo que eu sou, ao pobre diabo que pareço ser, e talvez a verdade modifique as suas ideias. Uma verdade esplendorosa e maravilhosa. Como lhe disse, uma aurora imprevista se ergueu nas minhas trevas e Vorski, filho de rei, foi iluminado pelos seus raios…

Ele tinha uma maneira de falar de si próprio na terceira pessoa que Véronique bem conhecia, e que era a marca da sua insuportável vaidade. Ela observou e reencontrou também nos seus olhos um brilho especial, que ele sempre tivera em certos momentos de exaltação, brilho consequente sem dúvida dos seus hábitos de alcoólatra, mas no qual ela via, além disso, passageiras aberrações. Não era ele, na verdade, uma espécie de demente, e essa demência não se acentuara com os anos?

Ele prosseguiu e, desta vez, Véronique escutou:

— Ficou então aqui, na altura da guerra, uma pessoa que me é dedicada e que continuou junto do seu pai a vigilância que eu iniciara. Por acaso descobríramos a existência das grutas escavadas sob as charnecas e uma das entradas dessas grutas. Foi nesse esconderijo seguro que vim me refugiar, depois da minha última escapada, e foi aí que fiquei ao corrente, através de algumas cartas interceptadas, das investigações do seu pai acerca de Sarek e das descobertas que ele fizera. Compreende que a minha vigilância duplicou. Tanto mais que eu encontrava em toda essa história, à medida que ela surgia com mais nitidez, as mais estranhas coincidências e uma manifesta relação com certos detalhes da minha vida. Em breve todas as dúvidas se desvaneceram. O destino enviara-me ali para realizar uma obra que só eu podia concluir… ou melhor, uma obra na qual só eu tinha o direito de colaborar. Compreende isso? Desde há séculos que Vorski fora predestinado. Vorski era o eleito do destino. Vorski estava inscrito no livro do tempo. Vorski tinha as qualidades necessárias, os meios indispensáveis, os títulos requeridos. Eu estava pronto. Meti mãos à obra sem demora, implacavelmente conformado com as ordens do destino. Sem hesitar acerca da estrada a seguir: no fim havia um farol aceso. Segui então a estrada antecipadamente traçada. Hoje Vorski só tem de receber o prêmio dos seus esforços. Vorski só tem de estender a mão. Ao alcance da mão está a fortuna, a glória, o poder ilimitado. Dentro de algumas horas, Vorski, filho de rei, será o rei do mundo. É essa realeza que ele lhe oferece.

Cada vez mais, ele declamava, comediante enfático e pomposo. Inclinou-se para Véronique:

— Quer ser rainha, imperatriz, e elevar-se acima das outras mulheres, tal como Vorski dominará os outros homens? Não quer ser rainha pelo ouro e pelo poder, assim como o é pela beleza? Escrava de Vorski, mas senhora de todos aqueles que Vorski dominará? Compreenda-me bem: não se trata para você de uma só decisão a tomar, mas de duas decisões entre as quais é preciso escolher. Há, compreenda, a contrapartida da sua recusa. Ou aceita a realeza que lhe ofereço, ou então…

Fez uma pausa e depois, com uma voz cortante, terminou:

— Ou então a cruz.

Véronique estremeceu. A horrenda palavra surgia mais uma vez. Agora ela sabia o nome do carrasco, até então desconhecido!

— A cruz — repetiu ele, com um sorriso atroz de contentamento. — Cabe a você escolher. Por um lado, todas as alegrias e todas as honras da vida. Por outro, a morte por meio do mais bárbaro suplício. Escolha. Para além destes dois termos do dilema, não há escolha possível. Ou isto ou aquilo. E repare bem que não há, da minha parte, nenhuma crueldade inútil, nenhuma ostentação de vã autoridade. Não. Eu sou apenas um instrumento. A ordem vem de mais alto que eu, vem do próprio destino. Para que as vontades divinas se cumpram, Véronique d'Hergemont deve morrer, *E QUE MORRA NUMA CRUZ*. É categórico. Nada se pode contra o destino. Nada é possível quando se não é Vorski e não se têm, como Vorski, todas as audácias e todas as manhas. Se Vorski pôde, na floresta de Fontainebleau, substituir o verdadeiro Vorski por um falso e se assim conseguiu escapar ao destino que o condenava, desde a sua infância, a morrer com uma facada de um amigo, ele saberá na verdade encontrar qualquer estratagema para que a vontade divina se cumpra e para que aquela que ele ama continue viva. Mas para isso é preciso que ela se submeta. Ofereço a salvação à minha noiva, a morte à inimiga. Que escolhe ser? Minha noiva ou minha inimiga? Que escolhe? A vida junto de mim com todas as alegrias e todas as honras da vida… ou a morte?

— A morte — respondeu simplesmente Véronique.

Ele fez um gesto ameaçador.

— É mais do que a morte. É a tortura. O que escolhe?

— A tortura.

Ele insistiu maldosamente.

— Mas não está só! Reflita, há também o seu filho. Se você desaparecer, ele fica. Morrendo, é um órfão que deixa. Pior que isso! Morrendo, é aos meus cuidados que o deixa. Eu sou o pai. Tenho todos os direitos. O que escolhe?

— A morte — disse ela mais uma vez.

Ele exasperou-se.

— A sua morte, pois seja. Mas se for a morte dele? Se o trouxer aqui, diante de você, o seu François, se lhe puser uma faca na garganta e a interrogar pela última vez, que vai responder?

Véronique fechou os olhos. Nunca sofrera tanto, e Vorski encontrara realmente o ponto mais doloroso. Contudo, ela murmurou:

— Quero morrer.

A cólera de Vorski explodiu e, começando de repente a injuriá-la, sem se preocupar com delicadezas e cortesias, proferiu:

— Ah, a desavergonhada, é porque me odeia mesmo! Tudo, tudo, ela aceita tudo, até a morte do filho querido, mas não quer ceder. Uma mãe que mata o filho! Porque é isso, vai matar o filho só para não me pertencer. Tira-lhe a vida para não me sacrificar a sua. Ah! Que ódio! Não, não, não é possível, não acredito nisso, nesse ódio. O ódio tem limites! Uma mãe como você! Não, não, há outra coisa… talvez um amor? Não. Véronique não ama. Então? Então, espera a minha piedade? Uma fraqueza da minha parte? Ah, como me conhece mal! Vorski fraquejar!! Vorski apiedar-se! E no entanto viu a minha obra. Será que fraquejei ao cumprir a minha terrível missão? Não foi Sarek devastada segundo as minhas ordens? As barcas não se afundaram e as pessoas não se afogaram? As irmãs Archignat não foram pregadas no tronco dos velhos carvalhos? Eu, eu fraquejar! Escute, quando eu era criança, com estas duas mãos que aqui estão, estrangulava os cães e os pássaros, esfolava vivos os cabritos e depenava também vivas as aves da capoeira. Ah! Piedade? Sabe como a minha mãe me chamava? *"Átila"*. E por vezes uma misteriosa inspiração animava-a e ela lia o futuro na palma da mão nas cartas do tarô: *"Átila Vorski, o flagelo de Deus"*, explicava essa grande vidente, *"você será o instrumento da Providência. Você será o gume da lâmina, a ponta do punhal, a baia da espingarda, o nó da corda. O flagelo de Deus! O flagelo de Deus! O teu nome está inscrito com todas as letras no livro do tempo. Ele brilha entre os astros que presidiram ao teu nascimento. O flagelo de Deus! O flagelo de Deus!…"* E está à espera que os meus olhos fiquem molhados de lágrimas? Vá lá! Será que o carrasco chora? São os fracos que choram, os que receiam ser castigados e que os seus crimes se voltem contra eles próprios. Mas eu, eu! Os seus antepassados só temiam uma coisa, era que o céu lhes caísse sobre as cabeças. E eu, que tenho eu a temer? Eu sou o cúmplice de deus! Ele escolheu-me entre todos. Foi deus que me inspirou, o deus da Germânia, o antigo deus alemão, para quem o bem e o mal não contam quando se trata da grandiosidade dos seus filhos. O espírito do mal está comigo. Amo o mal e desejo o mal. Por isso morrerás, Véronique, e eu vou rir ao ver você no poste do suplício…

Ele já ria. Dava grandes passadas, que ressoavam ruidosamente no chão. Levantava os braços para o teto e Véronique, toda arrepiada de angústia, via nos seus olhos estriados de vermelho o desvario da loucura.

Deu mais alguns passos, depois avançou para ela e, com uma voz contida e ameaçadora, disse:

— De joelhos, Véronique, e implore o meu amor. Só ele pode salvá-la. Vorski não conhece a piedade nem o medo. Mas ele ama-a e o seu amor não recuará perante nada. Aproveite Véronique. Lembre-se do passado. Volte a ser a criança de antigamente, e serei eu quem talvez um dia me arrastarei aos seus pés. Véronique, não me rejeite… não se rejeita um homem como eu… Não se desafia alguém que ama… como eu te amo, Véronique, como eu te amo…

Ela abafou um grito. Sentia sobre os seus braços nus aquelas mãos abomináveis. Quis libertar-se, mas ele, mais forte que ela, não a largou e continuava, com uma voz ofegante:

— Não me rejeite… é absurdo… é uma loucura… Sabe bem que sou capaz de tudo… Então?… A cruz, é horrível… a morte do seu filho diante de você… é isso que quer?… Aceite o que é inevitável… Vorski a salvará… Vorski lhe dará a mais bela vida… Ah, como você me odeia!… Mas, está bem, aceito o teu ódio… amo o teu ódio… amo a tua boca desdenhosa… amo-a mais do que se ela se desse…

Calou-se. Era uma luta implacável entre os dois. Os braços de Véronique resistiam em vão ao abraço cada vez mais apertado. Ela perdia as forças, impotente e entregue à derrota. Os seus joelhos vacilavam. À sua frente, muito perto, os olhos de Vorski pareciam cheios de sangue, e ela respirou o hálito do monstro.

Então, apavorada, mordeu-o com toda a força e aproveitando um instante de confusão, libertando-se com um esforço supremo, deu um salto para trás, tirou o revólver e disparou um tiro, em seguida, outro.

As duas balas zuniram nos ouvidos de Vorski e fizeram voar estilhaços da parede por detrás dele. Ela disparara muito depressa, ao acaso.

— Ah, vagabunda! — berrou ele. — Quase me acertou.

Agarrou-a pela cintura e, com um movimento irresistível, curvou-a, empurrou-a e estendeu-a em um divã. Tirando depois uma corda do bolso, amarrou-a brutalmente. Houve um instante de pausa e silêncio. Vorski enxugou a testa coberta de suor e depois encheu um copo de vinho, que engoliu de um trago.

— Assim é melhor — disse ele, pondo um pé sobre a sua vítima. — E confessa que assim é que tudo está bem. Cada um no seu lugar, minha

querida, você atada como uma presa, e eu de pé, pisando em você com prazer. Hein! Agora já não brinca mais. Começou a compreender que a coisa é séria. Oh! Não tenha medo, vagabunda, Vorski não é daqueles que abusam de uma mulher. Não, não, isso seria brincar com o fogo e arder num desejo que me mataria. Não sou assim tão estúpido! Como esqueceria depois? Uma só coisa pode me trazer o esquecimento e a paz: a tua morte. E como estamos de acordo sobre isso, não há problema. Pois está combinado, não é, você quer morrer?

— Sim — disse ela com a mesma firmeza.

— E quer que o teu filho morra?

— Sim — disse ela. Ele esfregou as mãos.

— Perfeito, estamos de acordo e agora acabaram as palavras insignificantes. Bastam as verdadeiras palavras, aquelas que contam, pois está percebendo que até aqui o que eu disse não passa de palavreado, hein? Assim como a primeira parte da aventura, de que você foi testemunha em Sarek, não passou de uma brincadeira de crianças. O verdadeiro drama está começando, pois nele está envolvida com o coração e a carne, e é o mais terrível, minha linda. Os teus bonitos olhos já choraram, mas agora são lágrimas de sangue que são pedidas, minha pobre querida. O que quer? Digo mais uma vez, Vorski não é cruel. Ele só obedece e é o destino que persegue você obstinadamente. As tuas lágrimas? Coisa sem importância! Terás ainda de chorar mil vezes mais. A tua morte? Uma ninharia! Terá ainda de morrer mil mortes antes de morrer totalmente. O teu coração sangrará como nunca sangrou o mais infeliz coração de mulher e de mãe. Está pronta, Véronique? Vai realmente ouvir palavras cruéis, a que se seguirão talvez palavras ainda mais cruéis. Ah, o destino não a estragará com mimos, minha linda…

Esvaziou vorazmente um segundo copo de vinho, depois sentou-se ao pé dela e, baixando-se, disse-lhe quase ao ouvido:

— Escuta, querida, tenho uma pequena confissão a fazer. Antes de encontrá-la, eu já era casado… Oh, não se zangue! Há para uma esposa catástrofes ainda maiores e, para um marido, crimes mais graves que a bigamia. Ora, dessa primeira mulher tive um filho… um filho que você conhece, creio eu, pois trocou com ele algumas amáveis palavras no subterrâneo das celas… um verdadeiro patife, cá entre nós, esse excelente Raynold, um vagabundo da pior espécie, em quem me orgulho de ver,

levados ao extremo, alguns dos meus instintos mais extremos e algumas das minhas principais qualidades. Ele é um segundo eu próprio, mas que já me ultrapassou e que por vezes me assusta. Meu Deus, que demônio! Na sua idade — pouco mais de quinze anos —, eu era um anjo ao pé dele. Ora, acontece que esse atrevido terá de lutar com o outro meu filho, com o nosso querido François. Sim, tal é a fantasia do destino que mais uma vez ordena, e da qual, uma vez mais, eu sou o intérprete clarividente e sutil. É claro que não se trata de uma luta prolongada e cotidiana. Pelo contrário… uma coisa breve, violenta, definitiva, por exemplo, um duelo. É isso, um duelo, compreende, um duelo a sério… Não uma briga que acabe com uns arranhões… não, não, mas sim aquilo a que se chama um duelo de morte, pois que um dos adversários deve ficar por terra, deve haver um vencedor e um vencido, numa palavra, um vivo e um morto.

Véronique voltara um pouco a cabeça e viu que ele sorria. Nunca ela sentira tanto a loucura daquele homem que ria ao pensar em uma luta mortal entre dois rapazes que eram ambos seus filhos. Era tudo tão extravagante que Véronique quase nem sofria. Aquilo ultrapassava os limites do sofrimento.

— Mas há mais, Véronique… — disse ele, pronunciando alegremente cada sílaba. — Mas há mais… Sim, o destino imaginou um requinte que me repugna, mas que devo executar como seu fiel servidor. Imaginou que você devia assistir a esse duelo… Exatamente, você, a mamãe de François, terá que vê-lo combater. E, na verdade, pergunto a mim mesmo se não há, sob esta aparente maldade, uma graça que é concedia a você… digamos que é por minha intercessão, está bem? E que sou eu próprio que lhe concedo este favor inesperado, diria mesmo injusto. Porque, enfim, se Raynold é mais robusto e exercitado que François e se, logicamente, este último deve sucumbir, imagina que acréscimo de audácia e de força ele não terá, ao saber que combate diante da sua mãe! Será um defensor que orgulhosamente tudo fará para vencer. Será um filho cuja vitória salvará a mãe… pelo menos ele julgará isso! Na verdade, é uma grande vantagem, e pode me agradecer, Véronique, se este duelo, como penso que vai acontecer, não permitirá a você nem mais uma batida de coração… A menos que… a menos que eu não vá até ao fim do plano infernal… Ah! Então, minha pobrezinha…

Agarrou-a de novo e, erguendo-a diante dele, face a face, disse-lhe em um súbito acesso de fúria:

— Então, não vai ceder?

— Não, não — gritou ela.

— Nunca vai ceder?

— Nunca! Nunca! Nunca! — repetiu ela cada vez com mais força.

— Odeia-me mais do que tudo?

— Odeio você, mais do que amo o meu filho.

— Mentira! Mentira!… — exclamou ele. — Mentira! Nada está acima do teu filho…

— O meu ódio por você, sim!

Toda a revolta, toda a aversão de Véronique, até aqui contidas, explodiram e, sem se importar com o que pudesse acontecer, ela gritou:

— Odeio você! Odeio você! Que o meu filho morra diante de mim, que eu assista à sua agonia, prefiro tudo isso ao horror da tua presença. Odeio você! Você matou o meu pai! Você é um assassino imundo… um demente imbecil e bárbaro, um maníaco do crime… odeio você…

Ele ergueu-a, levou-a até a janela, atirou-a para o chão e, rangendo os dentes, disse:

— De joelhos! De joelhos! O castigo vai começar. Fazendo pouco caso de mim, bandida? Está bem, você já vai ver!

Ajoelhou-a e depois, empurrando-a contra a parte inferior da parede e, abrindo a janela, prendeu-lhe a cabeça às grades do varandim, com cordas que lhe passavam à volta do pescoço e sob os braços. Por fim, amordaçou-a com um lenço.

— E agora, olhe!… — gritou ele. — O pano vai levantar! O teu François fazendo exercícios! Ah, você me odeia!… Ah, prefere o inferno a um beijo de Vorski! Está bem, minha querida, vai provar o inferno. Anuncio a você um pequeno divertimento, todo ele da minha autoria e que não é nada banal. E depois, sabe, agora já não há nada a fazer. É uma coisa irrevogável. Bem, você podia suplicar-me e pedir perdão… tarde demais! O duelo, depois a cruz, eis o programa. Reze, Véronique, implore aos céus. Peça socorro, talvez isso lhe de prazer. Olha, eu sei que o teu filho está à espera de um salvador, um profissional de golpes de teatro, um Dom Quixote de aventuras. Que venha! Vorski o receberá como ele merece. Que venha! Tanto melhor! Vamos nos divertir. E que os próprios deuses tomem partido

e os defendam! Eu não ligo. Já não é assunto deles, mas meu. Já não se trata de Sarek, do tesouro, do grande segredo e de todas essas histórias da pedra-deus! Trata-se de mim próprio! Você cuspiu em cima de Vorski, e Vorski se vinga. Ele se vinga. É a hora perfeita. Que voluptuosidade! Fazer o mal como os outros fazem o bem, às mãos cheias. Fazer o mal! Matar, torturar, quebrar, suprimir, devastar!… Ah, que alegria feroz, ser um Vorski!…

Ele andava pela sala, batia com os pés no chão e empurrava os móveis. Os seus olhos esgazeados procuravam qualquer coisa. Queria Começar imediatamente a sua obra de destruição, estrangular alguma vítima, dar trabalho aos dedos ávidos, executar as ordens incoerentes da sua imaginação desvairada.

De repente, puxou o revólver e, estupidamente, disparou balas nos espelhos, furou quadros e partiu os vidros das janelas.

E, sempre gesticulando, aos saltos, sinistro e macabro, abriu a porta e afastou-se, vociferando:

— Vorski se vinga! Vorski vai se vingar!

A subida do Gólgota

Passaram-se vinte ou trinta minutos. Véronique continuava sozinha. As cordas cortavam-lhe a carne e as grades da janela feriam-lhe a testa. A mordaça sufocava-a. Os joelhos dobrados sustinham todo o peso do seu corpo. Uma posição intolerável, um martírio ininterrupto… No entanto, se sentia dores, não tinha disso uma impressão muito nítida. O sofrimento físico permanecia exterior à sua consciência, e ela já passara por tantos sofrimentos morais que esta provação suprema não chegava a despertar a sua sensibilidade adormecida.

Nem pensava. Por vezes dizia: "Vou morrer". E sentia já o repouso do nada, como quem sente antecipadamente, durante uma tempestade, a grande calma do porto. Desde aquele instante até ao desenlace que a libertaria, passar-se-iam certamente coisas atrozes, mas o seu espírito recusava-se a pensar nisso e até a sorte do filho apenas lhe provocava ideias breves que logo se dissipavam.

No fundo, e sem saber a razão do seu estado de espírito, ela esperava um milagre. Esse milagre aconteceria com Vorski? Incapaz de ser generoso, o monstro não hesitaria ainda assim perante tão inútil perversidade? Um pai não mata o filho, ou pelo menos é preciso que um tal ato seja provocado por razões imperiosas, e Vorski não tinha nenhuma razão contra uma criança que nem sequer conhecia, e que não podia odiar senão com um ódio fictício.

Esta esperança em um milagre embalava o seu torpor. Todos os ruídos que ressoavam pela casa, barulho de discussões, de passos apressados, pareciam indicar-lhe não os preparativos dos acontecimentos anunciados, mas o sinal de alguma intervenção que arruinaria todos os planos de

Vorski. O seu querido François não dissera que nada os podia separar um do outro e que, no momento em que tudo parecesse perdido, ainda assim deveriam conservar toda a sua fé?

— Meu François — repetia ela —, meu François, você não vai morrer… vamos voltar a nos ver… você me prometeu.

Lá fora, um céu azul, manchado com algumas nuvens ameaçadoras, estendia-se por cima dos grandes carvalhos. Diante dela, para além dessa mesma janela onde o pai lhe aparecera, no meio da relva que atravessara com Honorine, no dia da sua chegada, um local havia sido recentemente preparado e coberto de areia como uma arena. Então era ali que o filho ia duelar? Ela teve essa repentina intuição e o seu coração ficou apertado.

— Oh! Perdão, meu François — disse ela —, perdão… Tudo isto é castigo pelas faltas que cometi… no passado. É a expiação… O filho paga pela mãe… Perdão… Perdão…

Naquele momento, uma porta se abriu no andar térreo e vozes foram ouvidas. Entre essas vozes, ela reconheceu a de Vorski.

— Então — disse ele — está de acordo? Nós seguimos caminhos separados, vocês dois para a esquerda, eu para a direita. Você leva um garoto com você, eu levo o outro e nos encontramos no local do torneio. Vocês são, por assim dizer, as testemunhas do primeiro, e eu do segundo, para que todas as regras sejam respeitadas.

Véronique fechou os olhos, pois não queria ver seu filho, maltratado sem dúvida, levado à batalha como um escravo. Ela ouviu a dupla batida dos passos seguindo as duas avenidas circulares. O nojento Vorski estava rindo e gritando.

Os grupos se viraram e caminharam em direções opostas.

— Não chegue mais perto — ordenou Vorski. — Deixe os dois oponentes tomarem seus lugares. Parem aí, vocês dois. Sim, senhor. Nem uma palavra, certo? Quem falar será morto impiedosamente por mim. Vocês estão prontos? Caminhe.

Assim começou aquela coisa terrível. De acordo com o desejo de Vorski, o duelo aconteceria na frente da mãe, e o filho lutaria na frente dela. Como ela não poderia assistir? Ela abriu os olhos.

Imediatamente ela os viu, agarrando-se e empurrando um ao outro. Mas o que ela viu, ela não entendeu de imediato, ou pelo menos não entendeu o significado exato. Ela podia ver as duas crianças, mas qual era

Francis e qual era Raynold?

— Não, não entendo, não posso estar enganada, não é possível…

Ela não estava enganada. As duas crianças usavam os mesmos ternos, os mesmos calções de veludo, as mesmas camisas de flanela branca, os mesmos cintos de couro. Mas ambos tinham a cabeça envolta em um lenço de seda vermelha com dois buracos, como capuzes, onde estavam os olhos.

Qual deles era François? Qual deles era Raynold?

Depois ela se lembrou da inexplicável ameaça de Vorski. Era a isto que ele havia chamado a execução completa do programa que havia concebido, era a isto que ele se referia quando falava de um entretenimento de sua própria composição. Não somente o filho estava lutando diante dos olhos da mãe, mas ela não sabia qual era seu filho.

Divertimento infantil. O próprio Vorski o havia dito. Nenhuma dor poderia ser maior que a dor de Véronique.

No fundo, o milagre que ela esperava estava dentro dela mesma, e o amor que ela tinha por seu filho. Se o filho lutava na frente dela, ela estava certa de que ele não poderia morrer. Ela o protegeria dos golpes e das artimanhas do inimigo. Ela desviaria a adaga e afastaria a morte da cabeça amada. Ela instilaria nele a energia indomável, a vontade de atacar, a força que não se cansa, o espírito que prevê e aproveita o minuto favorável. Mas agora que ambos estavam velados, sobre qual deles deve ser exercida a influência certa? Por quem rezar? Contra quem se rebelar?

Ela não sabia de nada. Não havia pistas que lhe pudessem dizer alguma coisa. Um deles era mais alto, mais fino e com aparência mais flexível. Seria François? O outro era mais forte, mais robusto e de aparência mais pesada. Seria Raynold? Ela não sabia dizer. Somente um canto de seu rosto, mesmo uma expressão fugaz, teria revelado a verdade. Mas como enxergar através daquela máscara impenetrável?

E a luta continuava, mais assustadora para ela do que se ela tivesse visto o rosto de seu filho.

— Bravo! — gritou Vorski, aplaudindo um ataque.

Ele parecia estar seguindo o duelo como um amador, com a afeição imparcial de um torcedor que julga os golpes e deseja acima de tudo que o melhor vença. Entretanto, era um de seus filhos que ele havia sentenciado à morte.

Em frente a eles estavam os dois cúmplices, figuras de brutos, com crânios igualmente pontiagudos, narizes grandes sobrepostos por óculos; um extremamente fino, o outro também fino, mas com a barriga inchada em forma de saco cheio. Eles não aplaudiam, e permaneciam indiferentes, talvez até hostis ao espetáculo que lhes era imposto.

— Perfeito! — aprovava Vorski. — Boa resposta! Ah! vocês são caras durões, e eu não sei a quem dar o prêmio.

Ele girava ao redor dos adversários e os excitava com uma voz rouca na qual Verônica, lembrando-se de certas cenas do passado, pensou reconhecer os efeitos do álcool. No entanto, ela tentava, a mulher infeliz, alcançá-lo com as mãos atadas, e gemia, sob sua mordaça.

— Misericórdia! Graça! Não aguento mais… Tenha piedade!

Era impossível que o tormento continuasse. Seu coração batia tão violentamente que ela foi sacudida, e estava prestes a desmaiar, quando algo aconteceu que a reanimou. Uma das duas crianças, depois de uma luta rude, havia saltado para trás e estava rapidamente enfaixando seu pulso direito, do qual escorriam algumas gotas de sangue, parecia para Véronique que ela havia visto em suas mãos um pequeno lenço de listras azuis que seu filho usava.

Sua convicção foi imediata e irresistível. A criança — era mais magra e flexível — tinha mais elegância do que a outra, mais distinção, atitudes mais harmoniosas.

— É François… — murmurou ela. — Sim, sim, é ele… É você, não é, meu querido? Eu o reconheço… O outro é vulgar e pesado… É você, meu querido… Ah, meu François… meu querido François!

Na verdade, embora ambos estivessem lutando com igual força e ferocidade, este era menos selvagem e cego em seus esforços. Parecia que ele procurava menos matar do que ferir, e que seus ataques tinham mais o objetivo de se preservar contra a morte que o aguardava. Véronique ficou alarmada com isso e gaguejou, como se ele pudesse ouvi-la:

— Não o poupe, meu querido! Ele também é um monstro. Meu Deus, se você for generoso, você estará perdido. François, François, tenha cuidado!

O punhal brilhava sobre a cabeça daquele a quem ela chamava seu filho e, sob a mordaça, ela gritava para o avisar. Tendo François se esquivado do golpe, ficou persuadida de que o seu grito chegara até ele, e continuou

instintivamente a preveni-lo e a aconselhá-lo.

— Descanse… Recupere o fôlego… Sobretudo não o perca de vista… ele está armando alguma coisa… vai correr até você… Ele correu! Ah! Meu querido, mais um pouco e ele feria você no pescoço. Desconfie dele, meu querido, é um traidor… um trapaceiro…

Mas ela sentia perfeitamente, a infeliz mãe, ainda que não o quisesse confessar a si mesma, que aquele a quem chamava seu filho começava a perder as forças. Certos sinais indicavam uma menor resistência, enquanto o outro, pelo contrário, adquiria mais força e ardor. François recuava, e atingiu os limites da arena.

— Alto lá, rapaz — troçou Vorski —, vai tomar um ar fresco? Coragem, que diabo. Força nas pernas… Lembre-se das condições que combinamos.

O rapaz lançou-se com novo vigor, e foi a vez do outro recuar. Vorski bateu palmas, e Véronique murmurava:

— É por mim que ele está arriscando a vida. O monstro deve ter-lhe dito: "A sorte da tua mãe depende de você. Se você vencer, ela está salva". E ele jurou vencer. Sabe que estou vendo. Adivinha a minha presença. Ouve-me. Abençoado seja, meu querido.

Era a fase final do duelo. Véronique tremia, esgotada pela emoção e por momentos alternados e demasiado fortes de esperança e de alegria. Mais uma vez o filho perdeu terreno e novamente se atirou para a frente. Mas, na luta corpo a corpo que se seguiu, desequilibrou-se e caiu de costas, de tal maneira que o seu braço direito ficou preso sob o próprio corpo.

Imediatamente o inimigo se abateu sobre ele, esmagou-lhe o peito com o joelho e levantou o braço. O punhal brilhou.

— Socorro! Socorro! — gritou Véronique, estrangulada pela mordaça. Ela se esticava contra a parede sem se importar com as cordas que a torturavam. A sua testa sangrava, cortada pelo ângulo das grades, e ela sentia que ia morrer com a morte do seu filho! Vorski aproximara-se e ficou parado, o rosto implacável.

Vinte segundos, trinta segundos. Com a mão esquerda estendida, François sustinha o golpe do inimigo. Mas o braço vencedor pesava cada vez mais, a lâmina descia, a ponta já estava apenas a alguns centímetros do pescoço.

Vorski baixou-se. Nesse momento encontrava-se atrás de Raynold, de maneira que não podia ser visto nem por este nem por François, e olhava

com extrema atenção, como se tencionasse intervir em um instante preciso. Mas intervir a favor de quem? A sua ideia seria salvar François?

Véronique já nem respirava, os olhos desmesuradamente abertos, suspensa entre a vida e a morte.

A ponta do punhal tocou no pescoço, picando ligeiramente a carne, sustida ainda pelo esforço contrário de François.

Vorski curvou-se mais. Vigiava o corpo a corpo e não desviava os olhos da ponta assassina. De repente tirou do bolso um canivete, abriu-o e ficou à espera. Passaram mais alguns segundos. O punhal continuava a descer. Então, bruscamente, ele golpeou o ombro de Raynold com a lâmina do canivete.

O rapaz lançou um grito de dor. Largou o outro imediatamente e, ao mesmo tempo, François levantou-se, retomou a ofensiva e, sem ver Vorski, sem compreender o que se passava, num impulso instintivo de todo o seu ser que escapara à morte e revoltado contra o agressor, bateu-lhe em pleno rosto, o que fez, por sua vez, Raynold tombar desamparadamente.

Tudo aquilo não durara certamente mais que dez segundos. Mas o golpe de teatro foi tão imprevisto e perturbou de tal maneira Véronique que, já nada compreendendo, não sabendo se deveria regozijar-se, julgando que se enganara e que o verdadeiro François acabara de morrer assassinado por Vorski, a infeliz ficou prostrada e perdeu os sentidos.

Passou muito tempo. Pouco a pouco, algumas sensações despertavam Véronique. Ouviu o relógio bater quatro vezes e disse:

— Há duas horas que François está morto. Pois foi realmente ele quem morreu…

Ela não duvidava que não tivesse sido esse o desfecho do duelo. Vorski nunca teria permitido que François fosse o vencedor e que o seu outro filho sucumbisse. E assim fora contra o seu próprio filho que ela se pusera, e a favor do monstro que rezara.

— François morreu — repetiu ela. — Vorski matou-o.

Nesse momento a porta abriu-se e a voz de Vorski ressoou. Ele entrou, com passo pouco seguro.

— Mil desculpas, cara senhora, mas creio que Vorski adormeceu. A culpa é do seu paizinho, Véronique. Ele tinha escondido na cave um divino vinho de Saumur, que Conrad e Otto descobriram, e fiquei meio tocado! Mas não chore, vamos recuperar o tempo perdido… Aliás, é preciso que à

meia-noite tudo esteja acabado. Então…

Ele aproximara-se e exclamou:

— Como é possível que esse patife do Vorski a tenha deixado amarrada? Que bruto, esse Vorski! E como deve estar desconfortável! Meu Deus, como está pálida. Hein! Diga, não está morta, está? Não é brincadeira que se faça!

Pegou na mão de Véronique, que energicamente a retirou.

— Ainda bem. Continua a detestar o seu Vorskizinho! Então, vai tudo bem e ainda tem forças. Irá até ao fim, Véronique.

Ele ficou aguardando uma resposta.

— O que é? Quem é que me chama? É você, Otto? Então sabe. O que há de novo, Otto? Adormeci, sabe? Este vinhozinho divino de Saumur…

Otto, um dos dois cúmplices, entrou correndo. Era o que tinha a barriga estranhamente inchada.

— O que há de novo? — exclamou ele.

— É que vi alguém na ilha.

Vorski pôs-se a rir.

— Está bêbado, Otto… Este vinhozinho divino de Saumur…

— Não estou bêbado… eu vi… e Conrad também viu.

— Oh! Oh! — fez Vorski. — Isso é mais sério, se Conrad estava com você! E o que é que viram?

— Uma silhueta branca, que se escondeu quando nos aproximamos.

— Onde foi isso?

— Entre a vila e as charnecas, em um pequeno bosque de castanheiros.

— Então foi do outro lado da ilha?

— Sim.

— Perfeito. Vamos tomar precauções.

— Como? Talvez sejam vários…

— Mesmo que fossem dez, não faria diferença. Onde está Conrad?

— Perto da ponte que fizemos para substituir a que se queimou. Está lá vigiando.

— Conrad é um espertalhão. O incêndio da ponte nos reteve do outro lado, um novo incêndio criará o mesmo obstáculo. Véronique, tenho a impressão que alguém veio socorrê-la… O esperado milagre…. A desejada intervenção… tarde demais, minha querida.

Ele desatou as amarras que a prendiam às grades da janela, levou-a para cima do divã e aliviou um pouco a mordaça.

— Dorme, minha filha, descanse o mais que puder. Ainda só está a meio caminho do Gólgota, e a parte final da subida será dura.

Afastou-se, troçando, e Véronique ouviu algumas frases trocadas em voz baixa pelos dois homens, que lhe fizeram compreender que Otto e Conrad eram apenas dois comparsas que ignoravam o que se passava.

— Então, quem é esta infeliz que você persegue? — perguntou Otto.

— Isso não lhe diz respeito.

— É que Conrad e eu gostaríamos de estar um pouco mais bem informados.

— Por que, meu Deus?

— Para sabermos.

— Conrad e você, vocês são dois idiotas — respondeu Vorski. — Quando contratei vocês e os ajudei a fugirem comigo, disse tudo o que podia dizer sobre os meus projetos. Aceitaram as minhas condições. Pior para vocês, agora têm de ir comigo até ao fim…

— Senão?

— Senão, sujeitem-se às consequências. Não gosto de covardes…

Mais algumas horas se passaram. Para Véronique parecia que mais nada poderia mudar o desenlace que tanto esperava. Já não desejava a intervenção de que Otto falara. Na verdade, nem sequer pensava nisso. O filho morrera e ela só desejava juntar-se a ele sem demora, mesmo que fosse à custa do mais terrível suplício. O que importava aliás esse suplício? Há limites para as forças daqueles que são torturados, e ela estava tão próxima de atingir esses limites que a sua agonia não seria prolongada.

Começou a chorar. Mais uma vez, a lembrança do passado veio à sua mente, e o erro cometido aparecia-lhe como a causa de todas as infelicidades acumuladas sobre ela.

E assim, rezando, esgotada, estafada, em um estado de extrema agitação que a tornava indiferente a tudo, ela conseguiu dormir.

O regresso de Vorski não a acordou. Ele teve que sacudi-la.

— Está chegando a hora, pequena. Faça as suas orações.

Ele falava baixo para que os seus comparsas não pudessem entender e, porém eles ouviram, contou-lhe coisas de tempos passados, coisas insignificantes que pronunciava com voz melosa. Por fim exclamou:

— Ainda é muito cedo. Otto, vai vasculhar no armário da comida. Estou com fome.

Sentaram-se à mesa, mas logo Vorski tornou a se levantar:

— Não olhe para mim, pequena. Os teus olhos me incomodam. O que quer? Tem-se uma consciência de que não é nada suscetível quando se está só, mas que se agita quando um bonito olhar como o teu penetra até ao fundo de nós. Baixe as pálpebras, minha linda.

E ele pôs sobre os olhos de Véronique um lenço, dando um nó por trás da cabeça. Mas isso não bastava, então, também envolveu-lhe toda a cabeça com uma cortina de tule que desprendeu da janela e que passou em volta do pescoço. Depois voltou a sentar-se para comer e beber.

Pouco falaram os três, e não disseram nada sobre a expedição na ilha, nem sobre o duelo daquela tarde. Aliás, eram detalhes que não interessavam a Véronique e, que, mesmo que interessa-se, não a poderiam comovê-la. Tudo se tornava estranho para ela. As palavras chegavam aos seus ouvidos, mas não tinham nenhum significado preciso. Ela só pensava em morrer.

Ao chegar a noite, Vorski deu o sinal de partida.

— Então, continua decidido? — perguntou Otto, com um tom de voz um tanto hostil.

— Mais do que nunca. Por que esta pergunta?

— Por nada… mas, mesmo assim…

— Mesmo assim?

— Bem, quer dizer, é um trabalho que não nos agrada muito.

— Não é possível! E somente agora é que você percebe isso, bom homem, depois de ter pendurado alegremente as irmãs Archignat!

— Estava bêbado naquele dia. Você nos fez beber.

— Então beba de novo, meu velho. Toma, aqui está a garrafa de conhaque. Encha o teu copo e me deixe em paz… Conrad, arranjou a maca?

Por volta das oito horas e meia, o sinistro cortejo punha-se a caminho. Vorski ia à frente, com uma lanterna na mão. Os cúmplices transportavam a maca.

As nuvens, ameaçadoras durante toda a tarde, tinham-se acumulado e rolavam sobre a ilha, pesadas e negras. As trevas desciam rapidamente. Soprava um vento de tempestade que fazia dançar a chama da lanterna.

— Brrr… — sussurrou Vorski —, isto é lúgubre… Uma verdadeira noite de Gólgota.

Deu um salto e resmungou, ao ver uma pequena massa negra que corria a seu lado.

— O que é isto? Olhem… Parece um cão…

— É o cão do menino — declarou Otto.

— Ah, sim, o famoso Tout-Va-Bien?… Vem mesmo a propósito, o animal. Vai tudo muito bem, com efeito!… Já vai ver, cão imundo.

Tentou dar-lhe um pontapé. Tout-Va-Bien esquivou-se e, fora de alcance, continuou a acompanhar o cortejo, lançando por várias vezes surdos latidos.

A subida era difícil e, a todo o momento, um dos três homens, deixando o caminho invisível que contornava o relvado diante da fachada principal e que levava ao círculo do Dólmen das Fadas, enroscava-se nas silvas e nos ramos de hera.

— Alto! — ordenou Vorski. — Respirem um pouco, meus bravos. Otto, passe-me a garrafa. Tenho o estômago virado ao contrário.

Bebeu longos tragos.

— É a sua vez, Otto… O quê, não quer? O que está havendo?

— Acho que há gente na ilha, e com certeza nos procuram.

— Então que continuem a procurar!

— E se eles vieram de barco e subiram por aquele caminho da falésia que nós encontramos, por onde a mulher e o rapaz queriam fugir esta manhã?

— O que temos de nos preocuparmos é com um ataque por terra e não por mar. Ora, a ponte foi queimada. Não há comunicação.

— A não ser que eles descubram a entrada das celas, nas Charnecas Negras, e que venham pelo túnel até aqui.

— Eles descobriram essa entrada?

— Isso não sei.

— Bem, admitindo que a descubram, nós não a fechamos, há pouco, a saída deste lado? Não demolimos a escada, não pusemos tudo do avesso? Para desobstruir aquilo, vão perder, meio dia. Ora, à meia-noite estará tudo acabado e, quando amanhecer, estaremos longe de Sarek.

— Estará tudo acabado… estará tudo acabado… quer dizer que teremos mais um crime a pesar na consciência. Mas…

— Mas o quê?

— O tesouro?

— Ah! O tesouro, é isso que te interessa, o tesouro, não é, bandido? Bem, fique tranquilo, é como se já tivesse no bolso a parte que lhe cabe.

— Tem certeza?

— Se tenho certeza! Pensa então que é por prazer que estou aqui fazendo este trabalho sujo?

Puseram-se novamente a caminho. Ao fim de um quarto de hora, começaram a cair algumas gotas de chuva. Um trovão ressoou. A trovoada parecia ainda estar longe.

Terminaram a custo a rude subida. Vorski teve que ajudar os seus companheiros.

— Enfim — disse ele —, chegamos. Otto, passe-me a garrafa… Bem… Obrigado…

Tinham colocado a vítima no pé do carvalho, cujos ramos inferiores haviam sido cortados. Um raio de luz iluminou a inscrição onde estava escrito "V.d'H." Vorski agarrou uma corda que ali estava, e pôs uma escada contra o tronco da árvore.

— Vamos fazer como com as irmãs Archignat — disse ele. — Vou passar a corda por cima daquele tronco que deixamos… Servirá para içar o corpo.

Mas de repente ele deu um salto para o lado. Qualquer coisa anormal acabava de acontecer. Murmurou:

— O quê? O que está acontecendo? Ouviram um assobio?

— Sim — disse Conrad —, qualquer coisa que me roçou a orelha. Parecia um projétil.

— Está louco.

— Eu também ouvi — disse Otto —, e parece que aquilo bateu na árvore.

— Qual árvore?

— O carvalho, e na verdade foi como se tivessem disparado sobre nós.

— Não houve detonação.

— Então foi uma pedra, uma pedra que bateu no carvalho.

— É fácil verificar — disse Vorski. Virou a lanterna e logo exclamou: — Meu Deus! Olhem para lá… por baixo da inscrição…

Eles olharam.

No local que ele indicava, estava cravada uma flecha que ainda vibrava.

— Uma flecha! — articulou Conrad. — Será possível? Uma flecha?

Otto balbuciou:

— Estamos perdidos. Foi mesmo em nós que atiraram.

— Quem atirou não está longe — observou Vorski. — Abram os olhos… vamos procurar…

Ele projetou em volta um raio de luz que perscrutou as trevas ao redor.

— Pare — disse subitamente Conrad. — Um pouco mais para a direita… Está vendo?

A quarenta passos deles, para além do carvalho atingido pelo raio e na direção do Calvário Florido, via-se uma coisa branca, uma silhueta que tentava, pelo menos assim parecia, escondendo-se atrás de uns arbustos.

— Nem uma palavra, nem um gesto… — ordenou Vorski —, nada que faça supor que o descobrimos. Conrad, vem comigo. Você, Otto, fique aqui, de revólver na mão e olhos bem abertos. Se tentarem se aproximar e libertar a mulher, dois tiros e nós voltamos correndo. Compreendido?

— Compreendido.

Ele inclinou-se sobre Véronique e destapou um pouco o véu. Os olhos e a boca continuavam cobertos pela venda e pela mordaça. Ela respirava mal e tinha o pulso fraco e lento.

— Temos tempo — murmurou ele —, mas é preciso nos apressarmos se quisermos que ela morra conforme o combinado. De qualquer maneira, parece que ela não vai sofrer… Já não tem consciência de nada…

Vorski pousou a lanterna, depois, lentamente, seguido pelo seu comparsa, ambos escolhendo os locais onde a sombra era mais densa, deslizou em direção à sombra branca.

Mas não tardou para perceber que, por um lado, essa silhueta, que parecia imóvel, se deslocava ao mesmo tempo que ele, de modo que a distância entre eles se mantinha a mesma, e, por outro lado, que ela era acompanhada por uma pequena silhueta negra.

— É aquele cão imundo — resmungou Vorski.

Apressou o passo. A distância não diminuiu. Correu, e a silhueta também correu. E o mais estranho era que não se ouvia ruído algum de folhas revolvidas ou de passos sobre o solo provocado pela corrida dessa misteriosa personagem.

— Irra! — praguejou Vorski. — Ele está zombando de nós. E se a gente atirar, Conrad?

— É muito longe. As balas não o atingiriam.

— Mas, o quê!? Nós não vamos…

O desconhecido conduziu-os para a ponta da ilha, depois desceu até à saída do túnel, passou perto do Priorado, seguiu ao longo da falésia ocidental e atingiu a ponte, da qual algumas tábuas ainda fumegavam. Depois mudou de direção, voltou a passar pelo outro lado da casa e subiu pelo relvado.

Uma vez por outra, o cão ladrava alegremente.

Vorski não se acalmava. Quaisquer que fossem os seus esforços, não ganhava um palmo de terreno e a perseguição já durava há um quarto de hora. Acabou por afrontar o inimigo.

— Pare, se não é um covarde…. O que você quer? Atrair-nos para uma armadilha? Para quê?… Quer salvar a mulher? No estado em que ela está, não vale a pena, Ah, patife, se ponho as mãos em cima de você…

De repente, Conrad agarrou-o pela aba da túnica.

— O que foi, Conrad?

— Olhe. Parece que ele não se mexe.

De fato, pela primeira vez, a silhueta branca distinguia-se, cada vez mais nítida nas trevas, e podia-se ver, entre as folhas de uma moita, a sua posição naquele instante: os braços um pouco abertos, as costas encurvadas, as pernas dobradas como se estivessem cruzadas sobre o chão.

— Deve ter caído — declarou Conrad.

Vorski avançou e gritou:

— Quer que eu atire, canalha? Tenho a arma apontada para você. Levante os braços ou eu atiro.

Nenhum movimento.

— Pior para você. Não dê uma de esperto, você não escapa. Vou contar até três e disparo.

Caminhou até vinte metros da silhueta e, de braço estendido, começou:

— Um… dois… Está pronto, Conrad? Vamos disparar.

Ouviu-se um grito de aflição.

A silhueta parecia ter caído por terra. Os dois homens avançaram.

— Ah, está aí, seu patife. Já vai ver do que Vorski é capaz. Ah, bandido, me fez correr muito. Vamos acertar as contas.

A alguns passos, ele acalmou, receando uma surpresa. O desconhecido não se mexia, e Vorski pôde constatar, mais de perto, que ele tinha a

aparência inerte e deformada de um homem morto, de um cadáver. Então só seria preciso pular em cima dele. Foi o que Vorski fez, troçando:

— Boa caçada, Conrad, Vamos apanhar a caça.

Mas ele ficou muito surpreso ao pegar a caça, porque agarrara apenas uma presa, de certo modo impalpável, e que era afinal uma simples túnica, sob a qual já não havia ninguém, tendo o dono dessa túnica fugido a tempo, depois de prendê-la nos espinhos de uma moita. Quanto ao cão, ele tinha desaparecido.

— É demais! — proferiu Vorski. — Ele nos enganou, o bandido! Mas, que diabos, por quê?

Exteriorizando a sua fúria da maneira estúpida que lhe era habitual, pisoteava sob os pés o pedaço de pano, quando um pensamento lhe surgiu.

— Por quê? Mas, era o que eu estava dizendo… uma armadilha… um truque para nos afastar daquela mulher, enquanto os amigos dele atacam Otto. Ah! Sou mesmo idiota!

Voltou para lá no meio da escuridão e, assim que avistou claramente o dólmen, chamou:

— Otto! Otto!

— Alto! Quem está ai? — disse Otto com uma voz assustada.

— Sou eu… não atire!

— Quem está aí? Você?

— Sim, sou eu, seu imbecil.

— E os dois tiros?

— Nada… um engano… depois contamos…

Ele chegara junto do carvalho e, imediatamente, pegando na lanterna, projetou a luz sobre a sua vítima. Ela não se mexera, permanecia estendida contra a base da árvore, com a cabeça envolvida pelo véu.

— Ah! — exclamou ele. — Já posso respirar à vontade. Estava mesmo cheio de medo.

— Medo de quê?

— De que a levassem, ora essa!

— Mas, e eu, eu não estava aqui?

— Você! Você! Não é mais valente que qualquer outro… e se tivessem atacado…

— Eu atirava… você ouviria o sinal.

— Sabe-se lá! Bem, não houve nada?

— Absolutamente nada.

— A dama não ficou muito agitada?

— A princípio, sim. Queixava-se, gemendo por baixo do capuz, tanto que eu já estava perdendo a paciência.

— E depois?

— Oh! Depois… aquilo não durou muito tempo… com um bom murro coloquei-a para dormir.

— Ah! Bruto! — exclamou Vorski. — Se a tiver matado, também será um homem morto.

Baixou-se e colou o ouvido no peito da infeliz.

— Não — disse ele, passado um instante. — O coração ainda bate… Mas talvez ela não dure muito tempo. Mãos à obra, camaradas. Dentro de dez minutos, tudo tem que estar acabado.

“Eli, Eli, Lamma Sabathani!”

Os preparativos não demoraram, e neles o próprio Vorski se empenhou ativamente. Apoiou a escada ao tronco da árvore, passou uma das extremidades da corda em volta da vítima, a outra por cima de um dos ramos superiores e, apoiado no último degrau, ordenou aos cúmplices:

— Ouçam, agora só têm que puxar. Ponham-na de pé, primeiro, e um de vocês segura o corpo dela.

Esperou um momento. Mas, ao ver que Otto e Conrad falavam em voz baixa, exclamou:

— Então, não vão se mexer?… Aqui em cima sou um alvo muito fácil para quem quiser atirar uma bala ou uma flecha. Vamos logo?

Os dois comparsas não responderam.

— Isso está difícil! O que está havendo agora? Otto… Conrad…

Saltou para o chão e disse-lhes com rudeza:

— Vocês têm cada uma! Desse jeito, vamos ficar aqui até amanhã de manhã… e estará tudo perdido. Então não responde, Otto?

Virou a luz para a cara dele.

— Vamos ver, agora está se negando a ajudar? Já devia ter dito! E você, Conrad? Fazendo greve, então?

Otto abanou a cabeça.

— Greve… não chegamos a esse ponto. Mas Conrad e eu gostaríamos que nos desse algumas explicações.

— Explicações? Sobre o quê, estúpido? Sobre a dama que vamos executar? Sobre algum dos dois rapazes? Não vale a pena insistir, camaradas. Quando propus o trabalho a vocês, eu não disse: “Façam o que eu mandar, sem discutir?”. Vai ser um trabalho difícil, vai correr muito

sangue. Mas, no fim, um grande tesouro está à nossa espera.

— Aí é que está o problema — disse Otto.

— Explique-se, idiota.

— Você é que tem que se explicar, e de se lembrar dos termos do nosso contrato. Quais são?

— Conhece-os melhor do que eu.

— Precisamente, peço que os repita para se lembrar.

— Tenho boa memória. O tesouro é meu, mas vou repartir duzentos mil francos desse tesouro com vocês.

— É, mas também não é isso. Já vamos chegar lá. Mas primeiro falemos desse famoso tesouro. Há semanas que andamos aqui, nos esforçando, vivendo em um mar de sangue, e em um pesadelo de toda a espécie de crimes… e nada de tesouro!

Vorski encolheu os ombros.

— Está ficando cada vez mais estúpido, meu pobre Otto. Sabe que havia primeiro um certo número de coisas que tinham de ser feitas. Já estão todas feitas, menos uma. Dentro de alguns minutos também essa estará cumprida, e o tesouro será nosso.

— Que garantia temos disso?

— Acha então que eu teria feito tudo o que fiz, se não tivesse a certeza do resultado… tal como tenho a certeza de estar vivo? Todos os acontecimentos se desenrolaram segundo uma ordem exata e previamente determinada. O último acontecerá na hora prevista e me abrirá a porta.

— A porta do inferno — zombou Otto —, como ouvi Maguennoc dizer.

— Seja qual for o nome que lhe deram, ela abre para o tesouro que eu vou conquistar.

— Está bem — disse Otto, impressionado com a convicção de Vorski. — Está bem. Acredito que tenha razão. Mas quem garante que teremos a nossa parte?

— Terão a sua parte, pela simples razão de que a posse do tesouro me dará riquezas tão fantásticas, que não será por uma ninharia de duzentos mil francos que irei arranjar problemas com vocês.

— Então, dá a sua palavra?

— Evidentemente.

— Garante que todas as cláusulas do contrato serão respeitadas?

— Lógico. Onde você quer chegar?

— Ao seguinte: é que começou nos enganando da maneira mais vil, e desrespeitou uma das cláusulas do contrato.

— Hein? Que história é essa? Não sabe com quem está falando?

— Com você, Vorski.

Vorski agarrou o seu cúmplice pelos colarinhos.

— O que é isto? Atreve-se a insultar-me? A mim, a mim!

— Por que não? Você não me roubou?

Vorski conteve-se e, com a voz colérica, disse:

— Fale, mas preste bem atenção, meu filho, porque o teu jogo é perigoso. Fale.

— Aqui vai — declarou Otto. — Além do tesouro, além dos duzentos mil francos… Tínhamos combinado, e você até jurou de mão erguida, tínhamos combinado que qualquer quantia em dinheiro que algum de nós encontrasse seria dividida ao meio: metade para você, metade para Conrad e para mim. Não é verdade?

— É.

— Então me dê — disse Otto, estendendo a mão.

— Dar o quê? Não encontrei nada.

— Mentira. Enquanto despachávamos as irmãs Archignat, você encontrou no vestido de uma delas o pé-de-meia que não tínhamos conseguido encontrar, na casa delas.

— Essa é boa! — disse Vorski, em um tom em que se percebia um certo embaraço.

— É a pura verdade.

— Prove.

— Tire fora o embrulhinho amarrado com cordão que você prendeu aí dentro da camisa.

E Otto tocou com o dedo no peito de Vorski, acrescentando:

— Então? Tire daí o embrulhinho e mostre as cinquenta notas de mil.

Vorski não respondeu. Estava estupefato, como alguém que não entende nada do que está acontecendo, e que procura em vão adivinhar como pôde o adversário munir-se de armas contra si.

— Confessa? — perguntou-lhe Otto.

— Por que não? — replicou ele. — Tinha intenção de acertar contas mais tarde, de uma vez só.

— Prefiro acertar já.

— E se eu recusar?

— Não recusa.

— Se eu recusar…?

— Nesse caso, tome cuidado.

— Não tenho medo, vocês são apenas dois.

— Somos pelo menos três.

— Onde está o terceiro?

— O terceiro é um senhor que não aparenta ser qualquer um, pelo que Conrad acaba de me dizer… aquele que o enganou agora há pouco, o homem da flecha e da túnica branca.

— E você seria capaz de chamá-lo?

— É claro!

Vorski sentiu que estava em desvantagem. Os dois comparsas rodeavam-no e seguravam-no fortemente. Tinha que ceder.

— Toma, ladrão! Toma, bandido! — exclamou, tirando o embrulho e desdobrando as notas.

— Não vale a pena contar — disse Otto, arrancando-lhe de repente o maço de notas.

— Mas…

— É assim. Metade para Conrad, metade para mim.

— Ah, bruto! Ladrão! Vai pagar por isto. Não estou nem aí com o dinheiro. Mas me roubar assim! Ah! Não queria estar na tua pele.

Continuou a insultá-lo e depois, de repente, começou a rir, um riso maligno e forçado.

— Afinal de contas, foi uma boa jogada, Otto! Mas como é que você soube? Tem que me contar, hein? Não podemos é perder nem mais um minuto. Agora já estamos de acordo em tudo, não é? Vamos terminar logo com isto?

— Sem protestar, já que aceitou assim tão bem — disse Otto. E, em tom agradável, o cúmplice acrescentou: — Ainda assim você tem classe, Vorski… É um lorde!

— E você é um criado a quem eu pago. Já foi pago, então mexa-se. O trabalho é urgente.

O trabalho, como dizia a terrível personagem, foi rapidamente executado. De novo no alto da escada, Vorski repetiu as ordens a que Conrad e Otto docilmente se submeteram.

Puseram a vítima de pé e depois, ao mesmo tempo que a mantinham em equilíbrio, puxaram-na pela corda. Vorski apanhou a infeliz e, como os joelhos dela tinham se dobrado, esticou-lhe brutalmente as pernas. Assim estendida contra o tronco da árvore, com o vestido apertado à volta das pernas, ambos os braços caídos e ligeiramente afastados do tronco, amarraram-na pela cintura e por debaixo dos braços.

Ela não parecia ter recuperado os sentidos, pois nem sequer gemeu. Vorski quis dizer-lhe algumas palavras, que apenas balbuciou, incapaz de as pronunciar. Depois tentou levantar-lhe a cabeça, mas desistiu sem coragem para tocar naquela que ia morrer, e a cabeça voltou a cair sobre o peito.

Logo a seguir ele desceu e balbuciou:

— A aguardente, Otto… cadê a garrafa? Ah, que coisa repugnante!

— Ainda estamos em tempo — objetou Conrad.

— Estamos em tempo… de quê? De libertá-la? Escute, Conrad. Eu preferia… sim, eu preferia estar no lugar dela a libertá-la. Abandonar a minha obra? Ah, é que você não sabe que obra é essa, e qual é o meu objetivo! Se não fosse isso…

Bebeu de novo.

— Excelente aguardente, mas, para me sentir como novo, eu preferia rum. Tem rum, Conrad?

— O resto de um frasquinho.

— Me dá aqui.

Cobriram a lanterna, com medo de serem vistos, e sentaram-se encostados à árvore, decididos a permanecer em silêncio. Mas o calor do álcool subia-lhes à cabeça. Vorski, muito excitado, pôs-se a discursar:

— Vocês não precisam de explicação nenhuma. Não vale a pena saberem o nome daquela que está ali para morrer. Basta saber que é a quarta das mulheres que deviam morrer crucificadas, e que o destino a tinha designado especialmente. Mas há uma coisa que posso dizer, agora que o triunfo de Vorski vai resplandecer diante dos seus olhos. Tenho até orgulho em anunciar, pois se todos os acontecimentos dependeram até aqui de mim e da minha vontade, este que vai acontecer, depende das mais poderosas vontades, das vontades que trabalham Vorski!

Como se este nome lhe acariciasse os lábios, disse ainda várias vezes:

— Para Vorski!… Para Vorski!…

E levantou-se, obrigado pela exuberância dos seus pensamentos a andar e a gesticular.

— Vorski, filho de rei, Vorski, eleito do destino, prepara-te. Chegou a tua hora. És apenas o maior aventureiro e o mais criminoso de todos os criminosos que o sangue dos outros manchou, ou então és realmente o profeta iluminado que os deuses coroam de glória. Super-homem ou bandido. Eis a decisão do destino. As batidas do coração da vítima sagrada que é imolada aos deuses marcam os segundos supremos. Ouçam-nas, vocês dois que aí estão.

Subiu as escadas e tentou ouvir as pobres batidas de um coração exausto. Mas a cabeça, inclinada para a esquerda, impedia-o de encostar o ouvido ao peito e ele não ousava tocar-lhe. Apenas uma respiração desigual e rouca quebrava o silêncio.

Ele disse em voz baixa:

— Véronique… está me ouvindo?… Véronique… Véronique…

Depois de um momento de hesitação, continuou:

— É preciso que saiba… sim, isto que estou fazendo, até a mim mesmo me horroriza. Mas é o destino. Você se lembra da predição? *"A tua mulher morrerá crucificada."* E até o teu próprio nome, Véronique, é isso que ele evoca!… Lembre-se que a santa Verônica enxugou o rosto de Cristo com um pano, e que sobre esse pano ficou gravada a imagem sagrada do Salvador… Véronique, está me ouvindo, Véronique?…

Voltou a descer apressadamente, arrancou o frasco de rum das mãos de Conrad e esvaziou-o de um trago.

Então, entrou em uma espécie de delírio que o fez divagar durante alguns instantes em uma língua que os seus comparsas não perceberam. Depois pôs-se a provocar o inimigo invisível, a provocar os deuses, a lançar imprecações e blasfêmias.

— Vorski é o mais forte. Vorski domina o destino. Os elementos e as potências misteriosas têm de lhe obedecer. Tudo se passará como ele decidiu e o grande segredo ser-lhe-á anunciado sob formas místicas e segundo os preceitos da cabala. Vorski é esperado como o profeta. Vorski será acolhido com gritos de alegria e êxtase, e alguém que não sei quem é e que apenas vislumbro, virá perante ele com palmas e bênçãos. Que esse se prepare! Que surja das trevas e suba ao inferno! Eis Vorski! Que ao som dos sinos e do canto das aleluias, o sinal fatídico surja à face do céu, enquanto a

terra se entreabre e projeta turbilhões de chamas.

Ficou em silêncio como se perscrutasse no espaço os sinais que predizia. De cima provinha a agonia desesperada da moribunda. A trovoada ressoava ao longe, e as nuvens negras eram dilaceradas pelos relâmpagos. Dir-se-ia que toda a natureza respondia ao apelo do bandido.

Os eloquentes discursos e a mímica do impostor impressionavam vivamente os comparsas.

Otto murmurou:

— Ele me faz medo.

— É do vinho — pronunciou Conrad. — Mas, mesmo assim, ele está proclamando coisas terríveis.

— Coisas que andam à nossa volta — declamou Vorski, cujo ouvido registrava os mínimos ruídos —, coisas que fazem parte da hora presente e que foram legadas pela sucessão dos séculos. É como um parto prodigioso. E digo aos dois, que vocês vão ser as perturbadas testemunhas disso tudo. Otto e Conrad, preparem-se: a terra vai tremer, e, exatamente no local onde Vorski irá conquistar a pedra-deus, uma coluna de fogo se elevará para o céu.

— Ele já não sabe o que diz — resmungou Conrad.

— E lá está outra vez em cima da escada — sussurrou Otto. — Pior para ele, se levar uma flecha!

Mas a exaltação de Vorski excedia a todos os limites. O fim se aproximava. Esgotada pelo sofrimento, a vítima agonizava.

Em voz muito baixa, para ser ouvido só por ela, depois com voz cada vez mais alta, Vorski recomeçou:

— Véronique… Véronique… está terminando a tua missão… está chegando ao fim da subida… Glória a você! Cabe a você uma parte no meu triunfo… Glória a você! Escuta! Já está ouvindo, não está? O ribombar do trovão se aproxima. Os meus inimigos foram vencidos, já não pode mais ser socorrida! Eis a última batida do teu coração… Eis o teu último queixume… *Eli, Eli, lamma sabathani!*… Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Ele ria como um louco, como se risse da mais divertida aventura. Depois fez-se um silêncio. O ribombar dos trovões parou. Vorski inclinou-se e, de repente, vociferou, do alto da escada:

— *Eli, Eli, lamma sabathani!* Os deuses a abandonaram… A morte fez o seu trabalho. A última das quatro mulheres morreu!

Calou-se novamente e depois gritou duas vezes:

— Véronique morreu! Véronique morreu!

De novo se fez um silêncio.

E de um momento para o outro o solo tremeu: não um abalo produzido por um trovão, mas uma convulsão interna, profunda, vinda das próprias entranhas da terra, e que repercutiu sucessivamente como um estrondo, cujo eco se propaga através dos bosques e das colinas.

E, quase ao mesmo tempo, perto deles, na outra extremidade do semicírculo de carvalhos, um jato de fogo jorrou e subiu para o céu, um turbilhão de fumo com chamas vermelhas, amarelas e violetas.

Vorski não pronunciou palavra. Os seus companheiros estavam confusos. Por fim, um deles balbuciou:

— É o velho carvalho apodrecido, aquele que já foi queimado pelo raio.

De fato, embora o incêndio tivesse se extinguido, quase imediatamente, eles conservavam a visão fantástica do velho carvalho completamente em brasa, transparente e a vomitar chamas e vapores multicolores.

— É aqui a entrada que conduz até à pedra-deus — disse Vorski. — O destino manifestou-se como eu anunciei, e manifestou-se forçado por mim, que fui seu servo e que sou agora seu senhor.

Avançou com a lanterna na mão. Ficaram surpreendidos por ver que a árvore não mostrava vestígio algum do incêndio e que a massa de folhas secas, mantidas dentro de uma reentrância formada pelo afastamento de alguns ramos inferiores, não tinha ardido.

— Mais um milagre — disse Vorski. — É tudo um milagre incompreensível.

— Que vamos fazer? — perguntou Conrad.

— Penetrar na entrada que nos foi indicada. Traga a escada, Conrad e enfie a mão nesse monte de folhas. A árvore é oca e já vamos ver…

— Mesmo que a árvore seja oca — disse Otto —, sempre há as raízes… e não posso acreditar em uma passagem através das raízes.

— Volto a dizer que já vamos ver. Remexa as folhas, Conrad… Tire-as…

— Não — replicou decididamente Conrad.

— Mas por que não?

— Lembra-se de Maguennoc? Lembra-se de que ele quis tocar na pedra-deus e que teve de cortar a mão?

— Mas a pedra-deus não está aqui! — zombou Vorski.

— Como é que sabe? Maguennoc estava sempre falando da porta do inferno. Não era isso aqui que ele chamava assim?

Vorski encolheu os ombros.

— E você, também tem medo, Otto?

Otto não respondeu, e Vorski também não tinha pressa em arriscar-se à experiência, pois acabou por dizer:

— Na verdade, não há pressa. Esperemos pelo amanhecer. Deitaremos a árvore abaixo com um machado, o que nos mostrará, melhor do que qualquer outra coisa, aquilo que nos espera e como temos que proceder.

Assim ficou combinado. Mas, como o sinal fora visto por outros, além deles, e porque era necessário evitar que alguém se antecipasse, resolveram permanecer ali mesmo, em frente da árvore, sob o abrigo que lhes oferecia a enorme laje superior do Dólmen das Fadas.

— Otto — ordenou Vorski —, vá buscar no Priorado qualquer coisa para beber, e traga também um machado, cordas, tudo o que for necessário.

A chuva começava a cair com extrema violência. Instalaram-se logo sob o dólmen e, por turnos, cada um ficou de guarda, enquanto os outros dormiam.

Não surgiu nenhum incidente durante a noite. A tempestade foi muito violenta. Depois, pouco a pouco, tudo acalmou. Ao amanhecer, investiram contra o carvalho, que, puxado por cordas, depressa se abateu.

Perceberam então que no interior da própria árvore, entre detritos e podridões, fora feito uma espécie de canal, que se prolongava no meio do bloco de areia e pedras amalgamado à volta das raízes.

Com a ajuda de um enxadão, escavaram o terreno. Logo apareceram degraus, houve um desabamento, e viram uma escada vertical ao longo da parede de uma muralha que descia para o interior das trevas. Projetaram a luz da lanterna. Por baixo deles, abria-se uma gruta.

Vorski foi o primeiro a arriscar-se a entrar. Os outros seguiram-no prudentemente.

A escada, que primeiro era feita de degraus de terra sustentados por pedregulhos, era em seguida escavada na própria rocha. A gruta onde chegaram nada tinha de especial e mais parecia um vestíbulo de acesso.

Comunicava, de fato, com uma espécie de cripta, de teto arredondado, cujas paredes eram feitas de uma grosseira alvenaria de pedras soltas.

Em toda a volta erguiam-se, como estátuas disformes, doze pequenos menires, cada um deles com o esqueleto de uma cabeça de cavalo. Vorski tocou em uma delas: desfez-se em pó.

— Em vinte séculos, ninguém nunca havia entrado nesta cripta — disse ele. — Somos os primeiros homens que pisam este chão, os primeiros que olham os vestígios do passado que ela contém.

Com uma ênfase cada vez maior, acrescentou;

— Aqui era a câmara mortuária de um grande chefe. Costumavam enterrar junto dele os seus cavalos favoritos e também as suas armas… olhem, aqui estão os machados, uma faca de sílex… e também podemos ver vestígios de certas práticas funerárias, como o provam este monte de carvão de madeira e, deste lado, estas ossadas calcinadas…

A emoção alterava-lhe a voz. Murmurou:

— Sou o primeiro que aqui entra… Eu era esperado. Um mundo adormecido que desperta com a minha chegada.

Conrad interrompeu-o.

— Há outra saída, outra passagem, e vê-se daqui uma claridade ao longe.

Um corredor estreito conduziu-os, com efeito, a outra câmara e depois chegaram a uma terceira sala.

As três criptas eram semelhantes. As mesmas alvenarias, as mesmas pedras erguidas, os mesmos esqueletos de cavalo.

— Três túmulos de grandes chefes — disse Vorski. — É evidente que precedem o túmulo de um rei e que eles eram os guardas desse rei, depois de em vida terem sido os seus companheiros. Sem dúvida é a próxima cripta…

Ele não ousou entrar lá, não por medo, mas por excesso de perturbação e por um sentimento de vaidade exasperada, cuja sensação saboreava.

— Vou finalmente saber — declamava ele. — Vorski chega ao fim e só tem de estender a mão para ser pago como um rei pelos seus trabalhos e batalhas. A pedra-deus está ali. Durante séculos e séculos quiseram violar o segredo da ilha e ninguém o conseguiu. Vorski chegou e a pedra-deus pertence-lhe. Que ela se mostre então a mim e me dê o poder que me foi prometido. Entre ela e Vorski, nada… nada, a não ser a minha vontade. E

eu quero. O profeta surgiu do fundo das trevas. Ei-lo. Se houver, neste reino dos mortos, um fantasma encarregado de me conduzir até à pedra divina e de me colocar sobre a cabeça a coroa de ouro, que esse fantasma se erga. Vorski está aqui.

Entrou.

Esta quarta sala era muito maior e tinha uma abóbada um pouco mais baixa. No meio, havia uma abertura circular, não mais larga que um orifício deixado por um tubo muito fino, e por onde entrava uma coluna de luz meio velada que formava um círculo muito nítido sobre o chão.

No centro deste círculo e sobre algumas pedras dispostas umas contra as outras, como se estivesse em exposição, estava um bastão de metal.

De resto, a cripta não diferia das primeiras, como elas ornada de menires e de cabeças de cavalo, mostrando também vestígios de sacrifícios.

Vorski não tirava os olhos do bastão de metal. Coisa estranha, esse metal brilhava como se nenhuma poeira o tivesse coberto. Vorski estendeu a mão.

— Não, não — disse energicamente Conrad.

— Por quê?

— Deve ter sido isso que Maguennoc tocou, e que lhe queimou a mão.

— Está louco.

— Olhe que…

— Eh! Não tenho medo de nada — declarou Vorski, pegando no objeto.

Era um cetro de chumbo trabalhado muito grosseiramente, que revelava contudo um certo esforço artístico. Sobre o cabo enrolava-se uma serpente, ora incrustrada no chumbo, ora em relevo. A cabeça enorme e desproporcional dessa serpente formava a extremidade do cabo e estava eriçada de pregos de prata e de pequenas pedras verdes transparentes como esmeraldas.

— Será a pedra-deus? — murmurou Vorski.

Manuseava o objeto e examinava-o por todos os lados com um receio respeitoso, e não tardou a perceber que a extremidade do cabo girava imperceptivelmente. Moveu-a, rodou para a direita, depois para a esquerda, e, finalmente, ela desprendeu-se; a cabeça da serpente foi desatarraxada.

No interior havia uma cavidade. Nessa cavidade, uma pedra… uma pedra pequena, de cor avermelhada, com veios amarelos que pareciam veios de ouro.

— É ela! Oh! É ela! — disse Vorski, emocionado.

— Não toque! — repetiu Conrad, cheio de temor.

— O que queimou Maguennoc não queimará Vorski — respondeu ele, gravemente.

E, desafiador, transbordando de orgulho e de alegria, conservava a pedra misteriosa dentro da mão fechada, que apertava com todas as suas forças.

— Pois que me queime, eu não me importo! Que entre na minha carne, ficarei feliz com isso.

Conrad fez-lhe um sinal e pôs um dedo sobre a boca.

— O que foi? — perguntou ele. — Ouviu alguma coisa?

— Sim — disse o outro.

— Eu também — afirmou Otto.

De fato, ouvia-se um som ritmado, em uma cadência regular, mas com altos e baixos, e uma espécie de música irregular.

— Mas, é mesmo aqui perto!… — resmungou Vorski. — Até parece que é nesta sala.

Era na sala, em instantes tiveram a certeza disso, como também já não podiam duvidar de que aquele ruído se parecia mesmo com o ressonar de alguém.

Conrad, que adiantara esta hipótese, foi o primeiro a rir dela. Mas Vorski disse-lhe:

— Na verdade, acho que você tem razão… é mesmo alguém a ressonar… Então há alguém aqui?

— O barulho vem deste lado — disse Otto —, deste canto escuro.

A claridade não passava para além dos menires. Por trás deles abriam-se outros tantos nichos obscuros. Vorski projetou em um deles a luz da lanterna e imediatamente deixou escapar um grito de estupefação.

— Alguém… sim… há alguém aqui… olhem…

Os dois cúmplices avançaram. Sobre um monte de pedras empilhadas em um canto dormia um homem, um velho com barba branca e longos cabelos brancos. A pele do rosto e das mãos era sulcada por mil rugas. Um círculo azulado rodeava-lhe as pálpebras fechadas. Pelo menos um século passara por ele.

Uma túnica de linho remendada e rota cobria-o da cabeça aos pés. À volta do pescoço e descendo sobre o peito tinha um rosário dessas bolas

sagradas a que os Gauleses chamavam ovos de serpente, e que são ouriços-do-mar. Ao alcance da mão, um machado com sinais indecifráveis. Por terra, alinhadas, pedras de sílex cortantes, grandes anéis, dois pingentes de jaspe verde, dois colares de esmalte azul.

O velho continuava a ressonar. Vorski murmurou:

— O milagre continua… É um sacerdote… um sacerdote como os de outrora… do tempo dos Druidas.

— E então? — perguntou Otto.

— Então, ele está à minha espera!

Conrad exprimiu uma opinião brutal.

— Eu acho que devíamos rachar-lhe a cabeça com o machado.

Mas Vorski exaltou-se.

— Se tocar nele, nem que seja num fio de cabelo, você é um homem morto.

— Mas…

— Mas, o quê?

— Talvez seja um inimigo… talvez seja aquele que perseguimos ontem à noite… Lembra-se… a túnica branca.

— Seu idiota! Com a idade que tem, acha que foi ele que nos fez correr daquela maneira?

Inclinou-se e pegou suavemente no braço do velho, dizendo:

— Acorde… sou eu…

Nenhuma resposta. O homem não acordava. Vorski insistiu.

O homem remexeu-se sobre o leito de pedras, disse algumas palavras e voltou a adormecer.

Vorski, já um pouco impaciente, sacudiu-o novamente, mas com mais força e elevando a voz:

— Então, vamos, não podemos ficar aqui muito mais tempo. Vamos!

Sacudiu o velho com mais força. Este teve um gesto de irritação, repeliu o importuno, mergulhou por alguns instantes no sono, depois, por fim, saturado, voltou-se para o outro lado e resmungou, furioso:

— Ah! Bolas!

O Velho Druida

Os três cúmplices compreenderam imediatamente o sentido desta exclamação pronunciada em sua própria língua. Ficaram estupefatos. Vorski interrogou Conrad e Otto.

— Hein? O que é que ele disse?

— Sim, sim, foi isso mesmo… — respondeu Otto.

Por fim, Vorski fez uma nova tentativa sobre o ombro do desconhecido, que se voltou no seu leito, espreguiçou-se, bocejou, pareceu voltar a adormecer e, de repente, vencido, soerguendo-se, proferiu:

— Mas, o que foi! Já não se pode então dormir à vontade nesta espelunca?

Um feixe de luz cegou-o e ele resmungou, assustado:

— O que é? O que querem de mim?

Vorski pousou a lanterna sobre uma saliência da parede e o seu rosto apareceu então sob a claridade. O velho, que continuava a dar mostras de mau humor através de queixumes incoerentes, olhou para o seu interlocutor, acalmou-se pouco a pouco, ficou até com uma expressão amistosa, quase sorriu, e, estendendo a mão, exclamou:

— Ora esta! Mas então é você, Vorski? Como vai, meu velho?

Vorski ficou perplexo. Que se fosse conhecido do velho e que ele o chamasse pelo nome, isso não o espantava muito, pois tinha a convicção, de algum modo mística, de que ele próprio era esperado como um profeta. Mas, para um profeta iluminado e coberto de glória que se apresenta diante de um desconhecido dignificado pela dupla majestade da idade e da função sacerdotal, era penoso ser acolhido sob a designação de "meu velho".

Hesitante, inquieto, não sabendo com quem estava lidando, perguntou:

— Quem é você? Por que está aqui? Como é que veio?

E como o outro o olhava com ar surpreendido, repetiu com mais força:

— Diga, quem é você?

— Quem sou eu? — disse o velho com uma voz rouca e trêmula. — Quem sou eu? Por Teutates, deus dos Gauleses, é você que me faz essa pergunta? Então não me conhece? Ora, você lembra… O bom Ségenax… hein? Lembra?… O pai de Velléda?… O bom Ségenax, magistrado venerado entre os Rhédons, de quem Chateaubriand fala no tomo primeiro dos seus Mártires? Ah! Já vejo que começa a se lembrar.

— Mas que história é essa? — exclamou Vorski.

— Não é história nenhuma! Eu vou explicar por que é que estou aqui, e que tristes acontecimentos me trouxeram até aqui no passado. Decepcionado com a conduta escandalosa de Velléda, que se "portou mal" com o sinistro Eudore, eu entrei para a ordem, o que quer dizer que passei brilhantemente no meu exame de Druida. Depois de algumas burrices… oh! nada de grave… três ou quatro escapadas até à capital, ao Mabille e mais tarde ao Moulin Rouge… depois disso, aceitei o lugarzinho que ocupo aqui, uma coisa muito sossegada, como veem… guarda da pedra-deus… é um descanso, pois então!

A estupefação e a inquietude de Vorski aumentavam a cada palavra. Consultou os companheiros.

— Vamos rachar a cabeça dele — repetia Conrad. — Acho que é o melhor, e não vou mudar de ideia.

— E você, Otto?

— Eu acho que é para desconfiar.

— É claro que é para desconfiar.

Mas o velho Druida ouviu. Apoiando-se em um bastão, levantou-se e gritou:

— Mas o que é isso? Desconfiar de mim? Essa é boa! Chamarem-me de charlatão! Então não viram o meu machado, e no cabo do machado o desenho da cruz gamada? Hein? A cruz gamada, o símbolo solar cabalístico por excelência. E isto? Que é isto? *(Mostrava o seu rosário de ouriços-do-mar.)* Hein? O que é isto? Titica de coelho? Isto é que é descaramento! Chamar de titica de coelho aos ovos de serpente, *"ovos de serpente que elas formam com a baba e a espuma dos seus corpos misturados e que lançam para o ar no meio de silvos"*. Foi o próprio Plínio que o disse! Não vão

também chamar Plínio de charlatão, espero? Olhem só! Desconfiar de mim, quando eu tenho todos os diplomas de velho Druida, todas as patentes, todas as licenças, todos os certificados assinados por Plínio e por Chateaubriand. Que descaramento! Não, é verdade, podem encontrar velhos Druidas da minha espécie, autênticos, da época, com o seu aspeto antigo e barba secular! Eu, um charlatão! Eu, que respeito todas as tradições e que conheço como ninguém os costumes do passado! Querem ver a dança do velho Druida, tal como a dancei diante de Júlio César? Querem?

E sem esperar pela resposta, largando o bastão, o velho pôs-se a dar saltos fantasiosos e a dançar gingas desenfreadas com uma extraordinária agilidade. E era um espetáculo divertidíssimo vê-lo saltar e rodopiar, com as costas curvadas, os braços pendentes, as pernas levantando-se para a direita e para a esquerda, saindo de baixo da túnica, a barba seguindo as evoluções do corpo que se saracoteava, enquanto a voz trémula anunciava sucessivamente os diversos movimentos:

— O passo do velho Druida ou as delícias de Júlio César. Olé… A dança do visco sagrado, vulgarmente chamada dança de Saint-Guy!… A valsa dos ovos de serpente, com música de Plínio… Olé! Olé! Acabaram-se as tristezas!… A Vorski, o tango dos trinta caixões!… O hino do profeta vermelho! Aleluia! Aleluia! Glória ao profeta!

Por alguns momentos ele ainda continuou com os seus saltos endiabrados, depois, bruscamente, parou diante de Vorski e, em um tom grave, disse:

— Basta de palavreado! Falemos seriamente. Fui encarregado de entregar a você a pedra-deus. Agora que ficou convencido, está pronto para receber a mercadoria?

Os três cúmplices estavam absolutamente pasmos. Vorski não sabia o que fazer, incapaz de compreender quem era aquela maldita personagem.

— Ah! Deixe-me em paz! — exclamou ele, encolerizado. — O que você quer? Qual é a sua ideia?

— O quê? A minha ideia? Mas acabei de dizer: entregar a você a pedra-deus.

— Mas com que direito? A que título?

O velho Druida abanou a cabeça.

— Sim, agora percebo… não esperava que as coisas se passassem assim. É isso, não é? Chegou aqui todo entusiasmado, feliz e orgulhoso da obra realizada. Pense um pouco… fornecimento para trinta caixões, quatro mulheres crucificadas, naufrágios, as mãos ensanguentadas por muitos crimes. Isso tudo não é nenhuma bagatela, e estava à espera de uma recepção imponente, com cerimônia oficial, pompas solenes, coros antigos, procissões de Druidas e brados, custódias, sacrifícios humanos, enfim, uma grande festa gaulesa!… E, em vez disso, o pobre diabo de um Druida dormindo em um canto e que, sem rodeios, oferece a você a mercadoria. Que desilusão, meus senhores! O que quer, Vorski? Eu fiz o que podia. Cada um utiliza os meios que tem. Não nado em ouro, e até peguei adiantado, sem falar na lavagem de algumas túnicas brancas, treze francos e quarenta centavos para fogos de artifício, jatos de chamas e tremor de terra noturno.

Vorski ficou fora de si, compreendendo subitamente:

— O que está dizendo? Como! Foi…

— Claro que fui eu! Quem queria que fosse? Santo Agostinho? Será que você acreditou em uma intervenção divina e que ontem à noite, na ilha, os deuses se lembrariam de enviar um arcanjo vestido com uma túnica branca para conduzi-lo ao carvalho oco?… Realmente, você exagera.

Vorski cerrou as mãos. Então o homem vestido de branco que ele perseguira na véspera era aquele impostor!

— Ah! Não gosto que se divirtam à minha custa! — resmungou.

— Que se divirtam à tua custa! — exclamou o velho. — Você tem cada uma, meu filho. E então quem é que me perseguiu como a um animal selvagem, que eu até deitava os bofes pela boca? E então quem é que me disparou duas balas na minha túnica número um? Olha que cliente! Você me fez mesmo correr depressa!

— Basta, basta — proferiu Vorski, exasperado. — Basta! Pela última vez, o que é que quer de mim?

— Estou farto de dizer. Fui encarregado de lhe entregar a pedra-deus.

— Encarregado por quem?

— Ah, isso eu não sei, caramba! Sempre tive esta ideia que um dia apareceria em Sarek um tal Vorski, um príncipe germânico, que abateria as suas trinta vítimas e a quem eu deveria fazer um determinado sinal quando a trigésima vítima desse o último suspiro. Então, como sou um escravo do

dever, preparei a minha trouxa, comprei em Brest alguns fogos de artifício e alguns explosivos e, à hora marcada, pus-me no meu observatório com um rastilho na mão. Quando você gritou do alto da árvore: "Ela morreu! Ela morreu!", pensei que era a hora, acendi os fogos de artifício, e com os explosivos fiz estremecer as entranhas da terra. Foi isso que aconteceu.

Vorski avançou de punhos erguidos. Aquele fluxo de palavras, aquela fleuma imperturbável, aquela eloquência, aquela voz zombeteira e tranquila, tudo aquilo o punha fora de si.

— Mais uma palavra e acabo com você — gritou. — Já estou farto!

— Você se chama Vorski?

— Sim, e daí?

— É um príncipe germânico?

— Sim, sim, e daí?

— Abateu as trinta vítimas?

— Sim! Sim! Sim!

— Ora bem, então é o meu homem. Tenho que entregar uma pedra-deus e vou entregá-la, custe o que custar. Eu sou assim. Vai ter que engolir a tua pedra dos milagres.

— Dane-se a pedra-deus! — gritou Vorski, batendo com os pés no chão. — E dane-se você! Não preciso de ninguém. A pedra-deus! Mas eu a tenho, é minha, está em minha posse.

— Deixa eu ver.

— É isto, que é isto? — disse Vorski, tirando do bolso a pedrinha que encontrara dentro do bastão.

— Isso? — perguntou o velho com ar de surpresa. — Onde é que pegou isso?

— Neste cetro, que me lembrei de desatarraxar.

— E o que é isso?

— É um fragmento da pedra-deus.

— Está louco.

— Então, o que acha que é?

— Isso, é um botão para calções.

— Pode provar?

— É um botão de calções com a haste partida, um botão como usam os negros do Sara. Tenho um conjunto completo.

— A prova!

— Fui eu que o pus ali.

— Para quê?

— Para substituir a pedra preciosa que Maguennoc tinha surripiado, aquela que o queimou e que o obrigou a cortar a mão.

Vorski calou-se. Estava desorientado. Já não sabia que atitude tomar, nem que conduta assumir em relação àquele singular adversário.

O velho Druida aproximou-se dele e, docemente, com um ar bastante paternal, disse:

— Veja, meu filho, não consegue se virar sem mim. Só eu possuo a chave da fechadura e o segredo do cofre. Por que hesita?

— Não o conheço.

— Meu filho! Se eu propusesse a você alguma coisa indelicada e incompatível com a tua honra, compreenderia os teus escrúpulos. Mas a minha oferta é daquelas que não ofenderia a mais melindrosa das consciências. Então? Está convencido? Não? Ainda não? Mas, por Teutates, o que mais é preciso, incrédulo, Vorski? Um milagre, talvez? Senhor, por que é que não disse isso há mais tempo? É que milagres, eu faço-os às dúzias. Todas as manhãs, no café da manhã, faço o meu milagrezinho. Então, eu sou um Druida! Milagres? Tenho a casa cheia deles. Já nem sei onde me sentar. O que você prefere? O raio da ressurreição? O raio para fazer crescer cabelos? Ou o raio do futuro desvendado? Só tem que escolher. Escuta, a que horas a tua trigésima vítima exalou o último suspiro?

— Sei lá!

— Onze horas e cinquenta e dois minutos. A tua emoção foi tão forte que o relógio parou. Veja aí.

Era absurdo. O choque produzido pela emoção não tem influência alguma sobre o relógio de quem sofreu essa emoção. No entanto, Vorski puxou o relógio: marcava onze horas e cinquenta e dois. Tentou dar-lhe corda, mas estava quebrado.

O velho Druida, sem sequer lhe dar tempo para respirar, continuou:

— Isso espanta você, hein? Nada mais simples, no entanto, e mais fácil para um Druida que se preze. Um Druida vê o invisível. E, além disso, ele faz vê-lo a quem muito bem lhe apetecer. Vorski, quer ver o que não existe? Qual é o teu nome? Não me refiro ao teu nome Vorski, mas ao teu verdadeiro nome, ao nome do teu paizinho.

— Nem uma palavra sobre isso — ordenou Vorski. — É um segredo que nunca revelei a ninguém.

— Então por que o escreve?

— Nunca o escrevi.

— Vorski, o nome do teu pai está escrito a lápis vermelho na página catorze do caderninho que está com você. Veja aí.

Maquinalmente, como um robô cujos gestos fossem determinados por uma vontade estranha, Vorski tirou do bolso interno do colete uma carteira que continha um caderno de folhas brancas, costuradas umas às outras. Folheou-as até à décima quarta e depois resmungou, com inexprimível assombro:

— Será possível? Quem escreveu isto? E você sabe o que está escrito aqui?…

— Quer uma prova?

— Nem uma palavra! Eu proíbo…

— Como quiser, meu velho. Eu, o que faço, é para esclarecer. E não me custa nada! Quando começo a fazer milagres, não consigo parar. Mais um, uma história engraçada. Não traz ao pescoço, sob a camisa, em um fio de ouro, um medalhão?

— Sim — respondeu Vorski, com os olhos brilhantes de febre.

— Esse medalhão é uma moldura, agora vazia, mas que antes tinha uma fotografia?

— Sim, sim… uma fotografia da…

— Da tua mãe, eu sei, e que você perdeu.

— Perdi-a no ano passado.

— Você acha que perdeu esse retrato.

— Ora, o medalhão está vazio.

— Você acha que está vazio. Não está. Veja lá

Novamente com um movimento mecânico, de olhos arregalados, Vorski desapertou o botão da camisa e puxou o fio. O medalhão apareceu. Dentro de um círculo de ouro estava um retrato de mulher.

— É ela… é ela… — murmurou, perturbado.

— Não há engano?

— Não.

— Então o que diz de tudo isto, hein? Não é farsa… não é conversa. O velho Druida é verdadeiro e você vai segui-lo, não é verdade?

— Sim.

Vorski estava vencido. Aquele homem subjugava-o. As suas tendências supersticiosas, as suas crenças naturais em poderes misteriosos, a sua natureza inquieta e desequilibrada, tudo isso o obrigava a uma total submissão. A sua desconfiança persistia, mas não o impedia de obedecer. Perguntou:

— É longe?

— Aqui ao lado. No salão grande.

Otto e Conrad tinham ouvido o diálogo com estupefação. Conrad tentou protestar. Mas Vorski mandou-o se calar.

— Se está com medo, dê o fora daqui. Aliás — e ele acrescentou estas palavras com afetação —, aliás, vamos de revólver na mão. Ao mínimo alarme, fogo.

— Fogo sobre mim? — zombou o velho Druida.

— Fogo sobre qualquer inimigo.

— Pois bem, então passe você primeiro, falecido Vorski.

E como o outro se recusava, ele desatou a rir.

— Falecido Vorski… não acha graça? Oh! Eu também não, aliás… Simplesmente temos de nos divertir com qualquer coisa… Então, não vai passar?

Ele os levara até ao fundo da cripta, para uma zona de sombra onde a lanterna lhes mostrou uma fenda escavada na base da muralha e que descia para o escuro.

Depois de hesitar, Vorski passou. Teve de rastejar de joelhos e com as mãos no chão, por aquele corredor estreito e tortuoso de onde saiu, passado um minuto, para uma grande sala.

Os outros juntaram-se a ele.

O velho Druida declarou solenemente:

— A sala da pedra-deus.

Era uma sala profunda e majestosa, semelhante, nas dimensões e na forma, à plataforma sob a qual se estendia. O mesmo número de pedras erguidas, que pareciam as colunas de um enorme templo, estavam nos mesmos locais e formavam os mesmos alinhamentos que os menires da plataforma — pedras talhadas de maneira idêntica a golpes de machado toscos e sem nenhuma preocupação de arte ou simetria. O solo era feito de lajes enormes e irregulares, sulcadas por uma rede de pequenos canais e

sobre as quais se projetavam, vindos de cima e à mesma distância uns dos outros, círculos de luz muito brilhante.

No centro, sob o jardim de Maguennoc, erguia-se um patíbulo de pedra solta com quatro ou cinco metros de altura. E em cima, um dólmen com duas bases robustas e uma laje superior de granito de forma oval alongada.

— É ela? — articulou Vorski com a voz estrangulada.

Sem responder diretamente, o velho Druida pronunciou:

— Que tal? Não eram hábeis construtores, os nossos antepassados? E que engenho! Que precauções contra os olhares indiscretos e contra todas as investigações profanas. Sabem de onde vem a luz? É que nós estamos nas entranhas da ilha, e não há janelas. A luz vem dos menires superiores, os quais são atravessados de alto a baixo por um canal que vai-se alargando e que deixa passar a claridade em abundância. Ao meio-dia, com sol, é maravilhoso. Você, que é um artista, daria urros de admiração.

— É mesmo ela, então? — repetiu Vorski.

— De qualquer maneira, é uma pedra sagrada — afirmou o velho Druida, impassível —, pois domina o local dos sacrifícios subterrâneos, os mais importantes de todos. Mas há outra por baixo, protegida pelo dólmen e que você daqui não vê. Era sobre ela que imolavam as vítimas por escolha. O sangue corria do patíbulo e ia por todos esses canais até às falésias, até ao mar.

Cada vez mais agitado, Vorski perguntou:

— Então, é aquela? Vamos.

— Fiquem onde estão — disse o velho com uma calma horripilante —, pois ainda não é aquela. Há uma terceira, e essa, para a verem, basta levantar um pouco a cabeça.

— Onde? Tem certeza?

— Palavra! Olhe bem… Por cima da pedra superior, sim, na própria abóbada do teto que parece um mosaico de grandes lajes… Pode vê-la daqui, não é? Uma laje que se distingue das outras… alongada como a laje do dólmen e talhada como ela… Parecem irmãs… Mas só uma é boa, com a marca de fábrica…

Vorski ficou desiludido. Estava à espera de uma apresentação mais complicada, de um esconderijo mais misterioso.

— A pedra-deus, aquilo? — disse. — Mas não tem nada de especial.

— De longe, não, mas de perto vais ver… Tem veios coloridos, filões rutilantes, um grão especial… é a pedra-deus, oras! De resto, não vale tanto pela matéria como pelas suas propriedades miraculosas.

— Mas que milagres são esses? — perguntou Vorski.

— Ela dá vida ou morte, como sabe, e também dá muitas outras coisas.

— Que coisas?

— Caramba! Já está fazendo muitas perguntas. Eu não sei nada.

— Como! Não sabe…

O velho Druida inclinou-se e confidenciou:

— Escuta, Vorski, confesso que me gabei um pouco demais e que o meu papel, ainda que seja de grande importância — guarda da pedra-deus é um posto de primeira linha —, que o meu papel está limitado por um poder de algum modo superior ao meu.

— Que poder?

— O de Velléda.

Vorski observou-o, de novo inquieto.

— Velléda?

— Ou pelo menos aquela a quem chamo Velléda, a última Druida, de quem não conheço o verdadeiro nome.

— Onde está ela?

— Aqui.

— Aqui?

— Sim, está dormindo em cima da pedra dos sacrifícios.

— Como? Dormindo?

— Está dormindo há séculos, desde sempre. Eu nunca a vi sem estar adormecida, com um sono casto e tranquilo. Como a Bela Adormecida no bosque, Velléda está à espera daquele que os deuses designaram para despertá-la, e esse…

— Esse?

— É você, Vorski.

Vorski franziu as sobrancelhas. Que história era aquela? E onde queria chegar aquela enigmática personagem? O velho Druida continuou:

— Será que isso lhe incomoda? Ora, porque suas mãos estão sujas de sangue e trinta caixões por tua conta, isso não é razão para que não seja promovido a Príncipe Encantado. És modesto demais, meu filho. Olha, quer que lhe diga uma coisa? Velléda é maravilhosamente bela, de uma

beleza sobre-humana. Ah! Meu valente, está com medo? Não? Ainda não?

Vorski hesitava. Na verdade, sentia o perigo aumentar à sua volta e subir como uma onda que engrossa e que vai arrebentar. Mas o velho não desistia.

— Só mais uma palavra, Vorski, e falo baixo para que os teus companheiros não me ouçam: quando envolveu a sua mãe numa mortalha, deixou no dedo indicador dela, conforme era sua vontade, um anel que ela nunca tirava, um anel mágico com uma grande turquesa rodeada de pequenas turquesas engastadas em ouro. Será que estou enganado?

— Não — sussurrou Vorski, perturbado —, não, mas eu estava sozinho e isso é um segredo que ninguém conhece…

— Vorski, se esse anel estiver no indicador de Velléda, terá confiança e acreditará que, no fundo do seu túmulo, a sua mãe tenha delegado a Velléda que o recebesse, e entregasse a pedra miraculosa?

Vorski caminhava já para o dólmen. Subiu rapidamente os primeiros degraus. A sua cabeça ultrapassava o nível da plataforma.

— Ah! — fez ele, cambaleando. — O anel… ela tem o anel no dedo.

Entre os dois pilares do dólmen, estendida sobre a laje do sacrifício e coberta até aos pés com uma túnica imaculada, a Druida repousava. O busto e o rosto estavam voltados para o outro lado, e um véu caído sobre a fronte escondia-lhe os cabelos. O seu bonito braço, quase nu, pendia sobre a laje. O dedo indicador tinha um anel de turquesa.

— É o anel da sua mãe? — perguntou o velho Druida.

— Sim, não há dúvida.

Vorski atravessara rapidamente o espaço que o separava do dólmen curvado, quase ajoelhado, examinava as turquesas.

— Estão todas… uma delas está rachada… outra está meio escondida sob a folha de ouro que foi dobrada.

— Não tenha tantas precauções — disse o velho —, ela não ouve, e a sua voz não a acorda! Por que você não se levanta e passa a mão suavemente pela fronte dela? Com essa carícia magnética, ela despertará do seu sono.

Vorski levantou-se. Hesitava, contudo, em tocar naquela mulher. Ela inspirava-lhe um temor e um respeito imensos.

— Não se aproximem, os dois — disse o Druida a Otto e a Conrad. — Os olhos de Velléda, ao se abrirem, não devem pousar a não ser em

Vorski, nem ser impressionados por nenhum outro espetáculo… Então, Vorski, está com medo?

— Não tenho medo.

— Só que não está à vontade. É mais fácil assassinar que ressuscitar, hein? Vá, um pouco de coragem! Levante o véu e toque-a na fronte. A pedra-deus está ao teu alcance. Aja, e será o senhor do mundo.

Vorski agiu. De pé, contra o altar do sacrifício, olhava a Druida. Inclinou-se sobre o busto imóvel. A túnica branca subia e descia ao ritmo regular da respiração. Com um gesto indeciso afastou o véu, depois inclinou-se mais para que a outra mão pudesse tocar a fronte descoberta.

Mas, nesse momento, o seu gesto ficou em suspenso e ele imobilizado, como se não compreendesse e procurasse em vão compreender.

— Então, o que foi, seu palerma? — disse o Druida. — Parece petrificado. Mais algum problema? O que está havendo? Precisa de ajuda?

Vorski não respondeu. Olhava fixamente, com uma expressão de pasmo e temor que, pouco a pouco, se transformavam em um louco terror. Gotas de suor correram-lhe pela cara. Os seus olhos esgazeados pareciam contemplar a mais horrível das visões.

O velho desatou a rir.

— Meu Deus, como você é feio! Tomara que a última Druida não levante as suas divinas pálpebras e não veja a tua horrível carranca! Dorme, Velléda. Dorme o teu puro sono sem sonhos.

Vorski balbuciava palavras inacabadas, e a sua cólera era cada vez maior. Pouco a pouco, a verdade o iluminava. Uma palavra vinha-lhe aos lábios e ele recusava-se a pronunciá-la, como se tivesse medo de, ao fazê-lo, dar vida a um ser que já não existia, a uma mulher morta, sim, morta, ainda que respirasse, e que não podia não estar morta, pois ele a matara. Por fim, contra a sua própria vontade, articulou com um intolerável sofrimento:

— Véronique… Véronique…

— Então, acha que é parecida com ela? — zombou o velho Druida. — Sim, pode ter razão… Tem um ar familiar… Hein? Se não tivesse crucificado a outra com as tuas próprias mãos, e se não tivesse você próprio presenciado o seu último suspiro, estaria pronto a jurar que as duas mulheres não passam de uma mesma e única pessoa, que Véronique d'Hergemont está viva e que nem sequer está ferida… nem uma cicatriz…

nem mesmo a marca das cordas em volta dos pulsos… Mas olhe, Vorski, que rosto tranquilo! Que serenidade reconfortante! Palavra que começo a acreditar que você se enganou e crucificou outra mulher! Pense um pouco… Ah! Agora joga a culpa em mim! Que Teutates venha em meu socorro. O profeta vai acabar comigo.

Vorski enfrentava agora o velho Druida. O seu rosto, afeito ao ódio e à raiva, com certeza nunca expressara mais ódio e raiva… O velho Druida não só o enganara, durante uma hora, como a uma criança, como também realizara uma obra das mais extraordinárias e aparecia-lhe subitamente como o mais implacável e perigoso inimigo. Era preciso que ele se desvencilhasse mesmo daquele homem, já que a ocasião se apresentava.

— Estou frito — disse o velho. — Com que molho vai me comer? Caramba, que comilão!… Socorro! Um assassino! Oh! Os dedos de ferro vão estrangular-me! A menos que seja o punhal? Ou então a corda? Não, é o revólver. Prefiro isso, é mais asseado. Vá, Alexis. Das sete balas, duas já furaram a minha túnica número um. Faltam cinco. Vá, Alexis.

Cada palavra exasperava mais a cólera de Vorski. Estava ansioso por acabar com aquilo e ordenou:

— Otto… Conrad… estão prontos?

Estendeu o braço. Os dois comparsas apontaram também as suas armas. A quatro passos deles, o velho pedia perdão, rindo.

— Por favor, meus bons senhores, tenham piedade de um pobre diabo… Eu não volto a fazer isso… Terei juízo daqui para a frente… Meus bons senhores…

Vorski repetiu:

— Otto… Conrad… atenção! Vou contar… Um… dois… três… Fogo! As três detonações ressoaram ao mesmo tempo. O Druida deu uma pirueta, depois pôs-se outra vez em pé, de frente para os seus adversários, e gritou com voz trágica:

— Acertaram-me! Atravessaram-me de um lado ao outro! Vou morrer!… Acabou-se o velho Druida!… Que desenlace funesto! Ah! O pobre velho Druida que gostava tanto de tagarelar!

— Fogo! — berrou, Vorski. — Atirem, imbecis! Fogo!

— Fogo! Fogo! — repetia o Druida. — Pam! Pam! Pam! Pam! Atingido no coração!… Duas vezes!… Três vezes! É a tua vez, Conrad! Pam! Pam!… Agora você, Otto.

As detonações crepitavam e repercutiam-se na grande sala. Os cúmplices agitavam-se diante do seu alvo, pasmos e furiosos, enquanto o invulnerável velho dançava e esperneava, ora quase de cócoras, ora saltando com surpreendente agilidade.

— Caramba, como uma pessoa se diverte no fundo das cavernas! E que estúpido que você é, Vorski! Com que então, sagrado profeta! Que tolice! Como é que pôde acreditar em tudo isso? Os fogos de artifício! Os explosivos e depois o botão dos calções! E depois o anel da sua mãe! Grande estúpido! Que tolice!

Vorski parou. Compreendia que os três revólveres tinham sido descarregados, mas como? Por que espantoso prodígio? Que havia por detrás de toda aquela fantástica aventura? Quem era aquele demônio que estava ali diante dele?

Largou a arma inútil e olhou para o velho. Iria agarrá-lo e estrangulá-lo? Olhou também para a mulher, pronto a lançar-se sobre ela. Mas, visivelmente, não se sentia à altura para enfrentar por mais tempo aqueles dois seres bizarros, que lhe pareciam viver fora do mundo e da realidade.

Então, rapidamente, deu meia volta e, chamando os seus comparsas, retomou o caminho das criptas, enquanto o velho Druida continuava com os seus gracejos:

— Olha, ele vai embora! E a pedra-deus, o que eu faço com ela? Mas como ele corre! Levou fogo no traseiro? Vá embora! Fuja, profeta…

A Sala dos Sacrifícios Subterrâneos

Vorski nunca sentira medo e talvez ao fugir não fosse levado por um sentimento de autêntico medo. Mas já não sabia o que fazia. No seu cérebro sobressaltado havia um turbilhão de ideias contraditórias e incoerentes, onde dominava a intuição de uma derrota irremediável, e de algum modo sobrenatural.

Acreditando em sortilégios e prodígios, ele tinha a impressão de que o homem do destino que era Vorski fora destituído da sua missão e substituído por um novo eleito do destino. Havia duas forças miraculosas que se defrontavam, uma que emanava dele, Vorski, e outra que emanava do velho Druida, e esta última absorvia a primeira. A ressurreição de Véronique, a personalidade do velho Druida, os discursos, as brincadeiras, as piruetas, os atos, a invulnerabilidade daquela personalidade extravagante, tudo aquilo lhe parecia mágico e fabuloso, criando naquelas cavernas dos tempos bárbaros uma atmosfera especial que o transtornava e sufocava.

Tinha de regressar depressa à superfície da terra. Queria respirar e ver. E o que queria ver, antes de tudo, era a árvore despida de ramos onde prendera Véronique e na qual ela expirara.

— Ela está morta e bem morta — resmungava, rastejando pela estreita passagem que comunicava com a terceira e maior das criptas… — Ela está bem morta… Eu sei o que é a morte… A morte, tive-a muitas vezes entre as mãos, e aí não me engano. Então, como é que este demônio conseguiu ressuscitá-la?

Parou bruscamente junto do local onde apanhara o cetro.

— A não ser que… — disse.

Conrad, que seguia atrás dele, exclamou:

— Ande logo, em vez de ficar aí resmungando.

Vorski deixou-se levar mas, enquanto ia caminhando, continuava:

— Quer que diga o que penso, Conrad? Olha, a mulher que nos mostraram e que estava a dormir não era ela. Estaria viva? Ah! Aquele velho feiticeiro é capaz de tudo. Deve ter modelado uma imagem… uma boneca de cera à qual deu uma certa semelhança.

— Está louco. Ande logo.

— Não estou louco. Aquela mulher não estava viva. A que está morta na árvore está mesmo morta. E você vai vê-la lá em cima, estou dizendo. Milagres, sim, mas não um milagre assim!…

Não tendo mais a lanterna, os três cúmplices esbarravam nas paredes, nas pedras eretas. Os seus passos ressoavam pelas abóbadas. Conrad não parava de resmungar.

— Eu avisei… devíamos ter-lhe rachado a cabeça.

Otto permanecia calado, estafado pela caminhada.

Chegaram, assim, às apalpadelas, ao vestíbulo que precedia a cripta da entrada e ficaram bastante surpreendidos ao constatar que aquela primeira sala estava na obscuridade, ainda que a passagem que eles tinham escavado na parte superior, sob as raízes do carvalho morto, devesse deixar entrar uma certa claridade.

— É estranho — disse Conrad.

— Ora — replicou Otto —, precisamos apenas achar a escada encostada à parede. Olha, consegui… aqui está um degrau… e o seguinte…

Subiu os degraus, mas logo se deteve.

— Não consigo avançar… parece que houve um desabamento.

— É impossível! — objetou Vorski. — Olha, espera… tinha me esquecido… Tenho aqui o meu isqueiro.

Acendeu o isqueiro e um grito de cólera escapou dos três ao mesmo tempo: toda a parte de cima da escada e metade da sala estavam cobertos por um monte de pedras e areia, para o meio do qual deslizara o tronco do carvalho morto. Não havia nenhuma possibilidade de fuga.

Vorski teve um momento de prostração e deixou-se cair sobre os degraus.

— Estamos perdidos… Foi o danado do velho que tramou isto… o que prova que ele não está sozinho.

Lamentou-se, disparatadamente, sem forças para continuar uma luta demasiado desigual. Mas Conrad zangou-se:

— Então, não estou reconhecendo você, Vorski.

— Não há nada a fazer contra aquele homem.

— Nada a fazer? Mas eu já disse vinte vezes para torcermos o pescoço dele. Ah, se eu não tivesse hesitado!…

— Você não conseguiu tocar nele. Então, as nossas balas o atingiram?

— As nossas balas… as nossas balas… — murmurou Conrad —, isso é tudo muito suspeito. Me dê o seu isqueiro… Tenho outro revólver que trouxe do Priorado e que eu mesmo carreguei ontem de manhã. Vou verificar.

Examinou a arma e logo percebeu que os sete cartuchos alojados no tambor tinham sido substituídos por sete cartuchos sem balas e que, naturalmente, só permitiam tiros de pólvora seca.

— Aqui está a explicação — disse ele —, o seu velho Druida não tem nada de feiticeiro. Se os nossos revólveres estivessem realmente carregados, ele teria sido abatido como um cão.

Mas a explicação só aumentou o espanto de Vorski.

— E como é que ele as descarregou? Em que hora conseguiu pegar as armas do nosso bolso e colocá-las de volta, depois de torná-las inofensivas? Eu não larguei o revólver nem por um instante.

— Nem eu — confessou Conrad.

— E não acredito que pudessem tocá-lo sem que eu percebesse. Então?… Então, isso prova que aquele demônio tem algum poder especial? Que nada! É preciso ver as coisas tal como são. É um homem que está na posse de segredos… e dispõe de meios… de meios…

Conrad encolheu os ombros.

— Vorski, este caso já deu o que tinha que dar… Já estávamos chegando ao fim, e agora você abandona tudo diante do primeiro obstáculo. Você não passa de um trapo. Mas eu, eu não desisto assim. Perdidos? Mas por quê? Se ele nos perseguir, somos três.

— Ele não vem. Vai deixar-nos aqui fechados neste covil sem saída.

— Então, se ele não vem, eu volto lá! Tenho a minha faca, isso basta.

— Não faça isso, Conrad.

— Não? Por quê? Eu sou tão forte tanto como qualquer outro homem, sobretudo aquele velho, e ele só tem uma mulher adormecida para ajudá-

lo.

— Conrad, ele não é um homem e ela não é uma mulher. Desconfie deles.

— Eu desconfio, mas vou.

— Você vai… Você vai… mas qual é o teu plano?

— Não tenho plano nenhum. Ou melhor, só tenho um, que é acabar com aquele homenzinho.

— Mesmo assim, tenha cuidado… Não o ataque de frente, tente surpreendê-lo…

— Caramba! — disse Conrad, ao ir embora —, não sou assim tão estúpido para me entregar nas mãos dele. Fique tranquilo, eu apanho aquele canalha.

A audácia de Conrad reconfortou Vorski.

— Afinal de contas — disse, depois que o cúmplice partiu — ele tem razão. Se aquele velho Druida não nos perseguiu, é porque tem outras ideias. Com certeza que não está à espera de um ataque nosso, e Conrad pode muito bem surpreendê-lo. O que acha, Otto?

Otto era da mesma opinião.

— É preciso apenas ter paciência — respondeu.

Passou-se um quarto de hora. Vorski recuperava cada vez mais o seu ânimo. Fraquejara por reação, depois de enchia de esperança, seguida por uma decepção demasiadamente forte, e também porque a embriaguez lhe provocava lassidão e abatimento. Mas o desejo de combater excitava-o de novo, e ele queria acabar com o seu adversário.

— Quem sabe — dizia — se Conrad não o pôs já fora de combate?…

Adquiria agora uma exagerada confiança, o que expressava o seu desequilíbrio, e quis pôr-se imediatamente em ação.

— Vamos, Otto, é o fim da viagem. Um velhote para eliminar, e já era. Está com o punhal? Aliás, é inútil. As minhas mãos bastam.

— E se esse Druida tiver amigos?

— Já vamos ver.

Retomou mais uma vez o caminho das criptas, avançando com precaução, espreitando à entrada das passagens que as ligavam entre si. A luminosidade da terceira cripta os guiava.

— Conrad deve ter conseguido — observou Vorski —, senão já teria voltado para pedir ajuda.

Otto aprovou.

— Evidentemente, é um bom sinal. O velho Druida deve ter passado maus bocados. Conrad é um cara valente.

Entraram na terceira cripta. Estava tudo no seu lugar, o cetro sobre o suporte e a parte de cima, que Vorski desatarraxara, um pouco mais longe, no chão. Mas, ao olhar para o canto escuro onde dormia o velho Druida, quando ali tinham chegado, ficou espantado por ver outra vez o homenzinho, não exatamente no mesmo local, mas entre o canto escuro e a saída do corredor.

— Caramba! O que ele está fazendo? — balbuciou, já perturbado com aquela presença insólita. — Caramba, não é que ele está dormindo!

O velho Druida parecia de fato estar dormindo. Simplesmente, por que diabos dormia ele naquela posição, de barriga para baixo, com os braços estendidos em cruz e o nariz no chão?

Um homem que desconfia, ou que pelo menos sabe que um perigo pode ameaçá-lo, oferece-se assim aos ataques do inimigo? E por que razão — o olhar de Vorski penetrava pouco a pouco na semiobscuridade do fundo da cripta —, por que razão a túnica branca tinha manchas que pareciam vermelhas?… Eram vermelhas, não havia a menor dúvida. Por quê?

Otto disse em voz baixa:

— Ele está em uma posição esquisita.

Vorski, que pensava o mesmo, precisou:

— Sim, parece um cadáver.

— Parece um cadáver — aprovou Otto. — É isso mesmo. Passado um instante, Vorski recuou um passo. — Oh! — fez ele. — Será possível?

— O quê? — perguntou o outro.

— Entre os ombros… Olhe…

— E então?

— A faca.

— Que faca?

— A faca de Conrad — afirmou Vorski. — O punhal de Conrad… eu o reconheço… cravado entre os ombros.

E, arrepiado, acrescentou:

— As manchas vermelhas vêm daí… é sangue… sangue derramado daquela ferida.

— Então — observou Otto —, ele está morto?

— Está morto… sim, o velho Druida está morto… Conrad deve tê-lo surpreendido e matou-o… O velho Druida morreu!

Vorski ficou indeciso durante um longo momento, prestes a lançar-se sobre o corpo inerte para golpeá-lo. Mas não ousava tocá-lo, nem vivo, nem morto, e só conseguiu arranjar coragem para se precipitar e arrancar a arma do corpo.

— Ah! Bandido! — exclamou — Teve o que merecia, Conrad é um cara valente. Conrad, fico devendo mais essa.

— Mas, onde está o Conrad?

— Na sala da pedra-deus. Ah! Otto, como estou ansioso para encontrar aquela mulher que o velho Druida colocou ali, eu também quero ajustar contas com ela!

— Então acha que é uma mulher viva? — gracejou Otto.

— E bem viva!… Como vivo estava o velho Druida. Este bruxo não passava de um charlatão que podia conhecer alguns truques, mas que não tinha nenhum poder real… A prova, aqui está ela!…

— Charlatão, talvez — objetou o cúmplice —, mas, apesar de tudo, foi ele quem nos indicou, com os seus sinais, o local destas grutas. Mas com que finalidade? E o que ele fazia aqui? Conhecia realmente o segredo da pedra-deus, o meio de obtê-la e a sua localização exata?

— Tantos enigmas, tem razão — disse Vorski, que preferia não eliminar demasiadamente os detalhes da aventura —, mas eles se solucionarão por si mesmos. E por enquanto não me preocupo com eles, pois já não é esta horripilante personagem que os provoca!

Pela terceira vez, transpuseram o estreito corredor de ligação. Vorski penetrou na grande sala como um vencedor, a cabeça erguida e o olhar seguro. Nenhum obstáculo, nenhum inimigo. Se fosse mesmo a pedra-deus que estava suspensa entre as lajes da abóbada, ou estivesse ela em outro local, sem dúvida ele a descobriria. Restava aquela mulher misteriosa, que parecia Véronique, mas que não podia ser Véronique, e de quem ele ia desmascarar em breve a verdadeira personalidade.

— Se ela ainda estiver lá — murmurava. — E desconfio que já não esteja. Ela e o velho Druida combinaram essas encenações obscuras antecipadamente, e como ele achava que eu já estava longe…

Avançou e subiu alguns degraus. A mulher estava lá.

Estava lá, deitada sobre a laje inferior do dólmen, envolvida por véus como anteriormente. O braço já não pendia para o chão. Só a mão emergia dos véus. No dedo, o anel de turquesas.

Otto disse:

— Ela não se mexeu, continua dormindo.

— Talvez esteja realmente dormindo — pronunciou Vorski. — Vou observá-la. Deixe-me ver.

Aproximou-se. Não largara a faca de Conrad, e talvez tenha sido isso que lhe deu a ideia de matá-la, pois o seu olhar baixou para a arma, e só então ele pareceu se dar conta de que a tinha, e de que dela se podia servir.

Não estava a mais de três passos da mulher, quando percebeu que um dos punhos que se encontrava descoberto estava todo pisado, marcado com nódoas negras que tinham sido provocadas, evidentemente, pela pressão das cordas. Ora, o velho Druida tinha-lhe feito notar, uma hora atrás, que os punhos não apresentavam qualquer marca de contusão!

Este detalhe perturbou-o mais uma vez, primeiro ao provar-lhe que era na verdade a mulher crucificada que fora retirada da cruz e que estava diante dos seus olhos, e depois, porque de repente ele entrava de novo no domínio dos milagres. O braço de Véronique aparecia-lhe sucessivamente sob dois aspectos diferentes, primeiro como o braço de uma mulher viva e intacta, e depois como o de uma vítima inerte e torturada.

A sua mão trêmula cerrou-se sobre o punhal, agarrando-se a ele como se fosse a própria arma da salvação. No seu espírito confuso surgia uma vez mais a ideia de golpeá-la, não para matar, pois aquela mulher já devia estar morta, mas para atingir o inimigo invisível que se obstinava em persegui-lo e para conjurar de uma vez por todas todos os malefícios.

Levantou o braço. Escolheu o local. O seu rosto adquiriu a mais selvagem expressão e iluminou-se com a alegria do crime. E bruscamente atirou-se e apunhalou como um louco, ao acaso, dez vezes, vinte vezes, com um desencadear frenético de todos os seus instintos.

— Tome, morra… — balbuciou —, morra outra vez… e que tudo acabe… você é o gênio maligno que se opõe a mim… e eu vou aniquilar você… Morra de uma vez, para que eu fique livre!… Morra, para que seja eu o único senhor!…

Parou, a fim de retomar o fôlego. Estava exausto. E enquanto os seus olhos esgazeados contemplavam, sem ver, o horrível espetáculo do corpo

dilacerado, teve a estranha impressão de que uma sombra se interpunha entre ele e a luz do sol que descia da abertura superior.

— Sabe o que você parece? — disse uma voz.

Ele ficou desorientado. Aquela voz não era a de Otto. E ela continuou, enquanto ele permanecia de cabeça baixa, conservando estupidamente o punhal espetado no corpo da morta.

— Sabe o que você me lembra, Vorski? Lembra-me os touros do meu país… Fique sabendo que sou espanhol e grande aficionado das touradas. Sabe, esses touros, depois de trespassarem uma velha pileca, voltam várias vezes ao cadáver, revolvem-no, trespassam-no novamente, matam-no e tornam a matá-lo sem cessar. Você é como eles, Vorski. Você enxerga tudo vermelho. Para se defender contra o inimigo vivo, você se obstina atrás do inimigo que já não vive, e é a própria morte que você se esforça para matar. Que estúpido você é!

Vorski levantou a cabeça.

Um homem estava de pé diante dele, encostado a um dos pilares do dólmen. Esse homem, de estatura média, bastante magro, bem-feito de corpo, tinha um ar ainda jovem, apesar dos cabelos grisalhos nas têmporas. Trazia um casaco azul-escuro com botões dourados e um boné de marinheiro com pala negra.

— Não vale a pena tentar saber quem sou — disse ele. — Você não me conhece. Dom Luís Perenna, nobre da Espanha, senhor de muitas terras e príncipe de Sarek. Sim, não se espante, príncipe de Sarek, é um título que dei a mim mesmo, e ao qual tenho algum direito.

Vorski olhava-o sem compreender. O homem prosseguiu:

— Não parece muito familiarizado com a nobreza espanhola. Contudo, você se recorda… eu sou aquele senhor que deveria vir em socorro da família d'Hergemont e dos habitantes de Sarek… aquele que o teu filho François esperava com uma fé tão ingênua… Hein? Está vendo? Olha, o teu companheiro, o fiel Otto, parece recordar-se… Mas talvez o meu outro nome lhe diga alguma coisa… É muito mais conhecido… Lupin?… Arsène Lupin?

Vorski observava-o com um crescente terror e uma dúvida que se acentuava a cada palavra e a cada novo movimento deste novo adversário. Embora não reconhecesse aquele homem, nem a sua voz, sentia-se dominado por uma vontade cujo poder já experimentara, e fustigado pela

mesma espécie de ironia implacável. Mas seria isso possível?

— Tudo é possível, mesmo isso que está pensando — prosseguiu dom Luís Perenna. — Mas, repito, que estúpido você é! Com essa cara de grande bandido, aventureiro de envergadura, nem é mesmo capaz de lembrar dos seus crimes! Enquanto tratou de matar a torto e a direito, nada o deteve. Mas, ao primeiro obstáculo, perde a cabeça. Vorski mata, mas quem foi que ele matou? Ele não sabe. Véronique d'Hergemont está morta ou viva? Está amarrada ao carvalho onde a crucificou? Ou aqui, estendida sobre a pedra do sacrifício? Matou-a lá em cima ou nesta sala? Mistério. Nem sequer se lembrou, antes de apunhalar, de ver quem apunhalava. O importante para você é ferir com toda a força, ficar embriagado com a visão e o cheiro do sangue, e fazer da carne viva uma papa abominável. Mas então olhe, idiota. Quando se mata, não se tem medo de matar e não se esconde o rosto da vítima. Olhe, idiota.

Ele mesmo se inclinou sobre o cadáver e tirou o véu que envolvia a cabeça.

Vorski fechara os olhos. Ajoelhado, com o peito sobre as pernas da morta, permanecia imóvel e com as pálpebras obstinadamente fechadas.

— Já percebeu, hein? — zombou dom Luís. — Se não ousa olhar, é porque adivinhou, ou porque vai adivinhar, não é, miserável? O teu cérebro de imbecil está fazendo contas, não é? Havia na ilha de Sarek duas mulheres, e só duas, Véronique e a outra… A outra se chamava Elfride? Não estou enganado, pois não?… Elfride e Véronique… as tuas duas esposas… uma, mãe de Raynold, e outra, mãe de François… e então, se não foi a mãe de François que você amarrou na cruz e acabou de apunhalar, foi a mãe de Raynold… Se não é Véronique a mulher que aqui está, com os punhos feridos pelo suplício, então é Elfride. Não há engano possível… Elfride, a tua esposa e cúmplice… Elfride, a tua maldita alma gêmea… E você sabe isso tão bem, que prefere acreditar na minha palavra a arriscar um olhar e ver o rosto lívido dessa morta, tua cúmplice obediente e torturada por você. Covarde!

Vorski, com efeito, escondera a cabeça no braço dobrado. Não chorava! Vorski não conseguia chorar. No entanto, os seus ombros foram agitados por tremores, e a sua atitude expressava o mais cruel desespero.

Aquilo durou bastante tempo. Depois o tremor dos ombros cessou.

Contudo, Vorski não se mexia.

— Na verdade, você me dá pena, meu pobre velho — recomeçou dom Luís. — Então gostava tanto assim da tua Elfride? Um hábito, hein? Um feitiço! E agora? Não se deve ser assim tão estúpido! Deve-se saber o que se faz! Tentar perceber! Refletir, que diabos! Ora, você! Você nada no crime como um recém-nascido que se atira à água. Não é de espantar que você afunde e se afogue. Então o velho Druida está morto ou vivo? Conrad cravou-lhe o punhal nas costas, ou será que sou eu que faço o papel desse indivíduo diabólico? Resumindo, existe um velho Druida e um nobre de Espanha, ou será que essas duas personagens são uma só? Tudo isso, para você, é assunto obscuro. Mas é bom esclarecê-lo. Quer uma ajuda?

Se Vorski agira sem refletir, era fácil ver, quando ele levantou a cabeça, que tivera desta vez tempo para refletir e que sabia muito bem a que solução desesperada as circunstâncias o forçavam. Decerto estava pronto para se esclarecer, como lhe propunha dom Luís, mas de punhal na mão e com a vontade implacável de se servir dele. Lentamente, com os olhos fixos nos de dom Luís e sem esconder suas intenções, puxara da arma e levantara-se.

— Tome muito cuidado — disse dom Luís —, a tua faca é falsa. É de papel prateado.

Brincadeiras inúteis. Nada podia precipitar ou retardar o impulso premeditado que impelia Vorski para o combate supremo. Deu a volta à pedra sagrada e pôs-se diante de dom Luís.

— É você mesmo — disse — que, já faz alguns dias, tem se intrometido em todos os meus planos?

— Há vinte e quatro horas, não mais que isso. Cheguei a Sarek há vinte e quatro horas.

— E está decidido a ir até ao fim?

— Mais longe ainda, se possível.

— Por quê? Com que interesse?

— Porque quero, e porque você me dá nojo.

— Então não podemos chegar a um acordo?

— Não.

— Recusa-se a entrar no meu jogo?

— Fale!

— Dividiremos tudo meio a meio.

— Prefiro tudo.

— Quer dizer, a pedra-deus?…

— A pedra-deus pertence a mim.

Qualquer outra palavra seria em vão. Um adversário daquele calibre tinha que ser suprimido, senão seria ele a suprimi-lo. Era preciso escolher entre esses dois desfechos: não existia um terceiro.

Dom Luís continuava impassível, encostado ao pilar. Vorski olhava-o de cima, ao mesmo tempo que tinha uma profunda impressão de que, sob todos os aspetos, em força, em musculatura, em peso, era superior ao seu adversário. Nessas condições, como poderia hesitar? E, de resto, parecia inadmissível que dom Luís pudesse tentar defender-se ou esquivar-se do golpe antes que o punhal o atingisse. Se naquele instante não mudasse de posição, era fatal que não teria tempo para se defender. Ora, ele não se mexia. Vorski atacou então com toda a confiança, como se atacasse uma presa condenada antecipadamente.

No entanto — e isso passou-se tão depressa e de um modo tão inexplicável que ele não poderia dizer em consequência de que peripécias sucumbiu —, no entanto, três ou quatro segundos depois, estava por terra, desarmado, vencido, como se as suas pernas tivessem sido partidas com uma paulada, e o braço direito inerte e doendo tanto que ele gritava.

Dom Luís nem sequer se deu ao trabalho de amarrá-lo. Com um pé sobre o grande corpo impotente, semicurvado, pronunciou:

— Por agora, nada de discursos. Tenho um para fazer, que talvez ache um pouco comprido, mas que provará que conheço esta história de A a Z, ou seja, muito melhor que você. Só há um ponto obscuro, e você vai esclarecê-lo. Onde está o teu filho, François d'Hergemont?

Como não obtinha resposta, repetiu:

— Onde está François d'Hergemont?

Sem dúvida Vorski pensou que o acaso lhe trazia um contratempo imprevisto, mas que a partida talvez não estivesse perdida, pois manteve um silêncio profundo.

— Recusa-se a responder? — perguntou dom Luís. — Um… dois… três… Ainda se recusa? Está bem.

Assobiou levemente.

Quatro homens surgiram de um canto da sala, quatro homens de cara morena e que pareciam árabes de Marrocos. Como dom Luís, trajavam casacos e bonés de marinheiro, com palas brilhantes.

Uma quinta personagem chegou quase ao mesmo tempo, um oficial francês mutilado, cuja perna direita se apoiava em uma perna de pau.

— Ah! É você, Patrice? — disse dom Luís.

Apresentou-o segundo a etiqueta:

— O capitão Patrice Belval, o meu melhor amigo. O senhor Vorski, um alemão.

Depois, prosseguiu:

— Nada de novo, meu capitão? Não encontrou François?

— Não.

— Daqui a uma hora já o teremos encontrado e partiremos. Os nossos homens estão todos a bordo?

— Sim.

— E está tudo bem por lá?

— Muito bem.

E ordenou aos quatro marroquinos:

— Acompanhem o alemão e levem-no até ao dólmen lá em cima. Não vale a pena amarrá-lo, ele não consegue mexer um dedo. Ah! Só um minuto.

Inclinou-se para a orelha de Vorski.

— Antes de partir, olhe bem para a pedra-deus, entre as lajes do teto. O velho Druida não mentiu. É realmente aquela a pedra miraculosa, que há séculos é procurada… e que eu descobri, a distância… por correspondência. Diga adeus a ela, Vorski! Nunca mais a verá, nem sei mesmo se alguma vez tornará a ver alguma coisa como ela neste mundo.

Fez um sinal.

Os quatro marroquinos agarraram Vorski e levaram-no para o fundo da sala, do lado oposto ao corredor de comunicação.

Dom Luís voltou-se para Otto, que assistira imóvel a toda a cena:

— Vejo que é um rapaz sensato, Otto, e que compreende a situação. Não vai se intrometer em nada?

— Em nada.

— Então deixamos você à vontade. Pode seguir-nos sem receio.

Ele passou o braço sob o do capitão e foram conversando. Saía-se da sala da pedra-deus por uma série de três outras criptas, encontrando-se cada qual a um nível mais elevado que a precedente, conduzindo a última a um vestíbulo. Na extremidade deste vestíbulo, estava uma escada encostada

a uma parede, na qual fora recentemente feita uma abertura, deitando abaixo uma frágil alvenaria de areia e pedras.

Por aí saíram para o ar livre, seguindo depois por um caminho íngreme, entrecortado por degraus, que subia contornando a rocha e que os conduziu ao lugar da falésia onde François levara Véronique, na manhã do dia anterior. Era a subida da Poterna. Do alto, podia-se ver, suspenso em dois varões de ferro, o barco no qual Véronique e o filho tencionavam fugir. Não muito longe, em uma pequena baía, estendia-se a silhueta afilada de um submarino.

Voltando as costas ao mar, dom Luís e Patrice Belval continuaram a caminhar em direção ao hemiciclo de carvalhos e pararam perto do Dólmen das Fadas. Os marroquinos os esperavam aí. Tinham sentado Vorski junto da própria árvore onde a sua última vítima morrera. Nessa árvore, como testemunho do abominável suplício, só restava a inscrição "V. d'H".

— Não está cansado, Vorski? — perguntou dom Luís. — As pernas estão melhor?

Vorski encolheu os ombros, com ar de desprezo.

— Sim, eu sei — recomeçou dom Luís —, você tem confiança na sua última cartada. Contudo, já devia saber que eu também tenho alguns trunfos, e que jogo com uma certa habilidade. A árvore que está atrás de você é suficiente para provar. Quer outro exemplo? Enquanto você confunde os seus crimes e já nem sabe o número dos seus mortos, eu os ressuscito. Está vendo aquele ali, vindo do Priorado? Vê? Traz como eu um casaco com botões dourados… É uma das suas vítimas, hein? Você o tinha trancado em uma das celas de tortura para jogá-lo ao mar, e foi o seu querubim Raynold que o empurrou, diante de Véronique. Lembra? Stéphane Maroux?… Ele morreu, não foi? Pois bem, não é verdade… Com um passe da minha varinha mágica, eu o ressuscitei. E aqui está ele. E aperto-lhe a mão. E falo com ele…

De fato, ele se dirigira ao recém-chegado, apertava-lhe a mão e dizia:

— Está vendo, Stéphane, eu tinha avisado que ao meio-dia em ponto tudo estaria acabado, e que nos encontraríamos no dólmen. É meio-dia em ponto.

Stéphane parecia estar em excelente estado de saúde. Nenhuma marca de ferimentos.

Vorski olhava-o com pasmo e balbuciou:

— O professor… Stéphane Maroux…

— O próprio — disse dom Luís — que tal? Aí também, você agiu como um cretino. Você e o adorável Raynold lançam um homem ao mar, mas nem sequer se lembram de olhar para saber o que aconteceu. Eu o recolhi… E isto não é nada… É só o começo, e ainda tenho mais alguns truques na manga. Veja, aprendi com o velho Druida!… Então, Stéphane, e as suas investigações?

— Nada.

— François?

— Não consegui encontrá-lo.

— E Tout-Va-Bien, colocou-o na pista do dono, como combinado?

— Sim, mas ele apenas me conduziu pela Poterna, até onde o barco de François está ancorado.

— Não há nenhum esconderijo por esses lados.

— Nenhum.

Dom Luís ficou em silêncio e pôs-se a andar de um lado para outro diante do dólmen. Parecia hesitar no último momento, antes de uma série de ações que decidira empreender.

Por fim, dirigindo-se a Vorski, disse-lhe:

— Não tenho tempo a perder. Daqui a duas horas devo abandonar a ilha. Por quanto me vende a liberdade imediata de François?

Vorski replicou:

— François entrou em duelo com Raynold e perdeu.

— Mentira, foi François quem venceu.

— Você não sabe de nada? Viu o combate?

— Não! Senão eu teria interferido. Mas sei quem foi o vencedor.

— Ninguém sabe isso, a não ser eu. Eles estavam mascarados.

— Então, se François morreu, você está perdido.

Vorski refletiu. O argumento era categórico. Então perguntou:

— O que me oferece?

— A liberdade.

— E além disso?

— Mais nada.

— Eu quero a pedra-deus.

— Nunca!

A exclamação de dom Luís foi violenta, acompanhada de um gesto cortante, e ele explicou:

— Nunca! A liberdade, sim, pois do jeito que eu o conheço, e desprovido de qualquer recurso, você acabará morto em qualquer lugar. Mas, a pedra-deus, isso seria o sucesso, a riqueza, o poder, a possibilidade de fazer o mal…

— É exatamente por isso que a quero — disse Vorski —, e, quando me confirmar o que ela vale, serei ainda mais exigente no que diz respeito a François.

— Eu encontrarei François. É uma questão de paciência e, se for preciso, ficarei mais dois ou três dias.

— Não o encontrará! E se o encontrar, será tarde demais.

— Por quê?

— François não come nada desde ontem.

Aquilo foi dito friamente, maldosamente. Houve um silêncio, e dom Luís recomeçou:

— Nesse caso, fale, se não quer que ele morra.

— Que me importa? Tudo, menos falhar na minha missão e parar pelo caminho. Estou chegando ao fim! Pior para aqueles que se interpõem entre esse fim e eu.

— Mentira. Não vai deixar morrer essa criança, que é seu filho.

— Deixei morrer o outro.

Patrice e Stéphane fizeram um gesto de horror, enquanto dom Luís ria abertamente.

— Meu Deus! Você não é hipócrita. Tem argumentos claros e convincentes. Caramba! Que espetáculo, um alemão mostrando a sua alma! Que magnífica mistura de vaidade e crueldade, de cinismo e de misticismo! Um alemão tem sempre uma missão para cumprir, mesmo que não passe de um ladrão ou de um assassino. Ora, ora, você é mais do que um alemão, é um superalemão!

E acrescentou, continuando a rir:

— Por isso, é como um superalemão que eu vou tratá-lo. Pela última vez, diga-me: onde está François?

— Não.

— Está bem.

Muito calmamente, voltou-se para os quatro marroquinos.

— Vamos, rapazes.

Foi questão de um instante. Com uma precisão de gestos verdadeiramente extraordinários e como se o ato tivesse sido decomposto em um certo número de movimentos, prendidos e repetidos antecipadamente como um exercício militar, eles agarraram Vorski, prenderam-no à corda que pendia da árvore, içaram-no sem se importarem com os seus gritos, ameaças e urros, e amarraram-no fortemente como ele amarrara a sua vítima.

— Grite, meu velho — disse tranquilamente dom Luís —, berre o mais alto que puder! Talvez acorde as irmãs Archignat e os que estão nos trinta caixões. Grite, se isso o diverte. Mas, meu Deus, como você é feio! Que carranca!

Recuou alguns passos para apreciar melhor o espetáculo.

— Que maravilha! Você fica muito bem aí em cima, está tudo perfeito… Até a inscrição "V. d'H": Vorski de Hohenzollern! Pois suponho que, como filho de rei que você é, deve estar ligado a essa nobre casa. E agora, Vorski, só tem que prestar bem atenção, vou fazer o discursinho que prometi.

Vorski contorcia-se sobre a árvore e tentava arrebentar as amarras. Mas, como todo o esforço só contribuía para aumentar o seu sofrimento, ficou quieto e, para exprimir a sua raiva, pôs-se a blasfemar cruelmente, desrespeitando dom Luís:

— Ladrão! Assassino! Você é que é o assassino! É você que condena François! François foi ferido pelo irmão, o ferimento é grave e pode piorar…

Stéphane e Patrice intervieram a dom Luís… Stéphane estava com medo.

— Será verdade? — disse. — Com um monstro desses, tudo é possível. E se o menino estiver doente?…

— Balela! Chantagem! — afirmou dom Luís. — O rapaz está bem.

— Tem certeza?

— O suficiente, de qualquer maneira, para podermos esperar por mais uma hora. Daqui a uma hora o superalemão já terá falado. Não resistirá por mais tempo. O suplício da forca desata a língua.

— E se ele não resistir?

— Como é que é?

— Sim, se ele morrer? Um esforço muito violento, uma ruptura de aneurisma, um coágulo de sangue.

— E daí?

— Então, a sua morte nos privaria da única esperança que temos de saber onde está François.

Mas dom Luís estava inflexível.

— Ele não morre! — exclamou. — Um tipo como Vorski não morre com um coágulo de sangue! Não, não, ele vai falar. Daqui a uma hora ele fala. Bem a tempo para fazer o meu discurso!

Patrice Belval não conteve o riso.

— Então você tem um discurso para fazer?

— E que discurso! — exclamou dom Luís. — A aventura completa da pedra- deus! Um tratado de história, uma visão de conjunto que vem desde os tempos pré-históricos até os trinta crimes do superalemão! Caramba, não é todo o dia que tenho a oportunidade para fazer uma conferência assim… e eu não deixarei esta passar, nem por um império! Prepare-se, dom Luís, e dá asas à sua imaginação!

Pôs-se diante de Vorski:

— Sortudo! Está na primeira fila, não vai perder uma palavra. Hein! Isso não o agrada, um pouco de luz nessas trevas? Depois de tanto tempo à deriva, sente-se a necessidade de uma direção precisa. Confesso que começo a não conseguir me orientar… Veja bem! Um enigma que já dura séculos e que você só complicou!

— Bandido! Ladrão! — grunhia Vorski.

— Insultos! Mas por quê? Se não se sente à vontade, fale-nos de François.

— Nunca! Ele vai morrer.

— Não. Você vai falar. Permito que me interrompa. Para isso, basta dar um assobiozinho. Imediatamente mandarei alguém procurar e, se não estiver mentindo, deixamos você tranquilo, Otto tira você daí, e vocês podem ir embora no barco de François. Combinado?

Voltou-se para Stéphane Maroux e para Patrice Belval.

— Sentem-se, meus amigos… Isso vai ser um pouco longo. Mas, para ser eloquente, preciso de ouvintes… ouvintes que também serão juízes.

— Nós somos apenas dois — disse Patrice.

— Serão três.

— Quem é o outro?

— Aqui está ele.

Era Tout-Va-Bien. Acabava de chegar, com o seu trote curto, sem se apressar mais que o costume. Manifestou-se alegremente a Stéphane, abanou a cauda diante de dom Luís, com ar de quem dizia: "Conheço você, conheço você, somos amigos…", e sentou-se sobre o traseiro, como se não quisesse incomodar ninguém.

— Ótimo, Tout-Va-Bien — exclamou dom Luís —, você também quer conhecer a aventura. Essa curiosidade só te honra ainda mais, e não ficará desiludido comigo.

Dom Luís parecia encantado. Tinha um auditório, um tribunal. Vorski contorcia-se na árvore. Aquele instante era realmente delicioso.

Ele esboçou um salto, batendo com os pés no ar um contra o outro, o que poderia ter lembrado a Vorski as piruetas do velho Druida, e, endireitando-se, fez uma ligeira saudação, imitou o gesto de conferencista que leva um copo de água aos lábios, depois apoiou as mãos sobre uma mesa imaginária e, por fim, começou com voz pausada:

— Minhas senhoras e meus senhores: no dia 25 de julho do ano de 732, antes de Cristo…

A Laje dos Reis da Boêmia

Dom Luís se calou depois de ter pronunciado o começo da frase, e saboreava o efeito produzido. O capitão Belval, que conhecia o seu amigo, ria com gosto. Stéphane continuava preocupado. Tout-Va-Bien não se mexera.

Dom Luís Perenna prosseguiu:

— Confesso desde já, minhas senhoras e meus senhores, que se referi com tanta precisão esta data, foi apenas para impressioná-los. No fundo, mais século menos século, não sei dizer a data exata em que se ocorreu a cena que vou ter a honra de narrar. Mas o que posso assegurar é que ela se passa na região da Europa, que hoje se chama Boêmia, e exatamente no local onde hoje se ergue a pequena cidade industrial de Joachimsthal. Aqui ficam indicações precisas, espero. Então, na manhã desse dia…

Reinava uma grande agitação em uma daquelas tribos celtas estabelecidas há um século ou dois entre as margens do Danúbio e as nascentes do Elba, nas florestas hercinianas. Ajudados pelas mulheres, os guerreiros acabavam de dobrar as tendas, de reunir os machados sagrados, os arcos e as flechas, de juntar as cerâmicas, os utensílios de bronze, de carregar os cavalos e os bois.

Os chefes atarefavam-se e verificavam os mínimos detalhes. Não havia desordem nem tumulto. Partiram cedo em direção a um afluente do Elba, o Eger, onde chegaram ao fim do dia. Aí esperavam-nos as barcas guardadas por uma centena dos melhores guerreiros enviados antecipadamente. Uma dessas barcas chamava a atenção pelo seu tamanho e pela riqueza da decoração. Uma grande cobertura de cor ocre estendia-se de um lado ao outro. O chefe dos chefes, o rei, se preferirem,

subiu para o banco de trás e pronunciou um discurso do qual vou poupá-los, pois não quero encurtar o meu, mas que se pode resumir assim: "A tribo emigrava para escapar à cobiça dos povos vizinhos. É triste deixar os lugares onde sempre se viveu. Mas isso não importava aos homens da tribo, visto que levavam o seu bem mais precioso, a herança sagrada dos seus antepassados, a divindade que os protegia e que fazia deles homens temíveis e grandes entre os maiores, em uma palavra, a pedra que cobria o túmulo do seu rei."

E o chefe dos chefes, com um gesto solene, puxou a cobertura cor de ocre e descobriu um bloco de granito em forma de laje, com cerca de dois metros por um, de aspecto granuloso, de cor escura e com alguns veios brilhantes.

Ouviu-se um único grito da multidão de homens e mulheres, e todos, de braços estendidos, caíram de frente com o rosto na terra.

Então o chefe dos chefes pegou em um cetro de metal com cabeça preciosa que repousava sobre o bloco de granito, brandiu-o e declamou:

— O bastão todo-poderoso não sairá das minhas mãos enquanto a pedra miraculosa não estiver em segurança. O bastão todo-poderoso nasceu da pedra miraculosa. Também ele contém o fogo do céu, que dá a vida ou a morte. A pedra miraculosa fechava o túmulo dos meus pais e o bastão todo-poderoso não saía das suas mãos nos dias de desgraça ou de vitória! Que o fogo do céu nos guie! Que o deus do Sol nos ilumine!

Ele falou, e toda a tribo se pôs a caminho.

Dom Luís fez uma pausa e repetiu com satisfação:

— Ele falou, e toda a tribo se pôs a caminho.

Patrice Belval divertia-se muito, e Stéphane, influenciado pela sua hilaridade, começava a sorrir. Mas dom Luís interrompeu-os:

— Não riam! Tudo isso é muito sério. Não é uma história para crianças que acreditam em magias e truques de ilusionismo, mas uma história real e cujos detalhes darão lugar, como verão, a explicações precisas, naturais e de alguma maneira científicas… Sim, científicas, não duvidem da palavra, minhas senhoras e meus senhores… Estamos aqui no campo da ciência, e até o próprio Vorski lamentará a sua jovialidade e o seu ceticismo.

Um segundo copo de água. Dom Luís prosseguiu:

Durante semanas e meses, a tribo seguiu o curso do Elba e, uma noite, eram nove horas e meia, chegou ao pé do mar, na região que se

tornou mais tarde o país dos frisões. Ai ficou semanas e meses, sem encontrar a segurança necessária, o que a levou a um novo êxodo.

Êxodo marítimo, desta vez. Trinta barcas se fizeram ao mar — reparem no número trinta, que era o número de famílias que compunham a tribo —, e durante semanas e meses erraram de costa em costa, estabeleceram-se na Escandinávia, depois na terra dos saxões, foram expulsos, tornaram a partir e voltaram a navegar. E digo-vos, na verdade é um espetáculo estranho, comovente e grandioso, o espetáculo desta tribo errante, levando a reboque a pedra tumular dos seus reis e procurando o refúgio seguro, inacessível e definitivo, onde pudesse esconder o seu ídolo, pô-lo ao abrigo das investidas inimigas, celebrar o seu culto e dele se servir para assegurar o seu próprio poder.

A última etapa foi a Irlanda e, um dia, depois de terem habitado essa verde terra durante meio século ou talvez um século, depois de os seus costumes se tornarem um pouco mais brandos em contato com populações já menos bárbaras, um dia, o neto ou o bisneto do grande chefe, também ele mesmo um grande chefe, recebeu um dos emissários que enviara a países longínquos. Aquele vinha do continente. Tinha descoberto o refúgio ideal. Era uma ilha quase inacessível, guardada por trinta rochedos e onde se erguiam trinta monumentos de granito. Trinta! O número fatídico! Como não ver aí uma ordem e um apelo das divindades misteriosas? As trinta barcas voltaram a flutuar, e a expedição começou.

E foi bem-sucedida. A ilha foi tomada de assalto e os seus habitantes pura e simplesmente exterminados. A tribo instalou-se, e a pedra tumular do rei da Boêmia foi posta no local… no mesmo local onde hoje se encontra e que eu mostrei ao camarada Vorski.

Em tom didático, dom Luís continuou:

— Aqui, um pequeno parêntese e algumas considerações históricas do maior alcance. Serei breve.

A ilha de Sarek, assim como toda a França e a parte ocidental da Europa, era habitada há milhares de anos pelos chamados Ligures, descendentes imediatos dos homens das cavernas, dos quais haviam conservado em parte os usos e costumes. Grandes construtores, contudo, esses Ligures que, na época da pedra polida e sofrendo talvez a influência das grandes civilizações do Oriente, tinham erguido formidáveis blocos de

granito e construído colossais câmaras funerárias.

Foi isso o que lá encontrou a nossa tribo e a que tão bem se adaptou, um sistema de cavernas e de grutas naturais, aperfeiçoadas pela mão paciente do homem, e um grupo de monumentos enormes que impressionavam a imaginação mística e supersticiosa dos Celtas.

E assim, depois da primeira fase, a das peregrinações, inicia-se, para a pedra-deus, o período de repouso e de culto, a que chamaremos o período druídico. Ele durou de mil a mil e quinhentos anos. A tribo fundiu-se com as tribos vizinhas e viveu provavelmente sob a tutela de algum rei bretão. Mas, pouco a pouco, o prestígio passara dos chefes para os sacerdotes e esses sacerdotes, ou seja, os Druidas, adquiriam uma autoridade que se acentuou no decurso das gerações seguintes.

Afirmo que essa autoridade lhes vinha da pedra milagrosa. É certo que eles eram sacerdotes de uma religião reconhecida por todos e educadores da juventude gaulesa (não há dúvida de que as celas das Charnecas Negras eram de um convento, ou melhor, de uma espécie de universidade druídica); é certo que, obedecendo às práticas desse tempo, eles presidiam aos sacrifícios humanos, dirigiam a colheita do visco da verbena e de todas as plantas mágicas. Mas, antes de tudo, na ilha de Sarek, eram os guardas e senhores da pedra que davam a vida ou morte. Colocada no cimo da sala dos sacrifícios subterrâneos, ela então indubitavelmente visível ao ar livre, e tenho razões para crer que nessa altura, o Dólmen das Fadas, que vemos daqui, se erguia no local que chamam o Calvário Florido e abrigava a pedra-deus. Era aí que os doentes e as crianças fracas se estendiam e recuperavam a saúde. Era sobre a laje santa que as mulheres estéreis se tornavam fecundas, era sobre a laje santa que os velhos sentiam renascer as forças.

Para mim, ela domina todo o passado lendário e fabuloso da Bretanha. É o centro de onde derivam todas as superstições, todas as crenças, todas as inquietudes e todas as esperanças. Por causa dela ou em virtude do cetro mágico que o arquidruida brandia e que, segundo a sua vontade, queimava a carne ou curava as feridas, foram surgindo espontaneamente belas histórias, histórias dos cavaleiros da Távola Redonda ou histórias de Merlin, o Mágico. Ela está no fundo de todas as brumas, no coração de todos os símbolos. É o mistério e a claridade, o grande enigma e a grande explicação…

Dom Luís pronunciara estas últimas palavras com uma certa exaltação. Sorriu.

— Não se entusiasme, Vorski. Guardemos o entusiasmo para a narração dos seus crimes. No momento, estamos no apogeu da época druídica, época que se prolongou muito para além dos Druidas, durante os longos séculos em que, depois do seu desaparecimento, a pedra miraculosa foi explorada pelos bruxos e adivinhos. E chegamos assim, pouco a pouco, ao terceiro período, o religioso, isto é, à nítida decadência progressiva de tudo o que fazia a riqueza de Sarek, as peregrinações, as festas comemorativas, etc.

A Igreja, com efeito, não podia conformar-se com este feiticismo grosseiro. A partir do momento em que teve poder para isso, iniciou uma luta contra o bloco de granito que atraía tantos fiéis e perpetuava uma religião tão detestável. A luta era desigual, e o passado sucumbiu. O dólmen foi transportado para onde nós estamos, a laje dos reis da Boêmia foi enterrada e ergueu-se um calvário no mesmo lugar dos milagres sacrílegos.

E tudo isso ficou no esquecimento!

Entendamo-nos. Esquecimento das práticas. Esquecimento dos ritos e do que constituía a história de um culto desaparecido. Mas não o esquecimento da pedra-deus. Já não se sabia onde ela estava. Chegou-se mesmo a ignorar o que isso era. Mas nunca deixou de se falar dela, nem de se acreditar na existência de qualquer coisa a que se chamava a pedra-deus. De boca em boca, de geração em geração, transmitiram-se narrações fabulosas e terríveis, que cada vez mais se afastavam da realidade, que criavam uma lenda cada vez mais vaga, cada vez mais prodigiosa, de resto, mas que conservava nos espíritos a lembrança e sobretudo o nome da pedra-deus.

Em virtude dessa persistência de uma ideia na memória coletiva, dessa subsistência de um fato nos anais de um país, era lógico que, de tempos a tempos, algum curioso tentasse reconstituir a prodigiosa verdade. Dois desses curiosos, frei Thomas, que pertenceu à ordem dos Beneditinos, em meados do século XV, e o senhor Maguennoc, nos nossos dias, tiveram um papel importante. O frei Thomas era um poeta e um ilustrador, acerca de quem temos poucas informações, um péssimo poeta, a julgar pelos seus versos, mas um ilustrador ingênuo e não desprovido de talento, tendo deixado uma espécie de missal em que celebrou em verso a

sua estadia na abadia de Sarek e desenhou os trinta dólmens da ilha, tudo isso acompanhado de citações religiosas e predições no gênero de Nostradamus. Descoberto pelo senhor Maguennoc, esse missal continha a famosa página das mulheres crucificadas e da profecia relativa a Sarek. Foi esse missal que eu mesmo encontrei e consultei esta noite, no quarto de Maguennoc.

Personagem bizarra, esse Maguennoc, neto tardio dos bruxos de outrora, e desconfio muito que andou mais de uma vez brincando com os fantasmas. Não duvidem que o Druida de túnica branca que se dizia ter sido visto no sexto dia da lua a colher o visco não era outro se não Maguennoc. Ele também conhecia eficazes receitas, as plantas que curam, a maneira de trabalhar a terra para que cresçam flores enormes. Uma coisa é certa: ele entrou nas criptas mortuárias e na sala dos sacrifícios, foi ele quem guardou a pedra mágica escondida na cabeça do ceptro, e entrou nessas criptas pela abertura por onde acabamos de passar, no meio do caminho da Poterna, tendo de reconstruir, cada vez, o muro de pedras. Foi também ele quem deu ao senhor d'Hergemont a página do missal. Mas ter-lhe-á transmitido o resultado das suas últimas investigações? Que sabia exatamente o senhor d'Hergemont? Isso agora pouco importa. Uma outra personagem surge, que passa a ser a figura central, e que reclama toda a atenção, um eleito enviado pelo destino para resolver o enigma secular, para executar as ordens das potências misteriosas e para meter no bolso a pedra-deus… Refiro-me a Vorski.

Dom Luís bebeu o seu terceiro copo de água e, fazendo um sinal ao cúmplice, disse:

— Otto, pode dar água para ele, se ele tiver sede. Está com sede, Vorski?

Sobre a árvore, Vorski parecia exausto, no limite das forças e da resistência. Stéphane e Patrice intervieram de novo, receando um desenlace súbito.

— Não, não — exclamou dom Luís —, ele é forte e vai aguentar até que acabe o meu discurso, nem que seja apenas pelo desejo de saber. Não é Vorski, isso tudo não apaixona você?

— Ladrão! Assassino! — balbuciou o miserável.

— Está bem! Então ainda se recusa a dizer onde está François?

— Assassino… Bandido…

— Fique então aí, meu velho. Como quiser. Não há nada melhor para a saúde do que um pouco de sofrimento. E depois, você fez muita gente sofrer, seu grande canalha!

Dom Luís pronunciou estas palavras com dureza, e com um tom de cólera inesperado em um homem que já vira tantas perversidades e que já lutara contra tantos criminosos. Mas aquele não excedia todos os limites?

Dom Luís prosseguiu:

Há cerca de trinta e cinco anos, uma mulher de grande beleza, vinda da Boêmia, mas que era de origem húngara, adquiriu rapidamente, nas estâncias termais que abundam nas margens dos lagos da Baviera, uma grande reputação de ler o futuro, ao jogar as cartas, como quiromante, adivinhadora e médium. Chamou a atenção do rei Luís II, amigo de Wagner, construtor de Bayreuth, uma espécie de louco coroado, célebre pelas suas extravagantes fantasias. A ligação do louco e da vidente durou alguns anos, uma ligação agitada, violenta, interrompida pelos caprichos do rei, e que terminou tragicamente na noite misteriosa em que Luís II da Baviera se precipitou da sua barca para o lago de Starnberg. Tratou-se realmente, como pretende a versão oficial, de um acesso de demência ou suicídio? Ou foi um crime, como também se afirmou? E por que esse suicídio? E por que esse crime? Questões que nunca terão resposta. Mas um fato permanece: a mulher da Boêmia acompanhava Luís II no seu passeio pelo lago e, no dia seguinte, é expulsa, despojada das suas joias e dos seus valores, e conduzida até à fronteira.

Desta aventura ela trazia um jovem monstro, de quatro anos de idade, e que se chamava Alexis Vorski, jovem monstro que viveu com a mãe não muito longe da vila de Joachimsthal, na Boêmia, e que mais tarde foi por ela instruído em todas as práticas da sugestão em estado de vigília, da percepção extra-sensorial e da trapaça. Caráter de uma violência inaudita, mas espírito muito débil, sujeito a alucinações e pesadelos, acreditando em sortilégios, em predições, em sonhos, em poderes ocultos, ele tomava as lendas pela história e as mentiras pela realidade. Impressionara-o sobretudo uma das numerosas lendas das montanhas: a que evocava o poder fabuloso de uma pedra que, na noite dos tempos, fora levada por gênios malignos e que um dia seria novamente trazida pelo filho de um rei. Os camponeses ainda hoje mostram o buraco que essa pedra deixou no flanco de uma colina. "Tu és

filho do rei", dizia-lhe a mãe. "E se encontrares a pedra roubada, escaparás ao punhal que te ameaça, e tu mesmo serás rei."

— Esta predição extravagante e uma outra, não menos barroca, pela qual a mulher da Boêmia anunciava que a esposa do seu filho pereceria em uma cruz, e que ele mesmo morreria pela mão de um amigo, foram aquelas que mais diretamente influenciaram Vorski, quando soou a hora fatídica. E passo já a essa hora fatídica, sem falar do que nós três já soubemos, através das nossas conversas de ontem e desta noite, e do que conseguimos reconstituir. Para quê, com efeito, repetir o detalhado relato que você, Stéphane, na sua cela, fez a Véronique d'Hergemont? Para quê contar novamente a você, Patrice, a você, Vorski, e a você, Tout-Va-Bien, os acontecimentos que já são do conhecimento de todos? Como o casamento de Vorski (ou melhor, os dois casamentos, primeiro com Elfride, depois com Véronique d'Hergemont), como o rapto de François pelo seu avô, como o desaparecimento de Véronique, como as investigações que fez para encontrá-la, como a sua conduta na época da guerra e a sua estada nos campos de concentração? Simples bagatelas, ao lado dos acontecimentos que vêm a seguir. Elucidamos a história da pedra-deus. E a recente aventura, tecida por você, Vorski, em torno da pedra-deus, é essa aventura que vamos desenredar.

Começa da seguinte maneira. Vorski é preso em um campo de concentração perto de Pontivy, em plena Bretanha. Já não se chama Vorski, mas Lauterbach. Quinze meses antes, depois de uma primeira evasão, quando o conselho de guerra ia condená-lo à morte, por espionagem, escapou-se, viveu na floresta de Fontainebleau, encontrou um antigo criado seu chamado Lauterbach, alemão como ele e também fugitivo, matou-o, vestiu-lhe as suas roupas e maquilou-o de modo a dar-lhe a aparência dele próprio, Vorski. A justiça militar, enganada, fez enterrar o falso Vorski em Fontainebleau. Quanto ao verdadeiro Vorski, teve o azar de ser mais uma vez preso, sob o seu novo nome de Lauterbach, sendo internado no campo de Pontivy.

Isto no que diz respeito a Vorski. Por outro lado, Elfride, a sua primeira mulher, a temível cúmplice de todos os seus crimes, também ela alemã (sobre ela e sobre o passado comum deles sei alguns detalhes sem muita importância, e que julgo inútil mencionar), Elfride, dizia, cúmplice dele, ficou escondida com o seu filho, Raynold, nas celas de Sarek. Ele

deixou-a aí com ordem de espiar o senhor d'Hergemont e de chegar por seu intermédio até Véronique d'Hergemont. As razões que levavam esta miserável a agir, eu ignoro. Devoção cega, medo de Vorski, instinto para o mal, ódio pela rival que tomara o seu lugar, que importa? Ela teve o mais horrível castigo. Falemos apenas do papel que desempenhou, sem tentar compreender como teve coragem de viver três anos debaixo de terra, saindo só à noite, roubando comida para ela e para o filho, e esperando pacientemente o dia em que pudesse servir e salvar o seu dono e senhor.

Também ignoro a série de fatos que lhe permitiram entrar em ação e, igualmente, de que maneira Vorski e Elfride puderam se comunicar. Mas o que sei, com a maior das certezas, é que a evasão de Vorski foi demorada e minuciosamente preparada pela sua primeira mulher. Todos os detalhes foram previstos. Todas as precauções foram tomadas. A catorze de setembro do ano passado, Vorski evadia-se, levando consigo dois comparsas, a quem se ligara durante o seu cativeiro e que ele tinha, por assim dizer, contratado: o senhor Otto e o senhor Conrad.

Viagem fácil. Em cada cruzamento, uma seta, acompanhada de um número de ordem e das iniciais "V. d'H." (iniciais escolhidas evidentemente por Vorski), indicava a estrada a seguir. De vez em quando, numa cabana abandonada, sob uma pedra, dentro de uma meada de feno, alguns alimentos. Passagem por Guémené, Faouët, Rosporden, e chegada à praia de Beg-Meil.

Aí vieram Elfride e Raynold, de noite, buscar os três fugitivos com o barco a motor de Honorine, e os conduziram até junto das celas druídicas da Charneca Negra. Subiram. Os seus alojamentos estavam prontos e, como viram, bastante confortáveis. O inverno passou e, dia após dia, o plano ainda muito vago de Vorski adquiria contornos mais exatos.

Uma coisa bizarra, quando da sua primeira estadia em Sarek, antes da guerra, é que ele não ouvira falar do segredo da ilha. Foi Elfride, nas cartas que escreveu para Pontivy, quem lhe contou a lenda da pedra-deus. Podem imaginar o efeito que tal revelação produziu em um homem como Vorski. A pedra-deus não era a pedra miraculosa roubada do solo do seu país, a pedra que deveria ser descoberta pelo filho de um rei e que, então, lhe daria o poder e a realeza? Tudo o que mais tarde veio a saber consolidou essa sua convicção. Mas o fato mais importante da sua existência subterrânea em Sarek foi a descoberta, no mês passado, da

profecia de frei Thomas. Alguns fragmentos dessa profecia ele já conseguira ouvir, aqui e ali, quando à noite se punha debaixo das janelas das cabanas ou em cima dos telhados dos celeiros para ouvir as conversas dos camponeses. Desde sempre eram temidos, pelo povo de Sarek, os acontecimentos terríveis relacionados com a descoberta e o desaparecimento da pedra invisível. Também sempre se falara de naufrágios e de mulheres crucificadas. E, de resto, Vorski não conhecia a inscrição do Dólmen das Fadas… as trinta vítimas prometidas para os trinta caixões, o suplício das quatro mulheres, a pedra-deus que dá vida ou morte. Que perturbadoras coincidências para um espirito tão fraco como o dele!

Mas a própria profecia, encontrada por Maguennoc no missal iluminado, eis o ponto essencial de toda esta história. Lembremo-nos que Maguennoc arrancara a famosa página, e que o senhor d'Hergemont, que gostava de desenhar, a copiara várias vezes, dando involuntariamente à mulher principal o rosto da sua filha Véronique. Foi o próprio original e uma dessas cópias que Vorski conheceu, em uma noite em que viu Maguennoc examiná-los à luz de uma lanterna. Imediatamente, no escuro, rabiscou no seu caderninho os quinze versos do precioso documento. Nesse momento, ele passou a saber e compreender tudo. Uma claridade ofuscante cegava-o. Os dados dispersos reuniam-se em um todo, e formavam uma verdade sólida e compacta. Não havia dúvida possível: aquela profecia dizia respeito a ele, e era ele quem tinha a missão de realizá-la!

Repito: é este o nó da questão. A partir desse instante um farol iluminou o caminho de Vorski. Ele tinha agarrado o fio de Ariadne. A profecia foi para ele um texto irrecusável. Foi uma das Tábuas da Lei. Foi uma Bíblia. E, no entanto, que estupidez, que incomensurável burrice são esses versos alinhados ao acaso. Nem uma só frase que traga a marca da inspiração! Nem uma centelha! Nem um vestígio dessa loucura sagrada que transportava a pitonisa de Delfos ou provocava as visões delirantes de um Jeremias ou de um Ezequiel! Nada. Nada, menos que nada. Mas o bastante para iluminar o bom Vorski e incendiá-lo com um entusiasmo de neófito!

— Stéphane, Patrice, ouçam a profecia do frei Thomas! O superalemão escreveu-a dez vezes em dez páginas do seu caderninho, para dez vezes

trazê-la de encontro ao peito e gravá-la no fundo do seu ser. Aqui está uma dessas folhas. Stéphane, Patrice, ouçam! Ouça, fiel Otto. E você mesmo, Vorski, pela última vez, ouça os versos de frei Thomas! Passo a ler:

Na Ilha de Sarek, no ano catorze e três,
Haverá naufrágios, lutos e crimes.
Flechas, veneno, gemidos, horrores.
Câmaras de morte, quatro mulheres crucificadas.
Para os trinta caixões, trinta vítimas.
Diante da mãe, Abel matará Caim.
O pai então, vindo da Alemanha,
Príncipe cruel às ordens do destino.
Por mil mortes e lenta agonia
Tendo morto a esposa, numa noite de junho,
Chamas e estrondos surgirão da terra
No lugar secreto onde jaz o grande tesouro,
E o homem por fim encontrará a pedra,
Outrora roubada dos Bárbaros do Norte,
A pedra-deus que dá vida ou morte.

Dom Luís Perenna começara a sua leitura em um tom enfático, dando realce à imbecilidade das palavras e à banalidade do ritmo. Terminou absurdamente, com uma voz sem timbre, que se prolongou em um silêncio de angústia. A história completa surgia com todo o seu horror.

Ele prosseguiu:

— Estão compreendendo o encadeamento dos fatos, não é verdade?! Stéphane, você que foi uma das vítimas e que conheceu ou conhece outras vítimas? Você também, Patrice?

No século XV, um pobre monge de transtornada imaginação, espírito atormentado por visões infernais, desabafa os seus pesadelos em uma profecia louca que não se baseia em nenhum dado sério e que, certamente, tanto no espírito do poeta como do ponto de vista da realidade, não tem mais valor do que uma composição de palavras ao acaso. A história da pedra-deus, as tradições e as lendas, nada disso lhe proporciona o mínimo elemento para uma predição. Essa predição, ele a extrai de si mesmo, o bom homem, sem má intenção, e simplesmente para pôr um texto qualquer na margem do desenho diabólico que minuciosamente iluminara. E ficou tão contente com ela que se deu ao

trabalho de gravar alguns versos em um dos blocos do Dólmen das Fadas.

Ora, quatro séculos mais tarde, a página profética caiu nas mãos de um superalemão, maníaco do crime, vaidoso e louco. O que vê aí o superalemão? Uma fantasia divertida e pueril? Um capricho insignificante? Não. Vê um documento do mais alto interesse, um desses documentos como os que provavelmente são estudados pelos mais superalemães dos seus compatriotas, com a diferença de que esse documento é de origem maravilhosa. É o Antigo e o Novo Testamento, o Livro Santo que explica a lei de Sarek! É o próprio Evangelho da Pedra-Deus. E esse evangelho designa-o a ele, Vorski, a ele, o superboche, como o Messias encarregado de realizar os decretos providenciais.

Para Vorski, nenhuma dúvida quanto a isso. É certo que a coisa lhe agrada, pois trata-se de roubar a fortuna e o poder. Mas essa questão é secundária. Ele obedece sobretudo ao impulso místico de uma raça que se vê predestinada e julga obedecer sempre a uma missão, seja ela a de regenerar, a de pilhar, a de destruir ou a de assassinar. E a sua missão, leu-a Vorski com todas as letras na profecia do frei Thomas. Frei Thomas diz explicitamente o que é preciso fazer e nomeia-o a ele, Vorski, da maneira mais clara, como sendo o homem do destino. Ele não é filho de rei, ou seja, "príncipe da Alemanha"? Não vem do próprio país de onde a pedra foi roubada dos "Bárbaros do Norte"? Não tem uma mulher também destinada, segundo as predições dos videntes, ao suplício da cruz? Não tem dois filhos, um afável e gracioso como Abel, o outro duro, mau e intratável como Caim?

Estas provas bastam-lhe. Doravante, tem no bolso a sua ordem de mobilização, a sua guia de marcha. Os deuses marcaram o ponto preciso em direção ao qual deve caminhar: ele caminha. Há no seu caminho algumas pessoas vivas. Tanto melhor! Faz parte do programa. É a partir do momento em que todas essas pessoas forem suprimidas, e suprimidas pela maneira indicada por frei Thomas, que a obra será acabada, que a pedra-deus será entregue, e que Vorski, instrumento do destino, será coroado rei. Então, arregacemos as mangas, agarremos no cutelo de carniceiro e mãos à obra! Vorski vai transpor para a vida real os pesadelos do frei Thomas!

“Príncipe cruel às ordens do destino...”

Dom Luís dirigiu-se novamente a Vorski:

— Estamos ou não de acordo, camarada? Tudo o que digo é verdade, é ou não é?

Vorski fechara os olhos, a cabeça estava pendida e as veias da fronte tinham se dilatado desmesuradamente. Para evitar qualquer intervenção de Stéphane, dom Luís exclamou:

— Vai ter que falar, meu velho. A dor começa a aumentar, hein? Vai mudar de ideia? Lembre-se… um assobio… e interrompo o meu discurso… Não quer? Ainda não está satisfeito? Pior para você. E você, Stéphane, não tema em relação a François. Eu respondo por tudo. Mas não tenhamos piedade deste monstro, por favor. Ah, não, mil vezes não! Não esqueçam que ele preparou e combinou tudo, e deliberadamente! Não esqueçam… Estou muito empolgado com tudo isso.

Dom Luís desdobrou a folha onde Vorski escrevera a profecia, e com ela diante dos olhos prosseguiu:

— O que me resta a dizer tem menos importância, uma vez que já dei a explicação geral. Mas contudo é preciso, na verdade, entrar em alguns detalhes, demonstrar o mecanismo da história imaginada e construída por Vorski, e finalmente chegar à intervenção do nosso simpático velho Druida.

Assim, portanto, eis-nos no mês de junho. É a data fixada para a execução das trinta vítimas. Evidentemente que isso foi determinado ao acaso por frei Thomas, assim como o ano catorze e três. Também o número de vítimas, trinta, foi escolhido por frei Thomas porque é o número de escolhos e de dólmenes de Sarek. Mas, para Vorski, a ordem é indiscutível. Em junho de 1917, são necessárias trinta vítimas. Mas isso

só era possível, contudo, se os vinte e nove habitantes de Sarek (já veremos que Vorski tem debaixo do olho a sua trigésima vítima) estivessem dispostos a permanecer na ilha à espera da sua própria imolação. Ora, acontece que, de repente, Vorski fica sabendo da partida de Honorine e de Maguennoc. Honorine voltará a tempo. Mas, e Maguennoc? Vorski não hesita: envia em seu encalço Elfride e Conrad, com ordem para matá-lo. Ele não hesita porque supõe, pelo que ouviu dizer, que Maguennoc levou com ele a pedra preciosa, na qual não se pode tocar e que deve ficar no seu estojo de chumbo. (É a própria expressão de Maguennoc.)

Elfride e Conrad partem, então. Certa manhã, em uma estalagem, Elfride mistura veneno na chávena de café e Maguennoc bebe. (Não anunciava a profecia que haveria envenenamento?) Maguennoc põe-se novamente a caminho. Mas, ao fim de algumas horas, começa a sentir dores intoleráveis e morre, quase instantaneamente, à beira de um talude. Elfride e Conrad socorrem, revistam e esvaziam os bolsos. Nada. Nenhuma joia. Nenhuma pedra preciosa. As esperanças de Vorski não se concretizaram. Mas ali está o cadáver. Que fazer dele? Põem-no provisoriamente em uma cabana meio destruída, por onde alguns meses atrás já tinham passado Vorski e os seus cúmplices. É aí que Véronique d'Hergemont o descobre… e é aí que ela já não o encontra, uma hora depois, tendo Elfride e Conrad, que andavam nas proximidades, feito desaparecer e escondido o cadáver, sempre provisoriamente, nas ruínas de um pequeno castelo abandonado.

E lá se foi o primeiro. De passagem, notemos que as predições de Maguennoc, relativamente à ordem na qual seriam executadas as trinta vítimas — a começar por ele —, não se baseiam em nada. A profecia não fala disso. De qualquer maneira, Vorski age ao acaso. Em Sarek, rapta François e Stéphane Maroux, depois, por precaução, para atravessar a ilha sem chamar a atenção e para penetrar mais facilmente no Priorado, veste as roupas de Stéphane, enquanto Raynold veste as de François. A tarefa, de resto, é fácil. Na casa há apenas um velho, o senhor d'Hergemont, e uma mulher, Marie Le Goff. Logo que eles fossem suprimidos, revistariam os quartos, principalmente o de Maguennoc. Quem sabe, pensa Vorski — que ignora ainda o resultado da expedição de Elfride —, quem sabe se Maguennoc não deixou no Priorado a joia

miraculosa?

Segunda vítima, a cozinheira Marie Le Goff, que Vorski agarra pela garganta e a mata com uma faca. Mas acontece que um jato de sangue inunda a cara do bandido. Cheio de medo, atacado por uma das suas crises de covardia, ele foge, depois de ter lançado Raynold contra o senhor d'Hergemont.

A luta entre o rapaz e o velho é prolongada. Desenrola-se pela casa toda, e por um trágico acaso conclui-se diante dos olhos de Véronique d'Hergemont. O senhor d'Hergemont é morto. Nesse momento chega Honorine. Sucumbe. Quarta vítima.

Os acontecimentos se precipitam. Durante a noite, o pânico começa. Vendo que as predições de Maguennoc se cumprem, e que vai soar a hora da catástrofe, que ameaça a sua ilha há tanto tempo, os habitantes de Sarek, desvairados, decidem partir. É isso que Vorski e o filho estão à espera. No barco a motor que roubaram, lançam-se sobre os fugitivos, e dá-se a abominável caçada, o grande golpe anunciado por frei Thomas: "Haverá naufrágios, lutos e crimes". Honorine, que assiste ao espetáculo e já está bastante abalada, fica louca e lança-se do alto da falésia.

Depois disto, alguns dias de calmaria durante os quais Véronique d'Hergemont explora, sem ser perturbada, o Priorado. De fato, depois da sua proveitosa caçada, pai e filho deixam Otto sozinho (passando mais tempo se embriagando nas celas), e partem de barco para procurar Elfride e Conrad, para trazer o cadáver de Maguennoc e jogá-lo às águas ao largo de Sarek, pois Maguennoc tem o seu domicílio reservado e obrigatório em um dos trinta caixões.

Neste momento, ou seja, quando volta para Sarek, Vorski está no número vinte e quatro. Stéphane e François, vigiados por Otto, estão presos. Faltam quatro mulheres reservadas ao suplício, três das quais são as irmãs Archignat, todas elas fechadas no celeiro. É a vez delas. Véronique d'Hergemont tenta salvá-las: tarde demais. Espiadas nas sombras, sob a mira de Raynold, hábil atirador com arco, as irmãs Archignat são atingidas pelas flechas (as flechas, ordem da profecia) e caem nas mãos do inimigo. Nessa mesma noite, são amarradas a três carvalhos, não sem que Vorski as tivesse antes aliviado das cinquenta notas de mil que traziam escondidas. Resultado: vinte e nove vítimas. Quem será a trigésima? Quem será a quarta mulher?

Dom Luís fez uma pausa e prosseguiu:

— A profecia é muito clara sobre esta questão em dois trechos que se completam: *"Diante da mãe, Abel matará Caim."* E, alguns versos depois: *"… tendo morto a esposa em uma noite de junho."*

Vorski, desde que tivera conhecimento do documento, interpretara os dois versos à sua maneira. Não podendo, de fato, nessa época, dispor de Véronique, que procurara em vão por toda a França, tenta de qualquer modo cumprir as ordens do destino. A quarta mulher torturada será a sua esposa, mas a primeira esposa, Elfride. E isso não iria absolutamente nada contra a profecia, pois em rigor tanto podia tratar-se da mãe de Caim como da mãe de Abel. E notemos que a outra predição, que antes lhe fora feita pessoalmente, também não designava aquela que devia morrer: "A mulher de Vorski morrerá crucificada". Que mulher? Elfride.

Morreria então a querida e devotada cúmplice. Grande desgosto para Vorski! Mas não é preciso obedecer ao deus Moloch? E se Vorski, para realizar a sua obra, decidiu sacrificar o seu filho Raynold, seria indesculpável se não sacrificasse a sua mulher, Elfride. E assim tudo ficaria bem.

Mas bruscamente, um golpe de teatro. Ao perseguir as irmãs Archignat, ele vê e reconhece Véronique d'Hergemont! Como é que um homem como Vorski poderia não ver nisso mais um favor dos poderes superiores? A mulher que ele nunca esquecera, tinha sido enviada exatamente na hora em que deveria entrar na grande aventura. É oferecida a ele como uma presa maravilhosa, que ele vai poder imolar… ou conquistar. Que perspectiva! E como o céu se ilumina com claridades imprevistas! Vorski perde a cabeça. Julga cada vez mais que é o Messias, o eleito, o príncipe que está "às ordens do destino". Ele pertence à linhagem dos grandes sacerdotes, guardadores da pedra-deus. É um Druida, um arquidruida, e, como tal, na noite em que Véronique d'Hergemont ateia fogo na ponte — noite que é a sexta depois da lua — ele vai cortar o visco sagrado com uma foice de ouro!

— E o cerco ao Priorado começa. Não vou insistir nisso. Véronique d'Hergemont contou tudo a você, Stéphane, e nós conhecemos o sofrimento por que ela passou, o papel que teve o delicioso Tout-Va-Bien, a descoberta do subterrâneo e das celas, a luta em busca de François, a luta para encontrá-lo, Stéphane, que Vorski aprisionara em uma das celas de

tortura chamadas pela profecia "Câmaras de morte".

Você e a senhora d'Hergemont são aí surpreendidos. O jovem monstro Raynold atira-o para o mar. François e sua mãe escapam. Infelizmente, Vorski e os cúmplices tinham conseguido chegar ao Priorado. François é apanhado. A mãe vai em busca dele… E depois, depois, são as cenas mais trágicas, sobre as quais não insisto: o encontro entre Vorski e Véronique d'Hergemont, o duelo entre os dois irmãos, entre Abel e Caim, na presença da própria Véronique d'Hergemont. A profecia não o exigia? "Diante da mãe, Abel matará Caim." E a profecia exige igualmente que ela sofra para além de todos os limites, e que Vorski seja um requintado malandro. "Príncipe cruel", ele põe uma máscara nos dois combatentes e, como Abel está prestes a ser vencido, ele próprio fere Caim, para que seja Caim a morrer. O monstro está louco. Está louco e está bêbado. O desenlace se aproxima. Ele bebe, bebe muito, pois nessa mesma noite ocorrerá o suplício de Véronique d'Hergemont. "Por mil mortes e lenta agonia, tendo morto a esposa…"

As mil mortes, Véronique sofreu-as, e a agonia será lenta. A hora chegou. Ceia, cortejo fúnebre, preparativos, erguer da escada, amarras, e depois… e depois, aparece o velho Druida!

Dom Luís pronunciou estas duas últimas palavras e desatou a rir.

— Ah! Aqui, então, a coisa fica mais engraçada. A partir deste momento, o drama aproxima-se da comédia e o burlesco confunde-se com o macabro. Ah! Esse velho Druida, que raio de homem esquisito! Para você, Stéphane, e para você, Patrice, que estavam nos bastidores, a história deixa de ter interesse. Mas para Vorski… Que revelações apaixonantes!… Olhe, Otto, encoste a escada ao tronco da árvore de maneira que o teu patrão possa pôr os pés no degrau superior. Está bem. Hein, isso o alivia, Vorski? Note que a minha atenção não vem de um sentimento de piedade absurda. Não. Mas tenho um certo receio de que você vá desta para melhor e, além disso, quero que esteja bem instalado para ouvir a confissão do velho Druida.

Nova gargalhada. Decididamente, o velho Druida provocava a hilaridade de dom Luís.

— A chegada do velho Druida — disse — traz à aventura ordem e sensatez. O que não tinha nexo adquire um sentido. A incoerência no crime transforma-se em lógica no castigo. Já não se trata da obediência aos

versos de frei Thomas, mas da submissão ao bom-senso, do método rigoroso de um homem que sabe o que quer e que não tem tempo a perder. Na verdade, o velho Druida merece toda a nossa admiração. O velho Druida, a quem poderíamos chamar indiferentemente dom Luís Perenna ou Arsène Lupin, não sabia muita coisa da história quando o periscópio do seu submarino, o *Rolha de Cristal*, emergiu ontem pelo meio-dia frente à costa de Sarek.

— Não sabia muita coisa? — exclamou Stéphane Maroux.

— Podia mesmo dizer absolutamente nada — afirmou dom Luís.

— Como? E então todos esses detalhes sobre o passado de Vorski, todos esses pormenores sobre o que ele fez em Sarek, sobre o papel de Elfride, o envenenamento de Maguennoc?

— Tudo isso — declarou dom Luís —, eu soube aqui mesmo, desde ontem.

— Mas por quem? Nós estivemos sempre com você…

— Acreditem quando digo a vocês que o velho Druida, ao chegar ontem às costas de Sarek, não sabia absolutamente nada. Mas o velho Druida tem a pretensão de ser, pelo menos tanto como você, Vorski, favorecido pelos deuses!

E, de fato, ele teve logo a sorte de avistar, em uma pequena praia isolada, o amigo Stéphane, que também tivera a sorte de cair em uma bolsa de água bastante profunda, escapando assim ao destino que você e o seu filho lhe reservavam. Salvamento, conversa… Em meia hora, o velho Druida ficou informado. Imediatamente, buscas… Acabou por chegar às celas, e na sua, Vorski, ele encontra a túnica branca que irá usar; depois, num pedaço de papel, uma cópia, escrita por você, da profecia. Veio mesmo a calhar. O velho Druida passa a conhecer o plano do inimigo.

Ele seguiu primeiro pelo túnel por onde François e a mãe fugiram, mas não pôde passar por causa do desabamento que se produzira. Volta para trás e vai sair nas Charnecas Negras. Exploração da ilha. Encontro com Otto e Conrad.

O inimigo queima a ponte. São seis horas da tarde. Como chegar ao Priorado? "Pela subida da Poterna", diz Stéphane. O velho Druida volta para o Rolha de Cristal. Contorna a ilha segundo as indicações de Stéphane, que conhece todas as passagens (e de resto o Rolha de Cristal,

meu caro Vorski, é um submarino versátil, que se esgueira por todos os lados, e que o velho Druida mandou construir segundo os seus próprios planos) e, enfim, chegam ao local onde está suspenso o barco de François. Aí encontram Tout-Va-Bien, dormindo embaixo do barco. O velho Druida é apresentado. Simpatia imediata. Põem-se a caminho. Mas, no meio da subida, Tout-Va-Bien muda de direção. A parede da falésia parece remendada nesse local com pedras sobrepostas. No meio das pedras, um buraco que, como o velho Druida depois percebeu, fora feito por Maguennoc para penetrar na sala dos sacrifícios subterrâneos e nas criptas mortuárias. O velho Druida encontra-se assim a par de toda a intriga, que conhece por dentro e por fora. Simplesmente, são oito horas da noite.

Em relação a François, não há uma preocupação imediata. A profecia anunciou que "Abel matará Caim". Mas será que Véronique d'Hergemont, que deveria perecer "numa noite de junho", já sofreu a abominável tortura? Será tarde demais para socorrê-la?

Dom Luís voltou-se para Stéphane:

— Lembra, Stéphane, das angústias que você o velho Druida passaram, e a sua alegria quando descobriram a árvore preparada com a inscrição "V. d'H."? Sobre essa árvore, nenhuma vítima ainda. Véronique será salva e, com efeito, ouve-se um ruído de vozes que vêm do Priorado.

É o sinistro cortejo. Pelas trevas que se adensam, ele sobe lentamente ao longo do relvado. A lanterna agita-se. Uma parada. Vorski discursa. O desenlace se aproxima. Dentro de pouco tempo será o assalto e a libertação de Véronique.

Mas então, há um incidente que vai diverti-lo, Vorski… Sim, uma estranha descoberta feita por mim e pelos meus amigos… a descoberta de uma mulher que anda à espreita junto do dólmen e que, ao ver-nos se esconde. Nós a pegamos. À luz da lanterna elétrica, Stéphane a reconhece. Sabe quem era, Vorski? Veja se adivinha. Elfride! Sim, Elfride, a tua cúmplice, aquela que antes você pensava em crucificar! É curioso, não é? Muito excitada, meio louca, ela nos conta que consentira no duelo entre os dois rapazes sob a promessa de que o seu filho seria o vencedor e mataria o filho de Véronique. Mas você a prendeu nessa manhã e, à tarde, quando ela conseguiu fugir, foi o cadáver do próprio filho que ela encontrou. Agora, ela vinha assistir ao suplício da rival que detesta, para

depois se vingar de você e matar você, meu velho.

Muito bem! O velho Druida aprova e, enquanto você se aproxima do dólmen, e Stéphane espia, ele continua a interrogar Elfride. Mas de repente, não é que ao ouvir a sua voz, Vorski, não é que a desavergonhada muda de ideia? Reviravolta imprevista! A voz do seu senhor provoca-lhe uma enorme agitação. Ela quer ver você, quer preveni-lo do perigo, salvá-lo e, subitamente, lança-se sobre o velho Druida com um punhal na mão. O velho Druida é obrigado a descadeirá-la para se defender e, perante aquela moribunda, logo vislumbra o partido que pode tirar do acontecimento. Em um piscar de olhos, a maldosa criatura é amarrada. Será você próprio a castigá-la, Vorski, e ela terá o destino que anteriormente lhe era reservado. O velho Druida passa então a sua túnica a Stéphane, dá a ele algumas instruções, atira uma flecha em direção a você, e enquanto você vai em perseguição de uma túnica branca, ele substitui Véronique por Elfride, a segunda esposa pela primeira. Como? Você não teve nada a ver com isso. Pregamos uma peça em você, e não imagina como deu bom resultado!

Dom Luís retomou o fôlego. Poder-se-ia realmente dizer, pelo seu tom de confidência familiar, que contava a Vorski uma história engraçada, uma boa farsa, da qual Vorski devia ser o primeiro a rir.

— Mas ainda não é tudo — continuou. — Enquanto isso, Patrice Belval e alguns dos meus marroquinos (para sua informação, há dezoito a bordo) estiveram trabalhando nas salas subterrâneas. A profecia não é categórica? Quando a esposa tiver dado o último suspiro, *"Chamas e estrondos surgirão da terra, no lugar secreto onde jaz o grande tesouro"*.

Bem entendido, frei Thomas nunca soube onde jazia o grande tesouro, nem ninguém no mundo alguma vez o soube. Mas o velho Druida parece que adivinhou, e pretende que Vorski tenha o seu sinal e caia nas suas mãos como um patinho. Para isso, é preciso que haja uma saída perto do Dólmen das Fadas. O capitão Belval procura e a encontra, pois Maguennoc já começara a trabalhar naquele lugar. Desaterra-se uma velha escadaria. Desentulha-se o interior da árvore morta. Do submarino são trazidos e colocados foguetes de sinalização e cargas de dinamite. E quando, do alto do teu poleiro, Vorski, você clama como um arauto: "Ela morreu! A quarta mulher morreu crucificada!"… Pam! Pam! trovão, chamas e estrondos, aquela trepidação toda… Enfim, você é cada vez

mais querido dos deuses, o preferido do destino, e arde no nobre desejo de se enfiar pelo buraco da chaminé e de engolir a pedra-deus. Então, no dia seguinte, depois de ficar curado da bebedeira de aguardente e rum, você volta à carga, com o coração na boca. Matou as suas trinta vítimas segundo os ritos de frei Thomas. Ultrapassou todos os obstáculos. A profecia foi cumprida. "E o homem por fim encontrará a pedra, outrora roubada dos Bárbaros do Norte. A pedra-deus que dá vida ou morte."

O velho Druida só precisa se resolver, e oferecer a você a chave do Paraíso. Mas antes de mais nada, bem entendido, um pequeno interlúdio, alguns pulos de dança e feitiçarias, uma história com uma certa graça. E depois, a pedra-deus guardada pela Bela Adormecida!

Dom Luís executou alguns daqueles pulos pelos quais parecia ter tanta predileção. Depois disse a Vorski:

— Meu velho, tenho uma vaga sensação de que você já está farto do meu discurso e que, em vez de continuar a ouvir, seria mais agradável revelar-me imediatamente onde está François. Estou com muita pena! Realmente é preciso que saiba tudo sobre a Bela Adormecida e sobre a insólita presença de Véronique d'Hergemont. Dois minutos serão o suficiente, de resto. Desculpe-me.

E dom Luís prosseguiu, deixando então de lado o velho Druida e passando a falar em seu próprio nome:

Sim, por que é que levei Véronique d'Hergemont para aquele lugar, depois de a ter arrancado das tuas garras? A minha resposta é muito simples: para onde queria que a levasse? Para o submarino? Absurdo. O mar estava agitado nessa noite, e Véronique precisava de repouso. Para o Priorado? Nunca na vida. Era muito longe do teatro das operações, e eu não ficaria tranquilo. Na verdade, só havia um lugar ao abrigo da tempestade e ao abrigo das tuas investidas: a sala dos sacrifícios, e foi por isso que a levei para lá, e ela dormia, tranquilamente, sob a influência de um bom narcótico, quando você a viu. Confesso também que o prazer de lhe proporcionar aquele pequeno espetáculo pesou na minha resolução. E como fui recompensado!

Lembro da cara de espanto com que você ficou! Que horrível visão! Véronique ressuscitada! A morta-viva! Visão de tal modo horrível, que você se safou em uma correria. Resumo o que se passou depois: você encontra a saída bloqueada. Reconsidera a situação. Retorno ofensivo de

Conrad, que me ataca traiçoeiramente quando eu levava Véronique d'Hergemont para o submarino. Conrad recebe de um dos meus marroquinos um golpe funesto. Segundo momento cômico. Conrad é vestido com a túnica do velho Druida e estendido em uma das criptas. Naturalmente o teu primeiro impulso é se lançar sobre ele. E quando você vê o cadáver de Elfride, que tomou o lugar de Véronique d'Hergemont sobre a pedra dos sacrifícios, você imediatamente salta em cima dela e transforma em papa aquela que já tinha crucificado. Mais um engano! E então, o desfecho, também com o seu quê de cómico. Agora está suspenso no poste de tortura enquanto faço o meu discurso, que está acabando com você, e do qual se depreende que, se você conquistou a pedra-deus em virtude dos teus trinta crimes, fui eu que me apoderei dela pela minha própria virtude.

— Aqui está toda a aventura, meu caro Vorski. Salvo alguns pequenos incidentes, ou outros de maior importância, que não precisa conhecer, agora você sabe tanto como eu. Confortavelmente instalado, já teve muito tempo para refletir. Espero pois a tua resposta em relação a François. Vamos, dê um assobio… Então? Vai falar?

Dom Luís subira alguns degraus. Stéphane e Patrice tinham se aproximado e escutavam ansiosamente. Era evidente que Vorski ia falar.

Ele abrira os olhos e fitava dom Luís com um olhar onde havia ao mesmo tempo ódio e medo. Este homem extraordinário devia parecer-lhe alguém contra quem é absolutamente inútil lutar, e a quem não é menos inútil implorar compaixão. Dom Luís representava o vencedor e, diante daquele que é o mais forte, há que ceder ou que se humilhar. De resto, ele estava no limite da sua resistência. O suplício tornava-se intolerável.

Disse algumas palavras em uma voz ininteligível.

— Fale mais alto — disse dom Luís. — Não ouço. Onde está François d'Hergemont?

Subiu mais um pouco na escada. Vorski balbuciou:

— Ficarei livre?

— Palavra de honra. Iremos todos embora, exceto Otto, que o libertará.

— Imediatamente?

— Imediatamente.

— Então…

— Então?

— François está… vivo.

— Disso não tenho eu dúvidas, seu grande estúpido. Mas onde ele está?

— Preso no barco…

— No barco que está suspenso na base da falésia?

— Sim.

Dom Luís bateu com a mão na testa.

— Grande idiota!… Não ligue, estou falando de mim. Sim, devia ter pensado nisso! Tout-Va-Bien estava dormindo embaixo do barco, tranquilamente, como um bom cão que dorme ao pé do dono! E Tout-Va-Bien, quando o lançaram na pista de François, conduziu Stéphane ao barco. Na verdade, às vezes, até os mais astutos agem como burros! Mas você, Vorski, então sabia que havia ali uma descida e um barco?

— Desde ontem.

— E você, espertalhão, pensava que ia fugir nesse barco?

— Sim.

— Está bem, pode ir nele, Vorski, com Otto. Deixo o barco para você. Stéphane!

Mas Stéphane Maroux já corria em direção à falésia, escoltado por Tout-Va-Bien.

— Liberte François, Stéphane — gritou dom Luís. E acrescentou, dirigindo-se aos marroquinos: — Vocês, ajudem-no. E ponham o submarino para trabalhar. Partiremos daqui a dez minutos.

Voltou-se para Vorski.

— Adeus, caro amigo. Ah! Só mais uma palavra. Em qualquer aventura digna desse nome, há sempre uma intriga amorosa. A nossa parece fugir à regra, pois não ousaria aludir aos sentimentos que moviam-no para a santa criatura que usava o teu nome. Contudo, devo contar a você sobre um amor muito puro e nobre. Viu a pressa com que Stéphane foi em socorro de François? Evidentemente ele gosta muito do seu jovem aluno, mas gosta mais ainda da mãe. E, visto que tudo o que é agradável a Véronique d'Hergemont não pode deixar de lhe agradar, confesso a você que ele não é indiferente a ela, e que esse amor admirável tocou o seu coração de mulher, e que foi com grande alegria que ela encontrou Stéphane esta manhã e que tudo acabará em casamento… a partir do momento em que ela ficar viúva, bem entendido. Está entendendo, não está? O único obstáculo que impede a felicidade dela é você. Por isso, como você é um cavalheiro, não vai

querer… Mas não digo mais nada. Espero que a vida o faça morrer o mais cedo possível. Adeus, meu velho. Não aperto a sua mão, mas a intenção é o que vale! Otto, daqui a dez minutos, e salvo aviso em contrário, desamarre o teu patrão. Encontrarão o barco na base da falésia. Boa sorte, meus amigos.

Era o fim. Entre dom Luís e Vorski, a batalha estava terminada, nem por um só instante o seu desfecho fora uma incógnita. Desde o primeiro minuto, um dos dois adversários dominara o outro de tal modo, que este último, apesar de toda a sua audácia e experiência de criminoso, passara a ser um boneco desarticulado, grotesco e absurdo. Tendo conseguido a execução integral do seu plano, tendo atingido e ultrapassado o objetivo pretendido, vitorioso, senhor dos acontecimentos, ele encontrara-se de repente amarrado à árvore do suplício e ali estava, ofegante e cativo, como um inseto preso com um alfinete em uma rolha de cortiça.

Sem dar mais importância à sua vítima, dom Luís dirigiu-se a Patrice Belval, que não pôde deixar de lhe dizer:

— Mesmo assim, está facilitando as coisas para esta gente ignóbil.

— Ora, não tardarão a serem apanhados em outro lugar qualquer — retorquiu dom Luís. — O que quer que eles façam?

— Mas, antes disso, vão buscar a pedra-deus.

— Impossível! Precisariam de vinte homens para isso, andaimes, material. Até eu já desisti disso, por enquanto. Voltarei depois da guerra.

— Mas, diga, dom Luís, afinal o que é essa pedra milagrosa?

— Olha só, que curioso… — disse dom Luís sem dar outra resposta.

Puseram-se a caminho, e dom Luís, esfregando as mãos, pronunciou:

— Bom trabalho! Desembarcamos em Sarek não há muito mais que vinte e quatro horas. E há vinte e quatro séculos durava esse enigma. Uma hora por século. Os meus cumprimentos, Lupin.

— Também dou-lhe os meus cumprimentos com muito gosto, dom Luís — disse Patrice Belval —, embora não valham tanto como os de um conhecedor como o senhor.

Quando chegaram à areia da pequena praia, o barco de François, já descido, estava vazio. Mais longe, à direita, o *Rolha de Cristal* flutuava no mar tranquilo.

François correu ao encontro deles e parou a alguns passos de dom Luís, fitando-o com os olhos muito abertos.

— Então — murmurou — é o senhor?… É o senhor quem eu esperava?…

— Meu Deus — disse dom Luís a rir —, não sei se você me esperava… mas tenho certeza de que sou realmente eu…

— O senhor… o senhor… Dom Luís Perenna… quer dizer…

— Psiu, mais nenhum nome… apenas Perenna… E não falemos de mim, está bem? Eu fui um acaso, alguém que estava de passagem e chegou na hora certa. Enquanto você… Caramba, meu pequeno, você se saiu mesmo muito bem… Então passou a noite naquele barco?

— Sim, debaixo da cobertura, amarrado ao fundo e amordaçado.

— Estava com medo?

— Nenhum. Ainda não estava lá havia um quarto de hora, quando Tout-Va-Bien chegou. Por isso…

— Mas aquele homem… aquele bandido… que ameaças ele fez a você?

— Nenhuma. Depois do duelo, enquanto os outros se ocupavam do meu adversário, ele trouxe-me aqui, dizendo-me que eu veria a mamãe e que íamos embarcar os dois. Depois, já perto do barco, prendeu-me sem dizer mais uma palavra.

— Conhece aquele homem, sabe o nome dele?

— Não sei nada sobre ele. Ele nos perseguia, à mamãe e a mim.

— Por razões que depois contarei a você, François. De qualquer maneira, já não precisa mais ter medo dele.

— Oh! Não o mataram, não é?

— Não, mas tornei-o inofensivo. Tudo isso será explicado. Mas creio que, no momento, o que temos de mais urgente é irmos ver a sua mãe.

— Stéphane disse-me que ela estava descansando no submarino e que o senhor a tinha salvo. Ela está à minha espera, não é?

— Sim, esta noite, ela e eu estivemos conversando e eu prometi que o encontraria. Senti que ela tinha confiança em mim. Mesmo assim, Stéphane, é melhor você ir à frente para prepará-la…

À direita, na extremidade de uma cadeia de rochedos que formavam uma espécie de quebra-mar natural, o *Rolha de Cristal* flutuava nas águas tranquilas. Uma dezena de marroquinos agitavam-se por todos os lados. Dois deles seguravam uma pequena ponte que dom Luís e François atravessaram passado um instante.

Em uma das cabinas, transformada em salão, Véronique estava estendida sobre um canapé. O seu rosto pálido conservava a marca dos inexprimíveis sofrimentos por que passara. Parecia muito fraca, muito cansada. Mas os olhos cheios de lágrimas brilhavam de alegria.

François lançou-se nos seus braços. Ela começou a soluçar sem pronunciar uma palavra.

Diante deles, Tout-Va-Bien, sentado sobre o traseiro, batia com as patas e olhava-os, a cabeça um pouco inclinada para o lado.

— Mamãe — disse François —, dom Luís está aqui…

Ela pegou na mão de dom Luís e beijou-a demoradamente, enquanto François murmurava:

— O senhor salvou a mamãe… o senhor nos salvou…

Dom Luís interrompeu-o:

— Quer fazer-me um favor, pequeno François? Então não me agradeça. Se quiser agradecer a alguém, olha, agradeça ao teu amigo Tout-Va-Bien. Não parece ter tido um papel muito importante em tudo isso? E contudo, em contraste com o homem maldoso que nos perseguia, foi ele o gênio bom, o mais discreto, inteligente, modesto e silencioso.

— O senhor também foi.

— Oh! Eu não sou modesto nem silencioso, e é por isso que admiro Tout-Va-Bien. Vamos, Tout-Va-Bien, siga-me e pare de fazer gracinhas. Ficaria aí a noite inteira, porque eles vão passar horas e horas a chorar, a mãe e o filho…

A Pedra-Deus

O *Rolha de Cristal* deslizava à superfície. Dom Luís conversava, rodeado por Stéphane, Patrice e Tout-Va-Bien.

— Que canalha, esse Vorski — dizia. — Já tinha visto monstros como ele, mas nunca daquele calibre.

— Então, nesse caso… — objetou Patrice Belval.

— Então, nesse caso? — repetiu dom Luís.

— Volto aquilo que já lhe disse. Tem nas mãos um monstro, e deixa-o em liberdade! É bastante imoral, e além disso… pense só em todo o mal que ele poderá fazer, e que inevitavelmente fará! Não é uma pesada responsabilidade que assume, a dos crimes que ele vai cometer?

— Também é da mesma opinião, Stéphane? — perguntou dom Luís.

— Não sei bem qual é a minha opinião — respondeu Stéphane —, pois para salvar François eu estaria pronto a fazer qualquer concessão. — Mas, mesmo assim…

— Mesmo assim, teria preferido outra solução?

— Confesso que sim. Enquanto esse homem estiver vivo e em liberdade, a senhora d'Hergemont e o filho terão tudo a temer da parte dele.

— Mas que solução? Em troca da salvação imediata de François, prometi-lhe a liberdade. Teria sido melhor prometer-lhe apenas a vida e entregá-lo à justiça?

— Talvez — disse o capitão Belval.

— Está bem. Mas, nesse caso, a justiça instauraria um processo, acabaria por descobrir a verdadeira identidade do indivíduo, e ressuscitaria o marido de Véronique d'Hergemont e pai de François. Era isso que desejavam?

— Não, não — exclamou vivamente Stéphane.

— Não, com efeito — confessou Patrice Belval, bastante embaraçado. — Não. Essa solução não é a melhor, mas o que me espanta é que você, dom Luís, não tenha encontrado a melhor, aquela que nos teria satisfeito a todos.

— Só havia uma — declarou claramente dom Luís Perenna —, só havia uma.

— Qual?

— A morte.

Fez-se um silêncio. Depois dom Luís prosseguiu:

— Meus amigos, não foi uma simples brincadeira eu tê-los reunido em um tribunal, e não é porque os debates parecem ter terminado que o papel de juízes acabou. Ele continua, e o tribunal ainda não encerrou a audiência. É por isso que peço para responderem francamente: consideram que Vorski merece a morte?

— Sim — afirmou Patrice.

E Stéphane aprovou:

— Sim, sem dúvida.

— Meus amigos — prosseguiu dom Luís —, a resposta de vocês não é séria o suficiente. Peço que a expressem com toda a formalidade e em toda a consciência, como se estivessem diante do culpado. Repito: que pena merecia Vorski?

Eles levantaram a mão e, um após outro, pronunciaram:

— A morte.

Dom Luís deu um assobio. Um dos marroquinos acorreu.

— Dois pares de binóculos, Hadgi.

Quando os instrumentos foram trazidos, dom Luís deu-os a Stéphane e a Patrice.

— Estamos apenas a uma milha de Sarek. Olhem para a ponta da ilha, o barco já deve estar no mar.

— Sim — disse Patrice passado um instante.

— Está vendo, Stéphane?

— Sim, mas…

— Mas…

— Só há um passageiro.

— Só há um passageiro, com efeito — declarou Patrice.

Pousaram os binóculos e um deles começou:

— Só um deles está fugindo… Vorski evidentemente… Deve ter matado o seu cúmplice, Otto.

Dom Luís sorriu maliciosamente e disse:

— A não ser que o seu cúmplice Otto o tenha morto…

— Por que é que diz isso?

— Ora, lembrem-se da predição feita a Vorski quando ele era mais novo: *"A tua mulher morrerá crucificada, e tu serás morto por um amigo"*.

— Penso que uma predição não é suficiente.

— É por isso que tenho outras provas.

— Quais?

— Caros amigos, isso faz parte dos últimos problemas que temos de esclarecer em conjunto. Por exemplo, como é que pensam que eu substituí a senhora d'Hergemont por Elfride Vorski?

Stéphane abanou a cabeça.

— Confesso que não compreendi.

— E contudo é muito simples! Quando alguém faz truques de ilusionismo ou adivinha os pensamentos, logo se pensa que deve haver aí algum artifício, a ajuda de um comparsa, não é? Pois foi isso mesmo que aconteceu.

— Hein? Você tinha um comparsa?

— É claro que sim.

— Mas quem?

— O Otto.

— Otto! Mas você não saiu do nosso lado! Como falou com ele?

— Como poderia ter conseguido sem a cumplicidade dele? Na verdade, tive dois comparsas, Elfride e Otto, e ambos traíram Vorski, fosse por vingança, fosse por medo ou por cobiça. Enquanto você, Stéphane, levava Vorski para longe do Dólmen das Fadas, eu falava com Otto. O acordo foi rapidamente concluído, com algumas notas e sob a promessa de que ele sairia são e salvo da aventura. Além disso, fiz-lhe saber que Vorski tinha subtraído os cinquenta mil francos às irmãs Archignat.

— Como é que sabia disso? — perguntou Stéphane.

— Soube pela minha comparsa número um, Elfride, que eu continuava a interrogar em voz baixa, enquanto vocês espreitavam a aproximação de Vorski. E foi ela que me revelou igualmente, em algumas palavras, tudo o

que ela sabia do passado de Vorski.

— No final das contas, você só viu Otto uma vez.

— Duas horas mais tarde, depois da morte de Elfride e depois dos fogos de artifício do carvalho oco, houve uma segunda entrevista, sob o Dólmen das Fadas. Vorski dorme, embrutecido pelo álcool, e Otto está de guarda. Compreendem como aproveitei essa ocasião para me documentar sobre o caso e para completar as minhas informações acerca de Vorski com aquelas que, sorrateiramente e nos últimos dois anos, Otto não cessara de recolher acerca do patrão, que ele detestava. Depois ele descarrega os revólveres de Vorski e de Conrad, ou melhor, tira as balas e deixa apenas os cartuchos. Depois passa-me o relógio e o caderninho de Vorski, assim como um medalhão vazio e uma fotografia da mãe de Vorski, que Otto lhe roubara alguns meses antes. Todas essas coisas me serviriam no dia seguinte para me fazer de bruxo diante do Vorski, na cripta onde ele iria me encontrar. Foi desta maneira que eu e Otto colaboramos.

— Que seja — disse Patrice —, mas você pediu a ele que matasse Vorski?

— Claro que não.

— Nesse caso, quem nos garante…

— Pensam que Vorski não acabou por adivinhar essa colaboração, que foi uma das causas da sua derrota? E pensam que o senhor Otto não previu essa eventualidade? Podem ter certeza, não tenham qualquer dúvida: Vorski, uma vez liberto da árvore, teria suprimido o seu cúmplice, quer para se vingar, quer para recuperar os cinquenta mil francos das irmãs Archignat. Otto se antecipou. Vorski ali estava, impotente, inerte, uma presa fácil. Ele deu-lhe uma facada. Vou ainda mais longe. Otto, que é um covarde, nem sequer o matou. Deve ter simplesmente deixado Vorski na árvore. E sendo assim, o castigo é completo. Estão satisfeitos, meus amigos, e ficou saciada a vossa sede de justiça?

Patrice e Stéphane calaram-se, impressionados pela terrível visão evocada por dom Luís.

— Vamos — disse ele a rir —, tive razão em não obrigá-los a pronunciar a sentença ao pé do carvalho e diante de um homem vivo! Vejo que os meus dois juízes teriam vacilado um pouco nesse instante. E o meu terceiro juiz também, não é, Tout-Va-Bien, você que é tão sensível e choramingão? E eu sou como vocês, meus amigos. Não somos daqueles que condenam e

matam. Mas, mesmo assim, pensem naquilo que Vorski era, nos seus trinta crimes e nos seus requintes de crueldade, e felicitem-me por ter escolhido o cego destino como juiz, em última instância, e como carrasco responsável o execrável Otto. Seja feita a vontade dos deuses!…

As costas de Sarek perdiam-se no horizonte. Acabaram por desaparecer na bruma em que se fundiam o mar e o céu.

Os três homens permaneciam em silêncio. Pensavam na ilha morta, devastada pela loucura de um homem, na ilha morta onde em breve algum visitante encontraria os vestígios inexplicáveis do drama, as entradas dos subterrâneos, as celas com as suas "câmaras de morte", a sala da pedra-deus, as criptas funerárias, o cadáver de Conrad, o cadáver de Elfride, os esqueletos das irmãs Archignat e, por fim, perto do Dólmen das Fadas, onde estava gravada a profecia dos trinta caixões e das quatro cruzes, o grande corpo de Vorski, solitário, lamentável, retalhado pelos corvos e pelos pássaros noturnos.

Epílogo

Uma casa de campo perto de Arcachon, na bonita vila de Moulleaux, onde os pinheiros descem até à margem escarpada do golfo.

Véronique está sentada no jardim. Oito dias de repouso e de alegria fizeram voltar a frescura ao seu belo rosto e varreram as más recordações. Ela olha com um sorriso para o filho, que, em pé, um pouco mais longe, ouve e interroga dom Luís Perenna. Olha também para Stéphane e os seus olhos encontram-se docemente.

Sente-se que há entre eles, pelo afeto que têm pela criança, um laço que os une estreitamente e que se reforça com pensamentos secretos e sentimentos confusos. Nem uma só vez Stéphane repetiu as confissões que fizera na cela das Charnecas Negras. Mas Véronique não as esqueceu. E o reconhecimento profundo que ela tem por aquele que educou o seu filho mistura-se com uma emoção especial e uma perturbação de que ela saboreia o encanto sem disso ter consciência.

Nesse dia, dom Luís, que apanhara o trem para Paris na própria noite em que o *Rolha de Cristal* os levara a todos até à vila de Moulleaux, nesse dia, ele chegara de imprevisto na hora do almoço, acompanhado por Patrice Belval, e já estão no jardim há uma hora, instalados em cadeiras de descanso, e o rapaz, com a cara corada de entusiasmo, não cessa de fazer perguntas àquele que os salvara.

— E então, o que é que fez?… Mas como é que conseguiu saber?… E, para isso, quem é que lhe deu uma pista?…

— Meu querido — observa Véronique —, não está aborrecendo dom Luís?

— Não, minha senhora — responde dom Luís, que se levanta, se aproxima de Véronique e lhe fala de maneira que o rapaz não ouve —, não, François não me aborrece e eu quero responder às perguntas dele. Mas confesso que ele me embaraça um pouco, e receio alguma inconveniência da minha parte. Diga-me, o que é que ele sabe exatamente acerca de todo este drama?

— Aquilo que eu própria sei, salvo, bem entendido, o nome de Vorski.

— Mas ele sabe o papel que teve Vorski?

— Sim, mas com certas atenuantes. Vorski é um prisioneiro evadido que teve conhecimento das lendas de Sarek e que, para se apropriar da pedra-deus, pôs em execução a profecia que lhe dizia respeito, profecia da qual omiti certos versos a François.

— E o papel de Eufride? O ódio dela contra você? As ameaças que ela lhe fez?

— Palavras de loucura, disse eu a François, e eu mesma não entendi o que queriam dizer.

Dom Luís sorriu.

— A explicação é um tanto sumária — disse — e parece-me que François compreende muito bem que certas partes do drama devem ficar e ficarão na sombra para ele. O essencial é que ele ignore que Vorski era pai dele, não é verdade?

— Ele ignora, e nunca saberá.

— E então, e era aí que eu queria chegar: com que nome ele vai ficar?

— Que quer dizer?

— Sim, de quem ele que é filho? Pois, sabe tão bem como eu, que em face da lei o caso apresenta-se assim: François Vorski morreu em um naufrágio, tal como o seu avô, há catorze anos. E Vorski morreu há um ano, assassinado por um camarada. Legalmente, nem um nem outro existem, e então?…

Véronique abanou a cabeça a sorrir.

— E então, não sei. A situação parece-me, de fato, insolúvel. Mas tudo se resolverá.

— Por quê?

— Porque o senhor está aqui.

Foi a vez dele sorrir.

— Nem sequer tenho o mérito dos meus atos, nem das medidas que tomo. Já está tudo resolvido antecipadamente. Não vale a pena ter preocupações!

— Não tenho razão?

— Sim — disse ele gravemente. — Quem sofreu tanto não deve ter mais nenhum aborrecimento. E a partir de agora nada a atingirá, eu juro. Proponho o seguinte. A senhora casou, contra o desejo do seu pai, com um primo muito afastado, que morreu depois de deixar um filho, François. Para se vingar, o seu pai raptou a criança e levou-a para Sarek. Tendo morrido o seu pai, o nome d'Hergemont desapareceu e nada há que possa recordar as circunstâncias do seu casamento.

— Mas o meu nome continua a ser o mesmo. Legalmente, no registo de nascimento, chamo-me Véronique d'Hergemont.

— O seu nome de solteira é substituído pelo seu nome de casada.

— Pelo nome de Vorski?

— Não, porque não se casou com o senhor Vorski, mas com um primo que se chamava…

— Que se chamava…?

— Jean Maroux. Aqui está uma certidão legalizada do casamento com Jean Maroux, casamento que vem mencionado no seu registro civil, como é atestado por este outro documento.

Véronique olhou para dom Luís com estupefação.

— Mas por quê?… Por que esse nome?

— Por quê? Para que o seu filho deixe de se chamar d'Hergemont, o que evocaria os acontecimentos do passado, ou Vorski, o que evocaria o nome de um canalha. Aqui está a certidão de nascimento de François Maroux.

Corada e confundida, ela repetiu;

— Mas por que é que escolheu precisamente esse nome?

— Pareceu-me que isso seria mais cômodo para François. É o nome de Stéphane, junto de quem François continuará a viver por muito tempo. Pode-se dizer que Stéphane era parente do seu marido, e a intimidade entre os três ficará assim explicada. É esse o meu plano. Fique certa de que não corre perigo algum. Quando se está diante de uma situação insolúvel e dolorosa como a sua, é realmente preciso empregar meios especiais, recorrer a medidas radicais e, confesso, muito pouco legais. Foi isso que fiz

sem escrúpulos, porque tenho a sorte de dispor de recursos que não estão ao alcance de todos. Está de acordo?

Véronique inclinou a cabeça.

— Sim, sim — disse.

Ele levantou-se.

— De resto — acrescentou —, se há alguns inconvenientes, o futuro sem dúvida se encarregará de os remover. Bastará, por exemplo, e espero não ser indiscreto ao fazer alusão aos sentimentos de Stéphane em relação à mãe de François, bastará que um dia, por justiça, por gratidão, a mãe de François seja levada a reconhecer de bom grado a homenagem desses sentimentos. Então, tudo será mais simples se François já usar o nome de Maroux! O passado será mais facilmente abolido, tanto para François como para todas as pessoas, que já não poderão infiltrar no segredo de acontecimentos esquecidos, e que nada fará recordar. Pareceu-me que estes motivos tinham um certo peso. Sinto-me feliz por ver que é da mesma opinião.

Dom Luís saudou Véronique e, sem insistir mais, parecendo não notar a confusão dela, voltou-se para François e exclamou:

— Agora, meu filho estou à tua disposição. E visto que não quer deixar nada sem explicação, voltemos à pedra-deus e ao bandido que a cobiçava. Oh! Sim, ao bandido — repetiu dom Luís, considerando que não havia razão alguma para não falar de Vorski com toda a franqueza —, o bandido mais temível que já encontrei, porque ele acreditava na sua missão… Numa só palavra, um doente, um transtornado…

— Então, primeiro, o que eu não compreendo — observou François — é que o senhor tenha esperado toda a noite antes de capturá-lo, enquanto ele e os seus cúmplices dormiam debaixo do Dólmen das Fadas.

— Muito bem, meu filho — exclamou dom Luís sorrindo —, encontrou um ponto fraco! Se eu tivesse agido desse modo, o drama acabaria doze ou catorze horas mais cedo. Mas você teria sido libertado? O bandido teria falado e revelado onde você estava? Penso que não. Para lhe soltar a língua era preciso maltratá-lo. Era preciso entontecê-lo, torná-lo louco de inquietação e angústia, e incutir-lhe, através de mil provas, o sentimento da sua irremediável derrota. Senão, ele se calaria e talvez nós não teríamos o encontrado… E depois, nesse momento, o meu plano não era claro, não sabia bem como terminar e só muito mais tarde pensei, não em infligir-lhe

uma tortura violenta, sou incapaz disso, mas em amarrá-lo àquela árvore onde ele quis matar a sua mãe. De modo que, embaraçado, hesitante, cedi simplesmente, afinal, à necessidade um pouco infantil, confesso, de ir até ao fim da profecia, de ver como se comportaria o predestinado diante do velho Druida, em uma palavra, de me divertir. Ora, essa aventura era tão tenebrosa que me pareceu necessário um pouco de bom humor. E eu ri bastante. Foi essa a minha falta, reconheço e peço desculpas.

O rapaz também ria. Dom Luís abraçou-o e repetiu:

— Desculpe-me?

— Sim, mas com a condição de que continue a me responder. Tenho mais duas perguntas: a primeira é pouco importante…

— Diga.

— Trata-se do anel. De onde veio aquele anel que o senhor pôs primeiro no dedo da mamãe, e depois no dedo de Elfride?

— Fui eu que o fiz, durante a noite, em alguns minutos, com um anel velho e algumas pedras coloridas.

— Mas o bandido reconheceu-o como sendo o da mãe dele.

— Pareceu reconhecê-lo, porque o anel era parecido.

— Mas como sabia isso? Como conhecia essa história?

— Ele mesmo me disse.

— Será possível?

— É verdade! Palavras que lhe escaparam enquanto dormia debaixo do Dólmen das Fadas… um pesadelo de bêbado… contou aos poucos toda a história da mãe, e que Elfride conhecia, aliás, em parte. Vê como foi simples! E como o acaso me favoreceu!

— Mas o enigma da pedra-deus não é assim tão simples! — exclamou François. — E você decifrou! Há séculos tentavam desvendá-lo, e o senhor levou apenas algumas horas!

— Não, apenas alguns minutos, François. Bastou-me ler a carta que o seu avô escreveu ao capitão Belval sobre o assunto. Pelo correio, dei ao seu avô todas as explicações sobre a localização e a natureza maravilhosa da pedra-deus.

— Pois bem, dom Luís — exclamou o rapaz —, são essas explicações que eu peço. Aqui está a minha última pergunta, eu prometo. Por que é que se acreditava no poder da pedra-deus? E em que é que consistia esse poder?

Stéphane e Patrice aproximaram as suas cadeiras. Véronique ergueu-se e prestou atenção. Todos compreendiam que dom Luís esperara que estivessem reunidos para rasgar diante deles o véu do mistério.

Ele pôs-se a rir.

— Não estejam à espera de qualquer coisa sensacional — disse. — Um mistério só vale pelas trevas que o envolvem e, como já dissipamos essas trevas, só resta o próprio fato na sua crua realidade. Mas, contudo, esse caso é estranho, e a realidade não está desprovida de alguma grandeza.

— E assim tinha de ser — disse Patrice Belval —, para que essa realidade originasse na ilha de Sarek, e em toda a Bretanha, uma tal lenda de milagres.

— É verdade — prosseguiu dom Luís. — É uma lenda tão tenaz que ainda hoje nos influencia, e nenhum de vocês escapou a essa obsessão do milagre.

— O quê?! — protestou o capitão. — Mas eu não acredito em milagres.

— Eu também não — afirmou o rapaz.

— Sim, sim, acreditam, admitem o milagre como uma possibilidade. Senão, há muito tempo teriam descoberto toda a verdade.

— Como é isso?

Dom Luís colheu uma magnífica rosa num arbusto, cujos ramos se inclinavam em direção a ele, e perguntou a François:

— Será possível que eu transforme esta rosa, cujas proporções são já as que uma rosa raramente atinge, em uma flor duas vezes maior? E transformar esta roseira em uma planta com o dobro do tamanho?

— Com certeza que não — declarou François.

— Então por que é que você admitiu, por que é que todos admitiram, que Maguennoc pudesse chegar a esse resultado, colhendo apenas alguma terra em certos locais da ilha e a determinadas horas? Isso é um milagre, e o aceitaram sem hesitação, inconscientemente.

Stéphane objetou:

— Aceitamos aquilo que víamos.

— Mas aceitaram como um milagre, ou seja, como um fenômeno que Maguennoc provocava através de processos especiais e, na verdade, sobrenaturais. Enquanto que eu, ao ler esse detalhe na carta do senhor d'Hergemont, eu percebi… Imediatamente relacionei essas flores monstruosas com o nome que davam ao Calvário Florido. E a minha

convicção foi instantânea: Não, Maguennoc não é um bruxo. Apenas desbravou à volta do calvário um terreno não cultivado, bastando-lhe pôr um bocado de húmus para que crescessem flores anormais. Então a pedra-deus está lá por baixo, a pedra-deus que na Idade Média fazia brotar as mesmas flores anormais, a pedra-deus que no tempo dos Druidas curava os doentes e fortificava as crianças.

— Portanto — observou Patrice —, há um milagre.

— Há um milagre, se aceitarmos as explicações sobrenaturais. Há um fenômeno natural, se procurarmos e encontrarmos as causas físicas capazes de suscitar um aparente milagre.

— Mas essas causas físicas não existem!

— Existem, porque vocês viram as flores monstruosas.

— Então — perguntou Patrice, não sem ironia —, há uma pedra que pode, naturalmente, curar e fortificar? E essa pedra é a pedra-deus?

— Não uma pedra especial, não. Mas há pedras, blocos de pedra, rochas, colinas e montanhas rochosas que contêm camadas de minerais formados por diversos metais, óxidos de urânio, prata, chumbo, cobre, níquel, cobalto, etc. E entre esses metais há aqueles que emitem uma radiação especial, com propriedades particulares, e que se chama radioatividade. São jazidas de óxido de urânio, que na Europa podem ser encontradas no norte da Boêmia e que são exploradas perto da pequena cidade de Joachimsthal… esses corpos radioativos são o urânio, o hélio e, principalmente, no caso em questão…

— O rádio — interrompeu François.

— Falou bem, pequeno, o rádio. Há fenômenos de radioatividade um pouco por todo o lado e pode-se dizer que se manifestam em toda a natureza, por exemplo, na ação benéfica das águas termais. Mas os corpos nitidamente radioativos, como o rádio, possuem propriedades mais definidas. Está fora de dúvida, por exemplo, que a radiação do rádio exerce influência sobre a vida dos vegetais, poder análogo ao da passagem de uma corrente elétrica. Em ambos os casos, a ação sobre o meio nutritivo torna mais assimiláveis os elementos necessários à planta e estimula o seu crescimento. Também não há dúvida de que a radiação é capaz de exercer uma ação fisiológica sobre os tecidos vivos, produzindo neles modificações mais ou menos profundas, destruindo certas células ou contribuindo para o desenvolvimento de outras, ou até determinando a sua evolução. A

radioterapia pode curar ou melhorar, em muitos casos, reumatismos articulares, perturbações nervosas, úlceras, eczemas, tumores. Em uma palavra, o rádio é um agente terapêutico de uma real eficácia.

— Então — disse Stéphane —, considera a pedra-deus…

— Considero a pedra-deus como sendo um bloco de óxido natural de urânio, contendo rádio e proveniente das jazidas de Joachimsthal. Já conhecia há muito tempo a lenda da Boêmia que fala de uma pedra milagrosa, outrora arrancada do flanco de uma colina e, no decurso de uma viagem, vi o vazio deixado por essa pedra. Corresponde exatamente às dimensões da pedra-deus.

— Mas — objetou Stéphane —, o rádio só existe nas rochas em quantidades infinitesimais. Basta pensar que, do tratamento de uma massa de cento e quarenta toneladas de rochas, só se extrai afinal um grama de rádio. E está atribuindo um poder miraculoso à pedra-deus, que pesa no máximo duas toneladas…

— Mas que contém evidentemente rádio em quantidade apreciável. A natureza não é obrigada a ser avara e a dispersar o rádio. Podia — e foi o que aconteceu — acumulá-lo na pedra-deus com bastante generosidade, de modo que ela pudesse produzir os fenômenos aparentemente extraordinários que conhecemos… Além disso, devemos dar o desconto em relação a certos exageros populares.

Stéphane parecia cada vez mais convencido. No entanto, ainda disse:

— Um último ponto. Além da pedra-deus, há o pequeno pedaço do pedra que Maguennoc encontrou no cetro de chumbo, e cujo contato prolongado lhe queimou a mão. Em sua opinião, seria um grão de rádio?

— Não há dúvida. E é aí que talvez a presença e o poder do rádio, em toda esta aventura, nos são revelados com mais nitidez. O grande físico Henri Becquerel, tendo guardado no bolso um tubo que continha sais de rádio, sofreu ao fim de alguns dias uma ulceração supurante na pele. Curie repetiu a experiência: o mesmo resultado. O caso de Maguennoc deve ter sido mais grave, porque ele conservou o pedaço de rádio na mão. Formou-se uma ferida de aspecto cancerígeno. Apavorado com tudo o que sabia e com tudo o que ele mesmo dissera sobre a pedra milagrosa, que queima como o fogo do inferno e "que dá vida ou morte", ele decepou a mão.

— Está bem — disse Stéphane. — Mas de onde veio esse grão de rádio puro? Não pode ser um fragmento da pedra-deus, porque mesmo que um

mineral seja muito rico, o rádio não se incorpora em grãos isolados, mas de forma dispersa, e tem de ser dissolvido e depois reunido, por meio de uma série de operações, em um produto suficientemente rico para ser submetido à cristalização fraccionada. Tudo isso, assim como muitas outras operações subsequentes, exige imenso material, fábricas, laboratórios, cientistas, em uma palavra, um estado de civilização que difere um pouco, confesse, do estado de barbárie em que os nossos antepassados celtas estavam mergulhados…

Dom Luís sorriu e bateu no ombro do jovem.

— Muito bem, Stéphane, agrada-me ver que o professor e amigo de François tem um espírito lúcido e lógico. A objeção é absolutamente justa. Poderia responder com a ajuda de uma hipótese perfeitamente legítima, supor um meio natural de isolar o rádio, imaginar que em uma gralha granítica, no fundo de uma grande bolsa que contém mineral radífero, se abriu uma fissura por onde as águas do rio escorreram lentamente e arrastaram porções ínfimas de rádio, que essas águas assim carregadas circulam por um longo e estreito corredor, reúnem-se, concentram-se e, depois de muitos séculos, filtrando-se pequenas gotinhas logo evaporadas, formam no local de saída uma pequena estalactite muito rica em rádio, cuja extremidade foi um dia partida por algum guerreiro celta… Mas será preciso procurar tão longe e recorrer a essa hipótese? Não bastará apenas referir o gênio e os recursos inesgotáveis da natureza? Produzir pelos seus próprios meios um grão de rádio será para ela um esforço mais prodigioso do que fazer amadurecer uma cereja ou eclodir uma rosa… ou dar vida ao delicioso Tout-Va-Bien! O que me diz, François? Estamos de acordo?

— Estamos sempre de acordo — respondeu o rapaz.

— E não lamenta não haver nenhum milagre na pedra-deus?

— Mas o milagre continua a existir!

— Tens razão, François, continua a existir, cem vezes mais belo e esplendoroso. A ciência não anula os milagres, purifica-os e enobrece-os. O que seria esse pequeno poder obscuro, caprichoso, maldoso, incompreensível, que residia na ponta de uma varinha mágica e agia ao acaso, segundo a fantasia ignorante de um chefe bárbaro ou de um Druida, o que seria isso ao lado do poder benéfico, claro, leal e também miraculoso, que hoje vemos em uma poeira de rádio? O que seria…

Dom Luís calou-se de repente e começou a rir:

— Bem, estou começando a me entusiasmar e pintar uma ode à ciência. Desculpe-me, minha senhora — acrescentou, levantando-se e aproximando-se de Véronique —, e diga-me se a aborreci muito com as minhas explicações? Não, não é verdade? Não demasiado? De resto, terminei… ou quase terminei. Só falta esclarecer uma coisa, só falta tomar uma decisão.

Sentou-se junto dela.

— Bem, é o seguinte. Agora que conquistamos a pedra-deus, um verdadeiro tesouro, o que vamos fazer dela?

Véronique foi categórica:

— Oh! Em relação a isso, não há problema. Não quero nada que venha de Sarek, nada do que se encontra no Priorado. Nós vamos trabalhar.

— No entanto, o Priorado lhe pertence…

— Não, não, Véronique d'Hergemont já não existe e o Priorado não pertence a ninguém. Que seja tudo vendido em leilão público! Não quero nada, nada desse passado maldito.

— E como vai viver?

— Como vivia, do meu trabalho. E tenho certeza de que François está de acordo, não é, querido?

E, em um movimento instintivo, voltando-se para Stéphane, como se ele tivesse o direito de dar a sua opinião, ela acrescentou:

— Também está de acordo, não está, meu amor?

— Inteiramente.

E ela prosseguiu:

— De resto, ainda que não duvide dos sentimentos afetuosos do meu pai, não tenho mais prova alguma de quais eram as suas últimas vontades em relação a mim.

— Talvez eu tenha essas provas — disse dom Luís.

— Como?

— Patrice e eu voltamos a Sarek. Em uma secretária do quarto de Maguennoc, no fundo de uma gaveta secreta, Encontramos um envelope lacrado, mas sem endereço, e que abrimos. Continha um título de rendimento de vinte mil francos e as seguintes palavras em uma folha de papel:

Depois da minha morte, Maguennoc entregará este título a Stéphane Maroux, a quem confio o meu neto François. Quando François tiver

dezoito anos, o título pertencerá a ele. Quero crer, aliás, que ele procurará encontrar a sua mãe, e que ela rezará por mim. As minhas bênçãos aos dois.

— Aqui está o título… — disse dom Luís — e a carta. Data do mês de abril deste ano.

Véronique ficou espantada. Olhou dom Luís e pensou que tudo aquilo podia muito bem ser uma história inventada por aquele homem estranho para acudir às necessidades dela e do filho. Ideia passageira. No fim de contas, o ato do senhor d'Hergemont era muito natural e, prevendo as dificuldades com que se debateriam depois da sua morte, era justo que tivesse pensado no seu neto. Murmurou:

— Não tenho o direito de recusar…

— E tem menos ainda esse direito — exclamou dom Luís —, porque se trata de um assunto acima da senhora, e porque a vontade do seu pai diz respeito diretamente a François e Stéphane. Portanto, estamos de acordo sobre isso. Resta a pedra-deus, e faço novamente a minha pergunta. O que vamos fazer dela? A quem pertence?

— A você — declarou nitidamente Véronique.

— A mim?

— Sim, a você que a descobriu, a você que lhe deu todo o seu significado.

Dom Luís observou:

— Devo lembrar-lhe que esse bloco de pedra tem, sem dúvida, um valor incalculável. Por maiores que sejam os milagres feitos pela Mãe Natureza, somente graças a um concurso prodigioso de circunstâncias ela pôde realizar o milagre de acumular tanta matéria preciosa em um volume tão pequeno. Temos ali tesouros e mais tesouros.

— Melhor ainda — disse Véronique. — O senhor saberá aproveitá-los melhor do que ninguém.

Dom Luís refletiu por um instante e concluiu, rindo:

— Tem toda a razão, e confesso que já esperava esse desfecho. Primeiro, porque o meu direito sobre a pedra-deus me parece estabelecido por títulos de propriedade suficientes. Depois, porque preciso desse bloco de pedra. Meu Deus, sim, a laje funerária dos reis da Boêmia não esgotou o seu poder mágico, e ainda há povos sobre os quais esse poder terá a mesma influência que sobre os nossos antepassados gauleses. E, justamente, estou

ocupado com um caso formidável em que um tal recurso me será precioso. Dentro de alguns anos, acabada a minha obra, trarei novamente a pedra-deus para a França e ela ficará em um laboratório nacional que tenciono fundar. E assim a ciência purificará todo o mal que a pedra-deus fez, e a funesta aventura de Sarek será resgatada. Está de acordo, minha senhora?

Ela estendeu-lhe a mão:

— De todo o meu coração.

Fez-se um prolongado silêncio. Depois dom Luís Perenna prosseguiu:

— Oh! Sim, essa funesta aventura, não há palavras para dizer como foi terrível. Conheci algumas horríveis, eu mesmo as vivi e deixaram-me uma recordação angustiante. Mas esta ultrapassa a todas elas. Foi além de tudo o que é possível na realidade e na dor humana. Foi ilógica, por ser fruto da ação de um louco… E também porque se desenrolou em uma época de loucura e de desorientação. Foi a guerra que permitiu a execução, em silêncio e segurança, de crimes concebidos e preparados por um monstro. Em tempos de paz, os monstros não têm tempo para ir até ao fim dos seus estúpidos sonhos. Nesta época, e naquela ilha isolada, o monstro encontrou condições especiais anormais…

— Não falemos mais disso, está bem? — murmurou Véronique com a voz trêmula.

Dom Luís beijou a mão da jovem mulher, depois segurou Tout-Va-Bien e ergueu-o nos braços.

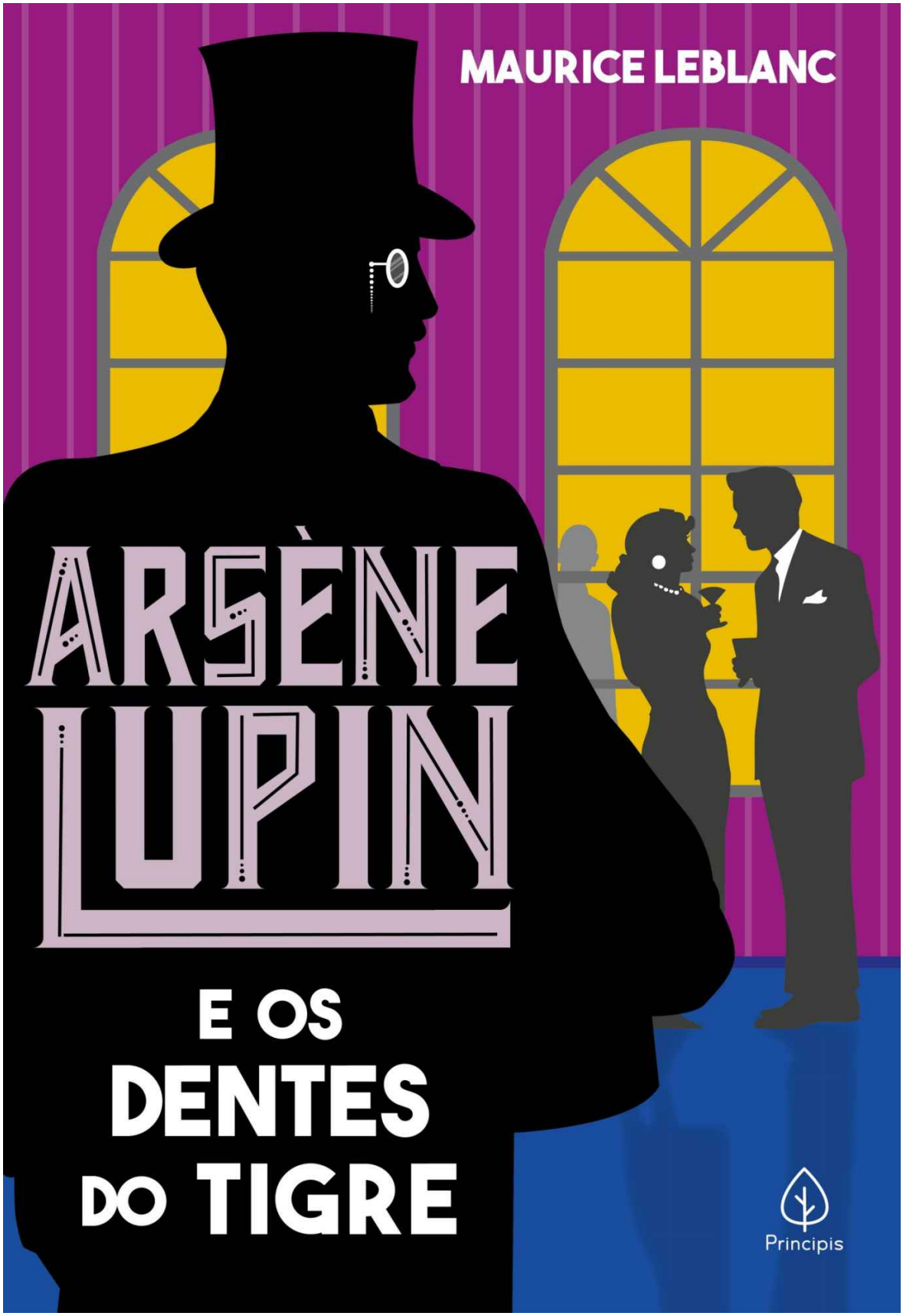
— Tem razão. Não falemos mais disso. Senão, cairíamos em lágrimas, e Tout-Va-Bien ficaria melancólico. Tout-Va-Bien, meu delicioso Tout-Va-Bien, não falemos então dessa terrível aventura. Mas, mesmo assim, lembremos certos episódios que foram bonitos e pitorescos. Não é, Tout-Va-Bien, o jardim das flores gigantescas de Maguennoc, você vai se lembrar dele como eu? E a lenda da pedra-deus, a epopeia das tribos celtas, que erravam com a laje funerária dos seus reis, aquela laje vibrante de rádio de onde parte incessantemente um bombardeamento de átomos vivificantes e miraculosos? Você não acha, Tout-Va-Bien, que tudo isso é interessante? Simplesmente, veja, excelente Tout-Va-Bien, se eu fosse romancista e quisesse contar a história da Ilha dos Trinta Caixões, pouco me preocuparia com a terrível verdade e daria a você um papel muito mais importante. Suprimiria a intervenção desse maçante e falador dom Luís, e seria você o salvador intrépido e silencioso. Seria você a lutar contra o abominável

monstro, seria você a frustrar as suas maquinações e, por fim, graças ao teu maravilhoso instinto, você derrotaria o mal e faria triunfar a virtude. E assim é que tudo estaria bem, pois ninguém melhor do que você, delicioso Tout-Va-Bien, seria capaz de nos mostrar, por mil provas convincentes, que na vida tudo se resolve e tudo acaba bem.

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E OS DENTES DO TIGRE



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E OS DENTES DO TIGRE
Tradução
Andréia Manfrin Alves
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Les dents du tigre
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Andréia Manfrin Alves
Revisão
Cleusa S. Quadros
Diagramação
Linea Editora
Produção editorial
Ciranda Cultural
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
Feliks Kogan/shutterstock.com;
Ola-ola/shutterstock.com;
NadzeyaShanchuk/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e os dentes do tigre [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. — Jandira, SP : Principis, 2021.

416 p. ; ePUB ; 1,1 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: Les dents du tigre
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-556-4 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2021-2253 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

D'artagnan, Porthos e Monte Cristo

Às quatro e meia, o senhor Desmalions, comandante-geral, ainda não tinha voltado. Seu secretário particular colocou sobre a mesa um pacote de cartas e relatórios que tinha listado, tocou a campainha e disse ao escrivão que entrava pela porta principal:

— O comandante-geral convocou para as cinco horas várias pessoas cujos nomes estão listados aqui. Faça-os aguardar separadamente, para que não possam se comunicar uns com os outros, e entregue-me seus cartões.

O escrivão se retirou. O secretário seguia para a pequena porta que dava acesso ao seu gabinete quando a porta principal foi reaberta e deu passagem a um homem que parou e se apoiou, trêmulo, no encosto de uma poltrona.

— Ah, senhor Vérot? — disse o secretário. — O que aconteceu? O que o senhor tem?

O inspetor Vérot era um homem corpulento, ombros fortes, espalhafatoso. Alguma emoção violenta devia perturbá-lo, pois seu rosto, normalmente corado, estava bastante pálido.

— Não é nada, senhor secretário.

— Mas o senhor não parece estar nada bem, está pálido e molhado de suor…

O inspetor Vérot limpou a testa e se recompôs:

— Estou cansado. Tenho trabalhado demais ultimamente. Queria resolver a todo custo um caso que o comandante-geral me confiou. Mas de fato é estranho o que estou sentindo.

— Quer um cordial?

— Não, obrigado, não estou com sede.

— Um copo d'água?

— Não… não…

— Alguma outra coisa?

— Eu gostaria… gostaria de… — a voz estava embargada. Ele olhou ansiosamente, como se de repente não conseguisse pronunciar outras palavras. Mas, recuperando o controle da situação:

— O senhor comandante-geral não está?

— Não, ele só chegará às cinco horas para uma reunião importante.

— Sim, eu sei, muito importante. Também fui convocado. Mas eu gostaria de falar com ele antes. Eu precisava tanto falar com ele!

O secretário examinou Vérot e disse:

— Como o senhor está agitado! Essa conversa é tão importante assim?

— É bem importante. Trata-se de um crime que ocorreu há exatamente um mês. E trata-se, sobretudo, de evitar dois assassinatos que são consequência desse crime e que devem acontecer esta noite. Sim, esta noite, fatalmente, se não tomarmos as devidas providências.

— Vejamos. Sente-se, senhor Vérot.

— Ah! Tudo isso foi combinado de uma maneira tão diabólica! Não, ninguém é capaz de imaginar…

— Mas se o senhor foi avisado, senhor Vérot, o senhor comandante-geral lhe dará carta branca…

— É óbvio que sim, mas é assustador pensar que eu poderia não encontrá-lo. Então tive a ideia de escrever esta carta na qual conto tudo o que sei sobre o caso. É mais prudente.

Ele entregou um grande envelope amarelo ao secretário e acrescentou:

— Também vou deixar esta pequena caixa sobre a mesa. Ela contém algo que serve de complemento e de explicação ao conteúdo da carta.

— Mas por que o senhor não fica com tudo isso?

— Tenho medo. Estou sendo vigiado. Estão tentando se livrar de mim… Não vou ficar tranquilo até não ser mais o único a saber do segredo.

— Não tenha medo, senhor Vérot. O comandante-geral chegará em breve. Até lá, aconselho o senhor a ir à enfermaria e pedir um cordial.

O inspetor parecia indeciso. Mais uma vez, secou a testa molhada de suor. Depois se recompôs e saiu.

Uma vez sozinho, o secretário colocou a carta em uma pasta volumosa aberta sobre a mesa do comandante-geral e saiu pela porta que comunicava com seu gabinete privado.

Ele mal tinha fechado a porta da antecâmara e ela logo foi reaberta pelo inspetor, que voltou gaguejando:

— Senhor secretário, é melhor eu lhe mostrar…

O infeliz estava pálido. Seus dentes tiritavam. Quando ele percebeu que a sala estava vazia, quis caminhar até o gabinete do secretário, mas foi tomado por uma fraqueza e desabou sobre uma cadeira onde permaneceu sentado por alguns minutos, destruído, com a voz trêmula.

— O que é que eu tenho? Será que também fui envenenado? Oh! Estou com medo. Estou com medo…

A mesa do escritório estava ao seu alcance. Ele pegou um lápis, puxou um bloco de anotações e começou a rabiscar algumas palavras, mas balbuciou:

— Não, não adianta, pois o comandante-geral vai ler minha carta… O que será que eu tenho? Oh! Estou com medo…

De repente ele se levantou e articulou:

— Senhor secretário, é preciso… é preciso que… Ainda esta noite… Nada no mundo poderá impedir…

Caminhando devagar, como um autômato, fazendo um esforço descomunal, ele avançou em direção à porta do gabinete. Mas, no meio do caminho, ele vacilou e precisou se sentar novamente.

Um pavor tomou conta dele, mas ele soltou gritos tão fracos que ninguém conseguiu ouvi-lo. Ele percebeu que ninguém o ouvia e procurou com os olhos por uma campainha, uma sineta, mas sua visão também estava comprometida. Um véu de sombra parecia pesar sobre seus olhos.

Ele caiu de joelhos, se arrastou até a parede tateando tudo com as mãos, como um cego, e conseguiu encontrar um revestimento de madeira. Era a parede que dividia os dois escritórios. Ele continuou se rastejando. Infelizmente, seu cérebro confuso só lhe apresentava uma imagem enganosa da sala e, em vez de virar à esquerda, como deveria ter feito, ele seguiu para a direita, para trás de um biombo que escondia uma pequena porta.

Sua mão encontrou a maçaneta dessa porta e ele conseguiu abrir. Ele balbuciou: “Socorro, socorro” e desabou em uma espécie de cubículo que servia de banheiro para o comandante-geral.

— Esta noite! — ele gemia, acreditando que alguém o ouvia e que estava no gabinete do secretário. — Esta noite, o crime acontecerá esta

noite. Os senhores verão… a marca dos dentes… o horror! Como estou sofrendo! Socorro! Fui envenenado… Alguém me ajude!

A voz se extinguiu. Ele repetiu diversas vezes, como em um pesadelo:

— Os dentes… os dentes brancos… eles estão se fechando!

Depois a voz enfraqueceu novamente e sons indistinguíveis saíram de seus lábios trêmulos. Sua boca parecia mastigar no vazio, como fazem os velhos que ruminam incessantemente. A cabeça se inclinou lentamente sobre o peito. Ele suspirou duas ou três vezes, foi sacudido por um grande arrepio e não se mexeu mais.

E o estertor da morte começou, muito baixo, em um ritmo uniforme, com interrupções em que um supremo esforço do instinto parecia reanimar o sopro vacilante da mente e faiscar os olhos apagados como rápidos lampejos de consciência.

Às dez para as cinco, o comandante-geral entrou em seu escritório.

O senhor Desmalions, que mantinha seu cargo há alguns anos com uma autoridade à qual todos se curvavam, era um homem de cinquenta anos, de aparência bruta, mas inteligente e bela figura. Seus trajes — casaco e calças cinzas, grevas brancas, gravata — não tinham nada de uma vestimenta de funcionário público. Seus modos eram desenvoltos, cheios de simplicidade e de naturalidade.

A um sinal, ele logo se viu na companhia de seu secretário, a quem perguntou:

— As pessoas que convoquei já chegaram?

— Sim, senhor comandante, e já dei ordem para que todas aguardem em salas separadas.

— Oh! Não haveria nenhum inconveniente se elas quisessem conversar entre si. No entanto… é melhor assim. Espero que o embaixador dos Estados Unidos não tenha se incomodado…

— Não, senhor comandante.

— O senhor tem os cartões deles?

— Aqui estão.

O comandante-geral pegou os cinco cartões e leu:

AR CHIBALD BRIGHT, *primeiro-secretário da embaixada dos Estados Unidos*.

SENHOR LEPERTUIS, *notário*.

JUAN CACÉRÈS, *adido da embaixada do Peru*.

COMANDANTE CONDE D'ASTRIGNAC, *aposentado*.

O quinto cartão trazia simplesmente um nome, sem endereço ou qualquer outra designação:

DOM LUÍS PERENNA.

— Esse eu gostaria muito de ver — disse o senhor Desmalions. — Ele me interessa imensamente! O senhor leu o relatório da Legião Estrangeira?

— Sim, senhor comandante, e confesso que esse senhor também me intriga muito…

— Não é mesmo? Que coragem! Uma espécie de herói louco e realmente prodigioso. E também esse apelido de Arsène Lupin, que seus amigos lhe deram de tanto que ele os dominava e surpreendia! Já faz quanto tempo que Arsène Lupin morreu?

— Dois anos antes da guerra, senhor comandante. Seu cadáver foi encontrado junto com o da senhora Kesselbach sob os escombros de um pequeno chalé incendiado, perto da fronteira com Luxemburgo. As investigações provaram que ele havia estrangulado a monstruosa senhora Kesselbach, cujos crimes foram descobertos na sequência, e que logo em seguida ele colocou fogo no chalé e se enforcou.

— Esse maldito personagem teve o fim que mereceu — disse o senhor Desmalions —, e admito que, de minha parte, prefiro não ter que combatê-lo. Vejamos, onde paramos? O dossiê de herança de Mornington está pronto?

— Está em cima da sua mesa, senhor comandante.

— Muito bem. Eu já estava esquecendo, o inspetor Vérot já chegou?

— Sim, senhor comandante, ele deve estar na enfermaria se recuperando.

— O que ele tem?

— Ele estava estranho, parecia bem doente.

— Como? Explique melhor…

O secretário contou sobre a conversa que teve com o inspetor Vérot.

— E o senhor está dizendo que ele me deixou uma carta? — questionou o senhor Desmalions com um ar desconfiado. — Onde ela está?

— Está na pasta, senhor comandante.

— Estranho, tudo isso é muito estranho. Vérot é um inspetor de primeira linha, muito ponderado, e se ele está preocupado, não é à toa. Então, por favor, traga-o até mim. Enquanto isso, vou verificar a

correspondência.

O secretário se retirou rapidamente. Quando voltou, cinco minutos depois, anunciou, com um ar de surpresa, que não havia encontrado o inspetor Vérot.

— E o mais curioso, senhor comandante, é que o escrivão o viu sair daqui e retornar logo em seguida, mas não o viu sair uma segunda vez.

— Talvez ele só tenha atravessado esta sala para chegar ao seu gabinete.

— No meu gabinete, senhor comandante? Mas eu não saí de lá.

— Então é incompreensível…

— Incompreensível… a não ser que o escrivão tenha tido um momento de distração, uma vez que o senhor Vérot não está nem aqui nem na sala ao lado.

— Evidentemente. Decerto ele saiu para tomar um pouco de ar e logo estará de volta. Além disso, não preciso que ele esteja presente no início da reunião.

O comandante-geral consultou o relógio.

— Cinco e dez. Peça para o escrivão convidar aqueles senhores a entrar… Ah! Não obstante…

O senhor Desmalions hesitou. Mexendo na pasta, ele havia encontrado a carta do senhor Vérot. Era um grande envelope comercial amarelo. No canto estava escrito: "Café do Pont-Neuf".

O secretário sugeriu:

— Considerando a ausência do senhor Vérot e o que ele me disse, acredito, senhor comandante, que seja urgente tomar conhecimento do conteúdo dessa carta.

O senhor Desmalions ficou pensativo.

— Sim, talvez o senhor tenha razão.

Então, tomando uma decisão, ele cortou a parte de cima do envelope com um estilete. Um grito lhe escapou:

— Ah! Essa é boa.

— O que aconteceu, senhor comandante?

— O que aconteceu? Veja… uma folha de papel em branco… Isso é tudo o que este envelope contém.

— Impossível!

— Olhe você mesmo… uma simples folha dobrada em quatro… Nenhuma palavra escrita.

— Entretanto, Vérot me disse claramente que colocou dentro do envelope tudo o que sabia sobre o caso…

— Ele pode ter dito isso, mas o senhor está vendo bem que não tem nada aqui. Realmente, se eu não conhecesse o inspetor Vérot, acreditaria que ele tentou me pregar uma peça…

— Acredito, no máximo, em uma distração da parte dele, senhor comandante.

— Certamente uma distração, mas que me surpreende muito. Não há distração quando se trata da vida de duas pessoas. Pois imagino que ele o tenha avisado de que um duplo homicídio está sendo planejado para esta noite?

— Sim, senhor comandante, para esta noite, e em condições particularmente assustadoras… diabólicas, ele me disse.

O senhor Desmalions caminhou pela sala com as mãos nas costas e parou diante de uma pequena mesa.

— Que pacote é este endereçado a mim?

Senhor comandante-geral. Abrir em caso de acidente.

— De fato — disse o secretário —, eu não me lembrava disso… Também é do inspetor Vérot, uma coisa importante segundo ele, e que serve de complemento e explicação ao conteúdo da carta.

— Bem — disse o senhor Desmalions, que não pôde deixar de sorrir —, a carta precisa de uma explicação e, embora não se trate de um acidente, não hesitarei.

Enquanto falava, ele tinha cortado um barbante e descoberto, sob o papel que a embrulhava, uma caixa, uma pequena caixa de papelão como as que os farmacêuticos usam, mas aquela estava suja, danificada pelo uso que tinham feito dela.

Ele levantou a tampa.

Dentro da caixa havia chumaços de algodão igualmente sujos, e no meio deles, metade de uma barra de chocolate.

— Que diabos isso quer dizer? — resmungou o comandante-geral, espantado.

Ele pegou o chocolate, analisou, e seu exame imediatamente mostrou que o tablete, de uma matéria um pouco mole, tinha algo de especial, e certamente era aquela a razão pela qual o inspetor Vérot o havia conservado. Em cima e embaixo, havia marcas de dentes muito claramente

desenhadas, afundadas dois ou três milímetros dentro da barra de chocolate, cada uma com forma e largura diferentes e separadas umas das outras por distâncias também diferentes. O maxilar que tinha começado a mastigar o tablete tinha incrustado quatro dos seus dentes superiores e cinco dos seus dentes inferiores.

O senhor Desmalions permaneceu pensativo e, com a cabeça baixa, retomou por alguns minutos sua caminhada de um lado para o outro, murmurando:

— Estranho! Há um enigma aqui que eu gostaria muito de desvendar… Esta folha de papel, estas marcas de dentes, o que tudo isso significa?

Mas, uma vez que ele não era um homem de se deter por muito tempo em um enigma cuja solução lhe seria revelada de um momento a outro, uma vez que o inspetor Vérot se encontrava na chefatura de polícia, ou nas proximidades, ele disse a seu secretário:

— Não posso deixar aqueles senhores esperando por muito mais tempo. Por favor, peça para eles entrarem. Se o inspetor Vérot chegar durante a reunião, o que parece ser inevitável, avise-me imediatamente. Mal posso esperar para vê-lo. Exceto por isso, que eu não seja incomodado sob nenhum pretexto, entendido?

Dois minutos depois, o escrivão fez entrar o senhor Lepertuis, um homem grande e rubicundo, de óculos e suíças, e também o secretário da embaixada, Archibald Bright, e o adido peruano Cacérès. O senhor Desmalions, que conhecia os três, conversou com eles e só os deixou para ir ter com o comandante conde d'Astrignac, herói da Chouia, cujas gloriosas feridas o forçaram a uma aposentadoria prematura, e a quem ele dirigiu algumas palavras calorosas sobre sua bela conduta no Marrocos.

A porta foi aberta novamente.

— Dom Luís Perenna, certo? — disse o comandante-geral, estendendo a mão a um homem de média estatura, um tanto magro, condecorado com uma medalha militar da Legião de Honra, e cuja fisionomia, o olhar, a postura e a aparência muito jovens tornavam possível imaginar que ele era um homem de quarenta anos, apesar de algumas rugas no canto dos olhos e na testa indicarem alguns anos a mais.

Ele acenou.

— Sim, senhor comandante.

O comandante d'Astrignac exclamou:

— Então o senhor é Perenna! Mas então ainda é deste mundo?

— Ah, meu comandante! Que prazer voltar a vê-lo!

— Perenna está vivo! Quando deixei o Marrocos, não tínhamos mais notícias do senhor. Pensávamos que estivesse morto.

— Eu era apenas um prisioneiro.

— Prisioneiro das tribos, é a mesma coisa.

— Não necessariamente, meu comandante, é possível evadir por todos os lados… Eis a prova…

Durante alguns segundos, o comandante-geral examinou, com uma simpatia que não conseguia evitar, esse rosto energético, de expressão sorridente, olhos francos e resolutos e uma pele bronzeada, como se tivesse sido tostado pelo fogo do sol.

Então, fazendo um sinal para os presentes se sentarem em torno de sua mesa, ele também se sentou e se explicou da seguinte forma, em um preâmbulo articulado de maneira clara e lenta:

— A convocação que dirigi a cada um dos senhores, cavalheiros, deve ter parecido um pouco estranha e misteriosa, e a forma como começarei nossa conversa não diminuirá o espanto dos senhores. Mas se me acordarem algum crédito, será fácil perceberem que não há nada em tudo isso que não seja muito simples e muito natural. A propósito, serei o mais breve possível.

Ele abriu o dossiê preparado por seu secretário, e, enquanto consultava as notas, retomou:

— Alguns anos antes da guerra de 1870, três irmãs, três órfãs de vinte e dois, vinte e dezoito anos, Ermeline, Élisabeth e Armande Roussel, viviam em Saint-Étienne com um primo de primeiro grau chamado Victor, que era alguns anos mais novo.

A mais velha, Ermeline, foi a primeira a deixar Saint-Étienne para ir para Londres com um inglês chamado Mornington, com quem ela se casaria e teria um filho que recebeu o nome de Cosmo. A família era pobre e passou por muitas dificuldades. Ermeline escreveu diversas vezes para suas irmãs pedindo ajuda. Não recebendo uma resposta, ela cessou qualquer tipo de comunicação. Por volta de 1875, o senhor e a senhora Mornington foram para a América. Cinco anos depois, ficaram ricos. O senhor Mornington morreu em 1883, mas sua esposa continuou a gerir a fortuna que lhe foi legada, e como ela tinha o gênio da especulação e dos

negócios, aumentou a fortuna a uma soma colossal. Quando faleceu, em 1905, deixou ao seu filho a soma de quatrocentos milhões.

O número pareceu impressionar os presentes. O comandante-geral, tendo surpreendido um olhar entre o conde e dom Luís Perenna, disse-lhes:

— Os senhores conheceram Cosmo Mornington, não é mesmo?

— Sim, senhor comandante — respondeu o conde d'Astrignac. — Ele estava no Marrocos quando Perenna e eu combatíamos por lá.

— De fato — disse o senhor Desmalions —, Cosmo Mornington tinha começado a viajar. Disseram-me que ele lidava com a medicina e que oferecia seus cuidados quando necessário, com grande habilidade e, claro, gratuitamente. Ele viveu no Egito, depois na Argélia e no Marrocos, e no final de 1914, partiu para a América para apoiar a causa dos Aliados. No ano passado, depois do armistício, mudou-se para Paris. Ele morreu lá há quatro semanas, como resultado de um acidente muito estúpido.

— Uma injeção mal aplicada, não é, senhor comandante? — disse o secretário da Embaixada dos Estados Unidos. — Os jornais falaram sobre isso, e nós da embaixada também fomos informados.

— Sim — disse Desmalions. — A fim de se recuperar de uma longa gripe que o tinha deixado de cama durante todo o inverno, o senhor Mornington tomou injeções de glicerofosfato de sódio, sob prescrição médica. Como uma das injeções não estava cercada por todas as precauções necessárias, a ferida que ela provocou se agravou com uma velocidade assustadora. Em poucas horas, o senhor Mornington estava perdido.

O comandante-geral se virou para o notário e disse:

— Meu resumo é condizente com a realidade, senhor Lepertuis?

— Exatamente conforme, comandante.

O senhor Desmalions retomou:

— Na manhã seguinte, o senhor Lepertuis apresentou-se aqui e, por razões que a leitura deste documento lhes explicará, mostrou-me o testamento que Cosmo Mornington lhe entregou em mãos.

Enquanto o comandante-geral manuseava os documentos, o senhor Lepertuis acrescentou:

— Senhor comandante, permita-me precisar que vi meu cliente apenas uma vez antes que ele estivesse em seu leito de morte: no dia em que ele me chamou em seu quarto de hotel para me entregar o testamento que ele

havia acabado de escrever. Foi no início de sua gripe. Durante nossa conversa, ele me informou que tinha feito algumas pesquisas para encontrar a família de sua mãe e que planejava prosseguir com elas após sua recuperação. As circunstâncias o impediram de fazer.

Nesse ínterim, o comandante-geral tinha tirado do dossiê um envelope aberto que continha duas folhas de papel. Ele desdobrou a maior e disse:

— Aqui está o testamento. Peço que ouçam atentamente a leitura dele, bem como a do anexo que o acompanha.

Eu, Cosmo Mornington, abaixo assinado, filho legítimo de Hubert Mornington e Ermeline Roussel, naturalizado cidadão dos Estados Unidos, doo ao meu país de adoção a metade da minha fortuna, para ser usada para fins de caridade, em conformidade com as instruções escritas por mim de próprio punho, e que o senhor Lepertuis transmitirá à embaixada dos Estados Unidos.

Os aproximadamente duzentos milhões que compõem meus depósitos em diversos bancos de Paris e de Londres, e cuja lista está nos documentos do senhor Lepertuis, eu repasso, em memória de minha amada mãe, primeiro a sua irmã favorita, Élisabeth Roussel, ou aos herdeiros na linha direta de Élisabeth Roussel — ou para a sua segunda irmã, Armande Roussel, ou para os herdeiros diretos de Armande —, ou, na falta deles, ao seu primo Victor ou seus herdeiros imediatos.

No caso de eu desaparecer sem ter encontrado os membros sobreviventes da família Roussel ou o primo das três irmãs, peço ao meu amigo dom Luís Perenna que faça todas as pesquisas necessárias. Para esse efeito, eu o nomeio meu testamenteiro para a parte europeia da minha fortuna e peço que se encarregue da condução dos eventos que poderão ocorrer após a minha morte, ou como resultado de minha morte, que se considere meu representante e faça o que for necessário pelo bem da minha memória e pelo cumprimento das minhas vontades. Em reconhecimento a esse serviço e em memória das duas vezes que ele salvou a minha vida, ele deve aceitar a soma de um milhão.

O comandante-geral parou por alguns instantes. Dom Luís murmurou:

— Pobre Cosmo. Eu não precisava disso para cumprir seus últimos desejos.

— Além disso — prosseguiu o senhor Desmalions, retomando a leitura —, além disso, se, três meses depois da minha morte as pesquisas feitas por dom Luís Perenna e pelo senhor Lepertuis não tiverem sido bem-sucedidas, se nenhum herdeiro ou sobrevivente da família Roussel se apresentar para receber a herança, a totalidade dos duzentos milhões serão definitivamente, e qualquer que sejam as reclamações posteriores, do meu amigo dom Luís Perenna. Conheço-o o suficiente para saber que ele usará essa fortuna de acordo com a nobreza de seus desígnios e a grandeza dos projetos que ele me confiava, com tanto entusiasmo, sob a tenda marroquina.

O senhor Desmalions parou outra vez e olhou para dom Luís, que permanecia impassivo, silencioso. No entanto, uma lágrima brilhou na ponta de seus cílios. O conde d'Astrignac disse:

— Parabéns, Perenna.

— Meu comandante — ele respondeu —, preciso ressaltar que essa herança está sujeita a uma condição. E juro que, se depender de mim, os sobreviventes da família Roussel serão encontrados.

— Tenho certeza disso — disse o oficial —, eu o conheço bem.

— Seja como for — perguntou o comandante-geral a dom Luís —, essa herança… com determinada condição, o senhor não a recusa?

— Por Deus, não — disse Perenna, rindo. — Há coisas que não se recusam.

— Minha pergunta — disse o comandante-geral — é motivada por este último parágrafo do testamento:

Se, por alguma razão, meu amigo Perenna recusar a herança, ou se ele morrer antes da data fixada para recebê-la, peço ao senhor Embaixador dos Estados Unidos e ao senhor comandante-geral que entrem em um acordo sobre as formas de construir e manter, em Paris, uma universidade reservada a estudantes e artistas de nacionalidade americana. O senhor comandante-geral receberá, em todo caso, uma soma de trezentos mil francos, que serão depositados nos fundos de seus agentes.

O senhor Desmalions dobrou a folha de papel e pegou outra.

— A esse testamento está anexado um codicilo composto de uma carta que o senhor Mornington escreveu algum tempo depois ao senhor Lepertuis, onde ele se explica sobre certos aspectos de uma forma mais precisa:

Peço ao senhor Lepertuis para abrir meu testamento no dia seguinte à minha morte, na presença do senhor comandante-geral, que manterá tudo em completo segredo por um mês. Exatamente um mês depois, ele terá o obséquio de reunir em seu gabinete um membro importante da embaixada dos Estados Unidos, o senhor Lepertuis e dom Luís Perenna. Após a leitura, um cheque de um milhão deverá ser entregue a meu legatário e amigo dom Luís Perenna, sob o simples exame de seus documentos e a simples constatação de sua identidade. Gostaria que fosse feita também a seguinte constatação: do ponto de vista pessoal, pelo comandante conde d'Astrignac, que foi seu chefe no Marrocos e que, infelizmente, teve que se aposentar prematuramente; do ponto de vista da origem, por um membro da legação peruana, uma vez que dom Luís Perenna, ainda que tenha conservado sua nacionalidade espanhola, nasceu no Peru.

Além disso, exijo que meu testamento só seja comunicado aos herdeiros Roussel dois dias depois, e no escritório do senhor Lepertuis.

Finalmente — e esta é a última expressão dos meus desejos com relação à distribuição da minha fortuna e o modo de prosseguir com sua atribuição —, o senhor comandante-geral deverá convocar uma segunda vez as mesmas pessoas em seu gabinete, em uma data que poderá ser escolhida por ele, entre o sexagésimo e o nonagésimo dia após a primeira reunião. Então, e só então, o herdeiro definitivo será designado de acordo com os seus direitos e proclamado; e ninguém poderá assumir esse papel se não assistir a essa reunião, no fim da qual dom Luís Perenna, que também deve estar presente, tornar-se-á o herdeiro definitivo, se, como eu disse, nenhum sobrevivente da família Roussel e do primo Victor tiver se apresentado para receber a herança.

— Esse é o testamento do senhor Cosmo Mornington — concluiu o comandante-geral — e essas são as razões pelas quais os senhores estão aqui. Uma sexta pessoa deve chegar em breve. É um de meus agentes, que eu encarreguei de fazer uma primeira investigação sobre a família Roussel, e que nos dará informações sobre o resultado de suas buscas. Mas, por

enquanto, temos de proceder de acordo com as prescrições do testador. Os documentos que, sob meu pedido, dom Luís Perenna mandou me entregar há duas semanas, e que eu mesmo examinei, estão em perfeita ordem. Do ponto de vista da origem, solicitei ao senhor Ministro do Peru que reunisse as informações mais precisas.

— Foi a mim, senhor comandante — disse o senhor Cacérès, adido peruano —, que o senhor Ministro do Peru confiou essa missão. E foi fácil realizá-la. Dom Luís Perenna faz parte de uma antiga família espanhola que emigrou há trinta anos, mas que conservou suas terras e propriedades da Europa. Durante sua vida, o pai de dom Luís, que conheci na América, falou fervorosamente sobre seu único filho. Foi a nossa legação que informou o filho, há cinco anos, sobre a morte do pai. Aqui está a cópia da carta escrita no Marrocos.

— E aqui está a carta original, comunicada por dom Luís Perenna — disse o comandante-geral. — E o senhor, meu comandante, reconhece o legionário Perenna que lutou sob seu comando?

— Reconheço — respondeu o conde d'Astrignac.

— Nenhum erro possível?

— Sem erro possível e sem o menor sentimento de hesitação.

O comandante-geral começou a rir e insinuou:

— Reconhece o legionário Perenna, a quem os seus camaradas, por uma espécie de admiração estupefata por suas façanhas, chamam de Arsène Lupin?

— Sim, senhor — respondeu o comandante —, aquele a quem os seus camaradas chamavam de Arsène Lupin, mas a quem seus líderes chamavam simplesmente de *o herói*, aquele que dizíamos que era corajoso como d'Artagnan, forte como Porthos…

— E misterioso como Monte Cristo — disse o comandante-geral, rindo. — Tudo isso pode ser encontrado no relatório que recebi do 4º regimento da Legião Estrangeira, um relatório que é inútil ser lido em sua totalidade, mas no qual constatei este fato espantoso: o legionário Perenna, no espaço de dois anos, foi condecorado com a medalha militar, condecorado com a Legião de Honra por serviços excepcionais e citado sete vezes na ordem do dia. Destaco ao acaso…

— Senhor comandante, eu suplico — protestou dom Luís —, essas são coisas banais, e eu não vejo o interesse…

— Interesse considerável — afirmou o senhor Desmalions. — Estes senhores estão aqui não só para ouvir a leitura de um testamento, mas também para autorizar sua execução na única das cláusulas que é imediatamente executória: a liberação de uma herança no valor de um milhão. É, pois, necessário que a boa-fé desses senhores seja esclarecida sobre o beneficiário dessa herança. Portanto, eu continuo…

— Então, senhor comandante — disse Perenna, levantando-se e indo em direção à porta —, o senhor me permite…

— Meia-volta! Alto! Parado! — ordenou o comandante d'Astrignac num tom de brincadeira.

Ele trouxe dom Luís de volta para o meio da sala e pediu que se sentasse.

— Senhor comandante, peço misericórdia por meu ex-companheiro de armas, cuja modéstia seria, de fato, posta a uma prova demasiado rude se lêssemos diante dele o relato de suas proezas. Além disso, o relatório está aqui e todos podem consultá-lo. Desde já, e sem conhecê-lo, concordo com os elogios que ele contém e declaro que, durante toda minha extensa carreira militar, nunca conheci um soldado que pudesse ser comparado ao legionário Perenna.

No entanto, eu vi alguns grandalhões por lá, espécies de demônios como encontramos apenas na Legião, que cortam a própria pele por prazer, por diversão, como eles dizem, só para surpreender o vizinho. Mas nenhum chegou aos pés de Perenna. Aquele a quem chamávamos d'Artagnan, Porthos, de Bussy, merecia ser classificado em pé de igualdade com os heróis mais incríveis das lendas e da realidade. Eu o vi fazer coisas que prefiro não contar para não ser chamado de impostor, coisas tão inverossímeis que hoje, de sangue-frio, pergunto-me se tenho certeza de tê-las visto. Um dia, em Settat, enquanto estávamos sendo perseguidos…

— Mais uma palavra, meu comandante — exclamou alegremente dom Luís —, e eu me retiro. Desta vez é para valer. Sinceramente, o senhor tem uma maneira de poupar minha modéstia…

— Meu caro Perenna — prosseguiu o conde d'Astrignac —, eu sempre lhe disse que o senhor tem todas as qualidades e um só defeito, que é não ser francês.

— E eu sempre lhe respondi, meu comandante, que sou francês pela minha mãe, e que também sou francês de coração e temperamento. Há

coisas que só podemos fazer se formos franceses.

Os dois homens cerraram as mãos de novo, carinhosamente.

— Vamos — disse o comandante-geral —, que não se fale mais de suas proezas, senhor, nem desse relatório. No entanto, gostaria de salientar que, no verão de 1915, o senhor caiu em uma emboscada de quarenta berberes, que foi capturado e que só no mês passado reapareceu na Legião.

— Sim, senhor comandante, para entregar minhas armas, pois meus cinco anos de serviço já haviam amplamente esgotado.

— Mas como é que o senhor Cosmo Mornington pôde nomeá-lo como legatário, já que, no momento em que ele redigia o testamento o senhor já estava desaparecido há quatro anos?

— Cosmo e eu continuamos a nos corresponder.

— Hein?

— Sim, e eu tinha contado para ele sobre minha próxima fuga e sobre meu regresso a Paris.

— Mas por qual meio? Onde o senhor estava? E como foi possível para o senhor…

Dom Luís sorriu sem responder.

— Monte Cristo, desta vez — observou o senhor Desmalions —, o misterioso Monte Cristo…

— Monte Cristo, como queira, senhor comandante. O mistério do meu cativeiro, de minha fuga, em suma, de toda a minha vida durante a guerra, é de fato muito estranho. Talvez um dia seja interessante esclarecê-lo. Peço que me dê algum crédito.

Houve um silêncio. O senhor Desmalions voltou a examinar o singular personagem e não pôde deixar de dizer, como se estivesse obedecendo a uma associação de ideias de que ele mesmo não tinha se dado conta:

— Mais uma palavra… a última. Por que razão os seus camaradas lhe davam essa estranha alcunha de Arsène Lupin? Era somente uma alusão à sua ousadia, à sua força física?

— Havia outra coisa, senhor comandante, a descoberta de um roubo muito curioso cujos detalhes aparentemente inexplicáveis me permitiram desvendar o autor.

— Então o senhor tem um bom faro para esse tipo de negócio?

— Sim, senhor comandante, uma certa habilidade que tive a oportunidade de exercer várias vezes na África. Daí meu apelido de Arsène

Lupin, de quem se falava muito naquela época, após sua morte.

— Foi um roubo relevante?

— Muito. E cometido precisamente em detrimento de Cosmo Mornington, que então vivia na província de Oran. Nossas relações datam dessa época.

Houve um novo silêncio e dom Luís acrescentou:

— Pobre Cosmo! Essa aventura deu a ele uma confiança inabalável em meus pequenos talentos policiais. Ele sempre me dizia: "Perenna, se eu morrer assassinado (ele tinha essa ideia fixa de que morreria de uma morte violenta), se eu morrer assassinado, jure que encontrará o culpado".

— Os pressentimentos dele não eram justificáveis — disse o comandante-geral. — Cosmo Mornington não foi assassinado.

— O senhor está enganado, senhor comandante — declarou dom Luís.

O senhor Desmalions sobressaltou.

— O quê! O que o senhor está dizendo? Cosmo Mornington…

— Eu digo que Cosmo Mornington não morreu, como se acredita, em consequência de uma injeção mal aplicada. Ele morreu, como temia, de morte violenta.

— Mas, senhor, sua afirmação não se baseia em nada.

— Ela é baseada na realidade, senhor comandante.

— O senhor estava lá? Sabe de alguma coisa?

— Eu não estive lá no último mês. Admito inclusive que, quando cheguei a Paris, não tendo lido os jornais regularmente, eu ignorava a morte de Cosmo. Foi o senhor quem me informou a esse respeito há pouco, senhor comandante.

— Nesse caso, o senhor só pode saber o que eu sei e tem de confiar no laudo médico.

— Lamento, mas, para mim, essas conclusões são insuficientes.

— Mas enfim, senhor, que direito o senhor tem de fazer essa acusação? O senhor tem alguma prova?

— Sim.

— Qual?

— As suas próprias palavras, senhor comandante.

— As minhas palavras?

— Estas, senhor comandante. O senhor disse, em primeiro lugar, que Cosmo Mornington trabalhava com medicina e a praticava com muita

competência, e, em segundo lugar, que ele tinha se autoaplicado uma injeção que, administrada incorretamente, tinha causado uma inflamação fatal que o aniquilou em poucas horas.

— Sim.

— Bem, senhor comandante, eu afirmo que um cavalheiro que lida com medicina com grande habilidade e que trata pacientes como Cosmo Mornington fazia, é incapaz de aplicar em si mesmo uma injeção sem tomar todas as precauções antissépticas necessárias. Eu vi Cosmo trabalhando e sei como ele procedia.

— E então?

— Então, o médico escreveu um atestado como todos os médicos fazem quando não há qualquer pista que levante suspeita.

— De modo que, na sua opinião…?

— Senhor Lepertuis — perguntou Perenna se voltando para o notário —, quando o senhor foi convocado ao leito de morte do senhor Mornington, notou alguma coisa de anormal?

— Não, nada. O senhor Mornington estava em coma.

— Já é estranho — disse dom Luís — que uma injeção, não importa quão mal aplicada, produza resultados tão rápidos. Ele não parecia sofrer?

— Não, ou melhor, sim, sim, eu me lembro, seu rosto tinha manchas marrons que eu não tinha visto da primeira vez.

— Manchas marrons? Isso confirma minha hipótese! Cosmo Mornington foi envenenado.

— Mas como? — questionou o comandante-geral.

— Por qualquer substância que tenha sido introduzida em uma das ampolas de glicerofosfato, ou na seringa utilizada pelo enfermo.

— Mas será que foi o médico? — acrescentou o senhor Desmalions.

— Senhor Lepertuis — disse Perenna —, o senhor falou ao médico sobre a presença dessas manchas marrons?

— Sim, mas ele não deu nenhuma importância.

— Era o médico habitual dele?

— Não. O seu médico familiar, o doutor Pujol, um amigo meu que, aliás, foi quem me indicou a ele como notário, estava doente. O que encontrei no seu leito de morte devia ser um médico da região.

— Aqui estão o nome e o endereço dele — disse o comandante-geral, procurando o atestado entre os documentos. — Doutor Bellavoine, rua

d'Astorg, nº 14.

— O senhor tem um anuário de médicos, senhor comandante?

O senhor Desmalions abriu um anuário e o folheou. Um instante depois, ele constatou:

— Não há nenhum doutor Bellavoine, e nenhum médico mora na rua d'Astorg, nº 14.

Houve um longo silêncio. O secretário da embaixada e o adido peruano acompanhavam a conversa com grande interesse. O comandante d'Astrignac acenou afirmativamente com a cabeça: para ele, Perenna não poderia estar enganado.

O comandante-geral admitiu:

— Claro… É claro… há um conjunto de circunstâncias… bastante ambíguas… Essas manchas marrons… o médico… É um caso a ser investigado.

Interrogando dom Luís Perenna contra sua vontade, ele disse:

— Provavelmente, na sua opinião, haveria uma correlação entre o crime… provável… e o testamento do senhor Mornington?

— Isso eu não posso afirmar, senhor comandante. Ou teria de supor que alguém sabia do testamento. O senhor acha que é esse o caso, senhor Lepertuis?

— Acredito que não, porque o senhor Mornington parecia agir com muita cautela.

— E é inadmissível que uma indiscrição tenha sido cometida durante sua investigação, não é mesmo?

— Por quem? Só eu tratei desse testamento e só eu tenho a chave do cofre onde guardo todas as noites os documentos dessa importância.

— Esse cofre não foi arrombado? Não houve nenhum roubo no seu escritório?

— Não.

— O senhor viu Cosmo Mornington pela manhã?

— Era uma sexta-feira de manhã.

— O que fez com o testamento até à noite, até o momento em que o guardou em seu cofre?

— Devo tê-lo posto na gaveta da minha mesa.

— E essa gaveta não foi forçada?

O senhor Lepertuis pareceu atordoado e não respondeu.

— O que há? — insistiu Perenna.

— Bem, sim, lembro-me de que houve algo naquele dia, naquela mesma sexta-feira.

— O senhor tem certeza?

— Sim. Quando voltei depois do almoço, percebi que a gaveta não estava trancada. Entretanto, tenho certeza absoluta de tê-la fechado. Mas, naquele momento, não dei grande importância a esse incidente. Hoje eu compreendo… eu entendo…

Assim se confirmavam, gradualmente, todas as hipóteses imaginadas por dom Luís Perenna, hipóteses apoiadas, é verdade, em algumas pistas, mas onde havia, acima de tudo, um quê de intuição e de adivinhação realmente surpreendentes em um homem que não participara de nenhum dos eventos que ele associava uns aos outros com tanta habilidade.

— Senhor, não vamos demorar — disse o comandante-geral — para confrontar suas afirmações, um pouco arriscadas, admita, com o testemunho mais rigoroso de um dos meus agentes a quem confiei este caso… e que deveria estar aqui.

— O testemunho dele fala sobre os herdeiros do Cosmo Mornington? — perguntou o notário.

— Primeiro sobre os herdeiros, uma vez que anteontem ele me telefonou para dizer que tinha recolhido todas as informações, e também sobre os pontos que… Ah, vejam só… lembro-me de que ele falou ao meu secretário sobre um crime cometido há exatamente um mês. Ora, hoje faz exatamente um mês que o senhor Cosmo Mornington…

Com um movimento repentino, o senhor Desmalions apertou uma campainha. Seu secretário particular veio correndo.

— E o inspetor Vérot? — perguntou energicamente o comandante-geral.

— Ele ainda não voltou.

— Procure-o! Traga-o aqui! Ele precisa ser encontrado a todo custo e sem demora.

E, dirigindo-se a dom Luís Perenna:

— Faz uma hora que o inspetor Vérot esteve aqui, bastante indisposto, muito agitado, ao que parece, dizendo que estava sendo vigiado, perseguido. Ele queria me comunicar as declarações mais importantes sobre o caso Mornington e avisar à polícia sobre dois assassinatos que devem

acontecer esta noite e que seriam consequência do assassinato de Cosmo Mornington.

— E ele estava doente?

— Sim, desconfortável e muito esquisito mesmo, com as ideias confusas. Como precaução, ele me deixou um relatório detalhado sobre o caso. No entanto, esse relatório é apenas uma folha de papel em branco. Aqui está a folha e o respectivo envelope. E aqui está uma caixa de papelão que ele também deixou e que continha uma barra de chocolate com marcas de dentes.

— Posso ver esses dois objetos, senhor comandante?

— Sim, mas eles não informarão nada de concreto.

— Talvez…

Dom Luís examinou detalhadamente a caixa de cartão e o envelope amarelo com a inscrição "Café do Pont-Neuf". Todos aguardavam suas palavras como se elas fossem capazes de trazer uma luz inesperada. Ele disse simplesmente:

— A caligrafia não é a mesma no envelope e na pequena caixa. A escrita do envelope é menos nítida, um pouco trêmula, visivelmente copiada de outra.

— Isso prova que…?

— Isso prova, senhor comandante, que este envelope amarelo não veio do seu agente. Presumo que, depois de escrever o seu relatório sobre uma mesa no café do Pont-Neuf e de o lacrar, ele teve um momento de distração durante o qual seu envelope foi substituído por outro com o mesmo endereço, mas contendo apenas uma folha em branco.

— Mera suposição! — disse o comandante-geral.

— Talvez, mas o que é certo, senhor comandante, é que os pressentimentos do seu inspetor fazem sentido. Ele está sob severa vigilância, as descobertas que ele pode ter feito sobre a herança de Mornington contrariam manobras criminosas, e ele corre um enorme perigo.

— Oh! Oh!

— Precisamos salvá-lo, senhor comandante. Desde o início desta reunião, estou convencido de que estamos lidando com um caso que já está em andamento. Espero que não seja tarde demais e que seu inspetor não seja a primeira vítima.

— Ora, senhor! — exclamou o comandante-geral. — O senhor afirma tudo isso com uma convicção que eu admiro, mas que não é suficiente para atestar que seus receios são justificados. O regresso do inspetor Vérot será a melhor demonstração disso.

— O inspetor Vérot não vai voltar.

— Ora, mas por quê?

— Porque ele já voltou. O escrivão o viu retornar.

— O escrivão estava delirando. Se o senhor não tem outra prova além do testemunho desse homem…

— Tenho outra, senhor comandante, a que o inspetor Vérot deixou aqui pessoalmente… Essas poucas palavras quase indecifráveis que ele rabiscou no bloco de notas, que o seu secretário não o viu escrever e que acabaram de surgir diante dos meus olhos. Aqui estão elas. Isso não prova que ele voltou? E se trata de uma prova formal!

O comandante-geral não escondeu seu transtorno. Todos pareceram muito intrigados. O regresso do secretário só aumentou as apreensões. Ninguém tinha visto o inspetor Vérot.

— Senhor comandante — disse dom Luís —, eu insisto para que o escrivão seja interrogado.

E assim que o escrivão surgiu, ele lhe perguntou, antes mesmo da intervenção do senhor Desmalions:

— O senhor tem certeza de que o inspetor Vérot entrou nesta sala uma segunda vez?

— Certeza absoluta.

— E que ele não saiu depois?

— Certeza absoluta.

— O senhor não teve nenhum minuto de desatenção?

— Absolutamente nenhum.

O comandante exclamou:

— O senhor tem uma boa percepção! Se o inspetor Vérot estivesse aqui, saberíamos.

— Ele está aqui, senhor comandante.

— O quê?

— Desculpe minha obstinação, senhor comandante, mas eu digo que quando uma pessoa entra numa sala e não sai, é porque ela ainda está lá.

— Escondida? — disse o senhor Desmalions, que estava cada vez mais irritado.

— Não, mas desmaiada, doente… morta talvez.

— Mas onde? Que diabo!

— Atrás daquele biombo.

— Não há nada atrás do biombo, só uma porta.

— E a porta?

— Dá acesso a um banheiro.

— Bem, senhor comandante, o inspetor Vérot, atordoado, cambaleante, acreditando passar do seu escritório para o do seu secretário, caiu dentro desse banheiro.

O senhor Desmalions se precipitou, mas assim que abriu a porta, recuou. Seria por apreensão? Desejo de escapar da influência desse homem assombroso que dava ordens com tal autoridade e parecia dominar os acontecimentos? Dom Luís permaneceu inabalável, numa atitude cheia de deferência.

— Não posso acreditar… — disse o senhor Desmalions.

— Senhor comandante, devo lembrá-lo de que as revelações do inspetor Vérot podem salvar a vida de duas pessoas que podem morrer esta noite. Cada minuto perdido é irreparável.

O senhor Desmalions encolheu os ombros. Mas esse homem o dominava com toda sua convicção. Ele abriu a porta, mas não fez nenhum movimento, não gritou. Ele simplesmente murmurou:

— Oh! Não é possível!

Sob a pálida luz do dia que penetrava através de uma janela com vidros foscos, era possível ver o corpo de um homem deitado no chão.

— O inspetor… o inspetor Vérot… — balbuciou o escrivão, que tinha aparecido.

Com a ajuda do secretário, ele conseguiu levantar o corpo e colocá-lo sentado em uma poltrona do gabinete.

O inspetor Vérot ainda estava vivo, mas tão fraco que mal se conseguia ouvir seus batimentos cardíacos. Um pouco de saliva fluía pelo canto de sua boca. Os olhos não tinham nenhuma expressão. No entanto, alguns músculos do rosto se agitavam, talvez sob o esforço de uma vontade que persistia para além da vida.

Dom Luís murmurou:

— Veja, senhor comandante… as manchas marrons… — o mesmo horror perturbou todos os presentes, que começaram a gritar e abrir as portas pedindo ajuda.

— Médico! — ordenava o senhor Desmalions. — Tragam um médico… o primeiro que encontrarem, e um padre. Mas não podemos deixar este homem…

Dom Luís levantou o braço para exigir silêncio.

— Não há mais nada a fazer — disse ele. — Tentemos aproveitar estes últimos minutos. O senhor me permite, senhor comandante?

Ele se inclinou sobre o moribundo, deitou sua cabeça vacilante contra o encosto da poltrona, e, com a voz muito suave, sussurrou:

— Vérot, é o comandante-geral quem fala. Gostaríamos de ter alguma informação sobre o que vai acontecer esta noite. Você me ouve bem, Vérot? Se consegue me ouvir, feche as pálpebras.

As pálpebras foram cerradas. Mas não teria sido coincidência? Dom Luís continuou:

— O senhor encontrou os herdeiros das irmãs Roussel, nós sabemos disso, e são dois desses herdeiros que estão ameaçados de morte… O duplo crime deve acontecer esta noite. Mas não sabemos os nomes desses herdeiros, que provavelmente já não se chamam Roussel, e precisamos saber. Ouça-me: o senhor escreveu em um bloco de notas três letras que parecem formar a sílaba FAU… Estou enganado? São as primeiras letras de um nome? Qual é a letra que vem depois dessas três? É um B? Um C?

Mas nada mais se mexia no rosto pálido do inspetor. Sua cabeça caiu pesadamente sobre o peito. Ele soltou dois ou três suspiros, foi sacudido por um grande arrepio e não se mexeu mais.

Ele estava morto.

O homem que deve morrer

A cena trágica se desenrolou tão rapidamente que aqueles que a presenciaram estremeceram por um momento. O notário fez o sinal da cruz e se ajoelhou. O comandante murmurou:

— Pobre Vérot. Um bravo homem que só pensava no trabalho, no dever, em vez de ir se tratar. Talvez ele tivesse conseguido se salvar, mas voltou aqui na esperança de revelar seu segredo. Pobre Vérot…

— Esposa? Filhos? — dom Luís perguntou ansiosamente.

— Uma esposa e três filhos — respondeu o comandante.

— Eu cuido deles — limitou-se a dizer dom Luís.

Em seguida, um médico foi trazido e o senhor Desmalions deu ordens para que o corpo fosse transportado para uma sala vizinha. Então ele chamou o médico de lado e lhe disse:

— Não há dúvida de que o inspetor Vérot foi envenenado. Olhe para o pulso dele e o senhor verá a marca de uma picada, rodeada por um círculo de inflamação.

— Então ele teria sido picado ali?

— Sim, com a ajuda de um alfinete ou de um bico de caneta, e não de maneira tão violenta como se desejava, uma vez que a morte só ocorreu algumas horas depois.

Os escrivães levaram o cadáver e permaneceram no gabinete do comandante-geral apenas as cinco figuras que ele havia convocado.

O secretário da embaixada americana e o adido peruano, considerando sua presença desnecessária, partiram depois de felicitar calorosamente dom Luís Perenna por sua perspicácia. Então foi a vez do comandante d'Astrignac, que apertou a mão de seu antigo subordinado com um visível

afeto. O senhor Lepertuis e Perenna, tendo marcado uma data para a entrega da herança, estavam prestes a se retirar quando o senhor Desmalions entrou apressado:

— Ah, o senhor ainda está aqui, dom Luís Perenna. Tanto melhor! Uma ideia me consome… Essas três letras que o senhor acredita ter decifrado no bloco de notas… Tem certeza de que formam mesmo a sílaba Fau?

— É o que me parece, senhor comandante. Veja, não são as três letras F, A e U? E note que a letra F está escrita em maiúscula. O que me faz presumir que esta sílaba é o início de um substantivo próprio.

— De fato, de fato — concordou o senhor Desmalions. — Bem, o que é curioso é que essa sílaba é justamente… Enfim, nós iremos verificar…

Com uma mão apressada, o senhor Desmalions folheava a correspondência que seu secretário lhe entregou no momento de sua chegada e que estava em um canto da mesa.

— Ah, aqui está! — exclamou ele, pegando uma carta e procurando imediatamente a assinatura. — Aqui está… Foi o que pensei… Fauville… a primeira sílaba é a mesma… Veja, apenas Fauville, sem sobrenome. A carta deve ter sido escrita num momento de excitação… Não há data nem endereço… A escrita está tremida…

E o senhor Desmalions leu em voz alta:

Senhor comandante,

Um grande perigo paira sobre minha cabeça e sobre a cabeça do meu filho. A morte se aproxima a passos largos. Terei esta noite, ou no máximo amanhã de manhã, a prova do abominável complô que nos ameaça. Peço permissão para que possa trazê-la ao senhor amanhã durante o dia. Preciso de proteção e peço ao senhor que venha em meu socorro.

Queira receber, etc.

FAUVILLE

— Nenhuma outra designação? — perguntou Perenna. — Nenhum cabeçalho?

— Nada, mas não há erros. As declarações do inspetor Vérot coincidem de forma demasiadamente óbvia com este apelo desesperado. Certamente é

o senhor Fauville e seu filho que serão assassinados esta noite. E o mais terrível é que o nome Fauville é tão comum que é impossível que nossa busca encontre a possível vítima a tempo.

— Como! Senhor comandante, mas a todo custo…

— A todo custo, é claro, e vou organizar tudo imediatamente. Mas note que não temos a menor pista.

— Ah — exclamou dom Luís —, seria assustador! Esses dois seres devem morrer e não conseguiremos salvá-los. Senhor comandante, eu suplico para que o senhor assuma pessoalmente esse caso. Pela vontade de Cosmo Mornington, o senhor está envolvido nisso desde o início, e por sua autoridade e experiência, o senhor vai dar a esse caso um impulso mais vigoroso.

— Isto diz respeito à Sûreté… à Procuradoria — contestou o senhor Desmalions.

— De fato, senhor comandante. Mas o senhor não acredita que há momentos em que somente o chefe tem legitimidade para agir? Desculpe a minha insistência…

Ele não chegou a terminar sua fala. O secretário particular do comandante-geral entrou com um cartão na mão.

— Senhor comandante, essa pessoa insiste tanto… Eu hesitei…

O senhor Desmalions pegou no cartão e soltou uma exclamação de surpresa e alegria.

— Veja, senhor — ele disse a Perenna, que leu estas palavras:

HIPPOLYTE FAUVILLE,
Engenheiro,
Boulevard Suchet, nº 14 bis.

— Ora — disse o senhor Desmalions —, vejo que o acaso quer que todos os fios deste caso venham para as minhas mãos e que eu seja obrigado a lidar com isso, como é o seu desejo, senhor. Além disso, parece que os acontecimentos estão virando a nosso favor. Se esse senhor Fauville for um dos herdeiros de Roussel, a tarefa será mais simples.

— Em todo caso, senhor comandante — objetou o notário —, devo lembrá-lo de que uma das cláusulas do testamento estipula que ele deve ser lido apenas em 48 horas. Logo, o senhor Fauville ainda não deve ser informado…

A porta do escritório estava semiaberta e um homem empurrou o escrivão e entrou abruptamente.

Ele gaguejava:

— O inspetor… o inspetor Vérot? Ele está morto, não está? Diga-me a verdade, por favor. Disseram-me…

— Sim, senhor, ele está morto.

— Tarde demais! Cheguei tarde demais — ele balbuciou.

E desabou, com as mãos juntas, soluçando:

— Ah! Os miseráveis! Os miseráveis!

Sua cabeça careca sobrepunha uma testa listrada por rugas profundas. Um tique nervoso o fazia agitar o queixo e puxar os lóbulos das orelhas. Ele era um homem de cerca de cinquenta anos, muito pálido, as bochechas fundas, com aspecto de doente. Lágrimas rolaram de seus olhos.

O comandante-geral lhe disse:

— De quem o senhor está falando? Daqueles que mataram o inspetor Vérot? O senhor é capaz de designá-los, de guiar nossa investigação?

Hippolyte Fauville balançou a cabeça.

— Não, não. Por ora, isso não serviria de nada. As minhas provas não seriam suficientes. Não, na verdade, não.

Ele havia se levantado e pedia desculpas:

— Senhor comandante, eu o perturbei desnecessariamente, mas eu queria saber… Eu tinha a esperança de que o inspetor Vérot tivesse escapado… O testemunho dele, combinado com o meu, teria sido valioso. Mas talvez ele tenha conseguido avisá-lo?

— Não. Ele falou sobre esta noite… esta noite! — Hippolyte Fauville sobressaltou.

— Esta noite! Então, já está na hora… Mas não, mas não, é impossível, eles ainda não podem fazer nada contra mim… Eles não estão prontos.

— No entanto, o inspetor Vérot afirma que o duplo crime deve acontecer esta noite.

— Não, senhor comandante… Ele está enganado quanto a isso. Eu sei bem… Amanhã à noite, no mínimo… E nós iremos encurralá-los. Ah, os miseráveis…

Dom Luís se aproximou dele e disse:

— Sua mãe se chamava Ermeline Roussel, certo?

— Sim, Ermeline Roussel. Ela já está morta.

— E ela era de Saint-Étienne?

— Sim, mas por que essas perguntas?

— O comandante explicará amanhã. Só mais uma coisa.

Ele abriu a caixa de papelão deixada pelo inspetor Vérot.

— Esta barra de chocolate tem algum significado para o senhor? Ou estas impressões?

— Oh! — fez o engenheiro com a voz abafada. — Que infâmia! Onde é que o inspetor encontrou isso?

Ele vacilou de novo, mas muito brevemente, e, recompondo-se, correu para a porta com passos firmes.

— Vou embora, senhor comandante, vou embora. Amanhã de manhã eu lhe contarei… Terei todas as provas… e a justiça irá me proteger. Estou doente, é verdade, mas quero viver! Tenho o direito de viver… e meu filho também. E nós viveremos, ah, sim! Aqueles miseráveis…

E ele saiu correndo como um homem bêbado.

O senhor Desmalions se levantou de súbito.

— Vou mandar investigarem o entorno desse homem… e que vigiem sua residência. Já telefonei para a Sûreté. Estou à espera de alguém em quem confio.

Dom Luís declarou:

— Senhor comandante, peço permissão para prosseguir com esse caso sob as suas ordens. O testamento de Cosmo Mornington faz disso um dever e, se me permite dizer, também me dá esse direito. Os inimigos do senhor Fauville são de uma habilidade e uma audácia extraordinárias. Quero ter a honra de estar no comando esta noite, em sua casa e junto dele.

O comandante hesitou. Como ele poderia ignorar o interesse considerável que dom Luís Perenna tinha no fato de que nenhum dos herdeiros de Mornington fosse encontrado, ou pelo menos que não ficasse entre ele e os milhões da herança? Seria possível atribuir um nobre sentimento de gratidão, uma concepção superior de amizade e de dever a esse estranho desejo de proteger Hippolyte Fauville da morte que o ameaçava?

Durante alguns segundos, o senhor Desmalions observou aquele rosto resoluto, aqueles olhos inteligentes, ao mesmo tempo irônicos e ingênuos, sérios e sorridentes, através dos quais certamente não se poderia penetrar no enigma secreto do indivíduo, mas que olham para você com tamanha

expressão de sinceridade e franqueza. Depois ele chamou o secretário.

— Veio alguém da Sûreté?

— Sim, senhor comandante, o brigadeiro Mazeroux está aqui.

— Que ele entre, por gentileza.

E, virando-se para Perenna:

— O brigadeiro Mazeroux é um dos nossos melhores agentes. Eu recorria a ele juntamente com o pobre Vérot quando precisava de alguém engenhoso e ativo. Ele será muito útil para o senhor.

O brigadeiro Mazeroux entrou. Ele era um homem pequeno, seco e robusto, cujo vasto bigode caído, as pálpebras pesadas, os olhos lacrimejantes e o cabelo comprido e liso faziam parecer mais melancólico. O comandante-geral lhe disse:

— Mazeroux, o senhor já deve saber da morte do seu camarada Vérot e das circunstâncias atrozes dessa morte. Trata-se, portanto, de vingá-lo e de evitar outros crimes. Este senhor, que conhece bem o assunto, poderá lhe dar todas as explicações necessárias. O senhor o acompanhará e amanhã de manhã virá me relatar o que aconteceu.

Isso deixava o terreno livre para dom Luís Perenna e o obrigava a confiar em sua iniciativa e clarividência.

Dom Luís se curvou:

— Muito obrigado, senhor comandante. Espero que o senhor não se arrependa do crédito que está me dando.

E, despedindo-se do senhor Desmalions e do senhor Lepertuis, ele saiu com o brigadeiro Mazeroux.

Do lado de fora, ele disse o que sabia a Mazeroux, que parecia muito impressionado com as qualidades profissionais de seu companheiro e disposto a se deixar liderar por ele.

Eles decidiram passar primeiro no café do Pont-Neuf.

Lá eles souberam que o inspetor Vérot, frequentador do estabelecimento, tinha realmente escrito uma longa carta pela manhã. E o garçom se lembrava bem que o vizinho de mesa do inspetor entrou quase ao mesmo tempo que ele e também pediu um papel e por duas vezes exigiu envelopes amarelos.

— Então foi isso mesmo — disse Mazeroux a dom Luís. — Houve, como o senhor imaginou, a substituição das cartas.

A descrição física fornecida pelo garçom foi suficientemente explícita: um indivíduo alto, um pouco curvado, que tinha barba castanha e pontuda, um lornhão estampado mantido por um cordão de seda preta e uma bengala de ébano cujo punho de prata formava uma cabeça de cisne.

— Com isso a polícia pode avançar — disse Mazeroux.

Eles estavam prestes a sair do café quando dom Luís parou seu companheiro.

— Um instante.

— O que está acontecendo?

— Fomos seguidos…

— Seguidos! Essa é boa. E por quem?

— Não importa. Eu sei o que é e vou resolver isso num piscar de olhos. Espere por mim. Eu volto logo e o senhor não irá se aborrecer, prometo. Quanto ao senhor, procure alguém que esteja a par do caso.

Um minuto depois, ele de fato voltou com um cavalheiro alto e magro, com a cara emoldurada por suíças.

Fez as apresentações:

— Senhor Mazeroux, um amigo. Senhor Cacérès, adido da legação peruana. Ele estava presente na conversa de hoje com o comandante. O senhor Cacérès foi incumbido pelo ministro do Peru de reunir os documentos relativos à minha identidade.

E acrescentou alegremente:

— Então, caro senhor Cacérès, estava à minha procura? Eu bem que desconfiei quando saímos da Chefatura…

O adido peruano acenou e apontou para o brigadeiro Mazeroux. Perenna retomou:

— Por favor… Que o senhor Mazeroux não o incomode! Pode falar diante dele tranquilamente… ele é muito discreto e está bem inteirado do assunto.

O adido permaneceu em silêncio. Perenna pediu para ele se sentar.

— Fale sem rodeios, caro senhor Cacérès. Esse assunto deve ser tratado com toda a clareza e, sobretudo, não temo uma certa crueza de palavras. Dessa forma pouparemos tempo! Vamos. O senhor precisa de dinheiro, não é verdade? Ou, pelo menos, de dinheiro extra. Quanto?

O peruano teve uma última hesitação, contemplou o companheiro de dom Luís e, decidindo-se de repente, pronunciou em voz baixa:

— Cinquenta mil francos!

— Minha nossa! — exclamou dom Luís. — O senhor é ganancioso! O que me diz, senhor Mazeroux? Cinquenta mil francos é uma quantia e tanto. Ainda mais… Vejamos, meu caro Cacérès, recapitulemos. Há alguns anos, quando tive a honra de conhecê-lo na Argélia, por onde estava de passagem, e tendo compreendido, por outro lado, com quem eu estava lidando, eu lhe perguntei se era possível estabelecer-me, em três anos, com meu nome de Perenna, uma personalidade hispano-peruana, munida de documentos confiáveis e de antepassados respeitáveis. O senhor me respondeu: "Sim". O preço foi estabelecido: vinte mil francos. Na semana passada, quando o comandante-geral solicitou que eu lhe apresentasse meus documentos, fui procurá-lo e soube que o senhor estava encarregado de uma investigação sobre as minhas origens. A propósito, a investigação já tinha sido concluída. Com os documentos de Perenna convenientemente queimados, nobre hispano-peruano, o senhor criou para mim um estado civil da primeira ordem. Depois de um acordo sobre o que deveria ser dito diante do comandante-geral, eu paguei os vinte mil francos. Ficamos quites. O que mais o senhor quer?

O adido peruano não demonstrou mais nenhum embaraço. Ele apoiou os dois cotovelos na mesa e articulou calmamente:

— Senhor, ao tratar com o senhor no passado, pensei que estava lidando com um cavalheiro que, escondido sob o uniforme de legionário por razões pessoais, desejava mais tarde recuperar os meios para viver honradamente. Hoje ele é o herdeiro universal de Cosmo Mornington, que receberá amanhã, sob um nome falso, a soma de um milhão, e em poucos meses talvez a soma de duzentos milhões. É uma coisa completamente diferente.

O argumento pareceu ferir dom Luís e ele objetou:

— E se eu recusar?

O adido peruano apoiou os cotovelos na mesa.

— Se o senhor recusar, digo ao notário e ao comandante-geral que me enganei em minha investigação e que há um problema com a pessoa de dom Luís Perenna. Consequentemente, o senhor não tocará em nada e provavelmente será preso.

— Assim como o senhor, meu caro.

— Eu?

— Claro! Por falsificação e ocultação de estado civil. Ou o senhor acha que eu vou assumir tudo sozinho.

O adido não respondeu. Seu nariz, que era enorme, parecia se esticar entre suas duas compridas suíças.

Dom Luís começou a rir.

— Ora, senhor Cacérès, não faça essa cara. Não vamos lhe fazer mal. Só não se intrometa mais nisso. Outros, mais astutos que o senhor, tentaram e quebraram a cara. E, de verdade, o senhor não parece ser muito bom quando se trata de enganar o próximo. Um pouco ingênuo até, senhor Cacérès, um pouco ingênuo. Estamos entendidos, não estamos? Vamos nos desarmar? Fim das más intenções em relação a esse excelente Perenna? Perfeito, senhor Cacérès, perfeito, serei generoso e provarei que o mais honesto dos dois é exatamente quem imaginamos.

Ele tirou do bolso um talão de cheques com a logo do banco Crédit Lyonnais.

— Aqui estão os vinte mil francos que lhe foram dados pelo herdeiro de Cosmo Mornington, meu caro. Guarde-os com satisfação e agradeça ao gentil cavalheiro. E leve suas tralhas sem virar a cabeça mais do que as filhas do senhor Loth. Vamos, fora daqui!

Tudo isso foi dito de tal forma que o adido obedeceu, uma a uma, às prescrições de dom Luís Perenna. Ele sorriu ao embolsar o dinheiro, agradeceu duas vezes e foi embora sem olhar para trás.

— Canalha — balbuciou dom Luís. — O que o senhor diz, brigadeiro?

O brigadeiro Mazeroux olhou para ele com espanto. Tinha os olhos arregalados.

— Ah, essa! Mas, senhor…

— O que foi, brigadeiro?

— Ah, essa! Quem é o senhor?

— Quem sou eu?

— Sim.

— Mas não lhe disseram? Um nobre peruano ou um nobre espanhol. Já não sei mais… Enfim, dom Luís Perenna.

— Bobagem! O que acabei de assistir…

— Dom Luís Perenna, antigo legionário…

— Já chega, senhor…

— Condecorado com todas as honras.

— Basta, eu já disse. E peço que me acompanhe até o senhor comandante.

— Ora, deixe-me continuar, mas que diabos! Continuando… antigo legionário… antigo herói… antigo prisioneiro da prisão da Santé… antigo príncipe russo… ex-chefe da Sûreté… antigo…

— Mas o senhor é louco! — protestou o brigadeiro. — Que história é essa?

— Uma história de verdade, autêntica. O senhor me perguntou quem sou eu. Estou enumerando. Devo ir mais adiante? Ainda tenho alguns títulos a lhe oferecer… marquês, barão, duque, arquiduque, grão-duque, contra-duque… todo o Almanaque Gotha! Se me dissessem que fui rei, por Deus que eu não me atreveria a jurar o contrário.

O brigadeiro Mazeroux, habituado a difíceis tarefas, agarrou com as duas mãos os punhos aparentemente frágeis de seu interlocutor e lhe disse:

— Nada de tumulto, está bem? Não sei com quem estou lidando, mas não vou deixá-lo escapar. O senhor vai se explicar na Chefatura.

— Não fale tão alto, Alexandre.

Os frágeis pulsos se libertaram com espantosa facilidade. Então as duas mãos robustas do brigadeiro foram apanhadas e imobilizadas, e dom Luís escarneceu:

— Então não me reconhece, imbecil?

O brigadeiro Mazeroux não disse uma só palavra. Os olhos dele se arregalaram ainda mais. Ele tentava entender e permanecia absolutamente perplexo. O som dessa voz, essa maneira de brincar, a gaiatice aliada à audácia, a expressão debochada daqueles olhos e também o nome de Alexandre, que não era dele e que apenas uma pessoa lhe havia dado uma vez. Seria possível?

Ele gaguejou:

— O chefe… o chefe…

— Por que não?

— Mas não… não… já que…

— Já que o quê?

— *O senhor está morto.*

— E daí? Acha que me incomoda viver, por estar morto?

E como o outro parecia cada vez mais confuso, ele pôs a mão em seu ombro e disse:

— Quem o fez entrar na Chefatura de polícia?

— O chefe da Sûreté, senhor Lenormand.

— E quem era esse senhor Lenormand?

— Era o chefe.

— Ou seja, Arsène Lupin, certo?

— Sim.

— Bem, Alexandre, não sabe que era muito mais difícil para Arsène Lupin ser chefe da Sûreté, e ele o fez magistralmente, do que ser dom Luís Perenna, do que ser condecorado, do que ser legionário, do que ser um herói, e até do que estar vivo estando morto?

O brigadeiro Mazeroux examinou silenciosamente seu companheiro. Depois, os seus olhos tristes ganharam vida, seu semblante terno se inflamou e, dando um murro na mesa, ele mastigou com a sua voz irritada:

— Bem, que seja, mas já aviso para não contar comigo! Ah, isso não! Estou a serviço da sociedade e assim vou permanecer. Não há nada a fazer. Eu senti o gosto da honestidade e não quero comer nenhum outro pão. Ah, não, isso não! Não, não, não, chega de tolices!

Perenna encolheu os ombros.

— Você é estúpido, Alexandre. É verdade, o pão da honestidade não engorda sua inteligência. Quem está falando de recomeçar?

— Entretanto…

— Entretanto o quê?

— Todas essa manigância, chefe…

— Minha manigância! O senhor acha que eu tenho alguma participação nesse caso?

— Ora, chefe…

— Absolutamente nenhuma, meu rapaz. Há duas horas eu não sabia nada mais do que você. Foi o bom Deus quem me transformou em herdeiro de repente, e é só para não o desobedecer que…

— E então?

— Então tenho a missão de vingar Cosmo Mornington, encontrar seus herdeiros naturais, protegê-los e distribuir entre eles os duzentos milhões que lhes pertencem. E ponto-final. Essa não é a missão de um homem honesto?

— Sim, mas…

— Sim, mas e se eu não o fizer como um homem honesto, é isso que quer dizer, certo?

— Chefe…

— Bem, meu rapaz, se você distinguir com precisão qualquer coisa que lhe desagrada em minha conduta, se descobrir uma mancha na consciência de dom Luís Perenna, não hesite, ponha suas mãos em cima de mim. Eu autorizo. Eu ordeno. É suficiente para você?

— Não basta que seja suficiente para mim, chefe.

— O que você está dizendo?

— Ainda há os outros.

— Explique.

— E se o senhor for pego?

— Como?

— O senhor pode ser traído.

— Por quem?

— Por nossos antigos camaradas…

— Que já se foram. Mandei-os para fora da França.

— Para onde?

— Isso é meu segredo. Você eu deixei na Chefatura, caso precisasse dos seus serviços. E como pode ver, eu tinha razão.

— E se descobrirem sua verdadeira identidade?

— O que é que tem?

— O senhor será preso.

— Impossível.

— Por quê?

— Não posso ser preso.

— Por que razão?

— Você mesmo disse, grandão, por uma razão superior, extraordinária, irresistível.

— Qual?

— *Estou morto.*

Mazeroux parecia sufocado. O argumento o acertou em cheio. De repente, ele se dava conta de todo seu vigor e de toda sua comicidade. Subitamente, ele explodiu numa gargalhada que fazia se contorcer e convulsionar da maneira mais engraçada sua expressão melancólica…

— Ah, chefe, o senhor continua o mesmo! Deus, como isso é engraçado! Se eu caí nessa? Acho que caí direitinho! E duas vezes! O senhor está morto. Enterrado! Liquidado! Ah! Que piada! Que piada!

Hippolyte Fauville, engenheiro, vivia no boulevard Suchet, próximo das fortificações, em um grande palácio flanqueado à esquerda por um jardim onde ele mandou construir uma grande sala que lhe servia como escritório. O jardim se reduzia a algumas árvores e uma faixa de grama que bordeava um portão coberto de hera, com uma abertura cuja porta o separava do boulevard Suchet.

Dom Luís Perenna foi com Mazeroux até o comissariado de Passy, onde Mazeroux, seguindo suas instruções, apresentou-se e pediu que o palácio do engenheiro Fauville fosse vigiado, durante a noite, por dois policiais orientados a prender qualquer pessoa suspeita que tentasse entrar.

O comissário prometeu ajuda.

Depois disso, dom Luís e Mazeroux jantaram no bairro. Às nove horas, chegaram à frente da porta principal do palácio.

— Alexandre — disse Perenna.

— Sim, chefe?

— Não está com medo?

— Não, chefe. Por quê?

— Por quê? Porque, ao defender o engenheiro Fauville e o seu filho, estamos enfrentando pessoas que têm muito interesse em fazê-los desaparecer, e essas pessoas não parecem ter medo. A sua vida, a minha… são só um sopro, um nada. Você não tem medo?

— Chefe — respondeu Mazeroux —, eu não sei se alguma vez vou experimentar o medo. Mas há um caso em que eu jamais o sentirei.

— Qual é, meu caro?

— Sempre que eu estiver ao seu lado. — E ele tocou resolutamente a campainha.

A porta se abriu e apareceu um criado a quem Mazeroux apresentou seu cartão.

Hippolyte Fauville recebeu ambos em seu gabinete. A mesa estava cheia de brochuras, livros e papéis. Sobre duas prateleiras sustentadas por dois altos cavaletes, havia esboços e desenhos, e em duas vitrines, reduções de marfim e de aço de dispositivos construídos ou inventados pelo engenheiro. Havia um sofá comprido alinhado à parede. Do lado oposto estava uma

escadaria em espiral que levava a uma galeria circular. No teto, um lustre. Na parede, um telefone.

Imediatamente, depois de recusar seu título e apresentar seu amigo Perenna como sendo também enviado pelo comandante-geral, Mazeroux expôs o motivo daquela abordagem.

O senhor Desmalions estava preocupado com os graves indícios de que tinha acabado de tomar conhecimento. Sem esperar pela conversa do dia seguinte, ele pediu ao senhor Fauville para tomar todas as precauções que seus agentes sugeriram.

De início, Fauville demonstrou um certo senso humor.

— Minhas precauções já foram tomadas, cavalheiros, e muito bem tomadas. E eu recearia, por outro lado, que sua intervenção fosse perniciosa.

— Em quê?

— Despertando a atenção dos meus inimigos e me impedindo de reunir as provas de que preciso para os confundir.

— O senhor pode me explicar?

— Não, não posso. Só amanhã de manhã, antes não.

— E se for tarde demais? — interrompeu dom Luís Perenna.

— Tarde demais amanhã?

— O inspetor Vérot disse ao secretário do senhor Desmalions: "O duplo crime deve acontecer esta noite. Isso é fatal, é irrevogável".

— Esta noite? — Fauville exclamou, furiosamente. — Pois eu lhes digo que não. Esta noite não, disso tenho certeza. Há coisas que eu sei, certo? E que os senhores não sabem…

— Sim — contestou dom Luís —, mas talvez haja também coisas que o inspetor Vérot sabia e que o senhor ignora. Talvez ele tivesse penetrado mais profundamente no segredo dos seus inimigos. Prova disso é que suspeitavam dele e que um indivíduo, com uma bengala de ébano o espionava. A prova, enfim, é que ele foi morto.

A confiança de Hippolyte Fauville diminuía. Perenna aproveitou a oportunidade para insistir, e de tal forma que Fauville, sem sair da defensiva, acabou se rendendo a essa vontade, mais forte do que a sua.

— Bem, mas então o quê? Os senhores não têm a intenção de passar a noite aqui, não é mesmo?

— Precisamente.

— Mas isso é um absurdo! É uma perda de tempo! Porque, afinal, ainda que pensemos no pior… Além disso, o que os senhores desejam?

— Quem vive neste palácio?

— Quem? Bem, minha esposa. Ela ocupa o primeiro andar.

— A senhora Fauville não está sendo ameaçada.

— Não, de modo algum. Somos eu e meu filho Edmond que estamos sendo ameaçados. Por isso, há oito dias, em vez de dormir no meu quarto, como de costume, tranquei-me nesta sala. Usei como pretexto meu trabalho e os escritos que me obrigam a ficar acordado até muito tarde e para os quais preciso da ajuda do meu filho.

— Então ele também dorme aqui?

— Acima de nós, em um pequeno quarto que mandei construir para ele. Só se pode chegar até lá por esta escada interna.

— Ele está lá agora?

— Sim. Dormindo.

— Quantos anos ele tem?

— Dezesseis.

— Mas se o senhor mudou de quarto assim, foi porque temia que alguém o atacasse? Quem? Um inimigo que vive no palácio? Um dos seus criados? Ou pessoas de fora? Nesse caso, como alguém poderia entrar? Toda a questão está posta.

— Amanhã, amanhã. — respondeu Fauville, obstinado. — Amanhã eu explicarei tudo…

— Por que não esta noite? — insistiu Perenna.

— Porque preciso de provas, repito… porque o simples fato de falar pode ter consequências terríveis… e porque tenho medo… sim, tenho medo…

De fato, ele estava tremendo e parecia tão miserável, tão aterrorizado, que dom Luís não insistiu mais.

— Está bem — ele disse. — Só lhe pedirei, para meu companheiro e para mim, permissão para passar a noite ao alcance de seu chamado.

— Como queira, senhor. Afinal, talvez seja até melhor.

Neste momento, um dos criados bateu à porta e veio anunciar que a senhora queria ver o cavalheiro antes de sair. A senhora Fauville logo surgiu.

Ela cumprimentou Perenna e Mazeroux com um aceno gracioso. Era uma mulher de trinta e cinco anos, de grande beleza, olhos azuis, cabelos ondulados, um rosto gracioso e um pouco frívolo, mas, ao mesmo tempo, amável e charmoso. Ela usava, sob um grande casaco de seda brocada, um traje de baile que deixava seus lindos ombros descobertos.

Seu marido lhe perguntou, surpreso:

— Vai sair esta noite?

— Não se lembra? — questionou ela. — Os Auverard me ofereceram um lugar em seu camarote na Ópera, e foi você quem me pediu para dar uma passada na festa da senhora Ersinger.

— De fato, de fato… — ele disse. — Eu não me lembrava mais… Tenho trabalhado tanto!

Ela acabou de abotoar as luvas e retomou:

— Você não virá me encontrar na casa da senhora Ersinger?

— Para quê?

— Seria um prazer para eles.

— Mas não para mim. Além disso, minha saúde me impede de fazê-lo.

— Eu darei uma desculpa em seu nome.

— Sim, peça desculpas por mim.

Ela fechou o casaco com um belo gesto e ficou imóvel por alguns segundos, como se procurasse uma palavra de despedida. Então ela disse:

— Então o Edmond não está aqui? Pensei que ele estivesse trabalhando com você.

— Ele estava cansado.

— Ele está dormindo?

— Sim.

— Gostaria de dar um beijo nele.

— É melhor não, você vai acabar por acordá-lo. A propósito, seu carro chegou. Vá, minha querida. Divirta-se.

— Oh, me divertir! — disse ela. — Como se fosse possível se divertir em uma noite na Ópera.

— É sempre melhor do que ficar no quarto.

Houve um pequeno desconforto. Havia no ar o clima de uma dessas famílias pouco unidas nas quais o homem, de saúde debilitada, hostil aos prazeres mundanos, se tranca em sua casa enquanto sua esposa busca distrações a que sua idade e hábitos lhe dão direito.

Como ele já não lhe dirigia mais a palavra, ela se inclinou e o beijou na testa.

Então, saudando novamente os dois visitantes, ela saiu.

Um instante depois, ouviram o barulho do motor de um carro que se distanciava. Hippolyte Fauville logo se levantou e, depois de tocar o sino, disse:

— Ninguém aqui duvida do perigo que estou correndo. Não confio em ninguém, nem mesmo em Silvestre, meu criado particular, que me serve há anos e que é a probidade em pessoa.

O criado entrou.

— Vou me deitar, Silvestre, prepare tudo — disse o senhor Fauville.

Silvestre abriu a parte de cima do grande sofá, que formou então uma cama confortável, e organizou os lençóis e cobertores. Em seguida, por ordem do seu patrão, trouxe uma garrafa de água, um copo, um prato de doces secos e uma compoteira de frutas.

O senhor Fauville comeu os doces e depois cortou uma maçã camoesa. Ela não estava madura. Ele pegou outras duas, experimentou, mas, não as julgando suficientemente maduras, descartou. Depois, descascou uma pera e a comeu.

— Deixe a compoteira — disse ele ao criado. — Se tiver fome esta noite, ficarei satisfeito. Ah, já estava esquecendo, estes senhores ficam aqui. Não diga a ninguém. E amanhã de manhã, só venha quando eu tocar o sino.

Antes de se retirar, o criado colocou a compoteira sobre a mesa. Perenna, que observava tudo e que, posteriormente, teria que evocar os menores detalhes daquela noite que sua memória registrava com uma fidelidade quase maquinal, contou na compoteira três peras e quatro maçãs camoesa.

Nesse meio tempo, Fauville subiu a escada em espiral e, seguindo pela galeria, chegou ao quarto onde seu filho dormia.

— Ele dorme com os punhos fechados — disse ele a Perenna, que o acompanhara.

O quarto era pequeno. O ar entrava através de um sistema de ventilação especial, porque uma persiana de madeira pregada fechava hermeticamente a janela do dormitório.

— Tomei essa precaução no ano passado — explicou Hippolyte Fauville. — Como eu fazia as minhas experiências elétricas nesta sala, temia que

alguém me espiasse. Então fechei a saída que dava para o telhado.

E ele acrescentou em voz baixa:

— Já tem tempo que estão me vigiando.

Eles desceram. Fauville consultou seu relógio.

— Dez e quinze… Está na hora de descansar. Estou muito cansado, os senhores me deem licença.

Combinaram que Perenna e Mazeroux se instalariam em duas poltronas que foram levadas para o corredor que ligava o escritório ao vestíbulo do palácio.

Mas, antes de deixá-los, Hippolyte Fauville, que até então, embora muito agitado, parecia estar se controlando, teve uma súbita fraqueza. Ele deixou escapar um grito fraco. Dom Luís se voltou e viu o suor que escorria como água pelo rosto e pescoço. Ele tremia de febre e angústia.

— O que o senhor tem?

— Tenho medo, tenho medo — ele repetiu.

— Mas isso é loucura — exclamou dom Luís —, já que estamos os dois aqui! Podemos até passar a noite ao seu lado, na sua cabeceira.

O engenheiro sacudiu violentamente Perenna pelo ombro, e, com a figura convulsiva, gaguejou:

— Se os senhores fossem dez… vinte perto de mim, acham que eles se importariam? Eles podem fazer qualquer coisa, os senhores compreendem? Qualquer coisa! Eles já mataram o inspetor Vérot e vão me matar e vão matar meu filho. Ah, os miseráveis! Meu Deus, tenha piedade de mim! Ah, que pavor! Como estou sofrendo!

Ele tinha caído de joelhos e batia no peito enquanto repetia:

— Meu Deus, tenha piedade de mim… Não quero morrer… Não quero que meu filho morra… tenha piedade de mim, eu lhe imploro…

Ele se levantou de súbito, levou Perenna para a frente de uma vitrine que ele empurrou e que rolou facilmente sobre seus cilindros de cobre, e, descobrindo um pequeno cofre selado na própria parede, disse:

— Toda a minha história está aqui, escrita diariamente durante três anos. Se me acontecesse um infortúnio, a vingança seria fácil.

Ele girou apressadamente as letras do segredo da fechadura e, com a ajuda de uma chave que tirou de seu bolso, ele o abriu.

O cofre estava mais da metade vazio. Em somente uma das prateleiras, entre pilhas de papéis, havia um caderno de capa cinza amarrado com

elástico vermelho.

Ele pegou o caderno e apontou:

— Vejam… está tudo aqui. Com isso podemos reconstituir a coisa abominável… há primeiro minhas suspeitas e depois minhas certezas… e tudo… tudo o que é necessário para pegá-los em uma armadilha… e tudo para destruí-los… Os senhores se recordarão, não é mesmo? Um caderno de capa cinza. Vou guardá-lo de volta no cofre…

Aos poucos ele voltou a se acalmar. Ele empurrou a porta da vitrine, guardou alguns papéis, acendeu a luz que ficava sobre sua cama, desligou o candelabro localizado no meio do escritório e pediu que dom Luís e Mazeroux o deixassem sozinho.

Dom Luís, que caminhava em volta da sala, examinando as persianas de ferro das duas janelas, notou uma porta na frente da entrada e questionou o engenheiro…

— Eu a uso com meus clientes habituais — disse Fauville. — E às vezes também saio por ali.

— Ela dá acesso ao jardim?

— Sim.

— Está bem fechada?

— Pode conferir. Fechada com chave e com o trinco de segurança. As duas chaves estão no meu chaveiro, juntamente com a do jardim.

Ele colocou o chaveiro sobre a mesa, juntamente com a carteira. Colocou também o relógio depois de dar corda nele.

Sem qualquer constrangimento, dom Luís pegou o chaveiro e abriu a fechadura e o cadeado. Três degraus o conduziram ao jardim. Ele fez a volta pela estreita platibanda. Através das heras ele viu e ouviu os dois policiais que perambulavam pelo boulevard. Ele verificou a fechadura do portão. Estava trancada.

— Vamos — disse ele, subindo —, está tudo bem e o senhor pode ficar tranquilo. Até amanhã.

— Até amanhã — respondeu o engenheiro, acompanhando Perenna e Mazeroux até seu aposento.

Havia uma porta dupla entre o escritório e o corredor, e uma dessas portas era acolchoada e revestida de tecido *moleskine*. Do outro lado, o corredor estava separado do vestíbulo por uma pesada tapeçaria.

— Você pode dormir — disse Perenna para seu companheiro. — Eu fico de vigia.

— Mas enfim, chefe, o senhor não está supondo que alguma coisa possa acontecer!

— Não estou supondo nada, uma vez que tomamos todas as precauções necessárias. Mas você, que conhece o inspetor Vérot, acha que ele era um tipo que inventava histórias?

— Não, chefe.

— Bem, então sabe o que ele previu. E se o fez, é porque tinha razões para isso. Então, vou ficar de olhos bem abertos.

— Façamos um revezamento, chefe. Acorde-me quando for meu turno.

Imóveis um perto do outro, eles ainda trocaram mais algumas poucas palavras. Pouco depois, Mazeroux adormeceu. Dom Luís permaneceu em sua poltrona, sem se mexer, com os ouvidos à espreita. Tudo estava calmo no palácio. Do lado de fora, de vez em quando se ouvia passar um automóvel ou um fiacre, e também se ouviam os últimos trens da linha de Auteuil.

Dom Luís se levantou várias vezes e se aproximou da porta.

Nenhum barulho. Sem dúvida, Hippolyte Fauville dormia.

— Perfeito — pensava Perenna. — O boulevard está protegido. Não se pode entrar nesta sala por nenhuma outra passagem que não esta. Logo, não há nada a temer.

Às duas horas da manhã, um carro parou na frente do palácio e um dos criados, que devia estar esperando do lado da copa e da cozinha, correu na direção da porta principal. Perenna apagou a luz do corredor e, levantando ligeiramente a tapeçaria, viu a senhora Fauville que voltava para casa acompanhada por Silvestre.

Ela subiu. O vão da escada voltou a ficar escuro. Por mais meia hora, murmúrios de vozes e barulhos de cadeiras se movendo foram ouvidos nos andares superiores. E então tudo ficou em silêncio.

Perenna sentiu brotar nesse silêncio uma angústia inexprimível. Por quê? Ele não sabia dizer. Mas era tão intenso, e a sensação ficou tão aguda que ele murmurou:

— Vou ver se ele dorme. As portas não devem estar fechadas com o trinco.

Na verdade, ele só precisou empurrar os batentes para abrir. Com uma lanterna na mão, ele se aproximou da cama.

Hippolyte Fauville dormia virado para a parede.

Perenna suspirou de alívio, voltou para o corredor e sacudiu Mazeroux:

— É a sua vez, Alexandre.

— Nada de novo, chefe?

— Não, nada, ele está dormindo.

— Como é que o senhor sabe?

— Fui vê-lo.

— Engraçado, não ouvi nada. É verdade que dormi feito uma pedra.

Ele seguiu Perenna pela sala, que lhe disse:

— Sente-se e não o acorde. Vou dormir um pouco.

Mais tarde ele assumiu mais um turno. Mas, mesmo quando adormecido, ele se mantinha consciente de tudo o que acontecia à sua volta.

Um pêndulo soava as horas em voz baixa, e, a cada vez, Perenna contava. Depois foi a vida lá fora que acordou. Os carros dos leiteiros que passavam, os primeiros trens de subúrbio que assobiavam.

No palácio a agitação também começou.

O dia era filtrado pelos interstícios das persianas e a sala aos poucos se preenchia de luz.

— Vamos — disse o brigadeiro Mazeroux. — É melhor que ele não nos encontre aqui.

— Cale-se — ordenou dom Luís, acompanhando sua injunção com um gesto imperioso.

— Mas por quê?

— Você vai acordá-lo.

— Mas o senhor está vendo que ele não acorda — disse Mazeroux sem baixar o tom.

— É verdade… é verdade… — sussurrou dom Luís, espantado pelo fato de o som dessa voz não ter acordado o dorminhoco.

E ele se sentiu tomado pela mesma angústia que o tinha perturbado no meio da noite. Angústia mais precisa, embora não quisesse nem ousasse desvendar o motivo que a despertava.

— O que o senhor tem, chefe? O senhor parece estranho. O que está acontecendo?

— Nada… nada… estou com medo.

Mazeroux estremeceu.

— Medo de quê? O senhor está falando do jeito que ele falou ontem à noite.

— Sim… sim… e pela mesma razão.

— Mas enfim?

— Então você não entende? Não entende o que estou me perguntando…

— O quê?

— Se ele não está morto!

— Mas o senhor enlouqueceu, chefe!

— Não… não sei… é que… é que… estou com um pressentimento de morte.

Com a lanterna na mão, ele permaneceu paralisado na frente da cama. Ele, que não temia nada no mundo, não tinha coragem de iluminar o rosto de Hippolyte Fauville. Um terrível silêncio tomava conta daquele cômodo.

— Oh! Chefe, ele não se mexe…

— Eu sei… eu sei… e agora percebo que ele não se mexeu uma única vez durante toda a noite. E é isso que me assusta.

Ele teve que fazer um enorme esforço para seguir em frente e quase tocou na cama.

O engenheiro não parecia respirar. Resolutamente, ele pegou sua mão. Ela estava congelada.

De repente, Perenna recuperou seu sangue-frio.

— A janela! Abra a janela! — ele gritou.

Quando a luz penetrou no quarto, ele viu a figura de Hippolyte Fauville inchada e coberta de manchas marrons.

— Oh! — ele reagiu em voz baixa. — Ele está morto.

— Com mil raios! Com mil raios! — o brigadeiro gaguejou.

Durante dois ou três minutos, eles permaneceram petrificados, estupefatos, aniquilados pela constatação do mais prodigioso e misterioso dos fenômenos. Depois, uma ideia repentina fez Perenna sobressaltar. Ele subiu a escadaria interna a passos largos, correu pela galeria e se precipitou na mansarda.

Edmond, o filho de Hippolyte Fauville, estava deitado em sua cama, rígido, o rosto lívido, morto também.

— Com mil raios! Com mil raios! — repetiu Mazeroux.

Talvez nunca, durante sua vida aventureira, Perenna tivesse experimentado tamanha comoção. Ele sentiu uma espécie de cãibra e uma impotência ao tentar fazer o menor gesto ou pronunciar uma única palavra. Pai e filho estavam mortos! Alguém os havia matado durante a noite! Algumas horas antes, embora a casa estivesse protegida e todas as saídas hermeticamente fechadas, alguém havia, com a ajuda de uma injeção letal, envenenado ambos, como envenenaram o americano Cosmo Mornington.

— Com mil raios! — repetiu Mazeroux mais uma vez. — De nada serviu cuidar deles, pobres diabos, nem fazer todo esse alarido para salvá-los!

Havia uma crítica nessa explicação. Perenna compreendeu e admitiu:

— Você tem razão, Mazeroux, eu não estava à altura dessa missão.

— Nem eu, chefe.

— Você… você… você só está neste caso desde ontem à noite.

— Ora, o senhor também, chefe.

— Sim, eu sei, desde ontem à noite, enquanto eles estão combinando tudo há semanas e semanas. Mas, mesmo assim, eles estão mortos e eu estava aqui! Eu estava aqui, eu, Lupin… A coisa aconteceu diante dos meus olhos e eu não vi nada… Não vi nada… isso é possível?

Ele descobriu os ombros do pobre rapaz e, mostrando o sinal de uma picada no braço:

— A mesma marca… a mesma, obviamente, encontrada no pai. A criança também não parece ter sofrido. Pobre garoto! Ele não tinha a aparência vigorosa. Mas não importa, era uma bela fisionomia. Ah, como a mãe vai sofrer!

O brigadeiro chorou de raiva e piedade enquanto repetia entre os dentes:

— Com mil raios! Com mil raios!

— Vamos vingá-los, não vamos, Mazeroux?

— A quem o senhor está perguntando, chefe? Até duas vezes em vez de uma!

— Uma vez será suficiente, Mazeroux. Mas será a certa.

— Ah! Eu juro que sim.

— Você tem razão, vamos jurar. Juremos que estes dois mortos serão vingados. Juremos que não nos desarmaremos até que os assassinos de

Hippolyte Fauville e do seu filho sejam punidos de acordo com seus crimes.

— Juro pela minha salvação eterna, chefe.

— Muito bem — disse Perenna. — Agora, ao trabalho. Telefone imediatamente para a Chefatura de polícia. Tenho certeza de que o senhor Desmalions aprovará a ideia de ser advertido sem demora. Ele está muito interessado neste caso.

— E se os criados aparecerem? Se a senhora Fauville…

— Ninguém virá antes de abrirmos as portas e só o faremos para o comandante-geral. É ele quem se encarregará de anunciar à senhora Fauville que ela está viúva e que não tem mais filho. Vá, depressa.

— Espere um minuto, chefe, estamos esquecendo de algo que vai nos ajudar singularmente.

— O quê?

— O pequeno caderno de capa cinza guardado no cofre, onde o senhor Fauville contava a história da conspiração contra ele.

— Ora! É verdade! — disse Perenna. — Você tem razão… especialmente porque ele se esqueceu de embaralhar os números do segredo e, além disso, a chave está no chaveiro deixado sobre a mesa.

Eles desceram rapidamente.

— Deixe-me fazer — disse Mazeroux. — É mais seguro o senhor não tocar nesse cofre.

Ele pegou o chaveiro, abriu a vitrine e encaixou a chave com uma emoção febril que dom Luís compartilhava ainda mais intensamente. Eles finalmente iam conhecer a história misteriosa! O morto ia lhes entregar o segredo dos seus carrascos!

— Meu Deus, como você é lento! — resmungou dom Luís.

Mazeroux mergulhou ambas as mãos na pilha de papéis que obstruíam a prateleira de ferro.

— Bem, Mazeroux, me dê ele.

— O quê?

— O caderno de capa cinza.

— Impossível, chefe.

— Hein?

— Ele desapareceu.

Dom Luís abafou um xingamento. O caderno de capa cinza que o engenheiro tinha guardado no cofre, na frente deles, tinha desaparecido!

Mazeroux balançou a cabeça.

— Com mil raios! Então eles sabiam da existência desse caderno?

— Por Deus! E de muitas outras coisas. Estamos bem arranjados com esses sujeitos. Não há tempo a perder. Telefone.

Mazeroux obedeceu. Quase imediatamente, o senhor Desmalions avisou que logo o atenderia.

Ele esperou.

Depois de alguns minutos, Perenna, que havia caminhado à direita e à esquerda, examinando vários objetos, veio se sentar ao lado dele. Ele parecia preocupado e refletiu por um longo tempo. Mas, com o olhar fixo na compoteira, murmurou:

— Só restam três maçãs em vez de quatro.

Então ele comeu a quarta?

— De fato — disse Mazeroux —, ele deve ter comido.

— É estranho — considerou Perenna —, porque ele não as achava suficientemente maduras.

Ele ficou em silêncio novamente, apoiado na mesa, visivelmente preocupado, e então, levantando a cabeça, disse estas palavras:

— O crime foi cometido antes de entrarmos na sala, exatamente à meia-noite e meia.

— Como o senhor sabe, chefe?

— O assassino, ou os assassinos, do senhor Fauville, ao tocar nos objetos sobre esta mesa, deixou cair o relógio que o senhor Fauville tinha deixado aqui e o colocou de volta no lugar. Mas a queda o fez parar de funcionar. Ele ainda está marcando meia-noite e meia.

— Então, chefe, quando nos instalamos aqui, por volta das duas da manhã, era um cadáver que estava deitado ao nosso lado, e outro acima de nós?

— Sim.

— Mas por onde é que esses demônios entraram?

— Por esta porta, que tem vista para o jardim, e pelo portão que tem vista para o boulevard Suchet.

— Então eles tinham as chaves das fechaduras e dos cadeados?

— As cópias dessas chaves, sim.

— Mas e os polícias que vigiam a casa lá de fora?

— Eles ainda a vigiam, mas andando de um ponto para outro, e sem pensar que se pode entrar em um jardim enquanto lhe dão as costas. Foi isso que aconteceu, tanto na chegada como na partida.

O brigadeiro Mazeroux parecia atordoado. A audácia dos criminosos, a habilidade, a precisão das ações, tudo isso o deixava confuso.

— Eles são diabolicamente fortes — disse ele.

— Diabolicamente, Mazeroux, como você diz, e prevejo que a batalha será terrível. Por Deus! Que vigor para atacar!

O telefone tocou. Dom Luís deixou Mazeroux continuar sua comunicação e, pegando o chaveiro, abriu facilmente a fechadura e o cadeado da porta e seguiu para o jardim com a esperança de encontrar algum vestígio que facilitasse sua busca.

Como no dia anterior, ele viu, através dos ramos de hera, dois policiais vagando de um poste de luz a outro. Mas eles não o viram. Além disso, o que poderia acontecer no palácio parecia ser completamente indiferente para eles.

— Aí está meu grande erro — pensou Perenna. — Não se confia uma missão a pessoas que não têm ideia de sua importância.

Suas investigações levaram à descoberta de pegadas no cascalho, muito confusas para reconstruir a forma dos sapatos que as haviam feito, mas precisas o suficiente para confirmar a hipótese de Perenna: os bandidos tinham passado por ali.

De repente ele teve um lapso de alegria. Contra o muro da alameda, entre as folhas de um pequeno maciço de rododendros, ele viu algo vermelho que chamou sua atenção.

Ele se abaixou.

Era uma maçã, a quarta maçã, aquela cuja ausência ele notou apenas na compoteira.

"Perfeito", ele pensou, "Hippolyte Fauville não a comeu. Foi um deles que a pegou… Uma extravagância… um desejo repentino… e ela deve ter caído da mão dele sem que ele tivesse tempo para procurar."

Ele pegou a fruta e a examinou.

— Ah! — ele reagiu, contorcendo-se. — Será que é possível?

Ele continuava perturbado, tomado por uma verdadeira emoção, não admitindo, por assim dizer, a coisa inadmissível que, no entanto, se oferecia aos seus olhos com a própria evidência da realidade. Haviam mordido a

maçã, a maçã demasiado ácida para ser comida. *E os dentes tinham deixado suas marcas!*

— Isso é possível? — repetia dom Luís. — É possível que um deles tenha cometido tal imprudência? A maçã deve ter caído sem o seu conhecimento… ou a pessoa não a encontrou no meio da escuridão.

Ele não conseguia acreditar e procurava explicações. Mas o fato estava lá. Duas filas de dentes, perfurando em semicírculo a fina película vermelha, tinham deixado na polpa uma mordida bastante afiada e regular. Havia seis na parte de cima, enquanto embaixo eles haviam se fundido em uma única linha curva.

— Os dentes do tigre! — sussurrou Perenna, que não conseguia tirar os olhos da marca dupla. — Os dentes do tigre! Os mesmos registrados no pedaço de chocolate do inspetor Vérot! Que coincidência! Pode-se supor que ela seja fortuita? Não deveríamos admitir como certo que foi a mesma pessoa que mordeu esta fruta e que marcou a barra que o inspetor Vérot trazia consigo na Chefatura como a mais irrefutável prova?

Ele hesitou por um segundo: guardaria essa prova para si, para a investigação pessoal que queria conduzir? Ou a entregaria para as investigações da justiça? Mas, em contato com esse objeto, ele sentia tamanha repugnância, tamanho desconforto físico que rejeitou a maçã e a fez rolar sob a folhagem.

E repetiu a si mesmo:

— Os dentes do tigre! Os dentes da fera!

Dom Luís fechou a porta do jardim, trancou o cadeado, colocou o chaveiro de volta na mesa e disse a Mazeroux:

— Falou com o comandante-geral?

— Sim.

— Ele vem?

— Sim.

— Ele não ordenou que telefone ao comissário de polícia?

— Não.

— Então ele quer ver tudo com seus próprios olhos. Melhor assim! Mas e a Sûreté? A Procuradoria?

— Ele os avisou.

— O que você tem, Alexandre? Preciso arrancar as respostas a força. E agora? Por que está me olhando dessa maneira tão estranha? O que está

acontecendo?

— Nada.

— Já não era sem tempo. Deve ser essa história que está mexendo com a sua cabeça. De fato, há motivos para isso. E o comandante-geral não vai achar a menor graça, especialmente porque ele confiou muito facilmente em mim e lhe pedirão explicações sobre minha presença aqui. Ah! A esse respeito, é muito melhor que você assuma a responsabilidade por tudo o que fizemos. Certo? Vai ser melhor para você. A propósito, fique à frente de tudo. Apague-me tanto quanto possível, e acima de tudo — você não verá, suponho, qualquer inconveniente nesse pequeno detalhe —, não cometa a estupidez de dizer que você adormeceu por um único segundo esta noite, no corredor. Primeiro, o peso cairia nas suas costas. E depois… depois… é isso… Estamos de acordo, certo? Então tudo o que temos de fazer é nos separarmos. Se o comandante-geral precisar de mim, como espero que aconteça, é só telefonar para minha casa na praça do Palais-Bourbon. Estarei lá. Adeus. É inútil que eu esteja presente na investigação, a presença seria inconveniente. Adeus, camarada.

Ele foi até a porta do corredor.

— Um momento — exclamou Mazeroux.

— Um momento? Mas…

O brigadeiro ficou entre a porta e ele, bloqueando a passagem.

— Sim, um momento. Não concordo com o senhor. É muito melhor que o senhor espere até a chegada do comandante.

— Mas a sua opinião não me interessa.

— Que seja, mas daqui o senhor não sai.

— O quê? Ora essa! Alexandre, você ficou louco?

— Ora, chefe — suplicou Mazeroux, quase se deixando convencer —, que mal isso pode fazer? É natural que o comandante-geral queira falar com o senhor.

— Ah! É o comandante quem quer? Bem, você dirá a ele, meu rapaz, que não estou às suas ordens, que não estou às ordens de ninguém, e que se o presidente da República, que se Napoleão I em pessoa bloqueasse meu caminho… E além do mais, chega, já falamos demais. Desapareça.

— O senhor não vai passar! — Mazeroux disse em um tom resoluto, abrindo os braços.

— Essa é boa.

— O senhor não vai passar.

— Alexandre, conte até dez.

— Até cem, se o senhor quiser, mas o senhor não…

— Ah! Você já está me irritando com esse seu refrão. Vamos, fora!

Ele agarrou Mazeroux pelos dois ombros, fez o homem girar e, com um empurrão, derrubou-o no sofá.

Então ele abriu a porta.

— Parado! Ou eu disparo!

Era Mazeroux, já de pé, com o revólver em punho e no rosto uma expressão implacável.

Dom Luís parou, perplexo. A ameaça lhe era absolutamente indiferente e o cano do revólver apontado para ele o deixava completamente tranquilo. Mas por que prodígio Mazeroux, seu cúmplice de outrora, seu fervoroso discípulo, seu dedicado servo, por que prodígio Mazeroux ousava executar tal gesto?

Perenna se aproximou dele e, apoiando sutilmente sobre o braço estendido:

— Ordem do comandante, não é?

— Sim — murmurou o brigadeiro, bastante confuso.

— Ordem de não me deixar partir até sua chegada?

— Sim.

— E se eu manifestar a intenção de sair, a ordem é me impedir de fazê-lo?

— Sim.

— Por todos os meios?

— Sim.

— Inclusive metendo uma bala em mim?

— Sim.

Perenna refletiu. Então, com um tom austero:

— Você teria disparado, Mazeroux?

O brigadeiro baixou a cabeça e articulou de modo fraco:

— Sim, chefe.

Perenna olhou para ele sem raiva, com um olhar de simpatia afetuosa, e ver seu ex-companheiro dominado por tal senso de dever e disciplina foi um espetáculo apaixonante. Nada prevalecia contra esse sentimento, nada, nem mesmo a ferrenha admiração, o apego de certo modo animalesco que

Mazeroux tinha por seu mestre.

— Não o culpo, Mazeroux. Na verdade, até aprovo você. Só que você vai me explicar por que razão o comandante-geral…

O brigadeiro não respondeu, mas seus olhos tinham uma expressão tão dolorosa que dom Luís sobressaltou, compreendendo tudo de repente.

— Não… não — ele exclamou —, é absurdo! Ele não pode ter pensado nisso… E você, Mazeroux, acha que sou culpado?

— Oh! Eu, chefe, confio no senhor tanto quanto em mim. O senhor não mata! Mas, mesmo assim, há certas coisas, coincidências…

— Coisas… coincidências… — repetiu dom Luís, lentamente.

Ele permaneceu pensativo, depois disse bem baixinho:

— Sim, há um fundo de verdade no que você diz. Sim, tudo isso coincide. Como é que eu não pensei nisso? Minha relação com Cosmo Mornington, minha chegada em Paris para a leitura do testamento, minha insistência para passar a noite aqui, o fato de que a morte dos dois Fauville me beneficia com todos esses milhões. Além disso… além disso… Mas o seu comandante-geral tem mesmo mil vezes razão! Ainda mais porque… enfim… enfim… é isso! Estou arruinado.

— Deixa disso, chefe.

— Arruinado, meu camarada, põe isso na sua cabeça. Arruinado, não como Arsène Lupin, ex-assaltante, ex-presidiário, ex qualquer coisa. Nesse campo, sou inatacável. Mas arruinado como dom Luís Perenna, homem honesto, herdeiro universal, etc. E isso é muito estúpido! Porque, afinal de contas, quem vai encontrar o assassino de Cosmo, Vérot e dos dois Fauville, se eu for atirado na prisão?

— Ora, chefe…

— Cale-se, ouça…

Um carro parou no boulevard, acompanhado por outro. Eram, obviamente, o comandante-geral e os magistrados da Procuradoria.

Dom Luís agarrou o braço de Mazeroux:

— Um único pedido, Alexandre, não diga que dormiu.

— Impossível, chefe.

— Triplo idiota! — resmungou dom Luís. — É possível alguém ser imbecil a esse ponto! Dá desgosto ser tão honesto. Então o quê?

— Então, chefe, descubra quem é o culpado…

— Hein! O que você está dizendo?

Mazeroux então pegou seu braço e, agarrando-se a ele com uma espécie de desespero e com a voz emocionada:

— Descubra o culpado, chefe. Sem isso, o senhor está liquidado. Isso é certo… o comandante me disse. A justiça precisa de um culpado. E esta noite. É preciso um… cabe ao senhor descobri-lo.

— Você tem umas ótimas observações, Alexandre!

— É um jogo para o senhor, chefe. Só cabe ao senhor querer jogar.

— Mas não há a menor pista, idiota!

— O senhor vai encontrar. É preciso. Eu imploro, entregue alguém. Eu seria muito infeliz se o senhor fosse preso. Além disso, logo o senhor, o chefe, acusado de homicídio! Não, não, eu suplico, descubra o culpado e entregue-o… O senhor tem o dia todo para isso… e Lupin já fez muito mais!

Ele gaguejava, chorava, torcia as mãos, fazia caretas cômicas. E era comovente essa dor, esse medo pela aproximação do perigo que ameaçava seu mestre.

A voz do senhor Desmalions foi ouvida no vestíbulo, através da tapeçaria que fechava o corredor. Um terceiro carro parou no boulevard e depois um quarto, provavelmente cheios de agentes.

O palácio estava cercado, sitiado. Perenna estava em silêncio.

Perto dele, com a figura ansiosa, Mazeroux parecia implorar.

Passaram alguns segundos. Depois Perenna declarou pausadamente:

— Pensando bem, Alexandre, admito que você viu claramente a situação e que os seus medos são totalmente justificados. Se eu não conseguir, dentro de algumas horas, entregar à justiça o assassino, ou assassinos, de Hippolyte Fauville e do seu filho, esta noite, quinta-feira, primeiro dia do mês de abril, serei eu, dom Luís Perenna, quem se deitará sobre a palha úmida.

A turquesa morta

Eram por volta de nove horas da manhã quando o comandante-geral entrou no escritório onde se desenrolou o drama incompreensível desse duplo e misterioso assassinato.

Ele sequer cumprimentou dom Luís, e os magistrados que o acompanhavam poderiam acreditar que dom Luís era apenas um auxiliar do brigadeiro Mazeroux se o chefe da Sûreté não tivesse tido o cuidado de especificar em poucas palavras o papel desse intruso.

O senhor Desmalions examinou brevemente os dois cadáveres e recebeu explicações rápidas de Mazeroux. Em seguida, voltando ao vestíbulo, ele subiu para o salão do primeiro andar, onde a senhora Fauville, avisada de sua visita, foi vê-lo quase imediatamente.

Perenna, que não tinha saído do corredor, também passou para o vestíbulo, que os criados do palácio, já cientes do crime, atravessavam em todas as direções, e ele desceu alguns degraus que o levaram ao primeiro patamar, que dava para a porta principal.

Ali havia dois homens e um deles lhe disse:

— Ninguém sai.

— Mas…

— Ninguém sai. Essa é a ordem.

— A ordem? E quem a deu?

— O próprio comandante.

— Que falta de sorte — disse Perenna, rindo. — Passei a noite acordado e estou esfomeado. Não há nenhuma forma de colocar alguma coisa no estômago?

Os dois agentes se entreolharam, e então um deles acenou para Silvestre, o criado, que se aproximou e conversou com ele. Silvestre se retirou em direção à sala de jantar e à copa e voltou com um croissant.

"Bem", pensou dom Luís, depois de agradecer, "aí está a prova. Estou preso. Era isso que eu queria saber. Mas falta lógica ao senhor Desmalions. Porque se é Arsène Lupin quem ele pretende reter aqui, todos esses corajosos agentes são um tanto insuficientes. E se é dom Luís Perenna, eles são inúteis, uma vez que a fuga do senhor Perenna tiraria dele qualquer chance de meter a mão na fortuna do bondoso Cosmo. Isto posto, vou me sentar."

Ele tomou o seu lugar no corredor e esperou pelos acontecimentos.

Através da porta aberta do escritório, ele viu os magistrados prosseguirem com a investigação. O médico legista fez um exame inicial dos dois corpos e imediatamente reconheceu os mesmos indícios de envenenamento que havia encontrado na noite anterior no cadáver do inspetor Vérot. Em seguida, os oficiais retiraram os corpos e os transportaram para os dois quartos adjacentes que pai e filho ocupavam antigamente no segundo andar do palácio.

O comandante-geral então desceu e dom Luís o ouviu dirigir estas palavras aos magistrados:

— Pobre mulher! Ela não queria acreditar, mas quando entendeu o ocorrido, caiu no chão desmaiada. Imaginem só! Marido e filho de uma só vez. Coitada!

A partir desse momento, ele não viu nem ouviu mais nada. A porta foi fechada. O comandante então teve que dar as ordens do lado de fora, através da comunicação que o jardim oferecia com a entrada principal, porque os dois agentes se instalaram no vestíbulo, no final do corredor, à direita e à esquerda da tapeçaria.

"Definitivamente", pensou Perenna, "minhas ações não estão em alta. Alexandre deve estar muito preocupado! Desesperado!"

Ao meio-dia, Silvestre lhe trouxe comida em uma bandeja. E a espera recomeçou, muito longa e dolorosa.

No escritório e no palácio, a investigação, interrompida pelo almoço, tinha sido retomada. Ele observava idas e vindas de todos os lados, além de ruídos de vozes. Depois de um bom tempo, cansado, entediado, ele se ajeitou na cadeira e adormeceu.

Eram quatro horas quando o brigadeiro Mazeroux o acordou. E, enquanto o acompanhava, Mazeroux sussurrou:

— Então, o senhor o encontrou?

— Quem?

— O culpado?

— Por Deus! — disse Perenna. — É tão simples como um bom-dia.

— Ah! Felizmente! — disse Mazeroux, todo alegre, sem entender a piada. — Sem esse culpado, como o senhor mesmo disse, o senhor estaria arruinado.

Dom Luís entrou. Na sala estavam reunidos o procurador da República, o juiz de instrução, o chefe da Sûreté, o comissário distrital, dois inspetores e três oficiais uniformizados.

Do lado de fora, no boulevard Suchet, ouviam-se clamores, e quando o comissário e os três agentes, obedecendo ao comandante-geral, saíram para dispersar a multidão, a voz rouca de um vendedor ambulante disse:

— *O duplo homicídio do boulevard Suchet! Detalhes curiosos sobre a morte do inspetor Vérot! A confusão da polícia!*

A porta foi então fechada e tudo ficou em silêncio.

"Mazeroux não estava enganado", pensou dom Luís, "eu ou o *outro*, está bem claro. Se eu não conseguir extrair, das palavras que serão ditas e dos fatos que ocorrerão durante o interrogatório, alguma luz que me permita designar a eles esse misterioso X, sou eu quem eles entregarão, esta noite, como alimento para o público. Cuidado, meu bom Lupin!"

Ele teve aquele arrepio de alegria que o fazia tremer à medida que as grandes batalhas se aproximavam. A atual, na verdade, era uma das mais terríveis que ele ainda teria que enfrentar. Ele conhecia a reputação do comandante-geral, sua experiência, sua tenacidade, o grande prazer que ele sentia em cuidar de casos importantes e investigá-los a fundo, pessoalmente, antes de entregá-los nas mãos do juiz, e Perenna também conhecia todas as qualidades profissionais do chefe da Sûreté, toda a fineza, toda a lógica penetrante do juiz de instrução.

Foi o comandante-geral quem direcionou a acusação. Ele fez isso claramente, sem desvios, com a voz ligeiramente seca, sem as mesmas entonações de simpatia direcionadas a dom Luís. Sua postura também estava mais rígida e já não havia mais aquela bonomia que, no dia anterior, havia surpreendido dom Luís.

— Senhor — disse ele —, as circunstâncias demandaram que, como herdeiro universal e como representante do senhor Cosmo Mornington, o senhor passasse a noite neste local enquanto um duplo homicídio acontecia. Portanto, gostaríamos de recolher o seu depoimento detalhado sobre os diversos incidentes desta noite.

— Em outras palavras, senhor comandante — disse Perenna, que respondeu diretamente ao ataque —, dadas as circunstâncias que o fizeram me autorizar a passar a noite aqui, o senhor está interessado em saber se o meu testemunho corresponde exatamente ao do brigadeiro Mazeroux.

— Sim — disse o comandante-geral.

— Isso significa que meu papel lhe parece suspeito?

O senhor Desmalions hesitou. Seus olhos fixaram os de dom Luís. Ele estava visivelmente impressionado com aquele olhar tão sincero. No entanto, ele respondeu e sua resposta foi clara e seu tom de voz brusco:

— Não cabe ao senhor me fazer as perguntas.

Dom Luís se curvou.

— Estou às suas ordens, senhor comandante.

— Por favor, diga-nos o que sabe.

Dom Luís fez uma cuidadosa relação dos acontecimentos. O senhor Desmalions refletiu por alguns momentos e disse:

— Há um ponto sobre o qual precisamos de alguns esclarecimentos. Quando o senhor entrou nesta sala às duas e meia da manhã e se sentou ao lado do senhor Fauville, não havia nenhum indício de que ele estava morto?

— Nenhum, senhor comandante… Caso contrário, o brigadeiro Mazeroux e eu teríamos disparado o alarme.

— A porta do jardim estava fechada?

— Certamente, já que tivemos que abri-la às sete da manhã.

— Com o quê?

— Com a chave do chaveiro.

— Mas como é que assassinos, vindos de fora, teriam conseguido abri-la?

— Com cópias falsas das chaves.

— O senhor tem alguma prova que lhe permita supor que ela foi aberta com chaves falsas?

— Não, senhor comandante.

— Então, até que se prove o contrário, temos de pensar que ela não poderia ser aberta do lado de fora e que o culpado estava do lado de dentro.

— Mas enfim, senhor comandante, só estávamos o brigadeiro Mazeroux e eu!

Houve um silêncio, um silêncio cujo significado era inquestionável e ao qual as palavras do senhor Desmalions dariam um valor ainda mais preciso.

— O senhor não dormiu durante toda a noite?

— Dormi sim, perto do fim da noite.

— Não dormiu antes, enquanto estava no corredor?

— Não.

— E o brigadeiro Mazeroux?

Dom Luís permaneceu indeciso por um segundo, mas poderia esperar que o honesto e escrupuloso Mazeroux desobedecesse às ordens de sua consciência?

Ele respondeu:

— O brigadeiro Mazeroux dormiu em sua poltrona e só acordou quando a senhora Fauville retornou, duas horas mais tarde.

Houve um novo silêncio que, evidentemente, significava isto:

— Então, durante as duas horas em que o brigadeiro Mazeroux dormiu, o senhor teve a real possibilidade de abrir a porta e assassinar os dois Fauville — concluiu o comandante-geral.

O interrogatório seguia o curso previsto por Perenna e o cerco começou a se estreitar em torno dele. Seu adversário conduzia o combate com uma lógica e um vigor que ele admirava muito.

"Minha nossa", ele pensou, "como é difícil se defender quando se é inocente! Minha asa direita e minha asa esquerda já estão destruídas. Será que o centro resistirá ao ataque?"

O senhor Desmalions, após chegar em um acordo com o juiz de instrução, voltou a falar nestes termos:

— Ontem à noite, quando o senhor Fauville abriu seu cofre diante do senhor e do brigadeiro, o que havia lá dentro?

— Uma pilha de papéis em uma das prateleiras, e entre os papéis, o caderno de capa cinza que desapareceu.

— O senhor não encostou nesses papéis?

— Não mais do que nos cofres, senhor comandante. O brigadeiro Mazeroux deve ter-lhe dito que esta manhã, em prol da regularidade da investigação, manteve-me fora do caminho.

— Então não houve o menor contato entre o senhor e esse cofre?

— Nenhum.

O senhor Desmalions olhou para o juiz de instrução e acenou com a cabeça. Se Perenna tivesse alguma dúvida de que uma armadilha estava montada para ele, bastaria dar uma espiada em Mazeroux: Mazeroux estava lívido.

Mas o senhor Desmalions continuou:

— O senhor esteve envolvido em investigações policiais. Então, é para o corajoso detetive que vou fazer uma pergunta.

— Responderei da melhor forma que puder, senhor comandante.

— Vejamos. No caso de ainda haver no cofre algum objeto, uma joia… suponhamos, um brilhante retirado de um alfinete de gravata, e que esse brilhante tenha sido retirado de um alfinete de gravata pertencente, sem nenhuma dúvida, a uma pessoa conhecida por nós, uma pessoa que tenha passado a noite neste palácio, o que o senhor pensaria dessa coincidência?

"Pronto", pensou Perenna, "aí está a armadilha. É claro que encontraram algo no cofre e que acreditam que isso me pertence. Bom. Mas, para isso seria preciso supor, uma vez que eu não toquei no cofre, que esse algo tenha sido roubado de mim e que alguém o tenha colocado no cofre para me comprometer. E isso é impossível, uma vez que só estou envolvido neste caso desde ontem à noite e não houve tempo, durante esta noite em que não vi ninguém, para que uma conspiração tão árdua fosse preparada contra mim. Então…"

O comandante-geral interrompeu esse monólogo e repetiu:

— Qual seria sua opinião?

— Haveria, senhor comandante, uma correlação inegável entre a presença desse indivíduo no palácio e os dois crimes cometidos.

— Teríamos, consequentemente, o direito de suspeitar desse indivíduo?

— Sim.

— É essa a sua opinião?

— Absolutamente.

O senhor Desmalions tirou um papel de seda do bolso, desdobrou e prendeu entre dois dedos uma pequena pedra azul:

— Aqui está uma turquesa que encontramos no cofre. Esta turquesa, sem dúvida nenhuma, pertence ao anel que o senhor usa no dedo indicador.

Um acesso de raiva abalou dom Luís. Ele rangeu os dentes:

— Ah, os patifes! Eles são muito espertos! Mas não, não posso acreditar…

Ele examinou seu anel. O gatinho era formado por uma grande turquesa extinta, morta, que contornava um círculo de pequenas turquesas irregulares, de um azul igualmente pálido.

Uma das pedras estava faltando. Exatamente aquela que o senhor Desmalions tinha na mão.

O senhor Desmalions perguntou:

— O que o senhor diz?

— Digo que essa turquesa faz parte do meu anel, que me foi dado por Cosmo Mornington da primeira vez que lhe salvei a vida.

— Então, estamos de acordo?

— Sim, comandante, estamos de acordo.

Dom Luís Perenna começou a andar pela sala, refletindo. Com a movimentação dos oficiais da Sûreté, que se aproximavam de cada uma das portas, ele percebeu que sua prisão tinha sido planejada. Uma palavra do senhor Desmalions e o brigadeiro Mazeroux seria obrigado a pegar seu chefe pelo colarinho.

Mais uma vez, dom Luís lançou um olhar para seu antigo cúmplice. Mazeroux esboçou um gesto de súplica, como se tivesse a intenção de dizer: "E então, o que o senhor está esperando para entregar o culpado a eles? Rápido, o tempo está se esgotando."

Dom Luís sorriu.

— O que está acontecendo? — perguntou o comandante num tom em que nada se percebia daquela cortesia involuntária que, apesar de tudo, ele havia demonstrado desde o início da instrução.

— É que… É que…

Perenna pegou uma cadeira pelo encosto, girou-a e se sentou dizendo esta única palavra:

— Conversemos.

E a palavra foi dita de tal maneira, e o movimento executado de modo tão decidido, que o comandante murmurou, perturbado:

— Não entendo bem…

— O senhor compreenderá, senhor comandante.

E, com a voz lenta, soletrando cada uma das sílabas de seu discurso, ele começou:

— Comandante, a situação é clara. Ontem à noite o senhor me concedeu uma autorização que compromete a sua responsabilidade da forma mais séria possível. Então o senhor precisa, a todo custo, e imediatamente, de um culpado. E esse culpado serei eu. Como acusação, o senhor tem a minha presença aqui, o fato de a porta estar trancada por dentro, o fato de o brigadeiro Mazeroux ter dormido durante a noite do crime e a descoberta dessa turquesa no cofre. É esmagador, admito. Soma-se a isso essa terrível presunção de que eu tenho todo o interesse no desaparecimento do senhor Fauville e do seu filho, pois se não houver herdeiro de Cosmo Mornington, recebo duzentos milhões. Perfeito. Então não me resta mais nada a não ser seguir à prisão… ou então…

— Ou então?

— Ou eu então entrego em suas mãos o culpado, o verdadeiro culpado.

O comandante-geral sorriu ironicamente e pegou seu relógio.

— Estou esperando.

— Será questão de uma horinha, senhor comandante — disse Perenna —, nem um minuto a mais, se o senhor me der carta branca. E a procura pela verdade merece, como me parece, um pouco de paciência.

— Assim espero — repetiu o senhor Desmalions.

— Brigadeiro Mazeroux, por favor, diga ao senhor Silvestre, o criado, que o comandante deseja vê-lo.

A um sinal do senhor Desmalions, Mazeroux saiu. Dom Luís explicou:

— Senhor comandante, se a descoberta da turquesa é, aos seus olhos, uma prova extremamente séria, ela é para mim uma revelação da maior importância. Eis o porquê. Aquela turquesa deve ter se desprendido do meu anel ontem à noite e rolado no tapete. Mas apenas quatro pessoas poderiam perceber essa queda enquanto ela acontecia, pegar a turquesa e, para comprometer o novo inimigo que eu era, colocá-la no cofre. A primeira dessas pessoas é um dos seus agentes, o brigadeiro Mazeroux. Não falemos nisso. A segunda está morta, o senhor Fauville. Não falemos disso. A terceira é o criado Silvestre. Gostaria de falar com ele. Serei breve.

A audiência com Silvestre foi, de fato, rápida. O criado foi capaz de provar que, antes da senhora Fauville chegar, para quem ele tinha que abrir a porta, ele não tinha saído da cozinha, onde jogava cartas com a empregada e outro criado.

— Está bem — disse Perenna. — Só mais uma coisa. O senhor deve ter lido nos jornais desta manhã sobre a morte do inspetor Vérot e visto o seu retrato, correto?

— Sim.

— O senhor conhece o inspetor Vérot?

— Não.

— No entanto, é provável que ele tenha vindo aqui durante o dia.

— Ignoro — respondeu o criado. — O senhor Fauville recebia muitas pessoas no jardim, e ele mesmo abria a porta.

— Não tem mais declarações a fazer?

— Nenhuma.

— Por favor, diga à senhora Fauville que o comandante-geral gostaria de falar com ela.

Silvestre se retirou.

O juiz de instrução e o procurador da República se aproximaram, surpresos.

O comandante exclamou:

— O quê! O senhor não está imaginando que a senhora Fauville estaria envolvida…

— Senhor comandante, a senhora Fauville é a quarta pessoa que pode ter visto cair minha turquesa.

— E daí? Tem-se o direito, sem provas reais, de supor que uma mulher possa ter matado o marido, que uma mãe possa ter envenenado o filho?

— Não estou supondo nada, senhor comandante.

— E então?

Dom Luís não respondeu. O senhor Desmalions não escondia sua irritação. No entanto, ele disse:

— Que seja, mas ordeno que permaneça em absoluto silêncio. Que perguntas devo fazer à senhora Fauville?

— Apenas uma, comandante. Além de seu marido, a senhora Fauville conhece algum descendente das irmãs Roussel?

— Por que essa pergunta?

— Porque, se esse descendente existe, não sou eu quem herda os milhões, mas ele, e é ele, e não eu, quem teria interesse no desaparecimento do senhor Fauville e de seu filho.

— Evidente… evidente… — murmurou o senhor Desmalions. — Mas ainda seria necessário que essa nova pista…

A senhora Fauville fez sua entrada enquanto ele dizia essas palavras. Seu rosto permanecia gracioso e charmoso, apesar do choro que tinha avermelhado suas pálpebras e alterado o frescor de suas bochechas. Mas seus olhos expressavam o medo do alarmismo, e o pensamento assombroso do drama dava à sua bela figura, ao seu caminhar e aos seus movimentos, algo de febril e brusco que davam pena de ver.

— Sente-se, minha senhora — disse o comandante com extrema deferência —, e perdoe-me por lhe impor a fadiga de uma nova emoção. Mas o tempo é precioso e temos que fazer tudo para garantir que as duas vítimas que a senhora lamenta sejam vingadas sem demora.

Lágrimas ainda escapavam dos lindos olhos e, com um soluço, ela gaguejou:

— Se a justiça precisa de mim, comandante…

— Sim, trata-se de uma informação. A mãe do seu marido está morta, não está?

— Sim, senhor comandante.

— E ela era de Saint-Étienne e seu sobrenome de solteira era Roussel?

— Sim.

— Élisabeth Roussel?

— Sim.

— Seu marido tinha algum irmão ou irmã?

— Não.

— Então, não há outros descendentes de Élisabeth Roussel?

— Nenhum.

— Muito bem. Mas Élisabeth Roussel tinha duas irmãs, não é?

— Sim.

— Ermeline Roussel, a mais velha, foi para o exílio e ninguém ouviu mais falar dela. A outra, a mais jovem…

— A outra se chamava Armande Roussel. Ela era minha mãe.

— Hein? Como?

— Eu disse que o nome de solteira da minha mãe era Armande Roussel, e eu me casei com meu primo, o filho de Élisabeth Roussel.

Foi uma verdadeira reviravolta.

Então, com a morte de Hippolyte Fauville e de seu filho Edmond, descendentes diretos da irmã mais velha, a herança de Cosmo Mornington passava a outro ramo genealógico, o de Armande Roussel, e esse ramo mais novo era representado atualmente pela senhora Fauville.

O comandante-geral e o juiz de instrução trocaram um olhar e ambos se voltaram instintivamente na direção de dom Luís Perenna. Ele não vacilou.

O comandante perguntou:

— A senhora não tem um irmão ou irmã?

— Não, senhor comandante, sou filha única.

Filha única! Ou seja, rigorosamente, sem qualquer contestação, agora que seu marido e filho estavam mortos, os milhões de Cosmo Mornington seriam dela, e somente dela.

Uma ideia terrível, um pesadelo pesava sobre os magistrados, e eles não conseguiam se desvencilhar dela: a mulher que tinham diante deles era a mãe de Edmond Fauville.

O senhor Desmalions observou dom Luís Perenna. Este escreveu algumas palavras num cartão e o entregou ao senhor Desmalions.

O comandante, que aos poucos retomava a atitude cortês do dia anterior em relação a dom Luís, leu esse cartão, refletiu por um momento e fez esta pergunta à senhora Fauville:

— Que idade tinha seu filho Edmond?

— Dezessete anos.

— A senhora parece tão jovem…

— Edmond não era meu filho, mas meu enteado, filho de uma primeira esposa com quem meu marido se casou, e que morreu.

— Ah! Desse modo, Edmond Fauville… — murmurou o comandante-geral, que não terminou sua frase…

Em dois minutos, a situação tinha mudado completamente. Aos olhos dos magistrados, a senhora Fauville já não era mais a viúva e a mãe irrepreensível. De repente, ela se tornava uma mulher cujas circunstâncias exigiam que fosse interrogada. Apesar de tudo o que estava a seu favor, por mais encantados que todos estivessem pela sedução de sua beleza, era

impossível não se perguntar se, por alguma razão, por ser a única, por exemplo, a gozar da enorme fortuna, ela não teria cometido a loucura de matar o marido e o garoto que era filho somente de seu marido. Em todo o caso, a questão estava posta. Era necessário respondê-la.

O comandante-geral retomou:

— A senhora conhece esta turquesa?

Ela pegou a pedra que lhe foi apresentada e a examinou sem demonstrar nenhuma inquietação.

— Não — ela disse. — Tenho um colar de turquesa que nunca uso. Mas as pedras são maiores e nenhuma delas tem essa forma irregular.

— Encontramos esta no cofre — disse o senhor Desmalions. — Ela faz parte de um anel que pertence a uma pessoa que conhecemos.

— Bem — ela disse vividamente —, temos que encontrar essa pessoa.

— Ela está aqui — disse o comandante-geral, apontando para dom Luís, que, deixado de lado, não tinha sido notado pela senhora Fauville.

Ela tremeu ao ver Perenna e exclamou, muito agitada:

— Mas este senhor estava aqui ontem à noite! Ele conversava com meu marido e… vejam, com este outro cavalheiro — disse ela, apontando para o brigadeiro Mazeroux. — É preciso interrogá-los, saber por que razão eles vieram. O senhor entende que se essa turquesa pertence a um dos dois…

A insinuação era clara, mas tão desastrada! E como ela deu peso ao argumento de Perenna:

— Essa turquesa foi apanhada por alguém que me viu ontem à noite e que quer me comprometer. Ora, além do senhor Fauville e do brigadeiro, só duas pessoas me viram, o criado Silvestre e a senhora Fauville. Portanto, uma vez que o senhor Silvestre está descartado, eu acuso a senhora Fauville de ter colocado a turquesa nesse cofre.

O senhor Desmalions retomou:

— A senhora pode me mostrar seu colar?

— Certamente. Ele está com minhas outras joias no meu armário espelhado. Vou buscá-lo.

— Não se incomode, minha senhora. Sua empregada o conhece?

— Muito bem.

— Nesse caso, o brigadeiro Mazeroux vai pedir a ela.

Durante os poucos minutos da ausência de Mazeroux, nenhuma palavra foi trocada. A senhora Fauville parecia absorvida por sua dor. O

senhor Desmalions manteve os olhos nela.

O brigadeiro voltou e trouxe uma caixa grande que continha uma coleção de joias.

O senhor Desmalions encontrou o colar, examinou-o e constatou que, de fato, as pedras eram diferentes da turquesa e que não faltava nenhuma no colar…

Mas, ao separar duas joias para desemaranhar uma tiara onde também havia pedras azuis, ele fez um gesto de surpresa.

— O que são essas duas chaves? — ele perguntou, mostrando duas chaves idênticas às que abrem a fechadura e o cadeado da porta do jardim.

A senhora Fauville se manteve muito calma. Nem um músculo de seu rosto se mexeu. Não havia qualquer indício de que essa descoberta a tivesse perturbado. Ela disse apenas:

— Não sei. Há muito tempo elas estão aqui…

— Mazeroux — disse o senhor Desmalions —, tente usá-las nessa porta.

Mazeroux executou a ordem. A porta foi aberta!

— De fato — disse a senhora Fauville —, agora me lembro que meu marido as tinha confiado a mim. Eu tinha uma cópia de cada…

Estas palavras foram pronunciadas no tom mais natural possível, e como se a jovem mulher não tivesse sequer vislumbrado a terrível carga que se levantava contra ela.

E não havia nada mais angustiante do que essa tranquilidade. Seria a marca de uma inocência absoluta? Ou a astúcia infernal de uma criminosa a quem nada comovia? Ela não entendia nada sobre o drama que se desenrolava e do qual ela era a heroína inconsciente? Ou adivinhava a terrível acusação que, pouco a pouco, a cercava de todos os lados e a ameaçava com o mais assustador dos perigos? Mas, nesse caso, como é que ela poderia ter cometido a inaudita imperícia de guardar as duas chaves?

Havia uma série de perguntas pululando na mente de todos. O comandante-geral se expressou assim:

— Enquanto o crime acontecia, a senhora estava fora de casa, não estava?

— Sim.

— Foi à Ópera?

— Sim, e depois à festa de uma das minhas amigas, a senhora Ersinger.

— Seu motorista estava com a senhora?

— Para ir à Ópera, sim. Mas eu ordenei que ele retornasse à garagem e ele voltou mais tarde para me buscar na festa.

— Ah! — fez o senhor Desmalions. — Mas como a senhora se deslocou da Ópera até a casa da senhora Ersinger?

Pela primeira vez, a senhora Fauville parecia compreender que era objeto de um verdadeiro interrogatório, e o seu olhar e a atitude deixaram transparecer uma espécie de mal-estar. Ela respondeu:

— Peguei um táxi.

— Na rua?

— Na praça da Ópera.

— À meia-noite.

— Não, às onze e meia. Saí antes do espetáculo acabar.

— A senhora tinha pressa de chegar à casa de sua amiga?

— Sim… ou melhor…

Ela parou, as bochechas estavam coradas, um tremor lhe remexia os lábios e o queixo, e ela disse:

— Por que tantas perguntas?

— Elas são necessárias, senhora. Eles podem desvendar alguma coisa. Por isso, peço que responda. A que horas chegou à casa da sua amiga?

— Não sei… não prestei atenção.

— A senhora foi direto para lá?

— Quase.

— Como quase?

— Sim, tive uma pequena dor de cabeça e pedi que o motorista entrasse na avenida Champs-Élysées, depois na avenida du Bois… bem devagar… e que depois retornasse pela Champs-Élysées…

Ela estava cada vez mais atrapalhada. Sua voz se apagava. Ela baixou a cabeça e ficou em silêncio.

Sem dúvida, não havia nenhuma confissão nesse silêncio e não havia nenhuma razão para crer que sua aflição fosse outra coisa que não uma consequência de sua dor. Mas ela parecia tão cansada que era possível admitir que, sentindo-se perdida, ela renunciava à luta. E era quase piedade o que se sentia por essa mulher contra quem todas as circunstâncias se voltavam e que se defendia tão mal que havia certa hesitação em pressioná-la ainda mais.

O senhor Desmalions parecia realmente indeciso, como se a vitória fosse muito fácil e ele tivesse certo escrúpulo em seguir com ela.

Mecanicamente, ele observou Perenna, que lhe entregou um pedaço de papel e disse:

— Este é o número de telefone da senhora Ersinger.

O senhor Desmalions murmurou:

— Sim, de fato… podemos saber… — e pegando o telefone, ele pediu:

— Alô. Louvre 25-04, por favor.

E conseguindo uma comunicação imediata, prosseguiu:

— Quem fala? O mordomo. Ah! A senhora Ersinger está em casa? Não? E o senhor…? Também não… Mas acho que o senhor mesmo pode me responder sobre o assunto. Aqui quem fala é o senhor Desmalions, comandante-geral, e preciso de uma informação. A que horas a senhora Fauville chegou esta noite? O que o senhor está me dizendo? Tem certeza disso? Às duas da manhã? Não antes disso? E ela foi embora depois de dez minutos, é isso? Bem… o senhor não está enganado sobre o horário de chegada? Insisto nisso formalmente. Então foi mesmo às duas da manhã? Duas horas da manhã… pois bem. Muito obrigado.

Quando o senhor Desmalions se virou, viu a senhora Fauville em pé ao lado dele, olhando-o com angústia. A mesma ideia se apoderou da mente dos assistentes: ou eles estavam na presença de uma mulher inocente, ou de uma atriz excepcional cujo semblante se prestava a mais perfeita expressão de inocência.

— O que o senhor quer comigo? — ela gaguejou. — O que significa isso? Explique-se!

Então o senhor Desmalions fez apenas uma pergunta:

— O que a senhora fez esta noite, das onze e meia até as duas da manhã?

Pergunta aterradora no ponto em que o interrogatório tinha chegado. Pergunta Fatal, que significava: "Se a senhora não pode indicar o emprego rigorosamente preciso de seu tempo enquanto o crime estava sendo realizado, temos o direito de concluir que a senhora não é alheia aos assassinatos de seu marido e enteado…"

Ela compreendeu isso e vacilou sobre as pernas, repetindo:

— É horrível… é horrível…

O comandante repetiu:

— O que a senhora fez? A resposta não deve ser difícil.

— Oh! — ela disse nesse mesmo tom de lamento. — Como o senhor pode ser capaz de acreditar? Oh! Não… Não… Como é possível? Como o senhor pode acreditar?

— Ainda não acredito em nada — disse ele. — Além disso, com uma só palavra a senhora pode estabelecer a verdade.

Supunha-se, pelo movimento dos seus lábios e pelo súbito gesto de resolução que a suscitaram, que ela ia dizer a tal palavra. Mas de repente ela pareceu atordoada, perturbada. Articulou algumas sílabas ininteligíveis e caiu em uma poltrona com soluços convulsivos e gritos de desespero.

Era a confissão. Era, pelo menos, a admissão da sua incapacidade de dar uma explicação plausível que encerraria o debate.

O comandante-geral se afastou dela e conversou em voz baixa com o juiz de instrução e com o procurador da República.

Perenna e o brigadeiro Mazeroux permaneceram sozinhos, perto um do outro. Mazeroux murmurou:

— O que eu lhe dizia? Eu sabia que o senhor encontraria! Ah, que grande homem o senhor é! O senhor fez essa história chegar até aqui!

Ele resplandecia à ideia de que o chefe estava fora de suspeita e não tinha mais qualquer desavença com seus próprios chefes, a quem ele venerava tanto quanto a dom Luís. Estavam todos de acordo agora. "Eram amigos". Mazeroux sufocava de alegria.

— Ela será presa, não é mesmo?

— Não — disse Perenna. — Não há "provas" suficientes para emitir um mandado de prisão.

— Como! — resmungou Mazeroux, indignado. — Não há provas suficientes! De todo modo, espero que o senhor não a deixe partir. Ela, que estava colocando as luvas para atacá-lo! Vamos, chefe, acabe com ela. Uma diabinha como essa!

Dom Luís permaneceu pensativo. Ele refletia a respeito das coincidências inauditas, do conjunto de fatos que cercavam a senhora Fauville por todos os lados. E Perenna poderia fornecer a prova decisiva que reuniria todos esses fatos e dar à acusação a base que ainda faltava.

Tratava-se da impressão dos dentes na maçã, a maçã escondida entre a folhagem do jardim. Para a justiça, isso equivaleria a uma impressão digital. Especialmente porque podemos corroborar essas marcas com as que

estavam gravadas na barra de chocolate.

Mas ele hesitava. E com a máxima atenção, ele examinava, com uma mistura de pena e repulsa, essa mulher que, muito provavelmente, tinha matado o marido e o filho do marido. Ele deveria desferir nela o golpe de misericórdia? Teria ele o direito de fazer o papel do justiceiro? E se estivesse enganado?

Nesse ínterim, o senhor Desmalions se aproximou dele, e, enquanto fingia falar com Mazeroux, foi a Perenna que ele disse:

— O que o senhor pensa disso tudo?

Mazeroux balançou a cabeça. Dom Luís respondeu:

— Eu penso, senhor comandante, que se essa mulher é culpada, ela se defende, apesar de toda a sua habilidade, com uma incrível inabilidade.

— O que isso significa?

— Significa que provavelmente ela foi apenas um instrumento nas mãos de um cúmplice.

— Um cúmplice?

— Lembre-se, senhor comandante, da exclamação do marido dela, ontem, na Chefatura: "Ah! Os miseráveis! Os miseráveis!". Há, portanto, pelo menos um cúmplice, que provavelmente é o homem cuja presença, como o brigadeiro Mazeroux deve ter dito ao senhor, foi percebida no café do Pont-Neuf, ao mesmo tempo que lá se encontrava o inspetor Vérot. Um homem de barba castanha, que usava uma bengala de ébano com punhos de prata. De modo que…

— De modo que — concluiu o senhor Desmalions — temos a chance de chegar ao cúmplice se prendermos ainda hoje, e por meras presunções, a senhora Fauville?

Perenna não respondeu. O comandante-geral retomou, pensativo:

— Prendê-la… prendê-la… ainda precisamos de provas. Vocês não encontraram nenhum vestígio?

— Nenhum, senhor comandante. É verdade que minha investigação foi sumária.

— Mas a nossa foi minuciosa. Nós revistamos a fundo esta sala.

— E o jardim, senhor comandante?

— Também.

— Com o mesmo cuidado?

— Talvez não. Mas me parece…

— Ao contrário, senhor comandante, a mim parece que, se os assassinos passaram pelo jardim para entrar e sair, teríamos alguma chance…

— Mazeroux — disse o senhor Desmalions —, vá ver isso um pouco mais de perto.

O brigadeiro saiu. Perenna, que se afastou novamente, ouviu o comandante-geral repetir para o juiz de instrução:

— Ah, se tivéssemos uma prova, só uma! É evidente que essa mulher é culpada. Há demasiadas presunções contra ela! E há também os milhões de Cosmo Mornington. Por outro lado, olhe para ela, olhe para tudo o que há de honesto em sua bela figura, tudo o que há de sincero em sua dor.

Ela continuava chorando, com soluços e sobressaltos de revolta que lhe cerravam os punhos. Em um momento, ela agarrou o lenço encharcado em lágrimas, deu uma mordida nele e o rasgou, como fazem algumas atrizes. E Perenna via os lindos dentes brancos, um pouco largos, úmidos e claros, que se enfureciam junto da fina batista, e pensava nas impressões da maçã. Um extremo desejo de saber o dominava. Seria aquela a mesma mandíbula que imprimiu sua forma na carne da fruta?

Mazeroux voltou. O senhor Desmalions foi ter com o brigadeiro, que lhe mostrou a maçã encontrada sob a hera. Imediatamente, Perenna pôde perceber a importância considerável que o comandante-geral atribuía às explicações e à descoberta inesperada de Mazeroux.

Houve uma longa conversa entre os magistrados, que resultou na decisão que dom Luís tinha planejado.

O senhor Desmalions voltou para junto da senhora Fauville.

Era o desfecho.

Ele refletiu por um momento sobre como deveria travar esta última batalha e disse:

— A senhora ainda não consegue nos dizer como ocupou seu tempo esta noite?

Ela fez um esforço e murmurou:

— Sim… sim… Eu estava de carro, dei um passeio e também caminhei um pouco a pé…

— Isto é um fato que será fácil de verificarmos quando tivermos encontrado o condutor do veículo. Enquanto isso, há uma ocasião que se apresenta para dissipar um pouco a impressão desagradável que o seu silêncio nos deixou…

— Estou pronta…

— Vejamos. A pessoa, ou uma das pessoas que participaram do crime, mordeu uma maçã que ela atirou no jardim e que acabamos de encontrar. Para eliminar qualquer hipótese que lhe diga respeito, pedimos que realize o mesmo gesto…

— Oh! certamente! — ela exclamou com vivacidade. — Se isso for suficiente para convencer o senhor…

Ela pegou uma das três outras maçãs que o senhor Desmalions tinha deixado na compoteira, e a levou à boca.

O ato era decisivo. Se as duas impressões eram iguais, a prova existia, garantida, irrefutável.

Antes de completar seu gesto, ela parou como se atingida por um súbito medo. Medo de uma armadilha? Medo do monstruoso acaso que poderia arruiná-la? Ou então medo da prova assustadora que ela criaria contra si mesma? Em todo caso, nada a acusaria mais violentamente do que essa hesitação suprema, incompreensível se ela era inocente, mas muito clara se ela era culpada!

— Do que tem medo, minha senhora? — disse o senhor Desmalions.

— Nada… nada… — ela disse, estremecendo. — Não sei… Temo tudo… tudo isso é tão horrível.

— Entretanto, senhora, asseguro que o que lhe pedimos não tem qualquer importância e só pode ter para a senhora, tenho certeza, consequências felizes. Então?

Ela levantou mais o braço, e depois um pouco mais, com uma lentidão que revelava sua inquietação. E de fato, da forma como os acontecimentos se desenrolavam, a cena tinha algo de solene e trágico que cerrava os corações.

— E se eu recusar? — ela perguntou repentinamente.

— É seu direito absoluto, senhora — disse o comandante-geral. — Mas vale a pena? Tenho certeza de que o seu advogado será o primeiro a lhe aconselhar…

— Meu advogado… — ela gaguejou, compreendendo o temível significado dessa resposta.

De repente, com uma resolução indomável e aquele ar que de certa forma feroz que lhe retorce o rosto nos minutos de grandes perigos, ela fez o movimento que foi constrangida a fazer e abriu a boca. Todos viram seus

dentes brancos reluzirem e eles logo se afundaram na fruta.

— Está feito, senhor — disse ela.

O senhor Desmalions se voltou para o juiz de instrução:

— O senhor está com a maçã encontrada no jardim?

— Aqui está ela, comandante.

O senhor Desmalions aproximou as duas frutas uma da outra.

E todos aqueles que se apressaram ao seu redor e olharam ansiosamente tiveram a mesma reação.

Ambas as impressões eram idênticas. Idênticas!

É verdade que, antes de afirmar, a partir da identidade de todos os detalhes, a analogia absoluta das impressões de cada dente, era preciso esperar pelos resultados da perícia. Mas havia uma coisa que não deixava dúvida: a completa semelhança da arcada dupla. Em uma fruta como na outra, o arco se arredondava de acordo com a mesma inflexão. Os dois semicírculos poderiam se confundir, ambos muito estreitos, um pouco alongados e ovais, e com um raio estreito, que é uma característica própria da mandíbula.

Os homens não disseram uma só palavra.

O senhor Desmalions levantou a cabeça. A senhora Fauville não se mexia. Estava lívida, enlouquecida de medo. Mas todos os sentimentos de pavor, estupor, indignação que ela poderia simular com a mobilidade de sua figura e seus dons prodigiosos de atriz não prevaleciam contra a evidência peremptória que se oferecia a todos os olhares.

As duas impressões eram idênticas. Os mesmos dentes tinham mordido ambas as maçãs!

— Senhora… — começou o comandante-geral.

— Não, não — ela exclamou, dominada por um ataque de fúria. — Não… isso não é verdade! Tudo isso é apenas um pesadelo, não é? O senhor vai me prender? Eu, ir para a cadeia! Mas isso é horrível! O que é que eu fiz? Ah! Juro que o senhor está enganado…

Ela segurava a cabeça com as duas mãos.

— Ah! Minha cabeça está explodindo. O que significa tudo isso? Eu não matei ninguém. Eu não sabia de nada. Soube tudo pelos senhores esta manhã. Como eu poderia adivinhar? Meu pobre marido… e o pequeno Edmond que me amava tanto e a quem eu amava. Mas por que eu os mataria? Digam, respondam, por favor! Não se mata alguém sem razão.

Então… Então… Respondam!

E, abalada por um novo acesso de raiva, com uma atitude agressiva, os punhos estendidos na direção do grupo de magistrados, ela disse:

— Os senhores não passam de carrascos… Não se tem o direito de torturar uma mulher assim! Ah, que horror! Me acusar, me prender… por nada! Isso é abominável! Que bando de carrascos toda essa gente! E é especialmente o senhor — ela se dirigia a Perenna —, sim, o senhor. Eu sei bem. É o senhor o inimigo! Ah! Eu entendo agora. O senhor tinha motivo. Estava aqui esta noite. Então por que não o prendem? Por que não o senhor, já que estava aqui e eu não? Eu não sei nada, absolutamente nada sobre tudo o que aconteceu. Por que não o senhor?

As últimas palavras foram ditas de forma pouco inteligível. A senhora Fauville não tinha mais forças. Precisou se sentar. Ela curvou a cabeça até os joelhos e chorou de novo, copiosamente.

Perenna se aproximou dela e, levantando seu rosto, descobrindo a figura devastada pelas lágrimas, disse-lhe:

— As marcas de dentes gravadas em ambas as maçãs são absolutamente idênticas. Portanto, é indubitável que ambas foram deixadas pela senhora.

— Não — ela disse.

— Sim — ele insistiu. — Esse é um fato materialmente impossível de negar. Mas a primeira impressão pode ter sido deixada pela senhora antes desta noite, ou seja, a senhora poderia ter mordido esta maçã ontem, por exemplo…

Ela gaguejou:

— O senhor acha? Sim, talvez, acho que me lembro… ontem de manhã…

Mas o comandante-geral a interrompeu:

— É inútil, minha senhora. Acabei de interrogar o criado Silvestre. Foi ele quem comprou as frutas ontem à noite, às oito horas. Quando o senhor Fauville foi se deitar, havia quatro maçãs na compoteira. Esta manhã, às oito horas, restavam apenas três. Então a que encontramos no jardim é, sem dúvida, a quarta, e essa quarta foi "marcada" esta noite. Essa marca é a dos seus dentes.

Ela gaguejou:

— Não fui eu… não fui eu… essa marca não é minha.

— Entretanto…

— Essa marca não foi feita por mim… Juro pela minha alma. Além disso, juro que vou morrer… Sim, morrer. Prefiro a morte à prisão. Vou me matar… vou me matar…

Os olhos dele estavam arregalados. Ela se enrijeceu num esforço supremo para se levantar. Mas, ao ficar de pé, girou em seu próprio eixo e caiu, inconsciente.

Enquanto a socorriam, Mazeroux acenou para dom Luís e disse em voz baixa:

— Fuja daqui, chefe.

— Ah, a instrução está dada! Estou livre?

— Chefe, olhe para o sujeito que chegou há dez minutos e que está conversando com o comandante. O senhor o conhece?

— Santo Deus! — reagiu Perenna depois de examinar um homem gordo, de pele vermelha, que não tirava os olhos dele. — Santo Deus! É o subchefe Weber.

— E ele o reconheceu, chefe! Ele reconheceu Lupin de primeira. Com ele, não há camuflagem suficiente. Ele tem um bom faro para isso. Ora, chefe, lembre-se de todos os truques que lhe pregou e pergunte a si mesmo se ele não fará o impossível para se vingar.

— Ele advertiu o comandante?

— Por Deus, sim! E o comandante ordenou que os camaradas o perseguissem. Se o senhor tentar fugir, será apanhado.

— Nesse caso, não há nada a fazer.

— Como assim não há nada a fazer? É preciso despistá-los, e do jeito certo.

— De que isso me serviria, já que vou para casa e todos sabem onde moro?

— Hein? Depois do que aconteceu, o senhor teria a audácia de ir para casa?

— Onde quer que eu durma? Debaixo de uma ponte?

— Mas, com mil raios! Então o senhor não entende que o resultado desta história será uma confusão infernal, que o senhor já está comprometido até o pescoço e que todos se voltarão contra o senhor?

— O que é que tem?

— Bem, desista do caso.

— E os assassinos de Cosmo Mornington e de Fauville?

— A polícia cuidará disso.

— Você é estúpido, Alexandre.

— Então transforme-se novamente em Lupin, o incrível e invisível Lupin, e lute pessoalmente contra eles, como no passado. Mas, pelo amor de Deus, não permaneça como Perenna! É muito perigoso. E não cuide mais, oficialmente, de um caso que não lhe diz respeito.

— Você tem cada uma, Alexandre. Estou interessado neste caso por causa dos duzentos milhões. Se Perenna não permanecer forte em seu posto, os duzentos milhões passarão bem debaixo de seu nariz. E pela primeira vez posso ganhar uns tostões com justiça e probidade. Isso seria vergonhoso.

— E se o prenderem?

— Não há nada a fazer. Estarei morto.

— Lupin está morto. Mas Perenna está vivo.

— Desde que não seja preso hoje, estou tranquilo.

— É só um adiamento. E, até lá, as ordens são formais. Sua casa será cercada e o senhor será vigiado dia e noite.

— Tanto melhor! A noite me dá medo.

— Mas que droga! O que o senhor está supondo…?

— Não suponho nada, Alexandre. Tenho certeza. Tenho certeza de que, agora, ninguém se incomodará em me prender.

— O Weber vai se incomodar!

— Não dou a mínima para o Weber. Sem ordens, o Weber não pode fazer nada.

— Mas as ordens lhe serão dadas!

— A ordem para me matar, sim; a de me prender, não. O comandante-geral está tão comprometido comigo que será obrigado a me apoiar. E depois, há ainda isto: o caso é tão absurdo, tão complexo, que vocês são incapazes de resolvê-lo. Mais dia, menos dia, vocês me procurarão. Ninguém além de mim está à altura de lutar com tais adversários, nem você, nem Weber, nem qualquer um dos seus colegas da Sûreté. Espero sua visita, Alexandre.

No dia seguinte, a perícia legal identificou as impressões das duas maçãs e também constatou que a dentada gravada na barra de chocolate era semelhante às outras.

Além disso, um motorista de táxi veio depor que uma senhora o tinha chamado na saída da Ópera, que ela tinha sido conduzida diretamente para o outro extremo da avenida Henri-Martin, e que lá ela havia se separado dele.

Ora, o final da avenida Henri-Martin fica a cinco minutos do palácio Fauville.

Confrontado com a senhora Fauville, esse homem não hesitou em reconhecê-la.

O que fazia ela nesse bairro durante mais de uma hora?

Marie-Anne Fauville estava presa. Naquela mesma noite, ela dormiu na prisão de Saint-Lazare.

Foi nesse mesmo dia, quando os repórteres começavam a divulgar certos detalhes da investigação, como a descoberta das impressões dentárias, que no momento ignoravam a quem atribuir, foi nesse dia que os dois principais jornais deram como título para seus artigos as mesmas palavras que dom Luís Perenna tinha usado para designar as marcas nas maçãs, as sinistras palavras que evocavam tão bem o caráter selvagem, feroz, e, por assim dizer, bestial da aventura:

Os dentes do tigre.

A cortina de ferro

Por vezes, a tarefa de contar a vida de Arsène Lupin é ingrata. É por essa razão que cada uma de suas aventuras é parcialmente conhecida pelo público, porque elas eram, cada uma a seu tempo, objeto de comentários apaixonados, e porque somos forçados, se quisermos desvendar o que aconteceu nas sombras, a recomeçar do início, e de forma minuciosa, a contar a história do que aconteceu em plena luz.

É em virtude dessa necessidade que devemos reiterar aqui a extrema emoção suscitada na França, na Europa e em todo o mundo, em razão das notícias dessa abominável série de crimes. De repente — porque dois dias depois o caso do testamento de Cosmo Mornington foi publicado —, quatro crimes eram revelados. A mesma pessoa, com toda certeza, tinha matado Cosmo Mornington, o inspetor Vérot, o engenheiro Fauville e o seu filho Edmond. A mesma pessoa tinha dado a idêntica e sinistra mordida, criando contra ela, por um estupor que parecia vingança do destino, a prova mais impressionante e acusatória, que dava às multidões o frisson da assustadora realidade: as marcas de seus dentes — os dentes do tigre!

No meio dessa carnificina, no momento mais trágico da fúnebre tragédia, eis que a mais estranha figura emergia das sombras! Eis que uma espécie de aventureiro heroico, de surpreendente inteligência e clarividência, desfazia em poucas horas uma parte do emaranhado de fios da intriga, previa o assassinato de Cosmo Mornington, anunciava o assassinato do inspetor Vérot, assumia a condução da investigação, entregava à justiça a monstruosa criatura cujos belos dentes brancos se ajustavam às impressões como pedras preciosas aos alvéolos de seu molde, embolsava, no dia seguinte a essas façanhas, um cheque de um milhão e,

finalmente, encontrava-se na condição de beneficiário de uma prodigiosa fortuna.

Eis que Arsène Lupin ressuscitava!

A multidão não estava enganada. Graças a uma intuição milagrosa, antes de um exame cuidadoso dos acontecimentos dar qualquer credibilidade à hipótese dessa ressurreição, ela proclamou: Dom Luís Perenna é Arsène Lupin.

— Mas ele está morto! — objetaram os incrédulos.

A que responderam:

— Sim, sob os escombros ainda carbonizados de um pequeno chalé situado perto da fronteira com Luxemburgo, foram encontrados os cadáveres de Dolorès Kesselbach e de um homem que a polícia identificou como sendo Arsène Lupin. Mas tudo isso prova que a encenação foi engendrada por Lupin que queria, por razões secretas, que acreditassem na sua morte. E tudo prova que a polícia aceitou e legalizou essa morte pela simples razão de querer se livrar do seu eterno adversário. Como indício, há as confidências de Valenglay, que já era presidente do conselho na época, e há o misterioso incidente da ilha de Capri, quando o imperador da Alemanha, no momento em que seria soterrado sob um deslizamento rochoso, foi supostamente salvo por um eremita que, de acordo com a versão alemã, não era outro senão Arsène Lupin.

Sobre isso, nova objeção:

— Que seja, mas leiam os jornais da época. Dez minutos depois, esse eremita se atirou do topo do promontório de Tibério.

E nova resposta:

— De fato. Mas o corpo não foi encontrado. E, precisamente, sabe-se que um navio resgatou no mar, nessas paragens, um homem que fazia sinais, e que esse navio se dirigia para a Argélia. Ora, comparem as datas e observem as coincidências: poucos dias após a chegada do navio à Argélia, o dito dom Luís Perenna, que está sob nossos cuidados hoje, alistou-se, em Sidi Bel Abbès, na Legião Estrangeira.

Naturalmente, a polêmica iniciada pelos jornais sobre esse assunto foi discreta. O personagem era temido, e os repórteres mantinham uma certa reserva em seus artigos, evitando afirmar categoricamente o que poderia haver de Lupin sob a máscara de Perenna. Mas no capítulo do legionário, em sua estadia no Marrocos, eles se vingaram e se refestelaram.

O comandante d'Astrignac havia se pronunciado. Outros oficiais, companheiros de Perenna, relataram o que tinham visto. Foram publicados os relatórios e as agendas que diziam respeito ao assunto, e o que foi chamado de "Epopeia do herói" se transformou em uma espécie de livro de assinaturas em que cada página contava sobre a mais louca e mais implausível das proezas.

Assim se formou a heroica lenda de Perenna. Ela destacava a energia sobre-humana, a prodigiosa ousadia, a estonteante fantasia, o espírito aventureiro, a habilidade física e o sangue-frio de um singularmente misterioso personagem difícil de não ser confundido com Arsène Lupin, mas um Arsène Lupin novo, maior, enobrecido por suas façanhas, idealizado e purificado.

Uma manhã, quinze dias após o duplo assassinato do boulevard Suchet, esse homem extraordinário, que despertava uma curiosidade tão ardente, e de quem falavam por toda parte como se fosse um ser fabuloso e de alguma forma irreal, dom Luís Perenna, vestiu-se e caminhou por sua residência.

Tratava-se de uma confortável e espaçosa construção do século XVIII, localizada na entrada do Faubourg Saint-Germain, na pequena praça do Palais-Bourbon, e que ele tinha comprado já mobiliada de um rico romeno, o conde Malonesco, mantendo para seu uso e serviço os cavalos, as carruagens, os automóveis, os oito domésticos e também a secretária do conde, a senhorita Levasseur, que se encarregava de administrar os funcionários, recepcionar e acompanhar os visitantes, jornalistas, os inoportunos ou os comerciantes de quinquilharias, atraídos pelo luxo da residência e pela reputação de seu novo proprietário.

Tendo completado a inspeção dos estábulos e da garagem, ele atravessou o pátio principal, voltou para o escritório, entreabriu uma das janelas e levantou a cabeça. Acima dele havia um espelho inclinado que refletia, por cima do pátio e do muro que o cercava, um lado inteiro da praça do Palais-Bourbon.

— Droga! — ele disse. — Esses policiais infelizes ainda estão aqui. E isso já dura duas semanas! Estou começando a ficar de saco cheio de toda essa vigilância.

De mau humor, começou a ler as correspondências, rasgando, depois de ler, as cartas que lhe diziam pessoalmente respeito, e anotando as outras: pedidos de ajuda, solicitações de entrevistas…

Quando acabou, chamou.

— Peça à senhorita Levasseur me trazer os jornais.

Há não muito tempo ela servia como leitora e secretária do conde romeno, e Perenna a acostumou a ler nos jornais tudo o que lhe dizia respeito e a dar-lhe, todas as manhãs, um relato preciso da instrução dirigida contra a senhora Fauville.

Ela usava sempre um vestido preto, muito elegante em tamanho e forma, e ele simpatizava muito com ela. A jovem tinha um ar de grande dignidade, uma fisionomia séria e pensativa, através da qual era impossível penetrar no segredo da alma, e que pareceria austera se cachos de cabelo loiros, rebeldes a qualquer disciplina, não a enquadrassem com uma auréola de luz e alegria. A voz tinha um timbre musical e suave que Perenna gostava de ouvir, e, um pouco intrigado com a reserva da senhorita Levasseur, ele se perguntava o que ela poderia pensar dele, de sua existência, do que os jornais contavam sobre seu passado misterioso.

— Nada de novo? — ele disse.

Ela leu as informações relativas à senhora Fauville, e dom Luís constatou que, desse lado, a investigação quase não havia progredido. Marie-Anne Fauville não se afastava de sua estratégia, chorando, indignando-se e afetando uma completa ignorância dos fatos sobre os quais ela era questionada.

— Isso é absurdo — ele pensou em voz alta. — Nunca vi ninguém se defender de uma forma tão desajeitada.

— Mas e se ela for inocente?

Era a primeira vez que a senhorita Levasseur formulava uma opinião, ou melhor, uma observação sobre o caso. Dom Luís olhou para ela, muito surpreso.

— A senhorita acha que ela é inocente?

Ela parecia pronta para responder e explicar o significado de sua interrupção. Era possível dizer que ela desfazia sua máscara de impassibilidade e que, sob o impulso dos sentimentos que a agitavam, sua figura assumia uma expressão mais animada. Mas, por um visível esforço, ela se conteve e murmurou:

— Não sei… não tenho nenhuma opinião a respeito.

— Talvez — disse ele, examinando-a curiosamente —, mas a senhorita está em dúvida… uma dúvida que seria admissível se não houvesse as

marcas deixadas pela mordida da senhora Fauville. Essas marcas são mais do que uma assinatura, mais do que uma admissão de culpa. E enquanto ela não der uma explicação satisfatória sobre isso…

Mas Marie-Anne Fauville não dava mais explicações sobre isso do que sobre as outras coisas. Ela continuava impenetrável. Por outro lado, a polícia não conseguia encontrar seu cúmplice, ou seus cúmplices, nem o homem com a bengala de ébano e o lornhão estampado de quem o garçom do café do Pont-Neuf tinha falado a Mazeroux e cujo papel parecia singularmente suspeito. Em suma, nenhuma luz surgia das profundezas da escuridão. Eles também procuraram em vão os vestígios do tal Victor, o primo das irmãs Roussel, que, na ausência de herdeiros diretos, herdaria a fortuna de Mornington.

— Isso é tudo? — perguntou Perenna.

— Não — respondeu a senhorita Levasseur —, há um artigo no *Écho de France*…

— Que fala de mim?

— Suponho que sim, senhor. O título é: *Por que não o prendem?*

— Isso é da minha conta — disse ele, rindo.

Ele pegou o jornal e leu:

Por que não o prendem? Por que prolongar, ao contrário de toda a lógica, uma situação anormal que deixa espantadas as pessoas honestas? Essa é uma pergunta que todos fazem e à qual a continuidade das nossas investigações nos permite dar a resposta exata.

Um ano após a suposta morte de Arsène Lupin, a justiça descobriu, ou pensou ter descoberto, que Arsène Lupin era, na verdade, o senhor Floriani, nascido em Blois e desaparecido. Ele mandou inscrever nos registros de estado civil, na página correspondente ao senhor Floriani, a menção 'falecido' seguida destas palavras: sob o nome de Arsène Lupin.

Portanto, para ressuscitar Arsène Lupin, não só seria necessário ter provas irrefutáveis da sua existência — o que não seria impossível — como também seria necessário pôr em prática os mecanismos administrativos mais complicados e obter um decreto do Conselho de Estado.

No entanto, parece que o senhor Valenglay, presidente do conselho, em acordo com o comandante-geral, se opõe a qualquer investigação muito minuciosa, susceptível de desencadear um escândalo temido pelos

superiores. Ressuscitar Arsène Lupin? Recomeçar uma luta com esse maldito personagem? Arriscar mais uma vez a derrota e o ridículo? Não, não, mil vezes não.

E é dessa forma inusitada que Arsène Lupin, o ex-ladrão, o impertinente reincidente, o rei dos bandidos, o imperador de roubos e fraudes, que Arsène Lupin pode, hoje, não clandestinamente, mas diante dos olhos e aos ouvidos do mundo todo, continuar o mais formidável trabalho que ele já realizou, viver publicamente sob um nome que não é o seu, mas que ele assumiu de uma forma incontestável, suprimir impunemente quatro pessoas que o atrapalhavam, enviar à prisão uma mulher inocente contra a qual ele mesmo acumulou as provas mais mentirosas, e, no final, apesar da revolta do bom senso, e graças a cúmplices inconfessáveis, tocar os duzentos milhões do legado de Mornington.

Essa é a verdade ignominiosa. É importante que ela seja dita. Esperamos que, uma vez revelada, ela influencie o curso dos acontecimentos.

— Pelo menos ela influenciará a conduta do imbecil que escreveu esse artigo — zombou dom Luís.

Ele dispensou a senhorita Levasseur e pediu para falar com o comandante d'Astrignac ao telefone.

— É o senhor, meu comandante? O senhor leu o artigo do *Écho de France*?

— Sim.

— O senhor se importaria de pedir uma reparação pública a esse senhor?

— Oh! Oh! Um duelo!

— Isso se faz necessário, meu comandante. Todos esses artistas me importunam com suas elucubrações. É preciso pôr uma mordaça neles. Estes pagarão pelos outros.

As negociações foram imediatas.

O diretor do *Écho de France* declarou que, embora o artigo, publicado em seu jornal sem uma assinatura e datilografado, tivesse sido publicado sem o seu conhecimento, ele assumia plena responsabilidade por ele.

No mesmo dia, às três horas, dom Luís Perenna, acompanhado pelo comandante d'Astrignac, por outro oficial e por um médico, partia do palácio na praça do Palais-Bourbon em seu automóvel e, seguido de perto por um táxi onde os agentes da Sûreté, responsáveis por vigiá-lo, se amontoaram, chegou ao Parc des Princes.

Enquanto esperava pelo adversário, o conde Astrignac chamou dom Luís de lado:

— Meu caro Perenna, não estou lhe pedindo nada. O que é verdade em tudo o que é publicado sobre você? Qual é o seu nome verdadeiro? Nada disso importa. Para mim, o senhor é o legionário Perenna, e isso basta. O seu passado começa no Marrocos. Quanto ao futuro, sei que o senhor não terá outro propósito senão vingar Cosmo Mornington e proteger os seus herdeiros. Só há uma coisa que me inquieta.

— Fale, meu comandante.

— Prometa que não matará esse homem.

— Dois meses de cama, comandante, isso é o suficiente?

— É muito. Quinze dias.

— Adjudicado.

Os dois adversários ficaram frente a frente. No segundo round, o diretor do *Écho de France* sucumbiu, atingido no peito.

— Ah! Isso está errado, Perenna — resmungou o conde Astrignac —, você tinha prometido…

— Prometi, e cumpri, meu comandante.

Nesse meio tempo, os médicos examinaram o ferido. Um deles se levantou e disse:

— Não é nada grave. Três semanas de repouso, no máximo. Um centímetro a mais e ele estaria perdido.

— Sim, mas o centímetro não foi ultrapassado — murmurou Perenna.

Sempre seguido pelo carro da polícia, dom Luís voltou ao Faubourg Saint-Germain, e foi então que ocorreu um incidente que o intrigaria singularmente e lançaria sobre o artigo do *Écho* uma novidade verdadeiramente estranha.

No pátio de seu palácio, ele viu duas cachorrinhas que pertenciam ao cocheiro e que geralmente ficavam no estábulo. Elas estavam brincando com uma bola de fios vermelhos que ficava presa em todos os lugares, nos degraus do alpendre, nos vasos de flores. No final, a bola de papel em torno

da qual os fios estavam enrolados apareceu. Dom Luís estava de passagem nesse exato momento. Seu olhar discerniu traços de escrita no papel. Então ele o pegou e desdobrou.

Ele estremeceu. Havia reconhecido imediatamente as primeiras linhas do artigo publicado no *Écho de France*. E o artigo estava lá, inteiramente escrito à caneta, em um papel quadriculado, com rasuras.

Ele chamou o cocheiro e perguntou:

— De onde veio esta bola de fios?

— Essa bola, senhor? Da selaria. Deve ter sido a Miza que…

— E quando é que o senhor enrolou os fios no papel?

— Ontem à noite, senhor.

— Ah! E de onde veio este papel?

— Juro que não sei exatamente, senhor… Eu precisava de alguma coisa para enrolar meus fios e peguei isso atrás da cocheira, lá onde são jogados os trapos da casa esperando serem usados na rua, à noite.

Dom Luís prosseguiu com suas investigações. Ele interrogou alguns e pediu à senhorita Levasseur para interrogar outros criados. Não descobriu nada, mas um fato estava garantido: o artigo do *Écho de France* tinha sido escrito — o rascunho encontrado era prova disso — por alguém que vivia na casa, ou que tinha relações com um dos seus habitantes.

O inimigo estava no local.

Mas que inimigo? E o que queria ele? Somente a prisão de Perenna?

Durante toda essa tarde, dom Luís permaneceu ansioso, atormentado pelo mistério que o rodeava, exasperado por sua inação e, sobretudo, por essa ameaça de prisão que, sem dúvida, não o preocupava, mas paralisava seus movimentos.

Também, quando anunciaram, perto das dez horas, que um indivíduo que se apresentou sob o nome de Alexandre insistia em vê-lo, quando ele fez entrar esse indivíduo e se viu frente a frente com Mazeroux, mas um Mazeroux disfarçado, escondido sob um velho e irreconhecível manto, ele se atirou sobre ele como sobre uma presa:

— Finalmente você chegou! Ei! Eu disse na Chefatura para não sair e você vem me procurar? Ah! Essa é boa. Diabos! Eu sabia que você não teria culhões para me prender e que o comandante-geral acalmaria um pouco o ardor intempestivo desse maldito Weber. Primeiro, prenderam o homem de que precisamos? Vai, conta. Meu Deus! Como você parece estúpido!

Responde logo. Em que pé estão as coisas? Ande, fale. Vou resolver isso em cinco segundos. Estou contando no relógio. Dois minutos. Vai dizer ou não?

— Mas, chefe… — hesitou Mazeroux.

— O quê? Vou ter que arrancar as informações à força! Vamos. Vou começar. É sobre o homem com a bengala de ébano, não é? Aquele que vimos no café do Pont-Neuf no dia em que o inspetor Vérot foi assassinado?

— Sim… de fato.

— Encontraram o rastro dele?

— Sim.

— Então, tagarela, vejamos!

— É o seguinte, chefe. Não foi só o rapaz do café quem reparou nele. Havia também um outro cliente, e esse outro cliente, que eu acabei descobrindo quem é, tinha saído do café ao mesmo tempo que nosso homem e, do lado fora, ouviu ele perguntar a um passante "Onde fica a estação de metrô mais próxima para ir a Neuilly?".

— Excelente. E, em Neuilly, interrogando aqui e ali, vocês encontraram o artista?

— Chegamos a descobrir até nome dele, chefe: Hubert Lautier, avenida Roule. Só que ele desapareceu, há seis meses, deixando toda a mobília e levando somente uma mala.

— Mas e os correios?

— Nós fomos aos correios. Um dos funcionários reconheceu a descrição física que lhe demos. Nosso homem vem a cada oito ou dez dias buscar suas correspondências, que, a propósito, não são numerosas. Uma ou duas cartas apenas.

— E essa correspondência está em nome dele?

— Com as iniciais.

— Ele se lembrou quais eram?

— Sim. B. R. W. 8.

— Isso é tudo?

— De minha parte, absolutamente tudo. Mas um dos meus colegas conseguiu descobrir, a partir dos depoimentos de dois policiais, que um indivíduo com uma bengala de ébano e cabo de prata e com um binóculo de tartaruga saiu da estação de Auteuil, por volta das onze horas e quarenta

e cinco, e seguiu para Ranelagh, na noite do duplo assassinato. O senhor se lembra da presença da senhora Fauville nesse bairro no mesmo horário? E se lembra de que o crime foi cometido pouco antes da meia-noite? Eu concluo…

— Já chega, vai embora.

— Mas…

— Depressa.

— Então não nos veremos mais?

— Nos encontramos em meia hora na porta da casa do nosso homem.

— Que homem?

— O cúmplice de Marie-Anne Fauville…

— Mas o senhor não sabe…

— O endereço dele? Mas foi você mesmo quem me deu. Boulevard Richard-Wallace, número oito. Vamos, não faça essa cara de idiota.

Ele o fez dar meia-volta, empurrou-o pelos ombros até a porta e o entregou, perplexo, nas mãos de um criado.

Ele também saiu alguns minutos depois, arrastando atrás de si os policiais destinados a vigiá-lo, deixando-os de plantão em frente a um imóvel de duas entradas e sendo conduzido de carro até Neuilly. Ele seguiu a pé pela avenida de Madrid e chegou ao boulevard Richard-Wallace, diante do bosque de Boulogne.

Mazeroux já estava esperando por ele em frente a uma pequena casa, cujos três andares se erguiam no fundo de um pátio limitado pelos muros altos da propriedade vizinha.

— Este aqui é o número oito?

— Sim, chefe, mas o senhor pode me explicar…

— Um segundo, meu velho, preciso recuperar o fôlego! Ele respirou fundo algumas vezes.

— Meu Deus! Como é bom se mexer! — ele disse. — É verdade, eu já estava enferrujando… E que prazer perseguir esses bandidos! Então você quer que eu explique?

Ele passou o braço sob o do brigadeiro.

— Ouça, Alexandre, e aproveite. Quando uma pessoa escolhe quaisquer iniciais para o seu endereço de correspondência, tenha certeza de que ela não as escolhe aleatoriamente, mas quase sempre de modo que as cartas tenham algum significado para aquele que se corresponde com ela, o

que permitirá que essa outra pessoa possa se lembrar facilmente do endereço que lhe foi dado.

— E neste caso?

— Neste caso, Mazeroux, um homem como eu, que conhece Neuilly e os arredores do bosque, compreende imediatamente essas três letras, B R W, e sobretudo essa letra estrangeira, W, uma letra inglesa. De modo que, na minha mente, diante dos meus olhos, instantaneamente, como uma alucinação, eu vi as três letras em seu lugar lógico de iniciais, no início das palavras que elas formam e que precisam delas. Vi o B do boulevard, vi R e o W inglês de Richard e de Wallace. E vim em direção ao boulevard Richard-Wallace. E é por isso, meu caro senhor, que tudo isso que estou lhe contando é uma grande inutilidade.

Mazeroux parecia um pouco cético.

— E o senhor acredita, chefe?

— Não acredito em nada. Eu procuro. Eu construo uma hipótese sobre a primeira base que me chega… uma hipótese verossímil. E eu penso… eu penso, Mazeroux, que este cantinho é diabolicamente misterioso e que esta casa…

— Shhh… Escute…

Ele empurrou Mazeroux para uma reentrância escura. Eles tinham ouvido o barulho de uma porta bater. De fato, passos cruzaram o pátio em frente à casa. A fechadura do portão externo rangeu. Alguém apareceu e a luz de um candeeiro de rua iluminou seu rosto.

— Com mil raios! — balbuciou Mazeroux. — É ele.

— Parece-me, de fato…

— É ele, chefe. Veja a bengala preta e o brilho do cabo. Além disso, o senhor viu o lornhão… e a barba. Como o senhor é sagaz, chefe!

— Acalme-se e vamos segui-lo.

O indivíduo tinha atravessado o boulevard Richard-Wallace e virava no boulevard Maillot. Ele caminhava rápido, a cabeça erguida, girando sua bengala com um gesto alegre. Acendeu um cigarro.

Do outro lado do boulevard Maillot, o homem passou pela outorga e adentrou em Paris. A estação de trem Ceinture estava próxima. Ele seguiu na direção dela e pegou o trem que o conduziria para Auteuil.

— Estranho — disse Mazeroux —, ele está fazendo exatamente o que fez há quinze dias, quando o vimos.

O indivíduo caminhou ao longo das fortificações. Em um quarto de hora, ele chegou ao boulevard Suchet e logo em seguida ao palácio onde o engenheiro Fauville e seu filho haviam sido assassinados. Em frente ao palácio, ele subiu as fortificações e ficou ali por alguns minutos, imóvel, olhando para a fachada. Então, retomando seu caminho, ele seguiu pela Muette e penetrou na escuridão do bosque de Boulogne.

— Ao trabalho, e com coragem! — disse dom Luís, que apertou o passo.

Mazeroux o segurou:

— O que o senhor quer dizer, chefe?

— Bem, vamos agarrá-lo exatamente pelo pescoço. Somos dois, e o momento é propício.

— Ora, chefe, o senhor não está pensando nisso, né?

— Por que não pensaria?

— Porque não se pode prender um homem sem motivo.

— Sem motivo? Um bandido dessa espécie? Um assassino? Do que mais você precisa?

— Na ausência de um caso de força maior, um flagrante delito, preciso de algo que não tenho.

— O quê?

— Um mandado. Não tenho um mandado.

A entonação de Mazeroux era tão convincente, e sua resposta parecia tão cômica para dom Luís Perenna, que ele caiu na gargalhada.

— Você não tem um mandado? Pobre rapaz! Bem, você vai ver se eu por acaso preciso de um mandado!

— Não vou ver é nada — exclamou Mazeroux, agarrado ao braço de seu companheiro. — O senhor não vai encostar nesse sujeito.

— Você é a mãe por acaso?

— Ora, chefe…

— Mas, honestíssimo homem — disse dom Luís, exasperado —, se deixarmos escapar a oportunidade, teremos outra?

— Facilmente. Ele vai voltar para casa. Vou avisar o comissário de polícia. Nós telefonaremos para a Chefatura e amanhã de manhã…

— E se o pássaro voar?

— Não tenho um mandado.

— Quer que eu assine um pra você, seu idiota?

Mas dom Luís conteve sua ira. Ele percebia que todos os seus argumentos se chocariam contra a obstinação do brigadeiro e que Mazeroux iria tão longe quanto necessário para defender o inimigo. Ele simplesmente formulou num tom sentencioso:

— Um imbecil, mais você, são dois imbecis. E o número de imbecis é tão grande quanto o de pessoas que querem agir como a polícia, usando trapos de papel, assinaturas, mandados e outros disparates. A polícia, meu rapaz, é feita com os punhos. Quando o inimigo se apresenta, nós o atacamos. Se não o fizermos, corremos o risco de atacar o vazio. Dito isso, boa noite. Vou para a cama. Telefone-me quando tudo estiver terminado.

Ele voltou para casa furioso, oprimido por uma aventura em que ele não pôde agir livremente, e teve que se submeter à vontade ou, melhor dizendo, à frouxidão dos outros.

Mas na manhã seguinte, ao acordar, o desejo de ver a polícia lutando com o homem com a bengala de ébano, e especialmente a sensação de que sua contribuição não seria inútil, impulsionaram-no a se arrumar rapidamente.

— Se eu não chegar a tempo — ele pensou —, eles vão se deixar enganar.

Justamente, Mazeroux o aguardava ao telefone. Ele correu para uma pequena cabine que seu antecessor tinha mandado construir no primeiro andar, em uma sala escura que se comunicava apenas com seu escritório, e acendeu a luz.

— É você, Alexandre?

— Sim, chefe. Estou em uma loja de vinhos perto da residência do boulevard Richard-Wallace.

— E o nosso homem?

— O pássaro está no ninho. Mas já estava na hora.

— Ah!

— Sim, a mala dele está pronta. Ele deve partir esta manhã.

— Como sabem disso?

— Soubemos pela governanta. Ela acabou de entrar na casa e vai abrir a porta para nós.

— Ele vive sozinho?

— Sim, essa mulher prepara as refeições dele e vai embora no fim do dia. Ninguém mais vem até essa casa, exceto uma senhora escondida sob

um véu, que lhe fez três visitas desde que ele chegou. A governanta não a conhece. De acordo com ela, ele é um pesquisador que passa seu tempo lendo e trabalhando.

— E você tem um mandado?

— Sim, vamos usá-lo.

— Estou a caminho.

— Impossível! É o subchefe Weber quem está no comando. Ah! Mas então o senhor não sabe da novidade a respeito da senhora Fauville?

— Sobre a senhora Fauville?

— Sim, ela tentou se matar ontem à noite.

— Hein! Ela tentou se matar?

Perenna tinha lançado uma exclamação de estupor e ficou muito surpreso ao ouvir, quase ao mesmo tempo, outro grito, como um eco muito próximo.

Sem soltar o telefone, ele se virou. A senhorita Levasseur estava no escritório, a poucos passos dele, com a figura contraída, lívida.

Os olhares deles se encontraram. Ele estava prestes a interrogá-la, mas ela se retirou.

"Por que diabos ela estava me ouvindo?", se perguntou dom Luís, "e por que esse ar de pavor?"

Enquanto isso, Mazeroux continuava:

— Ela havia dito que tentaria se matar. Teve muita coragem.

Perenna retomou:

— Mas como?

— Contarei em breve. Estão me chamando. Mas não venha, chefe.

— Sim — respondeu ele claramente —, estou indo.

— Então se apresse, chefe. Vamos invadir.

— Estou indo.

Ele desligou o telefone rapidamente e deu meia-volta para sair do escritório. Um movimento de recuo o atirou contra a parede do fundo.

No momento exato em que ele ia atravessar o limiar, algo explodiu acima de sua cabeça e ele só teve tempo de saltar para trás para evitar ser atingido por uma cortina de ferro que caiu na sua frente com terrível violência.

Mais um segundo e a enorme massa o teria esmagado. Ele sentiu um choque em sua mão. E talvez ele nunca tivesse sentido tão intensamente a

angústia do perigo iminente.

Após um momento de verdadeiro pânico, no qual ele permaneceu petrificado, com a mente confusa, ele retomou o sangue-frio e se lançou sobre o obstáculo.

Mas, de repente, o obstáculo lhe pareceu intransponível.

Era um pesado painel de metal, que não era feito de lamelas ou de peças ligadas umas às outras, mas formado por um único bloco, maciço, forte, rígido e que o tempo tinha revestido com sua pátina brilhante e escurecido aqui e ali por manchas de ferrugem. À direita e à esquerda, em cima e embaixo, as bordas do painel afundavam em um sulco estreito que as cobria hermeticamente.

Dom Luís estava preso. Dando socos, dominado por uma raiva repentina, ele se lembrou da presença da senhorita Levasseur em seu escritório. Se ela ainda não tivesse saído do quarto — e certamente ela não poderia tê-lo feito antes do acontecimento —, ela ouviria o barulho. Ela voltaria em seu auxílio, soaria o alarme e o salvaria.

Ele escutou. Nada. Chamou. Nenhuma resposta. Sua voz se chocava contra as paredes e contra o teto da saleta onde estava trancado, e ele tinha a impressão de que todo o palácio, para além dos salões, das escadas e dos vestíbulos, permanecia surdo ao seu chamado.

Entretanto… entretanto… e a senhorita Levasseur?

— O que significa isso? — ele murmurou. — O que significa tudo isso?

E agora, imóvel, taciturno, ele pensava novamente na estranha atitude da jovem, em sua figura espantada, seus olhos arregalados, e se perguntava também: por que acaso o mecanismo invisível tinha se desprendido e lançado sobre ele, silenciosamente e implacavelmente, a perigosa cortina de ferro?

O homem com a bengala de Ébano

No boulevard Richard-Wallace, o subchefe Weber, o inspetor-chefe Ancenis, o brigadeiro Mazeroux, três inspetores e o comissário de polícia de Neuilly estavam reunidos em frente à cerca do número oito. Mazeroux observava a avenida Madrid, pela qual dom Luís deveria vir, mas já começava a se inquietar, pois havia passado uma hora desde que eles tinham se falado por telefone e Mazeroux não encontrava mais pretextos para adiar a operação.

— Já está na hora — disse o subchefe Weber —, a governanta nos deu um sinal pela janela: o sujeito está se vestindo.

— Por que não o pegamos quando ele estiver saindo? — objetou Mazeroux.

— E se ele sair por alguma outra saída que não conhecemos? — questionou o subchefe. — Precisamos desconfiar de patifes como esse. Não, vamos atacá-lo em seu esconderijo. É mais certo.

— Entretanto…

— O que é agora, Mazeroux? — perguntou o subchefe, chamando-o de lado. — Então não vê que os nossos homens estão nervosos? Esse sujeito os preocupa. Só há uma maneira de pegá-lo, que é saltando sobre ele como se fosse um animal selvagem. Além disso, precisamos ter a situação resolvida antes da chegada do comandante-geral.

— Então ele vem?

— Sim. Ele quer ver tudo isso com os próprios olhos. Toda esta história é uma grande preocupação para ele. Portanto, vamos em frente! Estão prontos, rapazes? Vou tocar a campainha.

Tocaram de fato a campainha, e imediatamente a governanta correu e entreabriu a porta.

Embora o comando fosse manter a máxima calma para não assustar, o medo que ele inspirava era tal que houve uma confusão e todos os agentes correram para o pátio, prontos para a batalha… Mas uma janela foi aberta e alguém gritou do segundo andar:

— O que está acontecendo?

O subchefe não respondeu. Dois agentes, o inspetor-chefe, o comissário e ele invadiram a casa, enquanto os outros dois, que permaneceram no pátio, impediam qualquer fuga.

O encontro aconteceu no primeiro andar. O homem tinha descido, já vestido e com o chapéu na cabeça, e o subchefe disse:

— Parado! Não se mexa! O senhor é Hubert Lautier?

O homem parecia confuso. Cinco revólveres estavam apontados para ele. No entanto, nenhuma expressão de medo alterou o seu rosto e ele simplesmente disse:

— O que o senhor deseja? O que vieram fazer aqui?

— Viemos em nome da lei. Este é o mandado que lhe diz respeito, um mandado de prisão.

— Um mandado de prisão para mim!

— Para Hubert Lautier, domiciliado no boulevard Richard-Wallace, número oito.

— Mas isso é um absurdo! — disse ele. — É inacreditável. Por que razão…?

Sem demonstrar qualquer resistência, ele foi agarrado pelos dois braços e levado para uma sala bastante ampla onde havia apenas três cadeiras de palha, uma poltrona e uma mesa cheia de livros grandes.

— Ali — disse o subchefe —, e não se mexa. Ao menor gesto, será pior para o senhor…

O homem não protestou. Agarrado pelo colarinho pelos dois oficiais, ele parecia refletir, como se procurasse entender os motivos secretos de uma prisão à qual ele não havia sido preparado. Ele tinha um ar inteligente, uma barba castanha com reflexos ruivos, olhos azuis-acinzentados cuja expressão se tornava, em certos momentos, por trás dos binóculos que ele usava, um tanto rude. Os ombros largos e o pescoço vigoroso denotavam sua força.

— Podemos levá-lo para o cabriolé? — perguntou Mazeroux ao subchefe.

— Espere um pouco. O comandante-geral está chegando, já posso ouvi-lo. Vocês revistaram os bolsos? Tem armas?

— Não.

— Nada suspeito?

— Não, nada.

Assim que chegou, o senhor Desmalions examinou a figura do prisioneiro, falou em voz baixa com o subchefe e foi informado dos detalhes da operação.

— Bom trabalho — disse ele —, nós precisávamos disso. Presos, os dois cúmplices terão de falar e tudo será esclarecido. Então não houve resistência?

— Nenhuma, senhor comandante.

— Que seja! Fiquemos atentos.

O prisioneiro não tinha dito uma só palavra e conservava o ar pensativo de alguém para quem os acontecimentos não se prestam a nenhuma explicação. No entanto, quando ele percebeu que o recém-chegado era o comandante-geral, levantou a cabeça e o senhor Desmalions lhe disse:

— É inútil expor os motivos de sua prisão, não é mesmo?

Ele respondeu com um tom de voz deferente:

— Desculpe, senhor comandante, mas, pelo contrário, eu gostaria de saber o que está acontecendo. Não faço ideia do que isso tudo significa. Há um grande erro sendo cometido por seus agentes e uma explicação pode dissipá-lo. E eu desejo — e exijo — essa explicação…

O comissário encolheu os ombros e disse:

— O senhor é suspeito de ter participado do assassinato do engenheiro Fauville e de seu filho Edmond.

— Hippolyte está morto!

O grito foi espontâneo, quase inconsciente. Um grito de estupor e de pavor que fluía de um ser cujas profundezas da alma haviam sido perturbadas. E era tão estranho esse estupor, tão imprevisível essa pergunta pela qual ele queria demonstrar uma ignorância inaceitável!

Ele repetiu, com a voz surda e um tremor nervoso:

— Hippolyte está morto? O que o senhor está me dizendo? É possível que ele esteja morto? Como? Assassinado? Edmond também?

O comandante-geral voltou a encolher os ombros.

— O fato de o senhor ter chamado o senhor Fauville pelo primeiro nome mostra que o senhor era bastante próximo dele. E, admitindo que o senhor não tenha qualquer envolvimento no assassinato dele, ler os jornais da última quinzena seria suficiente para que o senhor já soubesse disso.

— Nunca leio jornais, senhor comandante.

— Hein! O senhor quer que eu acredite…

— Pode ser improvável, mas é a verdade. Eu vivo intensamente para o trabalho, lidando exclusivamente com a pesquisa científica para uma obra de vulgarização e sem tomar conhecimento ou me interessar por coisas externas. Por isso, desafio qualquer um no mundo a provar que li um único jornal durante meses e meses. E é por isso que tenho o direito de dizer que desconhecia o assassinato de Hippolyte Fauville.

— Mas o senhor conhecia o senhor Fauville.

— Há muito tempo, mas nós brigamos.

— Por que razões?

— Assuntos de família…

— Assuntos de família! Então os senhores eram parentes?

— Sim, Hippolyte era meu primo.

— Seu primo! O senhor Fauville era seu primo? Mas… mas então… Vejamos, explique-se. O senhor Fauville e sua esposa eram filhos de duas irmãs, Élisabeth e Armande Roussel. Essas duas irmãs foram criadas com um primo chamado Victor.

— Sim, Victor Sauverand, filho do avô Roussel. Victor Sauverand casou-se em outro país e teve dois filhos. Um morreu há quinze anos. O outro sou eu.

O senhor Desmalions estremeceu. Estava visivelmente perturbado. Se aquele homem dizia a verdade, se ele era realmente filho do Victor, cujo estado civil ainda não tinha sido descoberto pela polícia, o caso se encerraria ali mesmo, uma vez que o senhor Fauville e seu filho estavam mortos e que a senhorita Fauville, acusada de assassinato, havia sido destituída de seus direitos. O homem que prenderam, então, seria o herdeiro definitivo de Cosmo Mornington.

Mas por que aberração ele direcionaria contra si mesmo, sem ser obrigado a fazê-lo, essa acusação esmagadora? Ele retomou:

— As minhas revelações parecem surpreendê-lo, senhor comandante. Talvez elas esclareçam o erro de que sou vítima?

Ele se expressava sem qualquer incômodo, com grande educação e com uma notável distinção de voz, e não parecia suspeitar que suas revelações confirmavam a legitimidade das medidas adotadas contra ele.

Sem responder à sua pergunta, o comandante-geral perguntou:

— Então o seu nome verdadeiro é…?

— Gaston Sauverand — disse ele.

— Por que o senhor se apresenta como Hubert Lautier?

O homem demonstrou uma pequena fraqueza que não escapou a um observador tão perspicaz como o senhor Desmalions. Suas pernas vacilaram e os olhos tremeram.

— Isso não diz respeito à polícia, somente a mim.

O senhor Desmalions sorriu:

— O argumento é medíocre. O senhor também irá se opor se eu quiser saber por que se esconde, por que deixou sua residência na avenida Roule sem deixar um endereço e por que recebe sua correspondência nos Correios, sob iniciais?

— Sim, comandante, são ações de natureza privada e que só dizem respeito a mim. O senhor não tem que saber nada a esse respeito.

— Essa é a resposta exata que sua cúmplice nos dá a todo instante.

— Minha cúmplice?

— Sim, a senhora Fauville.

— Senhora Fauville?

Gaston Sauverand proferiu o mesmo grito dado no momento do anúncio da morte do engenheiro, e seu estupor foi ainda maior. Uma angústia deixou seu rosto irreconhecível.

— O quê?… Que…? O que o senhor está dizendo? Não é a Marie-Anne, certo? Não pode ser verdade!

O senhor Desmalions considerou desnecessário responder, pois esse hábito de ignorar tudo o que dizia respeito ao drama do boulevard Suchet era absurdo e infantil.

Fora de si, os olhos assustados, Gaston Sauverand murmurou:

— É verdade? Ela é vítima do mesmo equívoco que eu? Ela foi presa? Ela! Ela! Marie-Anne na prisão!

Seus punhos cerrados se ergueram num gesto de ameaça que se dirigia a todos os inimigos desconhecidos que o cercavam, àqueles que o perseguiam e que tinham assassinado Hippolyte Fauville e acusado Marie-Anne.

Mazeroux e o inspetor Ancenis o agarraram brutalmente. Ele fez um movimento de revolta como se fosse repelir os seus agressores, mas foi só um reflexo. Ele caiu sobre uma cadeira, escondendo o rosto entre as mãos.

— Que mistério! — ele balbuciou. — Não entendo… Não entendo…

Ele se calou.

O comandante-geral disse a Mazeroux:

— Foi a mesma cena da senhora Fauville, e interpretada por um ator da mesma espécie que ela e com a mesma intensidade. Nota-se que são parentes.

— Precisamos tomar cuidado com ele, senhor comandante. Por agora, sua prisão o deprimiu, mas cuidado quando ele despertar!

O subchefe Weber, que havia saído por alguns minutos, retornou. O senhor Desmalions perguntou:

— Está tudo pronto?

— Sim, senhor comandante. Pedi para o táxi se aproximar do portão, ao lado do seu carro.

— Quantos vocês são?

— Oito. Dois agentes acabaram de chegar do comissariado.

— Vocês revistaram a casa?

— Sim. A propósito, ela está quase vazia. Há apenas a mobília necessária e, no quarto, maços de papéis.

— Ótimo, levem-no e redobrem a vigilância.

Gaston Sauverand se deixou levar calmamente e seguiu o subchefe e Mazeroux. No limiar da porta, ele se virou:

— Senhor comandante, já que o senhor está realizando buscas, suplico que tome conta dos papéis que estão espalhados sobre a mesa do meu quarto: tratam-se de anotações que me custaram muitas madrugadas sem dormir. Além disso…

Ele hesitou, visivelmente envergonhado.

— Além disso?

— Bem, senhor comandante, vou dizer-lhe algumas coisas…

Ele pensava nas palavras que iria dizer e parecia temer as consequências enquanto as pronunciava. Mas de repente ele se decidiu:

— Senhor comandante, há aqui… em algum lugar… um pacote de cartas que é tão importante para mim quanto minha própria vida. Talvez, se essas cartas forem mal interpretadas, elas se transformem em armas contra mim… mas não importa… O mais importante… é preciso que… que elas estejam seguras… O senhor verá. Há ali documentos de extrema importância. E as confio ao senhor, e somente ao senhor.

— Onde elas estão?

— O esconderijo é fácil de encontrar. Basta subir na mansarda acima do meu quarto e pressionar, à direita da janela, um prego aparentemente inútil, mas que controla um esconderijo localizado do lado de fora, sob uma das ardósias, ao longo da calha.

Ele voltou a caminhar, supervisionado pelos dois homens. O comandante-geral os deteve.

— Um momento… Mazeroux, suba até a mansarda e me traga as cartas.

Mazeroux obedeceu e retornou após alguns minutos. Ele não tinha conseguido fazer o mecanismo funcionar. O comandante-geral ordenou que o inspetor-chefe Ancenis subisse com Mazeroux e levasse o prisioneiro, que lhes mostraria o funcionamento de seu esconderijo. Enquanto isso, ele permaneceu no quarto com o subchefe Weber, esperando o resultado da busca, e começou a examinar os títulos dos livros empilhados sobre a mesa.

Eram volumes de ciência entre os quais ele viu obras de química: *A química orgânica, A química nas relações com a eletricidade*. Todos estavam cheios de anotações nas margens. Ele folheava um deles quando pensou ter ouvido clamores. Correu. Mas, antes mesmo de atravessar o limiar da porta, uma detonação ecoou no vazio das escadas, seguida de um grito de dor. Imediatamente, ouviram-se mais dois tiros, e depois gritos, um barulho de luta e uma nova detonação…

Saltando quatro degraus por vez, com a agilidade inesperada para um homem de seu tamanho, o comandante-geral, seguido pelo subchefe, subiu até o segundo andar e alcançou o terceiro, que era mais estreito e mais íngreme.

Ao terminar a curva, um corpo que cambaleava acima dele caiu em seus braços: era Mazeroux, que estava ferido.

Sobre os degraus havia outro corpo inerte, o do inspetor-chefe Ancenis. No alto, sob os batentes de uma pequena porta, Gaston Sauverand, terrível, com a fisionomia feroz, tinha o braço estendido. Ele disparou uma quinta vez ao acaso. Depois, vendo o comandante-geral, mirou-o calmamente.

O comandante viu de relance a imagem terrível daquele cano apontado para o seu rosto e acreditou que estava tudo acabado. Mas, nesse exato segundo, atrás dele, houve uma detonação. A arma de Sauverand caiu de sua mão antes que ele pudesse atirar e o comandante viu, como se fosse uma miragem, um homem que tinha acabado de salvá-lo da morte e que passava sobre o corpo do inspetor-chefe, empurrava Mazeroux para a parede e corria, seguido pelos agentes.

Ele o reconheceu. Era dom Luís Perenna.

Dom Luís rapidamente entrou na mansarda onde Sauverand havia se refugiado, mas teve apenas o tempo de vê-lo em pé no parapeito da janela, pulando no vazio do alto do terceiro andar.

— Ele se jogou dali!? — fez o comandante-geral enquanto seguia na mesma direção. — Não conseguiremos pegá-lo vivo!

— Nem vivo nem morto, senhor comandante. Veja, ele está se levantando. Acontecem milagres com essas pessoas. Ele está correndo para o portão e só está mancando um pouco.

— Mas e os meus homens?

— Ora! Estão todos nas escadas, na casa, atraídos pelos tiros, cuidando dos feridos…

— Ah! Aquele demônio — reagiu o comandante-geral. — Ele fez uma jogada de mestre!

De fato, Gaston Sauverand fugia sem encontrar ninguém.

— Peguem-no! Peguem-no! — vociferou o senhor Desmalions.

Havia dois carros estacionados na rua, que é bastante larga naquele trecho — o carro do comandante-geral e o que o subchefe tinha pedido que trouxessem para transportar o prisioneiro. Os dois motoristas, sentados em seus assentos, não tinham percebido nada da confusão, mas viram Gaston Sauverand pular o muro, e o motorista da chefatura, em cujo assento um certo número de provas e objetos tinham sido depositados, pegou aleatoriamente a bengala de ébano, a única arma que ele tinha à mão, e correu corajosamente atrás do fugitivo.

— Peguem-no! Peguem-no! — gritava o senhor Desmalions.

O encontro se deu na saída do pátio e tudo aconteceu rapidamente. Sauverand saltou sobre o agressor, arrancou-lhe a bengala, deu um pulo para trás e quebrou a bengala na cabeça dele. Então, sem soltar o punho de prata, ele fugiu perseguido pelo outro motorista e por três agentes que finalmente surgiram do interior da casa. Ele estava trinta passos à frente dos agentes. Um deles fez diversos disparos em vão.

Quando o senhor Desmalions e o subchefe Weber desceram, encontraram no segundo andar, no quarto de Gaston Sauverand, o inspetor-chefe deitado na cama com o rosto pálido.

Ferido na cabeça, ele agonizava. Morreu quase imediatamente.

O brigadeiro Mazeroux, cuja ferida foi insignificante, contou, enquanto lhe faziam um curativo, que Sauverand o havia conduzido, juntamente com o inspetor-chefe, para a mansarda, e que, em frente à porta, mergulhou a mão rapidamente em uma espécie de sacola velha pendurada na parede, entre aventais domésticos e blusas velhas. Ele tirou de dentro um revólver e disparou à queima-roupa contra o inspetor-chefe, que caiu pesadamente. Agarrado por Mazeroux, o assassino se desvencilhou e disparou três vezes. A terceira bala atingiu o brigadeiro no ombro.

Assim, na batalha em que a polícia tinha uma tropa de agentes treinados, quando o inimigo cativo parecia não ter nenhuma chance de salvação, esse inimigo, por meio de um estratagema de uma audácia inaudita, eliminou dois de seus adversários, deixando-os fora de combate, atraiu os outros para dentro da casa e, deixando o caminho livre, fugiu.

O senhor Desmalions estava pálido de raiva e de desespero. Ele gritou:

— Ele nos enganou. As cartas, o esconderijo, o prego solto… tudo mentira. Ah! O bandido!

Ele desceu até o térreo e atravessou o pátio. No boulevard, encontrou um dos agentes que tinha corrido atrás do assassino e que voltava sem fôlego.

— O que é que aconteceu? — ele perguntou, ansioso.

— Senhor comandante, ele virou na próxima rua, onde um carro estava esperando por ele. O motor devia estar em atividade, porque nosso homem partiu imediatamente.

— Mas e o meu carro?

— O tempo de ligá-lo, senhor comandante, o senhor compreende…

— O carro que o levou era alugado?

— Sim… um táxi…

— Então vamos encontrá-lo. O motorista virá espontaneamente quando souber pelos jornais…

Weber sacudiu a cabeça:

— A não ser, senhor comandante, que esse motorista também seja um cúmplice. Além disso, mesmo que encontremos o carro, é possível admitir que um tipo como Gaston Sauverand ignora as formas de falsificar uma pista? Teremos muita dificuldade, senhor comandante.

— Sim — murmurou dom Luís, que havia acompanhado as primeiras investigações sem nada dizer, e que ficou sozinho por um momento com Mazeroux. — Sim, vocês terão muita dificuldade, especialmente se deixarem escapar as pessoas que tinham nas mãos. Hein, Mazeroux, o que foi que eu disse ontem à noite? Mas, mesmo assim, que bandido! E ele não está sozinho, Alexandre. Afirmo que ele tem cúmplices e que não estão longe. Há ao menos um deles em minha casa. Você me ouviu? Em minha casa!

Depois de questionar Mazeroux sobre a atitude de Sauverand e sobre os incidentes de sua prisão, dom Luís voltou para seu palácio da praça do Palais-Bourbon.

A investigação que ele precisava fazer estava, certamente, relacionada a acontecimentos igualmente estranhos, e, se o papel desempenhado por Gaston Sauverand na busca pela herança de Cosmo Mornington merecia sua total atenção, a conduta da senhorita Levasseur não o intrigava menos intensamente.

Era impossível para ele esquecer o grito de terror que havia escapado da jovem enquanto ele falava com Mazeroux ao telefone, e igualmente impossível esquecer a expressão assustada de seu rosto. Ora, poderia ele atribuir esse grito de terror e medo a qualquer outra coisa senão à frase proferida por ele em resposta a Mazeroux: "O que você está dizendo? A senhora Fauville tentou se matar?" O fato era certo, e havia entre o anúncio do suicídio e a emoção extrema da senhorita Levasseur uma relação óbvia demais para que Perenna não tentasse tirar disso suas conclusões.

Ele foi direto para seu escritório e examinou a baia que dava acesso à cabine telefônica. Essa baia, de formato arredondado, com cerca de dois metros de largura e muito baixa, estava fechada apenas por uma portinhola de veludo que, quase sempre levantada, a deixava exposta. Sob a

portinhola, entre as molduras fixadas na parede, dom Luís encontrou um botão móvel que, ao ser apertado, derrubou a cortina de ferro que o havia atingido duas horas antes.

Ele acionou o mecanismo três ou quatro vezes. Essas experiências provaram da forma mais categórica que o mecanismo estava em perfeitas condições e não podia funcionar sem intervenção externa. Então, Perenna devia concluir que a jovem pretendia matá-lo? Mas por que razões?

Ele estava prestes a chamá-la para lhe pedir explicações, mas o tempo passou e ele não o fez. Pela janela, ele a viu a atravessar o pátio. Ela caminhava com um andar lento e seu torso balançava sobre as ancas com um ritmo harmonioso. Um raio de sol iluminava o tom dourado de seus cabelos.

Dom Luís permaneceu o resto da manhã sentado em um sofá fumando charutos. Ele estava desconfortável, insatisfeito consigo mesmo e com os acontecimentos que não lhe apresentavam o menor vislumbre de verdade e que, pelo contrário, combinavam-se de forma a derramar ainda mais sombra na escuridão em que ele se debatia. Ansioso para agir, assim que agia, encontrava novos obstáculos que paralisavam sua vontade de agir, e nada na natureza desses obstáculos esclarecia sobre a personalidade dos adversários que os impunham. Mas, ao meio-dia, quando tinha acabado de dar a ordem para que o almoço fosse servido, seu mordomo entrou no escritório com uma bandeja na mão e exclamou com uma agitação que demonstrava que os funcionários da residência não ignoravam a situação embaraçosa do patrão:

— Senhor, é o comandante-geral.

— Hein? — perguntou Perenna. — Onde ele está?

— Lá embaixo, senhor. Soube há pouco… e achei melhor avisar à senhorita Levasseur. Mas…

— O senhor tem certeza?

— Aqui está o cartão dele, senhor.

Perenna leu, de fato, no cartão de visitas:

GUSTAVE DESMALIONS

Ele foi até a janela, abriu-a e, com a ajuda do espelho superior, observou a praça do Palais-Bourbon. Havia meia dúzia de indivíduos caminhando por lá. Ele os reconheceu.

Eram os vigias habituais dos quais ele tinha "se livrado" na noite anterior e que acabavam de retomar seus postos.

"Só isso?", ele pensou. "Vejamos, não há nada a temer, e o comandante-geral só tem boas intenções em relação a mim. Foi o que planejei e acho que fiz bem em salvar sua vida."

O senhor Desmalions entrou sem dizer uma única palavra. Ele apenas inclinou a cabeça ligeiramente, em um gesto que podia ser interpretado como uma saudação. Weber, que o acompanhava, não se deu ao trabalho de disfarçar os sentimentos que um homem como Perenna lhe inspirava…

Dom Luís pareceu não notar e, por outro lado, ofereceu apenas uma poltrona. Mas o senhor Desmalions começou a andar pela sala com as mãos para trás, como se quisesse continuar suas reflexões antes de proferir uma única palavra.

O silêncio se prolongou. Dom Luís aguardou tranquilamente.

Então, de repente, o comandante parou e disse:

— Ao deixar o boulevard Richard-Wallace, o senhor seguiu direto para casa?

Dom Luís aceitou a conversa sob esse tom de interrogatório e respondeu:

— Sim, senhor comandante.

O senhor Desmalions fez uma pausa e retomou:

— Saí trinta ou quarenta minutos depois do senhor e o meu carro me conduziu até a Chefatura. Tenho aqui este pneumático com uma carta que o senhor pode ler. Note que ela foi deixada na Bolsa de Paris às 9h30.

Dom Luís pegou o pneumático e leu as seguintes palavras, escritas em letras maiúsculas:

Advertimos que, após fugir, Gaston Sauverand encontrou seu cúmplice, o senhor Perenna, que, como sabem, é Arsène Lupin. Arsène Lupin lhe cedeu a residência de Sauverand para se livrar dele e ficar com toda a herança de Mornington. Eles se reconciliaram esta manhã e Arsène Lupin indicou a Sauverand um esconderijo seguro. A prova desse encontro e da cumplicidade deles é muito simples. Por precaução, Sauverand entregou a Lupin o pedaço da bengala que ele tinha pegado sem o seu conhecimento. Os senhores o encontrarão sob as almofadas que enfeitam um sofá situado entre as duas janelas do escritório de senhor Perenna.

Dom Luís encolheu os ombros. O conteúdo da carta era absurdo, uma vez que ele não tinha saído de seu escritório. Ele dobrou a carta tranquilamente e a devolveu ao comandante-geral sem tecer qualquer comentário. Estava determinado a deixar o senhor Desmalions conduzir toda a conversa. Este perguntou:

— O que o senhor tem a responder sobre a acusação?

— Nada, senhor comandante.

— No entanto, o conteúdo é bastante preciso e fácil de ser verificado.

— Muito fácil, senhor comandante, o sofá está ali, entre as duas janelas.

O senhor Desmalions esperou dois ou três segundos, depois aproximou-se do sofá e moveu as almofadas.

Sob uma delas, apareceu o pedaço da bengala.

Dom Luís não conseguiu conter um gesto de estupor e raiva. Nem por um segundo ele tinha considerado a possibilidade de tal milagre, e o evento o pegou de surpresa. No entanto, ele se controlou. Afinal de contas, não havia nenhuma evidência de que essa metade de bengala era realmente a que tinha sido vista nas mãos de Gaston Sauverand e que ele tinha inadvertidamente levado consigo.

— A outra metade está comigo — disse o comandante-geral, respondendo, assim, à objeção. — O subchefe Weber a recuperou pessoalmente no boulevard Richard-Wallace. Aqui está ela.

Ele tirou-a do bolso interno do sobretudo e fez o teste.

As extremidades dos dois pedaços de bengala se encaixavam perfeitamente uma à outra.

Houve um novo silêncio. Perenna estava confuso, como deviam ficar, como sempre ficavam aqueles a quem ele mesmo infligia derrotas e humilhações desse tipo. Ele não conseguia acreditar. Por que façanha Gaston Sauverand tinha conseguido, no curto espaço de vinte minutos, penetrar naquela casa e entrar nessa sala? A hipótese de um cúmplice ligado ao palácio não tornava o fenômeno menos inexplicável.

"Isso destrói minhas previsões", pensou ele, "e desta vez eu tenho que enfrentar a situação. Consegui escapar da acusação da senhora Fauville e impedir o golpe da turquesa. Mas o senhor Desmalions jamais vai admitir que haja uma tentativa semelhante agora, e que Gaston Sauverand queria, assim como Marie-Anne Fauville, me excluir da disputa, comprometendo-me e me fazendo ser preso."

— E então — disse, com voz grave, o impaciente comandante-geral —, responda! Defenda-se!

— Não, senhor comandante, não tenho por que me defender.

O senhor Desmalions bateu o pé e resmungou:

— Neste caso… neste caso… já que o senhor confessa… já que…

Ele agarrou a maçaneta da janela, pronto para abri-la. Um apito e os agentes invadiriam e o ato estaria consumado.

— Devo pedir que chamem seus inspetores, senhor comandante? — perguntou dom Luís.

O senhor Desmalions não respondeu. Ele soltou a maçaneta da janela e voltou a caminhar pela sala. De repente, enquanto Perenna procurava as razões para essa hesitação suprema, pela segunda vez ele se colocou diante de seu interlocutor e pronunciou:

— E se eu considerasse o incidente desta bengala de ébano como sem valor, ou melhor, como um incidente que, provando a traição de um dos seus empregados, não poderia comprometê-lo? E se eu considerasse apenas os serviços que o senhor já prestou para nós? Resumindo, se eu o deixasse livre?

Perenna não pôde deixar de sorrir. Apesar do incidente da bengala, embora todas as evidências estivessem contra ele, no momento em que tudo parecia estar ruindo, a coisa estava tomando a direção que ele tinha previsto desde o início, a mesma que ele tinha indicado para Mazeroux: precisavam dele.

— Livre? — ele repetiu. — Sem vigilância? Ninguém mais no meu encalço?

— Ninguém.

— E se a campanha da imprensa continuar em torno do meu nome, se alguém conseguir, como consequências de certas histórias e de certas coincidências, criar um levante da opinião pública, se alguém pedir que se tomem medidas contra mim?

— Essas medidas não serão tomadas.

— Então não tenho com que me preocupar?

— Não.

— O senhor Weber deixará de lado suas implicâncias comigo?

— Pelo menos ele vai agir como se as tivesse deixado de lado, não é, Weber?

O subchefe soltou alguns grunhidos que poderiam ser entendidos, a rigor, como aquiescência, e dom Luís imediatamente exclamou:

— Neste caso, senhor comandante, tenho certeza de chegar à vitória, e de acordo com os desejos e as necessidades da justiça.

Assim, por uma súbita mudança na situação, após uma série de circunstâncias excepcionais, a própria polícia, curvando-se às qualidades prodigiosas de dom Luís Perenna, reconhecendo tudo o que ele já tinha feito e pressentindo tudo o que ainda podia fazer, decidiu apoiá-lo, solicitou sua ajuda e ofereceu-lhe, por assim dizer, a condução das operações.

O tributo era lisonjeiro. Ele só se dirigia a dom Luís Perenna? E Lupin, o terrível, o indomável Lupin, não tinha o direito de reclamar sua parte? Era possível acreditar que o senhor Desmalions, no fundo, não admitia a existência dos dois personagens?

Nada na atitude do comandante-geral permitia criar qualquer hipótese sobre seu pensamento secreto. Ele propôs a dom Luís Perenna um desses pactos que a justiça é muitas vezes forçada a fazer para alcançar seu objetivo. O pacto estava concluído. Não se disse mais nada sobre isso.

— O senhor não tem informações a me solicitar? — ele perguntou.

— Sim, senhor comandante. Os jornais falaram de uma caderneta que teria sido encontrada no bolso do infeliz inspetor Vérot. Essa caderneta continha alguma indicação?

— Nenhuma. Notas pessoais, lista de despesas, só isso. Ah! Eu já estava esquecendo, a fotografia de uma mulher… uma fotografia sobre a qual ainda não consegui obter nenhuma informação. Não presumo, aliás, que ela tenha qualquer relação com o caso e não a comuniquei aos jornais. Veja, aqui está ela.

Perenna pegou o cartão que lhe foi oferecido e foi tomado por um tremor que não escapou ao senhor Desmalions.

— O senhor conhece essa mulher?

— Não… não, senhor comandante, eu pensei que… mas não… é uma simples semelhança… talvez um ar familiar, que vou verificar, inclusive, se for possível o senhor deixar essa fotografia comigo até hoje à noite.

— Até hoje à noite, está bem. Devolva-a ao brigadeiro Mazeroux, a quem darei ordens para se resolver com o senhor sobre tudo o que diz respeito ao caso Mornington.

Desta vez, a conversa estava concluída. O comandante-geral se retirou e dom Luís o acompanhou até a saída.

Mas, no limiar, o senhor Desmalions se virou e disse:

— O senhor salvou a minha vida esta manhã. Não fosse o senhor, aquele bandido do Sauverand…

— Oh! Senhor comandante — protestou dom Luís.

— Sim, eu sei, o senhor está habituado a essas coisas. Mesmo assim, aceite meus agradecimentos.

E o comandante-geral se despediu como se tivesse saudado realmente dom Luís Perenna, o nobre espanhol, herói da Legião Estrangeira. Quanto a Weber, ele colocou as mãos em seus bolsos e passou com um ar de mastim amordaçado, lançando sobre o inimigo um olhar de ódio atroz.

"Cretino!", pensou dom Luís. "Esse aí não me escapa quando a oportunidade surgir!"

De uma janela, viu o carro do senhor Desmalions arrancar. Os agentes da Sûreté seguiram os passos do subchefe e deixaram a praça do Palais-Bourbon. O cerco tinha se dissipado.

— Agora, ao trabalho! — disse dom Luís. — Estou livre para agir. A coisa vai esquentar.

Ele chamou o mordomo.

— Sirva-me e diga à senhorita Levasseur para vir falar comigo imediatamente após a refeição.

Ele foi até a sala de jantar e se sentou à mesa. Havia colocado a fotografia deixada pelo senhor Desmalions sobre a mesa e, inclinado sobre ela, examinava-a com extrema atenção.

A foto estava um pouco desbotada, um pouco gasta, como são as fotografias que ficam guardadas em carteiras ou entre os papéis, mas a imagem ainda era bastante nítida.

Era a imagem radiante de uma jovem mulher em um vestido longo de baile, com os ombros e os braços nus, com um penteado enfeitado com flores e folhas, que sorria.

— Senhorita Levasseur — ele murmurou diversas vezes —, será que é possível?

Num canto havia algumas letras borradas, pouco legíveis. Ele leu "Florence". Sem dúvida o primeiro nome da jovem.

Ele repetiu:

— Senhorita Levasseur… Florence Levasseur. Como sua fotografia teria ido parar na carteira do inspetor Vérot? E por que vínculo a leitora do conde húngaro, cuja sucessão eu assumi nesta casa, se relaciona com toda essa aventura?

Ele se lembrou do incidente da cortina de ferro. Lembrou-se também do artigo do *Écho de France* dirigido a ele e cujo rascunho havia encontrado no pátio de seu palácio. Ele evocou sobretudo o enigma do pedaço de bengala encontrado em seu escritório. E enquanto sua mente tentava compreender esses acontecimentos, enquanto ele tentava determinar o papel desempenhado pela senhorita Levasseur, seus olhos permaneciam fixos na fotografia e ele contemplava distraidamente o belo desenho da boca, a graça do sorriso, a encantadora linha do pescoço, o desabrochar dos ombros nus.

A porta foi aberta abruptamente. A senhorita Levasseur adentrou o recinto.

Nesse momento, Perenna, que estava sozinho, levava aos lábios um copo que tinha enchido de água. Ela saltou, agarrou-lhe o braço, arrancou o copo de sua mão e o atirou no chão, estilhaçando-o.

— O senhor bebeu? O senhor bebeu? — ela disse com a voz abafada.

Ele respondeu:

— Não, ainda não tinha bebido. Por quê?

Ela gaguejou:

— A água dessa garrafa… a água dessa garrafa…

— O que é que tem?

— Essa água está envenenada.

Ele saltou da cadeira e, por sua vez, agarrou o braço dela com extrema violência.

— Envenenada! O que a senhorita está dizendo? Fale! Tem certeza disso?

Apesar de seu autocontrole, ele ficou bastante assustado.

Conhecendo os efeitos perigosos do veneno usado pelos bandidos que ele estava perseguindo, tendo visto o cadáver do inspetor Vérot, os cadáveres de Hippolyte Fauville e de seu filho, ele sabia que, por mais treinado que fosse para suportar doses relativamente consideráveis de veneno, não escaparia da ação fulminante daquele. Esse veneno era implacável, e certamente e fatalmente o mataria.

A jovem estava em silêncio. Ele ordenou:

— Responda! Tem certeza disso?

— Não… foi uma impressão que tive… um pressentimento… há certas coincidências…

Era possível pensar que ela lamentava suas palavras e que tentava voltar atrás.

— Ora, ora — ele exclamou —, mas eu quero saber. A senhorita não tem certeza de que a água dessa garrafa estava envenenada?

— Não… pode ser…

— No entanto, há pouco…

— De fato eu pensei… mas não…

— É fácil ter certeza — disse Perenna, que tentou pegar a garrafa.

Ela foi mais rápida do que ele, pegou a garrafa e a quebrou contra a mesa.

— O que a senhorita está fazendo? — ele disse, exasperado.

— Eu estava enganada. Portanto, é inútil atribuir importância…

Dom Luís saiu rapidamente da sala de jantar. De acordo com suas ordens, a água que ele bebeu vinha de um filtro colocado em uma copa localizada no final do corredor, que ligava a sala às cozinhas e seguia para além delas.

Ele correu até lá e pegou sobre uma tábua uma tigela onde despejou água do filtro. Depois, seguindo pelo corredor que bifurcava naquele local e desembocava no pátio, ele chamou Mirza, a cachorrinha. Ela brincava ao lado do estábulo.

— Toma — disse ele, oferecendo a tigela.

A cachorrinha começou a beber, mas quase imediatamente ela parou e ficou imóvel, com as patas esticadas e completamente rígidas. Um arrepio a fez tremer. Ela gemeu, deu duas ou três voltas e caiu.

— Ela está morta — disse ele depois de tocar no animal.

A senhorita Levasseur tinha se juntado a ele. Ele se virou para a jovem e lançou:

— Era verdade, o veneno… e a senhorita sabia… Mas como?

Sem fôlego, ela comprimiu os batimentos e respondeu:

— Vi a outra cachorrinha bebendo na copa. Ela morreu. Eu avisei o motorista e o cocheiro. Eles estão no estábulo… e corri para avisá-lo.

— Mas então não havia dúvida. Por que a senhorita dizia que não tinha certeza de haver veneno, uma vez que…

O cocheiro e o motorista estavam saindo do estábulo. Arrastando a jovem, Perenna lhe disse:

— Precisamos conversar. Vamos até sua casa.

Eles retornaram ao corredor sinuoso. Ao lado da copa onde o filtro estava instalado, havia um outro corredor que terminava em três degraus. No topo desses degraus, uma porta.

Perenna a empurrou: era a entrada para o apartamento reservado à senhorita Levasseur. Chegaram a um salão. Dom Luís fechou a porta da entrada e também a do salão.

— Agora vamos resolver tudo — ele disse em um tom resoluto.

Shakespeare, volume oito

Dois pavilhões, de uma época tão antiga quanto o restante do palácio, flanqueavam, à direita e à esquerda, o baixo muro que se erguia entre o pátio principal e a praça do Palais-Bourbon. Esses pavilhões estavam ligados ao edifício principal localizado na parte de trás do pátio por uma série de construções que eram usadas como dependências. De um lado, cocheiras, estábulo, selaria, garagem, e, no final, o pavilhão dos empregados. Do outro lado, rouparias, cozinhas, copas e, no final, o pavilhão reservado à senhorita Levasseur.

Esse pavilhão tinha apenas um andar, constituído por um vestíbulo obscuro e uma grande sala na qual a sala de estar ocupava o espaço maior e, do outro lado, havia um quarto que, na verdade, era apenas uma espécie de alcova. Uma cortina mantinha isolados a cama e o banheiro. Duas janelas davam para a praça do Palais-Bourbon.

Era a primeira vez que dom Luís entrava no apartamento da senhorita Levasseur. Por mais absorto que estivesse, ele se rendeu ao encanto. A mobília era simples. Poltronas velhas, cadeiras de mogno, uma escrivaninha da época do Império, sem ornamentos, uma mesinha de centro com pés maciços e prateleiras com livros. Mas a cor clara das cortinas de tela alegrava o ambiente. Nas paredes haviam reproduções de pinturas famosas, desenhos de monumentos e paisagens ensolaradas, cidades italianas, templos da Sicília…

A jovem permanecia em pé. Ela havia retomado, com sangue-frio, seu ar enigmático, muito desconcertante pela imobilidade de seus traços e pela expressão deliberadamente sombria sob a qual Perenna acreditava entrever uma emoção contida, uma vida intensa, sentimentos tumultuados que a

energia mais atenta tinha dificuldade em disciplinar. O olhar não era nem amedrontador, nem provocador. Era possível acreditar que ela não tinha nada a temer.

Dom Luís ficou calado por um bom tempo. Coisa estranha e da qual ele se dava conta com irritação. Ele sentia um certo embaraço diante daquela mulher contra a qual, no fundo, ele tinha as acusações mais graves. E não ousando elaborar nem dizer exatamente o que pensava, ele começou:

— A senhorita sabe o que aconteceu esta manhã nesta casa?

— Esta manhã?

— Sim, quando encerrei um telefonema?

— Soube depois, pelos criados, pelo mordomo…

— Antes não?

— Como eu poderia ter sabido antes?

Ela estava mentindo. Era impossível ela não estar mentindo. No entanto, com que voz calma ela respondeu! Ele retomou:

— Vou contar, resumidamente, o que aconteceu. Eu estava saindo da cabine telefônica quando a cortina de ferro embutida na parte superior da parede caiu à minha frente. Tendo certeza de que não conseguiria me desvencilhar sozinho de tal obstáculo, resolvi simplesmente, uma vez que tinha o telefone à minha disposição, pedir ajuda a um amigo. Por isso telefonei ao comandante d'Astrignac. Ele atendeu ao meu chamado e, com a ajuda do mordomo, me socorreu. Foi isso que lhe disseram?

— Sim, senhor. Eu tinha me retirado para o meu quarto, o que explica por que eu não sabia nada sobre o incidente, nem sobre a visita do comandante d'Astrignac.

— Que seja. No entanto, descobri que o mordomo, e todos que trabalham aqui, por sinal, incluindo a senhorita, sabiam da existência dessa cortina de ferro.

— Certamente.

— E quem contou?

— O conde Malonesco. Soube por ele que, durante a Revolução, sua bisavó materna permaneceu escondida durante treze meses nesse refúgio. Naquela época, a cortina era revestida por uma madeira semelhante à da sala.

— É uma pena que eu não tenha sido avisado, porque faltou muito pouco para eu ser esmagado.

Essa eventualidade não pareceu comover a jovem. Ela disse:

— É importante verificar o mecanismo e descobrir por que razão ele foi acionado. É tudo muito antigo e funciona mal.

— O mecanismo funciona perfeitamente. Eu mesmo verifiquei. Não podemos culpar o acaso.

— Quem então, se não o acaso?

— Algum inimigo que não conheço.

— Alguém o teria visto.

— Só uma pessoa poderia tê-lo visto, a senhorita, que passava por meu escritório no exato momento em que eu falava ao telefone e cuja exclamação de medo em relação à senhora Fauville me surpreendeu.

— Sim, a notícia do suicídio dela me tocou profundamente. Tenho muita pena dessa mulher, seja ela culpada ou não.

— E enquanto a senhorita estava ao lado da baia, com a mão ao alcance do mecanismo, a presença de um malfeitor não lhe escaparia.

Ela não baixou os olhos. Um rubor cobriu-lhe a face. Ela disse:

— De fato eu o teria encontrado, já que, aparentemente, eu me retirei poucos segundos antes do acidente.

— Certamente — disse ele. — Mas o que é curioso… implausível, é que a senhorita não ouviu o estrondo da cortina caindo, nem meus chamados, tampouco o escândalo que fiz.

— Eu provavelmente já tinha fechado a porta do escritório. Não ouvi absolutamente nada.

— Então eu devo supor que alguém estava escondido no meu escritório nesse momento e que essa pessoa tem relações de cumplicidade com os bandidos que cometeram o duplo crime do boulevard Suchet, uma vez que o comandante-geral acaba de descobrir, sob as almofadas do meu sofá, o pedaço de uma bengala que pertence a um desses bandidos.

Ela parecia muito surpresa. Com efeito, essa nova história parecia-lhe completamente desconhecida. Ele se aproximou dela e, olhando em seus olhos, articulou:

— Pelo menos admita que isso é estranho.

— O que é estranho?

— Essa série de acontecimentos, todos voltados contra mim. Ontem, esse rascunho de carta que encontrei no pátio — o rascunho do artigo publicado no *Écho de France*! Esta manhã, primeiro a queda da cortina de

ferro no exato momento da minha passagem, e depois a descoberta dessa bengala… e depois… e depois… há pouco, essa garrafa com água envenenada…

Ela balançou a cabeça e murmurou:

— Sim… sim… há um conjunto de acontecimentos…

— Um conjunto de acontecimentos — concluiu ele com ênfase — cujo significado é tal que, sem dúvida, devo considerar como certa a intervenção direta do mais implacável e ousado dos inimigos. Sua presença já está provada. Sua ação é constante. Seu objetivo é evidente. Por meio do artigo anônimo, desse pedaço de bengala, ele tentou me comprometer e fazer com que eu fosse preso. Com a queda da cortina, ele quis me matar, ou pelo menos me manter preso por algumas horas. E agora o veneno, o veneno que mata covardemente, sorrateiramente, e que foi despejado no meu copo e que amanhã será colocado na minha comida… E então será o punhal, a bala de revólver ou a corda do estrangulamento… o que quer que seja… desde que eu desapareça, pois é isso que desejam: me aniquilar. Eu sou o adversário, sou o cavalheiro de quem têm medo, aquele que, mais dia ou menos dia, desvendará o mistério e ficará com os milhões que sonham roubar. Eu sou o intruso. Diante da herança de Mornington, vigilante, ali estou eu.

"É a minha vez de ser eliminado. Quatro vítimas já morreram. Serei a quinta. Gaston Sauverand decidiu isso, Gaston Sauverand ou qualquer outro que conduz o caso. E o cúmplice está aqui, neste palácio, no coração da praça, ao meu lado. E ele me espreita. Ele segue todos os meus passos. Ele vive na minha sombra. Ele procura, para me golpear, o minuto oportuno e o lugar favorável. Pois bem, já estou farto. Quero saber, quero e vou saber. Quem é ele?"

A jovem havia recuado um pouco e se apoiava na mesinha de centro.

Ele deu um passo para frente e, sem tirar os olhos dela, enquanto procurava um indício de preocupação em seu rosto inalterável ou um arrepio de inquietação, repetiu, de forma mais violenta:

— Quem é esse cúmplice? Quem aqui jurou a minha morte?

— Não sei — ela disse —, eu não sei. Talvez não haja nenhuma conspiração, como o senhor acredita, mas acontecimentos fortuitos…

Ele teve vontade de dizer, com seu hábito de tratar informalmente aqueles que considerava adversários:

“Você está mentindo, minha querida. É você a cúmplice. Você, que surpreendeu minha conversa ao telefone com Mazeroux, só você poderia ir em auxílio de Gaston Sauverand, esperar por ele de carro na esquina do boulevard, e, por ordem dele, trazer o pedaço da bengala até aqui. É você, beldade, quem quer me matar, por razões que ignoro. A mão que me golpeia na escuridão, é a sua.”

Mas era impossível para ele tratá-la dessa maneira, e o fato de não ousar gritar sua certeza com palavras de indignação e raiva o exasperava tanto que ele tomou os dedos dela entre os seus e os apertou com força, e seu olhar e toda sua atitude acusavam a jovem com ainda mais força do que as mais amargas palavras que ele poderia ter dito.

Dominando-se, ele soltou sua presa. A jovem se libertou com um gesto rápido em que havia revolta e ódio. Dom Luís disse:

— Que seja. Vou interrogar os criados. Se necessário, demitirei aqueles que me parecerem suspeitos.

— Mas não, mas não — disse ela enfaticamente. — Não é necessário… Eu conheço todos eles.

Ela ia defendê-los? Seriam os escrúpulos da consciência que a agitavam no momento em que, por hipocrisia e obstinação, ela sacrificava os funcionários cuja conduta sabia ser irrepreensível?

Dom Luís teve a impressão de ver no olhar que ela lhe dirigia um pedido de piedade. Mas piedade de quem? Dos outros? Ou dela mesma?

Eles permaneceram em um longo silêncio. Dom Luís, de pé a poucos passos de distância dela, pensava na fotografia e encontrava com espanto na mulher à sua frente a mesma beleza da imagem, toda aquela beleza que ele ainda não tinha notado, mas que agora o impressionava como uma revelação. Os cabelos dourados brilhavam com um brilho que ele ignorava. A boca tinha uma expressão menos feliz, talvez, um pouco amarga, mas ainda mantinha a mesma forma do sorriso. A curva do queixo, a graça da nuca, que deixava o decote da lingerie descoberto, a linha dos ombros, o gesto dos braços e das mãos sobre os joelhos, tudo isso era encantador, de grande suavidade, e, em certa medida, de grande delicadeza. Era possível que essa mulher fosse uma assassina, uma envenenadora?

Ele lhe disse:

— Não me lembro mais qual foi o nome que a senhorita disse ser o seu da primeira vez. Mas não era o verdadeiro.

— Era sim, era sim — disse ela, ligeiramente sobressaltada.

— A senhorita se chama Florence? — ele perguntou.

— O quê? Quem lhe disse? Florence? Como o senhor sabe?

— Aqui está sua fotografia, e aqui está seu nome, quase apagado.

— Ah! — disse ela, atordoada, e olhando para a foto. — Como é possível? De onde é que ela veio? Diga, onde o senhor a encontrou?

E de repente:

— Foi o comandante-geral quem lhe deu, não foi? Sim… foi ele… tenho certeza. Tenho certeza de que essa fotografia está sendo usada para me descrever e que estão à minha procura também… E é sempre o senhor… sempre o senhor…

— Não tenha medo — disse Perenna —, bastam alguns retoques nessa prova para que seu rosto fique irreconhecível. Eu vou fazê-los, não tenha medo…

Ela já não lhe dava ouvidos. Ela observava a fotografia com muita atenção e sussurrou:

— Eu tinha vinte anos e vivia na Itália. Meu Deus, como eu estava feliz no dia em que posei para essa foto! E tão feliz quando vi meu retrato! Eu me achava tão bela na época. Mas a fotografia desapareceu, ela me foi roubada, como já me roubaram outras coisa ao longo do tempo…

E falando ainda mais baixo, pronunciando o seu nome como se estivesse se dirigido a outra mulher, a uma amiga infeliz.

— Florence — ela repetiu —, Florence…

Lágrimas caíram de seus olhos.

— Ela não é uma daquelas que matam — pensou dom Luís —, é inadmissível que ela seja cúmplice. Entretanto…

Ele se afastou dela e caminhou pelo quarto, indo da janela até a porta. Os desenhos de paisagens italianas pendurados na parede atraíram sua atenção. Depois ele examinou, nas prateleiras, os títulos dos livros. Eram obras de literatura francesa e estrangeira, romances, peças de teatro, ensaios sobre moral, volumes de poesia que testemunhavam uma cultura real e variada. Ele viu Racine ao lado de Dante, Stendhal junto de Edgar Allan Poe, Montaigne entre Goethe e Virgílio. E de repente, com essa capacidade extraordinária que lhe permitia ver em um conjunto de objetos muitos detalhes que nem observava, ele notou que um dos volumes de uma edição em inglês de Shakespeare não tinha exatamente o mesmo aspecto que os

outros. A lombada, amarrada com chagrém vermelho, tinham algo especial, mais rígido, sem as rachaduras e dobras que atestam o uso de um livro.

Era o volume oito. Ele o pegou rapidamente, de modo que ninguém pudesse ouvir.

Ele não estava errado. Era um volume falso, uma simples cartonagem vazia por dentro formando uma caixa e, portanto, oferecendo um verdadeiro esconderijo. Nesse livro ele encontrou um papel de carta branco, envelopes soltos e folhas de papel quadriculado simples, todas do mesmo tamanho e como se tivessem sido arrancadas de um bloco de notas.

Imediatamente o aspecto dessas folhas o inquietou. Ele lembrava do aspecto da folha em que o rascunho do artigo para o *Écho de France* tinha sido escrito. O quadriculado era o mesmo e as dimensões também pareciam iguais.

Além disso, observando todas as folhas uma após a outra, ele viu, na penúltima, uma série de linhas formadas por palavras e números que tinham sido desenhados a lápis, como anotações feitas às pressas. Ele leu:

Hotel do boulevard Suchet.

Primeira carta. Madrugada do dia 15 para o dia 16 de abril.

Segunda. Noite do dia 25.

Terceira e quarta. Noite de 5 de maio e 15 de maio.

Quinta e explosão. Noite de 25 de maio.

E constatando, primeiramente, que a data da primeira noite era precisamente a da noite vindoura e, em seguida, que todas essas datas se sucediam com dez dias de intervalo, ele notou a semelhança da caligrafia com a escrita do rascunho que ele trazia no bolso, dentro de um bloco de anotações. Ele poderia, assim, verificar a semelhança das duas caligrafias e das duas folhas quadriculadas.

Dom Luís pegou seu bloquinho e o abriu. O rascunho tinha desaparecido.

— Meu Deus do céu! — ele disse entre os dentes. — Essa já é demais.

Ao mesmo tempo, lembrou-se muito claramente que, enquanto ligava para Mazeroux de manhã, seu bloquinho estava no bolso do seu sobretudo, e o sobretudo sobre uma cadeira perto da cabine. Ora, naquele exato momento, a senhorita Levasseur, sem qualquer razão, rondava seu escritório. O que ela fazia lá?

— Ah! Aquela cabotina! — pensou Perenna, furioso. — Ela estava me enrolando. Suas lágrimas, seu ar de candura, suas doces memórias, tudo enganação! Ela é da mesma estirpe e do mesmo bando que Marie-Anne Fauville e que Sauverand, mentirosa e dissimulada como eles até nos menores gestos e na menor inflexão de sua voz inocente.

Ele estava prestes a desmascará-la. Desta vez as provas eram irrefutáveis. Por meio de uma investigação que poderia ter chegado até ela, não queria deixar nas mãos do adversário o rascunho do artigo. Como poderia haver qualquer dúvida, então, de que ela era a cúmplice usada pelas pessoas que estavam agindo no caso Mornington e que procuravam se livrar dele? Não seria possível, inclusive, assumir que ela liderava o bando sinistro e que, dominando os outros com sua audácia e inteligência, conduzia-os ao obscuro objetivo que eles almejavam?

Pois ela estava livre, completamente livre para realizar suas ações e seus movimentos. Através das janelas com vista para a praça do Palais-Bourbon, ela tinha todas as facilidades para sair do palácio em meio à escuridão e regressar sem ninguém controlar suas ausências. Era, portanto, perfeitamente possível que na noite do duplo crime ela estivesse entre os assassinos de Hippolyte Fauville e de seu filho. Era, portanto, perfeitamente possível que ela tivesse participado, e mesmo que o veneno tivesse sido injetado nas duas vítimas por suas mãos, por aquela pequena mão que ele viu apoiada nos cabelos dourados, tão branca e tão fina.

Um tremor o invadiu. Ele colocou discretamente o papel de volta no livro, e o livro em seu lugar, e se aproximou da jovem. De repente ele ficou surpreso ao estudar o fundo de seu rosto, a forma de sua mandíbula! Sim, era o que ele se empenhava em adivinhar, sob a curva das bochechas e sob o véu dos lábios. Contra sua vontade, com uma mistura torturante de angústia e curiosidade, ele olhava, olhava, prestes a abrir violentamente aqueles lábios cerrados e procurar a resposta para o problema assustador que se colocava diante dele. Aqueles dentes, os dentes que ele não via, não seriam aqueles que tinham deixado no fruto a marca acusatória? Os dentes do tigre, os dentes da besta feroz, eram aqueles, ou os de outra mulher?

Hipótese absurda, uma vez que a marca tinha sido reconhecida como sendo de Marie-Anne Fauville. Mas o absurdo de uma hipótese é razão suficiente para descartá-la?

Surpreso com os próprios sentimentos que o perturbavam, com medo de se trair, preferiu encurtar a conversa e, passando perto da jovem, disse-lhe num tom imperioso e agressivo:

— Quero que todos os criados do palácio sejam demitidos. Pague o salário deles, dê-lhes a indenização que quiserem e eles devem partir ainda hoje, irrevogavelmente. Outra equipe será contratada esta noite e a senhorita a receberá.

Ela não contestou. Ele partiu levando dessa conversa a impressão de desconforto que marcava sua relação com Florence. Entre ela e ele, a atmosfera permanecia pesada e opressiva. As palavras ditas pareciam nunca ser aquelas que ambos pensavam em segredo e os atos não correspondiam às palavras pronunciadas. A situação não levava à demissão imediata de Florence como único resultado lógico? Todavia, dom Luís nem sequer cogitava fazê-lo.

Ao retornar imediatamente ao seu escritório, ele chamou Mazeroux ao telefone e, em voz baixa, de modo a não ser ouvido do outro cômodo:

— É você, Mazeroux?

— Sim.

— O comandante-geral o colocou à minha disposição?

— Sim.

— Bem, então diga a ele que eu coloquei todos os meus empregados na rua e que o instruí a vigiá-los em tempo integral. É ali que devemos procurar o cúmplice de Sauverand. Outra coisa: peça permissão ao comandante para que nós dois possamos passar a noite na casa do engenheiro Fauville.

— Ora! Na casa do boulevard Suchet?

— Sim, tenho todas as razões para acreditar que haverá um importante acontecimento por lá.

— Que acontecimento?

— Não sei. Mas algo deve acontecer lá. E eu insisto nisso. Está de acordo?

— De acordo. Se não houver nenhuma mudança de plano pelo caminho, nos encontramos esta noite, às nove horas, no boulevard Suchet.

Nesse dia, Perenna não viu mais a senhorita Levasseur. Ele deixou seu palácio na parte da tarde e foi até uma agência de empregos onde escolheu criados, motorista, cocheiro, mordomo, cozinheiro, etc. Em seguida, foi até

um fotógrafo que fez um novo negativo da fotografia da senhorita Levasseur, que dom Luís mandou retocar e que ele mesmo adaptou para que o comandante-geral não notasse a substituição.

Ele jantou em um restaurante.

Às nove horas, encontrou Mazeroux.

Desde o duplo homicídio, o palácio Fauville estava sob a vigilância de um zelador. Selos judiciais tinham sido colocados em todos os quartos e em todas as fechaduras, exceto na porta interna do ateliê, cujas chaves foram conservadas pela polícia para fins de investigação. A sala grande apresentava o mesmo visual. No entanto, todos os papéis tinham sido removidos ou arrumados e não restava mais nada, nem livros nem brochuras, sobre a mesa de trabalho. Um pouco de poeira, já visível sob a luz elétrica, cobria o couro preto e a moldura de mogno.

— E então, meu velho Alexandre — disse dom Luís quando eles se instalaram —, o que você tem a dizer? É fantástico estar aqui, não é? Mas, desta vez, sem portas barricadas. Sem trancas. Se algo deve acontecer, nesta noite de 15 a 16 de abril, não vamos impor qualquer obstáculo a esse acontecimento. Liberdade total a esses senhores. É com eles agora.

Embora estivesse brincando, dom Luís estava singularmente impressionado, como ele dizia, com a terrível lembrança dos dois crimes que ele não tinha conseguido evitar e pela visão assombrosa dos dois cadáveres. Ele também se lembrava, com uma genuína emoção, do implacável duelo com a senhorita Fauville, do desespero dessa mulher e de sua prisão.

— Fale-me dela — ele pediu a Mazeroux. — Então ela tentou se matar?

— Sim — disse Mazeroux —, e pra valer, por um tipo de suicídio que, entretanto, deveria deixá-la horrorizada: ela se enforcou com retalhos arrancados de seus lençóis e roupas e trançados uns nos outros. Ela teve de ser reanimada com trações e massagens respiratórias. Disseram-me que ela já está fora de perigo, mas está em observação, porque jurou tentar novamente.

— Ela não confessou nada?

— Não.

— E a opinião da Procuradoria, da Chefatura?

— Como quer que a opinião mude a respeito dela, chefe? A investigação confirmou ponto por ponto todas as acusações contra ela, e,

sobretudo, concluíram, sem possibilidade de contestação, que somente ela poderia ter tocado na maçã, e que ela o fez entre as onze horas da noite e as sete horas da manhã. Ora, a maçã tem as marcas exatas dos seus dentes. O senhor admitiria que haja duas mandíbulas no mundo capazes deixar uma marca de forma idêntica?

— Não… não… — considerou dom Luís, que pensava em Florence Levasseur — não existe nenhuma possibilidade de controvérsia para essa argumentação. O fato é tão claro como o dia e essa marca constitui, por assim dizer, um flagrante delito. Mas então, o que vem fazer no meio de tudo isso…?

— Quem, chefe?

— Nada… é só um pensamento que me atormenta. Além disso, você entende, há tantas coisas anormais nesse caso, coincidências e contradições tão bizarras que eu não me atrevo a me prender a uma certeza que a realidade do amanhã pode destruir.

Eles conversaram durante um bom tempo, em voz baixa, estudando a questão de todos os lados. Por volta da meia-noite, apagaram as luzes e combinaram um revezamento para poderem dormir.

E as horas se passaram como as horas da primeira vigília. Os mesmos sons de carros lentos e de automóveis. Os mesmos apitos ferroviários. O mesmo silêncio. A noite passou. Não houve qualquer alerta ou incidente.

Ao amanhecer, a vida lá fora recomeçava e dom Luís, em suas horas de vigia, tinha ouvido na sala apenas o monótono ressonar de seu companheiro.

"Será que me enganei?", ele se perguntou. "A anotação encontrada no volume de Shakespeare tinha outro significado? Ou ela se referia aos acontecimentos do ano anterior, que aconteceram no lugar nas datas indicadas?"

Ainda assim, uma confusa inquietude tomava conta dele à medida que o amanhecer se infiltrava pelas persianas semicerradas. Quinze dias antes, também não havia acontecido nada que o alertasse, e ainda assim, ao acordar, as duas vítimas jaziam ao seu lado.

Às sete horas ele chamou:

— Alexandre?

— Hein! O que foi, chefe?

— Não está morto?

— O que o senhor está dizendo? Se estou morto? Mas não, chefe.

— Tem certeza?

— Ora! O senhor tem cada ideia, chefe. E por que não o senhor?

— Oh! Minha vez chegará em breve com bandidos desse calibre!

Esperaram mais uma hora. Depois Perenna abriu uma janela e afastou as persianas.

— Veja, Alexandre. Talvez você não esteja morto. Mas por outro lado…

— Por outro lado?

— Você está verde.

Mazeroux teve um riso forçado.

— Juro, chefe, que quando eu estava de vigia, enquanto o senhor dormia, não me distraí nem por um segundo.

— Você ficou com medo?

— De arrepiar até a ponta do cabelo.

Ele se interrompeu de tanto que a figura de dom Luís expressava espanto.

— O que há, chefe?

— Olhe… sobre a mesa… essa carta… — ele olhou.

Havia, de fato, uma carta sobre a escrivaninha, ou melhor, um aerograma cuja fita colante tinha sido rasgada seguindo a linha pontilhada e da qual era possível ver o endereço, o selo e os carimbos dos Correios.

— Foi você quem o colocou ali, Alexandre?

— Está brincando, chefe. O senhor sabe muito bem que só pode ter sido o senhor mesmo.

— Só poderia ter sido eu, mas não fui eu…

— Mas então…

Dom Luís pegou o aerograma e, depois de o examinar, constatou que o endereço e os carimbos dos Correios tinham sido riscados de tal forma que nem o nome do destinatário, nem seu endereço estavam legíveis, mas que o endereço do remetente e as datas estavam bem claros:

Paris, 4 de janeiro de 1919

— Então a carta tem três meses e meio — disse dom Luís.

Ele a virou do lado de dentro. A carta continha uma dúzia de linhas e imediatamente ele exclamou:

— A assinatura de Hippolyte Fauville!

— E sua caligrafia — observou Mazeroux. — Eu a reconheço. Não há engano. O que isso significa? Uma carta escrita por Hippolyte Fauville, três meses antes da sua morte…

Perenna leu em voz alta:

Meu querido amigo,

Infelizmente, eu não posso senão confirmar o que lhe escrevi no outro dia. O cerco está se fechando. Ainda não sei qual é o plano deles e ainda menos como irão executá-lo, mas tudo me leva a crer que o desfecho está próximo. Eu vejo isso nos olhos dela. Como ela olha para mim de um jeito estranho às vezes! Ah! Que infâmia! Quem um dia poderia acreditar que ela seria capaz de… Eu sou muito infeliz, meu pobre amigo.

— E está assinada por Hippolyte Fauville — prosseguiu Mazeroux —, e garanto que foi realmente escrita por ele… escrita no dia 4 de janeiro deste ano, para um amigo cujo nome não sabemos, mas que tenho certeza de que iremos descobrir. E esse tal amigo vai nos dar todas as provas necessárias.

Mazeroux se exaltou:

— Provas! Mas isso já não é mais necessário! Elas estão aqui. O próprio senhor Fauville as deu. "O desfecho está próximo. *Eu vejo isso nos olhos dela.*" "Ela" é a sua esposa, é Marie-Anne Fauville, e o testemunho do marido confirma tudo o que sabíamos contra ela. O que o senhor me diz?

— Você tem razão — respondeu Perenna distraidamente —, você está certo, esta carta é a prova definitiva. Mas quem diabos a teria trazido? Alguém teria que ter entrado aqui nesta sala esta noite, enquanto estávamos aqui! Isso é possível? Porque, afinal de contas, nós teríamos ouvido… é isso que me espanta.

— É verdade que…

— Não é mesmo? Há quinze dias, a situação já tinha sido estranha. Mas tínhamos usado a antessala para dormir e vigiávamos aqui. Enquanto hoje, nós dois estávamos aqui o tempo todo, perto desta mesma mesa. E sobre a mesa, onde ontem à noite não havia um único pedaço de papel, esta manhã encontramos esta carta.

Um estudo cuidadoso do lugar não lhes revelou nenhuma pista. Eles visitaram o palácio de cima a baixo e certificaram-se de que não havia ninguém escondido lá. Além disso, admitindo que se alguém se escondia

nela, como essa pessoa teria entrado na sala sem chamar a atenção deles? O problema era insolúvel.

— Não vamos procurar mais — disse Perenna —, não vale a pena. Em histórias como essa, mais dia ou menos dia a luz penetra através de uma fenda invisível e tudo se ilumina gradualmente. Leve essa carta ao comandante-geral, conte-lhe sobre a nossa vigília e diga que estamos pedindo permissão para regressar na noite de 25 para 26 de abril. Nessa noite, mais uma vez, deve haver algo novo, e eu quero diabolicamente saber se uma segunda carta será entregue a nós pela ação do Espírito Santo.

Eles fecharam as portas e saíram do palácio.

Seguiram para a direita, em direção a la Muette, para pegar um carro e chegaram no final do boulevard Suchet. O acaso fez dom Luís virar a cabeça na direção da calçada.

Um homem os ultrapassou numa bicicleta.

Dom Luís só teve tempo de ver seu rosto sob a cabeça calva, os olhos brilhantes fixados nele.

— Cuidado! — ele gritou, empurrando Mazeroux tão abruptamente que o brigadeiro perdeu o equilíbrio.

O homem estendeu o punho, armado com um revólver. Um tiro foi disparado. A bala assobiou nos ouvidos de dom Luís, que tinha se abaixado rapidamente.

— Vamos atrás dele — disse. — Não estás ferido, Mazeroux?

— Não, chefe.

Ambos saíram correndo e chamando por socorro. Mas, àquela hora da manhã, os transeuntes eram raros nas grandes avenidas do bairro. O homem, que fugia rapidamente, ampliou sua distância, virou na rua Octave-Feuillet e desapareceu.

— Biltre! Eu ainda pego você — resmungou dom Luís, renunciando àquela perseguição vã.

— Mas o senhor nem sabe quem é, chefe.

— Sei sim, é ele.

— Ele quem?

— O homem da bengala de ébano. Ele cortou a barba. Ele se barbeou. Mas não importa, eu o reconheci. Era o homem que nos alvejou ontem de manhã, do topo das escadas de sua casa. Ah, o desgraçado! Como ele sabia que passei a noite no palácio Fauville? Então alguém me seguiu, me

espionou? Mas quem? E por que razão? E por que meio?

Mazeroux refletiu e disse:

— Chefe, lembra que o senhor me ligou ontem à tarde para marcar o encontro? Quem sabe? Talvez, por mais baixo que o senhor tenha falado, alguém de dentro da casa o ouviu.

Dom Luís não respondeu. Ele pensava em Florence.

Nesta manhã, não foi a senhorita Levasseur quem trouxe a correspondência a dom Luís, nem ele a chamou. Ele a viu várias vezes dando ordens aos novos criados. Depois ela deve ter se recolhido para seu quarto, pois ele não a viu mais.

À tarde, ele pediu para trazerem seu automóvel e foi para o palácio do boulevard Suchet para continuar, com Mazeroux, e sob as ordens do comandante, as investigações que, aliás, não chegaram a nenhum resultado.

Eram seis horas quando ele chegou em casa. Ele e o brigadeiro jantaram juntos. À noite, desejando examinar por sua vez a casa do homem com a bengala de ébano, ele saiu de carro, sempre acompanhado por Mazeroux, e informou o endereço do boulevard Richard-Wallace.

O carro atravessou o Sena e seguiu pela margem direita.

— Vá mais rápido — disse ele ao novo motorista através do alto-falante —, estou acostumado a andar mais depressa.

— O senhor vai acabar capotando, chefe — disse Mazeroux.

— Não há nenhum perigo — respondeu dom Luís. — Os acidentes de carro estão reservados aos imbecis.

Chegaram à praça d'Alma. O carro, no exato momento, virou para a esquerda.

— Siga em frente — gritou dom Luís. — Suba pelo Trocadero.

O carro se endireitou. Mas, de imediato, guinou três ou quatro vezes a toda a velocidade, subiu em uma calçada, bateu numa árvore e capotou.

Em poucos segundos, uma dúzia de transeuntes vieram socorrer. Uma das janelas foi quebrada e abriram a porta. Dom Luís foi o primeiro a sair.

— Nada — disse ele —, não tenho nada. E você, Alexandre?

Tiraram o brigadeiro. Ele tinha alguns hematomas, algumas dores, mas nenhum ferimento que parecesse grave. Apenas o motorista tinha sido lançado do seu assento e jazia inerte sobre a calçada com a cabeça ensanguentada. Levaram-no até uma farmácia. Ele morreu dez minutos depois.

Quando Mazeroux voltou para o carro, depois de ter acompanhado a infeliz vítima e que, ele próprio bastante tonto, tinha tomado um cordial, encontrou dois policiais que estavam observando o acidente e coletando testemunhos, mas o chefe não estava lá.

Perenna tinha acabado de saltar para dentro de um táxi e estava sendo conduzido para casa a toda velocidade. Na praça, ele saiu do carro, passou correndo por baixo do alpendre, atravessou o pátio e seguiu pelo corredor que levava ao apartamento da senhorita Levasseur.

No topo dos degraus ele bateu e entrou sem esperar pela resposta.

A porta da sala que servia como sala de estar foi aberta.

Florence apareceu.

Ele a arrastou de volta para a sala de estar e disse-lhe num tom de indignação e ira:

— Está feito. O acidente aconteceu, mas nenhum dos antigos criados pôde prepará-lo, uma vez que eles já não estavam mais aqui e eu saí esta tarde no automóvel. Então foi no final do dia, entre as seis e as nove da noite, que alguém entrou na garagem e limou três quartos da barra de direção.

— Eu não estou entendendo, não estou entendo — ela disse, parecendo assustada.

— A senhorita entende perfeitamente que o cúmplice dos bandidos não pode ser um dos novos criados, e entende perfeitamente que o golpe não poderia falhar, e que ele foi bem-sucedido para além de toda esperança. Houve uma vítima, que pagou com a vida em meu lugar.

— Conte logo! O senhor está me assustando. Que acidente? O que aconteceu?

— O automóvel capotou. O motorista está morto.

— Ah! — ela disse. — Que horror! E o senhor acha que eu seria capaz… Ah! Essa morte, que horror! Pobre homem…

Sua voz ficou mais baixa. Ela estava de frente para Perenna, bem perto dele. Pálida, abatida, ela fechou os olhos e cambaleou.

Ele a recebeu em seus braços quando ela caiu. Ela tentou se desvencilhar, mas não tinha forças. Ele a deitou numa poltrona enquanto ela gemia repetidamente:

— O pobre homem… o pobre homem…

Com um dos braços atrás da cabeça da jovem, ele limpou com um lenço a testa suada e as bochechas pálidas para onde as lágrimas rolavam. Ela deve ter perdido completamente a consciência, pois entregou-se aos cuidados de Perenna sem sinalizar a menor revolta. E ele, não se mexendo mais, começou a olhar ansiosamente para a boca que se oferecia aos seus olhos, a boca com lábios tão vermelhos normalmente, e agora descoloridos como se estivessem privados de sangue.

Colocando suavemente seus dedos sobre cada uma das partes de seus lábios, fazendo um esforço contínuo, ele os afastou como se faz com as pétalas de uma rosa, e a dupla fileira de dentes surgiu.

Eles eram encantadores, admiráveis em forma e brancura, talvez um pouco menores do que os da senhora Fauville, talvez também dispostos em um círculo mais amplo. Mas o que é que ele sabia? E quem poderia garantir que sua mordida não deixava a mesma marca? Suposição implausível, milagre inadmissível, ele sabia. No entanto, quantas circunstâncias acusavam a jovem e a designavam como a mais ousada das criminosas, como a mais cruel, implacável e terrível!

A respiração dela se tornava regular. Uma inspiração igual, cuja carícia fresca ele sentiu, foi exalada por sua boca, inebriante como o cheiro de uma flor. Tentando resistir, ele se inclinou um pouco mais, tão perto, tão perto que teve uma vertigem e precisou fazer um grande esforço para descansar sobre o encosto da cadeira a cabeça da jovem e descolar seu olhar do belo rosto com lábios entreabertos. Levantou-se e partiu.

O celeiro dos enforcados

De todos esses acontecimentos, apenas a tentativa de suicídio de Marie-Anne Fauville, a captura e a fuga de Gaston Sauverand, o assassinato do inspetor-chefe Ancenis e a descoberta de uma carta escrita por Hippolyte Fauville eram conhecidos. Tudo isso, aliás, foi suficiente para reavivar a curiosidade de um público já intrigado com o caso Mornington e apaixonado pelos menores indícios do misterioso dom Luís Perenna, que todos se obstinavam em confundir com Arsène Lupin.

Evidentemente, atribuíram a ele a captura momentânea do homem com a bengala de ébano. Soube-se também que ele tinha sido responsável por salvar a vida do comandante-geral e que, finalmente, depois de ter passado a noite no palácio do boulevard Suchet, ele tinha recebido, da forma mais incompreensível, a famosa carta do engenheiro Fauville. E tudo isso excitava a opinião pública ao ponto mais alto.

Mas quão mais complexos e perturbadores eram os problemas impostos a dom Luís Perenna! Quatro vezes no intervalo de quarenta e oito horas, e sem mencionar o artigo anônimo onde ele tinha sido denunciado, quatro vezes, pela queda da cortina de ferro, pelo veneno, pelo tiro no boulevard Suchet e pela sabotagem do seu automóvel, haviam tentado matá-lo. A participação de Florence nesses atentados subsequentes era inegável. E agora as relações da jovem com os assassinos de Hippolyte Fauville eram evidenciadas graças à pequena nota recolhida no volume oito de Shakespeare! E agora duas novas mortes tinham sido acrescentadas à lista fúnebre: a morte do inspetor-chefe Ancenis e a morte do motorista do automóvel.

Como definir e explicar o papel desempenhado pela enigmática criatura no meio de todas essas catástrofes?

Estranhamente, a vida recomeçou no palácio da praça do Palais-Bourbon como se nada de anormal tivesse acontecido por lá. Todas as manhãs, Florence Levasseur abria a correspondência na presença de dom Luís e lia em voz alta artigos de jornal que lhe diziam respeito ou estavam relacionados com o caso Mornington.

Nenhuma vez ele fez alusão à luta selvagem que havia sido travada contra ele durante dois dias. Parecia que tinha sido estabelecida uma trégua entre eles e que, por ora, o inimigo tinha renunciado aos seus ataques. E dom Luís se sentia calmo, a salvo do perigo, e falou com a jovem com um ar indiferente, como teria feito em um primeiro encontro.

Mas com que interesse febril ele a espiava às escondidas!

Como ele observava a expressão daquele rosto, tão ardente e ao mesmo tempo tão calmo, onde, sob a máscara pacífica, havia uma sensibilidade dolorosa, excessiva, difícil de conter, e que podia ser adivinhada a partir de certos arrepios dos lábios, de certas aberturas das narinas!

"Quem é você? Quem é você?", ele tinha vontade de gritar. "É sua vontade semear os cadáveres pelo caminho? E ainda precisa da minha morte para atingir o seu objetivo? Aonde vai e de onde vem?"

Ao fazer essa reflexão, uma certeza tomou conta dele e resolveu um problema com o qual ele tinha tantas vezes se preocupado: descobrir a relação misteriosa entre sua própria presença no palácio da praça do Palais-Bourbon, e a presença de uma mulher que, evidentemente, o perseguia com seu ódio. Hoje ele compreendia que não havia comprado aquele palácio por acaso. Ao fazê-lo, ele havia cedido a uma oferta anônima que lhe fizeram por meio de um anúncio datilografado. De onde vinha essa oferta senão de Florence, essa Florence que queria atraí-lo para perto de si para monitorá-lo e combatê-lo?

"Sim!" ele pensou, "a verdade está aí. Possível herdeiro de Cosmo Mornington, diretamente envolvido no caso, eu sou o inimigo e eles estão tentando me aniquilar, como fizeram com os outros. E é Florence quem está agindo contra mim. E foi ela quem matou os outros. Tudo a acusa e nada a defende. Seus olhos puros? Sua voz sincera? A seriedade e a nobreza da sua pessoa? E daí? Sim, e daí? Então já não conheci dessas mulheres de olhar cândido, que matam sem nenhuma razão, quase por

voluptuosidade?”

Ele estremeceu de pavor com a lembrança de Dolorès Kesselbach… Que obscuro elo unia, a todo instante, na sua mente, a imagem dessas duas mulheres? Ele havia amado uma, a monstruosa Dolorès, e a estrangulou com suas próprias mãos. Será que o destino o levava agora na direção do mesmo amor e de um homicídio semelhante?

Quando Florence saía, ele sentia certa satisfação e respirava mais à vontade, como se livre de um peso que o oprimia, mas corria para a janela e a via atravessar o pátio, depois ainda esperava ir e vir a jovem cujo hálito perfumado ele tinha sentido em seu rosto.

Certa manhã, ela lhe disse:

— Os jornais anunciam que vai acontecer esta noite.

— Esta noite?

— Sim — ela disse, apontando para um artigo —, hoje é dia 25 de abril e as informações que o senhor forneceu à polícia, segundo está escrito, afirmam que a cada dez dias haverá uma carta no palácio do boulevard Suchet e que o palácio será destruído por uma explosão na mesma noite em que a quinta e última carta aparecer.

Era um desafio? Será que ela queria que ele ouvisse que, o que quer que acontecesse, e quaisquer que fossem os obstáculos, as cartas apareceriam, aquelas cartas misteriosas anunciadas na lista que ele tinha encontrado no volume oito de Shakespeare?

Ele a olhou fixamente. Ela não reagiu. Ele respondeu:

— De fato, é esta noite. E eu estarei lá. Nada no mundo poderá me impedir de fazê-lo.

Mais uma vez, ela estava prestes a responder, mas optou por silenciar os sentimentos que a perturbavam.

Naquele dia, dom Luís ficou alerta. Ele almoçou e jantou em um restaurante e combinou com Mazeroux para vigiarem a praça do Palais-Bourbon.

À tarde, a senhorita Levasseur não saiu do palácio. À noite, dom Luís ordenou aos homens de Mazeroux que seguissem qualquer um que saísse do palácio.

Às dez horas, o brigadeiro se juntou a dom Luís no escritório do engenheiro Fauville. O subchefe Weber e dois agentes o acompanharam.

Dom Luís chamou Mazeroux de lado.

— Estão desconfiando de mim, admita.

— Não. Enquanto o senhor Desmalions estiver aqui, não há nada que se possa fazer contra o senhor. Mas Weber afirma, e ele não é o único, que é o senhor quem está tramando todas essas histórias.

— Com que objetivo?

— Com o objetivo de apresentar provas contra Marie-Anne Fauville e condená-la. Então eu mesmo pedi a presença do subchefe e de dois homens. Seremos quatro a testemunhar sua boa-fé.

Cada um ocupou sua posição. Primeiro, os dois policiais ficariam vigiando.

Desta vez, depois de vasculhar cuidadosamente a pequena sala onde o filho de Hippolyte Fauville havia dormido outrora, as portas e persianas foram fechadas e trancadas.

Às onze horas, todas as luzes foram apagadas. Dom Luís e Weber mal dormiram.

A noite transcorreu sem um único incidente.

Mas, às sete da manhã, quando as persianas foram abertas, notaram que havia uma carta sobre a mesa.

Tal como da outra vez, havia uma carta sobre a mesa!

Passado o estupor inicial, o subchefe pegou a carta. Ele tinha ordens para não a ler e não deixar que ninguém o fizesse.

Aqui está ela, tal como os jornais publicaram, ao mesmo tempo que publicavam as declarações dos peritos, atestando que a escrita era realmente a de Hippolyte Fauville:

Eu o vi! Você entende, não é, meu bom amigo, eu o vi! Ele caminhava por um corredor do bosque com o colarinho levantado e o chapéu cobrindo as orelhas. Será que ele me viu? Acho que não. Já estava escuro. Mas eu o reconheci. Reconheci o punho de prata da sua bengala de ébano. Era ele mesmo, aquele miserável!

Então ele está em Paris, apesar da sua promessa. Gaston Sauverand está em Paris! Você compreende o que há de terrível nesse fato? Se ele se encontra em Paris, ele quer agir. Se ele está em Paris, é porque minha morte está decidida. Ah, esse homem! Quanta maldade ele ainda pode fazer contra mim! Ele já roubou a minha felicidade e agora é a minha vida que ele quer. Estou com medo.

Então o engenheiro Fauville sabia que o homem com a bengala de ébano, que Gaston Sauverand, premeditava matá-lo. Fauville, por um testemunho escrito com sua própria mão, declarava isso do modo mais formal, e a carta, além disso, corroborando as palavras que escaparam de Sauverand no momento de sua prisão, deixava entender que os dois homens tinham relações antigas, que tinha havido uma ruptura na amizade entre eles e que Sauverand tinha prometido nunca mais regressar a Paris.

Então, certa clareza permeava a tenebrosa aventura da herança de Mornington. Mas, por outro lado, que mistério inconcebível era a presença da carta sobre a mesa do escritório! Cinco homens haviam vigiado, cinco homens que estavam entre os mais hábeis e, todavia, naquela noite, assim como na noite de 15 de abril, uma mão desconhecida tinha depositado a carta em um quarto com portas e janelas barricadas sem que o menor ruído fosse percebido, sem quem nenhum vestígio de arrombamento tivesse sido detectado nas trancas das portas e das janelas.

Imediatamente, a hipótese de uma saída secreta foi levantada. Hipótese que teve que ser abandonada após um exame cuidadoso das paredes e após a convocação do empreiteiro que havia construído a casa alguns anos antes.

É inútil recordar, a esse respeito, aquilo a que poderíamos chamar de perplexidade do público. Nas condições em que ocorreu, o fato assumiu a aparência de um truque de mágica. Em vez da intervenção de um personagem dispondo de meios desconhecidos, tendia-se a ver ali o entretenimento de um mágico dotado de uma prodigiosa habilidade.

No entanto, ficou estabelecido que as indicações de dom Luís Perenna eram justificadas, e que a data do dia 25, como a de 15 de abril, tinha suscitado o incidente previsto. A data de 5 de maio daria sequência à série? Ninguém duvidava disso, já que dom Luís havia previsto e que parecia a todos que dom Luís não podia se enganar. E durante toda a noite de 5 para 6 de maio, uma multidão se encontrou ao longo do boulevard Suchet. Curiosos e notívagos vieram em bando para receber notícias.

O próprio comandante-geral, profundamente impressionado com o duplo milagre, quis ver e testemunhar pessoalmente as operações da terceira noite. Ele estava acompanhado por vários inspetores que deixou no jardim, no corredor e na mansarda do andar superior. Ele mesmo se estabeleceu no térreo junto com o subchefe Weber, Mazeroux e dom Luís Perenna.

A espera foi em vão, e por culpa do senhor Desmalions. Apesar da opinião formal de dom Luís de que a experiência era inútil, ele decidiu, a fim de descobrir se a luminosidade impediria o milagre de acontecer, não apagar as luzes. Em tais condições, não poderia surgir nenhuma carta, e nenhuma carta surgiu. Quer fosse um truque de mágica ou um estratagema de criminoso, a ajuda da sombra auspiciosa era necessária.

Então, foram dez dias perdidos, se é que o diabólico correspondente ousava renovar sua tentativa e produzir a terceira carta misteriosa.

Em 15 de maio, a sentinela foi retomada enquanto a mesma multidão se reunia do lado de fora, uma multidão ansiosa, ofegante, agitada pelos menores ruídos e que, com os olhos fixos no palácio Fauville, mantinha um silêncio impressionante. Desta vez as luzes foram apagadas, mas o comandante-geral manteve a mão no interruptor elétrico. Dez vezes, vinte vezes, ele acendeu inesperadamente a luz sobre a mesa. Nada. Ora era o estalido de uma mobília que despertava sua atenção, ou o gesto de um dos assistentes.

De repente, todos eles soltaram uma exclamação. Algo insólito, um atrito de papel tinha acabado de interromper o silêncio. O senhor Desmalions ligou o interruptor e gritou. A carta estava lá, não sobre a mesa, mas ao lado dela, no chão, no tapete.

Mazeroux fez o sinal da cruz. Os inspetores estavam lívidos.

O senhor Desmalions olhou para dom Luís, que acenou com a cabeça sem dizer nada.

Verificaram o estado dos cadeados e das fechaduras. Nada de diferente.

Naquele dia, novamente, o conteúdo da carta de alguma forma compensou a maneira verdadeiramente inaudita com que ela emergiu das trevas. Ela acabava de dissipar todas as nuvens que envolviam o duplo assassinato do boulevard Suchet.

Também assinada pelo engenheiro, escrita por ele no dia 8 de fevereiro daquele mesmo ano, sem endereço visível, ela dizia:

Meu querido amigo,

Pois bem! Não, não vou deixar que me degolem como uma ovelha levada para o abatedouro. Vou me defender, vou lutar até o último minuto. Ah! É que agora as coisas mudaram de figura. Tenho provas

irrefutáveis. Tenho as cartas trocadas por eles! E sei que eles ainda se amam, como no início, e que querem se casar, e que nada os impedirá. Está escrito, você percebe, está escrito pela própria mão de Marie-Anne: "Paciência, meu amado Gaston, a coragem está crescendo em mim. Azar daquele que nos separa. Ele irá desaparecer."

Meu bom amigo, se eu sucumbir na luta, você vai encontrar estas cartas (e todo o dossiê que estou reunindo contra a miserável criatura) no cofre que está escondido atrás da pequena vitrine. Então, vingue-me. Até logo. Adeus, talvez…

Tal foi a terceira missiva. Do fundo de sua sepultura, Hippolyte Fauville nomeava e acusava a esposa culpada. Do fundo de sua sepultura, ele desvendava o enigma, explicando as razões pelas quais o crime havia sido cometido: Marie-Anne e Gaston Sauverand se amavam.

Decerto eles sabiam da existência do testamento de Cosmo Mornington, uma vez que haviam começado por eliminá-lo, e a pressa de conquistar a enorme fortuna tinha precipitado o desfecho. Mas a primeira ideia do crime estava enraizada num sentimento antigo: Marie-Anne e Gaston Sauverand se amavam.

Restava um problema para ser resolvido. Quem era, então, aquele correspondente desconhecido a quem Hippolyte Fauville confiava a responsabilidade por sua vingança, e que, em vez de simplesmente entregar as cartas à justiça, empenhava-se em enviá-las por meio das mais maquiavélicas combinações? Ele próprio tinha algum interesse em permanecer nas sombras?

A todas essas perguntas, Marie-Anne respondeu da forma mais inesperada e que, no entanto, estava de acordo com suas ameaças. Oito dias mais tarde, depois de um longo interrogatório no qual ela foi pressionada a dizer quem poderia ser esse antigo amigo de seu marido, e quando foi preciso enfrentar o mais teimoso silêncio e uma espécie de torpor idiota, à noite, quando voltou para sua cela, ela abriu as veias do seu pulso com um pedaço de vidro que tinha conseguido esconder.

Na manhã seguinte, antes das oito horas, dom Luís foi avisado por Mazeroux, que veio ter com ele logo que saiu da cama.

O brigadeiro carregava uma mala de viagem.

A notícia que ele trouxe perturbou dom Luís.

— Ela está morta? — ele reagiu.

— Não… Parece que ela vai escapar novamente. Mas de que adianta?

— Como assim de que adianta?

— Por Deus, ela vai tentar outra vez! Ela está com essa ideia fixa. E um dia ou outro…

— E desta vez ela também não confessou nada antes da tentativa?

— Não. Ela escreveu algumas palavras em um pedaço de papel dizendo que, depois de muito refletir, tínhamos que investigar a origem das cartas misteriosas com o senhor Langernault. Era o único amigo de seu marido que ela já tinha conhecido, o único, em todo caso, que ele chamava de "meu bom amigo". Esse senhor Langernault era o único que poderia ilibá-la e demonstrar o terrível mal-entendido de que ela era vítima.

— Então — disse dom Luís —, se alguém pode exonerá-la, por que ela começa por cortar os pulsos?

— Tudo lhe é indiferente — segundo ela diz. — A vida dela está perdida. O que ela quer é o descanso, a morte.

— Descanso, descanso, não é só na morte que ela o encontra. Se a descoberta da verdade significa sua salvação, pode não ser algo impossível de descobrir.

— O que o senhor quer dizer, chefe? Descobriu alguma coisa? Está começando a compreender tudo?

— Oh! Muito vagamente, mas, mesmo assim, a exatidão realmente anormal dessas cartas parece-me justamente uma indicação…

Ele refletiu por um momento e continuou:

— O endereço apagado das três cartas foi reexaminado?

— Sim, e conseguiram, de fato, reconstruir o nome de Langernault.

— E onde vive esse Langernault?

— Segundo a senhora Fauville, no vilarejo de Formigny, em Orne.

— Decifraram o nome Formigny em uma das missivas?

— Não, mas o da cidade onde ele está localizado.

— E que cidade é essa?

— Alençon.

— E é para lá que você vai?

— Sim, o comandante-geral mandou que eu vá depressa. Vou pegar o trem.

— Você quer dizer que vai entrar no meu carro e que iremos juntos, meu rapaz. Preciso de ação, o ar desta casa é mortal para mim.

— O que o senhor está dizendo, chefe?

— Nada, só que eu me conheço.

Meia hora depois, eles estavam a caminho de Versalhes. Perenna conduzia seu carro conversível, e de tal forma que Mazeroux, um pouco sufocado, articulava de vez em quando:

— Minha nossa, estamos indo rápido demais… Com mil raios! O senhor está acelerando demais, chefe! Não tem medo de capotar?

Chegaram em Alençon na hora do almoço. Após a refeição, foram até a agência central dos Correios. Ninguém conhecia o senhor Langernault. Além disso, a comuna de Formigny tinha seu próprio escritório. Por conseguinte, era preciso supor, uma vez que as cartas tinham o carimbo de Alençon, que o senhor Langernault mandava endereçar suas correspondências para essa cidade, mas sob o disfarce da posta-restante.

Dom Luís e Mazeroux seguiram para o vilarejo de Formigny. Lá o receptor também não conhecia ninguém com o nome Langernault, embora houvesse apenas mil habitantes em Formigny.

— Vamos falar com o presidente da câmara municipal — disse Perenna.

Na Câmara Municipal, Mazeroux apresentou seus títulos e o objetivo de sua visita. O presidente da câmara exclamou:

— O ingênuo Langernault… se bem me lembro… um bom homem… um antigo mercador na capital.

— Que tem o hábito de retirar sua correspondência na agência dos Correios de Alençon, não é mesmo?

— Isso mesmo… com o objetivo de dar um passeio cotidiano.

— E sua residência?

— No fim do vilarejo. Os senhores passaram na frente dela.

— Podemos ir até lá?

— Ora, claro que sim… só que… há quatro anos ele não voltou mais para casa depois que saiu. Pobre homem.

— Como assim?

— Ele está morto há quatro anos.

Dom Luís e Mazeroux se entreolharam espantados.

— Ah! Ele está morto — disse dom Luís.

— Sim, morreu com um tiro.

— O que o senhor está dizendo? — exclamou Perenna. — Ele foi assassinado?

— Não, não, foi o que se imaginou primeiro quando o encontraram caído no chão do quarto, mas a investigação provou que houve um acidente. Enquanto limpava sua espingarda, ele acabou disparando um tiro contra o próprio ventre. Mas, mesmo assim, no vilarejo tudo isso pareceu bastante suspeito.

— Ele tinha muito dinheiro?

— Sim, e foi exatamente isso que interessou no caso, não conseguiram encontrar um centavo da sua fortuna.

Dom Luís permaneceu pensativo por um bom tempo, então retomou:

— Ele deixou filhos ou pais com o mesmo nome?

— Ninguém, nem sequer um primo. Prova disso é que sua propriedade, o Vieux-Château, que é chamado assim porque se encontra em ruínas, permanece no mesmo estado. A administração do patrimônio público mandou interditar as portas da residência e barricar as do parque. Estão à espera do fim do prazo para tomar posse de tudo.

— E os curiosos não vão passear no parque, apesar dos muros?

— Por Deus, não. Primeiramente, os muros são altos. Além disso… além disso, o Vieux-Château sempre teve uma má reputação na região. Sempre se falou de fantasmas… muitas histórias fantásticas, mas mesmo assim…

Perenna e seu companheiro não conseguiam acreditar no que estavam ouvindo.

— Essa é demais — exclamou dom Luís quando eles deixaram a Câmara Municipal. — Quer dizer então que o engenheiro Fauville escrevia suas cartas para um homem morto, e um homem morto que, aliás, parece ter sido assassinado.

— Alguém deve tê-las interceptado.

— Evidentemente. Ainda assim, ele as escrevia para um homem morto a quem ele fazia confidências e contava sobre os planos criminosos de sua esposa.

Mazeroux se calou. Ele também parecia extremamente perturbado.

Durante parte da tarde, eles se informaram sobre os hábitos do pobre Langernault, com a esperança de descobrir alguma indicação útil de quem o conhecia. Mas seus esforços não chegaram a nenhum resultado.

Por volta das seis horas, no momento de partir, dom Luís descobriu que o carro estava sem combustível e teve que enviar Mazeroux de carriola para

os arredores de Alençon. Ele aproveitou esse intervalo para visitar o Vieux-Château no final do vilarejo.

Era necessário seguir, entre duas sebes, um caminho que levava a uma rotatória repleta de tílias e onde se erguia, no meio de um muro, uma porta de madeira maciça. Como a porta estava fechada, dom Luís ladeou o muro e conseguiu pulá-lo usando os ramos de uma árvore próxima. No parque, a grama estava alta e salpicada de grandes flores silvestres e de alamedas cobertas de ervas que seguiam, à direita, em direção a um montículo distante onde se erguiam os edifícios arruinados, e, à esquerda, para uma pequena casa deteriorada com portadas mal encaixadas.

Ele seguia nessa direção quando ficou muito surpreso ao ver no chão de um canteiro de flores, que as recentes chuvas haviam encharcado, traços de pegadas bem frescas. E ele se deu conta de que essas pegadas tinham sido deixadas por botas femininas, botas de solado elegante e fino.

"Quem diabos vem passear por aqui?", ele pensou.

Ele encontrou os mesmos traços um pouco mais adiante, em outro canteiro de flores que a transeunte havia cruzado, e esses traços o levaram para o lado oposto da casa, na direção de um conjunto de bosques onde ele encontrou mais duas pegadas.

Depois os rastros sumiram por completo.

Dom Luís estava, então, ao lado de um vasto celeiro apoiado em um talude muito alto, um tanto arruinado e cujas portas carcomidas pareciam se sustentar apenas por um acaso do equilíbrio.

Ele se aproximou e colocou o olho no meio de uma fenda na madeira. No interior, na semipenumbra desse celeiro sem janelas e que as aberturas cobertas com palha mal iluminavam por causa do entardecer, havia uma pilha de barris, prensas demolidas, arados velhos e sucata de metal de todo tipo.

"Certamente não foi por aqui que a caminhante conduziu seus passos", pensou dom Luís. "Vamos procurar em outro lugar."

Mas ele não se mexeu. Tinha acabado de ouvir um barulho no celeiro. Ele apurou os ouvidos e não percebeu mais nada. Mas como queria ter certeza, com um choque de seu ombro ele derrubou uma tábua e entrou.

A brecha que havia aberto iluminou um pouco o recinto e ele conseguiu deslizar, entre dois vasilhames, sobre os escombros de chassis cujos vidros ele quebrou até chegar a um espaço vazio do outro lado. Ele

caminhou e seus olhos se adaptaram à escuridão. De repente ele bateu a testa, sem enxergar direito, em algo bastante duro e que, posto em movimento, balançou produzindo um ruído estranho e seco.

Decididamente, a escuridão era demasiado densa. Dom Luís tirou do bolso uma lanterna elétrica e a acendeu.

— Minha mãe do céu! — ele exclamou enquanto recuava, assustado.

Acima dele havia um esqueleto pendurado!

E logo Perenna proferiu outro palavrão. Ao lado do primeiro, havia um segundo esqueleto, também enforcado!

Espessas cordas prendiam ambos a pitões presos às vigas do celeiro. As cabeças pendiam para fora do laço. O que Perenna havia tocado ainda se movia um pouco, e os ossos, quando colidiam, faziam um barulho sinistro.

Ele empurrou uma mesa coxa, que apoiou como pôde e sobre a qual subiu a fim de examinar de perto os dois esqueletos.

Eles estavam virados um de frente para o outro, cara a cara, o primeiro consideravelmente maior do que o outro. Eram um homem e uma mulher. Mesmo que nenhum choque os agitasse, o vento soprando através das aberturas do celeiro os balançava ligeiramente, aproximava-os e os afastava em uma espécie de dança muito lenta, em um mesmo ritmo.

Mas, talvez, o que mais o impressionou naquela visão macabra foi ver que cada um dos esqueletos, em torno dos quais não existia mais nenhum fragmento de roupa, conservava um anel de ouro, muito largo agora que a carne tinha desaparecido, mas que as falanges curvadas de cada dedo prendiam como se fossem ganchos.

Com um arrepio de nojo, ele soltou esses anéis.

Eram alianças de casamento.

Ele as examinou. No interior de cada uma delas tinha uma data, a mesma data, 12 de agosto de 1892, e dois nomes: Alfred e Victorine.

— Marido e mulher — sussurrou ele. — Será que foi um duplo suicídio? Um crime? Mas como é possível que ainda não tenham descoberto estes dois esqueletos? Será que teremos que admitir que eles estão aqui desde a morte de Langernault, desde que a administração tomou posse da propriedade e que ninguém pode entrar nela?

Ele refletiu:

“Ninguém pode entrar? Ninguém…? Pode sim, já que vi pegadas no jardim e hoje mesmo uma mulher entrou aqui.”

A ideia dessa visitante desconhecida o assombrava novamente e ele desceu. Apesar do barulho que ele tinha ouvido, não era possível supor que ela tinha entrado no celeiro. Depois de alguns minutos de investigação, ele ia sair do celeiro quando ocorreu, vindo da esquerda, um estrondo de coisas desmoronando e anéis de barris caíram bruscamente perto dele.

Eles caíam do alto, de um sótão igualmente cheio de objetos e de instrumentos e no qual uma escada estava apoiada. Seria possível acreditar que a visitante, surpreendida com sua chegada e tendo se refugiado nesse esconderijo, teria feito um movimento que provocasse a queda dos anéis de barris?

Dom Luís apontou sua lanterna para um barril, para que a luz refletisse e iluminasse o sótão. Não vendo nada suspeito, nada além de um arsenal de ancinhos velhos, picaretas e foices inutilizadas, ele atribuiu o incidente a algum animal, a um gato selvagem, e, para ter certeza disso, ele se precipitou na direção da escada e subiu.

De repente, e assim que chegou ao nível do assoalho, houve um novo tumulto, uma nova enxurrada de objetos, e uma silhueta emergiu da confusão com um gesto assustador.

Tudo aconteceu rápido como um raio. Dom Luís viu a grande lâmina de uma foice que cortava o espaço na altura de sua cabeça. Um segundo de hesitação, um décimo de segundo, e a arma terrível o decapitaria.

Ele só teve tempo de se abaixar contra a escada. A foice assobiou perto dele, tocando-lhe o casaco. Ele escorregou até o chão.

Mas ele tinha visto.

Ele tinha visto a terrível máscara de Gaston Sauverand, e, atrás do homem com a bengala de ébano, lívida sob o clarão da lanterna, a figura convulsiva de Florence Levasseur!

A ira de Lupin

Dom Luís permaneceu imóvel por um momento, perplexo. No topo da escada havia todo um tumulto de objetos empilhados, como se os dois sitiados tivessem construído uma barricada. Mas, à direita da luz projetada, a confusa claridade do dia penetrou através de uma abertura descoberta, de repente e ele avistou diante dessa abertura uma silhueta, depois outra, que se abaixava para fugir pelo telhado.

Ele apontou seu revólver e disparou, mas mal, porque pensava em Florence e sua mão tremia. Mais três disparos. As balas estalaram sobre as ferragens do sótão. No quinto tiro, ouviu-se um grito de dor. Dom Luís subiu a escada outra vez.

Atrasado pela confusão dos objetos, em seguida por feixes de colza seca que formavam uma verdadeira fortaleza, ele conseguiu, enfim, ferindo-se e se esfolando, ganhar a abertura, e ficou muito surpreso quando a atravessou e se viu em um terraplano. Era o topo do aterro contra o qual o celeiro estava apoiado.

Ele desceu o aterro ao acaso, à esquerda do celeiro, e voltou para a frente da fachada do edifício sem ver ninguém. Então ele subiu novamente pela direita, e embora o terraplano fosse de proporções exíguas, procurou cuidadosamente, pois, na sombra emergente do anoitecer, temia um retorno ofensivo do inimigo.

E foi então que percebeu algo que ainda não tinha notado. O aterro delimitava o topo do muro, que neste ponto tinha cinco metros de altura. Sem dúvida Gaston Sauverand e Florence tinham fugido por ali.

Perenna seguiu o cume, que era bastante largo, até uma parte menos elevada do muro, e lá ele pulou em uma faixa de terra arada, localizada na

borda de um pequeno bosque para o qual os fugitivos deviam ter escapado. Ele começou a explorá-lo, mas, dada a espessura do bosque, imediatamente percebeu que era uma perda de tempo se demorar em uma busca vã.

Então ele voltou para o vilarejo enquanto pensava nas vicissitudes dessa nova batalha. Mais uma vez, Florence e seu cúmplice tinham tentado se livrar dele. Mais uma vez, Florence aparecia no centro dessa rede de intrigas criminosas. No momento em que o acaso revelava a dom Luís que o pobre Langernault provavelmente tinha sido assassinado, no momento em que o acaso, atraindo-o para o celeiro dos enforcados, segundo sua expressão, colocava-o diante de dois esqueletos, Florence surgia como a representação de um assassino, um gênio do mal que podia ser visto por toda parte por onde a morte havia passado, por toda parte onde havia sangue, cadáveres…

— Ah, a horrível criatura! — ele murmurava, tremendo. — Como é possível que ela tenha uma aparência tão nobre? E olhos, olhos cuja beleza séria, sincera, quase ingênua não pode ser esquecida…

Na praça da igreja, em frente à pousada, Mazeroux, de volta, enchia o tanque com gasolina e acendia os faróis. Dom Luís avistou o presidente da Câmara Municipal de Formigny que estava atravessando a praça. Ele o chamou de lado:

— A propósito, por acaso o senhor ouviu falar na região, há mais ou menos dois anos, sobre o desaparecimento de um casal de uns 40 ou 50 anos? O marido se chamava Alfred…

— E a esposa, Victorine, não é? — interrompeu o presidente da câmara. — Acho que sim. A história deu o que falar.

— Eram pequenos arrendatários de Alençon que desapareceram da noite para o dia sem que nunca mais se soubesse nada sobre o paradeiro deles nem sobre seu pecúlio, vinte mil francos que eles tinham recebido, no dia anterior, com a venda da sua casa… Sim, eu me lembro bem! O casal Dedessuslamare!

— Obrigado, senhor — disse Perenna, que tinha colhido informações suficientes.

O carro estava pronto. Um minuto depois, ele partia de Alençon com Mazeroux.

— Aonde vamos, chefe? — perguntou o brigadeiro.

— Para a estação. Tenho todas as razões para acreditar: 1º que Gaston Sauverand tomou ciência esta manhã (como? um dia saberemos) das revelações feitas na mesma noite pela senhora Fauville em relação ao pobre Langernault; 2º que ele veio hoje rondar a propriedade e o domínio de Langernault, por razões que também saberemos um dia. Ora, suponho que ele tenha vindo de trem e é de trem que ele retornará.

A suposição de Perenna recebeu uma confirmação imediata. Na estação, disseram-lhe que um cavalheiro e uma senhora tinham chegado de Paris às duas horas, que tinham alugado um cabriolé no hotel vizinho e que, terminadas suas atividades, tinham acabado de tomar o expresso das 7h40. As descrições desse cavalheiro e dessa senhora correspondiam exatamente às de Sauverand e de Florence.

— Em marcha — disse a Perenna depois de consultar as horas. — Estamos uma hora atrasados. É possível chegarmos em Le Mans antes dos bandidos.

— Chegaremos, chefe, e vamos pôr as mãos nele, eu juro! Nele e em sua senhora, uma vez que eles são dois.

— São dois, de fato. Só que…

— Só que…

Dom Luís esperou que eles tivessem ocupado seus lugares para responder e que o motor estivesse funcionando:

— Só que, meu rapaz, você vai deixar a senhora em paz.

— E por quê?

— Você tem um mandado contra ela?

— Não.

— Então, deixe-a em paz?

— Entretanto…

— Mais uma palavra, Alexandre, e eu abandono você na beira da estrada. E então você fará as detenções que bem quiser.

Mazeroux não disse mais nada. Além disso, a rapidez com que viajavam não lhe dava a oportunidade de protestar. Muito preocupado, ele só pensava em olhar para o horizonte e evitar os obstáculos. De ambos os lados, as árvores quase não podiam ser vislumbradas. O topo de suas folhagens fazia um som ritmado de ondas bramindo. Os animais noturnos se assustavam com a luz dos faróis.

Mazeroux arriscou dizer:

— Nós chegaremos de todo modo. Não é preciso “acelerar mais”.

O ritmo aumentou. Ele se calou.

Vilarejos, planícies, colinas, e então, de repente, no meio das trevas, a claridade de uma cidade grande: Le Mans.

— Sabe onde fica a estação, Alexandre?

— Sim, chefe, à direita e depois em frente.

Claro que era para a esquerda que eles deviam ter virado. Eles perderam sete ou oito minutos vagando pelas ruas onde lhes foram dadas informações conflitantes. Quando o carro parou em frente à estação, o trem apitava.

Dom Luís saltou do carro, correu pelas salas, encontrou as entradas fechadas, empurrou os funcionários que tentaram segurá-lo e chegou à plataforma.

Um trem ia partir duas plataformas mais adiante. Estavam fechando a última porta. Ele correu pelos vagões se agarrando às barras de cobre.

— O seu bilhete, senhor! O senhor não tem um bilhete! — gritou um funcionário num tom furioso.

Dom Luís continuou suas acrobacias pelos degraus, olhando através das janelas, afastando as pessoas cuja presença nas janelas o atrapalhavam, pronto para invadir o compartimento onde se encontravam os dois cúmplices.

Ele não os viu nos últimos vagões. O trem vibrava, e de repente ele gritou. Eles estavam lá, os dois, sozinhos! Ele os tinha visto! Eles estavam lá! Florence, estendida sobre o banco, a cabeça apoiada no ombro de Gaston Sauverand, e ele curvado sobre ela com os dois braços em volta da jovem!

Furioso de raiva, ele levantou o loquete de cobre e agarrou a maçaneta.

No mesmo instante, perdeu o equilíbrio, puxado pelo funcionário furioso e por Mazeroux, que berrava:

— Mas isso é loucura, chefe, o senhor vai ser esmagado.

— Seu imbecil! — gritou dom Luís. — São eles… me solta!

Os vagões se moviam. Ele tentou pular em outro degrau, mas os dois homens o agarraram. Os cobradores intervieram. O chefe da estação veio em socorro. O trem partiu.

— Idiotas! — ele vociferou. — Broncos! Bando de bestas! Não podiam ter me soltado? Ah, por Deus!

Desferindo um golpe com o punho esquerdo, ele abateu o funcionário. Com o punho direito, derrubou Mazeroux. E, livrando-se dos cobradores e do chefe da estação, ele se atirou na plataforma e correu até a sala de bagagens, onde, com alguns saltos, ultrapassou várias pilhas de malas, caixas e sacolas.

— Ah! Aquele ignorante — ele falou entre os dentes, constatando que Mazeroux tinha tomado o cuidado de desligar o motor do automóvel. — Quando deve cometer uma estupidez, ele não falha.

Se dom Luís já tinha conduzido seu carro a grande velocidade durante o dia, aquela noite foi vertiginosa. Uma verdadeira tromba atravessou os arredores de Le Mans e correu pelas estradas principais. Ele tinha apenas um pensamento, apenas um objetivo, chegar à próxima estação, que era Chartres, antes dos dois cúmplices e pular no pescoço de Sauverand. Ele só vislumbrava isso, o abraço selvagem que faria o amante de Florence Levasseur agonizar entre suas mãos.

— Seu amante! Seu amante! — ele resmungava. — Ah, por Deus, sim, assim tudo está explicado. Ambos uniram forças contra sua cúmplice, Marie-Anne Fauville, e é a pobre infeliz quem pagará sozinha pela terrível série de crimes. Será que ela é cúmplice deles? Quem sabe! Quem sabe se esse casal de demônios não é capaz, depois de matar o engenheiro Fauville e seu filho, de ter engendrado a perda de Marie-Anne, o último obstáculo que os separava da herança de Mornington? Por que não? Afinal, não está tudo de acordo com essa hipótese? A lista de datas não foi encontrada por mim num livro pertencente a Florence? A realidade não prova que as cartas foram comunicadas por Florence? Essas cartas não acusam também Gaston Sauverand? Que seja! Ele não ama mais Marie-Anne, mas sim Florence. E Florence o ama. Ela é sua cúmplice, sua conselheira, aquela que vai viver ao lado dele e que vai desfrutar de sua fortuna. Às vezes, certamente, ela finge defender Marie-Anne… Puro fingimento! Ou talvez remorso, consternação com a ideia de tudo o que fez contra sua rival e do destino que se reserva para a infeliz! Mas ela ama Sauverand. E continua a luta sem misericórdia, sem descanso. E foi por isso que ela quis me matar, a mim, ao intruso, a mim cuja clarividência ela temia… E ela me execra, ela me odeia…

Sob o zumbido do motor, no assobio das árvores que se abatiam em seu encontro, ele sussurrava palavras incoerentes. A lembrança dos dois amantes, ternamente entrelaçados, fazia-o gritar de ciúme. Ele queria

vingança. Pela primeira vez, a inveja, a vontade de matar, estava borbulhando em seu cérebro tumultuado.

— Santo Deus — ele de repente gritou —, o motor está falhando. Mazeroux!

— Hein! O quê! Chefe, então o senhor sabia que eu estava aqui — vociferou Mazeroux saindo da sombra onde estava escondido.

— Cretino! Então você imagina que o primeiro idiota que aparece pode se agarrar ao degrau do meu carro sem que eu repare? Você deve estar à vontade aí.

— É pura tortura, e estou tremendo.

— Ótimo, isso vai servir de lição. Mas onde diabos você comprou esse combustível?

— Na mercearia.

— De algum um ladrão. Isso não presta. Está sujando as velas.

— O senhor tem certeza?

— E os roncos, não está ouvindo, idiota?

O carro parecia, de fato, hesitar às vezes. Depois tudo voltou ao normal. Dom Luís forçou a velocidade. Ao descerem a costa, pareciam atirar-se no abismo. Um dos faróis se apagou. O outro não tinha mais a clareza habitual. Mas nada diminuía o ardor de dom Luís.

Houve outras falhas, uma nova hesitação, e depois alguns esforços, como se o motor corajosamente tentasse cumprir o seu dever. E então, de repente, veio a impotência definitiva, a parada no meio da estrada, a estúpida pane.

— Em nome de Deus — gritou dom Luís —, aqui estamos nós! Ah, isso é o cúmulo!

— Deixa disso, chefe. Nós podemos consertar. E pegaremos Sauverand em Paris em vez de Chartres, só isso.

— Triplo imbecil! Fica a uma hora de distância! Além disso, o problema vai continuar. Não foi gasolina que venderam a você, foi fuligem.

À volta deles, o campo se estendia até o infinito, sem outra luz além da das estrelas que crivavam a escuridão do céu.

Dom Luís sapateava de raiva. Ele queria quebrar o carro com pontapés. Ele queria…

Foi em Mazeroux que ele “descontou”, segundo a expressão do infeliz brigadeiro. Dom Luís agarrou-o pelos ombros, sacudiu-o, vociferou insultos

e disparates, e, finalmente, atirando-o contra o talude, disse-lhe, com a voz entrecortada, ora com ódio, ora com dor:

— Foi ela, está ouvindo, Mazeroux? Foi a companheira do Sauverand quem fez tudo. Preciso dizer tudo agora, porque tenho medo de fraquejar. Sim, sou um covarde. Ela tem um rosto tão sério… e olhos infantis. Mas é ela, Mazeroux. Ela vive na minha casa. Lembre-se do nome dela, Florence Levasseur… Você vai prendê-la, não vai? Eu não conseguiria… Não tenho coragem quando a olho.

"É que nunca gostei tanto… As outras mulheres… as outras mulheres… não, eram apenas capricho… nem isso… Nem sequer me lembro do passado! Enquanto Florence… Mas temos de prendê-la, Mazeroux. Preciso me libertar dos olhos dela… Eles me fulminam… são como veneno. Se você não me libertar dela, mato-a como fiz com Dolores… ou serei morto… ou… Ah! Não sei mais nada sobre todas as ideias que me destroem… É que há outro homem… há Sauverand a quem ela ama. Ah, os miseráveis! Eles mataram Fauville e o filho, e o velho Langernault, e os outros dois no celeiro… e outros, Cosmo Mornington, Vérot, e outros ainda. Eles são monstros. Ela especialmente… E se você visse os olhos dela…

Ele falava tão baixo que Mazeroux mal conseguia ouvi-lo. Seu abraço havia se afrouxado e ele parecia devastado pelo desespero, algo surpreendente nesse homem tão prodigioso de energia e equilíbrio.

— Vamos, chefe — disse o brigadeiro, levantando-o —, tudo isso é um exagero… Histórias de mulheres… Eu sei disso… Passei por isso como todo mundo… A senhora Mazeroux, meu Deus, sim, durante a sua ausência eu me casei. Bem! A senhora Mazeroux não era quem devia ter sido. Eu sofri muito… A senhora Mazeroux…

Ele gentilmente levou-o para o carro e o instalou no banco de trás.

— Descanse, chefe. A noite não está muito fria e não faltam agasalhos… Quando o primeiro camponês passar, de manhã cedo, eu pedirei para ele buscar o que precisamos na cidade vizinha. E provisões também, porque estou morrendo de fome. E tudo será resolvido… Tudo se resolve com mulheres… Basta colocá-las para fora da sua vida, a não ser que elas mesmas tomem essa iniciativa, como fez a senhora Mazeroux…

Dom Luís nunca saberia do paradeiro da senhora Mazeroux. As mais violentas crises não surtiram o menor impacto na paz do seu sono. Ele adormeceu quase imediatamente.

Já era tarde quando ele acordou no dia seguinte. Só às sete horas da manhã Mazeroux tinha conseguido fazer contato com um ciclista que seguia seu caminho para Chartres. Às nove horas eles partiram.

Dom Luís tinha recuperado a compostura. Ele disse ao brigadeiro:

— Eu disse um monte de disparates ontem à noite. Não me arrependo. Não, o meu dever é fazer tudo para salvar a senhora Fauville e chegar ao verdadeiro culpado. Essa tarefa é minha responsabilidade e eu juro que não falharei. Esta noite, Florence Levasseur vai dormir na prisão.

— Eu vou ajudá-lo, chefe — respondeu Mazeroux com uma voz singular.

— Não preciso de ninguém. Se você tocar num único fio de cabelo dela, eu acabo com você. Estamos de acordo?

— Sim, chefe.

— Então trate de se acalmar.

Sua raiva retornava gradualmente e resultava em uma aceleração da velocidade, que Mazeroux pensava ser uma vingança contra ele. Eles queimaram os pneus pelo asfalto de Chartres. Rambouillet, Chevreuse, Versalhes tiveram a visão assustadora de um velocista que as atravessou de uma ponta a outra. Saint-Cloud. O bosque de Boulogne…

Na praça da Concorde, enquanto o carro se dirigia para Tuileries, Mazeroux contestou:

— Não vai para casa, chefe?

— Não. Primeiro o mais urgente: é necessário dissuadir Marie-Anne Fauville de sua obsessão pelo suicídio dizendo-lhe que os culpados foram encontrados…

— E depois?

— Depois vou falar com o comandante-geral.

— O senhor Desmalions está ausente e só volta esta tarde.

— Nesse caso, falarei com o juiz de instrução.

— Ele só chegará ao Palácio ao meio-dia, e são onze horas.

— Veremos.

Mazeroux tinha razão. Não havia ninguém no Palácio de Justiça.

Dom Luís almoçou nas proximidades e Mazeroux, depois de passar na Sûreté, veio buscá-lo e o levou ao corredor dos juízes. Sua agitação e sua extraordinária ansiedade não escaparam a Mazeroux, que perguntou:

— O senhor continua decidido, chefe?

— Mais do que nunca. Enquanto almoçava, li os jornais. Marie-Anne Fauville, que havia sido levada à enfermaria após a segunda tentativa, tentou novamente quebrar a cabeça contra as paredes da sala. Precisaram colocá-la numa camisa de força. Mas ela recusa qualquer alimento. O meu dever é salvá-la.

— Como?

— Entregando o verdadeiro culpado. Vou advertir o juiz de instrução e esta noite trago a vocês Florence Levasseur, viva ou morta.

— E Sauverand?

— Sauverand! Não vai demorar. A não ser que…

— A não ser?

— A não ser que eu mesmo acabe com aquele desgraçado.

— Chefe!

— Que maçada!

Havia perto deles jornalistas que estavam em busca de notícias. Ele foi reconhecido e lhes disse:

— Podem anunciar, senhores, que, a partir de hoje, vou assumir a defesa de Marie-Anne Fauville e me dedicar inteiramente à sua causa.

Houve uma surpresa geral. Não foi ele quem mandou prender a senhora Fauville? Não foi ele quem reuniu contra ela um monte de provas incontestáveis?

— Essas provas — disse ele — serão destruídas uma a uma. Marie-Anne Fauville é vítima de miseráveis que planejaram as mais diabólicas maquinações contra ela, e estou prestes a entregá-los à justiça.

— Mas e os dentes? A impressão dos dentes?

— Coincidência! Uma coincidência inaudita, mas que me parece hoje a mais forte prova de inocência. De fato, se Marie-Anne Fauville tivesse sido hábil suficiente para cometer todos esses crimes, também o teria sido para não deixar atrás de si uma fruta marcada por sua dupla arcada dentária.

— Entretanto…

— Ela é inocente! E é isso que vou dizer ao juiz de instrução. Ela deve ser alertada dos esforços que estão sendo feitos a seu favor. Temos de lhe dar esperança imediatamente. Caso contrário, a infeliz mulher vai se matar e sua morte pesará sobre todos aqueles que acusaram uma mulher inocente. É preciso…

Neste momento, ele se interrompeu. Seus olhos se fixaram em um dos jornalistas que, um pouco distante, o ouvia enquanto tomava nota…

Ele disse muito baixo para Mazeroux:

— Descubra o nome daquele tipo ali. Não sei de onde o conheço.

Mas um oficial de justiça tinha acabado de abrir a porta do juiz de instrução, que, ao receber o cartão de Perenna, queria vê-lo imediatamente.

Então ele caminhou e estava prestes a entrar no escritório, assim como Mazeroux, quando de repente se virou para seu companheiro e soltou um grito enfurecido:

— É ele! Era o Sauverand que estava lá, disfarçado. Peguem-no! Ele acabou de ir embora. Corram!

Ele mesmo correu, seguido por Mazeroux, por guardas e por jornalistas. Ele não demorou muito para se distanciar de todos, de tal modo que, três minutos depois, não ouviu mais ninguém atrás dele. Ele tinha despencado pelas escadas da Souricière e atravessado o subsolo que dá passagem de um pátio para outro. Lá, duas pessoas afirmaram ter visto um homem que caminhava rapidamente.

A pista era falsa. Ele percebeu isso, procurou, perdeu tempo e conseguiu descobrir que Sauverand tinha fugido pelo boulevard do Palais e que tinha encontrado, no cais de Horloge, uma mulher loira, muito bonita, Florence Levasseur, obviamente… Ambos tinham embarcado no ônibus que vai da praça Saint-Michel até a estação Saint-Lazare.

Dom Luís voltou para uma pequena rua isolada onde tinha deixado seu carro sob a supervisão de um garoto. Ele ligou o motor e, a toda velocidade, chegou à estação Saint-Lazare. Do ponto de ônibus, partiu atrás de uma nova pista, que também era falsa, perdeu ainda mais de uma hora, voltou para a estação e acabou por se certificar de que Florence havia embarcado sozinha em um ônibus que a conduzia à praça do Palais-Bourbon. Logo, e contrariando todas as expectativas, a jovem devia ter voltado para casa.

A ideia de revê-la exasperou a raiva dele. Enquanto seguia pela rua Royale e cruzava a praça Concorde, ele balbuciava palavras de vingança e ameaças que estava ansioso para pôr em prática. E ele insultava Florence. E ele a fustigava com suas injúrias. E era uma necessidade, amarga e dolorosa, fazer mal à vilã criatura.

Mas, ao chegar à praça do Palais-Bourbon, ele parou bruscamente. De repente, seu olhar treinado tinha contado, da direita à esquerda, meia

dúzia de indivíduos cuja aparência profissional não podia ser ignorada. E Mazeroux, que o tinha visto, tinha acabado de se virar e estava escondido sob um portão.

Ele chamou:

— Mazeroux!

O brigadeiro pareceu muito surpreso ao ouvir seu nome e se aproximou do carro.

— Chefe!

Sua figura expressava tal desconforto que o medo de dom Luís se intensificou.

— Espere aí, não é por minha causa que você e os seus homens estão plantados diante da minha casa?

— Mas que ideia, chefe! — respondeu Mazeroux com um ar envergonhado. — O senhor sabe muito bem que está em vantagem.

Dom Luís teve um sobressalto. Ele tinha compreendido tudo. Mazeroux o havia traído. Tanto para obedecer aos escrúpulos de sua consciência quanto para demover seu chefe dos perigos de uma paixão fatal, Mazeroux tinha denunciado Florence Levasseur.

Ele apertou os punhos num esforço envolvendo todo o seu ser para conter a raiva que fervilhava dentro dele. O golpe era terrível. Ele tinha a súbita intuição de todas as falhas decorrentes da demência do seu ciúme desde o dia anterior, e o pressentimento do que poderia haver de irreparável em tudo isso. A direção dos acontecimentos lhe escapava.

— Você tem um mandado? — ele perguntou.

Mazeroux gaguejou:

— Por acaso eu encontrei o comandante-geral que estava retornando e conversei com ele sobre esse caso da senhorita. E eis que, justamente, haviam encontrado essa fotografia… O senhor sabe, a fotografia de Florence Levasseur que o comandante lhe confiou. Pois bem, descobriram que o senhor a retocou. Então, quando eu disse o nome Florence, o comandante se lembrou de que era esse o nome.

— Você tem um mandado? — repetiu dom Luís em tom mais severo.

— Claro! Foi preciso… O senhor Desmalions… o juiz…

Se a praça do Palais-Bourbon estivesse deserta, dom Luís certamente teria se aliviado no queixo de Mazeroux com um gancho desferido de acordo com as regras da arte. Além disso, Mazeroux previu essa

eventualidade, porque se manteve cautelosamente o mais distante possível, e, para apaziguar a ira do chefe, emendava uma série de desculpas.

— É para o seu bem, chefe… era preciso fazê-lo. Pense nisso! O senhor ordenou: "Livre-me dessa criatura. Sou covarde demais para isso. Você vai prendê-la, não vai? Os olhos dela me fulminam. São como veneno". Então, chefe, eu poderia agir de outro modo? Não, não é mesmo? Especialmente porque o subchefe Weber…

— Ah! O Weber também sabe?

— Claro! Sim. O comandante está um pouco desconfiado do senhor agora que soube da fotografia falsa… Então o Weber vai chegar daqui mais ou menos uma hora, com reforços. Então eu estava dizendo que o subchefe tinha acabado de saber que a mulher que ia para a casa de Gaston Sauverand, em Neuilly, na residência do boulevard Richard-Wallace, era loira, muito bonita, e que seu nome era Florence. Ela chegava a passar algumas noites por lá, inclusive.

— Você está mentindo! Está mentindo! — esbravejou Perenna.

Todo seu ódio tinha aumentado. Ele tinha perseguido Florence com intenções que não poderia revelar. E eis que, de repente, ele queria condená-la novamente, e conscientemente desta vez. Na verdade, ele já não sabia mais o que estava fazendo. Tinha agido aleatoriamente, agitado pelas mais diversas emoções, atormentado por esse amor desordenado que nos impulsiona, ao mesmo tempo, a matar o ser que amamos ou morrer para salvá-lo.

Um ambulante passou vendendo uma edição especial do *Jornal do meio-dia*, onde ele conseguiu ler, em letras grandes:

Declaração de dom Luís Perenna. A senhora Fauville seria inocente.

— Prisão iminente dos culpados.

— Sim, sim — disse ele em voz alta. O drama está chegando ao fim. Florence pagará por sua dívida. Sinto muito por ela.

Ele voltou a ligar o carro e atravessou o limiar do portão principal. No pátio, disse ao motorista que tinha acabado de se apresentar:

— Assuma o volante e não guarde o carro. Posso precisar sair a qualquer momento.

Ele saltou do banco e, chamando o mordomo:

— A senhorita Levasseur está em casa?

— Sim, senhor, em seu apartamento.

— Ela esteve fora ontem, não é?

— Sim, senhor, ao receber um telegrama solicitando sua presença na província, junto de um parente doente. Ela voltou à noite.

— Preciso falar com ela. Chame-a, por favor, estou aguardando.

— No seu escritório, senhor?

— Não, lá em cima, na antecâmara ao lado do meu quarto.

Era uma sala pequena no segundo andar, outrora usada como toucador feminino, e que ele preferia ao seu escritório desde as tentativas de assassinato de que tinha sido vítima. O espaço era mais tranquilo, mais reservado e ali ele escondia seus documentos importantes. Ele não se separava da chave, uma chave especial, com tripla ranhura e uma mola interna.

Mazeroux havia acompanhado seu chefe até o pátio e seguia todos os seus passos sem que Perenna tivesse percebido. Mas este, dando-se conta, agarrou o brigadeiro pelo braço e o levou até o alpendre.

— Está tudo bem. Eu temia que Florence, suspeitando de algo, não tivesse voltado para casa. Mas, sem dúvida, ela não imagina que eu a vi ontem. Agora ela não pode mais escapar.

Eles atravessaram o vestíbulo e depois subiram até o primeiro andar. Mazeroux esfregou as mãos.

— Então o senhor está racional, chefe?

— Enfim, estou. Não quero que a senhora Fauville se mate, você entende, e como só há uma maneira de evitar essa catástrofe, vou sacrificar Florence.

— Sem sofrer?

— Sem remorsos.

— Então o senhor me perdoa?

— Eu te agradeço.

Dizendo isso, golpeou o colega com um soco no queixo.

Sem dar um só gemido, Mazeroux caiu, desmaiado, sobre os degraus do segundo andar.

Havia, no meio da escada, um reduto obscuro que servia de depósito e onde os criados armazenavam os utensílios de limpeza e a roupa suja. Dom Luís levou Mazeroux para lá e o ajeitou confortavelmente no chão, com as costas apoiadas em uma caixa, e enfiou um lenço em sua boca, amordaçou-o com uma toalha e amarrou os tornozelos e punhos com duas toalhas,

amarrando as outras pontas em ganchos.

Quando Mazeroux saiu do entorpecimento, dom Luís lhe disse:

— Acho que você tem tudo de que precisa… toalhas… guardanapos… e uma pera na boca para aliviar a fome. Coma tranquilamente. Além do mais, uma boa soneca e você estará fresco como uma rosa.

Ele trancou a porta e então, consultando o relógio:

— Tenho uma hora pela frente. Está perfeito.

Naquele momento, sua intenção era esta: insultar Florence, cuspir-lhe na cara todas as suas infâmias e todos os seus crimes, e, dessa forma, obter dela uma confissão escrita e assinada. Depois, quando a salvação de Marie-Anne estivesse assegurada, ele decidiria o que fazer. Talvez atirasse Florence na parte de trás do seu carro e a levasse para algum refúgio onde, com a jovem lhe servindo de refém, ele representaria a justiça. Talvez… Mas ele não procurava prever os acontecimentos. O que ele queria era uma explicação imediata e impetuosa.

Dom Luís correu para o seu quarto no segundo andar e mergulhou o rosto na água fria. Ele nunca tinha experimentado tamanha excitação percorrer todo o seu ser, tamanho ímpeto de seus instintos cegos.

— É ela! Posso ouvi-la — ele balbuciou. — Ela está na parte inferior da escada. Finalmente! Que prazer tê-la à minha frente, cara a cara! Nós dois, sozinhos!

Ele tinha retornado ao patamar, em frente à antecâmara. Tirou a chave do bolso e abriu a porta.

Ele soltou um grito horrível. Gaston Sauverand estava lá.

Na sala fechada, em pé, os braços cruzados, Gaston Sauverand estava à espera dele!

Sauverand se explica

Gaston Sauverand!

Instintivamente, dom Luís recuou, sacou seu revólver e o apontou para o bandido.

— Mãos para cima — ele ordenou. — Mãos para cima ou eu atiro!

Sauverand não parecia preocupado. Com um aceno, apontou para dois revólveres que tinha colocado sobre a mesa, fora de seu alcance, e disse:

— Ali estão as minhas armas. Não vim para lutar, mas para conversar.

— Como é que o senhor entrou? — disse dom Luís, a quem essa calma enfureceu. — Uma chave falsa, não é? Mas como o senhor conseguiu essa chave falsa? Por que meios?

O outro não respondeu. Dom Luís bateu o pé.

— Fale! Responda! Senão…

Mas Florence chegou depressa. Ela passou por ele sem que ele tentasse impedi-la e atirou-se sobre Gaston Sauverand, a quem ela disse, indiferente à presença de Perenna:

— Por que o senhor veio? O senhor tinha me prometido que não viria. O senhor jurou. Vá embora!

Sauverand se soltou e a obrigou a se sentar.

— Eu cuido disso, Florence. Minha promessa não tinha outro propósito senão tranquilizá-la, mas eu cuido disso.

— Não, não! — protestou ardentemente a jovem. — Não! Isso é loucura. Eu o proíbo de dizer uma única palavra. Ah! Eu imploro, não faça isso!

Lentamente, ele acariciou sua testa, afastando os cabelos dourados, um pouco inclinado sobre ela.

— Eu cuido disso, Florence — repetiu ele.

Ela ficou em silêncio, como se desarmada pela doçura dessa voz, e ele disse outras palavras que dom Luís não conseguiu ouvir, mas que pareceram convencê-la. Diante deles, Perenna não se mexia. Com o braço estendido, o dedo no gatilho, ele apontava para o inimigo. Quando Sauverand tratou Florence com intimidade, ele tremeu da cabeça aos pés e seu dedo se contraiu. Por que ele não atirou? Que força suprema do desejo poderia sufocar o ódio ciumento que o queimava como fogo? E eis que Sauverand tinha a audácia de acariciar o cabelo de Florence!

Ele baixou o braço. Mais tarde os mataria, mais tarde faria com eles o que achasse melhor, uma vez que eles estavam em seu poder e que, dali em diante, nada poderia salvá-los de sua vingança.

Ele pegou os dois revólveres de Sauverand e os guardou em uma gaveta. Então voltou para a porta com a intenção de fechá-la. Mas, ao ouvir barulho no patamar do primeiro andar, ele se aproximou da escada. Era o mordomo que subia com uma bandeja na mão.

— O que você quer agora?

— Uma carta urgente que acabaram de trazer para o senhor Mazeroux.

— O senhor Mazeroux está comigo. Pode me dar. E não quero mais ser incomodado.

Ele rasgou o envelope. A carta, escrita a lápis, apressadamente, e assinada por um dos inspetores que vigiavam o palácio, continha estas palavras:

Atenção, brigadeiro, Gaston Sauverand está na casa. De acordo com duas pessoas que vivem do outro lado da rua, a jovem, que é conhecida no bairro como administradora do palácio, voltou para casa há uma hora e meia, antes de assumirmos nossos postos. Em seguida, ela foi vista na janela do pavilhão que ocupa. E então, alguns instantes depois, uma portinha, situada sob esse pavilhão, e que deve ser usada para o serviço da adega, foi entreaberta, por ela, obviamente. Quase imediatamente, um homem desembarcou na praça, caminhou ao longo dos muros e adentrou na adega. Não há nenhuma dúvida. De acordo com as descrições, trata-se de Gaston Sauverand. Por isso, tenha cuidado, brigadeiro. Ao menor alerta, a um primeiro sinal seu, nós entraremos.

Dom Luís refletiu. Agora ele compreendia como o bandido tinha acesso à sua casa e como podia, impunemente, escondido no esconderijo mais seguro, escapar de todas as buscas. Ele, Perenna, vivia sob o mesmo teto que o homem que havia se declarado como seu mais terrível adversário.

"Vamos", ele pensou, "o sujeito está liquidado… e sua mocinha também. As balas do meu revólver ou as algemas da polícia, a escolha é deles."

Ele nem sequer pensou no carro que estava pronto lá embaixo. Ele não considerava a fuga de Florence. Se não matasse os dois, a justiça poria suas mãos neles. Também era melhor que fosse assim, para que a própria sociedade punisse os dois culpados que ele entregaria.

Ele fechou a porta, trancou o cadeado, ficou de novo de frente para seus dois cativos e, pegando uma cadeira, disse a Sauverand:

— Conversemos.

Como a sala em que se encontravam era estreita, eles estavam perto o suficiente para que dom Luís tivesse a sensação de quase tocar naquele homem que ele execrava até as profundezas da sua alma. Menos de um metro separava as duas cadeiras. Uma comprida mesa, coberta de livros, estava entre eles e a janela cujas seteira, atravessada pela parede espessa, formava um canto, como é comum nas casas antigas.

Florence tinha girado um pouco a cadeira e dom Luís mal conseguia discernir seu rosto, que a luz não iluminava.

Mas ele via em detalhes o de Gaston Sauverand e o observava com uma curiosidade ardente e uma raiva que crescia ao espetáculo dos traços ainda jovens, da boca expressiva, dos olhos inteligentes e bonitos, apesar da dureza do olhar.

— Bem, e então, fale! — disse dom Luís num tom imperioso. — Aceitei uma trégua entre nós, mas uma trégua momentânea, só o tempo de dizer as palavras necessárias. Está com medo agora? Se arrepende de suas ações?

O homem tinha um sorriso calmo e pronunciou:

— Não tenho medo de nada e não me arrependo de ter vindo, porque tenho um claro pressentimento de que podemos e devemos nos entender.

— Nos entendermos! — protestou dom Luís num sobressalto.

— Por que não?

— Um pacto! Um pacto de aliança entre o senhor e eu!

— Por que não? É uma ideia que eu já tive várias vezes, e que ficou clara há pouco no corredor de instrução, e que definitivamente me

conquistou quando li a reprodução de sua nota na edição especial do jornal: *Declaração sensacional de dom Luís Perenna. A senhora Fauville seria inocente…*

Gaston Sauverand se levantou ligeiramente da cadeira e, martelando suas palavras, entoando-as com gestos secos, murmurou:

— Está tudo aí, senhor, nestas quatro palavras: *Senhora Fauville é inocente.* Essas quatro palavras que o senhor escreveu, que o senhor pronunciou pública e solenemente, expressam de fato o que o senhor pensa? Acredita, agora, e com toda sua fé, na inocência de Marie-Anne Fauville?

Dom Luís encolheu os ombros.

— Ora! Meu Deus, a inocência da senhora Fauville não tem nada a ver com isso. Não se trata dela, mas de vocês, de vocês dois e de mim. Então, vamos direto ao ponto, e o mais rápido possível. É mais do interesse de vocês do que do meu.

— Nosso interesse?

Dom Luís exclamou:

— Estão esquecendo do terceiro subtítulo do artigo! Não proclamei apenas a inocência de Marie-Anne Fauville. Eu também anunciei… leia: "*Prisão iminente dos culpados.*"

Sauverand e Florence se levantaram juntos, em um mesmo movimento impulsivo.

— E para o senhor… os culpados são…? — perguntou Sauverand.

— Ora! O senhor os conhece tão bem quanto eu. É o homem com a bengala de ébano, que não pode negar o assassinato do inspetor-chefe Ancenis. Quanto a ela, é cúmplice de todos os seus crimes. Ambos devem de se lembrar das tentativas de assassinato contra mim, do revólver disparado no boulevard Suchet, da sabotagem do meu automóvel seguida da morte do meu motorista… e, ainda ontem, no celeiro, lá onde vocês sabem, no celeiro onde estão os dois esqueletos pendurados… ainda ontem, lembram-se da foice, da foice implacável prestes a me decapitar.

— E daí?

— E daí? Daí que vocês perderam o jogo. É preciso pagar suas dívidas, e é preciso pagá-las, sobretudo, porque vocês se atiraram estupidamente na boca do lobo.

— Não entendo. O que significa tudo isso?

— Isso significa que já sabem quem é Florence Levasseur, que sabem da sua presença aqui, que o palácio está cercado e que o subchefe Weber está a caminho.

Sauverand parecia perplexo com essa ameaça imprevista. Perto dele, Florence estava lívida. Uma angústia louca a desfigurou. Ela gaguejou:

— Oh! Isso é terrível!… Não, não, não quero!

E, correndo para dom Luís:

— Covarde! Covarde! O senhor nos denunciou! Covarde! Ah, eu sabia que o senhor era capaz de todas as traições! E está aqui, como um carrasco! Que infâmia! Que covardia!

Exausta, ela caiu na cadeira. Ela soluçava, tinha uma das mãos no rosto.

Dom Luís virou de costas. Estranhamente, ele não sentia pena e as lágrimas da jovem, bem como seus insultos, não o agitavam mais, era como se ele nunca tivesse amado Florence. Ele ficou feliz com essa libertação. O horror que ela lhe inspirava tinha matado todo o amor.

Mas, tendo voltado a ficar diante deles depois de caminhar um pouco pela sala, ele percebeu que eles estavam de mãos dadas, como dois amigos em apuros que se apoiam mutuamente, e, tomado por um movimento repentino de ódio, fora de si, ele agarrou o braço do homem.

— Eu o proíbo… Com que direito? Ela é sua esposa? Sua amante? Então?

A voz dele estava engasgada. Ele mesmo sentiu a estranheza desse ataque de fúria, onde, de repente, com toda sua força e cegueira, uma paixão que acreditava ter sido extinta para sempre foi revelada. E ele corou, pois Gaston Sauverand olhou para ele com espanto e ele acreditou que o inimigo havia descoberto seu segredo.

Seguiu-se um longo silêncio durante o qual seus olhos cruzaram com os de Florence, olhos hostis, cheios de revolta e desdém. Ela também havia descoberto?

Ele não se atreveu a dizer uma única palavra e esperou pela explicação de Sauverand.

Enquanto esperava, não pensando nem nas revelações que aconteceriam, nem nos terríveis problemas cuja solução ele finalmente encontraria, nem nos trágicos acontecimentos que estavam por vir, ele apenas pensou, e febrilmente, com a palpitação de todo seu ser, no que estava prestes a saber sobre Florence, sobre os sentimentos da jovem, sobre

seu passado, sobre seu amor por Sauverand! Só isso o interessava.

— Que seja — disse Sauverand. — Fui pego. Que o destino se cumpra! No entanto, posso falar com o senhor? Agora não tenho outro desejo além desse.

— Fale — respondeu ele. — Esta porta está trancada. Só abro quando quiser. Fale.

— Vou ser breve — disse Gaston Sauverand. — Afinal, não sei muita coisa. Não lhe peço que acredite, mas que ouça como se fosse possível que eu pudesse dizer a verdade, toda a verdade.

E ele se expressou com estas palavras:

— Eu nunca tinha encontrado Hippolyte Fauville e Marie-Anne, com quem, no entanto, eu me correspondia, o senhor se lembra que somos primos, quando o acaso nos reuniu, há alguns anos, em Palermo, onde eles passaram o inverno enquanto seu novo palácio no boulevard Suchet estava sendo construído. Vivemos cinco meses juntos, vendo-nos todos os dias. Hippolyte e Marie-Anne não se davam muito bem. Uma noite, como resultado de discussões mais violentas, eu a surpreendi chorando. Perturbado pelas lágrimas dela, não consegui mais guardar meu segredo. Desde o primeiro momento do nosso encontro eu amei Marie-Anne. E eu a amaria para sempre, cada vez mais.

— O senhor está mentindo! — exclamou dom Luís, incapaz de se conter. — Ontem, no trem que lhes trouxe de Alençon, eu vi vocês dois…

Gaston Sauverand observou Florence. Ela estava em silêncio, com a cabeça apoiada nos punhos, os cotovelos sobre os joelhos. Sem responder à exclamação de dom Luís, ele continuou:

— Marie-Anne também me amava. Ela me confessou, mas me fez jurar que nunca tentaria obter dela nada além da mais pura amizade. Eu fiz meu juramento. Então tivemos algumas semanas de incomparável felicidade. Hippolyte Fauville, que havia se apaixonado por uma cantora de concertos públicos, ausentava-se por longos períodos. Cuidei muito da educação física do pequeno Edmond, cuja saúde deixava muito a desejar. E também estava entre nós a melhor amiga, a conselheira dedicada e afetuosa que curava nossas feridas, alimentava nossa coragem, reavivava nossa alegria e emprestava ao nosso amor algo de sua força e nobreza: Florence estava lá.

Dom Luís sentiu seu coração bater mais depressa. Não que ele desse algum crédito às palavras de Gaston Sauverand, mas, por meio dessas

palavras, ele esperava penetrar no interior da realidade. Talvez ele também sofresse, sem perceber, a influência de Sauverand, cuja aparente franqueza e sincera entonação lhe causavam certo espanto.

Sauverand retomou:

— Quinze anos antes, meu irmão mais velho, Raoul Sauverand, acolhia, em Buenos Aires, onde vivia, uma órfã, a filha mais nova de um casal de amigos. Quando ele morreu, confiou a criança — ela tinha catorze anos na época — a uma velha criada que tinha me criado e que tinha partido com meu irmão para a América do Sul. A velha criada me trouxe a criança e morreu em um acidente alguns dias após sua chegada à França.

"Eu levei a menina para Itália, para a casa de amigos onde ela trabalhou e se tornou… o que é hoje. Querendo viver sozinha, ela aceitou um cargo como professora na casa de uma família. Mais tarde, recomendei-a aos meus primos Fauville e a reencontrei em Palermo, como governanta do pequeno Edmond, que a adorava, e sobretudo como amiga dedicada e querida de Marie-Anne Fauville.

"Ela também era minha amiga naquele tempo feliz, tão radiante e, infelizmente, tão curto! Nossa felicidade, a felicidade de nós três desapareceria da forma mais abrupta e estúpida. Todas as noites eu escrevia em um diário sobre a vida diária do meu amor, uma vida sem acontecimentos, sem esperança e sem futuro, mas tão ardente e resplandecente! Marie-Anne era exaltada como uma deusa. Ajoelhando-me para escrever, eu traçava as litanias da sua beleza e também inventava, pobre vingança da minha imaginação, cenas ilusórias nas quais ela me dizia as palavras que poderia ter-me dito e me prometia todas as alegrias a que tínhamos renunciado voluntariamente. Hippolyte Fauville encontrou esse diário. Por qual prodigioso acaso, por que malvadez do destino, não sei, mas ele o encontrou.

"Sua raiva foi terrível. Primeiro ele quis expulsar Marie-Anne. Mas, diante do comportamento de sua mulher, diante das provas que ela lhe deu de sua inocência, diante da inflexível vontade que ela demonstrou de não se divorciar e da promessa que ela lhe fez de nunca mais voltar a me ver, ele se acalmou.

"Eu parti com a alma em frangalhos. Florence, demitida, também partiu. Nunca mais, nunca mais desde aquele momento fatal, troquei uma única palavra com Marie-Anne. Mas um amor indestrutível nos unia. Nem

a separação nem o tempo diminuiriam seu poder."

Ele parou por um momento, como se lesse no rosto de dom Luís o efeito que sua história causava. Dom Luís não escondia sua atenção ansiosa. O que mais o surpreendia era a calma inaudita de Gaston Sauverand, a expressão tranquila dos seus olhos, a facilidade com que expunha, sem pressa, quase lentamente, e de forma tão simples, a história desse drama íntimo.

"Que ator!", ele pensou.

E, ao mesmo tempo que pensava nisso, lembrava-se de que Marie-Anne Fauville lhe tinha causado a mesma impressão. Deveria ele, portanto, voltar à sua primeira convicção e acreditar que Marie-Anne era culpada, uma atriz como seu cúmplice e como Florence? Ou devia atribuir alguma lealdade àquele homem?

Ele perguntou:

— E depois?

— Depois veio a guerra, e eu fui enviado para uma cidade no centro do país.

— E a senhora Fauville?

— Ela vivia em Paris, na sua nova casa, e não havia mais conversas sobre o passado entre ela e o marido.

— Como o senhor sabe? Ela lhe escrevia?

— Não. Marie-Anne é uma mulher que não faz concessões ao dever e sua concepção de dever é excessivamente rígida. Ela nunca me escreveu. Mas Florence, que tinha sido admitida aqui, na casa do barão Malonesco, seu antecessor, em um cargo de secretária e leitora, recebeu muitas vezes no seu pavilhão a visita de Marie-Anne. Nem uma vez falaram de mim, não é, Florence? Marie-Anne não permitiria isso. Mas toda a sua vida e alma, certo, Florence, eram apenas amor e lembranças apaixonadas. No final, cansado de estar tão longe dela, e desmobilizado, voltei a Paris. Foi a nossa perdição.

"Isso já tem cerca de um ano. Aluguei um apartamento na avenida Roule e vivi lá da forma mais secreta para que o meu regresso não pudesse ser descoberto por Hippolyte Fauville, pois eu temia que a paz de Marie-Anne fosse perturbada. Mas Florence sabia de tudo e vinha me visitar de vez em quando. Eu saía pouco, só no final do dia, e caminhava pelas alamedas mais desertas do Bosque.

“Mas aconteceu o seguinte — as resoluções mais heroicas têm seus fracassos—: uma noite, uma quarta-feira à noite, por volta das onze horas, minha caminhada me levou para perto do boulevard Suchet sem que eu percebesse, e passei em frente à casa de Marie-Anne. E por acaso, naquela mesma hora, como a noite estava linda e quente, Marie-Anne estava em sua janela. Ela me viu, tenho certeza disso, e ela me reconheceu, e minha felicidade foi tamanha que minhas pernas tremeram enquanto eu me afastava. Desde então, todas as quartas-feiras à noite, passei por seu palácio, e quase sempre Marie-Anne, cuja vida mundana, à procura natural por distrações, e a posição do seu marido a forçava a saídas frequentes, quase todas as vezes Marie-Anne estava lá, dando-me essa alegria inesperada e sempre nova.

— Mais rápido! Fale mais depressa! — disse dom Luís em quem o desejo de saber mais aumentava. — Depressa. Vamos direto aos fatos!

De repente ele estava com medo de não ouvir o resto da explicação, e de repente ele percebeu que as palavras de Gaston Sauverand estavam se infiltrando nele como falas que talvez não fossem mentirosas. Embora tentasse combater essa ideia, ela era mais forte do que suas prevenções e mais bem-sucedidas em seus argumentos. A verdade é que, no fundo da sua alma atormentada de amor e ciúme, algo o levava a acreditar nesse homem em quem ele tinha visto até aquele momento apenas um rival odiado e que proclamava tão alto, diante da própria Florence, o seu amor por Marie-Anne.

— Depressa — ele repetiu —, os minutos são preciosos.

Sauverand acenou com a cabeça.

— Não vou me apressar. Todas as minhas palavras, antes de decidir falar, foram pesadas, uma a uma. Todas são indispensáveis. Nenhuma delas pode ser omitida. Pois não é em meros fatos, separados uns dos outros, que o senhor encontrará a solução do problema, mas na sequência de todos esses fatos e na narrativa mais fiel possível.

— Por quê? Não entendo…

— Porque a verdade está escondida nessa narrativa.

— Mas essa verdade é a sua inocência, não é?

— É a inocência de Marie-Anne.

— Mas ela não está em discussão!

— Para que isso serve se o senhor não pode prová-la?

— Ora! Justamente, cabe ao senhor me dar as provas.

— Não as tenho.

— Hein?

— Estou dizendo que não tenho provas sobre tudo isso em que peço que acredite.

— Então eu não vou acreditar — considerou dom Luís em um tom irritado. — Não, não, mil vezes não! Se o senhor não me fornecer as provas mais convincentes, não acreditarei numa única palavra do que vai dizer.

— O senhor já acreditou em tudo o que eu disse até agora — respondeu Sauverand com grande simplicidade.

Dom Luís não protestou. Tendo voltado seus olhos para Florence Levasseur, parecia-lhe que ela o olhava com menos aversão e como se desejasse com todas as forças que ele não resistisse às impressões que o invadiam.

Ele murmurou:

— Continue.

E era realmente estranha a atitude desses dois homens, um se explicando em termos precisos e de modo a dar a cada palavra todo o seu valor; o outro ouvindo e pesando cada uma dessas palavras; ambos dominando os sobressaltos de sua emoção; ambos com a aparência calma como se tivessem procurado a solução filosófica de uma crise de consciência. O que acontecia ao redor não tinha a menor importância. O que aconteceria também não importava. Acima de tudo, e quaisquer que fossem as consequências da inação deles, no momento em que o cerco das forças policiais se fechava à volta deles, seria necessário que um falasse e o outro ouvisse.

— Estamos chegando — disse Sauverand com sua voz grave —, nos acontecimentos mais importantes, naqueles cuja interpretação, uma novidade para o senhor, mas estritamente em conformidade com a verdade, demonstrará nossa boa-fé. Tendo o infortúnio me colocado no caminho de Hippolyte Fauville, durante um dos meus passeios no bosque, por precaução, mudei de endereço e me instalei na casinha do boulevard Richard-Wallace, onde Florence veio me visitar diversas vezes. Tive até a precaução de cancelar essas visitas, e, além disso, de só me corresponder com ela através de cartas. Então eu estava absolutamente tranquilo. Trabalhava na mais completa solidão e em plena segurança. Não esperava

nada. Nenhum perigo, nenhuma possibilidade de perigo nos ameaçava. E posso dizer, usando a expressão mais banal e mais precisa, que foi num céu absolutamente puro que o trovão rebentou. Eu descobri ao mesmo tempo, quando o comandante-geral e seus agentes invadiram minha casa e me prenderam, o assassinato de Hippolyte Fauville, o assassinato de Edmond e a prisão de Marie-Anne.

— Impossível! — exclamou dom Luís, que estava novamente agressivo e zangado. — Impossível! Esses fatos já tinham acontecido há quinze dias. Não posso admitir que não o senhor não sabia deles.

— Por quem?

— Pelos jornais, e mais provavelmente pela senhorita — exclamou dom Luís, apontando para a jovem.

Sauverand afirmou:

— Pelos jornais? Nunca os li. O quê! Por acaso isso é inadmissível? É uma obrigação, uma necessidade incontornável, desperdiçar meia hora todos os dias percorrendo a inaptidão da política e a ignomínia das notícias? E não podemos imaginar que exista um homem que só lê revistas ou folhetos científicos? É um fato raro, admito, mas a raridade de um fato não prova nada contra esse fato. Por outro lado, na mesma manhã do crime, eu tinha avisado a Florence que faria uma viagem de três semanas e me despedi dela. No último momento, mudei de ideia. Mas ela ignorava essa mudança de planos e, acreditando que eu já tinha partido, sem saber onde eu estava, não podia me avisar dos crimes, nem da prisão de Marie-Anne, nem mais tarde, quando o homem com a bengala de ébano foi acusado, das buscas dirigidas contra mim.

— Ora, justamente! — declarou dom Luís. — O senhor não está querendo dizer que o homem com a bengala de ébano, que o indivíduo que seguiu o inspetor Vérot até o café do Pont-Neuf e que lhe roubou a carta…

— Eu não sou esse tal homem — Sauverand interrompeu.

E, como dom Luís encolheu os ombros, ele insistiu, num tom mais enérgico:

— Não sou esse homem. Há um erro inexplicável em tudo isso. Eu nunca pus os pés no café do Pont-Neuf. Eu juro. O senhor deve aceitar essa afirmação como rigorosamente verdadeira. Além disso, ela está em absoluta concordância com a vida reclusa que eu levava, por necessidade e por

vontade. E, repito, eu não sabia de nada. O trovão foi inesperado. E é precisamente por isso, compreenda, que o choque produziu em mim uma reação inesperada, um estado de espírito em absoluta oposição com minha verdadeira natureza, um desencadeamento dos meus instintos mais selvagens e primitivos. Pense, meu senhor. Eles haviam tocado no que eu tenho de mais sagrado no mundo. Marie-Anne estava na prisão! Marie-Anne estava sendo acusada de duplo homicídio! Eu enlouqueci. Controlando-me primeiro, fazendo uma encenação diante do comandante-geral, depois derrubando todos os obstáculos, abatendo o inspetor-chefe Ancenis, livrando-me do brigadeiro Mazeroux, saltando pela janela, eu tinha apenas uma ideia: fugir. Quando estivesse livre, salvaria Marie-Anne. As pessoas atravessavam meu caminho? Azar delas. Que direito tinham elas de atreverem-se a atacar a mais pura das mulheres? Eu matei apenas um homem, mas, naquele dia, eu teria matado dez! Eu teria matado vinte! O que me importava a vida do inspetor Ancenis? O que me importaria a vida de todos esses desgraçados? Eles estavam entre mim e Marie-Anne. E Marie-Anne estava na prisão!

Gaston Sauverand fez um esforço para recuperar a compostura que o abandonava pouco a pouco e que contraía todos os músculos do seu rosto. Ele conseguiu se recompor, mas sua voz, apesar de tudo, seguiu mais tremida e a febre que o devorava o sacudia com tremores que não conseguia dissimular.

Ele continuou:

— Na esquina onde eu tinha acabado de virar, no boulevard Richard-Wallace, depois de me distanciar dos agentes do comandante, e quando eu pensava estar perdido, Florence me salvou. Florence já sabia de tudo havia duas semanas. No dia seguinte ao duplo homicídio, ela soube pelos jornais, por esses jornais que lia ao seu lado e que o senhor comentava e discutia na frente dela. E foi ao lado do senhor, ouvindo-o, que ela formulou esta opinião com a qual, aliás, acontecimentos contribuíram: o inimigo, o único inimigo de Marie-Anne, era o senhor.

— Mas por quê? Por quê?

— Porque ela o via agir — disse Sauverand enfaticamente —, porque o senhor tinha mais interesse do que qualquer outra pessoa de que Marie-Anne primeiro, e depois eu mais tarde, não estivesse entre o senhor e a herança de Mornington, e finalmente…

— E finalmente…

Gaston Sauverand hesitou, então disse claramente:

— E finalmente, porque ela sabia, sem dúvida, o seu nome verdadeiro, e que, segundo ela, Arsène Lupin é capaz de qualquer coisa.

Houve um silêncio muito pungente para tal momento! Florence permanecia impassível sob o olhar de dom Luís Perenna, e, nesse rosto hermeticamente fechado ele não conseguia discernir nenhuma das emoções que deviam agitá-la.

Gaston Sauverand prosseguiu:

— Foi, portanto, contra Arsène Lupin que Florence, a amiga assustada de Marie-Anne, travou a luta. Foi para desmascarar Lupin que ela escreveu, ou melhor, mandou escrever o artigo cujo original o senhor encontrou embrulhado em uma bola de barbante. Foi Lupin que ela ouviu, uma manhã, telefonar para o brigadeiro Mazeroux e se regozijar com minha prisão iminente. Foi para me salvar de Lupin que ela derrubou sobre ele, correndo o risco de causar um acidente, a cortina de ferro, e que ela foi conduzida de carro para a esquina da avenida Richard-Wallace, onde acabou chegando tarde demais para me avisar, uma vez que a polícia já tinha invadido minha casa, mas a tempo de me ajudar a escapar daquela perseguição.

"Essa desconfiança em relação ao senhor, esse ódio aterrorizado, ela me comunicou imediatamente. Durante os vinte minutos que passamos despistando meus agressores, ela me contou rapidamente os meandros do caso, disse-me em poucas palavras a parte predominante que o senhor ocupava, e na mesma hora nós começamos a preparar um contra-ataque para que o senhor passasse a se tornar suspeito como cúmplice. Enquanto eu enviava uma mensagem ao comandante-geral, Florence voltava para casa e escondia, debaixo das almofadas do seu sofá, o pedaço de bengala que eu inadvertidamente mantive comigo. Réplica insuficiente e que falhou em seu propósito. Mas o duelo tinha começado. Mergulhei nele de corpo e alma.

"Senhor, para compreender plenamente as minhas ações, é preciso que o senhor se lembre de quem eu era… um homem de estudos, um solitário, mas também um amante apaixonado. Eu teria vivido toda a minha vida trabalhando, sem pedir mais nada ao destino a não ser ver Marie-Anne à sua janela, à noite, de vez em quando. Mas, desde que começamos a

perseguição, um outro homem apareceu em mim, um homem de ação, desajeitado, é claro, e inexperiente, mas determinado a fazer tudo, e que, sem saber como salvar Marie-Anne, não tinha outro objetivo que não fosse aniquilar o inimigo dela, a quem ele tinha o direito de atribuir todos os infortúnios da mulher que amava.

"E essa foi a série de tentativas contra o senhor. Introduzido em seu palácio, escondido no apartamento de Florence, tentei envenená-lo sem que ela soubesse, isso eu posso jurar. As censuras, a revolta de Florence diante de tal ato fizeram eu me acalmar, mas, repito, eu estava louco, sim, absolutamente louco, e sua morte me pareceu ser a própria salvação de Marie-Anne. E uma manhã, no boulevard Suchet, eu o segui e atirei no senhor. E nessa mesma noite, o seu carro o conduziu em direção à morte, assim como o brigadeiro Mazeroux, seu cúmplice.

"Mais uma vez o senhor escapou da minha vingança. Mas um homem inocente, o motorista que conduzia o automóvel, pagou pelo senhor, e o desespero de Florence foi tamanho que tive de ceder às suas súplicas e me desarmar. Eu mesmo, além disso, aterrorizado pelo que tinha feito, obcecado pela lembrança das minhas duas vítimas, mudei meu plano e só pensava em Salvar Marie-Anne, preparando sua evasão.

"Sou rico. Eu depositava dinheiro aos guardas da prisão, mas sem revelar meus planos. Estreitei os laços com os fornecedores e com o pessoal da enfermaria. E, todos os dias, com um cartão de redator judicial que mandei fazer, eu ia ao Palácio de Justiça e ao corredor dos juízes de instrução, onde esperava encontrar Marie-Anne e encorajá-la com um olhar, um gesto ou talvez lhe dizer algumas palavras de conforto.

"O seu martírio continuava, de fato. Por esse misterioso caso das cartas de Hippolyte Fauville, o senhor lhe desferiu um golpe terrível. O que significavam essas cartas? De onde vinham? Não tínhamos o direito de lhe atribuir toda essa maquinação, já que foi o senhor quem as colocou no meio dessa história pavorosa? Florence o vigiava, noite e dia, pode-se dizer. Estávamos à procura de uma pista, uma luz que nos permitisse ver um pouco mais claramente.

"Ontem de manhã, Florence viu o brigadeiro Mazeroux, mas não conseguiu ouvir o que ele lhe confiava. Entretanto, ela surpreendeu o nome do senhor Langernault e o nome de Formigny, o vilarejo onde ele vivia. Langernault. Ela se lembrava de um antigo amigo de Hippolyte Fauville.

Não foi para ele que as cartas foram escritas, e não foi em busca dele que o senhor partiu de carro com o brigadeiro Mazeroux?

"Meia hora depois, ansiosos para fazer também a nossa investigação, pegamos o trem para Alençon. Da estação, um carro nos levou até as proximidades de Formigny, onde fizemos nossa investigação com a maior circunspecção possível. Depois de descobrirmos o que o senhor também deve saber, a respeito da morte do senhor Langernault, decidimos visitar sua residência e conseguimos entrar nela, quando de repente Florence o avistou no parque. Querendo evitar um encontro entre nós dois, ela me arrastou pela relva e por trás dos maciços. Mas o senhor estava nos seguindo, e como avistamos um celeiro, ela empurrou uma das portas, que se abriu e nos deu passagem. Rapidamente, no escuro, conseguimos passar pela confusão e subir, por uma escada com que nos chocamos, até um sótão que nos serviu como refúgio. O senhor entrou nesse exato momento.

"O senhor sabe o que se seguiu. A descoberta dos dois enforcados, sua atenção atraída por um gesto imprudente de Florence, seu ataque ao qual respondi brandindo a primeira arma que o acaso me forneceu, e, finalmente, sob os disparos de seu revólver, nossa fuga através da claraboia. Estávamos livres. Mas à noite, no trem, Florence desmaiou. Ao socorrê-la, reparei que uma das balas que o senhor atirou tinha ferido o ombro dela, uma ferida superficial que não a fez sofrer, mas que agravou a tensão dos seus nervos. Quando o senhor nos viu, na estação de Le Mans, não foi? Ela estava dormindo com a cabeça no meu ombro."

Dom Luís não interrompeu nenhuma vez essa história, contada com uma voz cada vez mais tremida e animada por um fôlego de profunda verdade. Por um esforço de atenção extraordinário, ele registrava em sua mente as menores palavras e os menores gestos de Sauverand. E conforme suas palavras eram pronunciadas e seus gestos eram realizados, ele tinha a impressão de que, ao lado da verdadeira Florence, ele conseguia construir a imagem de uma outra mulher, livre de toda a lama e toda a ignomínia com que ele a havia sujado com base nos acontecimentos.

No entanto, ele ainda não tinha se entregado. Florence inocente, será que era possível? Não, não, o testemunho de seus olhos, o testemunho que sua razão havia julgado eram contrários a tal afirmação. Ele não admitia que Florence de repente pudesse diferir do que era, de fato, para ele: pérfida, dissimulada, cruel, sanguinária, monstruosa. Não, não, esse homem

mentia com uma habilidade infernal. Ele apresentava as coisas com tal talento que não se podia mais distinguir o falso do verdadeiro, nem separar a luz das trevas.

Ele estava mentindo! Ele estava mentindo! Mas, ao mesmo tempo, que doce era essa mentira! Como era bela essa Florence imaginária, essa Florence atraída pelo destino para os atos que executou, inocente de todo o crime, sem remorso, humana, piedosa, os olhos claros e as mãos branquinhas. E como era bom se deixar levar por esse sonho quimérico!

Gaston Sauverand espiava a figura do seu antigo inimigo. Bem perto de dom Luís, com a fisionomia iluminada pela expressão de sentimentos e paixões que ele não tentava conter, ele murmurou:

— O senhor acredita em mim, não acredita?

— Não… não… — disse Perenna, que se insensibilizava contra a influência desse homem…

— Mas precisa — exclamou Sauverand com muita energia. — O senhor precisa acreditar na força do meu amor. Ele é a causa de tudo. Marie-Anne é a minha vida. Se ela morrer, só me resta a morte também. Ah! Esta manhã, quando li nos jornais que a infeliz tinha cortado os pulsos! E por sua culpa, como resultado dessas cartas acusatórias de Hippolyte! Ah, já não quero mais matá-lo, mas lhe infligir a mais bárbara das torturas. Minha pobre Marie-Anne, que tortura deve ter que suportar!

"Como o senhor não havia retornado, Florence e eu vagueamos para receber notícias dela, primeiro em torno da prisão, depois perto da Chefatura e do Palácio de Justiça. E foi lá, no corredor de instrução, que eu o encontrei. Naquele momento, o senhor pronunciava o nome Marie-Anne Fauville diante de um grupo de jornalistas. E o senhor lhes dizia que Marie-Anne Fauville era inocente! E estava dando-lhes seu testemunho a favor de Marie-Anne!

"Ah, senhor! Então, de repente, meu ódio desapareceu. Em um segundo o inimigo se tornou aliado, o mestre a quem saudamos de joelhos. O senhor teve a admirável audácia de repudiar todo sua ação e se dedicar à salvação de Marie-Anne! Fugi palpitante de alegria e esperança, e gritei, juntando-me a Florence:

"—Marie-Anne está salva. *Ele* disse que ela é inocente. Quero vê-*lo*. Quero falar com *ele*.

“E voltamos para cá. Florence, que não se desarmava, implorou-me para não pôr em prática o meu projeto até que sua nova postura sobre o caso se confirmasse por ações decisivas. Prometi tudo o que ela exigia. Mas eu estava determinado. Meu desejo foi reforçado depois de ler o jornal que publicou sua declaração. A todo o custo, e sem perder um minuto sequer, eu colocaria em suas mãos o destino de Marie-Anne. Esperei que o senhor retornasse e vim até aqui.”

Já não era o mesmo homem que, no início da conversa, demonstrava tanto sangue-frio. Exausto pelo esforço e por uma luta que durava semanas, e onde ele tinha gastado tanta energia em vão, ele agora tremia, e, colado a dom Luís, com um de seus joelhos sobre a poltrona perto da qual estava dom Luís, ele balbuciava:

— Salve-a, eu imploro… o senhor tem o poder de fazer isso… Sim, o senhor tem todos os poderes… Aprendi a conhecê-lo combatendo-o… É mais do que sua genialidade que o defende de mim, é um destino feliz que o protege. O senhor é diferente dos outros homens. Veja, veja, o simples fato de não me matar, desde o início, eu, que o havia perseguido tão ferozmente, o fato de me ouvir e aceitar como admissível essa inconcebível verdade da inocência de nós três, tudo isso já é um milagre extraordinário! E enquanto esperava pelo senhor e me preparava para esta conversa, tive a intuição a respeito de tudo isso! Eu vi claramente que o homem que, sem nenhum guia além da sua razão, gritava pela inocência de Marie-Anne, que somente esse homem poderia salvá-la, e que ele a salvaria. Ah! Salve-a, eu lhe imploro… E salva-a agora. Caso contrário, em poucos dias, Marie-Anne estará morta. É impossível para ela viver na prisão. O senhor entende, ela prefere morrer. Nenhum obstáculo poderá impedi-la. Podemos impedir alguém de se matar? E que horror se ele morrer! Ah, se a justiça precisa de um culpado, confessarei o que quiserem! Aceitarei todas as acusações e zombarei de todas as punições, desde que libertem Marie-Anne! Salve-a. Eu não consegui fazê-lo. Não sei o que fazer… Salve-a da prisão e da morte… Salve-a, eu lhe imploro, salve-a!

Lágrimas escorriam pelo rosto dele, que se retorcia de angústia. Florence também chorava, com o corpo encurvado. E, subitamente, Perenna sentiu brotar nele a mais terrível angústia.

Embora, desde o início da conversa, uma nova convicção o tivesse pouco a pouco invadido, foi como se ele tomasse consciência disso de

repente. Subitamente, ele percebeu que sua fé nas palavras de Sauverand não tinha mais restrições e que Florence talvez não fosse a criatura abominável que ele tinha o direito de imaginar, mas uma mulher cujos olhos não mentiam e cuja alma e figura tinham igual beleza. Subitamente, ele descobriu que esses dois seres, bem como Marie-Anne, pelo amor de quem eles lutaram tão desajeitadamente, estavam presos por um círculo de ferro que seus esforços não conseguiriam romper. E esse círculo, desenhado por uma mão desconhecida, era ele, Perenna, que o havia apertado em volta deles com a mais implacável obstinação.

— Oh! — ele disse. — Espero que não seja tarde demais!

Ele vacilou ao choque das sensações e ideias que o atormentavam. Tudo se debatia em seu cérebro com uma violência trágica: certeza, alegria, pavor, desespero, fúria. Ele se debatia sob as garras do pesadelo mais assustador e entrevia a mão pesada de um policial pousar no ombro de Florence.

— Vamos embora! Vamos embora! — ele exclamou em um sobressalto de medo. — É loucura ficar aqui!

— Mas o palácio está cercado — objetou Sauverand.

— E então? O senhor supõe que posso admitir por um segundo… Não, não, ora essa. Temos de lutar juntos. Certamente ainda tenho muitas dúvidas… Mas vocês as esclarecerão e nós salvaremos a senhora Fauville.

— Mas e os agentes que estão nos cercando?

— Passaremos por cima deles.

— E o subchefe Weber?

— Ele não está aqui. E enquanto ele não estiver aqui, eu trato de tudo. Vamos, sigam-me, mas a uma distância segura. Quando eu der um sinal, e só então…

Ele abriu o cadeado e pegou na maçaneta da porta. Neste momento, alguém bateu à porta. Era o mordomo.

— E então — ele disse —, por que estou sendo incomodado?

— O subchefe da Sûreté, senhor Weber, acabou de chegar.

A debandada

Dom Luís certamente esperava por essa temível eventualidade. O golpe, no entanto, pareceu apanhá-lo desprevenido e ele repetiu várias vezes:

— Ah! Weber está aqui… Weber está aqui…

Todo seu entusiasmo desapareceu diante do obstáculo, como um exército em fuga e quase livre que se encontra cercado pelas encostas íngremes de uma montanha. Weber estava lá, ou seja, o líder, o mestre dos inimigos, aquele que organizaria o ataque e a resistência de tal forma que não havia mais esperança. Com Weber à frente de seus agentes, seria loucura tentar forçar a passagem.

— O senhor autorizou sua entrada? — ele perguntou.

— O senhor não me ordenou que não abrisse.

— Ele está sozinho?

— Não, senhor, o subchefe está acompanhado por seis homens que ele deixou no pátio.

— E ele?

— O subchefe quis subir até o primeiro andar. Ele pensou que encontraria o senhor em seu escritório.

— E agora ele imagina que estou com o senhor Mazeroux e a senhorita Levasseur?

— Sim, senhor.

Perenna pensou por um momento e retomou:

— Diga a ele que não me encontrou e que vai me procurar no apartamento da senhorita Levasseur. Talvez ele o acompanhe. Melhor assim!

E fechou a porta. A tempestade que o tinha abalado não havia deixado vestígios em sua expressão, e agora que era preciso agir e tudo estava perdido, ele recuperava a compostura admirável que nunca o abandonava nos momentos decisivos.

Ele se aproximou de Florence. Ela estava muito pálida e chorava em silêncio.

— Não tenha medo, senhorita. Se me obedecer cegamente, não há nada a temer.

Como ela não respondeu, ele percebeu que ela ainda estava desconfiada e pensou, quase com alegria, que a obrigaria a acreditar nele.

— Ouça — disse ele a Sauverand. — Caso eu não obtenha êxito em meu plano, o que é possível, há ainda vários pontos que precisam ser esclarecidos.

— Quais? — perguntou Sauverand, cuja calma se mantinha intacta.

Reprimindo à ordem e à disciplina, as ideias que se misturavam em seu cérebro, pausadamente, a fim de não esquecer nada e dizer apenas as palavras essenciais, dom Luís perguntou:

— Na manhã do crime, enquanto um homem com uma bengala de ébano e com as mesmas características físicas que o senhor entrava no café do Pont-Neuf seguindo o inspetor Vérot, onde o senhor estava?

— Na minha casa.

— Tem certeza de que não saiu de casa?

— Absoluta. E também tenho certeza de nunca ter ido ao café do Pont-Neuf, cuja existência eu sequer conhecia.

— Muito bem. Outra coisa. Por que, quando soube de toda a história, o senhor não procurou o comandante-geral ou o juiz de instrução? Teria sido mais fácil se entregar e contar toda a verdade em vez de se envolver nessa luta desigual.

— Eu ia fazer isso, mas logo percebi que a intriga tramada contra mim era tão inteligente que o mero relato da verdade não seria suficiente para convencer a justiça. Não teriam acreditado em mim. Que provas eu poderia fornecer? Nenhuma… Ao passo que, ao contrário, as provas que nos oprimiam eram daquelas às quais não podemos responder. As marcas dos dentes não apontaram a culpa inegável de Marie-Anne? E, por outro lado, meu silêncio, minha fuga, o assassinato do inspetor-chefe Ancenis, não eram crimes suficientes? Não, para salvar Marie-Anne, eu precisava ficar

em liberdade.

— Mas ela poderia ter falado!

— Contar sobre nosso amor? Além do fato de que um pudor feminino a teria impedido, de que isso adiantaria?

"Pelo contrário, isso daria mais força à acusação. E foi precisamente isso que aconteceu no dia em que as várias cartas de Hippolyte Fauville, lançadas no meio do caso, uma a uma, revelaram à justiça o motivo ainda desconhecido dos crimes que nos eram imputados. *Nós nos amávamos*."

— E como o senhor explica essas cartas?

— Não tenho nenhuma explicação para elas. Não sabíamos do ciúme de Fauville. Ele guardou segredo. E, por outro lado, por que ele desconfiava de nós? Quem poderia ter posto na cabeça dele a ideia de que queríamos matá-lo? De onde vêm seus terrores, seus pesadelos? Mistério. Ele tinha cartas nossas ou ele escreveu? Que cartas?

— E as marcas dos dentes, as impressões que foram, sem dúvida, deixadas pela senhora Fauville?

— Não sei. Tudo isso é incompreensível.

— O senhor também não sabe o que ela fez ao sair da Ópera, entre a meia-noite e as duas da manhã.

— Não. É óbvio que ela foi atraída para uma armadilha. Mas como? Por quem? E por que ela não diz o que fez? Mistério.

— Naquela noite, na noite do crime, o senhor foi visto na estação de Auteuil. O que o senhor estava fazendo lá?

— Eu fui até o boulevard Suchet e passei debaixo das janelas de Marie-Anne. Lembre-se que era uma quarta-feira. Voltei na quarta-feira seguinte e, ainda sem saber da tragédia e da detenção de Marie-Anne, regressei na quarta-feira subsequente, na mesma noite em que o senhor descobriu meu endereço e me denunciou a Mazeroux.

— Outra coisa. O senhor sabia da herança de Mornington?

— Não, nem Florence, e temos todos os motivos para pensar que Marie-Anne e seu marido também não.

— E o celeiro de Formigny, foi a primeira vez que entraram nele?

— A primeira vez. E nosso estupor diante dos dois esqueletos pendurados na viga foi o mesmo que o do senhor.

Dom Luís ficou em silêncio. Ele procurou por mais alguns segundos se não tinha outra pergunta a fazer. Então ele disse:

— Era tudo o que eu queria saber. De sua parte, tem certeza de que todas as informações necessárias foram ditas?

— Sim.

— O momento é sério. É possível que não possamos voltar a nos ver e o senhor não me apresentou nenhuma prova para suas afirmações.

— Eu lhe disse a verdade. Para um homem como o senhor, a verdade é suficiente. Quanto a mim, estou derrotado. Desisto da luta, ou melhor, submeto-me às suas ordens. Salve Marie-Anne.

— Vou salvar vocês três — disse Perenna. — Amanhã à noite deve aparecer a quarta carta misteriosa, o que nos dará o tempo necessário para nos entendermos e estudarmos o caso minuciosamente. Amanhã à noite, irei até lá e, com os novos elementos que reunirmos, encontrarei a prova da inocência de vocês três. O principal é assistir a essa reunião no dia 25 de maio.

— Pense apenas em Marie-Anne, eu lhe imploro. Sacrifique-me se for preciso. Sacrifique Florence, inclusive. Falo em nome dela e em meu nome. É melhor nos abandonar do que comprometer a menor possibilidade de sucesso.

— Vou salvar os três — repetiu dom Luís.

Ele entreabriu a porta e, depois de ouvir, disse-lhes:

— Não se mexam. E não abram a porta para ninguém, sob nenhum pretexto, até eu vir buscá-los. Não me demoro.

Ele trancou a porta dando duas voltas na chave e foi para o primeiro andar. Dom Luís não sentia aquela alegria que geralmente o dominava com a aproximação das grandes batalhas. Desta vez, a vida de Florence estava em jogo e as consequências da derrota pareciam piores do que sua própria morte.

Através da janela do patamar, ele avistou os agentes que vigiavam o pátio. Ele contou seis e também viu, numa das janelas do seu escritório, o subchefe que vigiava o pátio e mantinha comunicação com seus agentes.

"Droga", pensou ele, "ele ficou no posto. Vai ser difícil. Ele deve estar desconfiado. Enfim, vamos lá."

Ele atravessou o salão principal e chegou ao seu escritório. Weber o viu. Os dois inimigos estavam frente a frente. Houve alguns segundos de silêncio antes do início do duelo, um duelo que seria rápido, tenso, sem a menor fraqueza e sem a menor distração. Em três minutos tudo estaria

terminado.

A figura do subchefe expressava uma certa alegria misturada com uma inquietação. Pela primeira vez ele tinha permissão e ordem para combater o maldito dom Luís, contra quem seu rancor nunca tinha sido saciado. E isso era um prazer ainda maior agora que ele tinha todos os trunfos na mão e que dom Luís, ao defender Florence Levasseur e falsificar seu retrato, tinha assinado sua sentença de culpa. Mas, por outro lado, Weber não se esquecia de que dom Luís não era outro senão Arsène Lupin, e essa constatação lhe inspirava um certo desconforto. Ele visivelmente pensava:

"O menor deslize e estou liquidado". Ele desferiu o primeiro golpe, brincando:

— Pelo que vejo, o senhor não estava no pavilhão da senhorita Levasseur, como seu criado afirmou.

— Meu criado apenas seguiu minhas instruções. Eu estava no meu quarto, lá em cima. Mas antes de descer, tinha algo a fazer.

— E está feito?

— Está feito. Florence Levasseur e Gaston Sauverand estão em minha casa, amarrados e amordaçados. O senhor só precisa buscá-los.

— Gaston Sauverand! — exclamou Weber. — Então foi ele que viram entrar?

— Sim. Ele vivia com Florence Levasseur, de quem é amante.

— Ah! Ah! — disse o subchefe num tom zombeteiro. — Seu amante!

— Sim, e quando o brigadeiro Mazeroux pediu que Florence Levasseur se apresentasse em seu quarto a fim de interrogá-la longe dos criados, Sauverand, antecipando a prisão de sua amante, teve a audácia de se juntar a nós. Ele queria arrancá-la das nossas mãos.

— E o senhor o dominou?

— Sim.

Estava claro que o subchefe não acreditava em uma única palavra da história. Ele sabia, por meio do senhor Desmalions e de Mazeroux, que dom Luís amava Florence, e dom Luís não era o tipo de homem que entregava, mesmo por ciúmes, uma mulher que ele amava. Ele redobrou a atenção.

— Excelente trabalho — disse ele. — Leva-me até o seu quarto. A luta foi difícil?

— Não muito. Consegui desarmar o bandido. Mazeroux, no entanto, foi atingido no polegar por uma facada.

— Nada de grave?

— Oh! Não, ele foi à farmácia fazer um curativo.

O subchefe parou, muito surpreso.

— Como! Mazeroux não está em seu quarto com os dois prisioneiros?

— Eu nunca disse que ele estava lá.

— Não, mas o seu criado…

— Meu criado cometeu um erro. Mazeroux saiu alguns minutos antes da sua chegada.

— É estranho — disse Weber, observando dom Luís —, todos os meus agentes acreditam que ele está aqui. Eles não o viram sair.

— Não o viram sair? — repetiu dom Luís demonstrando certa preocupação. — Mas então onde poderia estar? Ele me disse que precisava fazer um curativo.

O subchefe estava cada vez mais desconfiado. Obviamente, Perenna queria se livrar dele, enviando-o à procura do brigadeiro.

— Vou enviar um dos meus agentes — ele disse. — A farmácia fica perto daqui?

— Bem perto, na rua Bourgogne. Mas nós podemos telefonar.

— Ah! Podemos telefonar — murmurou o subchefe.

Ele não entendia mais nada. Parecia um homem que não sabe o que vai cair sobre sua cabeça. Lentamente, ele caminhou na direção do telefone enquanto bloqueava a passagem para que dom Luís não pudesse escapar.

Dom Luís, portanto, recuou até o aparelho, como se estivesse sendo forçado a fazê-lo, tirou o fone do gancho com uma mão e, enquanto chamava:

— Alô… alô… Saxe 24-09…

Com a outra mão, encostada na parede, ele cortou um dos fios com um pequeno grampo que teve o cuidado de pegar sobre a mesa.

— Alô… 24-09… é o farmacêutico? Alô… o brigadeiro Mazeroux, da Sûreté, está aí, não está? Hein? O quê? O que o senhor está dizendo? Mas isso é horrível! O senhor tem certeza? A ferida está envenenada!

Com um movimento irrefletido, o subchefe empurrou dom Luís e agarrou o fone. Essa ideia de uma ferida envenenada o perturbava.

— Alô… alô… — gritou ele, vigiando dom Luís e ordenando, com um gesto, que ele não se afastasse. — Alô. Muito bem! O quê? É o subchefe Weber, da Sûreté…

"Alô… Então o brigadeiro Mazeroux… Alô… fale logo, Deus do céu!"

De repente, ele largou o aparelho, olhou para os fios, percebeu que estavam rompidos e, virando-se, revelou um rosto que expressava muito claramente este pensamento:

"É isso. Fui enganado."

Perenna estava três passos atrás dele, indolentemente apoiado contra a madeira da baia, e a mão esquerda passava entre suas costas e a madeira.

Ele sorria. Um sorriso gentil, de uma simplicidade cordial.

— Não se mexa! — ele disse, fazendo um gesto com a mão direita.

Weber não se mexeu, mais assustado com esse sorriso do que teria ficado com ameaças.

— Não se mexa — repetiu dom Luís com uma voz inefável. — E, sobretudo, não se preocupe… Ninguém vai lhe fazer mal. Apenas cinco minutos de castigo no escuro para o rapazinho que não se comportou bem. Você está pronto? Um, dois, três, pá!

Ele sumiu por alguns segundos e apertou o botão que controlava a cortina de ferro. A chapa pesada caiu. O subchefe estava encurralado.

— Duzentos milhões que caem do céu — escarneceu dom Luís. — É um belo efeito, mas um pouco caro. Adeus, herança de Mornington! Adeus, dom Luís Perenna! E agora, bravo Lupin, se não quiser que Weber se vingue, saia daí, e rápido. Um, dois, um, dois… palha, feno…

Enquanto falava, ele trancava por dentro a porta dupla que ia do salão principal à antessala do primeiro andar, então, voltando ao seu escritório, fechou a porta que dava acesso à sala de estar.

Nesse momento, o subchefe começou a esmurrar a cortina de ferro com golpes repetidos e a gritar de tal modo que deveria ser possível ouvi-lo do lado de fora, através da janela aberta.

— Ainda não está fazendo barulho suficiente, subchefe — alertou dom Luís.

Ele pegou o revólver e disparou três tiros, um dos quais partiu um azulejo. Então, rapidamente, ele saiu de seu escritório através de uma pequena porta compacta que cuidadosamente trancou. Ele estava em um corredor que contornava os dois cômodos e levava a uma outra porta que

dava para a antessala.

Dom Luís abriu essa outra porta, bastante grande, e conseguiu se esconder atrás do batente.

Já atraídos pelas detonações e pelo barulho, os agentes invadiram o vestíbulo e as escadas. Quando chegaram ao primeiro andar e atravessaram a antessala, encontrando a porta da sala de estar fechada, apenas uma saída se oferecia a eles, o corredor no final do qual ecoavam os gritos do subchefe. Os seis se precipitaram.

Quando o último desapareceu depois da curva, dom Luís baixou lentamente a porta que o escondia e a fechou, como tinha feito com as outras. Como o subchefe, os seis agentes tinham sido feitos prisioneiros.

— Encaçapados — murmurou dom Luís. — Eles levarão pelo menos cinco minutos para se dar conta da situação, espancar as portas trancadas e conseguir abrir uma. Em cinco minutos, já estaremos longe.

Ele encontrou dois dos seus criados, o motorista e o mordomo, que vieram correndo, assustados. Então, atirou-lhes duas notas de mil francos e disse ao motorista:

— Ligue o motor, artista. E não quero ninguém em volta do carro atrapalhando meu caminho. Mais dois mil francos para cada um se eu conseguir fugir de carro. Sim, é isso mesmo, não façam essas caras estúpidas. Dois mil francos. Vocês só precisam fazer por onde ganhá-los. Depressa, cavalheiros.

Sem muita pressa, ainda com tudo sob controle, dom Luís subiu até o segundo andar. Mas quando já estava nos últimos degraus, uma alegria enorme o abalou e ele exclamou:

— Vitória! O caminho está livre.

A porta da saleta estava diante dele. Ele a abriu repetindo:

— Vitória! Mas não temos nem um segundo a perder. Sigam-me.

Ele entrou. Um palavrão ficou preso em sua garganta. A sala estava vazia.

— O quê! — ele gaguejou. — O que isso significa? Eles se foram. Florence…

Certamente, por mais improvável que fosse a hipótese, ele até então supunha que Sauverand tinha uma chave falsa da fechadura. Mas como poderiam ambos escapar no meio dos agentes? Ele olhou ao redor e imediatamente compreendeu. No reforço onde a janela estava localizada, a

parte inferior da parede, que formava uma espécie de cofre largo abaixo da vidraça, estava com a madeira superior levantada e apoiada contra os azulejos, exatamente como a tampa de uma arca. E, dentro da arca aberta, podia-se ver os primeiros degraus de uma escadaria muito estreita e aberta que descia…

Em um segundo, dom Luís evocou toda a aventura do passado, a avó de seu predecessor, o conde Malonesco, escondida no antigo palácio da família, escapando da busca dos investigadores e vivendo desse modo durante a tempestade revolucionária. Estava tudo explicado. Uma passagem, construída na mesma espessura da parede, conduzia a alguma saída distante. E era assim que Florence entrava e saía do palácio e que Gaston Sauverand entrava e saía em completa segurança. Era assim que ambos podiam entrar em seu quarto e surpreender seus segredos.

"Por que não me disseram nada?", ele se perguntou. "Por desconfiança?"

Mas, na mesa, um papel chamou sua atenção. Com a mão febril, Gaston Sauverand havia traçado estas linhas:

Decidimos fugir para não lhe comprometer. Se formos apanhados, azar. O mais importante é que o senhor fique livre. Toda nossa esperança está depositada no senhor.

Sob essas linhas, havia as seguintes palavras escritas por Florence:

Salve Marie-Anne.

— Ah! — ele murmurou, desconcertado com esse desfecho e sem saber que decisão tomar. — Por que eles não me obedeceram? Agora estamos separados…

Lá embaixo, os polícias estavam demolindo a porta do corredor onde ficaram presos. Antes que conseguissem, talvez ele ainda tivesse tempo de chegar até o carro? Mas preferiu seguir o mesmo caminho de Florence e Sauverand, o que lhe dava a esperança de encontrá-los e socorrê-los em caso de perigo.

Então, saltando a borda da arca, ele pisou no primeiro degrau e desceu. Cerca de vinte degraus o levaram até a metade do primeiro andar. Ali, sob a luz de sua lanterna, ele penetrou em uma espécie de túnel arqueado, muito baixo, cavado, exatamente como ele imaginava, no interior da parede, e tão estreito que só se podia avançar mantendo os ombros enviesados.

Trinta metros mais adiante, havia uma curva em ângulo reto, e então, no final de outro túnel, também comprido, uma escotilha que estava aberta e onde apareceram os degraus de outra escadaria. Ele não tinha dúvida de que os fugitivos tinham passado por ali.

Embaixo, uma claridade o aguardava. Ele tinha chegado a um armário que também estava aberto e cujas cortinas, abertas naquele momento, deviam ficar fechadas em dias normais. Esse armário continha uma cama que quase preenchia o espaço de uma alcova. Depois de atravessar a alcova e chegar à sala da qual ela era separada apenas por uma divisória, para sua surpresa, ele reconheceu a sala de Florence.

Desta vez ele sabia. A passagem, não mais secreta, uma vez que ela dava na praça do Palais-Bourbon, mas muito segura, era a que Sauverand costumava usar quando Florence o introduzia em sua residência. Então Perenna atravessou a antessala, desceu alguns degraus e, um pouco antes do escritório, desabou pela escada que levava às caves do palácio. Na penumbra, era possível identificar a porta baixa usada para a passagem das barricadas, que tinha uma pequena fresta gradeada através da qual a luz do dia era filtrada. Tateando, ele encontrou a fechadura. Feliz por finalmente chegar ao fim de sua expedição, ele abriu.

— Meu Deus do céu! — ele murmurou dando um salto para trás e se agarrando à fechadura, que ele conseguiu fechar.

Dois policiais fardados estavam guardando a saída, dois oficiais que, quando ele apareceu, tentaram agarrá-lo.

De onde vinham aqueles dois homens? Teriam eles impedido a fuga de Sauverand e de Florence? Mas, neste caso, dom Luís teria encontrado os dois fugitivos, uma vez que eles tinham seguido exatamente pelo mesmo caminho.

"Não", pensou ele, "a fuga ocorreu antes da saída ser vigiada. Mas que droga! É a minha vez de fugir e essa situação não é nem um pouco conveniente. Será que vou ser apanhado na toca feito um coelho?"

Ele subiu as escadas da cave com a intenção de apressar as coisas, atravessar o pátio principal pelos corredores, saltar em seu automóvel e forçar a passagem. Mas quando estava prestes a chegar ao corredor, perto da garagem, ele viu quatro dos oficiais da Sûreté que ele havia aprisionado. Eles vigiavam enquanto gesticulavam e gritavam. E ele também percebeu todo um tumulto acontecendo do lado do portão principal e do pavilhão

dos porteiros. Muitas vozes masculinas se misturavam. Eles discutiam agressivamente.

Talvez aquela fosse uma oportunidade que ele podia aproveitar para se esgueirar da multidão e fugir. Correndo o risco de ser visto, inclinou a cabeça para a frente e o espetáculo que se ofereceu aos olhos dele o surpreendeu.

Cercado por policiais e agentes da Sûreté, bloqueado contra a parede, insultado, empurrado, Gaston Sauverand estava lá com os pulsos algemados.

Gaston Sauverand prisioneiro! Que drama poderia ter acontecido entre os dois fugitivos e a polícia? Com o coração cerrado de angústia, ele se inclinou um pouco mais, no entanto não viu Florence. A jovem provavelmente tinha conseguido escapar.

A aparição de Weber no alpendre e as palavras do subchefe confirmaram sua esperança. Weber estava furioso. O cativeiro e a humilhação da derrota o exasperavam.

— Ah! — ele reagiu ao ver o prisioneiro. — Pelo menos um! Gaston Sauverand! Uma presa de qualidade. Onde vocês pegaram esse aí, meus amigos?

— Na praça do Palais-Bourbon — disse um dos inspetores. — Vimos quando ele fugia pela porta da cave.

— E sua cúmplice, a jovem Levasseur?

— Nós a perdemos, chefe. Ela já tinha fugido.

— E dom Luís? Não o deixaram sair do palácio, não é? Eu dei as instruções.

— Ele também tentou sair pela porta da cave, cinco minutos depois!

— Quem lhes disse?

— Um dos polícias que estava de guarda do lado de fora.

— E então?

— O tipo voltou para a cave.

Weber soltou um grito de alegria.

— Vamos pegá-lo! E é um mau negócio para ele! Rebelião contra a polícia! Cumplicidade! Enfim. Vamos conseguir desmascará-lo. Avante! Avante, rapazes! Dois homens para vigiar Sauverand, quatro homens na praça Palais-Bourbon com revólver em punho, dois homens nos telhados e os outros venham comigo! Vamos começar pelo quarto da senhorita

Levasseur, depois vamos ao quarto dele. Ao trabalho, crianças!

Dom Luís não esperou pela investida dos agressores. Informado sobre as intenções deles, bateu em retirada, sem ser visto, na direção do apartamento de Florence. Como Weber ainda não conhecia o caminho direto que passava pelas áreas comuns, ele teve tempo de confirmar que o mecanismo da escotilha ainda funcionava muito bem e que não havia nenhuma forma de descobrir, no fundo da alcova e atrás das cortinas da cama, a existência de um armário secreto.

Assim que entrou pela passagem, ele subiu o primeiro lance de escadas, seguiu o comprido corredor interno à parede, subiu a escada que levava à antecâmara e, percebendo que a segunda escotilha se ajustava tão perfeitamente à madeira que ninguém poderia suspeitar de nada, fechou-a acima de sua cabeça.

Alguns minutos depois, ele ouviu logo acima o tumulto dos homens que o procuravam.

Assim, no dia vinte e quatro de maio, às cinco da tarde, a situação era a seguinte: Florence Levasseur sob mandato de prisão, Gaston Sauverand na prisão, Marie-Anne Fauville na prisão e recusando qualquer comida, e dom Luís, que acreditava na inocência deles e era o único que poderia salvá-los, estava preso em seu palácio sendo caçado por vinte policiais.

A herança de Mornington já não estava mais em questão, uma vez que o legatário tinha acabado de iniciar uma rebelião aberta contra a sociedade.

— Tudo às mil maravilhas — escarneceu dom Luís. — Eis a vida tal qual a vejo agora. A questão é simples e se expõe de diferentes formas. Como pode um miserável, que não tem um centavo no bolso, fazer fortuna em 24 horas sem sair da sua espelunca? Como pode um general, que já não tem soldados ou munições, ganhar uma batalha que estava perdida? Em suma, como poderei eu, Arsène Lupin, assistir à reunião de amanhã à noite no boulevard Suchet e salvar Marie-Anne Fauville, Florence Levasseur, Gaston Sauverand e, sobretudo, meu excelente amigo, dom Luís Perenna?

Golpes surdos ressoaram em algum lugar. Deviam estar revistando os telhados, deviam estar examinando os muros.

Dom Luís se deitou no chão, de barriga para baixo, escondeu o rosto entre os braços cruzados e, fechando os olhos, murmurou:

— Vamos pensar.

Socorro!

Quando, mais tarde, Arsène Lupin me contou esse episódio da trágica aventura, ele me falou, e com certa presunção:

— O que me surpreendia naquele momento, e ainda hoje me surpreende como uma das mais belas vitórias de que tenho o direito de me orgulhar, é que pude admitir de repente, junto com um problema irrevogavelmente resolvido, a inocência de Sauverand e de Marie-Anne. Isso, eu juro, é primordial e excede, em valor psicológico e em mérito policial, as deduções mais famosas dos mais famosos detetives.

"Pois enfim, depois de ponderar, não houve sequer a sombra de um novo fato que me permitisse revisar o processo. As acusações acumuladas contra os dois prisioneiros eram as mesmas e tão graves que nenhum juiz de instrução teria hesitado por um único segundo em assinar seu mandado, e nenhum júri em responder *sim* a todas as questões.

"E, no entanto, por que essa reviravolta repentina se produziu em mim? Por que caminhei na direção contrária a das evidências?

"Por que acreditei em uma verdade inacreditável? Por que admiti o inadmissível?

"Por quê? Ah! Sem dúvida, porque a verdade tem um sotaque que soa aos ouvidos de uma forma bastante peculiar. De um lado, todas as provas, todos os fatos, todas as verdades, todas as certezas; de outro, uma narrativa contada por um dos três culpados, portanto, *a priori*, absurda e mentirosa da primeira à última sílaba, mas uma narrativa com um tom de voz leal, claro, sóbrio, de uma trama concisa que se desdobrava de uma extremidade a outra da aventura, sem complicações ou inconsistências, uma narrativa que não apresentava qualquer solução positiva, mas que, por sua

probidade, obrigava qualquer espírito imparcial a repensar a solução encontrada. Eu acreditei na história."

As explicações de Lupin, da forma como ele me dava, não estavam completas.

— E Florence Levasseur? — perguntei.

— Florence Levasseur?

— Sim, o senhor não chegou a nenhuma conclusão sobre ela. Que opinião o senhor tinha a seu respeito? Tudo a acusava, e não só aos seus olhos, pois logicamente ela participava de todas as tentativas de assassinato dirigidas contra o senhor, mas também aos olhos da justiça. Ninguém sabia que ela ia fazer visitas clandestinas a Gaston Sauverand, no boulevard Richard-Wallace? A fotografia dela não tinha sido encontrada na caderneta do inspetor Vérot? E depois… além disso, por fim, suas acusações… suas certezas… Tudo isso mudou com a história contada por Sauverand? Para o senhor, Florence era inocente ou culpada?

Ele hesitou, estava prestes a responder à minha pergunta direta e francamente, mas não conseguiu se decidir e pronunciou:

— Eu queria confiar. Para agir, eu tinha que ter plena e completa confiança, independentemente das dúvidas que ainda pudessem me assaltar e de qualquer treva que ainda pesasse sobre esta ou aquela parte da aventura. Então eu acreditei. E, acreditando, agi de acordo com minha crença.

Agir, para dom Luís Perenna, nesses momentos de imobilidade forçada, consistia unicamente em repetir sem cessar a relação que Gaston Sauverand tinha apresentado sobre os acontecimentos. Ele tentava reconstitui-la em todos os detalhes, encontrar as menores frases e os termos aparentemente mais insignificantes. E essas frases, ele as examinava uma por uma, e esses termos, ele os perscrutava um por um, a fim de extrair a parte de verdade que eles continham.

Pois a verdade estava lá, Sauverand tinha-lhe dito, e dom Luís não duvidava dela. Toda a história sinistra, tudo o que compunha o caso da herança Mornington e o drama do boulevard Suchet, tudo o que poderia lançar uma luz sobre o complô urdido contra Marie-Anne Fauville, tudo o que poderia explicar a fuga de Sauverand e Florence, tudo estava contido na narrativa de Sauverand. Bastava entender e a verdade surgiria, como a moralidade extraída de algum símbolo obscuro.

Nem uma vez dom Luís se desviou do seu método. Se tal objeção se insinuava em sua mente, ele logo respondia:

"Que seja. Pode ser que eu esteja errado e que a história de Sauverand não me traga nenhum elemento capaz de me guiar. Pode ser que a verdade esteja lá fora, mas estou em condições de chegar a essa verdade de outra forma? Como um instrumento de pesquisa e sem considerar excessivamente certos vislumbres que o aparecimento regular das misteriosas cartas me dava sobre o caso, tenho somente a história de Gaston Sauverand. Então não devo usá-la?"

E, mais uma vez, como um caminho que se percorre seguindo os passos de outra pessoa, ele recomeçava a viver a aventura vivida por Sauverand. Ele a comparava com a que tinha imaginado até então. Ambos se opunham um ao outro, mas, do choque de seus contrastes, não poderia surgir uma centelha?

"Foi o que ele disse", pensou, "e foi nisso que eu acreditei. O que significa essa diferença? Isto é o que aconteceu, e isto é o que parece ser. Por que o culpado quis que o acontecimento se mostrasse precisamente sob esse aspecto? Para manter todas as suspeitas longe dele? Mas seria necessário, neste caso, que chegassem precisamente àqueles a quem chegaram?"

E os questionamentos se acumulavam dentro dele. Ele às vezes respondia a eles de maneira aleatória, citando nomes e proferindo palavras ao acaso, como se o nome citado fosse o do culpado, e as palavras pronunciadas, as que continham a invisível realidade.

Logo ele retomava a narrativa, como fazem os alunos com suas tarefas de casa, análise lógica e análise gramatical, onde cada expressão é minuciosamente estudada, cada período deslocado, cada frase reduzida ao seu valor essencial.

Passaram-se horas e horas.

De repente, no meio da noite, ele teve um sobressalto e puxou o relógio. Sob a claridade de sua lanterna, viu que eram onze horas e quarenta e três.

— Então foi às onze horas quarenta e três minutos da noite — disse ele em voz alta — que eu penetrei nas profundezas das trevas.

Ele procurava controlar sua emoção, mas ela era imensa e ele começou a derramar lágrimas, tão abalados estavam seus nervos pela provação.

Tinha acabado de vislumbrar, de fato, como se adivinha uma paisagem noturna pela luz de um luar, a formidável verdade.

Não há sensação mais violenta do que esses tipos de clarões que subitamente rebentam no meio da escuridão que tateamos e na qual nos debatemos. Já exausto pelo esforço físico e pela falta de comida que começava a fazê-lo sofrer, ele sentiu tão profundamente esse choque que, sem querer pensar por mais um instante sequer, conseguiu adormecer, ou melhor, mergulhar no sono como se mergulha na água de um banho revigorante.

Quando ele acordou, no início da manhã, disposto apesar do incômodo de seu leito, ele sentiu um arrepio ao pensar na hipótese que ele havia aceitado e seu instinto foi de primeiro a questioná-la. Mas ele não teve tempo, por assim dizer. Todas as provas iam ao encontro de seu pensamento e imediatamente transformavam a hipótese em uma dessas certezas que ele ficaria louco se tentasse controlar. Era isso e mais nada. Como ele havia pressentido, a verdade estava inscrita no relato de Sauverand. Ele também não tinha se enganado ao dizer a Mazeroux que a forma como as misteriosas cartas apareciam o haviam colocado no caminho da verdade.

E essa verdade era assustadora.

Ele sentia, ao evocá-la, o mesmo horror que tinha assustado o inspetor Vérot quando, já torturado pelo veneno, ele balbuciou:

— Ah! Tenho medo… Temo que tudo isso esteja sendo combinado de uma forma muito diabólica!

De fato, muito diabólica! E dom Luís continuava confuso diante da revelação de um plano cuja concepção não parecia ter germinado em um cérebro humano.

Ele dedicou mais duas horas a todo o esforço de seu pensamento para examinar a situação de todos os ângulos. Quanto ao desfecho, ele não se preocupava muito porque, agora dono do terrível segredo, ele só tinha que escapar e ir naquela noite à reunião do boulevard Suchet, onde faria diante de todos a revelação do crime. Mas quando, querendo arriscar suas chances de escapar, ele subiu pelo subsolo e chegou ao topo da escada superior, isto é, ao nível de sua antecâmara, ele ouviu através da escotilha as vozes dos homens que se encontravam nesse cômodo.

“Droga”, disse a si mesmo, “o caso está ficando complicado. Para escapar dos esbirros da polícia, tenho de sair da minha prisão, e pelo menos uma destas saídas está condenada. Resta a outra.”

Ele retornou ao apartamento de Florence e acionou o mecanismo que consistia em um contrapeso.

O painel do armário deslizou.

Movido pela fome, na esperança de encontrar algumas provisões que lhe permitissem se manter em seu esconderijo sem ser castigado pela fome, ele estava prestes a contornar a alcova, atrás das cortinas, quando o som de passos o fez parar de imediato. Alguém estava entrando no recinto:

— Bem, Mazeroux, você passou a noite aqui. Nenhuma novidade?

Pela voz, dom Luís reconheceu o comandante-geral, e a pergunta que ouviu lhe fez descobrir, primeiro, que Mazeroux tinha sido retirado do depósito onde estava amarrado, depois, que o brigadeiro estava na sala ao lado. Felizmente, o mecanismo do teto tinha funcionado sem fazer o mínimo barulho e dom Luís pôde surpreender a conversa dos dois homens.

— Nada de novo, senhor comandante — respondeu Mazeroux.

— Muito curioso. Esse maldito personagem tem que estar em algum lugar, ou então ele fugiu pelos telhados.

— Impossível, senhor comandante — disse uma terceira voz, que dom Luís reconheceu como a do subchefe Weber. — Impossível. Ontem pudemos constatar que, a não ser que ele tenha asas…

— Então qual é a sua opinião, Weber?

— A minha opinião, comandante, é que ele está escondido no palácio. Esta construção é antiga. É provável que haja algum esconderijo.

— Evidentemente… evidentemente… — considerou o senhor Desmalions, que dom Luís viu, através de uma abertura da cortina, passar diante da baia da alcova. — Evidentemente, o senhor tem razão e vamos pegá-lo em seu covil. Mas isso é mesmo necessário?

— Senhor comandante!

— Sim, o senhor sabe a minha opinião sobre isso, e também a opinião do presidente do conselho. Exumar Lupin é um erro e isso vai cair nas nossas costas. Afinal, ele se tornou um homem honesto, é útil para nós, e não faz nada de mal…

— Nada de mal, o senhor acha mesmo, comandante? — questionou Weber num tom de despeito.

O senhor Desmalions se pôs a gargalhar.

— Ah! Sim, teve o caso de ontem, do telefonema! Admita que é engraçado. O presidente do conselho se contorceu de rir quando lhe contei…

— Juro que não vejo motivo para rir.

— Não, mas de todo modo, o patife sempre se safa. Engraçado ou não, sua audácia é inédita. Desmantelar o fio do telefone diante dos seus olhos e, em seguida, me bloquear atrás de uma cortina de ferro… A propósito, Mazeroux, será necessário, logo de manhã, consertar esse telefone para que você permaneça aqui em comunicação com a Chefatura. O senhor já iniciou as investigações nestes dois cômodos?

— De acordo com as suas ordens, comandante. Já faz uma hora que o subchefe e eu estamos procurando.

— Sim — confirmou o senhor Desmalions —, essa Florence Levasseur me parece uma criatura inquietante. A cumplicidade dela é certa. Mas que relações tinha com Sauverand e que relações tem com dom Luís Perenna? Isso seria importante saber. O senhor não encontrou nada nos documentos dela?

— Nada, senhor comandante — disse Mazeroux. — São só faturas, cartas de fornecedores.

— E o senhor, Weber?

— Eu, senhor comandante, encontrei algo interessante.

Ele disse estas palavras num tom triunfante e, como o senhor Desmalions o interrogava, ele retomou:

— Este volume de Shakespeare, senhor comandante, o volume oito. O senhor vai notar que, ao contrário dos outros volumes, ele está vazio por dentro e a encadernação é apenas a cartonagem de uma caixa secreta usada para esconder papéis.

— De fato. E esses papéis?

— Aqui estão eles… são folhas… folhas em branco, exceto três. Uma em que está escrita a lista de datas em que as cartas misteriosas deveriam surgir…

— Oh! Oh! — reagiu o senhor Desmalions. — A acusação é esmagadora contra Florence Levasseur. Além disso, fomos informados de que foi aqui que dom Luís conseguiu essa lista.

Perenna escutava com surpresa: ele havia esquecido totalmente esse detalhe e Gaston Sauverand, em sua narrativa, não tinha feito a menor alusão a ele. Entretanto, era algo muito grave e muito estranho. De quem Florence havia obtido a lista de datas?

— E as outras duas folhas? — perguntou o senhor Desmalions.

Dom Luís redobrou sua atenção. Essas duas outras folhas tinham escapado dele no dia da conversa com Florence, naquela mesma sala.

— Aqui está uma delas — respondeu Weber.

O senhor Desmalions pegou a folha e leu:

Não esquecer que a explosão independe das cartas e acontecerá às três da manhã.

— Ah! Sim — ele reagiu, encolhendo os ombros. — A famosa explosão que dom Luís previu e que deve acompanhar a quinta carta, exatamente como anuncia esta lista de datas. Bah! Temos tempo, já que por enquanto só temos três cartas e esta noite chegará a quarta. Além disso, explodir o palácio do boulevard Suchet não seria nada simples, minha Nossa! Isso é tudo?

— Senhor comandante — disse Weber, que apresentou a última folha —, peço que examine este conjunto de linhas escritas a lápis e que formam um grande quadrado contendo outros menores e retângulos de todas as dimensões. Não parece a planta de uma casa?

— Sim, de fato…

— É a planta do palácio onde estamos — afirmou Weber com uma certa solenidade. — Aqui está o pátio central, os edifícios dos fundos, o pavilhão dos porteiros, e, ali, o pavilhão da senhorita Levasseur. Deste pavilhão, feita com um lápis vermelho, parte uma linha pontilhada que segue em ziguezague para os edifícios ao fundo. O início dessa linha está marcado com uma pequena cruz que designa a sala onde estamos… ou mais exatamente a alcova. Aqui foi desenhada a localização de uma lareira, ou melhor, um armário. Um armário construído atrás da cama e que estaria escondido pelas cortinas.

— Mas então, Weber — murmurou o senhor Desmalions —, esta seria a rota de uma passagem que vai deste pavilhão até os edifícios dos fundos? Veja, na outra ponta dessa linha há também uma pequena cruz vermelha feita com um lápis vermelho.

— Sim, senhor comandante, há uma outra cruz. Que localização ela marca? Descobriremos isso mais tarde com mais certeza. Mas, desde já, e partindo de uma simples hipótese, deixei alguns homens em uma pequena sala do segundo andar, onde aconteceu ontem o conciliábulo supremo entre dom Luís, Florence Levasseur e Gaston Sauverand. E agora, de todo modo, nós já conhecemos o esconderijo de dom Luís Perenna.

Houve um silêncio após o qual o subchefe retomou, com um tom de voz cada vez mais solene:

— Senhor comandante, ontem sofri uma afronta sangrenta desse homem. Meus subordinados foram testemunhas. Os criados não devem ignorar o corrido. Muito em breve, o público será informado. Esse homem ajudou Florence Levasseur a escapar e tentou ajudar na fuga de Gaston Sauverand. É um bandido dos mais perigosos. Senhor comandante, tenho certeza de que não vai me negar a permissão para pegá-lo dentro de seu covil. Caso contrário, senhor comandante, serei forçado a pedir demissão.

— Com um excelente motivo — disse o comandante, rindo. — Decididamente, o senhor não consegue superar o caso da cortina de ferro. Pois continue, então! Azar de dom Luís também. Ele pediu… Mazeroux, assim que o telefone estiver consertado, você enviará notícias à Chefatura. E esta noite, nos encontramos no boulevard Suchet, no palácio Fauville. Lembre-se de que se trata da quarta carta.

— Não haverá uma quarta carta, senhor comandante — declarou Weber.

— Por quê?

— Porque até lá dom Luís já estará preso.

— Ah! Então o senhor também acusa dom Luís de ser o autor…

Dom Luís não ouviu mais nada. Lentamente, ele voltou para o armário, agarrou o painel e o baixou sem fazer barulho.

Então seu esconderijo tinha sido descoberto!

— Macacos me mordam — resmungou —, essa é boa! Agora estou em maus lençóis.

Ele correu até a metade da passagem subterrânea com a intenção de chegar à outra saída. Parou.

“Não vale a pena, já que esta saída está cercada… Então, vamos ver, será que vão me pegar? Vejamos… vejamos…”

De baixo, vindo da alcova, já se ouvia um som de golpes, o som de golpes atingindo o painel e cuja sonoridade peculiar provavelmente tinha atraído a atenção do subchefe. E como Weber não era obrigado a tomar as mesmas precauções que dom Luís, parecia que ele estava demolindo o painel sem perder tempo, buscando o mecanismo de acionamento. O perigo estava próximo.

— Santo Deus, santo Deus! — resmungou dom Luís. — Isso é muito estúpido! O que eu faço? Passo por cima deles? Ah, se eu estivesse em plenas condições!

Mas a falta de comida o estava esgotando. Suas pernas tremiam e seu cérebro começava a perder a lucidez habitual.

Uma repetição de golpes na alcova, no entanto, impulsionou-o para a saída de cima, e, subindo a escada, ele iluminou com sua lanterna as paredes do muro e a madeira da escotilha. Ele tentou até levantar a escotilha com os ombros. Mas, mais uma vez, passos ecoaram acima ele. Os homens ainda estavam lá.

Então, consumido pela raiva, impotente, ele esperava pela chegada do subchefe.

Um estalido ocorreu embaixo e seu eco se espalhou por todo o subsolo. Em seguida, houve um tumulto de vozes.

"É isso", ele pensou, "as algemas, a prisão, a cela… Raios partam, que estupidez! E depois Marie-Anne Fauville vai morrer… Depois Florence…"

Antes de desligar a lanterna, ele projetou a luz à sua volta uma última vez. A dois metros da escada, cerca de três quartos da altura e um pouco afastada, faltava uma pedra, uma grande pedra de cantaria na parede, do lado de dentro da casa, que deixava um buraco de dimensões suficientemente grandes para que alguém pudesse se aninhar ali.

Embora o esconderijo não valesse muito, poderia ser que ninguém tivesse a ideia de inspecioná-lo. Dom Luís, além disso, não tinha escolha. Depois de desligar a lanterna, ele se inclinou na direção da borda do buraco, alcançou-o e conseguiu se instalar nele, dobrando-se ao meio.

Weber, Mazeroux e seus homens estavam chegando. Dom Luís se curvou contra o fundo de seu esconderijo para escapar tanto quanto possível da luz das lanternas cujos primeiros raios ele viu brilhar e uma coisa incrível aconteceu. A pedra contra a qual ele se apoiava, oscilou suavemente, como se tivesse girado sobre um eixo, e Perenna caiu de

cabeça para baixo em uma segunda cavidade localizada atrás dessa. Rapidamente ele trouxe suas pernas para dentro dessa cavidade e a pedra se fechou com a mesma lentidão, mas não antes que um calhau, descolado da parede, cobrisse metade de suas pernas.

— Ora, ora — ele tripudiou. — Será que a Providência está se posicionando do lado da virtude e da razão?

Ele ouviu a voz de Mazeroux dizer:

— Ninguém! E chegamos ao fim da passagem. A não ser que tenha fugido com a nossa aproximação… Vejam, pela escotilha no topo desta escada.

E Weber respondeu:

— Dada a inclinação que subimos, é certo que o nível dessa escotilha fica no segundo andar. Então, a segunda cruz da planta marcaria, no segundo andar, a antecâmara contígua ao quarto de dom Luís. Foi o que presumi, e foi por isso que deixei três dos nossos homens de plantão por ali. Se ele tentou fugir daquele lado, ele foi pego.

— Só precisamos bater — disse Mazeroux — e nossos homens vão encontrar a escotilha e abrir para nós. Caso contrário, nós a derrubamos.

Novos golpes soaram. Um bom quarto de hora depois, a escotilha cedeu e outras vozes se misturaram às de Weber e Mazeroux.

Durante esse tempo, dom Luís examinou o esconderijo e constatou sua extrema pequenez. No máximo ele conseguia ficar sentado. Era um corredor, ou melhor, uma espécie de passagem estreita com um metro e meio de comprimento, e que terminava em um orifício ainda mais estreito onde havia tijolos acumulados. As paredes, aliás, eram feitas de tijolos, alguns dos quais estavam faltando, e os escombros de construção que eles deveriam sustentar desmoronavam ao menor impacto. O chão estava cheio deles.

“Droga!, pensou Lupin, “eu não devia ter me agitado tanto! Vou acabar sendo enterrado vivo. Agradável perspectiva!”

Além disso, o medo de fazer barulho o imobilizava. Ele estava, de fato, perto de dois quartos ocupados por agentes, sua antecâmara primeiro, e também seu escritório, uma vez que a antecâmara, como ele sabia, estava localizada na parte de seu escritório reservada para o telefone.

Esse pensamento lhe sugeriu outro. Refletindo e lembrando que às vezes ele se perguntava como a avó do conde Malonesco tinha sido capaz

de viver atrás da cortina de ferro quando ela tinha que se esconder, ele entendeu que havia outrora uma comunicação entre a passagem secreta e o que era agora a cabine telefônica. Comunicação muito estreita para ser atravessada, mas que devia servir para a entrada e saída de ar. Como precaução, caso a passagem secreta fosse descoberta, uma pedra ocultava a entrada superior desse conduíte. O barão Malonesco teve de tapar a extremidade inferior com algumas das madeiras do escritório.

Então ele estava preso ali, no interior das paredes, sem outra decisão a não ser a de escapar do cerco da polícia. Passaram-se mais algumas horas.

Aos poucos, torturado pela fome e sede, ele caiu em um sono pesado, atravessado por pesadelos, tão angustiante que ele tentou acordar a todo custo, mas tão profundo que ele não recuperou a consciência antes das oito horas da noite.

Quando acordou, sentiu-se muito cansado e teve subitamente uma percepção assustadora e, ao mesmo tempo, tão precisa da situação que, por uma reviravolta repentina onde havia medo, ele resolveu deixar seu esconderijo e se render. Qualquer coisa seria melhor do que o suplício que ele estava suportando e que os perigos a que ele se expunha insistindo em uma espera mais longa.

Mas, ao se virar para chegar à entrada do seu covil, ele percebeu, primeiro, que a pedra não oscilava com um simples empurrão, e depois, após várias tentativas, que não conseguia encontrar o mecanismo que provavelmente a movimentava. Ele estava obstinado, mas todos os seus esforços foram em vão. A pedra não se mexia.

A cada uma de suas tentativas, alguns escombros se soltavam da parede superior e reduziam ainda mais o espaço em que ele podia se mexer.

Foi preciso uma dose extra de energia para dominar suas emoções e para dizer brincando:

— Perfeito! Serei obrigado a pedir ajuda. Eu, Arsène Lupin! Sim, pedir socorro a esses senhores da polícia. Caso contrário, minhas chances de acabar enterrado só farão aumentar, minuto a minuto.

Ele cerrou os punhos.

— Com mil raios! Preciso me salvar sozinho. Chamar por socorro? Não, mil vezes não!

Com toda sua vontade, ele tentou pensar, mas o seu cérebro exausto só tinha ideias confusas e desconectadas. A imagem de Florence o

atormentava, e a de Marie-Anne também.

"É esta noite que devo salvá-las", ele dizia a si mesmo. "E vou salvá-las, pois elas não são criminosas e eu sei quem é o culpado. Mas por que meios vou conseguir fazer isso?"

Ele pensava no comandante-geral, na reunião que ia acontecer no boulevard Suchet, no palácio do engenheiro Fauville. A reunião já tinha começado. A polícia estava vigiando o palácio. E esse pensamento o fez lembrar da folha de papel encontrada por Weber no volume oito de Shakespeare e da frase escrita que o comandante tinha lido.

Não se esqueça de que a explosão independe das cartas e acontecerá às três da manhã.

"Sim", pensou dom Luís, que se ateve ao raciocínio do senhor Desmalions, "sim, em dez dias, já que ainda há apenas três cartas. A quarta carta deve surgir esta noite e a explosão só deve ocorrer com a quinta carta, portanto, em dez dias."

Ele repetiu:

— Em dez dias… com a quinta carta… sim, em dez dias…

E de repente ele tremeu de medo. Uma visão atroz tinha acabado de passar por sua mente, uma visão que tinha toda a aparência de realidade. A explosão aconteceria naquela noite!

E, imediatamente, sabendo o que sabia da verdade, em um retorno de sua habitual clarividência, ele admitiu essa hipótese como certa. Obviamente, apenas três cartas tinham surgido da misteriosa sombra, mas quatro cartas deveriam ter surgido, uma vez que uma delas não tinha surgido na data marcada, mas dez dias depois, e por uma razão que dom Luís sabia. Além do mais, não era disso que se tratava. Não se tratava de buscar a verdade nessa confusão de datas e cartas, nesse imbróglio inextricável onde ninguém podia recorrer à certeza. Não. Apenas uma coisa dominava a situação, esta frase: "*Não se esqueça de que a explosão independe das cartas.*" Ora, como a explosão estava agendada para a noite do dia vinte e cinco para o dia vinte e seis de maio, a explosão ocorreria naquela mesma noite, às três horas da manhã!

— Socorro! Socorro! — ele começou a gritar.

Desta vez, ele não hesitou. Se teve a coragem, até agora, de permanecer na profundidade de sua prisão e aguardar o acontecimento milagroso que viria em seu auxílio, ele preferia, neste momento, enfrentar todos os perigos

e sofrer todos os castigos a deixar ao destino que os ameaçava o comandante-geral, Weber, Mazeroux e seus companheiros.

— Socorro! Socorro!

Em três ou quatro horas, o palácio do engenheiro Fauville estava prestes a explodir. Ele tinha a mais pura certeza disso. Com a mesma precisão com que as cartas misteriosas tinham chegado ao seu destino, apesar de todos os obstáculos que estavam no seu caminho, a explosão aconteceria na hora indicada. O artesão infernal da maldita obra assim o desejava. Às três da manhã, não restaria nada do palácio.

— Socorro! Socorro!

Ele encontrou forças para gritar desesperadamente e para fazer sua voz soar para além das pedras e da madeira.

Então, como não parecia que seu chamado estava sendo atendido, ele parou e ouviu por um longo tempo. Nenhum barulho ao redor. Silêncio absoluto.

Depois, uma terrível angústia o cobriu de suor. E se os agentes, renunciando à guarda dos andares superiores, estivessem confinados nos quartos do térreo para passar a noite lá?

Como um louco, ele pegou um tijolo e bateu repetidamente na pedra da entrada, esperando que o barulho se espalhasse através do palácio. Mas logo uma avalanche de escombros descolados pelo choque caiu sobre ele, derrubou-o novamente e o imobilizou.

— Socorro! Socorro! Socorro!

Silêncio. Silêncio completo, implacável.

— Socorro! Socorro!

Ele tinha a impressão de que seus gritos não iam além das paredes que o sufocavam. Além disso, sua voz estava ficando cada vez mais fraca, um gemido rouco, ofegante, que expirava em sua garganta ferida.

Ele se calou e ouviu novamente, com toda a atenção concentrada, o grande silêncio que o envolvia, como camadas de chumbo em volta do caixão de pedra onde estava. Nada. Nenhum barulho. Ninguém viria e ninguém poderia vir em seu socorro.

A imagem e o nome de Florence continuavam a obcecá-lo, e ele também pensava em Marie-Anne, que tinha prometido salvar. Mas Marie-Anne morreria de fome. E como ela, como Gaston Sauverand, e como tantos outros, ele era, por sua vez, vítima desse caso monstruoso.

Um incidente aumentou sua angústia. De repente, a lanterna que ele tinha deixado acesa para dissipar o horror da escuridão se apagou. Eram onze horas da noite.

Vertigens o atordoavam. Ele mal respirava e o ar se tornava insuficiente, já estava viciado. Seu cérebro sofria, além de um mal físico e muito doloroso, o retorno de imagens que pareciam estar incrustadas nele, e eram sempre a bela figura de Florence ou o rosto lívido de Marie-Anne. E, em sua alucinação, enquanto Marie-Anne agonizava, ele ouvia a explosão do palácio Fauville e via o comandante-geral e Mazeroux terrivelmente mutilados, mortos.

Um torpor o entorpeceu. Ele caiu numa espécie de desmaio em que continuava a balbuciar sílabas confusas:

— Florence… Marie-Anne… Marie-Anne…

A explosão no boulevard Suchet

A quarta carta misteriosa! A quarta dessas cartas que "o diabo colocava no correio e o diabo distribuía", segundo a expressão de um jornal! Lembremos da extraordinária superexcitação do público à medida que a noite do dia 25 para o dia 26 de maio se aproximava…

E algo novo elevava ao ponto mais alto essa efervescência de curiosidade. Um após o outro, soube-se da prisão de Sauverand, da fuga de sua cúmplice, Florence Levasseur, secretária de dom Luís Perenna, e do inexplicável desaparecimento desse Perenna que, obstinadamente, e por boas razões, era confundido com Arsène Lupin.

Confiante na vitória, mantendo sob suas garras quase todos os autores do drama, a polícia tinha pouco a pouco escorregado em indiscrições, e pelos detalhes revelados para este ou aquele jornalista, sabia-se das reviravoltas em relação a dom Luís, suspeitava-se de seu amor por Florence Levasseur e da verdadeira razão de sua rebelião e se vibrava de emoção com o espetáculo dessa nova luta iniciada por esse surpreendente personagem.

O que ele iria fazer? Se queria livrar das acusações aquela que amava, e libertar Marie-Anne e Sauverand, ele precisava intervir durante aquela mesma noite, participar, de uma forma ou de outra, do acontecimento que estava sendo preparado e, prendendo o invisível mensageiro da quarta carta ou fornecendo explicações irrefutáveis, provar a inocência dos três cúmplices. Enfim, ele tinha de estar lá. Que elemento de interesse!

Além disso, as notícias sobre Marie-Anne não eram boas. Com uma obstinação incansável, ela persistia em seus planos de suicídio. Era preciso alimentá-la por meios artificiais e, na enfermaria de Saint-Lazare, os

médicos não escondiam sua preocupação. Dom Luís Perenna chegaria a tempo?

Havia ainda outra coisa, a ameaça de uma explosão que faria o palácio do engenheiro Fauville saltar pelos ares dez dias depois da quarta carta. Uma ameaça realmente impressionante quando se pensava que o inimigo nunca tinha anunciado nada que não tivesse acontecido na hora marcada. E embora ainda faltassem — pelo menos era o que se acreditava — dez dias para o desastre, isso fazia toda a questão parecer cada vez mais sinistra.

Assim, naquela noite, uma verdadeira multidão se dirigiu ao boulevard Suchet, por Muette e por Auteuil, vindo não só de Paris, mas também dos subúrbios e da província. O espetáculo era apaixonante. Todos queriam ver.

Só se podia ver de longe, pois a polícia tinha organizado bloqueios a cem metros à direita e à esquerda do palácio e reprimia de volta para as valas das fortificações aqueles que tinham conseguido subir a encosta oposta.

O céu estava tempestuoso, coberto de nuvens pesadas que podiam ser vistas em intervalos sob a luz de uma lua totalmente branca. Havia relâmpagos e trovões distantes. As pessoas cantavam. Os garotos soltavam gritos como animais. Nos bancos e nas calçadas, as pessoas estavam reunidas em grupos, comendo e bebendo enquanto conversavam.

Parte da noite transcorreu assim, sem que nada parecesse responder à expectativa da multidão, e todos se perguntavam com certa lassidão se não seria melhor ir embora, pois, como Sauverand estava preso, havia uma grande chance de que a quarta carta não surgisse como as outras, no meio da misteriosa escuridão.

No entanto, ninguém ia efetivamente embora: dom Luís Perenna ia chegar!

Desde as dez da noite, o comandante-geral e o secretário-geral da Chefatura, o chefe da Sûreté, o subchefe Weber, o brigadeiro Mazeroux e dois agentes estavam reunidos no salão principal onde o engenheiro Fauville tinha sido assassinado. Quinze outros agentes ocupavam os outros cômodos enquanto cerca de vinte outros vigiavam os telhados, a fachada e o jardim.

Por volta da meia-noite, o senhor Desmalions pediu aos seus agentes para servirem café. Ele mesmo tomou duas xícaras e continuou caminhando de um lado a outro do quarto, subindo as escadas que

levavam à mansarda ou indo da antecâmara ao vestíbulo. Preferindo que a vigilância fosse exercida nas condições mais favoráveis, ele deixava todas as portas abertas e todas as luzes acesas.

Mazeroux objetou:

— É preciso escuridão para que a carta chegue. Lembre-se, senhor comandante, a tentativa contrária já foi feita e a carta não foi entregue.

— Vamos recomeçar o teste — respondeu o senhor Desmalions, que, na realidade, e apesar de tudo, temia a intervenção de dom Luís.

No entanto, à medida que a noite avançava, a impaciência dominava os ânimos. Preparados para a luta, todos os homens queriam a oportunidade de usar sua energia exasperada. Eles ouviam e observavam desesperadamente. Por volta da uma hora, houve um alerta que mostrou a que ponto tinha chegado a tensão nervosa deles. Um tiro partiu do primeiro andar, seguido por clamores. Informações levantadas: eram dois agentes que se encontraram durante uma ronda e não se reconheceram. Um deles então disparou no ar para alertar seus camaradas.

Do lado de fora, no entanto, havia menos pessoas, como o senhor Desmalions pôde constatar ao entreabrir a porta para o jardim. As instruções, menos severas, deixavam os curiosos se aproximarem, enquanto as proximidades das calçadas seguiam interditadas.

Mazeroux disse:

— Felizmente a explosão não acontecerá esta noite, senhor comandante. Caso contrário, todas essas boas pessoas morreriam conosco.

— Não haverá explosão em dez dias, nem haverá uma carta esta noite — disse o senhor Desmalions, encolhendo os ombros.

E acrescentou:

— Além disso, nesse dia, as ordens serão inflexíveis.

Eram então duas horas e dez.

Às duas horas e vinte e cinco, quando o comandante-geral acendeu um charuto, o chefe da Sûreté arriscou, rindo:

— Isso é uma coisa de que o senhor terá de se privar da próxima vez, comandante. Seria muito perigoso.

— Da próxima vez — disse o senhor Desmalions —, não vou perder o meu tempo vigiando. Porque começo a acreditar que essa coisa da carta está terminada.

Mazeroux insinuou:

— Já se sabe se…?

Mais alguns minutos passaram… o senhor Desmalions se sentou. Os outros também ocuparam seus lugares. Ninguém mais falava.

E de repente todos eles saltaram, com o mesmo movimento e com a mesma expressão de surpresa. Uma campainha tocou.

Uma campainha. Como era possível?

Eles logo viram de onde ela vinha.

— O telefone — murmurou o senhor Desmalions.

E esse fenômeno o surpreendia infinitamente, e também a todos os assistentes, porque nunca tinham imaginado que o telefone do palácio Fauville ainda funcionasse.

Quando o comandante-geral se aproximou do aparelho, a campainha tocou novamente. Ele considerou:

— Talvez seja da Chefatura. Algum aviso urgente.

Terceiro toque…

Ele tirou o fone do gancho:

— Alô, o que deseja?

Uma voz respondeu, tão distante e tão fraca que ele percebeu apenas sons incoerentes e gritou:

— Fale mais alto! O quê? O que é isso? Quem está falando?

A voz balbuciou algumas sílabas que pareceram deixá-lo estupefato.

— Alô! — ele disse — Não estou entendendo… repita por favor… Alô, quem está falando?

— Dom Luís Perenna — foi a resposta ouvida de modo mais distinto.

— Hein? O quê? Dom Luís… Perenna.

Ele estava prestes a desligar o telefone e resmungou:

— Um trote. Um brincalhão qualquer que está se divertindo.

No entanto, relutante, retomando a comunicação, ele disse num tom rude:

— Mas o que é? É dom Luís Perenna?

— Sim.

— O que o senhor deseja?

— Que horas são?

O comandante teve um gesto de raiva, não tanto por causa dessa pergunta absurda, mas porque ele tinha reconhecido, realmente, sem possibilidade de erro, a voz de dom Luís Perenna.

— Ora! — ele disse, procurando se dominar. — Que história nova é essa? Onde o senhor está?

— No meu palácio, acima da cortina de ferro, no teto do meu escritório.

O comandante repetiu, confuso:

— No teto?

— Sim, e um tanto cansado, admito.

— Nós vamos resgatá-lo — disse o senhor Desmalions, que estava começando a se divertir.

— Mais tarde, senhor comandante. Responda-me primeiro. Rápido… Caso contrário, não sei se terei forças… Que horas são?

— Ah! Essa agora…

— Por favor…

— Vinte para as três.

— Vinte para as três!

Era possível dizer que dom Luís encontrava uma força inesperada em um súbito ataque de medo. Sua voz enfraquecida sobressaiu e, pouco a pouco, desesperada, imperiosa, suplicante, repleta de uma convicção que procurava se impor, ele ordenou:

— Saiam daí, senhor comandante… Vão embora… Saiam do palácio… Às três horas o palácio vai explodir. Sim, eu juro… Dez dias após a quarta carta é hoje, pois a entrega das cartas sofreu um atraso de dez dias… É hoje às três da manhã. Lembre-se do que estava escrito na folha que o subchefe Weber encontrou esta manhã. "A explosão independe das cartas. Ela acontecerá às três da manhã." Às três da manhã, hoje, senhor comandante! Ah! Saiam daí, eu suplico… Ninguém pode ficar no palácio… Vocês precisam acreditar em mim… Eu sei toda a verdade sobre o caso… E nada impedirá que a ameaça seja executada… Saiam, saiam daí! Ah! É horrível. Sinto que o senhor não acredita… E eu não tenho mais forças… Saiam todos…

Ele disse mais algumas palavras que o senhor Desmalions não conseguiu discernir. Então a comunicação foi interrompida, e embora o comandante tenha ouvido gritos, pareceu-lhe que esses gritos estavam distantes, como se o telefone já não estivesse ao alcance da boca que soltava esses gritos.

Ele colocou o telefone de volta no gancho.

— Senhores — disse ele com um sorriso —, faltam dezessete minutos para as três. Daqui a dezessete minutos nós saltaremos pelos ares. Pelo menos é o que afirma nosso bom amigo dom Luís Perenna.

Apesar das piadas que saudaram essa ameaça, havia nele um sentimento de embaraço. O subchefe Weber perguntou:

— Era de fato dom Luís, comandante?

— Em pessoa. Ele se escondeu em algum buraco do palácio, acima do escritório, e as privações e a fadiga parecem tê-lo deixado um pouco perturbado. Mazeroux, vá pegá-lo em seu esconderijo. Se é que isso não é um novo truque dele. O senhor tem o mandado?

O brigadeiro Mazeroux se aproximou do senhor Desmalions. Ele estava pálido.

— Senhor comandante, *ele* disse que vamos explodir?

— Ele acredita que sim. Ele se baseia nessa anotação que Weber encontrou em um volume de Shakespeare. A explosão deve acontecer esta noite.

— Às três da manhã?

— Às três da manhã, isto é, em quinze minutos.

— E vai ficar aqui, senhor comandante?

— Essa é boa, brigadeiro. Acredita que vamos obedecer aos caprichos desse cavalheiro?

Mazeroux cambaleou, hesitou, mas, apesar de toda a sua deferência, incapaz de se conter, exclamou:

— Senhor comandante, isso não é um capricho. Trabalhei com dom Luís. Conheço bem esse homem. Se ele diz uma coisa, é porque ele tem as suas razões.

— Más razões.

— Mas não, senhor comandante! — implorou Mazeroux, que estava cada vez mais exaltado. — Juro que é preciso ouvi-lo… Às três da manhã, ele disse… o palácio vai explodir… Temos alguns minutos… Vamos embora daqui, por favor.

— Ou seja, vamos fugir.

— Não é uma fuga, senhor comandante. É uma simples precaução. Não podemos arriscar. O senhor mesmo, comandante…

— Já chega!

— Mas, senhor comandante, uma vez que dom Luís disse…

— Chega! — o senhor Desmalions repetiu em um tom seco. — Se o senhor tem medo, aproveite a ordem que lhe dei e vá atrás de encontrar dom Luís.

Mazeroux juntou os calcanhares, e, com um gesto de um ex-soldado, fez a saudação militar.

— Eu fico aqui, senhor comandante.

E, dando meia-volta, ele foi ocupar um lugar um pouco distante dali.

Houve um silêncio. O senhor Desmalions começou a andar pela sala com as mãos para trás e então, dirigindo-se ao chefe da Sûreté e ao secretário-geral:

— E então, espero que os senhores concordem comigo.

— Mas é claro, senhor comandante.

— Não é mesmo? Em primeiro lugar, essa suposição não se baseia em nada sério. E depois, ora, estamos protegidos! As bombas não cairiam assim, do nada, sobre nossas cabeças. É preciso que alguém as jogue. Como? Por onde?

— Pelo mesmo meio que as cartas — arriscou o secretário-geral.

— Hein? Então o senhor admite…

O secretário-geral não respondeu e o senhor Desmalions não concluiu sua sentença. Ele mesmo sentia, como os outros, esse desconforto que, pouco a pouco, conforme os segundos passavam, se tornava doloroso, quase intolerável.

"Três da manhã!". Essas poucas palavras não paravam de voltar à sua mente. Ele consultou o relógio duas vezes. Ainda restavam doze minutos. Dez. Será que, de fato, por mero efeito de uma vontade infernal e onipotente, o palácio ia explodir?

— Isso é estúpido! É estúpido! — ele gritou, batendo o pé.

Mas, olhando para os seus companheiros, ele ficou espantado com a contração de seus rostos e sentiu em seu peito o coração apertar estranhamente.

Ele não tinha medo, claro que não, tampouco os outros. Mas todos eles, dos chefes aos meros agentes, estavam sob a influência desse dom Luís Perenna, que eles tinham visto realizar coisas tão extraordinárias e administrar essa tenebrosa aventura com uma assombrosa habilidade. Conscientemente ou não, quer quisessem ou não, todos o consideravam um ser excepcional, dotado de faculdades especiais, um ser em quem era

impossível pensar sem evocar diretamente o espantoso Arsène Lupin e sua lendária audácia, sua genialidade e sua clarividência sobre-humana.

E era Lupin quem dizia para eles fugirem. Perseguido, caçado, ele se entregava para avisá-los do perigo. E esse perigo era iminente. Mais sete minutos, mais seis, e o palácio explodiria.

Mazeroux apenas se ajoelhou, fez o sinal da cruz e começou a rezar em voz baixa. O gesto foi tão impressionante que o secretário-geral e o chefe da Sûreté esboçaram um movimento em direção ao comandante de polícia.

O comandante virou a cabeça e continuou a caminhar de um lado para o outro. Mas sua angústia crescia e as palavras ouvidas ao telefone ecoavam em seu ouvido. Toda a autoridade de Perenna, sua súplica ardente, sua convicção enlouquecida, tudo isso o perturbava. Ele tinha visto Perenna em ação. Ninguém tinha o direito, em tal circunstância, de negligenciar a advertência daquele indivíduo.

— Vamos embora daqui — disse ele.

Essas palavras foram proferidas da maneira mais calma possível, e era possível crer que aqueles que as ouviram as consideraram apenas como a conclusão judiciosa de uma situação bastante comum. Partiram sem pressa e sem desordem, não como fugitivos, mas como homens que obedecem voluntariamente a um dever de prudência.

No limiar da porta, abriram passagem ao comandante-geral.

— Não — ele disse —, podem ir, eu os acompanho.

Ele foi o último a sair da sala, deixando a luz acesa.

No vestíbulo, pediu ao chefe da Sûreté que soprasse o apito. Quando todos os agentes foram reunidos, ele ordenou que deixassem o palácio, assim como o porteiro, e fechou a porta atrás de si.

Chamando os oficiais que vigiavam o boulevard, ele ordenou:

— Quero todos distantes daqui, afastem a multidão o máximo possível… e rápido, está bem? Dentro de um quarto de hora, estaremos de volta ao palácio.

— E o senhor, comandante — murmurou Mazeroux —, espero que não pretenda ficar aqui.

— Juro que não — disse ele, rindo. — Já que estou dando ouvidos ao conselho do nosso amigo Perenna, tenho de ir até ao fim.

— Mas só faltam dois minutos.

— Nosso amigo Perenna disse três horas e não dois minutos para as três. Então…

Ele atravessou o boulevard, acompanhado pelo chefe da Sûreté, pelo secretário-geral e por Mazeroux, e escalou o talude oposto.

— Talvez devêssemos nos abaixar — insistiu Mazeroux.

— Abaixemos — disse o comandante, sempre de bom humor. — Mas, na realidade, se não houver explosão, meto um tiro na minha cabeça. Não conseguirei viver depois de me submeter a tal ridículo.

— Haverá uma explosão, senhor comandante — afirmou Mazeroux.

— O senhor deve confiar muito mesmo no nosso amigo dom Luís.

— O senhor tem a mesma confiança, senhor comandante.

Eles se calaram, tensos pela espera e lutando contra a ansiedade que os dominava. Um a um, eles contaram os segundos pelas batidas de seus corações. Era interminável.

Soaram três horas em algum lugar.

— Viram — tripudiou o senhor Desmalions, cuja voz estava exaltada —, não vai acontecer nada. Graças a Deus!

E resmungou:

— Isso é estúpido! É estúpido! Como se fosse concebível que uma coisa dessas acontecesse!

Outro relógio tocou, mais longe, e então, no topo de um palácio próximo, a hora também soou.

Antes que soasse a terceira badalada, eles ouviram uma espécie de estalido e logo ocorreu a explosão, formidável, completa e tão breve que eles só tiveram a visão de um enorme feixe de chamas e fumaça de onde jorravam enormes pedras e escombros, uma espécie de gigantesco buquê de fogos de artifício. E acabou. O vulcão havia entrado em erupção.

— Em frente! — gritou o comandante-geral, precipitando-se. — Alguém telefona! Rápido, acionem os bombeiros…

Ele agarrou Mazeroux pelo braço.

— Corra até meu carro, ele está a uns cem metros daqui. Peça para o levarem até dom Luís, e se o encontrar, liberte-o e traga-o aqui.

— Quer que eu lhe dê voz de prisão, senhor comandante?

— Voz de prisão? O senhor enlouqueceu!

— Mas se o subchefe Weber…

— Weber nos deixará em paz. Eu cuido dele. Suma.

Mazeroux cumpriu a missão, não com mais pressa do que se ele estivesse indo prender dom Luís, pois era um homem que cumpria o dever, mas com uma alegria singular. O combate que ele tinha sido forçado a iniciar contra aquele que ele sempre chamou de chefe muitas vezes o havia feito lamentar a ponto de caírem lágrimas de seus olhos. Desta vez, ele chegava em seu auxílio, talvez até como seu salvador.

Na parte da tarde, renunciando, por ordem do senhor Desmalions, às buscas pelo palácio, já que a fuga de dom Luís era considerada como certa, o subchefe tinha deixado apenas três homens de guarda. Mazeroux os encontrou em uma sala no térreo, onde eles se revezavam na vigilância. Quando interrogados, afirmaram que não tinham ouvido o mínimo barulho.

Ele subiu sozinho, de modo que o encontro com seu chefe não tivesse testemunhas, passou pela sala de estar e entrou no escritório. Lá, uma preocupação o dominou, porque à primeira vista, tendo acendido uma lanterna, ele não viu nada.

— Chefe — ele chamou várias vezes —, chefe, onde o senhor está?

Nenhuma resposta.

"No entanto", pensou Mazeroux, "quando ele telefonou, só poderia ser daqui."

De fato, ele notou de longe que o fone estava fora do gancho. Avançou então em direção à cabine e se chocou com pedaços de tijolos e gesso que forravam o tapete. Ele iluminou a cabine e viu acima dele um braço pendurado no teto. Em volta desse braço, o teto estava todo quebrado, mas o ombro não tinha conseguido passar e não era possível reconhecer a cabeça do enclausurado.

Mazeroux pulou em uma cadeira, pegou a mão e a apalpou. O toque quente o tranquilizou.

— É você, Mazeroux? — articulou uma voz que parecia muito distante para o brigadeiro.

— Sim, sou eu. O senhor não está ferido, não é mesmo? Nada grave?

— Não, só zonzo e muito fraco… É a fome… Ouça…

— Estou ouvindo…

— Abra a segunda gaveta à esquerda da minha escrivaninha. Você vai encontrar…

— O que, chefe?

— Um chocolate velho.

— Mas…

— Vai logo Alexandre, estou morrendo de fome.

Com efeito, depois de um momento, dom Luís retomou, em um tom mais alegre:

— Estou melhor. Posso esperar. Vai até a cozinha e me traz pão e água.

— Já volto, chefe.

— Não tão rápido. Volte pelo quarto de Florence Levasseur e pela passagem secreta até a escada que leva à escotilha superior.

E ele mostrou como fazer para deslocar a pedra e entrar na espécie de canal onde tinha pensado que encontraria um fim trágico.

Em dez minutos, a tarefa tinha sido executada. Mazeroux escavou o buraco, conseguiu agarrar dom Luís pelas pernas e o puxou para fora do seu covil.

— Olha, realmente, chefe — ele gemeu cheio de piedade —, que posição horrível! Como o senhor conseguiu fazer isso? Sim, vejo que, daqui, o senhor cavou logo à frente, deitou de bruços e cavou um pouco mais… mais de um metro! Foi preciso coragem, de estômago vazio!

Dom Luís foi instalado em seu quarto, devorou dois ou três pedaços de pão, bebeu um pouco e contou:

— Uma coragem severa, meu parceiro. Droga! Quando a cabeça está girando e o cérebro não funciona mais, palavra de honra, só se pode deixar levar. Mas ainda assim eu continuava cavando, como você viu, eu cavava, semiacordado, como num pesadelo. Olha, meus dedos estão destruídos. É que eu só pensava nessa maldita história da explosão, e queria adverti-los a todo custo e cavava meu túnel! Que experiência! E depois, bam! Senti o vazio, minha mão passou, e depois o braço. Onde é que eu estava? Por Deus, acima do telefone. Percebi imediatamente, apalpando a parede e encontrando os fios. Tive que fazer toda uma manobra, que durou uma meia hora, para alcançar o aparelho. Meu braço não era longo o suficiente.

"Foi com um barbante e um laço que consegui pescar o fone e segurá-lo perto da minha boca, ou pelo menos a uns trinta centímetros da minha boca. E eu gritava para poderem me ouvir! Eu berrava! E estava com dores! E então, no final, meu barbante arrebentou… E depois… e então, eu estava ficando sem forças. Além disso, o que é que tem, vocês foram avisados, cabia a vocês se virarem.

Ele levantou a cabeça na direção de Mazeroux e perguntou, como se nunca tivesse duvidado da resposta:

— A explosão aconteceu, não é mesmo?

— Sim, chefe.

— Às três horas em ponto?

— Sim.

— E, é claro, o senhor Desmalions evacuou o palácio?

— Sim.

— No último minuto?

— No último minuto.

Dom Luís disse, rindo:

— Eu tinha certeza de que ele resistiria e só cederia no último momento. Devem ter sido terríveis quinze minutos, meu pobre Mazeroux, porque, é claro, você me deu razão imediatamente.

Ele não parava de comer enquanto falava e cada mordida parecia lhe devolver um pouco de sua animação habitual.

— A fome é uma coisa engraçada — disse ele. — Como faz diferença! Mas enfim! A barriga está cheia e já tem reserva. Daqui a meia hora ela ficará bem. É o tempo de eu tomar banho e fazer a barba.

Depois de terminar a toilette, ele se sentou diante dos ovos e da carne fria que Mazeroux tinha preparado. Depois, levantando-se:

— Agora vamos!

— Mas não há pressa, chefe. O senhor pode dormir algumas horas. O comandante vai esperá-lo.

— Está louco! E Marie-Anne Fauville, acha que vou deixá-la na prisão, assim como Sauverand? Nem um segundo a perder, meu parceiro.

Dizendo a si mesmo que o chefe ainda não tinha se recuperado totalmente — salvar Marie-Anne e Sauverand, assim, num passe de mágica! Não, isso já ia longe demais! —, Mazeroux acompanhava até o carro do comandante um Perenna novamente alegre, elegante, descansado como se tivesse acabado de sair da cama.

— Muito lisonjeira para o meu amor-próprio — ele disse para Mazeroux —, muito lisonjeira essa hesitação do comandante após meu aviso por telefone e sua obediência no momento decisivo. Preciso ter todos esses senhores nas minhas mãos para que eles tirem suas patas a um sinal meu! “Atenção, cavalheiros, se lhes telefonarem do fundo do inferno, cuidado! Às

três horas, bomba. — Mas não! — Mas sim! — Como o senhor sabe? — Porque eu sei. — Mas onde está a prova? — A prova, é que eu estou dizendo. — Oh! Então, se o senhor está dizendo". E às cinco para as três, afastem-se. Ah! se eu não fosse tão modesto!

Eles chegaram ao boulevard Suchet, onde a multidão estava tão espremida que eles tiveram que descer e seguir a pé. Mazeroux atravessou o cordão de agentes que defendiam os arredores do palácio e levou dom Luís até o talude oposto.

— Espere por mim aqui, chefe, vou avisar o comandante-geral.

Do outro lado da rua, sob o céu pálido da manhã onde nuvens negras ainda se deslocavam, dom Luís viu os danos causados pela explosão. Eles eram, em aparência, muito menos consideráveis do que ele imaginava. Apesar do desabamento de algumas partes do teto, cujos escombros podiam ser vistos através do buraco escancarado nas janelas, o palácio permanecia de pé. Até mesmo o pavilhão do engenheiro Fauville parecia ter sofrido pouco, e, estranhamente, a eletricidade, que o comandante-geral tinha deixado acesa antes de sua partida não apagou. No jardim e na calçada, havia uma pilha de móveis ao redor dos quais soldados e agentes estavam de plantão.

— Siga-me, chefe — disse Mazeroux, que voltou para buscar dom Luís e o conduziu ao escritório do engenheiro.

Parte do assoalho estava destruída. As paredes exteriores à esquerda, ao lado da antecâmara, estavam perfuradas e, para sustentar o teto, dois operários erguiam vigas trazidas de um canteiro de construção vizinho. Mas, de um modo geral, a explosão não obteve os resultados esperados por aquele que a preparou.

O senhor Desmalions estava lá, assim como todos que tinham passado a noite nessa sala e várias autoridades importantes da polícia. O subchefe Weber tinha acabado de sair. Ele não queria se encontrar com seu inimigo.

A presença de dom Luís despertou grande comoção. O comandante-geral foi direto ao encontro dele e disse:

— Todo nosso agradecimento, senhor. Sua perspicácia é, acima de tudo, um elogio. O senhor salvou nossas vidas. Estes senhores e eu queremos agradecê-lo da melhor forma. No meu caso, foi a segunda vez.

— Há uma maneira muito simples de me agradecer, senhor comandante. — disse dom Luís. — Autorizar-me a ir até o fim em minha

missão.

— Sua missão?

— Sim, senhor comandante. A ação desta noite foi apenas o começo. A conclusão é a libertação de Marie-Anne Fauville e de Gaston Sauverand.

O senhor Desmalions sorriu:

— Oh! Oh!

— É pedir muito, senhor comandante?

— Pedir sempre é possível, porém, o pedido deve ser razoável. Mas não depende de mim decidir se essas pessoas são inocentes.

— Não, mas depende do senhor informá-los de sua inocência quando eu conseguir prová-la.

— Isso com certeza, desde que o senhor possa provar isso de forma irrefutável.

— Irrefutável…

No entanto, e ainda mais do que das outras vezes, a segurança de dom Luís impressionou o senhor Desmalions, que insinuou:

— Os resultados da investigação sumária que fizemos talvez possam ajudá-lo. Tivemos a confirmação de que a bomba foi colocada na entrada desta antecâmara e, muito provavelmente, sob os tacos do piso.

— Isso é inútil, senhor comandante. Estes são apenas detalhes secundários. O essencial, agora, é que o senhor saiba de toda a verdade, e não apenas por meio de palavras.

O comandante se aproximou dele. Magistrados e agentes o cercaram. Suas palavras e gestos foram ouvidos com uma impaciência febril. Seria possível que essa verdade, ainda que tão distante e tão confusa, apesar de toda a importância atribuída às prisões já efetuadas, pudesse finalmente ser descoberta?

O momento era de grande importância, os corações estavam cerrados. O anúncio da explosão, feito por dom Luís, deu às suas previsões um valor de algo realizado, e aqueles que ele tinha salvado da terrível catástrofe não estavam longe de admitir como realidade as declarações mais implausíveis que tal homem pudesse fazer.

Ele disse:

— Senhor comandante, o senhor esperou em vão esta noite pela chegada da quarta carta misteriosa. Por um milagre imprevisto pelo acaso, poderemos assistir à chegada dessa quarta carta, e então o senhor saberá

que foi a mesma mão que cometeu todos os crimes… e descobrirá quem os cometeu.

E, dirigindo-se a Mazeroux:

— Brigadeiro, por favor, faça a gentileza de deixar esta sala na máxima escuridão possível. Se não houver persianas, puxe as cortinas e feche as portas. Senhor comandante, é por mero acaso que as luzes estão acesas?

— Sim, por mero acaso. Vamos apagá-las.

— Um instante…

Havia uma vela em um candelabro. Ele pegou o candelabro e acendeu a vela. Depois desligou o interruptor.

Fez-se então uma semiescuridão na qual a chama da vela, agitada por correntes de ar, vacilava. Dom Luís manteve a chama acesa com a ajuda de sua mão e avançou na direção da mesa.

— Acho que não precisaremos esperar por muito tempo — disse ele. — De acordo com as minhas previsões, serão apenas alguns segundos até que os fatos falem por si, e melhor do que qualquer coisa que eu pudesse fazer.

Esses poucos segundos, durante os quais ninguém rompeu o silêncio, estavam entre aqueles de que nunca esquecemos.

O senhor Desmalions contou mais tarde, em uma entrevista na qual ele zomba de si mesmo com grande sagacidade, que seu cérebro, exaltado pelo cansaço dessa noite e por toda aquela encenação, imaginava os mais insólitos acontecimentos, como uma invasão do palácio e um ataque à mão armada, ou o aparecimento de espíritos e fantasmas.

No entanto, ele disse que teve a curiosidade de observar dom Luís. Sentado na borda da mesa, a cabeça um pouco inclinada, os olhos distraídos, dom Luís comia um pedaço de pão e mordiscava uma barra de chocolate. Ele parecia faminto, mas muito tranquilo.

Os outros permaneciam nessa atitude tensa que se tem em momentos de grande esforço físico. Uma espécie de careta se desenhava em seus rostos contraídos. Movidos pela aproximação do que ia acontecer, eles estavam obcecados pela memória da explosão. Nas paredes, a chama desenhava sombras.

Passaram-se mais segundos do que os previstos por dom Luís Perenna, talvez uns trinta ou quarenta, o que lhes pareceu uma eternidade. Então Perenna levantou um pouco a vela que estava segurando e murmurou:

— Aí está.

Quase ao mesmo tempo que ele, aliás, todos viram… eles viam… Uma carta estava descendo do teto. Ela girava lentamente, como a folha que cai de uma árvore e que o vento não move. Ela passou de raspão por dom Luís e pousou sobre o piso, entre dois pés da mesa.

Dom Luís repetiu, pegando o papel e estendendo-o diretamente ao senhor Desmalions:

— Senhor comandante, aqui está a quarta carta que foi anunciada para esta noite.

O que odeia

O senhor Desmalions olhava para dom Luís sem entender e olhava também para o teto. Perenna disse:

— Não há nenhuma fantasmagoria aqui. Embora ninguém tenha atirado esta carta lá de cima, embora não haja um único buraco no teto, a explicação é muito simples.

— Oh! Muito simples! — reagiu o senhor Desmalions.

— Sim, senhor comandante. Tudo isso assume um aspecto de ilusionismo excessivamente complicado e quase prazeroso. Mas eu afirmo, é muito simples… e ao mesmo tempo terrivelmente trágico. Brigadeiro Mazeroux, por gentileza, abra as cortinas e deixe entrar toda a claridade possível.

Enquanto Mazeroux cumpria suas ordens, enquanto o senhor Desmalions examinava essa quarta carta, cujo conteúdo, aliás, era de pouca importância e era somente uma confirmação das primeiras, dom Luís pegou uma escada dupla que os operários tinham deixado em um canto, colocou-a no meio da sala e subiu.

Sentado com as pernas na barra superior, ele chegou perto do dispositivo eletrônico.

Era uma luminária de teto composta por uma grande cinta de cobre dourado sob a qual haviam pendentes de cristal entrelaçados. No interior, três lâmpadas dispostas nos três ângulos de um triângulo de cobre que escondia os fios.

Ele puxou esses fios e os cortou, e depois começou a desparafusar o dispositivo. Mas, para facilitar a tarefa, teve que demolir o gesso em torno dos garanhões que seguravam o lustre com a ajuda de um martelo que lhe

estenderam.

— Uma ajuda aqui, por favor — disse ele a Mazeroux.

Mazeroux subiu a escada. Ambos seguraram o lustre, fizeram-no deslizar lentamente e ele foi colocado sobre a mesa, com certa dificuldade, pois era muito mais pesado do que deveria ser.

De fato, já na primeira observação, descobriram que ela estava sobreposta por uma espécie de caixa metálica em forma de cubo, de uns vinte centímetros de lado, que estava encaixada no teto entre pinos de ferro e que forçou dom Luís a demolir o gesso que a ocultava.

— Que diabos isso significa! — exclamou o senhor Desmalions.

— Abra o senhor mesmo, comandante, há uma tampa — respondeu Perenna.

O senhor Desmalions levantou a tampa. Dentro da caixa havia engrenagens, molas, todo um mecanismo complicado e meticuloso que se assemelhava muito ao movimento de um relógio.

— O senhor me permite, comandante? — perguntou dom Luís.

Ele removeu o mecanismo e descobriu outro por baixo, que estava unido ao primeiro apenas pela engrenagem de duas rodas, e que lembrava esses dispositivos automáticos que desenrolam fitas estampadas.

Na parte inferior da caixa havia uma ranhura semicircular no metal, exatamente onde a parte inferior da caixa raspava no teto. Na borda da ranhura havia uma carta pronta.

— A última das cinco cartas e, sem dúvida, a continuação das denúncias — disse dom Luís. — Repare, senhor comandante, que o lustre original continha uma quarta lâmpada no centro. Ela foi obviamente removida para dar passagem às cartas quando o lustre foi adaptado para essa função.

E, continuando suas explicações, esclareceu:

— Então toda a série de cartas foi colocada ali dentro. O mecanismo engenhoso, controlado pelo movimento de um relógio, pegava uma a uma, na hora certa, empurrava-as até a borda da ranhura escondida entre as lâmpadas e os pendentes do lustre e as lançava no vazio.

Todos estavam em silêncio em torno de dom Luís, e talvez se pudesse notar uma certa desilusão entre os ouvintes. Tudo isso era, de fato, muito engenhoso, mas eles esperavam mais do que truques e acionamentos mecânicos, por mais imprevisíveis que fossem.

— Tenham paciência, meus senhores, eu lhes prometi algo cujo horror excede a imaginação. Os senhores não ficarão desapontados.

— Que seja — disse o comandante-geral —, eu admito que este é o local de onde as cartas partiam. Mas, além de muitos pontos permanecerem obscuros, há um fato em particular que me parece incompreensível. Como é que os criminosos puderam preparar o lustre dessa forma? E, num palácio protegido pela polícia, num cômodo vigiado dia e noite, como poderiam fazer tal trabalho sem serem vistos ou ouvidos?

— A resposta é fácil, senhor comandante. O trabalho foi feito antes do palácio ser protegido pela polícia.

— Ou seja, antes do crime ter sido cometido?

— Antes do crime ter sido cometido.

— E quem prova que foi assim que a coisa toda aconteceu?

— O senhor mesmo disse, comandante, que seria impossível de outra forma!

— Fale logo, senhor! — exclamou o senhor Desmalions, fazendo um gesto de aborrecimento. — Se o senhor tem revelações importantes a fazer, por que está demorando tanto?

— É melhor, comandante, que o senhor chegue à verdade pelo caminho que eu segui. Quando conhecemos o segredo das cartas, essa verdade fica muito mais próxima do que pensamos, e o senhor já teria encontrado o criminoso se a abominação de seu plano não o tivesse eximido de todas as suspeitas.

O senhor Desmalions o observava atentamente. Ele sentia a importância de cada palavra pronunciada por Perenna e experimentava uma real ansiedade.

— Então, na sua opinião — ele disse —, essas cartas acusando a senhora Fauville e Gaston Sauverand foram colocadas lá com o único objetivo de condenar os dois?

— Sim, senhor comandante.

— E como foram colocadas lá antes do crime, isso significa que o complô também antecede o crime?

— Sim, senhor comandante. Quando admitimos a inocência da senhora Fauville e de Gaston Sauverand, somos levados, uma vez que tudo os acusa, a concluir que tudo os acusa como resultado de uma série de circunstâncias premeditadas. A saída da senhora Fauville na noite do

crime… maquinação! A impossibilidade dela em dizer como usou seu tempo enquanto o crime era cometido… maquinação! Seu inexplicável passeio nos arredores de la Muette e a caminhada de seu primo Sauverand ao redor do palácio… maquinação! As marcas dos dentes na maçã, correspondentes à arcada da senhora Fauville… maquinação, e a mais infernal de todas! Estou dizendo, tudo foi pensado com antecedência, tudo está preparado, dosado, etiquetado, numerado. Cada acontecimento é realizado no momento prescrito. Nada é deixado ao acaso. É um trabalho meticuloso de ajuste, digno do mais hábil operário, tão sólido que as movimentações externas não foram capazes de o desregular e cuja mecânica funcionou até hoje de maneira exata, precisa, imperturbável. Veja como o movimento do relógio encerrado nessa caixa é de fato o mais perfeito símbolo de aventura e, ao mesmo tempo, a mais justa explicação, pois, antes mesmo do crime as cartas que denunciavam os autores foram enviadas pelos Correios e que, desde então, as entregas foram realizadas nas datas e nos horários previstos.

O senhor Desmalions ficou pensativo por um longo tempo, depois objetou:

— No entanto, nestas cartas escritas por ele, o senhor Fauville acusa sua esposa.

— De fato.

— Então precisamos admitir que, ou ele estava certo em acusá-la, ou as cartas são falsas?

— Elas não são falsas, todos os peritos reconheceram a escrita do senhor Fauville.

— E então?

— Então…

Dom Luís não completou sua resposta, o senhor Desmalions sentiu o sopro da verdade palpitar mais nitidamente à sua volta.

Os outros estavam em silêncio, tão ansiosos quanto ele. Ele murmurou:

— Não entendo…

— Sim, o senhor compreende, senhor comandante. Compreende que se o envio dessas cartas é parte integrante da maquinação urdida contra a senhora Fauville e contra Gaston Sauverand, é porque os textos foram elaborados de modo a condená-los.

— O quê! O quê! O que o senhor está dizendo?

— Estou dizendo o que já disse. Uma vez que eles são inocentes, tudo o que os acusa é um dos atos da maquinação.

Um longo silêncio novamente. O comandante-geral não escondia sua inquietação. Ele pronunciou, muito lentamente, com os olhos fixos nos de dom Luís:

— Quem quer que seja o culpado, não conheço nada mais assustador do que essa obra de ódio.

— É uma obra ainda mais implausível do que o senhor pode imaginar, senhor comandante — disse Perenna, que aos poucos se animava —, e é um ódio cuja violência o senhor ainda não pode medir por ignorar a confissão de Sauverand. Eu pude senti-lo plenamente ao ouvir esse homem, e desde então todos os meus pensamentos foram subjugados pela ideia dominante desse ódio. Quem poderia sentir tanto ódio? A que profanação Marie-Anne e Sauverand tinham sido sacrificados? Quem era o personagem inconcebível cujo talento perverso tinha cercado suas duas vítimas com correntes tão poderosamente forjadas?

"E outro pensamento dominava minha mente, mais antigo ainda, e que mais de uma vez me impressionou, e ao qual aludi diante do brigadeiro Mazeroux. Trata-se do caráter realmente matemático da aparição das cartas. Pensei comigo mesmo que documentos tão sérios não poderiam ser incluídos no debate em momentos fixos sem que uma razão primordial exigisse a precisão desses períodos. Que razão? Se houvesse *intervenção humana*, teria havido uma irregularidade deliberada, especialmente a partir do momento em que a justiça assumiu o caso e cuidou pessoalmente da entrega das cartas. Ora, apesar de todos os obstáculos, as cartas continuavam chegando, *como se não fosse possível elas não chegarem*. E assim a razão para a chegada dessas cartas aos poucos foi fazendo sentido para mim: elas vinham automaticamente, por um processo invisível, regulado de uma vez por todas e funcionando com o estúpido rigor de uma lei física. Não havia mais inteligência e vontade consciente, mas somente necessidade material.

"Foi o choque dessas duas ideias, a ideia do ódio que perseguia os inocentes e a ideia da força mecânica que serviu aos propósitos de quem sentia todo esse ódio, que suscitou a pequena faísca. Em contato uma com a outra, elas se combinaram na minha mente e me trouxeram essa lembrança de que Hippolyte Fauville era um engenheiro!"

As pessoas o ouviam com uma espécie de opressão e desconforto.

O que aos poucos se revelava do drama, em vez de diminuir a ansiedade, exasperava-a a ponto de torná-la dolorosa.

O senhor Desmalions objetou:

— Se as cartas chegavam na data indicada, note que, entretanto, o horário costumava variar.

— Ou seja, variava conforme nossa vigilância era feita ou não na escuridão, e este é precisamente o detalhe que me fornece a palavra do enigma. Se as cartas — indispensável precaução que podemos entender hoje — só chegavam quando estava escuro, é porque algum dispositivo impedia sua passagem quando a energia elétrica estava ligada, e porque, inevitavelmente, esse dispositivo era controlado por um interruptor presente nesta sala. Não há outra explicação possível. Estamos lidando com um dispositivo de distribuição automática que, graças ao movimento semelhante ao do relógio, só emite as cartas de acusação de que é responsável no dia e nos horários estabelecidos antecipadamente, e apenas nos minutos em que a luz elétrica não está acesa. Esse dispositivo está aqui, diante dos senhores. Sem dúvida os especialistas admiram sua engenhosidade e confirmam minhas afirmações. Será que não tenho o direito, uma vez que foi encontrado no teto desta sala, uma vez que continha cartas escritas pelo senhor Fauville, de dizer que ele foi construído pelo senhor Fauville, um engenheiro elétrico?

Mais uma vez se fazia alusão ao nome do senhor Fauville, como uma obsessão, e a cada vez o nome assumia um significado mais determinado. Primeiro o senhor Fauville; depois o senhor Fauville, engenheiro; depois o senhor Fauville engenheiro elétrico. E assim a imagem "daquele que odiava", como costumava dizer dom Luís, aparecia com contornos exatos e causava nesses homens, ainda que acostumados às mais estranhas distorções criminosas, um arrepio de medo. A verdade, agora, já não espreitava à volta deles. Eles lutavam contra ela como se luta contra um adversário que não se vê, mas que o agarra pelo pescoço e o derruba.

E o comandante-geral, resumindo as impressões, retomou com uma voz abafada:

— Então o senhor Fauville teria escrito essas cartas para incriminar sua esposa e o homem que a amava?

— Sim.

— Nesse caso…

— Nesse caso?

— Sabendo, por outro lado, que ele estava sendo ameaçado de morte, ele queria, caso essa ameaça se tornasse realidade, que sua esposa e o amante fossem acusados?

— Sim.

— E para se vingar do amor deles, para satisfazer seu ódio, ele quis que todo o feixe de evidências os designasse como culpados do assassinato do qual ele seria a vítima?

— Sim.

— De modo que… de modo que o senhor Fauville, como parte de seu plano maldito, foi… como eu posso dizer? O cúmplice de seu assassino. Ele estremecia diante da morte… se debatia… Mas se organizava para que sua morte tirasse proveito do seu ódio. É isso, não é? É isso?

— É quase isso, senhor comandante. O senhor está seguindo os mesmos passos que eu e, como eu, hesita diante da última verdade, que dá ao drama todo o seu caráter sinistro e acima de todas as proporções humanas.

O comandante-geral golpeou a mesa com os dois punhos em uma súbita explosão de revolta.

— Disparate! — ele exclamou. — Hipótese estúpida! O senhor Fauville foi ameaçado de morte e combinou a condenação de sua esposa com tamanha perseverança maquiavélica… ora, vamos! O homem que entrou no meu escritório, o homem que o senhor viu, só pensava em uma coisa: não morrer! Só um medo o obcecava, o da morte. Não é nesses momentos que ajustamos mecanismos e montamos armadilhas… especialmente quando essas armadilhas só podem surtir efeito se morrermos assassinados. O senhor consegue imaginar o senhor Fauville trabalhando em seu relógio, colocando cartas que ele teve o cuidado, três meses antes, de escrever a um amigo e interceptar, organizando os acontecimentos de modo que sua esposa parecesse culpada e dizendo: “Pronto, caso eu seja assassinado, estarei tranquilo, pois Marie-Anne será presa.” Não, admita, ninguém tem esse tipo de precaução macabra. Ou então… ou então, é porque temos certeza de que seremos assassinados. E aceitamos. Ou seja, por assim dizer, entramos em um acordo com nosso próprio assassino e lhe oferecemos o pescoço. E também porque…

Ele fez uma pausa, como se as frases que tinha acabado de pronunciar o tivessem surpreendido. E os outros também pareciam perplexos. E a partir dessas frases todos eles, sem saber, tiraram delas as conclusões que continham e que eles ignoravam até então.

Dom Luís não tirava os olhos do comandante e esperava pelas palavras inevitáveis.

O senhor Desmalions murmurou:

— Vejamos, o senhor não vai afirmar que ele estava de acordo…

— Não estou afirmando nada — disse dom Luís. — É a inclinação lógica e natural das suas reflexões, senhor comandante, que o leva ao ponto em que agora está.

— Sim, sim, eu sei, mas estou lhe mostrando o absurdo da sua hipótese. Para que ela seja exata, e para que seja possível acreditar na inocência de Marie-Anne Fauville, chegamos a supor essa estranha possibilidade do senhor Fauville ter participação no crime cometido contra ele. É ridículo!

Ele de fato ria, mas um riso constrangido que soava falso.

— Mas o senhor não pode negar que chegamos nesse ponto.

— Não o nego.

— E então?

— Então, o senhor Fauville, como o senhor diz, comandante, participou do crime cometido contra ele.

Isso foi dito da maneira mais tranquila do mundo, mas com tanta certeza que ninguém ousou protestar. Depois do trabalho de inferências e suposições a que ele havia forçado seus interlocutores, todos se encontravam agora no fundo de um beco do qual já não era possível sair sem topar com objeções irredutíveis. A participação do senhor Fauville já não deixava mais dúvidas. Mas em que ela consistia? Que papel ele teria desempenhado nessa tragédia de execução e homicídio? Esse papel, que resultou no sacrifício de sua vida, ele desempenhou de livre vontade ou simplesmente se submeteu a isso? Quem, afinal, havia lhe servido de cúmplice ou carrasco?

Todas essas perguntas se acumulavam na mente do senhor Desmalions e dos assistentes. Só se pensava em como respondê-las, e dom Luís podia ter certeza de que a solução proposta por ele tinha sido aceita de antemão. Bastava-lhe agora, sem temer uma única recusa, dizer o que tinha acontecido. Ele o fez brevemente, à maneira de um relatório em que são

considerados somente os pontos essenciais.

— Três meses antes do crime, o senhor Fauville escreveu uma série de cartas a um dos seus amigos, o senhor Langernault, que, o brigadeiro Mazeroux deve ter-lhe dito, senhor comandante, estava morto há vários anos, circunstância que o senhor Fauville não podia ignorar. Essas cartas foram enviadas pelos Correios, mas interceptadas por um meio que pouco importa neste momento. O senhor Fauville apagou os selos, o endereço e inseriu as cartas num aparelho especialmente construído para esse fim. Então ele regulou o mecanismo de modo que a primeira delas fosse emitida quinze dias após a sua morte, e as outras a cada dez dias. Naquela época, é certo que seu plano foi combinado nos menores detalhes. Sabendo do amor de Sauverand por sua esposa, e vigiando os passos de Sauverand, ele obviamente tinha notado que seu abominável rival passava todas as quartas-feiras sob as janelas do palácio e que Marie-Anne Fauville se mostrava à janela. Esse é um fato de suma importância, cuja revelação me foi preciosa, e que irá impressioná-los tanto quanto uma prova material.

"Todas as quartas à noite, repito, Sauverand vagava próximo ao palácio. Agora, notem: 1º o crime preparado pelo senhor Fauville foi cometido numa quarta-feira à noite; 2º foi por um pedido formal do seu marido que a senhora Fauville saiu naquela noite para ir à Ópera e ao baile da senhora Ersinger."

Dom Luís parou por alguns segundos, depois retomou:

— Consequentemente, na manhã dessa quarta-feira, estava tudo pronto, o relógio fatal tinha subido, o preparo da acusação seguia perfeitamente, as provas futuras confirmavam as provas imediatas que o senhor Fauville mantinha guardadas. De todo modo, o senhor tinha recebido dele, senhor comandante, uma carta na qual ele denunciava a conspiração contra ele e na qual implorava, na manhã seguinte, isto é, *após a sua morte*, por sua ajuda! Portanto, tudo levava a crer que as coisas iriam acontecer de acordo com a vontade "daquele que odiava" quando ocorreu um incidente que quase perturbou seus planos: o inspetor Vérot entrou em cena, nomeado pelo senhor, comandante, para levantar informações sobre os herdeiros de Cosmo Mornington. O que aconteceu entre os dois homens? Provavelmente, ninguém jamais saberá. Ambos estão mortos e o segredo não ressuscitará. Mas pelo menos podemos afirmar, primeiro, que o inspetor Vérot veio aqui e trouxe de volta a barra de chocolate, onde, pela

primeira vez, vimos as marcas dos dentes do tigre; segundo, que o inspetor Vérot conseguiu, por uma série de circunstâncias que não saberemos, descobrir os projetos do senhor Fauville. E isso nós sabemos porque o inspetor Vérot disse com suas próprias palavras, e com que angústia! Foi por ele que soubemos que o crime ia acontecer na noite seguinte, uma vez que ele tinha registrado suas descobertas numa carta que lhe foi roubada. E isso, o engenheiro Fauville também sabia pois, a fim de se livrar do temível inimigo que frustraria seus planos, ele o envenenou. Como o veneno tardou a agir, usando um disfarce que lhe dava a aparência de Gaston Sauverand e um dia faria com que as suspeitas recaíssem sobre seu rival, ele teve audácia e presença de espírito de seguir o inspetor Vérot até o café do Pont-Neuf, roubar a carta com a explicação que o inspetor Vérot escreveu para o senhor, substituí-la por uma folha de papel em branco e, em seguida, perguntar a um transeunte, que poderia se tornar uma testemunha contra Sauverand, qual era o caminho da estação do metrô que ia a Neuilly. A Neuilly, onde Sauverand vivia! Esse é o homem, senhor comandante.

Dom Luís falava com uma força crescente, com o ardor que a convicção dá, e seu requisitório, lógico e rigoroso, parecia evocar a própria realidade.

Ele repetiu:

— Aí está o homem, senhor comandante, eis o bandido. E essa era a situação em que se encontrava, tal era o medo que lhe inspiravam as possíveis revelações do inspetor Vérot, que, antes de realizar o ato terrível que tinha planejado, foi à Chefatura se assegurar de que sua vítima tinha efetivamente perdido a vida e que ela não tinha conseguido denunciá-lo. Lembre-se da cena, senhor comandante, da agitação, do medo do personagem: "Proteja-me, senhor comandante… Estou sendo ameaçado de morte. Amanhã, serei atingido…". Amanhã, sim, era para o dia seguinte que ele implorava por sua ajuda, porque ele sabia que tudo iria acabar naquela mesma noite e que no dia seguinte a polícia estaria diante de um crime, diante dos dois culpados contra os quais ele tinha acumulado provas, diante de Marie-Anne Fauville, a quem, por assim dizer, ele havia acusado antecipadamente.

"E é por isso que a visita do brigadeiro Mazeroux e a minha, às nove da noite, ao seu palácio, o deixaram visivelmente incomodado. Quem eram aqueles intrusos? Seriam capazes de destruir seu plano? A reflexão o tranquilizou, tanto que nossa insistência o obrigou a ceder. Afinal, o que

lhe importava? Suas providências tinham sido tão bem tomadas que nenhuma vigilância poderia destruí-las ou até mesmo percebê-las. O que estava para acontecer aconteceria na nossa presença e sem o nosso conhecimento. A morte, convocada por ele, faria o seu trabalho.

"E a comédia, ou melhor, a tragédia, se desenrolou. A senhora Fauville, que ele enviou à Ópera, veio se despedir dele. Em seguida, seu criado lhe trouxe para comer, entre outras coisas, um cesto de maçãs. Então houve um ataque de fúria, a angústia do homem que vai morrer e a quem a morte assusta, e toda uma cena de mentiras em que ele nos mostrou seu cofre e o caderno de capa cinza que supostamente continha a narrativa do complô.

"A partir de então, estava tudo pronto. Mazeroux e eu nos retiramos para a antecâmara, a porta se fechou e Fauville ficou sozinho e livre para agir. Nada poderia impedir sua vontade. Às onze da noite, a senhora Fauville — a quem, sem dúvida, no curso do dia, ele tinha enviado, imitando a escrita de Sauverand, uma dessas cartas que rasgamos tão logo a recebemos, e por meio da qual Sauverand pedia à infeliz mulher que lhe encontrasse no Ranelagh — deixaria a Ópera e, antes de ir para o jantar na casa da senhora Ersinger, passaria uma hora nas imediações do palácio. Por outro lado, a quinhentos metros de distância, e no lado oposto, Sauverand faria sua habitual peregrinação de quarta-feira. Enquanto isso, o crime seria executado. Seria possível que os dois indicados como suspeitos à polícia, quer pelas alusões do senhor Fauville, quer pelo incidente no café do Pont-Neuf, e ambos incapazes, além disso, de fornecer um álibi ou explicar sua presença nas imediações do palácio, não fossem acusados e condenados pelo crime?

"No caso inadmissível de que o acaso os protegesse, provas irreconciliáveis estavam ali, à mão, plantadas pelo senhor Fauville: a maçã onde estavam marcados os dentes de Marie-Anne Fauville! E então, algumas semanas depois, manobra suprema e decisiva, a chegada misteriosa, a cada dez dias, das cartas de denúncia.

"Então tudo foi resolvido. Os menores detalhes foram planejados com uma lucidez infernal. Lembra-se, senhor comandante, daquela turquesa que caiu do meu anel e foi encontrada no cofre? Apenas quatro pessoas poderiam tê-la pegado. Entre elas, o senhor Fauville. Ora, foi justamente ele que nós descartamos de imediato, e foi ele, no entanto, que, a fim de me transformar em suspeito e excluir, de antemão, uma intervenção que ele

imaginava que seria perigosa, aproveitou a oportunidade e introduziu a turquesa no cofre!

"Desta vez, o trabalho estava terminado. O destino se cumpriria. Entre 'o que odeia' e suas presas havia apenas a distância de um gesto. Esse gesto foi executado. O senhor Fauville morreu."

Dom Luís ficou em silêncio. Um longo silêncio seguiu suas palavras e ele teve certeza de que o extraordinário relato que acabava de terminar tinha recebido a mais absoluta aprovação dos seus ouvintes. Ninguém discutia, apenas acreditava. No entanto, aquela era a verdade mais inacreditável na qual ele pedia que eles acreditassem.

O senhor Desmalions fez uma última pergunta:

— O senhor estava naquela antecâmara com o brigadeiro Mazeroux. Do lado de fora, havia agentes. Admitindo que o senhor Fauville sabia que morreria naquela noite, e naquele exato horário, quem poderia tê-lo matado e quem poderia ter matado o seu filho? Não havia ninguém entre essas quatro paredes.

— Havia o senhor Fauville.

Um clamor de protestos foi ouvido. De repente, o véu foi rasgado e o espetáculo que dom Luís apresentava provocou, ao mesmo tempo que o horror, uma inesperada explosão de descrença e uma espécie de revolta contra a atenção demasiado benevolente que havia sido dada a tais explicações.

O comandante-geral resumiu o sentimento de todos exclamando:

— Chega de palavras! Chega de suposições! Por mais lógicas que pareçam, elas levam a conclusões absurdas.

— Absurdas na aparência, senhor comandante, mas quem garante que o ato inaudito do senhor Fauville não pode ser explicado por razões bastante naturais? Obviamente, não se morre voluntariamente, pelo simples prazer de se vingar. Mas quem garante que o senhor Fauville, cuja extrema magreza e lividez os senhores também devem ter notado, não foi acometido por alguma doença mortal e que, sabendo que já estava condenado…

— Basta de palavras, eu disse — exclamou o comandante —, o senhor só se baseia em suposições. O que eu estou lhe pedindo são provas. Uma prova, apenas uma. Ainda estamos à espera dela.

— Aqui está ela, senhor comandante.

— Hein! O que o senhor está dizendo?

— Senhor comandante, quando soltei o lustre do gesso que o sustentava, encontrei sobre a caixa de metal, do lado de fora dela, um envelope lacrado. Como o lustre se encontrava acima da mansarda ocupada pelo filho do senhor Fauville, é óbvio que o senhor Fauville podia, levantando os tacos do chão dessa mansarda, chegar à parte superior do mecanismo instalado por ele. Assim, durante a última noite, ele colocou lá este envelope lacrado onde, inclusive, ele escreveu a data do crime: "Trinta e um de março, onze horas da noite", e sua assinatura: "Hippolyte Fauville".

O senhor Desmalions abriu apressadamente o envelope. Passando os olhos sobre as páginas escritas que o envelope continha, ele sobressaltou:

— Ah! O miserável, o miserável — disse ele. — É possível que existam monstros como ele? Oh! Que abominação!

Com a voz entrecortada, que o estupor deixava ainda mais abafada, ele leu:

"O objetivo foi alcançado, minha hora chegou. Adormecido por mim, Edmond morreu sem que o ardor do veneno o despertasse de seu inconsciente. Agora começa minha agonia. Sofro todas as torturas do inferno. É com dificuldade que minha mão consegue traçar estas últimas linhas. Estou sofrendo, estou sofrendo. Entretanto, minha felicidade é imensa!

"Essa felicidade existe desde a viagem que fiz a Londres, com Edmond, há quatro meses. Até então, eu suportava a mais horrível existência, dissimulando meu ódio contra aquela que me odiava e que amava outro. A saúde debilitada, sentindo-me já corroído por um mal implacável e vendo meu filho débil e lânguido. À tarde, consultei um importante médico e não restou mais nenhuma dúvida: um câncer me consumia. E eu também sabia que Edmond, meu filho, assim como eu, estava a caminho do túmulo, irremediavelmente perdido, tuberculoso.

"Naquela mesma noite, a magnífica ideia de vingança nasceu em mim.

"E que vingança! Uma acusação, a mais formidável das acusações, feita contra um homem e uma mulher que se amam. A prisão! O tribunal! A prisão! O cadafalso! E nenhuma ajuda possível, nenhum debate, nenhuma esperança! As provas acumuladas, provas tão extraordinárias que o próprio inocente duvida da sua inocência e se cala, oprimido, indefeso. Que vingança! Que expiação! Ser inocente e lutar em vão contra os fatos que o acusam, contra a própria realidade que clama que você é culpado!

“E foi com alegria que preparei tudo. Cada descoberta, cada invenção provocava em mim gargalhadas. Deus, como eu estava feliz! Vocês pensam que um câncer faz mal? Não, claro que não. É possível que o corpo sofra quando a alma treme de alegria? Acham que neste momento eu sinto a queimação atroz do veneno?

“Estou feliz. A morte a que me submeto é o início do suplício deles. Então, qual é o sentido de viver e esperar por uma morte natural que seria para eles o início da felicidade? E já que Edmond ia morrer, por que não o poupar de uma agonia lenta e por que não lhe dar uma morte que duplicará o grave crime de Marie-Anne e Sauverand?

“É o fim! Precisei me interromper, dominado pela dor. Um pouco de calma agora… Como tudo está silencioso! Dentro e fora do palácio, os enviados da polícia vigiam meu crime. Não muito longe daqui, Marie-Anne, convocada pela carta que escrevi, corre ao encontro de seu amado, que não virá. E o amado vagueia sob as janelas onde sua beleza não aparecerá. Ah! As marionetes cujos fios eu manipulo. Dancem! Pulem! Meu Deus, como elas são divertidas! A corda no pescoço, senhor e senhora, sim, a corda no pescoço. Não foi o senhor quem, pela manhã, envenenou o inspetor Vérot e o seguiu até ao café do Pont-Neuf, com sua bela bengala de ébano? Sim, claro que foi o senhor! E à noite, é a bela senhora quem envenena a mim e ao enteado. A prova? Bem, esta maçã, senhora, a maçã que a senhora *não mordeu*, mas na qual, no entanto, serão *encontradas as marcas de seus dentes!* Que comédia! Pulem! Dancem!

“E as cartas! O sucesso das cartas enviadas ao falecido Langernault!

“Essa é minha mais admirável proeza. Ah, a alegria que senti com a invenção e a construção do meu pequeno mecanismo! Está bem montado? Não é uma maravilha de arranjo e de precisão? No dia previsto, zás, a primeira carta! E então, dez dias depois, zás, a segunda carta! Vamos, meus pobres amigos, não há nada a fazer, vocês estão arruinados. Dancem! Pulem!

“E o que me diverte, pois estou rindo agora, é pensar que ninguém vai entender nada. Marie-Anne e Sauverand culpados, sem que haja a menor dúvida. Mas, para além disso, o mistério absoluto. Ninguém sabe de nada e jamais saberá. Em poucas semanas, quando a ruína de dois culpados estiver irrevogavelmente consumada, quando as cartas estiverem nas mãos da justiça, no dia 25, ou melhor, 26 de maio, às três horas da manhã, uma

explosão irá apagar todos os vestígios da minha obra. A bomba está em seu lugar. Um movimento, completamente independente do lustre, vai fazê-lo explodir no momento previsto. Ao lado dele, acabei de enterrar o caderno de capa cinza onde supostamente escrevi meu diário, as garrafas que contêm o veneno, as agulhas que me serviram, uma bengala de ébano, duas cartas do inspetor Vérot, enfim, tudo o que pudesse salvar os culpados. Então, como seria possível descobrir? Ninguém sabe de nada e jamais saberá.

"A menos que… a menos que algum milagre aconteça… A menos que a bomba deixe as paredes de pé e o teto intacto. A menos que um prodígio de inteligência e intuição, um homem engenhoso, desenredando os fios que eu entrelacei, penetre no coração do enigma e consiga, depois de meses e meses de buscas, encontrar esta carta suprema.

"É para esse homem que escrevo, sabendo bem que ele não pode existir. Mas, afinal de contas, o que isso importa! Marie-Anne e Sauverand já estarão no fundo do abismo, mortos, sem dúvida, ou pelo menos separados para sempre. E não arrisco nada deixando ao acaso este testemunho do meu ódio.

"Pronto, está terminado, só preciso assinar. Minha mão está cada vez mais trêmula. O suor escorre pela minha testa. Sofro como um condenado e estou divinamente feliz! Ah, meus amigos, vocês estavam à espera da minha morte! Ah, você, Marie-Anne, imprudente! Você deixava adivinhar nos seus olhos, que me espiavam discretamente, toda sua alegria em me ver doente! E vocês dois estavam tão seguros do futuro que tiveram a coragem de se manter virtuosos! Aqui está ela, a minha morte. Aqui está ela e aqui estão vocês reunidos sobre a minha sepultura, ligados pelos anéis das algemas. Marie-Anne, seja a esposa do meu amigo Sauverand. Sauverand, entrego-lhe minha mulher. Unam-se. É o juiz de instrução quem redigirá o contrato, e é o carrasco quem rezará a missa. Ah, que volúpia! Estou sofrendo… Que volúpia! O bom ódio, que torna a morte adorável… Estou feliz por morrer… Marie-Anne está na prisão… Sauverand chora em sua cela de condenado… Abrem a porta… Oh, o horror! Homens vestidos de preto se aproximam de seu leito… "Gaston Sauverand, seu apelo foi negado. Tenha coragem." Ah! A manhã fria… o cadafalso! Agora é sua vez, Marie-Anne, sua vez! Você sobreviveria sem seu amante? Sauverand está morto. Agora é sua vez! Aqui está uma corda. Ou você prefere o veneno?

Morra então, libertina… Morra entre as chamas… como eu, que a odeio… odeio… odeio…”

O senhor Desmalions se calou diante do estupor de todos. Ele tinha lido as últimas linhas com grande dificuldade, pois, aproximando-se do final, a escrita ia ficando disforme e ilegível.

Ele disse em voz baixa com os olhos colados no papel:

— “Hippolyte Fauville…” é exatamente a assinatura dele… O desgraçado encontrou forças para assinar claramente. Ele temia que sua ignomínia pudesse ser questionada. Na verdade, como poderiam supor…?

E acrescentou, olhando para dom Luís:

— Para alcançar o objetivo, era preciso uma visão verdadeiramente excepcional e dons aos quais devemos prestar homenagem, aos quais eu presto homenagem. Todas as explicações dadas por esse louco foram planejadas da forma mais precisa e desconcertante.

Dom Luís se curvou e, sem responder ao elogio, disse:

— O senhor tem razão, comandante, ele era um louco, e da espécie mais perigosa, o louco lúcido que persegue uma ideia que ninguém consegue fazê-lo abandonar. Ele perseguiu a sua com uma tenacidade prodigiosa e de acordo com os próprios recursos de sua mente meticulosa, escravizada às leis da mecânica. Outro teria matado imediatamente e com brutalidade. Ele se empenhou em matar a longo prazo, como um experimentador que entrega ao tempo a tarefa de provar a excelência de sua invenção. E foi bem-sucedido nisso, já que a justiça caiu na armadilha e a senhora Fauville talvez morra.

O senhor Desmalions tomou uma decisão. Toda história agora não passava de um fato decorrido sobre o qual as investigações tratariam de lançar a luz necessária. Apenas um fato importava no presente, a salvação de Marie-Anne Fauville.

— Isso mesmo — disse ele —, não temos um só minuto a perder. A senhora Fauville deve ser informada o quanto antes. Ao mesmo tempo, convocarei o juiz de investigação e é certo que a absolvição será imediata.

Rapidamente ele deu ordens para que as investigações continuassem e para que todas as hipóteses de dom Luís fossem verificadas. Depois, dirigindo-se a ele:

— Venha, senhor, é justo que a senhora Fauville agradeça ao seu salvador. Mazeroux, venha também.

A reunião em que dom Luís deu, da forma mais brilhante, a medida de sua genialidade, estava terminada. Numa luta, seria possível dizer que, com poderes do além, ele obrigaria a morte a revelar seu segredo. Ele desvendou, como se tivesse assistido a ela, a vingança abominável concebida nas trevas e realizada no túmulo.

Por seu silêncio e por certos sinais com a cabeça, o senhor Desmalions deixou transparecer toda sua admiração. E Perenna saboreava com gosto o que lhe parecia estranho: a polícia que horas antes o perseguia agora o convidava a seguir com ela em seu automóvel, lado a lado com o próprio chefe do caso. Não havia nada melhor para destacar o domínio com que ele havia conduzido o caso e a importância que havia sido atribuída aos resultados obtidos. O preço da sua colaboração foi tal que todos queriam esquecer os incidentes dos últimos dois dias. Os rancores do subchefe Weber não surtiam mais efeito contra dom Luís Perenna.

O senhor Desmalions, no entanto, começou a rever brevemente as novas soluções e concluiu, ainda discutindo alguns pontos:

— Sim, é isso… Não resta a menor dúvida… estamos de acordo… Foi isso que aconteceu e não pode ter sido nenhuma outra coisa. No entanto, algumas coisas permanecem obscuras. Em primeiro lugar, as marcas dos dentes. Esse é um fato contra a senhora Fauville que, apesar da confissão do marido, não podemos ignorar.

— Acho que a explicação é muito simples, senhor comandante. E eu lhe darei quando for possível que ela venha acompanhada das provas necessárias.

— Que seja. Outra coisa. Como é possível que Weber tenha encontrado, ontem de manhã, no quarto da senhorita Levasseur, esta folha de papel relacionada com a explosão?

— E como é possível — acrescentou dom Luís, rindo —, que eu tenha encontrado a lista das cinco datas correspondentes à entrega das cartas?

— Então — disse o senhor Desmalions — o senhor concorda comigo? A participação da senhorita Levasseur é, no mínimo, suspeita.

— Acredito que tudo será esclarecido, senhor comandante, e que basta agora o senhor interrogar a senhora Fauville e Gaston Sauverand para que a luz dissipe essas últimas trevas e para que a senhorita Levasseur esteja a salvo de qualquer suspeita.

— Mas há ainda mais um fato que me parece estranho — insistiu o senhor Desmalions. — Em sua confissão, Hippolyte Fauville nem sequer menciona a herança Mornington. Por quê? Ele não sabia? Devemos supor que não há qualquer relação entre a série de crimes e essa herança e que a coincidência é inteiramente fortuita?

— Quanto a isso, estou inteiramente de acordo com o senhor, senhor comandante. O silêncio de Hippolyte Fauville em relação a essa herança me confunde um pouco, admito. Mas, mesmo assim, atribuo a isso apenas uma importância relativa. O principal é a culpabilidade do engenheiro Fauville e a inocência dos prisioneiros.

A alegria de dom Luís não se confundia e não admitia restrições. Em sua opinião, a aventura sinistra terminava com a descoberta da confissão escrita pelo engenheiro Fauville. O que não encontrava a devida explicação nessas linhas estaria nos esclarecimentos prestados pela senhora Fauville, por Florence Levasseur e por Gaston Sauverand. Para ele, isso já não oferecia qualquer interesse.

Saint-Lazare… A velha prisão lamentável e sórdida em que a picareta ainda não tocou.

O comandante saltou do carro.

A porta foi imediatamente aberta.

— O diretor está? — ele perguntou ao porteiro. — Chame-o, rápido. É urgente.

Mas, imediatamente, incapaz de esperar, ele se precipitou pelos corredores que levavam à enfermaria e estava prestes a chegar ao patamar do primeiro andar quando encontrou com o diretor.

— A senhora Fauville? — ele disse sem preâmbulo. — Eu gostaria de vê-la.

Ele parou bruscamente diante do ar de angústia do diretor.

— O que aconteceu? O que o senhor tem?

— Como, senhor comandante — gaguejou o oficial —, o senhor não sabe? No entanto, telefonei à Chefatura…

— Então fale! O quê? O que está acontecendo?

— Acontece, senhor comandante, que a senhora Fauville morreu esta manhã. Ela conseguiu se envenenar.

O senhor Desmalions agarrou o braço do diretor e correu para a enfermaria, seguido por Perenna e Mazeroux. Num dos quartos, ele viu a

jovem deitada.

Manchas marrons marcavam seu rosto pálido e seus ombros, semelhantes às observadas nos cadáveres do inspetor Vérot, de Hippolyte Fauville e de seu filho Edmond.

Perturbado, o comandante murmurou:

— Mas… de onde veio o veneno?

— Encontramos este pequeno frasco e esta seringa debaixo do travesseiro dela, comandante.

— Debaixo do travesseiro? Mas como eles foram para lá? Como ela os conseguiu? Quem lhe deu isso?

— Ainda não sabemos, senhor comandante.

O senhor Desmalions olhou para dom Luís. O suicídio de Hippolyte Fauville não colocava um ponto-final na série de crimes. Sua ação não só causou a perda de Marie-Anne, como também determinou o envenenamento da jovem infeliz! Como era possível? Devia-se admitir que a vingança do morto prosseguia da mesma forma, automática e anônima? Ou então… ou então, haveria outra vontade misteriosa que dava prosseguimento, nas sombras, com a mesma audácia, ao trabalho diabólico do engenheiro Fauville?

No dia seguinte, outra reviravolta. Gaston Sauverand foi encontrado agonizando em sua cela. Ele teve a coragem de se estrangular com o lençol. Tentaram em vão trazê-lo de volta à vida.

Perto dele, sobre a mesa, havia meia dúzia de recortes de jornal que algum desconhecido lhe trouxe.

Todos relatavam a morte de Marie-Anne Fauville.

O herdeiro dos duzentos milhões

Na quarta noite após esses trágicos acontecimentos, um velho condutor de carruagem, disfarçado sob um longo casaco, veio tocar a campainha do palácio Perenna e pediu que uma carta fosse entregue a dom Luís. O homem foi imediatamente conduzido ao escritório do primeiro andar. Chegando lá, e mal tendo tempo para se livrar de seu casaco, ele correu para dom Luís:

— Desta vez é pra valer, chefe. Não é mais brincadeira, o senhor precisa fazer as malas e sair daqui, e imediatamente.

Dom Luís, que fumava calmamente, afundado em sua larga poltrona, respondeu:

— O que você prefere, Mazeroux, um charuto ou um cigarro?

Mazeroux se indignou:

— Ora, chefe, o senhor não lê os jornais?

— Infelizmente sim!

— Neste caso, a situação deve estar tão clara para o senhor como está para mim e para todo mundo! Há três dias, desde o duplo suicídio, ou melhor, desde o duplo assassinato de Marie-Anne Fauville e de seu primo, Gaston Sauverand, não há um único jornal em que não se leia esta frase ou algo próximo disso: "*E agora que o senhor Fauville, seu filho, sua esposa e seu primo, Gaston Sauverand, estão mortos, nada separa dom Luís Perenna da herança de Cosmo Mornington*".

"O senhor entende o que significa todo esse falatório, chefe? Certamente estão falando da explosão do boulevard Suchet e das revelações póstumas do engenheiro Fauville, e estão revoltados contra o abominável Fauville e louvando a habilidade do senhor. Mas há um fato que domina

todas as conversas e discussões. Se os três ramos da família Roussel foram abolidos, quem resta? Dom Luís Perenna. Na ausência de herdeiros naturais, quem herda tudo? Dom Luís Perenna."

— Que sortudo!

— É isso que estão falando, chefe. Estão dizendo que essa série de crimes e atrocidades não pode ser resultado de coincidências fortuitas, mas que, ao contrário, ela indica a existência de uma intenção premeditada que teve início com o assassinato de Cosmo Mornington e terminará na captação dos duzentos milhões. E, para dar um nome a essa "intenção", estão recorrendo ao que têm em mãos, ou seja, ao personagem extraordinário, glorioso e mal afamado, suspeito e misterioso, onipotente e onipresente, que, amigo íntimo de Cosmo Mornington, rege os acontecimentos desde o início, combina, acusa, absolve, faz prender, faz escapar. Em suma, manobra toda essa história de herança, no final da qual, em última instância, se ele chegar onde seu interesse quer, ele põe as mãos nos duzentos milhões. E o personagem é dom Luís Perenna, que é o mesmo que dizer o estimável Arsène Lupin, em quem seria louco não pensar quando estamos diante de um caso tão colossal.

— Obrigado!

— É o que estão dizendo, chefe, eu repito. Enquanto a senhora Fauville e Gaston Sauverand estavam vivos, pouco se pensou nos seus títulos de legatário universal e herdeiro de reserva. Mas agora ambos morreram. Então, não se pode deixar de notar a obstinação de fato surpreendente com que o acaso trata os interesses de dom Luís Perenna. O senhor se lembra do axioma em questões jurídicas: *is fecit cui prodest*. Quem se beneficia com o desaparecimento de todos os herdeiros de Roussel? Dom Luís Perenna.

— O bandido!

— "O bandido", é o que Weber grita nos corredores da Chefatura e da Sûreté. O senhor é o bandido e Florence Levasseur é a sua cúmplice. E ninguém ousa protestar. O comandante-geral? Ele pode se lembrar de que lhe deve a vida duas vezes e que o senhor prestou serviços inestimáveis à justiça, e será o primeiro a afirmar isso. Ele poderá se dirigir ao presidente do Conselho, Valenglay, que o protege, como se sabe… Mas não há apenas o comandante-geral! Não há só o presidente do Conselho! Há a Sûreté, a Procuradoria, o juiz de instrução, os jornais e, sobretudo, a opinião pública, a quem é necessário dar satisfação, e é ela quem espera, quem exige um

culpado. Esse culpado é o senhor ou Florence Levasseur. Ou melhor, é o senhor *e* Florence Levasseur.

Dom Luís não reagiu. Mazeroux esperou mais um minuto. Então, sem receber uma resposta, fez um gesto desesperado:

— Chefe, sabe o que o senhor me obriga a fazer? Trair o meu dever. Pois bem, ouça. Amanhã de manhã, o senhor receberá uma intimação do juiz de instrução. No final do interrogatório, e seja lá o que for esse interrogatório, o senhor será levado diretamente à prisão. O mandado está assinado. Eis o que seus inimigos conseguiram.

— Raios!

— E isso não é tudo. Weber, que arde de desejo de se vingar, pediu permissão para monitorar seu palácio desde agora, para que o senhor não possa se safar, como fez Florence Levasseur. Dentro de uma hora, ele estará aqui com os homens dele. O que me diz, chefe?

Sem alterar sua postura indolente, dom Luís acenou para Mazeroux.

— Brigadeiro, veja o que está debaixo do sofá, entre as duas janelas.

Dom Luís estava sério. Instintivamente, Mazeroux obedeceu. Debaixo do sofá havia uma mala.

— Brigadeiro, em dez minutos, quando eu dispensar meus criados, você vai levar essa mala à rua Rivoli, número 14-bis, onde eu mantenho um pequeno apartamento, sob o nome de senhor Lecocq.

— O que significa isso, chefe?

— Significa que, há três dias, sem ter ninguém a quem confiar essa mala, eu espero pela sua visita.

— Ah, essa! Mas… — balbuciou Mazeroux, confuso.

— Ah, essa! O que é?

— O senhor tinha a intenção de fugir?

— Por Deus! Mas por que me atormentar? Se consegui um cargo para você na Sûreté, foi para descobrir o que estão tramando contra mim. Como há perigo, eu me vou.

E, batendo no ombro de Mazeroux, que olhava para ele cada vez mais perplexo, disse com firmeza:

— Percebe, brigadeiro, que não era necessário se vestir como um cocheiro nem trair seu dever? Nunca se deve trair seu dever, brigadeiro. Questione sua consciência, tenho certeza de que ela o julga como você merece.

Dom Luís disse a verdade. Reconhecendo que a morte de Marie-Anne e Sauverand mudava a situação, ele achou prudente se esconder. Se não havia feito antes, era porque esperava receber notícias de Florence Levasseur, quer por carta, quer por telefone. Como a jovem persistia em se manter em silêncio, não havia razão para dom Luís arriscar uma prisão que a sequência dos acontecimentos mostrava como infinitamente provável.

E, de fato, suas previsões estavam certas. No dia seguinte, Mazeroux chegou todo contente ao pequeno apartamento da rua Rivoli.

— O senhor escapou por pouco, chefe. Já esta manhã, Weber soube que o pássaro tinha voado. Ele não consegue se acalmar. Admitamos, afinal, que a situação está cada vez mais confusa. Na Chefatura, ninguém entende nada. Nem sequer sabem se devem continuar as buscas por Florence Levasseur. Ah, o senhor deve ter lido nos jornais. O juiz de instrução afirma que se Fauville cometeu suicídio e matou seu filho Edmond, Florence Levasseur não tem nada a ver com a história. Para ele, o caso está encerrado desse ponto de vista. Esse juiz de instrução tem cada uma! Não é claro como o dia em que Florence participou do assassinato de Gaston Sauverand, assim como de todo o resto? Não foi na casa dela, num volume de Shakespeare, que foram encontrados documentos relacionados com os planos feitos pelo senhor Fauville em relação às cartas e à explosão? E ainda…

Mazeroux interrompeu sua fala, intimidado pelo olhar de dom Luís e entendendo que o chefe se preocupava mais do que nunca com a jovem. Culpada ou não, ele sentia por ela a mesma paixão.

— Entendido — ele disse —, não vamos falar mais sobre isso. O futuro vai provar que tenho razão, o senhor vai ver.

E os dias passaram. Mazeroux vinha com a máxima frequência possível, ou telefonava a dom Luís para contar todos os detalhes sobre a dupla investigação em Saint-Lazare e na Santé.

Uma investigação inútil, como se sabe. As afirmações de dom Luís sobre o lustre e sobre a distribuição automática das cartas misteriosas foram comprovadas, mas as investigações a respeito do duplo suicídio falharam. No máximo, foi definido que, antes de sua prisão, Sauverand havia tentado, por intermédio de um fornecedor da enfermaria, entrar em contato com Marie-Anne. Não seria possível supor que o frasco de veneno e a seringa tinham seguido o mesmo caminho? Impossível provar, assim como, por

outro lado, também é impossível descobrir como os recortes dos jornais que relatavam o suicídio de Marie-Anne tinham sido introduzidos na cela de Gaston Sauverand.

Além disso, o mistério inicial ainda permanecia: o mistério insondável dos dentes impressos na fruta! A confissão póstuma do senhor Fauville inocentava Marie-Anne. No entanto, eram de fato os dentes de Marie-Anne que haviam deixado suas marcas na maçã! Aquilo a que chamavam de *os dentes do tigre*, eram realmente os dela! Então…?

Em suma, como dizia Mazeroux, todos patinavam. Tanto que o comandante-geral, que tinha a missão de reunir os herdeiros de Mornington até três meses depois da morte do testador, e no máximo quatro meses depois, de repente decidiu que essa reunião aconteceria durante a semana seguinte, isto é, no dia 9 de junho. Ele esperava acabar com um caso exasperante sobre o qual a justiça só demonstrava incerteza e desordem. Dependendo das circunstâncias, seria tomada uma decisão sobre a herança e então, dariam a missão por encerrada. Gradualmente silenciariam sobre a monstruosa hecatombe dos herdeiros de Mornington e o mistério dos dentes do tigre seriam pouco a pouco esquecidos…

Fato peculiar, esses últimos dias, agitados e febris como são aqueles que precedem grandes batalhas — porque era esperado que essa reunião suprema fosse uma grande batalha —, dom Luís os passou tranquilamente em uma poltrona instalada em sua varanda da rua Rivoli, fumando charutos ou fazendo bolhas de sabão que o vento levava para o jardim Tuileries.

Mazeroux não conseguia acreditar.

— Chefe, o senhor me deixa perturbado. Como parece calmo e despreocupado!

— E estou, Alexandre.

— Mas como! O caso já não lhe interessa mais? O senhor renuncia a vingar a senhora Fauville e Sauverand? O senhor está sendo abertamente acusado e está fazendo bolhas de sabão?

— Nada é mais excitante, Alexandre.

— Quer que eu lhe diga, chefe? Pois bem, as pessoas pensariam que o senhor sabe a resposta do enigma…

— Quem sabe, Alexandre?

Nada parecia comover dom Luís. Algumas horas se passaram, e mais outras, e ele continuava na varanda. Agora os pardais vinham comer as migalhas de pão que ele lhes jogava. Era possível afirmar que, também para ele, o caso tinha chegado ao fim e que tudo caminhava às mil maravilhas.

Mas no dia do encontro, Mazeroux entrou trazendo uma carta na mão e tinha um olhar assustado:

— É para o senhor, chefe. Estava endereçada a mim, mas trazia dentro um envelope em seu nome. Como o senhor explica isso?

— É fácil, Alexandre. O inimigo conhece nossas relações cordiais, e ignorando minha morada…

— Que inimigo?

— Eu lhe direi esta noite.

Dom Luís abriu o envelope e leu estas palavras, escritas a tinta vermelha:

Ainda está em tempo, Lupin. Retire-se da batalha. Caso contrário, você também encontrará a morte. Quando acreditar que atingiu seu objetivo, quando sua mão se levantar sobre mim e você gritar palavras de vitória, então o abismo irá se abrir sob seus pés. O local da sua morte já foi escolhido. A armadilha está pronta. Tome cuidado, Lupin.

Dom Luís sorriu:

— No momento certo, surgem os contornos nítidos.

— O senhor acha, chefe?

— Mas sim, claro que sim. Quem entregou esta carta a você?

— Ah! Agora, pela primeira vez, estamos em uma maré de sorte, chefe! O agente da Chefatura a quem a carta foi entregue mora em Ternes, numa casa vizinha à do emissário da carta. Ele conhece esse tipo muito bem. O senhor precisa admitir que é muita sorte.

Dom Luís sobressaltou. Estava radiante de alegria.

— O que você está dizendo? Desembucha! Tem alguma informação?

— O indivíduo é funcionário de uma clínica que fica na avenida Ternes.

— Vamos lá. Não temos nem um minuto a perder.

— No momento certo, chefe. Do contrário, vão acabar encontrando o senhor.

— Ora, por Deus! Enquanto não havia nada para fazer, esperei por esta noite e descansei, porque prevejo que a luta será terrível. Mas, uma vez que o inimigo finalmente cometeu um erro, uma vez que há uma pista, ah!

Então, chega de esperar. Eu tomo a dianteira. Para cima do tigre, Mazeroux!

Era uma hora da tarde quando dom Luís e Mazeroux chegaram à clínica de Ternes. Um criado os recebeu. Mazeroux cutucou dom Luís com o cotovelo.

Era, sem dúvida, o portador da carta. Respondendo às questões do brigadeiro, o homem não hesitou em afirmar que tinha estado na Chefatura pela manhã.

— Sob ordens de quem? — perguntou Mazeroux.

— Por ordem da superiora.

— A superiora?

— Sim, a clínica também inclui uma casa de saúde, que é dirigida por freiras.

— É possível falar com a superiora?

— Claro, mas não agora, ela não se encontra.

— E ela volta logo?

— Oh! A qualquer momento.

O criado os acompanhou até a sala de espera, onde eles aguardaram por mais de uma hora. Estavam muito intrigados. O que significava a intervenção dessa freira? Qual seria o papel dela no caso?

Pessoas entravam e eram levadas até os pacientes em tratamento. Outras saíam. Havia também irmãs que iam e vinham em silêncio e enfermeiras cobertas com seus longos jalecos brancos acinturados.

— Nós vamos mofar aqui, chefe — sussurrou Mazeroux.

— Por que a pressa? Está pensando em sua amada?

— Estamos perdendo tempo.

— Eu não estou perdendo o meu. O encontro com o comandante-geral é só às cinco horas.

— Hein! O que o senhor está dizendo, chefe? O senhor não está falando sério! Não pretende mesmo participar…

— Por que não?

— Como! Mas o mandado…

— O mandado? Uma porcaria de papel…

— Uma porcaria que se tornará realidade se o senhor forçar a justiça a agir. Sua presença será considerada uma provocação…

— E minha ausência, uma confissão. Um cavalheiro que herda duzentos milhões não se esconde no dia de receber a fortuna. Sob pena de ser destituído dos meus direitos, tenho de ir a essa reunião. E irei.

— Chefe…

Um grito abafado ecoou diante deles, e imediatamente uma mulher, uma enfermeira que atravessava a sala, se pôs a correr, levantou uma cortina e desapareceu.

Dom Luís havia se levantado, hesitante, perplexo, e de repente, após quatro ou cinco segundos de indecisão, correu em direção à cortina, seguiu por um corredor e se deparou com uma grande porta forrada de couro que tinha acabado de ser fechada e em torno da qual, estupidamente, com as mãos trêmulas, ele perdeu mais alguns segundos.

Ao abrir, percebeu que estava no fundo de uma escada de serviço. Deveria subir? À direita, a mesma escada levava ao subsolo. Ele desceu, entrou em uma cozinha e, agarrando uma cozinheira pelo braço, disse-lhe num tom furioso:

— Alguma enfermeira passou por aqui?

— A senhorita Gertrude? A nova…

— Sim… sim… sim… rápido. Estão à procura dela lá em cima…

— Quem?

— Ah! Por tudo o que é mais sagrado, para onde ela foi?

— Por aqui… por esta porta…

Dom Luís se precipitou, atravessou um pequeno vestíbulo e correu para fora, na avenida Ternes.

— Muito bem, vai ser uma boa perseguição — gritou Mazeroux, que se juntou a ele.

Dom Luís observava a avenida. Em uma pequena praça vizinha, Saint-Ferdinand, um ônibus estava de partida.

— Ela está lá — disse ele —, desta vez ela não me escapa.

Ele chamou um táxi.

— Motorista, siga o ônibus a uma distância de cinquenta metros.

Mazeroux disse:

— É Florence Levasseur?

— Sim.

— Essa era difícil de imaginar! — murmurou o brigadeiro.

E, com uma súbita fúria:

— Mas, chefe, o senhor não percebeu ainda? Ora, ninguém é tão cego assim!

Dom Luís não respondeu.

— Mas chefe, a presença de Florence Levasseur nessa clínica prova, por $a + b$, que foi ela quem deu ordem ao criado para me entregar a carta com as ameaças contra o senhor. Então, não restam dúvidas! Florence Levasseur está por trás de tudo! E o senhor sabe disso tão bem quanto eu, admita! Nos últimos dez dias, por amor a essa mulher, o senhor pode tê-la considerado inocente, apesar de todas as provas acumuladas contra ela. Mas hoje a verdade está escancarada diante dos seus olhos. Eu sinto isso, tenho certeza. Estou certo, chefe? O senhor enxerga isso claramente?

Desta vez dom Luís não protestou. O rosto contraído, os olhos fixos, ele observava o ônibus que, naquele momento, parava na esquina do boulevard Haussmann.

— Alto! — ele gritou ao motorista.

A jovem estava desembarcando. Com seu uniforme de enfermeira, era fácil reconhecer Florence Levasseur. Ela examinou os arredores, como uma pessoa que se certifica de que não está sendo seguida, depois entrou em um carro e foi conduzida, pelo boulevard e pela rua Pépinière, à estação Saint-Lazare.

De longe, dom Luís a viu subir as escadas que levam à *cour de Rome*, e ainda podia vê-la no final do átrio, em frente a um guichê.

— Rápido, Mazeroux — disse ele —, pegue seu cartão da Sûreté e pergunte à moça do guichê que bilhete ela acabou de emitir. Depressa antes que outro viajante chegue.

Mazeroux se apressou, interrogou a bilheteira e, voltando-se para dom Luís:

— Uma passagem de segunda classe para Rouen.

— Compre uma também.

O brigadeiro obedeceu. Pedindo informações, descobriram que um trem rápido estava saindo naquele exato momento. Quando chegaram à plataforma, Florence entrava em um dos vagões do meio.

O trem apitou.

— Suba — disse dom Luís, que tentava ao máximo dissimular suas intenções. — Envie-me um telegrama de Rouen e eu o encontrarei esta noite. Sobretudo, fique de olhos bem abertos. Não a deixe escapar por entre

os dedos. Ela é muito esperta, você sabe.

— Mas e o senhor, chefe, por que não vem? Seria muito melhor…

— Impossível. Não há nenhuma parada antes de chegar em Rouen, e eu só poderia voltar esta noite. No entanto, a reunião na Chefatura está marcada para as cinco horas.

— E o senhor insiste em participar?

— Mais do que nunca. Vai, embarca.

Ele o empurrou para dentro do último vagão. O trem sacudiu e logo desapareceu sob o túnel.

Então dom Luís se atirou em um banco, em uma das salas de espera, e permaneceu ali por duas horas, fingindo ler os jornais, mas com o olhar e a mente obcecados por essa questão angustiante que o dominava mais uma vez, e com imensa precisão: "Florence é culpada?"

Eram exatamente cinco horas quando o gabinete do senhor Desmalions se abriu diante do comandante conde d'Astrignac, do senhor Lepertuis e do secretário da embaixada americana. Neste exato momento, alguém entrou na antessala dos oficiais de justiça e apresentou seu cartão.

O oficial que estava em serviço olhou para cartão, virou-se rapidamente para um grupo de pessoas que conversavam ao lado e depois perguntou ao recém-chegado:

— O senhor não tem uma intimação?

— Desnecessário. Anuncie que está aqui dom Luís Perenna.

Houve uma espécie de choque elétrico entre as pessoas do grupo, e um deles deu um passo a frente. Era o subchefe Weber.

Os dois homens se olharam fixamente por um momento. Dom Luís sorria gentilmente. Weber estava lívido, um tremor agitava seus lábios e era possível ver todos os esforços que ele fazia para se conter.

Próximos a ele estavam dois jornalistas e quatro agentes da Sûreté.

"Droga! Estes senhores estão aqui por minha causa", pensou dom Luís. "Mas a perplexidade deles prova que ninguém imaginava que eu teria coragem de vir. Será que vão me prender?"

Weber não se moveu, mas seu rosto passou a expressar um certo contentamento como se pensasse: "Você, meu caro, está em minhas mãos. Desta vez você não escapa".

O oficial de justiça voltou e, sem dizer uma palavra, mostrou o caminho a dom Luís.

Dom Luís passou por Weber e o cumprimentou do modo mais afável. Fez também um pequeno sinal amigável para os agentes e entrou.

Imediatamente, o comandante conde d'Astrignac se dirigiu até ele com a mão estendida, mostrando que todo falatório em nada havia alterado a estima que ele tinha pelo legionário Perenna. Mas a postura reservada do comandante-geral foi significativa. Ele continuou a folhear o arquivo que estava examinando e a conversar a meia-voz com o secretário da embaixada e com o notário.

Dom Luís refletiu:

"Meu bom Lupin, há alguém que vai sair daqui com as argolas de ferro nos pulsos. Se não for o verdadeiro culpado, será você, meu velhote. Para bom entendedor…"

E se lembrou do início da aventura, quando estava no escritório do palácio Fauville, em frente aos magistrados, e, sob pena de prisão imediata, precisava entregar o criminoso à justiça. Assim, do início ao fim da luta, enquanto lutava contra o inimigo invisível, ele precisou se render aos ataques da justiça, sem que fosse possível se defender, a não ser por vitórias indispensáveis. Sucessivamente, assediado por ataques, sempre em perigo, ele tinha atirado Marie-Anne e Sauverand no abismo; inocentes sacrificados pelas cruéis leis da batalha. Será que ele finalmente teria o verdadeiro inimigo em suas mãos, ou sucumbiria no último minuto?

Ele esfregou as mãos num movimento tão feliz que não passou despercebido pelo senhor Desmalions. Dom Luís tinha o ar desabrochado de um homem que experimenta uma alegria da mais puras e que se prepara para saborear outras muito mais vívidas.

O comandante-geral permaneceu em silêncio por um momento, como se perguntasse a si mesmo o que poderia deleitar aquele diabo de homem. Então voltou a folhear seu arquivo e acabou por pronunciar:

— Estamos aqui reunidos novamente, cavalheiros, como fizemos há dois meses, para tomar as decisões finais sobre o testamento de Cosmo Mornington. O senhor Cacérès, adido da embaixada do Peru, não virá. Segundo um telegrama que acabo de receber da Itália, ele está gravemente doente. Sua presença, de todo modo, não era indispensável. Por isso, não falta mais ninguém, a não ser aqueles a quem, infelizmente, esta reunião consagraria os direitos, ou seja, os herdeiros de Cosmo Mornington.

— Ainda falta uma pessoa, senhor comandante.

O senhor Desmalions levantou a cabeça. Era dom Luís quem tinha acabado de falar. O comandante hesitou, mas decidiu enfim indagá-lo:

— Quem? Quem é essa pessoa?

— O assassino dos herdeiros de Mornington.

Uma vez mais, dom Luís desviava a atenção, e, apesar da resistência que lhe impunham, forçou os assistentes a considerar sua presença e sofrer sua influência. A todo custo, seria preciso discutir com ele como um homem que expressa coisas inconcebíveis, mas possíveis, uma vez que ele as expunha.

— Senhor comandante — disse ele —, posso expor os fatos tais como eles emergem da situação atual? Esta será a continuação e a conclusão natural da conversa que tivemos após a explosão no boulevard Suchet.

O silêncio do senhor Desmalions deixou claro para dom Luís que ele podia falar. Ele imediatamente retomou:

— Serei breve, senhor comandante, e por duas razões: em primeiro lugar, porque a confissão do engenheiro Fauville segue confirmada e sabemos definitivamente do papel monstruoso que ele desempenhou no caso; em segundo lugar, porque, além disso, a verdade, por mais complicada que possa parecer, é, no fundo, muito simples. Ela está por trás da objeção que o senhor me fez, comandante, na saída do palácio do boulevard Suchet em ruínas:

"Como explicar que, em sua confissão, Hippolyte Fauville nem sequer menciona a herança de Cosmo Mornington?"

"Está tudo explicado, senhor comandante. Hippolyte Fauville não disse uma palavra sobre a herança. E se ele não disse nada sobre isso é porque, claramente, ele não sabia. E se Gaston Sauverand me contou toda sua história trágica sem fazer qualquer menção a essa herança, é porque essa herança não tinha nenhuma função na história de Gaston Sauverand. Antes desses acontecimentos, ele ignorava sua existência, assim como Marie-Anne Fauville e Florence Levasseur.

"Fato inegável, a vingança, somente a vingança guiou Hippolyte Fauville. Caso contrário, por que ele o teria feito, já que os milhões de Cosmo Mornington lhe pertenciam por direito? Além disso, se ele quisesse aproveitar esses milhões, não teria começado por se matar.

"Portanto, uma coisa é certa: a herança não tem nada a ver com as decisões ou ações de Hippolyte Fauville.

“Entretanto, sucessivamente, com uma inflexível regularidade e como se tudo tivesse acontecido na exata ordem dos que seriam considerados herdeiros de Mornington, morreram Cosmo Mornington, depois Hippolyte Fauville, depois Edmond Fauville, depois Marie-Anne Fauville, depois Gaston Sauverand! Primeiro o detentor da fortuna, depois todos aqueles que ele instituiu como seus herdeiros, e, repito, *na mesma ordem em que o testamento lhes permitiria herdar a fortuna!*

“Não é estranho? E como não supor que havia, em tudo isso, um pensamento norteador? Como não admitir que o formidável debate seja dominado por essa herança e que, acima dos ódios e ciúmes do imundo Fauville, haja um ser dotado de uma energia ainda mais formidável, perseguindo um objetivo tangível e levando à morte, como vítimas numeradas, os atores inconscientes do drama cujos fios ele atou e cujos fios ele desata?

“Senhor comandante, o instinto popular está tão de acordo comigo, uma parte da polícia, o subchefe Weber encabeçando, raciocina de uma forma tão idêntica à minha que a existência desse ser se afirma prontamente em todas essas mentes. Seria preciso alguém que fosse o guia desse plano, que tivesse a vontade e a energia para tal façanha. Esse alguém sou eu. Por que não, afinal? Não tinha eu a condição indispensável para desejar a realização desses crimes, como herdeiro de Cosmo Mornington?

“Não vou me defender. É possível que tenham havido estranhas intervenções, é possível que as circunstâncias o obriguem, senhor comandante, a adotar medidas injustificadas contra mim, mas eu não vou cometer a afronta de acreditar, por um segundo, que o senhor supõe ser capaz de tais perversidades o homem de cujas ações o senhor é testemunho há pelo menos dois meses.

“Entretanto, o instinto popular tem razão para me acusar, senhor comandante. Além do engenheiro Fauville, há fatalmente um culpado, e fatalmente esse culpado é herdeiro de Cosmo Mornington. Como não sou eu, então há outro herdeiro de Cosmo Mornington. E é ele quem eu acuso, senhor comandante.

“Não há na sinistra aventura que se desenrola diante de nós, como pudemos ter acreditado por um momento, apenas a vontade de um homem morto. Não foi contra um homem morto que lutei o tempo todo, e mais de uma vez senti o próprio sopro da vida me batendo na cara. E mais de uma

vez senti os dentes do tigre tentando me rasgar. O morto fez muito, mas não fez tudo. E, mesmo o que ele fez, será que foi o único a fazer? O ser de que falo foi unicamente o executor das suas ordens, ou foi também o cúmplice que o ajudou na sua empreitada? Não sei. Mas foi ele, com toda certeza, quem deu continuidade a uma obra que ele talvez tenha inspirado, e que, em todo caso, desviou em seu próprio benefício, completou resolutamente e levou aos últimos limites. *E suspendeu porque conhecia o testamento de Cosmo Mornington.*

"E é ele quem eu acuso, senhor comandante.

"Acuso-o pelo menos da perversidade e pelos crimes que não podem ser atribuídos a Hippolyte Fauville.

"Acuso-o de ter arrombado a gaveta da mesa onde o senhor Lepertuis, o notário de Cosmo Mornington, tinha guardado o testamento do seu cliente.

"Acuso-o de ter invadido o apartamento de Cosmo Mornington e substituído uma das ampolas de cacodilato de soda, que seriam usadas por Cosmo Mornington para suas picadas, por uma ampola cheia de um licor tóxico.

"Eu o acuso de ter desempenhado o papel do médico que veio confirmar a morte de Cosmo Mornington e que emitiu um atestado falso.

"Acuso-o de ter fornecido a Hippolyte Fauville o veneno que, sucessivamente, matou o inspetor Vérot, depois Edmond Fauville e depois o próprio Hippolyte Fauville.

"Acuso-o de ter armado e dirigido contra mim a mão de Gaston Sauverand que, seguindo o seu conselho e suas indicações, três vezes atentou contra minha existência e, finalmente, causou a morte do meu motorista.

"Acuso-o de, aproveitando os contatos que Gaston Sauverand tinha feito na enfermaria para se comunicar com Marie-Anne Fauville, ter passado a Marie-Anne Fauville o frasco de veneno e a seringa que seriam usados pela infeliz mulher para executar seus planos de suicídio.

"Acuso-o de, por um processo que ignoro e prevendo o resultado inevitável do seu ato, ter dado a Gaston Sauverand os recortes dos jornais que relatavam a morte de Marie-Anne.

"Acuso-o, em suma, e sem levar em conta sua participação nos outros crimes, o assassinato do inspetor Vérot, o assassinato do meu motorista, de ter matado Cosmo Mornington, Edmond Fauville, Hippolyte Fauville,

Marie-Anne Fauville, Gaston Sauverand, enfim, todos aqueles que estavam entre os milhões e *ele*.

"E estas últimas palavras, senhor comandante, confirmam claramente o meu pensamento. Se um homem liquida cinco de seus companheiros para tocar uma certa quantia em milhões, é porque ele está convencido de que essas mortes lhe garantirão, fatalmente e matematicamente, a posse desses milhões. Em suma, se um homem suprime um milionário e os seus quatro herdeiros sucessivos, é porque ele é o quinto herdeiro desse milionário. Dentro de poucos instantes, esse homem estará aqui."

— O quê!

A exclamação do comandante-geral foi espontânea. Ele esqueceu toda a argumentação, tão poderosa e tão concisa, de dom Luís Perenna e só pensava na assombrosa aparição anunciada por dom Luís. E este replicou:

— Senhor comandante, essa visita é a conclusão rigorosa das acusações que faço. Lembre-se de que o testamento de Cosmo Mornington é formal: os direitos de um herdeiro só serão válidos se esse herdeiro comparecer à reunião de hoje.

— E se essa pessoa não vier? — exclamou o comandante, provando assim que a convicção de dom Luís expunha algumas dúvidas.

— Ele virá, senhor comandante. Caso contrário, esta história não teria mais nenhum sentido. Reduzida aos crimes e atos do engenheiro Fauville, ela poderia ser considerada a obra absurda de um louco. Prolongada até a morte de Marie-Anne Fauville e de Gaston Sauverand, ela exige como desfecho inevitável o aparecimento de uma personagem que, última descendente da família Roussel, de Saint-Étienne e, portanto, herdeira em toda a dimensão do termo, e antes de mim, de Cosmo Mornington, virá reclamar os duzentos milhões que conquistou com tamanha audácia.

— E se essa pessoa não vier? — exclamou novamente o senhor Desmalions, agora com mais veemência.

— Então, senhor comandante, isso significa que eu sou o culpado e o senhor só precisará me prender. Entre as cinco e as seis de hoje, o senhor deve ver nesta sala, à sua frente, o ser que matou os herdeiros de Mornington. É humanamente impossível que isso não aconteça. Por conseguinte, em todo caso, a justiça será feita. Ele ou eu, o dilema é simples.

O senhor Desmalions estava em silêncio. Ele remexia seu bigode com um ar preocupado e caminhava em torno da mesa, no círculo estreito formado pelos assistentes. Havia visivelmente objeções em sua mente contra tal suposição. No final, ele murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Não, não é possível… por que esse homem esperaria até agora para reclamar os seus direitos?

— Talvez por mero acaso, senhor comandante… ou por algum obstáculo… ou então… como saber? Pela perversa necessidade de uma emoção mais forte. Lembre-se, senhor comandante, com que rigor, com que sutileza todo esse caso foi tramado. Cada evento foi desencadeado no minuto definido pelo engenheiro Fauville. Não se pode admitir que seu cúmplice foi influenciado até o fim por esse método e que só se revelará no minuto supremo?

Com uma espécie de raiva, o senhor Desmalions exclamou:

— Não, não, mil vezes não, não é possível! Se houver um ser monstruoso o suficiente para cometer uma série de assassinatos, esse ser não será estúpido a ponto de se entregar.

— Ao vir aqui, senhor comandante, ele ignora o perigo que o ameaça, já que ninguém nem sequer considerou a hipótese da sua existência. Além disso, que risco ele corre?

— Que risco? Mas se ele realmente cometeu essa série de assassinatos…

— Ele não os cometeu, senhor comandante, ele induziu alguém a cometê-los, o que é diferente. E agora o senhor compreenderá em que consiste a força imprevisível desse homem: ele não age! Desde o dia em que a verdade surgiu para mim, consegui descobrir pouco a pouco os meios com que ele agia, revelando as engrenagens que ele comanda e os truques que utiliza. Ele não age! Eis o procedimento dele. O senhor verá que isso é idêntico em toda a série de assassinatos. Aparentemente, Cosmo Mornington morreu como resultado de uma picada mal aplicada, mas, na realidade, foi o outro quem fez a picada se tornar mortal. Aparentemente, o inspetor Vérot foi morto por Hippolyte Fauville, mas, na realidade, foi o outro quem planejou o crime, provou a necessidade dele para Fauville e, por assim dizer, dirigiu sua mão. E da mesma forma, aparentemente, Fauville matou seu filho e cometeu suicídio, Marie-Anne cometeu suicídio e Gaston Sauverand cometeu suicídio; mas, na realidade, era o outro quem

queria a morte deles, os impulsionou ao suicídio e lhes forneceu meios para morrer. Esse é o seu procedimento, senhor comandante, e esse é o homem.

E, em voz baixa, com uma espécie de apreensão, acrescentou:

— Confesso que nunca antes, durante toda uma vida fértil em encontros, deparei-me com um personagem mais terrível, agindo com uma virtuosidade mais diabólica e uma psicologia mais perspicaz.

Suas palavras despertavam naqueles que o escutavam uma emoção crescente. Eles começavam a imaginar o ser invisível, que tomava forma na imaginação deles. Todos estavam à espera dele. Duas vezes, dom Luís se virou para a porta e se pôs a ouvir. E mais do que tudo, esse gesto evocava aquele que estava para chegar.

— Se ele agiu sozinho ou fez alguém agir, assim que a justiça o detiver, ela vai conseguir…

— A justiça terá dificuldades para fazer isso, senhor comandante! Um homem desse calibre deve ter previsto tudo, até mesmo sua prisão, até mesmo as acusações que lhe fariam; e não se pode levantar contra ele apenas acusações morais, sem nenhuma evidência.

— E então?

— Então, senhor comandante, acredito que devemos aceitar as explicações dele como naturais e não desconfiar delas. O mais importante é conhecê-lo. Mais tarde, e isso não vai demorar, o senhor conseguirá desmascará-lo.

O comandante-geral continuou a andar em volta da mesa. O comandante d'Astrignac examinava Perenna, cujo sangue-frio o espantava. O notário e o secretário da embaixada pareciam muito agitados. E, na verdade, nada era mais perturbador do que o pensamento que os dominava. O abominável assassino ia se apresentar diante deles?

— Silêncio — disse o comandante-geral, parando. Alguém atravessava a antecâmara.

Bateram à porta.

— Entre!

O oficial de justiça entrou. Ele tinha uma bandeja na mão. Sobre a bandeja havia uma carta e também uma dessas folhas impressas em que escrevem o nome e o objetivo da visita.

O senhor Desmalions se precipitou.

No momento de pegar a folha, ele teve uma pequena hesitação. Estava muito pálido, e então, vividamente, ele decidiu:

— Oh! — ele fez, com um sobressalto.

Ele virou os olhos para dom Luís, pensou, e depois, pegando a carta, disse ao oficial de justiça:

— Essa pessoa está aqui?

— Na antessala, senhor comandante.

— Assim que eu autorizar, traga-a aqui.

O oficial de justiça se retirou.

Em pé diante de sua mesa, o senhor Desmalions não se mexia. Uma segunda vez, dom Luís encontrou seu olhar e uma desordem o invadiu. O que estava acontecendo?

Com um movimento seco, o comandante-geral abriu o envelope que tinha na mão, desdobrou a carta e começou a ler.

Todos espreitavam cada um de seus gestos e as menores expressões do seu rosto. As previsões de Perenna iam se tornar realidade? Um quinto herdeiro reivindicava seus direitos?

Já nas primeiras linhas, o senhor Desmalions levantou a cabeça e, dirigindo-se a dom Luís, murmurou:

— O senhor tinha razão, estamos diante de uma reivindicação.

— De quem, senhor comandante? — curioso, dom Luís não pôde deixar de perguntar.

O senhor Desmalions não respondeu. Ele terminou a leitura silenciosa. Em seguida, recomeçou lentamente a leitura, com a atenção de um homem que pesa todas as palavras. Finalmente, leu em voz alta:

Senhor comandante,

O acaso de uma correspondência revelou-me a existência de um herdeiro desconhecido da família Roussel.

Só hoje consegui obter os documentos necessários à sua identificação, e é no último momento, em razão de obstáculos inesperados, que consigo enviá-los ao senhor por meio da pessoa em questão. *Respeitosa de um segredo que não me pertence, e desejando ficar fora de um caso em que eu só estive envolvida por acidente, peço-lhe, senhor comandante, que me desculpe por acreditar que não devo colocar a minha assinatura no final*

desta carta.

Assim, Perenna tinha previsto claramente e os acontecimentos justificavam sua profecia. No prazo indicado, alguém se apresentava. A reivindicação tinha sido feita em tempo hábil e a maneira como as coisas aconteciam, no momento exato, lembrava a estranha precisão mecânica que comandava toda a aventura.

A questão suprema permanecia: quem era esse desconhecido, possível herdeiro, e, portanto, cinco ou seis vezes assassino? Ele estava à espera na sala ao lado. Apenas uma parede o escondia dos olhares. Ele estava chegando. Todos iam vê-lo. Todos iam conhecê-lo.

O comandante convocou a pessoa em questão.

Passaram-se alguns segundos angustiantes. Estranhamente, o senhor Desmalions não tirava os olhos de Perenna.

Este permanecia absolutamente controlado, mas, no fundo, estava preocupado e incomodado.

A porta foi empurrada.

O oficial de justiça deu passagem a alguém.

Era Florence Levasseur.

Weber se vinga

Dom Luís ficou perplexo. Florence aqui, Florence, que ele tinha deixado no trem sob a vigilância de Mazeroux, e a quem, materialmente, era impossível retornar a Paris antes das oito horas da noite!

Imediatamente, e apesar da derrota do seu cérebro, ele compreendeu. Sabendo que estava sendo perseguida, Florence os atraiu à estação Saint-Lazare e desembarcou pelo outro lado do vagão enquanto o bondoso Mazeroux, levado pelo trem, vigiava a viajante ausente.

Mas de repente a situação se esclareceu com todo o horror que a acompanhava. Florence estava lá para reivindicar a herança, e essa reivindicação, como ele mesmo disse, era a prova da mais assustadora culpa.

De um salto, sob o impulso de um sentimento irresistível, dom Luís se aproximou da jovem, agarrou-a pelo braço, e disse-lhe com uma violência quase odiosa:

— O que a senhorita veio fazer aqui? O que vem fazer aqui? Por que não me avisou?

O senhor Desmalions interveio. Mas dom Luís, sem recuar, exclamou:

— Ora! Senhor comandante, não vê que tudo isso é um grande equívoco? A pessoa por quem esperamos, a quem me referi, não é esta. A outra continua se escondendo. É impossível que Florence Levasseur…

— Não tenho nenhuma ressalva em relação à senhorita — disse o comandante-geral com uma voz imperiosa. — Mas o meu dever é interrogá-la sobre as circunstâncias que determinam sua visita. Não vou abrir mão…

Ele libertou a jovem e a convidou a se sentar. Ele também se sentou, atrás de sua mesa, e foi fácil ver o quanto a presença da jovem o surpreendia. Essa presença ilustrava, por assim dizer, a argumentação de dom Luís. A entrada em cena de uma nova pessoa tendo direitos à herança era, sem dúvida, para qualquer mente lógica, a entrada em cena de uma criminosa que apresentava pessoalmente as evidências de seus crimes. Dom Luís percebeu isso claramente e, a partir de então, não tirou mais os olhos do comandante-geral.

Florence olhava para ambos como se para ela tudo aquilo fosse o mais insolúvel dos enigmas. Os seus lindos olhos negros conservavam a habitual expressão de serenidade. Ela já não vestia sua roupa de enfermeira e o vestido cinza, muito simples, sem ornamentos, ressaltava sua cintura harmoniosa. Ela estava séria e tranquila, como era habitual.

O senhor Desmalions disse:

— Explique-se, senhorita.

Ela respondeu:

— Não tenho nada a explicar, senhor comandante. Venho vê-lo encarregada de uma missão que cumpro sem saber seu significado exato.

— Como assim, sem saber seu significado?

— A situação é seguinte, senhor comandante. Alguém em quem confio totalmente, e por quem tenho o mais profundo respeito, pediu-me para lhe entregar alguns papéis. Parece que eles estão relacionados com a questão que é objeto da reunião de hoje.

— A questão da atribuição da herança de Cosmo Mornington?

— Sim, senhor comandante.

— A senhorita sabe que se essa reivindicação não tivesse surgido durante esta sessão, ela teria perdido sua validade?

— Vim assim que os papéis me foram entregues.

— Por que não lhe entregaram uma hora ou duas mais cedo?

— Eu não estava aqui. Tive de sair apressadamente da casa em que vivo atualmente.

Perenna não duvidou de que foi ele quem, por sua intervenção, perturbou os planos do inimigo, provocando a fuga de Florence.

O comandante continuou:

— Então a senhorita ignora por que lhe deram estes papéis?

— Sim, senhor comandante.

— E, evidentemente, ignora sumariamente também de que modo eles lhe dizem respeito?

— Eles não me dizem respeito, senhor comandante.

O senhor Desmalions sorriu e pronunciou claramente, com os olhos colados aos de Florence:

— De acordo com a carta que os acompanha, eles lhe dizem respeito diretamente. Eles estabelecem, de fato, da forma mais segura, ao que parece, que a senhorita descende da família Roussel e que, portanto, tem todos os direitos à herança de Cosmo Mornington.

— Eu!

O grito foi espontâneo, um grito de espanto e protesto. E, imediatamente, insistindo:

— Eu tenho direitos sobre essa herança! Nenhum, senhor comandante, não tenho nenhum. Nunca conheci o senhor Mornington. Que história é essa? Há aqui um mal-entendido.

Ela falava com tamanha animação e com tão aparente franqueza que teria impressionado qualquer um, a não ser o comandante-geral. Mas será que ele poderia esquecer os argumentos de dom Luís e a acusação feita antecipadamente à pessoa que compareceria à reunião?

— Entregue-me esses papéis — ele disse.

Ela retirou de uma maleta um envelope azul que não estava selado, e dentro do qual havia várias folhas amareladas, gastas nas dobras e rasgadas em alguns lugares.

Em meio a um grande silêncio, o comandante examinou essas folhas, percorreu todo o conteúdo com os olhos, estudou-as em todas as direções, decifrou com uma lupa as assinaturas e os selos e disse:

— Eles apresentam todos os sinais de autenticidade, os selos são oficiais.

— Então, senhor comandante…? — articulou Florence com a voz tremida.

— Então, senhorita, devo dizer que sua ignorância não me parece crível.

E, voltando-se ao notário, pronunciou:

— Aqui está, em resumo, o que estes documentos contêm e provam. Gaston Sauverand, herdeiro da quarta linhagem de Cosmo Mornington, tinha, como sabem, um irmão mais velho do que ele, chamado Raoul, e que vivia na República Argentina. Esse irmão, antes de morrer, enviou para a Europa, sob os cuidados de uma velha enfermeira, uma criança de cinco

anos que era sua filha, uma filha natural dele com a senhorita Levasseur, professora de francês que vivia em Buenos Aires. Aqui está a certidão de nascimento. Aqui, a certidão de inteiro teor assinada pelo pai. Aqui, o atestado emitido pela velha babá. Aqui, o testemunho de três amigos, comerciantes notórios de Buenos Aires. E aqui estão as certidões de óbito do pai e da mãe. Todos estes documentos foram autenticados e trazem os carimbos do consulado da França. Até nova ordem, não tenho motivos para suspeitar deles e devo considerar que Florence Levasseur é filha de Raoul Sauverand e sobrinha de Gaston Sauverand.

— A sobrinha de Gaston Sauverand… sua sobrinha… sua sobrinha… — balbuciou Florence.

A evocação de um pai que ela não conhecia não a comoveu. Mas ela começou a chorar ao se lembrar de Gaston Sauverand, a quem tanto amava e a quem estava então unida por laços tão estreitos de parentesco.

Lágrimas sinceras? Ou lágrimas de uma atriz que sabe interpretar seu papel até nas menores nuances? Esses fatos eram realmente revelados a ela pela primeira vez, ou ela simulava os sentimentos que a revelação desses fatos deveria produzir nela?

Mais do que observar a jovem, dom Luís observava também o senhor Desmalions e tentava ler o pensamento secreto daquele que iria tomar as decisões. E de repente ele percebeu com tanta certeza que a prisão de Florence estava decidida, como seria a prisão do criminoso mais monstruoso, que ele se aproximou da jovem e lhe disse:

— Florence.

Ela dirigiu seus olhos chorosos para ele e nada respondeu. Então ele falou devagar:

— Para se defender, Florence, porque, certamente sem saber disso, a senhorita deve se defender, é preciso que compreenda a terrível situação em que os acontecimentos a colocam. Florence, o senhor comandante foi levado, pela própria lógica desses acontecimentos, à convicção definitiva de que a pessoa que entraria nesta sala, e cujos direitos à herança seriam óbvios, é a mesma pessoa que matou os herdeiros de Mornington. Foi a senhorita quem entrou, Florence, e a senhorita é a herdeira de fato de Cosmo Mornington.

Ele a viu estremecer dos pés à cabeça e ficar pálida como uma defunta. No entanto, ela não disse sequer uma palavra de protesto e não fez

nenhum gesto.

Ele retomou:

— A acusação é sumária. A senhorita não vai responder?

Ela permaneceu um bom tempo em silêncio, depois declarou:

— Não tenho nada a responder. Tudo isso é incompreensível. O que querem que eu responda? São coisas tão obscuras!

Diante dela, dom Luís estremecia de angústia. Ele balbuciou:

— Isso é tudo? A senhorita aceita…?

Um instante depois, ela disse a meia-voz:

— Explique-se, eu imploro. O senhor quer dizer que se eu não responder, é porque aceito a acusação…

— Sim.

— E então?

— É a detenção, a prisão…

— Prisão!

Ela parecia sofrer terrivelmente. O medo desfigurava sem belo rosto. A prisão, para ela, devia representar as torturas sofridas por Marie-Anne e Sauverand. Devia significar o desespero, a vergonha, a morte, todas aquelas coisas horríveis que Marie-Anne e Sauverand não conseguiram evitar e das quais ela agora seria vítima…

Uma imensa prostração a abateu e ela gemeu:

— Como estou cansada! Sinto que não há nada a fazer! As trevas me sufocam… Ah, se eu pudesse ver e entender!

Um longo silêncio novamente. Inclinado sobre ela, o senhor Desmalions também a estudava com toda sua atenção. No final, como ela permanecia em silêncio, ele estendeu a mão, pegou o sino e tocou três vezes.

Dom Luís não se mexeu. Tinha os olhos perdidamente colados em Florence. No fundo do seu peito havia uma batalha suprema entre todos os instintos de amor e a generosidade que o levavam a acreditar na jovem, e a razão, que o forçava a desconfiar dela. Inocente? Culpada? Ele não sabia. Tudo estava contra ela. E por que então ele não tinha deixado de amá-la?

Weber entrou, seguido por seus homens. O senhor Desmalions falou com ele designando Florence. Weber se aproximou dela.

— Florence — chamou dom Luís.

Ela olhou para ele e olhou para Weber e seus homens, e de repente, compreendendo o que estava prestes a acontecer, recuou, vacilou, tonta, cambaleante, e caiu nos braços de dom Luís:

— Ah! Salve-me! Salve-me! Eu imploro.

E havia nesse gesto tal abandono, e nesse grito tal angústia, que permitiam sentir o pavor da inocência e fizeram dom Luís ter um súbito estalo. Uma fé ardente o motivou. Suas dúvidas, suas reservas, suas hesitações, seus tormentos, tudo isso foi substituído pelo ataque de uma certeza que o varria como uma onda indomável. E ele exclamou:

— Não, não, isso não pode acontecer! Senhor comandante, há coisas que são inadmissíveis…

Ele se inclinou sobre Florence, segurando-a tão fortemente em seus braços que ninguém conseguiria separá-los. Os olhares deles se encontraram. O rosto dele estava bem colado ao dela. Ele tremeu de emoção ao senti-la palpitante, tão fraca e tão desamparada, e ele lhe disse apaixonadamente, com a voz tão baixa que só ela poderia ouvi-lo:

— Eu a amo… eu a amo… Ah, Florence, se soubesse o que se passa dentro de mim! O que eu sofro, e como estou feliz… Ah! Florence, Florence, eu a amo…

A um sinal do comandante, Weber se afastou.

O senhor Desmalions queria testemunhar o inesperado encontro desses dois seres misteriosos, dom Luís Perenna e Florence Levasseur.

Dom Luís soltou os braços e sentou a jovem numa poltrona. Depois, colocando as duas mãos nos ombros dela, ficando frente a frente, ele pronunciou:

— Talvez você ainda não compreenda, Florence, mas eu começo a compreender muitas coisas e quase enxergo em meio à escuridão que a assusta. Florence, ouça-me… Não é a senhorita quem age, não é mesmo? Há um outro alguém por trás disso, acima disso. E é ele quem a controla, não é? Mas a senhorita ignora aonde ele a está conduzindo, não é?

— Ninguém me controla! O quê? Explique-se.

— Sim, a senhorita não está sozinha nisso. Há muitos atos que a senhorita realiza porque lhe pedem, e acredita que eles são corretos, e a senhorita ignora as consequências… Responda… A senhorita é completamente livre? Não está sob nenhuma influência?

A jovem parecia estar recuperada e seu semblante retomava um pouco da calma que lhe era habitual. Entretanto, era possível afirmar que a questão de dom Luís a impressionava.

— Mas não — ela disse —, nenhuma influência… Não, eu tenho certeza.

Ele insistiu, com um ardor crescente:

— Não, a senhorita não tem certeza, não diga isso. Alguém a domina, e sem que o saiba. Pense… A senhorita é herdeira de Cosmo Mornington… herdeira de uma fortuna que lhe é indiferente, eu sei, eu afirmo. Bem, essa fortuna, se não é a senhorita que a deseja, então quem é? Responda… Há alguém que tenha interesse ou que pensa ter interesse de que a senhorita fique rica? Tudo depende disso. A sua existência está ligada à de outra? A senhorita é amiga dessa pessoa? É sua noiva?

Ela teve uma explosão de revolta.

— Oh! Nunca! Aquele de quem o senhor fala seria incapaz…

— Ah! — ele exclamou, abalado pelo ciúme. — A senhorita admite… Existe, portanto, o tal alguém de quem estou falando! Ah, eu juro que o miserável…

Ele se voltou para o senhor Desmalions, a figura convulsionada de ódio, sem procurar se conter.

— Senhor comandante, estamos chegando ao objetivo. Conheço o caminho que nos levará até ele. O animal feroz será caçado esta noite… no mais tardar amanhã… Senhor comandante, a carta que acompanha esses documentos, a carta não assinada que a senhorita lhe entregou, essa carta foi escrita pela madre superiora que dirige uma clínica localizada na avenida Ternes. Realizando uma investigação imediata nessa clínica, interrogando a superiora, confrontando-a com a senhorita, chegaremos ao culpado. Mas não devemos perder um só minuto, senão será tarde demais, o animal feroz terá fugido.

Seu arrebatamento era irresistível. Sua convicção se impunha com uma força contra a qual não se podia lutar.

O senhor Desmalions objetou:

— A senhorita pode nos informar…

— Ela não falará, ou pelo menos não falará até esse homem ser desmascarado diante dela. Ah! senhor comandante, peço-lhe que confie em mim como das outras vezes. Todas as minhas promessas não foram

cumpridas? Tenha confiança, senhor comandante, não duvide mais. Lembre-se de que todas as cargas, e as mais pesadas, sobrecarregaram Marie-Anne Fauville e Gaston Sauverand, e que eles sucumbiram apesar de sua inocência. Será que a justiça quer que Florence Levasseur seja sacrificada como eles dois? Além disso, o que peço não é a libertação dela, mas o meio para defendê-la… isto é, uma hora ou duas de prazo. O subchefe Weber pode ficar responsável por ela. Os seus agentes podem vir conosco. Esses, e outros também, porque não serão em demasia para capturar o abominável assassino.

O senhor Desmalions não respondeu. Depois de um momento, ele chamou Weber de lado e conversou com o subchefe por alguns minutos. Na realidade, o senhor Desmalions não parecia muito favorável ao pedido de dom Luís. Mas ouviram Weber dizer:

— Não tenha medo, senhor comandante, não corremos nenhum risco.

E o senhor Desmalions cedeu.

Alguns momentos depois, dom Luís Perenna e Florence entravam em um automóvel com Weber e dois inspetores. Outro carro os acompanhou cheio de agentes.

A casa de saúde foi literalmente invadida pela polícia e Weber tomou as precauções de manter um cerco em boa posição.

O comandante-geral, que veio ao seu encontro, foi acompanhando pelo criado até a antessala e depois à sala de espera. A superiora, notificada imediatamente, veio ter com ele. Na presença de dom Luís, Weber e Florence, ele começou a interrogá-la sem preâmbulo.

— Minha irmã — disse ele —, aqui está uma carta que me entregaram na Prefeitura e que anunciava a existência de certos documentos a respeito de uma herança. De acordo com as informações que recebi, essa carta não assinada, e cuja caligrafia está disfarçada, teria sido escrita pela senhora. Isso procede?

De figura enérgica, de aparência determinada, a superiora respondeu sem embaraço:

— Acontece o seguinte, senhor comandante. Como tive a honra de lhe escrever, preferi, por razões que são fáceis de compreender, que meu nome não fosse pronunciado. Além disso, só o envio dos documentos importava. Mas, como foi possível chegar até mim, estou pronta para responder.

O senhor Desmalions retomou, olhando para Florence:

— Minha primeira pergunta, irmã, é se a senhora conhece esta jovem.

— Sim, senhor comandante. Florence passou seis meses conosco, trabalhando como enfermeira, há alguns anos. Eu era tão feliz com a presença dela aqui que fiquei feliz por recebê-la de volta há oito dias. Conhecendo sua história através dos jornais, pedi-lhe apenas para mudar de nome. Os funcionários da casa eram novos. Então, este era um refúgio seguro para ela.

— Mas a senhora não ignora, já que acompanhou os jornais, as acusações contra ela?

— Essas acusações são irrelevantes para quem conhece Florence, senhor comandante. Ela é uma das almas mais elevadas e uma das mais nobres consciências que já conheci.

O comandante continuou:

— Vamos falar dos documentos, irmã. De onde vêm?

— Ontem, senhor comandante, encontrei no meu quarto um recado em que se ofereciam para me entregar papéis importantes para a senhorita Florence Levasseur…

— Como alguém poderia saber — interrompeu o senhor Desmalions — que ela estava nesta casa?

— Eu ignoro. Disseram-me apenas que os papéis estariam em determinado dia — ou seja, esta manhã — em Versalhes, e que seriam postados em meu nome. Pediram-me que não contasse a ninguém sobre os documentos e que os entregasse a Florence Levasseur esta tarde, às três horas, com a missão de os levar imediatamente ao comandante-geral. Também fui instruída a enviar uma carta ao brigadeiro Mazeroux.

— Ao brigadeiro Mazeroux! Que estranho.

— O envio dessa carta, ao que parece, dizia respeito ao mesmo caso. Gosto muito de Florence. Então enviei a carta, e esta manhã fui a Versalhes. Não me enganaram: os papéis estavam lá. Quando voltei, Florence tinha saído. Só pude entregar os papéis a ela quando voltou, perto das quatro horas.

— Eles foram expedidos de que cidade?

— De Paris. O envelope tinha o carimbo da avenida Niel, que é precisamente o escritório dos Correios mais próximo daqui.

— E o fato de encontrar tudo isso no seu quarto não lhe pareceu estranho?

— Com certeza, senhor comandante, mas não mais estranho do que todos os outros episódios desse caso.

— No entanto… no entanto… — retomou o senhor Desmalions, que examinava a pálida figura de Florence —, no entanto, quando a senhora viu que as instruções que lhe foram dadas vinham daqui, desta casa, e que elas diziam respeito justamente à pessoa que residia nesta casa, a senhora não imaginou que essa pessoa…

— A ideia de que Florence tinha entrado no meu quarto sem meu conhecimento para realizar tal tarefa? — exclamou a superiora. — Ah, senhor comandante, Florence seria incapaz!

A jovem estava em silêncio, mas sua figura contraída demonstrava os sentimentos de pavor que a perturbavam.

Dom Luís se aproximou dela e disse:

— As trevas estão se dissipando, não estão, Florence? E isso a magoa. Quem deixou a carta no quarto da madre superiora? A senhorita sabe quem foi, não sabe? E sabe quem lidera esta história toda?

Ela não respondeu. Em seguida, dirigindo-se ao subchefe, o comandante solicitou:

— Weber, por favor, vistorie o quarto ocupado pela senhorita.

E como a freira protestou:

— É essencial que possamos esclarecer as razões que fazem a senhorita manter esse obstinado silêncio — ele declarou.

A própria Florence apontou o caminho. Mas, assim que Weber fez menção de sair, dom Luís exclamou:

— Cuidado, subchefe!

— Cuidado? Por quê?

— Eu não sei explicar — disse dom Luís que, de fato, não poderia dizer por que a conduta de Florence o preocupava —, eu não sei… mas estou advertindo.

Weber encolheu os ombros e, acompanhado pela superiora, se retirou. Ao passar pela antecâmara, pediu que dois de seus homens o acompanhassem. Florence caminhava na frente. Ela subiu um andar e seguiu por um longo corredor repleto de salas, que, após uma curva, levava a um pequeno corredor extremamente estreito e que tinha uma porta no final.

Era onde ela vivia.

A porta se abria para fora do quarto. Florence então puxou-a para si, forçando Weber a recuar também. Ela aproveitou a oportunidade para entrar num pulo e fechar a porta atrás dela com tamanha rapidez que o subchefe, querendo segurar o batente da porta, encontrou apenas o vazio.

Ele fez um movimento de raiva.

— Que marota! Ela vai queimar os papéis.

E, dirigindo-se à irmã:

— Esse quarto não tem outra saída?

— Nenhuma, senhor.

Ele tentou abrir, mas a porta estava trancada. Então ele deu lugar a um dos homens, um colosso, que, com um soco, destruiu um dos painéis.

Weber voltou para a dianteira, escorregou seu braço através da fenda, puxou a fechadura, manuseou a chave e entrou.

Florence não estava mais no quarto.

Na frente, uma pequena janela aberta mostrou o caminho seguido.

— Santo Deus! — ele exclamou. — Ela fugiu.

E, voltando às escadas, ordenou com uma voz de trovão:

— Cerquem todas as saídas! Agarrem-na pelo pescoço!

O senhor Desmalions veio correndo. Cruzando com o subchefe, ele recebeu explicações e se dirigiu ao quarto de Florence. A janela aberta se abria sobre um pequeno pátio interior, uma espécie de poço através do qual certas salas do edifício eram ventiladas. Alguns canos desciam até o fundo. Florence deve ter descido agarrada neles. Mas que sangue-frio e que indomável vontade demonstrava tal evasão!

Os agentes já tinham se espalhado por todos os lados para bloquear a passagem da fugitiva. Não demorou para descobrirem que Florence, cujo rasto era procurado no térreo e no subsolo, havia entrado pelo pátio no quarto logo abaixo dele, que era justamente o quarto da madre superiora, que ela havia colocado um hábito de freira e que, sob esse disfarce, tinha passado despercebido no meio das pessoas que a perseguiam!

Todos correram para fora, mas já havia anoitecido. Como é que as buscas não seriam em vão naquele bairro populoso?

O comandante-geral não escondeu seu descontentamento. Dom Luís, também muito desapontado com essa fuga que contrariava seus planos, não deixou de enfatizar a inabilidade de Weber:

— Eu avisei, subchefe, que era preciso tomar cuidado! A postura da senhorita Levasseur era bastante previsível. É óbvio que ela conhece o culpado, e que queria encontrá-lo, pedir-lhe explicações e, quem sabe?, salvá-lo, se ele a convencer. E o que acontecerá entre eles? Sabendo que foi descoberto, o bandido é capaz de tudo.

O senhor Desmalions interrogou novamente a superiora e não demorou muito para descobrir que Florence Levasseur, oito dias antes, e antes de se refugiar na clínica, tinha vivido por 48 horas em um pequeno hotel mobiliado na Île Saint-Louis.

Por mais vaga que fosse a indicação, não se podia ignorá-la. O comandante-geral, que conservava todas as suas dúvidas sobre Florence e que dava extrema importância à captura da jovem, ordenou a Weber e seus homens que seguissem essa pista sem mais delongas. Dom Luís acompanhou o subchefe.

Imediatamente, o acontecimento deu razão ao comandante-geral. Florence tinha se refugiado no hotel mobiliado da Île Saint-Louis, onde tinha reservado um quarto sob nome falso. Mas mal tinha chegado quando um menino apareceu no saguão do hotel, perguntou por ela e a levou com ele.

Subiram até o quarto e encontraram um pacote embrulhado num jornal contendo um hábito de freira. Então, não havia possibilidade de erro.

Mais tarde, Weber conseguiu encontrar o garotinho. Era o filho de uma zeladora que morava no bairro. Para onde ele tinha levado Florence? Quando questionado, ele respondeu que por nada no mundo trairia a senhora que tinha confiado nele e que o abraçara aos prantos. A mãe implorou. O pai lhe bateu. Ele foi inflexível.

De todo modo, era possível concluir do incidente que Florence não tinha deixado a Île Saint-Louis ou o entorno imediato dela.

Procuraram obstinadamente durante toda a noite. Weber tinha estabelecido sua sede em um cabaré onde as notícias eram centralizadas e para onde os oficiais retornavam de vez em quando para receber as ordens. Além disso, ele permaneceu em constante comunicação com a Chefatura.

Às dez e meia, um pelotão de agentes enviados pelo comandante-geral veio se colocar à disposição do subchefe. Mazeroux, que tinha chegado de Rouen, furioso com Florence, tinha se juntado a esse pelotão.

As buscas continuaram. Pouco a pouco, dom Luís assumiu o comando, e, por assim dizer, era sob suas indicações que Weber tocava uma determinada campainha ou interrogava esta ou aquela pessoa.

Às onze horas, a caça seguia infrutífera.

Uma ansiedade violenta irritava dom Luís.

Mas, pouco depois da meia-noite, um apito estridente reuniu todos os homens na extremidade oriental da ilha, no final do cais d'Anjou. Lá, dois agentes estavam à espera deles, rodeados por um grupo de transeuntes. Eles souberam que, mais adiante, no cais Henri-IV, ou seja, fora da ilha, um carro alugado tinha estacionado em frente a uma casa, ouviu-se uma discussão e, em seguida, o carro partiu seguindo na direção de Vincennes.

Todos correram para o cais Henri-IV. A casa foi imediatamente designada. No térreo, uma porta se abria diretamente para a calçada. O táxi estacionou por alguns minutos diante da porta. Duas pessoas saíram de dentro da casa, incluindo uma mulher que a outra pessoa acompanhava. Quando a portinhola do automóvel foi fechada, uma voz masculina gritou lá de dentro:

— Motorista, boulevard Saint-Germain. Passe pelos cais… e depois pegue o caminho para Versalhes.

Mas as informações da zeladora foram mais precisas. Intrigada com o inquilino do térreo, locatário que ela só tinha visto uma vez, à noite, e que pagava seu aluguel por meio de ordens de pagamento assinadas por um tal Charles e só vinha para casa após longos períodos de ausência, ela tinha aproveitado o fato de que seu cubículo ficava ao lado do apartamento para ouvir a conversa. O homem e a mulher discutiam. A certa altura, o homem gritou mais alto:

— Venha comigo, Florence, eu ordeno. Amanhã de manhã eu lhe darei todas as provas da minha inocência. E, se ainda assim você se recusar a ser minha esposa, eu me rendo. Todas as providências foram tomadas.

E, um pouco depois, ele começou a rir e disse bem alto:

— Medo de que, Florence? De que eu a mate? Não, não, fique tranquila…

A zeladora não conseguiu ouvir mais nada. Mas isso não era suficiente para justificar todos os medos?

Dom Luís agarrou o subchefe pelo braço:

— Vamos! Eu sabia, esse homem é capaz de tudo. É o tigre! Ele vai matá-la!

Ele correu, conduzindo o subchefe na direção dos dois carros da Chefatura que estavam estacionados a quinhentos metros de distância. Mazeroux, no entanto, tentou protestar:

— Seria melhor revistar a casa, recolher pistas…

— Ora! — exclamou dom Luís dobrando sua velocidade. — A casa, as pistas, nós encontraremos tudo isso enquanto ele toma distância e leva Florence… e ele vai matá-la… É uma emboscada, tenho certeza disso…

Ele gritava durante a madrugada e arrastava os dois homens com uma força irresistível.

Estavam perto do carro.

— Em marcha! — ele ordenou assim que os automóveis foram vistos. — Eu dirijo.

Ele quis se sentar o banco do motorista, mas Weber o empurrou para a parte de trás, objetando:

— É inútil, esse chofer conhece o caminho. Chegaremos mais rápido com ele na direção.

Dom Luís, o subchefe e dois policiais entraram no carro e Mazeroux tomou seu lugar ao lado do motorista.

— Siga para Versalhes! — ordenou dom Luís.

O carro se agitou e ele continuou:

— Vamos pegá-lo! Os senhores compreendem que a oportunidade é única. Ele deve estar em alta velocidade, mas sem forçar muito, já que sabe que está sendo perseguido. Ah, o bandido! Isso vai fazer barulho… Mais depressa, motorista! Mas por que diabos estamos tão pesados? Nós dois já seríamos suficientes, subchefe. Ei, Mazeroux, você vai descer e entrar no outro carro! Claro que sim, não é, subchefe, é um absurdo…

Ele se interrompeu, e como estava na parte de trás do veículo, entre o subchefe e um agente, inclinou-se na direção da portinhola e murmurou:

— Ah, essa! Mas para onde esse imbecil está nos levando? Não é esse o caminho. Ora, vamos, o que significa isso?

Uma explosão de riso foi a resposta. Era Weber que tripudiava de alegria. Dom Luís abafou um xingamento e, fazendo um esforço enorme, tentou saltar do carro. Seis mãos se estenderam para cima dele e o imobilizaram. O subchefe o segurava pelo pescoço. Os agentes imobilizaram

seus braços. O carro, muito apertado, não permitia que ele se debatesse, e ele sentiu, em sua têmpora, o frio de um revólver.

— Sem alarido — ralhou Weber —, ou eu apago você, meu velhote. Ah! Ah! Por essa você não esperava, hein! A vingança do Weber!

E como Perenna se debatia, ele acrescentou, com uma voz ameaçadora:

— Azar o seu se continuar. Vou contar até três… um… dois…

— Mas o que é, afinal? O que está acontecendo? — gritou dom Luís.

— Ordem do comandante, recebida mais cedo.

— Que ordem?

— Levá-lo ao Dépôt caso a tal Florence escapasse novamente.

— Você tem um mandado?

— Tenho o mandado.

— E depois?

— Depois, nada. A Santé… a Instruction…

— Mas, que raios. O tigre está aproveitando esse tempo para fugir. Não, não, é preciso ser muito estúpido para isso! Que imbecis vocês são! Ah, mas que droga!

Ele espumava de raiva quando percebeu que estavam entrando no pátio do Dépôt. Ele se retesou, desarmou o subchefe e estonteou um dos agentes com um soco.

Mas dez homens cercavam a portinhola. Qualquer resistência era inútil. Ele compreendeu isso e sua fúria se intensificou.

— Bando de idiotas! — ele proferiu enquanto o cercavam e empurravam-no para dentro do cartório. — Cambada de desajustados! Sabotadores! Não se põe a perder um caso como esse! Eles têm o bandido nas mãos, mas prendem o homem honesto… E o bandido se safa… E o bandido vai cometer um massacre. Florence… Florence…

Sob a luz das lâmpadas, cercado pelos policiais que o seguravam, ele estava esplendoroso com sua impotência e sua energia.

Levaram-no. Com uma espantosa força, ele se endireitou, sacudiu os homens agarrados a ele como uma matilha sobre a carne de algum animal agonizante e, indomável, livrou-se de Weber, e, interpelando Mazeroux, tratando-o com a soberba informalidade de uma autoridade, quase calmo de tanto que parecia dominar a raiva que fervilhava dentro dele, ordenou, em pequenas frases ofegantes, breves como comandos militares:

— Mazeroux, corra até o comandante-geral! Que ele telefone a Valenglay… Sim, o ministro, o presidente do Conselho. Quero vê-lo, avisem-no. Digam que sou eu… eu, o homem que enganou o Kaiser. Meu nome? Ele sabe. E se ele não se lembrar, é só dizê-lo. Eis o meu nome.

Ele fez uma pausa de alguns segundos. Então, mais calmo, declarou:

— Arsène Lupin! Digam ao telefone essas duas palavras e esta simples frase: "Arsène Lupin deseja falar com o presidente do Conselho sobre assuntos muito sérios". Telefonem e digam isso imediatamente. O presidente do Conselho ficaria muito insatisfeito se soubesse mais tarde que meu pedido foi negligenciado. Vai, Mazeroux, e depois encontre os rastos do bandido.

O diretor do Dépôt abriu o registro de admissão.

— Escreva o meu nome, senhor diretor — disse dom Luís. — Escreva: Arsène Lupin.

O diretor sorriu e respondeu:

— Eu ficaria muito envergonhado se tivesse que registrar outro. É esse nome que está registrado no mandado que lhe diz respeito: *Arsène Lupin, também conhecido como dom Luís Perenna.*

Dom Luís teve um pequeno frisson ao ouvir essas palavras. Preso como Arsène Lupin, ele estava em uma situação singularmente mais perigosa.

— Ah! — ele disse. — Então foi decidido…

— Meu Deus, sim! — disse Weber, triunfante. — Decidiram atacar o touro pelos chifres e acertar Lupin em cheio. Uma grande audácia, não é? Bah! Você verá muitas outras.

Dom Luís não reagiu. Voltando-se para Mazeroux, ele repetiu:

— Não se esqueça das minhas instruções, Mazeroux.

Mas outro golpe estava reservado para ele. O brigadeiro não respondeu ao seu pedido.

Dom Luís o observava com mais atenção, e, novamente, estremeceu. Ele tinha acabado de notar que Mazeroux também estava cercado por homens e preso por muitas mãos. E o infeliz brigadeiro, imóvel, silencioso, chorava.

A felicidade de Weber redobrou.

— Você precisará desculpá-lo, Lupin. O brigadeiro Mazeroux é seu companheiro, se não em uma cela, pelo menos de Dépôt.

— Ah! — exclamou dom Luís se retesando — Mazeroux está detido?

— Ordem do comandante. Mandado dentro da lei.

— E sob que alegação?

— Cúmplice de Arsène Lupin.

— Ele, meu cúmplice. Ora, vamos! Ele, o homem mais honesto do mundo!

— O homem mais honesto do mundo, de fato. No entanto, era a ele que endereçavam as cartas que precisavam chegar até você. Prova de que ele conhecia seu esconderijo. Além de muitas outras coisas que lhe serão explicadas, Lupin. Você vai se divertir muito.

Dom Luís murmurou:

— Meu pobre Mazeroux!

E em voz alta:

— Não chore, meu amigo. Isso é assunto para uma só noite. Mas sim, vou trazê-lo para o meu lado e vamos derrubar o rei dentro de algumas horas. Não chore, eu reservo uma situação muito mais bonita, mais honrada e, acima de tudo, mais lucrativa para você. Eu cuido do seu caso. Ou você acha que também não previ tudo isso! Você me conhece muito bem! Então, amanhã, estarei livre e o governo, depois de soltar você, vai nomeá-lo rapidamente com algum cargo tipo de coronel, com salário de marechal. Não chore, Mazeroux.

Depois, dirigindo-se a Weber, ele lhe disse no tom de um chefe que dá uma instrução e que sabe que essa instrução nem sequer será discutida:

— Senhor, peço-lhe que cumpra a missão de confiança que eu tinha dado a Mazeroux: em primeiro lugar, informar ao comandante-geral que tenho uma comunicação da maior importância para fazer ao senhor presidente do Conselho; em seguida, encontrar em Versalhes, e ainda esta noite, os vestígios do tigre. Conheço os seus valores, senhor, e confio inteiramente em seu zelo e em sua diligência. Nos encontramos amanhã, ao meio-dia.

E, sempre como um chefe que comunicava suas ordens, deixou-se levar para sua cela.

Eram dez para a uma da manhã. Durante cinquenta minutos, o inimigo dirigia pela estrada principal, levando Florence como uma presa que agora parecia impossível alguém tirar dele.

A porta foi trancada. Dom Luís pensou:

“Admitindo que o comandante-geral concorde em telefonar para Valenglay, ele não tomará a decisão esta manhã. Então, até eu estar livre, serão oito horas de vantagem dadas ao bandido. Oito horas… Maldição!”

Ele pensou mais um pouco, então encolheu os ombros com ar de alguém que por ora não tem nada melhor para fazer do que esperar, e se atirou em seu beliche sussurrando:

— Naninha, Lupin.

Abre-te, Sésamo!

Apesar de toda sua habitual disposição para dormir, dom Luís dormiu apenas três horas. Muitas preocupações o torturavam e, ainda que seu plano de conduta tenha sido elaborado com rigor matemático, ele não podia deixar de prever todos os obstáculos que poderiam impedir sua realização. Claro que Weber falaria com o senhor Desmalions. Mas o senhor Desmalions telefonaria para Valenglay?

— Ele vai telefonar — afirmou dom Luís, batendo o pé no chão. — Isso não o compromete em nada. Ademais, seria muito arriscado ele não fazer nada. Especialmente porque Valenglay teve de ser consultado sobre minha detenção e necessariamente deve estar sendo informado de tudo o que acontece… Então… então…

Então ele se perguntava o que Valenglay, uma vez avisado, decidiria fazer. Pois, afinal, era plausível supor que o chefe do governo, o presidente do conselho de ministros se daria ao trabalho de cumprir as injunções e servir aos projetos de Arsène Lupin?

— Ele virá! — ele exclamou com a mesma fé obstinada. — Valenglay não dá a mínima para o protocolo e para toda essa parvoíce. Ele virá! Nem que seja só por curiosidade… para saber o que eu tenho a dizer. Além disso, ele me conhece, ora! Não sou do tipo que incomoda todo mundo sem motivo. Há sempre algum benefício em manter uma conversa comigo. Ele virá!

Mas imediatamente outra questão surgiu. A vinda de Valenglay não implicava qualquer consentimento à negociação que Perenna queria propor. E se, novamente, dom Luís conseguisse convencê-lo, haveria ainda mais perigo! E tantos pontos duvidosos! E tantas possíveis decepções! Weber

perseguiria o automóvel do fugitivo com suficiente rapidez e ousadia? Ele encontraria a pista do fugitivo? E, depois de encontrá-la, não a perderia?

E também, e também… admitindo que todas as circunstâncias eram favoráveis, não seria tarde demais? Estavam perseguindo a besta feroz. Ela seria vencida, que seja. Mas ela já não teria matado sua presa? Sentindo-se derrotado, será que um ser desse tipo hesitaria em adicionar mais um crime à sua lista de perversidades?

E isso, para dom Luís, era o horror supremo. Depois de toda a série de obstáculos que, na sua imaginação teimosamente confiante, ele conseguia superar, ele terminava com esta horrível visão: Florence sacrificada, Florence morta!

— Oh! Que suplício! — ele balbuciou. — Eu sou o único que poderia impedi-lo, e eles me tiraram de circulação.

Ele mal procurava as razões pelas quais o senhor Desmalions tinha de repente mudado de ideia, consentindo em sua prisão, e assim ressuscitar esse embaraçoso Arsène Lupin com quem a justiça não tinha se preocupado até então. Não, ele não estava nem um pouco interessado nisso. Só Florence importava. E os minutos passaram, e cada minuto perdido aproximava Florence ainda mais do pavoroso precipício.

Ele se lembrou da situação análoga quando, alguns anos antes, esperava que a porta de sua masmorra se abrisse e o imperador alemão aparecesse. Mas o momento presente era muito mais solene! Naquela época, tratava-se, no máximo, de sua liberdade. Agora era a vida de Florence que o destino lhe ofereceria ou negaria.

— Florence! Florence! — ele repetia em desespero.

Ele já não duvidava que ela era inocente. Tampouco duvidava que o outro a amava e a tinha raptado, não como a promessa de uma fortuna cobiçada, mas como um despojo de amor que se destrói se não se pode ter.

— Florence! Florence!

Ele atravessou abatimento extraordinário. Sua derrota parecia irremediável. Ir atrás de Florence? Apanhar o assassino? Isso estava fora de questão. Ele estava na prisão, sob o nome de Arsène Lupin, e todo o problema consistia em saber quanto tempo ele permaneceria ali. Meses ou anos!

Foi então que teve a noção exata da dimensão de seu amor por Florence. Ele percebeu que ela ocupava em sua vida todo o espaço que suas

paixões do passado já não ocupavam mais, tampouco seus apetites de luxo, suas necessidades de autoridade, suas alegrias de lutador, suas ambições, seus rancores. Há dois meses, ele lutava apenas para conquistá-la. A busca da verdade e o castigo do culpado eram apenas formas de salvar Florence dos perigos que a ameaçavam. Se Florence morresse, se fosse tarde demais para salvá-la do inimigo, seria melhor continuar na prisão. Arsène Lupin em cana até o fim de seus dias, não seria o desfecho que convinha à existência perdida de um homem que nem sequer tinha sido capaz de ser amado pela única mulher que ele realmente amou?

Crise passageira. Em contraste muito violento com o caráter de dom Luís, ela desapareceu de repente, e em um estado de absoluta confiança onde não havia mais a menor parcela de preocupação ou dúvida. O sol tinha se levantado. A cela estava preenchida pela claridade crescente e dom Luís se lembrou de que Valenglay chegava ao seu ministério na praça Beauvau às oito da manhã.

A partir de então, ele se sentiu absolutamente calmo. Os acontecimentos que estavam por vir se apresentaram a ele de uma forma completamente diferente, como se tivessem, por assim dizer, mudado de direção. A luta parecia fácil, a realidade, sem complicações. Ele entendeu, tão claramente como se os atos tivessem sido executados, que sua vontade não podia ser obedecida. Fatalmente, o subchefe teve que apresentar um relatório fiel ao comandante-geral. Fatalmente, o comandante-geral teve que transmitir o pedido de Arsène Lupin para Valenglay pela manhã.

Fatalmente, Valenglay se daria o prazer de uma conversa com Arsène Lupin. Fatalmente, Arsène Lupin obteria, durante essa conversa, o consentimento de Valenglay. Não eram suposições, mas certezas, não eram problemas a serem resolvidos, mas problemas resolvidos. Dado o ponto de partida A, se passarmos pelos pontos B e C, chegamos, queiramos ou não, ao ponto D.

Dom Luís começou a rir.

“Vejamos, meu velho Arsène, pense que você trouxe o senhor Hohenzollern do fundo dos degraus de Brandemburgo. Valenglay não vive tão longe assim, diabos! E se for necessário, pode se dar ao trabalho. Isso mesmo, concordo em dar o primeiro passo.

“Serei eu a visitar o senhor de Beauvau. Senhor presidente, minhas respeitosas saudações.”

Alegremente, ele caminhou em direção à porta, fingindo acreditar que ela estava aberta e que ele só precisava atravessá-la para aproveitar seu momento de falar.

Ele repetiu essa infantilidade por três vezes, saudando muito baixo e longamente, como se tivesse na mão uma pena de plumas, e murmurando:

— Abre-te, Sésamo.

Na quarta vez, a porta se abriu. Um guarda apareceu.

Ele lhe disse, num tom cerimonioso:

— Não fiz o senhor presidente do Conselho esperar muito?

Havia quatro inspetores no corredor.

— Esses senhores são da escolta? — ele perguntou. — Vamos. Anunciem Arsène Lupin, o grande da Espanha, primo de Sua Majestade, muito católica. Cavalheiros, eu os acompanho. Senhor caixa, vinte escudos pelo bom serviço prestado, meu amigo.

Ele parou no corredor.

— *Per Cristo*, nem um par de luvas, e minha barba está por fazer!

Os inspetores o cercaram e o empurravam com certa rudez. Ele agarrou dois pelo braço. Eles gemeram.

— Para bom entendedor, meia palavra basta — ele disse. — Os senhores não têm ordem para me agredir, certo? Nem para me algemar? Nesse caso, comportem-se, rapazes.

O diretor estava no vestíbulo. Ele lhe disse:

— Excelente noite, meu caro diretor. Os seus quartos "Touring Club" são bastante recomendáveis. Um ponto alto do hotel do Dépôt. Quer minha avaliação em seu livro de admissões? Não? Talvez espere que eu retorne? Que pena, meu caro diretor, não conte com isso! Algumas tarefas importantes…

No pátio, um automóvel estacionava. Ele e os quatro agentes entraram.

— Praça Beauvau — disse ele ao motorista.

— Rua Vineuse — corrigiu um dos agentes.

— Oh! Oh! — ele reagiu. — Sim, na residência particular de Sua Excelência. Sua Excelência prefere que minha visita seja secreta. É um bom sinal. A propósito, queridos amigos, que horas são?

Sua pergunta permaneceu sem resposta. E, como os agentes tinham fechado as cortinas, ele não podia consultar os relógios públicos.

Foi apenas na residência de Valenglay, no pequeno pátio do térreo onde vivia o presidente do Conselho, ao lado do Trocadero, que ele viu um pêndulo.

— Sete e meia — ele exclamou. Perfeito. Não perdemos muito tempo. A situação está melhorando.

O escritório de Valenglay dava acesso a uma varanda com vista para um jardim repleto de pássaros. A sala estava cheia de livros e pinturas.

Sob um sinal, os agentes saíram, liderados pela velha empregada que os tinha feito entrar.

Dom Luís ficou sozinho.

Sempre calmo, ele sentia, entretanto, uma certa inquietude, uma necessidade física de agir e lutar, e seus olhos voltavam insistentemente para o mostrador do relógio. O ponteiro grande parecia animado por uma vida sobrenatural.

Finalmente alguém entrou, precedendo uma outra pessoa. Ele reconheceu Valenglay e o comandante-geral.

— Pronto — ele pensou —, eu consegui.

Ele compreendia isso pelo tipo de simpatia confusa que podia ser lida no rosto ossudo e magro do velho presidente. Não havia qualquer sinal de soberba. Nada que levantasse uma barreira entre o ministro e a personagem equívoca que ele recebia. Apenas alegria, uma curiosidade evidente e simpatia. Sim, uma simpatia que Valenglay nunca tinha escondido, e da qual ele até se vangloriava quando, após a morte simulada de Arsène Lupin, ele falava do aventureiro e das estranhas conexões que eles tiveram juntos.

— O senhor não mudou — disse ele depois de considerá-lo longamente. — Pele mais bronzeada, têmporas um pouco mais grisalhas, mas é só.

E ele perguntou, num tom brusco, como um homem que vai direto ao ponto:

— E então do que precisa?

— Em primeiro lugar, de uma resposta, senhor presidente do Conselho. O subchefe Weber, que me levou ao Dépôt esta noite, encontrou o rasto do automóvel que levou Florence Levasseur?

— Sim, o carro parou em Versalhes. As pessoas que o ocupavam alugaram outro carro que deve conduzi-los a Nantes. Além dessa resposta,

o que mais o senhor deseja?

— A liberdade, senhor presidente.

— Imediatamente, é claro? — observou Valenglay, que começou a rir.

— Em quarenta ou cinquenta minutos, no máximo.

— Às oito e meia, certo?

— Limite final, senhor presidente.

— E por que a liberdade?

— Para encontrar o assassino de Cosmo Mornington, do inspetor Vérot e da família Roussel.

— Então só o senhor é capaz de encontrá-lo?

— Sim.

— Mas a polícia está no encalço dele. O telégrafo funciona. O assassino não sairá da França. Ele certamente não nos escapará.

— Os senhores não conseguirão encontrá-lo.

— Nós conseguiremos sim.

— Então ele vai matar Florence Levasseur. Será a sétima vítima do bandido. Os senhores terão participação nisso.

Valenglay fez uma pequena pausa, e então retomou:

— De acordo com o senhor, ao contrário de todas as aparências, e ao contrário das suspeitas altamente motivadas do senhor comandante-geral, Florence Levasseur é inocente?

— Oh! Completamente inocente, senhor presidente.

— E acha que ela corre perigo?

— Ela corre o risco de morrer.

— O senhor ama Florence Levasseur?

— Amo.

Valenglay teve um pequeno arrepio de satisfação. Lupin apaixonado! Lupin agindo por amor e confessando seu amor! Que aventura extremamente emocionante!

Ele disse:

— Eu acompanhei o caso Mornington, dia após dia, e nenhum detalhe me é desconhecido. O senhor fez milagres. É óbvio que sem o senhor este caso nunca teria emergido da escuridão do início. No entanto, devo notar que há algumas falhas. E essas falhas, que me surpreenderam de sua parte, são explicadas mais facilmente quando sabemos que o amor era o princípio e o propósito de suas ações. Por outro lado, e apesar da sua afirmação, a

conduta de Florence Levasseur, o seu título de herdeira, a sua fuga inesperada da casa de saúde, deixam-nos poucas dúvidas sobre o papel que ela desempenha.

Dom Luís apontou para o pêndulo.

— Senhor presidente, o tempo está passando.

Valenglay começou a rir:

— Que original! Dom Luís Perenna, lamento não ser um soberano onipotente. O senhor seria o chefe da minha polícia secreta.

— Esse é um cargo que o antigo imperador da Alemanha já me ofereceu.

— Ah, ora!

— E eu recusei.

Valenglay riu ainda mais, mas o relógio marcava sete horas e quarenta e cinco. Dom Luís estava preocupado. Valenglay sentou-se e, sem mais demoras, entrando no cerne do assunto, disse com uma voz séria:

— Dom Luís Perenna, desde o primeiro dia em que reapareceu, ou seja, no momento dos crimes do boulevard Suchet, o comandante-geral e eu estávamos de olho na sua identidade. Perenna era Lupin. Não tenho dúvidas de que não compreendeu as razões pelas quais não queríamos ressuscitar o morto que era, e por que lhe concedemos uma espécie de proteção. O comandante-geral concordava totalmente comigo. O trabalho que o senhor estava realizando era um trabalho de salubridade e justiça e sua cooperação era demasiado preciosa para não procurarmos poupá-lo de problemas. Então, como dom Perenna liderava o bom combate, deixamos Arsène Lupin na sombra. Infelizmente…

Valenglay fez uma nova pausa e declarou:

— Infelizmente, o senhor comandante-geral recebeu ontem, durante a noite, uma denúncia muito detalhada, com provas, acusando-o de ser Arsène Lupin.

— Impossível! — exclamou dom Luís. — Esse é um fato que ninguém no mundo pode materialmente provar. Arsène Lupin está morto.

— Que seja — Valenglay concordou —, mas isso não prova que dom Luís Perenna esteja vivo.

— Dom Luís Perenna existe e leva uma vida absolutamente legal, senhor presidente.

— Talvez. Mas estão contestando.

— Quem? Só um ser teria esse direito, mas ao acusar-me, ele se entregaria. Suponho que ele não seja tão estúpido.

— Tão estúpido, não, mas muito astuto.

— Trata-se do senhor Cacérès, adido da embaixada do Peru?

— Sim.

— Mas ele está viajando!

— Ele está, na verdade, fugindo depois de ter desviado dinheiro do caixa da embaixada. Mas, antes de fugir para o estrangeiro, ele assinou uma declaração que chegou até nós ontem à noite, e pela qual ele afirma ter produzido um estatuto civil em nome de dom Luís Perenna. Aqui está sua correspondência com ele, e aqui estão todos os documentos que estabelecem a verdade das suas alegações. Basta examiná-los para se convencer de que: 1º o senhor não é dom Luís Perenna; 2º o senhor é Arsène Lupin.

Dom Luís teve um gesto de raiva.

— Esse canalha do Cacérès é apenas um instrumento — disse rangendo os dentes. — É o *outro* que está por trás dele, que lhe pagou e o fez agir. É o próprio bandido. Reconheço a mão dele. Mais uma vez, e no momento decisivo, ele tentou se livrar de mim.

— Eu acreditaria de bom grado — disse o presidente do Conselho. — Mas como todos estes documentos, de acordo com a carta que os acompanha, são apenas fotografias, e se o senhor não for preso esta manhã, os originais serão entregues esta noite a um grande jornal em Paris, temos de averiguar a denúncia.

— Mas, senhor presidente — exclamou dom Luís —, uma vez que Cacérès está no exterior e que o bandido que lhe comprou os documentos também teve de fugir antes de executar sua ameaça, não há o que temer, já que os documentos serão entregues aos jornais!

— Como o senhor sabe? O inimigo deve ter tomado suas precauções. Ele pode ter cúmplices.

— Ele não tem.

— Como o senhor sabe?

Dom Luís olhou para Valenglay e disse:

— Onde o senhor quer chegar, senhor presidente?

— Nisto. Apesar de termos sido pressionados pelas ameaças do senhor Cacérès, o senhor comandante, ansioso por esclarecer o papel de Florence

Levasseur, não interrompeu sua expedição de ontem à noite.

"Como a expedição não foi bem-sucedida, ele quis pelo menos aproveitar que dom Luís tinha se colocado à nossa disposição para deter Arsène Lupin. Se o libertarmos, os documentos serão provavelmente divulgados, e o senhor percebe a situação absurda e ridícula em que isso nos colocará perante o público? É precisamente neste momento que o senhor pede a libertação de Arsène Lupin, uma libertação ilegal, arbitrária e inadmissível. Por isso, sou obrigado a recusar o pedido. E o recuso."

Ele ficou em silêncio. Então, após alguns segundos, acrescentou:

— A não ser que…

— A não ser? — perguntou dom Luís.

— A não ser que, e é onde eu queria chegar, o senhor me proponha, em troca, algo tão extraordinário e formidável que eu concorde em assumir o risco dos aborrecimentos que a absurda libertação de Arsène Lupin pode me trazer.

— Mas, senhor presidente, parece-me que se eu lhe trouxer o verdadeiro culpado, o assassino de…

— Não preciso do senhor para isso…

— E se eu lhe der a minha palavra de honra, senhor presidente, de retornar imediatamente após ter cumprido com meu trabalho, e me entregar como prisioneiro?

Valenglay encolheu os ombros.

— E depois?

Houve um silêncio. O jogo esquentava entre os dois adversários. Era óbvio que um homem como Valenglay não se contentaria com palavras e promessas. Ele precisava de benefícios precisos e palpáveis.

Dom Luís retomou:

— Talvez, senhor presidente, o senhor possa permitir que sejam levados em consideração alguns dos serviços que prestei ao meu país?

— Explique-se.

Dom Luís, depois de dar alguns passos pela sala, voltou a ficar diante de Valenglay e disse:

— Senhor presidente, em maio de 1915, ao entardecer, três homens estavam na margem do Sena, no cais de Passy, ao lado de um monte de areia. A polícia procurava há meses por uma certa quantia de sacos contendo trezentos milhões de ouro, recolhidos pacientemente na França

pelo inimigo e prestes a serem despachados. Dois desses homens se chamavam Valenglay e Desmalions. O terceiro, que os tinha convidado para essa reunião, pediu a Valenglay para afundar sua bengala no monte de areia. O ouro estava lá. Alguns dias depois, a Itália, que havia pedido um adiantamento de quatrocentos milhões em ouro, aliou-se à França.

Valenglay parecia muito surpreso.

— Ninguém jamais soube dessa história. Quem contou ao senhor?

— A terceira personagem.

— E como se chamava essa terceira pessoa?

— Dom Luís Perenna.

— O senhor! O senhor! — exclamou Valenglay. — Foi o senhor quem descobriu o esconderijo? Era o senhor que estava lá?

— Eu mesmo, senhor presidente. O senhor então me perguntou como podia me recompensar. Pois hoje eu reivindico minha recompensa.

A resposta não demorou muito. Ela foi precedida por uma pequena gargalhada cheia de ironia.

— Hoje? Ou seja, quatro anos depois? É tarde demais, senhor. Tudo isso está resolvido. A guerra acabou. Não vamos desenterrar as histórias antigas.

Dom Luís parecia um pouco desconcertado. No entanto, ele continuou:

— Em 1917, uma terrível aventura aconteceu na ilha de Sarek. O senhor a conhece, senhor presidente. Mas certamente ignora a intervenção de dom Luís Perenna e os projetos que este…

Valenglay bateu com o punho na mesa, e, inflando a voz, apostrofando seu interlocutor com uma familiaridade em que não faltava estilo:

— Vamos lá, Arsène Lupin, jogue limpo. Se você realmente quer ganhar o jogo, pague o que for preciso! O senhor me fala dos serviços passados ou futuros. É assim que se compra a consciência de Valenglay quando nosso nome é Arsène Lupin? Mas que diabo! Pense que depois de todas as suas histórias, e especialmente depois dos incidentes desta noite, Florence Levasseur e o senhor serão — e já são — para o público os autores responsáveis pelo drama. Como posso dizer? Os verdadeiros e únicos culpados. E assim que Florence desaparece do mapa o senhor me pede a liberdade! Que seja, mas pelo amor de Deus, dê o seu preço e não barganhe!

Dom Luís voltou a caminhar. Uma luta final se apresentava em sua mente. No momento de descobrir seu jogo, uma hesitação suprema o retinha. Finalmente, parou de novo. A decisão estava tomada. Se era necessário pagar: ele pagaria.

— Eu não sou um comerciante, senhor presidente — disse dom Luís com postura e expressão de lealdade. — O que tenho a lhe oferecer é certamente muito mais extraordinário e formidável do que imagina. Mas seria ainda mais extraordinário e formidável do que se espera, uma vez que a vida de Florence Levasseur está em perigo. No entanto, eu tinha o direito de procurar uma negociação menos desvantajosa. Suas palavras tiram minha esperança. Portanto, vou colocar todas as minhas cartas na mesa, como o senhor exige, e como eu já estava determinado a fazer.

O velho presidente exultava. Algo formidável e extraordinário! O que isso poderia ser de fato? Que propostas poderiam merecer tais epítetos?

— Fale, senhor.

Dom Luís Perenna se sentou de frente para Valenglay, como um homem que lida com outro de igual para igual.

— Isso será breve. Uma única frase, senhor presidente, resumirá o acordo que proponho ao chefe do governo do meu país.

— Uma única frase?

— Uma só frase — afirmou dom Luís.

E, mergulhando os olhos nos olhos de Valenglay, lentamente, sílaba por sílaba, disse:

— Contra vinte e quatro horas de liberdade, não mais, contra o compromisso de honra de voltar aqui amanhã de manhã, e com Florence, para lhe apresentar todas as provas da minha inocência, ou sem ela para me fazer prisioneiro, ofereço-lhe…

Ele demorou um pouco e completou em voz baixa:

— Ofereço-lhe um reino, senhor presidente do Conselho.

A frase era enorme, burlesca, tola a ponto de encolher os ombros, uma daquelas frases que só um parvo ou um louco pode pronunciar.

No entanto, Valenglay permaneceu impassível. Ele sabia que, em tais circunstâncias, esse homem não brincava.

E ele sabia tão bem que, por instinto, acostumado às grandes questões políticas nas quais o segredo é tão importante, olhou para o comandante-geral como se a presença do senhor Desmalions o incomodasse.

— Insisto fortemente — disse dom Luís —, para que o senhor comandante-geral possa ouvir minha comunicação. Melhor do que ninguém, ele apreciará o seu valor, e, em algumas partes, atestará sua precisão. Além disso, tenho certeza de que o senhor Desmalions não se ofenderia de modo algum com a indiscrição.

Valenglay não pôde deixar de rir.

— Talvez o senhor também tenha feito um favor a ele?

— Precisamente, senhor presidente.

— Estou curioso para saber — disse o senhor Desmalions.

— Se assim deseja… Bem, na noite do nosso conciliábulo no cais de Passy, há quatro anos, prometi-lhe, senhor Desmalions, quando o senhor era apenas um funcionário público subalterno, que o senhor seria nomeado comandante-geral. Mantive minha palavra. Sua nomeação foi solicitada por três ministros sobre os quais eu tinha grande influência: devo designá-los?

— Inútil! — exclamou o senhor Valenglay rindo ainda mais alto. — Inútil! Eu acredito no senhor. Acredito na sua onipotência. Quanto ao senhor, Desmalions, não faça essa cara. Não há vergonha em ser obrigado por tal homem. Fale, Lupin.

Sua curiosidade não tinha limites. Se a proposta de dom Luís podia ter consequências práticas, ele se importava pouco. No fundo, ele não acreditava nisso. O que ele queria era saber até onde esse diabo de indivíduo tinha levado sua audácia e em que prodigiosa e nova aventura se baseavam as pretensões que ele expressava tão serenamente e francamente.

— O senhor me permite? — perguntou dom Luís.

Levantando-se e avançando em direção à chaminé, ele pegou um pequeno mapa de parede que representava o noroeste da África. Em seguida, abrindo esse mapa sobre a mesa com a ajuda de objetos pesados colocados nos quatro cantos, ele retomou:

— Há uma coisa, senhor presidente, que intrigou o comandante-geral, e sobre a qual eu sabia que ele tinha realizado uma investigação: é sobre meu uso do tempo — ou melhor, do tempo de Arsène Lupin — durante os últimos três anos, e em particular, enquanto ele estava na Legião Estrangeira.

— Essas investigações foram feitas sob minhas ordens — interrompeu Valenglay.

— E elas tiveram êxito?

— Nenhum.

— De modo que, no fim das contas, os senhores ignoram minha conduta durante a guerra?

— Eu ignoro.

— Eu lhes direi, senhor comandante. Especialmente porque é absolutamente justo que a França saiba o que um dos seus filhos mais devotos fez por ela… de outra forma, eu poderia ser acusado um dia ou outro de ter me escondido, o que seria muito injusto. O senhor talvez se lembre, senhor presidente, que me juntei à Legião Estrangeira na sequência de catástrofes íntimas verdadeiramente terríveis, e após uma vã tentativa de suicídio. Eu queria morrer e pensava que uma bala marroquina me daria o repouso que desejava. O acaso não permitiu. Parece que o meu destino ainda não tinha chegado ao fim. Então aconteceu o que deveria acontecer. Pouco a pouco, sem o meu conhecimento, a morte se escondeu e eu recuperei o gosto pela vida. Alguns feitos armados bastante gloriosos me devolveram toda a autoconfiança e todo o meu apetite por ação. Novos sonhos me invadiram. Um novo ideal me conquistou. Dia após dia, eu precisei de mais espaço, mais independência, horizontes mais amplos, sensações mais inesperadas e mais pessoais. A Legião, tão grande como a minha ternura por essa heroica e cordial família que me acolheu, já não era suficiente para as minhas necessidades de ação. E eu já estava caminhando para um objetivo grandioso, que ainda não discernia muito bem, mas que me atraía misteriosamente, quando soube, em novembro de 1914, que a Europa estava em guerra. Eu tinha, então, amigos poderosos na corte espanhola. Como resultado das negociações entre Madrid e Paris, fui convocado em Madrid e depois enviado numa missão secreta para Paris. Era esse o meu objetivo. Eu queria ver *in loco* como trabalhar da melhor forma pelos interesses franceses.

"Eu tive sucesso em três ou quatro casos importantes, como o dos trezentos milhões em ouro, e assim participei da entrada da Itália na guerra. Mas tudo isso, admito, me parecia secundário. Eu tinha outras coisas a fazer, e agora eu sabia o que era. Eu tinha discernido o ponto fraco pelo qual a França poderia ser colocada em situação de inferioridade. O objetivo que procurava se revelava diante de mim. Missão cumprida, voltei ao Marrocos. Um mês depois da minha chegada, enviado para o Sul, atirei-me em uma emboscada de berberes e, voluntariamente, embora tivesse sido

fácil para mim lutar, deixei-me apanhar.

"Essa é toda minha história, senhor presidente. Prisioneiro, eu estava livre. Uma outra vida, a vida que eu tinha desejado, apresentou-se diante de mim.

"A aventura, no entanto, quase acabou mal. Minhas quatro dezenas de berberes, um grupo desligado de uma grande tribo nômade que assaltava e extorquia os países localizados nas cadeias médias do Atlas, primeiro se juntaram a algumas barracas onde as mulheres de seus líderes estavam acampadas, sob a vigilância de cerca de dez homens. Fecharam as malas e partiram. Depois de oito dias de caminhada, bastante penosos para mim, pois eu seguia as pessoas a cavalo com os braços amarrados atrás, paramos em um planalto estreito dominado por escarpas rochosas e onde eu notei, entre as pedras, muitos ossos humanos e os destroços de espadas e armas francesas.

"Lá eles fincaram um poste na terra e me amarraram nele. Pelo olhar dos meus sequestradores e por algumas palavras ouvidas, compreendi que minha morte estava decidida. Iriam me cortar as orelhas, o nariz, a língua e depois, sem dúvida, a cabeça.

"No entanto, começaram por preparar a sua refeição. Foram até o poço vizinho. Eles comeram e só se preocuparam comigo ao descrever, rindo, as bondades que me reservavam.

"Outra noite passou. A tortura foi adiada para a manhã seguinte, momento mais propício para eles.

"De fato, ao amanhecer, eles me cercaram com gritos e rugidos misturados com o clamor agudo das mulheres. Quando minha sombra encobriu uma linha que eles tinham desenhado no dia anterior na areia, eles se calaram e um deles, encarregado das operações cirúrgicas em mim, deu um passo à frente e ordenou que eu colocasse a língua para fora. Eu obedeci. Ele então a segurou com a ponta de seu albernoz e com a outra mão ele puxou seu punhal para fora da bainha.

"Jamais esquecerei a ferocidade e, ao mesmo tempo, a alegria ingênua do seu olhar, o olhar de uma criança maléfica que se diverte ao partir as asas e as patas de um pássaro. E jamais esquecerei também o estupor desse homem quando ele percebeu que seu punhal consistia apenas de um castão e de um pedaço de lâmina inofensiva e de dimensões ridículas… comprida o suficiente apenas para se manter dentro da bainha.

“Sua raiva se manifestou por uma crise de impropérios e imediatamente ele se atirou sobre um camarada e arrancou seu punhal. Estupor idêntico. Esse segundo punhal também estava quebrado quase rente ao punho.

“Houve então um alvoroço geral e todos brandiram suas facas. Um uivo de fúria se elevou. Havia quarenta e cinco homens e as quarenta e cinco facas estavam quebradas.

“O chefe saltou sobre mim, como se me acusasse de responsável por um fenômeno tão incompreensível.

“Era um velho grande, seco, um pouco corcunda, caolho, algo horrível de se ver. Ele apontou uma arma enorme à queima-roupa, e pareceu-me tão vilão que desatei a rir.

“Ele puxou o gatilho. O tiro falhou.

“Atirou uma segunda vez. O segundo tiro falhou.

“Todos de uma vez, gesticulando, empurrando uns aos outros, muito barulhentos, eles pularam em torno do poste ao qual eu estava preso e apontaram para mim suas armas variadas: espingardas, pistolas, carabinas, velhos bacamartes espanhóis. Os cães começaram a latir. Mas as espingardas, pistolas, carabinas e bacamartes espanhóis não dispararam.

“Que milagre! Vocês precisavam ver a cara deles! Juro que nunca ri tanto, o que os desconcertava ainda mais. Alguns correram para as tendas para se reabastecer de pólvora. Os outros recarregaram suas armas rapidamente. Novo fracasso! Eu era invulnerável. E eu ria! Eu ria!

“Isso não podia se estender. Havia vinte outras formas de me exterminar disponíveis. Eles tinham as mãos para me estrangular, a coronha das armas para me abater, pedras para me apedrejar. E eram mais de quarenta!

“O velho chefe agarrou uma pedra enorme e se aproximou com a figura assustadora de ódio. Ele se endireitou, se levantou com a ajuda de dois dos seus homens, ergueu o enorme bloco acima da minha cabeça e o deixou cair… na minha frente, sobre o poste. Uma espetáculo impressionante para o infeliz velho. Em um segundo, eu soltei minhas amarras e pulei para trás, e eu estava de pé, a três passos dele, com os punhos estendidos, e segurando nesses punhos cerrados os dois revólveres que me tinham sido confiscados no dia da minha captura!

“O que se sucedeu durou apenas alguns segundos. O chefe, por sua vez, começou a rir como eu tinha rido, com um riso sarcástico. Para ele, na

confusão do seu cérebro, esses dois revólveres com que eu o ameaçava não deveriam e não poderiam ter mais efeito do que as armas inúteis que tinham me poupado. Ele pegou a grande pedra e levantou a mão, pronto para jogá-la na minha cara. E os seus dois comparsas fizeram o mesmo. E todos os demais o teriam imitado também…

— Baixem suas patas ou eu disparo! — gritei.

"O chefe atirou sua pedra.

"Baixei a cabeça. Ao mesmo tempo, três tiros foram disparados. O chefe e seus dois comparsas caíram fulminados.

— O primeiro desses, senhores? — perguntei, olhando para o resto do bando.

"Restavam ainda quarenta e dois marroquinos. Eu ainda tinha onze balas. Como eles não se moviam, eu passei um dos meus revólveres sob o braço e tirei do meu bolso duas pequenas caixas de cartuchos, ou seja, mais cinquenta balas.

"E do meu cinto tirei três lindas facas afiadas e pontiagudas.

"Metade da tropa sinalizou submissão e se alinhou atrás de mim.

"A segunda metade capitulou imediatamente.

"A batalha tinha acabado. Não durou nem quatro minutos."

Arsène I, imperador

Dom Luís ficou em silêncio. Um sorriso divertido torceu-lhe os lábios. A evocação desses quatro minutos pareceu diverti-lo infinitamente.

Valenglay e o comandante-geral, dois homens cuja coragem e o sangue-frio não eram surpreendentes, escutavam-no e agora o observavam em um confuso silêncio. Era possível que um ser humano levasse seu heroísmo a tais limites tão inverossímeis?

Dom Luís avançou, no entanto, para o outro lado da chaminé e, apontando para outro mapa de parede que representava a rota da França:

— O senhor disse, senhor presidente, que o carro do bandido tinha saído de Versalhes e seguia na direção de Nantes?

— Sim, e todas as precauções foram tomadas para que ele seja preso, ou no caminho, ou em Nantes, ou em Saint-Nazaire, ou onde quer que ele queira desembarcar.

Tentando encontrar a resposta, dom Luís Perenna seguiu a rota através da França, fazendo paradas e marcando as etapas. E nada foi mais impressionante do que essa mímica. Um homem como aquele, tranquilo em tal agitação com as coisas que eram mais importantes para o seu coração, parecia, por sua calma, o mestre dos acontecimentos e do tempo. Era possível dizer que o assassino estava fugindo pela ponta de um fio irrompível, cuja extremidade oposta estava na mão de dom Luís, e que dom Luís poderia interromper sua fuga com um simples gesto de sua mão. Inclinado sobre o mapa, o Mestre dominava não só uma folha de papel, mas a estrada onde um automóvel deslizava sob seus olhos, submetido à sua vontade despótica.

Ele se voltou para a mesa e retomou:

— A batalha tinha terminado. E era impossível que ela recomeçasse. Mais do que um vencedor contra quem uma vingança é sempre possível, seja pela força ou pela astúcia, meus quarenta e dois bons homens tinham diante deles um ser que os domesticara por meios sobrenaturais. Não havia outra explicação que pudesse ser aplicada aos fatos inexplicáveis que eles haviam testemunhado. Eu era um feiticeiro, algo como um marabu, uma emanação do Profeta.

Valenglay disse rindo:

— A interpretação deles não era assim tão irracional. Porque, de fato, há um passe de mágica que me parece, também, surgir do maravilhoso.

— Senhor presidente, o senhor leu o estranho conto de Balzac, *Uma paixão no deserto*?

— Sim.

— Ora! A solução do enigma está lá.

— Hein? Não captei. O senhor estava sob as garras de uma tigresa? Não havia tigresa para domar neste caso.

— Não, mas havia mulheres.

— O quê! O que o senhor está dizendo?

— Meu Deus — disse dom Luís alegremente —, eu não tive a intenção de assustá-lo, senhor presidente. Mas repito que havia mulheres no grupo que me carregaram por oito dias. Mulheres. E as mulheres são um pouco como a tigresa de Balzac, seres que não é impossível domar… seduzir… abrandar a ponto de fazer delas aliadas.

— Sim, sim — murmurou o presidente loucamente intrigado —, mas para isso é preciso tempo…

— Tive oito dias.

— E é preciso total liberdade de ação.

— Não, não, senhor presidente… Os olhos são suficientes em um primeiro momento. Os olhos provocam a simpatia, o interesse, o apego, a curiosidade, o desejo de se conhecer para além do olhar. Depois disso, basta um acaso…

— E o acaso se apresentou?

— Sim, uma noite, eu estava amarrado, ou pelo menos pensaram que estava amarrado… Perto de mim, eu sabia que a favorita do chefe estava sozinha em sua tenda. Eu fui até lá. Deixei-a uma hora depois.

— E a tigresa foi domada?

— Sim, como aquela do Balzac, submissa, cegamente submissa.

— Mas elas eram cinco…

— Eu sei, senhor presidente, e essa foi a parte difícil. Eu temia as rivalidades. Mas tudo correu bem, a favorita não era ciumenta… ao contrário… Além disso, como eu disse, a submissão dela era absoluta. Em suma, eu tinha cinco aliadas, invisíveis, dispostas a tudo e de quem ninguém suspeitava. Mesmo antes da última paragem, meu plano estava em vias de ser implementado. Durante a noite, minhas cinco emissárias recolheram todas as armas, enterraram os punhais na terra e os quebraram. As balas foram retiradas das pistolas. Elas molharam a pólvora. A cortina podia ser levantada.

Valenglay curvou-se:

— Meus parabéns! O senhor é um homem de recursos. Sem mencionar que no processo não falta charme. Porque suponho que as suas cinco senhoras eram bonitas, certo?

Dom Luís tinha uma expressão zombeteira. Ele fechou os olhos com um ar de satisfação e deixou escapar esta simples palavra:

— Horrorosas.

O epíteto causou uma explosão de alegria. Mas imediatamente, como se estivesse ansioso para terminar, dom Luís retomou:

— De qualquer forma, elas me salvaram, as malandras, e a ajuda delas nunca mais me abandonou. Meus quarenta e dois berberes, privados de armas, tremendo de medo em meio à solitude onde tudo é uma emboscada e onde a morte os espreita a cada minuto, estavam reunidos ao meu redor como se eu fosse seu verdadeiro protetor. Quando nos juntamos à tribo principal a que eles pertenciam, eu era realmente o líder deles. E não precisei nem de três meses de perigos enfrentados juntos, de emboscadas despistadas por meus conselhos, de pilhagens e incursões realizadas sob a minha direção para que eu me tornasse também o chefe de toda a tribo. Eu falava a língua deles, praticava a religião deles, vestia roupas iguais às deles, adaptava-me à moral deles… ai de mim! Eu não tinha cinco mulheres? A partir daí, meu sonho se tornou possível. Enviei um dos meus defensores mais fiéis à França com sessenta cartas que ele deveria entregar a sessenta destinatários cujos nomes e endereços ele aprendeu de cor. Esses sessenta destinatários eram sessenta camaradas que Arsène Lupin tinha demitido antes de se atirar do alto das falésias de Capri. Todos tinham se afastado

dos negócios com uma quantia líquida de cem mil francos e um fundo de comércio ou uma fazenda a explorar. Eu tinha conferido a alguns uma tabacaria, a outros um cargo de vigilante de jardins públicos, a outros uma sinecura em um ministério. Em suma, eram burgueses honestos. A todos, funcionários, fazendeiros, vereadores, merceeiros, notáveis, sacristães de igreja, a todos eu escrevi a mesma carta, fiz a mesma oferta, e dei, caso aceitassem, as mesmas instruções.

"Senhor presidente, eu pensava que, dos sessenta, dez ou quinze, no máximo, se juntariam a mim; mas vieram sessenta, senhor presidente! Sessenta, nem um a menos. Exatamente sessenta apareceram no encontro que eu marquei. No dia determinado, na hora marcada, meu antigo cruzador de guerra, o *Quo-non-descendam?* comprado por eles, estava ancorado na foz do rio Drá, na costa Atlântica, entre o cabo do Não e o Cabo Juby. Duas chalupas serviram de transporte para desembarcar os meus amigos e o material de guerra que tinham trazido, munições, provisões de acampamento, metralhadoras, barcos a motor, comida, conservas, mercadorias, vidrilhos e também arcas com ouro! Pois os meus sessenta fiéis queriam usar sua parte dos lucros antigos e investir na nova aventura os seis milhões que outrora receberam do seu chefe.

"Preciso dizer mais, senhor presidente? Devo contar-lhe o que um líder como Arsène Lupin, assistido por sessenta homens dessa espécie, apoiado por um exército de dez mil marroquinos fanáticos, bem armados e bem disciplinados, poderia tentar? Ele tentou, e foi extraordinário. Não creio que haja uma epopeia semelhante à que vivemos durante esses quinze meses, primeiro no topo do Atlas, depois nas planícies infernais do Saara. Uma epopeia de heroísmos, privações, torturas, alegrias sobre-humanas, um epopeia de fome e sede, de derrota irrecuperável e de vitória deslumbrante.

"Os meus sessenta fiéis se entregaram de coração. Ah, as boas pessoas! O senhor os conhece, senhor presidente. O senhor lutou contra eles, senhor comandante. Ah, os desgraçados! Os meus ficaram marejados com algumas lembranças. Havia Charolais e seus filhos, que uma vez ilustrou o caso da tiara da princesa de Lamballe. Havia Marco, que devia sua fama ao caso Kesselbach, e Auguste, que se tornou chefe dos seus oficiais de justiça, senhor presidente do Conselho. Havia Grognard e Ballu, que a perseguição da Rolha de Cristal cobriu de glória. Havia os irmãos Beuzeville, a quem chamei os dois Ajax. Havia Filipe de Antrac, mais nobre que um Bourbon,

e Pierre le Grand, e Jean le Borgne, e Tristan le Roux, e Joseph le Jeune.

— E havia Arsène Lupin — interrompeu Valenglay, que estava fascinado por essa enumeração homérica.

— E havia Arsène Lupin — repetiu dom Luís com um tom de voz convincente.

Ele balançou a cabeça, sorriu ligeiramente e continuou muito baixo:

— Não vou falar dele, senhor presidente. Não vou falar sobre ele porque o senhor não botaria fé nas minhas narrativas. O que foi dito sobre a passagem dele pela Legião Estrangeira não passa de uma brincadeira de criança perto do que aconteceria mais tarde. Na Legião, Lupin era apenas um soldado. No sul do Marrocos, ele foi um general.

"Somente lá Arsène Lupin mostrou seu valor. E, digo sem orgulho, que foi um imprevisto, inclusive para mim. Como feitos, o Aquiles da lenda não fez mais. Como resultados, Annibal e César não receberam mais. Ao senhor, basta saber que em quinze meses Arsène Lupin conquistou um reino duas vezes maior que a França. Sobre os berberes do Marrocos, sobre os indomáveis tuaregues, sobre os árabes do extremo sul da Argélia, sobre os negros que transbordam do Senegal, sobre os mouros que habitam as costas do Atlântico, sobre o fogo do sol, sobre o inferno, ele conquistou metade do Saara e o que se pode chamar de antiga Mauritânia. Reino de areia e pântano? Em parte, mas, mesmo assim, um reino, com oásis, nascentes, rios, florestas, riquezas incalculáveis; um reino com dez milhões de homens e duzentos mil guerreiros.

"É este reino que ofereço à França, senhor presidente do Conselho."

Valenglay não escondeu seu estupor. Comovido, perturbado pelo que descobria, inclinado sobre o extraordinário interlocutor, as mãos crispadas no mapa da África, ele sussurrou:

— Explique-se… especifique…

Dom Luís retomou:

— Senhor presidente, não vou lhe recordar os acontecimentos dos últimos anos. O senhor os conhece melhor do que eu. O senhor sabe dos perigos que a França correu durante a guerra, como resultado das revoltas marroquinas. O senhor sabe que a guerra santa foi pregada por lá e que uma faísca teria sido suficiente para o fogo chegar a toda a costa da África, a toda a Argélia, a toda a enorme multidão muçulmana, protegida pela França, protegida pela Inglaterra. Esse perigo que os estadistas dos Aliados

temiam com tanta angústia, e que o inimigo se esforçou por trazer à tona com tanta astúcia e perseverança, esse perigo, eu, Arsène Lupin, conjurei. Enquanto combatiam na França, enquanto combatiam no norte de Marrocos, eu estava no Sul, eu atraía contra mim as tribos rebeldes, eu as dominava, reduzia-as à impotência, recrutava-as e as empurrava para outras regiões e para outras conquistas. Em suma, eu fiz com que eles trabalhassem para essa França que eles queriam combater. E, assim, a partir do belo e distante sonho que tinha crescido gradualmente na minha mente, construí a realidade de hoje. A França salvava o mundo: eu salvava a França.

"Ela resgatava, pela força do heroísmo, suas antigas províncias perdidas: eu juntava o Marrocos com o Senegal de uma só vez. A maior França africana existe agora. Graças a mim, ela é um bloco sólido e compacto. Milhões de quilômetros quadrados, e de Tunes ao Congo, exceto por alguns enclaves insignificantes, uma costa ininterrupta de vários milhares de quilômetros. Eis a minha obra, senhor presidente; o restante, as outras aventuras, a aventura do Triângulo de Ouro ou a da Ilha dos Trinta Caixões, uma bobagem! O meu trabalho de guerra é esse. Perdi o meu tempo durante esses cinco anos, senhor presidente?

— É uma utopia, uma quimera — protestou Valenglay.

— Uma verdade.

— Ora, vamos! São necessários vinte anos de esforço para obter êxito.

— O senhor só precisa de cinco minutos — exclamou dom Luís com um impulso irresistível. — Não é a conquista de um império que eu lhe ofereço, é um império conquistado, pacificado, administrado, em pleno trabalho e em plena vida. Não é o futuro, é o presente, o presente de Arsène Lupin. Eu também, repito, senhor presidente, tive um sonho maravilhoso. Tendo labutado durante toda a minha existência, rolado por todos os precipícios e saltado de todos os picos, mais rico que Creso, uma vez que todas as riquezas do mundo me pertenciam, e mais pobre do que Jó, pois eu havia distribuído todos os meus tesouros, farto de tudo, cansado de ser infeliz, ainda mais cansado de ser feliz, esgotado dos prazeres, das paixões e das emoções, eu desejava uma coisa incrível para a nossa época: reinar! E, fenômeno ainda mais incrível, tendo essa coisa acontecido, Arsène Lupin morto, tendo ressuscitado sob a espécie de um sultão das *Mil e uma noites*, Arsène Lupin reinando, governando, legislando, pontificando, eu queria,

em alguns anos, de um instante a outro, rasgar a cortina das tribos rebeldes contra as quais os senhores se extenuavam no norte do Marrocos e atrás das quais, pacificamente e silenciosamente, eu construí o meu reino… E então, cara a cara, tão poderoso quanto ela, vizinho que lida de igual para igual, eu gritei para a França: "Sou eu, Arsène Lupin! O velho vigarista, o cavalheiro ladrão, aqui está ele! O sultão de Adrar, o sultão de Iguidi, o sultão de El-Juf, o sultão de Tuareg, o sultão de Aouabuta, o sultão de Braknas e Frerzon, sou eu, sultão dos sultões, neto de Muhammad, o filho de Alá, eu, eu, eu, Arsène Lupin!" E eu teria, no tratado de paz, no ato de doação em que eu entregava um reino à França, eu teria, abaixo da rubrica dos meus grandes dignitários, caids, pachas e marabus, assinado com minha assinatura legítima, aquela a que tenho pleno direito, que eu conquistei com a ponta da minha espada e com minha todo-poderosa vontade: Arsène I, imperador da Mauritânia!

Dom Luís pronunciou todas essas palavras com uma voz enérgica, mas sem ênfase, com a emoção e o orgulho simples de um homem que fez muito e que sabe o valor do que fez. Só se podia responder-lhe com um encolher de ombros, como se responde a um louco, ou pelo silêncio que reflete e aprova.

O presidente do Conselho e o comandante-geral se calaram, mas o olhar deles expressava seu pensamento secreto. Eles tinham a profunda sensação de estar na presença de um exemplar absolutamente excepcional da humanidade, criado para ações desmedidas e moldado por si mesmo para um destino sobrenatural.

Dom Luís retomou:

— O desfecho foi muito bonito, não foi, senhor presidente do Conselho? E o fim coroou dignamente a obra. Eu teria ficado feliz se tivesse sido assim. Arsène Lupin em um trono com o cetro na mão. Não faltava elegância nisso. Arsène I, imperador da Mauritânia e benfeitor da França. Que apoteose! Mas os deuses não o quiseram. Sem dúvida enciumados, eles me rebaixam ao nível dos meus primos do velho mundo e fizeram de mim essa coisa absurda, um rei exilado. Que seja feita a vontade deles! Paz ao falecido imperador da Mauritânia. Ele viveu o que vivem as rosas. Arsène I está morto, viva a França! Senhor presidente do Conselho, gostaria de renovar a minha oferta. Florence Levasseur está em perigo. Só eu posso salvá-la do monstro que a sequestrou. Para isso, preciso de vinte e quatro

horas. Contra essas vinte e quatro horas de liberdade, eu lhe entrego o império da Mauritânia. O senhor aceita, senhor presidente do Conselho?

— Mas é claro que sim — disse Valenglay, rindo —, eu aceito. Não é verdade, meu caro Desmalions? Tudo isso pode não ser muito católico. Mas enfim! Paris vale uma boa missa e o reino da Mauritânia é um belo fragmento. Vamos tentar a aventura.

O rosto de dom Luís expressou uma alegria tão franca que era possível pensar que ele tinha acabado de ganhar o mais deslumbrante dos triunfos e não o sacrifício de uma coroa e o lançamento, no abismo, do sonho mais fantástico que um homem já tinha concebido e realizado.

Ele perguntou:

— Que garantia o senhor quer, senhor presidente?

— Nenhuma.

— Posso lhe mostrar os tratados, os documentos que provam…

— Não é necessário. Falamos sobre isso amanhã. Hoje, vá em frente. O senhor está livre.

A palavra essencial, a palavra implausível, foi dita.

Dom Luís deu alguns passos em direção à porta.

— Só mais uma coisa, senhor presidente — disse ele, parando. — Entre os meus antigos companheiros há um a quem eu tinha oferecido um cargo compatível com seus gostos e méritos. Este, pensando que um dia ou outro poderia, em virtude de sua função, ser útil para mim, não foi para a África. Trata-se de Mazeroux, o brigadeiro da Sûreté.

— O brigadeiro Mazeroux, que o senhor Cacérès denunciou, com provas, como cúmplice de Arsène Lupin, está na prisão.

— O brigadeiro Mazeroux é um modelo de honra profissional, senhor presidente. Eu devia sua ajuda somente à minha qualidade de auxiliar da polícia, aceita e de certa forma apoiada pelo senhor comandante. Ele me contrariou em tudo o que tentei fazer de ilegal. E teria sido o primeiro a pôr as mãos no meu pescoço se tivesse recebido tal ordem. Peço que ele seja solto.

— Oh! Oh!

— Senhor presidente, o seu parecer favorável será um ato de justiça e suplico que o conceda. O brigadeiro Mazeroux deixará a França. Ele será encarregado pelo governo de uma missão secreta no sul do Marrocos, sob o título de inspetor colonial.

— Concedido — disse Valenglay, rindo ainda mais.

E acrescentou:

— Meu caro comandante, quando saímos das vias legais, já não sabemos para onde vamos. Mas quem quer o fim quer os meios, e o fim é acabar com esta história abominável de Mornington.

— Esta noite tudo estará resolvido — disse dom Luís.

— Assim espero. Nossos homens estão a caminho.

— Eles estão a caminho, mas em cada cidade, em cada vilarejo, junto de cada camponês que encontrarem, eles terão que controlar as pistas, descobrir se o carro não bifurcou, e eles só estão perdendo tempo. Eu vou direto ao bandido.

— Por que milagre?

— É mais um segredo meu, senhor presidente. Só lhe pedirei que dê ao comandante-geral plenos poderes para se livrar de todas as pequenas dificuldades e de todas as pequenas instruções que possam impedir a execução do meu plano.

— Que seja. O senhor precisa de mais alguma coisa além disso?

— Deste mapa da França.

— Pode levar.

— E de duas armas de fogo.

— O comandante-geral terá a cortesia de pedir aos inspetores dois revólveres e entregá-los ao senhor. Isso é tudo? Dinheiro?

— Obrigado, senhor presidente. Sempre tenho, em caso de emergência, os indispensáveis cinquenta mil francos.

O comandante-geral interrompeu:

— Então é necessário que o senhor seja acompanhado até o Dépôt. Suponho que sua carteira esteja entre os itens que lhe foram confiscados.

Dom Luís sorriu.

— Senhor comandante, os objetos que podem confiscar de mim nunca têm a menor importância. A minha carteira de fato está no Dépôt. Mas o dinheiro…

Ele levantou sua perna esquerda, pegou seu pé entre as mãos e imprimiu um pequeno movimento de rotação no salto de seu sapato. Um ligeiro ruído de desbloqueio foi ouvido e uma espécie de gaveta, escondida na espessura do solado duplo, emergiu da parte da frente do sapato. Estavam lá dois maços de notas, bem como objetos diferentes de pequenas

dimensões, uma verruma, uma mola de relógio, alguns comprimidos.

— Para escapar — disse ele —, para viver e para morrer. Senhor presidente, despeço-me.

No vestíbulo, o senhor Desmalions ordenou aos inspetores que deixassem a passagem livre para o prisioneiro.

Dom Luís perguntou:

— Senhor comandante, o subchefe Weber lhe deu alguma informação sobre o automóvel do bandido?

— Ele telefonou de Versalhes. É um carro amarelo-alaranjado da companhia Comètes. O motorista está sentado à esquerda. Ele usa um chapéu de tecido cinza com uma viseira de couro preta.

— Muito obrigado, senhor comandante.

Eles saíram da casa.

Então essa coisa inconcebível tinha acabado de acontecer: dom Luís estava livre. Em apenas uma hora de conversa, ele tinha recuperado o poder de agir e de lutar na batalha suprema.

Do lado de fora, o automóvel da Prefeitura estava esperando. Dom Luís e o senhor Desmalions ocuparam os seus lugares.

— Para Issy-les-Moulineaux, depressa! — ordenou dom Luís. — À máxima velocidade!

Eles incendiaram Passy, atravessaram o Sena e em dez minutos chegaram ao aeródromo de Issy-les-Moulineaux.

Nenhum dispositivo tinha partido, porque a corrente de vento estava bastante forte.

Dom Luís correu para os hangares. Na parte de cima das portas estavam inscritos nomes.

— Davanne! — ele murmurou. — Aí está meu caso.

Justamente a porta desse hangar estava aberta. Um homem baixo e obeso, com rosto comprido e vermelho, fumava um cigarro enquanto mecânicos trabalhavam em um monoplano. O tal homem era o próprio Davanne, o famoso aviador.

Dom Luís o chamou de lado e, conhecendo o indivíduo por tudo o que os jornais diziam sobre ele, iniciou a conversa de forma a surpreendê-lo desde o início.

— Senhor — disse ele, desdobrando o mapa da França —, eu quero alcançar alguém que sequestrou a mulher que eu amo de carro, e que está

dirigindo na direção de Nantes. O rapto ocorreu à meia-noite. São nove da manhã. Suponhamos que o automóvel, que é um simples táxi de aluguel e cujo motorista não tem nenhuma razão para se arruinar, faça em média, incluindo as paradas, trinta quilômetros por hora… depois de doze horas, ou seja, ao meio-dia, o nosso indivíduo atingirá os trezentos e sessenta quilômetros, ou seja, um ponto situado entre Angers e Nantes… nesse local exato…

— Ponts-de-Drive — afirmou Davanne, que escutava calmamente.

— Muito bem. Suponhamos, por outro lado, que um aeroplano parta de Issy-les-Moulineaux às nove horas da manhã e que voe a uma velocidade de cento e vinte quilômetros por hora, sem parar… depois de três horas, ou seja, ao meio-dia, ele chegará precisamente a Ponts-de-Drive, no momento em que o automóvel estiver passando por lá, não é?

— Absolutamente de acordo com o senhor.

— Nesse caso, se temos a mesma opinião, tudo vai bem. O seu dispositivo pode levar um passageiro?

— Se for necessário.

— Vamos partir.

— Impossível. Não tenho permissão.

— O senhor tem sim. O comandante-geral, que está aqui, e que está em concordância com o presidente do Conselho, assume a decisão de deixá-lo partir. Então, vamos partir. Quais são as suas condições?

— Depende. Quem é o senhor?

— Arsène Lupin!

— Caramba! — exclamou Davanne um tanto perplexo.

— Arsène Lupin. O senhor deve saber, através dos jornais, da maioria dos últimos acontecimentos. Pois bem, Florence Levasseur foi raptada ontem à noite. Quero salvá-la. Quanto o senhor quer?

— Nada.

— É muito.

— Talvez, mas a aventura me agrada. Isso fará propaganda a meu respeito.

— Que seja. Mas o seu silêncio é necessário até amanhã. E eu o compro. Aqui estão vinte mil francos.

Dez minutos depois, dom Luís tinha vestido um uniforme especial, um capacete e óculos de aviador, e o aeroplano subia a oitocentos metros para

evitar as correntes, evoluía sobre o Sena e voava direto para o oeste da França.

Versalhes, Maintenon, Chartres…

Dom Luís nunca tinha entrado em um aeroplano. A França tinha conquistado o ar enquanto ele lutava com a Legião e nas areias do Saara. No entanto, por mais sensível que ele fosse a todas as novas impressões — e que impressão maior do que aquela poderia comovê-lo! — ele não experimentou o prazer divino do homem que pela primeira vez se liberta da terra. O que monopolizava seu pensamento, irritava seus nervos e causava em seu ser uma excitação imensa era a visão, ainda impossível, mas inevitável, do automóvel perseguido.

Em todo o tremendo formigamento de coisas dominadas, no tumulto inesperado das asas e do motor, na imensidão do céu, no infinito do horizonte, seus olhos só buscavam isso e seus ouvidos não supunham outro som senão o zumbido do carro invisível. Sensações brutais e poderosas do caçador que força sua caça a correr! Ele era a ave de rapina da qual a pequena besta não pode escapar.

Nogent-le-Rotrou… La Ferté-Bernard… Le Mans…

Os dois companheiros não trocaram uma única palavra. À sua frente, Perenna via as costas largas e o pescoço robusto de Davanne. Mas, inclinando um pouco a cabeça, ele via embaixo o espaço sem limites, e nenhuma outra visão lhe interessava a não ser a linha branca da estrada que corria de cidade em cidade e de vilarejo em vilarejo, às vezes reta, como se esticada, e em outros momentos amolecida, flexível, quebrada por curvas de rio ou pelo obstáculo de uma igreja.

Nessa linha estavam, num lugar cada vez mais perto, Florence e o seu sequestrador!

Ele não tinha dúvidas! O carro cor-de-laranja continuava em seu esforço corajoso e paciente. Os quilômetros se somavam aos quilômetros, as planícies aos vales, os campos às florestas, e seria Angers, seria Ponts-de-Drive, e no fim daquela linha branca, um fim inacessível, Nantes, Saint-Nazaire, a partida do barco, a vitória do bandido…

Ele ria com essa ideia. Como se fosse permitido vislumbrar uma vitória diferente da sua, a vitória do falcão sobre sua presa, do que voa sobre o que anda! Nem por um segundo ele pensou que o inimigo tinha sido capaz de escapar por outra estrada. Há certezas que equivalem a fatos. E essa era tão

forte que lhe parecia que os seus oponentes eram forçados a obedecê-la. O automóvel seguia a estrada para Nantes. Ele faria uma média de trinta quilômetros por hora. E como ele próprio estava indo à velocidade de cento e vinte quilômetros, o encontro aconteceria no ponto indicado, em Ponts-de-Drive, e na hora indicada, ao meio-dia.

Um amontoado de casas, a massa de um castelo, torres, flechas. Era Angers.

Dom Luís perguntou as horas a Davanne. Eram dez para o meio-dia.

Angers já era apenas uma visão longínqua. Novamente, o campo listrado com plantações multicoloridas. No meio de tudo isso, uma estrada.

E nessa estrada, um carro amarelo.

O carro amarelo! O carro do bandido! O carro que levava Florence Levasseur!

A alegria de dom Luís não se misturou a nenhuma surpresa. Ele sabia tão bem que isso iria acontecer!

Davanne se virou e gritou:

— Nós os encontramos, não é?

— Sim. Pra cima deles.

O avião desceu para o vazio e se aproximou do carro.

Quase imediatamente, ele o alcançou.

Então Davanne diminuiu a velocidade e ficou duzentos metros acima e um pouco atrás.

De lá eles puderam distinguir todos os detalhes. O condutor estava sentado à esquerda do banco. Ele usava um chapéu de tecido cinza com uma viseira de couro preta. Era de fato um carro da Companhia Comètes. Era exatamente o carro a ser perseguido. E Florence estava lá com o sequestrador.

"Finalmente", pensou dom Luís, "eu os encontrei!"

Voaram por bastante tempo, mantendo a mesma distância.

Davanne esperava um sinal que dom Luís não se apressou a dar, de tanto que ele aproveitava a situação, com uma violência feita de orgulho, ódio e crueldade, e com a sensação de seu poder. Ele era de fato a águia que paira e cujas garras pulsam antes de estreitar a carne ofegante. Fugindo da jaula onde tinha sido preso, libertado dos laços que o estrangulavam, batendo asas, ele veio lá de baixo e agora dominava sua presa indefesa!

Ele se levantou de seu assento e deu as instruções necessárias a Davanne.

— E, sobretudo — disse ele —, não se aproxime muito deles. Uma bala poderia nos tirar de combate.

Passou mais um minuto.

De repente eles viram que a estrada, a um quilômetro de distância, se dividida em três e, assim, formava um cruzamento muito amplo que se estendia por dois triângulos de grama no cruzamento dos três caminhos.

— Devo? — disse Davanne se virando.

O campo estava deserto nas proximidades.

— Vá em frente — ordenou dom Luís.

Era possível dizer que o aeroplano de repente relaxava, como se puxado por uma força irresistível, e que essa força o enviava como um projétil na direção do objetivo pretendido. Ele passou cem metros acima do carro, e então, de repente, governando, escolhendo o lugar onde ele ia atingir o alvo, calmo, silencioso como um pássaro noturno, evitando as árvores e os postes, ele foi repousar sobre a grama do cruzamento.

Dom Luís saltou e correu para a frente do automóvel. Ele vinha a toda velocidade.

Ele fincou os pés na estrada e apontou seus dois revólveres enquanto proferia:

— Alto ou eu disparo!

Assustado, o condutor pisou nos freios. O carro parou.

Dom Luís saltou para uma das portinholas.

— Desgraçado! — ele gritou, soltando sem razão nenhuma um disparo que estourou o vidro.

Não havia mais ninguém dentro do automóvel.

“A armadilha está pronta. Tome cuidado, Lupin”

O impulso que levava dom Luís à batalha e à vitória foi tão ardente que quase não sofreu, por assim dizer, uma parada. A decepção, a raiva, a humilhação, a angústia, tudo isso se fundiu em uma grande necessidade de agir, de saber e de não interromper a busca. Quanto ao resto, era apenas um incidente sem importância que se desvendaria da maneira mais simples do mundo.

O motorista, paralisado de medo, olhava com um olhar desconcertado para os camponeses que vieram de fazendas distantes, atraídos pelo barulho do aeroplano.

Dom Luís o agarrou pelo pescoço e colou o cano do revólver em sua têmpora.

— Conte tudo o que você sabe… ou você morre.

E como o infeliz gaguejava súplicas:

— Não é preciso gemer… Não é preciso esperar ajuda… As pessoas chegarão tarde demais. Então, só há uma maneira de você se salvar: falar. Ontem à noite, em Versalhes, um cavalheiro vindo de Paris deixou o carro e alugou o seu, não foi?

— Sim.

— Esse cavalheiro estava acompanhado por uma senhora?

— Sim.

— E ele o contratou para levá-los a Nantes?

— Sim.

— Mas, no caminho, ele mudou de ideia e desembarcou?

— Sim.

— Em que cidade?

— Antes de chegarmos a Lans. Uma pequena estrada à direita, onde há, duzentos metros mais à frente, uma espécie de hangar, algo como um barracão. Ambos desceram lá.

— E você continuou?

— Ele me pagou para isso.

— Quanto?

— Dois mil francos. E eu deveria encontrar em Nantes um outro viajante que eu o levaria de volta para Paris, por três mil francos.

— Você acredita na existência desse viajante?

— Não. Acho que ele queria despistar as pessoas atraindo-as para mim até Nantes enquanto ele mudava de direção. Mas como eu fui pago…

— E quando você os deixou, não teve a curiosidade de ver o que estava acontecendo?

— Não.

— Tome cuidado. Um pequeno movimento do meu dedo indicador e seu cérebro vai pelos ares. Fale.

— Bem, sim. Voltei a pé, por trás de um talude de árvores. O homem tinha aberto o barracão e ligou uma pequena limusine. A senhora não queria subir e eles discutiram muito alto. Ele a ameaçava e implorava também. Mas não consegui ouvir. Ela parecia muito cansada. Ele lhe deu água, que pegou com um copo da torneira de uma fonte, do outro lado do barracão. Então ela se decidiu. Ele fechou a porta do lado dela e ocupou seu lugar no banco.

— Um copo d'água! — exclamou dom Luís. — Tem certeza de que ele não despejou nada naquele copo?

O motorista pareceu surpreso com a pergunta, e então respondeu:

— De fato, acho que ele tirou alguma coisa do bolso.

— Sem que a senhora percebesse?

— Sim, ela não conseguia vê-lo.

Dom Luís dominou seu pavor. Afinal de contas, não era possível que o bandido tivesse envenenado Florence dessa forma, nesse lugar, e sem que nada tivesse motivado tal precipitação. Não, era mais fácil supor o uso de um narcótico, de algum tipo de droga destinada a atordoar Florence e torná-la incapaz de discernir por que novas estradas e por que cidades ela

seria conduzida.

— E depois — ele disse —, ela decidiu subir?

— Sim, e ele fechou a portinhola e se instalou no seu banco. E eu fui embora.

— Antes de saber a direção que eles tomaram?

— Sim, antes.

— Durante a viagem, você não ficou com a impressão de que eles pensavam que estavam sendo seguidos?

— De fato. A todo momento ele se debruçava para fora do carro.

— A senhora não gritava?

— Não.

— Você seria capaz de reconhecê-lo?

— Não, certamente não. Em Versalhes, era de noite. E, esta manhã, eu estava muito longe. E depois, é engraçado, da primeira vez ele me pareceu muito grande, e esta manhã, pelo contrário, muito pequeno, como se tivesse se partido ao meio. Não entendo patavina de tudo isso.

Dom Luís refletiu. Parecia-lhe que tinha feito todas as perguntas necessárias. Além disso, uma carroça estava chegando perto do cruzamento, a trote de cavalo. Outras duas vinham atrás. E os grupos de camponeses estavam próximos. Era preciso encerrar por ali.

Ele disse ao motorista:

— Vejo na sua cara que você vai falar contra mim. Não faça isso, camarada. Seria uma grande besteira. Tome uma nota de mil. Só que, se abrir o bico, eu acho você. A bom entendedor…

Ele se voltou na direção de Davanne, cujo avião estava começando a obstruir a circulação, e disse:

— Podemos ir?

— À sua disposição. Aonde vamos?

Indiferente às idas e vindas das pessoas que vinham de todos os lados, dom Luís desdobrou seu mapa da França e o estendeu diante dos olhos. Ele teve alguns segundos de ansiedade com a complicação das estradas emaranhadas e imaginando a infinidade de esconderijos para onde o bandido poderia levar Florence. Mas ele se retesou. Não queria hesitar. Ele nem queria pensar. Ele queria saber, e de uma vez, sem pistas, sem meditações vãs, apenas pela graça dessa maravilhosa intuição que o guiou nas horas mais importantes da vida.

E seu amor-próprio também exigia que ele respondesse sem demora a Davanne e que o desaparecimento daqueles que ele estava procurando não parecesse envergonhá-lo.

Com seus olhos colados ao mapa, ele colocou um dedo em Paris, outro dedo em Le Mans, e, mesmo antes de se perguntar claramente por que o bandido havia escolhido essa direção Paris-Le Mans-Angers, ele já sabia… Um nome de cidade lhe veio à mente e fez brotar a verdade como a chama de um relâmpago. Alençon! E imediatamente, iluminado por lembranças, ele mergulhou nas profundezas das trevas.

Ele retomou:

— Aonde vamos? Atrás de nós e à esquerda.

— Sem direção certa?

— Alençon.

— Entendido — disse Davanne. — Preciso de uma mãozinha. Há um campo de onde não será muito difícil decolar.

Dom Luís e algumas pessoas o ajudaram e os preparativos foram feitos rapidamente. Davanne verificou o motor. Tudo funcionava perfeitamente.

Neste momento, um poderoso torpedo, cuja sirene resmungava como uma besta rabugenta, surgiu da estrada para Angers e parou bruscamente.

Três homens desceram dele e correram na direção do condutor do automóvel amarelo. Dom Luís os reconheceu.

Era o subchefe Weber e os homens que o levaram ao Dépôt durante a noite, e que o comandante-geral tinha lançado no encalço do bandido.

Eles receberam do motorista do automóvel amarelo uma breve explicação que pareceu desconcertá-los e, enquanto gesticulavam e o pressionavam com novas perguntas, eles olhavam para seus relógios e consultavam os mapas das estradas.

Dom Luís se aproximou. Com a cabeça encapuzada e o rosto mascarado pelos óculos, ele estava irreconhecível. E, mudando sua voz:

— Os pássaros bateram asas e voaram, subchefe Weber.

Este o observou com um ar assustado. Dom Luís tripudiou:

— Sim, voaram. O tipo da Île Saint-Louis é um astuto a quem não falta morada, hein? O terceiro carro do cavalheiro. Depois do carro amarelo que foi notificado ontem à noite em Versalhes, ele pegou outro para Le Mans… destino desconhecido.

O subchefe arregalou os olhos. Quem era aquele personagem que citava fatos que só foram relatados ao telefone para a Chefatura da polícia, e às duas da manhã? Ele articulou:

— Quem é o senhor, afinal?

— Como! O senhor não me reconhece? É isso que acontece quando encontramos as pessoas… Fazemos todos os esforços para sermos claros e depois lhe perguntam quem você é. Vamos, Weber, admita que está de má vontade. Você por acaso precisa me contemplar em plena luz do dia? Vamos.

Ele retirou a máscara.

— Arsène Lupin! — o policial gaguejou.

— A seu dispor, meu jovem, a pé, a cavalo e pelos ares. Vou voltar. Adeus.

E o espanto de Weber foi tal quando ele viu diante dele, livre, a quatrocentos quilômetros de Paris, esse Arsène Lupin que ele havia conduzido ao Dépôt doze horas antes, que dom Luís, ao se juntar a Davanne, disse a si mesmo:

"Que desenvoltura! Em quatro sentenças bem aplicadas, seguidas de um gancho de estômago, eu o nocauteei. Não nos apressemos. Pelo menos trinta segundos passarão antes que ele possa gritar: 'mamãe'."

Davanne estava pronto. Dom Luís subiu no avião. Os camponeses empurravam as rodas. O aparelho decolou.

— Nor-nordeste — ordenou dom Luís. — Cento e cinquenta quilômetros por hora. Dez mil francos.

— O vento está contrário — disse Davanne.

— Cinco mil francos pelo vento — disse dom Luís.

Ele não admitia nenhum obstáculo, tamanha era sua pressa de chegar a Formigny. Ele agora entendia todo o caso, e, considerando até sua origem, estava surpreso com o fato de que a aproximação entre os dois enforcados no celeiro e a série de crimes despertados pela herança de Mornington nunca tivesse ocorrido em sua mente. Além disso, como é que ele não tinha aprendido com o provável assassinato do senhor Langernault, um velho amigo do engenheiro Fauville, todas as lições que esse assassinato oferecia? O cerne da sinistra trama estava ali. Quem, então, tinha sido capaz de interceptar, em nome do engenheiro Fauville, as cartas de acusação que o engenheiro Fauville supostamente escrevia ao seu velho amigo

Langernault? Quem, senão alguém de um vilarejo ou que pelo menos tenha morado nele?

E então tudo se explicava. Era o bandido que, outrora, debutando no crime, tinha matado o senhor Langernault e depois o casal Dedessuslamare. O mesmo procedimento depois: nada de assassinato direto, mas assassinato anônimo.

Como o americano Mornington, como o engenheiro Fauville, como Marie-Anne, como Gaston Sauverand, o senhor Langernault tinha sido liquidado sorrateiramente, e o casal Dedessuslamare forçado ao suicídio e levado para o celeiro.

E foi então que o tigre veio para Paris onde, mais tarde, ele encontraria o engenheiro Fauville e Cosmo Mornington e combinaria o trágico caso da herança.

E era para lá que ele regressava!

Sobre o regresso, nenhuma dúvida. Em primeiro lugar, o fato de ter administrado um narcótico em Florence era uma prova incontestável. Não era então necessário entorpecer Florence para que ela não reconhecesse as paisagens de Alençon e Formigny, e também o velho castelo que ela havia explorado com Gaston Sauverand! Por outro lado, a direção Le Mans-Angers-Nantes, destinada a colocar a polícia sob uma falsa pista, força qualquer um que vai para Alençon de carro a fazer um desvio de uma hora ou duas, no máximo, se ele bifurca em Le Mans. E, finalmente, esse galpão localizado perto de uma grande cidade, essa limusine sempre a postos, abastecida com combustível, tudo isso não demonstrava que o bandido, quando queria ir para o seu covil, tomava a precaução de parar em Le Mans para depois seguir em sua limusine até a propriedade abandonada do senhor Langernault? Então, naquele dia, às dez da manhã, ele chegou ao seu covil. *E chegou com Florence Levasseur, adormecida e inanimada.*

E surgiu a questão assombrosa e terrível: O que ele queria fazer com Florence Levasseur?

— Mais rápido! Mais rápido! — gritava dom Luís.

Desde que ele tomara conhecimento do esconderijo do bandido, os projetos desse homem lhe apareciam com uma clareza assustadora. Sentindo-se perseguido, perdido, objeto de ódio e terror por Florence agora que os olhos da jovem se tinham aberto à realidade, que plano poderia ele propor, senão, como sempre, o de um assassinato?

— Mais rápido! — gritava dom Luís. — Não estamos avançando. Mais depressa, então!

Florence assassinada! Talvez o plano ainda não tenha sido executado. Não, ainda não. Leva-se tempo para matar. Isso é precedido de palavras, de um acordo que é oferecido, de ameaças, de orações, de toda uma encenação inominável. Mas a coisa estava sendo preparada. Florence ia morrer!

Florence ia morrer nas mãos do bandido que a amava.

Porque ele a amava, dom Luís tinha a intuição desse amor monstruoso, e como então acreditar que tal amor terminaria de outra forma que não fosse a tortura e o sangue?

Sablé… Sillé-le-Guillaume…

A terra desaparecia abaixo deles. Cidades e casas deslizavam como sombras.

E chegaram em Alençon.

Era pouco mais de uma e meia quando aterrissaram num prado entre a cidade e Formigny. Dom Luís se informou. Vários carros tinham passado na estrada para Formigny, entre outros uma pequena limusine, guiada por um cavalheiro, que tinha entrado em uma rua perpendicular.

Esse caminho perpendicular levava à floresta atrás do Vieux-Château do senhor Langernault.

A convicção de dom Luís era tamanha que, depois de se despedir de Davanne, ele o ajudou a retomar seu voo. Já não precisava dele. Ele não precisava de ninguém. O duelo final começava.

E, enquanto corria, guiado pela marca dos pneus na poeira, ele seguiu pela estradinha perpendicular. Para sua grande surpresa, esse caminho não se aproximava dos muros de trás da Grange-aux-Pendus, do topo dos quais ele tinha saltado algumas semanas antes. Depois de atravessar o bosque, dom Luís desembocou em um vasto terreno não cultivado, onde o caminho fazia uma curva para retornar à propriedade e terminar em frente a uma velha porta com duplo batente, reforçada com placas e barras de ferro.

A limusine tinha passado por ali.

“E eu tenho que passar também”, pensou dom Luís, “a qualquer custo, e imediatamente, sem perder meu tempo descobrindo uma brecha ou uma árvore adequada.”

O muro tinha, nesta parte, quatro metros de altura. Dom Luís passou. Como? Com que esforço prodigioso?

Ele mesmo não saberia dizer depois de ter realizado sua façanha. Fato é que, agarrado a asperezas invisíveis, plantando nos buracos das pedras uma faca que Davanne lhe emprestou, ele passou.

E, quando estava do outro lado, ele encontrou os vestígios dos pneus que seguiam para a esquerda, para uma área do parque que ele ignorava, mais acidentada, repleta de montículos e de construções em ruínas sobre as quais se estendiam espessas camadas de hera.

E, por mais abandonado que estivesse o resto do parque, essa região parecia muito mais bárbara, embora, no meio das urtigas e das sarças, entre a exuberante vegetação de grandes flores selvagens, abundassem valerianas, verbascos, cicutas, dedaleiras, angélicas e, em trechos e brotando de forma aleatória, sebes de loureiros e muralhas de buxos.

E, de repente, na curva de uma antiga alameda arborizada, dom Luís Perenna viu a limusine que tinha sido deixada, ou melhor, escondida lá, em uma cavidade. A portinhola estava aberta. A bagunça do interior, o tapete pendurado no estribo, uma das janelas quebradas, um dos assentos deslocado, tudo atestava que havia acontecido uma luta entre Florence e o bandido. Este provavelmente tinha se aproveitado do fato de que a jovem estava dormindo para amarrá-la, e na chegada, quando ele tentou tirá-la da limusine, Florence tinha se agarrado aos objetos.

Dom Luís logo confirmou a precisão de sua hipótese. Seguindo por um caminho muito estreito, coberto de grama, que começava na encosta dos montículos, ele viu que a grama tinha sido pisoteada sem interrupção.

"Ah! O miserável!", ele pensou. "O miserável não carrega sua vítima, ele a arrasta."

Se tivesse ouvido apenas o seu instinto, teria saltado em auxílio de Florence. Mas o profundo senso do que fazer e o que evitar o impediu de cometer tal imprudência. Ao menor aviso, ao menor barulho, o tigre teria degolado sua presa. Para evitar coisa tão horrível, dom Luís teria que surpreendê-lo e deixá-lo fora de ação já no primeiro golpe.

Então ele se controlou e, lentamente, com as precauções necessárias, subiu.

A trilha surgiu entre pilhas de pedras e construções desmoronadas, e entre densos arbustos dominados por faias e carvalhos. Essa era obviamente

a localização do velho castelo feudal que tinha dado nome à propriedade, e era lá, perto do topo, que o bandido tinha escolhido um de seus esconderijos. A pista continuava, de fato, pela relva baixa, e dom Luís até notou algo brilhando no chão, em cima de um tufo. Era um anel, um anel muito pequeno, muito simples, formado por um arco de ouro e duas pequenas pérolas, que ele tinha muitas vezes notado no dedo de Florence. E o que lhe chamou a atenção foi que uma graminha passava, repassava e passava uma terceira vez por dentro do anel, como uma fita que tinha sido voluntariamente enrolada nele.

"O sinal é claro", pensou Perenna. "Muito provavelmente o bandido parou aqui para descansar e Florence, amarrada, mas ainda com os dedos livres, conseguiu deixar esta prova de sua passagem."

Então a jovem ainda tinha esperança. Ela aguardava por socorro. E dom Luís pensou com emoção que talvez fosse a ele que ela dirigia esse apelo supremo.

A cinquenta passos de distância — e esse detalhe testemunhava a estranha fadiga que o bandido sentia —, outra paragem e, segunda pista, uma flor, uma salva do prado, que a pobre mão tinha colhido e cujas pétalas tinha arrancado. Em seguida, as marcas dos cinco dedos afundados na terra, depois uma cruz feita com a ajuda de uma pedra. E assim se podia seguir, minuto a minuto, todas as etapas do terrível calvário.

A última estação se aproximava. O aclive ficava mais íngreme. As pedras desmoronadas se impunham como obstáculos mais frequentes. À direita, duas arcadas góticas, remanescentes de uma capela, perfilavam-se sobre o céu azul. À esquerda, um lado do muro tinha o pano de uma chaminé.

Vinte passos ainda. Dom Luís parou. Ele pensou ter ouvido um barulho.

Escutou. Não estava enganado. O barulho recomeçou, e era um som de riso, mas de um riso assustador! Um riso estridente, mau como o riso de um demônio, e muito agudo! Um riso de mulher, um riso louco…

Silêncio outra vez. Em seguida, outro ruído, o som de um instrumento batendo no chão. E o silêncio outra vez…

E isso acontecia a uma distância que dom Luís poderia deduzir em cem metros.

A trilha terminava em três degraus esculpidos na terra. Acima estava um planalto muito vasto, também forrado de escombros e ruínas, e onde havia, em frente e no centro, uma cortina de enormes loureiros plantados em um semicírculo para o qual se dirigiam as marcas de grama pisada.

Bastante espantado, porque a cortina se apresentava com contornos impenetráveis, dom Luís deu um passo à frente e pôde ver que antigamente havia ali um corte, e que os ramos tinham acabado por se unir.

Era fácil afastá-los. Era assim que o bandido tinha passado, e aparentemente ele estava lá, no final de sua corrida, a uma distância muito pequena e ocupado com alguma tarefa sinistra.

De fato, um riso rasgou o ar, tão perto que dom Luís sentiu um arrepio de medo e parecia-lhe que o bandido estava zombando de sua intervenção com antecedência. Ele se lembrou da carta e das palavras escritas com tinta vermelha:

> *Ainda está em tempo, Lupin. Retire-se da batalha. Caso contrário, você também encontrará a morte. Quando acreditar que atingiu seu objetivo, quando sua mão se levantar sobre mim e você gritar palavras de vitória, então o abismo irá se abrir sob seus pés. O local da sua morte já foi escolhido. A armadilha está pronta. Tome cuidado, Lupin.*

Toda a carta desfilou por seu cérebro, ameaçadora, temível. E ele sentiu o arrepio do medo.

Mas o medo poderia conter tal homem? Com as duas mãos, ele tinha agarrado os ramos e, lentamente, todo seu corpo abria passagem.

Ele parou. Uma última muralha de folhas o escondia. Ele afastou algumas da altura dos olhos.

E ele viu.

Em primeiro lugar, o que ele viu foi Florence, sozinha neste momento, estendida, amarrada trinta metros diante dele, e, como ele imediatamente percebeu, por certos movimentos de sua cabeça, que ela ainda estava viva, sentiu uma imensa alegria. Ele tinha chegado a tempo. Florence não estava morta. Florence não morreria. Esse era um fato definitivo contra o qual nada poderia prevalecer. Florence não morreria.

Então ele examinou todas as coisas.

À direita e à esquerda dele, a cortina de loureiros se curvava e abraçava uma espécie de arena onde, entre teixos outrora podados em forma de cone, jaziam capitéis, colunas, troços de arcos e abóbadas visivelmente

colocados lá para enfeitar a espécie de jardim com linhas regulares que haviam organizado sobre as ruínas da antiga masmorra. No meio de uma pequena rotatória que podia ser acessada por dois caminhos estreitos, um deles apresentava os mesmos traços de pegadas na grama e continuava o que dom Luís tinha tomado; o outro cortava em ângulos retos e juntava as duas extremidades da cortina de arbustos.

Em frente, um caos de pedras desmoronadas e rochas naturais, cimentadas com argila, conectadas pelas raízes de árvores tortuosas, tudo isso formando no fundo do quadro uma pequena gruta sem profundidade, cheia de rachaduras através das quais o dia penetrava e cujo solo, que dom Luís vislumbrava facilmente, estava coberto com três ou quatro ladrilhos.

Debaixo dessa gruta estava Florence Levasseur, estendida, amarrada.

Ela parecia realmente uma vítima dedicada ao sacrifício e preparada para uma cerimônia misteriosa que aconteceria no altar da gruta, no anfiteatro desse velho jardim que fechava o recinto dos grandes loureiros e dominava um monte de ruínas centenárias.

Apesar da distância, dom Luís pôde discernir, em todos os detalhes, sua figura pálida. Embora convulsiva pela angústia, ela ainda mantinha a serenidade, uma expressão de expectativa, até mesmo de esperança, como se ainda não tivesse renunciado à vida e acreditasse, até o último instante, na possibilidade de um milagre.

No entanto, apesar de não estar amordaçada, ela não gritava por ajuda. Será que pensava que seria inútil e que os gritos, que o bandido abafaria rapidamente, de nada serviriam para que alguém chegasse até ela, percorrendo o caminho que ela havia semeado com marcas de sua passagem? Estranhamente, parecia a dom Luís que os olhos da jovem estavam teimosamente fixados no exato ponto onde ele se escondia. Talvez ela tivesse adivinhado a presença dele. Talvez tivesse previsto sua intervenção.

De repente dom Luís pegou um de seus revólveres e levantou um pouco o braço, prestes a mirar no inimigo. Não muito longe do altar onde estava a vítima, o sacrificador, o carrasco, tinha acabado de surgir.

Ele surgiu entre duas rochas, cuja abertura estava coberta por um arbusto espinhento, e que sem dúvida oferecia apenas uma passagem muito baixa, pois ele ainda caminhava como se estivesse curvado, a cabeça inclinada e os dois braços, muito longos, chegando ao chão.

Ele se aproximou da gruta e lançou seu riso abominável.

— Você ainda está aqui — disse ele. — O salvador não veio? Um pouco tarde, Messias… Ele precisa se apressar!

O timbre de sua voz era tão agudo que dom Luís ouviu todas as palavras. E a figura era tão estranha, tão pouco humana, que ele sentiu um verdadeiro desconforto. Ele apertou bem a arma. Ao menor gesto equívoco, ele dispararia.

— Que ele venha depressa! — repetiu o bandido, rindo. — Caso contrário, dentro de cinco minutos, tudo estará terminado. Vê que sou um homem metódico, não vê, minha Florence adorada?

Ele apanhou alguma coisa no chão. Era um bastão em forma de muleta. Ele o encaixou sob o braço esquerdo, apoiou-se sobre ele e, curvado ao meio, começou a andar novamente como alguém que não tem forças para se manter de pé. Então, de repente, e sem razão aparente para explicar essa mudança de atitude, ele se levantou e usou a muleta como uma bengala. Em seguida, deu a volta por fora da gruta, fazendo um exame atento cujo significado dom Luís ignorava.

Portanto, ele era alto, e dom Luís compreendeu rapidamente por que o motorista do automóvel amarelo, tendo-o visto sob dois aspectos tão diferentes, não conseguia dizer com certeza se ele era muito alto ou muito baixo.

Mas suas pernas, frágeis e flexíveis, vacilavam, como se ele não fosse capaz de fazer um esforço prolongado. Ele caiu.

Era então um aleijado, sofrendo de alguma doença de locomoção, um raquítico excessivamente magro. Além disso, dom Luís podia ver seu rosto pálido, suas bochechas ossudas, o oco de suas têmporas, sua pele da cor do pergaminho — um rosto de tísico no qual o sangue não circulava.

Quando terminou seu exame, o homem se aproximou de Florence e disse:

— Mesmo que você esteja comportada, ainda que não tenha gritado, é melhor eu tomar as precauções necessárias e evitar qualquer surpresa colocando uma mordaça confortável em você, não é mesmo?

Ele se inclinou sobre a garota e tapou a parte de baixo do seu rosto com um lenço largo; então, inclinando-se um pouco mais, começou a falar com ela muito baixo, quase ao pé do ouvido. Mas gargalhadas confusas quebravam esse sussurro e era terrível ouvir isso.

Dom Luís, sentindo a iminência do perigo, temendo algum gesto do miserável, um assassinato repentino, o choque repentino de uma picada de agulha envenenada, tinha apontado seu revólver e, confiante em sua mira, esperava.

O que acontecia ali? Que palavras eram ditas? Que negociação infame o bandido propunha a Florence Levasseur? A que preço indecoroso ela poderia se libertar?

Violentamente, o aleijado recuou gritando com um tom de raiva:

— Mas você não percebe que está perdida? Agora que não tenho mais nada a temer, agora que você foi burra o suficiente para me acompanhar e ficar do meu lado, o que você espera? Vejamos, o que, me acalmar, talvez? Porque a paixão me queima, você deve imaginar… Ah! Ah! Como você se engana, minha menina! Eu me preocupo com a sua morte como com a de uma maçã… Depois de morta, você não significará mais nada para mim. E então? Talvez você imagine que, como tenho uma deficiência, não terei forças para lhe matar? Matá-la, mas não se trata disso, Florence!

Por acaso eu já matei alguém? Nunca na vida! Sou covarde demais para matar, eu teria medo, eu tremeria… Não, não, não tocarei em você, Florence, e mesmo assim… Veja, vou dizer do que se trata… Você vai entender… Ah! É que a coisa está combinada como eu sei fazer… E, sobretudo, não tenha medo, Florence. Este é apenas um primeiro aviso…

Ele havia se distanciado e, com a ajuda de suas mãos, agarrado aos ramos de uma árvore, subiu, à direita, os primeiros degraus da gruta. Ali ele se ajoelhou. Havia uma pequena picareta perto dele. Ele a levantou e bateu três vezes em um amontoado de pedras. Houve um desmoronamento.

Dom Luís saltou para fora do esconderijo com um grito de medo. De repente ele compreendeu. A gruta, o caos dos escombros, as massas de granito, tudo isso se encontrava em tal posição que o equilíbrio poderia ser rompido de repente, e Florence corria o risco de ser esmagada sob os escombros. Então não era o bandido que tinha de ser abatido, mas Florence que precisava ser salva imediatamente.

Em dois ou três segundos, ele chegou na metade do percurso. Mas ali, naquele clarão de mente que é ainda mais rápido do que a corrida mais louca, ele teve a visão de que os vestígios de grama pisada não atravessaram a pequena rotatória central e que o bandido tinha contornado essa

rotatória. Por quê? São essas questões que o instinto desconfiado levanta, mas que a razão não tem tempo para responder.

Dom Luís continuou. Ele não tinha posto os pés no lugar onde o desastre ocorreu.

Tudo foi incrivelmente brutal, como se ele tivesse tentado pisar no vazio e se precipitado nele. O chão se arruinava sob seus pés. Os ramos das ervas se separaram e ele caiu.

Caiu em um buraco que não era nada mais do que a abertura de um poço que não tinha mais de um metro e meio de largura e cuja borda tinha sido raspada no próprio nível do chão. Mas aconteceu o seguinte: como ele corria em um ritmo muito acelerado, seu próprio impulso o projetou contra a parede oposta, de modo que seus antebraços se apoiaram na borda externa e suas mãos se agarraram às raízes das plantas.

Talvez ele pudesse, tamanho era o seu vigor, ter se mantido com a força dos pulsos. Mas, imediatamente, respondendo ao ataque, o bandido apressou-se a vir ao encontro do agressor e, agora, a dez passos de dom Luís, ele o ameaçava com seu revólver.

— Não se mexa — gritou ele —, ou eu acabo com você.

Dom Luís se encontrava então reduzido à impotência, sob pena de suportar o fogo do inimigo.

Os olhares deles se encontraram por alguns segundos. Os olhos do aleijado ardiam em febre. Eram olhos de um doente.

Enquanto rastejava, atento aos menores movimentos de dom Luís, ele veio se agachar ao lado do poço. O braço estendido apontava a arma e o seu riso infernal voltava a jorrar:

"Lupin! Lupin! Lupin! Finalmente! A ruína de Lupin! Ah, mas você deve ser muito idiota! Todavia, eu avisei. Avisei com tinta de sangue. Lembre-se… *"O local da sua morte já foi escolhido. A armadilha está pronta. Tome cuidado, Lupin."* E aqui está você! Então não está na prisão? Você se safou de mais essa? Seu malandro… Ainda bem que eu previ esse risco e tomei minhas precauções, hein? O que achou do estratagema? Pensei comigo: "Toda a polícia vai ficar no meu encalço. Mas só há um que está à altura de me apanhar, só um, Lupin. Então, mostremos a ele o caminho, vamos guiá-lo como se usasse uma coleira por um pequeno caminho desenhado pelo corpo da vítima…" "E então, pontos de referência habilmente semeados aqui e ali… Aqui, o anel da donzela enrolado em

uma graminha, mais à frente, uma flor retalhada, um pouco mais longe, a marca de cinco dedos afundados na terra, em seguida, o sinal da cruz… Nenhuma chance de se enganar, hein? Enquanto você achava que eu era estúpido o suficiente para dar a Florence a oportunidade de brincar de o *Pequeno Polegar*, isso o levava diretamente para a boca do poço, para os ramos de ervas que eu usei para revesti-la, no mês passado, antecipando esta oportunidade. Lembre-se… *a armadilha está pronta*… E uma armadilha à minha maneira, Lupin, da melhor safra. Ah! É que o meu prazer é me livrar das pessoas com a ajuda e boa vontade delas. Colaboramos como bons camaradas. Já percebeu a situação, não é? Não ajo sozinho. São eles que fazem tudo, que se enforcam ou não se importam com picadas mal-dadas… a menos que eles prefiram a boca de um poço, como você, Arsène Lupin! Ah! Meu pobre velhote, em que miséria de situação você se meteu? Não, mas que cara é essa! Florence, veja a cara do seu amado!"

Ele se interrompeu, abalado por um ataque de riso que sacudia seu braço estendido, dava à sua figura a expressão mais bárbara e fazia suas pernas dançarem sob seu tronco como as pernas de um fantoche desarticulado. Na frente dele, o adversário estava enfraquecendo. O esforço se tornava cada vez mais desesperado e cada vez mais inútil. Os dedos, agarrados primeiro às raízes das ervas, se contraíam em vão nas pedras da parede. E os ombros afundavam pouco a pouco.

— Aqui estamos nós — balbuciou o bandido com contorções de alegria. — Deus! Como é bom rir! Especialmente quando nunca rimos… Mas não, eu sou sinistro, sou um homem de funerais! Não é verdade, minha Florence, que você nunca me viu rir? Mas também, é que desta vez é muito engraçado… Lupin em seu buraco e Florence em sua gruta. Um se agitando sobre o abismo e o outro resmungando sob sua montanha. Que espetáculo! Vamos, Lupin, não se canse desse jeito… Por que tanto fingimento? Tem medo da eternidade? Um homem honesto como você! O Dom Quixote dos tempos modernos! Vamos, permita-se descer… Não há sequer água no poço onde você poderia chafurdar… Não, é o deslizamento rumo ao desconhecido… Não ouvimos nem a queda dos seixos que atiramos para dentro dele, e há pouco atirei um papel em chamas, mas ele se perdeu na escuridão. *Brr!* Me deu até um frio na espinha. Vamos, coragem. É apenas um momento a passar, e você já viveu muitos outros! Bravo! Está quase lá.

Você está tomando partido. Ah, Lupin, Lupin!

"Como! Não vai me dizer adeus? Nem um sorriso, nem um agradecimento? Adeus, Lupin, adeus…"

Ele se calou. Estava esperando o terrível resultado que ele havia preparado com imensa genialidade, e todas as fases se desenrolaram de acordo com sua inflexível vontade.

Aliás, não demorou muito. Os ombros tinham se afundado. O queixo, e então a boca convulsionada por um sorriso de agonia, e depois os olhos, embriagados de terror, depois a testa, os cabelos, e toda a cabeça, enfim, a cabeça toda tinha desaparecido.

O aleijado olhava com um olhar de perdição, como se em êxtase, imóvel, com uma expressão de volúpia selvagem e sem dizer uma palavra que pudesse perturbar o silêncio e suspender o seu ódio.

À beira do abismo, tudo o que restava eram as mãos, as mãos tenazes, obstinadas, ferozes, inveteradas, as pobres mãos impotentes que ainda eram as únicas a viver e que, pouco a pouco, batiam em retirada com a morte, cediam, recuavam e desistiam.

E as mãos escorregaram. Por um momento, os dedos se prenderam como garras. Parecia mesmo, tão sobrenatural era seu esforço, que eles não desesperavam em trazer à luz e ressuscitar o cadáver já enterrado nas sombras. E depois, por sua vez, eles cansaram. E depois, depois, de repente, não se viu mais nada, não se ouviu mais nada…

O enfermo sobressaltou, como se relaxado, e, uivando de alegria:

— *Puf!* Finalmente! Lupin nas profundezas do inferno… É uma história terminada… *Pif! Paf! Puf!*

Voltando-se para Florence, ele dançou sua dança macabra novamente. Ele se endireitou e se agachou de repente, brincando com suas pernas como se fossem os farrapos grotescos de um espantalho. E ele cantava e assobiava e vomitava insultos e blasfemava de forma abominável.

Em seguida ele voltou para o buraco escancarado, e, de longe, como se com medo de se aproximar novamente, cuspiu dentro dele três vezes.

Isso não foi suficiente para o seu ódio. Havia detritos de estátuas no chão. Ele agarrou uma cabeça, rolou-a sobre a relva e a atirou no vazio. E a alguma distância havia massas de ferro, velhas bolas de canhão cor de ferrugem. Ele também as rolou até a borda e as empurrou. Cinco, dez, quinze bolas tombaram, seguindo-se uma à outra, e bateram uma na outra

e nas paredes com um barulho sinistro que o eco multiplicava, como os barulhos furiosos do trovão que se distancia.

— Toma, pega essa, Lupin! Ah, você já me incomodou o suficiente, seu canalha! Você enche meu caminho de obstáculos por causa dessa herança desgraçada! Toma, pega mais essa… e essa… Se você estiver com fome, aqui está algo para beliscar… Quer mais? Tome, coma, meu velho.

Ele vacilou, tomado por uma espécie de vertigem, e teve de se agachar. Estava ficando sem forças. No entanto, erguido por uma convulsão suprema, ele ainda teve energia suficiente para se ajoelhar diante do abismo e, inclinado para a escuridão, disse com a voz ofegante:

— Ora! Veja só, o cadáver não foi bater imediatamente na porta do inferno… A pequena vai se juntar a você em vinte minutos… Isso mesmo, às quatro horas… Você sabe que eu sou o homem da precisão… e do minuto exato… Às quatro horas ela chegará ao encontro… Ah! Eu já estava esquecendo… A herança, sabe… os duzentos milhões de Mornington. Pois bem! Vou embolsá-los. Mas sim… Você bem imagina que tomei todas as minhas precauções, certo? Florence explicará isso a você mais tarde… Foi tudo muito bem concebido… você vai ver… você vai ver…

Ele não conseguia mais falar. As últimas sílabas mais pareciam soluços. O suor escorria do cabelo e da testa, e ele desfalecia, gemendo, como um moribundo torturado pelos tormentos da agonia.

Ficou assim uns minutos, com a cabeça apoiada nas mãos e tremendo. Ele parecia sofrer até as profundezas de seu interior, em cada um de seus músculos retorcidos pela doença, em cada um de seus nervos desequilibrados. Então, sob a influência de um pensamento que parecia fazê-lo agir inconscientemente, uma de suas mãos deslizou em sacudidelas ao longo do corpo e, tateando, com crepitações de dor, ele conseguiu puxar do bolso e levar à boca um frasco de que ele avidamente bebeu dois ou três goles.

Quase de imediato ele se reanimou, como se tivesse absorvido calor e força. Seus olhos se tranquilizaram e sua boca esboçou um sorriso assustador. Ele disse, voltando-se para Florence:

— Não se alegre, pequena, ainda não é desta vez, e certamente terei tempo para cuidar de você. E depois disso, fim das chateações, dos truques e das batalhas que me estafam. A tranquilidade absoluta! A vida fácil! Mas que diabo, com duzentos milhões podemos nos mimar, não podemos,

menina? Vamos, vamos, é muito melhor.

O segredo de Florence

Chegou o momento em que a segunda parte do drama ia acontecer. Depois do suplício de dom Luís Perenna, era a vez do suplício de Florence. Carrasco monstruoso, o enfermo passava de um para o outro, sem mais misericórdia do que se tivesse abatido uma fera no matadouro.

Ainda exaurido, ele se arrastou até a jovem e, depois de pegar, em um estojo de metal polido, um cigarro que logo acendeu, ele disse a ela com um requinte de crueldade:

— Quando este cigarro for completamente consumido, Florence, será a sua vez. Não tire os olhos dele. Estes são os últimos minutos da sua vida que vão partir como cinzas. Não tire os olhos dele e reflita. Florence, você tem que entender isto: A pilha de pedras e rochas que estão sobre a sua cabeça sempre foi considerada por todos os proprietários deste local, e em particular pelo velho Langernault, como fadada a colapsar cedo ou tarde… E eu, eu mesmo, durante anos, com incansável paciência e sob a hipótese de uma ocasião propícia, me diverti a desfazê-la ainda mais, a miná-la com o auxílio das águas da chuva, enfim, a trabalhar de tal forma que, hoje, com toda franqueza, eu mesmo não entendo como tudo isso pode ainda se manter em equilíbrio. Ou melhor, eu entendo sim. O golpe de picareta que dei há pouco foi só um aviso. Mas basta que eu dê outro, no lugar certo, e que eu acerte um pequeno tijolo que está preso entre dois blocos para que a edificação desmorone como um castelo de cartas. Um pequeno tijolo, Florence, você ouviu, um tijolinho de nada, que por acaso escorregar entre os dois blocos que o sustentaram até agora. O tijolo salta, os dois blocos caem, e vrá, é a catástrofe.

Ele tomou fôlego e continuou:

— Depois? Depois disso, eis o que acontece, Florence. Ou o colapso acontecerá de tal forma que nem sequer poderão ver o seu cadáver — se alguma vez tiverem a ideia de vir buscá-la aqui —, ou de tal forma que seu cadáver será apenas parcialmente visível — caso em que eu me apressaria a cortar e fazer desaparecer os laços que o prendem. E então, o que as investigações irão supor? Que Florence Levasseur, perseguida pela justiça, escondeu-se numa gruta que desabou sobre ela. E ponto-final. Alguns *de profundis* pela imprudência, e não se fala mais nela. Quanto a mim… Quanto a mim, meu trabalho estando concluído, minha bem-amada morta, faço as malas, apago cuidadosamente todos os vestígios da minha passagem por aqui, ajeito toda a grama pisoteada, recupero meu automóvel, finjo de morto por um tempo, e depois, pimba, reviravolta, reivindico os duzentos milhões.

Ele soltou um riso de escárnio, deu duas ou três tragadas em seu cigarro e acrescentou pacificamente:

— Reivindico os duzentos milhões e os obtenho. Essa é a parte mais chique. Reivindico porque tenho direito a eles e já expliquei há pouco, antes da intrusão de senhor Lupin, como, desde o primeiro segundo da sua morte, tenho o direito mais legal e irrefutável a eles. E eu fico com eles porque é humanamente impossível levantar qualquer tipo de prova contra mim. Nem um fardo que me atinja. Suspeitas, sim, presunções morais, pistas, indícios, o que quiser, mas nenhuma prova material. Ninguém me conhece. Um me viu grande, o outro, pequeno. Meu nome é ignorado. Todos os meus crimes são anônimos. Todos os meus crimes são suicídios ou podem ser explicados como suicídios. Estou dizendo, a justiça é impotente. Lupin morto, Florence Levasseur morta, ninguém no mundo pode testemunhar contra mim. No caso de ser preso, terei de ser libertado com a absolvição definitiva. Serei definhado, execrado, odiado, difamado, amaldiçoado como os maiores malfeitores. Mas terei os duzentos milhões, e com isso, minha pequena, a amizade de muitas pessoas honestas! Repito, você e Lupin mortos, está acabado. Não há mais nada, mais nada além de alguns papéis e de alguns pequenos objetos que eu tive a fraqueza de guardar até agora nesta carteira, e que seriam suficientes para que cortassem minha garganta se eu não tivesse o plano de queimá-los um por um e de jogar as cinzas no fundo do poço. Então, Florence, como você pode ver, todas as precauções foram tomadas. Você não precisa esperar nem por

compaixão de um lado — pois a sua morte representa para mim duzentos milhões —, nem por ajuda do outro lado, pois ninguém sabe que eu a trouxe aqui e Arsène Lupin já não existe mais. Nestas condições, escolha, Florence. O desfecho do drama está em suas mãos: ou a sua morte, que é certa, inevitável, ou… ou a aceitação do meu amor. Responda sim ou não. Um aceno da sua cabeça decidirá o seu destino. Se é não, você morre. Se é sim, eu solto você, nós vamos embora, e mais tarde, quando sua inocência for reconhecida — e eu trato disso! — você se torna minha esposa. É sim, Florence?

Ele a interrogava com verdadeira ansiedade e uma fúria contida fazia sua voz tremer. Seus joelhos se arrastavam sobre os ladrilhos. Ele suplicava e ameaçava, ansioso para ser atendido e quase desejoso por uma recusa de tanto que sua natureza o impulsionava para o crime.

— É um sim, Florence? Um aceno de cabeça, por mais discreto que seja, e eu vou acreditar em você cegamente, pois você é alguém que nunca mente e sua promessa é sagrada. É sim, Florence? Ah! Florence, responda… É loucura hesitar! A sua vida depende de um sobressalto da minha ira… Responda! Veja, o meu cigarro está apagado… Vou jogá-lo fora, Florence… Um aceno com a cabeça… É sim? É não?

Ele se inclinou sobre ela e a sacudiu pelos ombros como se quisesse compeli-la ao sinal que lhe exigia, mas, de repente, tomado por uma espécie de frenesi, ele se levantou gritando:

— Ela chora! Ela chora! Ela se atreve a chorar! Mas, infeliz, acha que não sei por que está chorando? Eu conheço seu segredo, minha pequena, e sei que suas lágrimas não vêm do seu medo de morrer. Você? Ora, mas você não tem medo de nada! Não, é outra coisa. Quer que eu diga qual é o seu segredo? Mas não, não posso… não posso… as palavras me queimam os lábios. Oh, mulher maldita! Ah, terá sido por sua vontade, Florence, é você quem quer morrer já que chora! É você mesma quem quer morrer…

Enquanto falava, ele se apressou em agir e preparar a terrível coisa. A carteira de couro marrom que continha os papéis, e que ele tinha mostrado a Florence, estava no chão, ele a embolsou. Então, ainda tremendo, ele tirou o casaco, jogou-o em um arbusto próximo e, em seguida, pegou a picareta e subiu nas pedras mais baixas. E ele esperneava de raiva. E ele vociferava:

— Foi você quem quis morrer, Florence. Nada pode impedir você de morrer agora… Nem consigo ver mais o sinal da sua cabeça… Tarde demais! Você quis assim… Azar seu… Ah! Você chora! Você ousa chorar! Que loucura!

Ele estava quase em cima da gruta, à direita. Seu ódio o ergueu. Medonho, hediondo, atroz, os olhos vermelhos de sangue, ele introduziu o ferro da picareta entre os dois blocos onde o tijolo estava preso. Depois, ficando de lado, bem protegido, deu um primeiro golpe no tijolo, depois mais um. No terceiro, o tijolo saltou.

O que aconteceu foi tão abrupto que a pirâmide de escombros e pedras entrou em colapso com tamanha violência no vazio da gruta e na frente dela que o próprio aleijado, apesar de suas precauções, foi arrastado pela avalanche e lançado na grama. Uma queda sem gravidade e da qual ele imediatamente se levantou balbuciando:

— Florence! Florence!

A catástrofe, que ele tinha tão meticulosamente preparado e tão ferozmente provocado, parecia de repente perturbá-lo com seus resultados. Com um olhar assustado, ele procurava pela jovem. Ele se abaixou, rastejou em torno do caos envolto por uma poeira espessa. Olhou nos interstícios e não viu nada.

Florence estava enterrada sob os escombros, invisível como ele havia previsto, morta.

— Morta! — ele disse, olhando fixamente e parecendo atordoado. — Morta! Morta! Florence está morta!

Novamente ele caiu em uma prostração absoluta, que gradualmente dobrou suas pernas, o fez se ajoelhar e o paralisou. Seus dois golpes, tão próximos um do outro, e culminando em cataclismos que ele havia imediatamente testemunhado, pareciam tê-lo drenado de tudo o que lhe restava de energia. Sem ódio, já que Arsène Lupin já não estava mais vivo, sem amor, já que Florence não existia mais, ele tinha o aspecto de um homem que perdeu a própria razão de viver.

Duas vezes seus lábios articularam o nome de Florence. Ele lamentava por sua amada? Ao chegar ao final dessa série assustadora de crimes, ele evocava as etapas percorridas, todas marcadas por um cadáver? Será que algo como o despertar de uma consciência palpitava no fundo daquele homem bruto? Ou era na verdade uma espécie de torpor físico que

insensibiliza a fera saciada, farta de carne, embriagada de sangue e de torpor que é quase uma volúpia?

No entanto, ele repetiu o nome de Florence mais uma vez e lágrimas rolaram por suas bochechas.

Ele permaneceu assim por muito tempo, imóvel e sombrio, e quando, depois de tomar mais alguns goles de sua droga, voltou ao trabalho, isso aconteceu mecanicamente, sem a alegria que o fazia saltitar sobre suas pernas frágeis e o levava ao crime como se vai a uma festa.

Ele começou por retornar ao arbusto do qual Lupin o tinha visto emergir. Atrás desse arbusto havia, entre duas árvores, um abrigo sob o qual estavam instrumentos e armas, pás, ancinhos, espingardas, rolos de cordas e de arame.

Em algumas viagens, ele levou os objetos para perto do poço para atirá-los lá dentro ao ir embora. Em seguida ele examinou cada parcela do montículo que havia escalado, para ter certeza de que não havia deixado nenhum vestígio de sua passagem. O mesmo exame foi feito nos lugares do gramado por onde ele havia passado, exceto no caminho para o poço, que reservou para explorar por último. As gramíneas foram endireitadas e a terra pisoteada foi cuidadosamente achatada.

Ele parecia preocupado e, enquanto pensava em outra coisa, agia pelo hábito de um malfeitor que sabe o que deve fazer.

Um pequeno incidente pareceu despertá-lo. Uma andorinha ferida caiu perto dele. Com um gesto, ele a agarrou e a esmagou com as mãos, amassando-a como se faz com uma folha de papel enrolado. E seus olhos brilhavam de uma felicidade cruel ao contemplar o sangue que jorrava do pobre animal, corando suas mãos.

Mas quando atirou o pequeno cadáver disforme em uma moita, ele viu entre os espinhos um cabelo loiro e toda sua angústia voltou ao se lembrar de Florence.

Ele se ajoelhou diante da gruta em ruínas. Em seguida, quebrando dois pedaços de madeira, ele os colocou na forma de uma cruz sob uma das pedras.

Como estava curvado, do bolso de seu colete escorregou um pequeno espelho, que bateu em uma pedra e se quebrou.

Esse sinal de infortúnio o atingiu intensamente. Ele lançou um olhar suspeito ao seu redor e, tremendo de preocupação, como se estivesse se

sentindo ameaçado por poderes invisíveis, murmurou:

— Estou com medo… Vamos embora, vamos embora…

Seu relógio marcava quatro e meia.

Ele pegou seu casaco no arbusto onde o tinha colocado, vestiu as mangas e começou a procurar no bolso externo, à direita. Foi ali que ele guardou a carteira de couro marrom que continha os documentos.

— Estranho, muito estranho… — disse ele, com ar surpreso. — No entanto, eu tinha certeza…

Ele procurou no bolso externo esquerdo, depois no lateral, no de cima, e então, com uma agitação febril, em todos os bolsos internos.

A carteira não estava lá. E, surpreendentemente, todos os outros objetos de cuja presença nos bolsos de seu casaco ele não tinha dúvidas também não estavam lá, nem sua cigarreira, nem sua caixa de fósforos, nem seu caderno de notas.

Ele estava confuso. Seu rosto se desfigurou. Ele balbuciou palavras incompreensíveis, enquanto a mais formidável das ideias se apoderava de sua mente a ponto de imediatamente aparecer para ele como uma verdade absoluta: havia alguém no recinto do velho castelo.

Havia alguém no recinto do velho castelo! E esse alguém estava, naquele momento, escondido nos arredores das ruínas, ou talvez nas próprias ruínas! E esse alguém o tinha visto! E esse alguém tinha testemunhado a morte de Arsène Lupin e a morte de Florence Levasseur! E esse alguém, aproveitando-se da sua desatenção, e sabendo, por suas palavras, da existência dos papéis, revistou o casaco e esvaziou os bolsos!

Sua figura expressou a perturbação do homem acostumado aos feitos das trevas e que de repente descobre que outros olhos o surpreenderam em suas atividades abomináveis, e que esses mesmos olhos, agora, espiam seus gestos e veem aquele que nunca foi visto. De onde vinha esse olhar que o perturbava como o grande dia perturba a ave noturna? Seria aquele o olhar de um intruso escondido por acaso, ou de um inimigo obstinado por condená-lo? Ele era cúmplice de Arsène Lupin, um amigo de Florence, um membro da polícia? E esse adversário estava satisfeito com o saque ou se preparava para atacá-lo?

O aleijado não ousava se mexer. Ele estava lá, exposto às agressões, em campo aberto, sem nada para protegê-lo de golpes que poderiam atingi-lo antes mesmo que soubesse onde estava o adversário.

No entanto, o perigo iminente acabou por lhe injetar algum vigor. Ainda imóvel, ele primeiro inspecionou o ambiente com tamanha atenção que parecia que nenhum detalhe poderia lhe escapar. Quer estivesse entre as pedras do caos ou atrás dos arbustos, ou abrigado pela grande cortina de loureiros, ele teria distinguido claramente a tal silhueta.

Não vendo ninguém, ele avançou. Sua muleta o sustentava. Ele caminhava sem que seus passos e sem que essa muleta, que provavelmente tinha uma borracha de apoio na ponta, fizessem o menor barulho. A mão direita estendida segurava um revólver. O dedo indicador pesava no gatilho. Ao menor movimento suspeito, por menor que fosse mesmo, a ordem espontânea de seu instinto faria a bala derrotar o inimigo.

Ele seguiu para a esquerda. Havia desse lado, entre a extremidade do loureiro e as primeiras rochas esmagadas, um pequeno caminho de tijolos que devia ter sido feito por um muro desabado. O aleijado seguiu por esse caminho pelo qual o inimigo tinha conseguido passar, sem deixar rasto, até chegar no arbusto em que estava o casaco.

Os últimos ramos do loureiro o atrapalhavam e ele os afastou. Massas de arbustos se entrelaçavam. Para evitá-los, ele desviou pela base do montículo. Depois deu mais alguns passos, contornando uma rocha enorme.

E então, de repente, ele recuou e quase perdeu o equilíbrio, deixando sua muleta cair e o revólver escorregar de suas mãos.

O que ele tinha acabado de ver, o que observava, era de fato a visão mais aterradora que podia considerar. Diante dele, a dez passos de distância, não era um homem que estava em pé, com as mãos nos bolsos, as pernas cruzadas, e um dos ombros levemente apoiado contra a parede da rocha. Não era e não podia ser um homem, pois esse homem, como o aleijado sabia, estava morto, de uma morte da qual ninguém pode regressar. Era então um fantasma, e isso, essa aparição vinda do além-túmulo, trouxe ao aleijado o medo em seus últimos limites.

Ele tremia, novamente febril e vacilante. Seus olhos arregalados contemplavam o fenômeno inconcebível. Todo o seu ser, repleto de crenças e medos satânicos, curvava-se sob o fardo de uma visão à qual cada segundo acrescentava mais horror. Incapaz de fugir, incapaz de se defender, ele se prostrou de joelhos e não conseguia tirar os olhos desse homem morto que, apenas uma hora antes, ele tinha enterrado nas profundezas de

um poço, debaixo de uma mortalha de pedras e de granito.

O fantasma de Arsène Lupin!

Em um homem se pode mirar, pode-se atirar nele e matá-lo. Mas um fantasma! Um ser que não existe e, todavia, ainda tem todas as forças sobrenaturais! Para que lutar contra as maquinações infernais do que já não existe? De que serve recuperar a arma caída e apontá-la para o espectro impalpável de Arsène Lupin?

E ele viu uma coisa incompreensível: o fantasma tirou as mãos dos bolsos. Uma delas segurava uma cigarreira e o aleijado reconheceu o mesmo estojo de metal polido que ele tinha procurado em vão! Como duvidar então de que o ser que revistou o casaco foi precisamente aquele que abriu o estojo, escolheu um cigarro e riscou um fósforo, também pegou de uma caixa pertencente ao aleijado!

Milagre! Uma verdadeira chama nascia do fósforo! Prodígio espantoso! Espirais de fumaça saíam do cigarro, uma verdadeira fumaça cujo odor particular, que o aleijado conhecia tão bem, logo chegou até ele.

Ele escondeu a cabeça nas mãos. Não queria ver mais. Fantasma ou alucinação, emanação do outro mundo ou imagem nascida de seu remorso e projetada por ele, ele não queria mais que seus olhos fossem torturados.

Mas ele percebeu o som, cada vez mais distinto, de passos que se aproximavam! Sentiu uma presença estranha que crescia à sua volta! Um braço se estendeu! Uma mão segurou com um forte aperto sua pele e ele ouviu palavras serem pronunciadas por uma voz que era, sem qualquer possibilidade de se confundir, a voz humana e viva de Arsène Lupin!

— Vejamos, caro senhor, em que situação nos metemos? É claro que compreendo o que meu regresso repentino tem de insólito e até de inconveniente, mas, enfim, não é preciso se afligir tanto assim. Já se viu coisas muito mais extraordinárias, como a parada do sol por Josué… ou cataclismos muito mais sensacionais, como o terremoto de Lisboa em 1755. O sábio deve dar aos acontecimentos sua medida apropriada e julgá-los não por sua ação sobre seu próprio destino, mas por seu impacto sobre a fortuna do mundo. Ora, admita, sua pequena desventura é completamente individual e não afeta em nada o equilíbrio planetário. Marco Aurélio disse, página 84 da edição Hachette…

O aleijado teve a coragem de levantar a cabeça e a realidade agora aparecia com tal precisão que ele não podia mais fugir desse fato

indiscutível: Arsène Lupin não estava morto! Arsène Lupin, que ele tinha atirado para as entranhas da terra e a quem tinha esmagado tão seguramente como se esmagasse um inseto com o ferro de um martelo, Arsène Lupin não estava morto!

Como entender um mistério tão surpreendente? O enfermo nem sequer pensou em se perguntar. Somente isto importava: Arsène Lupin não estava morto. Os olhos de Arsène Lupin olhavam e sua boca articulava, como os olhos e como a boca de um homem vivo. Arsène Lupin não estava morto. Ele respirava. Ele sorria. Ele falava. Ele vivia!

E tanto era vida que o bandido tinha diante de si que, de repente, movido por uma ordem da sua natureza e por seu ódio implacável pela vida, ele se agachou por completo, pegou o revólver, empunhou-o e disparou.

Ele atirou, mas tarde demais. Dom Luís tinha desviado a arma com um chute. Com outro chute, ele a tirou das mãos do aleijado.

O bandido chiou de raiva e imediatamente, bastante ligeiro, na verdade, começou a revistar seus bolsos.

— É isso que deseja, senhor? — perguntou dom Luís, mostrando uma espécie de seringa carregada com um líquido amarelado. — Desculpe, mas eu tive medo que, como resultado de um movimento falso, o senhor picasse a si próprio. Seria isso que o senhor faria, não seria? Uma picada mortal. E eu não me perdoaria.

O aleijado estava desarmado. Ele hesitou por um momento, surpreso porque o adversário não o atacou mais violentamente, e procurou aproveitar dessa demora. Seus olhos, pequenos e inquietos, vagueavam à sua volta em busca de um projétil. Mas uma ideia pareceu assaltá-lo e, pouco a pouco, dar-lhe confiança, e, em um novo e verdadeiramente inesperado acesso de alegria, ele soltou sua risada mais estridente.

— E Florence! — ele exclamou. — Não esqueçamos de Florence. Porque é por aí que eu controlo você. Se eu errei, você com a minha arma, se você roubou meu veneno, tenho outra forma de atingi-lo, e direto no coração! Não é verdade que você não pode viver sem Florence? A morte de Florence é a sua sentença, não é? Com a morte de Florence, você mesmo coloca a corda no próprio pescoço, não é mesmo? Não é mesmo?

Dom Luís respondeu:

— De fato, se Florence morresse, eu não conseguiria viver sem ela.

— Ela está morta — gritou o bandido redobrando a alegria e saltitando sobre os joelhos. — Morta! O que significa morta! O que mais posso dizer além de morta! Um morto ainda mantém a aparência de um homem vivo. Mas isso é muito melhor! Não há nem cadáver, Lupin, um magma de carne e osso! Toda a pilha dos blocos de pedra desabou sobre ela! Você consegue ver daqui, não é! Que espetáculo! Vamos, rápido, é a sua vez de se mudar. Quer um pedaço de corda? Há! Há! Há! É de matar de rir. Mas eu disse a você, Lupin, nos encontramos na porta do inferno. Depressa, a bem-amada está à sua espera. Você hesita? E a velha educação francesa! Desde quando se deixa uma mulher esperar? Rápido, Lupin! Florence está morta!

Ele dizia isso com verdadeiro prazer, como se essa única palavra lhe parecesse deliciosa.

Dom Luís não tinha sequer levantado uma sobrancelha. Ele simplesmente pronunciou, acenando com a cabeça:

— Que pena!

O aleijado parecia petrificado. Todas as suas contorções de alegria, todas as suas mímicas de triunfo foram interrompidas. Ele balbuciou:

— Hein? O quê? O que você está dizendo?

— Eu disse — declarou dom Luís, que não se afastou de sua calma e cortesia e continuou a não tratar o enfermo com intimidade —, eu digo, caro senhor, que o senhor cometeu uma má ação. Nunca conheci uma natureza mais nobre e estimada do que a da senhorita Levasseur. Sua beleza incomparável, sua graça, a harmonia de seu corpo, sua juventude, tudo isso merecia outro tratamento. Na verdade, seria lamentável que tal obra-prima deixasse de existir.

O aleijado permaneceu com cara de estúpido. A serenidade de dom Luís o desconcertava. Ele articulou com um tom de voz inexpressivo:

— Repito que ela não existe mais. Então você não viu a gruta? Florence não existe mais!

— Eu não quero acreditar nisso — disse dom Luís calmamente. — Se assim fosse, o aspecto das coisas já não seria o mesmo. Haveria nuvens no céu. Não ouviríamos mais os pássaros cantarem e a natureza teria um ar de luto. Ora, os pássaros cantam, o céu está azul, todas as coisas estão em seu lugar, o homem honesto está vivo e o bandido rasteja aos seus pés. Como é que Florence não estaria viva?

Um longo silêncio seguiu essas palavras. Os dois inimigos, a três passos um do outro, olhavam-se nos olhos; dom Luís sempre tranquilo, o aleijado nas garras da mais louca angústia. O monstro compreendia. Por mais obscura que fosse a verdade, ela surgia diante dele com todo o brilhantismo de uma certeza cega. Florence Levasseur também estava viva! Humanamente, materialmente, isso não se encaixava nas coisas possíveis. Mas a ressurreição de dom Luís também não cabia dentro das coisas possíveis, e ainda assim dom Luís estava vivo e seu rosto não tinha sequer o traço de um arranhão e suas roupas nem sequer pareciam rasgadas ou sujas.

O monstro se sentiu perdido. O homem que o tinha entre suas mãos implacáveis era um daqueles cujo poder não tem limites. Ele era daqueles que escapam dos braços da morte e que arrancam vitoriosamente da morte os seres cuja custódia eles assumiram.

O monstro recuava, pouco a pouco, arrastando os joelhos pelo caminho de tijolos.

Ele recuava. Ele passava diante do caos que cobria a antiga localização da gruta e não virou seus olhos para esse lado, como se tivesse plena convicção de que Florence tinha emergido sã e salva do pavoroso sepulcro.

Ele recuava. Dom Luís havia tirado os olhos dele e, ocupado em desfazer um rolo de corda que tinha encontrado, parecia já não se importar mais com aquele homem.

Ele recuava.

E de repente, observando o inimigo, ele girou em seu próprio eixo, fez um esforço para se manter em pé sobre suas frágeis pernas e começou a correr na direção do poço.

Vinte passos o separavam do local. Ele chegou na metade, a três quartos de distância. O orifício já se abria diante dele. Ele estendeu os braços, com o gesto de um homem que quer espetar uma cabeça, e saltou.

Seu impulso foi interrompido. Ele rolou no chão e foi puxado brutalmente para trás, com os braços apertados tão violentamente em torno do busto que ele não conseguia mais se mover.

Foi dom Luís que, sem perdê-lo de vista, jogou sua corda preparada como um laço, e, no exato momento em que o homem se precipitava para o abismo, enrolou a corda em torno de seu corpo como um elo bastante sólido.

O aleijado se debateu durante alguns segundos, mas o nó apertado lhe feria a pele. Ele não se mexeu mais. Era o fim.

Então dom Luís Perenna, que o segurava pela outra extremidade da corda, foi até ele e terminou de amarrá-lo com o restante da corda. A operação foi minuciosa. Dom Luís repetiu o gesto várias vezes, também usando os rolos de cordas que o bandido tinha trazido para perto do poço e amordaçando-o com um lenço. Enquanto se dedicava à tarefa, explicou num tom de falsa cortesia:

— O senhor vê, as pessoas sempre se perdem por excesso de confiança. Elas não imaginam que seus adversários possam ter recursos que elas não têm. Então, quando me fez cair em sua armadilha, como pôde supor, caro senhor, que um homem como eu, que um homem como Arsène Lupin, agarrado à borda de um poço, com os antebraços no parapeito e os pés contra a parede interna, se deixaria sucumbir tão ingenuamente? Vejamos, o senhor estava a quinze ou vinte metros de distância e eu não teria tido forças para saltar ou coragem de enfrentar as balas do seu revólver quando, justamente, tratava-se de salvar Florence Levasseur e a mim mesmo! Mas, meu pobre senhor, o menor esforço teria sido suficiente, tenha certeza disso. Se eu não tentei esse esforço é porque eu tinha algo melhor a fazer, infinitamente melhor. E vou lhe dizer por que, caso esteja interessado em saber. Sim? Saiba então, senhor, que à primeira vista, meus joelhos e pés, arqueados contra as paredes exteriores, tinham demolido, eu percebi mais tarde, uma fina camada de gesso que fechava, neste lugar, uma antiga escavação feita no poço. Feliz coincidência, não é? É de natureza a mudar a situação. Imediatamente, elaborei meu plano. Enquanto fazia minha pequena encenação do cavalheiro que cairá num abismo, enquanto compunha a cara mais assustada, os olhos mais arregalados e o sorriso mais hediondo, ampliei essa escavação de modo a rejeitar os ladrilhos de gesso à minha frente para que a queda deles não fizesse barulho.

"Quando chegou a hora, logo no exato segundo em que meu rosto sofrido desapareceu diante dos seus olhos, eu simplesmente, e graças a um ousado giro, saltei para o meu esconderijo. Eu estava salvo.

"Eu estava salvo já que, precisamente, esse esconderijo estava cavado do lado onde o senhor caminhava e, completamente escuro, ele não projetava nem uma luz no poço. Desde então, só fiz esperar. Ouvi pacificamente os seus discursos e as suas ameaças. Deixei passar os seus projéteis. E, supondo

que o senhor tinha voltado para perto de Florence, eu estava prestes a deixar o meu refúgio, a regressar à claridade do dia e a atacá-lo pelas costas quando…”

Dom Luís virou o aleijado como se faz com um pacote embrulhado e retomou:

— O senhor já visitou, nas margens do Sena, na Normandia, o velho castelo feudal de Tancarville? Não? Pois bem, saiba que existe lá, fora das ruínas da masmorra, um poço antigo que oferece, como muitos outros poços da época, a peculiaridade de ter dois orifícios, um no topo, que se abre para o céu, o outro um pouco mais abaixo, escavado lateralmente na parede e que se abre para uma das salas da masmorra. Em Tancarville, esse segundo orifício está agora fechado por uma grade. Este aqui foi emparedado por uma camada de pedras e de gesso. E foi precisamente a memória de Tancarville que me fez permanecer, dado que não havia pressa, pois o senhor teve a gentileza de me avisar que Florence não se juntaria a mim no outro mundo antes das quatro horas.

“Então examinei o meu refúgio e, como tinha intuído, descobri que era o porão de uma construção agora demolida e sobre as ruínas das quais o jardim tinha sido criado. Palavra de honra, eu avancei tateando, seguindo a direção que, na parte de cima, teria me levado até a gruta. Meus pressentimentos não me enganaram. Um pouco de claridade era filtrada no topo de uma escada cujo degrau de baixo eu tinha alcançado. Subi. Do alto, reconheci o som da sua voz.”

Ininterruptamente, dom Luís virou o aleijado, imprimindo no movimento certa rudez. Então continuou:

— Eu gostaria de repetir, caro senhor, que o resultado teria sido exatamente o mesmo se eu o tivesse atacado diretamente, e desde o início, por terra. Mas, com essa possibilidade de reserva, admito que o acaso me foi bastante útil. Muitas vezes contrariado por ele durante a nossa luta, desta vez eu não tenho do que reclamar e percebi de tal forma a maré de sorte que não duvidei nem por um segundo que, depois de me oferecer a entrada para o caminho subterrâneo, ele também me levaria à saída. De fato, só tive de remover lentamente o frágil obstáculo de alguns tijolos acumulados que mascaravam o orifício para penetrar livremente no meio dos escombros da masmorra. Guiado pelo som da sua voz, deslizei entre as pedras e assim cheguei ao fundo da caverna onde Florence estava. É

engraçado, não é, caro senhor? E o senhor percebe tudo o que havia de cômico em ouvi-lo proferir os seus pequenos discursos:

"Responda sim ou não, Florence. Um aceno da sua cabeça decidirá o seu destino. Se é sim, eu solto você. Se é não, você morre. Responda, Florence. Um aceno da sua cabeça… É sim? É não?". E o final foi especialmente delicioso, quando o senhor subiu no topo da caverna e gritou lá de cima: "Foi você quem quis morrer, Florence! Você quis. Azar seu!". Pense, como foi engraçado! Naquele momento, não restava ninguém na gruta! Ninguém! De uma só vez, atraí Florence até mim e a coloquei em segurança. E tudo o que o senhor pode ter esmagado com seu desmoronamento foi talvez uma ou duas aranhas e algumas moscas que devaneavam sobre os ladrilhos. E pronto, a brincadeira tinha acontecido e a cena teatral tinha chegado ao fim. Primeiro ato: Arsène Lupin a salvo. Segundo ato: Florence Levasseur a salvo. Terceiro e último ato: Senhor monstro aniquilado. E como!

Dom Luís se levantou e contemplou sua obra com um olhar de extrema satisfação:

— Você está parecendo uma linguiça — exclamou ele, tomado pela sua natureza zombeteira e por seu hábito de tratar informalmente seus inimigos… — uma verdadeira linguiça! Bem, o senhor não é muito encorpado. Talvez uma salsicha de Lyon para uma família pobre! Mas enfim! Presumo que não ponha nenhuma sedução nisso, certo? Além disso, você não está tão pior assim como de costume, e de qualquer forma, está absolutamente apropriado para a ginástica que proponho. Você vai ver… é uma ideia muito original que eu tive. Não se impaciente.

Ele pegou uma das armas que o bandido tinha trazido e amarrou no meio dela a ponta de uma corda que tinha entre doze ou quinze metros de comprimento, e fixou a outra extremidade às cordas que amarravam o aleijado na altura das costas.

Depois, agarrou o prisioneiro firmemente pela cintura e o manteve suspenso sobre o poço.

— Feche os olhos se sentir tontura. E, acima de tudo, não tenha medo. Sou muito cuidadoso. Você está pronto?

Ele deixou o aleijado deslizar para o buraco escancarado e depois agarrou a corda que tinha acabado de amarrar. Então, pouco a pouco, polegada a polegada, cuidadosamente para que não batesse, a embalagem

foi abaixada com certa dificuldade. Quando ele chegou a uns doze metros de profundidade, a arma colocada transversalmente no poço o parou e ele permaneceu lá, suspenso na escuridão e no centro da estreita circunferência.

Dom Luís queimou vários punhados de papel que desabaram rodopiando e produziram clarões sinistros nas paredes.

Depois, incapaz de resistir à tentação de um apóstrofo final, inclinou-se como o bandido tinha feito e escarneceu:

— O lugar foi escolhido para que você não pegue uma constipação. O que você quer? Estou cuidando de você. Prometi a Florence não matar você, e ao governo francês, entregá-lo tão vivo quanto possível. Só que, como não sabia o que fazer com você até amanhã de manhã, resolvi deixá-lo tomar um ar. É uma ótima ideia, não é? Mas que não vai agradá-lo do jeito que você gostaria. Claro, reflita. A arma repousa em ambas as extremidades apenas em um espaço de dois ou três centímetros de comprimento. Por isso, por menos que você esperneie, por menos que se mexa, se você apenas respirar fundo, o cano da arma ou a coronha se quebram e ocorre o mergulho imediato e fatal. Quanto a mim, não tenho culpa de nada! Se você morrer, é um bom suicídio. Tudo o que precisa fazer é não se mexer, meu amigo.

"E a vantagem do meu pequeno mecanismo é que ele lhe dá um gosto das poucas noites que precederão a hora suprema em que sua cabeça será cortada. Você já está diante da sua consciência, frente a frente com o que lhe serve de alma, sem nada que perturbe seu silencioso colóquio. Eu sou gentil, hein, caro amigo? Bem, vou deixá-lo. E lembre-se: nem um gesto, nem um suspiro, nem um piscar de olhos, nem uma batida do coração. Sobretudo, não ria! Se você der risada, está perdido. Medite, é o melhor que pode fazer. Medite e espere. Adeus, senhor."

E dom Luís, satisfeito com o seu discurso, sussurrou:

— Ah, isso foi muito bom. Não vou chegar ao ponto de dizer, como Eugène Sue, que se deve arrancar os olhos dos grandes criminosos. Mas, mesmo assim, um bom castigo físico, temperado com angústia, é justo, higiênico e moral.

Dom Luís foi embora e, retomando o caminho dos tijolos, contornando o caos das ruínas, seguiu por um caminho que descia paralelamente ao muro do recinto até um bosque de pinheiros onde ele tinha abrigado

Florence.

Ela esperava, ainda bastante ferida pelo terrível suplício que enfrentou, mas já valente, controlada e sem se preocupar, aparentemente, com o resultado do combate travado entre dom Luís e o aleijado.

— Acabou — ele se limitou a dizer. — Amanhã eu o entregarei à justiça.

Um arrepio a abalou, mas ela ficou em silêncio enquanto dom Luís Perenna a observava, também em silêncio.

Era a primeira vez que eles estavam juntos e sozinhos desde que tantos dramas os haviam separado e depois projetado um contra o outro como inimigos implacáveis, e dom Luís experimentava uma emoção tão grande que só conseguia dizer frases insignificantes e sem relação com os pensamentos que o perturbavam:

— Seguindo por este muro e virando à esquerda, vamos encontrar o automóvel… A senhorita não está muito cansada para caminhar até lá? Uma vez no carro, vamos para Alençon… Há um hotel muito tranquilo perto da praça principal… a senhorita poderá esperar lá até que os acontecimentos tomem um rumo favorável… e isso não vai demorar muito, já que o culpado foi encontrado.

— Vamos — disse ela.

Ele não se atreveu a lhe oferecer ajuda. Além disso, ela avançava sem grandes dificuldades e seu busto harmonioso se curvava sobre suas ancas mantendo o mesmo ritmo. Dom Luís redescobria toda sua admiração e todo seu fervoroso amor por ela. No entanto, ela nunca lhe pareceu tão distante como naquele momento em que, por milagres de energia, ele tinha acabado de salvar a sua vida. Ela não o tinha agradecido, nem mesmo demonstrado um daqueles olhares ligeiramente enternecidos que recompensam qualquer esforço, e permanecia, como no primeiro dia, como a criatura misteriosa cuja alma secreta ele nunca tinha compreendido e sobre quem a tempestade de acontecimentos tão pavorosos não tinha lançado a menor claridade. O que é que ela pensava? O que queria? Para onde ia? Problemas obscuros que ele já não esperava resolver. A partir de então, cada um deles só se lembraria do outro com raiva e ressentimento.

“Bem, não,” ele disse a si mesmo enquanto ela ocupava o seu lugar na limusine, “bem, não, a separação não vai acontecer desta forma. As palavras que devem ser ditas entre nós serão ditas, e, quer ela goste ou não, vou

rasgar os véus sob os quais ela se esconde."

O trajeto foi rápido. No hotel de Alençon, dom Luís preencheu a ficha de Florence sob um nome qualquer. Então, deixando-a sozinha, uma hora depois ele veio bater à sua porta.

Mais uma vez, ele não teve coragem de abordar o assunto imediatamente como tinha decidido. Havia, aliás, outros pontos que ele queria esclarecer de imediato.

— Florence — disse ele —, antes de entregar esse homem, eu gostaria de saber o que ele era para a senhorita.

— Um amigo, um amigo infeliz por quem eu sentia pena — disse ela. — Hoje tenho dificuldade em entender a minha pena por um monstro como aquele. Mas há alguns anos, quando o conheci, foi pela sua fraqueza, por sua miséria física, por todos os sintomas de morte iminente que já o marcavam, foi por isso que me apeguei a ele. Ele chegou a me prestar alguns serviços e, apesar de ter passado a vida escondido, o que de certa forma me perturbava, ele pouco a pouco, e sem que eu percebesse, me dominou. Eu tinha fé na sua devoção absoluta e quando o caso Mornington veio à tona, foi ele quem, agora percebo, me guiou e, mais tarde, guiou também Gaston Sauverand. Foi ele quem me obrigou a mentir e a fingir, persuadindo-me de que estava agindo para salvar Marie-Anne. Foi ele quem nos inspirou tanta desconfiança contra o senhor, e que nos habituou tão bem a nos mantermos calados a respeito dele e de todas as suas ações, que Gaston Sauverand, durante a conversa com o senhor, sequer ousou falar dele. Como pude ser tão cega, não sei. Mas foi o que aconteceu. Nada me elucidou. Nada me fez suspeitar nem por um momento deste ser inofensivo e doente que passou metade da sua vida em casas de saúde e clínicas, que foi submetido a todas as cirurgias possíveis e que, ainda que me falasse algumas vezes do seu amor, não tinha a esperança de…

Florence não concluiu. Seus olhos tinham acabado de encontrar os de dom Luís, e ela tinha a profunda impressão de que ele não escutava o que ela estava dizendo. Ele a olhava e nada mais. As frases ditas caíam no vazio. Para dom Luís, as explicações relativas ao drama em si não significavam nada enquanto a luz não esclarecesse o único ponto que lhe interessava sobre os pensamentos obscuros de Florence em relação a ele, pensamentos de aversão, pensamentos de desprezo. Para além disso, qualquer palavra era vã e enfadonha.

Ele se aproximou da jovem e disse em voz baixa:

— Florence, Florence, a senhorita sabe dos meus sentimentos, não sabe?

Ela corou, confusa, como se essa pergunta tivesse sido a mais imprevista de todas as perguntas. No entanto, seus olhos não baixaram e ela respondeu sem rodeios:

— Sim, eu sei.

— Mas talvez — ele retomou com mais vigor — a senhorita ignore toda a profundidade deles? Talvez não saiba que minha vida não tem outro propósito além da senhorita?

— Eu também sei disso — disse ela.

— Então, se sabe — ele disse —, eu devo concluir que essa é precisamente a causa de sua hostilidade contra mim. Desde o início, fui seu amigo e só quis defendê-la. E ainda assim, desde o início, senti que era objeto de uma aversão ao mesmo tempo instintiva e racional de sua parte. Nunca vi nos seus olhos nada além de frieza, desconforto, desprezo e até repulsa. Em momentos de perigo, quando se tratava da sua vida ou da sua liberdade, a senhorita arriscava todas as imprudências em vez de aceitar meu auxílio. Eu era o inimigo, aquele de quem desconfiamos e em quem pensamos apenas com um certo medo. Isso não é ódio? E não é somente o ódio que pode explicar tal atitude?

Florence não respondeu de imediato. Parecia que ela adiava o momento de proferir as palavras que lhe vinham aos lábios. Seu rosto, enfraquecido pela fadiga e pelo sofrimento, tinha mais doçura do que o habitual.

— Não — disse ela —, não é apenas o ódio que explica tal atitude.

Dom Luís estava atordoado. Ele não compreendia muito bem o significado dessa resposta, mas a entonação que Florence tinha imprimido nela o perturbava profundamente e agora os olhos de Florence já não tinham sua habitual expressão de desdém e estavam plenos de graça e sorriso. E era a primeira vez que ela sorria diante dele.

— Fale, fale, eu lhe imploro — ele balbuciou.

— Eu quero dizer — ela retomou —, que há outro sentimento que explica a frieza, a desconfiança, o medo, a hostilidade. Nem sempre é daqueles que odiamos que fugimos com mais medo, e, se fugimos, muitas vezes é porque temos medo de nós mesmos e estamos envergonhados, e

nos revoltamos, e queremos resistir, e queremos esquecer, e não podemos…

Ela ficou em silêncio, e como ele estendia as mãos para ela, em desespero, e implorava por palavras e mais palavras, ela fez um sinal com a cabeça que significava que ela não precisava falar mais nada para que ele pudesse penetrar totalmente no fundo de sua alma e descobrir o segredo do amor que ela dissimulava.

Dom Luís vacilou. Ele estava embriagado de felicidade e quase dolorido por essa felicidade inesperada. Depois dos momentos horríveis que tinham acabado de acontecer no cenário impressionante do velho castelo, parecia-lhe loucura admitir que uma felicidade tão extravagante pudesse subitamente florescer no cenário banal daquele quarto de hotel. Ele desejaria ter espaço à sua volta, florestas, montanhas, a luz do luar, o esplendor de um sol poente, toda a beleza e poesia do mundo. No início, ele alcançou o pico mais alto da felicidade. A própria vida de Florence era evocada diante dele desde o momento de seu encontro até o trágico minuto em que o aleijado, inclinado sobre ela e vendo seus olhos cheios de lágrimas, gritava: "Ela chora! Ela se atreve a chorar! Que loucura! Mas eu conheço o seu segredo, Florence! E você chora! Florence, Florence, foi você quem quis morrer!"

Segredo do amor, arrebatamento da paixão que, desde o primeiro dia, a havia lançado tremendo em direção a dom Luís e que, desconcertando-a, enchia-a de medo, parecendo uma traição a Marie-Anne e Sauverand, pouco a pouco a distanciando e aproximando daquele que ela amava e admirava por seu heroísmo e sua lealdade, dilacerando-a de remorsos e transtornando-a como se tivesse cometido um crime, no final a entregou, impotente e indefesa, à influência diabólica do bandido que a cobiçava.

Dom Luís não sabia o que fazer, não sabia com que palavras expressar sua exaltação. Seus lábios tremiam, seus olhos marejavam. Obedecendo à sua natureza, ele teria agarrado a jovem e a teria beijado como faz uma criança, de boca e coração cheios. Mas um sentimento de muito respeito o paralisava. E, vencido pela emoção, caiu aos pés da jovem, gaguejando palavras de amor e adoração.

A redoma de lupinos

Na manhã seguinte, pouco antes das nove horas, Valenglay conversava em sua casa com o comandante-geral e perguntava:

— Então o senhor concorda comigo, meu caro comandante? Acredita que ele virá?

— Não tenho dúvidas, senhor presidente. E ele virá de acordo com a regra de exatidão que domina toda essa aventura. Ele virá, por zombaria, no último minuto antes das nove.

— O senhor acha? Acha mesmo?

— Senhor presidente, há vários meses eu persigo esse homem. No ponto em que as coisas chegaram, entre a morte e a vida de Florence Levasseur, se ele não destruir o bandido que está perseguindo, e se ele não o trouxer de volta, com pés e mãos amarrados, é porque Florence Levasseur está morta e porque ele, Arsène Lupin, também está morto.

— Ora, Lupin é imortal! — disse Valenglay, rindo. — Mas o senhor tem razão. Além disso, concordo plenamente com o senhor. Ninguém ficaria mais espantado do que eu se na hora exata o nosso excelente amigo não estiver aqui. O senhor disse que telefonaram ontem de Angers?

— Sim, senhor presidente. Os nossos homens tinham acabado de ver dom Luís Perenna. Ele os antecedeu a bordo de um aeroplano. Desde então, telefonaram-me uma segunda vez de Le Mans, onde tinham acabado de fazer uma busca num barracão abandonado.

— Essa busca já tinha sido feita por Lupin, pode ter certeza, e logo saberemos dos resultados. Veja, são nove horas.

No mesmo instante, ouviram o ronco de um automóvel. O veículo parou em frente à casa e, imediatamente, ouviram a campainha.

As ordens já tinham sido dadas. O visitante entrou. A porta se abriu e dom Luís Perenna apareceu.

Por certo, para Valenglay e para o comandante-geral, não havia nada fora do previsto, já que o oposto, como disseram, os surpreenderia. Mas a atitude dele traiu, apesar de tudo, essa espécie de espanto que se experimenta diante de coisas que excedem a medida humana.

— E então? — exclamou vivamente o presidente do Conselho.

— Está feito, senhor presidente.

— O senhor pôs as mãos no bandido?

— Sim.

— Santo Deus! — murmurou Valenglay —, o senhor é um homem e tanto.

E ele retomou:

— E o bandido? Um colosso, é claro, um bruto malvado e indomável?

— Um aleijado, senhor presidente, um degenerado… responsável, decerto, mas em quem os médicos poderão constatar todas as degradações, doença da medula espinhal, tuberculose etc.

— E esse é o homem que Florence Levasseur amava?

— Oh, senhor presidente — exclamou dom Luís vigorosamente —, Florence nunca amou esse miserável! Ela sentia por ele a pena que se tem por alguém que está destinado a uma morte iminente, e foi por pena que ela o deixou imaginar que, mais tarde, em um futuro indeterminado, ela se casaria com ele. Piedade feminina, senhor presidente, e bastante justificável, pois jamais, jamais mesmo, Florence teve o menor pressentimento do papel que esse indivíduo interpretava. Imaginando-o honesto e devoto, apreciando sua inteligência aguda e poderosa, ela lhe pedia conselhos e se deixava guiar por ele na luta pela salvação de Marie-Anne Fauville.

— O senhor tem certeza disso?

— Sim, senhor presidente, tenho certeza disso e de muitas outras coisas, já que tenho as provas nas mãos.

E imediatamente, sem mais preâmbulos, ele acrescentou:

— Senhor presidente, agora que o homem foi capturado, será fácil à justiça descobrir sobre sua vida nos menores detalhes. Mas, desde já, essa vida monstruosa pode ser resumida assim, levando em conta apenas a parte criminosa e deixando de lado três assassinatos que não se ligam por

qualquer fio à história da herança de Mornington.

"Vindo de Alençon, criado sob os cuidados do senhor Langernault, Jean Vernocq conheceu o casal Dedessuslamare, tomou o dinheiro deles e, antes que eles tivessem tempo para apresentar uma queixa contra esse desconhecido, levou-os a um celeiro no vilarejo de Formigny, onde, desesperados, inconscientes, idiotizados por drogas, eles se enforcaram.

"Esse celeiro estava localizado em uma propriedade chamada Vieux-Château, pertencente ao senhor Langernault, o protetor de Jean Vernocq. O senhor Langernault estava doente nessa época. Depois de se recuperar, enquanto estava limpando sua espingarda, ele recebeu em seu abdômen uma descarga completa de chumbo grande. A espingarda tinha sido carregada sem o conhecimento dele. Por quem? Por Jean Vernocq, que também, na noite anterior, tinha esvaziado o cofre do seu protetor.

"Em Paris, onde veio desfrutar da pequena fortuna assim acumulada, Jean Vernocq teve a oportunidade de comprar, de um de seus amigos patifes, documentos que atestavam o nascimento e os direitos de Florence Levasseur à herança da família Roussel e de Victor Sauverand, papéis que esse amigo tinha outrora roubado da antiga babá que tinha trazido Florence da América. Fazendo buscas, Jean Vernocq acabou encontrando, primeiro uma fotografia de Florence, depois a própria Florence. Ele fez-lhe favores, fingindo se dedicar a ela e a lhe consagrar sua existência. Naquele momento, ele ainda não sabia que benefício iria obter dos documentos roubados da menina e de suas relações com ela, mas de repente tudo mudou. Tendo descoberto, graças a indiscrição de um escrivão, a existência, na gaveta da senhora Lepertuis, de um testamento que ele devia estar curioso para conhecer, obteve, a partir desse escrivão (que, desde então, desapareceu), em troca de uma nota de mil francos, as informações que o documento continha. Tratava-se justamente do testamento de Cosmo Mornington. E Cosmo Mornington legava sua imensa fortuna aos herdeiros das irmãs Roussel e de Victor Sauverand.

"Jean Vernocq tinha encontrado seu negócio. Duzentos milhões! Para se aproveitar disso, para conquistar a fortuna, o luxo, o poder e os meios para comprar os grandes médicos do universo da saúde e da força física, bastava, primeiro, se livrar de todas as pessoas que se intrometiam entre a herança e Florence e, em seguida, quando todos os obstáculos fossem destruídos, casar-se com Florence.

“E Jean Vernocq partiu para a ação. Ele tinha finalmente encontrado nos documentos do senhor Langernault, um velho amigo de Hippolyte Fauville, detalhes sobre a família Roussel e sobre o desacordo do lar dos Fauville. Ao todo, apenas cinco pessoas o incomodavam; na linha de frente, naturalmente, Cosmo Mornington, então, por ordem de direitos, o engenheiro Fauville, seu filho Edmond, sua esposa Marie-Anne e seu primo Gaston Sauverand.

“Com Cosmo Mornington foi fácil. Tendo se apresentado como médico ao americano, ele colocou veneno em uma das ampolas que este último usava em suas injeções.

“Mas com Hippolyte Fauville, a quem ele havia sido recomendado pelo senhor Langernault e em cujo espírito ele rapidamente ganhou uma grande influência, Jean Vernocq teve mais dificuldade. Sabendo, por um lado, do ódio do engenheiro contra sua esposa, e sabendo, por outro lado, que ele sofria de uma doença fatal, foi ele que, em Londres, saindo de uma consulta especializada, incutiu na alma assustada de Fauville esse inacreditável projeto suicida cuja execução maquiavélica os senhores puderam acompanhar de perto. Dessa forma, e com um único esforço, anonimamente, como já foi dito, sem se envolver na aventura, sem que Fauville sequer tivesse consciência da ação exercida sobre ele, Jean Vernocq suprimia Fauville e seu filho e se livrava de Marie-Anne e de Sauverand, lançando sobre eles, diabolicamente, toda a responsabilidade desse assassinato de que ninguém no mundo poderia acusar Jean Vernocq.

“E o plano funcionou.

“Naquele momento, havia um único estorvo: a intervenção do inspetor Vérot. Mas o inspetor Vérot morreu.

“No futuro, apenas um perigo, a minha intervenção, a de dom Luís Perenna, cuja conduta Vernocq tinha de prever, uma vez que Cosmo Mornington me designou como legatário universal. Vernocq queria evitar esse perigo, primeiro oferecendo-me como habitação o palácio da praça do Palais-Bourbon e como secretária Florence Levasseur, depois, tentando me matar quatro vezes por intermédio de Gaston Sauverand.

“Assim ele mantinha em suas mãos todos os fios do drama. Proprietário do meu domicílio, impondo-se a Florence e mais tarde a Sauverand, pela força da sua vontade e pela astúcia do seu caráter, ele se aproximava de seu objetivo. Como meus esforços levaram à comprovação da inocência de

Marie-Anne Fauville e Gaston Sauverand, ele não hesitou. Marie-Anne Fauville morreu. Gaston Sauverand morreu.

"Então, tudo ia bem para ele. Eu estava sendo perseguido. Florence também. Ninguém suspeitava dele. E chegou o prazo fixado para a liberação da herança, que foi anteontem.

"Naquele momento, Jean Vernocq estava no centro da ação. Doente, tinha sido internado na clínica na avenida Ternes e de lá, graças à sua influência sobre Florence Levasseur, e por cartas enviadas de Versalhes à Madre Superiora, ele conduzia o caso. Por ordem da superiora, e sem saber o significado da iniciativa que ela estava tomando, Florence foi à reunião da Chefatura e levou os documentos que diziam respeito a si mesma. Enquanto isso, Jean Vernocq deixava a casa de saúde e se refugiava perto da Île Saint-Louis, onde esperava pelo fim de uma empreitada que, na pior das hipóteses, poderia voltar-se contra Florence, mas que, de forma alguma, aparentemente, poderia comprometê-lo.

"O restante da história o senhor já conhece, senhor presidente — concluiu dom Luís. — Florence, perturbada pela súbita visão do seu papel inconsciente no caso, e especialmente pelo papel terrível desempenhado por Jean Vernocq, fugiu da clínica onde o comandante-geral a tinha levado a meu pedido. Ela tinha uma única ideia: ver Jean Vernocq novamente, exigir dele uma explicação, ouvir dele a resposta que justificasse tudo aquilo. Nessa mesma noite, sob o pretexto de mostrar a Florence as provas da sua inocência, ele a levou de carro. É isso, senhor presidente."

Valenglay havia escutado com crescente interesse essa história sombria do gênio mais maléfico que se poderia imaginar. E talvez tivesse ouvido sem muito desconforto, de tanto que ela iluminava, em contrapartida, o espírito claro, fácil, feliz e tão espontâneo daquele que tinha lutado em prol da boa causa.

— E o senhor os encontrou? — ele perguntou.

— Ontem, às três horas, senhor presidente. Já não era sem tempo. Eu poderia até dizer que era tarde demais, já que Jean Vernocq começou por me mandar para o fundo de um poço e por esmagar Florence sob um bloco de pedra.

— Oh! Oh! Então o senhor morreu?

— Mais uma vez, senhor presidente.

— Mas e Florence Levasseur, por que esse bandido a queria morta? Essa morte destruiria seu indispensável projeto de casamento.

— São precisos dois para se casar, senhor presidente. Mas Florence se recusava.

— E então?

— Anteriormente, Jean Vernocq havia escrito uma carta na qual deixava tudo o que lhe pertencia a Florence Levasseur. Florence, sempre comovida de pena dele, e sem saber a importância de seu ato, tinha escrito a mesma carta. Essa carta constitui um verdadeiro e incontestável testamento em favor de Jean Vernocq. Herdeira legal e definitiva de Cosmo Mornington pelo simples fato de sua presença na reunião anteontem, e pela apresentação dos documentos que provam seu parentesco com a família Roussel, Florence, morta, passava seus direitos a seu herdeiro legal e definitivo. Jean Vernocq herdaria tudo, sem a menor possibilidade de contestação. E como, por falta de provas contra ele, teríamos que libertá-lo logo após sua prisão, ele teria vivido tranquilamente com quatorze assassinatos em sua consciência (eu fiz a conta), mas com duzentos milhões em seu bolso. Para um monstro da sua espécie, isto compensava aquilo.

— Mas o senhor tem todas essas provas? — interrogou vivamente Valenglay.

— Aqui estão elas — disse Perenna, apontando para a carteira de couro marrom que ele tinha tirado do casaco do aleijado. — Aqui estão cartas e documentos que o bandido manteve por uma aberração comum a todos os grandes malfeitores. Aqui, ao acaso, está a correspondência dele com o senhor Fauville. Aqui está o original do prospecto pelo qual me disseram que o palácio da praça do Palais-Bourbon estava à venda. Aqui está uma nota sobre as viagens que Jean Vernocq fez a Alençon para interceptar as cartas de Fauville ao senhor Langernault. Aqui, outra nota que prova que o inspetor Vérot tinha surpreendido uma conversa entre Fauville e seu cúmplice, que ele tinha roubado a fotografia de Florence e que Vernocq tinha enviado Fauville para persegui-lo. Aqui está uma terceira nota que é uma cópia das duas notas encontradas no volume oito de Shakespeare, e que mostra que Jean Vernocq, a quem estes volumes das obras de Shakespeare pertenciam, conhecia todas as maquinações de Fauville. Aqui está uma quarta nota, muito curiosa e de notável psicologia, onde ele mostra o processo de seu controle sobre Florence. Aqui está a

correspondência dele com o peruano Cacérès e as cartas de denúncia que ele deveria enviar para os jornais contra mim e contra o brigadeiro Mazeroux. Aqui… Será que ainda é necessário dizer mais alguma coisa, senhor presidente? O senhor tem nas mãos o mais completo dossiê. A justiça irá constatar que todas as acusações que eu fiz, anteontem, perante o comandante-geral, eram rigorosamente precisas.

Valenglay exclamou:

— E ele! Onde ele está, esse miserável?

— Lá embaixo, em um automóvel, ou melhor, no automóvel dele.

— O senhor preveniu meus agentes? — interrogou o senhor Desmalions, inquieto.

— Sim, senhor comandante. A propósito, o homem está cuidadosamente amarrado. Não há nada a temer. Ele não vai escapar.

— Ora — disse Valenglay —, o senhor cuidou de tudo, e parece-me que o caso está terminado. Um problema, no entanto, permanece obscuro, talvez o que mais arrebatou a opinião pública. Trata-se das marcas dos dentes na maçã, os dentes do tigre, como se diz, e que eram os da senhora Fauville, que, todavia, era inocente. O senhor comandante afirma que o senhor resolveu este caso.

— Sim, senhor presidente, e os documentos de Jean Vernocq provam que tenho razão. A propósito, o problema é muito simples. Eram de fato os dentes da senhora Fauville que tinham deixado as marcas na fruta, mas não foi a senhora Fauville quem mordeu a fruta.

— Oh! Oh!

— Senhor presidente, esta é, em certa medida, a frase com a qual o senhor Fauville se referiu a esse mistério em sua confissão pública.

— O senhor Fauville era um louco.

— Sim, mas um louco lúcido que raciocinava com uma lógica terrível. Há alguns anos, em Palermo, a senhora Fauville caiu de forma tão desastrosa que sua boca bateu no mármore de uma coluna e vários dos seus dentes, tanto em cima como embaixo, ficaram moles. Para reparar o mal, ou seja, para fazer a tala de ouro destinada a consolidá-los, e que a senhora Fauville usou por vários meses, o dentista fez um molde exato de sua arcada dentária, como de costume. Foi esse molde que o senhor Fauville conservou por acaso e que usou na noite da sua morte para imprimir na maçã as marcas dos dentes da sua mulher. Foi esse mesmo molde que o

inspetor Vérot conseguiu esconder por um momento e com o qual, desejando manter uma prova, tinha marcado a barra de chocolate.

A explicação de dom Luís foi seguida por um silêncio. A situação era tão simples que o presidente do conselho ficou espantado. Todo o drama, toda a acusação, tudo o que tinha causado o desespero e a morte de Marie-Anne, a morte de Gaston Sauverand, tudo isso repousava sobre um infinitamente pequeno detalhe no qual ninguém dentre os milhões e milhões de seres que tinham se apaixonado pelo mistério dos dentes do tigre pensou. Os dentes do tigre! Todos tinham adotado obstinadamente um raciocínio aparentemente incontestável de que, uma vez que a marca na maçã e a marca dos dentes da senhora Fauville eram exatamente as mesmas, e como duas pessoas no mundo não podem, nem teoricamente nem praticamente, deixar a mesma marca, a senhora Fauville era a culpada. Além disso, o raciocínio parecia tão rigoroso que, a partir do dia em que a inocência da senhora Fauville tinha sido conhecida, o problema tinha ficado em suspenso, sem que surgisse na mente de ninguém essa mísera ideia de que a marca da mordida de um dente pode ser obtida por outro meio além da mordida real desse dente.

— É como o ovo de Cristóvão Colombo — disse Valenglay, rindo. — Era preciso ter essa ideia.

— O senhor tem razão, senhor presidente. Não se costuma pensar nessas coisas. Outro exemplo: permita-me recordar que, na época em que Arsène Lupin se chamava tanto senhor Lenormand como Príncipe Paul Sernine, ninguém reparou que esse nome, Paul Sernine, era apenas o anagrama de Arsène Lupin. Bem, o mesmo acontece hoje! Luís Perenna é também o anagrama de Arsène Lupin. As mesmas letras compõem ambos os nomes. Nem uma a mais, nem uma a menos. E ainda assim, apesar de ter sido a segunda vez, ninguém foi sensato o suficiente para fazer essa pequena associação. Ainda o ovo de Cristóvão Colombo! Era preciso ter essa ideia!

Valenglay ficou um pouco surpreso com a revelação. Era possível dizer que esse diabo de homem tinha jurado confundi-lo até ao último minuto e atordoá-lo com as mais inesperadas reviravoltas. E como este último pintou bem o indivíduo, uma mistura bizarra de nobreza e descaramento, de malícia e de ingenuidade, de ironia sorridente e de charme perturbador, uma espécie de herói que, ao conquistar reinos à custa de aventuras

inconcebíveis, se divertiu misturando as letras de seu nome para pegar o público em flagrante delito de distração e de imprudência!

A conversa chegava ao fim. Valenglay disse a Perenna:

— Senhor, depois de realizar algumas maravilhas neste caso, o senhor de fato manteve sua palavra e entregou o bandido. Por isso, também mantenho minha palavra. O senhor está livre.

— Eu agradeço, senhor presidente. Mas e o brigadeiro Mazeroux?

— Ele será libertado esta manhã. O senhor comandante-geral providenciou para que as suas duas detenções não sejam divulgadas ao público. O senhor é dom Luís Perenna. Não há nenhuma razão para que não continue sendo dom Luís Perenna.

— E Florence Levasseur, senhor presidente?

— Ela deve se apresentar pessoalmente ao juiz de instrução. A absolvição é inevitável. Livre, protegida de qualquer acusação e até mesmo de qualquer suspeita, ela certamente será reconhecida como a herdeira legal de Cosmo Mornington e receberá os duzentos milhões.

— Ela não os quer, senhor presidente.

— Como assim?

— Florence Levasseur não quer esse dinheiro. Ele tem sido a causa de crimes terríveis. Ela tem horror a ele.

— E então?

— Os duzentos milhões de Cosmo Mornington serão totalmente usados para construir estradas e escolas no sul do Marrocos e no norte do Congo.

— Nesse império mauritano que o senhor nos ofereceu? — perguntou Valenglay, rindo. — Caramba, o gesto é nobre e eu o apoio de todo coração. Um império e um orçamento imperial… Na verdade, dom Luís pagou a seu país a totalidade… das dívidas de Arsène Lupin.

Oito dias depois, dom Luís Perenna e Mazeroux embarcaram no iate que tinha trazido dom Luís à França. Florence os acompanhou.

Antes de partir, eles souberam da morte de Jean Vernocq que, apesar das precauções adotadas, tinha conseguido se envenenar.

Chegando lá, dom Luís Perenna, sultão da Mauritânia, encontrou seus antigos companheiros e credenciou Mazeroux para eles e para seus grandes dignitários. Então, enquanto organizava a situação que deveria seguir sua abdicação e preceder a ocupação do novo império pela França, ele teve, nos confins do Marrocos, várias reuniões secretas com o general Lauty, chefe

das tropas francesas, durante as quais foram conjuntamente adotadas todas as medidas cuja execução progressiva conferia à conquista do Marrocos uma facilidade que não poderia ser explicada de outra forma. A partir de então, o futuro estava garantido. Um dia, quando chegar a hora, cairá a frágil cortina de tribos rebeldes que envolve as regiões pacificadas, descobrindo um império ordenado, regularmente constituído, atravessado por estradas, escolas e tribunais, em plena exploração e em plena efervescência.

Com seu trabalho realizado, dom Luís abdicou e regressou à França.

É inútil recordar do barulho causado por seu casamento com Florence Levasseur. As polêmicas mais uma vez recomeçaram e vários jornais exigiram a prisão de Arsène Lupin. Mas o que se poderia fazer? Embora ninguém duvidasse de sua verdadeira personalidade, embora os nomes de Arsène Lupin e de dom Luís Perenna fossem compostos por letras iguais — e essa coincidência acabou sendo notada —, legalmente Arsène Lupin estava morto, e legalmente dom Luís Perenna existia, sem que se pudesse ressuscitar Arsène Lupin ou eliminar dom Luís Perenna.

Hoje ele vive no vilarejo de Saint-Maclou, entre os graciosos vales que descem em direção às margens do rio Oise. Quem não conhece a sua modesta casa, pintada de rosa, adornada com persianas verdes, rodeada por um jardim com flores deslumbrantes? Aos domingos, as pessoas vão até lá, em parte por prazer, na esperança de ver através da cerca de sabugueiro, ou para encontrar, na praça do vilarejo, aquele que foi Arsène Lupin.

Ele está lá, a figura sempre jovem, a aparência de um adolescente. E Florence também está lá com seu corpo harmonioso, com a auréola dos seus cabelos loiros e seu rosto feliz que já não tem mais rastos da sombra de uma lembrança ruim.

Às vezes alguns visitantes vêm bater na pequena cerca de madeira. São pessoas desafortunadas que imploram pela ajuda do mestre. São oprimidos, vítimas, fracos que sucumbiram, exaltados que se perderam em paixões. Com todos eles, dom Luís é piedoso. Ele dá a eles sua atenção perspicaz, a ajuda dos seus conselhos, sua experiência, sua força e até seu tempo, quando necessário.

E muitas vezes há também um emissário da Chefatura, ou algum subordinado da polícia que vem apresentar a ele algum caso embaraçoso. E novamente, dom Luís esbanja os recursos inesgotáveis da sua mente.

Além disso, além dos antigos livros de moral e filosofia que ele encontrou com tanto prazer, ele cultiva seu jardim. Suas flores o fascinam. Ele tem orgulho delas. Ninguém se esqueceu do sucesso obtido, na exposição de horticultura, com o cravo triplo malhado de vermelho e amarelo que ele apresentou sob o nome de "cravo de Arsène".

Mas seu esforço visa grandes flores que florescem no verão. Em julho e agosto, dois terços de seu jardim e todos os canteiros de flores em seu quintal estão cheios delas. Soberbas plantas ornamentais que se erguem como mastros de bandeira, elas ostentam orgulhosamente espigas cristalizadas nas cores azul, roxo, violeta, rosa, branco, e justificam o nome que deram à sua propriedade, a "Redoma de lupinos".

Todas as variedades de lupinos são encontradas lá, o lupino de Cruikshanks, o lupino variegado, o lupino fragrante, e o último que apareceu, o lupino de Lupin.

Todos eles estão ali, magníficos, cerrados uns contra os outros como soldados de um exército, cada um deles se esforçando para dominar e oferecer ao sol a espiga mais abundante e resplandecente. Eles estão todos lá, e, no limiar da alameda que leva ao seu campo multicolorido, uma bandeirola carrega este lema, tirado de um belo soneto de José-Maria de Heredia:

"E meu quintal está cheio de lupinos."

Então é uma confissão? Por que não? Ele disse, numa entrevista recente:

— Eu o conheci muito bem. Ele não era um homem mau. Não chegarei ao ponto de equipará-lo aos sete sábios da Grécia, nem mesmo de oferecê-lo como exemplo às gerações futuras. No entanto, ele deve ser julgado com uma certa indulgência. Ele foi excessivo no bem e comedido no mal. Aqueles que foram castigados assim o mereceram e, mais cedo ou mais tarde, o destino os teria punido se ele não tivesse a precaução de tomar a iniciativa. Entre um Lupin que escolhia suas vítimas na gentalha dos maus ricos e um grande financista que rouba e lança na miséria a multidão de pessoas simples, a vantagem não é toda de Lupin? E, por outro lado, que abundância de boas ações! Que provas de generosidade e abnegação! Ladrão? Admito. Vigarista? Não nego. Ele foi tudo isso. Mas ele foi muito mais do que isso. E se ele divertiu o grande público por sua habilidade e engenhosidade, foi pelas outras coisas que ele o fascinou. As pessoas riam

de seus bons truques, mas se entusiasmavam com sua coragem, sua audácia, seu espírito de aventura, seu desprezo pelo perigo, seu sangue-frio, sua clarividência, seu bom humor, o esbanjamento de sua energia, todas as qualidades que brilharam em uma época em que, precisamente, as mais ativas virtudes de nossa raça eram exaltadas, a época heroica do automóvel e do aeroplano, a época que precedeu a grande guerra.

E como observaram:

— O senhor fala dele no passado. De acordo com o senhor, o ciclo de aventuras dele chegou ao fim?

— De maneira nenhuma. A aventura é a vida de Arsène Lupin. Enquanto ele viver, ela será o centro e o ponto culminante de mil e uma aventuras. Ele disse uma vez: "Eu gostaria de ver escrito em meu túmulo: *Aqui jaz Arsène Lupin, aventureiro*". Um dizer que é uma verdade. Ele foi um mestre da aventura. E, se a aventura o levou demasiadas vezes a remexer no bolso do próximo, também o levou a campos de batalha onde ela deu, àqueles que são dignos de lutar e vencer, títulos de nobreza que não estão ao alcance de todos. Foi lá que ele ganhou os seus. É lá que se deve vê-lo agir, e se empenhar, e enfrentar a morte, e desafiar o destino. E é por isso que ele tem de ser perdoado se por vezes desancou o comandante e, por vezes, roubou o relógio do juiz de instrução. Sejamos indulgentes com nossos professores de vitalidade.

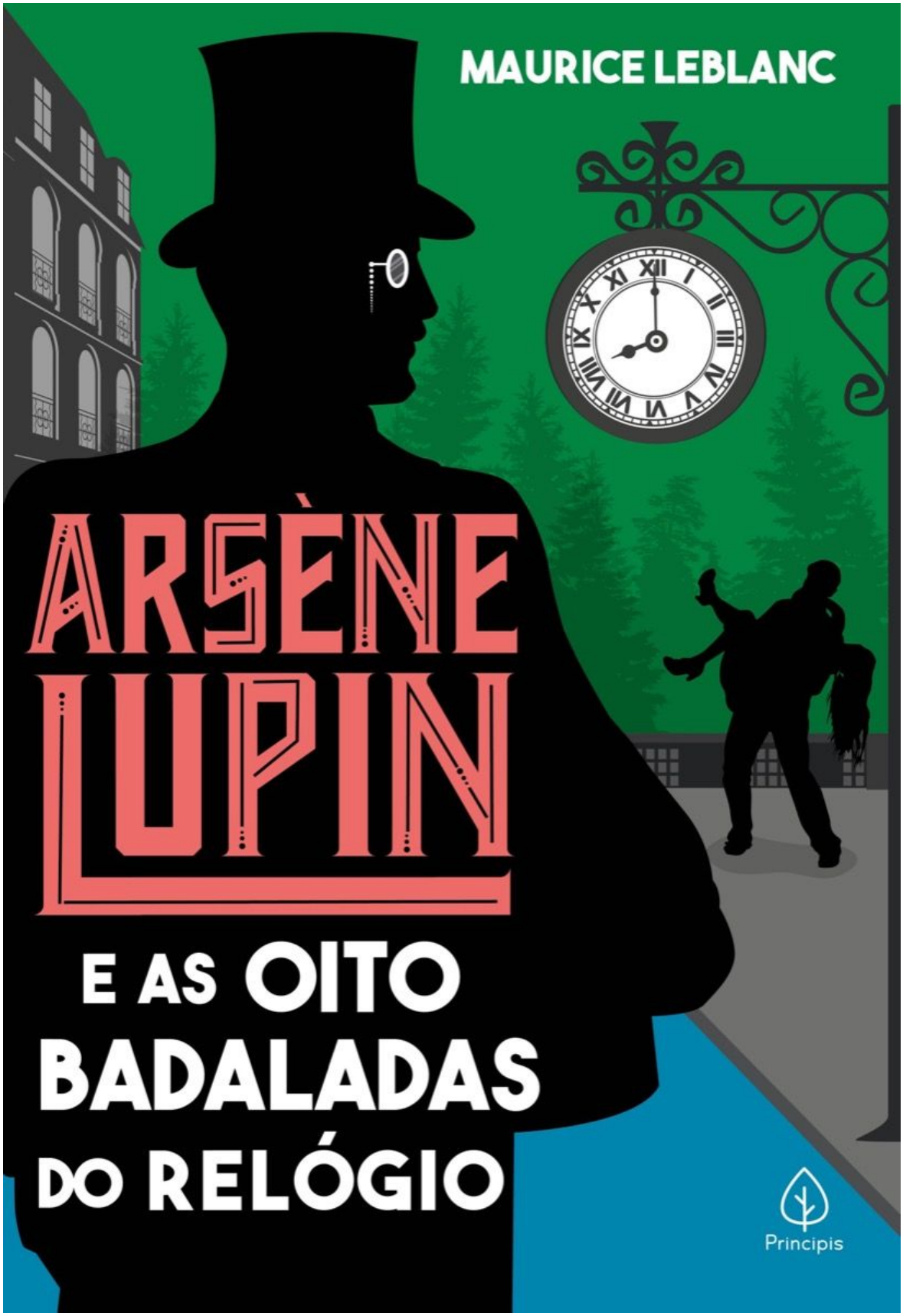
E dom Luís encerrou, acenando com a cabeça:

— Além disso, vocês compreendem, ele tinha outra virtude que não deve ser desprezada, e que deve ser levada em conta nestes tempos sombrios: ele era feliz!

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E AS OITO BADALADAS DO RELÓGIO



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E AS OITO BADALADAS DO RELÓGIO
Tradução
Cecilia Padovani
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original
Le huit coups de l'horloge
Traduzido do inglês
The eight strokes of the clock, título produzido por Eric Eldred e William Ellis
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Cecilia Padovani
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
ducu59us/shutterstock.com;
Valsheb/shutterstock.com;
alaver/shutterstock.com;
Potapov Alexander/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e as oito badaladas do relógio [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Cecília Padovani. — Jandira, SP : Principis, 2021.

224 p. ; ePUB ; 1,3 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: The eight strokes of the clock
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-534-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Padovani, Cecília. II. Título. III. Série.

2021-2201 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Nota do autor

Essas aventuras me foram contadas há muito tempo por Arsène Lupin[1], como se tivessem acontecido com um amigo seu chamado príncipe Rénine. Quanto a mim, considerando a forma como as ações foram conduzidas, o comportamento e o próprio caráter do herói, tenho muita dificuldade em não identificar os dois amigos como a mesma pessoa. Arsène Lupin é dotado de uma imaginação poderosa e é extremamente capaz de atribuir a si aventuras que não são de todo suas e de renegar aquelas que realmente o são. O leitor julgará por si mesmo.

Maurice Leblanc

---

[1] Arsène Lupin é um personagem de ficção francesa criado por Maurice Leblanc. Este ladrão cavalheiro é conhecido particularmente por seu talento em usar disfarces e mudar de identidade para cometer seus delitos. (N.T.)

No topo da torre

Hortense Daniel abriu a janela e sussurrou:

— Você está aí, Rossigny?

— Estou aqui — respondeu uma voz vinda dos arbustos do jardim da casa.

Ela se inclinou e avistou um homem bem gordo olhando em sua direção com sua cara vermelha grosseira, bochechas e queixo enfiados em bigodes desagradavelmente justos.

— E então? — ele perguntou.

— Bem, tive uma grande discussão com meu tio e minha tia na noite passada. Eles se recusam de toda maneira a assinar o documento enviado em rascunho por meu advogado, para restaurar o dote desperdiçado pelo meu marido.

— Mas seu tio é responsável pelos termos do acordo de casamento.

— Não importa. Ele se recusa.

— E o que pensa em fazer?

— Ainda está determinado a fugir comigo? — ela perguntou, rindo.

— Mais do que nunca.

— Suas intenções são estritamente honrosas, lembre-se!

— Como quiser. Você sabe que eu estou loucamente apaixonado por você.

— Infelizmente "eu" não estou perdidamente apaixonada por você!

— Então por que me escolheu?

— Oportunidade. Sinto-me entediada. Estava ficando extremamente cansada da minha existência. Então estou pronta para correr riscos… Aqui está minha bagagem: pegue!

Ela jogou pela janela duas grandes sacolas de couro. Rossigny as amparou nos braços.

— O dado está lançado — ela sussurrou. — Vá e espere por mim com seu carro na estrada. Irei a cavalo.

— Espere! Eu não posso fugir com seu cavalo!

— Ele voltará para casa sozinho.

— Excelente!… Oh, a propósito…

— O que é?

— Quem é príncipe Rénine, que está por aqui há três dias e que ninguém parece conhecer?

— Não sei muito sobre ele. Meu tio o conheceu na sessão fotográfica de um amigo e lhe pediu que ficasse aqui.

— Você parece tê-lo impressionado. Saiu para uma longa caminhada com ele ontem. É um homem de quem não gosto.

— Em duas horas deixarei a casa em sua companhia. O escândalo vai arrefecê-lo… Bem, já conversamos demais. Não temos tempo a perder.

Por alguns minutos ela ficou assistindo à cena do homem gordo se curvando sob o peso de suas malas enquanto se afastava para o abrigo de uma avenida vazia. Então fechou a janela.

Do lado de fora, no parque, os chifres dos caçadores faziam soar os acordes, chamados de *reveilles*. Os cães de caça rebentavam em latidos frenéticos. Era o dia de abertura da caçada naquela manhã no Castelo de la Marèze, onde todos os anos, na primeira semana de setembro, o conde d'Aigleroche, um poderoso caçador diante do Senhor, e sua condessa estavam acostumados a receber alguns poucos amigos e os proprietários de terras vizinhas.

Hortense acabou de se vestir lentamente, colocando roupas para cavalgada que revelavam suas formas bem torneadas. Um chapéu de feltro de abas largas envolvia seu lindo rosto e os cabelos castanhos. Sentou-se à escrivaninha para escrever ao tio, o senhor d'Aigleroche, uma carta de despedida a ser entregue naquela noite. Era uma carta difícil de se escrever e, depois de começá-la várias vezes, terminou desistindo da ideia.

— Escreverei para ele mais tarde — disse a si mesma. — Quando a raiva passar.

E então desceu as escadas para a sala de jantar.

Enormes troncos ardiam em chamas no coração do salão nobre. As paredes eram ornadas com troféus feitos de rifles e espingardas de caça. Os convidados se aglomeravam por todos os lados, apertando as mãos do conde d'Aigleroche, um daqueles típicos escudeiros do campo, de constituição pesada e poderosa, que vive apenas para caçar e atirar. Ele estava em pé diante do fogo, com um grande copo de *old brandy*[2] na mão, bebendo à saúde de cada recém-chegado.

Hortense beijou-o distraidamente.

— Tio! Normalmente está tão sóbrio!

— Ora! — ele respondeu. — Um homem pode se entregar um pouco uma vez por ano, certamente…

— A tia lhe dará uma repreensão…

— Sua tia está com uma de suas dores de cabeça crônicas e não descerá. Além disso — acrescentou com aspereza —, não é da conta dela… e muito menos da sua, minha querida criança.

O príncipe Rénine aproximou-se de Hortense. Era um homem jovem, muito bem vestido, com um rosto estreito e um tanto pálido, cujos olhos oscilavam entre a gentileza e a determinação, com a mais amigável e irônica expressão. Inclinou-se em sua direção, beijou-lhe a mão e disse:

— Posso lembrá-la de sua gentil promessa, querida senhora?

— Minha promessa?

— Sim, concordamos que deveríamos repetir nossa deliciosa excursão de ontem e tentar visitar aquele antigo local embarcado, cujo aspecto nos deixou tão curiosos. Parece ser conhecido como Domaine de Halingre.

Ela respondeu um tanto de supetão:

— Sinto imensamente, senhor, mas seria um pouco longe, e estou me sentindo um tanto cansada… Farei um galope no parque e voltarei para dentro de casa.

Houve uma pausa. Então Serge Rénine disse, sorrindo, os olhos fixos nos dela em um tom de voz que somente Hortense podia ouvir:

— Tenho certeza de que manterá sua promessa e que me deixará acompanhá-la. Será melhor.

— Para quem? Para o senhor, é o que quis dizer?

— Para você também. Posso lhe garantir.

Ela enrubesceu levemente, mas não respondeu. Cumprimentou algumas pessoas a seu redor e deixou a sala.

Um criado estava segurando o cavalo ao pé das escadas. Ela montou e partiu em direção ao bosque além do parque.

Era uma manhã fria e tranquila. O céu mostrava um azul cristalino, visível através das folhas que mal estremeciam. Hortense cavalgou em trote pelas avenidas sinuosas que em meia hora a levaram a um lado do campo de ravinas e ribanceiras entrecortadas pela estrada. Estacou. Não havia som algum. Rossigny devia ter desligado o motor e ocultado o carro na mata perto da encruzilhada.

Ela estava a quinhentos metros, no máximo, daquele espaço circular. Depois de hesitar por alguns segundos, apeou, amarrou o cavalo descuidadamente, para que o animal pudesse se soltar ao menor esforço e retornar a casa, envolveu o rosto no longo véu marrom que pairava sobre seus ombros e pôs-se a caminhar.

Como esperava, Hortense avistou Rossigny assim que chegou à primeira curva da estrada. Ele correu para encontrá-la e a levou para o bosque.

— Rápido, rápido! Oh, estava com tanto receio de que você se atrasasse… ou mudasse de ideia! Mas aqui está você! Parece bom demais para ser verdade!

Ela sorriu:

— Você parece muito feliz em fazer uma coisa tão idiota!

— Devo pensar que *sou* feliz! Assim como você, eu lhe prometo. Sua vida será um conto de fadas. Você terá luxo e todo o dinheiro que puder desejar.

— Não quero nem dinheiro nem luxo.

— Então o que você deseja?

— Felicidade.

— Você pode me confiar sua felicidade com toda segurança.

Ela respondeu, brincando:

— Tenho certas dúvidas quanto à qualidade de felicidade que você me dará.

— Aguarde! Você verá! Você verá!

Chegaram ao carro. Rossigny, ainda gaguejando expressões de deleite, ligou o motor. Hortense entrou e ajeitou o amplo xale sobre os ombros. O automóvel seguiu o caminho estreito e gramado que levava de volta ao cruzamento, e Rossigny estava aumentando a velocidade quando, de repente, foi forçado a frear. Um tiro tinha saído do bosque vizinho, à

direita. O carro estava balançando de um lado para o outro.

— Um pneu dianteiro estourou — Rossigny gritou, pulando para o chão assim que pararam.

— Claro que não! — Hortense falou. — Foi um tiro.

— Impossível, minha querida. Não fale bobagens.

Naquele momento, mais dois estouros foram ouvidos, um após o outro, vindos da mata, e eles sentiram duas estremecidas.

Rossigny exclamou, enfurecido:

— Os pneus traseiros também estouraram… ambos… Mas quem, diabos, pode ser o maldito? Deixe-me pegá-lo, só isso!

Ele subiu a ladeira do lado da estrada. Não havia ninguém por lá. Além disso, a vegetação bloqueava a vista.

— Maldição! Maldição! — praguejou. — Você estava certa: alguém atirou no carro! Oh, isto é uma grosseria! Ficaremos retidos por horas! Três pneus para consertar! Mas o que você está fazendo, querida menina?

Hortense saíra do carro e corria em sua direção, muito entusiasmada:

— Estou indo.

— Mas por quê?

— Quero saber. Alguém atirou. Preciso saber quem foi.

— Não deixe que nos separem, por favor!

— Você acha que ficarei aqui esperando por você durante horas?

— Mas e a sua fuga? Todos os nossos planos?

— Discutiremos tudo isso amanhã. Volte para casa. Leve minhas coisas com você… E adeus por enquanto.

Apressou-se em deixá-lo e teve a boa sorte de encontrar seu cavalo. Pôs-se a galope em uma direção que a levaria para longe de La Marèze.

Em sua mente não havia a mínima dúvida de que aqueles três tiros eram de autoria do príncipe Rénine.

— Foi ele — murmurou furiosamente —, foi ele. Ninguém mais teria sido capaz de um comportamento desses.

Além do mais, ele a havia avisado, à sua maneira sorridente e magistral, que a esperaria.

Chorava de raiva e humilhação. Naquele momento, se o encontrasse face a face, poderia golpeá-lo com seu chicote.

Diante dela descortinava-se um pitoresco e robusto trecho do país, situado entre o Orne e o Sarthe, acima de Alençon, e que é conhecido

como a Pequena Suíça. Colinas íngremes a obrigavam frequentemente a moderar o ritmo, tanto mais quando ainda precisava percorrer quase dez quilômetros antes de chegar a seu destino.

Mas, embora a velocidade com que ela cavalgava tenha se tornado menor e seu esforço físico diminuído gradualmente, persistia seu sentimento de indignação contra o príncipe Rénine. Ressentia-se não só pela ação intolerável da qual ele devia ser o culpado, mas também por seu comportamento para com ela nos últimos três dias, suas persistentes atenções, sua segurança, seu ar de cortesia excessiva.

Estava quase chegando. No fundo de um vale, uma velha parede de parque cheia de rachaduras e coberta por musgo e ervas daninhas revelava a torre de esferas de um castelo e algumas janelas com persianas fechadas. Aquele era o Domaine de Halingre. Ela contornou o muro e virou em uma esquina. No meio do espaço em forma de meia-lua diante do qual estavam as portas de entrada, Serge Rénine esperava ao lado de seu cavalo.

Hortense saltou. Ao mesmo tempo que ele se adiantava para saudá-la, com o chapéu na mão, ouviu-a dizer:

— Uma palavra, senhor, para começar. Algo quase inexplicável acabou de acontecer. Três tiros atingiram um carro no qual eu estava sentada. O senhor disparou aqueles tiros?

— Sim.

Ela mostrou perplexidade:

— Então você confessa?

— Senhora, você me fez uma pergunta e eu respondi a ela.

— Mas como ousou? O que lhe deu o direito?

— Eu não estava exercendo um direito, senhora; eu estava desempenhando um dever.

— De fato! E qual dever, rezar?

— O dever de protegê-la de um homem que está tentando lucrar com seus problemas.

— Eu o proíbo de falar assim. Sou responsável por minhas atitudes e tomei a decisão em perfeita liberdade.

— Senhora, eu ouvi sua conversa com o senhor Rossigny nesta manhã e não me pareceu que você o estivesse acompanhando com o coração leve. Admito a crueldade e o mau gosto de minha interferência e peço desculpas humildemente por isso; mas arrisquei ser chamado de desordeiro para lhe

dar algumas horas para reflexão.

— Já refleti o bastante, meu senhor. E, quando me decido, não mudo de ideia.

— Sim, às vezes a senhora muda. Caso contrário, por que está aqui em vez de lá?

Hortense ficou confusa por um momento. A raiva havia passado. Olhou para Rénine com a surpresa que se experimenta quando se depara com certas pessoas diferentes, mais capazes de realizações incomuns, mais generosas e desinteressadas. Percebeu perfeitamente que ele agira sem nenhum motivo ou cálculo, que estivera, como tinha dito, apenas cumprindo seu dever de cavalheiro para com uma mulher que estava tomando o rumo errado.

Ele falou, em tom de voz gentil:

— Sei muito pouco a seu respeito, senhora, mas o suficiente para me convencer a ajudá-la. Você tem 26 anos de idade e perdeu seus pais. Há sete tornou-se esposa do sobrinho do conde d'Aigleroche, que provou ser de mente insensata, meio louca de fato, e ele teve que ser confinado. Isto a impossibilitou de obter o divórcio e a obrigou, já que seu dote havia sido desperdiçado, a viver com seu tio e à custa dele. É um ambiente deprimente. O conde e a condessa não vivem em harmonia. Há alguns anos o conde foi abandonado por sua primeira esposa, que fugiu com o primeiro marido dela. Então marido e esposa abandonados decidiram, por despeito, unir suas fortunas, mas não encontraram nada além de decepção e má vontade neste segundo casamento. E você sofre as consequências. Eles levam uma vida monótona, estreita e solitária por onze meses ou mais do ano. Um dia você conheceu o senhor Rossigny, que se apaixonou por você e sugeriu uma fuga. Você não se importou com ele. Mas estava entediada, sua juventude sendo desperdiçada e você ansiava pelo inesperado, pela aventura… em uma palavra, você aceitou a fuga com a intenção muito definida de manter seu admirador a distância, mas também com a esperança bastante ingênua de que o escândalo forçaria a mão de seu tio e o faria honrar sua tutela e lhe garantiria uma existência independente. É assim que você está. No momento, precisa escolher entre colocar-se nas mãos do senhor Rossigny… ou confiar em mim.

Hortense o fitou. O que ele queria dizer com tudo aquilo? Qual a pretensão da oferta que fizera com tanta seriedade, como um amigo que

apenas deseja provar sua devoção?

Após momentos de silêncio, ele pegou os dois cavalos pelo cabresto e os amarrou. Então examinou os portões pesados, cada qual reforçado por duas tábuas pregadas em forma de cruz. Um cartaz eleitoral, datado de vinte anos antes, mostrava que ninguém entrara no domínio desde aquela época.

Rénine arrancou um dos postes de ferro que suportavam um gradeamento que contornava a meia-lua e o usou como alavanca. As tábuas podres cederam. Uma delas descobriu a trava, que ele atacou com uma grande faca, contendo uma série de lâminas e implementos. Um minuto depois, o portão se abriu, revelando um edifício longo e dilapidado, com uma torre em cada esquina e uma espécie de mirante, construído sobre uma torre mais alta, no meio.

O príncipe virou-se para Hortense:

— Não tenha pressa — disse ele. — Tome sua decisão hoje à noite. Caso o senhor Rossigny tenha sucesso em convencê-la pela segunda vez, então eu lhe dou minha palavra de honra que não cruzarei seu caminho. Até lá, dê-me o privilégio de sua companhia. Ontem nós decidimos explorar o castelo. Vamos em frente. Pode ser? É uma boa forma de passar o tempo, e eu tenho a sensação de que não será desinteressante.

Ele tinha uma maneira de falar que compelia à obediência. Parecia comandar e implorar ao mesmo tempo. Hortense nem mesmo procurou sacudir a energia na qual sua vontade estava lentamente se afundando. Simplesmente o seguiu para um voo meio demolidor de degraus no topo do qual havia uma porta igualmente reforçada por tábuas pregadas na forma de uma cruz.

Rénine trabalhou da mesma forma que antes. Logo entraram em um espaçoso salão pavimentado com lajes brancas e pretas, mobiliado com aparadores antigos e cantoneiras e adornado com um escudo que exibia restos de armaduras, representando uma águia em pé sobre um bloco de pedra, tudo meio escondido atrás de um véu de teias de aranha que pairava sobre a porta dupla.

— A porta da sala de visitas, evidentemente — disse Rénine.

Dessa vez ele encontrou mais dificuldade para abrir; somente após repetidas investidas de ombro foi capaz de mover uma das portas.

Hortense ainda não falara uma palavra. Contemplou não sem surpresa aquela série de entradas à força no castelo, acompanhadas de habilidades

realmente magistrais. Como que adivinhando seus pensamentos, ele falou em tom sério:

— É brincadeira de criança para mim. Eu já fui chaveiro.

Ela agarrou-lhe o braço e sussurrou:

— Ouça!

— O quê?

Ela aumentou a pressão da mão, para impor silêncio. No instante seguinte, ele murmurou:

— É mesmo muito estranho.

— Escute! Escute! — Hortense repetiu, perplexa. — Isso é possível?

Eles ouviram, não muito longe de onde estavam, um som, um leve toque recorrente em intervalos regulares; e tiveram apenas de escutar atentamente para reconhecer o tique-taque de um relógio. Sim, era isso, e nada mais quebrava o profundo silêncio da sala escura; era de fato o tique-taque deliberado, rítmico como a batida de um metrônomo, produzido por um pesado pêndulo de latão. Isso mesmo! E nada poderia ser mais impressionante do que a pulsação medida desse mecanismo trivial, que por algum milagre, algum fenômeno inexplicável, tinha continuado a viver no coração do castelo morto.

— E ainda — Hortense gaguejou, sem ousar levantar a voz — ninguém entrou na casa… ninguém. E é bem impossível que esse relógio tenha continuado por vinte anos sem terem dado corda…

— Quase impossível.

— E então?

Serge Rénine abriu as três janelas e atirou as persianas para trás.

Estava com Hortense em uma sala de visitas, como ele havia pensado; e o ambiente não mostrava o menor sinal de desordem. As cadeiras estavam em seus lugares. Não faltava nenhuma peça de mobiliário. As pessoas que tinham vivido ali e fizeram daquele o cômodo mais individual de sua casa tinham partido, deixando tudo como estava, os livros que eles costumavam ler, as bugigangas nas mesas e consoles.

Rénine examinou o relógio do velho avô, dentro de sua caixa alta esculpida que mostrava o disco do pêndulo através de um painel oval de vidro. Abriu a porta do relógio. Os pesos pendurados nas cordas estavam em seu ponto mais baixo.

Naquele momento houve um clique. O relógio bateu oito com uma nota grave da qual Hortense nunca se esqueceria.

— Que extraordinário! — ela exclamou.

— Incrível mesmo — concordou ele —, pois as batidas estão muito breves e dificilmente continuariam por uma semana.

— E você não vê nada fora do normal?

— Não, nada… ou ao menos…

Ele se abaixou e, da parte de trás da caixa, retirou um tubo de metal que estivera escondido pelos pesos. Segurou-o na direção da luz:

— Um telescópio[3] — disse, pensativo. — Por que eles o esconderam? E o deixaram totalmente oculto… isso é estranho…. O que significa?

O relógio, como às vezes acontece com alguns modelos, começou a bater uma segunda vez, soando oito badaladas. Rénine fechou o compartimento e continuou sua inspeção sem largar o telescópio. Um arco amplo conduziu da sala de visitas a um ambiente menor, uma espécie de sala de fumar. Aquele espaço também fora mobiliado e continha uma caixa de vidro para armas, cuja prateleira estava vazia. Pendurado em um painel próximo estava um calendário com a data de 5 de setembro.

— Oh! — Hortense gritou, assustada. — É o mesmo dia de hoje! Eles arrancaram as folhas até 5 de setembro…. E este é o aniversário! Que coincidência espantosa!

— Surpreendente — ele repetiu. — É o aniversário de sua partida… há vinte anos.

— Você deve admitir que tudo isso é incompreensível.

— Sim, claro… mas ao mesmo tempo… talvez não seja.

— Tem algum palpite?

Ele aguardou alguns instantes antes de responder:

— O que me intriga é esse telescópio escondido, guardado naquele canto, no último momento. Fico imaginando para que era usado. Das janelas do térreo nada se vê além das árvores do jardim… E o mesmo eu acredito que aconteça de todas aquelas janelas. Estamos em um vale, sem ao menos um horizonte aberto… Para usar o telescópio, a pessoa teria de ir ao topo da casa. Vamos subir?

Ela não hesitou. O mistério que envolvia toda a aventura despertou sua curiosidade de tal forma que não pôde pensar em nada além de acompanhar Rénine e ajudá-lo em suas investigações.

Subiram a escada e, no segundo andar, chegaram a um patamar onde encontraram a escadaria em espiral que levava ao mirante.

No topo havia uma plataforma ao ar livre, rodeada por um parapeito com mais de dois metros de altura.

— Devem ter ocorrido algumas batalhas — observou o príncipe Rénine. — Olhe aqui, havia buracos. Devem ter sido consertados.

— De qualquer modo — ela falou —, o telescópio não tinha utilidade aqui também e podemos descer.

— Não concordo. A lógica nos diz que deve ter havido alguma lacuna através da qual o país pôde ser visto, e este foi o local onde o telescópio foi usado.

Ele se elevou com um impulso ao topo do parapeito e notou que, daquele ponto de observação, podia observar todo o vale, incluindo o parque, com suas árvores altas marcando o horizonte, e mais além, em uma depressão na mata subindo a colina, a uma distância de cerca de setecentos a oitocentos metros, ficava outra torre, baixa e em ruínas, coberta de hera de cima a baixo.

Rénine resumiu sua inspeção. Ele parecia considerar que a chave do problema estava no uso dado ao telescópio, portanto o enigma seria resolvido apenas se pudessem descobrir essa utilidade.

Analisou os buracos, um após o outro. Um deles, ou melhor, o lugar que ocupava, atraiu sua atenção mais que os outros. No meio da camada de gesso que tinha servido para consertá-lo, havia um vão cheio de terra no qual as plantas tinham crescido. Ele as arrancou e removeu a terra, limpando assim a boca de uma lacuna de cerca de doze centímetros de diâmetro, que penetrava completamente na parede. Ao se inclinar para a frente, Rénine percebeu que aquela abertura profunda e estreita levava inevitavelmente o olhar para acima das copas densas das árvores e, pela depressão na colina, até a torre coberta de hera.

Na parte inferior desse canal, em uma espécie de sulco que o atravessava como uma sarjeta, o telescópio se encaixou tão exatamente que era impossível deslocá-lo, por menos que fosse, tanto para a direita quanto para a esquerda.

Rénine, depois de limpar a parte externa das lentes, tomando cuidado para não afetar a precisão do instrumento, colocou seu olho na ponta menor.

Ele permaneceu por trinta ou quarenta segundos, olhando com atenção e em silêncio. Então levantou-se e disse, com uma voz rouca:

— É terrível… realmente terrível.

— O que é? — perguntou ela, ansiosa.

— Veja.

Hortense se inclinou, mas a imagem não estava clara, e o telescópio precisou ser ajustado à sua visão. No momento seguinte, ela estremeceu e falou:

— São dois espantalhos, não são, ambos presos na parte superior? Mas por quê?

— Olhe novamente. Com mais cuidado, sob os chapéus… os rostos…

— Oh! — gritou, pálida de espanto. — Que horrível!

O campo do telescópio, como a imagem circular mostrada por uma lanterna mágica, apresentava este espetáculo: a plataforma de uma torre quebrada, cujas paredes eram mais altas no lado mais distante e formavam como se fosse um pano de fundo, sobre o qual subiam ondas de hera. Na frente, em meio a um aglomerado de arbustos, estavam dois seres humanos, um homem e uma mulher, encostados para trás contra um amontoado de pedras caídas.

Mas as palavras *homem* e *mulher* dificilmente poderiam ser aplicadas àquelas duas formas, dois sinistros fantoches que, de fato, usavam roupas e chapéus, ou melhor, pedaços de roupas e restos de chapéus, mas tinham perdido os olhos, as bochechas, os queixos, cada partícula de carne, até que, na verdade, nada mais eram do que dois esqueletos.

— Dois esqueletos — Hortense balbuciou. — Dois esqueletos vestidos. Quem os carregou para lá?

— Ninguém.

— Mas…

— Aquele homem e aquela mulher devem ter morrido no topo da torre, há muitos e muitos anos... e a carne deles apodreceu sob as roupas, e as aves de rapina os comeram.

— Mas isso é horrendo, horrendo! — Hortense gritou, pálida como a morte, o rosto transfigurado de pavor.

Meia hora depois, Hortense Daniel e Rénine deixaram o castelo de Halingre. Antes de sua partida, eles haviam ido até a torre completamente coberta de hera, os restos de uma antiga torre de menagem[4], mais da

metade demolida.

O interior estava vazio. Parecia ter havido uma maneira de subir até o topo, em um tempo relativamente recente, por meio de escadas de madeira que agora estavam quebradas e espalhadas sobre o chão. A torre ficava encostada na parede que marcava o final do parque.

Um fato curioso, que surpreendeu Hortense, foi que o príncipe Rénine havia negligenciado a busca por uma investigação mais minuciosa, como se o assunto tivesse perdido todo o interesse para ele. Não falou mais sobre o tema e, na pousada em que pararam para tomar uma refeição leve na aldeia mais próxima, foi ela quem perguntou ao senhorio sobre o castelo abandonado. Mas nada soube de útil, pois o homem era novo no distrito e não podia lhe dar nenhum detalhe. Sequer sabia o nome do proprietário.

Eles viraram a cabeça de seus cavalos para La Marèze. Mais uma vez Hortense relembrou a visão esquálida daquele casal. Mas Rénine, que estava animado e cheio de atenções, parecia totalmente indiferente a essas questões.

— Mas, afinal — ela exclamou impaciente —, não podemos encerrar o assunto assim! É preciso haver uma solução.

— Como você diz — ele respondeu —, é necessária uma solução. O senhor Rossigny precisa entender onde está, e você precisa realmente decidir o que fazer com ele.

Ela relaxou os ombros:

— Ele não tem importância no momento. O foco de hoje…

— É o quê?

— É saber de quem são aqueles dois corpos.

— Mesmo assim, Rossigny… — ele tentou retomar.

— Rossigny pode esperar. Mas eu, não. Você me mostrou um mistério que agora é a única coisa que importa. O que você pretende fazer?

— Fazer?

— Sim. Há dois corpos… Você informará a polícia, suponho.

— Pela bondade divina! — exclamou, rindo. — Para quê?

— Bem, há um enigma que tem de ser esclarecido a todo custo, uma tragédia terrível.

— Não precisamos que ninguém faça isso.

— Como assim? Você quer dizer que compreendeu aquilo tudo?

— Quase tão claramente como se eu o tivesse lido em um livro, contado em todos os detalhes, com ilustrações explicativas. É tudo tão simples!

Observou-o com atenção, tentando imaginar se estaria zombando dela. Mas ele parecia bastante sério.

— Então? — perguntou, tremendo de curiosidade.

A luz começava a diminuir. Eles tinham trotado em um bom ritmo e se aproximaram de La Marèze.

— Então — disse ele — vamos obter o restante das informações de pessoas que vivem ao redor de… seu tio, por exemplo; e você verá com que lógica todos os fatos se encaixam. Quando você segura o primeiro elo de uma corrente, você está obrigado, queira ou não, a chegar ao último. É a maior diversão do mundo.

Uma vez dentro de casa, eles se separaram. Chegando a seu quarto, Hortense encontrou sua bagagem e uma carta furiosa de Rossigny, na qual ele se despedia e anunciava sua partida.

Então Rénine bateu à sua porta:

— Seu tio está na biblioteca — disse ele. — Você descerá comigo? Eu mandei dizer que estou a caminho.

Ela o acompanhou. Rénine acrescentou:

— Uma palavra mais. Hoje de manhã, quando frustrei seus planos e lhe implorei que confiasse em mim, naturalmente assumi uma obrigação para com você, o que pretendo cumprir sem demora. Quero lhe dar uma prova positiva disto.

Hortense riu:

— A única obrigação que você assumiu foi a de satisfazer minha curiosidade.

— Será satisfeita, assegurou-lhe com seriedade. E mais plenamente do que pode imaginar.

O senhor D'Aigleroche estava sozinho. Fumava seu cachimbo e bebia *sherry*[5]. Ofereceu um copo a Rénine, que recusou.

— Bem, Hortense! — disse o tio, em uma voz bastante grossa. — Você sabe que aqui é bastante monótono, exceto nestes dias de setembro. Você deve aproveitá-los ao máximo. Já teve um passeio agradável com Rénine?

— Era disso mesmo que eu gostaria de lhe falar, meu caro senhor — interrompeu o príncipe.

— Você deve me desculpar, mas eu tenho de ir à estação em dez minutos, para encontrar um amigo de minha esposa.

— Oh, dez minutos serão mais que suficientes!

— Só o tempo de fumar um cigarro?

— Não mais.

Ele pegou um cigarro da mala que D'Aigleroche lhe entregou, acendeu-o e disse:

— Devo lhe dizer que nossa cavalgada nos levou, por acaso, a um antigo domínio que certamente conhece, o Domaine de Halingre.

— Certamente eu o conheço. Mas está fechado, embargado há cerca de vinte e cinco anos. Vocês não foram capazes de entrar, suponho.

— Sim, fomos.

— Sério? Foi interessante?

— Extremamente. Descobrimos as coisas mais estranhas.

— Que coisas? — perguntou, olhando para seu relógio.

Rénine descreveu o que eles tinham visto:

— Em uma torre, a alguma distância da casa, havia dois cadáveres, dois esqueletos… um homem e uma mulher ainda usando as roupas que tinham vestido quando foram assassinados.

— Ora, convenhamos! Assassinados?

— Sim; e é por isso que viemos incomodá-lo. A tragédia deve remontar a cerca de vinte anos. Não se sabia de nada sobre isso na época?

— Certamente não — declarou. — Eu nunca ouvi falar de tal crime ou desaparecimento.

— Oh, não me diga! — Rénine pareceu um tanto desapontado. — Esperava obter alguns detalhes.

— Sinto muito.

— Nesse caso, peço desculpas.

Ele consultou Hortense com um olhar e andou em direção à porta. Mas então mudou de ideia:

— Poderia ao menos, meu querido senhor, colocar-me em contato com algumas pessoas da vizinhança, alguns membros de sua família que poderiam saber mais sobre esse assunto?

— Da minha família? E por quê?

— Porque o Domaine de Halingre pertencia e sem dúvida ainda é da família d'Aigleroche. Uma águia em um bloco de pedras, sobre uma rocha.

Isso imediatamente sugeriu a conexão.

Dessa vez o conde pareceu surpreendido. Empurrou para trás seu decantador, seu copo de *sherry* e disse:

— O que é isso que você está me dizendo? Eu não tinha ideia de que tínhamos vizinhos assim.

Rénine fez um meneio com a cabeça e sorriu:

— Eu deveria estar mais inclinado a acreditar, talvez, que não estivesse muito ansioso por admitir qualquer relação entre o senhor… e o proprietário desconhecido daquele lugar.

— Então ele não é um homem respeitável?

— O homem, para dizer claramente, é um assassino.

— O que você quer dizer?

O conde se levantara da poltrona. Hortense, muito entusiasmada, disse:

— Você está realmente convicto de que houve assassinatos e que foram cometidos por alguém relacionado à casa?

— Bastante..

— Mas por que razão tem tanta certeza?

— Porque eu sei quem eram as duas vítimas e o motivo que as fez serem assassinadas.

O príncipe Rénine fazia somente declarações positivas, e seu método sugeria a crença de que se apoiava nas provas mais fortes.

O senhor d'Aigleroche andava para cima e para baixo, com as mãos atrás das costas. Acabou dizendo:

— Sempre tive uma sensação instintiva de que algo havia acontecido, mas nunca tentei descobrir… De fato, há vinte anos um parente meu, um primo distante, vivia no Domaine de Halingre. Eu esperava, por causa do nome que tenho, que esta história, de que, como digo, nunca soube, mas suspeitei, ficasse escondida para sempre.

— Então esse primo matou alguém?

— Sim, ele foi obrigado a fazer isso.

Rénine franziu a testa:

— Sinto muito ter que emendar essa frase, meu caro senhor. A verdade, ao contrário, é que seu primo tirou a vida de suas vítimas a sangue-frio e de forma covarde. Nunca ouvi falar de um crime mais deliberado e planejado com mais astúcia.

— O que é que você sabe?

Tinha chegado a hora de Rénine se explicar, o momento solene e angustiante, cuja gravidade Hortense compreendia, embora ainda não adivinhasse nenhuma parte da tragédia que o príncipe desdobrava passo a passo.

— É uma história muito simples — disse ele. — Há todos os motivos para acreditar que o senhor d'Aigleroche era casado e que havia outro casal vivendo no bairro, com quem o proprietário do Domaine de Halingre tinha uma relação amigável. O que aconteceu um dia, qual dessas quatro pessoas primeiro perturbou as relações entre os dois lares, não posso dizer. Mas uma versão provável, que ocorre imediatamente à mente, é de que a esposa de seu primo, senhora d'Aigleroche, tinha o hábito de encontrar o outro marido na torre coberta de hera, que tinha uma porta aberta do lado de fora da propriedade. Ao descobrir a intriga, seu primo d'Aigleroche resolveu se vingar, mas de tal maneira que não haveria escândalo e ninguém jamais saberia que o casal culpado havia sido assassinado. Ele verificara, assim como eu acabei de fazer, que havia uma parte da casa, o mirante, de onde se podia ver, sobre as árvores e as ondulações do parque, a torre situada a uns oitocentos metros de distância, e que aquele era o único lugar de onde não se via o topo da torre. Ele, portanto, perfurou um buraco no parapeito, através de uma das antigas brechas, e dali, usando um telescópio que encaixava exatamente no buraco que ele havia escavado, assistiu aos encontros dos dois amantes. E foi de lá também que, depois de tomar cuidadosamente todas as suas medidas, e calcular as distâncias, em um domingo, dia 5 de setembro, quando a casa estava vazia, ele os matou com dois tiros.

A verdade estava se tornando aparente. A luz do dia brilhava.

O conde murmurou:

— Sim, é o que deve ter acontecido. Eu espero que meu primo d'Aigleroche…

— O assassino — Rénine prosseguiu — fechou o buraco com um torrão de terra. Ninguém jamais saberia que dois cadáveres estavam em decomposição no topo daquela torre que nunca foi visitada e cujas escadas de madeira ele tomou a precaução de demolir. Nada mais lhe restava, portanto, a não ser explicar o desaparecimento de sua esposa e de seu amigo. Isto não apresentou nenhuma dificuldade. Ele os acusou de terem fugido juntos.

Hortense arregalou os olhos. De repente, como se a última frase fosse para ela uma revelação absolutamente inesperada, compreendeu o que Rénine estava tentando transmitir:

— O que você quer dizer? — perguntou.

— Quero dizer que o senhor d'Aigleroche acusou sua esposa e seu amigo de fugirem juntos.

— Não, não! — Hortense gritou. — Eu não posso permitir isso! Você está falando de um primo do meu tio? Por que misturar as duas histórias?

— Por que misturar essa história com outra que aconteceu naquela época? — o príncipe indagou. — Mas eu não estou misturando, minha querida senhora; há apenas uma história, e eu a estou contando como de fato ocorreu.

Hortense voltou-se para o tio. Ele se sentou em silêncio, com os braços cruzados; sua cabeça permaneceu na sombra lançada pelo abajur. Por que ele não protestava?

Rénine repetiu em tom firme:

— Há apenas uma história. Na noite daquele mesmo dia, 5 de setembro, às oito horas, *monsieur* d'Aigleroche, sem dúvida alegando como motivo que estava perseguindo o casal fugitivo, deixou sua casa, após lacrar a entrada. Ele foi embora, deixando todos os quartos como estavam e retirando apenas as armas de fogo de sua caixa de vidro. No último minuto, teve um pressentimento, que foi justificado hoje, de que a descoberta do telescópio, que tinha desempenhado um papel tão grande na preparação de seu crime, poderia servir como uma pista para um inquérito. Então ele o jogou na caixa do relógio, onde, por sorte, o objeto interrompeu o balanço do pêndulo. Esta ação irrefletida, uma daquelas que todo criminoso inevitavelmente comete, foi traí-lo vinte anos depois. Agora mesmo, os golpes que eu dei para forçar a porta da sala de visitas liberaram o pêndulo. O relógio estava ajustado, bateu às oito horas… e eu tinha a pista do fio que me levaria através do labirinto.

— Provas — Hortense gaguejou. — Provas!

— Provas? — Rénine respondeu em voz alta. — Por quê? Existem várias provas, e você as conhece tão bem quanto eu. Quem poderia ter matado à distância de oitocentos metros, exceto um especialista em tiro, um esportista ardente? Concorda, senhor d'Aigleroche? Provas? Por que nada foi retirado da casa, nada exceto as armas, aquelas que um esportista entusiasta não

pode abandonar? Concorda também, senhor d'Aigleroche? Essas armas que encontramos aqui, penduradas em troféus nas paredes… Provas? E aquela data, 5 de setembro, que foi a data do crime e que deixou uma memória tão horrível na mente do criminoso que a cada ano, nesta época, exatamente, ele se envolve em distrações e que a cada ano, neste mesmo 5 de setembro, ele se esquece de seus hábitos de temperança? Bem, hoje é o dia 5 de setembro… Provas? Por que, se não houvesse outras, isso não seria suficiente para você?

E Rénine, atirando seu braço, apontou para o conde d'Aigleroche, que, aterrorizado com essa evocação do passado, havia se afundado em uma cadeira e estava escondendo a cabeça entre as mãos.

Hortense não tentou discutir. Jamais gostara do tio, ou melhor, do tio de seu marido. Agora aceitava a acusação feita contra ele.

Sessenta segundos se passaram. Então o senhor d'Aigleroche caminhou até eles e disse:

— Seja a história verdadeira ou não, não se pode chamar um marido de criminoso por vingar sua honra e matar sua esposa infiel.

— Não — respondeu Rénine —, mas eu contei apenas a primeira versão da história. Há outra, que é infinitamente mais séria… e mais provável, uma que uma investigação mais minuciosa certamente revelaria.

— O que você quer dizer com isso?

— Refiro-me ao seguinte: pode não ser apenas uma questão de um marido tomar a lei em suas próprias mãos, como eu caridosamente supunha. Talvez seja o caso de um homem arruinado que cobiça o dinheiro de seu amigo e da esposa de seu amigo e que, com este objetivo em vista, para assegurar sua liberdade, para se livrar de seu amigo e de sua própria esposa, os atrai para uma armadilha, sugere-lhes que visitem aquela torre solitária e os mata atirando a uma distância segura, sob abrigo.

— Não, não — o conde protestou. — Tudo são inverdades.

— Eu não digo que não são. Estou baseando minha acusação em provas, mas também em intuições e argumentos que até agora têm sido extremamente precisos. Mesmo assim, admito que a segunda versão pode estar incorreta. Mas, se assim for, por que sentir algum remorso? Não se sente remorso em punir os culpados.

— A pessoa sente por tirar a vida. É um fardo esmagador a ser suportado.

— Foi para obter mais força para suportar esse fardo que o senhor d'Aigleroche se casou depois com a viúva de sua vítima? Pois isso, senhor, é o cerne da questão. Qual foi o motivo desse casamento? O senhor d'Aigleroche estava sem um tostão? A mulher que ele estava tomando como sua segunda esposa era rica? Ou ambos estavam apaixonados um pelo outro e o senhor d'Aigleroche planejava com ela matar sua primeira esposa e o marido de sua segunda esposa? Estes são problemas para os quais eu não tenho a resposta. Não interessam no momento; mas a polícia, com todos os meios à sua disposição, não teria grande dificuldade em elucidá-los.

O senhor d'Aigleroche cambaleou e teve de se firmar contra as costas de uma cadeira. Lívido, gaguejou:

— Você informará à polícia?

— Não, não — disse Rénine. — Para começar, há o problema da prescrição do crime. Depois há vinte anos de remorso e pavor, uma lembrança que perseguirá o criminoso até sua morte, acompanhada sem dúvida de discórdia doméstica, ódio, um inferno diário… e, no final, a necessidade de voltar à torre e remover os vestígios dos dois assassinatos, o castigo espantoso de subir naquela torre, de tocar naqueles esqueletos, despi-los e enterrá-los. Isso será suficiente. Não vamos pedir mais. Não o daremos ao público para que eles o agarrem e criem um escândalo que respingaria na sobrinha do senhor d'Aigleroche. Não, deixemos este negócio vergonhoso em paz.

O conde retomou seu assento à mesa, com as mãos segurando a testa, e perguntou:

— Então por quê?

— Por que eu interfiro? — disse Rénine. — O que você imagina é que eu devo ter algum objetivo ao falar. É isso mesmo. De fato, deve haver uma penalidade, por menor que seja, e nossa entrevista precisa levar a algum resultado prático. Mas não tenha medo, senhor d'Aigleroche. O senhor será libertado de ânimo leve.

A discussão estava encerrada. O conde sentiu que tinha apenas uma pequena formalidade a cumprir, um sacrifício a aceitar. Então, recuperando um pouco de sua autoconfiança, disse, em um tom quase sarcástico:

— Qual é o seu preço?

Rénine deu uma gargalhada.

— Esplêndido! Você vê a posição. Só que comete um erro ao me atrair para o negócio. Estou trabalhando para a glória.

— Neste caso?

— Você será chamado, no máximo, a fazer uma restituição.

— Restituição?

Rénine debruçou-se sobre a mesa e disse:

— Em uma dessas gavetas há uma escritura à espera de sua assinatura. É um rascunho do acordo entre você e sua sobrinha Hortense Daniel, relativo à fortuna privada dela, que foi desperdiçada e pela qual você é responsável. Assine a escritura.

O senhor d'Aigleroche estacou:

— Você sabe qual o valor?

— Eu não quero saber.

— E se eu recusar?

— Pedirei para ver a condessa d'Aigleroche.

Sem mais hesitações, o conde abriu uma gaveta, pegou um documento em papel timbrado e rapidamente o assinou:

— Aqui está — disse ele —, e eu espero…

— Você espera, como eu espero, que você e eu possamos nunca ter negócios futuros? Estou convencido disso. Partirei nesta noite; sua sobrinha, sem dúvida, amanhã. Adeus.

Na sala de visitas, que ainda estava vazia enquanto os convidados da casa se vestiam para o jantar, Rénine entregou a escritura a Hortense. Ela parecia atordoada por tudo o que tinha ouvido. O que a deixou ainda mais perplexa do que a implacável luz derramada sobre o passado de seu tio foram a visão milagrosa e a surpreendente lucidez demonstradas por Rénine: o homem que por algumas horas tinha controlado os acontecimentos e conjurado diante de seus olhos as cenas reais de uma tragédia que ninguém tinha visto.

— Você está satisfeita comigo? — perguntou.

Ela lhe deu suas duas mãos:

— Você me salvou de Rossigny. Devolveu-me a liberdade e a independência. Eu lhe agradeço do fundo do meu coração.

— Oh, mas não é isso que eu estou lhe perguntando! — respondeu ele. — Meu primeiro e principal objetivo era lhe proporcionar diversão. Sua vida parecia estar muito enfadonha e previsível. Tem sido assim?

— Como você pode fazer essa pergunta? Tive as experiências mais estranhas e tumultuadas possíveis…

— Isso é vida — disse ele. — Quando se sabe como usar os olhos. A aventura existe em toda parte, no casebre humilde, sob a máscara do mais sábio dos homens. Em todos os lugares basta você estar disposta e encontrará uma desculpa para a excitação, para fazer o bem, para salvar uma vítima, para acabar com uma injustiça.

Impressionada com seu poder e autoridade, ela murmurou:

— Quem é você, exatamente?

— Um aventureiro. Nada mais. Um amante das aventuras. A vida não vale a pena viver, exceto em momentos de desafios, nas aventuras de outros ou em aventuras pessoais. O presente a perturbou porque a afetou nas profundezas mais íntimas de seu ser. Mas as dos outros não são menos estimulantes. Você gostaria de fazer a experiência?

— Como?

— Torne-se a companheira de minhas aventuras. Se alguém me pedir ajuda, ajude-o comigo. Se o acaso ou o instinto me colocar no rastro de um crime ou no encalço de uma tristeza, vamos os dois nos lançar juntos. Você consente?

— Sim — disse Hortense —, mas…

Hesitou, como se estivesse tentando adivinhar as intenções secretas dele.

— Mas — Rénine falou, expressando os pensamentos por ela com um sorriso — "você é um pouco cético". O que você está dizendo para si mesma é: "Até onde esse amante das aventuras quer me obrigar a ir? É bastante óbvio que eu o atraio; e mais cedo ou mais tarde ele não se arrependeria de receber o pagamento por seus serviços". Você tem toda a razão. Devemos ter um contrato formal.

— Muito formal — concordou Hortense, preferindo dar um tom jocoso à conversa. — Deixe-me ouvir suas propostas.

Rénine refletiu um pouco e prosseguiu:

— Bem, digamos que… O relógio em Halingre deu oito badaladas nesta tarde, o dia da primeira aventura. Você aceitará seu decreto e concordará em realizar comigo mais sete desses encantadores empreendimentos, durante um período, por exemplo, de três meses? E digamos que, no oitavo, você se comprometerá a me conceder…

— O quê?

Ele adiou sua resposta:

— Observe que você sempre terá a liberdade de me deixar na estrada se eu não conseguir despertar-lhe interesse. Mas, se você me acompanhar até o final, se me permitir começar e completar o oitavo empreendimento com você, em três meses, no dia 5 de dezembro, no exato momento em que soar a oitava badalada daquele relógio, e ela soará, você pode ter certeza disso, pois o velho pêndulo de latão não vai parar de balançar novamente, você se comprometerá a me conceder…

— O quê? — repetiu ela, um pouco enervada por esperar.

Ele ficou em silêncio. Olhou para os belos lábios que pretendia reclamar como sua recompensa. Estava perfeitamente certo de que Hortense havia entendido, e achou desnecessário falar mais claramente.

— O mero prazer de vê-la será suficiente para me satisfazer. Não cabe a mim, mas a você impor condições. Diga quais são, o que você exige.

Sentiu-se grata por seu respeito e disse, rindo:

— O que eu exijo?

— Sim.

— Posso pedir o que eu quiser, por mais difícil e impossível que seja?

— Tudo é fácil e tudo é possível para o homem que está inclinado a conquistar você.

Então ela falou:

— Quero que me restitua um pequeno broche antigo, feito de cornalina[6] e prata. Era de minha mãe e passou para mim, e todos sabiam que costumava trazer felicidade para ela e para mim também. Desde o dia em que desapareceu do meu porta-joias, eu não tive nada além de infelicidade. Traga-o de volta, meu bom gênio.

— Quando o broche foi roubado?

Ela respondeu:

— Há sete anos… ou oito… ou nove; eu não sei exatamente… Não sei bem onde… ou como… não sei de nada sobre isso….

— Vou encontrá-lo — Rénine anunciou —, e você ficará feliz.

---

[2] *Old brandy* é uma espécie de aguardente envelhecida. (N.T.)

[3] Telescópio: instrumento óptico utilizado para obter imagens ampliadas de objetos situados a grandes distâncias. (N.T.)

[4] Menagem é um benefício que consiste em prisão sob palavra, e pelo qual o indivíduo acusado não é encarcerado, sendo obrigado, no entanto, a permanecer no lugar em que exerce suas atividades. (N.T.)
[5] *Sherry* é o nome inglês utilizado para designar o vinho espanhol jerez (xerez). É um vinho fortificado e licoroso. (N.T.)
[6] Cornalina é um mineral vermelho acastanhado, comumente utilizado como pedra preciosa ou semipreciosa. (N.T.)

A garrafa de água

Quatro dias depois de se estabelecer em Paris, Hortense Daniel concordou em encontrar-se com o príncipe Rénine no Bois. Era uma manhã maravilhosa, e eles se sentaram a um canto do terraço do restaurante Impérial.

Hortense, sentindo-se feliz por estar viva, experimentava um humor lúdico, cheio de graça atraente. Rénine não queria assustá-la, por isso absteve-se de aludir ao pacto que haviam firmado. Ela lhe contou como havia deixado La Marèze e disse que não ouvira mais nada sobre Rossigny.

— Eu ouvi — disse Rénine. — Tive notícias dele.

— Oh?

— Sim, ele me enviou um desafio. Combatemos um duelo nesta manhã. Rossigny teve um arranhão no ombro, e isso encerrou a disputa. Mas vamos falar de outro assunto.

Não houve mais nenhuma menção a Rossigny. Rénine imediatamente expôs a Hortense os planos de dois projetos que tinha em vista. Ofereceu, sem grande entusiasmo, a oportunidade para ela participar.

— A melhor aventura — declarou ele — é aquela que não prevemos. Chega inesperadamente, sem aviso; e ninguém, exceto os iniciados, percebe que está próxima uma oportunidade de agir e de gastar suas energias. Tem de ser aproveitada imediatamente. A hesitação de um momento pode significar um grande atraso. Somos advertidos por um sentido especial, como o de um cão de caça, que distingue o cheiro certo dentre todos os outros que o envolvem.

O terraço estava começando a se encher ao redor deles. À mesa ao lado sentou-se um jovem que se pôs a ler um jornal. Podia-se ver seu perfil

insignificante e o longo e escuro bigode. Por trás deles, por uma janela aberta do restaurante, vinham os acordes distantes de uma banda; em uma das salas, alguns casais dançavam.

Enquanto Rénine pagava as bebidas, o jovem com o longo bigode abafou um grito e, em uma voz sufocante, chamou um dos garçons:

— Quanto lhe devo? Nenhum troco? Oh, bom Deus, apresse-se!

Rénine, sem um momento de hesitação, pegou o jornal. Após lançar um rápido olhar pela página, leu, de um só fôlego:

— Mestre Dourdens, advogado de defesa no julgamento de Jacques Aubrieux, foi recebido no Palácio do Eliseu. Fomos informados de que o presidente da República se recusou a indultar o condenado e a execução ocorrerá amanhã de manhã.

Depois de atravessar o terraço, o jovem se viu confrontado, na entrada do jardim, por uma senhora e um cavalheiro que lhe bloquearam o caminho; e este último lhe disse:

— Desculpe-me, senhor, mas notei sua agitação. É sobre Jacques Aubrieux, não é mesmo?

— Sim, sim, Jacques Aubrieux — o jovem gaguejou. — Jacques, meu amigo de infância. Estou apressado para ver a esposa dele. Ela deve estar desesperada.

— Posso lhe oferecer ajuda? Sou o príncipe Rénine. Esta senhora e eu ficaríamos felizes em falar com senhora Aubrieux e em colocar nossos serviços a seu dispor.

O jovem, perturbado pela notícia que havia lido, parecia não entender e se apresentou de forma estranha:

— Meu nome é Dutreuil, Gaston Dutreuil.

Rénine acenou para seu motorista, que estava esperando a uma pequena distância, e empurrou Gaston Dutreuil para dentro do carro, perguntando:

— Qual o endereço? Onde mora a senhora Aubrieux?

— Avenida du Roule, 23 bis.

Depois de ajudar Hortense a entrar, Rénine repetiu o endereço para o motorista e, assim que o carro partiu, tentou questionar Gaston Dutreuil:

— Eu sei muito pouco sobre o caso — disse ele. — Conte-me o mais brevemente possível. Jacques Aubrieux matou um de seus parentes próximos, não foi?

— Ele é inocente, senhor — respondeu o jovem, que parecia incapaz de dar a menor explicação. — Inocente, eu juro. Sou amigo de Jacques há vinte anos… Ele é inocente… e será monstruoso…

Nada mais podia ser tirado dele. Além disso, a viagem era curta. Entraram em Neuilly pela Porte des Sablons e, dois minutos depois, pararam diante de uma passagem longa e estreita entre muros altos que os levou a uma pequena casa de um andar.

Gaston Dutreuil tocou.

— A senhora está na sala de visitas, com sua mãe — disse a empregada que abriu a porta.

— Vou até as senhoras — disse ele, levando Rénine, e Hortense consigo.

Era uma sala não muito grande, bem mobiliada e que, em tempos comuns, devia ser usada também como ambiente de estudo. Duas mulheres sentadas choravam, uma das quais, idosa e de cabelos grisalhos, veio até Gaston Dutreuil.

Ele explicou o motivo da presença de Rénine e a senhora chorou imediatamente, falando em meio aos soluços:

— O marido de minha filha é inocente, senhor. Jacques? Um homem melhor nunca viveu. Ele tinha um coração tão bom! Assassinar seu primo? Mas ele venerava o primo! Juro que não é culpado, senhor! E eles vão cometer a infâmia de matá-lo? Oh, senhor, isso matará minha filha!

Rénine percebeu que todas aquelas pessoas estavam vivendo há meses sob a obsessão daquela inocência e na certeza de que um homem sem culpa jamais poderia ser condenado. A notícia da execução, que agora era inevitável, as estava enlouquecendo.

Ele foi até uma pobre criatura curvada em dois, cujo rosto, um rosto bastante jovem emoldurado por lindos cabelos de linho, estava convulsionado por uma dor desesperada. Hortense, que já havia se sentado ao lado da moça, puxava-lhe suavemente a cabeça contra o ombro.

Rénine disse a ela:

— Senhora, eu não sei o que posso fazer pela senhora. Mas dou-lhe minha palavra de honra que, se alguém neste mundo pode lhe ser útil, sou eu mesmo. Portanto, suplico-lhe que responda às minhas perguntas como se as palavras claras e definidas de suas respostas fossem capazes de alterar o aspecto das coisas. E como se a senhora quisesse me fazer compartilhar de sua opinião sobre Jacques Aubrieux. Pois ele é inocente, não é?

— Oh, senhor, de fato ele é! — exclamou ela, e toda a alma da mulher estava nas palavras.

— Está convicta disso, mas não foi capaz de comunicar essa certeza ao tribunal. Bem, agora deve me obrigar a compartilhá-la. Não estou lhe pedindo que entre em detalhes e viva novamente o tormento hediondo que sofreu, mas apenas que responda a certas perguntas. A senhora faria isso?

— Eu farei.

A influência de Rénine sobre ela era completa. Com algumas frases, conseguira subjugá-la e inspirá-la a obedecer. E mais uma vez Hortense percebeu todo o poder, a autoridade e persuasão daquele homem.

— O que seu marido fazia? — perguntou ele, depois de implorar à mãe e a Gaston Dutreuil que mantivessem silêncio absoluto.

— Era corretor de seguros.

— Sorte nos negócios?

— Até o ano passado, sim.

— Então tem havido dificuldades financeiras durante os últimos meses?

— Sim.

— E o assassinato foi cometido quando?

— Em março passado, em um domingo.

— Quem foi a vítima?

— Um primo distante, o senhor Guillaume, que vivia em Suresnes.

— De quanto foi a soma roubada?

— Sessenta mil notas de francos, que este primo havia recebido na véspera, em pagamento por uma dívida de longo prazo.

— Seu marido sabia disso?

— Sim. Seu primo contou-lhe no domingo, durante uma conversa por telefone, e Jacques insistiu para que ele não mantivesse uma soma tão grande em casa, e sim a guardasse em um banco no dia seguinte.

— Isso foi pela manhã?

— À uma hora da tarde. Jacques pretendia ir à casa de Guillaume de motocicleta. Mas estava cansado e lhe disse que não sairia. Por isso, permaneceu aqui o dia todo.

— Sozinho?

— Sim. Os dois criados estavam ausentes. Eu fui ao Cinéma des Ternes com minha mãe e nosso amigo Dutreuil. À noite, soubemos que o senhor Guillaume havia sido assassinado. Na manhã seguinte, Jacques foi preso.

— Sob quais evidências?

A pobre criatura hesitou em responder: as provas de culpa tinham sido obviamente esmagadoras. Então, obedecendo a um sinal de Rénine, respondeu sem pausas:

— O assassino foi para Suresnes em uma motocicleta, e os rastros descobertos eram os da motocicleta de Jacques. Eles encontraram um lenço com as iniciais de meu marido; e o revólver que foi usado pertencia a ele. Finalmente, um de nossos vizinhos afirma que viu meu marido sair de motocicleta às três horas, e outro o viu entrar às quatro e meia. O assassinato foi cometido às quatro horas.

— E o que diz Jacques Aubrieux em sua defesa?

— Ele declara que dormiu a tarde toda. Durante esse tempo, veio alguém que conseguiu destravar o barracão e levar a motocicleta para ir a Suresnes. Quanto ao lenço e ao revólver, eles estavam no saco de ferramentas. Não haveria nada de surpreendente no uso que o assassino fez dos objetos.

— Parece uma explicação plausível.

— Sim, mas a acusação levantou duas objeções. Em primeiro lugar, ninguém, absolutamente ninguém, sabia que meu marido ficaria em casa o dia todo porque, ao contrário, era seu hábito sair de moto todos os domingos à tarde.

— E a segunda objeção?

Ela corou e murmurou:

— O assassino foi à despensa do senhor Guillaume e bebeu meia garrafa de vinho diretamente da garrafa, e nela estavam as impressões digitais de meu marido.

Parecia que sua força se esgotara e que, ao mesmo tempo, a esperança inconsciente que a intervenção de Rénine despertara havia desaparecido de repente ante o acúmulo de fatos adversos. Novamente ela sucumbiu, mergulhando em uma espécie de meditação silenciosa da qual as atenções afetuosas de Hortense não foram capazes de distraí-la.

A mãe gaguejava:

— Jacques não é culpado, não é, senhor? Não podem punir um homem inocente. Eles não têm o direito de matar minha filha. Oh, querido, oh, querido, o que fizemos para sermos torturados desta maneira? Minha pobrezinha Madeleine!

— Ela vai se matar — disse Dutreuil com a voz assustada. — Ela nunca conseguirá suportar a ideia de que estão guilhotinando Jacques. Ela vai se matar certamente… nesta mesma noite…

Rénine estava andando de um lado para outro na sala.

— Você não pode fazer nada por ela, pode? — perguntou Hortense.

— São onze e meia agora — Rénine respondeu, em tom ansioso —, e isso acontecerá amanhã de manhã.

— Você acha que ele é culpado?

— Eu não sei… eu não sei… A convicção da pobre mulher é impressionante demais para ser negligenciada. Quando duas pessoas vivem juntas há anos, dificilmente podem se enganar a esse ponto. E ainda…

Ele se esticou em um sofá e acendeu um cigarro. Fumou três em seguida, sem uma palavra de ninguém para interromper sua linha de pensamento. De vez em quando, olhava para o relógio. Cada minuto era de tamanha importância! Finalmente, voltou-se para Madeleine Aubrieux, pegou suas mãos e disse, muito gentilmente:

— Você não deve se matar. Ainda há esperança até o último minuto; e eu prometo que, de minha parte, não desanimarei até esse último minuto. Mas eu preciso de sua calma e de sua confiança.

— Eu estarei calma — ela respondeu, com um aspecto lamentável.

— E confiante?

— E confiante.

— Bem, espere por mim. Voltarei dentro de duas horas. Você virá conosco, senhor Dutreuil?

Enquanto entravam no carro, Rénine perguntou ao rapaz:

— Você conhece algum restaurante pequeno e pouco frequentado, não muito longe, dentro de Paris?

— Ali está a Brasserie[7] Lutetia, no piso térreo da casa em que moro, na Praça des Ternes.

— Excelente. Será muito útil.

Quase não conversaram durante o trajeto. Até que Rénine disse a Gaston Dutreuil:

— Até onde me lembro, os números das notas são conhecidos, não são?

— Sim, senhor. Guillaume havia inserido os sessenta números em seu livro de bolso.

Rénine murmurou, um momento depois:

— É aí que reside todo o problema. Onde estão as notas? Se pudéssemos colocar nossas mãos nelas, saberíamos de tudo.

Na Brasserie Lutetia havia um telefone na sala privada, onde ele pediu para ser servido o almoço. Assim que o garçom o deixou sozinho com Hortense e Dutreuil, Rénine pegou o receptor com decisão:

— Alô! delegacia de polícia, por favor… Alô! Alô! É da delegacia de polícia? Por favor, passe-me para o departamento de investigação criminal. Eu tenho uma comunicação muito importante a fazer. Você pode dizer que é o príncipe Rénine.

Segurando o aparelho, voltou-se para Gaston Dutreuil:

— Posso pedir a alguém que venha até aqui, suponho… Não seremos perturbados…

— Sem dúvida.

Ele colocou o fone novamente ao ouvido:

— É o secretário do chefe do departamento de investigação criminal? Oh, excelente! Senhor secretário, em várias ocasiões estive em comunicação com o senhor Dudouis e lhe dei informações que lhe foram de grande utilidade. Ele certamente se lembrará do príncipe Rénine. Talvez eu possa hoje lhe mostrar onde estão escondidas as notas dos sessenta mil francos que Aubrieux, o assassino, roubou de seu primo. Se ele estiver interessado na proposta, peça-lhe que envie um inspetor diretamente para a Brasserie Lutetia, na Praça des Ternes. Estarei lá com uma senhora e o senhor Dutreuil, amigo de Aubrieux. Bom dia, senhor secretário.

Quando Rénine desligou o telefone, viu os rostos espantados de Hortense e Gaston Dutreuil a confrontá-lo.

Hortense sussurrou:

— Então você sabe? Você descobriu?

— Nada — disse ele, rindo.

— E?

— E eu estou agindo como se soubesse. Não é um método ruim. Vamos almoçar?

O relógio marcou quinze para uma.

— O homem da prefeitura estará aqui — disse ele — dentro de vinte minutos, no máximo.

— E se não vier ninguém? — Hortense indagou.

— Isso me surpreenderia. É claro, se eu tivesse enviado uma mensagem ao senhor Dudouis dizendo "Aubrieux é inocente", eu não teria causado nenhuma impressão. Não teria como, na véspera de uma execução, tentar convencer a genialidade da polícia ou da lei de que um homem condenado à morte é inocente. Não. A partir de agora, Jacques Aubrieux pertence ao carrasco. Mas a perspectiva de conseguir as sessenta notas bancárias é um golpe de sorte que compensa um pouco de trabalho. Basta pensar: este foi o ponto fraco da acusação, aquelas sessenta notas que eles não foram capazes de rastrear.

— Mas, como você não sabe de nada sobre o paradeiro delas…

— Minha querida menina, espero que você não se importe que eu a chame assim… Minha querida menina, quando um homem não consegue explicar este ou aquele fenômeno físico, ele adota algum tipo de teoria que explica suas várias manifestações e diz que tudo aconteceu como se a teoria estivesse correta. Isso é o que eu estou fazendo.

— Isso equivale a dizer que você está supondo?

Rénine não respondeu. Não até algum tempo depois, quando o almoço acabou e ele disse:

— Obviamente, estou supondo. Se eu tivesse vários dias antes de hoje, deveria me dar o trabalho de verificar primeiro minha hipótese, que se baseia tanto na intuição quanto em alguns fatos dispersos. Mas tenho apenas duas horas, e estou enveredando pelo caminho desconhecido como se estivesse certo de que isso me levará à verdade.

— E caso você esteja errado?

— Não tenho escolha. Além disso, é tarde demais. Ouço uma batida. Oh, mais uma palavra! O que quer que eu diga, não me contradiga. Nem você, senhor Dutreuil.

Ele abriu a porta. Um homem magro, com roupas em tom de vermelho entrou:

— Príncipe Rénine?

— Sim, senhor. Você, é claro, veio a mando do senhor Dudouis?

— Sim.

E o recém-chegado deu seu nome:

— Inspetor-chefe Morisseau.

— Estou agradecido por ter vindo tão prontamente, senhor inspetor-chefe — disse o príncipe Rénine —, e espero que o senhor Dudouis não se

arrependa de tê-lo colocado à minha disposição.

— À sua inteira disposição, além de dois inspetores que deixei na praça lá fora e que estiveram no caso, comigo, desde o princípio.

— Não o deterei por muito tempo — disse Rénine —, nem sequer lhe pedirei que se sente. Temos apenas alguns minutos para resolver tudo. Você sabe do que se trata?

— Os sessenta mil francos em notas, roubados do senhor Guillaume. Eu tenho os números aqui.

Rénine passou os olhos pelo pedaço de papel que o inspetor-chefe lhe entregou e disse:

— É isso mesmo. As duas listas estão de acordo.

O inspetor Morisseau parecia muito entusiasmado:

— O chefe dá imensa importância à sua descoberta. Então você será capaz de me mostrar…

Rénine ficou em silêncio por um momento e depois declarou:

— Senhor inspetor-chefe, uma investigação pessoal, e foi uma investigação muito exaustiva, como explicarei a você agora, revelou o fato de que, ao voltar de Suresnes, o assassino, após substituir a motocicleta no galpão da Avenida du Roule, correu para o Ternes e entrou nesta casa.

— Esta casa?

— Sim.

— Mas ele veio até aqui para quê?

— Para esconder os lucros de seu roubo, as sessenta notas bancárias.

— Como assim? Onde?

— Em um apartamento cuja chave ele tinha, no quinto andar.

Gaston Dutreuil exclamou, perplexo:

— Mas só há um apartamento no quinto andar, e é neste que eu moro!

— Exatamente. E, como você estava no cinema com a senhora Aubrieux e a mãe dela, aproveitaram-se de sua ausência…

— Impossível! Ninguém tem a chave, exceto eu mesmo.

— Pode-se entrar sem a chave.

— Mas eu não vi nenhuma marca de qualquer tipo…

Morisseau interveio:

— Vamos nos entender um ao outro. Você diz que as notas do banco estavam escondidas no apartamento do senhor Dutreuil?

— Sim.

— Então, como Jacques Aubrieux foi preso na manhã seguinte, as notas ainda devem estar lá…

— Esta é a minha opinião.

Gaston Dutreuil não pôde deixar de rir:

— Mas isso é um absurdo! Eu as teria encontrado!

— Você as procurou?

— Não. Mas eu deveria tê-las encontrado a qualquer momento. O lugar não é grande o suficiente para abanar um gato. Você gostaria de vê-lo?

— Por menor que seja, é grande o suficiente para abrigar sessenta pedaços de papel.

— Claro, tudo é possível — disse Dutreuil. — Ainda assim, devo repetir que ninguém, que eu saiba, esteve em meus aposentos; que existe apenas uma chave; que sou minha própria governanta; e que não consigo entender bem…

Hortense também não conseguia entender. Com os olhos fixos no príncipe Rénine, estava tentando ler seus pensamentos mais íntimos. Que jogo ele estava fazendo? Era seu dever apoiar suas declarações? Ela terminou dizendo:

— Senhor inspetor-chefe, já que o príncipe Rénine sustenta que as notas foram guardadas lá em cima, o mais simples não seria ir e olhar? O senhor Dutreuil vai nos levar para cima, não vai?

— Neste minuto — disse o jovem. — Como você diz, isso será o mais simples.

Os quatro subiram os cinco andares e, depois que Dutreuil abriu a porta, entraram em um minúsculo conjunto de cômodos, composto por uma sala de estar, quarto, cozinha e banheiro, tudo arrumado de maneira prática. Era fácil ver que cada cadeira na sala de estar ocupava um lugar definido. Os cachimbos tinham um suporte próprio; os fósforos também.

Três bengalas, dispostas de acordo com seu comprimento, estavam penduradas em três pregos. Em uma pequena mesa diante da janela, uma caixa de chapéus, cheia de lenços de papel, aguardava o chapéu de feltro que Dutreuil cuidadosamente nela o acomodou. Colocou suas luvas ao lado, sobre a tampa.

Ele fez tudo isso com movimentos calmos e mecânicos, como um homem que gosta de ver as coisas nos lugares que escolheu para elas. De fato, logo que Rénine mudou algo, Dutreuil fez um leve gesto de protesto,

apanhou o chapéu novamente, enfiou-o na cabeça, abriu a janela e descansou os cotovelos no peitoril, com as costas voltadas para o quarto, como se não pudesse suportar a visão de tal vandalismo.

— Você tem certeza, não é? — perguntou o inspetor a Rénine.

— Sim, sim, tenho certeza de que as sessenta notas foram trazidas para cá após o assassinato.

— Vamos procurá-las.

Isto foi feito com rapidez e facilidade. Em meia hora nem um canto ficou inexplorado, sequer um milímetro sem ser esquadrinhado.

— Nada — disse o inspetor Morisseau. — Devemos continuar?

— Não — respondeu Rénine. — As notas não estão mais aqui.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que elas foram removidas.

— Por quem? Você não pode fazer uma acusação mais definitiva?

Rénine não respondeu. Mas Gaston Dutreuil se virou. Estava fora de si:

— Senhor inspetor, gostaria que eu tornasse a acusação mais definitiva, depois dias observações deste cavalheiro? Tudo isso significa que há aqui um homem desonesto, que as notas escondidas pelo assassino foram descobertas e roubadas por esse homem desonesto e depositadas em outro lugar mais seguro. Essa é sua ideia, senhor, não é? E você me acusa de ter cometido este roubo, não é verdade?

E ele se rebelou, batendo no peito com os punhos:

— Eu! Eu! Eu encontrei as notas e as guardei para mim mesmo? Você ousa sugerir isso?

Rénine ainda não deu nenhuma resposta. Dutreuil voou em fúria e, deixando o inspetor Morisseau de lado, exclamou:

— Senhor inspetor, protesto fortemente contra toda esta farsa e o papel que o senhor inconscientemente está desempenhando nela. Antes de sua chegada, o príncipe Rénine disse a esta senhora e a mim mesmo que ele não sabia de nada, que estava se aventurando neste caso e que estava seguindo o primeiro caminho que se oferecia, confiando na sorte. Você o nega?

Rénine não abriu a boca.

— Responda-me, sim? Explique-se, pois, na verdade, você está apresentando os fatos mais improváveis sem nenhuma prova. É fácil dizer que eu roubei as notas. E como você poderia saber que elas estavam aqui?

Quem as trouxe para cá? Por que o assassino deveria escolher este apartamento para escondê-las? É tudo tão estúpido, tão ilógico e absurdo! Dê-nos suas provas, senhor… uma única prova!

O inspetor Morisseau parecia perplexo. Ele interrogou o príncipe com um olhar. Rénine disse:

— Como você quer detalhes específicos, nós os obteremos da própria senhora Aubrieux, ao telefone. Vamos descer as escadas. Saberemos de tudo isso em um minuto.

Dutreuil encolheu os ombros:

— Como queira; mas que perda de tempo!

Ele parecia muito irritado. Sua longa espera na janela, sob um sol escaldante, o havia empapado de suor. Foi para seu quarto e voltou com uma garrafa de água, da qual tomou alguns goles, depois colocou-a no parapeito da janela:

— Vamos! — disse ele.

O príncipe Rénine riu.

— Você parece estar com pressa de sair daqui.

— Tenho pressa em lhe mostrar — retorquiu Dutreuil, batendo a porta.

Desceram para a sala privada que tinha o telefone. O ambiente estava vazio. Rénine pediu o número de Aubrieux a Gaston Dutreuil.

A empregada que veio ao telefone respondeu que a senhora Aubrieux havia desmaiado, depois de sofrer um acesso de desespero, e que agora estava dormindo.

— Vá buscar a mãe dela, por favor. Fale que é o príncipe Rénine. É urgente.

Ele entregou o segundo telefone a Morisseau. As vozes eram tão distintas que Dutreuil e Hortense conseguiam ouvir cada palavra trocada.

— É a senhora?

— Sim. Príncipe Rénine, eu acredito?

— Príncipe Rénine.

— Oh, senhor, que novidades tem para mim? Há alguma esperança? — perguntou a senhora idosa, em tom de súplica.

— A investigação está prosseguindo de forma muito satisfatória — disse Rénine —, e pode-se esperar o melhor. No momento, quero que me dê alguns detalhes muito importantes. No dia do assassinato, Gaston Dutreuil foi à sua casa?

— Sim, ele veio buscar minha filha e a mim, depois do almoço.

— Ele sabia na época que o senhor Guillaume tinha sessenta mil francos em sua casa?

— Sim, eu lhe contei.

— E que Jacques Aubrieux não estava se sentindo muito bem e estava decidido a não fazer seu habitual passeio de motocicleta, mas, sim, ficar em casa e dormir?

— Sim.

— Você tem certeza?

— Absolutamente.

— E vocês três foram ao cinema juntos?

— Sim.

— E estavam todos sentados juntos?

— Oh, não! Não havia lugar. Ele se sentou mais distante.

— Um lugar onde você pudesse vê-lo?

— Não.

— Mas ele veio até vocês durante o intervalo?

— Não, nós não o vimos até sairmos.

— Não há dúvida disso?

— Nenhuma dúvida.

— Muito bem, senhora. Vou lhe dizer o resultado de meus esforços dentro de uma hora. Mas, acima de tudo, não acorde a senhora Aubrieux.

— E se ela acordar por sua própria vontade?

— Tranquilize-a e lhe passe confiança. Tudo está indo bem, muito bem mesmo.

Desligou o receptor e virou-se para Dutreuil, rindo:

— Ahá, meu rapaz! As coisas estão começando a parecer mais claras. O que você acha?

Era difícil dizer o que aquelas palavras significavam ou que conclusões Rénine havia tirado de sua conversa. O silêncio era doloroso e opressivo.

— Senhor inspetor-chefe, o senhor tem alguns de seus homens lá fora, não?

— Dois detetives-sargentos.

— É importante que eles estejam lá. Por favor, peça também ao gerente para não nos incomodar de forma alguma.

E, quando Morisseau voltou, Rénine fechou a porta, tomou posição na frente de Dutreuil e, falando em tom bem-humorado, mas enfático, disse:

— É o seguinte, meu jovem, as senhoras não viram você entre as três e cinco horas daquele domingo. Esse é um detalhe bastante curioso.

— Um detalhe perfeitamente natural — retorquiu Dutreuil — e que, além disso, não prova nada.

— Prova, meu jovem, que você tinha duas boas horas à sua disposição.

— Obviamente. Duas horas que eu passei no cinema.

— Ou em algum outro lugar.

Dutreuil olhou para ele:

— Em algum outro lugar?

— Sim. Como você estava livre, tinha muito tempo para ir aonde quisesse… a Suresnes, por exemplo.

— Oh! — disse o jovem, brincando, por sua vez. — Suresnes é muito distante!

— Está bem perto! Você não tinha a motocicleta de seu amigo Jacques Aubrieux?

Uma nova pausa se seguiu a essas palavras. Dutreuil tinha franzido as sobrancelhas como se estivesse tentando entender. Finalmente, ele sussurrou:

— Então era isso que ele estava tentando fazer… O estúpido!

Rénine colocou a mão com força no ombro de Dutreuil:

— Chega de conversa! Fatos! Gaston Dutreuil, você é a única pessoa que naquele dia sabia de duas coisas essenciais: primeiro, que o primo Guillaume tinha sessenta mil francos em sua casa; segundo, que Jacques Aubrieux não estava saindo. Você viu imediatamente sua chance. A motocicleta estava disponível. Você escapou durante a sessão de cinema. Foi para Suresnes. Matou o primo Guillaume. Pegou as sessenta notas bancárias e as deixou em seu apartamento. E às cinco horas você voltou para buscar as senhoras.

Dutreuil tinha escutado com uma expressão ao mesmo tempo zombeteira e ansiosa, lançando um olhar ocasional ao inspetor Morisseau como se o listasse para testemunha: “O homem está louco”, parecia dizer. “Não adianta ficar bravo com ele”.

Quando Rénine terminou, Dutreuil começou a rir:

— Muito engraçado! Uma piada capital! Então fui eu quem os vizinhos viram indo e voltando na motocicleta.

— Foi você disfarçado com as roupas de Jacques Aubrieux.

— E foram as minhas impressões digitais que foram encontradas na garrafa na despensa do senhor Guillaume?

— A garrafa tinha sido aberta por Jacques Aubrieux no almoço, em sua própria casa, e foi você quem a levou consigo para servir de prova.

— Mais engraçado e mais ridículo ainda! — gritou Dutreuil, que parecia se divertir francamente. — Então eu planejei todo o caso para que Jacques Aubrieux pudesse ser acusado do crime…

— Era o meio mais seguro de não ser você o acusado.

— Sim, mas Jacques é um amigo que eu conheço desde a infância.

— Você está apaixonado pela esposa dele.

O jovem deu um grito repentino e enfurecido:

— Você ousa! Você ousa fazer uma sugestão tão infame?

— Eu tenho provas disso.

— Isso é uma mentira! Eu sempre respeitei Madeleine Aubrieux e a venerei…

— Aparentemente. Mas você está apaixonado por ela. Você a deseja. Não me contradiga. Eu tenho provas abundantes disso.

— Isso é uma mentira, eu lhe digo! Você só me conhece há algumas horas!

— Venha, venha! Há dias que o observo calmamente, esperando o momento de atacar.

Ele pegou o jovem pelos ombros e o sacudiu:

— Venha, Dutreuil, confesse! Eu tenho todas as provas na mão. Tenho testemunhas com as quais nos encontraremos em breve no departamento de investigação criminal. Confessar não é possível? Apesar de tudo, você é torturado pelo remorso. Lembre-se de sua consternação, no restaurante, quando viu o jornal. O quê? Jacques Aubrieux condenado à morte? Isso é mais do que você esperava! Uma pena de prisão teria se encaixado ao seu enredo, mas a guilhotina… Jacques Aubrieux executado amanhã, um homem inocente! Confesse! Não é verdade? Confesse para salvar sua própria pele! Confesse!

Inclinando-se sobre o outro, ele tentava com todas as suas forças extorquir-lhe uma confissão. Mas Dutreuil se manteve impassível e frio e,

com uma espécie de escárnio em sua voz, falou:

— O senhor é um louco. Nem uma palavra que você disse faz qualquer sentido. Todas as suas acusações são falsas. E quanto às notas bancárias? Você as encontrou em minha casa, como disse que encontraria?

Rénine, exasperado, deu-lhe com o punho na cara:

— Oh, seu porco, eu ainda vou quebrá-lo, eu juro que vou!

Ele chamou o inspetor à parte:

— Bem, o que você me diz? Um desonesto, não acha?

O inspetor acenou com a cabeça:

— Pode ser… Mas, mesmo assim… até agora não há provas concretas.

— Espere, senhor Morisseau — disse Rénine. — Espere até que tenhamos nossa entrevista com o senhor Dudouis. Pois nós veremos o senhor Dudouis na prefeitura, não é mesmo?

— Sim, ele estará lá às três horas.

— Bem, você ficará convencido, senhor inspetor! Eu lhe digo aqui e agora que ficará convencido.

Rénine ria como um homem que se sente seguro do curso dos acontecimentos. Hortense, que estava a seu lado, pôde falar com ele sem ser ouvida pelos outros e perguntou, em voz baixa:

— Você o pegou, não é mesmo?

Ele acenou com a cabeça em concordância:

— Se eu o apanhei? Eu deveria pensar que sim! Mas, apesar disso, não estou mais adiantado do que estava no início.

— Mas isso é horrível! E suas provas?

— Não tenho nem a sombra de uma prova… Eu esperava que ele tropeçasse. Mas o rapaz manteve seus pés firmes, o malandro!

— Ainda assim, você tem certeza de que é ele?

— Não pode ser outra pessoa. Tive uma intuição logo no início; e desde então não tirei os olhos de cima dele. Vi sua ansiedade aumentar à medida que minhas investigações pareciam centrar-se nele e preocupá-lo mais de perto. Agora eu sei.

— E ele está apaixonado pela senhora Aubrieux?

— Na lógica, está destinado a estar. Mas até agora temos apenas suposições, ou melhor, certezas que são minhas. Nunca interceptaremos a guilhotina com essas presunções. Ah, se pudéssemos apenas encontrar as notas bancárias! Se entregássemos o dinheiro, o senhor Dudouis agiria. Sem

isso, apenas rirá na minha cara.

— O que será então? — murmurou Hortense, com voz angustiada.

Ele não respondeu. Perambulava pela sala, assumindo um ar de alegria e esfregando as mãos. Tudo estava indo tão bem! Foi realmente um prazer pegar um caso que, por assim dizer, se resolveu automaticamente.

— E se fôssemos para a prefeitura, senhor Morisseau? O chefe já deve estar lá. E, tendo ido tão longe, podemos muito bem terminar. Será que o senhor Dutreuil irá conosco?

— Por que não? — disse Dutreuil, arrogantemente.

Mas, quando Rénine estava abrindo a porta, houve um barulho na passagem, e o gerente correu para o grupo, balançando os braços:

— senhor Dutreuil ainda está aqui? Senhor Dutreuil, seu apartamento está pegando fogo! Um homem lá fora nos disse. Ele o viu da praça.

Os olhos do jovem faiscaram. Durante talvez meio segundo, sua boca foi torcida por um sorriso que Rénine notou:

— Oh, seu malandro! — exclamou. — Você se entregou, meu querido! Foi você quem incendiou o lugar lá em cima; e agora as notas estão queimando.

Ele bloqueou sua saída.

— Deixe-me passar — gritou Dutreuil. — Há um incêndio e ninguém pode entrar, porque ninguém mais tem a chave. Aqui está ela. Deixe-me passar, maldição!

Rénine arrancou a chave de sua mão e, segurando-o pelo colarinho, avisou:

— Não se mexa, meu bom amigo! O jogo está pronto! Senhor Morisseau, você dará ordens ao sargento para não o perder de vista e explodir seus miolos se ele tentar fugir? Sargento, nós confiamos em você! Ponha uma bala nele, se necessário…

Apressou-se a subir as escadas, seguido por Hortense e pelo inspetor-chefe, que protestava um tanto irritado:

— Mas eu digo, olha aqui, não foi ele quem ateou fogo ao lugar! Como você acha que fez isso, sendo que sempre estivemos juntos?

— Ora, ele colocou fogo de antemão, com certeza!

— Como? Pergunto-lhe, como?

— Como vou saber? Mas um incêndio não se inicia assim, sem razão alguma, no exato momento em que um homem quer queimar papéis

comprometedores.

Eles ouviram um tumulto lá em cima. Eram os garçons do restaurante tentando abrir a porta. Um cheiro de acrílico encheu a escada.

Rénine chegou ao último andar:

— Com sua licença, amigos. Eu tenho a chave.

Enfiou-a na fechadura e abriu a porta. Foi recebido por uma rajada de fumaça tão densa que se poderia muito bem ter suposto que todo o chão estivesse em chamas. Rénine imediatamente viu que o fogo havia apagado sozinho, por falta de combustível, e que não havia mais chamas.

— Senhor Morisseau, você não deixará ninguém entrar conosco, certo? Um intruso poderá estragar tudo. Feche a porta, será melhor.

Ele entrou na sala da frente, onde o fogo obviamente tinha seu centro principal. Os móveis, as paredes e o teto, embora enegrecidos pela fumaça, não haviam sido tocados. De fato, o fogo estava confinado a uma pilha de papéis que ainda estava queimando no meio da sala, em frente à janela.

Rénine bateu em sua testa:

— Que tolo eu sou! Que idiota!

— Por quê? — perguntou o inspetor.

— A caixa do chapéu, é claro! A caixa de chapéu feita de papelão, que estava sobre a mesa. Foi lá que ele escondeu as anotações. Estiveram ali durante toda a nossa busca.

— Impossível!

— Sim, porque nós sempre ignoramos aquele esconderijo em particular, aquele logo abaixo de nossos olhos, ao alcance de nossas mãos! Como se poderia imaginar que um ladrão deixaria sessenta mil francos em uma caixa de papelão aberta, na qual ele coloca seu chapéu quando entra, com um ar distraído? Esse é apenas o único lugar que não procuramos… Bem bolado, senhor Dutreuil!

O inspetor, que permanecia incrédulo, repetiu:

— Não, não, impossível! Estávamos ali. Ele mesmo não poderia ter iniciado o fogo.

— Tudo foi preparado de antemão, supondo que poderia haver um alarme… A caixa do chapéu… os lenços de papel… as notas bancárias: tudo deve ter sido mergulhado em algum líquido inflamável. Ele deve ter jogado um fósforo, um preparado químico, quando estávamos saindo.

— Mas nós teríamos visto! E então, é crível que um homem que cometeu um assassinato por causa de sessenta mil francos deva acabar com o dinheiro dessa maneira? Se o esconderijo era tão bom, e era, porque nunca o descobrimos, por que essa destruição inútil?

— Ele se assustou, senhor Morisseau. Lembre-se de que sua cabeça está em jogo e ele sabe disso. Qualquer coisa em vez da guilhotina; e as notas bancárias eram as únicas provas que tínhamos contra ele. Como poderia deixá-las onde estavam?

Morisseau ficou aturdido:

— O quê! A única prova?

— Obviamente!

— Mas e as suas testemunhas? Suas evidências? Tudo o que você ia dizer ao chefe?

— Mero blefe.

— Bem, por minha palavra — rosnou o inspetor, desorientado —, você é uma boa pessoa.

— Você teria agido sem o meu blefe?

— Não.

— Então o que mais você quer?

Rénine se abaixou para agitar as cinzas. Mas não havia sobrado nada, nem mesmo aqueles restos de papel rígido que ainda conservam sua forma.

— Nada — murmurou. — É esquisito, mesmo assim! Como ele foi capaz de acender essa coisa?

Levantou-se, olhando com atenção. Hortense tinha a sensação de que ele estava fazendo seu esforço supremo e que, após aquela última luta no escuro, ou elaboraria seu plano de vitória ou admitiria a derrota.

Caindo de ansiedade, ela perguntou:

— Está tudo acabado, não está?

— Não, não — disse ele, pensando bem —, não está tudo acabado. Foi há alguns segundos. Mas agora há um brilho de luz… e um brilho que me dá esperança.

— Que Deus conceda que possa ser justificado!

— Devemos ir devagar — acrescentou. — É apenas uma tentativa, mas uma boa, uma tentativa muito boa; e pode ser bem-sucedida.

Permaneceu em silêncio por um momento. Depois, com um sorriso divertido e um clique da língua, disse:

— Um sujeito infernalmente inteligente, esse Dutreuil! Seu truque de queimar as notas: que imaginação fértil! E que frieza! Uma dança bonita em que o mendigo me conduziu! Ele é um mestre!

Pegou uma vassoura da cozinha e varreu uma parte das cinzas para a sala ao lado, retornando com uma caixa de chapéu do mesmo tamanho e aparência da que havia sido queimada. Depois de amassar os lenços de papel com os quais a preencheu, colocou a caixa sobre a mesinha e ateou fogo a ela com um fósforo.

A caixa irrompeu em chamas, que Rénine extinguiu quando tinham consumido metade do papelão e quase todo o papel. Então tirou do bolso interno de seu colete um maço de notas bancárias e selecionou seis, que queimaram quase por completo, arrumando os restos e escondendo as demais notas no fundo da caixa, entre as cinzas e os pedaços de papel escurecido.

— Sr. Morisseau, — disse ele, — estou pedindo sua ajuda pela última vez. Vá buscar Dutreuil. Diga-lhe exatamente isto: "Você está desmascarado. As notas não pegaram fogo. Venha comigo". E traga-o até aqui.

Apesar de sua hesitação e do medo de exceder as instruções do chefe do serviço de detetives, o inspetor-chefe se viu impotente ante a ascendência que Rénine havia adquirido sobre ele. Deixou a sala.

Rénine virou-se para Hortense:

— Você entende meu plano de batalha?

— Sim — ela falou —, mas é uma experiência perigosa. Você acha que Dutreuil cairá na armadilha?

— Tudo depende do estado dos nervos dele e do grau de desmoralização ao qual estiver reduzido. Um ataque surpresa pode fazer muito bem para ele.

— No entanto, suponha que ele reconheça por algum sinal alguma mudança na caixa.

— Oh, é claro, ele tem algumas chances a seu favor! O sujeito é muito mais astuto do que eu pensava e bastante capaz de se desviar da armadilha. De outro lado, porém, como deve estar inquieto! Como o sangue deve estar zumbindo em seus ouvidos e obscurecendo sua visão! Não, não creio que escape da armadilha… Ele vai ceder… Vai ceder…

Não trocaram mais palavras. Rénine não se moveu. Hortense estava profundamente agitada. A vida de um homem inocente estava em suspenso, tremendo na balança. Um erro de julgamento, um pouco de azar… e doze horas depois Jacques Aubrieux estaria morto.

E, junto com uma horrível angústia que ela experimentava, a despeito de tudo, havia um sentimento de curiosidade e ansiedade. O que o príncipe Rénine faria? Qual seria o resultado da experiência na qual ele estava se aventurando? Que resistência Gaston Dutreuil ofereceria?

Ela viveu um daqueles minutos de tensão sobre-humana em que a vida se intensifica até atingir seu valor máximo.

Ouviram passos nas escadas, de homens apressados. O som se aproximava mais. Estavam alcançando o último andar. Hortense olhou para seu companheiro. Ele se levantou e estava escutando, as feições já transfiguradas pela ação. Os passos agora ecoavam no corredor.

Então, de repente, Rénine correu para a porta e gritou:

— Rápido! Vamos dar um fim nisso!

Dois ou três detetives e dois garçons entraram. Ele pegou Dutreuil do meio dos detetives e o puxou pelo braço, exclamando alegremente:

— Muito bem, meu velho! Esse seu truque com a mesa e a garrafa de água foi realmente esplêndido! Uma obra-prima, eu diria! Só que… não deu certo!

— O que você quer dizer? Qual é o problema? — murmurou Gaston Dutreuil, cambaleante.

— O que eu digo: o fogo queimou apenas metade dos lenços de papel e da caixa do chapéu; e, embora algumas das notas bancárias tenham sido destruídas, como os lenços de papel, as outras estão lá, no fundo… Você entendeu? As notas há muito procuradas, a grande prova do assassinato: elas estão lá, onde você as escondeu… Por acaso, escaparam do fogo… Aqui, veja: aqui estão os números; você pode checá-los… Oh, você está feito, minha beleza!

O jovem aprumou-se rigidamente. Suas pálpebras estremeceram. Não aceitou o convite de Rénine para olhar; não examinou nem a caixa do chapéu nem as notas bancárias. Desde o primeiro momento, sem tomar tempo para refletir e antes que seu instinto pudesse adverti-lo, acreditou no que lhe foi dito e despencou fortemente em uma cadeira, chorando.

O ataque surpresa, para usar a expressão de Rénine, fora bem-sucedido. Ao ver todos os seus planos descobertos e o mestre inimigo de seus segredos, o homem miserável não tinha nem a força nem a perspicácia necessárias para se defender. Ele mordeu a isca.

Rénine não lhe deu tempo para respirar:

— Viva! Você está salvando sua cabeça; e isso é tudo, meu bom jovem! Escreva sua confissão e desabafe. Aqui está uma caneta-tinteiro… A sorte tem sido contra você, admito. Seu truque do último momento foi diabolicamente bem pensado. Você tinha as notas bancárias que estavam em seu caminho e que precisava destruir. Nada mais simples. Você pegou uma grande garrafa de água em formato arredondado e a colocou no parapeito da janela. Ela agiu como um vidro de queima, concentrando os raios do sol no papelão e no lenço de papel, tudo muito bem preparado. Dez minutos depois, os papéis irromperam em chamas. Uma esplêndida ideia! E, como todas as grandes descobertas, ela veio por acaso, certo? Faz lembrar a maçã de Newton… Um dia o sol, passando pela água daquela garrafa, deve ter incendiado um pedaço de algodão ou a cabeça de um fósforo; e, como você tinha o sol à sua disposição há pouco, disse a si mesmo "Agora é a hora" e colocou a garrafa na posição certa. Meus parabéns, Gaston! Veja, aqui está uma folha de papel. Escreva: "Fui eu quem assassinou o senhor Guillaume". Escreva, vou lhe ditar!

Inclinando-se sobre o jovem, com toda a sua implacável força de vontade, ele o obrigou a escrever, guiando sua mão e ditando as sentenças. Dutreuil, exausto, no final de suas forças, escreveu como lhe foi dito.

— Aqui está a confissão, senhor inspetor-chefe — disse Rénine. — Você terá a bondade de levá-la ao senhor Dudouis. Estes senhores — voltando-se para os garçons do restaurante — consentem, tenho certeza, em servir como testemunhas.

E, vendo que Dutreuil, abalado pelo que havia acontecido, não se mexia, deu-lhe uma sacudida:

— Ei, você, mostre-se vivo! Agora que você foi tolo o suficiente para confessar, faça o trabalho até o fim, meu gentil idiota!

Os outros o observavam, parados à sua frente.

— Obviamente — continuou Rénine —, você é apenas um simplório. A caixa do chapéu estava bastante queimada, assim como as notas. Esta caixa de chapéus, meu caro amigo, é diferente; e estas notas me pertencem. Eu

até queimei seis delas para fazer você engolir a cilada. E você não conseguia perceber o que havia acontecido. Que coruja você deve ser! Para me fornecer provas no último momento, quando eu não tinha uma única prova! E que evidência! Uma confissão por escrito! Escrita diante de testemunhas! Olhe aqui, meu homem, se eles cortarem sua cabeça, como eu sinceramente espero que façam, pela minha palavra, você terá merecido! Adeus, Dutreuil!

Lá embaixo, na rua, Rénine pediu a Hortense Daniel para pegar o carro e ir até Madeleine Aubrieux para lhe contar o que havia acontecido.

— E você? — perguntou Hortense.

— Eu tenho muito a fazer… compromissos urgentes…

— E você nega a si mesmo o prazer de levar a boa notícia?

— É uma das satisfações que se tem. O único prazer que nunca se abandona é o da própria luta. Depois disso, as coisas deixam de ser interessantes.

Hortense pegou a mão dele e, por um momento, segurou-a nas suas. Teria gostado de expressar toda a sua admiração por aquele homem estranho, que parecia fazer o bem como uma espécie de jogo e que o fez como um gênio. Mas não conseguia falar. Todos aqueles incidentes rápidos a tinham perturbado. A emoção apertou-lhe a garganta e provocou lágrimas.

Rénine curvou a cabeça e disse:

— Obrigado. Eu tenho minha recompensa.

---

[7] Cervejaria. (N.R.)

O caso de Jean Louis

— Senhor — continuou a jovem, dirigindo-se a Serge Rénine —, foi enquanto eu passava as férias da Páscoa em Nice com meu pai que conheci Jean Louis d'Imbleval…

Rénine a interrompeu:

— Desculpe-me, senhorita, mas agora mesmo você falou deste jovem como Jean Louis Vaurois.

— Esse também é o nome dele — disse ela.

— Ele tem dois nomes, então?

— Eu não sei… Não sei de nada sobre isso — emendou, com algum embaraço —, e é por isso que, por conselho de Hortense, vim pedir sua ajuda.

Essa conversa estava acontecendo no apartamento de Rénine, no Boulevard Haussmann, ao qual Hortense havia trazido sua amiga Geneviève Aymard, uma criaturinha esbelta e bonita, com o rosto ofuscado por uma expressão da maior melancolia.

— Rénine será bem-sucedido, acredite em minha palavra, Geneviève. Você vai, Rénine, não é mesmo?

— Por favor, conte-me o resto da história, senhorita — ele pediu.

Geneviève continuou:

— Eu já estava noiva de um homem que eu desprezo e detesto. Meu pai estava procurando me forçar a casar com ele e ainda está tentando fazer isso. Jean Louis e eu sentimos a mais viva simpatia um pelo outro, uma afinidade que logo se desenvolveu em um profundo e apaixonado afeto que, posso lhes assegurar, foi igualmente sincero de ambos os lados. No meu retorno a Paris, Jean Louis, que vive no campo com sua mãe e sua tia,

ocupou quartos em nossa propriedade na cidade. Como me é permitido sair sozinha, nos víamos diariamente. Não preciso lhes dizer que estávamos prestes a nos casar. Eu contei isso a meu pai. E ele respondeu assim: "Eu, particularmente, não gosto do noivo. Mas, seja ele ou outro, o que eu desejo é que você se case. Então, deixe-o vir para que peça sua mão. Se não, você deve fazer o que eu digo". Em meados de junho, Jean Louis foi para casa para tratar dos assuntos com sua mãe e sua tia. Recebi algumas cartas apaixonadas; e depois apenas estas poucas palavras:

Há obstáculos demais no caminho de nossa felicidade. Eu desisto. Estou louco de desespero. Eu a amo mais do que nunca. Adeus e me perdoe.

"Desde então, não recebi mais nada: nenhuma resposta às minhas cartas e telegramas."

— Talvez ele tenha se apaixonado por outra pessoa? — perguntou Rénine. — Ou pode haver algum relacionamento antigo do qual ele não seja capaz de se livrar.

Geneviève balançou a cabeça em uma negativa:

— Senhor, acredite-me, se nosso noivado tivesse sido interrompido por uma razão comum, eu não teria permitido que Hortense o incomodasse. Mas é algo bem diferente, estou absolutamente convencida. Há um enigma na vida de Jean Louis, ou melhor, um número infinito de mistérios que o atrapalham e o perseguem. Nunca vi tal aflição em um rosto humano. Desde o primeiro momento de nosso encontro, estavam presentes nele uma dor e melancolia que sempre persistiram, mesmo em momentos em que ele se entregava ao nosso amor com a maior confiança.

— Mas sua impressão deve ter sido confirmada por pequenos detalhes, por coisas que aconteceram para lhe parecerem peculiares.

— Eu não sei bem o que dizer.

— Estes dois sobrenomes, por exemplo…

— Sim, certamente houve isso.

— Com que nome ele se apresentou a você?

— Jean Louis d'Imbleval.

— Mas e Jean Louis Vaurois?

— É assim que meu pai o chama.

— Por quê?

— Porque foi assim que ele foi apresentado ao meu pai, em Nice, por um cavalheiro que o conhecia. Além disso, ele carrega cartões de visita que o apresentam com qualquer um dos nomes.

— Você nunca o questionou sobre esse ponto?

— Sim, já o questionei, duas vezes. Na primeira vez, ele disse que o nome de sua tia era Vaurois e o de sua mãe, d'Imbleval.

— E a segunda vez?

— Ele me disse o contrário: falou de sua mãe como Vaurois e da tia como d'Imbleval. Eu notei isso. Ele corou e eu achei melhor não o questionar mais.

— Ele vive longe de Paris?

— Bem na Bretanha: no Manoir d'Elseven, a oito quilômetros de Carhaix.

Rénine se levantou e perguntou à garota, a sério:

— Tem certeza de que ele a ama, senhorita?

— Tenho certeza disso e sei também que ele representa toda a minha vida e toda a minha felicidade. Só ele pode me salvar. Se não puder, então estarei casada dentro de uma semana com um homem que eu odeio. Prometi a meu pai; e os proclamas já foram publicados.

— Partiremos para Carhaix, senhora Daniel e eu, nesta noite — disse Rénine.

Naquela noite, ele e Hortense pegaram o trem para a Bretanha. Chegaram a Carhaix às dez horas da manhã e, depois do almoço, ao meio-dia e meia, entraram em um carro emprestado por um dos principais moradores do distrito.

— Você está um pouco pálida, minha querida — disse Rénine, com uma gargalhada, quando eles desembarcaram junto ao portão do jardim em Elseven.

— Eu gosto muito de Geneviève. Ela é a única amiga que tenho. E eu estou me sentindo assustada.

Ele chamou sua atenção para o fato de que o portão central estava ladeado por duas portinholas com os nomes de senhora d'Imbleval e senhora Vaurois, respectivamente. Cada uma dessas portinholas abria para um caminho estreito que corria entre os arbustos à esquerda e à direita da entrada principal.

A entrada propriamente dita levou a uma velha casa senhorial, longa, baixa e pitoresca, mas dotada de duas alas desajeitadas e feias, cada uma com um estilo diferente de arquitetura e cada qual formando o destino de um dos caminhos laterais. A senhora d'Imbleval evidentemente vivia à esquerda, e a senhora Vaurois, à direita.

Hortense e Rénine escutaram. Vozes estridentes e apressadas discutiam dentro da casa. O som vinha por uma das janelas do piso térreo, que estava nivelado com o jardim e coberto em toda a sua extensão por trepadeiras com flores vermelhas e brancas.

— Não podemos ir mais longe — disse Hortense. — Seria indiscreto.

— Mais uma razão — sussurrou Rénine. — Veja: se andarmos para a frente, não seremos vistos pelas pessoas que estão brigando.

Os sons do conflito não eram de forma alguma abafados e, quando os dois chegaram à janela ao lado da porta da frente, através das rosas rastejantes, puderam ver e ouvir duas velhinhas gritar no alto de suas vozes e sacudir os punhos uma para a outra.

As mulheres estavam em primeiro plano, em uma grande sala de jantar cuja mesa ainda não estava limpa; e no lado mais distante da mesa estava um jovem, sem dúvida o próprio Jean Louis, fumando seu cachimbo e lendo um jornal, sem parecer ter problemas com as duas idosas briguentas.

Uma delas, uma mulher magra e alta, usava um vestido de seda roxo, e seu cabelo mostrava uma massa de cachos amarelos demais para o rosto devastado ao redor do qual eles tombavam.

A outra, ainda mais magra, mas bastante baixa, andava agitada em volta da sala com um roupão de algodão e exibia um rosto vermelho, rubro de raiva:

— Um fardo, isso é o que você é! — ela gritou. — A mulher mais malvada do mundo e uma ladra na barganha!

— Eu, uma ladra! — gritou a outra.

— E aquele negócio com os patos a dez francos cada um: você não chama isso de roubo?

— Segure sua língua, sua criatura baixa! Quem roubou a nota de cinquenta francos da minha mesa de molho? Senhor, por que eu devo viver com tal desgraça?

A outra começou a se indignar com o ultraje e, dirigindo-se ao jovem, lamentou-se:

— Jean, você vai ficar sentado aí e me deixar ser insultada por sua vadia d'Imbleval?

E a mulher alta retorquiu, furiosamente:

— Vadia! Você ouviu isso, Louis? Olhe para ela, sua Vaurois! Ela tem os ares de uma garçonete! Faça-a parar, não consegue?

De repente, Jean Louis bateu com o punho na mesa, fazendo saltar os pratos e louças, e gritou:

— Fiquem quietas, as duas, suas velhas lunáticas!

As mulheres se voltaram imediatamente contra ele e o inundaram de insultos:

— Covarde!… Hipócrita!… Mentiroso!… Um belo tipo de filho que você é!… O filho de uma vadia, e você mesmo não é muito melhor!…

As ofensas choveram sobre ele. O rapaz fechou os ouvidos com os dedos e se contorceu enquanto se sentava à mesa como um homem que perdeu toda a paciência e precisava se conter para não cair sobre seu inimigo.

Rénine sussurrou:

— Agora é a hora de entrar.

— Em meio a essas pessoas enfurecidas? — protestou Hortense.

— Exatamente. Vamos vê-los melhor sem as máscaras.

E, com passos determinados, ele caminhou até a porta, abriu-a e entrou na sala, seguido por Hortense.

Sua chegada deu origem a um sentimento de estupefação. As duas mulheres pararam de gritar, mas ainda estavam com o rosto rubro e tremendo de raiva. Jean Louis, que estava muito pálido, levantou-se.

Aproveitando a confusão geral, Rénine disse, decidido:

— Permitam-me que me apresente. Eu sou o príncipe Rénine. Esta é a senhora Daniel. Somos amigos de senhorita Geneviève Aymard e viemos em nome dela. Tenho uma carta dela endereçada ao senhor.

Jean Louis, já desconcertado com a entrada dos recém-chegados, perdeu inteiramente a compostura ao ouvir o nome de Geneviève. Sem saber bem o que dizer e com intenção de responder ao comportamento cortês de Rénine, tentou, por sua vez, apresentar as duas damas, e deixou escapar as palavras espantosas:

— Minha mãe, senhora d'Imbleval; e minha mãe, senhora Vaurois.

Por algum tempo, ninguém falou. Rénine fez um gesto de consentimento. Hortense não sabia qual mão deveria apertar, se a da senhora d'Imbleval, a mãe, ou da senhora Vaurois, a mãe. Mas o que aconteceu foi que a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois, ambas ao mesmo tempo, tentaram pegar a carta que Rénine estava segurando para Jean Louis, enquanto as duas murmuravam ao mesmo tempo:

— Senhorita Aymard!… Ela teve a frieza… teve a audácia…!

Então Jean Louis, recuperando o autocontrole, agarrou sua mãe d'Imbleval e a empurrou para fora da sala por uma porta à esquerda e em seguida aproximou-se de sua mãe Vaurois e a levou para fora da sala por uma porta à direita. Depois, voltando-se aos dois visitantes, abriu o envelope e leu, em tom baixo:

> *Eu vou me casar em uma semana, Jean Louis. Venha em meu socorro, eu lhe suplico. Minha amiga Hortense e o príncipe Rénine o ajudarão a superar os obstáculos que o confundem. Confie neles. Eu amo você.*
>
> *GENEVIÈVE*

Ele era um jovem de aparência bastante enfadonha, cujo rosto muito moreno, magro e ossudo certamente carregava a expressão de melancolia e angústia descrita por Geneviève. De fato, as marcas do sofrimento eram visíveis em todos os seus traços carregados, assim como nos olhos tristes e ansiosos.

Ele repetiu diversas vezes o nome de Geneviève, enquanto olhava a carta com um ar distraído. Dava a impressão de estar procurando uma linha de raciocínio.

Parecia prestes a oferecer uma explicação, mas nada encontrou para dizer. A súbita intromissão o havia levado a uma desvantagem, como um ataque imprevisível que não sabia como enfrentar.

Rénine sentiu que o adversário capitularia na primeira intimação. O homem tinha lutado tão desesperadamente nos últimos meses e sofrido de maneira tão severa no retiro e no silêncio obstinado em que se refugiara que não pensava em se defender. Além disso, como poderia fazê-lo, agora que eles tinham forçado uma invasão à privacidade de sua odiosa existência?

— Acredite em minha palavra, senhor — sugeriu Rénine —, que é do seu melhor interesse confiar em nós. Somos amigos de Geneviève Aymard. Não hesite em falar.

— Não posso vacilar — disse ele —, depois do que você acabou de ouvir. Esta é a vida que eu levo, senhor. Vou lhe contar todo o segredo, para que possa relatá-lo a Geneviève. Ela entenderá então por que eu não voltei… e por que eu não tenho o direito de fazê-lo.

Empurrou uma cadeira para a frente, para Hortense. Depois os dois homens se sentaram, e, sem qualquer necessidade de mais persuasão, como se ele próprio sentisse um certo alívio em desabafar, começou:

— O senhor não deve se surpreender, senhor, se eu contar minha trajetória com certa irreverência, pois, de fato, é uma história francamente cômica e não poderá deixar de fazê-lo rir. O destino muitas vezes se diverte com esses jogos imbecis, essas farsas monstruosas que parecem ter sido inventadas pelo cérebro de um louco ou de um bêbado. Julgue por si mesmo.

O rapaz respirou fundo antes de prosseguir.

— Há vinte e sete anos, o Manoir d'Elseven, que naquela época consistia apenas do edifício principal, era ocupado por um velho médico que, para aumentar seus modestos meios, costumava receber um ou dois hóspedes pagantes. Desta forma, a senhora d'Imbleval passou o verão aqui um ano, e a senhora Vaurois, o verão seguinte. Nessa época, estas duas senhoras não se conheciam. Uma era casada com um bretão de um navio mercante, e a outra, com um viajante comercial da Vendeia[8].

Seu olhar estava distante, como a imaginar a cena das duas mulheres.

— Aconteceu que elas perderam seus maridos ao mesmo tempo, em um período em que cada uma delas estava esperando um bebê. E, como ambas viviam no campo, em lugares distantes de qualquer cidade, escreveram ao velho médico dizendo que pretendiam vir a sua casa para o seu confinamento… ao que o senhor concordou. Elas chegaram quase no mesmo dia, no outono. Dois pequenos quartos foram preparados, atrás da sala em que estamos sentados. O médico tinha contratado uma enfermeira, que dormiu aqui mesmo. Tudo estava perfeitamente satisfatório. As senhoras davam os retoques finais em suas roupas de bebê e se davam esplendidamente bem. Estavam determinadas a que seus filhos fossem meninos e tinham escolhido os nomes de Jean e Louis respectivamente…

Fez uma pausa, para garantir que sua história estivesse sendo bem compreendida.

— Uma noite, o médico foi chamado para um caso e foi embora para seu trabalho com o criado, dizendo que não voltaria até o dia seguinte. Na ausência de seu mestre, a moça que servia como dama de companhia saiu correndo para se encontrar com seu amado. O destino destes incidentes evoluiu com malignidade diabólica. Por volta da meia-noite, a senhora d'Imbleval foi tomada pelas primeiras dores. A enfermeira, senhorita Boussignol, tinha recebido algum treinamento como parteira e não se desesperou. Mas, uma hora depois, chegou a vez da senhora Vaurois; e a tragédia, ou melhor, a tragicomédia, foi decretada entre os gritos e gemidos das duas pacientes e a agitação desconcertada da enfermeira correndo de uma para a outra, lamentando seu destino, abrindo a janela para chamar o médico ou caindo de joelhos para implorar a ajuda da Providência…

O rosto do rapaz não mostrava expressão alguma, como se já tivesse relatado o fato mentalmente milhares de vezes.

— A senhora Vaurois foi a primeira a trazer o filho ao mundo. A senhorita Boussignol carregou-o apressadamente para cá, lavou-o, cuidou dele e o colocou no berço preparado… Mas a senhora d'Imbleval gritou de dor, e a enfermeira teve de atendê-la enquanto o recém-nascido berrava como um porco preso, e a mãe, aterrorizada, incapaz de se mexer de sua cama, desmaiava… Acrescente a isso toda a miséria da escuridão e desordem… a única lâmpada, sem óleo, pois a criada havia se esquecido de enchê-la, as velas se apagando, o gemido do vento, o grito das corujas, e você entenderá que a senhorita Boussignol estava assustada. Entretanto, às cinco horas da manhã, após muitos incidentes trágicos, ela entrou aqui com o bebê d'Imbleval, também um menino, lavou-o e cuidou dele, colocou-o em seu berço e partiu para ajudar a senhora Vaurois, que tinha vindo a si e estava gritando, enquanto a senhora d'Imbleval, por sua vez, tinha desmaiado.

Seus olhos brilharam levemente, indicando a comicidade dos fatos.

— E, quando a senhorita Boussignol, tendo assentado as duas mães, mas meio louca de cansaço, seu cérebro em um turbilhão, se voltou para as crianças recém-nascidas, percebeu com horror que as havia embrulhado em duas mantas iguais, enfiado seus pés em meias de lã iguais e colocado as duas crianças, lado a lado, *no mesmo berço,* de modo que era impossível

diferenciar Louis d'Imbleval de Jean Vaurois!… Para piorar a situação, quando levantou um deles do berço, descobriu que suas mãos estavam frias como gelo e que ele havia deixado de respirar. Estava morto. Qual era seu nome e qual era o nome do sobrevivente? Três horas depois, o médico encontrou as duas mulheres em estado de delírio frenético, enquanto a enfermeira se arrastava de uma cama para a outra, suplicando às duas mães que a perdoassem. Ela me entregou primeiro a uma, depois à outra, para receber seu carinho, pois eu era a criança sobrevivente, e elas primeiro me beijaram e depois me afastaram; pois, afinal, quem era eu? O filho da viúva senhora d'Imbleval e do falecido comerciante-capitão ou o filho da viúva senhora Vaurois e do falecido viajante comercial? Não havia uma pista pela qual eles pudessem saber… O médico implorou que cada uma das duas mães sacrificasse seus direitos, pelo menos do ponto de vista legal, para que eu pudesse ser chamado de Louis d'Imbleval ou Jean Vaurois. Elas se recusaram absolutamente. "Por que Jean Vaurois, se ele é um d'Imbleval?", protestou uma delas. "Por que Louis d'Imbleval, se ele é um Vaurois?" retorquiu a outra. E eu então fui registrado sob o nome de Jean Louis, filho de um pai e de uma mãe desconhecidos.

O príncipe Rénine escutara em silêncio. Mas Hortense, à medida que a história se aproximava de sua conclusão, havia cedido espaço a toda uma hilaridade que não podia mais conter, e de repente, apesar de todos os seus esforços, irrompeu em um ataque de riso selvagem:

— Perdoe-me — balbuciou, os olhos cheios de lágrimas —, perdoe-me; é demais para os meus nervos…

— Não se desculpe, senhora — disse o jovem gentilmente, em uma voz sem ressentimento. — Eu a avisei de que minha história era risível; eu, melhor do que ninguém, sei como é absurda, como não faz sentido. Sim, tudo isso é perfeitamente grotesco. Mas acredite quando lhe digo que, na realidade, não foi divertido. Parece uma situação humorística e permanece engraçada pela força das circunstâncias; mas também é horrível. Você pode ver isso, não? As duas mães, nenhuma das quais estava convicta de ser a mãe, mas nenhuma certa de não ser, ambas agarradas a Jean Louis. Ele poderia ser um estranho, mas poderia ser sua própria carne e sangue. Elas o amavam em excesso e lutavam furiosamente por ele.

Seu olhar era de profunda mágoa. Prosseguiu:

— E, acima de tudo, as duas vieram a se odiar com um sentimento mortal. Diferindo completamente em caráter e educação e obrigadas a viver juntas porque nenhuma estava disposta a renunciar à vantagem de sua possível maternidade, viveram a vida de inimigas irreconciliáveis que nunca podiam colocar suas armas de lado… Eu cresci em meio a esse ódio e o incuti em mim por ambas. Quando meu coração infantil, sedento de afeto, me inclinava para uma, a outra procurava inspirar-me repugnância e desprezo por aquela. Nesse solar, que elas compraram com a morte do velho médico e ao qual acrescentaram as duas alas, eu era o torturador involuntário e sua vítima diária. Atormentado quando criança e, quando jovem, levando a mais horrenda das vidas. Duvido que alguém na Terra tenha sofrido mais do que eu.

— Você devia tê-las deixado! — Hortense exclamou, já livre do riso.

— Não se pode ignorar a própria mãe; e uma dessas duas mulheres é minha mãe. E uma mulher não pode abandonar seu filho; e cada uma delas tinha o direito de acreditar que eu era seu filho. Estávamos os três acorrentados como condenados, com laços de tristeza, compaixão, dúvida e a esperança de que a verdade pudesse um dia se tornar aparente. E aqui estamos nós ainda, os três, insultando uns aos outros e culpando uns aos outros por nossas vidas desperdiçadas. Oh, que inferno! E não há como fugir disso. Eu tentei muitas vezes… mas em vão. Os laços quebrados ficaram novamente amarrados.

Seu rosto se iluminou.

— Somente neste verão, sob o estímulo de meu amor por Geneviève, tentei me libertar e fiz o máximo para convencer as duas mulheres a quem chamo de mãe. E depois… e depois! Eu me vi diante de suas queixas, seu ódio imediato à esposa, ao estranho, a quem eu propunha forçá-las… Eu cedi. Que tipo de vida Geneviève teria aqui, entre a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois? Eu não tinha o direito de sacrificá-la.

Jean Louis, que aos poucos foi ficando agitado, proferiu estas últimas palavras com voz firme, como se desejasse que sua conduta fosse atribuída a motivos de consciência e a um senso de dever.

Na realidade, como Rénine e Hortense viram claramente, sua natureza era de uma fraqueza incomum, incapaz de reagir contra uma posição ridícula na qual ele havia sofrido desde criança e que havia passado a encarar como final e irremediável.

Suportou-a como um homem que carrega uma cruz que não tem o direito de abandonar; e, ao mesmo tempo, envergonhava-se dela. Nunca havia falado disso a Geneviève, pelo pavor do ridículo; e depois, ao voltar para sua prisão, havia permanecido lá por hábito e fraqueza.

Sentou-se a uma escrivaninha e rapidamente escreveu uma carta que entregou a Rénine:

— Você faria a gentileza de entregar esta nota à senhorita Aymard e implorar-lhe mais uma vez que me perdoe?

Rénine não se moveu e, quando o rapaz empurrou a carta em sua direção, ele a pegou e rasgou-a.

— O que isso significa? — o jovem perguntou.

— Significa que não levarei nenhuma mensagem.

— Por quê?

— Porque você está vindo conosco.

— Eu?

— Sim. Você verá a senhorita Aymard amanhã e pedirá a mão dela em casamento.

Jean Louis olhou para Rénine com uma expressão bastante desdenhosa, como se estivesse pensando:

— Aqui está um homem que não entendeu uma palavra do que lhe expliquei.

Mas Hortense foi até Rénine:

— Por que você diz isso?

— Porque será como eu digo.

— Mas você deve ter suas razões…

— Uma só; mas será suficiente, desde que este cavalheiro tenha a gentileza de me ajudar a responder às minhas perguntas.

— Perguntas? Com que objetivo? — indagou o jovem.

— Com o objetivo de provar que sua história não é muito precisa.

Jean Louis ficou indignado:

— Devo lhe pedir que acredite, senhor, que não disse uma palavra que não seja verdadeira.

— Eu me expressei mal — atalhou Rénine, muito gentilmente. — Certamente você não disse uma palavra que não esteja de acordo com o que você acredita que seja a verdade. Mas a verdade não é, não pode ser assim.

O jovem cruzou os braços:

— Em todo caso, senhor, parece provável que eu deva saber a verdade melhor do que o senhor.

— Por que melhor? O que aconteceu naquela noite trágica obviamente só pode ser conhecido por você em segunda mão. Você não tem provas. Tampouco a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois.

— Prova de quê? — exclamou Jean Louis, perdendo a paciência.

— Nenhuma prova da confusão ocorrida…

— O quê? É uma certeza! As duas crianças foram colocadas no mesmo berço, sem marcas para distinguir uma da outra; e a enfermeira foi incapaz de dizer…

— Pelo menos essa é a versão dela — Rénine o interrompeu.

— O que é isso? A versão dela? Mas você está acusando a mulher…

— Não a estou acusando de nada…

— Sim, você está: você a está acusando de mentir. E por que ela mentiria? Não tinha interesse em fazê-lo; e suas lágrimas e seu desespero não provam sua boa-fé? Pois, afinal, as duas mães estavam lá… viram a mulher chorar… e a questionaram… E então, repito, que interesse ela teria…?

Jean Louis estava muito alterado. Perto dele, a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois, que sem dúvida estiveram escutando atrás das portas e que haviam entrado furtivamente na sala, ficaram gaguejando, maravilhadas:

— Não, não… é impossível… Nós a questionamos repetidas vezes. Por que ela teria mentido?

— Fale, senhor, fale — Jean Louis ordenou. — Explique-se. Dê suas razões para tentar lançar dúvidas sobre uma verdade absoluta!

— Essa verdade é inadmissível — afirmou Rénine, elevando o tom de voz e ficando, por sua vez, alterado a ponto de acentuar suas observações batendo na mesa.

— Não, as coisas não acontecem assim. Não, o destino não mostra esses refinamentos de crueldade, e o acaso não se soma ao acaso com tal extravagância imprudente! Já era uma chance sem precedentes que, na mesma noite em que o médico, seu servo e sua empregada estivessem fora de casa, as duas senhoras fossem acometidas pelas dores de parto simultaneamente e trouxessem dois filhos ao mundo ao mesmo tempo. Não

acrescentemos um acontecimento ainda mais excepcional! Já chega de coisas estranhas! Chega de lâmpadas que se apagam e de velas que se recusam a queimar! Não e novamente não, não é admissível que uma parteira se confunda nos detalhes essenciais de seu ofício. Por mais desconcertada que ela pudesse estar pela natureza imprevista das circunstâncias, um resquício de instinto ainda estaria em alerta, de modo que houvesse um lugar preparado para cada criança e cada uma fosse mantida separada da outra. A primeira criança está aqui, a segunda, ali. Mesmo que elas estivessem deitadas lado a lado, uma estaria à esquerda, e a outra, à direita. Mesmo que envoltas no mesmo tipo de manta, alguns pequenos detalhes difeririam, uma bobagem que é registrada pela memória e que é inevitavelmente lembrada à mente sem qualquer necessidade de reflexão. Confusão? Eu me recuso a acreditar nisso. Impossível distinguir um do outro? Não é verdade. No mundo da ficção, sim, pode-se imaginar todo tipo de acidentes fantásticos e contradições sem fim. Mas, no mundo real, no coração da realidade, há sempre um ponto fixo, um núcleo sólido sobre o qual os próprios fatos se agrupam de acordo com uma ordem lógica. Declaro, portanto, muito categoricamente, que a enfermeira Boussignol não poderia ter confundido as duas crianças.

Ele falou tudo isso de forma incisiva, como se tivesse estado presente na noite em questão; e seu poder de persuasão foi tão grande que desde o primeiro momento abalou a certeza daqueles que por mais de um quarto de século nunca haviam duvidado.

As duas mulheres e seu filho se entreolharam e o questionaram com ansiedade, quase sem fôlego:

— Então você acha que ela pode saber… que pode ser capaz de nos dizer…?

Ele mesmo se corrigiu:

— Eu não digo que sim e não digo que não. Tudo o que acho é que houve algo em seu comportamento durante aquelas horas que não condiz com suas declarações e com a realidade. Todo o vasto e intolerável mistério que pesou sobre vocês três surge não de uma momentânea falta de atenção, mas de algo que nós não sabemos, mas que ela sabe. Isso é o que eu sustento; e foi o que aconteceu.

Jean Louis falou, com voz rouca:

— Ela está viva… Mora em Carhaix… Podemos mandar buscá-la…

Hortense imediatamente sugeriu: — Você gostaria que eu fosse até ela? Eu iria de carro e a traria de volta comigo. Onde ela mora?

— No centro da cidade, em uma pequena loja de cortinas. O chofer lhe mostrará. É a senhorita Boussignol: todos a conhecem…

— E faça como achar melhor — acrescentou Rénine —, mas não a avise de modo algum. Se ela estiver inquieta, tanto melhor. Mas não deixe que a senhora saiba de nossas intenções…

Vinte minutos se passaram em silêncio absoluto. Rénine andou pela sala, na qual os belos móveis velhos, as tapeçarias bonitas, os livros bem encadernados e as lindas quinquilharias denotavam um amor pela arte e uma busca de estilo em Jean Louis. Aquele espaço era realmente dele.

Nos cômodos adjacentes, de ambos os lados, através das portas abertas, Rénine foi capaz de notar o mau gosto das duas mães. Ele foi até Jean Louis e, em voz baixa, perguntou:

— Elas estão bem financeiramente?

— Sim.

— E você?

— Elas me garantiram a casa senhorial, com toda a terra ao redor, o que me torna bem independente…

— As senhoras têm alguns parentes?

— Irmãs, ambas…

— Com quem poderiam ir morar…

— Sim; e algumas vezes pensaram em fazer isso. Mas não pode haver qualquer dúvida quanto a esse assunto. Mais uma vez eu lhe asseguro…

Ainda conversavam quando perceberam que o carro já voltava.

As duas mulheres saltaram apressadamente, prontas para falar.

— Deixem comigo — disse Rénine —, e não se surpreendam com nada do que eu disser. Não se trata de fazer perguntas, mas de assustá-la, de provocá-la… O ataque repentino — acrescentou entredentes.

O carro passou pelo gramado e estacionou perto das janelas. Hortense saltou e ajudou uma mulher idosa a descer. A senhora usava boné de linho canelado, corpete de veludo preto e uma pesada saia franzida.

A idosa entrou em grande estado de alarme. Tinha um rosto pontiagudo, como o de uma doninha, com boca proeminente, cheia de dentes salientes.

— Qual é o problema, senhora d'Imbleval? — perguntou ela, entrando timidamente na sala onde o médico a conduzira uma vez. — Bom dia para a senhora, senhora Vaurois.

As senhoras não responderam. Rénine apresentou-se e disse, com firmeza:

— Senhorita Boussignol, fui enviado pela polícia de Paris para lançar luz sobre uma tragédia que ocorreu aqui há vinte e sete anos. Acabo de obter provas de que a senhora distorceu a verdade e que, como resultado de suas falsas declarações, o certificado de nascimento de uma das crianças nascidas naquela noite é impreciso. Agora falsas declarações em matéria de certidões de nascimento são delitos puníveis por lei. Portanto, serei obrigado a levá-la a Paris para ser interrogada… a menos que esteja preparada, aqui e agora, para confessar tudo que possa reparar as consequências de seu delito…

A velha tremia dos pés à cabeça. Seus dentes tagarelavam. Estava evidentemente incapaz de opor a menor resistência a Rénine.

— Você está pronta para confessar tudo? — perguntou ele.

— Sim — desesperou-se a mulher.

— Sem demora? Tenho de pegar um trem. O negócio deve ser resolvido imediatamente. Se mostrar a menor hesitação, eu a levarei comigo. Você já tomou a decisão de falar?

— Sim.

Ele apontou para Jean Louis:

— De quem este senhor é filho? Da senhora d'Imbleval?

— Não.

— De senhora Vaurois, portanto?

— Não.

Um silêncio perplexo seguiu-se às duas respostas.

— Explique-se — Rénine ordenou, olhando para o relógio.

Então a senhorita Boussignol caiu de joelhos e disse, com uma voz tão baixa e embotada que tiveram que se dobrar sobre ela para captar o sentido do que murmurava:

— Alguém chegou à noite… um cavalheiro com um bebê recém-nascido envolto em cobertores, que ele queria que o médico cuidasse. Como o médico não estava lá, esperou a noite toda e foi ele quem fez tudo isso.

— Fez o quê? — perguntou Rénine. — O que ele fez? O que aconteceu?

— Bem, o que aconteceu foi que não foi uma criança, mas as duas que morreram: a da senhora d'Imbleval e a da senhora Vaurois também, ambas em convulsões. Então o cavalheiro, vendo a situação, disse: "Isto me mostra onde está meu dever. Devo aproveitar esta oportunidade para garantir que meu próprio filho seja feliz e bem cuidado. Coloque-o no lugar de uma das crianças mortas". Ele me ofereceu uma grande soma em dinheiro, dizendo que este único pagamento lhe pouparia as despesas de sustentar seu filho a cada mês; e eu aceitei. Só que eu não sabia em que lugar o colocar e se deveria dizer que o menino era Louis d'Imbleval ou Jean Vaurois. O cavalheiro pensou por um momento e não disse nada sobre isso. Então me explicou o que eu deveria fazer e dizer depois que ele tivesse partido. E, enquanto eu vestia seu menino com as roupas de uma das crianças mortas, ele envolveu a outra nos cobertores que havia trazido consigo e saiu à noite.

A enfermeira curvou a cabeça e chorou. Depois de um momento, Rénine falou:

— Seu depoimento está de acordo com o resultado de minhas investigações.

— Posso ir?

— Sim.

— E, no que me diz respeito, está tudo acabado? Eles não falarão sobre isso em todo o distrito?

— Não. Oh, só mais uma pergunta: você sabe o nome do homem?

— Não. Ele não me disse o nome. Não.

— Você já o viu desde então?

— Nunca.

— Você tem algo mais a dizer?

— Não…

— Você está preparada para assinar o termo escrito de sua confissão?

— Sim.

— Muito bem. Mandarei chamá-la dentro de uma semana ou duas. Até lá, nem uma palavra a ninguém.

Ele a acompanhou até a porta. Quando voltou, Jean Louis estava entre as duas senhoras idosas, e os três se encontravam de mãos dadas. O laço de ódio e tristeza que os havia amarrado se rompera de repente. Esse rompimento não exigia qualquer reflexão sobre o assunto, apenas os envolvia com uma tranquilidade suave da qual mal estavam conscientes,

mas que os tornava sérios e pensativos.

— Vamos apressar as coisas — disse Rénine a Hortense. — Este é o momento decisivo da batalha. Temos de colocar Jean Louis a bordo.

Hortense parecia preocupada. Ela sussurrou:

— Por que você deixou a mulher ir? Ficou satisfeito com seu depoimento?

— Eu não preciso ficar satisfeito. Ela nos contou o que aconteceu. O que mais você queria?

— Nada… Eu não sei…

— Falaremos sobre isso mais tarde, minha querida. Por enquanto, repito, temos de colocar Jean Louis a bordo. E imediatamente… Caso contrário…

Ele se voltou para o jovem:

— Você concorda comigo que, estando as coisas nessa condição, será melhor para você, a senhora Vaurois e a senhora d'Imbleval se separarem por um tempo? Isso permitirá que todos vocês vejam a situação com mais clareza e decidam em perfeita liberdade o que deve ser feito. Venha conosco, senhor. O mais urgente é salvar Geneviève Aymard, sua *noiva*.

Jean Louis estava perplexo e indeciso. Rénine voltou-se para as duas mulheres:

— Esta também é opinião das senhoras, tenho certeza…

Elas acenaram com a cabeça, em concordância.

— Veja, senhor — ele disse a Jean Louis —, estamos todos de acordo. Em grandes crises não há nada como a separação… alguns dias de descanso. Rápido agora, senhor.

E, sem lhe dar tempo para mais delongas, levou-o em direção ao quarto para arrumar as malas.

Meia hora depois, Jean Louis deixava a casa senhorial com seus novos amigos.

— E ele não voltará até estar casado — disse Rénine a Hortense enquanto aguardavam na estação Carhaix, para onde o carro os havia levado. — Tudo é para o melhor. Você está feliz?

— Sim, Geneviève ficará contente — ela respondeu, ausente.

Quando tomaram seus assentos no trem, Rénine e Hortense foram para o vagão-restaurante. Rénine, que havia feito várias perguntas a Hortense às quais ela respondera apenas com monossílabos, protestou:

— Qual o problema, minha menina? Você parece preocupada!

— Eu? De modo algum!

— Sim, sim, eu a conheço. Agora, sem segredos, sem mistérios!

Ela sorriu:

— Bem, já que você insiste em saber se estou realizada, sou obrigada a admitir que, naturalmente, estou… no que diz respeito à minha amiga Geneviève, mas que, sob outro aspecto, do ponto de vista da aventura, tenho um tipo de sentimento desconfortável…

— Para falar francamente, desta vez não a deixei participar?

— Não muito.

— Parece que você desempenhou um papel secundário? Mas, afinal de contas, o que eu fiz? Nós chegamos. Ouvimos a história de Jean Louis. Mandei buscar uma parteira. E isso foi tudo.

— Exatamente. Quero saber se isso era mesmo tudo; e não tenho bem certeza. Para dizer a verdade, nossas outras aventuras deixaram a impressão de que ficaram… como devo dizer… mais definidas, mais claras…

— E esta lhe pareceu obscura?

— Obscura, sim, e incompleta.

— Mas de que maneira?

— Não sei. Talvez tenha algo a ver com a confissão daquela mulher. Sim, muito provavelmente é isso. Foi tudo tão inesperado e tão breve…

— Bem, é claro, eu a encurtei, como você pode facilmente imaginar! — disse Rénine, rindo. — Não queríamos muitas explicações.

— O que você quer dizer?

— Porque, se ela tivesse dado suas explicações com muitos detalhes, acabariam duvidando do que estava nos contando.

— Por duvidar dela?

— Bem, pondere, a história é um pouco rebuscada. Aquele sujeito chegando à noite, com um bebê vivo no bolso, e indo embora com um morto: a coisa mal se sustenta. Mas veja, minha querida, não tive muito tempo para treinar a pobre mulher em seu papel.

Hortense olhou para ele espantada:

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, você sabe como estas mulheres do campo são bobas. E ela e eu não tínhamos tempo a perder. Então, fizemos um pequeno ensaio apressado… e ela não se saiu tão mal. Estava tudo na medida certa: o

terror, os tremores, as lágrimas…

— Será possível? — murmurou Hortense. — Será que é possível? Você a tinha visto de antemão?

— Eu precisava, é claro.

— Mas quando?

— Nesta manhã, quando chegamos. Enquanto você estava se divertindo no hotel em Carhaix, eu estava correndo para ver quais informações poderia recolher. Como você pode imaginar, todos no distrito conhecem a história dos d'Imbleval-Vaurois. Fui imediatamente direcionado à antiga parteira, a senhorita Boussignol. Com ela não demorou muito. Três minutos para resolver uma nova versão do que havia acontecido e dez mil francos para induzi-la a repetir aquela… versão mais ou menos crível… para as pessoas da casa senhorial.

— Uma versão bem incrível!

— Não tão ruim assim, minha cara, haja vista que você acreditou… e os outros também. E isso era o essencial. O que eu tinha de fazer era demolir de uma só vez uma verdade que tinha vinte e sete anos de existência e que foi ainda mais firmemente estabelecida porque foi fundamentada em fatos.

Ele suspirou, fitando-a.

— Foi por isso que eu fui em frente com todo o meu vigor e o ataquei com pura força de eloquência. Impossível identificar as crianças? Eu o nego. Confusão inevitável? Não é verdade. "Vocês três", eu disse, "são vítimas de algo que eu não sei, mas que é seu dever esclarecer!" "Isso é fácil de fazer", falou Jean Louis, cuja convicção foi imediatamente abalada. "Vamos mandar chamar a senhorita Boussignol." "Certo! Vamos mandar chamá-la." Ao que a senhorita Boussignol chega e murmura o pequeno discurso que eu lhe ensinei. Sensação! Espanto geral… do qual aproveito para levar nosso jovem!

Hortense fez um meneio com a cabeça:

— Mas eles logo perceberão isso, todos os três, raciocinando!

— Nunca! Nunca! Eles terão suas dúvidas, talvez. Mas jamais consentirão em ter certeza! Jamais concordarão em pensar! Use sua imaginação! Aqui estão três pessoas que salvei do inferno em que soluçam há um quarto de século. Você acha que voltarão para isso? Aqui estão três pessoas que, por fraqueza ou falso senso de dever, não tiveram coragem de escapar. Você acha que não se apegarão à liberdade que estou lhes dando?

Bobagem! Eles teriam engolido uma farsa duas vezes mais difícil de digerir do que a que a senhorita Boussignol lhes contou! Afinal de contas, minha versão não era mais absurda do que a verdade. Ao contrário. E eles a aceitaram… totalmente! Veja só: antes de sairmos, ouvi a senhora d'Imbleval e a senhora Vaurois falarem de uma retirada imediata. Elas já estavam se tornando bastante afetuosas ao pensar em se ver pela última vez.

— Mas e quanto a Jean Louis…

— Jean Louis? Ora, ele estava farto de suas duas mães! Por Deus, não se pode ter duas mães em uma vida! Que situação! E, quando se tem a sorte de poder escolher entre ter duas mães ou não ter nenhuma, Deus que me perdoe, não se hesita! E, além disso, Jean Louis está apaixonado por Geneviève.

Ele riu.

— E ele a ama o suficiente, espero e confio, para não lhe infligir duas sogras! Venha, você pode acalmar sua mente. A felicidade de sua amiga está assegurada; e isso é o que você me pediu. Tudo o que importa é o objetivo que alcançamos, e não a natureza mais ou menos peculiar dos métodos que empregamos. E, se algumas aventuras são concluídas e alguns mistérios são elucidados ao procurar e encontrar pontas de cigarro, ou garrafas de água incendiárias e caixas de chapéus em chamas como em nossa última expedição, outros pedem psicologia e soluções puramente psicológicas. Eu já falei. Agora peço que fique em silêncio.

— Silêncio?

— Sim, há um homem e uma mulher sentados atrás de nós que parecem conversar sobre algo especialmente interessante…

— Mas eles estão falando em sussurros…

— É assim mesmo. Quando as pessoas falam em sussurros, é sempre sobre algo sombrio.

Ele acendeu um cigarro e sentou-se de volta em sua poltrona. Hortense ouviu, mas em vão. Quanto a ele, emitia pequenas fumaças lentamente.

Quinze minutos depois, o trem parou, e o homem e a mulher saíram.

— Pena — disse Rénine — que eu não saiba seus nomes ou para onde estejam indo. Mas sei onde encontrá-los. Minha querida, temos uma nova aventura diante de nós.

Hortense protestou:

— Oh, não, por favor, ainda não… Dê-me um pouco de descanso! E não devíamos pensar em Geneviève?

Ele parecia muito surpreso:

— Ora, tudo isso está mais que acabado! Você quer perder mais tempo com essa velha história? Bem, da minha parte, confesso que perdi todo o interesse pelo homem com as duas mamães.

E isso foi dito em um tom tão cômico e com uma sinceridade tão divertida que Hortense foi mais uma vez tomada por um ataque de riso. Só a gargalhada foi capaz de relaxar seus nervos exasperados e distraí-la de tantas emoções contraditórias.

---

[8] Região no oeste da França. (N.R.)

O filme de contos de fada

— Olhe para o homem que está fazendo o papel de mordomo — disse Serge Rénine.

— O que há de peculiar nele? — perguntou Hortense.

Estavam no camarote de um cinema. Hortense queria ver na tela a filha de uma senhora, já falecida, que lhe dera aulas de piano. Rose Andrée, uma linda menina com movimentos encantadores e rosto sorridente, estava naquela noite figurando em um novo filme, *A princesa feliz,* que a jovem iluminava com seu bom humor e beleza calorosa e radiante.

Rénine não deu nenhuma resposta direta, mas, durante uma pausa na apresentação, comentou:

— Às vezes, quando considero um filme desinteressante, eu me consolo observando personagens secundários. Parece-me que aqueles pobres-diabos, que são feitos para ensaiar certas cenas dez ou vinte vezes, podem estar pensando em outras coisas além de seus papéis no momento da tomada final. E é muito divertido notar os pequenos momentos de distração que revelam algo de seu temperamento, de seu instinto pessoal. Como, por exemplo, no caso daquele mordomo: veja!

A tela agora mostrava uma mesa servida luxuosamente. A Princesa Feliz sentava-se à cabeceira, rodeada por muitos pretendentes. Meia dúzia de criados de libré[9] movimentavam-se pela sala, sob as ordens do mordomo, um sujeito grandalhão com rosto monótono e grosseiro, uma aparência comum e um par de enormes sobrancelhas que se encontravam em uma única linha na testa.

— Ele parece um bruto — disse Hortense —, mas o que você vê nele que é peculiar?

— Basta observar como olha para a princesa e me dizer se ele não a encara com mais frequência do que deveria.

— Eu realmente não notei nada até agora — disse Hortense.

— Claro que sim! — redarguiu Serge Rénine. — É bastante óbvio que ele alimenta para com Rose Andrée sentimentos pessoais que ficam bem deslocados em um servo sem nome. É possível que, na realidade, ninguém tenha ideia de tal coisa, mas na tela, quando não se está observando, ou quando ele pensa que os atores no ensaio não podem vê-lo, seu segredo lhe escapa. Observe…

O homem estava parado. Era o final do jantar. A princesa bebia uma taça de champanhe, e ele mergulhava na moça seus olhos brilhantes, meio escondidos atrás das têmporas pesadas.

Duas vezes mais puderam notar em seu rosto aquelas estranhas expressões às quais Rénine atribuía um significado emocional que Hortense se recusava a enxergar:

— É apenas sua maneira de olhar para as pessoas.

A primeira parte do filme terminou. Eram duas. O aviso no programa dizia que "havia se passado um ano e que a Princesa Feliz vivia em uma linda casa de campo normanda, toda emoldurada por trepadeiras, com seu marido, um músico pobre".

A princesa ainda estava feliz, como era evidente na tela, tão atraente como sempre e cortejada por grande variedade de pretendentes. Nobres e plebeus, camponeses e banqueiros, homens de todos os tipos caíam a seus pés; e dentre eles destacava-se uma espécie de mouro solitário, um lenhador desgrenhado e meio selvagem, que ela encontrava sempre que saía para um passeio.

Armado com seu machado, um ser formidável e astuto, ele rondava a casa de campo; e os espectadores sentiam com consternação que um perigo pairava sobre a cabeça da Princesa Feliz.

— Olhe só! — sussurrou Rénine. — Você percebe quem é o homem do bosque?

— Não.

— Simplesmente o mordomo. O mesmo ator está fazendo os dois papéis…

Na verdade, apesar do novo personagem que ele desempenhava, os movimentos e posturas do mordomo eram visíveis debaixo da marcha

pesada e dos ombros arredondados do lenhador. Mesmo sob a barba desgrenhada e os cabelos longos e grossos, o rosto outrora barbeado era perceptível com a expressão cruel e a linha espessa das sobrancelhas.

A princesa, ao fundo, era vista saindo do chalé de palha. O homem se escondeu atrás de um tronco de árvore. De tempos em tempos a tela mostrava, em uma escala muito aumentada, os olhos ferozes ou as mãos assassinas com seus enormes polegares.

— O homem me assusta — Hortense falou. — É aterrorizante.

— Porque ele está agindo por conta própria — disse Rénine. — Você deve entender que, no espaço de três ou quatro meses que parecem separar as datas em que as duas partes do filme foram gravadas, sua paixão progrediu. Para ele não é a princesa quem está vindo, mas Rose Andrée.

O lenhador se abaixou. A vítima aproximou-se alegremente e sem suspeitas. Ela passou, ouviu um som, parou e olhou ao redor com um ar sorridente que se tornou atento, depois inquieto, e então cada vez mais ansioso. O homem empurrara para o lado os galhos e estava vindo pelo matagal.

Agora os dois estavam frente a frente. Ele abriu os braços como se quisesse agarrá-la. Ela tentou gritar, pedir ajuda; mas os braços se fecharam em torno de seu corpo antes que pudesse oferecer a mínima resistência. Então foi jogada sobre os ombros imensos, e o lenhador pôs-se a correr.

— Está satisfeita? — sussurrou Rénine. — Você acha que este ator de quarta categoria teria toda essa força e energia se fosse qualquer outra mulher além de Rose Andrée?

Enquanto isso, o lenhador atravessava uma boa parte da floresta e mergulhava em meio a grandes árvores e trechos rochosos. Depois de baixar a princesa dos ombros, limpou a entrada de uma caverna em que a luz do dia entrava por uma fenda inclinada.

Uma sucessão de imagens mostrou o desespero do marido, a procura e, por fim, a descoberta de alguns pequenos galhos que haviam sido quebrados pela princesa e que mostravam o caminho que fora tomado.

Depois veio a cena final, com a terrível luta entre o homem e a mulher, quando esta, vencida e exausta, foi atirada ao chão. Houve então a chegada repentina do marido e o tiro que pôs fim à vida do bruto…

— Bem — disse Rénine quando saíram do cinema, em um tom de certa gravidade —, mantenho a opinião de que a filha de sua antiga professora

de piano está em perigo desde o dia em que essa última cena foi filmada. Sustento que essa cena não representa tanto um ataque do homem da floresta à Princesa Feliz, mas um ato violento e frenético de um ator à mulher que ele deseja. Certamente tudo aconteceu dentro dos limites definidos pelo papel e ninguém viu nada ali. Ninguém, exceto talvez a própria Rose Andrée.

Olhou-a antes de prosseguir:

— Mas eu, por minha vez, detectei lampejos de paixão que não deixam dúvidas em minha mente. Tenho visto olhares que traem o desejo e até mesmo a intenção de cometer assassinato. Vi mãos cerradas, prontas para estrangular, em suma, uma série de detalhes que me provam que, naquela época, o instinto do homem o incitava a matar a mulher que nunca poderia ser sua.

— E tudo isso equivale a quê?

— Devemos proteger Rose Andrée se ela ainda estiver em perigo e se não for tarde demais.

— E para fazer isso…

— Precisamos obter mais informações.

— De quem?

— Da World's Cinema Company, que realizou o filme. Irei até lá amanhã cedo. Você pode esperar por mim em seu apartamento na hora do almoço?

No fundo, Hortense ainda estava cética. Todas aquelas manifestações de paixão, sobre as quais ela não negava nem o ardor nem a ferocidade, pareciam-lhe ser o comportamento racional de um bom ator. Não vira nada da terrível tragédia que Rénine afirmava ter adivinhado. Perguntava-se se ele não estaria errando por excesso de imaginação.

— E então — Hortense perguntou no dia seguinte, não sem um toque de ironia —, até onde você chegou? Fez uma boa investigação? Algo misterioso? Alguma coisa emocionante?

— Muito bom.

— Oh, realmente? E o seu tal amante…

— É Dalbrèque, originalmente um pintor de cenários, que interpretou o mordomo na primeira parte do filme e o homem do bosque na segunda e foi tão apreciado que eles o contrataram para um novo filme. Consequentemente, ele tem atuado ultimamente. Estava trabalhando perto

de Paris. Mas, na manhã de sexta-feira 18 de setembro, ele invadiu a garagem da World's Cinema Company e saiu com um carro magnífico e quarenta mil francos em dinheiro. A informação foi passada à polícia; e no domingo o carro foi encontrado um pouco fora de Dreux.

Diante do olhar atônito dela, ele continuou:

— Até agora o inquérito revelou duas coisas, que aparecerão nos jornais até amanhã: primeiro, Dalbrèque é acusado de ter cometido um assassinato que criou uma grande agitação no ano passado, o assassinato de Bourguet, o joalheiro; segundo, no dia seguinte a seus dois roubos, Dalbrèque estava dirigindo pelo Havre um carro com dois homens que o ajudaram a levar embora, em plena luz do dia e em uma rua cheia de gente, uma senhora cuja identidade ainda não foi descoberta.

— Rose Andrée? — perguntou Hortense, inquieta.

— Acabo de ir à casa de Rose Andrée; a World's Cinema Company me deu seu endereço. Rose Andrée passou este verão viajando e depois ficou uma quinzena no Sena Marítimo[10], onde tem uma pequena propriedade, o chalé de verdade da Princesa Feliz. Ao receber um convite da América para fazer um filme lá, voltou a Paris, registrou sua bagagem na estação Saint-Lazare e partiu na sexta-feira, 18 de setembro, com a intenção de dormir no Havre e pegar o navio de sábado.

— Sexta-feira dia 18 — murmurou Hortense —, o mesmo dia em que aquele homem…

— E foi no sábado que uma mulher foi carregada por ele no Havre. Eu verifiquei com a Compagnie Transatlantique, e uma breve investigação mostrou que Rose Andrée tinha reservado uma cabine, mas essa cabine permanecia desocupada. A passageira não apareceu.

— Isto é assustador. Ela foi levada. Você estava certo.

— Temo que sim.

— O que você decidiu fazer?

— Adolphe, meu chofer, está lá fora com o carro. Vamos para Le Havre. Até o presente, o desaparecimento de Rose Andrée parece não se ter tornado conhecido. Antes disso e antes que a polícia relacione a mulher transportada por Dalbrèque com aquela que não apareceu para reclamar seu camarote, vamos encontrar a pista de Rose Andrée.

Não se falou muito durante a viagem. Às quatro horas, Hortense e Rénine chegaram a Rouen. Mas ali ele alterou o trajeto.

— Adolphe, pegue a margem esquerda do Sena.

Ele desdobrou um mapa de rodovias nos joelhos. Percorreu a rota com o dedo e mostrou a Hortense que, se traçasse uma linha do Havre, ou melhor, de Quillebeuf, onde a estrada atravessava o Sena, até Dreux, local em que o carro roubado fora encontrado, este trajeto passava por Routot, uma cidade mercantil situada a oeste da floresta de Brotonne.

— Foi na floresta de Brotonne — continuou ele —, de acordo com o que ouvi, que a segunda parte de *A princesa feliz* foi filmada. E a pergunta que surge é a seguinte: depois do rapto de Rose Andrée, não teria ocorrido a Dalbrèque, ao passar perto da floresta no sábado à noite, a ideia de esconder ali sua presa, enquanto seus dois cúmplices iam para Dreux e dali voltavam a Paris? A caverna estava bem próxima. Ele não estaria destinado a ir para lá? Como poderia fazer o contrário? Não foi enquanto corria para aquela caverna, há alguns meses, que segurou em seus braços, contra seu peito, ao alcance de seus lábios, a mulher que amava e que agora conquistou? Por todas as regras do destino e da lógica, a aventura se repetia… mas desta vez na realidade. Rose Andrée está cativa. Sem esperança de resgate. A floresta é vasta e solitária. Nesta noite, ou em uma das noites seguintes, Rose Andrée deve se render… ou morrer.

Hortense sentiu um arrepio:

— Chegaremos tarde demais. Além disso, você não acha que ele a está mantendo prisioneira?

— Certamente não. O lugar que tenho em mente está em uma encruzilhada e não é um refúgio seguro. Mas podemos descobrir alguma pista ou outra.

As sombras da noite estavam visíveis por entre as árvores altas quando entraram na antiga floresta de Brotonne, cheia de ruínas de construções romanas e relíquias medievais. Rénine conhecia bem a floresta e se lembrava de que, perto de um famoso carvalho conhecido como Wine-cask, havia uma caverna que devia ser aquela mostrada no filme da Princesa Feliz. Ele a encontrou facilmente, acendeu sua lanterna, vasculhou os cantos escuros e trouxe Hortense de volta para a entrada.

— Não há nada lá dentro — concluiu —, mas aqui estão as provas que eu estava procurando. Dalbrèque estava obcecado com a lembrança do filme, mas Rose Andrée também. A Princesa Feliz tinha quebrado as pontas dos galhos na caminhada pela floresta. Rose Andrée conseguiu romper

alguns à direita desta abertura, na esperança de que fosse descoberta como na primeira ocasião.

— Sim — concordou Hortense —, é uma prova de que ela esteve aqui, mas a prova tem três semanas. Desde então…

— Desde então ou ela está morta e enterrada sob um monte de folhas ou está viva em algum buraco ainda mais solitário do que esse.

— Se for assim, onde ela está?

Rénine apurou os ouvidos. Golpes repetidos de machado soavam a alguma distância, sem dúvida vindos de uma parte da floresta que estava sendo desmatada.

— Ele? — indagou Rénine. — Eu me pergunto se ele não teria continuado a se comportar sob a influência do filme e se o homem da floresta de *A princesa feliz* não retomara naturalmente a sua vocação. Pois como o homem deve viver, obter sua comida, sem chamar a atenção? Ele teria arrumado um emprego.

— Não há como ter certeza disso.

— Podemos tentar, questionando os lenhadores.

O carro os levou por uma estrada florestal a outro cruzamento, onde entraram a pé em uma trilha que estava cortada por rodas de vagão. O som dos machados cessou. Depois de caminhar por um quarto de hora, eles encontraram uma dúzia de homens que, tendo terminado o trabalho do dia, estavam voltando para as aldeias próximas.

— Este caminho nos levará a Routot? — Rénine perguntou, a fim de iniciar uma conversa.

— Não, você está virado de costas para ele — disse um dos homens com aspereza.

E o sujeito seguiu em frente, junto de seus companheiros.

Hortense e Rénine ficaram estáticos no local. Tinham reconhecido o mordomo. Suas bochechas e queixo estavam raspados, mas o lábio superior fora coberto por um bigode preto, evidentemente tingido. As sobrancelhas não se encontravam mais e tinham sido reduzidas a dimensões normais.

Assim, em menos de vinte horas, agindo sobre as vagas pistas fornecidas pelo ator de um filme, Serge Rénine havia tocado no próprio coração da tragédia por meio de argumentos puramente psicológicos.

— Rose Andrée está viva — disse ele. — Caso contrário, Dalbrèque teria deixado o país. A pobrezinha deve estar aprisionada e amarrada, e recebe

alguma comida à noite.

— Vamos salvá-la, não vamos?

— Certamente, vigiando-o e, se necessário, mas em último recurso, obrigando-o à força a desistir de seu segredo.

Eles seguiram o lenhador a distância e, sob o pretexto de que o carro precisava de uma revisão, reservaram quartos na pousada principal de Routot.

Anexo à pousada ficava um pequeno café do qual estavam separados pela entrada do pátio. Acima havia dois quartos, alcançados por uma escadaria externa de madeira, situada em um dos lados. Dalbrèque ocupava um destes quartos, e Rénine reservou o outro para seu chofer.

Na manhã seguinte, Rénine soube por Adolphe que Dalbrèque, na noite anterior, depois que todas as luzes estavam apagadas, havia carregado uma bicicleta de seu quarto e montado, e só retornara pouco antes do nascer do sol.

Os rastros da bicicleta levaram Rénine ao desabitado Château des Landes, a oito quilômetros do vilarejo. Mas desapareceram em um caminho rochoso que corria ao lado do parque até o Sena, em frente à península de Jumièges.

Na noite seguinte, ele assumiu o papel de vigília. Às onze horas, Dalbrèque escalou um banco, passou por cima de uma cerca de arame, escondeu sua bicicleta sob os arbustos e foi embora. Parecia impossível segui-lo na escuridão, em um solo musgoso que abafava o som dos passos.

Rénine não fez a tentativa, mas ao amanhecer foi com seu motorista e investigou pelo parque a manhã toda. Embora o parque, que cobria o lado de uma colina e era delimitado abaixo pelo rio, não fosse muito grande, não encontrou nenhuma pista que lhe desse qualquer motivo para supor que Rose Andrée estivesse presa ali.

Voltou, então, para a aldeia com a firme intenção de agir naquela noite e empregar a força:

— Este estado de coisas não pode continuar — disse ele a Hortense. — Devo resgatar Rose Andrée a todo custo e salvá-la das garras daquele bandido. Ele deve ser obrigado a falar. Precisa falar. Caso contrário, há o perigo de chegarmos tarde demais.

Era domingo, e Dalbrèque não foi para o trabalho. Não saiu de seu quarto, exceto para o almoço, e subiu novamente logo em seguida. Mas, às

três horas, Rénine e Hortense, que o vigiavam da pousada, viram-no descer a escadaria de madeira, com a bicicleta no ombro. Apoiando-a contra o degrau inferior, inflou os pneus e prendeu ao guidão um objeto bastante volumoso, embrulhado em um jornal.

— Por Deus! — murmurou Rénine.

— Qual é o problema?

Em frente ao café havia um pequeno terraço ladeado à direita e à esquerda por árvores plantadas em caixas, que eram conectadas por uma palheta. Atrás dos arbustos, sentados em um banco, mas inclinados para a frente, para que pudessem ver Dalbrèque através dos galhos, estavam quatro homens.

— Polícia! — disse Rénine. — Que má sorte! Se esses companheiros o pegarem, estragarão tudo.

— Por quê? Ao contrário, eu pensaria…

— Sim, eles o farão. Colocarão Dalbrèque fora do caminho… e então? Será que isso nos dará Rose Andrée?

Dalbrèque tinha terminado seus preparativos. Quando estava montando em sua bicicleta, os detetives se levantaram de uma só vez, prontos para correr em sua direção. Mas Dalbrèque, embora não tivesse notado a presença deles, mudou de ideia e voltou ao quarto, como se tivesse se esquecido de alguma coisa.

— Agora é a hora! — disse Rénine. — Eu vou arriscar. Mas é uma situação difícil e não tenho grandes esperanças.

Ele saiu para o pátio e, em um momento em que os detetives não estavam olhando, correu pelas escadas, como seria natural se quisesse dar uma ordem a seu motorista. Mas nem chegara à varanda rústica nos fundos da casa, que dava entrada aos dois quartos, quando parou.

A porta de Dalbrèque estava aberta. Entrou. Dalbrèque deu um passo atrás, assumindo imediatamente a defensiva:

— O que você quer? Quem disse que você podia…

— Silêncio! — sussurrou Rénine, com um gesto imperioso. — Tudo depende de você!

— Do que está falando? — rosnou o homem, com raiva.

— Incline-se para fora de sua janela. Há quatro homens esperando você sair, quatro detetives.

Dalbrèque debruçou-se sobre o terraço e murmurou um juramento:

— Estão me vigiando — ele disse, voltando para trás. — O que me importa?

— Os policiais têm um mandado.

Ele cruzou os braços:

— Cale a boca com seu blefe! Um mandado! O que teriam contra mim?

— Ouça — disse Rénine —, e não percamos tempo. É urgente. Seu nome é Dalbrèque, ou, pelo menos, é o nome com que atuou em *A princesa feliz* e sob o qual a polícia o procura como sendo o assassino de Bourguet, o joalheiro; é também o ladrão que roubou um carro e quarenta mil francos da World's Cinema Company e o homem que sequestrou uma mulher em Le Havre. Tudo isso é conhecido e provado… e aqui está o resultado. Quatro homens lá embaixo. Eu aqui, meu chofer na sala ao lado. Você está acabado. Quer que eu o salve?

Dalbrèque deu um longo olhar ao seu adversário:

— Quem é você?

— Um amigo de Rose Andrée — disse Rénine.

O outro esboçou uma palavra e, até certo ponto deixando cair sua máscara, retorquiu:

— Quais são suas condições?

— Rose Andrée, que você raptou e atormentou, está morrendo em algum buraco ou canto. Onde ela está?

Uma coisa estranha ocorreu e impressionou Rénine. O rosto de Dalbrèque, geralmente tão comum, foi iluminado por um sorriso que o tornou quase atraente. Mas aquela foi apenas uma visão relâmpago; o homem retomou imediatamente a expressão dura e impassível.

— E suponha que eu me recuse a falar — disse ele.

— Tanto pior para você. Significará sua prisão.

— Eu ouso dizer que significará a morte de Rose Andrée. Quem irá libertá-la?

— Você. Você falará agora, ou daqui a uma hora, ou duas horas, pelo menos. Jamais terá coragem de ficar em silêncio e deixá-la morrer.

Dalbrèque relaxou os ombros. Então, levantando a mão, disse:

— Juro por minha vida que, se eles me prenderem, nem uma palavra sairá da minha boca.

— O que então…

— Então salve-me. Nós nos encontraremos esta noite na entrada do Parc des Landes e diremos o que temos a dizer.

— Por que não imediatamente?

— Já falei.

— Você estará lá?

— Estarei lá.

Rénine refletiu. Havia algo em tudo aquilo que não conseguia compreender. Em todo caso, o perigo assustador que ameaçava Rose Andrée dominava toda a situação; e ele não era homem de desprezar esta ameaça e persistir por vaidade em um rumo perigoso. A vida da jovem vinha antes de tudo.

Deu vários golpes na parede do quarto ao lado e chamou seu chofer.

— Adolphe, o carro está pronto?

— Sim, senhor.

— Coloque-o em frente ao terraço, do lado de fora do café, bem contra as caixas, para bloquear a saída. Quanto a você — continuou, dirigindo-se a Dalbrèque —, deve pular em sua bicicleta e, em vez de sair pela estrada, cruze o pátio. No final deste há uma passagem que leva a uma pista. Lá você estará livre. Mas sem hesitação e sem equívocos… senão, será apanhado. Boa sorte.

Esperou até que o carro fosse colocado de acordo com suas instruções e, lá chegando, começou a interrogar seu motorista, a fim de atrair a atenção dos detetives.

Um deles, no entanto, depois de lançar um olhar através das plantas, avistou Dalbrèque quando este chegou ao fundo da escadaria. Deu o alarme e ousou avançar, seguido por seus companheiros, mas teve de correr ao redor do carro e esbarrou no motorista, o que deu tempo a Dalbrèque para montar na bicicleta e atravessar o pátio sem obstáculos. Ele ganhou assim alguns segundos para a partida. Infelizmente para ele, quando estava prestes a entrar na passagem para a pista, apareceu uma tropa de meninos e meninas voltando da cerimônia religiosa. Ao ouvir os gritos dos policiais, eles abriram seus braços na frente do fugitivo, que fez duas ou três manobras e acabou caindo.

Gritos de triunfo foram ouvidos.

— Segurem-no! Detenham-no! — rugiram os detetives enquanto se precipitavam para a frente.

Rénine, vendo que o jogo estava perdido, correu atrás dos outros e gritou:

— Detenham-no!

Aproximou-se deles assim que Dalbrèque, depois de ficar em pé, derrubou um dos policiais e pegou seu revólver. Rénine arrancou-o de suas mãos. Mas os outros dois detetives, assustados, também tinham empunhado suas armas. E atiraram. Dalbrèque, atingido na perna e no peito, arremessou-se para a frente e caiu.

— Obrigado, senhor — disse o inspetor a Rénine, apresentando-se. — Nós devemos muito a você.

— Parece-me que vocês acabaram com este rapaz — disse Rénine. — Quem é ele?

— Um tal de Dalbrèque, um patife que estávamos procurando.

Rénine estava fora de si. Hortense já tinha se juntado ao grupo e ele rosnou:

— Os tolos! Agora eles o mataram!

— Oh, isso não é possível!

— Veremos. Mas, esteja ele morto ou vivo, é a morte para Rose Andrée. Como vamos rastreá-la? E que chance temos de encontrar o lugar, algum retiro inacessível onde a pobre coitada está morrendo de miséria e fome?

Os detetives e camponeses tinham ido embora, levando Dalbrèque em uma maca improvisada. Rénine, que a princípio os estava seguindo para descobrir o que aconteceria, mudou de ideia e agora encontrava-se de pé, com os olhos fixos no chão.

A queda da bicicleta havia desatado o pacote que Dalbrèque amarrara ao guidão, e o jornal tinha estourado, revelando seu conteúdo: uma panela de lata, enferrujada, amassada e inútil.

— O que significa isto? — murmurou. — Qual era a ideia?

Ele a pegou, examinou-a. Depois deu um sorriso e um estalo de língua e riu, calmamente:

— Não mexa uma pestana, minha querida. Deixe todas essas pessoas se afastar. Tudo isso não é da nossa conta, certo? Os problemas da polícia não nos dizem respeito. Somos dois motoristas que viajam por prazer e coletam panelas velhas se sentimos vontade.

Chamou seu chofer:

— Adolphe, leve-nos ao Parc des Landes por uma estrada circular.

Meia hora depois, chegaram à trilha e começaram a descer a pé ao lado das encostas arborizadas. O Sena, que estava muito baixo naquela hora do dia, corria ao lado de um pequeno píer perto do qual se encontrava um barco comido por minhocas, cheio de poças de água.

Rénine entrou no barco e imediatamente começou a jogar a água fora com a panela. Então, alinhou a posição do barco com o píer, ajudou Hortense a entrar e usou o único remo que havia para levar a embarcação para o meio do rio.

— Eu acredito que tenha achado! — ele disse, com uma risada. — O pior que pode nos acontecer é molhar os pés, pois nosso barco vaza um bocado. Mas não temos uma caçarola? Oh, bênçãos para este útil utensílio! Quase no momento em que eu a vi, lembrei-me de que as pessoas usam esses artigos para retirar água dos barcos que vazam. Ora, era para existir um barco no bosque de Landes! Como eu nunca pensei nisso? Mas é claro que Dalbrèque fez uso dele para atravessar o Sena! E, por isso, trazia uma caçarola…

— Então Rose Andrée…? — perguntou Hortense.

— É uma prisioneira na outra margem, na península de Jumièges. Daqui você vê a famosa abadia[11]…

Encalharam em uma praia de grandes seixos cobertos de lodo.

— E não pode estar muito longe — acrescentou ele. — Dalbrèque não passou a noite inteira correndo por aí.

Uma trilha seguia a margem deserta. Outra conduzia para longe dele. Escolheram a segunda e, passando entre pomares cercados por sebes, chegaram a uma paisagem que lhes parecia estranhamente familiar.

Onde já tinham visto aquela piscina antes, com os salgueiros ao redor? E aquele casebre abandonado?

De repente, os dois pararam, em um ímpeto.

— Oh! — disse Hortense. — Eu mal posso acreditar em meus olhos!

À sua frente estava o portão branco de um grande pomar, na parte de trás do qual, entre grupos de velhas macieiras nodosas, aparecia uma cabana com portas azuis… a cabana da Princesa Feliz.

— É claro! — gritou Rénine. — E eu deveria ter reconhecido, considerando que o filme mostrou tanto este chalé quanto a floresta nas proximidades. E não está tudo acontecendo exatamente como no filme? Dalbrèque não está dominado por essa lembrança? A casa, que é

certamente aquela em que Rose Andrée passou o verão, estava vazia. Ele a trouxe para cá.

— Mas a casa, você me disse, ficava no Sena Marítimo…

— Bem, nós também estamos! À esquerda do rio, o Eure e a floresta de Brotonne; à direita, o Sena Marítimo. Mas entre eles está o obstáculo do rio, e é por isso que eu não liguei os dois. Cento e cinquenta jardas[12] de água formam uma divisão mais eficaz do que dezenas de quilômetros.

O portão estava trancado. Eles atravessaram a sebe um pouco mais abaixo e caminharam em direção à casa, que fora blindada de um lado por um velho muro com hera e coberta com colmo.

— Parece que há alguém ali — disse Hortense. — Eu não escutei o som de vindo de uma janela?

— Ouça.

Alguém tocou alguns acordes em um piano. Então uma voz se elevou, a voz de uma mulher cantando suave e solenemente uma balada que vibrava de paixão contida. Toda a alma da mulher parecia respirar nas notas melodiosas.

Eles caminharam. A parede os escondia da vista, mas viram uma sala de estar mobiliada com papel de parede brilhante e um tapete romano azul. A voz palpitante cessou. O piano terminou com um último acorde, e a cantora se levantou e apareceu, emoldurada na janela.

— Rose Andrée! — sussurrou Hortense.

— Sim! — disse Rénine, admitindo seu espanto. — Esta é a última coisa que eu esperava! Rose Andrée! Rose Andrée em liberdade! E cantando Massenet na sala de estar de sua casa de campo!

— O que tudo isso significa? Você entende?

— Sim, mas já demorei o suficiente! Mas como poderíamos ter adivinhado?

Embora nunca a tivessem visto exceto na tela, não tinham a menor dúvida de que era ela. Era realmente Rose Andrée, ou melhor, a Princesa Feliz, que eles haviam admirado alguns dias antes no cinema, em meio aos móveis daquela mesma sala de estar ou na soleira daquela cabana. Usava o mesmo vestido, seu cabelo estava penteado da mesma maneira, tinha as mesmas pulseiras e colares usados em *A princesa feliz.* E seu lindo rosto, com bochechas rosadas e olhos risonhos, tinha o mesmo olhar de alegria e serenidade.

Algum ruído deve ter chamado sua atenção, pois ela se inclinou para um tufo de arbustos ao lado do chalé e sussurrou para dentro do jardim silencioso:

— Georges… Georges… É você, meu querido?

Não recebendo resposta, levantou-se e ficou sorrindo ante os pensamentos felizes que pareciam inundar sua alma.

Mas uma porta se abriu no fundo da sala, e uma velha camponesa entrou com uma bandeja carregada de pão, manteiga e leite:

— Aqui, Rose, minha linda, eu trouxe seu jantar. Leite fresco de vaca…

E, pousando a bandeja, prosseguiu:

— Você não tem medo, Rose, do frio do ar da noite? Talvez você esteja esperando seu querido?

— Não tenho um amor, minha querida e velha Catherine.

— Não me diga! — exclamou a idosa, rindo. — Só nesta manhã havia pegadas debaixo da janela que não pareciam adequadas!

— As pegadas de um ladrão talvez, Catherine.

— Bem, eu não digo que não eram, querida Rose, especialmente porque você tem muitas pessoas à sua volta, e é bom ter cuidado. Por exemplo, seu amigo Dalbrèque. Que belas notícias! Você viu o jornal ontem. Um sujeito que roubou e assassinou pessoas e levou uma mulher do Havre!

Hortense e Rénine teriam gostado muito de saber o que Rose Andrée pensava das revelações, mas a moça havia voltado as costas para eles e estava sentada para jantar. A janela agora estava fechada, então eles não podiam ouvir sua resposta nem ver a expressão de suas feições.

Eles esperaram por um momento. Hortense escutava com uma expressão ansiosa. Mas Rénine começou a rir:

— Muito engraçado, muito engraçado! E que final inesperado! E nós, que a estávamos procurando em alguma caverna ou adega úmida, um túmulo horrível onde a pobre coitada estivesse morrendo de fome! É fato, ela conheceu os horrores daquela primeira noite de cativeiro; e eu sustento que, naquela primeira noite, a moça foi atirada, meio morta, para dentro da caverna. Só que, veja você: na manhã seguinte ela estava viva! Uma noite foi suficiente para domar o pequeno velhaco e deixar Dalbrèque tão bonito como o Príncipe Encantado para seus olhos! Pois notem a diferença. Nos filmes ou nos romances, as princesas felizes resistem ou se suicidam. Mas

na vida real… oh, mulher, mulher!

— Sim — disse Hortense —, mas o homem que ela ama está quase morto certamente.

— E uma coisa boa também! Seria a melhor solução. Qual seria o resultado deste amor criminoso por um ladrão e assassino?

Alguns minutos se passaram. Então, em meio ao silêncio pacato do dia que se extinguia, misturado com as primeiras sombras do crepúsculo, eles ouviram novamente a grade da janela, que foi cautelosamente aberta. Rose Andrée se debruçou sobre o jardim e esperou, com os olhos voltados para o muro, como se visse algo ali.

Rénine sacudiu os galhos das heras.

— Ah! — disse ela. — Desta vez eu sei que você está aí! Sim, a hera está se movendo. Georges, Georges, querido, por que você me faz esperar? Catherine se foi. Estou completamente sozinha…

Ela tinha se ajoelhado e estava distraidamente esticando os braços cobertos de pulseiras que se chocavam com um som metálico:

— Georges! Georges!

Cada movimento dela, a emoção de sua voz, todo o seu ser expressava desejo e amor. Hortense, profundamente emocionada, não podia deixar de dizer:

— Como a pobrezinha o ama! Se ela soubesse…

— Ah! — choramingou a garota. — Você falou. Você está aí, e quer que eu vá até você, não é mesmo? Aqui estou eu, Georges!

Ela pulou a janela e começou a correr, enquanto Rénine dava a volta no muro e avançava para encontrá-la.

Rose parou diante dele e perdeu o fôlego ao ver aquele homem e aquela mulher que ela não conhecia sair da própria sombra onde seu amado lhe aparecia todas as noites.

Rénine se curvou, deu seu nome e apresentou sua companheira:

— Senhora Hortense Daniel, uma aluna e amiga de sua mãe.

Ainda imobilizada pelo susto, o rosto inexpressivo, ela gaguejou:

— Você sabe quem eu sou? E você estava lá agora mesmo? Você ouviu o que eu estava dizendo…?

Rénine, sem hesitar ou pausar em seu discurso, disse:

— Você é Rose Andrée, a Princesa Feliz. Vimos você no filme em outra noite; e as circunstâncias nos levaram a partir à sua procura… para Le

Havre, onde você foi sequestrada no dia em que deveria ter partido para a América, e depois fomos para a floresta de Brotonne, onde você foi aprisionada…

Ela protestou avidamente, com uma risada forçada:

— O que é tudo isso? Eu não estive no Havre. Eu vim direto para cá. Raptada? Presa? Que bobagem!

— Sim, presa, na mesma caverna em que esteve a Princesa Feliz; e você quebrou alguns galhos na saída da caverna.

— Mas que absurdo! Quem teria me sequestrado? Eu não tenho nenhum inimigo!

— Há um homem apaixonado por você: aquele que você estava esperando há pouco.

— Sim, meu amante — disse ela, orgulhosamente. — Não tenho o direito de receber quem eu gosto?

— Você tem o direito; você é livre. Mas o homem que vem vê-la todas as noites é procurado pela polícia. Seu nome é Georges Dalbrèque. Ele matou Bourguet, o joalheiro…

A acusação fez com que ela se indignasse e exclamasse:

— É uma mentira! Uma fabricação infame dos jornais! Georges estava em Paris na noite do assassinato. Ele pode provar.

— Ele roubou um carro e quarenta mil francos em notas.

A moça retorquiu com veemência:

— O carro foi levado de volta por seus amigos, e as notas serão devolvidas. Ele nunca as usou. Minha partida para a América o fizera perder a cabeça.

— Muito bem. Estou bastante disposto a acreditar em tudo o que você diz. Mas a polícia pode mostrar menos fé nestas declarações e menos indulgência.

Ela ficou subitamente inquieta e vacilante:

— A polícia… Não há nada a temer… Eles não vão saber…

— Onde encontrá-lo? Eu soube, em todo caso. Ele está trabalhando como lenhador, na floresta de Brotonne.

— Sim, mas… você… Isso foi um acidente… enquanto a polícia…

As palavras saíram-lhe dos lábios com grande dificuldade. Sua voz tremia. E de repente ela se voltou para Rénine, gaguejando:

— Ele foi preso? Tenho certeza disso! E você veio para me dizer… Preso! Ferido! Morto talvez? Oh, por favor, por favor…

Ela não tinha mais forças. Todo o seu orgulho, toda a certeza de seu grande amor, deu lugar a um imenso desespero, e Rose começou a soluçar.

— Não, ele não está morto, está? Não, eu sinto que não está morto. Oh, senhor, como tudo isso é injusto! Ele é o homem mais gentil, o melhor que já viveu. Ele mudou toda a minha vida. Tudo é diferente desde que eu comecei a amá-lo. E eu o amo tanto! Eu o amo! Eu quero ir até onde ele está. Leve-me até ele. Eu quero que eles me prendam também. Eu o amo… Eu não poderia viver sem ele…

Um impulso de simpatia fez Hortense colocar seus braços ao redor do pescoço da moça e dizer calorosamente:

— Sim, venha. Ele não está morto, tenho certeza, apenas ferido; e o príncipe Rénine vai salvá-lo. Você vai, não vai, Rénine? Venha. Invente uma história para sua criada. Diga que você vai a algum lugar de trem e que ela não deve contar a ninguém. Seja rápida. Vamos salvá-lo, eu juro que vamos.

Rose Andrée foi para dentro de casa e voltou quase de imediato, tão bem disfarçada que seria quase impossível alguém reconhecê-la, com um longo manto e um véu que lhe envolvia o rosto; e todos tomaram o caminho de volta a Routot.

Na pousada, ela se passou por uma amiga que eles supostamente tinham ido buscar no bairro e estavam levando a Paris.

Rénine saiu apressado para fazer perguntas e logo voltou a se encontrar com as duas mulheres.

— Está tudo bem. Dalbrèque está vivo. Eles o colocaram em um quarto particular no escritório do prefeito. Está com uma perna quebrada e a temperatura bastante alta; mesmo assim esperam transferi-lo para Rouen amanhã e telefonaram para lá pedindo um carro.

— E então? — perguntou Rose Andrée, ansiosamente.

Rénine sorriu:

— Partiremos ao amanhecer. Tomaremos nossas posições em uma estrada secundária e, com armas em punho, atacaremos o carro e levaremos Georges!

— Oh, não ria! — ela disse, sem rodeios. — Estou tão infeliz!

Mas a aventura parecia divertir Rénine; e, quando ele estava sozinho com Hortense, comentou:

— Você vê o que acontece quando se privilegia a desonra à morte! Mas, deixando isso de lado, quem poderia esperar esse cenário? Não é nem um pouco a forma como as coisas acontecem no cinema! Partindo do princípio de que o homem da floresta havia carregado sua vítima e considerando que durante três semanas não havia ninguém para defendê-la, como poderíamos imaginar, nós, que sempre estivemos agindo sob a influência das imagens, que no espaço de algumas horas a vítima se tornaria uma princesa apaixonada? Que confusão, Georges! Agora entendo o olhar bem-humorado dele, que me surpreendeu e acendeu seu semblante! Ele se lembrou, Georges, e não se importou comigo! Oh, e me enganou muito bem! E você, minha querida, ele também a enganou! E foi tudo influência do filme. Eles nos mostram, no cinema, uma besta bruta, uma espécie de selvagem de cabelo comprido, com cara de macaco. O que pode ser um homem assim na vida real? Um bruto, inevitavelmente, não concorda? Bem, ele não é nada disso; ele é um Don Juan! O charlatão!

— Você vai salvá-lo, não vai? — disse Hortense, em tom suplicante.

— Você está muito ansiosa para que eu o salve?

— Muito.

— Nesse caso, prometa dar-me sua mão para beijar.

— Você pode ter as duas mãos, Rénine, e de bom grado.

A noite foi tranquila. Rénine havia dado ordens para que as duas senhoras fossem acordadas bem cedo. Quando elas desceram, o carro estava saindo do pátio e parando em frente à pousada. Chovia, e Adolphe, o motorista, já tinha arrumado o porta-malas longo e baixo e empacotado a bagagem dentro.

Rénine pediu sua conta. Os três tomaram uma xícara de café. Mas, quando estavam saindo da sala, um dos homens do inspetor entrou correndo:

— Você o viu? — perguntou. — Ele não está aqui?

O próprio inspetor chegou esbaforido, muito alterado:

— O prisioneiro escapou! Ele voltou para a pousada! Não pode estar muito longe!

Uma dúzia de homens locais apareceu como um redemoinho. Eles vasculharam os estábulos, os barracões. Espalharam-se pela vizinhança. Mas

a busca não levou a nenhuma descoberta.

— Oh, mas que lamentável! — disse Rénine, que participara da caçada. — Como isso aconteceu?

— Como posso saber? — retrucou o inspetor em desespero. — Eu deixei meus três homens observando na sala ao lado. Encontrei-os nesta manhã adormecidos, dopados por algum narcótico que foi misturado a seu vinho! E o pássaro Dalbrèque tinha voado!

— Para que lado?

— Pela janela. Havia evidentemente cúmplices, com cordas e uma escada. E, como Dalbrèque tinha uma perna quebrada, eles o carregaram na maca.

— Não deixaram vestígios?

— Não havia rastro de passos, é verdade. A chuva estragou tudo. Mas eles atravessaram o pátio, porque a maca está lá.

— Você vai encontrá-lo, senhor inspetor, não há dúvida disso. De toda forma, pode ter certeza de que não terá nenhum problema com o caso. Estarei em Paris nesta noite e irei direto para a prefeitura, onde tenho amigos influentes.

Rénine voltou-se para as duas mulheres na cafeteria, e Hortense imediatamente murmurou:

— Foi você quem o carregou, não foi? Por favor, alivie a mente de Rose Andrée. Ela está tão aterrorizada!

Ele deu seu braço a Rose Andrée e levou-a até o carro. Estava cambaleante e muito pálida e disse, com uma voz fraca:

— Nós vamos? E ele está seguro? Não o pegarão novamente?

Olhando bem fundo de seus olhos, Rénine disse:

— Jure-me, Rose Andrée, que em dois meses, quando ele estiver bem e quando eu tiver provado sua inocência, jure que você irá com ele para a América.

— Eu juro.

— E que, uma vez lá, você vai se casar com ele.

— Eu juro.

Ele disse algumas palavras ao ouvido dela.

— Ah! — disse Rose. — Que os céus o abençoem por isso!

Hortense tomou seu lugar na frente com Rénine, que se sentou ao volante. O inspetor, com o chapéu na mão, agitou-se em volta do carro até

que se afastaram.

Passaram pela floresta, cruzaram o Sena em La Mailleraie e entraram na estrada Havre-Rouen.

— Tire sua luva e dê-me sua mão para beijar — Rénine ordenou. — Você prometeu que o faria.

— Oh! — disse Hortense. — Mas seria quando Dalbrèque fosse salvo.

— Ele está a salvo.

— Ainda não. A polícia está atrás dele. Podem pegá-lo novamente. Ele não estará realmente a salvo até que esteja com Rose Andrée.

— Ele está com Rose Andrée — Rénine respondeu.

— O que você quer dizer?

— Vire-se.

Ela o fez.

Bem atrás do motorista, Rose Andrée estava ajoelhada ao lado de um homem deitado no banco.

— Oh — Hortense gaguejou —, é incrível! Então foi você quem o escondeu ontem à noite? E ele estava lá, em frente à pousada, enquanto o inspetor estava nos recebendo lá fora?

— Senhor, sim! Ele estava lá, debaixo das almofadas e dos tapetes!

— É incrível! — repetiu ela, totalmente desnorteada. — É surpreendente! Como você foi capaz de administrar tudo isso?

— Eu queria beijar sua mão — disse ele.

Ela tirou a luva, como foi pedido, e levantou a mão até os lábios dele.

O carro estava acelerando entre o pacato Sena e os penhascos brancos que o cercam. Ficaram em silêncio por um longo tempo. Então ele disse:

— Tive uma conversa com Dalbrèque ontem à noite. Ele é um bom sujeito e está pronto para fazer qualquer coisa por Rose Andrée. E está certo. Um homem deve fazer tudo pela mulher que ama. Deve dedicar-se a ela, oferecer-lhe o que há de mais belo neste mundo: alegria e felicidade… e, se ela se aborrecer, agitar aventuras para distraí-la, excitá-la e fazê-la sorrir… ou mesmo chorar.

Hortense tremia, e seus olhos estavam marejados. Pela primeira vez ele aludia à aventura sentimental que os prendia por um laço que ainda era frágil, mas que se tornava mais forte e duradouro a cada episódio que experimentavam juntos, perseguindo febril e ansiosamente até seu fechamento. Ela já se sentia impotente e inquieta diante deste homem

extraordinário, que submetia os acontecimentos à sua vontade e parecia brincar com os destinos daqueles que combatia ou protegia. Rénine a enchia de pavor e, ao mesmo tempo, a atraía. Pensava nele às vezes como seu mestre, às vezes como um inimigo contra o qual devia se defender, mas em muitas ocasiões como um amigo perturbador, cheio de encanto e fascínio…

---

[9] Uniforme usado por criados de casas nobres. (N.T.)

[10] Departamento (correspondente ao Estado no Brasil) da França localizado na Alta Normandia. Sua capital é Rouen. (N.R.)

[11] A Abadia de Jumièges foi um mosteiro beneditino situado na comuna de Jumièges , no Sena Marítimo. (N.T.)

[12] Uma jarda equivale a 0,9144 metro. (N.T.)

Thérèse e Germaine

O tempo estava tão ameno que no outono, no dia 12 de outubro, pela manhã, várias famílias residentes em suas vilas em Étretat desceram para a praia. O mar, estendido entre as falésias e as nuvens no horizonte, poderia sugerir um adormecer de lagos de montanha no interior das rochas que o circundam, não fosse por aquela brisa no ar e aquelas cores pálidas, suaves e indefinidas no céu que dão um encanto especial a certos dias na Normandia.

— É delicioso — murmurou Hortense. Mas, no momento seguinte, acrescentou: — Mesmo assim, não viemos aqui para apreciar o espetáculo da natureza ou para nos perguntarmos se aquela enorme agulha de pedra à nossa esquerda foi realmente, em algum momento, a casa de Arsène Lupin.

— Viemos aqui — disse o príncipe Rénine — em razão da conversa que ouvi há quinze dias, no vagão-restaurante, entre um homem e uma mulher.

— Uma conversa da qual não consegui capturar uma única palavra.

— Se aquelas duas pessoas tivessem suspeitado, por um instante, que era possível ouvir uma única palavra do que estavam dizendo, teriam se calado, pois sua conversa era de extraordinária gravidade e importância. Mas eu tenho ouvidos muito afiados e, embora não pudesse seguir cada frase, insisto que podemos ter certeza de duas coisas. Primeiro, aquele homem e aquela mulher, que são irmão e irmã, têm um compromisso às quinze para o meio-dia da manhã de hoje, 12 de outubro, no local conhecido como Trois Mathildes, com uma terceira pessoa, que é casada e que deseja a todo custo recuperar sua liberdade. Em segundo lugar, este encontro, no qual eles chegarão a um acordo final, será seguido nesta noite por um passeio ao longo dos penhascos, quando a terceira pessoa trará

consigo o homem ou a mulher, não posso dizer com certeza qual, de quem eles querem se livrar. Essa é a essência de tudo isso. Agora, como conheço um lugar chamado Trois Mathildes, um pouco acima de Étretat, e como este não é um nome comum, descemos ontem para frustrar o plano destas pessoas censuráveis.

— Qual plano? — Hortense perguntou. — Pois, afinal de contas, é apenas uma suposição sua de que haverá uma vítima e que esta pessoa será atirada do topo dos penhascos. Você mesmo me disse que não ouviu alusão a um possível assassinato.

— Isso. Mas eu ouvi algumas palavras muito claras relacionadas ao casamento do irmão ou da irmã com a esposa ou o marido da terceira pessoa, o que implica a necessidade de um crime.

Eles estavam sentados no terraço do cassino, de frente para a escada que descia até a praia. Assim, não avistavam os poucos chalés privados na calçada, onde quatro homens jogavam *bridge*[13], enquanto um grupo de senhoras se reunia para conversar e tricotar.

A uma curta distância e mais perto do mar havia outro chalé, que estava isolado e fechado.

Meia dúzia de crianças de pernas descalças remava no mar.

— Não — disse Hortense —, toda esta doçura e charme outonal não me atraem. Tenho tanta fé em todas as suas teorias que não consigo deixar de pensar, apesar de tudo, neste terrível problema. Qual dessas pessoas ali está ameaçada? A morte já selecionou sua vítima. Quem é ela? É aquela mulher jovem, de cabelos lisos, que se balança e ri? Será aquele homem alto, fumando seu charuto? E qual deles tem o pensamento de assassinato escondido em seu coração? Todas as pessoas que vemos estão se divertindo em silêncio. No entanto, a morte ronda esse lugar.

— Isso mesmo! — concordou Rénine. — Você também está ficando entusiasmada. O que eu lhe disse? A vida toda é uma aventura; e nada além da emoção vale a pena. No primeiro suspiro dos eventos que se avizinham, lá está você, tremendo em cada nervo. E participa de todas as tragédias que se agitam ao seu redor. O sentimento de mistério desponta das profundezas do seu ser. Veja como observa com atenção aquele casal que acaba de chegar. Você nunca pode dizer: pode ser esse o cavalheiro que se propõe a matar sua esposa? Ou talvez a dama pense em fugir com seu marido?

— Os d'Ormeval? Nunca! Um casal perfeitamente feliz! Ontem, no hotel, tive uma longa conversa com a esposa. E você mesmo…

— Oh, eu joguei uma partida de golfe com Jacques d'Ormeval, que se considera um atleta, e eu brinquei de bonecas com suas duas garotinhas encantadoras!

Os d'Ormeval apareceram e trocaram algumas palavras com eles. A senhora d'Ormeval disse que suas duas filhas haviam voltado para Paris naquela manhã com a governanta. Seu marido, um sujeito grande e alto com barba amarela, carregava um *blazer* no braço e usava uma camisa fina, e reclamou do calor:

— Você tem a chave da cabine, Thérèse? — perguntou à mulher, quando deixaram Rénine e Hortense e pararam no topo da escada, a poucos metros de distância.

— Aqui está — disse ela. — Você vai ler seus jornais?

— Sim. A menos que façamos um passeio.

— Eu prefiro esperar até a tarde; você se importa? Tenho muitas cartas para escrever nesta manhã.

— Muito bem. Nós iremos ao penhasco.

Hortense e Rénine trocaram um olhar de surpresa. Aquela sugestão foi acidental? Ou eles tinham diante de si, contrariamente às suas expectativas, o próprio casal que procuravam?

Hortense tentou rir:

— Meu coração está disparando. No entanto, eu me recuso absolutamente a acreditar em algo tão improvável. "Meu marido e eu nunca tivemos a menor discussão", Thérèse me confidenciou. Não é bastante claro que esses dois se dão admiravelmente bem?

— Veremos em breve, no Trois Mathildes, se um deles for ao encontro do irmão e da irmã.

O senhor d'Ormeval tinha descido a escada, enquanto sua esposa estava em pé, apoiada na balaustrada do terraço. Ela era uma figura bonita, esbelta e flexível. Seu perfil nítido era acentuado por um queixo bem proeminente quando em repouso. Quando não sorria, a face mostrava uma expressão de tristeza e sofrimento.

— Você perdeu alguma coisa, Jacques? — ela perguntou ao marido, que estava se inclinando sobre o piso acidentado.

— Sim, a chave — disse ele. — Escorregou da minha mão.

Ela desceu para encontrá-lo e começou a procurar também. Durante dois ou três minutos, enquanto se desviavam para a direita e permaneciam perto do fundo do degrau, ficaram invisíveis para Hortense e Rénine. Suas vozes estavam cobertas pelo barulho de uma disputa que havia surgido entre os parceiros do jogo de *bridge*.

Ambos reapareceram quase simultaneamente. A senhora d'Ormeval subiu lentamente alguns degraus da escada e depois parou e virou o rosto para o mar. Seu marido tinha jogado o *blazer* sobre os ombros e seguia para o chalé isolado. Quando passou pelos jogadores de *bridge*, eles lhe pediram uma opinião, apontando para as cartas espalhadas sobre a mesa. Mas, com um aceno de mão, ele se recusou a dar um palpite e foi em frente; cobriu os trinta metros que o separavam do chalé, abriu a porta e entrou.

Thérèse d'Ormeval voltou para o terraço e permaneceu por dez minutos sentada em um banco. Depois, saiu pelo cassino. Hortense, inclinada para a frente, viu-a entrar em um dos chalés anexados ao Hotel Hauville e, um momento depois, avistou-a novamente na varanda.

— Onze horas — disse Rénine. — Quem quer que seja, ele ou ela, ou um dos jogadores de cartas, ou uma de suas esposas, não demorará muito para alguém ir ao lugar marcado.

No entanto, passaram-se vinte minutos, vinte e cinco; e ninguém se mexeu.

— Talvez a senhora d'Ormeval tenha ido embora — sugeriu Hortense, ansiosamente. — Ela não está mais em sua varanda.

— Se ela estiver no Trois Mathildes — disse Rénine, — nós a pegaremos lá.

Estava se levantando quando uma nova discussão surgiu entre os jogadores de bridge e um deles exclamou:

— Vamos colocar isso no d'Ormeval.

— Muito bem — disse seu adversário. — Aceitarei sua decisão… se ele consentir em agir como árbitro. Pois estava um pouco nervoso há pouco.

Então eles chamaram:

— D'Ormeval! D'Ormeval!

Viram então que d'Ormeval devia ter fechado a porta atrás de si, o que o manteve na penumbra. O quarto não tinha janela.

— Ele está dormindo — gritou um. — Vamos acordá-lo.

Todos os quatro foram para o chalé, começaram a chamar por ele e, diante da falta de resposta, bateram à porta:

— Oi! D'Ormeval! Você está dormindo?

No terraço, Serge Rénine subitamente pôs-se de pé com uma expressão tão desconfortável que Hortense ficou espantada. Ele murmurou:

— Se ao menos não for tarde demais!

E, quando Hortense lhe perguntou o que queria dizer, ele já tinha descido a escada e começado a correr para o chalé. Chegou lá quando os jogadores de *bridge* tentavam arrombar a porta:

— Pare! — ele gritou. — As coisas devem ser feitas de forma ordenada.

— Que coisas? — perguntaram.

Ele examinou as venezianas no topo de cada uma das portas dobráveis e, ao descobrir que uma das ripas superiores estava parcialmente quebrada, agarrou-se o melhor que pôde ao teto da cabine e lançou um olhar para dentro. Em seguida, disse aos quatro homens:

— Eu estava certo ao pensar que, se o senhor d'Ormeval não respondeu, deve ter sido impedido por alguma causa séria. Há todos os motivos para acreditar que ele esteja ferido… ou morto.

— Morto! — eles gritaram. — O que você quer dizer com isso? Ele acabou de passar por nós.

Rénine pegou sua faca, abriu a fechadura e puxou as duas portas para trás.

Houve gritos de consternação. D'Ormeval estava deitado sobre o rosto, agarrado ao casaco e com o jornal em suas mãos. O sangue escorria das costas e manchava a camisa.

— Oh! — disse um dos homens. — Ele se matou!

— Como ele pode ter-se matado? — disse Rénine. — A ferida está bem no meio das costas, em um lugar que a mão não pode alcançar. Além disso, não há uma faca na cabine.

Os outros protestaram:

— Se é assim, ele foi assassinado. Mas isso é impossível! Ninguém esteve aqui. Teríamos visto, se tivesse acontecido. Ninguém poderia ter passado por nós sem que tivéssemos visto…

Os outros homens, todas as senhoras e as crianças remando no mar tinham vindo correndo. Rénine não permitiu que ninguém entrasse no quarto, exceto um médico que estava presente. Mas o médico só foi capaz

de dizer que o senhor d'Ormeval estava morto, porque fora apunhalado com uma adaga.

Nesse momento chegaram o prefeito e o policial, junto de algumas pessoas da aldeia. Após as perguntas habituais, eles levaram o corpo.

Algumas pessoas se adiantaram para dar a notícia a Thérèse d'Ormeval, que mais uma vez podia ser avistada em sua varanda.

E assim a tragédia aconteceu sem nenhuma pista para explicar como um homem, protegido por uma porta trancada com uma fechadura sem marcas de arrombamento, pôde ter sido assassinado no espaço de poucos minutos e na frente de vinte testemunhas, quase, poder-se-ia dizer, vinte espectadores. Ninguém havia entrado no chalé. Ninguém tinha saído dali. Quanto à adaga com a qual o senhor d'Ormeval fora esfaqueado entre os ombros, não foi possível rastreá-la. E tudo teria sugerido a ideia de um truque de magia executado por alguém esperto, um assassinato terrível, cometido sob as mais misteriosas condições.

Hortense sentia-se incapaz de acompanhar, como Rénine teria desejado, o pequeno grupo que se dirigia para a senhora d'Ormeval. Estava paralisada de emoção e incapaz de se mover. Era a primeira vez, em suas aventuras com Rénine, que se via no coração da ação e que, em vez de notar as consequências de um assassinato, ou ajudar na perseguição dos criminosos, ela se via confrontada com o assassino em si.

O pensamento deixou-a trêmula, e ela gaguejou:

— Que horrível! O pobre sujeito!… Ah, Rénine, desta vez você não conseguiu salvá-lo!… E é isso que me perturba mais do que tudo, que nós poderíamos e devíamos tê-lo salvado, já que sabíamos da trama…

Rénine a fez cheirar um frasco de sais e, quando ela já tinha recuperado bem a compostura, disse, enquanto a observava atentamente:

— Então você acha que há alguma conexão entre o assassinato e a trama que estávamos tentando frustrar?

— Certamente — ela exclamou, atônita com a pergunta.

— Então, como essa conspiração foi armada por um marido contra sua esposa ou por uma esposa contra seu marido, você admite que a senhora d'Ormeval…

— Oh, não, impossível! — ela repeliu a sugestão. — Para começar, a senhora d'Ormeval não saiu do quarto… e eu jamais acreditarei que aquela linda mulher seria capaz de… Não, não, é claro que havia algo mais…

— O que mais?

— Eu não sei… Você pode ter entendido mal o que o irmão e a irmã estavam dizendo um ao outro… Veja, o assassinato foi cometido sob condições bem diferentes… em outra hora e outro lugar…

— E, portanto — concluiu Rénine —, os dois casos não estão de forma alguma relacionados?

— Oh — ela disse —, não há como saber! É tudo tão estranho!

Rénine assumiu um ar um pouco irônico:

— Minha aluna não me dá nenhum crédito hoje em dia. Porque aqui está uma história perfeitamente simples, desdobrada diante de seus olhos. Você já a viu saindo de uma cena no cinema; e tudo isso permanece tão obscuro para você como se estivesse ouvindo falar de um caso que aconteceu em uma caverna a cento e sessenta quilômetros de distância!

Hortense ficou confusa:

— O que está dizendo? Quer dizer que você entendeu? Que pistas tem para seguir?

Rénine olhou para seu relógio.

— Eu não entendi tudo — disse ele. — O assassinato em si, o mero assassinato brutal, sim. Mas o essencial, isto é, a psicologia do crime, não faço a menor ideia disso. Mas já é meio-dia. O irmão e a irmã, não vendo ninguém comparecer ao encontro no Trois Mathildes, irão até a praia. Você não acha que aprenderemos algo sobre a cumplicidade que eu os acuso de ter e sobre a conexão entre os dois casos?

Eles chegaram à varanda em frente aos chalés de Hauville, perto dos cabrestantes[14], com os quais os pescadores puxavam seus barcos até a praia. Muitas pessoas curiosas estavam do lado de fora da porta de um dos chalés. Dois guardas costeiros, postados à entrada, impediam-nos de entrar.

O prefeito se apressou a atravessar a multidão. Estava de volta do correio, onde havia telefonado para o Havre, para o escritório do procurador-geral, e fora informado de que o promotor público e um juiz de instrução viriam a Étretat no decorrer da tarde.

— Isso nos deixa bastante tempo para o almoço — disse Rénine. — A tragédia não será decretada antes das duas ou três horas. E eu tenho uma ideia de que será sensacional.

Eles se apressaram, no entanto. Hortense, sobrecarregada pela fadiga e a vontade de saber o que estava acontecendo, questionava continuamente

Rénine, que respondia com evasivas, os olhos sempre voltados para a varanda, que eles podiam ver pelas janelas da cafeteria.

— Você está atento à vinda daqueles dois? — perguntou Hortense.

— Sim, o irmão e a irmã.

— Tem certeza de que eles se aventurarão?

— Olhe! Aí vêm eles!

E saiu rapidamente.

No local onde a rua principal se abria em frente ao mar, uma senhora e um cavalheiro avançavam com passos hesitantes, como se não estivessem familiarizados com o lugar. O irmão era um homem pequeno e insignificante, com uma pele pálida. Usava um capacete de motociclista. A irmã também era baixa, mas bastante robusta, e estava envolta em um grande manto. Ela impressionava por ser uma mulher de certa idade, mas ainda assim de boa aparência sob o fino véu que cobria seu rosto.

Eles viram os grupos de transeuntes e se aproximaram mais. Seu andar traía inquietação e hesitação.

A irmã fez uma pergunta a um marinheiro. Às primeiras palavras da resposta, que sem dúvida transmitira a notícia da morte de d'Ormeval, ela soltou um grito e tentou forçar caminho no meio da multidão. O irmão, tomando ciência, por sua vez, do que havia acontecido, fez um largo movimento com os braços e gritou para os guardas costeiros:

— Sou amigo do d'Ormeval! Aqui está meu cartão! Frédéric Astaing… Minha irmã, Germaine Astaing, conhece intimamente a senhora d'Ormeval! Eles estavam nos esperando… Nós tínhamos um compromisso!

Tiveram permissão para passar. Rénine, que se esgueirara atrás dos dois, seguiu-os sem uma palavra, acompanhado por Hortense.

Os d'Ormeval tinham quatro quartos e uma sala de estar no segundo andar. Germaine correu para um dos quartos e se jogou de joelhos ao lado da cama sobre a qual estava o cadáver. Thérèse d'Ormeval, na sala de estar, soluçava no meio de uma pequena companhia de pessoas silenciosas. Frédéric sentou-se ao lado dela, agarrou ansiosamente suas mãos e disse, com voz trêmula:

— Meu pobre amigo… Meu pobre amigo…

Rénine e Hortense olharam a cena e ela sussurrou:

— E ela deveria tê-lo matado por isso? Impossível!

— Entretanto — Rénine observou —, eles são conhecidos, e sabemos que Astaing e sua irmã também falavam de uma terceira pessoa que era sua cúmplice. Então…

— É impossível — repetiu Hortense.

E, apesar de toda a presunção, ela se sentiu tão atraída por Thérèse que, quando Frédéric Astaing se levantou, avançou imediatamente para se sentar a seu lado e a consolou com uma voz suave. As lágrimas da infeliz mulher a afligiram profundamente.

Rénine, por sua vez, dedicou-se desde o início a observar o irmão e a irmã, como se isso fosse a única coisa que importasse. Não tirou os olhos de Frédéric Astaing, que, com um ar de indiferença, começou a fazer uma minuciosa inspeção do local, examinando a sala de estar, entrando em todos os quartos, misturando-se com os vários grupos de pessoas presentes e fazendo perguntas sobre a forma como o assassinato havia sido cometido. Duas vezes sua irmã se aproximou, e conversaram. Depois ele voltou para a senhora d'Ormeval e novamente sentou-se ao lado dela, cheio de sincera simpatia. Finalmente, no saguão, teve uma longa conversa com sua irmã, depois da qual se separaram, como pessoas que chegaram a um entendimento perfeito. Frédéric então partiu. Essas ações tinham durado uns trinta ou quarenta minutos.

Foi nesse momento que o automóvel do magistrado examinador e do promotor público parou do lado de fora dos chalés. Rénine, que só os esperava para mais tarde, disse a Hortense:

— Temos de ser rápidos. Em caso algum saia de perto da senhora d'Ormeval.

As autoridades solicitaram que as pessoas que tivessem provas de qualquer ordem fossem para a praia, onde o magistrado iniciaria uma investigação preliminar. Ele chamaria depois a senhora d'Ormeval. Assim, todos os que estavam presentes deixaram o chalé. Ninguém ficou para trás, exceto os dois guardas e Germaine Astaing.

Germaine ajoelhou-se pela última vez ao lado do morto e, curvando-se para baixo, com o rosto nas mãos, rezou por um longo tempo. Então ela se levantou e estava abrindo a porta quando Rénine se adiantou:

— Gostaria de lhe dizer algumas palavras, senhora.

Ela pareceu surpresa e replicou:

— O que é, senhor? Estou ouvindo.

— Aqui não.

— Onde então, senhor?

— Na sala ao lado, na sala de estar.

— Não — disse ela, com rispidez.

— Por que não? Embora a senhora nem tenha apertado as mãos dela, presumo que a senhora d'Ormeval seja sua amiga…

Ele não lhe deu tempo para reflexões e conduziu-a para a sala ao lado; fechou a porta e, em seguida, alcançou a senhora d'Ormeval, que estava tentando sair e voltar para seu próprio quarto. Então, disse:

— Não, senhora, escute, eu lhe imploro. A presença da senhora Astaing não precisa afastá-la. Temos assuntos muito sérios a discutir, sem perder um minuto.

As duas mulheres, frente a frente, estavam olhando uma para a outra com a mesma expressão de ódio implacável, no qual poderia ser lida igual confusão de espírito e raiva contida. Hortense, que acreditava que fossem amigas e supôs, até certo ponto, que fossem cúmplices, previu com terror o encontro hostil que parecia ser inevitável.

Ela obrigou a senhora d'Ormeval a retomar seu lugar, enquanto Rénine assumia seu posto no meio da sala e falava em tom resoluto:

— O acaso, que me colocou de posse de parte da verdade, me permitirá salvar ambas, se vocês estiverem dispostas a me ajudar com uma explicação franca que me dará os detalhes de que ainda preciso. Cada uma de vocês conhece o perigo que ela representa, pois está consciente, em seu coração, do mal pelo qual é responsável. Mas vocês se deixam levar pelo ódio; e a mim cabe ver com clareza e agir. O magistrado examinador estará aqui em meia hora. Até lá, vocês já deverão ter chegado a um acordo.

Ambas arregalaram os olhos, como que ofendidas por tais palavras.

— Sim, um acordo — ele repetiu, em tom mais imperioso. — Quer vocês gostem ou não, chegarão a um acordo. Vocês não são as únicas a serem consideradas. Aí estão suas duas filhas pequenas, senhora d'Ormeval. Como as circunstâncias me colocaram no caminho delas, estou intervindo em sua defesa e para sua segurança. Um engano, uma palavra a mais, e elas estarão arruinadas. Isso não deve acontecer.

À menção de suas filhas, a senhora d'Ormeval desabou a chorar. Germaine Astaing encolheu os ombros e fez um movimento em direção à porta. Rénine mais uma vez bloqueou o caminho:

— Para onde vai?

— Fui convocada pelo magistrado examinador.

— Não, não foi.

— Sim, eu fui. Assim como todos aqueles que têm alguma evidência a dar.

— Você não estava no local. Nada sabe do que aconteceu. Ninguém sabe de nada sobre o assassinato.

— Eu sei quem o cometeu.

— Isso é impossível.

— Foi Thérèse d'Ormeval.

A acusação foi lançada em uma explosão de raiva e com um gesto ferozmente ameaçador.

— Sua criatura miserável! — exclamou a senhora d'Ormeval, avançando contra ela. — Vá! Saia da sala! Oh, que mulher desgraçada!

Hortense tentava detê-la, mas Rénine sussurrou:

— Deixe-as em paz. Era o que eu queria… jogá-las uma contra a outra e assim deixar entrar a luz do dia.

Germaine Astaing fazia um esforço violento para afastar o insulto com uma brincadeira, e resmungou:

— Uma criatura desgraçada? Por quê? Porque eu a acusei?

— Por quê? Por todos os motivos! Você é uma criatura detestável! Ouça o que eu digo, Germaine: você é uma desgraçada!

Thérèse d'Ormeval repetia o insulto como se isso lhe proporcionasse algum alívio. Sua raiva estava abafada. Muito provavelmente ela também não tinha mais forças para continuar a luta; e foi Germaine Astaing quem voltou ao ataque, com os punhos cerrados e o rosto retorcido e, repentinamente, envelhecido em vinte anos.

— Você! Você ousa me insultar, você! Depois do assassinato que acabou de cometer! Ousa levantar a cabeça quando o homem que você matou está deitado no leito de morte! Ah, se uma de nós é uma criatura miserável, é você, Thérèse, e bem sabe disso! Você matou seu marido! Você matou seu marido!

Ela deu um salto para a frente, na emoção das terríveis palavras que estava proferindo, e suas unhas quase tocaram o rosto da outra.

— Oh, não me diga que você não o matou! — ela gritou. — Não diga isso: eu não deixarei. Não diga isso. A adaga está lá, em sua bolsa. Meu

irmão a sentiu, enquanto falava com você; e sua mão saiu com manchas de sangue: o sangue de seu marido, Thérèse. E então, mesmo que eu não tivesse descoberto nada, você acha que eu não teria adivinhado logo? Ora, eu soube a verdade imediatamente, Thérèse! Quando um marinheiro lá embaixo respondeu: "Sr. d'Ormeval? Ele foi assassinado", eu disse a mim mesma ali, naquele momento: "Foi ela. Thérèse o matou".

Thérèse nada respondeu. Havia abandonado sua atitude de protesto. Hortense, que a observava com angústia, pensou que podia perceber nela o desânimo daqueles que sabem que estão perdidos. Suas bochechas haviam caído, e ela mostrava tamanha expressão de desespero que Hortense, movida pela compaixão, implorou-lhe que se defendesse:

— Por favor, por favor, explique tudo. Quando o assassinato foi cometido, você estava aqui, na varanda… Mas então a adaga… como você chegou a tê-la…? Como você explica isso?

— Explicações! — desdenhou Germaine Astaing. — Como ela poderia explicar? O que importam as aparências externas? De que vale o que alguém viu ou não viu? A prova são os fatos… A adaga está lá, em sua bolsa, Thérèse: isso é um fato… Sim, sim, foi você quem fez isso! Você o matou! Você o matou, no final!… Ah, quantas vezes eu disse ao meu irmão: "Ela ainda vai matá-lo!". Frédéric costumava defendê-la. Ele sempre teve uma fraqueza por você. Mas, em seu íntimo, ele previu o que aconteceria… E agora a coisa horrível foi feita. Uma facada nas costas! Covarde! Covarde! E você quer que eu não diga nada? Ora, eu não hesitei um momento sequer! Frédéric, tampouco. Procuramos provas imediatamente… E eu a denunciei por minha livre vontade, perfeitamente consciente do que estava fazendo… Acabou, Thérèse. Você está acabada. Nada pode salvá-la agora. A adaga está na bolsa que você está segurando na mão. O magistrado está chegando; e a adaga será encontrada, manchada com o sangue de seu marido. O mesmo acontecerá com seu livro de bolso. Os dois estão lá. E serão encontrados…

Sua fúria a havia inflamado tão violentamente que ela não pôde continuar e ficou de pé com a mão estendida e o queixo tremendo.

Rénine gentilmente pegou a bolsa da senhora d'Ormeval. Ela agarrou-se ao acessório, mas ele insistiu e disse:

— Por favor, permita-me, senhora. Sua amiga Germaine está certa. O magistrado examinador estará aqui em um momento; e o fato de a adaga e

o livro de bolso estarem em sua posse levará à sua prisão imediata. Isto não deve acontecer. Permita-me, por favor.

Sua voz insinuante diminuiu a resistência de Thérèse d'Ormeval. Ela abriu os dedos, um a um. Ele pegou a bolsa, abriu-a, retirou uma pequena adaga com um cabo de ébano e um livro de bolso de couro cinza e, em silêncio, enfiou os dois no bolso interno de sua jaqueta.

Germaine Astaing olhou para ele espantada:

— Você está louco, senhor! Que direito você tem…?

— Estas coisas não devem ser deixadas de lado. Eu não me preocupo agora. O magistrado nunca as procurará em meu bolso.

— Mas vou denunciá-lo à polícia! — ela exclamou, indignada. — Eles serão avisados!

— Não, não — disse ele, rindo —, você não dirá nada! A polícia não tem nada a ver com isto. A briga entre vocês deve ser resolvida em particular. Que ideia, arrastar a polícia para cada incidente da vida de alguém!

Germaine Astaing estava sufocada de fúria:

— Mas você não tem o direito de falar assim, senhor! Afinal de contas, quem é você? Um amigo daquela mulher?

— Desde que você a tem atacado, sim.

— Mas eu só a estou atacando porque ela é culpada. Pois você não pode negar: ela matou o marido.

— Eu não nego — disse Rénine calmamente. — Estamos todos de acordo sobre esse ponto. Jacques d'Ormeval foi morto pela esposa. Mas, repito, a polícia não deve saber da verdade.

— Eles saberão através de mim, senhor, eu juro que saberão. Essa mulher deve ser punida; ela cometeu assassinato.

Rénine foi até ela e, tocando-a no ombro, falou:

— A senhora acabou de me perguntar com que direito eu estava interferindo. E você mesma, senhora?

— Eu era amiga de Jacques d'Ormeval.

— Só amiga?

Ela ficou um pouco surpresa, mas imediatamente se recompôs e respondeu:

— Eu era amiga dele, e é meu dever vingar sua morte.

— No entanto, você permanecerá em silêncio, como ele fez.

— Ele não sabia quando morreu.

— É aí que você está errada. Ele poderia ter acusado a esposa, se assim o desejasse. Ele teve tempo suficiente para acusá-la; e não disse nada.

— Por quê?

— Por causa das filhas.

Germaine Astaing não foi apaziguada. Sua atitude demonstrava o mesmo desejo de vingança e igual determinação. Mas foi influenciada por Rénine, apesar de si mesma. Na pequena sala fechada, onde havia tanto ódio, ele estava gradualmente se tornando o mestre; e Germaine Astaing entendeu que era contra aquela pessoa que tinha de lutar.

Já a senhora d'Ormeval sentia todo o conforto daquele apoio inesperado que se oferecia à beira do abismo:

— Obrigada, senhor — disse ela. — Como você viu tudo isso tão claramente, como também sabe que foi por causa de minhas crianças que eu não me entreguei? Mas… estou tão cansada!

E assim a cena estava mudando e tudo assumindo um aspecto diferente. Graças a algumas palavras que foram surgindo no meio da disputa, a culpada estava levantando a cabeça e se animando, enquanto seu acusador hesitava e parecia estar inquieto. Aconteceu que o acusador não ousou dizer mais nada, e a culpada aproximou-se do momento em que sentiu a necessidade de quebrar o silêncio e falar, muito naturalmente, palavras que eram ao mesmo tempo uma confissão e um alívio.

— Chegou a hora, creio eu — Rénine disse a Thérèse, com a mesma gentileza de sempre —, em que você pode e deve se explicar.

Ela estava de novo chorando, encolhida em uma cadeira. Também revelava um rosto envelhecido e devastado pela tristeza. Em voz muito baixa, sem nenhuma demonstração de raiva, falou, em frases curtas e quebradas:

— Ela tem sido amante de meu marido nos últimos quatro anos… Não posso lhe dizer como tenho sofrido… Ela mesma me falou disso… por pura maldade… Sua aversão por mim era ainda maior que seu amor por Jacques… e todos os dias eu tinha alguma ferida nova para suportar… Ela me ligava para me falar de seus encontros com meu marido… Esperava me fazer sofrer tanto que eu acabaria me matando… Às vezes eu pensava nisso, mas eu aguentava, pelo bem das crianças… Jacques estava se enfraquecendo. Ela queria que nos divorciássemos… e pouco a pouco ele

começou a consentir… dominado por Germaine e pelo irmão dela, que é mais astuto do que ela, mas tão perigoso… Eu sentia tudo isso… Jacques estava se tornando duro comigo… Não tinha coragem de me deixar, mas eu era o obstáculo, e ele guardou rancor de mim… Céus, as torturas que sofri!

— Você devia ter-lhe dado a liberdade — gritou Germaine Astaing. — Uma mulher não mata seu marido por querer o divórcio.

Thérèse fez uma negativa com a cabeça e respondeu:

— Eu não o matei porque ele queria o divórcio. Se ele realmente o quisesse, teria me deixado; e o que eu poderia ter feito? Mas seus planos tinham mudado, Germaine; o divórcio não era suficiente para você; e era outra coisa que você teria conseguido dele, outra coisa muito mais séria pela qual você e seu irmão tinham insistido… e ele tinha consentido… por covardia… apesar de si mesmo…

— O que você quer dizer? — Germaine gaguejou. — Que outra coisa?

— Minha morte.

— Você mente! — gritou a senhora Astaing.

Thérèse não levantou a voz. Não fez um movimento de aversão ou indignação e simplesmente repetiu:

— Minha morte, Germaine. Li suas últimas cartas, seis cartas suas que ele foi tolo o suficiente para deixar no livro de bolso dele e que li ontem à noite. Seis cartas nas quais a terrível palavra não está escrita, mas aparece em cada entrelinha. Eu tremia enquanto lia! Que Jacques pudesse chegar a isso! Entretanto, a ideia de apunhalá-lo não me ocorreu por um segundo. Uma mulher como eu, Germaine, não comete assassinato facilmente… Se eu perdi a cabeça, foi depois disso… e a culpa foi sua…

Ela virou seus olhos para Rénine como se quisesse lhe perguntar se não havia perigo em falar e revelar a verdade.

— Não tenha medo — disse ele. — Eu serei responsável por tudo.

Passou a mão pela testa. O evento horrível estava sendo reencenado dentro de sua cabeça e a torturava. Germaine Astaing não se moveu, mas ficou de braços cruzados e olhos ansiosos, enquanto Hortense Daniel aguardava distraidamente a confissão do crime e a explicação do insondável mistério.

— Foi depois disso e por sua culpa, Germaine… Eu tinha colocado de volta o livro de bolso na gaveta onde estava escondido; e não disse nada a Jacques nesta manhã… Eu não queria dizer a ele o que eu sabia… Era tão

horrível… Mesmo assim, tive de agir rapidamente; suas cartas anunciavam a sua chegada secreta para hoje… Pensei, a princípio, em fugir, em pegar o trem… Eu tinha apanhado aquela adaga mecanicamente, para me defender… Mas, quando Jacques e eu fomos para a praia, eu me resignei… Sim, eu tinha aceitado a morte: "Vou morrer", pensei, "e pôr um fim a todo esse pesadelo…". Só que, para o bem das crianças, eu estava ansiosa para que minha morte parecesse um acidente e que Jacques não tivesse nada a ver com isso. Foi por isso que o seu plano de um passeio no penhasco me serviu… Uma queda do topo de um penhasco pareceria bastante natural… Jacques, então, me deixou sozinha para ir ao chalé, depois ele se juntaria a você mais tarde no Trois Mathildes. No caminho, abaixo do terraço, ele deixou cair a chave da cabana. Eu desci e comecei a procurá-la com ele… E aconteceu então… por sua culpa… sim, Germaine, por sua culpa… O livro de bolso de Jacques havia escorregado de seu casaco, sem que ele percebesse, e, junto do livro de bolso, uma fotografia que reconheci imediatamente: uma fotografia, tirada neste ano, de mim e de minhas duas filhas. Eu a peguei… e vi… Você sabe o que eu vi, Germaine? Em vez do meu rosto, o rosto na fotografia era o *seu!* Você tinha colocado seu rosto, Germaine, e me apagado! Era o seu rosto! Um dos seus braços estava ao redor do pescoço de minha filha mais velha, e a mais jovem estava sentada de joelhos… Era você, Germaine, a esposa de meu marido, a futura mãe de minhas filhas, você que iria educá-las… você, você! Então eu perdi a cabeça. Eu tinha a adaga… Jacques estava se inclinando… Eu o apunhalei…

Cada palavra de sua confissão era rigorosamente verdadeira. Aqueles que a ouviram sentiram isso profundamente; e nada poderia ter dado a Hortense e Rénine uma impressão mais aguda da tragédia.

Ela havia desabado de volta em sua cadeira, completamente exausta. No entanto, continuou a falar palavras ininteligíveis. E foi só então, gradualmente inclinando-se sobre ela, que puderam ouvi-la continuar:

— Eu pensei que haveria um grito e que eu seria presa. Mas, não. Aconteceu de tal maneira que ninguém percebeu nada. Além disso, Jacques tinha se movido ao mesmo tempo que eu; e, na verdade, ele não caiu. Não, ele não caiu! Eu o tinha apunhalado; e ele permaneceu em pé! Eu o vi do terraço, ao qual eu havia voltado. Ele tinha pendurado o casaco sobre os ombros, evidentemente para esconder sua ferida, e se afastou sem

cambalear… ou cambaleou tão pouco que só eu pude perceber. Ele até falou com alguns amigos que estavam jogando cartas. Então foi para o chalé e desapareceu… Eu voltei rapidamente para dentro do quarto. Estava convencida de que tudo aquilo era apenas um pesadelo… eu não o tinha matado… ou que, no pior dos casos, a ferida era leve. Jacques voltaria a sair. Eu estava certa disso… Eu observava da minha varanda… Se tivesse pensado por um momento que ele precisava de ajuda, teria voado até ele… Mas na verdade eu não sabia… não sabia… As pessoas falam de pressentimentos: não existem tais coisas. Eu estava perfeitamente calma, assim como alguém fica depois de um pesadelo do qual a memória está se apagando… Não, eu juro, eu não sabia de nada… até o momento…

Ela se interrompeu, asfixiada por soluços.

Rénine terminou a frase por ela:

— Até o momento em que eles vieram e lhe disseram, suponho.

Thérèse gaguejou:

— Sim. Somente então eu tomei consciência do que fizera. Sentia que estava enlouquecendo e que deveria gritar a todas aquelas pessoas: "Ei, fui eu quem fez isso! Não procurem! Aqui está a adaga… Eu sou a culpada!". Sim, eu ia dizer, mas, quando de repente eu vi meu pobre Jacques… Eles o estavam levando… Seu rosto estava muito tranquilo, muito suave… E, na presença dele, eu entendi meu dever, como ele havia compreendido o dele… Ele ficou em silêncio pelo bem das crianças. Eu também teria ficado. Ambos éramos culpados pelo assassinato do qual ele fora a vítima; e ambos devemos fazer tudo o que pudermos para evitar que o crime se volte contra as crianças… Ele viu isso claramente em sua agonia de morte. Teve a incrível coragem de se manter em pé, de responder às pessoas que falaram com ele e de se prender para morrer. Fez isso, apagando todas as suas falhas com uma única ação, e ao fazê-lo tinha me concedido seu perdão, porque ele não estava me acusando… e estava me ordenando que me calasse… e me defendesse… de todos… especialmente de você, Germaine.

Pronunciou as últimas palavras com mais firmeza. No início, esteve totalmente dominada pelo ato inconsciente que havia cometido ao matar seu marido, mas agora já recuperara um pouco de suas forças ao se defender com tamanha energia.

Diante da mulher intrigante cujo ódio havia levado ambos à morte e ao crime, ela cerrou os punhos, pronta para a luta, estremecendo de resolução.

Germaine Astaing não vacilou. Escutara sem uma palavra, com uma expressão implacável que se tornava cada vez mais dura à medida que as confissões de Thérèse se tornavam precisas. Nenhuma emoção parecia amenizar seu rancor e nenhum remorso, penetrar em seu coração. No máximo, no final seus lábios finos se moldaram em um sorriso tênue. Ela estava segurando sua presa nas garras.

Lentamente, com os olhos levantados para o espelho, ela ajustou seu chapéu e retocou o pó do rosto. Em seguida, caminhou até a porta.

Thérèse se atreveu a avançar:

— Para onde você vai?

— Para onde eu escolher.

— Ver o magistrado examinador?

— Muito provavelmente.

— Você não pode passar!

— Como você quiser. Vou esperar por ele aqui.

— E você lhe dirá o quê?

— Ora, tudo o que você disse, é claro, tudo o que você foi tola o suficiente para revelar. Como ele poderia duvidar da história? Você me explicou tudo tão bem…

Thérèse a segurou pelos ombros:

— Sim, mas vou lhe contar outras coisas também, Germaine, coisas que lhe dizem respeito. Se eu estiver arruinada, você também estará.

— Você não pode me tocar.

— Posso expô-la, mostrar suas cartas.

— Que cartas?

— Aquelas em que minha morte foi decidida.

— Mentiras, Thérèse! Você sabe que a famosa trama só existe em sua imaginação. Nem Jacques nem eu desejamos sua morte.

— De qualquer forma, você desejou. Suas cartas a condenam.

— Mentiras! Eram as cartas de um amigo a um amigo.

— Cartas de uma amante a seu amante.

— Prove.

— Elas estão lá, no livro de bolso de Jacques.

— Não, não estão.

— O que você diz?

— Eu digo que essas cartas me pertenciam. Eu as peguei de volta, ou melhor, meu irmão as levou.

— Você as roubou, sua miserável! E você as devolverá novamente — gritou Thérèse, sacudindo-a.

— Eu não as tenho. Meu irmão as guardou. E ele se foi.

Thérèse cambaleou e estendeu suas mãos para Rénine, com uma expressão de desespero.

Rénine falou:

— O que ela diz é verdade. Eu vi os movimentos do irmão dela enquanto ele mexia na sua bolsa. Ele tirou o livro de bolso, examinou-o com a irmã, voltou a colocá-lo de volta e partiu com as cartas.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Ou, pelo menos, com cinco delas.

As duas mulheres se aproximaram. O que ele pretendia transmitir? Se Frédéric Astaing levara apenas cinco cartas, o que teria acontecido com a sexta?

— Suponho — disse Rénine — que, quando o livro de bolso caiu no chão, aquela sexta carta tenha escorregado ao mesmo tempo que a fotografia e que o senhor d'Ormeval deva tê-la recolhido, pois a encontrei no bolso de seu *blazer*, que havia sido pendurado perto da cama. Aqui está ela. Está assinada por Germaine Astaing e é o suficiente para provar as intenções da escritora e os conselhos assassinos que ela estava pressionando seu amante a cumprir.

Germaine Astaing empalideceu e ficou tão desconcertada que não tentou se defender. Rénine continuou, dirigindo a ela seus comentários:

— Na minha opinião, a senhora é responsável por tudo o que aconteceu. Sem um tostão e no final de seus recursos, a senhora tentou se aproveitar da paixão que inspirou no senhor d'Ormeval para fazê-lo se casar com você, apesar de todos os obstáculos, para colocar as mãos na fortuna dele. Tenho provas dessa ganância por dinheiro e desses cálculos abomináveis, e posso fornecê-las se necessário. Poucos minutos depois de eu ter apalpado o bolso daquele casaco, você fez o mesmo. Eu havia retirado a sexta carta, mas havia deixado um pedaço de papel que você procurou avidamente e que também deve ter saído do livro de bolso.

Fez uma pausa para criar o suspense:

— Era um cheque de cem mil francos, assinado pelo senhor d'Ormeval em nome de seu irmão… apenas um pequeno presente de casamento… o que poderíamos chamar de dinheiro miúdo. Agindo sob suas instruções, seu irmão saiu de carro para o Havre para chegar ao banco antes das quatro horas. Posso lhe dizer que ele não descontou o cheque, pois mandei uma mensagem telefônica para o banco para anunciar o assassinato do senhor d'Ormeval, o que interrompeu todos os pagamentos. O resultado de tudo isso é que a polícia, se você persistir em seus esquemas de vingança, terá em suas mãos todas as provas que são procuradas contra você e seu irmão. Eu poderia acrescentar, como prova edificante, a história da conversa que ouvi entre seu irmão e você em um vagão-restaurante no trem entre Brest e Paris, há quinze dias. Mas tenho certeza de que você não me levará a adotar essas medidas extremas, pois já nos entendemos. Não é assim?

Naturezas como a da senhora Astaing, que são violentas e obstinadas enquanto é possível lutar e existe um brilho de esperança, são facilmente dominadas pela derrota. Germaine era inteligente demais e compreendia que a menor tentativa de resistência seria quebrada por um adversário como aquele. Estava em suas mãos e só podia ceder.

Portanto, ela não se entregou a nenhuma brincadeira, nem a qualquer demonstração como ameaças, explosões de fúria ou histeria. Apenas se curvou.

— Estamos de acordo — disse ela. — Quais são suas condições?

— Vá embora. Se alguma vez for chamada para falar de provas, diga que não sabe de nada.

Ela obedeceu. Mas hesitou à porta e depois, entredentes, murmurou:

— O cheque…

Rénine olhou para a senhora d'Ormeval, que assentiu:

— Deixe-a ficar com aquilo. Eu não tocaria naquele dinheiro.

Rénine deu a Thérèse d'Ormeval instruções precisas sobre como ela deveria se comportar na inquirição e responder às perguntas que lhe seriam feitas. Depois deixou o chalé, acompanhado de Hortense Daniel.

Na praia abaixo, o magistrado e o promotor público continuavam suas investigações, tomando medidas, examinando as testemunhas e tentando juntar as peças.

— Quando eu penso — disse Hortense — que você tem a adaga e o livro de bolso do senhor d'Ormeval com você!

— E isso lhe parece terrivelmente perigoso, suponho… — disse ele, rindo. — A *mim* parece-me extremamente cômico…

— Você não tem medo?

— De quê?

— De que eles possam suspeitar de algo?

— Oh, Senhor, eles não suspeitarão de nada! Diremos a essas boas pessoas o que vimos e nossas provas só aumentarão sua perplexidade, pois não vimos absolutamente nada. Por prudência, ficaremos um dia ou dois, para ver para que lado o vento sopra. Mas está bem resolvido: eles nunca poderão montar a história completa.

— No entanto, *você* adivinhou o segredo desde o princípio. Como?

— Em vez de procurar dificuldades onde não existem, como as pessoas geralmente fazem, eu sempre coloco a questão como deve ser colocada; e a solução vem de forma bastante natural. Um homem vai ao seu quarto e se tranca. Meia hora depois, ele é encontrado lá dentro, morto. Ninguém entrou. O que aconteceu? A meu ver, há apenas uma resposta. Não há necessidade de pensar sobre isso. Como o assassinato não foi cometido lá dentro, deve ter ocorrido antes, e o homem já estava mortalmente ferido quando entrou. E logo me pareceu verdade neste caso em particular. A senhora d'Ormeval, que deveria ser assassinada nesta noite, silenciava seu assassino. Quando seu marido se inclinou para o chão, em um momento de distração, ela o apunhalou pelas costas. Não havia mais nada a fazer além de procurar as razões que a levaram a agir. Quando conheci os dois irmãos, fiquei do lado dela sem reservas. Esta é a história toda.

O dia estava começando a acabar. O azul do céu estava se tornando mais escuro, e o mar, ainda mais calmo do que antes.

— Em que você está pensando? — perguntou Rénine, depois de um momento.

— Estou pensando — disse ela — que, se eu também fosse vítima de alguma trama, eu confiaria em você, não importando o que acontecesse, contra tudo e contra todos. Sei, tão certamente quanto sei que existo, que você me salvaria, quaisquer que fossem os obstáculos. Não há limite para o poder de sua vontade.

Ele respondeu, muito suavemente:

— Não há limite para meu desejo de agradá-la.

---

[13] *Bridge* é um jogo de cartas. (N.T.)
[14] Cabrestante é um mecanismo no qual se enrolam cabos e amarras para trabalho em que se exija grande esforço, como, por exemplo, erguer uma âncora de navio ou arrastar um barco na areia. (N.T.)

A senhora com a machadinha

Um dos acontecimentos mais incompreensíveis que precederam a Grande Guerra[15] foi certamente aquele conhecido como "o episódio da senhora com a machadinha". A solução do mistério era desconhecida e jamais teria sido descoberta se as circunstâncias não tivessem obrigado o príncipe Rénine (ou, devo dizer, Arsène Lupin?) a retomar o assunto e se eu não estivesse conseguindo hoje contar a história verdadeira com base nos detalhes fornecidos por ele.

Deixe-me relatar os fatos. Em um espaço de dezoito meses, cinco mulheres haviam desaparecido, cinco cidadãs de diferentes posições sociais, todas entre vinte e trinta anos de idade e vivendo em Paris ou no distrito de Paris.

Darei seus nomes: senhora Ladoue, esposa de um médico; senhorita Ardant, filha de um banqueiro; senhorita Covereau, uma lavadeira de Courbevoie; senhorita Honorine Vernisset, costureira, e senhora Grollinger, uma artista. Essas cinco mulheres sumiram sem a possibilidade de se descobrir um único pormenor que explicasse o motivo de terem deixado suas casas, a razão de não terem voltado, quem as havia seduzido e onde e como foram sequestradas.

Cada uma dessas mulheres, uma semana após sua partida, foi encontrada em um ou outro lugar da periferia oeste de Paris. Sempre havia um cadáver, os restos mortais de uma mulher que fora morta por um golpe na cabeça, dado por uma machadinha. E toda vez, não muito longe da mulher, que estava firmemente amarrada, seu rosto coberto de sangue e o corpo emaciado pela desnutrição, as marcas de rodas de carroça provavam que o cadáver tinha sido transportado até o local.

Os cinco assassinatos foram tão parecidos que houve uma única investigação, abrangendo todas as cinco averiguações, que, por sinal, não levaram a resultado algum. Uma mulher desaparecia; uma semana depois, seu corpo era descoberto; e isso era tudo. Os laços que as amarravam eram semelhantes em todos os casos, assim como os demais rastros deixados pelas rodas e os golpes da machadinha, todos desferidos verticalmente no alto e no meio da testa.

O motivo do crime? As cinco mulheres haviam sido completamente despojadas de suas joias, bolsas e outros objetos de valor. Os roubos poderiam muito bem ser atribuídos a saqueadores ou qualquer transeunte, já que os corpos tinham sido deixados em lugares desertos.

As autoridades acreditavam na execução de um plano de vingança ou de uma determinação para acabar com uma série de pessoas ligadas entre si. Indivíduos, por exemplo, suscetíveis de serem beneficiados por uma herança futura. Neste caso, continuou a mesma obscuridade. Foram elaboradas teorias, mas apenas para serem desprezadas em seguida, em razão de um exame dos fatos. Trilhas foram seguidas e imediatamente abandonadas.

Então, repentinamente, houve um alvoroço. Uma mulher empenhada na varrição das estradas pegou no pavimento um pequeno caderno de anotações que levou para a polícia local. Todas as folhas desse caderno estavam em branco, exceto por uma, na qual constava uma lista das mulheres assassinadas, com seus nomes por ordem de data e acompanhadas de três números: Ladoue, 132; Vernisset, 118; e assim por diante.

Certamente, nenhuma importância teria sido dada a essas anotações, que qualquer pessoa poderia ter feito, já que todos conheciam a lista sinistra. Mas, em vez de cinco nomes, lá havia seis! Sim, abaixo de Grollinger, 128, aparecia Williamson, 114. Isso indicaria um sexto assassinato?

A origem obviamente inglesa do último nome limitou o campo das investigações, o que de fato não demorou muito. Foi constatado que, havia quinze dias, uma senhorita Hermione Williamson, governanta de uma família em Auteuil, tinha deixado seu posto para voltar à Inglaterra mas que, desde então, suas irmãs, embora ela tivesse escrito para lhes dizer que estava partindo, não tinham mais ouvido falar a seu respeito. Foi então

aberto um novo inquérito.

Um carteiro encontrou o corpo na floresta de Meudon. O crânio da senhorita Williamson fora dividido ao meio.

Não preciso descrever a comoção pública nessa época nem o estremecimento de horror que passou pela multidão quando leu aquela lista, escrita sem dúvida pela própria mão do assassino. O que poderia ser mais assustador do que tal registro, mantido em dia como um livro-caixa de um comerciante cuidadoso? "Em tal dia, eu matei fulano e sicrano; em outro, tal pessoa…"

E o total era de seis cadáveres.

Contra todas as expectativas, os especialistas em caligrafia não tiveram dificuldade em concordar e declararam unanimemente que a letra era de uma mulher, uma mulher educada, dona de gostos artísticos, imaginação e uma natureza extremamente sensível. "A senhora com a machadinha", como os jornalistas a batizaram, decididamente não era uma pessoa comum, e dezenas de artigos de jornal fizeram um estudo especial de seu caso, expondo seu nível mental e perdendo-se em explicações rebuscadas.

No entanto, foi o escritor de um desses artigos, um jovem jornalista, quem fez uma descoberta casual que o tornou o centro da atenção pública, por fornecer a única peça verídica para derramar um raio de luz sobre a escuridão.

Ao se lançar para o significado das anotações ao lado dos seis nomes, ele se perguntou se aqueles números não representariam simplesmente a quantidade de dias que separavam um crime do outro. Tudo que ele teve de fazer foi verificar as datas. De imediato, descobriu que sua teoria estava correta. A senhorita Vernisset tinha sido levada cento e trinta e dois dias depois da senhora Ladoue; a senhorita Covereau, cento e dezoito dias depois de Honorine Vernisset; e assim por diante.

Portanto, não havia espaço para dúvidas; e a polícia não tinha outra escolha senão aceitar uma solução que se ajustava tão precisamente às circunstâncias: os números correspondiam aos intervalos. Não havia erros nos registros da senhora com a machadinha.

Mas então tornou-se inevitável uma dedução: a senhorita Williamson, a última vítima, havia sido raptada em 26 de junho passado, e seu nome foi seguido pelo número 114: não seria de se presumir que um novo crime seria cometido cento e catorze dias depois, ou seja, no dia 18 de outubro?

Não seria provável que a horrível ocorrência fosse repetida de acordo com as intenções secretas do assassino? Seriam eles obrigados a levar à sua conclusão lógica o argumento que atribuía aos números, a todos os números, tanto os últimos quanto os outros, o seu significado relacionado a datas?

Foi precisamente essa dedução que foi feita e estava sendo ponderada e discutida durante os poucos dias que antecediam o 18 de outubro, quando a lógica exigia a realização de mais um ato da abominável tragédia. E era natural que, na manhã daquele dia, o príncipe Rénine e Hortense, ao marcar uma hora por telefone para a noite, fizessem alusão aos artigos de jornal que ambos haviam lido.

— Cuidado! — disse Rénine, rindo. — Se você encontrar a senhora com a machadinha, passe para o outro lado da rua!

— E se a boa dama me levar, o que eu devo fazer?

— Marque seu caminho com pedrinhas brancas e diga, até o exato momento em que a machadinha brilhar no ar: "Não tenho nada a temer; ele me salvará". *Ele* sou eu mesmo… e eu beijarei suas mãos. Até hoje à noite, minha querida.

Naquela tarde, Rénine tinha um encontro com Rose Andrée e Dalbrèque[16] para marcar a partida dos dois para os Estados Unidos. Antes das dezesseis e das dezenove horas, ele comprou as diferentes edições dos jornais da noite. Nenhuma relatava um sequestro.

Às nove horas da noite, ele foi para o Ginásio, onde havia conseguido um camarote privado.

Às nove e meia, como Hortense não aparecera, chamou-a, embora sem nenhuma ansiedade. A criada respondeu que a senhora Daniel ainda não havia chegado.

Tomado por um temor repentino, Rénine correu para o apartamento mobiliado que Hortense estava ocupando temporariamente, perto do Parque Monceau, e interrogou a empregada, que ele havia contratado para ajudá-la e que estava completamente dedicada a essa tarefa.

A mulher disse que sua patroa saíra às duas horas da tarde, com uma carta carimbada na mão, dizendo que ia ao correio e que voltaria para se vestir. Esta foi a última vez em que fora vista.

— A quem estava endereçada a carta?

— Ao senhor. Eu vi a postagem no envelope: Príncipe Serge Rénine.

Ele esperou até a meia-noite, mas em vão. Hortense não voltou; nem no dia seguinte.

— Nem uma palavra a ninguém — disse Rénine à empregada. — Diga que sua patroa está no interior do país e que você vai acompanhá-la.

De sua parte, ele não tinha dúvida: o desaparecimento de Hortense era explicado pela própria data, 18 de outubro. Ela era a sétima vítima da senhora com a machadinha.

— O sequestro — disse Rénine a si mesmo — antecede o golpe do machado em uma semana. Tenho, portanto, desde agora, sete dias inteiros diante de mim. Digamos seis, para evitar qualquer surpresa. Hoje é sábado. Hortense deve ser libertada até o meio do dia da sexta-feira; e, para ter certeza disso, devo conhecer seu esconderijo até as nove horas da noite de quinta-feira, no mais tardar.

Rénine escreveu "QUINTA-FEIRA, NOVE HORAS DA NOITE", em letras grandes, em um cartão que pregou acima da lareira em seu escritório. Depois, ao meio-dia do sábado, no dia seguinte ao desaparecimento, trancou-se no escritório, avisando seu criado para não o incomodar, exceto para as refeições e cartas.

Passou quatro dias ali, quase sem se mexer. Tinha mandado comprar imediatamente todos os principais jornais que haviam falado em detalhes dos seis primeiros crimes. Depois de os ler e reler, fechou as persianas, cerrou as cortinas e deitou-se no sofá, no escuro, com a porta trancada, para pensar.

Na terça-feira à noite, não estava mais avançado do que no sábado. A escuridão era tão densa como sempre. Não descobrira a menor pista para se orientar, nem podia ver uma mísera razão para ter esperança.

Por vezes, apesar de seu imenso poder de autocontrole e da confiança ilimitada nos recursos à sua disposição, tremia de angústia. Será que chegaria a tempo? Não havia razão para que visse mais claramente durante os próximos dias do que naqueles que já haviam transcorrido. E isto significava que Hortense Daniel seria inevitavelmente assassinada.

O pensamento o torturava. Estava ligado a ela por um sentimento muito mais forte e profundo do que a aparência das relações entre ambos teria levado um espectador a acreditar. A curiosidade do início, o primeiro desejo, o impulso de proteger Hortense para distraí-la, inspirá-la por um gosto pela existência: tudo isso tinha simplesmente se transformado em

amor. Nenhum dos dois estava consciente disso, porque mal se viam um ao outro, exceto em momentos críticos, quando estavam ocupados com as aventuras de outras pessoas e não com as suas próprias. Mas, na primeira investida de perigo pessoal, Rénine percebeu o lugar que ela havia tomado em sua vida e estava desesperado por saber que Hortense era uma prisioneira e mártir, e ele, incapaz de salvá-la.

Passou uma noite febril e agitada, examinando o caso por todos os pontos de vista. A manhã de quarta-feira também foi um tormento indizível. Ele perdia terreno. Desistindo de sua reclusão eremita, abriu as janelas e andou de um lado para outro entre seus cômodos, correu para a rua e voltou a entrar, como se estivesse fugindo do pensamento que o obcecava.

— Hortense está sofrendo… Hortense está nas profundezas… Ela vê a machadinha… Está me chamando… Está me implorando… E eu não consigo fazer nada…

Então, às cinco da tarde, enquanto examinava a lista dos seis nomes, ele recebeu aquele pequeno choque interior, uma espécie de sinal da verdade que está sendo procurada. Um leve rastro de luz em sua mente. Não foi, com certeza, aquele holofote brilhante em que cada detalhe é esclarecido, mas um lampejo forte o suficiente para indicar a direção do próximo movimento.

Seu plano de campanha foi formado de uma só vez. Enviou Adolphe, seu motorista, aos principais jornais, com algumas linhas que deveriam aparecer em destaque entre os anúncios da manhã seguinte. Adolphe também foi instruído a ir à lavanderia em Courbevoie, onde a senhorita Covereau, a segunda das seis vítimas, tinha sido empregada.

Na quinta-feira, Rénine não saiu de casa. À tarde, recebeu várias cartas em resposta ao seu anúncio. Também chegaram dois telegramas. Finalmente, às três horas, chegou uma carta de correio expresso, com o carimbo do Trocadéro[17], que parecia ser o que ele estava esperando.

Ele pegou um papel, anotou um endereço… Senhor de Lourtier-Vaneau, governador colonial aposentado, Avenida Kléber, 47 bis, e correu até seu carro:

— Adolphe, Avenida Kléber, 47 bis.

Rénine foi apresentado a uma imensa sala de estudos guarnecida com magníficas caixas de livros contendo volumes antigos em encadernações

caras. O senhor de Lourtier-Vaneau era um homem ainda no auge da vida, com uma barba levemente grisalha, e, dadas as suas maneiras afáveis e distinção genuína, esbanjava confiança e bom gosto.

— Senhor de Lourtier — disse Rénine —, aventurei-me a chamar sua excelência porque li nos jornais que o senhor conhecia Honorine Vernisset, uma das vítimas da senhora com a machadinha.

— Sim, é claro que a conhecíamos! — exclamou de Lourtier. — Minha esposa costumava empregá-la como costureira durante o dia. Pobre moça!

— Senhor de Lourtier, uma dama de minhas relações desapareceu da mesma maneira que as outras seis vítimas.

— O quê! — balbuciou de Lourtier, arregalando os olhos. — Mas eu segui os jornais com cuidado. Não havia nada no dia 18 de outubro.

— Sim, uma mulher da qual eu gosto muito, a senhora Hortense Daniel, foi raptada no dia 17 de outubro.

— E estamos no dia 22!

— Sim; e o assassinato será cometido no dia 24.

— Horrível! Horrível! Isso deve ser evitado a todo custo…

— E talvez eu consiga impedi-lo, com a ajuda de vossa excelência.

— Mas o senhor já esteve na polícia?

— Não. Somos confrontados com mistérios que são, por assim dizer, absolutos e opressivos, que não oferecem nenhuma lacuna através da qual os olhos mais aguçados possam ver e que é inútil esperar que sejam esclarecidos por métodos comuns, tais como inspeção das cenas dos crimes, inquéritos policiais, busca de impressões digitais, e assim por diante. Como nenhum desses procedimentos serviu a um bom propósito nos casos anteriores, seria perda de tempo recorrer a eles em um sétimo caso, semelhante. Um inimigo que demonstra tal habilidade e sutileza não deixaria para trás nenhum desses traços desajeitados, que são as primeiras coisas que um detetive profissional apreende.

— Então o que você fez?

— Antes de tomar qualquer ação, eu refleti. Dei-me quatro dias para pensar sobre o assunto.

O senhor de Lourtier-Vaneau examinou seu visitante de perto e, com um toque de ironia, perguntou:

— E o resultado de suas meditações…?

— Para começar — disse Rénine, recusando-se a ser diminuído —, submeti todos esses casos a uma ampla pesquisa, o que até então ninguém mais tinha feito. Isto me permitiu descobrir seu significado geral, pôr de lado todo o emaranhado de teorias embaraçosas e, como ninguém pôde concordar quanto aos motivos de todo esse negócio imundo, atribuí-lo à única classe de pessoas capazes de cometê-lo.

— Ou seja…

— Dementes, sua excelência.

O senhor de Lourtier-Vaneau começou:

— Dementes? Que ideia!

— Senhor, a mulher conhecida como a senhora da machadinha é uma louca.

— Mas ela estaria presa!

— Não sabemos se ela não está. Ignoramos se é uma daquelas pessoas meio loucas, aparentemente inofensivas, que são vigiadas tão ligeiramente que têm toda condição para satisfazer suas pequenas manias, seus instintos de besta selvagem. Nada poderia ser mais traiçoeiro do que tais criaturas. Nada seria mais astuto, mais paciente, mais persistente, mais perigoso e, ao mesmo tempo, mais absurdo e mais lógico, mais desleixado e mais metódico. Todos esses emblemas, senhor de Lourtier, podem ser aplicados às ações da senhora com a machadinha.

Pausou, respirou fundo e continuou:

— A obsessão por uma ideia e a repetição contínua de um ato são características do maníaco. Ainda não conheço a ideia pela qual a senhora com a machadinha é obcecada, mas eu sei do ato que resulta dela; e é sempre a mesma coisa. A vítima é amarrada com cordas precisamente semelhantes. E é morta após o mesmo número de dias. É atingida por um golpe idêntico, com o mesmo instrumento, no mesmo lugar, no meio da testa, produzindo um ferimento vertical. Um assassino comum exibe alguma variedade. Sua mão trêmula balança para o lado e golpeia de forma errada. A senhora com a machadinha não treme. É como se ela tivesse feito medições; e o fio de sua arma não se desvia nem um fio de cabelo.

Suspirou profundamente antes de indagar:

— Preciso lhe dar mais alguma prova ou examinar todos os outros detalhes a seu lado? Certamente não. O senhor agora tem a chave do enigma; e sabe como eu sei que somente um louco pode se comportar dessa

maneira, estupidamente, selvagemente, mecanicamente, como um relógio impressionante ou a lâmina da guilhotina…

O senhor de Lourtier-Vaneau assentiu:

— Sim, é isso mesmo. Pode-se ver todo o caso desse ângulo… e começo a acreditar que é assim que se deva ver. Mas, se admitirmos que essa louca tenha o tipo de lógica matemática que conduziu os assassinatos das seis vítimas, não vejo nenhuma conexão entre as próprias vítimas. Ela atacou de forma aleatória. Por que essa vítima em vez daquela?

— Ah! — exclamou Rénine. — Vossa excelência está me fazendo uma pergunta que eu me fiz desde o primeiro momento, a questão que resume todo o problema e que me custou tanto trabalho para resolver! Por que Hortense Daniel em vez de outra? Entre dois milhões de mulheres que poderiam ter sido selecionadas, por que essa? Por que a pequena Vernisset? Por que a senhorita Williamson? Se o caso é como eu o concebi como um todo, ou seja, baseado na lógica cega e fantástica de uma mulher louca, uma escolha foi inevitavelmente exercida. Mas em que consistiu essa decisão? Qual era a qualidade, ou o defeito, ou o sinal necessário para induzir a senhora com a machadinha a atacar? Em uma palavra, se ela escolheu, e ela deve ter optado, o que orientou sua preferência?

— Você já encontrou a resposta?

Rénine fez uma pausa e respondeu:

— Sim, excelência, encontrei. E eu poderia ter descoberto logo no início, já que tudo que tinha de fazer era um exame cuidadoso da lista de vítimas. Mas esses lampejos de verdade nunca são acesos a não ser em um cérebro excessivamente estimulado pelo esforço e pela reflexão. Eu olhei a lista vinte vezes, antes que aquele pequeno detalhe tomasse uma forma definitiva.

— Eu não consigo acompanhar seu raciocínio — disse Lourtier-Vaneau.

— Senhor de Lourtier, nota-se que, se várias pessoas são reunidas em qualquer transação, ou crime, ou escândalo público ou outro evento qualquer, elas são quase sempre descritas da mesma maneira. No caso que estamos tratando, os jornais nunca mencionaram nada mais do que seus sobrenomes ao falar de senhora Ladoue, senhorita Ardent ou senhorita Covereau. De outro lado, a senhorita Vernisset e a senhorita Williamson sempre foram descritas também por seus primeiros nomes: Honorine e Hermione. Se a mesma coisa tivesse sido feita no caso de todas

as seis vítimas, não teria havido mistério.

— Por que não?

— Porque teríamos percebido imediatamente a relação existente entre as seis mulheres infelizes, como eu mesmo notei ao comparar esses dois nomes com o de Hortense Daniel. Você entende agora, não é mesmo? Você vê os três nomes diante de seus olhos…

Lourtier-Vaneau parecia perturbado. Ficando um pouco pálido, ele falou:

— O que você quer dizer com isso? O que você quer dizer?

— Quero dizer — continuou Rénine, em uma voz clara, pronunciando cada sílaba separadamente — que você vê diante de seus olhos três primeiros nomes. Todos os três começam com a mesma inicial e, por uma notável coincidência, consistem no mesmo número de letras, como você pode verificar. Se você perguntar na lavanderia Courbevoie, onde a senhorita Covereau trabalhou, verá que seu nome era Hilairie. Aqui novamente temos a mesma inicial e o mesmo número de letras. Não há necessidade de procurar mais longe. Temos certeza, não temos, de que os nomes de todas as vítimas oferecem as mesmas peculiaridades? E isto nos dá, com absoluta certeza, a chave para o problema que nos foi colocado. Isso explica a escolha da mulher louca. Agora conhecemos a conexão entre as pobres vítimas. Não pode haver engano a respeito. É isso e nada mais. E como esse método de escolha confirma minha teoria! Que prova de loucura! Por que matar essas mulheres e não quaisquer outras? Porque seus nomes começam com H e têm oito letras! Você me entende, senhor de Lourtier, não é mesmo? O número de letras é o oito. A letra inicial é a oitava letra do alfabeto; e a palavra *huit*[18] começa com um H. Sempre a letra H. E o implemento usado para cometer o crime foi uma *hatchet*[19], uma machadinha. Sua excelência está preparado para me dizer que a senhora com a machadinha não é uma louca…

Ele interrompeu a argumentação e se dirigiu ao senhor de Lourtier-Vaneau:

— Qual é o problema, excelência? Não está se sentindo bem?

— Não, não — respondeu Lourtier-Vaneau, com um fio de suor na testa. — Não… mas toda essa história é tão perturbadora! Só de pensar, eu conhecia uma das vítimas! E então…

Rénine pegou uma garrafa de água e um copo de uma pequena mesa, encheu o copo e o entregou a Lourtier-Vaneau, que bebericou um pouco e depois, aprumando-se, continuou, com uma voz que se esforçou para tornar mais firme:

— Muito bem. Vamos admitir sua suposição. Mesmo assim, é necessário que ela conduza a resultados tangíveis. O que você fez?

— Hoje de manhã publiquei em todos os jornais um anúncio com a seguinte redação: "Excelente cozinheira procura ocupação. Escreva antes das cinco da tarde para Herminie, Boulevard Haussmann, etc.". Você continua a acompanhar meu raciocínio, não é verdade, senhor de Lourtier? Primeiros nomes que começam com um H e são formados por oito letras são extremamente raros e estão todos bastante desatualizados: Herminie, Hilairie, Hermione. Bem, esses nomes, por razões que não compreendo, são essenciais para a mulher louca.

Rénine sorriu:

— Encontrar mulheres com um desses nomes a faz invocar todos os seus poderes restantes de razão, discernimento, reflexão e inteligência. Ela caça. Faz perguntas. Fica à espera. Lê jornais que mal entende, mas nos quais certos detalhes, certas letras maiúsculas chamam sua atenção. E, consequentemente, não duvidei por um segundo que este nome de Herminie, impresso em letras grandes, atrairia seu interesse e que ela seria apanhada hoje na armadilha do meu anúncio.

— Ela escreveu? — perguntou o senhor de Lourtier-Vaneau ansiosamente.

— Várias senhoras — continuou Rénine — escreveram as cartas que são habituais nestes casos, para oferecer um lar à chamada Herminie. Mas eu recebi uma carta expressa que me pareceu interessante.

— De quem?

— Leia-a, senhor.

Lourtier-Vaneau arrancou a folha das mãos de Rénine e lançou um olhar sobre a assinatura. Seu primeiro movimento foi de surpresa, como se tivesse esperado algo diferente. Depois deu uma gargalhada longa e estridente, de alegria e alívio.

— Por que ri, senhor de Lourtier? Parece satisfeito.

— Satisfeito, não. Mas esta carta é assinada por minha esposa.

— E o senhor estava com medo de encontrar algo mais?

— Oh, não! Mas como é minha esposa…

Não terminou a frase e disse a Rénine:

— Venha por aqui.

Conduziu-o por uma passagem para uma pequena sala de desenho onde uma senhora de cabelos lisos, com uma expressão alegre e carinhosa, estava sentada no meio de três crianças e as ajudava com suas lições.

Ela se levantou. O senhor de Lourtier-Vaneau apresentou brevemente a visita e perguntou a sua esposa:

— Suzanne, esta é uma mensagem expressa sua?

— Para a senhorita Herminie, Boulevard Haussmann? Sim — esclareceu —, eu a enviei. Como você sabe, nossa empregada está indo embora, e eu estou procurando uma nova.

Rénine a interrompeu:

— Desculpe-me, senhora. Só uma pergunta: onde a senhora conseguiu o endereço da mulher?

Ela corou. Seu marido insistiu:

— Diga-nos, Suzanne. Quem lhe deu o endereço?

— Eu fui chamada.

Ela hesitou e ouviu-o repetir:

— Quem lhe deu o endereço?

— Sua antiga enfermeira.

— Félicienne?

— Sim.

O senhor de Lourtier-Vaneau encurtou a conversa e, sem permitir que Rénine fizesse mais perguntas, levou-o de volta ao escritório.

— Veja, senhor, essa carta expressa veio de uma fonte bastante natural. Félicienne, minha antiga enfermeira, que vive não muito longe de Paris com uma mesada que eu lhe dou, leu seu anúncio e contou-o à senhora de Lourtier. Pois, afinal de contas — acrescentou rindo —, não creio que você suspeite de que minha esposa seja a senhora com a machadinha.

— Não.

— Então o incidente está encerrado… pelo menos do meu lado. Fiz o que pude, ouvi seus argumentos e lamento muito que não possa mais lhe ser útil…

Ele bebeu outro copo de água e sentou-se. Seu rosto estava retorcido. Rénine o fitou por alguns segundos, como um homem olha para um

adversário falido a quem só falta receber o golpe de misericórdia. E, sentado a seu lado, repentinamente agarrou-lhe o braço:

— Excelência, se você não falar, Hortense Daniel será a sétima vítima.

— Eu não tenho nada a dizer, senhor! O que o senhor acha que eu sei?

— A verdade! Minhas explicações deixaram tudo muito claro. Sua angústia, seu terror são provas positivas.

— Mas, afinal de contas, senhor, se eu soubesse, por que ficaria em silêncio?

— Por medo de escândalos. Há em sua vida, uma intuição profunda me assegura, algo que você se vê obrigado a esconder. A verdade sobre essa monstruosa tragédia, que de repente lhe passou à frente, esta verdade, se fosse conhecida, significaria desonra para você, desgraça… e você está se furtando de seu dever.

O senhor de Lourtier-Vaneau não respondeu. Rénine se debruçou sobre ele e, olhando-o nos olhos, sussurrou:

— Não haverá escândalo. Eu serei a única pessoa no mundo a saber do que acontecerá. Estou tão interessado quanto você em não chamar a atenção, porque amo Hortense Daniel e não desejo que seu nome seja confundido com sua história horrorosa.

Permaneceram frente a frente durante um longo intervalo. A expressão de Rénine era dura e inabalável. Lourtier-Vaneau sentia que nada o dobraria se as palavras necessárias não fossem ditas; mas não conseguia pronunciá-las.

— Você está enganado — disse por fim. — Acha que viu coisas que não existem.

Rénine teve a súbita e aterrorizante convicção de que, se aquele homem se refugiasse em um silêncio impassível, não haveria esperança para Hortense Daniel. Ficou tão enfurecido com o pensamento de que a chave do enigma estava ali, ao alcance de sua mão, que agarrou o senhor de Lourtier-Vaneau pela garganta e o forçou a recuar.

— Não vou aturar mais mentiras! A vida de uma mulher está em jogo! Fale… e fale de uma vez! Senão…

Lourtier-Vaneau não tinha mais forças. Qualquer resistência seria impossível. Não que o ataque de Rénine o alarmasse, ou que estivesse cedendo àquele ato de violência, mas sentia-se esmagado por aquela vontade indomável que parecia não admitir nenhum obstáculo, e gaguejou:

— Você está certo. É meu dever contar tudo, apesar do que vier a acontecer.

— Nada virá disso, empenho minha palavra, com a condição de que você salve Hortense Daniel. Um momento de hesitação pode acabar com todos nós. Fale. Sem detalhes, mas os fatos verdadeiros.

— A senhora de Lourtier não é minha esposa. A única mulher que tem o direito de levar meu nome é aquela com quem me casei quando eu era um jovem funcionário colonial. Ela era uma mulher um tanto excêntrica, de mentalidade débil e incrivelmente sujeita a impulsos que equivaliam à monomania[20]. Tivemos dois filhos, gêmeos, que ela adorava e em cuja companhia teria sem dúvida recuperado seu equilíbrio mental e saúde moral. Mas, por causa de um acidente estúpido, uma carruagem que passava, ambos foram mortos diante de seus olhos. A pobre coitada enlouqueceu… com a demência silenciosa e secreta que você imagina.

Ele seguiu:

— Algum tempo depois, quando fui nomeado para um posto na Argélia, eu a trouxe para a França e a coloquei sob os cuidados de uma criatura digna que havia me amamentado e me educado. Dois anos mais tarde, conheci a mulher que se tornaria a alegria da minha vida. Você a viu agora mesmo. Ela é a mãe de meus filhos e passa por minha esposa. Ela merece ser sacrificada? Será que toda a nossa existência naufragará no horror e nosso nome deverá ser associado a essa tragédia de loucura e sangue?

Rénine pensou por um momento e perguntou:

— Qual é o nome da outra, a mãe dos gêmeos?

— Hermance.

— Hermance! Ainda aquela inicial… ainda as oito letras!

— Foi o que me fez perceber tudo — afirmou o senhor de Lourtier-Vaneau. — Quando você comparou os diferentes nomes, eu refleti imediatamente que minha infeliz esposa se chamava Hermance e que ela era louca… e todas as provas saltaram em minha mente.

Rénine quis avançar na especulação:

— Mas, embora entendamos a escolha das vítimas, como devemos explicar os assassinatos? Quais são os sintomas de sua loucura? Será que ela sofre de alguma coisa?

— Ela não sofre muito no momento. Mas padeceu, no passado, o sofrimento mais terrível que se pode imaginar: desde o momento em que seus dois filhos foram atropelados diante de seus olhos, noite e dia ela vê o horrível espetáculo da morte diante de si, sem um momento de interrupção, pois não dorme por um único segundo. Pense nessa tortura! A visão de seus filhos morrendo durante todas as horas do longo dia e da interminável noite!

— Entretanto — Rénine objetou —, não é para afastar essa imagem que ela comete assassinatos?

— Sim, possivelmente — disse o senhor de Lourtier-Vaneau, pensativo — para afastá-la dormindo.

— Eu não entendo.

— Você não compreende porque estamos falando de uma louca… e porque tudo o que acontece naquele cérebro desordenado é necessariamente incoerente e anormal.

— Obviamente. Mas, mesmo assim, sua suposição está baseada em fatos que a justificam?

— Sim, em acontecimentos que eu, de certa forma, negligenciei, mas que hoje assumem seu verdadeiro significado. O primeiro desses fatos data de alguns anos atrás, de uma manhã em que minha antiga enfermeira pela primeira vez encontrou Hermance dormindo. Ela estava de mãos dadas com um cachorro que havia estrangulado. E a mesma coisa foi repetida em três outras ocasiões.

— E ela dormiu?

— Sim, a cada vez ela dormia um sono que durava várias noites.

— E a que conclusão você chegou?

— Concluí que o relaxamento dos nervos provocado por tirar a vida a esgotava e a predispunha a dormir.

Rénine estremeceu:

— É isso! Não há dúvida! O ato de tirar a vida, o esforço de matar a faz dormir. E ela começou com as mulheres, que a serviram tão bem como os animais. Toda a sua loucura se concentrou nesse ponto: ela as mata para lhes roubar o sono! Quer dormir, então rouba o sono dos outros! É isso, não é mesmo? Durante os últimos dois anos ela tem dormido?

— Nos últimos dois anos ela tem dormido — gaguejou o senhor de Lourtier-Vaneau.

Rénine agarrou-o pelos ombros:

— E nunca lhe ocorreu que sua loucura pudesse ir mais longe, que ela não pararia em nada para ganhar a bênção do sono! Apressemo-nos, senhor! Tudo isso é horrível!

Os dois estavam chegando à porta quando o senhor de Lourtier-Vaneau hesitou. O telefone estava tocando.

— É de lá — disse ele.

— De lá?

— Sim, minha velha enfermeira me dá notícias todos os dias à mesma hora.

Lourtier-Vaneau pegou os receptores e entregou um a Rénine, que sussurrou ao seu ouvido as perguntas que ele deveria fazer.

— É você, Félicienne? Como ela está?

— Não está tão mal, senhor.

— Está dormindo bem?

— Não muito bem, ultimamente. Ontem à noite, de fato, nem fechou os olhos. Está muito sombria agora mesmo.

— O que ela está fazendo no momento?

— Está em seu quarto.

— Vá até ela, Félicienne, e não a deixe.

— Eu não posso. Está trancada em seu quarto.

— Você tem que ir, Félicienne. Arrombe a porta. Estou indo agora mesmo… Alô! Alô! Oh, maldição, a ligação foi cortada!

Sem uma palavra, os dois homens deixaram a sala e correram para a avenida. Rénine empurrou o senhor de Lourtier para dentro do carro:

— Qual o endereço?

— Ville d'Avray.

— É claro! No centro das operações… como uma aranha no meio de sua teia! Oh, que vergonha!

Ele estava profundamente agitado. Enxergava toda a aventura em sua monstruosa realidade.

— Sim, ela as mata para roubar seu sono, como costumava matar os animais. É a mesma obsessão, mas complicada por toda uma série de práticas e superstições totalmente incompreensíveis. Evidentemente, imagina que a semelhança dos primeiros nomes com o seu é indispensável e que não dormirá a menos que sua vítima seja uma Hortense ou uma

Honorine. É o argumento de uma mulher louca; sua lógica nos escapa, e nada sabemos de sua origem; mas não podemos fugir disso. Ela precisa caçar e precisa encontrar.

Rénine estava profundamente angustiado.

— E ela encontra e carrega sua presa de antemão e cuida dela pelo número de dias designado, até o momento em que, loucamente, através do buraco que escava com uma machadinha no meio do crânio, absorve o sono que a atordoa e lhe concede o esquecimento por um determinado período. E aqui novamente vemos o absurdo e a demência. Por que ela fixa esse período em tantos dias? Por que uma vítima deveria assegurar-lhe cento e vinte dias de sono, e outra, cento e vinte e cinco dias de sono? Que insanidade! O cálculo é misterioso e, claro, louco; mas o fato é que, ao final de cento ou cento e vinte e cinco dias, conforme o caso, uma nova vítima é sacrificada; já foram seis, e a sétima está esperando sua vez. Ah, senhor, que responsabilidade terrível para você! Um monstro como este! Ela nunca deveria ter sido deixada fora de vista!

Lourtier-Vaneau não protestou. Seu ar de desânimo, sua palidez, mãos trêmulas, tudo provava seu remorso e desespero:

— Ela me enganou — murmurou. — Estava aparentemente tão quieta, tão dócil! E, afinal, ela está em um manicômio.

— Então, como ela pode…?

— O asilo — explicou o senhor de Lourtier-Vaneau — é composto por vários edifícios separados, espalhados por extensos terrenos. O tipo de chalé em que Hermance vive é bem diferente. Há primeiro um quarto ocupado por Félicienne, depois o quarto de Hermance e dois quartos separados, um dos quais tem suas janelas com vista para o campo aberto. Suponho que é lá que ela tranca suas vítimas.

— Mas a carruagem que transporta os cadáveres?

— Os estábulos do asilo estão bem próximos da cabana. Lá há um cavalo e uma carruagem para o trabalho no asilo. Hermance sem dúvida se levanta à noite, arreia o cavalo e desliza o corpo pela janela.

— E a enfermeira que a vigia?

— Félicienne é muito velha e bem surda.

— Mas de dia ela vê sua patroa indo e voltando, fazendo isso e aquilo. Não devemos admitir uma certa cumplicidade?

— Nunca! A própria Félicienne foi enganada pela hipocrisia de Hermance.

— Mesmo assim, foi ela quem telefonou para a senhora de Lourtier primeiro, sobre aquele anúncio…

— Muito naturalmente. Hermance, que fala de vez em quando, que argumenta, que se enterra nos jornais, o que ela não entende, como você estava dizendo há pouco, mas lê atentamente, deve ter visto o anúncio e, tendo ouvido que estávamos procurando uma criada, deve ter pedido a Félicienne para me ligar.

— Sim… sim… foi o que eu senti — disse Rénine lentamente. — Ela marca suas vítimas… Com Hortense morta, teria sabido, depois de esgotada sua mesada de sono, onde encontrar uma oitava vítima… Mas como ela atraiu as mulheres desafortunadas? Como ela induziu Hortense?

O carro estava correndo, mas não suficientemente rápido para agradar a Rénine, que pressionou o motorista:

— Mais rápido, Adolphe, você não pode? Estamos perdendo tempo, meu caro.

De repente, o medo de chegar muito tarde começou a torturá-lo. A lógica do louco está sujeita a mudanças repentinas de humor, a qualquer ideia perigosa que possa entrar na cabeça. A demente poderia facilmente confundir a data e apressar a catástrofe, como um relógio desregulado que atinge uma hora muito cedo.

Em contrapartida, como seu sono foi mais uma vez perturbado, será que não se sentiria tentada a agir sem esperar pelo momento certo? Não teria sido esta a razão pela qual se trancou no quarto? Céus, que agonia sua prisioneira devia estar sofrendo! Que tremores de terror ao menor movimento do carrasco!

— Mais rápido, Adolphe, ou eu mesmo assumirei o volante! Mais rápido!

Finalmente chegaram a Ville d'Avray. Havia uma estrada íngreme e inclinada à direita.

— Dirija ao redor do terreno, Adolphe. Não devemos dar aviso de nossa presença, certo, senhor de Lourtier? Onde fica o chalé?

— Do lado oposto — disse Lourtier-Vaneau.

Desceram um pouco mais adiante. Rénine começou a correr ao longo de um banco à beira de uma estrada batida e malconservada. Estava quase

escuro.

O senhor de Lourtier-Vaneau disse:

— Ali. É aquela casa um pouco mais distante… Olhe para a janela no piso térreo. Pertence a um dos quartos separados… e é obviamente por lá que ela escapa.

— Mas a janela parece ter sido lacrada.

— Sim; e é por isso que ninguém suspeitava de nada. Mas ela deve ter encontrado uma maneira de passar.

O piso térreo fora construído sobre fundações profundas. Rénine rapidamente se agarrou para escalar, encontrando uma base de apoio em uma saliência de pedra.

Com certeza, uma das barras estava faltando.

Ele pressionou o rosto contra o vidro da janela e olhou para dentro.

A sala estava escura. No entanto, conseguiu distinguir, pelas costas, uma mulher sentada ao lado de outra, que estava deitada em um colchão. A que estava sentada segurava a testa nas mãos e olhava a que estava deitada.

— É ela — sussurrou o senhor de Lourtier-Vaneau, que também tinha subido no muro. — A outra está amarrada.

Rénine tirou de seu bolso um diamante de vidraceiro e cortou um dos vidros sem fazer barulho suficiente para despertar a atenção da mulher enlouquecida. Em seguida, deslizou a mão para o fecho da janela e a virou suavemente, enquanto com sua mão esquerda pegava o revólver.

— Não vai atirar, certamente! — suplicou Lourtier-Vaneau.

— Se for preciso, eu o farei.

Rénine empurrou suavemente a janela. Mas havia um obstáculo que ele não percebeu, uma cadeira que tombou e caiu.

Ele saltou para o quarto e jogou fora o revólver para agarrar a louca. Mas a mulher não o esperou; correu para a porta, abriu-a e fugiu, com um grito rouco.

O senhor de Lourtier-Vaneau fez menção de correr atrás dela.

— Para quê? — disse Rénine, ajoelhando-se. — Vamos salvar a vítima primeiro.

Tranquilizou-se imediatamente: Hortense estava viva.

A primeira coisa que fez foi cortar as cordas e remover a mordaça que a sufocava. Atraída pelo barulho, a velha enfermeira tinha se apressado a entrar no quarto com uma lâmpada, que Rénine tirou de sua mão,

lançando sua luz sobre Hortense.

Estava atônito: embora lívida e exausta, com feições e olhos macilentos de febre, Hortense tentava sorrir e ainda sussurrou:

— Esperava que você… Não me desesperei nem por um momento… Eu estava certa de que você…

Então desmaiou.

Uma hora depois, após muitas buscas inúteis ao redor da casa de campo, encontraram a louca trancada em um grande armário no sótão. Ela havia se enforcado.

Hortense recusou-se a passar mais uma noite naquele lugar. Além disso, era melhor que o chalé estivesse vazio quando a velha enfermeira anunciasse o suicídio da mulher maluca.

Rénine deu a Félicienne instruções minuciosas sobre o que deveria fazer e dizer; então, assistido pelo motorista e o senhor de Lourtier-Vaneau, levou Hortense até o carro e a conduziu para casa.

Ela logo se recuperou. Dois dias depois, Rénine a questionou cuidadosamente e perguntou como havia conhecido a mulher enlouquecida.

— Foi muito simples — ela respondeu. — Meu marido, que não é muito são, como já lhe disse, está sendo cuidado em Ville d'Avray e às vezes vou visitá-lo, sem dizer a ninguém, admito. Foi assim que comecei a conversar com aquela pobre louca. Como, no outro dia, ela deu sinais de que queria que eu a visitasse, fui. Estávamos sozinhas na casa de campo. A mulher atirou-se sobre mim e me dominou antes que eu tivesse tempo de gritar por ajuda. Pensei que era uma brincadeira, mas não era. Uma brincadeira de mulher louca? Ela foi muito gentil comigo… Mesmo assim, deixou-me com tanta fome! Mas eu estava tão certa de que você…

— E você não estava com medo?

— De morrer de fome? Não. Além disso, ela me dava alguma comida, de vez em quando, quando a fantasia a tomava… E eu tinha certeza da sua vinda!

— Sim, mas havia algo mais: aquele outro perigo…

— Qual outro perigo? — perguntou, ingenuamente.

Rénine ia começar a falar. De repente, compreendeu. Parecia estranho no início, embora fosse bastante natural, que Hortense não tivesse suspeitado nem por um momento e ainda não desconfiasse do terrível risco

de vida que havia corrido. Sua mente não relacionara sua própria aventura aos assassinatos cometidos pela senhora com a machadinha.

Ponderou que mais adiante também seria um bom momento para lhe contar a verdade.

A propósito, alguns dias mais tarde, o marido de Hortense, que havia sido confinado por anos, morreu no asilo de Ville d'Avray, e Hortense, a quem seu médico havia recomendado um curto período de descanso e solidão, foi hospedar-se com uma parente que vivia perto da vila de Bassicourt, no centro da França.

Pegadas na neve

Para o príncipe Serge Rénine,
Boulevard Haussmann, Paris

La Roncière
Perto de Bassicourt,
14 de novembro

Meu querido amigo,

Você deve me considerar muito ingrata. Estou aqui há três semanas, e você sequer recebeu uma única carta minha! Nem uma palavra de agradecimento! E, no entanto, terminei percebendo de que morte terrível você me salvou. Compreendi o segredo daquele evento tenebroso! Mas, de fato, não pude evitar! Eu estava em tal estado de prostração depois de tudo aquilo! Eu precisava tanto de descanso e solidão! Será que eu deveria ter ficado em Paris? Deveria ter dado continuidade a minhas expedições com você? Não, não, não! Eu já tivera aventuras suficientes! As de outras pessoas são muito interessantes, admito. Mas quando se é a própria vítima e mal se escapa com vida? Oh, meu caro amigo, como foi horrível! Será que alguma vez me esquecerei?

Aqui, em La Roncière, eu desfruto da maior paz. Minha velha prima solteirona, Ermelin, me acalenta como a um inválido. Estou recuperando minha cor e estou muito bem fisicamente… tanto, de fato, que não penso mais em me interessar pelos negócios dos outros. Nunca mais! Por exemplo (e só vou lhe contar porque você é incorrigível, tão curioso como

qualquer empregada velha, e sempre pronto para se ocupar de coisas que não lhe dizem respeito), ontem eu estava presente em uma reunião bastante curiosa. Antoinette havia me levado à pousada em Bassicourt, onde estávamos tomando chá na sala pública, entre os camponeses, pois era dia de mercado, quando a chegada de três pessoas, dois homens e uma mulher, provocou uma súbita pausa na conversa.

Um dos homens era um agricultor gordo, de blusa comprida, com uma cara jovial e vermelha, emoldurada por um bigode branco. O outro era mais jovem, estava vestido de veludo e era magro, com tom de pele amarelado e feições endurecidas. Cada um carregava uma arma sobre o ombro. Entre eles havia uma mulher jovem, baixa e esbelta, com um manto marrom e uma touca de pele, e seu rosto bastante fino e muito pálido era surpreendentemente delicado e de aparência distinta.

"Pai, filho e nora", sussurrou meu primo.

"O quê? Essa encantadora criatura pode ser a esposa daquele trapaceiro?"

"E nora do barão de Gorne."

"O velho ali é um barão?"

"Sim, descendente de uma família muito antiga e nobre que era dona do castelo nos velhos tempos. Sempre viveu como um camponês: um excelente caçador, um grande bebedor, um ótimo litigante, sempre com alguém no tribunal, agora quase arruinado. Seu filho Mathias era mais ambicioso e menos apegado à terra e estudou Direito. Depois ele foi para a América. Em seguida, a falta de dinheiro o trouxe de volta ao vilarejo, onde se apaixonou por uma jovem da cidade mais próxima. A pobre garota consentiu, ninguém sabe por quê, em se casar com ele; e há cinco anos ela vem levando a vida de uma eremita, ou melhor, de uma prisioneira, em um pequeno casarão próximo, o Manoir-au-Puits, o Well Manor."

"Com o pai e o filho?", eu perguntei.

"Não, o pai vive no extremo da aldeia, em uma fazenda solitária."

"E o mestre Mathias está com ciúme?"

"Um tigre perfeito!"

"Sem motivo?"

"Sem razão, pois Natalie de Gorne é a mulher mais correta do mundo, e não é culpa dela se um jovem bonito tem andado pelo casarão durante

os últimos meses. No entanto, o de Gornes não consegue superar isso."

"O quê, o pai também não?"

"O jovem bonito é o último descendente do povo que comprou o castelo há muito tempo. Isto explica o ódio do velho de Gorne. Jérôme Vignal, e eu o conheço e gosto muito dele, é um homem bonito e muito bem de vida; e ele jurou fugir com Natalie de Gorne. É o velho que o diz, quando bebe além do limite. Pronto, escute!".

O velho estava sentado no meio de um grupo de homens que se divertiam, obrigando-o a beber e fazendo-lhe perguntas. Ele já estava um pouco "ligado" e se segurava com um tom de indignação e um sorriso zombeteiro que formava um contraste bastante cômico quando falava: "Ele está perdendo seu tempo, eu lhes digo, um bobo da corte! Não se deve ficar rondando furtivamente em nosso caminho, fazendo olhos de ovelha… Ele está sendo vigiado! Caso se aproxime demais, levará bala, não é, Mathias?".

Agarrou a mão de sua nora: "E então a pequena moça também sabe como se defender", ele riu. "Ei, você não quer nenhum admirador, não é, Natalie?"

A jovem esposa corou, confusa por ser abordada naqueles termos, enquanto seu marido resmungava: "Você faria melhor se segurasse a língua, pai. Há coisas sobre as quais não se fala em público".

"Coisas que afetam a honra de alguém são mais bem resolvidas em público", retorquiu o mais velho. "No que me diz respeito, a honra dos de Gornes vem antes de tudo; e essa fina faísca, com seus ares de Paris, não…"

Parou de falar repentinamente. Diante de si estava um homem que acabara de chegar e que parecia estar esperando que ele terminasse a frase. O recém-chegado era um jovem alto, de compleição poderosa, em trajes de passeio, com apetrechos de equitação na mão. Seu rosto forte e muito austero estava iluminado por um par de olhos finos nos quais brilhava um sorriso irônico.

"Jérôme Vignal", meu primo sussurrou.

O jovem não parecia envergonhado. Ao ver Natalie, fez ligeira mesura; e, quando Mathias de Gorne deu um passo adiante, olhou-o da cabeça aos pés, como a dizer: "Bem, e então?".

Sua atitude foi tão altiva e desdenhosa que os de Gorne sacaram suas armas e as pegaram em ambas as mãos, como atiradores prestes a disparar. A expressão do filho foi muito feroz.

Jérôme não se sentiu muito perturbado com a ameaça. Depois de alguns segundos, voltando-se para o proprietário da pousada, observou: "Eu vim para ver o velho Vasseur. Mas sua loja está fechada. Você se importaria de lhe entregar o coldre do meu revólver? Ele costurará um ponto ou dois".

Entregou o coldre ao dono da estalagem e acrescentou, rindo: "Ficarei com o revólver, caso precise dele. Nunca se sabe!".

Depois, ainda com muita calma, pegou um cigarro de uma caixa de prata, acendeu-o e foi embora. Nós o vimos através da janela montando em seu cavalo e saindo em um trote lento.

O velho de Gorne jogou fora um copo de aguardente, praguejando de maneira rude. Seu filho bateu palmas na boca do velho e o obrigou a sentar-se. Natalie de Gorne chorava ao lado dos dois…

Esta é minha história, querido amigo. Como vê, não é tremendamente interessante nem merece sua atenção. Não há nenhum mistério e nenhum papel a ser desempenhado por você. De fato, insisto particularmente que não deva procurar um pretexto para uma interferência inoportuna.

É claro que eu ficaria feliz em ver a pobre criatura protegida, pois parece ser uma perfeita mártir. Mas, como eu disse antes, deixemos que cada um cuide de seus próprios problemas e não vamos mais longe com nossas pequenas experiências…

Ele terminou de ler a carta, leu-a novamente e disse para si mesmo: "É isso aí. Tudo está certo como deve ser. Hortense não quer continuar com nossas 'pequenas experiências', porque seria a sétima, e ela tem medo da oitava, que nos termos de nosso acordo tem um significado muito particular. Ela não quer… e ela quer… sem parecer que quer…"

Rénine esfregou as mãos. A carta era uma inestimável testemunha da influência que ele havia gradual, suave e pacientemente conquistado sobre Hortense Daniel. Traía um sentimento bastante complexo, composto de admiração, confiança sem limites, inquietação às vezes, medo e quase terror, mas também amor.

Estava convencido disso. Sua companheira de aventuras, as quais foram compartilhadas com uma boa camaradagem que excluíram qualquer constrangimento, de repente se assustara; e uma espécie de pudor, misturado a certa dose de flerte, impelia-a a se conter.

Naquela mesma noite, um domingo, Rénine pegou o trem. Ao amanhecer, já havia percorrido, de diligência, uma estrada branca com neve que o levou à cidadezinha de Pompignat, distante oito quilômetros do vilarejo de Bassicourt. Assim que chegou, soube que sua viagem poderia provar alguma utilidade: três tiros haviam sido ouvidos durante a noite na direção do Manoir-au-Puits.

— Três tiros, sargento. Eu os ouvi tão claramente quanto o vejo diante de mim — disse um camponês que os policiais estavam interrogando na sala de estar da pousada onde Rénine havia entrado.

— Eu também — comentou o garçom. — Três tiros. Pode ter sido à meia-noite. A neve, que caía desde as nove, tinha parado… e os tiros soaram através dos campos, um após o outro: bang, bang, bang.

Mais cinco camponeses deram seus depoimentos. O sargento e seus homens não tinham ouvido nada dos tiros, porque o posto policial ficava mais para perto dos campos. Mas chegaram um fazendeiro e uma mulher, que disseram que trabalhavam para Mathias de Gorne, tinham ficado ausentes por dois dias por causa do domingo do final de semana e que tinham vindo diretamente da casa senhorial, onde não haviam conseguido entrar.

— O portão do terreno está trancado, sargento — disse o homem. — É a primeira vez que isso acontece. O senhor Mathias sai para abri-lo pessoalmente todas as manhãs, às seis horas, no inverno e no verão. Bem, já passa das oito. Eu chamei e gritei. Ninguém respondeu. Então viemos para cá.

— Você poderia ter perguntado ao velho senhor de Gorne — disse o sargento. — Ele vive no alto da estrada.

— Por minha palavra, claro que eu poderia! Nem pensei nisso.

— É melhor irmos até lá agora — o sargento decidiu.

Dois de seus homens o acompanharam, assim como os camponeses e um serralheiro, cujos serviços foram requisitados. Rénine juntou-se ao grupo.

Logo, no final do vilarejo, chegaram ao pátio da fazenda do velho de Gorne, que Rénine reconheceu pela descrição de Hortense.

O velho senhor estava atrelando seu cavalo a uma pequena charrete, na qual já havia carregado uma grande caixa. Quando lhe contaram o que havia acontecido, ele desatou a rir:

— Três tiros? Bang, bang, bang? Ora, meu caro sargento, só cabem duas balas na arma de Mathias!

— E o portão trancado?

— Significa que o rapaz está dormindo, só isso. Ontem à noite ele veio e dividiu uma garrafa comigo… talvez duas… ou até três; e deve estar descansando, espero… ele e Natalie.

Subiu na velha charrete, com uma lona remendada, e estalou o chicote:

— Até mais, cavalheiros. Esses seus três tiros não me impedirão de ir ao mercado em Pompignat, como faço todas as segundas-feiras. Tenho um par de bezerros na caixa para levar e estão no ponto certo para o açougueiro. Bom dia para vocês!

Os outros seguiram em frente. Rénine foi até o sargento e se apresentou:

— Sou amigo da senhorita Ermelin, de La Roncière; e, como ainda é muito cedo para chamá-la, ficarei feliz se você me permitir passar pelo casarão com você. A senhorita Ermelin conhece a senhora de Gorne; e será uma satisfação para mim aliviar sua mente, pois não há nada de errado no casarão, espero.

— Se houver — respondeu o sargento —, leremos tudo a respeito tão claramente como em um mapa, por causa da neve.

Era um jovem simpático, e parecia vivaz e inteligente. Desde o primeiro momento demonstrou grande acuidade ao observar as pegadas que Mathias tinha deixado na noite anterior, ao voltar para casa, as quais logo se confundiram com aquelas feitas nas idas e vindas do trabalhador da fazenda e de sua mulher. Enquanto isso, eles chegaram ao muro de uma propriedade cujo portão o serralheiro abriu prontamente.

Daquele ponto em diante, uma única trilha aparecia sobre a neve imaculada, a de Mathias. Foi fácil perceber que o rapaz deve ter participado um bom tempo da bebedeira do pai, pois a linha das pegadas descrevia curvas repentinas que a faziam desviar até as árvores da avenida.

Duzentos metros mais adiante ficava a dilapidada construção de dois andares da Manoir-au-Puits. A porta principal estava aberta.

— Vamos entrar — disse o sargento.

No momento em que ele cruzou a soleira, murmurou:

— Oh! O velho de Gorne cometeu um erro em não vir. Houve luta por aqui.

A grande sala estava em desordem. Duas cadeiras quebradas, a mesa virada e muito vidro e porcelana partidos testemunhavam a violência da luta. O relógio alto, deitado no chão, tinha parado às onze e vinte.

Com a camponesa mostrando-lhes o caminho, correram para o primeiro andar. Nem Mathias nem sua esposa estavam lá. Mas a porta de seu quarto havia sido arrombada com um martelo que eles acharam debaixo da cama.

Rénine e o sargento desceram as escadas novamente. A sala de estar tinha uma passagem que se comunicava com a cozinha, localizada nos fundos da casa. De lá se avistava um pequeno quintal cercado pelo pomar, ao final do qual havia um poço. Ao lado do poço podia-se passar.

Da porta da cozinha para o poço, a neve, que não era muito espessa, tinha sido pressionada para o lado, como se um corpo tivesse sido arrastado sobre ela. E ao redor do poço havia marcas emaranhadas de pés pisoteados, mostrando que a luta devia ter sido retomada naquele local. O sargento descobriu novamente as pegadas de Mathias, junto de outras que eram mais claras e mais bem torneadas.

Estas últimas seguiam diretamente para o pomar. A trinta metros dali, perto das pegadas, um revólver foi recolhido e reconhecido por um dos camponeses como parecido com o que Jérôme Vignal havia mostrado na pousada dois dias antes.

O sargento examinou o tambor. Três das sete balas haviam sido disparadas.

E assim a tragédia foi pouco a pouco reconstituída em seus contornos principais; então o sargento, que havia ordenado a todos que se afastassem e não pisassem no local das pegadas, voltou ao poço, inclinou-se, fez algumas perguntas à camponesa e, olhando para Rénine, sussurrou:

— Tudo isso me parece bastante claro.

Rénine segurou seu braço:

— Vamos falar abertamente, sargento. Entendo muito bem do negócio, pois, como lhe disse, conheço a senhorita Ermelin, que é amiga de Jérôme

Vignal e também conhece a senhora de Gorne. Você acha que…

— Eu não quero supor nada. Simplesmente sustento que alguém veio aqui ontem à noite…

— Por qual caminho? Os únicos rastros de uma pessoa que andou em direção ao casarão são os do senhor de Gorne.

— Isso porque a outra pessoa chegou antes da nevasca, ou seja, antes das nove horas.

— Então ele deve ter-se escondido em um canto da sala e esperado pelo retorno do senhor de Gorne, que veio depois da neve?

— É assim mesmo. Assim que Mathias chegou, o homem foi atrás dele. Houve uma briga. Mathias escapou pela cozinha. O homem correu atrás dele até o poço e disparou três tiros de revólver.

— E onde está o corpo?

— No fundo do poço.

Rénine protestou:

— Oh! Você não está exagerando nessa certeza?

— Por quê, senhor? A neve está lá, para contar a história; e a neve diz claramente que, depois da luta, após os três tiros, um homem sozinho se afastou e deixou a fazenda, um só homem, e suas pegadas não são as de Mathias de Gorne. Então, onde pode estar Mathias de Gorne?

— Mas o poço… pode ser dragado?

— Não. O poço é praticamente sem fundo. É conhecido em todo o distrito e dá seu nome à mansão[21]… Não.

— Então você realmente acredita…

— Repito o que eu disse. Antes da nevasca, uma única chegada, Mathias. E uma única partida, o desconhecido.

— E a senhora de Gorne? Ela foi morta também e jogada no poço como seu marido?

— Não, foi levada embora.

— Levada?

— Lembre-se de que seu quarto foi arrombado com um martelo.

— Ora, ora, sargento! Você mesmo declarou que houve apenas uma partida, a do estranho.

— Pare. Olhe as pegadas do homem. Veja como elas se afundam na neve, até que praticamente tocam o chão. Estas são as pegadas de um homem que carrega uma carga pesada. O estranho estava carregando a

senhora de Gorne nos ombros.

— Então há uma saída por aqui?

— Sim, uma pequena porta cuja chave Mathias de Gorne sempre tinha consigo. O homem deve tê-la tirado dele.

— Uma saída para os campos abertos?

— Sim, uma estrada que liga à rodovia departamental a mil e duzentos metros daqui… E você sabe para onde?

— Para onde?

— Conduz à esquina do castelo.

— O castelo de Jérôme Vignal?

— Por Deus! Isso começa a parecer sério! Se a trilha leva ao castelo e ali termina, saberemos em que pé estamos.

A trilha continuava até o castelo, como puderam perceber depois de segui-la pelos campos ondulados, nos quais a neve se acumulava em alguns pontos. A área mais próxima dos portões principais havia sido varrida, mas eles viram que outra trilha, formada pelas duas rodas de um veículo, ia na direção oposta à da vila.

O sargento tocou a campainha. O porteiro, que também varrera o caminho, chegou aos portões com uma vassoura na mão. Em resposta a uma pergunta, o homem disse que o senhor Vignal tinha ido embora naquela manhã antes que alguém se levantasse e que ele mesmo tinha preparado o cavalo para a partida.

— Nesse caso — observou Rénine, quando eles se afastaram —, tudo o que temos a fazer é seguir os rastros das rodas.

— Isso não servirá de nada — disse o sargento. — Eles tomaram a ferrovia.

— Na estação de Pompignat, de onde eu vim? Mas eles teriam passado pelo vilarejo.

— Seguiram pelo outro lado, porque isso leva à cidade, onde param os trens expressos. O procurador-geral tem um escritório na cidade. Eu telefonarei. Como não há trem antes das onze horas, tudo o que eles precisam fazer é ficar de vigia na estação.

— Acho que você está fazendo a coisa certa, sargento — disse Rénine —, e eu o cumprimento pela forma como realizou sua investigação.

Eles se separaram. Rénine voltou para a pousada no vilarejo e enviou uma nota a Hortense Daniel, escrita à mão:

Minha querida amiga,

Percebi em sua carta que você, sempre enternecida por tudo que diz respeito ao coração, parecia ansiosa por proteger o amor de Jérôme e Natalie. Agora há todos os motivos para supor que estes dois, sem consultar sua justa protetora, fugiram, depois de jogar Mathias de Gorne em um poço.

Perdoe-me por não ter ido visitá-la. A situação toda é extremamente obscura. Se eu estivesse com você, não teria o desapego mental necessário para pensar no caso adequadamente.

Eram então dez e meia da manhã. Rénine foi dar um passeio pelo campo, com as mãos apertadas atrás das costas, sem dar um olhar mais atencioso ao espetáculo requintado dos prados brancos. Voltou para o almoço, ainda absorto em seus pensamentos e indiferente à conversa dos clientes da pousada, que em todas as mesas discutiam eventos recentes.

Subiu para seu quarto e estava dormindo havia algum tempo quando foi despertado por um toque na porta. Levantou-se e a abriu:

— É você? É você? — sussurrou, ansioso.

Hortense e ele ficaram se olhando por alguns segundos em silêncio, segurando as mãos um do outro, como se nada, nenhum pensamento irrelevante e nenhuma declaração devesse interferir na alegria de seu reencontro.

Então ele perguntou:

— Eu estava certo em vir?

— Sim — disse ela gentilmente —, eu esperava por você.

— Talvez o melhor teria sido você mandar me buscar mais cedo, em vez de esperar… Os eventos não aguardam, como você pode ver, e eu não sei bem o que será de Jérôme Vignal e Natalie de Gorne.

— O quê, você não soube? — Hortense indagou, rapidamente. — Eles foram presos. Iam viajar pelo expresso…

— Presos? Não. — Rénine objetou. — As pessoas não são presas dessa maneira. Precisam ser interrogadas primeiro.

— Isso é o que está sendo feito agora. As autoridades estão fazendo uma busca.

— Onde?

— No castelo. E, como eles são inocentes… Pois eles são inocentes, não são? Você não admite que sejam culpados, assim como eu não aceito…

Ele respondeu:

— Eu não afirmo absolutamente nada, não posso admitir nada, minha querida. No entanto, sou obrigado a dizer que tudo está contra eles… exceto por um fato: tudo está demasiadamente contra eles. Não é normal que tantas provas sejam amontoadas umas sobre as outras e que o homem que comete um assassinato conte sua história com tanta franqueza. Fora isso, não há nada além de mistério e discrepância.

— Bem…

— Bem, estou muito intrigado. — Mas você tem um plano?

— Nenhum, até o momento. Ah, se eu pudesse vê-lo, Jérôme Vignal, e a ela, Natalie de Gorne, e ouvi-los para saber o que estão dizendo em sua própria defesa! Mas você compreende que eu não tenho permissão nem para fazer perguntas nem para estar presente no interrogatório. Além disso, já deve estar terminando a esta altura. Está terminado no castelo — completou ela —, mas continuará na casa senhorial.

— Eles os estão levando para o casarão? — perguntou Rénine ansiosamente.

— Sim… pelo menos, a julgar pelo que foi dito ao motorista de um dos dois carros do procurador.

— Ah, nesse caso — exclamou Rénine —, a coisa está feita! A casa senhorial! Ora, nós estaremos na primeira fila! Veremos e ouviremos tudo; e uma palavra, um tom de voz, um estremecer de pálpebras será suficiente para me dar a pequena pista de que preciso. Podemos ter alguma esperança. Venha.

Ele a conduziu pela rota direta que havia seguido naquela manhã, levando ao portão que o serralheiro abrira. Os vigilantes de serviço no solar tinham feito uma passagem pela neve, ao lado da linha de pegadas e ao redor da casa.

O acaso permitiu que Rénine e Hortense se aproximassem sem ser vistos e que entrassem por uma janela lateral em um corredor próximo a uma escadaria nos fundos. Alguns degraus acima havia uma pequena câmara que recebia sua única luz da grande sala do piso térreo por uma espécie de claraboia. Rénine, durante a visita matinal, havia notado essa claraboia, que estava coberta por dentro com um pedaço de pano. Ele

retirou o tecido e cortou um dos vidros.

Alguns minutos depois, um ruído de vozes se levantou do outro lado da casa, sem dúvida vindo de perto do poço. O som se tornou mais distinto. Um certo número de pessoas entrou na residência. Algumas subiram a escada até o primeiro andar, enquanto o sargento chegou com um jovem do qual Rénine e Hortense conseguiram distinguir apenas a figura alta.

— Jérôme Vignal — disse ela.

— Sim — falou Rénine. — Eles estão interrogando a senhora de Gorne primeiro, no andar de cima, em seu quarto.

Passou-se um quarto de hora. Depois o grupo do primeiro andar desceu a escada e entrou. Eram o delegado do procurador, seu escrivão, um comissário de polícia e dois detetives.

A senhora de Gorne foi apresentada, e o delegado pediu a Jérôme Vignal para dar um passo adiante.

O rosto de Jérôme Vignal era certamente o do homem forte que Hortense havia retratado em sua carta. Não demonstrava nenhum mal-estar, mas, sim, disposição e determinação. Natalie, que era baixa e muito leve, com uma luz febril nos olhos, produzia, no entanto, a mesma impressão de confiança tranquila.

O delegado examinou os móveis desordenados e os traços de luta, depois os convidou a sentar e disse a Jérôme:

— Senhor, não lhe fiz muitas perguntas até agora. Este é um inquérito sumário que estou conduzindo em sua presença e que será continuado mais tarde pelo magistrado examinador. Desejava principalmente explicar-lhe as razões muito sérias pelas quais lhe pedi que interrompesse sua viagem e voltasse para cá com a senhora de Gorne. Agora o senhor está em condições de refutar as acusações verdadeiramente angustiantes que pairam sobre si. Peço-lhe, portanto, que me diga exatamente a verdade.

— Senhor delegado — respondeu Jérôme —, as acusações em questão me incomodam muito pouco. A verdade pela qual está perguntando derrotará todas as mentiras que o acaso acumulou contra mim. É o seguinte…

Ele refletiu por um instante e depois, em tom claro e franco, prosseguiu:

— Eu amo a senhora de Gorne. Logo que a vi, senti a maior simpatia e admiração por ela. Mas meu afeto sempre foi dirigido pelo único pensamento de sua felicidade. Eu a amo, mas a respeito ainda mais. A

senhora de Gorne deve ter-lhe dito, e eu lhe afirmo novamente, que ela e eu trocamos nossas primeiras palavras ontem à noite. Respeito-a ainda mais na medida em que a sabia extremamente infeliz. Todo mundo tem ciência de que cada minuto de sua vida foi um martírio. O marido a perseguia com ódio feroz e um ciúme frenético. Pergunte aos criados. Eles lhe falarão do longo sofrimento de Natalie de Gorne, dos golpes que recebeu e dos insultos que teve de suportar. Tentei acabar com essa tortura restaurando os direitos de apelação que o mais mero estranho pode reivindicar quando a infelicidade e a injustiça ultrapassam certo limite.

Jérôme ergueu a cabeça e continuou, em voz baixa:

— Fui três vezes ao velho de Gorne e lhe implorei que interferisse; mas encontrei nele um ódio quase igual para com sua nora, o rancor que muitas pessoas sentem por qualquer coisa bela e nobre. Finalmente resolvi agir diretamente, e ontem à noite dei um passo em direção a Mathias de Gorne, uma iniciativa… um pouco incomum, admito, mas parecia provável de ser bem-sucedida, considerando o caráter do homem. Juro, senhor delegado, que não tinha outra intenção senão falar com Mathias de Gorne. Conhecendo certos detalhes de sua vida que me permitiram exercer uma pressão efetiva sobre ele, desejei fazer uso desta vantagem para atingir meu objetivo. Se as coisas se revelaram diferentes, não sou totalmente culpado… Portanto, vim até aqui um pouco antes das nove horas. Os criados, eu sabia, estavam ausentes. Ele mesmo abriu a porta. Estava sozinho.

— Senhor — disse o delegado, interrompendo-o —, o senhor está dizendo algo, como a senhora de Gorne, a propósito, acabou de fazer, que é manifestamente oposto à verdade. Mathias de Gorne só voltou para casa ontem à noite às onze horas. Temos duas provas concretas disso: a declaração do pai dele e as impressões dos pés dele na neve, que caíram das nove e quinze até as onze horas.

— Senhor delegado — Jérôme Vignal atalhou, sem dar atenção ao mau efeito que sua obstinação estava produzindo —, estou relacionando as coisas como ocorreram, e não como podem ser interpretadas. Vou continuar… Este relógio marcava dez minutos para as nove quando entrei nesta sala. O senhor de Gorne, acreditando que estava prestes a ser atacado, havia sacado sua arma. Eu coloquei meu revólver sobre a mesa, fora do alcance de minha mão, e me sentei. “Quero falar com o senhor”, disse eu. “Por favor, escute-me”.

Vignal prosseguiu:

— Ele não se mexeu e não proferiu uma única sílaba. Então eu falei. E imediatamente, sem nenhuma explicação prévia que pudesse suavizar a aspereza de minha proposta, pronunciei as poucas palavras que tinha preparado antes: "Passei alguns meses, senhor", disse eu, "fazendo perguntas cuidadosas sobre sua situação financeira. O senhor hipotecou cada pedaço de sua terra. Assumiu contas que em breve estarão vencendo e que será absolutamente impossível para o senhor honrar. Não há nada a esperar de seu pai, cujos próprios negócios estão em péssimas condições. Portanto, o senhor está arruinado. Eu vim para salvá-lo…".

Jérôme continuou, tranquilamente:

— Ele me observou, ainda sem falar, depois sentou-se, o que me levou a concluir que minha sugestão não era totalmente desprezível. Então tirei um maço de notas bancárias de meu bolso, coloquei-o diante dele e continuei: "Aqui há sessenta mil francos, senhor. Comprarei o Manoir-au-Puits, suas terras e dependências, e assumirei as hipotecas. Essa quantia é exatamente o dobro do que isso tudo vale". Vi seus olhos brilhar. Ele perguntou quais eram minhas condições. "Apenas uma", eu falei, "que você vá para a América".

Os olhos de Jérôme agora mostravam fúria:

— Senhor delegado, nós ficamos duas horas conversando. Não foi porque minha oferta tenha despertado sua indignação; eu não teria arriscado se não soubesse com quem estava lidando. Mas ele queria mais e regateou com ganância, embora se abstivesse de mencionar o nome da senhora de Gorne, a quem eu mesmo não havia aludido uma só vez.

Diante da ausência de comentários, completou:

— Podíamos ter sido dois homens envolvidos em uma disputa e buscando um acordo em comum, mas era a felicidade e todo o destino de uma mulher que estavam em jogo. Finalmente, cansado da discussão, aceitei um compromisso e chegamos a um acordo, que resolvi tornar definitivo ali mesmo. Duas cartas foram firmadas entre nós: uma na qual ele me entregou o Manoir-au-Puits pela quantia que eu lhe havia pagado; e outra, que ele imediatamente colocou no bolso, pela qual eu deveria lhe enviar uma quantia igual à América no dia em que a sentença de divórcio fosse formalizada… Portanto, o caso foi resolvido.

Nova pausa:

— Tenho certeza de que, naquele momento, ele estava aceitando de boa-fé. Via-me menos como um inimigo e um rival do que como um homem que estava lhe prestando um serviço. Chegou ao ponto de me dar a chave da pequena porta que se abre nos campos, para que eu pudesse ir para casa pelo atalho.

Sem dar atenção aos olhares confusos, ele deu mais detalhes:

— Infelizmente, enquanto eu pegava meu chapéu e o sobretudo, cometi o erro de deixar sobre a mesa a carta de venda que ele havia assinado. Em um segundo Mathias de Gorne tinha visto a vantagem que poderia tirar do meu deslize: ficaria com sua propriedade, com sua esposa… e com o dinheiro. Rápido como um raio, ele escondeu o papel, bateu-me na cabeça com a ponta de sua arma, jogou a arma no chão e me agarrou pela garganta com as duas mãos. Ele estava decidido. Mas eu era o mais forte dos dois e, após uma luta acirrada, embora curta, eu o dominei e o amarrei com um cordão que encontrei estendido em um canto.

Seu rosto estava impassível:

— Senhor delegado, se a determinação de meu inimigo foi repentina, a minha não foi menor. Desde que tudo foi dito e o acordo foi aceito, eu o obrigaria a cumpri-lo, pelo menos na medida em que eu estivesse interessado. Alguns poucos passos me levaram ao primeiro andar… Eu não tinha dúvida de que a senhora de Gorne estava ali e tinha ouvido nossa discussão. Ao acender a luz da minha lanterna de bolso, procurei em três quartos. O quarto dormitório estava trancado. Eu bati à porta. Não tive resposta. Mas aquele era um dos momentos em que um homem não permite que nenhum tipo de obstáculo se interponha em seu caminho. Eu tinha visto um martelo em um dos quartos. Eu o peguei e abri a porta…

Olhou brevemente para sua amada.

— Sim, Natalie estava deitada ali, no chão, desfalecida. Eu a peguei nos braços, levei-a para baixo e entrei na cozinha. Ao ver a neve do lado de fora, percebi imediatamente que minhas pegadas seriam facilmente rastreadas. Mas de que aquilo importava? Havia alguma razão para eu afastar Mathias de Gorne? De modo algum. Com os sessenta mil francos em sua posse, assim como o papel no qual eu me comprometi a lhe pagar uma soma semelhante no dia de seu divórcio, para não dizer nada de sua casa e terra, ele iria embora, deixando Natalie de Gorne para mim. Nada mudara entre nós, exceto em um ponto: em vez de esperar sua boa

vontade, eu tinha imediatamente tomado a preciosa promessa com que eu sonhava. O que eu temia, portanto, não era tanto um ataque posterior por parte de Mathias de Gorne, mas, sim, as reprovações repletas de indignação da esposa dele. O que ela diria quando se desse conta de que era uma prisioneira em minhas mãos? As razões pelas quais eu escapei das repreensões que, acredito, a senhora de Gorne poderia ter feito, tenho a franqueza de lhe dizer… Porque o amor desperta o amor. Naquela noite, em minha casa, perturbada pela emoção, ela confessou seus sentimentos por mim. Ela me amava como eu a amava. Daquele momento em diante, nossos destinos estavam misturados. Ela e eu partimos às cinco horas desta manhã… sem supor por um instante que estivéssemos sujeitos a algum questionamento da lei.

A história de Jérôme Vignal terminara. Ele a havia contado diretamente da fonte, como uma história aprendida de cor e impossível de alterar qualquer detalhe.

Houve uma breve pausa, durante a qual Hortense sussurrou:

— Tudo parece bastante possível e, em todo caso, muito lógico.

— Há objeções — disse Rénine. — Espere até ouvi-las. E são muito sérias. Há uma em particular…

O delegado perguntou imediatamente:

— E o que aconteceu com o senhor de Gorne em tudo isso?

— Mathias de Gorne? — disse Jérôme.

— Sim. Você relatou, com grande sinceridade, uma série de fatos que estou bastante disposto a admitir. Infelizmente, você se esqueceu de um ponto da primeira importância: o que foi feito de Mathias de Gorne? Você o amarrou aqui, nesta sala. Bem, nesta manhã ele tinha ido embora.

— É claro, senhor delegado, Mathias de Gorne aceitou o acordo no final e foi embora.

— Por qual caminho?

— Sem dúvida pela estrada que leva à casa de seu pai.

— Onde estão as pegadas dele? A extensão de neve é uma testemunha imparcial. Depois de sua luta com ele, nós vemos o senhor, na neve, se afastando. Por que não vemos de Gorne? Ele veio e não foi embora novamente. Onde ele está? Não há nenhum vestígio do homem… ou melhor…

O delegado baixou sua voz:

— Ou melhor, sim, há alguns traços no caminho para o poço e ao redor do poço… traços que provam que a última luta de todas ocorreu ali… E depois disso não há nada… nada…

Jérôme encolheu os ombros:

— O senhor já mencionou isso, senhor delegado, e isso implica uma acusação de homicídio contra mim. Eu não tenho nada a dizer…

— Você tem algo a dizer sobre o fato de que seu revólver foi encontrado a quinze metros do poço?

— Não.

— Ou à estranha coincidência entre os três tiros ouvidos durante a noite e os três cartuchos que faltam em seu revólver?

— Não, senhor delegado, não houve, como o senhor acredita, uma última luta junto ao poço, porque deixei o senhor de Gorne amarrado nesta sala, e porque também deixei meu revólver aqui. Por outro lado, se tiros foram ouvidos, eles não foram disparados por mim.

— Uma coincidência casual, portanto?

— Isso é um assunto que a polícia deve explicar. Meu único dever é dizer a verdade, e o senhor não tem o direito de me pedir mais.

— E se essa verdade entrar em conflito com os fatos observados?

— Isso significa que os fatos estão errados, senhor delegado.

— Como queira. Mas, até o dia em que a polícia puder fazê-los corresponder com suas declarações, o senhor entenderá que sou obrigado a mantê-lo sob prisão.

— E a senhora de Gorne? — perguntou Jérôme, muito angustiado.

O delegado não respondeu. Trocou algumas palavras com o comissário de polícia e depois, acenando para um detetive, ordenou que trouxesse um dos dois carros. Em seguida, voltou-se para Natalie:

— Senhora, ouviu as declarações do senhor Vignal. Ele concorda palavra por palavra com a sua. O senhor Vignal relata, em particular, que a senhora tinha desmaiado quando ele a levou embora. Mas permaneceu inconsciente durante todo o caminho?

Parecia que a calma de Jérôme tinha aumentado a segurança da senhora de Gorne. Ela respondeu:

— Eu não recuperei a consciência, senhor, até estar no castelo.

— É muito extraordinário. Você não escutou os três tiros que foram ouvidos por quase todos da aldeia?

— Não ouvi.

— E você não viu nada do que aconteceu ao lado do poço?

— Nada aconteceu. O senhor Vignal lhe disse isso.

— Então o que foi feito de seu marido?

— Não sei.

— Venha, senhora. Deve realmente ajudar os oficiais da lei e pelo menos nos dizer o que pensa. A senhora acredita que pode ter havido um acidente e que possivelmente o senhor de Gorne, que tinha ido ver seu pai e bebido mais que o normal, tenha perdido o equilíbrio e caído no poço?

— Quando meu marido voltou do encontro com seu pai, ele não estava nem um pouco alcoolizado.

— O pai, entretanto, declarou que ele estava. Falou que tinham bebido duas ou três garrafas de vinho.

— Ele não está dizendo a verdade.

— Mas a neve diz a verdade, senhora — rebateu o delegado, já irritado. — E a linha de suas pegadas oscila de um lado para outro.

— Meu marido chegou às oito e meia, senhor, antes que a neve começasse a cair.

O delegado bateu na mesa com o punho:

— Mas, na verdade, a senhora está contrariando as provas! Esse lençol de neve não pode falar mentiras! Posso aceitar a sua negação de assuntos que não podem ser verificados. Mas estas pegadas na neve… na neve…

Ele se controlou.

O automóvel apareceu do lado de fora das janelas. Forjando uma súbita determinação, o delegado disse a Natalie:

— Tenha a bondade de se manter à disposição das autoridades, senhora, e de permanecer aqui, na casa senhorial…

E fez um sinal ao sargento para levar Jérôme Vignal até o carro.

O jogo estava perdido para os dois amantes. Mal tinham se unido e já tinham de se separar e lutar, distantes um do outro, contra as acusações mais graves.

Jérôme deu um passo em direção a Natalie. Trocaram um olhar longo e doloroso. Então ele se curvou diante da amada e caminhou até a porta, conduzido pelo sargento.

— Pare! — gritou uma voz. — Sargento, bem sobre você… vire-se! Jérôme Vignal, fique onde você está!

O delegado levantou a cabeça, assim como as outras pessoas presentes. A voz vinha do teto. A claraboia estava aberta, e Rénine, inclinado nela, balançava seus braços:

— Precisam me ouvir! Tenho várias observações a fazer… especialmente no que diz respeito às pegadas em ziguezague! Aí está a chave do mistério! Mathias não esteve bebendo!

Ele havia se virado e colocado as duas pernas através da abertura, dizendo a Hortense, que tentava impedi-lo:

— Não se mexa… Ninguém vai incomodá-la.

E, soltando os braços, caiu na sala.

O delegado estava boquiaberto:

— Mas, realmente, quem é o senhor? E de onde vem?

Rénine limpou o pó de suas roupas e respondeu:

— Desculpe-me, senhor delegado. Eu deveria ter vindo da mesma forma que todos os outros. Mas estava com pressa. Além disso, se tivesse entrado pela porta em vez de cair do teto, minhas palavras não teriam causado a mesma impressão.

O delegado, enfurecido, avançou para ele:

— Quem é o senhor?

— Príncipe Rénine. Eu estava com o sargento nesta manhã quando ele realizava as investigações, não estava, sargento? Desde então, venho procurando informações. É por isso que, desejando estar presente na audiência, encontrei um canto em uma pequena sala privada…

— O senhor estava lá? Teve a audácia?

— É preciso ser ousado quando a verdade está em jogo. Se eu não tivesse estado lá, não teria descoberto a pequena pista que me escapou. Não saberia que Mathias de Gorne não estava nem um pouco bêbado. Essa é a chave para o enigma. Quando isso ficou claro, cheguei à conclusão correta.

O delegado se viu em uma posição bastante ridícula. Como não tomara as precauções necessárias para garantir o sigilo de sua investigação, era difícil agora adotar qualquer medida contra aquele intruso. Então falou, irritado:

— Vamos terminar logo com isso. O que o senhor está pedindo?

— Alguns minutos de sua amável atenção.

— E com que objetivo?

— Com o objetivo de estabelecer a inocência do senhor Vignal e da senhora de Gorne.

Rénine exibia aquele ar calmo, o tipo de olhar indiferente que lhe era peculiar nos momentos em que a crise do drama dependia unicamente dele mesmo. Hortense sentiu uma emoção passar por seu corpo e imediatamente se encheu de confiança. "Eles estão salvos", pensou, com uma alegria repentina. "Eu lhe pedi que protegesse aquela jovem criatura; e ele a está salvando da prisão e do desespero."

Jérôme e Natalie devem ter experimentado a mesma impressão de esperança repentina, pois se aproximaram um do outro, como se aquele estranho descendo das nuvens já lhes tivesse dado o direito de apertar as mãos.

O delegado relaxou os ombros:

— A Justiça terá todos os meios, quando chegar o momento, de estabelecer a inocência por si mesma. O senhor será chamado.

— Seria melhor estabelecê-la aqui e agora. Qualquer atraso pode levar a consequências graves.

— Acontece que eu estou com pressa.

— Dois ou três minutos bastam.

— Dois ou três minutos para explicar um caso como esse!

— Não mais, garanto-lhe.

— Você tem tanta certeza disso?

— Agora sim. Tenho pensado muito desde esta manhã.

O delegado percebeu que estava diante de um daqueles aristocratas que se apegam a uma pessoa como um sanguessuga e que não havia escapatória a não ser submeter-se à sua vontade. Em um tom um tanto banal, perguntou:

— Seu raciocínio lhe permite nos dizer o local exato onde o senhor Mathias de Gorne está neste momento?

Rénine olhou para seu relógio e respondeu:

— Em Paris, senhor delegado…

— Em Paris? Vivo, então?

— Vivo e, mais ainda, com a saúde em pleno vigor.

— Fico feliz em ouvir isso. Mas então qual é o significado das pegadas ao redor do poço e a presença daquele revólver e dos três tiros?

— Simplesmente camuflagem.

— Oh, realmente? Camuflagem feita por quem?

— Pelo próprio Mathias de Gorne.

— Que curioso! E com qual objetivo?

— Com o objetivo de se fazer passar por morto e de arranjar assuntos posteriores de tal forma que o senhor Vignal fosse acusado da morte, do assassinato.

— Uma teoria engenhosa — o delegado concordou, ainda em tom irônico. — O que o senhor pensa disso, senhor Vignal?

— É uma teoria que passou pela minha própria mente, senhor delegado — respondeu Jérôme. — É bem provável que, depois de nossa luta e de minha partida, Mathias de Gorne tenha concebido um novo plano pelo qual, desta vez, seu ódio seria plenamente gratificado. Ele amava e detestava sua esposa. Ele me dedicava o maior ódio. Esta deve ser sua vingança.

— Sua vingança lhe custaria caro, considerando que, de acordo com sua declaração, Mathias de Gorne receberia de você uma segunda soma de sessenta mil francos.

— Ele receberia essa soma em outro trimestre, senhor delegado. Meu exame da situação financeira da família de Gorne me revelou que pai e filho haviam feito um seguro de vida em favor um do outro. Com o filho morto, ou passando por morto, o pai receberia o dinheiro do seguro e indenizaria seu filho.

— Você quer dizer — perguntou o delegado, com um sorriso — que em toda essa camuflagem, como você a chama, o senhor de Gorne pai agiria como cúmplice de seu filho?

Rénine aceitou o desafio e interferiu:

— Isso mesmo, senhor delegado. O pai e o filho são cúmplices.

— Então encontraremos o filho na casa do pai?

— O senhor o teria encontrado lá ontem à noite.

— O que aconteceu com ele?

— Ele pegou o trem em Pompignat.

— É uma mera suposição.

— Não, uma certeza.

— Uma certeza moral, talvez, mas o senhor admitirá que não há a menor prova.

O delegado não esperou por uma resposta. Considerou que havia demonstrado uma boa vontade excessiva e que a paciência tinha seus limites, por isso pôs um fim à entrevista:

— Não há a mínima prova — repetiu, pegando seu chapéu. — E, acima de tudo… acima de tudo não há nada no que o senhor disse que possa contradizer no mínimo as provas daquela testemunha implacável, a neve. Para ir ter com seu pai, Mathias de Gorne devia ter saído desta casa. Para que lado ele foi?

— O senhor Vignal lhe disse: pelo caminho que leva daqui até a casa de seu pai!

— Não há pegadas na neve.

— Sim, há.

— Mas elas o mostram chegando aqui, e não saindo daqui.

— É a mesma coisa.

— O quê?

— É claro que é. Há mais de uma maneira de andar. Nem sempre se vai adiante, seguindo o nariz.

— De que outra forma se pode ir em frente?

— Caminhando para trás, senhor delegado.

Essas poucas palavras, pronunciadas de maneira muito simples, mas em tom claro que valorizava cada sílaba, produziram um silêncio profundo. Os presentes imediatamente compreenderam seu extremo significado e, adaptando-o aos acontecimentos reais, perceberam em um instante a verdade impenetrável, que de repente parecia ser a coisa mais natural do mundo.

Rénine continuou seu raciocínio. Deu um passo para atrás, em direção à janela, e disse:

— Se eu quiser chegar até aquela janela, é claro que posso caminhar diretamente até lá; mas também posso virar as costas para ela e andar dessa forma. Em ambos os casos, alcançarei meu objetivo.

Prosseguiu imediatamente, em tom vigoroso:

— Aqui está a essência de tudo. Às oito e meia, antes de cair a neve, o senhor de Gorne volta da casa de seu pai para sua própria residência. O senhor Vignal chega vinte minutos depois. Há uma longa discussão e uma luta, que leva três horas no total. É então que, depois de o senhor Vignal ter levado a senhora de Gorne e consumado sua fuga, Mathias de Gorne,

espumando na boca, selvagem de raiva, mas vendo de repente sua chance de obter a mais terrível vingança, tem a engenhosa ideia de usar contra seu inimigo a própria queda de neve em cujas provas você agora está confiando. Ele, portanto, planeja seu próprio assassinato, ou melhor, a aparência de seu assassinato e de sua queda até o fundo do poço, e então recua, passo a passo, registrando assim sua chegada em vez de sua partida na página branca.

O delegado não zombou mais. Aquele intruso excêntrico pareceu-lhe de repente, à luz, uma pessoa digna de atenção, da qual não faria troça.

Perguntou:

— E como ele poderia ter deixado a casa do pai…

— Em uma caixa, muito simplesmente.

— Quem a conduziu?

— O pai. Nesta manhã, o sargento e eu vimos a caixa sobre a charrete e conversamos com o pai, que ia ao mercado como sempre. O filho estava escondido dentro da caixa. Ele pegou o trem em Pompignat e já está em Paris.

A explicação de Rénine demorou apenas cinco minutos. Ele havia se baseado unicamente na lógica e nas probabilidades do caso. E, no entanto, não restou um ponto de dúvida em meio ao angustiante mistério em que há pouco todos se debatiam. A escuridão fora dissipada. Toda a verdade apareceu.

A senhora de Gorne chorou de alegria, e Jérôme Vignal agradeceu ao bom gênio que estava mudando o curso dos acontecimentos com um golpe de sua varinha mágica.

— Devemos examinar essas pegadas juntos, senhor delegado? — Rénine indagou. — O senhor se importa? O erro que o sargento e eu cometemos nesta manhã foi o de investigar apenas as pegadas deixadas pelo suposto assassino e negligenciar as de Mathias de Gorne. Por que, afinal, elas deviam ter atraído nossa atenção? Pois era precisamente aí que se encontrava o esclarecimento de todo o caso.

Eles entraram no pomar e foram para o poço. Não foi necessário um longo exame para observar que muitas das pegadas eram estranhas, hesitantes, afundadas demais no calcanhar e no dedo do pé e diferindo umas das outras no ângulo em que os pés estavam virados.

— Esta falta de jeito era inevitável — disse Rénine. — Mathias de Gorne teria precisado de um treino regular antes que seu progresso para trás pudesse ficar igual à sua marcha normal; e tanto seu pai quanto ele devem ter pensado nisso, pelo menos no que diz respeito aos ziguezagues que você vê aqui, já que o velho de Gorne se esforçou em dizer ao sargento que seu filho tinha bebido demais. De fato, foi a detecção desta falsidade que subitamente me iluminou. Quando a senhora de Gorne declarou que seu marido não estava bêbado, eu pensei nas pegadas e adivinhei a verdade.

O delegado aceitou sua parte no assunto e começou a rir:

— Não sobrou nada para ele a não ser aguardar os detetives atrás daquele falso cadáver.

— Com base em quê, senhor delegado? — perguntou Rénine. — Mathias de Gorne não cometeu nenhuma ofensa contra a lei. Não há nada de criminoso em pisar no solo ao redor de um poço, deslocar a posição de um revólver que não lhe pertence, disparar três tiros ou andar para trás até a casa do pai. O que podemos pedir a ele? Os sessenta mil francos? Presumo que esta não é a intenção de senhor Vignal e que Vignal não pretende apresentar uma acusação contra ele…

— Certamente não — disse Jérôme.

— Bem, então o quê? A apólice de seguros em favor do sobrevivente? Mas não haveria delito se o pai não reclamasse o pagamento. E eu ficaria muito surpreso se ele o fizesse…. Opa, lá vem o velho sujeito! Em breve você saberá de tudo.

O velho de Gorne estava chegando, gesticulando enquanto caminhava. Suas feições estavam sérias para expressar tristeza e raiva.

— Onde está meu filho? — ele gritou. — Parece que o bruto o matou! Meu pobre Mathias morreu! Oh, o canalha do Vignal!

E sacudiu o punho para Jérôme.

O delegado disse, sem rodeios:

— Uma palavrinha com você, senhor de Gorne. Por acaso pretende reivindicar seus direitos em relação a uma apólice de seguro?

— Bem, o que *você* acha? — disse o velho, desprevenido.

— O fato é que… seu filho não está morto. As pessoas estão até dizendo que você foi um parceiro em seus pequenos esquemas e que o enfiou sob a caixa e o levou até a estação na charrete.

O velho cuspiu no chão, estendeu a mão como se fosse fazer um juramento solene, ficou por um instante sem se mexer e depois, de repente, mudando de ideia e tática, com cinismo ingênuo relaxou suas feições, assumiu uma atitude conciliadora e desatou a rir:

— Aquele Mathias malandro! Então ele tentou se fazer passar por morto? Que safado! E contou comigo para recolher o dinheiro do seguro e enviá-lo para ele? Como se eu fosse capaz de um truque tão baixo e sujo! Você não me conhece, meu rapaz!

E, sem esperar mais, balançando de alegria como um velho e feliz companheiro divertido por uma história engraçada, ele partiu, sem esquecer, porém, de pisar com suas grandes botas de pregos em cada uma das pegadas comprometedoras que seu filho deixara no caminho.

Mais tarde, quando Rénine voltou ao casarão para encontrar Hortense, descobriu que ela havia desaparecido.

Ligou e perguntou por ela na casa de sua prima Ermelin. Hortense lhe enviou um pedido de desculpas: estava se sentindo um pouco cansada e fora se deitar.

— Que extraordinário! — pensou Rénine. — Excelente! Está me evitando; portanto, ela me ama. O fim não está distante.

---

[15] Este livro foi publicado pela primeria vez em 1923. Portanto, o autor refere-se, aqui, à Primeira Guerra Mundial. (N.R.)

[16] Veja o quarto conto deste livro, "O filme de contos de fadas". (N.A.)

[17] Edifício imponente em Paris, muito visitado até hoje, inclusive pela beleza de seus jardins. Fica a poucos metros da Torre Eiffel, da qual se tem uma vista perfeita. (N.R.)

[18] *Huit* é oito, no idioma francês. (N.T.)

[19] *Hatchet* é machadinha, no idioma inglês. (N.T.)

[20] Monomania é uma forma de loucura em que um único pensamento ou ideia absorve a mente do indivíduo. (N.T.)

[21] *Manoir-au-Puits*, traduzido do francês, significa Mansão do Poço. (N.T.)

O sinal de Mercúrio

À senhora Daniel,
La Roncière,
perto de Bassicourt
PARIS, 30 DE NOVEMBRO

Minha querida amiga,

Não recebo uma carta sua há quinze dias, portanto não espero neste momento nenhuma para aquela data emblemática do dia 5 de dezembro, que fixamos como o último de nossa parceria. Eu preferiria que chegasse logo, porque então você estaria liberada de um contrato que parece não lhe dar mais satisfação. Para mim, as sete batalhas que travamos e vencemos juntos foram um período de infinitas alegrias e entusiasmo. Eu estava vivendo a seu lado. Estava consciente de todo o bem que aquela existência mais ativa e agitada lhe fazia. Minha felicidade era tão grande que eu não ousava conversar a respeito ou deixar que percebesse algo de meus sentimentos secretos, exceto meu desejo de agradá-la e minha devoção apaixonada. Hoje você já está farta de seu parceiro de luta. Sua vontade será lei.

Mas, embora eu me curve ao seu decreto, posso lembrar-lhe do que sempre acreditei que seria nossa aventura final? Posso repetir suas palavras, das quais não me esqueci de nenhuma?

"Quero", você disse, "que me restitua um pequeno broche antigo, feito de cornalina e prata. Era de minha mãe e passou para mim, e todos sabiam que costumava trazer felicidade para ela e para mim também. Desde o dia em que desapareceu de meu porta-joias, eu não tive nada

além de infelicidade. Traga-o de volta, meu bom gênio".

E, quando eu lhe perguntei quando o broche tinha desaparecido, você respondeu, rindo: "Há sete anos… ou oito… ou nove; eu não sei exatamente… Não sei bem onde… ou como… não sei de nada sobre isso"…

Você estava me desafiando, não estava? E me colocou essa situação porque era uma condição que eu não conseguiria alcançar? Mesmo assim, eu prometi e gostaria de cumprir minha promessa. O que tentei fazer, a fim de colocar a vida diante de você sob uma luz mais favorável, pareceria sem propósito se sua confiança sentisse a falta desse talismã ao qual você atribui um valor tão grande. Não devemos rir dessas pequenas superstições. Elas são muitas vezes a mola mestra de nossas melhores ações.

Cara amiga, se você tivesse me ajudado, eu teria alcançado ainda mais uma vitória. Sozinho e pressionado pela proximidade da data, falhei, porém não sem colocar as coisas em uma base tal que o empreendimento, se você quiser dar continuidade, tem a maior chance de sucesso.

E você vai acompanhá-lo, não é mesmo? Nós firmamos um acordo mútuo que somos obrigados a honrar. Cabe a nós, dentro de um tempo determinado, escrever no livro de nossa vida comum oito boas histórias, às quais teremos trazido energia, lógica, perseverança, alguma sutileza e, ocasionalmente, um pouco de heroísmo. Esta é a oitava delas. Cabe a você agir para que possa ser escrita em seu devido lugar, no dia 5 de dezembro, antes que o relógio atinja as oito da noite.

E, nesse dia, você agirá como eu lhe direi agora. Antes de mais nada e acima de tudo, minha querida, não reclame de minhas instruções fantasiosas: cada uma é condição indispensável para o sucesso. Primeiro de tudo, corte no jardim de sua prima três ramos de cipó. Trance-os e amarre as duas pontas, formando um laço rudimentar, como o de um chicote.

Quando chegar a Paris, compre um colar comprido de contas, corte-o em etapas e o encurte, de modo a ficar com setenta e cinco contas, de tamanho simétrico.

Sob seu casaco de inverno, use um vestido de lã azul. Na cabeça, um gorro com folhas vermelhas. Ao redor de seu pescoço, um colar de plumas.

Sem luvas. Sem anéis.

À tarde, pegue um táxi ao longo da margem esquerda do rio até a igreja de Saint-Étienne-du-Mont. Exatamente às quatro horas, perto da bacia de água benta, dentro da igreja, estará uma mulher idosa vestida de preto, rezando suas orações com um rosário de prata. Ela lhe oferecerá água benta. Dê a ela seu colar. Ela verificará o número de contas e o devolverá a você. Depois disso, você andará atrás dela, cruzará um braço do Sena, e ela a levará por uma rua solitária da Ilha Saint-Louis, até uma casa na qual você entrará sozinha.

No andar térreo desta casa, você encontrará um homem jovem com uma compleição muito frágil. Tire seu manto e depois lhe diga: "Eu vim buscar meu broche".

Não se espante com a agitação ou consternação dele. Mantenha a calma diante de sua presença. Se ele a questionar, se quiser saber o motivo de seu pedido ou o que a impele a fazer essa requisição, não lhe dê nenhuma explicação. Suas respostas devem se limitar a estas breves palavras: "Eu vim buscar o que me pertence. Eu não o conheço, não sei seu nome, mas sou obrigada a vir até você assim. Devo ter meu broche de volta. Preciso".

Acredito sinceramente que, se você tiver a firmeza de não se desviar desta atitude e se tiver a coragem de permanecer impassível diante de qualquer farsa que o homem encenar, você será completamente bem-sucedida. Mas o confronto deve ser curto, e a questão dependerá unicamente de sua confiança em si mesma e de sua certeza de sucesso.

Será uma espécie de jogo no qual você deverá derrotar seu adversário no primeiro round. *Se permanecer inabalável, vencerá. Se demonstrar hesitação ou inquietação, não poderá fazer nada. Ele escapará de você e recuperará a vantagem após um primeiro momento de angústia; e a disputa estará perdida em poucos minutos. Não há meio-termo entre vitória ou… derrota.*

Neste último caso, você será obrigada, peço-lhe que me perdoe por dizer isso, a aceitar minha colaboração. Eu a ofereço a você antecipadamente, minha querida, e sem quaisquer condições, ao mesmo tempo que declaro que tudo o que pude fazer em seu auxílio e o que ainda puder fazer não me dará outro direito senão o de lhe agradecer e me dedicar mais do que nunca à mulher que representa minha alegria,

toda a minha vida.

Depois de ler a carta, Hortense dobrou-a e a guardou no fundo de uma gaveta, dizendo, resoluta:

— Eu não irei…

Para começar, embora anteriormente tivesse dado alguma importância àquelas bobagens, que havia encarado como se fosse uma mascote, sentia pouco interesse agora, pois o período de suas provações estava aparentemente chegando ao fim.

Não podia se esquecer daquele número oito, que era o número de série da próxima aventura. Lançar-se sobre ele significaria retomar a corrente interrompida, voltar para Rénine e dar-lhe uma promessa que, com seu poder de convencimento, ele saberia como transformar a seu favor.

Dois dias antes de 5 de dezembro, ela ainda estava no mesmo estado de espírito. Mas na manhã do dia 4, de repente, sem sequer lutar contra as evasivas preliminares, ela correu para o jardim, cortou três comprimentos de cipós, trançou-os como costumava fazer em sua infância e ao meio-dia chegou à estação. Estava animada por uma curiosidade ávida. Foi incapaz de resistir a todas as sensações divertidas e inovadoras que a aventura proposta por Rénine lhe prometia. Era realmente tentadora. O colar de contas, o gorro com as folhas de outono, a velha com o rosário de prata: como poderia resistir ao apelo misterioso daquilo tudo e como recusaria a oportunidade de mostrar a Rénine o que era capaz de fazer?

"Mas afinal", pensou, rindo, "ele está me chamando para ir a Paris. As oito horas da noite de hoje são perigosas para mim em um lugar a quase quinhentos quilômetros de Paris, naquele velho Château de Halingre deserto, e em nenhum outro lugar. O único relógio que pode atingir a hora ameaçadora está lá embaixo, trancado a sete chaves, um prisioneiro!"

Ela chegou a Paris naquela noite. Na manhã do dia 5, saiu e comprou um colar de contas, que reduziu para setenta e cinco contas, usou um vestido azul e um gorro com folhas vermelhas e, precisamente às quatro horas da tarde, entrou na igreja de Saint-Étienne-du-Mont.

Seu coração palpitava violentamente. Desta vez estava sozinha; e como ela sentia agora a força daquele apoio que, por medo bastante irrefletido e não por qualquer motivo razoável, havia deixado de lado! Olhou à sua volta, quase esperando vê-lo. Mas não havia ninguém ali… ninguém,

exceto uma senhora de preto, ao lado da bacia de água benta.

Hortense foi até ela. A velha senhora, que segurava um terço de prata nas mãos, ofereceu-lhe água benta e depois começou a enumerar as contas do colar que Hortense lhe deu.

Ela sussurrou:

— Setenta e cinco. Está certo. Venha.

Sem outra palavra, ela caminhou sob a luz dos postes, atravessou a Ponte des Tournelles até a Ilha Saint-Louis e desceu por uma rua vazia que levava a um cruzamento, onde parou em frente a uma velha casa com varandas de ferro fundido:

— Entre — disse.

E a senhora idosa foi embora.

Hortense agora via uma loja de aparência próspera que ocupava quase todo o andar térreo e cujas janelas, brilhando sob a luz elétrica, exibiam um conjunto amontoado de móveis antigos e outras antiguidades em geral. Permaneceu ali por alguns segundos, observando com indiferença. Uma placa de sinalização trazia as palavras O Mercúrio com o nome do proprietário da loja, Pancaldi. Mais acima, sobre uma moldura que se projetava no nível do primeiro andar, um pequeno nicho abrigava o deus Mercúrio de barro equilibrado em um pé, com as asas nos pés e o caduceu[22] na mão. Hortense observou que ele se inclinava um pouco demais para a frente no ardor de seu voo e deveria, pela lógica, perder o equilíbrio e dar com a cabeça na rua.

— Agora! — ela falou, prendendo a respiração.

Virou a maçaneta da porta e entrou.

Apesar do zumbido dos sinos acionados pela abertura da porta, ninguém veio ao seu encontro. A loja parecia estar vazia. No entanto, do lado oposto havia um quarto na parte de trás e, depois dele, outro, ambos lotados de móveis e bibelôs, vários dos quais pareciam muito valiosos.

Hortense seguiu por um corredor estreito que circundou e virou entre duas paredes construídas de armários, prateleiras e mesas de apoio. Subiu dois degraus e viu-se no último ambiente de todos.

Um homem estava sentado a uma escrivaninha, olhando alguns livros de contabilidade. Sem virar a cabeça, ele lhe disse:

— Estou a seu serviço, senhora… Por favor, olhe à sua volta…

A sala não continha nada além de artigos de caráter especial que lhe davam a aparência de algum laboratório de alquimista da Idade Média: corujas empalhadas, esqueletos, caveiras, alambiques de cobre, astrolábios[23]. Pendurados nas paredes, amuletos de vários formatos, principalmente mãos de marfim ou coral com dois dedos, apontando para afastar a má sorte.

— Você está querendo algo em particular, senhora? — perguntou o senhor Pancaldi, fechando sua mesa e levantando-se da cadeira.

"É o homem", pensou Hortense.

De fato, ele tinha uma tez invulgarmente sem cor. Uma pequena barba bifurcada, salpicada de cinza, alongava seu rosto, que era encimado pela testa calva e pálida, sob a qual brilhava um par de olhos pequenos, proeminentes, inquietos e astutos.

Hortense, que não havia retirado o véu ou o manto, respondeu:

— Quero um broche…

— Eles estão nesta vitrine — disse o homem, conduzindo o caminho para a sala ao lado.

Hortense deu uma olhada na vitrine e exclamou:

— Não, não… Eu não vejo o que estou procurando. Não quero um broche qualquer, mas um que perdi de um porta-joias há alguns anos e que tenho de procurar aqui.

Ficou espantada ao ver a comoção despertada nas feições de Pancaldi. Os olhos dele tornaram-se abatidos.

— Aqui? Eu não acho que você esteja no menos provável… Que tipo de broche é este?

— Um broche de cornalina, em prata, montado em filigrana de ouro… da época de 1830.

— Eu não entendo — ele gaguejava. — Por que você vem até mim?

Hortense então tirou o véu e colocou de lado seu manto.

Ele recuou, como se estivesse aterrorizado com a visão, e sussurrou:

— O vestido azul! O gorro! E… posso acreditar em meus olhos? O colar de contas!…

Talvez tenha sido a amarração formada pelos três cipós que o emocionou mais violentamente. Ele apontou o dedo para o arranjo, começou a cambalear e terminou batendo no ar com os braços, como um afogado, e desmaiando em uma cadeira.

Hortense não se moveu.

"Se tiver a coragem de permanecer impassível diante de qualquer farsa que o homem encenar", Rénine escrevera, "você será completamente bem-sucedida".

Talvez ele não estivesse encenando uma farsa. No entanto, ela se obrigou a ser calma e indiferente.

Aquilo durou um ou dois minutos, após o que Pancaldi se recuperou de seu desmaio, limpou o suor da testa e, esforçando-se para se controlar, retomou, com voz trêmula:

— Por que você pede a mim?

— Porque o broche está em sua posse.

— Quem lhe disse isso? — ele falou, sem negar a acusação. — Como você sabe?

— Eu sei, porque é assim. Ninguém me disse nada. Eu vim aqui com a certeza de que deveria encontrar meu broche e com a determinação inabalável de levá-lo comigo.

— Mas você me conhece? Você sabe meu nome?

— Eu não o conheço. Eu não sabia seu nome antes de o ler em sua loja. Para mim, você é simplesmente o homem que vai me devolver o que me pertence.

Ele estava muito agitado. Continuava andando de um lado para outro em um pequeno espaço vazio cercado por um círculo de móveis empilhados, no qual ele batia de forma idiota, correndo o risco de os derrubar.

Hortense sentiu que tinha a mão no chicote e, aproveitando-se da confusão do homem, disse repentinamente, em tom de comando e ameaça:

— Onde está meu broche? Você deve devolvê-lo. Eu insisto!

Pancaldi deu lugar a um momento de desespero. Ele dobrou suas mãos e murmurou algumas palavras de súplica. Depois, derrotado e resignado, disse, com mais clareza:

— Você insiste?

— Eu insisto. Você deve me entregar.

— Sim, sim, eu devo… Eu concordo.

— Fale! — ela ordenou, mais severamente ainda.

— Falar, não, mas escrever: escreverei meu segredo… E isso será o meu fim…

Ele se voltou para sua mesa e febrilmente escreveu algumas linhas em uma folha de papel, que colocou em um envelope e selou:

— Veja — murmurou —, aqui está meu… segredo. Foi minha vida inteira…

E, assim dizendo, o homem subitamente encostou em sua têmpora um revólver que tinha retirado de baixo de uma pilha de papéis e disparou.

Com um movimento rápido, Hortense empurrou o braço dele. A bala atingiu o espelho de um vidro de xadrez. Mas Pancaldi desmaiou e começou a gemer, como se estivesse ferido.

Hortense fez um grande esforço para não perder a compostura.

"Rénine me avisou", refletiu. "O homem é um ator de teatro. Ele guardou o envelope. Está com o revólver. Não serei enganada."

Mas ela percebeu que, apesar de sua calma aparente, a tentativa de suicídio e o disparo do revólver a tinham enervado completamente. Todas as suas energias estavam dispersas, como os paus de um feixe cuja corda fora cortada; e teve a impressão dolorosa de que o homem, que estava rastejando a seus pés, na realidade aos poucos levava a melhor sobre ela.

Sentou-se, exausta. Como Rénine previra, o duelo não havia durado mais que alguns minutos, mas foi ela quem sucumbiu, graças a seus nervos femininos e no exato momento em que se sentiu no direito de acreditar que tinha vencido.

Pancaldi estava plenamente consciente disso e, sem se preocupar em inventar uma mudança, cessou suas cerimônias, saltou de pé, fez uma manobra ágil diante dos olhos de Hortense e gritou, em tom de zombaria:

— Agora vamos ter uma pequena conversa, mas seria um incômodo ficar à mercê do primeiro cliente que passasse, certo?

Correu para a porta da rua, abriu-a e puxou a persiana de ferro que fechava a loja. Depois, ainda saltitando, voltou-se para Hortense:

— Oh! Eu realmente pensei que estava acabado! Mais um esforço, senhora, e teria conseguido. Mas eu sou um sujeito tão simples! Parecia-me que você tinha vindo do além, como emissária da Providência, para me chamar à responsabilidade; e, como um tolo, eu estava prestes a devolver a coisa… Ah, senhorita Hortense… deixe-me chamá-la assim, eu a conhecia por esse nome. Hortense, o que lhe falta, para usar uma expressão vulgar, é intestino.

Sentou-se ao lado dela e, com um olhar malicioso, disse, de forma selvagem:

— Chegou a hora de falar. Quem conduziu este negócio? Não foi você, não é mesmo? Não é do seu estilo. Então quem foi? Sempre fui honesto em minha vida, escrupulosamente honesto… exceto em uma vez… na questão desse broche. E, enquanto eu pensava que a história estava enterrada e esquecida, aqui, de repente, ela aparece de novo. Por quê? Isso é o que eu quero saber.

Hortense não estava mais sequer tentando lutar. O homem debruçava sobre ela toda a sua força viril, rancor, seus temores, todas as ameaças exprimidas em gestos furiosos e em suas feições, que eram ao mesmo tempo ridículas e malignas.

— Fale, eu quero saber. Se tenho um inimigo secreto, deixe que me defenda dele! Quem é? Quem a enviou aqui? Quem a incitou a agir? É um rival inflamado pela minha boa sorte, que deseja por sua vez se beneficiar com o broche? Fale, você não pode, maldita seja… ou, juro pelos céus, eu a obrigarei…

Ela teve a impressão de que o homem estava estendendo a mão para seu revólver e deu um passo atrás, segurando seus braços diante do corpo, na esperança de escapar.

Assim lutaram um contra o outro; e Hortense, que estava cada vez mais assustada, não tanto pelo ataque, mas por causa do rosto distorcido de seu agressor, começou a gritar. Então Pancaldi ficou repentinamente imóvel, com os braços erguidos diante de si, os dedos estendidos e os olhos fixos sobre a cabeça de Hortense.

— Quem está aí? Como você entrou? — perguntou, com voz sufocada.

Hortense nem precisou se virar para se sentir segura de que Rénine estava vindo em seu auxílio e que era sua aparência inexplicável que causava tanto assombro no comerciante.

De fato, uma figura esbelta saiu furtivamente de uma pilha de cadeiras e sofás, e Rénine deu um passo tranquilo.

— Quem é você? — repetiu Pancaldi. — De onde veio?

— De lá de cima — respondeu Rénine, muito amavelmente, apontando para o teto.

— De lá de cima?

— Sim, do primeiro andar. Há três meses sou o inquilino do andar em cima deste lugar. Acabei de ouvir um barulho. Alguém estava chamando por ajuda. Então eu desci.

— Mas como entrou aqui?

— Pela escada.

— Que escada?

— Pela escadaria de ferro, no final da loja. O homem que a possuía antes de você tinha um apartamento no meu andar e costumava subir e descer por aquela escada escondida. Você mandou que fechassem a porta. Eu a abri.

— Mas com que direito, senhor? É o mesmo que arrombar a porta.

— A invasão é permitida quando há uma criatura a ser resgatada.

— Mais uma vez, quem é você?

— Príncipe Rénine… e amigo desta senhora — disse Rénine, dobrando-se sobre Hortense e beijando sua mão.

Pancaldi parecia estar sufocado, e murmurava:

— Oh, eu entendo! Você instigou a trama… foi você quem enviou a senhora…

— Foi, senhor Pancaldi, foi!

— E quais são as suas intenções?

— Minhas intenções são irrepreensíveis. Sem violência. Simplesmente uma pequena conversa. Quando acabar, você entregará o que eu, por minha vez, vim buscar.

— O quê?

— O broche.

— Isso nunca! — gritou o comerciante.

— Não diga que não. É uma conclusão inevitável.

— Nenhum poder na Terra, senhor, pode me obrigar a fazer tal coisa!

— Devemos mandar chamar sua esposa? Talvez a senhora Pancaldi perceba a situação melhor do que o senhor.

A possibilidade de não estar mais sozinho com aquele adversário inesperado pareceu atraente a Pancaldi. Havia um sino sobre a mesa a seu lado. Ele o tocou três vezes.

— Excelente! — Rénine exclamou. — Como vê, minha querida, o senhor Pancaldi está se tornando bastante amável. Não sobrou nenhum vestígio do diabo solto que estava atacando você agora mesmo. O senhor

Pancaldi precisa apenas da presença de um homem para recuperar suas qualidades de cortesia e bondade. Uma ovelha perfeita! O que não significa que as coisas ficarão bem por conta própria. Longe disso! Não há animal mais obstinado do que uma ovelha…

Logo no final da loja, entre a escrivaninha do revendedor e a escada sinuosa, uma cortina foi levantada, deixando ver uma mulher que segurava uma porta. Poderia ter trinta anos de idade. Vestida com muita simplicidade, ela se parecia, com o avental que usava, mais com uma cozinheira do que com a senhora de uma casa. Mas tinha um rosto atraente e uma figura agradável.

Hortense, que havia seguido Rénine, ficou surpresa ao reconhecê-la como uma empregada que tivera a seu serviço quando menina:

— É você, Lucienne? Você é a senhora Pancaldi?

A recém-chegada a fitou, reconheceu-a também e pareceu envergonhada.

Rénine lhe disse:

— Seu marido e eu precisamos de sua ajuda, senhora Pancaldi, para resolver um assunto bastante complicado, um caso em que você desempenhou um papel importante…

A moça se adiantou sem uma palavra, obviamente pouco à vontade, perguntando a seu marido, que não tirava os olhos dela:

— O que é? O que querem de mim? A que ele está se referindo?

— É sobre o broche! — Pancaldi sussurrou, prendendo a respiração.

Essas poucas palavras foram suficientes para que a senhora Pancaldi percebesse ao máximo a seriedade de sua situação. E ela não tentou manter o semblante impassível ou retorquir com protestos fúteis.

Afundou-se em uma cadeira, suspirando:

— Ah, é isso! Compreendo… A senhorita Hortense encontrou a pista… Oh, tudo depende de nós!

Houve uma pausa. A luta entre os adversários mal havia começado, antes que o marido e esposa adotassem a atitude de pessoas derrotadas cuja única esperança estava na clemência do vencedor. Olhando fixamente para o nada, a senhora Pancaldi começou a chorar.

Rénine inclinou-se para ela e falou:

— Você se importa se revisarmos o caso desde o início? Então veremos as coisas mais claramente; e estou certo de que nossa entrevista nos levará a

uma solução perfeitamente natural…. Foi assim que as coisas aconteceram: há nove anos, quando você era empregada da senhora Hortense no interior do país, você conheceu o senhor Pancaldi, que logo se tornou seu amante. Vocês eram ambos da Córsega[24]; em outras palavras, vocês vieram de um lugar onde as superstições são muito fortes e onde as questões de boa e má sorte, o mau-olhado e os feitiços e encantos exercem uma profunda influência sobre a vida de todos. Bem, dizia-se que o broche de sua jovem senhora sempre trouxe sorte a seus donos. Foi por isso que, em um momento de fraqueza provocado pelo senhor Pancaldi, você roubou o broche. Seis meses depois, você se tornou a senhora Pancaldi… Essa é toda a sua história, não é, contada em poucas frases?

Após alguns segundos, ele continuou:

— Toda a história de duas pessoas que teriam permanecido membros honestos da sociedade se tivessem sido capazes de resistir a essa tentação casual… Não preciso lhes dizer como ambos tiveram sucesso na vida e como, possuindo o talismã, acreditando em seus poderes e confiando em vocês mesmos, elevaram seu antiquário ao primeiro nível. Hoje, ricos, proprietários desta loja, O Mercúrio, vocês atribuem o sucesso de seus empreendimentos a este broche. Perdê-lo, a seus olhos, significaria falência e pobreza. Toda a sua vida tem sido centrada nele. É o fetiche de vocês. É o pequeno deus doméstico que cuida de vocês e guia seus passos. Está lá, em algum lugar, escondido nesta selva; e ninguém, é claro, jamais suspeitaria de nada, pois, repito, vocês são pessoas decentes, mas, se não fosse um lapso, se um acidente não me tivesse levado a investigar os seus negócios…

Rénine fez uma pausa e avançou:

— Isso me aconteceu há dois meses, dois meses de investigações minuciosas, que não me apresentaram nenhuma dificuldade, porque, tendo descoberto seu rastro, aluguei o apartamento e pude usar aquela escada… mas, mesmo assim, sessenta dias desperdiçados até certo ponto, porque ainda não obtive sucesso. E só Deus sabe como eu revistei esta sua loja! Não há um móvel que eu tenha deixado de explorar, nem uma tábua no chão que não tenha inspecionado. Tudo sem nenhum proveito. Sim, houve uma coisa, uma descoberta acidental. Em um recesso secreto em sua mesa, Pancaldi, eu encontrei um pequeno caderno de contas no qual você registrou seu remorso, mal-estar, medo de punição e seu pavor da ira de Deus… Foi altamente imprudente de sua parte, Pancaldi! As pessoas não

escrevem tais confissões! E, acima de tudo, elas não as deixam de lado!

Diante do olhar arregalado do lojista, foi adiante:

— Seja como for, eu as li e notei uma passagem que me pareceu particularmente importante e que me foi útil na preparação do meu plano de campanha: "Se ela vier até mim, a mulher de quem roubei, se ela vier até mim como a vi em seu jardim enquanto Lucienne pegava o broche; se ela me aparecer com o vestido azul e o gorro com folhas vermelhas, com o colar de contas e o cipó com tranças que ela carregava naquele dia; se ela me aparecer assim e disser: 'Vim buscar o que é meu', então entenderei que sua conduta é inspirada do Alto e que devo obedecer ao decreto da Providência". É isso que está escrito em seu livro, Pancaldi, e explica a conduta da senhora que você chama de senhora Hortense. Agindo conforme minhas instruções e de acordo com o que foi pensado por você, ela veio até aqui, do Além, para usar sua própria expressão. Um pouco mais de autocontrole e você sabe que ela teria ganhado o dia. Infelizmente, você é um excelente ator; seu falso suicídio a derrubou, e você entendeu que não se tratava de um decreto da Providência, mas simplesmente de uma ofensiva da parte de sua antiga vítima. Não tive escolha, portanto, a não ser intervir. Aqui estou eu… E agora vamos terminar o negócio. Pancaldi, o broche!

— Não — replicou o comerciante, que pareceu recuperar toda a sua energia só de pensar em restituir o amuleto.

— E a senhora, senhora Pancaldi.

— Não sei onde está — esquivou-se a esposa.

— Muito bem. Então vamos aos fatos. Senhora Pancaldi, a senhora tem um filho de sete anos que ama de todo o seu coração. Estamos em uma quinta-feira e, como em todas as quintas-feiras, seu filhinho deve voltar para casa sozinho da casa da tia. Dois de meus amigos estão colocados na estrada pela qual ele retorna e, na ausência de instruções em contrário, o raptarão quando o menino passar.

A senhora Pancaldi desesperou-se:

— Meu filho! Oh, por favor, por favor… isso não! Eu juro que não sei de nada. Meu marido jamais consentiria em confiar em mim.

Rénine continuou:

— Próximo ponto. Nesta noite apresentarei uma informação ao promotor público. Evidência: as confissões no livro de contabilidade.

Consequências: ação da polícia, busca no local e o resto.

Pancaldi ficou em silêncio. Os outros tinham a sensação de que todas aquelas ameaças não o afetavam e que, protegido por seu amuleto, o homem acreditava ser invulnerável. Mas sua mulher caiu de joelhos aos pés de Rénine e gaguejou:

— Não, não… Eu lhe suplico! Isso significaria ir para a prisão, e eu não quero isso!… E então, meu filho!… Oh, eu lhe suplico!

Hortense, tomada de compaixão, levou Rénine para um lado:

— Pobre mulher! Deixe-me interceder por ela.

— Fique tranquila — disse ele. — Nada acontecerá com o menino.

— Mas seus dois amigos…

— Puro blefe.

— Sua denúncia ao promotor público.

— Uma mera ameaça.

— Então o que você está tentando fazer?

— Assustá-los, na esperança de fazê-los soltar um comentário, uma palavra, que nos dirá o que queremos saber. Tentamos todos os outros meios. Este é o último; e é um método que, acho eu, quase sempre é bem-sucedido. Lembre-se de nossas aventuras.

— Mas se a palavra que você espera ouvir não for dita?

— Deve ser dita — falou Rénine, em voz baixa. — Temos de terminar o assunto. A hora está chegando.

Seus olhos encontraram os dela; e Hortense corou ao pensar que a hora a que ele aludia era a oitava e que não havia outro objetivo senão o de terminar o assunto antes daquela oitava hora.

— Então vocês veem, por um lado, o que estão arriscando — ele disse ao casal Pancaldi. — O desaparecimento de seu filho… e a prisão: prisão com certeza, já que existe o livro com suas confissões. E agora, por outro lado, aqui está minha oferta: vinte mil francos se você entregar o broche imediatamente, neste minuto. Lembre-se, ele não vale três luíses[25]…

Sem resposta. A senhora Pancaldi chorava.

Rénine retomou, fazendo uma pausa entre cada proposta:

— Eu dobro minha oferta… Vou triplicá-la… Pondere, Pancaldi, você não é razoável! Suponho que você queira que eu faça uma soma redonda? Tudo bem: cem mil francos.

Ele estendeu sua mão como se não tivesse dúvidas de que receberia o broche.

A senhora Pancaldi foi a primeira a ceder e o fez com uma súbita explosão de raiva contra o marido:

— Oh, confesse, não consegue? Fale! Onde você o escondeu? Olhe aqui, você não vai ser persistente, certo? Se for, significará a ruína… e pobreza… E pense em nosso menino! Fale alto, fale!

Hortense sussurrou:

— Rénine, isto é loucura; o broche não tem valor…

— Não tema! — respondeu Rénine. — Ele não vai aceitar… Mas olhe para o sujeito… Como está entusiasmado! Exatamente o que eu queria… Ah, isto, você sabe, é realmente emocionante! Como fazer as pessoas perder a cabeça! Para lhes roubar todo o controle sobre o que estão pensando e falando! E, em meio a tanta confusão, na tempestade que os atira de um lado para o outro, avistar a minúscula faísca que aparecerá em algum lugar! Olhe para ele! Observe o sujeito! Cem mil francos por um objeto sem valor… caso contrário, a prisão: isso basta para virar a cabeça de qualquer homem!

Pancaldi, de fato, estava empalidecido, seus lábios tremiam, e um fio de saliva escorria de seus lábios. Era fácil adivinhar o tumulto que o acometia, abalando seu equilíbrio com emoções conflitantes, a ganância em choque com o medo.

De repente, ele explodiu; e era óbvio que suas palavras estavam jorrando ao acaso, sem que soubesse minimamente o que dizia:

— Cem mil francos! Duzentos mil! Quinhentos! Um milhão! Dou dois figos por seus milhões! Para que servem os milhões? As pessoas os perdem. Porque eles desaparecem… Somem… Só há uma coisa que conta: a sorte. Está do seu lado ou então contra você. E a sorte tem estado a meu lado nestes últimos nove anos. Ela nunca me traiu; e você espera que eu a traia? Por quê? Por medo? Prisão? Meu filho? Ora… nenhum mal me acontecerá enquanto eu forçar a sorte a trabalhar a meu favor. É minha serva, minha amiga. Ela se agarra ao broche. Como? Como posso saber? É a cornalina[26], sem dúvida…. Há pedras mágicas, que sustentam a felicidade, como outras retêm o fogo, ou o enxofre, ou o ouro…

Rénine manteve os olhos fixos nele, observando a menor palavra, a mais leve modulação de voz. O comerciante de curiosidades agora ria, com

um júbilo nervoso, enquanto retomava o autocontrole. Ele caminhou até Rénine com movimentos bruscos que revelavam uma resolução crescente.

— Milhões? — repetiu. — Meu caro senhor, eu não os teria como um presente. O pouco de pedra que possuo vale muito mais do que isso. E a prova está em todo o trabalho que o senhor está tendo para tirá-la de mim. Ahá! Meses dedicados a procurá-la, como você mesmo confessou! Meses em que você virou tudo de pernas para o ar, enquanto eu, que não suspeitava de nada, nem mesmo me defendi! Por que eu deveria? A pequena coisa se protegeu sozinha… Não queria ser descoberta e não foi… Ela gosta de estar aqui… Preside um negócio bom e honesto que a satisfaz… A sorte de Pancaldi! É conhecida por toda a vizinhança, entre todos os comerciantes! Eu proclamo do telhado desta casa: "Eu sou um homem de sorte!". Eu até me atrevi a tomar o deus da sorte, Mercúrio, como meu patrono! Ele também me protege. Veja, eu tenho Mercúrio por toda a minha loja! Olhe lá em cima, naquela prateleira, uma fileira inteira de estatuetas, como a da porta da frente, provas assinadas por um grande escultor que foi à falência e as vendeu para mim… Você gostaria de uma, meu caro senhor? Isso também lhe trará sorte. Faça a sua escolha! Um presente de Pancaldi, para compensá-lo por sua derrota! Isso lhe serviria?

Ele colocou um banco contra a parede, debaixo da prateleira, pegou uma estatueta e a jogou nos braços de Rénine. E, rindo abertamente, cada vez mais animado à medida que seu inimigo parecia ceder terreno e retroceder ante seu ataque espirituoso, acrescentou:

— Muito bem feito! Ele aceita! E este fato mostra que estamos todos de acordo! Senhora Pancaldi, não se angustie. Seu filho está voltando, e ninguém irá para a prisão! Adeus, senhora Hortense! Bom dia, senhor! Espero vê-lo novamente! Se quiser falar comigo a qualquer momento, basta dar três saltos no teto. Adeus… não esqueça seu presente… e que Mercúrio seja gentil com vocês! Adeus, meu caro príncipe! Adeus, senhora Hortense!

Ele os apressou para a escadaria de ferro, agarrou cada um pelo braço de uma só vez e os empurrou para a pequena porta escondida no topo da escada.

E o estranho foi que Rénine não fez nenhum protesto. Nem tentou resistir. Deixou-se conduzir como uma criança malcriada que é levada para a cama.

Menos de cinco minutos haviam transcorrido entre o momento em que Rénine fez sua oferta a Pancaldi e aquele em que o homem os expulsou da loja com uma estatueta nos braços.

O refeitório e a sala de visitas do apartamento que Rénine ocupava no primeiro andar davam para a rua. A mesa da sala de jantar estava posta para dois.

— Perdoe-me, sim? — disse Rénine, ao abrir a porta do apartamento para Hortense. — Pensei que, independentemente dos acontecimentos, era provável que eu a visse esta noite e poderíamos muito bem jantar juntos. Não me recuse esta gentileza, que será o último favor concedido em nossa derradeira aventura.

Hortense não fez objeção. A maneira como a batalha havia terminado era tão diferente de tudo o que experimentara até então que se sentia desconcertada. Em todo caso, por que deveria recusar, se os termos do contrato não haviam sido cumpridos?

Rénine deixou a sala para dar uma ordem a seu criado. Dois minutos depois, voltou para ela. Tinham se passado então pouco mais de sete minutos.

Havia pétalas de flores sobre a mesa, e a estátua de Mercúrio, presente de Pancaldi, estava sobre elas.

— Que o deus da sorte presida nosso banquete — disse Rénine.

Estava muito animado e expressava seu grande prazer em tê-la sentada diante de si.

— Sim — exclamou ele —, tive de recorrer a meios poderosos e atraí-la com a isca dos empreendimentos mais fantásticos. Você deve confessar que minha carta foi alegremente inteligente! Os três cipós, o vestido azul; simplesmente irresistível! E, quando joguei alguns enigmas de minha própria invenção, como as setenta e cinco contas do colar e a velha mulher com o rosário de prata, eu sabia que você estaria fadada a sucumbir à tentação. Não fique brava comigo. Eu precisava vê-la, e queria que fosse hoje. Você veio, e eu agradeço.

Em seguida, ele lhe contou como havia descoberto a pista do broche roubado.

— Quando você estipulou aquela condição, esperava que eu não fosse capaz de cumpri-la, não é mesmo? Pois cometeu um erro, minha querida. O teste, pelo menos no início, foi suficientemente fácil, pois se baseou em

um fato indubitável: o caráter de talismã atribuído ao broche. Eu só precisei investigar para saber se, entre aqueles ao seu redor, entre seus servos, havia alguma pessoa que teria sentido atração por aquele objeto. Bem, analisando a lista que eu consegui elaborar, notei imediatamente a senhorita Lucienne, vinda da Córsega. Este foi meu ponto de partida. O resto foi uma mera concatenação de eventos.

Hortense olhou para ele com espanto. Como aceitava sua derrota com um ar tão descuidado e até falando em tom de triunfo, quando na verdade havia sido sonoramente vencido por Pancaldi e até mesmo havia feito papel de ridículo? Ela não pôde deixar de transparecer sua decepção. O modo como falou traiu seu sentimento de humilhação:

— Tudo é um alinhamento de eventos, muito bem. Mas a corrente está quebrada, porque tudo foi revelado e, embora você conheça o ladrão, não conseguiu colocar as mãos no broche roubado.

A reprovação era óbvia. Rénine não a havia acostumado ao fracasso. Além disso, estava irritada em ver como ele aceitava um golpe que, afinal de contas, implicava ruína de qualquer esperança que ele pudesse ter cultivado…

Ele não replicou. Tinha enchido as duas taças com champanhe e estava lentamente esvaziando a sua, com os olhos fixos na estatueta de Mercúrio. Girou-a em seu pedestal e a examinou com o olhar de um conhecedor encantado:

— Que coisa bela é uma linha harmoniosa! A cor não me enleva tanto quanto o contorno, a proporção, a simetria e todas as maravilhosas propriedades da forma. Veja esta pequena estátua. Pancaldi tem razão: é o trabalho de um grande artista. As pernas são esbeltas e musculosas; a figura inteira dá uma impressão de flutuabilidade e velocidade. Está muito bem feita. Há apenas uma falha, uma muito leve: talvez você não tenha notado.

— Sim, eu percebi — disse Hortense. — Impressionou-me no instante em que vi o letreiro, lá fora. Você se refere a uma certa falta de equilíbrio? O deus está se inclinando muito sobre a perna que o carrega. Parece que vai se arremessar para a frente e cair.

— Isso é muito inteligente de sua parte — disse Rénine. — A falha é quase imperceptível, e é preciso um olho treinado para vê-la. Realmente, porém, como uma questão de lógica, o peso do corpo deveria ter seu caminho e, de acordo com as leis naturais, o pequeno deus estaria prestes a

cair de cabeça.

Depois de uma pausa, ele continuou:

— Notei essa falha no primeiro dia. Como não tirei uma conclusão de uma vez? Fiquei chocado porque o artista havia pecado contra uma lei estética, enquanto eu deveria ter ficado escandalizado porque negligenciara uma lei física. Como se a arte e a natureza não estivessem misturadas! E como se as leis da gravidade pudessem ser perturbadas sem alguma razão fundamental!

— O que você quer dizer? — perguntou Hortense, intrigada com aquelas reflexões, que pareciam tão distantes de seus pensamentos secretos. — O que você quer dizer?

— Oh, nada! — disse ele. — Só me surpreende que eu não tenha compreendido mais cedo por que Mercúrio não caiu para a frente, como ele deveria ter feito.

— E qual é a razão?

— Qual o motivo? Imagino que Pancaldi, ao puxar a estatueta prestes a fazê-la servir a seu propósito, deva ter perturbado seu equilíbrio. Mas este equilíbrio foi restaurado por algo que retém o pequeno deus e que compensa sua postura realmente perigosa demais.

— Alguma coisa, você diz?

— Sim, um contrapeso.

Hortense fez menção de falar. Também estava começando a ver um pouco de luz. Murmurou:

— Um contrapeso? Você está pensando que poderia estar… no pedestal?

— Por que não?

— Isso é possível? Mas, se sim, como Pancaldi lhe deu essa estatueta?

— Ele nunca me deu *esta* — corrigiu Rénine. — Eu mesmo a peguei.

— Mas onde? E quando?

— Agora mesmo, enquanto você estava na sala de visitas. Saí por aquela janela, que fica logo acima do letreiro da loja e do nicho que contém o pequeno deus. E troquei as duas, ou seja, peguei a estátua que estava lá fora e coloquei no lugar dela a que Pancaldi me deu.

— Mas aquela não se inclina para a frente?

— Não, não mais do que as outras o fazem, na prateleira de sua loja. Mas Pancaldi não é um artista. A falta de equilíbrio não o impressiona; ele

não verá nada de errado; e continuará a se pensar favorecido pela sorte, que é outra maneira de dizer que a sorte continuará a favorecê-lo. Enquanto isso, aqui está a estatueta, aquela usada no letreiro. Devo quebrar o pedestal e tirar seu broche da bainha de chumbo, soldado na parte de trás do pedestal, o que mantém Mercúrio estável?

— Não, não, não há necessidade disso — Hortense murmurou apressadamente.

A intuição de Rénine, sua sutileza, a habilidade com que havia gerenciado todo o caso: para ela, no momento, todas aquelas coisas permaneciam em segundo plano. Porque de súbito lembrou-se de que a oitava aventura estava concluída, e que ele havia superado todos os obstáculos. O teste tinha sido bem-sucedido, e o limite extremo de tempo fixado para a última das aventuras ainda não fora atingido.

Rénine teve a crueldade de chamar a atenção dela para o fato:

— Quinze minutos para as oito — murmurou.

Um silêncio opressivo caiu entre os dois. Ambos sentiram o desconforto a tal ponto que hesitaram em fazer o menor movimento. A fim de quebrá-lo, ele se empenhou:

— Aquele digno senhor Pancaldi, como foi bom de sua parte contar-me o que eu desejava descobrir! Eu sabia, entretanto, que ao exasperá-lo acabaria por obter a pista que faltava. Era como se você tivesse de entregar uma pedra e um aço a alguém e sugerir que os usasse. No final, a centelha seria obtida. No meu caso, o que produziu a centelha foi a comparação inconsciente, mas inevitável, que ele fez entre o broche de cornalina, o elemento da sorte e Mercúrio, o deus da sorte. Isso foi o suficiente. Entendi que essa associação de ideias surgiu do fato de ele ter realmente ligado os dois fatores da sorte ao incorporar um no outro, ou, para falar mais claramente, ao esconder o broche na estatueta. E imediatamente me lembrei do Mercúrio do lado de fora da porta e de sua postura defeituosa…

Rénine interrompeu-se de súbito. Pareceu-lhe que todos os seus comentários estavam caindo em ouvidos surdos. Hortense havia colocado a mão na testa e assim, tapando os olhos, permanecia sentada, imóvel e distante.

Ela realmente não estava ouvindo. O fim daquela aventura em particular e a maneira como o príncipe agira na ocasião não mais lhe interessavam. O que pensava era na complexa série de aventuras em meio

às quais ela andava vivendo nos últimos três meses e o comportamento maravilhoso do homem que lhe havia oferecido sua devoção.

Via, como em um quadro mágico, os feitos fabulosos realizados por Rénine, todo o bem que fizera, as vidas salvas, as tristezas aliviadas, a ordem restaurada onde sua vontade magistral tinha sido levada a cabo. Nada era impossível para ele. O que se comprometeu a fazer, fez. Todos os objetivos a que se propôs foram alcançados com antecedência. E tudo sem esforço excessivo, com a calma de quem conhece a própria força e sabe que nada pode resistir a ela.

Então, o que poderia fazer contra aquele homem? Por que deveria se defender, e como? Se ele exigisse que cedesse, não saberia como obrigá-la? Esta última aventura seria mais difícil para ele do que as outras?

Supondo que decidisse fugir: o mundo inteiro abrigava um retiro no qual estaria a salvo de sua perseguição? Desde o momento de seu primeiro encontro, o fim era certo, já que Rénine havia decretado que assim devia ser.

No entanto, Hortense ainda se lançou em busca de armas, de algum tipo de proteção; e disse a si mesma que, embora ele tivesse cumprido as oito condições e restaurado o broche de cornalina antes da oitava hora, estava protegida pelo fato de que essa oitava hora deveria soar no relógio do Château de Halingre, e não em outro qualquer. Era um pacto formal. Rénine tinha dito naquele dia, olhando os lábios que ansiava por beijar: "… no exato momento em que soar a oitava badalada daquele relógio, e ela soará, você pode ter certeza disso, pois o velho pêndulo de latão não vai parar de balançar novamente, você se comprometerá a me conceder…".

Ela olhou para cima. Rénine também não estava se movendo, mas permanecia sentado solenemente, esperando com paciência.

Hortense estava prestes a falar, até mesmo preparando suas palavras: "Sabe, nosso acordo diz que deve ser o relógio Halingre. Todas as outras condições foram cumpridas… mas não este detalhe, precisamente. Então eu estou livre, não estou? Tenho o direito de não cumprir minha promessa, que, aliás, nunca fiz, mas que, de qualquer forma, cai por terra? Sou perfeitamente livre… liberada de qualquer escrúpulo de consciência?".

Mas não teve tempo de falar. Naquele exato momento, houve um clique atrás dela, como o de um relógio prestes a bater. Soou uma primeira badalada, depois uma segunda, depois a terceira.

Hortense soltou um lamento. Havia reconhecido o som do relógio antigo, o relógio Halingre, que havia três meses, ao quebrar de forma sobrenatural o silêncio de um castelo deserto, colocara ambos no caminho das oito aventuras.

Ela contou as badaladas. Oito.

— Ah! — murmurou, zonza, quase desmaiando e escondendo o rosto em suas mãos. — O relógio… o relógio está aqui… o de lá… Eu reconheço o som…

Não disse mais nada. Sentia que Rénine tinha os olhos fixos nela, e isso lhe minava todas as energias. Além do mais, se tivesse sido capaz de as recuperar, não estaria melhor nem procuraria oferecer a menor objeção, pelo motivo de não querer mais resistir.

Todas as aventuras tinham terminado, mas uma ficou por empreender, cuja antecipação apagava a memória de todas as demais. Era a aventura do amor, a mais encantadora, a mais desconcertante, a mais adorável de todas. Hortense aceitou o decreto do destino, alegrando-se aos poucos com tudo o que pudesse vir, porque estava apaixonada. Sorriu a despeito de si mesma, pois refletia que a felicidade estava para entrar novamente em sua vida no exato momento em que seu bem amado lhe trazia o broche de cornalina.

O relógio marcou a hora pela segunda vez.

Hortense levantou seus olhos para Rénine. Lutou por mais alguns breves segundos. Mas era como uma ave encantada, incapaz de qualquer movimento de rebeldia. E, diante da oitava badalada do relógio, ela caiu sobre seu peito e lhe ofereceu seus lábios…

---

[22] O caduceu, ou emblema de Hermes (deus Mercúrio), é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes e cuja parte superior é adornada com asas. (N.T.)

[23] O astrolábio é um instrumento naval antigo, usado para medir a altura dos astros, do sol e das estrelas. Também era utilizado para resolver problemas geométricos, como calcular a altura de um edifício ou a profundidade de um poço. (N.T.)

[24] A Córsega é a quarta maior ilha do Mar Mediterrâneo em extensão (depois da Sicília, da Sardenha e de Chipre) e a maior ilha da França. (N.T.)

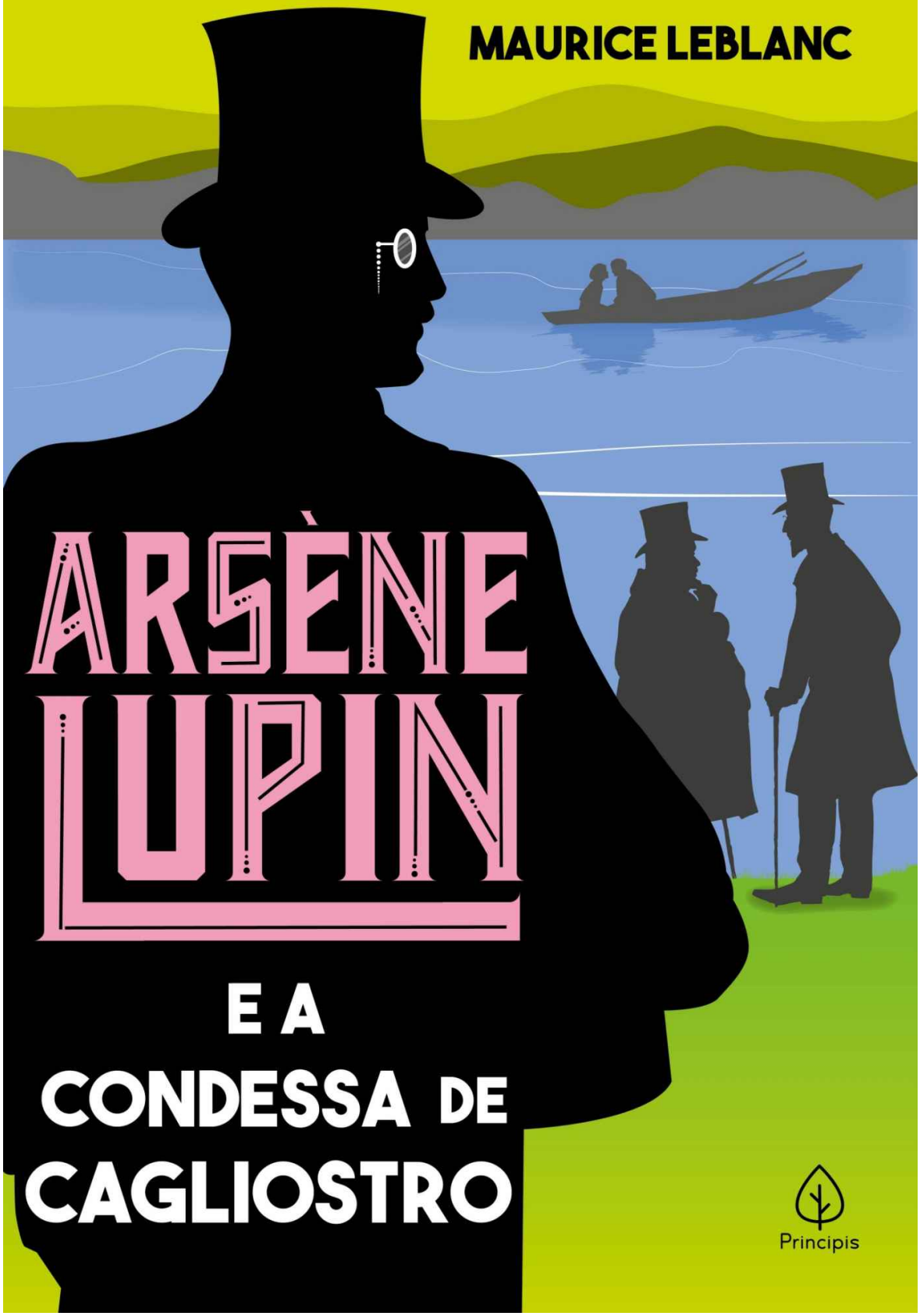
[25] Luís era a denominação comum da moeda de ouro francesa cunhada de 1640 a 1792. Mais tarde, a moeda de vinte francos foi chamada de "louis" ou "napoleon". Os luíses têm o nome de Luís XIII (1601-1643), rei de França e Navarra, que cunhou a moeda pela primeira vez. No contexto do livro, os três luíses mencionados equivalem a sessenta francos. (N.T.)

[26] Acredita-se que a pedra cornalina seja um cristal que equilibra determinadas energias responsáveis pela prosperidade em todos os setores da vida, manutenção e recuperação da saúde. Suas cores mais comuns vão do alaranjado ao vermelho intenso. (N.T.)

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A CONDESSA DE CAGLIOSTRO



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A CONDESSA DE CAGLIOSTRO
Tradução
Bruno Anselmi
Matangrano
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La comtesse de Cagliostro
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Bruno Anselmi Matangrano
Revisão
Tuca Dantas
Nair Hitomi Kayo
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
nadiia/shutterstock.com;
Vanesa Duque/shutterstock.com;
Nosyrevy/shutterstock.com
(Romance de folhetim publicado de 10 de dezembro de 1923 a 30 de janeiro de 1924, no Le Journal*, em Paris.)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a condessa de Cagliostro / Maurice Leblanc; traduzido por Bruno Anselmi Matangrano. - Jandira, SP : Principis, 2021.

256 p. ; E-book. - (Arsène Lupin)
Título original: La contesse de Cagliostro
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-567-0

1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Crime. 7. Policial. I. Matangrano, Bruno Anselmi. II. Título.

2021-0032 CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Aqui está a primeira aventura de Arsène Lupin, a qual, sem dúvida, teria sido publicada antes das outras, se ele não tivesse se oposto a isso por tantas vezes e tão resolutamente.

— Não — dizia. — Entre a condessa de Cagliostro e eu nada está resolvido. Esperemos.

A espera durou mais do que ele previa. Um quarto de século se passou antes da RESOLUÇÃO DEFINITIVA. *E é somente hoje que ele permitiu contar o que foi o aterrador duelo de amor e de ódio que colocou um jovem de vinte anos contra* A FILHA DE CAGLIOSTRO.

Arsène Lupin aos vinte anos

Depois de ter apagado a lanterna, Raoul d'Andrésy jogou sua bicicleta atrás dos arbustos. Naquele momento, o relógio de Bénouville batia três horas.

Na sombra espessa da noite, Raoul seguiu a estrada rural que levava à propriedade de Haie de Étigues e assim chegou aos muros da fortaleza. Esperou um pouco. Cavalos pateando, rodas ressoando no pavimento de um pátio, um ruído de sininhos, as duas folhas da porta abertas de repente… E uma caminhonete passou. Raoul mal teve tempo de ouvir as vozes de homens e distinguir o canhão de um fuzil. O carro já ganhava a rodovia principal e disparava rumo a Étretat.

— Ora, vamos — disse a si mesmo —, caçar mergulhões é divertido. A rocha onde são abatidos está longe… Enfim, vou saber o que é essa competição de caça improvisada e o que significam todas essas idas e vindas.

Ele ladeou pela esquerda os muros da propriedade, contornou-os e, após a segunda curva, deteve-se no quadragésimo passo. Segurava duas chaves na mão. A primeira abriu uma pequena porta baixa, depois da qual subiu por uma escada entalhada no vão de uma velha muralha meio demolida, que flanqueava uma das alas do castelo. A segunda revelava uma entrada secreta, no nível do primeiro andar.

Raoul acendeu a lanterna de bolso e, sem muita precaução, pois sabia que apenas o outro lado do castelo era habitado e que Clarisse d'Étigues, única filha do barão, morava no segundo andar, seguiu por um corredor que o conduziu a um vasto gabinete de trabalho: era ali que, algumas semanas antes, ele tinha pedido ao barão a mão de sua filha, e fora ali que

tinha sido acolhido por uma explosão de cólera indignada, da qual guardava uma lembrança desagradável.

Um espelho refletiu seu rosto pálido de adolescente, mais pálido do que o normal. No entanto, conduzido pelas emoções, permanecia senhor de si e, friamente, colocou-se ao trabalho.

Não demorou. Durante sua conversa com o barão, notara que seu interlocutor olhava, algumas vezes, para uma grande escrivaninha de mogno cujo tampo não estava fechado. Raoul conhecia todos os lugares onde era possível esconder alguma coisa, como também os mecanismos para fazê-los funcionar como esconderijo. Um minuto depois, descobria, em uma fenda, uma carta escrita em um papel muito fino e enrolada como um cigarro. Nenhuma assinatura, nenhum endereço.

Estudou aquela missiva cujo texto lhe pareceu banal demais para que a escondessem com tanto cuidado, e, pôde, assim, graças a um trabalho minucioso, detendo-se em certas palavras mais significativas e suprimindo algumas frases evidentemente destinadas a preencher os vazios, reconstituir o que segue:

"Encontrei em Ruão os traços de nossa inimiga e mandei colocar nos jornais locais que um camponês dos arredores de Étretat havia desenterrado, em seu pasto, um velho candelabro de cobre de sete braços. Ela logo telegrafou para a central de aluguel de automóveis de Étretat, que reservou para o dia doze, às três horas da tarde, um cupê na estação de Fécamp. Na manhã desse dia, a central receberá, por meus cuidados, outro despacho anulando aquele pedido. Será, portanto, o *seu* cupê que ela encontrará na estação de Fécamp e que a conduzirá sob escolta, para nós, no momento em que formos fazer nossa reunião.

"Poderemos então nos organizar em tribunal e pronunciar contra ela um veredito implacável. Nos tempos em que a grandeza do fim justificava os meios, a punição teria sido imediata. O mal teria sido cortado pela raiz. Escolha a solução que lhe agradar, mas sempre se lembrando dos termos da nossa última conversa, e dizendo a si mesmo que o sucesso de nossos planos e nossa própria existência dependem dessa criatura infernal. Seja prudente. Organize uma competição de caça para desviar as suspeitas. Chegarei pelo Havre exatamente às quatro horas, com dois de nossos amigos. Não destrua esta carta. O senhor deve devolvê-la para mim."

“O excesso de precaução é um defeito”, pensou Raoul. “Se o correspondente do barão não fosse desconfiado, o barão teria queimado essas linhas, e eu não saberia que há um plano de sequestro, um plano de julgamento ilegal e, inclusive, Deus me perdoe!, um plano de assassinato. Nossa! Meu futuro sogro, por mais devoto que seja, parece-me enredado em maquinações pouco católicas. Cometeria ele até um homicídio? Tudo isso é extremamente grave e bem poderia me deixar em vantagem contra ele.

Raoul esfregou as mãos. O caso lhe agradava e não o surpreendia além da medida, pois alguns detalhes tinham despertado sua atenção havia vários dias. Resolveu então retornar à pousada, dormir lá, depois voltar a tempo de descobrir o que planejavam o barão e seus convidados e qual era aquela “criatura infernal” que desejavam suprimir.

Deixou tudo em ordem novamente, mas, em vez de partir, sentou-se diante de uma mesinha onde havia uma foto de Clarisse. Colocando-a bem à frente, ele a contemplou com profundo carinho. Clarisse d’Étigues, pouco mais jovem que ele…! Dezoito anos! Lábios voluptuosos… Olhos cheios de sonho… Faces rosadas, feições delicadas, cabelos claros como os das meninas que correm nas ruas do País de Caux e um ar tão doce e com tanto charme…!

O olhar de Raoul foi se tornando mais rígido. Um pensamento ruim, que ele não chegava a dominar, o invadia. Clarisse estava sozinha lá em cima, isolada em seus aposentos, e já por duas vezes, servindo-se das chaves que ela mesma lhe havia confiado, na hora do chá se juntara a ela. Então, o que o retinha naquele momento? Nenhum ruído poderia chegar aos criados. O barão devia retornar lá pelo meio da tarde. Por que ir embora?

Raoul não era um Lovelace[1]. Muitos sentimentos de proibição e de delicadeza se opunham, desencadeando instintos e apetites cuja violência excessiva conhecia. Mas como resistir à semelhante tentação? O orgulho, o desejo, o amor, a necessidade imperiosa de conquistar incitavam-no à ação. Sem mais se demorar com vãos escrúpulos, subiu agilmente os degraus da escada.

Diante da porta fechada, hesitou. Se antes já a havia cruzado, fora em pleno dia, como um amigo respeitoso. Mas qual significado tal ato adquiriria àquela hora da noite?

Debate de consciência que durou pouco tempo. Deu leves batidinhas, sussurrando:

— Clarisse… Clarisse… sou eu.

Ao fim de um minuto, não obtendo resposta, ia bater de novo e mais forte, quando então a porta do cômodo foi entreaberta e a jovem apareceu, com uma lamparina na mão.

Raoul notou sua palidez e seu assombro, e isso o transtornou a ponto de recuar, deixando-o prestes a partir.

— Não fique brava comigo, Clarisse… Vim contra minha própria vontade… Basta que diga uma palavra e vou-me embora…

Clarisse teria ouvido essas palavras se não tivesse se retirado. Teria facilmente dominado um adversário que aceitava a derrota de antemão. Mas não podia nem escutar nem ver. Queria se indignar, mas só conseguia balbuciar reprovações indistintas. Queria expulsá-lo, mas seu braço não tinha força para fazer um único gesto. Sua mão tremia e precisou apoiar a lamparina. Girou em si mesma e caiu, desmaiada…

Eles se amavam fazia três meses, desde o dia em que se encontraram no Midi, onde Clarisse passava algum tempo na casa de uma amiga de pensionato.

De imediato, sentiram-se unidos por um vínculo que foi, para ele, a coisa mais formidável do mundo; para ela, o sinal de uma escravidão que prezaria cada vez mais. Desde o começo, Raoul lhe pareceu um ser intangível, misterioso, sobre quem nunca compreenderia nada. Ele a desolava por certos acessos de leviandade, de ironia maldosa e de humor preocupado. Mas, ao lado disso, que sedução! Que alegria! Que sobressaltos de entusiasmo e de exaltação juvenil! Todos os seus defeitos adquiriam a aparência de qualidades excessivas, e seus vícios tinham ar de virtudes ignoradas que ainda iriam florescer.

Desde seu retorno à Normandia, ela teve a surpresa de perceber, uma manhã, a fina silhueta do jovem, empoleirado no muro, diante de suas janelas. Ele escolhera uma hospedaria a alguns quilômetros de distância e, assim, quase todo dia vinha em sua bicicleta encontrá-la nos arredores da Haie d'Étigues.

Órfã de mãe, Clarisse não era feliz junto de seu pai, homem duro, de caráter sombrio, excessivamente devoto, obcecado por seu título, avarento, cujos arrendatários o temiam como se fosse um inimigo. Quando Raoul,

que nem sequer lhe tinha sido apresentado, teve a audácia de pedir a mão de sua filha, o barão reagiu com tal fúria contra aquele pretendente imberbe, sem eira nem beira, que o teria açoitado se o rapaz não o tivesse enfrentando com ar de domador que controla um animal feroz.

Foi na sequência daquela conversa, e para apagar aquela lembrança na mente de Raoul, que Clarisse cometeu o erro de lhe abrir, por duas vezes, a porta de seus aposentos. Imprudência perigosa da qual Raoul se valera com toda a lógica de um apaixonado.

Naquela manhã, simulando uma indisposição, pediu que lhe levassem o almoço enquanto Raoul se escondia em um cômodo vizinho, e, após a refeição, ficaram por muito tempo abraçados diante da janela aberta, unidos pela lembrança de seus beijos e por tudo o que havia entre eles de carinho e, apesar do erro cometido, de ingenuidade.

No entanto, Clarisse chorava…

As horas corriam. Um sopro fresco que subia do mar e avançava sobre o platô acariciava o rosto dos jovens enamorados. Diante deles, para além de um grande pomar fechado por muros, e em meio aos campos bem ensolarados de colza, uma depressão lhes permitia ver, à direita, a linha branca das altas falésias até Fécamp; e, à esquerda, a baía de Étretat, a porta de Aval e a ponta da enorme Agulha.

Raoul lhe disse docemente:

— Não fique triste, minha querida amada. A vida é tão bela na nossa idade, e ela o será ainda mais para nós quando tivermos abolido todos os obstáculos. Não chore.

Clarisse secou suas lágrimas e tentou sorrir, observando-o. Raoul era esguio como ela, mas largo de ombros, ao mesmo tempo elegante e de aspecto sólido. Seu rosto enérgico oferecia uma boca maliciosa e olhos que brilhavam de alegria. Vestido com calças curtas e uma jaqueta que se abria sobre uma camiseta de lã branca, parecia incrivelmente ágil.

— Raoul, Raoul — disse ela com pesar —, neste exato momento em que está me olhando, não está pensando em mim! Não está pensando em mim depois do que acaba de se passar entre nós! Será possível? Em que está pensando, meu Raoul?

Ele respondeu, rindo:

— No seu pai.

— No meu pai?

— Sim, no barão D'Étigues e em seus convidados. Como senhores da idade deles podem perder seu tempo massacrando pobres pássaros inocentes em um rochedo?

— É a diversão deles.

— A senhorita tem certeza disso? Particularmente, estou bastante intrigado. Veja, se não estivéssemos no ano do Nosso Senhor de 1894, eu antes acreditaria que… A senhoria não vai se ofender?

— Diga, meu querido.

— Pois bem, parecem estar brincando de conspiradores! Sim, é como eu lhe digo, Clarisse… O marquês de Rolleville, Mathieu de la Vaupalière, o conde Oscar de Bennetot, Roux d'Estiers, etc. Todos esses nobres senhores do País de Caux estão no meio de uma conspiração.

Ela lhe fez beicinho.

— Está dizendo bobagens, meu querido.

— Mas a senhorita está me escutando tão lindamente — respondeu Raoul, convencido de que ela não estava sabendo de nada. — A senhorita tem uma maneira tão graciosa de esperar que eu lhe diga coisas sérias…!

— Coisas de amor, Raoul.

Ele segura o rosto dela ardentemente.

— Toda a minha vida é só meu amor por você, minha amada. Se tenho outras preocupações e outras ambições, é para conquistá-la. Clarisse, suponha isto: seu pai, conspirador, é preso e condenado à morte, e, de repente, *eu* o salvo. Depois disso, como ele não me daria a mão de sua filha?

— Ele acabará por ceder mais dia, menos dia, meu querido.

— Nunca! Não tenho nenhuma fortuna… Nenhum amparo…

— O senhor tem seu sobrenome… Raoul d'Andrésy.

— Nem isso!

— Como assim?

— D'Andrésy era o sobrenome da minha mãe, que ela retomou quando ficou viúva, por ordem de sua família, que tinha se indignado com o casamento dela.

— Por quê? — perguntou Clarisse, um pouco aturdida por aquelas confissões inesperadas.

— Por quê? Porque meu pai não era nada além de um plebeu, pobre como Jó… Um simples professor… E professor de quê? De ginástica, de

esgrima e de boxe!

— Mas então como o senhor se chama?

— Ah, tenho um nome bem vulgar, minha pobre Clarisse.

— Qual nome?

— Arsène Lupin.

— Arsène Lupin?

— Sim, não é muito bom, e mais valia mudar, não é?

Clarisse parecia chocada. Que ele se chamasse de um modo ou de outro, nada significava. Mas a preposição[2], aos olhos do barão, era a primeira qualidade de um genro…

Mesmo assim, balbuciou:

— O senhor não deveria renegar o seu pai. Não há nenhuma vergonha em ser professor.

— Vergonha alguma — disse, rindo mais alto, um riso que fazia mal a Clarisse. — E juro que aproveitei intensamente as lições de boxe e de ginástica que meu pai me deu quando eu ainda estava na mamadeira. Mas, não é? Minha mãe talvez tenha outras razões para renegá-lo, aquele excelente homem, e isso não diz respeito a ninguém.

Raoul a beija com uma violência súbita, depois começa a dançar e a dar piruetas em torno de si mesmo. E, voltando até ela, continua:

— Mas ria então, garotinha — gritou ele. — Tudo isso é muito engraçado. Ria então. Arsène Lupin ou Raoul d'Andrésy, o que importa? O essencial é ter sucesso. E eu terei sucesso. Está vendo lá em cima? Não há dúvidas sobre isso. Não como uma vidente que não me previu um grande futuro e uma reputação universal. Raoul d'Andrésy será general, ou ministro, ou embaixador… A menos que seja Arsène Lupin. É uma coisa certa diante do destino, uma convenção, assinada por ambas as partes. Estou pronto. Músculos de aço e cérebro número um! Veja, quer que eu caminhe com as mãos? Ou que eu a carregue com os braços esticados? Prefere que eu pegue seu relógio sem que você se dê conta? Ou então que recite Homero de cor em grego e Milton em inglês? Meu Deus, como a vida é bela! Raoul d'Andrésy… Arsène Lupin… As duas faces da estátua! Qual delas será iluminada pela glória, pelo sol dos vivos?

Ele se detém do nada. Sua alegria parecia de repente incomodá-lo. Contemplou silenciosamente o pequeno cômodo tranquilo cuja serenidade perturbava, como havia perturbado a paz e a pura consciência da jovem

garota, e, por uma daquelas reviravoltas imprevistas que eram o charme de sua natureza, ajoelhou-se diante de Clarisse e lhe disse seriamente:

— Perdoe-me, senhorita. Foi errado ter vindo aqui… Não é minha culpa. Tenho dificuldade em encontrar um equilíbrio… O bem, o mal, ambos me atraem. É preciso que me ajude a escolher meu caminho, Clarisse, e é preciso que me perdoe quando eu estiver errado.

Ela pegou seu rosto entre as mãos e, com um tom apaixonado, disse:

— Não tenho nada para perdoar, meu querido. Estou feliz. Você me fará sofrer muito, tenho certeza disso, e aceito de antemão e com alegria todas as dores que serão causadas por você. Aqui, pegue minha fotografia. E certifique-se de nunca precisar corar ao olhar para ela. Por *mim*, serei sempre tal como sou hoje, sua amada e sua esposa. Eu amo você, Raoul!

Clarisse soltou seu rosto. Ele já ria e disse, levantando-se:

— Você me armou cavaleiro. Daqui em diante, eis-me invencível e pronto a fulminar meus inimigos. Apareçam, navarros…! Estou entrando em cena!

O plano de Raoul — deixemos nas sombras o nome Arsène Lupin, já que, naquela época, ignorando seu destino, ele mesmo o via com algum desprezo — o plano de Raoul era muito simples. Entre as árvores do pomar, à esquerda do castelo, e se apoiando contra o muro da fortaleza, com o qual formara outrora um dos bastiões, havia uma torre quebrada, muito baixa, recoberta com um telhado e que desaparecia sob as trepadeiras. Ora, Raoul não tinha dúvidas de que a reunião das quatro horas não ocorreria na grande sala interior onde o barão recebia seus arrendatários. E Raoul notara que uma abertura, antiga janela ou entrada de ar, dava para o campo.

Escalada fácil para um rapaz tão habilidoso! Saindo do castelo e rastejando pelas trepadeiras, içou-se, graças às enormes raízes, até a abertura escavada na espessa muralha, que era profunda o bastante para que ele pudesse se deitar de comprido. Assim, a cinco metros do solo, com o rosto escondido pela folhagem, ele não poderia ser visto, mas via toda a sala, grande cômodo mobiliado com uma vintena de cadeiras, uma mesa e um largo banco de igreja.

Quarenta minutos mais tarde, o barão penetrava o recinto com um de seus amigos. Raoul não se enganara em suas previsões.

O barão Godefroy d'Étigues tinha a musculatura de um lutador de circo e um rosto cor de tijolo, que um colar de barba ruiva circundava, e seu olhar era penetrante e enérgico. Seu companheiro, um primo que Raoul conhecia de vista chamado Oscar de Bennetot, dava essa mesma impressão de nobre provinciano normando, mas com mais vulgaridade e mais corpulência. Naquele momento, ambos pareciam muito agitados.

— Depressa — ordenou o barão. — La Vaupalière, Rolleville e D'Auppegard vão se juntar a nós. Às quatro horas, será Beaumagnan quem vai chegar com o príncipe D'Arcole e de Brie pelo pomar, cuja grande porta já abri… E depois… E depois… Será a vez *dela*… Se, por sorte, ela cair na armadilha.

— Duvido — murmurou Bennetot.

— Por quê? Ela encomendou um cupê. O cupê estará lá e ela entrará nele. D'Ormont, que estará dirigindo, vai trazê-la para nós. Na costa dos Quatro-Caminhos, Roux d'Estiers saltará sobre o veículo, abrirá a porta e terá a dama sob controle, a qual os dois vão amarrar. Isso será inevitável.

Tinham se aproximado do lugar acima do qual Raoul os escutava. Bennetot cochichou:

— E depois?

— Depois explicarei a situação a nossos amigos, o papel dessa mulher…

— E você acha que vão concordar em condená-la?

— Quer concordem ou não, o resultado será o mesmo. Beaumagnan está exigindo isso. Podemos recusar?

— Ah, esse homem vai ser a ruína de todos nós — falou Bennetot.

O barão D'Étigues deu de ombros.

— É preciso um homem como ele para lutar contra uma mulher como ela. Você deixou tudo preparado?

— Sim, os dois barcos estão na praia, abaixo da Escadaria do Padre. O menorzinho está furado e afundará dez minutos depois de o colocarmos na água.

— Você colocou uma pedra nele?

— Sim, um grande seixo furado que será amarrada ao aro com uma corda.

Eles se calaram.

Nenhuma das palavras proferidas havia escapado de Raoul d'Andrésy, e nenhuma delas deixou de atiçar ao máximo sua ardente curiosidade.

— Minha nossa! — pensou. — Eu não trocaria meu lugar de camarote por um império. Que canalhas! Falando de matar como quem fala de trocar de cueca!

Godefroy d'Étigues, sobretudo, o espantava. Como a doce Clarisse podia ser filha daquela figura sombria? O que ele estava buscando? Quais motivos obscuros o conduziam? Raiva, cupidez, desejo de vingança, instintos de crueldade? Evocava a imagem de um carrasco de outrora, pronto para alguma sinistra vergonha. Chamas iluminavam sua face arroxeada e sua barba ruiva.

Os outros três convidados chegaram de repente. Familiares na propriedade de Haie d'Étigues, Raoul os avistara ali com frequência. Uma vez sentados, deram as costas às janelas que iluminavam a sala, de modo que seus rostos permaneciam em uma espécie de penumbra.

Somente às quatro horas, dois recém-chegados entraram. Um deles, mais velho, de silhueta militar, estrangulado em sua sobrecasaca, e usando no queixo uma barbicha imperial, como chamavam no tempo de Napoleão III, deteve-se na soleira da porta.

Todos se levantaram para ficar diante do outro, que Raoul não hesitou em considerar como o autor da carta não assinada, aquele que esperavam e que o barão havia designado pelo nome de Beaumagnan.

Embora fosse o único a não ter nem título nem preposição, foi recebido como um chefe, com uma diligência que convinha à sua atitude de dominação e ao seu olhar autoritário. Barbeado, rosto flácido, magníficos olhos negros impregnados de paixão, algo de severo e até mesmo de ascético em suas maneiras, assim como em suas vestimentas, ele tinha ares de uma pessoa importante da igreja.

Rogou que tivessem a gentileza de se sentarem outra vez, desculpou-se pelo amigo que ele não pudera trazer, o conde de Brie, e introduziu seu companheiro, que logo apresentou:

— O príncipe D'Arcole… Os senhores sabem, não é? O príncipe D'Arcole era dos nossos, mas o acaso quis que ele estivesse ausente em nossas reuniões e que sua vontade se impusesse de longe, e da melhor maneira, aliás. Hoje, seu testemunho nos é necessário, posto que já por duas vezes, em 1870, o príncipe D'Arcole encontrou a criatura infernal que nos ameaça.

Raoul, que logo fizera o cálculo, sentiu alguma decepção: "a criatura infernal" devia ter passado dos cinquenta, já que seus encontros com o príncipe D'Arcole haviam acontecido vinte e quatro anos antes.

No entanto, enquanto o príncipe tomava lugar entre os convidados, Beaumagnan puxava de lado Godefroy d'Étigues. O barão lhe entregou um envelope, contendo sem dúvida alguma a carta comprometedora. Depois tiveram em voz baixa uma conversa bastante agitada, a qual Beaumagnan cortou bruscamente com um gesto de comando enérgico.

"Inadequado esse senhor", Raoul disse a si mesmo. "O veredicto é formal. É preciso cortar o mal pela raiz. O afogamento iria acontecer, pois bem parece que essa foi a solução imposta."

Beaumagnan passou para a última fileira. Mas, antes de se sentar, assim se expressou:

— Meus amigos, os senhores sabem o quanto o atual momento é grave para nós. Todos bem unidos e de acordo quanto ao objetivo magnífico que queremos alcançar, empreenderemos um plano conjunto de importância considerável. Parece-nos, com razão, que os interesses do país, os de nosso partido, os de nossa religião, e eu não separo uns dos outros, estão ligados ao sucesso de nossos projetos. Ora, esses projetos, já há algum tempo, chocam-se com a audácia e com a hostilidade implacável de uma mulher que, dispondo de certas indicações, lançou-se em busca do segredo que estamos quase descobrindo. Se ela o alcançar antes de nós, será a ruína de todos os nossos esforços. Ela ou nós, não há lugar para ambos. Desejamos ardentemente que a batalha em curso seja decidida em nosso favor.

Beaumagnan sentou-se e, apoiando os dois braços no encosto de uma cadeira, dobrou sua alta figura como se não quisesse ser visto.

E os minutos correram.

Entre aqueles homens, reunidos ali por uma causa que deveria ter suscitado conversas, o silêncio foi absoluto, tamanha era a atenção de todos, voltada para os ruídos longínquos que poderiam advir do campo. A captura daquela mulher obcecava o espírito de todos eles. Tinham pressa de ver e de conter sua adversária.

O barão d'Étigues levantou o dedo. Começava-se a escutar o ritmo surdo de passos de um cavalo.

— É meu cupê — disse ele.

Sim, mas a inimiga se encontrava ali?

O barão dirigiu-se até a porta. Como de hábito, o pomar estava vazio, os funcionários sempre só tinham o que fazer na sala de honra situada na ala principal.

O ruído se aproximava. A carruagem deixou a estrada e atravessou o campo. Depois, de repente, apareceu entre os dois pilares da entrada. O condutor fez um gesto e o barão declarou:

— Vitória! Nós a pegamos.

O cupê parou. D'Ormont, que estava conduzindo, saltou rapidamente. Roux d'Estiers lançou-se para fora da carruagem. Ajudados pelo barão, tiraram do interior uma mulher cujas pernas e mãos estavam amarradas. Uma faixa de gaze envolvia sua cabeça. Eles a transportaram até o banco de igreja que marcava o meio da sala.

— Sem a menor dificuldade — contou D'Ormont. — Ao sair do trem, ela se esgueirou para dentro da carruagem. Em Quatro-Caminhos, nós a pegamos sem que tivesse tempo de dizer um A.

— Tirem a faixa — ordenou o barão. — Aliás, bem podemos também lhe dar liberdade de movimentos.

Ele mesmo desamarrou os laços.

D'Ormont tirou o véu e descobriu a cabeça dela.

Houve, entre os presentes, uma exclamação de estupor, e Raoul, do alto de seu posto, de onde percebia a cativa em plena luz, sentiu a mesma comoção de surpresa vendo aparecer uma mulher em todo o esplendor da juventude e da beleza.

Mas um grito dominou os murmúrios. O príncipe D'Arcole tinha avançado até a primeira fileira, e, contraindo o rosto e arregalando os olhos, balbuciou:

— É ela… É ela… Eu a reconheço… Ah! Que coisa assustadora!

— O que houve? — perguntou o barão. — O que há de assustador? Pode se explicar?

E o príncipe D'Arcole proferiu a seguinte frase incompreensível:

— *Ela está com a mesma idade que tinha há vinte e quatro anos!*

A mulher estava sentada e mantinha o tronco reto, os punhos serrados sobre os joelhos. Seu chapéu devia ter se perdido quando foi capturada, e seus cabelos meio despenteados caíam para trás, em uma massa espessa contida por um pente de ouro, enquanto duas mechas com reflexos castanho-avermelhados se dividiam igualmente acima de sua testa, um

pouco ondulados nas têmporas.

O rosto era admiravelmente belo, formado por linhas perfeitas e animado por uma expressão que, mesmo na impassibilidade, mesmo em meio ao pavor, parecia um sorriso. Com um queixo mais para fino, maçãs do rosto ligeiramente salientes, olhos amendoados, e pálpebras pesadas, ela lembrava aquelas mulheres de Da Vinci, ou melhor, de Bernardino Luini[3], nas quais toda a graça residia em um sorriso que não se vê, mas que se insinua, e que comove e inquieta ao mesmo tempo. Suas roupas eram simples: sob um casaco de viagem que ela deixou cair, um vestido de lã cinza realçava sua altura e seus ombros.

"Credo!", pensou Raoul, que não desviava o olhar, "ela parece bem inofensiva, uma criatura infernal e magnífica! E eles se juntaram em nove ou dez para lutar contra ela?"

Ela observava atentamente aqueles que a rodeavam, D'Étigues e seus amigos, esforçando-se para distinguir os outros, na penumbra.

Ao fim, ela disse:

— O que querem de mim? Não conheço nenhuma das pessoas que estão aqui. Por que me trouxeram para cá?

— A senhora é nossa inimiga — declarou Godefroy d'Étigues.

Ela balançou a cabeça docemente.

— Inimiga de vocês? Deve haver aí alguma confusão. Os senhores têm certeza de que não se enganaram? Eu sou a madame Pellegrini.

— A senhora não é a madame Pellegrini.

— Estou afirmando que sou…

— Não — repetiu o barão Godefroy, com uma voz forte.

E acrescentou as seguintes palavras, tão desconcertantes quanto aquelas proferidas pelo príncipe d'Arcole:

— *Pellegrini era um dos nomes sob o qual se disfarçava, no século XVIII, o homem do qual a senhora se passava por filha.*

Ela não respondeu na mesma hora, como se não tivesse captado o absurdo da frase. Depois, perguntou:

— Segundo os senhores, como então eu me deveria me chamar?

— *Joséphine Balsamo, condessa de Cagliostro.*

---

[1] O nome Lovelace pode referir-se a vários membros de uma antiga família inglesa, que detinham o título de barões de Lovelace entre meados de 1530 e 1740. Em 1838, passaram a condes, com a nomeação de William King-Noel (1805-1893), primeiro conde de Lovelace, hoje mais conhecido por ter sido o marido de Ada Lovelace (1815-1852), a matemática que criou o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, sendo a primeira programadora da história. Foi a única filha legítima de Lorde Byron (1788-1824). No caso, a referência provavelmente menciona o fato de que Raoul não era um nobre inglês do século XIX condicionado a seguir rigorosos costumes e normas de etiqueta e que, portanto, poderia se permitir uma visita à Clarisse, por mais inapropriado que pudesse parecer. (N.T.)

[2] O narrador se refere à preposição que antecede alguns sobrenomes franceses, exclusividade das famílias nobres tradicionais. Ao desejar um genro detentor de uma preposição, o barão fazia, portanto, questão de uma longa linhagem de nobreza. (N.T.)

[3] Bernardino Luini (c. 1480-1532) foi um pintor italiano que trabalhava com Leonardo da Vinci (1452-1519); muitas de suas obras acabaram sendo falsamente atribuídas a Da Vinci. (N.T.)

Joséphine Balsamo, nascida em 1788...

Cagliostro[4]! A extraordinária personagem que intrigou tão vivamente a Europa e agitou tão profundamente a corte da França sob o reinado de Luís XVI! O colar da rainha… O cardeal de Rohan… Maria Antonieta… Que episódios perturbadores da existência mais misteriosa.

Um homem bizarro, enigmático, dotado do gênio da intriga, que dispunha de um real poder de dominação e sobre o qual ainda não fora lançada toda a luz.

Impostor? Quem sabe? Temos o direito de negar que alguns seres de sentidos mais refinados podem lançar sobre o mundo dos vivos e dos mortos olhares que nos são proibidos? Devemos tratar como charlatão ou como louco aquele em quem renascem lembranças de suas existências passadas, e que, lembrando-se do que viu, beneficiando-se de aquisições anteriores, de segredos perdidos e de certezas esquecidas, aproveita um poder que chamamos de sobrenatural, quando consiste apenas na valorização, hesitante e balbuciante, de forças que talvez estejamos quase reduzindo à escravidão?

Se Raoul d'Andrésy, no fundo de seu observatório, permanecia cético, e se ria consigo mesmo — talvez não sem alguma reticência — da reviravolta que dominava os acontecimentos, parecia que os presentes aceitavam de antemão como realidades indiscutíveis as mais extravagantes alegações. Possuiriam então a respeito desse assunto provas e noções particulares? Teriam encontrado naquela que, segundo eles, se passava pela filha de Cagliostro, os dons da clarividência e da adivinhação que outrora fora atribuída ao célebre taumaturgo, e pelas quais o consideravam mágico e feiticeiro?

Godefroy d'Étigues, o único entre todos que permanecia de pé, inclinou-se sobre a jovem moça e lhe disse:

— O nome de Cagliostro também é o seu, não é?

Ela refletiu. Parecia que, cuidando de sua própria defesa, buscava a melhor resposta e que queria, antes de se aprofundar na questão, conhecer as armas das quais o inimigo dispunha. Portanto, replicou, calmamente:

— Nada me obriga a lhes responder e tampouco o senhor tem o direito de me interrogar. No entanto, por que eu negaria que, embora minha certidão de nascimento traga o nome Joséphine Pellegrini, por capricho, eu me apresento como Joséphine Balsamo, condessa de Cagliostro? Uma vez que os dois nomes, Cagliostro e Pellegrini, completam a personalidade de Joseph Balsamo, que sempre me interessou.

— De quem, segundo a senhora, por consequência, e contrariando algumas de suas declarações — especificou o barão — a senhora não seria descendente direta?

Ela deu de ombros e se calou. Aquilo era prudência? Desdém? Protesto contra um tal absurdo?

— Não quero considerar esse silêncio nem como uma confissão, nem como uma negação — retomou Godefroy d'Étigues, virando-se para seus amigos. — As palavras dessa mulher não têm nenhuma importância e só seria tempo perdido refutá-las. Estamos aqui para tomar decisões audaciosas sobre um caso que todos conhecemos em seu conjunto, mas sobre o qual a maior parte de nós ignora alguns detalhes. Portanto, é indispensável relembrar os fatos. Eles serão resumidos tão brevemente quanto possível no testemunho que vou ler para os senhores e que rogo que escutem com atenção.

E, pausadamente, leu algumas páginas, que, Raoul não duvidava, deveriam ter sido redigidas por Beaumagnan.

— No começo de março de 1870, isto é, quatro meses antes da guerra entre a França e a Prússia, em meio à multidão de estrangeiros que abarrotava Paris, repentinamente ninguém chamava mais atenção do que a condessa de Cagliostro. Bela, elegante, gastando rios de dinheiro, quase sempre sozinha, ou acompanhada de um jovem rapaz que apresentava como seu irmão, por onde quer que passasse, em todos os salões que a recebiam, foi objeto da mais viva curiosidade. Primeiro, seu nome intrigava, e, depois, a maneira realmente impressionante que tinha de se parecer com

o famoso Cagliostro, por seus traços misteriosos, algumas curas milagrosas que efetuou, as respostas que dava às pessoas que a consultavam sobre o passado ou o futuro. O romance de Alexandre Dumas tinha deixado na moda a figura de Joseph Balsamo, o autoproclamado conde de Cagliostro. Usando os mesmos procedimentos, e sendo ainda mais audaciosa, ela se gabava de ser a filha de Cagliostro, afirmava conhecer o segredo da juventude eterna e, sorrindo, falava de tais encontros que tivera ou de tais acontecimentos pelos quais passara durante o reinado de Napoleão I.

"Seu prestígio foi tamanho que forçou as portas das Tulherias e apareceu na corte de Napoleão III. Falava-se inclusive de sessões privadas nas quais a imperatriz Eugénie reunia ao redor da bela condessa seus súditos mais íntimos. Um número clandestino do jornal satírico *Le Charivari*, que, aliás, logo foi apreendido, conta-nos sobre uma sessão à qual assistia um de seus ocasionais colaboradores. Destaco essa passagem:

Alguma coisa de Monalisa. *Uma expressão que não muda muito, mas que quase não se pode definir, que é tanto acalentadora e ingênua quanto cruel e perversa. Tanta experiência no olhar e amargura em seu sorriso imutável, que se poderia lhe conceder então os oitenta anos que ela mesma se atribui. Nesses momentos, ela tira de seu bolso um pequeno espelho de ouro, verte nele duas gotas de um frasco imperceptível, seca-o e se contempla. E, de novo, eis a adorável juventude.*

Como nós a interrogamos, ela nos respondeu:

"Este espelho pertencia a Cagliostro. Para aqueles que se olham nele com confiança, o tempo para. Veja, a data está gravada na moldura, 1783, e a ela se seguem quatro linhas que são a enumeração de quatro grandes enigmas. Esses enigmas que ele se propusera a decifrar foram conseguidos da própria boca da rainha Maria Antonieta, e ele dizia, segundo me contaram, que aquele que os solucionasse seria o rei dos reis."

"Podemos saber quais são?", perguntou alguém.

"Por que não? Conhecê-los não é o mesmo que os decifrar, e o próprio Cagliostro não teve tempo para isso. Nada posso, portanto, transmitir-lhes além de alcunhas, de títulos. Eis aqui a lista[5]*:*

In robore fortuna[6]

O mármore dos reis da Boêmia

A fortuna dos reis da França

O candelabro de sete braços.”

Ela fala em seguida a cada um de nós e nos faz revelações que nos tomam de espanto.

Mas esse era apenas um prelúdio, e a imperatriz, apesar de se recusar a fazer qualquer questãozinha que lhe dissesse respeito pessoalmente, bem queria perguntar alguns esclarecimentos relativos ao futuro.

Que Sua Majestade tenha a boa graça de soprar de levinho”, disse a condessa estendendo o espelho.

E, de repente, tendo examinado a superfície que o sopro embaçara, ela murmurou:

“Estou vendo coisas belas… Uma grande guerra neste verão… A vitória… O retorno das tropas sob o Arco do Triunfo… Estão aclamando o imperador… O príncipe imperial.”

“Assim diz — retoma Godefroy d’Étigues — o documento que nos foi comunicado. Documento desconcertante, já que foi publicado várias semanas antes de a guerra ser anunciada. Quem era essa mulher? Quem era essa aventureira, cujas predições perigosas, agindo sobre a mente bastante fraca da infeliz soberana, não deixaram de provocar a catástrofe de 1870? Alguém (lendo o mesmo número do *Charivari*) lhe teria dito um dia:

“—Filha de Cagliostro, que seja, mas quem é a sua mãe?

“—Para encontrar minha mãe — respondeu ela —, busque bem alto, entre os contemporâneos de Cagliostro… Mais alto ainda… Sim, aí está… Joséphine de Beauharnais, futura esposa de Bonaparte, futura imperatriz…”

“A polícia de Napoleão III não podia ficar inativa. Ao fim de junho, entregava um relatório sucinto, estabelecido por um de seus melhores agentes, resultado de uma pesquisa difícil. Vou lê-lo:

“Os passaportes italianos da *signorina*, sempre fazendo reservas sobre a data de nascimento — escreveu o agente —, estão atribuídos ao nome de Joséphine Pellegrini-Balsamo, condessa de Cagliostro, nascida em Palermo, em 29 de junho de 1788. Tendo ido a Palermo, consegui descobrir os antigos registros da paróquia de Mortarana e, em um deles, na data de 29 de julho de 1788, encontrei a declaração de nascimento de Joséphine

Balsamo, filha de Joseph Balsamo e de Joséphine de la P., súdita do rei da França.

"Seria aquela Joséphine Tascher de la Pagerie, nome de solteira da esposa divorciada do visconde de Beauharnais e da futura esposa do general Bonaparte? Fiz buscas nessa direção e, na sequência de investigações pacientes, soube, por cartas manuscritas de um lugar-tenente da Jurisdição de Paris, que estava perto de prender, em 1788, o Lorde Cagliostro que, embora expulso da França, após o caso do Colar[7], morava em um pequeno hotel de Fontainebleau usando o nome de Pellegrini, onde recebia todos os dias uma dama alta e magra. Ora, Joséphine de Beauharnais também habitava Fontainebleau naquela época. Ela era alta e magra. Na véspera do dia marcado para a prisão, Cagliostro desapareceu. No dia seguinte, brusca partida de Joséphine de Beauharnais[8]. Um mês mais tarde, em Palermo, nascimento da criança.

"Essas coincidências não deixam de ser impressionantes. Mas como adquirem valor quando as aproximamos desses dois fatos! Dezoito anos antes, a imperatriz Joséphine introduz no Castelo de Malmaison uma jovem garota que fazia passar por sua afilhada, e que ganha afeição do imperador ao ponto de Napoleão brincar com ela como se fosse uma criança. Qual é o nome dela? Joséphine, ou melhor, Josine.

"Queda do Império. O czar Alexandre I acolhe a tal Josine e a envia para a Rússia. Qual título ela pega para si? Condessa de Cagliostro."

O barão D'Étigues deixa se prolongarem essas últimas palavras no silêncio. Todos o escutaram com uma profunda atenção. Raoul, aturdido por aquela história incrível, tentava captar no rosto da condessa o reflexo da emoção ou de outro sentimento qualquer. Mas ela permanecia impassível, com seus belos olhos sempre um pouco sorridentes.

E o barão prosseguiu:

— Esse relatório, e, provavelmente, a influência perigosa que a condessa exercia nas Tulherias, devia cortar logo a sua sorte. Um mandato de extradição foi assinado contra ela e contra seu irmão. O irmão seria mandado para a Alemanha; ela, para a Itália. Uma manhã, ela chegava a Modane, onde um jovem oficial a conduzira. Ele se inclinou diante dela e a saudou. Aquele oficial se chamava príncipe D'Arcole. Foi ele quem conseguiu os dois documentos, o número do *Charivari* e o relatório secreto cujo original está entre suas mãos com seus timbres e assinaturas. Foi ele

afinal quem, agora há pouco, certificava diante dos senhores a identidade indubitável da pessoa que viu naquela manhã e dessa que está vendo hoje.

O príncipe D'Arcole se levantou e articulou, gravemente:

— Não acredito em milagres e, no entanto, o que estou dizendo é a confirmação de um milagre. Mas a verdade me obriga a declarar em nome da minha honra de soldado que esta mulher é a mulher que eu cumprimentei na estação de Modane há vinte e quatro anos.

— Que o senhor só cumprimentou? Sem nem uma palavra de cortesia? — insinuou Joséphine Balsamo.

Ela tinha se virado para o príncipe e o interrogava com uma voz animada, na qual havia alguma ironia.

— O que a senhora quer dizer?

— Quero dizer que oficiais franceses costumam ser corteses demais para se despedir de uma bela mulher com um simples "oi" protocolar.

— E isso significa o quê?

— Isso significa que o senhor bem deve ter proferido algumas palavras.

— Talvez. Não me lembro mais disso… — disse o príncipe D'Arcole com um pouco de embaraço.

— O senhor se inclinou na direção da exilada, meu senhor. Beijou-lhe a mão um pouco mais demoradamente do que seria necessário e o senhor lhe disse: "Eu espero, madame, que os instantes que tive o prazer de passar ao seu lado não tenham sido de todo vãos. De minha parte, jamais os esquecerei". E o senhor repetiu, sublinhando com um acento particular sua intenção de galanteio: "Jamais, a senhora está entendendo? Jamais…"

O príncipe D'Arcole parecia um homem muito bem-educado. No entanto, ante a evocação exata do minuto transcorrido um quarto de século antes, ele ficou tão perturbado que murmurou:

— Meu pai do Céu!

Mas, logo se recompondo, disse em tom brusco, na ofensiva:

— Esqueci, madame. Se a lembrança daquele encontro já foi agradável, a lembrança da segunda vez a apagou.

— Qual segunda vez, meu senhor?

— Foi no começo do ano seguinte, em Versalhes, onde eu acompanhava as delegações francesas encarregadas de negociar a paz da derrota. Eu a avistei em um café, sentada diante de uma mesa, bebendo e rindo com oficiais alemães, um dos quais era oficial de ordenança de

Bismarck[9]. Naquele dia, entendi seu papel no Palácio das Tulherias e que a senhora era a emissária.

Todas aquelas revelações, todas aquelas peripécias de uma vida de aparência fabulosa, se desenrolaram em menos de dez minutos. Nenhuma argumentação. Nenhuma tentativa de lógica e de eloquência para impor uma tese inconcebível. Nada além de fatos. Nada além de evidências resumidas, violentas, afirmadas como socos na cara, e ainda mais espantosas por evocarem, contra uma mulher bem jovem, algumas lembranças que remontavam a mais de um século!

Raoul d'Andrésy não conseguia acreditar. A cena lhe parecia sair de um romance, ou melhor, de algum melodrama fantástico e tenebroso, e os conjurados lhe pareciam também fora de qualquer realidade, todos escutando aquelas históricas como se tivessem o valor de fatos indiscutíveis. Claro, Raoul não ignorava a mediocridade intelectual daqueles lordes provincianos, últimos vestígios de outra época. Mas, mesmo assim, como conseguiam abstrair os próprios fatos do problema que a idade atribuída a essa mulher lhes colocava? Por mais crédulos que fossem, não tinham olhos para ver?

Diante deles, aliás, a atitude da Cagliostro parecia ainda mais estranha. Por que aquele silêncio, que, no fim das contas, era uma aceitação, e talvez até uma confissão? Ela se recusava a demolir uma lenda de eterna juventude que lhe concedia e favorecia a realização de seus desígnios? Ou então, inconsciente do aterrador perigo pairando sobre sua cabeça, considerava toda aquela encenação como uma simples brincadeira?

— Assim aconteceu — concluiu o barão D'Étigues. — Não insistirei nos episódios intermediários que ligam tudo ao dia de hoje. Sempre permanecendo nos bastidores, Joséphine Balsamo, condessa de Cagliostro, esteve envolvida na tragicomédia do Boulangismo, no drama do Panamá[10] (pois nós a encontramos em todos os acontecimentos funestos em nosso país). Mas, quanto a isso, temos apenas algumas indicações referentes ao papel secreto que ela desempenhou. Nenhuma prova. Passamos por isso e chegamos à época atual. Só mais uma palavra, no entanto. Sobre todos esses pontos, a senhora não teria observações a apresentar?

— Sim — disse ela.

— Pois então fale.

A jovem mulher proferiu, com sua mesma entonação um tanto quanto zombeteira:

— Como os senhores parecem estar conduzindo meu julgamento e o estão fazendo à maneira de um tribunal da Idade Média, gostaria de saber se para os senhores conta para alguma coisa as acusações acumuladas até aqui contra mim? Nesse caso, seria melhor me condenar de uma vez a ser queimada viva, como feiticeira, espiã, herege, todos os crimes que a Santa Inquisição não perdoava.

— Não — respondeu Godefroy d'Étigues. — Essas diversas aventuras somente foram reportadas para dar uma imagem da senhora tão clara quando possível.

— O senhor crê ter dado uma imagem minha tão clara quanto possível?

— Do ponto de vista que nos interessa, sim.

— Os senhores se contentam com pouco. E qual relação veem entre essas diferentes desventuras?

— Vejo relações de três tipos. Primeiro, o testemunho de todas as pessoas que a reconheceram, e graças às quais conseguimos voltar, pouco a pouco, aos dias mais distantes. Em seguida, a confissão de suas pretensões.

— Qual confissão?

— A senhora repetiu ao príncipe D'Arcole os termos exatos da conversa que aconteceu entre ele e a senhora na estação de Modane.

— De fato — disse ela. — E depois…?

— E depois aqui estão três retratos. Os três a representam bem, não é?

Ela os olhou e declarou:

— Esses três retratos me representam.

— Pois bem — falou Godefroy d'Étigues —, o primeiro é um retrato em miniatura pintado em 1816, em Moscou, de Josine, condessa de Cagliostro. O segundo, que é essa fotografia, data de 1870. Essa aqui é a última, tirada recentemente em Paris. Os três retratos estão assinados pela senhora. Mesma assinatura. Mesma letra. Mesmo traço.

— O que isso prova?

— Isso prova que a mesma mulher…

— … que a mesma mulher — interrompeu ela — conserva em 1894 o rosto que tinha em 1816 e em 1870. Logo, já pra fogueira!

— Não zombe, senhora. Bem sabe que entre nós o riso é uma blasfêmia abominável.

Ela fez um gesto de impaciência e bateu o braço do banco.

— Mas enfim, meu senhor, vamos acabar com essa palhaçada? O que está acontecendo? Do que os senhores estão me culpando? Por que estou aqui?

— A senhora está aqui, madame, para nos prestar contas dos crimes que cometeu.

— Quais crimes?

— Meus amigos e eu éramos doze, doze que tínhamos o mesmo objetivo. Somos apenas nove agora. Os outros três estão mortos, assassinados pela senhora.

Uma sombra, ao menos Raoul d'Andrésy acreditou discerni-la ali, pairou como uma nuvem no sorriso da Monalisa. De repente, aliás, o belo rosto retomou sua expressão costumeira, como se nada pudesse alterar a paz daquela mulher, nem mesmo a terrível acusação lançada contra ela com tanta virulência. Até seria possível dizer que os sentimentos habituais lhe eram desconhecidos, ou então que não eram traídos por esses sinais de indignação, revolta e horror que transtornam todos os seres. Que anomalia! Culpada ou não, outra pessoa teria se rebelado, já *ela* se calava e nenhum indício permitia saber se era por cinismo ou por inocência.

Os amigos do barão permaneciam imóveis, os rostos glaciais e contraídos. Atrás daqueles que o escondiam quase inteiramente aos olhares da jovem Joséphine Balsamo, Raoul percebia Beaumagnan. Com os braços apoiados na cadeira, mantinha o rosto entre as mãos. Mas os olhos cintilavam por entre os vãos dos dedos e se prendiam bem no rosto da inimiga.

Em meio ao grande silêncio, Godefroy d'Étigues pronunciou a declaração de acusação, ou melhor, as três declarações da formidável acusação. Falou secamente, como o fizera até ali, sem detalhes inúteis, sem levantar a voz, mais como se lesse as atas de um processo.

— Há dezoito meses, Denis Saint-Hébert, o mais jovem dentre nós, caçava em suas terras nos arredores do Havre. No fim da tarde, deixou seu funcionário e seu segurança, jogou sua espingarda sobre o ombro e foi ver do alto da falésia o sol se pôr no mar. Ele não voltou de noite. No dia seguinte, encontraram seu cadáver sobre os rochedos que o mar desvelara.

"Suicídio? Denis Saint-Hébert era rico, tinha boa saúde e humor alegre. Por que se suicidaria? Crime? Sequer pensou-se nisso. Logo, acidente.

“No mês de junho que se seguiu, outro luto para nós, em condições análogas. Georges d’Isneauval caçava gaivotas logo cedo, ao pé das falésias de Dieppe, e escorregou nas algas de maneira tão lamentável que sua cabeça bateu contra um rochedo e ele caiu inanimado. Algumas horas mais tarde, dois pescadores o viram. Estava morto. Deixou mulher e duas filhas pequenas.

“Também aí foi acidente, não é? Sim, acidente para a viúva, para as duas órfãs, para a família… Mas para nós? Será possível que uma segunda vez o acaso tivesse atacado o pequeno grupo que formamos? Doze amigos se associam para descobrir um grande segredo e atingir um objetivo de um alcance considerável. Dois dentre eles são abatidos. Não se deve supor uma maquinação criminosa que, ao atacá-los, acaba por atacar ao mesmo tempo seus projetos?

“Foi o príncipe D’Arcole que nos abriu os olhos e nos conduziu ao caminho certo. O próprio príncipe D’Arcole sabia que não éramos os únicos a conhecer a existência desse grande segredo. Ele sabia que, durante uma sessão na casa da imperatriz Eugénie, haviam evocado uma lista de quatro enigmas transmitida por Cagliostro a seus descendentes, e que um deles se chamava precisamente, como aquele que nos interessa: o enigma do candelabro de sete braços. Em consequência disso, não seria preciso buscar respostas entre aqueles a quem a lenda poderia ter sido transmitida?

“Graças aos poderosos meios de investigação dos quais dispomos, em quinze dias, nossa busca teve êxito. Em um hotel particular de uma rua solitária de Paris, habitava uma senhora Pellegrini, que vivia bastante retirada e desaparecia com frequência por meses inteiros. Com uma grande beleza, mas de aparência bastante discreta, e como se desejosa de passar despercebida, frequentava, usando o nome de condessa de Cagliostro, alguns meios onde se interessam por magia, ocultismo e missas negras.

“Conseguimos arranjar sua fotografia, esta aqui, e enviá-la ao príncipe D’Arcole, que estava então viajando pela Espanha. Ele reconheceu estupefato a mesma mulher que outrora vira.

“Inquirimos sobre suas movimentações. No dia da morte de Saint-Hébert, nos arredores do Havre, ela estava de passagem pelo Havre. De passagem por Dieppe, quando Georges d’Isneauval agonizava aos pés das falésias de Dieppe!

“Interroguei as famílias. A viúva de Georges d’Isneauval me confiou que seu marido, naqueles últimos tempos, tivera uma ligação com uma mulher que, segundo ela, fizera-o sofrer infinitamente. Por outro lado, uma confissão manuscrita de Saint-Hébert, encontrada em seus papéis, e guardada até aqui por sua mãe, revelou-nos que nosso amigo, tendo a imprudência de anotar nossos doze nomes e algumas indicações relativas ao candelabro de sete braços, teve seu caderno surrupiado por uma mulher.

“Desde então, tudo se explicava. Detentora de uma parte de nossos segredos, e desejando conhecer ainda mais sobre eles, a mesma mulher, que Saint-Hébert havia amado, conquistara os amores de Georges d’Isneauval. Depois, tendo ouvido suas confidências, e temendo ser denunciada por eles a seus amigos, ela os matou. Essa mulher está aqui, diante de nós.”

Godefroy d’Étigues fez uma nova pausa. O silêncio se tornou avassalador, tão pesado que os juízes pareciam imobilizados naquela atmosfera opressiva e carregada de angústia. Só a condessa de Cagliostro mantinha um ar distraído, como se nenhuma palavra a houvesse atingido.

Ainda deitado em seu esconderijo, Raoul d’Andrésy admirava a beleza encantadora e voluptuosa da jovem dama e, ao mesmo tempo, experimentava um mal-estar em ver tantas provas se acumularem contra ela. A declaração de acusação a cercava cada vez mais perto. De toda parte, os fatos vinham de assalto, e Raoul apenas temia que um ataque ainda mais direto a ameaçasse.

— Devo lhes falar do terceiro crime? — perguntou o barão.

Ela replicou com um tom de lassidão:

— Se isso lhe deixar feliz. Tudo o que o senhor me diz é sem sentido. O senhor está falando de pessoas das quais eu sequer sabia o nome. Então, um crime a mais ou a menos…

— A senhora não conhecia Saint-Hébert e D’Isneauval?

Ela deu de ombros sem responder.

Godefroy d’Étigues se inclinou, depois disse com uma voz mais baixa:

— E Beaumagnan?

Ela levantou para o barão Godefroy os olhos ingênuos:

— Beaumagnan?

— Sim, o terceiro de nossos amigos que a senhora matou, não? A morte dele não faz muito tempo… Algumas semanas… Foi envenenado… A

senhora não o conhecia?

---

[4] Giuseppe Balsamo (ou Joseph, em francês), mais conhecido como Alessandro, conde de Cagliostro (1743-1795), foi um conhecido ocultista e alquimista dotado de controversos e contestados poderes místicos. Sua vida foi romanceada por Alexandre Dumas (1802-1870), que lhe dedicou os livros *Joseph Balsamo* (1846), *O Colar da Rainha* (1849) e *A condessa de Charny* (1853). (N.T.)

[5] O primeiro enigma foi explicado por uma jovem garota (Ver *Dorothé, dançarina de corda*). Os dois seguintes, por Arsène Lupin (ver *A Ilha dos trinta caixões* e *A Agulha Oca*). O quarto é o tema deste livro. (N.A.)

[6] Expressão latina que significa "Na força da sorte". (N.T.)

[7] "O caso do colar da rainha" foi um golpe que de fato aconteceu na corte do rei Luís XVI de França, quando o cardeal Rohan foi enganado para comprar um colar de diamantes caríssimo que supostamente era destinado à rainha Maria Antonieta, mas esse acabou sendo roubado e vendido em Londres. Após a revelação do que havia acontecido, o cardeal, Cagliostro (que o havia ajudado e aconselhado) e mais de uma dúzia de pessoas, incluindo vários nobres, foram presos em um processo que gerou grande escândalo e abalou a imagem do rei e da rainha que, não por acaso, viriam a ser decapitados durante a Revolução Francesa, alguns anos depois. (N.T.)

[8] Até aqui nenhum dos biógrafos de Joséphine conseguiu explicar por que ela tinha escapado, de certa maneira, de Fontainebleau. Somente o Sr. Frédéric Masson, apresentando a verdade, escreveu: "Talvez encontraremos um dia alguma carta que especifique e afirme a necessidade *física* de sua partida". (N.A.)

[9] Otto von Bismarck (1815-1898) foi um nobre e militar prussiano, conhecido por ter unificado os povos germânicos em um único país, a atual Alemanha, e também por sua participação na guerra franco-prussiana. (N.T.)

[10] Boulangismo foi um movimento político francês, de feição ultranacionalista, em torno da figura de Georges Boulanger (1837-1891), conhecido por ter evitado uma guerra entre a Alemanha e a França no fim do século XIX. Já o "Drama do Panamá", também conhecido como "o Escândalo do Canal do Panamá", ocorrido entre 1888 e 1893, diz respeito a um caso de grande corrupção na Terceira República Francesa em uma companhia francesa responsável pela construção do célebre canal. (N.T.)

Um tribunal de inquisição

O que significava aquela acusação? Raoul olhava para Beaumagnan. Ele se levantara, sem endireitar sua alta figura e, passo a passo, escondendo-se atrás de seus amigos, acabava de sentar-se ao lado da própria Joséphine Balsamo. Esta, virada para o barão, não prestou atenção nele.

Então Raoul compreendeu o porquê de Beaumagnan ter se dissimulado e qual temível armadilha preparavam para a jovem. Se ela realmente tivesse desejado envenenar Beaumagnan, se realmente acreditava que ele estava morto, que assombro a estremeceria em face do próprio Beaumagnan, vivo e pronto a acusá-la! Se, ao contrário, sequer tremesse e aquele homem lhe parecesse tão estranho quanto os outros, que prova seria em seu favor!

Raoul se sentia ansioso e desejava tanto que ela conseguisse frustrar o complô que buscava meios de adverti-la de tudo. Mas o barão D'Étigues não largava sua presa e já retomava a fala:

— A senhora não se lembra desse crime também, não é mesmo?

Ela franziu o cenho, marcando por uma segunda vez um pouco de impaciência, e se calou.

— Talvez a senhora sequer tenha conhecido Beaumagnan, não é? — perguntou o barão, inclinado sobre ela, como um juiz de instrução que aguarda uma resposta desajeitada. Então diga! A senhora não o conhecia?

Ela não respondeu. Justamente por causa daquela insistência obstinada, ela devia estar desconfiando, pois seu sorriso se misturou com certa inquietação. Como uma fera sendo perseguida, farejou a emboscada e pressentiu as trevas no olhar dele.

Observou Godefroy d'Étigues, depois se voltou para o lado de Vaupalière e Bennetot, depois para o outro lado, aquele onde se mantinha

Beaumagnan…

Subitamente, fez um gesto atordoado, o sobressalto de alguém que percebe um fantasma, e seus olhos se fecharam. Estendeu as mãos para afastar a terrível visão que a chocava e escutaram-na balbuciar:

— Beaumagnan… Beaumagnan…

Aquilo era a confissão? Ela ia ceder e confessar seus crimes? Beaumagnan esperava. Com todas as suas forças visíveis, por assim dizer, com seus punhos cerrados, veias saltando na testa, seu amargo rosto convulsionado por um esforço sobre-humano de vontade, ele comprimia a crise de fraqueza onde qualquer resistência se despedaça.

Por um momento, acreditou ter sucesso. A jovem cedia e se entregava àquele que a dominava. Uma alegria cruel o transfigurou. Vã esperança! Escapando da vertigem, ela se recompôs. Cada segundo passado conferia-lhe um pouco de serenidade e aumentava seu sorriso, e ela proferiu, com aquela lógica que parece a própria expressão de uma verdade que não se pode contradizer:

— O senhor me assustou, Beaumagnan, pois havia lido nos jornais a notícia de sua morte. Mas por que seus amigos quiseram me enganar?

Raoul logo se deu conta de que tudo o que tinha se passado até ali não tinha importância. Os dois verdadeiros adversários se encontravam um diante do outro. Tão breve quanto devia ser, consideradas as armas de Beaumagnan e o isolamento da jovem dama, o combate real só estava para começar.

E não era mais o ataque tortuoso e contido do barão Godefroy, mas a agressão desordenada de um inimigo cuja cólera e a raiva exasperavam.

— Mentira! Mentira! — gritou. — Tudo na senhora é mentira. A senhora é a própria hipocrisia, a baixeza, a traição, o vício! Tudo o que há de ignóbil e de repugnante no mundo se esconde atrás de seu sorriso. Ah, esse sorriso! Que máscara abominável! Gostaríamos de arrancá-lo com tenazes avermelhadas pelo fogo.

"Esse seu sorriso é a morte, é a danação eterna para aquele que se deixa ser capturado por ele… Ah, que miserável é essa mulher…!"

A impressão que Raoul tivera, desde o começo, de estar assistindo àquela cena de inquisição, experimentou-a mais nitidamente ainda diante da fúria daquele homem que berrava a excomunhão com toda a força de um monge da Idade Média. Sua voz tremia de indignação. Seus gestos

ameaçavam, como se fosse apertar a garganta da ímpia, cujo divino sorriso fazia perder a cabeça e condenar aos suplícios do inferno.

— Acalme-se, Beaumagnan — disse-lhe ela, com um excesso de doçura que o irritou como se fosse um ultraje.

Apesar de tudo, tentou se conter e controlar as palavras que se espremiam dentro de si. Mas elas saíam de sua boca, ofegantes, precipitadas ou murmuradas, a ponto de seus amigos, a quem se dirigia agora, terem por vezes dificuldade em compreender a estranha confissão que ele lhes fez, batendo no próprio peito, semelhante aos crentes de outrora que tomavam o público como testemunha de seus erros.

— Fui eu que busquei a batalha logo após a morte de D'Isneauval. Sim, pensei que a feiticeira se voltaria ainda mais para perto de nós… E que eu seria mais forte que os outros…. Melhor preparado para a tentação… Vocês conheciam todos os meus planos naquela época, não é? Já dedicado ao serviço da Igreja, eu queria trajar a batina do padre. Estava, portanto, salvo do mal, protegido por compromissos formais, e mais ainda por todo o ardor da minha fé. E para lá me dirigi, até uma daquelas reuniões espíritas onde eu sabia que a encontraria.

"Ela de fato estava lá. Não tive necessidade de que o amigo que havia me levado me mostrasse quem era, e confesso que, na soleira da porta, uma apreensão obscura me fez hesitar. Eu a vigiei. Ela falava com poucas pessoas e se mantinha reservada, mais escutando, enquanto fumava cigarros.

"Segundo minhas instruções, meu amigo foi se sentar perto dela e começou a conversar com as pessoas de seu grupo. Depois, de longe, chamou meu nome. E vi a excitação do olhar dela, e sem contestação possível, que conhecia meu nome por já o ter lido no caderno roubado de Denis Saint-Hébert. Beaumagnan era um dos doze conjurados… Um dos dez sobreviventes. E essa mulher, que parecia viver em uma espécie de sonho, subitamente despertou. Um minuto mais tarde, ela me dirigiu a palavra. Durante duas horas, dispendeu toda a graça de seu espírito e de sua beleza, e obteve de mim a promessa de que iria vê-la no dia seguinte.

"Desde aquele instante, no mesmo segundo em que a deixava à noite, na porta de sua morada, deveria ter fugido para o fim do mundo. Já era tarde demais. Não havia mais em mim nem coragem, nem vontade, nem clarividência, mais nada além do desejo louco de revê-la. Claro, mascarava esse desejo com sábias palavras; estava cumprindo com um dever… Era

preciso conhecer o jogo da inimiga, convencê-la de seus crimes e puni-la por isso… Tantos pretextos! Na realidade, logo de pronto estava persuadido de sua inocência. Um tal sorriso era o indício da mais pura das almas.

"Nem a memória sagrada de Saint-Hébert, nem aquela de meu pobre D'Isneauval me traziam alguma luz. Não queria saber. Vivi alguns meses na obscuridade, provando as piores alegrias e sequer corando por ser um objeto de vergonha e de escândalo, por estar renunciando a meus votos e renegando minha fé.

"Falhas inconcebíveis da parte de um homem como eu, eu lhes juro, meus amigos. No entanto, cometi uma que ultrapassa talvez todas as outras. Traí nossa causa. Rompi o juramento de silêncio que havíamos feito quando nos associamos por um projeto comum. *Essa mulher conhece aquilo tudo que nós mesmos conhecemos do grande segredo.*"

Um murmúrio de indignação acolheu aquelas palavras. Beaumagnan curvou a cabeça.

Agora Raoul compreendia melhor o drama que se desenrolava à sua frente, e aquelas figuras que faziam as vezes de atores adquiriam sua verdadeira importância. Nobres provincianos, camponeses, rústicos, sim, certamente, mas Beaumagnan estava ali, Beaumagnan que os incitava com seu fôlego e lhes comunicava sua exaltação. No meio daquelas existências vulgares e daquelas silhuetas caricatas, aquele ali tomava a feição de um profeta, de um iluminado. Beaumagnan lhes apresentara quase como um dever, um trabalho de conjuração, ao qual ele mesmo tinha se dedicado de corpo e alma, como outrora se dedicavam a Deus, abandonando seus castelos para partir nas Cruzadas.

Esses tipos de paixões místicas transformam aqueles em quem ardem esses sentimentos, transformam-nos em heróis ou em carrascos. Realmente havia algo de inquisidor em Beaumagnan. No século XV, teria perseguido e martirizado para arrancar da ímpia a palavra de fé.

Tinha o instinto da dominação e a atitude do homem para quem não existem obstáculos. Entre o objetivo e ele, uma mulher se erguia? Que morra! Se tinha amado aquela mulher, uma confissão pública o absolveria. E aqueles que o escutavam enfrentavam a supremacia daquele mestre severo, ainda mais porque sua severidade parecia agir contra ele também.

Humilhado pela confissão de sua derrota, não sentia mais raiva, e foi com uma voz abafada que concluiu:

— Por que fracassei? Ignoro o motivo. Um homem como eu não deve fracassar. Sequer tenho a desculpa de dizer que ela me interrogou. Não. Com frequência, ela fazia alusões aos quatro enigmas revelados por Cagliostro, e um dia, quase sem perceber, proferi as palavras irreparáveis… Covardemente… Para lhe ser agradável… Para adquirir mais valor ante seus olhos… Para que seu sorriso fosse mais terno. Eu dizia a mim mesmo: "Ela será nossa aliada… Ela nos ajudará com seus conselhos, com toda sua clarividência afiada pelas práticas de adivinhação…". Estava louco. A embriaguez do pecado fazia minha razão vacilar.

"O despertar foi terrível. Um dia — faz agora três semanas — eu devia partir em missão para a Espanha. De manhã, despedi-me dela. De tarde, por volta das três horas, deixei o pequeno apartamento que ocupava perto do Jardim de Luxemburgo, pois tinha um encontro no centro de Paris. Acontece que, tendo se esquecido de dar algumas instruções ao meu criado, voltei para casa pelo pátio interno e pela escada de serviço. Meu criado saíra e deixara a porta da cozinha aberta. De longe, escutei barulho. Avancei lentamente. Havia alguém em meu quarto, estava lá essa mulher cujo reflexo me era revelado pelo espelho.

"O que ela estava fazendo inclinada sobre minha mala? Eu observava.

"Ela abriu uma pequena caixa de papelão que continha as pílulas que tomo quando viajo para combater minhas noites de insônia. Retirou uma daquelas pílulas e, no lugar, colocou outra, uma que tirou de seu porta-moedas.

"Meu transtorno foi tão grande que nem pensei em me atirar sobre ela. Quando cheguei em meu quarto, ela já tinha partido. Não pude alcançá-la.

"Corri até uma farmácia e pedi para analisarem as pílulas. Uma delas continha veneno, o suficiente para me fulminar.

"Assim, tinha a prova irrefutável. Tendo tido a imprudência de falar e de contar o que sabia do segredo, estava condenado. Antes livrar-se de uma testemunha inútil e de um concorrente que podia, cedo ou tarde, pegar sua parte do saque, ou ainda descobrir a verdade, atacar a inimiga, acusá-la e vencê-la, não é? Então, a morte. A morte como para Denis Saint-Hébert e Georges d'Isneauval. A morte estúpida, sem causas suficientes.

"Escrevi a um de meus correspondentes da Espanha. Alguns dias depois, certos jornais anunciaram a morte em Madri de um certo Beaumagnan.

“Desde então, vivi na sua sombra, e a segui passo a passo. Primeiro, ela se dirigiu a Ruão, depois ao Havre, depois a Dieppe, isto é, aos mesmos lugares que circunscrevem o campo de nossas pesquisas. Segundo minhas confidências, sabia que estamos prestes a esquadrinhar um antigo priorado nos arredores de Dieppe. Ela ia até lá todos os dias, e, aproveitando do fato de o lugar estar abandonado, ficava procurando. Depois, perdi seus traços. Eu a reencontrei em Ruão. Vocês sabem o resto pelo nosso amigo D’Étigues, como a armadilha foi preparada, e como ela foi pega, atraída pela isca do candelabro de sete braços que, pretensamente, um agricultor teria encontrado em seus campos.

“Assim é esta mulher. Vocês se dão conta dos motivos que nos impedem de a entregarmos à justiça. O escândalo dos debates respingaria sobre nós, e, ao lançar plena luz sobre nossos planos, eles se tornariam impossíveis. Nosso dever, por mais abominável que seja, é, portanto, julgá-la nós mesmos, sem ódio, mas com todo o rigor que ela merece.”

Beaumagnan calou-se. Terminara seu discurso de acusação com uma gravidade mais perigosa para a acusada do que a sua cólera. Ela parecia realmente culpada, e quase monstruosa naquela série de mortes inúteis. Particularmente, Raoul d’Andrésy não sabia mais o que pensar, e execrava aquele homem que havia amado a jovem e que acabava de se lembrar, tremendo, as alegrias daquele amor sacrílego…

A condessa de Cagliostro levantou-se e olhou seu adversário bem no rosto, sempre um pouco debochada.

— Eu não estava enganada… — disse ela. — Será a fogueira?

— Será o que decidirmos, sem que nada possa impedir a execução de nosso justo veredito — declarou ele.

— Um veredito? Com que direito? — falou ela. — Há juízes para isso. Os senhores não são juízes. O medo do escândalo, o senhor me diz? No que me importa que os senhores precisem de sombras e silêncio para seus projetos? Deixem-me livre.

Ele proferiu:

— Livre? Livre para continuar sua obra de morte? Somos os seus senhores. A senhora enfrentará nosso julgamento.

— Seu julgamento sobre o quê? Se houvesse entre os senhores um único juiz de verdade, um único homem que saiba o que é a razão e a verossimilhança, ele riria de suas acusações estúpidas e de suas provas

incoerentes.

— Palavras! Frases! — exclama ele. — Provas contrárias, é disso que nós precisaríamos… Alguma coisa que destruísse o testemunho de meus olhos.

— Para que tentar me defender? Sua resolução está tomada.

— Ela está tomada porque a senhora é culpada.

— Culpada de perseguir o mesmo objetivo de vocês. Sim, isso eu confesso, e esse é o motivo pelo qual os senhores cometeram essa infâmia de vir me espionar e de encenar essa comédia romântica. Se os senhores se deixaram pegar na armadilha, tanto pior para vocês! Se o senhor me fez confidências a propósito do enigma cuja existência eu já conhecia pelo documento de Cagliostro… Tanto pior para vocês! Agora estou obcecada com isso, e jurei atingir meu objetivo, não importa o que aconteça, e apesar de vocês. Eis meu único crime aos olhos dos senhores.

— Seu crime foi ter matado — proferiu Beaumagnan, perdendo a paciência.

— Eu não matei — disse ela firmemente.

— A senhora empurrou Saint-Hébert no abismo e acertou a cabeça de D'Isneauval.

— Saint-Hébert? D'Isneauval? Não conheci essas pessoas. Estou ouvindo hoje o nome deles pela primeira vez.

— E eu? E eu? — falou ele com veemência. — E eu, a senhora não me conhecia? A senhora não quis me envenenar?

— Não.

Ele se exasperou e, abandonando a formalidade, disse, em um acesso de raiva:

— Mas eu vi você, Joséphine Balsamo. Eu a vi antes como a vejo agora. Enquanto você arrumava o veneno, vi seu sorriso que se tornava feroz e o canto do seu lábio que subia ainda mais… Como um sorriso maldito.

Ela balançou a cabeça e proferiu:

— Não era eu.

Ele pareceu sufocar. Como ela tinha a audácia? Mas, tranquilamente, ela pousou a mão sobre o ombro dele, e retomou:

— A raiva está fazendo o senhor perder a cabeça, Beaumagnan, sua alma fanática se revolta contra o pecado do amor. No entanto, apesar disso, o senhor permite que eu me defenda, não é?

— É seu direito. Mas se apresse.

— Serei breve. Peça a seus amigos o retrato em miniatura da condessa de Cagliostro feito em Moscou em 1816… — Beaumagnan obedeceu e pegou a miniatura das mãos do barão. — Pois bem… Vamos examiná-lo atentamente. É um retrato meu, não é?

— Onde a senhora quer chegar? — perguntou ele.

— Responda: é um retrato meu?

— Sim — falou claramente.

— Então, se é um retrato meu, isso significa que eu vivia nessa época? Há oitenta anos, eu tinha entre vinte e cinco e trinta anos? Reflita bem antes de responder. Hein? O senhor está hesitando diante de tal milagre, não é? E o senhor não ousa afirmar? No entanto, há coisa ainda melhor… Abra por trás a moldura dessa miniatura e o senhor verá no verso da porcelana, um outro retrato, o retrato de uma dama sorrindo, cuja cabeça está envolvida por um véu diáfano que desce até as sobrancelhas, e através do qual se vê seus cabeços divididos em duas mechas onduladas. Ainda sou eu, não é?

Enquanto Beaumagnan executava suas instruções, ela também tinha colocado sobre a cabeça um leve véu de tule cuja franja revelava a linha de suas sobrancelhas, e ela baixava então suas pálpebras com uma expressão encantadora. Beaumagnan balbuciou, comparando bem:

— É a senhora… É a senhora…

— Nenhuma dúvida, não é?

— Nenhuma. É a senhora…

— Pois bem! Leia a data sobre o lado direito.

Beaumagnan recitou:

— Feito em Milão, no ano de 1498.

Ela repetiu:

— Em 1498! Há quatrocentos anos.

Riu francamente e seu riso ressoava com clareza.

— Não façam essas caras confusas — disse. — Primeiro, eu já conhecia a existência desse duplo retrato, e eu o procurava há muito tempo. Mas estejam certos de que não há aí nenhum milagre. Não tentarei persuadi-los que servi de modelo ao pintor e que tenho quatrocentos anos. Não, isso aqui é simplesmente o rosto da Virgem Maria, e é uma cópia de um fragmento da *Sagrada Família*, de Bernardino Luini, pintor milanês, discípulo de Leonardo da Vinci.

Em seguida, ficando séria de repente, e sem deixar ao adversário o tempo de tomar fôlego, ela lhe disse:

— O senhor compreende agora onde eu quero chegar, não é, Beaumagnan? Entre a Virgem de Luini, a jovem de Moscou e eu, há essa coisa intangível, maravilhosa, e, no entanto, inegável, a verossimilhança absoluta. Três rostos em só um. Três rostos que não são o de três mulheres diferentes, mas que são o da mesma mulher. Então por que os senhores não querem admitir que um mesmo fenômeno, bem natural apesar de tudo, reproduziu-se em outras circunstâncias e que a mulher que o senhor viu em seu quarto não era eu, mas outra mulher que se parecia comigo o bastante para criar uma ilusão? Uma outra que teria conhecido e matado seus amigos Saint-Hébert e D'Isneauval?

— Eu vi… Eu vi… — protestou Beaumagnan, que quase a tocava, de pé diante dela, bem pálido e tremendo de indignação. — Eu vi. Meus olhos viram.

— Seus olhos veem também o retrato de vinte e cinco anos atrás e a miniatura de oitenta anos atrás e o quadro de quatrocentos anos. Mas então era eu?

Ela oferecia aos olhares de Beaumagnan seu rosto jovem, sua beleza fresca, seus dentes brilhantes, suas maçãs do rosto tenras e cheias como um fruto. Derrotado, ele exclamou:

— Ah, bruxa! Há momentos em que acredito nesse absurdo. A gente nunca sabe com você! Veja, a mulher da miniatura mostra logo abaixo de seu ombro nu, sob a pele branca do colo, um sinal preto. Esse sinal está aí abaixo do seu ombro… Eu o vi aí… Veja… Mostre-o então aos outros para que também o vejam, para que estejam convencidos.

Estava lívido e o suor escorria de sua fronte. Levou a mão até o corpete justo. Mas ela o repeliu e, expressando-se com muita dignidade, disse:

— Basta, Beaumagnan, o senhor não sabe o que está fazendo e já não o sabe faz alguns meses. Eu lhe escutava há pouco e estava paralisada, pois o senhor falava de mim como se eu tivesse sido sua amante, e eu não fui sua amante. É uma coisa nobre bater no próprio peito em público, mas ainda é preciso que a confissão seja sincera. O senhor não tem a coragem para isso. O demônio do orgulho não lhe permitiu a confissão humilhante de seu fracasso, e, covardemente, o senhor deixou que acreditassem que não era o caso. Durante meses o senhor se arrastou a meus pés, implorou e

me ameaçou, sem que nunca, nem uma única vez, seus lábios sequer roçassem minhas mãos. Eis todo o segredo de sua conduta e de sua raiva.

"Não conseguindo me convencer, o senhor queria me desmoralizar, e, diante de seus amigos, fez de mim uma assustadora imagem de criminosa, de espiã e de bruxa. Sim, de bruxa! Um homem como o senhor não pode fracassar, segundo sua expressão, e se o senhor fracassou isso não pode senão ser por conta da ação de diabólicos sortilégios. Não, Beaumagnan, o senhor não sabe mais o que está fazendo, nem o que está dizendo. O senhor me viu em seu quarto preparando o pó que devia lhe envenenar? Vamos lá então. Com qual direito o senhor invoca o testemunho de seus olhos? Seus olhos? Mas eles estavam obcecados por minha imagem e a outra mulher lhe ofereceu um rosto que não era o dela, mas o meu, que o senhor não conseguia deixar de ver.

"Sim, Beaumagnan, eu repito, a outra mulher… Há uma outra mulher no caminho que todos nós estamos trilhando. Há uma outra mulher que herdou alguns documentos provenientes de Cagliostro e que também se vale dos nomes que ele usava. Marquesa de Belmonte, condessa de Fênix… Procure por ela, Beaumagnan. Pois é ela que o senhor viu, e na verdade foi a partir da mais grosseira das alucinações de um cérebro descarrilhado que o senhor elaborou contra mim tantas acusações mentirosas.

"Vamos, tudo isso não passa de uma comédia pueril e bem tive razão de permanecer calma no meio de todos vocês, inicialmente, como uma dama inocente e, depois, como uma mulher que nada tem a temer. Com seus modos de juízes e torturadores, e apesar do interesse que cada um dos senhores pode ter no sucesso de nossos planos em comum, vocês são no fundo boas pessoas que nunca ousariam me matar. Talvez o senhor, Beaumagnan, que é um fanático e que tem medo de mim, mas lhe seria preciso ter aqui carrascos capazes de obedecê-lo, e não é o caso. Então, o que vai fazer… Prender-me? Atirar-me em algum canto obscuro? Se isso o diverte, que seja! Mas, saiba, não há masmorra de onde eu não consiga sair tão facilmente quanto o senhor pode sair dessa sala. Assim, julgue, condene. De minha parte, não direi mais uma palavra."

Ela se sentou outra vez, tirou seu véu e, de novo, apoiou-se sobre os cotovelos. Seu papel estava terminado. Havia falado sem se exaltar, mas com uma convicção profunda e uma lógica realmente irrefutável, associando as acusações levantadas contra ela àquela lenda de inexplicável

longevidade que dominava a aventura.

— Tudo se encaixa, e vocês mesmos precisaram apoiar sua acusação sobre a narrativa de minhas aventuras passadas. Precisaram começar sua acusação pela narrativa de acontecimentos que remontam a cem anos para chegar aos eventos criminosos de hoje. Se estou envolvida nesses, é porque fui a heroína daqueles. Se sou a mulher que viram, sou também aquela que meus diferentes retratos lhes mostra.

O que responder? Beaumagnan calou-se. O duelo concluía-se com sua derrota e ele não tentava mais mascará-la. Aliás, seus amigos não tinham mais aquela feição implacável e convulsionada das pessoas que se encontram encurraladas pela temível decisão de morte. A dúvida estava neles, Raoul d'Andrésy o sentia claramente, e ele teria tirado disso alguma esperança se a lembrança dos preparativos efetuados por Godefroy d'Étigues e Bennetot não atenuassem seu contentamento.

Beaumagnan e o barão D'Étigues conversavam em voz baixa. Em seguida, Beaumagnan retomou, como um homem para quem a discussão está encerrada:

— Vocês têm todas as partes do processo à frente, meus amigos. A acusação e a defesa lhes disseram suas últimas palavras. Viram com que certeza Godefroy d'Étigues e eu acusamos essa mulher, com qual sutileza ela se defendeu, escondendo-se atrás de uma semelhança inadmissível, e dando assim, em última instância, um exemplo evidente de sua destreza e de sua astúcia infernais. A situação, portanto, é muito simples: um adversário com essa potência e que dispõe de tais recursos nunca nos dará descanso. Nossa obra está comprometida. Um após outro, ela destruirá todos nós. Sua existência acarretará fatalmente em nossa ruína e em nosso fracasso.

"Com isso, quero dizer que não há outra solução senão sua morte, e que o castigo mais do que merecido seja o único que devemos considerar? Não. Que ela desapareça, que não possa tentar mais nada, não temos o direito de pedir mais e, se nossa consciência se revolta diante de uma solução tão indulgente, devemos atermo-nos a isso, porque, no fim das contas, não estamos aqui para castigar, mas para nos defender.

"Eis, portanto, as disposições que tomamos, condicionada à aprovação de vocês. Esta noite, um barco inglês irá passar a pouca distância da costa. Um bote se afastará dele, até o qual iremos e para isso nos reencontraremos

às dez horas, ao pé da agulha de Belval. Esta mulher será entregue, levada a Londres, desembarcada de noite e presa em uma casa para loucos, até que nossa missão esteja concluída. Creio que nenhum de vocês vai se opor à nossa maneira de agir, que é humana e generosa, mas que salvaguarda nossa missão e nos deixa protegidos dos perigos inevitáveis, não é?"

Raoul logo percebeu o jogo de Beaumagnan, e pensou:

"É a morte. Não há navio inglês. Há dois botes, dos quais um, furado, será conduzido ao alto-mar e afundará. A condessa de Cagliostro desaparecerá sem que ninguém nunca saiba o que foi feito dela".

A duplicidade daquele plano e a maneira insidiosa com a qual foi exposto o assustavam. Como os amigos de Beaumagnan poderiam não apoiá-lo se não lhes havia sido feito nenhum pedido de resposta afirmativa? O silêncio bastava. Se eles não protestassem, Beaumagnan estaria livre para agir por intermédio de Godefroy d'Étigues.

E realmente nenhum deles esboçou qualquer tipo de protesto. Sem perceberem, condenavam-na à morte.

Todos se levantaram para a partida, felizes evidentemente de estarem quites a custo tão baixo. Nenhuma observação foi feita. Pareciam estar indo embora de uma pequena reunião de amigos íntimos na qual haviam discutido coisas insignificantes. Alguns dentre eles deviam, aliás, tomar o trem da noite na estação vizinha. Ao fim de um instante, tinham saído todos, à exceção de Beaumagnan e dos dois primos.

E foi assim que aconteceu aquela cena dramática, o que desconcertava Raoul, na qual a vida de uma mulher havia sido exposta de maneira tão arbitrária e sua morte obtida por um subterfúgio tão odioso, acabando de repente, tão bruscamente como uma peça de teatro, cujo desenrolar produz-se antes da hora lógica, como um processo cuja sentença seria proclamada no meio dos debates.

Naquela espécie de farsa, o caráter insidioso e tortuoso de Beaumagnan parecia cada vez mais nítido para Raoul d'Andrésy. Implacável e fanático, corroído pelo amor e pelo orgulho, o homem a havia sentenciado à morte. Mas havia nele alguns escrúpulos, algumas covardias, hipocrisias, medos confusos, que o obrigavam, por assim dizer, a se proteger diante de sua consciência e, talvez, também diante da justiça. Por isso aquela solução tenebrosa, a anuência obtida graças àquela abominável trapaça.

Agora, de pé, na soleira da porta, observava a mulher que deveria morrer. Lívido, com o cenho franzido, os músculos e o maxilar agitados por um tique nervoso, os braços cruzados, meio que tinha a típica atitude um pouco teatral de um personagem romântico. Pensamentos tumultuosos deviam estar girando em seu cérebro. Estava hesitando no último momento?

Em todo caso, sua meditação não durou muito. Puxou Godefroy d'Étigues pelo ombro e se retirou, enquanto dava a seguinte ordem:

— Fique vigiando! E nada de idiotices, hein? Senão…

Durante todas essas idas e vindas, a condessa de Cagliostro não tinha se mexido, e seu rosto conservava a expressão pensativa e cheia de tranquilidade que era tão pouco propícia àquela situação.

— Certamente — dizia Raoul para si mesmo —, ela não suspeita do perigo. Ser trancafiada em uma casa de loucos, eis tudo o que está enfrentando, e essa é uma perspectiva que não a atormenta nem um pouco.

Uma hora passou. A sombra da noite começava a invadir a sala. Por duas vezes, a jovem dama consultou o relógio que mantinha em seu corselete.

Depois, tentou estabelecer uma conversa com Bennetot, e subitamente seu rosto se impregnou com uma sedução incrível, e sua voz adquiriu inflexões que o tocava como uma carícia.

Bennetot grunhiu, com um ar mal-humorado, e não respondeu.

Mais uma meia hora… Ela olhou à direita e à esquerda, e percebeu que a porta estava entreaberta. Naquele exato minuto, sem a menor hesitação, teve a ideia de uma fuga possível, e todo o seu ser dobrou-se em si mesmo como se para saltar.

No seu canto, Raoul buscava meios de ajudá-la em seu plano. Se tivesse um revólver teria abatido Bennetot. Também pensou em saltar para a sala, mas o vão não era largo o bastante.

Além do mais, Bennetot, que estava armado, sentiu o perigo e pousou seu revólver sobre a mesa, resmungando:

— Um gesto, um só e eu atiro. Juro por Deus!

Ele era homem para manter sua promessa. Ela não se mexeu mais. Com a garganta apertada pela angústia, Raoul a contemplava sem se cansar.

Por volta das 7 horas, Godefroy d'Étigues voltou.

Acendeu uma lâmpada e disse a Oscar de Bennetot:

— Vamos preparar tudo. Vá buscar a maca embaixo do balcão. Em seguida, vá jantar.

Quando ficou sozinho com a jovem, o barão pareceu hesitar. Raoul viu que seus olhos estavam abatidos e que tinha a intenção de falar ou de agir. Mas as palavras e os atos deviam ser daquele tipo diante do qual a gente se esquiva. Portanto, o ataque foi brutal.

— Reze a Deus, senhora — disse subitamente.

Ela repetiu com a voz de quem não compreendia:

— Rezar a Deus? Por que esse conselho?

Então ele disse muito baixo:

— Faça como quiser… É que eu precisava preveni-la…

— Prevenir-me de quê? — perguntou, cada vez mais ansiosa.

— Há momentos em que é preciso rezar a Deus como se fôssemos morrer na mesma noite… — murmurou ele.

Ela foi chacoalhada por um pavor repentino. De súbito, entendeu toda a situação. Seus braços se agitaram em uma espécie de convulsão febril.

— Morrer…? Morrer…? Mas não se trata disso, não é? Beaumagnan não falou disso… Falou de uma casa de loucos…

Ele não respondeu. E escutava-se a infeliz que gaguejava:

— Ah, meu Deus, ele me enganou. A casa de loucos não é verdade… É outra coisa… Vão me atirar na água… em plena noite… Oh, o horror! Mas não é possível… Eu? Morrer…! Socorro…!

Godefroy d'Étigues tinha trazido, dobrada sobre seu ombro, uma longa manta. Com uma brutalidade raivosa, cobriu com ela a cabeça da jovem e forçou a mão contra a sua boca para abafar seus gritos.

Bennetot estava voltando. Em dois, eles a deitaram sobre a maca e a amarraram com firmeza, de maneira que passasse, entre as tábulas espaçadas, o aro de ferro ao qual devia ser presa uma pesada pedra…

O barco que segue

Como as trevas se acumulavam, Godefroy d'Étigues acendeu uma luminária, e os dois primos se instalaram para a fúnebre vigília. Sob o luar, tinham rostos sinistros, que a ideia do crime desfigurava em caretas.

— Você deveria ter trazido uma garrafa de rum — queixou-se Oscar de Bennetot. — Há momentos em que não é bom saber o que se está fazendo.

— Não estamos passando por um desses momentos — replicou o barão, de maneira firme. — Ao contrário! Precisaremos de toda nossa atenção.

— Que alegria.

— Devíamos argumentar com Beaumagnan e lhe recusar toda ajuda.

— Isso não é possível.

— Então, obedeça.

Mais tempo se passou. Nenhum ruído vinha do castelo, nem do campo adormecido.

Bennetot aproximou-se da cativa, escutou, depois, virando-se, disse:

— Ela não está nem gemendo. É uma mulher dura.

E acrescentou, com uma voz na qual havia certo medo:

— Você acredita em tudo o que dizem sobre ela?

— Em tudo o quê?

— Sua idade…? Todas essas histórias de outrora?

— Bobagens!

— Já Beaumagnan acredita nisso.

— E a gente sabe o que Beaumagnan pensa?

— De todo modo, confesse, Godefroy, que há coisas realmente curiosas… E que tudo deixa supor que ela não nasceu ontem, não é?

Godefroy d'Étigues murmurou:

— Sim, evidentemente… Eu mesmo estava me dirigindo a ela enquanto lia como se ela tivesse realmente vivido naquela época.

— Então, você acredita nisso?

— O bastante. Não falemos disso! Já é demais estar envolvido. Ah, eu juro por Deus — e ele subiu o tom — que se eu pudesse recusar, e sem ter de pisar em ovos…! Só que…

Godefroy não estava com humor para conversar, e não disse nada mais sobre um capítulo que parecia lhe ser infinitamente desagradável.

Mas Bennetot retomou:

— Eu também, juro por Deus que estou por um triz de me mandar daqui. Ainda mais que, veja só, tenho pensado que nós estamos sendo completamente enganados. Sim, eu já disse para você, Beaumagnan sabe disso muito mais do que nós, e não somos nada além de marionetes em suas mãos. Mais dia, menos dia, quando ele não tiver mais necessidade de nós, vai nos deixar falando sozinhos, e vamos nos dar conta de que ele escamoteou com o caso em benefício próprio.

— Isso nunca.

— Ainda assim… — objetou Bennetot.

Godefroy tapou-lhe a boca com a mão e cochichou:

— Cale-se. Ela está escutando.

— Que importa — disse o outro —, pois logo mais…

Eles não ousaram mais romper o silêncio. De vez em quando, o relógio da igreja soava suas fortes batidas, que eles contavam com movimento de lábios, entreolhando-se.

Quando contaram dez, Godefroy d'Étigues deu sobre a mesa um formidável soco que fez saltar a lamparina.

— Minha nossa! Temos de ir andando.

— Ah, que vergonha! — exclamou Bennetot. — Nós vamos sozinhos?

— Os outros querem nos acompanhar. Mas vou detê-los no alto da falésia, já que acreditam na história do navio inglês.

— De minha parte, preferia que fôssemos todos juntos.

— Cale-se, a ordem só diz respeito a nós. E, depois, os outros poderiam abrir o bico… E isso sairia daqui. Veja, eles chegaram.

Os outros eram aqueles que não tinham pego o trem, isto é, Ormont, Roux d'Estiers e Rolleville. Chegaram com uma lanterna do estábulo, que o barão lhes mandou apagar.

— Nada de luz — disse ele. — Iam vê-la perambulando pela falésia e em seguida iam sair falando. Todos os criados foram dormir?

— Sim.

— E Clarisse?

— Ela não saiu do quarto.

— De fato — disse o barão —, ela está um pouco tristinha hoje. Pé na estrada!

D'Ormont e Rolleville pegaram os braços da maca. Atravessaram o pomar e seguiram num trecho de terra para alcançar o caminho do campo que conduzia do vilarejo à Escadaria do Padre. O céu estava preto, sem estrelas, e o cortejo, tateando, tropeçava e machucava-se nas ravinas e nos barrancos. Palavrões eram exclamados, logo abafados pela cólera de Godefroy.

— Sem barulho! Podem reconhecer nossas vozes.

— Quem, Godefroy? Não tem absolutamente ninguém aqui e você não devia ter tomado suas precauções quanto ao pessoal da alfândega?

— Sim. Estão no bar, convidados por um homem em quem confio. Mesmo assim, uma ronda pode acontecer.

A planície abriu-se em uma depressão pela qual o caminho continuava. Da melhor forma que conseguiram, chegaram ao endereço onde as escadas começavam. Haviam sido talhadas outrora em plena falésia, por iniciativa de um padre de Bénouville, para que as pessoas da região pudessem descer diretamente até a praia. De dia, os orifícios escavados no calcário se iluminavam e se abriam para vistas magníficas sobre o mar, cujas ondas vinham se chocar contra os rochedos e parecia que se ia afundar.

— Isso vai ser difícil — falou Rolleville. — Nós poderíamos ajudar vocês. A gente ilumina o caminho.

— Não — declarou o barão. — É prudente se separar.

Os outros obedeceram e se afastaram. Os dois primos, sem perder tempo, começaram a difícil operação de descida.

Demorou. Os degraus eram muito altos, e a curva às vezes era tão brusca que faltava espaço para a maca e era preciso erguê-la até quase ficar reta. A luz de uma lanterna de bolso só os iluminava de maneira intermitente. Oscar de Bennetot manteve a calma, a tal ponto que, em seu instinto deselegante de nobre provinciano, simplesmente sugeriu jogar "tudo isso" barco afora, ou seja, por um dos buracos.

Por fim, atingiram uma praia de pequenos seixos onde puderam retomar o fôlego. A alguma distância, avistava-se os dois barcos alongados um ao lado do outro. O mar muito calmo, sem a menor onda, banhava as quilhas. Bennetot mostrou o buraco que tinha aberto no menorzinho dos dois e que, provisoriamente, permanecia tampado por uma rolha de palha, e então deitaram a maca em um dos três bancos de que o barco dispunha.

— Amarremos tudo junto — ordenou Godefroy d'Étigues.

Bennetot chamou-lhe a atenção:

— Se por acaso houver uma busca e descobrirem a coisa no fundo do mar, que prova contra nós essa maca!

— Cabe a nós irmos longe o bastante para que nunca se descubra nada. E, além do mais, é uma maca velha e fora de uso já faz vinte anos, e que tirei de um celeiro abandonado. Nada a temer.

Falava tremendo, e com um tom de voz claramente apavorado, que Bennetot não reconhecia.

— O que você tem, Godefroy?

— Eu? O que você quer que eu tenha?

— Mas então?

— Então, vamos empurrar o barco… Mas primeiro precisamos, segundo as instruções de Beaumagnan, retirar-lhe sua mordaça e lhe perguntar se ela tem algum desejo a expressar. *Você* quer fazer isso?

Bennetot balbuciou:

— Encostar nela? Vê-la? Eu preferiria morrer… E você?

— Tampouco eu conseguiria… Eu não conseguiria…

— Ela é culpada, no entanto… Ela matou…

— Sim… sim… Ao menos, é provável… Só que ela tem um ar tão doce…!

— Sim… — concordou Bennetot. — E ela é tão bonita… Bonita como a Virgem…

Ao mesmo tempo, caíram de joelhos sobre os seixos e se colocaram a rezar bem alto por aquela que ia morrer e por quem pediam "a intervenção da Virgem Maria".

Godefroy misturava os versículos e as súplicas que Bennetot entoava, ao acaso, com fervorosos aménsⁿ. Aquilo lhes pareceu conceder um pouco de coragem, pois levantaram-se bruscamente outra vez, ávidos por acabar com aquilo. Bennetot carregou a enorme pedra que havia separado, amarrou-a

rapidamente ao aro de ferro, e empurrou o barco que logo flutuou sobre a água tranquila. Em seguida, com um esforço conjunto, fizeram deslizar o outro barco e saltaram para dentro dele. Godefroy pegou os dois remos, enquanto Bennetot, com a ajuda de uma corda, rebocava o barco da condenada.

Assim seguiram distanciando-se da costa, com curtas remadas que deixavam cair um ruído fresco de gotinhas. Sombras mais negras que a noite permitiam-lhes guiar-se de modo aproximado entre as rochas e deslizar rumo a alto mar. Mas, ao fim de vinte minutos, o curso tornou-se mais lento e o barco parou.

— Não consigo mais… — murmurou o barão desmoronando. — … Meus braços se recusam. É sua vez…

— Não terei força — confessou Bennetot.

Godefroy fez uma nova tentativa, depois desistiu, dizendo:

— Mas para quê? Certamente ultrapassamos muito a linha onde o mar se quebra. O que você acha?

O outro concordou.

— Além disso — disse ele —, há uma espécie de ondulação leve que levará o barco ainda para mais longe da linha.

— Então tire a rolha de palha.

— É você quem deveria fazer isso — protestou Bennetot, para quem o gesto solicitado parecia o próprio ato de matar.

— Chega de besteira! Vamos acabar com isso.

Bennetot puxou a corda. A quilha veio balançando bem contra ele. Só lhe restava se inclinar e puxar com a mão.

— Estou com medo, Godefroy — gaguejou. — Para minha salvação eterna, não sou eu que estou agindo, mas você, está entendendo?

Godefroy saltou até ele, empurrou-o, curvou-se sobre a borda e, enfiando sua mão, arrancou de uma vez a rolha. Houve um gorgolejar de água borbulhante e isso o perturbou a tal ponto que, em uma reviravolta súbita, quis tapar o buraco. Tarde demais. Bennetot havia pego os remos, e, reencontrando toda sua energia, também assustado com o barulho que escutara, fazia um esforço violento que criou um intervalo de várias braçadas entre as duas embarcações.

— Alto! — ordenou Godefroy. — Alto! Quero salvá-la. Pare, meu Deus do céu…! Ah, mas então é você que a está matando… Assassino,

assassino… *Eu* queria salvá-la.

Mas Bennetot, embriagado de terror, sem entender nada, remava até fazer os remos estalarem.

Portanto, o cadáver permaneceu só — pois seria possível chamar de outra forma o ser inerte, impotente e entregue à morte que o barco furado carregava? A água devia subir fatalmente em seu interior em alguns minutos. O frágil barco seria engolido.

Isso Godefroy d'Étigues sabia. Por sua vez, tão decidido quanto, pegou um remo e, sem se preocuparem em ser ouvidos, os dois cúmplices se curvaram com os esforços desesperados para fugir o mais rápido possível do lugar onde o crime fora cometido. Tinham medo de escutar algum grito de angústia, ou o cochicho atroz de uma coisa que afunda e sobre a qual a água se fecha para sempre.

A canoa se balançava ao sabor da onda quase imóvel, onde o ar, carregado de nuvens muito baixas, parecia pesar com todo o seu peso.

D'Étigues e Oscar de Bennetot deveriam estar a meio caminho de volta. Todos os ruídos cessaram.

Nesse momento, o barco se inclinou a estibordo, e, em uma espécie de torpor assustador no qual agonizava, a jovem teve a sensação de que o desfecho estava se concretizando. Ela não teve nenhum sobressalto, nenhuma revolta. A aceitação da morte provoca um estado de espírito em que parece que já se está do outro lado da vida.

No entanto, ela se surpreendeu de não se arrepiar ao contato com a água gelada, o que era a coisa que sua carne feminina mais temia. Não, o barco não estava afundando. Antes parecia prestes a virar como se alguém passasse a perna pela borda.

Alguém? O barão? Seu cúmplice? Ela concluiu que não era nem um nem outro, pois uma voz que não conhecia murmurou:

— Fique tranquila, é um amigo que veio em seu socorro…

Esse amigo se inclinou sobre ela, e mesmo sem saber se o escutava ou não, logo explicou:

— A senhora nunca me viu… Eu me chamo Raoul… Raoul d'Andrésy… Está tudo bem… Tapei o buraco com um pedaço de madeira envolvido em um trapo. Reparos improvisados, mas que devem bastar… Sobretudo porque vamos nos livrar dessa enorme pedra.

Com a ajuda de uma faca, cortou as cordas que prendiam a jovem; depois pegou a pedra pesada e conseguiu jogá-la fora. Enfim, descartando a coberta com a qual ela estava envolvida, inclinou-se e disse-lhe:

— Como estou contente! Os acontecimentos se passaram ainda muito melhor do que estava esperando e eis que a senhora está salva! A água não teve tempo de subir até a senhora, não é? Que sorte! A senhora não está com dor?

Ela sussurrou, sua voz mal era inteligível:

— Sim… Na canela… As amarras deles torceram meu pé.

— Não há de ser nada — disse ele. — O essencial agora é chegarmos à margem. Seus dois carrascos certamente desembarcaram e devem estar subindo a escada com pressa. Não temos, portanto, nada a temer.

Rapidamente, fez seus preparativos, pegou um remo que tinha escondido antes no fundo, faz com que deslizasse para trás e se colocou a "bombear", enquanto continuava suas explicações em um tom alegre, como se nada mais extraordinário tivesse se passado do que aquilo que aconteceria durante um piquenique.

— Preciso primeiro me apresentar, um pouco mais formalmente, embora esteja pouco apresentável, tendo como único traje algo como um calção de banho que acabei fazendo para mim mesmo e ao qual prendi uma faca… Enfim, Raoul d'Andrésy, a seu dispor, já que o acaso me permitiu. Oh, um acaso bem simples. Surpreendi uma conversa… Soube que estavam tramando um complô contra certa dama… Então, me adiantei. Desci até a praia e, quando os dois primos desembocaram do túnel, entrei na água. Não me restava mais do que me segurar em seu barco assim que estivesse sendo rebocado. Foi o que fiz. E nem um nem outro se deram conta que carregavam com sua vítima um campeão de natação bem decidido a salvá-la. Eu lhe contarei tudo isso em detalhes mais tarde, quando a senhora estiver me escutando. Por ora, imagino que esteja tagarelando em vão.

Parou por um minuto.

— Estou com dor… — disse ela. — Estou esgotada…

Ele respondeu:

— Um conselho: tente dormir. Não existe melhor repouso do que perder a consciência.

Ela deve tê-lo obedecido, pois, depois de alguns gemidos, respirou com um sopro calmo e regular. Raoul cobriu seu rosto e continuou, concluindo:

— É melhor assim. Tenho todo o espaço para agir, e não preciso prestar contas a ninguém.

O que não o impediu, aliás, de monologar com toda a satisfação de alguém que está encantado consigo mesmo e com suas menores ações. A canoa seguiu agilmente impulsionada por ele. A massa de falésias já se distinguia.

Quando o ferro da quilha rangeu sobre os seixos, saltou, depois retirou a jovem mulher com uma facilidade que provava o valor de seus músculos, e a pousou aos pés da falésia.

— Também sou campeão de boxe — disse —, e ainda de luta greco-romana. Vou lhe confessar, já que a senhora não pode me ouvir, que descobri esses méritos na herança de meu pai… E vários outros! Mas chega de bobagens… Descanse aqui, sob essa rocha, onde a senhora está protegida das pérfidas ondas… Quanto a mim, preciso voltar até lá. Suponho que esteja em seus projetos preparar sua revanche contra os dois primos, não? Para isso, é necessário que não encontrem o barco, e que acreditem que tenha, de fato, se afogado. Portanto, um pouco de paciência.

Sem mais se demorar, Raoul d'Andrésy executou aquilo que havia anunciado. De novo, conduziu o barco até o mar alto, retirou a rolha de pano e, seguro de que desapareceria, pulou na água. De volta à margem, buscou suas roupas que tinha escondido em uma reentrância, livrou-se daquela sua espécie de calção de banho e se vestiu outra vez.

— Vamos — disse, juntando-se à jovem —, é preciso subir até lá em cima e não é a coisa mais fácil do mundo.

Ela saía pouco a pouco de seu desmaio e, com a luz de sua lanterna, Raoul viu que estava abrindo os olhos.

Ajudada por ele, tentou ficar de pé, mas a dor lhe arrancou um grito, e caiu outra vez sem forças. Ele desamarrou o sapato e logo viu que a parte de baixo estava coberta de sangue. Ferida pouco perigosa, mas que a fazia sofrer. Com seu lenço, Raoul enfaixou a canela provisoriamente e decidiu partir de imediato.

Então, ele a carregou sobre seu ombro e começou a escalada. Trezentos e cinquenta degraus! Se Godefroy d'Étigues e Bennetot já haviam tido dificuldade na descida, o esforço contrário estava sendo mais complicado,

ainda mais para um adolescente! Quatro vezes precisou parar, coberto de suor, com a sensação de que lhe seria impossível continuar.

Continuou, ainda assim, sempre de bom humor. Na terceira parada, tendo se sentado, deitou-a sobre seus joelhos, e lhe pareceu que ela estava rindo de suas brincadeiras e de sua vivacidade inesgotável. Então terminou a subida, apertando assim contra seu peito o corpo encantador cujas formas macias sentia em suas mãos.

Chegando ao topo, não pausou para descanso. Um vento fresco elevando-se varreu a praia. Tinha pressa em colocar a jovem em um lugar protegido; num ímpeto, atravessou os campos e a carregou até um celeiro isolado, onde, desde o começo, tinha se proposto a chegar. Prevendo aqueles acontecimentos, havia deixado lá duas garrafas de água fresca, uma de conhaque e alguns alimentos.

Apoiou uma escada na empena, retomou seu fardo, empurrou para o lado o painel de madeira que servia para fechar a passagem e deixou a escada cair outra vez.

— Doze horas de segurança e de sono. Ninguém nos incomodará. Amanhã, por volta do meio-dia, vou conseguir um carro e a conduzirei até onde a senhora quiser.

Ali, então, estavam trancados um ao lado do outro, logo após a mais trágica e a mais maravilhosa aventura com a qual teriam podido sonhar. Como tudo estava longe agora daquelas cenas atrozes do dia! Tribunal de inquisição, juízes implacáveis, carrascos sinistros, Beaumagnan, Godefroy d'Étigues, a condenação, a descida até o mar, o barco seguindo ao fundo das trevas, que pesadelo! Mas já apagados, e concluindo-se na intimidade da vítima e do salvador!

Sob a luz da lanterna presa em uma viga, ele deitou a jovem entre feixes de feno que guarneciam o celeiro, cuidou dela, fez com que bebesse algo e delicadamente tratou de sua ferida. Protegida por ele, longe de emboscadas, e nada mais tendo a temer de seus inimigos, Joséphine Balsamo entregou-se com total confiança. Fechou os olhos e adormeceu.

A lanterna iluminava em cheio seu belo rosto ao qual a febre de tantas emoções fazia corar. Raoul se ajoelhou diante dela e a contemplou longamente. Sufocada pelo calor do celeiro, tinha aberto a parte de cima de seu corselete, e Raoul notava os ombros harmoniosos cuja linha perfeita se ligava ao mais puro pescoço.

Lembrou-se daquele sinal preto ao qual Beaumagnan fizera alusão e que se via sobre o retrato em miniatura. Como ele poderia resistir à tentação de ver se realmente o mesmo sinal se encontrava ali, no peito daquela mulher cuja vida tinha salvado da morte? Lentamente levantou o tecido. A direita, uma manchinha, negra como uma daquelas pintas que outrora as moças da corte colocavam sobre o lábio, marcava a pele branca e cuidada e seguia o mesmo ritmo da respiração.

— Quem é a senhora? Quem é a senhora? — murmurou bem perturbado. — De qual mundo vem?

Também ele, assim como os outros, experimentava um mal-estar inexplicável e enfrentava a impressão misteriosa que se desprendia daquela criatura e de alguns detalhes de sua vida e de sua aparência física. E a interrogava, contra a própria vontade, como se a jovem pudesse responder em nome daquela que outrora servira de modelo para o retrato em miniatura.

Os lábios emitiam palavras que ele não compreendia e estava tão perto deles, e o hálito que exalavam era tão doce, que os tocou com seus próprios lábios, tremendo.

Ela suspirou. Seus olhos se entreabriram. Vendo Raoul ajoelhado, enrubesceu e sorriu, e aquele sorriso permaneceu enquanto as pesadas pálpebras se abaixavam de novo e ela outra vez caía no sono.

Raoul sentiu-se loucamente apaixonado, e, palpitando de desejo e de admiração, cochichava frases exaltadas e juntava as mãos como se estivesse diante de um ídolo ao qual tivesse endereçado o hino de adoração mais ardente e mais louco.

— Como a senhora é linda…! Não imaginava que havia tanta beleza na vida. Não sorria mais…! Entendo porque tinham vontade de lhe fazer chorar. Seu sorriso perturba… Adoraríamos apagá-lo para que ninguém nunca mais o veja… Ah, não sorria mais para ninguém além de mim, eu lhe suplico…

E, mais baixo, apaixonadamente, acrescentou:

— Joséphine Balsamo… Como seu nome é doce! E como a torna ainda mais misteriosa! Bruxa?, disse Beaumagnan… Não: feiticeira! A senhora surge das trevas e é como a luz, como o sol. Joséphine Balsamo… Encantatriz… Maga… Ah, tudo o que está se abrindo diante de mim…! Tudo o que estou vendo de felicidade…! Minha vida começou no exato

minuto em que a peguei em meus braços… Não tenho mais outras lembranças além da senhora… Minha esperança está apenas na senhora. Meu Deus! Meu Deus! Como a senhora é linda! Dá para chorar de desespero…

Ele lhe dizia tudo isso ao seu lado, e sua boca próxima da boca dela, mas o beijo roubado foi a única carícia que se permitiu. Não havia apenas volúpia no sorriso de Joséphine Balsamo, mas também um tal pudor que Raoul se sentia invadido por respeito e sua exaltação se encerrava em palavras graves e cheias de uma devoção juvenil.

— Vou ajudá-la…! Os outros não poderão fazer nada contra a senhora… Se apesar deles quiser alcançar o mesmo objetivo que estão perseguindo, eu lhe prometo que a senhora terá sucesso. Longe ou perto, sempre serei aquele que vai defendê-la e que vai salvá-la… Tenha fé em minha devoção…

Por fim, ele adormeceu, balbuciando promessas e fazendo juramentos que não tinham muito sentido, e aquele foi um sono profundo, longo, sem sonhos, como o sono das crianças que têm necessidade de refazer seu jovem organismo sobrecarregado…

Onze batidas soaram no relógio da igreja. Ele as contou com uma surpresa crescente.

— Onze horas da manhã! Será possível?

Pelas frestas da veneziana e pelas falhas no velho teto econômico de palha, o dia era filtrado. Inclusive, um pouco de sol passava de um lado.

— Mas então onde está a senhora? — perguntou. — Eu não a vejo.

A lanterna tinha se apagado. Ele correu até a veneziana e a puxou para si, enchendo assim o celeiro de luz. Não viu Joséphine Balsamo.

Lançou-se contra os montes de feno, mudou-os de lugar, jogou-os furiosamente pelo alçapão que se abria sobre o andar de baixo. Ninguém. Joséphine Balsamo tinha desaparecido.

Desceu, buscou no pomar, vasculhou o campo vizinho e a trilha. Em vão. Embora ferida, incapaz de colocar o pé no chão, tinha deixado o refúgio, saltado até o solo, atravessado o pomar, o campo vizinho…

Raoul d'Andrésy voltou ao celeiro para fazer uma inspeção minuciosa. Não precisou procurar por muito tempo. Sobre o próprio assoalho, notou um cartão retangular.

Ele o apanhou. Era a fotografia da condessa de Cagliostro. Atrás, escritas a lápis, duas linhas:

Quero agradecer meu salvador,
mas espero que não tente me rever.

Um dos sete braços

Há certas lendas cujo herói se vê enredado nas aventuras mais extravagantes e descobre, quando terminam, que foi simplesmente o joguete de um sonho. Quando Raoul reencontrou sua bicicleta atrás do monte onde a havia escondido na véspera, perguntou-se subitamente se não havia sido atingido por uma sequência de sonhos ora divertidos, ora pitorescos, ora temíveis, e, definitivamente, bastante decepcionantes.

A hipótese não chegou a detê-lo. A verdade se prendia nele pela fotografia que tinha nas mãos e mais ainda, talvez, pela lembrança inebriante do beijo roubado dos lábios de Joséphine Balsamo. Aquilo era uma certeza que não podia ignorar.

Naquele momento, pela primeira vez — constatou com um remorso que logo afugentou — pensou de uma maneira clara em Clarisse d'Étigues, e nas horas deliciosas da manhã precedente. Mas, na idade de Raoul, aquelas ingratidões e contradições do coração se arranjavam facilmente, parece que é possível se desdobrar em dois seres, dos quais um continuará a amar em uma sorte de inconsciência, na qual a parte do futuro está reservada, enquanto o outro se entrega com frenesi a todos os arroubos da nova paixão. A imagem de Clarisse se ergueu, confusa e dolorosa, como o fundo de uma pequena capela ornamentada de velas oscilantes perto das quais iria rezar de tempo em tempo. Mas a condessa de Cagliostro tornava-se de repente a única divindade que se deveria adorar, uma divindade despótica e ciumenta que não permitiria que lhe roubassem o menor pensamento nem o menor segredo.

Raoul d'Andrésy — continuemos a chamar assim aquele que devia ilustrar o nome de Arsène Lupin —, Raoul d'Andrésy nunca havia amado.

Com efeito, o tempo lhe faltara ainda mais do que as oportunidades. Ardendo de ambição, mas sem saber em qual campo e por quais meios se realizariam seus sonhos de glória, de fortuna e de poder, desdobrava-se em todas as direções para estar pronto a responder o chamado do destino. Inteligência, desembaraço, vontade, destreza física, força muscular, flexibilidade, resistência, cultivou todos os seus dons até o limite extremo. Ele mesmo ficava surpreso ao ver que aquele limite recuava sempre diante da potência de seus esforços.

Era preciso viver com isso, pois não tinha nenhum recurso. Órfão, só em sua existência, sem amigos, sem bons contatos, sem ofício, ainda assim sobreviveu. Como? Era um ponto sobre o qual não teria nada além do que explicações insuficientes, e que ele mesmo não examinava muito de perto. A gente vive como consegue. Encara-se as necessidades e os apetites de acordo com as circunstâncias.

— A sorte sorri para mim — dizia para si mesmo. — Vamos em frente. O que deve ser, será, e imagino que será magnífico.

Foi então que seu caminho cruzou com o de Joséphine Balsamo. De repente, sentiu que para conquistá-la faria uso de qualquer energia que tivesse acumulado.

E, para ele, Joséphine Balsamo não tinha nada em comum com a "criatura infernal" que Beaumagnan havia tentado criar diante da imaginação inquieta de seus amigos. Toda aquela visão sanguinária, toda aquela parafernália de crime e de perfídia, todos aqueles ouropéis de bruxa, evaporavam como um pesadelo diante da linda fotografia na qual contemplava os olhos límpidos e os lábios puros da jovem.

— Vou reencontrá-la — jurou cobrindo-a de beijos —, e você me amará como eu amo você, e será para mim como a amante mais devotada e a mais querida. Lerei sua vida misteriosa como um livro aberto. Seu poder de adivinhação, seus milagres, sua incrível juventude, tudo aquilo que desconcerta os outros e os assusta, tantos procedimentos engenhosos dos quais riremos juntos. Você será minha, Joséphine Balsamo.

Um juramento do qual o próprio Raoul sentia por um instante a pretensão da temeridade. No fundo, Joséphine Balsamo ainda o intimidava, e ele não estava longe de sentir em relação a ela certa irritação, como uma criança que deve submeter-se a quem é mais forte.

Durante dois dias, confinou-se no pequeno quarto que ocupava no térreo de sua hospedaria, e cuja janela dava para um pátio plantado com macieiras. Jornadas de meditação e de espera, às quais se seguiu uma tarde de caminhada através dos campos normandos, isto é, nos próprios lugares onde seria possível encontrar Joséphine Balsamo.

De fato, bem supunha, a jovem, ainda toda mortificada pela horrível provação, não retornaria a seu apartamento de Paris. Estava viva, mas era preciso que aqueles que desejavam sua morte nada soubessem. E, por outro lado, tanto para se vingar quanto para alcançar antes deles o objetivo ao qual se propuseram, não seria preciso que se distanciasse do campo de batalha.

Na noite do terceiro dia, encontrou sobre a mesa de seu quarto um buquê de flores de abril: vincas, narcisos, prímulas, aurículas. Questionou o dono da pousada. Não haviam visto ninguém.

"Foi ela", pensou, abraçando as flores que ela acabava de colher.

Por quatro dias consecutivos, posicionou-se no fundo do pátio, atrás de um barracão. Quando um passo ressoava nos arredores, seu coração palpitava. Decepcionando-se todas as vezes, sentia verdadeira dor com isso.

Mas no quarto dia, às cinco horas, entre as árvores e os arbustos que guarneciam a elevação do pátio, ouviu-se um farfalhar de tecido. Um vestido estava passando. Raoul fez um movimento para correr até a pessoa e, logo, conteve-se e dominou sua raiva.

Reconhecera Clarisse d'Étigues.

Ela trazia à mão um buquê de flores exatamente igual ao outro. Cruzou ligeiramente o vão que a separava do quarto que ficava no térreo, e, estendendo o braço pela janela, ali colocou o buquê.

Quando refazia seus passos, Raoul a viu de frente e ficou chocado com sua palidez. As maçãs de seu rosto tinham perdido sua tonalidade viva e seus olhos fundos revelavam sua angústia e as longas horas de insônia.

— Sofrerei muito por você — ela havia dito, sem prever, no entanto, que seu sofrimento começaria tão cedo e que o mesmo dia em que se entregara a Raoul seria um dia de adeus e de inexplicável abandono.

Raoul se lembrou da predição e, irritando-se com ela pelo mal que ele mesmo lhe causava, furioso por ter se enganado em sua esperança e pelo fato de a dona das flores ser Clarisse e não aquela que estava esperando, deixou-a partir.

Contudo, era à Clarisse — à Clarisse, que destruía assim, ela mesma, sua última chance de felicidade — que ele devia a preciosa indicação da qual precisaria para se orientar durante a noite. Uma hora mais tarde, constatou que uma carta estava amarrada em uma viga e, após romper o lacre, leu:

Meu querido, já acabou? Não, não é? Estou chorando sem motivo…? Não é possível que você já esteja farto de sua Clarisse, certo?

Meu querido, essa noite, todos eles vão pegar o trem e só voltarão amanhã bem tarde. Você virá aqui, não é? Não vai me deixar chorar mais, não é…? Venha, meu querido…

Pobres linhas desoladas…! Raoul não foi tocado por elas. Ele pensava na viagem anunciada e se lembrava daquela acusação de Beaumagnan: "Sabendo por mim que devíamos logo vasculhar de cima a baixo uma propriedade vizinha de Dieppe, ela se apressou a ir até lá…"

Não era aquele o objetivo da expedição? E não seria uma oportunidade para Raoul se juntar à luta e tirar o máximo proveito dos acontecimentos que dela acarretaram?

Naquela mesma noite, às sete horas, vestido como um pescador do litoral, irreconhecível sob a camada ocre com que maquiara seu rosto, subiu no mesmo trem que o barão D'Étigues e Oscar de Bennetot, trocando duas vezes de trem assim como eles e descendo em uma pequena estação onde dormiu.

Na manhã do dia seguinte, D'Ormont, Rolleville e Roux d'Estivers vieram buscar seus dois amigos com um carro, Raoul lançou-se atrás deles.

A uma distância de dez quilômetros, o carro parou diante de um longo solar arruinado que chamavam de "Castelo de Gueures". Aproximando-se do portão aberto, Raoul constatou que, no jardim, uma multidão de trabalhadores fervilhava para transformar a terra em trilhas e gramados.

Eram dez horas. Na escadaria de entrada, os empreiteiros receberam os cinco associados. Raoul entrou sem ser notado, misturou-se aos trabalhadores e fez-lhes perguntas. Soube assim que o Castelo de Gueures acabava de ser comprado pelo marquês de Rolleville e que as reformas haviam começado aquela manhã.

Raoul escutou um dos empreiteiros respondendo ao barão:

— Sim, senhor, as instruções foram dadas. Ordenei a meus homens para trazerem até mim qualquer peça de moeda, objeto de metal, ferro,

cobre, etc. que acharem quando estiverem escavando o solo e assim receberem uma recompensa.

Era evidente que todas aquelas reviravoltas não tinham outra razão de ser além de criar a chance de descobrirem alguma coisa. Mas descobrirem o quê?, perguntou-se Raoul.

Ele caminhou pelo parque, deu a volta no solar, entrou no porão.

Às onde horas e meia, ainda não havia conseguido obter nenhum resultado, e, no entanto, a necessidade de agir se impunha em seu espírito com uma força crescente. Qualquer atraso deixaria os outros com chances ainda maiores, e ele corria o risco de se deparar com uma questão já resolvida.

Naquele momento, o grupo de cinco amigos mantinha-se atrás do solar, em uma longa esplanada que se abria para o parque. Um murinho fazendo as vezes de balaustrada a delimitava, marcado, a cada intervalo de alguns metros, por doze pilares de tijolos que serviam de pedestal para antigos vasos de pedra, quase todos quebrados.

Uma equipe de operários, armados com picaretas, começara a demolir o muro. Raoul os observava trabalhar, pensativamente, as mãos em seus bolsos, o cigarro nos lábios, sem se preocupar com o fato de sua presença poder parecer anormal naquelas paragens.

Godefroy d'Étigues enrolava o tabaco em uma folha de papel. Não tendo fósforos, aproximou-se de Raoul e lhe pediu fogo.

Raoul estendeu o próprio cigarro, e, enquanto o outro acendia o seu, todo um plano formulou-se em sua mente, um plano espontâneo, muito simples, cujos menores detalhes surgiram-lhe em sua ordem lógica. Mas era preciso apressar-se.

Raoul retirou sua boina deixando escapar as mechas de uma cabeleira bem cuidada que certamente não era a de um marinheiro.

O barão D'Étigues olhou-o com atenção e, subitamente entendendo tudo, foi tomado pela cólera.

— De novo o senhor! E disfarçado! O que significa essa nova brincadeira e como o senhor tem a audácia de me seguir até aqui? Eu já lhe respondi da maneira mais categórica possível: um casamento entre minha filha e o senhor é impossível.

Raoul puxou-lhe o braço e disse, com autoridade:

— Sem escândalos! Ambos sairíamos perdendo. Leve-me até seus amigos.

Godefroy queria protestar.

— Leve-me até seus amigos — repetiu Raoul. — Vim lhes ajudar. O que os senhores estão buscando? Um candelabro, não é?

— Sim — falou o barão, contrariado.

— Um candelabro de sete braços, mais precisamente. Conheço o esconderijo. Mais tarde, eu lhes darei outras indicações que lhes serão úteis para o projeto que os senhores têm em mente. Só então falaremos da senhorita D'Étigues. Não vamos falar sobre ela hoje… Chame seus amigos. Depressa.

Godefroy hesitou, mas as promessas e a segurança de Raoul causaram-lhe forte impressão. Chamou seus amigos que logo se juntaram a ele.

— Conheço esse rapaz e, segundo ele, talvez possamos encontrar… — disse Godefroy

Raoul o interrompeu.

— Não há "talvez", meu senhor. Sou da região. Quando era moleque, brincava nesse castelo com os filhos de um velho jardineiro que era o caseiro daqui e que com frequência nos mostrava um anel chumbado no muro de um dos cômodos do porão. "Há um esconderijo aqui", dizia ele, "vi colocarem antiguidades, castiçais, relógios de carrilhão…"

Aquelas revelações superexcitaram os amigos de Godefroy.

Bennetot rapidamente objetou:

— No porão? Nós já olhamos lá.

— Não muito bem — afirmou Raoul. — Vou guiá-los.

Chegaram até lá por uma escada que descia para o subsolo pelo lado de fora. Duas grandes portas se abriam sobre alguns degraus, depois dos quais começava uma série de salas abobadadas.

— A terceira à esquerda — disse Raoul, que, ao longo de suas buscas, havia estudado o lugar. — Aqui… essa aqui…

Ele fez os cinco entrarem em uma câmara obscura onde era preciso se abaixar.

— Não se vê nada — queixou-se Roux d'Estiers.

— De fato — disse Raoul. — Mas aqui estão uns fósforos e notei um pedaço de vela sobre os degraus da escada. Um instante… Vou pegar lá.

Ele fechou outra vez a porta da câmara, girou a chave, retirou-a e se afastou gritando aos cativos:

— Sempre acendam os sete braços do candelabro. Os senhores vão encontrá-lo sob a última laje, envolvido cuidadosamente em teias de aranha…

Ele ainda não estava do lado de fora quando escutou o ruído de golpes que os cinco amigos davam furiosamente na porta, e pensou que aquela porta, instável e corroída por vermes, não resistiria muito mais do que alguns minutos. Mas aquela trégua lhe seria suficiente.

Com um salto aterrissou sobre a esplanada, pegou uma picareta das mãos de um operário, e correu até o nono pilar, do qual fez voar o vaso. Em seguida, atacou uma marquise de cimento toda rachada que cobria os tijolos e que logo caiu em pedaços. No espaço que o arranjo de tijolos deixava desocupado, havia uma mistura de terra e de pedras de onde Raoul conseguiu extrair facilmente uma haste de metal corroído que era exatamente um braço daqueles grandes candelabros litúrgicos que se vê em alguns altares.

O grupo de operários começava a cercá-lo surpresos ao ver o objeto que Raoul brandia. Pela primeira vez desde o começo da manhã, uma descoberta daquelas era feita.

Talvez Raoul pudesse ter mantido seu sangue frio e, carregando a haste de metal, fingir se juntar aos cinco amigos a fim de entregá-la a eles. Mas, precisamente naquele exato minuto, gritos vieram do canto do solar, e Rolleville, seguido pelos outros, surgiu vociferando:

— Ladrão! Agarrem-no! Ladrão!

Raoul mergulhou de cabeça no grupo de operários e fugiu. Aquilo era um absurdo, como toda sua conduta nos últimos momentos, aliás. Afinal, se tivesse desejado ganhar a confiança do barão e de seus amigos, não deveria tê-los aprisionado em uma câmara nem surrupiado aquilo que buscavam. Mas Raoul combatia, na verdade, por Joséphine Balsamo e não tinha outro objetivo além de lhe oferecer mais dia, menos dia, o troféu que acabava de conquistar. Salvou-se, então, escapando a toda velocidade.

Como o caminho para o portão principal estava protegido, acompanhou um curso d'água, livrou-se de dois homens que queriam agarrá-lo e, sendo seguido por toda uma horda de agressores que uivavam como loucos a vinte metros de distância, emergiu em uma horta cercada por todos os

lados por paredes de uma altura desesperadora.

— Droga, estou preso. Vão dar o grito da vitória, o fim da caçada… Que derrota!

A horta, à esquerda, era dominada pela igreja do vilarejo e o cemitério da igreja continuava, horta adentro, por um pequenino espaço cercado, que outrora servira de sepultura aos castelães de Gueures. Fortes grades o cercavam. Teixos se aglomeravam ali. Ora, no exato instante em que Raoul descia ao longo daquele cercado, uma porta foi entreaberta, um braço esticou-se e barrou seu caminho, uma mão agarrou a mão do jovem rapaz, e Raoul, pasmo, viu-se puxado para uma escuridão absoluta por uma mulher que logo fechou a porta na cara dos perseguidores.

Ele adivinhou, mais do que reconheceu, que era Joséphine Balsamo.

— Venha — disse ela, enfiando-se no meio dos teixos.

Uma outra porta naquela parede estava aberta e se comunicava com o cemitério do vilarejo.

Na frente da igreja estava estacionada uma velha carruagem fora de moda, como já não se encontrava mais naquela época senão nas cidades do interior, atrelada a dois pequenos cavalos magros e malcuidados. Na condução, um cocheiro de barba grisalha, cujas costas bastante curvadas inclinava-se sob uma blusa azul.

Raoul e a condessa mergulharam dentro dela. Ninguém os havia visto.

Ela disse ao cocheiro:

— Léonard, estrada de Luneray e de Doudeville. Rápido!

A igreja ficava na extremidade do vilarejo. Pegando a estrada para a localidade de Luneray, evitava-se assim a aglomeração de casas. Havia uma longa colina que subia até o planalto. Os dois pangarés magricelas a enfrentavam em um passo de grandes corcéis trotadores que escalam os obstáculos de um hipódromo.

Quanto ao interior daquela carruagem de tão deplorável aparência, ele era espaçoso, confortável, protegido contra os olhares indiscretos por treliças de madeira, e tão íntimo que Raoul caiu de joelhos e deu livre curso à sua exaltação amorosa.

Ele sufocava de alegria. Quer a condessa estivesse ofendida ou não, considerava que aquele segundo encontro, que se produzia em condições tão particulares, e após a noite de salvamento, estabelecia entre eles relações que lhe permitiam queimar algumas etapas e começar a conversa por uma

declaração adequada.

Ele a fez de uma vez, e de uma maneira alegre que teria desarmado até a mais feroz das mulheres.

— A senhora? É a senhora? Que reviravolta teatral! No instante em que a multidão ia me despedaçar, eis que surge das sombras Joséphine Balsamo para dessa vez me salvar. Ah, como estou feliz, e como eu a amo! Eu a amo já faz anos… Já faz um século! Pois sim, tenho cem anos de amor em mim… Um velho amor jovem como a senhora… E belo como a senhora é bela…! A senhora é tão linda…! Não é possível olhá-la sem ficar emocionado… É uma alegria e, ao mesmo tempo, experimenta-se o desespero de pensar que, não importa o que aconteça, nunca poderemos abraçar toda a beleza que há na senhora. A expressão de seu olhar, de seu sorriso, tudo isso sempre permanecerá intangível.

Ele estremeceu e murmurou:

— Oh, seus olhos voltaram-se para mim! Mas então a senhora não está irritada comigo? Aceita que eu lhe declare meu amor?

Ela entreabriu a portinha:

— E se eu lhe rogasse para descer…?

— Eu recusaria.

— E se eu pedisse socorro ao cocheiro?

— Eu o mataria.

— E se eu mesma desembarcasse?

— Continuaria minha declaração na estrada.

Ela começou a rir.

— Ora, o senhor tem resposta para tudo. Fique. Mas chega de loucuras! Antes, conte-me o que acaba de acontecer com o senhor e por que aqueles homens o estavam perseguindo.

Ele disse, triunfante:

— Sim, vou lhe contar tudo, já que a senhora não me rejeitou… Já que aceita meu amor.

— Mas eu não aceitei nada — disse ela, rindo. — O senhor está me sufocando com declarações e sequer me conhece.

— Eu não a conheço?!

— O senhor mal conseguiu me ver, de noite, sob a claridade de uma lanterna.

— E no dia que precedeu aquela noite, eu não a vi? Não tive tempo de lhe admirar, durante aquele abominável teatro em Haie d'Étigues?

De repente, ela o observou, séria.

— Ah, o senhor assistiu…?

— Eu estava lá — disse ele, com um ardor cheio de animação. — Estava lá e sei quem a senhora é! Filha de Cagliostro, eu a conheço. Chega de máscaras! Napoleão I a tratava sem formalidades… A senhora traiu Napoleão III[11], serviu Bismarck, e fez o bravo general Boulanger suicidar-se! A senhora toma banhos na fonte da Juventude. Tem cem anos… E eu a amo.

Ela mantinha uma ruga preocupada que marcava ligeiramente sua testa lisa, e repetiu:

— Ah, o senhor estava lá… Eu bem imaginei. Os miseráveis, como me fizeram sofrer…! E escutou suas acusações odiosas…?

— Escutei coisas estúpidas — exclamou ele —, e vi um bando de energúmenos que a odeiam como odeiam tudo o que é belo. Mas tudo isso não passa de demência e absurdo. Não pensemos nisso hoje. Por mim, não quero me lembrar senão dos milagres encantadores que nascem sob seus passos como se fossem flores. Quero crer em sua juventude eterna. Quero crer que a senhora não seria morta se eu não a tivesse salvado. Quero crer que meu amor é sobrenatural, e que é graças a um encantamento que a senhora saiu agora há pouco do tronco de um teixo.

Ela balançou a cabeça, tranquilizada.

— Para visitar o jardim de Gueures, eu já havia passado por aquela antiga porta cuja chave estava na fechadura, e, sabendo que iam vasculhá-lo essa manhã, fiquei escondida.

— Milagre, eu lhe digo! E o que é senão isso? Há semanas e meses, talvez mais, procuram nesse parque um candelabro de sete braços, e, para o descobrir em alguns minutos, no meio daquela multidão e apesar da vigilância de nossos adversários, bastou-me querer e pensar no prazer que a senhora sentiria.

Ela pareceu estupefata:

— O que o senhor está dizendo…? O senhor teria descoberto…?

— O próprio objeto, não, mas um dos sete braços que pertencem ao candelabro. Aqui está.

Joséphine Balsamo agarrou a haste de metal e a examinou fervorosamente. Era uma haste arredondada, bastante forte, ligeiramente ondulada e cujo metal desaparecia sob uma espessa camada de azinhavre. Uma das extremidades, um pouco achatada, trazia em um dos lados uma grande pedra violeta, lapidada em cabochão.

— Sim, sim — murmurou ela… — Não há a menor dúvida. O braço foi cerrado na base do candelabro. Oh, o senhor não conseguiria acreditar no quanto eu lhe sou grata…!

Raoul contou em algumas frases pitorescas a narrativa da batalha. A jovem não conseguia acreditar.

— Que ideia o senhor teve, não é? Por que essa inspiração de demolir o nono pilar antes de qualquer outro? O acaso?

— De modo algum — afirmou ele. — Uma certeza. Dos doze pilares, onze haviam sido construídos antes do fim do século XVII. O nono, depois.

— Como o senhor sabia disso?

— Porque os tijolos dos outros onze são de dimensões que já há duzentos anos não se usa mais, e os tijolos do número nove são aqueles que a gente emprega ainda hoje. Logo, o número nove foi demolido, depois refeito. Por que outro motivo senão para esconder nele este objeto?

Joséphine Balsamo manteve um longo silêncio. Depois, declarou lentamente:

— É extraordinário… Eu nunca acreditaria que poderíamos conseguir desta forma… E tão rápido…! Bem onde todos nós havíamos fracassado. Sim, de fato — acrescentou ela. — Eis um milagre…

— Um milagre de amor — repetiu Raoul.

O carro seguia com uma rapidez inconcebível, frequentemente por caminhos irregulares que evitavam a travessia por vilarejos. Nem as subidas nem as descidas apagavam o zelo endiabrado dos dois pequenos cavalos magricelas. À direita e à esquerda, planícies deslizavam e passavam como imagens.

— Beaumagnan estava lá? — perguntou a condessa.

— Não — disse ele —, felizmente para ele.

— Felizmente?

— Se estivesse, eu o estrangulava. Detesto aquela figura sombria.

— Menos do que eu — falou ela, com uma voz dura.

— Mas a senhora nem sempre o detestou — disse ele, incapaz de conter seu ciúme.

— Mentiras, calúnias — afirmou Joséphine Balsamo, sem levantar o tom. — Beaumagnan é um impostor e um desequilibrado, com um orgulho doente, e foi porque rejeitei seu amor que ele quis minha morte. Tudo isso, eu disse naquele dia, e ele não protestou… Ele não poderia protestar…

Raoul caiu de novo de joelhos, em um arroubo de entusiasmo.

— Ah, que palavras doces — exclamou. — Então a senhora nunca o amou? Que alívio! Mas também, isso seria admissível? Joséphine Balsamo se apaixonar por um Beaumagnan…

Ele ria e batia palmas.

— Escute, não quero mais chamá-la assim. Joséphine não é um nome bonito. Gosta de Josine? É isso, vou chamá-la de Josine, como também a chamavam Napoleão e sua mãe Beauharnais. Combinado, certo? A senhora é Josine… Minha Josine…

— Respeito em primeiro lugar — disse ela, sorrindo da infantilidade dele —, não sou sua Josine.

— Respeito! Mas eu estou transbordando de respeito. Como não? Estamos presos um perto do outro… A senhora está desprotegida, e eu permaneço prostrado diante da senhora como se estivesse na frente de um ídolo. E estou com medo! E estou tremendo! Se a senhora me desse sua mão para beijar, eu não ousaria…!

---

[11] Charles-Louis Napoléon Bonaparte (1808-1873), mais conhecido como Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte, foi Presidente e Imperador da França no início da segunda metade do século XIX. (N.T.).

Guardas e policiais

Todo o trajeto não foi nada além de uma longa adoração. Talvez a condessa Cagliostro tivesse bastante razão em não colocar Raoul à prova estendendo-lhe sua mão para beijar. Mas, na verdade, como havia feito o juramento de conquistar a jovem, e estava decidido a honrá-lo, mantinha a seu lado atitude e pensamentos de veneração, que lhe deixavam com coragem o bastante para enchê-la de discursos amorosos.

Ela estava escutando? Às vezes, sim, como se estivesse escutando uma criança que lhe conta alegremente sua afeição. Mas, às vezes, fechava-se em um silêncio longínquo que desconcertava Raoul.

Por fim, ele gritou:

— Ah, fale comigo, eu lhe peço. Estou tentando ser engraçado enquanto lhe digo coisas que não ousaria lhe dizer com seriedade demais. Mas, no fundo, tenho medo da senhora, e não sei o que estou dizendo. Eu lhe peço, responda-me. Algumas palavras somente, que me tragam de volta à realidade.

— Algumas palavras somente?

— Sim, não mais do que isso.

— Está bem, vamos então. A estação de Doudeville está bem próxima e o caminho de ferro o aguarda.

Ele cruzou os braços com uma expressão indignada.

— E a senhora?

— Eu?

— Sim, o que vai ser da senhora sozinha?

— Meu Deus, tratarei de me virar como venho fazendo até aqui.

— Impossível! A senhora não pode mais ficar sem mim. A senhora entrou em uma batalha na qual minha ajuda é indispensável. Beaumagnan, Godefroy d'Étigues, o príncipe D'Arcole, são tantos os bandidos que a esmagarão.

— Eles acham que estou morta.

— Mais motivo ainda. Se a senhora está morta, como espera agir?

— Nada tema. Agirei sem que eles me vejam.

— Mas como seria mais fácil por meu intermédio! Não, eu lhe peço, e desta vez falo seriamente, não rejeite minha ajuda. Há coisas que uma mulher não pode realizar sozinha. Pelo simples fato de que a senhora persegue o mesmo objetivo que aqueles homens, e que está em guerra com eles, conseguiram montar contra a senhora o mais ignóbil dos complôs. Acusaram-na de tal modo, e com argumentos aparentemente tão sólidos, que por um momento vi na senhora a bruxa e a criminosa que Beaumagnan acusava com seu ódio e desprezo.

"Não fique irritada comigo. Assim que a senhora os enfrentou, compreendi meu erro. Beaumagnan e seus cúmplices não foram nada além de carrascos odiosos e covardes diante da senhora. A senhora os dominou com toda a sua dignidade e, hoje, não resta mais nenhum traço em minha memória de todas aquelas calúnias. Mas é preciso que aceite minha ajuda. Se eu a aborreci ao lhe declarar meu amor, não falaremos mais disso. Eu nada peço além de poder me devotar à senhora, como eu me dedicaria àquilo que é muito belo e muito puro."

Ela cedeu. Passaram pela vila de Doudeville. Um pouco mais à frente, na estrada para Yvetot, o carro entrou em uma estrada de terra ladeada por faias e plantada com macieiras e ali parou.

— Vamos descer — disse a condessa. — Esta propriedade pertence a uma mulher valente, a Mãe Vasseur, cuja hospedaria fica a alguma distância, e que foi minha cozinheira. Às vezes, venho descansar aqui na casa dela por dois ou três dias. Vamos almoçar aqui… Léonard, vamos partir em uma hora.

Eles retomaram a estrada principal. A condessa avançava com um passo ligeiro, semelhante ao passo de uma garotinha. Usava um vestido cinzento, apertado na cintura, e um chapéu lilás com bordas de veludo e um buquezinho de violetas. Raoul d'Andrésy caminhava um pouco atrás para não tirar os olhos dela.

Após a primeira curva, elevava-se uma pequena construção branca, coberta com um teto de palha, e precedida por um jardim de ervas medicinais onde abundavam flores. Entrava-se no nível da rua em uma sala de café que ocupava toda a fachada.

— Uma voz de homem — observou Raoul, mostrando uma das portas que estampava a parede do fundo.

— É precisamente o cômodo onde ela me serve o almoço. Talvez ela esteja acompanhada de alguns camponeses.

Ela não tinha acabado de falar quando a porta se abriu e uma mulher bastante idosa, usando um avental de algodão e calçando tamancos, apareceu.

Ao ver Joséphine Balsamo, ela pareceu transtornada, e fechou a porta atrás de si, gaguejando de maneira incompreensível.

— O que houve? — perguntou Joséphine Balsamo, com uma voz bastante preocupada.

Mãe Vasseur caiu sentada e balbuciou:

— Vá embora daqui… Salve-se… Depressa…

— Mas por quê? Fale logo! Explique-se…

Escutaram então as seguintes palavras:

— A polícia… Está procurando pela senhora… Revistaram o quarto onde coloquei suas malas… Estão esperando os guardas… Salve-se, ou a senhora estará perdida.

Por sua vez, a condessa vacilou e foi tomada por uma fraqueza que a obrigou a se apoiar contra um aparador. Seus olhos encontraram os de Raoul e fizeram-lhe uma súplica, como se ela estivesse se sentindo perdida, de fato, e implorasse por seu socorro.

Ele estava confuso. Declarou:

— Que lhe importam os guardas? Não é a senhora que estão procurando… Certo?

— Sim, sim, é ela — repetiu a Mãe Vasseur. — Estão procurando por ela… Salve-a.

Muito pálido, sem ainda perceber o significado exato de uma cena cuja gravidade imaginava ser trágica, pegou o braço da condessa, conduziu-a até a saída, e a empurrou para fora.

Mas, tendo ultrapassado a soleira primeiro, ela recuou com terror e murmurou:

— Os guardas…! Eles me viram…!

Ambos voltaram para dentro às pressas. Mãe Vasseur tremia toda e cochichava estupidamente:

— Os guardas… A polícia…

— Silêncio — falou Raoul em voz baixa, permanecendo muito calmo. — Silêncio! Vou resolver tudo. Quantos policiais estão aqui?

— Dois.

— E dois guardas. Logo, não há nada a fazer pela força, estamos cercados. Onde se encontram as malas que eles revistaram?

— Lá em cima.

— E onde é a escadaria que conduz para cima?

— Aqui.

— Bom. Fiquem aqui, vocês duas, e tratem de não revelar que estão aqui. Mais uma vez, vou resolver tudo!

Ele pegou a mão da condessa e se dirigiu para a porta designada. A escadaria era na verdade uma espécie de escada de madeira rústica que conduzia até um sótão onde estavam espalhados todos os vestidos e toda a roupa que deveriam estar nas malas. Quando chegaram lá, os dois policiais estavam entrando na sala de café, e quando Raoul, com passos surdos, aproximou-se da janela aberta no meio da palha, percebeu os dois guardas que desciam do cavalo e amarravam suas montarias nos pilares do jardim.

Joséphine Balsamo não se mexia. Raoul notou seu rosto desfigurado, que a angústia contraía e envelhecia.

Ele lhe disse:

— Rápido! A senhora precisa mudar de roupas. Coloque um de seus outros vestidos… Um preto, de preferência.

Ele se voltou para a janela, de onde viu, logo abaixo, os policiais e os guardas que conversavam no jardim. Quando ela terminou de se vestir, ele pegou o vestido cinza que ela acabara de tirar e o vestiu. Ele era magro, de aparência esbelta: o vestido cuja parte de baixo puxou para cobrir até seus pés lhe caía perfeitamente e ele parecia tão feliz com aquela fantasia e tão tranquilo que a jovem moça pareceu se acalmar.

— Escute o que estão dizendo — disse ele.

Distinguia-se claramente a conversa que se dava entre os quatro homens na soleira da sala, e escutaram um deles — um dos guardas, sem dúvida — que perguntava com uma voz grossa e arrastada:

— Os senhores têm certeza mesmo de que ela estava vestindo isso na ocasião?

— Toda a certeza. A prova… Duas de suas malas que ela deixou aqui guardadas, e das quais uma traz seu nome: Sra. Pellegrini. E, além disso, Mãe Vasseur é uma mulher valente, não é?

— Não há ninguém mais valente do que Mãe Vasseur. Todo mundo a conhece na região!

— Aí está! A Mãe Vasseur declara que essa Sra. Pellegrini vinha de tempos em tempos passar alguns dias em sua casa.

— Minha nossa! Entre uma invasão e outra.

— Justamente.

— Então será uma boa captura, essa Sra. Pellegrini?

— Excelente. Roubos qualificados. Fraudes. Ocultação. Em suma, tudo e o diabo a quatro… Sem contar montes de cúmplices.

— Temos a descrição dela?

— Sim e não.

— Temos dois retratos que são totalmente diferentes. Em um deles está jovem, no outro, velha. Quanto à idade, está marcado entre trinta e sessenta anos.

Eles caíram na risada, depois a voz grossa continuou:

— Mas vocês estão seguindo uma pista?

— Sim e não. Há quinze dias ela estava em Ruão e em Dieppe. Ali perdemos seu rastro. Recuperamos sua pista na grande linha do caminho de ferro, e a perdemos de novo. Será que ela continuou até o Havre ou bifurcou rumo a Fécamp? Impossível saber. Desaparecimento total. Estamos patinando.

— E por que vocês vieram para cá?

— Por acaso. Um empregado da estação, que tinha vindo até aqui, lembrou-se do nome Pellegrini, inscrito em uma das malas em um lugar escondido por uma etiqueta que tinha se descolado.

— Vocês interrogaram outros passageiros e clientes da hospedaria?

— Ah, é raro ter clientes aqui.

— Há sempre uma dama que avistamos mais cedo, quando chegamos.

— Uma dama?

— Sem dúvida. Ainda estávamos cavalgando quando ela saiu da casa, por aquela porta. Ela inclusive entrou de repente como se não quisesse ser

vista.

— Impossível…! Uma dama na pousada…?

— Uma mulher vestida de cinza. Se eu saberia reconhecê-la? Não. Mas a cor do vestido, sim… E o chapéu também… Um chapéu com flores violetas…

Os quatro homens calaram-se.

Toda aquela conversa havia sido escutada por Raoul e pela jovem, olhando um nos olhos do outro, sem dizer uma palavra. A cada nova prova, o rosto de Raoul se tornava mais duro. Ela não protestou nem uma vez.

— Estão vindo… Estão vindo… — declarou ela, surdamente.

— Sim — disse ele. — É hora de agir… Do contrário, eles vão subir e encontrá-la neste cômodo.

Ela continuava com seu chapéu. Ele o pegou e o colocou em si mesmo, abaixando um pouco as asas para exibir as flores violetas e amarrando as fitas em volta do pescoço, o que escondia seu rosto. Depois, deu suas últimas instruções.

— Vou abrir caminho para a senhora. Assim que estiver tudo livre, a senhora seguirá tranquilamente pela estrada até a rua de terra onde sua carruagem está estacionada. Entre nela, e peça que Léonard fique com as rédeas na mão…

— E o senhor? — perguntou ela.

— Eu vou me juntar a vocês em vinte minutos.

— E se eles o prenderem?

— Eles não vão me prender, e nem a senhora. Mas não sejamos precipitados. Não corra. Tenha sangue-frio.

Ele se aproximara da janela. Inclinou-se. Os homens entraram. Ele passou uma perna pela borda, saltou no jardim, deu um grito como se tivesse notado algumas pessoas que o assustaram e saiu correndo em disparada.

Logo, ouviu-se gritos atrás dele.

— É ela…! Um vestido cinza com violetas no chapéu! Pare, senão eu atiro…

Com um salto, atravessou a estrada e enveredou por plantações; saindo delas, escalou a colina de uma fazenda que cruzou na transversal. De novo, outra colina. Depois, campos. Depois, uma trilha que ladeava outra fazenda entre duas sebes de amoras silvestres.

Ele se virou: os perseguidores, um pouco mais longe, não podiam vê-lo. Em um segundo, livrou-se do vestido e do chapéu e os jogou no meio dos arbustos. Em seguida, colocou sua boina de marinheiro, acendeu um cigarro e foi voltando, com as mãos nos bolsos.

No canto da fazenda, os dois policiais surgiram totalmente sem fôlego e se chocaram com ele.

— Hei, marinheiro…? O senhor viu uma mulher por aqui? Uma mulher com um vestido cinza?

Ele afirmou:

— É claro… Uma mulher correndo, não é…? Uma verdadeira louca…

— Isso mesmo… E então?

— Ela entrou na fazenda.

— Como?

— A cerca…

— Faz muito tempo?

— Nem vinte segundos.

Os homens foram embora com pressa, Raoul continuou seu caminho, cumprimentou com um breve "bom dia" amigável os guardas que estavam chegando, e, com um passo despreocupado, ganhou a estrada, saindo um pouco depois da hospedaria e bem perto da curva.

Cem metros mais longe estavam as faias e as macieiras da estradinha onde o carro esperava.

Léonard estava em seu acento, o chicote na mão. Joséphine Balsamo, de dentro, mantinha a porta aberta.

Ele ordenou:

— Para Yvetot, Léonard.

— Como assim? — objetou a condessa. — Vamos passar na frente da pousada!

— O que importa é que ninguém nos veja saindo daqui. Ora, a estrada está deserta. Vamos aproveitar isso… Siga devagar, Léonard… Um aspecto de carro funerário que está voltando vazio.

Passaram de fato diante da hospedaria. Naquele momento, os policiais e os guardas voltavam atravessando os campos. Um deles agitava o vestido cinza e o chapéu. Os outros gesticulavam.

— Eles acharam as suas coisas e já sabem o que esperar. Não é mais a senhora que estão procurando. Sou eu, o marinheiro que encontraram.

Quanto ao carro, nem vão prestar atenção nele. E se alguém lhes dissesse que estamos nessa carruagem, a Sra. Pellegrini e eu, o seu cúmplice marinheiro, cairiam na gargalhada.

— Vão interrogar a Mãe Vasseur.

— Ela que se vire!

Quando perderam o grupo de vista, Raoul apressou o passo da parelha…

— Oh, oh! — disse ele, assim que os dois cavalos avançaram ao primeiro golpe do chicote. — Os pobres animais não irão longe. Faz quanto tempo que estão trotando?

— Desde a manhã — disse ela. — Desde Dieppe, onde passei essa noite.

— E para onde vamos?

— Até as margens do Sena.

— Puxa vida! São dezesseis ou dezessete léguas em um dia nesse ritmo! É fabuloso.

Ela não respondeu.

Entre os dois vidros da frente havia uma estreita faixa de espelho no qual ele a podia ver. Ela havia colocado um vestido mais escuro e uma touca leve de onde caía um véu bastante espesso que lhe envolvia a cabeça toda. Ela o desamarrou e tirou de um porta-luvas, localizado abaixo da parte do espelho, um pequeno saco de couro que continha um velho espelho de mão com cabo de ouro, e objetos de toalete, frascos, batom vermelho, escovas…

Pegando o espelho, ela contemplou nele longamente seu rosto cansado e envelhecido.

Depois pingou algumas gotas de uma garrafinha estreita e esfregou a superfície molhada com um trapo de seda. E se olhou de novo.

Raoul não entendeu de pronto e não percebeu a expressão severa dos olhos e aquela melancolia da moça diante de sua imagem estragada.

Dez minutos, quinze minutos passaram-se assim em silêncio e no visível esforço de um olhar no qual todos os pensamentos e todas as vontades concentravam-se. Foi o sorriso quem apareceu primeiro, hesitante, tímido como um raio de sol invernal. Ao fim de um instante, tornou-se mais ousado e revelou sua ação por pequenos detalhes que surgiam diante dos olhos espantados de Raoul. O canto da boca subiu mais. A pele se

impregnou de cor. A carne pareceu outra vez firme. As maçãs do rosto e o queixo reencontravam suas formas imaculadas, e toda a graça iluminou a bela e tenra figura de Joséphine Balsamo.

O milagre se completara.

"Milagre?", perguntou-se Raoul. "Não. Ou, no máximo, milagre de vontade. Influência de um pensamento claro e tenaz que não aceita a decadência e que restabelece a disciplina onde havia desordem e flacidez. Quanto ao resto, frasco, elixir maravilhoso, simples teatro."

Pegou o espelho que ela havia deixado de lado e o examinou. Era evidentemente o objeto descrito ao longo da reunião na casa de D'Étigues, aquele que a condessa de Cagliostro utilizara diante da imperatriz Eugénie. As bordas eram trabalhadas, a placa de ouro por detrás estava toda machucada por batidas.

No punho, uma coroa de conde, uma data, 1783, e a lista dos quatro enigmas.

Raoul, que sentia vontade de provocá-la, zombou:

— Seu pai lhe legou um espelho precioso. Graças a esse talismã, sente-se as emoções mais desagradáveis.

— De fato, acontece que perdi a cabeça — disse ela. — Isso me acontece raramente e já aguentei firme em circunstâncias mais graves do que esta aqui.

— Oh, oh, mais graves… — disse com uma dúvida irônica.

Eles não trocaram mais nenhuma palavra. Os cavalos continuavam a trotar com um mesmo ritmo. As grandes planícies de Caux, sempre semelhantes e sempre diversas, davam lugar a vastos horizontes plantados de fazendas e arvoredos.

A condessa de Cagliostro tinha baixado seu véu. Raoul sentiu que aquela mulher, que estava tão próxima dele duas horas antes, e à qual oferecera tão alegremente seu amor, afastara-se, até se tornar uma estranha. Não havia mais contato entre eles. A alma misteriosa cercava-se de trevas espessas e aquilo que podia perceber disso era tão diferente daquilo que havia imaginado!

Alma de ladra… Alma furtiva e inquieta, inimiga dos dias ensolarados… Seria possível? Como admitir que aquele rosto ingênuo, como o de uma virgem ignorante, que aquele olhar tão límpido quanto a água de uma fonte não eram nada além de uma aparência mentirosa?

Ele estava decepcionado a tal ponto que, quando estavam atravessando a pequena cidade de Yvetot, só pensava em fugir dali. Não conseguia decidir-se, o que dobrou sua raiva. A lembrança de Clarisse d'Étigues veio-lhe à mente e, por vingança, evocou por um momento a doce e terna jovem que tinha se entregado tão nobremente.

Mas Joséphine Balsamo não largava sua presa. Por mais murcha que ela lhe parecesse, por mais deformada que estivesse aquela que lhe era um ídolo, ela estava lá! Um odor inebriante emanava dela. Ele tocava suas roupas. Com um gesto, podia pegar sua mão e beijar aquela carne perfumada. Ela era toda a paixão, todo o desejo, toda a volúpia, todo o mistério perturbador da mulher. E de novo, a lembrança de Clarisse d'Étigues desvaneceu.

— Josine… Josine… — murmurou, tão baixo que ela não o escutou.

Aliás, de que valia gritar seu amor e sua dor? Poderia ela lhe devolver a confiança perdida e reencontrar em seus olhos o prestígio que, era sabido, não tinha mais?

Estavam se aproximando do Sena. No alto da costa que desce a Caudebec, viraram à esquerda, entre as colinas arborizadas que dominam o vale de Saint-Wandrille. Margearam as ruínas da célebre abadia[12], seguiram o curso d'água que a banha, avistaram o rio, e tomaram a estrada para Ruão.

Um instante mais tarde, o carro parou, e Léonard logo voltou a partir, depois de ter deixado os dois viajantes na orla de um pequeno bosque de onde se descobria o Sena. Uma pradaria bem trêmula de juncos os separavam dele.

Joséphine Balsamo ofereceu a mão a seu companheiro e lhe disse:

— Adeus, Raoul. Um pouco mais longe, o senhor encontrará a estação Mailleraie.

— E a senhora? — perguntou ele.

— Ah, quanto a mim, minha casa está bem perto.

— Não estou vendo…

— Sim, está. Essa lancha que a gente vê logo li, entre os ramos.

— Eu a acompanho.

Um dique estreito cortava o campo no meio dos juncos. A condessa seguiu por ali, acompanhada de Raoul.

Chegaram assim a um terreno aberto, e bem perto da lancha que uma cortina de salgueiros também disfarçava. Ninguém poderia vê-los nem os

ouvir. Estavam a sós sob o grande céu azul. Ali se passaram entre eles alguns desses minutos dos quais sempre guardamos a lembrança e que influenciam todo o destino.

— Adeus — disse de novo Joséphine Balsamo. — Adeus…

Ele hesitou diante daquela mão estendida para o adeus supremo.

— O senhor não quer apertar minha mão? — perguntou ela.

— Sim… sim… — murmurou ele. — Mas por que se separar?

— Porque nós não temos mais nada a dizer um para o outro.

— Mais nada, de fato, e, no entanto, nós não dissemos nada.

Acabou por pegar entre suas mãos a mão morna e macia, e declarou:

— As palavras daqueles homens… Suas acusações na hospedaria, então é tudo verdade?

Desejava uma explicação, mesmo uma mentira, que lhe permitisse conservar alguma dúvida, mas ela pareceu surpresa e retrucou:

— De que isso lhe serviria?

— Como?

— Sim, poderíamos acreditar realmente que aquelas revelações podem influenciar sua conduta.

— O que a senhora quer dizer?

— Meu Deus, nada mais simples. Quero dizer que eu teria compreendido sua agitação diante da confirmação dos crimes monstruosos dos quais Beaumagnan e o barão D'Étigues me acusaram falsa e idiotamente, mas hoje isso está fora de questão.

— Mesmo assim, eu me lembro das acusações deles.

— Das acusações deles contra aquela cujo nome eu lhes dei, isto é, contra a marquesa de Belmonte. Mas não se trata de crimes, e, o que o acaso lhe revelou antes, o que isso lhe importa?

Raoul foi interpelado por aquela pergunta inesperada. Ela sorria diante dele, muito à vontade, e retomou, por sua vez, um pouco irônica:

— Talvez seja o visconde Raoul d'Andrésy quem está chocado com seus próprios pensamentos? O visconde Raoul d'Andrésy deve ter evidentemente concepções morais, a delicadeza de um cavalheiro…

— E quando vai ser? — perguntou. — Quando provarei alguma desilusão?

— Na hora certa! — respondeu ela. — Eis a bela palavra que faltava! O senhor está decepcionado. Estava correndo atrás de um belo sonho e tudo

evaporou. A mulher apareceu-lhe tal qual ela é. Responda francamente, já que estamos pondo tudo em pratos limpos. O senhor está decepcionado, não está?

Ele disse a palavra com um tom seco:

— Sim.

Seguiu-se um silêncio. Ela o olhava profundamente e cochichou:

— Sou uma ladra, não é? Eis o que o senhor quer dizer. Uma ladra, não é?

— Sim.

Ela sorriu e declarou:

— E o senhor?

E, como ele começava a protestar, ela o pegou rudemente pelo ombro, e lhe perguntou, autoritária, sem qualquer formalidade:

— E você, meu menino? O que você é? Pois, afinal, é preciso deixar bem claro o que você pretende também. Quem é você?

— Eu me chamo Raoul d'Andrésy.

— Que piada! Você se chama Arsène Lupin. Seu pai, Théophraste Lupin, que acumulava os ofícios de professor de boxe e lutador com a profissão mais lucrativa de golpista, foi condenado e preso nos Estados Unidos onde morreu. Sua mãe retomou seu nome de solteira e viveu de favor como parente pobre na casa de um primo afastado, o duque de Dreux-Soubise. Um dia, a duquesa constatou o desaparecimento de uma joia de imenso valor histórico, que não era nenhuma outra senão o famoso colar da rainha Maria Antonieta[13]. Apesar de todas as buscas, nunca se soube quem era o autor daquele roubo, executado com uma ousadia e uma habilidade diabólicas. Mas *eu* sei quem foi. Foi você. Você tinha seis anos.

Raoul escutava, pálido de raiva, com o maxilar contraído. Murmurou:

— Minha mãe estava infeliz, humilhada, quis libertá-la.

— Roubando!

— Eu tinha seis anos.

— Hoje, você tem vinte, sua mãe está morta, você é forte, inteligente, cheio de energia. Como vive?

— Eu trabalho.

— Sim, no bolso dos outros.

Ela não lhe deixou tempo de protestar.

— Não diga nada, Raoul. Eu conheço sua vida nos mínimos detalhes e poderia lhe contar pormenores de coisas que fez este ano, e em outros mais antigos, pois eu o sigo já faz bastante tempo, e tudo o que eu lhe diria não seria certamente muito mais bonito do que aquilo que você escutou agora há pouco na hospedaria. Policiais? Guardas? Inquéritos? Perseguições…? *Você* também passou por tudo isso e você só tem vinte anos! Então é mesmo o caso de se culpar por isso? Não, Raoul. Pois eu conheço sua vida, e já que o acaso lhe mostrou um pingo da minha, joguemos ambos um véu sobre isso. O ato de roubar não é bonito: vamos olhar para o outro lado e nos calar.

Ele permaneceu em silêncio. Uma grande exaustão o invadia. De repente, via a existência em um dia nebuloso e angustiante no qual mais nada tinha cor, mais nenhuma beleza, nem graça. Tinha vontade de chorar.

— Pela última vez, Raoul, adeus — disse ela.

— Não… não… — balbuciou ele.

— É preciso, meu menino. Eu só faria mal a você. Não busque misturar sua vida com a minha. Você tem ambição, energia, e com tais qualidades você pode escolher seu caminho.

E mais baixo completou:

— Este que estou trilhando não é o melhor, Raoul.

— Por que a senhora segue por ele então, Josine? Eis justamente o que me assusta.

— É tarde demais.

— Então, para mim também!

— Não, você é jovem. Salve-se. Escape do destino que o ameaça.

— Mas a senhora, a senhora, Josine…?

— Eu? É a minha vida.

— Vida atroz, que a faz sofrer.

— Se você acredita nisso, por que quer dividi-la comigo?

— Por que eu a amo.

— Mais motivo ainda para eu fugir, meu menino. Qualquer amor entre nós está condenado desde já. Você se envergonharia de mim, e eu não confiaria em você.

— Eu a amo.

— Hoje. Mas e amanhã? Raoul, obedeça à ordem que lhe deixei em minha fotografia, naquela primeira noite em que nos encontramos: “Não

tente me rever." Vá embora.

— Sim, sim — disse Raoul d'Andrésy, com uma voz morosa. — A senhora tem razão. Mas é terrível pensar que tudo estará acabado entre nós antes mesmo que eu tenha tido o tempo de ter esperança… E que a senhora não vai se lembrar de mim.

— Não nos esquecemos daquele que nos salvou duas vezes.

— Não, mas esquecerá que eu a amo.

Ela balançou a cabeça.

— Não esquecerei — disse ela.

E, retomando a formalidade, acrescentou com emoção:

— Seu entusiasmo, seu ímpeto… Tudo o que há no senhor de sincero e espontâneo… E outras coisas que ainda não desvendei… Tudo isso me toca infinitamente.

Mantiveram suas mãos uma na outra, e seus olhos não se deixaram. Raoul tremia de afeição. Ela lhe disse docemente:

— Quando se separa para sempre, deve-se devolver ao outro aquilo que havia sido dado. Pode devolver meu retrato, Raoul?

— Não, não, nunca — falou ele.

— Então, *eu* — disse ela, com um sorriso que o embriagava — serei mais honesta e vou lhe devolver lealmente aquilo que o senhor me havia dado.

— Do que está falando, Josine?

— Na primeira noite… No celeiro… Enquanto eu dormia, Raoul, o senhor se inclinou sobre mim e eu senti seus lábios sobre os meus.

Com suas mãos cruzadas atrás do pescoço de Raoul, ela puxou a cabeça do jovem rapaz, e as duas bocas se uniram.

— Ah! Josine — disse, perdidamente apaixonado… — Faça comigo o que a senhora quiser, eu a amo… Eu a amo…

Eles andavam ao lado do Sena. Os juncos balançavam acima deles. Suas roupas roçavam nas longas folhas finas que o beijo do vento norte agitava. Seguiram rumo à felicidade, sem outros pensamentos além daqueles que fazem estremecer os amantes cujas mãos se cruzam.

— Só mais uma palavra, Raoul — disse ela, detendo-o. — Uma palavra. Sinto que com o senhor eu serei violenta, exclusiva. Não há outra mulher em sua vida?

— Nenhuma.

— Ah! — disse ela, amargamente. — Já uma mentira!

— Uma mentira?

— E Clarisse d'Étigues? Sim, vocês tiveram alguns encontros no campo. Eu os vi.

Ele se irritou.

— História velha… Um flerte sem importância.

— O senhor jura?

— Juro.

— Tanto melhor — disse ela com uma voz sombria. — Tanto melhor para ela. E que nunca ela se coloque entre nós! Do contrário…

Ele a puxou para si.

— Eu não amo ninguém senão a senhora, Josine. Nunca amei ninguém além da senhora. Minha vida está começando hoje.

---

[12] No caso, Leblanc refere-se à antiga e célebre Abadia de Fontenelle, conhecida hoje em dia como Abadia de Saint-Wandrille, fundada no ano 649. (N.T.)

[13] Cf. *Arsène Lupin, Ladrão de Casaca.* (N.A.)

As delícias de Capoue

A Indiferente era uma lancha parecida com todas as outras, bastante velha, com a pintura já gasta, mas bem polida e bem cuidada por um casal de barqueiros que se chamavam o Sr. e a Sra. Delâtre. Por fora, não se via grande coisa do que *A Indiferente* conseguia transportar, algumas caixas, velhas cestas, barris, eis tudo. Mas se deslizássemos para baixo do convés com a ajuda da escada, era fácil constatar que a lancha não transportava absolutamente nada.

Todo o interior se distribuía em três estreitos cômodos confortáveis e brilhantes, duas cabines separadas por uma sala. Foi ali que Raoul e Joséphine Balsamo viveram durante um mês. O casal Delâtre, pessoas quietas e irritáveis, com as quais Raoul tentou, várias vezes, iniciar uma conversa, mas em vão, ocupavam-se da limpeza e da cozinha. De vez em quando, um pequeno rebocador vinha buscar *A Indiferente* e lhe fazia subir uma curva do Sena.

Toda a história do belo rio revelava-se assim em paisagens charmosas onde os dois iam passear abraçando-se pela cintura… A floresta de Brotonne, as ruínas de Jumièges, a abadia de São Jorge, as colinas da Bouille, Ruão, Pont-de-l'Arche…

Semanas de intensa felicidade! Ali, Raoul dispendeu tesouros de alegria e entusiasmo. Os espetáculos maravilhosos, as belas igrejas góticas, os pores do sol e os luares, tudo lhe era pretexto para declarações inflamadas.

Josine, mais silenciosa, sorria como em um sonho feliz. Cada dia a aproximava mais de seu amado. Se, primeiro, obedecia a um capricho, enfrentava agora a lei de um amor que lhe fazia bater o coração e lhe ensinava o sofrimento de amar demais.

Do passado, de sua vida secreta, jamais dizia uma palavra. No entanto, uma vez, trocaram algumas frases sobre esse assunto. Como Raoul a estava divertindo com aquilo que ele chamava de o milagre de sua eterna juventude, ela respondeu:

— Um milagre é aquilo que não entendemos. Exemplo: percorremos vinte léguas em um dia… Você grita que é um milagre. Mas, com um pouco de atenção, você se daria conta de que a distância foi coberta, não por dois, mas por quatro cavalos, uma vez que Léonard desatrelou e mudou de animais em Doudeville, naquela estrada de terra, onde um estábulo já estava preparado.

— Boa jogada — exclamou o jovem alegre.

— Outro exemplo. Ninguém no mundo sabe que você se chama Lupin. Ora, e se eu contasse que, na mesma noite em que você me salvou da morte, eu já o conhecia sob seu verdadeiro nome…? Milagre? De modo algum. Você bem entende que tudo o que diz respeito ao conde de Cagliostro me interessa, e que há quatorze anos, quando escutei falar do desaparecimento do colar da Rainha na casa da duquesa de Dreux-Soubise, fiz uma investigação minuciosa, o que me permitiu, primeiramente, chegar até o jovem Raoul d'Andrésy, e, em seguida até o jovem Lupin, filho de Théophraste Lupin. Mais tarde, reencontrei seus traços em vários casos. Eu estava obcecada.

Raoul refletiu por alguns segundos, depois falou, com muita seriedade:

— Naquela época, minha Josine, ou você tinha uns dez anos, e seria fenomenal que uma criança dessa idade tivesse sucesso em uma investigação na qual todo mundo fracassou, ou então você tinha a mesma idade que tem hoje, o que seria ainda mais fenomenal, oh filha de Cagliostro!

Ela franziu o cenho. A piada parecia-lhe desagradável.

— Nunca vamos falar sobre isso, está bem, Raoul?

— Lamentável! — disse Raoul um pouco incomodado de ter sido identificado como Arsène Lupin, e que, por isso, desejava uma revanche. — Nada no mundo me fascina mais do que o problema da sua idade e suas diversas proezas no último século. Tenho algumas ideias pessoais quanto a isso, que não deixam de ser interessantes.

Ela o observou, curiosa, apesar de tudo. Raoul aproveitou sua hesitação e logo retomou com um tom ligeiramente zombeteiro:

— Minha argumentação se apoia sobre dois axiomas: 1) como você disse, não há milagre; 2) você é a filha de sua mãe.

Ela sorriu.

— Começou bem.

— Você é a filha da sua mãe — repetiu Raoul —, o que significa que existiu, antes de mais nada, uma condessa de Cagliostro. Há vinte e cinco ou trinta anos, ela ofuscou com sua beleza a Paris do fim do segundo Império, e intrigou a corte de Napoleão III. Com a ajuda de seu suposto irmão que a acompanhava (irmão, amigo ou amante, não importa!), ela maquinou toda a história da filiação de Cagliostro, e preparou falsos documentos que serviram à polícia para informar Napoleão III sobre a filha de Joséphine de Beauharnais e Cagliostro. Expulsa, passou pela Itália, pela Alemanha, depois desapareceu… Para ressuscitar vinte e quatro anos mais tarde, sob os traços idênticos de sua adorável filha, a segunda condessa de Cagliostro, aqui presente. Estamos de acordo quanto a isso?

Josine não respondeu, impassível. Ele continuou:

— Entre a mãe e a filha, uma semelhança perfeita… Tão perfeita que a aventura recomeça bem naturalmente. Por que duas condessas? Só haverá uma, uma só, a única, a verdadeira, aquela que herdou os segredos de seu pai Joseph Balsamo, conde de Cagliostro. E quando Beaumagnan fez sua investigação, ele chegou inevitavelmente a encontrar os documentos que já haviam enganado a polícia de Napoleão, e a série de retratos e miniaturas, que atestam a unidade da sempre jovem dama, e que remontam sua origem até a virgem de Bernardino Luini a quem o acaso tão estranhamente assimilou.

"Além disso, há uma testemunha: o príncipe D'Arcole. Ele viu outrora a condessa de Cagliostro. Conduziu-a a Modane. Ele a reviu em Versalhes. Quando se deu conta, um grito lhe escapou: 'É ela! E ela tem a mesma idade!'

"Quanto a isso, você o subjuga com um mundo de provas, incluindo o relato de algumas palavras trocadas em Modane entre sua mãe e ele, relato que você leu no meticuloso diário que sua mãe guardava contando todos os seus atos. Ufa! Aí estão os segredos e as profundezas do caso. E é muito simples. Uma mãe e uma filha que se parecem e cuja beleza evoca uma imagem de Luini. Um ponto, isso é tudo. Há ainda a marquesa de Belmonte. Mas suponho que a semelhança dessa dama com você seja

bastante vaga, e que tenha sido preciso a boa vontade e o cérebro deteriorado do Senhor Beaumagnan para confundir vocês duas. Em resumo, nada de dramático, uma intriga divertida e bem conduzida. Eis tudo."

Raoul se calou. Pareceu-lhe que Joséphine Balsamo tinha empalidecido um pouco e que seu rosto se contraía. Por sua vez, ela devia estar incomodada, e isso o fez rir.

— Acertei bem na mosca, não? — perguntou.

Ela se esquivou.

— Meu passado me pertence e minha idade não importa a ninguém. A esse propósito, você pode acreditar no que o agradar.

Ele se atirou sobre ela e a beijou furiosamente.

— Eu acho que você tem quatrocentos anos, Joséphine Balsamo, e nada é mais delicioso do que o beijo de uma centenária. Quando penso que você talvez tenha conhecido Robespierre, e talvez até Luís XVI!

O incidente não se prolonga. Raoul d'Andrésy sentia tão claramente a irritação de Joséphine Balsamo ante a menor tentativa indiscreta que não ousou questioná-la mais. Aliás, já não sabia a exata verdade?

Claro, ele sabia, e nenhuma dúvida permanecia em seu espírito. No entanto, a jovem conservava todo um prestígio misterioso que o subjugava, contra sua vontade, e do qual não guardava nenhum rancor.

Ao fim da terceira semana, Léonard reapareceu. Uma manhã, Raoul avistou a carruagem com os dois pequenos cavalos magricelas da condessa indo embora.

Ela não voltou antes do anoitecer. Léonard transportou para *A Indiferente* pacotes amarrados em lenços, que deixava deslizar por um alçapão cuja existência Raoul ignorava.

De noite, após conseguir abrir o alçapão, Raoul foi ver os pacotes. Continham admiráveis rendas e casulas preciosas.

Dois dias depois, nova expedição. Resultado: uma magnífica tapeçaria do século XVI.

Naqueles dias, Raoul ficava fortemente entediado. Assim, em Mantes, encontrando-se de novo sozinho, alugou uma bicicleta e andou durante algum tempo no campo. Depois de ter almoçado, avistou, ao sair de uma pequena cidade, uma grande casa cujo jardim estava repleto de gente. Aproximou-se. Estavam leiloando belos móveis e peças de prataria.

Desocupado, deu a volta na casa. Um dos frontões se erguia em uma parte deserta do jardim e acima de um arvoredo frondoso. Sem saber direito a qual impulso estava obedecendo, Raoul, vendo uma escada, ergueu-a, subiu e pulou o parapeito de uma janela aberta.

Um leve grito soou lá dentro. Raoul viu Joséphine Balsamo, que logo se recompôs e lhe disse com um tom bastante natural:

— Veja só, é o senhor, Raoul? Estou admirando uma coleção de pequenos livros em capa dura… Umas maravilhas! E de uma raridade!

Isso foi tudo. Raoul examinou os livros e embolsou três, bem antigos, enquanto a condessa, sem que Raoul percebesse, surrupiava algumas medalhas de uma vitrine.

Desceram a escada. No tumulto da multidão, ninguém reparou que estavam indo embora.

A trezentos metros de distância, o carro aguardava.

Desde então, em Pontoise, em Saint-Germain, em Paris, *A Indiferente*, amarrada bem de frente à delegacia de polícia, continuava a lhes servir de abrigo, eles "operavam" juntos.

Se por um lado o caráter fechado e a alma enigmática da Cagliostro não se desmentiam na realização dessas tarefas, por outro, a natureza espontânea de Raoul pouco a pouco recuperava o controle da situação, e a toda vez a operação terminava em gargalhadas.

— Já que dei as costas ao caminho da virtude — disse ele —, enquanto estivermos fazendo isso, vamos levar a vida alegremente e não de modo fúnebre… Como você faz, minha Josine.

A cada desafio, ele descobria talentos imprevistos em si mesmo e recursos que ignorava. Às vezes, numa loja, quando fazia compras, no teatro, sua companheira ouvia um alegre estalido de língua, e então via nas mãos do amado um relógio, na gravata um novo alfinete. E sempre com o mesmo sangue frio, sempre a serenidade inocente que nenhum perigo ameaça.

O que não o impedia de obedecer às múltiplas precauções exigidas por Joséphine Balsamo. Apenas saíam da lancha vestidos como gente do povo. Em uma rua próxima, a velha carruagem os buscava, com um único cavalo atrelado. Mudavam ali de roupas. Cagliostro não tirava nunca uma renda com grandes flores bordadas que lhe servia de véu.

Todos aqueles detalhes, e tantos outros, mantinham Raoul informado sobre a real vida de sua amante. Agora, ele não tinha dúvidas de que ela era a chefe de uma quadrilha organizada de cúmplices com quem se correspondia por intermédio de Léonard, e tampouco duvidava que estivesse seguindo o caso do candelabro de sete braços, e que vigiava as manobras de Beaumagnan e seus amigos.

Existência dupla, que, com frequência, indispunha Raoul contra Joséphine Balsamo, assim como ela mesma o tinha previsto. Esquecendo-se de seus próprios atos, ele se ressentia por fazer coisas que não estavam de acordo com as ideias que, apesar de tudo, ainda mantinha sobre honestidade. Uma amante ladra e chefe de quadrilha, isso o irritava. Havia atritos entre eles a propósito de questões insignificantes. Suas personalidades, tão fortes e tão marcantes, chocavam-se.

Assim, quando um incidente os jogou de repente em plena batalha, embora voltados contra inimigos comuns, aprenderam tudo o que um amor como o deles pode, em alguns minutos, conter de rancor, de orgulho e de hostilidade.

Aquele incidente, que colocou fim ao que Raoul chamava de "as delícias de Capoue"[14], se devia ao encontro imprevisto que tiveram uma noite com Beaumagnan, com o barão D'Étigues e com Bennetot. Os três amigos entravam no teatro de Variedades[15].

— Vamos segui-los — disse Raoul.

A condessa hesitou. Ele insistiu.

— Como assim? Uma ocasião como essa oferece-se para nós e não vamos aproveitá-la?

Ambos entraram e instalaram-se em um camarote escuro. Naquele momento, no fundo de um outro camarote situado perto do palco, tiveram tempo de perceber, antes de a camareira abrir as portas, a silhueta de Beaumagnan e de seus dois acólitos.

Um problema apresentava-se. Por que Beaumagnan, homem de igreja e de hábitos aparentemente rígidos, perdia-se em um teatro de boulevard[16], onde encenavam justamente uma sátira muito descarada e sem o menor interesse para ele?

Raoul fez essa pergunta à Joséphine Balsamo, que não respondeu, e aquela indiferença afetada mostrou direitinho a Raoul que a jovem mantinha-se distante em relação ao assunto e que decididamente não

queria sua colaboração em tudo aquilo que dizia respeito àquele inexplicável caso.

— Que seja — disse ele, em um tom claro, em que se notava desafio. — Que seja. Será cada um em seu canto e cada um por si. Vamos ver quem vai ganhar na loteria.

No palco, fileiras de mulheres levantavam a perna cadenciadamente, enquanto desfilavam as últimas tendências. A fofoqueira, uma bela filha pouco vestida, que representava "A Sineira", justificava sua alcunha pelas toneladas de falsas joias, que tilintavam ao seu redor. Uma faixa de pedras multicoloridas cingia-lhe a testa. Lâmpadas elétricas iluminavam-se em seus cabelos.

Dois atos foram encenados. O camarote do proscênio mantinha suas cortinas hermeticamente fechadas, de modo que não se poderia cogitar a presença dos três amigos. Mas, no último intervalo, Raoul, passando do lado daquele camarote, constatou que a porta estava ligeiramente entreaberta. Ele olhou. Ninguém. Informando-se, descobriu que os três senhores tinham deixado o teatro havia já uma meia hora!

— Não há nada a fazer aqui — disse, reunindo-se à condessa. — Eles se foram.

Naquele momento, a cortina levantou-se outra vez. A fofoqueira apareceu de novo em cena. Seu penteado menos carregado permitia ver melhor a faixa que usava na testa desde o começo. Era uma fita de tecido de ouro onde grandes cabochões, de cores bem diferentes, encontravam-se incrustrados. Havia sete ali.

"Sete!", pensou Raoul. "Aí está algo que explica a vinda de Beaumagnan."

Enquanto Joséphine Balsamo aprontava-se, soube por uma funcionária que a fofoqueira da sátira, Brigitte Rousselin, morava em uma antiga casa em Montmartre, de onde todos os dias ela saía para assistir aos ensaios da próxima peça, junto de uma velha criada muito dedicada.

No dia seguinte, às onze horas da manhã, Raoul emergia d'*A Indiferente*. Almoçou em um restaurante de Montmartre e, ao meio-dia, seguindo por uma rua escarpada e tortuosa, passou diante de uma pequena casa estreita, precedida por um pátio que acabava em um muro e apoiava-se em um prédio de apartamentos, cujo último andar — as janelas sem cortinas bastavam para o indicar — não tinha locatário.

Raoul logo elaborou, com sua habitual rapidez de pensamento, um daqueles planos que executava em seguida quase mecanicamente.

Ficou andando de um lado para o outro, como um homem que espera alguém para um encontro. De repente, vendo que a concierge do prédio varria a calçada, ele deslizou por trás da mulher, subiu os andares, arrombou a porta do apartamento vazio, abriu para o lado uma das janelas que davam para o teto da casa vizinha, assegurou-se de que ninguém o podia ver, e saltou.

Bem perto, uma claraboia rangeu. Ele se deixou cair em um sótão coberto de objetos fora de uso, e de onde só era possível descer por um alçapão que funcionava mal e cuja porta mal se abria para passar a cabeça. De lá, via-se o patamar do segundo andar e, em parte, a escadaria. Mas não havia escada para sair dali.

Abaixo, isto é, no primeiro antar, duas vozes femininas trocavam algumas palavras. Inclinando-se o máximo possível, Raoul escutou e se deu conta, depois de alguns comentários, que a jovem fofoqueira da sátira estava almoçando em sua sala, e que sua companheira, única empregada da casa, arrumava o quarto e o lavabo, enquanto a servia.

— Acabou — exclamou Brigitte Rousselin, voltando para seu quarto. — Ah, minha querida Valentine, que alegria! Nada de ensaios hoje! Vou deitar mais um pouco até a hora de sair…

Aquele dia de descanso atrapalhava um pouco os cálculos de Raoul, que esperava, com a ausência de Brigitte Rousselin, efetuar tranquilamente uma visita domiciliar. Ainda assim, foi paciente, contando com o acaso.

Alguns minutos se passaram. Brigitte cantarolava as árias da sátira quando um toque de campainha ressoou no pátio.

— Curioso. — disse ela. — Não estou esperando ninguém hoje. Mas vá lá ver, Valentine.

A criada desceu as escadas. Escuta-se o bater da porta fechando-se outra vez, e ela sobe dizendo:

— É do teatro… Um secretário do diretor trouxe uma carta.

— Dê-me. Você o convidou a esperar na sala?

— Sim.

Raoul vislumbrava no primeiro andar a saia da jovem atriz. A criada entregou-lhe o envelope que logo foi rasgado, e Brigitte leu a meia-voz:

“Minha querida Rousselin, entregue, portanto, a meu secretário a faixa de pedras que a senhora usa na cabeça. Preciso dele para tirar o modelo. É urgente. A senhora o reencontrará essa noite, no teatro.”

Escutando aquelas poucas palavras, Raoul sobressaltou-se:

“Ora, ora, a faixa de pedras”, pensou. Os sete cabochões. Será que o diretor também está seguindo a pista? E Brigitte Rousselin vai obedecê-lo?

Ele foi tranquilizado. A moça murmurava:

— Não é possível. Já prometi essas pedras.

— Que problema — objetou a criada. — O diretor não ficará contente.

— O que você quer que eu faça? Eu prometi e devem me pagar bem caro por elas.

— Então o que respondemos?

— Vou escrever a ele — decidiu Brigitte Rousselin.

Ela retornou para sua sala e, um instante depois, devolvia um envelope à criada.

— Você conhece esse secretário? Já o viu no teatro?

— Juro que não, é alguém novo.

— Peço que ele diga ao diretor que lamento e que lhe explicarei tudo esta noite pessoalmente.

Valentine saiu outra vez. De novo, passou um tempo bastante longo. Brigitte se sentara ao piano e fazia exercícios de canto, que sem dúvida abafaram o barulho da porta principal, pois Raoul não o escutou.

Em seu canto, sentia certo incômodo, perturbado pelo incidente que não lhe parecia muito claro. Aquele secretário que ninguém conhecia, pedindo as joias, tudo aquilo cheirava a uma armadilha e a um plano desonesto.

Ainda assim, ele se tranquilizou. Uma sombra passou pela porta, dirigindo-se até a salinha.

— Deve ser Valentine voltando — disse Raoul a si mesmo. — Minha impressão estava errada. O homem se foi.

Mas, de repente, no meio de um estribilho, o piano silenciou do nada, o banquinho sobre o qual a cantora estava sentada foi arrastado bruscamente e caiu, e ela articulou com uma certa preocupação:

— Quem é o senhor…? Ah, o secretário, não é? O novo secretário… Mas afinal o que o quer, meu senhor…?

— O senhor diretor ordenou que eu levasse as joias. Então, preciso insistir… — disse a voz do homem.

— Mas eu lhe respondi… — balbuciou Brigitte, cada vez mais ansiosa… — A criada deve ter lhe entregado a carta… Por que ela não subiu com o senhor? Valentine!

Ela chamou várias vezes, com um tom aflitivo.

— Valentine…! Ah, o senhor está me assustando… Seus olhos…

A porta foi brutalmente fechada. Raoul entreouviu um ruído de cadeiras, o estrondo de luta, depois um alto grito:

— Socorro!

Isso foi tudo. Aliás, no exato segundo em que ele pressentiu o perigo que Brigitte Rousselin estava correndo, ele tentou levantar o alçapão um pouco mais para se espremer pela passagem. Para tanto, foi-lhe preciso perder um tempo precioso. Depois do qual se deixou cair, despencando no segundo andar, e se viu diante de três portas fechadas.

Ao acaso, lançou-se em direção a uma delas e adentrou um cômodo na mais completa desordem. Não vendo ninguém ali, correu através do aposento até o banheiro, depois até o quarto onde acreditava que a luta tinha continuado.

Logo, de fato, avistou na semiescuridão, pois as cortinas da janela estavam quase fechadas, um homem de joelhos e, jazendo sobre o tapete, uma mulher que este homem estrangulava com as duas mãos. Gemidos de dor se misturaram a abomináveis blasfêmias.

— Meu Deus do céu, você vai calar essa boca. Ah, caramba, você não vai entregar as joias, né? Então, minha querida…

O ataque de Raoul, que se atirou sobre ele com uma violência esmagadora, fez com que soltasse a presa. Os dois saíram rolando até a lareira, onde Raoul bateu a testa com força o bastante para ficar alguns segundos desacordado.

Além disso, o assassino era mais pesado do que ele, e o duelo não podia ir muito longe entre o adolescente esguio e aquele homem, que se revelava encorpado e com poderosa musculatura. De fato, ao fim de um instante, um dos dois se levantou, enquanto o outro permaneceu estendido, dando fracos suspiros. Mas aquele que estava de pé não era outro senão Raoul.

— Um belo golpe, hein, meu senhor? — zombou ele. — Recebi instruções póstumas de um certo senhor Théophraste Lupin, mestre em

artes japonesas. Isso o envia durante uns bons minutos para um mundo melhor e o torna inofensivo como um carneirinho.

Ele se inclinou sobre a jovem atriz e, tomando-a em seus braços, deitou-a na cama. Ele logo viu que o terrível aperto do assassino não teria consequências para se temer. Brigitte Rousselin respirava à vontade. Nenhum ferimento era visível. Mas todos os membros dela tremiam e ela olhava com olhos de louca.

— A senhorita está sentindo dor? — perguntou ele docemente. — Não, certo? Não vai ser nada. E não precisa ter medo. A senhorita não precisa temer mais nada dele, e, para deixá-la mais segura…

Agilmente, puxou as cortinas, arrancou os cordões usados para abri-las e amarrou os pulsos inertes do homem. Com um pouco de luz penetrando no cômodo, ele virou o assassino até a janela antes de examinar seu rosto.

Um grito lhe escapou. Estava confuso. E murmurou estupefato:

— Léonard… Léonard…

Nunca tivera a ocasião de ver bem de frente aquele homem, geralmente curvado no assento da carruagem, enfiando sua cabeça entre os ombros, e dissimulando sua altura a tal ponto que Raoul achava que era quase corcunda e doentio. Mas ele conhecia seu perfil ossudo alongado por uma barba grisalha, e não teve a menor dúvida: era Léonard, o faz-tudo e o braço direito de Joséphine Balsamo.

Acabou de amarrá-lo, amordaçou-o solidamente, envolveu sua cabeça em um lenço, e o arrastou em seguida até a saleta, onde o prendeu aos pés de um pesado divã. Depois voltou até a jovem que continuava a gemer.

— Acabou — disse ele. — A senhorita não o verá mais. Descanse. Já *eu* vou me ocupar de sua criada e descobrir o que foi feito dela.

Quanto a isso, não estava preocupado, e, como supunha, descobriu Valentine no andar térreo, em um canto do salão, exatamente no mesmo estado em que ele acabava de deixar Léonard, isto é, reduzida à impotência e ao silêncio. Era uma mulher e tanto. Uma vez liberta, e sabendo que seu agressor não era mais capaz de lhe fazer mal, não se desesperou e conformou-se às ordens de Raoul, que lhe dizia:

— Sou um agente da polícia secreta. Salvei a sua patroa. Vá se juntar a ela e cuide dela. Quanto a *mim*, vou interrogar aquele homem e descobrir se ele não tem cúmplices.

Raoul a levou até a escada, com pressa para ficar sozinho e refletir sobre as ideias confusas que o assediavam. Ideias tão penosas que, por um momento, quase tentou eliminá-las, e se tivesse escutado seu instinto, deixando ao acaso o cuidado de remediar a situação, teria abandonado o campo de batalha e fugido para a casa vizinha.

Mas uma visão nítida das coisas que precisava fazer se estabelecia em sua mente de forma nítida demais para que que conseguisse não a obedecer. Toda sua vontade crescente de líder, que sabe se virar e manter o autocontrole nas circunstâncias mais trágicas, obrigava-o à ação. Atravessou o pátio e, com um gesto muito lento, girou a maçaneta da porta principal que assim entreabriu-se ligeiramente.

Pela venda, ariscou uma olhadela: do outro lado da rua, um pouco mais abaixo, a velha carruagem estava estacionada.

No assento, um criado bem jovem, que vira várias vezes com Léonard e que se chamava Dominique, vigiava o cavalo.

Mas dentro do veículo haveria algum outro cúmplice? E quem seria tal cúmplice?

Raoul não fechou a porta de novo. Suas suspeitas confirmavam-se, e agora nada no mundo o impedia de ir até o fim. Portanto, subiu outra vez ao primeiro andar e se inclinou sobre o prisioneiro.

Um detalhe chamou-lhe a atenção durante a luta: um grande apito de madeira mantido no lugar por uma corrente escapara de um dos bolsos de Léonard, e este, apesar do perigo, pegara-o de volta com um movimento mecânico, como se temesse perder tal instrumento. E a questão colocava-se assim na mente de Raoul: o apito devia servir em caso de perigo para mandar o cúmplice embora? Ou então, bem ao contrário, era um sinal para chamar o cúmplice quando a tarefa toda estivesse cumprida?

Raoul adotou essa hipótese, mais talvez por intuição do que por reflexão. Então abriu a janela apenas pelo tempo necessário para dar uma apitada.

E, posicionado atrás das cortinas de tule, esperou.

Seu coração saltava em seu peito. Nunca antes sentira esse sofrimento amargo e terrível. No fundo, não tinha dúvidas de quem estava quase para chegar e conhecia a silhueta que ia aparecer no vão da porta. Mas, mesmo assim, contra todas as evidências, queria ter esperança. Não admitia, não consentia em admitir que, naquele caso tenebroso, o assassino Léonard

tinha como cúmplice…

A pesada porta foi empurrada.

— Ah! — exclamou Raoul, desesperado.

Joséphine Balsamo acabava de entrar.

Ela entrou calmamente, com tanta desenvoltura quanto teria se estivesse visitando uma amiga. No instante em que Léonard apitara, a via estava livre, e ela nada mais tivera de fazer senão se apresentar. Envolvida em seu véu, atravessou rapidamente o pátio e penetrou na casa.

De pronto, Raoul reconquistava toda sua calma. Seu coração se tranquilizou. Estava prestes a enfrentar aquela segunda adversária, como havia combatido o primeiro, com armas diferentes, mas igualmente eficazes. Chamou Valentine a meia-voz e lhe disse:

— Não importa o que acontecer, não diga uma palavra. Há contra Brigitte Rousselin um complô que quero combater. Aqui está um dos cúmplices. Silêncio absoluto, certo?

A criada propôs:

— Eu posso ajudá-lo, meu senhor… Vou correndo até o comissário…

— De modo algum. Se o caso vier a público, corre-se o risco de que tudo corra mal para sua patroa. Eu respondo por tudo, mas com a condição de que nenhum ruído venha daquele quarto, nenhum!

— Está certo, meu senhor.

Raoul fechou as duas portas de comunicação. Assim, o cômodo onde Brigitte Rousselin encontrava-se e aquele onde a partida iria ser jogada entre Josine e ele estavam claramente separadas. Como ele desejava, nenhum ruído podia passar de um cômodo a outro.

Naquele momento, Joséphine Balsamo saiu do *hall* de entrada. Ela o viu.

E ela reconheceu pelas roupas o corpo amarrado de Léonard.

Raoul teve imediatamente a noção exata de como Joséphine Balsamo poderia, em certos momentos sérios, ter pleno controle de si mesma. Longe de se amedrontar ao constatar a presença inesperada de Raoul e a desordem de um recinto onde Léonard estava preso, começou por refletir, dominando seus nervos de mulher e a agitação que a sacudia, e era fácil compreender o que ela estava se perguntando:

— O que isso quer dizer? O que Raoul está fazendo aqui? Quem afinal amarrou Léonard?

Por fim, retirando seu véu, perguntou simplesmente, pois era aquilo, com toda certeza, o que mais a atormentava:

— Por que está me olhando assim, Raoul?

Ele levou um certo tempo para lhe responder. As palavras que ia pronunciar eram aterradoras, e ele a observava para não perder um único estremecimento de seus músculos, ou tampouco um piscar de olhos que fosse. Murmurou:

— Brigitte Rousselin foi assassinada.

— Brigitte Rousselin?

— Sim, a atriz de ontem à noite, aquela da faixa de pedrarias, e você não ousará dizer que não sabe quem é essa mulher, já que está aqui, na casa dela, e já que encarregou Léonard de avisá-la, assim que a tarefa estivesse realizada.

Ela pareceu transtornada.

— Léonard? É mesmo Léonard?

— Sim — afirmou. — Foi ele quem matou Brigitte. Eu o surpreendi segurando-a pelo pescoço com as duas mãos.

Ele a viu tremendo, e ela caiu sentada, balbuciando:

— Ah, aquele miserável… Aquele miserável… Será possível que ele tenha feito isso?

E ainda mais baixo, com um assombro que crescia a cada palavra:

— Ele matou… Ele matou… Será possível? No entanto, havia me jurado que nunca mataria… Ele me havia jurado… Oh, não consigo acreditar…

Ela estava sendo sincera ou encenando uma peça? Léonard havia agido por impulso de uma loucura súbita ou segundo as instruções que lhe ordenavam o crime quando o truque fracassasse? Perguntas temíveis que Raoul se fazia sem conseguir respondê-las.

Joséphine Balsamo levantou outra vez a cabeça, observou Raoul com seus olhos cheios de lágrimas, depois, bruscamente, lançou-se sobre ele, com as mãos unidas.

— Raoul… Raoul… Por que você está me olhando assim? Não… Não… certo? Você não está me acusando, não é? Ah, isso seria terrível… Você poderia acreditar que eu sabia…? Que eu mandei ou permiti esse crime abominável…? Não… Jure-me que você não acredita nisso. Oh! Raoul… meu Raoul…

Com certa rispidez, ele a forçou a se sentar. Em seguida, empurrou Léonard para um canto escuro. E, após dar alguns passos andando de um lado para o outro, voltou até a Cagliostro e a pegou pelos ombros.

— Escute-me, Josine — declarou lentamente, com uma voz que era aquela de um acusador, e até mesmo a de um adversário, muito mais do que a de um amante. — Escute-me. Se, em meia hora, você não tiver lançado todas as luzes sobre este caso, e sobre as maquinações secretas que o complicam, passarei a agir contra você como agiria contra uma inimiga mortal; por bem ou por mal, vou afastá-la dessa casa, e sem a menor hesitação vou denunciar na delegacia de polícia mais próxima o crime que seu cúmplice Léonard acaba de cometer contra a pessoa de Brigitte Rousselin… Depois disso, você que se vire. Quer falar agora?

---

[14] Expressão que significa tanto "prazeres facilmente esquecidos" quanto "tempo precioso perdido em banalidades". Sua origem remonta à Roma Antiga, quando, em 215 a.C., as tropas de Aníbal, vindas de Cartago, no norte da África, invadiram a península italiana e dominaram a cidade de Capoue, conhecida por sua vida luxuosa e voltada aos prazeres. Ali, as tropas acomodaram-se e entregaram-se a tudo aquilo que Capoue tinha a oferecer, acostumando-se à vida fácil, o que acabou por lhes custar a guerra. (N.T.)

[15] Tradicional teatro parisiense na região norte da cidade, fundado em 1807 e ainda em atividade. (N.T.)

[16] Isto é, um teatro popular, cujas atrações, muitas vezes melodramáticas e/ou bastante violentas, por vezes, chocavam a noção de "bom gosto" e as "sensibilidades" da alta sociedade daquela época. (N.T.)

Duas vontades

A guerra estava declarada, e se dera no momento escolhido por Raoul, uma vez que tinha toda a sorte a seu favor, e que Joséphine Balsamo, pega desprevenida, enfraquecia-se sob um ataque que ela nunca poderia ter suposto, tão violento quanto implacável.

É claro que uma mulher de seu temperamento não poderia consentir com a derrota. Ela queria resistir. Não admitia que o terno e maravilhoso amante que era Raoul d'Andrésy pudesse assim, com o primeiro golpe, levantar-se como senhor e lhe impor o forte aperto de sua vontade. Recorreu às carícias, aos choros, às promessas, a todos os artifícios femininos. Raoul mostrou-se impiedoso.

— Você vai falar! Já estou farto de ficar nas trevas. Você pode reverenciá-las, eu não. Preciso de profunda claridade.

— Mas em relação a quê? — gritou ela, exasperada. — Sobre minha vida?

— Sua vida pertence a você — disse Raoul. — Esconda seu passado se tem medo de desvelá-lo ante meus olhos. Bem sei que você sempre será um enigma para mim e para todo mundo, e que nunca seu belo rosto me informará sobre aquilo que se agita no fundo de sua alma. Mas o que eu quero saber é o lado da sua vida que toca a minha. Temos um objetivo compartilhado. Mostre para mim o caminho que você está trilhando. Do contrário, corro o risco de me deparar com o crime, e eu não quero isso!

Deu um soco no ar.

— Está escutando, Josine? Não quero matar! Roubar, sim. Invadir, que seja! Mas matar, não, mil vezes não!

— Eu também não quero — disse ela.

— Talvez, mas você manda que matem.

— Mentira!

— Então, fale. Explique-se.

Ela torcia as mãos. Protestou e gemeu:

— Não posso… Não posso…

— Por quê? O que a impede de me contar o que você sabe sobre o caso, tudo aquilo que Beaumagnan revelou para você?

— Eu preferiria não envolver você em tudo isso — murmurou ela. — Não colocá-lo contra aquele homem.

Ele gargalhou.

— Você tem medo por mim, talvez? Ah, que bom pretexto! Fique tranquila, Josine. Não tenho medo de Beaumagnan. Há outro adversário que temo bem mais do que ele.

— Quem?

— Você, Josine.

Ele repetiu mais duramente:

— Você, Josine. E é por isso que eu quero a luz. Assim, quando eu a olhar bem de frente, não terei mais medo. Você já se decidiu?

Ela balançou a cabeça.

— Não — disse ela. — Não.

Raoul perdeu a calma.

— Isso quer dizer que você não confia em mim. Que beleza de caso! E você quer guardá-lo inteirinho. Que seja. Vamos embora. Lá fora você julgará melhor a situação.

Ele a pegou em seus braços e a jogou sobre seu ombro, como havia feito na primeira noite, aos pés da falésia. E assim carregando-a, dirigiu-se até a porta.

— Pare — disse ela.

Aquela demonstração de força, exibida com incrível facilidade, acabou por dobrá-la. Ela sentia que não devia provocá-lo mais.

— O que você quer saber? — perguntou, uma vez que ele a sentou de novo.

— Tudo — replicou ele. — E, primeiro, o motivo da sua presença aqui e a razão pela qual aquele miserável matou Brigitte Rousselin.

Ela declarou:

— A faixa de pedras…

— Elas não têm valor! São pedras quaisquer, falsas granadas, falsos topázios, berilos, opalas…

— Sim, mas há sete delas.

— E depois? Ele a devia matar? Era tão simples esperar e vasculhar os aposentos na primeira oportunidade.

— Evidentemente, mas parecia que outros estavam seguindo também a mesma pista.

— Outros?

— Sim, esta manhã, logo cedo, sob minhas ordens, Léonard informou-se sobre essa Brigitte Rousselin, cujo diadema eu notei ontem à noite, e ele veio me dizer que algumas pessoas estavam rodeando essa casa.

— Pessoas? Quem será?

— Emissários da Belmonte.

— Aquela mulher que está envolvida no caso?

— Sim, nós a encontramos em toda parte.

— E depois? — repetiu Raoul. — Isso era lá motivo para matar?

— Ele deve ter perdido a cabeça. Errei em lhe dizer: "Eu preciso daquela faixa custe o que custar."

— Está vendo, está vendo? — gritou Raoul. — Estamos à mercê de um selvagem que perde a cabeça e que mata de maneira idiota, estúpida. Vamos, é preciso acabar com isso. Estou pensando aliás que as pessoas que estavam por aqui esta manhã foram enviadas por Beaumagnan. Ora, você não é páreo para medir forças com Beaumagnan. Deixe-me escolher o caminho. Se você quer ter sucesso, será por minha causa, unicamente por minha causa que o terá.

Josine se encolhia. Raoul afirmava sua superioridade em um tom que demonstrava tal convicção que ela a sentia na pele, por assim dizer. Ela o viu mais alto do que era e mais poderoso, mais hábil do que todos os homens que já havia conhecido, armado de uma mente mais sutil, de um olhar mais agudo, de meios de ação mais diversificados. Inclinou-se diante daquela vontade implacável e diante daquela energia que nenhuma consideração poderia envergar.

— Que seja — declarou. — Vou falar. Mas por que conversar aqui?

— Aqui e em nenhum outro lugar — articulou Raoul, bem sabendo que, se Cagliostro se recompusesse, ele nada obteria.

— Que seja — disse ela de novo, prostrada. — Que seja, eu cedo, já que nosso amor está em jogo e você parece fazer tão pouco caso disso.

Raoul experimentou um sentimento profundo de orgulho. Pela primeira vez, tomou consciência do domínio que exercia sobre os outros e da potência realmente extraordinária com a qual impunha suas decisões.

Claro, a Cagliostro não dispunha ali de todos os seus recursos. A suposta morte de Brigitte Rousselin tinha de alguma maneira despedaçado seu poder de resistência, e o espetáculo de Léonard amarrado intensificava sua crise nervosa. Mas *ele* tinha agarrado rapidamente a ocasião que se apresentava e aproveitado todas as suas vantagens para estabelecer, pela ameaça e pelo medo, pela força e pela astúcia, sua vitória definitiva!

Agora, era senhor da situação. Obrigara Joséphine Balsamo a se render, e disciplinara ao mesmo tempo seu próprio amor. Beijos, carícias, manobras de sedução, feitiço da paixão, encantamento do desejo, não temia mais nada, já que fora até o próprio limite do rompimento.

Retirou a toalha que recobria a mesinha de centro e a atirou sobre Léonard, depois voltou e tomou lugar ao lado de Josine.

— Estou escutando.

Ela lhe lançou um olhar que revelava rancor e raiva impotente e então murmurou:

— Você está errado. Você está aproveitando de uma fraqueza passageira para exigir de mim um relato que eu lhe teria feito mais cedo ou mais tarde de bom grado. É uma humilhação inútil, Raoul.

Ele repetiu duramente:

— Estou escutando.

Então, ela disse:

— Foi você quem pediu. Acabemos com isso e o mais rápido possível. Vou poupá-lo de todos os detalhes para ir direto ao ponto. Não vai levar muito tempo, nem será complicado. Um simples relatório. Então, há vinte e quatro anos, durante os meses que precederam a guerra de 1870 entre a França e a Prússia, o cardeal de Bonnechose, arcebispo de Ruão e senador, em uma viagem para realização de crismas no País de Caux, foi surpreendido por uma tempestade terrível e precisou refugiar-se no castelo de Gueures, onde então morava seu último proprietário, o Cavaleiro des Aubes. Lá ele jantou. De noite, quando o cardeal se retirava para o quarto que lhe haviam preparado, o Cavaleiro des Aubes, um velhinho de quase

noventa anos, bem encarquilhado, mas ainda tendo a cabeça boa, solicitou dele uma conversa particular, que foi imediatamente combinada e que durou bastante tempo. Eis o resumo das estranhas revelações que então escutou o cardeal de Bonnechose, resumo que escreveu mais tarde e do qual não mudarei nem uma única palavra. É o seguinte. Eu o sei de cor:

Meu senhor, eu não o surpreenderei se lhe disser que meus primeiros anos se passaram no meio da grande tormenta revolucionária", começou o velho cavaleiro. "Na época do Terror, eu tinha doze anos, era órfão e acompanhava todos os dias minha tia do lado des Aubes à prisão vizinha, onde distribuía refeições e cuidava dos doentes. Tinham prendido ali toda sorte de pessoas pobres que julgavam e condenavam ao bel-prazer e foi assim, no que me concerne, que tive a ocasião de conhecer um bravo homem do qual ninguém sabia o nome e tampouco sabiam o porquê nem por qual denúncia havia sido preso. As cortesias que lhe dirigi e minha piedade lhe inspiraram confiança. Ganhando sua afeição, e na noite do dia em que fora julgado por sua vez, e condenado, ele me disse:

Minha criança, amanhã, ao nascer do sol, os guardas me conduzirão ao cadafalso e morrerei sem que se saiba quem eu fui. Eu quis que fosse assim. Mesmo a você, não contarei quem sou. Mas os acontecimentos exigem que eu faça algumas confidências, e que eu lhe peça para escutá-las como um homem e, mais tarde, para levá-las em conta com a lealdade e o sangue-frio de um homem. A missão da qual lhe encarrego é de uma importância considerável. Estou convencido, minha criança, que você saberá se portar à altura de tamanha tarefa, e guardar, não importa o que aconteça, um segredo do qual dependem os mais sérios interesses.

"Contou-me em seguida", continuou o Cavaleiro des Aubes, "que era padre e, como tal, depositário de riquezas incalculáveis transformadas em pedras preciosas de tamanha pureza que o máximo valor fora atingido, para cada uma delas, sob o volume mais reduzido. Conforme era feita aquela aquisição, essas pedras haviam sido colocadas de lado no fundo do esconderijo mais original que há. Em um canto do País de Caux, em um espaço livre, onde todo mundo podia passear, erguia-se uma dessas enormes pedras que serviam e que servem ainda para marcar o limite de algumas propriedades, campos, hortas, pradarias, bosques, etc. Esse limite de granito enfiado quase inteiramente no solo, e cercado de moitas, era traspassado em sua extremidade superior por duas ou três aberturas

naturais, tampadas com terra, onde cresciam plantinhas miúdas e flores selvagens.

"Era ali, por qualquer uma daquelas aberturas das quais retirava-se a porção de terra, logo recolocada cuidadosamente no lugar; era ali, naquele cofrinho a céu aberto, que escondiam as magníficas pedras preciosas. Atualmente, como as cavidades estavam cheias e nenhum outro esconderijo havia sido escolhido, guardavam já há alguns anos as pedras recém-adquiridas em um baú de madeira da Ilhas, que o próprio padre havia enterrado ao pé do marco, alguns dias antes de sua prisão.

"Ele me indicou com muita precisão o endereço e me comunicou uma fórmula composta de uma única palavra, que, em caso de esquecimento, designava o local de uma maneira rigorosa.

"Tive então de lhe prometer que, tão logo os dias ficassem mais tranquilos, isto é, em uma data que estimou muito justamente ser distante dos vinte anos, eu iria, primeiro, assegurar-me de que tudo estava no lugar certo, e que a partir dessa data assistiria todos os anos à grande missa celebrada no domingo de Páscoa na igreja da aldeia de Gueures.

"Um domingo de Páscoa, de fato, eu perceberia ao lado da fonte de água benta um homem vestido de preto. Assim que eu dissesse meu nome àquele homem, ele deveria conduzir-me até um castiçal de cobre de sete braços não longe dali, que somente era aceso em dias de festa. Já *eu* deveria responder logo ao seu gesto, confiando-lhe a fórmula da localização.

"Entre nós, aqueles eram os dois sinais de reconhecimento. Depois do que eu o guiaria até o marco de granito.

"Eu prometi em nome de minha salvação eterna que me submeteria cegamente às instruções dadas! No dia seguinte, o digno padre subia no cadafalso.

"Meu senhor, ainda que muito jovem, mantive religiosamente meu juramento de discrição. Quando minha tia do lado dos Des Aubes morreu, fui alistado como soldado aprendiz e participei, em seguida, em todas as guerras do Diretório e do Império. Com a queda de Napoleão, estando então com trinta e três anos, destituído de minha patente de coronel, primeiro, dirigi-me ao esconderijo, onde facilmente avistei o marco de granito; depois, no domingo de Páscoa de 1816, fui até a igreja de Gueures e vi, sobre o altar, o candelabro de cobre. Naquele domingo, o homem vestido de preto não estava diante da fonte de água benta.

“Fui outra vez até lá no domingo de Páscoa seguinte, e cada domingo do resto do ano, pois, nesse meio-tempo, havia comprado o castelo de Gueures que se encontrava à venda e, por sorte, como um soldado escrupuloso, eu montava guarda junto ao posto que me haviam designado. E esperava.

“Meu senhor, eis que faz cinquenta e cinco anos que espero. Ninguém veio, e nunca ouvi falar do que quer que seja que tenha a menor relação com essa história. O marco não saiu do lugar. O candelabro é aceso nos dias prescritos pelo sacristão de Gueures. Mas o homem vestido de preto não veio ao encontro.

“O que devo fazer? A quem devo me dirigir? Tentar uma apelação junto à autoridade eclesiástica? Pedir uma audiência com o rei da França? Não, minha missão era estritamente definida. Não tinha o direito de interpretá-la à minha maneira.

“Eu me calei. Mas que debate de consciência! Que escrúpulos dolorosos! Que angústia ante a ideia de que eu poderia morrer e levar comigo para o túmulo um segredo tão formidável!

“Meu senhor, desta noite em diante, todas as minhas dúvidas e todos os meus escrúpulos estão dissipados. Sua vinda fortuita para esse castelo me parece uma manifestação inegável da vontade divina. O senhor retém, ao mesmo tempo, o poder religioso e o poder temporal. Como arcebispo, representa a Igreja. Como senador, representa a França. Não corro o risco de me enganar ao lhe fazer tais revelações que interessam tanto a uma quanto à outra. De agora em diante, cabe ao senhor escolher, meu senhor! Aja. Negocie. E quando o senhor tiver me dito nas mãos de quem deve ser devolvido o sagrado tesouro, eu lhe darei todas as indicações necessárias.

“O cardeal de Bonnechose havia escutado sem interromper. Não pode se conter e confessou ao Cavaleiro des Aubes que a história o deixava um pouco incrédulo. Diante disso, o cavaleiro saiu e voltou ao fim de um instante com um pequeno baú em madeira das Ilhas.

Aqui está o baú do qual me foi falado e que encontrei no local indicado. Pareceu-me mais sábio mantê-lo em minha casa. Leve-o, meu senhor, e mande avaliar as quase cem pedras preciosas guardadas aí. O senhor acredita agora que minha história é verídica e que o digno padre não estava errado em aludir a riquezas incalculáveis já que o marco de granito continha, segundo ele afirmou, dez mil pedras tão belas quanto

estas aqui.

"A insistência do cavaleiro e as provas que apresentava bastaram para o cardeal que se engajaria desde então a perseguir o caso e a chamar o velhinho para perto de si tão logo uma solução pudesse ser implementada.

"A conversa acabou com aquela promessa, que o arcebispo tinha o firme propósito de manter, mas cuja execução foi atrasada pelos acontecimentos subsequentes. Esses acontecimentos você já conhece. Primeiro, houve a declaração de guerra entre a França e a Prússia e os desastres que se seguiram. Os pesados encargos de sua função o absorviam. O Império desmoronou. A França foi invadida. E os meses passaram.

"Quando Ruão foi ameaçada, o cardeal, desejando enviar para a Inglaterra alguns documentos aos quais atribuía importância, teve a ideia de acrescentar ao pacote o baú do cavaleiro. No dia 4 de dezembro, véspera do dia em que os alemães iam entrar na cidade, um criado de confiança, o Sr. Jaubert, conduziu ele mesmo um cabriolé que seguiu pela estrada do Havre onde Jaubert devia embarcar.

"Dois dias mais tarde, o cardeal ficava sabendo que o cadáver de Jaubert tinha sido encontrado em uma ravina da floresta de Rouvray, a dez quilômetros de Ruão. Entregaram ao cardeal a mala de documentos. Quanto ao cabriolé e ao cavalo, desapareceram, assim como o baú de madeira das Ilhas. As informações recolhidas estabeleciam que o desafortunado criado devia ter caído nas mãos de uma patrulha de reconhecimento da cavalaria alemã, que tinha se aventurado para além de Ruão para pilhar os carros dos ricos burgueses em fuga para o Havre.

"O azar continuou. No começo de janeiro, o cardeal recebeu um emissário do Cavaleiro des Aubes. O idoso não conseguira sobreviver à derrota de seu país. Antes de morrer, havia rabiscado as seguintes frases, quase ilegíveis:

A palavra da fórmula que designa a localização do marco está gravada no fundo do baú… Escondi o candelabro de cobre em meu jardim.

"Assim, nada mais restava da aventura. Como o baú fora roubado, nenhuma prova permitia afirmar que a narrativa do Cavaleiro des Aubes continha a menor parcela de verdade. Ninguém sequer tinha visto as pedras. Eram elas verdadeiras? Melhor do que isso: existiam mesmo para além da imaginação do cavaleiro? E o baú não servia simplesmente de caixa

para algumas joias de teatro e algumas pedras coloridas?

"A dúvida invadiu pouco a pouco o espírito do cardeal, uma dúvida bastante tenaz para que se decidisse, no fim das contas, em se manter em silêncio. O relato do Cavaleiro des Aubes devia ser considerado como uma divagação de ancião. Teria sido perigoso espalhar tais tolices. Portanto, ele se calou. Mas…"

— Mas? — repetiu Raoul d'Andrésy, para quem tais tolices pareciam interessar prodigiosamente.

— Mas, antes de tomar uma resolução definitiva — respondeu Joséphine Balsamo —, ele havia escrito essas páginas, essas confissões relativas à conversa que tivera no castelo de Gueures e aos incidentes que se seguiram, confissões que se esqueceu de queimar ou que se perderam e que, depois de sua morte, foram encontradas em um de seus livros de teologia, quando venderam sua biblioteca em um leilão.

— Encontradas por quem?

— Por Beaumagnan.

Joséphine Balsamo tinha contado aquela história mantendo a cabeça baixa, e com uma voz um pouco monótona, como se estivesse recitando uma lição. Levantando os olhos, ficou chocada pela expressão de Raoul.

— O que é que você tem? — perguntou.

— Isso me encanta. Pense, então, Josine, pense então que, de amigo em amigo, por confidências de três anciãos que passaram a tocha, voltamos a mais de um século atrás e que, de lá, nós nos atemos a uma lenda, a um segredo formidável que data da Idade Média, eu diria. A corrente não se rompeu. Todos os elos estão no lugar. E, como último anel dessa corrente, eis que aparece Beaumagnan. O que fez então Beaumagnan? Ele deve ser declarado digno de seu papel ou deve ser despojado dele? Devo associar-me a ele ou lhe arrancar a tocha?

A exaltação de Raoul convenceu Cagliostro de que ele não lhe permitiria interromper. Ainda assim, ela hesitava, pois as palavras mais importantes, talvez, em todo caso as mais sérias, já que se tratava de seu próprio papel, não haviam sido ditas. Mas ele lhe disse:

— Continue, Josine. Estamos em uma estrada magnífica. Caminhemos juntos, e alcançaremos juntos a recompensa que está ao alcance de nossas mãos.

Ela continuou:

— Beaumagnan pode ser explicado em uma palavra: é um ambicioso. Desde o começo, colocou sua vocação religiosa, que é real, ao serviço de sua ambição, que é desmesurada, e tanto uma quanto outra o conduziram a se infiltrar na Companhia de Jesus onde ocupa um cargo considerável. A descoberta da confissão subiu-lhe à cabeça. Vastos horizontes se abriram à sua frente. Ele chegou a convencer alguns de seus superiores, incitou-os em prol da conquista das riquezas e conseguiu que fizessem jogar a favor de sua empreitada todas as influências das quais dispõem os jesuítas.

"Logo agrupou em torno de si uma dúzia de nobres do campo mais ou menos honrados e mais ou menos endividados, aos quais não desvelou nada além de uma parte do caso, e os quais organizou em uma verdadeira associação de conspiradores prontos a todas as tarefas. Cada um tinha seu campo de ação, para cada um, uma esfera de investigações. Beaumagnan os mantinha pelo dinheiro, que esbanjava.

"Dois anos de pesquisas minuciosas culminaram em resultados que não são desprezíveis. Primeiro de tudo, soube-se que o padre decapitado se chamava frei Nicolas, tesoureiro da abadia de Fécamp. Em seguida, como fuçavam os arquivos secretos e os velhos cartulários, descobriu-se algumas correspondências curiosas outrora trocadas entre todos os monastérios da França, e pareceu estabelecido que, desde um tempo muito antigo, havia uma circulação de dinheiro que era como um dízimo pago benevolamente por todas as instituições religiosas e recolhido apenas pelos monastérios do País de Caux. Parecia constituir um tesouro comum, uma reserva inesgotável para apoiar possíveis combates ou para empreender cruzadas. Um conselho de tesouraria, composto de sete membros, gerenciava essas riquezas, mas só um deles conhecia a localização.

"A Revolução tinha destruído todos aqueles monastérios. Mas as riquezas existiam. O frei Nicolas fora delas o último guardião."

Um grande silêncio prolongou as palavras de Joséphine Balsamo. A curiosidade de Raoul não decepcionara, e ele experimentava uma viva emoção.

Murmurou com um entusiasmo contido:

— Como tudo isso é lindo! Que magnífica aventura! Sempre tive a certeza de que o passado havia legado ao presente esses tesouros fabulosos, cuja busca toma inevitavelmente a forma de um insolúvel problema. Como poderia ser de outra forma? Nossos ancestrais não dispunham como nós de

caixas-fortes e de porões no Banco da França. Eram obrigados a escolher esconderijos naturais onde amontoavam o ouro e as joias, e cujo segredo transmitiam por alguma fórmula mnemotécnica que era como o segredo da fechadura. Quando um cataclismo sucedeu, o segredo foi perdido, e perdido o tesouro tão sofridamente acumulado.

Sua efervescência crescia e declamava alegremente:

— Mas não será o caso deste aí, Joséphine Balsamo, e é um dos mais fantásticos. Se o frei Nicolas disse a verdade, e tudo o atesta, se as dez mil pedras preciosas foram guardadas no estranho cofrinho, isso dará algo próximo a um bilhão de francos, que será preciso avaliar. Esses bens legados pela Idade Média[17], todo esse esforço de milhões e milhões de monges, essa gigantesca oferenda de todos os povos cristãos e das grandes épocas do fanatismo, tudo isso que está nas entranhas do marco de granito, no meio de um pomar normando! Não é incrível?

Ele se sentou outra vez bruscamente ao lado da jovem como se quisesse cortar de uma vez suas próprias declamações, e a interrogou com uma voz autoritária:

— E seu papel na aventura, Joséphine Balsamo? Com o que você contribuiu então? Tinha alguma indicação especial de Cagliostro?

— Somente algumas palavras — respondeu ela. — Na lista que possuo dos quatro enigmas revelados por ele, Cagliostro escreveu diante deste e de "A fortuna dos reis de França" [18] a seguinte nota: "*Entre Ruão, o Havre e Dieppe. (Confissão de Maria Antonieta).*"

— Sim, sim — retomou Raoul, surdamente —, o País de Caux… O estuário do velho rio à margem do qual prosperaram os reis da França e os monges… É bem ali que estão escondidas as economias de dez séculos de religião… Os dois cofres estão lá, não longe um do outro, naturalmente, e é lá que eu os encontrarei.

Depois, virando-se para Josine:

— Então você estava procurando também?

— Sim, mas sem dados precisos…

— E outra mulher estava procurando como você? — perguntou, observando o fundo de seus olhos. — Aquela que matou os dois amigos de Beaumagnan?

— Sim — disse ela. — A marquesa de Belmonte que é, eu suponho, uma descendente de Cagliostro.

— E você não descobriu nada?

— Nada até o dia em que encontrei Beaumagnan.

— Quando queria vingar a morte de seus amigos?

— Sim — respondeu ela.

— E Beaumagnan, pouco a pouco, confiou a você o que ele sabia?

— Sim.

— De si mesmo?

— De si mesmo…

— Isso quer dizer que adivinhou que ele perseguia o mesmo objetivo que você e então aproveitou do amor que você lhe inspirava para conduzi-lo a fazer confidências.

— Sim — disse ela francamente.

— Foi uma aposta alta.

— Foi apostar minha vida. Ao decidir me matar, ele quis com certeza se emancipar do amor do qual sofria, já que eu não lhe correspondia, mas também, e sobretudo, teve medo das revelações que me havia feito. De repente, me tornei a inimiga que podia atingir o objetivo antes dele. No dia em que se deu conta do erro cometido, fui condenada.

— Ainda assim, suas descobertas se reduziam a alguns dados históricos, bastante vagos, no fim das contas, não é?

— Somente a isso.

— E o braço do candelabro que saquei da pilastra foi o primeiro elemento de positiva verdade.

— O primeiro.

— Ao menos, eu suponho. Pois, desde a ruptura de vocês, nada garante que *ele* não tenha avançado alguns passos.

— Alguns passos?

— Sim, um passo, ao menos. Ontem à noite, Beaumagnan foi ao teatro. Por quê? Só pode ser pelo fato de que Brigitte Rousselin usava uma faixa composta de sete pedras. Quis ter certeza do que isso significava, e, sem dúvida, foi ele que, essa manhã, mandou vigiarem a casa de Brigitte.

— Admitindo que seja assim, não podemos saber de nada.

— Podemos saber, sim, Josine.

— Como? Por quem?

— Por Brigitte Rousselin.

Ela estremeceu.

— Brigitte Rousselin?

— Claro — disse ele tranquilamente —, basta interrogá-la.

— Interrogar essa mulher?

— Estou falando dela e não de outra.

— Mas então… Mas então… Ela está viva?

— Minha nossa! — disse ele.

Levantou-se de novo e girou duas ou três vezes em seus calcanhares, um pequeno giro ao qual se seguiu de uma espécie de dança que tinha algo de cancã e de jiga.

— Eu suplico, condessa de Cagliostro, não me lance olhares furiosos. Se eu não tivesse provocado em você uma crise nervosa forte o bastante para demolir sua resistência, você não deixaria escapar uma palavra da aventura, e então onde nós estaríamos? Mais dia, menos dia, Beaumagnan surrupiaria o bilhão, e Joséphine ficaria chorando pelo leite derramado. Então, dê um belo sorriso no lugar desse olho carregado de raiva.

Ela sussurrou:

— Você teve a audácia…! Você ousou…! E todas aquelas ameaças, toda aquela chantagem para me compelir a falar, era um teatrinho? Ah! Raoul, nunca o perdoarei.

— Vai, sim, vai, sim — disse ele em um tom jocoso. — Você vai me perdoar. Um simples machucadinho no amor próprio, que nada tem a ver com nosso amor, minha querida! Entre pessoas que se amam como nós isso não existe. Um dia é um que arranha; no dia seguinte, é o outro… Até o instante em que o acordo está perfeito em todos os sentidos.

— A menos que termine antes — disse ela entredentes.

— Terminar? Só porque a aliviei de algumas confidências? Terminar…

Mas Joséphine mantinha um ar tão desconcertado que, de repente, tomado de um riso louco, Raoul precisou interromper suas explicações. Ele saltava de um pé para outro e, pavoneando-se todo, gemia:

— Deus! Como isso é engraçado! A senhora está bravinha…! Então, e daí? Não tem mais como ficar fazendo seus joguinhos…? Sem motivo, a senhora perdeu a cabeça…! Ah, minha querida Joséphine, como você me fez rir!

Ela não o escutava mais. Sem se preocupar com ele, retirou o lenço que encapuzava Léonard e cortou as amarras.

Léonard saltou para cima de Raoul, furioso, aparentando estar completamente descontrolado.

— Não encoste nele! — ordenou ela.

Ele parou na hora, os punhos estendidos contra o rosto de Raoul, que murmurou com lágrimas nos olhos:

— Ora bem, aí está o lacaio… Um diabo que sai de sua caixa…

Fora de si, o homem tremia:

— A gente vai se ver outra vez, meu senhorzinho… A gente vai se ver outra vez… Senhorzinho… nem que seja em cem anos…

— *Você* também conta em séculos…! — zombou Raoul. — Igualzinho sua patroa…

— Vá embora — exigiu Joséphine, empurrando Léonard até a porta… — Vá embora… Pode levar o carro…

Trocaram algumas palavras rápidas em uma língua que Raoul não compreendia. Depois, quando ela ficou sozinha com o rapaz, aproximou-se e lhe disse com uma voz áspera:

— E agora?

— Agora?

— Sim, suas intenções?

— São totalmente puras, Joséphine, intenções angelicais.

— Chega de piadas. O que você quer fazer? Como espera agir?

Ficando sério, ele respondeu:

— Agirei de forma diferente da sua, Josine, que sempre desconfia de tudo. Serei o que você não foi, um amigo leal que coraria se a prejudicasse.

— Ou seja..?

— Ou seja, que farei a Brigitte Rousselin algumas perguntas indispensáveis, e farei de maneira que você escute. De acordo?

— Sim — respondeu, ainda irritada.

— Nesse caso, fique aqui. Não vai demorar. O tempo urge.

— O tempo urge?

— Sim, você vai entender, Josine. Não se mexa.

Logo Raoul abriu as duas portas de comunicação e as deixou entreabertas, a fim de que qualquer palavra fosse percebida por ela, e se dirigiu até o leito onde Brigitte Rousselin descansava sob a guarda de Valentine.

A jovem atriz lhe deu um sorriso. Apesar de todo seu pavor, e ainda que não compreendesse nada daquilo que estava acontecendo, ao ver seu salvador, tinha uma impressão de segurança e de confiança que a relaxava.

— Eu não vou cansá-la — disse ele. — Só um minuto ou dois. A senhora está em condições de me responder?

— Ah, claro.

— Que bom! Vamos lá. A senhora foi vítima de um tipo louco que a polícia vigiava e que vamos internar. Logo, não há mais o menor perigo. Mas gostaria de esclarecer um ponto.

— Pergunte.

— O que vem a ser essa faixa de pedrarias? Como a senhora as conseguiu?

Raoul sentiu que ela hesitava. No entanto, confessou:

— São pedras… Que achei em um velho baú.

— Um velho baú de madeira?

— Sim, todo rachado e que sequer estava trancado. Estava escondido debaixo da palha, no sótão da pequena casa que minha mãe habitava no campo.

— Onde?

— Em Lillebonne, entre Ruão e o Havre.

— Sei. E esse baú era originário de…?

— Não tenho ideia. Não cheguei a perguntar à minha mãe.

— A senhora encontrou as pedras tal como elas o são agora?

— Não, elas estavam incrustradas em anéis, grandes anéis de prata.

— E os anéis?

— Eu ainda os guardava em minha caixa de maquiagem no teatro, até ontem.

— Então, a senhora não os tem mais?

— Não, eu os cedi a um senhor que veio me parabenizar em meu camarote e que os viu por acaso.

— Ele estava sozinho?

— Com dois senhores. Era um colecionador. Eu prometi entregar-lhe as sete pedras hoje às três horas a fim de que ele possa reconstituir os anéis. Deve comprá-las de mim por um bom preço.

— Esses anéis tinham inscrições do lado de dentro?

— Sim… Palavras em caracteres antigos, aos quais não dei atenção.

Raoul refletiu e concluiu com uma voz um pouco séria:

— Eu a aconselho que guarde o mais absoluto segredo sobre todos esses acontecimentos. Do contrário, o caso poderá ter consequências desagradáveis, não para a senhorita, mas para sua mãe. É bastante espantoso que ela tenha guardado em sua casa anéis, sem valor evidentemente, mas com grande interesse histórico.

Brigitte Rousselin se assustou:

— Estou pronta para os devolver.

— Inútil. Guarde as pedras. *Eu* vou exigir em seu nome a restituição dos anéis. Onde mora esse senhor?

— Rua de Vaugirard.

— Como se chama?

— Beaumagnan.

— Certo. Um último conselho, senhorita. Deixe esta casa. Ela é isolada demais. E durante algum tempo, digamos um mês, vá viver em um hotel com sua dama de companhia. Não receba ninguém enquanto estiver lá. Combinado?

— Sim, meu senhor.

Do lado de fora, Joséphine Balsamo se agarrou no braço de Raoul d'Andrésy. Parecia muito agitada e bem longe de qualquer ideia de vingança e rancor. Por fim, ela lhe disse:

— Eu entendi certo, não é? Você vai até a casa dele?

— Na casa de Beaumagnan.

— Seria loucura.

— Por quê?

— Ir à casa de Beaumagnan! E em uma hora em que você sabe que ele estará lá, com outras duas pessoas.

— Dois mais um igual a três.

— Não vá até lá, eu lhe peço.

— E então? Você acha que eles vão me devorar?

— Beaumagnan é capaz de tudo.

— Então ele é um antropófago?

— Oh, não ria, Raoul!

— Não chore, Josine.

Raoul sentiu que ela estava sendo sincera e que, recuperando seu carinho feminino, esquecera a desavença e temia por ele.

— Não vá até lá, Raoul — repetiu ela. — Conheço o covil de Beaumagnan. Os três bandidos saltariam sobre você e ninguém poderia socorrê-lo.

— Tanto melhor — disse ele —, pois assim ninguém poderia socorrer a *eles* também.

— Raoul, Raoul, você fica brincando, e, no entanto…

Ele a apertou contra si.

— Escute, Josine, eu cheguei bem por último no meio de um caso colossal no qual me encontro na presença de duas organizações poderosas, a sua e a de Beaumagnan, ambas, naturalmente, recusando-se a me acolher, eu, o terceiro ladrão… De modo que se eu não me valer de todos os meios, corro o risco de voltar à estaca zero. Deixe-me então me resolver com nosso inimigo, Beaumagnan, da mesma maneira que me arranjei com minha amiga Joséphine Balsamo. Não me saí mal demais, não é mesmo? E não pode negar que tenho algumas cordas no meu arco, não é…?

Isso a feriu de novo. Ela soltou seu braço, e caminharam um ao lado do outro, em silêncio.

Em seu íntimo, Raoul perguntava-se se seu adversário mais implacável não seria aquela mulher de rosto doce que ele amava tão ardentemente e por quem era tão ardentemente amado.

---

[17] Não há qualquer dúvida de que a famosa lenda do Bilhão das Congregações encontra aqui sua origem. (N.A.)

[18] Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca.* (N.A.)

A Rocha Tarpeia[19]

— Aqui é a casa do Sr. Beaumagnan?

Lá dentro, a trava de uma portinhola havia sido retirada, e o rosto de um velho criado colou-se na grade.

— É aqui. Mas o patrão não está recebendo ninguém.

— Vá lhe dizer que é da parte da Srta. Brigitte Rousselin.

A residência de Be, que ocupava o andar térreo, formava um grande edifício com o primeiro andar. Nada de concierge. Nada de campainha. Só uma aldrava de ferro que se batia contra uma porta maciça munida de uma janelinha de prisão.

Raoul esperou mais de cinco minutos. A visita de um rapaz, enquanto estava prevista a da jovem atriz, devia intrigar os três personagens.

— Estão pedindo ao senhor para me dar seu cartão de visita — veio dizer o criado.

Raoul deu seu cartão.

Nova espera. Depois um barulho de ferrolhos sendo abertos e de correntes sendo soltas, Raoul foi conduzido através de um largo vestíbulo bem encerado, parecido com o átrio de um convento, cujas paredes ressoavam.

Passaram diante de várias portas. A última era forrada de um painel de couro em *capitonné*.

O velho criado abriu e fechou atrás do jovem rapaz, que se encontrou só diante de seus três inimigos, pois podia ele chamar de outra forma aqueles três homens dos quais ao menos dois observavam-no entrar, esperando de pé em uma postura de boxeadores que vão dar início ao seu ataque?

— É ele! É mesmo ele! — gritou Godefroy d'Étigues, tomado de raiva. — Beaumagnan, é ele, é o nosso homem de Gueures, aquele que roubou o braço do candelabro. Ah, ele tem colhões! O que o senhor veio fazer aqui hoje? Se for pela mão de minha filha…

Raoul respondeu, rindo:

— Mas afinal, meu senhor, não pensa então em outra coisa além disso? Sinto pela senhorita Clarisse os mesmos sentimentos profundos, guardo em meu íntimo a mesma esperança respeitosa. Mas hoje, assim como não era o caso aquele dia em Gueures, o objetivo de minha visita não é matrimonial.

— Então, qual é o seu objetivo…? — disse o barão, entredentes.

— Naquele dia em Gueures era prendê-los em um porão. Hoje…

Beaumagnan precisou intervir, sem o que Godefroy d'Étigues teria se atirado sobre o intruso.

— Vamos ficar aí, Godefroy. Sente-se, e peço que o senhor tenha a bondade de nos contar a razão de sua visita.

Ele mesmo sentou-se diante de sua escrivaninha. Raoul se instalou.

Antes de falar, teve tempo de examinar seus interlocutores cujos rostos lhe pareciam mudados desde a reunião em Haie d'Étigues. O barão, em particular, havia envelhecido. Suas bochechas estavam encovadas e a expressão de seus olhos mostravam-se, em alguns momentos, um tanto quanto abatidos, o que chocou o jovem. A ideia fixa e o remorso davam aquela febre e aquela inquietação que Raoul acreditou discernir igualmente no rosto atormentado de Beaumagnan.

Ainda assim, este último se mantinha mais senhor de si. Se a lembrança de Josine morta o assombrava, isso devia ser mais ao modo de uma crise de consciência na qual julgamos os próprios atos e na qual confirmamos que estamos certos. Um drama bem interior que não afetava a própria aparência do homem e não podia comprometer seu equilíbrio senão de forma intermitente e em minutos de crise.

— Nessas horas — disse Raoul para si mesmo —, cabe a mim evocar essas lembranças se quiser ter sucesso. Será ele ou eu, é preciso que um dos dois vacile.

Então, Beaumagnan retomou a palavra:

— O que o senhor deseja? O nome da senhorita Rousselin lhe serviu para entrar em minha casa. Com qual intenção?

Ele respondeu ousadamente:

— Na intenção, meu senhor, de continuar a conversa que o senhor começou ontem à noite com ela no teatro de Variedades.

O ataque foi direto. Mas Beaumagnan não recuou.

— Estimo que aquela conversa não poderia continuar se não com ela e era apenas a ela que estava esperando.

— Uma questão séria reteve a Srta. Rousselin — disse Raoul.

— Uma questão muito séria?

— Sim. Ela foi vítima de uma tentativa de assassinato.

— Como? O que o senhor está dizendo? Tentaram matá-la? Por quê?

— Para pegar dela as sete pedras, da mesma forma que o senhor e seus amigos lhe tomaram os sete anéis.

Godefroy e Oscar de Bennetot agitaram-se em suas poltronas. Beaumagnan conteve-se, mas observava com assombro aquele rapazinho de nada, cuja intervenção inexplicável ganhava ares de desafio e arrogância. Em todo caso, o adversário lhe parecia um pouco magro, e sentia-se sua impressão no tom negligente de sua resposta:

— Agora já são duas vezes, meu senhor, que se mete naquilo que não lhe diz respeito e de uma maneira que sem dúvida nos obrigará a lhe dar a lição que o senhor está merecendo. Uma primeira vez, em Gueures, depois de ter atirado meus amigos em uma emboscada, o senhor apoderou-se de um objeto que nos pertencia, o que, em linguagem ordinária, chama-se simplesmente de roubo qualificado. Hoje, sua agressão é ainda mais chocante, já que o senhor veio insultar-nos na cara, sem qualquer pretexto, mesmo sabendo muito bem que nós não roubamos os anéis, mas sim que eles nos foram cedidos. O senhor poderia nos dizer os motivos dessa conduta?

— O senhor também sabe muito bem que não há de meu lado, nem roubo nem agressão, mas simplesmente o esforço de alguém que persegue o mesmo objetivo que os senhores — respondeu Raoul.

— Ah, o senhor busca o mesmo objetivo que nós? — interrogou Beaumagnan com alguma zombaria. — E qual seria esse objetivo, por favor?

— Descobrir as dez mil pedras preciosas escondidas no interior de um marco de granito.

De repente, Beaumagnan desmontou, e, por sua atitude e seu silêncio ofendido, deixou bem clara toda a sua falta de jeito. Vendo isso, Raoul reforçou seu ataque:

— Pois então, não é? Como buscamos ambos o tesouro fabuloso dos antigos monastérios, acontece de cruzarmos nossos caminhos, o que produz um choque entre nós. A questão toda está aí.

O tesouro dos monastérios! O marco de granito! As dez mil pedras preciosas! Cada uma daquelas palavras batia em Beaumagnan como uma maça. Assim, portanto, deviam ainda contar com aquele rival! Com Cagliostro desaparecendo, surgia um outro competidor na corrida pelos milhões!

Godefroy d'Étigues e Bennetot lançavam olhares ferozes e projetavam seus bustos de atletas prontos para a luta. Quanto a Beaumagnan, ele se se enrijecia para recuperar o autocontrole, do qual sentia uma necessidade imperiosa.

— Lendas! — disse, tentando controlar sua voz e reencontrar o fio da meada. — Fofocas de senhoras! Conversa de salão! E é com isso que o senhor está perdendo seu tempo?

— Não o perco mais do que vocês — replicou Raoul, que não queria que Beaumagnan voltasse à defensiva e não podia perder uma ocasião para o atordoar. — Não mais do que os senhores, cujos atos giram em torno desse tesouro. Não mais do que perdeu o cardeal de Bonnechose, cuja relação com isso tudo, no entanto, não era uma fofoca de senhoras. Não mais do que a dúzia de amigos dos quais o senhor é o líder e o motivador.

— Senhor Deus — falou Beaumagnan com afetada ironia —, como o senhor está bem informado!

— Muito melhor do que o senhor poderia acreditar.

— E com quem o senhor conseguiu essas informações?

— Com uma dama.

— Uma dama?

— Joséphine Balsamo, a condessa de Cagliostro.

— A condessa de Cagliostro! — gritou Beaumagnan, transtornado. — Então o senhor a conheceu!

De súbito, o plano de Raoul se concretizou. Havia lhe bastado lançar no debate o nome de Cagliostro para deixar o adversário fora de si, e essa perturbação era tamanha que Beaumagnan, com imprudência inexplicável, fala de Cagliostro como de uma pessoa que não estava mais viva.

— O senhor a conheceu? Onde? Quando? O que ela lhe disse?

— Eu a conheci no começo do último inverno, como vocês, meu senhor — respondeu Raoul, agravando sua ofensiva. — E, durante todo o inverno, até o momento em que tive a alegria de encontrar a filha do barão d'Étigues, eu a vi praticamente todos os dias.

— O senhor está mentindo — proferiu Beaumagnan. — Ela não pode tê-lo visto todos os dias. Ela teria dito seu nome diante de mim! Éramos amigos o suficiente para que ela não guardasse um segredo desse gênero!

— Ela guardava este aqui.

— Infâmia! O senhor quer me fazer crer que havia entre ela e o senhor uma intimidade impossível! É mentira, meu senhor. Podemos repreender Joséphine Balsamo por muitas coisas: sua sedução, sua malícia, mas não isso, não um ato de devassidão.

— O amor não é devassidão — falou Raoul, tranquilamente.

— O que o senhor está dizendo? Amor? Joséphine Balsamo o amava?

— Sim, senhor.

Beaumagnan estava fora de si. Ele brandia seu punho diante do rosto de Raoul. Por sua vez, foi preciso acalmá-lo, mas ele tremia de fúria e o suor escorria-lhe da testa.

"Peguei você", pensou Raoul todo contente. "Quanto à questão do crime e dos remorsos, ele não vacilou. Mas ainda está corroído de amor e vou conduzi-lo até onde eu quiser."

Um ou dois minutos passaram-se. Beaumagnan enxugou o rosto. Engoliu um copo d'água, e, dando-se conta que o inimigo, por mais magrinho que fosse, não era daqueles de quem se pode livrar com um peteleco, retomou a palavra:

— Estamos perdendo o foco, meu senhor. Seus sentimentos pessoais pela condessa de Cagliostro não têm nada a ver com o nosso assunto de hoje. Então, volto à minha primeira questão: o que o senhor veio fazer aqui?

— Nada mais simples. e uma breve explicação bastará. — respondeu Raoul. — Vim para falar a respeito das riquezas religiosas da Idade Média, riquezas que, pessoalmente, os senhores querem incorporar aos cofres da Sociedade de Jesus, eis onde nós estamos. Essas oferendas, canalizadas através de todas as províncias, eram enviadas às sete principais abadias de Caux e constituíam uma massa comum gerada por aqueles que se poderia chamar de sete administradores delegados, dos quais apenas um conhecia a

localização do cofre-forte e o segredo da fechadura. Cada abadia possuía um anel episcopal ou pastoral que era transmitido, de geração em geração, ao seu próprio delegado. Como símbolo de sua missão, o comitê dos sete era representado por um candelabro de sete braços, do qual cada braço trazia, conforme a tradição da liturgia hebraica e do templo de Moisés, uma pedra da mesma cor e do mesmo material que o anel ao qual correspondia. Assim, o braço que encontrei em Gueures traz uma pedra vermelha, uma falsa granada, que era a pedra representativa daquela abadia, e, por outro lado, sabemos que o frei Nicolas, último administrador-chefe dos monastérios de Caux, era um monge da abadia de Fécamp. Estamos de acordo?

— Sim.

— Logo, basta descobrir o nome das sete abadias para conhecer as sete localizações. Ora, sete nomes estão inscritos no interior dos sete anéis que Brigitte Rousselin cedeu-lhes ontem à noite no teatro. São esses sete anéis que estou lhes pedindo para examinar.

— Quer dizer — declarou Beaumagnan pausadamente — que nós buscamos durante anos e anos e que o senhor, logo de pronto, pretende chegar ao mesmo objetivo que nós?

— É exatamente isso.

— E se eu recusar?

— Perdão, o senhor recusar? Só responderei diante de uma resposta formal.

— Evidentemente, eu recuso. Seu pedido é absolutamente sem sentido e, da maneira mais categórica possível, eu recuso.

— Então, vou denunciá-lo.

Beaumagnan pareceu bestificado. Observou Raoul como se estivesse lidando com um louco.

— O senhor me denunciar… O que é essa nova história?

— Eu vou denunciar vocês três.

— Nós três? — zombou ele. — Mas por qual motivo, meu bom rapazinho?

— Eu vou denunciar os três como os assassinos de Joséphine Balsamo, a condessa de Cagliostro.

Não houve o menor protesto. Nem um gesto de revolta. Godefroy d'Étigues e seu primo Bennetot se afundaram um pouco mais em suas

cadeiras. Beaumagnan ficou lívido e sua zombaria se acabou em uma careta atroz.

Ele se levantou, deu uma volta de chave na fechadura e colocou a chave em seu bolso, o que teve o efeito de devolver a seus dois acólitos a capacidade de movimento. O golpe de misericórdia que o ato de seu chefe parecia anunciar os reanimou.

Raoul teve a audácia de fazer piada:

— Meu senhor, quando um recruta chega ao regimento, ele é logo colocado sobre um cavalo sem estribos, até criar colhões.

— Isso significa…?

— Significa que jurei a mim mesmo nunca carregar comigo um revólver, enquanto conseguisse enfrentar todas as situações apenas recorrendo a meu cérebro. Logo, eu os advirto: não tenho estribos… Ou melhor, não tenho um revólver. Vocês são três, os três estão armados, e eu estou sozinho. Logo…

— Logo, chega de papo furado — declarou Beaumagnan, com uma voz ameaçadora. — Vamos aos fatos. O senhor acusa-nos de ter assassinado Cagliostro?

— Sim.

— O senhor tem provas para sustentar essa acusação incompreensível?

— Eu tenho.

— Estou escutando.

— Vamos lá. Há algumas semanas, eu vagava em torno da propriedade de Haie d'Étigues, esperando que o acaso me permitisse ver a Srta. d'Étigues, quando percebi um carro conduzido por um de seus amigos. Esse carro entrou na propriedade. Eu fiz o mesmo. Uma mulher, Joséphine Balsamo, foi transportada para a sala da antiga torre, onde os senhores estavam todos reunidos num autointitulado tribunal. Seu processo foi instruído da maneira mais desleal e mais pérfida possível. O senhor fazia as vezes de promotor público, meu senhor, e fez uso de engodos e da vaidade até fazer entender que aquela mulher havia sido sua amante. Quanto a esses dois senhores, fizeram o papel de carrascos.

— A prova? Onde está a prova? — rugiu Beaumagnan, cujo rosto se tornava irreconhecível.

— Eu estava lá, deitado na fenda de uma antiga janela, logo acima de sua cabeça, meu senhor.

— Impossível! — balbuciou Beaumagnan. — Se fosse verdade, o senhor teria tentado intervir e salvá-la.

— Salvá-la de quê? — perguntou Raoul, que justamente não queria revelar nada do salvamento de Cagliostro. — Acreditei, assim como seus outros amigos, que os senhores a condenariam ao confinamento em uma casa de loucos inglesa. Portanto, fui embora ao mesmo tempo que os demais. Corri até Étretat. Aluguei um barco e, naquela noite, remei até a frente desse navio inglês do qual o senhor havia falado e cujo capitão tinha a intenção de assustar. Estratégia errada, e que custou a vida da infeliz. Só muito mais tarde que entendi seu ardil ignóbil e que pude reconstituir seu crime em todo o seu horror: a descida de seus dois cúmplices pela Escadaria do Padre, o barco furado e o afogamento.

Enquanto o escutavam com um pavor visível, os três homens tinham aproximado suas poltronas pouco a pouco. Bennetot empurrou a mesa que parecia ser uma espécie de amurada para a frente do rapaz. Raoul percebeu a feição atroz de Godefroy d'Étigues e a careta contorcida que lhe torcia a boca.

Um gesto de Beaumagnan, e o barão sacaria um revólver e queimaria o cérebro do imprudente.

E talvez tenha sido precisamente essa imprudência inexplicável o que retardava a ordem de Beaumagnan. Com um ar amedrontador, disse em voz baixa:

— Vou lhe repetir: o senhor não tinha o direito de agir como o fez e se intrometer em assuntos que não lhe dizem respeito, meu senhor. Mas me recuso a mentir e a negar o que se passou. Só que… Só que eu fico me perguntando, já que o senhor surpreendeu um tal segredo, como pode ousar estar aqui e nos provocar? É loucura!

— Por que o seria, meu senhor? — perguntou Raoul com candura.

— Porque sua existência está em nossas mãos.

Ele deu de ombros.

— Minha existência está ao abrigo de qualquer perigo.

— Ainda assim, nós somos três e de humor pouco confortável em um ponto que toca tão de perto nossa segurança.

— Não corro mais riscos estando entre vocês três do que se fossem meus defensores — afirmou Raoul.

— O senhor está absolutamente certo disso?

— Sim, posto que os senhores ainda não me mataram mesmo depois de tudo o que eu disse.

— E se eu decidir agir?

— Daqui uma hora, vocês três seriam todos presos.

— Ora, vamos!

— Tenho a honra de lhes contar. São quatro horas e cinco minutos. Um de meus amigos está passando nos arredores da delegacia de polícia. Se, às quatro horas e quarenta e cinco minutos, eu não tiver me juntado a ele, o chefe da Segurança será avisado.

— Bobagem! Absurdo! — gritou Beaumagnan, que parecia recuperar a esperança. — Sou conhecido. Assim que ele pronunciar meu nome, vão rir da cara de seu amigo.

— Vão escutá-lo.

— Enquanto isso… — murmurou entre os dentes Beaumagnan, que se virou para Godefroy d'Étigues.

A sentença de morte ia ser proferida, Raoul sentiu a volúpia do perigo. Mais alguns segundos, e o gesto cuja execução havia atrasado por seu extraordinário sangue-frio seria concretizado.

— Só mais uma palavra — disse ele.

— Diga — resmungou Beaumagnan —, mas com a condição de que essa palavra seja uma prova contra nós. Não quero mais acusações. Disso e do que a justiça pode vir a pensar, deixe que eu me encarrego. Mas quero uma prova que me mostre que não estou perdendo meu tempo discutindo com o senhor. Uma prova imediata, se não…

Ele tinha se levantado de novo. Raoul ergueu-se diante dele e, olhos nos olhos, tenaz, autoritário, articulou:

— Uma prova… Do contrário, é a morte, não é?

— Sim.

— Eis minha resposta. Quero os sete anéis agora mesmo. Sem os quais…

— Sem os quais o quê?

— Meu amigo entregará à polícia a carta que o senhor escreveu ao barão d'Étigues para lhe indicar o meio de se apoderar de Joséphine Balsamo e obrigá-lo a cometer o assassinato.

Beaumagnan demonstrou surpresa.

— Uma carta? Aconselhando o assassinato?

— Sim… uma carta de certa forma disfarçada, da qual bastava ignorar as frases inúteis — especificou Raoul.

Beaumagnan caiu na gargalhada.

— Ah, sim! Sei o que é… Estou me lembrando… Um rabisco…

— Um rabisco que constitui contra o senhor a prova irrecusável que estava solicitando.

— De fato, de fato… Eu confesso — disse Beaumagnan, sempre irônico. — Só que não sou um estudante primário e tomei minhas precauções. Ora, essa letra me foi devolvida pelo barão d'Étigues assim que começou a reunião.

— A cópia lhe foi devolvida, mas guardei o original que encontrei em um vão da escrivaninha com tampo da qual o barão se servira. É este original que meu amigo entregará à polícia.

O círculo formado ao redor de Raoul se afrouxou. Os rostos ferozes dos dois primos não tinham mais outra expressão além do medo e da angústia. Raoul pensou que o duelo tinha acabado, e acabado sem que houvesse realmente um combate. Alguns floreios de espada, algumas fintas. Nada de corpo a corpo. O caso tinha sido bem conduzido, ele havia por meio de hábeis manobras encurralado Beaumagnan tão bem em uma situação tão trágica que, no estado de espírito em que se encontrava, Beaumagnan não podia mais julgar de modo são as coisas e discernir os pontos fracos do adversário.

Pois, afinal, Raoul afirmava que possuía o original daquela carta. Mas sobre o que se apoiava para afirmar aquilo? Em nada. De modo que Beaumagnan, que exigia uma prova irrefutável e palpável antes de acreditar, de repente, por uma anomalia singular, mas à qual as manobras de Raoul haviam conduzido, contentava-se apesar da afirmação de Raoul.

De fato, ele recuou bruscamente, sem barganhar e sem qualquer hesitação. Abriu a gaveta, pegou os sete anéis, e disse simplesmente:

— O que me assegura que o senhor não vai mais se servir daquela carta contra nós?

— Dou minha palavra, meu senhor, e, além disso, cá entre nós, as circunstâncias não se apresentam nunca do mesmo modo. Na próxima vez, o senhor saberá tomar a vantagem.

— Não duvide disso, meu senhor — disse Beaumagnan, com uma raiva contida.

Raoul pegou os anéis com uma mão febril. Cada um deles, de fato, trazia no interior um nome. Em um pedaço de papel, ele escreveu rapidamente os nomes das sete abadias:

- Fécamp
- Saint-Wandrille
- Jumièges
- Valmont
- Cruchet-le-Valasse
- Montivilliers
- Saint-Georges-de-Boscherville

Beaumagnan havia tocado o sino, mas reteve o criado no corredor e disse, aproximando-se de Raoul:

— Em todo caso, uma proposta… O senhor conhece nossos esforços. Sabe exatamente onde estamos e que, definitivamente, o objetivo não está longe.

— É o que penso — disse Raoul.

— Pois bem, o senhor estaria disposto, e falo sem segundas intenções, a tomar um lugar no meio de nós?

— Nas mesmas condições que seus amigos?

— Não. Nas mesmas condições que eu.

A oferta era honesta, Raoul o sentia e ficou lisonjeado pela homenagem que lhe prestavam. Talvez tivesse aceitado se Joséphine Balsamo não existisse. Mas qualquer acordo entre ela e Beaumagnan era impossível.

— Eu lhe agradeço — disse Raoul —, mas, por razões particulares, sou obrigado a recusar.

— Então, inimigos?

— Não, meu senhor, concorrentes.

— Inimigos — insistiu Beaumagnan. — E como tal, exposto ao risco…

— … de ser tratado como a condessa de Cagliostro — interrompeu Raoul.

— O senhor mesmo está dizendo, meu senhor. O senhor sabe que a grandeza de nosso objetivo perdoa os meios os quais somos por vezes obrigados a adotar. Se esses meios se voltarem um dia ou outro contra o senhor, foi o senhor quem quis assim.

— Eu que quis assim.

Beaumagnan chamou de volta o criado.

— Conduza o senhor.

Raoul fez três saudações profundas e foi-se embora pelo longo corredor até a porta com a janelinha que foi aberta. Ali, disse ao velho criado:

— Um segundo, meu amigo, tenha a gentileza de me esperar.

Voltou então rapidamente até o escritório onde os três homens confabulavam e, plantando-se na soleira da porta, com a maçaneta na mão e sua retirada assegurada, lançou-lhes com uma voz amável:

— A propósito daquela famosa carta tão comprometedora, devo fazer-lhes uma confissão que lhes dará toda tranquilidade. É que nunca fiz uma cópia dela, e, por consequência, meu amigo não tem como possuir o original. De resto, os senhores não acham que toda aquela história de um amigo que fica zanzando nos arredores da delegacia e que está de olho em quando o relógio vai dar quarenta e cinco minutos é bem inverossímil? Durmam em paz, meus senhores, e estou ansioso para revê-los.

Fechou a porta no nariz de Beaumagnan e ganhou a saída antes que este tivesse o tempo de advertir seu criado.

A segunda batalha estava ganha.

Ao fim da rua, Joséphine Balsamo, que o havia conduzido até a residência de Beaumagnan, esperava com a cabeça inclinada para fora da janelinha da carruagem.

— Cocheiro — disse Raoul —, para a estação Saint-Lazare, no embarque das linhas intermunicipais.

Saltou para dentro do carro e logo gritou, estremecendo-se todo de alegria, com entonação vitoriosa:

— Veja, querida, eis os sete nomes indispensáveis. Aqui está a lista. Pegue-a.

— E agora? — perguntou ela.

— Agora é isso aí. Segunda vitória em um dia, e que vitória esta! Meu Deus! Como é fácil enrolar as pessoas! Um pouco de audácia, de ideias claras, de lógica, de vontade absoluta de se enfiar como uma flecha até o

fim. E os obstáculos se rompem por conta própria. Beaumagnan é um malandro, não é? Pois bem, ele vacilou como você, minha querida Josine. Hein? Seu aluno lhe dá orgulho? Dois mestres de primeira classe, Beaumagnan e a filha de Cagliostro, esmagados, pulverizados por um colegial! O que você diz disso, Joséphine?

Ele se interrompeu:

— Querida, você não está brava comigo por eu falar assim?

— Não, não estou — respondeu ela, sorrindo.

— Não está mais irritada pela história de agora há pouco?

— Ah, também não exagere! — disse ela. — Veja, não é preciso ferir meu orgulho. Eu sou bem orgulhosa e rancorosa. Mas, com você, não há como ficar brava por muito tempo. Você tem alguma coisa de especial que desarma.

— Beaumagnan não ficou desarmado. Nossa, ele não ficou!

— Beaumagnan é um homem.

— Que seja! Vou declarar guerra aos homens! E creio de verdade que fui feito para isso, Josine! Sim, para a aventura, para a conquista, para o extraordinário e o fabuloso. Sinto que não existe nenhuma situação de onde eu não possa sair em vantagem. Mas então, Josine, é tentador lutar quando se está certo de que vai vencer, não é?

Pelas ruas estreitas da margem esquerda, o carro corria a alta velocidade. Atravessaram o Sena.

— E, a partir de hoje, Josine, vencerei. Tenho todas as cartas na mão. Em algumas horas, desembarco em Lillebonne. Vou enxotar a viúva Rousselin, e quer ela queira, quer não, vou examinar o baú de madeira das Ilhas, no qual está gravada a senha do enigma. E daí pronto! Com essa senha, e com o nome das sete abadias, só o diabo para me impedir de ganhar na loteria.

Josine ria de seu entusiasmo. Ele estava exultante. Contava seu duelo com Beaumagnan. Beijava a jovem dama, zombava com a cara dos pedestres, abria a janelinha, insultava o cocheiro cujo cavalo trotava "como uma lesma".

— É para galopar, meu velho! Como assim? Você tem a honra de conduzir em seu carro o deus da Fortuna e a rainha da Beleza, e seu corcel não galopa!

O carro seguia pela Avenida da Ópera. Cortou pela Rua dos Petits-Champs e pela Rua dos Capucines. Na Rua Caumartin, o cavalo começou a galopar.

— Perfeito! — gritou Raoul. — Quatro horas e quarenta e oito minutos. Chegaremos. Claro que você me acompanhará a Lillebonne, não?

— Por quê? É inútil. Um de nós dois indo já é o suficiente.

— Até que enfim você está confiando em mim — disse Raoul. — E sabe que eu não a trairei, e que tudo está acertado entre nós. A vitória de um é a vitória do outro.

Mas quando se aproximava da Rua Auber, uma porta se abriu bruscamente à esquerda, o carro virou sem que a velocidade tivesse diminuído, e penetrou em um pátio.

Três homens se apresentaram de cada lado, Raoul foi arrancado brutalmente e levado embora antes mesmo de esboçar um gesto de resistência.

Ele teve apenas o tempo de distinguir a voz de Joséphine Balsamo que, ficando na carruagem, comandava:

— Estação Saint-Lazare, e rápido!

Os homens já o precipitavam para o interior de uma casa e o atiravam em um cômodo meio obscuro, cuja pesada porta fora bloqueada atrás dele.

A alegria que borbulhava em Raoul era tão forte que não baixou logo. Ele continuou a rir e a brincar, mas com uma raiva crescente que alterava o timbre de sua voz.

— Foi a minha vez! Parabéns, Joséphine. Ah, que golpe de mestre! Aí está quem foi deixado para trás! Bem no alvo…! E, de verdade, não esperava por isso. Não, mas devia ser isso que a divertia, meus cantos de triunfo: "Sou feito para a conquista! Para o extraordinário e para o fabuloso!". Aff, que idiota! Quando a gente é capaz de dizer tamanhas idiotices, melhor calar a boca. Que tombo!

Ele se jogou contra a porta. Nossa, para que isso? Uma porta de prisão. Tentou escalar até um pequeno vitral que deixava uma luz amarela se infiltrar. Mas como alcançá-lo? Além disso, um ligeiro ruído atraiu sua atenção, e, na penumbra, percebeu que uma das paredes, bem no canto do teto, era perfurada por uma espécie de seteira de onde se sobressaía o cano de um fuzil mirado bem sobre ele, que se movia e parava, em sintonia com todos os seus movimentos.

Toda sua raiva voltou-se para o atirador invisível em quem descarregou generosamente suas invectivas:

— Canalha! Miserável! Saia daí do seu buraco para ver com quem está lidando. Que trabalho o seu! E, depois, vá dizer a sua patroa que ela não o levará para o paraíso e que em pouco tempo…

De repente, ele se conteve. Toda aquela verborragia lhe parecia estúpida e, passando da cólera a uma resignação súbita, estendeu-se sobre a cama de ferro colocada na alcova, que formava também um banheiro.

— Depois de tudo isso, mate-me se quiser, mas me deixe dormir…

Dormir, Raoul nem pensava nisso. Tratava-se antes de encarar a situação e de tirar as conclusões desagradáveis que nela estavam inclusas. E isso era algo fácil, que se resumia em uma frase: Joséphine Balsamo tomara o seu lugar para recolher os frutos da vitória que ele havia preparado.

Mas quais meios de ação ela precisaria ter à sua disposição para ter obtido sucesso em tão pouco tempo! Raoul não tinha dúvidas de que Léonard, acompanhado de um outro cúmplice e de um outro carro os tinha seguido até a casa de Beaumagnan e logo armara tudo com ela. Depois disso, Léonard foi preparar a armadilha na Rua Caumartin, em um espaço especialmente destinado para esse fim, enquanto Joséphine Balsamo esperava.

O que ele poderia fazer agora, sozinho e com a sua idade, contra tais inimigos? De um lado, Beaumagnan com todo um mundo de correspondentes e capangas consigo. Por outro, Joséphine Balsamo e todo seu bando tão poderosamente organizado!

Raoul tomou uma resolução:

— Quer eu pegue mais tarde o bom caminho, como espero — disse a si mesmo —, quer me engaje definitivamente na trilha das aventuras, o que é mais provável, juro que também terei à minha disposição os meios de ação indispensáveis. Coitado de quem ficar sozinho! Apenas os líderes conseguem atingir seus objetivos. Venci Joséphine e, no entanto, será ela quem, esta noite, colocará as mãos no preciso baú, enquanto Raoul fica gemendo na palha úmida.

Chegava a esse ponto em suas reflexões, quando se sentiu invadido por um inexplicável torpor que vinha acompanhado por um mal-estar geral. Lutou contra aquele sono insólito. Mas, muito rapidamente, seu cérebro se preencheu de brumas. Ao mesmo tempo, teve náuseas e a sensação de ter

um peso no estômago.

Espantando sua fraqueza, conseguiu caminhar.

Isso durou pouco, a dormência crescente, e, de uma vez, ele capotou sobre seu colchão, assolado por um pensamento aterrador: ele se lembrava que, na carruagem, Joséphine Balsamo havia tirado de seu bolso uma pequena caixinha de balas de ouro das quais se servia habitualmente, e, enquanto pegava duas ou três pastilhas que logo engoliu, oferecera-lhe uma, com um gesto mecânico.

— Ah, ela me envenenou… — murmurou, todo coberto de suor. — As pastilhas que sobraram continham veneno…

Aquele era um pensamento que ele não teve tempo de verificar. Tomado de vertigem, parecia-lhe estar girando acima de um grande buraco no qual acabou por cair soluçando.

A ideia da morte invadiu Raoul bastante profundamente para que ele não tivesse muita certeza de estar vivo quando reabriu os olhos. Com dificuldade, fez alguns exercícios de respiração, beliscou-se, falou em voz alta. Estava vivo! Os ruídos longínquos da rua acabaram por confirmar.

— Decididamente, não estou morto. Mas que bela opinião eu tenho da mulher que eu amo! Por um pobre narcótico que ela me administrou, como era seu direito, eu logo a fui acusando de ser uma envenenadora.

Não poderia dizer exatamente quanto tempo tinha dormido. Um dia? Dois dias? Ainda mais? Sua cabeça estava pesada, seus pensamentos vacilavam e uma dormência infinita lhe prendia os membros.

Rente à parede, avistou uma cesta de provisões que devia ter descido pela seteira. Nenhum fuzil aparecia ali em cima.

Estava com fome e sede. Comeu e bebeu. Sua lassidão era tal que não reagia mais ante à ideia das consequências que aquela refeição poderia desencadear. Narcóticos? Veneno? Que importava! Sono passageiro, sono eterno, tudo lhe era indiferente. Deitou-se de novo e, de novo, dormiu por horas, por noites e por dias…

Ao fim, por mais avassalador que fosse seu sono, Raoul d'Andrésy conseguiu tomar consciência de algumas sensações, do mesmo modo que se adivinha o fim de um túnel pelos lampejos de luz que iluminam as paredes escuras. Sensações até que agradáveis. Eram, sem dúvida alguma, sonhos, sonhos de um embalar muito suave, que ritmava um mesmo ruído

contínuo. Chegou a levantar suas pálpebras e então percebeu a moldura retangular de um quadro, cuja tela pintada se mexia e se desdobrava em paisagens constantemente renovadas, brilhantes ou escuras, inundadas de sol ou flutuando em um crepúsculo dourado.

Agora, não precisava fazer mais nada além de estender o braço para pegar os alimentos. Provava-os pouco a pouco e degustava o sabor. Um vinho perfumado os acompanhava. Parecia-lhe, ao bebê-lo, que alguma energia corria nele. Seus olhos se encheram de claridade. A moldura do quadro se tornou o batente de uma janela aberta que deixava ver uma sucessão de colinas, de pradarias e de relógios de aldeias.

Encontrava-se em um outro cômodo, bem pequeno, que reconheceu por já tê-lo habitado. Em que época? Havia ali suas vestes, suas roupas sujas e seus livros.

Uma escada de mão se erguia ali. Por que não subiria, já que estava com forças? Bastava-lhe querer. Quis e subiu. Sua cabeça levantou um alçapão e surgiu no espaço infinito. Um rio à direita e à esquerda. Murmurou: "O convés de *A Indiferente*… O Sena… A costa dos Dois-Amantes…"

Avançou alguns passos.

Josine estava ali, sentada em uma cadeira de vime.

Não houve realmente transição entre os sentimentos de rancor combativo e de revolta que experimentava contra ela e o sobressalto de amor e de desejo que o sacudiu dos pés à cabeça. Aliás, ele havia mesmo sentido algum rancor e alguma revolta? Tudo se confundia em uma imensa necessidade de apertá-la em seus braços.

Inimiga? Ladra? Criminosa, talvez? Não. Somente mulher, mulher antes de tudo. E que mulher!

Vestida muito simplesmente como de hábito, trajava aquele véu impalpável que filtrava os reflexos de seus cabelos e lhe conferia uma semelhança imensa com a Virgem de Bernardino Luini. O pescoço estava nu, com uma tonalidade quente e tépida. Suas mãos finas se estendiam uma ao lado da outra sobre seus joelhos. Ela contemplava a encosta abrupta dos Dois-Amantes. E nada poderia parecer mais doce e mais puro do que aquele rosto marcado pelo imóvel sorriso que era a própria expressão profunda e misteriosa.

Raoul quase a tocava, no momento em que ela o notou. Josine corou um pouco e baixou as pálpebras, deixando filtrar entre seus longos cílios

castanhos um olhar que não ousava se fixar. Nunca uma adolescente demonstrou mais pudor e ingênuo temor; nunca se mostrou menos afetação e menos malícia.

Ele ficou todo emocionado. Josine temia aquele primeiro contato entre eles. Raoul não iria ultrajá-la? Lançar-se sobre ela, bater-lhe, dizer-lhe coisas abomináveis? Ou então fugir com aquele desprezo que é ainda pior que tudo? Raoul tremia como uma criança. Nada contava para ele, naquele exato minuto, senão aquilo que conta eternamente para os amantes, o beijo, a união das mãos e das respirações, a loucura dos olhares que se entrelaçam e dos lábios que desfalecem de volúpia.

Raoul caiu de joelhos diante dela.

---

[19] "Rocha Tarpeia" é o nome dado a uma colina na atual capital italiana, de onde eram atirados os condenados pelo Império Romano, notadamente os criminosos acusados de traição ou falso testemunho. (N.T.)

A mão mutilada

O custo de tais amores é o silêncio ao qual estão condenados. Então, mesmo que as bocas falem, o ruído das palavras trocadas não anima o morno silêncio dos pensamentos solitários. Cada um persiste em sua própria meditação, sem nunca penetrar de fato na vida do outro. Diálogo desesperador pelo qual Raoul, sempre pronto para a abrir seu coração, sofria cada vez mais.

Também Josine devia sofrer por isso, a julgar por alguns momentos de lassidão extrema nos quais parecia quase no limite daquelas confidências que aproximam os amantes mais até do que as carícias. Uma vez ela começou a chorar entre os braços de Raoul, com tanta angústia que ele esperava a crise do abandono. Mas logo ela se recompôs e ele a sentiu mais distante do que nunca.

"Ela não consegue confiar", pensou ele. "Ela é um desses seres que vivem à parte, em uma solidão sem fim. Prisioneira do tipo de imagem que quer dar a si mesma, prisioneira do enigma que elaborou e que a mantém em suas redes invisíveis. Como filha de Cagliostro, habituou-se às trevas, às complicações, às tramas, às intrigas, aos trabalhos subterrâneos. Contar a alguém uma dessas maquinações seria o mesmo que lhe entregar o fio que o guiaria pelo labirinto. E ela tem medo e se volta para si mesma."

Como consequência, Raoul se calava igualmente e se privava de fazer alusão à aventura em que estavam engajados e ao problema cuja solução buscavam. Tinha ela se apoderado do baú? Conhecia as letras que abririam a fechadura? Tinha mergulhado sua mão no vão do marco lendário e extraído diretamente as milhares e milhares de pedras preciosas?

Sobre isso, sobre tudo, só silêncio.

Além disso, desde que tinham passado Ruão, a intimidade diminuiu. Léonard, ainda que evitando Raoul, reapareceu. Os conciliábulos recomeçaram. A carruagem e os pequenos cavalos infatigáveis levavam Joséphine Balsamo todos os dias. Para onde? Para que fizesse o quê? Raoul notou que três das abadias se encontravam nas proximidades do rio: Saint-Georges-de-Boscherville, Jumièges, Saint-Wandrille. Mas então, se ela pedia informações sobre esse assunto, era porque nada ainda estava resolvido, e simplesmente falhara?

Aquela ideia o impulsionava bruscamente para a ação. Da pousada onde ele a havia deixado perto de Haie d'Étigues, fez vir sua bicicleta e impulsionou-se até os arredores de Lillebonne onde a mãe de Brigitte habitava. Ali, soube que doze dias antes — o que correspondia à viagem de Joséphine Balsamo — a viúva Rousselin tinha fechado sua casa para se juntar, dizia ela, à sua filha em Paris. Na noite precedente, segundo afirmavam os vizinhos, uma dama tinha entrado em sua casa.

Somente às dez horas da noite, Raoul voltou até a lancha que estava estacionada a sudoeste da primeira curva após Ruão. Ora, um pouco antes de chegar, ele ultrapassou a carruagem de Josine, que os pequenos cavalos de Léonard puxavam penosamente, como animais extenuados. À beira do rio, Léonard saltou, abriu a portinhola, inclinou-se e voltou com o corpo inerte de Josine, carregando-o sobre seu ombro. Raoul acudiu. Em dois, instalaram a jovem em sua cabine onde o casal de barqueiros se juntou a eles.

— Cuidem dela — falou o homem, rudemente. — Ela só desmaiou. Mas "a coisa está pegando fogo". Não é para ninguém sair daqui!

Ele voltou para o carro e partiu.

Durante toda a noite, Joséphine Balsamo delirou, sem que Raoul pudesse captar nenhuma das palavras incoerentes que deixava escapar. No dia seguinte, a indisposição tinha acabado. Mas, à noite, Raoul, tendo passado na aldeia vizinha, arranjou um jornal de Ruão. Em meio às fofocas da região, leu:

"Ontem à tarde, a delegacia de polícia de Caudebec, informada que um açougueiro tinha escutado gritos de mulher pedindo socorro e que saíam de um antigo forno de sal situado no limite da floresta de Maulévrier, mandou ao local um cabo e um guarda. Quando esses dois representantes da autoridade aproximavam-se do pomar onde se encontrava o forno de

cal, perceberam, por cima de uma elevação, dois homens que arrastavam uma mulher até uma carruagem fechada perto da qual se encontrava, de pé, uma outra mulher.

"Obrigados a contornar a elevação, os guardas apenas chegaram à entrada do pomar depois da partida do carro. Logo, a perseguição começou, perseguição que deveria ter terminado pela vitória fácil da força da ordem. Mas a carruagem estava atrelada a dois cavalos tão rápidos, e o condutor devia conhecer tão bem a região, que teve sucesso em escapar pelo emaranhado de estradas acumuladas que subiam para o norte, entre Caudebec e Motteville. Além disso, caía a noite e ainda não se conseguiu estabelecer por onde escaparam todas aquelas belas pessoas."

— E nem saberão — disse Raoul a si mesmo, com toda certeza. — Ninguém além de mim poderá reconstituir os fatos, já que somente eu conheço o ponto de partida e o ponto de chegada.

E, após refletir, Raoul formulou suas conclusões:

— Dentro do antigo forno de cal, um fato inegável: a viúva Rousselin está ali, sob a vigilância de um cúmplice. Joséphine Balsamo e Léonard, que a atraíram para fora de Lillebonne e a prenderam, vão vê-la todos os dias e tentam lhe arrancar a informação definitiva. Ontem, sem dúvida, o interrogatório foi um pouco violento. A viúva Rousselin gritou. Os guardas chegaram. Fuga desesperada. Conseguiram escapar. Ao longo da estrada, deixaram a cativa em uma outra prisão preparada com antecedência e mais uma vez salvaram-se. Mas todas essas emoções provocaram em Joséphine Balsamo uma daquelas crises nervosas que lhe são costumeiras. Ela desmaiou.

Raoul desdobrou um mapa topográfico. Da floresta de Maulévrier até *A Indiferente*, o caminho media em linha reta uns trinta quilômetros. Foi nos arredores desse caminho, mais ou menos à direita, mais ou menos à esquerda, que a viúva Rousselin fora aprisionada.

— Vamos, o campo de batalha está traçado — disse Raoul a si mesmo —, e a hora de entrar em cena não vai demorar para mim.

No dia seguinte, ele colocou mãos à obra, flanando sobre as estradas normandas, interrogando e tratando de levantar os pontos de passagem e os pontos de parada de "uma velha carruagem atrelada a dois pequenos cavalos". Lógica e fatalmente, a pesquisa deveria dar certo.

Tais dias foram talvez aqueles em que o amor de Joséphine Balsamo e de Raoul adquiriu seu caráter mais áspero e mais apaixonado. A jovem mulher que se sabia procurada pela polícia, e que não tinha esquecido os incidentes da pousada Vasseur, em Doudeville, não ousava deixar *A Indiferente* e cruzar o País de Caux. Raoul então a encontrava entre cada uma de suas expedições e eles se jogavam nos braços um do outro com o desejo exasperado de saborear as alegrias das quais pressentiam o fim próximo.

Alegrias dolorosas, como as que o poderiam ter dois amantes que o destino separou. Alegrias suspeitas que a dúvida envenenava. Tanto um quanto outro adivinhavam seus desígnios secretos e, quando seus lábios estavam unidos, ambos sabiam que o outro, embora amando, agia como se odiasse.

— Eu amo você, eu amo você — repetia Raoul, perdidamente apaixonado, enquanto no fundo de si buscava os meios de arrancar a mãe de Brigitte Rousselin das garras da Cagliostro.

Às vezes, eles se apertavam um contra o outro com a violência de dois adversários que se confrontam. Havia brutalidade em suas carícias, ameaça em seus olhares, raiva em seus pensamentos, desespero em sua ternura. Parecia até que se vigiavam como que para encontrar o ponto fraco onde a ferida seria mais decisiva.

Uma noite, Raoul despertou com uma sensação de desconforto, Josine tinha vindo até seu leito e o olhava sob a luz de uma luminária. Ele estremeceu. Não que o charmoso rosto de Josine tivesse qualquer outra expressão além de seu sorriso habitual. Mas por que aquele sorriso parecia a Raoul tão maldoso e tão cruel?

— O que há com você? — perguntou. — E o que você quer de mim?

— Nada… nada… — falou ela com um tom distraído, se afastando.

Mas ela voltou a Raoul e lhe mostrou uma fotografia.

— Encontrei isso em sua carteira. É inacreditável que você guarde consigo o retrato de uma mulher. Quem é ela?

Ele tinha reconhecido Clarisse d'Étigues e respondeu, hesitando:

— Não sei… Um acaso…

— Vamos, não minta — disse ela, bruscamente. — É Clarisse d'Étigues. Você acha que eu nunca a vi e que ignoro a ligação entre vocês? Ela era sua amante, não é?

— Não, não, jamais — respondeu, rapidamente.

— Ela era a sua amante — repetiu ela —, tenho convicção disso, e ela o ama, e nada está acabado entre vocês.

Ele deu de ombros, mas como queria defender a jovem garota, Josine o interrompeu.

— Chega de falar disso, Raoul. Você está avisado, é melhor assim. Não tentarei nada para encontrá-la, mas se por acaso as circunstâncias colocarem-na em meu caminho, pior para ela.

— E pior para você, Josine, se tocar em um único dos cabelos dela — gritou Raoul, imprudentemente.

Ela empalideceu. Seu queixo tremeu ligeiramente, e, colocando sua mão no pescoço de Raoul, balbuciou:

— Como assim, você ousa tomar partido contra mim…? Contra mim…!

A mão dela se crispava, bem fria. Raoul teve a impressão de que ela ia estrangulá-lo e se levantou, de um salto, para fora da cama. Por sua vez, ela se assustou, acreditando que seria atacada, e sacou de seu corpete um estilete cuja lâmina brilhou.

Eles se contemplaram assim, um diante do outro, naquela postura agressiva, e foi tão penoso que Raoul murmurou:

— Oh! Josine, que tristeza! Dá para imaginar que chegamos a este ponto?

Igualmente bem emocionada, ela caiu sentada, enquanto ele se precipitava a seus pés.

— Beije-me, Raoul… Beije-me… e não vamos pensar em mais nada.

Eles se abraçaram apaixonadamente, mas ele notou que ela não tinha largado o punhal e que um simples gesto teria bastado para que o enfiasse em sua nuca.

Naquele mesmo dia, às oito horas da manhã, Raoul deixou *A Indiferente*.

"Não devo esperar nada dela", disse a si mesmo. "Amor, sim, ela me ama, e sinceramente, e queria como eu que esse amor se desse sem reservas. Mas isso não pode ser. Ela tem uma alma de inimiga. Desconfia de tudo e de todos e de mim em primeiro lugar."

No fundo, permanecia impenetrável para ele. A despeito de todas as suspeitas e de todas as provas, e ainda que o espírito do mal estivesse nela, Raoul se recusava a admitir que ela poderia chegar a cometer um crime. A

ideia de assassinato não podia se aliar àquele doce rosto que a raiva ou a cólera não conseguia tornar menos doce. Não, as mãos de Josine estavam puras de qualquer sangue.

Mas ele pensava em Léonard e não duvidava que aquele ali fosse capaz de submeter a mãe Rousselin às mais atrozes torturas.

De Ruão a Duclair, e mais adiante desta localidade, a estrada corria entre os jardins que ladeavam o Sena e a branca falésia que domina o rio. Buracos eram cavados no próprio calcário e serviam para camponeses ou trabalhadores guardarem seus instrumentos, às vezes para eles mesmos se alojarem. Foi assim que Raoul finalmente notou que uma dessas cavernas era ocupada por três homens que teciam cestos com o junco das margens vizinhas. Um pedaço de jardim aberto de hortaliças ficava na frente.

Uma vigilância atenta e alguns detalhes suspeitos permitiram a Raoul supor que o pai Corbut e seus dois filhos, três conhecidos caçadores furtivos, saqueadores de reputação detestável, estavam entre os afiliados que Joséphine Balsamo empregava em toda parte, e também a supor que a caverna deles era um daqueles refúgios, pousadas, galpões, fornos de cal, etc., com os quais Joséphine Balsamo tinha marcado a região.

Suspeitas que era preciso transformar em certezas e sem despertar atenção. Buscou então mudar a posição do inimigo e, escalando a falésia, voltou-se para o Sena por um caminho na floresta que terminava em uma ligeira depressão. Ali, ele se deixou deslizar, no meio de moitas e espinheiros, até o fundo da depressão, em um lugar que se sobrepunha à gruta uns quatro ou cinco metros.

Ali passou dois dias e duas noites, alimentando-se de provisões que tinha levado, e dormindo ao ar livre. Invisível em meio à vegetação cerrada de plantas altas, assistia à vida dos três homens. No segundo dia, uma conversa que escutou o informou: os Corbut tinham, de fato, a guarda da viúva Rousselin que, desde o alerta de Maulévrier, era mantida cativa no fundo de seu covil.

Como libertá-la? Ou como, ao menos, chegar perto dela para obter da infeliz as indicações que sem dúvida havia recusado à Joséphine Balsamo? Adequando-se aos hábitos dos Corbut, Raoul elaborou e colocou de lado vários planos. Mas, na manhã do terceiro dia, percebeu, de seu observatório, *A Indiferente* descendo o Sena e vindo atracar a um quilômetro acima das grutas.

De noite, às cinco horas, duas pessoas atravessaram a passarela e percorreram o caminho ao longo do rio. Pelo modo de andar, e apesar de suas vestimentas de mulher do povo, ele reconheceu Joséphine Balsamo. Léonard a acompanhava.

Detiveram-se diante da gruta dos Corbut e confabularam com eles como o teriam feito com pessoas que encontramos por acaso. Depois, como a estrada estava deserta, entraram rapidamente no pequeno quintal. Léonard desapareceu; sem dúvida, entrou na gruta. Joséphine Balsamo permaneceu do lado de fora, sentada em uma velha cadeira de balanço e protegida por uma cortina de arbustos.

O velho Corbut cuidava de seu jardim. Os filhos trançavam seus juncos, ao pé de uma árvore.

"O interrogatório está começando de novo", pensou Raoul d'Andrésy. "Que pena não poder assisti-lo!"

Observava Josine, cujo rosto estava quase inteiramente escondido pelas abas de um grande chapéu de palha vulgar, como aqueles usados pelas camponesas nos dias de calor.

Ela não se mexia, um pouco curvada, com os cotovelos sobre os joelhos.

Algum tempo se passou, e Raoul perguntava-se o que poderia ser feito, quando lhe pareceu escutar a seu lado um gemido, ao qual se sucederam gritos abafados. Sim, estava vindo bem do seu lado. Aquilo reverberava em meio aos tufos de grama que o cercavam. Como seria possível?

Rastejou até o ponto exato onde o ruído parecia mais forte, e não teve necessidade de fazer longas buscas para entender. A saliência de falésia onde acabava a depressão estava obstruída por pedras de algum desmoronamento, e em meio àquelas pedras, havia um pequeno monte de tijolos que mal se distinguia sob a camada uniforme de terra e raízes. Eram os destroços de uma chaminé.

Assim, o fenômeno explicava-se. A gruta dos Corbut devia acabar em um beco sem saída bastante profundo na rocha e um duto escavado devia ter servido outrora de chaminé. Pelo duto e através de deslizamentos, o sol era filtrado até lá em cima.

Houve mais dois gritos dilacerantes. Raoul pensou em Joséphine Balsamo. Voltando-se, conseguiu distingui-la na ponta do pequeno jardim. Ainda sentada, inclinada, o busto imóvel, arrancava distraidamente as pétalas de uma capuchinha. Raoul supunha, queria supor que ela não tinha

escutado. Talvez ela sequer soubesse…

Apesar de tudo, Raoul estremeceu de indignação. Quer ela assistisse ou não ao aterrador interrogatório que a infeliz enfrentava, ela não estava sendo também uma criminosa? E as dúvidas teimosas das quais ela se beneficiara até aqui, na mente de Raoul, não deveriam ceder diante da implacável realidade? Tudo o que ele pressentia contra Joséphine, tudo o que não queria saber, era verdade, já que comandava, definitivamente, a tarefa da qual Léonard se encarregava e da qual ela não teria conseguido suportar o atroz espetáculo.

Com precaução, Raoul retirou os tijolos e demoliu o montinho de terra. Quando terminou, os lamentos haviam cessado, mas ruídos de falas subiam, apenas um pouco mais distinguíveis do que cochichos. Foi-lhe preciso, portanto, retomar seu trabalho e desobstruir o orifício superior do duto. Então, inclinando-se, a cabeça para baixo, agarrando-se como conseguia às rugosidades da superfície, escutou.

Duas vozes se misturavam, a de Léonard e uma voz de mulher, a da viúva Rousselin, sem nenhuma dúvida. A infeliz parecia extenuada, vítima de um pavor indizível.

— Sim… sim… — ela sussurrou. — Vou continuar, já que prometi, mas estou tão cansada…! É preciso me desculpar, meu bom senhor… Além disso, são acontecimentos tão antigos… Vinte e quatro anos se passaram desde então…

— Chega de conversa fiada — resmungou Léonard.

— Sim… — retomou ela. — Vamos lá… Era então na época da guerra com a Prússia, há vinte e quatro anos… E como os prussianos aproximavam-se de Ruão, onde morávamos, meu pobre marido, que era caminhoneiro, recebeu a visita de dois senhores… Dois senhores que nunca havíamos visto. Queriam fugir para o campo, com suas bagagens, como tantos outros naquela época, certo? Então, demos o preço e, sem mais demora, pois estavam apressados, meu marido partiu com eles em um caminhão. Por infortúnio, por conta da requisição do exército, não tínhamos mais do que um cavalo, e um não muito forte. Além disso, nevava aos montes… A dez quilômetros de Ruão, ele caiu para não mais se levantar… Os senhores tiritavam de medo, pois os prussianos poderiam chegar… Foi então que um tipo de Ruão que meu marido conhecia bem, o criado de confiança do cardeal de Bonnechose, um certo Sr. Jaubert, passou

com seu carro… Veja só o senhor… Conversaram… Os dois senhores ofereceram uma grande soma para comprar o cavalo dele. Jaubert recusa. Eles suplicam, ameaçam… E, depois, eis que se atiram sobre ele, como loucos, e o nocauteiam, apesar das súplicas do meu marido… Depois disso, entram no cabriolé, acham ali um baú que pegam para si, atrelam no caminhão o cavalo de Jaubert e vão-se embora, deixando-o meio morto.

— Morto, de fato — especificou Léonard.

— Sim, meu marido o soube meses mais tarde, quando conseguiu voltar a Ruão.

— E, nesse momento, ele não os denunciou?

— Sim… sem dúvida… Ele deveria ter feito, talvez… — falou a viúva Rousselin com embaraço. — Só que…

— Só que eles compraram seu silêncio, não é? — zombou Léonard. — O baú, aberto diante dele, continha joias… Deram a seu marido sua parte do espólio…

— Sim… sim… — disse ela. — Os anéis… Os sete anéis… Mas não foi por isso que ele manteve o silêncio… O pobre homem estava doente… Morreu quase assim que voltou.

— E o baú?

— Ficou no caminhão vazio. De modo que meu marido o trouxe junto com os anéis. *Eu* me mantive calada, como ele. Já era uma história velha, e, depois, tinha medo do escândalo… Poderiam ter acusado meu marido. Melhor se calar. Mudei-me para Lillebonne com minha filha e foi somente quando Brigitte me deixou para ir ao teatro que ela pegou os anéis… Nos quais, eu mesma, nunca quis encostar… Aí está todo o caso, meu bom senhor, não me peça mais.

Léonard zombou de novo:

— Como assim? O caso todo…

— Eu não sei mais nada disso — disse a viúva Rousselin, com medo…

— Mas essa sua história não me interessa. Se nós estamos batalhando aqui os dois é por outra coisa… A senhora sabe muito bem, caramba…!

— O quê?

— As letras gravadas dentro do baú, debaixo da tampa, tudo está ali…

— Letras meio apagadas, eu lhe juro, meu bom senhor, e que eu nunca sequer pensei em ler.

— Que seja, eu quero acreditar nisso. Mas então nós sempre voltamos no mesmo ponto: esse baú, o que foi feito dele?

— Eu lhe disse: pegaram o baú de minha casa, na véspera mesmo da noite em que o senhor foi a Lillebonne com uma senhora… Aquela senhora com uma grande violeta.

— Pegaram o baú… Quem?

— Uma pessoa…

— Uma pessoa que o procurava?

— Não, ela o viu por acaso em um canto do sótão. Gostou dele, como uma antiguidade.

— Qual o nome dessa pessoa? Já perguntei isso a senhora cem vezes.

— Eu não posso contar. É alguém que me fez muito bem na vida, e falar seu nome seria lhe fazer mal, muito mal, eu não falarei…

— Essa pessoa seria a primeira a lhe dizer para falar…

— Talvez… Talvez… Mas como saber? Eu não tenho como saber, tenho? Não posso escrever para ela… De tempo em tempo, nos vemos… Veja, devemos nos ver na próxima quinta-feira… Às três horas…

— Onde?

— Não é possível… Não tenho o direito…

— O quê? Vamos precisar recomeçar? — murmurou Léonard, impaciente.

A viúva Rousselin apavorou-se.

— Não! Não! Ah, meu bom senhor, não! Eu lhe suplico.

Ela deu um grito de dor.

— Ah, seu bandido…! O que você fez comigo…? Ah, minha pobre mão…

— Agora, fale, inferno!

— Sim, sim… Eu prometo…

Mas a voz da infeliz extinguiu-se. Ela chegava ao fim de suas forças. Ainda assim, Léonard insistiu e Raoul percebeu algumas palavras gaguejadas em meio à angústia… "Sim… Aqui está… Vamos nos encontrar quinta-feira… No velho farol… Mas, não… Não tenho o direito… Eu prefiro morrer… Faça o que o senhor quiser… Verdade… Eu prefiro morrer…"

Ela se calou. Léonard rosnou:

— Mas então, o quê? O que ela tem, essa velha turrona? Não está morta, eu espero… Ah, sua mula, você vai falar…! Eu lhe dou dez minutos para terminar de contar…!

A porta foi aberta, depois fechada outra vez. Sem dúvida, ele fora colocar a Cagliostro a par das confissões obtidas e pedir instruções sobre a sequência que se devia dar ao interrogatório. De fato, quando Raoul levantou-se outra vez, viu os dois abaixo de si, sentados um ao lado do outro. Léonard expressava-se com agitação. Josine escutava.

Que miseráveis! Raoul execrava ambos, tanto um quanto o outro. Os gemidos da viúva Rousselin tinham-no perturbado e ele estava tremendo todo de raiva e de uma vontade agressiva. Nada no mundo poderia impedi-lo de salvar aquela mulher.

Seguindo seu hábito, entrou em ação no exato instante em que a visão das coisas que precisaria executar desenrolou-se diante de si em sua ordem lógica. Em tais casos, a hesitação arrisca comprometer tudo. O sucesso depende da audácia com a qual nos precipitamos através dos obstáculos que sequer conhecemos.

Olhou para seus adversários. Os cinco encontravam-se afastados da gruta. Rapidamente, penetrou na chaminé, mantendo-se de pé desta vez. Sua intenção era criar tão discretamente quanto possível uma passagem em meio aos escombros, mas, quase na mesma hora, foi carregado por uma avalanche, subitamente provocada por todos os detritos em equilíbrio e de uma só vez caiu, com um estrondo de pedras e tijolos.

"Maldição", disse-se ele, "contanto que eles não tenham escutado nada lá fora!".

Aguçou o ouvido. Ninguém estava vindo.

A escuridão era tão grande que ele ainda acreditava estar no vão da chaminé. Mas, ao estender o braço, constatou que o duto terminava diretamente na gruta, ou melhor, em uma espécie de trincheira escavada no fundo da gruta e tão estreita que, logo em seguida, sua mão encontrou uma outra mão que lhe pareceu estar queimando. Quando seus olhos se acostumaram com as trevas, Raoul viu as pupilas cintilantes que se fixavam sobre ele, uma figura pálida e oca que o medo convulsionava.

Sem amarras, sem mordaças. Para quê? A fraqueza e o pavor da cativa tornavam qualquer fuga impossível.

Ele se inclinou e lhe disse:

— Não precisa ter nenhum medo. Salvei da morte sua filha Brigitte, também vítima dessas pessoas que as estão perseguindo por causa do baú e dos anéis. Segui seus rastros desde sua partida de Lillebonne e vim salvar a senhora também, mas com a condição de que nunca dirá nada sobre tudo o que se passou aqui.

Mas por que ficar dando explicações que a infeliz era incapaz de compreender? Sem mais se demorar, ele a pegou em seus braços e a carregou sobre o ombro. Depois, atravessando a gruta, empurrou delicadamente a porta, que não estava fechada, como ele supunha.

Um pouco mais longe, Léonard e Josine continuavam a conversar. Atrás deles, abaixo do pomar, a estrada branca alongava-se até o grande burgo de Duclair e, naquela estrada, havia charretes de camponeses que estavam vindo ou que estavam indo embora.

Então, quando julgou o instante propício, abriu a porta de repente, desembestou pelo declive do jardim e deixou a viúva Rousselin ao lado da colina. Logo em seguida, ouviu clamores ao seu redor. Os Corbut lançavam-se para a frente assim como Léonard, os quatro em um impulso irrefletido que os conduzia à batalha. Mas o que eles poderiam fazer? Um carro aproximava-se, em uma das vias. Um outro no sentido inverso. Atacar Raoul na presença de todas aquelas testemunhas e pegar de volta em meio à luta a viúva Rousselin era entregar-se e atrair para si o inevitável inquérito e as represálias da justiça. Eles não se moveram. Foi como Raoul tinha previsto.

O mais tranquilamente possível, interpelou duas freiras com grandes cornetes, uma das quais dirigia um pequeno carro puxado por um velho cavalo, e pediu-lhes que socorressem uma pobre mulher que encontrara na beira da estrada, inconsciente, com os dedos esmagados por um carro.

As boas irmãs, que dirigiam em Duclair um asilo e uma enfermaria, apressaram-se em ajudar. Instalaram a viúva Rousselin no carro e a cobriram com xales. Ela não havia retomado a consciência e delirava, agitando sua mão mutilada da qual o polegar e o indicador estavam inchados e sangrando.

E o carro partiu em trote leve.

Raoul permaneceu imóvel, diante da atroz visão daquela mão torturada, e sua agitação era tal que não notou os movimentos de Léonard e dos três Corbut que começavam a girar ao seu redor e a se lançar contra

ele. Quando percebeu, os quatro homens cercavam-no e tentavam conduzi-lo até a horta… Nenhum camponês podia ser visto, a situação parecia tão favorável a Léonard que ele sacou sua faca.

— Guarde isso e nos deixe sozinhos — disse Josine. — Vocês também, Corbut. Não façam besteiras, hein?

Ela não tinha deixado sua cadeira durante toda a cena e agora surgia em meio aos arbustos.

Léonard protestou:

— Não façam besteiras? A besteira é deixá-lo livre. Ao menos dessa vez, vamos pegá-lo!

— Vá embora! — exigiu ela.

— Mas aquela mulher… Aquela mulher vai nos denunciar!

— Não. A viúva Rousselin não tem interesse em falar. Ao contrário.

Léonard distanciou-se; ela veio bem para o lado de Raoul.

Ele a olhou longamente e com um olhar maldoso que pareceu constranger a tal ponto que Josine tentou brincar para interromper o silêncio.

— Cada um tem sua vez, não é, Raoul? Entre você e eu, o sucesso fica passando de um para o outro. Hoje, a vantagem é sua. Amanhã… Mas o que há agora? Você está com um ar bem engraçado! E os olhos tão duros…

Ele disse claramente:

— Adeus, Josine.

Ela empalideceu um pouco.

— Adeus? — falou ela. — Você quer dizer “até mais ver”.

— Não, adeus.

— Então… Então… Isso significa que você não quer mais me ver?

— Eu não quero mais vê-la.

Ela baixou os olhos. Um estremecimento entrecortado agitava suas pálpebras. Seus lábios estavam sorridentes e, ao mesmo tempo, infinitamente dolorosos.

Por fim, ela cochichou:

— Por que, Raoul?

— Porque eu vi uma coisa que não posso… Pela qual nunca poderei perdoá-la.

— Qual coisa?

— A mão daquela mulher.

Ela pareceu perder as forças e murmurou:

— Ah, compreendo… Léonard a machucou… Eu lhe havia proibido, mesmo assim… E eu achando que ela tinha cedido com simples ameaças.

— Você está mentindo, Josine. Você estava escutando os gritos daquela mulher assim como estava escutando na floresta de Maulévrier. Léonard executa, mas a vontade de fazer o mal, a intenção de matar, está em você, Josine. É você quem dirigiu seu cúmplice até a casinha em Montmartre, com a ordem de matar Brigitte Rousselin se ela resistisse. Foi você que não faz muito tempo mistura veneno aos remédios que Beaumagnan devia engolir. Foi você que, nos anos precedentes, suprimiu os dois amigos de Beaumagnan, Denis Saint-Hébert e Georges d'Isneauval.

Ela se revoltou.

— Não, não, eu não permito isso… Não é verdade e você bem sabe, Raoul.

Ele deu de ombros.

— Sim, a lenda de outra mulher, criada pelas necessidades da causa… Uma outra mulher que se parece com você e que comete crimes, enquanto você, Joséphine Balsamo, você se contenta com aventuras menos brutais! Eu acreditei nessa legenda. Eu me deixei enganar por todas essas histórias de mulheres idênticas, filha, neta, bisneta de Cagliostro. Mas acabou, Josine. Se meus olhos se fechavam voluntariamente para não ver o que me assombrava, o espetáculo daquela mão torturada abriu-os definitivamente sobre a verdade.

— Sobre mentiras, Raoul! Sobre interpretações falsas. Eu não conheci os dois homens sobre quem você está falando.

Ele disse com lassidão:

— Pode até ser. Não é totalmente impossível que eu esteja enganado, mas é totalmente impossível que eu a veja daqui para a frente através daquela bruma de mistério que a escondia. Você não é mais misteriosa para mim, Josine. Você aparece para mim tal como você é, isto é, como uma criminosa.

Ele acrescentou mais baixo:

— Como uma doente, inclusive. Se há uma mentira em algum lugar é esta da sua beleza.

Ela se calou. A sombra de seu chapéu de palha suavizava ainda seu doce rosto. As injúrias de seu amante não a abalavam. Josine era toda

sedução e toda encantamento.

Raoul ficou perturbado até o fundo de seu ser. Jamais ela lhe havia parecido assim tão bela e tão desejável e ele se perguntava se não era uma loucura retomar uma liberdade que amaldiçoaria já no dia seguinte. Ela afirmou:

— Minha beleza não é uma mentira, Raoul, e você voltará até mim, pois é por sua causa que sou bela.

— Eu não voltarei.

— Sim, você não pode mais viver sem mim, *A Indiferente* está perto. Vou esperá-lo lá amanhã…

— Eu não voltarei — disse ele, pronto, mais uma vez, a ficar de joelhos.

— Nesse caso, por que você está tremendo? Por que está tão pálido?

Raoul compreendeu que sua saúde dependia de seu silêncio, que era preciso fugir sem responder e sem virar a cabeça para trás.

Ele repeliu as mãos de Josine, que se agarravam a ele, e partiu.

O velho farol

Durante toda a noite, pegando os caminhos que se apresentavam a ele, Raoul pedalava, tanto para despistar as buscas quanto para se infligir uma fadiga salutar. De manhã, extenuado, desabou em um hotel de Lillebonne.

Ele proibiu que lhe despertassem, fechou sua porta com duas voltas e atirou a chave pela janela. Dormiu mais de vinte e quatro horas.

Quando estava vestido e restaurado, não pensava em mais nada além de subir em sua bicicleta e voltar para *A Indiferente*. A luta contra o amor começava.

Estava muito infeliz e como nunca antes sofria. Sempre havia obedecido a seus mínimos caprichos, irritava-se contra um desespero ao qual lhe teria sido tão fácil colocar um fim.

— Por que não ceder? — dizia a si mesmo. — Em duas horas, estou lá. E o que me impede então de partir outra vez alguns dias mais tarde, quando estarei melhor preparado para a ruptura?

Mas ele não podia. A visão daquela mão mutilada o obcecava e comandava toda sua conduta, obrigando-o a evocar todas as outras ações bárbaras e odiosas que aquela ação inconcebível deixava supor.

Josine havia feito *aquilo*; logo, Josine havia matado; logo, Josine não recuava diante do ato de matar e achava simples e natural matar e matar outra vez, quando o crime favorecia seus planos. Ora, Raoul tinha medo do crime. Era uma repulsa física, uma revolta de todo o seu instinto. A simples ideia de que ele podia ser conduzido, em um acesso absurdo, a derramar sangue causava-lhe horror. E eis que, diante desse horror, a mais trágica das realidades associava-se indissoluvelmente à própria imagem da mulher que ele amava.

Portanto, ali ficou, mas a custo de que esforços! Quantos soluços reprimiu! Com que gemidos exalou sua revolta impotente! Josine estendia-lhe seus belos braços e lhe oferecia o beijo de sua boca. Como resistir ao apelo da voluptuosa criatura?

Tocado na parte mais profunda de seu egoísmo, pela primeira vez teve consciência do sofrimento infinito que havia infligido a Clarisse d'Étigues. Adivinhou seus choros. Imaginou a amargura aflitiva daquela vida decepcionada. Remexido de remorso, dirigiu-lhe discursos cheios de ternura e nos quais se lembrava das horas tocantes do amor dos dois.

Fez mais do que isso. Sabendo que a jovem garota recebia diretamente suas cartas, ousou lhe escrever.

Perdoe-me, cara Clarisse. Agi com a senhorita como um miserável. Esperemos um futuro melhor e pense em mim com toda a indulgência de seu coração generoso. Desculpe-me, cara Clarisse, e desculpe-me outra vez.

Raoul

— Ah, ao lado dela como esqueceria rápido todas essas coisas horríveis! — dizia a si mesmo. — O essencial não é ter olhos puros e lábios doces, mas uma alma leal e austera como a de Clarisse!

Só que eram os olhos e o sorriso ambíguo de Josine que ele adorava, e quando divagava sobre as carícias da jovem, preocupava-se pouco que ela tivesse uma alma que não fosse leal nem austera.

Naquele ínterim, ocupava-se em buscar aquele velho farol ao qual a viúva Rousselin havia feito alusão. Diante do fato de que ela habitava em Lillebonne, ele não tinha dúvidas de que o endereço se situaria nos arredores e foi essa direção que tomou desde a primeira noite.

Não estava enganado. Bastou-lhe informar-se para saber, primeiro, que havia um antigo farol desativado nos bosques que cingiam o castelo de Tancarville e, depois, que o proprietário daquele farol havia confiado suas chaves à viúva Rousselin que, a cada semana, e justamente às quintas-feiras, ia até ali colocar um pouco de ordem. Em uma simples expedição noturna, ele conseguiu apoderar-se daquelas chaves.

Dois dias o separavam agora da data à qual, com toda certeza, a pessoa desconhecida que possuía o baú devia encontrar a viúva Rousselin e, como

aquela, cativa ou doente, não devia ter conseguido cancelar o encontro marcado, tudo se ajeitava para que Raoul aproveitasse uma conversa que julgava tão importante. Aquela perspectiva o apaziguou. Ele fora outra vez levado ao problema que, havia semanas, impunha-se a ele e cuja solução parecia bem próxima de se revelar.

Para nada deixar ao acaso, na véspera visitou o lugar do encontro e, na quinta-feira, quando atravessou, com uma hora de antecedência em um passo alerta, os bosques de Tancarville, o sucesso parecia-lhe inevitável e, por isso, já saboreava bastante a alegria e o orgulho.

Uma parte daqueles bosques, independente do parque, estende-se até o Sena e cobre as falésias. Caminhos propagam-se de uma rotatória central e um deles conduz, por meio de gargantas e elevações bruscas, até um promontório abrupto, onde se ergue, semivisível, o farol abandonado.

Durante a semana, o lugar fica absolutamente deserto. No domingo, por vezes, passam pedestres.

Se a gente sobe até o mirante, tem-se a vista mais grandiosa sobre o canal de Tancarville e sobre o estuário do rio. Mas, na parte de baixo, ficava-se, naquela época, enfiado no mato.

Um único cômodo, bastante grande, vazado por duas janelas e mobiliado por duas cadeiras, compunha o térreo e abria-se, do lado da terra, para um pátio de urtigas e plantas selvagens.

Conforme se aproximava, Raoul diminuiu o passo. Tinha a impressão, aliás totalmente justificada, de que acontecimentos importantes preparavam-se, que não seria somente o encontro de uma pessoa e a conquista definitiva de um segredo formidável, mas que, no fim das contas, a batalha suprema continuava, na qual o inimigo seria definitivamente vencido.

E esse inimigo era a Cagliostro — a Cagliostro que conhecia como ele as confissões arrancadas da viúva Rousselin e que, incapaz de se resignar com o fracasso, e dispondo de meios de investigação ilimitados, devia ter encontrado facilmente aquele velho farol onde parecia que o último ato do drama teria de ser encenado.

— E não somente — disse a meia voz, zombando de si mesmo — me pergunto se ela não assistirá ao encontro, como na verdade, bem espero que ela esteja lá e que eu a reveja, e que, ambos vencedores, acabemos por cair um nos braços do outro.

Por uma cerca, selada o melhor que conseguiram com pedras de um pequeno muro baixo encimado por pontiagudos cacos de garrafas, Raoul penetrou no recinto. No meio das plantas selvagens, nenhum vestígio. Mas poderiam ter ultrapassado o muro em outro ponto e pulado uma das janelas laterais.

Seu coração palpitava. Serrou os punhos, pronto para a retaliação caso o tivessem atraído para uma armadilha.

"Como eu sou idiota!", pensou. "Por que uma armadilha?"

Fez girar a fechadura de uma porta enferrujada e entrou.

A sensação foi imediata. Alguém se dissimulava em um nicho, logo atrás da porta. Não teve tempo de se virar contra o agressor. Mal se dando conta, mais por instinto do que por seus olhos, ele teve seu pescoço amarrado com uma corda que o puxou para trás, enquanto um joelho batia brutalmente em seus rins.

Sufocado, dobrado em dois, teve de se submeter à vontade adversa. Perdeu o equilíbrio e foi derrubado.

— Boa jogada, Léonard! — balbuciou ele. — Que bela revanche!

Ele estava enganado. Não era Léonard. O homem apareceu-lhe de perfil, reconheceu Beaumagnan. Então, enquanto Beaumagnan atava-lhe as mãos, retificou seu erro e confessou sua surpresa por estas simples palavras:

— Ora, ora, o padreco!

A corda que o prendia estava amarrada a um anel preso na parede oposta e logo acima de uma janela. Beaumagnan, que agia com gestos espasmódicos e uma espécie de perplexidade, abriu aquela janela e entreabriu as persianas apodrecidas. Depois, usando o aro de polia, puxou a corda e obrigou Raoul a caminhar. Raoul percebeu pela fenda entreaberta o espaço vazio que, do alto da rocha vertical onde o farol estava empoleirado, caía entre os deslizamentos de pedras e grandes troncos de árvores, cujas copas frondosas bloqueavam o horizonte.

Beaumagnan o girou, empurrou-lhe de costas contra as persianas e atou-lhe os punhos e as canelas.

Portanto, as coisas se apresentavam assim: caso Raoul tentasse ir para a frente, a corta apertada em um nó corrediço o estrangularia. Por outro lado, se Beaumagnan tivesse o desvario de se livrar de sua vítima, bastaria empurrá-la bruscamente, as persianas quebrariam e Raoul, balanço no abismo, seria enforcado.

— Excelente posição para uma entrevista séria — zombou ele.

Aliás, ele estava decidido. Se a intenção de Beaumagnan consistia em lhe dar a escolha entre a morte ou a divulgação dos sucessos que ele, Raoul, havia conseguido obter na busca pelo grande segredo, sem a menor hesitação, ele falaria.

— Às suas ordens — disse ele. — Interrogue-me.

— Cale-se — ordenou o outro, ainda furioso.

E Beaumagnan enfiou-lhe um pedaço de algodão na boca, o qual prendeu com um lenço, passando-o atrás do pescoço.

— Um só gemido — disse ele —, um único gesto e com um soco envio você para o vazio.

Ele o olhou por um segundo, como um homem que se pergunta se não devia cumprir imediatamente o ato projetado. Mas de repente afastou-se, com o passo pesado e sinuoso, atravessou o cômodo batendo o pé no ladrilho e se agachou na soleira da porta, de maneira que lhe era possível ver o lado de fora pelo vão entreaberto.

— Isso não cheira bem — pensou Raoul, bastante inquieto. — Isso cheira tão mal que não estou entendendo nada. Como ele está aqui? Devo supor que era ele o benfeitor da viúva Rousselin, aquele a quem ela não queria comprometer?

Mas aquela hipótese não o satisfazia.

— Não, não é isso. Fui pego no pulo, mas de outra maneira, por imprudência e ingenuidade. É evidente que um tipo como Beaumagnan conhece todo esse caso Rousselin, que ele conhece os encontros e a hora desses encontros, e, então, sabendo que a viúva foi raptada, ele vigia ou manda vigiar os arredores de Lillebonne e de Tancarville… E então, notam minha presença, minhas idas e vindas… E então, armadilha… e então…

Dessa vez, a convicção de Raoul era total. Vencera Beaumagnan em Paris, mas acabava de perder a segunda rodada. Vitorioso dessa vez, Beaumagnan o estendera sobre uma persiana como um morcego que a gente prega na parede e agora aguardava a outra pessoa, a fim de se apoderar dela e de lhe arrancar seu segredo.

Um ponto, no entanto, permanecia obscuro. Por que aquela atitude de besta-fera, pronta a saltar sobre uma presa? Isso não combinava com o encontro provavelmente bem pacífico que se anunciava entre ele e aquela pessoa. Beaumagnan só precisava sair, esperá-la simplesmente lá fora, e lhe

dizer: *A Sra. Rousselin está doente e me enviou em seu lugar. Ela gostaria de saber a inscrição gravada na tampa do baú.*

"A menos que…", pensou Raoul. "A menos que Beaumagnan tivesse motivos para prever a chegada de uma terceira pessoa… E que ele desconfiasse… E que preparasse um ataque…"

Bastava que tal questão se colocasse a Raoul para que ele logo se desse conta da exata solução. Supor que Beaumagnan lhe havia preparado uma armadilha, a ele, Raoul, não era nada além da metade da realidade. A emboscada era dupla, o que, então, Beaumagnan poderia estar espiando com aquela febre exasperada? Quem senão Joséphine Balsamo?

— É isso! É isso! — disse Raoul a si mesmo, iluminado por um raio de verdade. — É isso! Ele adivinhou que ela está viva. Sim, no outro dia em Paris, diante de mim, ele deve ter sentido aquela coisa terrível e foi outra vez um passo em falso que eu dei… Uma falta de experiência. Vejamos! Teria eu falado assim, teria eu agido daquele modo, se Joséphine Balsamo não tivesse sobrevivido? Como? Acabo de dizer a este homem que eu tinha lido entre as linhas de sua carta ao barão Godefroy e que assisti à famosa sessão em Haie d'Étigues e eu não teria entendido o que isso significava para a Cagliostro? E um garoto como eu, que não tem frieza nos olhos, teria abandonado aquela mulher? Ora, vamos! Se eu estava na reunião, estava também na escadaria da falésia! E estava na praia quando eles embarcaram! E salvei Joséphine Balsamo! E nos apaixonamos… Não um amor datado do inverno anterior, como eu anunciara, mas um amor posterior à suposta morte de Josine. Eis o que Beaumagnan disse a si mesmo.

As próprias se somam às provas. Os acontecimentos se ligavam uns aos outros como os elos de uma corrente.

Enredada no caso Rousselin e, por consequência, procurada por Beaumagnan, também Josine não tinha deixado de rondar pelos arredores do velho farol. Logo que percebeu isso, Beaumagnan armou sua emboscada. Raoul caíra nela. Agora era a vez de Josine…

Parecia até que o destino queria dar uma confirmação à sequência de pensamentos que se sucediam na mente de Raoul. No exato segundo em que ele a concluía, o ruído de um carro subiu da estrada que ladeava o canal, abaixo das falésias, e, instantaneamente, Raoul reconheceu o passo precipitado dos pequenos cavalos de Léonard.

Beaumagnan, por sua vez, devia saber em que prestar atenção, pois ele se levantou outra vez e apurou os ouvidos.

O ruído dos cascos parou, depois foi retomado, com menos velocidade. A carruagem subia um caminho escarpado e rochoso que se erguia em direção ao planalto, de onde se destaca o caminho florestal, que atravessa as escarpas do antigo farol, intransitável para veículos.

Em cinco minutos, mais ou menos, Joséphine Balsamo apareceria.

Cada segundo de cada um dos minutos solenes aguçavam a agitação e o delírio de Beaumagnan. Ele balbuciava sílabas incoerentes. Sua máscara de ator romântico deformava-se até dar uma impressão de feiura bestial. O instinto, a vontade de matar retorcia seus traços, e, de repente, ficou visível que aquela vontade, que aquele instinto selvagem voltava-se contra Raoul, contra o amante de Joséphine Balsamo.

De novo, as pernas moviam-se mecanicamente, pisoteando o ladrilho. Caminhava sem se dar conta e ia matar sem se dar conta, como um homem ébrio. Seus braços enrijeciam-se. Seus punhos crispados avançavam com uma força lenta, contínua, irresistível, como se empurrasse dois bodes até o peito do jovem homem.

Mais alguns passos, e Raoul ficaria balançando no vazio.

Raoul fechou os olhos. No entanto, não se resignou e buscava conservar alguma esperança.

"A corda vai arrebentar", pensava ele, "e haverá musgo sobre as pedras que me receberão. Na verdade, o destino do Senhor Arsène Lupin d'Andrésy não é ser enforcado. Se, em minha idade, eu não tenho a chance de me safar de aventuras desse tipo, é porque os deuses, até aqui favoráveis, não têm mais intenção de cuidarem de mim! Nesse caso, nenhum arrependimento!"

Pensou em seu pai e nas lições de ginástica e de acrobacias que tivera com Théophraste Lupin… Murmurou o nome de Clarisse…

No entanto, o choque não aconteceu. Ainda que ele sentisse contra si a própria presença de Beaumagnan, parecia que o impulso do adversário fora detido.

Raoul abriu as pálpebras outra vez. Beaumagnan, bem erguido, dominava-o com sua alta estatura. Mas ele não se mexia, seus braços estavam dobrados e, sobre seu rosto, onde o pensamento de matar imprimia uma careta abominável, a decisão parecia ter sido suspensa.

Raoul escutava e não ouvia nada. Mas talvez Beaumagnan, cujos sentidos estavam superexcitados, ouvisse a aproximação de Joséphine Balsamo? De fato, ele recuava passo a passo, e, de súbito, precipitando-se, retomou seu posto no nicho, à direita da porta.

Raoul o via bem de frente. Ele era hediondo. Um caçador de tocaia que coloca seu fuzil no ombro e recomeça várias vezes aquele gesto para estar pronto para executá-lo no momento preciso. Assim, em Beaumagnan, as mãos se aprontavam convulsivamente para o crime. Elas se abriram para estrangular, colocavam-se à distância conveniente uma da outra, crispavam seus dedos recurvados como garras.

Raoul ficou apavorado. Sua impotência era uma coisa terrível, com a qual sofria até o martírio.

Embora soubesse a inutilidade de qualquer esforço, debatia-se para romper as amarras. Ah, se pudesse gritar! Mas a mordaça abafava seus gritos e as amarras lhe cortavam a carne.

Lá fora, no imenso silêncio, um ruído de passo. A cerca rangeu. Uma saia roçou nas folhas. Pedras foram remexidas.

Beaumagnan, colado à parede, levantou os cotovelos. Suas mãos, que tremiam como as mãos de um esqueleto que o vento agita, pareciam já estar se fechando em torno de um pescoço e segurá-lo, bem vivo, palpitando.

Raoul urrou atrás de sua mordaça.

E então a porta foi empurrada e o drama começou.

Aconteceu exatamente da maneira que Beaumagnan havia planejado e que Raoul tinha imaginado. Uma silhueta de mulher, que era a de Joséphine Balsamo, apareceu e na mesma hora foi esmagada pela investida de Beaumagnan. Um fraco lamento, se muito, foi exalado, abafado por uma espécie de latido furioso que arquejava na garganta do assassino.

Raoul esperneava: nunca tinha amado tanto Josine quanto no minuto em que a imaginou agonizando. Seus erros, seus crimes? Que importavam! Ela era a mais bela criatura que havia no mundo e toda aquela beleza, aquele sorriso adorável, aquele corpo encantador feito para ser acariciado, iam ser aniquilados. Nenhum socorro era possível. Nenhuma força havia contra a força irrefreável daquele bruto.

O que salvou Joséphine Balsamo foi o próprio excesso de um amor que apenas a morte podia saciar e que, no último segundo, não pôde concluir a

sinistra tarefa. Findada a energia, arrasado por um desespero que tomava de súbito ares de loucura, Beaumagnan rolou pelo chão arrancando os próprios cabelos e batendo a cabeça no ladrilho.

Raoul enfim respirou. Quaisquer que fossem as aparências, e embora Joséphine Balsamo não se movesse, era certo que estava viva. De fato, lentamente, saindo do horrível pesadelo, ela se levantou, com intermitências de fraqueza que pareciam quebrá-la, e, enfim, ergueu-se, bem reta e calma.

Ela estava vestindo um casado de peregrino que a envolvia e na cabeça trazia uma touca de onde pendia um véu com grandes flores bordadas. Deixou cair seu casaco, descobrindo assim seus ombros, os quais saíam pela abertura do corselete que a luta havia rasgado.

Quanto à touca e ao véu, amassando-os, também os jogou no chão e sua cabeleira livre abriu-se em cada lado da testa em cachos pesados e regulares, nos quais raiavam reflexos fulvos. Suas bochechas estavam mais rosadas, seus olhos mais brilhantes.

Um longo momento de silêncio se seguiu. Os dois homens a contemplavam loucamente, não mais como se ela fosse uma inimiga, ou uma amante, ou uma vítima, mas simplesmente como uma mulher radiante ante a qual enfrentavam o fascínio e o encanto. Raoul bem emocionado, Beaumagnan imóvel e prostrado, ambos a admiravam com o mesmo fervor.

Ela primeiro levou à boca um pequeno apito de metal que Raoul bem conhecia, Léonard devia estar vigiando a alguma distância e logo atenderia a seu chamado. Mas ela pensou melhor. Por que chamá-lo enquanto ela permanecia senhora absoluta da situação?

Dirigiu-se até Raoul, desamarrou o lenço que o amordaçava e lhe disse:

— Você não apareceu, Raoul, como achei que faria. Você virá comigo?

Se ele tivesse sido solto, tê-la-ia apertado ardentemente contra si. Mas por que ela não cortava suas amarras? Qual pensamento secreto a impedia disso?

Afirmou:

— Não… Acabou.

Ela se ergueu um pouco sobre as pontas dos pés e colou seus lábios aos dele, murmurando:

— Acabou tudo entre nós dois? Você está louco, meu Raoul!

Beaumagnan tinha reagido e avançava, fora de si, diante daquela carícia inesperada. Como tentava segurar seus braços, ela se virou e, de repente, a calma que havia conservado até ali cedeu espaço para sentimentos reais que a transtornavam, sentimentos de execração e de rancor feroz contra Beaumagnan.

Ela reagiu, com uma veemência da qual Raoul não a julgava capaz.

— Não me toque, miserável. E nem pense que tenho medo de você. Você está sozinho hoje e há pouco tive a prova de que você nunca ousaria me matar. Você não é nada além de um covarde. Suas mãos estavam tremendo. Minhas mãos não tremerão, Beaumagnan, quando a hora chegar.

Ele recuava diante de suas imprecações e ameaças, e Joséphine Balsamo continuava a falar, tomada pela raiva:

— Mas sua hora não chegou. Você não sofreu o bastante… Você nem sequer sofreu, já que acreditava que eu estava morta. Seu suplício agora será saber que eu estou viva e que estou apaixonada. Sim, você entendeu, estou apaixonada por Raoul. Primeiro, eu o amei para me vingar de você e para lhe contar mais tarde, e o amo hoje sem motivo, porque ele é quem é e eu não consigo mais esquecê-lo. Se é que ao menos ele sabe; se ao menos eu mesma o soubesse. Mas já faz alguns dias, como ele estava fugindo de mim, senti que ele era tudo na minha vida. Eu não sabia o que é o amor e o amor é isso, este frenesi que me agita.

Josine estava tomada pelo delírio, como aquele que ela torturava. Seus gritos de apaixonada pareciam lhe fazer tanto mal quanto a Beaumagnan. Ao vê-la assim, Raoul sentia mais distanciamento do que alegria. A chama do desejo, da admiração e do amor que havia se acendido outra vez no momento de perigo, apagou-se definitivamente. A beleza e a sedução de Josine se desfaziam como miragens e, em seu rosto, que, apesar de tudo, não havia mudado, ele não podia mais discernir nada além do vil reflexo de uma alma cruel e doente.

Ela continuava seu ataque furioso contra Beaumagnan, que reagia com sobressaltos de cólera ciumenta. E era realmente uma coisa desconcertante de ver aqueles dois seres que, no exato momento em que as circunstâncias iam fornecer-lhes o segredo do formidável enigma pelo qual buscavam havia tanto tempo, esqueciam tudo no arroubo de sua paixão. O grande segredo dos séculos precedentes, a descoberta das pedras preciosas, o marco

lendário, o baú e a inscrição, a viúva Rousselin, a pessoa que caminha na direção deles e que lhes daria a verdade… Tantas tolices com as quais tanto um quanto o outro preocupavam-se tão pouco. O amor conduzia tudo como uma torrente tumultuosa. Raiva e paixão entregavam-se ao eterno combate que dilacera os amantes.

Os dedos de Beaumagnan novamente dobravam-se como garras e suas mãos trêmulas posicionavam-se para estrangular. Josine persistia, ainda assim, cega e desalinhada, e lhe despejava a injúria de seu amor!

— Eu amo Raoul, Beaumagnan. O fogo que lhe queima e também me devora é um amor como o seu, onde se mistura a ideia de assassinato e de morte. Sim, eu o mataria antes de saber que ele está com outra, ou de saber que ele não me ama mais. Mas ele me ama, Beaumagnan, ele me ama, está escutando, ele me ama!

Um riso inesperado saiu da boca convulsionada de Beaumagnan. Sua cólera findava-se em um acesso de hilaridade sardônica.

— Ama, Joséphine Balsamo? Tem razão, ele ama você! Ele ama você como ama a todas as mulheres. Você é bela, e ele a deseja. Uma outra passa, e ele a quer também. E você também, Joséphine Balsamo, está sofrendo o inferno. Confesse, vamos!

— O inferno, sim — disse ela. — Seria o inferno se eu acreditasse na traição dele. Mas isso não aconteceu e você tenta estupidamente…

Ela se deteve. Beaumagnan zombava com tanta alegria e maldade que ela sentiu medo. Muito baixo, em um tom de angústia, retomou a palavra:

— Uma prova…? Dê-me uma única prova… Nem isso… Um indício… Alguma coisa que me obrigue a duvidar… E eu o abato como a um cão.

Ela tinha tirado de seu corselete um pequeno cassetete feito com um cabo de osso de baleia e uma bola de chumbo. Seu olhar enrijeceu-se.

Beaumagnan replicou:

— Eu não lhe digo algo de que duvidar, mas algo certo.

— Diga… Cite um nome.

— Clarisse d'Étigues — disse ele.

Ela deu de ombros.

— Eu sei… Um casinho sem importância.

— Bastante importante para ele, já que a pediu em casamento ao pai.

— Ele a pediu em casamento! Isso não, veja, é impossível… Eu me informei… Eles se encontraram duas ou três vezes no interior, não mais do

que isso.

— Melhor do que isso, no quarto da pequena.

— Você está mentindo! Você está mentindo! — gritou ela.

— Diga então que é o pai dela que está mentindo, pois a coisa me foi confiada, antes de ontem à noite, por Godefroy d'Étigues.

— E ele? Quem lhe contou isso?

— A própria Clarisse.

— Mas é um absurdo. Uma filha não faria tal confissão.

Beaumagnan ironizou:

— Há casos em que uma filha se vê obrigada a fazer.

— Como? O quê? O que você ousa dizer?

— Estou dizendo o que aconteceu… Não é a amante quem confessou, foi a mãe… A mãe que quer assegurar um nome à criança que ela carrega dentro de si, a mãe que exige o casamento.

Joséphine Balsamo parecia sufocada, desamparada.

— O casamento! O casamento com Raoul! O barão d'Étigues aceitaria…?

— Óbvio!

— Mentiras! — exclamou ela. — Fofocas de tia velha, ou melhor, não, é uma invenção sua. Não há uma palavra verdadeira em tudo isso. Eles nunca se viram outra vez.

— Eles se escrevem.

— A prova, Beaumagnan! A prova agora mesmo!

— Uma carta bastaria a você?

— Uma carta?

— Escrita por ele a Clarisse.

— Escrita há quatro meses?

— Há quatro dias.

— Você está com ela?

— Aqui.

Raoul, que escutava ansiosamente, estremeceu. Reconhecia o envelope e o papel da carta que havia enviado de Lillebonne a Clarisse d'Étigues.

Josine pegou o documento e leu baixinho, articulando cada sílaba:

Perdoe-me, cara Clarisse. Agi com a senhorita como um miserável. Esperemos um futuro melhor e pense em mim com toda a indulgência de seu coração generoso. Desculpe-me, cara Clarisse, e desculpe-me outra

vez.

Raoul

Ela mal teve forças para acabar a leitura daquela carta que a renegava e a feria no ponto mais sensível de seu amor próprio. Ela cambaleava. Seus olhos buscavam os de Raoul. Ele compreendeu que Clarisse estava condenada à morte, e, em seu íntimo, soube que não sentiria nada além de ódio contra Joséphine Balsamo.

Beaumagnan explicou:

— Foi Godefroy quem interceptou essa carta e quem a entregou para mim pedindo-me conselho. Como o envelope trazia o timbre de Lillebonne, foi assim que encontrei os rastros de vocês dois.

Cagliostro calou-se. Seu rosto marcava um sofrimento tão profundo que teria sido possível comover-se com ele e também sentir piedade das lentas lágrimas que escorriam sobre suas maçãs, se sua dor não tivesse sido visivelmente dominada por uma súbita determinação de vingança. Ela fazia planos. Estabelecia emboscadas.

Assentindo, ela disse a Raoul:

— Eu o preveni, Raoul.

— Um homem prevenido vale por dois — disse ele, em um tom sarcástico.

— Não brinque com isso! — gritou ela, impaciente. — Você sabe o que eu lhe disse e que era melhor nunca colocá-la no caminho do nosso amor.

— E você também sabe o que *eu* mesmo lhe disse — retrucou Raoul, com seu mesmo ar provocador. — Se um dia você tocar um só de seus cabelos…

Ela estremeceu.

— Ah, como você pode zombar assim de meu sofrimento e tomar o partido de uma outra mulher contra mim…? Contra mim! Ah! Raoul, tanto pior para ela!

— Você não me assusta — disse ele. — Ela está em segurança, já que eu a protejo.

Beaumagnan os observava, feliz por sua discórdia e por toda aquela raiva que fervia neles. Mas Joséphine Balsamo conteve-se, julgando sem dúvida que era perda de tempo falar de uma vingança que viria na sua

hora. No momento, outras preocupações a ocupavam e ela murmurou, confessando seus pensamentos íntimos e escutando com atenção:

— Apitaram, não foi, Beaumagnan? Foi um de meus homens que estão vigiando as trilhas por onde é possível chegar aqui para me prevenir… A pessoa que nós esperamos deve ter sido vista… Pois suponho que também *você* esteja aqui por causa dela, não?

De fato, a presença de Beaumagnan e seus desígnios secretos não eram muito claros. Como ele teria conseguido saber o dia e a hora do encontro? Quais informações especiais relativas ao caso Rousselin ele possuía?

Ela deu uma olhada em Raoul. Aquele ali, bem amarrado, não podia incomodá-la em seus planos e tampouco participaria da última batalha. Mas Beaumagnan parecia preocupá-la e ela o conduzia em direção à porta como se quisesse ir ao encontro da pessoa esperada, quando, no exato momento em que estava saindo, ouviram-se passos. Logo ela voltou atrás, com um gesto que repeliu Beaumagnan e deixou a passagem livre para Léonard.

Este examinou rapidamente os dois homens, depois puxou Cagliostro de lado e lhe disse algumas palavras ao ouvido.

Ela parecia atordoada e murmurou:

— O que você está dizendo…? O que você está dizendo…?

Ela virou a cabeça para que não pudessem saber o sentimento que estava experimentando, mas Raoul teve a impressão de ser uma grande alegria.

— Ninguém se mexe… — disse ela. — Alguém está vindo… Léonard, pegue seu revólver. Quando chegarem na soleira da porta, mire.

Ela interpelou Beaumagnan que tentava abrir a porta.

— Mas o senhor está louco? Que é isso? É para ficar aí.

Como Beaumagnan insistia, ela se irritou.

— Por que o senhor quer sair daqui? Por quais motivos? Quer dizer que o senhor conhece essa pessoa e quer impedi-la de vir aqui… Ou então quer levá-la consigo, é isso? É isso…? Não vai responder…?

Beaumagnan não largava a maçaneta, enquanto Josine tentava contê-lo. Vendo que ela não conseguiria, voltou-se a Léonard e, com sua mão livre, mostrou-lhe o ombro esquerdo de Beaumagnan com um gesto que ordenava, ao mesmo tempo, para que batesse nele e para que batesse sem precipitação. Em um segundo, Léonard tirou de seu bolso um estilete, que

enfiou ligeiramente no ombro do adversário.

Beaumagnan grunhiu:

— Ah, sua vadia…

E desmoronou sobre o pavimento.

Ela disse a Léonard, tranquilamente:

— Ajude-me e vamos rápido.

Em dois, cortando a corda longa demais que prendia Raoul, eles amarraram os braços e as pernas de Beaumagnan. Depois, após tê-lo sentado e apoiado contra a parede, ela examinou a chaga, cobriu-a com um lenço e disse:

— Não foi nada… Mal vai ficar ardendo duas ou três horas… Todos em seus lugares.

Eles se posicionaram de tocaia.

Tudo isso ela executou sem pressa, o rosto calmo, com gestos tão calculados quanto se tivessem sido combinados com antecedência. Algumas sílabas simplesmente para dar as ordens. Mas sua voz, mesmo surda, adquiria uma tal nota de triunfo que Raoul afligia-se com uma inquietação crescente e estava a ponto de gritar e advertir aquele ou aquela que, por sua vez, ia cair na armadilha.

Mas para quê? Nada podia se opor às temíveis decisões da Cagliostro. Aliás, ele não sabia mais o que fazer. Seu cérebro esgotava-se em ideias absurdas. E depois… E depois… já era tarde demais. Um gemido lhe escapou: Clarisse d'Étigues estava entrando.

Demência e genialidade

Até ali, Raoul não havia sentido nada além de uma espécie de medo moral, o perigo ameaçava apenas a Cagliostro e a ele mesmo: no que lhe dizia respeito, confiava em sua destreza e em sua boa sorte; quanto a Cagliostro, ele sabia que ela tinha magnitude para se defender de Beaumagnan.

Mas, Clarisse! Na presença de Joséphine Balsamo, Clarisse era como uma presa entregue às astúcias e à crueldade do inimigo. E, dali em diante, o medo de Raoul intensificou-se em uma sorte de horror físico que, realmente, eriçava os cabelos de sua nuca e lhe causava o que vulgarmente se chama de arrepio. O rosto implacável de Léonard se somava àquele pavor. Ele se lembrava da viúva Rousselin e de seus dedos inchados.

Na verdade, chegando ao encontro uma hora antes, percebera bem quando adivinhou que a grande batalha estava se formando e que o colocaria contra Joséphine Balsamo. Até ali, simples escaramuças, conflitos de reconhecimento de terreno. Agora, era a luta até a morte entre todas as forças que tinham sido afrontadas e Raoul, por sua vez, encontrava-se ali, com as mãos amarradas, a corda no pescoço, e com aquele enfraquecimento crescente causado pela chegava de Clarisse d'Étigues.

— Ora, eu ainda tenho muito a aprender — disse-se ele. — Sou de certa forma responsável por essa situação atroz e minha querida Clarisse, mais uma vez, é minha vítima.

A jovem garota permanecia impedida de avançar pela ameaça do revólver que Léonard mantinha apontado. Ela tinha vindo alegremente, como se estivesse indo, em um dia de férias, ao encontro de alguém que adoraria reencontrar, e caíra bem no meio daquela cena de violência e de crime, enquanto aquele que ela amava permanecia diante dela, imóvel e

aprisionado.

Ela balbuciou:

— O que houve, Raoul? Por que o senhor está amarrado?

Clarisse estendia suas mãos na direção dele, tanto para implorar sua ajuda quanto para lhe oferecer a sua. Mas o que eles dois poderiam fazer?

Raoul notou suas feições marcadas e o cansaço extremo de todo o seu ser e teve de se conter para não chorar ao pensar na dolorosa confissão que ela fizera ao pai e nas consequências do erro que cometera. Apesar de tudo, ele lhe disse com uma segurança imperturbável:

— Não tenho nada a temer, Clarisse, e tampouco a senhorita. Absolutamente nada. Eu respondo por tudo.

Ela voltou os olhos para aqueles que a rodeavam, teve o espanto de reconhecer Beaumagnan sob a máscara que o abafava e perguntou timidamente a Léonard:

— O que o senhor quer de mim? Tudo isso é assustador… Quem me pediu para vir aqui?

— Eu, senhorita — disse Joséphine Balsamo.

A beleza de Josine já tinha chocado Clarisse. Um pouco de esperança a reconfortou, como se nada além de ajuda e proteção pudesse vir daquela mulher admirável.

— Quem é a senhora? Eu não a conheço…

— Já eu a conheço — afirmou Joséphine Balsamo, que controlava a própria raiva, apesar de a graça e a doçura da jovem garota parecerem irritá-la. — A senhorita é a filha do barão d'Étigues… E sei também que está apaixonada por Raoul d'Andrésy.

Clarisse corou e não protestou. Joséphine Balsamo disse a Léonard:

— Vá fechar a cerca. Coloque a corrente e o cadeado que você trouxe e erga outra vez o velho poste caído, onde há um cartaz dizendo: "Propriedade Privada".

— Devo ficar lá fora? — perguntou Léonard.

— Sim, não precisarei de você por enquanto — disse Josine, com um ar que aterrorizou Raoul. — Fique lá fora. Não vem ao caso que sejamos incomodados… De modo algum, está bem?

Léonard impeliu Clarisse a se sentar em uma das duas cadeiras, puxou os dois braços para trás e ia amarrar seus punhos às barras.

— É inútil — disse Joséphine Balsamo —, deixe-nos.

Ele obedeceu.

Um de cada vez, olhou suas três vítimas, todas desarmadas e reduzidas à impotência. Ela era senhora do campo de batalha e, sob pena de morte, podia impor seus inflexíveis vereditos.

Raoul não tirava seus olhos dela, esforçando-se para discernir seu plano e suas intenções. A calma de Josine impressionava-o mais do que tudo. Ela não tinha aquela febre e aquela agitação que teria, por assim dizer, desarticulado a conduta de qualquer outra mulher em seu lugar. Nenhuma atitude de triunfo. Tinha inclusive até um certo tédio, como se tivesse agido pelo impulso de forças interiores as quais não era capaz de disciplinar.

Pela primeira vez, Raoul vislumbrou nela aquele tipo de fatalismo indiferente que dissimulava de ordinário sua beleza sorridente e que era talvez a própria essência e a explicação de sua natureza enigmática.

Ela tomou lugar ao lado de Clarisse na outra cadeira e, com os olhos fixos, a voz lenta, com secura e monotonia na entonação, começou:

— Há três meses, senhorita, uma jovem dama foi raptada furtivamente ao descer do trem e transportada até o castelo de Haie d'Étigues, onde se encontravam reunidos, em uma grande sala isolada, uma dezena de cavalheiros do País de Caux, dentre os quais Beaumagnan, que a senhorita vê aqui, e seu pai. Não vou lhe contar tudo o que foi dito naquela reunião e todas as ignomínias que esta mulher teve de enfrentar da parte de pessoas que pretendiam ser seus juízes. Em todo caso, depois de um simulacro de debate, uma vez que seus convidados foram embora, à noite, seu pai e seu primo Bennetot levaram esta mulher ao pé das falésias, amarraram-na ao fundo de um barco furado, que um seixo enorme deixava pesado e a conduziram para o mar alto, onde a abandonaram.

Clarisse, sufocada, balbuciou:

— Não é verdade! Não é verdade…! Meu pai jamais teria feito isso… Não é verdade!

Sem se preocupar com o protesto indignado de Clarisse, Joséphine Balsamo continuou:

— Alguém tinha assistido a sessão do castelo, sem que nenhum dos conjurados imaginasse, alguém que espiava os dois assassinos. Não há outro termo, certo? Essa pessoa agarrou-se ao barco e salvou a vítima assim que os dois se afastaram. De onde vinha este último? Tudo leva a crer que ele havia passado a noite precedente e a manhã em seu quarto, acolhido pela

senhorita, não como um noivo, já que seu pai lhe havia recusado esse título, mas como um amante.

As acusações e as injúrias feriam Clarisse como se fossem golpes de uma massa. Desde o primeiro minuto, ela havia sido colocada fora de combate, incapaz de resistir, nem mesmo de se defender.

Bem pálida, enfraquecida, ela se curvou em sua cadeira, gemendo:

— Oh, mas o que a senhora está dizendo?

— O que a senhorita contou ao seu pai — retomou a Cagliostro —, já que as consequências de seu erro tornaram necessária a confissão que a senhorita lhe fez antes de ontem à noite. Preciso mesmo especificar mais e lhe dizer o que aconteceu com seu amante? No mesmo dia em que lhe desonrou, Raoul d'Andrésy a abandonava para seguir a mulher que havia salvado da mais atroz das mortes, dedicando-se a ela de corpo e alma, fazendo-a amá-lo, vivendo sua vida e jurando nunca mais revê-la, senhorita. O juramento foi feito da mais categórica das maneiras: "*Eu não a amo*", disse ele. "*Foi um casinho. Acabou.*"

"Ora, na sequência de um mal-entendido passageiro… Que se passou entre ele e sua senhora, essa mulher acabou descobrindo que Raoul correspondia-se com a senhorita e lhe escreveu uma carta que aqui está, na qual lhe pedia perdão e lhe dava esperança quanto ao futuro. Agora a senhora entende que tenho algum direito em tratá-la como inimiga… E, inclusive, como inimiga mortal?", acrescentou a Cagliostro, confidencialmente.

Clarisse mantinha-se calada. O medo aumentava nela e considerava com uma apreensão crescente o doce e terrível rosto daquela que lhe tomara Raoul e que se proclamava sua inimiga.

Estremecendo de piedade e sem temer a ira de Joséphine Balsamo, Raoul repetiu seriamente:

— Se há um juramento solene de minha parte o qual estou decidido a manter para e contra todos, Clarisse, é aquele pelo qual prometi que nem um cabelo de sua cabeça seria tocado. Não tenha medo. Antes de dar dez minutos, a senhorita sairá daqui, sã e salva. Dez minutos, Clarisse, não mais.

Joséphine Balsamo ignorou o comentário. Calmamente, retomou a palavra:

— Eis, então, nossa situação recíproca bem estabelecida. Passemos aos fatos e aqui também eu serei bastante breve. Seu pai, senhorita, seu amigo Beaumagnan e seus cúmplices, levam adiante uma empreitada conjunta, que, por minha vez, também persigo e à qual depois Raoul igualmente agarrou-se. Desde então, há entre nós uma guerra incessante. Ora, uns de nós, assim como os outros, entraram em contato com uma certa senhora Rousselin, a qual possuía um antigo baú do qual precisamos para ter sucesso e do qual ela se desfizera em favor de uma outra pessoa. Nós a interrogamos da maneira mais insistente possível, sem, todavia, obter dela o nome dessa pessoa que, ao que parece, a recobrira de benesses e que, por isso, ela não queria comprometer por uma indiscrição. Tudo o que nos foi possível saber é uma velha história que vou resumir e da qual a senhorita vai entender todo o interesse pelo nosso ponto de vista… E pelo seu, senhorita.

Raoul começava a discernir o caminho trilhado pela Cagliostro e o fim ao qual ela devia inevitavelmente chegar.

Era tão aterrador que ele lhe disse com uma nota de fúria:

— Não, não, não isso, não é? Não isso! Há coisas que devem permanecer escondidas…

Ela não pareceu escutar e continuou, inexorável:

— Veja só. Há vinte e quatro anos, durante a guerra entre a França e a Prússia, dois homens que fugiam dos invasores e que estavam sendo conduzidos pelo senhor Rousselin mataram nos arredores de Ruão um criado chamado Jaubert para lhe roubar seu cavalo. Com o cavalo, puderam se salvar, levando consigo além disso um baú que roubaram de sua vítima e que continha as mais preciosas das joias. Mais tarde, o senhor Rousselin, que fora forçado a levá-los dali e a quem eles tinham dado como retribuição alguns anéis sem valor, voltou a Ruão para junto de sua esposa e ali morreu quase na mesma hora de tanto que aquele assassinato e sua cumplicidade involuntária o haviam deprimido. Ora, relações estabeleceram-se entre a viúva e os assassinos, esses temendo alguma fofoca, e aconteceu… Mas suponho que a senhorita está entendendo exatamente do que se trata, não é mesmo?

Clarisse escutava com um terror tão doloroso que Raoul gritou:

— Cale-se, Josine, nem mais uma palavra! É o ato mais vil e mais absurdo. Para que fazer isso?

Ela lhe impôs silêncio.

— Para quê? — falou ela. — Porque toda a verdade deve ser dita. Você nos atirou uma contra a outra. Ela e eu. Que haja, portanto, igualdade entre ela e eu no sofrimento.

— Ah, sua selvagem — murmurou ele em desespero.

E Joséphine Balsamo, voltando-se para Clarisse, especificou:

— Seu pai e o primo dele, Bennetot, seguiram, portanto, de perto a viúva Rousselin e é evidentemente graças ao barão d'Étigues que ela deve sua instalação a Lillebonne, onde fica mais fácil vigiá-la. De resto, com os anos, ele conseguiu alguém para cumprir essa tarefa de maneira mais ou menos conscientemente: essa pessoa é a senhorita. A viúva Rousselin criou afeição pela senhorita a tal ponto que não tinha mais a temer de sua parte o menor ato de hostilidade. Por nada no mundo, ela teria traído o pai cuja filha, de tempos em tempos, vinha passar um tempo com ela. Visitas clandestinas, evidentemente, a fim de que nenhum fio pudesse ligar o presente ao passado, visitas que por vezes chegavam até a ser substituídas por encontros nos arredores, no velho farol ou em outros lugares.

"Foi durante uma dessas visitas que a senhorita viu por acaso no sótão de Lillebonne o baú que Raoul e eu procurávamos e por capricho o levou para sua casa, em Haie d'Étigues. Assim, quando Raoul e eu soubemos, pela viúva Rousselin, que o baú estava em posse de uma pessoa que ela não queria nomear, que essa pessoa a havia coberto de benesses e que elas se encontravam sozinhas periodicamente, sem hesitar, concluímos que nos bastaria vir ao velho farol no lugar da viúva Rousselin para descobrir uma parte da verdade.

"E, ao vê-la aparecer, tivemos a certeza imediata de que os dois assassinos não eram ninguém mais que Bennetot e o barão d'Étigues, isto é, os dois homens que, bem depois, atiraram-me no mar."

Clarisse chorava, os ombros sacudidos por seus soluços. Raoul não tinha dúvidas de que os crimes de seu pai lhe eram desconhecidos, mas também não tinha dúvidas de que a acusação da inimiga subitamente lhe mostrou em sua verdadeira luz muitas coisas das quais ela não tinha se dado conta até agora e também a forçou a considerar seu pai como um assassino. Que dilaceramento para ela! E como Joséphine Balsamo colocou bem o dedo na ferida! Com que espantosa perícia maligna o carrasco torturava sua vítima! Com que refinamento, mil vezes mais cruel que os tormentos físicos

infligidos à viúva Rousselin por Léonard, Joséphine Balsamo vingava-se da inocente Clarisse!

— Sim — disse ela em voz baixa —, um assassino… Suas riquezas, seu castelo, seus cavalos, tudo isso provém do crime. Não é, Beaumagnan? *Você* também poderia dar seu testemunho, você que justamente conquistara e, por isso mesmo, tamanha influência sobre ele? Senhor de um segredo que você surrupiou, pouco importa como, você o fazia comer na sua mão e se aproveitava do primeiro crime cometido e das provas que você tinha disso para lhe obrigar a lhe servir e a matar de novo aqueles que o incomodam, Beaumagnan… Eu sei alguma coisa sobre isso! Ah, que bandidos vocês são!

Seus olhos buscavam os olhos de Raoul. Ele teve a impressão de que Josine tentava desculpar seus próprios crimes evocando aqueles de Beaumagnan e de seus cúmplices. Mas ele lhe disse duramente:

— E depois? Acabou? Você ainda vai continuar atacando essa criança? O que você quer mais?

— Que ela fale — declarou Josine.

— Se ela falar, você a deixará livre?

— Sim.

— Então, interrogue-a. O que você quer saber? Sobre o baú? A fórmula inscrita na parte de dentro da tampa? É isso?

Mas quer Clarisse quisesse responder, ou não, quer ela soubesse a verdade, quer a ignorasse, ela parecia incapaz de pronunciar uma palavra e até mesmo compreender a questão feita.

Raoul insistiu.

— Controle sua dor, Clarisse. É a última prova e então tudo estará acabado. Eu lhe peço, responda… Não há nada, nisso que estão pedindo para você, nada que deve ferir sua consciência. A senhorita não fez nenhum juramento de sigilo. Não está traindo ninguém… Nesse caso…

A voz insinuante de Raoul relaxou a jovem. Ele o sentiu e perguntou:

— O que foi feito daquele baú? A senhorita o levou até Haie d'Étigues?

— Sim — suspirou ela, esgotada.

— Por quê?

— Gostei dele… Um capricho…

— Seu pai o viu?

— Sim.

— No mesmo dia?

— Não, ele apenas o viu alguns dias mais tarde.
— Ele o tomou da senhorita?
— Sim.
— Com qual pretexto?
— Nenhum.
— Mas a senhorita teve tempo de examinar o objeto?
— Sim.
— E a senhorita viu uma inscrição no lado de dentro da tampa, não é?
— Sim.
— Uns caracteres antigos, não é? Gravados grosseiramente?
— Sim.
— A senhorita conseguiu decifrá-los?
— Sim.
— Facilmente?
— Não, mas eu consegui.
— E a senhorita lembra-se dessa inscrição?
— Talvez… Eu não sei… Eram palavras latinas…
— Palavras latinas? Tente lembrar…
— Tenho esse direito…? Se é um segredo tão grave, devo revelá-lo…?
Clarisse hesitava.
— A senhorita pode, Clarisse, eu lhe asseguro… A senhorita pode porque esse segredo não pertence a ninguém. Ninguém no mundo tem o direito de conhecê-lo mais especialmente do que seu pai, ou seus amigos ou eu. Ele pertente àquele que o descobre, ao primeiro pedestre passando que soubesse tirar partido disso.
Ela cedeu. Isso que Raoul afirmava devia estar certo.
— Sim… Sim… Provavelmente o senhor tem razão… Mas eu dava tão pouca importância àquela inscrição que preciso reunir minhas lembranças… E em alguma medida traduzir o que eu li… Não é? Era algo sobre uma pedra… E uma rainha…
— É preciso se lembrar, Clarisse, é preciso — suplicou Raoul, que se inquietava pela expressão mais sombria de Cagliostro.
Lentamente, o rosto contraído pelo esforço de memória que ela realizava, censurando-se e contradizendo-se, a jovem conseguiu declarar:
— Lá vai… Eu me lembrei… Aqui está exatamente a frase que decifrei… Cinco palavras latinas… Nesta ordem…

Ad lapidem currebat olim regina…

No máximo, ela teve tempo de articular a última sílaba. Joséphine Balsamo, que parecia mais agressiva e tinha se reaproximado da jovem, gritou:

— Mentira! Essa fórmula nós já conhecíamos há muito tempo, Beaumagnan pode confirmar. Não é, Beaumagnan, que nós já a conhecíamos? Ela está mentindo, Raoul, está mentindo. O cardeal de Bonnechose faz alusão a essas cinco palavras em seu resumo e lhes concede tão pouca atenção e lhes recusa tão claramente qualquer sentido que eu nem mesmo cheguei a contar para você…! *Rumo a pedra outrora corria a rainha*. Mas onde se encontra essa pedra e de qual rainha se trata? Já são vinte anos que procuramos. Não, não, há outra coisa.

De novo, ela estava possuída por aquela cólera terrível que não se manifestava nem por aumentos na voz nem por movimentos desordenados, mas por uma agitação bem interior, que se podia perceber por pequenos sinais e, sobretudo, pela crueldade anormal e inusitada das palavras.

Inclinando-se contra a jovem e sem qualquer formalidade, proferiu:

— Você está mentindo…! Você está mentindo…! Há uma palavra que resume essas cinco… Qual? Há uma fórmula… Uma só… Qual? Responda.

Aterrorizada, Clarisse se mantinha calada. Raoul implorou:

— Reflita, Clarisse… Lembre-se… Além dessas cinco palavras, a senhorita não viu mais nada…?

— Não sei… Acho que não… — gemeu a jovem.

— Tente se recordar… É preciso que se lembre… É o preço da sua segurança, acredite-me…

Mas o próprio tom que Raoul empregava e sua afeição vibrante por Clarisse exasperavam Joséphine Balsamo.

Ela segurou o braço da jovem e ordenou:

— Fale, senão…

Clarisse balbuciou, mas sem responder. Cagliostro soprou seu apito estridente.

Quase na mesma hora Léonard surgiu no vão da porta.

Ela comandou entredentes, com uma voz cujo timbre não ressoava:

— Leve-a daqui, Léonard… E comece a interrogá-la.

Raoul deu um pulo preso em suas amarras.

— Ah, covarde! Miserável! — gritava ele. — O que vão fazer com ela? Mas então você é a pior das mulheres? Léonard, se você encostar nessa criança, eu juro por Deus que mais cedo ou mais tarde…

— Como você tem medo por ela! — zombou Joséphine Balsamo. — Não é? A ideia de que ela possa sofrer deixa você transtornado! Nossa! Vocês foram feitos para se darem bem, vocês dois. A filha de um assassino e um ladrão! — Pois, sim, um ladrão — rangeu, voltando-se para Clarisse. — Seu amante é um ladrão, nada mais! Ele sempre viveu apenas de roubos. Bem pequeno já roubava! Para lhe dar flores, para lhe dar o pequeno anel de noivado que você traz no dedo, ele roubou. É um invasor de casas, um trapaceiro. Veja, até mesmo seu nome, seu belo nome D'Andrésy, simplesmente uma trapaça. Raoul d'Andrésy? Ora vamos! Arsène Lupin, eis seu verdadeiro nome. Guarde bem esse nome, Clarisse, ele será famoso. Ah, digo isso pois o vi em ação, o seu amante! Um mestre! Um prodígio da destreza! Que lindo casal vocês formariam se eu desse um jeito nisso, e que criança predestinada será a sua, filha de Arsène Lupin e neta do barão Godefroy.

Aquela lembrança da criança deu de novo um estímulo à sua fúria. A loucura maligna se desencadeava.

— Léonard…

— Ah, sua selvagem — dizia-lhe Raoul, perturbado. — Que vergonha…! Você está deixando a máscara cair, não é, Joséphine Balsamo? Não vale mais a pena continuar com sua encenação? Será você mesma, o carrasco?

Mas ela estava intratável, determinada em seu desejo bárbaro de fazer mal e martirizar a jovem garota. Ela empurrou Clarisse e Léonard arrastou-a em direção à porta.

— Covarde! Monstro! — urrava Raoul. — Um só de seus cabeços, está entendendo… Um só! E será a morte para vocês dois. Ah, seus monstros! Mas larguem-na!

Ele havia esticado tão violentamente suas amarras que todo o mecanismo que Beaumagnan imaginara para segurá-lo se desfez e a veneziana carcomida foi arrancada de suas dobradiças e caiu no cômodo atrás dele.

Houve um instante de preocupação no campo adversário. Mas as cordas, embora soltas, eram sólidas e continham o cativo o bastante para

que nada houvesse a temer. Léonard sacou seu revólver e o colou à têmpora de Clarisse.

— Se ele der mais um passo, um que seja, atire — ordenou a Cagliostro.

Raoul não se mexeu. Ele não tinha dúvidas de que Léonard executaria a ordem no exato segundo e que o menor gesto seria a condenação imediata de Clarisse. Então? Então ele devia se resignar? Não havia nenhum modo de salvá-la?

Joséphine Balsamo não o perdia de vista.

— Agora, sim, você compreendeu a situação — disse ela. — E está sendo mais inteligente.

— Não — respondeu, muito senhor de si… — Não, mas refleti sobre isso.

— Sobre o quê?

— Eu lhe prometi que ela seria solta e que não tinha nada a temer. Quero manter minha promessa.

— Um pouco tarde demais, talvez — disse ela.

— Não, Josine, você vai libertá-la.

Ela se voltou para seu cúmplice.

— Você está pronto, Léonard? Vá e que seja rápido.

— Pare — exigiu Raoul, em um tom no qual havia tamanha certeza de que seria obedecido que ela hesitou.

— Pare — repetiu ele. — E soltem-na… Está escutando, Josine, eu quero que você a solte… Não se trata de diferenciar uma coisa ignóbil que seria feita ou de renunciá-la. Trata-se de deixar Clarisse d'Étigues livre agora mesmo e de abrir aquela porta enorme para ela.

Ele precisou estar bem seguro de si e sustentar sua vontade por motivos bem extraordinários para conseguir formulá-la com tamanha solenidade imperiosa.

Ele mesmo ficou impressionado, Léonard permaneceu indeciso, Clarisse, embora não tivesse captado todo o horror da situação, pareceu reconfortada.

A Cagliostro, coibida, murmurou:

— Palavras, não é? Algum truque novo…

— Fatos — afirmou ele… — Ou melhor, um único fato que se sobrepõe a tudo e diante do qual você se curvará.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou a Cagliostro, cada vez mais confusa. — O que você deseja?

— Eu não desejo… Eu exijo.

— O quê?

— A liberdade imediata de Clarisse, a liberdade de partir daqui, sem que Léonard nem você deem um único passo.

Ela começou a rir e perguntou:

— Nada além disso?

— Nada além disso.

— E em troca o que você me oferece…?

— A solução do enigma.

Ela estremeceu.

— Então você a sabe?

— Sim.

O drama mudava de repente. De todo o antagonismo furioso que os jogava um contra os outros no ódio, na aversão ao amor e no ciúme, parecia que começava a se delinear uma única preocupação relativa à grande empreitada. A obsessão por vingança em Cagliostro passava para o segundo plano. Os mil milhares de pedras preciosas dos monges haviam cintilado diante de seus olhos, como Raoul havia desejado.

Beaumagnan, meio levantado, escutava avidamente.

Deixando Clarisse sob a guarda de seu cúmplice, Josine avançou e disse:

— Basta saber a solução do enigma?

— Não — disse Raoul. — Ainda será preciso interpretá-la. O próprio significado da fórmula está escondido sob uma névoa que deve ser dissipada primeiro.

— E *você* conseguiu…?

— Sim, já tinha algumas ideias a esse respeito. E de repente, a verdade me iluminou.

Ela sabia que Raoul não era do tipo de homem que brincaria com tamanha ocorrência.

— Explique-se — disse ela —, e Clarisse irá embora daqui.

— Que ela vá embora primeiro e então me explicarei. — replicou ele. — Eu me explicarei, é óbvio, não com a corda no pescoço e as mãos atadas, mas livremente, sem o menor entrave.

— Isso é absurdo. Você está invertendo a situação. Eu sou a senhora absoluta do que acontece.

— Agora não mais — afirmou. — Você depende de mim. Cabe a mim ditar as condições.

Ela deu de ombros e, ainda assim, não conseguiu se conter em dizer:

— Jure que você está falando exatamente a verdade. Jure sobre o túmulo da sua mãe.

Raoul declarou, pausadamente:

— Sobre o túmulo da minha mãe, eu lhe juro que vinte minutos depois de Clarisse ter ultrapassado essa soleira, eu lhe indicarei o endereço preciso onde se encontra o marco, isto é, onde se encontram as riquezas acumuladas pelos monges das abadias da França.

Josine queria se libertar do incrível fascínio que Raoul repentinamente exercia sobre ela com sua fabulosa oferta e, rebelando-se, disse:

— Não, não, é uma armadilha… Você não sabe de nada…

— Não só eu sei — disse ele —, como também não sou o único a saber.

— Quem mais?

— Beaumagnan e o barão.

— Impossível!

— Reflita. Beaumagnan estava em Haie d'Étigues antes de ontem. Por quê? Porque o barão recuperou o baú e eles estudavam juntos a inscrição. Ora, se não havia nada além das cinco palavras reveladas pelo cardeal, se havia uma palavra, a palavra mágica que as resume e que dá a chave do mistério, *eles* a viram e sabem tudo.

— Que me importa! — disse ela, observando detidamente Beaumagnan. — Eu *o* tenho aqui.

— Mas você não tem Godefroy d'Étigues e talvez, nesse exato momento, ele esteja lá, com seu primo, ambos enviados antecipadamente por Beaumagnan para explorar o local e preparar a retirada do cofre-forte. Você está entendendo o perigo? Compreende que um minuto perdido significa perder o jogo inteiro?

Ela insistiu, com raiva.

— Eu ganharei o jogo, se Clarisse falar.

— Ela não falará pela mais simples razão: ela não sabe mais sobre isso.

— Que seja, mas fale então, já que *você* teve a imprudência de me fazer tal confissão. Por que libertá-la? Por que obedecer a você? Enquanto

Clarisse está nas mãos de Léonard, basta eu querer para arrancar de você tudo o que sabe.

Raoul balançou a cabeça.

— Não, o perigo está descartado, a tempestade está longe. Talvez, de fato, você só precisasse querer, mas justamente você não pode mais querer isso. Você não tem mais a força.

E era verdade, Raoul tinha convicção disso. Dura, cruel, "infernal", como dizia Beaumagnan mas de todo modo mulher e sujeita a fraquezas nervosas, a Cagliostro fazia maldades mais por suas crises do que por vontade própria — crises de demência nas quais ficava histérica e que se seguiam por uma espécie de lassidão, dormência tanto moral quanto física. Raoul não tinha dúvidas de que ela estava ali, naquele momento.

— Vamos, Joséphine Balsamo, seja sensata consigo mesma — disse ele. — Você apostou sua vida nessa carta: a conquista de riquezas ilimitadas. Quer renegar agora todos os esforços justo quando eu lhe ofereço essas riquezas?

A resistência diminuía. Joséphine Balsamo objetou:

— Eu não confio em você.

— Não é verdade. Você sabe perfeitamente que manterei minhas promessas. Se você hesita… Mas você não está hesitando. No fundo, sua decisão está tomada e é a certa.

Ela permaneceu pensativa por um ou dois minutos, depois fez um gesto que significava: "Depois de tudo, eu reencontrarei a pequena e minha vingança será apenas atrasada".

— Pela memória da sua mãe, não é? — disse ela.

— Pela memória de minha mãe, por tudo o que me resta de honra e de puro eu lançarei para você toda a luz sobre a questão.

— Que seja — aceitou ela. — Mas Clarisse e você não vão trocar nenhuma palavra sozinhos.

— Nem uma única palavra. Aliás, não tenho nenhum segredo a dizer a ela. Que ela fique livre, é meu único objetivo.

Josine ordenou:

— Léonard, largue a pequena. Quanto a ele, desamarre-o.

Léonard fez uma cara de desaprovação. Mas era servil demais para se recusar. Ele se afastou de Clarisse, depois acabou de cortar as amarras que ainda retinham Raoul.

A atitude de Raoul não foi nada conforme à gravidade das circunstâncias. Ele esticou as pernas, fez duas ou três flexões com seus braços, e respirou profundamente.

— Ufa! Muito melhor assim! Não tenho nenhuma vocação para brincar de ser preso. Salvar os bonzinhos e punir os vilões, eis o que me interessa. Pode tremer, Léonard.

Ele se aproximou de Clarisse e lhe disse:

— Eu lhe peço perdão por tudo o que acaba de acontecer. Isso não acontecerá outra vez nunca mais, fique tranquila. Daqui para a frente, a senhorita está sob minha proteção. A senhorita está em condições de ir embora?

— Sim… Sim… — disse ela. — Mas e o senhor?

— Oh, *eu* não corro nenhum risco. O essencial é a sua segurança. Ora, receio que a senhorita não consiga caminhar por muito tempo.

— Não tenho de caminhar muito. Ontem, meu pai me trouxe até a casa de uma de minhas amigas e virá me buscar amanhã.

— Perto daqui?

— Sim.

— Não diga mais nada, Clarisse. Qualquer informação se voltará contra a senhorita.

Ele a conduziu até a porta e fez um sinal para Léonard ir abrir o cadeado da cerca. Quando Léonard obedeceu, retomou a palavra:

— Tome cuidado e não tenha medo de absolutamente nada, nem por mim, nem por si mesma. Nós nos encontraremos quando for a hora certa e não vai demorar para isso acontecer, não importa quais sejam os obstáculos que nos separam.

Fechou a porta atrás dela outra vez. Clarisse estava salva.

Então ele teve o ímpeto de dizer:

— Que criatura adorável!

Posteriormente, quando Arsène Lupin contava aquele episódio de sua grande aventura com Joséphine Balsamo, ele não podia deixar de rir:

— Ah, sim. Rio como eu ria naquele momento e me lembro de que, pela primeira vez, executei no local um daqueles pequenos *entrechats*, aquele passo de dança que tenho usado com frequência desde então para ilustrar minhas vitórias mais difíceis… E aquela foi absurdamente difícil.

“Na verdade, eu estava exultante. Com Clarisse livre, tudo me parecia terminado. Acendi um cigarro e como Joséphine Balsamo se posicionava diante de mim para me lembrar de nosso pacto, tive a deselegância de soprar minha fumaça bem na cara dela.

Cretino!, resmungou ela.

“O epíteto que lhe devolvi como uma bala era simplesmente ignóbil. Minhas desculpas, é que eu o enunciei muito mais com zombaria do que com grosseria. E além disso… E além disso… Eu preciso mesmo de desculpas? Preciso mesmo analisar os sentimentos excessivos e contraditórios que aquela mulher me inspirou? Eu não me orgulho em ficar fazendo análises psicológicas a respeito dela e de ter agido como um *gentleman* com ela. Eu a amava e a detestava ferozmente ao mesmo tempo. Mas desde que ela atacou Clarisse, minha aversão e meu desprezo não tinham mais limites. Nem mesmo via mais a máscara admirável de sua beleza, mas só aquilo que estava por baixo e foi para aquela espécie de fera carniceira que de repente apareceu diante de mim, que lancei, dando piruetas, uma abominável injúria.”

Arsène Lupin podia rir, *depois*. De todo modo, o momento era trágico e provavelmente faltava muito pouco para a Cagliostro ou Léonard o abaterem com um tiro.

Ela disse, entredentes:

— Ah, como odeio você!

— Não mais do que eu — zombou ele.

— E você sabe que a questão entre Clarisse e Joséphine Balsamo não acabou?

— Não mais do que a questão entre Clarisse e Raoul d’Andrésy — disse ele, irredutível.

— Canalha! — murmurou ela… — Você merecia…

— Uma bala de revólver… Impossível, minha querida!

— Não me desafie muito, Raoul!

— Eu lhe disse que é impossível. No momento, sou sagrado para você. Sou o senhor que representa um bilhão. Se me suprimir, o bilhão passará por debaixo do seu nariz, filha de Cagliostro! Isso significa a que ponto você me respeita! Cada célula do meu cérebro corresponde a uma pedra preciosa…

“Uma pequena bala aqui dentro, e apesar de você implorar junto a alma de seu pai… Nadinha! Nem um centavo para Josette! Eu repito para você, minha pequena Joséphine, eu sou ‘tabu’[20], como se diz na Polinésia. Tabu dos pés à cabeça. Fique de joelhos e beije minha mão, é isso que você tem de melhor a fazer.

Ele abriu uma janela lateral que dava para o pátio e suspirou:

— A gente fica sufocado aqui. Decididamente, Léonard está cheirando a coisas guardadas. Você faz muita questão que seu carrasco mantenha a mão no fundo do bolso segurando o revólver, Joséphine?

Ela bateu o pé.

— Chega de besteiras! — declarou. — Você colocou suas condições, você conhece as minhas.

— A grana ou a vida.

— Fale, agora mesmo, Raoul.

— Como você é apressada! Primeiro, dei um prazo de vinte minutos para ter plena certeza de que Clarisse estará protegida de suas garras e nós ainda estamos longe de dar os vinte minutos. Além disso…

— O que mais?

— Além disso, como você quer que eu decifre em cinco segundos um problema que a gente vem se esforçando para resolver em vão há anos e anos?

Ela ficou embasbacada.

— O que você quer fazer?

— Nada mais simples. Estou pedindo um pouco de descanso.

— De descanso? Mas por quê?

— Para decifrar…

— Como assim? Então você não sabia…?

— A solução do enigma. Minha nossa, não.

— Ah, você mentiu!

— Sem grosserias, Joséphine.

— Você mentiu, como você jurou…

— Sobre o túmulo de minha pobre mamãe, sim, eu não estou fugindo. Mas é preciso não confundir alhos com bugalhos. Eu não jurei que eu sabia a verdade. Jurei que lhe diria a verdade.

— Para dizer, é preciso saber.

— Para saber, é preciso refletir, e você não está me deixando tempo para isso! Meu Deus do céu! Um pouco de silêncio… E, além disso, quero Léonard largando a coronha de seu revólver: isso me incomoda.

Mais ainda do que suas piadas, havia alguma coisa de horripilante para a Cagliostro no tom de zombaria e insolência com que ele as tagarelava.

Extenuada, sentindo o quanto qualquer ameaça seria vã, ela lhe disse:

— Fique à vontade! Eu conheço você, vai manter seu compromisso.

Ele gritou:

— Ah, se você me levar pela gentileza… Eu nunca consigo resistir à gentileza… Rapaz, isso é algo para escrever! Papel de palha fino, uma pena de beija-flor, suco de amora-preta e, para escrever, casca de cidra, assim como dizia o poeta.

Ele tirou de sua carteira um lápis e um cartão de visita sobre o qual algumas palavras já estavam dispostas de uma maneira específica. Traçou barras para ligar aquelas palavras umas com as outras. Depois, no verso, inscreveu a fórmula latina:

Ad lapidem currebat olim regina…

— Que latim de cozinha! — disse à meia-voz. — Parece-me que no lugar dos bons monges, eu teria feito melhor, obtendo ainda o mesmo resultado. Enfim, aceitemos o que temos. Logo, a rainha estava galopando rumo ao marco… Olhe seu relógio, Joséphine.

Ele não estava mais rindo. Durante um ou dois minutos talvez, sua figura ficou impregnada de gravidade e seus olhos, como se estivessem fixos sobre o vazio, traduziam o esforço da meditação. Ainda assim, percebeu que Josine o observava com um olhar em que havia admiração e confiança ilimitadas e Raoul lhe sorriu distraidamente sem romper o fio de seus pensamentos.

— Você está vendo a verdade, não é? — disse ela.

Imóvel em suas amarras, o rosto tenso pela ansiedade, Beaumagnan escutava. Será que o formidável segredo ia ser divulgado realmente?

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos.

Joséphine Balsamo declarou:

— O que é que você tem, Raoul? Você parece bem comovido.

— Sim, sim, muito comovido — disse ele. — Toda essa história, essas riquezas dissimuladas em um marco, em pleno campo, isso já não deixa de ser bastante curioso. Mas não é nada, Josine, não é nada ao lado da própria

ideia que domina essa história. Você não pode imaginar como é estranho… E como é belo…! Que poesia e que ingenuidade!

Ele se calou; depois, ao fim de um instante, afirmou sentenciosamente:

— Josine, os monges da idade média eram toscos.

E se levantando, continuou:

— Meu Deus! Sim, umas pessoas piedosas, mas eu o repito sob o risco de feri-la em suas convicções, eram toscos! Ora, vejamos! Se um grande banqueiro ousasse proteger seu cofre escrevendo nele: "Proibido abrir" a gente o trataria como tolo, não é? Pois bem, o procedimento que eles escolheram para garantir suas riquezas é meio que tão ingênuo quanto.

Ela murmurou:

— Não… Não… Não dá para acreditar…! Você não adivinhou…! Você se enganou…!

— São tolos, também, todos aqueles que buscaram desde então e que nada encontraram. Pessoas cegas! Espíritos tacanhos! Como assim, você, Léonard, Godefroy d'Étigues, Beaumagnan, seus amigos, toda a Sociedade de Jesus, o arcebispo de Ruão, vocês tiveram sob os olhos essas cinco palavras e isso não foi suficiente?! Droga! Uma criança de escola primária resolve problemas que de outra forma são difíceis.

Ela objetou:

— Primeiro, tratava-se de uma palavra só e não de cinco.

— Mas essa palavra está aqui! Quando eu disse agora há pouco que a posse do baú deveria ter revelado essa palavra indispensável a Beaumagnan e ao barão, era para assustá-la e para fazê-la largar de mão! Pois esses senhores não viram nada além de fogo. Mas a solução indispensável, está ali!

— Ela está aqui, misturada às cinco palavras latinas! Em vez de empalidecer como vocês todos fizeram sobre essa fórmula vaga, era preciso apenas, bem tolamente, lê-la, reunir as cinco primeiras letras e se ocupar da palavra composta pelas cinco iniciais.

Josine disse, em voz baixa:

— Nós havíamos pensado nisso… A palavra *Alcor*, não é?

— Sim, a palavra *Alcor*.

— E então, o quê?

— Como o quê? Tudo está nessa palavra! Você sabe o que ela significa?

— É uma palavra árabe que significa "prova".

— E com a qual os árabes e todos os povos se valem para designar o quê?

— Uma estrela.

— Qual estrela?

— Uma estrela que faz parte da constelação da Ursa Maior. Mas isso não tem importância. Qual relação poderia haver…?

Raoul deu um sorriso de piedade.

— É evidente, não é? O nome de uma estrela não pode ter nenhuma relação com a localização de um marco campestre. Nós nos apegamos a esse raciocínio estúpido e o esforço termina nesse lado. Infeliz! Mas foi justamente isso que *me* chocou, quando tirei a palavra *Alcor* das cinco iniciais da inscrição latina! Senhor da palavra-talismã, da palavra mágica e, por outro lado, tendo notado que toda a aventura girava em torno do número *sete* (*sete* abadias, *sete* monges, *sete* braços do candelabro, *sete* pedras coloridas incrustradas em *sete* anéis) logo, está escutando, logo, por uma espécie de movimento reflexo de minha mente, notei que a estrela *Alcor* pertencia à constelação da Ursa Maior. E o problema foi resolvido.

— Resolvido…? Como?

— Mas meu Deus do céu! Porque a constelação da Ursa Maior é justamente formada por *sete* estrelas principais! Sete! Sempre o número sete! Você está começando a ver a relação? E devo lembrá-la que se os árabes escolheram, e se os astrônomos, desde então, aceitaram essa designação de *Alcor*, é porque essa estrela bem pequena, quase invisível, serve como *prova*, está entendendo? Como *prova*, para especificar que tal pessoa tem a vista boa, já que pode distingui-la a olho nu. *Alcor* é o que é preciso ver, aquilo que a gente busca, a coisa dissimulada, o tesouro escondido, o marco invisível onde enfiaram as pedras preciosas, é o caixa-forte.

Josine murmurou febrilmente à aproximação da grande revelação:

— Eu não entendo.

Raoul tinha girado sua cadeira de maneira a se colocar entre Léonard e a janela que ele havia aberto com a intenção bem nítida de fugir no exato segundo em que lhe for necessário e, enquanto falava, vigiava atentamente Léonard que, por sua vez, mantinha sua mão obstinadamente enfiada no bolso.

— Você vai compreender — disse ele. — É tão claro. Como água mineral. Veja.

Ele mostrou o cartão de visita que tinha entre seus dedos.

— Veja. Eu o trago comigo faz algumas semanas. Desde o começo de nossas buscas, identifiquei em um atlas a posição exata das sete abadias, das quais escrevi os sete nomes neste cartão. Aqui estão as sete, com as sete localizações que ocupam umas em relação às outras. Ora bastou-me, agora há pouco, desde o instante em que soube a palavra, reunir os sete pontos por linhas para chegar a essa constatação inaudita, Josine, milagrosa, colossal e, no entanto, bem natural, que a *figura assim formada representa exatamente a Ursa Maior.* Captou bem a surpreendente verdade? As sete abadias do País de Caux, as sete abadias primordiais para onde convergiam as riquezas da França cristã, estavam dispostas como as sete principais estrelas da Ursa Maior! Nenhum erro a respeito disso. Se a gente pegar um atlas e fizer o decalque do mapa teremos o desenho cabalístico da Ursa Maior.

"Assim, desde então, a verdade se impunha. No exato lugar onde Alcor se encontra no mapa celeste, o marco deve fatalmente se encontrar no mapa terrestre. E já que Alcor se encontra, no céu, um pouco à direita e abaixo da estrela situada no meio da cauda da Ursa Maior, o marco deve fatalmente se encontrar um pouco à direita e abaixo da abadia que corresponde àquela estrela, isto é, um pouco à direita e abaixo da abadia de Jumièges, outrora a mais poderosa e a mais rica das abadias normandas. É inevitável, matemático. O marco está ali e em nenhum outro lugar.

"E, de pronto, como não pensar: primeiro, que justamente um pouco ao sul e um pouco a leste de Jumièges, a uma pequena légua de distância, existe, na aldeia de Mesnil-sous-Jumièges, bem perto do Sena, os vestígios do solar de Agnès Sorel, amante do rei Carlos VII; segundo, que a abadia se comunicava com o solar por um túnel subterrâneo do qual ainda se nota a entrada? Conclusão: o marco lendário se encontra perto do solar de Agnès

Sorel, ao lado do Sena, e a lenda afirma, provavelmente, que a amante do rei, a rainha de seu coração, corria até esse marco, cujo precioso conteúdo ignorava, para nele se sentar e observar o barco real deslizar sobre o velho rio normando.

"Ad lapidem currebat olim regina…"

Um grande silêncio unia Raoul d'Andrésy e Joséphine Balsamo. A bruma tinha se dissipado. A luz repelia as trevas. Entre eles, parecia que todo o ódio fora apaziguado. Havia uma trégua nos conflitos implacáveis que os dividiam e nada se mantinha além do assombro de penetrar assim nas regiões proibidas do passado misterioso que o tempo e o espaço protegiam contra a curiosidade dos homens.

Sentado perto de Josine, os olhos fixos na imagem que desenhara, Raoul continuou a falar em voz baixa, com uma exaltação contida:

— Sim, muito imprudentes, esses monges que confiavam um tal segredo sob a proteção de uma solução tão transparente! Mas que poetas, ingênuos e charmosos! Que linda ideia essa de associar a seus bens terrestres o próprio céu. Grandes contempladores, grandes astrônomos, como seus ancestrais da Caldeia, eles tiravam suas inspirações lá de cima; o curso dos astros regulava a existência deles e era precisamente às constelações que pediam para velar os seus tesouros. Quem sabe inclusive se o próprio lugar das sete abadias deles não foi escolhido de antemão para reproduzir no solo normando a figura gigantesca da Ursa Maior…? Quem sabe?

A efusão lírica de Raoul era evidentemente bastante justificada, mas ele não conseguiu levá-la até o fim. Se ele desconfiava de Léonard, havia por outro lado esquecido Joséphine Balsamo. Bruscamente, ela lhe bateu no crânio com um golpe de seu cassetete.

Foi exatamente a última coisa que ele esperava, ainda que a Cagliostro tivesse hábito de fazer aquele tipo de ataque traiçoeiro. Aturdido, ele se dobrou em dois em sua cadeira, depois caiu de joelhos, depois se deitou esticado.

Gaguejou com uma voz incoerente:

— É verdade… Minha nossa…! Eu não sou mais "tabu"…

Ele ainda disse, com aquele riso dissimulado de moleque que sem dúvida puxara de seu pai, Théophraste Lupin:

— Sua vigarista…! Não respeita nem mesmo a genialidade…! Ah, sua selvagem, você tem então uma pedra no lugar do coração…? Pior para você, Joséphine, poderíamos ter dividido o tesouro.

Vou ficar com ele inteiro para mim.

E perdeu a consciência.

---

[20] Termo que originalmente designa algo proibido, que não deve ser tocado ou profanado, devido a seu caráter sagrado e/ou religioso. (N.T.)

O caixa-forte dos monges

Simples dormência, como aquela que um boxeador poder sentir quando atingido em algum lugar sensível. Mas quando Raoul voltou a si, constatou, sem a menor surpresa, aliás, que se encontrava na mesma situação que Beaumagnan, preso como ele, e, como ele, apoiado na parte de baixo da parede.

E quase não se surpreendeu mais ao ver, diante da porta, estendida sobre as duas cadeiras, Joséphine Balsamo, tomada por uma daquelas depressões nervosas que provocavam nela emoções violentas e duradouras demais. O golpe com o qual atingiu Raoul desencadeara a crise. Seu cúmplice, Léonard, cuidava dela e lhe fazia respirar sais.

Ele devia ter chamado um de seus cúmplices, pois Raoul viu entrar o adolescente que conhecia sob o nome de Dominique e que vigiava a carruagem diante da casa de Brigitte Rousselin.

— Diabo! — disse o recém-chegado, percebendo os dois cativos. — Deve ter tido confusão aqui. Beaumagnan! D'Andrésy! A patroa desceu mesmo o cacete. Resultado, uma síncope, hein?

— Sim. Mas está quase acabando.

— O que vamos fazer?

— Carregá-la até a carruagem e então a conduzirei para *A Indiferente.*

— E eu?

— *Você* vai vigiar esses dois aí — disse Léonard, designando os cativos.

— Diabos! Uns clientes bem inconvenientes. Não gosto disso.

Eles trataram logo de carregar a Cagliostro. Mas, abrindo os olhos, ela lhes disse, com uma voz tão baixa, que com certeza não podia suspeitar que Raoul teria o ouvido aguçado o suficiente para captar a menor sílaba da

conversa:

— Não. Vou andando sozinha. Você ficará aqui, Léonard. É preferível que seja você para vigiar Raoul.

— Deixe-me então acabar com ele! — suspirou Léonard, deixando as formalidades de lado com a Cagliostro. — Ele vai nos dar azar, esse moleque aí.

— Eu o amo.

— Ele não a ama mais.

— Sim, ama. Ele voltará para mim. E depois, independentemente de qualquer coisa, não desisti dele.

— Então, o que você decidiu?

— *A Indiferente* deve estar em Caudebec. Vou descansar lá até as primeiras horas do dia. Preciso disso.

— E o tesouro? É preciso muita gente para mover uma pedra daquele calibre.

— Vou mandar avisar essa noite os irmãos Corbut a fim de que eles me encontrem amanhã de manhã em Jumièges. Depois disso, eu me ocuparei de Raoul… A menos que… Ah, não me perguntarei mais nada disso por enquanto… Estou esgotada…

— E Beaumagnan?

— Soltamos quando eu estiver com o tesouro.

— Você não tem medo de que Clarisse nos denuncie? A polícia estaria na vantagem para cercar o velho farol.

— Absurdo! Você acha que ela colocaria os guardas na trilha do próprio pai e de Raoul?

Ela se levantou de sua cadeira e logo caiu de novo, gemendo. Alguns minutos passaram-se. Enfim, com algum esforço que parecia esgotá-la, conseguiu se manter de pé e, apoiada sobre Dominique, aproximou-se de Raoul.

— Ele está meio atordoado — murmurou ela. — Vigie-o bem, Léonard, e o outro também. Se um dos dois escapar, tudo fica comprometido.

Ela se foi lentamente. Léonard a acompanhou até a velha carruagem e, um pouco depois, voltou com um pacote de provisões, após ter trancado a cerca com cadeado. Em seguida, escutou-se o casco dos cavalos sobre a estrada pedregosa.

Raoul já verificava a solidez de suas amarras, enquanto se dizia:

— De fato, a patroa está um pouco fraquinha! Primeiro, por contar, por mais baixo que fosse, seus pequenos negócios diante de testemunhas; segundo, por confiar dois homens fortes como Beaumagnan e eu à vigilância de um único homem… Eis os erros que provam um mau estado físico.

É verdade que a experiência de Léonard em tal assunto torna difícil qualquer tentativa de evasão.

— Largue suas cordas — disse-lhe Léonard, ao entrar. — Se não vou bater em você…

O temível carcereiro multiplicou, aliás, as precauções que lhe deviam facilitar a tarefa. Havia reunido as extremidades das duas cordas que prendiam os cativos e havia enrolado ambas no encosto de uma cadeira ajeitada por ele em um equilíbrio instável e sobre a qual depositou o punhal que Joséphine Balsamo lhe dera. Se um dos cativos se mexesse, a cadeira cairia.

— Você é menos besta do que você parece — disse Raoul.

Léonard rosnou:

— Uma só palavra e bato em você.

Ele começou a comer e a beber, e Raoul arriscou:

— Bom apetite! Se sobrar, não se esqueça de mim.

Léonard levantou-se, com os punhos tensionados.

— Parei, meu velho amigo — prometeu Raoul. — Aqui não vai entrar mais nem mosca. É menos nutritivo que o seu salame, mas vou me contentar com isso.

Horas passaram. A escuridão chegou.

Beaumagnan parecia dormir. Léonard fumaçava cachimbo. Raoul monologava e repreendia a si mesmo de ter sido tão imprudente com Josine.

— Eu devia ter desconfiado dela… Terei de progredir tudo de novo! Cagliostro está longe de ter valor para mim, mas que decisão! Que visão clara da realidade e que ausência de escrúpulos! Um único defeito impede o monstro de estar completo: seu sistema nervoso de degenerada. E isso é ótimo para mim hoje, já que me permitirá chegar antes dela em Mesnil-sous-Jumièges.

Pois Raoul não tinha dúvidas quanto à possibilidade de escapar de Léonard. Havia notado que as amarras de suas canelas se afrouxavam sob a

influência de alguns movimentos, e, contando conseguir liberar sua perna direita, imaginava com satisfação o efeito de um bom pontapé no queixo de Léonard. Daí em diante, seria a busca alucinada rumo ao tesouro.

As trevas acumulavam-se na sala. Léonard acendeu uma vela, fumou um último cachimbo e bebeu um último copo de vinho. Depois disso, foi tomado por uma sonolência que o fez dar umas cambaleadas para a direita e para a esquerda. Por precaução, ele mantinha a vela em sua mão, de modo que a queimadura da cera escorrendo o despertasse de tempos em tempos. Uma olhada em seus prisioneiros, uma outra à corda dupla utilizada como campainha de alarme, e ele adormeceu.

Raoul continuava incansavelmente e com algum resultado seu pequeno trabalho para se libertar. Devia ser cerca de nove horas da noite.

— Se eu puder partir às onze horas — ele dizia a si mesmo —, por volta da meia-noite passo em Lillebonne onde posso jantar; por volta das três horas da manhã, desemboco no lugar sagrado e, já com os primeiros raios da alvorada, eu meto em meu bolso o cofre-forte dos monges. Sim, no meu bolso! Não preciso dos irmãos Corbut nem de ninguém.

Mas, às dez horas e meia, ele estava no mesmo ponto. Por mais frouxos que estivessem os nós, eles não cediam e Raoul começava a se desesperar, quando, de repente, pareceu-lhe escutar um ruído leve que diferia de todos os sussurros com os quais se compõe o grande silêncio noturno, folhas esvoaçando, pássaros se movendo nos galhos, caprichos do vento.

Isso se repetiu duas vezes e ele teve a certeza de que entrava pela janela lateral a qual ele havia aberto e que Léonard empurrara com negligência.

De fato, um dos batentes pareceu deslizar para a frente.

Raoul observou Beaumagnan. Ele também escutara e também estava olhando.

Na frente dos dois, Léonard despertou com os dedos queimados, ajeitou seu pequeno dispositivo de vigilância e cochilou de novo. Lá fora o ruído, suspenso por um instante, recomeçou, o que bem provava que cada um dos movimentos do carcereiro estava sendo seguido com atenção.

Mas então o que estava sendo preparado? Como a cerca estava trancada, seria preciso pular o muro com cacos de garrafa pontiagudos, escalada que apenas seria possível para alguém familiarizado com o lugar e em alguma brecha desguarnecida de cacos. Quem? Um camponês? Um caçador furtivo? Era alguma ajuda? Um amigo de Beaumagnan? Ou algum

vagabundo?

Uma cabeça surgiu, indistinta em meio às trevas. O parapeito da janela, não muito alto, foi facilmente pulado.

Na mesma hora, Raoul discerniu uma silhueta feminina e logo, antes mesmo de ver, soube que aquela mulher não era outra senão Clarisse.

Que emoção o invadiu! Portanto, Joséphine Balsamo tinha se enganado ao supor que Clarisse não poderia reagir! Preocupada, contida pelo temor ante os perigos que a ameaçavam sobrepondo-se a seu cansaço e a seu medo, a jovem deveria ter se posicionado nos arredores do velho farol e esperado a noite.

E agora, ela tentava o impossível para salvar aquele que a havia traído tão cruelmente.

Ela deu três passos. Léonard despertou de novo, mas felizmente, deu-lhe as costas. Ela se deteve, depois retomou o passo assim que ele voltou a dormir. Assim chegou a seu lado.

O punhal de Joséphine Balsamo se encontrava na cadeira. Ela o pegou. Pretendia feri-lo?

Raoul assustou-se. O rosto da jovem, agora mais iluminado, pareceu-lhe contraído por uma vontade feroz. Mas quando seus olhares se encontraram, ela obedeceu às ordens silenciosas que ele lhe impunha e não deu o golpe. Raoul se inclinou um pouco para que a corda que o prendia à cadeira se esticasse. Beaumagnan o imitou.

Então, lentamente, sem tremer, erguendo a corda com uma mão, ela passou ali o fio da lâmina.

A sorte decidiu que o inimigo não despertaria. Clarisse o teria matado infalivelmente. Sem tirar os olhos dele, obstinada em sua ameaça de morte, ela se abaixou até Raoul e, tateando, buscou suas amarras. Os pulsos foram soltos.

Ele suspirou.

— Dê-me a faca.

Ela obedeceu. Mas uma mão foi mais rápida do que a de Raoul. Beaumagnan que, por sua vez, também ficara horas pacientemente esgarçando suas cordas, pegou a arma quando passava de uma mão a outra.

Furioso, Raoul segurou-lhe o braço. Se Beaumagnan conseguisse se soltar antes dele e fugisse, Raoul perderia qualquer esperança de conquistar o tesouro. A luta foi acirrada, luta imóvel, onde cada um empregava toda

sua força dizendo a si mesmo que ao menor ruído Léonard despertaria.

Clarisse, que tremia de medo, ajoelhou-se, tanto para suplicar a ambos, quanto para não cair no chão.

Mas a ferida de Beaumagnan, por mais superficial que fosse, não lhe permitiu resistir muito tempo. Ele desistiu.

Naquele momento, Léonard mexeu a cabeça, abriu um olho e olhou o quadro que se oferecia à sua frente: os dois homens meio levantados, próximos um do outro e em postura de combate e Clarisse d'Étigues de joelhos.

Isso durou alguns segundos, alguns segundos aterradores, pois não havia dúvida de que Léonard, vendo aquela cena, abateria seus inimigos com tiros de revólver. Mas ele não a *viu*. Seu olhar, fixo sobre eles, não chegou a *vê-los*. A pálpebra fechou outra vez sem que voltasse à consciência.

Então, Raoul cortou suas últimas amarras. De pé, com o punhal na mão, ele estava livre. Cochichou enquanto Clarisse se levantava:

— Vá… Salve-se…

— Não — fez ela, com um sinal de cabeça.

E lhe mostrou Beaumagnan, como se não pudesse consentir em deixar para trás aquele outro prisioneiro, exposto à vingança de Léonard.

Raoul insistiu. Ela estava inflexível.

Batalha perdida, ele estendeu a faca para seu oponente.

— Ela tem razão — sussurrou… — Sejamos bons jogadores. Aqui, vire-se… E daqui para frente, cada um por si, hein?

Ele seguiu Clarisse. Um após o outro, pularam a janela. Uma vez no pátio, ela pegou a mão dele e o conduziu até o muro, em um ponto onde havia uma brecha, pois o topo desmoronara.

Ajudada por ele, Clarisse passou.

Mas, quando ele cruzou o muro, não viu mais ninguém.

— Clarisse! — chamou. — Onde a senhorita está?

Uma noite sem estrelas pesava sobre o bosque. Aguçando os ouvidos, escutou uma corrida apressada entre os matagais vizinhos. Ele penetrou-os, chocou-se com ramos e espinheiros que lhe barraram o caminho e precisou voltar à trilha.

— Ela fugiu de mim — pensou. — Enquanto era prisioneiro, ela arriscou tudo para me salvar. Estando livre, não consente mais em me ver.

Minha traição, a monstruosa Joséphine Balsamo, a abominável desventura, tudo isso lhe causa horror.

Mas, quando voltou a seu ponto de partida, alguém despencava do muro que ele havia pulado. Era Beaumagnan, que fugia por sua vez. E na mesma hora tiros jorraram vindos da mesma direção. Raoul mal teve tempo de se proteger. Léonard, empoleirado na fenda, atirava nas trevas.

Assim, por volta das onze horas da noite, os três adversários se lançavam ao mesmo tempo na direção da pedra da Rainha, situada a onze léguas de distância. Quais seriam os recursos de cada um para chegar até lá? Tudo dependia disso.

De um lado, havia Beaumagnan e Léonard, ambos providos de cúmplices e à frente de organizações poderosas. Se Beaumagnan estivesse sendo esperado por seus amigos, se Léonard pudesse se juntar a Cagliostro, o saque pertenceria ao mais rápido. Mas Raoul era mais jovem e mais esperto. Se não tivesse feito a besteira de deixar sua bicicleta em Lillebonne, todas as chances estariam a seu favor.

É preciso confessar que ele renunciou instantaneamente à ideia de encontrar Clarisse e que a busca pelo tesouro se tornou sua única preocupação. Em uma hora, ele percorreu os dez quilômetros que o separavam de Lillebonne. À meia-noite, despertou o menino do albergue, jantou às pressas, e, depois de ter pego em uma das malas dois pequenos cartuchos de dinamite os quais havia conseguido alguns dias antes, montou em sua bicicleta. No guidão, enrolou uma bolsa de lona destinada para guardar as pedras preciosas.

Seu cálculo era este aqui:

— De Lillebonne a Mesnil-sous-Jumièges são oito léguas e meia… Portanto, estarei lá antes do dia nascer. Aos primeiros raios de sol, encontrarei o marco e o explodirei com a dinamite. É possível que a Cagliostro ou Beaumagnan me surpreendam no meio da operação. Nesse caso, dividimos. Tanto pior para o terceiro.

Após passar por Caudebec-en-Caux, seguiu a pé a trilha de terra que, por meio das pradarias, conduzia até o Sena. Exatamente como naquele final do dia, quando declarou seu amor a Joséphine Balsamo, *A Indiferente* estava lá, uma enorme silhueta na densa escuridão.

Ele viu um pouco de luz passando pelas cortinas da janela da cabine que a jovem dama ocupava.

— Ela deve estar se vestindo — disse a si mesmo. — Seus cavalos virão buscá-la… Talvez Léonard apresse a expedição… Tarde demais, madame!

Raoul logo partiu a toda velocidade. Mas, uma meia hora depois, quando descia uma encosta muito íngreme, teve a impressão de que a roda de sua bicicleta se enroscou em um obstáculo e ele foi projetado violentamente contra um monte de pedras.

Assim que dois homens surgiram, uma lanterna foi apontada para o morro atrás do qual ele estava encolhido, e uma voz gritou:

— É ele! Só pode ser ele…! Eu bem avisei: "Uma corda esticada e nós o pegamos quando ele passar."

Era Godefroy d'Étigues e, na mesma hora, Bennetot retificou:

— Nós o pegamos… Se ele deixar, esse bandido!

Como uma fera acuada, Raoul enfiou a cabeça em um arbusto de amoras e espinhos onde rasgou suas roupas todas e ficou fora de alcance. Os outros praguejaram e xingaram em vão. Foi impossível achá-lo.

— Chega de procurar — disse uma voz derrotada que vinha da carruagem e que era a de Beaumagnan. — O essencial foi dar cabo de sua bicicleta. Cuide disso, Godefroy, e vamos dar o pé. O cavalo já descansou o suficiente.

— Mas e o senhor, Beaumagnan, está em condições de…?

— Em condições ou não, é preciso chegar lá… Mas, meu Deus, estou perdendo todo o meu sangue por essa ferida maldita… O curativo não está dando conta.

Raoul escutou quando quebraram as rodas de sua bicicleta com chutes. Bennetot retirou os panos que cobriam as duas lanternas e o cavalo, açoitado com um chicote, partiu a todo vapor.

Raoul correu atrás do carro.

Estava furioso. Por nada no mundo, ele abandonaria a luta. Não se tratava mais somente dos milhões de milhões, e de uma coisa que daria a toda a sua vida um sentido magnífico; ele estava obstinado também por seu amor próprio. Tendo decifrado o enigma indecifrável, devia chegar primeiro ao prêmio. Não estar lá, não o pegar e deixar que o pegassem, seria, até o último dos seus dias, uma humilhação intolerável.

Assim, sem levar em conta seu cansaço, ele corria a cem metros atrás da carruagem, encorajado por aquela ideia de que todo o problema não estava resolvido, que seus adversários seriam, da mesma forma que ele, obrigados

a procurar a localização daquele marco e que, naquelas investigações, ele retomaria a vantagem.

Aliás, a sorte o favorecia. Aproximando-se de Jumièges, ele avistou um faixo de luz que se balançava à sua frente e notou o ruído agudo de uma campainha, e enquanto os outros passaram direto, ele se deteve.

Era o padre de Jumièges que, acompanhado de uma criança, estava voltando após ter administrado a extrema unção. Raoul pegou a estrada com ele, perguntou sobre uma pousada, e, ao longo da conversa, dizendo-se um amante de arqueologia, falou de uma pedra bizarra que lhe haviam indicado.

— O dólmen da Rainha… Alguma coisa assim… Disseram-me. É impossível que o senhor não conheça essa atração local, não é, senhor abade?

— Minha nossa, senhor — foi a resposta. — Isso está me parecendo muito com aquilo que chamamos aqui de a pedra de Agnès Sorel.

— Em Mesnil-sous-Jumièges, não é?

— Justamente, a uma curta légua daqui. Mas não é de modo algum uma atração… No máximo, um aglomerado de pequenas pedras incrustadas no solo, cuja mais alta ultrapassa o Sena em um ou dois metros.

— Um terreno público, se não me engano, não é?

— Alguns anos atrás, sim, mas a comuna o vendeu a um dos meus paroquianos, o Sr. Simon Thuilard, que queria aumentar seu campo.

Tremendo de alegria, Raoul largou a companhia do valente sacerdote. Ele se guarneceu de informações meticulosas que lhe foram ainda mais úteis, pois assim pôde evitar a grande cidade de Jumièges e embarcar na teia de caminhos sinuosos que levam a Mesnil. Desse modo, seus adversários foram deixados para trás.

— Se eles não tomaram a precaução de se munir de um guia, sem dúvida eles se perderam. Impossível conduzir uma carruagem de noite, no meio dessa bagunça. E depois, para onde se dirigir? Onde encontrar a pedra? Beaumagnan está no limite de suas forças e não será Godefroy quem resolverá a equação. Então, ganhei a partida.

De fato, um pouco antes das três horas, ele passou debaixo de uma estaca que marcava o limite da propriedade do Senhor Simon Thuilard.

A luz de alguns fósforos lhe mostrou um campo que ele atravessou apressado. Uma barragem que lhe pareceu recente margeava o rio. Ele a

atingiu pela extremidade direita e voltou pela esquerda. Mas não querendo esgotar seu estoque de fósforos, não viu mais nada.

No entanto, uma faixa mais clara raiava o céu no horizonte.

Ele esperou, cheio de uma emoção que o invadia com doçura e o fazia sorrir. O marco estava perto dele, a alguns passos. Durante séculos, àquela hora da noite talvez, monges tinha vindo furtivamente até aquele ponto da vasta terra para esconder ali suas riquezas. Um a um, priores e os tesoureiros tinham seguido pelo túnel que conduzia da Abadia ao Solar. Outros, provavelmente, chegaram em barcos, pelo velho rio normando que passava por Paris, que passava por Ruão, e que banhava com suas ondas três ou quatro das sete Abadias sagradas.

E eis que ele, Raoul d'Andrésy, ia participar do grande segredo! Ele herdaria dos milhares de monges que outrora trabalharam, espalhados por toda a França, colhendo riquezas sem descanso! Que milagre! Realizar em sua idade tamanho sonho! Ser igual aos mais poderosos e reinar entre os dominantes!

O céu empalidecia, a Ursa Maior se apagava. Adivinhava-se, mais do que se via, o ponto luminoso de Alcor, a estrela fatídica que correspondia na imensidão do espaço ao pequeno bloco de granito sobre o qual Raoul d'Andrésy ia colocar suas mãos de conquistador. A água chapinava contra a margem em ondas tranquilas. A superfície do rio saía das trevas e brilhava placas escuras.

Ele subiu outra vez na barragem. Começava-se a discernir o contorno e a cor das coisas. Instante solene! Seu coração batia com violência. E, de repente, a trinta passos dele, percebeu uma elevação que mal se erguia no campina plana, e de onde emergiam, na grama que os cobria, algumas pontas de rocha cinzenta.

— É ali… — murmurou ele, agitado no íntimo de sua alma… — É ali… Alcancei o objetivo…

Suas mãos palpavam no fundo de seu bolso os dois cartuchos de dinamite e seus olhos buscavam loucamente a pedra mais alta sobre a qual o padre de Jumièges tinha lhe falado. Era essa aqui? Ou aquela ali? Alguns segundos lhe bastariam para introduzir os cartuchos pelas fissuras que as plantas preenchiam. Três minutos mais tarde, ele enfiaria os diamantes e os rubis no saco que havia retirado de seu guidão. Se sobrassem migalhas entre os escombros, tanto melhor para seus inimigos!

Avançava, contudo, passo a passo e, à medida que se aproximava, a mesma elevação adquiria uma aparência que não batia com o que Raoul esperava. Nenhuma pedra mais alta… Nenhum cume que outrora poderia permitir àquela que chamavam de Senhora da Beleza de vir se sentar e observar na curva do rio a chegada dos barcos reais. Nada saliente. Ao contrário… O que então tinha acontecido? Alguma cheia súbita do rio ou alguma tempestade tinham recentemente modificado aquilo que as intempéries seculares tinham respeitado? Ou então…

Em dois saltos, Raoul venceu os dez passos que o separavam do monte.

Deixou escapar um palavrão. A atroz verdade oferecia-se a seus olhos. A parte central do montículo fora eviscerado. O marco, o marco lendário era exatamente aquele, mas desconjuntado, quebrado, espedaçado, seus dejetos rejeitados nas margens de um fosso aberto onde se viam pedras escurecidas e pedaços de grama queimada ainda soltando fumaça. Nenhuma pedra preciosa. Nenhuma parcela do outro e da prata. O inimigo tinha passado ali…

Diante do espantoso espetáculo, Raoul não permaneceu ali mais de um minuto, claro. Imóvel, sem dizer uma palavra, percebeu, distraído, e recolheu do chão maquinalmente todos os vestígios e todas as provas do trabalho efetuado algumas horas antes, percebeu pegadas de saltos femininos, mas se recusou a tirar disso uma conclusão lógica. Distanciou-se alguns metros, acendeu um cigarro e sentou-se na parte de trás da barragem.

Ele não queria mais pensar. A derrota, e, sobretudo, a maneira com a qual ela foi infligida, era penosa demais para que consentisse em estudar seus efeitos e causas. Em casos assim, deve-se manter a indiferença e o sangue frio.

Mas os acontecimentos da véspera e da noite precedente, apesar de tudo, impunham-se a ele. Quer quisesse ou não, os atos de Joséphine Balsamo repassavam em sua mente. Ele a via se enrijecer contra o mal e recuperando toda a energia necessária em um momento como aquele. Descansar quando a hora do destino soava? Vamos então? *Ele* mesmo tinha descansado? E Beaumagnan, por mais machucado que estivesse, teria se permitido a menor trégua? Não, uma Joséphine Balsamo não poderia cometer tal erro. Antes que a noite tivesse caído, ela chegou naquela mesma pradaria com seus acólitos e, em pleno dia, depois sob a luz de lanternas,

coordenara os trabalhos.

E quando ele, Raoul, imaginara que estivesse atrás das cortinas fechadas de sua cabine, ela não estava se preparando para a expedição suprema, ao contrário, estava voltando dela, mais uma vez vitoriosa, porque nunca permitia que pequenos acasos, vãs hesitações e escrúpulos supérfluos se tornassem obstáculos entre ela e a realização imediata de seus projetos.

Por mais de vinte minutos, descansando da fadiga ao sol que surgia das colinas opostas, Raoul examinou a amarga realidade na qual afundavam seus sonhos de dominação; e seria preciso estar muito absorto para não escutar o ruído de um carro que estacionava no caminho e não ver os três homens que desciam dele, que passaram sob a estaca e atravessaram a pradaria, e um deles, no momento em que chegou diante do monte, deu um grito de aflição.

Era Beaumagnan. Seus dois amigos, D'Étigues e Bennetot, o apoiavam.

Se a decepção de Raoul fora profunda, qual não foi o desespero do homem que tinha dedicado toda a sua vida àquele caso do tesouro misterioso! Lívido, com os olhos perdidos, sangue no pano que enfaixava sua ferida, ele olhava estupidamente, como se diante do mais atroz dos espetáculos, o terreno devastado onde a pedra milagrosa havia sido violada.

Parecia até que o mundo colapsava à sua frente e que ele contemplava um abismo repleto de assombro e horror.

Raoul aproximou-se e murmurou:

— *Foi ela.*

Beaumagnan não respondeu. Poderiam ter dúvidas de que fora ela? Será que a imagem daquela mulher não se confundia com tudo o que ali era desastre, perturbação, cataclismo, sofrimento infernal? Ele precisava, como o fizeram seus companheiros, atirar-se na terra e vasculhar o caos para descobrir uma parcela esquecida do tesouro? Não! Não! Após a passagem da bruxa, não havia mais nada além de pó e cinzas! Ela era a grande praga que devasta e mata. Ela era a própria encarnação do Satã. Ela era o nada e a morte!

Ele se ergueu, sempre teatral e romântico em suas atitudes mais naturais, passou seus olhos dolorosos ao redor de si, depois, subitamente, após fazer um sinal da cruz, golpeou-se no peito com uma forte punhalada, com aquele punhal que pertencia a Joséphine Balsamo. O gesto foi tão brusco e tão inesperado que nada poderia tê-lo anunciado. Antes mesmo

que seus amigos e Raoul tivessem entendido, Beaumagnan desmoronou no fosso, em meio aos escombros daquilo que havia sido o cofre-forte dos monges. Seus amigos se precipitaram sobre ele. Ainda respirava e balbuciou:

— Um padre… um padre…

Bennetot afastou-se com pressa. Alguns camponeses vieram correndo. Ele falou com eles e saltou na carruagem.

De joelhos, perto do fosso, Godefroy d'Étigues rezava e batia no próprio peito… Provavelmente Beaumagnan revelava-lhe que Joséphine Balsamo ainda estava viva e conhecia todos os seus crimes. Isso e o suicídio de Beaumagnan o deixavam louco. O terror devastava seu rosto.

Raoul se inclinou sobre Beaumagnan e lhe disse:

— Eu lhe juro que a encontrarei. Eu lhe juro que vou retomar as riquezas dela.

A raiva e o amor persistiam no coração do moribundo. Somente tais palavras poderiam prolongar sua existência por alguns minutos. Na hora da agonia, no colapso de todos os seus sonhos, ele se agarrava desesperadamente a toda ideia de represália e vingança.

Seus olhos chamavam Raoul, que se inclinou mais para ouvir o que ele estava murmurando.

— Clarisse… Clarisse d'Étigues… É preciso que se case com ela… Escute… Clarisse não é filha do barão… Ele me confessou… É filha de outro que ela amava…

Raoul declarou seriamente:

— Juro que vou me casar com ela… Eu juro…

— Godefroy… — chamou Beaumagnan.

O barão continuava a rezar. Raoul deu-lhe um tapinha no ombro e o curvou sobre Beaumagnan, que murmurou:

— Clarisse se casará com D'Andrésy… É a minha vontade…

— Sim… Sim… — falou o barão, incapaz de resistir.

— Jure.

— Eu juro.

— Por sua salvação eterna?

— Por minha salvação eterna.

— Você lhe dará seu dinheiro para que ele nos vingue… Todas as riquezas que você roubou… Você jura?

— Por minha salvação eterna.

— Ele conhece todos os seus crimes. Ele tem provas. Se você não obedecer, ele o denunciará.

— Eu vou obedecer.

— Que você seja amaldiçoado, se estiver mentindo.

A voz de Beaumagnan era expelida em sopros roucos nos quais as palavras se tornavam cada vez mais indistintas. Agachado ao lado dele, Raoul as captava com dificuldade.

— Raoul, você vai persegui-la… Você precisa *lhe* arrancar as joias… É o demônio… Escute… Eu descobri… no Havre… ela tem um barco… *O Vagalume*… Escute…

Ele não tinha mais forças para falar. Ainda assim, Raoul ainda escutou:

— Vá… agora mesmo… procure-a… desde já…

Os olhos se fecharam. Os lamentos começaram.

Godefroy d'Étigues não parava de martelar o próprio peito, ajoelhado junto ao vazio do fosso.

Raoul foi embora.

De noite, um jornal de Paris publicava de última hora:

O Sr. Beaumagnan, advogado bem conhecido nos círculos militantes monarquistas, e a respeito do qual havíamos por engano anunciado a morte na Espanha, matou-se essa manhã na aldeia normanda de Mesnil-sous-Jumièges, às margens do Sena.

As razões desse suicídio são absolutamente misteriosas. Dois de seus amigos, os Senhores Godefroy d'Étigues e Oscar de Bennetot, que estavam com ele, contam que naquela noite haviam dormido no castelo de Tancarville onde passam alguns dias como convidados, quando o Sr. Beaumagnan os despertou. Ele estava ferido e em estado de extrema agitação. Exigiu de seus amigos que preparassem uma carruagem e que se dirigissem na mesma hora para Jumièges e de lá para Mesnil-sous-Jumièges. Por quê? Por que essa expedição para uma pradaria isolada? Por que esse suicídio? São tantas perguntas que lhes é impossível compreender qualquer coisa.

Dois dias depois, os jornais do Havre inseriam uma série de notícias que o artigo a seguir resume com bastante fidelidade:

Na noite de ontem, o príncipe Lavorneff, vindo ao Havre para testar um iate de passeio que havia comprado recentemente, foi testemunha de um drama aterrador. Voltava em direção às costas francesas quando chamas se elevaram e uma explosão se fez escutar a uma meia légua de distância no máximo. Diga-se de passagem, que essa explosão foi escutada de vários lugares na costa.

Na mesma hora, o príncipe Lavorneff dirigiu seu iate para o lugar da tragédia, onde acabou por descobrir alguns destroços flutuando. Um deles trazia um marinheiro que conseguiram resgatar. Mas mal tiveram tempo de interrogá-lo e de descobrir por ele que o barco se chamava O Vagalume *e que pertencia à condessa de Cagliostro. Na mesma hora, mergulhou de novo, gritando: — É ela… é ela.*

De fato, à luz das lanternas, notaram outro destroço ao qual se agarrava uma mulher cuja cabeça flutuava acima da água. O homem conseguiu alcançá-la e a levantar, mas ela se agarrava tão desesperadamente a ele que paralisou seus movimentos e os viram desaparecer. Todas as buscas foram inúteis.

De volta ao Havre, o príncipe Lavorneff deu seu depoimento confirmado pelos quatro homens de sua tripulação…

E o jornal acrescentava:

As últimas informações levam a crer que a condessa de Cagliostro era uma aventureira bem conhecida sob o nome de Sra. Pellegrini e que também usava ocasionalmente o nome Sra. Balsamo. Procurada pela polícia, que fracassou duas ou três vezes em capturá-la na região do País de Caux, onde operava nos últimos tempos, ela teria resolvido se mudar para o estrangeiro e seria assim que teria perecido com todos os seus cúmplices no naufrágio de seu iate, O Vagalume.

Mencionaremos, além disso, sob todas as reservas, um rumor segundo o qual haveria uma correlação estreita entre algumas ações da condessa de Cagliostro e o misterioso drama ocorrido em Mesnil-sous-Jumièges. Fala-se de um tesouro desenterrado e roubado, de conspiração, de documentos seculares.

Mas aqui já estamos entrando no campo da fábula. Vamos parar por aqui e deixar a justiça esclarecer este caso.

Na tarde do dia em que aquelas linhas apareceram, isto é, exatamente sessenta horas após o drama de Mesnil-sous-Jumièges, Raoul entrava no

escritório do barão Godefroy, em Haie d'Étigues, o mesmo escritório no qual, uma noite, quatro meses antes, ele havia invadido. Que caminho percorreu desde então e quantos anos envelhecera o adolescente que era na época!

Diante de uma mesa de centro, os dois primos fumavam e bebiam grandes copos de conhaque.

Sem preâmbulos, Raoul explicou:

— Vim reclamar a mão da Srta. d'Étigues e eu suponho…

Ele não estava bem vestido para um pedido de casamento. Nem um chapéu, nem uma boina. Nas costas, uma velha jaqueta de marinheiro. Nas pernas, uma calça curta demais que deixava visíveis seus pés nus em alpargatas sem cadarços.

Mas tanto o traje de Raoul quanto o objeto de sua demanda não interessavam a Godefroy d'Étigues. Com os olhos fundos, o rosto ainda mais atormentado, estendeu na direção de Raoul um maço de jornais, gemendo:

— O senhor leu? A Cagliostro?

— Sim, eu sei… — disse Raoul.

Ele execrava aquele homem e não pode se conter ao lhe dizer:

— Tanto melhor para o senhor, não é? A morte *definitiva* de Joséphine Balsamo é uma coisa que deve tirar do senhor um enorme peso!

— Mas e agora…? As consequências disso? — balbuciou o barão.

— Quais consequências?

— A justiça? Ela vai tentar desvendar o caso. Para começar, a propósito do suicídio de Beaumagnan, estão falando da Cagliostro. Se a justiça juntar todos os fios do caso, ela vai chegar mais longe, até o fim.

— Sim — brincou Raoul —, até a viúva Rousselin, até o assassinato do Sr. Jaubert, isto é, até o senhor e seu primo Bennetot.

Os dois homens estremeceram. Raoul os acalmou:

— Fiquem ambos tranquilos. A justiça não esclarecerá todas essas histórias sombrias, pela boa razão de que ela tratará, ao contrário, de enterrá-las. Beaumagnan estava protegido por potências que não gostam nem de escândalos, nem de chamar atenção. O caso será abafado. O que me preocupa muito mais não é o trabalho da justiça…

— O que é então? — perguntou o barão.

— A vingança de Joséphine Balsamo.

— Mas ela está morta…

— Mesmo morta, devemos temê-la. E é por isso que eu vim até aqui. Há, no fundo do jardim, um pequeno posto de vigilância desabitado. Vou me instalar lá… Até o casamento. Avisem Clarisse de minha presença e digam-lhe para não receber ninguém… Nem eu mesmo. No entanto, ela estará disposta a aceitar este presente de noivado que eu imploro que o senhor lhe dê em meu nome.

E Raoul estendeu ao barão estupefato uma enorme safira, de uma pureza incomparável e lapidada como outrora lapidavam as pedras preciosas…

“A criatura infernal”

— Vamos lançar âncora — sussurrou Joséphine Balsamo — e levar o bote por aqui.

Havia uma forte névoa sobre o mar que, somando-se à escuridão da noite, impedia que se discernisse até mesmo as luzes de Étretat. O farol de Antifer não perfurava com luz alguma a nuvem impenetrável onde o iate do príncipe Lavorneff navegava às cegas.

— O que lhe garante que estamos visíveis para quem está na costa? — objetou Léonard.

— Meu desejo de que estejamos — declarou Cagliostro.

Ele se irritou.

— Essa expedição é uma loucura, pura loucura! Como assim? Faz quinze dias que nós tivemos sucesso e que, graças a você, eu reconheço, conquistamos a mais extraordinária das vitórias. Todo o montante de pedras preciosas está guardado em um cofre em Londres. Todo o perigo desapareceu. Cagliostro, Pellegrini, Balsamo, marquesa de Belmonte, tudo isso está no fundo do mar em consequência do naufrágio d’*O Vagalume* que você teve a admirável ideia de organizar e o qual você presidiu com tanta energia. Vinte testemunhas viram a explosão da costa. Para todo mundo, você está morta, cem vezes morta, e também eu, assim como todos os seus cúmplices. Se chegarem a descobrirem a história do tesouro dos monges, chegariam inclusive a constatar que ele escorregou para o fundo d’água com *O Vagalume*, em um lugar impossível de definir, de determinar exatamente, e que as pedras se espalharam pelo mar. E tenha certeza de que a justiça está encantada com esse naufrágio e essa morte e que, por isso, não vai procurar perto demais, tamanha a pressão vinda de cima para

abafar o caso Beaumagnan-Cagliostro. Logo, tudo vai estar bem. Você controlou os acontecimentos e saiu vitoriosa sobre todos os seus inimigos. E no momento em que a prudência mais elementar nos ordena a deixar a França e a nos mandar tão longe quanto possível da Europa, é bem quando você escolhe voltar ao próprio lugar que lhe trouxe azar e para afrontar o único adversário que lhe resta. E que adversário, Josine! Uma espécie de gênio tão excepcional, sem o qual você nunca teria descoberto o tesouro. Confesse que é loucura.

Ela murmurou:

— O amor é uma loucura.

— Então, renuncie.

— Não consigo, não consigo. Eu o amo.

Josine havia apoiado seus cotovelos sobre a amurada e a cabeça entre suas mãos, cochichando com desespero:

— Eu estou apaixonada… É a primeira vez… Os outros homens não contam… Enquanto Raoul… Ah, eu não quero falar dele… É por ele que conheci a única alegria de minha vida… Mas também meu maior sofrimento… Antes dele, eu ignorava a felicidade… Mas também a dor… E depois… E depois a felicidade acabou… E não havia mais nada além de sofrimento… Isso é horrível, Léonard… A ideia de que ele vai se casar… Que outra viverá com ele… E que uma criança vai nascer do amor dos dois… Não, isso está além das minhas forças… Qualquer coisa menos isso…! Prefiro arriscar tudo, Léonard. Prefiro até morrer.

Ele disse em voz baixa:

— Minha pobre Josine…

Ambos se calaram por bastante tempo, ela ainda curvada e derrotada.

Depois, como o bote se aproximava, ela se ergueu e, de repente, disse imperiosa e ríspida:

— Mas eu não estou arriscando nada, Léonard… Não há risco nem de morte nem de fracasso.

— Enfim, que seja! O que você quer fazer?

— Raptá-lo.

— Ai, ai, você espera que…

— Tudo está pronto. Os mínimos detalhes estão preparados.

— Como?

— Por intermédio de Dominique.

— Dominique?

— Sim, desde o primeiro dia, antes mesmo que Raoul chegasse a Haie d'Étigues, Dominique deu um jeito de ser contratado como cavalariço.

— Mas Raoul o conhece…

— Raoul talvez o tenha visto uma ou duas vezes, mas você sabe o quanto Dominique é hábil para se disfarçar. É absolutamente impossível que o percebam em meio a todo o pessoal do castelo e dos estábulos. Então, Dominique me manteve a par do que acontecia dia a dia e tudo está de acordo com minhas instruções. Sei as horas em que Raoul se levanta e se deita, como está vivendo e tudo o que ele faz. Sei que ele não reviu ainda Clarisse, mas que estão no processo para reunir os papéis necessários para o casamento.

— Será que ele desconfia?

— De mim, não. Dominique escutou pedaços de uma conversa que Raoul teve com Godefroy d'Étigues no dia em que ele se apresentou no castelo. Não há dúvidas sobre minha morte para eles. Mas Raoul queria que todas as precauções possíveis fossem tomadas contra mim, mesmo morta. Logo, ele observa, ele vigia, monta guarda ao redor do castelo, questiona os camponeses.

— E Dominique deixou que você viesse mesmo assim?

— Sim, mas apenas durante uma hora. Um golpe de mão leve, rápida, de noite, e fugimos na mesma hora.

— E será esta noite?

— Esta noite entre as dez e as onze. Raoul ocupa um posto de vigília, isolado, não longe da velha torre onde Beaumagnan me conduzira. Esse posto, estendendo-se pela muralha da fortaleza, só tem uma janela no térreo do lado do campo e nenhuma porta. Para invadi-lo, se as venezianas estiverem trancadas, será preciso passar pelo grande portal do pomar e alcançar a fachada interior. As duas chaves estarão, esta noite, sob uma grande pedra, perto do portal. Como Raoul estará deitado, o enrolaremos em seu colchão e em suas cobertas, que são grandes, e o traremos até aqui. Na mesma hora, partiremos.

— É só isso?

Joséphine Balsamo hesitou, depois respondeu claramente:

— É só isso.

— Mas Dominique?

— Partirá conosco.

— Você não lhe deu nenhuma ordem especial?

— Relativa a quê?

— Relativa à Clarisse, não? Você odeia aquela pequena. Então, bem temo que você tenha encarregado Dominique de alguma tarefa…

Josine hesitou de novo antes de responder.

— Isso não lhe diz respeito.

— Ainda assim…

O bote deslizava junto à lateral do barco. Josine declarou, em um tom zombeteiro:

— Escute, Léonard, desde que eu o tornei o príncipe Lavorneff e dei-lhe um iate esplendidamente bem-equipado, você se tornou totalmente indiscreto. Não vamos fugir de nossos papéis, está bem? *Eu* comando, e *você* obedece. No máximo, você tem o direito a algumas explicações. Eu já as dei. Aja como se elas lhe fossem suficientes.

— Elas me são suficientes — disse Léonard. — E reconheço que seu plano está muito bem arquitetado.

— Tanto melhor. Vamos descer.

Ela desceu primeiro para o bote e se instalou nele.

Léonard e quatro de seus cúmplices a acompanharam. Dois dentre eles pegaram os remos, enquanto Josine se colocava na parte de trás e dava suas ordens tão baixo quanto possível.

— Vamos virar na porta de Amont — disse ela, ao fim de pouco mais de um quarto de hora, enquanto seus acólitos tinham a impressão de estar avançando como cegos.

Ela indicava a tempo as rochas no meio da água e corrigia a direção a partir de pontos de referência invisíveis para os outros. Somente o rangido das pedras sob a quilha os advertiu que estavam se aproximando.

Eles a tomaram em seus braços e a carregaram até a margem para onde puxaram a embarcação em seguida.

— Você tem mesmo certeza de que não vamos encontrar nenhum guarda? — sussurrou Léonard.

— Absoluta. O último telegrama de Dominique foi categórico.

— Ele não vem se encontrar conosco?

— Não, eu lhe escrevi para que ficasse no castelo, junto com o pessoal do barão. Às onze horas, ele se juntará a nós.

— Onde?

— Perto do posto de Raoul. Chega de falar.

Todos eles mergulharam na escadaria do Padre e subiram em completo silêncio.

Embora estivessem em seis, nenhum barulho do primeiro ao último minuto indicava a presença de alguém nem mesmo ao ouvido mais atento.

No alto, a bruma flutuava mais leve e se deslocava com intervalos e falhas que permitiam ver o cintilar de algumas estrelas. Assim, a Cagliostro conseguiu distinguir. Os sinos do relógio da igreja Bénouville tocaram as dez badaladas.

Josine estremeceu.

— Oh, o soar daquele relógio…! Eu o reconheço… Dez badaladas como da outra vez… Dez badaladas! Uma por uma, eu as contava indo em direção à morte.

— Você se vingou bem — falou Léonard.

— De Beaumagnan, sim, mas e dos outros?

— Dos outros também. Os dois primos estão meio loucos.

— É verdade — disse ela. — Mas somente me sentirei totalmente vingada daqui a uma hora. Então, terei descanso.

Eles aguardaram a bruma retornar de modo que nenhuma de suas silhuetas se destacasse sobre a planície nua que precisavam atravessar. Depois, Joséphine Balsamo pegou o caminho pelo qual Godefroy e seus amigos a haviam conduzido, e os outros a seguiram em fila indiana, sem pronunciar uma única palavra. A colheita havia sido cortada. Grossos montes de feno arredondavam o pasto aqui e ali.

Na vizinhança da propriedade, a trilha se alargava, ladeada de espinheiros por entre os quais caminhavam com precauções crescentes.

A silhueta dos muros se ergui, imponente. Mais alguns passos e o posto de vigilância que se encontrava incrustado na muralha apareceu à direita.

Com um gesto, a Cagliostro barrou o caminho.

— Esperem por mim.

— Sigo você? — perguntou Léonard.

— Não. Eu volto para buscar vocês e nós entraremos juntos pelo portal do pomar que fica do outro lado à esquerda.

Assim, ela avançou sozinha, apoiando cada um dos pés tão lentamente que nenhuma pedra poderia rolar sob suas botas, nenhuma planta estalaria

ao contato de sua saia. O posto se aproximava. A Cagliostro chegou nele.

Ela encostou as mãos nas venezianas, a fechadura não resistiu, sabotada por Dominique. Um pouco de claridade escapou.

Josine colou sua testa e olhou para dentro do cômodo. Ali, na pequena alcova, havia apenas uma cama.

Raoul estava deitado nela. Uma luminária bojuda de cristal, com uma cúpula de papelão, cobria com um disco brilhante seu rosto, seus ombros, o livro que ele lia e suas roupas dobradas em uma cadeira vizinha. Ele tinha um ar extremamente jovem, um ar de criança que faz a lição de casa com atenção, lutando contra o sono. Várias vezes, sua cabeça pendeu. Ele despertou, forçou-se a ler e, de novo, adormeceu.

Por fim, fechando o livro, apagou a luminária.

Tendo visto o que ela queria, Joséphine Balsamo deixou seu posto e retornou para junto de seus cúmplices. Ela já lhes tinha dado suas instruções, mas, por prudência, recomeçou e, durante dez minutos, insistiu:

— E o principal, sem violência inútil. Está entendendo, Léonard…? Como ele não tem nada ao seu alcance para se defender, vocês não vão precisar usar suas armas. Vocês são cinco, isso basta.

— E se ele resistir? — falou Léonard.

— Cabe a vocês agirem de tal maneira que ele não possa resistir.

Ela conhecia tão bem aquelas paragens pelos esboços que Dominique lhe havia enviado que caminhou sem hesitação até a entrada principal do pomar. As chaves encontravam-se no lugar combinado. Abriu e se dirigiu até a fachada interior do posto de vigilância.

A porta foi aberta facilmente. Entrou, seguida por seus cúmplices. Um vestíbulo com chão de laje conduzia-os ao centro do quarto de dormir, cuja porta ela empurrou com uma lentidão infinita.

Era o momento decisivo. Se a atenção de Raoul não tivesse sido despertada, se ele ainda dormisse, o plano de Joséphine Balsamo se encontraria realizado. Ela escutou. Nada se mexia.

Então ela ficou de lado para abrir passagem aos cinco homens, e, de uma vez, soltou sua matilha, lançando sobre a cama o jato de luz de uma lanterna.

O ataque foi tão rápido que o adormecido só devia ter despertado quando qualquer resistência seria em vão.

Os homens o haviam enrolado em suas cobertas e dobraram sobre ele os dois lados do colchão, formando uma espécie de longo pacote de tecido que eles amarraram em um instante. Com certeza, a cena não durou um minuto. Não houve um pio. Nenhum móvel foi derrubado.

Mais uma vez, a Cagliostro triunfava.

— Bom — disse ela, com uma emoção que demonstrava a importância que dava para aquele triunfo… — Bom… Nós o pegamos… E, dessa vez, todas as precauções foram tomadas.

— O que devemos fazer agora? — perguntou Léonard.

— Vamos levá-lo até o barco.

— E se ele pedir socorro?

— Uma mordaça. Mas ele ficará calado… Vão.

Léonard aproximou-se dela, enquanto seus acólitos carregavam o cativo.

— Então você não virá conosco?

— Não.

— Por quê?

— Eu já lhe disse, estou esperando Dominique.

Ela acendeu a lamparina outra vez e retirou a cúpula.

— Como você está pálida! — disse-lhe Léonard em voz baixa.

— Talvez — respondeu ela.

— É por causa da menina, não é?

— Sim.

— Dominique está agindo nesse momento?

— Sim.

— Quem sabe haja ainda tempo de impedir…

— Mesmo se ainda houver tempo — disse ela —, minha vontade não vai mudar. O que deve ser será. Aliás, missão cumprida. Vá embora.

— Por que ir embora antes de você?

— O único perigo vem de Raoul. Uma vez que Raoul estiver em segurança no barco, não há nada mais a temer. Vá e me deixe.

Ela lhes abriu a janela, que todos pularam e pela qual passaram o prisioneiro. Depois puxou as venezianas e fechou a janela.

Um instante depois, o sino da igreja tocou. Ela contou as onze badaladas. Na décima primeira, olhou para a outra fachada que dava para o pomar e aguçou o ouvido. Houve um breve assobio, ao qual ela respondeu

batendo o pé na laje do vestíbulo.

Dominique correu até ela. Entraram outra vez no quarto e, na mesma hora, antes mesmo que ela pudesse fazer a temível pergunta, ele murmurou:

— Está feito.

— Ah! — exclamou ela fracamente, tão perturbada que titubeou e imediatamente sentou-se.

Ficaram algum tempo calados. Dominique continuou:

— Ela não sofreu.

— Ela não sofreu? — repetiu ela.

— Não, estava dormindo.

— E você tem certeza de que…?

— Que ela está morta? Puxa vida! Golpeei o coração, três vezes. Em seguida, tive a coragem de ficar… Para ver… Mas nem precisava… Ela não respirava mais… As mãos ficaram bem frias.

— E se alguém descobrir?

— Impossível. Só vão entrar no quarto dela pela manhã. Só então… que vão ver.

Eles não ousavam se olhar. Dominique estendeu a mão.

De seu corselete, ela sacou dez notas e lhe entregou.

— Obrigado — disse ele. — Mas se fosse para fazer de novo, eu me recusaria. O que devo fazer agora?

— Ir embora. Correndo, alcance os outros antes que eles cheguem ao barco.

— Eles estão com Raoul d'Andrésy?

— Sim.

— Tanto melhor. Ele me deu trabalho, aquele lá. Já fazia quinze dias que ele desconfiava. Ah! Só mais uma palavra… E as pedras preciosas?

— Estão com a gente.

— Não tem mais perigo?

— Elas estão no cofre de um banco em Londres.

— Há muitas delas?

— Uma mala cheia.

— Nossa! Mais de cem mil francos para mim, hein?

— Mais. Mas se apresse… A menos que você prefira me esperar…

— Não, não — disse rapidamente. — Estou com pressa para ficar longe… o mais longe possível… Mas a senhora…?

— Vou verificar se não há aqui documentos perigosos para nós e já me junto a vocês.

Ele se foi. Na mesma hora, ela vasculhou as gavetas da mesa e de uma pequena escrivaninha e não achou nada, explorou os bolsos das roupas dobradas na cabeceira da cama.

A carteira, em especial, chamou sua atenção. Continha dinheiro, cartões de visita e uma fotografia.

Era de Clarisse d'Étigues.

Joséphine Balsamo a contemplou longamente, com uma expressão na qual não havia raiva, mas que era severa, de quem não perdoa.

Em seguida, permaneceu imóvel, em uma daquelas atitudes absortas, nas quais seus olhos se fixavam sobre não se sabe qual espetáculo doloroso, enquanto seus lábios conservavam seu doce sorriso.

Havia um espelho à sua frente onde sua imagem se refletia. Ela se olhou nele apoiando seus cotovelos sobre o mármore da chaminé. Seu sorriso se acentuou, como se tomasse consciência de sua beleza e se alegrasse com isso. Ela usava um casaco com capuz marrom, que puxou sobre os ombros, e passou sobre a testa o véu impalpável que nunca saía de seus cabelos e que a deixava como a Virgem de Bernardino Luini.

Ela se olhou assim, durante alguns minutos. Depois entrou outra vez em seu devaneio. E soou o toque das onze e quinze. Não se mexia mais. Parecia até que estava dormindo, que estava dormindo com os olhos arregalados e imóveis.

Com o tempo, porém, seus olhos adquiriram uma expressão menos vaga, que focava pouco a pouco. Acontece o mesmo em certos sonhos, quando todas as ideias, tumultuadas e incoerentes, transformam-se em uma ideia cada vez mais precisa, em uma imagem cada vez mais exata. O que era aquela imagem desconcertante que parecia ter percebido e à qual tentava em vão se acostumar? Vinha da alcova onde a cama estava escondida e as cortinas de tecido se alinhavam em volta. Ora, atrás daquelas cortinas, devia ter um espaço livre, um corredor de passagem, pois se poderia realmente dizer que uma mão os agitava.

E aquela mão adquiria contornos cada vez mais reais. Um braço a seguiu e acima daquele braço, logo surgiu uma cabeça.

Joséphine Balsamo, acostumada com sessões espíritas onde a sombra desenha fantasmas, deu um nome àquele que sua imaginação aterrorizada fazia sair das trevas. Aquele estava vestido de branco e ela não sabia se a contração de sua boca era um sorriso afetuoso ou um esgar de cólera.

Ela balbuciou:

— Raoul… Raoul… O que você quer de mim?

O fantasma puxou uma das cortinas e contornou a cama.

Josine baixou as pálpebras gemendo, depois as abriu logo em seguida. A alucinação continuava e o ser se aproximava com movimentos que bagunçavam as coisas e perturbavam o silêncio. Ela quis fugir. Mas na mesma hora sentiu em seu ombro o aperto de uma mão que certamente não era aquela de um fantasma. E uma voz alegre exclamou:

— Pois veja, minha querida Joséphine, se tenho um conselho a lhe dar é pedir ao príncipe Lavorneff que lhe ofereça um pequeno cruzeiro para descansar. Você está precisando disso, minha querida Joséphine. Como assim? Você achou mesmo que eu, Raoul d'Andrésy, era um fantasma? Embora eu esteja usando camisa de dormir e um calção, não sou um desconhecido para você.

Enquanto ele enfiava seu termo e dava o laço em sua gravata, ela repetiu:

— Você! Você…!

— Meu Deus, sim, sou eu!

E se sentando ao lado dela, rapidamente lhe disse:

— O principal, querida amiga, é que não dê uma bronca no príncipe Lavorneff e não pense que ele me deixou escapar mais uma vez. Pois o que eles levaram, seus amigos e ele, foi simplesmente um colchão e um boneco recheado de farinha, tudo isso enrolado em cobertas. Quanto a mim, não saí dessa ruela na qual me refugiei assim que você abandonou seu posto atrás das venezianas.

Joséphine Balsamo permaneceu inerte e tão incapaz de fazer um gesto como se lhe tivessem dado uns tapas.

— Minha nossa! — exclamou ele. — Você não está com uma cara boa. Quer um golinho de licor para se recuperar? Aliás, confesso, Joséphine, que compreendo seu colapso e não queria estar em seu lugar. Todos os seus amiguinhos foram embora… Nenhum socorro possível virá em menos de uma hora… E diante de você, em um quarto fechado, aquele que chamam

de Raoul. Há mesmo motivo para ver que a coisa está feia! Azarada Joséphine… Que reviravolta!

Ele se abaixou e pegou do chão a fotografia de Clarisse.

— Como minha noiva é linda, não é mesmo? Eu notei com prazer que você a admirava agora há pouco. Você sabe que vamos nos casar em alguns dias?

Cagliostro murmurou:

— Ela está morta.

— De fato — disse ele. — Ouvi falar disso. O rapazinho a atacou em sua cama agora há pouco, não é?

— Sim.

— Uma punhalada?

— Três punhaladas, bem no coração — disse ela.

— Oh, uma só bastaria — observou Raoul.

Cagliostro repetiu lentamente, como se falasse consigo mesma.

— Ela está morta, ela está morta.

Raoul riu com escárnio.

— O que você quer? Isso acontece todos os dias. E não é por tão pouco que vou mudar meus planos. Viva ou morta, caso-me com ela. Damos um jeito, nos viramos… *Você* se virou bem.

— O que você quer dizer? — perguntou Joséphine Balsamo, que começava a se preocupar com aquela brincadeira.

— Sim, não é? O barão a afogou uma primeira vez. Uma segunda vez você explodiu com seu barco, *O Vagalume*. E ora veja! Isso não a impede de estar aqui. Do mesmo modo, não é porque Clarisse recebeu três punhaladas no coração que não vou me casar com ela. Em primeiro lugar, você tem mesmo certeza do que está dizendo?

— Foi um dos meus homens que a apunhalou.

— Ou ao menos que lhe disse ter apunhalado.

Ela o observou.

— Por que ele teria mentido?

— Ora, para pegar os dez bilhetes de mil que você lhe entregou.

— Dominique é incapaz de me trair. Por cem mil francos, ele não me trairia. Além disso, ele bem sabe que vou encontrá-lo. Está me esperando com os outros.

— Você tem mesmo certeza de que ele está esperando, Josine?

Ela estremeceu. Teve a impressão de se debater em um círculo cada vez mais apertado.

Raoul balançou a cabeça.

— É curioso como nós fizemos, você e eu, idiotices um em relação ao outro. Mas então você, minha boa Joséphine, precisaria ser bem ingênua para acreditar que eu poderia acreditar um minuto que fosse na explosão d'*O Vagalume*, no naufrágio Pellegrini-Cagliostro e nas asneiras contadas pelo príncipe Lavorneff! Como você não percebeu que um garoto que não é um imbecil, que você formou em sua escola, e que escola, Nossa Senhora!, leria tudo em sua jogada como o faria em uma Bíblia aberta.

"Esse naufrágio era conveniente demais, na verdade! Vocês estão sobrecarregados de crimes, com as mãos vermelhas de sangue e a polícia correndo em seu encalço. Então fazem afundar um barco velho e todo o passado de crimes, o tesouro roubado, as riquezas, tudo naufraga junto. Passam por mortos. Mudam de visual. E recomeçam um pouco mais longe com outro nome a matar, a torturar e a encharcar as mãos de sangue. Isso para os outros, minha cara! Já eu, quando li sobre o naufrágio, me disse: *Vamos abrir os olhos e direito!* E vim até aqui!

Após um silêncio, Raoul continuou:

— Veja, Joséphine, sua visita era inevitável! E fatalmente você devia prepará-la com a ajuda de algum cúmplice. Fatalmente, o iate do príncipe Lavorneff devia vagar uma noite por aqui! Fatalmente, você devia escalar a escada tortuosa por onde a haviam levado em uma maca. Então, ora! Eu tomei minhas precauções, e meu primeiro cuidado foi olhar ao redor de mim se não havia algum rosto conhecido. Um camarada seria uma mão na roda.

"E logo na primeira olhada, reconheci o Sr. Dominique, pois, embora você não saiba, eu o tinha visto no assento da sua carruagem à porta de Brigitte Rousselin. Dominique é um criado leal, mas que o medo dos guardas e uma saraivada de cacetadas administradas por mim amaciaram ao ponto de que toda sua lealdade dali para frente ficou a meu serviço, e ele a provou ao enviar para você falsos relatórios e falsas chaves e abrindo debaixo de seus pés, mancomunado comigo, a armadilha na qual você tropeçou. A vantagem para ele: as dez notas que saíram do seu bolso e que você nunca mais verá, porque seu fiel servidor voltou ao castelo, sob minha proteção.

"Aí está o ponto em que estamos, minha boa Joséphine. Claro, eu poderia poupá-la dessa pequena comédia e acolhê-la aqui, diretamente, pelo simples prazer de apertar sua mão. Mas quis ver como você dirigiria a operação e, enquanto ficava nos bastidores, quis ver também como você receberia a notícia do suposto assassinato de Clarisse d'Étigues."

Josine recuou. Raoul não estava mais brincando. Inclinado sobre ela, ele lhe disse com uma voz contida:

— Um pouco de emoção… Bem pouco… Eis tudo o que você sentiu. Você acreditou que aquela criança estava morta, morta por ordem sua, e isso não a afetou! A morte dos outros não conta para você. Temos vinte anos, toda a vida pela frente… Juventude, beleza… Você suprime tudo isso, como se estivesse esmagando uma noz! Nenhum dilema de consciência. Claro, você não ri… Mas também não chora por isso. Na realidade, você só não pensa no assunto. Eu me lembro que Beaumagnan a chamava de criatura infernal, designação que me revoltava. No entanto, era justa. Há algo do inferno em você. Você é uma espécie de monstro no qual não consigo mais pensar sem me apavorar. Mas você mesmo, Joséphine Balsamo, não se apavorou por uns momentos?

Ela mantinha a cabeça abaixada, os punhos colados nas têmporas, tal como o fazia com frequência. As palavras impiedosas de Raoul não provocavam aquele sobressalto de raiva e de indignação que ele esperava. Raoul sentiu que ela estava em um daqueles momentos da existência em que se percebe o fundo da própria alma, nos quais a gente não pode ignorar a temível imagem de si mesmo e as palavras de confissão escapam contra sua vontade.

Raoul não ficou muito surpreso com isso. Sem serem frequentes, aqueles momentos não deviam ser muito raros naquele ser desequilibrado, cuja natureza, superficialmente impassível, colapsava em tais crises nervosas. Os acontecimentos apresentavam-se a ela de uma maneira tão contrária às suas previsões, a aparição de Raoul era tão desconcertante, que ela não podia se erguer diante de seu inimigo que a ultrajava tão cruelmente.

Ele se aproveitou disso, colado contra ela, e sua voz insinuou:

— *Você* mesma se assustou por uns momentos também, não é mesmo, Josine? Você chega a ter horror de si mesma, não é?

O sofrimento de Josine era tão profundo que ela murmurou:

— Sim… Sim… Algumas vezes… Mas não é preciso me falar disso… Eu não quero saber… Cale-se… Cale-se…

— Mas ao contrário — disse Raoul. — Você precisa saber… Se você tem horror de tais atos, por que os comete?

— Eu não consigo fazer de outra forma — disse ela, com uma extrema exaustão.

— Então você tenta?

— Sim, eu tento, eu luto, mas sempre fracasso. Ensinaram-me o mal… Eu faço o mal como os outros fazem o bem… Faço o mal como a gente respira… Quiseram assim…

— Quem?

Ele escutou confusamente aquelas duas palavras: "Minha mãe" e retomou em seguida:

— Sua mãe? A espiã? Aquela que combinou toda aquela história de Cagliostro…?

— Sim… Mas não a julgue… Ela me amava… Só que ela não teve sucesso na vida… Ela se tornou pobre, miserável e queria que eu tivesse sucesso… E que fosse rica…

— Mas você era bela, ainda assim. A beleza, para uma mulher, é a maior das riquezas. A beleza basta.

— Minha mãe também era bela, Raoul, e, no entanto, sua beleza não lhe serviu para nada.

— Você se parece com ela?

— A ponto de ser possível confundir. E foi isso que causou minha ruína. Ela quis que eu continuasse o que havia sido sua grande ideia… A herança de Cagliostro…

— Ela tinha os documentos?

— Um pedaço de papel… O papel dos quatro enigmas que uma de suas amigas tinha encontrado em um livro velho… E que parecia realmente ter sido escrito por Cagliostro… Isso a deixou obcecada… Assim como seu sucesso junto à imperatriz Eugénie. Então, tive de continuar. Ainda criança, ela me enfiou isso na cabeça. Meu cérebro formou-se somente com essa ideia. Esse devia ser meu ganha-pão… Meu destino… Eu era a filha de Cagliostro… Eu retomaria a vida dela e a vida dele… Uma vida brilhante como aquela que haviam tido nos romances… A vida de uma aventureira adorada por todos e que domina o mundo. Sem escrúpulos… Sem

consciência… Devia vingá-la por tudo aquilo que ela mesma havia sofrido. Quando estava morrendo, esta foi a frase que me disse: “Vingue-me.”

Raoul refletia. Ele declarou:

— Que seja. Mas e os crimes…? Essa necessidade de matar…?

Raoul não conseguiu entender a resposta dela, e tampouco o que respondeu quando ele lhe disse:

— Sua mãe não foi a única a criar você e levá-la para o mal, Josine. Quem foi seu pai?

Ele pensou ter escutado o nome de Léonard. Mas ela queria dizer que Léonard era seu pai, que Léonard era o homem que havia sido expulso da França ao mesmo tempo que a espiã? (E isso parecia bastante plausível). Ou então que Léonard a havia levado para o crime?

Raoul não soube mais nada e não conseguiu penetrar naquelas regiões obscuras onde se elaboram os maus instintos e onde fermentam todos os desequilíbrios, tudo o que está descarrilhado e estragado, todos os vícios, todas as vaidades, todos os apetites sanguinários, todas as paixões inexoráveis e cruéis que escapam ao nosso controle.

Ele não a interrogou mais.

Josine chorava em silêncio e ele sentia as lágrimas e os beijos em suas mãos, que ela segurava apaixonadamente e que ele tivera a fraqueza de permiti-lo. Uma piedade manhosa infiltrou-se nele. A maligna criatura tornava-se uma criatura humana, uma mulher entregue ao instinto doente, que enfrentava a lei de forças irresistíveis e que ele talvez precisasse julgar com um pouco de indulgência.

— Não me mande embora — dizia ela. — Você é o único ser no mundo que poderia ter me salvado do mal. Eu o senti na mesma hora. Há em você alguma coisa sã, saudável.. Ah, o amor… o amor… Somente ele me apaziguou… E eu nunca amei ninguém além de você… Então, se você me rejeitar…

Os lábios doces invadiam Raoul com uma languidez infinita. Toda a volúpia e todo o desejo embelezavam aquela compaixão perigosa que amolece a vontade dos homens.

E, talvez, se a Cagliostro fosse se contentar com aquela humilde carícia, ele mesmo teria sucumbido à tentação de se inclinar e sentir o gosto mais uma última vez daquela boca que se oferecia a ele. Mas ela levantou a cabeça outra vez, deslizou seus braços ao longo dos ombros, envolvendo o

pescoço dele, observando-o e aquele olhar bastou para que Raoul não visse mais nela a mulher que implora, mas aquela que quer seduzir e que se vale da ternura de seus olhos e da graça de seus lábios.

O olhar liga os amantes. Mas Raoul sabia muito bem o que havia atrás daquela expressão charmosa, ingênua e dolorosa! A pureza do espelho não redimiu toda a feiura e toda a ignomínia que ele via com tanta clareza.

Ele se recompôs pouco a pouco, libertou-se da tentação e, repelindo a sereia que o abraçava, disse-lhe:

— Você se lembra… Aquele dia… Na lancha… Nós tivemos medo um do outro como se estivéssemos querendo nos estrangular. É a mesma coisa hoje. Se eu cair outra vez em seus braços, estou perdido. Amanhã, depois de amanhã, seria a morte…

Ela se ergueu na mesma hora, hostil e maligna. O orgulho a invadia de novo e a tempestade elevou-se bruscamente entre eles, fazendo-os passar sem transição daquela espécie de torpor onde a lembrança do amor os mantinha para uma ácida necessidade de ódio e provocação.

— Pois sim — continuou Raoul —, no fundo, desde o primeiro dia, nós fomos inimigos ferozes. Tanto um quanto o outro, nós só pensávamos na derrota do outro. Você, sobretudo! Eu era o rival, o intruso… Em sua cabeça, minha imagem se misturava a pensamentos assassinos. Voluntariamente ou não, você tinha me condenado.

Ela balançou a cabeça e com um tom agressivo disse:

— Até aqui, não.

— Mas agora, sim, não é? Só que um fato novo apresenta-se — exclamou ele. — É que agora eu estou rindo da sua cara, Joséphine. O aluno tornou-se mestre, e é isso que eu quis provar para você ao deixá-la vir até aqui e ao aceitar a batalha. Ofereci-me, sozinho, aos seus golpes e aos golpes de sua gangue. E eis que estamos um diante do outro e você não pode fazer nada contra mim. Você se perdeu toda no caminho, hein?

— Clarisse está viva. Eu, livre. Vamos, minha linda, desapareça da minha vida, você está completamente vencida e eu a desprezo.

Ele lhe atirou bem na cara palavras injuriosas que a atingiam como chibatadas. Josine estava pálida. Seu rosto se decompunha e, pela primeira vez, sua inalterável beleza acusava alguns sinais de decadência e de envelhecimento.

Ela rosnou.

— Eu me vingarei.

— Impossível, eu cortei suas garras — zombou Raoul. — Você tem medo de mim. É isso que é maravilhoso e que é minha obra de hoje: você está com medo de mim.

— Minha vida inteira será dedicada a isso — murmurou ela.

— Não há nada a fazer. Conheço todos os seus truques. Você fracassou. Acabou.

Ela balançou a cabeça.

— Tenho outros meios.

— Quais?

— Essa fortuna incalculável… as riquezas que conquistei.

— Graças a quem? — perguntou Raoul alegremente. — Se houve uma sacada de mestre nessa estranha aventura, não fui eu quem o teve?

— Talvez. Mas fui eu quem soube agir e pegar o prêmio. E tudo está aí. Com as palavras, você nunca fica de fora. Mas era preciso uma ação, naquela ocasião, e essa ação fui eu quem realizou. Porque Clarisse está viva, porque você está livre, você grita pela vitória. Mas a vida de Clarisse e a sua liberdade, Raoul, são coisas pequenas perto da grande coisa que estava em jogo em nosso duelo, isto é, as milhares e milhares de pedras preciosas. A verdadeira batalha estava aí, Raoul, e eu a ganhei, já que o tesouro me pertence.

— Nunca se sabe! — disse ele em um tom irônico.

— Pois sim, ele me pertence. Eu mesma enfiei as inumeráveis pedras em uma mala que foi amarrada e selada na minha frente, que eu levei até ao Havre, que coloquei no fundo do deque n'*O Vagalume* e a retirei antes que fizéssemos o barco explodir. Ela está em Londres agora, em um cofre de um banco, amarrada e selada como no primeiro momento…

— Sim, sim — aprovou Raoul, com um arzinho de entendido. — A corda está bem nova, ainda esticada e limpa… Os selos são em um total de cinco, em cera violeta, com as iniciais J. B., Joséphine Balsamo. Quanto à mala, é feita de vime trançado, munida de correias e puxadores de couro… Uma coisa simples, que não chama a atenção…

A Cagliostro levantou para ele olhos confusos:

— Então você sabe…? Como você sabe…?

— Nós ficamos juntos, ela e eu, durante algumas horas — disse, rindo.

Ela declarou:

— Mentiras! Você está blefando… A valise não saiu um segundo de perto de mim desde o campo de Mesnil-sous-Jumièges até o cofre-forte.

— Sim, já que você a desceu para o deque d'*O Vagalume*.

— Eu estava sentada sobre a portinha de ferro que cobria aquele deque, e um homem a meu serviço estava vigiando bem em cima da escotilha pela qual você poderia ter entrado, e isso durante todo o tempo que estivemos no porto do Havre.

— Eu sei disso.

— Como você poderia saber?

— Eu estava no deque.

Que frase assustadora! Ele a repetiu, depois, ante o estupor de Joséphine Balsamo. Divertindo a si mesmo com sua narrativa, contou:

— Meu raciocínio em Mesnil-sous-Jumièges diante do marco destruído foi o seguinte: "Se eu buscar pela querida Joséphine, eu não a encontrarei. O que preciso fazer é adivinhar o endereço onde ela estará no fim desse dia, chegar nele antes dela, estar lá quando ela o alcançar e aproveitar a primeira ocasião para passar a mão nas pedras preciosas." Ora, procurada pela polícia, perseguida por mim, ávida por colocar o tesouro a salvo, inevitavelmente você precisava fugir, isto é, ir para o estrangeiro. Como? Graças a seu barco, *O Vagalume*.

"Ao meio-dia, eu estava no Havre. A uma hora, os três homens da sua tripulação foram tomar um café no bar, cruzei o convés e mergulhei no fundo do deque, atrás de um amontoado de caixas, barris e sacos de provisões. Às seis horas, você chegava e descia sua mala por meio de uma corda, deixando-a assim sob minha proteção…"

— Você está mentindo… Você está mentindo… — balbuciou a Cagliostro, com uma voz de raiva.

Ele continuou:

— Às dez horas, Léonard se juntou a você. Ele leu os jornais da noite e ficou sabendo do suicídio de Beaumagnan. Às onze horas, levantaram a âncora. À meia-noite, em pleno mar, foram abordados por um outro barco. Léonard, que se tornou o príncipe Lavorneff, coordena a mudança. Todos os marinheiros, todos os pacotes de algum valor, tudo isso passou de um convés a outro e, em particular, é claro, a mala que você fez subir do fundo do deque. E depois, mandaram *O Vagalume* pro diabo!

“Confesso que houve aí alguns malditos minutos para mim. Eu estava sozinho. Sem mais tripulação. Sem ninguém dirigindo. *O Vagalume* parecia estar sendo guiado por um bêbado, que se agarra a seu timão. Parecia até um brinquedo para criança, no qual a gente sobe e então gira e gira… E, depois, adivinhei seu plano, a bomba colocada em algum lugar, o mecanismo ativando-se, a explosão…

“Eu estava coberto de suor. Jogar-me na água? Estava decidido a fazer isso, quando, no momento de tirar meus sapatos, eu me dei conta, com uma alegria que me fez cambalear, que havia amarrado por uma corda ao lado d’*O Vagalume* uma canoa quicando sobre a espuma. Foi a salvação. Dez minutos mais tarde, sentado tranquilamente, via uma chama jorrar na escuridão, a algumas centenas de metros e escutava uma detonação girando na superfície da água como os ecos de um trovão. *O Vagalume* explodia…

“Na noite seguinte, depois de ter sido um pouco chacoalhado, fui empurrado em direção à costa, não longe do cabo de Antifer. Eu me joguei na água, cheguei à terra firme… E no mesmo dia me apresentei aqui… Para me preparar para sua boa visita, minha querida Joséphine.”

A Cagliostro havia escutado, sem interromper e com uma expressão bastante tranquilizada. Tantas palavras inúteis, ela parecia estar dizendo. O essencial era a mala. Se Raoul tinha se escondido no barco e em seguida evitou o naufrágio, isso não tinha a menor importância.

Ainda assim, hesitava em fazer a pergunta definitiva, sabendo bem, da mesma forma, que Raoul não era o tipo de homem que corria tanto risco para não obter outro resultado além de salvar a si mesmo. Ela ficou bem pálida.

— Mas então, você não vai me perguntar nada?

— O que tenho para lhe perguntar? Você mesmo já disse. Eu peguei a mala de volta. Depois disso, eu a coloquei em um lugar seguro.

— E você não a verificou?

— Ora, claro que não. Para que serviria abri-la? As cordas e os selos estão intactos.

— Você não reparou os vestígios de um buraco, na lateral, uma fissura feita entre as malhas de vime?

— Uma fissura?

— Minha nossa! Você acha que eu teria ficado duas horas diante do objeto sem agir? Ainda assim, veja, Joséphine, eu não sou tão tolo.

— Então? — disse ela, com uma voz fraca.

— Então, minha pobre amiga, pouco a pouco, pacientemente, extraí todo o conteúdo da mala, de modo que…

— De modo que…?

— De modo que, quando você a abrir, não encontrará quase nada nela além de um peso equivalente de mercadorias não muito preciosas… O que eu tinha à mão… O que eu pude pegar nos sacos de provisões… Algumas libras de feições e lentilhas… Enfim, mercadorias pelas quais, talvez, não valha a pena você pagar o aluguel de um cofre-forte em um banco de Londres.

Ela tentou protestar e murmurou:

— Não é verdade… É impossível que você tenha conseguido…

De cima de um armário, ele baixou um pequeno pote do qual despejou na palma da mão duas ou três dúzias de diamantes, rubis e safiras e, descuidadamente, os fez dançar, brilhar e tilintar.

— E há mais outros destes — disse ele. — Claro, a explosão iminente me impediu de pegar tudo e as riquezas dos monges se espalharam dentro das águas. Mas, de todo modo, está bom para um rapaz, já dá para se divertir e sossegar, não é? O que você acha disso, Josine? Não vai responder? Mas que droga! O que houve agora? Hein? Espero que você não vá desmaiar. Ah, essas benditas mulheres! Não conseguem perder um bilhão sem perder a consciência. Que franguinhas!

Joséphine Balsamo não perdeu a consciência, como previa Raoul. Ela se levantou, lívida e com o braço estendido. Queria insultar o inimigo. Queria bater nele. Mas estava sufocando. Suas mãos balançavam no ar, como as mãos de um náufrago que se agita na superfície, e ela se chocou contra a cama com gemidos roucos.

Raoul, sem se comover, esperou o fim da crise. Mas ele ainda tinha algumas palavras a dizer e zombou:

— Mas então, eu não a destruí? Os planos da madame já foram água abaixo? Foi nocauteada? Perdeu todo seu rumo, não foi? É isso que eu queria fazer você sentir, Joséphine. Você vai sair daqui convencida de que não pode fazer nada contra mim e que o melhor seria renunciar a todas as suas maquinaçõezinhas. Apesar de você, eu serei feliz, e Clarisse também, e teremos muitos filhos. Tantas verdades com as quais você só pode concordar.

Ele começou a caminhar e continuava a falar, cada vez mais alegre:

— Mas também, o que você queria? Você teve azar no caso. Entrou em guerra contra uma pessoa que é mil vezes mais forte e mais esperta do que você, minha pobre menina. Eu mesmo estou perplexo com minha força e malícia. Deus do céu! Que fenômeno de habilidade, de astúcia, de intuição, de energia, de clarividência! Um verdadeiro gênio! Nada me escapa. Eu leio como um livro aberto o cérebro dos meus inimigos. Conheço até seus menores pensamentos. Então agora você está me dando as costas, não está? Você está deitada na cama e eu não consigo ver seu lindo rosto? Pois bem! Estou me dando conta perfeitamente de que você está deslizando nesse momento sua mão para seu corselete para tirar dele um revólver e que você vai…

A frase não foi acabada. Bruscamente Cagliostro deu meia-volta, com um revólver na mão.

O tiro foi disparado. Mas Raoul, que estava se preparando para isso, teve tempo de pegar o braço, torcê-lo e dobrá-lo na própria direção de Joséphine Balsamo. Ela caiu, atingida no peito.

A cena tinha sido tão brutal e o desfecho tão imprevisto que ele permaneceu estático diante daquele corpo de repente inerte, e que ali jazia, com a face bem branca.

Ainda assim, nenhuma inquietação o atormentava. Raoul não pensava que ela estivesse morta e, de fato, inclinando-se sobre ela, constatou que o coração batia regularmente. Com uma tesoura, cortou o corselete. A bala, havia escorregado de forma enviesada, sulcando a carne um pouco acima do sinal preto que marcava o seio direito.

— A ferida não é grave — disse ele, pensando que a morte de uma criatura como aquela teria sido justa e desejável.

Mantinha a tesoura à mão, a ponta para a frente e se perguntava se seu dever não era estragar aquela beleza perfeita demais, talhá-la bem na carne e assim colocar a sereia na impossibilidade de fazer o mal. Um corte profundo em cruz através do rosto, cuja cicatriz indelével levantaria a pele inchada, que castigo justo seria e uma precaução útil! Quantos infortúnios seriam evitados e crimes, prevenidos!

Ele não teve coragem de fazer isso e nem quis dar-se esse direito. Além do que a havia amado demais…

Ficou observando-a longamente, sem fazer um movimento e com uma tristeza infinita. A luta o havia esgotado. Ele se sentia cheio de amargura e desgosto. Joséphine Balsamo fora seu primeiro grande amor e aquele sentimento, para o qual o coração ingênuo traz tanto frescor e do qual guarda uma lembrança tão doce, não deixaria para *ele* nada além de rancor e ódio. Em toda sua vida, teria nos lábios uma ruga de desencanto e na alma uma impressão de mácula.

Ela respirou mais forte e abriu suas pálpebras.

Então ele sentiu a necessidade irresistível de não vê-la mais e de sequer pensar mais nela.

Abrindo a janela, ele escutou. Passos, pareceu-lhe, chegavam da direção da falésia. Léonard devia ter constatado, ao chegar às margens, que a expedição se reduzira à captura de um boneco e, sem dúvida, preocupado com Joséphine Balsamo, vinha em seu socorro.

— Que ele a encontre aqui, o que importa! — disse a si mesmo. — Que morra ou que viva! Que seja feliz ou infeliz! Pouco me importa! Não quero mais saber nada dela. Basta! Basta desse inferno!

E, sem dizer mais nada, sem um olhar à mulher que lhe estendia os braços e suplicava, partiu…

No dia seguinte pela manhã, Raoul se fazia anunciar para Clarisse d'Étigues.

Para não tocar cedo demais nas feridas que imaginava estarem tão sensíveis, não revira a jovem. Mas Clarisse sabia que ele estava ali, e, de repente, Raoul compreendeu que o tempo já fizera seu trabalho. As maçãs do rosto estavam mais rosadas. Os olhos brilhavam de esperança.

— Clarisse, desde o primeiro dia a senhorita prometeu que me perdoaria por tudo… — disse-lhe ele.

— Eu não tenho nada para perdoar, Raoul — afirmou a jovem, que pensava em seu pai.

— Sim, Clarisse, eu lhe fiz muito mal. Fiz muito mal a mim mesmo também e não é somente o seu amor que estou pedindo, peço os seus cuidados e a sua proteção. Preciso da senhorita para esquecer as atrozes lembranças, Clarisse, para retomar a confiança na vida e para combater de vez as vilanias que estão em mim e que me arrastam… para onde não queria ir. Se a senhorita me ajudar, estou certo de que serei um homem

honesto, prometo isso com sinceridade, eu lhe juro que a senhorita será feliz. Quer ser minha esposa, Clarisse?

Ela lhe estendeu a mão.

Epílogo

Como Raoul bem o supunha, todo o vasto sistema de intrigas armado para capturar o tesouro fabuloso permaneceu nas sombras. O suicídio de Beaumagnan, as aventuras de Pellegrini, a personalidade misteriosa da condessa de Cagliostro, sua fuga, o naufrágio d'*O Vagalume*, tantos acontecimentos que a justiça não conseguiu ou não quis ligar uns aos outros. As memórias do cardeal-arcebispo foram destruídas ou desapareceram. Os associados de Beaumagnan afastaram-se e não se falam mais. Não souberam de nada.

Por motivo de força maior, o papel de Raoul em todo aquele caso não podia ser descoberto e seu casamento passou despercebido. Com qual subterfúgio conseguiu ele se casar sob o nome de visconde D'Andrésy? Sem dúvida, deve-se atribuir essa proeza aos recursos formidáveis que os dois punhados de pedras preciosas surrupiados do tesouro lhe concederam. Com isso, compra-se bastante cumplicidade.

E também foi assim, evidentemente, que o nome de Lupin, um dia, encontrou-se escondido. Em nenhuma certidão oficial, em nenhum documento autêntico, havia mais nenhuma menção a Arsène Lupin nem a seu pai, Théophraste Lupin. Legalmente, não havia mais ninguém além do visconde Raoul d'Andrésy, que partiu em viagem pela Europa com a viscondessa, nascida Clarisse d'Étigues.

Dois acontecimentos marcaram aquela época. Clarisse trouxe ao mundo uma filha que não sobreviveu. E, algumas semanas mais tarde, ela soube da morte de seu pai.

Godefroy d'Étigues, de fato, e seu primo Bennetot pereceram durante um passeio de barco. Acidente? Suicídio? Os dois primos, nos últimos tempos de suas vidas, passavam por loucos e admite-se, geralmente, que se

mataram. Houve também a versão de que fora um crime e falam de um iate de passeio que teria afundado o barco e fugido em seguida. Mas não há nenhuma prova.

Em todo caso, Clarisse não quis tocar na fortuna de seu pai. Ela a doou para instituições de caridade.

Mais alguns anos se passaram, anos encantadores e despreocupados.

Raoul mantinha uma das promessas que havia feito a Clarisse: ela foi profundamente feliz.

A outra promessa ele não manteve: não foi honesto.

Isso, ele não conseguia. Raoul tinha no sangue a necessidade de roubar, de tramar, de mistificar, de enganar, de se divertir às custas dos outros. Ele era, por instinto, contrabandista, corsário, saqueador, pirata, conspirador e, sobretudo, chefe de quadrilha. Além disso, na escola de Cagliostro, ele se deu conta, com certo orgulho, das qualidades realmente excepcionais que o tornaram sem igual. Acreditava em sua própria genialidade. Reivindicou para si mesmo o direito a um destino fantástico, em oposição ao destino de todos os homens que viviam na mesma época que ele. Estaria acima de todos. Seria o mestre.

Logo, sem o conhecimento de Clarisse e, sem que a jovem nunca tivesse a menor suspeita, organizou empreitadas e teve sucesso em casos nos quais, cada vez mais, afirmava-se sua autoridade e se desenvolviam seus dons realmente sobre-humanos[21].

Mas, antes de tudo, dizia-se ele, o descanso e a felicidade de Clarisse! Respeitava sua esposa. Não admitia que ela fosse — e que soubesse ser — a esposa de um ladrão.

A felicidade deles durou cinco anos. Ao fim do sexto ano, Clarisse morreu em consequência de um parto. Ela deixava um filho chamado Jean.

Ora, no dia seguinte, esse filho desapareceu, sem que o menor indício permitisse a Raoul descobrir quem poderia ter invadido a casinha no bairro de Auteuil, onde morava, nem como tinham conseguido invadi-la.

Quanto a saber de onde o golpe provinha, não havia nenhuma hesitação. Raoul, que não tinha dúvidas de que o naufrágio dos dois primos fora provocado pela Cagliostro, Raoul que, além disso, desde então, ficara sabendo que Dominique morrera envenenado, Raoul considerou como certo que a Cagliostro havia organizado o sequestro.

Seu sofrimento o transformou. Não tendo mais nem esposa nem filho para retê-lo, atirou-se resolutamente no caminho para o qual tantas forças o arrastavam. Do dia para a noite, tornou-se Arsène Lupin. Sem mais reservas. Sem mais prudências. Ao contrário. Escândalo, provocações, arrogância, uma exibição de vaidade e de zombaria, seu nome nos muros, sua carta de visita nos cofres-fortes. Arsène Lupin, ora!

Mas, quer tenha sido com aquele nome, ou com os diversos nomes que se divertia em usar, já que se fez chamar conde Bernard d'Andrésy (havia surrupiado os documentos de um primo de sua família, morto no exterior) ou Horace Velmont, ou coronel Sparmiento, ou duque de Charmerace, ou príncipe Sernine, ou dom Luis Perenna, sempre e em toda parte, no meio de todos os seus avatares e sob todas as máscaras, ele procurava por Cagliostro e procurava seu filho Jean.

Ele não reencontrou seu filho. Ele nunca reviu Joséphine Balsamo.

Ainda estava viva? Ousaria se arriscar na França? Continuava a perseguir e a matar? Devia admitir, no que lhe dizia respeito, que a ameaça eternamente dirigida contra ele, desde o exato minuto da ruptura, culminaria em alguma vingança mais cruel do que o sequestro de seu filho?

Toda a vida de Arsène Lupin, loucas empreitadas, situações sobre-humanas, triunfos inauditos, paixões desmesuradas, ambições extravagantes, tudo isso devia se desenrolar antes que os acontecimentos lhe permitissem responder àquelas temíveis questões.

E foi assim que sua primeira aventura se resolveu, mais de um quarto de século depois, com aquela que lhe agrada considerar hoje como sua última aventura[22].

---

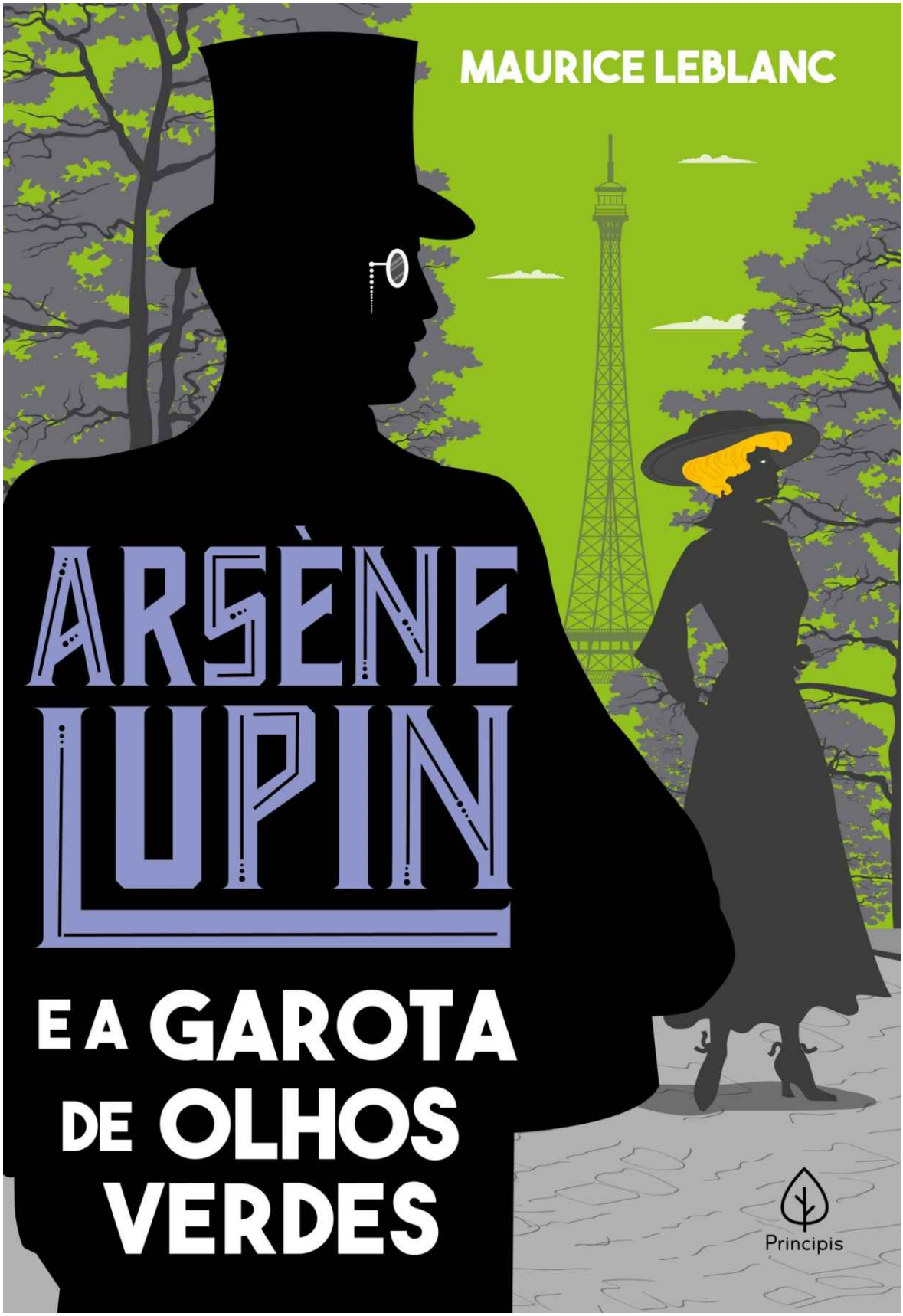
[21] Data dessa época a conquista do tesouro da casa de França, segundo segredo de Cagliostro, e a descoberta daquele esconderijo impenetrável, de onde, quinze anos mais tarde, apenas foi possível retirá-lo com a ajuda de uma frota de navios de guerra de tamanho médio (Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca*). (N.A.)

[22] Em preparação: *Arsène Lupin e a vingança de Cagliostro.* (N.A.)

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A GAROTA DE OLHOS VERDES



Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A GAROTA DE OLHOS VERDES
Tradução
Francisco José
Mendonça Couto
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La demoiselle aux yeux vert
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Francisco José Mendonça Couto
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alaver/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a garota de olhos verdes [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Francisco José Mendonça Couto. - Jandira : Principis, 2021.

224 p. ; ePUB ; 1,5 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: La demoiselle aux yeux vert
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-502-1 (Ebook)

1. Literatura francesa. I. Couto, Francisco José Mendonça. II. Título. III. Série.

2021-1590 CDD 840
CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

... e a inglesa de olhos azuis

Raoul de Limézy flanava alegremente pelos bulevares, como um homem feliz que aproveitava bem a vida apenas observando os espetáculos encantadores e a alegria brejeira que Paris oferece em certos dias luminosos de abril. De porte mediano, tinha uma silhueta ao mesmo tempo esbelta e forte. Na altura dos bíceps, as mangas de seu casaco se inflavam, e o torso se impunha acima de uma cintura fina e flexível. O corte e os tons de suas roupas indicavam um homem que dá importância à escolha dos tecidos.

Contudo, como passava diante do Theâtre du Gymnase, teve a impressão de que um senhor, que andava a seu lado, seguia uma senhora, impressão essa que logo pôde comprovar ser exata.

Nada parecia mais cômico e mais divertido a Raoul do que um senhor seguindo uma senhora. Ele seguiu, portanto, aquele senhor que seguia a senhora, e os três, uns atrás dos outros, a distâncias convenientes, vagueavam ao longo dos movimentados bulevares.

Era preciso ter toda a experiência do barão de Limézy para poder adivinhar que o senhor seguia aquela senhora, porque o senhor agia com discrição de cavalheiro, de modo que a senhora nada percebesse. Raoul de Limézy foi discreto também e, misturando-se aos transeuntes, apressou o passo para ter uma visão exata das duas personagens.

Visto de costas, o senhor se distinguia por uma risca impecável que dividia seu cabelo negro e engomado, e por uma postura, igualmente impecável, que valorizava os largos ombros e o alto porte. Visto de frente, exibia uma figura correta, que apresentava uma barba cuidada e uma tez fresca e rosada. Trinta anos, talvez. Segurança no andar. Importância no gestual. Vulgaridade no aspecto. Anéis nos dedos. Uma biqueira de ouro no

cigarro que fumava.

Raoul apressou-se. A senhora, alta, resoluta, de aparência nobre, pisava firmemente com seus pés de inglesa, compensados por pernas graciosas e tornozelos delicados. O rosto era muito bonito, iluminado por admiráveis olhos azuis e por uma pesada massa de cabelos loiros. Os transeuntes paravam e se viravam. Ela parecia indiferente a essa homenagem espontânea da multidão.

"Caramba, que aristocrata!", pensou Raoul. "Ela não merece ser seguida por esse engomadinho. O que ele é? Marido ciumento? Pretendente descartado? Ou, antes, um bonitão tolo e pretensioso em busca de aventura? Sim deve ser isso. O senhor tem realmente a estampa de um homem endinheirado que se crê irresistível."

Ela atravessou a Place de l'Opéra sem se preocupar com os veículos que a atravancavam. Um caminhão puxado a cavalo quis barrar sua passagem: calmamente, ela agarrou as rédeas do animal e o imobilizou. Furioso, o condutor saltou de seu assento e a insultou muito de perto; ela lhe desferiu no nariz um pequeno golpe com o punho que lhe arrancou sangue. Um agente da polícia pediu explicações: ela virou as costas e se afastou tranquilamente.

Rue Auber, dois garotos brigando, ela os agarrou pelo colete e os pôs para correr uns dez passos. Depois atirou a eles duas moedas de ouro.

Boulevard Haussmann, ela entrou em uma confeitaria, e Raoul viu de longe que ela se sentou a uma mesa. Já que o senhor que a seguia não entrou, ele penetrou lá e tomou um lugar de modo que ela não pudesse notá-lo.

Ela pediu chá e quatro torradas, que devorou com seus dentes magníficos.

Seus vizinhos a observavam. Ela permaneceu imperturbável e fez com que lhe trouxessem mais quatro torradas.

Mas uma garota, sentada mais longe, também atraía a curiosidade. Loira como a inglesa, com cachos ondulados no cabelo, menos ricamente vestida, mas com um gosto mais parisiense, estava rodeada de três crianças pobremente vestidas, às quais distribuía doces e garrafinhas de suco de romã. Ela as havia encontrado na porta e se regalava com a alegria evidente de ver os olhos das crianças se encher de prazer e suas bochechas se sujar de creme. Estas não ousavam falar e se empanturravam à vontade. Porém,

mais criança do que elas, a garota se divertia infinitamente e dizia a todas: "O que é que se diz à senhorita…? Mais alto… Não estou ouvindo… Não, não sou uma senhora… Devem me dizer: Obrigado, senhorita…".

Raoul de Limézy foi logo conquistado por duas coisas: a alegria feliz e natural do rosto dela, e a profunda sedução dos grandes olhos verde-jade, raiados de ouro, e dos quais não se podia tirar os olhos uma vez ali fixados.

Tais olhos são comumente estranhos, melancólicos ou pensativos, e essa era talvez a expressão daqueles. Mas ofereciam naquele instante a mesma radiância de vida intensa que o restante do rosto, que a boca maliciosa, que as narinas frementes e as faces de covinhas sorridentes.

"Alegrias extremas ou dores excessivas, não há meio-termo para essa espécie de criatura", pensou Raoul, que sentiu o súbito desejo se influenciar por aquelas alegrias ou de combater aquelas dores.

Virou-se para a inglesa. Ela era verdadeiramente bela, de uma beleza forte, feita de equilíbrio, de proporção e de serenidade. Mas a senhorita de olhos verdes, como ele a chamava, fascinava-o ainda mais. Ao se admirar uma, desejava-se conhecer a outra, penetrar no segredo de sua existência.

Ele hesitou, no entanto, assim que ela acertou sua conta e se foi com as três crianças. Deveria segui-la? Ou ficar ali? Quem o conduziria? Os olhos verdes? Os olhos azuis?

Levantou-se precipitadamente, jogou o dinheiro no balcão e saiu. Os olhos verdes o conduziam.

Um espetáculo imprevisto o atingiu: a senhorita de olhos verdes conversava na calçada com o bonitão que meia hora antes seguia a inglesa como um amante tímido ou ciumento. Conversa animada, fervorosa de uma e de outra parte, e que mais parecia uma discussão. Era visível que a garota procurava passar e o bonitão a impedia, e era também visível que Raoul chegara ao ponto, contra toda conveniência, de interferir.

Não teve tempo. Um táxi parou diante da confeitaria. Um senhor desceu e, vendo a cena na calçada, acorreu até lá, levantou sua bengala e, de um golpe de voleio, fez voar o chapéu do bonitão engomadinho.

Estupefato, este recuou, depois se precipitou, sem se preocupar com as pessoas que se atropelavam.

— Mas o senhor é louco! O senhor é louco! — preferiu ele.

O recém-chegado, que era menor e mais velho, colocou-se na defensiva e, com a bengala levantada, gritou:

— E o proíbo de falar com essa garota. Sou o pai dela, e lhe digo que o senhor não é senão um miserável, sim, um miserável!

Havia entre um e outro como que um frêmito de ódio. O bonitão, insultado, abaixou-se, pronto para saltar sobre o recém-chegado, a quem a garota puxava pelo braço e tentava entrar no táxi.

Conseguiu separá-los e tomou a bengala do senhor quando, de repente, encontrou-se frente a frente com uma cabeça que surgia entre ele e seu adversário, uma cabeça desconhecida, estranha, cujo olho direito piscava nervosamente e de cuja boca, enviesada por uma careta de ironia, pendia um cigarro.

Era Raoul, que se erguia assim e articulava, como voz rouca:

— Tem fogo, por favor?

Pedido verdadeiramente inoportuno. O que queria, porém, o intruso? O engomadinho relutou.

— Deixe-me tranquilo, ora! Não tenho fogo.

— Mas tem sim! Há pouco você fumava — afirmou o intruso.

O outro, fora de si, tentou afastá-lo. Não conseguindo, e não podendo nem mesmo mexer os braços, baixou a cabeça para ver que obstáculo o entravava. Parecia confuso. As duas mãos do senhor seguravam seus punhos de tal maneira que não conseguia fazer nenhum movimento. Um torno de ferro não o teria deixado mais paralisado. E o intruso não cessava de repetir, em um tom tenaz, obsessivo:

— Fogo, por favor. Será que é tão miserável que vai me recusar fogo?

As pessoas riam em volta. O bonitão, exasperado, proferiu:

— Vai ficar me aborrecendo, hein? Já disse que não tenho.

O senhor balançou a cabeça com um ar melancólico.

— O senhor é bem mal-educado. Jamais se recusa fogo a quem lhe pede tão cortesmente. Mas, já que tem tanta má vontade para me prestar um serviço…

Soltou seu agarrão. O bonitão, libertado, apressou-se. Mas o carro acelerava, levando seu agressor e a senhorita de olhos verdes, e foi fácil ver que o esforço do engomadinho seria em vão.

“Tanta coisa para nada”, disse a si mesmo Raoul, vendo-o correr. “Banco o Dom Quixote em favor de uma bela desconhecida de olhos verdes, e ela se esquiva, sem me dar seu nome nem seu endereço. Impossível encontrá-la. E então?”

Então, decidiu retornar à inglesa. Ela se afastou rapidamente, depois de sem dúvida assistir ao escândalo. Ele a seguiu.

Raoul de Limézy se encontrava em um desses momentos em que a vida está de algum modo suspensa entre o passado e o futuro. Um passado, para ele, repleto de acontecimentos. Um futuro que se anunciava igual. No meio, nada. E, nesse caso, quando se tem trinta e quatro anos, é a mulher que parece ter na mão a chave de nosso destino. Uma vez que os olhos verdes haviam se desvanecido, ele regularia seu passo incerto pela clareza dos olhos azuis.

Contudo, quase imediatamente, tendo fingido tomar outro caminho e recuando sobre os próprios passos, ele percebeu que o bonitão de cabelo engomado estava de novo à caça e, rejeitado de um lado, lançava-se, como ele, de outro. E os três recomeçariam a passear sem que a inglesa pudesse perceber as manobras de seus pretendentes.

Ao longo das calçadas abarrotadas, ela andava flanando, sempre atenta às vitrines e indiferente aos cumprimentos recebidos. Ela chegou assim à Place de la Madeleine, e pela Rue Royale alcançou o Faubourg Saint-Honoré, até o Grand Hôtel Concordia.

O bonitão parou, deu alguns passos, comprou um pacote de cigarros, depois entrou no hotel, onde Raoul o viu conversar com o recepcionista. Três minutos mais tarde, saiu, e Raoul se dispôs igualmente a questionar o recepcionista sobre a jovem inglesa de olhos azuis, quando ela transpôs o saguão e subiu em um carro para onde haviam levado uma pequena mala. Estaria saindo de viagem?

— Motorista, siga aquele carro — disse Raoul, que chamara um táxi.

A inglesa fez compras e, às oito horas, desceu diante da Gare de Lyon e, instalando-se no bufê, pediu uma refeição.

Raoul se sentou a distância.

O jantar acabou, ela fumou dois cigarros, depois, por volta das nove e meia, encontrou diante dos guichês um empregado da Companhia Cook, que lhe deu sua passagem e seu registro de bagagens. Depois disso, tomou o trem expresso das nove e quarenta e seis.

— Cinquenta francos — ofereceu Raoul ao empregado — se você me disser o nome dessa senhora.

— Lady Bakefield.

— Aonde ela vai?

— A Monte Carlo, senhor. Está no vagão número 5.

Raoul refletiu, e então se decidiu. Os olhos azuis valiam a viagem. E, afinal, foi seguindo os olhos azuis que ele tinha conhecido os olhos verdes, e podia-se talvez pela inglesa reencontrar o bonitão, e pelo bonitão chegar aos olhos verdes.

Voltou, comprou uma passagem para Monte Carlo e se precipitou para a plataforma.

Avistou a inglesa no alto dos degraus de um vagão, deslizou no meio das pessoas e a reviu, através das janelas, de pé, desabotoando o casaco.

Havia muito pouca gente. Era alguns anos antes da guerra, no fim de abril, e esse expresso, muito incômodo, sem vagões-leito nem restaurante, levava até o Midi[1] poucos passageiros de primeira classe. Raoul só contou dois homens, que ocupavam a cabine situada na frente desse mesmo vagão número 5.

Ele passeou pela plataforma, bem longe do vagão, alugou dois travesseiros, abasteceu-se de jornais e folhetos na biblioteca rolante e, depois de um apito, de um salto, escalou os degraus e entrou na terceira cabine, como qualquer um que chegasse no último minuto.

A inglesa estava só, junto à janela. Ele se instalou no banco oposto, mais perto do corredor. Ela levantou os olhos, observou aquele intruso que não oferecia nem mesmo a garantia de uma mala ou de um pacote, e, sem parecer afetar-se, ocupou-se em comer enormes bombons de chocolate que tirava de uma grande caixa aberta sobre os joelhos.

Passou um fiscal e perfurou as passagens. O trem se apressava rumo aos subúrbios. As luzes de Paris se espaçavam. Raoul percorreu distraidamente os jornais e, não vendo nada de interessante, deixou-os de lado.

"Nada de novo", disse a si mesmo. "Nenhum crime sensacional. Como esta jovem é cativante!"

O fato de se encontrar a sós, em um pequeno espaço fechado, com uma desconhecida, sobretudo bonita, de passar a noite junto e de dormir quase lado a lado parecia-lhe sempre uma anomalia mundana que o divertia muito. Também estava determinado a não perder tempo com leituras, meditações ou olhares furtivos.

Sentou-se mais próximo. A inglesa evidentemente devia adivinhar que seu companheiro de viagem se dispunha a lhe dirigir a palavra, e nem se dignou a transparecer que percebeu. Cabia, pois, a Raoul fazer, por sua

conta, todo o esforço para travar relações. Isso não o deteve. Em um tom infinitamente respeitoso, articulou:

— Seja qual for a incorreção de meu procedimento, peço-lhe permissão para adverti-la de uma coisa que pode ter importância para a senhorita. Permite-me que eu lhe dirija algumas palavras?

Ela escolheu um chocolate e, sem voltar a cabeça, respondeu brevemente?

— Caso se trate mesmo de apenas algumas palavras, senhor, sim.

— Vamos lá, senhora…

Ratificou…

— Senhorita…

— Vamos lá, senhorita. Sei, por acaso, que foi seguida durante toda a tarde, de maneira equívoca, por um senhor que se escondia da senhorita e…

Ela interrompeu Raoul:

— Seu procedimento é, com efeito, de uma incorreção que me espanta por parte de um francês. O senhor não tem permissão de vigiar as pessoas que me seguem.

— É que esse me pareceu suspeito…

— Esse, que eu conheço, e que me foi apresentado no ano passado, o sr. Marescal, tem ao menos a delicadeza de me seguir de longe e não invadir minha cabine.

Raoul, espicaçado, inclinou-se:

— Bravo, senhorita, golpe certeiro. Não digo mais nada.

— O senhor não tem mais nada a dizer, com efeito, até a próxima estação, onde o aconselho a descer.

— Mil desculpas. Meus negócios me chamam em Monte Carlo.

— Eles só o chamaram depois que soube que eu ia.

— Não, senhorita — disse Raoul claramente… — mas, depois que eu a notei, mais cedo, em uma confeitaria, no Boulevard Haussmann.

A resposta foi rápida.

— Inexato, senhor — disse a inglesa. — Sua admiração por uma jovem de magníficos olhos verdes certamente teria lançado o senhor no encalço dela, se tivesse podido encontrá-la após o escândalo que se produziu. Não podendo, lançou-se em meu encalço, primeiro até o Hôtel Concordia, como o indivíduo que denunciou minha manobra, depois até o bufê da estação

de trem.

Raoul divertia-se francamente.

— Sinto-me lisonjeado pelo fato de que nenhum de meus feitos ou gestos lhe tenha escapado, senhorita.

— Nada me escapa, senhor.

— Estou percebendo. Mais um pouco e a senhorita diria meu nome.

— Raoul de Limézy, explorador, recém-chegado do Tibete e da Ásia central.

Raoul não dissimulou seu espanto.

— Mais e mais lisonjeado. Posso lhe perguntar que inquérito é esse?

— Inquérito nenhum. Mas, quando uma senhora vê um senhor se precipitar em sua cabine no último minuto, e sem bagagens, ela tem que observar tudo por conta própria. Ora, o senhor abriu duas ou três páginas de seu livro com um de seus cartões de visita. Eu li esse cartão, e me lembrei de uma entrevista recente em que Raoul de Limézy contava sua última expedição. É simples.

— Muito simples. Mas era preciso ter olhos perspicazes.

— Os meus são excelentes.

— Contudo, a senhorita não deixou de olhar para sua caixa de bombons. Está no décimo oitavo chocolate.

— Não tenho necessidade de olhar para o senhor, nem de refletir para adivinhar.

— Para adivinhar o quê, na verdade?

— Para adivinhar que seu nome verdadeiro não é Raoul de Limézy.

— Não é possível!

— Caso contrário, senhor, as iniciais que estão no fundo de seu chapéu não seriam um H e um V… a menos que o senhor esteja usando o chapéu de um amigo.

Raoul começou a se impacientar. Não gostava que, em nenhum duelo que sustentasse, o adversário estivesse constantemente em vantagem.

— E o que significam esse H e esse V, segundo a senhorita?

Ela mordeu seu décimo nono chocolate e, no mesmo tom negligente:

— Essas, senhor, são iniciais que raramente aparecem juntas.

“Quando as encontro, por acaso, minha mente sempre faz uma aproximação involuntária entre elas e as iniciais de dois nomes que guardei certa vez.

— Posso lhe perguntar quais?

— Isso não vai lhe dizer nada. É um nome incomum para o senhor.

— Mas, ainda assim…?

— Horace Velmont.

— E quem é esse Horace Velmont?

— Horace Velmont é um dos inúmeros pseudônimos sob os quais se esconde…

— Sob os quais se esconde…?

— Arsène Lupin.

Raoul desatou a rir.

— Devo ser, portanto, Arsène Lupin?

Ela protestou:

— Que ideia! Estou lhe contando apenas a lembrança que as iniciais de seu chapéu evocam em mim, com certeza tolamente. E digo a mim mesma, também tolamente, que seu belo nome Raoul de Limézy parece muito o nome de certo Raoul d'Andrésy que Arsène Lupin igualmente utilizou.

— Excelentes respostas, senhorita! Mas, seu eu tivesse a honra de ser Arsène Lupin, acredite, não estaria fazendo o papel um tanto idiota que faço diante da senhorita. Com que maestria a senhorita zomba do inocente Limézy!

Ela lhe estendeu a caixa.

— Um chocolate, senhor, para compensar sua derrota e me deixar dormir.

— Mas — pediu ele — nossa conversa não vai acabar aqui…?

— Não — disse ela. — Se o inocente Limézy não me interessa, por outro lado pessoas que usam um nome que não é o seu sempre me intrigam. Quais são as razões delas? Por que se disfarçam? Curiosidade um pouco perversa…

— Curiosidade que pode se permitir uma Bakefield — disse ele firmemente.

E acrescentou:

— Como vê, senhorita, também eu sei o seu nome.

— E o empregado da Cook também — disse ela gracejando.

— Está bem — disse Raoul —, perdi. Terei minha revanche na primeira ocasião.

— A ocasião se apresenta sobretudo quando não a procuramos — concluiu a inglesa.

Pela primeira vez, ela o fitou francamente com seus belos olhos azuis. Ele estremeceu:

— Tão bela quanto misteriosa — murmurou.

— De modo algum misteriosa — disse ela. — Eu me chamo Constance Bakefield. Vou me reunir em Monte Carlo a meu pai, Lorde Bakefield, que me espera para jogar golfe. Fora o golfe, pelo qual sou apaixonada, assim como por todos os exercícios, escrevo em jornais, para ganhar a vida e conquistar minha independência. Minha profissão de "repórter" me permite, assim, ter informações em primeira mão sobre todas as personagens célebres, homens de Estado, generais, empresários e vigaristas da indústria, grandes artistas e ilustres assaltantes. Minhas saudações, senhor.

Então, ela passou pelo rosto as pontas de um xale, ocultando a cabeça loira sobre um travesseiro, jogou uma manta nos ombros e estendeu as pernas no banco.

Raoul, que havia estremecido ante a palavra assaltante, lançou algumas frases que não levaram a nada: encontrou a porta fechada. O melhor era se aquietar e esperar sua revanche.

Permaneceu então em silêncio em seu canto, desconcertado com a aventura, mas no fundo feliz e cheio de esperança. Adorável criatura, original e cativante, enigmática e tão franca! E que acuidade de observação!

Como ela o enxergava claramente! Como havia relevado as pequenas imprudências que, desprezando o perigo, ele por vezes cometera! Assim, as duas iniciais…

Pegou o chapéu e arrancou-lhe o fundo de seda, que jogou por uma janela do corredor. Depois, voltou a tomar seu lugar no meio da cabine, reclinou-se entre dois travesseiros e ficou devaneando despreocupadamente.

A vida lhe parecia encantadora. Era jovem. Dinheiro vivo, facilmente obtido, recheava sua carteira. Vinte projetos de execução garantida e de retorno lucrativo fervilhavam em seu cérebro engenhoso. E, na manhã seguinte, teria diante de si o espetáculo apaixonante e perturbador de um linda mulher que desperta.

Pensou nisso com satisfação. Em seu meio sono via os belos olhos azul-celeste. Coisa estranha, eles se tingiam pouco a pouco de nuances imprevistas, e tornavam-se verdes, cor do mar. Não sabia mais ao certo se eram os da inglesa ou os da parisiense que o olhavam naquela meia-luz indistinta. A garota de Paris lhe sorria amavelmente. Por fim, era mesmo ela que dormia em frente a ele. E, com um sorriso nos lábios, a consciência tranquila, dormiu também.

Os sonhos de um homem de consciência tranquila e sem problemas de digestão sempre proporcionam um prazer que não se atenua nem mesmo com as sacudidelas da estrada de ferro. Raoul flutuava beatificamente pelas vagas regiões onde brilhavam olhos azuis e olhos verdes, e a viagem era tão agradável que ele não tinha tido a precaução de deixar alerta, e por assim dizer de vigília, como sempre fazia, uma pequena parte de sua mente.

Foi um erro. Nos trens, deve-se sempre desconfiar, principalmente quando não há muita gente. Não ouviu, portanto, abrir-se a porta do corredor que servia de comunicação com o vagão precedente (vagão número 4) nem se aproximarem, a passos leves, três personagens mascarados e vestidos com longas túnicas cinzentas, que pararam diante de sua cabine.

Outro erro: ele não tinha velado a lâmpada. Se a tivesse velado com a ajuda da cortina, os indivíduos teriam sido obrigados a usar uma lanterna, para atingir seus funestos desígnios, e Raoul teria despertado com um sobressalto.

De sorte que, no final das contas, não ouviu nem viu nada. Um dos homens, de revólver em punho, permaneceu, como sentinela, no corredor. Os outros dois, por meio de sinais, dividiram a incumbência, e tiraram cassetetes dos bolsos. Um golpearia o primeiro passageiro, o outro, aquele que dormia sob uma coberta.

A ordem para atacar foi dada em voz baixa, mas, por mais baixa que fosse, Raoul, percebendo o murmúrio, acordou e instantaneamente esticou as pernas e os braços. Tentativa inútil. O cassetete golpeou sua testa e o deixou atordoado. Tudo o que sentiu foi que apertavam sua garganta, e percebeu que uma sombra passou diante dele e pulou sobre a srta. Bakefield.

Assim se foi a noite, numa escuridão espessa, onde, perdendo pé como quem afunda, ele teve apenas aquelas impressões incoerentes e dolorosas

que mais tarde remontam à superfície da consciência e com as quais a realidade se reconstitui em seu conjunto. Foi amarrado, fortemente amordaçado, e lhe cobriram a cabeça com um tecido grosso. Seu dinheiro foi levado.

— Bom negócio — soprou uma voz. — Mas tudo isso é apenas um aperitivo. Amarrou o outro?

Parecia que o golpe não havia atordoado suficientemente o "outro" e que o fato de estar amarrado não lhe agradava, porque se seguiram imprecações, um barulho de tumulto, uma batalha persistente que agitava todo o banco… e depois gritos… gritos de mulher…

— Raios, olhe aí uma vagabunda! — continuou uma voz abafada. — Ela arranha… morde… Mas você não sabe nada, não a reconhece?

— Senhora é muito para se referir a ela.

— Faça com que ela se acalme primeiro!

Os meios que ele empregou fizeram com que ela aos poucos se acalmasse. Os gritos se atenuaram, tornaram-se soluços, lamúrias. Ela lutava ainda, e isso acontecia bem perto de Limézy, que sentia, como em um pesadelo, todas as tentativas de ataque e de resistência.

E subitamente tudo acabou. Uma terceira voz, que vinha do corredor, a do homem de vigília evidentemente, ordenou, em tom abafado:

— Chega! Larguem a mulher. Senão vão acabar por matá-la, hein?

— Ora, acho que não… Em todo caso, poderíamos revistá-la.

— Chega, silêncio, caramba!

Os dois agressores saíram. Brigavam e discutiam no corredor, e Raoul, que começava a se reanimar e a se mexer, surpreendeu estas palavras: "Sim… lá embaixo… a cabine do fundo… Rápido…! O fiscal pode vir…"

Um dos três bandidos se inclinou sobre ele:

— Você aí, se você se mexer, está morto. Fique quieto.

O trio se afastou até a extremidade oposta, onde Raoul havia notado a presença de dois passageiros. Ele agora tentava se desamarrar e, com movimentos dos maxilares, soltar a mordaça.

Perto dele, a inglesa gemia, em tom cada vez mais fraco, o que o afligia. Com todas as suas forças, procurou libertar-se, com a esperança de que não fosse tarde demais para salvar a pobrezinha. Mas as cordas eram fortes e estavam bem apertadas.

Enquanto isso, o tecido que o impedia de ver, mal atado, caiu de repente. Ele percebeu que a garota estava de joelhos, com os cotovelos sobre o banco, e olhando com olhos que não viam nada.

Ao longe, ouviu-se um ruído de detonação. Os três bandidos mascarados e os dois passageiros haviam lutado na cabine do fundo. Quase imediatamente, um dos bandidos passou correndo, com uma pequena mala na mão e gestos desordenados.

Um ou dois minutos depois, o trem parava. Era provável que os trabalhos de reparação efetuados sobre a via férrea retardassem a viagem, e por isso fora esse o momento escolhido para a agressão.

Raoul estava desesperado. Lutando contra as cordas impiedosas, conseguiu dizer à garota, apesar da mordaça:

— Tente resistir, estou lhe pedindo… Vou ficar vigiando… Mas o que aconteceu? O que eles lhe fizeram?

Os bandidos tinham apertado de tal maneira a garganta da garota, e quebrado seu pescoço, que seu rosto, cheio de manchas negras e convulsionado, apresentava todos os sintomas de asfixia. Raoul teve imediatamente a noção de que ela estava prestes a morrer. Ela ofegava e tremia dos pés à cabeça.

Seu busto se curvava sobre o jovem. Ele percebeu o sopro rouco de sua respiração e, entre soluços de exaustão, algumas palavras que ela gaguejava em inglês:

— Senhor… senhor… me escute… estou perdida.

— De jeito nenhum — disse ele, arrasado. — Tente se reerguer… alcançar a campainha de alarme.

Ela não tinha forças. E não restava nenhuma chance de que Raoul chegasse a se soltar, apesar da energia sobre-humana de seus esforços. Habituado como era a fazer valer sua vontade, sofria horrivelmente por ser, assim, espectador daquela morte terrível. Os acontecimentos escapavam ao seu domínio e turbilhonavam vertiginosamente em torno dele.

Um segundo indivíduo mascarado passou novamente, levando uma bolsa de viagem e segurando um revólver. Vinha um terceiro atrás deste. Lá, com certeza, os dois passageiros tinham sucumbido e, como os trabalhos na linha férrea avançavam muito devagar, os matadores iriam fugir tranquilamente.

Logo em seguida, com efeito, ouviram-se vozes aos gritos, e depois, bruscamente, houve luta. O primeiro dos indivíduos não pôde nem mesmo usar a arma, que lhe escapou das mãos. Um empregado de uniforme havia pulado sobre ele, e rolaram os dois pelo tapete, enquanto o cúmplice, um homem pequeno, que parecia muito magro em sua túnica cinzenta manchada de sangue e cuja cabeça estava dissimulada sob um boné muito grande, ao qual estava presa uma máscara de seda negra, tentava soltar seu camarada.

— Coragem! O fiscal! — gritou Raoul exasperado. — Aí vem socorro.

Mas o fiscal fraquejou, e uma de suas mãos foi imobilizada pelo menor dos cúmplices. O outro homem atacou por cima e martelou o rosto do empregado com uma série de socos fracos.

Então o menor se levantou e, ao fazê-lo, sua máscara se descolou e caiu, tornando o boné maior ainda. Com um gesto rápido, ele tentou recolocá-lo de um lado e de outro. Mas Raoul tinha tido tempo de perceber os cabelos loiros e o adorável rosto, assustado e lívido, da desconhecida de olhos verdes, encontrada à tarde na confeitaria do Boulevard Haussmann.

A tragédia chegava ao fim. Os dois cúmplices se safaram. Raoul, tomado de estupor, assistiu sem palavras à longa e dolorosa manobra do fiscal, que conseguiu subir no banco e disparar o sinal de alarme.

A inglesa agonizava. Em um último suspiro, balbuciou ainda palavras incoerentes:

— Pelo amor de Deus… escute… é preciso prender… é preciso prender…

— Quem? Eu prometo…

— Pelo amor de Deus… pegue minha pasta… tire daí os documentos… meu pai não deve saber de nada…

Sua cabeça tombou e ela morreu… O trem parou.

---

[1] Literalmente significa “meio-dia”, meridiano ou meridional, relativo ao Sul. É o nome dado ao sul da França. (N.T.)

Investigações

A morte da srta. Bakefield, o ataque selvagem das três personagens mascaradas, o assassinato provável de dois passageiros, a perda de seu dinheiro, tudo isso não pesou nada na mente de Raoul em comparação com a inconcebível visão com que ele havia se deparado por último. A garota de olhos verdes! A mais graciosa e mais sedutora mulher que ele já tinha encontrado surgindo à sombra de um crime! A mais radiosa imagem aparecendo sob a máscara ignóbil de ladra e assassina! A garota de olhos de jade, a quem seu instinto de homem o havia lançado desde o primeiro minuto, e que ele reencontrava em uma túnica manchada de sangue, com o olhar perdido, em companhia de dois horríveis assassinos, e, como eles, pilhando, matando, semeando a morte e aterrorizando!

Ainda que sua vida de grande aventureiro, envolvida em tantos horrores e ignomínias, o houvesse habituado aos piores espetáculos, Raoul (vamos continuar a chamá-lo assim, já que foi sob esse nome que Arsène Lupin desempenhou seu papel no drama), Raoul de Limézy permanecia confuso diante de uma realidade que lhe era impossível conceber e, de qualquer modo, apreender! Os fatos ultrapassavam sua imaginação.

Lá fora estava um tumulto. De uma estação bem próxima, a de Beaucourt, acorriam empregados, assim como um grupo de operários ocupados nas reparações da rua. Havia muito clamor. Procurava-se saber de onde vinha o chamado da sirene.

O fiscal cortou as cordas que amarravam Raoul, ouvindo suas explicações, depois abriu uma janela do corredor e fez sinal aos empregados.

— Por aqui, por aqui!

Virando-se para Raoul, disse-lhe:

— Ela está morta, não, essa moça?

— Sim… estrangulada. E não é tudo… dois passageiros na outra extremidade.

Foram rapidamente até o fim do corredor.

Na última cabine, dois cadáveres. Nenhum sinal de desordem. Nas redes para bagagem acima dos bancos, nada. Nenhuma mala. Nenhum pacote.

Nesse momento, os empregados da estação tentavam abrir a porteira que dava acesso ao carro daquele lado. Estava bloqueada, o que fez Raoul compreender as razões pelas quais os três bandidos tinham tomado o mesmo caminho do corredor e fugido pela primeira porta.

Esta, na verdade, foi encontrada aberta. Pessoas subiam, outras saíam pela rampa retrátil, e logo as duas cabines se esvaziaram, quando uma voz forte proferiu em tom imperioso:

— Não toquem em nada…! Não, senhor, deixe esse revólver onde está. É uma prova extremamente importante. E depois é preferível que todo mundo vá embora. O vagão vai ser destacado dos outros, e o trem logo vai partir de novo. Não é, chefe da estação?

Nos minutos de confusão, é suficiente que alguém fale firme, e saiba o que quer, para que todas as vontades dispersas se dobrem a essa energia que deve ter um chefe. Ora, este se exprimia fortemente, como homem acostumado a ser obedecido. Raoul o olhou e ficou estupefato de reconhecer o indivíduo que tinha seguido a srta. Bakefield e abordado a garota de olhos verdes, o indivíduo ao qual ele pedira fogo, em suma, o bonitão engomadinho, aquele que a inglesa chamava de sr. Marescal.

— Chefe de estação — continuou ele —, o senhor tem a obrigação, não é, de supervisionar a situação? Leve consigo todos os seus empregados. É preciso também telefonar à delegacia de polícia mais próxima, pedir um médico e prevenir o Ministério Público de Romillaud. Estamos diante de um crime.

— De três assassinatos — ratificou o fiscal. — Dois homens mascarados fugiram, dois homens que me assaltaram.

— Eu sei — disse Marescal. — Os operários da via férrea viram sombras e estão em perseguição deles. No alto do aterro, há um pequeno bosque, e já se organizou uma batida em torno e ao longo da estrada nacional.

Se houver captura, saberemos aqui.

Ele articulava as palavras firmemente, com gestos secos e um ar autoritário.

Raoul foi ficando mais e mais espantado e, de repente, retomou todo o seu sangue-frio. Que fazia ali o engomadinho? E o que é que lhe dava aquela desenvoltura incrível? Não acontecia frequentemente que a desenvoltura dessas personagens viesse justamente de alguma coisa que elas tivessem a esconder, atrás de sua fachada brilhante?

E como esquecer que Marescal tinha seguido a srta. Bakefield durante toda a tarde, que a espreitara antes da hora da partida, e que se encontrava lá, provavelmente, no vagão número 4, no instante mesmo em que se maquinava o crime? De um vagão ao outro, a rampa…, a rampa por onde os três bandidos mascarados haviam surgido, e por onde um dos três, o primeiro, tinha voltado… Não era ele a personagem que agora se gabava e mandava?

O vagão ficou vazio. Não restava senão o fiscal. Raoul tentou voltar a seu lugar. Foi impedido.

— Como, senhor! — disse ele, certo de que Marescal não o reconheceria. — Mas é que eu estava aqui e pretendo voltar.

— Não, senhor — retrucou Marescal —, todo ambiente em que um crime é cometido pertence à justiça, e ninguém pode penetrar nele sem autorização.

O fiscal se interpôs.

— Esse passageiro foi uma das vítimas do ataque. Eles o amarraram e o roubaram.

— Lamento — disse Marescal. — Mas as ordens são claras.

— Que ordens? — disse Raoul, irritado.

— As minhas.

Raoul cruzou os braços.

— Mas, enfim, de que direito o senhor fala? O senhor é que nos faz uma lei com uma insolência que as outras pessoas, se quiserem, podem aceitar, mas eu não estou a fim de me submeter.

O bonitão estendeu seu cartão de visitas, escandindo as sílabas com voz pomposa:

— Rodolphe Marescal, comissário do serviço de Relações Internacionais, assessor do Ministério do Interior.

Diante de tais títulos, seu ar dizia que todos lhe deviam reverência. E acrescentou:

— Se tomei a direção dos acontecimentos, foi de acordo com o chefe da estação, e porque minha competência especial me autoriza.

Raoul, um pouco sobressaltado, conteve-se. O nome Marescal, ao qual ele não tinha dado atenção, despertou subitamente em sua memória a lembrança confusa de certos negócios em que lhe parecia que o comissário tinha mostrado mérito e uma clarividência notável. Em todo caso, havia sido absurdo enfrentá-lo.

"Foi falha minha", pensou ele. "Em vez de agir do lado da inglesa e de cumprir seu último pedido, perdi meu tempo me envolvendo emocionalmente com a garota mascarada. Mas, assim mesmo, vou pegar você na volta, engomadinho, e descobrir como é possível você estar neste trem, na hora exata, para se ocupar de um caso em que as duas heroínas são justamente as belas mulheres de antes. Enquanto isso, tenho que ter paciência."

E, em um tom de deferência, como se estivesse bastante sensibilizado com o prestígio das altas funções:

— Desculpe-me, senhor. Por pouco parisiense que eu seja, pois vivo principalmente fora da França, sua notoriedade chegou até mim, e me lembro, entre outras, de uma história de brincos…

Marescal encheu-se de orgulho.

— Sim, os brincos da princesa Laurentini — disse ele. — Não foi mal, na verdade. Mas nos esforçamos para conseguir resultados ainda melhores hoje, e confesso que, antes da chegada da polícia, e sobretudo do juiz de instrução, eu gostaria muito de acelerar no inquérito a um ponto em que…

— A um ponto — aprovou Raoul — em que esses senhores não teriam mais nada a concluir. Vocês têm realmente razão, e não continuarei minha viagem senão amanhã, se minha presença puder lhe ser útil.

— Extremamente útil, e eu lhe agradeço.

O fiscal teve que partir, depois de ter dito o que sabia. Enquanto isso, o vagão se acomodou nos trilhos da garagem, e o trem se afastou.

Marescal começou suas investigações depois de, com a intenção evidente de afastar Raoul, pedir-lhe que fosse à estação procurar lençóis para cobrir os cadáveres.

Raoul, apressado, desceu, ladeou o vagão e subiu na altura da terceira janela do corredor.

"É bem o que eu pensei", disse ele consigo, "o engomadinho queria ficar só. Pequenas maquinações preliminares".

Marescal com efeito havia erguido o corpo da jovem inglesa e entreabriu seu casaco de viagem. Em volta da cintura, havia uma pequena bolsinha de couro vermelha. Soltou o cinto, pegou a bolsinha e a abriu. Ela continha documentos, que ele logo se pôs a ler.

Raoul, que não o via senão de costas e assim não podia julgar, por sua expressão, o que ele pensava da leitura, saiu murmurando:

— Você vai ter que se apressar, camarada, sempre vou alcançar você antes de chegar ao alvo. Esses documentos foram legados a mim, e ninguém senão eu tem direito sobre eles.

Cumpriu a missão da qual fora encarregado e, quando voltou, com a mulher e a mãe do chefe da estação, que se propuseram a fazer a vigília fúnebre, soube por Marescal que tinham cercado, no bosque, dois homens que se escondiam no meio do matagal.

— Nenhuma outra indicação? — perguntou Raoul.

— Nada — declarou Marescal —, supostamente um dos homens mancava, e recolheram atrás dele um salto enfiado entre duas raízes. Mas é um salto de sapato de mulher.

— Portanto, nenhuma relação.

— Nenhuma.

Deitaram a inglesa. Raoul olhou uma última vez para sua bela e infeliz companheira de viagem e murmurou para si mesmo:

"Vou vingá-la, srta. Bakefield. Se eu não soube vigiá-la e salvá-la, juro que seus assassinos serão punidos."

Pensou na garota de olhos verdes e repetiu, diante da misteriosa criatura, o mesmo juramento de ódio e de vingança. Depois, abaixando as pálpebras da garota, cobriu com o lençol seu pálido rosto.

— Ela era realmente bela — disse ele. — Não sabe o nome dela?

— Como saberia? — declarou Marescal, que se furtava à verdade.

— Mas olhe aqui uma bolsinha…

— Ela não deve ser aberta senão na presença do Ministério Público — disse Marescal, que a colocou a tiracolo no ombro e acrescentou:

— É surpreendente que os bandidos não a tenham roubado. Deve conter documentos…

— Vamos esperar o Ministério Público — repetiu o comissário. — Mas parece, em todo caso, que os bandidos que roubaram o senhor não roubaram nada dela… nem este bracelete-relógio, nem este broche, nem este colar…

Raoul contou o que havia se passado, e o fez em primeiro lugar com precisão, tal era sua vontade de colaborar para a descoberta da verdade. Mas, pouco a pouco, tendo sido, por razões obscuras, forçado a deturpar certos fatos, não falou nada do terceiro cúmplice e não deu dos outros dois senão uma indicação aproximativa, sem revelar a presença de uma mulher entre eles.

Marescal escutou e fez algumas perguntas, deixando então um dos guardas, levando o outro ao compartimento onde jaziam os dois homens.

Os dois se pareciam, um bem mais jovem, mas os dois apresentando os mesmos traços vulgares, as mesmas sobrancelhas grossas, as mesmas roupas cinzentas, mal cortadas. O mais novo tinha recebido uma bala em plena testa, o outro no pescoço.

Marescal, que fingia uma grande reserva, examinou-os longamente, sem mesmo mudá-los de posição, revistou seus bolsos e os cobriu com o mesmo lençol.

— Senhor comissário — disse Raoul, a quem a vaidade e a pretensão de Marescal não tinham escapado —, tenho a impressão de que o senhor já percorreu o caminho que leva à verdade. Sente-se no senhor um mestre. Poderia nos dirigir algumas palavras…?

— Por que não? — disse Marescal, que arrastou Raoul para outro compartimento. — A polícia não vai tardar, e o médico, também não. A fim de marcar a posição que tomo e de me assegurar o benefício, não vou me aborrecer por expor antes de tudo o resultado de minhas primeiras investigações.

"Vamos, engomadinho", disse consigo Raoul. "Você não podia ter escolhido um confidente melhor que eu."

Ele pareceu confuso com tal dádiva. Que honra e que alegria! O comissário pediu-lhe que sentasse e começou:

— Senhor, sem me deixar influenciar por certas contradições nem me perder em detalhes, tenho que colocar em evidência dois fatos primordiais,

um de importância considerável, na minha humilde opinião. Primeiramente, este. A jovem inglesa, como já a designou, foi vítima de equívoco. Sim, senhor, de equívoco. Tenho provas. À hora fixada para a desaceleração prevista do trem, os bandidos que se achavam no vagão seguinte (lembro-me de tê-los vislumbrado de longe e creio que sei o nome dos três) atacam o senhor, o roubam, atacam sua vizinha, procuram amarrá-la… e depois, bruscamente, deixam tudo e vão para longe, até a cabine do fundo.

"Por que essa reviravolta…? Por quê? Porque eles se enganaram, porque a jovem estava dissimulada sob uma manta, porque eles creem que atacaram dois homens e percebem que um é mulher. Daí seu espanto. 'Raios, olhe aí uma vagabunda!', e daí sua fuga precipitada. Exploram o corredor e descobrem os dois homens que procuravam… os dois que estão lá. Ora, esses dois se defendem. Eles os matam a coronhadas e os roubam, não lhes deixando nada. Malas, pacotes, tudo é repartido, até os bonés… Primeiro ponto claramente estabelecido, não é?

Raoul estava surpreso, não pela hipótese, porque ele mesmo já a havia admitido desde o início, mas que Marescal tivesse podido formulá-la com certa acuidade e certa lógica.

— Segundo ponto… — retomou o policial, que a admiração de seu interlocutor exaltava.

Ele estendeu a Raoul uma pequena caixa de prata finamente cinzelada.

— Apanhei isso atrás do banco.

— Uma tabaqueira?

— Sim, uma tabaqueira antiga… mas servia de estojo para cigarros. Sete cigarros, exatamente, que aí estão… tabaco amarelo, para mulher.

— Ou para homem — disse Raoul, sorrindo… —, porque enfim não havia lá senão homens.

— Para mulher, insisto…

— Impossível!

— Cheire a caixa.

Ele a colocou sob o nariz de Raoul. Este, depois de cheirar, aquiesceu:

— Na verdade, na verdade… um perfume de mulher que coloca seu estojo de cigarros em uma bolsa, com o lenço, o pó de arroz e o vaporizador de bolso. O odor característico.

— Então?

— Então não estou mais compreendo. Dois homens aqui que encontramos mortos… e dois homens que atacaram e fugiram depois de matar.

— Por que não um homem e uma mulher?

— Hein? Uma mulher… um desses bandidos seria uma mulher?

— E essa caixa de cigarros?

— Prova insuficiente.

— Tenho outra.

— Qual?

— O salto… este salto de sapato, que apanhamos no bosque, entre duas raízes. Acredite que é preciso mais para estabelecer uma convicção sólida relativamente ao segundo ponto, que enuncio assim: dois agressores, um homem e uma mulher.

A clarividência de Marescal aguçou Raoul. Ele evitou dar isso a perceber e disse, entre dentes, como se uma exclamação lhe escapasse:

— O senhor é muito eficiente!

E acrescentou:

— Isso é tudo? Mais alguma descoberta?

— Ei! — disse o outro rindo. — Deixe-me respirar!

— O senhor então tem a intenção de trabalhar a noite toda?

— Toda, a menos até que peguemos os dois fugitivos, o que não deverá tardar se minhas instruções forem seguidas.

Raoul tinha seguido a dissertação de Marescal com o ar manso de alguém que não é tão eficiente e que deixa aos cuidados de outros destrinchar um caso do qual não percebe grande coisa.

— Divirta-se, comissário. Quanto a mim, confesso que todas essas emoções me exauriram e que um hora ou duas de repouso…

— Faça isso — aprovou Marescal. — Qualquer cabine pode lhe servir de leito… Fique nesta aqui… Vou cuidar para que ninguém o perturbe… E, quando eu tiver terminado, virei descansar por minha vez.

Raoul fechou a porta, cerrou as cortinas e apagou a luminária. Nesse momento, não tinha uma ideia nítida do que queria fazer. Os acontecimentos, muito complicados, não se prestavam ainda a uma solução refletida, e ele se contentaria em ficar de olho nas intenções de Marescal e resolver o enigma de sua conduta.

“E aí, engomadinho”, disse ele consigo, “está na minha mão. Você é como o corvo da fábula: com elogios você abre o bico. Bom, certamente, é seu golpe de vista. Mas muito tagarela. Quanto a colocar na cadeia o desconhecido e seu cúmplice, muito me espantaria. Está aí uma empreitada que vai precisar de meu empenho pessoal.

Então ocorreu que, na direção da estação, elevou-se um ruído de vozes que logo tomou as proporções de tumulto. Raoul se pôs à escuta. Marescal estava inclinado e gritava, por uma janela do corredor, a alguém que se aproximara:

— O que é? Ah! Perfeito, os policiais… Não me engano, não é?

Responderam-lhe:

— O chefe da estação me mandou aqui, comissário.

— É você, sargento? Houve prisões?

— Uma só, comissário. Um daqueles que perseguíamos caiu de cansaço na estrada, até que chegamos, a um quilômetro daqui. O outro conseguiu escapar.

— E o médico?

— Ele deu uma passada. Mas tinha uma visita já marcada. Vai estar aqui em quarenta minutos.

— Foi o menor deles que vocês prenderam, sargento?

— Um pequeno e pálido… com um boné grande demais… e chorando… e que fez promessas: “Eu falo, mas apenas ao senhor juiz… Onde está o juiz?”

— Você o deixou na estação, esse pequeno?

— Bem vigiado.

— Vou lá.

— Se não se opuser, comissário, eu gostaria primeiro de ver como tudo aconteceu no trem.

O sargento subiu, com um policial… Marescal o recebeu no alto dos degraus e em seguida o conduziu até o cadáver da jovem inglesa.

“Tudo está indo muito bem”, disse consigo Raoul, que não tinha perdido um palavra do diálogo. Se o engomadinho começar suas explicações, vai levar um bom tempo.”

Dessa vez ele percebeu com clareza a confusão que havia em sua mente e discerniu as intenções verdadeiramente inesperadas que surgiam de repente, sem que ele soubesse, por assim dizer, e sem que pudesse

compreender o motivo secreto de sua conduta.

Baixou a grande vidraça e se inclinou sobre a linha do trem. Ninguém. Nenhuma luz.

Pulou.

O beijo na sombra

A estação de Beaucourt situa-se em pleno campo, longe das moradias. Uma estrada perpendicular à estrada de ferro a conecta ao vilarejo de Beaucourt, depois de Romillaud, onde encontra a delegacia de polícia, depois a Auxerre, onde ficam os magistrados. É cortada em ângulo reto pela rodovia nacional, a qual ladeia a linha por quinhentos metros.

Haviam reunido na plataforma todos os pontos de iluminação disponíveis, candeeiros, velas, lanternas, faróis, o que obrigou Raoul a se aproximar com toda a precaução. O chefe da estação, um empregado e um operário conversavam com o policial de serviço, cujo alto porte se erguia diante da porta de duas folhas aberta, de uma sala atravancada de pacotes que era reservada ao serviço de mensageiros.

Na semiobscuridade dessa sala se amontoavam pilhas de cestos e caixas e se espalhavam pacotes de toda espécie. Aproximando-se, Raoul pensou ver, sentada em um monte de objetos, uma silhueta curvada que não se mexia.

"É ela, provavelmente", disse consigo, "é a garota de olhos verdes. Uma volta da chave no fundo, e estava feita a prisão, já que os carcereiros a usavam como única saída possível."

A situação lhe pareceu favorável, mas com a condição de que ele não esbarrasse em obstáculos suscetíveis de incomodá-lo, pois Marescal e o sargento podiam aparecer mais cedo do que ele imaginava. Fez então um desvio correndo e alcançou a fachada posterior da estação sem encontrar viva alma. Não levou mais de um minuto. Nenhum trem parou mais, e, a não ser o pequeno grupo que tagarelava na plataforma, não havia mais ninguém.

Entrou na sala de registro. Uma porta à esquerda, um saguão com uma escada, e, à direita do saguão, outra porta. Pela disposição dos lugares, devia ser lá.

Para um homem como Raoul, uma fechadura não constituía um obstáculo válido. Tinha sempre com ele quatro ou cinco ferramentas com as quais se encarregava de abrir as portas mais difíceis. À primeira tentativa, ela cedeu. Tendo-a entreaberto ligeiramente, viu que nenhum feixe de luz batia nela. Empurrou então, abaixando-se, e entrou. O pessoal de fora não poderia nem vê-lo nem ouvi-lo, e nem a prisioneira, cujos soluços surdos ritmavam o silêncio da sala.

O operário contava a perseguição pelo bosque. Tinha sido ele que, em um matagal, sob a luz de um farolete, erguera "a presa". O outro malandro, como ele disse, era magro e de porte alto e escapulia como uma lebre. Mas tinha que voltar sobre os próprios passos, e pegou o pequeno. Aliás, estava tão escuro que a caçada não era fácil.

— Imediatamente a garotinha que estava lá — contou o operário — começou a gemer. Tinha uma voz engraçada de menina, com lágrimas: "Onde está o juiz…? Vou contar tudo a ele… Me levem até o juiz".

Os ouvintes riam. Raoul aproveitou para enfiar a cabeça entre duas pilhas de caixinhas espaçadas. Encontrava-se assim atrás do amontoado de encomendas postais onde a prisioneira tinha sido jogada. Dessa vez, ela devia ter percebido algum barulho, porque os soluços haviam cessado.

Ele sussurrou:

— Não tenha medo.

Como ela se calou, ele repetiu:

— Não tenha medo… sou um amigo.

— Guillaume? — perguntou ela, baixinho.

Raoul compreendeu que se tratava de outra fugitiva e respondeu:

— Não, sou alguém que vai salvar você dos policiais.

Ela não disse uma palavra. Devia recear uma emboscada. Mas ele insistiu:

— Você está nas mãos da justiça. Se não me seguir, vai enfrentar a prisão, o tribunal…

— Não — disse ela —, o juiz vai me deixar livre.

— Ele não vai deixá-la livre. Dois homens foram mortos… Sua blusa está coberta de sangue… Venha… Um segundo de hesitação pode pôr tudo

a perder… Venha…

Após um silêncio, ela murmurou:

— Estou com as mãos amarradas.

Sempre agachado, ele cortou as cordas com sua faca e perguntou:

— Eles podem ver você agora?

— Só o policial, quando se vira, e mal, porque estou na sombra… Os outros estão bem à esquerda…

— Tudo bem… Ah! Um instante. Escute…

Na plataforma, passos se aproximavam, e ele reconheceu a voz de Marescal. Então ordenou:

— Nem um gesto… Eles estão vindo, mais cedo do que eu pensava… Ouviu…?

— Ah, tenho medo… — balbuciou a garota. — Parece que essa voz… Meu Deus, será possível?

— Sim — disse ele —, é a voz de Marescal, seu inimigo… Mas não precisa ter medo… Mais cedo, procure se lembrar, no bulevar, alguém se interpôs entre você e ele. Fui eu. Peço-lhe que não tenha medo.

— Mas ele vai vir…

— Não é certo…

— Mas e se ele vier…?

— Faça de conta que está dormindo ou desmaiada… Enfie a cabeça entre os braços cruzados… E não se mexa…

— E se ele tentar me ver? Se me reconhecer?

— Não lhe responda… aconteça o que acontecer, nem uma palavra… Marescal não agirá logo… vai refletir… E então…

Raoul não estava tranquilo. Bem que imaginava que Marescal devia estar ansioso para saber se não se enganara e se o bandido era realmente uma mulher. Iria então proceder a um interrogatório imediato, e, em todo caso, julgando a precaução insuficiente, inspecionaria ele mesmo a prisão.

De fato, o comissário logo exclamou, em tom alegre:

— Bem, chefe da estação, tenho algo novo! Um prisioneiro aqui com vocês! E um prisioneiro de marca! A estação de Beaucourt vai ficar célebre… Sargento, o ambiente me parece muito bem escolhido, e estou persuadido de que não se poderia fazer melhor. Para ser bem prudente, vou me assegurar…

Assim, de repente, dirigiu-se diretamente ao alvo, como Raoul havia previsto. A parte assustadora ia se desenrolar entre aquele homem e a garota. Qualquer gesto, qualquer palavra, e a garota de olhos verdes estaria irremediavelmente perdida.

Raoul estava prestes a bater em retirada. Mas seria renunciar a toda esperança e lançar à sua procura toda uma horda de adversários que não mais lhe permitiriam recomeçar a empreitada. Entregou-se, portanto, à sorte.

Marescal penetrou na sala, continuando a falar às pessoas de fora, e de maneira a esconder delas a forma imóvel que ele queria apenas contemplar. Raoul permaneceu a distância, suficientemente protegido pelas caixas devido às quais Marescal não o vira ainda.

O comissário parou e disse bem alto:

— Parece dormir… Ei, camarada, não há meio de se ter um pouco de conversa?

Tirou do bolso uma lanterna elétrica que, pressionando o botão, dirigiu o feixe luminoso. Não vendo senão um boné e dois braços cruzados, separou os braços e ergueu o boné.

— Aí está — disse em voz baixa… — Uma mulher… Uma mulher loira…!

"Vamos, menina, mostre-me sua carinha linda."

Agarrou a cabeça com força e a virou. O que ele viu foi tão extraordinário que não aceitou a inverossímil verdade.

— Não, não — murmurou ele —, não é admissível.

Observou a porta de entrada, não querendo que algum dos outros se juntasse a ele. Depois, freneticamente, agarrou o boné. O rosto apareceu, claramente, sem reservas.

— Ela! Ela! — murmurou ele. — Mas estou maluco… Vejamos, isso não é crível… Ela, aqui! Ela, uma matadora! Ela…! Ela!

Inclinou-se ainda mais. A prisioneira não resistia. Seu pálido rosto não estremecia, e Marescal soltou-o, com uma voz ofegante:

— Foi você! Por que milagre? Então, você matou… e os policiais a apanharam! E você está aí, você! Será possível?

Dir-se-ia verdadeiramente que ela dormia. Marescal se calou. Será que ela dormia realmente? Disse a ela:

— É isso, não se mexa… Vou afastar os outros e votar… Em uma hora, estarei aqui… e vamos conversar… Ah! Precisa se comportar, menina.

Que é que ele queria dizer? Iria propor a ela algum negócio abominável? No fundo (Raoul adivinhava), não devia ter um plano bem estabelecido. O ocorrido o deixava desprevenido, e ele se perguntava que benefício poderia tirar.

Enfiou o boné na cabeça loira e revistou todos os cantos; depois, entreabrindo a blusa, revistou os bolsos do casaco. Não encontrou nada. Então se reergueu, e sua agitação era tão grande que não pensou mais na inspeção da sala e da porta.

— Garota estranha — disse ele —, voltando para o grupo. Essa não tinha nem vinte anos… Uma diabinha que seu cúmplice deve ter desencaminhado…

Continuou a falar, mas de maneira distraída, em que se sentia a confusão de seu pensamento e a necessidade de refletir.

— Acredito — disse ele — que meu pequeno inquérito preliminar não deixará de interessar aos senhores do Ministério Público. Enquanto os espero, vou montar guarda aqui com você, sargento… Ou mesmo apenas… porque não tenho necessidade de ninguém, se você quiser repousar um pouco…

Raoul acelerou. Agarrou, entre as encomendas, três sacos amarrados cujo algodão parecia ter a mesma cor da blusa sob a qual a prisioneira escondia seu disfarce de garoto. Ergueu um desses sacos e murmurou:

— Aproxime as pernas para o meu lado… a fim de que eu possa passar isso para a frente, em lugar delas. Mas quase sem se mexer, está bem…?

"Em seguida você vai trazer o corpo na minha direção… e depois a cabeça."

Ele tomou a mão dela, que estava gelada, e repetiu as instruções, porque a garota permanecia inerte.

— Eu lhe peço, obedeça. Marescal é capaz de tudo… Você o humilhou… Ele vai se vingar de uma maneira ou de outra, quando você estiver nas mãos dele… Aproxime as pernas para o meu lado…

Ela agiu com pequenos gestos, por assim dizer imóveis, que a deslocaram insensivelmente, e levou ao menos três ou quatro minutos para fazer isso. Quando essa manobra terminou, ela tinha diante de si, e um pouco mais alta que ela, uma forma cinzenta enrolada, que tinha seus

mesmos contornos e que dava suficientemente a ilusão de sua presença para que o policial e Marescal, em uma olhada, pudessem crer que ela sempre havia estado lá.

— Vamos — disse ele… — Aproveite o instante em que eles estão virados e falando mais alto, e deslize…

Ele a recebeu em seus braços, mantendo-a curvada, e a puxou pela abertura. No saguão ela pôde se erguer. Ele fechou a abertura, e eles atravessaram a sala de bagagens. Mas, com o esforço para atravessar a área que precedia a estação, ela teve um desmaio e caiu de joelhos.

— Não vou conseguir… — gemeu ela. — Não vou…

Sem o mínimo esforço, ele a carregou sobre o ombro e começou a correr até o maciço de árvores que assinalava a estrada de Romillaud e Auxerre. Experimentou uma satisfação profunda ante a ideia de que tinha sua presa, que a assassina da srta. Bakefield não podia mais lhe escapar, e que sua ação substituía a ação da sociedade. Que faria? Pouco importava. Nesse momento, estava convencido — ou ao menos se dizia — de que uma grande necessidade de justiça o guiava e que o castigo tomaria a forma que as circunstâncias lhe ditariam.

Duzentos passos além, ele parou, não porque estivesse cansado, mas para ouvir e interrogar o grande silêncio, que mal agitava as folhas e a passagem furtiva de pequenos animais noturnos.

— O que é? — perguntou a garota com angústia.

— Nada… Nada de inquietante… Ao contrário… O trote de um cavalo… muito longe… É isso que eu queria… e estou contente… é a salvação para você…

Ele a desceu de seu ombro e a estendeu em seus braços como uma criança. Andou assim, a toda a pressa, trezentos ou quatrocentos metros, o que os levou ao cruzamento da rodovia nacional, cuja brancura aparecia sob a folhagem escura das árvores. A relva estava tão úmida que ele disse a ela, sentando-se do lado oposto do talude:

— Fique deitada nos meus joelhos e me compreenda bem. Essa carruagem que esperamos é a do médico que chamamos. Vou me livrar do homem amarrando-o cuidadosamente a uma árvore. Vamos subir na carruagem e viajar toda a noite até uma estação qualquer de outra linha.

Ela não lhe respondeu. Ele duvidava que ela o tivesse ouvido. Sua mão estava muito quente. Ela balbuciava em uma espécie de delírio:

— Não matei… não matei…

— Fique quieta — disse Raoul com brusquidão. — Falaremos mais tarde.

Calaram-se os dois. A imensa paz do campo que dormia estendia em torno deles espaços de silêncio e de segurança. Apenas o trote de um cavalo se ouvia de tempos em tempos na escuridão. Viam-se duas ou três vezes, a uma distância incerta, os faróis da carruagem, que brilham como olhos arregalados. Nenhum clamor, nenhuma ameaça do lado da estação.

Raoul refletia sobre a estranha situação, e, para além da enigmática assassina cujo coração batia tão forte que ele sentia seu ritmo descompassado, evocava a parisiense, entrevista oito ou nove horas antes, feliz e sem preocupação aparente. As duas imagens, tão diferentes uma da outra, no entanto, confundiam-se nele. A lembrança da visão resplandecente atenuava seu ódio contra aquela que havia matado a inglesa. Mas será que tinha ódio? Agarrou-se a essa palavra e pensou gravemente:

"Eu a odeio… Diga o que disser, ela matou… A inglesa está morta por culpa dela e de seus cúmplices… Eu a odeio… A srta. Bakefield vai ser vingada."

No entanto, não disse nada disso e, ao contrário, deu-se conta de que doces palavras saíam de sua boca.

— A infelicidade se abate sobre os seres quando eles não pensam, não é? Somos felizes… estamos vivos… e depois o crime passa… Mas tudo se arranja… Você vai confiar em mim… e as coisas vão se resolver…

Ele tinha a impressão de que uma grande calma a penetrava pouco a pouco. Ela não estava mais tomada pelos movimentos febris que a sacudiam dos pés à cabeça. O mal-estar se abrandava, os pesadelos, as angústias, os pavores, todo o mundo horrível da noite e da morte.

Raoul apreciava intensamente a manifestação de sua influência e de seu poder, de certa forma magnéticos, sobre certos seres que as circunstâncias tinham desorbitado, aos quais ele trazia equilíbrio e os fazia esquecer, por um instante, a horrível realidade.

Ele também, aliás, desviara-se de um drama. A inglesa morta se esvanecia em sua memória, e não era a mulher de blusa manchada de sangue que ele tinha junto de si, mas a mulher de Paris, elegante e radiante. Por mais que ele dissesse para si: "Vou puni-la. Ela vai sofrer",

como não sentia o fresco ódio que exalava dos lábios próximos?

As luzes dos faróis aumentavam. O médico chegaria em oito ou dez minutos.

"E então", disse a si mesmo Raoul, "preciso me separar dela e agir… e isto vai acabar… Não poderei mais ter de novo entre mim e ela um instante como este… um instante que tenha esta intimidade…"

Ele se inclinou mais. Imaginava que ela estivesse com as pálpebras fechadas e que se abandonaria à sua proteção. Estava tudo bem assim, ela devia pensar. O perigo se afastava.

Bruscamente ele se inclinou e beijou seus lábios.

Ela tentou fracamente se debater, suspirou e não disse nada. Ele teve a impressão de que ela aceitava seu carinho e que, apesar do recuo de sua cabeça, ela cedia à doçura daquele beijo. Isso durou alguns segundos. Depois um sobressalto de revolta a tomou. Ela ergueu os braços e se libertou, com uma energia repentina, gemendo:

— Ah, é abominável! Ah, que ódio! Deixe-me! Deixe-me…! O que você fez é detestável.

Ele tentou dissimuladamente rir e, furioso com ela, tinha vontade de xingá-la. Mas não encontrava as palavras, e, enquanto ela o repelia e fugia na noite, ele repetia em voz baixa:

— O que é que isso significa!? Olhe só o pudor! E depois? O quê! Até parece que cometi um sacrilégio…

Ele ficou de pé, subiu pelo talude e a procurou. Onde estaria? Espessos arbustos protegiam sua fuga. Ele não tinha nenhuma esperança de alcançá-la.

Ele praguejou, esconjurou, não encontrava mais em si, agora, senão ódio e rancor de um homem desprezado, e ruminava para si mesmo a horrível ideia de retornar à estação e dar o alerta, até que ouviu gritos a alguma distância. Aquilo vinha da estrada, e de um lugar da estrada que dissimulava provavelmente uma encosta, e onde ele supôs que devia estar a carruagem. Correu até lá. Viu, com efeito, os dois faróis, mas eles lhe pareceram sair do lugar e mudar de direção. A carruagem se afastava, e isso não era mais o trote agradável de um cavalo, mas o galope de um animal que corria a golpes de chicote. Dois minutos mais tarde, Raoul, dirigido pelos gritos, entreviu na obscuridade a silhueta de um homem que gesticulava em meio a moitas e espinhos.

— O senhor é o médico de Romillaud? — disse ele. — Enviaram-me da estação ao seu encontro… O senhor foi atacado, não?

— Sim…! Um sujeito que passava me perguntou o caminho. Parei, e ele me segurou pela garganta, me amarrou e me jogou no meio dos espinhos.

— E fugiu com sua carruagem?

— Sim.

— Só?

— Não, com alguém que se juntou a ele… Foi aí que eu gritei.

— Um homem? Uma mulher?

— Não vi. Eles mal se falavam, e em voz baixa. Logo que partiram, gritei.

Raoul conseguiu atraí-lo e lhe disse:

— Então eles não o amordaçaram?

— Sim, mas mal.

— Com quê?

— Com meu lenço de pescoço.

— Existe uma maneira de amordaçar, e pouca gente a conhece — disse Raoul, que agarrou o lenço, passou-o pelo médico e se viu no dever de lhe mostrar como se fazia.

A lição foi seguida de outra operação, a de uma amarração bem executada, com a manta do cavalo e o arreio que Guillaume tinha utilizado (porque não se podia duvidar de que o agressor não fosse Guillaume e que a garota não tivesse se juntado a ele).

— Não o machuquei, não, doutor? Eu ficaria desolado. E depois não precisa temer os espinhos e as urtigas — acrescentou Raoul, conduzindo seu prisioneiro. — Veja, aqui é um lugar onde poderá passar uma noite nem tão ruim assim. O musgo deve ter sido queimado pelo sol, porque está seco… Não, não me agradeça, doutor. Esteja certo de que, se eu pudesse evitar…

A intenção de Limézy nesse momento era, a passos de ginástica, esperar os fugitivos, custasse o que custasse. Estava aborrecido por ter se deixado enganar. Era preciso ser estúpido! Como! Ele a tivera em suas mãos e, em vez de apertar-lhe a garganta, divertiu-se em beijá-la! Como ter ideias claras em tais condições?

Mas nessa noite as intenções de Limézy levavam sempre a atos contrários. Assim que deixou o doutor, se bem que não desistisse de seu

projeto, dirigiu-se à estação com um novo plano, que consistia em tomar o cavalo de um policial para, assim, ter sucesso em sua empreitada.

Havia observado que os três cavalos da polícia montada se encontravam em um hangar vigiado por um membro da equipe. Chegou lá. O homem dormia à luz de um lampião. Raoul pegou sua faca para cortar uma das cordas, mas, em vez disso, começou a cortar, silenciosamente, com todas as precauções imagináveis, as correias soltas das selas dos três cavalos, e as das rédeas.

Assim, a perseguição à garota de olhos verdes, quando eles percebessem seu desaparecimento, se tornaria impossível.

"Não mais o que faço", pensou Raoul voltando a seu compartimento. Tenho horror daquela tratante. Nada seria mais agradável para mim do que a entregar à justiça e cumprir meu juramento de vingança. Contudo, todos os meus esforços tendem a salvá-la. Por quê?"

A resposta a essa pergunta, ele a conhecia bem. Se estava interessado na mocinha porque ela tinha olhos cor de jade, como não a protegeria agora que a sentia tão perto de si, toda desfalecida e com seus lábios sobre os dela? Será que a gente entrega uma mulher depois de lhe beijar a boca? Assassina, que seja. Mas ela havia estremecido sob seus carinhos, e ele compreendeu que, dali para a frente, nada no mundo poderia fazer com que ele não a defendesse contra todos. Para ele, o ardente beijo daquela noite dominava todo o drama e todas as resoluções às quais seu instinto, mais do que sua razão, lhe ordenava que ficasse atento.

Era por isso que devia retomar contato com Marescal, a fim de saber o resultado de suas buscas, e revê-lo igualmente a propósito da jovem inglesa e daquela sacola que Constance Bakefield lhe havia recomendado.

Duas horas depois, Marescal deixava-se cair de cansaço, em frente ao banco onde, no vagão isolado, Raoul o esperava tranquilamente. Despertado em sobressalto, acendeu a luz e, vendo o rosto descomposto do comissário, sua risca desarrumada e seu bigode descaído, exclamou:

— O que aconteceu, então, comissário? Está irreconhecível!

Marescal balbuciou:

— Ainda não sabe? Não ouviu?

— Absolutamente nada. Não ouvi nada depois que o senhor fechou essa porta.

— Fugiu.

— Quem?
— O assassino!
— Então o tinham pegado?
— Sim.
— Qual dos dois?
— A mulher.
— Então era mesmo uma mulher?
— Sim.
— E não souberam mantê-la ali?
— Sim. Só….
— Só o quê?
— Era uma trouxa de roupa.

Renunciando a perseguir os fugitivos, Raoul estava certamente obedecendo, entre outros motivos, a uma necessidade de vingança. Alvo de escárnio, queria escarnecer por sua vez e zombar do outro como tinham zombado dele. Marescal ali estava, vítima designada, de quem aliás esperava arrancar outras confidências, e cujo abatimento logo lhe provocou uma delicada emoção.

— É uma catástrofe — disse Raoul.
— Uma catástrofe — confirmou o comissário.
— E não tem nenhum dado?
— Nem o mínimo.
— Algum novo vestígio do cúmplice?
— Que cúmplice?
— O que combinou a evasão?
— Mas ele não tem nada a ver com isso! Temos as pegadas de seus sapatos, que estão por todo canto, principalmente no bosque. Ora, ao sair da estação, em uma poça de lama, ao lado de uma marca de sapato sem salto, recolhemos pegadas diferentes… um pé menor… solas mais bicudas.

Raoul empurrou o mais que pôde suas botas para baixo do banco e perguntou, muito interessado:

— Então existe mais alguém… de fora?
— Sem dúvida. E, segundo minha opinião, esse alguém vai fugir com a assassina utilizando a carruagem do médico.
— Do médico?

— Do contrário o teriam visto, o médico! E, se não o viram, foi porque o arrancaram da carruagem e o enfiaram em algum buraco.

— Uma carruagem, isso se alcança.

— Como?

— Os cavalos dos policiais…

— Corri até o hangar onde eles estavam abrigados e pulei em cima de um deles. Mas a sela escorregou, e rolei para a terra.

— O que está me dizendo?

— O homem que vigiava os cavalos estava dormindo, e enquanto isso tiraram as rédeas e as correias das selas. Nessas condições, foi impossível sair em sua perseguição.

Raoul não pode se impedir de rir.

— Caramba! Está aí um adversário digno do senhor.

— Um mestre. Tive ocasião de acompanhar detalhadamente um caso em que Arsène Lupin estava em luta contra Ganimard. O golpe dessa noite foi preparado com a mesma maestria.

Raoul foi impiedoso.

— É uma verdadeira catástrofe. Porque, enfim, o senhor contava muito com essa prisão para o seu futuro, não…?

— Muito — disse Marescal, cuja derrota o dispunha mais e mais a fazer confidências. Tenho inimigos poderosos no ministério, e a captura, por assim dizer instantânea, dessa mulher iria me servir bastante. Pense só…! A repercussão do caso…! O escândalo dessa criminosa, dissimulada, jovem, bonita… Da noite para o dia, eu estava nos holofotes. E depois…

Marescal hesitou ligeiramente. Mas há momentos em que nenhuma razão nos impediria de falar e de mostrar o fundo de nossa alma, sob pena de nos arrependermos. Ele se abriu então.

— E, depois, isso dobraria, triplicaria a importância da vitória que eu obteria em terreno oposto…!

— Uma segunda vitória? — disse Raoul com admiração.

— Sim, e definitiva, é isso.

— Definitiva?

— Certamente, ninguém pode arrancá-la de mim, já que se trata de uma morta.

— Da jovem inglesa, talvez?

— Da jovem inglesa.

Sem abandonar seu ar um tanto ingênuo, e como cedia sobretudo ao desejo de admirar as proezas de seu companheiro, Raoul perguntou:

— Poderia me explicar…?

— Por que não? O senhor será informado duas horas antes dos juízes, é tudo.

Embriagado de cansaço, com o cérebro confuso, Marescal teve a imprudência, contrariamente a seus hábitos, de tagarelar como um novato. Inclinando-se para Raoul, disse a ele:

— Sabe quem era essa inglesa?

— O senhor a conhecia então, comissário?

— Se eu a conhecia! Éramos bons amigos, mesmo. Depois de seis meses, eu a vigiava, vivia à sua sombra, procurava contra ela provas que não conseguia reunir…!

— Contra ela?

— É! Caramba, contra ela! Contra Lady Bakefield, de um lado filha de Lorde Bakefield, par da Inglaterra e multimilionário, mas, de outro, ladra internacional, rata de hotel e chefe de quadrilha, tudo isso por prazer, por diletantismo. E ela também, a espertalhona, havia me desmascarado, e, quando lhe falei, eu a senti desdenhosa e segura de si mesma. Ladra, sim, e eu tinha prevenido meus chefes.

"Mas como prendê-la? Ora, desde ontem eu estava com ela nas mãos. Tinha sido advertido por alguém de seu hotel, a nosso serviço, que a srta. Bakefield tinha recebido de Nice, ontem, o plano de uma *villa* que vai ser assaltada, a Villa B…, como a designavam em uma carta anexa, que ela guardara esses papéis em uma pequena sacola de couro, com um maço de documentos bastantes suspeitos, e que partia para o Midi. Daí a minha partida. 'Lá', pensava eu, 'ou bem a prendo em flagrante delito ou ponho a mão nesses documentos'. Nem precisei esperar tanto tempo. Os bandidos a entregaram a mim."

— E a sacola?

— Ela a levava por baixo da roupa, presa por uma correia. E agora aqui está — diz Marescal, batendo em seu paletó na altura da cintura. Só tive tempo de lhe dar uma olhadela, que me permitiu entrever peças irrecusáveis, como o plano da Villa B…, onde, de próprio punho, ela acrescentou a lápis azul esta data: 28 de abril. Dia 28 de abril é depois de amanhã, quarta-feira.

Raoul não deixou de sentir certa decepção. Sua linda companheira de uma noite, uma ladra! E sua decepção era tanto maior porque ele não podia protestar contra uma acusação justificada por tão numerosos detalhes e que explicava por exemplo a clarividência da inglesa no que lhe dizia respeito. Associada a uma quadrilha de ladrões internacionais, ela possuía, sobre eles e sobre os outros, indicações que lhe permitiam entrever, por trás de Raoul de Limézy, a silhueta de Arsène Lupin.

E devia-se acreditar que, no momento de sua morte, as palavras que ela se esforçava em vão por dizer eram palavras de confissão e de súplica que se dirigiam justamente a Lupin: "Defenda minha memória… Meu pai não deve saber de nada…! Meus documentos devem ser destruídos!"?

— Então, comissário, vai ser a desonra para a nobre família dos Bakefields?

— O que o senhor quer…? — disse Marescal.

Raoul continuou:

— Essa ideia não é penosa para o senhor? E, do mesmo modo, essa ideia de entregar à justiça uma moca como aquela que acabou de nos escapar? Porque ela é muito jovem, não?

— Muito jovem e muito bela.

— E apesar disso?

— Senhor, apesar disso e apesar de todas as considerações possíveis, nada jamais vai me impedir de fazer meu dever.

Pronunciou essas palavras como um homem que evidentemente procura recompensa para seu mérito, mas cuja consciência profissional domina todos os pensamentos.

— Disse bem, comissário — aprovou Raoul, embora avaliasse que Marescal parecia confundir seu dever com muitas outras coisas onde ele entrava, sobretudo com o rancor e a ambição.

Marescal consultou o relógio de pulso e depois, vendo que teria tempo para repousar antes que chegassem os representantes do Ministério Público, recostou-se um pouco e rabiscou algumas anotações em um caderninho, que não tardou a cair sobre seus joelhos. O senhor comissário entregava-se ao sono.

Em frente a ele, Raoul o contemplou durante alguns minutos. Após o reencontro deles no trem, sua memória lhe apresentava pouco a pouco lembranças mais precisas de Marescal. Evocava um rosto de policial

bastante intrigante, ou antes de amador rico, que trabalhava na polícia por gosto e por prazer, mas também para servir a seus interesses e paixões.

Um homem de sorte, aquele, Raoul se lembrava muito bem, corria atrás das mulheres, nem sempre escrupuloso, e a quem elas ajudavam, às vezes, em sua carreira um tanto rápida demais. Não se dizia mesmo que ele frequentava até a casa de seu ministro e que a esposa deste não era estranha a certos favores imerecidos…?

Raoul pegou o caderninho e escreveu, ao mesmo tempo que vigiava o policial:

Observações relativas a Rodolphe Marescal.

Agente notável. Iniciativa e lucidez. Mas muito falastrão. Confia no primeiro que aparece, sem lhe perguntar o nome, nem verificar o estado de suas botas, nem mesmo olhar para ele e tomar nota de sua fisionomia.

Muito mal-educado. Se encontra, ao sair de uma confeitaria do Boulevard Haussmann, uma senhorita que conhece, ele a aborda e lhe fala contra a vontade dela. Se a reencontra horas depois, disfarçada, coberta de sangue e vigiada por policiais, não se certifica se a fechadura está em bom estado e se o sujeito que a deixou na cabine do trem não está agachado atrás das encomendas postais.

Nem é, portanto, de se admirar que o sujeito, aproveitando-se de falhas tão grosseiras, decida conservar um valioso anonimato, recusar seu papel de testemunha e de vil delator, tomar para si esse estranho caso e defender energicamente, com a ajuda de documentos da sacola, a memória da pobre Constance e a honra dos Bakefields, dedicar toda a sua energia a castigar a desconhecida de olhos verdes, sem que a ninguém seja permitido tocar em um único fio de seu cabelo loiro ou pedir contas do sangue que mancha suas adoráveis mãos.

Como assinatura, Raoul, evocando seu encontro com Marescal diante da pastelaria, desenhou uma cabeça de homem de óculos e um cigarro nos lábios, e escreveu: “Tem fogo, Rodolphe?”.

O comissário roncava. Raoul recolocou o caderninho nos joelhos dele, depois tirou do bolso um pequeno frasco o qual abriu e fez com que Marescal o aspirasse. Um forte odor de clorofórmio se desprendeu. A

cabeça de Marescal se inclinou mais.

Então, bem devagarinho, Raoul abriu-lhe o sobretudo, desafivelou as correias da sacola e as passou em torno de sua própria cintura, sob seu casaco.

Passava justamente um trem, a pouca velocidade, um trem de carga. Baixou o vidro, pulou sem ser visto, de um estribo ao outro, e se instalou confortavelmente sob o toldo de um vagão carregado de maçãs.

"Uma ladra que foi morta", dizia ele consigo, "e uma assassina de quem tenho horror, tais são as pessoas recomendáveis às quais concedo minha proteção. Por que diabo me lancei nessa aventura?"

Assalto à Villa B...

"Se há um princípio ao qual me mantenho fiel", disse-me Arsène Lupin, quando, muitos anos depois, contou-me a história da garota de olhos verdes, "é nunca tentar a solução de um problema antes que seja a hora. Para atacar certos enigmas, é preciso esperar que a sorte, ou que sua habilidade, lhe traga um número suficiente de fatos reais. É preciso não avançar sobre o caminho da verdade senão com prudência, passo a passo, de acordo com o progresso dos acontecimentos."

Raciocínio tanto mais justo em um caso em que não havia senão contradições, absurdos, atos isolados que não pareciam ter ligação nenhuma uns com os outros. Nenhuma unidade. Nenhuma diretriz pensada. Cada qual caminhava por sua própria conta. Jamais Raoul sentiu a esse ponto o quanto se deve desconfiar de toda precipitação nesses tipos de aventuras. Deduções, intuições, análise, exame, tantas ciladas em que devemos evitar de cair.

Ele permaneceu então toda a tarde debaixo do toldo de seu vagão, enquanto o trem de carga rumava para o sul, entre os campos ensolarados. Devaneava serenamente, comendo maçãs para apaziguar a fome, e, sem perder tempo em construir hipóteses sobre a bela garota, sobre seu crime e sobre sua alma tenebrosa, saboreava as lembranças da boca mais macia e mais requintada que sua boca havia beijado. Esse era o único fato que ele queria levar em conta. Vingar a inglesa, punir a culpada, agarrar o terceiro cúmplice, reaver o dinheiro roubado, evidentemente, isso seria interessante. Mas reencontrar os olhos verdes e os lábios aos quais se abandonou, que volúpia!

A exploração da sacola não lhe esclareceu grande coisa. Listas de cúmplices, correspondência com afiliados de todo o país… Ai! A srta. Bakefield era mesmo uma ladra, como mostravam todas as provas que os mais habilidosos tinham tido a imprudência de não destruir. Ao lado disso, cartas de Lorde Bakefield em que se revelava toda a ternura e honestidade do pai. Mas nada que indicasse o papel desempenhado por ela no caso nem a relação existente entre a aventura da jovem inglesa e o crime dos três bandidos, ou seja, em suma, entre a srta. Bakefield e a assassina.

Um único documento, ao qual Marescal havia feito alusão, e que era uma carta endereçada à inglesa relativamente ao assalto da Villa B…

Você vai encontrar a Villa B… à direita da estrada de Nice a Cimiez, depois da Arena Romana. É uma construção maciça, em um grande jardim rodeado de muros.

Na última quarta-feira de cada mês, o velho conde de B… se instala no fundo de sua caleche e desce a Nice com seu criado, duas criadas e um cesto de provisões. Portanto, casa vazia das três às cinco horas.

Dar a volta pelos muros do jardim, até a parte que domina o vale de Paillon. Pequena porta de madeira carcomida, cuja chave lhe envio por esta mesma correspondência.

É certo que o conde de B…, que não se dava bem com a mulher, não encontrou o pacote de títulos que ela escondeu. Mas uma carta escrita pela defunta a uma amiga fazia alusão a uma caixa de violino quebrada que se acha em uma espécie de mirante onde se empilham objetos sem uso.

Incluo a planta do jardim e a da mansão. No alto da escada fica o mirante, quase em ruínas. A expedição necessita de duas pessoas, uma das quais vai fazer a vigília, pois deve-se ficar atento a uma vizinha, que é lavadeira e que vem frequentemente por outra entrada do jardim, fechada por uma cancela gradeada da qual só ela tem a chave.

Marque a data (na margem, uma anotação em lápis azul indicava 28 de abril) e me previna, a fim de que nos encontremos no mesmo hotel.

Assinado G.

P.S.: Minhas informações sobre o sujeito do grande enigma do qual lhe falei continuam sempre muito vagas. Será que se trata de um tesouro considerável, de um segredo científico? Não sei nada ainda. A viagem que preparo será, portanto, decisiva. Sua intervenção vai ser muito útil então!

Até nova ordem, Raoul desconsiderou esse pós-escrito muito estranho. Era, segundo uma expressão que ele apreciava, um desses cipoais em que não se pode penetrar senão à força de suposições e interpretações perigosas. Enquanto o assalto à Villa B...!

Esse assalto assumia para ele, pouco a pouco, um interesse particular. Refletiu muito sobre ele. Tira-gosto certo. Mas existem tira-gostos que valem um prato substancial. E, uma vez que Raoul descera até o Midi, seria um grande lapso não levar em consideração tão bela ocasião.

Na estação de Marselha, na noite seguinte, Raoul pulou de seu vagão de carga e tomou assento em um expresso do qual desceu em Nice, na manhã de 28 de abril, depois de ter aliviado um valente burguês de algumas notas que lhe permitiram comprar uma mala, roupas, roupa íntima, e escolher o Majestic Palace, no sopé de Cimiez.

Lá almoçou, lendo nos jornais da região os relatos mais ou menos fantasiosos sobre o caso de expresso. Às duas horas da tarde saiu, tão transformado de roupa e de aparência que teria sido quase impossível Marescal reconhecê-lo. Mas como Marescal poderia supor que seu mistificador teria a audácia de substituir a srta. Bakefield no assalto anunciado a uma *villa*?

"Quando um fruto está maduro", dizia-se Raoul, "nós o colhemos. Ora, esse aí me parece exatamente no ponto, e eu seria verdadeiramente muito idiota se o deixasse apodrecer. A pobre srta. Bakefield não me perdoaria."

A Villa Faradoni fica de frente para a estada e domina um vasto terreno montanhoso e plantado com oliveiras. Caminhos rochosos e quase sempre desertos acompanham pelo exterior os três outros lados do terreno. Raoul fez a inspeção, notou uma pequena porta de madeira carcomida, mais adiante uma cancela de ferro, entreviu em um campo vizinho uma casinha que devia ser a da lavadeira, e voltou às imediações da rodovia, no instante em que uma antiga caleche se afastava em direção a Nice. O conde

Faradoni e seu pessoal iam comprar provisões. Eram três horas.

"Casa vazia", pensou Raoul. Não é muito provável que o correspondente da srta. Bakefield, que não deve ignorar neste momento o assassinato de sua cúmplice, venha tentar a aventura. Portanto, a nós o violino quebrado!"

Retornou pela pequena porta carcomida a um lugar em que tinha observado que o muro oferecia algumas asperezas que facilitavam a escalada. De fato, ele o transpôs facilmente e se dirigiu para a mansão por alamedas malcuidadas. Todas as portas-janelas do térreo estavam abertas. A do saguão o conduziu à escada, no alto da qual se encontrava o mirante. Mas mal colocou o pé no primeiro degrau e soou uma campainha elétrica.

"Caramba", disse a si mesmo, "estará a casa cheia de dispositivos de segurança? Será que o conde desconfia?"

O toque que retiniu no saguão, ininterrupto e horripilante, parou subitamente assim que Raoul se mexeu do lugar. Desejoso de se livrar daquilo, examinou o aparelho de alarme que estava fixado junto ao teto, seguiu o fio que descia ao longo do batente da porta e constatou que vinha de fora. Portanto, o acionamento não fora produzido por ele, mas por causa de uma intervenção externa.

Saiu. O fio corria pelo ar, bem alto, suspenso de galho em galho, e segundo a sua direção, e seguindo a direção que ele mesmo tomara ao entrar. Logo ficou convencido de uma coisa.

"Quando se abre a portinha carcomida, o alarme é acionado. Por conseguinte, alguém quis entrar, e então desistiu ao ouvir o barulho longínquo da campainha."

Raoul se desviou um pouco para a esquerda e chegou ao alto de um montículo, cheio de folhagens, de onde se descortinavam a casa, todo o campo de oliveiras e certas partes do muro, como as imediações da porta de madeira.

Esperou. Uma segunda tentativa aconteceu, mas de uma maneira que ele não tinha previsto. Um homem escalou o muro, assim como ele mesmo havia feito, e, no mesmo lugar, sentado no alto do muro, desligou a extremidade do fio e saltou para o chão.

A porta, na verdade, foi empurrada de fora, a campainha não tocou, e outra pessoa entrou, uma mulher.

O acaso desempenha, na vida dos grandes aventureiros, e sobretudo no início de suas empreitadas, um papel de verdadeiro colaborador. Mas, por

mais extraordinário que fosse, seria realmente por acaso que a garota de olhos verdes se encontraria lá e que estaria em companhia de um homem que não poderia ser senão o senhor Guillaume? A rapidez de sua fuga e de sua viagem, a súbita intrusão deles nesse jardim, nessa data de 28 de abril e a essa hora da tarde, tudo isso não mostrava que também conheciam o negócio e foram diretamente ao alvo com a mesma certeza que ele? E, ainda, não lhe seria lícito ver ali o que Raoul procurava, uma relação certa ente as empreitadas da inglesa, vítima, e da francesa, assassina? Munidos de suas passagens, suas bagagens registradas em Paris, os cúmplices tinham, com toda a naturalidade, continuado sua expedição.

Vinham os dois ao longo das oliveiras. O homem bem magro, todo escanhoado, ar de um ator pouco simpático, tinha um mapa na mão e caminhava com passos cautelosos e olhos perscrutadores.

A garota… Verdadeiramente, se bem que não pusesse em dúvida sua identidade, Raoul mal a reconhecia. Como havia mudado aquele alegre rosto feliz e sorridente que ele tanto tinha admirado alguns dias antes na confeitaria do Boulevard Haussmann! E não era tampouco a imagem trágica percebida no corredor do expresso, mas um pobre rosto contraído, dolorido, amedrontado, que dava pena ver. Vestia um vestido muito simples, cinza, sem ornamentos, e um chapéu de palha que escondia seu cabelo loiro. Ora, como ele contornava o montículo onde ele se espreitava, ajoelhado no meio da folhagem, Raoul teve a visão brusca, instantânea, como a de um relâmpago, de uma cabeça de homem, sem chapéu… cabeleira negra revolta… fisionomia comum… Isso não durou um segundo.

Seria um terceiro cúmplice, postado na ruela?

O par se deteve mais além do montículo, no local onde se cruzavam o caminho da porta e o caminho da cancela. Guillaume se afastou correndo em direção à casa. Deixou a garota sozinha.

Raoul, que se encontrava a uma distância de cinquenta passos no máximo, olhou-a avidamente e pensava que outro olhar, o de um homem escondido, devia contemplá-la também pelas frestas da porta carcomida. Que fazer? Preveni-la? Levá-la, como em Beaucourt, e livrá-la dos perigos que não conhecia?

A curiosidade foi mais forte que tudo. Ele queria saber. No meio daquela embrulhada toda, em que iniciativas contrárias se acumulavam, em que os ataques se cruzavam, sem que fosse possível ver claro, esperava que

um fio condutor surgisse, permitindo-lhe, em um momento específico, escolher um caminho em vez de outro, e não mais agir ao acaso de um impulso de piedade ou de um desejo de vingança.

Por enquanto, ela permanecia apoiada contra um árvore e brincava distraidamente com o apito que lhe devia servir em caso de alerta. A juventude de seu rosto, um rosto de menina quase, se bem que ela não tivesse com certeza mais de vinte anos, surpreendeu Raoul. Os cabelos, sob o chapéu um pouco levantado, brilhavam como argolas de metal e formavam como que uma auréola de alegria.

O tempo passava. De repente, Raoul ouviu a cancela de ferro que chiava e viu, do outro lado do montículo, uma mulher do povo, que vinha cantarolando e se dirigia à casa, com um cesto de roupa no braço. A garota de olhos vedes também ouviu. Cambaleou, deslizou entre as árvores até o chão, e a lavadeira continuou seu caminho sem perceber aquela silhueta caída atrás do maciço de arbustos que marcava a encruzilhada.

Decorreram momentos terríveis. Que faria Guillaume, surpreendido em pleno roubo e frente a frente com aquela intrusa? Mas aconteceu o fato inesperado de que a lavadeira entrou na casa por uma porta de serviço e que, no mesmo momento em que ela desaparecia, Guillaume voltava de sua expedição, carregando um pacote envolto em um jornal que tinha a exata forma de uma caixa de violino. O encontro, portanto, não ocorreu.

A desconhecida, dissimulada em seu esconderijo, não viu isso imediatamente e, durante a aproximação surda de seu cúmplice, que andava furtivamente sobre a relva, ela conservava o rosto espantado de Beaucourt, após o assassinato da srta. Bakefield e dos dois homens. Raoul a detestava.

Houve uma breve explicação que revelou a Guillaume o perigo que havia corrido. Ele, por seu lado, vacilou, e, quando se afastaram do montículo, titubearam os dois, lívidos e terrificados.

"Sim, sim", pensou Raoul, cheio de desprezo, "se é Marescal ou seus acólitos que estão de tocaia atrás do muro, tanto melhor! Que os dois sejam apanhados! E metidos na prisão!"

Dir-se-ia que naquele dia as circunstâncias frustravam todas as previsões de Raoul e que ele seria constrito a agir contra a própria vontade, e, em todo caso, sem refletir. A vinte passos da porta, ou seja, a vinte passos da suposta emboscada, o homem cuja cabeça Raoul percebera no alto do

muro pulou no mato que dominava a alameda; com um soco no meio do queixo, Guillaume pôs Raoul fora de combate, puxou a garota, que agarrou no braço como um pacote, pegou a caixa de violino e correu através do campo de oliveiras e no sentido oposto ao da casa.

Raoul se precipitou em seguida. O homem, ao mesmo tempo leve e robusto, safou-se muito depressa e sem olhar para trás, como alguém que não tem dúvida de que ninguém poderá impedi-lo de atingir seu objetivo.

Cruzou assim um pátio plantado de limoeiros que se erguia ligeiramente até um promontório, onde o muro, de um metro de altura no máximo, devia conter um aterro do lado de fora.

Ali, colocou no chão a garota, que em seguida fez deslizar para o exterior segurando-a pelos punhos. Depois desceu ele, após ter lançado o violino.

"Maravilha", disse consigo Raoul. "Ele deve ter escondido um automóvel em um caminho afastado que beira o jardim nesse ponto. Depois, tendo espiado e, um pouco mais tarde, capturado a garota, volta a seu ponto de chegada e a deixa cair, inerte e sem resistência, no banco do carro."

Aproximando-se, Raoul constatou que não se enganara. Um grande automóvel conversível de capota arriada estava ali estacionado.

A partida foi imediata. Duas voltas na manivela… O homem pulou para o lado de sua presa e arrancou rapidamente.

O solo era acidentado, cheio de pedras. O motor estava sendo forçado e arquejava. Raoul pulou atrás, alcançou facilmente o carro, passou por cima da capota arriada e se deitou na frente do banco de trás, abrigado sob um casaco que estava no banco. O agressor, não se virando nem uma única vez na confusão daquela mudança de marcha difícil, não ouviu nada.

Ganharam o caminho de fora dos muros, depois a rodovia. Antes de virar, o homem colocou no pescoço da garota uma mão forte e nodosa, e grunhiu:

— Se você se mexer, está perdida. Esgano sua goela como fiz com a outra… Sabe o que quero dizer…?

E acrescentou, com uma risadinha:

— Aliás, não mais que eu, você não tem vontade de gritar por socorro, hein, menina?

Camponeses e transeuntes seguiam pela estrada. O carro se afastou de Nice e correu para as montanhas. A vítima não se mexeu.

Como Raoul não iria tirar dos fatos e das palavras pronunciadas o significado lógico que comportavam? Em meio a esse emaranhado de peripécias, ele aceitou bruscamente a ideia de que o homem era o terceiro bandido do trem, aquele que havia esganado a goela da "outra", ou seja, da srta. Bakefield.

"É isso", pensou ele. "Não vale a pena se embaraçar em meditações e deduções lógicas. É isso. E aí está mais uma prova de que há uma ligação entre o caso Bakefield e o negócio dos três bandidos. Na certa, Marescal tinha razão em pretender que a inglesa fora morta por engano, mas, de qualquer modo, todas essas pessoas desceram até Nice com o mesmo objetivo, assaltar a Villa B. Esse assalto fora Guillaume que combinara. Guillaume, o autor evidente da carta assinada G., Guillaume, que, ele mesmo, fazia parte das duas quadrilhas e que perseguia ao mesmo tempo o assalto com a inglesa e a solução do grande enigma do qual fala no pós-escrito. Depois disso, a inglesa estando morta, Guillaume quis executar o golpe que tinha combinado. Leva consigo a garota de olhos verdes porque são necessárias duas pessoas. E o golpe teria sucesso se o terceiro bandido, que vigiava os cúmplices, não tivesse recolhido os despojos e não tivesse aproveitado a ocasião para levar os "olhos verdes". Com que propósito? Haveria rivalidade amorosa entre os dois homens? Por ora, não perguntemos mais nada.

Alguns quilômetros mais adiante, o carro virou à direita, desceu por curvas abruptamente desenhadas, depois se dirigiu para a estrada de Levens, de onde se podia chegar quer às gargantas do Var, quer ao alto das montanhas. E então?

"Sim, então", disse ele consigo, "o que devo fazer se a expedição alcançar algum reduto de bandidos? Devo esperar estar só diante de meia-dúzia de sequestradores com os quais precisarei disputar os olhos verdes? "

— Nada de besteiras! Se você deve morrer, será por mim, e com hora marcada. Não esqueceu o que lhe falei no expresso, antes que Guillaume e você matassem os dois irmãos. Assim, aconselho você…

Não terminou. Virando-se para a garota, entre duas curvas, percebeu uma cabeça e um busto que o separavam dela, uma cabeça careteira e um busto espaçoso que o empurrou para o seu canto. E uma voz debochada riu:

— Como vai, velho camarada?

O homem ficou aturdido. Uma guinada falha os lançou, aos três, em um barranco. Ele balbuciou:

— Com mil diabos! Quem é esse sujeitinho aí? De onde ele apareceu?

— Como! — disse Raoul. — Você não me reconhece? Já que falou do expresso, deve se lembrar, vejamos... O tipo que você socou no início? O pobre coitado de quem você surrupiou vinte e três notas? A senhorita me reconhece bem, você aí? Não? Senhorita, reconhece o homem que a carregou nos braços, naquela noite, e que a deixou tão amavelmente?

A garota se calou, curvada sob seu chapéu. O homem continuou a balbuciar.

— Quem é esse pássaro aí? De onde ele saiu?

— Da Villa Faradoni, onde eu estava de olho em você. E agora precisa parar para que a senhorita desça.

O indivíduo não respondeu. Aumentou a velocidade.

— Quer ser mau? Está enganado, camarada. Deve ter viso nos jornais que eu o poupei. Não soprei uma palavra de você, e, por consequência, é a mim que acusam de ser o chefe da quadrilha! Eu, um passageiro inofensivo que não pensa senão em salvar todo mundo. Vamos, camarada, freie um pouco e diminua a marcha…

A estrada serpenteava em um desfiladeiro, agarrada à parede de uma falésia e ladeada por um parapeito que seguia a sinuosidade de uma torrente. Muito estreita, era ainda compartilhada por uma linha de bondes. Raoul julgou a situação favorável. Meio erguido, ele espiava os horizontes restritos que se ofereciam a cada curva.

Subitamente ele se levantou, virou-se, abriu os braços, passou-os à direita e à esquerda do inimigo, desabou verdadeiramente sobre ele, e, por cima de seus ombros, agarrou o volante com as duas mãos.

O homem, desconcertado, fraquejou, balbuciando:

— Deus! Mas é louco! Ah, raios, vai nos jogar na ribanceira… Solte-me, estúpido!

Tentava se desvencilhar, mas os dois braços o apertavam como um torno, e Raoul lhe disse rindo:

— Precisa escolher, meu caro amigo. O despenhadeiro ou ser esmagado pelo bonde. Tome, vamos lá, o bonde, que desliza ao seu encontro. Precisa parar, velho camarada. Senão…

De fato, a pesada máquina surgiu a cinquenta metros. Na velocidade em que iam, a parada tinha que ser imediata. O homem compreendeu e freou, enquanto Raoul, agarrado à direção, imobilizava o carro sobre as linhas do bonde. Frente a frente, poder-se-ia dizer, os dois veículos pararam.

O homem não se desenfureceu.

— Maldição! Quem é esse sujeitinho aí? Ah, você vai me pagar.

— Faça suas contas. Tem uma caneta? Não? Então, se não tem intenção de se deitar na frente do bonde, vamos liberar o caminho.

Estendeu a mão à garota, que a recusou, para descer, e que ficou esperando na estrada.

Enquanto isso os passageiros se impacientavam. O condutor gritava. Logo que o caminho ficou livre, o bonde se foi.

Raoul, que ajudava o homem a empurrar o carro, disse-lhe imperiosamente:

— Viu como eu trabalhei, hein, meu velho? Ei, bem, se você ainda se atrever a aborrecer a senhorita, eu o entrego para a justiça. Foi você que combinou o golpe do expresso e estrangulou a inglesa.

O homem se voltou, lívido. No rosto de barba por fazer e pele já vincada de rugas, os lábios tremiam.

Ele gaguejou:

— Mentira… Não toquei nela…

— Foi você, tenho todas as provas… Se for apanhado, vai ser executado… Portanto, vá embora. Deixe o carro. Vou para Nice com a garota. Vamos, suma!

Com um forte tranco de ombros, Raoul pulou do carro e agarrou o violino embrulhado. Mas, deixando escapar uma praga:

— Caramba! Ela fugiu.

A garota de olhos verdes não estava mais na estrada, é verdade. Ao longe, o bonde desaparecia. Aproveitando que os dois adversários discutiam, ela se refugiara ali.

A cólera de Raoul recaiu sobre o homem.

— Quem é você? Hein? Você conhece aquela mulher? Qual é o nome dela? E o seu nome? E como é que…

O homem, igualmente furioso, queria arrancar o violino de Raoul, e a luta começou, quando passou um segundo bonde. Raoul se jogou nele,

enquanto o bandido tentava em vão dar partida no carro.

Chegou furioso ao hotel. Felizmente, ele tinha, agradável compensação, os títulos da condessa Faradoni.

Desfez o embrulho de jornal. Ainda que privado do braço e de todos os seus acessórios, o violino estava muito mais pesado do que deveria ser.

Ao examiná-lo, Raoul constatou que uma das talas do instrumento tinha sido habilmente retirada, em toda a volta, e depois recolocada e colada.

Ele a descolou.

O violino não continha senão um pacote de jornais velhos, o que levava a crer que ou a condessa tinha dissimulado sua fortuna em outra parte ou o conde, tendo descoberto o esconderijo, aproveitava tranquilamente a renda que a condessa quisera impedi-lo de usufruir.

— De mãos vazias, completamente! — vociferou Raoul. — Ah, mas ela começa a me irritar, a garota de olhos verdes! E não é que ela está me recusando sua mão? O quê? Não me quer porque roubei um beijo de sua boca? Santinha, vá!

O terra-nova

Por toda uma semana, não sabendo para onde levar a batalha, Raoul leu atentamente as reportagens dos jornais que relatavam o triplo assassinato do expresso. É inútil falar detalhadamente aqui dos acontecimentos já bem conhecidos do público, ou das suposições feitas, ou dos erros cometidos, ou das pistas seguidas. Este caso, profundamente misterioso e que apaixona o mundo inteiro, só desperta interesse hoje em razão do papel que Arsène Lupin nele desempenhou e na medida em que influiu na descoberta de uma verdade que podemos enfim estabelecer de maneira absoluta. Sendo assim, por que desencavar detalhes fastidiosos e lançar luz sobre fatos que ficaram em segundo plano?

Lupin, ou melhor, Raoul de Limézy, em contrapartida, viu imediatamente a que se restringiram para ele os resultados do inquérito, e assim os anotou:

> *1º: O terceiro cúmplice, ou seja, o brutamontes do qual arranquei a senhorita de olhos verdes, tendo permanecido na sombra, e de cuja existência ninguém sabe, acontece que, aos olhos da polícia, é o passageiro desconhecido, quer dizer, eu, que sou o investigador do caso. Sob a evidente inspiração de Marescal, que ficou fortemente impressionado com minhas detestáveis manobras em relação a ele, eu me transformo em uma personagem diabólica e onipotente, que organizou o complô e dominou todo o drama. Vítima aparente de meus camaradas, amarrado e amordaçado, eu os dirijo, velo por sua segurança e desapareço na sombra, sem deixar outros rastros senão os de minhas botas;*

2º: Em relação aos outros cúmplices, admite-se, segundo o depoimento do médico, que empreenderam a fuga com a carruagem do próprio médico. Mas até onde? De madrugada, o cavalo trazia a carruagem através dos campos. De qualquer modo, Marescal não hesita: arranca a máscara do bandido mais jovem e denuncia sem piedade uma mulher jovem e bela, da qual não dá, contudo, a indicação, reservando-se assim o mérito de uma sensacional e próxima prisão;

3º: Os dois homens assassinados são identificados. Eram dois irmãos, Arthur e Gaston Loubeaux, sócios no lançamento de uma marca de champanhe e domiciliados em Neuilly, às margens do rio Sena;

4º: Um ponto importante: o revólver com o qual os dois irmãos foram mortos, e que foi encontrado no corredor, forneceu um indício formal. Foi encontrado quinze dias atrás por um jovem, magro e alto, que sua companheira, uma jovem ladra, chamava de Guillaume;

5º: Enfim, srta. Bakefield. Contra ela, nenhuma acusação. Marescal, sem provas, não ousa se arriscar e guarda um silêncio prudente. Simples passageira, mulher da sociedade muito conhecida em Londres e na Riviera, juntou-se ao pai em Monte Carlo. Eis tudo. Foi assassinada por engano? É possível. Mas por que os dois Loubeaux foram mortos? Quanto a isso e quanto ao resto, trevas e contradições.

"E, como não estou a fim", concluiu Raoul, "de quebrar a cabeça, deixemos a polícia se atolar e vamos agir."

Se Raoul falava assim, é porque sabia, enfim, em que sentido agir. Os jornais da região publicavam esta nota:

"Nosso distinto hóspede Lorde Bakefield, após ter assistido às exéquias de sua infeliz filha, voltou para nosso meio e vai passar este fim de estação, segundo seu hábito, no Bellevue de Monte Carlo.

Nessa noite, Raoul de Limézy tomava, no Bellevue, um quarto contíguo às três peças ocupadas pelo inglês. Todas as peças, assim como os outros quartos do térreo, davam para um grande jardim — sobre o qual cada um tinha sua escadinha e sua saída — que se estendia diante da fachada oposta à entrada do hotel.

No dia seguinte, avistou o inglês no momento em que ele descia de seu quarto. Era um homem ainda jovem, de aspecto pesado, e cuja tristeza e prostração se exprimiam por movimentos nervosos em que havia angústia e desespero.

Dois dias depois, como Raoul se propunha transmitir-lhe sua carta, com o pedido de uma entrevista confidencial, avistou no corredor alguém que vinha bater à porta vizinha: Marescal.

O fato não o espantou muito. Uma vez que ele mesmo viera para pesquisas por essas bandas, era bastante natural que Marescal procurasse saber o que pudesse conseguir do pai de Constance.

Sendo assim, abriu uma das folhas almofadadas do porta-balcão que o separava do quarto contíguo. Mas não ouviu nada da conversa.

Houve outra no dia seguinte. Raoul conseguira penetrar nos aposentos do inglês e puxou o ferrolho. De seu quarto, entreabriu a segunda folha, dissimulada por uma tapeçaria. Novo revés. Os dois interlocutores falavam tão baixo que ele não escutava a menor palavra.

Perdeu assim três dias, que o inglês e o policial empregaram em conciliábulos que o intrigavam vivamente. Que intenção teria Marescal? Revelar a Lorde Bakefield que sua filha era uma ladra, isso, certamente, Marescal não pesava mesmo. Mas então seria de se supor que ele esperava dessas entrevistas outra coisa além de indícios.

Uma manhã, enfim, Raoul, que até aqui não havia escutado muitas chamadas telefônicas que Lorde Bakefield recebia em uma peça mais distante de seu apartamento, conseguiu captar o fim de uma ligação: "Está combinado, senhor. Encontro no jardim do hotel hoje às três horas. O dinheiro estará pronto, e meu secretário vai levá-lo ao senhor em troca das quatro cartas de que falou…".

"Quatro cartas… dinheiro…", disse Raoul consigo. "Isso para mim tem todo o jeito de tentativa de chantagem… E, nesse caso, não seria o mestre-cantor o senhor Guillaume, o qual evidentemente deve rodar pela vizinhança e que, cúmplice da srta. Bakefield, tentaria hoje rentabilizar sua correspondência com ela?"

As reflexões de Raoul confirmavam essa explicação, que esclarecia completamente os atos de Marescal. Chamado provavelmente por Lorde Bakefield, que Guillaume tinha ameaçado, o comissário preparava uma emboscada em que o jovem malfeitor deveria fatalmente cair. Que fosse.

Por aquilo Raoul só podia regozijar-se. Mas será que a garota de olhos verdes estaria na combinação?

Naquele dia, Lorde Bakefield reteve o comissário para almoçar com ele. Terminado o almoço, dirigiram-se para o jardim e deram várias voltas em torno dele conversando com animação. Às duas horas e quarenta e cinco minutos, o policial entrou no apartamento. Lorde Bakefield se sentou em um banco, bem à vista, e não longe de uma cancela aberta por onde o jardim se comunicava com o exterior.

De sua janela, Raoul vigiava.

"Se ela vier, pior para ela!", murmurou. " Tanto pior! Não vou levantar um dedo sequer para socorrê-la."

No entanto, sentiu-se aliviado quando viu aparecer apenas Guillaume, que avançava com precaução até a cancela.

O encontro se realizou entre os dois homens. Foi breve, já que as condições do negócio haviam sido previamente fixadas. Dirigiram-se logo para o canto do apartamento, os dois em silêncio, Guillaume inseguro e inquieto, Lorde Bakefield sacudido por movimento nervosos.

No alto da escadinha, o inglês disse:

— Entre, senhor. Não quero me misturar a toda essa sordidez. Meu secretário está ao corrente disso e lhe pagará pelas cartas se o conteúdo delas for tal como o senhor afirma.

E se retirou.

Raoul se colocou de vigia atrás da porta almofadada. Esperava um lance teatral, mas logo compreendeu que Guillaume não conhecia Marescal e que este deveria passar a seus olhos pelo secretário de Lorde Bakefield. Com efeito, o policial que Raoul entrevia por um espelho articulou nitidamente:

— Aqui estão as cinquenta notas de mil francos e um cheque da mesma importância, pagável em Londres. Está com as cartas?

— Não — disse Guillaume.

— Como não? Nesse caso, nada feito. Minhas instruções são claras. Toma lá, dá cá.

— Vou enviá-las pelo correio.

— O senhor está maluco, ou melhor, está tentando nos enrolar.

Guillaume se decidiu.

— Eu tenho mesmo as cartas, mas o que quero dizer é que não estão comigo.

— Então?

— Então, quem as guarda é um dos meus amigos.

— Onde ele está?

— No hotel. Vou procurá-lo.

— É inútil — disse Marescal, que adivinhava a situação. — Precipitou as coisas.

Tocou a campainha. A camareira veio, e ele lhe disse:

— Traga então a moça que deve estar esperando no corredor. Diga a ela que é da parte do sr. Guillaume.

Guillaume se sobressaltou. Então eles sabiam seu nome?

— O que é que isso significa? É o contrário de meu acordo com Lorde Bakefield. A pessoa que espera não tem nada a fazer aqui…

Quis sair. Mas Marescal se interpôs rapidamente e abriu a porta, dando passagem à garota de olhos verdes, que entrou com passo hesitante e soltou um grito de pavor quando fecharam a porta atrás dela com violência e logo passaram a chave.

Ao mesmo tempo, uma mão a agarrava pelo ombro. Ela gemeu:

— Marescal!

Antes mesmo que ela pronunciasse aquele nome temido, Guillaume, aproveitando-se da confusão, fugiu para o jardim sem que Marescal pudesse ocupar-se dele. O comissário só pensava na garota, que, cambaleante, perdida, caminhou trôpega até o meio da sala, enquanto ele lhe arrancava a bolsa e dizia:

— Ah, malandra, ninguém mais vai salvar você desta vez! Caiu bem na ratoeira, hein?

Ele remexia na bolsa e resmungava:

— Onde estão elas, suas cartas? É chantagem agora? Veja a que ponto você desceu! Que vergonha!

A garota caiu sentada em uma cadeira. Não encontrando nada, ele a intimidava:

— As cartas! As cartas, imediatamente! Onde estão? No seu corpete?

Com uma das mãos agarrou o tecido, que rasgou com um arrebatamento de fúria e palavras insultuosas lançadas à sua presa, e avançou com a outra para procurar quando parou, estupefato, de olhos arregalados, diante de uma cabeça de homem que piscava um olho, com um cigarro enfiado no canto de uma boca sarcástica.

— Tem fogo, Rodolphe?

"Tem fogo, Rodolphe?" A frase perturbadora, já ouvida em Paris, já lida em seu caderninho secreto…! O que aquilo queria dizer? E tratando-o com intimidade? E aquele olho piscando?

— Quem é o senhor…? Quem é o senhor…? O homem do expresso? O terceiro cúmplice…? Será possível?

Marescal não era frouxo. Em muitas ocorrências, dera prova de uma audácia pouco comum e não tinha medo de enfrentar dois ou três adversários.

Mas aquele ali era um adversário como nunca encontrara, que agia por meios especiais e com o qual se sentia em um estado permanente de inferioridade. Ficava, portanto, na defensiva, enquanto Raoul, muito calmo, dizia à garota, em tom seco:

— Coloque as quatro cartas sobre a quina da lareira… Há mesmo quatro cartas neste envelope? Uma… duas… três… quatro… Bem. Agora fuja rápido pelo corredor, e adeus. Não penso que as circunstâncias nos levem a nos encontrar novamente. Adeus. Boa sorte.

A garota não disse uma palavra e se foi.

Raoul continuou:

— Como você vê, Rodolphe, conheço pouco essa pessoa de olhos verdes. Não sou cúmplice dela nem sou o assassino que lhe inspira um terror salutar. Não. Simplesmente um bravo passageiro que desagradou à sua cara de engomadinho desde o primeiro momento e que achou graça em lhe arrancar sua vítima. A mim ela não interessa mais, e estou decidido a não mais me ocupar dela. Mas vejo de quem você se ocupa. Cada um com seu caminho. O seu à direita, o dela à esquerda, o meu o meio. Sacou a minha ideia, Rodolphe?

Rodolphe esboçou um gesto em direção a seu revólver no bolso, mas não terminou. Raoul tinha tirado o seu e o olhava com tal expressão de energia implacável que ele se manteve tranquilo.

— Passemos para o quarto vizinho, viu, Rodolphe? Lá nos explicaremos melhor.

De revólver em punho, fez o comissário passar para seus aposentos e fechou a porta. Mas, mal entrou no quarto, puxou o pano de uma mesa e jogou-o sobre a cabeça de Marescal, como um capuz. O outro não resistiu. Aquele homem fantástico o paralisava. Chamar socorro, tocar a campainha,

debater-se, nisso ele não pensava, certo de antemão que a resposta seria impressionante. Deixou-se, portanto, enrolar em um jogo de cobertas e lençóis que o embrulhavam pela metade e lhe impediam toda espécie de movimento.

— Pronto — disse Raoul, quando terminou. — Estamos completamente de acordo. Pronto. Calculo que você seja libertado amanhã de manhã, pelas nove horas, o que nos dá tempo, a você de refletir, à senhorita, a Guillaume e a mim de nos colocarmos a salvo, cada um por seu lado.

Fez sua mala sem se apressar e a fechou. Depois acendeu um fósforo e queimou as quatro cartas da inglesa.

— Uma palavra ainda, Rodolphe. Não incomode Lorde Bakefield. Ao contrário, já que não tem provas contra a garota, *e nunca terá,* represente o papel de um senhor providencial e dê a ele o diário íntimo da srta. Bakefield, que guardei na sacola de couro amarelo e que deixei para você. O pai terá assim a convicção de que sua filha era a mais honesta e a mais nobre das mulheres. E você terá feito um bem. É alguma coisa. Quanto a Guillaume e sua cúmplice, diga ao inglês que você se enganou, que se trata de uma chantagem comum que nada tem a ver com o crime do expresso, e que você os soltou. Aliás, em princípio, abandone esse caso, que é muito complicado para você, e no qual você só vai encontrar dor de cabeça. Adeus, Rodolphe.

Raoul levou a chave e se dirigiu à portaria do hotel, onde pediu sua conta, dizendo:

— Reserve meu quarto até amanhã. Pago adiantado, caso não possa voltar.

Fora, congratulou-se pela maneira como os acontecimentos tinham se desenrolado. Seu papel tinha terminado. Que a garota saísse daquela enrascada como preferisse: aquilo não era mais assunto seu.

Sua resolução era tão categórica que, tendo-a percebido no expresso de Paris que pegou às três e cinquenta, não procurou encontrá-la e se ocultou.

Em Marselha, ele mudou de direção e partiu no trem de Toulouse, em companhia de pessoas com que travara relações e que pareciam atores. Guillaume apareceu e se misturou àquele grupo.

“Boa viagem!”, disse Raoul a si mesmo. “Encantado por não ter mais relações com o belo casal. Que se enforquem por aí!”

No último minuto, contudo, pulou de sua cabine e pegou o mesmo trem que a garota. E, como ela, desceu no dia seguinte de manhã em Toulouse.

Sucedendo-se ao crime do expresso, o assalto à Villa Faradoni e a tentativa de chantagem do Bellevue Palace formam dois episódios bruscos, violentos, furiosos e imprevistos como os quadros de uma peça mal escrita que não deixa ao espectador tempo livre para compreender e religar os fatos uns aos outros. Um terceiro quadro devia terminar o que Lupin chamou em seguida de tríptico de salvador, um terceiro que, como os outros, apresente o mesmo caráter áspero e brutal. Dessa vez, ainda, o episódio atingiu seu paroxismo em poucas horas, e não pode ser expresso senão à maneira de um roteiro destituído de toda psicologia e, na aparência, de toda a lógica.

Em Toulouse, Raoul se informou junto ao pessoal do hotel onde a garota seguira seus companheiros, e soube que os passageiros faziam parte do grupo em turnê de Léonide Balli, cantora de operetas que, naquela mesma noite, desempenharia *Verônica* no Teatro Municipal.

Ele se colocou de vigília. Às três horas, a garota saiu, muito agitada, olhando para tudo ao redor dela, como se temesse que alguém saísse igualmente e a espionasse. Seria de seu cúmplice Guillaume que ela desconfiava? Correu assim até a agência postal, onde com mão febril rabiscou um telegrama três vezes recomeçado.

Depois de sua saída, Raoul conseguiu obter uma das folhas amassadas e leu:

> *Hotel Miramare, Luz (Altos-Pireneus). — Chegada amanhã primeiro trem. Previna casa.*

"Que diabo ela vai fazer em plena montanha nesta época?", murmurou ele. "*Previna casa*… Será que sua família mora em Luz?"

Retomou sua perseguição com cautela e a viu entrar no Teatro Municipal, provavelmente para assistir ao ensaio do grupo.

No resto do dia, vigiou as imediações do teatro. Mas ela não apareceu. Quanto ao cúmplice Guillaume, permaneceu invisível.

À noite, Raoul deslizou por baixo de um camarote e, de cara, não conteve uma exclamação de estupor: a atriz que cantava *Verônica* não era

outra senão a garota de olhos verdes.

"Léonide Balli…", disse consigo. "Será então esse o seu nome? E seria cantora de operetas na província?"

Raoul custava a crer. Aquilo ultrapassava tudo o que ele havia imaginado sobre a garota de olhos verdes.

Provinciana ou parisiense, ela se mostrou a mais hábil das comediantes e a mais adorável cantora, simples, discreta, comovente, cheia de ternura e alegria, de sedução e de pudor. Tinha todos os dons e toda a graça, muita habilidade e uma inexperiência de cena que era um charme a mais. Ele se lembrou de sua primeira impressão no Boulevard Haussmann, e sua ideia dos dois destinos vividos pela garota cuja máscara era ao mesmo tempo tão trágica e tão infantil.

Raoul passou três horas de arrebatamento. Não se cansava de admirar a estranha criatura que não tinha percebido, depois da bela visão inicial, senão por lampejos e em crises de horror e susto. Era outra mulher, junto à qual tudo tomava um caráter de alegria e harmonia. E no entanto era mesmo aquela que tinha matado e participado de crimes e infâmias. Era mesmo a cúmplice de Guillaume.

Daquelas duas imagens tão diferentes, qual se devia considerar como verdadeira? Raoul observava em vão, porque uma terceira mulher se sobrepunha às outras e as unia em uma mesma vida intensa e enternecedora que era a de Verônica. Quando muito, alguns gestos um pouco nervosos, algumas expressões inadequadas, mostrando a olhos prevenidos a mulher debaixo da heroína e revelando um estado de alma especial que modificava imperceptivelmente o papel.

"Deve haver novidade aí", pensava Raoul. "Entre o meio-dia e as três horas, mais ou menos, ocorreu um acontecimento grave, que a impeliu repentinamente ao correio, e cujas consequências acabam modificando por vezes seu desempenho artístico. Ela pensa naquilo, inquieta-se. E como não supor que esse acontecimento se ligue a Guillaume, àquele Guillaume que desapareceu de repente?"

Aplausos acolheram a garota quando ela saudou o público, depois de a cortina baixar, e uma multidão de curiosos se acotovelou na saída reservada aos artistas.

Bem diante da porta, estava estacionado um landau fechado, puxado por dois cavalos. O único trem que permitia chegar de manhã a Pierrefitte-

Nestalas, estação mais próxima de Luz, partia à meia-noite e cinquenta, e não havia dúvida de que a garota iria diretamente para a estação após enviar para o landau suas bagagens. O próprio Raoul mandara enviar sua mala.

À meia-noite e quinze, ela subiu no landau, que partiu lentamente. Guillaume não tinha aparecido, e as coisas se arranjavam como se a partida tivesse lugar sem ele.

Ora, ainda não haviam decorrido trinta segundos quando Raoul, que também se encaminhava para a estação, tomado por uma ideia súbita, pôs-se a correr, alcançou o landau na altura dos antigos bulevares e se agarrou a ele como pôde.

Logo aconteceu o que ele previu. No momento de tomar a Rue de la Gare, o cocheiro virou subitamente para a direita, fustigou os cavalos com um vigoroso golpe de chicote e conduziu o landau pelas alamedas desertas e sombrias que levavam ao Grand-Rond e ao Jardin des Plantes. Àquela velocidade, a garota não podia descer.

O galope não foi longo. Chegava-se ao Grand-Rond. Ali, uma brusca parada. O cocheiro pulou da boleia, abriu a portinhola e entrou no landau.

Raoul ouviu um grito de mulher e não se apressou. Persuadido de que o agressor não era outro senão Guillaume, quis escutar primeiro e surpreender o sentido exato da discussão. Mas, logo em seguida, a agressão lhe pareceu tomar um rumo tão perigoso que ele resolveu intervir.

— Fale então! — gritou o cúmplice. — Então você acha que vai dar o fora e me deixar na mão…? É verdade, sim, eu quis enrolar você, mas foi justamente para que soubesse que agora não vou mais deixar você… Então, fale… conte… senão…

Raoul teve medo. Ele se lembrava dos gemidos da srta. Bakefield. Um aperto muito violento, e a vítima morre. Abriu a portinhola, agarrou o cúmplice por uma perna, jogou-o no chão e o puxou rapidamente para fora.

O outro tentou lutar. Com um gesto seco, Raoul lhe quebrou o braço.

— Seis semanas de repouso — disse ele —, e, se você voltar a aborrecer a senhorita, é a coluna vertebral que vou lhe quebrar. Para bom entendedor…

Voltou até o landau. A garota já se afastava na sombra.

— Corra, menina — disse ele. — Sei aonde você vai, e não vai me escapar. Estou cheio de bancar o terra-nova sem ao menos receber uma pequena recompensa. Quando Lupin se empenha em seguir um caminho, vai até o fim e nunca deixa de atingir seu objetivo. O objetivo dele é você, são seus olhos verdes e esses lábios quentes.

Abandonou Guillaume com seu landau e se apressou em direção à estação.

Deixaram a linha principal em Lourdes. Uma hora depois, Pierrefitte-Nestalas, estação terminal.

Mal ela desceu, um grupo de garotas, todas igualmente vestidas de marrom e uma pelerine bordada com uma larga fita azul em ponta, precipitou-se sobre ela, seguido de uma religiosa que usava uma imensa touca branca.

— Aurélie! Aurélie! — gritaram todas ao mesmo tempo.

A garota de olhos verdes passou de braço em braço, até a religiosa, que a abraçou afetuosamente e lhe disse com alegria:

— Minha pequena Aurélie, que prazer em vê-la! Então, você vai ficar um belo mês conosco, não é?

Um *break*[2] que fazia o serviço de passageiros entre Pierrefitte e Luz esperava diante da estação. A garota de olhos verdes se instalou ali com suas companheiras. O *break* partiu.

Raoul, que havia se mantido a distância, alugou uma vitória para Luz.

---

[2] Espécie de carroça ou caminhonete de tração animal usada antigamente para transportar pessoas. (N.T.)

Entre as folhagens

"Ah, garota de olhos verdes!", disse Raoul consigo, enquanto as três mulas do *break*, cujo tilintar dos sininhos ele conseguia ouvir, começavam a subir os primeiros aclives. "De agora em diante, você é minha cativa. Cúmplice de assassino, de escroque e de chantagista, assassina você também, moça da sociedade, artista de opereta, aluna de convento…, quem quer que você seja, não vai me escapar pelos dedos. A confiança é uma prisão de onde não se pode fugir, e, por mais que você me deteste por eu ter tomado seus lábios, no fundo do coração tem confiança em quem não deixa de salvá-la e sempre se encontra lá quando você está à beira do abismo.

"Garota de olhos verdes, que se refugia em um convento para escapar a todos aqueles que a perseguem, até nova ordem você não será para mim criminosa nem temível aventureira, nem mesmo uma atriz de opereta, e não a chamarei de Léonide Balli. Vou chamá-la de Aurélie. É um nome de que gosto porque está fora de moda, honesta e irmãzinha dos pobres.

"Garota de olhos verdes, sei agora que você tem, ignorado por seus antigos cúmplices, um segredo que eles querem lhe arrancar e que você defende ferozmente. Esse segredo vai me pertencer um dia ou outro, porque os segredos são a minha especialidade, e vou descobri-lo da mesma forma como dissiparei as trevas em que você se esconde, misteriosa e apaixonante Aurélie."

Essa pequena apóstrofe satisfez Raoul, que adormeceu para não pensar mais no perturbador enigma que a garota de olhos verdes lhe oferecia.

A pequena cidade de Luz e sua vizinha, Saint-Sauveur, formam uma aglomeração termal onde os banhistas são raros nesta estação. Raoul

escolheu um hotel meio vazio em que se apresentou como botânico e mineralogista amador e desde este fim de tarde estudou os arredores.

Um caminho estreito, bastante incômodo, levava em vinte minutos de subida à casa das irmãs de Sainte-Marie, velho convento transformado em colégio interno. No meio de uma região agreste e atribulada, as edificações e os jardins se estendiam até a ponta de um promontório, sobre terraços em degraus que sustentavam as fortes muralhas ao longo das quais fervilhava a outrora caudalosa torrente de Sainte-Marie, tornada subterrânea nessa parte de seu curso. Uma floresta de pinheiros recobria a outra vertente. Dois caminhos em cruz a atravessavam para uso dos lenhadores. Havia grutas e rochedos, de estranhas silhuetas, onde se faziam excursões aos domingos.

Foi daquele lado que Raoul se postou de vigília. A região era deserta. Os golpes dos lenhadores ressoavam ao longe. De seu lugar ele dominava os canteiros regulares do jardim e as fileiras de tílias cuidadosamente aparadas que serviam de passeio às internas. Em alguns dias, ficou sabendo os horários de recreio e os hábitos do convento. Após a refeição do meio-dia, a alameda que dominava o penhasco era reservada às "grandes".

Apenas no quarto dia a garota de olhos verdes, que o cansaço provavelmente detivera no interior do convento, apareceu em certa alameda. Cada uma das grandes, dali por diante, parecia não ter outro objetivo senão monopolizar a garota com um ciúme manifesto que as fazia brigar entre si.

Imediatamente, Raoul viu que ela havia se transformado, assim como uma criança que sai de uma doença e desabrocha ao sol e ao ar fresco da montanha. Ela andava entre as garotas, vestida como elas, viva, alegre, amável com todas, atraindo-as aos poucos a brincar e correr, e se divertindo tanto que as risadas ecoavam até o limite do horizonte.

"Ela ri!", disse Raoul consigo, maravilhado. "Não aquele riso falso e quase doloroso do teatro, mas um riso de despreocupação e esquecimento, pelo qual exprime sua verdadeira natureza. Ela ri… que prodígio!"

Depois, as outras voltaram para as classes, e Aurélie permaneceu só. Não parecia mais melancólica. Sua alegria não diminuía. Ela se ocupava de pequenas coisas, como apanhar pinhas, que jogava em um cesto de vime, ou colher flores, que colocava nos degraus de uma capela vizinha.

Seus gestos eram graciosos. Com frequência ela se entretinha a meia-voz com o cãozinho que a acompanhava, ou com um gato que se enroscava carinhosamente em seus tornozelos. Um vez ela trançou uma guirlanda de rosas e se contemplou rindo em um espelho de bolso. Furtivamente, passou um pouco de ruge nas faces e pó de arroz, que logo limpou com energia. Devia ser proibido.

No oitavo dia, ela subiu até um parapeito e atingiu o último e mais elevado terraço, cuja extremidade era dissimulada por uma cerca de arbustos.

No nono, ela voltou, com um livro nas mãos. No décimo, então, antes da hora do recreio, Raoul se decidiu.

Foi necessário primeiro ele se esgueirar por entre um espesso matagal que ladeava a floresta e depois atravessar uma grande extensão de água. A torrente de Sainte-Marie se lançava ali, como em um imenso reservatório, após o que penetrava na terra. Um barco carcomido se encontrava amarrado a uma estaca e lhe permitiu, apesar dos violentos redemoinhos, alcançar uma pequena angra, bem ao pé do alto terraço que se erguia como a muralha de uma praça forte.

Os muros eram feitos de pedras planas, simplesmente colocadas umas sobre as outras, entre as quais cresciam plantas silvestres. As chuvas tinham traçado sulcos na areia e formavam trilhas que os meninos das redondezas escalavam nessa ocasião. Raoul subiu sem esforço. O terraço, lá no alto, formava uma sala de verão, rodeada de aucubas, de treliças quebradas e bancos de pedra e ornamentada, no meio, com um belo vaso de terracota.

Ele ouviu o burburinho do recreio. Depois fez-se silêncio, e, após alguns minutos, um barulho de passos veio em sua direção. Uma voz fresca cantarolava uma melodia romântica. Ele sentiu o coração se apertar. Que diria ela ao vê-lo?

Galhos rangeram. As folhagens foram afastadas como uma cortina que se abre à porta de uma sala. Aurélie entrou.

Ela parou de súbito na soleira do terraço, interrompendo sua canção numa atitude estupefata. Seu livro e o chapéu de palha, que ela enchera de flores e pendurara no braço, caíram. Ela não se mexia, silhueta fina e delicada em um simples traje de lã marrom.

Não reconheceu Raoul senão um pouco depois. Então, enrubesceu e recuou, balbuciando:

— Vá embora… vá embora…

Nem por um segundo ele pensou em obedecer a ela, e seria possível mesmo acreditar que ele não havia ouvido a ordem dada. Contemplou-a com um prazer indizível, que nunca sentira diante de mulher alguma.

Ela repetiu em um tom mais imperioso:

— Vá embora.

— Não — disse ele.

— Então, sou eu que partirei.

— Se partir, eu a sigo — afirmou ele. — Entraremos juntos no convento.

Ela se virou como se quisesse fugir. Ele correu e agarrou-lhe o braço.

— Não me toque! — disse ela com indignação e se soltando. — Eu o proíbo de ficar perto de mim.

Ele disse, surpreso com muita veemência:

— Mas por quê?

Muito baixo, ela replicou:

— Tenho horror do senhor.

A resposta era tão extraordinária que ele não pôde impedir-se de sorrir.

— Você me detesta a esse ponto?

— Sim.

— Mais do que Marescal?

— Sim.

— Mais do que Guillaume e do que o homem da Villa Faradoni?

— Sim, sim, sim.

— Eles lhe fizeram mais mal, no entanto, e sem mim para protegê-la…

Ela se calou. Tinha pegado o chapéu e o segurava junto à parte inferior do rosto, de maneira que não se viam seus lábios. Porque todo o seu comportamento se explicava assim. Raoul não tinha dúvida. Se ela o detestava, não era porque ele fora testemunha de todos os crimes cometidos e de todas as vergonhas, mas porque ele a tivera em seus braços e a beijara na boca. Estranho pudor em uma mulher como ela, e que era tão sincero, e expunha de tal maneira a própria intimidade de sua alma e de seus instintos, que Raoul murmurou inconscientemente:

— Peço-lhe que esqueça.

E, recuando alguns passos, para lhe mostrar que ela estava livre para partir, continuou em um tom de involuntário respeito:

— Aquela foi uma noite de aberração da qual não se deve guardar lembrança, nem a senhorita nem eu. Esqueça a maneira como agi. Aliás, não foi para lembrá-la disso que estou aqui, mas para continuar meu trabalho no que lhe diz respeito. O acaso me colocou em seu caminho, e o acaso quis, desde o início, que eu lhe pudesse ser útil. Não recuse minha ajuda, eu lhe suplico. A ameaça do perigo, longe de ter acabado, pelo contrário, aumentou. Seus inimigos estão exasperados. O que vai fazer se eu não estiver aqui?

— Vá embora — disse a moça com obstinação.

Ela permanecia na soleira do terraço como diante de uma porta aberta. Fugia dos olhos de Raoul e dissimulava os lábios. No entanto, não partiu. Como ele pensou, somos prisioneiros de quem nos salva incessantemente. Seu olhar exprimia medo. Mas a lembrança do beijo recebido cedia à lembrança infinitamente mais terrível das provações sofridas.

— Vá embora. Eu estava em paz aqui. O senhor se imiscuiu em todas aquelas coisas… em todas aquelas coisas infernais.

— Felizmente — disse ele. — E, da mesma forma, vou ter que me imiscuir em todas aquelas que estão sendo preparadas. Pensa que Marescal renunciou à sua pessoa? Ele está no seu encalço atualmente. Vai descobrir suas pegadas até este Convento de Sainte-Marie. Se a senhorita passou aqui alguns anos felizes na infância, como suponho, ele deve saber e virá.

Raoul falava ternamente, com uma convicção que impressionava a garota, e custou a ele ouvi-la balbuciar ainda:

— Vá embora…

— Sim — disse ele —, mas estarei aqui amanhã, à mesma hora, e vou esperá-la todos os dias. Temos que conversar. Ah, nada que possa ser doloroso e lhe lembrar o pesadelo da noite horrível. Sobre isso, silêncio. Não tenho necessidade de saber, e a verdade surgirá pouco a pouco das sombras. Mas existem outros pontos, perguntas que vou lhe fazer e às quais precisará me responder. Era isso o que eu queria lhe dizer hoje, nada mais. Agora pode partir. Vai refletir, não é? Mas não se inquiete. Habitue-se a essa ideia de que estou aqui todos os dias e que jamais deve se desesperar, porque eu sempre estarei aqui, na hora do perigo.

Ela partiu sem uma palavra, sem um sinal de cabeça. Raoul a observou, descendo os terraços e chegando à alameda das tílias. Quando não a viu mais, apanhou algumas das flores que ela tinha deixado e, dando-se conta

de seu gesto inconsciente, gracejou:

"Opa, isso está ficando sério. Será que… vamos ver, vamos ver, meu velho Lupin, segure-se."

Continuou pelo caminho da brecha, atravessou de novo a lagoa e andou pela floresta, lançando as flores uma a uma ao chão, como se não lhe importassem. Mas a imagem da garota de olhos verdes não saía de seus olhos.

Tornou a subir no terraço no dia seguinte. Aurélie não veio, e também não nos dois dias seguintes. Mas no quarto dia ela saiu do meio das folhagens, sem que ele percebesse o barulho de seus passos.

— Ah! — disse ele com emoção. — É você… é você…

Pela atitude dela, ele compreendeu que não deveria avançar nem dizer palavra alguma que pudesse constrangê-la. Ela se mantinha como no primeiro dia, tal qual uma adversária que se revolta por ser dominada e se ressente do inimigo pelo bem que ele lhe faz.

Contudo, sua voz estava menos dura, ao pronunciar, com a cabeça meio voltada:

— Eu não deveria ter vindo. Para as irmãs de Sainte-Marie, por minhas benfeitoras, é ruim. Mas pensei que deveria lhe agradecer… e ajudá-lo… E, depois — acrescentou —, tenho medo, sim, tenho medo de tudo o que me disse. Pode me perguntar… Vou responder.

— Sobre tudo? — perguntou ele.

— Não — disse ela, com angústia… —, não sobre a noite de Beaucourt… Mas sobre as outras coisas… Em poucas palavras, não é? O que quer saber?

Raoul refletiu. As perguntas eram difíceis de fazer, pois todas deveriam servir para esclarecer um ponto sobre o qual a garota se recusava a falar.

Ele começou:

— Seu nome, primeiro.

— Aurélie… Aurélie d'Asteux.

— Por que esse nome Léonide Balli? Um pseudônimo?

— Léonide Balli existe. Está adoentada e permaneceu em Nice. Entre os atores do grupo com o qual viajei de Nice a Marselha, havia um que eu conhecia, pois representou Verônica no inverno passado, em uma reunião de amadores. Então, todos me pediram para tomar o lugar de Léonide Balli por uma noite. Estavam tão desolados, tão embaraçados, que tive de lhes

prestar esse serviço. Avisamos o diretor em Toulouse, que no último momento resolveu não anunciar nada e deixar que acreditassem que era Léonide Balli.

Raoul concluiu:

— Não é atriz… gosto mais assim… gosto mais que seja simplesmente a bela interna de Sainte-Marie.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Continue.

Ele logo retomou:

— O senhor que ergueu a bengala para Marescal ao sair da confeitaria do Boulevard Haussmann era seu pai.

— Meu padrasto.

— O nome dele?

— Brégeac.

— Brégeac?

— Sim, diretor de negócios jurídicos do Ministério do Interior.

— E, por consequência, o chefe direto de Marescal?

— Sim. Sempre existiu uma antipatia entre um e outro. Marescal, que é protegido pelo ministro, tenta suplantar meu padrasto, e meu padrasto procura se desembaraçar dele.

— E Marescal a ama?

— Ele me pediu em casamento. Recusei. Meu padrasto o proibiu de entrar em nossa casa. Ele nos odeia e jurou se vingar.

— E, de um — disse Raoul —, passemos a outro. O homem da Villa Faradoni, como se chama?

— Jodot.

— Profissão?

— Não sei. Ele vinha às vezes em casa para ver meu padrasto.

— E o terceiro?

— Guillaume Ancivel, que também era recebido por nós. Trabalha na Bolsa e em alguns negócios.

— Mais ou menos suspeitos?

— Não sei… talvez…

Raoul resumiu:

— Esses são, portanto, seus três adversários… porque não existem outros, não?

— Sim, meu padrasto.

— Como! O marido de sua mãe?

— Minha pobre mãe morreu.

— E toda essa gente a persegue pela mesma razão? Provavelmente por causa desse segredo que você tem, e eles, não?

— Sim, exceto Marescal, que, por seu lado, ignora tudo e só procura se vingar.

— Você poderia me dar algumas indicações não sobre o próprio segredo, mas sobre as circunstâncias que o envolvem?

Ela pensou por alguns instantes e declarou:

— Posso, sim. Posso lhe dizer aquilo que os outros conhecem e a razão de sua obstinação.

Aurélie, que até ali tinha respondido com uma voz breve e seca, pareceu interessar-se pelo que ele dizia.

— Aqui vai, em poucas palavras. Meu pai, que era primo de minha mãe, morreu antes de eu nascer, deixando algumas rendas, às quais veio se juntar uma pensão paga por meu avô d'Asteux, pai de mamãe, um homem excelente, artista, inventor, sempre em busca de descobertas e de grandes segredos e que não cessava de viajar pelos pretensos negócios miraculosos em que devíamos encontrar fortuna. Eu o conhecia bem; vejo-me ainda em seus joelhos, e o ouço me dizer:

"'A pequena Aurélie ficará rica. É por ela que eu trabalho.'

"Ora, eu mal tinha feito seis anos quando ele nos pediu, por carta, a mamãe e a mim, que fôssemos encontrá-lo sem que ninguém soubesse. Uma noite, tomamos o trem e fomos passar dois dias perto dele. No momento de partir, minha mãe me disse na presença dele:

"'Aurélie, jamais revele a alguém onde você esteve durante estes dois dias, nem o que fez, nem o que viu. É um segredo que tanto pertence a você como a nós e que, quando você tiver vinte anos, lhe dará grande riqueza.'

"'Grande riqueza', confirmou meu avô d'Asteux. 'Sendo assim, vamos jurar nunca falar dessas coisas a ninguém, aconteça o que acontecer.'

"'A ninguém', ratificou minha mãe. 'Exceto ao homem que você vai amar e em quem vai confiar como em si mesma.'

"Fiz todos os juramentos que exigiam de mim. Estava muito impressionada e chorava.

“Alguns meses mais tarde, mamãe se casou de novo, com Brégeac. Casamento que não foi feliz e durou pouco. No decorrer do ano seguinte, minha pobre mãe morreu de pleurisia, depois de me ter entregado às escondidas um pedaço de papel que continha todas as indicações da região visitada e daquilo que eu deveria fazer aos vinte anos. Quase na mesma época, meu avô d’Asteux também morreu. Fiquei, portanto, só com meu padrasto, Brégeac, que desembaraçou de mim me enviando logo para esta casa de Sainte-Marie. Cheguei aqui bem triste, bem desamparada, mas sustentada pela importância que me fora dada de guardar um segredo. Era domingo. Procurei um lugar isolado e vim aqui, neste terraço, para executar um projeto que meu cérebro de criança tinha concebido. E sabia de cor as indicações deixadas por minha mãe. Portanto, para que conservar um documento que todo o universo, me parecia, acabaria por conhecer se eu o conservasse? Queimei o documento nesse vaso.”

Raoul balançou a cabeça:

— E esqueceu as indicações?

— Sim — disse ela. — Dia a dia, sem que eu percebesse, entre as afeições que encontrei aqui, no trabalho e nos prazeres, elas foram desaparecendo de minha memória. Esqueci o nome da região, sua localização, a estrada de ferro que leva até lá, as ações que eu deveria executar… tudo.

— Absolutamente tudo?

— Tudo, a não ser algumas paisagens e algumas impressões que tinham interessado mais vivamente do que as outras aos meus ouvidos e aos meus olhos de menina… imagens que nunca mais deixei de ver depois… ruídos, sons de sinos que ouço ainda como se estes não parassem de tocar.

— E são essas impressões, essas imagens, que seus inimigos querem conhecer, esperando, com sua narrativa, chegar à verdade.

— Sim.

— Mas como eles sabem…?

— Porque minha mãe tinha cometido a imprudência de não destruir certas cartas em que meu avô d’Asteux fazia alusão ao segredo que me foi confiado. Brégeac, que mais tarde recolheu as cartas, nunca me falou delas durante os meus dez anos de Sainte-Marie, dez belos anos que serão os melhores de minha vida. Mas, no mesmo dia em que cheguei a Paris, há dois anos, ele me interrogou. Eu disse a ele aquilo que lhe disse, como

tinha direito, mas não quis revelar nenhuma das vagas lembranças que poderiam colocá-lo na pista. Daí em diante foi uma perseguição constante, censuras, brigas, discussões, fúrias terríveis… até o momento em que resolvi fugir.

— Sozinha?

Ela enrubesceu.

— Não — respondeu —, mas não nas condições em que o senhor poderia acreditar. Guillaume Ancivel me fazia a corte, com muita discrição, como alguém que deseja se tornar útil e que não tem esperança de ser recompensado. Ele ganhou, assim, se não minha simpatia, ao menos minha confiança, e cometi o grande erro de contar a ele meus projetos de fuga.

— Ele os aprovou sem dúvida alguma?

— Ele me aprovou com todas as suas forças, me ajudou em meus preparativos e vendeu algumas joias e títulos que eu herdara de minha mãe. Na véspera de minha partida, e como eu não sabia onde me refugiar, Guillaume me disse:

"'Chego de Nice e devo retornar amanhã. Quer que eu a conduza até lá? Nesta época não encontrar lugar mais tranquilo que a Riviera.' Que motivos tinha eu para recusar seu oferecimento? Na verdade, eu não o amava, mas ele me pareceu sincero e muito devotado. Aceitei."

— Que imprudência! — disse Raoul.

— Sim — disse ela. — E tanto mais porque não existiam entre nós relações amigáveis que justificassem semelhante conduta. Mas o que o senhor queria? Eu estava só na vida, infeliz e perseguida. Um apoio se oferecia… por algumas horas, me parecia. Partimos.

Um ligeira hesitação interrompeu Aurélie. Depois, acelerando sua narrativa, recomeçou:

— Foi uma viagem terrível… pelas razões que já conhece. Quando Guillaume me jogou dentro da carruagem que roubou do médico, eu estava quase sem forças. Ele me arrastou para onde quis, para outra estação, e de lá, como tínhamos nossas passagens, até Nice, onde retirei minhas bagagens. Eu estava com febre, delirava. Agi sem ter consciência do que fazia. Ele se aproveitou para, no dia seguinte, fazer-se acompanhar por mim até uma propriedade onde deveria retomar, na ausência dos moradores, certos valores que lhe haviam sido roubados. Para lá fui eu, como teria ido para não importa onde. Não pensei em nada. Obedeci passivamente. Foi

nessa *villa* que Jadot me atacou e me raptou….

— E foi salva, uma segunda vez, por mim, a quem recompensou, uma segunda vez, fugindo imediatamente. Vamos deixar para lá. Jadot também lhe exigia revelações, não é?

— Sim.

— E em seguida?

— Em seguida, voltei ao hotel, onde Guillaume pediu que o acompanhasse a Monte Carlo.

— Mas, nesse momento, já estava informada sobre a personagem! — objetou Raoul.

— Por quê? Vê-se claro quando se olha… Mas… depois de dois dias, eu vivia em uma espécie de loucura, ainda mais exasperada pela agressão de Jadot. Segui, portanto, Guillaume, sem mesmo lhe perguntar o objetivo dessa viagem. Estava desamparada, envergonhada de minha covardia e constrangida com a presença desse homem que cada vez mais se tornava um estranho para mim… Que papel desempenhei em Monte Carlo? Não está muito claro para mim. Guillaume tinha me confiado cartas que eu deveria lhe entregar no corredor do hotel, para que ele mesmo as entregasse a um certo senhor. Que cartas? Que senhor? Por que Marescal estava lá? Como o senhor me livrou dele? Tudo isso está muito obscuro. No entanto, meu instinto tinha despertado. Eu o detestava. E parti de Monte Carlo resolvida a romper o pacto que nos ligava e vir me esconder aqui. Ele me perseguiu até Toulouse, e, quando eu lhe anunciei, no início da tarde, minha decisão de deixá-lo e ele ficou convencido de que nada me faria voltar atrás, ele me respondeu fria e duramente, com uma cólera que lhe contraía o rosto:

"'Que seja. Vamos nos separar. No fundo, para mim tanto faz. Mas tenho uma condição.'

"'Uma condição?'

"'Sim. Um dia eu ouvi seu padrasto Brégeac falar de um segredo que tinha sido deixado com você. Diga-me qual é o segredo e você está livre.'

"Então, compreendi tudo. Todas as suas demonstrações de afeto desinteressado, seu devotamento, tantas outras mentiras. Seu único objetivo era obter de mim, mais cedo ou mais tarde, fosse me ganhando pela afeição, fosse me ameaçando, as confidências que eu tinha recusado a meu padrasto e que Jadot tinha tentado arrancar de mim."

Ela se calou. Raoul a observou. Ela tinha lhe contado toda a verdade, ele teve essa profunda impressão. Com seriedade, ele lhe disse:

— Quer conhecer exatamente a personagem?

Ela sacudiu a cabeça:

— É mesmo necessário?

— É melhor. Escute-me. Em Nice, os títulos que ele procurava na Villa Faradoni não lhe pertenciam. Ele tinha vindo simplesmente para roubá-los. Em Monte Carlo, ele exigiu cem mil francos em troca das cartas comprometedoras. Portanto, escroque e ladrão, talvez pior. Esse é o homem.

Aurélie não disse nada. Já devia ter entrevisto a realidade, e o anúncio brusco dos fatos não mais podia surpreendê-la.

— O senhor me salvou dele. Eu lhe agradeço.

— Pobre de mim! — disse ele. — Deveria ter confiado em mim, em lugar de fugir. Quanto tempo perdido!

Ela estava a ponto de partir, mas replicou:

— Por que confiar no senhor? Quem é o senhor? Não o conheço. Marescal, a quem o senhor acusa, não sabe nem seu nome. O senhor me salvou de todos os perigos… por que razão? Com que intuito?

Ele gracejou:

— Com o intuito também de arrancar seu segredo… é isso o que quer dizer?

— Não estou querendo dizer nada — murmurou ela, desolada. — Não sei de nada. Não compreendo nada. Depois de duas ou três semanas, eu me deparo por todos os lados com muralhas de sombra. Não me peça mais confiança do que já lhe dei. Desconfio de tudo e de todos.

Ele teve piedade dela e a deixou partir.

Ao ir embora (tinha encontrado outra saída, um velho portão situado embaixo do penúltimo terraço, e que conseguiu abrir), ele pensou:

"Ela não me disse uma palavra sequer sobre a noite terrível. Ora, a srta. Bakefield morreu. Dois homens foram assassinados. E eu a vi vestida de homem, mascarada."

No entanto, para ele também, tudo estava misterioso e continuava inexplicável. Em torno dele, como em torno dela, erguiam-se as mesmas muralhas de sombra, pelas quais a custo se filtravam, aqui e ali, alguns pálidos raios de luz. Nem por um instante, aliás — e tinha sido assim desde o início da aventura —, ele pensava, diante dela, no juramento de vingança

e de ódio que tinha feito ante o cadáver da srta. Bakefield, nem em nada que pudesse enfear a graciosa imagem da garota de olhos verdes.

Durante dois dias ele não voltou a vê-la. Depois, por três dias seguidos ela veio, sem explicar sua volta, mas como se procurasse uma proteção sem a qual não podia passar.

Ficou dez minutos no início, depois quinze, depois trinta. Eles se falavam pouco. Quer ela quisesse ou não, a confiança começava a persistir em seu íntimo. Mais terna, menos esquiva, ela avançava até a brecha e olhava a água revolta da lagoa. Por várias vezes ela ensaiava fazer-lhe perguntas. Logo se esquivava, trêmula, apavorada com tudo o que pudesse fazer alusão às horas horríveis de Beaucourt. Conversava, no entanto, cada vez mais, mas de coisas de seu passado longínquo, da vida que levava antes em Saint-Marie e da paz que reencontrava agora nessa atmosfera afetuosa e serena.

Certa vez, estando ela com a palma da mão virada para cima sobre o pedestal do vaso, ele se inclinou e, sem tocá-la, examinou as linhas.

— É mesmo o que adivinhei no primeiro dia… Um destino duplo, um sombrio e trágico, outro simples e feliz. Eles se cruzam, se emaranham, se confundem, e ainda não é possível dizer qual deles vencerá. Qual é o verdadeiro, qual é o que corresponde à sua verdadeira natureza?

— O destino feliz — disse ela. — Existe em mim alguma coisa que sobe rapidamente à superfície e que me dá, como aqui, alegria e esquecimento, quaisquer que sejam os perigos.

Ele continuou seu exame:

— Desconfie da água — disse ele rindo. — A água pode ser funesta. Naufrágios, inundações… Quantos perigos! Mas eles se afastam… Sim, tudo se arranjará na sua vida. A fada boa já vai vencer a fada má.

Ele mentia para tranquilizá-la, e com o desejo constante de que, naquela bela boca, que ele a custo ousava olhar, se desenhasse talvez um sorriso. Ele mesmo, de resto, desejava esquecer e estar enganado.

Viveu assim duas semanas de uma alegria profunda, que se esforçava em dissimular. Sofria aquela vertigem daquelas horas em que o amor nos lança na embriaguez e nos torna insensíveis a tudo aquilo que não é a alegria de contemplar e de ouvir. Recusava-se a lembrar as imagens ameaçadoras de Marescal, de Guillaume ou de Jodot. Se nenhum dos três inimigos aparecesse, era porque certamente haviam perdido os rastros de

sua vítima. Por que, então, não se abandonar ao torpor delicioso que experimentava junto da garota?

O despertar foi brusco. Uma tarde, debruçados entre as folhagens que dominavam o penhasco, eles entreviram abaixo deles o espelho das águas quase imóveis no meio da lagoa, revoltas nas bordas pelas pequenas ondas rápidas que deslizavam para a margem estreita ou se engolfavam na torrente, quando uma voz longínqua gritou no jardim:

— Aurélie… Aurélie! Onde você está, Aurélie?

— Meu Deus! — disse a garota, bastante inquieta. — Por que estão me chamando?

Ela correu até o alto dos terraços e viu uma das religiosas na alameda de tílias.

— Estou aqui…! Estou aqui! O que foi, irmã?

— Um telegrama, Aurélie.

— Um telegrama! Não se incomode, irmã. Já vou aí.

Um instante depois, quando ela retornou à sala de verão com um papel na mão, estava transtornada.

— É do meu padrasto — disse.

— Brégeac?

— Sim.

— Ele mandou chamá-la?

— Estará aqui a qualquer momento.

— Por quê?

— Para me levar.

— Impossível!

— Olhe…

Ele leu duas linhas, postadas de Bordeaux:

Chegarei quatro horas. Partiremos imediatamente. Brégeac.

Raoul refletiu e perguntou:

— Você o avisou, então, que estava aqui?

— Não, mas ele vinha aqui antigamente na ocasião das férias e deve ter-se informado.

— E qual é sua intenção?

— O que posso fazer?

— Recusar-se a ir com ele.

— A superiora não consentiria em que eu ficasse.

— Então — insinuou Raoul —, vá embora daqui agora.

— Como?

Ele apontou para o canto do terraço, para a floresta…

Ela protestou:

— Ir embora! Fugir deste convento como quem tem culpa? Não, não, seria muito triste para todas essas pobres mulheres, que me amam como a uma filha, como a melhor de suas filhas! Não, isso jamais!

Estava muito cansada. Sentou-se num banco de pedra, do lado oposto do parapeito. Raoul se aproximou dela e, seriamente:

— Não vou lhe confessar nenhum dos sentimentos que tenho por você e as razões que me fazem agir. Mas, mesmo assim, é preciso que saiba que sou devotado a você como um homem pode ser devotado a uma mulher… que é tudo para ele… É preciso que esse devotamento lhe dê uma confiança absoluta em mim e que você esteja pronta para obedecer a mim cegamente. É a condição de sua salvação. Compreende?

— Sim — disse ela, inteiramente dominada.

— Então, ouça. Estas são minhas instruções… minhas ordens… sim, minhas ordens. Acolha seu padrasto sem revolta. Sem discussão. Sem mesmo conversar. Sem uma única palavra. Siga-o. Volte a Paris. Na mesma noite de sua volta, saia sob um pretexto qualquer. Uma senhora de idade, de cabelos brancos, vai esperá-la de carro a vinte passos de sua porta. Vou conduzi-las, as duas, até a província, a um asilo onde ninguém a procurará. E eu partirei logo, juro pela minha honra, só voltando para junto de você quando me autorizar. Estamos de acordo?

— Sim — fez ela, com um sinal de cabeça.

— Nesse caso, até amanhã à noite. E lembre-se de minhas palavras. Aconteça o que acontecer, está me ouvindo?, aconteça o que acontecer, nada vai prevalecer contra a minha vontade de protegê-la e contra o sucesso de minha empreitada. Se tudo parecer se voltar contra você, não perca a coragem. Não se inquiete de jeito nenhum. Diga a si mesma com fé, com ânimo, que, em meio ao mais forte perigo, nenhum perigo a ameaça. No exato momento em que for necessário, estarei lá. Sempre estarei lá. Minhas saudações, senhorita.

Ele se inclinou e beijou de leve a fita de sua pelerine. Depois, empurrando um velho painel de treliça, pulou para o meio da mata e tomou um caminho pouco demarcado que conduzia ao velho portão.

Aurélie não se mexeu do lugar que ocupava no banco de pedra.

Meio minuto se passou.

Nesse momento, percebendo um roçar de folhas do lado da brecha, ergueu a cabeça. Os arbustos se agitavam. Havia alguém ali. Sim, sem dúvida, alguém estava escondido ali.

Ela desejou chamar, gritar por socorro. Não conseguiu. Sua voz se engasgou.

As folhas se agitaram ainda mais. Quem iria aparecer? Com todas as suas forças, desejou que fosse Guillaume ou Jodot. Receava menos os dois bandidos do que Marescal.

Uma cabeça emergiu. Marescal saiu de seu esconderijo.

De baixo, à direita, subiu o ruído do velho portão maciço, que se fechava.

Uma das bocas do inferno

Se a situação do terraço, bem no alto de um grande jardim, em uma parte por onde ninguém passeava e sob o abrigo de espessas folhagens, tinha oferecido algumas semanas de absoluta segurança a Aurélie e a Raoul, não era de se imaginar que Marescal fosse encontrar ali os poucos minutos que lhe eram necessários e que Aurélie não podia esperar nenhum auxílio? A cena se desenrolaria, fatalmente, até o término desejado pelo adversário, e o desfecho seria conforme a sua vontade implacável.

Ele sentiu isso tão bem que não se apressou. Avançou lentamente e parou. A certeza da vitória perturbava a harmonia de seu rosto regular e deformava seus traços, normalmente impassíveis. Um ricto erguia o canto esquerdo da boca, repuxando também metade de sua barba quadrada. Os dentes brilhavam. Os olhos eram cruéis e duros.

Ele zombou:

— Bem, senhorita, creio que os acontecimentos não me são muito desfavoráveis! Não há nenhum meio de escapar, como na estação de Beaucourt! Nenhum meio de me repelir como em Paris! Vai ter que se sujeitar à lei do mais forte, hein?!

Com o corpo ereto, os braços rígidos, os punhos crispados sobre o banco de pedra, Aurélie o contemplava com uma expressão de angústia louca. Nenhum gemido. Esperava.

— Como é bom vê-la assim, senhorita! Quando se ama da maneira exagerada como eu a amo, não é desagradável encontrar diante de si o medo e a revolta. Tanto mais ardente se fica ao conquistar sua presa… sua presa magnífica — acrescentou em voz baixa… — pois, na verdade, é de uma beleza incrível!

Percebendo o telegrama aberto, caçoou:

— É aquele excelente Brégeac, não é?, que anuncia sua chegada iminente e a partida de vocês…? Eu sei, eu sei. Há quinze dias vigio meu querido diretor e estou ao corrente de seus mais secretos projetos. Tenho junto a ele homens devotados. E foi assim que descobri seu refúgio e pude me adiantar em algumas horas. Só o tempo de explorar os lugares, a floresta, o vale, de espiá-la de longe e vê-la se encaminhar sem pressa para este terraço, e pude subir até aqui e surpreender uma silhueta que se afastava. Um namorado, não?

Deu alguns passos à frente. Ela ficou trêmula, e seu busto tocou a treliça que circundava o banco.

Ele se irritou:

— O que foi, beleza? Imagino que não recuava assim há pouco, quando o namorado se ocupava em acariciá-la. Quem é o felizardo, hein? Um noivo? Um amante, provavelmente. Vamos, vejo que cheguei justo na hora de defender meu bem e impedir a cândida aluna de Sainte-Marie de fazer bobagens! Ah, nunca eu teria imaginado isto…!

Conteve sua raiva e, inclinando-se sobre ela:

— No fim de contas, tanto melhor! As coisas ficam mais simples. A partida que eu jogava já era admirável, pois tenho todos os trunfos na mão. Mas quanta sorte! Aurélie não é de uma virtude ferrenha! Pode-se roubar e matar, escondendo-se na vala. E, depois, eis que Aurélie está prestes a pular o obstáculo. Então, por que não em minha companhia? Tanto faz que seja eu ou outro, hein, Aurélie? Se ele tem suas vantagens, eu tenho razões a meu favor que não são de se desdenhar. O que você me diz, Aurélie?

Ela se retesava obstinadamente. A indignação do inimigo se exasperava ante aquele silêncio terrível, e ele continuou, destacando cada palavra:

— Não temos tempo para nos deter em preciosismos nem para ficar trocando variedades não é, Aurélie? É preciso falar claramente, sem meias palavras, para que não haja mal-entendidos. Portanto, direto ao ponto. Silêncio sobre o passado e sobre as humilhações que sofri. Isso tudo não conta mais. O que conta é o presente. Um ponto é tudo. Ora, o presente é o assassinato no expresso, é a fuga pelos bosques, é a captura pelos policiais, são vinte provas, todas mortais contra a senhorita. O presente é hoje, em que eu a tenho sob minhas garras, e em que me basta querer para prendê-la, para conduzi-la até seu padrasto e gritar na cara dele, diante de

testemunhas: “A mulher que matou, a que procuramos por toda parte, está aqui… e o mandado de prisão está no meu bolso. Avisem os policiais!”.

Ergueu o braço, pronto, como dizia, para agarrar a criminosa.

E, com voz abafada, suspendendo a ameaça, terminou:

— Portanto, de um lado estão a denúncia pública, os jurados e um formidável castigo… E, de outro, está o segundo termo disto que lhe dou para escolher: o acordo, o acordo imediato, nas condições que você adivinha. É mais que uma promessa que exijo, é um juramento de joelhos que, uma vez de volta a Paris, venha me ver, só, em minha casa. É ainda mais, é prova imediata de que o acordo é leal, assinado por sua boca sobre a minha… e não um beijo de ódio e desgosto, mas uma beijo voluntário, como outras mais belas e mais difíceis que você me deram, Aurélie… um beijo de apaixonada… Mas me responda, que diabo! — gritou ele, em uma explosão de raiva. Responda se aceita. Estou cheio de seus ares de maluca! Responda, ou então eu a agarro, e será o beijo, de qualquer jeito, e a prisão!

Dessa vez sua mão caiu sobre seu ombro com uma violência irresistível, enquanto a outra mão, agarrando Aurélie pela garganta, imobilizou a cabeça dela contra a treliça e, aproximando os lábios… Mas o gesto não chegou ao fim. Marescal sentiu que a jovem fraquejava e não se mantinha de pé. Desmaiou.

O incidente perturbou Marescal profundamente. Ele viera sem um plano preciso, em todo caso sem outro plano além de lhe falar, e em uma hora, antes da chegada de Brégeac, obter promessas solenes e o reconhecimento de seu poder. Ora, o que o acaso lhe ofereceu foi uma vítima inerte e impotente.

Permaneceu alguns segundos curvado sobre ela, olhando com olhos ávidos, e olhando em torno dela aquela sala de folhagens, fechada e discreta. Nenhuma intervenção possível.

Mas outro pensamento o conduziu até o parapeito, e, pela brecha aberta no meio dos arbustos, contemplou o vale deserto, a floresta de árvores escuras, tenebrosa e misteriosa, onde ele observara, de passagem, a entrada de uma gruta. Aurélie jogada lá, aprisionada e mantida sob a ameaça terrível de policiais. Aurélie cativa, dois dias, três dias, oito dias se preciso, não seria o desfecho inesperado, triunfal, o início e o fim da aventura?

Soprou levemente um apito. À sua frente, na outra margem da lagoa, dois braços se agitaram por cima de duas moitas situadas na borda na

floresta. Sinais convencionais: dois homens estavam lá, postados por ele para servirem às suas maquinações. Do lado de cá da lagoa, o barco balançava.

Marescal não hesitou mais, sabia que a ocasião era fugidia e que, se não a agarrasse de passagem, ela se dissiparia como uma sombra. Atravessou de novo o terraço e constatou que a jovem parecia prestes a voltar a si.

— Vamos agir — disse. — Senão…

Jogou sobre a cabeça dela um lenço de pescoço, dando um nó em duas das pontas sobre a boca, a título de mordaça. Depois, tomou-a nos braços e a carregou.

Ela era magra e pesava pouco. Ele era robusto. O fardo lhe pareceu leve. No entanto, quando chegou à brecha e observou a escarpa quase vertical do despenhadeiro, refletiu e julgou necessário tomar precauções. Então colocou Aurélie na borda da brecha.

Esperaria ela a falta cometida? Foi uma súbita inspiração de sua parte? Em todo caso, a imprudência de Marescal logo foi punida. Em um movimento imprevisto, com uma rapidez e uma decisão que o desconcertaram, ela soltou o lenço e, sem se preocupar com o que pudesse acontecer, deixou-se deslizar de alto a baixo, como uma pedra solta que rola em um desmoronamento de seixos e areia, sobre uma nuvem de poeira.

Recobrando-se de sua surpresa, ele se lançou com o risco de cair e a percebeu correndo livre, em ziguezague, da falésia à margem da água, como um animal acuado que não sabe onde se refugiar.

— Está perdida, minha pobre menina — declarou ele. — Nada a fazer senão se dobrar.

Marescal já quase a alcançava, e Aurélie vacilava de medo e tropeçava, quando ele teve a impressão de que alguma coisa tombava do alto do terraço e caía perto dele, assim como o teria feito um galho de árvore quebrado. Ao se virar, viu um homem com a parte inferior do rosto oculta por um lenço e que devia ser aquele a quem chamara de namorado de Aurélie. Teve tempo de pegar o revólver, mas não de utilizá-lo. Um pontapé do agressor, lançado no meio do peito, assim como um golpe de *savate*[3] vigorosamente aplicado, precipitou-o até o meio da perna em uma parte lamacenta da lagoa naquele ponto. Furioso, patinhando, apontou o revólver para o adversário no momento em que este, a vinte e cinco passos de distância, deitava a garota no barco.

— Alto! Ou eu atiro — gritou ele.

Raoul não respondeu. Ergueu sobre um banco uma tábua meio carcomida como um escudo de proteção para Aurélie e ele. Depois, empurrou para o meio da água o barco, que oscilava sobre as ondas.

Marescal atirou. Atirou cinco vezes. Atirou desesperada e furiosamente. Mas nenhuma da cinco balas, sem dúvida molhadas, foi disparada. Então, soprou o apito como fizera antes, mas de uma maneira mais estridente. Ao longe, os dois homens surgiram de seus esconderijos como bonecos de mola que saltassem de uma caixa de surpresas.

Raoul se encontrava no meio da lagoa, isto é, a trinta metros talvez da margem oposta.

— Não atirem! — gritou Marescal.

Não adiantaria nada, na verdade! O fugitivo não podia ter outro objetivo, para não ser engolfado pela corrente que se precipitava no abismo, senão atravessar em linha reta e atracar precisamente no ponto em que esperavam os dois capangas, de revólver em punho.

O próprio fugitivo se deu conta disso, porque subitamente fez meia-volta para retornar à margem onde só teria de combater um único adversário, e desarmado.

— Atirem! Atirem! — vociferou Marescal, que percebeu a manobra. Agora precisam atirar, porque ele está voltando! Atirem, vamos, caramba!

Um dos homens fez fogo.

No barco ouviu-se um grito. Raoul deixou de lado os remos e se deitou, enquanto a garota se jogava desesperadamente sobre ele. Os remos ficaram à tona da água. O barco se manteve um instante imóvel, incerto, depois virou um pouco de lado, apontando a proa para a corrente, recuou, deslizou para trás, primeiro lentamente, depois mais depressa.

— Com mil diabos — balbuciou Marescal —, estão liquidados!

Mas o que ele poderia fazer? O desfecho não deixava nenhuma dúvida. O barco foi apanhado por duas torrentes de pequenas ondas rápidas que se atropelaram de cada lado do lençol de água central, rodopiou ainda uma vez sobre si mesma, apontou bruscamente para diante, com os dois corpos deitados no fundo, e partiu como uma flecha rumo ao orifício escancarado que o engoliu.

Isso aconteceu com certeza mais de dois minutos depois que os dois fugitivos tinham deixado a margem.

Marescal não se moveu. Com os pés na água e o rosto contraído pelo horror, olhou para o maldito lugar como se contemplasse uma oca do inferno. Seu chapéu boiava na lagoa. Sua barba e seu cabelo estavam desalinhados.

— Será possível! Será possível…! — gaguejou… — Aurélie… Aurélie…

Um chamado de seus homens o despertou de seu torpor. Tiveram que dar uma grande volta para se reunirem ao chefe e o encontraram se secando. Marescal lhes perguntou:

— É verdade?

— O quê?

— O barco…? O precipício…?

Não sabia mais nada. Nos pesadelos é assim que ocorrem as mais abomináveis visões, deixando a impressão de realidades terríveis.

Os três escalaram até um ponto acima do precipício, marcado por uma laje e rodeado de caniços e plantas presas nas pedras. A água chegava embaixo em pequenas cascatas, entre as quais se erguiam grandes pedras. Eles se inclinaram. Escutaram. Nada. Nada a não ser um sopro frio que subia com a espuma branca.

— É o inferno — balbuciou Marescal… — É uma das bocas do inferno!

E repetia:

— Ela está morta… se afogou… Que besteira…! Que morte horrível…! Se aquele imbecil a tivesse deixado… eu teria… eu teria…

Eles se afastaram pelo bosque. Marescal caminhava como se seguisse um enterro. Por diversas vezes, seus companheiros o interrogaram. Eram indivíduos pouco recomendáveis, que ele tinha chamado para sua expedição, fora do serviço, e para os quais ele só dera informações sumárias. Não respondeu a eles. Pensava em Aurélie, tão graciosa, tão viva, que ele amava tão apaixonadamente. Sentia-se perturbado por complicadas lembranças de remorsos e de pavores.

Entretanto, não tinha a consciência muito tranquila. O inquérito iminente poderia atingi-lo, e, por conseguinte, atribuir a ele uma parte do trágico acidente. Nesse caso, seria sua derrocada, um escândalo. Brégeac seria impiedoso e levaria sua vingança até o fim.

Logo não pensava senão em partir e deixar a região o mais discretamente possível. Amedrontou seu capangas. Um perigo comum os ameaçava, disse ele, e a segurança deles exigia que se dispersassem e que

cada um procurasse salvar a própria pele, antes que soasse o alarme e a presença deles fosse assinalada. Entregou-lhes o dobro do dinheiro combinado, evitou as casas de Luz e tomou a estrada de Pierrefitte-Nestalas com a esperança de encontrar um carro que o levasse à estação para pegar o trem das sete horas.

Foi somente a três quilômetro de Luz que passou por ele uma pequena charrete de duas rodas, coberta por um toldo e conduzida por um camponês coberto por uma ampla capa de lã e com uma boina basca na cabeça.

Marescal se armou de autoridade e disse em tom imperioso:

— Cinco francos se alcançarmos o trem.

O camponês não pareceu se impressionar, nem mesmo fustigou o frágil animal, que se arrastava entre as cangas, muito grandes.

O trajeto foi longo. Não avançavam. Podia-se dizer, ao contrário, que o camponês retinha o animal.

Marescal se enfurecia. Tinha perdido todo o controle sobre si mesmo e se lamentava:

— Não chegaremos… Que pangaré esse seu cavalo… Dez francos para você, hein, isso dá?

A região lhe parecia odiosa, povoada de fantasmas e percorrida por policiais no encalço do policial Marescal. A ideia de passar a noite nessa região onde jazia o cadáver daquela que ele tinha enviado para a morte estava além de suas forças.

— Vinte francos — disse ele.

E de súbito, perdendo a cabeça:

— Cinquenta francos! Vamos! Cinquenta francos! Não faltam mais que dois quilômetros… dois quilômetros em sete minutos… santo nome, será possível…? Vamos, raios, chicoteie esse pangaré…! Cinquenta francos…!

O camponês foi tomado de uma crise de energia furiosa e, como se precisasse mesmo atender àquela proposta magnífica, começou a bater com tanto ardor que o pangaré partiu a galope.

— Ei! Atenção, não vá nos jogar na valeta

O camponês pouco se preocupava com essa perspectiva. Cinquenta francos…!

Ele batia rodando o braço com a extremidade de um cassetete que terminava em uma ponta de cobre. O animal enfurecido redobrava a

velocidade. A charrete saltava de um lado ao outro da estrada. Marescal se inquietava cada vez mais.

— Mas que idiotice! Vamos virar… Alto, com os diabos…! Vejam só, está maluco?! Pare aí! Chegamos!

"Era ali", na verdade. Um golpe de rédeas descontrolado, um desvio mais forte, e toda a tralha caiu em uma valeta de maneira tão desastrosa que a charrete virou de cabeça para baixo sobre os dois homens de bruços, e o pangaré, emaranhado nos arreios, com os cascos para o ar, dava coices na tábua do assento.

Marescal logo se deu conta de que saíra ileso da aventura. Mas o camponês o esmagava com todo o seu peso. Quis se desentalar dali. Não conseguiu. E ouviu uma voz amável sussurrar em seu ouvido:

— Tem fogo, Rodolphe?

Dos pés à cabeça, Marescal sentiu que seu corpo gelava. A morte devia dar aquela impressão atroz de membros enregelados que nada jamais seria capaz de reanimar. Balbuciou:

— O homem do expresso…

— O homem do expresso, esse mesmo — repetiu a boca que lhe sussurrava no ouvido.

— O homem do terraço — gemeu Marescal.

— Absolutamente certo… o homem do expresso, o homem do terraço… e também o homem de Monte Carlo, e o homem do Boulevard Haussmann, e o assassino dos irmãos Loubeaux e cúmplice de Aurélie, e o condutor do barco, e o camponês da charrete. E aí, hein, meu velho Marescal, são muitos guerreiros para combater, e todos de peso, permita-me dizer.

O pangaré havia parado com seus coices e tinha se levantado. Pouco a pouco, Raoul tirou sua capa de lã com a qual conseguiu embrulhar o comissário, imobilizando, assim, seus braços e pernas. Empurrou a charrete, puxou as cintas e as rédeas dos arreios e amarrou fortemente Marescal, que ergueu em seguida para fora da valeta até o alto, no meio do espesso matagal. Restavam duas correias, com a ajuda das quais ele prendeu o corpo do comissário no tronco de uma bétula.

— Não tem sorte comigo, meu velho Rodolphe. Com esta já são duas vezes que eu o enfaixo como a um faraó. Ah, não me esqueci do lenço de Aurélie para lhe fazer uma mordaça! Não grite e não seja visto é a regra do

cativo perfeito. Mas você pode olhar à vontade e até escutar tudo. Preste atenção: está ouvindo o trem apitar? Tuf… tuf… tuf… e se afasta, e com ele a doce Aurélie e seu padrasto. Pois preciso lhe assegurar: ela está tão viva quanto você e eu. Um pouco cansada, talvez, depois de tantas emoções! Mas basta uma boa noite de sono e nada disso vai sobrar.

Raoul amarrou o animal e ajeitou os destroços do veículo. Depois, veio sentar-se perto do comissário.

— Divertida a aventura do naufrágio, não? Mas nenhum milagre, como você poderia acreditar. E também nenhum acaso. Para seu governo, fique sabendo que jamais conto nem com milagre nem com o acaso, mas unicamente comigo. Portanto… mas não aborrece você esse meu pequeno discurso? Não acha melhor dormir? Não? Então, continuo… Assim, eu acabava de deixar Aurélie no terraço quando senti, no caminho, uma inquietude: seria prudente deixá-la assim? Sabe-se lá se algum malfeitor não estaria rodeando por ali, se algum bonitão engomadinho não estaria farejando pelas redondezas…? Esse tipo de intuição faz parte da minha natureza… Sempre obedeço. Portanto, retornei. E o que é que avisto? Rodolphe, sequestrador infame e policial desleal, mergulha no vale em busca de sua presa. Nisso, eu caio do céu, lhe ofereço um banho para os pés na lama, carrego Aurélie comigo e vamos em frente. A lagoa, a floresta, as grutas, era a liberdade. E pumba! Você sopra o apito, e dois matutos aparecem ao seu chamado. Que fazer? Problema insolúvel, se é que foi! Não, uma ideia genial… E se eu me deixasse engolir pelo abismo? Justamente nessa hora um revólver me cospe uma rajada. Eu me faço de morto no fundo da canoa. Explico as coisas para Aurélie e, zás, mergulhamos de cabeça na boca do escoamento.

Raoul deu um tapinha na coxa de Marescal.

— Não, eu lhe peço, meu bom amigo, não se emocione: não corremos nenhum risco. Todo mundo na região sabe que, pegando esse túnel talhado em pleno terreno calcário, somos depositados duzentos metros mais abaixo, sobre uma pequena praia de areia fina, de onde subimos alguns degraus confortáveis. Aos domingos, dezenas de garotos praticam assim o nado com esquife, puxando seu barquinho na volta. Nenhum arranhão a temer. E, desse jeito, pudemos assistir de longe à sua prostração e vê-lo partir, de cabeça baixa, sob o peso dos remorsos. Então, reconduzi Aurélie ao jardim do convento. Seu padrasto veio buscá-la de carro para tomar o trem,

enquanto eu fui pegar minha mala, comprei a charrete e os trajes de camponês e me afastei como pude sem outro objetivo senão dar cobertura à retirada de Aurélie.

Raoul apoiou a cabeça no ombro de Marescal e fechou os olhos.

— Inútil lhe dizer que tudo isso me cansou um pouco e que um sono me parece necessário. Vele pelos meus sonhos, meu bom Rodolphe, e não se inquiete. Tudo pelo melhor no melhor dos mundos. Cada um ocupa o lugar que merece, e os tolos servem de travesseiro aos espertos como eu.

E dormiu.

A noite caía. Descia a sombra em torno deles. Às vezes, Raoul acordava e pronunciava algumas palavras sobre as estrelas cintilantes ou sobre a claridade azul da lua. Depois, de novo, caía no sono.

Perto da meia-noite, sentiu fome. Em sua mala, levava alimentos. Ofereceu-os a Marescal e lhe tirou a mordaça.

— Coma, meu caro amigo — disse ele, enfiando queijo em sua boca.

Mas Marescal logo foi tomado de fúria e cuspiu o queijo, murmurando:

— Imbecil! Cretino! O tolo foi você! Sabe o que foi que você fez?

— Ora! Eu salvei Aurélie. O padrasto dela a levou para Paris, e eu vou me encontrar com ela.

— O padrasto dela! O padrasto dela! — gritou Marescal. — Então você não sabe?

— O quê?

— O padrasto a ama.

Raoul o agarrou pela garganta, fora de si.

— Imbecil! Cretino! Não podia ter me dito isso, em lugar de escutar meus discursos idiotas? Ele a ama? Ah, o miserável… Mas todo mundo ama essa garota, então! Bando de brutamontes! Nunca se olharam em um espelho, então? Você, principalmente, com esse cabelo cheio de goma?

Inclinou-se mais e disse:

— Ouça bem, Marescal, vou arrancar a garota das mãos do padrasto. Mas me deixe tranquilo. Não se ocupe mais de nós.

— Não é possível — disse o comissário com voz abafada.

— Por quê?

— Ela matou.

— De modo que seu plano…?

— Entregá-la à justiça, e vou conseguir, porque a odeio.

Disse isso em um tom de rancor feroz, o que fez Raoul compreender que de agora em diante o ódio, em Marescal, importava mais do que o amor.

— Tanto pior para você, Rodolphe. Eu ia lhe propor uma promoção, alguma coisa como um posto de chefe da polícia. Prefere lutar. Como quiser. Comece então com uma noite ao relento. Nada melhor para a saúde. Quanto a mim, vou a cavalo até Lourdes, que fica à beira da estrada de ferro. Em quatro horas, chego lá trotando com minha égua. E esta noite estarei em Paris, onde começarei colocando Aurélie em segurança. Adeus, Rodolphe.

Prendeu a mala como pôde, lançou-se sobre a égua e, sem estribos, sem sela, assobiando uma canção de caça, mergulhou na noite.

À noite, em Paris, uma senhora idosa que se chamava Victoire, e que tinha sido ama de leite dele, esperava de automóvel diante da pequena mansão da Rue de Courcelles, onde morava Brégeac. Raoul estava ao volante.

Aurélie não apareceu.

Desde a aurora, ele retomou sua vigília. Na rua, notou um trapeiro que passava, após ter cutucado, com a ponta em gancho de seu bastão, o fundo das latas de lixo. E em seguida, com o sentido especial que o fazia reconhecer os indivíduos mais pelo seu andar do que por outra característica, encontrou sob alguns farrapos e um sórdido boné, ainda que mal o tivesse visto no jardim da Villa Faradoni e na estrada de Nice, o assassino Jodot.

"Ora, vejam só", disse a si mesmo Raoul, "este já está em ação?"

Por volta das oito horas, uma camareira saiu da mansão e correu à farmácia vizinha. Com uma nota de dinheiro na mão, ele a abordou e soube que Aurélie, trazida na véspera por Brégeac, estava deitada com uma forte febre e delirava.

Por volta de meio-dia, Marescal rondava a casa.

---

[3] Antiga variedade francesa do boxe, semelhante ao *kickboxing*. (N.T.)

Manobras e dispositivos de batalha

Os acontecimentos proporcionavam a Marescal uma inesperada ajuda. Aurélie, retida no quarto, representava o malogro do plano idealizado por Raoul, a impossibilidade de fugir e a terrível espera da denúncia. Marescal, aliás, tomou medidas imediatas: a enfermeira que foi colocada junto a Aurélie era uma criatura dele e, como Raoul pôde assegurar, prestava-lhe contas diariamente do estado de saúde da doente. Em caso de melhora súbita, ele agiria.

"Sim", disse Raoul consigo, "mas se ele não agiu é porque tem motivos que ainda o impedem de denunciar publicamente Aurélie, e prefere esperar o fim da doença. Ele se prepara. Vamos nos preparar também".

Se bem que se opusesse às hipóteses demasiado lógicas que os fatos sempre desmentem, Raoul havia tirado das circunstâncias algumas conclusões por assim dizer involuntárias. A estranha realidade na qual ninguém no mundo havia pensado nem por um instante, e que era tão simples, ele a entrevia confusamente, mais pela força das coisas do que por um esforço mental, e compreendia que chegara o momento de atacar com resolução.

"Em um expedição", dizia-se ele com frequência, "o mais difícil é o primeiro passo".

Ora, se ele percebia claramente certos atos, os motivos desses atos permaneciam obscuros. Os personagens do drama conservavam para ele uma aparência de robôs que se debatiam na tempestade e na tormenta. Se ele queria vencer, não era suficiente defender Aurélie dia a dia, mas vasculhar o passado e descobrir as profundas razões que haviam determinado a ação de todas aquelas pessoas e as influenciado no decurso

da noite trágica.

"Feitas as contas", disse consigo, "além de mim, há quatro atores de primeiro plano que giram em torno de Aurélie e que, os quatro, a perseguem: Guillaume, Jodot, Marescal e Brégeac. Desses quatro, há uns que se aproximam dela por amor, outros para lhe arrancar seu segredo. A combinação desses dois elementos, amor e cupidez, determina toda a aventura. Ora, Guillaume está no momento fora de questão. Brégeac e Jodot não me preocupam enquanto Aurélie estiver doente. Resta Marescal. Esse é o inimigo que deve ser vigiado."

Havia em frente à mansão de Brégeac um apartamento vago. Raoul se instalou ali. No entanto, uma vez que Marescal empregava a enfermeira, Raoul sondou a camareira e a subornou. Três vezes, na ausência da enfermeira, essa mulher o levou para junto de Aurélie.

A garota parecia não o reconhecer. Ainda estava tão enfraquecida por causa da febre que não conseguia dizer senão palavras desconexas e novamente fechava os olhos. Mas ele não duvidava de que ela o ouvia e sabia quem lhe falava assim, com aquela voz doce que a relaxava e a acalmava como em um passe de mágica.

— Sou eu, Aurélie — disse ele. — Veja que fui fiel à minha promessa e que você pode ter toda a confiança em fim. Eu lhe juro que seus inimigos não são capazes de lutar contra mim e que vou libertá-la. Como poderia ser de outra forma? Só penso em você. Procuro reconstruir sua vida, e ela me aparece pouco a pouco, tal como é, simples e honesta. Sei que você é inocente. Sempre soube disso, mesmo quando a acusei. As provas mais irrefutáveis me parecem falsas; a garota de olhos verdes não podia ser uma criminosa.

Não receou ir mais longe em suas confidências e lhe dizer palavras ternas que ela seria obrigada a escutar e que ele entremeava de conselhos:

— Você é tudo na minha vida… Nunca encontrei mulher mais graciosa e encantadora… Aurélie, confie em mim… Só lhe peço uma coisa, está ouvindo?, confiança. Se alguém a interrogar, não responda. Se alguém lhe escrever, não responda. Se quiserem fazer você sair daqui, recuse. Tenha confiança, até o último minuto da hora mais cruel. Estou por perto. Sempre estarei por perto, porque só vivo para você e por você…

O rosto da garota adquiriu uma expressão de calma. Ela adormeceu como embalada por um sonho feliz.

Então ele penetrou nos aposentos reservados a Brégeac e os vasculhou, sem sucesso, aliás, à procura de documentos e indícios que pudessem guiá-lo.

Fez também, no apartamento que Marescal ocupava na Rue de Rivoli, visitas domiciliares extremamente minuciosas.

Enfim, procedeu a um rigoroso inquérito nos escritórios do Ministério do Interior, onde os dois homens trabalhavam. A rivalidades deles e seu ódio eram conhecidos de todos. Apoiados os dois pela alta cúpula, eram ambos combatidos, fosse no ministério, fosse na chefatura de polícia, por poderosos personagens que batalhavam acima de suas cabeças. O serviço sofria com isso. Os dois homens se acusavam abertamente de fatos graves. Falava-se em aposentadoria. Qual seria sacrificado?

Um dia, oculto atrás de uma cortina, Raoul percebeu Brégeac na cabeceira de Aurélie. Era um sujeito bilioso, de rosto magro e amarelado, muito alto, a que não faltava certo porte e que, em todo caso, tinha mais elegância e distinção do que o vulgar Marescal. Acordando, ela o viu, inclinado sobre ela, e lhe disse em tom duro:

— Deixe-me… Deixe-me…

— Como você me detesta — murmurou ele —, e com que alegria me faria mal!

— Eu jamais faria mal àquele com quem minha mãe se casou — disse ela.

Ele olhou para ela com um sofrimento visível.

— Você é muito bonita, minha pobre menina… Mas, ai de mim, por que sempre rejeita minha afeição? Sim, eu sei, agi mal. Por um bom tempo só me senti atraído por você por causa do segredo que você escondia de mim sem razão. Mas, se você não tivesse ficado obstinada em um silêncio absurdo, eu não teria pensado em outras coisas que são um suplício para mim… porque você jamais me amará… porque não consegue me amar.

A garota não queria ouvi-lo e virava a cabeça. No entanto, ele disse ainda:

— Durante seu delírio, você falou muito de revelações que gostaria de me fazer. Eram a esse propósito? Ou então sobre sua fuga insensata com esse Guillaume? Aonde a conduziu esse miserável? O que você se tornou antes de se refugiar em seu convento?

Ela não respondeu, por esgotamento, talvez por desprezo.

Brégeac se calou. Quando ele partiu, Raoul, afastando-se por sua vez, viu que ela chorava.

Em resumo, ao fim de duas semanas de investigações, qualquer outro que não Raoul se sentiria desencorajado. De maneira geral, e fora certas tendências que ele tinha de interpretá-las a seu modo, os grandes problemas permaneciam insolúveis ou, ao menos, sem solução aparente.

"Mas não perco meu tempo", dizia ele consigo, "e é o essencial. Agir consiste, com frequência, em não agir. A atmosfera é menos espessa. Minha visão dos seres e dos acontecimentos fica mais precisa e se fortalece. Se ainda falta um fato novo, ao menos estou bem no centro dos acontecimentos. Na véspera de um combate que se anuncia violento, quando todos os inimigos mortais vão se enfrentar, as necessidades do combate e a necessidade de encontrar as armas mais eficazes certamente provocarão o choque inesperado, que produzirá faíscas."

Uma faísca se produziu mais cedo do que Raoul imaginava e clareou um lado de trevas onde ele acreditava que se poderia produzir alguma coisa de importante. Uma manhã, com a testa colada nas vidraças e os olhos fixos nas janelas de Brégeac, ele reviu, sob a roupa de trapeiro, o cúmplice Jodot. Este, daquela vez, levava no ombro um saco de pano onde jogava o que apanhava. Encostou-a no próprio muro da casa, sentou-se na calçada e pôs-se a comer, ao mesmo tempo que remexia a lata de lixo mais próxima. O gesto parecia maquinal, mas, após um instante, Raoul discerniu facilmente que o homem atraía para si envelopes amassados e cartas rasgadas. Olhava para elas distraidamente, depois continuava sua triagem; sem nenhuma dúvida, a correspondência de Brégeac lhe interessava.

Quinze minutos depois, recolocou o saco nas costa e se foi. Raoul o seguiu até Montmartre, onde Jodot tinha um brechó.

Ele voltou nos três dias seguintes, e a cada vez recomeçava exatamente a mesma operação equívoca. Mas, no terceiro dia, que era um domingo, Raoul surpreendeu Brégeac, que espiava atrás de sua janela. Quando Jodot partiu, Brégeac, por sua vez, seguiu-o com todas as precauções. Raoul os acompanhou de longe. Será que iria conhecer o elo que unia Brégeac e Jodot?

Atravessaram assim, uns atrás dos outros, o bairro de Monceau, passaram pelas fortificações e alcançaram, na extremidade do Boulevard Bineau, as margens do Sena. Algumas *villas* modestas se alternavam com

terrenos baldios. Junto a uma delas, Jodot largou seu saco no chão e, sentando-se, comeu.

Ficou ali por quatro ou cinco horas, vigiado por Brégeac, que almoçava a trinta metros de distância, sob o caramanchão de um pequeno restaurante, e por Raoul, que, deitado na relva, fumava alguns cigarros.

Quando Jodot partiu, Brégeac se afastou para outro lado, como se aquilo tivesse perdido todo o interesse, e Raoul entrou no restaurante, conversou com o proprietário e soube que a *villa* junto a qual Jodot estivera sentado pertencia, algumas semanas antes, aos irmãos Loubeaux, assassinados no expresso de Marselha por três indivíduos. A justiça lacrara o local e tinha confiado a guarda a um vizinho, o qual, todos os domingos, saía para passear.

Raoul estremeceu ao ouvir o nome dos irmãos Loubeaux. As tramoias de Jodot começavam a ter sentido.

Interrogou mais a fundo e soube que, na época de sua morte, os irmãos Loubeaux moravam muito pouco naquela *villa*, que lhes servia apenas como entreposto para seu comércio de vinhos de Champagne. Tinham se separado de seu sócio e viajavam por conta própria.

— O sócio deles? — perguntou Raoul.

— Sim, seu nome ainda está inscrito na placa de cobre pregada perto da porta: "Irmãos Loubeaux e Jodot".

Raoul reprimiu um movimento.

— Jodot?

— Sim, um homem alto, de rosto vermelho, um ar de gigante de feira. Há mais de um ano que ninguém o tem visto por aqui.

"Informações de considerável importância", disse Raoul consigo, "de uma vez só. Então, Jodot tinha sido outrora sócio dos dois irmãos que iria matar em seguida. Não é de espantar, então, que a justiça não o tenha incomodado, pois jamais supôs que houve um Jodot no negócio, e uma vez que Marescal está persuadido de que o terceiro cúmplice sou eu. Mas então por que o assassino Jodot vem, ele mesmo, até onde antigamente moravam suas vítimas? E por que Brégeac vigia essa andança?"

A semana transcorreu sem incidentes. Jodot não apareceu mais na frente da casa de Brégeac. Mas no sábado à noite, Raoul, persuadido de que o indivíduo retornaria à *villa* no domingo de manhã, pulou o muro que circundava o terreno baldio contíguo e entrou por uma das janelas do

primeiro andar.

Nesse andar, dois quartos ainda estavam mobiliados. Sinais evidentes permitiam crer que tinham sido revistados. Quem? Agentes do Ministério Público? Brégeac? Jodot? Por quê?

Raoul não se deteve. O que os outros tinham vindo procurar ou não se encontrava ali, ou não se encontrava mais ali. Instalou-se em uma poltrona para passar a noite. Com a luz de uma pequena lanterna de bolso, pegou da mesa um livro cuja leitura não tardou a levá-lo a dormir.

A verdade só se revela àqueles que a obrigam a sair da sombra. É quando frequentemente a julgamos distante que um acaso vem colocá-la pura e simplesmente no lugar que lhe tinham preparado, e o mérito é justamente a qualidade dessa preparação. Ao despertar, Raoul reviu o livro em que dera uma olhada. A encadernação era revestida por uma espécie de percalina lustrosa tirada de um desses quadrados de tecido negro sedoso empregados pelos fotógrafos para cobrir seus aparelhos.

Deu uma busca. Na confusão de um armário cheio de retalhos e de papéis, encontrou um desses tecidos. Três pedaços redondos, cada um do tamanho de um prato, haviam sido cortados dali.

"Aí está", murmurou ele, com emoção. "Acertei em cheio. As três máscaras dos bandidos do expresso vieram daqui. Este tecido é a prova irrefutável. O que aconteceu ele explica e ilustra."

A verdade lhe parecia agora tão natural, tão de acordo com as intuições inexprimíveis que ele havia tido, e, em certa medida, tão divertida em sua simplicidade que ele se pôs a rir no profundo silêncio da casa.

"Perfeito, perfeito", disse a si mesmo. "O próprio destino vai me trazer os elementos que me faltam. Daqui em diante, ele vai estar a meu serviço, e todos os detalhes da aventura vão se precipitar ao meu chamado e se enfileirar à plena luz."

Às oito horas, o vigia da *villa* deu sua volta de domingo pelo andar térreo e trancou as portas. Às nove horas, Raoul desceu na sala de jantar e, deixando as venezianas fechadas, abriu a janela bem em cima do lugar onde Jodot tinha vindo se sentar.

Jodot foi pontual. Chegou com seu saco, que colocou junto do muro. Depois se sentou e comeu. E, enquanto comia, monologava em voz baixa, tão baixa que Raoul nada ouvia. A refeição, composta de frios e queijos, foi finalizada com um cachimbo, e a fumaça subia até Raoul.

Deu mais uma cachimbada, depois outra. E assim se passaram duas horas sem que Raoul pudesse compreender os motivos dessa longa espera. Pelas frestas das venezianas, ele via duas pernas envoltas em farrapos e os sapatos surrados. Adiante, corria o rio. Os transeuntes iam e vinham. Brégeac devia estar de vigia sob um dos caramanchões do restaurante.

Enfim, alguns minutos antes do meio-dia, Jodot pronunciou estas palavras: "E então? Nada de novo? Confesso que ela é mesmo dura, essa aí!".

Ele parecia falar não consigo mesmo, mas com alguém que estivesse junto dele. No entanto, não havia encontrado ninguém, e não havia ninguém perto dele.

— Caramba! — resmungou Jodot —, estou dizendo que ela está lá! Não foi só uma vez que eu a tive em minhas mãos, e a vi com meus próprios olhos. Você fez direito o que eu lhe disse? Vasculhou todo o lado direito da adega, como no outro dia o lado esquerdo? Então… então… devia ter encontrado…

Calou-se por um bom tempo, depois continuou:

— Talvez a gente possa tentar do outro lado e chegar até o terreno baldio, atrás da casa, caso tenham jogado a garrafa lá, antes do golpe do expresso. É um esconderijo a céu aberto, tão bom como qualquer outro. Se Brégeac revistou a adega, não deve ter pensado em olhar fora. Vá lá e procure. Eu espero.

Raoul não escutou mais. Tinha refletido e começava a compreender, desde que Jodot tinha falado da adega. Essa adega devia estender-se de um ponto ao outro da casa, com um respiradouro para a rua e outro para a outra fachada. A comunicação era fácil pelos tubos de respiração.

Subiu rapidamente ao primeiro andar, onde um dos quartos dominava o terreno baldio, e, em seguida, constatou a exatidão de sua suposição. No meio de um espaço não construído, onde se erguia uma tabuleta com as palavras "Vende-se", entre um monte de ferragens, de tonéis desmanchados e de garrafas quebradas, um garotinho de sete ou oito anos, raquítico, de uma magreza incrível sob uma malha cinza colada a seu corpo, procurava, esgueirava-se, deslizava com uma agilidade de esquilo.

O campo de suas investigações, que pareciam ter por objetivo único a descoberta de uma garrafa, achava-se singularmente restrito. Se Jodot não estava enganado, a operação devia ser rápida. E foi. Depois de dois

minutos, tendo afastado algumas caixas velhas, o menino se levantava e, sem perda de tempo, punha-se a correr até a villa, com uma garrafa de gargalo quebrado e cinzenta de poeira.

Raoul precipitou-se até o andar térreo a fim de alcançar a adega e subtrair o menino de seu butim. Mas a porta do subsolo que ele observara do vestíbulo não pôde ser aberta, e ele retomou sua vigília diante da janela da sala.

Jodot murmurou logo:

— Está aí? Na sua mão? Ah, beleza, então…! Agora estou com a bola toda. O amigo Brégeac não poderá mais me amolar. Depressa, agora você vai se enfurnar.

O pequeno teve que "se enfurnar", o que consistia evidentemente em se apertar por entre as grades do respiradouro e rastejar como um furão até o fundo do saco, sem que nenhum fiapo de tecido indicasse sua passagem.

E logo Jodot se ergueu, jogou seu fardo no ombro e se afastou.

Sem a mínima hesitação, Raoul fez com que se soltassem os lacres da porta, quebrou a fechadura e saiu da *villa*.

A trezentos metros, Jodot caminhava, levando o cúmplice que lhe servira primeiro para explorar o subsolo da mansão de Brégeac, depois o da *villa* dos irmãos Loubeaux.

Cem metros atrás, Brégeac serpenteava entre as árvores.

E Raoul percebeu que, no Sena, um pescador de anzol remava no mesmo sentido: Marescal.

Assim, portanto, Jodot era seguido por Brégeac, Brégeac e Jodot eram seguidos por Marescal, e os três eram seguidos por Raoul.

Como aposta da partida, a posse de uma garrafa.

"Olhe que é palpitante", dizia-se Raoul. "Jodot tem a garrafa… é verdade, mas ignora que ela é cobiçada. Quem será o mais esperto dos três outros ladrões? Se não existisse Lupin, eu apostaria em Marescal. Mas existe Lupin."

Jodot estendera seu saco de maneira que a criança ficasse à vontade, e, sentado em um banco, examinava a garrafa, sacudia-a e a fazia brilhar ao sol.

Para Brégeac, era o momento de agir. Assim pensou, e bem de leve se aproximou.

Tinha aberto uma sombrinha e a segurava como um escudo, ocultando o rosto. No barco, Marescal desaparecia sob um amplo chapéu de palha.

Quando Brégeac chegou a três passos do banco, fechou a sombrinha, pulou, sem se preocupar com os transeuntes, agarrou a garrafa e fugiu por uma avenida que o levava para o lado das fortificações.

Foi tudo executado habilmente e com uma admirável rapidez. Aturdido, Jodot hesitou, gritou, agarrou seu saco, colocou-o de volta no chão como se não acreditasse que podia correr tão depressa com aquele fardo… em suma, foi posto fora de combate.

Mas Marescal, prevendo essa agressão, pulou em terra e saiu no encalço, o que Raoul também fez. Havia agora só três competidores.

Brégeac, como um bom campeão, só pensava em correr e não se virou para trás. Marescal só pensava em Brégeac e não se virou mais, de sorte que Raoul não tomou nenhuma precaução. Para quê?

Em dez minutos, o primeiro dos três corredores alcançou a Porte de Ternes. Brégeac sentia tanto calor que tirou seu sobretudo. Perto da barreira para transpor essa porta da cidade, havia um bonde parado, e muitos passageiros esperavam na estação para tomá-lo e voltar para Paris.

O controlador da barreira chamava os números. Mas os empurrões foram tão fortes que Marescal não teve nenhuma dificuldade em tirar a garrafa do bolso de Brégeac, e este nada percebeu. Marescal logo passou pela barreira e foi-se embora.

"E de dois já me livrei", riu Raoul, "meus amigos se eliminaram entre eles; estão trabalhando para mim."

Quando Raoul, por sua vez, passou pela barreira, viu Brégeac, que fazia desesperados esforços para sair do bonde, apesar da multidão, e para começar a perseguir o seu ladrão.

Este escolhia as ruas paralelas à Avenue des Ternes, que são mais estreitas e mais tortuosas. Corria como um louco. Quando parou na esquina da Avenue de Wagram, estava sem fôlego. Rosto suado, olhos injetados de sangue, veias dilatadas, enxugou-se um instante. Não aguentava mais.

Comprou um jornal e embrulhou a garrafa, após dar uma olhada nela. Depois colocou-a debaixo do braço e partiu em passos vacilantes, como alguém que só está de pé por milagre. Na verdade, o belo Marescal não conseguia mais ficar ereto. Seu colarinho estava torcido como um pano molhado. Sua barba terminava em duas pontas, de onde pingavam gotas.

Foi um pouco antes da Place de l'Étoile que um senhor de grossos óculos pretos, que vinha em sentido contrário, apresentou-se a ele, de cigarro aceso nos lábios. O senhor lhe barrou o caminho, e é claro que não lhe pediu fogo, mas, sem uma palavra, soltou a fumaça em seu rosto, com um sorriso que mostrava seus dentes, quase todos pontudos como caninos.

O comissário escancarou os olhos. Balbuciou:

— Quem é o senhor? O que quer de mim?

Mas de que adiantava perguntar? Não sabia ele que ali estava seu mistificador, aquele que ele chamava de terceiro cúmplice, o namorado de Aurélie, e seu eterno inimigo, dele, Marescal?

E aquele homem, que lhe parecia o diabo em pessoa, esticou o dedo para a garrafa e disse em um tonzinho de afetuosa brincadeira:

— Vamos, passe para cá… seja gentil com o cavalheiro… passe para cá. Será que um comissário do seu calibre fica passeando assim com uma garrafa? Vamos, Rodolphe… passe para cá…

Marescal logo fraquejou. Gritar, pedir socorro, amotinar os transeuntes contra o assassino, teria sido incapaz disso. Estava fascinado. Aquele ser infernal lhe sugava toda a energia, e estupidamente, sem nem pensar em resistir, como um ladrão que acha natural restituir o objeto roubado, deixou a garrafa ser tomada de seu braço, que não podia mais segurá-la.

Nesse momento chegava Brégeac, sem fôlego também, e sem força alguma, nem para se atirar sobre o terceiro ladrão, nem para interpelar Marescal. E, plantados os dois na beira da calçada, atordoados, olharam para o cavalheiro de óculos redondos que chamava um automóvel, se instalava ali e lhes enviava pela janela uma ampla saudação com o chapéu.

Um vez em casa, Raoul desfez o papel que embrulhava a garrava. Era um litro como esses de água mineral, um litro antigo, sem rolha, de vidro negro e opaco. No rótulo, sujo e empoeirado também, e que ainda assim tinha sido protegido das intempéries, em uma inscrição em grossas letras impressas se lia facilmente:

ÁGUA DE JUVENTA

Abaixo, várias linhas que ele teve dificuldade de decifrar e que constituíam evidentemente a fórmula dessa Água de Juventa:

Bicarbonato de sódio 1.349 gramas

de potássio 0,435 gramas
de cálcio 1.000 gramas
Milicuries etc.

Mas a garrafa não estava vazia. No interior, alguma coisa se mexia, alguma coisa leve que fazia o barulho de um papel. Virou o litro, sacudiu, nada saiu dali. Introduziu ali um fio de barbante com um grande nó na ponta, e assim, com muita paciência, extraiu dali uma fina folha de papel, enrolada como um canudo amarrado por um cordão vermelho. Desenrolando o canudo, viu que não era mais do que uma folha de papel comum e que sua parte inferior fora cortada, ou melhor, rasgada de modo desigual. Ali se encontravam caracteres escritos a tinta, muitos dos quais faltando, mas que eram suficientes para formar algumas frases:

A acusação é verdadeira, e minha confissão é formal. Sou o único responsável pelo crime cometido, e não se deve atribuí-lo nem a Jodot nem a Loubeaux. — Brégeac.

Desde a primeira vista de olhos, Raoul reconheceu a letra de Brégeac, mas escrita com uma tinta desbotada pelo tempo e que permitia, assim como o estado do papel, fazer o documento remontar a quinze ou vinte anos atrás. Que crime era esse? E contra quem tinha sido cometido?

Refletiu por um longo momento. Após isso concluiu a meia voz:

"Toda a obscuridade do caso provém do fato de que é duplo, em que duas aventuras se misturam, dois dramas em que o primeiro domina o segundo. Aquele do expresso, tendo como personagens os dois irmãos Loubeaux, Guillaume, Jodot e Aurélie. E um primeiro drama, que ocorreu antigamente, e em que hoje dois dos atores se enfrentam: Jodot e Brégeac.

"A situação, cada vez mais complexa para quem não possuísse a palavra do segredo da fechadura, torna-se para mim cada vez mais precisa. Aproxima-se a hora da batalha, e o prêmio é Aurélie, ou melhor, o segredo que palpita no fundo de seus belos olhos verdes. Quem for, por alguns instantes, pela força, pela astúcia ou pelo amor, dono de seu olhar e de seu segredo, será dono desse segredo, pelo qual já houve tantas vítimas.

"E, nesse turbilhão de vinganças e de ódios cúpidos, Marescal traz, com suas paixões, suas ambições e seus rancores, essa assustadora máquina de guerra que é a justiça.

“Em vista disso, eu…”

Preparou-se minuciosamente, e com muito mais energia, porque cada um dos adversários multiplicava as precauções. Brégeac, sem nenhuma prova formal contra a enfermeira que informava Marescal, e contra a camareira que Raoul subornava, despediu ambas. As venezianas das janelas que davam para a frente foram fechadas. Por sua vez, os agentes de Marescal começavam a se mostrar na rua. Só Jodot não aparecia mais. Desarmado provavelmente pela perda do documento em que Brégeac tinha confirmado suas confissões, devia estar escondido em algum refúgio seguro.

Esse período se prolongou por quinze dias. Raoul se fizera apresentar, sob um nome falso, à mulher do ministro que protegia abertamente Marescal, e conseguira penetrar na intimidade daquela dama um tanto madura, muito ciumenta, e para quem seu marido não tinha nenhum segredo. As atenções de Raoul lhe proporcionavam fortes sentimentos de prazer. Sem perceber o papel que desempenhava, e ignorando aliás a paixão de Marescal por Aurélie, hora a hora ela mantinha Raoul informado das intenções do comissário, do que ele combinava em relação a Aurélie, e da maneira como procurava, com a ajuda do ministro, derrubar Brégeac e os que o apoiavam.

Raoul teve medo. O ataque era tão bem organizado que ele se perguntou se não deveria tomar a dianteira, raptar Aurélie e destruir, assim, o plano do inimigo.

“E depois?”, dizia consigo. “De que me adiantaria a fuga? O conflito continuaria o mesmo, e tudo teria de ser recomeçado.”

Soube resistir à tentação.

Em um fim de tarde, voltando para casa, encontrou uma carta pneumática[4]. A mulher do ministro lhe anunciava as últimas decisões tomadas, entre as quais a detenção de Aurélie, marcada para o dia seguinte, 12 de julho, às três horas da tarde.

“Pobre garota de olhos verdes”, pensou Raoul. Terá ela confiança em mim, contra tudo e todos, como lhe pedi? Não serão mais lágrimas e angústia para ela?”

Dormiu tranquilamente, como um grande capitão à véspera do combate. Às oito horas, levantou-se. Começava o dia decisivo.

Ora, por volta de meio-dia, como a criada que o servia, sua velha ama Victoire, vinha da rua pela porta de serviço com sua sacola de compras, seis

homens, postados na escada, penetraram à força na cozinha.

— Seu patrão está aí? — perguntou um deles brutalmente. — Vamos, depressa, não vale a pena mentir. Sou o comissário Marescal e tenho um mandado contra ele.

Lívida, trêmula, ela murmurou:

— No escritório dele.

— Leve-nos até lá.

Colocou a mão na boca de Victoire para que ela não pudesse avisar seu patrão, e a obrigaram a andar por todo o longo corredor, no fim do qual ela indicou um sala.

O adversário não teve tempo de se defender. Foi agarrado, derrubado, amarrado e remetido assim como uma encomenda postal. Marescal lhe disse simplesmente:

— Você é o chefe dos bandidos do expresso. Seu nome, Raoul de Limézy.

E, dirigindo-se a seus homens:

— Para a Detenção. Aqui está o mandado. E discrição, hein? Nenhuma palavra sobre a personalidade do "cliente". Tony, você responde por ele, ouviu? Você também, Labonce. Levem-no. Encontro às três horas na frente da casa de Brégeac. Será a vez da senhorita, e a execução do padrasto.

Quatro homens levaram o cliente. Marescal reteve o quinto, Sauvinoux.

Imediatamente revistou o escritório e se apossou de alguns documentos e de objetos insignificantes. Mas nem ele nem seu assistente Sauvinoux encontraram aquilo que procuravam, a garrafa em que quinze dias antes, na calcada, Marescal tivera tempo de ler: "Água de Juventa".

Foram almoçar em um restaurante vizinho. Depois voltaram. Marescal se empenhava.

Enfim, às duas horas e quinze, Sauvinoux descobriu, debaixo do mármore de uma lareira, a famosa garrafa. Estava munida de rolha e rigorosamente lacrada com cera vermelha.

Marescal sacudiu-a e a colocou contra a luz de uma lâmpada elétrica; ela continha um fino rolo de papel.

Hesitou. Seria esse o papel?

— Não… Não… ainda não…! Na frente de Brégeac…! Bravo, Sauvinoux, trabalhou bem, meu rapaz.

Transbordava de alegria, e partiu murmurando:

— Desta vez estamos perto do objetivo. Estou com Brégeac em minhas mãos, e só preciso apertá-lo. Quanto à menina, não há mais ninguém para defendê-la. A nós dois, minha cara!

---

[4] O transporte pneumático era uma rede de tubos por onde recipientes cilíndricos (cápsulas) eram impulsionados por ar comprimido ou vácuo. Levava cartas e pequenos objetos urgentes, por distâncias relativamente curtas, entre meados do século XIX e meados do século XX. (N.T.)

Irmã Anne, vê alguma coisa vindo?[5]

Por volta das duas horas desse mesmo dia, “a menina”, como dizia Marescal, vestia-se. Um velho criado, chamado Velentin, que era agora o único empregado da casa, havia lhe servido uma refeição em seu quarto e tinha avisado que Brégeac desejava lhe falar.

Ela se restabelecia de sua doença. Pálida, muito magra, esforçava-se para permanecer ereta e de cabeça erguida para aparecer diante do homem que detestava. Pintou de vermelho os lábios, passou ruge nas faces e desceu.

Brégeac a esperava no primeiro andar, em seu gabinete de trabalho, uma grande sala de venezianas fechadas e iluminada por uma luminária.

— Sente-se — disse ele.

— Não.

— Sente-se. Você está cansada.

— Diga-me logo o que tem para me dizer, a fim de que eu possa voltar ao meu quarto.

Brégeac caminhou alguns instantes pela sala. Seu rosto se mostrava agitado e preocupado. Furtivamente, observava Aurélie com hostilidade e paixão, como um homem que se choca contra uma vontade indomável. Sentia pena dela também.

Aproximou-se dela e, colocando a mão em seu ombro, obrigou-a a se sentar.

— Você tem razão — disse ele —, não será longo. O que tenho para lhe comunicar pode ser dito em poucas palavras. Em seguida, você decidirá.

Estavam próximos, e no entanto mais distantes do que dois adversários, sentiu Brégeac. Todas as palavras que ele diria só fariam aumentar o abismo

entre eles. Cerrou os punhos e articulou:

— Então você ainda não compreendeu que estamos cercados de inimigos e que essa situação não pode continuar?

Ela disse entre dentes:

— Que inimigos?

— Ei! — disse ele. — Você bem sabe: Marescal… Marescal, que detesta você e que quer se vingar.

E em voz baixa, seriamente, explicou:

— Escute, Aurélie, estamos sendo vigiados já há algum tempo. No ministério, revistam minhas gavetas. Superiores e inferiores, todos estão unidos contra mim. Por quê? Porque estão todos mais ou menos a soldo de Marescal, e porque todos eles sabem que ele é poderoso junto ao ministro. Ora, você e eu estamos ambos ligados, nem que seja pelo ódio. E também estamos ligados pelo nosso passado, que é o mesmo, quer você queira ou não. Eu eduquei você. Sou seu tutor. Minha ruína é a sua. E me pergunto mesmo se não é você que querem atingir, por motivos que ignoro. Sim, tenho a impressão, por certos sintomas, de que a rigor me deixariam tranquilo, mas você é que está diretamente ameaçada.

Ela pareceu desfalecer.

— Que sintomas?

Ele respondeu:

— É pior que isso. Recebi uma carta anônima em papel do ministério… uma carta absurda, incoerente, em que sou alertado de que vão começar com perseguições a você.

Ela teve energia para dizer:

— Perseguições? O senhor está louco! E por que uma carta anônima…?

— Sim, eu sei — retrucou ele. — Algum subalterno que tenha ouvido um desses boatos estúpidos… Mas, de qualquer modo, Marescal é capaz de todas as maquinações.

— Se o senhor tem medo, vá embora.

— É por você que tenho medo, Aurélie.

— Não tenho nada a temer.

— Sim. Esse homem jurou acabar com você.

— Então, deixe-me ir embora.

— Mas você já tem força suficiente?

— Terei toda a força de que precisar para deixar esta prisão onde o senhor me mantém e para não o ver mais.

Ele fez um gesto de desânimo.

— Cale-se… Eu não poderia viver… Sofri demais durante a sua ausência. Prefiro tudo, qualquer coisa, a ter que ficar separado de você. Minha vida inteira depende de seu olhar, de sua vida…

Ela se ergueu e, com indignação, toda trêmula:

— Proíbo o senhor de me falar assim. O senhor me jurou que eu não ouviria mais nenhuma palavra desse tipo, uma dessas palavras abomináveis…

Enquanto a jovem caía sentada, esgotada, ele se afastava dela e se jogava em uma poltrona, a cabeça entre as mãos, os ombros sacudidos por soluços, como um homem vencido, para quem a existência é um fardo intolerável.

Após um longo silêncio, ele continuou, em um tom mais baixo:

— Somos mais inimigos agora do que antes de sua viagem. Você voltou muito diferente. O que foi então que você fez, Aurélie, não no Sainte-Marie, mas durante as três primeiras semanas, em que eu procurava você como um louco, sem pensar no convento? Esse miserável do Guillaume, você não o ama, disso eu sei… No entanto, você o seguiu. Por quê? E o que aconteceu com vocês dois? O que aconteceu com ele? Tenho a intuição de acontecimentos muito graves, que ocorreram… Percebe-se que você está inquieta. Em seu delírio, você falava como alguém que foge sem parar, e via sangue, cadáveres…

Ela ficou arrepiada.

— Não, não, não é verdade… O senhor entendeu mal.

— Não entendi mal — disse ele, abanando a cabeça. — Olhe só, neste momento mesmo, seus olhos estão assustados… Até parece que seu pesadelo continua…

Ele se aproximou e, lentamente:

— Está precisando de muito repouso, minha menina. É isso o que venho propor a você. Esta manhã, pedi uma licença, e podemos ir embora. Juro que não lhe direi nem uma só palavra que possa ofender você. E, ainda mais, não falarei do segredo que você devia ter me confiado, já que me pertence tanto quanto a você. Não tentarei ler no fundo de seus olhos onde ele está escondido, como tantas vezes tentei, pela força, reconheço,

decifrar o impenetrável enigma. Vou deixar seus olhos tranquilos, Aurélie. Não olharei mais para você. Minha promessa é formal. Mas venha, minha menina. Você está me dando pena. Está sofrendo. Está esperando não sei o quê, e só a infelicidade pode responder ao seu apelo. Venha.

Ela mantinha o silêncio com uma obstinação selvagem. Entre os dois havia um irremediável desacordo, a impossibilidade de articular uma palavra que não fosse de mágoa e indignação. A odiosa paixão de Brégeac os separava mais do que tantas coisas passadas, e tantas razões profundas que sempre os tinham feito chocar-se um contra o outro.

— Responda — disse ele.

Ela declarou firmemente:

— Eu não quero. Não posso mais suportar sua presença. Não posso mais viver na mesma casa que o senhor. Na primeira ocasião, partirei.

— E, sem dúvida, não sozinha — riu ele —, assim como da primeira vez… Guillaume, não é?

— Mandei Guillaume embora.

— Outro então. Outro que você está esperando, estou convencido. Seus olhos não param de procurar… seus ouvidos, de escutar… Assim, neste momento…

A porta do vestíbulo se abriu e se fechou novamente.

— O que é que eu dizia? — exclamou Brégeac, com um riso maldoso. — Dir-se-ia mesmo que você espera… e que alguém virá. Não, Aurélie, ninguém virá, nem Guillaume, nem nenhum outro. É Valentin, que eu tinha enviado ao ministério para pegar minha correspondência. Porque não irei lá por enquanto.

Os passos do criado subiram os degraus do primeiro andar e atravessaram a antecâmara. Ele entrou.

— Fez o que recomendei, Valentin?

— Sim, senhor.

— Havia cartas, documentos para assinar?

— Não, senhor.

— Espere aí, é engraçado. Mas e a correspondência…?

— A correspondência tinha acabado de ser entregue ao sr. Marescal.

— Mas com que direito Marescal se atreveu…? Ele estava lá, Marescal?

— Não, senhor. Tinha vindo e saiu logo.

— Saiu…? Às duas e meia! Assunto de trabalho, então?

— Sim, senhor.

— Procurou saber?

— Sim, mas ninguém sabia na repartição.

— Ele estava só?

— Não, com Labonce, Tony e Sauvinoux.

— Com Labonce e Tony! — exclamou Brégeac. — Mas, nesse casso, trata-se de uma detenção! Como não fui avisado? O que está acontecendo, então?

Valentin se retirou. Brégeac começava outra vez a caminhar e repetia pensativamente;

— Tony, a alma danada de Marescal… Labonce, um de seus favoritos… E tudo isso à minha revelia…

Cinco minutos se passaram. Aurélie o olhava ansiosamente. Subitamente, ele foi até uma das janelas e entreabriu um dos postigos. Um grito escapou de sua boca, e ele voltou balbuciando:

— Eles estão ali no fim da rua… de tocaia.

— Quem?

— Os dois… Os assistentes de Marescal. Tony e Labonce.

— E então? — murmurou ela.

— Então, são esses dois que ele emprega sempre nos casos graves. Nesta manhã ainda, foi com eles que ele trabalhou no bairro.

— Estão lá? — perguntou Aurélie.

— Estão lá. Eu os vi.

— E Marescal virá?

— Sem dúvida alguma. Você ouviu o que Valentin disse.

— Ele virá… ele virá — balbuciou ela.

— O que é que você tem? — perguntou Brégeac, espantado com a comoção dela.

— Nada — disse ela, dominando-se. — Contra a nossa vontade, nos apavoramos, mas não sem alguma razão.

Brégeac refletiu. Também ele procurava dominar seus nervos e repetia:

— Nenhuma razão, na verdade. A gente se afoba, na maioria das vezes, por motivos pueris. Vou interrogá-los, e estou certo de que tudo vai se explicar. Sim, absolutamente certo. Porque, afinal, os acontecimentos levam mais a crer que não somos nós, mas a casa em frente que está sob vigilância.

Aurélie levantou a cabeça.

— Que casa?

— O caso de que lhe falei… indivíduo que prenderam ontem ao meio-dia. Ah, se você visse Marescal quando ele deixou o escritório, às onze horas! Eu o encontrei. Ele tinha uma expressão de contentamento e de ódio feroz… Foi isso que me perturbou. Não se pode sentir um ódio como aquele senão contra uma pessoa na vida. E é a mim que ele odeia assim, ou melhor, a nós dois. Então pensei que a ameaça era em relação a nós.

Aurélie se ergueu, ainda mais pálida.

— O que o senhor disse? Uma detenção aí em frente?

— Sim, um certo Limézy, que se diz explorador… um certo barão de Limézy. À uma hora tive notícias no ministério. Acabava de ser preso na Detenção.

Ela ignorava o nome de Raoul, mas não duvidava de que se tratasse dele, e perguntou, com a voz trêmula:

— O que ele fez? Quem é esse Limézy?

— Segundo Marescal, seria o assassino do expresso, o terceiro cúmplice que estava sendo procurado.

Aurélie se sentiu prestes a cair. Tinha um ar de demência e de vertigem e tateava no vazio para encontrar um ponto de apoio.

— O que está acontecendo, Aurélie? Que relação esse caso…?

— Estamos perdidos — gemeu ela.

— O que você quer dizer?

— O senhor não pode compreender…

— Então explique-se. Você conhece o homem?

— Sim… sim… ele me salvou, ele me salvou de Marescal, e de Guillaume também, e desse Jodot que o senhor recebeu aqui… Ele ainda iria nos salvar hoje.

Ele a observava estupefato.

— Era ele que você esperava?

— Sim — disse ela, distraidamente. — Ele me havia prometido que estaria ali… Eu estava tranquila… Eu o vi fazer cada coisa… zombar de Marescal…

— E então…? — perguntou Brégeac.

— Então — respondeu ela, no mesmo tom alucinado —, seria melhor que nós nos colocássemos a salvo… O senhor e eu… Há certas histórias que poderiam interpretar contra o senhor… histórias antigas…

— Você está louca! — disse Brégeac, transtornado. — Não houve nada… De minha parte, não tenho receio de nada.

Apesar de suas negativas, ele saiu da sala e puxou a garota até o patamar. Foi ela que, no último momento, resistiu.

— E depois, não, para quê? Seremos salvos… Ele virá… Ele vai fugir… Por que não o aguardar?

— Não dá para fugir da Detenção.

— Acha? Ah, meu Deus, que horror que é isso tudo!

Ela não sabia o que resolver. Ideias terríveis turbilhonavam em seu cérebro de convalescente… o medo de Marescal… e depois a prisão iminente… a polícia que se precipitaria e lhe torceria os pulsos.

O pavor de seu padrasto a fez decidir-se. Arrebatada como que por uma rajada de tempestade, correu até seu quarto e reapareceu logo depois com uma bolsa de viagem na mão. Brégeac também tinha se preparado. Tinham o ar de dois criminosos que não podem esperar nada mais do que um fuga desabalada. Desceram a escada, atravessaram o vestíbulo.

Nesse exato instante, tocaram a campainha.

— Tarde demais — sussurrou Brégeac.

— Não, absolutamente — disse ela, animada de esperança. — Talvez seja ele que chegou e que vai…

Pensava em seu amigo do terraço, no convento. Ele havia jurado nunca abandoná-la e que, no último minuto que fosse, saberia salvá-la. Será que existiam obstáculos para ele? Não era ele o senhor dos acontecimentos e das pessoas?

Tocaram de novo.

O velho criado saiu da sala de jantar.

— Abra — disse-lhe Brégeac, em voz baixa.

Percebiam-se do outro lado sussurros e ruídos de botas. Alguém bateu.

— Abra, então — repetiu Brégeac.

O criado obedeceu.

Fora, Marescal se apresentou, acompanhado de três homens, daqueles cuja aparência especial a garota conhecia bem. Encostou-se no corrimão da escada, gemendo, tão baixo que só Brégeac o ouviu:

— Ah, meu Deus, não é ele!

Frente a frente com seu subalterno, Brégeac se empertigou.

— O que o senhor deseja? Eu o havia proibido de vir aqui.

Marescal respondeu sorrindo:

— Assuntos de serviço, senhor diretor. Ordem do ministro.

— Ordem que tem a ver comigo?

— Com o senhor e também com a senhorita.

— E o que o obriga e requerer a assistência de três desses homens?

Marescal começou a rir:

— Bem, foi o acaso... Eles estavam passando por aqui… e conversamos… Mas, se isso o deixa contrariado…

Entrou e viu as duas maletas.

— Eh, eh! Uma viagenzinha… Um minuto mais… e minha missão falharia.

— Senhor Marescal — disse Brégeac firmemente —, se tem uma missão a cumprir, uma comunicação a me fazer, acabemos com isso já, aqui mesmo.

O comissário se inclinou e, duramente:

— Sem escândalo, Brégeac, sem bobagens. Ninguém sabe nada ainda, nem mesmo meus homens. Vamos nos explicar em seu gabinete.

— Ninguém sabe nada… de quê, senhor?

— Do que se passa, que é de certa gravidade. Se sua enteada não lhe falou, talvez reconheça que é preferível uma explicação, sem testemunhas. Está de acordo, senhorita?

Branca como uma morta, sem deixar o corrimão, Aurélie parecia prestes a desmaiar.

Brégeac a segurou e afirmou:

— Vamos subir.

Ela se deixou conduzir. Marescal esperou algum tempo para fazer seus homens entrar.

— Não saiam do vestíbulo, os três, e que ninguém entre nem saia, hein! Você, criado, tranque-se em sua cozinha. Se houver encrenca lá em cima, soprarei o apito, e Sauvinoux virá em meu auxílio. Combinado?

— Combinado — respondeu Labonce.

— Sem erro, hein?

— Sim, chefe. O senhor sabe muito bem que não somos colegiais e que todos o seguimos como um único homem.

— Mesmo contra Brégeac?

— Ora!

— Ah! A garrafa… Dê-me, Tony!

Segurou a garrafa, ou melhor, o papelão que a continha, e rapidamente, tomadas todas as disposições, subiu os degraus e entrou como dono no gabinete de trabalho de onde havia sido expulso indignamente não havia seis meses. Que vitória para ele! E com que insolência a fez sentir, andando de um jeito lento, batendo sonoramente os saltos das botas e contemplando um a um os retratos pendurados na parede, que representavam Aurélie, Aurélie criança, menina, moça…

Brégeac bem que tentava protestar. Logo Marescal o colocou em seu lugar.

— Inútil, Brégeac. Seu ponto fraco, sabe, é que não conhece as armas que tenho contra a senhorita e, por consequência, contra o senhor. Quando as conhecer, talvez perceba que seu dever é se render.

Um de frente para o outro, os dois inimigos, de pé, olhavam-se ameaçadoramente. O ódio deles era igual, feito de ambições opostas, de instintos contrários, e sobretudo de uma rivalidade de paixão que os fatos exasperavam. Perto deles, Aurélie esperava tensa em uma cadeira.

Coisa curiosa, e que impressionou Marescal, ela parecia ter se dominado. Sempre cansada, a fisionomia contraída, não tinha mais, contudo, como no início da investida, aquele ar de presa impotente e acuada. Mantinha aquela atitude rígida que ele vira no banco do Sainte-Marie. Seus olhos, bem abertos, úmidos de lágrimas que escorriam pelas faces pálidas, estavam fixos. Em que estaria pensando? Às vezes, no fundo do abismo nos reerguemos. Acreditaria que Marescal poderia ter alguma piedade? Teria um plano de defesa que lhe permitiria escapar à justiça e ao castigo?

O comissário deu um murro na mesa.

— Logo vamos ver!

E, deixando de lado a garota, perto de Brégeac, tão perto que o outro teve que recuar um passo, ele lhe disse:

— Será rápido. Fatos, somente fatos, alguns que são do seu conhecimento, Brégeac, como são de todos, mas a maioria não tem outra testemunha a não ser eu ou não foram constatados senão por mim. Não tente negá-los; vou lhe dizer tal como se passaram, em sua simplicidade. Aqui vão eles, como um relatório. Portanto, em 26 de abril último…

Brégeac estremeceu.

— O dia 26 de abril foi o do nosso encontro no Boulevard Haussmann.

— Sim, o dia em que sua enteada deixou sua casa.

E Marescal acrescentou claramente:

— E foi também o dia em que três pessoas foram mortas no expresso de Marselha.

— Quê? Que relação tem isso? — perguntou Brégeac, atônito.

O comissário lhe fez sinal para ter paciência. Todas as coisas seriam enunciadas na sua vez, na ordem cronológica, e continuou:

— Portanto, em 26 de abril, o vagão número 5 desse expresso só estava ocupado por quatro pessoas. Na primeira cabine, uma inglesa, a srta. Bakefield, ladra, e o barão de Limézy, que se dizia explorador. Na cabine da ponta, dois homens, os irmãos Loubeaux, residentes em Neuilly-sur-Seine.

"O vagão seguinte, o número 4, além de várias pessoas que não desempenharam papel algum, e que não se deram conta de nada, levava primeiro um comissário de pesquisas internacionais e também um rapaz e uma moça, sozinhos em uma cabine onde tinham acendido a luz e baixado a cortina para velar a lâmpada, como passageiros que fossem dormir, e que assim ninguém pôde notar, nem mesmo o comissário. O comissário era eu, que seguia a srta. Bakefield. O jovem era Guillaume Ancivel, agente da Bolsa e ladrão, assíduo desta casa, e que partia furtivamente com sua companheira."

— Está mentindo! Mentindo! — gritou Brégeac, com indignação. — Aurélie está acima de qualquer suspeita.

— Eu não lhe disse que essa companheira era a senhorita — respondeu Marescal.

E Marescal continuou friamente:

— Até Laroche, nada. Meia hora mais… ainda nada. Depois, o drama violento, brusco. O rapaz e a moça saem da sombra e passam do vagão 4 para o vagão 5. Estão disfarçados. Longas túnicas cinzentas, bonés e máscaras. Nesse momento, no fim do vagão 5, o barão de Limézy os espera. Os três juntos matam e roubam a srta. Bakefield. Em seguida, o barão se faz amarrar por seus cúmplices, os quais correm à frente, matam e saqueiam os dois irmãos. Na vota, encontram o fiscal, Bataille. Fogem, enquanto o empregado da estrada de ferro encontra o barão de Limézy amarrado com uma vítima e dizendo-se também assaltado. Esse foi o primeiro ato. O segundo é a fuga pelos aterros e bosques. Mas o alarme é dado. Eu me

informo. Tomo rapidamente as medidas necessárias. Resultado: os dois fugitivos estão cercados. Um deles escapa. O outro é agarrado e trancado. Sou avisado. Vou ao encontro dele, no escuro, onde ele estava disfarçado. É uma mulher.

Brégeac tinha recuado mais e mais e vacilava como um bêbado. Encurralado no encosto de sua poltrona, balbuciava:

— O senhor está louco…! Está dizendo coisas incoerentes…! Está louco…!

Marescal continuou, inflexível:

— Vou terminar. Graças ao pseudobarão, do qual não desconfiei, confesso meu erro, a prisioneira se salva e se junta a Guillaume Ancivel. Descubro seu rastro em Monte Carlo. Depois, acabo perdendo tempo. Procuro em vão… até o dia em que tenho a ideia de voltar a Paris e ver se suas investigações, Brégeac, tinham sido felizes e se você tinha descoberto o esconderijo de sua enteada. Foi assim que eu pude chegar algumas horas antes de você ao Convento de Sainte-Marie e alcançar certo terraço onde a senhorita se deixava cortejar. Apenas o namorado tinha mudado; em lugar de Guillaume Ancivel, era o barão de Limézy, ou seja, o terceiro cúmplice.

Brégeac ouvia com assombro aquelas monstruosas acusações. Tudo aquilo devia parecer-lhe tão implacavelmente verdadeiro, explicava tão logicamente suas próprias intuições e correspondia tão rigorosamente às meias confidências que Aurélie acabava de lhe fazer a propósito do salvador desconhecido, que ele nem tentou protestar.

De tempos em tempos, observava a jovem, que permanecia imóvel e muda em sua rígida postura. As palavras não pareciam atingi-la. Mais que as palavras, dir-se-ia que ela ouvia os ruídos de fora. Será que ainda esperava uma impossível intervenção?

— E então? — disse Brégeac.

— Então — replicou o comissário —, graças a ele, ela conseguiu mais uma vez escapar. E confesso que hoje eu acho graça nisso, porque…

Baixou o tom.

— Porque tenho minha vingança… e que vingança, Brégeac! Hein, está se lembrando…? Faz seis meses…? fui expulso como um lacaio… com um pontapé, pode-se dizer… E depois… depois… eu a tenho… tenho a menina… E acabou.

Ele deu uma volta com a mão como para fechar à chave uma fechadura, e o gesto era tão preciso, indicava tão claramente sua terrível vontade em relação a Aurélie, que Brégeac exclamou:

— Não, não, não é verdade, Marescal…? Não é? Você não vai entregar essa criança…?

— Lá em Sainte-Marie — disse Marescal duramente — eu lhe fiz uma oferta de paz, ela recusou… Tanto pior para ela! Hoje é tarde demais.

E, como Brégeac se aproximava e lhe estendia as mãos em ar de súplica, o comissário logo cortou seus pedidos.

— Inútil! Tanto pior para ela! Tanto pior para o senhor…! Ela não me quis… não terá ninguém. É a justiça. Pagar suas dívidas pelos crimes cometidos é pagá-las a mim pelo mal que me fez. É preciso que ela seja castigada, e me vingo castigando-a. Tanto pior para ela!

Batia com o pé no chão, escandindo suas imprecações com murros na mesa. Obedecendo à sua natureza grosseira, maquinava injúrias endereçadas a Aurélie.

— Olhe para ela, no entanto, Brégeac! Será que ela pensa em me pedir perdão? Se você curva a cabeça, ela se humilha? E você sabe o motivo desse mutismo, dessa energia contida e intratável? Porque ela ainda espera, Brégeac! Sim, ela espera, tenho toda a convicção. Aquele que a salvou três vezes de minhas garras a salvará uma quarta vez.

Aurélie não se movia.

O policial agarrou brutalmente o bocal do telefone e pediu a chefatura de polícia.

— Alô, chefatura? Coloque-me em comunicação com o sr. Philippe, da parte do sr. Marescal.

Virando-se, então, para a jovem, ele colocou em sua orelha o receptor livre.

Aurélie não se mexeu.

Na extremidade da linha, uma voz replicou. O diálogo foi breve.

— É você, Philippe?

— Marescal?

— Sim. Escute. Ao meu lado está uma pessoa a quem quero dar uma certeza. Responda francamente à minha pergunta.

— Diga.

— Onde você estava nesta manhã, ao meio-dia?

— Na Detenção, como você tinha me pedido. Recebi o indivíduo que Labonce e Tony levaram de sua parte.

— Onde nós o apanhamos?

— No apartamento em que ele mora, na Rue de Courcelles, em frente ao de Brégeac.

— Foi preso?

— Na minha frente.

— Com que nome?

— Barão de Limézy.

— Acusado de quê?

— De ser o chefe dos bandidos no caso do expresso.

— Tornou a vê-lo nesta manhã?

— Sim, agora mesmo, no serviço antropométrico. Ainda está lá.

— Obrigado, Philippe. É o que eu queria saber. Até logo.

Desligou o aparelho e exclamou:

— E aí, hein, minha bela Aurélie? Veja onde está seu salvador! Trancado. Encarcerado!

Ela declarou:

— Eu sabia.

Ele desatou a rir.

— Ela sabia! E ela espera, ainda assim! Ah, que engraçado! Ele está com toda a polícia e toda a justiça em cima dele! Está um caco, um farrapo, um fiapo de palha, uma bolha de sabão, e ela espera! As paredes da prisão vão desmoronar! Os guardas vão lhe chamar um carro! Olhe aí! Ela vai entrar pela chaminé, pelo teto!

Estava fora de si e sacudia brutalmente pelos ombros a garota, impassível e abstraída.

— Nada a fazer, Aurélie! Não há mais esperança! O salvador está liquidado. Está encafuado o barão. E, dentro de uma hora, será sua vez, minha linda! Os cabelos cortados! Saint-Lazare! O tribunal! Ah, miserável! Chorei bastante por seus belos olhos verdes, e é por eles…

Não terminou. Por trás dele, Brégeac se erguera e o tinha agarrado pelo pescoço com suas duas mãos febris. Esse ato havia sido espontâneo. Desde o primeiro segundo em que Marescal tocara os ombros da jovem, ele deslizara em sua direção, revoltado por tal ultraje. Marescal cedeu sob aquele ímpeto, e os dois homens rolaram pelo soalho.

A luta foi encarniçada. Um e outro empregavam uma raiva que sua rancorosa rivalidade exacerbava, Marescal mais vigoroso e mais forte, mas Brégeac arrebatado por tal furor que o desenlace permaneceu por um bom tempo incerto.

Aurélie os olhava com horror, mas não se mexia. Os dois eram seus inimigos, os dois igualmente execráveis.

Por fim, Marescal, que se desvencilhara daquele agarrão e afastara as mãos assassinas, procurava visivelmente alcançar o bolso e sacar seu Browning. Mas o outro lhe torcia o braço, e ele só conseguiu alcançar o apito, que estava pendurado na corrente de seu relógio. Um sopro estridente se fez ouvir. Brégeac redobrou os esforços para agarrar de novo seu adversário pela garganta. A porta se abriu. Uma silhueta pulou para dentro do aposento e se precipitou sobre os adversários. Quase imediatamente, Marescal se livrou, e Brégeac percebeu, a dez centímetros de seus olhos, o cano de um revólver.

— Bravo, Sauvinoux! — exclamou Marescal. — O incidente será creditado na sua conta, meu amigo.

Sua cólera era tão forte que teve a covardia de cuspir no rosto de Brégeac.

— Miserável! Bandido! Imagina que ficará quite por tão pouco? Sua demissão primeiro, e em seguida… O ministro exige… Tenho-a no bolso. É só você assinar.

E mostrou um papel.

— Sua demissão e a confissão de Aurélie, já redigidas por mim… Sua assinatura, Aurélie… Tome, leia: "Confesso que participei do crime do expresso, em 26 de abril último, que atirei nos irmãos Loubeaux… confesso que…". Enfim, toda a sua história resumida… Não vale a pena ler… Assine…! Não vamos perder tempo!

Havia molhado a caneta na tinta e se obstinava em enfiá-la à força entre os dedos da garota.

Lentamente, ela empurrou a mão do comissário, pegou a caneta e assinou, segundo a vontade de Marescal, sem se dar ao trabalho de ler.

— Ah! — disse ele com um suspiro de satisfação. — Está feito! Eu não acreditava que fosse assim tão rápido. Uma vantagem a seu favor, Aurélie. Compreendeu a situação. E você, Brégeac?

Este balançou a cabeça. Recusava-se.

— Hein! O quê? O senhor se recusa? Está imaginando que vai continuar em seu posto? Uma promoção, talvez? Uma promoção como padrasto de uma criminosa? Ah, essa é boa! E você continuaria a me dar ordens, a mim, Marescal? Não, mas você é uma comédia, camarada. Acredita, então, que o escândalo não seria suficiente para fazê-lo desmoronar e que amanhã, quando lermos nos jornais a detenção da garota, você não será obrigado…

Os dedos de Brégeac se fecharam sobre a caneta que o outro lhe estendia. Ele leu a carta de demissão, hesitou.

Aurélie lhe disse:

— Assine, senhor.

Ele assinou.

— Aí está — disse Marescal, pondo no bolso os dois documentos. — A confissão e a demissão. Meu superior caído, o que me deixa um lugar livre, como me foi prometido! E a garota na prisão, o que me curará pouco a pouco do amor que me corroía.

Disse isso cinicamente, mostrando o fundo de sua alma, e acrescentou com um riso cruel:

— E ainda não é tudo, Brégeac, porque não abandonarei minha campanha, irei até o fim.

Brégeac sorriu amargamente.

— Quer ir ainda mais longe? Vai servir para alguma coisa?

— Mais longe, Brégeac. Os crimes da garota, perfeito. Mas devemos nos deter aí?

Mergulhava seus olhos nos de Brégeac, que murmurou:

— O que quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer e, se não soubesse, se não fosse verdade, não teria assinado e não admitiria que eu falasse neste tom. Sua resignação é uma confissão… E, se posso tratá-lo por "você", Brégeac, é porque tem medo.

O outro protestou:

— Não tenho medo de nada. Suportarei o peso daquilo que essa infeliz cometeu em um momento de loucura.

— E o peso do que você fez, Brégeac.

— Fora isso, não há coisa alguma.

— Fora isso — continuou Marescal, em tom baixo —, há o passado. Sobre o crime de hoje, não há mais o que conversar. Mas e o de antigamente, Brégeac?

— O de antigamente? Que crime? O que significa…?

Marescal bateu o punho, seu argumento supremo e que sempre sublinhava uma explosão de cólera.

— Explicações? Eu é que as reclamo. Hein? O que significa certa expedição às margens do Sena, recentemente, domingo de manhã…? E sua sentinela na frente da *villa* abandonada…? E a perseguição do homem do saco no ombro? Hein? Devo refrescar-lhe a memória e lhe lembrar que essa *villa* era aquela dos irmãos que sua enteada eliminou e que aquele indivíduo se chama Jodot, a quem estou procurando atualmente? Jodot, o sócio dos dois irmãos… Jodot, que encontrei há algum tempo naquela casa… Hein? Como tudo se encaixa… e como se entrevê a relação entre todas essas maquinações…!

Brégeac ergueu os ombros e murmurou:

— Absurdos… Hipóteses imbecis…

— Hipóteses, sim, impressões com as quais eu não me preocupava antigamente, quando vinha aqui e quando farejei, como um bom cão de caça, tudo quanto havia de embaraçoso, de reticente, de apreensão confusa em seus atos e em suas palavras… E que vamos transformar em certezas, Brégeac… Sim, você e eu… e que lhe seja possível se esquivar… uma prova irrecusável, uma confissão, Brégeac, que você vai fazer contra a sua vontade… aqui… agora…

Apanhou o embrulho de papelão que trouxera, colocou-o sobre a lareira e o desamarrou. Continha uma dessas luvas de palha que servem para proteger as garrafas. E uma garrafa, que Marescal tirou e colocou de pé diante de Brégeac.

— Aí está, camarada. Você a reconhece, não? É a que você roubou do sr. Jodot, e que eu tomei de você, e que outro me surrupiou em sua presença. Que outro? Muito simplesmente o barão de Limézy, na casa de quem eu a encontrei há pouco. Hein? Compreende minha alegria? Um verdadeiro tesouro essa garrafa. Aí está ela, Brégeac, com seu rótulo e a fórmula de uma água qualquer… a Água de Juventa. Aí está, Brégeac! Limézy colocou um rolha nela e lacrou com cera vermelha. Olhe bem… vê-se um rolo de papel no seu interior. Era certamente isso que você queria

retomar de Jodot, alguma confissão, sem dúvida… uma peça comprometedora, com sua letra… Ah, meu pobre Brégeac…!

Ele triunfava. Ao mesmo tempo que tirava a cera e destampava a garrafa, lançava ao acaso palavras e interjeições:

— Marescal célebre no mundo inteiro…! Prisão dos assassinos do expresso…! O passado de Brégeac…! Quantos lances teatrais no inquérito e no júri…! Sauvinoux, está com as algemas para a garota? Chame Labonce e Tony… Ah, a vitória…! A vitória completa…

Virou a garrafa. O papel saiu. Ele o desdobrou. E, impelido por suas frases fogosas como um corredor a quem o próprio impulso o precipita além da linha de chegada, leu, sem pensar em princípio no significado do que dizia:

— Marescal é uma besta.

---

[5] Alusão à esperança de salvação, encontrada já na *Eneida*, de Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), em que Dido, rainha de Cartago, presa no alto de uma torre, pergunta à irmã Ana se ela vê algum cavaleiro vindo salvá-la. Também ocorre em Ovídio (43. a.C.- 18 d.C.), em Charles Perrault (1628-1703), e é o nome de uma famosa música cantada por Edith Piaf (1953). (N.T.)

Palavras que valem por atos

Fez-se um silêncio de estupor pelo qual se prolongava a frase inconcebível. Marescal estava aturdido, como um boxeador que vai desabar após receber um golpe na boca do estômago. Brégeac, sempre ameaçado pelo revólver de Sauvinoux, também parecia desconcertado.

E de repente explodiu um riso nervoso, involuntário, mas que de todo modo soava alegremente na atmosfera pesada do aposento. Era Aurélie, a quem a fisionomia desconsolada do comissário lançara nesse acesso de riso verdadeiramente intempestivo. O fato, sobretudo, de a frase cômica haver sido pronunciada em voz alta por aquele mesmo que era seu ridículo objeto arrancava-lhe lágrimas dos olhos: "Marescal é uma besta!".

Marescal a considerou sem dissimular sua inquietação. Como podia acontecer que a jovem tivesse tal crise de alegria ante a terrível situação em que se encontrava diante dele, abalada como ela se encontrava sob as garras do adversário?

"A situação não é mais a mesma?", devia ele se perguntar. "O que é que se alterou?"

E provavelmente ele fazia um paralelo entre esse riso inopinado e a atitude estranhamente calma da garota após o início do combate. O que esperava ela, então? Seria possível que, em meio aos acontecimentos que deveriam deixá-la prostrada de joelhos, ela conservasse um ponto de apoio cuja solidez lhe parecesse inabalável?

Tudo aquilo se apresentava, na verdade, sob um aspecto desagradável e deixava entrever uma cilada habilmente preparada. Havia perigo naquela casa. Mas de que lado vinha a ameaça? Como admitir então que um ataque pudesse produzir-se quando ele não negligenciara nenhuma medida de

precaução?

— Se Brégeac se mexer, tanto pior para ele… uma bala entre os olhos — ordenou ele a Sauvinoux.

Foi até a porta e a abriu.

— Nada de novo lá embaixo?

— Chefe?

Marescal se inclinou sobre o corrimão da escada.

— Tony…? Labonce…? Ninguém entrou?

— Não… não…

Cada vez mais desamparado, retornou rapidamente para o gabinete de trabalho. Brégeac, Sauvinoux e a garota não haviam se mexido. Apenas… apenas se produziu uma coisa inaudita, inacreditável, inimaginável, fantástica, que o deixou paralisado, imobilizando-o no batente da porta. Sauvinoux tinha entre os lábios um cigarro não acesso e o contemplava como alguém que pedisse fogo.

Visão de pesadelo, em tão violenta oposição à realidade que Marescal em princípio recusou atribuir-lhe o sentido que ela comportava. Sauvinoux, por uma aberração pela qual seria punido, queria fumar e pedia fogo, eis tudo. Por que procurar mais longe? Pouco a pouco, o rosto de Sauvinoux se iluminou com um sorriso zombeteiro em que havia tanta malícia e bonomia impertinente que Marescal tentou em vão se iludir. Sauvinoux, o subalterno Sauvinoux, tornava-se insensivelmente, em sua mente, um novo ser que não era mais um agente, e que, ao contrário, passava para o campo adversário. Sauvinoux era…

Nas circunstâncias comuns de sua profissão, Marescal teria se debatido mais ante o surgimento de um fato tão monstruoso. Mas os acontecimentos mais fantasmagóricos lhe pareciam naturais quando se tratava daquele que ele chamava de o homem do expresso. Ainda que Marescal não quisesse pronunciar, nem mesmo em seu íntimo, a palavra de irremediável confissão e de se submeter a uma realidade verdadeiramente odiosa, como se esquivar à evidência? Como não perceber que Sauvinoux, agente notável que o ministro lhe havia recomendado oito dias antes, não era outro senão o personagem infernal que ele tinha prendido de manhã, e *que se encontrava agora na Detenção, nas salas do serviço de antropometria?*

— Tony! — urrou o comissário, saindo uma segunda vez. — Tony! Labonce! Subam logo, que diabos!

Chamava, vociferava, agitava-se, batia, chocava-se contra a armação da escada como um besouro contra as vidraças de uma janela.

Seus homens se reuniram a ele sem demora. Ele gracejou:

— Sauvinoux… Sabem quem é Sauvinoux? É o sujeito desta manhã… o sujeito dali de frente, fugido, disfarçado…

Tony e Labonce pareciam atordoados.

O chefe delirava. Ele os empurrou para o aposento, e depois, armado de um revólver:

— Mãos ao alto, bandido! Mãos ao alto! Labonce, aponte você também para ele.

Sem se alterar, tendo ajeitado sobre a escrivaninha um pequeno espelho de bolso, o sr. Sauvinoux começava cuidadosamente a retirar sua caracterização. Tinha mesmo colocado perto de si o Browning com o qual havia ameaçado Brégeac alguns minutos antes.

Marescal deu um pulo à frente, agarrou a arma e recuou logo, com os braços estendidos.

— Mãos ao alto, ou atiro! Está ouvindo, patife?

O "patife" não parecia absolutamente se comover. Diante dos Brownings apontados a três metros dele, arrancava os pelos revoltos que as costeletas desenhavam em suas faces ou que davam às suas sobrancelhas uma espessura insólita.

— Eu atiro! Eu atiro! Está ouvindo, canalha? Vou contar até três e atirar! Um… Dois… Três.

— Vai fazer uma besteira, Rodolphe — sussurrou Sauvinoux.

Rodolphe fez a besteira. Havia perdido a cabeça. Com as duas mãos atirou, ao acaso, na lareira, nos quadros, estupidamente, como um assassino que, inebriado pelo cheiro de sangue, enterra com repetidos golpes um punhal no cadáver ainda palpitante. Brégeac se curvou sob a rajada. Aurélie não arriscou nenhum gesto. Desde que seu salvador não procurava protegê-la, já que deixava as coisas rolar, é que não havia nada a temer. Sua confiança era tão absoluta que ela quase sorria. Com o lenço um pouco untado de gordura, Sauvinoux retirava a maquiagem do rosto. Raoul pouco a pouco aparecia.

Seis detonações tinham sido ouvidas. A fumaça se espalhava. Vidros partidos, estilhaços de mármore, quadros furados… O aposento parecia ter sido tomado de assalto. Marescal, envergonhado de sua crise de demência,

continha-se e dizia a seus dois agentes:

— Esperem no patamar. Ao menor chamado, venham.

— Veja, chefe — insinuou Labonce —, já que Sauvinoux não é mais Sauvinoux, talvez fosse melhor empacotar o personagem. A mim ele nunca agradou, desde que o senhor o contratou, na semana passada. Vamos? Podemos prendê-lo, nós três?

— Faça o que eu disse — ordenou Marescal, para quem a proporção de três para um não era, sem dúvida, suficiente.

Empurrou-os e fechou a porta em seguida.

Sauvinoux terminava sua transformação, virava o casaco, endireitava o nó da gravata e se levantava. Outro homem aparecia. O pequeno policial magrela e desprezível de pouco antes tornava-se um rapagão desempenado, bem vestido, jovem e elegante, em quem Marescal reencontrou seu perseguidor habitual.

— Minhas saudações, senhorita — disse Raoul. — Posso me apresentar? Barão de Limézy, explorador… e policial há uma semana. Logo me reconheceu, não é mesmo? Sim, adivinhei lá embaixo, no vestíbulo… Acima de tudo, mantenha o silêncio, mas pode rir ainda, senhorita. Ah, o seu riso, há pouco, como era bom de ouvir! Que recompensa para mim!

Cumprimentou Brégeac.

— À sua disposição, senhor.

Depois, virando-se para Marescal, disse-lhe alegremente:

— Bom dia, meu velho. Ah, você na certa não havia me reconhecido! Ainda agora deve estar se perguntando como pude tomar o lugar de Sauvinoux. Porque você acredita em Sauvinoux! Senhor todo-poderoso! Dizer que existe um homem que acreditou em Sauvinoux, e que esse homem tem um posto muito importante no mundo policial! Mas, meu bom Rodolphe, Sauvinoux nunca existiu. Sauvinoux é um mito. É um personagem irreal, cujas qualidades chegaram ao seu ministro, e cuja colaboração esse ministro lhe impôs por intermédio de sua mulher. E foi assim que há dez dias acabei ficando a seu serviço, isto é, que o dirijo no bom sentido, que lhe indiquei a moradia do barão de Limézy, que me fiz prender por mim mesmo esta manhã, e que descobri, ali onde tinha me escondido, a miraculosa garrafa que proclama esta verdade fundamental: “Marescal é uma besta”.

Era de acreditar que o comissário iria se lançar e agarrar Raoul pela garganta. Mas ele se dominou. E Raoul recomeçou, com seu tom de ironia que mantinha Aurélie em segurança e que fustigava Marescal como uma chibata:

— Não está se sentindo bem, Rodolphe? O que é que o incomoda? Está aborrecido por eu estar aqui, e não em uma masmorra? E você se pergunta como eu pude ao mesmo tempo ir para a prisão como Limézy e acompanhar você como Sauvinoux? Meninos, vejam! O detetive falhou! Mas, meu velho Rodolphe, é de uma simplicidade! Tendo sido a invasão de meu domicílio preparada por mim, substituí o barão de Limézy por um sujeito generosamente pago, que não tinha com o barão a mais vaga semelhança, e ao qual dei como incumbência aceitar todos os contratempos que lhe pudessem acontecer hoje. Conduzido por minha velha empregada, você se arremessou como um touro sobre o desconhecido, cuja cabeça eu, Sauvinoux, envolvi imediatamente com um lenço. E a caminho da Detenção!

"Resultado: desembaraçado do temível Limézy, absolutamente seguro, você veio prender a senhorita, o que não ousaria fazer se eu estivesse livre. *Ora, era preciso que isso acontecesse*. Está ouvindo, Rodolphe, era preciso. Era preciso haver esta pequena sessão entre nós quatro. Era preciso que todas as coisas fossem postas em ordem, para que não tivéssemos de voltar a elas. E elas estão em ordem, não estão? Como se respira à vontade! Como nos sentimos livres de uma porção de pesadelos! Como é agradável, mesmo para você, pensar que daqui a dez minutos nós, a senhorita e eu, iremos apresentar nossas despedidas."

Apesar daquela horrível brincadeira, Marescal tinha reencontrado seu sangue-frio. Ele quis parecer tão tranquilo quanto seu adversário e, com um gesto negligente, agarrou o telefone.

— Alô…! Chefatura de polícia, por favor… Alô… Chefatura…? Passe-me o sr. Philippe… Alô… É você, Philippe…? Bem…? Ah! Já perceberam o erro…? Sim, estou ciente disso, e mais do que você possa acreditar… Escute… Venha com dois ciclistas… dois valentões… e corram para cá, até a casa de Brégeac… Você toca a campainha… Compreendeu, hein? Sem um segundo a perder.

Desligou e observou Raoul.

— Você tirou o disfarce um pouco cedo demais, meu garoto — disse ele, zombando por seu lado, e visivelmente satisfeito com sua nova atitude. — O ataque falhou… e você conhece a resposta. No patamar, Labonce e Tony. Aqui, Marescal, com Brégeac. O qual no fundo não tem nada a ganhar com você. Aí está, para o primeiro choque, se você tivesse a fantasia de libertar Aurélie. E depois, dentro de vinte minutos, três especialistas da chefatura, é suficiente?

Raoul se ocupava seriamente em espetar fósforos em uma ranhura da mesa. Ali espetou sete, uns atrás dos outros, e um sozinho, isolado.

— Opa! — disse ele. — Sete contra um. É um pouco limitado. O que será feito de você?

Avançou a mão timidamente até o telefone.

— Permite?

Marescal deixou-o prosseguir, sempre vigiando. Raoul, por sua vez, empunhou o bocal:

— Alô… O número do Eliseu 22-23, senhorita… Alô… É o presidente da República? Senhor presidente, envie com urgência ao sr. Marescal um batalhão de caçadores a pé…

Furioso, Marescal lhe arrancou o telefone.

— Chega de besteiras, hein? Suponho que, se você veio até aqui, não foi para fazer piadas. Qual é seu objetivo? O que você quer?

Raoul fez um gesto de lamento.

— Você não compreende uma brincadeira. No entanto, é agora ou nunca a hora de rir um pouco.

— Fale, então — exigiu o comissário.

Aurélie suplicou:

— Eu lhe peço…

Ele respondeu rindo:

— A senhorita tem medo dos "valentões" da chefatura e deseja que partamos sem nos despedir. Tem razão. Vamos falar.

Sua voz tornara-se mais séria. Ele repetiu:

— Vamos falar… uma vez que você faz questão, Marescal. Muito bem, falar é agir, e de nada vale a realidade sólida de certas palavras. Se sou o senhor da situação, é por várias razões ainda secretas, mas que tenho que explicar, se eu quiser dar à minha vitória bases inabaláveis… e convencer você.

— De quê?

— Da inocência absoluta da senhorita — disse claramente Raoul.

— Ah, ah! — riu o comissário. — Ela não matou?

— Não.

— E você também não, talvez?

— Eu também não.

— Quem então matou?

— Outros que não nós.

— Mentira!

— Verdade. Marescal, você está enganado nesta história de fio a pavio. Repito aqui o que lhe disse em Monte Carlo: mal conheço a senhorita. Quando a salvei na estação de Beaucourt, só a tinha visto uma vez, naquela tarde, no chá do Boulevard Haussmann. Foi no Sainte-Marie somente que nós tivemos, ela e eu, alguns encontros. Ora, no decorrer desses encontros, ela sempre evitou fazer alusão aos crimes do expresso, e eu nunca a interroguei. A verdade ficou estabelecida independentemente dela, graças a meus esforços encarniçados, e graças sobretudo à minha convicção instintiva, e no entanto sólida como um raciocínio, de que, com seu rosto tão puro, ela não era uma criminosa.

Marescal ergueu os ombros, mas não protestou. Apesar de tudo, estava curioso para saber como o estranho personagem podia interpretar os acontecimentos.

Consultou seu relógio e sorriu. Philippe e os "valentões" da chefatura se aproximavam.

Brégeac escutava sem compreender e olhava para Raoul. Aurélie, subitamente ansiosa, não tirava os olhos dele.

Raoul começou empregando sem perceber os próprios termos de que Marescal se servira.

— Então, em 26 de abril, o vagão número 5 do expresso de Marselha era ocupado apenas por quatro pessoas, uma inglesa, srta. Bakefield…

Mas se interrompeu bruscamente, refletindo por alguns segundos, e recomeçou em som resoluto:

— Não, não é assim que se deve proceder. É preciso remontar a mais longe, à própria fonte dos fatos, e desenvolver toda a história, o que se poderia chamar as duas épocas da história. Ignoro certos detalhes. Mas o que sei, e o que se pode supor com toda a certeza, é suficiente para que

tudo seja esclarecido e para que tudo se encadeie.

E, lentamente, disse:

— Há cerca de dezoito anos, repito o número, Marescal… dezoito anos… ou seja, a primeira época da história, portanto há dezoito anos, em Cherbourg, quatro rapazes se encontravam regularmente num café, um chamado Brégeac, secretário do Comissariado Marítimo, um chamado Jacques Ancivel, outro chamado Loubeaux e um tal sr. Jodot. Relações superficiais que não duraram, tendo os três últimos contas a ajustar com a justiça, e não sendo permitido ao primeiro, ou seja, a Brégeac, por seu posto administrativo, continuar com tais encontros. Além disso, Brégeac se casou e veio morar em Paris.

"Tinha se casado com um viúva, mãe de um menina chamada Aurélie d'Asteux. O pai de sua mulher, Étienne d'Asteux, era um velhote excêntrico da província, inventor, pesquisador sempre à espreita e que por diversas vezes estivera prestes a conquistar uma grande fortuna ou descobrir o grande segredo que a ela o levasse. Ora, algum tempo antes do segundo casamento de sua filha com Brégeac, pareceu-lhe ter descoberto um de seus segredos miraculosos. Pelo menos é o que ele levou a crer, em cartas escritas à sua filha, sem o conhecimento de Brégeac, e, para provar a ela, pediu-lhe que fosse um dia visitá-lo, com sua pequena Aurélie. Viagem clandestina, da qual Brégeac infelizmente teve conhecimento, não mais tarde, como crê a senhorita, mas quase imediatamente. Brégeac então interrogou sua mulher. Ainda que se calando quanto ao essencial, como havia jurado ao pai, e se recusando a revelar o local visitado, ela fez certas confissões que levaram Brégeac a crer que Étienne d'Asteux havia escondido um tesouro em algum lugar. Onde? E por que não desfrutar dele desde já? A existência do casal se tornou difícil. Brégeac se irritava dia a dia, importunava Étienne d'Asteux, interrogava a menina, que não respondia, perseguia a mulher, ameaçava-a, em suma, vivia em crescente estado de agitação.

"Ora, um após o outro, dois acontecimentos levaram ao cúmulo sua exasperação. Sua mulher morreu de pleurisia. E ele ficou sabendo que seu sogro d'Asteux, portador de grave doença, estava condenado. Para Brégeac, isso era assustador. Que seria do segredo se Étienne d'Asteux não o contasse? Que seria do tesouro se Étienne d'Asteux o legasse à sua neta Aurélie, 'como presente na maioridade' (a expressão se encontra em uma das cartas)? Então, Brégeac não teria nada? Todas aquelas riquezas que ele

presumia fabulosas passariam a seu lado? Ele precisava saber, a qualquer preço, não importava por que meio.

"Esse meio lhe foi proporcionado por um funesto acaso. Encarregado de um caso em que deveria perseguir os autores de um roubo, pôs a mão no trio de seus antigos camaradas de Cherbourg, Jodot, Loubeaux e Ancivel. Era grande a tentação para Brégeac. Ele sucumbiu a ela e falou. Logo o negócio foi concluído. Para os três malandros, foi a liberdade imediata. Partiriam para o vilarejo provençal onde o velho agonizava e lhe arrancariam, por bem ou por mal, as indicações necessárias. Complô malfadado. O velhote, assaltado em plena noite pelos três bandidos, intimado a responder, brutalizado, morreu sem dizer uma palavra. Os três assassinos fugiram. Brégeac passou a ter na consciência um crime do qual não tirou nenhum proveito."

Raoul de Limézy fez uma pausa e observou Brégeac. Este se mantinha calado. Recusava-se a protestar contra as acusações inverossímeis? Confessava? Dir-se-ia que tudo isso lhe era indiferente e que a evocação do passado, por mais terrível que fosse, não podia aumentar sua angústia atual.

Aurélie ouviu tudo com o rosto entre as mãos e sem manifestar suas impressões. Mas Marescal retomou pouco a pouco seu aprumo, certamente espantado por Limézy revelar diante dele fatos tão graves e lhe entregar, de pés e mãos atados, seu velho inimigo Brégeac. E novamente consultou seu relógio.

Raoul prosseguiu:

— Portanto, um crime inútil, mas cujas consequências se fizeram sentir duramente, se bem que a justiça jamais tenha sabido alguma coisa sobre ele. Primeiro, um dos cúmplices, Jacques Ancivel, amedrontado, embarcou para a América. Antes de partir, confessou tudo à mulher. Esta se apresentou na casa de Brégeac e o obrigou, sob pena de denúncia imediata, a assinar um documento no qual reivindicava para si toda a responsabilidade pelo crime cometido contra Étienne d'Asteux e inocentava os três culpados. Brégeac, com medo, estupidamente assinou. Remetido a Jodot, o documento foi fechado por ele e por Loubeaux dentro de uma garrafa que eles encontraram embaixo do travesseiro de Étienne d'Asteux e que conservaram por acaso. Dali em diante, tiveram Brégeac nas mãos e poderiam fazê-lo se explicar quando quisessem.

“Eles o tinham nas mãos. Mas eram rapazes inteligentes e preferiam, mais do que se esgotar em pequenas chantagens, preferiam deixar Brégeac galgar seus postos na administração. No fundo, tinham apenas uma ideia, a descoberta desse tesouro do qual Brégeac teve a imprudência de falar. Ora, Brégeac ainda não sabia de nada. Ninguém sabia... ninguém exceto essa garota *que viu o local* e que, no mistério de sua alma, guardava obstinadamente a imposição do silêncio. Portanto, era preciso esperar e vigiar. Quando ela saísse do convento onde Brégeac a internou, era só agir…

“Ora, ela voltou do convento, e, no dia seguinte à sua chegada, há dois anos, Brégeac recebeu um bilhete em que Jodot e Loubeaux lhe anunciavam que estavam inteiramente à sua disposição para procurar o tesouro. Que ele fizesse a menina falar e que os mantivesse cientes. Sem isso...

“Para Brégeac, foi como se tivesse sido atingido por um raio. Após doze anos, ele esperava que o assunto estivesse definitivamente enterrado. No fundo, não se interessava mais. Aquilo lhe lembrou um crime de que tem horror, e de uma época da qual só se recorda com muita angústia. E eis que todas essas infâmias saíram das trevas! E os camaradas de antigamente ressurgiram! Jodot o perseguira até ali. Eles o assediavam. O que fazer?

“A questão que se colocou foi uma daquelas que nem mesmo se discutem. Quisesse ou não, teria que obedecer, ou seja, atormentar sua enteada e obrigá-la a falar. Então se decidiu, impelido também, aliás, pela necessidade de saber e de enriquecer, que o invadia novamente. Dali em diante, não se passou um só dia sem que não houvesse interrogatório, discussões e ameaças. A infeliz era acuada em seus pensamentos e suas lembranças. Naquela porta fechada atrás da qual, ainda criança, ela encerrou uma pequena série de débeis imagens e impressões, batiam então com golpes redobrados. Ela desejava viver, não lhe permitiam. Ela desejava se divertir, e se divertia mesmo às vezes, frequentava amigos, desempenhava a comédia, cantava… Mas, na volta, o martírio de cada minuto.

“Um martírio ao qual se acrescentou alguma coisa de verdadeiramente odioso e que mal me atrevo a evocar: o amor de Brégeac. Não vamos falar nisso. Disso sabe tanto quanto eu, Marescal, já que, desde o momento em que viu Aurélie d’Asteux, entre Brégeac e você surgiu o ódio feroz de dois

rivais.

"É assim que, pouco a pouco, a fuga apareceu à vítima como a única saída possível. Ela foi encorajada a isso por um personagem que Brégeac suportava a contragosto, Guillaume, o filho do último camarada de Cherbourg. A viúva de Ancivel o mantinha de reserva até então. Jogou sua partida na sombra até aqui, muito habilmente, sem despertar desconfianças. Guiado pela mãe, e sabendo que Aurélie d'Asteux, quando viesse a amar, confiaria plenamente seu segredo ao noivo escolhido, sonhava em se fazer amar. Propôs a ela sua assistência: levaria a jovem ao Midi, onde, precisamente, disse ele, suas ocupações o chamavam.

"E chegou o dia 26 de abril.

"Note bem, Marescal, a situação dos atores do drama nesta data e como as coisa se apresentam. Para começar, a senhorita fugiu de sua prisão. Feliz com essa liberdade próxima, ela concordou, no último dia, em tomar chá com seu padrasto em uma confeitaria do Boulevard Haussmann. Lá ela o encontrou por acaso. Escândalo. Brégeac a levou para sua casa. Ela escapou e se reuniu, na estação, a Guillaume Ancivel.

"Guillaume, nessa ocasião, se ocupava de dois afazeres: seduzir Aurélie, mas, ao mesmo tempo, efetuar um assalto em Nice, sob a direção da famosa srta. Bakefield, a cuja quadrilha ele se juntou. E foi assim que a infeliz inglesa se encontrou presa em um drama onde não desempenhava, ela mesma, nenhuma espécie de papel.

"Enfim, temos Jodot e os dois irmãos Loubeaux. Esses três agiriam tão habilmente que Guillaume e sua mãe ignoravam que tivessem reaparecido e que competissem com eles. Mas os três bandidos seguiram todas as manobras de Guillaume, sabiam tudo o que se fazia e se projetava na casa, e lá estavam em 26 de abril. Seu plano estava pronto: raptariam Aurélie e a obrigariam, *de qualquer maneira,* a falar. Está claro, não?

"E agora vamos à distribuição dos lugares ocupados. Vagão número 5, na extremidade, a srta. Bakefield e o barão de Limézy; na frente, Aurélie e Guillaume Ancivel… Está entendendo bem, não é, Marescal? *Na frente do vagão*, Aurélie e Guillaume, e não os dois irmãos Loubeaux, como se acreditava até aqui. Os dois irmãos, assim como Jodot, estavam em outro lugar. Estavam no vagão número 4, no seu, Marescal, bem dissimulados sob a luz velada da lâmpada. Entende?"

— Sim — disse Marescal, em voz baixa.

— Menos mal! E o trem partiu. Duas horas se passaram. Estação de Laroche. Partiu novamente. Era a hora. Os três homens do vagão número 4, isto é, Jodot e os irmão Loubeaux, saíram de sua cabine escura. Estavam mascarados, vestidos com túnicas cinzentas e usando bonés. Penetraram no vagão número 5. Em seguida, à esquerda, duas silhuetas adormecidas, um senhor e uma senhora da qual só se viam os cabelos loiros. Jodot a agarrou pela garganta e só então percebeu o erro cometido: não era Aurélie, mas outra mulher com os mesmos cabelos dourados. Nesse instante, o irmão mais novo voltou e levou os dois cúmplices até a ponta do corredor, onde se encontravam realmente Guillaume e Aurélie. Mas lá tudo mudou. Guillaume ouviu o barulho. Estava de tocaia. Estava com seu revólver, e o desfecho da luta foi imediato: dois tiros, os irmãos tombaram, e Jodot fugiu.

"Estamos bem de acordo, não é, Marescal? Seu erro, meu erro no início, o erro da magistratura, o erro de todos, é que julgaram os fatos pelas aparências, e, de acordo com esta regra, muito lógica, aliás, quando há crime, os mortos é que são as vítimas, e os fugitivos é que são os criminosos. Não se pensou que pode ocorrer o contrário, que os agressores podem ser assassinados e que os assassinos, sãos e salvos, podem fugir. E como Guillaume não pensaria nisso logo na fuga? Se Guillaume esperasse, seria o desastre.

"Guillaume, o assaltante, não admitia que a justiça metesse o nariz em seus negócios. À mínima pergunta, os fatos ocultos de sua existência viriam à luz. Ele se resignaria? Seria tolo demais, agora que o remédio estava ao alcance de sua mão. Não hesitou, apressou sua companheira, mostrou-lhe o escândalo daquela aventura, escândalo para ela, escândalo para Brégeac. Inerte, com a cabeça atordoada, apavorada com o que viu e com a presença dos dois cadáveres, ela se deixou levar. Guillaume colocou-lhe à força a túnica e a máscara do irmão mais novo. Ele mesmo se disfarçou, puxou-a, carregou as malas para não deixar nada atrás de si. Correram os dois pelo longo corredor, chocaram-se com o fiscal e pularam do trem.

"Uma hora depois, após uma terrível perseguição pelos bosques, Aurélie foi detida, presa, lançada diante de seu implacável inimigo, Marescal, e perdida.

"Apenas aí um lance teatral. Eu entro em cena…"

Nada, nem a gravidade das circunstâncias, nem a dolorosa atitude da moça que chorava à lembrança da noite maldita, nada teria impedido Raoul de fazer o gesto do artista que entra em cena. Levantou-se, foi até a porta e voltou dignamente a se sentar, com toda a segurança de um ator cuja intervenção vai produzir um efeito fulminante.

— Portanto, entrei em cena — repetiu, com um sorriso de satisfação. — Era tempo. Estou certo de que também você, Marescal, se regozija em perceber, no meio dessa turba de tratantes e imbecis, um homem honrado que logo se apresenta, antes mesmo de saber de alguma coisa, e simplesmente porque a senhorita tem belos olhos verdes, como defensor da inocência perseguida. Enfim, eis uma vontade firme, um olhar arguto, mãos prestimosas, um coração generoso! É o barão de Limézy. Desde que ele esteja presente, tudo se arranja. Os acontecimentos se conduzem como criancinhas obedientes, e o drama termina em riso e bom humor.

Um segundo pequeno passeio. Em seguida, ele se inclina para a garota e lhe diz:

— Por que está chorando, Aurélie, uma vez que todas essas coisas desagradáveis terminaram e que o próprio Marescal se rende a uma inocência que reconhece? Não chore, Aurélie. Sempre entro em cena no minuto decisivo. É um hábito, e nunca falho em minha entrada. Bem que você viu, naquela noite: Marescal a prende, eu a salvo. Dois dias depois, em Nice, é Jodot, eu a salvo. Em Monte Carlo, em Sainte-Marie, é ainda Marescal, e eu a salvo. E agora mesmo, eu não me achava aqui? Então, o que você receia? Tudo acabou, e só nos resta partir tranquilamente, antes que os dois valentões cheguem e os caçadores a pé cerquem a casa. Não é, Rodolphe? Não há mais nenhum obstáculo, e a senhorita está livre… Não está entusiasmado com a denúncia que satisfaz seu espírito de justiça e sua cortesia? Você vem, Aurélie?

Ela foi timidamente, sentindo ainda que a batalha não estava ganha. De fato, na soleira da porta, Marescal se levantou, implacável. Brégeac se colocou a seu lado. Os dois homens defendiam causa comum contra o rival que triunfava…

Sangue

Raoul se aproximou e, desdenhando Brégeac, disse em tom sereno ao comissário:

— A vida parece muito complicada porque nunca a vemos a não ser por frestas, por clarões inesperados. Também é assim nesse caso do expresso. É embrulhado como um romance em folhetim. Os fatos estouram ao acaso, estupidamente, como petardos que não explodissem na ordem em que foram colocados. Mas, se um espírito lúcido os remete aos seus lugares, tudo se torna lógico, simples, harmonioso, natural como uma página da história. É essa página da história que acabo de ler a você, Marescal. Agora você conhece a aventura e sabe que Aurélie d'Asteux é inocente. Deixe-a ir.

Marescal levantou os ombros.

— Não.

— Não seja teimoso, Marescal. Está vendo que não estou brincando mais. Que não estou mais gracejando. Peço-lhe simplesmente que reconheça seu erro.

— Meu erro?

— Certamente, já que não matou, já que não foi cúmplice, mas vítima.

O comissário zombou:

— Se ela não matou, por que fugiu? A fuga de Guillaume eu admito. Mas a dela? O que ela teria a ganhar? E por que, depois, não disse nada? Fora algumas queixas no início, quando suplicou aos guardas: "Quero falar com o juiz, quero lhe contar…". Fora isso, o silêncio.

— Um ponto a seu favor, Marescal — confessou Raoul. — A objeção é séria. Também a mim esse silêncio muitas vezes desconcertou, o silêncio teimoso, que ela nunca abandonou, nem mesmo comigo, que a socorria e a

quem uma confissão poderia ajudar em minhas investigações. Mas seus lábios permaneceram fechados. E foi só aqui, nesta casa, que resolvi o problema. Que ela me perdoe se revistei suas gavetas durante sua doença. Era preciso. Marescal, leia esta frase entre as instruções da mãe dela, moribunda, e que não alimentava ilusões quanto a Brégeac, lhe deixou: *"Aurélie, aconteça o que acontecer, e seja qual for o procedimento de seu padrasto, nunca o acuse. Defenda-o, mesmo que você tenha que sofrer por causa dele, mesmo se ele for culpado. Eu uso o nome dele."*

Marescal protestou:

— Mas ela ignorava o crime de Brégeac! E, ainda que o soubesse, esse crime não tem relação com o assalto de expresso. Brégeac, portanto, não podia estar implicado!

— Podia, sim.

— Por quem?

— Por Jodot…

— O que o prova?

— As confidências feitas a mim pela mãe de Guillaume, viúva Ancivel, a quem encontrei em Paris, onde ela mora, e a quem paguei muito caro por uma declaração escrita de tudo quanto ela sabe sobre o passado e o presente. Ora, seu filho lhe disse que, na cabine do expresso em frente à senhorita, perto dos dois irmãos mortos, e com a máscara arrancada, Jodot jurou, erguendo o punho fechado:

"*Se você disser uma palavra sequer sobre o caso, Aurélie, se falar de mim, se eu for preso, eu conto o crime de outrora. Foi Brégeac que matou seu avô d'Asteux.* Foi essa ameaça, repetida em Nice, que perturbou Aurélie e a reduziu ao silêncio. Não estou dizendo a verdade exata, senhorita?"

Ela murmurou:

— A verdade exata.

— Portanto, você está vendo, Marescal, que a objeção cai por terra. O silêncio da vítima, o silêncio que lhe deixou suspeitas, é, ao contrário, uma prova a seu favor. Pela segunda vez, eu lhe peço que a deixe partir.

— Não — disse Marescal —, batendo o pé.

— Por quê?

A cólera de Marescal explodiu subitamente:

— Porque quero me vingar! Quero o escândalo, quero que saibam de tudo, da fuga com Guillaume, da detenção, do crime de Brégeac! Quero a

desonra para ela, e a vergonha. Ela me repeliu. Que pague! E que Brégeac pague também! Você foi bastante tolo por me fornecer informações precisas que me faltavam. Tenho Brégeac e a menina, melhor ainda do que eu pensava… E Jodot! E os Ancivel! Toda a quadrilha! Ninguém escapará, e Aurélie está no lote!

Ele delirava de cólera e acomodou diante da porta sua alta figura. No patamar, ouviam-se Labonce e Tony.

Raoul recolhia de cima da mesa o pedaço de papel tirado da garrafa, e onde se lia a inscrição: "Marescal é uma besta". Desdobrou-o displicentemente e estendeu-o ao comissário:

— Tome, meu velho, ponha em um quadrinho e coloque junto à sua cama.

— Sim, sim, zombe — proferiu o outro —, zombe tanto quanto quiser, o que não impede que eu também tenha você em minhas mãos! Ah, desde o começo você vem me fazendo ver as coisas! O lance do cigarro, hein! Tem fogo, por favor? Vou lhe dar fogo agora! O suficiente para que você fume a vida inteira na prisão! Sim, na prisão, de onde você vem e para onde voltará sem demora. À prisão, repito, à prisão. Se pensa que pelo esforço de lutar contra você não tirei a limpo o seu disfarce… Se julga que não sei quem você é e que não tenho todas as provas necessárias para desmascará-lo… Olhe para ele, Aurélie, para o seu namorado, e, se quer saber quem é, pense um pouco no rei dos escroques, no mais cavalheiro dos assaltantes, no mestre dos mestres e pode dizer a si mesma que, afinal de contas, o barão de Limézy, falso nobre e falso explorador, não é outro senão…

Interrompeu-se. Embaixo tocavam. Eram Philippe e seus valentões. Só podiam ser eles.

Marescal esfregou as mãos e respirou profundamente:

— Creio que você está frito, Lupin… O que diz a respeito disso?

Raoul observou Aurélie. O nome de Lupin não pareceu impressioná-la; ela escutava com angústia os rumores de fora.

— Pobre senhorita de olhos verdes — disse ele —, sua fé ainda não é perfeita. Por que diabos o chamado Philippe poderia atormentá-la?

Entreabriu a janela e, dirigindo-se a um dos que estavam na calçada, embaixo dele, disse:

— Você aí é o chamado Philippe, da chefatura? Diga então, camarada… duas palavras longe dos três valentões (porque são três, caramba!). Não me

reconhece? Sou o barão de Limézy. Depressa! Marescal o espera.

Empurrou a janela.

— Marescal, a conta é esta. Quatro de um lado… e três do outro, porque não conto Brégeac, que parece desinteressado da aventura; isso dá sete valentões que vão acabar comigo. Estou tremendo de medo! E a senhorita de olhos verdes, também.

Aurélie sorriu a contragosto, mas não pôde balbuciar mais do que algumas sílabas ininteligíveis.

Marescal esperava no patamar. A porta do vestíbulo foi aberta. Subiram passos, precipitados. Em breve, Marescal teria às suas ordens, prontos para matar, como uma matilha encolerizada, seis homens. Ele lhes deu ordens em voz baixa, depois voltou, com o rosto radiante.

— Nada de batalhas inúteis, não é, barão?

— Nade de batalhas, marquês. A ideia de matar vocês sete, como as mulheres de Barba-Azul, é intolerável para mim.

— Então vai me seguir?

— Até o fim do mundo.

— Sem condições, é claro…?

— Com uma condição: convide-me para comer.

— De acordo. Pão seco, biscoito de cachorro e água — gracejou mais uma vez Marescal.

— Não — disse Raoul.

— Então, qual o seu cardápio?

— O seu, Rodolphe: merengues ao chantili, babas ao rum e vinho de Alicante.

— O que é que você está dizendo? — perguntou Marescal, em tom de inquieta surpresa.

— Nada mais simples. Você me convida para tomar chá. Aceito sem cerimônia. Não tem um encontro marcado para as cinco horas?

— Encontro…? — disse Marescal, ainda mais perturbado.

— Sim… não se lembra? Em sua casa… ou melhor, em sua *garçonnière*… Rue Duplan… um pequeno apartamento… na frente… Não é lá que encontra todas as tardes, e se empanturra de merengues regados a Alicante, a mulher de seu…

— Silêncio! — murmurou Marescal, que estava lívido.

Toda a sua arrogância evaporara. Não sentia mais vontade de gracejar.

— Por que você quer que eu guarde segredo? — perguntou Raoul ingenuamente. — O quê? Não vai mais me convidar? Não quer me apresentar a…

— Silêncio, caramba! — repetiu Marescal.

Reuniu seus homens e chamou Philippe à parte.

— Um instante, Philippe. Temos alguns detalhes a acertar antes de terminarmos. Afaste seus companheiros, para que não possam ouvir.

Tornou a fechar a porta, virou-se para Raoul e lhe disse, olhos nos olhos, em voz baixa, desconfiado de Brégeac e de Aurélie.

— O que significa isso? Aonde você quer chegar?

— A lugar nenhum.

— Por que essa alusão…? Como você sabe…?

— O endereço de sua *garçonnière* e o nome de sua amiguinha? Ora, foi só eu fazer com você o que fiz com Brégeac, com Jodot e parceiros, um inquérito discreto sobre sua vida íntima, que me conduziu a um misterioso apartamento em um andar térreo, bem aconchegante, onde você recebe belas mulheres. Penumbra, perfumes, flores, vinhos doces, divãs profundos como túmulos… O Cabaré Marescal, enfim!

— E daí? — balbuciou o comissário. — Não tenho direito? Que relação existe entre isso e a sua detenção?

— Não haveria nenhuma se, por infelicidade, você não tivesse cometido a besteira (besteira, que deriva de besta) de escolher esse pequeno templo de Cupido para esconder ali as cartas dessas senhoras.

— Está mentindo! Mentindo!

— Se eu estivesse mentindo, você não estaria da cor de um nabo.

— Explique isso melhor!

— Em um armário embutido, há um cofre secreto. Dentro desse cofre, uma caixinha. Nessa caixinha, lindas cartas femininas, amarradas com fitas de várias cores. O suficiente para comprometer duas dúzias de mulheres da sociedade e atrizes cuja paixão pelo belo Marescal se exprime sem o mínimo comedimento. Devo citar algumas? A mulher do procurador B…, a srta. X… da Comédie-Française… e sobretudo, sobretudo a digna esposa, um pouco madura, mas ainda apresentável, de…

— Cale-se, miserável!

— Miserável — disse Raoul tranquilamente — é aquele que se serve de seu físico avantajado para obter proteção e promoção.

Com ar suspeito, cabeça baixa, Marescal deu duas ou três vezes a volta pelo aposento, depois voltou para junto de Raoul e disse:

— Quanto?

— Quanto o quê?

— Qual é seu preço pelas cartas?

— Trinta dinheiros, como Judas.

— Nada de besteira. Quanto?

Marescal tremia de impaciência e cólera. Raoul disse rindo:

— Não vá ter um ataque agora, Rodolphe. Sou um bom rapaz e tenho simpatia por você. Não quero nem um tostão por sua literatura cômico-amorosa. Ela vale bastante para mim. Vou ter com que me divertir por meses. Mas exijo…

— O quê?

— Que você baixe as armas, Marescal. Tranquilidade absoluta para Aurélie e para Brégeac, mesmo para Jodot e para os Ancivel, dos quais me encarrego. Como todo esse caso, do ponto de vista policial, está na sua mão, e como não existe nenhuma prova real, nenhum indício sério, abandone o caso: será arquivado.

— E você me devolverá as cartas?

— Não… ficam em penhor. Vou conservá-las comigo. Se você não cumprir o combinado, publico algumas, de maneira nua e crua. Tanto pior para você e tanto pior para as belas amigas.

Gotas de suor escorriam da fronte do comissário. Ele afirmou:

— Fui traído.

— É bem possível.

— Sim, sim, traído por ela. Já sentia há algum tempo que ela me espionava. Foi por ela que você conduziu o caso ao ponto que desejava, e que se fez recomendar a seu marido para trabalhar comigo.

— O que você quer? — perguntou Raoul alegremente. — É a regra do jogo. Se para lutar você emprega meios tão sujos, como eu poderia agir de maneira diferente quando se tratava de defender Aurélie contra o seu ódio abominável? E, depois, você foi muito ingênuo, Rodolphe. Porque, enfim, como você pôde supor que um tipo da minha espécie ficaria dormindo por um mês, esperando que você cuidasse dos acontecimentos a seu bel-prazer? Entretanto, você me viu agir em Beaucourt, em Monte Carlo, em Sainte-Marie, e viu como escamoteei a garrafa e o documento. Então, por que não

tomou suas precauções?

Sacudiu o comissário pelos ombros e prosseguiu:

— Vamos, Marescal, não vergue sob o temporal. Você perde a partida, que seja. Mas tem a demissão de Brégeac no bolso e, como está bem na corte, e o posto lhe foi prometido, é um grande passo adiante. Os dias bons voltarão, Marescal, tenha certeza. Sob uma condição, porém: desconfie das mulheres. Não se sirva delas para vencer na profissão e não se sirva de sua profissão para vencer junto a elas. Seja apaixonado, se isso lhe apraz, seja policial, se isso lhe convém, mas não seja um apaixonado policial nem um policial apaixonado. Em conclusão, um bom aviso: se algum dia encontrar Arsène Lupin em seu caminho, saia pela tangente. Para um policial, é o começo da sabedoria. Tenho dito. Dê suas ordens. E adeus.

Marescal mordia o freio. Enrolava e torcia na mão uma das pontas da barba. Cederia? Iria jogar-se sobre o adversário e chamar seus valentões? "Uma tempestade sobre um crânio", como em *Os miseráveis*, pensou Raoul. "Pobre Rodolphe, para que se debater?"

Rodolphe não se debateu por muito tempo. Era perspicaz demais para deixar de compreender que toda resistência só faria agravar a situação. Obedeceu, portanto, como um homem que confessa não poder deixar de obedecer. Tornou a chamar Philippe e conversou com ele. Em seguida, Philippe se foi e levou todos os seus camaradas, inclusive Labonce e Tony. A porta do vestíbulo foi aberta e fechada. Marescal tinha perdido a batalha.

Raoul se aproximou de Aurélie.

— Tudo está arranjado, senhorita, e só nos resta partir. Sua mala está embaixo, não é?

Ela murmurou, como se despertasse de um pesadelo:

— Será possível…! Não vou para a prisão…? Como você conseguiu…?

— Ah! — disse ele animado. — De Marescal se obtém tudo quanto se quer, com brandura e raciocínio. É um excelente rapaz. Estenda-lhe a mão, senhorita.

Aurélie não estendeu a mão e passou sem se inclinar. Marescal, aliás, estava de costas, com os cotovelos na lareira e a cabeça entre as mãos.

Ela hesitou ligeiramente ao se aproximar de Brégeac. Mas ele parecia indiferente e conservava um ar estranho do qual Raoul devia se lembrar em seguida.

— Uma palavra ainda — disse Raoul, detendo-se na soleira da porta. — Comprometo-me perante Marescal e diante de seu padrasto a conduzi-la a um sossegado retiro, onde, durante um mês, você não me verá. Dentro de um mês irei lhe perguntar como você pretende levar sua vida. Estamos inteiramente de acordo?

— Sim — disse ela.

— Então, vamos.

Saíram. Na escada, ele teve que sustentá-la.

— Meu automóvel está perto daqui — disse ele. — Será que tem forças para viajar toda a noite?

— Sim — afirmou ela. — É uma alegria e tanto estar livre…! E uma angústia também... — acrescentou em voz baixa.

No momento em que saíam, Raoul estremeceu. Uma detonação se fez ouvir no andar superior. Disse a Aurélie, que não tinha ouvido:

— O carro está à direita… Olhe, vê-se daqui… há uma senhora dentro, aquela de quem já lhe falei. É minha velha ama. Quer ir ao encontro dela? Quanto a mim, vou ter que subir outra vez. Apenas algumas palavras, e volto para me juntar a você.

Ele subiu precipitadamente, enquanto ela se afastava.

No aposento, Brégeac, caído em um canapé com o revólver na mão, agonizava, socorrido por seu criado e pelo comissário. Uma golfada de sangue saiu de sua boca. Uma última convulsão, e não se moveu mais.

— Eu devia ter previsto — resmungou Raoul. — Sua derrocada, a partida de Aurélie… Pobre-diabo! Pagou sua dívida.

Disse a Marescal:

— Cuide disso com o criado e telefone para que enviem um médico. Hemorragia, não? Sobretudo, que nem se fale em suicídio. De jeito nenhum. Aurélie não saberá nada por enquanto. Diga que ela está na província, adoentada, em casa de uma amiga.

Marescal agarrou-o pelo pulso.

— Responda: quem é você? Lupin, não é?

— Até que enfim — disse Raoul. — A curiosidade profissional levou a melhor.

Colocou-se bem em frente ao comissário, mostrou-se de perfil e de três-quartos e brincou:

— Adivinhou, espertinho.

Desceu depressa e alcançou Aurélie, que a velha senhora havia instalado no fundo de uma limusine confortável. Mas, lançando por precaução um olhar circular sobre a rua, disse à senhora:

— Não viu ninguém vagando em volta do carro?

— Ninguém — declarou ela.

— Tem certeza? Um homem um pouco gordo acompanhado de outro com um braço em uma tipoia?

— Sim! É verdade, sim! Eles iam e vinham pela calçada, mas bem mais para lá.

Ele partiu rapidamente e apanhou, em uma pequena passagem que contorna a Igreja de Saint-Philippe-du-Roule, dois indivíduos, um dos quais com um braço em uma tipoia.

Bateu nos ombros dos dois e lhes disse alegremente:

— Ora, vejam só! Então os dois se conhecem? Como vai, Jodot? E você, Guillaume Ancivel?

Eles se viraram. Jodot, vestido como um burguês, o busto enorme, com um rosto cabeludo de um cão feroz, não demonstrou nenhum espanto.

— Ah, é você o sujeito de Nice! Bem que eu dizia que era você quem acompanhava a garota há pouco.

— E é também o sujeito de Toulouse — disse Raoul a Guillaume.

E imediatamente prosseguiu:

— Que fazem por aqui, meus malandros? Vigiavam a casa de Brégeac, hein?

— Há duas horas — afirmou Jodot com arrogância. — A chegada de Marescal, os truques dos policiais, a partida de Aurélie, vimos tudo.

— E então?

— Então, suponho que você esteja sabendo de toda a história, que você pescou em águas turvas e que Aurélie está fugindo em sua companhia, enquanto Brégeac se debate com Marescal. Demissão, sem dúvida… Detenção…

— Brégeac acaba de se matar — disse Raoul.

Jodot teve um sobressalto.

— Hein?! Brégeac… Brégeac morreu!

Raoul os arrastou para junto da igreja.

— Escutem os dois: proibi vocês de se meterem neste caso. Você, Jodot, foi quem matou o avô d'Asteux, quem matou a srta. Bakefield e quem

causou a morte dos irmãos Loubeaux, seus amigos, sócios e cúmplices. Devo entregar você a Marescal…? E você, Guillaume, deve saber que sua mãe me vendeu todos os seus segredos por uma boa quantia, e sob a condição de que você não fosse molestado. Prometi em relação ao passado. Mas, se você recomeçar, minha promessa não vale. Devo quebrar seu outro braço e entregar você a Marescal?

Guillaume, confuso, gostaria de voltar atrás, mas Jodot se aborreceu.

— Em resumo, o tesouro para você é esse aí, está claro, não?

Raoul ergueu os ombros.

— Então, você acredita no tesouro, meu camarada?

— Tanto quanto você. Já faz quase vinte anos que trabalho nisso, e estou cheio de todas as suas estripulias para me engambelar.

— Engambelar você! Precisaria primeiro que você soubesse onde está esse tesouro e o que é.

— Não sei de nada… e você também não, não mais que Brégeac. Mas a menina sabe. E é por isso que…

— Quer que a gente reparta? — disse Raoul, rindo.

— Não vale a pena. Posso muito bem pegar a minha parte sozinho. E tanto pior para quem me atrapalhar. Tenho na mão mais trunfos do que você imagina. Está avisado. Boa noite.

Raoul olhou os dois se afastarem. O incidente o aborreceu. Que diabo tinha vindo fazer ali aquele carniceiro de mau agouro?

— Ora! — disse. — Se quiser correr atrás do carro por quatrocentos quilômetros, posso apostar com você uma bela corrida…!

No dia seguinte, ao meio-dia, Aurélie despertou em um quarto claro, onde ela via, por cima dos jardins e pomares, a sombria e majestosa Catedral de Clermont-Ferrand. Um antigo convento, transformado em casa de repouso, e situado em uma elevação, oferecia a ela o retiro mais discreto e o mais adequado para restabelecer definitivamente a sua saúde.

Passou ali algumas semanas agradáveis, não falando com ninguém a não ser com a velha ama de Raoul, passeando pelo parque, devaneando horas inteiras, com os olhos fixos na cidade ou nas montanhas do Puy-de-Dôme, cujos primeiros contrafortes eram assinalados pelas colinas de Royat.

Raoul não veio vê-la nem uma única vez. Ela encontrava em seu quarto flores e frutas que a ama ali deixava, livros e revistas. Já Raoul se escondia ao longo das pequenas aleias que serpenteavam entre as vinhas das colinas

próximas. Ele a olhava e lhe dirigia discursos em que exalava sua paixão cada vez mais viva.

Adivinhava, pelos gestos da moça e por seu andar ágil, que a vida renascia nela, como uma fonte quase extinta em que a água fresca aflui de novo. Uma sombra se estendia sobre as horas terríveis, os rostos sinistros, os cadáveres e os crimes, e o esquecimento era, acima de tudo, o desabrochar de uma felicidade tranquila, séria, inconsciente, ao abrigo do passado e mesmo do futuro.

"Você é feliz, garota de olhos verdes", dizia ele. "A felicidade é um estado de espírito que permite viver no presente. Enquanto o sofrimento se alimenta de lembranças ruins e esperanças nas quais não acredita, a felicidade se mistura a todos os pequenos fatos da vida cotidiana e os transforma em elementos de alegria e serenidade. Ora, você é feliz, Aurélie. Quando colhe flores, ou quando se deita na espreguiçadeira, faz isso com um ar de contentamento.

No vigésimo dia, uma carta de Raoul lhe propôs uma excursão de automóvel em uma manhã da semana seguinte. Ele tinha coisas importantes a lhe dizer.

Sem hesitar, ela respondeu que aceitava.

Na manhã marcada, ela andou por caminhos pedregosos que a levaram até a estrada principal, onde Raoul a esperava. Vendo-o, ela se deteve, subitamente confusa e inquieta, como uma mulher que se pergunta, em um momento solene, para onde está indo ou para onde a arrastam as circunstâncias. Mas Raoul se aproximou e lhe fez sinal para que se calasse. Cabia a ele dizer as palavras que precisava dizer.

— Eu não tinha dúvida de que você viria. Você sabia que devíamos nos rever, porque a aventura trágica não terminou, e certas soluções permanecem em suspenso. Quais? Pouco lhe importa, não é? Você me deu a missão de regular tudo, colocar tudo em ordem, resolver e fazer tudo. Você vai obedecer a mim simplesmente. Vai me deixar guiá-la pela mão e, aconteça o que acontecer, não vai ter medo. Isso acabou, o medo, o medo que perturba e que dá uma visão do inferno. Não é? Você vai sorrir ante os acontecimentos e os acolherá como amigos.

Estendeu-lhe a mão. Ela o deixou apertar a sua. Queria falar e, sem dúvida, dizer-lhe que agradecia, que tinha confiança nele… Mas deve ter compreendido a inutilidade de tais palavras, porque se calou. Eles partiram,

atravessaram a estância termal e o antigo vilarejo de Royat.

O relógio da igreja marcava oito e meia. Era um sábado, dia 15 de agosto. As montanhas se erguiam sob um céu esplêndido.

Não trocaram uma palavra sequer. Mas Raoul não cessava de lhe dirigir palavras ternas, como que para si mesmo.

"Não me detesta mais, hein, garota de olhos verdes? Vamos esquecer as ofensas do primeiro momento? E eu mesmo tenho tanto respeito por você que não quero me lembrar disso ao seu lado. Vamos, sorria um pouco, já que agora tenho o hábito de pensar em mim como seu bom gênio. A gente sorri para o bom gênio.

Ela não sorriu. Mas ele a sentiu amigável e muito próxima.

O carro não rodou mais de uma hora. Contornaram a colina de Dôme e tomaram um caminho muito estreito que se dirigia para o sul, com subidas, zigue-zagues e descidas em meio a vales verdes ou florestas sombreadas.

Depois a estrada se estreitou ainda mais, correndo no meio de uma região deserta e seca, e se tornou abrupta. Era pavimentada de enormes placas de lava, desiguais e desconjuntadas.

— Uma antiga calçada romana — disse Raoul. — Não existe um velho canto da França onde não se encontre algum vestígio análogo, alguma via de César.

Ela não respondeu. Mas de repente parecia sonhadora e distraída.

A velha calçada romana já não era mais que um desfiladeiro de cabras. A escalada foi penosa. Seguiu-se um pequeno platô, com um vilarejo abandonado, em que Aurélie viu o nome em uma placa: Juvains. Em seguida um bosque, depois uma planície subitamente verdejante, de aspecto agradável. Depois de novo a calçada romana, que subia em linha reta, como uma escada, entre os taludes de erva espessa. No pé dessa escada eles pararam. Aurélie mostrava-se cada vez mais recolhida. Raoul não parava de observá-la avidamente.

Quando tinham subido as lajes, dispostas como degraus, chegaram a uma grande faixa de terreno circular, que encantava pelo frescor de suas plantas e de sua relva, cercado por uma alta muralha de blocos de cimento, que as intempéries não haviam alterado e que se estendia ao longe, para a direita e a esquerda. Nessa muralha existia uma larga porta cuja chave Raoul tinha. Ele abriu. O terreno continuava a subir. Quando atingiram o alto desse aterro, viram diante deles um lago parado como se fosse de gelo,

no côncavo de uma coroa de rochedos que o dominavam de forma regular.

Pela primeira vez, Aurélie fez uma pergunta que mostrava todo o seu trabalho de reflexão.

— Posso lhe perguntar se, ao me trazer aqui, e não a outro lugar, você teve algum motivo especial? Ou foi por acaso…?

— O espetáculo é um tanto triste, com efeito — disse Raoul, sem responder diretamente —, mas, de qualquer maneira, tem uma rudeza, uma selvagem melancolia que tem um caráter particular. Os turistas nunca vêm aqui em excursão, é o que me disseram. No entanto, pode-se passar de barco, como você vê.

Ele a levou até um velho barco que estava preso por uma corrente a uma estaca. Ela se instalou ali sem dizer nada. Ele pegou os remos, e saíram tranquilamente.

A água cor de ardósia não refletia o azul do céu, mas, sim, o tom sombrio das nuvens invisíveis. Na ponta dos remos cintilavam gotas que pareciam pesadas como mercúrio, e era de espantar que o barco pudesse penetrar nessa onda, por assim dizer, metálica. Aurélie molhou nela a mão, mas teve de tirá-la logo, tão fria e desagradável estava a água.

— Ah! — disse ela, com um suspiro.

— O que foi? O que você tem? — perguntou Raoul.

— Nada… ou, pelo menos, não sei…

— Você está inquieta… comovida…

— Comovida, sim… Sinto em mim algumas impressões que me espantam… que me desconcertam. Me parece…

— Te parece…?

— Não saberia dizer… me parece que sou outro ser… e que não é você que está aqui. Está entendendo?

— Entendo — disse ele, sorrindo.

Ela murmurou:

— Não me explique. Isso que estou experimentando me faz mal, e, no entanto, por nada no mundo eu deixaria de experimentar.

O círculo de falésias, no alto das quais a grande muralha aparecia de quando em quando e se estendia em um raio de quinhentos ou seiscentos metros, oferecia, bem no fundo, uma abertura onde começava um estreito canal apertado, cujos altos paredões o escondiam dos raios de sol. Eles se dirigiram para lá. As rochas eram mais negras e mais tristes. Aurélie as

contemplava com estupor e erguia os olhos para as silhuetas estranhas que elas formavam: leões agachados, maciças chaminés, estátuas descomunais, gárgulas gigantescas.

E subitamente, quando ele chegaram ao meio desse corredor fantástico, receberam como que uma lufada de rumores longínquos e indistintos que vinha, por esse mesmo caminho de água, de regiões que eles tinham deixado havia pouco mais de uma hora.

Eram repiques da igreja, toques de pequenos sinos, uma música metálica, notas animadas e alegres, todo um frêmito de música divina em que retumbava o sino reverberante de uma catedral.

A jovem quase desmaiou. Compreendia, também ela, o significado de sua perturbação. As vozes do passado, daquele passado misterioso que ela tudo fizera para não esquecer, retiniam dentro dela e à sua volta. Aquilo tudo se chocava contra as muralhas em que o granito se misturava com a lava de antigos vulcões. Aquilo saltava de uma rocha a outra, de uma estátua para uma gárgula, deslizava pela dura superfície da água, subia até a faixa azul do céu, retumbava como poeira de espuma até o fundo do abismo e se afastava com ecos saltitantes em direção a outra saída do desfiladeiro, onde brilhava a luz do dia claro.

Desvairada, palpitante de lembranças, Aurélie tentava lutar e se obstinava em não sucumbir a tantas emoções. Mas não tinha forças. O passado a curvava como um galho que cede, e ela se inclinou, murmurando, entre soluços:

— Meu Deus! Meu Deus, quem é você, afinal?

Estava estupefata por aquele prodígio inconcebível. Nunca tendo revelado o segredo que lhe haviam confiado, zelosa, desde a infância, do tesouro de lembranças que sua memória guardava convictamente, e que ela não deveria entregar, por ordem de sua mãe, senão àquele que ela viesse a amar, sentia-se completamente frágil diante daquele homem desconcertante que lia o fundo de sua alma.

— Então não me enganei? É mesmo aqui, não é? — disse Raoul, a quem o encantador abandono em que se encontrava a jovem tocava infinitamente.

— É exatamente aqui — sussurrou Aurélie. — Já ao longo do trajeto, as coisas me pareceram familiares... a estrada… as árvores… o caminho de lajes que subia entre os taludes… e depois o lago, esses rochedos, a cor e a

frieza dessa água… e depois, sobretudo, esses sons de sinos… Ah, são os mesmos de outrora… Vieram nos encontrar no mesmo local em que encontraram minha mãe, o pai de minha mãe e a menininha que eu era nessa época. E, como hoje, saímos da sombra para entrar nesta outra parte do lago, sob um mesmo sol…

Ela havia erguido a cabeça e olhava. Outro lago, com efeito, menor, mais grandioso, abria-se diante deles, com falésias mais escarpadas e um ar de solidão mais selvagem ainda e mais agressivo.

Uma a uma, as lembranças ressuscitavam. Ela as relatava suavemente, bem junto de Raoul, como confidências que se fazem a um amigo. Evocava diante dele uma pequena menina feliz, despreocupada, distraída pelo espetáculo das formas e cores que contemplava hoje com olhos úmidos de lágrimas.

— É como se você me levasse de viagem através de sua vida — disse Raoul, a quem a emoção invadia —, e sinto tanto prazer em ver o que ela foi nessa ocasião como você mesma em reencontrá-la.

Ela continuou:

— Minha mãe estava sentada no lugar em que você está, e o pai dela, na frente de você. Beijei a mão de mamãe. Olhe, aquela árvore completamente isolada, naquela greta, estava lá… e também estas grandes manchas de sol que correm por esta rocha… E veja que tudo se estreita de novo, como ainda há pouco. Mas não existe mais passagem, é a extremidade do lago. Ele é comprido, este lago, e curvado como um crescente… Vamos descobrir uma praia muito pequena que fica bem na ponta… Olhe, veja… com uma cascata à esquerda, que sai da falésia… Existe uma segunda à direita… Você vai ver a areia… Brilha como mica… E há uma greta logo em seguida… Sim, tenho certeza… E na entrada dessa greta…

— Na entrada dessa greta?

— Há um homem que nos espera… um homem engraçado, com uma longa barba grisalha, vestido com uma blusa de lã marrom… Dava para vê-lo daqui, de pé, bem alto. Será que não vamos vê-lo?

— Pensei que o veríamos — afirmou Raoul. — Estou muito surpreso. É quase meio-dia, e nosso encontro estava marcado para o meio-dia.

A água que sobe

Desembarcaram na prainha onde os grãos de areia brilhavam ao sol como mica. A falésia da direita e a da esquerda, juntando-se, formavam um ângulo agudo que abria, na parte inferior, em uma pequena anfractuosidade protegida por um teto de ardósias que avançavam.

Sob esse teto estava posta uma pequena mesa, com toalha, pratos, laticínios e frutas.

Sobre um dos pratos, um cartão de visita trazia estas palavras:

O marquês de Talençay, amigo de seu avô d'Asteux, saúda você, Aurélie. Em breve ele estará aqui e se desculpa por só poder lhe apresentar suas homenagens durante o dia.

— Então ele esperava minha visita? — perguntou Aurélie.

— Sim — respondeu Raoul. — Conversamos durante muito tempo, ele e eu, há quatro dias, e fiquei de trazê-la hoje ao meio-dia.

Ela olhou em volta de si. Um cavalete de pintura se apoiava na parede, sob uma larga prancha cheia de folhas de desenho, de modelagens e caixas de cores, e que também trazia algumas roupas velhas. Atravessada no canto, uma rede. No fundo, duas grandes pedras formavam uma lareira, onde se costumava acender o fogo, pois as paredes estavam enegrecidas, e em uma fissura da rocha se abria um conduto, como um cano de chaminé.

— Será que ele mora ali? — perguntou Aurélie.

— Frequentemente, sobretudo nesta estação. O resto do tempo, no vilarejo de Juvains, onde eu o descobri. Mas, mesmo assim, ele vem aqui todo dia. Como seu falecido avô, é um velhote excêntrico, muito culto,

artista dedicado, se bem que sua pintura não seja boa. Vive sozinho, um pouco como um ermitão, caça, corta e vende suas árvores, vigia os guardadores de seus rebanhos e alimenta todos os pobres desta região, que lhe pertence em um perímetro de duas léguas. E faz quinze anos que ele a espera, Aurélie.

— Ou, pelo menos, espera a minha maioridade.

— Sim, depois de um acordo com o amigo d'Asteux. Eu o interroguei a esse propósito. Mas ele só quer responder a você. Tive que lhe contar toda a sua vida, todas as histórias destes últimos meses, e, como prometi a ele trazê-la, me emprestou a chave de seu domínio. A alegria dele em rever você é imensa.

— Então, por que ele não está aqui?

A ausência do marquês de Talençay surpreendia Raoul cada vez mais, se bem que nenhuma razão lhe permitia atribuir importância a isso. Em todo caso, não querendo inquietar a jovem, usou de toda a sua verve e todo o seu espírito durante essa primeira refeição que faziam juntos em circunstâncias tão curiosas e em uma situação tão particular.

Sempre atento a não a deixar ressentida por excesso de ternura, sentia-se totalmente confiante por seu lado. Ela devia se dar conta de que ele não era mais o adversário que ela evitava no início, mas o amigo que só queria o bem dela. Tantas vezes já ele a tinha salvado! Tantas vezes ela se surpreendera por ver que só podia contar com ele, por ver que sua própria vida dependia desse desconhecido e que sua felicidade só seria construída segundo a vontade dele.

Ela murmurou:

— Gostaria de lhe agradecer. Mas não sei como. Já lhe devo demais para algum dia poder quitar minha dívida.

Ele lhe disse:

— Sorria, garota de olhos verdes, e olhe para mim.

Ela sorriu e olhou para ele.

— Está quite.

Às duas horas e quarenta e cinco minutos, a música dos sinos recomeçou, e o grande sino da catedral veio bater no ângulo das falésias.

— Apenas uma coisa muito lógica — explicou Raoul —, e o fenômeno é conhecido em toda a região. Quando o vento desce do noroeste, isto é, de Clermont-Ferrand, a disposição acústica dos lugares faz com que uma

grande corrente de ar leve todos esses rumores por um caminho obrigatório que serpenteia entre muralhas montanhosas e atinge a superfície do lago. É fatal, é matemático. Os sinos de todas as igrejas de Clermont-Ferrand e o grande sino de sua catedral não podem senão vir bater aqui, como fazem neste momento…

Ela abanou a cabeça:

— Não — disse —, não é isso. Sua explicação não me satisfaz.

— Você tem outra?

— A verdadeira.

— Que consiste em…?

— Em crer firmemente que é você que me trouxe aqui o som desses sinos para me evocar todas as minhas impressões de criança.

— Então eu posso tudo?

— Você pode tudo — disse ela, com fé.

— E vejo tudo, igualmente — gracejou Raoul. — Aqui, à mesma hora, há quinze anos, você adormeceu.

— O que quer dizer?

— Que seus olhos ficam pesados de sono, já que sua vida de quinze anos atrás recomeça.

Ela não procurou furtar-se ao próprio desejo e se estendeu na rede.

Raoul velou por um instante, à entrada da gruta. Mas, tendo consultado seu relógio, fez um gesto de enfado. Três horas e quinze: o marquês de Talençay não estava lá.

"E daí!", disse a si mesmo com irritação. "E daí! Isso não tem nenhuma importância."

Sim, aquilo tinha importância. Ele sabia. Existem casos em que tudo tem importância.

Entrou de novo na gruta, observou a garota, que dormia sob sua proteção, quis ainda lhe dirigir algumas palavras e lhe agradecer por sua confiança, mas não pôde fazer isso. Uma crescente inquietação o invadia.

Percorreu a prainha e constatou que o barco, que ele havia deixado com a proa repousando na areia, flutuava agora a dois ou três metros da margem. Teve de puxá-lo com uma vara e fez então uma segunda constatação, a de que aquele barco, que durante a travessia se enchera de alguns centímetros de água, continha agora trinta ou quarenta centímetros.

Conseguiu emborcá-lo na margem.

“Caramba”, pensou, “milagre que não chegamos a afundar.”

Não se tratava de uma entrada de água comum, fácil de tapar, mas de uma tábua inteira podre e *de uma tábua que havia sido colocada recentemente naquele lugar e que só estava presa por quatro pregos.*

Quem teria feito aquilo? Primeiro Raoul pensou no marquês de Talençay. Mas com que intuito o velhote teria agido? Que motivo havia para se pensar que o amigo se d’Asteux quisesse provocar uma catástrofe no momento exato em que a jovem fosse conduzida até ele?

No entanto, uma questão se colocava: por onde Talençay viria quando só havia o barco à sua disposição? Por onde ele chegaria? Haveria então um caminho terrestre que daria nessa mesma praia, embora limitado pelo duplo avanço das falésias?

Raoul procurou. Nenhuma saída possível à esquerda, o jorro de duas fontes se somava ao obstáculo de granito. Mas, à direita, bem no ponto em que o penhasco mergulhava no lago e fechava a praia, uns vinte degraus estavam talhados na rocha, e de lá, no flanco do paredão, elevava-se um ressalto natural, uma espécie de cornija tão estreita que por vezes era preciso agarrar-se às asperezas da pedra.

Raoul foi por esse lado. De espaço em espaço tinham cravado um grampo de ferro que ajudava para não se cair no vazio. E assim pôde chegar, com dificuldade, ao platô superior e se certificar de que a trilha dava a volta no lago e se dirigia para o desfiladeiro. Uma paisagem verdejante, entremeada de rochas, estendia-se em volta. Dois pastores se afastavam, levando seus rebanhos para a alta muralha que circundava o vasto domínio. A alta silhueta do marquês de Talençay não aparecia em parte alguma.

Raoul voltou depois de uma hora de exploração. Durante essa hora, ele se deu conta com desagrado, ao chegar à base da falésia, de que a água havia subido e cobria os primeiros degraus. Teve que pular.

“Estranho”, murmurou, com um ar preocupado.

Aurélie deve tê-lo ouvido. Correu em sua direção e parou, estupefata.

— O que é isso? — perguntou Raoul.

— A água… — disse ela — como está alta! Faz pouco tempo ela estava mais baixa, não…? Não resta dúvida…

— É verdade.

— Como você explica?

— Fenômeno bastante natural, como os sinos.

E se esforçando por gracejar:

— O lago segue a lei das marés, que, como você sabe, provocam as alternâncias de fluxo e refluxo.

— Mas em que momento vai parar de subir?

— Em uma ou duas horas.

— Sim. Às vezes a própria gruta deve ser invadida, como prova esta marca negra no granito, que evidentemente é a cota do nível máximo.

A voz de Raoul se tornou um pouco mais grave. Acima dessa primeira cota, havia outra que deveria corresponder ao próprio teto do abrigo. O que significaria aquela? Tinha-se que admitir, então, que em certas épocas a água poderia atingir esse teto? Mas em consequência de quais fenômenos excepcionais, de que cataclismos anormais?

"Não, não é possível", pensou ele, reagindo. "Qualquer hipótese desse gênero é absurda. Um cataclismo? Só acontece de mil em mil anos! Uma oscilação de fluxo e refluxo? Fantasias nas quais não acredito. Só pode ser por acaso, um fato passageiro…"

"Que seja. Mas não foi esse fato passageiro que produziu isso?"

Raciocínios involuntários o perseguiam. Ele pensava na ausência inexplicável de Talençay. Pensava nas relações que poderiam existir entre essa ausência e a ameaça surda de um perigo que não entendia ainda. Pensava nesse barco destruído.

— O que você tem? — perguntou Aurélie. — Está distraído.

— Palavra — disse ele —, começo a acreditar que perdemos nosso tempo aqui. Já que o amigo de seu avô não vem, vamos nós até ele. A entrevista vai se realizar do mesmo jeito na casa de Juvains.

— Mas como sair daqui? A barca parece que não dá para usar.

— Existe um caminho à direita, bem difícil para uma mulher, mas de qualquer modo transitável. É só você aceitar minha ajuda e me deixar carregá-la.

— Por que não posso ir andando eu também?

— Para que se molhar? — disse ele. — Basta que apenas eu entre na água.

Fizera essa proposta sem segunda intenção. Mas percebeu que ela tinha ficado ruborizada. A ideia de ser carregada por ele, como no caminho de Beaucourt, devia ser intolerável para ela.

Calaram-se, embaraçados os dois.

Depois a jovem, que estava à beira do lago, mergulhou a mão e murmurou:

— Não… não… Eu não poderia suportar esta água gelada, não poderia.

Ela voltou para a caverna seguida dele, e se passaram quinze minutos, que pareceram um longo tempo para Raoul.

— Eu lhe peço — disse ele —, vamos embora. A situação está ficando perigosa.

Ela obedeceu, e eles deixaram a gruta. Mas, bem no momento em que ela ia se segurar no pescoço dele, alguma coisa como que assobiou perto deles, e um estilhaço de pedra pulou. Ao longe, ecoou uma detonação.

Raoul rapidamente deitou Aurélie no chão. Uma segunda bala sibilou, escavando a pedra. Em um ímpeto, ele tomou a moça nos braços e a levou para dentro, e se lançou, como se quisesse correr em direção a quem atirava.

— Raoul! Raoul! Eu o proíbo… Vão matá-lo…

Ele a agarrou de novo e a colocou à força no abrigo. Mas dessa vez ela não o largou e, segurando-o, fez com que ele parasse.

— Eu lhe peço, fique…

— Mas não — protestou Raoul —, você errou, é melhor agir.

— Não quero… não quero…

E o segurava com as mãos trêmulas. Ela, que poucos momentos antes tivera tanto medo de ser levada por ele, agora o apertava contra si com uma energia indomável.

— Não tenho medo — disse ele ternamente.

— Não tenho medo de nada — disse ela em voz baixa —, mas devemos ficar juntos… Somos ameaçados pelos mesmos perigos. Não devemos nos separar.

— Não vou deixá-la — prometeu Raoul —, você tem razão.

Ele pôs somente a cabeça para fora, para observar o horizonte.

Uma terceira bala perfurou uma das ardósias do teto.

Assim, eles se achavam cercados, imobilizados. Dois atiradores, munidos de espingardas de longo alcance, interditavam toda tentativa de saída. E eles só foram descobertos por Raoul por causa de duas nuvenzinhas de fumaça que subiam ao longe, dando-lhe tempo de discernir a posição de cada um. Pouco distantes um do outro, eles se

mantinham na margem direita, acima do desfiladeiro, isto é, a cerca de duzentos e cinquenta metros. De lá, postados bem em frente, dominavam toda a extensão do lago, alcançavam o pequeno canto remanescente da praia e podiam atingir quase todo o interior da gruta. Ela se oferecia inteira aos dois, com efeito, a não ser por uma reentrância situada à direita, e onde se devia ficar agachado, e por uma funda extremidade por cima da lareira marcada por duas pedras, e disfarçada pela inclinação do teto.

Raoul fez algum esforço para rir.

— Engraçado — disse ele.

Sua hilaridade parecia tão espontânea que Aurélie se dominou, e Raoul continuou:

— Olhe para nós aqui, bloqueados. Ao mínimo movimento, uma bala, e a linha de fogo é tal que somos obrigados a nos esconder em um buraco de rato. Confesse que está tudo muito bem combinado.

— Por quem?

— Logo pensei no velho marquês. Mas não, não é ele, não pode ser ele.

— Que aconteceu com ele, então?

— Trancado, sem dúvida. Deve ter caído em alguma cilada que lhe foi preparada exatamente por aqueles que estão nos cercando.

— Quer dizer…?

— Dois inimigos terríveis, de quem não devemos esperar nenhuma piedade. Jodot e Guillaume Ancivel.

Mostrava em relação a isso uma brutal franqueza, para diminuir no espírito de Aurélie a ideia do verdadeiro perigo que os ameaçava. Os nomes de Jodot e de Guillaume, os tiros de espingarda, nada disso contava para ele perto da invasão progressiva daquela água sorrateira que os bandidos tinham agora como uma tremenda aliada.

— Mas por que esta armadilha? — perguntou ela.

— O tesouro — afirmou Raoul, que, mais ainda do que Aurélie, procurava dar a si mesmo as explicações mais verossímeis. Reduzi Marescal à impotência, mas ignorava que mais dia, menos dia teria que me haver com Jodot e com Guillaume. Eles tomaram a dianteira. Sabendo de meus projetos, não sei por qual artifício, atacaram o amigo de seu avô e o prenderam, roubaram os papéis e documentos que ele queria nos comunicar, e, desde esta manhã, nossos adversários já estavam preparados.

“Se não nos receberam com tiros quando atravessamos o desfiladeiro, foi porque os pastores andavam pelo platô. Além do mais, por que se apressar? Era evidente que esperávamos Talençay, por causa do cartão de visita e de algumas palavras que um dos dois cúmplices ali rabiscou. E foi aqui que eles nos prepararam sua emboscada. Mal tínhamos atravessado o desfiladeiro, pesadas eclusas foram fechadas, e o nível do lago foi alimentado por duas cascatas, começou a se elevar, sem que fosse possível perceber antes de quatro ou cinco horas. Mas então os pastores voltaram ao vilarejo, e o lago se tornou o mais deserto e magnífico campo de tiro. Com o barco afundando e as balas interditando todas as saídas dos sitiados, impossível empreender a fuga. E vejam só como Raoul de Limézy se deixou enrolar como um Marescal qualquer.”

Tudo isso foi dito em um tom de despreocupada jovialidade, por um homem que se diverte com a primeira boa peça que lhe pregam. Aurélie estava quase a ponto de rir.

Ele acendeu um cigarro e estendeu na ponta dos dedos o fósforo que queimava.

Dois tiros sobre o platô. Depois, imediatamente, uma terceira e uma quarta. Mas os tiros falharam.

A inundação, no entanto, continuava com rapidez. Formando a praia uma espécie de bacia, a água ultrapassava a borda extrema e se espraiava agora em pequenas ondas sobre um terreno plano. A entrada da gruta foi atingida.

— Ficaremos mais seguros sobre as duas pedras da lareira.

Pularam para lá rapidamente. Raoul fez Aurélie se deitar na rede. Depois, correndo até a mesa, colocou em um guardanapo o que restara do café da manhã e colocou em uma prancha de desenho. Pipocaram balas.

— Tarde demais — disse ele. — Nada mais precisamos temer. Um pouco de paciência e sairemos daqui. Meu plano? Vamos descansar e restaurar nossas energias. Enquanto isso, vem a noite. Aí eu carrego você nos ombros até o caminho das falésias. O que fortalece nossos adversários é a luz do dia, graças à qual eles podem nos bloquear. A escuridão é a salvação.

— Sim, mas a água continua a subir durante esse tempo — disse Aurélie —, e ainda falta uma hora para ficar escuro o suficiente.

— E daí? Em vez de me recuperar apenas com um banho de pés, terei um banho até a cintura.

Era muito simples, com efeito. Mas Raoul conhecia muito bem todas as lacunas de seu plano. Primeiro, o sol acabava de desaparecer atrás do alto das montanhas, o que indicava ainda uma hora e meia ou duas de claridade. Além disso, o inimigo se aproximava pouco a pouco, tomava posição pelo caminho, e como poderia Raoul se aproximar com a moça e forçar a passagem?

Aurélie hesitou, perguntando-se em que deveria acreditar. Contra a sua vontade, seus olhos se fixavam em dois pontos de referência que lhe permitiam seguir a subida da água, e por uns instantes ela se arrepiou. Mas a calma de Raoul era tão impressionante!

— Você me salvará — murmurou ela —, tenho certeza.

— Em boa hora — disse ele, sem abandonar sua alegria —, você confia em mim.

— Sim, confio. Você me disse um dia… lembra-se… lendo as linhas de minha mão, que eu deveria recear o perigo da água. Sua predição se cumpriu. E, no entanto, não receio nada, porque você pode tudo… você faz milagres…

— Milagres? — disse Raoul, que procurava todas as ocasiões de se tranquilizar com a despreocupação de suas palavras. — Não, nada de milagres. Apenas raciocino e ajo de acordo com as circunstâncias. Porque jamais a interroguei sobre as recordações de sua infância, e porque ainda assim eu a conduzi até aqui, pelas paisagens que você já havia contemplado, você me considera uma espécie de feiticeiro. Erro. Tudo isso foi questão de raciocínio e de reflexão, e não disponho de informações mais precisas do que os outros. Jodot e seus cúmplices também conheciam a garrafa e tinham lido, como eu, a fórmula inscrita sob o nome de "Água de Juventa"[6].

"Que indicações eles tiraram dali? Nenhuma. Eu, porém, procurei me informar, e vi que quase toda a fórmula reproduz exatamente, a não ser por uma linha, a análise das águas de Royat, uma das principais estações termais da região de Auvergne. Consultei os mapas da Auvergne e descobri o vilarejo e o lago de Juvains (Juvains, contração evidente da palavra latina *Juventia*, que significa Juventude). Acabei ficando bem informado. Em uma hora de passeio e de conversas em Juvains, me dei conta de que o velho sr. de Talençay, marquês de Carabas[7] de toda essa região, devia ser o próprio

centro da aventura, e me apresentei a ele como seu enviado. Assim que ele me revelou que você tinha estado aqui antigamente, no domingo e na segunda-feira da Assunção, ou seja, nos dias 14 e 15 de agosto, preparei nossa expedição para esse mesmo dia. O vento sopra precisamente do norte, como daquela vez. Daí a escolha dos sinos. Isso é que é um milagre, garota de olhos verdes."

Mas as palavras não eram suficientes para distrair a atenção de sua companheira. Após um instante, Aurélie sussurrou:

— A água está subindo… a água está subindo… Ela cobriu as duas pedras e molhou seus sapatos.

Ele levantou uma das pedras e a colocou sobre a outra. Ficando assim mais alto, apoiou seu cotovelo na corda da rede e, sempre com o ar desembaraçado, retomou a conversa, pois tinha medo do silêncio para a jovem. No fundo, porém, apesar de dizer palavras de segurança, entregava-se a outros raciocínios e a outras reflexões sobre a implacável realidade, da qual constatava com sobressalto a crescente ameaça.

Que se passava? Como encarar a situação? Em seguida às manobras executadas por Jodot e por Guillaume, o nível da água sobe. Que seja. Mas os dois bandidos, evidentemente, não fazem mais do que aproveitar um estado de coisas já existente e que remontava sem dúvida a uma época bem recuada. Ora, não seria de supor que aqueles que tornaram possível essa elevação do nível por motivos ainda desconhecidos (motivos que certamente não seriam de bloquear e afogar pessoas na gruta) tivessem igualmente tornado possível a queda do nível? O fechamento das eclusas devia ter por corolário o estabelecimento de um ladrão de mecanismo invisível, que permitisse o escoamento da água e o esvaziamento do lago, segundo as circunstâncias. Mas onde procurar esse ladrão? Onde encontrar o mecanismo cujo funcionamento se conjugasse com o jogo das eclusas?

Raoul não era desses que fica esperando a morte. Pensava seriamente em se precipitar contra o inimigo, apesar de todos os obstáculos, ou em nadar até as eclusas. Mas, se uma bala o atingisse, e a temperatura gelada da água o paralisasse, que aconteceria com Aurélie?

Por mais atento que fosse em dissimular aos olhos de Aurélie a inquietude de seus pensamentos, a jovem não podia se enganar em relação a certas inflexões de voz ou quanto a certos silêncios carregados de uma angústia que ela própria experimentava. De repente ela lhe disse, como que

vencida pela angústia que a torturava:

— Peço que você me responda. Prefiro saber a verdade. Não temos mais esperanças, não?

— Como! Já está escurecendo…

— Mas não depressa o suficiente… Quando anoitecer, não poderemos mais partir.

— Por quê?

— Não sei. Mas tenho a intuição de que está acabado e que você sabe.

Ele disse, em tom firme:

— Não… Não… O perigo é grande, mas ainda distante. Conseguiremos escapar se não perdermos a calma nem por um segundo. É isso aí. Refletir, compreender. Quando eu tiver compreendido tudo, tenho certeza de que ainda dará tempo de agir. Apenas…

— Apenas…

— Você precisa me ajudar. Para compreender tudo, preciso de suas recordações, de todas as suas lembranças.

A voz de Raoul era premente, e ele continuava com um ardor contido:

— Sim, eu sei que você prometeu à sua mãe não revelar senão ao homem que você amasse. Mas a morte é uma razão que fala mais alto que o amor, e, se você não me ama, eu a amo como sua mãe teria desejado que alguém a amasse. Perdoe-me por lhe dizer, apesar do juramento que eu lhe fiz… Mas há horas em que não podemos mais nos calar. Eu a amo… Eu a amo e quero salvá-la… Eu a amo… Não posso admitir o seu silêncio, que seria um crime contra você mesma. Responda. Algumas palavras talvez sejam o suficientes para me esclarecer.

Ela murmurou:

— Pode perguntar.

Imediatamente ele perguntou:

— O que aconteceu daquela vez, depois de sua chegada aqui com sua mãe? Que paisagens você viu? Onde seu avô e o amigo dele as levaram?

— A nenhum lugar — afirmou ela. — Tenho certeza de ter dormido aqui, sim, em uma rede como hoje… Conversavam em volta de mim. Os dois homens fumavam. São recordações que eu havia esquecido e que agora torno a lembrar. Lembro-me do cheiro do tabaco e do barulho de uma garrafa que desarrolhavam. E depois… e depois… não dormi mais… fizeram-me comer… Lá fora estava sol…

— Sol?

— Sim, devia ser no dia seguinte.

— No dia seguinte? Tem certeza? Tudo depende disso, desse detalhe.

— Sim, tenho certeza. Eu acordei aqui, no dia seguinte, e fora estava sol. Apenas, veja… tudo está mudado… Eu me vejo ainda aqui, e no entanto era em outro lugar. Vejo os rochedos, mas eles não estão no mesmo lugar.

— Como…? Eles não estão no mesmo lugar?

— Não, a água não os cobria mais.

— A água não os cobria mais, e no entanto você saía desta gruta?

— Eu saía desta gruta. Sim, meu avô caminhava na nossa frente. Minha mãe me segurava pela mão. Escorregava embaixo dos nossos pés. Em volta de nós, havia um tipo de casas… em ruínas… E depois de novo os sinos… os mesmos sinos que ouço sempre…

— É isso… é isso mesmo — disse Raoul entre dentes. — Tudo combina com o que eu imaginava. Nenhuma hesitação possível.

Um pesado silêncio caiu sobre eles. A água marulhava com um ruído sinistro. A mesa, o cavalete, os livros e as cadeiras flutuavam.

Ele teve que se sentar na ponta da rede e se curvar sob o teto de granito.

Fora, a sombra se misturava com a luz que esvanecia. Mas de que lhe serviria a sombra, por mais espessa que fosse? De que lado agir?

Ele vasculhava desesperadamente sua mente, forçando-a a encontrar uma solução. Aurélie estava meio erguida, com um olhar que ele adivinhava afetuoso e terno. Ela tomou uma das mãos dele, inclinou-se e a beijou.

— Meu Deus! Meu Deus! — disse ele, perturbado.

Ela murmurou:

— Eu o amo.

Os olhos verdes brilhavam na semiescuridão. Ele ouvia o coração da garota bater, e nunca tinha experimentado tanta alegria.

Ela continuou ternamente, envolvendo o pescoço dele com seus braços:

— Eu o amo. Veja você, Raoul, é esse o meu maior, o meu único segredo. O outro não me interessa. Mas este aqui é toda a minha vida! E toda a minha alma! Eu o amei logo de início, sem conhecer você, antes mesmo de ver você… Eu o amei nas trevas, e é por isso que o detestava…

Sim, eu tinha vergonha… Foram seus lábios que me prenderam, lá na estrada de Beaucourt. Senti alguma coisa que eu não sabia o que era e me amedrontava. Tanto prazer, tanta felicidade, naquela noite atroz, e por causa de um homem que eu não conhecia! Até o fundo do meu ser, eu tinha a impressão deliciosa e revoltante de que lhe pertencia… e que era só você querer para fazer de mim sua escrava. Se fugi de você dali em diante, foi por causa disso, Raoul, não porque eu o odiasse, mas porque eu o amava demais e tinha medo de você. Estava confusa com essa perturbação… Não queria mais ver você… e contudo eu só pensava em ver você de novo… Se suportei o horror daquela noite e de todas as abomináveis torturas que se seguiram, foi por você, por você, de quem eu fugia, e que voltava sem cessar nas horas de perigo. Eu queria você com todas as minhas forças, e a cada vez me sentia mais sua. Raoul, Raoul, aperte-me bem. Raoul, eu o amo.

Ele a estreitou com uma paixão dolorosa. No fundo, ele nunca tinha duvidado daquele amor, que o ardor do primeiro beijo lhe havia revelado e que, a cada encontro deles, se manifestava por um sobressalto cuja razão profunda ele adivinhava. Mas tinha medo da própria felicidade que sentia. As palavras ternas da garota, a carícia de seu hálito fresco o inebriavam. A indomável vontade da luta se extinguia nele.

Ela teve a intuição de sua secreta lassidão e o puxou ainda mais para perto de si.

— Vamos nos resignar, Raoul. Aceitar o que é inevitável. Não tenho medo da morte junto com você. Mas desejo que ela me surpreenda em seus braços… com a minha boca na sua, Raoul. A vida nunca nos dará mais felicidade.

Os dois braços dela o entrelaçavam como um colar que ele não pudesse abrir. Pouco a pouco, ela aproximou a cabeça da dele.

Ele resistia, no entanto. Beijar aquela boca que se oferecia era consentir na derrota e, como ela dizia, resignar-se ante o inevitável. E ele não queria. Toda a sua natureza se levantava contra semelhante covardia. Mas Aurélie lhe suplicava e balbuciava palavras que desarmam e enfraquecem.

— Eu o amo… não recuse o que deve ser… eu o amo… eu o amo…

Os lábios deles se uniram. Ele saboreou o êxtase de um beijo em que havia todo o ardor da vida e a terrível volúpia da morte. A noite os envolveu, mais rápida, pelo que parecia, desde que tinham se abandonado

ao delicioso torpor da carícia. A água subia.

Desfalecimento passageiro, ao qual Raoul se entregara abruptamente. A ideia de que aquele ser encantador, que ele tantas vezes salvara, ia conhecer o medonho martírio da água que nos penetra e nos sufoca, e que nos mata, essa ideia o sacudiu de horror.

— Não, não… — exclamou ele. — Isso não acontecerá… A morte para você…? Não… Tenho que impedir tamanha infâmia.

Ela quis detê-lo. Segurou-o pelos punhos e suplicou com uma voz lamentosa:

— Eu lhe peço, lhe peço… O que quer fazer?

— Salvar você… Me salvar também.

— É tarde demais! Mas já anoiteceu! Como, então, não vejo mais seus olhos queridos… não vejo mais seus lábios… e não vou agir?!

— Mas de que maneira?

— E eu é que sei? O essencial é agir. E depois, de qualquer modo, tenho elementos de certeza… Devem existir fatalmente meios previstos para dominar, em certo momento, os efeitos da eclusa fechada. Devem existir comportas que permitam um rápido escoamento. Preciso encontrar…

Aurélie não escutava. Gemia:

— Eu lhe peço… Vai me deixar sozinha nesta noite pavorosa? Tenho medo, meu Raoul.

— Não. Já que você não tem medo de morrer, também não tem medo de viver… de viver duas horas, não mais. A água não pode atingir você antes de duas horas. E eu estarei aqui… Juro, Aurélie, que estarei aqui, aconteça o que acontecer… para lhe dizer que está salva… ou para morrer com você.

Pouco a pouco, sem piedade, ele se livrou do abraço emocionado. Inclinou-se para a garota e lhe disse apaixonadamente:

— Tenha confiança, meu amor. Você sabe que nunca faltei às minhas tarefas com você. Assim que eu tiver conseguido, vou preveni-la por um sinal… dois assobios… duas detonações… Mas, mesmo que você sinta a água enregelar seu corpo, acredite cegamente em mim.

Ela caiu sem forças.

— Vá — disse ela —, pois é o que você quer.

— Não vai ficar com medo?

— Não, pois você não quer.

Ele se desembaraçou do casaco, do colete e dos sapatos, lançou um olhar ao mostrador luminoso do relógio, amarrou-o ao pescoço e pulou.

Lá fora, as trevas. Ele não tinha nenhuma arma, nenhuma indicação.

Eram oito horas…

---

[6] Na mitologia romana, Juventa (equivalente à deusa grega Hebe) era a deusa da Juventude. (N.T.)

[7] Referência ao Marquês de Carabás (com acento, nas traduções) do conto *O gato de botas*, do francês Charles Perrault. O marquês, dono de várias propriedades, é inventado pelo gato com a intenção de favorecer seu amo, um rapaz pobre, mas bom e honesto, que assume o papel e se dá bem. (N.T.)

Nas trevas

A primeira impressão de Raoul foi terrível. Uma noite sem estrelas, pesada, implacável, feita de bruma espessa, uma noite imóvel pesava sobre o lago invisível e sobre as falésias indistintas. Seus olhos não lhe serviam mais do que os olhos de um cego. Seus ouvidos só ouviam o silêncio. O rumor das cascatas não ressoava mais: o lago as tinha absorvido. E, naquele abismo insondável, era preciso ver, ouvir, orientar-se e atingir o objetivo.

As comportas? Nem por um segundo ele havia pensado nelas realmente. Seria loucura jogar o jogo mortal de procurá-las. Não, seu objetivo era encontrar os dois bandidos. Ora, estavam escondidos. Temendo sem dúvida efetuar um ataque direto a um adversário como ele, mantinham-se prudentemente na sombra, armados de espingardas e com todos os sentidos alertas. Onde os encontrar?

Na borda superior da praia, a água gelada lhe cobria o peito e lhe causava tal sofrimento que ele não considerava possível nadar até a eclusa. Aliás, como ele poderia manobrar essa eclusa sem conhecer o local do mecanismo?

Afastou-se da falésia, tateando, alcançou os degraus submersos e chegou ao caminho que se agarrava ao paredão.

A subida era extremamente perigosa. Ele interrompia a todo instante. Ao longe, através da bruma, uma fraca luz brilhava.

Onde? Impossível de precisar. Seria sobre o lago? No alto das falésias? Em todo caso, vinha de frente, quer dizer, das proximidades do desfiladeiro, isto é, do lugar mesmo de onde os bandidos tinham atirado e onde se devia supor que estivessem acampados. E isso não podia ser visto da gruta, o que demonstrava suas precauções e o que constituía uma prova

de sua presença.

Raoul hesitou. Será que devia seguir o caminho de terra, sujeitar-se a todos os desvios dos picos e vales, galgar as rochas, descer nas cavidades, onde perderia de vista a preciosa luz? E foi pensando em Aurélie, aprisionada no fundo do horrível sepulcro de granito, que ele tomou sua decisão. Rapidamente, precipitou-se no caminho percorrido e num ímpeto disparou a nado.

Pensou que iria sufocar. A tortura do frio lhe parecia intolerável. Apesar de o trajeto não comportar mais de duzentos ou duzentos e cinquenta metros, esteve a ponto de renunciar, tal aquilo lhe parecia acima das forças humanas. Mas o pensamento em Aurélie não o abandonava. Ele a via sob a abóbada impiedosa. A água prosseguia em seu trabalho feroz, que nada podia deter ou diminuir. Aurélie percebia o murmúrio diabólico e sentia seu bafejo glacial. Que infâmia!

Ele redobrava os esforços. A luz o guiava como um estrela benfazeja, e seus olhos a fitavam ardentemente, como se ele receasse que ela se apagasse subitamente sob o formidável assalto de todas as forças da escuridão. Em contrapartida, ela anunciava que Guillaume e Jodot estavam de tocaia, e será que, virada e baixada para o lago, não serviria para perscrutar com o olhar o caminho por onde o ataque poderia se realizar?

Ele se aproximou, experimentou um certo bem-estar, devido evidentemente à atividade de seus músculos. Avançou a largas e silenciosas braçadas. A estrela crescia, dobrava de tamanho no espelho do lago.

Ele se desviou, saindo do campo iluminado. Pelo que podia julgar, os bandidos tinham se estabelecido no alto de um promontório que avançava sobre a entrada do desfiladeiro. Chocou-se contra os recifes, e depois encontrou a margem, formada de pequenos seixos, onde saiu da água.

Acima de sua cabeça, mais além, para a esquerda, vozes murmuravam.

Que distância o separava de Jodot e Guillaume? Como se apresentava o obstáculo a ser transposto? Muralha a pique ou declive acessível? Nenhum indício. Era preciso tentar a escalada ao acaso.

Começou por friccionar vigorosamente as pernas e o torso com pequenos cascalhos com que encheu a mão. Depois torceu as roupas molhadas, que em seguida vestiu novamente, e, bem disposto, arriscou-se.

Não era uma muralha abrupta nem um declive acessível. Eram camadas de rochas superpostas como o embasamento de uma construção ciclópica.

Podia-se então subir, mas à custa de muitos esforços, audácia e uma perigosa ginástica! Podia-se galgar, mas os seixos aos quais os dedos tenazes se prendiam como garras saíam de seus alvéolos, e as plantas se desenraizavam, e lá em cima as vozes se tornavam cada vez mais distintas.

Em pleno dia, Raoul jamais teria tentado uma empreitada louca como aquela. Mas o tique-taque ininterrupto de seu relógio o impelia, como uma força irresistível; cada segundo que batia assim perto de seu ouvido era um pouco da vida de Aurélie que se dissipava. Precisava, portanto, vencer. Ele venceu. De repente não havia mais obstáculos. Um último andar de relva coroava o edifício. Um vaga claridade flutuava na escuridão, como uma nuvem branca.

Diante dele se abria uma depressão, um terreno em bacia, no centro da qual uma cabana meio destruída parecia a ponto de desabar. Em um tronco de árvore se apoiava um lanterna enfumaçada.

Na borda oposta, dois homens lhe viravam as costas, estendidos de bruços, inclinados para o lago, carregando nas mãos espingardas e revólveres. Perto deles, uma segunda fonte de luz, proveniente de uma lâmpada elétrica, aquela cuja claridade guiara Raoul.

Ele olhou o relógio e estremeceu. A expedição tinha durado cinquenta minutos, muito mais tempo do que ele imaginara.

"Tenho meia hora no máximo para deter a inundação", pensou. "Se dentro de meia hora eu não tiver arrancado de Jodot o segredo das comportas, nada mais me restará a não ser retornar para junto de Aurélie, como lhe prometi, e morrer com ela."

Arrastou-se na direção da cabana, escondido pela alta relva. Uns doze metros mais longe, Jodot e Guillaume conversavam em segurança absoluta, alto o bastante para que ele reconhecesse suas vozes, mas não para que ele entendesse uma só palavra. Que fazer?

Raoul tinha vindo sem um plano preciso e com a intenção de agir segundo as circunstâncias. Não tendo nenhuma arma, julgava perigoso travar uma luta, que, no final das contas, podia se virar contra ele. E, em contrapartida, perguntava-se se, em caso de vitória, a violência e as ameaças levariam um adversário como Jodot a falar, isto é, a se declarar vencedor e a entregar os segredos que ele tivera tanto trabalho para conseguir.

Continuou, portanto, a se arrastar, com infinitas precauções, e na esperança de que uma palavra surpreendida pudesse informá-lo. Avançou

dois metros, depois três. Nem ele mesmo percebia o esfregar de seus corpo no chão, e assim chegou a um ponto em que as frases já formavam um sentido mais claro.

Jodot dizia:

— Ei! Não se aborreça, que diabo! Quando descemos à eclusa, o nível tinha atingido a cota 5, que corresponde ao teto da gruta, e, já que eles não tinham como sair, o *negócio* deles já estava resolvido. Tão certo como dois e dois são quatro.

— Ainda assim — disse Guillaume —, você deveria se colocar perto da gruta e, de lá, espiar os dois.

— Por que não você, malandro?

— Eu, com meu braço ainda na tipoia! Já é muito eu poder atirar.

— Além disso, você tem medo daquele sujeito…

— Você também, Jodot.

— Não digo que não. Preferi os tiros de espingarda… e o expediente da inundação, já que pegamos os cadernos do velho Talençay.

— Ah, Jodot, não pronuncie esse nome…

A voz do Guillaume fraquejava. Jodot zombava:

— Galinha molhada, vá!

— Lembre-se, Jodot. Na minha volta do hospital, quando você veio nos encontrar, mamãe lhe respondeu: "Que seja. Você sabe onde aquele diabo de homem, o Limézy do inferno, foi enfiar Aurélie, e acha que, se nós o vigiarmos, chegaremos ao tesouro. Que seja. O meu filho que lhe dê uma ajuda. Mas nada de crime, não é? Nada de sangue…"

— E não houve nem uma gota — disse Jodot em tom de caçoada.

— Sim, sim, você sabe o que quero dizer, e o que aconteceu ao pobre homem. Quando existe morte, existe crime… a mesma coisa com Limézy e Aurélie; você afirma que não existe crime?

— Então, o quê, teríamos que abandonar toda esta história? Você acha que um tipo como Limézy vai lhe ceder o lugar assim, pelos seus belos olhos? Contudo, você conhece aquele danado. Ele quebrou seu braço… acabaria por quebrar sua cara. Era ele ou nós, tínhamos que escolher.

— Mas Aurélie?

— Os dois formam um par. Não havia meio de mexer com um sem mexer com o outro.

— A infeliz…

— E daí? Você quer o tesouro, não quer? Isso não se ganha fumando cachimbo, máquinas desse calibre.

— Contudo…

— Você não viu o testamento do marquês? Aurélie é herdeira de todo o domínio de Juvains… Então, o que você pode fazer? Casar com ela, talvez? Para casar, são necessários dois, meu rapaz, e tenho a ideia de que o sr. Guillaume…

— E então…

— Então, meu garoto, veja o que deve acontecer. Amanhã o lago de Juvains voltará a ser como antes, nem mais alto nem mais baixo. Depois de amanhã, não antes, visto que o marquês os proibiu, os pastores voltam. Vão encontrar o marquês, morto em uma queda do penhasco do desfiladeiro, sem que ninguém possa imaginar que uma mão lhe deu um pequeno empurrão para fazer o velho perder o equilíbrio. Então, sucessão aberta. Nada de testamento, pois está comigo. Nada de herdeiros, pois não existe família alguma. Em consequência, o Estado se apossa legalmente do domínio. Dentro de seis meses, a venda. Nós compramos.

— Com que dinheiro?

— Seis meses para arrumar são suficientes — diz Jodot, em tom sinistro. — Aliás, de que vale o domínio para quem não sabe de nada?

— E se começarem a investigar?

— Investigar quem?

— Nós.

— A propósito de quê?

— A propósito de Limézy e de Aurélie…?

— Limézy? Aurélie? Afogados, desaparecidos, não encontrados.

— Não encontrados! Vão encontrá-los na gruta.

— Não, porque nós passaremos amanhã de manhã lá e, com duas boas pedras amarradas nas pernas, vão para o fundo do lago. Nunca serão encontrados.

— E o carro de Limézy?

— Amanhã à tarde, vamos fugir com ele, de modo que ninguém saberá nem que eles vieram para estes lados. Vão pensar que a garota fugiu da casa de saúde com seu namorado e que eles viajaram não se sabe para onde. É esse meu plano. O que é que você acha?

— Excelente, meu velho canalha — disse uma voz perto deles. — Apenas um obstáculo.

Eles se voltaram, com um sobressalto de medo. Um homem estava lá, agachado à maneira árabe, um homem que repetiu:

— Um grande obstáculo. Porque, enfim, todo esse belo plano repousa em fatos consumados. Ora, o que será dele se o cavalheiro e a dama da gruta tomarem pó de sumiço?

As mãos dos dois tateavam em procura das espingardas, as Brownings. Nada.

— Armas…? Para fazer o quê? — disse a voz zombeteira. — Por acaso estão comigo? Uma calça molhada, uma camisa molhada, e pronto. Armas… entre caras valentes como nós!?

Jodot e Guillaume não se mexiam mais, atônitos. Para Jodot, era o homem de Nice que reaparecia. Para Guillaume, o homem de Toulouse. E, sobretudo, era um inimigo temível, do qual eles se julgavam livres, e seu cadáver…

— Sim, vejam só — disse ele, rindo, e afetando despreocupação —, sim, vejam só, vivos. A cota 5 não corresponde ao teto da gruta. E, aliás, se pensam que é com pequenos truques como esse que vão me vencer! Vivo, meu velho Jodot! E Aurélie também. Ela está bem a salvo, longe da gruta, e nem uma gota de água em cima dela. Portanto, podemos conversar. De resto, será breve. Cinco minutos, nem mais um segundo. Você quer?

Jodot continuava mudo, estúpido, assustado. Raoul olhou para o relógio e tranquilamente, displicentemente, como se seu coração não tivesse pulado em seu peito, oprimido por uma angústia indizível, continuou:

— Aí está. Seu plano não se sustenta. Uma vez que Aurélie não está morta, ela herda, e não vai haver venda. Se você matá-la e houver venda, estou aqui, e compro. Vai precisar me matar também. Não vai ser possível. Invulnerável. Portanto, você está encrencado. Só existe uma saída.

Fez uma pausa. Jodot se inclinou. Ele tinha uma saída?

— Sim, existe uma — declarou Raoul —, uma só: você se entender comigo. Quer?

Jodot não respondeu. Agachou-se a dois passos de Raoul e fixou nele dois olhos brilhantes de febre.

— Você não responde. Mas suas pupilas se animaram. Estou vendo-as brilhar como as pupilas de um animal feroz. Se estou propondo alguma

coisa a você, é porque preciso de você? De jeito nenhum. Nunca tenho necessidade de ninguém. Apenas, depois de quinze ou dezoito anos, você continuar perseguindo um alvo que está tão perto de atingir lhe dá certos direitos, direitos que você está resolvido a defender por todos os meios, inclusive o assassinato.

"Eu compro esses direitos, porque quero ficar tranquilo, e que Aurélie também fique. Um dia ou outro, você poderia encontrar um meio de nos pregar uma peça. Não quero. Quanto você quer?"

Jodot parecia sentir um alívio. Resmungou:

— Proponha.

— Escute — disse Raoul. — Como você sabe, não se trata de um tesouro do qual cada um possa tirar sua parte, mas de montar um negócio, uma exploração, com benefícios…

— Consideráveis — insinuou Jodot.

— Concordo com você. Sendo assim, minha oferta é proporcional. Cinco mil francos por mês.

— Para os dois?

— Cinco mil para você… Dois mil para Guillaume.

Este não pôde se impedir de dizer:

— Aceito.

— E você, Jodot?

— Talvez — respondeu o outro. — Mas seria preciso uma caução, um adiantamento.

— Um trimestre serve? Amanhã, às três horas, entrevista em Clermont-Ferrand, Place Jaude, e a entrega de um cheque.

— Sim, sim — disse Jodot, que desconfiava. — Mas nada me prova que amanhã o barão de Limézy não mande me prender.

— Não, porque eu seria preso na mesma hora.

— Você?

— Caramba! A captura seria melhor do que você imagina.

— Quem é você?

— Arsène Lupin.

Esse nome teve um efeito prodigioso sobre Jodot. Isso explicava a ruína de todos os seus planos e a ascendência que esse homem exercia sobre ele.

Raoul repetiu:

— Arsène Lupin, procurado por todas as polícias do mundo. Mais de quinhentos roubos qualificados, mais de cem condenações. Você pode ver que fomos feitos para nos entender. Tenho você na mão, mas você também me tem: o acordo está feito, tenho certeza. Eu podia ter quebrado sua cabeça. Mas não. Prefiro uma transação. E, depois, vou usar você por necessidade. Você tem lá seus defeitos, mas boas qualidades também. Por exemplo, a maneira como você me perseguiu até Clermont-Ferrand é de primeira linha, porque ainda não entendi. Portanto, você tem minha palavra, a palavra de Lupin… vale ouro. Está feito?

Jodot consultou Guillaume em voz baixa, e replicou:

— Sim, estamos de acordo. O que quer?

— Eu? Nada, meu velho — disse Raoul, sempre despreocupado. — Sou um cavalheiro que procura a paz e que paga o que for preciso para obtê-la. Nós nos tornamos sócios… essa é a verdadeira palavra. Se você deseja desde já investir na sociedade um capital qualquer, fique à vontade. Tem documentos?

— Importantes. As instruções do marquês, com relação ao lago.

— Evidentemente, pois conseguiu fechar a eclusa. São detalhadas essas instruções?

— Sim, cinco cadernos de letra fina.

— E estão aí?

— Sim. E tenho o testamento também… em favor de Aurélie.

— Então me dê.

— Amanhã, contra os cheques — declarou Jodot claramente.

— Entendido, amanhã, contra os cheques. Vamos nos dar as mãos. Será a assinatura do pacto. E nos separamos.

Um aperto de mãos foi trocado.

— Adeus — disse Raoul.

A entrevista estava terminada, e contudo a verdadeira batalha ia se travar em poucas palavras. Todas as palavras pronunciadas até aqui, todas as promessas, era tudo conversa fiada para despistar Jodot. O essencial era a localização das comportas. Jodot falaria? Jodot adivinharia a verdadeira situação, a razão dissimulada do passo dado por Raoul?

Jamais Raoul havia se sentido ansioso a tal ponto. Disse negligentemente:

— Gostaria muito de ver "a coisa" antes de partir. Você não poderia abrir as comportas de escoamento na minha frente?

— Jodot objetou:

— É que, segundo os cadernos do marquês, são necessárias sete ou oito horas para que as comportas operem até o fim.

— Pois bem, então abra-as imediatamente. Amanhã cedo, você daqui, Aurélie e eu de lá, veremos "a coisa", quer dizer, os tesouros. Ficam bem perto as comportas, não? Aqui embaixo de nós? Junto da eclusa?

— Sim.

— Existe um atalho direto?

— Sim.

— Você conhece o manejo?

— Fácil. Os cadernos indicam.

— Vamos descer — propôs Raoul —, eu ajudo você.

Jodot se levantou e pegou a lanterna elétrica. Não farejara a cilada. Guillaume o seguiu. De passagem, avistaram as espingardas que Raoul, a princípio, puxara para si e depois empurrara um pouco mais para longe. Jodot colocou uma delas a tiracolo. Guillaume, também.

Raoul, que tinha segurado a lanterna, caminhava nas pegadas dos dois bandidos.

"Desta vez", dizia-se ele com uma alegria que a expressão de seu rosto trairia, "desta vez conseguimos. Talvez ainda haja alguns problemas. Mas o grande combate está ganho."

Eles desceram. À beira do lago, Jodot se dirigiu até um dique de areia e de cascalho que bordeava o pé da falésia, contornava uma rocha que mascarava um fenda muito profunda, onde um barco estava amarrado. Então se ajoelhou, deslocou algumas pedras volumosas e deixou a descoberto uma fileira de quatro pegadores de ferro que finalizavam correntes enfiadas em manilhas de cerâmica.

— É ali, bem ao lado da manivela da eclusa — disse ele. — As correntes acionam as placas de ferro fundido colocadas no fundo.

Puxou um dos pegadores. Raoul fez outro tanto, e teve a impressão imediata de que a ordem era transmitida à outra extremidade da corrente, e que a placa avançava. As duas outras experiências foram igualmente bem-sucedidas. Formou-se no lago, a alguma distância, uma série de pequenas borbulhas.

O relógio de Raoul marcava nove horas e vinte e cinco. Aurélie estava salva.

— Empreste o seu fuzil — pediu Raoul. — Ou melhor, não. Atire você mesmo… dois tiros.

— Para quê?

— É um sinal.

— Um sinal?

— Sim. Deixei Aurélie na gruta, que está quase cheia de água, e você deve imaginar o medo dela. Por isso, ao nos separarmos, prometi avisá-la, por um meio qualquer, logo que ela não precisasse recear mais nada.

Jodot estava estupefato. A audácia de Raoul e aquela confissão do perigo que Aurélie ainda corria o deixavam confuso e, ao mesmo tempo, aumentavam a seus olhos o prestígio de seu antigo adversário. Nem por um segundo pensou em se aproveitar da situação. Os dois tiros ribombaram por entre as rochas das falésias. E, imediatamente, Jodot acrescentou:

— Escute, você é um chefe. Nós só temos que obedecer e sem discutir. Aqui estão os cadernos e o testamento do marquês.

— Uma vantagem! — exclamou Raoul, que enfiou no bolso os documentos. — Faço qualquer coisa por você. Não um homem honesto, isso jamais, mas um tratante aceitável. Não vai precisar deste barco?

— Realmente, não.

— Vai me servir para buscar Aurélie. Ah, ainda um conselho: não se mostrem demais nas redondezas. Se eu fosse vocês, chegaria esta noite a Clermont-Ferrand. Até amanhã, camaradas.

Entrou no barco e fez a eles ainda algumas recomendações. Em seguida, Jodot soltou a amarra, e Raoul partiu.

"Bravos sujeitos!", disse consigo, enquanto remava vigorosamente. "Desde que a gente se dirija ao coração deles, à sua generosidade natural, eles vão fundo. Com certeza, camaradas, vocês terão os dois cheques. Não garanto que ainda haja saldo na minha conta Limézy. Mas vocês os terão de qualquer jeito, e assinados lealmente, como jurei."

Duzentos e cinquenta metros com bons remos, e após uma expedição também fecunda em resultados, não foi uma tarefa difícil para Raoul. Alcançou a gruta em poucos minutos e penetrou lá diretamente, de proa, e a lanterna na proa.

— Vitória! — exclamou ele. — Você ouviu meu sinal, Aurélie? Vitória!

Uma alegre claridade encheu o reduto exíguo onde eles tinham escapado de encontrar a morte. A rede atravessava de uma parede à outra. Aurélie dormia ali tranquilamente. Confiante na promessa de seu amigo, convencida de que nada era impossível, escapando das angústias do perigo e dos terrores daquela morte tão desejada, ela tinha sucumbido ao cansaço. Talvez também tivesse percebido o ruído das detonações. Em todo caso, nenhum ruído a acordara…

Quando abriu os olhos, no dia seguinte, ela viu coisas surpreendentes na gruta, onde a luz do dia se misturava à claridade de uma lanterna. A água tinha escoado. No interior de um barco apoiado contra a parede, Raoul vestido com uma capa de pastor e uma calça de algodão que devia ter encontrado na tábua, entre as roupas do velho marquês, dormia tão profundamente quanto ela o fizera.

Durante longos minutos, ela o contemplou, com um olhar afetuoso e que continha uma curiosidade desenfreada. Quem era aquele ser extraordinário, cuja vontade se opunha aos ditames do destino e cujos atos tomavam sempre um sentido e uma aparência de milagres? Ela ouvira, sem nenhuma perturbação — aliás, que lhe importava? — a acusação de Marescal e o nome de Arsène Lupin lançado pelo comissário. Devia ela acreditar que Raoul não era outro senão Arsène Lupin?

"Quem é você, a quem eu amo mais do que minha própria vida?", pensava Aurélie. "Quem é você, que me salva incessantemente, como se fosse sua única missão? Quem é você?"

— O pássaro azul.

Raoul acordou, e a interrogação muda de Aurélie era tão clara que ele respondeu sem hesitação.

— O pássaro azul, encarregado de proporcionar felicidade às meninas sensatas e confiantes, de defendê-las dos ogros e das fadas malvadas e de conduzi-las ao seu reino.

— Então eu tenho um reino, meu bem-amado Raoul?

— Sim. Com a idade de seis anos, você passeou por ali. Hoje ele lhe pertence, de acordo com a vontade do velho marquês.

— Ah, depressa, Raoul, depressa, quero vê-lo… ou melhor, revê-lo.

— Vamos comer primeiro — disse ele. — Estou morrendo de fome. De resto, a visita não será longa, e não é necessário que seja. O que esteve oculto por séculos não deve aparecer definitivamente à luz do dia senão

quando você for dona de seu reino.

Segundo seu hábito, ela evitou todas as perguntas sobre a maneira como ele agira. O que acontecera com Jodot e Guillaume? Ele tinha notícias do marquês de Talençay? Preferiu não saber nada e se deixar guiar.

Um instante mais tarde, eles saíram juntos, e Aurélie, de novo perturbada pela emoção, apoiou a cabeça no ombro de Raoul, murmurando:

— Ah, Raoul! Foi isso mesmo… Foi isso mesmo que eu vi da outra vez, no segundo dia… com minha mãe…

A Fonte de Juventa

Que estranho espetáculo! Abaixo deles, de uma arena profunda de onde as águas não haviam se retirado, sobre todo o espaço bem alongado e delimitado pela coroa de rochas, estendiam-se as ruínas de monumentos e templos ainda de pé, mas de colunas truncadas, degraus desconjuntados, peristilos esparsos, sem teto, nem frontões, nem cornijas, uma floresta decapitada pelos raios, mas onde as árvores mortas conservavam ainda toda a dignidade e beleza de uma vida ardente. Bem lá no fundo avançava a Via Romana, via triunfal, bordada de estátuas quebradas, enquadrada por templos simétricos, que passava entre os pilares de arcos demolidos e que subia até a margem, até a gruta em que se praticavam os sacrifícios.

Tudo aquilo úmido, reluzente, vestido aqui e ali por um manto de lodo, ou então pesado de petrificações e estalactites, com pedaços de mármore ou de ouro que cintilavam ao sol. À direita e à esquerda, duas longas fitas de prata serpenteavam. Eram as cascatas que tinham reencontrado suas águas antes canalizadas.

— O Fórum… — declarou Raoul, que estava um pouco pálido e com a voz cheia de emoção. — O Fórum… Mais ou menos as mesmas dimensões e a mesma disposição. Os documentos do velho marquês continham um mapa e explicações que estudei certa noite. A cidade de Juvains se situava abaixo do grande lago. Abaixo deste, as termas e os templos consagrados aos deuses da Saúde e da Força, distribuídos todos em volta do Templo da Juventude, do qual você pode ver a colunata circular.

Segurou Aurélie pela cintura, e desceram a Via Sagrada. As grandes lajes eram escorregadias sob seus pés. Algas e plantas aquáticas se

alternavam com espaços de seixos pequenos, onde às vezes se viam moedas. Raoul apanhou duas: traziam as efígies do imperador Constantino.

Mas chegaram diante do pequeno edifício dedicado à Juventude. O que dele ainda restava era delicioso e suficiente para que a imaginação pudesse reconstituir uma rotunda harmoniosa, elevada acima de alguns degraus, onde se erguia uma concha sustentada por quatro crianças robustas e bochechudas, que eram dominadas pela estátua da Juventude. Viam-se apenas duas, admiráveis de formas e de graça, que molhavam os pés na concha onde antigamente as quatro crianças lançavam jatos de água.

Grossos canos de chumbo, antigamente sem dúvida dissimulados e que pareciam vir de um lugar da falésia onde devia se ocultar a fonte, emergiam do chafariz. Na extremidade de um deles, uma torneira tinha sido soldada recentemente. Raoul a abriu. Jorrou um jato tépido, com um pouco de vapor.

— A Água de Juventa — disse Raoul. — É essa água que a garrafa apanhada na cabeceira de seu avô continha e que tinha a fórmula na etiqueta.

Durante duas horas, eles perambularam pela fabulosa cidade. Aurélie relembrava sensações antigas, extintas no fundo de seu ser e reanimadas de súbito. Já tinha visto aquele grupo de urnas funerárias e aquela deusa mutilada, aquela rua de calçamento desigual e aquela arcada toda trêmula de plantas emaranhadas, e tantas coisas, tantas coisas, que a faziam tremer de uma alegria melancólica.

— Meu bem-amado — dizia ela —, meu bem-amado, é a você que devo toda esta felicidade. Sem você, eu não teria experimentado senão desânimo. Mas, perto de você, tudo é belo e delicioso. Amo você.

Às dez horas, os sinos de Clermont-Ferrand cantaram a missa solene. Aurélie e Raoul tinham chegado à entrada do desfiladeiro. As duas cascatas ali penetravam, correndo à direita e à esquerda da Via Triunfal, e despencavam nas quatro comportas escancaradas.

A prodigiosa visita terminava. Como repetia Raoul, o que havia sido ocultado durante séculos não devia ainda aparecer à luz do dia. Ninguém devia contemplar aquilo antes da hora em que a jovem fosse sua dona reconhecida.

Ele fechou, então, as comportas de escoamento e virou lentamente a manivela da eclusa para abrir as portas de maneira progressiva. Em seguida,

a água se acumulou no espaço restrito, fazendo o grande lago se derramar por um vasto lençol, e as duas cascatas jorraram fora de seus leitos de pedra. Então eles voltaram ao caminho que Raoul havia descido na véspera, à noite, com os dois bandidos, e pararam um pouco e avistaram a rápida onda que subia do pequeno lago, circundava a base dos templos e corria em direção à fonte mágica.

— Sim, mágica — disse ele —, era a palavra empregada pelo velho marquês. Além dos elementos das águas de Royat, ela contém, segundo ele, princípios de energia e de potência que fazem dela uma verdadeira fonte da juventude, princípios provenientes da radioatividade estupefaciente que dela emana e que são avaliados pela quantidade de *milicuries*, absolutamente incrível, segundo a expressão técnica. Os romanos ricos dos séculos III e IV vinham se restaurar nesta fonte, e foi o último procônsul da província da Gália que, após a morte do imperador Teodósio e da queda do Império, quis ocultar dos invasores bárbaros e proteger de seus empreendimentos as maravilhas de Juvains. Entre muitas outras, uma inscrição secreta de fato atesta: "Pela vontade de Fábio Aralla, procônsul, e para se prevenir dos citas e borussos, as águas do lago cobriram os deuses que eu amava e os templos onde eu os venerava".

"E, por cima de tudo isso, quinze séculos! Quinze séculos durante os quais as obras-primas de pedra e de mármore se esfarelaram… Quinze séculos que poderiam ter sido seguidos por outros, em que a morte de um passado glorioso se concluiria, se seu avô, ao passear pelo domínio abandonado de seu amigo Talençay, não tivesse descoberto, por acaso, o mecanismo da eclusa. Logo os dois amigos procuram, tateiam, observam, se empenham. Fazem reparos, colocam novamente em ação as velhas portas de madeira maciça que, antigamente, mantinham o nível do pequeno lago e submergiam as partes mais altas das construções.

"Aí está toda a história, Aurélie, e tudo o que você visitou com a idade de seis anos. Após a morte de seu avô, o marquês não abandonou mais seu domínio de Juvains e se dedicou de corpo e alma à ressurreição da cidade invisível. Com a ajuda de seus dois pastores, perfurou, escavou, limpou, consolidou, reconstituiu o esforço do passado, e é esse o presente que ele lhe oferece. Presente maravilhoso, que não vai lhe trazer apenas a riqueza incalculável de uma fonte a ser explorada, mais valiosa que todas as de Royat e Vichy, mas que nos dá um conjunto de monumentos como não

existe mais."

Raoul se entusiasmava. Ali ainda se passou mais de uma hora durante a qual ele externou toda a exaltação que lhe causava a bela aventura da cidade submersa. De mãos dadas, eles olharam a água que subia, as colunas e as estátuas que submergiam pouco a pouco.

Aurélie, no entanto, guardava silêncio. Por fim, surpreso ao sentir que ela não estava mais em comunhão de pensamento com ele, perguntou-lhe a razão. Ela não respondeu logo; depois, passado um instante, murmurou:

— Você ainda não sabe o que aconteceu com o marquês de Talençay?

— Não — disse Raoul, que não queria entristecer a garota —, mas estou persuadido de que ele voltou para sua casa na aldeia, talvez doente… a menos que tenha se esquecido do encontro.

Má desculpa. Aurélie não pareceu se contentar com ela. Ele adivinhou que, após as emoções experimentadas e livre de tantas angústias, ela refletia sobre tudo o que permanecera na sombra e que a inquietava por não compreender.

— Vamos embora — disse ela.

Eles subiram até a cabana desabada que indicava o acampamento noturno dos dois bandidos. Dali, Raoul queria chegar à alta muralha e à saída pela qual os pastores tinham deixado o domínio.

Mas, quando contornavam a rocha vizinha, ela mostrou a Raoul um pacote bem volumoso, um saco de tecido colocado sobre a borda da falésia.

— Parece que está se mexendo — disse ela.

Raoul lançou um olhar, pediu a Aurélie que o esperasse e correu. Uma ideia súbita o assaltava.

Atingindo a borda, agarrou o saco e enfiou a mão em seu interior. Alguns segundos depois, tirou dali uma cabeça e em seguida um corpo de criança. Imediatamente reconheceu o menino cúmplice de Jodot, aquele que o bandido levava com ele no saco com um furão, e enviava à caça nas adegas e através da grades e cercas.

A criança estava meio adormecida. Raoul, furioso, decifrando subitamente o enigma que o havia intrigado, sacudiu-o:

— Malandro! Foi você que nos seguiu desde a Rue de Courcelles? Hein, foi você? Jodot conseguiu esconder você no porta-malas de meu carro e você viajou assim até Clermont-Ferrand, de onde lhe enviou um cartão pelo correio, hein? Confesse… senão lhe darei uns tabefes.

O menino não compreendia muito bem o que estava acontecendo, e seu rosto pálido de moleque maldoso adquiria uma expressão estarrecida. Resmungou:

— Sim, foi Tonton que quis…

— Tonton?

— Sim, meu tio Jodot.

— E onde é que seu tio está neste momento?

— Esta última noite partimos os três, e depois voltamos.

— E então?

— Então, nesta manhã, eles desceram para lá, embaixo, depois que a água tinha ido embora, e procuraram por toda parte, e apanharam umas coisas.

— Antes de mim?

— Sim, antes do senhor e da mocinha. Quando vocês saíram da gruta, eles se esconderam atrás de um muro lá embaixo, lá longe, no fundo da água que tinha saído. Mas eu vi tudo daqui, onde Tonton me disse para esperar.

— E agora, onde estão os dois?

— Não sei. Fazia calor e peguei no sono. Acordei por um momento e eles brigavam.

— Brigavam…?

— Sim, por causa de uma coisa que tinham encontrado, uma coisa que brilhava como ouro. Vi que eles caíram… Tonton deu uma facada… e depois… depois não sei mais… dormi, talvez… vi como se o muro desmoronasse e esmagasse os dois.

— O quê? O quê? O que você está dizendo? — balbuciou Raoul, espantado. — Responda… onde aconteceu isso? Em que momento?

— Quando os sinos tocaram… lá no fundo… bem no fundo… olhe, ali.

O menino se inclinou sobre o vazio e pareceu estupefato.

— Oh! — disse ele. — A água voltou…!

Refletiu um pouco, e depois começou a chorar, a gritar, gemendo.

— Então… então… a água voltou… Eles não puderam ir embora, e estão lá, no fundo… e então, Tonton…

Raoul tapou a boca do menino.

— Cale a boca…

Aurélie estava diante deles, com o rosto contraído. Ela ouvira. Jodot e Guillaume feridos, desmaiados, incapazes de se mover ou de chamar alguém, tinham sido cobertos pela água, sufocados, engolidos. As pedras de um muro que desabara sobre eles retinham seus cadáveres.

— É horrível — balbuciou Aurélie. — Que suplício para esses homens!

Enquanto isso, os soluços do menino redobravam. Raoul lhe deu dinheiro e um cartão.

— Tome, olhe aqui cem francos. Você vai tomar o trem para Paris e vai se apresentar nesse endereço. Aí vão cuidar de você.

O retorno foi silencioso e, na vizinhança da casa de repouso para onde voltava a jovem, o adeus foi sério. O destino mortificava os dois apaixonados.

— Ficaremos separados por alguns dias — disse Aurélie. — Vou escrever para você.

Raoul protestou:

— Separados? Aqueles que se amam não se separam.

— Aqueles que se amam nunca devem recear a separação. A vida sempre os reúne de novo.

Ele cedeu, não sem tristeza, pois sentia que ela ficava desamparada. Na verdade, uma semana depois, ele recebeu esta curta carta:

Meu amigo,

Estou transtornada. Por acaso eu soube da morte de meu padrasto Brégeac. Suicídio, não foi? Sei também que encontraram o marquês de Talençay no fundo de uma ribanceira onde ele caiu, dizem, por acidente. Crime, não é? Assassinato…? E depois a morte horrível de Jodot e de Guillaume… São tantas mortes! A srta. Bakefield… e os dois irmãos… e, antes, meu avô d'Asteux…

Vou embora, Raoul. Não procure saber onde estarei. Eu mesma ainda não sei. Tenho necessidade de refletir, de examinar minha vida. De tomar decisões.

Eu o amo, meu amigo. Espere-me e me perdoe.

Raoul não esperou. O alvoroço dessa carta, o que ele adivinhava de sofrimento e desgosto em Aurélie, seu próprio sofrimento e sua inquietude, tudo o levava à ação e o incitava a fazer investigações.

Elas não deram resultado. Ele pensou que a jovem tivesse se refugiado no Convento de Sainte-Marie, mas não a encontrou lá. Perguntou por todos os lados. Mobilizou todos os seus amigos. Esforços inúteis. Desesperado, temendo que algum novo adversário atormentasse a garota, passou dois meses verdadeiramente dolorosos. Depois, um dia recebeu um telegrama. Ela lhe pedia que fosse a Bruxelas no dia seguinte, e marcava um encontro no Bois de la Cambre.

A alegria de Raoul foi enorme quando a viu chegar, sorridente, resoluta, com um ar de ternura infinita e um rosto livre de todas as más recordações.

Ela lhe estendeu a mão.

— Você me perdoa, Raoul?

Caminharam um momento assim, tão juntos um do outro como se não se tivessem deixado. Depois, ela explicou:

— Você já tinha me dito, Raoul, existem em mim dois destinos contrários, que se chocam e me fazem mal. Um é o destino da felicidade e da alegria, que corresponde à minha verdadeira natureza. Outro é um destino de violência, de morte, de luto e de catástrofes, um conjunto total de forças inimigas que me perseguem desde a minha infância e procura me arrastar para um abismo onde eu teria caído se, por dez vezes, você não me tivesse salvado.

"Ora, depois de dois dias de Juvains, e apesar de nosso amor, Raoul, eu estava tão cansada que a vida me horrorizava. Toda essa história que você considerava maravilhosa e fantástica adquiria para mim um aspecto de trevas e de inferno. E não era justo, Raoul?

"Pense em tudo aquilo que sofri! Pense em tudo que vi! 'Aí está seu reino', você dizia. Não quero, Raoul. Entre o passado mim e o passado, não quero que exista um único elo. Se vivi várias semanas no isolamento, é porque sentia confusamente que devia escapar dos laços de uma aventura da qual sou a única sobrevivente. Depois de anos, depois de séculos, ela termina em mim, e sou eu que tenho a tarefa de expor à luz do dia o que está nas sombras e aproveitar tudo quanto ela contém de magnífico e de extraordinário. Recuso. Se sou herdeira das riquezas e dos esplendores,

também sou herdeira dos crimes e das perversidades cujo peso não poderia suportar."

— De modo que o testamento do marquês…? — perguntou Raoul, que tirou do bolso um papel e lhe ofereceu.

Aurélie apanhou a folha e a rasgou em pedaços, que voaram com o vento.

— Repito, Raoul, tudo isso está acabado. A aventura não será reiniciada por mim; teria muito receio de que ela suscitasse ainda outros crimes e outras maldades. Não sou uma heroína.

— Então o que você é?

— Uma apaixonada, Raoul… uma apaixonada que quer refazer a vida… e que a refaz por amor e nada mais que o amor.

— Ah, garota de olhos verdes! — disse ele. — É muito sério se envolver dessa maneira!

— Sério para mim, mas não para você. Fique certo de que, se eu lhe ofereço minha vida, não quero da sua mais do que o que você pode me dar. Vai conservar em volta de si esse mistério que lhe agrada. Jamais precisará defendê-lo de mim. Eu o aceito tal como você é, e você é o que encontrei de mais nobre e mais sedutor. Só lhe peço uma coisa: que me ame por tanto tempo quanto puder.

— Sempre, Aurélie.

— Não, Raoul, você não é homem de amar para sempre, nem mesmo, ai de mim!, por muito tempo. Por menos que dure, nunca conheci tal felicidade, e não tenho o direito de me queixar. E não me queixarei. Até a noite. Compareço ao Théâtre Royal. Está sendo representada *La bohème*, com uma jovem cantora recentemente contratada, Lucie Gautier.

Lucie Gautier era Aurélie.

Raoul compreendeu. A vida independente de uma artista permite se libertar de certas convenções. Aurélie estava livre.

A representação terminou — e com tantos aplausos! —, e ele foi até o camarim da triunfante cantora. A linda cabeça loira se inclinou para ele. Seus lábios se uniram.

Assim acabou a estranha e pavorosa aventura de Juvains, que, durante quinze anos, foi causa de tantos crimes e desesperos. Raoul tentou tirar do mau caminho o pequeno cúmplice de Jodot. Colocou-o na casa da viúva Ancivel. Mas a mãe de Guillaume, a quem ele havia revelado a morte do

filho, começou a beber. O menino, já corrompido demais, não conseguiu reagir. Foram obrigados a interná-lo em uma casa de saúde. Dali ele fugiu, encontrou-se de novo com a viúva, e os dois partiram para a América.

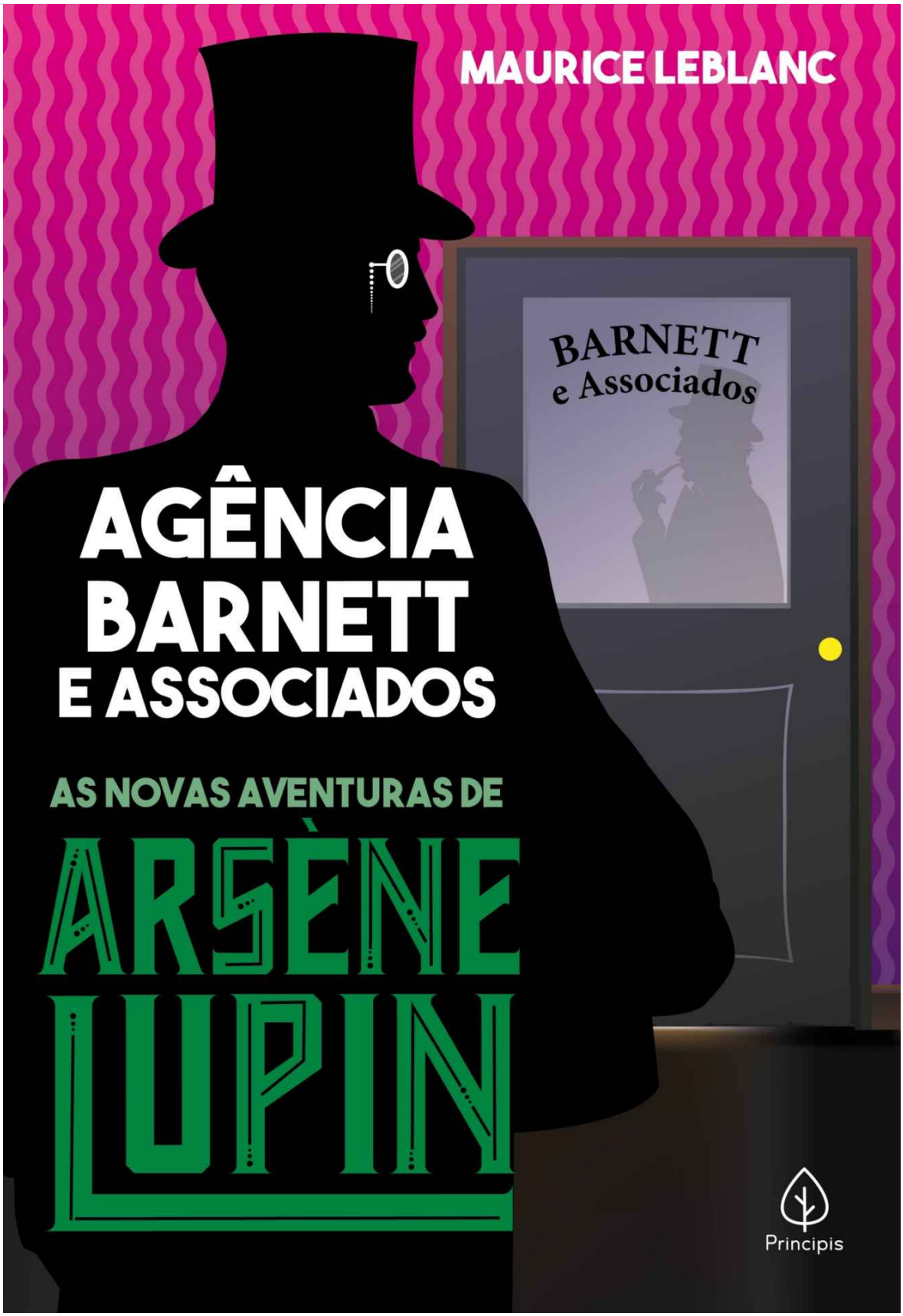
Quanto a Marescal, mais ajuizado, mas obcecado com as conquistas femininas, subiu de posto. Um dia, pediu uma audiência ao sr. Lenormand, famoso chefe da Segurança. Terminada a conversa, o sr. Lenormand se aproximou de seu subalterno e lhe disse, com um cigarros entre os lábios: "Tem fogo, por favor?", em um tom que fez Marescal tremer. Imediatamente ele reconheceu Lupin.

Reconheceu-o ainda sob outras máscaras, sempre brincalhão e com um olho piscando. E a cada vez recebia à queima-roupa a pequena frase terrível, áspera, cortante, inesperada, e tão divertida por causa do efeito nele produzido.

— Tem fogo, por favor?

E Raoul comprou o domínio de Juvains. Mas, por deferência à senhorita de olhos verdes, não quis divulgar o prodigioso segredo. O lago de Juvains e a Fonte de Juventa se contam entre aquelas inúmeras maravilhas acumuladas e os tesouros fabulosos que a França herdará de Arsène Lupin…

MAURICE LEBLANC



AGÊNCIA BARNETT E ASSOCIADOS

AS NOVAS AVENTURAS DE

ARSÈNE LUPIN

Principis

MAURICE LEBLANC
BARNETT
e Associados
AGÊNCIA
BARNETT
E ASSOCIADOS
AS NOVAS AVENTURAS DE
ARSÈNE
LUPIN
Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Agence Barnett et Cie
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Revisão
Claudia Deliberai Andreoli
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
vladiwelt/shutterstock.com;
DGIM studio/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Agência Barnett e associados [recurso eletrônico] : as novas aventuras de Arsène Lupin / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira : Principis, 2021.

160 p. ; ePUB ; 1,2 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: L'Agence Barnett et Cie
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-504-5 (Ebook)

1. Literatura francesa. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-1588 CDD 840
CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

A César o que é de César...

Eis a história de alguns dos casos que, nos anos anteriores à guerra, despertavam a opinião pública, tanto mais porque só eram conhecidos por fragmentos e relatos contraditórios. Quem era esse curioso personagem chamado Jim Barnett, que sempre estava envolvido da forma mais divertida nas aventuras mais fantasiosas? O que se passava naquela misteriosa agência privada, Barnett e Associados, que parecia atrair clientes apenas para roubá-los com mais segurança?

Agora que as circunstâncias permitem que o problema seja exposto em pormenores e esclarecido com total certeza, apressemo-nos em dar a César o que é de César, e a atribuir os erros de Jim Barnett àquele que os cometeu, ou seja, ao incorrigível Arsène Lupin. E como ele se portou mal…

Gotas que caem

Na recepção do vasto hotel de propriedade da baronesa Assermann, no Faubourg Saint-Germain, soou uma sineta. A camareira chegou quase de imediato, trazendo um envelope.

— Já chegou o cavalheiro que a madame aguardava às quatro horas.

A sra. Assermann abriu o envelope e leu estas palavras impressas em um cartão:

Barnett e Associados
Atendimento gratuito

— Levem este cavalheiro aos seus aposentos.

Valérie — a bela Valérie, como ela era chamada há mais de trinta anos, infelizmente! — era uma pessoa intensa, madura, que andava ricamente vestida, cuidadosamente elaborada, e tinha conservado consigo grandes pretensões. O seu rosto expressava orgulho, por vezes dureza, com frequência uma certa candura que não era sem encanto. Era a esposa do banqueiro Assermann, e orgulhava-se do seu luxo, das suas relações, do seu hotel, e em geral de tudo o que lhe dizia respeito. A crônica social a censurava por certos assuntos um tanto escandalosos. Especulava-se que o seu marido tinha pedido o divórcio.

Ela visitou primeiro os aposentos do barão Assermann, um homem idoso de saúde precária, que estava confinado à cama devido a ataques cardíacos, havia semanas. Ela perguntou pelas novidades, ajeitando as almofadas nas suas costas de forma distraída. Ele murmurou:

— Não tocaram a campainha?

— Sim — disse ela. — É o detetive que foi recomendado para o nosso caso. Alguém bastante notável, ao que parece.

— Ótimo — disse o banqueiro. — Essa história está me incomodando, e por mais que eu tente entendê-la, não consigo.

Valérie, que também parecia preocupada, deixou-o e foi para os seus aposentos. Deparou-se com um indivíduo bizarro, de porte atlético, ombros quadrados, sólido na aparência, mas vestido com um casaco preto, meio esverdeado, cujo tecido brilhava como a seda de um guarda-chuva. A figura, enérgica e ricamente esculpida, era jovem, mas danificada por uma pele rugosa, vermelha, que parecia mais um tijolo. Os olhos frios e sem brilho, por trás de um monóculo que ele usava indistintamente no olho direito ou no esquerdo, foram animados por uma alegria juvenil.

— Sr. Barnett? — disse ela.

Ele se inclinou sobre ela, e antes que ela pudesse retirar a mão, beijou-a com um gesto arredondado seguido de um estalido imperceptível da língua, como se apreciasse o sabor perfumado daquela mão.

— Jim Barnett, ao seu serviço, baronesa. Recebi a sua carta, e mal tive tempo de escovar o meu casaco…

Contrariada, ela teve ímpetos de expulsar o intruso. Mas ele demonstrava uma tal casualidade, como um grande senhor que conhece o código de cortesia mundana, que ela só conseguiu pronunciar:

— Disseram-me que estão habituados a resolver assuntos complicados…

Ele sorriu com um ar de vanglória:

— É um dom que eu possuo, o dom de ver com clareza e compreensão.

A sua voz era suave, o tom imperioso, e toda a sua atitude era de ironia silenciosa e leve irreverência. Parecia tão seguro de si e dos seus talentos que não se podia escapar à sua própria convicção, e a própria Valérie sentia que já estava sob a influência desse estranho, um vulgar detetive, chefe de uma agência privada. Desesperada para retomar as rédeas da situação, ela insinuou:

— Talvez fosse melhor se estabelecêssemos primeiro entre nós… as condições…

— Totalmente inútil — disse Barnett.

— Mas — ela sorriu por sua vez — o senhor não trabalha pela glória?

— A agência Barnett é totalmente gratuita, senhora baronesa.

Ela parecia perturbada.

— Eu prefiro que o nosso acordo inclua pelo menos algum honorário, alguma recompensa.

— Um cafezinho? — riu ele.

Ela insistiu:

— Não posso, de forma alguma…

— Ter obrigações comigo? Uma mulher bonita nunca é obrigada por ninguém.

E, de imediato, sem dúvida para amenizar a brincadeira rude, ele acrescentou:

— Não tenha medo, baronesa. Quaisquer que sejam os serviços que lhe prestarei, farei com que fiquemos totalmente quites.

O que significaram estas palavras obscuras? O indivíduo tencionava pagar a si próprio? E de que natureza seria o pagamento?

Valérie teve um arrepio de vergonha e corou. Realmente, o sr. Barnett despertava nela uma ansiedade confusa, não muito diferente dos sentimentos que se têm em relação a um ladrão. Ela também pensava… meu Deus, sim… ela pensava, que poderia estar lidando com um galanteador, que tinha escolhido esta forma invulgar de entrar em sua casa. Mas como ela poderia saber? E, em todo o caso, como reagir? Estava intimidada e dominada, ao mesmo tempo confiante e bastante disposta a submeter-se, fosse o que fosse. E assim, quando o detetive a interrogou sobre a razão pela qual ela tinha procurado a agência Barnett, ela falou claramente e sem preâmbulos, pois ele exigia que ela falasse. A explicação não foi longa: o sr. Barnett parecia ter pressa.

— No penúltimo domingo — disse ela — eu tinha reunido alguns amigos para jogar bridge. Fui para a cama bastante cedo e adormeci como de costume. O barulho que me despertou por volta das quatro horas, exatamente quatro e dez da manhã, foi seguido pelo que pareceu o som de uma porta se fechando. Veio do corredor.

— Ou seja, deste corredor? — interrompeu o sr. Barnett.

— Sim, este corredor leva ao meu quarto — o sr. Barnett curvou-se respeitosamente em direção ao quarto —, e a outra extremidade do corredor conduz às escadas traseiras. Não tive medo. Depois de um momento de pausa, eu me levantei.

Nova saudação do sr. Barnett perante a visão da baronesa se levantando da cama.

— Então — disse ele — a senhora se levantou?

— Levantei-me, entrei e acendi a luz. Não havia ninguém, mas aquela pequena vitrine estava caída, com todos os objetos, bibelôs e estatuetas que se encontravam nela, e algumas estavam quebradas. Fui até os aposentos do meu marido, que estava lendo na cama. Ele não tinha ouvido nada. Muito preocupado, ele telefonou ao *maître* do hotel, que imediatamente iniciou as investigações, que foram assumidas pela manhã pelo comissário de polícia.

— E qual foi o resultado? — perguntou o sr. Barnett.

— Aqui está. Sobre a entrada e saída do indivíduo, não há pistas. Como é que ele entrou? Como ele saiu? Um mistério. Mas encontramos, debaixo de um pufe, entre os escombros das bugigangas, um coto de vela e uma chave de fenda, muito suja. Bem, sabíamos que na tarde anterior, um encanador tinha reparado as torneiras do lavatório do meu marido, no seu banheiro. O patrão foi interrogado e reconheceu a ferramenta e a outra metade da vela foi encontrada na casa dele.

— Portanto, — interrompeu Jim Barnett — temos então uma certeza?

— Sim, mas ela se contradiz por outra certeza, igualmente indiscutível e realmente desconcertante. A investigação provou que o trabalhador tinha tomado o expresso de Bruxelas às seis horas da tarde, e que tinha chegado lá à meia-noite, ou seja, três horas antes do incidente.

— Caramba! E ele voltou para trabalhar?

— Não. Perdemos o seu rastro em Antuérpia, onde ele estava gastando dinheiro como louco.

— E é só isso?

— Absolutamente tudo.

— Quem está acompanhado este caso?

— O inspetor Béchoux.

O sr. Barnett mostrou extrema alegria.

— Béchoux? Ah! Grande Béchoux! Um grande amigo meu, baronesa. Já trabalhamos juntos muitas vezes.

— Foi ele, de fato, que me falou sobre a agência Barnett.

— Provavelmente porque não estava mais conseguindo avançar, certo?

— Exato.

— Grande Béchoux! Como vou ficar feliz por lhe fazer um favor… Bem como para a senhora, madame baronesa, acredite… Especialmente a

senhora!

O sr. Barnett foi até a janela, onde se inclinou para a frente e ficou a pensar por alguns momentos. Tamborilou os dedos na janela e assobiou uma pequena melodia de dança. Finalmente voltou à sra. Assermann e disse:

— A opinião de Béchoux e a sua, senhora, é de que houve uma tentativa de roubo, não é verdade?

— Sim, tentativa infrutífera, uma vez que nada foi levado.

— Sejamos francos. De qualquer maneira, esta tentativa tinha um objetivo preciso, e é de suma importância saber qual era. O que seria?

— Não sei — respondeu Valérie, após uma ligeira hesitação.

O detetive sorriu.

— A senhora me permite, baronesa, que eu encolha os meus ombros respeitosamente?

E, sem esperar pela resposta, estendeu um dedo irônico em direção a um dos painéis de tecido que emolduravam o aposento, acima do pilar, e perguntou como se pergunta a uma criança que esconde um objeto:

— O que há debaixo desse pano?

— Nada! — disse ela espantada. — O que isso significa?

O sr. Barnett disse num tom sério:

— Significa que a inspeção mais rápida mostrará que as bordas deste retângulo de tecido estão um pouco gastas, baronesa, e parecem, em alguns lugares, estar separadas da carpintaria por uma fenda e tudo indica que há um cofre escondido.

Valérie estremeceu. Como, com base em pistas tão vagas, o sr. Barnett pôde adivinhar?… Com um movimento brusco ela deslizou o painel indicado. Ela descobriu uma pequena porta de aço e acionou febrilmente os três segredos do cadeado. Uma ansiedade irracional a esmagava. Embora a hipótese fosse impossível, ela se perguntava se o estranho homem não a tinha roubado durante os poucos minutos em que esteve sozinho.

Tirou uma chave do bolso, abriu a porta e sorriu imediatamente com satisfação. Ainda estava ali o único objeto depositado, um magnífico colar de pérolas de três voltas, que ela agarrou rapidamente e desenrolou como uma cascata sobre seu pulso.

O sr. Barnett começou a rir.

— Agora está mais tranquila, baronesa. Oh, esses assaltantes são tão espertos e ousados! Precisa ter cuidado, baronesa, pois é realmente uma peça muito bonita e eu compreendo por que foi roubada.

Ela protestou.

— Mas não houve roubo. Se houve alguma tentativa de roubá-lo, a tentativa falhou.

— Acredita nisso, madame baronesa?

— Sim, acredito! Aqui está ele! Eu o tenho nas minhas mãos! Uma coisa roubada desaparece. E ele está aqui.

Ele retificou pacificamente:

— Temos aqui um colar. Mas tem a certeza de que este é o *seu* colar? Tem certeza de que este tem algum valor?

— Mas, como! — disse ela exasperada. — Não faz nem duas semanas que o meu joalheiro o avaliou em meio milhão.

— Quinze dias… ou seja, cinco dias antes daquela noite… Mas, e no presente? Note que não sei nada… Não o examinei… Simplesmente suponho… E pergunto, a senhora não tem nenhuma suspeita em meio à sua certeza?

Valérie estava atônita. De que suspeita ele falava? Com que propósito? Sentia uma ansiedade crescente e confusa, causada pela insistência realmente dolorosa do seu interlocutor. Entre suas mãos abertas ela pesava a massa de pérolas amontoadas e agora esse volume parecia tornar-se cada vez mais leve. Ela examinou e os seus olhos discerniam cores diferentes, reflexos desconhecidos, uma semelhança chocante, uma perfeição equívoca, todo um conjunto de detalhes perturbadores. Nas sombras de sua mente a verdade começava a brilhar cada vez mais distinta e ameaçadora.

Barnett modulou uma pequena gargalhada de alegria.

— Perfeito! Perfeito! A senhora está quase lá! Está no caminho certo! Apenas um pouco mais de esforço, baronesa, e verá claramente. É tudo tão lógico! O adversário não rouba, mas substitui. Desta forma nada desaparece e, se não fosse aquele maldito barulhinho na janela, tudo teria ficado no escuro e permaneceria desconhecido. A senhora não saberia, até segunda ordem, que o verdadeiro colar tinha desaparecido e que estava a exibir sobre seus brancos ombros um colar de pérolas falsas.

A familiaridade da expressão não a chocou. Ela suspeitava que havia algo mais. O sr. Barnett curvou-se perante ela, e sem dar a ela tempo para

respirar, foi diretamente ao ponto e articulou:

— Portanto, o primeiro ponto é claro: o colar desapareceu. Não vamos parar por aqui. Agora que já sabemos o que foi roubado, vamos descobrir, baronesa, quem roubou. Esta é a lógica de uma investigação bem conduzida. Assim que conhecermos o nosso ladrão, estaremos muito perto de reaver o objeto do seu roubo… terceiro passo da nossa colaboração.

Ele acariciava cordialmente as mãos de Valérie.

— Tenha fé, baronesa. Estamos fazendo progressos. E primeiro, se me permite, uma pequena hipótese. Uma excelente hipótese. Suponhamos que o seu marido, embora doente, tenha conseguido arrastar-se do seu quarto para cá naquela noite, munido de uma vela e do instrumento esquecido pelo encanador, e que abriu o cofre, e desajeitadamente derrubou a caixa de vidro, e fugiu para que a senhora não o ouvisse, e então tudo estaria esclarecido! Seria natural, neste caso, haver qualquer vestígio de entrada ou saída! Como seria natural se o cofre tivesse sido aberto sem arrombamento, já que o barão Assermann, ao longo dos anos, quando tinha o doce favor de entrar nos seus aposentos privados, deve ter entrado aqui com a senhora muitas noites, assistiu ao trabalho da fechadura, anotou os cliques e intervalos, contou o número de trancas movimentadas e, pouco a pouco, desta forma, descobriu as três letras do segredo.

A "pequena hipótese", como Jim Barnett a chamava, parecia aterrorizar a bela Valérie à medida em que as lembranças se desdobravam perante ela. Poderíamos dizer que ela revivia tudo ao se recordar.

Transtornada, ela gaguejava:

— Você está louco! O meu marido está incapaz… Se alguém veio aqui naquela noite, não pode ter sido ele… Está além de qualquer possibilidade…

Ele insinuou:

— Existia uma cópia do seu colar?

— Sim… Por segurança, ele mandou fazer uma cópia na época da compra, há quatro anos.

— E quem ficava com ela?

— O meu marido — disse ela, muito baixo.

Jim Barnett concluiu alegremente:

— É esta cópia que a senhora tem entre as mãos! É ela que substituiu suas pérolas verdadeiras. As outras, as verdadeiras, ele levou. Por que

razão? Uma vez que a fortuna do barão Assermann o coloca acima de qualquer acusação de roubo, será que devemos considerar motivos de natureza íntima?… Vingança?… Uma necessidade de atormentar, prejudicar, talvez punir? Uma jovem bonita pode cometer certas imprudências bastante legítimas, mas que um marido julga com alguma severidade… Desculpe-me, baronesa. Não compete a mim entrar nos segredos de seu casamento, mas apenas procurar, junto com a senhora, onde está o seu colar.

— Não! — gritou Valérie, com um movimento de recuo — Não! Não!

Ela tinha se fartado subitamente desse agente insuportável que, em poucos minutos de conversa, quase deleitosa em alguns momentos, e de forma contrária a todas as regras de uma entrevista, descobriu com facilidade diabólica todos os mistérios que a envolviam, e lhe mostrava, com um ar zombeteiro, o abismo para onde o destino a atirava. Ela já não queria mais ouvir a sua voz sarcástica:

— Não! — repetiu ela, teimosamente.

Ele fez uma reverência.

— Como desejar, minha senhora. Longe de mim importuná-la. Estou aqui para lhe prestar um serviço, mas nada que a senhora não queira. Além disso, a esta altura, estou certo de que pode dispensar a minha ajuda, especialmente porque o seu marido, como não pode sair, certamente não terá cometido a imprudência de confiar as pérolas a ninguém, e deve tê-las escondido em algum canto do apartamento dele. Com uma pesquisa metódica, elas poderiam ser encontradas. O meu amigo Béchoux parece-me ser o homem certo para esta pequena tarefa profissional. Ah, apenas mais uma coisa. Se precisar de mim, ligue para a agência hoje, entre as nove e dez da noite. Saudações, madame.

Beijou a mão dela novamente, sem que ela se atrevesse a fazer a mínima resistência. Depois saiu com um passo saltitante, balançando os quadris com satisfação. A porta foi fechada imediatamente.

Nessa mesma noite, Valérie mandou chamar o inspetor Béchoux, cuja presença constante no Hotel Assermann era mais que natural, e a busca começou. Béchoux, um estimado policial, aluno do famoso Ganimard, e que trabalhava de acordo com os métodos tradicionais, dividiu a sala, o banheiro e o escritório privado em setores, que ele visitou um de cada vez.

Um colar com três voltas de pérolas é um volume que não pode ser escondido, especialmente de pessoas do ofício como ele. No entanto, após oito dias de esforço incansável, e às noites também, quando o barão Assermann tinha o hábito de tomar soporíferos, após ter explorado até a cama e debaixo da cama, o inspetor Béchoux ficou desanimado. O colar não podia estar no hotel.

Apesar de suas repugnâncias, Valérie pensou em retomar o contato com a agência Barnett e pedir ajuda ao sujeito insuportável. Que importava se ele lhe beijasse a mão e a chamasse de "querida baronesa", se ele fosse bem sucedido?

Mas um acontecimento, já anunciado, mas que ninguém acreditava que estaria tão próximo, mudou os rumos da situação. Num belo final de tarde, ela foi chamada às pressas: o seu marido tinha caído em uma crise preocupante. Prostrado em um divã, no vestíbulo do banheiro, ele estava a sufocar. O seu rosto em agonia mostrava um sofrimento atroz.

Assustada, Valérie telefonou para o médico. O barão sussurrava:

— Tarde demais… tarde demais…

— Mas não — disse ela —, eu juro que tudo vai ficar bem.

Ele tentou se levantar.

— Uma bebida… — pediu ele, enquanto titubeava em direção ao banheiro.

— Mas tem água no jarro, meu amor.

— Não… não… não dessa água…

— Por que este capricho?

— Eu quero beber outra água… esta…

Ele caiu para trás, sem forças. Ela abriu rapidamente a torneira no lavatório que ele apontou, depois foi buscar um copo que ela encheu e que, finalmente, ele também se recusou a beber.

Seguiu-se um longo silêncio. A água fluía suavemente. O rosto do moribundo se crispava.

Ele sinalizou que tinha algo a dizer. Ela se inclinou. Mas ele temia que os criados ouvissem, pois ordenou:

— Mais perto… mais perto…

Ela hesitou, como se temesse as palavras que ele iria dizer. O olhar do seu marido era tão imperioso que ela caiu de repente de joelhos, e quase colou a orelha contra ele. As palavras sussurradas eram incoerentes e seu

significado ela apenas podia adivinhar.

— As pérolas… o colar… Você precisa saber, antes que eu me vá… Veja só… você nunca me amou… Você se casou comigo… por causa da minha fortuna…

Ela protestou, indignada, contra uma acusação tão cruel nessa hora solene. Mas ele tinha agarrado o pulso dela, e reiterou, confuso, com uma voz de delírio:

— … por causa da minha fortuna, e você me provou isso com a sua conduta… Você não foi uma boa esposa, e é por isso que eu queria te castigar. Neste exato momento, eu ainda estou te punindo… E sinto uma alegria terrível… Mas é assim que deve ser… e aceito a morte porque as pérolas estão desaparecendo… Não as ouve caindo, indo em direção à correnteza? Ah! Valérie, que castigo!… as gotas que caem… as gotas que caem…

Já não tinha forças. Os criados levaram-no para a sua cama. Logo o médico chegou, e vieram também dois primos velhos que tinham sido avisados, e que não arredaram pé do quarto. Pareciam atentos aos mais pequenos gestos de Valérie, e prontos a defender as gavetas e cômodas contra qualquer ataque.

A agonia foi longa. O barão Assermann morreu nas primeiras horas da manhã, sem dizer mais uma palavra. A pedido dos dois primos, todo o mobiliário da sala foi selado. E as longas horas de luto começaram.

Dois dias depois, após o funeral, Valérie recebeu a visita do advogado do seu marido, que pediu uma reunião especial.

Ele mantinha uma expressão grave e angustiada, e disse de imediato:

— A tarefa que tenho de realizar é uma tarefa difícil, baronesa, e gostaria de realiza-la o mais rapidamente possível, ao mesmo tempo que lhe asseguro antecipadamente que não aprovo nem posso aprovar o que foi feito em seu prejuízo. Mas deparei-me com uma vontade inflexível. Sabia como o sr. Assermann era obstinado, e apesar dos meus esforços…

— Peço-lhe, senhor, explique-se logo — implorou Valérie.

— Aqui está, baronesa. Aqui está. Tenho em minhas mãos um primeiro testamento do sr. Assermann datado de há cerca de vinte anos, que a designava como legatária universal e única herdeira. Mas devo dizer que, no mês passado, ele disse-me que tinha feito outro, pelo qual deixou toda a sua fortuna aos seus dois primos.

— E o senhor tem este outro testamento?

— Depois de lê-lo para mim, ele o trancou nesta secretária. Ele queria que fosse lido apenas uma semana após a sua morte. Os selos não podem ser abertos até essa data.

A baronesa Assermann então compreendeu por que o seu marido a tinha aconselhado, alguns anos antes, após violentos desentendimentos entre eles, a vender todas as suas joias e a comprar, com esse dinheiro, um colar de pérolas. Sendo o colar falso, e estando Valérie deserdada e sem fortuna, ela ficou sem recursos.

Na véspera do dia fixado para a abertura dos selos, um carro parou em frente a uma modesta loja na rua de Laborde, que trazia esta inscrição:

A Barnett e Associados está aberta das duas às três horas
Atendimento gratuito

Uma senhora em grande luto desceu e bateu à porta.

— Entre — alguém gritou de dentro.

Ela entrou.

— Quem está aí? — disse uma voz que ela reconheceu, vinda de uma sala nos fundos, separada da agência por uma cortina.

— É a baronesa Assermann — disse ela.

— Ah! minhas desculpas, baronesa. Sente-se, por favor. Estou chegando.

Valérie Assermann esperou, enquanto examinava o escritório. Era de um aspecto bem simples: uma mesa, duas velhas poltronas, paredes vazias, sem arquivos, sem qualquer papelada. Um telefone era o único ornamento e o único instrumento de trabalho. Dentro de um cinzeiro, porém, havia pedaços de charutos caros, e por toda a sala um cheiro fino e delicado.

A cortina ao fundo se ergueu, e Jim Barnett surgiu, alerta e sorridente. O mesmo casaco, um nó de gravata apertado, e por sinal mal apertado. O mesmo monóculo, pendente de um cordão preto.

Correu para uma de suas mãos e beijou a sua luva.

— Como vai, baronesa? É um verdadeiro prazer para mim… Mas, o que é isso? Está de luto? Nada de grave, espero eu? Oh, meu Deus, como sou tonto! Eu me lembro… o barão Assermann, não é? Que catástrofe! Um homem tão encantador, que te amava tanto! E então, onde estávamos?

Tirou um pequeno caderno do seu bolso e começou a folheá-lo.

— baronesa Assermann… Perfeito… Eu me lembro… Pérolas falsas. Marido ladrão… Mulher bonita… Mulher muito bonita… Vai me telefonar… Bem, cara senhora, — concluiu ele com crescente familiaridade — ainda estou à espera desse telefonema.

Novamente desta vez, Valérie ficou perplexa com a personagem. Sem querer se passar por uma mulher que está triste com a morte do marido, ela ainda tinha sentimentos dolorosos, aos quais se juntavam a angústia do futuro e o horror da miséria. Ela tinha acabado de passar uma quinzena terrível, com visões de ruína e angústia, com pesadelos, remorsos, pavor e desespero, cujos vestígios eram difíceis de distinguir em seu rosto envelhecido… E agora encontrava-se cara a cara com um homem jovem, alegre, lúcido e agitado que não parecia compreender a situação.

Para dar o tom adequado à entrevista, relatou os acontecimentos com grande dignidade e, evitando recriminar o seu marido, repetiu as declarações do tabelião.

— Perfeito! Muito bem! — disse o detetive, com um riso de aprovação. — Perfeito! Tudo se encaixa admiravelmente. É um prazer ver a dimensão em que este emocionante drama se desenrola!

— Um prazer? — questionou Valérie, cada vez mais consternada.

— Sim, um prazer que o meu amigo inspetor Béchoux deve ter sentido profundamente… Pois suponho que ele tenha explicado?

— O quê?

— Como, o quê? O cerne da trama, a peça-chave! Não é engraçado? Como Béchoux deve ter rido!

Jim Barnett ria muito, ria de todo o coração.

— Ah, o truque do lavatório! Essa foi boa! Novela, em vez de drama, a propósito! Mas como foi bem arquitetado! Logo de cara eu adivinhei o truque, e quando a senhora me falou sobre um encanador, vi imediatamente a ligação entre o conserto do lavatório e os planos do barão Assermann. Eu disse a mim mesmo: *"Mas, por Deus, está tudo aí! Ao mesmo tempo que o barão planejava a substituição do colar, ele já tinha um bom esconderijo para as verdadeiras pérolas!"* Pois, para ele, isso era o principal, não era? Se ele apenas tivesse furtado as pérolas, e as tivesse atirado ao Sena como um pacote sem valor, teria sido apenas meia vingança. Para que esta vingança fosse completa, total, magnífica, era necessário que ele mantivesse as pérolas ao seu alcance, e que as ocultasse,

portanto, em esconderijo próximo e verdadeiramente inacessível. E foi o que ele fez.

Jim Barnett divertia-se muito e continuou com uma gargalhada:

— Foi o que ele fez, foram as instruções que ele deu, e posso até ouvir o diálogo entre o camarada encanador e o banqueiro:

Diga, amigo, está vendo aquele cano de esgoto, debaixo do meu lavatório? Ele desce até o rodapé e sai do meu gabinete, quase insensivelmente inclinado, não é mesmo? Bem, você vai diminuir essa inclinação, e vai erguer o cano aqui neste canto escuro, para que seja uma espécie de beco sem saída onde algo possa ficar retido, se necessário. Quando a torneira for aberta, a água fluirá para dentro, encherá o beco sem saída e levará o objeto embora. Entendeu, meu amigo? Sim? Então, na lateral do cano, contra a parede, para que não possa ser visto, faça um furo de cerca de um centímetro de diâmetro… Só ali… Ótimo! É isso aí! Agora tampe esse furo com esta rolha de borracha. Está me acompanhando? Perfeito, meu amigo. Só me resta agradecer a você e resolver este pequeno assunto entre nós. Estamos de acordo, certo? Nem uma palavra para ninguém. Silêncio. Aqui está o dinheiro para um bilhete, hoje à noite às seis horas para Bruxelas. E aqui estão três cheques pré-datados, um para cada mês. Em três meses, você estará livre para voltar. Adeus, meu amigo...

— Em seguida, eles apertaram as mãos. E naquela mesma noite, naquela noite, quando a senhora ouviu o barulho em seus aposentos, as pérolas foram substituídas, as verdadeiras foram depositadas no esconderijo preparado, ou seja, no buraco do cano! Agora a senhora entende? Sentindo-se perdido, o barão a chama: "*Um copo de água, por favor. Não, não a água da jarra, mas aquela ali.*" A senhora obedece. E esta é a punição, a terrível punição desencadeada por sua própria mão girando a torneira. A água corre, leva as pérolas embora, e o entusiasmado barão murmura: "*Você ouve? elas estão indo embora… eles caem na escuridão*".

A baronesa havia escutado, muda e angustiada e, no entanto, mais do que o horror desta história, na qual todo o rancor e ódio de seu marido eram tão cruelmente revelados, ela se lembrou de algo que emergia dos fatos com uma precisão assustadora.

— Então o senhor sabia? — murmurou ela — sabia a verdade?

— Senhora — disse ele — esse é o meu trabalho.

— E não disse nada!

— Como! Mas foi a senhora, baronesa, que me impediu de dizer o que eu sabia, ou o que estava prestes a saber, e foi a senhora que me despediu, até de uma forma rude. Sou um homem discreto. Eu não insisti. Além disso, a senhora acha que eu não teria verificado?

— E verificou? gaguejou Valérie.

— Só por curiosidade.

— Em que dia?

— Naquela mesma noite.

— Na mesma noite? O senhor conseguiu invadir a casa? Entrou no apartamento? Mas eu não ouvi nada…

— Minha habilidade de agir sem fazer ruídos. O barão Assermann também não ouviu nada… E mesmo assim…

— Mesmo assim?…

— Para ter certeza, ampliei o buraco no cano… sabe… aquele buraco através do qual elas foram introduzidas.

Ela vacilou.

— Então?… Então?… O senhor viu?…

— Eu vi.

— As pérolas?…

— As pérolas estavam lá.

Valérie falava mais baixo, com a voz embargada:

— Então, se elas estavam lá, então o senhor foi capaz de… pegá-las…

Ele confessou ingenuamente:

— Meu Deus, penso que se não fosse eu, Jim Barnett, elas teriam sofrido o destino que o sr. Assermann tinha reservado para elas no dia da sua morte iminente, o destino que ele traçou… lembre-se… *"Elas estão indo embora… elas caem na escuridão… as gotas que caem…"* E a sua vingança teria sido bem sucedida, o que teria sido uma pena. Um colar tão bonito… um artigo de colecionador!

Valérie não era uma mulher que tinha explosões violentas e acessos de raiva, o que perturbava a beleza e a harmonia da sua pessoa. Mas nesta ocasião, foi abalada por uma tal fúria que ela saltou sobre Barnett e tentou agarrá-lo pelo colarinho.

— Isto é um roubo! Você não passa de um aventureiro! Bem que eu desconfiava! Um ladrão! Um *azedo*!

A palavra “azedo” encantou o jovem detetive.

— Azedo! Que encantador… — sussurrou ele.

Mas Valérie ainda não tinha acabado. Tremendo de raiva, ela andava pela sala aos gritos:

— Não vou aceitar isso! Vai devolvê-las para mim, e agora mesmo! Senão, eu irei à polícia!

— Oh, quanta maldade! — exclamou ele. — E como pode uma mulher tão bonita como você ser tão insensível, com este homem que é todo devoção e honestidade!

Ela encolheu os ombros e encomendou:

— O meu colar!

— Mas está aqui, à sua disposição, caramba! Pensa que Jim Barnett rouba as pessoas que lhe dão a honra de usar e abusar dele? O que seria da agência Barnett e Associados, tão popular justamente devido à sua reputação de integridade e desinteresse absoluto? Nem um centavo, não cobro nem um centavo dos clientes. Se eu guardasse as suas pérolas, eu seria um ladrão, um azedo. E eu sou um homem honesto. Aqui está o seu colar, querida baronesa!

Exibiu um saco de pano contendo as pérolas recolhidas e colocou-o sobre a mesa.

Atordoada, a “querida baronesa” agarrou o precioso colar com as mãos trêmulas. Ela não podia acreditar no que seus olhos viam. Seria possível que este sujeito a recompensasse desta forma?

Mas, de repente, temendo que fosse apenas uma boa armadilha, ela correu para a porta, com passos bruscos, e sem o menor agradecimento.

— Mas que pressa! — disse ele, rindo. — Nem sequer vai contá-las? Trezentas e quarenta e cinco. Estão todas aí… E desta vez são as verdadeiras…

— Sim, sim… — disse Valérie — Eu sei…

— Tem certeza, não tem? São essas que o seu joalheiro estimou em quinhentos mil francos?

— Sim… elas mesmas.

— A senhora garante?

— Sim — disse ela claramente.

— Nesse caso, eu as comprarei.

— Vai comprá-las de mim? O que significa isso?

— Significa que, estando sem fortuna, será obrigada a vendê-las. Portanto, mais vale fazer negócio comigo, que te ofereço mais do que qualquer outra pessoa no mundo… vinte vezes o seu valor. Em vez de quinhentos mil francos, ofereço dez milhões. Ah! ah! Veja como a senhora ficou espantada! Dez milhões, isso que é número.

— Dez milhões!

— Exatamente o valor da herança do sr. Assermann.

Valérie estava parada na porta.

— A herança do meu marido! — disse ela. — Não compreendo a ligação… Explique-se!

Jim Barnett modulou suavemente:

— A explicação está em poucas palavras. A senhora tem que escolher: o colar de pérolas ou a herança.

— O colar de pérolas… a herança?… — ela repetia sem compreender.

— Meu Deus, sim. Essa herança, como a senhora me disse, depende de dois testamentos: o primeiro a seu favor, o segundo a favor daqueles dois primos velhos que são tão ricos como a rainha da Inglaterra, e, ao que parece, mais perversos que duas bruxas. Se o segundo testamento não for encontrado é o primeiro que vale.

Ela respondeu com voz abafada:

— Amanhã temos que destrancar a secretária e abrir os selos. O testamento está lá.

— Pode estar… ou pode não estar! — riu Barnett. — Em minha humilde opinião, eu acho que já não está mais lá.

— Será possível?

— Bem possível… quase certeza… Pelo que me lembro, na noite da nossa conversa, depois que investiguei o cano do lavatório, aproveitei a oportunidade para fazer uma pequena visita domiciliar ao seu marido. Ele estava dormindo tão bem!

— E você pegou o testamento? — disse ela, tremendo.

— Eu acho que sim. São esses garranchos, não são?

Ele desdobrou uma folha de papel selado, na qual ela reconheceu a caligrafia do sr. Assermann, e pôde ler estas frases:

Eu, Leon Joseph Assermann, abaixo assinado, banqueiro, diante de certos fatos que ela nunca vai esquecer, declaro que a minha mulher não poderá fazer a mínima reivindicação sobre a minha fortuna, e que…

Ela não terminou. A sua voz ficou engasgada. Ela caiu de novo na cadeira, gaguejando:

— Você roubou o papel!… Eu não quero ser cúmplice!… Os desejos do meu pobre marido devem ser realizados!… Tenho que cumpri-los!

Jim Barnett fez um movimento de entusiasmo:

— Ah! Muito bonito o que está fazendo, cara amiga! O dever está presente no sacrifício, e eu aprovo inteiramente, especialmente porque é um dever muito difícil. Mas, vejamos: estes dois velhos primos são indignos de qualquer interesse, e a senhora mesma está se sacrificando aos rancores mesquinhos de sr. Assermann. Por quê? Por causa de alguns pecadinhos da juventude, aceita tal injustiça? A bela Valérie será privada do luxo a que tem direito, e reduzida a uma grande miséria? Peço-lhe que reflita, baronesa. Pondere cuidadosamente a sua decisão, e compreenda toda a sua importância. Se escolher o colar, ou seja, para que não haja mal-entendidos entre nós, *se este colar sair desta sala,* o tabelião, receberá este segundo testamento amanhã, e a senhora será deserdada.

— Se não…?

— Caso contrário, ninguém fica sabendo, nada de segundo, e a senhora herda tudo. Dez milhões na conta, graças ao Jim.

A voz era sarcástica. Valérie sentia-se uma refém, agarrada pela garganta, inerte como uma presa nas mãos desse sujeito infernal. Não seria possível qualquer resistência. Caso ela não desistisse do colar, o testamento se tornaria público. Com um tal adversário, todos os argumentos seriam em vão. Ele não cederia.

Jim Barnett foi por um momento até a sala dos fundos, que estava escondida por uma cortina, e depois teve a audácia impertinente de voltar, com o rosto coberto de loção. Ele se limpava à medida que ia avançando, como um ator tirando sua maquiagem.

Apareceu assim outra figura, mais jovem, com uma pele fresca e saudável. O nó de gravata malfeito foi trocado por uma gravata da moda. Um casaco bem cortado substituiu o velho casaco brilhante. Ele agia silenciosamente, como um homem que não podia ser denunciado nem traído. Nunca, ele tinha a certeza, Valérie nunca ousaria dizer uma palavra de tudo isso a ninguém, nem mesmo ao inspetor Béchoux. O segredo era inviolável.

Ele inclinou-se para ela e disse com uma gargalhada:

— Acho que agora vê as coisas com mais clareza. Isso é bom! Afinal de contas, quem saberá que a rica sra. Assermann usa um colar falso? Nenhuma das suas amigas. Nenhum dos seus amigos. Assim, a senhora ganha uma batalha dupla, mantendo tanto a sua fortuna legítima como um colar que todos acreditarão ser real. Não é adorável? E a vida não parece novamente encantadora? A boa vida, cheia de acontecimentos, divertida, doce, agradável, onde se pode fazer todas as pequenas loucuras permitidas para a sua idade?

Valérie não tinha no momento o menor desejo de fazer pequenas loucuras. Ela olhou para Jim Barnett com um olhar de ódio e fúria, levantou-se e, ereta, com a dignidade de uma grande senhora que sai incomodada de um salão, foi embora.

Ela deixou o saquinho de pérolas sobre a mesa.

— E isto é o que chamam de mulher honesta — disse Barnett, cruzando os braços com justa indignação. — O marido a deserdou para castigá-la pelas suas artimanhas… e ela ignora os desejos de seu marido! Há um testamento… e ela o esconde! Um tabelião… e ela o faz de bobo! Primos velhos… e ela os rouba! Que abominação! E que belo papel é ser o vingador que castiga, e coloca as coisas no seu verdadeiro lugar!

Rapidamente, Jim Barnett devolveu o colar ao seu devido lugar, ou seja, o fundo de seu bolso. Depois, tendo acabado de se vestir, com o charuto na boca e o monóculo no olho, deixou a Barnett e Associados.

A carta de amor do Rei George

Bateram à porta.

O sr. Barnett, da agência Barnett e Associados, que cochilava em sua poltrona, à espera de clientes, respondeu:

— Entre.

Imediatamente, ao ver o recém-chegado, ele exclamou cordialmente:

— Ah! Inspetor Béchoux! Que simpático da sua parte vir me visitar. Como vai, meu caro amigo?

O inspetor Béchoux contrastava, em traje e maneiras, com o tipo habitual de agente da Sûreté. Ele procurava ser elegante, exagerava nos vincos das suas calças, tinha cuidado com o nó da gravata, e mandava engomar os seus colarinhos falsos. Era pálido, comprido, magro, fraco, mas tinha dois braços enormes, com bíceps salientes, que parecia ter roubado de um campeão de boxe e costurado, o melhor que podia, à sua armação de peso pluma. Ele era muito orgulhoso disso. O seu rosto juvenil tinha um ar de grande satisfação. O seu olhar denunciava inteligência e acuidade.

— Eu estava de passagem — respondeu ele — e pensei, conhecendo os seus hábitos regulares: bem, essa é a hora de folga de Jim Barnett. Que tal uma visita…

— Para me pedir um conselho — terminou Jim Barnett.

— Talvez — admitiu o inspetor, a quem a clarividência de Barnett sempre surpreendeu. No entanto, ele permanecia indeciso, ao que Barnett disse:

— O que é que há? Hoje a consulta parece difícil.

Béchoux bateu na mesa com o seu punho (e a força do seu punho fazia jus à formidável alavanca proporcionada pelo seu braço).

— Bem, sim, eu hesito um pouco. Já por três vezes, Barnett, tivemos ocasião de trabalhar juntos em investigações difíceis: você como detetive privado, eu como inspetor de polícia. E nas três ocasiões, percebi que as pessoas que procuraram a sua ajuda, como por exemplo a baronesa Assermann, cortaram relações com você, com algum ressentimento.

— Como se eu tivesse aproveitado a oportunidade para chantageá-los? — interrompeu Barnett.

— Não… Não quero dizer…

Barnett deu-lhe tapinhas no ombro:

— Inspetor Béchoux, não conhece a fórmula da casa: "atendimento gratuito"? Dou a minha palavra de honra que nunca, ouça bem, nunca pedi um centavo aos meus clientes, e que nunca aceito um centavo deles.

Béchoux respirava mais livremente.

— Obrigado — disse ele. — Compreende que a minha ética profissional só me permite colaborar sob certas condições. Mas, na verdade (desculpe-me por ser indiscreto), de onde vêm os recursos da agência Barnett?

— Sou patrocinado por vários filantropos que desejam permanecer anônimos.

Béchoux não insistiu. E Barnett continuou:

— E então, Béchoux, onde é o problema desta vez?

— Perto de Marly. Trata-se do assassinato de um cidadão, o sr. Vaucherel. Já ouviu falar disso?

— Vagamente.

— Não me surpreende. Os jornais ainda demonstram pouco interesse, embora o caso seja diabolicamente curioso.

— Foi esfaqueado, não é?

— Sim, entre os dois ombros.

— Alguma impressão digital na faca?

— Não. O cabo provavelmente foi envolto em um papel, que foi encontrado em cinzas.

— E sem pistas?

— Nenhuma. Muita bagunça. Móveis derrubados. Também uma gaveta arrombada, mas ainda não se sabe por que foi arrombada, e o que foi levado.

— Em que pé está a investigação?

— Neste momento, o sr. Leboc, um funcionário público aposentado, está sendo confrontado com os três primos Gaudu. Três patifes da pior espécie, ladrões pés-de-chinelo, batedores de carteira. Ambos os lados, sem a mínima prova, acusam-se mutuamente do homicídio. Quer ir de carro? Nada se compara à beleza de um interrogatório.

— Vamos lá.

— Mais uma coisa, Barnett: o sr. Formerie, que está investigando o caso, espera atrair a atenção para si e ganhar uma promoção em Paris. É um magistrado exigente, sensível, que não teria paciência com esse ar zombeteiro que às vezes você demonstra com os representantes da justiça.

— Prometo, Béchoux, que terei por ele a consideração que ele merece.

A meio caminho entre a aldeia de Fontines e a floresta de Marly, no interior da mata que uma faixa de terra separa da floresta, encontra-se uma pequena mansão de um andar, com uma modesta horta, cercada por muros baixos. A "Chaumière" estava habitada, oito dias antes do crime, por um velho livreiro, o sr. Vaucherel, que apenas deixava o seu pequeno reinado de flores e legumes para navegar de vez em quando, nos cais de Paris. Era muito mesquinho, e dizia-se que era rico, embora vivesse muito mal. Não recebia ninguém, exceto o seu amigo, o sr. Leboc, que vivia em Fontines.

A reconstituição do crime e o interrogatório do sr. Leboc já tinham ocorrido, e os magistrados passeavam pelo jardim quando Jim Barnett e o inspetor saíram do carro. Béchoux se apresentou aos oficiais que vigiavam a entrada da "Chaumière", e, seguido por Barnett, encontrou o juiz de instrução e o promotor, que estavam no canto da parede. Os três primos Gaudu começavam o seu depoimento. Eram três caipiras, quase da mesma idade, e não tinham nada de parecidos, além da mesma expressão manhosa e teimosa nos seus rostos completamente diferentes. O mais velho disse:

— Sim, senhor juiz, foi aí que nós chegamos para prestar socorro.

— Vocês vieram de Fontines?

— De Fontines, e quando voltamos do trabalho, às duas horas, estávamos conversando com a dona Denise, aqui perto, à beira do mato, quando os gritos começaram. "Alguém está pedindo ajuda", disse eu, "vem lá da Chaumière". O sr. Vaucherel, você compreende, senhor juiz, era conhecido nosso! Por isso, corremos. Pulamos o muro… Não foi fácil, com aqueles cacos de vidro… E atravessamos o jardim…

— Onde vocês estavam, exatamente no momento em que a porta da casa se abriu?

— Aqui mesmo — disse o Gaudu mais velho, conduzindo o grupo a um canteiro de flores.

— Ou seja, a cinquenta metros do degrau — e o juiz apontou os dois degraus que levavam à varanda. — E foi de lá que vocês viram aparecer…

— O próprio sr. Leboc… Eu o vejo como agora… Ele saía com pressa, como se estivesse fugindo, e quando nos viu, entrou de novo.

— Tem certeza de que era ele?

— Claro! Diante de Deus!

— E vocês também? — o juiz perguntou aos outros dois.

Eles também afirmaram:

— Claro! Diante de Deus!

— Não podem estar enganados?

— Ele vive há cinco anos perto de nós, na saída de Fontines, — disse o mais velho — e eu até levava leite para a casa dele.

O juiz deu ordens. A porta do vestíbulo foi aberta, e de dentro veio um homem de cerca de sessenta anos de idade, vestido de chita marrom, usando um chapéu de palha, com uma cara rosada e sorridente.

— Sr. Leboc! — disseram os três primos ao mesmo tempo.

O promotor se pronunciou, à parte:

— É óbvio que não há nenhuma dúvida, e que os Gaudus não poderiam ter se enganado sobre a identidade do fugitivo, ou seja, do assassino.

— Certamente — disse o juiz. — Mas eles estão dizendo a verdade? Foi realmente o sr. Leboc que eles viram? Vamos continuar.

Todos entraram na casa, em uma grande sala onde as paredes eram forradas de livros. Apenas algumas peças de mobiliário. Uma mesa grande, em que uma das gavetas tinha sido aberta. Um retrato de corpo inteiro e sem moldura do sr. Vaucherel, uma espécie de esboço colorido, como se o artista quisesse retratar especialmente a silhueta. No chão, um manequim representando a vítima.

O juiz continuou:

— Quando vocês chegaram, Gaudus, não voltaram a ver o sr. Leboc?

— Não, ouvimos gritos aqui, e viemos logo para cá.

— Então o sr. Vaucherel estava vivo…

— Não por muito tempo. Ele estava de bruços, com a faca enfiada entre os ombros… Nos ajoelhamos… O pobre homem estava a dizer as últimas palavras…

— O que vocês ouviram?

— Apenas uma coisa… o nome de Leboc, que ele repetiu várias vezes…". Sr. Leboc… Sr. Leboc…". E ele morreu, se contorcendo. Depois corremos para todo o lado, mas o sr. Leboc tinha desaparecido. Ele deve ter pulado pela janela da cozinha, que estava aberta, e deve ter ido embora pelo pequeno caminho de pedras, que leva direto até o fundo da casa dele… Depois nós três fomos para a delegacia… onde contamos toda a história.

O juiz de instrução fez mais algumas perguntas, pedindo de novo a confirmação da clara acusação que os primos faziam contra o sr. Leboc. Então, voltou-se para ele.

O sr. Leboc tinha escutado, sem interromper, e sua atitude pacífica não foi alterada pela menor indignação. A história dos Gaudus lhe parecia estúpida, e ele não tinha dúvidas de que esta estupidez apareceria perante a justiça. Não se refuta esse tipo de besteira.

— Não tem nada a dizer, Monsieur Leboc?

— Nada de novo.

— Tem certeza?

— Eu mantenho o que o senhor sabe tão bem quanto eu, senhor juiz de instrução, que é a verdade. Todas as pessoas de Fontines que o senhor interrogou, mandou interrogar, responderam a mesma coisa:

O sr. Leboc nunca deixa sua casa durante o dia. Ao meio-dia, eles trazem seu almoço da pousada. De uma às quatro da tarde, ele lê em frente à sua janela e fuma seu cachimbo.

Minha janela estava aberta, e cinco transeuntes — cinco! — me viram, como fazem todas as tardes, pelo portão do meu jardim.

— Eu os convoquei para o final do dia.

— Melhor ainda, eles confirmarão as minhas declarações. E como não tenho o dom da onipresença e não posso estar aqui e em casa ao mesmo tempo, o senhor juiz admitirá que não fui visto saindo da Chaumière, que o meu amigo Vaucherel não conseguiu pronunciar o meu nome quando morreu, e que, em suma, os três Gaudus são malandros abomináveis.

— E contra os quais o senhor está dirigindo a acusação de homicídio, não é?

— Oh, é só um palpite…

— No entanto, há uma senhora, a dona Denise, que estava apanhando lenha, e disse que estava conversando com eles quando os gritos começaram.

— Ela estava com dois deles. Onde estava o terceiro?

— Um pouco para trás.

— Será que ela o viu?

— Ela acha que sim… ela não tem certeza.

— Então, senhor juiz, que prova o senhor possui de que o terceiro Gaudu não estava bem aqui, dando a facada? E que provas o senhor tem de que os outros dois, que estavam por perto nas proximidades, não saltaram o muro? Não para salvar a vítima, mas para afogar os seus gritos e acabar com ele?

— Nesse caso, que razão teriam eles para acusar o senhor pessoalmente?

— Temos uma pequena rixa. Os primos Gaudus não se cansam de aprontar. Por duas vezes, após denúncias minhas, foram apanhados em flagrante delito e condenados. Hoje eles estão me acusando a todo o custo, para não serem acusados. Estão se vingando.

— Apenas um palpite, como se costuma dizer. Por que eles o matariam?

— Não sei.

— Não podemos simplesmente imaginar o que foi roubado da gaveta?

— Não, senhor juiz. O meu amigo Vaucherel, que não era rico, digam o que disserem, tinha depositado as suas pequenas economias com um corretor, e não mantinha nada aqui.

— Nenhum item de valor?

— Nenhum.

— E os seus livros?

— Sem valor, pode ter certeza. E essa era a sua maior mágoa. Ele gostaria de ter comprado edições raras, livros antigos. Mas ele não tinha dinheiro para pagar por eles.

— Ele nunca lhe falou dos primos Gaudus?

— Nunca. E por maior que seja o meu desejo de vingar a morte do meu pobre amigo, não direi nada que não seja absolutamente verdadeiro.

O interrogatório continuou. O juiz de instrução pressionava os três primos com perguntas. Mas, ao final, o confronto não trouxe qualquer resultado. Depois de terem esclarecido alguns pontos secundários, os magistrados foram a Fontines.

A propriedade do sr. Leboc, situada na extremidade da aldeia, não era maior do que a Chaumière. Uma sebe bem aparada e muito alta rodeava o jardim. Através do portão de entrada podia-se ver, para além de um pequeno relvado redondo, uma casa de tijolos pintada com tinta branca. Como a Chaumière, ficava a cerca de quinze ou vinte metros de distância.

O juiz pediu ao sr. Leboc para ocupar o lugar em que estava no dia do crime. O sr. Leboc sentou-se à sua janela, com um livro no colo e o cachimbo nos lábios.

Não havia margem para erros. Qualquer pessoa que passasse em frente ao portão e olhasse para a casa não poderia deixar de ver claramente o sr. Leboc. As cinco testemunhas convocadas, camponeses e comerciantes de Fontines, confirmaram os seus depoimentos — de tal forma que a localização do sr. Leboc, no dia do crime, entre o meio-dia e as quatro horas, não podia ser outra: era sem dúvida a sua mesma localização atual, perante os magistrados.

Os magistrados não conseguiam esconder o seu embaraço diante do inspetor; e o juiz de instrução, a quem Béchoux apresentou o seu amigo Barnett como um detetive de extraordinária perspicácia, não pôde deixar de dizer:

— Caso confuso, não acha, senhor?

— Sim, o que pensa? — disse Béchoux, que deu um sinal a Barnett relembrando as suas recomendações de cortesia.

Jim Barnett tinha assistido a toda a investigação da Chaumière sem dizer uma palavra, e várias vezes Béchoux tinha-o interrogado em vão. Ele apenas acenava com a cabeça e murmurava alguns monossílabos.

Ele respondeu amavelmente:

— Muito confuso, senhor juiz.

— Não é? No final, a balança está igual entre as duas partes. Por um lado, existe o álibi do sr. Leboc, que sem dúvida não deixou a sua casa à tarde. Mas, por outro lado, o relato dos três primos parece-me estar em ordem.

— De fato. Mas à direita ou à esquerda, certamente há ignomínia e comédia abjeta. Mas está à direita ou à esquerda? A inocência pode ser encontrada nos três Gaudus, personagens sombrios com rostos ásperos? E o culpado é o sorridente sr. Leboc, cujo rosto é todo franqueza e serenidade? Ou devemos supor que os rostos de todos os atores do drama estão em conformidade com os papéis que desempenharam, sendo o sr. Leboc inocente e os Gaudus culpados?

— Em suma — disse o sr. Formerie com satisfação —, o senhor não está mais avançado do que nós.

— Ah, eu estou muito mais — disse Jim Barnett.

O sr. Formerie apertou os lábios.

— Nesse caso — disse ele —, diga-nos o que descobriu.

— Farei isso no momento apropriado. Hoje, apenas vou pedir, senhor juiz, que convoque uma nova testemunha.

— Uma nova testemunha?

— Sim.

— Nome? Endereço? — disse o sr. Formerie, completamente desconcertado.

— Não sei.

— Como é que é?

O sr. Formerie começou a se perguntar se o "extraordinário" detetive não estava brincando com ele. Béchoux estava muito preocupado.

Por fim, Jim Barnett inclinou-se para o sr. Formerie e, apontando para o sr. Leboc, que a dez passos de distância ainda fumava tranquilamente na sua varanda, murmurou confiante:

— No bolso secreto da carteira do sr. Leboc há um cartão de visita com quatro pequenos furos em forma de diamante. Lá estão o nome e o endereço.

Essa conversa absurda não foi suficiente para restaurar a compostura do sr. Formerie, mas o inspetor Béchoux não hesitou. Sem invocar o mais pequeno pretexto, mandou o sr. Leboc entregar-lhe a carteira. Abriu-a, e tirou um cartão de visita com quatro buracos em forma de diamante, com este nome: *Miss Elizabeth LOVENDALE*. Havia um endereço em lápis azul: *Grand Hôtel Vendôme, Paris*. Os dois magistrados olharam um para o outro com surpresa. Béchoux ficou transtornado, enquanto o sr. Leboc exclamou, sem o mínimo constrangimento:

— Bom Deus! Eu estava à procura desse bilhete! E o meu pobre amigo Vaucherel!

— Por que ele o procurava?

— Oh, o senhor me pede demais, senhor juiz.

Sem dúvida ele precisava do endereço acima.

— E estes quatro furos?

— Quatro furos que fiz nele, para marcar os quatro pontos de um carteado que eu ganhei. Muitas vezes jogamos *écarté*, nós dois, e eu devo ter colocado inadvertidamente este cartão de visita na minha carteira.

A explicação, que era muito plausível, foi dada de forma bastante natural.

O sr. Formerie concordou de bom grado. Mas restava saber como Jim Barnett poderia ter adivinhado a presença deste cartão de visita no bolso secreto de um homem que ele nunca tinha visto.

Isto ele não disse. Sorriu amigavelmente, e insistiu na convocação de Elizabeth Lovendale. Foi atendido.

A srta. Lovendale estava longe de Paris, e só chegou oito dias mais tarde. A investigação não fez qualquer progresso durante essa semana, embora o sr. Formerie tenha prosseguido as suas investigações com a maior implacabilidade, que aumentava ainda mais com a lembrança infeliz de Jim Barnett.

— Você deixou o juiz horrorizado — disse o inspetor Béchoux a Barnett — na tarde em que nos encontrámos na Chaumière. Tanto que ele já tinha decidido recusar a sua colaboração.

— Devo ir embora?

— Não. Temos novidades.

— Em que sentido?

— Acho que ele tomou uma decisão.

— Isso é bom. É provavelmente a decisão errada. Vamos nos divertir um pouco.

— Por favor, Barnett, deferência.

— Deferência e desinteresse. Eu prometo, Béchoux. A agência é gratuita. Nada nas minhas mãos, nada nos meus bolsos. Mas pode ter certeza de que o sr. Formerie me dá nos nervos.

O sr. Leboc já esperava havia meia hora. A srta. Lovendale saiu do carro. Depois chegou o sr. Formerie, todo animado, exclamando:

— Olá, sr. Barnett. Tem alguma boa notícia para nós?

— Talvez, senhor juiz.

— Bem, eu também… eu também! Mas primeiro vamos ouvir a sua testemunha, e rapidamente. Não vale a pena a sua testemunha. Perda de tempo. Enfim!

Elizabeth Lovendale era uma velha inglesa, com cabelo grisalho desgrenhado, aspecto excêntrico, trajada sem aprumo, que falava francês como uma francesa, mas com tal volubilidade que era difícil de compreender.

Assim que entrou, antes de qualquer pergunta, ela disparou a falar.

— Pobre sr. Vaucherel! Assassinado! Um cavalheiro tão corajoso, um homem tão curioso! Então querem saber se eu o conhecia? Não muito bem. Vim aqui apenas uma vez, a negócios. Queria comprar uma coisa dele. Não entramos em acordo sobre o preço. Tive que voltar a vê-lo, depois de consultar os meus irmãos. São pessoas famosas, meus irmãos… os maiores… como se diz?… Os maiores merceeiros de Londres…

O sr. Formerie tentou canalizar este fluxo de palavras.

— O que é que queria comprar, senhorita?

— Um pequeno pedaço de papel… muito pequeno… um papel muito fino, conhecido como casca de cebola.

— E tem algum valor?

— Muito para mim. E eu errei ao dizer a ele: "*Você sabe, caro sr. Vaucherel, que a mãe de minha avó, a bela Dorothée, tinha como pretendente o próprio rei George IV, e que ela guardou as dezoito cartas de amor recebidas dele, nos dezoito volumes de uma edição Richardson… uma por volume. Quando ele morreu, nossa família encontrou os volumes, exceto o décimo quarto, que havia desaparecido com a carta número catorze… a mais interessante, porque prova, como sabíamos, que a linda Dorothée caiu em tentação nove meses antes do nascimento de seu filho mais velho. Então o senhor entende, meu bom sr. Vaucherel, como ficaremos felizes em encontrar esta carta! Os Lovendales, descendentes do rei George! Primos do atual rei! Tal coisa nos traria glória, títulos!*"

Elizabeth Lovendale respirou, e, continuando o relato da sua abordagem ao sr. Vaucherel, retomou:

— "*E então, meu bom sr. Vaucherel, após trinta anos de pesquisas e buscas, soube que muitos volumes, incluindo o décimo quarto volume de*

Richardson, tinham sido vendidos em um leilão público. Corri para o comprador, um livreiro do Quai Voltaire, que me enviou de volta para o senhor, pois está com o livro desde ontem." "*De fato*", disse o bom sr. Vaucherel, que me mostrou o Volume XIV de Richardson. "*Veja*", disse eu, "*a carta número 14 deve estar no verso do volume, debaixo da encadernação.*" Ele olhou, ficou pálido, e disse: "*Por quanto a senhora quer comprá-lo?*" Foi quando vi a minha estupidez. Se eu não tivesse mencionado a carta, teria comprado o volume por cinquenta francos. Ofereci mil. O bom sr. Vaucherel começou a tremer e pediu dez mil francos. Eu aceitei. Ele perdeu a cabeça. E eu também. Era como um leilão público. Vinte mil… Trinta mil… No final, ele exigiu cinquenta mil, e gritava como um louco, com os olhos todos vermelhos: "*Cinquenta mil!… Nem um centavo a menos! O suficiente para comprar todos os livros que eu quero! Os mais belos!… Cinquenta mil francos!*" Ele queria um adiantamento de imediato, um cheque. Prometi-lhe que voltaria. Atirou o livro para a gaveta daquela mesa, trancou-a, e eu fui embora.

Elizabeth Lovendale completou a sua história com uma série de detalhes inúteis, que não foram ouvidos. Até que, em dado momento, o que conseguiu prender a atenção de Jim Barnett e do inspetor Béchoux foi a face tensa do sr. Formerie. Sem dúvida uma emoção violenta o tinha atingido, e ele estava sofrendo uma espécie de alegria excessiva que o perturbava. Finalmente sussurrou, com voz enfadonha e a expressão enfática:

— Em suma, senhorita, a senhora está reivindicando o volume XIV das obras de Richardson?

— Sim, senhor.

— Aqui está — disse ele, puxando um pequeno livro de pele de bezerro do seu bolso com um gesto teatral.

— Será possível? — gritou a inglesa entusiasmada.

— Aqui está — repetiu ele. — Mas a carta de amor do rei George não está aqui. Eu a teria visto. Mas vou encontrá-la, pois encontrei o volume procurado há cem anos, e o ladrão de um é inevitavelmente o ladrão do outro.

O sr. Formerie andou por um momento, com as mãos nas costas, saboreando o seu triunfo. E de repente deu uma palmadinha na mesa, e concluiu:

— Sabemos finalmente a causa do assassinato. Alguém ouviu por acaso a conversa entre Vaucherel e *Miss* Lovendale, e viu onde Vaucherel trancou o livro. Alguns dias mais tarde, este homem matou-o para roubar o livro, e mais tarde vender a carta número 14. E quem era este homem? Gaudu, o trabalhador agrícola, em quem sempre vi o culpado. Ontem, durante uma busca, reparei numa fenda anormal entre os tijolos desarticulados da sua chaminé. Uma fenda era maior que as outras. Lá havia um livro, que obviamente veio da biblioteca de Vaucherel. As revelações inesperadas de *Miss* Lovendale provam a exatidão da minha dedução. Porei sob custódia os três primos Gaudus, que são notórios patifes, assassinos do sr. Vaucherel, e criminosos acusadores do sr. Leboc.

Solene como sempre, o sr. Formerie estendeu a sua mão em sinal de estima ao sr. Leboc, que lhe agradeceu efusivamente. Depois, como um homem galante que era, conduziu Elizabeth Lovendale ao seu carro, voltou para os outros, e exclamou, esfregando as mãos:

— Bem, penso que esse assunto vai fazer barulho, e as moedas vão tilintar agradavelmente nos ouvidos do sr. Formerie. O que é que vocês acham? O sr. Formerie é ambicioso, e a capital o atrai.

Partiram para a casa de Gaudu, onde ele ordenaria que os três primos fossem trazidos sob boa escolta. O tempo estava bom. Seguido pelo sr. Leboc, ladeado pelo inspetor Béchoux e Jim Barnett, o sr. Formerie deixava o seu contentamento transbordar e disse, num tom jocoso:

— Bem, meu caro Barnett, tudo correu bem, não é? E na maior parte do tempo, ao contrário das suas expectativas! Pois o senhor não foi hostil com o sr. Leboc?

— Confesso, de fato, — falou Barnett — que me deixei influenciar por aquele maldito cartão de visita. Estava no chão da Chaumière durante o interrogatório, e o sr. Leboc o encontrou, e muito gentilmente colocou o seu pé direito sobre ele. Quando ele saiu, levou-o com ele, preso ao sapato. Lá fora, tirou-o do sapato e colocou-o em sua carteira. Ora, quando vi a impressão de sua sola direita na terra molhada, pude ver que a referida sola tem quatro cravos em forma de diamante e, portanto, que o sr. Leboc, sabendo que tinha esquecido o cartão no chão, e não desejando que o nome e endereço de Elizabeth Lovendale fosse conhecido, tinha idealizado seu pequeno esquema. E, na verdade, foi por causa desse cartão de visita…

O sr. Formerie rebentou a rir.

— Mas que infantilidade, meu caro Barnett! Que complicações desnecessárias! Como pôde se desviar desta maneira? Um dos meus princípios, como vê, Barnett, é que não devemos procurar a resposta a uma pergunta. Contentemo-nos com os fatos tal como eles se apresentam diante de nós, e não tentemos encaixá-los, a todo o custo, em ideias preconcebidas.

Estavam se aproximando da casa do sr. Leboc, pela qual tiveram de passar para chegar à casa de Gaudu.

O sr. Formerie tomou o braço de Barnett e continuou cordialmente o seu pequeno curso de psicologia policial.

— O seu grande erro, Barnett, foi não querer admitir, como intangível, a simples verdade de que não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Está tudo aí. O sr. Leboc, fumando à sua janela, não podia ao mesmo tempo cometer assassinato na Chaumière. Veja, o sr. Leboc está atrás de nós, não está? E este não é o portão da casa dele, dez passos à nossa frente? Bem, é impossível imaginar um milagre pelo qual o sr. Leboc estaria atrás de nós e à sua janela ao mesmo tempo.

Mas nesse momento o sr. Formerie, o juiz de instrução, deu um salto e uma exclamação de espanto.

— O que houve? — perguntou Béchoux.

Ele estendeu o dedo em direção à casa.

— Ali… ali…

Através das barras do portão, do outro lado do relvado, podia-se ver, a vinte metros de distância, fumando o seu cachimbo no cenário da sua janela aberta, o sr. Leboc… O mesmo sr. Leboc, que também estava perto do grupo, na calçada!

Visão de horror! Alucinação! Fantasma! Incrível semelhança! Quem desempenhava o papel do verdadeiro sr. Leboc, que o sr. Formerie segurava pelo braço?

Béchoux já tinha aberto o portão e disparado a correr. O sr. Formerie também correu em direção à imagem diabólica do sr. Leboc, interpelando-o e ameaçando-o. Mas a imagem parecia não se abalar, nem se mover. Como poderia ela ter se abalado, e como poderia ter se movido, quando — como eles puderam ver mais de perto — não passava de um quadro? Uma tela que preenchia exatamente a moldura da janela, e que oferecia em profundidade a silhueta do sr. Leboc fumando o seu cachimbo, delineada

da mesma maneira (e evidentemente pela mesma mão) que o retrato do sr. Vaucherel, na Chaumière.

O sr. Formerie estava atônito. Junto a ele, o sorridente, plácido e bonachão sr. Leboc não foi capaz de resistir ao golpe inesperado, e desmoronou como se estivesse levado um golpe de marreta. Ele chorava e confessava estupidamente:

— Eu fiquei louco… Foi sem querer. Eu queria dividir meio a meio com ele… ele recusou… por isso perdi a cabeça… foi sem querer…

E ele se calou. E, no silêncio, a voz de Jim Barnett, que se tornara ácida, má e caluniosa, ressoava:

— Hein? O que me diz, senhor juiz? Que bom rapaz, o seu protegido Leboc! Que maestria na preparação do seu álibi! E como poderiam os transeuntes desatentos não pensar que estavam vendo, de longe, o verdadeiro Leboc! Quanto a mim, eu suspeitei do golpe desde o primeiro dia, quando vi a imagem do sr. Vaucherel na tela. Não teria o mesmo artista desenhado, por acaso, a silhueta do seu amigo Leboc? Procurei-a, e não por muito tempo, porque Leboc tinha certeza que seríamos estúpidos demais para descobrir o seu truque. A tela estava enrolada no canto do celeiro, debaixo de uma pilha de coisas velhas. Só tive o trabalho de vir aqui mais cedo e pregá-la, enquanto ele estava a caminho da sua convocação. E é assim que se pode, ao mesmo tempo, matar alguém na Chaumière e fumar o seu cachimbo em casa!

Jim Barnett estava furioso. A sua voz afiada rasgava a alma do infeliz sr. Formerie.

— Quantos ele deve ter enganado, na sua vida de homem honesto! Hein? Que bonita a marca que ele deixou no cartão de visita, quatro furos para marcar os quatro pontos no *écarté*! E o livro que ele foi plantar na outra tarde (eu estava seguindo) na chaminé dos Gaudus! E a carta anônima que ele enviou! Porque suponho que foi isso que fez o senhor correr até lá, senhor juiz! Leboc safado, faz-me rir com a tua cara limpa. Seu canalha!

Muito pálido, o sr. Formerie se continha. Ele apenas observava o sr. Leboc. No final, murmurou:

— Não me surpreende… esse olhar falso… as boas maneiras… Que bandido!

Uma raiva súbita animou-o.

— Sim, bandido! E vou te fazer sofrer um bocado. Aliás, a carta, a carta número catorze, onde está?

Incapaz de resistir, o sr. Leboc gaguejou:

— No buraco do cano que desce pela parede, na sala à esquerda… O cano está cheio de cinzas… a carta está lá…

Entraram rapidamente na sala. Béchoux encontrou imediatamente o cano e sacudiu as cinzas. Mas não havia nada, não caiu nada no forno, nenhuma carta, o que parecia confundir o sr. Leboc e aumentou a exasperação do sr. Formerie.

— Mentiroso! Impostor! Miserável! Ah, pode ter a certeza de que vai falar, seu malandro, e devolver essa carta!

No entanto, os olhares de Béchoux e Barnett tinham se encontrado. Barnett sorria. Béchoux cerrou os punhos. Compreendeu que a agência Barnett e Associados tinha uma forma especial de ser gratuita, e isso explicava como Jim Barnett, embora jurasse (com razão) que nunca pedia um centavo dos seus clientes, podia levar uma existência confortável como detetive privado.

Aproximou-se dele e sussurrou:

— Você é terrível. Isso foi digno de um Arsène Lupin.

— O quê? — disse Barnett ingenuamente.

— Ter ocultado a carta.

— Ah! Adivinhou?

— Ah, pelo amor de Deus!

— O que eu posso fazer? Eu coleciono autógrafos dos reis de Inglaterra.

Três meses mais tarde, em Londres, Elizabeth Lovendale foi visitada por um certo cavalheiro muito distinto, que se encarregou de conseguir para ela a carta de amor do rei George. Exigiu dela a bagatela de cem mil francos.

As negociações foram laboriosas. Elizabeth consultou os seus irmãos, os maiores merceeiros de Londres. Eles debateram, recusaram, e finalmente cederam.

O ilustre cavalheiro recebeu assim os cem mil francos, e além disso desviou uma carroça inteira de produtos de mercearia, cujo destino nunca foi conhecido.

O jogo de bacará

Ao sair da estação, Jim Barnett encontrou o inspetor Béchoux, que o tomou pelo braço e o levou rapidamente.

— Não há um minuto a perder. A situação pode piorar a qualquer momento.

— O problema pareceria muito maior — disse Jim Barnett logicamente — se eu soubesse qual era a situação. Vim correndo ao receber o seu telegrama, e sem a menor informação.

— Era assim que eu queria — disse o inspetor.

— Então, já não desconfia de mim, Béchoux?

— Desconfio sempre de você, Barnett, e das suas formas de liquidar a conta dos clientes da agência Barnett. Mas, neste caso, não tem nada que você possa ganhar, meu caro. Desta vez, temos de trabalhar com os olhos abertos.

Jim Barnett deu um assobio. Esta perspectiva não parecia atormentá-lo. Béchoux olhou para ele de lado, já preocupado, e com vontade de dizer: *"Ah, meu bom homem, se eu pudesse me virar sem os teus serviços!"*

Chegaram ao pátio. Um carro com chofer aguardava no estacionamento, e Barnett viu uma senhora de rosto bonito e dramático, de uma palidez impressionante. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas, os seus lábios apertados de angústia. Ela abriu imediatamente a porta, e Béchoux fez as apresentações.

— Jim Barnett, minha senhora. O único homem que pode salvá-la. — Sra. Fougeraie, esposa do Engenheiro Fougeraie, que está prestes a ser acusado.

— Acusado de quê?

— De assassinato.

Jim Barnett soltou um muxoxo. Béchoux ficou escandalizado.

— Desculpe o meu amigo Barnett, minha senhora. Quanto mais grave é um assunto, mais à vontade ele se sente.

O carro seguia em direção ao cais de Rouen. Viraram à esquerda e pararam em frente a uma grande casa. O terceiro andar era utilizado como as instalações do Centro Normand.

— É aqui — disse Béchoux — que os grandes comerciantes e industriais de Rouen e arredores se encontram para conversar, ler os jornais e jogar bridge ou pôquer. Sempre na sexta-feira, que é dia de mercado de ações. Como ninguém vai chegar antes do meio-dia, a não ser os funcionários, tenho muito tempo para atualizá-los sobre o drama que aconteceu aqui.

Três grandes salas seguiam-se ao longo da fachada, confortavelmente mobiladas e forradas com ricos tapetes. A terceira sala estava ligada a um cômodo menor, em forma de círculo, cuja única janela se abria para uma grande varanda, de onde se podiam ver as margens do Sena.

Sentaram-se. A sra. Fougeraie ficou um pouco afastada, perto de uma janela, e Béchoux começou:

— Bem, há algumas semanas, numa sexta-feira, quatro membros do Círculo, após um bom jantar, começaram a jogar pôquer. Eram quatro amigos, magnatas e fabricantes da Maromme, um grande centro fabril perto de Rouen. Três eram casados, pais de família, condecorados: Alfred Auvard, Raoul Dupin e Louis Batinet. O quarto, solteiro e mais novo, se chamava Maxime Tuillier. Por volta da meia-noite, outro jovem próspero e muito rico, o Paul Erstein, juntou-se a eles. As salas começaram a ficar vazias, e os cinco começaram um jogo de bacará. Paul Erstein, que tinha a paixão e o hábito de apostar, era o dono da banca.

Béchoux apontou para uma das mesas e continuou:

— Eles jogavam aqui, nesta mesa. No início o jogo estava muito calmo, jogado de forma tranquila, sem levar muito a sério. Mas foi ficando cada vez mais animado, assim que Paul Erstein trouxe duas garrafas de champanhe. E imediatamente, a partir desse momento, a sorte começou a correr a favor do dono da banca, de forma brutal, injusta, desagradável e exasperante. Paul Erstein sempre tinha um nove quando era preciso, sempre um trunfo no momento certo. Os outros ficaram furiosos, redobrando seus ataques. Em vão. Não valia a pena jogar mais. O resultado

dessas extravagâncias, nas quais todos persistiram teimosamente contra todo o senso comum, foi o seguinte: às quatro horas da manhã, os industriais da Maromme tinham perdido todo o dinheiro que trouxeram de Rouen para pagar os salários de seus trabalhadores. Além disso, Maxime Tuillier ficou devendo a Paul Erstein, por sua palavra, oitenta mil francos.

O inspetor Béchoux respirou por um momento, e depois continuou:

— De repente, um gesto teatral. Um gesto teatral, devemos admitir, em que Paul Erstein demonstrou sua extrema generosidade e desinteresse. Dividiu a soma total dos seus ganhos em quatro parcelas, que correspondiam exatamente às perdas dos seus adversários. Em seguida, dividiu cada pacote em três, e ofereceu aos seus oponentes as três partes finais. Seria assim, individualmente, o dobro ou nada em cada um dos três maços. Eles aceitaram. Paul Erstein perdeu nas três vezes. A sua sorte tinha ido embora. Após uma noite inteira de batalha, não houve vencedor nem perdedor. *"Menos mal",* disse Paul Erstein, levantando-se. *"Tive um pouco de vergonha. Mas, caramba, que dor de cabeça! Ninguém sai à varanda para fumar um cigarro?"* Ele dirigiu-se até a câmara redonda. Passaram-se alguns minutos, durante os quais os quatro amigos permaneceram em volta da mesa, discutindo alegremente os acontecimentos da batalha vencida. Depois resolveram ir embora. Tendo atravessado a segunda sala e a primeira, avisaram ao criado de guarda que dormia na antecâmara: *"O sr. Erstein ainda está lá dentro, Joseph. Mas em breve vai sair."* Todos saíram exatamente às quatro e meia. O carro de um deles, Alfred Auvard, levou-os de volta para Maromme, como fazia todas as sextas-feiras à noite. O criado Joseph, por sua vez, esperou uma hora. Até que, cansado do seu dever noturno, foi em busca de Paul Erstein, e encontrou-o caído na sala redonda, torcido sobre si mesmo, inerte: estava morto.

O inspetor Béchoux fez uma segunda pausa. A sra. Fougeraie tinha baixado a cabeça. Jim Barnett foi com o inspetor à câmara redonda, examinou-a, e pronunciou-se:

— Direto ao assunto agora, Béchoux. A investigação concluiu que…

— Concluiu — respondeu Béchoux —, "que Paul Erstein tinha sido atingido na têmpora com um instrumento contundente, com força para abatê-lo em um único golpe. Não havia vestígios de luta, exceto no relógio de Paul Erstein, que parou às quatro e cinquenta e cinco, ou seja, vinte e cinco minutos depois de os jogadores terem saído. Nenhum indício de

roubo: anéis, notas de banco, nada faltava. Por fim, não havia vestígios do agressor, que não poderia ter entrado ou saído pela antecâmara, uma vez que Joseph não tinha saído do seu posto."

— Então — disse Barnett — não há nenhuma pista?

— Há, sim.

Béchoux hesitou e disse:

— Sim, há uma pista, e muito séria, por sinal. À tarde, um dos meus colegas em Rouen relatou ao juiz que a varanda desta sala fica a uma distância muito curta de uma varanda no terceiro andar do edifício vizinho. O Ministério Público mandou investigar esse edifício, cujo terceiro andar é habitado pelo engenheiro Fougeraie. Ele tinha estado ausente o dia todo, desde a manhã. A sra. Fougeraie conduziu os magistrados até ao quarto do seu marido. A varanda desse quarto é adjacente à da câmara redonda. Veja, Barnett.

Barnett se aproximou e disse:

— Cerca de dois metros. Fácil de atravessar. Mas não há provas de que tenha sido atravessada.

— Sim, há — disse Béchoux. — Você está vendo, ao longo da rampa, aquelas caixas de madeira destinadas a flores, ainda com a terra do verão passado? Foram inspecionadas. Em uma delas, a mais próxima, foi encontrado quase na superfície, debaixo de uma camada de terra remexida, um soco inglês. O médico legista constatou que a ferida no corpo da vítima combinava exatamente com a forma do instrumento. Não foram encontradas impressões digitais no metal, pois não tinha parado de chover desde a manhã. Mas a acusação parecia decisiva. O engenheiro Fougeraie, vendo Paul Erstein na sala iluminada, atravessou a varanda, e então, cometeu o crime e escondeu a arma.

— Mas por que o crime? Ele conhecia Paul Erstein?

— Não.

— E então?

Béchoux fez um sinal. A sra. Fougeraie tinha se aproximado e ouvia as perguntas da Barnett. Seu rosto se contraía de dor. Um esforço visível continha as suas lágrimas, sob as pálpebras murchas de insônia. Com uma voz trêmula, ela disse:

— Cabe a mim responder, senhor. Farei isso em poucas palavras, com absoluta franqueza, e compreenderão a minha angústia. Não, o meu

marido não conhecia o sr. Paul Erstein. Mas eu o conhecia. Encontrei-o várias vezes em Paris, na casa de um dos meus melhores amigos, e ele passou a me cortejar. Tenho muito amor pelo meu marido, e tenho um profundo senso dos meus deveres como esposa. Por isso resisti ao impulso de me envolver com Paul Erstein. Apenas concordei em revê-lo algumas vezes aqui por perto, no campo.

— A senhora escreveu cartas para ele?

— Sim.

— E as cartas estão com a família dele?

— Nas mãos do pai dele.

— E o pai dele, que deve querer vingá-lo a todo o custo, ameaça entregar estas cartas para a justiça?

— Sim. Estas cartas provam a natureza irrepreensível da nossa relação. Mas elas também provam que eu me encontrava com ele, fora do meu casamento. Uma delas contém estas frases: *"Peço-te, Paul, seja razoável. O meu marido é extremamente ciumento e muito violento. Se ele suspeitasse das minhas inconsequências, ele seria capaz de tudo."* Ciúmes, esse seria o motivo que explicaria o assassinato e a descoberta da arma próxima ao quarto do meu marido.

— Mas a senhora tem certeza de que o sr. Fougeraie não tinha suspeitas?

— Nenhuma.

— E acha que ele é inocente?

— Oh, sem dúvida — disse ela apressadamente.

Barnett olhou-a profundamente nos olhos, e compreendeu que a convicção da mulher tinha impressionado Béchoux ao ponto de, apesar dos fatos, apesar da opinião do Ministério Público, e apesar da sua discrição profissional, o inspetor ficar inclinado a ajudá-la.

Barnett fez mais algumas perguntas, pensou longamente, e concluiu:

— Não posso dar-lhe qualquer esperança, minha senhora. Logicamente, o seu marido é culpado. Mas vou tentar provar que a lógica está errada.

— Fale com o meu marido — implorou a sra. Fougeraie — as explicações dele permitirão…

— Seria inútil, minha senhora. A minha ajuda só valerá a pena se eu conseguir inocentar o seu marido, e se eu dirigir os meus esforços na direção da sua convicção.

A entrevista estava terminada. Barnett partiu sem demora em sua missão e, acompanhado pelo inspetor Béchoux, foi a casa do pai da vítima, a quem ele disse, sem rodeios:

— Senhor, a sra. Fougeraie encarregou-me dos seus interesses. Vai entregar ao Ministério Público as cartas escritas ao seu filho, não vai?

— Hoje mesmo, senhor.

— Não hesita em comprometer, em desonrar a mulher que ele amava mais do que tudo?

— Se o marido dessa mulher matou o meu filho, lamento por ela, mas o meu filho será vingado.

— Espere cinco dias. Até a próxima terça-feira, o assassino será desmascarado.

Jim Barnett passou esses cinco dias de uma forma que surpreendeu o inspetor Béchoux. Ele fez e obrigou-o a fazer buscas incansáveis, questionou, mobilizou pessoas e gastou muito dinheiro. Contudo, não parecia satisfeito e, ao contrário do seu hábito, estava taciturno e bastante mal-humorado.

Na terça-feira de manhã ele encontrou a sra. Fougeraie e disse a ela:

— Béchoux conseguiu junto ao Ministério Público que os acontecimentos daquela noite sejam reconstituídos daqui a pouco. O seu marido foi convocado. A senhora também. Peço que fique calma, até mesmo apática, aconteça o que acontecer.

Ela sussurrou:

— Posso esperar o pior?…

— Eu ainda não sei dizer. Como disse, estou jogando com base na sua convicção, ou seja, sobre a inocência do sr. Fougeraie. Vou tentar provar esta inocência demonstrando uma possível hipótese. Mas vai ser difícil. Mesmo admitindo que já coloquei as minhas mãos na verdade, tudo pode mudar até ao último momento.

O procurador da República e o juiz de instrução que tinha realizado as investigações eram magistrados sérios, que se referiam apenas aos fatos e não procuravam interpretá-los de acordo com opiniões anteriores.

— Com estes, — disse Béchoux — não temo que você entre em conflito, ou que precise usar de ironia, Barnett. Eles me deram muito gentilmente toda a liberdade para fazer o que eu quiser — ou melhor, o que você quiser, não se esqueça disso.

— Inspetor Béchoux — respondeu Barnett —, só uso de ironia quando tenho certeza da vitória. E hoje não é o caso.

A terceira sala estava apinhada de gente. Os magistrados conversavam entre si, no limiar da câmara redonda, na qual entraram e da qual saíram depois de um tempo. O grupo de industriais estava esperando. Agentes e inspetores iam e vinham. O pai de Paul Erstein estava de lado, assim como o criado Joseph. O sr. e a sra. Fougeraie permaneceram em um canto: ele sombrio e preocupado, ela ainda mais pálida do que de costume. Sabia-se que a prisão do engenheiro já havia sido decretada.

Um dos magistrados, dirigindo-se aos quatro jogadores, disse:

— O tribunal irá agora proceder à reconstituição do jogo de sexta-feira à noite. Portanto, os senhores tomarão os seus lugares à mesa para representar o jogo de bacará tal como aconteceu. Inspetor Béchoux, o senhor será o dono da banca. Pediu aos cavalheiros que trouxessem a mesma quantidade de notas que tinham naquele dia?

Béchoux respondeu afirmativamente, e sentou-se na cadeira do meio. Alfred Auvard e Raoul Dupin à sua esquerda, Louis Batinet e Maxime Tuillier à sua direita. Foram dispostos seis baralhos de cartas. Mandou cortar e distribuir as cartas.

Foi bizarro: imediatamente, como na noite trágica, a sorte favoreceu a banca. Tão facilmente como o banqueiro Paul Erstein, o banqueiro Béchoux ganhava. Ao jogar oito ou nove, os trunfos se alternavam nas duas tábuas, e isto regularmente. Um golpe de sorte que persistia, sem os solavancos e reversões que, apesar de tudo, tinham marcado o primeiro jogo.

Esta continuidade, por assim dizer mecânica, parecia ser devida a um feitiço, que adquiriu um significado ainda mais desconcertante porque era a repetição de um choque que os jogadores já tinham sofrido antes. Distraído, Maxime Tuillier cometeu dois erros. Jim Barnett ficou impaciente e, com autoridade, tomou o seu lugar à direita de Béchoux.

Em dez minutos — pois os acontecimentos decorriam a uma velocidade absurda — mais de metade das notas, retiradas das suas carteiras pelos quatro amigos, estavam no pano verde em frente a Béchoux. Maxime Tuillier, representado por Jim Barnett, começava a perder com a sua palavra.

O ritmo acelerou. Rapidamente chegaram ao ponto extremo do jogo. E de repente Béchoux, como tinha feito Paul Erstein, dividiu os seus ganhos em quatro pacotes proporcionais às perdas, propondo assim os três "dobros ou nada" finais.

Os opositores seguiam-no com os olhos, impressionados, talvez, pela memória da noite trágica.

Três vezes Béchoux deu as cartas. *E três vezes, em vez de perder como Paul Erstein tinha perdido, Béchoux ganhou*.

Houve uma surpresa entre os presentes. Por que a sorte, que deveria ter mudado para que o milagre da reconstituição continuasse até ao fim, ainda favorecia o dono da banca? Se alguém saísse da realidade conhecida para uma realidade diferente, deveria acreditar que esta outra versão era a verdadeira?

— Estou confuso — disse Béchoux, ainda no seu papel de banqueiro, levantando-se após embolsar os quatro maços de notas.

Tal como Paul Erstein, queixou-se de uma dor de cabeça e pediu para ser acompanhado até à varanda. Ele foi até lá e acendeu um cigarro. Ele podia ser visto, à distância, através da porta da câmara redonda.

Os outros permaneceram imóveis, os seus rostos se contraíam. Sobre a mesa, as cartas estavam dispersas.

Então, por sua vez, Jim Barnett se levantou. Por qual fenômeno ele havia conseguido dar a sua figura, sua silhueta, a própria aparência de Maxime Tuillier, a quem ele havia acabado de dispensar do jogo e cujo lugar ele ocupava? Maxime Tuillier era um rapaz de cerca de trinta anos, apertado em seu paletó, com um rosto imberbe, um *lorgnon* dourado sobre o nariz e um olhar doentio e preocupado. *Jim Barnett era ele.* Ele caminhou lentamente até a sala redonda, com passo de autômato e uma expressão que às vezes era dura e implacável, às vezes indecisa e assustada — a expressão de um homem que pode estar prestes a cometer um ato terrível, mas que também pode fugir como um covarde antes de tê-lo feito.

Os jogadores não conseguiam vê-lo de frente. Mas os magistrados podiam vê-lo. E esqueceram-se de Jim Barnett, um artista cujo poder conheciam, e pensaram apenas em Maxime Tuillier, um jogador derrotado, que se juntava ao seu oponente vitorioso. Com que intenção? O seu rosto, que ele tentava controlar, traía a desordem da sua mente. O que faria ele? Pedir, ordenar, ou ameaçar? Quando saiu da câmara, estava calmo.

Fechou a porta.

A representação do drama — imaginado ou encenado? — era tão vívida que todos esperavam em silêncio. E os outros três jogadores também esperaram, com seus olhos fixos na porta fechada, atrás da qual acontecia novamente o que tinha ocorrido na trágica noite, e atrás da qual não eram Barnett e Béchoux que desempenhavam os seus papéis de assassino e vítima, mas sim Maxime Tuillier e Paul Erstein que estavam a lutar.

Então, após longos minutos, o assassino — poderia ele ser chamado de outra forma? — saiu. Titubeando, com os olhos alucinantes, ele se voltou para os seus amigos. Estava com os quatro pacotes na mão. Atirou um sobre a mesa, e empurrou à força os outros três para os bolsos dos três jogadores, dizendo:

— Paul Erstein, com quem acabo de falar, me pediu para devolver a vocês este dinheiro. Ele não o quer. Vamos embora daqui.

A quatro passos dele, Maxime Tuillier, o verdadeiro Maxime Tuillier, pálido e descomposto, estava apoiado no encosto de uma cadeira. Jim Barnett disse-lhe:

— Foi bem assim, não foi, sr. Maxime Tuillier? A cena foi reproduzida nos seus pontos essenciais? Fiz o papel que desempenhou na outra noite? Eu não representei bem o crime? O *seu* crime?

Maxime Tuillier parecia incapaz de ouvir. Cabeça baixa, braços caídos, parecia um manequim prestes a cair ao sopro da mais leve respiração. Ele vacilava como um bêbado. Os seus joelhos amoleceram. Desmaiou na cadeira.

Então Barnett saltou sobre ele e agarrou-o pelo colarinho.

— Você confessa? Hein? A propósito, não há outra alternativa. Eu tenho todas as provas. Por exemplo, o soco inglês… posso garantir que você sempre carrega um com você. Além disso, sua derrota no jogo o estava arrasando. Sim, minha investigação revelou que você estava mal nos negócios. Não teria mais dinheiro para seus pagamentos no final do mês. Era a ruína. Então… então você cometeu o assassinato e, não sabendo o que fazer com a arma, saltou para a varanda, e a enterrou.

Nem era preciso que Barnett se desse tanto ao trabalho: Maxime Tuillier não oferecia qualquer resistência. Esmagado sob o peso de um crime pesado demais para ele, e que carregava há semanas, ele gaguejava contra sua vontade as terríveis palavras de confissão, sem mais consciência

do que um moribundo em delírio.

A sala se encheu de tumulto. O juiz de instrução, debruçado sobre o culpado, registrava a confissão involuntária. O pai de Paul Erstein queria agarrar o assassino. O engenheiro Fougeraie gritava com fúria. Mas os mais implacáveis, talvez, eram os amigos de Maxime Tuillier. Um deles em especial, o mais antigo e notável, Alfred Auvard, cobriu-o com impropérios.

— Miserável! Nos fez acreditar que o infeliz tinha devolvido o dinheiro, mas roubou esse dinheiro depois de matar.

Atirou o maço de notas à cabeça de Maxime Tuillier. Os outros dois, também indignados, atiraram o dinheiro que agora lhes fazia horror.

A calma foi gradualmente restaurada. Levaram Maxime Tuillier, gemendo e quase desmaiando, para outra sala. Um detetive recolheu os maços de notas e entregou aos magistrados. Este último pediu ao sr. e à sra. Fougeraie que se retirassem, assim como ao pai de Paul Erstein. Depois felicitaram Jim Barnett pela sua clareza.

— Tudo isso — disse ele —, esse colapso de Maxime Tuillier, é apenas o lado banal do drama. O que o faz ser original, e o torna um drama profundamente misterioso, quando deveria ser apenas um fato, vem de outra coisa. E, embora isto não me diga respeito, se me permitem…

Então Jim Barnett virou-se para os três industriais que conversavam em voz baixa, aproximou-se deles e tocou suavemente no ombro do sr. Auvard.

— Uma palavra, senhor, pode ser? Penso que poderia lançar alguma luz sobre um assunto que ainda está muito obscuro.

— Sobre o quê? — respondeu Alfred Auvard.

— Sobre o papel que o senhor e os seus amigos desempenharam.

— Mas nós não desempenhamos qualquer papel nisso.

— Um papel ativo, não, claro. No entanto, há apenas algumas contradições perturbadoras que preciso apontar. Os senhores declararam, logo na manhã seguinte, que o jogo de bacará resultou em três jogadas *a favor de vocês*, o que anulou as suas perdas e determinou a sua partida pacífica. Mas essa afirmação é contrariada pelos fatos.

O sr. Auvard acenou com a cabeça e respondeu:

— Há aqui de fato um mal-entendido. A verdade é que as últimas três jogadas só aumentaram as nossas perdas. Paul Erstein se levantou, e Maxime, que parecia estar bastante controlado, seguiu-o até à sala redonda para fumar um cigarro, enquanto nós três ficamos conversando. Quando

ele voltou, talvez sete ou oito minutos depois, disse-nos que Paul Erstein não tinha levado o jogo a sério, que era um simulacro, envolvido nos vapores do champanhe; e que estava ansioso por nos devolver o dinheiro, mas com a condição de que ninguém deveria saber. O resultado do jogo seria considerado, no caso de alguém perguntar, como a compensação exata pelas perdas sofridas.

— E aceitaram tal oferta! Um presente para o qual não havia razão! Aceitando-o, nem foram agradecer a Paul Erstein! Acharam natural que Paul Erstein, um jogador endurecido, acostumado a ganhar e perder, não tirasse proveito de sua sorte! Muito improvável!

— Eram quatro da manhã. Estávamos de cabeça quente. Maxime Tuillier não nos deu tempo para pensar. Além disso, por que não deveríamos ter acreditado nele, uma vez que não sabíamos que ele tinha matado e roubado?

— Mas, no dia seguinte, todos sabiam que Paul Erstein estava morto.

— Sim, mas provavelmente morto após a nossa partida, o que não altera a última vontade expressa por ele.

— E nem por um momento suspeitaram de Maxime Tuillier?

— Com que direito? Ele é um de nós. O pai dele era meu amigo, e nos conhecemos desde crianças. Não, não suspeitamos de nada.

— Tem certeza?

Jim Barnett lançou estas palavras com voz irônica. Alfred Auvard hesitou durante alguns segundos, e depois retorquiu com irritação:

— As suas perguntas, senhor, soam-me como um interrogatório. Em que posição estamos aqui?

— No que diz respeito à acusação, estão como testemunhas. Mas, na minha opinião…

— Em sua opinião?…

— Eu vou explicar, senhor.

E, em tom calmo, Barnett continuou:

— Todo o caso, de fato, foi dominado pelo fator psicológico da confiança que os senhores inspiram. Materialmente, o crime poderia ser cometido a partir do exterior ou do interior. Mas a investigação voltou-se imediatamente para o exterior — e por esta razão, *a priori,* não há suspeitas sobre a rocha de honra e probidade formada por quatro industriais, ricos e condecorados, de reputação intacta. Se um dos senhores, ou o próprio

Maxime Tuillier, tivesse jogado sozinho uma partida de *écarté* com Paul Erstein, teria sem dúvida sido suspeito. Mas vocês eram quatro jogadores, e Maxime foi momentaneamente salvo pelo silêncio de seus três amigos. Ninguém imaginou que três homens da importância dos senhores pudessem ser cúmplices. No entanto, foi isso que aconteceu, e foi isso que eu pressenti imediatamente.

Alfred Auvard estremeceu.

— O senhor está louco! Cúmplices do crime?

— Oh! Isso, não. Obviamente os senhores não sabiam o que ele foi fazer na sala redonda, quando seguiu Paul Erstein. Mas sabiam que ele estava diferente, quando entrou lá. E quando regressou, sabiam que algo tinha acontecido.

— Nós não sabíamos de nada!

— Sim, algo brutal. Talvez não tenha sido um crime, mas também não foi uma conversa. Algo brutal, repito, que permitiu que Maxime Tuillier trouxesse o dinheiro de volta.

— Ora essa!

— Sim! sim! sim! Um covarde como o seu amigo não mataria alguém sem ficar com uma expressão de medo e de demência no rosto. E é impossível que não tenham reparado nessa expressão depois que ele cometeu o crime.

— Já disse que não vimos nada!

— E nem queriam ver.

— E por quê?

— Porque ele estava devolvendo o dinheiro que vocês perderam. Sim, eu sei, vocês três são ricos. Mas aquele jogo de bacará os desequilibrou. Como qualquer jogador amador, vocês sentiram que tinham sido roubados; e quando esse dinheiro foi devolvido, vocês aceitaram sem querer saber como seu amigo o havia conseguido. Vocês se agarraram desesperadamente ao silêncio. Naquela noite, no carro que os levou de volta a Maromme, embora fosse interessante para vocês consultar um ao outro e planejar uma versão menos perigosa daquela noite, nenhum de vocês trocou uma palavra, nem uma palavra! — eu sei, pelo seu motorista. E no dia seguinte, e nos outros dias, depois que o crime foi descoberto, vocês se evitavam! Tamanho era o medo de apreender os pensamentos um do outro.

— Suposições!

— Certezas! Que obtive após uma investigação cuidadosa no círculo social de vocês. Acusar o seu amigo seria denunciar o seu fracasso inicial, seria chamar a atenção para vocês e para as suas famílias, e lançar uma sombra sobre a sua longa história de honra e honestidade. Seria um escândalo. E os senhores se mantiveram em silêncio, enganando assim a justiça e entregando a ela o seu amigo Maxime.

A acusação foi feita com tanta veemência, e o drama, assim explicado, assumiu tal relevância, que o sr. Auvard hesitou por um momento. Mas, por uma reviravolta inesperada dos acontecimentos, Jim Barnett não empurrou mais sua vantagem. Ele riu e disse:

— Fique tranquilo, meu senhor. Consegui demolir o seu amigo Maxime, porque ele é um fraco, cheio de remorsos, e porque manipulei o jogo de agora há pouco, preparando as cartas de forma a favorecer a banca. E, finalmente, porque a descoberta do crime deixou-o perturbado. Mas eu não tinha mais provas contra ele do que tenho contra vocês, e vocês não são do tipo de pessoas que se deixam abater. Especialmente porque a sua cumplicidade, repito, é vaga, inconsistente, e invisível aos olhos. Portanto, os senhores não têm nada a temer. Apenas…

Aproximou-se do seu interlocutor e disse, cara a cara:

— Eu apenas quis tirá-los de sua zona de conforto. Por força do silêncio e da habilidade, vocês três conseguiram se envolver na escuridão, e perderam de vista essa cumplicidade mais ou menos voluntária que possuíam. Eu me oponho a isso. É preciso que, lá no fundo da consciência, vocês nunca se esqueçam de ter participado do mal, até certo ponto. Se vocês tivessem impedido seu amigo de seguir Paul Erstein até a câmara redonda, como deveriam ter feito, Paul Erstein não teria morrido. E se vocês tivessem contado o que sabiam, Maxime Tuillier não estaria a ponto de escapar da punição que merece. A esse respeito, usem e abusem da lei, senhores. Tenho a sensação de que ela será muito indulgente com vocês. Boa noite.

Jim Barnett pegou o seu chapéu e, desdenhando os protestos dos seus opositores, disse ao juiz de instrução:

— Prometi à sra. Fougeraie salvar o seu marido, e ao pai de Paul Erstein desmascarar o culpado. Está feito. Minha tarefa está terminada.

Os apertos de mão dos magistrados não foram calorosos. É bem provável que estivessem insatisfeitos com a acusação de Barnett, e que não

se dispusessem a segui-lo nessa direção.

Encontrando o inspetor Béchoux no estacionamento, Barnett disse:

— Esses três cavalheiros são inatingíveis. Ninguém tocará neles. São grandes burgueses, cheios de reputação e dinheiro, apoiadores da sociedade. A única coisa que existe contra eles é a sutileza das minhas deduções… Na verdade, não acredito que será feita justiça. Não importa! Conduzi bem o caso.

— E honestamente — aprovou Béchoux.

— Honestamente?

— Teria sido fácil para você pegar todo aquele dinheiro. Confesso que temi, por um momento.

— Obrigado pela parte que me toca, inspetor Béchoux! — disse Barnett, com dignidade.

Ele deixou Béchoux, saiu da mansão e foi para o edifício vizinho, onde a família Fougeraie agradeceu-o efusivamente. Digno como sempre, recusou qualquer recompensa; e demonstrou o mesmo altruísmo quando visitou o pai de Paul Erstein.

— A agência Barnett é gratuita — disse ele. — Essa é a sua força e a sua nobreza. Trabalhamos pela glória.

Jim Barnett pagou a sua conta no hotel, e ordenou que a sua mala fosse transportada para a estação. Depois, supondo que Béchoux regressaria a Paris com ele, passou pelas docas e entrou novamente no edifício do Círculo. No primeiro andar, ele parou. O inspetor descia.

Descia os degraus bruscamente, e gritou com raiva ao ver Barnett:

— Ah, aí está você!

Deu mais alguns passos e agarrou-o pelo casaco:

— O que fez com o dinheiro?

— Que dinheiro? — respondeu Barnett, inocentemente.

— O dinheiro que estava com você, na câmara redonda, quando desempenhou o papel de Maxime Tuillier.

— O quê?! Mas eu devolvi os quatro maços! Até me felicitou agora há pouco, meu caro amigo.

— Eu não sabia o que eu sei agora! — gritava Béchoux.

— E o que é que você sabe?

— As notas que entregou são falsas!

Béchoux espumava de cólera, e exclamava:

— Seu vigarista! Pensa que as coisas vão ficar assim? Vai devolver as notas verdadeiras, e imediatamente! Aquelas são falsas, e você sabe disso, seu canalha!

A sua voz estava estrangulada. Com fúria exasperada, sacudia Jim Barnett, que desatou a rir:

— Ah, que bandidos!! Não estou surpreso… Então, as notas que atiraram à cabeça de Maxime eram falsas? Que malandros! Vieram para a reconstituição com dinheiro falso!

— Mas você não entende! — disse Béchoux, fora de si. — Esse dinheiro pertence aos herdeiros da vítima! Paul Erstein ganhou esse dinheiro, e os outros jogadores têm que devolver!

A alegria de Barnett não tinha limites.

— Ah, que escândalo! Foi a vez deles serem roubados! E duas vezes! Que castigo para os ladrões!

— Mentiroso! Mentiroso! Foi você quem trocou! Foi você quem embolsou! Canalha! Patife!

Quando os magistrados saíram do Círculo, puderam ver o inspetor Béchoux, que gesticulava, sem palavras, num deplorável estado de nervos. E, ao seu lado, encostado na parede, Jim Barnett segurando as costelas, com lágrimas nos olhos, rindo!

… e como ele ria!…

O Homem com Dentes de Ouro

Jim Barnett, levantando a cortina da janela que fechava o escritório da agência para a rua, deu uma grande gargalhada e teve que se sentar. Teve um ataque de riso de amolecer as pernas.

— Não acredito! Por essa eu não esperava! Béchoux veio me ver! Deus! Que engraçado!

— O que tem isso de engraçado? perguntou o inspetor Béchoux, assim que entrou.

Olhava para o homem que ria até perder o fôlego, e repetiu piedosamente:

— Qual é a graça?

— A sua visita, por Deus! Depois da história do Círculo de Rouen, teve a coragem de vir aqui. Caramba, Béchoux!

Béchoux estava com um aspecto muito grave, e Barnett tentava se controlar. Mas não conseguia, e continuava a ter ataques de riso que o estrangulavam:

— Desculpe, meu velho Béchoux… mas é tão engraçado! Então, aí está você, um representante qualificado da justiça, aí está você, me trazendo outro pato para depenar! Um milionário, talvez? Um ministro? Vá lá, não fique com essa cara de gato molhado. Não somos amigos? Conte a sua pequena história. Do que se trata? Alguém precisa de ajuda?

Béchoux esforçou-se para reconquistar o seu aprumo e articulou:

— Sim, um padre nos arredores de Paris.

— Quem foi que ele matou, o seu bom padre? Uma ovelha do seu rebanho?

— Não, pelo contrário.

— Hein? Foi uma das ovelhas que o matou? Em que posso ajudar?

— Não… não… apenas…

— Caramba! Hoje você não está muito eloquente, Béchoux! Está bem. Não vamos falar sobre isso. Apenas me leve até o bom pároco. A minha mala está sempre pronta, quando se trata de te seguir.

A pequena aldeia de Vaneuil espalha-se pelas encostas de três colinas, que formam um cenário verde para sua antiga igreja românica. Atrás da nave desta igreja há um lindo cemitério campestre, delimitado à direita pela sebe de uma grande fazenda onde fica uma casa senhorial, e à esquerda pelo muro do conselho episcopal.

Foi até aqui, à sala de jantar do presbitério, que Béchoux trouxe Jim Barnett; e foi onde apresentou-o como detetive para alguém que não conhecia a palavra *impossível*, o abade Dessole. Era de fato um bom padre, na aparência e na realidade, gordo o suficiente, untuoso e rosado, de meia-idade; e seu rosto, obviamente plácido, exprimia preocupações às quais não estava acostumado. Barnett reparou nas suas mãos calosas, nos seus punhos rendados e na sua barriga saliente, que esticava a estola de uma batina simples e brilhante.

— Padre, — disse Barnett — não sei nada sobre o assunto que vos preocupa. O meu amigo, o inspetor Béchoux, apenas me disse que o conhecia. Pode agora dar-me alguma explicação, sem se perder em pormenores inúteis?

O abade Dessole deve ter preparado a sua narrativa; pois, de imediato e sem hesitação, trazendo uma voz de baixo cantante lá do fundo do seu queixo duplo, começou a falar:

— Deve saber, sr. Barnett, que os humildes servos desta paróquia são ao mesmo tempo guardiães de um tesouro religioso que, no século XVIII, foi legado à nossa Igreja pelos governadores do Château de Vaneuil. Dois ostensórios de ouro, dois crucifixos, tochas, um tabernáculo… Existem — ai de mim! eu deveria dizer, *existiam?* — nove peças valiosas, que as pessoas de todos os lugares vinham admirar. De minha parte…

O abade Dessole enxugou a testa, de onde brotava um leve suor, e continuou:

— De minha parte, devo dizer que sempre soube que este dever era cheio de perigos, e que o cumpria com tamanha atenção, em que havia tanto consciência como medo. Desta janela vocês podem ver a nave da

igreja, e a sacristia de paredes grossas onde os objetos sagrados eram guardados. Nesta sacristia há uma única porta, feita de carvalho maciço, que se abre para o coro. Eu sou o único que possui a enorme chave. Eu sou o único que pode abrir o cofre do tesouro. Eu sou o único a acompanhar os visitantes. E todas as noites, como a janela do meu quarto fica a menos de cinquenta metros da claraboia que ilumina a sacristia, eu instalo (sem que ninguém saiba) uma corda projetada para me acordar com o toque de um sino, à menor tentativa de arrombamento. Além disso, tomo a precaução de trazer todas as noites, para o meu quarto, o bem mais precioso de todos: um relicário incrustrado de joias. Ora, naquela noite…

Pela segunda vez, o abade Dessole passou o lenço sobre a testa. As gotas de suor cresciam em número e importância, à medida que a trágica aventura se desdobrava. Ele continuou:

— Ora, naquela noite, por volta da uma hora da manhã, não foi o toque de um sino que me tirou da cama, mal disposto e cambaleante na escuridão, mas o som de algo caindo no chão. Eu pensei no relicário. Teria sido roubado? Eu gritei: *"Quem está aí?"* Não houve resposta, mas tive certeza de que havia alguém aqui, e tive certeza de que a janela tinha sido arrombada, pois podia sentir o frio vindo do exterior. Tateei no escuro em busca da minha lanterna elétrica, ergui o braço e a acendi. Em um relance, vi uma figura encolhida, que usava um chapéu cinzento de abas dobradas, e um sobretudo marrom de golas levantadas. E na boca, que estava semiaberta como uma carranca, pude claramente distinguir dois dentes de ouro à esquerda. De imediato, com um golpe brusco no meu braço, o homem me fez derrubar a minha lanterna, e corri em sua direção. Mas para onde ele foi? Com o golpe, esbarrei no mármore da lareira, em frente à janela. Quando consegui encontrar alguns fósforos, o meu quarto estava vazio. Uma escada, que tinha sido retirada do meu celeiro, estava encostada ao peitoril da varanda. O relicário já não estava mais em seu esconderijo. Vesti-me apressadamente e corri para a sacristia. O tesouro tinha desaparecido.

Pela terceira vez, o abade Dessole enxugou o seu rosto. Ele transpirava muito. As gotas desciam em cascata.

— E claro — disse Barnett —, a claraboia foi quebrada, e o fio de alarme cortado? O que prova, que o golpe foi executado por alguém que conhece o local e os seus hábitos, certo? E em que momento, padre, o

senhor partiu em perseguição?

— Eu cometi o erro de gritar "ladrão", e me arrependi depois, pois meus superiores não gostam de escândalos e me culparam por todo o barulho que está sendo feito em torno do caso. Apenas meu vizinho ouviu meu chamado. O barão de Gravières, que é dono da fazenda do outro lado do cemitério há vinte anos, concordou comigo: antes de notificar a polícia e apresentar uma queixa, eu deveria tentar recuperar os objetos roubados. Como ele tem um carro, pedi a ele que fosse a Paris para encontrar o inspetor Béchoux.

— E eu estava aqui às oito horas da manhã — disse Béchoux, sentindo-se todo importante. — Às onze horas, o caso estava resolvido.

— Hein? O que você está dizendo? — exclamou Barnett. — Já tem um culpado?

Béchoux esticou o seu dedo indicador em direção ao teto, com um gesto teatral.

— Lá em cima, trancado no sótão, sob a guarda do barão de Gravières.

— Meu Deus! Que golpe de mestre! Diga-nos, Béchoux, mas seja breve, hein?

— Um simples quebra-cabeças — disse o inspetor, ansioso por elogios, todo eloquente. — 1°) havia muitas pegadas no chão molhado, entre a igreja e o presbitério; 2°) o exame das pegadas prova que havia apenas um malfeitor, e que primeiro ele levou os objetos preciosos a alguma distância, e depois voltou pela escada do presbitério; 3°) esta segunda tentativa falhou, e ele voltou para pegar seu saque e fugir pela estrada principal. A trilha se perdeu nas proximidades da Pousada Hippolyte.

— Imediatamente — disse Barnett —, você interrogou o dono da estalagem…

— E o dono da estalagem — continuou Béchoux — me respondeu: *"Um homem de chapéu cinzento, usando sobretudo castanho, e com dois dentes de ouro? Mas é o sr. Vernisson, o caixeiro viajante… Sr. Quatro de Março, como o chamamos, já que ele passa por aqui todos os anos no dia 4 de março. Chegou ontem, ao meio-dia, ao pequeno trote do seu cavalo, arrumou o seu cabriolé, almoçou, e depois foi visitar os seus clientes." "A que horas ele chegou?" "Ao bater das duas horas da manhã, como de costume." "E ele já foi embora?" "Há quarenta minutos, em direção a Chantilly".*

— Mas em que parte — cortou Barnett — você partiu em sua perseguição?

— O barão levou-me no seu carro. Ultrapassamos o sr. Vernisson, e, apesar dos seus protestos, o forçamos a voltar atrás.

— E ele confessou? — perguntou Barnett.

— Sem convicção. Ele apenas diz: *"Não contem nada para a minha mulher, não deixem que a minha mulher seja avisada"*.

— Mas, e o tesouro?

— Nada no porta-malas do carro.

— Mas as provas são claras?

— Totalmente. Os seus sapatos encaixam perfeitamente nas pegadas do cemitério. Além disso, o padre afirma ter se encontrado com este mesmo indivíduo no final da tarde, no cemitério. Portanto, não há dúvidas.

— Bem, então o que há de errado? Por que me chamou?

— Essa é uma história do padre… — disse Béchoux, com um olhar desagradado. — Não estamos de acordo quanto a um ponto secundário.

— Secundário… é o que você acha — formulou o abade Dessole, cujo lenço parecia emergir da água.

— Qual é o problema, padre? — perguntou Barnett.

— Bem, é o seguinte — disse o abade Dessole. — É sobre…

— Sobre o quê?

— Sobre os dentes de ouro… O sr. Vernisson tem dois. Mas…

— Mas…?

— Eles ficam à direita… enquanto os que vi estavam à esquerda.

Jim Barnett não conseguiu manter a seriedade. Uma risada repentina apoderou-se dele. Enquanto o abade Dessole o encarava desnorteado, ele exclamou:

— Para a direita? Que catástrofe! Mas o senhor tem certeza de que não está enganado?

— Tomo Deus como minha testemunha.

— Mas o senhor já tinha visto esse sujeito antes?

— No cemitério. Era o mesmo homem. Mas à noite, não pode ter sido o mesmo, uma vez que os dentes de ouro estavam à esquerda, e os dele estão à direita.

— Talvez ele tenha mudado os dentes para o outro lado — caçoou Barnett, que ria cada vez mais. — Béchoux, traga-nos o sujeito.

Dois minutos depois, entrou o sr. Vernisson, digno de pena, curvado, uma figura melancólica de bigode caído. Estava acompanhado pelo barão de Gravières, um ogro robusto, de ombros quadrados, que levava uma pistola na mão. E de imediato o sr. Vernisson, que parecia aturdido, começou a choramingar:

— Não sei nada sobre esse caso… objetos preciosos, uma fechadura quebrada? O que é que isso significa?

— Confesse — ordenou Béchoux —, em vez de gaguejar!

— Confesso o que vocês quiserem, desde que a minha mulher não fique sabendo de nada. Isso não. Vou me encontrar com ela em nossa casa, perto de Arras, na próxima semana. Devo estar lá, e ela não pode saber de nada.

A emoção e o medo abriam sua boca torta, em uma fenda onde os dois dentes de metal podiam ser vistos. Jim Barnett se aproximou, colocou dois dedos naquela fenda e concluiu gravemente:

— Eles não se movem. Estão realmente do lado direito. E o padre viu dentes do lado esquerdo.

O inspetor Béchoux ficou furioso.

— Isso não muda nada!… Já temos o ladrão. Ele tem vindo à aldeia por vários anos para planejar o seu ataque. É ele! O padre não viu direito.

O abade Dessole estendeu solenemente os seus braços:

— Tomo Deus como testemunha de que os dentes estavam do lado esquerdo.

— À direita!

— À esquerda!

— Vamos, sem discussão — disse Barnett, chamando os dois à parte. — Em suma, padre, o que é que o senhor quer?

— Uma explicação que me dê certeza.

— Sem a qual?…

— Sem a qual vou procurar a lei, como deveria ter feito desde o início. Se este homem não for culpado, não temos o direito de detê-lo. E tenho certeza, os dentes de ouro do meu agressor estavam à esquerda.

— À direita! — proferiu Béchoux.

— À esquerda! — insistia o padre.

— Nem para a direita nem para a esquerda — declarou Barnett, que estava se divertindo muito. — Entregarei o culpado a vocês amanhã de

manhã, aqui às nove horas, e ele mesmo dirá onde se encontram os objetos preciosos. O padre passará a noite nesta poltrona, o barão nesta outra poltrona, e o sr. Vernisson naquela outra ali. Acorde-me às oito e quarenta e cinco, Béchoux. Quero torradas, chocolate e ovos cozidos.

Até o final do dia, Jim Barnett foi visto por todos os lados. Viram-no examinando as sepulturas no cemitério, uma por uma; viram-no em visita ao quarto do padre. Foi visto na agência dos correios, de onde fez algumas ligações. Foi visto na Pousada Hippolyte, onde jantou com o proprietário. Foi visto pela estrada e pelos campos.

Não voltou antes das duas da manhã. O barão e o inspetor, abraçados com o homem com os dentes de ouro, roncavam alto, como se cada um quisesse abafar o ressonar do outro. Ao ouvir Barnett, o sr. Vernisson resmungou:

— Não deixem a minha mulher saber…

Jim Barnett se jogou no chão e adormeceu imediatamente.

Às oito e quarenta e cinco, Béchoux acordou-o. O café da manhã estava pronto. Barnett engoliu quatro torradas, o seu chocolate, os seus ovos, fez os seus ouvintes sentarem-se à sua volta e disse:

— Vou cumprir a minha promessa, na hora marcada. E você, Béchoux! Vou te mostrar como todos os truques profissionais, impressões digitais, pontas de cigarro e outras besteiras têm pouco peso em comparação com os dados imediatos, obtidos a partir de uma inteligência clara, apoiada por um pouco de intuição e experiência. Começo com o sr. Vernisson.

— Façam o que quiserem comigo, desde que a minha mulher não seja informada! — gaguejou o sr. Vernisson, que parecia assolado pela insônia e pela ansiedade.

Jim Barnett pronunciou:

— Há dezoito anos atrás, Alexandre Vernisson, que já viajava como representante de uma fábrica de alfinetes, encontrou-se aqui, em Vaneuil, com uma srta. Angélica, costureira do povoado. Foi amor à primeira vista para ambos os lados. O sr. Vernisson obteve algumas semanas de licença, cortejou e conquistou a menina Angélica, que o amava ternamente. Ela o mimou, fez dele um homem muito feliz, e morreu dois anos mais tarde. Ele nunca se consolou e, embora mais tarde tenha sucumbido às investidas de uma tal srta. Honorine e se casado com ela, a memória da srta. Angélica permaneceu ainda mais viva. Honorine — uma pessoa muito maldosa e

ciumenta — não para de persegui-lo e censurá-lo por esse grande amor, do qual o acaso lhe revelou todos os pormenores. Daí surgiu a comovente e misteriosa peregrinação a Vaneuil, que Alexandre Vernisson faz todos os anos. Estamos de acordo, sr. Vernisson?

— Qualquer coisa — respondeu este último —, desde que…

Jim Barnett continuou:

— Assim, todos os anos, o sr. Vernisson organiza as suas rotas comerciais, de modo a passar por Vaneuil sem que madame Honorine fique sabendo. Ajoelha-se sobre o túmulo de Angélica, no aniversário da sua morte, naquele cemitério onde ela queria ser enterrada. Ele caminha para os lugares onde caminharam juntos no dia em que se conheceram, e só regressa à estalagem quase na hora de ir embora. Poderão ver aqui perto a humilde cruz, cujo epitáfio me informou sobre os hábitos do sr. Vernisson:

AQUI JAZ ANGÉLICA
MORTA NO DIA 4 DE MARÇO. ALEXANDRE A AMAVA,
E AINDA CHORA POR ELA!

— Compreendem agora por que é que o sr. Vernisson tem tanto medo que a sra. Vernisson seja informada de sua desventura? O que diria ela, a irascível sra. Vernisson, se soubesse que o infiel sr. Vernisson é suspeito de roubo, por culpa de sua falecida amada?

O sr. Vernisson não parava de chorar, fazendo jus ao epitáfio. Ele também chorava ao imaginar antecipadamente as represálias da sra. Vernisson. Obviamente isso era tudo que importava, e o resto da história era estranho para ele. Béchoux, o barão de Gravières e o abade Dessole escutavam com atenção apaixonada.

— Assim, — continuou Barnett — está esclarecido um dos problemas, a presença regular do sr. Vernisson em Vaneuil. Esta solução conduz logicamente a elucidação do enigma do tesouro. Os dois fatos estão intimamente relacionados. Os senhores admitirão que um tesouro tão considerável deve excitar a imaginação e desencadear a cobiça. A ideia de roubo deve ter surgido na mente de muitos visitantes, e de bastante gente no país. Roubo difícil, devido às precauções tomadas pelo padre, mas menos laborioso para alguém que teve a oportunidade de conhecer estas precauções, e a possibilidade, durante anos, de estudar o terreno, arquitetar o seu plano e evitar o perigo de uma acusação. Eis a chave de tudo: não levantar suspeitas. E, para não ser suspeito, a melhor maneira é desviar a

desconfiança para outra pessoa… para aquele homem, por exemplo, que regressa furtivamente ao cemitério em uma data fixa, que se esconde, e cujos hábitos obscuros fariam dele o suspeito principal! E então, lentamente, pacientemente, a trama é tecida. O chapéu cinzento, o sobretudo castanho, as pegadas dos sapatos, os dentes de ouro, tudo isto é meticulosamente calculado. O culpado será esta pessoa desconhecida, e não o verdadeiro ladrão, ou seja, aquele que, nas sombras, familiarizado talvez com a igreja, continua com suas manobras, ano após ano.

Barnett ficou em silêncio por um momento. A verdade estava prestes a ser revelada. O sr. Vernisson estava assumindo o papel de vítima. Barnett estendeu a sua mão.

— A sra. Vernisson não suspeitará da sua peregrinação. Sr. Vernisson, por favor, desculpe-nos pelo erro cometido em relação à sua pessoa, durante os últimos dois dias. E desculpe-me se, esta noite, revistei o seu cabriolé e descobri, no fundo falso do seu baú, o esconderijo onde guarda as cartas da srta. Angélica e as suas confidências privadas. Está livre, sr. Vernisson.

O sr. Vernisson se levantou.

— Um momento! — protestou Béchoux, confuso e indignado.

— Fala, Béchoux.

— E os dentes de ouro? — gritou o inspetor. — Pois não devemos fugir a essa questão. O padre viu, com os seus próprios olhos, dois dentes de ouro na boca do ladrão. E o sr. Vernisson tem dois dentes de ouro aqui à direita! Isso é um fato.

— Os que vi estavam à esquerda — retificou o abade.

— Ou à direita.

— À esquerda, afirmo eu.

Jim Barnett começou a rir de novo.

— Macacos me mordam, fiquem quietos! Estão brigando por uma besteira. Como pode você, Béchoux, inspetor da Sûreté, ainda se abalar com um pequeno e pobre detalhe como esse! É uma brincadeira de criança! É um problema de escola! Padre, este quarto é uma réplica exata do seu quarto, não é?

— Exatamente. O meu quarto fica no andar de cima.

— Feche as persianas, padre, e desça as cortinas. Sr. Vernisson, empreste-me o seu chapéu e o seu sobretudo.

Jim Barnett colocou o chapéu cinzento de abas dobradas, e vestiu o sobretudo marrom de colarinho virado para cima; depois, quando a sala ficou completamente escura, tirou uma lanterna elétrica do bolso e plantou-se diante do padre, enviando o fluxo de luz para a sua boca aberta.

— O homem! O homem com dentes de ouro! — gaguejou o abade Dessole, olhando para Barnett.

— De que lado estão eles, os meus dentes de ouro, padre?

— À direita, e os que vi estavam à esquerda.

Jim Barnett desligou a sua lâmpada, agarrou o abade pelos ombros e girou-o várias vezes, como se fosse um pião. Depois, abruptamente, acendeu a luz de novo, dizendo num tom imperioso:

— Olha para a frente… bem à tua frente. Vê os dentes de ouro? De que lado?

— À esquerda — disse o abade, atordoado.

— À direita… ou à esquerda… o senhor não tem certeza. Bem, padre, foi o que aconteceu na outra noite. Quando saltou da cama de repente, não percebeu que estava de costas para a janela, que estava à frente da lareira, e que o homem não estava à sua frente, mas ao seu lado; e que, ao acender a sua lanterna, projetava a luz não sobre ele, mas sobre a sua imagem refletida no espelho. E foi o mesmo fenômeno que eu causei, ao atordoá-lo com algumas piruetas. Compreende agora? E devo lembrar que um espelho reflete um objeto, mostrando o lado direito à esquerda e o lado esquerdo à direita? Daí concluímos que o senhor viu à esquerda os dentes de ouro que estavam à direita.

— Sim! — gritou vitoriosamente o inspetor Béchoux. — Isso quer dizer que eu estava certo, e o padre não estava errado ao afirmar que tinha visto dentes de ouro. Portanto, é necessário que nos apresente no lugar do sr. Vernisson uma pessoa que tenha dentes de ouro.

— Não há necessidade.

— Mas o ladrão tinha dentes de ouro!

— Será que eu tenho? — disse Barnett.

Tirou da boca uma folha de papel dourado que tinha a forma dos seus dois dentes.

— Aqui está a prova. É convincente, não é? Com marcas de sapatos, um chapéu cinzento, um sobretudo marrom e dois dentes de ouro, pode-se fazer um incontestável sr. Vernisson. E como é fácil! Tudo o que se tem de

fazer é obter um papel dourado… como este, que vem da mesma loja em Vaneuil onde o barão de Gravières comprou uma folha de papel dourado há três meses.

A frase, solta com negligência, foi prolongada por um silêncio surpreendente. Para dizer a verdade, Béchoux, a quem o argumento de Barnett tinha conduzido passo a passo em direção ao objetivo, não ficou de outra forma surpreendido. Mas o abade Dessole permaneceu como se estivesse sufocado. Ele observava furtivamente o seu honrado paroquiano, o barão de Gravières. Este último, muito vermelho, não proferia uma palavra.

Barnett devolveu o chapéu e o sobretudo ao sr. Vernisson, que se retirou, murmurando:

— Vocês me dão certeza, não é? A sra. Vernisson não saberá de nada? Seria terrível se ela soubesse… Imaginem só!

Barnett conduziu-o, e depois voltou, com um ar alegre. Ele esfregava as mãos.

— Excelente! Foi jogo rápido! Até me sinto orgulhoso. Viu como se faz, Béchoux? É o mesmo procedimento que utilizei nas outras vezes em que trabalhamos juntos. Começamos por não acusar o principal suspeito. Não lhe pedimos explicações. Nem nos preocupamos com ele. Mas, sem que ele desconfie, toda a aventura é gradualmente reconstruída em sua presença. Ele revive o papel que desempenhou. Ele observa, cada vez mais assustado, enquanto começa a vir à tona tudo o que ele pensava estar enterrado na escuridão para sempre. E ele começa a se sentir enrolado, amarrado, impotente, confuso… ele sabe tão bem que todas as evidências necessárias já foram reunidas contra ele… seus nervos ficam abalados a tal ponto, que ele nem pensa em se defender ou protestar. Não é assim, barão? Estamos de acordo, não é mesmo? Ainda preciso mostrar as minhas provas? Estas aqui são suficientes para o senhor?

O barão de Gravières devia estar sentindo as próprias impressões que Barnett descrevia, pois não esboçava reação ao ataque, nem tentava esconder a sua angústia. Sua atitude não seria diferente se tivesse sido apanhado em flagrante.

Jim Barnett aproximou-se dele, e serenamente tranquilizou-o.

— Não há nada a temer, senhor barão. O abade Dessole, que deseja evitar o escândalo a todo o custo, pede-lhe simplesmente que devolva os objetos preciosos. Em troca do qual será dispensado.

O barão de Gravières levantou a cabeça, considerou o seu terrível adversário por um momento, e, sob o olhar inflexível do vitorioso, murmurou:

— Não haverá queixa?… Não vamos falar nada?… Será que o senhor padre promete fazê-lo?

— Nada, prometo — disse o abade Dessole. — Esquecerei tudo, assim que o tesouro tiver retornado ao seu lugar. Mas será possível, senhor barão? O senhor! Foi o senhor quem cometeu tal crime! O senhor, em quem eu depositei tanta confiança! Um dos meus fiéis paroquianos!

Sr. de Gravières sussurrava humildemente, como uma criança que admite a sua culpa e se alivia ao confessá-la:

— Foi mais forte do que eu, padre. Eu pensava naquele tesouro o tempo todo, e estava ali, ao alcance das minhas mãos… Eu tentei resistir… eu não queria… foi uma grande luta dentro de mim…

— Será possível? — repetia dolorosamente o abade. — Será possível?!

— Sim… Eu perdi muito dinheiro em especulações. Como eu iria viver? Veja, padre, nos últimos dois meses tenho reunido em um canto da minha garagem todo o meu mobiliário antigo, meus belos pêndulos, minhas tapeçarias. Eu queria vendê-los… então eu estaria salvo. Mas o meu coração estava em pedaços… e o 4 de março se aproximava… Veio a tentação… a ideia de dar o golpe como eu tinha planejado… e eu sucumbi. Perdoe-me…

— Eu te perdoo, — disse o abade Dessole — e rogarei a Deus para que ele não te dê um castigo severo demais.

O barão se levantou e disse, em tom resoluto:

— Venham. Tenham a bondade de me seguir, por favor.

Seguiram pela estrada principal, como pessoas que saíam para dar um passeio. O abade Dessole enxugava o suor do seu rosto. O barão caminhava a passos pesados, com as costas encurvadas. Béchoux estava preocupado: não tinha dúvidas de que Barnett, que tinha desvendado o caso tão rapidamente, já teria alegremente confiscado os objetos preciosos.

Jim Barnett, ao seu lado, estava muito à vontade:

— Béchoux, seu cego! Como você não percebeu quem era o verdadeiro culpado? Deduzi imediatamente que o sr. Vernisson não poderia ter planejado tal maquinação, no ritmo de uma viagem por ano, e que deveria ser de um homem do próprio povoado — um vizinho, de preferência. E

esse vizinho era o barão, cuja residência tem uma visão direta da igreja e do presbitério! Ele conhecia todas as precauções do padre. Observava todas as peregrinações em datas fixas do sr. Vernisson… E então…

Béchoux não dava ouvidos, absorto em temores que a reflexão tornava mais cruéis. E Barnett brincou:

— Então, tendo certeza de minhas conclusões, eu fiz a acusação. A propósito, nem um pedaço de prova, nem uma sombra. Mas eu podia ver o bom homem ficando pálido, à medida que a coisa foi tomando forma, e ele não conseguiu mais se segurar. Ah, Béchoux, não conheço nenhum prazer como esse. E você vê o resultado, Béchoux?

— Sim, eu vejo… ou melhor, vou vê-lo — disse Béchoux, que já estava à espera do golpe de mestre.

O sr. de Gravières tinha contornado as valas da sua propriedade e seguia por um pequeno caminho de heras. Trezentos metros à frente, depois de um bosque de carvalhos, ele parou.

— Aqui — disse ele, com voz seca — no meio deste campo… no moinho de pedra.

Béchoux suspirava amargamente. Mas queria terminar logo com isso, e apressou-se, seguido pelos outros.

O moinho de pedra era de pequenas dimensões. Em um minuto ele liberou o mecanismo, espalhando os fardos de feno acumulados. E de repente ele proferiu um clamor de triunfo.

— Aqui estão eles! Um ostensório! uma tocha! um candelabro… seis objetos! Sete!

— Deve haver nove — gritou o abade.

— Nove… aqui estão! Muito bem, Barnett! Muito inteligente!

Ah, esse Barnett…

O abade desfalecia de felicidade, pressionando os objetos encontrados contra o seu peito, e murmurando:

— Sr. Barnett, como eu te agradeço! A Divina Providência vai recompensá-lo.

Instantes depois, o inspetor Béchoux pôde constatar que não se enganou ao prever um golpe de mestre.

No regresso, quando o sr. de Gravières e os seus companheiros caminhavam novamente pela propriedade, ouviram gritos vindos do pomar. O sr. de Gravières correu para a garagem, onde três criados da fazenda

estavam gesticulando.

Imediatamente, adivinhou a natureza da catástrofe e viu a extensão da mesma. A porta de um pequeno barracão adjacente à garagem tinha sido arrombada; e todo o mobiliário antigo, os belos relógios e tapeçarias que estavam trancados neste barracão e eram os seus últimos recursos — tudo tinha desaparecido.

— Que desgraça! — ele gaguejava e cambaleava — Quando tudo isso foi roubado?

— Ouvimos os cães latindo ontem à noite, — disse um criado — por volta das onze horas.

— Mas como isso aconteceu?

— Levaram tudo no carro, senhor barão.

— O meu carro! Também foi roubado!

O barão caiu chorando nos braços do abade Dessole, que gentilmente o consolava com gestos paternais.

— O castigo não demorou muito a chegar, meu pobre filho… Aceite-o com espírito de contrição…

Béchoux tinha cerrado os punhos e caminhava lentamente em direção a Jim Barnett, pronto para atacá-lo.

— Registre uma queixa na polícia, sr. barão — rosnou com raiva. — Garanto que os seus móveis não estão perdidos.

— Por Deus, não, não estão perdidos — disse Barnett, sorrindo amigavelmente. — Mas fazer uma queixa seria muito perigoso para o sr. barão.

Béchoux avançava, com o olhar cada vez mais duro e a atitude cada vez mais ameaçadora. Mas Barnett veio ao seu encontro, e cercou-o.

— Sabe o que teria acontecido sem mim? O padre não teria encontrado o seu tesouro. O inocente Vernisson seria preso, e a sra. Vernisson descobriria o segredo do marido. Enfim, acho que você teria que se matar.

Béchoux afundou-se no tronco cortado de uma árvore. Ele estava sufocando de raiva.

— Rápido, sr. barão — gritou Barnett —, uma bebida para Béchoux! Ele está passando mal!

O sr. de Gravières deu ordens. Uma garrafa de vinho velho foi trazida. Béchoux bebeu um copo. O abade também. O sr. de Gravières bebeu o resto…

As Doze Africanas de Béchoux

O primeiro cuidado do sr. Gassire, ao acordar, foi verificar se o pacote de títulos, que ele havia trazido na noite anterior, ainda estava na mesa de cabeceira onde o havia depositado.

Assegurado, ele se levantou e se lavou.

Nicolas Gassire, um homem pequeno, gordo e de cara magra, era um homem de negócios no distrito dos Invalides, e tinha uma clientela de pessoas sérias que lhe confiavam suas economias, e a quem ele oferecia os melhores rendimentos, graças às bem-sucedidas especulações na bolsa de valores e às operações secretas de agiotagem.

Ele ocupava um apartamento, no primeiro andar de antigo prédio do qual era proprietário. O ambiente era composto por uma antessala, um quarto, uma sala de jantar usada como escritório, uma sala onde três funcionários vinham para trabalhar e, no final, uma cozinha.

Muito parcimonioso, ele não tinha empregada. Todas as manhãs, às oito horas, vinha a zeladora (uma mulher pesada, ativa e alegre) que trazia sua correspondência, fazia as tarefas domésticas e colocava um croissant e uma xícara de café em sua mesa.

Naquela manhã, a mulher saiu às oito e meia; e o sr. Gassire, como fazia todos os dias enquanto esperava por seus funcionários, comia calmamente, abria suas cartas e lia seu jornal. Mas, de repente, faltando exatamente cinco minutos para as nove horas, ele pensou ter ouvido um barulho em seu quarto. Lembrando-se do pacote de títulos que havia deixado lá, correu em disparada. O maço de títulos havia desaparecido e, ao mesmo tempo, a porta da antessala se fechava violentamente.

Ele queria abri-la. Mas a fechadura só funcionava com a chave, e esta chave o sr. Gassire tinha deixado em sua mesa.

— Se eu for procurá-la, — pensou ele — o ladrão escapará sem ser visto.

O sr. Gassire abriu a janela da antessala, que dava para a rua. Naquele momento, era materialmente impossível que alguém tivesse tido tempo de sair da casa. E, na verdade, a rua estava deserta. Em meio ao pânico, Nicolas Gassire não pediu ajuda. Mas, alguns segundos depois, vendo seu principal funcionário emergindo da avenida vizinha e vindo em direção à casa, ele acenou.

— Rápido! Rápido, Sarlonat! — disse ele, curvando-se — Entre, feche a porta e não deixe ninguém passar. Fui assaltado!

Assim que seu pedido foi atendido, ele se apressou a descer as escadas, ofegante, perturbado.

— E então, Sarlonat, alguém?

— Ninguém, sr. Gassire.

Ele correu para o alojamento da zeladora, que ficava entre o fundo das escadas e um pátio escurecido. A zeladora estava varrendo.

— Fui assaltado, sra. Alain! — exclamou ele. — Será que ninguém veio se esconder aqui?

— Claro que não, sr. Gassire! — gaguejou a enorme senhora, desconcertada.

— Onde a senhora guarda a chave do meu apartamento?

— Aqui, sr. Gassire, atrás do relógio. Ninguém pode ter mexido nela, pois estou aqui no meu apartamento há mais de meia hora.

— Então o ladrão, ao invés de descer, subiu as escadas. Ah, isso é assustador!

Nicolas Gassire voltou para a entrada. Seus dois outros funcionários estavam chegando. Em algumas frases sem fôlego, ele lhes deu, com toda pressa, suas instruções. Ninguém deveria passar, em qualquer direção, até que ele tivesse retornado.

— Entendido, Sarlonat?

Imediatamente subiu as escadas e correu para casa.

— Alô! — gritava ele, empunhando o telefone — Alô! A delegacia de polícia… Não, senhorita, não quero falar com a Prefeitura! Quero falar com o café da delegacia… O número? Não sei!… Rápido… a informação é pra hoje, senhorita!

Finalmente, ele conseguiu falar com o dono do café e disse:

— O inspetor Béchoux está aí? Chame-o… Imediatamente… A toda velocidade… Ele é um dos meus clientes… Não há um segundo a perder. Alô! Inspetor Béchoux? É o sr. Gassire que está falando, Béchoux. Sim, estou bem… ou melhor, não… Eles me roubaram alguns títulos, um pacote… Estou esperando por você. O quê? Como é que é? Impossível? Você vai sair de férias? Mas eu não estou nem aí com as suas férias! Você tem que vir correndo, Béchoux… pode correr! Suas doze ações das Minas Africanas estavam no pacote!

Do outro lado da linha, o sr. Gassire ouviu um tremendo: *"Filho da…!"*, o que lhe assegurou plenamente das intenções e da prontidão do inspetor Béchoux.

De fato, quinze minutos depois, o inspetor Béchoux chegou com pressa, todo descomposto, e correu até o homem de negócios.

— Minhas *Africanas*!… Todas as minhas economias! Onde elas estão?

— Roubadas! Junto com todos os títulos dos meus clientes… todos os meus títulos!

— Roubadas!

— Sim, no meu quarto, há uma meia hora.

— Droga! Mas o que minhas *Africanas* estavam fazendo no seu quarto?

— Eu tirei ontem o pacote do meu cofre do Crédit Lyonnais, e ia depositá-lo em outro banco. Achava mais conveniente. Mas eu errei…

Béchoux sacudia Gassire pelos ombros, com suas mãos de ferro.

— Você é o responsável, Gassire. Você vai me reembolsar!

— Com o quê? Estou arruinado.

— Arruinado? E esta casa?

— Hipotecada até o último tijolo.

Os dois homens pulavam e vociferavam um com o outro. A zeladora e os três funcionários também tinham perdido a cabeça e bloqueavam o caminho de duas jovens, inquilinas do terceiro andar, que queriam sair de casa a qualquer custo.

— Ninguém sai! — gritava Béchoux, fora de si. Ninguém sai, até aparecerem as minhas doze *Africanas*!

— Talvez precisemos de ajuda… — sugeriu Gassire. — o açougueiro… o merceeiro… eles são pessoas confiáveis.

— Eu não quero ajuda — articulou Béchoux. — Se fosse para chamarmos alguém, eu telefonaria para a agência Barnett, na Rue de Laborde. E depois faria uma queixa. Mas isso seria uma perda de tempo. Agora, temos que agir.

Ele tentava se controlar, impelido por sua responsabilidade como líder. Mas seus gestos inquietos e o aperto de sua boca denunciavam um nervosismo extremo.

— Vamos manter o sangue frio — disse ele a Gassire. — Em suma, estamos no caminho certo. Ninguém saiu. Portanto, temos que pegar minhas doze *Africanas* antes que sejam levadas. Isso é o principal.

Ele interrogou as duas garotas. Uma era datilógrafa, trabalhava em casa copiando circulares e relatórios. A outra também dava aulas de flauta em casa. Elas queriam sair e fazer compras para o almoço.

— Mil perdões! — respondeu Béchoux, inflexível. — Mas nesta manhã, a porta da rua permanecerá fechada. Sr. Gassire, dois de seus funcionários ficarão aqui permanentemente. O terceiro fará as compras para as moças. Eles poderão sair, mas com minha permissão. E todos os pacotes, caixas, listas de compras, itens suspeitos serão rigorosamente examinados. Essa é a instrução. Quanto a nós, sr. Gassire, vamos ao trabalho! A zeladora nos conduzirá.

A disposição do prédio facilitava a investigação. Três andares. Apenas um apartamento por andar, totalizando quatro apartamentos com o do andar térreo, desocupado no momento. No primeiro andar, sr. Gassire. No segundo, o sr. Touffémont, deputado, ex-ministro. No terceiro, que era dividido em dois pequenos apartamentos, moravam a srta. Legoffier, datilógrafa, e a srta. Haveline, professora de flauta.

Naquela manhã, tendo o deputado Touffémont ido às oito e meia para a Câmara, onde ele presidia um comitê, e sendo a faxina de sua casa feita por uma senhora que só viria na hora do almoço, eles esperaram por seu retorno. Mas os apartamentos das duas senhoritas foram objeto de uma minuciosa investigação. Em seguida, cada recanto do sótão, aonde se chegava por uma escada, foi escrutado; depois o pátio, e por último o apartamento do próprio sr. Nicolas Gassire.

Nada foi encontrado. Béchoux pensava amargamente em suas doze *Africanas*.

Por volta do meio-dia, chegou o deputado Touffémont. Ele era um parlamentar sério, sobrecarregado por sua fama de ex-ministro, grande trabalhador, respeitado por todos os partidos, e cujas raras mas decisivas interpelações faziam tremer os governos. Ele caminhava com passos medidos até o alojamento da zeladora para pegar sua correspondência, quando Gassire o interpelou e relatou o roubo do qual ele fora a vítima.

O deputado Touffémont ouviu com a grave atenção que parecia dar às observações mais insignificantes. Prometeu sua assistência, no caso de Gassire decidir apresentar uma queixa, e insistiu para que seu apartamento fosse revistado.

— Quem sabe — disse ele — se alguém por aí não está de posse de uma chave falsa?

A busca foi feita. Não havia nada. O caso definitivamente não ia bem, e os dois homens se revezavam, tentando se animar com frases reconfortantes que soavam vazias.

Eles decidiram almoçar em um pequeno café, bem em frente, o que lhes permitiria ficar de olho na casa. Mas Béchoux não estava com fome: as suas doze *Africanas* pesavam no estômago. Gassire reclamava de vertigens, e ambos debatiam o assunto em todas as direções, esperando descobrir alguma coisa.

— É bastante simples — disse Béchoux. — Alguém invadiu a sua casa e roubou os títulos. Mas, como este alguém não pôde sair, quer dizer que ainda está lá dentro.

— Por Deus! — aprovou Gassire.

— E se ele está no prédio, minhas doze *Africanas* também estão lá. Não voem pelo teto, meninas, pelo amor de Deus!

— E meus títulos também! — acrescentou Nicolas Gassire.

— Então, aqui estamos, — continuou Béchoux — com esta certeza, fundada sobre bases sólidas, de que…

Ele não terminou de falar. Seus olhos expressaram um terror repentino. Ele olhava para o outro lado da rua, onde um homem caminhava com pressa em direção à casa.

— Barnett! — murmurou ele. — Barnett! Quem contou para ele?

— Você me falou sobre ele, sobre a agência Barnett na Rue de Laborde, — confessou Gassire, um pouco envergonhado — e eu pensei que, em circunstâncias tão cruéis, um telefonema não seria inútil.

— Mas isso é uma estupidez! — gaguejou Béchoux. — Quem está liderando a investigação? Você ou eu? O Barnett não tem nada a ver com isso! O Barnett é um intruso e não é confiável. Ah, não, nada de Barnett!

A cooperação de Barnett lhe pareceu de repente a coisa mais perigosa do mundo. Jim Barnett na casa! Jim Barnett envolvido nessa ocorrência,! Caso a busca fosse bem sucedida, ele escamotearia o pacote de títulos e principalmente o das doze *Africanas*.

Furioso, ele atravessou a rua e, quando Barnett estava prestes a bater à porta, ele se plantou diante dele. Disse baixo, com uma voz trêmula:

— Saia daqui. Nós não precisamos de você. Você foi chamado por engano. Deixe-nos em paz, e suma daqui.

Barnett olhou para ele com espanto.

— Béchoux, meu velho! O que é isso? Você está passando mal?

— Dê meia volta daqui!

— Então é sério, o que me disseram ao telefone? Roubaram as suas economias? Então você não quer um pouco de ajuda?

— Saia daqui! — Béchoux vociferava — Eu sei o quanto custam as suas pequenas dicas. Sempre dói no bolso das pessoas.

— Você teme pelas suas *Africanas*?

— Sim, se você se meter nisso.

— Então não se fala mais sobre isso. Vire-se sozinho.

— Você vai embora?

— De jeito nenhum. Eu tenho um compromisso aqui.

E, dirigindo-se a Gassire, que se juntava a eles e abria a porta:

— Perdoe-me, senhor. Mora aqui a srta. Haveline, professora de flauta, segundo prêmio no Conservatório?

Béchoux ficou indignado.

— Espertinho. Você pergunta por ela porque viu o endereço na placa…

— E daí? — disse Barnett. — Não tenho o direito de ter aulas de flauta?

— Aqui não.

— Sinto muito. Mas eu tenho uma paixão por flautas.

— Eu me oponho formalmente!

— Flauta!

Barnett passou com autoridade, sem que ninguém se atrevesse a detê-lo. Muito contrariado, Béchoux observou-o subindo as escadas. Dez minutos mais tarde, tendo sido feito o acordo, sem dúvida, com a srta.

Haveline, as notas hesitantes de uma flauta podiam ser ouvidas descendo do terceiro andar.

— Canalha — murmurou Béchoux, cada vez mais aflito pelas suas doze *Africanas*. — Onde vamos parar, com esse homem infernal?

Ele voltou a trabalhar furiosamente. Visitou o andar térreo desocupado, assim como o alojamento da zeladora, onde, seguramente, os fardos de títulos poderiam ter sido jogados. Foi em vão. Enquanto isso, lá em cima, a tarde toda, a flauta assobiava, incomodava e zombava. Como se pode trabalhar em tais condições? Finalmente, às seis horas, cantando e saltando, Barnett desceu com uma grande caixa na mão.

Uma caixa! Béchoux proferiu um palavrão, apreendeu o objeto e arrancou a tampa. Havia dentro antigas formas de chapéus, e várias peles comidas por traças.

— Como ela não pode sair, a srta. Haveline me pediu para jogar tudo isso no lixo — disse Barnett gravemente. — Como é bonita a srta. Haveline! E que talento na flauta! Ela disse que eu tenho uma disposição incrível, e que, se eu perseverar, posso concorrer a uma vaga de cego pedinte nos degraus de uma igreja.

Béchoux e Gassire ficaram a noite toda em guarda, um do lado de dentro e outro do lado de fora, para ver se o pacote seria atirado pela janela por algum cúmplice. Voltaram a trabalhar na manhã seguinte, mas sua persistência não foi recompensada. As doze *Africanas* e o resto dos títulos permaneciam obstinadamente escondidos.

Às três horas Jim Barnett apareceu novamente, com a caixa vazia na mão, todo sério, saudando-os afavelmente como se fosse um cavalheiro cujo tempo estava totalmente ocupado.

A aula de flauta começou. Escalas. Exercícios. Falsas notas. E, de repente, um silêncio prolongado e inexplicável que intrigou Béchoux profundamente.

— Que diabos ele estará fazendo? — ele se perguntava, imaginando todo um sistema de buscas realizadas por Barnett que levaria a descobertas extraordinárias.

Ele subiu os três lances de escada e escutou. Na casa da professora de flauta não havia barulho. Mas na casa de sua vizinha, a srta. Legoffier, estenotipista e datilógrafa, ouvia-se uma voz masculina.

— É a voz dele — pensou Béchoux, cuja curiosidade já não tinha limites. E, incapaz de se conter, tocou a campainha.

— Entre! — gritou Barnett lá de dentro. — A porta está aberta.

Béchoux entrou. A srta. Legoffier, uma morena muito bonita, estava sentada em sua mesa, perto de sua máquina de escrever, e datilografava as palavras de Barnett em folhas soltas.

— Você veio fazer uma busca? — perguntou ele. — Fique à vontade. A senhorita não tem nada a esconder. E eu também não. Estou ditando minhas memórias. Você se importa?

E, enquanto Béchoux olhava sob os móveis, ele continuou:

— "Naquele dia, o inspetor Béchoux me encontrou na casa da encantadora srta. Legoffier, a quem a jovem flautista me recomendara, e se propôs a encontrar suas doze *Africanas*, que fugiam dele loucamente. Debaixo do sofá, encontrou três grãos de poeira. Debaixo do armário, um salto de sapato. O inspetor Béchoux não deixava passar nenhum detalhe. Que trabalho!"

Béchoux se ergueu, mostrou a Barnett seu punho e o insultou.

O outro continuou seu ditado. Béchoux saiu.

Um pouco mais tarde, Barnett desceu com sua caixa. Béchoux, que estava em guarda, hesitou. Com muito receio abriu a caixa, que continha apenas papéis velhos e trapos.

A vida se tornou insuportável para o infeliz Béchoux. A presença de Barnett, seu escárnio e provocação, o mantinham em uma fúria crescente. Barnett voltava todos os dias, e após cada aula de flauta ou sessão de datilografia, exibia sua caixa. O que fazer? Béchoux não tinha dúvidas de que esta era uma nova brincadeira, e que Barnett estava caçoando dele. Mesmo assim, era preciso revistá-lo. E se, por acaso, desta vez, Barnett levasse os títulos com ele? E se ele fugisse com as doze *Africanas*? E se ele aproveitasse a oportunidade para saquear suas economias? Assim, indiscriminadamente, Béchoux ruminava, esvaziava, escorregava sua mão febril entre os objetos mais heterogêneos: panos de prato rasgados, trapos, espanadores sem penas, vassouras quebradas, cinzas de lareira, cascas de cenoura. E Barnett segurava suas costelas em gargalhadas.

— Elas estão aí ou não estão? Achou ou não achou? Ah! Béchoux, seu tonto, como você me faz rir!

Isso se prolongou por uma semana inteira. Béchoux perdeu todas as suas férias nesta luta impotente e, além disso, se tornou uma figura infinitamente ridícula na vizinhança. Ele e Nicolas Gassire não conseguiram mais impedir que os inquilinos realizassem seus afazeres, enquanto concordavam em ser apalpados e revistados. E isso deu muito o que falar. A desventura de Gassire estava fazendo barulho. Clientes perturbados sitiavam seu escritório e exigiam seu dinheiro de volta. Por outro lado, o deputado Touffémont, o ex-ministro, que se sentia incomodado em seus hábitos e que, quatro vezes ao dia, ao sair ou entrar, testemunhava toda essa efervescência, intimou Nicolas Gassire para alertar a polícia. A situação não podia mais se prolongar.

Um incidente deu um basta à situação. Num final de tarde, Gassire e Béchoux ouviram o som de uma violenta discussão vinda do terceiro andar. Pancadas, gritos de mulher, parecia ser bem sério.

Subiram apressadamente os três lances de escadas. No hall de entrada, a srta. Haveline e a srta. Legoffier lutavam ferozmente, e nenhum esforço de Barnett, que por sinal se divertia muito, conseguia contê-las. Os penteados estavam desfeitos, os corpetes rasgados, e os xingamentos se multiplicavam.

Finalmente conseguiram separá-las. A datilógrafa teve um colapso nervoso e Barnett a levou para casa, enquanto a professora de flauta exalava sua fúria.

— Eu peguei os dois, ele e ela! — gritava a srta. Haveline. — Barnett, tinha me cortejado primeiro, mas estava aos beijos com ela! Você deveria perguntar a ele, sr. Béchoux, o que ele tem feito aqui nos últimos oito dias e por que ele passa seu tempo nos questionando e bisbilhotando! Tenho certeza, ele sabe quem roubou! Foi a zeladora! Sim, a sra. Alain! E por que ele me proibiu de contar? Ele sabe a verdade sobre os títulos! Estou de prova que ele me disse: *"Eles estão aqui no prédio, sem estar. E não estão aqui, enquanto realmente estão."* Cuidado com ele, sr. Béchoux!

Jim Barnett, que havia terminado com a datilógrafa, agarrou a senhorita Haveline e a empurrou com força em direção ao seu quarto.

— Vamos, minha cara professora, nada de mexericos! Não fale sobre o que você não sabe! Além de flautista, você é fofoqueira!

Béchoux não esperou pelo seu retorno. As revelações da senhorita Haveline sobre o que Jim Barnett pensava tinham esclarecido

imediatamente o problema em sua mente. Sim, a culpada era a sra. Alain. Como isso não lhe ocorreu? Movido por uma convicção raivosa, ele se precipitou pelas escadas abaixo, seguido por Nicolas Gassire, e correu para o alojamento da zeladora.

— Minhas *Africanas*! Onde elas estão? Foi você quem as roubou!

Nicolas Gassire chegou, por sua vez.

— Meus títulos! O que você fez com eles, sua ladra?

Ambos sacudiam a rechonchuda mulher, puxavam-na, cada um por um braço, e a importunavam com perguntas e insultos. Ela não respondia. Ela parecia atordoada.

Foi uma noite terrível para a sra. Alain, seguida de dois dias não menos dolorosos. Nem por um segundo, Béchoux admitiu que Jim Barnett podia ter se enganado. À luz desta acusação, os fatos assumiram seu verdadeiro significado. A zeladora, única a possuir a chave, deve ter notado a presença de um pacote incomum sobre a mesa de cabeceira durante a limpeza, e poderia muito bem, conhecendo os hábitos regulares do sr. Gassire, ter entrado no apartamento, pegado os títulos, fugido e se refugiado em seu alojamento, onde Nicolas Gassire a encontrou.

Béchoux estava desanimado.

— Sim, obviamente — disse ele —, foi essa malandra que que fez isso. Mas, no final, o mistério permanece. Se a culpada for mesmo a zeladora, ou qualquer outra pessoa, pouco importa… até sabermos o que foi feito das minhas doze *Africanas*. Admito que ela as trouxe de volta para o alojamento, mas por onde foi que elas saíram, entre as nove horas e a hora de nossa busca?

Misteriosamente, a enorme mulher, apesar das ameaças, apesar das torturas morais que lhe foram impostas, recusava-se a dar uma explicação. Ela negava tudo. Ela não tinha visto nada. Ela nada sabia, e, embora sua culpa não deixasse dúvidas, ela permanecia inflexível.

— Precisamos acabar com isso — disse Gassire a Béchoux, certa manhã. — Soube que o deputado Touffémont se saiu bem no parlamento, ontem à noite. Logo a rua estará cheia de jornalistas. Devemos revistá-los também?

Béchoux admitiu que a posição era insustentável.

— Dentro de três horas, eu saberei tudo — disse ele.

Depois do meio-dia, ele foi bater à porta da agência Barnett.

— Eu estava esperando por você, Béchoux. O que você quer?

— Sua ajuda. Eu não consigo mais sem você.

A resposta foi leal, e a abordagem era sincera. Béchoux estava pedindo sinceras desculpas.

Jim Barnett correu até ele, agarrou-o afetuosamente pelos ombros, apertou sua mão e, com encantadora delicadeza, poupou-o da humilhação da derrota. Não foi um encontro entre o vencedor e o vencido, mas a reconciliação de dois camaradas.

— Na verdade, meu velho Béchoux, esse pequeno mal-entendido que nos separava me doía infinitamente. Dois amigos como nós, virando adversários! Que tristeza! Eu não conseguia dormir à noite.

Béchoux franziu a testa. Em sua consciência de policial, ele se censurava amargamente por suas relações cordiais com Barnett, e se sentia indignado porque o destino fizera dele o colaborador e o refém deste homem, que ele considerava um vilão. Mas, infelizmente, há circunstâncias em que até os mais honestos acabam cedendo — e a perda de doze *Africanas* é uma delas!

Subjugando todos os seus escrúpulos, ele murmurou:

— É a zeladora, não é?

— É ela, por milhares de razões só poderia ser ela.

— Mas como uma mulher tão respeitável poderia cometer tal ato?

— Se você tivesse tomado a precaução elementar de pesquisar sobre ela, você saberia que a infeliz mulher é oprimida por um filho que é o pior dos malandros, e que leva todo o seu dinheiro. Foi por ele, que ela sucumbiu à tentação.

Béchoux estremeceu.

— Será que ela entregou as minhas *Africanas* para ele? — disse ele, tremendo.

— Oh, não, eu não teria permitido isso. Suas doze *Africanas* são sagradas.

— Então, onde elas estão?

— No seu bolso.

— Não brinque, Barnett!

— Eu não brinco, Béchoux, quando se trata de algo tão sério. Verifique.

Béchoux enfiou uma mão tímida no bolso indicado, apalpou e encontrou um grande envelope, contendo os dizeres: "*Para meu amigo Béchoux.*" Ele abriu-o, viu suas *Africanas*, contou as doze. Ficou pálido, vacilou sobre seus pés e aspirou uma garrafa de sais, que Barnett enfiou

debaixo de seu nariz.

— Respire, Béchoux, e não desmaie.

Béchoux não desmaiou, mas enxugou algumas lágrimas. A alegria e a emoção sufocavam sua garganta. Ele não tinha dúvidas de que Barnett tinha enfiado o envelope em seu bolso assim que entrou, em meio aos seus abraços efusivos. Mas as doze *Africanas* estavam lá, entre suas mãos trêmulas, e Barnett não lhe parecia mais um vigarista.

Recuperando suas forças, ele começou a balançar e dançar um passo espanhol, acompanhando-se com castanholas imaginárias.

— Estão comigo! Estão de volta, as minhas *Africanas*! Ah, Barnett, que grande homem você é! Não há dois Barnetts no mundo, há apenas um, o salvador de Béchoux! Barnett, você merece uma estátua! Barnett, você é um herói! Mas como diabos você fez isso? Conte-me como fez isso, Barnett!

Mais uma vez, o inspetor Béchoux ficou maravilhado com a maneira como Barnett lidava com os acontecimentos. Estimulado por sua curiosidade profissional, ele perguntou:

— E então, Barnett?

— Então o quê?

— Ei! Como você conseguiu desvendar tudo isso? Onde estava o pacote? "*Estão aqui no prédio, sem estar*". Não foi o que você disse?

— "*E não estão aqui, enquanto realmente estão*" — brincou Barnett.

— Diga logo! — implorou Béchoux.

— Você dá o seu braço a torcer?

— Qualquer coisa que você quiser.

— E você não terá mais comigo, para os meus pequenos deslizes, aqueles ares de reprovação que me fazem sentir arrependido? E que às vezes me fazem acreditar que eu deixei o caminho certo?

— Conte logo, Barnett.

— Ah!! — exclamou Barnett — É uma história encantadora! Devo avisá-lo, meu velho Béchoux, que você não ficará desiludido. Nunca encontrei nada mais bonito, mais inesperado, mais espontâneo e mais astuto, mais humano e ao mesmo tempo mais fantasioso. E é tão simples. Mas você, Béchoux, um bom policial, com qualidades tão sérias, não viu nada além de fumaça.

— Enfim, fale logo — disse Béchoux, contrariado — como o pacote de títulos saiu do prédio?

— Diante de seus olhos, inefável Béchoux! e não só deixou o prédio, como voltou a entrar! E ele o deixava duas vezes ao dia! E voltava duas vezes ao dia! E sob seus olhos, Béchoux, sob seus olhos francos e benevolentes! E durante dez dias você se curvou diante dele com saudações respeitosas. Um pedaço da verdadeira cruz passou diante de você! Você teria ficado de joelhos por um tempo!

— Ah, vá! — gritou Béchoux — Isso é um absurdo, pois tudo foi vasculhado.

— Tudo foi vasculhado, Béchoux, mas nem tudo! Embalagens, caixas, bolsas de mão, bolsos, chapéus, latas e caixas de lixo… sim, mas não era nada disso. Nos postos de fronteira, você revista os viajantes, mas não revista a pasta do diplomata. Ou seja, você já revistou tudo, menos isso!

— Como assim? — gritou Béchoux, impaciente.

— Vou explicar.

— Fale logo, maldição!

— A pasta do ex-ministro!

Béchoux saltou de seu assento.

— Hein? O que você está dizendo, Barnett? Você está acusando o deputado Touffémont?

— Imagine! Eu ousaria acusar um deputado? Em princípio, um membro do Parlamento, um ex-ministro, não é suspeito. E, entre todos os deputados e ex-ministros (e Deus sabe que há muitos!) eu considero Touffémont o mais insuspeito. No entanto, ele serviu como esconderijo para a sra. Alain.

— Um cúmplice, então? O deputado Touffémont é um cúmplice?

— De jeito nenhum.

— Então, a quem você culpa?

— A quem eu culpo?

— Sim.

— A pasta dele.

E calmamente, alegremente, Barnett explicou:

— A pasta de um ministro, Béchoux, é um personagem considerável. Existe no mundo um sr. Touffémont, e existe a sua pasta. Um não anda sem o outro, e cada um é a razão da existência do outro. Você não pode imaginar o sr. Touffémont sem a pasta dele, mas também não pode imaginar a pasta do sr. Touffémont sem o sr. Touffémont. Eles nunca se separam um do outro. Mas acontece que o sr. Touffémont às vezes deixa

sua pasta de lado, para comer, por exemplo, ou para dormir, ou para fazer alguma coisa cotidiana. Em tais momentos, a pasta do sr. Touffémont assume uma existência própria, e pode se emprestar a atos pelos quais o sr. Touffémont não é de forma alguma responsável. Foi o que aconteceu na manhã do roubo.

Béchoux olhou para Barnett. Onde ele estava querendo chegar? Barnett continuou:

— Isto foi o que aconteceu na manhã em que suas doze *Africanas* foram roubadas: a zeladora, apavorada com seu roubo, aflita com o perigo que se aproximava, e sem saber como se livrar de um pacote que a levaria para a cadeia, viu de repente sobre sua lareira — que milagre! — a pasta do sr. Touffémont, sozinha! O sr. Touffémont entra no prédio para pegar sua correspondência. Ele coloca sua pasta sobre a lareira, e está abrindo suas cartas, enquanto Nicolas Gassire e você, Béchoux, contam-lhe sobre o desaparecimento dos títulos. Então, uma ideia de gênio — sim, gênio, não há outra palavra — ilumina a mente da sra. Alain. O pacote de títulos também está na lareira, ao lado da pasta, e escondido sob alguns jornais. Ainda não vasculharam o alojamento, mas logo irão revistá-lo e descobrir o segredo. Não há tempo a perder. Rapidamente, com alguns gestos, virando as costas para o grupo que está conversando, ela abre a pasta, lança fora os papéis de um dos dois bolsos laterais, e deposita ali o pacote de títulos. Feito. Ninguém suspeitou de nada. E quando sr. Touffémont se retira, com sua pasta debaixo do braço, ele parte com as suas doze *Africanas* e todos os títulos de Gassire.

Béchoux não esboçou o menor protesto. Tudo o que Barnett afirmava com um certo acento de convicção definitiva, Béchoux aceitava como verdade irrefutável. Ele acreditava. Ele tinha fé.

— Eu vi, de fato, naquele dia — disse ele —, um pacote de papéis e relatórios. Eu não prestei atenção a eles. Mas ela deve ter devolvido esses documentos e relatórios ao sr. Touffémont.

— Eu acho que não! — disse Barnett. — Em vez de levantar suspeitas sobre ela, ela deve tê-los queimado.

— Mas ele não sentiu falta dos papéis?

— Não.

— Como não? Ele não notou que este pacote de documentos estava faltando?

— Não mais do que a presença do pacote de títulos.

— Nem quando ele abriu a pasta?

— Ele não a abriu. Ele nunca a abre. A pasta de Touffémont, como a de muitos políticos, é apenas um adereço, uma demonstração de força, uma ameaça, um sinal de ordem. Se ele a tivesse aberto, teria dado falta de seus documentos e devolvido os títulos. Entretanto, ele não reclamou nada e nem devolveu nada.

— Mas nem durante o trabalho?

— Ele não trabalha. Não é preciso trabalhar só porque se tem uma pasta. Mas basta ter uma pasta de ex-ministro para deixar de trabalhar. Uma pasta representa trabalho, poder, autoridade, onipotência e onisciência. Quando Touffémont, ontem à noite, na Câmara dos Deputados (eu estava lá, portanto falo com conhecimento dos fatos) colocou sua pasta de ex-ministro sobre a tribuna, o ministério se sentiu perdido. Quantos documentos condenatórios aquela grande pasta podia conter! Quantos números! Quantas estatísticas! Touffémont a abriu, mas não tirou nada de seus dois bolsos cheios. De vez em quando, enquanto falava, ele pressionava a mão sobre a pasta, como se dissesse: *"Está tudo aqui."* Mas não havia nada além das doze *Africanas* de Béchoux, dos títulos de Gassire e de jornais antigos. Isso foi o suficiente. A pasta de Touffémont derrubou o ministério.

— Mas como você sabe…

— Porque, quando saiu da Câmara naquele dia e voltava para casa a pé, à uma hora da manhã, Touffémont foi desajeitadamente atingido por um guidão de bicicleta e caiu de cara no chão. Outro indivíduo, cúmplice do ciclista, pegou a pasta e teve tempo de colocar um maço de papéis velhos no lugar dos títulos. Preciso dizer o nome deste segundo indivíduo?

Béchoux deu uma grande gargalhada. A história lhe pareceu ainda mais agradável, e a aventura de Touffémont ainda mais deliciosa, pois ele sentia em seu bolso as suas doze *Africanas*.

Barnett fez uma pirueta e exclamou:

— Esse é o segredo, meu velho amigo, e foi para descobrir essas verdades pitorescas, para sentir o clima do ambiente que resolvi ditar minhas memórias e tomar aulas de flauta. Semana encantadora. Romances no terceiro andar, e muito divertimento no térreo. Gassire, Béchoux, Touffémont… pequenos fantoches, cujas cordas estavam em minhas mãos.

O que me deu mais pena, veja, foi admitir que Touffémont desconhecia o conteúdo de sua pasta, e que ele carregava por aí, sem saber, as suas doze *Africanas*. Isso estava além de mim. E a zeladora! Que surpresa para ela! Em seu coração, ela deve considerar Touffémont como o pior dos vigaristas, pois acredita que Touffémont "aplicou" as doze *Africanas* e o resto do pacote. Pobre Touffémont.

— Devo adverti-lo? — perguntou Béchoux.

— Para quê? Deixe-o continuar carregando seus jornais antigos, e dormindo tranquilamente com sua pasta! Nem uma palavra disso a ninguém, Béchoux.

— Com exceção de Gassire, é claro — disse Béchoux — já que também devo informá-lo, e levar de volta os seus títulos.

— Que títulos? — disse Barnett.

— Ora, os títulos que pertencem a ele, e que você encontrou na pasta do sr. Touffémont.

— Ah, isso? Mas você ficou louco, Béchoux! Você acha que o sr. Gassire vai ter seus títulos de volta?

— Maldição!

Barnett bateu na mesa com seu punho, e ficou muito irritado:

— Você sabe quem é o seu querido Nicolas Gassire, Béchoux? Um canalha, como filho da zeladora. Sim, um patife! Ele rouba os seus clientes, esse Nicolas Gassire! Ele joga com o dinheiro deles! Pior que isso, ele estava se preparando para dar um golpe! Eis um bilhete de primeira classe para Bruxelas, com data do próprio dia em que ele tirou os títulos do cofre — não para depositá-los em outro banco, como ele alegava, mas para fugir com eles. Hein, o que me diz agora de seu querido Nicolas Gassire?

Béchoux não disse nada. Desde o roubo das doze *Africanas*, o seu nível de confiança em Nicolas Gassire havia caído consideravelmente. Mesmo assim, ele observou:

— No entanto, a clientela dele é composta por pessoas de bem. É justo que eles sejam arruinados?

— Mas não serão! Meu Deus, não! Eu jamais aceitaria tal iniquidade!

— E então?

— Ué! Gassire é rico.

— Ele não tem mais dinheiro — disse Béchoux.

— Errado! De acordo com minhas informações, ele tem dinheiro suficiente para pagar a seus clientes e muito mais. Acredite, se ele não deu queixa desde o primeiro dia, é porque ele não quer que a lei se intrometa em seus negócios. Mas ameace-o com a prisão, e verá como ele se comporta. Não tem dinheiro? Ele é milionário, o seu Nicolas Gassire! E todo o mal que ele fez, ele é que deve reparar, não eu!

— O que significa que você tem a intenção de manter…?

— Manter os títulos? Nem em um milhão de anos! Eles já foram vendidos.

— Sim, mas você ficou com o dinheiro?

Barnett teve um ataque de justa indignação:

— De jeito nenhum! Não estou com nada!

— Então, o que você fez com ele?

— Estou distribuindo-o.

— A quem?

— Aos amigos necessitados, às obras beneficentes que eu apoio. Ah, não tenha medo, Béchoux, o dinheiro de Nicolas Gassire será bem usado!

Béchoux não tinha dúvidas. Mais uma vez, a aventura terminava com Barnett assumindo o controle sobre o "butim". Barnett punia os culpados e salvava os inocentes, mas não se esquecia de pagar a si mesmo. A boa caridade começa em casa.

O inspetor Béchoux enrubesceu. Não protestar era tornar-se cúmplice. Mas, por outro lado, ele sentia em seu bolso o precioso pacote com as doze *Africanas*, e sabia que, sem a intervenção de Barnett, elas teriam se perdido para sempre. Seria o momento de ficar zangado e começar uma briga?

— Qual é o problema? — perguntou Barnett. — Você não está feliz?

— Sim, claro que sim! — afirmou o infeliz Béchoux. — Estou encantado.

— Então, já que está tudo bem, sorria!

Béchoux deu um sorriso largo.

— É isso aí! — exclamou Barnett. É um prazer poder te ajudar, e agradeço por me dar essa oportunidade. Agora, meu velho amigo, vamos nos separar. Você deve estar muito ocupado, e estou esperando uma dama.

— Até logo! — disse Béchoux, se dirigindo até a porta.

— Até breve! — disse Barnett.

Béchoux saiu, de fato encantado, mas com a consciência pesada, e decidido a afastar-se do maldito personagem.

Lá fora, dobrando a esquina, ele avistou a bela datilógrafa, que certamente era a dama que Barnett estava esperando.

Dois dias depois, ele viu Barnett no cinema, na companhia da não menos bela *Miss* Haveline, a professora de flauta.

Milagres acontecem

Encarregado da tarefa de esclarecer o caso Vieux-Donjon, e munido das informações necessárias, o inspetor Béchoux pegou o trem da noite para o centro da França e desceu em Guéret, de onde um vagão o levou na manhã seguinte para a vila de Mazurech. Ele começou com uma visita ao castelo, uma antiga e vasta residência construída sobre um promontório cercado por um braço do rio Creuse. Georges Cazévon morava ali.

Industrialista rico, presidente do Conselho Geral, homem de considerável influência política, bonito e por volta de seus quarenta anos, Georges Cazévon tinha um rosto plácido e maneiras finas que impunham respeito. De imediato, como a torre Vieux-Donjon fazia parte de seus domínios, ele quis que Béchoux fosse para lá.

Primeiro era preciso atravessar um belo parque, com uma plantação de castanheiras, e chegava-se a uma formidável torre em ruínas, único vestígio que restou do Mazurech feudal, que se elevava das profundezas do desfiladeiro até o céu, e onde o rio Creuse fazia uma ligeira curva sobre um leito de rochas desmoronadas.

Na outra margem, que pertencia à família Alescar, havia um muro de grandes pedras reluzentes de umidade, a doze metros de distância, formando um dique; este era superado, cinco ou seis metros acima, por um terraço bordejado por uma varanda, onde começava uma alameda do jardim.

O lugar era selvagem. Foi ali que dez dias antes, às seis horas da manhã, havia sido encontrado sobre a maior das rochas o cadáver do jovem conde Jean d'Alescar. O corpo não sofreu nenhuma outra ferida, além daquela que uma queda pode produzir na cabeça de um adolescente. Ora, entre os

galhos das árvores no terraço oposto, havia um que estava pendurado, recém-partido, ao longo do tronco. A partir daí, o drama foi reconstituído da seguinte forma: após subir nesse galho, o jovem conde caiu no rio. Portanto, foi um acidente. Foi o que constou no atestado de óbito.

— Mas, que diabos o jovem conde foi fazer em cima daquela árvore? — perguntou Béchoux.

— Dê uma olhada mais de perto nesta torre, que foi o berço da antiga família Alescar — respondeu Georges Cazévon.

E ele acrescentou imediatamente:

— Não direi mais nada, inspetor. Você sabe que foi a meu pedido insistente que a polícia lhe deu esta missão. De fato, circulam boatos e calúnias que me afetam diretamente, e aos quais quero pôr um fim. Faça a sua investigação. Faça perguntas. Acima de tudo, toque a campainha da srta. d'Alescar, irmã do jovem conde e última sobrevivente da família. E, no dia de sua partida, venha apertar a minha mão.

Béchoux não perdeu tempo. Ele explorou a base da torre, penetrou no círculo de escombros acumulados no interior, causados pelo colapso do chão e da escadaria. Depois voltou à vila, fez perguntas, visitou o padre e o prefeito, e fez sua refeição na pousada. Às duas horas ele entrou no estreito jardim que descia para o terraço, e que era bifurcado por um pequeno edifício, sem estilo e dilapidado, conhecido como Manoir. Uma velha criada anunciou-o à srta. d'Alescar, e foi imediatamente recebido em uma sala baixa, de mobília simples, onde a donzela conversava com um cavalheiro.

Ela se levantou. O homem também. Béchoux reconheceu Jim Barnett.

— Ah, finalmente, querido amigo! — exclamou Barnett alegremente, com a mão estendida. — Quando vi esta manhã nos jornais a notícia de sua partida para Creuse, rapidamente liguei meu motor de quarenta cavalos, para me colocar à sua disposição. Estava esperando por você. Senhorita, apresento-lhe o inspetor Béchoux, enviado especial da Polícia. Com ele, a senhora pode ficar tranquila; ele já deve ter desvendado este caso. Nunca conheci ninguém tão engenhoso. Ele é um mestre. Fale, Béchoux.

Béchoux não falou nada. Ele estava atordoado. A presença de Barnett, que era a última coisa em sua mente, o desalentava e o horrorizava. Mais uma vez Barnett! Sempre Barnett! Quantas vezes ele iria se deparar de novo com o inevitável Barnett e sofrer sua execrável colaboração? Não era

verdade que, em todos os casos em que ele se envolvia, Barnett não tinha outro objetivo senão roubar e enganar?

O que, além disso, Béchoux poderia falar? Já que, até o momento, ele andava na mais espessa escuridão e não podia se vangloriar da menor descoberta?

Como Béchoux permaneceu silencioso, Barnett retomou:

— Bem, é isso, senhorita. O inspetor Béchoux, que já teve tempo de estabelecer sua convicção sobre bases sólidas, insiste fortemente em sua disposição de confirmar os resultados de sua investigação. Como a senhorita e eu trocamos apenas algumas palavras, teria a gentileza de nos dizer o que sabe sobre a tragédia que aconteceu com o conde d'Alescar, o seu irmão?

Elizabeth d'Alescar, alta e pálida em seus véus de luto, de grave beleza, com um rosto austero que às vezes parecia tremer com todos os soluços que continha, respondeu:

— Eu preferiria ficar em silêncio e não acusar. Mas, como o senhor me convidou para este doloroso dever, estou pronta para responder, senhor.

Barnett continuou:

— Meu amigo, o inspetor Béchoux, gostaria de saber em que hora exata a senhorita viu seu irmão pela última vez.

— Às dez horas da noite. Tínhamos jantado alegremente, como sempre. Eu adorava Jean, que era alguns anos mais novo que eu, e que eu praticamente o criei. Estávamos sempre felizes juntos.

— Ele saiu durante a noite?

— Ele só saiu um pouco antes do amanhecer, por volta das três e meia da manhã. Nossa criada ouviu.

— A senhorita sabia para onde ele estava indo?

— Ele havia me dito na véspera que iria pescar do terraço. Era um de seus prazeres favoritos.

— Então, desde o período de três e meia da manhã até o momento em que o corpo foi encontrado, a senhorita não viu nada?

— Sim. Mas às seis e quinze, ouviu-se um disparo.

— De fato, algumas pessoas o ouviram. Mas pode ter sido um caçador.

— Foi o que eu disse para mim mesma. Mas fiquei preocupada, acabei me levantando e me vestindo. Quando cheguei ao terraço, os vizinhos da frente já estavam lá; e levavam o corpo em direção ao terreno do castelo,

pois o terreno é muito íngreme do nosso lado.

— A senhorita acredita que esse disparo possa não ter nenhuma conexão com o evento? Caso contrário, o exame do corpo teria revelado uma ferida feita por bala, o que não foi o caso.

Enquanto ela hesitava, Barnett insistiu.

— Responda, por favor.

Ela declarou:

— Qualquer que seja a verdade, devo dizer que, em minha mente, a conexão é exata.

— Por quê?

— Em primeiro lugar, porque não há outra explicação possível.

— Um acidente?…

— Não. Jean era extraordinariamente ágil, e ao mesmo tempo muito cauteloso. Ele nunca teria confiado sua vida a um galho fino demais.

— E, mesmo assim, o galho estava quebrado.

— Não há provas de que tenha sido quebrado por ele, e naquela noite.

— Portanto, senhorita, sua opinião franca e inabalável é a de que houve um crime.

— Sim.

— A senhorita até indicou o culpado, diante de testemunhas.

— Sim.

— Em que provas a senhorita se apoia? É o inspetor Béchoux que pergunta.

Elizabeth pensou por alguns segundos. Era doloroso para ela, trazer à tona lembranças tão terríveis. Mas ela se decidiu, e declarou:

— Pois bem, vou falar. Para fazer isso, devo evocar um evento que remonta há vinte e quatro anos. Naquele tempo, meu pai foi arruinado pela fuga de seu advogado, e teve que recorrer a um rico industrial de Guéret para pagar seus credores. O homem emprestou duzentos mil francos, com a única condição de que o castelo, a fazenda e nossas terras de Mazurech lhe pertenceriam, se a dívida não fosse paga em cinco anos.

— Este industrial era o pai de Georges Cazévon?

— Sim.

— Ele desejava possuir o castelo?

— Intensamente. Várias vezes ele quis comprá-lo. Assim, quatro anos e onze meses depois, quando meu pai morreu após um derrame, ele disse a

nosso tio e guardião que tínhamos um mês para sair. Meu pai não tinha nos deixado nada. Jean e eu fomos despejados, e depois fomos acolhidos por nosso tio, que vivia nesta mansão e não tinha outra família. Ele faleceu pouco tempo depois, assim como o sr. Cazévon.

Barnett e Béchoux haviam escutado atentamente. Barnett insinuou:

— Meu amigo inspetor Béchoux ainda não compreendeu como tudo isso se relaciona com os eventos de hoje.

A srta. d'Alescar olhou para o inspetor Béchoux com um leve e espantado desdém, e continuou sem responder:

— Por isso vivemos sozinhos, Jean e eu, aqui no pequeno Manoir, em frente à antiga torre e ao castelo que pertenceu a nossos ancestrais, desde tempos imemoriais. Para Jean, era uma tristeza que crescia com o passar dos anos, à medida que sua inteligência e sensibilidade adolescente se desenvolviam. Ele realmente sofreu ao ser expulso de um lugar que ele considerava o seu mundo. Em meio a suas brincadeiras e afazeres, ele reservava dias inteiros percorrendo nossos arquivos, lendo os livros que falavam de nossa família. Um dia, ele encontrou em um desses livros uma folha de papel, onde nosso pai havia anotado as contas de seus últimos anos e as somas que ele havia economizado, através de negociações e transações de terras bem sucedidas. Havia recibos de um banco. Fui ao banco e descobri que meu pai, uma semana antes de sua morte, havia encerrado sua conta de depósito e retirado duzentos mil francos, que correspondiam à soma que os depósitos tinham atingido.

— Esse era o valor justo que ele deveria pagar algumas semanas depois. Então por que ele não liquidou a dívida?

— Eu não sei.

— E por que ele não pagou com cheque?

— Eu não sei. Meu pai tinha seus hábitos.

— Então, em sua opinião, ele teria colocado esses duzentos mil francos em algum lugar seguro?

— Sim.

— Mas onde?

Elisabeth d'Alescar entregou a Barnett e Béchoux um documento de cerca de vinte páginas, repleto de números.

— A resposta deve estar aqui — disse ela, apontando para a última página, onde havia um desenho representando três quartos de um círculo.

Ao seu lado direito, havia um semicírculo de raio menor.

Quatro linhas cortavam o semicírculo. Entre duas dessas linhas havia uma pequena cruz. Tudo isso, primeiro desenhado a lápis, tinha sido reforçado com tinta.

— O que isso significa? — perguntou Barnett.

— Levamos muito tempo para compreender — respondeu Elizabeth —, até o meu pobre Jean descobrir que este desenho representava o plano exato, a linha exterior da torre Vieux-Donjon. O mesmo arranjo de duas partes desiguais de círculos, soldadas uma à outra. As quatro hachuras indicam as quatro ameias.

— E a cruz — terminou Barnett — indica o lugar onde o conde d'Alescar escondeu os duzentos mil francos, enquanto esperava o dia da negociação.

— Sim — disse a jovem com muita clareza.

Barnett refletiu, examinou o documento e concluiu:

— É muito provável, de fato. O conde d'Alescar deve ter tomado a precaução de anotar o local, e sua morte súbita não lhe deixou tempo para avisar ninguém. Mas a senhorita teria que avisar o filho do conde Cazévon e obter permissão…

— Para subir até o topo da torre? Foi o que fizemos. Georges Cazévon, com quem sempre tivemos uma relação bastante fria, até nos recebeu gentilmente. Mas como chegaríamos até o alto da torre? A escadaria desmoronou há quinze anos. As pedras estão se desmanchando. O topo também está desmoronando. Nenhuma escada poderia alcançar as ameias a trinta metros de altura, mesmo emendando várias escadas uma na outra. A única possibilidade seria uma escalada. Houve entre nós várias consultas, e esboços de planos que duraram vários meses, mas por fim acabaram…

— Devido a um aborrecimento, não é? — disse Barnett.

— Sim — disse ela, corando.

— Georges Cazévon se apaixonou pela senhorita, e pediu sua mão. Recusa. Brutalidade da parte dele. Ruptura. E Jean d'Alescar não teve mais permissão para entrar na propriedade Mazurech.

— Foi exatamente assim que aconteceu — disse a garota. Mas meu irmão não desistiu. Ele queria o dinheiro, queria comprar de volta parte de nossa propriedade; ou me dar um dote, dizia ele, para que eu pudesse me casar com quem eu quisesse. Isso se tornou uma obsessão para ele. Ele vivia

em frente à torre. Ele olhava incansavelmente para o seu cume inacessível. E inventava mil maneiras de chegar até lá. Ele praticava arco e flecha, e pela manhã, desde o alvorecer, atirava flechas com um arpão, na esperança de que uma corda pudesse ser presa e içá-lo até o topo. Ele chegou a preparar sessenta metros de corda, e após várias tentativas infrutíferas e fracassadas, já estava desesperado. No dia anterior à sua morte, ele me disse: *"Se eu persisto, é porque tenho certeza do resultado. Algo de bom vai acontecer. Um milagre vai acontecer, eu tenho um pressentimento. O justo sempre prevalece, seja pela força dos acontecimentos ou pela graça de Deus."*

Barnett continuou:

— Então você acredita, no final, que ele morreu durante uma nova tentativa?

— Sim.

— E a corda não está mais onde ele a colocou?

— Exato.

— Então, qual é a prova?…

— Aquele disparo. Georges Cazévon, tendo surpreendido meu irmão, atirou nele.

— Oh! Oh! — exclamou Barnett — Você acha que George Cazévon seria capaz de fazer isso?

— Sim. Ele é um impulsivo que consegue se dominar, mas sua natureza pode levá-lo a excessos violentos… até mesmo ao crime.

— Com que propósito ele iria atirar? Para tirar o dinheiro que seu irmão tinha resgatado?

— Eu não sei — disse a srta. d'Alescar. — Nem sei como o assassinato foi cometido, uma vez que o corpo do meu pobre Jean não tinha nenhum vestígio de ferimento a bala. Mas minha certeza é completa, absoluta.

— Mas a senhorita deve admitir que se baseia na intuição, e não em fatos — observou Barnett. — E devo lhe dizer que, no campo judiciário, isso não é suficiente. É bem possível, não é, Béchoux, que George Cazévon, em sua frustração, processe a senhorita por difamação.

A senhorita D'Alescar se levantou.

— Eu não me importo, senhor — ela respondeu seriamente. — Não faço isso para vingar meu pobre irmão, a quem a punição dos culpados não restauraria a vida; mas para dizer o que acredito ser a verdade. Se Georges Cazévon quiser me atacar, ele é livre para fazê-lo. Mas continuarei agindo

de acordo com minha consciência.

Ela ficou em silêncio, depois acrescentou:

— Mas ele não vai fazer nada, tenha certeza disso, senhor.

A entrevista estava terminada. Jim Barnett não insistiu, vendo que a senhorita D'Alescar não era uma mulher a ser intimidada.

— Senhorita — disse ele —, pedimos desculpas por ter perturbado sua intimidade, mas foi necessário, infelizmente, para o estabelecimento da verdade. A senhorita pode ter certeza de que o inspetor Béchoux apreenderá de suas palavras o significado que elas trazem.

Ele a saudou e saiu. Béchoux também a saudou, e o seguiu.

Lá fora, o inspetor, que não havia proferido uma palavra, continuou a manter silêncio, tanto para protestar contra essa colaboração que o irritava cada vez mais, quanto para esconder a desordem que esse obscuro caso lhe infligia. Barnett seguia cada vez mais expansivo.

— Você está certo, Béchoux, e eu entendo seu pensamento mais profundo. Nas declarações desta dama, perdoe-me esta expressão, há muito para comer e beber. Há o possível e o impossível, o verdadeiro e o implausível. Os pensamentos dos jovens D'Alescar são infantis. Se esta infeliz criança chegou ao topo da torre — e eu sou tentado a acreditar nele, ao contrário de sua opinião secreta — foi graças a este milagre inconcebível que ele pedia com todas as suas forças, e que ainda não podemos compreender. E o problema, a partir daí, é este: como poderia este jovem, no espaço de duas horas, inventar um meio de escalada, prepará-lo, executá-lo, descer novamente e se precipitar no vazio pelo efeito de um tiro de espingarda… que não o atingiu?

Jim Barnett repetiu pensativamente:

— Pelo efeito de um tiro de espingarda… que não o atingiu… sim, Béchoux, há um prodígio em tudo isso.

Barnett e Béchoux se encontraram à noite na pousada do vilarejo. Eles jantaram lá, cada um por sua conta. E da mesma forma, durante os dois dias seguintes, eles se encontraram apenas nas refeições. No resto do tempo, Béchoux continuava sua investigação e seus interrogatórios, enquanto Barnett, contornando o jardim do Manoir, assentava-se um pouco mais além do terraço, em uma margem gramada da qual ele podia ver o Vieux-Donjon e o rio Creuse. Ele pescava, fumava cigarros, sonhava acordado. Para vislumbrar um milagre, não é tão necessário procurar

vestígios dele, mas sim adivinhar a sua natureza. Que ajuda Jean d'Alescar poderia ter encontrado em favor das circunstâncias?

Mas ao final do terceiro dia ele se dirigiu a Guéret, e foi lá como um homem que sabe com antecedência o que vai fazer, e em que porta vai bater.

Finalmente, no quarto dia, ele reencontrou Béchoux, que lhe disse:

— Concluí minha investigação.

— Eu também, Béchoux — respondeu ele.

— Portanto, vou voltar para Paris.

— Eu também, Béchoux, e ofereço um lugar no meu carro.

— Que assim seja. Tenho um compromisso daqui a quarenta e cinco minutos com o sr. Cazévon.

- Encontramo-nos lá, disse Barnett. Já estou farto deste lugar.

Ele pagou sua conta na pousada, dirigiu-se ao castelo, visitou o parque e fez chegar a Georges Cazévon um cartão, no qual estava escrito: *"Colaborador do inspetor Béchoux"*.

Ele foi recebido em um vasto salão que ocupava toda uma ala, decorado com cabeças de cervos, vários armamentos, caixas de armas e diplomas de atirador e caçador. Georges Cazévon o encontrou ali.

— O inspetor Béchoux, de quem sou amigo — disse Barnett — virá me encontrar aqui. Temos prosseguido juntos toda a investigação, e partiremos juntos.

— E a opinião do inspetor Béchoux? — perguntou Georges Cazévon.

— É definitivo, senhor. Não há nada, absolutamente nada que sugira que este caso tenha sido outra coisa, além do que realmente foi. Os rumores e boatos não merecem nenhum crédito.

— A srta. d'Alescar?…

— A srta. d'Alescar, segundo o inspetor Béchoux, está abalada pela dor, e suas palavras não resistiriam a um interrogatório.

— Essa também é sua opinião, sr. Barnett?

— Oh, eu, senhor, sou apenas um modesto auxiliar, e minha opinião depende da opinião de Béchoux.

Ele percorreu o corredor e admirava as vitrines, interessado na coleção.

— Belas armas, não são? — disse Georges Cazévon.

— Magníficas.

— Você é um amador?

— Eu admiro a habilidade, acima de tudo. E todos os seus diplomas e certificados: *"Les disciples de Saint-Hubert"*, *"Les Chasseurs de la Creuse"*, todos eles provam que o senhor é um mestre. Foi o que eles me disseram ontem em Guéret.

— Fala-se muito sobre este caso em Guéret?

— Dou minha palavra que não. Mas a pontaria do senhor é lendária.

Ele pegou uma espingarda e a sopesou.

— Tenha cuidado — disse Georges Cazévon —, é uma espingarda de guerra, e está carregada com balas.

— Contra os malfeitores?

— Contra os caçadores, principalmente.

— Diga-me sinceramente, o senhor teria coragem de atirar em alguém?

— Ferir uma perna já seria o suficiente para mim.

— E seria daqui, de uma dessas janelas, que o senhor atiraria?

— Oh, os caçadores de ocasião não chegariam tão perto!

— Seria muito divertido! Um prazer da realeza…

Barnett abriu uma janela cruzada, muito estreita, que ficava localizada em um canto do salão.

— Bem — exclamou ele — daqui o senhor pode enxergar entre as árvores um pedaço do Vieux-Donjon, a cerca de duzentos e cinquenta metros de distância. Deve ser a parte que cobre o rio Creuse, não é?

— Basicamente.

— Sim, sim, exatamente. Reconheço o tufo de saramagos ali, entre duas pedras. Está vendo aquela flor amarela, na mira do fuzil?

Ele tinha contraído os ombros. Puxou o gatilho com força. A flor caiu.

Georges Cazévon fez um gesto de humor. Qual era o propósito desse "modesto auxiliar," cuja mira era inacreditável? E que direito tinha ele de fazer todo esse barulho?

— Os criados vivem na outra extremidade do castelo, não é verdade? — disse Barnett. — Então eles não conseguem ouvir o que acontece aqui, mas lamento pela memória cruel que acabo de infligir à srta. d'Alescar.

Georges Cazévon sorriu.

— Então a srta. d'Alescar insiste em ver uma correlação entre o disparo da outra manhã e o acidente do irmão?

— Sim.

— Mas, esta correlação; como ela a estabelece?

— Como acabo de estabelecer, eu mesmo, de fato. De um lado, alguém postado nesta janela. De outro, o irmão dela pendurado na torre.

— Mas, se foi comprovado que o irmão dela morreu de uma queda…?

— De uma queda causada pela demolição de certa pedra, em uma posição onde ambas as mãos se agarravam.

Georges Cazévon ficou sombrio.

— Eu não sabia que as declarações da sra. d'Alescar eram de caráter tão definitivo, e que estávamos na presença de uma acusação formal.

— Formal? — repetiu Barnett.

O conde olhou para ele. O bombardeio do modesto auxiliar, seu sotaque, seu ar decidido surpreendiam cada vez mais Georges Cazévon, que se perguntava se o detetive não teria vindo com intenções agressivas. Por fim, a entrevista, que tinha começado em um tom distraído, assumiu um tom de ataque de ambos os lados.

Ele sentou-se abruptamente e continuou:

— Qual o propósito dessa escalada, de acordo com ela?

— A recuperação de duzentos mil francos escondidos pelo pai dela, em um local indicado por uma pequena cruz, no mapa que foi mostrado ao senhor.

— Essa é uma interpretação que nunca aceitei — protestou Georges Cazévon. — Se o pai dela tivesse recolhido essa soma, por que a teria escondido, em vez de devolvê-la imediatamente ao meu pai?

— A objeção tem valor — admitiu Barnett. — A menos que o tesouro escondido não fosse uma soma de dinheiro.

— O que seria, então?

— Eu não sei. Devemos proceder por hipóteses.

George Cazévon encolheu os ombros.

— Tenha certeza de que Elizabeth e Jean d'Alescar testaram todas as hipóteses.

— Nunca se sabe! Eles não são profissionais, como eu.

— Um profissional, por mais perspicaz que seja, não pode criar nada a partir do nada.

— Às vezes, sim. O senhor conhece o sr. Gréaume, que possui um armazém de jornais em Guéret e que já foi contador em suas fábricas?

— Sim, sim. De fato, um excelente homem.

— O sr. Gréaume afirma que o pai do conde Jean visitou o pai do senhor, em uma data que, por sinal, foi o dia seguinte à retirada dos duzentos mil francos do banco.

— E daí?

— Não poderíamos supor que os duzentos mil francos foram pagos durante a visita, e que o recibo foi temporariamente escondido no alto da torre?

Georges Cazévon sobressaltou-se.

— Meu senhor, percebe o quanto sua suposição é ofensiva para a memória de meu pai?

— De que maneira? — disse Barnett ingenuamente.

— Se meu pai tivesse recebido esse dinheiro, teria anunciado com toda a lealdade.

— Por quê? Ele não era obrigado a revelar a todos o reembolso de um empréstimo que ele havia feito, em caráter pessoal.

Georges Cazévon bateu com o punho na mesa.

— Mas ele não teria, duas semanas depois, ou seja, alguns dias após a morte de seu devedor, afirmado seus direitos sobre a fazenda Mazurech!

— No entanto, ele o fez.

— Alto lá! Alto lá! O que o senhor diz é uma loucura! Você deve ter alguma lógica, senhor, quando faz tais afirmações. Se meu pai pudesse reclamar uma quantia já recebida, ele temeria que esse recibo fosse usado contra ele!

— Talvez ele tenha ouvido — zombou Barnett descuidadamente — que ninguém sabia disso, e que os herdeiros desconheciam o pagamento. E como ele desejava a propriedade, me disseram, e tinha jurado conquistá-la, ele se calou.

Assim, pouco a pouco, com as insinuações manhosas e persistentes de Jim Barnett, o caso mudou de figura. O pai Cazévon era acusado de delito e fraude. George Cazévon, tremendo de raiva e muito pálido, apertou os punhos e fitava com estupor este subalterno que, em um tom plácido, ousava apresentar os fatos sob uma luz tão abominável.

— Eu o proíbo de falar assim! — vociferou. — Você diz coisas ao acaso.

— Ao acaso? Não, eu asseguro. Não há nada que eu diga que não seja absolutamente real.

Rompendo o círculo de hipóteses e suposições no qual este adversário improvável o confinava, Georges Cazévon gritou:

— É mentira! Você não tem a menor prova! Para ter provas de que meu pai cometeu esta infâmia, você teria que ir procurá-las no topo da Vieux-Donjon.

— Jean d'Alescar esteve lá.

— Isso não é verdade! Não dá para subir os trinta metros da torre, está além da força humana. E não dá para fazer isso em duas horas.

— Jean d'Alescar fez — repetiu Barnett obstinadamente.

— Mas com que meios? — disse um exasperado Georges Cazévon. — Com quais sortilégios?

Barnett deixou cair estas poucas palavras:

— Por meio de uma corda.

Cazévon estourou em gargalhadas.

— Uma corda? Mas isso é uma loucura! Sim, de fato, cem vezes eu o peguei jogando flechas, na esperança tola de prender a corda que ele havia preparado. Pobre criança! Não existem milagres desse tipo. E depois, como ele conseguiu, repito, em duas horas? E mais!… Teríamos visto essa corda após o acidente, presa na torre ou caída sobre as rochas do rio Creuse. Ela não estaria no Manoir, como parece estar.

Jim Barnett respondeu, ainda tranquilo:

— Não foi aquela corda que ele usou.

— Qual foi, então? — exclamou Georges Cazévon, rindo nervosamente. — Afinal de contas, esta história é séria? O conde Jean, equipado com seu cabo encantado, desceu de madrugada pelo terraço de seu jardim, pronunciou as palavras mágicas, e o cabo desenrolou-se sozinho até o topo da torre, para que o encantador pudesse cavalgar sobre ele? O milagre dos faquires hindus!

— O senhor também — disse Barnett — vai precisar invocar um milagre, assim como Jean d'Alescar, para quem esta foi a última esperança, assim como para mim, que construí minha convicção sobre esta ideia. Mas é um milagre que aconteceu de forma contrária à que o senhor imagina, já que não veio de baixo, de acordo com o habitual e o provável, mas de cima.

Cazévon brincou:

— A Providência Divina, então! Foi a Providência Divina que atirou uma corda para socorrer um de seus escolhidos?

— Não há necessidade de invocar uma intervenção divina, distorcendo as leis da natureza — disse Barnett solenemente. — O milagre foi um daqueles que podem ser provocados por mero acaso.

— O acaso!

— Nada é impossível para o acaso. É a força mais perturbadora e engenhosa, a mais inesperada e caprichosa. O acaso aproxima e reúne, multiplica as combinações mais inusitadas e, com os elementos mais díspares, cria a nossa realidade de cada dia. Somente o acaso pode fazer milagres. E o que eu me pergunto, é qual a coisa mais extraordinária que poderia cair do céu em nossos tempos, além dos aerólitos e da poeira dos mundos?

— Cordas! — desdenhou Cazévon.

— Cordas, e qualquer outra coisa. O fundo do mar está repleto de coisas, caídas dos navios que o atravessam.

— Não há navios no céu.

— Há sim, mas eles têm outros nomes: são chamados de balões, aviões ou dirigíveis. Eles viajam pelo espaço em todas as direções, enquanto outros viajam pelo mar, e mil coisas diferentes podem cair deles ou ser jogadas deles. Uma dessas coisas pode ser um rolo de corda, e esse rolo pode estar pendurado nas ameias da torre, e tudo ficará explicado.

— Explicação fácil.

— Explicação fundamentada. Leia os jornais locais, publicados na semana anterior, como eu fiz ontem, e você saberá que um balão sobrevoou a região, na noite anterior à morte do conde Jean. Estava indo na direção norte-sul, e deixou cair vários sacos de areia dez milhas ao norte de Guéret. Como não podemos deduzir fatalmente que ele também deixou cair um rolo de corda, e que uma ponta dessa corda ficou presa em uma das árvores do terraço, e que o conde Jean, para libertá-la, teve que quebrar um galho? E que ele desceu do terraço, e que, segurando na mão as duas pontas e amarrando-as juntas, ele subiu? Uma façanha difícil, mas que é de se esperar de um menino de sua idade.

— E então…? — murmurou Cazévon, cujo rosto inteiro se crispava.

— E então, concluiu Barnett — alguém que saiba atirar muito bem, e que estava aqui perto da janela, vendo o rapaz pendurado no ar, atirou na corda e a cortou.

— Ah! — disse Cazévon, surdamente — é assim que você vê o acidente?

— Então, — continuou Barnett — essa pessoa correu para o rio e revistou o cadáver até encontrar o recibo, e então agarrou a ponta do cabo que estava pendurada, puxou o cabo, e foi jogar esse indício de prova em algum poço, onde a justiça facilmente o encontrará.

Agora a acusação estava mudando. O filho, depois do pai, tornou-se o acusado. Um vínculo lógico, certo e irrefutável unia o passado ao presente.

Cazévon tentou se desprender e, de repente, revoltando-se contra o próprio homem, e não contra suas palavras, ele gritou:

— Estou cansado de todo este sistema incoerente de explicações convenientes e suposições malucas! Desapareça daqui! Vou dizer ao sr. Béchoux que o expulsei, como o chantagista que você é!

— Se eu quisesse chantageá-lo — riu Barnett —, eu teria começado mostrando minhas provas.

Cazévon vociferava, fora de si:

— Suas provas! Você tem alguma? Palavras, bobagens! Mas uma prova, uma única prova que permita que você fale… Vamos lá! Provas? Há apenas uma que seria válida! A única que envergonharia ao meu pai e a mim… Todo o seu castelo de bobagens desmorona, se você não tiver essa prova! E você é apenas um piadista de mau gosto!

— Qual prova?

— O recibo, caramba! O recibo assinado por meu pai.

— Aqui está — disse Barnett, desdobrando uma folha de papel estampado, com dobras desgastadas e amareladas. — Esta é a caligrafia de seu pai, não é? E o texto é formal?

> *Eu, Auguste Cazévon, abaixo assinado, reconheço ter recebido do senhor conde de Alescar a soma de duzentos mil francos que eu havia emprestado a ele. Este pagamento libera-o, sem qualquer contestação possível, da hipoteca que ele me havia concedido sobre seu castelo e suas terras.*

— A data corresponde ao dia indicado pelo sr. Gréaume. A assinatura está aí. Portanto, o documento é indiscutível, e o senhor sabia disso, seja pela confissão do senhor seu pai, seja por documentos secretos deixados por ele. A descoberta deste documento seria a condenação de seu pai, e sua também, bem como a expulsão do castelo que deseja tanto como o seu pai

desejava. É por isso que o senhor cometeu assassinato.

— Se eu tivesse matado — gaguejou Cazévon — eu teria recuperado este recibo.

— Você o procurou no corpo da vítima. Mas ele já tinha desaparecido. O conde Jean amarrou-o a uma pedra, que ele lançou do alto da torre. Encontrei-o junto ao rio, a vinte metros de distância.

Barnett mal teve tempo para se afastar: Georges Cazévon tentava roubar o documento dele.

Por um momento, os dois homens se encararam. Barnett disse:

— Tal gesto é uma confissão. E que obstinação em seu olhar! Em tais momentos, como a srta. d'Alescar me disse, o senhor é evidentemente capaz de qualquer coisa. Foi o que aconteceu no outro dia, quando o senhor se postou nesta janela e atirou, quase inconscientemente. Vamos lá, controle-se. A campainha está tocando. É o inspetor Béchoux, e talvez seja melhor que ele não saiba de nada.

Um momento se passou. Por fim, Georges Cazévon, cujos olhos conservavam uma expressão de perplexidade, sussurrou:

— Quanto? Quanto quer por este recibo?

— Não está à venda.

— Você vai ficar com ele?

— Posso entregá-lo sob certas condições.

— Quais?

— Vou dizer na frente do inspetor Béchoux.

— E se eu me recusar a aceitá-las?

— Eu vou denunciá-lo.

— Suas acusações não terão qualquer efeito.

— Experimente.

Georges Cazévon deve ter sentido toda a força e a vontade implacável de seu adversário, pois abaixou a cabeça. No mesmo instante, um criado anunciou a chegada de Béchoux.

O inspetor, que não esperava ver Barnett no castelo, franziu a testa. De que diabos os dois homens estariam falando? Teria este odioso Barnett ousado vir até aqui, apenas para antecipar e contradizer suas conclusões?

Este medo o tornou ainda mais assertivo em seu testemunho e, apertando com afeto a mão de Georges Cazévon, ele formulou:

— Senhor, prometi vir aqui, antes da minha partida, para descrever os resultados da minha investigação e o teor do relatório que apresentarei. Tudo está inteiramente de acordo com a forma como o caso tem sido considerado, até agora.

E, usando as próprias palavras de Barnett, ele acrescentou:

— Os rumores propagados contra o senhor pela srta. d'Alescar não merecem nenhum crédito.

Barnett concordou.

— Muito bem, foi exatamente isso que eu anunciei ao sr. Cazévon. Mais uma vez, meu mestre e amigo Béchoux mostra sua habitual perspicácia. Devo dizer, por outro lado, que o sr. Cazévon possui a coragem de responder da maneira mais generosa às calúnias das quais ele é objeto. Ele vai restituir à srta. d'Alescar o patrimônio de seus antepassados.

Béchoux parecia ter recebido um golpe.

— Hein? Será possível?

- Muito possível — disse Barnett. — Todo este caso deixou o sr. Cazévon muito irritado com este lugar, e ele tem em vista um castelo mais próximo de suas fábricas em Guéret. O sr. Cazévon estava mesmo, quando entrei, prestes a redigir o rascunho da doação, e ele expressou o desejo de acrescentar ainda um cheque de cem mil francos ao portador, que seria dado como indenização à srta. d'Alescar. Ainda estamos de acordo, não estamos, sr. Cazévon?

Este último não hesitou por um segundo. Ele obedeceu às ordens de Barnett como se estivesse agindo por vontade própria e para sua satisfação. Sentou-se à sua mesa, redigiu a escritura e assinou o cheque.

— Aqui está, senhor — disse ele. — Darei instruções ao meu advogado.

Barnett recebeu os dois documentos, pegou um envelope, fechou-os e disse a Béchoux:

— Pegue, leve isto à srta. d'Alescar. Tenho certeza que ela apreciará o procedimento do sr. Cazévon. Saudações, senhor. Não tenho palavras para dizer o quanto Béchoux e eu estamos felizes, com este resultado que satisfaz a todos.

Ele saiu rapidamente, seguido por Béchoux, que, cada vez mais desconcertado, murmurou no parque:

— Então, foi ele que disparou a arma?… Ele admitiu o crime?

— Não se preocupe com isso, Béchoux — disse Barnett — e esqueça o assunto. Está resolvido, e, como você vê, foi o melhor para todos. Então, cumpra sua missão com a srta. d'Alescar, peça-lhe silêncio e discrição, e encontre-se comigo na pousada.

Quinze minutos mais tarde, Béchoux retornou. A srta. d'Alescar havia aceitado a doação, e instruiria seu advogado a contatar o advogado de Georges Cazévon. Mas ela recusou o dinheiro. Indignada, rasgou o cheque.

Barnett e Béchoux partiram. A viagem foi rápida e taciturna. O inspetor não parava de conjecturar: ele não entendia nada, e o seu amigo Barnett parecia pouco disposto a confidências.

Em Paris, onde chegaram às três horas da tarde, Barnett convidou Béchoux para almoçar nos arredores da Bolsa. Béchoux, inerte e ainda incapaz de sacudir seu torpor, aceitou.

— Garçom — disse Barnett —, eu tenho um pequeno pedido a fazer.

A espera não foi longa. Eles almoçaram copiosamente.

Enquanto tomava seu café, Béchoux disse:

— Tenho que devolver ao sr. Cazévon os pedaços do cheque.

— Não se preocupe, Béchoux.

— Por quê?

— O cheque não valia nada.

— Como assim?

— Nadinha. Prevendo a recusa da srta. d'Alescar, eu coloquei um cheque velho e vencido no envelope.

— Mas, e o verdadeiro? — gemeu Béchoux. — Aquele que M. Cazévon assinou?

— Acabei de sacá-lo no banco.

Jim Barnett abriu seu casaco e ostentou um maço de dinheiro.

O cálice de Béchoux caiu de suas mãos. Entretanto, ele tentava se controlar. Eles fumaram por um longo tempo, de frente um para o outro.

No final, Jim Barnett disse:

— Na verdade, Béchoux, nossa colaboração tem sido muito frutífera até agora. Tantas expedições, tantos sucessos favoráveis ao aumento das minhas pequenas economias. Juro que começo a sentir vergonha de você, porque nós trabalhamos juntos e sou eu quem ganha. Vejamos, Béchoux, o que você acha de se tornar um parceiro na empresa? Agência Barnett e Béchoux… hein? Nada mal…

Béchoux lançou para ele um olhar de ódio. Ele nunca havia odiado tanto um homem.

Ele se levantou, jogou o dinheiro na mesa para pagar a conta, e ruminou, enquanto se afastava:

— Há momentos em que me pergunto se este sujeito não é o próprio diabo.

— Isso é o que às vezes também me pergunto — disse Barnett, com uma risada.

Luvas brancas, polainas brancas

Béchoux saltou de seu táxi e precipitou-se dentro da agência como um furacão.

— Ah, que bom! — exclamou Barnett, que foi correndo ao seu encontro. — Nós nos separamos tão friamente no outro dia, e eu temia que você estivesse com raiva. Então, o que foi? Você precisa de mim?

— Sim, Barnett.

Barnett apertou suas mãos vigorosamente.

— Que bom! Mas o que está acontecendo? Você está todo vermelho. Você está com escarlatina?

— Não ria, Barnett. É um caso difícil, e eu gostaria de sair dele com meus próprios méritos.

— Do que se trata?

— Da minha esposa.

— Sua esposa! Então você é casado?

— Divorciado há seis anos.

— Incompatibilidade de gênios?

— Não, ela quis seguir a sua vocação.

— E por que deixá-lo?

— Ela queria fazer teatro. Você pode imaginar isso? A esposa de um inspetor de polícia!

— E ela é bem sucedida?

— Sim, ela canta.

— Na ópera?

— No Folies-Bergère.

— Nome?

— Olga Vaubant.

— A cantora acrobata?

— Sim.

Jim Barnett expressou seu entusiasmo.

— Parabéns, Béchoux! Olga Vaubant é uma verdadeira artista, que encontrou uma nova fórmula com suas canções "subversivas". Seu último número, cantado de cabeça para baixo: *"Isadora… me adora. Mas é o Antero… que eu quero"*, faz sentir a emoção da grande arte.

— Muito obrigado. Veja o que eu recebi dela — disse Béchoux, lendo um bilhete escrito a lápis, datado daquela mesma manhã.

Roubaram o meu quarto. Minha pobre mãe quase foi assassinada. Venha. Olga.

— "Quase" é uma brincadeira! — disse Barnett.

Béchoux continuou:

— Telefonei imediatamente para a polícia, onde o assunto já é conhecido, e obtive permissão para me juntar aos colegas que estão no local.

— E do que você tem medo? — perguntou Barnett.

— De vê-la novamente — disse Béchoux, num tom lamentável.

— Você ainda a ama?

— Quando a vejo, fico balançado… Minha garganta se fecha… Eu gaguejo… Você consegue imaginar uma investigação sob estas condições? Eu só cometeria erros.

— E você gostaria, pelo contrário, de permanecer digno diante dela e estar à altura de sua reputação?

— É isso mesmo.

— De qualquer forma, você conta comigo?

— Sim, Barnett.

— Como é o comportamento de sua esposa?

— Irrepreensível. Se não fosse por sua vocação, Olga continuaria a ser a sra. Béchoux.

— E seria uma pena para a arte — disse Jim Barnett gravemente, e pegou seu chapéu.

Em poucos minutos eles chegaram a uma das ruas mais tranquilas e desertas ao redor dos Jardins de Luxemburgo. Olga Vaubant ocupava o terceiro e último andar de uma casa burguesa, cujas janelas do piso térreo eram altas e equipadas com barras de ferro.

— Mais uma coisa — disse Béchoux. — Renuncie de uma vez por todas a esses ganhos que desonram nossas expedições.

— Minha consciência… — objetou Barnett.

— Deixe-a em paz — disse Béchoux —, e pense em mim e nas queixas que ela faz de mim.

— Você acha que eu poderia roubar Olga Vaubant?

— Peço que desta vez não roube ninguém.

— Nem mesmo aqueles que merecerem?

— Existe a lei para puni-los.

Barnett suspirou:

— Não seria tão divertido! Mas de qualquer forma, já que você está pedindo…

Um policial vigiava a porta, outro permanecia no alojamento com o casal de zeladores, que estava abalado pelo acontecimento. Béchoux soube que o comissário distrital e dois agentes da Sûreté estavam deixando a casa, e que o juiz de instrução tinha feito uma investigação sumária.

— Vamos aproveitar que não há ninguém aqui — disse Béchoux a Barnett.

E, enquanto subiam, ele explicou:

— Esta é uma antiga pensão, onde se conservam os costumes de antigamente. Por exemplo, a porta está sempre fechada, ninguém tem a chave, e só se pode entrar tocando a campainha. A primeira casa é ocupada por um clérigo, a segunda por um magistrado, e o zelador faz seus trabalhos domésticos. Quanto a Olga, ela vive a mais respeitável existência, junto de sua mãe e de duas senhoras que a criaram.

A porta foi aberta. Béchoux explicou que, à direita, o vestiário levava ao quarto e ao *boudoir* de Olga; à esquerda, levava ao quarto da mãe e das duas senhoras; e, em frente, havia um estúdio de pintura transformado em academia, com barras, trapézio, argolas e muitos acessórios espalhados entre as poltronas e sofás.

Assim que entraram na sala, uma silhueta surgiu do alto, por trás do dossel que filtrava a luz do dia. Era um pequeno rapaz, que ria e sacudia

uma moita de cabelos vermelhos e revoltos sobre um rosto delicioso. Sob a fantasia, que era apertada na cintura, Barnett reconheceu Olga Vaubant. Ela exclamou imediatamente, com entoações teatrais:

— Ah, Béchoux, a mamãe está bem. Ela está dormindo. Minha querida mãe! Que sorte!

Ela baixou a cabeça e ficou sobre seus dois braços estendidos, com os pés no ar, e cantou, com uma voz comovente e rouca:

— *"Isadora… me adora. Mas é o Antero… que eu quero."* E eu também te quero bem, meu bom Béchoux — disse ela, levantando-se. — Sim, é bom que tenha vindo tão rápido.

— Jim Barnett, um camarada — apresentou Béchoux, que tentava se segurar, mas cujo olho molhado e tiques nervosos traíam sua consternação.

Ela disse:

— Perfeito! Vocês dois vão desvendar tudo isso e reaver meu quarto. Agora é com vocês. Ah, é minha vez de apresentar Del Prego, meu professor de ginástica, massagista, maquiador, comerciante de pomadas e produtos de beleza, que faz furor entre as senhoras do circuito musical, e que faz as pessoas rejuvenescerem e se alongarem como nenhum outro. Faça uma reverência, Del Prego.

Del Prego curvou-se. Ele tinha ombros largos, pele acobreada, a figura completa e o aspecto de um velho palhaço. Ele estava vestido de cinza, usava luvas e polainas brancas, e segurava um leve chapéu de feltro em sua mão. E imediatamente, gesticulando, sorrindo, misturando o seu francês exótico com palavras de espanhol, inglês e russo, ele quis explicar seu método de alongamento progressivo. Olga o cortou.

— Não há tempo a perder. De que informações você precisa, Béchoux?

— Antes de mais nada — disse Béchoux — precisamos ver seu quarto.

— Vamos, *presto!*

Com um salto, ela se agarrou ao trapézio, deu um impulso até os dois anéis, e depois caiu de pé em frente à porta.

— Aqui estamos nós — diz ela.

O quarto estava absolutamente, radicalmente vazio. Cama, móveis, cortinas, quadros, espelhos, tapetes, bibelôs… nada. Nem uma empresa de mudanças deixaria um quarto mais vazio. Olga riu.

— Hein? Limparam tudo! Até o meu conjunto de escovas de marfim, eles levaram! Tiraram até a poeira! E como eu adorava o meu quarto! Puro

Luís XV… Comprado peça por peça! Uma cama onde dormiu Pompadour! Quatro gravuras de Boucher! Uma cômoda personalizada! Investi aqui todo o dinheiro da minha turnê na América!

Ela deu uma cambalhota, sacudiu o cabelo e disse alegremente:

— Bah! Posso montar outro. Com meus músculos de borracha e minha voz rouca, não estou em apuros… Mas por que me olha assim, Béchoux? Você está sempre derretendo aos meus pés! Venha, me dê um abraço, e faça suas perguntas, para que possamos terminar com isso antes da chegada dos homens do Ministério Público.

Béchoux disse:

— Conte-nos o que aconteceu.

— Oh, não vou levar muito tempo — disse ela. — Ontem à noite, tinha acabado de soar às dez horas. Devo lhes dizer que saí às oito horas com Del Prego, que me acompanhou ao Folies-Bergère em vez da mamãe. Mamãe estava tricotando. Bem, o sino tocou. De repente, ouviu-se um barulho, vindo do meu quarto. Ela correu para lá. À luz de uma lâmpada elétrica, que se apagou imediatamente, ela viu um homem desmontando a cama, e outro que lhe deu uma pancada na cabeça e a derrubou, enquanto o primeiro a cobria com uma toalha de mesa. Em seguida, eles esvaziaram a sala, um deles ia descendo os móveis. Mamãe não se mexeu, não gritou. Ela ouviu o som de um carro grande ligado na rua, e depois ela desmaiou.

— Então — disse Béchoux — quando você voltou do Folies-Bergère…?

— Encontrei a porta do andar de baixo aberta, a porta deste apartamento aberta e a mamãe desmaiada. Imagine o meu desespero!

— Os zeladores?

— Você os conhece. Dois bons velhos que vivem aqui há trinta anos, e que não se incomodariam nem com um terremoto. Somente o toque da campainha da porta pode despertá-los à noite. Eles juram por Deus que, desde as dez horas da noite, quando adormeceram, até a manhã, ninguém tocou a campainha.

— E, portanto, — disse Béchoux — eles não acionaram nem uma única vez o cordão que abre a porta?

— Isso mesmo.

— E quanto aos outros inquilinos?

— Eles também não ouviram nada.

— E, no final das contas…

— No final das contas, o quê?

— Sua opinião, Olga!

A jovem mulher se divertia.

— Você me vem com cada uma! Por acaso eu preciso ter uma opinião? Na verdade, você me parece tão bobo quanto os tipos do Ministério Público.

— Mas — disse ele, surpreso — nós mal começamos!

— E tudo o que eu disse, fofinho, não é suficiente para esclarecê-lo? Se o homem chamado Barnett for tão burro quanto você, posso dizer adeus à minha cama Pompadour.

O homem chamado Barnett deu um passo à frente e perguntou:

— Para quando você deseja sua cama Pompadour, madame?

— Como? — ela disse, olhando com surpresa para esta pessoa de aparência um tanto falível, à qual ela não havia prestado atenção.

Ele especificou, em um tom familiar:

— Eu gostaria de saber o dia e a hora em que você deseja retomar a posse de sua cama Pompadour e de seu quarto inteiro.

— Mas…

— Vamos marcar a data. Hoje é terça-feira. Que tal na próxima terça-feira?

Ela arregalou os olhos, e parecia sufocada. O que significava essa proposta incomum? Era uma brincadeira ou uma vanglória? E de repente ela riu.

— Eis um engraçadinho! Onde você conseguiu esse amigo, Béchoux? Está vendo, ele tem coragem, esse que se chama Barnett! Uma semana! Até parece que ele tem a minha cama Pompadour no bolso! E vocês acham que vou perder meu tempo com vigaristas como vocês!

Ela empurrou os dois para o corredor.

— Vão, vão, sumam daqui! E não quero vê-los novamente. Não gosto de ser feita de boba. Que farsantes, esses comunistas!

A porta da oficina foi fechada ruidosamente sobre os dois comunistas. Béchoux, em desespero, gemeu:

— Não se passaram dez minutos desde a nossa chegada.

Silenciosamente, Barnett examinava o corredor, e fazia algumas perguntas a uma das senhoras. Quando desceram a escadaria, ele entrou no alojamento do zelador, o qual também questionou. Então, já do lado de

fora, ele parou um táxi que estava de passagem e deu seu endereço na Rue de Laborde, enquanto Béchoux permaneceu atordoado na calçada.

Se Barnett tinha prestígio aos olhos de Béchoux, Olga tinha ainda mais; e ele não tinha dúvidas de que, segundo as palavras de Olga, Barnett havia se envolvido em problemas, com uma promessa que só poderia ser uma farsa.

Béchoux teve provas disso no dia seguinte, quando foi à agência Barnett. Em sua cadeira, com os pés em cima da mesa, Barnett estava fumando.

— Se é dessa maneira que você leva o caso a sério — gritou Béchoux furiosamente —, corremos o risco de ficar patinando *ad aeternum*. Eu tenho trabalhado muito, mas os sujeitos do Ministério Público não estão nem aí. Nem eu, aliás. Concordamos em certos pontos. Por exemplo, que é materialmente impossível entrar na casa, mesmo com uma chave falsa, a menos que a porta seja aberta por dentro. E como não havia ninguém lá dentro para ser acusado como cúmplice, chegamos a estas duas conclusões inevitáveis: 1) Que um dos dois assaltantes estava na casa no final do dia anterior, e abriu a porta para seu cúmplice; 2) Que ele não poderia ter entrado sem ser visto por um dos zeladores, pois a porta da casa permanece sempre fechada. Mas quem entrou? Quem serviu como introdutor? Um mistério. E então?

Barnett permaneceu em silêncio. Ele parecia estar completamente alheio ao caso. E Béchoux continuava:

— Fizemos uma lista das poucas pessoas que entraram na véspera. Para cada um deles, os zeladores foram igualmente categóricos: cada pessoa que entrou, saiu novamente. Portanto, não há pistas. E o roubo, que reconstituímos em suas diversas fases, e que foi realizado com tanta simplicidade e audácia, permanece absolutamente inexplicável quanto à sua própria origem. Hein, o que você diz sobre este caso?

Barnett se esticou, parecendo voltar à realidade, e pronunciou:

— Ela é deliciosa.

— Quem? Quem é o quê? Quem é deliciosa?

— A sua mulher.

— Hein?

— Tão encantadora na vida quanto no palco. Que vivacidade! Que exuberância! Uma verdadeira garota de Paris… cheia de gosto e delicadeza!

A ideia de investir as economias na compra de uma cama Pompadour, não é encantadora? Béchoux, você não merece a sorte que tem.

Béchoux resmungou:

— Minha sorte já se foi há muito tempo.

— Quanto tempo durou?

— Um mês.

— E você ainda reclama?

No sábado, Béchoux voltou à carga. Barnett fumava, sonhava acordado e não respondia nada. Finalmente, na segunda-feira, Béchoux voltou, desanimado.

— Não está dando certo — rosnou ele. — Todos esses caras são uns idiotas. E enquanto isso, a cama Pompadour e o quarto de Olga devem estar viajando para algum porto, onde serão embarcados para o exterior e lá vendidos. O que eu, um inspetor de polícia, pareço para Olga? Um idiota.

Ele observava Barnett, que contemplava a fumaça de seu cigarro girando em direção ao teto, e ficou indignado.

— Estamos lutando contra adversários formidáveis, como você nunca conheceu antes… Pessoas que operam com um método particular, um truque tão perfeito que já devem tê-lo empregado e treinado bastante… e você continua calmo? Sem dúvida, eles trouxeram alguém para o local, e você não vai fazer nada para descobrir o que eles fizeram?

— Há algo nela — disse Barnett — que me agrada mais do que tudo.

— O quê? — disse Béchoux.

— Sua naturalidade, sua espontaneidade. Não há fingimento. Olga diz o que pensa, age de acordo com seu instinto e vive de acordo com sua fantasia. Repito, Béchoux, ela é uma criatura encantadora.

Béchoux bateu com força na mesa.

— Sabe o que você é para ela? Você é um idiota. Quando ela fala de você com Del Prego, eles riem até doer as costelas. Barnett, o idiota… Barnett, o blefador…

Barnett suspirou:

— Adjetivo doloroso! O que posso fazer para deixar de merecê-lo?

— Amanhã é terça-feira. Você deve devolver a cama Pompadour, como prometeu.

— Infelizmente, não sei onde ela está. Dê-me alguns conselhos, Béchoux.

— Mande prender os assaltantes. Através deles você saberá a verdade.

— Isso é o de menos — disse Barnett. — Você tem um mandado?

— Sim.

— E homens à sua disposição?

— Só preciso telefonar para a delegacia.

— Telefone, então, e peça que eles enviem ainda hoje dois policiais para a região do Luxemburgo, sob as galerias do Odeon.

Béchoux enlouqueceu.

— Você está brincando comigo?

— De forma alguma. Você acha que eu quero parecer uma idiota para Olga Vaubant? O que é isso! Não cumpro sempre as minhas promessas?

Béchoux pensou por alguns segundos. Ele teve a impressão repentina de que Barnett estava falando sério, e que por seis dias ele ficou deitado em sua poltrona pensando sobre o enigma. Ele não dizia sempre que há casos em que a reflexão é melhor do que qualquer investigação?

Sem mais perguntas, Béchoux telefonou para um amigo, um homem chamado Albert, que era o colaborador mais direto do chefe da Sûreté. Foi combinado que dois inspetores seriam enviados para o Odeon.

Barnett se levantou e se aprontou. Eram três horas da tarde. Eles saíram.

— Vamos para o bairro de Olga? — perguntou Béchoux.

— Vamos para a pensão.

— Para falar com ela?

— Para falar com os zeladores.

Os dois se instalaram na parte de trás do imóvel, depois que Barnett aconselhou os zeladores a não dizer uma palavra, ou fazer qualquer coisa que pudesse sugerir que alguém estivesse ali. Uma grande colcha de cama os escondia. De ambos os lados, eles podiam ver qualquer um que pudesse puxar a corda, para entrar ou para sair.

Viram chegar o padre do primeiro andar, e depois uma das amas de Olga, que entrou correndo com uma cesta debaixo do braço.

— Quem diabos estamos esperando? — murmurou Béchoux. — Qual é o seu propósito?

— Ensinar o seu trabalho.

— Mas…

— Silêncio.

Às três e meia, Del Prego entrou. Luvas brancas, polainas brancas, terno cinza, chapéu claro. Ele acenou, dizendo bom dia para os porteiros, e subiu as escadas. Era a hora da aula diária de ginástica.

Quarenta minutos depois ele saiu novamente, e voltou com um maço de cigarros que tinha ido comprar. Luvas brancas… polainas brancas...

Passaram mais três pessoas, ao acaso. E de repente Béchoux sussurrou:

— Lá vem ele novamente, pela terceira vez. Mas por onde ele saiu?

— Por esta porta, eu suponho.

— Eu acho que não — declarou Béchoux, menos assertivo — a menos que tenhamos observado mal. O que você acha, Barnett?

Barnett empurrou a cortina para o lado e respondeu:

— Acho que é hora de agir. Vá procurar seus colegas, Béchoux.

— Devo trazê-los?

— Sim.

— E você?

— Vou subir as escadas.

— Você vai esperar por mim?

— Para quê?

— Mas o que está acontecendo?

— Você vai ver. Vocês três ficam no segundo andar. Vou chamar vocês.

— Você acha que vai ter briga?

— Com certeza.

— Contra quem?

— Contra alguns caras bem duros, tenho certeza. Vá depressa.

Béchoux saiu. Barnett, como havia anunciado, subiu os três lances de escada e tocou a campainha. Entrou na sala de ginástica, onde Olga terminava sua aula sob a supervisão de Del Prego.

— Vejam, o intrépido sr. Barnett! — gritou Olga do alto de uma escada de corda. — O todo-poderoso sr. Barnett. Bem, sr. Barnett, você está trazendo minha cama Pompadour?

— Quase isso, senhora. Estou atrapalhando?

— Pelo contrário.

Com incrível agilidade, ignorando o perigo, ela executava como se fossem brincadeira os movimentos que Del Prego lhe indicava, com instruções breves. O professor aprovava, criticava e às vezes dava o exemplo, sendo ele próprio um acrobata experiente, mas mais violento do que

flexível — e ansioso, ao que parece, para mostrar sua força, que parecia prodigiosa.

Quando a lição terminou, ele vestiu seu casaco, abotoou suas polainas brancas, tomou suas luvas brancas e seu chapéu.

— Vejo você hoje à noite no teatro, madame Olga.

— Você não vem me buscar hoje, Del Prego? Você teria que me levar, já que a mamãe não está aqui.

— Não pode ser, Madame Olga. Eu tenho uma aula antes do jantar.

Ele se dirigia para a saída, mas teve que parar. Barnett ficou entre ele e a porta.

— Apenas algumas palavras, meu caro senhor, — disse Barnett — pois o acaso favorável me coloca em sua presença.

— Lamento muito, mas…

— Devo me apresentar novamente? Jim Barnett, detetive particular da agência Barnett e Associados, amigo de Béchoux.

Del Prego deu um passo à frente:

— Minhas desculpas, senhor, mas tenho um pouco de pressa.

— Oh, só um minuto, não mais… o tempo para recuperar suas memórias.

— Sobre o quê?

— Sobre um certo turco…

— Um turco?

— Sim, um que se chama Ben-Vali.

O professor acenou com a cabeça e respondeu:

— Ben-Vali? Nunca ouvi esse nome.

— Talvez o nome de um certo Avernoff seja familiar para você?

— Também não. Quem são esses cavalheiros?

— Dois assassinos.

Houve um breve silêncio. Então Del Prego disse com uma risada:

— Eles são do tipo de pessoas das quais não gosto muito de estar por perto.

— Dizem, pelo contrário — disse Barnett —, que você os conhecia intimamente.

Del Prego olhou para ele da cabeça aos pés e mastigou-o:

— O que significa tudo isso? Explique-se! As charadas me aborrecem.

— Sente-se, sr. Del Prego. Falaremos mais confortavelmente.

Del Prego respondeu com um gesto de impaciência. Olga tinha se aproximado dos dois homens, linda e curiosa, muito pequenina em seu traje de ginástica.

— Sente-se, Del Prego. Pense nisso como minha cama Pompadour.

— Justamente — disse Barnett. — E acredite em mim, sr. Del Prego, não estou propondo nenhuma charada. Em minha primeira visita aqui, após o roubo, não pude deixar de me lembrar de dois eventos que têm sido muito discutidos ao longo dos anos, e sobre os quais eu gostaria de saber sua opinião. Alguns minutos serão suficientes.

Barnett não estava mais em sua atitude subalterna de costume. O tom de sua voz assumiu uma autoridade que não podia ser evitada. Olga Vaubant ficou bastante impressionada. Del Prego foi dominado e rosnou:

— Fale logo.

— Aqui está.

E Barnett começou:

— Há três anos, um joalheiro que morava com seu pai no andar superior de um grande edifício no coração de Paris, o sr. Saurois, tinha negócios com um certo Ben-Vali, que usava um turbante e um traje turco com calças largas. Ele negociava com pedras preciosas de segunda categoria, topázio oriental, pérolas barrocas, ametistas, etc. Certa noite, após um dia em que Ben-Vali tinha ido várias vezes à sua casa, o joalheiro Saurois, voltando do teatro, encontrou seu pai esfaqueado e suas caixas de joias completamente vazias. A investigação provou que o crime tinha sido cometido, não pelo próprio Ben-Vali, que tinha um álibi inquestionável, mas por alguém que Ben-Vali tinha trazido naquela tarde. Além disso, foi impossível colocar as mãos sobre esse certo alguém, e tampouco sobre o turco. O caso foi encerrado. Você se lembra do caso?

— Não faz nem dez anos que cheguei a Paris — replicou Del Prego. — Por outro lado, não sei o que tenho com isso.

Jim Barnett continuou:

— Dez meses antes, outro crime do mesmo tipo, cuja vítima foi um colecionador de medalhas, o sr. Davoul, e cujo perpetrador certamente tinha sido levado para sua casa e escondido pelo conde Avernoff — um russo que usava um boné de astracã e um longo sobretudo.

— Eu me lembro disso — disse Olga Vaubant, que já estava muito pálida.

— Imediatamente — disse Barnett — pensei ter visto entre estes dois fatos e o roubo do quarto Pompadour, não uma analogia marcante, mas certa semelhança familiar. O roubo das joias do joalheiro Saurois e o roubo das medalhas do colecionador Davoul tinham sido realizados por dois estranhos, e pelo procedimento executado aqui, ou seja: pela introdução prévia de um ou dois cúmplices encarregados da tarefa. Mas qual era a característica deste procedimento? Eu não percebi à primeira vista, e vinha lutando com isso há vários dias, em silêncio e solidão. Com os dois elementos que eu tinha, o crime Ben-Vali e o crime Avernoff, eu tive que estabelecer a ideia geral de um esquema que deve ter sido aplicado em muitas outras circunstâncias, das quais eu não tinha conhecimento.

— E você descobriu? — perguntou Olga, com uma voz apaixonada.

— Sim, e devo admitir que a ideia é realmente bela. É uma arte, e eu conheço muito sobre arte… Uma arte nova e original, e que não deve nada a ninguém… uma grande arte! Enquanto a multidão de assaltantes e assassinos age de forma abafada e furtiva, ou enviam cúmplices antecipadamente: encanadores, entregadores e tantos outros, que entram furtivamente nas casas, esses artistas fazem seus negócios em plena luz do dia, de cabeça erguida. Quanto mais você os conhece, melhor. Eles entram na casa publicamente, onde são familiares, onde você está acostumado a vê-los. E então, no dia marcado, eles saem… E entram novamente… E saem novamente… E então, quando o líder do bando já está lá dentro, aparece alguém que se parece tanto com ele, que achamos que é ele mesmo. Isso não é admirável?

Barnett se dirigiu a Del Prego e lançou ardentemente:

— É genial, Del Prego! Sim, genial! Outra pessoa, repito, tentaria ser discreta, como um rato de hotel, vestindo-se de cores neutras e de uma forma que não chamasse a atenção. Mas esses artistas entenderam que tinham que ser notados. Se um russo de chapéu de pele ou um turco de calças bufantes passar quatro vezes por dia em uma escada, ninguém notará que ele entrou cinco vezes e saiu apenas quatro. É na quinta vez que o cúmplice entra. E ninguém suspeita disso. É assim que é feito. Tiro o meu chapéu! Quem concebeu esse golpe e o aplica desta maneira é um mestre e, de fato, eu afirmo que um mestre dessa envergadura só nasce uma vez. Para mim, Ben-Vali e conde Avernoff são a mesma pessoa. Seria ilegítimo dizer que ele apareceu uma terceira vez, sob um terceiro disfarce, no nosso

assunto em questão? Primeiro russo, depois otomano… e depois… quem poderíamos ver aqui, tendo a mesma característica de estrangeiro e se vestindo da mesma maneira peculiar?

Uma pausa. Olga teve um gesto de indignação. De repente, ela entendeu o que Barnett tinha em vista desde o início de suas explicações, e protestou.

— Ah, não. É uma insinuação contra a qual me revolto.

Del Prego sorriu, indulgentemente.

— Não importa, Madame Olga… O sr. Barnett está se divertindo…

— Claro, Del Prego — disse Barnett —, estou me divertindo, e você tem toda a razão em não levar a sério meu pequeno romance de aventura, pelo menos até que você saiba o resultado. Você é um estrangeiro, eu sei, e se veste de modo a ser notado, com luvas brancas e polainas brancas. Você tem uma máscara maleável, que é capaz de transformação, e que o favorece mais do que a qualquer outro. Pode mudar de um russo para um turco, e de um turco para um rastaquera. É verdade que você é uma figura familiar na casa, e suas muitas tarefas o demandam aqui várias vezes ao dia. Mas sua reputação como homem honesto é inatacável, e Olga Vaubant confia em você. Portanto, não se trata de acusá-lo. Mas, o que fazer? Você entende meu constrangimento? O único culpado possível é você, e você não pode ser acusado. Não é assim, Olga Vaubant?

— Não, não — disse ela, com os olhos brilhando de febre e ansiedade.

— Então a quem acusar? Que meios empregar? Descobri uma maneira muito simples.

— Qual deles?

— Eu montei uma armadilha.

— Uma armadilha? Mas como?

Jim Barnett perguntou:

— A senhora recebeu um telefonema do barão de Laureins, anteontem?

— Sim, de fato.

— Ele veio vê-la ontem?

— Sim… sim…

— E trouxe uma caixa pesada cheia de pratarias, com o brasão de Pompadour?

— Aqui está, sobre esta mesa.

— O barão de Laureins, que está arruinado, está tentando vender esta caixa que recebeu de seus antepassados no Étioles, e a deixou com a senhora em confiança até amanhã, terça-feira.

— Como você sabe disso?

— Sou eu, o barão. Então, a senhora mostrou para alguém, e tem admirado esta prata maravilhosa?

— Sim.

— Por outro lado, sua mãe recebeu um telegrama da província pedindo-lhe que fosse acudir uma irmã doente?

— Quem lhe disse isso?

— Fui eu quem enviou o telegrama. Então, com sua mãe ausente desde cedo, e com esta caixa de pratarias depositada nesta sala até amanhã, que tentação seria para um de seus conhecidos conseguir entrar em seu quarto, para repetir sua ousadia e roubá-la?

Olga de repente ficou assustada e gritou:

— E a tentativa seria hoje à noite?

— Hoje à noite.

— Mas é assustador! — ela disse, com uma voz trêmula.

Del Prego, que ouvira tudo sem se abalar, levantou-se e disse:

— Não há nada de assustador nisso, Madame Olga, pois a senhora foi advertida. Tudo o que você tem que fazer é contar à polícia. Se me permitir, irei imediatamente.

— Daqui você não sai! — protestou Barnett. — Eu preciso de você, Del Prego.

— Eu não vejo nada em que possa ser útil para você.

— Sim! Para a prisão do cúmplice.

— Temos tempo, pois o golpe será hoje à noite.

— Sim, mas lembre-se de que o cúmplice entra na casa com antecedência.

— Então ele já está aqui dentro?

— Já faz meia hora.

— Vamos lá! Foi depois que eu cheguei?

— Desde a sua segunda chegada.

— É inacreditável.

— Eu o vi entrar, como eu te vejo agora.

— Então ele está escondido neste apartamento?

— Sim.

— Onde?

Barnett estendeu seu dedo em direção à porta.

— Ali. Há um armário no vestíbulo cheio de roupas e vestidos, onde ninguém mexe na parte da tarde. Ele está ali.

— Mas ele não poderia ter entrado sozinho?

— Não.

— Quem abriu a porta para ele?

— Você, Del Prego.

Era evidente, desde o início da conversa, que todas as palavras de Barnett eram dirigidas ao professor de ginástica, e que constituíam alusões cada vez mais precisas. No entanto, o ataque direto assustou Del Prego. Seu rosto expressava o tumulto dos sentimentos que estavam lutando dentro dele, e que ele tinha sido capaz de esconder até então: fúria, inquietação, vontade de reagir…

Barnett, adivinhando sua hesitação, aproveitou para ganhar o corredor e puxar um homem para fora do armário, empurrando-o para o ateliê.

— Ah! — exclamou Olga. — Era verdade, então?

O homem, da mesma altura que Del Prego, estava vestido de cinza como ele, e ornado com polainas brancas como as dele. Ele tinha o mesmo tipo de rosto, gordo e maleável.

— Você esqueceu seu chapéu e suas luvas, meu senhor — disse Barnett, que enfiou um chapéu de feltro de cor clara em sua cabeça e lhe entregou as luvas brancas.

Olga, atônita, afastava-se passo a passo e, sem tirar os olhos dos dois homens, subiu de costas os degraus de uma escada. De repente, ela tomou ciência de quem era Del Prego e dos riscos que ela tinha corrido perto dele.

— Hein? — dizia Barnett a ela, rindo. — Não é engraçado? Eles não parecem gêmeos, mas com sua estatura semelhante, suas caras manjadas de palhaço e, especialmente, sua aparência idêntica, eles são como irmãos.

Os dois cúmplices se recuperavam gradualmente de sua derrota. Mas eles, que eram fortes e vigorosos, tinham apenas um adversário à sua frente — e que fazia até dó, em seu casaco justo e sua aparência de pequeno homem de negócios.

Del Prego gaguejou uma frase em uma língua estrangeira, que Barnett interpretou imediatamente.

— Não é preciso falar russo — disse ele — para perguntar a seu ajudante se ele tem um revólver.

Del Prego vacilou de raiva, e disse algumas palavras em outra língua.

— Você está com azar! — exclamou Barnett. — Eu conheço o turco como a palma da minha mão! E eu também gostaria de avisá-lo: ali nas escadas está o Béchoux, que você conhece, o marido de Olga, e dois de seus colegas. Qualquer estrondo, e eles aparecem

Del Prego e o outro trocaram um olhar. Eles estavam perdidos. No entanto, eles eram do tipo de homens que não se rendem antes de uma boa briga; e, aparentemente imóveis, com movimentos imperceptíveis, aproximaram-se de Barnett.

— Isso mesmo! — gritou este último. — Uma luta de braço de ferro, uma luta feroz… E então, quando eu estiver fora de combate, vocês experimentarão a delicadeza de Béchoux. Cuidado, Madame Olga! Você está prestes a testemunhar algo esplêndido! Os dois colossos contra um fracote! Os dois Golias contra Davi… Vá em frente, Del Prego! Seja rápido! Vamos, tenha um pouco de coragem! Pule na minha garganta!

Três passos os separavam. Os dois bandidos crispavam os dedos. Mais um segundo, e eles avançariam.

Barnett se adiantou. Ele se jogou no chão, agarrou cada um deles por uma perna, e os derrubou como manequins. Antes de terem tempo de se defender, eles sentiram que suas cabeças estavam presas por uma mão que lhes pareceu mais implacável do que uma barra de ferro. Eles resmungaram de uma só vez. Estavam sufocando. Seus braços não tinham mais força.

— Olga Vaubant — disse Barnett, com uma calma surpreendente —, tenha a gentileza de abrir a porta e chamar Béchoux.

Olga pulou da escada e correu para a porta, tão rápido quanto permitiam as forças que lhe restavam.

— Béchoux! Béchoux! — ela gritou.

E, voltando com o inspetor, cheia de entusiasmo e pavor ao mesmo tempo, ela disse:

— Aí está! Ele os "torpedeou", sozinho! Eu nunca esperaria isso dele!…

— Aqui — disse Barnett a Béchoux — aqui estão seus dois clientes. Basta colocar as algemas nos pulsos deles, para que eu possa deixá-los respirar, os pobres diabos! Não, não os aperte muito, Béchoux! Garanto que serão razoáveis. Certo, Del Prego? Ainda está com vontade de resmungar?

Ele se levantou, beijou a mão de Olga, que olhava para ele com um olhar atordoado, e depois exclamou alegremente:

— Ah, Béchoux, que bela caçada! Duas grandes bestas, entre as maiores e mais astutas! Del Prego, todos os meus cumprimentos pela maneira como você trabalha.

Com as pontas de seus dedos rígidos, ele dava pequenos cutucões no peito do professor, que Béchoux segurava com a ajuda de uma corrente. E ele continuava, com alegria crescente:

— É genial, repito, é genial. Há pouco, nos aposentos dos zeladores, de onde estávamos observando, eu vi que a última pessoa a chegar não era você. Eu já conhecia seu truque. Mas Béchoux, após um segundo de incerteza, caiu nessa e acreditou que esse senhor de polainas brancas, luvas brancas, chapéu leve e jaqueta cinza, era de fato o Del Prego que ele havia visto passar várias vezes, o que permitiu que o Del Prego número dois subisse silenciosamente, passasse pela porta que você não tinha fechado, e se escondesse no armário. Exatamente como na noite em que o quarto evaporou-se na escuridão… E você se atreve a me dizer que não é um gênio?

Barnett não conseguia mais conter sua alegria exuberante. Um tremendo salto o colocou em cima do trapézio, do qual ele saltou para um poste estacionário, ao redor do qual girava como um cata-vento. Ele usou a corda, depois os anéis, depois a escada, tudo em um movimento vertiginoso, semelhante às piruetas de um macaco em uma gaiola. E nada era mais cômico do que as abas rígidas e ridículas de seu velho casaco, que flutuavam e rodopiavam atrás dele.

Olga, cada vez mais confusa, de repente se deparou com Barnett, em pé, diante dela.

— Sinta meu coração, linda dama… Nenhuma aceleração, certo? E meu rosto? Nem uma gota de suor.

Ele pegou o telefone e pediu um número:

— A delegacia de polícia, por favor… Departamento de Pesquisa… na Sûreté… Ah! É você, Albert? Sou eu, Béchoux. Você não reconhece minha voz? Deixe pra lá! Avise a todos, por favor, que o inspetor Béchoux prendeu dois assassinos, os autores do roubo de Olga Vaubant.

Ele estendeu sua mão para Béchoux.

— Toda a glória para você, meu velho. Senhora, minhas saudações. Você está me olhando de cara feia, Del Prego?

Del Prego resmungou:

— Acho que só existe uma pessoa que poderia me enganar dessa maneira.

— Quem?

— Arsène Lupin.

Barnett exclamou:

— Ora, ora, Del Prego. Isso é pura psicologia. Ha! Ha! E desde que você não "perca a cabeça", você é muito inteligente, ainda tem recursos. É uma pena que não consiga mais encaixar a cabeça sobre seus ombros.

Ele riu, cumprimentou Olga, e saiu com um passo leve, cantando: *"Isadora… me adora. Mas é o Antero… que eu quero."*

No dia seguinte, Del Prego, fuzilado por perguntas e sobrecarregado de provas, entregou a localização do galpão no subúrbio onde ele havia trancado o quarto de Olga Vaubant. Era uma terça-feira. Barnett havia cumprido sua promessa.

Por alguns dias, Béchoux foi obrigado a ir à província, a negócios. Quando ele voltou, encontrou uma nota de Barnett:

> *Admita que eu fui leal! Nem um centavo de lucro no negócio! Nenhuma dessas recompensas que o afligem! Mas, por outro lado, ficarei recompensado em manter sua estima!…*

À tarde Béchoux, resolvido a romper todas as relações com Barnett, foi à agência na Rue de Laborde.

Estava fechada, na porta havia um bilhete:

Fechado para namoro.

Reabertura após a lua-de-mel.

— Que diabos isso significa? — Béchoux grunhia, tomado por uma ansiedade secreta.

Ele correu para Olga. Porta fechada também. Ele correu para o Folies-Bergère. Ali lhe disseram que a grande artista havia recebido uma fortuna e tinha acabado de sair em viagem.

— Filho da mãe! — gaguejou Béchoux, quando chegou à rua. Seria possível? Já que ele não conseguiu dinheiro, teria ele aproveitado sua vitória e seduzido…?

Suspeita terrível! Um sofrimento incomparável! Como saber? Ou melhor, como não saber e não ter certeza — algo que Béchoux temia mais do que qualquer outra coisa?

Mas, infelizmente, Barnett não soltou a sua presa. E, em várias ocasiões, Béchoux recebeu cartões postais ilustrados e anotados com entusiasmo delirante:

Ah! Béchoux, a luz da lua em Roma! Béchoux, se você alguma vez amar, venha para a Sicília…

E Béchoux rangeu seus dentes:

— Canalha! Eu tinha te perdoado tudo. Mas isso, nunca. Nos vemos em breve, para a minha vingança!

Béchoux prende Jim Barnett

Béchoux correu afoito para a delegacia, cruzando pátios, subindo escadas e, sem bater, abriu uma porta. Lançou-se em direção ao seu chefe imediato e gaguejou, com o rosto decomposto de emoção:

— Jim Barnett está no caso Desroques! Eu o vi em frente à casa do deputado Desroques, com meus próprios olhos.

— Jim Barnett?

— Sim, o detetive de que lhe falei várias vezes, chefe, que está desaparecido há algumas semanas.

— Com a bailarina Olga?

— Sim, minha ex-mulher! — exclamou Béchoux, levado pela raiva.

— E daí?

— Eu o segui.

— Sem que ele soubesse?

— Um homem seguido por mim nunca suspeita, senhor. E mesmo assim, enquanto ele parecia estar à vontade, ele estava tomando precauções, o bandido! Ele contornou a Place de l'Étoile, seguiu a avenida Kléber e parou na rotatória do Trocadero, sentado em um banco ao lado de uma mulher. Uma espécie de cigana, bonita e pitoresca, de xale colorido e cabelos negros. Após um ou dois minutos conversaram, quase sem mexer os lábios, apontando várias vezes com os olhos para uma casa, na esquina da avenida Kléber com a praça. Depois ele se levantou e foi para o metrô.

— Ainda continuou a segui-lo?

— Sim. Mas, infelizmente já estava passando um trem, e eu não consegui chegar a tempo. Quando voltei à rotatória, a cigana já tinha ido embora.

— Mas e a casa que eles estavam observando, você já foi até lá?

— Vou chegar nesse ponto, chefe.

E Béchoux anunciou pomposamente:

— No quarto andar desta casa, em um apartamento mobiliado, viveu durante as últimas quatro semanas o pai do acusado, o reformado general Desroques, que, como você sabe, veio da província para defender seu filho acusado de rapto, sequestro e assassinato.

A frase teve efeito, e o chefe continuou:

— Você falou com o general?

— Ele abriu a porta e eu lhe contei imediatamente a pequena cena que eu havia testemunhado. Ele não ficou surpreso. No dia anterior, uma mulher cigana tinha vindo vê-lo e ofereceu seus serviços como cartomante e leitora de mãos. Ela havia lhe pedido três mil francos, e deveria aguardar hoje, na Praça do Trocadero, entre duas e três da tarde. Ao primeiro sinal, ela subiria.

— E o que ela queria?

— Creio que ela estava determinada a descobrir e roubar uma famosa fotografia.

— A fotografia que estamos procurando em vão… — exclamou o chefe.

— Sim, aquela que confundiria ou salvaria o deputado Desroques, dependendo dos argumentos da acusação representada pelo pai.

Seguiu-se um longo silêncio. E o chefe sussurrou, com uma voz de confiança:

— Você sabe, Béchoux, qual a recompensa que estamos pagando por essa fotografia?

— Eu sei.

— É ainda mais do que você sabe. É necessário, Béchoux, ouça, é necessário que esta fotografia passe por nossas mãos antes de ser entregue ao Ministério Público.

E acrescentou, ainda mais baixo:

— A polícia primeiro…

Béchoux respondeu, no mesmo tom solene:

— O senhor a terá, chefe, e eu lhe entregarei ao mesmo tempo o detetive Barnett.

Um mês antes, o magnata Véraldy, um dos reis de Paris, graças à sua fortuna, às suas conexões políticas e à ousadia e sucesso de suas empresas,

havia esperado em vão por sua esposa na hora do almoço. À hora do jantar ela ainda não havia retornado, e por toda a noite ela não foi vista. A polícia fez investigações, e foi estabelecido com a máxima precisão que Christiane Véraldy, que morava perto do Bois de Boulogne e ali caminhava todas as manhãs, tinha sido abordada por um cavalheiro em uma viela deserta, e arrastada para um carro fechado, que o assaltante imediatamente conduziu, a toda velocidade, em direção ao rio Sena.

O cavalheiro, cujo rosto ninguém conhecia, e que parecia jovem na aparência, usava um pesado sobretudo azul e uma capa preta. Nenhuma outra pista.

Dois dias se passaram. Nenhuma notícia.

Em seguida, uma virada repentina nos acontecimentos. Em um final de tarde, alguns camponeses que trabalhavam não muito longe da estrada de Chartres a Paris, viram um carro que corria em velocidade extraordinária. De repente, ouviu-se um clamor. Eles viram uma porta aberta e uma mulher projetada para fora do carro.

Eles a socorreram de imediato.

Ao mesmo tempo, o carro subiu o aterro, entrou em um prado, bateu em uma árvore e capotou. Um cavalheiro, milagrosamente ileso, saiu do carro e começou a correr em direção à mulher.

Ela estava morta. Sua cabeça havia se chocado em uma pilha de pedras.

Ela foi levada para a cidade mais próxima, e a polícia foi notificada. O cavalheiro não teve dificuldades em dar seu nome: ele era o deputado Jean Desroques, um importante membro do parlamento e líder da oposição. A vítima era ninguém mais, ninguém menos, que a sra. Véraldy.

Imediatamente a batalha começou, ardente e odiosa por parte do marido, e não menos ardente por parte da justiça, que era instigada por certos ministros interessados na prisão do deputado Desroques. Não havia dúvidas sobre o sequestro, pois Jean Desroques estava vestido de azul e usava uma capa preta como a do sequestrador de Christiane Véraldy. Quanto ao assassinato, o testemunho dos camponeses foi categórico: eles tinham visto o braço do homem empurrando a mulher. A suspensão da imunidade parlamentar foi solicitada.

A atitude de Jean Desroques deu à acusação uma força singular. Sem rodeios, ele confessou o rapto e o sequestro. Mas negou absolutamente o testemunho dos camponeses. Ele disse que a sra. Véraldy tinha saltado do

carro por vontade própria, e que havia feito todo o possível para segurá-la.

Sobre os motivos deste suicídio, sobre as circunstâncias do sequestro, sobre o que havia acontecido durante os dois dias de ausência, sobre as regiões percorridas, sobre os acontecimentos que precederam o trágico desfecho, ele permaneceu obstinadamente silencioso.

Não foi possível determinar onde ou como ele tinha conhecido a sra. Véraldy, ou mesmo se ela o conhecia, já que ele o sr. Véraldy nunca tinham tido ocasião de serem apresentados.

Quando era pressionado com perguntas, ele respondia:

— Eu não tenho mais nada a dizer. Acreditem no que quiserem. Façam comigo o que quiserem. Aconteça o que acontecer, eu não direi nada.

E ele não compareceu perante a comissão da Câmara dos Deputados.

No dia seguinte, quando os policiais, entre os quais Béchoux, vieram tocar a campainha de sua casa, ele mesmo a abriu e declarou:

— Estou pronto para acompanhá-los, senhores.

Foi feita uma busca minuciosa. Na lareira de seu estúdio, um monte de cinzas mostrou que muitos papéis haviam sido queimados. As gavetas foram revistadas. Os móveis foram esvaziados. Os livros na biblioteca foram sacudidos. Foram amarrados pacotes e mais pacotes de documentos.

Jean Desroques seguiu esta tediosa busca com olhar indiferente. Apenas um incidente marcou a cena, mas um incidente violento e significativo. Béchoux, mais hábil que seus colegas, encontrou um fino rolo de papel, que parecia estar ali por acaso. Quando tentou examiná-lo, Jean Desroques pulou e arrancou-o de suas mãos.

— Isso aqui não importa! É uma fotografia… uma fotografia antiga, arrancada de sua moldura.

Béchoux reagiu com ainda mais vigor, pois a agitação de Desroques lhe parecia anormal, e quis levar o papel de volta. Mas o deputado saiu correndo, fechou a porta atrás de si e tentou entrar na sala ao lado, onde um guarda civil estava vigiando. Béchoux e seus colegas o abordaram imediatamente. Houve uma discussão. Eles revistaram os bolsos de Jean Desroques; o rolo de papel contendo a fotografia não estava mais lá. O guarda foi questionado: ele tinha bloqueado o caminho do fugitivo e, no que diz respeito ao documento procurado, não tinha visto nada. Desroques foi colocado sob mandado e levado para a prisão.

Eis o drama, em suas linhas essenciais. Fez tanto barulho na época (um pouco antes da Grande Guerra) que é inútil lembrar todos os detalhes e demarcar as fases dessa investigação judicial, que não teria levado a nenhum resultado sem a intervenção de Béchoux. O objetivo aqui não é desvendar o caso Desroques, mas destacar o episódio secreto que levou à sua denúncia pública, e ao mesmo tempo encerrar o duelo de Béchoux com seu rival, o detetive Barnett.

Desta vez Béchoux tinha uma grande vantagem, já que conhecia o jogo de Barnett, sabia como Barnett iria atacar, e o jogo estava sendo jogado no próprio terreno de Béchoux. No dia seguinte, de fato, anunciado pelo próprio chefe de polícia, ele se dirigiu à casa do general Desroques.

Um criado, que tinha uma grande barriga e parecia um notário de província em seu casaco preto, abriu a porta. Ele apresentou Béchoux que, das duas às três horas, se fixou atrás de uma janela, vigiando a praça do Trocadero. A cigana não apareceu. Ela também não apareceu no dia seguinte. Talvez Barnett a tivesse alertado.

Béchoux persistiu, em acordo com o general Desroques. Ele era um homem alto, magro, com uma figura enérgica, que mantinha sob seu casaco cinza o ar de um velho oficial, um daqueles homens frios que geralmente falam pouco, mas que, sob a influência de certas paixões, tornam-se exaltados e falam com violência. Agora, sua maior preocupação era seu filho. Para ele, não havia dúvidas sobre a inocência de Jean Desroques. Logo que chegou a Paris, ele o havia proclamado em entrevistas que emocionaram a opinião pública.

— Jean é incapaz de uma má ação. Jean tem apenas uma falha, que é o seu próprio excesso de probidade. Por escrúpulo, ele pode se deixar levar, ao ponto de esquecer totalmente de si mesmo e de seus interesses. E isso vai tão longe, que me recuso a vê-lo em sua cela ou a falar com seu advogado, e ignoro suas objeções. Não vim para conferenciar com ele, mas para defendê-lo. Cada um com sua própria honra. Se a honra dele é manter o silêncio, a minha me obriga a preservar nosso nome de qualquer mácula.

E um dia, após ser pressionado com perguntas, ele exclamou:

— Vocês querem minha opinião? Aqui está, sem rodeios. Jean não raptou ninguém: ele foi seguido de bom grado. Ele se mantém em silêncio para não acusar uma pessoa que está morta, e com quem ele estava envolvido, estou convencido, em termos íntimos. Vamos procurar e vamos

encontrar.

Ele de fato procurava muito, e dizia a Béchoux:

— Tenho amigos poderosos e dedicados em todos os lugares que estão envolvidos nesta investigação, uma investigação tão limitada quanto a sua, inspetor; já que nos falta, como para você, apenas uma prova: a famosa fotografia. O caso inteiro está aí. Uma conspiração foi formada, como sabem, entre o sr. Véraldy e os inimigos políticos de meu filho, ajudados por certos membros do governo, a fim de encontrar o documento que o destruiria. Tudo em seu apartamento foi revirado, toda a casa foi revistada. Véraldy ofereceu uma fortuna a quem pudesse dar uma pista útil. Vamos esperar. No dia em que o objetivo for alcançado, teremos a prova marcante de que meu filho é inocente.

Para Béchoux, não importava se havia inocência ou não. Sua missão era interceptar a fotografia, e Béchoux pensou que, se houvesse provas a favor de Desroques, seus inimigos saberiam como fazê-la desaparecer. Ele era um escravo de seu dever, e vigiava. Ele esperava pela cigana, que não vinha. Ele esperava por Barnett, que ficara invisível. E ele anotava as palavras do general Desroques, que, por sua vez, contava-lhe sobre seus sucessos, suas decepções e suas esperanças.

Um dia, o velho oficial, que parecia pensativo, interpelou Béchoux. Havia algo novo.

— Sr. inspetor, meus amigos e eu chegamos à conclusão de que a única pessoa que poderia dar uma opinião sobre o desaparecimento da fotografia é o guarda que bloqueou o caminho do meu filho no dia da prisão. Mas, curiosamente, ninguém podia nos dizer o nome deste guarda. Ele havia sido escalado, por sua delegacia de polícia, para prestar apoio à operação. O que aconteceu com ele? Não sabemos, pelo menos entre seus colegas. Mas sabe-se que tem um alto cargo, senhor inspetor, e estamos certos de que este oficial foi interrogado e que está sob vigilância diária. Presumo que sua casa também tenha sido revistada, e sua família, e todas as suas roupas, todos os seus móveis, foram examinados. E posso dizer o nome de um dos inspetores que estava encarregado desta busca? O inspetor Béchoux, aqui presente.

Béchoux não confessou nem negou. Em seguida, o general exclamou:

— Sr. Béchoux, seu silêncio me mostra o valor de minhas informações. Estou certo de que me atenderão, e que permitirão que você me traga este

agente. Informe, por favor, quem tem essa autoridade. Em caso de recusa, eu avisarei…

Béchoux assumiu voluntariamente a missão. Seu plano não ia funcionar. E o que teria sido feito de Barnett? Qual o papel que ele desempenhava no caso? Barnett não era alguém que permanecesse inativo, e cedo ou tarde ele seria encontrado, mas já seria tarde demais.

Béchoux obteve plenos poderes de seus chefes. Dois dias depois, Sylvestre, o criado, anunciava Béchoux e o guarda Rimbourg, um homem bom, de aparência plácida, com um revólver e um bastão branco nos quadris.

A entrevista foi longa e não trouxe nenhuma informação útil. Rimbourg era categórico, ele não tinha visto nada. Entretanto, ele revelou um detalhe que fez o general entender porque este homem estava sendo vigiado: ele devia seu trabalho à proteção do deputado Desroques, que ele havia conhecido no regimento.

O general implorou, se irritou, ameaçou, falou em nome de seu filho. Rimbourg não se comoveu. Ele não tinha visto a fotografia, e Desroques, em sua agitação, nem mesmo o tinha reconhecido. O general cedeu, cansado.

— Eu agradeço — disse ele —, e gostaria de acreditar em você, mas há em suas relações com meu filho uma tal coincidência, que me enche de dúvidas.

Tocou a campainha.

— Sylvestre, acompanhe o sr. Rimbourg.

O criado e o guarda saíram. Ouviu-se a porta do vestíbulo se fechando novamente. Naquele momento, Béchoux, encontrando os olhos do general Desroques, pensou ver neles uma expressão zombeteira. Uma alegria insensata, que nada justificava. No entanto…

Alguns segundos se passaram, e de repente ocorreu um fenômeno desconcertante, que Béchoux contemplava com um olhar estúpido, enquanto o general sorria decididamente. Na soleira da sala, cuja porta tinha sido deixada aberta, uma forma estranha avançava, com braços que andavam de um lado e do outro da cabeça, um tronco redondo como uma bola, e duas pernas esbeltas que sacudiam em direção ao teto.

A forma se endireitou de repente, girou como um pião, na ponta de um pé, contra o qual o outro estava encostado. Era o criado Sylvestre, apanhado

por uma loucura repentina, e rodopiando como um dervixe, sua grande barriga tremendo, com uma risada que saía de uma boca larga em forma de funil.

Mas era realmente o Sylvester? Béchoux, diante desta visão extravagante, começava a sentir sua testa gotejar. Era realmente o Sylvestre, aquele criado barrigudo com aspecto de notário provincial?

Ele parou, fixou seus olhos redondos e largos em Béchoux, desabotoou uma máscara que lhe cobria o rosto, desabotoou seu casaco e seu colete, desabotoou sua barriga de borracha, vestiu um casaco que lhe foi entregue pelo general Desroques, e, olhando novamente para Béchoux, expressou este severo julgamento:

— Béchoux, você é um otário.

Béchoux não se abalou. Por sua atitude piedosa, ele aceitava os piores insultos. Ele simplesmente concluiu:

— Barnett…

— Barnett — respondeu o outro.

O general Desroques deu uma grande risada. Barnett disse a ele:

— Você me perdoará, meu general. Mas, quando tenho sucesso, tenho transbordamentos de alegria que se manifesta em pequenos exercícios acrobáticos ou coreográficos perfeitamente ridículos.

— Então, foi bem sucedido, sr. Barnett?

— Acredito que sim — disse Barnett —, e graças ao meu velho amigo Béchoux. Mas não vamos deixá-lo esperando. Comecemos pelo início.

Barnett se sentou. Ele e o general acenderam cigarros, e ele disse alegremente:

— Bem, aqui está você, Béchoux. Foi na Espanha que recebi, de um amigo mútuo, um despacho pedindo minha ajuda para o general Desroques. Eu estava em uma viagem romântica, você se lembra, com uma senhora encantadora, mas o amor de ambos os lados começou a definhar. Aproveitei esta oportunidade para recuperar minha liberdade, e voltei na companhia de uma adorável cigana que havia conhecido em Granada. Gostei do caso de imediato, quando vi que você estava cuidando dele, e logo cheguei à conclusão de que, se houvesse alguma evidência contra ou a favor do deputado Desroques, estaria com o guarda que havia bloqueado a passagem. Agora, confesso a você, Béchoux, apesar de todos os meus meios de ação e de todos os recursos à minha disposição, que não consegui

descobrir o nome deste bom homem. Como eu poderia fazer isso? Os dias se passavam. A provação se tornou difícil para o general e para seu filho. Apenas uma esperança: você.

Béchoux não se movia, aniquilado. Mais uma vez, ele se sentiu vítima da mistificação mais detestável. Sem remédio. Nenhuma reação possível. O dano estava feito.

— Você, Béchoux — repetiu Jim Barnett —, você obviamente sabia. Você tinha sido encarregado, nós sabíamos, de "infernizar" o guarda. Mas como atraí-lo até aqui? Isso foi fácil. Um dia, eu me coloquei no seu caminho. Fiz você me seguir até a praça do Trocadero, onde minha linda cigana estava posicionada. Algumas palavras trocadas em voz baixa, alguns olhares em direção a esta casa… e você caiu nessa. A ideia de me capturar, ou de deter a minha cúmplice, animou-o com um belo ardor. Seu posto de batalha era aqui, perto do general Desroques e perto de seu criado Sylvestre, ou seja, perto de mim — e assim eu podia vê-lo todos os dias, ouvi-lo e influenciá-lo através do general Desroques.

Jim Barnett se voltou para este:

— Meus cumprimentos, meu general, você agiu com Béchoux com uma sutileza e habilidade que evitaram suas suspeitas e nos levaram ao objetivo, ou seja, colocar à nossa disposição, por alguns minutos, o desconhecido guarda. Mas sim, Béchoux, alguns minutos foram suficientes. Qual era o objetivo? O seu? O da polícia? Do promotor público? De todos? Encontrar a fotografia, não era? E eu conhecia sua engenhosidade, e não tinha dúvidas de que suas investigações haviam sido conduzidas aos limites da perfeição. Portanto, não fazia sentido procurá-la em estradas que já haviam sido pisoteadas mil vezes. Você tinha que imaginar algo mais, algo anormal e extraordinário, e imaginá-lo *a priori*, para que no dia em que o homem chegasse aqui, ele fosse desnudado sem seu conhecimento, e num instante. As roupas, os bolsos, os forros, as solas, os saltos ocos onde pode se esconder um documento, tantas coisas banais. Tinha que ser… tinha que ser o que eu adivinhei, Béchoux. O impossível e o banal… o fabuloso e o viável… o esconderijo inconcebível, e ainda assim bastante natural, e correspondendo à profissão deste homem, e não ao ofício daquele outro. Agora, o que caracteriza um guarda civil no exercício de sua profissão? O que o distingue de um gendarme, um oficial da alfândega, um chefe de estação ou de um inspetor policial comum? Pense nisso, compare,

Béchoux… Vou lhe dar três segundos, não mais… é tão claro. Um… dois… três… Bem, você descobriu? Você chegou lá?

Béchoux não tinha descoberto, de forma alguma. Apesar do ridículo da situação, ele tentou reunir seus pensamentos e evocar um guarda civil em serviço.

— Vamos lá, meu velho, você não está em boa forma hoje — disse Barnett. — Você, sempre tão perspicaz!… Devo eu mesmo colocar os pingos nos is?

Ele saiu da sala e voltou, equilibrando em seu nariz o bastão de um oficial, o bastão branco com o qual os policiais de Paris, como os de Londres, e como os do mundo inteiro, dominam, ordenam e governam as multidões, comandam os pedestres, travam o fluxo dos carros, os liberam e os conduzem; em suma, eles são reis da rua e donos da situação.

Barnett fazia malabarismos como se faz com uma garrafa, passando-o sob sua perna, atrás de suas costas, ao redor de seu pescoço. Em seguida, sentado, e segurando-o entre o polegar e o dedo indicador, ele falava com o bastão:

— Ó pequeno bastão branco, símbolo de autoridade, que tirei do cinto do agente Rimbourg para substituí-lo por um de seus inúmeros irmãos… Pequeno bastão branco, estaria eu enganado, ao suspeitar que você era o invólucro inviolável onde a verdade estava presa? Pequeno bastão branco, varinha mágica do feiticeiro Merlin, enquanto você parava o automóvel do nosso perseguidor, o magnata, ou do nosso adversário, o senhor ministro, foi você, não foi, quem segurou o talismã libertador?

Com sua mão esquerda, ele agarrou o cabo com ranhuras; com sua mão direita ele agarrou a dura parte revestida de cor cinza, e fez um esforço para desatarraxar.

— É isso mesmo — disse ele. — Eu adivinhei. Uma obra-prima difícil, quase impossível… Um milagre de habilidade e meticulosidade, que supõe que o agente Rimbourg tenha como um amigo um vira-casacas, como raramente se encontra. Por que prodígio foi possível esvaziar o interior de um bastão desta maneira, fazer um orifício que não o fizesse estourar, fornecer-lhe um rosqueamento impecável, fazer com que o fecho se agarre hermeticamente e o cetro do agente não vacile no cabo?

Barnett virou-se. O cabo desenroscou-se, revelando um canudo de cobre. O general e Béchoux observavam vorazmente. O objeto se dividiu

em duas partes, a mais longa mostrando um tubo de cobre que deveria ir até o fundo.

As faces estavam crispadas, todos prendiam a respiração. Apesar de tudo, Barnett agia com alguma solenidade.

Ele virou o tubo de cabeça para baixo e bateu com ele em uma mesa. Um rolo de papel caiu.

Béchoux, lívido, gemeu:

— A fotografia… Eu a reconheço…

— Você a reconhece, não é mesmo? Cerca de quinze centímetros… destacada de sua moldura e um pouco amarrotada. O senhor gostaria de desenrolar você mesmo?

O general Desroques pegou o documento com uma mão trêmula, que não era de seu costume. Quatro cartas e um telegrama estavam anexados a ele.

Ele contemplou a fotografia por um momento e a mostrou para seus dois companheiros, explicando com uma voz que se encheu de infinita emoção, alegria e, pouco a pouco, de angústia crescente:

— O retrato de uma mulher, uma jovem mulher segurando uma criança em seu colo. Ela tem a própria expressão da sra. Véraldy… como retratada nas fotografias publicadas pelos jornais. Sem dúvida é ela, talvez nove ou dez anos atrás. A data está escrita aqui, e remonta a onze anos. A assinatura é Christiane, nome da Madame Véraldy.

O general Desroques murmurou:

— O que devemos pensar? Meu filho a conheceu então, antes de se casar?

— Leia as cartas, general — disse Barnett, segurando a primeira folha, usada nas dobras, que mostrava a caligrafia de uma mulher.

O general Desroques leu, e no início abafou um grito, como se estivesse descobrindo algo grave e doloroso. Ele leu avidamente, passando pelas outras cartas e pelo telegrama, que Barnett lhe oferecia à medida que ele ia avançando. Depois ele caiu em silêncio, seu rosto corado de angústia.

— Você pode explicar, general?

Ele não respondeu de imediato. Seus olhos ficaram molhados de lágrimas. No final, ele disse entorpecido:

— Há uma dúzia de anos, meu filho Jean amava uma jovem do povo, uma simples operária, com quem ele teve um filho, um menino, e ele

queria se casar com ela. Estupidamente, por orgulho, me recusei a vê-la e me opus ao casamento. Ele ia desrespeitar os meus desejos. Mas a garota se sacrificou… Aqui está sua carta… a primeira…

Adeus, Jean. Seu pai não quer que nos casemos, portanto você não deve desobedecer. Seria uma má sorte para o nosso querido menino. Estou lhe enviando nossa fotografia. Guarde-a sempre, e não se esqueça de nós…

— Foi ela quem esqueceu. Ela se casou com Véraldy. Jean, quando foi alertado, enviou a criança para ser educada por um antigo professor, perto de Chartres, onde sua mãe ia várias vezes para visitá-la em grande segredo.

Béchoux e Barnett se inclinaram. Eles mal podiam ouvir as palavras que o general parecia estar pronunciando para si mesmo, enquanto mantinha seus olhos nas cartas em que o passado era revelado de maneira tão perturbadora.

— A última — diz ele — foi há cinco meses… Algumas linhas… Christiane confessa seu remorso. Ela adora a criança… Depois, nada mais… Mas há o telegrama, enviado pelo antigo mestre da escola, e dirigido a Jean: *"Criança muito doente. Venha."* E neste telegrama, estas terríveis palavras de meu filho escritas depois, e relatando o terrível resultado: *"Nosso filho está morto. Christiane se matou."*

Novamente o general permaneceu em silêncio. Os fatos, aliás, se explicaram. Ao receber o telegrama, Jean havia procurado Christiane e a levado, abalada, até o carro. No caminho de volta de Chartres, depois de abraçar seu filho morto, Christiane, em um ataque de desespero, cometeu suicídio.

— O que você decide, meu general? — perguntou Jim Barnett.

— Proclamar a verdade. Se Jean não o fez, foi obviamente para não acusar a mulher morta, mas também para não me acusar, pois fui responsável pela dolorosa história. Entretanto, embora ele estivesse certo de que o mestre da escola em Chartres não o trairia, nem o guarda Rimbourg, ele ainda queria que esta verdade não fosse destruída, e que o destino colocasse as coisas em seu lugar. Portanto, você teve sucesso, sr. Barnett…

— Eu consegui, general, graças ao meu amigo Béchoux, não o esqueçamos. Se Béchoux não tivesse trazido o agente Rimbourg e seu bastão branco, eu teria perdido o jogo. Agradeça a Béchoux, meu general.

— Agradeço a ambos. Você salvou meu filho, e eu não hesito em cumprir meu dever.

Béchoux concordou com o general Desroques. Impressionado pelos acontecimentos, deixando de lado todo o respeito próprio, ele desistiu de interceptar os documentos que a polícia estava procurando. Sua consciência como homem pesava mais que sua consciência profissional. Mas quando o general se retirou para seu quarto, aproximou-se de Barnett, bateu-lhe no ombro e disse abruptamente:

— Você está preso, Jim Barnett.

Ele disse isso em um tom sincero e convencido, como um homem que sabe perfeitamente que sua ameaça é inútil, mas que, no entanto, a faz por escrúpulos, e para não se desviar de sua missão, prender Barnett.

— Falou bem, Béchoux — respondeu Barnett, estendendo sua mão. — Falou bem. Aqui estou eu, preso, contido e derrotado. Ninguém poderá te censurar. Agora, se você consentir, eu fugirei, o que faria jus à sua amizade por mim.

— Béchoux respondeu, com aquele tipo de candura que o fazia simpático:

— Você está à frente de todos, Barnett… você tem a melhor mente de todas. O que você fez hoje foi verdadeiramente um milagre. Ter adivinhado isso! Ter adivinhado, sem nenhuma pista, um esconderijo tão improvável como o bastão de um guarda!

Barnett bancou o ator:

— Bah! A atração pelo ganho estimula a imaginação.

— Que ganho? — observou Béchoux, preocupado. — O general Desroques não lhe oferecerá nada.

— E eu recusaria! Pois a agência Barnett é gratuita, não vamos esquecer.

— Então?

Jim Barnett foi impiedoso.

— Então, Béchoux, olhando a quarta carta pelo canto do meu olho, soube que Christiane Véraldy, desde o início, havia contado tudo lealmente ao seu marido. Portanto, sabendo do caso anterior de sua esposa e da existência de uma criança, ele enganou a lei ao não informá-la, e isto com o objetivo de vingar-se de Jean Desroques e enviá-lo, se possível, para o cadafalso. Uma maquinação assustadora, você deve admitir. Você acha, então, que o rico Véraldy não ficaria feliz em comprar uma carta tão

infame? E que, se um bom homem, desejoso de abafar um novo escândalo, lhe oferecesse gentilmente, você acha que Véraldy não daria um bom bonito por ela? Por sorte, coloquei-a no bolso.

Béchoux suspirou, mas não teve forças para protestar. Desde que a inocência triunfasse, que o erro fosse corrigido e o crime punido, de uma forma ou de outra, não era isso o principal? E deve ser dada tanta importância a estes pequenos crimes dos últimos anos, que, afinal de contas, sempre foram às custas dos culpados ou dos criminosos?

— Adeus, Barnett — disse ele. — Veja, é melhor não nos encontrarmos novamente. Eu acabaria perdendo toda a minha consciência profissional. Adeus.

— Adeus, então, Béchoux. Eu entendo seus escrúpulos. Você é um homem de honra.

Alguns dias depois, Béchoux recebeu esta missiva de Barnett:

> *Seja feliz, meu velho. Embora você não tenha capturado aquele malandro do Barnett, como prometeu, nem interceptado a fotografia, como lhe foi ordenado, eu defendi seu caso tão bem, demonstrei tão bem sua central importância no caso, que finalmente consegui que você fosse nomeado para o posto de brigadeiro.*

Béchoux fez um gesto de fúria. Dever um favor a Barnett, isso era admissível?

Mas, por outro lado, poderia ele recusar que a sociedade recompensasse o mérito de um de seus melhores servidores, quando não tinha dúvidas de seus méritos?

Ele rasgou a carta, mas aceitou a promoção.

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A MANSÃO MISTERIOSA

Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A MANSÃO MISTERIOSA
Tradução
Francisco José
Mendonça Couto
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Demeure mystérieuse
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Francisco José Mendonça Couto
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Cleusa S. Quadros
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
Special View/shutterstock.com;
funkyplayer/shutterstock.com;
Save nature and wildlife/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M425a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a mansão misteriosa [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Francisco José Mendonça Couto. — Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 1,4 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: La Demeure mystérieuse
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-559-5 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Couto, Francisco José Mendonça. II. Título. III. Série.

2021-2256 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Trechos inéditos das memórias de Arsène Lupin

Ao escrever os livros em que, tão fielmente quanto possível, conto algumas de minhas aventuras, dei-me conta de que, afinal, cada uma delas resultou de um ímpeto espontâneo que me lançou em busca de uma mulher. O Tosão de Ouro se transformou, mas era sempre o Tosão de Ouro que eu procurava conquistar. E como, por outro lado, as circunstâncias me obrigavam toda vez a mudar de nome e de personalidade, eu tinha, em cada ocasião, a impressão de que começava uma vida nova, antes da qual ainda não tinha amado, depois da qual não amaria.

Assim, quando volto os olhos para o passado, não é Arsène Lupin que avisto aos pés da condessa Cagliostro, ou de Sonia Krichnoff, ou de Dolorès Kesselbach, ou da garota de olhos verdes… é Raoul d'Andrésy, o duque de Charmerace, Paul Sernine ou o barão de Limésy. Todos me parecem diferentes de mim, e diferentes uns dos outros. Eles me divertem, me inquietam, me fazem sorrir, me atormentam, como se eu não tivesse vivido, eu mesmo, seus diversos amores.

Em meio a todos esses aventureiros, que para mim se assemelham a irmãos desconhecidos, talvez eu tenha alguma preferência pelo visconde d'Enneris, cavalheiro-navegador e cavalheiro-detetive, que batalhou em torno da mansão misteriosa para conquistar o coração da emocionante Arlette, pequena modelo de Paris…

Régine, atriz

A ideia, encantadora, tinha recebido a melhor acolhida nesta Paris generosa, que associa de boa vontade seus prazeres a manifestações beneficentes. Tratava-se de apresentar no palco do Théâtre de l'Opéra, entre dois balés, vinte belas mulheres, artistas ou da sociedade, vestidas pelos maiores estilistas. O voto dos espectadores designaria os três vestidos mais bonitos, e a receita dessa noitada seria distribuída aos três ateliês que os tivessem confeccionado. Resultado: uma viagem de quinze dias pela Riviera para um certo número de costureirinhas.

Desde logo um movimento se iniciou. Em quarenta e oito horas a sala ficou lotada, até os menores lugares. E, na noite da apresentação, a multidão se apressava, elegante, ruidosa e cheia de uma curiosidade que crescia de minuto em minuto.

No fundo, as circunstâncias fizeram com que essa curiosidade se reunisse, por assim dizer, em um único ponto, e que todas as palavras trocadas tivessem por objeto uma mesma coisa, que fornecia às conversas um alimento inesgotável. Sabia-se que a admirável Régine Aubry, cantora esporádica de pequenos teatros, mas de grande beleza, devia aparecer com um vestido de Valmenet, coberto por uma maravilhosa túnica ornada com os mais puros diamantes.

E o interesse por uma questão de interesse palpitante redobrou: a admirável Régine Aubry, que havia meses era perseguida pelo riquíssimo lapidador Van Houben, teria cedido à paixão deste, que era chamado de o Imperador do Diamante? Tudo parecia indicar que sim. Na véspera, em uma entrevista, a admirável Régine respondera:

“Amanhã estarei vestida de diamantes. Quatro ourives escolhidos por Van Houben estão em meu quarto tratando de prendê-los em um corpete e em uma túnica de prata. Valmenet está ali dirigindo o trabalho.”

Ora, Régine reinava em seu camarim no balcão, esperando sua vez de se apresentar, e a multidão desfilava diante dela como diante de um ídolo. Régine tinha na verdade direito ao epíteto de admirável que sempre acompanhara seu nome. Por um fenômeno singular, seu rosto aliava o que havia de nobre e de casto na beleza antiga a tudo aquilo que hoje achamos gracioso, sedutor e expressivo. Um casaco de pelica envolvia seus ombros famosos e ocultava a túnica miraculosa. Ela sorria, feliz e simpática. Sabia-se que diante das portas do corredor três detetives vigiavam, robustos e sérios, como policiais ingleses.

No interior do camarim, dois senhores estavam de pé: um era o gordo Van Houben, o galante lapidador, que lembrava, por seu penteado e pelo ruge colocado nas maçãs de seu rosto, uma pitoresca cabeça de fauno. Ignorava-se a origem exata de sua fortuna. Antigamente comerciante de peles falsas, retornou de uma longa viagem transformado em poderoso senhor dos diamantes, sem que fosse possível dizer como se teria operado essa metamorfose.

O outro companheiro de Régine estava na penumbra. Percebia-se que era jovem e de silhueta ao mesmo tempo magra e vigorosa. Era o famoso Jean d’Enneris, que três meses antes desembarcara do barco a motor com o qual tinha dado sozinho a volta ao mundo. Na semana anterior, Van Houben, que acabava de conhecê-lo, o havia apresentado a Régine.

O primeiro balé se desenrolou em meio a uma desatenção geral. Durante o intervalo, Régine, pronta para entrar, conversava no fundo de seu camarim. Mostrava-se mais cáustica e agressiva com Van Houben e, ao contrário, amável com d’Enneris, como uma mulher que procura agradar.

— Eh, eh, Régine! — disse-lhe Van Houben, que parecia agastado com a situação. — Vai virar a cabeça do navegador. Imagine que, após um ano vivendo sobre a água, um homem se inflame facilmente.

Van Houben sempre ria muito alto de suas brincadeiras mais vulgares.

— Meu caro — observou Régine —, se não fosse o primeiro a rir, eu nunca perceberia que estava tentando ser espirituoso.

Van Houben suspirou e, afetando um ar lúgubre, advertiu:

— D'Enneris, um conselho: não perca a cabeça por essa mulher. Eu perdi a minha e estou infeliz como uma pilha de pedras… de pedras preciosas — acrescentou, com uma pesada pirueta.

No palco, o desfile de vestidos começava. Cada uma das concorrentes permanecia cerca de dois minutos, sentava-se, andava como as modelos nos salões de alta-costura.

Aproximando-se sua vez, Régine se ergueu.

— Estou um pouco nervosa — disse ela. — Se eu não conseguir o primeiro prêmio, dou um tiro na cabeça. Senhor d'Enneris, em quem vai votar?

— Na mais bela — respondeu ele, inclinando-se.

— Estamos falando do vestido…

— O vestido para mim é indiferente. É a beleza do rosto e o encanto do corpo que importam.

— Está bem — disse Régine —, a beleza e o encanto, admire isso então na jovem que estão aplaudindo neste momento. É uma modelo da Maison Chernitz, da qual os jornais falaram, que desenhou ela mesma seu traje e confiou a execução dele a suas colegas. É encantadora essa menina.

A jovem, com efeito, magra, suave, harmoniosa nos gestos e atitudes, dava a impressão de ser a própria graça, e em seu corpo bem torneado o vestido, apesar de muito simples, de linhas infinitamente puras, revelava um gosto perfeito e uma imaginação original.

— Arlette Mazolle, não é? — perguntou Jean d'Enneris, consultando o programa.

— Sim — disse Régine.

E acrescentou, sem azedume nem inveja:

— Se eu fosse membro do júri, não hesitaria em colocar Arlette Mazolle em primeiro lugar nesse concurso.

Van Houben ficou indignado.

— E sua túnica, Régine? O que vale a roupa dessa modelo ao lado de sua túnica?

— O preço não vem ao caso…

— O preço conta acima de tudo, Régine. E é por isso que lhe peço atenção.

— A quê?

— Aos assaltantes. Lembre-se de que sua túnica não é tecida com caroços de pêssego.

Ela desatou a rir. Mas Jean d'Enneris aprovou.

— Van Houben tem razão, e nós deveríamos acompanhá-la.

— Nunca na vida — protestou Régine. — Faço questão que me digam o efeito que produzo aqui, e se não pareço muito desajeitada no palco do teatro.

— E depois — disse Van Houben —, Béchoux, o delegado da Sûreté[1], responde por tudo.

— Então, conhece Béchoux? — disse d'Enneris com um ar interessado… — Béchoux, o policial que se tornou célebre por sua colaboração com o misterioso Jim Barnett, da Agência Barnett e Associados?…

— Ah! Não se deve de falar dele com Béchoux, não fale desse maldito Barnett. Isso o deixa doente. Parece que Barnett fez dele gato e sapato!

— Sim, ouvi falar disso… A história do homem de dentes de ouro? E das doze *Africanas* de Béchoux? Então foi Béchoux quem se encarregou da proteção dos diamantes?

— Sim, ele saiu de viagem por uns dez dias. Mas contratou a preço de ouro três antigos policiais, os grandalhões que vigiam a porta.

D'Enneris observou:

— Poderia contratar um regimento que não seria suficiente para enganar certos espertalhões…

Régine se levantou e, ladeada por seus detetives, saiu da sala e passou para os bastidores. Como ela desfilaria em décimo primeiro lugar e havia um ligeiro intervalo após a décima concorrente, uma espera quase solene precedeu sua entrada. Fez-se silêncio. Todos estavam na expectativa. E, subitamente, uma formidável aclamação: Régine se aproximava.

Há nas reuniões da beleza perfeita e da suprema elegância um prestígio que comove as multidões. Entre a admirável Régine Aubry e o luxo refinado de seu traje havia uma harmonia que impressionava sem que se soubesse por quê. Porém sobretudo o brilho das joias prendia os olhares. Por cima da saia, uma túnica de lamê de prata colava-se ao corpo com um cinto de pedrarias, e o peito era envolvido por um corpete que parecia feito unicamente de diamantes. Eles ofuscavam. Seu brilho se entrecruzava até formar em torno do busto como que uma trama leve, multicolorida e

tremulante.

— Caramba! — disse Van Houben. — São ainda mais bonitas do que eu imaginava, essas santas pedras! E como ela sabe ostentá-las, a espertinha!

Modulou uma risadinha.

— D'Enneris, vou lhe confiar um segredo. Sabe por que enfeitei Régine com essas pedras? Bem, primeiro para presenteá-la no dia em que ela me concedesse sua mão… sua mão esquerda, é claro (e caiu na risada), e depois porque isso me permite recompensá-la com uma guarda de honra que me informe um pouco sobre os fatos e gestos. Não é que eu receie os apaixonados… mas sou daqueles que abrem o olho… e o bom!

Deu um tapinha no ombro de seu companheiro como se dissesse: "E você, meu rapaz, não venha competir". D'Enneris o acalmou.

— De minha parte, Van Houben, pode ficar tranquilo. Nunca faço a corte a mulheres ou amigas de meus amigos.

Van Houben fez uma careta. Jean d'Enneris havia lhe falado, como habitualmente, com um ligeiro tom de ironia que podia adquirir naquela circunstância um significado bastante injurioso. Resolveu ir mais a fundo na questão e se inclinou para d'Enneris.

— Resta saber se me conta como um de seus amigos?

D'Enneris, por sua vez, segurou seu braço.

— Cale-se…

— Hein? O quê? Está agindo de uma maneira…

— Cale-se.

— O que está acontecendo?

— Alguma coisa de anormal.

— Onde?

— Nos bastidores.

— A propósito de quê?

— A propósito de seus diamantes.

Van Houben pulou do seu lugar.

— E então?

— Escute.

Van Houben prestou atenção.

— Não estou ouvindo nada.

— Talvez eu esteja enganado — admitiu d'Enneris. No entanto, parecia…

Não terminou. Os primeiros lugares da orquestra e os primeiros lugares dos camarins do palco se agitavam, e via-se que estava acontecendo, nos fundos dos bastidores, alguma coisa que havia chamado a atenção de d'Enneris. As pessoas tinham se levantado, mostrando-se amedrontadas. Dois homens de farda correram pelo palco. E subitamente se ouviram clamores. Um contrarregra aflito gritou:

— Fogo! Fogo!

Um clarão surgiu à direita. Subiu um pouco de fumaça. De um lado a outro do palco, todos os assistentes de palco e figurantes corriam na mesma direção. Entre eles pulou um homem que também se aproximava da direita, segurando na ponta dos braços estendidos um casaco de lã que escondia seu rosto e vociferando como os contrarregras:

— Fogo! Fogo!

Régine logo quis sair, mas suas forças a haviam traído e ela estava caída de joelhos, desmaiada. O homem a envolveu no casaco, lançou-a sobre seus ombros e a salvou, por entre a multidão de fugitivos.

Antes mesmo que ele tivesse agido, talvez antes mesmo que tivesse aparecido, Jean d'Enneris havia se erguido na beira de seu camarim e gritava, dominando o rumor da multidão do térreo, que o pânico já agitava:

— Ninguém se mexa! É uma armadilha!

E, apontando para o homem que levava Régine, gritou:

— Peguem-no! Peguem-no!

Era muito tarde, porém, e o incidente passou despercebido. Nas poltronas, as pessoas se acalmavam. Mas, no palco, a debandada continuava, em um tumulto tal que ninguém podia ouvir ninguém. D'Enneris pulou, alcançou a sala e a orquestra e, sem esforço, escalou o palco. Seguiu o tropel aflito e chegou até a saída dos artistas, que dava para o boulevard Haussmann. Mas onde procurar? A quem se dirigir para encontrar Régine Aubry?

Avistou o gordo Van Houben, esfalfado, com o ruge das maçãs do rosto, diluído pelo suor, escorrendo pelas faces, e lhe disse:

— Escamoteada! Graças aos seus santos diamantes… O indivíduo deve tê-la jogado dentro de algum automóvel rápido demais para recebê-la.

Van Houben tirou um revólver do bolso. D'Enneris torceu-lhe o punho.

— Não vá se matar, hein?

— Opa, não! — disse o outro —, mas matá-lo.

— Quem?

— O ladrão. Vamos encontrá-lo! É preciso encontrá-lo. Moverei céus e terra!

Estava com falta de ar e girava sobre si mesmo como um pião, em meio às pessoas que riam.

— Meus diamantes! Não vou deixá-lo me fazer isso! Não tem o direito…! O Estado é responsável…

D'Enneris não havia se enganado. O indivíduo, tendo sobre os ombros Régine desmaiada e coberta por um casaco de lã, tinha atravessado o boulevard Haussmann e se dirigira para a Rua de Mogador. Um carro estava parado ali. Quando ele se aproximou, a porta se abriu e uma mulher, com a cabeça envolvida por um espesso lenço de renda, estendeu os braços. O indivíduo lhe passou Régine, dizendo:

— O golpe deu certo… Um verdadeiro milagre!

Depois, fechou a porta, subiu no assento da frente e arrancou.

O adormecimento em que o susto havia mergulhado a atriz durou pouco. Ela despertou assim que teve a impressão de que se afastava do incêndio, ou daquilo que acreditava ser um incêndio, e sua primeira ideia foi agradecer àquele ou àqueles que a tinham salvado. Mas, em seguida, sentiu-se abafada por alguma coisa que lhe envolvia a cabeça e a impedia de respirar direito e de ver.

— O que está acontecendo? — murmurou ela.

Uma voz muito grave, que parecia uma voz de mulher, lhe disse ao ouvido:

— Não se mexa. E se gritar por socorro, pior para você, menina.

Régine sentiu uma dor aguda no ombro e gritou.

— Não é nada — disse a mulher. — A ponta de uma faca… Preciso mantê-la assim?

Régine não se mexeu mais. No entanto, organizou suas ideias: a situação se mostrava em seu verdadeiro aspecto, e, lembrando-se das chamas entrevistas e do começo de incêndio, repetia-se:

"Fui erguida… erguida por um homem que se aproveitou do pânico… e que me levou com a ajuda de uma cúmplice…"

De leve, tateou com a mão livre: o corpete de diamantes lá estava e devia estar intacto.

O carro corria a grande velocidade. Quanto a adivinhar o caminho que seguia, Régine, na prisão de trevas em que se encontrava, não fazia ideia. Ela tinha a impressão de que o carro virava várias vezes, em curvas bruscas, sem dúvida para escapar de uma possível perseguição e para que ela não pudesse reconhecer o caminho.

Em todo caso, o carro não havia parado em nenhum posto de pedágio, o que provava que não tinham saído de Paris. Ademais, as luzes dos lampiões elétricos se sucediam a intervalos próximos e lançavam dentro do carro vivos clarões que ela percebia.

Foi assim que, a mulher tendo relaxado um pouco suas amarras e percebendo o casaco ligeiramente aberto, Régine pôde ver dois dedos da mão que se crispavam em volta da lã, e um desses deles, o indicador, levava um anel feito de três pequenas finas pérolas dispostas em um triângulo.

O trajeto durou talvez uns vinte minutos. Depois o carro diminuiu a marcha e parou. A mulher vedou o máximo possível os olhos de Régine e, auxiliada pelo cúmplice, ajudou-a a descer do carro. O homem pulou do assento. As duas folhas de uma porta se abriram pesadamente uma após outra, e eles entraram no que devia ser um corredor interno.

Subiram uma escadinha de seis degraus de pedra.

Depois atravessaram um vestíbulo de lajotas e subiram em seguida os vinte e cinco degraus de uma escada, protegida por um tapete e ladeada por um velho corrimão, que os conduziu a uma sala do primeiro andar.

O homem, por sua vez, disse a Régine, com voz igualmente baixa e bem junto a seu ouvido:

— Chegamos. Não gosto de agir com brutalidade, e nada lhe acontecerá se me entregar sua túnica de diamantes. Concorda?

— Não — respondeu rapidamente Régine.

— Para nós é fácil tirá-la de você, e já podíamos ter feito isso no carro.

— Não, não — disse ela, com uma excitação febril. Não esta túnica… Não…

O indivíduo afirmou:

— Arrisquei tudo para tê-la. E agora eu a tenho. Não resista.

A atriz se encolheu em um violento esforço. Mas ele murmurou, bem perto dela:

— Devo eu mesmo fazer isso?

Régine sentiu uma mão dura agarrar seu corpete e esfolar a pele de seu pescoço. Então, amedrontada, disse:

— Não me toque! Eu o proíbo… Aí está… tudo o que você queria… eu lhe entrego tudo… mas não toque em mim!

Ele se afastou um pouco, permanecendo atrás dela. O casaco de lã deslizou ao longo do corpo de Régine e ela reconheceu que aquela roupa era sua. Sentou-se, esgotada. Podia ver agora a sala em que se encontrava, e viu que a mulher camuflada, que começava a desabotoar o corpete de pedrarias e a túnica de prata, usava uma roupa cor de ameixa com faixas de veludo preto.

A sala, muito clara com a iluminação elétrica, era na verdade um salão de grandes dimensões, com poltronas e cadeiras forradas de seda azul, altas tapeçarias, consoles e lambris de madeira branca admiráveis, em sua maioria no estilo Luís XVI. Um painel de madeira cobria a parede acima da lareira, que era ornamentada por dois vasos de bronze dourado e um relógio de pêndulo de mármore verde. Nas paredes, quatro luminárias e, no teto, dois lustres feitos com milhares de pequenos cristais talhados.

Inconscientemente, Régine registrou todos esses detalhes, enquanto a mulher retirava a túnica e o corpete, deixando-a simplesmente com a capa de lamê de prata que deixava à vista seus braços e ombros. Régine notou também o assoalho formado por lâminas cruzadas, de madeiras diversas, e observou um tamborete com pés de acaju.

Tinham terminado. A luz se apagou de repente. Na sombra, ela ouviu:

— Perfeito. Você se comportou razoavelmente. Vamos levá-la de volta. Tome, aqui está seu casaco de lã.

Envolveram sua cabeça em um pano leve que devia ser um véu de renda semelhante àquele da mulher. Depois ela foi colocada no automóvel, e recomeçou a viagem com as mesmas viradas bruscas.

— Chegamos — sussurrou o homem abrindo a porta e fazendo-a descer. — Como pode ver, não foi nada sério, e você voltou sem uma esfoladela. Mas, se posso lhe dar um conselho, é que não diga uma palavra sobre o que possa ter visto ou adivinhado. Seus diamantes foram roubados. É tudo, ponto. Esqueça o resto. Meus respeitosos cumprimentos.

O carro arrancou rapidamente. Régine retirou o véu e reconheceu a Praça do Trocadéro. Por mais perto que estivesse de seu apartamento (ela morava na entrada da Avenida Henri-Martin), precisou fazer muito esforço

para chegar até lá. Suas pernas se vergavam sob o corpo, o coração palpitava tanto que doía. Parecia-lhe a todo instante que ia rodopiar e cair como uma massa inerte. Mas, no momento em que suas forças a abandonavam, avistou alguém que vinha correndo em sua direção, e se deixou cair nos braços de Jean d'Enneris, que se sentou em um banco da avenida deserta.

— Eu a esperava — disse ele ternamente. — Estava certo de que eles a reconduziriam até perto de sua casa, tão logo os diamantes fossem roubados. Por que manteriam você lá? Teria sido muito perigoso. Descanse alguns minutos… e pare de chorar.

Ela soluçava, repentinamente relaxada e tomada de uma súbita confiança naquele homem que mal conhecia.

— Tive tanto medo… — disse ela — e tenho medo ainda… E depois esses diamantes…

Um instante mais tarde ele a fez entrar, colocou-a no elevador e a conduziu até a casa.

Encontraram a camareira, que chegava assustada do l'Opéra, e os outros criados. Depois Van Houben irrompeu ali, com os olhos fora da órbita.

— Meus diamantes! Vai devolvê-los, hein, Régine…? Você os defendeu até a morte, meus diamantes…?

Ele constatou que o valioso corpete e a túnica haviam sido arrancados e teve um acesso de delírio. Jean d'Enneris ordenou-lhe:

— Cale-se… Está vendo muito bem que a senhorita precisa de repouso.

— Meus diamantes! Foram perdidos… Ah! Se Béchoux estivesse lá! Meus diamantes!

— Eu os reaverei. Deixe-nos em paz.

Em um divã, Régine se agitava com espasmos e gemidos. D'Enneris começou a beijar-lhe a testa e os cabelos, sem pressionar muito, de maneira calma.

— Mas é inconcebível! — exclamou Van Houben, fora de si. — O que está fazendo?

— Deixe, deixe — disse Jean d'Enneris. — Nada mais reconfortante do que uma pequena massagem. O sistema nervoso se equilibra, o sangue flui melhor, um calor benfazejo circula pelas veias. É como esses passes magnéticos.

E, sob os olhares furibundos de Ban Houben, d'Enneris continuou sua agradável tarefa, enquanto Régine renascia para a vida e parecia responder

com complacência a esse engenhoso tratamento.

---

[1] Sûreté, em muitos países ou regiões falantes do francês, é uma organização civil policial, particularmente ligada a detetives. (N.T.)

Arlette, modelo

Era o fim da tarde, oito dias depois. Os clientes do grande estilista Chernitz começavam a deixar os amplos salões da Rua do Mont-Thabor e, na sala reservada às manequins, Arlette Mazolle e suas colegas, menos ocupadas com as apresentações, podiam se entregar a suas ocupações favoritas, ou seja, tirar a sorte nas cartas, jogar baralho e comer chocolate.

— Decididamente, Arlette — exclamou uma delas —, as cartas para você só anunciam aventuras, felicidade e sorte.

— E elas falam a verdade — disse outra —, porque a sorte de Arlette já começou na outra noite, no concurso do Opéra. O primeiro lugar!

Arlette afirmou:

— Eu não mereci. Régine Aubry foi melhor do que eu.

— Bobagens! Nós votamos em você, em massa.

— As pessoas não sabiam o que faziam. O começo do incêndio esvaziou três quartos da sala. O voto não valeu.

— Evidentemente, você está sempre pronta a se apagar diante das outras, Arlette. Não impede que ela deva estar furiosa, Régine Aubry!

— Pois bem, não é nada disso. Ela veio me ver, e eu lhe asseguro que ela me abraçou e de coração.

— Ela deu um abraço "amarelo".

— Por que ela teria ciúme? Ela é tão linda!

Uma "mãozinha" veio trazer um jornal da noite. Arlette o abriu e disse:

— Ah! Vejam, falam do concurso: "O roubo dos diamantes…".

— Leia para nós, Arlette.

— Vamos lá: "O misterioso incidente do Opéra não saiu ainda da fase de investigações. A hipótese mais geralmente aceita, tanto no Ministério

Público como na chefatura de polícia, seria a de que nos encontramos frente a um golpe preparado com a intenção de roubar os diamantes de Régine Aubry. Não há sinais, nem mesmo aproximados, do homem que raptou a bela artista, já que disfarçou o rosto. Supõe-se que seja aquele que penetrou no Opéra como entregador, com enormes buquês de flores que depositou junto a uma porta. A camareira se lembra vagamente de tê-lo visto e acha que ele tinha sapatos bicolores de bico claro. Os buquês deviam ser falsos e feitos de um material facilmente inflamável, que foi fácil de incendiar. Ele pôde assim se aproveitar do inevitável pânico que esse começo de incêndio desencadeou, como havia previsto, para arrancar o casaco de lã dos braços da camareira e executar seu plano. Não se pode dizer mais, uma vez que Régine Aubry, várias vezes interrogada, não consegue relatar com precisão o caminho seguido pelo automóvel, dar sua impressão sobre o raptor e sua cúmplice e, fora alguns detalhes secundários, descrever a casa onde ela foi despojada de seu valioso corpete".

— Disso é que eu teria medo, sozinha nessa mansão com aquele homem e aquela mulher! E você, Arlette?

— Eu também. Mas eu me debateria bastante… Tenho coragem no momento. Depois é que eu desmaio.

— Mas esse indivíduo, você o viu passar por ali, pelo Opéra?

— Não vi nada! Vi uma sombra que carregava outra, nem mesmo me perguntei o que era. Estava aflita para me salvar. Pense, então! O fogo!

— E você não observou nada?

— Sim. A cabeça de Van Houben, nos bastidores.

— Você o conhecia então?

— Não, mas ele gritava: "Meus diamantes! Dez milhões de diamantes! É horrível! Que catástrofe!", e pulava de um pé para o outro como se as tábuas o queimassem. Todo mundo lhe deu as costas.

Ela havia se levantado e pulava alegremente, como Van Houben. Com o vestido bem simples que usava — um vestido de sarja preta, quase apertado para o seu tamanho —, exibia a mesma elegância bem torneada como a do rico traje que vestira no Opéra. Seu corpo longo e delgado, bem proporcionado, parecia ser a coisa mais perfeita do mundo. O rosto era fino e delicado, a pele cor de mate, o cabelo ondulado e de um belo tom dourado.

— Dance, Arlette, já que começou, dance!

Ela não sabia dançar. Mas fazia poses e dava uns passos que eram como a encenação mais fantástica de suas apresentações de modelo. Espetáculo divertido e gracioso do qual suas companheiras nunca se cansavam. Todas elas a admiravam, e para todas Arlette era uma criatura especial, promessa de um destino de luxo e festas.

— Bravo, Arlette! — exclamavam —, você é encantadora.

— Você é a melhor das companheiras, já que, graças a você, três de nós vão embora para a Côte d'Azur.

Ela se sentou diante das amigas e, corada pela animação, com os olhos brilhantes, disse a elas, em um tom meio confidencial em que havia um pouco de exaltação sorridente, de tristeza também e ironia:

— Não sou melhor do que vocês, não mais jeitosa que você, Irène, menos séria que Charlotte, e menos honesta que Julie. Tenho namorados como vocês… que me exigem mais do que posso lhes dar… mas a quem, de qualquer modo, dou mais do que gostaria. E sei que um dia ou outro isso vai acabar mal. O que vocês querem? Eles nunca se casam com a gente. Sempre nos veem com os mais belos vestidos, e ficam com receio.

— Do que você tem medo? — perguntou uma das garotas. — As cartas lhe predizem fortuna.

— De que jeito? Um senhor rico? Jamais. E, no entanto, quero chegar lá.

— A quê?

— Não sei… tudo isso mexe muito com a minha cabeça. Desejo amor, desejo dinheiro.

— Ao mesmo tempo? Vejam só! E como?

— O amor, para ser feliz.

— E o dinheiro?

— Não sei direito. Tenho sonhos, ambições, das quais falei muitas vezes. Gostaria de ser rica… não por mim… mais pelos outros… por vocês, minhas meninas… Eu gostaria…

— Continue, Arlette.

Ela falou mais baixo, sorrindo:

— É absurdo… ideias de criança. Eu gostaria de ter muito dinheiro, que não seria para mim, mas do qual eu pudesse dispor. Por exemplo, ser diretora, dona de uma grande casa de moda que tivesse uma nova organização, muito conforto… e depois, sobretudo, dotes para as

empregadas… sim, para que cada uma de vocês pudesse se casar com quem quisesse.

Ela ria calmamente de seu sonho absurdo. As outras estavam sérias. Uma delas enxugou os olhos.

Ela continuou:

— Sim, dotes, dotes de verdade, em dinheiro vivo… Não sou muito instruída… Não tenho nem diploma… Mas, de qualquer modo, escrevi uma nota sobre minhas ideias com cifras e erros de ortografia. Aos 20 anos vocês teriam seu dote… e depois um enxoval para o primeiro filho… e depois…

— Arlette, telefone!

A diretora dos ateliês tinha aberto a porta e chamava a garota.

Esta se ergueu, repentinamente pálida e ansiosa.

— Mamãe está doente — sussurrou ela.

Sabia-se na Maison Chernitz que só se transmitiam às empregadas as chamadas sérias, relacionadas a uma perda ou doença na família. E sabia-se também que Arlette adorava sua mãe, que era filha natural e tinha duas irmãs, antigas modelos, que haviam fugido com homens para o estrangeiro.

No silêncio que se fez, Arlette mal podia caminhar.

— Depressa — insistiu a diretora.

O telefone ficava na sala vizinha. Encostadas na porta entreaberta, as moças escutaram a voz fraca de sua companheira, que balbuciava:

— Mamãe está doente, não é? É o coração? Mas quem está falando? É a senhora Louvain…? Não estou reconhecendo sua voz… E então, um médico? Qual, diga aí… O doutor Bricou, Rua do Mont-Thabor, nº 3 bis…? Ele já foi avisado? E devo ir até ele? Bem, eu vou.

Sem uma palavra, toda trêmula, Arlette pegou seu chapéu em um armário e saiu. Suas companheiras se precipitaram para a janela e a viram, sob a claridade das lâmpadas, correr e olhar os números. No fim da quadra, à esquerda, diante do número 3 bis sem dúvida, ela parou. Havia um carro, e na calçada um senhor esperava de pé, de quem só se via a silhueta e os sapatos bicolores de bico claro. Ele tirou o chapéu e lhe dirigiu a palavra. Ela entrou no carro. O senhor também. O carro arrancou para o outro lado da rua.

— É esquisito — disse uma modelo —, passo todos os dias ali na frente. Nunca via nenhuma placa de doutor em alguma casa. O doutor Bricou, do

n.º 3 bis, você conhece?

— Não. A placa de cobre talvez esteja sob o pórtico da entrada.

— Em todo caso — propôs a diretora —, poderíamos consultar a lista telefônica… e o guia Tout-Paris…

Todas se apressaram rumo à sala vizinha, e, mãos febris, sobre uma mesa, folhearam rapidamente os dois volumes da lista telefônica.

— Se existe um doutor Bricou no número 3 bis, ou mesmo um médico qualquer que seja, não tem telefone — declarou uma das moças.

E uma outra, fazendo eco:

— Não existe doutor Bricou no Tout-Paris, nem na Rua do Mont-Thabor nem em lugar nenhum.

Havia agitação, inquietude. Cada uma dava sua opinião. A história parecia equivocada. A diretora achou que devia advertir Chernitz, que veio imediatamente. Era um homem bastante jovem, pálido, desajeitado, vestido como um carregador, que se mostrava impassível e pretendia descobrir, sempre e imediatamente, a ação precisa e necessária para conseguir responder a qualquer eventualidade.

— Não é necessário refletir — dizia ele. — Vamos direto ao ponto, nem uma palavra a mais.

Friamente, ligou o telefone e pediu um número. Na linha, disse:

— Alô… falo com a casa da senhora Régine Aubry…? Pode avisar a senhora Régine Aubry que Chernitz, o estilista Chernitz, deseja lhe falar?

Esperou, depois continuou:

— Sim, Chernitz, o estilista. Embora eu não tenha a honra de contar com a senhora entre meus clientes, penso que neste caso devia me dirigir à senhora. É o seguinte: uma das moças que trabalha comigo como modelo… Alô? Sim, trata-se de Arlette Mazolle… A senhora é muito amável, mas, de minha parte, devo lhe dizer que votei na senhora… Seu vestido naquela noite… Mas permita-me ir direto ao ponto? Tudo leva a crer, que a senhora Arlette Mazolle acaba de ser raptada, e sem dúvida pelo mesmo indivíduo que a raptou. Então pensei que a senhora poderia estar interessada em conhecer o caso… Alô… Está esperando o delegado Béchoux? Perfeito… É isso, senhora, só quis lhe prestar esse esclarecimento útil.

O estilista Chernitz recolocou o bocal no gancho e concluiu, antes de ir embora:

— Só se podia fazer isto, e mais nada.

O desenrolar dos acontecimentos seguiu a mesma ordem que com Régine Aubry. Havia uma mulher no banco de trás do carro. Aquele que se dizia doutor apresentou-a:

— Senhora Bricou.

Ela usava um véu espesso. Além do mais, era noite, e Arlette só pensava em sua mãe. Logo interrogou o médico, sem mesmo olhar para ele. Ele respondeu, com voz enrolada, que uma de suas clientes, a senhora Louvain, telefonara-lhe dizendo que viesse rápido para cuidar de uma vizinha e que, de passagem, apanhasse a filha da doente. Ele não sabia mais do que isso.

O carro seguiu pela Rua de Rivoli, em direção à Concorde. Quando atravessava a praça, a mulher cobriu a cabeça de Arlette com um tecido grosso e espetou-lhe a ponta de um punhal no ombro.

Arlette se debateu, mas seu medo se misturava com alegria, porque achava que a doença de sua mãe era apenas um pretexto para atraí-la e que seu rapto devia ter outro motivo. Acabou, portanto, por ficar tranquila. Escutou e observou.

As mesmas constatações que Régine tinha feito, ela fazia por sua vez. Mesma corrida rápida até os limites de Paris. Mesmas conversões bruscas. Se não conseguiu ver a mão de sua guardiã, entreviu ao menos um dos seus sapatos, que era bem pontudo.

Conseguiu ouvir algumas palavras de uma conversa que os dois cúmplices travavam, em voz tão baixa que com certeza, evidentemente, ela não podia ouvir. Uma frase inteira, no entanto, chegou aos seus ouvidos.

— Você está errado — disse a mulher —, está errado… Já que estava decidido a isto, devia ter esperado algumas semanas… Depois do caso do Opéra, é cedo demais.

Frase que pareceu esclarecer a jovem: a mesma dupla a estava raptando, aquela que Régine Aubry tinha denunciado à Justiça. O falso barão Bricou era o incendiário do Opéra. Mas por que atacá-la, ela, que não possuía nada e não oferecia à cobiça alheia nem corpete de diamantes nem joias de espécie alguma? Essa descoberta acabou por serená-la. Não tinha nada a temer, e seria colocada em liberdade assim que o erro fosse constatado.

Um ruído de porta pesada fez-se ouvir. Arlette, que se lembrava da aventura de Régine, adivinhou que entrava em um pátio pavimentado. Fizeram-na subir uma escadinha. Seis degraus, que ela contou. Depois, as

lajotas de um vestíbulo.

Nesse momento, ela tinha recuperado a calma e se sentia tão forte que agiu de uma maneira que lhe pareceu absolutamente imprudente, sem poder resistir ao apelo de seu instinto. Enquanto o homem passava pela porta do vestíbulo, sua cúmplice escorregou em um ladrilho e, por um segundo, largou o ombro de Arlette. Esta, sem refletir, se livrou do tecido que a encapuzava e se lançou adiante, subiu rapidamente a escada e, atravessando uma antessala, chegou a um salão cuja porta, por precaução, teve a presença de espírito de trancar.

A lâmpada de um abajur espalhava um círculo luminoso que dava um pouco de claridade ao restante da sala. Que fazer? Por onde fugir? Tentou abrir uma das duas janelas do fundo, e não conseguiu. Agora tinha medo, compreendendo que a dupla já devia estar quase ali, se tivesse começado sua inspeção pela sala, e que chegaria de um momento para outro e se jogaria sobre ela.

De fato, ela ouviu os ruídos das portas. Precisava se esconder imediatamente. Subiu no espaldar de uma poltrona apoiada contra a parede e subiu facilmente até o mármore de uma ampla lareira, cujo espelho ladeou até a outra ponta. Uma alta biblioteca se erguia ali. Ela se atreveu a colocar os pés em um vaso de bronze e conseguiu agarrar a moldura superior da estante, depois de se erguer não saberia dizer como. Quando os dois cúmplices se precipitaram no salão, Arlette tinha se deitado em cima do móvel, meio dissimulada pela moldura da biblioteca de madeira.

Eles só teriam de erguer os olhos para perceber sua silhueta, mas não fizeram isso. Exploraram a parte inferior do salão, sob os sofás e as poltronas, e atrás das cortinas. Arlette discernia as sombras deles pelo reflexo em um grande vidro do lado oposto. Mas o rosto de ambos se mantinha indistinto e suas palavras, mal perceptíveis, porque se exprimiam em voz muito baixa, voz sem timbre.

— Ela não está aqui — disse o homem, por fim.

— Talvez tenha pulado para o jardim…? — observou a mulher.

— Não é possível. As duas janelas estão fechadas.

— E a alcova?

Havia à esquerda, entre a lareira e a outra janela, um desses pequenos recônditos usados como alcova que, antigamente, davam para o salão, do

qual eram separados por uma divisória móvel. O homem puxou a divisória.

— Ninguém.

— E então?

— Então, não sei, e é grave.

— Por quê?

— E se ela escapou?

— Como escaparia?

— Sim, com efeito. Ah, a espertinha, se eu a pego, tanto pior para ela!

E saíram, depois de apagar a luz.

O relógio da lareira deu sete horas, em um som acidulado e fora de moda que tilintava claro como o de metal.

Arlette ouviu também as oito horas, nove e dez horas. Ela não se mexia. Não se atrevia. A ameaça do homem a deixara encolhida e trêmula.

Foi só depois da meia-noite que, mais calma, sentindo a necessidade de agir, ela desceu de seu lugar. O vaso de bronze oscilou e caiu no assoalho com tal estrondo que a jovem ficou petrificada e insegura de angústia. Mas ninguém apareceu. Ela colocou o vaso no lugar.

Uma luz forte vinha de fora. Ela se aproximou da janela e viu um jardim, banhado pelo luar, em que se estendia um gramado ladeado de arbustos. Dessa vez ela conseguiu abrir a janela.

Inclinando-se ali, constatou que o nível do chão devia ser mais elevado desse lado, não tendo a altura de um andar. Sem hesitar, passou as pernas pela sacada e se deixou cair sobre o cascalho, sem se machucar.

Esperou que uma nuvem escondesse a lua, atravessou rapidamente um espaço vazio e alcançou a linha de sombra dos arbustos. Curvando-se um pouco para seguir os arbustos, chegou junto a um muro que se erguia sob o luar, mas muito alto para ela conseguir pular. À direita havia um pavilhão que parecia deserto. As persianas estavam fechadas. Ela se aproximou lentamente. Antes do pavilhão havia uma porta no muro, aferrolhada e com uma grande chave na fechadura. Puxou os ferrolhos e girou a chave.

Mal teve tempo de abrir e pular para a rua: dando uma olhadela para trás, viu uma sombra correndo em sua perseguição.

A rua estava deserta. Cerca de cinquenta passos adiante, ao olhar outra vez, viu que a sombra ganhava velocidade. O medo a despertou e, apesar do coração disparado e das pernas que quase se dobravam, teve a impressão animadora de que ninguém poderia alcançá-la.

Impressão fugidia: suas forças a abandonaram de repente, seus joelhos se dobraram e ela ficou a ponto de cair. Mas então passava gente em outra rua mais animada, que ela alcançou. Logo pegou um táxi. Quando lhe deu o endereço e fechou a porta, viu, pela janela de trás, que o inimigo também se enfiava em outro carro e também arrancava.

Ruas… outras ruas ainda… Será que a seguiam? Arlette não sabia e não procurava saber. Em uma pequena praça na qual desembocaram de repente, havia vários carros estacionados. Ela bateu no vidro.

— Pare, motorista! Tome vinte francos, e continue rapidamente para despistar alguém que está me seguindo.

Ela desceu e logo entrou em outro táxi, dando o endereço ao novo motorista.

— Para Montmartre, Rua Verdrel, 55.

Estava fora de perigo, mas tão cansada que perdeu os sentidos.

Despertou no sofá de seu pequeno quarto, perto de um senhor ajoelhado, que ela não conhecia. Sua mãe, atenta e inquieta, a olhava ansiosamente. Arlette tentou sorrir para ela, e o senhor disse à mãe:

— Não lhe pergunte nada ainda, senhora. Não, senhorita, não fale. Escute, primeiro. Foi o seu patrão, Chernitz, quem preveniu Régine Aubry de que a senhorita tinha sido raptada nas mesmas condições que ela. A polícia logo foi alertada. Mais tarde, sabendo do caso por meio de Régine Aubry, que me conta entre seus amigos, vim até aqui. Sua mãe e eu esperamos toda a noite diante da casa. Eu esperava que seus raptores a soltassem, como fizeram com Régine Aubry. Perguntei ao motorista que a trouxe de onde ele vinha: "Da Praça des Victoires". Nenhuma outra informação. Não, não se incomode. Amanhã a senhorita nos conta tudo o que lhe aconteceu.

A jovem gemia, agitada pela febre e pelas lembranças que a atormentavam como pesadelos. Fechou os olhos, murmurando:

— Estão subindo a escada.

De fato, alguém tocou a campainha. A mãe passou para a antessala. Ouviam-se duas vozes de homem, e uma dizia:

— Van Houben, senhora. Sou Van Houben, o Van Houben da túnica de diamantes. Quando soube do rapto de sua filha, eu e o delegado Béchoux, que acabava de chegar de viagem, logo nos pusemos à caça dos raptores. Percorremos as delegacias, e estamos aqui. O porteiro nos disse

que Arlette Mazolle tinha voltado e, logo depois, Béchoux e eu viemos interrogá-la.

— Mas, senhor…

— É muito importante, senhora. Este caso está conectado àquele dos diamantes que me roubaram. São os mesmos bandidos… e não posso perder um minuto…

Sem pedir autorização, ele entrou no pequeno quarto, seguido do delegado Béchoux. O espetáculo que se ofereceu a ele pareceu espantá-lo enormemente. Seu amigo Jean d'Enneris estava ajoelhado diante de um sofá, junto à jovem ali estendida, de quem ele beijava delicadamente a fronte, as pálpebras e as faces, com um ar aplicado, quase compungido.

Van Houben balbuciou:

— Você, d'Enneris! Você! O que você está fazendo aqui?

D'Enneris estendeu o braço e ordenou silêncio.

— Psiu! Não façam tanto barulho… estou acalmando a garota… Nada é mais calmante. Vejam como ela se abandona…

— Mas…

— Amanhã… de manhã… vamos nos reunir na casa de Régine Aubry. Daqui até lá, repouso para a doente… Não podemos abusar de seus nervos… Até amanhã de manhã…

Van Houben continuava confuso. A mãe de Arlette Mazolle não compreendia nada da aventura. Mas, perto deles, alguém os superava em estupor e perplexidade: o delegado Béchoux.

Homenzinho pálido e magro, que assumia ares de elegância e possuía braços enormes, o delegado arregalava os olhos e contemplava Jean d'Enneris como se estivesse diante de uma aparição abominável. Tinha o ar de conhecer d'Enneris e também de não o conhecer, e parecia tentar descobrir se ele não tinha, sob a máscara jovem e sorridente, outro rosto que para ele, Béchoux, era o do próprio diabo.

Van Houben apresentou:

— O delegado Béchoux… senhor Jean d'Enneris… Mas parece que já conhece d'Enneris, Béchoux?

O delegado quis falar. Quis fazer perguntas. Mas não conseguiu, e ficou contemplando pelo canto dos olhos o fleumático personagem que prosseguia em seu estranho sistema de cura…

d'Enneris, cavalheiro-detetive

A reunião marcada teve lugar às duas horas no toucador de Régine Aubry. Ao chegar, Van Houben encontrou d'Enneris instalado ali como se estivesse em sua casa, brincando com a bela atriz e com Arlette Mazolle. Os três pareciam bem alegres. Não se diria, ao vê-la despreocupada e feliz, ainda que um pouco cansada, que na noite anterior Arlette Mazolle tinha passado por algumas horas de ansiedade. Ela não parava de olhar para d'Enneris e, como Régine, aprovava tudo o que ele dizia, e ria de maneira divertida do que ele dizia.

Van Houben, vivamente abalado pela perda de seus diamantes, e que enxergava a vida pelo lado trágico, exclamou com voz furiosa:

— Que diabos! A situação, no entanto, parece bastante divertida para vocês três, hein?

— Na verdade — disse d'Enneris —, ela não tem nada de espantoso. No fundo, tudo correu bem.

— Claro! Não são seus os diamantes que foram roubados. Quanto à senhorita Arlette, todos os jornais da manhã falam de sua aventura. Que propaganda! Só eu é que perdi com esse caso sinistro.

— Arlette — protestou Régine —, não se abale com Van Houben diz, ele não tem nenhuma educação e suas palavras não têm o mínimo valor.

— Quer que eu lhe dê uma boa notícia, minha cara Régine? — murmurou Van Houben.

— Diga.

— Bem, esta noite surpreendi seu adorado d'Enneris ajoelhado diante da senhorita Arlette, experimentando nela o pequeno método de cura que lhe fez tão bem há uns dez dias.

— Foi o que os dois acabaram de me contar.

— Hein? O quê!? E não está com ciúme?

— Ciúme?

— Ora! D'Enneris não lhe faz a corte?

— E com insistência, admito.

— Então você admite…?

— D'Enneris tem um excelente método, e o emprega, é seu dever.

— E seu prazer.

— Tanto melhor para ele.

Van Houben se lamentou.

— Ah! Esse d'Enneris tem sorte! Faz de você o que bem entende… e com todas as mulheres, aliás.

— E com todos os homens também, Van Houben. Porque, ainda que o deteste, ele é sua única esperança de encontrar os diamantes.

— Sim, mas estou absolutamente resolvido a dispensar o seu auxílio, pois o delegado Béchoux está à minha disposição e…

Van Houben não terminou sua frase. Virando-se, avistou o delegado Béchoux na soleira da porta.

— Já chegou então, delegado?

— Há algum tempo — afirmou Béchoux, que se inclinou diante de Régine Aubry. A porta estava entreaberta.

— Então ouviu o que eu disse?

— Sim.

— E o que pensa da minha decisão?

O delegado Béchoux conservava uma expressão carrancuda e um pouco agressiva na aparência. Divisou Jean d'Enneris como havia feito na véspera e falou devagar, nitidamente:

— Senhor Van Houben, ainda que em minha ausência o caso de seus diamantes tenha sido confiado a um de meus colegas, é fora de dúvida que eu participarei das investigações, e desde já recebi a ordem de investigar o domicílio da senhorita Arlette Mazolle. Mas devo preveni-lo da maneira mais clara que não aceitarei de modo nenhum a colaboração, aberta ou clandestina, de algum de seus amigos.

— Está claro — disse Jean d'Enneris, rindo.

— Muito claro.

D'Enneris, muito calmo, não dissimulou seu espanto.

— Que diabos, senhor Béchoux, dir-se-ia que na verdade não lhe sou simpático.

— Admito — disse o outro com rudeza.

Ele se aproximou de d'Enneris e, frente a frente:

— Tem mesmo certeza, senhor, de que nunca nos encontramos?

— Sim, uma vez, há vinte e três anos, nos Champs-Élysées. Brincamos de pique juntos, e eu o derrubei no chão com uma rasteira que nunca me perdoou, estou percebendo. Meu caro Van Houben, o senhor Béchoux tem razão. Não há possibilidade de colaboração entre nós. Dou-lhe toda a liberdade e volto ao trabalho. Podem se retirar.

— Nós, nos retirarmos? — disse Van Houben.

— Claro! Estamos aqui na casa de Régine Aubry. E fui eu que os convoquei. Já que não entramos em acordo, adeus! Podem ir embora!

Ele se jogou sobre o sofá, entre as duas jovens, e segurou as mãos de Arlette Mazolle.

— Minha bela Arlette, agora, que já retomou seu equilíbrio, não vamos perder tempo: conte-me detalhadamente o que lhe aconteceu. Nenhum detalhe é inútil.

E, como Arlette hesitasse, ele lhe disse:

— Não se preocupe mais com esses senhores. Eles não estão aqui. Saíram. Portanto, pode me contar, minha pequena Arlette. Estou lhe falando com familiaridade porque já passei meus lábios por suas faces, que são mais macias que o veludo, e que me dão os direitos de um namorado.

Arlette enrubesceu. Régine riu e a pressionou a falar. Van Houben e Béchoux, que desejavam ouvir também e tirar proveito da conversa, pareciam colados ao chão, imóveis como bonecos de cera. E Arlette contou toda a sua história, assim como tinha pedido aquele homem, a quem nem ela nem as outras pareciam capazes de resistir.

Ele ouviu sem dizer uma palavra. Por vezes, Régine aprovava.

— Foi isso mesmo… uma escada de seis degraus… Sim, um vestíbulo de lajotas pretas e brancas… e no primeiro andar, na frente, o salão com móveis forrados de seda azul.

Quando Arlette terminou, d'Enneris percorreu a sala com as mãos nas costas, colou seu rosto na vidraça e refletiu assim por um bom tempo. Depois, concluiu, entre dentes:

— Difícil… difícil… Mas já é alguma coisa… os primeiros raios de luz indicam algo no fim do túnel.

Retomou seu lugar no sofá e disse às jovens:

— Vejam, quando se tem duas aventuras com um paralelismo tão marcante, com procedimentos análogos e os mesmos protagonistas… porque a identidade da dupla inimiga é inegável… é preciso descobrir o ponto em que as ditas aventuras se distinguem uma da outra e, quando o descobrirmos não devemos separá-las antes de termos deduzido todas as certezas. Ora, feitas todas as reflexões, o ponto sensível me parece residir na diferença de motivos que levaram ao seu rapto, Régine, e ao seu, Arlette.

Ele se interrompeu por um instante e começou a rir.

— Pode não parecer grande coisa o que acabo de formular, ou no máximo uma verdade um tanto óbvia, mas posso lhes afirmar que é bem consistente. Subitamente a situação se simplifica. Você, minha bela Régine, sem dúvida alguma, foi raptada por causa dos diamantes que o bravo Van Houben ainda lamenta desconsoladamente. Quanto a isso, nenhuma objeção, e estou certo de que o próprio senhor Béchoux, se estivesse aqui, concordaria comigo.

Béchoux não disse uma palavra sequer, esperando o restante do discurso, e Jean d'Enneris se virou para sua outra companheira.

— Quanto a você, minha bela Arlette de pele de veludo, por que motivo eles se arriscariam a capturá-la? Todas as suas riquezas devem caber na palma de sua mão, não é?

Arlette, a garota de pele de veludo, como ele dizia, mostrou a palma das mãos.

— Vazias — exclamou ele. — Portanto, a hipótese de roubo está descartada, e devemos considerar como os únicos motivos do rapto o amor, a vingança, ou alguma combinação própria à execução de um plano que você pode facilitar, ou bem dificultar. Perdoe minha indiscrição, Arlette, e responda sem pudor. Você já amou?

— Acho que não — disse ela.

— Já foi amada?

— Não sei.

— No entanto já lhe fizeram a corte, não? Pierre e Philippe.

Ingenuamente, ela protestou:

— Não, eles se chamam Octave e Jacques.

— São rapazes honestos, esse Octave e esse Jacques?

— Sim.

— Portanto, incapazes de terem tomado parte em todas essas aventuras?

— Incapazes.

— E então?

— Então o quê?

Ele se inclinou sobre ela, e, suavemente, com toda a sua influência convincente, murmurou:

— Procure bem, Arlette. Não se trata de evocar os fatos exteriores e visíveis de sua vida, aqueles que a marcaram e que você pode gostar ou não de recordar, mas aqueles que dificilmente afloram à sua consciência e que você, por assim dizer, esqueceu. Não se lembra de nada um pouco especial, um pouco anormal?

Ela sorriu.

— Palavra, não… nada…

— Claro que sim. Não é admissível que tenham raptado você sem motivo algum. Deve ter havido certamente uma preparação de certas ações anteriores que despertaram sua atenção… Tente se lembrar.

Arlette procurou se lembrar com todas as suas forças. Empenhou-se em extrair da memória as mais leves impressões adormecidas que ele lhe pedia, e Jean d'Enneris esclareceu:

— Você percebeu a presença de alguém rondando à sua volta na escuridão? Será que não experimentou algum calafrio de inquietude, como o contato de uma coisa misteriosa? Não estou falando de um perigo real, mas de certas ameaças vagas em que se pensa: "Ih… o que é que há? O que está acontecendo? O que será que vai acontecer?".

A fisionomia de Arlette se contraiu ligeiramente. Seus olhos pareceram se fixar em um determinado ponto. Jean exclamou:

— É isso aí! Estamos quase lá. Ah, pena que Béchoux e Van Houben não estejam aqui… Explique-se, minha bela Arlette.

Ela disse, pensativamente:

— Um dia, um senhor…

Jean d'Enneris puxou-a do sofá, entusiasmado por esse preâmbulo, e começou a dançar com ela.

— É isso aí! E começa como um conto de fadas! Um dia… Deus! Como você é encantadora, Arlette da pele macia! E o que aconteceu com esse

senhor?

Ela tornou a se sentar e continuou, com voz lenta:

— Esse senhor apareceu acho que há uns três meses, com a irmã, em uma tarde na qual havia muita gente para ver a apresentação de vestidos em um evento beneficente. Por mim, nem tinha reparado nele. Mas uma colega me disse: "Sabe, Arlette, que você já fez uma conquista, um tipo vistoso, muito chique, que devorou você com os olhos, um sujeito que se ocupa de obras sociais? Pelo menos é o que disse a diretora. Ele está caído por você, Arlette, e já que está atrás de dinheiro…".

— Atrás de dinheiro, você? — interrompeu d'Enneris.

— São minhas colegas — disse ela — que brincam comigo porque eu queria fundar uma caixa de seguros para o ateliê, uma caixa de dotes, enfim, um monte de sonhos. Então, uma hora depois, quando percebi que um senhor alto me esperava na saída e me seguia, pensei que talvez pudesse dar a volta nele. Só que, na minha estação de metrô, ele parou. No dia seguinte, a mesma coisa, e nos dias seguintes também. Fiquei na mão, porque após uma semana ele não voltou mais. Então, alguns dias depois, uma noite…

— Uma noite?

Arlette baixou a voz:

— Pois bem, às vezes, quando estou em casa, depois de jantar e arrumar tudo, deixo mamãe e vou ver uma amiga que mora no alto de Montmartre. Antes de chegar lá, passo por uma ruela muito escura, onde nunca há ninguém quando retorno por volta das onze horas. Foi lá que, por três vezes seguidas, consegui distinguir o vulto de um homem no pórtico de uma casa. Nas duas primeiras vezes o homem não se mexeu. Mas na terceira vez ele saiu de seu refúgio e quis me barrar a passagem. Soltei um grito e comecei a correr. A pessoa não insistiu. E depois disso, evito essa rua. Isso é tudo.

Ela se calou. Sua história não pareceu interessar a Béchoux nem a Van Houben. Mas d'Enneris perguntou:

— Por que você não me contou antes essas duas pequenas aventuras? Acha que têm relação uma com a outra?

— Sim.

— Qual?

— Sempre acreditei que o homem que me esperava naquela ruela não era outro senão o homem que tinha me seguido.

— Mas em que se baseia essa sua convicção?

— Tive tempo de observar, na terceira noite, que o homem de Montmartre usava sapatos bicolores de bico claro.

— Como o senhor que costumava segui-la? — exclamou rapidamente Jean d'Enneris.

— Sim.

Van Houben e Béchoux ficaram confusos. Régine, interessada, perguntou:

— Mas então você não se lembra, Arlette, que meu agressor do teatro também usava esse tipo de sapato?

— Na verdade… na verdade… — disse Arlette. — Não tinha me dado conta.

— E o seu também, Arlette… aquele de ontem… o falso doutor Bricou…

— Sim, é verdade — repetiu a jovem —, mas eu não tinha feito essa relação… só agora é que estou me lembrando direito.

— Arlette, um último esforço, minha menina. Você não nos deu o nome desse senhor. Você o conhece?

— Sim.

— E como ele se chama?

— Conde de Mélamare.

Régine e Van Houben estremeceram. Jean reprimiu um movimento de surpresa. Béchoux deu de ombros, e Van Houben exclamou:

— Mas isso é uma maluquice! O conde Adrien de Mélamare… Mas eu o conheço de vista! Tive ocasião de me sentar junto dele em um encontro benemerente. É um perfeito cavalheiro, a quem eu teria orgulho de apertar a mão. O conde de Mélamare roubar meus diamantes!

— Mas de modo algum eu o estou acusando — disse Arlette espantada. — Só estou dizendo um nome.

— Arlette tem razão — disse Régine. — A gente pergunta, ela responde. Mas é evidente que o conde de Mélamare, de acordo com o que todo mundo sabe dele e da irmã, com quem vive, não pode ser o homem que a espionou na rua, nem o homem que nos raptou, a você e a mim.

— Ele usava sapatos bicolores de bico claro? — perguntou Jean d'Enneris.

— Não sei… ou melhor, sim… algumas vezes…

— Quase sempre — disse claramente Van Houben.

A afirmação foi seguida de um silêncio. Depois, Van Houben continuou:

— Está havendo algum mal-entendido. Repito que o conde de Mélamare é um perfeito cavalheiro.

— Vamos vê-lo — disse simplesmente d'Enneris. — Van Houben, você não tem um amigo que é da polícia, um tal de Béchoux? Ele nos fará entrar lá.

Béchoux se indignou.

— Então, acha que a gente entra na casa das pessoas assim, e que, sem um inquérito aberto, sem um mandado, pode-se ir interrogá-las a propósito de umas histórias estúpidas? Sim, estúpidas. Tudo o que ouvi na última meia hora é uma completa estupidez.

D'Enneris murmurou:

— E dizer que brinquei de pique com esse idiota! Que remorso!

E se virou para Régine.

— Cara amiga, tenha a bondade de abrir a lista telefônica e procurar o número do conde Adrien de Mélamare. Não vamos precisar do senhor Béchoux.

Ele se levantou. Após alguns instantes, Régine lhe passou o telefone, e ele disse:

— Alô! É da casa do conde de Mélamare? Aqui é o visconde d'Enneris ao telefone… é o senhor conde de Mélamare? Senhor, desculpe-me se o aborreço, mas eu li, há duas ou três semanas, nos jornais, o seu anúncio sobre alguns objetos que lhe foram roubados, um suporte para pinças de lareira, uma arandela, um espelho de fechadura e a metade de uma fita de seda azul de campainha… todos objetos sem grande valor, mas que o senhor mantinha por razões particulares… Não estou enganado, não é, senhor? Nesse caso, se quiser me receber, eu poderei lhe dar algumas informações úteis acerca desse assunto… Às duas horas, hoje? Muito bem. Ah, uma palavra ainda, permite que leve comigo duas moças cujo papel, aliás, lhe será explicado? O senhor é muito amável, e lhe agradeço muito.

D'Enneris desligou.

— Se o senhor Béchoux estivesse aí, veria que a gente pode entrar na casa das pessoas como quer. Régine, viu na lista telefônica onde mora o conde?

— Rua d'Urfé, 13.

— Portanto, no bairro de Saint-Germain.

Regine perguntou:

— Mas esses objetos, onde estão?

— Em minhas mãos. Eu os comprei no mesmo dia do anúncio, pela módica quantia de treze francos e cinquenta.

— E por que não os enviou ao conde?

— Esse nome, Mélamare, faz-me lembrar de alguma coisa vaga. Parece-me que houve, durante o século XIX, um caso Mélamare. E depois não tive mais tempo de me informar. Mas agora vamos verificar isso. Régine, Arlette, temos um encontro às dez para as duas na Praça do Palais-Bourbon. A sessão está suspensa.

Reunião verdadeiramente eficaz. Meia hora foi o suficiente para d'Enneris examinar o terreno e descobrir uma porta onde enfim bater. Na obscuridade, uma silhueta se desenhava, e o problema se apresentava de maneira mais clara: qual era o papel do conde de Mélamare naquele caso?

Régine reteve Arlette para almoçar. D'Enneris saiu um ou dois minutos depois de Van Houben e Béchoux. Mas os encontrou no corredor do segundo andar, onde Béchoux, subitamente exasperado, havia agarrado Van Houben pela lapela do casaco.

— Não, não vou mais deixá-lo seguir um caminho que certamente o levará ao desastre. Não! Não quero que seja vítima de um impostor. Sabe quem é esse homem?

D'Enneris se aproximou.

— Trata-se de mim, evidentemente, e o senhor Béchoux está com vontade de descarregar seus ressentimentos.

E apresentou seu cartão:

— Visconde Jean d'Enneris, navegador — disse ele a Van Houben.

— Mentiras! — exclamou Béchoux. — Nem visconde nem d'Enneris, e tampouco navegador.

— Pois bem, o senhor é muito polido, senhor Béchoux. Quem sou eu então?

— Você é Jim Barnett! Jim Barnett em pessoa! Não adianta se camuflar, não adianta mais usar sua peruca e aquele velho casaco, que eu o encontro agora mascarado de homem da sociedade e esportista. É você! Você é Jim Barnett, da Agência Barnett e Associados Barnett, com quem já colaborei uma dúzia de vezes, e que uma dúzia de vezes me enrolou. Estou farto, e é meu dever prevenir todos. Senhor Van Houben, não se deixe levar por esse indivíduo!

Van Houben, muito embaraçado, olhou para Jean d'Enneris, que calmamente acendia um cigarro, e lhe disse:

— A acusação do senhor Béchoux é verídica?

D'Enneris sorriu.

— Talvez… não sei ao certo. Todos os meus documentos enquanto visconde d'Enneris estão em ordem, mas talvez eu também tenha documentos em nome de Jim Barnett, que foi meu melhor amigo.

— Mas essa viagem ao redor do mundo, em um barco a motor, você a realizou?

— Talvez. Tudo isso está muito vago em minha memória. Mas que raio de diferença isso faz? O essencial é encontrar os seus diamantes. Ora, se eu sou o extraordinário Barnett, como pretende o seu policial, é a melhor garantia de êxito, meu caro Van Houben.

— A melhor garantia de que o senhor será roubado, senhor Van Houben — rosnou Béchoux. — Sim, ele será bem-sucedido. Sim, na dúzia de vezes em que trabalhamos juntos ele conseguiu deslindar o caso, colocar a mão nos culpados e recuperar o butim. Mas, em todas as vezes também, ele embolsou esse butim, total ou parcialmente. Sim, ele vai descobrir seus diamantes, mas vai surrupiá-los debaixo de seu nariz, e deles o senhor não verá nem um resquício. Ele já colocou suas garras sobre o senhor, que já não consegue escapar. Acredita sinceramente que ele vai trabalhar para o senhor, meu caro Van Houben? É para si mesmo que ele trabalha! Jim Barnett ou d'Enneris, cavalheiro-detetive, navegador ou bandido, ele não se guia senão por seu próprio interesse. Se o deixar participar da investigação, senhor, seus diamantes estarão perdidos.

— Ah, isso não! — protestou Van Houben, indignado. — Já que é assim, fique longe. Se vou recuperar meus diamantes para que outro os tome de mim, boa noite! Pode se ocupar de seus afazeres, d'Enneris. Que eu me ocupo dos meus.

D'Enneris começou a rir:

— É que os seus afazeres, no momento, me interessam muito mais do que os meus.

— Eu o proíbo…

— Proíbe de quê? Não importa quem vai se ocupar dos diamantes. Eles estão perdidos: tenho o direito de procurá-los, como qualquer outro. E, depois, o que você quer? Todo este caso me apaixona. As mulheres envolvidas nele são tão bonitas! Régine, Arlette! Criaturas deliciosas… Na verdade, caro amigo, não abandonarei o caso enquanto não puser a mão nos seus diamantes!

— E eu — resmungou Béchoux, quase fora de si — não deixarei o caso antes de jogar você na cadeia, Jim Barnett.

— Vamos nos divertir, então. Adeus, camaradas. E boa sorte. Quem sabe! Talvez nos reencontremos qualquer dia desses.

E d'Enneris, cigarro na boca, foi embora, feliz da vida.

Arlette e Régine estavam pálidas quando desceram do carro na pequena e tranquila Praça do Palais-Bourbon, onde d'Enneris as esperava.

— Diga-me uma coisa, d'Enneris — perguntou Régine. — Acha mesmo que foi esse homem que nos raptou, o conde de Mélamare?

— Por que essa ideia, Régine?

— Não sei… um pressentimento. Tenho um pouco de medo. E Arlette é como eu. Não é, Arlette?

— Sim, estou com o coração apertado.

— E daí? — perguntou Jean. — Mesmo que seja o tal homem, vocês acham que ele vai devorá-las?

A antiga Rua d'Urfé ficava perto, ladeada de velhas mansões do século XVIII, na frente das quais se podia ler nomes históricos: La Rocheferté… Ourmes… Eram todas um tanto parecidas umas com as outras, de fachadas tristes, um mezanino no fundo, um pórtico alto, o edifício principal atrás de um pátio maltratado. A mansão de Mélamare não se diferenciava das outras.

No momento exato em que d'Enneris ia tocar a campainha chegou um táxi, e dele desceram Van Houben e Béchoux, ambos muito embaraçados, mas ainda assim arrogantes na aparência.

D'Enneris cruzou os braços com indignação.

— Pois bem, na verdade eles têm topete, esses dois aí! Uma hora atrás, eu não era bom nem para lançar aos cães, mas agora vejam como se agarram a nós!

Virou as costas e tocou. Um minuto depois, uma porta de uma das folhas do pórtico foi aberta por um velhote de libré curta e uma túnica marrom, um velhote alquebrado e sem forças. D'Enneris lhe disse seu nome. Ele replicou:

— O senhor conde o espera, meu senhor. Faça o favor…

Indicou com o dedo, do outro lado do pátio, a escada central, abrigada por uma marquise. Mas Régine quase desmaiou de repente, e balbuciou:

— Seis degraus… a escada de seis degraus…

Ao que Arlette fez eco, murmurando em tom menos sofrido:

— Sim, seis degraus… é a mesma escada… o mesmo pátio… Será possível! É aqui mesmo… aqui mesmo!

Béchoux, policial

D'Enneris segurou cada uma das duas moças pelo braço, fazendo-as se aprumar.

— Calma, que diabo! Nada poderemos fazer se vocês fraquejarem assim na primeira ocasião.

O velho mordomo caminhava um pouco na frente. Van Houben, que havia entrado por conta própria no pátio, assim como Béchoux, assoprou no ouvido deste:

— E aí, hein? Que faro eu tive. Felizmente aqui estamos! Atenção aos diamantes… Não podemos perder d'Enneris de vista.

Atravessaram o pátio pavimentado com grandes lajotas irregulares. As paredes das casas vizinhas, sem janelas, ladeavam a mansão à esquerda e à direita. No fundo, a casa, animada por altas janelas, tinha um porte majestoso. Subiram os seis degraus.

Régine Aubry murmurou:

— Se o vestíbulo for ladrilhado de preto e branco, vou me sentir mal.

— Ora, por favor! — protestou d'Enneris.

O vestíbulo era ladrilhado de preto e branco.

Mas d'Enneris beliscou tão fortemente o braço de suas companheiras que elas prosseguiram, apesar das pernas vacilantes.

— Caramba — resmungou ele, rindo —, não viemos aqui à toa.

— A passadeira da escada — murmurou Régine — é a mesma.

— A mesma… — gemeu Arlette. — E o mesmo corrimão…

— Pois bem, e daí? — disse d'Enneris.

— Mas e se reconhecermos o salão…?

— O essencial é chegarmos lá, e suponho que o conde, se for culpado, não vai querer nos levar até lá.

— E então…?

— Então vamos ter que forçar a situação. Vamos ver, Arlette, coragem, e nenhuma palavra, aconteça o que acontecer!

Nesse momento o conde Adrien de Mélamare veio ao encontro dos visitantes e os levou para uma peça no térreo, guarnecida de belos móveis de acaju do tempo de Luís XVI, e que devia servir de gabinete de trabalho. Era um homem de cabelo grisalho, de talvez 45 anos, bem aprumado, o rosto de aparência um tanto desagradável e pouco simpático. Tinha no olhar uma expressão vaga, às vezes distraída, e que desconcertava.

Saudou Régine, estremecendo ligeiramente ao ver Arlette, e logo em seguida mostrou-se muito cortês, mas de maneira um tanto superficial, habitual em um cavalheiro. Jean d'Enneris se apresentou e apresentou suas companheiras. Mas não disse uma palavra sobre Béchoux nem sobre Van Houben.

Este se inclinou um pouco mais que o necessário e disse, afetando ares de gracejo:

— Van Houben, o lapidador… o Van Houben dos diamantes roubados no Opéra. Meu colaborador, o senhor Béchoux.

O conde, se bem que muito espantado com o conjunto de visitantes, não fez nenhum comentário. Saudou e esperou.

Van Houben, os diamantes do Opéra, Béchoux, era como se tudo aquilo não tivesse significado algum para ele.

Então d'Enneris, completamente dono de si, sem nenhum embaraço, tomou a palavra:

— Senhor — disse ele —, o acaso resolve bem as coisas. Na verdade, acontece que hoje mesmo, em que venho lhe prestar um pequeno serviço, descobri, folheando um antigo catálogo de pessoas da sociedade, que somos primos distantes. Minha bisavó materna, da família Sourdin, se casou com um Mélamare, do ramo dos Mélamare-Saintonge.

A fisionomia do conde se iluminou. Aquelas questões de genealogia visivelmente lhe interessavam, e ele prosseguiu em um firme diálogo com Jean d'Enneris, ao fim do qual o parentesco deles ficou fortemente estabelecido. Arlette e Régine se recuperaram pouco a pouco. Van Houben disse em voz baixa a Béchoux:

— Então, o que é isso, ele é aparentado com os Mélamare!

— Como eu com o papa — resmungou Béchoux.

— Nesse caso, ele é um verdadeiro descarado!

— É só o começo.

Mas d'Enneris prosseguia, com mais desenvoltura:

— No entanto, estou abusando de sua paciência, senhor e querido primo, e, se me permite, devo lhe dizer logo de que maneira o acaso me favoreceu.

— Por favor, senhor.

— O acaso me favoreceu, uma primeira vez, quando pus os olhos, no metrô, certa manhã, no seu anúncio no jornal. Confesso que ele me chamou a atenção pela própria composição e pela insignificância dos objetos reclamados. A ponta de uma faixa azul, um espelho de fechadura, uma arandela, o suporte de uma pinça de lareira, são coisas que não mereceriam talvez um comunicado aos jornais. Alguns minutos depois, aliás, eu não pensava mais no caso, e sem dúvida não teria me preocupado mais com ele, se…

Após um instante de hábil suspense, Jean continuou:

— Naturalmente o senhor conhece, meu caro primo, o mercado das pulgas, aquela feira pitoresca onde se acumulam os objetos mais heterogêneos, em uma desordem divertida. De minha parte, costumo encontrar ali coisas bem bonitas, e jamais, em todo caso, me arrependi dos passeios que faço por lá. Nesta manhã, por exemplo, uma fonte de água-benta de antiga faiança de Rouen, quebrada, colada e remendada, mas de um estilo encantador… Uma sopeira… um dedal de costura… em suma, uma série de pechinchas. E de repente, sobre a calçada, no meio de um monte de utensílios sem valor jogados ali à toa, eis que meu olhar caiu sobre a ponta de uma faixa… Sim, meu caro primo, a ponta de uma faixa de campainha, de seda azul, usada, meio desbotada. E, ao lado, um espelho de fechadura, uma arandela de prata…

A atitude do senhor de Mélamare subitamente se transformou. Rapidamente, em uma agitação extrema, ele exclamou:

— Esses objetos! Será possível! Exatamente os que eu reclamei! Mas aonde devo ir, senhor? Como faço para reavê-los?

— É só me pedir, pura e simplesmente.

— Hein?! O senhor os comprou! A que preço? Eu o reembolso em dobro, em triplo! Mas gostaria…

D'Enneris o acalmou.

— Permita-me oferecê-los, meu caro primo. Paguei por tudo treze francos e cinquenta!

— Estão em sua casa?

— Estão comigo aqui, em meu bolso. Acabei de pegá-los em casa.

O conde Adrien estendeu a mão sem se envergonhar.

— Um segundo — disse Jean d'Enneris, alegremente. — Desejo uma pequena recompensa… Ah, mínima! Mas sou muito curioso, excessivamente curioso de natureza… e gostaria de ver o lugar que esses objetos ocupavam… e também por que os quer tanto assim.

O conde hesitou. O pedido era indiscreto e demonstrava alguma desconfiança, mas também aquela hesitação de sua parte era significativa. Porém, afinal, replicou:

— É fácil, senhor. Queira me seguir ao primeiro andar, até o salão.

D'Enneris lançou um olhar de lado às duas moças, como se lhes dissesse: "Vejam só… a gente sempre consegue o que quer".

Mas, ao observá-las, notou o transtorno na fisionomia delas. O salão, para elas, era o próprio lugar das provações que tinham experimentado. Voltar lá seria afirmar a absoluta certeza disso. Van Houben também havia compreendido: uma nova etapa iria ser transposta. O delegado Béchoux, ao seu lado, se animava. Colocou-se ao lado do conde.

— Queiram me desculpar — disse este —, eu lhes mostro o caminho.

Saíram da sala e atravessaram o vestíbulo ladrilhado.

O eco sonoro dos passos preencheu o recinto da escada. Ao subir, Régine contou os degraus. Eram vinte e cinco… Vinte e cinco! Exatamente o mesmo número. Ela teve ainda uma vertigem, mais séria, e balançou.

Todos se apressaram a acudi-la. Que estava acontecendo? Do que sofria?

— Nada — murmurou Régine, sem abrir os olhos —, não… uma simples tontura… Vocês me perdoem.

— Deve se sentar, senhora — disse o conde empurrando a porta do salão.

Van Houben e d'Enneris se instalaram no sofá. Mas quando Arlette entrou e viu o salão, soltou um grito, sentiu tudo girar e caiu desmaiada em

uma poltrona.

Foi então uma correria, um tumulto um tanto cômico. Corria-se para a direita e para a esquerda ao acaso. O conde chamou:

— Gilberte…! Gertrude…! depressa! Os sais… o éter. François, chame Gertrude.

François chegou primeiro. Era o mordomo velho e sem dúvida o único empregado. Logo depois, chegou sua mulher, Gertrude, tão velha quanto ele e mais enrugada ainda. Ela o seguiu de perto. Depois entrou a pessoa que o conde chamou de Gilberte e a quem o conde disse rapidamente:

— Minha irmã, estas são as duas jovens que estão indispostas.

Gilberte de Mélamare (divorciada, havia retomado seu nome de família) era alta, morena, altiva, com o rosto jovem e regular, mas com alguma coisa fora de moda no porte e nas roupas. Era mais afável do que o irmão. Seus olhos negros, muito bonitos, mostravam uma expressão grave. D'Enneris notou que ela usava faixas de veludo preto na roupa cor de ameixa.

Embora a cena deva ter-lhe parecido inexplicável, ela manteve todo o seu sangue-frio. Após molhar com água-de-colônia a testa de Arlette, encarregou Gertrude de cuidar dela, e então se aproximou de Régine, em torno de quem Van Houben logo se desmanchara em cuidados. Jean d'Enneris afastou Van Houben, a fim de observar de perto o acontecimento que previra. Gilberte de Mélamare se inclinou e disse:

— E a senhorita? Não deve ser nada muito sério, não é mesmo? O que está sentindo?

Fez Régine cheirar um frasco de sais. Esta ergueu as pálpebras, olhou para aquela senhora, olhou para seu vestido cor de ameixa com faixas de veludo preto, depois para suas mãos, e se levantou de repente, gritando com um terror indizível:

— O anel! As três pérolas! Não me toque! A senhora é a mulher da outra noite! Sim, é a senhora… reconheço seu anel… reconheço sua mão… e também este salão… os móveis de seda azul… o assoalho…a lareira… a tapeçaria… o móvel de acaju… Ah, deixe-me, não toque em mim!

Balbuciou ainda algumas palavras indistintas, balançou como da primeira vez e desmaiou novamente. E Arlette, que por sua vez despertara, reconhecendo os sapatos pontudos que tinha observado no carro e ouvindo soar a pancada aguda do relógio de pêndulo da lareira, gemeu:

— Ah, esse som é o mesmo, e é a mesma mulher… Que horror!

O estupor foi tal que ninguém se mexeu. A cena tomava um ar de comédia ligeira que suscitara o riso de uma testemunha indiferente, e, de fato, os lábios finos de Jean d'Enneris se franziram levemente. Ele se divertia.

Van Houben interrogava ora d'Enneris, ora Béchoux, para saber o que pensar daquilo.

— O que significam essas palavras? — murmurou o conde. — De que anel se trata? Imagino que essa senhorita esteja delirando.

Então d'Enneris interveio, e o fez de maneira tão alegre que não parecia dar nenhuma importância àqueles acontecimentos.

— Meu caro primo, você disse a palavra exata, a emoção de minhas duas amigas deve ter alguma relação com esse tipo de febre injustificada que só pode ser explicada por um delírio. Isso faz parte das explicações que lhe devo, e que vim até aqui para anunciar. Mas posso lhe pedir que espere mais um pouco? E que acertemos agora essa questão dos objetos recolhidos por mim?

O conde Adrien não respondeu imediatamente.

Mostrava algum embaraço misturado com uma visível inquietação, murmurando frases inacabadas:

— O que vem a ser isso, e o que devo pensar disso tudo? Imagino que é difícil…

Chamou sua irmã de lado e começaram a conversar entre si com animação. Mas Jean se aproximou dele, tendo entre o polegar e o indicador uma pequena placa de cobre trabalhada, que representava duas borboletas de asas abertas.

— Aqui está o espelho da fechadura, meu caro primo. Suponho que seja exatamente aquele que falta em uma das gavetas de sua escrivaninha, não? É idêntico aos outros dois.

Ele mesmo recolocou o pedaço de cobre, que reencontrou seu lugar, e cujas pontas da face interna se instalaram perfeitamente em seus antigos buracos. Em seguida, Jean d'Enneris tirou do bolso uma faixa azul à qual se pendurava a argola de campainha igualmente de cobre, e, como se percebia ao longo da lareira uma outra faixa que pendia, esfiapada por baixo e da mesma cor, ele se aproximou. As duas extremidades coincidiam exatamente.

— Tudo está indo bem — disse ele. — E esta arandela de castiçal, meu caro primo, onde é que a colocamos?

— Neste castiçal, senhor — disse o conde Adrien, em tom rabugento. — Eram seis. Como pode ver, não estão aqui mais do que cinco… das quais esta não difere em nada. Resta o suporte de pinças, que foi desparafusado, como pode se certificar.

— Aí está — disse Jean, que, como um prestidigitador, continuava a tirar do bolso inesgotável todos aqueles objetos. — E agora, meu caro primo, poderia cumprir sua promessa e nos dizer por que essas bugigangas lhe são tão importantes, e por que não se achavam em seu lugar habitual, não é?

Aquelas diversas operações haviam dado ao conde tempo de se refazer, e ele parecia ter se esquecido das imprecações de Régine e dos gemidos de Arlette, porque respondeu, em termos breves, e como para se desembaraçar do intruso que lhe havia extorquido aquela promessa inoportuna:

— Sou muito ligado a tudo o que me foi legado pelos meus, e as mínimas bugigangas, como você chama, nos são, a mim e à minha irmã, tão sagradas como os objetos mais raros.

A explicação valia o que valia. Jean d'Enneris continuou:

— Que tenha esse cuidado, meu caro primo, é bastante legítimo, e eu sei por mim mesmo como a gente se liga às lembranças de família. Mas por que elas desapareceram?

— Eu ignoro — disse o conde. — Uma manhã, constatei que faltava essa arandela. Fiz uma inspeção minuciosa com minha irmã. O espelho da fechadura também faltava, e uma parte dessa faixa, e o suporte das pinças.

— Um roubo, então?

— Um roubo, certamente, e efetuado em uma única vez.

— Como! Poderiam ter levado essas bomboneiras, essas miniaturas, esse pêndulo, essa prataria, todas coisas de valor… E escolheram aquilo que havia de mais insignificante? Por quê?

— Ignoro, senhor.

O conde repetiu essas palavras em tom seco. Essas perguntas já o aborreciam, e a visita, para ele, não tinha mais sentido.

— Talvez, no entanto — disse Jean —, meu caro primo, deseje que eu lhe explique as razões pelas quais eu trouxe aqui minhas duas amigas e as razões da emoção manifestada por elas.

— Não — declarou claramente o conde Adrien. — Isso não me diz respeito.

Ele tinha pressa em terminar com aquilo, então ensaiou um movimento em direção à porta. Mas encontrou na sua frente Béchoux, que havia se aproximado e lhe disse seriamente:

— Isso lhe diz respeito, senhor conde. Certas perguntas devem ser esclarecidas na hora, e serão.

A intervenção de Béchoux foi imperiosa. O delegado barrou a porta com seus longos braços estendidos.

— Mas quem é o senhor? — exclamou o conde com altivez.

— O delegado Béchoux, dos serviços da Sûreté.

O senhor de Mélamare pulou de seu lugar.

— Um policial, o senhor? Com que direito o senhor entrou em minha casa? Um policial aqui, na mansão Mélamare!

— Eu lhe fui apresentado sob o nome de Béchoux desde minha chegada, senhor conde. Mas o que vi e o que ouvi me obrigam a fazer preceder meu nome de meu grau de delegado.

— O que o senhor viu…? O que o senhor ouviu? — balbuciou o senhor de Mélamare, cujo rosto se descompunha ainda mais. — Porém, na verdade, senhor, não o autorizo…

— Essa é a menor das minhas preocupações — resmungou Béchoux, que não primava pela educação.

O conde se virou para a irmã, e eles tiveram novamente um diálogo veemente e rápido. Gilberte de Mélamare mostrava-se tão agitada quanto o irmão. De pé, apoiados um no outro, esperavam em atitude combativa, de pessoas que sentem a importância do ataque.

— Aí está Béchoux enfurecido — disse Van Houben em voz baixa a Jean.

— Sim, eu via que ele se excitava pouco a pouco. Conheço meu bonachão. Ele começa relutante e com os olhos meio fechados. Depois, de repente, estoura.

Arlette e Régine haviam se levantado também e se achavam atrás, protegidas por Jean.

E Béchoux declarou:

— Não vou me alongar, senhor conde. Peço-lhe apenas que me responda a algumas questões, sem rodeios. A que horas o senhor saiu de

sua casa ontem? E a senhora de Mélamare?

O conde deu de ombros e não respondeu. Sua irmã, mais maleável, julgou preferível responder.

— Saímos, meu irmão e eu, às duas horas e voltamos às quatro e meia, para tomar o chá.

— E depois?

— Não fomos a lugar algum. Nunca saímos à noite.

— Essa é outra questão — disse Béchoux com ironia. — O que eu gostaria de saber é como empregaram seu tempo aqui, nesta sala, ontem, entre as oito horas e a meia-noite.

O senhor de Mélamare bateu o pé com raiva e pediu à irmã que se calasse. Béchoux compreendeu que de maneira alguma os obrigaria a falar, e isso o deixou de tal modo enfurecido que, levado por sua convicção, lançou sobre os dois toda a acusação sem fazer mais perguntas, com uma voz contida no início, depois áspera, dura e colérica:

— Senhor conde, não esteve em sua casa ontem à tarde, nem a senhora sua irmã, mas sim diante do número 3 bis da Rua do Mont-Thabor. Fazendo-se passar por um tal doutor Bricou, esperou uma jovem para quem armou uma armadilha, manteve-a presa em seu automóvel, onde sua irmã lhe cobriu a cabeça com um tecido, e a trouxe aqui, para sua casa. Essa jovem escapou. O senhor correu atrás dela pelas ruas, sem conseguir pegá-la de novo. É esta aqui.

O conde vociferou, com os lábios crispados, os punhos cerrados:

— O senhor está louco! O que querem afinal todos esses loucos?

— Não sou louco! — proferiu o policial, que pouco a pouco deslizara para o melodrama e a grandiloquência, com termos pomposos e vulgares que muito divertiram d'Enneris. — Digo apenas a verdade exata. Provas? Estou com os bolsos cheios delas. A senhorita Arlette Mazolle, que o senhor conhece, que o esperou na porta da Maison Chernitz, pode nos servir de testemunha. Ela tinha subido em sua lareira. Escondeu-se sobre essa estante de livros. Derrubou esse jarro de bronze. Abriu aquela janela. Atravessou esse jardim. Ela jura por sua mãe. Não é, Arlette Mazolle, que a senhorita jura pela sua mãe?

D'Enneris disse ao ouvido de Van Houben:

— Mas ele está perdendo o fio da meada. Com que direito ele banca o juiz de instrução? E que juiz lamentável! Somente ele é que fala… Quando

digo que ele fala…!

Béchoux berrava, com efeito, diante do conde, cujos olhos desvairados exprimiam um desespero sem limites.

— E não é tudo, meu senhor! Não é tudo. Ainda não é nada! Há outra coisa! Esta senhora… esta senhora… (referia-se a Régine Aubry) o senhor a conhece, hein? Ela é que foi raptada naquela noite no Théâtre de l'Opéra, e por quem? Hein, quem foi que a conduziu até aqui, a este salão… cujos móveis ela reconhece… não é, senhora? Essas poltronas… esse banco… esse assoalho… Hein, senhor, quem a trouxe aqui? Quem a despojou do corpete de diamantes? O conde de Mélamare… A prova? Este anel de três pérolas… Mas temos até provas demais. O Ministério Público decidirá, senhor, e meus chefes…

Ele não terminou. O conde de Mélamare, fora de si, agarrara-o pela garganta e o sacudia violentamente, cobrindo-o de insultos. Béchoux se desvencilhou dele, mostrou-lhe os punhos, e recomeçou então seu discurso insólito. Arrastado pela evidência dos fatos, pelo papel que desempenhava no caso e sobretudo pela importância que esse papel lhe dava junto a seus chefes e junto ao público, ele tinha perdido o fio da meada, como dizia d'Enneris. E ele mesmo sentia isso tão bem que então se deteve, enxugou a testa banhada de suor e de repente, muito digno, emendou:

— Estou indo além de meus direitos, confesso. Isso não é da minha competência e vou telefonar à Chefatura de Polícia. Vocês devem esperar as instruções que vou receber.

O conde desmoronou e colocou a cabeça entre as mãos, como um homem que nem ao menos tenta se defender. Mas Gilberte de Mélamare barrou a passagem ao delegado. Ela sufocava.

— A polícia! A polícia vai vir aqui…? nesta casa? Mas não… não… vejamos, isso não é possível… Houve todos esses acontecimentos… o senhor não tem o direito… isso é um crime.

— Sinto muito, senhora — disse Béchoux, cuja vitória o tornava subitamente polido.

Mas ela se agarrava ao braço do policial e lhe implorava.

— Eu lhe suplico, senhor. Meu irmão e eu somos vítimas de um horrível mal-entendido. Meu irmão é incapaz de uma maldade dessas… Eu lhe imploro…

Béchoux foi inflexível. Havia visto o aparelho telefônico na antessala. Foi até lá, telefonou e logo voltou.

As coisas não se arrastaram muito. Após meia hora, tempo durante o qual Béchoux, cada vez mais excitado, discursava diante de d'Enneris e Van Houben, enquanto Régine e Arlette examinavam o irmão e a irmã com um misto de receio e compaixão, chegou o chefe da Sûreté, acompanhado de agentes, e logo seguido de um juiz de instrução, um escrivão e um procurador. O telefonema de Béchoux tinha produzido efeito.

Um inquérito sumário foi aberto. Interrogou-se o casal de velhos empregados domésticos. Eles moravam em uma ala fora da casa e não se ocupavam senão de seu serviço. Terminado o serviço, eles se retiravam para seus aposentos ou para a cozinha, que dava para o jardim.

Mas o depoimento das duas jovens foi esmagador, e suficiente pela simples evocação de suas lembranças. Arlette, em particular, mostrou o caminho que tinha tomado para escapar, e o descreveu, antes mesmo de rever, o jardim, os arbustos, o muro, o pavilhão isolado, a porta, a rua deserta que dava para uma rua mais animada. Nenhuma dúvida subsistiu.

Além do mais, Béchoux fez uma descoberta que lhe proporcionou todas as honras, e que não deixou margem à menor dúvida ou hesitação. Ao inspecionar rapidamente o interior da estante-biblioteca, Béchoux notou uma série de velhas edições em formato in-quarto[2], em suas antigas encadernações. Estas lhe pareceram suspeitas. Uma a uma, ele as examinou. Estavam vazias de páginas e formavam caixas. Uma delas continha um estojo de prata, outra, o corpete de diamantes.

Régine imediatamente exclamou:

— Minha túnica…! Meu corpete!

— E os diamantes não estão mais aí! — vociferou Van Houben, também transtornado por ter sido roubado uma segunda vez. — Meus diamantes, o que o senhor fez deles? Ah, mas eu vou esganá-lo…

O conde de Mélamare assistia a essa cena impassível, mas com uma expressão estranha. Quando o juiz se virou para ele mostrando a túnica e o corpete de onde os diamantes haviam sido arrancados, ele ergueu a cabeça e contraiu a boca em um sorriso horrível.

— Minha irmã não está aí? — sussurrou, olhando em torno de si.

A velha criada respondeu:

— Acho que a senhora está em seu quarto.

— Diga-lhe adeus de minha parte, e que eu a aconselho a seguir meu exemplo.

E rapidamente tirou um revólver do bolso, apontou-o para a própria cabeça e apertou o gatilho.

Em um gesto brusco, d'Enneris, que o vigiava, agarrou-lhe o pulso. A bala, desviada, acabou quebrando um dos vidros da janela. Os agentes se lançaram sobre o senhor de Mélamare. O juiz de instrução pronunciou:

— O senhor está preso. Levaremos também a senhora de Mélamare.

Mas, quando procuraram a condessa, não a encontraram nem em seu quarto nem em no toucador. Revistaram toda a casa. Por onde ela teria escapado? E com a cumplicidade de quem?

D'Enneris, muito inquieto, temendo um suicídio, dirigiu as investigações. Foram em vão.

— Não importa — murmurou Béchoux —, o senhor não está longe de recuperar seus diamantes, senhor Van Houben. Nossa situação é boa, e fiz um bom trabalho.

— Jean d'Enneris também, vamos reconhecer — observou Van Houben.

— Faltou-lhe audácia no meio do caminho — replicou Béchoux. — Minha acusação foi decisiva.

Algumas horas mais tarde, Van Houben entrava em seu magnífico apartamento no boulevard Haussmann. Havia jantado em um restaurante com o delegado Béchoux e o levou a sua casa para falarem ainda do caso que preocupava tanto um quanto o outro.

— Escute, escute — disse ele, após um momento de conversa —, acho que ouvi um ruído nos fundos do apartamento. Sei que os criados não dormem desse lado.

E, acompanhado de Béchoux, Van Houben seguiu por um longo corredor, na extremidade do qual se encontrava um pequeno aposento com saída independente para a escadaria do vestíbulo do edifício.

— Dois quartos completamente separados — disse ele —, onde às vezes recebo amigos.

Béchoux prestou atenção.

— Com efeito, há alguém aí.

— É curioso. Ninguém tem a chave.

De revólver em punho, eles entraram de repente, e logo Van Houben exclamou:

— Em nome de De…! — ao que Béchoux respondeu com outra exclamação: — Minha nossa!

De joelhos diante de uma mulher deitada em um sofá, Jean d'Enneris beijava levemente, de acordo com seu método calmante, o alto da testa e do cabelo dela.

Eles se aproximaram e reconheceram Gilberte de Mélamare, de olhos fechados, muito pálida e com o peito arfante.

D'Enneris, furioso, plantou-se diante dos recém-chegados.

— Vocês de novo! Mas que diabo! Não se pode ficar tranquilo! O que é que vieram procurar aqui, vocês dois?

— Como, o que nós viemos fazer? — exclamou Van Houben. — Mas estou na minha casa, aqui!

E Béchoux, indignado, arrematou:

— Pois bem! Mas você tem mesmo topete! Então foi você que ajudou a condessa a fugir de casa?

D'Enneris, subitamente calmo, girou sobre os calcanhares.

— Não se pode esconder nada de você, Béchoux. Meu Deus, sim, fui eu.

— Você é atrevido!

— Nem tanto, caro amigo, você tinha esquecido de colocar um agente no jardim. Então eu a fiz fugir por ali, marcando encontro com ela em uma rua vizinha onde ela apanhou um carro. Terminada a cerimônia de instrução da Justiça, eu a encontrei e então, após tê-la trazido até aqui, estou cuidando dela.

— Mas quem o deixou entrar, que diabo? — perguntou Van Houben. Ninguém tem a chave desse aposento!

— Não preciso. Com meus grampos, abro qualquer porta em um instante. Inúmeras vezes já visitei sua casa assim, caro amigo, e pensei que não haveria melhor refúgio para a senhora Mélamare do que um canto isolado. Quem poderia imaginar que Van Houben daria refúgio à condessa de Mélamare? Ninguém. Nem mesmo Béchoux! Ela vai ficar aqui, muito tranquila, sob sua proteção, até que o caso seja esclarecido. A camareira que vai servi-la pensará que é mais uma nova amiga sua, já que Régine já está perdida.

— Eu o prendo! Previno a polícia! — exclamou Béchoux.

D'Enneris estourou de rir.

— Ah! Isso é engraçado! Vamos ver. Você sabe muito bem que não vai tocar nela. Ela é sagrada.

— Você acha, é?

— Claro! Por isso que eu a protejo.

Béchoux estava exasperado.

— Então, está protegendo uma ladra?

— Ladra? O que é que você está dizendo?

— Como! A irmã do homem que você ajudou a prender?

— É uma calúnia odiosa! Não fui eu que o prendi. Foi você mesmo, Béchoux.

— Por sua indicação, e porque ele é culpado, sem contestação possível.

— O que é que você sabe disso?

— Hein? Então não tem mais certeza?

— Palavra, claro que não — disse Jean d'Enneris, em tom de ironia. — Há em tudo isso coisas muito desconcertantes. Ladrão, aquele nobre senhor? Ladra, aquela senhora tão orgulhosa, a quem não me atrevo a beijar senão o cabelo? Na verdade, Béchoux, estou me perguntando se você não se precipitou, lançando-se com imprudência em um caso bem ingrato… Que responsabilidade, Béchoux!

Béchoux escutava, hesitante e pálido. Van Houben, com o coração apertado de angústia, sentia seus diamantes serem mais uma vez roubados na escuridão.

Jean d'Enneris, ajoelhando-se respeitosamente diante da condessa, murmurou:

— A senhora não é culpada, não é? É inadmissível que uma mulher como a senhora tenha roubado. Prometa-me dizer toda a verdade a respeito de seu irmão…

---

[2] Termo das artes gráficas. Refere-se a uma folha de impressão dobrada duas vezes, com que se produz um caderno de quatro folhas ou oito páginas. (N.T.)

É esse o inimigo?

Nada é tão aborrecido como o relato detalhado de uma instrução judicial, sobretudo quando se trata de um caso conhecido, sobre o qual todo mundo falou, e a propósito do qual cada um já formou uma opinião mais ou menos exata. O interesse destas páginas consiste, portanto, unicamente em lançar luz naquilo que o público ignorou e que a Justiça não conseguiu esclarecer, e isso, definitivamente, significa contar os fatos e movimentos de Jean d'Enneris, ou seja, de Arsène Lupin.

É suficiente lembrar como o inquérito foi inútil. O casal de velhos criados, embora indignados com o fato de terem ousado suspeitar de seus patrões, que eles serviam havia mais de vinte anos, não pôde dizer uma palavra que os desculpassem. Gertrude nunca deixava sua cozinha a não ser para fazer as compras da manhã. Quando tocavam a campainha — o que era raro, porque havia poucas visitas —, François vestia sua libré e ia abrir a porta.

Uma investigação atenta permitiu afirmar que não havia nenhuma saída furtiva. O pequeno cômodo ao lado do salão, outrora uma alcova com uma passagem, era utilizado como quarto de despejo. Em nenhuma parte, nada de suspeito, nada disfarçado.

No pátio, nenhum alojamento. Nenhuma vaga para carro. Descobriu-se que o conde sabia guiar. Mas, se tinha carro, onde o guardava? E onde ficava sua garagem? Todas perguntas sem resposta.

Por outro lado, a condessa de Mélamare continuava invisível, e o conde se trancara em um mutismo absoluto, recusando-se tanto a se explicar em relação a pontos essenciais quanto a dar as menores informações sobre sua vida privada.

Um fato, no entanto, deve ser considerado, porque dominou toda essa aventura e a ideia geral que cada um havia concebido instantaneamente no meio judiciário, como na imprensa e em meio ao público. Esse fato, que d'Enneris tinha aventado desde o início e a propósito do qual quisera se informar, segue-se aqui, despojado de qualquer comentário: em 1840 o bisavô do atual conde, Jules de Mélamare, o mais ilustre da linhagem dos Mélamare, general de Napoleão, embaixador durante a Restauração, tinha sido preso por roubo e assassinato. Morrera de congestão em sua cela.

Examinou-se a questão mais de perto. Folhearam-se os arquivos. Certas recordações foram evocadas. E um documento de importância considerável foi trazido à luz. Em 1868, o filho desse Mélamare, e avô do conde Adrien, Alphonse de Mélamare, oficial de ordenança do imperador Napoleão III, foi condenado por roubo e assassinato. Em sua casa da Rua d'Urfé, deu um tiro na cabeça. O imperador abafou o caso.

A lembrança desse duplo escândalo causou grande impressão. Imediatamente uma palavra esclareceu o drama atual e resumiu a situação: atavismo. Se o irmão e a irmã não possuíam uma grande fortuna, ao menos desfrutavam de certo conforto, tendo casa em Paris e castelo na Touraine, e dedicando-se a obras humanitárias e beneficentes. Não era, portanto, unicamente a cupidez que podia explicar o incidente do Opéra e o roubo dos diamantes. Não, era o atavismo. Os Mélamare tinham o instinto do roubo. O irmão e a irmã tinham herdado isso de seus antepassados. Haviam roubado, sem dúvida para fazer frente a um estilo de vida superior aos seus recursos, ou talvez movidos por uma tentação forte demais, porém sobretudo por necessidade atávica.

E, como seu avô Alphonse de Mélamare, o conde Adrien quisera se matar. Ainda o atavismo.

Quanto aos diamantes, quanto ao rapto das duas jovens, quanto ao que estavam fazendo exatamente no horário dos dois episódios, quanto à túnica encontrada em sua biblioteca, quanto a tudo aquilo que constituía o lado misterioso da aventura, ele afirmava não saber nada. Não tinha nada a ver com a situação. Para ele, tudo aquilo parecia se passar em outro planeta.

Apenas quis se desculpar a propósito de Arlette Mazolle. Havia tido, disse ele, relações com uma mulher casada, moça que ele amava muito, e que morrera alguns anos antes. Isso, no entanto, lhe causara um profundo sofrimento. Ora, Arlette parecia-se com essa moça, e ele a havia seguido

duas ou três vezes, involuntariamente, pela lembrança que lhe trazia da moça que perdera. Porém negou, com energia, que tivesse tentado abordá-la em uma rua deserta, segundo a acusação de Arlette Mazolle.

Quinze dias se passaram assim, durante os quais o delegado Béchoux, raivoso e obstinado, empenhou-se na maior e mais inútil atividade. Van Houben, que seguia seus passos, lamentava-se.

— Perdidos! Digo-lhe que meus diamantes estão perdidos.

Béchoux mostrou os punhos fechados.

— Seus diamantes? É como se eu os tivesse em minhas mãos. Peguei os Mélamare, pegarei seus diamantes.

— O senhor tem certeza de não precisar mais de d'Enneris?

— Nunca na vida! Prefiro falhar em tudo a ter que me dirigir a ele.

Van Houben se rebelou.

— O senhor tem cada uma, ora! Meus diamantes deveriam vir antes de seu amor-próprio.

Van Houben, aliás, não parava de estimular Jean d'Enneris, que ele encontrava diariamente. Não podia entrar no aposento isolado onde Gilberte de Mélamare estava escondida sem o ver sentado aos pés da condessa, sempre consolando-a, dando-lhe esperanças, prometendo salvar seu irmão da morte e da desonra e, de resto, não obtendo dela nenhuma informação, nenhuma palavra que o pudesse guiar.

E se Van Houben, voltando-se para Régine Aubry, quisesse levá-la a um restaurante, tinha certeza de encontrar d'Enneris em vias de lhe fazer a corte.

— Deixe-nos tranquilos, Van Houben — dizia a bela atriz —, não posso mais vê-lo nem pintado depois de todas essas histórias.

Van Houben não se aborrecia, e chamava d'Enneris à parte:

— Vamos, caro amigo, e meus diamantes?

— Estou com outra coisa na cabeça. Régine e Gilberte tomam todo o meu tempo, uma à tarde, outra à noite.

— Mas e de manhã…?

— Arlette. Ela é adorável, essa menina, fina, inteligente, intuitiva, feliz e tocante, simples como uma criança e misteriosa como uma verdadeira mulher. E tão honesta! Na primeira noite consegui, de surpresa, beijar suas faces. Mas agora acabou! Van Houben, acredito mesmo que é Arlette que eu prefiro.

D'Enneris dizia a verdade. Seu capricho por Régine se transformara em uma bela amizade. Não via mais Gilberte senão pelo vão desespero de obter confidências. Mas passava junto de Arlette manhãs que o fascinavam. Havia nela um encanto particular, que vinha de uma profunda ingenuidade e um bom entendimento da vida. Todos os sonhos quiméricos que tinha de ajudar suas colegas tomavam para ela a aparência de acontecimentos realizáveis quando os expunha, sorrindo.

— Arlette, Arlette — dizia ele —, não conheço pessoa mais clara que você, e mais misteriosa.

— Mais misteriosa? — dizia ela.

— Sim, em certos momentos. Compreendo você inteiramente, a não ser em um ponto, que é para mim impenetrável, e que, coisa estranha, não existia quando me aproximei pela primeira vez. A cada dia o enigma aumenta. Enigma sentimental, acredito.

— Não é possível! — disse ela, rindo.

— Sim, sentimental… Você não ama alguém?

— Se eu amo alguém? Mas eu amo todo mundo!

— Não, não — dizia ele —, há algo de novo na sua vida.

— Acredito que há algo de novo! Raptos, emoções, inquéritos, interrogatórios, um monte de gente que me escreve, barulho, muito barulho em volta de mim! Coisas que fazem uma pequena modelo perder a cabeça!

Ele abanava a cabeça e olhava para ela com ternura crescente.

No entanto, no Ministério Público, o processo de instrução não prosseguia. Vinte dias depois da detenção do senhor de Mélamare, continuava-se a recolher testemunhos sem valor e a efetuar investigações que não levavam a nada. Todas as pistas eram ruins, e todas as hipóteses, falsas. Não se conseguia encontrar nem mesmo o primeiro motorista que tinha conduzido Arlette da casa de Mélamare à Praça des Victoires.

Van Houben emagrecia. Não via mais nenhuma relação entre a detenção do conde e o roubo dos diamantes, e não se incomodava mais em suspeitar em altos brados das qualidades de Béchoux.

Uma tarde, dois homens bateram à porta do andar térreo que d'Enneris ocupava perto do Parque Monceau. O criado abriu e os recebeu.

— Vão embora — exclamou d'Enneris, aproximando-se deles. — Van Houben! Béchoux! Pois bem, na verdade, vocês não têm orgulho!

Eles confessaram seu desespero.

— É um desses casos que já começam mal — confessou penosamente o delegado Béchoux. — É falta de sorte.

— Falta de sorte é para os tolos como você — disse d'Enneris. — Enfim, serei camarada. Mas obediência absoluta, hein? Senão, cabeças vão rolar, como antigamente!

— Sim, pode ter certeza — declarou Van Houben —, reanimado pelo bom humor de d'Enneris.

— Você manda — disse Béchoux, com voz sinistra.

— Você vai deixar de lado a Chefatura, vai sentar no Ministério Público, depois vai dizer que essa gente não é capaz de nada, e vai me dar garantias.

— Que garantias?

— Garantias de colaboração leal. Em que pé eles estão lá?

— Amanhã deve haver acareação entre o conde, Régine Aubry e Arlette Mazolle.

— Diabos! É preciso se apressar. Nenhum fato foi ocultado do público?

— Quase nada.

— Conte, então.

— Mélamare recebeu uma carta que foi descoberta em sua cela. Diz o seguinte: "Tudo se arranjará. Tem a minha garantia. Coragem." Investiguei. Fiquei sabendo, esta manhã, que a carta foi transmitida graças à cumplicidade de um garçom do restaurante que fornece refeições ao conde, e que me confessou que ele lhe respondeu.

— Você tem a descrição exata do correspondente?

— Exata.

— Perfeito! Van Houben, está de carro?

— Sim.

— Então vamos.

— Aonde?

E, depois de os três entrarem no carro, d'Enneris explicou:

— Existe um ponto, Béchoux, que você deixou passar e que, para mim, é capital. O que significa o anúncio que o conde fez nos jornais algumas semanas antes do caso? Que interesse ele teria em reclamar tais bugigangas? E que interesse alguém teria em roubá-las, em vez de tantos outros objetos de valor naquela casa da Rua d'Urfé? O único meio de elucidar essa questão, não acham, era me dirigir à feirante que me havia

vendido as bugigangas, o cordão da campainha e outras futilidades, pela módica soma de treze francos e cinquenta. E foi o que fiz.

— E o resultado?

— Negativo até aqui, mas positivo dentro em breve, espero. Minha vendedora do mercado das pulgas, que fui ver no dia seguinte ao dos acontecimentos, lembrava-se muito bem da pessoa que lhe havia cedido os objetos por uma ninharia, a dona de um brechó que às vezes lhe vem oferecer objetos do mesmo tipo. Seu nome? Seu endereço? A vendedora os ignora. Mas está persuadida de que o senhor Gradin, antiquário, que lhe enviou a dona do brechó, poderia indicar. Corri até à loja do senhor Gradin, na Rive Gauche. Está viajando. Volta hoje.

Chegaram logo depois à loja do senhor Gradin, que respondeu sem hesitar:

— Trata-se evidentemente da velha Trianon, que chamamos assim por causa de sua loja, O Pequeno Trianon, na Rua Saint-Denis. É uma mulher esquisita, nada comunicativa, muito estranha, que faz saldo de montes de coisas insignificantes, mas que, além disso, me vendeu móveis bem interessantes, que tinha comprado de não sei quem… entre eles uma bela mobília acaju de puro estilo Luís XVI, fabricada pelo próprio Chapuis, grande marceneiro do século XVIII.

— Mobília que o senhor revendeu?

— Sim, e enviei para a América.

Os três homens saíram dali muito intrigados. A assinatura de Chapuis se encontrava na maior parte dos móveis do conde de Mélamare.

Van Houben esfregou as mãos.

— A coincidência é favorável para nós, e nada nos impede de acreditar que meus diamantes estejam em alguma gaveta secreta do Petit Trianon. Nesse caso, d'Enneris, estou certo de que você terá a delicadeza de…

— Dar-lhe os diamantes de presente…? Certamente, caro amigo.

O carro parou a alguma distância do Petit Trianon, onde d'Enneris e Van Houben entraram, deixando Béchoux na porta. Era uma loja estreita e comprida, repleta de bibelôs, vasos reconstituídos, porcelanas trincadas, roupas usadas e tudo o que um brechó vende. Nos fundos da loja, a velha Trianon, senhora gorda de cabelo grisalho, conversava com um senhor que tinha na mão uma garrafa sem rolha.

Lentamente, Van Houben e d'Enneris passearam entre as quinquilharias, como amadores que procuram uma oportunidade. Olhando de soslaio, d'Enneris observava o senhor, que não tinha o ar de um cliente que estivesse lá para comprar. Alto, loiro, forte, trinta e poucos anos talvez, de aspecto elegante e rosto franco, conversou um momento ainda, depois pousou a garrafa sem rolha e se dirigiu para a porta, examinando diferentes bibelôs e espiando tudo, inclusive, d'Enneris notou, os dois recém-chegados.

Van Houben, que nada percebia dessas manobras, e que havia chegado perto da velha Trianon, imaginou que podia travar conversa com ela, já que d'Enneris não se preocupou em fazê-lo, e lhe disse a meia-voz:

— Será que, por acaso, não lhe teriam vendido certos objetos que me foram roubados, por exemplo uma…

D'Enneris, pressentindo a imprudência do companheiro, tentou lhe fazer um sinal, mas Van Houben continuou:

— Por exemplo, um espelho de fechadura, metade de um cordão de campainha de seda azul…

A comerciante apurou o ouvido, depois trocou um olhar com o senhor, que virou a cabeça um pouco mais rapidamente do que seria natural, e franziu a testa.

— Palavra que não… — disse ela. — Procure por aí… Talvez encontre as coisas que mencionou.

O senhor esperou um momento, lançou de novo à vendedora um olhar rápido que pareceu alertá-la, e depois saiu.

D'Enneris dirigiu-se para a porta. O homem fez sinal para um táxi, subiu e, inclinando-se para o motorista, deu o endereço em voz baixa. Mas nesse exato momento o delegado Béchoux, que se aproximava, passava ao lado do carro.

D'Enneris não se mexeu pelo espaço de tempo em que ainda podia ser visto pelo desconhecido. Assim que o carro fez uma conversão, Béchoux e ele se juntaram.

— E então? Conseguiu ouvir?

— Sim, Hotel Concórdia, no bairro de Saint-Honoré.

— Mas então desconfiou dele?

— Tinha identificado o homem através das vidraças. É ele.

— Quem?

O sujeito que conseguiu passar uma carta ao conde de Mélamare, na cela.

— O correspondente do conde? E ele conversava com a mulher que vendeu os objetos roubados da casa de Mélamare! Caramba! Você tem de confessar, Béchoux, que é muita coincidência!

Mas a alegria de d'Enneris durou pouco. No Hotel Concórdia não tinham visto entrar ninguém que correspondesse à descrição. Esperaram. D'Enneris se impacientava.

— O endereço dado talvez seja falso — declarou ele por fim. — O indivíduo deve ter querido nos afastar do Petit Trianon.

— Por quê?

— Para ganhar tempo… Vamos voltar lá.

Ele não se enganara. Assim que desembarcaram na Rua Saint-Denis, constataram que o brechó já estava fechado, de persianas baixadas, com a barra de ferro passada e trancada com cadeado.

Os vizinhos não souberam dar nenhuma indicação. Todos conheciam de vista a velha Trianon. Mas nenhum deles nunca havia conseguido tirar dela uma única palavra. Dez minutos antes, tinham percebido que como toda noite, mas duas horas antes, ela mesma fechara sua loja. Onde teria ido? Ignoravam o local de sua residência.

— Logo vou saber — resmungou Béchoux.

— Não vai saber nada — afirmou d'Enneris. — A velha Trianon evidentemente está sob o controle do tal senhor, e este me pareceu ter o ar de quem conhece seu negócio, e que não só apara os golpes, mas não se furta em aplicá-los. Percebe o ataque, hein, Béchoux?

— Sim. Mas primeiro é preciso que ele se defenda.

— A melhor maneira de se defender é atacar.

— Ele não pode nada contra nós. A quem ele atacaria?

— A quem ele atacaria…?

D'Enneris refletiu alguns segundos, depois bruscamente pulou para dentro do carro, empurrou o motorista de Van Houben, tomou o volante e arrancou com uma velocidade que só deu, a Van Houben e a Béchoux, tempo de se pendurar nas portas. Graças a sua prodigiosa direção, enfiou-se pelas ruas, forçou passagem entre os veículos e logo alcançou as grandes avenidas. Subiram velozmente a Rua Lepic. Pararam na porta de Arlette. Irromperam na portaria.

— Arlette Mazolle?

— Saiu, senhor d'Enneris.

— Há quanto tempo?

— Uns quinze minutos, no máximo.

— Só?

— Não.

— Com a mãe?

— Não. A senhora Mazolle foi às compras e não sabe que a senhorita Arlette saiu.

— Com quem, então?

— Com um senhor que veio procurá-la de carro.

— Alto, loiro?

— Sim.

— E o senhor já o conhecia?

— Durante toda esta semana ele tem vindo ver as senhoras depois do jantar.

— Sabe seu nome?

— Sim. Senhor Fagerault, Antoine Fagerault.

— Muito obrigado.

D'Enneris não ocultou seu desapontamento e sua cólera.

— Não foi à toa que previ este golpe — murmurou ele entre dentes ao sair do edifício. — Ah, ele está tentando nos passar para trás, o espertalhão! E é ele quem está dando as cartas. Mas, que diabo, ele que não toque na menina!

Béchoux objetou:

— Não deve ser esse seu objetivo, uma vez que já veio antes, e que ela parece tê-lo seguido por vontade própria.

— Sim, mas o que é que há por trás disso, qual emboscada? Por que ela não falou dessas visitas? Enfim, o que ele quer, esse Fagerault?

Assim como ele pulara no carro movido por uma inspiração súbita, atravessou a rua correndo, entrou em uma cabine telefônica e pediu o telefone de Régine. Logo se estabeleceu a comunicação:

— A senhora está? É da parte do senhor d'Enneris.

— A senhora acabou de sair, meu senhor — respondeu a criada.

— Só?

— Não, senhor, com a senhorita Arlette, que veio procurá-la.

— E ela ia sair?

— Não, a senhora decidiu de repente. No entanto, a senhorita Arlette tinha telefonado esta manhã.

— Sabe para onde foram as duas?

— Não, senhor.

Assim, no espaço de vinte minutos, aquelas duas mulheres, que já haviam sido raptadas uma vez, desapareciam agora de repente, em condições que pareciam anunciar uma nova armadilha e uma ameaça ainda mais terrível.

O segredo dos Mélamare

Desta vez Jean d'Enneris se manteve controlado, ao menos na aparência. Sem cólera. Sem pragas. Mas quanta raiva o atormentava!

Consultou o relógio.

— Sete horas. Vamos jantar. Existe aqui um pequeno café. Às oito horas entraremos em ação.

— Por que não imediatamente? — perguntou Béchoux.

Eles se acomodaram em um canto, entre alguns trabalhadores e motoristas de táxi, e d'Enneris respondeu ao delegado:

— Por quê? Simplesmente porque fui derrotado. Agi ao acaso, tentando aparar os golpes que entrevi como possíveis. Mas tarde demais, e cada um deles me destruiu um pouco. Preciso me refazer e compreender o que está acontecendo. Por que esse Fagerault tirou de casa Régine e Arlette? Tudo o que se pode imaginar desse homem não é de natureza a me deixar seguro.

— E você acredita que dentro de uma hora…

— Sempre é preciso dar um tempo, Béchoux. Isso nos obriga a pensar.

Pode-se dizer que, na verdade, d'Enneris não tinha mais preocupação alguma, porque comeu com bom apetite e falou até de diversos assuntos. Mas seus gestos eram nervosos e podia-se adivinhar a tensão que inquietava seu cérebro. No fundo, considerava a situação bastante grave. Lá pelas oito horas, na hora de entrar em ação, disse para Van Houben:

— Peça notícias da condessa pelo telefone.

Após um minuto, Van Houben retornou da cabine que havia no café.

— Nada de novo — disse-me a camareira que está a serviço da condessa. — A condessa está bem, jantando em seu quarto.

— Vamos, então.

— Para onde? — perguntou Béchoux.

— Não sei. Vamos andar. É preciso agir. Precisamos agir, Béchoux — repetiu d'Enneris com energia. — Quando penso que as duas estão à disposição daquele indivíduo…

Desceram do alto de Montmartre até a Praça de l'Opéra, e d'Enneris descarregou sua fúria em frases curtas.

— Um competidor difícil, esse Antoine Fagerault! E que vai me pagar caro! Enquanto desperdiçávamos nossos esforços, ele agia, ele… e com que energia! O que será que ele quer? Quem será ele? Um amigo do conde, como a carta interceptada leva a crer? Ou bem um inimigo? Um cúmplice ou um rival? E, de qualquer modo, qual é seu objetivo ao tirar as duas moças de casa? Elas já foram raptadas, primeiro uma, depois a outra… O que será que ele procura, levando-as juntas? E por que Arlette ocultou essas visitas de mim?

Ficou calado por um longo tempo. Refletia, batendo às vezes os pés no chão e empurrando os transeuntes que não se abalavam.

De repente Béchoux lhe disse:

— Você sabe onde estamos?

— Sim, na Ponte da Concorde.

— Portanto, não estamos longe da Rua d'Urfé.

— Nem longe da Rua d'Urfé nem da casa de Mélamare, eu sei.

— E então?

D'Enneris segurou o braço do delegado.

— Béchoux, nosso caso é daqueles em que nenhum indício nos guia como de costume, nem impressões digitais, nem pegadas de passos… nada… nada senão a inteligência e, mais ainda, a intuição. Ora, é para esse lado, e por assim dizer sem que eu saiba, que minha intuição me dirige. Foi aqui que tudo aconteceu, para aqui que primeiro Régine foi levada, depois Arlette. E, contra a minha vontade, evoco o vestíbulo ladrilhado, os vinte e cinco degraus da escadaria, o salão…

Eles passavam pela Câmara dos Deputados. Béchoux exclamou:

— Impossível! Vejamos, por que aquele homem repetiria o que o outro já fez? E em condições bem mais perigosas para ele?

— É isso justamente que me perturba, Béchoux! Se ele se arriscou tanto para realizar seus projetos, como esses projetos devem ser ameaçadores!

— Mas acontece que não poderemos entrar assim, sem mais nem menos, naquela casa! — protestou Béchoux.

— Não queime as pestanas por mim, Béchoux. Já examinei a casa por todos os lados, de dia e de noite, sem que o velho François desconfiasse.

— Mas e ele, Antoine Fagerault? Como ele pôde entrar? E principalmente levando para lá as duas moças?

— Com a cumplicidade de François, caramba! — disse d'Enneris, com um risinho.

À medida que se aproximavam, d'Enneris apertava o passo, como se a visão das coisas se tornasse mais nítida, e ele imaginasse com mais ansiedade os acontecimentos que iriam presenciar.

Evitou a Rua d'Urfé, contornou o bloco de casas que rodeavam a mansão e alcançou a rua deserta que ladeava o jardim na face dos fundos. Além do pavilhão abandonado, ficava a pequena porta por onde Arlette fugira. Para grande espanto de Béchoux, d'Enneris tirou uma chave do chaveiro e ela serviu exatamente na fechadura. Abriu a porta. O jardim se estendia diante deles na semiobscuridade, e entrevia-se o edifício da mansão, que não estava iluminado por luz alguma. As persianas deviam estar fechadas.

Da mesma forma que Arlette, mas em sentido contrário, seguiram a linha mais ensombrecida dos arbustos e se encontravam a dez passos da casa quando uma mão brutal agarrou o ombro de d'Enneris.

— Ei, o que é isso? — murmurou ele, imediatamente na defensiva.

— Sou eu — disse uma voz.

— Você quem? Ah, Van Houben… Que diabos você quer?

— Meus diamantes…

— Seus diamantes?

— Tudo me leva a crer que você vai encontrá-los. Ora, quero que me jure…

— Deixe a gente em paz — sussurrou d'Enneris exasperado, empurrando Van Houben, que tropeçou em uma moita. E fique por aí. Você nos atrapalha… Fique de vigia…

— Você jura…

D'Enneris retomou seu caminho com Béchoux. As persianas do salão estavam fechadas. Mesmo assim ele subiu até a varanda, deu uma olhada, escutou e pulou de novo no chão.

— Há alguma luz aí dentro, mas não se vê nem se ouve nada.

— Então não vai dar certo?

— Não seja tolo.

Uma portinhola fazia a comunicação do subsolo com o jardim. Ele desceu alguns degraus, acendeu uma lanterna de bolso, atravessou uma saleta repleta de vasos de flores e desembocou com precaução no vestíbulo, que era iluminado por uma lâmpada. Ninguém. Subiu a escadaria, recomendando silêncio a Béchoux. No alto da escada, à frente, ficava o salão, à direita um toucador que não era mais utilizado, mas que ele conhecia bem, porque já o tinha examinado cuidadosamente.

Entrou e, na escuridão, ladeou a parede que separava os dois aposentos, e se dispôs a abrir, com uma chave falsa, e sem fazer nenhum ruído ou chiado, a portinha engastada em uma das folhas da porta, que normalmente não era usada. Sabia que, do outro lado, uma tapeçaria a disfarçava, e que essa tapeçaria, coberta por uma tela esburacada em alguns lugares, oferecia orifícios por onde poderiam espiar o que se passava no salão.

Percebiam apenas passos que iam e vinham pelo assoalho. Nenhum ruído de vozes.

D'Enneris apoiou a mão sobre o ombro de Béchoux, como para entrar em contato com ele e lhe transmitir suas impressões. A tapeçaria balançava ligeiramente com a corrente de ar. Esperaram que ela se imobilizasse. Então colaram o rosto contra ela e puderam enxergar.

Na verdade, a cena que testemunharam não lhes pareceu exigir deles uma invasão nem uma batalha. Arlette e Régine, sentadas uma ao lado da outra em um sofá, olhavam para um senhor alto, loiro, que andava de um lado para outro do aposento. Era o homem que eles tinham encontrado no Petit Trianon, o correspondente do senhor de Mélamare.

Nenhum dos três jovens dizia uma palavra sequer. As duas moças não pareciam ansiosas, nem mesmo expressavam desagrado. Pareciam esperar alguém. Estavam à escuta. Os olhos de todos se voltaram de repente para a porta que dava para o vestíbulo, e o próprio Antoine Fagerault chegou a abri-la e parecia atento.

— Não tem nenhum receio? — disse-lhe Régine.

— Nenhum — declarou ele.

E Arlette acrescentou:

— A promessa foi categórica, dada sem que eu precisasse insistir. Mas o senhor está seguro de que o criado vai ouvir a campainha?

— Ele ouviu bem nosso chamado. Além disso, a mulher se reuniu a ele no pátio, e eu deixei as portas abertas.

D'Enneris apertou o ombro de Béchoux. Perguntava-se o que iria acontecer ali, e quem seria a pessoa cuja prometida visita havia atraído Arlette e Régine.

Antoine Fagerault veio se sentar ao lado de Arlette, e eles conversaram em voz baixa, com animação. O rapaz se mostrava solícito e se inclinava para ela um pouco mais do que era necessário, sem que ela reclamasse. Mas se separam bruscamente. Fagerault se levantou. A campainha do pátio havia tocado duas vezes. E mais duas vezes, após um ligeiro intervalo.

— É o sinal — disse Fagerault, que se precipitou para a porta.

Um minuto se passou. Algumas vozes trocavam palavras. Depois ele voltou, acompanhado de uma mulher, que d'Enneris e Béchoux reconheceram logo: a condessa de Mélamare.

O ombro de Béchoux foi apertado com tal força que ele a custo abafou um suspiro. A aparição da condessa deixara os dois embasbacados. D'Enneris havia previsto tudo, a não ser que ela abandonaria seu refúgio e viria a uma reunião convocada pelo adversário.

Gilberte de Mélamare estava pálida, ofegante. Suas mãos tremiam um pouco. Ela olhava com angústia para o aposento ao qual não voltara depois do drama, e as duas mulheres cujos testemunhos haviam tido pesadas consequências, fazendo-a fugir e deixando seu irmão perdido. Então ela disse ao seu companheiro:

— Eu lhe agradeço por seu devotamento, Antoine. — Aceito por nossa antiga amizade… mas sem esperar muito.

— Tenha confiança, Gilberte — disse ele. — Você viu muito bem que eu já soube como encontrá-la.

— Como?

— Por meio de Arlette Mazolle, que fui ver na casa dela e que conquistei para sua causa. Seguindo minhas instruções, ela interrogou Régine Aubry, a quem Van Houben havia confiado o lugar de seu refúgio. Foi Arlette Mazolle quem, nesta manhã, lhe telefonou em meu nome para marcar o encontro.

Gilberte inclinou a cabeça em sinal de agradecimento e disse:

— Vim furtivamente, Antoine, sem dizer nada ao homem que me protegeu até aqui e a quem eu tinha prometido que não faria nada sem avisá-lo. Você o conhece?

— Jean d'Enneris? Sim, pelo que me disse Arlette Mazolle, que também lamenta ter de agir sem falar com ele. Mas era preciso. Desconfio de todo mundo.

— Não deve desconfiar daquele homem, Antoine.

— Mais que de qualquer outra pessoa. Eu o encontrei há pouco na loja de uma revendedora que procuro há semanas e que tem em mãos os objetos roubados de seu irmão. Ele estava em companhia de Van Houben e do policial Béchoux. Senti o peso de seu olhar hostil e vigilante. Ele quis mesmo me seguir. Com que intenção?

— Ele poderia nos ajudar…

— Jamais! Colaborar com esse aventureiro que saiu não se sabe de onde… com esse *don Juan* equivocado e cauteloso, que tem vocês duas sob seu domínio? Não, não, não. Além do mais, nós dois não temos o mesmo objetivo. Meu objetivo é estabelecer a verdade, o dele é pegar os diamantes.

— Do que é que você sabe?

— Eu adivinho. Seu papel me parece claro. Além do mais, segundo minhas informações particulares, é a opinião que fazem dele Béchoux e Van Houben.

— Opinião falsa — afirmou Arlette.

— Talvez, mas sou obrigado a agir como se fosse verdadeira.

D'Enneris escutava apaixonadamente. A aversão que aquele homem manifestava por ele, também ele experimentava de seu lado, instintiva e violenta. Detestava-o ainda mais porque não podia deixar de reconhecer a franqueza de seu olhar e a sinceridade de seu devotamento. O que teria havido entre Gilberte e ele no passado? Teria amado aquela mulher? E, no presente, de que maneira ele conquistara a simpatia e obtivera a submissão de Arlette?

A condessa de Mélamare se manteve em silêncio por um bom tempo. Por fim, murmurou:

— Que devo fazer?

Ele apontou Arlette e Régine.

— Persuadi-las, já que foram elas que a acusaram. Eu consegui, com minha convicção, despertar suas dúvidas e preparar esta entrevista. Só cabe

a você completar a minha obra.

— Como?

— Falando. Há neste caso incompreensível fatos que o tornam ainda mais incompreensível, e sobre os quais, no entanto, a Justiça se apoiou para tomar decisões implacáveis. E também há… aquilo que você sabe.

— Não sei de nada.

— Você sabe certas coisas… quando nada, os motivos pelos quais você e seu irmão, inocentes os dois, não se defenderam.

Ela disse, abalada:

— Toda defesa é inútil.

— Mas eu lhe peço que se defenda, Gilberte! — exclamou ele ardentemente. — Peço-lhe apenas que revele os motivos que a impedem de se defender. Sobre os fatos de hoje, nem uma palavra. Que seja. Mas seu estado de espírito, Gilberte, o fundo de sua alma, todas as coisas sobre as quais Jean d'Enneris em vão a interrogou… todas essas coisas que eu adivinho, e que conheço, Gilberte, desde que vivi junto de você aqui nesta mansão, e o segredo dos Mélamare devia aparecer pouco a pouco diante de mim, todas as coisas que eu poderia explicar, mas que é seu dever dizer, Gilberte, porque só a sua voz poderá convencer Arlette Mazolle e Régine Aubry.

Com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, ela sussurrou:

— Para quê?

— Para quê, Gilberte? Amanhã, eu soube de fonte segura, vão confrontar você com seu irmão. E se os testemunhos das duas moças forem mais hesitantes, menos categóricos, que prova real restará à Justiça?

Ela continuava prostrada. Todos aqueles argumentos deviam lhe parecer insignificantes e vãos. Ela o disse, e acrescentou:

— Não… não… de nada adiantaria… só o silêncio.

— E a morte — disse ele.

Ela ergueu a cabeça.

— A morte?

Ele se inclinou sobre ela e disse gravemente:

— Gilberte, eu me comuniquei com seu irmão. Eu lhe escrevi que salvaria vocês dois, e ele me respondeu.

— Ele lhe respondeu, Antoine? — disse ela, com os olhos brilhantes de emoção.

— Aqui está seu bilhete. Algumas palavras… leia.

Ela viu a escrita de seu irmão, e leu: "Obrigado. Espero até terça-feira à noite. Senão…".

E, meio desfalecida, ela balbuciou:

— Terça-feira… é amanhã.

— Sim, amanhã. Se de tarde, depois da sessão, Adrien não for colocado em liberdade, morrerá em sua cela. Não acha, Gilberte, que devemos fazer uma tentativa para salvá-lo?

Ela estremeceu. Arlette e Régine observaram-na com extrema compaixão. D'Enneris sentia o coração apertado. Inutilmente, tentara provocar nela a derrota da resistência e da obstinação! Agora ela estava vencida. E só então, entre lágrimas, em voz tão baixa que mal se ouvia, ela se explicou:

— Não existe nenhum segredo dos Mélamare… Admitir que existe um segredo é procurar apagar as faltas e os crimes que nossos antepassados e agora meu irmão teriam cometido… Se somos inocentes, os dois, Jules e Alphonse de Mélamare, também foram… Provas, não posso dá-las. Todas as provas estão contra nós, e não há nada a nosso favor… Mas sabemos que não roubamos… Disso sabe-se muito bem, não é? Sei que nem Adrien nem eu raptamos essas jovens aqui… e que não pegamos os diamantes nem escondemos a túnica… Nós sabemos. E sabemos também que o mesmo ocorreu com nosso avô e nosso pai. Toda a família sempre soube que os dois eram inocentes. É uma verdade sagrada que meu pai nos transmitiu. A probidade, a honra, são regras entre os Mélamare… Por mais que busquem em nossa história, não vão encontrar nenhuma fraqueza. Por que eles teriam agido, de repente, sem razão? Eram ricos e honrados. E por que meu irmão e eu iríamos, sem razão, mentir sobre nosso passado… e mentir sobre o passado de todos os nossos?

Ela se calou. Havia se expressado com uma emoção tão pungente e desesperada que imediatamente despertara a piedade das duas moças. Arlette se aproximou dela:

— E então, senhora…? E então…?

— Então — respondeu ela — somos vítimas de não sei qual maldição… Se existe algum segredo, é contra nós. No teatro, nas tragédias, aparecem

famílias que o destino persegue há muitas gerações. Há três quartos de século que somos golpeados sem dó. Talvez, no início, Jules de Mélamare tivesse podido e desejado se defender, apesar das acusações terríveis que pesavam contra ele. Infelizmente, louco de indignação e de raiva, morreu de congestão em sua cela. E vinte e cinco anos depois seu filho Alphonse já não oferecia mais a mesma resistência quando acusações diferentes, mas também terríveis, se acumularam contra ele. Perseguido de todos os lados, amedrontado por se sentir impotente, recordando-se do calvário de seu pai, suicidou-se.

Novamente Gilberte de Mélamare se calou. E de novo Arlette, que se emocionara diante dela, lhe disse:

— E então, senhora? Eu lhe imploro, continue.

E a condessa prosseguiu:

— Então nasceu uma lenda entre nós… lenda da maldição que paira sobre esta mansão, onde pai e filho viveram, e onde um e outro tinham a corda no pescoço pelo excesso de provas. Abatida, ela também, em lugar de lutar pela memória de seu marido, a viúva se refugia na casa dos pais, no campo, educa seu filho, que foi nosso pai, incute-lhe horror a Paris, faz o filho jurar jamais reabrir a mansão Mélamare, casa-o na província… e o salva da catástrofe que por sua vez também o teria esmagado.

— Que o teria esmagado? — disse Arlette. — O que você sabe disso?

— Sim — exclamou a condessa exaltada —, sim, teria sido destruído como os outros, porque a morte está aqui, nesta casa. É aqui que o mau gênio dos Mélamare nos cerca e nos aniquila. E foi para nos insurgirmos contra ele, depois da morte de nossos pais, que meu irmão e eu suportamos a lei fatal. Desde os primeiros dias, quando passamos pela porta da Rua d'Urfé, chegando da província cheios de esperança, esquecidos do passado, felizes de entrar na mansão de nossos ancestrais, desde os primeiros dias sentimos a ameaça do perigo que nos espreitava. Meu irmão, principalmente. Eu me casei, me divorciei, fui feliz e infeliz. Mas Adrien logo foi se tornando sombrio. Sua certeza era tão grande e tão dolorosa que ele resolveu não se casar. Cortando a linhagem dos Mélamare, ele conjurou a sorte e interrompeu a série de infortúnios. Seria o último dos Mélamare. Tinha medo!

— Medo de quê? — perguntou Arlette, a voz alterada.

— Do que poderia acontecer, e do que aconteceu, após quinze anos.

— Mas nada poderia fazê-lo prever?

— Não, mas o complô era tramado na sombra. Os inimigos rodeavam em torno de nós. A investida à nossa casa prosseguia e se estreitava. E bruscamente se anunciou o ataque.

— Que ataque?

— O que aconteceu há algumas semanas. Aparentemente um incidente natural, mas na verdade uma advertência terrível. Uma manhã, meu irmão percebeu que certos objetos não estavam mais lá, objetos insignificantes, um cordão de campainha, uma arandela, mas que foram escolhidos entre os mais bonitos, para mostrar que chegava a hora…

Fez uma pausa e acrescentou:

— Que chegava a hora… e a tempestade se aproximava.

Essas palavras foram pronunciadas com uma inquietação, por assim dizer, mística. Seu olhar parecia perdido. Sentia-se na atitude dela tudo aquilo que ela e seu irmão tinham sofrido esperando…

Gilberte continuou ainda mais, e suas palavras revelavam o estado de aflição e de depressão em que a "tempestade", segundo suas palavras, os havia surpreendido:

— Adrien tentou lutar. Colocou um anúncio em que reclamava os objetos desaparecidos. Desejava assim, como dizia, apaziguar o destino. Se a mansão pudesse reaver o que lhe havia sido tomado, se os objetos ocupassem de novo o lugar sagrado que ocupavam havia um século e meio, não haveria mais contra nós aquelas forças misteriosas que perseguiam a linhagem dos Mélamare. Esperança inútil. O que se pode fazer quando se está condenado de antemão? Um dia vocês duas entraram aqui, vocês, que nós nunca tínhamos visto, e nos acusaram de coisas que não compreendíamos… E foi o fim. Não havia como nos defendermos, não é? Encontramo-nos subitamente desarmados e enredados. Pela terceira vez, os Mélamare eram vencidos sem nem mesmo saber por quê. Fomos envolvidos pelas mesmas trevas que envolveram Jules e Alphonse. E o mesmo desenlace poria fim aos nossos sofrimentos… o suicídio, a morte… Essa é a nossa história. Quando se está assim, só restam a resignação e a oração. A revolta é quase um sacrilégio, porque a ordem foi dada. Mas que sofrimento! E que fardo carregamos depois de um século!

Gilberte havia chegado então ao fim de suas estranhas confidências, e logo voltou àquele torpor em que se afundara após o drama. Mas tudo o

que sua descrição apresentou de anormal e, de qualquer modo, mórbido era atenuado pela grande compaixão e pelo respeito impostos por seus infortúnios. Antoine Fagerault, que não tinha falado uma só palavra, aproximou-se dela e lhe beijou a mão com veneração. Arlette chorava. Régine, menos sensível, parecia ainda sim emocionada.

Fagerault, o salvador

Atrás da tapeçaria, Jean d'Enneris e Béchoux não haviam se mexido. Quando muito, por alguns instantes, os dedos implacáveis de d'Enneris torturavam o delegado. Aproveitando o que se poderia chamar de um entreato, ele disse a seu companheiro:

— O que você acha? As coisas se esclarecem, hein?

O delegado sussurrou:

— À medida que as coisas se esclarecem, tudo se confunde. Ficamos conhecendo o segredo dos Mélamare, mas nada mais sobre o caso, sobre o duplo rapto, sobre os diamantes.

— Justamente. Van Houben não está com sorte. Mas é preciso um pouco de paciência. O senhor Fagerault vai entrar em ação.

De fato, Antoine Fagerault deixava Gilberte e se voltava para as duas jovens. A conclusão do relato era ele mesmo quem devia dar, ao mesmo tempo que ia expor seus planos. Então, perguntou:

— Senhorita Arlette, acredita em tudo o que Gilberte de Mélamare contou, não?

— Sim.

— A senhora também? — indagou a Régine.

— Sim.

— E as duas estão prontas para agir conforme sua convicção?

E prosseguiu:

— Nesse caso, devemos nos conduzir com prudência com o único intuito de ser bem-sucedidos, isto é, libertar a condessa de Mélamare. E isso vocês podem fazer.

— Como? — perguntou Arlette.

— De maneira muito simples: atenuando seus depoimentos, acusando com menos firmeza e misturando com dúvidas afirmações vagas.

— No entanto — objetou Régine — tenho certeza de ter entrado aqui neste salão, e não posso negar isso.

— Não. Mas tem certeza de ter sido levada até aí pelo senhor e a senhora de Mélamare?

— Reconheci o anel dessa senhora.

— Como pode ter certeza? No fundo, a Justiça se apoia apenas em presunções, e a instrução não serviu para reforçar as primeiras acusações. Sabemos que o juiz está inquieto. Se a senhora consentir em dizer, com hesitação: "Este anel se parece bastante com aquele que eu vi. Mas talvez as pérolas não sejam dispostas da mesma maneira". Aí a situação pode mudar completamente.

— Mas — disse Arlette — seria preciso que a condessa de Mélamare assistisse à confrontação.

— Ela vai assistir — disse Antoine Fagerault.

Foi uma reviravolta. Gilberte se levantou, assustada.

— Devo estar lá…? É preciso que eu esteja lá?

— Será preciso — exclamou ele em tom imperioso. — Não se trata agora de desconversar ou de fugir. Seu dever é enfrentar a acusação, defender-se passo a passo, sacudir esse terror que a domina e a resignação absurda que a paralisou, e estimular seu irmão a lutar também. Dormirá aqui na mansão esta noite, retomando seu lugar como se Jean d'Enneris não tivesse cometido a imprudência de fazê-la fugir, e, quando for a hora da confrontação, deverá se apresentar. A vitória é inevitável, mas é preciso desejá-la.

— Mas vão me prender… — disse ela.

— Não!

Essa palavra foi lançada com tanta violência, e a fisionomia de Antoine Fagerault exprimia tal fé, que Gilberte de Mélamare inclinou a cabeça em sinal de obediência.

— Iremos ajudá-la, senhora — disse Arlette, que também se inflamava, e cujas circunstâncias valorizavam a mente lógica e clarividente. — Mas será que nossa boa vontade é suficiente? Uma vez que fomos conduzidas até aqui, uma depois da outra, que reconhecemos o salão e encontramos a túnica de prata naquela biblioteca, será que a Justiça poderá admitir que a

senhora de Mélamare e seu irmão não sejam culpados ou, pelo menos, cúmplices de tudo? Morando nesta mansão e não tendo saído naquelas horas, eles devem ter visto, ter assistido às duas cenas.

— Eles não viram nada, não souberam de nada — disse Antoine Fagerault. — É preciso ter em mente a disposição da mansão. No segundo andar, à esquerda, e sobre o jardim, ficam os aposentos do conde e da condessa, onde eles jantam e onde passam a noite… À direita, e sobre o jardim, o quarto dos criados… Embaixo, e no meio, ninguém, e ninguém no pátio e nas áreas comuns. Temos aí então um campo de ação inteiramente livre. Foi nesse espaço que agiram os atores das duas cenas, onde eles as ameaçaram, as duas, e por onde a senhora condessa escapou.

Ela objetou:

— É improvável.

— Improvável, com efeito, mas possível. E o que dá a essa possibilidade um caráter mais aceitável é que o enigma se coloca pela terceira vez nas mesmas condições, e há toda a probabilidade de que Jules de Mélamare, Alphonse de Mélamare e Adrien de Mélamare tenham se perdido porque a mansão dos Mélamare é disposta dessa maneira.

Arlette ergueu ligeiramente os ombros.

— Então, segundo sua hipótese, por três vezes o mesmo complô teria recomeçado com novos malfeitores, que, a cada vez, teriam constatado essa disposição?

— Malfeitores novos, sim, mas malfeitores que conhecem a coisa. Há o segredo dos Mélamare, que é um segredo de medo e de deficiência que se transmite por inúmeras gerações. Mas, por outro lado, há um segredo de cobiça e de rapina, de agressão sem perigo, que se prolonga por uma estirpe oposta.

— Mas por que essa gente viria aqui? Poderiam ter despojado Régine Aubry no automóvel, sem cometer a imprudência de transportá-la até aqui para lhe arrancar o corpete de diamantes.

— Imprudência, não, mas precaução, a fim de que outros fossem acusados, e que eles permanecessem impunes.

— Mas eu não fui roubada, e ninguém poderia me roubar, porque não tenho nada de valor.

— Aquele homem talvez a tenha perseguido por amor.

— E também por esse motivo teria me trazido para cá?

— Sim, para lançar as suspeitas sobre os outros.

— Será um motivo suficiente?

— Não.

— Então?

— Então existe o ódio, a possível rivalidade entre duas linhagens, uma das quais, por razões desconhecidas, se acostumou a oprimir a outra.

— O senhor e a senhora de Mélamare saberiam disso?

— Não. É justamente isso que constitui sua inferioridade e que, fatalmente, provoca sua derrota. Os adversários caminham paralelamente durante um século. Mas uns ignoram os outros, e estes, que sabem, agem e conspiram. Em consequência, os Mélamare são levados a invocar a intervenção de uma espécie de mau gênio que os persegue, enquanto o que há é uma espécie de pessoas que, por tradição, por hábito, sucumbem à tentação, aproveitam-se do campo de ação que lhes é oferecido, realizando aqui sua tarefa, e deixam voluntariamente provas de sua passagem… como essa túnica de prata. Assim, os Mélamare serão acusados. E assim as vítimas, como você, Arlette Mazolle, e como Régine Aubry, reconhecerão o lugar onde foram trancadas.

Arlette não parecia satisfeita. A explicação, se bem que apresentada com habilidade e correspondendo estranhamente à situação exposta por Gilberte, tinha alguma coisa de "forçada", deparava-se com tantos argumentos contrários e deixava à sombra tantos fatos essenciais que não se podia adotá-la sem resistência. Mas, de qualquer modo, era uma explicação e, em muitos aspectos, dava a impressão de não estar longe da verdade.

— Seja — disse ela. — Mas isso que imagina…

— Ele retificou:

— Isso que eu afirmo.

— Isso que afirma, a Justiça não pode admitir ou rejeitar sem que seja avisada. Quem faria isso? Quem terá tanta convicção e sinceridade para fazê-la primeiro ouvir, e depois acreditar?

— Eu — disse ele ousadamente. — E somente eu posso fazer isso. Vou me apresentar amanhã com a senhora de Mélamare, como seu antigo amigo, e até direi, sem nenhuma vergonha, que não seria só amigo se ela tivesse aceitado minha proposta e os sentimentos que eu experimentava por ela. Direi ainda que, após uma longa viagem, realizada em seguida à sua recusa, voltei a Paris no momento em que suas provações começavam, que

jurei a mim mesmo estabelecer sua inocência e a de seu irmão, que descobri seu refúgio e a persuadi a me deixar vir com ela. E, quando os magistrados já estiverem abalados por seus depoimentos menos categóricos e pelas dúvidas de Régine Aubry, então reafirmarei as confidências de Gilberte, revelarei o segredo dos Mélamare e estabelecerei as conclusões que deverão ser tiradas. O sucesso é certo. Mas como você pode ver, senhorita Arlette, cabe a você e a Régine Aubry darem o primeiro passo. Se vocês não estiverem francamente convencidas, se não se ativerem apenas para as contradições e insuficiências de minhas explicações, olhem para Gilberte de Mélamare e se perguntem se essa mulher poderia ser uma ladra.

Arlette não hesitou. E declarou:

— Amanhã vou depor de acordo com suas instruções.

— Eu também — concordou Régine.

— Mas tenho muito medo, senhor — disse Arlette —, de que o resultado não seja conforme seu desejo… nosso desejo.

Ele concluiu, tranquilamente:

— Respondo por tudo. Adrien de Mélamare talvez não saia da prisão amanhã à tarde. Mas as coisas vão correr de tal maneira que a Justiça não ousará deter a senhora de Mélamare, e seu irmão vai ter esperança suficiente para viver até a hora de sua libertação.

Gilberte estendeu-lhe a mão novamente.

— Eu lhe agradeço mais uma vez, fui ingrata com você há tempos, Antoine. Não me queira mal.

— Nunca lhe quis mal, Gilberte, e me sinto muito feliz em poder ajudar sua causa. Faço isso pelas lembranças do passado. Faço também porque é justo, e porque…

E falou mais baixo, com um ar sério:

— Há certos atos que realizamos com mais entusiasmo quanto aos olhos de certas pessoas. Parece que esses atos, embora muito naturais, tomam um ar de proeza, e ajudarão a ganhar a estima e o afeto daqueles que nos veem agir.

Essa pequena tirada foi dita com muita simplicidade, sem nenhuma afetação e voltada para Arlette. Mas a localização dos personagens na sala, nesse momento, não permitia que d'Enneris visse o rosto deles, e ele pensou que a declaração se dirigisse a Gilberte de Mélamare.

Por um segundo apenas ele suspeitou da verdade, o que valeu a Béchoux uma dor intolerável entre as duas omoplatas. Jamais o brigadeiro teria pensado que dedos pudessem dar aquela impressão de tenazes. Por felicidade, isso durou pouco.

Antoine Fagerault não insistiu. Chamando o casal de velhos criados, deu-lhes instruções minuciosas sobre o papel que deviam desempenhar no dia seguinte e as respostas que deviam dar. A suspeita de d'Enneris se dissipou.

Eles escutaram ainda por alguns minutos. Mas parecia que a conversa havia terminado. Régine se propunha a levar Arlette.

— Vamos embora — murmurou d'Enneris. — Essa gente não tem mais nada a dizer.

E partiu, irritado com Antoine Fagerault e com Arlette. Atravessou o toucador e o vestíbulo com o desejo de ser ouvido, a fim de poder exprimir seu mau humor.

De qualquer modo, uma vez lá fora, desabafou sobre Van Houben, que pulou na sua frente para reclamar seus diamantes e foi rapidamente afastado com um vigoroso empurrão.

Béchoux não teve melhor sorte quando desejou dar sua opinião.

— Afinal, aquele homem não é antipático.

— Idiota! — rosnou d'Enneris.

— Por que idiota? Não admite uma certa sinceridade nele? Sua hipótese…

— Idiota ao quadrado!

O delegado acabou por ceder.

— Sim, eu sei, houve o nosso encontro na loja do Trianon, a troca de olhares dele com a vendedora e o sumiço desta. Mas não acha que tudo isso pode se esclarecer?

D'Enneris não discutiu. Logo que saíram do jardim, ele se desembaraçou de seus dois parceiros e correu para um táxi. Van Houben, persuadido de que ele levava seus diamantes, tentou retê-lo, mas recebeu um golpe direto que pôs fim ao conflito. Dez minutos mais tarde Jean se estendia em seu sofá.

Era a sua tática nas horas de muita agitação, quando não se sentia mais dono de si e receava cometer alguma besteira. Se tivesse se deixado levar pelo primeiro impulso, teria entrado furtivamente na casa de Arlette

Mazolle e, depois de exigir uma explicação da jovem, a teria prevenido contra Antoine Fagerault. Expedição inútil. O essencial era primeiro recordar todas as fases da conversa e formar uma opinião que não fosse imposta por simples impressões de amor-próprio e de um vago ciúme.

"Ele tem todos eles na mão", pensava com irritação, "e creio mesmo que teria me envolvido nisso também, como os outros, se não fosse o incidente do Trianon… E depois, não, não, é muito idiota a sua história…! A Justiça pode se impressionar. Eu não! Isso não tem consistência. Mas então o que será que ele quer? Por que se devota aos Mélamare? E como teve a ousadia de sair da sombra e se colocar na frente do caso, como se não tivesse nada a temer? Vão fazer investigações sobre ele, vão vasculhar sua vida, e mesmo assim ele continua…?"

D'Enneris se enfurecia também com a fato de Antoine Fagerault se insinuar tão diretamente para Arlette e que tivesse conseguido sobre ela, por meios que não conseguia distinguir, uma influência incompreensível que se contrapunha à sua, e que se revelava tão forte que a moça tinha agido sem se comunicar com ele, e mesmo em oposição a ele. Isso tudo era para d'Enneris uma humilhação que o fazia sofrer.

No dia seguinte, à tarde, Béchoux chegou, muito agitado.

— É isso!

— O quê?

— A Justiça aceitou tudo.

— Como você.

— Como eu? Como eu, não… Mas confesso…

— Que foi ludibriado como os outros, e que Fagerault o fez tomar gato por lebre. Conte.

— Tudo se passou na ordem fixada. Acareação. Interrogatório. Por suas reticências e negações, Arlette e Régine desconcertaram o juiz de instrução. E então entraram em cena a condessa e Fagerault, e o programa continuou.

— Com Fagerault como ator.

— Sim, ator irresistível, de uma eloquência! De uma habilidade!

— Passemos adiante. Conheço o indivíduo, não passa de um cabotino de primeira ordem.

— Eu lhe asseguro…

— Conclusão: improcedente? O conde será libertado?

— Amanhã ou depois.

— Que espeto para você, meu pobre Béchoux! Porque você é o responsável pela prisão! A propósito, como Arlette se comportou? Sempre influenciada por Fagerault?

— Eu a ouvi anunciar sua partida à condessa — disse Béchoux.

— Sua partida?

— Sim, ela vai descansar uns tempos na casa de amigos no campo.

— Muito bem — disse Jean, a quem essa notícia agradou. — Até logo mais, Béchoux. Trate de me conseguir informações sobre Antoine Fagerault e sobre a velha do Trianon. E deixe-me dormir.

O sono de d'Enneris, durante uma semana, consistiu em fumar cigarros, e só foi interrompido por Van Houben, que lhe reclamou seus diamantes e o ameaçou de morte; por Régine, que ficou sentada a seu lado em silêncio para não perturbar o sossego do amigo; e por Béchoux, que falou por telefone e lhe leu esta ficha:

"Fagerault: 29 anos, segundo seu passaporte. Nascido em Buenos Aires de pais franceses, falecidos. Há três meses em Paris, onde mora no Hotel Mondial, Rua de Châteaudun. Sem profissão. Algumas relações no mundo das corridas de cavalo e dos automóveis. Nenhuma indicação sobre sua vida íntima nem sobre seu passado."

Mais uma semana e d'Enneris não saiu de casa. Refletia. De vez em quando esfregava as mãos com alegria, ou então andava de um lado para outro com ar preocupado. Por fim, um dia, recebeu novo telefonema.

Era Béchoux, que lhe ligava com voz trêmula:

— Venha logo. Nem um instante a perder. Encontre-me no Café Rochambeau, no alto da Rua La Fayette. É urgente.

A batalha começava, e d'Enneris lá se foi alegremente, como um homem de ideias mais claras e a quem a situação parecia menos confusa.

No Café Rochambeau, sentou-se junto de Béchoux, que, instalado perto da vidraça, vigiava a rua.

— Suponho que você não tenha me chamado por ninharias, hein?

Béchoux, que em casos de sucesso se enchia de importância e se estendia em palavreado pomposo, começou:

— Paralelamente às minhas investigações…

— Chega de palavrório, meu velho. Aos fatos.

— Então, a loja da velha Trianon teimando em permanecer fechada…

— Uma loja não teima. Eu lhe aconselho o estilo telegráfico…

— Então a loja…

— Já disse isso.

— Ah! Você me atormenta.

— Aonde você quer chegar?

— Quero lhe dizer que o contrato de aluguel dessa loja está no nome de uma tal senhorita Laurence Martin.

— Veja que não há necessidade de fazer discurso. E essa Laurence Martin é a nossa vendedora?

— Não. Procurei o tabelião. Laurence Martin não tem mais de 50 anos.

— Então ela subalugou ou colocou alguém em seu lugar?

— Justamente, ela teria colocado a vendedora… que, pelo que acredito, seria sua irmã…

— Onde mora essa aí?

— Impossível saber. O contrato data de doze anos, e o endereço indicado não é mais aquele.

— Como ela paga o aluguel?

— Por intermédio de um senhor muito velho, que manca. Eu estava, no entanto, confuso quando, nesta manhã, as circunstâncias me ajudaram.

— Bom para você. Em resumo…?

— Em resumo, nesta manhã, na chefatura, descobri que uma certa senhora tinha oferecido cinquenta mil francos ao senhor Lecourceux, conselheiro municipal[3], para que ele mudasse as conclusões de um relatório que deveria apresentar. O senhor Lecourceux, que desfruta de uma reputação muito ambígua e que, após um escândalo recente, procura se reabilitar, comunicou imediatamente o caso à polícia. A entrega do dinheiro para essa senhora deve ocorrer agora no escritório onde o senhor Lecourceux fica todos os dias à disposição de seus eleitores. Dois agentes já se acham escondidos em um aposento vizinho, de onde poderão constatar a tentativa de corrupção.

— A mulher deu seu nome?

— Ela não deu, mas por acaso há algum tempo o senhor Lecourceux teve relações com ela, fato de que ela não deve mais se lembrar.

— E trata-se de Laurence Martin?

— Laurence Martin.

D'Enneris comemorou.

— Perfeito. O elo de cumplicidade que une Fagerault e a velha Trianon se estende agora até Laurence Martin. Ora, tudo aquilo que comprova a velhacaria do senhor Fagerault me dá prazer. E onde fica o escritório do conselheiro municipal?

— No edifício em frente, no mezanino. Duas janelas apenas. No fundo, uma pequena sala de espera, que dá, assim como o escritório, para um vestíbulo.

— É tudo o que você tem para me dizer?

— Não. Mas o tempo voa. Faltam cinco minutos para as duas, e…

— Fale logo. Não se trata de Arlette?

— Sim.

— Hein? O que é que há?

— Eu a vi ontem, a sua Arlette — disse Béchoux com um tom de ironia na voz.

— Como! Mas você não tinha me dito que ela havia saído de Paris?

— Não saiu.

— E você a encontrou? Tem certeza?

Béchoux não respondeu. Levantou-se bruscamente e se encostou na vidraça.

— Atenção! Aí está Laurence…

De fato, do outro lado da rua uma mulher descia de um táxi e pagava o motorista. Era alta e vestida de uma maneira vulgar. Seu rosto parecia duro e impassível. 50 anos, talvez. Desapareceu no corredor de entrada, cuja porta ficou escancarada.

— É ela, evidentemente — disse Béchoux, que se dispunha a sair.

D'Enneris o deteve pelo braço.

— Por que esse risinho?

— Você está louco! Não estou rindo.

— Sim, a propósito de Arlette.

— Mas é preciso correr ali na frente, que diabo!

— Não vou soltar você enquanto não me responder.

— Pois bem, Arlette esperava alguém em uma rua perto de sua casa.

— Quem?

— Fagerault.

— Está mentindo!

— Eu a vi. Foram embora juntos.

Béchoux conseguiu se soltar e atravessou a rua. Mas não entrou na casa. Estava hesitante.

— Não — disse ele. — Vamos esperar aqui. É preferível seguir Laurence, no caso de ela evitar a armadilha que a espera lá em cima. O que acha?

— Pouco me importa — replicou d'Enneris, cada vez mais excitado. — Trata-se de Arlette. Você subiu para falar com a mãe dela?

— Ora!

— Escute, Béchoux, se não me responder, vou alertar Laurence. Você viu a mãe de Arlette?

— Arlette não saiu de Paris. Sai todos os dias, voltando apenas para jantar.

— Mentira! Diz isso para me aborrecer… Conheço Arlette… Ela seria incapaz…

Passaram-se sete minutos. D'Enneris se calara, mas andava de um lado para outro na calçada, batendo o pé e trombando com os transeuntes. Béchoux vigiava, de olhos fixos na entrada. E, de repente, viu a mulher que saía. Ela os examinou com um olhar, depois se afastou rapidamente em outra direção, com visível preocupação.

Béchoux foi em seu encalço. Mas, logo que chegou diante de uma escada do metrô, ela se precipitou ali dentro e conseguiu que picotassem seu bilhete no momento em que um trem chegava na estação. Béchoux estava distante. Pensou em telefonar para a estação vizinha, mas achou que era perda de tempo e abandonou a ideia.

— Que diabo! — disse ele, juntando-se a d'Enneris.

— Claro! — zombou este, contente com a decepção de Béchoux. — Você fez exatamente o contrário do que devia fazer.

— O que é que eu devia fazer?

— Entrar na casa do senhor Lecourceux desde o início e se ocupar você mesmo da detenção de Laurence. Em vez disso, ficou me aborrecendo com Arlette, respondendo às minhas perguntas, hesitou e, no fim das contas, é o responsável pelo que aconteceu lá em cima.

— O que aconteceu?

— Vamos ver. Mas, verdade, você tem uma maneira de trabalhar!

Béchoux subiu correndo até o mezanino do conselheiro municipal. Lá só encontrou tudo em desordem e tumulto. Os dois inspetores

encarregados de vigiar gritavam e se agitavam como loucos. A zeladora do imóvel havia subido e gritava. Os locatários correram para lá.

No meio de seu escritório, estendido sobre um sofá, o senhor Lecourceux agonizava, com um buraco na testa e o rosto banhado de sangue. Morria sem dizer uma palavra.

Em poucas palavras, os inspetores puseram Béchoux a par do que se passara. Tinham ouvido Laurence Martin renovar suas propostas em relação a certo relatório e contar o dinheiro, e se apressavam para entrar no escritório quando o senhor Lecourceux, muito apressado, cometeu o erro de chamá-los. Adivinhando o perigo, a mulher devia ter empurrado a tranca, pois eles deram com a porta fechada.

Procuraram então cortar-lhe a retirada passando pelo vestíbulo. Mas a segunda porta também estava fechada, se bem que não pudesse ter sido fechada pelo lado de fora, nem à chave nem com a tranca. Eles usaram todas as suas forças. Nesse momento, ouviu-se um tiro.

— A mulher de Martin já estava do lado de fora, no entanto — objetou Béchoux.

— Assim, não foi ela que o matou — replicou um dos inspetores.

— Quem foi, então?

— Não pode ser outro senão um velho mal-encarado que vimos sentado em um banco do vestíbulo. Ele tinha pedido audiência, e o senhor Lecourceux só devia recebê-lo após a visita da mulher.

— Um cúmplice, sem dúvida nenhuma — disse Béchoux. — Mas como ele teria fechado a segunda porta?

— Com um pedaço de ferro enfiado por baixo dela, travando-a. Impossível empurrar totalmente — disse o inspetor.

— E o que aconteceu com ele? Ninguém o viu mais?

— Sim, eu — disse a zeladora. — Quando ouvi o estampido, pulei da portaria. Um velho que descia me disse tranquilamente: "Estão brigando lá em cima. Suba depressa". Provavelmente foi ele mesmo que disparou o tiro. Mas como eu poderia suspeitar? Um velhote alquebrado… que mal conseguia ficar em pé… e que manca.

— Que manca? — exclamou Béchoux. — Tem certeza?

— Absoluta, manca bastante até.

— É o cúmplice de Laurence Martin. Vendo-a em perigo, ele acabou com o senhor Lecourceux.

D'Enneris ouvira tudo, examinando pelo canto dos olhos as pastas de dossiês amontoadas na escrivaninha. Perguntou:

— Você sabe de que relatório se trata e que Laurence Martin desejava obter?

— Não. O senhor Lecourceux ainda não havia esclarecido. Mas tratava-se de conseguir que um dos relatórios dos quais o conselheiro municipal era encarregado fosse modificado em certo sentido.

D'Enneris lia os títulos: "Relatório sobre os matadouros… Relatório sobre o mercado central… Relatório sobre o prolongamento da Rua Vieille-du-Marais… Relatório…".

— E o que você pensa? — disse Béchoux, que ia e vinha, aborrecido com aquilo. — É um negócio sujo, hein?

— Que negócio?

— Esse assassinato, ora…

— Já disse que pouco me importa toda essa história! Que quer que eu faça se esse beberrão foi morto e se você lidou com tudo isso como um cabeçudo?

— No entanto — observou Béchoux —, se Laurence Martin é uma assassina, Fagerault, que você acha que é seu cúmplice…

D'Enneris disse entre os dentes, com ar furioso:

— Fagerault é um assassino também… Fagerault é um bandido… Coitado do Fagerault se algum dia cair nas minhas mãos, e vai cair, tão certo como eu me chamar…

Ele se interrompeu bruscamente, colocou o chapéu e saiu rapidamente.

Um carro o conduziu à Rua Verdrel, casa de Arlette. Eram dez para as três.

— Ah, senhor d'Enneris! — exclamou a senhora Mazolle. — Faz tempo que não o vemos! Arlette vai ficar desolada.

— Ela não está?

— Não. Ela vai passear todos os dias, mais ou menos a esta hora. É uma pena que não a tenha encontrado.

---

[3] Cargo que, no Brasil, equivale ao de vereador. O Conselho Municipal é o equivalente à nossa Câmara Municipal ou de Vereadores. (N.T.)

Os Martin, incendiários

Arlette e sua mãe se pareciam muito uma com a outra. Mas, embora desgastado pela idade e pelas preocupações, o rosto da senhora Mazolle, pelo que lhe restava de frescor e de expressão, dava a perceber que ela havia sido ainda mais bonita que a filha. Para criar seus três filhos, e para esquecer o sofrimento que a conduta das duas mais velhas lhe havia causado, ela tinha trabalhado incansavelmente, e ainda trabalhava na restauração de rendas antigas, obra que executava com tanta perfeição que conquistara um pequeno conforto.

D'Enneris entrou no pequeno apartamento, luzindo de limpeza, e disse:

— A senhora acha que ela ainda vai demorar?

— Não sei ao certo. Arlette, depois do que lhe aconteceu, não me conta mais o que faz. Tem sempre medo de que eu me zangue, e todo o barulho que se faz em torno do caso a deixa aflita. No entanto, ela me diz que vai ver uma modelo que está doente, uma jovem que foi recomendada a ela por carta, esta manhã. Sabe o quanto Arlette é boa, e se ocupa com suas companheiras!

— E onde mora essa jovem?

— Não sei seu endereço.

— Pena! Eu ia ficar muito contente de conversar com Arlette!

— Mas é fácil. Ela jogou esta carta no cesto, com seus papéis velhos, e justamente eu ainda não os tinha queimado… Tome… deve ser isto. Sim. Eu me lembro. Cécile Helluin… na Levallois-Perret, 14, boulevard de Courcy. Arlette deverá chegar lá às quatro horas.

— Sem dúvida ela vai se encontrar com o senhor Fagerault?

— Que ideia! Arlette não gosta de sair com nenhum senhor. E depois o senhor Fagerault vem sempre aqui.

— Ah, ele vem sempre? — disse d'Enneris, com a voz crispada.

— Quase todas as noites. Eles conversam sobre todos os assuntos que interessam tanto a Arlette, o senhor sabe… a caixa da seguradora. O senhor Fagerault lhe ofereceu grandes somas. E então eles escrevem cifras… estabelecem planos.

— Então ele é rico, o senhor Fagerault?

— Muito rico.

A senhora Mazolle falava com toda a naturalidade. Era claro que sua filha, querendo poupá-la de emoções, não a mantinha ao corrente do caso Mélamare. D'Enneris acrescentou, então:

— Rico e simpático…

— Muito simpático — afirmou a senhora Mazolle. — É muito atencioso com a gente.

— Um casamento… — disse ele, esboçando um sorriso.

— Ah, senhor d'Enneris, não zombe. Arlette não pode pretender…

— Quem sabe!

— Não, não. Em primeiro lugar, Arlette não é gentil com ele sempre. Ela mudou muito, minha pequena Arlette, depois de todos aqueles acontecimentos. E se tornou mais nervosa, um pouco caprichosa. Sabe que ela brigou com Régine Aubry?

— Será possível? — exclamou d'Enneris.

— Sim, e sem motivos, ou pelo menos por motivos que ela não me contou.

Esse desentendimento surpreendeu d'Enneris. O que teria acontecido então?

Trocaram mais algumas palavras. Porém, d'Enneris tinha pressa de agir e, como ainda era cedo demais para se encontrar com Arlette na casa dessa amiga, ele seguiu imediatamente para a residência de Régine Aubry, que saía no momento exato em que ele chegava e que lhe respondeu rapidamente:

— Se eu estou brigada com Arlette? Palavra que não. Mas ela pode estar.

— Afinal, o que aconteceu?

— Uma noite, fui visitá-la. Estava lá Antoine Fagerault, o amigo dos Mélamare. Conversamos. Duas ou três vezes Arlette não se mostrou amável comigo. Então eu me despedi, sem compreender.

— Nada além disso?

— Nada. Apenas, d'Enneris, se tem tanto interesse em Arlette, não se afaste muito dela, e desconfie de Fagerault. Ele me pareceu muito afoito, e Arlette não totalmente indiferente. Adeus, Jean.

Assim, para todos os lados que d'Enneris se voltava, era para tomar conhecimento das relações que uniam Arlette e Fagerault. O despertar foi brusco. Ele de repente se deu conta de que Antoine Fagerault havia envolvido a jovem, e ao mesmo tempo compreendeu que Arlette ocupava na mente dele, d'Enneris, um lugar considerável.

Mas, então, se Fagerault sem dúvida perseguia e amava Arlette, será que ela também o amava? Problema doloroso. Que essa questão simplesmente pudesse ser formulada parecia a d'Enneris a pior das injúrias para Arlette e, para ele, uma humilhação intolerável.

E essa questão surgia na efervescência de um sentimento em que seu orgulho ferido fazia do primeiro golpe o próprio princípio de sua vida.

"Quinze para as quatro", ele se disse, abandonando seu carro a alguma distância do endereço indicado. Ela viria sozinha? Fagerault a acompanharia?

O boulevard de Courcy tinha sido aberto recentemente em Levallois-Perret, fora da aglomeração operária e em meio a terrenos baldios próximos do Sena, onde subsistiam inúmeras pequenas fábricas e estabelecimentos particulares. Entre dois longos muros de tijolos corre uma alameda estreita e lamacenta, na extremidade da qual se vê o número 14 escrito com piche sobre um muro meio destruído.

Alguns metros de corredor a céu aberto, cheios de pneus velhos e chassis de automóveis descartados, ladeiam uma espécie de garagem de madeira marrom, com uma escada externa que sobe até as águas-furtadas, onde ficam as duas únicas janelas dessa fachada. Embaixo da escada, uma porta com a palavra "Bater".

D'Enneris não bateu. Na verdade, hesitava. A ideia de esperar Arlette ali fora lhe parecia mais lógica. Mas, além disso, o que também o impedia era uma impressão mal definida que se insinuava nele. O endereço lhe parecia tão estranho, e era tão estranho que uma moça doente pudesse

morar em um desses sótãos, em cima daquela garagem isolada, que de repente ele teve o pressentimento de alguma cilada armada para Arlette e que lhe lembrava a quadrilha sinistra que agia em torno daquele caso e que multiplicava seus ataques com uma rapidez inconcebível. Logo depois do meio-dia, tentativa de corrupção e assassinato do conselheiro municipal. Duas horas depois, maquinação contra Arlette que a atrai a uma cilada. Como agentes de execução, Laurence Martin, a velha Trianon e o velhote que mancava. Como chefe, Antoine Fagerault.

Tudo aquilo se apresentava a ele de uma maneira tão rigorosa que suas dúvidas logo se dissiparam e, não imaginando que os cúmplices já pudessem estar ali, pois nenhum barulho vinha do interior, concluiu que o mais simples era entrar e se colocar ele mesmo à espreita.

Com todo o cuidado, tentou abrir. A porta estava fechada a chave, o que confirmou sua certeza de que não havia ninguém.

Ousadamente, sem nem mesmo prever os riscos de um possível embate, abriu a fechadura, cujo mecanismo não era muito complicado, empurrou a porta e enfiou a cabeça. Ninguém, com efeito. Ferramentas. Peças soltas. Dezenas de tambores de gasolina empilhados uns sobre os outros. Em suma, uma oficina de consertos que parecia abandonada e transformada em depósito de gasolina.

Ele empurrou mais um pouco. Seus ombros passaram. Empurrou mais ainda. E subitamente teve a sensação de que um choque formidável o atingiu no peito. Era um braço de metal, fixado em uma divisória e acionado por uma mola, e que, assim que a porta abrisse até certa posição, se soltava e golpeava com uma violência inaudita.

Durante alguns segundos d'Enneris se sentiu sufocado e cambaleou, perdendo assim seus meios de resistência. Foi o suficiente para os adversários, que estavam de tocaia, escondidos atrás de uma pilha de tambores. E, se bem que não fossem mais do que duas mulheres e um velhote, não perderam tempo e lhe amarraram os braços e as pernas, depois o amordaçaram e o puseram sentado em uma bancada de ferro, prendendo-o firmemente.

D'Enneris não se enganara em suas suposições: uma tocaia fora preparada contra Arlette, e foi ele o primeiro a cair na armadilha. Reconheceu a velha do Trianon e Laurence Martin. Quanto ao velhote, não mancava, mas sua perna se curvava um pouco para trás, e ele devia se

aproveitar disso para se fingir de coxo quando lhe interessava. Era de fato o assassino do conselheiro municipal.

Os três cúmplices não manifestaram nenhuma excitação. Deviam estar acostumados com aquelas tarefas rudes, e o fato de terem evitado a ofensiva imprevista de d'Enneris devia ser para eles um incidente completamente natural, ao qual não atribuíam a importância de uma vitória.

A velha Trianon se curvou sobre ele e voltou para junto de Laurence Martin. Elas travaram uma conversa, da qual d'Enneris só percebeu algumas palavras.

— Você acha mesmo que é esse o sujeito?

— Sim, é o sujeito que apareceu em minha loja.

— Jean d'Enneris, então — murmurou Laurence Martin —, um sujeito perigoso para nós. É provável que ele estivesse com Béchoux na calçada da Rua La Fayette. Felizmente estávamos vigilantes e eu ouvi seus passos se aproximando! Portanto, com certeza tinha um encontro com a pequena Mazolle!

— O que vai fazer com ele? — sussurrou a vendedora, certa de que d'Enneris não podia ouvir suas palavras.

— Isso nem se discute — disse Laurence, surdamente.

— Hein?

— Diabo! Tanto pior para ele.

As duas mulheres se olhavam. Laurence mostrava uma fisionomia intratável, de uma energia sombria. E acrescentou:

— Também, por que se mete em nossos negócios, esse aí? Primeiro na loja… e depois na Rua La Fayette… e depois aqui… Verdade, ele sabe muita coisa sobre nós e pode nos entregar. Pergunte a papai.

Não era necessário pedir a opinião daquele a quem Laurence Martin chamava de papai. As soluções mais terríveis deviam ser decididas junto àquele velhote de expressão severa, olhos apagados, pele ressecada pela idade, um aliado firme. Ao vê-lo começar seus preparativos ainda para ele inexplicáveis, d'Enneris imaginou que "papai" já o havia condenado à morte, e que o mataria friamente como tinha matado o senhor Lecourceux.

Menos despachada, a vendedora parlamentou em voz baixa. Laurence se impacientou e soltou brutalmente:

— Chega de besteiras! Você é sempre pelas meias medidas. É preciso fazer o necessário. Ou ele ou nós.

— Poderíamos deixá-lo trancado.

— Você é louca. Um sujeito como esse!

— Então…? Como…?

— Como a pequena, que diabo…

Laurence prestou atenção, depois deu uma olhada para fora, por um buraco na divisória de madeira.

— Lá vem ela… na ponta da alameda… E agora cada um faz seu papel, estamos combinados?

Os três se calaram. D'Enneris os via de frente e notou em todos uma semelhança muito grande, que se revelava principalmente pela mesma expressão resoluta. Eram evidentemente ativos no mundo do crime e dos golpes, seres acostumados à iniciativa e à execução. D'Enneris não duvidava nada de que as duas mulheres fossem irmãs e que o velhote fosse o pai delas. Este, sobretudo, assustava o cativo. Ele não dava a impressão de ter uma vida real, mas sim de uma vida automática, fabricada e se revelando por gestos comandados de antemão. A cabeça apresentava ângulos bruscos, e superfícies rígidas. Nada de maldade nem de crueldade. Dir-se-ia um bloco de pedra talhado apenas em esboço.

Contudo, bateram, como mandava a inscrição.

Laurence Martin, que espiava pela porta, abriu e, deixando a visita de fora, assumiu uma entonação feliz e de reconhecimento.

— Senhorita Mazolle, não? Que gentileza a sua em se incomodar! Minha filha está lá em cima, bem doente. Deve subir… ela vai ficar contente em vê-la! A senhorita esteve em um ateliê de costura, há dois anos, de Lucienne Oudart. Não se lembra? Ah, ela não se esqueceu da senhorita!

Arlette respondeu com uma voz que não se ouvia bem. Era clara e fresca, e não traía a menor apreensão.

Laurence Martin saiu para conduzi-la até em cima. A vendedora gritou lá de dentro:

— Quer que eu a acompanhe?

— Não é necessário — disse Laurence, em um tom que significava: "Não preciso de ninguém… sou forte o suficiente para isso".

Ouviu-se o rangido dos degraus sob os passos. Cada um deles aproximava Arlette do perigo, da morte.

D'Enneris, no entanto, ainda não sentia um receio muito grande. O fato de que não o tinham matado imediatamente indicava que a execução do plano criminoso exigia alguns detalhes, e toda demora trazia um pouco de esperança.

Após um momento, os degraus rangeram de novo e Laurence Martin entrou.

— Está feito — anunciou ela. — E facilmente. Ela virou os olhos quase imediatamente.

— Tanto melhor — disse a vendedora. — Tanto melhor se ela não acordar logo. Assim, só perceberá a coisa no último momento.

D'Enneris estremeceu. Nenhuma frase podia anunciar de uma maneira mais formal o desenlace desejado pelos cúmplices e os prováveis sofrimentos. E seu pressentimento foi imediatamente confirmado por um acesso de revolta que de repente sacudiu a velha Trianon.

— Por que isso, enfim? Não era preciso fazê-la sofrer, pobrezinha! Por que não acabar logo com ela? O senhor também não acha, papai?

Tranquilamente, Laurence mostrou um pedaço de corda.

— Fácil. É só passar isso em seu pescoço… a menos que você prefira cortar sua garganta — propôs ela, oferecendo-lhe um pequeno punhal. — Não me encarrego dessas coisas, porque isso não se faz a sangue-frio.

A velha Trianon não deu mais palpite algum, e na hora em que saíram não disseram mais nada. Mas, sem demora, e já que, lá em cima, Arlette estava reduzida à impotência, "papai", como elas o tratavam entre si, continuava seus afazeres, agindo de tal maneira que a terrível ameaça tomava corpo, e a realidade se impunha a d'Enneris, inexorável e monstruosa.

Em volta da oficina, o velho tinha colocado duas fileiras de tambores de gasolina, todos cheios, como se percebia por seu esforço. Ele destampou vários deles e espalhou gasolina pelas paredes e pelo chão de madeira, a não ser, em um espaço de três metros, o trecho que levava até a porta. Reservara assim uma passagem que conduzia ao meio da oficina, local em que empilhara outros tambores.

Em um desses tambores ele enfiou a longa corda trazida por Laurence Martin, que estendeu até a porta. O velhote desfiou a outra extremidade,

tirou do bolso uma caixa de fósforos e pôs fogo na mecha. Depois que o fogo pegou bem, ele se levantou.

Tudo isso fora feito metodicamente por um homem que, ao longo de sua carreira, devia ter feito muitas tarefas do mesmo gênero, que lhe davam prazer não tanto pelo ato em si, mas pela perfeição com que o desempenhava. De certo modo, era "banal". Nada fora deixado ao acaso, e aos três cúmplices só restava ir embora calmamente.

Foi o que fizeram, depois de terem virado a chave na fechadura atrás deles. Haviam armado outra vez o mecanismo. Inevitavelmente, o diabólico trabalho se completava. O barracão se incendiaria como um monte de madeira seca, e Arlette desapareceria sem que nunca mais fosse possível identificar nenhum vestígio calcinado que pudesse ser encontrado entre as cinzas. Alguém poderia supor que o incêndio tivesse sido voluntário?

A mecha queimava. D'Enneris calculou que a catástrofe ocorreria em dez ou quinze minutos.

Desde o primeiro instante ele havia começado o cansativo trabalho de tentar sua libertação, contraindo, distendendo e expandindo seus músculos. Mas os nós tinham sido dados com tanta força que todo esforço de sua parte os apertava ainda mais, enquanto os laços penetravam em sua carne. Apesar de toda a sua extraordinária habilidade, apesar de todos os exercícios desse gênero que ele havia realizado ao prevenir circunstâncias semelhantes, já não imaginava poder se livrar a tempo. A não ser por um milagre impossível, a explosão aconteceria.

Era um suplício. Desesperado por ter-se deixado agarrar estupidamente e não poder fazer nada, desesperado por saber que a infeliz Arlette estava à beira do abismo, enfurecia-se também por não compreender o que significava toda aquela aventura. A ligação entre Antoine Fagerault e os três cúmplices fazia parte, por tantos motivos formais, daquelas verdades que não se pode discutir. Mas por que Fagerault, chefe da quadrilha, e da qual o velhote não era mais do que o agente de execução, por que Fagerault teria ordenado aquele abominável assassinato? Seus planos, que pareciam até aqui estabelecidos para incluir a conquista amorosa da moça, teriam sido alterados a ponto de comportar a morte dela?

A mecha queimava. A pequena serpente de fogo caminhava em direção ao alvo, seguindo a linha impiedosa que nada poderia desviar. Lá em cima, Arlette, desacordada, impotente. Ela só despertaria com as primeiras

chamas.

"Sete minutos ainda, seis minutos…", pensava d'Enneris com pavor.

Se ao menos tivesse conseguido afrouxar um pouco seus laços. Mas sua mordaça caiu. Poderia gritar. Poderia chamar Arlette e lhe confessar toda a doçura de sentimentos que nutria por ela, tudo o que havia de fresco e de espontâneo nesse amor que ele tinha ignorado e de que só tivera consciência profunda naquele instante em que tudo desmoronava em torno dele. Mas de que adiantavam palavras? De que adiantava, se ela dormia, informá-la da horrível ameaça e da realidade que se aproximava?

Não, não queria perder a confiança. Milagres acontecem às vezes. Quantas vezes já, perseguido por todos os lados, inerte, condenado sem remissão, não conseguira escapar por algum prodigioso acaso? Ainda faltavam três minutos. Quem sabe as medidas tomadas pelo velhote não se revelariam insuficientes? Quem sabe a mecha não se apagaria ao subir toda a altura do tambor de metal do qual se aproximava?

Com todas as suas forças, ele retesou os músculos contra os nós que o torturavam. Afinal, ela estava lá, seu último recurso, no vigor sobre-humano dos seus braços e do tórax. Será que as cordas não se romperiam? Não poderia o milagre vir dele mesmo, d'Enneris? Veio de outro lado, e de um lado que Jean com certeza não podia prever. Passos precipitados fizeram-se ouvir de repente na alameda, e uma voz gritou:

— Arlette! Arlette!

A entonação era a de alguém que chega para salvar, e que procura encorajar anunciando a libertação imediata. A porta foi sacudida. Como não podiam abri-la, batiam nela com os pés e os punhos. Uma placa de madeira caiu, deixando espaço por onde passar a mão na altura da fechadura.

D'Enneris, vendo um braço que se agitava, gritou:

— É inútil! Empurre com força que a fechadura cede! Rápido!

De fato, a fechadura cedeu. Metade da porta caiu. Alguém irrompeu na oficina. Era Antoine Fagerault.

De relance, ele viu o perigo e saltou até o tambor, que afastou com o pé na hora exata em que a parte inflamada atacava a borda superior. Esmagou a chama e depois, por prudência, afastou os outros tambores que estavam na frente.

Jean d'Enneris logo redobrou seus esforços para se libertar. Não queria ficar devendo sua libertação a Fagerault, nem que aquele homem se inclinasse e fizesse o gesto de cortar os nós. Ainda assim, quando Fagerault veio ao seu encontro e murmurou "Ah, é você?", Jean, tendo se livrado das cordas, não pôde deixar de dizer:

— Eu lhe agradeço. Mais alguns segundos e estaríamos perdidos.

— E Arlette? — perguntou o outro.

— Lá em cima!

— Viva?

— Sim.

Os dois se precipitaram para subir a escada externa.

— Arlette! Arlette! Estou aqui — gritou Fagerault. — Não há mais nada a temer.

A porta não resistiu mais que a de baixo, e os dois entraram em uma água-furtada mínima, onde a jovem estava amarrada e amordaçada sobre uma cama de armar.

Eles a libertaram rapidamente. Ela olhou para os dois com um ar perdido, e Fagerault explicou:

— Nós fomos advertidos, tanto eu quanto ele, cada um por seu lado, e nos encontramos aqui… tarde demais para agarrá-los, os miseráveis. Não lhe fizeram mal? Não ficou com muito medo?

Manteve assim em silêncio a horrível tentativa de assassinato e a operação de salvamento que acabara de realizar.

Arlette não respondeu. Fechou os olhos. Suas mãos tremiam.

Após um instante, eles a ouviram murmurar:

— Se tive medo… mais uma vez um ataque desses… Quem, no entanto, poderia me desejar isso…?

— Atraíram você para esta garagem?

— Um a mulher… só vi uma mulher. Ela me fez subir esses degraus até este cômodo e me jogou…

E ela disse, mostrando todo o terror que, apesar da presença dos dois homens, ainda a torturava:

— A mesma mulher da primeira vez… Ah, disso estou certa, a mesma mulher… reconheci a maneira de agir, seu abraço, sua voz… era a mulher do carro… a mulher… a mulher…

Ela se calou, subitamente esgotada e querendo repousar. Os dois homens a deixaram um instante e, no alto da escada, diante da água-furtada, encontraram-se diante do outro.

Jean nunca antes havia execrado tanto seu rival. A ideia de que Fagerault havia salvado os dois, Arlette e ele, o exasperava. Sentiu a mais violenta humilhação. Antoine Fagerault era senhor da situação, que parecia estar a seu favor.

— Ela está mais calma do que eu pensava — disse Fagerault em voz baixa. — Não tem consciência do perigo que correu, e é preciso que continue a ignorar.

Falava como se já estivesse se relacionando diretamente com d'Enneris, e como se admitisse que cada um soubesse tudo o que o outro sabia. Nenhuma afetação de superioridade que pudesse lembrar o serviço prestado. Conservava seu ar de serenidade habitual e uma fisionomia meio sorridente e simpática. Nada indicava, de sua parte, que entre eles houvesse luta ou rivalidade.

Mas Jean, que mal continha sua cólera, começou imediatamente o duelo, como se estivesse com um adversário declarado, e colocou pesadamente a mão no ombro do outro:

— Vamos conversar? Já que temos essa oportunidade.

— Sim, mas em voz baixa. O barulho de uma discussão pode ser nocivo para ela, e na verdade dá para perceber que o que está procurando é discussão.

— Não, nada de discussão — declarou d'Enneris, cuja atitude agressiva contradizia diametralmente as suas palavras. — O que procuro, o que desejo, é um esclarecimento.

— A propósito de quê?

— A propósito de sua conduta.

— Minha conduta é clara. Não tenho nada a esconder e, se concordo em responder às suas perguntas, é porque minha afeição por Arlette me faz lembrar sua amizade por ela. Pode perguntar.

— Sim. Primeiro, o que o senhor fazia na loja Trianon quando eu o encontrei lá?

— O senhor já sabe.

— Eu sei? Como?

— Por mim.

— Pelo senhor? É a primeira vez que converso com o senhor.

— Mas não é a primeira vez que me ouve falar.

— Como assim?

— Na mansão Mélamare, na tarde do dia em que me seguiu com Béchoux. Durante as confissões de Gilberte de Mélamare, e durante minhas explicações, os senhores estavam, os dois, atrás da tapeçaria. Esta se mexeu quando os senhores entraram no cômodo vizinho.

D'Enneris ficou um pouco aturdido. Nada escapava então àquele indivíduo? Continuou em tom mais áspero:

— Então o senhor quer dizer que seu objetivo é o mesmo que o meu?

— Os fatos provam isso. Assim como o senhor, eu me esforço para descobrir quem roubou os diamantes e quem são os perseguidores de meus amigos Mélamare e Arlette Mazolle.

— E entre eles se encontra essa vendedora da loja?

— Sim.

— Mas por quê, entre ela e o senhor, aquela troca de olhares que a colocou em alerta contra mim?

— É o senhor que está interpretando aquele olhar como um alerta. Na verdade, eu a observava.

— Talvez. Mas logo depois ela fechou a loja e desapareceu.

— Porque deve ter desconfiado de todos nós.

— E, segundo sua opinião, trata-se de uma cúmplice?

— Sim.

— Nesse caso, ela não ignora o assassinato do conselheiro municipal Lecourceux?

Fagerault sobressaltou-se. Parecia que ele realmente não sabia sobre o assassinato

— Hein? O senhor Lecourceux foi morto?

— Faz mais ou menos três horas.

— Três horas? O senhor Lecourceux está morto? Mas que horror!

— O senhor o conhecia bem, não?

— Só de nome. Mas eu sabia que nossos inimigos iriam atrás dele, que eles queriam comprar seus serviços, mas não tinha certeza das intenções deles.

— Tem certeza de que foram eles mesmos que o mataram?

— Toda certeza.

— Eles tinham então tanto dinheiro assim para oferecer cinquenta mil?

— Claro! Com a venda de um único diamante!

— Os nomes deles?

— Não sei.

— Pois vou lhe dar algumas informações, ao menos em parte — disse d'Enneris, observando-o. — Há a irmã da vendedora, uma tal senhora Laurence Martin, que alugou a loja… Há um homem muito velho, que manca.

— Isso mesmo! Isso mesmo! — disse rapidamente Antoine Fagerault. — E foram esses três que o senhor encontrou aqui, não é, e que atacaram o senhor?

— Sim.

Fagerault se tornou sombrio. Murmurou:

— Que fatalidade! Fui prevenido tarde demais… senão, teria agarrado todos eles.

— A Justiça vai se encarregar. O delegado Béchoux agora conhece os três. Eles não podem escapar.

— Tanto melhor! — disse Fagerault. — São três bandidos terríveis e, se não os prendermos, um dia ou outro acabarão eliminando Arlette.

Tudo o que ele dizia parecia a expressão profunda da verdade. Não hesitava em responder, e nunca havia a menor contradição entre os acontecimentos e a maneira tão natural como eles os explicava.

"Que malandro!", pensava d'Enneris, que se obstinava em acusá-lo e, no entanto, ficara perturbado com tanta lógica e tanta franqueza.

No fundo, ele havia suposto que toda aquela nova aventura de Arlette tinha sido combinada entre Antoine Fagerault e seus três cúmplices a fim de que Fagerault aparecesse como salvador aos olhos de Arlette. Mas, nesse caso, por que aquela encenação? Por que a jovem não tinha testemunhado aquilo? E ainda por que, na frente dela, Fagerault tinha tido a delicadeza de não se vangloriar de sua intervenção?

À queima-roupa, ele perguntou a Fagerault:

— O senhor a ama?

— Infinitamente — respondeu o outro com fervor.

— E Arlette, será que o ama?

— Creio que sim.

— E o que o faz acreditar nisso?

Fagerault sorriu docemente, sem presunção, e respondeu:

— Porque ela me deu a melhor prova de seu amor.

— Qual?

— Ficamos noivos.

— Hein? Vocês estão noivos?

Foi preciso um prodigioso esforço de vontade da parte de d'Enneris para pronunciar essas palavras com uma calma aparente. O golpe foi profundo. Seus punhos se crisparam.

— Sim — afirmou Fagerault —, desde ontem à noite.

— A senhora Mazolle, com quem estive ainda há pouco, não disse nada.

— Ela ainda não sabe. Arlette ainda não quer lhe contar.

— Seria, no entanto, uma notícia bem agradável.

— Sim, mas Arlette deseja prepará-la pouco a pouco.

— De modo que tudo se passou sem o conhecimento da mãe?

— Sim.

D'Enneris se pôs a rir nervosamente.

— E a senhora Mazolle, que acreditava que a filha fosse incapaz de marcar encontro com um homem! Que desilusão!

Antoine Fagerault pronunciou com seriedade:

— Nossos encontros se dão em um ambiente e diante de pessoas amigas, pessoas que a senhora Mazolle ficaria bem satisfeita se as conhecesse.

— Ah! E quem são e onde então?

— Na mansão dos Mélamare, na presença de Gilberte e seu irmão.

D'Enneris não se convencia. O conde de Mélamare protegia os amores do senhor Fagerault com Arlette, Arlette, filha natural, modelo e irmã de duas modelos que tinham ido pelo caminho errado! Em virtude do que aquela indulgência incrível?

— Então eles estão a par do que se passa?

— Sim.

— E aprovam?

— Inteiramente.

— Minhas felicitações. Por tais apoios a seu favor. De resto, o conde lhe deve muito, e o senhor há muito tempo é amigo da casa.

— Há outra razão — diz Fagerault —, que renovou nossa intimidade.

— Posso saber?

— Claro. O senhor e a senhora de Mélamare, como o senhor deve compreender, conservaram desse drama em que mergulharam uma lembrança horrível. A maldição que pesa sobre a família deles há séculos, e que se exerce sobre eles porque moram na casa, levou-os a uma decisão irrevogável.

— Qual? Eles não querem mais morar lá?

— Eles não querem mais nem mesmo conservar a casa. É ela que atrai sobre eles os seus infortúnios. Vão vendê-la.

— Será possível?

— O negócio já está quase feito.

— Encontraram um comprador?

— Sim.

— Quem, então?

— Eu.

— O senhor?

— Sim. Arlette e eu temos a intenção de morar lá.

O noivado de Arlette

Dir-se-ia que Antoine Fagerault seria para Jean motivo de constantes surpresas. Suas relações com Arlette, seu casamento inesperado, a simpatia que despertava nos Mélamare, a inconcebível compra da casa, tantos lances teatrais, anunciados aliás como os acontecimentos mais normais da vida cotidiana.

Assim, durante os dias em que d'Enneris se mantivera voluntariamente à parte para julgar com mais isenção de ânimo a gravidade de uma situação, o adversário tinha se aproveitado magnificamente da trégua acordada e avançava além da linha de batalha. Mas seria verdadeiramente um adversário, e a rivalidade amorosa entre os dois implicaria realmente a perspectiva de uma batalha? D'Enneris era obrigado a confessar a si mesmo que não possuía nenhuma prova certa, e que se guiava apenas por sua intuição.

— Quando se dará a assinatura do contrato de venda? — perguntou bem-humorado. — E quando será o casamento?

— De três a quatro semanas.

D'Enneris teria ficado muito feliz em apertar a garganta daquele intruso que se instalava na vida como bem lhe parecia, e contrariamente à vontade dele, d'Enneris. Mas então ele avistou Arlette, que se levantara e parecia corajosa, ainda que pálida e febril.

— Vamos embora — disse ela. — Não quero mais ficar aqui. E não quero nem saber o que aconteceu aqui, nem que mamãe saiba. Mais tarde eu lhe contarei.

— Mais tarde, sim — disse d'Enneris. — Mas, enquanto isso, é preciso que nós a defendamos melhor do que antes contra os ataques. E para isso

só há um meio, que é entrarmos em acordo nós dois, o senhor Fagerault e eu. Se nos entendermos, Arlette ficará fora de perigo.

— Certamente — exclamou Fagerault —, e esteja certo de que, de minha parte, não estou muito longe da verdade.

— Ambos descobriremos toda a verdade. Eu lhe direi o que sei e o senhor não me esconderá nada do que sabe.

— Nada.

D'Enneris estendeu-lhe a mão, em um gesto espontâneo, ao qual o outro respondeu com um gesto não menos caloroso.

— Eu o julguei mal, senhor — disse d'Enneris. — O homem que escolheu Arlette não pode ser indigno dela.

A aliança foi concluída. Nunca antes d'Enneris havia apertado a mão de alguém com tanto ódio recalcado e tamanho desejo de vingança, e jamais, no entanto, adversário algum aceitara suas propostas com mais cordialidade e franqueza.

Desceram os três juntos até a garagem. Arlette, muito cansada para caminhar, pediu a Fagerault que chamasse um carro. Em seguida, aproveitando que estava só com Jean d'Enneris, disse-lhe:

— Sinto remorsos em relação a você, meu amigo. Fiz muitas coisas sem preveni-lo, e coisas que lhe devem ter sido desagradáveis.

— Por que desagradáveis, Arlette? Você contribuiu para salvar o senhor de Mélamare e sua irmã… não era essa igualmente minha intenção? Por outro lado, Antoine Fagerault lhe fez a corte, e você aceitou noivar com ele. Está em seu direito.

Ela se calou. A noite caía, e d'Enneris mal podia ver sua fisionomia. Perguntou:

— Está feliz, não?

Arlette afirmou:

— Seria de fato feliz se você continuasse meu amigo.

— Não é amizade o que sinto por você, Arlette.

Como ela não respondesse, ele insistiu:

— Você compreende muito bem o que quero dizer, não é, Arlette?

— Compreendo — murmurou ela —, mas não acredito.

E, como d'Enneris se aproximou, ela rapidamente continuou:

— Não, não, não falemos mais disso.

— Como você é desconcertante, Arlette! Eu lhe disse isso desde os primeiros dias. E ainda experimento, perto de você, aquela sensação de que você tem uma coisa escondida, um segredo… um segredo que se refere a todos os que tornam este caso misterioso.

— Não tenho segredo nenhum — afirmou ela.

— Sim, sim, e haverei de livrar você deles, do mesmo jeito que a livrarei de seus inimigos. Já os conheço todos, vejo como eles agem… e os mantenho sob vigilância… um deles sobretudo, Arlette, o mais perigoso e o mais dissimulado…

Estava a ponto de acusar Fagerault, e sentia, na penumbra, que Arlette esperava suas palavras. Mas não disse nada, porque não tinha provas.

— O desenlace está próximo — disse ele. — Mas não devo precipitar as coisas. Siga seu caminho, Arlette. Só lhe peço que prometa me rever sempre que for necessário, e que me faça ser recebido, assim como você é, na casa do senhor e senhora Mélamare.

— Eu prometo…

Fagerault voltou.

— Uma palavra ainda — disse Jean. — Você ainda é minha amiga?

— Do fundo do meu coração.

— Então, até outro dia, Arlette.

Um carro estacionava ao lado da alameda. Fagerault e d'Enneris se apertaram as mãos novamente, e Arlette partiu com seu noivo.

— Vá, meu velho — disse Jean consigo mesmo, enquanto eles se afastavam —, vá. Já topei com gente muito mais difícil que você, e juro por Deus que não vai se casar com a mulher que amo, que não vai morar na mansão Mélamare, e ainda vai devolver o corpete de diamantes.

Dez minutos depois Béchoux surpreendeu d'Enneris todo pensativo, no mesmo lugar. O delegado vinha correndo, esfalfado, em companhia de dois auxiliares.

— Tenho um palpite. Da Rua La Fayette, Laurence Martin deve ter vindo para estas paragens, onde ela aluga, há algum tempo, uma espécie de garagem — exclamou Béchoux.

— Você é prodigioso, Béchoux — disse d'Enneris.

— Por quê?

— Porque acaba sempre chegando ao fim. Muito tarde, é verdade… mas, enfim, chega.

— O que você quer dizer?

— Nada. A não ser que deve seguir sem trégua essas pessoas, Béchoux. É por meio delas que seremos informados sobre seu chefe.

— Então eles têm um chefe?

— Sim, Béchoux, e que conta com uma arma terrível.

— Qual?

— Uma fachada de homem honesto.

— Antoine Fagerault? Então você ainda suspeita daquele tipo?

— Faço mais do que suspeitar, Béchoux.

— Pois bem, eu, o delegado Béchoux, aqui presente, lhe declaro que você se está metendo os pés pelas mãos. Nunca me engano em relação à fisionomia das pessoas.

— Mesmo em relação à minha? — brincou d'Enneris, deixando-o.

O assassinato do conselheiro municipal Lecourceux e as circunstâncias em que havia acontecido mexeram com a opinião pública. Quando se soube, pelas revelações de Béchoux, que o caso tinha relação com o roubo do corpete de diamantes, que a loja da vendedora de objetos usados que se procurava tinha como locatária a senhorita Laurence Martin, e que essa Laurence Martin era a mesma a quem o senhor Lecourceux tinha concedido uma audiência, todo o interesse, momentaneamente adormecido, despertou.

Não se falava senão de Laurence Martin e do velho que mancava, cúmplice e assassino. Os motivos do crime permaneceram sem explicação, porque foi impossível saber exatamente de qual relatório Laurence Martin queria alterar a redação pela oferta de dinheiro. Mas tudo aquilo parecia tão bem combinado, e por pessoas muito enfronhadas na prática do crime, que não se duvidou de que se tratasse dos mesmos ladrões que tinham tramado o caso do corpete de diamantes, e dos mesmos que tinham maquinado o complô misterioso contra o senhor de Mélamare e sua irmã. Laurence, o velhote e a velha Trianon, os três cúmplices temíveis, tornaram-se célebres em poucos dias. A prisão deles parecia iminente.

D'Enneris encontrava-se com Arlette diariamente na mansão dos Mélamare. Gilberte não se esquecia da audácia com que Jean a fizera fugir e do papel que ele tinha desempenhado. Ele recebeu, portanto, por recomendação de Arlette, a melhor acolhida por parte dela e do conde.

O irmão e a irmã tinham retomado a confiança na vida, embora sua resolução de deixar Paris e vender a mansão fosse definitiva. Ambos experimentavam a mesma necessidade de partir e consideravam como um dever fazer, ao destino hostil, o sacrifício de vender a velha mansão familiar.

Mas o que ainda restava de suas longas inquietações se dissipava em contato com a jovem e seu amigo Fagerault. Arlette trazia para aquela mansão, por assim dizer abandonada há mais de um século, a graça, a juventude, a luz de seus cabelos loiros, o equilíbrio de sua natureza e o impulso de seu entusiasmo. Ela soube conquistar, sem perceber e muito naturalmente, a estima de Gilberte e do conde, e d'Enneris compreendeu então por que, com o desejo de torná-la feliz, eles acreditavam fazer uma boa ação ao apoiar as pretensões de Fagerault, a quem consideravam seu benfeitor.

Quanto Fagerault, sempre alegre, de bom humor, expansivo e descuidado, exercia sobre todos eles uma profunda influência, que Arlette parecia sentir mais ainda do que os outros. Era verdadeiramente o tipo de homem que não tinha segundas intenções e que se entrega à vida com toda a confiança e toda a segurança.

Com que atenção ansiosa d'Enneris estudava a moça! Havia entre eles, apesar de sua conversa afetuosa diante da garagem de Levallois, certo constrangimento contra o qual Jean não procurava lutar. E ele continuava acreditando que Arlette conservava esse desconforto mesmo quando estava longe dele, e que ela não se deixava levar pela felicidade natural de uma mulher que ama e cujo casamento se aproxima.

Não parecia que ela visse o futuro desse ponto de vista, e que a casa dos Mélamare, em que ela iria morar, viesse a ser sua casa de esposa. Quando ela falava com Fagerault — e esse era sempre o assunto de suas conversas —, parecia que falavam da sede social de uma obra filantrópica. E realmente a casa Mélamare, segundo os projetos de Arlette, se tornaria o Lar da Caixa Seguradora de suas companheiras. Ali se reuniria o conselho de administração. Ali as protegidas de Arlette teriam sua sala de leitura. O sonho da Arlette manequim da Maison Chernitz se realizava. Mas nunca se falava dos sonhos da jovem Arlette.

Fagerault era o primeiro a rir.

— Vou me casar com uma obra social — dizia. — Não sou um marido, mas um patrocinador.

Um patrocinador! Essa palavra dominava todos os pensamentos de Jean d'Enneris em suas reflexões em torno de Antoine Fagerault. Projetos tão amplos, a compra da mansão da sociedade comercial, instalações, revelavam uma grande fortuna. De onde vinha essa fortuna? As informações, recolhidas pelo delegado Béchoux junto ao consulado e à embaixada argentina, confirmavam que efetivamente uma família Fagerault havia se instalado em Buenos Aires uns vinte anos antes, e que o pai e a mãe tinham morrido após dez anos. Mas essas pessoas não possuíam nada, e o consulado tivera que repatriar o filho deles, Antoine, um simples adolescente na época. Como é que esse Antoine, que os próprios Mélamare tinham conhecido ainda muito pobre, havia de repente enriquecido? Como… senão pelo roubo recente dos maravilhosos diamantes de Van Houben?

À tarde e à noite, os dois homens não se largavam, por assim dizer. Todos os dias eles tomavam chá com os Mélamare. Animados, alegres e descontraídos, eles prodigalizavam demonstrações de amizade e simpatia, tratando-se com familiaridade e não economizando elogios um ao outro. Mas com que olhar sagaz d'Enneris examinava seu rival!

E como sentia, às vezes, o olhar agudo de Fagerault, que o perscrutava quase até o fundo da alma!

Entre eles, porém, nunca mais falaram do caso. Nem uma palavra sobre aquela colaboração que d'Enneris havia pedido e que teria sido recusada se o outro a tivesse oferecido. Na realidade, era um duelo implacável, com assaltos invisíveis, respostas sonsas de ambas as partes, um ódio malcontido.

Certa manhã d'Enneris avistou, nas redondezas do Square Laborde, de braços dados, Fagerault e Van Houben, que pareciam muito bem. Seguiram pela Rua Laborde e pararam diante de uma loja fechada. Com o dedo, Van Houben mostrou o letreiro: "Agence Barnett et Cie.". Afastaram-se conversando animadamente.

"É isso mesmo", disse Jean para si mesmo, "os dois trapaceiros estão de conluio. Van Houben me traiu e contou a Fagerault que d'Enneris não é outro senão o ex-Barnett. Ora, um tipo da força de Fagerault não pode deixar de identificar sem demora Barnett como Arsène Lupin. Nesse caso, logo vai me denunciar. Quem será que vai derrubar o outro, Lupin ou

Fagerault?”

Todavia Gilberte ultimava seus preparativos para a partida. Na quinta-feira 28 de abril (e estávamos no dia 15), os Mélamare deviam abandonar sua casa. O senhor de Mélamare assinaria o contrato de venda, e Antoine lhe daria um cheque. Arlette preveniria sua mãe, os proclamas seriam publicados e o casamento se realizaria em meados de maio.

Assim, passaram-se mais alguns dias. Tal era a execração que sentiam um pelo outro, d’Enneris e Fagerault, que mal conseguiam mostrar cordialidade entre si. Apesar disso, os dois homens por instantes se permitiam assumir a postura de adversários. Fagerault teve a audácia de levar Van Houben ao chá dos Mélamare, e Van Houben tratou Jean com muita frieza. Falou dos diamantes e contou que Fagerault estava na pista do ladrão, com tanta veemência e ameaça malcontida na voz que d’Enneris se perguntou se a ideia de Fagerault não seria lançar suspeita sobre ele, d’Enneris.

A batalha não podia demorar muito. D’Enneris, cujos pensamentos e suspeitas se apoiavam em uma realidade já mais concreta, tinha até marcado a data e a hora do início da contenda. Mas o outro não passaria à sua frente? Aconteceu então um fato dramático, que lhe pareceu de mau agouro.

Ele havia subornado o porteiro do Hotel Mondial Palace, onde morava Fagerault, a fim de obter informações minuciosas sobre o rapaz, e sabia, por intermédio do porteiro, e de Béchoux também, que estava sempre atento, que Fagerault nunca recebia cartas nem visitas. Certa manhã, contudo, d’Enneris foi advertido de que Fagerault recebera um telefonema, muito curto, de uma mulher. Marcaram um encontro às onze e meia da noite seguinte no Champ-de-Mars, “mesmo lugar da última vez”.

À noite, desde as onze horas, Jean d’Enneris ficou rondando pelos jardins em volta da Torre Eiffel. Era uma noite sem luar e sem estrelas. Procurou por muito tempo e não conseguiu avistar Fagerault. Foi só por volta da meia-noite que viu em um banco um vulto humano, que lhe parecia ser o de uma mulher, curvada de tal maneira que a cabeça tocava nos joelhos. Aproximando-se, disse:

— Ei! — exclamou Jean —, não se deve dormir assim ao relento… pode chover.

A mulher não disse nada. Ele se inclinou, com a lanterna na mão, viu uma cabeça sem chapéu, cabelos grisalhos e uma manta que esbarrava na areia. Ergueu a cabeça dela, que logo caiu outra vez, mas teve tempo de reconhecer aquela fisionomia pálida e macerada, da vendedora da loja, irmã de Laurence Martin.

O local não se achava muito distante das alamedas centrais, no meio dos jardins, e não longe da Escola Militar. Nesse momento, na avenida, passavam dois policiais de bicicleta cuja atenção ele chamou com o silvo de um apito, para que viessem em socorro.

"É uma besteira o que estou fazendo", pensou ele. "Para que perder tempo com isso?"

Quando os policiais se aproximaram, ele lhes explicou sua descoberta. Examinaram a mulher e encontraram o cabo de um punhal enterrado profundamente no ombro dela. A velha devia estar morta havia uns trinta ou quarenta minutos. A areia em torno dela estava remexida, como se a vítima tivesse se debatido.

— Precisamos de um automóvel — observou um dos policiais — para levá-la ao distrito.

Jean se ofereceu.

— Levem o corpo até a avenida. Eu volto com um carro: o ponto de táxi é bem perto.

E começou a correr. Mas no ponto de táxi, em lugar de subir no carro, resolveu avisar o motorista e enviá-lo até os policiais. Então afastou-se rapidamente para o lado oposto.

"Não convém eu permanecer por aqui", pensou. "Iriam perguntar meu nome, e eu seria chamado a prestar depoimento. Mas que diabo! Por que haveriam de matar a pobre vendedora? Antoine Fagerault, com quem ela tinha marcado encontro? Laurence Martin, que desejava se livrar da irmã? Havia um ponto cada vez mais evidente: havia desentendimento entre os cúmplices. Com essa hipótese, tudo se explica, a conduta de Fagerault, seus planos, tudo…"

No dia seguinte os jornais do meio-dia noticiaram em poucas linhas o assassinato de uma velha senhora nos jardins do Champ-de-Mars. Mas, à noite, dupla reviravolta! A vítima não era outra senão a vendedora da loja da Rua Saint-Denis, ou seja, a cúmplice de Laurence Martin e de seu pai… E em um de seus bolsos haviam recolhido um pedaço de papel que trazia

seu nome escrito de maneira grosseira e visivelmente apressada: "Ars. Lupin". Além disso, os policiais ciclistas contaram a história do homem encontrado junto ao cadáver e que prudentemente havia se esquivado. Nenhuma dúvida: Arsène Lupin se achava envolvido no caso do corpete de diamantes.

Era absurdo, e o público não deixou de reagir. Arsène Lupin nunca matava, sem dúvida fora um miserável que escrevera o nome de Lupin. Mas que aviso para Jean d'Enneris! A ameaça era direta: "Abandone a partida. Deixe-me livre. Senão eu o denuncio, pois tenho em mãos todas as provas que podem levar de d'Enneris a Barnett e de Barnett a Lupin".

Melhor do que isso, não bastava prevenir o delegado Béchoux…? Béchoux, que, sempre inquieto, só com muita impaciência se submetia à autoridade de d'Enneris, e que aproveitaria avidamente a ocasião de uma vingança tão magnífica?

Ora, foi justamente o que aconteceu. Sob o pretexto de prosseguir na busca aos diamantes, Antoine Fagerault, assim como tinha feito com Van Houben, levou Béchoux à casa dos Mélamare, e a atitude desajeitada e compassiva do delegado com d'Enneris não deixava margem à menor dúvida: para Béchoux, d'Enneris subitamente se tornara Lupin. Somente Lupin poderia realizar os feitos que Béchoux tinha visto Barnett executar, e somente Lupin poderia ludibriar Béchoux como este fora ludibriado; Béchoux devia então, sem demora, e de acordo com seus chefes da chefatura, preparar a detenção de Jean d'Enneris.

Assim, a cada dia a situação piorava. Fagerault, que não pudera disfarçar a sua preocupação após a aventura do Champ-de-Mars, recuperava seu bom humor habitual, assumindo diante de Jean d'Enneris um ar mal disfarçado de arrogância. Sentia-se triunfante, como um homem que não precisa mais do que levantar o dedo para conquistar a vitória.

No sábado anterior à data marcada para o contrato de venda, ele segurou d'Enneris em um canto e lhe disse:

— E então, o que é que você pensa de tudo isso?

— De tudo isso?

— Sim, dessa intervenção de Lupin?

— Bah! Sou completamente cético em relação a isso.

— De qualquer modo, existem acusações contra ele, e parece que estão atrás dele, e que sua captura é questão de horas.

— Quem pode saber? O personagem é esperto.

— Por mais esperto que seja, não sei como ele poderá se safar desta.

— Confesso que não estou preocupado com ele.

— Nem eu — observou Fagerault. — Falo como espectador desinteressado. Em seu lugar…

— Em seu lugar…?

— Eu fugiria para o estrangeiro.

— Não é o gênero de Lupin.

— Então eu aceitaria uma negociação.

D'Enneris se espantou:

— Com quem? E a propósito de quê?

— Com o possuidor dos diamantes.

— Ora essa — disse d'Enneris, rindo —, em vista do que se sabe de Lupin, acredito que as bases da negociação seriam fáceis de determinar.

— E que bases?

— Tudo para mim. Nada para você.

Fagerault se sobressaltou, acreditando que aquela era uma resposta direta.

— Hein? O que está dizendo?

— Eu empresto de Lupin um tipo de resposta de acordo com seus hábitos. Tudo para Lupin, nada para os outros.

Fagerault riu com muito gosto, por sua vez, e sua fisionomia era tão leal que d'Enneris se irritou. Nada era para ele tão desagradável como a expressão de "bom menino" que Antoine exibia, e que atraía para o jovem todas as simpatias. E a anomalia aparecia desta vez no mesmo momento em que Fagerault se acreditava tão forte a ponto de provocar. D'Enneris julgou oportuno entrar na luta sem demora e, passando subitamente do tom de brincadeira para o tom de hostilidade, exclamou:

— Nada de muita conversa entre nós. Ou, pelo menos, o mínimo. Três ou quatro palavras bastam. Eu amo Arlette. Você também. Se teimar em se casar com ela, arraso você.

Antoine pareceu estupefato diante daquela rudeza. No entanto, replicou sem se desconcertar:

— Amo Arlette e vou me casar com ela.

— Então, insiste nisso.

— Insisto. Não há razão alguma para eu receber ordens que você não tem nenhum direito de me dar.

— Que seja. Vamos escolher o dia do encontro. A assinatura do contrato de venda será quarta-feira próxima, não é?

— Sim, às seis e meia da tarde.

— Estarei lá.

— A que pretexto?

— O senhor de Mélamare e sua irmã partem no dia seguinte. Vou apresentar minhas despedidas.

— Certamente será bem-vindo.

— Então até quarta-feira.

— Até quarta-feira.

Ao sair desse encontro, d'Enneris precisou encarar os fatos. Restavam quatro dias. Não queria correr risco algum nesse período. Fez então um verdadeiro mergulho nas trevas. Não foi visto em parte alguma. Dois inspetores da Sûreté não saíam dos arredores de sua residência. Outros vigiavam a casa de Arlette Mazolle, outros a de Régine Aubry, outros ainda a rua que ladeava o jardim dos Mélamare. Nenhum sinal de Jean d'Enneris.

Mas durante esses quatro dias, escondido em um dos refúgios bem equipados que possuía em Paris, ou bem camuflado como só ele sabia fazer, com que febre se ocupava da batalha final, concentrando toda a sua atenção nos últimos pontos que ainda permaneciam um tanto obscuros naquele caso! Jamais sentira tão vivamente a necessidade de estar preparado, e a obrigação, em face da adversidade, de prevenir as piores eventualidades.

Duas expedições noturnas bastaram para achar o que ainda lhe faltava. Seu espírito discernia quase nitidamente toda a cadeia de fatos e toda a psicologia do caso. Conhecia o que chamavam de segredo dos Mélamare, e do qual os Mélamare tinham vislumbrado apenas um lado. Conhecia a razão misteriosa que dava tanta força aos inimigos do conde e de sua irmã. E via claramente o papel desempenhado por Antoine Fagerault.

— Ai está! — exclamou ele na quarta-feira, ao despertar. — Mas é bom saber que ele também deve estar se dizendo "Aí está!", e que posso me deparar com perigos que nem imagino. Aconteça o que acontecer!

Almoçou cedo, depois foi passear.

Refletia ainda. Atravessando o Sena, comprou um jornal da manhã que acabava de sair, folheou-o maquinalmente, e logo foi atraído por um título sensacional, no alto de uma coluna. Parou e leu pausadamente:

O círculo se estreita em torno de Arsène Lupin, e o caso evolui em uma nova direção, como os últimos acontecimentos deixam prever. Sabe-se que um homem de boa aparência, vestido com elegância e ainda bem jovem, procurava havia algumas semanas informações sobre uma vendedora de quinquilharias que ele tentava encontrar. Essa mulher não era outra senão a vendedora da Rua Saint-Denis. Ora, a descrição que se obteve desse homem corresponde exatamente à descrição do indivíduo que os policiais ciclistas surpreenderam no Champ-de-Mars, perto do cadáver, e que fugiu sem deixar sinal de vida. Na chefatura de polícia, estão persuadidos de que se trata de Arsène Lupin. (Ver a página 3.)

E na página 3, à última hora, a seguinte nota, assinada por "Um leitor assíduo":

O homem elegante que a polícia persegue se chama, segundo certas informações, d'Enneris. Será o visconde Jean d'Enneris, aquele navegador que, segundo disse, deu a volta ao mundo em barco a motor e foi recebido festivamente em sua chegada, no ano passado? Por outro lado, somos levados a crer que o célebre Jim Barnett, da Agence Barnett et Cie., não é outro senão Arsène Lupin. Se é assim, devemos esperar que a trindade Lupin-Barnett-d'Enneris não escape à perseguição, e que em breve fiquemos livres desse indivíduo insuportável. Para isso, devemos ter confiança no delegado Béchoux.

D'Enneris dobrou raivosamente o jornal. Não duvidava que as conclusões do "leitor assíduo" proviessem de Antoine Fagerault, que tinha todos os cordéis da aventura e dirigia o delegado Béchoux.

— Vejamos! — rosnou ele. — Você ainda vai me pagar… e um preço alto!

Sentia-se mal em meio a todo aquele movimento e já como perseguido. Os transeuntes tinham o ar de policiais disfarçados. Não seria melhor fugir, como o aconselhou Fagerault?

Hesitou, imaginando as três maneiras de fuga que tinha à sua disposição: um avião, um carro e, bem perto, no Sena, uma velha barca.

"Não, seria uma besteira", disse consigo. "Um tipo como eu não fraqueja na hora da ação. O que me aborrece é que serei obrigado, de qualquer

modo, a deixar meu belo nome d'Enneris. Pena! Era alegre e bem francês. Além do mais, estou perdido como cavalheiro-navegante!"

Inconscientemente, contudo, obedecendo à sua natureza, inspecionou a rua contígua ao jardim. Ninguém. Nenhum policial. Contornou a casa. Rua d'Urfé, nada de suspeito tampouco. E pensou que Béchoux e Fagerault ou bem não acreditavam que ele fosse capaz de afrontar o perigo — e esse devia ser o desejo secreto de Fagerault — ou bem tinham tomado todas as suas medidas no interior da casa.

Essa ideia o incomodou. Não queria que o acusassem de covardia. Tateou os bolsos para ter certeza de que não tinha deixado ali, por descuido, um revólver ou uma faca, utensílios que ele qualificava de nefastos. Então se dirigiu para a porta de entrada.

Uma hesitação suprema: essa fachada comum, severa e sombria, parecia um muro de prisão. Mas a visão sorridente, um pouco ingênua, um pouco triste, de Arlette lhe atravessou a mente. Poderia abandonar a moça sem defendê-la?

Gracejou consigo mesmo:

"Não, Lupin, não tente se enganar. Para defender Arlette você não tem necessidade de entrar na ratoeira e arriscar sua preciosa liberdade. Não. Você só tem que fazer chegar ao conde uma pequena carta em que lhe revelará o segredo dos Mélamare e o papel que Antoine Fagerault desempenha nisso. Quatro linhas são suficientes. Nem uma a mais. Mas, na realidade, nada vai impedir você de tocar essa campainha, pela simples razão de que isso o diverte. É o perigo que você ama. É a luta que você procura. É o corpo a corpo com Fagerault que você quer. Você talvez possa sucumbir nessa tarefa — pois eles estão prontos para receber você, os patifes! —, mas, antes de tudo, o que o apaixona é tentar a bela aventura e afrontar o inimigo em seu terreno, sem armas, só, e com um sorriso no rosto…"

Tocou a campainha.

O soco

— Bom dia, François — disse ele, entrando no pátio com um passo rápido.

— Bom dia, senhor — disse o velho criado. — O senhor nos abandonou nestes dias…

— Meu Deus, sim — disse Jean, que frequentemente brincava com François, e que notou que o velhote ainda não estava prevenido contra ele. — Meu Deus, sim! Assuntos de família… herança de um tio da província… um bom milhão.

— Meus cumprimentos, senhor.

— Bah! Ainda não me decidi a aceitá-lo…

— Será possível, senhor?

— Meu Deus, sim, é um milhão de dívidas.

Jean ficou contente com essa inocente brincadeira, que lhe provava sua inteira liberdade de espírito. Mas, naquele momento, percebeu uma cortina de tule que voltava rapidamente a seu lugar natural em uma das janelas da frente. Mesmo assim, pôde reconhecer o rosto do delegado Béchoux, que vigiava no andar térreo, em um cômodo usado como sala de espera.

— Estou vendo — disse Jean — que o delegado está em seu posto. Sempre à procura dos diamantes, hein?

— Sempre, senhor. Ouvi dizer que haverá novidade daqui a pouco. O delegado colocou três homens.

Jean se alegrou. Três grandalhões escolhidos entre os mais fortes… um corpo de guarda… que sorte! Tais precauções tornavam as suas eficazes. Sem representantes da autoridade, seu plano falharia.

Subiu os seis degraus da entrada da frente, depois a escada. No salão se encontravam reunidos o conde e sua irmã, Arlette, Fagerault e Van Houben, que também tinha vindo para dizer adeus. A atmosfera era agradável, e todos pareciam se entender tão bem que d'Enneris ainda hesitou ligeiramente, pensando que dois ou três minutos seriam suficientes para deixar tudo ali em polvorosa.

Gilberte de Mélamare o acolheu com afabilidade. O conde lhe estendeu a mão alegremente. Arlette, que conversava à parte, veio a seu encontro feliz por vê-lo. Decididamente, nenhuma daquelas três pessoas sabia das notícias de última hora, não tinham lido o jornal que ele trazia no bolso, e não poderiam imaginar a acusação lançada contra ele e o duelo que se preparava.

Em compensação, o aperto de mão de Van Houben foi glacial. Evidentemente, esse sabia. Quanto a Fagerault, não se mexeu, continuando a folhear um álbum em um canto. Havia tanta afetação e desrespeito em sua atitude que Jean d'Enneris precipitou as coisas exclamando:

— O senhor Fagerault está absorto em sua felicidade e não me vê… ou não quer me ver…

Fagerault esboçou um gesto vago, como se tivesse aceitado que o duelo não fosse se iniciar naquele momento. Mas Jean não entendeu assim, e nada poderia impedir que ele pronunciasse as palavras premeditadas e realizasse os gestos desejados. Como os grandes capitães, avaliava que sempre é preciso tomar para si a vantagem da surpresa e, assim, se lançar contra os planos do adversário. A ofensiva é metade da vitória.

Depois de dar explicações sobre sua ausência e se informar sobre a partida do conde e de sua irmã, agarrou as duas mãos de Arlette e lhe disse:

— E você, minha querida Arlette, está feliz? Mas inteiramente feliz, sem nenhuma preocupação, sem arrependimentos? Feliz como merece ser?

Aquela familiaridade, anormal nesse momento, produziu um efeito de estupor. Todos compreenderam que d'Enneris tinha agido com uma intenção determinada, que não tinha nada de pacífico.

Fagerault se levantou, pálido, tocado pela rapidez do ataque, pois devia ter preparado tudo para ele mesmo atacar, e no momento que ele escolhesse.

O conde e Gilberte, chocados, esboçaram um gesto de surpresa. Van Houben proferiu uma imprecação. Os três olharam para Arlette antes de intervir. Mas a própria jovem não parecia ofendida. Seus olhos sorridentes se dirigiram para Jean, ela o olhava como a um amigo a quem se concedem privilégios particulares.

— Estou feliz — disse ela. — Todos os meus projetos vão ser executados, e graças a isso muitas de minhas companheiras poderão se casar de acordo com sua vontade.

Mas d'Enneris não tinha aberto as hostilidades só para se contentar com essa tranquila afirmação. Insistiu:

— Não se trata de suas companheiras, pequena Arlette, mas de você, e de seu direito pessoal de se casar de acordo com seu coração. É esse o caso, Arlette?

Ela ficou corada e não respondeu.

O conde exclamou:

— Estou realmente espantado com essa pergunta. Essas coisas só dizem respeito a Antoine e a sua noiva.

— É inconcebível… — começou Van Houben.

— É ainda mais inconcebível — interrompeu d'Enneris, com calma — que nossa querida Arlette se sacrifique aos seus ideais generosos e se case sem amor. Pois é exatamente esta a situação, e é preciso que saiba, senhor de Mélamare, enquanto ainda é tempo: Arlette não ama Antoine Fagerault. Ela não tem por ele nem mesmo uma simples simpatia, não é, Arlette?

Arlette baixou a cabeça, sem protestar. O conde, de braços cruzados, sufocava de indignação. Como é que d'Enneris, tão correto e reservado, dava prova de tamanha grosseria?

Mas Antoine Fagerault havia se aproximado de Jean d'Enneris. Tinha perdido sua expressão despreocupada e de bom menino e, por um efeito singular, sob a ação da cólera, e talvez também de um receio confuso, assumia uma imprevista expressão de maldade.

— Em que você está se metendo?

— Naquilo que me interessa.

— Os sentimentos de Arlette em relação a mim lhe interessam?

— Certamente, pois a felicidade dela está em jogo.

— E, segundo você, ela não me ama?

— Claro que não!

— E qual é a sua intenção…?

— Impedir esse casamento.

Antoine se sobressaltou.

— Ah, você se permite…! Pois bem, já que é assim, eu lhe respondo! E sem rodeios! Você já vai ver…

Resolutamente, arrancou o jornal que saía do bolso de d'Enneris, desdobrou-o sob os olhos do conde e exclamou:

— Veja, caro amigo, leia aqui, e você vai ver quem é esse senhor. Leia sobretudo o artigo da página 3… a acusação é clara…

E, levado por um ímpeto de fúria que contrastava com sua indolência habitual, ele mesmo leu, de uma vez, as reflexões implacáveis do "leitor assíduo".

O conde e sua irmã ouviram, confusos. Arlette fixou os olhos desolados em Jean d'Enneris.

— Não precisa ler, Antoine. Por que não a recita de cor, uma vez que foi você mesmo quem escreveu esta bela acusação?

Fagerault concluiu, em um tom declamatório, com o dedo apontado para Jean:

— "*… somos levados a crer que o célebre Jim Barnett, da Agência Barnett e Associados, não era outro senão o próprio Arsène Lupin. Se é assim, podemos esperar que a trindade Lupin-Barnett-d'Enneris não escape à perseguição e que em breve fiquemos livres desse indivíduo insuportável. Para isso, devemos ter confiança no delegado Béchoux*".

Fez-se um silêncio solene. A acusação causava horror ao conde e a Gilberte. Jean sorria.

— Chame então seu delegado Béchoux. Porque é preciso que saiba, senhor de Mélamare, que o senhor Antoine introduziu aqui Béchoux e seus algozes unicamente por minha causa. Anunciei minha visita, e todos sabem que sou fiel à minha palavra. Entre então, meu velho Béchoux. Sabemos que está escondido atrás da tapeçaria, assim como o Polônio[4] de Shakespeare. O que é indigno de um policial de seu valor.

A tapeçaria foi afastada. Béchoux entrou, com o rosto impassível, mas com o aspecto de um homem que só usaria toda a sua força no momento em que julgasse oportuno.

Van Houben, que exalava impaciência, precipitou-se para ele.

— Aceite o desafio, Béchoux! Prenda-o. É o ladrão dos diamantes. É preciso agarrá-lo. Afinal, você é o mestre aqui!

O senhor de Mélamare se interpôs.

— Um instante. Desejo que tudo se passe em minha casa com calma e dentro da ordem.

E, dirigindo-se a d'Enneris:

— Quem é, afinal, o senhor? Não lhe peço que responda às acusações desse artigo, mas que me diga lealmente se ainda devo considerá-lo como o visconde Jean d'Enneris…

— Ou como o ladrão Arsène Lupin — interrompeu d'Enneris, rindo.

Virou-se para a jovem.

— Sente-se, querida Arlette. Você está toda trêmula. Não é necessário. Sente-se. E, aconteça o que acontecer, esteja certa de que tudo vai terminar bem, pois é para você que eu trabalho.

E, voltando-se para o conde, disse-lhe:

— Não vou responder à sua pergunta, senhor de Mélamare, pela razão de que não se trata de saber quem eu sou, mas de saber quem é este Antoine Fagerault aqui presente.

O conde deteve Fagerault, que queria se lançar sobre d'Enneris, mandou Van Houben se calar, pois ele não parava de falar de seus diamantes, e Jean continuou:

— Se vim aqui por minha livre e espontânea vontade, trazendo no bolso o jornal cujo artigo já tinha lido, e sabendo que Béchoux, estimulado por Fagerault, iria me esperar com um mandado, é porque o perigo que estava correndo me parecia muito menor do que o perigo que corre *nossa querida Arlette*… e que correm igualmente o senhor e a senhora de Mélamare. Quem eu sou é uma questão entre mim e Béchoux. Vamos esclarecer isso à parte. Quem é Antoine Fagerault, este é o problema urgente, que temos de resolver.

Dessa vez o senhor de Mélamare não conseguiu conter Fagerault, que, todo ofegante, vociferava:

— Quem sou eu, agora? Responda, então! Ouse responder! Quem sou eu, segundo você?

Jean falou, como se começasse uma enumeração com a ponta de cada um dos dedos:

— Você é o ladrão do corpete…

— Está mentindo! — interrompeu Antoine. — Eu, o ladrão do corpete!

Jean continuou com calma:

— Você é o homem que raptou Régine Aubry e Arlette Mazolle.

— Mentira!

— O homem que roubou os objetos do salão.

— Mentira!

— O cúmplice da vendedora que morreu no jardim do Champ-de-Mars.

— Mentira!

— O cúmplice de Laurence Martin e de seu pai.

— Mentira!

— Enfim, é o herdeiro dessa raça implacável que há três quartos de século persegue a família de Mélamare.

Antoine tremia de raiva. A cada acusação, elevava o tom.

— Mentira! Mentira! Mentira!

E, assim que d'Enneris terminou, ele se plantou na sua frente, com um gesto ameaçador, e balbuciou em voz ácida:

— Você está mentindo…! Fala coisas ao acaso… porque você ama Arlette e morre de ciúme… Seu ódio contra mim vem disso, e também porque compreendi seu jogo desde o princípio. Você está com medo. Sim, está com medo porque percebe que eu tenho provas… todas as provas possíveis… (batia no peito, na altura do bolso interno)… todas as provas de que Barnett e d'Enneris são Arsène Lupin… Sim, Arsène Lupin…! Arsène Lupin!

Fora de si, como que exasperado pelo nome Arsène Lupin, gritava cada vez mais alto, e sua mão se crispava no ombro de d'Enneris.

Este, sem recuar nem um passo, lhe disse suavemente:

— Está ferindo nossos ouvidos, Antoine. Não pode continuar assim.

Fez uma pausa. O outro não cessava de berrar.

— Tanto pior para você — disse Jean. — Vou avisá-lo pela última vez: baixe o tom. Caso contrário, vai lhe acontecer alguma coisa muito desagradável. Continua teimando? Vamos, foi você que quis, e volto a dizer que já perdi a paciência. Atenção…!

Estavam tão perto um do outro que seus troncos quase se tocavam. Entre eles, o punho de d'Enneris cortou o ar com a velocidade de um projétil, batendo na ponta do queixo de Fagerault.

Fagerault vacilou, dobrou as pernas como um animal abatido, tocou o joelho e caiu estendido no chão.

No tumulto, entre clamores e revolta, o conde e Van Houben tentavam segurar Jean, enquanto Gilberte e Arlette procuravam cuidar de Antoine. Estendendo os braços, d'Enneris afastou os quatro e, mantendo-os a distância, interpelou Béchoux com voz premente:

— Ajude-me, Béchoux. Vamos, meu velho companheiro de batalha, venha me dar uma mão. Você, que já me viu diversas vezes em ação, bem sabe que nunca entro em luta cegamente, e que devo ter sérios motivos para agir. Minha causa é a sua, neste caso. Venha me ajudar, Béchoux.

Impassível, o delegado havia assistido à cena como um árbitro que julga os golpes e só toma sua decisão com conhecimento de causa. Os acontecimentos se apresentavam de tal maneira que ele não podia deixar, de um modo ou de outro, de se beneficiar, e que o duelo de morte que acabava de se desenrolar lhe entregava os dois combatentes de pés e mãos atados. Assim, os apelos ao velho companheiro de batalha o deixaram completamente insensível. Béchoux estava realmente decidido a agir com isenção de ânimo.

Disse a d'Enneris:

— Você sabe que tenho três homens aí embaixo?

— Sei, e conto com você para utilizá-los amplamente contra esse bando de aventureiros.

— E contra você talvez — riu Béchoux.

— Se o teu coração diz. Hoje você está com todos os trunfos na mão. Cumpra seu trabalho sem piedade. É seu direito e seu dever.

Béchoux então disse, como se obedecesse a seus reflexos, ainda que se submetesse à vontade de d'Enneris:

— Senhor conde de Mélamare, no interesse da Justiça, peço-lhe paciência. Se as acusações proferidas contra Antoine Fagerault forem falsas, não tardaremos em saber. Em todo caso, assumo toda a responsabilidade sobre o que acontecer.

Era deixar o campo livre para d'Enneris. Ele logo aproveitou para cumprir o ato mais desconcertante que se podia conceber. Tirou do bolso um flaconete cheio de um líquido escuro e verteu a metade em uma compressa já preparada. Um odor de clorofórmio se desprendeu. D'Enneris pressionou aquela compressa sobre o rosto de Antoine Fagerault e a

amarrou com um cordão passado em torno da cabeça.

A coisa era tão extravagante, em oposição tão forte ao que o conde podia permitir, que foi necessário um novo esforço de Béchoux para apaziguar o senhor de Mélamare e sua irmã. Arlette permanecia atônita, não sabendo o que pensar e com lágrimas nos olhos. Van Houben estava furioso.

No entanto, Béchoux, que não podia mais recuar, insistiu:

— Senhor conde, eu conheço o indivíduo, e lhe afirmo que devemos esperar.

E Jean, levantando-se, aproximou-se do senhor de Mélamare:

— Sinceramente eu me desculpo, senhor, e lhe peço que acredite: de minha parte não há nem capricho nem brutalidade inútil. A verdade deve ser descoberta muitas vezes por meios especiais. Ora, esta verdade é simplesmente o segredo das maquinações que fizeram tanto mal à sua família e ao senhor mesmo… Entenda, senhor… o segredo dos Mélamare… eu o conheço. Só falta os senhores o conhecerem e destruírem o malefício. Concorda em me conceder em confiança os vinte minutos de que necessito? Vinte minutos, nada mais.

D'Enneris nem mesmo esperou a resposta de de Mélamare. Sua oferta era dessas que não se recusam. Voltou-se para Van Houben e, em tom mais seco:

— Você me traiu. Seja como for, vamos passar por cima disso. Quer hoje os diamantes que esse homem lhe roubou? Se sim, pare de resmungar. Ele vai devolvê-los.

Faltava o delegado Béchoux. D'Enneris lhe disse:

— Sua vez, Béchoux. Aqui está sua parte no caso. Eu lhe ofereço primeiro a verdade, essa verdade que todos os policiais da chefatura procuram em vão à sua volta, e que você vai lhes servir quentinha. Eu lhe ofereço em seguida Antoine Fagerault, que lhe entregarei como um cadáver, se ele não andar direito. E, no fim das contas, lhe ofereço os dóis cúmplices, Laurence Martin e seu pai. São quatro horas. Às seis horas exatamente você os terá. Está bem para você?

— Sim.

— Portanto, estamos de acordo. Apenas…

— Apenas?

— Caminhe comigo até o fim. Se às sete da noite eu não tiver cumprido todas as minhas promessas, ou seja, se não tiver revelado o segredo dos Mélamare, esclarecido todo o caso e entregado os culpados, juro pela minha honra que lhe apresentarei os pulsos às algemas e o ajudarei a descobrir se sou d'Enneris, Jim Barnett ou Arsène Lupin. Enquanto isso, sou apenas o homem que tem meios de desvendar a trágica situação em que todo o mundo se agita. Béchoux, tem aí algum carro da chefatura?

— Sim, bem perto.

— Mande buscá-lo. E você, Van Houben, seu carro?

— Eu disse ao meu motorista que estivesse aqui às quatro horas.

— Quantos lugares?

— Cinco.

— O seu motorista é inútil. Pode ficar por aqui. Você mesmo pode nos conduzir.

Voltou para junto de Fagerault, examinou-o e auscultou-o. O coração funcionava bem. A respiração estava regular, a fisionomia normal. E concluiu:

— Ele vai despertar dentro de vinte minutos. É o tempo exato, justo mesmo, de que preciso.

— Para fazer o quê? — interrogou Béchoux.

— Para chegar aonde devemos chegar.

— Quer dizer?

— Logo vai ver. Vamos.

Ninguém mais protestou. A autoridade de d'Enneris pesava sobre todos. Mas, mais do que tudo, submetiam-se talvez à ação formidável que a personalidade de Arsène Lupin exercia. O passado fabuloso do aventureiro, suas prodigiosas explorações se somavam ao prestígio que emanava do próprio d'Enneris. E as duas personalidades, confundidas uma na outra, tornavam-se um poder considerado capaz de todos os milagres.

Arlette contemplava de olhos arregalados aquele estranho personagem.

O conde e sua irmã palpitavam de uma louca esperança.

— Meu caro d'Enneris — disse Van Houben, virando-se subitamente —, nunca mudei de opinião: só você mesmo poderá recuperar o que me foi roubado.

Um carro acabava de entrar no pátio. Acomodaram Fagerault no veículo. Os três agentes tomaram lugar ao lado dele, e Béchoux lhes disse,

em voz baixa:

— Fiquem de olhos abertos… não tanto com esse aí, mas com d'Enneris, quando chegar o momento… estamos com ele nas mãos, não vamos deixá-lo escapar, hein?

Depois, Béchoux se juntou a d'Enneris. O senhor de Mélamare havia telefonado para o tabelião, para adiar a assinatura da escritura. Gilberte tinha colocado um casaco e um chapéu. Subiram com Arlette no carro de Van Houben.

— Atravesse o Sena no final das Tulherias — ordenou Jean, e siga direto pela Rua de Rivoli.

Todos se mantiveram calados. Com que paixão ansiosa Gilberte e Adrien de Mélamare esperavam os acontecimentos! Por que aquela corrida de carro? Para onde iam? Qual seria a verdade?

D'Enneris murmurou, em tom abafado, com o ar de quem fala mais consigo mesmo do que com quem pudesse escutá-lo:

— O segredo dos Mélamare! Quanta reflexão me custou! Desde o início, desde o rapto de Régine e Arlette, tive a intuição de que me encontrava diante desses problemas em que o presente só se explica por meio do passado longínquo… E esses problemas muitas vezes me cativaram! Um ponto logo me pareceu fora de questão: o senhor e a senhora de Mélamare não podiam ser culpados. A partir daí, devíamos acreditar então que outras pessoas utilizavam sua casa para a execução de planos criminosos? Essa foi a tese de Fagerault. Mas o interesse de Fagerault era que todos acreditassem nessa sua hipótese e que a Justiça se desviasse para essa direção. E, por outro lado, seria possível admitir que Arlette e Régine tivessem sido trazidas para aquele salão sem atrair a atenção do senhor e da senhora de Mélamare, além de François e da sua mulher?

Ele se calou um momento. Adrien de Mélamare, inclinado sobre ele, de rosto crispado, sussurrou:

— Fale… continue falando… eu lhe peço.

Ele respondeu lentamente:

— Não… não é por palavras que vocês conhecerão a verdade… Não me apressem…

E continuou:

— A verdade é simples, no entanto! Eu me pergunto como ela nunca se apresentou à mente dos que a procuraram, nem como uma sombra fugidia. Para mim, a centelha resultou da junção de alguns fatos de que me lembrei. Acrescentemos, se quiserem, aqueles roubos estranhos de que vocês foram vítimas, o desaparecimento de objetos sem importância, o que me parece inexplicável e tem bastante significado! Pois, enfim, se são roubados objetos sem valor real, é porque têm um valor especial para aqueles que os roubam!

Ele se calou outra vez. O conde teve um acesso de impaciência. Na hora de saber, era torturado pela necessidade desenfreada de saber imediatamente. Gilberte também sofria duramente. D'Enneris disse a eles:

— Por favor… Os Mélamare esperaram mais de um século. Que esperem ainda alguns minutos mais! Nada no mundo pode se interpor entre eles e a verdade que se aproxima.

Voltou-se para Béchoux e brincou:

— Está começando a compreender, hein, meu velho Béchoux? Ou, pelo menos, a entrever um pequeno clarão? Não, nada ainda? Pena… É um belo segredo, original, saboroso, impenetrável, claro como o cristal e obscuro como a noite. Mas não é? Os mais belos segredos são como o ovo de Colombo… é preciso pensar nisso. Vire à esquerda, Van Houben. Estamos chegando.

Entraram por ruas estreitas, um tanto tortuosas e atravancadas. Um velho bairro comercial e de pequenas indústrias, com armazéns e oficinas que funcionavam em construções antigas. De tempos em tempos percebia-se uma varanda de ferro forjado, janelas altas e, pelas portas bem abertas, largas escadas com corrimão de carvalho.

— Devagar, Van Houben. Bem… agora estacione tranquilamente do lado direito. Mais alguns metros. Chegamos.

Ele desceu, ajudando Gilberte e Arlette a descerem.

O carro dos policiais parou atrás do de Van Houben.

— Que eles não se mexam por enquanto — disse Jean a Béchoux —, e veja se Antoine ainda dorme. Diga aos policiais para transportá-lo daqui a dois ou três minutos.

Encontravam-se agora em uma rua sombria, que seguia do oeste para o leste, ladeada à esquerda por imóveis que abrigavam desde depósitos até fábricas de massas e conservas alimentícias. À direita, quatro pequenas

casas se alinhavam, iguais e de acabamento semelhante, de aspecto pobre, que, pelas janelas sem cortinas e pelo chão sujo, davam a impressão de estar desabitadas. Um portão se destacava da porta de entrada de folhas duplas, outrora verdes, mas completamente desgastadas, onde agora estavam colados cartazes eleitorais.

O conde e Gilberte contemplavam o lugar, indecisos e preocupados. Que faziam ali, afinal? O que iriam descobrir? Como conceber que a palavra que faltava ao enigma pudesse estar exatamente nesse lugar e atrás daquela porta por onde parecia que nunca passava alguém?

D'Enneris tirou do bolso uma chave fina, longa e brilhante, de linhas modernas, que introduziu em uma fenda existente na altura de uma fechadura de segurança.

Observou seus companheiros e sorriu. Estavam, os quatro, pálidos e preocupados. A vida deles dependia verdadeiramente dos menores gestos do homem que os dominava. Sem nenhuma razão legítima, esperavam alguma coisa extraordinária, não podiam conceber que não fosse assim, mas submetiam-se ao inevitável porque Arsène Lupin mantinha a cortina que ainda lhes ocultava a paisagem desconhecida.

Então, ele girou a chave e, adiantando-se ao grupo, de repente os fez entrar.

Gilberte soltou um grito de espanto e se apoiou no irmão. O conde cambaleou. Jean d'Enneris teve de sustentá-los.

---

[4] Personagem da tragédia *Hamlet,* Polônio, ou Apolônio, é conhecido principalmente por pronunciar uma frase imortalizada na literatura: "To thine own self be true" ("Seja fiel a ti mesmo"). (N.T.)

A Valnéry, moça graciosa

Milagre incompreensível! *Dez minutos após terem deixado o pátio da mansão Mélamare, eles se encontravam ainda no pátio principal da mansão Mélamare.* E, no entanto, tinham atravessado o Sena, e o tinham atravessado uma única vez! Mas não haviam fechado um circuito que lhes permitisse retornar ao ponto de partida. E, no entanto, após terem percorrido uma distância de cerca de três quilômetros a partir da Rua d'Urfé (três quilômetros, quer dizer, mais ou menos a largura da Paris de antigamente entre os Invalides e a Place des Vosges), *entravam no pátio principal da mansão Mélamare.*

Sim, um milagre! Era preciso um esforço de lógica e raciocínio para desdobrar as duas visões, e para que a mente se instalasse alternadamente em dois lugares diferentes. O golpe de vista inicial e o pensamento instintivo não faziam dos dois espetáculos senão um único, que estava ao mesmo tempo lá embaixo e aqui, perto dos Invalides e perto da Praça des Vosges.

E isso provinha do fato de que havia não apenas identidade de coisas, analogia absoluta de linhas e de cores, semelhança de duas fachadas de casa que se erguiam no fundo de dois pátios principais, mas que havia sobretudo o que o tempo tinha criado, uma mesma atmosfera, uma mesma alma que flutuava entre as paredes de um retângulo estreitamente limitado, banhado por um ar um tanto úmido de um rio próximo.

Eram evidentemente as mesmas pedras, trazidas da mesma pedreira e talhadas nas mesmas dimensões, mas além disso elas haviam adquirido a mesma pátina com o passar dos anos. E as intempéries tinham dado às mesmas lajotas, com os sulcos de ervas que as cobriam em alguns lugares, o

mesmo aspecto secular, e aos telhados que se percebiam os mesmos tons esverdeados.

Gilberte murmurou, toda trêmula:

— Meu Deus! Será possível!

E a história de sua família oprimida aparecia aos olhos de Adrien de Mélamare.

D'Enneris levou-os para a escada.

— Minha pequena Arlette — disse Jean —, lembre-se de sua emoção no dia em que eu a levei ao pátio dos Mélamare. Imediatamente, Régine e você reconheceram os seis degraus da escada que fizeram vocês subirem. Ora, aqui está o pátio, e aí está a verdadeira escada.

— É a mesma — disse Arlette.

Sem dúvida alguma, era a mesma escada que elas tinham subido, a mesma escada da Rua d'Urfé, formada pelos mesmos seis degraus e coberta pela mesma marquise de vidros desiguais. E, quando entraram na mansão misteriosa, o mesmo vestíbulo, com lajotas da mesma procedência e na mesma disposição.

— Até os passos fazem o mesmo ruído — observou o conde, cuja voz ressoava da mesma maneira que ressoava lá embaixo, quando ele entrava em casa.

Adrien quis ver os outros cômodos do andar térreo. D'Enneris, apressado pela hora, não lhe permitiu, e o fez subir os vinte e cinco degraus da escada que tinha a mesma passadeira e era ladeada pelo mesmo corrimão de ferra trabalhado. O patamar… três portas em frente, como lá embaixo… depois o salão…

E o espanto deles cresceu ainda mais do que quando estavam no pátio principal. Mais ainda do que a mesma atmosfera acumulada no interior da sala, era a identidade absoluta dos móveis e dos bibelôs, o mesmo desgaste dos estofados, eram as mesmas nuances das tapeçarias, os mesmos desenhos do soalho, o mesmo lustre, os mesmos candelabros, as mesmas cômodas, as mesmas arandelas, a mesma metade de cordão de campainha.

— Foi aqui mesmo, Arlette, que quiseram prendê-la, hein? — disse Jean. — Como você não haveria de se enganar?

— Aqui é tudo igual à outra casa — respondeu ela.

— Foi aqui, Arlette. Aí está a lareira que você escalou, a estante de livros onde você se escondeu. Venha ver a janela pela qual você escapou.

Ele lhe mostrou, pela janela, o jardim plantado com arbustos e ladeado de altos muros que o dissimulavam para os vizinhos. Na extremidade, erguia-se o pavilhão abandonado e corria o muro mais baixo onde havia a pequena porta de serviço que Arlette tinha conseguido abrir.

— Béchoux — ordenou d'Enneris —, traga-nos Fagerault para cá. É preferível que seu carro venha até o pé da escada e que seus agentes esperem atentos. Vamos precisar deles.

Béchoux se apressou. O portão da entrada bateu com o mesmo estrondo que o da Rua d'Urfé. O carro tinha o mesmo barulho.

Subindo, Béchoux disse rapidamente a um de seus homens:

— Acomode seus dois companheiros aí embaixo, no vestíbulo, e você vá depressa à chefatura, onde vai pedir para mim três agentes de segurança. Serviço urgente. Você vai trazê-los e mandá-los se sentarem nos primeiros degraus da escada do subsolo onde está a porta. Talvez não precisemos deles. Mas é bom ter precaução. E, sobretudo, nenhuma palavra de explicação na chefatura. Guardemos para nós todo o prestígio da prisão. Compreendido?

Colocaram Antoine Fagerault em uma poltrona. D'Enneris fechou a porta.

O tempo de vinte minutos que ele havia previsto pouco devia ter sido ultrapassado. E, de fato, Antoine começava a se mexer. D'Enneris tirou de seu nariz a compressa de clorofórmio e a jogou pela janela. Depois, dirigindo-se a Gilberte:

— Tenha a gentileza de esconder seu chapéu e seu casaco. Não deve se considerar como estando aqui, senhora, mas como estando em sua casa, na Rua d'Urfé. Para Antoine Fagerault, nós não saímos da Rua d'Urfé. E insisto da maneira mais premente que ninguém pronuncie uma única palavra que esteja em contradição com o que vou dizer. Os senhores todos estão mais interessados do que eu no bom desfecho desta situação.

Antoine respirou mais profundamente. Levou a mão à testa como para espantar o sono insólito que o acometia. D'Enneris não o perdia de vista. O conde não pôde se impedir de dizer:

— Então, seria esse homem o herdeiro da estirpe…?

— Sim — disse d'Enneris —, dessa estirpe que o senhor sempre pressentiu. De um lado, os Mélamare, pensam os senhores, de outro, os perseguidores invisíveis e desconhecidos. Era justo, mas insuficiente. O

enigma não estava completo e, por consequência, explicável, a não ser que o desdobrássemos, não apenas no que eu chamaria de interpretação do drama, mas também no próprio cenário do drama, e em cada uma das peças que o constituem, cada um dos móveis que o compõem. Era preciso dizer que Arlette e Régine realmente tinham visto os objetos que estavam no seu salão, mas que, realmente, era aqui que seus olhos os tinham contemplado.

Ele se interrompeu e olhou em torno para se assegurar de que tudo estava bem como ele queria que fosse. E foi naquela atmosfera de expectativa, no meio de pessoas mantidas, por vontade ou à força, em certo estado de espírito, que Antoine Fagerault pouco a pouco despertou do torpor. A dose de clorofórmio fora fraca. Ele recobrou rapidamente a consciência, pelo menos a consciência para refletir sobre o que havia acontecido. Lembrou-se do soco recebido. Mas, a partir desse instante, só havia sombras em sua memória, e ele não pôde distinguir o que havia acontecido, nem adivinhar que tinha dormido.

Ele conjecturou pensativamente:

— O que aconteceu? Parece-me que fiquei descordado e que muito tempo se passou desde…

— Ora, claro que não — disse d'Enneris, rindo. — Dez minutos apenas. Mas começávamos a ficar preocupados. Já viu um campeão de boxe ficar desacordado no ringue durante dez minutos por causa de um soco terrível? Desculpe-me. Bati com mais força do que gostaria.

Antoine lhe lançou um olhar furioso.

— Estou me lembrando — disse ele —, você se enraiveceu porque, para seu desagrado, eu havia descoberto Lupin.

D'Enneris pareceu desolado.

— Como? Ainda está nisso? Se o seu sono só durou dez minutos, em compensação os acontecimentos se sucederam. Lupin, Barnett, como isso é velho! Ninguém aqui se interessa por essas besteiras!

— O que é que interessa? — perguntou Antoine, interrogando os rostos impassíveis daqueles indivíduos que um dia haviam sido seus amigos e cujos olhares agora o evitavam.

— O que interessa? — exclamou Jean. — Mas é a sua história! Unicamente sua história e a dos Mélamare, pois são apenas uma.

— São apenas uma?

— Ora essa! E talvez você ainda aproveite alguma coisa ao me escutar, pois só a conhece parcialmente e não em toda a sua amplitude.

Enquanto os dois homens trocavam essas poucas palavras, cada um dos ouvintes tinha mantido o silêncio e a aquiescência exigidos por d'Enneris. Todos se faziam cúmplices, e nenhum deles tinha o ar de ter deixado o salão da Rua d'Urfé. Se a menor dúvida ainda se insinuasse na mente de Antoine Fagerault, foi suficiente para ele observar Gilberte e seu irmão para ter certeza de que se encontrava na casa deles.

— Vamos — disse ele —, conte. Eu gostaria muito de conhecer minha história vista e interpretada por você. Depois será a minha vez.

— De contar a minha?

— Sim.

— Segundo os documentos que você tem no bolso?

— Sim.

— Você não os tem mais.

Antoine procurou sua carteira e soltou uma praga.

— Ladrão! Você me roubou.

— Já lhe disse que não temos tempo de nos ocupar de mim. Só de você, e já é muito. Agora, silêncio.

Antoine se conteve. Cruzou os braços e, com a cabeça virada de modo a não ver Arlette, afetou uma atitude distraída e desdenhosa.

Desde então, ele pareceu não existir mais para d'Enneris. Foi a Gilberte e a seu irmão que este se dirigiu. Chegava a hora de expor, em seu conjunto e com detalhes, o segredo dos Mélamare. Ele o fez, sem frases inúteis, em termos claros, não como se imagina uma hipótese segundo fatos interpretados, mas como se conta uma história de acordo com documentos indiscutíveis.

— Peço-lhes desculpas por remontar tão a fundo aos anais de sua família. Mas a origem do mal é mais longínqua do que os senhores pensam, e enquanto estão obcecados pelas duas datas sinistras em que morreram tragicamente seus dois antepassados inocentes, ignoram que as duas datas foram determinadas por uma pequena aventura mais ou menos sentimental que ocorreu no fim do século XVIII, ou seja, em uma época em que sua casa já tinha sido construída, não é? Depois de vinte e cinco anos.

— Sim — aprovou o conde, meneando a cabeça —, uma das pedras da fachada traz a data de 1750.

— Ora, foi em 1772 que seu antepassado François de Mélamare, pai daquele que foi general e embaixador, avô daquele que morreu em sua cela, mobiliou a casa e a tornou exatamente como é hoje, não é?

— Sim. Todas as contas dos trabalhos realizados estão em meu poder.

— François de Mélamare desposou a filha de um rico financista, a bela Henriette, que ele amava perdidamente e que lhe retribuía o amor, e quis dar à mulher um lar digno dela. Daí as despesas que fez, sem prodigalidades inúteis aliás, mas com equilíbrio e recorrendo aos melhores artistas. François e a terna Henriette, segundo sua expressão, foram muito felizes juntos. Nenhuma mulher parecia ao jovem marido mais bela do que a sua. Nada lhe parecia de mais bom gosto e mais encantador do que as obras de arte e os móveis que ele havia escolhido ou encomendado para ornamentar o interior de sua casa. Passava seu tempo a classificá-las e a catalogá-las.

— Ora, essa vida calma e de prazeres íntimos, se persistiu para a condessa, absorvida na educação dos filhos, acabou ficando um tanto desorganizada para o conde François de Mélamare. Quis a má sorte que ele se enamorasse de uma moça do teatro, a Valnéry, bem jovem, bonita, espirituosa, que tinha pouco talento e muitas ambições. Na aparência, nenhuma mudança. François de Mélamare reservava para sua mulher toda a sua afeição, todo o seu respeito e, como ele dizia, nove décimos de sua existência. Mas toda manhã, das dez à uma hora, sob pretexto de passeio ou visitas aos ateliês de pintores célebres, ia almoçar com sua amante. Tomava todas as precauções para que a terna Henriette nunca soubesse de nada.

— Uma única coisa afetava a satisfação de marido infiel, era deixar sua querida casa da Rua d'Urfé, situada no coração do Faubourg Saint-Germain, e seus bem amados objetos de decoração para se estabelecer em uma casa vulgar, onde nenhuma alegria contentava seus olhos. Infiel à sua mulher, sem remorsos, ele sofria por ser infiel também à sua casa. E foi assim que, do outro lado da Paris de então, em um bairro de antigos pântanos onde burgueses ricos e grandes senhores haviam erguido suas casas de campo, ele mandou construir uma casa em tudo semelhante àquela da Rua d'Urfé e que mobiliou exatamente da mesma maneira que

havia mobiliado a primeira. Do lado de fora, nada se percebia daquele capricho de cavalheiro. Mas, uma vez que ele entrava no pátio principal da Folie-Valnéry, como ele chamou sua nova morada, François podia crer que retomava sua vida no ambiente que havia reorganizado. A porta se fechava com o mesmo barulho.

— O pátio mostrava lajotas da mesma procedência, a escada tinha os mesmos degraus, o vestíbulo os mesmos ladrilhos, cada peça os mesmos móveis e os mesmos objetos. Nada o chocava mais em seus gostos, nem em seus hábitos. Estava de novo em seu lar. Ocupava-se da mesma maneira. Continuava ali suas classificações, seus catálogos e seus inventários, e sua mania se tornou tal que ele não suportaria a falta de um mínimo bibelô, de um lado ou de outro, ou que não ocupasse seu devido lugar.

— Refinamento delicado, volúpia sutil, mas que, infelizmente, o levaria à sua perda e tornaria trágico o destino de sua gente por várias gerações. A anedota passava de boca em boca e corria pouco a pouco os salões e as ruas. Comentava-se: Marmontel, o abade Galiani e o ator Fleury fizeram alusões a ele em termos velados em suas memórias ou em suas cartas. Se bem que a Valnéry, que François até então tinha conseguido manter na ignorância, ficou sabendo da história.

— Bastante ofendida, acreditando exercer um domínio sem limites sobre seu amante, ela o constrangeu a escolher não entre ela e a mulher dele, mas entre suas duas casas. François não hesitou: escolheu sua casa da Rua d'Urfé, e escreveu à sua amante este belo bilhete que Grimm nos transmitiu:

Sou dez anos mais velho, bela Florinde, você também. O que significa vinte anos de relação. Ao fim de vinte anos não é preferível dar adeus?

— Então ele deu adeus a Valnéry, deixando-lhe a casa da Rua Vieille-des-Marais, e disse adeus a seus objetos, dos quais não sentia tanta saudade assim, já que os reencontrava aqui em sua casa original, que ele se deu, dessa vez sem partilhar com Henriette.

— A fúria da Valnéry foi extrema. Ela irrompeu um dia na casa da Rua d'Urfé, onde, felizmente, Henriette não se encontrava, e fez tamanho escândalo que François a colocou para fora à força e com insultos. Desde então, ela não pensou em outra coisa senão em se vingar. Três anos mais tarde, estourou a Revolução. Envelhecida e rancorosa, mas ainda rica, ela desempenhou seu papel, desposou um certo senhor Martin da sociedade

de Fouquier-Tinville, denunciou o conde de Mélamare, que não tinha podido desalojar, e, alguns dias antes do Termidor[5] fez com que o enviassem para o cadafalso, assim como a terna Henriette.

D'Enneris parou. Todos escutavam atentamente a curiosa narração, à qual apenas Fagerault parecia indiferente. O conde de Mélamare declarou:

— A história íntima de nosso antepassado não chegou até nós. Mas sabemos, na verdade, pela tradição oral, que certa senhora Valnéry, atriz do teatro popular, havia denunciado assim nossa bisavó. Quanto ao resto, tudo se perdeu na tormenta, e os arquivos de nossa família só nos legaram registros de contas e inventários detalhados.

— Mas o segredo — retomou d'Enneris — se mantém vivo na memória da senhora Martin. Viúva (já que o amigo de Fouquier-Tinville foi, por sua vez, guilhotinado), ela se instalou na antiga Folie-Valnéry e viveu bastante isolada, com um filho que havia tido de seu casamento, e a quem ela ensinou a odiar o nome Mélamare. A morte de François e de sua mulher não lhe bastou, e a glória que o mais velho da família, Jules de Mélamare, adquiriu no exército de Napoleão, e mais tarde, na Restauração, em grandes postos diplomáticos, foi para ela causa incessante de rancor e ódio. Desgostosa, ela o espionou por toda a vida, e quando, coberto de honrarias, ele reabriu a casa da Rua d'Urfé, ela organizou o tenebroso complô que devia enviá-lo para a prisão.

— Jules de Mélamare sucumbiu às provas terríveis acumuladas contra ele. Foi acusado de um crime que não havia cometido, mas que tinha sido cometido em um salão que foi reconhecido como seu, entre móveis que eram seus, em frente de uma tapeçaria que era sua. Pela segunda vez a Valnéry se vingava. Vinte e dois anos mais tarde, ela morria, quase centenária. Seu filho já a tinha precedido no túmulo. Mas ela deixou um neto de 15 anos, Dominique Martin, que ele havia educado no ódio e no crime, e que sabia por ela o que podia fazer com o segredo da dupla casa Mélamare. Ele urdiu por sua vez, com uma habilidade infinita, a maquinação que determinou o suicídio de Alphonse de Mélamare, ordenança de Napoleão III, acusado de haver assassinado duas mulheres em um salão que não podia ser senão aquele da Rua d'Urfé. Esse Dominique Martin é o velhote trágico que procura justiça, e é o pai de Laurence Martin. O verdadeiro drama começa.

Segundo a análise de d'Enneris, o verdadeiro drama começava agora. Antes, tudo não passara de prólogo e preparação. Saía daqueles tempos longínquos, em que toda a história toma feição de lenda, para entrar na realidade de hoje. Os atores ainda existiam. Do mal que fizeram, sentia-se o prejuízo direto.

D'Enneris continuou:

— Assim, apenas dois seres ligam o último quarto do século XVIII aos primeiros anos do século XX. Durante todo um século, a amante de François de Mélamare dá a mão ao assassino do conselheiro municipal Lecourceux. Passa a ele as instruções. E lhe insufla seu ressentimento. A obra recebe novo impulso… O ódio é igual. Mas o que há em Dominique Martin de execração atávica e instintiva se alia a uma força que, até aqui, não estava em jogo, a necessidade de dinheiro. O golpe executado contra Alphonse de Mélamare, ordenança, se dobrava com a rapinagem e o estelionato. Mas o benefício recebido, assim como a herança de seu antepassado, tudo isso Dominique logo dilapidou. Viveu então de expedientes e de roubos. Apenas, como não tem mais, para sustentar seus golpes, o álibi que lhe fornecia a casa da Rua d'Urfé, por ser local fechado e barricado, e como a família de Mélamare, durante mais de uma geração, está refugiada na província, ele não pode tramar nenhum negócio de grande envergadura e menos ainda atacar seus inimigos hereditários.

— Eu não saberia dizer ao certo quais foram, na época, os meios de subsistência de Dominique, nem detalhar as operações pouco frutíferas efetuadas por alguns amigos arrolados sob sua direção. Ele logo se casou com uma mulher honesta, que morreu de tristeza, parece, e lhe deixou três filhas, Victorine, Laurence e Félicité, que cresceram e vivem como podem na casa da Valnéry. Desde cedo Victorine e Laurence o auxiliam em suas expedições. Félicité, que herdou da mãe uma natureza proba, preferiu fugir a obedecer, casou-se com um homem destemido chamado Fagerault e foi com ele para a América. Quinze anos se passam. Os negócios não vão bem. Dominique e suas filhas não vendem a velha casa por preço nenhum, única herança de família. Também não pensam em aluguel nem em hipoteca. Precisam estar livres, ter sua casa e ficar em condição de aproveitar a primeira ocasião. E como não esperar? A outra mansão, aquela da Rua d'Urfé, está aberta e ocupada. O conde Adrien de Mélamare e sua irmã Gilberte esquecem as horríveis lições do passado e vêm morar em Paris.

Não poderiam aproveitar sua presença e recomeçar contra eles o que conseguiram contra Jules e Alphonse de Mélamare?

— É nesse momento que o destino interfere. Félicité, a filha de Dominique que se exilou na América, morre em Buenos Aires, assim como o marido. Um filho nasceu dessa união. Tem 17 anos. Está pobre. O que ele vai fazer? É tomado pela vontade de conhecer Paris. Um belo dia, repentinamente, bate à porta de seu avô e de suas tias. A porta entreabre:

"—O que quer? Quem é você?

"—Antoine Fagerault."

Ao ouvir seu nome, Antoine Fagerault, que mal dissimulava o interesse crescente que despertava nele a sombria história de sua família, inclinou ligeiramente a cabeça, ergueu os ombros e zombou:

— Que conversa fiada é essa? Onde é que foi buscar tanta maldade? A Valnéry? Casa da Rua Vieille-des-Marais? As duas casas? Nunca ouvi falar de todas essas besteiras… Na verdade, é tudo invenção sua.

D'Enneris não fez caso da interrupção de Antoine. Metodicamente, prosseguiu:

— Antoine Fagerault chega à França, não conhece do passado senão o que puderam e o que quiseram lhe contar, ou seja, não muita coisa. É um jovem bom, inteligente, que adorava sua mãe e que só quer viver segundo os princípios que ela lhe inculcou. Seu avô e suas tias percebem a situação e não se precipitam. Ganham tempo, adivinhando que o jovem, embora eficiente e ativo, é preguiçoso e muito inclinado às dissipações mundanas. A essa altura, em lugar de segurá-lo, procuram encorajá-lo. Divirta-se, meu garoto, caia no mundo. Faça relações úteis. Gaste dinheiro. Quando acabar, arrumamos mais. Antoine gasta, joga, endivida-se e aos poucos, sem querer, descamba para o terreno de certos compromissos, até que um dia os parentes lhe anunciam que estão arruinados e que será preciso trabalhar. A mais velha das duas irmãs não trabalha? Não tem uma loja de revenda de quinquilharias na Rua Saint-Denis? Antoine não concorda. Trabalhar? Não há nada melhor a fazer quando se tem 24 anos, quando se é um garoto bem-apessoado como ele, simpático e bonito, e que a vida livrou de quaisquer escrúpulos incômodos? Então as duas irmãs o põem a par do passado, contam-lhe a história de François de Mélamare e da Valnéry, revelam o segredo das duas casas semelhantes e, sem fazer alusão aos assassinatos, lhe indicam a possibilidade de algum negócio lucrativo. Dois

meses mais tarde, Antoine já havia manobrado tão bem que tinha ficado amigo da condessa de Mélamare e de seu irmão Adrien, e em condições tão favoráveis para ele que se introduziu na casa da Rua d'Urfé. Assim, o assunto está se resolvendo. A condessa Gilberte acaba de se divorciar. É bonita e rica. Ele vai casar com a condessa.

A essa altura da narrativa, Fagerault protestou em tom veemente:

— Não retruco suas calúnias idiotas. Seria me rebaixar. Mas há uma coisa que não aceito, é que você descaracterize os sentimentos que eu tinha por Gilberte de Mélamare.

— Não digo que não — concedeu Jean, sem responder diretamente. — O jovem Fagerault é um pouco romântico nessa ocasião, e de boa-fé. Mas antes de tudo, para ele, é um negócio em perspectiva. E, como é preciso fazer figura, parecer à vontade, ter uma carteira recheada, ele exige de suas tias, para grande desagrado do velho Dominique, que vendam alguns itens do mobiliário da atriz Valnéry. E durante um ano, discretamente, ele faz sua corte. Tempo perdido. Nessa época, o conde não tem mais confiança nele. A senhora de Mélamare, em um dia que ele se mostra muito ousado, chama seu criado e o coloca para fora. É o desvanecimento de seus sonhos. Tem de recomeçar tudo, e em que condições! Como sair da miséria? A humilhação e o rancor destroem nele o que restava da influência maternal, e por essa brecha se infiltram todos os maus instintos da linhagem Valnéry. Ele jura retomar sua vingança. Enquanto aguarda, faz biscates a torto e a direito, viaja, arma golpes, falsifica e, todas as vezes que passa por Paris, de bolso vazio, vende móveis da casa, apesar das terríveis discussões com o avô. A venda desses móveis, assinados por Chapuis, e seu envio ao estrangeiro, não é que encontramos as provas disso em um antiquário, Béchoux e eu?

— A casa vai se esvaziando pouco a pouco. Que importa? O essencial é conservá-la, e não tocar nem no salão nem na aparência da escada, do vestíbulo e do pátio. Ah, quanto a isso, as irmãs Martin são intransigentes. É preciso que a semelhança entre os dois salões seja absoluta, senão tudo pode ser descoberto e nunca se conseguirá preparar o golpe. Elas possuem em dobro os inventários e os catálogos de François de Mélamare, e não admitem que falte algum objeto. Laurence Martin, sobretudo, é incansável. Guardou de seu pai e da Valnéry as chaves da Rua d'Urfé, ou seja, as chaves da casa Mélamare. Por diversas vezes, à noite, ela entra ali. E é assim que, um dia, o senhor de Mélamare percebe que certas pequenas coisas

desapareceram. Laurence veio. Cortou o cordão da campainha, porque, em sua casa, a metade desse mesmo cordão não existe mais. Roubou uma fechadura e uma arandela de castiçal, porque em sua casa esses objetos desapareceram. E assim por diante. Coisas sem valor? Certamente, de um ponto de vista intrínseco. Mas existe sua irmã mais velha, Victorine. E para ela, que é vendedora de quinquilharias, tudo tem um valor. Ela desvia uma parte dos objetos para o mercado das pulgas, para aonde o acaso me conduziu, outra parte para sua loja, para aonde me levaram minhas investigações e onde por fim encontrei Fagerault.

— Nesse momento, tudo vai mal. Nem uma moeda em casa dos Martin. Não se pode comer o suficiente. Não há quase mais nada para vender, e em relação ao que resta o avô faz guarda cerrada. O que se vai fazer? É então que, no Théâtre de l'Opéra, com muita promoção, organizam uma grande festa de caridade. No cérebro inventivo de Laurence Martin germina a ideia de um golpe mais audacioso: roubar o corpete de diamantes. Ah, maravilha! Antoine Fagerault se inflama. Em vinte e quatro horas, prepara tudo. Chega a noite, ele penetra nos camarins, põe fogo em seu buquê de flores falsas, rapta Régine Aubry e a coloca em um carro roubado. Golpe de mestre, que só teria como consequência a escamoteação do corpete, efetuada no carro. Mas Laurence Martin quer mais do que isso. A bisneta da Valnéry não esqueceu. Para dar à aventura todo o significado hereditário, ela quis que o roubo fosse executado no salão da Rua Vieille-des-Marais, no salão igual àquele dos Mélamare. Não seria a ocasião, com efeito, se fossem descobertos, de dirigir a investigação para a Rua d'Urfé e renovar contra o conde atual o que se conseguira contra Jules e Alphonse de Mélamare?

— O roubo, então, ocorreu no salão da Valnéry. Como a condessa, Laurence exibe em seu dedo um anel com três pequenas pérolas dispostas em triângulo. Como a condessa, ela está vestida com um traje cor de ameixa enfeitado com veludo negro. Como o conde, Antoine Fagerault usa sapatos de bico claro… Duas horas antes, Laurence Martin entra na casa dos Mélamare e esconde a túnica de prata em um dos livros da estante, onde, algumas semanas mais tarde, o delegado Béchoux a encontra, mostrando-se prova irrecusável. O conde é detido. Sua irmã se salva. Pela terceira vez os Mélamare são desonrados. É o escândalo, a prisão, logo o suicídio e, para os descendentes da Valnéry, a impunidade.

Ninguém havia interrompido as explicações de Jean. Ele as forneceu em tom seco, escandindo as frases com a mão, e cada um dos ouvintes reviveu a tenebrosa história, cujos detalhes se desenrolaram enfim com lógica e clareza.

Antoine começou a rir, e seu riso era muito natural.

— É muito divertido. Tudo isso se sustenta bem. Um verdadeiro romance folhetinesco cheio de peripécias e efeitos teatrais. Meus cumprimentos, d'Enneris. Infelizmente, no que me concerne, e sem mesmo insistir no meu suposto parentesco com os Martin e na ignorância absoluta que tenho dessa segunda casa de que você fala e que não existe senão em sua fértil imaginação, infelizmente meu papel é rigorosamente o contrário daquele que você me atribui. Nunca raptei ninguém, nem roubei nenhum corpete de diamantes. Tudo isso que meus amigos Mélamare, tudo o que Arlette, Béchoux e você mesmo puderam ver de meus atos não são senão probidade, desinteresse, assistência e amizade. Você está indo mal, d'Enneris.

Objeção justa, sob certos aspectos, e que não deixou de impressionar o conde e sua irmã. A conduta aparente de Fagerault tinha sido sempre irretocável. E, por outro lado, ele podia ignorar a existência dessa segunda casa. D'Enneris não se furtou e respondeu, sempre de maneira indireta:

— Há fisionomias que enganam e maneiras de ser que induzem ao erro. Por mim, nunca me deixei levar pelo ar leal do senhor Fagerault. Desde a primeira vez que o vi na loja de sua tia Victorine, pensei que era ele nosso adversário, e quando, à noite, dissimulado atrás da tapeçaria, assim como Béchoux, eu o ouvi falar, minha dúvida se tornou certeza. O senhor Fagerault desempenhou um papel. Apenas confesso que, exatamente a partir do dia em que o vi, sua conduta me derrotou. Mas vejam que ele defendia os Mélamare em lugar de atacá-los, e que, de qualquer modo, ele mudava de campo. Que se passava então? Ah, uma coisa muito simples. Arlette, nossa bela e doce Arlette, tinha entrado em sua vida.

Antoine ergueu os ombros e riu.

— Cada vez mais engraçado. Vejamos, d'Enneris, então Arlette poderia mudar minha natureza? E fazer com que eu fosse cúmplice de patifes que eu perseguia e encurralava antes de você?

D'Enneris respondeu:

— Arlette já havia entrado na sua vida fazia algum tempo. O senhor conde de Mélamare deve se lembrar de que, atraído pela semelhança entre Arlette e uma pessoa querida que havia falecido havia tempos, acabou por segui-la várias vezes. Ora, Antoine, que o vigiava constantemente, direta ou indiretamente, ou por intermédio de suas tias, observou o seu interesse por aquela moça, acompanhou-a de longe até a sua mansão e rondou nas sombras, tentando mesmo abordá-la uma vez. A curiosidade do início foi se tornando um sentimento mais vivo, que crescia a cada encontro. Não esqueçamos que o senhor Antoine é um sentimental capaz de misturar sonhos românticos às suas especulações. Mas é também um apaixonado que não gosta de ficar a meio caminho. Encorajado pelo rapto de Régine, não hesita. Com a concordância de Laurence Martin, ainda que esta julgue o ato perigoso, rapta Arlette.

— Contava sequestrá-la, conservá-la à sua disposição e aproveitar um dia de fraqueza. Esperança vã. Arlette fugiu. Ele fica verdadeiramente desesperado. Sim, durante alguns dias, realmente sofre. Não pode passar sem ela. Quer vê-la. Quer ser amado. E uma bela noite, atrapalhando bruscamente todos os seus projetos, vai procurar Arlette e sua mãe. Apresenta-se como um antigo amigo dos Mélamare. Afirma que o conde e a condessa são inocentes. Será que Arlette o ajudaria a provar a inocência deles? Pode ver agora, não é, senhor de Mélamare, a vantagem que ele vai tirar dessa nova cartada, e como a consegue. Com um único golpe, angaria a simpatia de Arlette, feliz por reparar seu erro, colabora com ela e conquista a confiança de sua irmã, persuade-a a se entregar à Justiça, oferece a ela um plano de defesa e a salva, assim como ao senhor. Enquanto eu, desconcertado, perco tempo refletindo, ele passa as tardes aqui neste salão. Todos o festejam como tendo um gênio bom. Ele oferece milhões (o que isso lhe custaria?) para concretizar os sonhos generosos de Arlette e, apoiado por aqueles que salvou do abismo, obtém de Arlette uma promessa de casamento.

---

[5] Referência ao golpe do Termidor (julho de 1794), que pôs fim à época do Terror, durante o período revolucionário na França. (N.T.)

Arsène Lupin

Antoine havia se aproximado. Toda a sua conduta viera à luz com tal violência, sem que um só ato se mantivesse na sombra, que ele começava a perder seu ar de indiferença irônica. É preciso lembrar, por outro lado, que o clorofórmio o deixara em estado de depressão física, que seu sistema nervoso fora abalado e, sobretudo, que ele se batia com um adversário de quem não imaginava nem o poder nem a documentação que possuía a seu respeito. Plantado diante de Jean, tremia de uma cólera que não podia exalar, e, constrangido por uma força superior à sua a escutar até o fim, balbuciava frases raivosas.

— Está mentindo! Claramente, está mentindo! Você é um miserável! É o ciúme que o levanta contra mim.

— Talvez — exclamou d'Enneris, voltando-se bruscamente para ele e aceitando enfim aquele duelo direto que até ali recusara. — Talvez, porque eu também amo Arlette. Mas você não tinha senão a mim como inimigo. Seus verdadeiros inimigos agora são seus cúmplices de outrora. É o seu avô, são suas tias que permanecem inabalavelmente fiéis ao passado, enquanto você tenta se regenerar.

— Não conheço esses cúmplices! — exclamou Antoine Fagerault —, ou só os conheço agora como adversários, e sempre lutei para apanhá-los.

— Você lutou porque eles o incomodavam, porque tinha medo de se comprometer e porque queria reduzi-los à impotência. Mas malfeitores, ou melhor, maníacos como eles são difíceis de desarmar. Bem, há um projeto municipal para alargar, no bairro do Marais, um certo número de ruas, entre as quais a Rua Vieille-des-Marais. Se for executado, uma nova rua, mais larga, passará onde hoje é a casa da Valnéry. Ora, isso nem

Dominique Martin nem seus filhos podem admitir. A velha mansão é intocável. É carne de sua carne, o sangue de suas veias. Tudo, menos uma destruição que lhes parece um sacrilégio. Laurence Martin inicia negociações com um conselheiro municipal de reputação bastante duvidosa. Presa na ratoeira, tenta escapar, e o velho Dominique mata o senhor Lecourceux com um tiro de revólver.

— E o que é que eu sabia disso? — protestou Antoine. — Foi você que me inteirou do assassinato.

— Que seja. Mas o assassino era seu avô, e Laurence Martin sua cúmplice! E no mesmo dia dirigem seus ataques contra aquela que você ama e que eles condenaram. Com efeito, se você não tivesse conhecido Arlette, e se sua vontade não fosse a de se casar com ela apesar deles, você não teria traído a causa da família. Tanto pior para Arlette. Quando alguém os incomoda, eles o eliminam. Atirada em uma garagem isolada, Arlette teria sido queimada viva pelo fogo que eles acenderam, se você não tivesse chegado a tempo.

— Portanto, um amigo de Arlette! — exclamou Fagerault —, e um inimigo encarniçado desses patifes.

— Sim, mas esses patifes são sua família.

— Mentira!

— Sua família. Ainda que, nessa noite, em uma cena que teve com eles e de que tenho as provas, você tenha reprovado seus crimes e gritado que não queria matar, ainda que os tenha impedido de tocar em um só fio de cabelo de Arlette, você é solidário com seu avô e com suas tias.

— Ninguém é solidário com bandidos! — protestou Fagerault, que a cada ataque cedia terreno.

— Sim, quando foi cúmplice deles, quando roubou com eles.

— Eu não roubei.

— Você roubou os diamantes, e mais ainda, guarda todos consigo, escondidos. Recusa entregar a eles a parte do roubo que lhes caberia. E foi assim que você jogou uns contra os outros, como que tomados de loucura. É uma guerra de morte entre vocês. Perseguidos pela Justiça, assustados, acreditando que você é capaz de entregá-los, eles abandonam a casa e se refugiam em um galpão de subúrbio que lhes pertence. Mas não se deixam prender. Querem os diamantes! E querem salvar a casa da família! E lhe escrevem ou telefonam. Duas noites seguidas, há encontros nos jardins do

Champ-de-Mars. Não chegam a um acordo! Você recusa repartir os diamantes e se recusa a renunciar a seu casamento. Então os três empregam o argumento supremo: tentam matar você. Na sombra do jardim, a luta é implacável. Mais jovem e mais forte, você sai vencedor: como Victorine Martin vai para cima de você, você se livra dela com uma facada.

Antoine cambaleou e se tornou lívido. A evocação desse minuto terrível o abalou. Por sua testa escorriam gotas de suor.

— E daí por diante parece que você não tem mais nada a temer. Simpático com todos, confidente do senhor e da senhora de Mélamare, amigo de Van Houben, conselheiro de Béchoux, você é dono da situação. Seus desígnios? Libertar-se do passado, deixando que expropriem e destruam a mansão da Valnéry. Romper definitivamente com os Martin, que você indenizará no momento oportuno. Tornar-se novamente honesto. Casar-se com Arlette. Comprar a mansão da Rua d'Urfé. E, com sorte, reunir em si duas gerações inimigas e usufruir, sem remoso nem receio, dessa mansão e de seus móveis, cujos "duplos" não serão mais pretexto para roubo e crime. Esse é o seu objetivo.

— Um único obstáculo, eu! Eu, de quem você conhece a hostilidade e não ignora os sentimentos por Arlette. Assim, por excesso de prudência, e para não deixar nada ao acaso, você toma suas precauções e procura me comprometer. Não é esse o melhor meio de se garantir? Não é melhor acusar para se defender? E, como teve a presença de espírito de escrever o nome de Arsène Lupin em um papel e enfiá-lo no bolso da velha vendedora, joga com mais esse dado. Arsène Lupin é Jean d'Enneris. Você proclama para os jornais. Lança Béchoux contra mim. Qual de nós dois ganhará a partida? Está tão seguro da vitória que me provoca abertamente. O desenlace se aproxima. É uma questão de horas, uma questão de minutos. Estamos ambos frente a frente e sob os olhos da polícia, Béchoux só tem que escolher um de nós. O perigo é tão iminente para mim que sinto a necessidade de ganhar tempo, como se diz, e de lhe dar um soco bem aplicado.

Antoine Fagerault lançou um olhar ao seu redor, procurando um apoio, uma simpatia. Mas o conde e sua irmã, assim como Van Houben, observavam-no duramente. Arlette parecia ausente, Béchoux tinha um ar implacável de policial que está com a mão em sua presa.

Ele tremeu e, contudo, se reergueu, procurando ainda encarar o inimigo.

— Tem alguma prova?

— Vinte. Há oito dias vivo à sombra dos Martin, que consegui que saíssem do esconderijo. Tenho cartas de Laurence para você e de você para Laurence. Tenho cadernos de anotações, uma espécie de diário escrito por Victorine Martin, a vendedora, onde ela conta toda a história da Valnéry e a história de vocês todos.

— E por que ainda não deu tudo isso à polícia? — balbuciou Antoine, indicando Béchoux com o dedo.

— Porque eu queria primeiro, diante de todos, provar que você é um traidor e um indigno, e porque queria em seguida lhe deixar um meio de se redimir.

— Que meio?

— Devolvendo os diamantes.

— Mas não estou com eles! — exclamou Antoine Fagerault com um sobressalto de fúria.

— Estão em seu poder. Laurence Martin acusou você. Estão escondidos.

— Onde?

— Na mansão da Valnéry.

Antoine se exasperou:

— Então você conhece essa mansão inexistente? Conhece essa mansão misteriosa e fantástica?

— Claro! No dia em que Laurence quis comprar o conselheiro municipal encarregado de certo relatório, e em que eu soube que esse relatório se referia ao alargamento de uma rua, foi fácil para mim saber qual era a rua e encontrar a localização de uma ampla mansão com pátio na frente e jardim nos fundos.

— Pois bem, então por que não nos conduziu a esse lugar? Se você queria me confundir e reclamar os diamantes que escondi ali, por que não estamos na casa da Valnéry?

— Estamos sim — declarou tranquilamente d'Enneris.

— Que é que você está dizendo?

— Estou dizendo que bastou um pouco de clorofórmio para que você dormisse e o trouxéssemos até aqui, com o senhor e a senhora de Mélamare.

— Aqui?

— Sim, na casa de Valnéry.

— Mas não estamos na casa da Valnéry! Estamos da Rua d'Urfé.

— Estamos no salão onde você despojou Régine e para onde trouxe Arlette.

— Não é verdade… não é verdade… — murmurou Antoine, atônito.

— Hein? — zombou d'Enneris. — Era preciso que a ilusão fosse tão perfeita para que você mesmo, bisneto da Valnéry e neto de Dominique Martin, se deixasse enganar!

— Não é verdade! Você está mentindo! Não é possível! — continuou Fagerault, esforçando-se por distinguir entre os objetos certas diferenças que não existiam.

E Jean, impiedoso, continuou:

— Aqui! Foi aqui que você viveu com os Martin! Quase toda a mansão está vazia. Mas este cômodo está com todos os seus móveis. A escada e o pátio conservaram seu aspecto secular. É a mansão da Valnéry.

— Mentira! Mentira! — balbuciou Antoine, torturado.

— Foi aqui. A mansão está cercada. Béchoux veio conosco. Seus agentes estão no pátio e no subsolo. Foi aqui, Antoine Fagerault! Era aqui que Dominique e Laurence Martin, obcecados os dois pela velha mansão fatídica, vinham de tempos em tempos. Quer vê-los? Hein? Quer assistir à prisão deles?

— Vê-los?

— Ora! Se você os vir aparecerem, vai admitir que eles estão na casa deles, e que estamos na Rua Vieille-des-Maris, e não da Rua d'Urfé.

— E vão ser presos?

— A menos — brincou d'Enneris — que Béchoux se recuse…

Sobre a lareira, o pêndulo do relógio soou seis vezes com seu tom ácido. E d'Enneris afirmou:

— Seis horas! Você sabe como eles são pontuais. Outra noite eu os ouvi prometerem dar uma volta até aqui às seis horas exatamente. Olhe pela janela, Antoine. Eles sempre entram pelo fundo do jardim. Olhe.

Antoine tinha se aproximado e olhava, contra a vontade, pelas cortinas de tule. Os outros também, inclinados em suas cadeiras, procuravam ver, imóveis e ansiosos.

E, perto do galpão abandonado, a pequena porta por onde Arlette tinha escapado foi empurrada lentamente. Dominique entrou primeiro, depois Laurence.

— Ah, é terrível! — sussurrou Antoine. — Que pesadelo!

— Não é pesadelo — riu d'Enneris. — É a realidade. O senhor Martin e a senhorita Martin estão dando uma volta por seus domínios. Béchoux, quer fazer o favor de colocar seus homens abaixo daquele cômodo? Sabe? A sala dos velhos vasos de flores. Sobretudo, nada de barulho. Ao mínimo alerta, o senhor Martin e a senhorita Martin desapareceriam como sombras. A mansão está toda adulterada, eu o avisei, e há sob o jardim uma saída secreta que dá para a rua deserta e desemboca em um estábulo vizinho. É preciso, portanto, esperar que eles estejam a dez passos das janelas. Vocês então vão pular sobre eles e mantê-los amarrados na sala.

Béchoux saiu depressa. Ouviu-se um ruído embaixo. Depois fez-se silêncio.

Lá embaixo, o pai e a filha avançavam passo a passo, com aquele ar de criminosos que talvez não seja de inquietude, mas da atenção contínua em que se adivinha o esforço habitual de olhos e ouvidos e o enrijecimento de todos os nervos.

— Ah, é terrível! — repetiu Antoine.

Mas sobretudo a emoção de Gilberte estava no auge. Ela contemplava com uma angústia indizível a lenta caminhada dos dois infelizes. Para ela e para seu irmão, que acreditavam que estavam em seu salão da Rua d'Urfé, Dominique e Laurence eram os representantes daquela família que tanto os havia feito sofrer. Pareciam sair do passado tenebroso e vir, mais uma vez, atacar os Mélamare para empurrá-los, mais uma vez, para a desonra e o suicídio.

Gilberte escorregou de sua poltrona e caiu de joelhos. O conde cerrou os punhos com raiva.

— Por favor, não se mexa — disse d'Enneris. — E você tampouco, Fagerault.

— Poupe-os! — suplicou Fagerault. — Presos, eles se matarão. Já me falaram isso muitas vezes.

— E daí? Já não fizeram bastante mal?

Agora os dois se achavam bem em frente, a quinze ou vinte passos. Eles exibiam a mesma expressão austera, mais cruel na mulher, mais

impressionante no pai, cujo rosto anguloso, despojado de toda humanidade, não tinha mais idade.

De repente, pararam. Barulho? Alguma coisa que havia se mexido em algum lugar? Ou seria o instinto do perigo?

Tranquilizados, recomeçaram a andar ao mesmo tempo.

E de súbito foi como se um batalhão se abatesse sobre eles. Três homens haviam pulado na frente dos dois e os agarraram pela garganta e os punhos antes que tivessem tempo de esboçar um movimento de fuga ou resistência. Nem um grito. Alguns segundos depois, desapareciam, levados para o subsolo. Dominique e Laurence, por tanto tempo procurados, herdeiros invisíveis de tantos crimes sem castigo, achavam-se nas mãos da Justiça.

Houve um momento de silêncio. Gilberte, ajoelhada, rezava. Adrien de Mélamare sentia que a pedra tumular se levantava e que ele podia enfim respirar melhor. Depois, d'Enneris se inclinou sobre Antoine Fagerault e o segurou pelo ombro.

— É a sua vez, Fagerault. Você é o último descendente, aquele que representa a raça maldita, e, como os outros dois, deve pagar sua dívida secular.

Nada mais restava daquele ser de aparência tão feliz e despreocupada que era Antoine Fagerault. Em poucas horas, tinha assumido uma fisionomia de aflição e de ruína. Tremia de medo.

Arlette se aproximou e implorou a d'Enneris.

— Salve-o, eu lhe peço.

— Ele não pode ser salvo — disse d'Enneris. — Béchoux está de vigia.

— Eu lhe peço… — repetiu a jovem. — Basta que você queira.

— Mas é ele que não quer, Arlette. Ele só tem uma palavra a dizer, mas se recusa.

Em um sobressalto de energia, Antoine se ergueu.

— O que devo fazer?

— Onde estão os diamantes?

E como Antoine hesitasse, Van Houben, fora de si, gritou-lhe:

— Os diamantes, vamos…! Senão, sou eu que acabo com você.

— Não perca tempo, Antoine — ordenou d'Enneris. — Volto a repetir, a mansão está cercada. Béchoux já vai mandar seus homens para cá, e são mais numerosos do que você pode pensar. Se quer que eu o salve, fale. Os diamantes?

Ele o segurava por um braço, Van Houben pelo outro. Antoine perguntou:

— Terei minha liberdade?

— Eu lhe juro.

— Para onde irei?

— Vai para a América. Van Houben lhe enviará cem mil francos a Buenos Aires.

— Cem mil! Duzentos mil! — exclamou Van Houben, que prometia tudo naquele momento, mesmo que isso significasse que não iria cumprir… — Trezentos mil!

Antoine ainda hesitava.

— Devo chamar Béchoux? — disse Jean.

— Não… não… espere… vá lá… Pois bem, que seja… concordo.

— Fale.

Em voz baixa, Antoine disse lentamente:

— No cômodo ao lado… no toucador.

— Nada de brincadeiras! — disse Jean. — Esse cômodo está vazio. Todos os móveis foram vendidos.

— A não ser o lustre. O velho Martin o queria mais que tudo.

— E você escondeu os diamantes em um lustre!

— Não. Mas substituí certo número dos cristais menores na coroa de baixo… um a cada dois, exatamente, e uni os diamantes com pequenos fios de ferro, para parecer que estavam pendurados e enfiados como os outros pendentes do lustre.

— Que diabo! É uma maneira bastante esperta que você encontrou! — exclamou d'Enneris. — Subiu na minha estima.

Com a ajuda de Van Houben, ele afastou a tapeçaria e abriu a porta. O toucador estava vazio; apenas do teto pendia um lustre do século XVIII, todo de correntinhas de cristais lapidados.

— Bem, e então? — disse d'Enneris, com espanto. — Onde estão?

Os três procuravam, com a cabeça para cima. Depois Van Houben gaguejou, com voz trêmula:

— Não estou vendo nada… as correntinhas de cristais da coroa de baixo estão incompletas. É isso aí.

— Mas então? — disse Jean.

Van Houben foi buscar uma cadeira, colocou-a sob o lustre e subiu. Logo em seguida, quase perdeu o equilíbrio e caiu. Exclamou:

— Arrancados! Foram roubados mais uma vez.

Antoine Fagerault parecia aturdido.

— Não… vejamos… não é possível. Laurence teria encontrado?

— Claro que sim! — gemeu Van Houben, que mal podia se expressar… Você tinha colocado um diamante de dois em dois lugares, não é?

— Sim… fiz um juramento.

— Pois bem, os Martin levaram tudo… Olhem, os fios de ferro foram cortados um a um com uma pinça… É uma catástrofe…! Nunca vi nada igual…! Justo quando eu acreditava…

Recuperou subitamente a voz, começou a correr e se precipitou no vestíbulo, berrando:

— Ladrões! Ladrões! Atenção, Béchoux, eles estão com meus diamantes! Obrigue-os a falar, os patifes…! Temos que torcer seus punhos e arrancar suas unhas com tenazes.

D'Enneris voltou para o salão, bateu na tapeçaria e disse a Antoine, encarando-o:

— Você me garante que colocou os diamantes naquele lugar?

— Na mesma noite, e eles ainda estavam ali na minha última visita, há uma semana, um dia em que eu sabia que os dois estavam fora.

Arlette havia se aproximado e murmurou:

— Acredite nele, Jean, estou certa de que diz a verdade. E, assim como ele cumpriu a promessa dele, você deve cumprir a sua. Pode salvá-lo.

D'Enneris não respondeu. O desaparecimento das joias parecia desconcertá-lo, e ele repetia entre dentes:

— Estranho… Não dá para entender. Se já estavam com os diamantes, por que voltar…? Onde os teriam escondido…?

Mas o incidente não podia reter por mais tempo sua atenção e, como o conde de Mélamare e sua irmã o apressassem com tanta insistência quanto Arlette, mudou subitamente de expressão e, com o rosto sorrindo, lhes disse:

— Vamos! Vejo que o senhor Fagerault, apesar de tudo, ainda inspira a simpatia de vocês. E, no entanto, parece ter perdido o brilho, o senhor Fagerault. Pois bem, vamos, levante-se, meu velho! Está com um ar de condenado à morte. É Béchoux que lhe mete medo? Pobre Béchoux! Quer

que eu lhe mostre como se desembaraçar dele, como escapar entre as malhas de uma rede, como, em vez de parar na prisão, pode ir dormir na Bélgica, em uma boa cama?

Ele esfregou as mãos.

— Sim, na Bélgica, e nesta noite mesmo! O programa lhe agrada, hein? Então bata três vezes na madeira.

Ele bateu o pé três vezes no assoalho. Na terceira vez, a porta se abriu bruscamente, e Béchoux surgiu de um pulo.

— Ninguém passa — exclamou o delegado.

Se d'Enneris brincava, se a irrupção de Béchoux ao sinal indicado lhe pareceu extremamente engraçada, deixando-o a ponto de rir, não aconteceu o mesmo com os outros, que ficaram confusos.

Béchoux fechou novamente a porta e, trágico, solene, como sempre ficava nesses momentos:

— A ordem vale para todos. Ninguém deve sair da casa sem minha permissão.

— Em boa hora — aprovou d'Enneris, que se sentou confortavelmente. — Gosto da autoridade. Isso que você disse é idiota, mas você o disse com convicção. Fagerault, está entendendo? Se quiser sair para passear, será preciso primeiro levantar o dedo e pedir permissão para o delegado.

Imediatamente Béchoux se enraiveceu e exclamou:

— Chega de brincadeiras, você. Temos uma conta a acertar nós dois e mais séria do que você pensa.

D'Enneris desatou a rir.

— Meu pobre Béchoux, você é grotesco. Por que tratar tudo isso como um drama, uma vez que, com a sua presença, você torna a situação cômica? Entre mim e Fagerault está tudo acertado. Por consequência, não precisa desempenhar seu papel de grande policial e brandir seu mandato.

— O que é que você está cantando aí? O que é que está acertado?

— Tudo. Fagerault não pôde nos entregar os diamantes. Mas, já que o velho Martin e sua filha estão à disposição da Justiça, estamos certos de sua recuperação.

Béchoux declarou, sem nenhuma vergonha:

— Estou me lixando para os diamantes!

— Como você é grosseiro! Expressões tão feias diante de senhoras! De todo modo, estamos todos de acordo aqui, a questão dos diamantes não

vem mais ao caso, e, a pedido do conde de Mélamare, da condessa e de Arlette, resolvi ser indulgente com Fagerault.

— Depois de tudo que você nos contou sobre ele? — zombou Béchoux. — Após tê-lo desmascarado e demolido como você fez?

— O que você quer? Ele me salvou a vida, um dia. Isso não se esquece. Por outro lado, não é um mau rapaz.

— Um bandido!

— Ah! Um meio bandido, no máximo, hábil sem grandeza, engenhoso sem gênio e que tenta nadar contra a corrente. Em suma, um candidato à honestidade. Vamos ajudá-lo, Béchoux: Van Houben lhe deu cem mil francos e eu lhe ofereci uma colocação de caixa em um banco na América.

Béchoux ergueu os ombros.

— Asneiras! Vou enviar os Martin para a delegacia, e ainda há dois lugares em meu carro.

— Tanto melhor! Você vai mais bem acomodado.

— Fagerault…

— Não toque nele… Seria fazer um escândalo em torno de Arlette. Não quero. Deixe-nos tranquilos.

— Ah, isso agora! — exclamou Béchoux, que se irritava mais ainda. — Não compreendeu o que eu disse? Tenho dois lugares além dos Martin, para que a fornada fique completa.

— E pretende levar Fagerault?

— Sim…

— E quem mais?

— Você.

— Eu! Então quer me prender?

— É isso aí — disse Béchoux, colocando rudemente a mão em seu ombro.

D'Enneris mostrou-se espantado.

— Mas ele está louco! Deveriam interná-lo! Como! Desvendo todo o caso. Trabalho como um escravo. Cubro-o de favores, entrego Dominique Martin, entrego Laurence Martin, entrego o segrego dos Mélamare, dou-lhe de presente uma reputação universal, autorizo-o a dizer que foi ele que descobriu tudo, ajudo-o até a obter uma promoção, ser nomeado alguma coisa como um superdelegado. E é assim que você me recompensa?

O senhor de Mélamare e sua irmã escutavam sem dizer uma palavra. Onde o diabo aquele homem queria chegar? Porque, se estava gracejando, não teria suas razões? Antoine parecia menos inquieto. Parecia que Arlette tinha vontade de rir, apesar de sua angústia.

Béchoux declarou, em tom enfático:

— Os dois Martin? Sob a vigilância de um agente e de Van Houben, que não tira os olhos de cima deles. E embaixo, no vestíbulo, ainda tenho três de meus homens, dos mais robustos! No jardim, três outros, também robustos! Venha dar uma olhada, e verá que não são rapazes de água-de-colônia. Ora, todos eles têm ordem de abater você como um cão se tentar escapar. Lá também a ordem é formal. Basta um apito meu e todos se aproximam, e só falam de revólver em punho.

D'Enneris ergueu a cabeça. Não se voltou, e repetiu:

— Você quer me prender. Quer prender este cavalheiro que se chama d'Enneris, este navegador célebre…

— Não, d'Enneris não.

— Quem, então? Jim Barnett?

— Também não.

— Nesse caso…

— Arsène Lupin.

D'Enneris começou a rir.

— Quer prender Arsène Lupin? Ah, isso é cômico! Mas não se prende Arsène Lupin, meu velho. Se ao menos se tratasse de d'Enneris, ou a rigor de Jim Barnett, talvez. Mas Lupin! Vejamos, você não refletiu no que quer dizer, Lupin…?

— Quer dizer, um homem como os outros — exclamou Béchoux —, e que será tratado como merece.

— Quer dizer — continuou firme d'Enneris —, um homem que nunca se deixou prender por ninguém, sobretudo por um coitadinho como você; quer dizer, um homem que não obedece senão a si mesmo, que se diverte e que vive como lhe convém, que gosta de colaborar com a Justiça, mas à sua maneira, que é boa. Dê o fora.

Béchoux foi ficando vermelho. Tremia de fúria.

— Chega de conversa. Sigam-me os dois.

— Não vai ser possível.

— Devo chamar meus homens?

— Eles não entrarão neste cômodo.

— Veremos.

— Lembre-se de que aqui era um refúgio de bandidos e que a casa está toda cheia de truques, de engenhocas ocultas. Quer uma prova?

Girou a pequena rosácea de um painel.

— Basta girar esta rosácea e as fechaduras ficam bloqueadas. Sua ordem é que ninguém saia, a minha é que ninguém entre.

— Eles vão demolir a porta. Vão quebrar tudo! — gritou Béchoux, fora de si.

— Chame-os.

Béchoux tirou do bolo um apito de policial.

— Seu apito não funciona — disse d'Enneris.

Béchoux apitou com toda a sua força. Nenhum som se ouviu. Nada a não ser o vento, que soprava pelas frestas.

A alegria de d'Enneris se redobrou.

— Meu Deus! Que engraçado! E ainda quer lutar? Mas vejamos, meu velho, se eu fosse verdadeiramente Lupin, acha que viria aqui em companhia de uma esquadra de policiais sem tomar minhas precauções? Acha que não previ sua traição e sua ingratidão? Mas a mansão está cheia de truques, meu velho, repito, e conheço todos os mecanismos.

E, bem perto de Béchoux, lançou-lhe no rosto:

— Idiota! Você se lança em uma aventura como um louco. Imagina que, acumulando homens em volta de mim, você me pega! E a saída secreta desta casa de que tanto lhe falei, hein? Essas saídas da Valnéry e dos Martin, que ninguém conhecia, nem mesmo Fagerault, e que descobri? Livre, estou livre para sair quando bem quiser, e Fagerault também. E você nada pode fazer.

Encarando Béchoux, puxou Fagerault para trás de si até a parede, entre a lareira e uma das janelas.

— Entre em uma antiga alcova, Antoine, e procure à direita… Há um painel com uma velha gravura… Todo o painel se desloca… Achou?

D'Enneris vigiava Béchoux atentamente. Este quis usar o revólver. Mas ele lhe segurou o braço.

— Nada de drama! Ria… pois é engraçado! Você não previu nada… nem mesmo a saída secreta, e mesmo que eu lhe devolva o apito, pode trocar por outro. Tome, vá, aí está. Pode usar agora.

Girou em uma pirueta e desapareceu. Béchoux correu para a porta. Uma gargalhada respondeu ao soco que desferiu nela. Depois, ouviu-se algo que disparou e que estalou.

Por mais afobado que estivesse, Béchoux não hesitou. Não perdeu mais tempo machucando os punhos. Apanhou seu apito, subiu na janela, abriu-a e pulou.

Assim que chegou ao jardim, rodeado por seus homens, apitou e, correndo para o galpão abandonado, pela rua pouco frequentada, para onde dava a saída secreta, apitou ainda mais, com sopros vibrantes que rasgavam o espaço.

Na janela, o senhor e a senhora de Mélamare, inclinados, esperavam e olhavam. Arlette suspirou:

— Não os prenderam, não? Seria terrível.

— Não, não — disse Gilberte, que não escondia sua emoção. — Não, não, a noite começa a cair. Não poderão prendê-los.

Os três desejavam ardentemente a salvação dos dois homens, a de Fagerault, ladrão e bandido, e a de d'Enneris, estranho aventureiro cuja personalidade não lhes deixava nenhuma dúvida e que, em todo aquele caso, tinha agido de tal maneira que não se podia deixar de compreender sua posição contra a polícia.

Passou-se quando muito um minuto. Arlette repetiu:

— Seria terrível se eles fossem presos. Mas não é possível, não é?

— Impossível! — disse uma voz alegre atrás dela. — Não vão prendê-los, a menos que encontrem uma saída subterrânea que nunca existiu.

A antiga alcova fora reaberta. D'Enneris estava saindo do pequeno cômodo, assim como Fagerault.

E d'Enneris continuou a rir, e com muito gosto!

— Nada de saída secreta! Nada de painel que desliza! Nada de fechaduras bloqueadas! Nunca uma velha mansão foi tão leal e menos cheia de truques como esta. Mas, veja só, apenas deixei Béchoux em tal estado de excitação nervosa e de credulidade doentia que ele foi incapaz de refletir.

E, muito calmo, dirigindo-se a Antoine:

— Veja, Fagerault, é como em uma peça de teatro, é preciso cuidar da preparação. Quando a cena é bem preparada, resta apenas proceder com afirmações incisivas. E foi assim que Béchoux, tensionado como uma mola,

disparou como um bólido na direção que lhe sugeri, e toda a polícia se precipitou para os estábulos da vizinhança, cuja entrada vão derrubar. Veja-os correndo pela relva. Venha, Fagerault, não há tempo a perder.

D'Enneris parecia tão calmo e falava com tanta segurança que toda a agitação cessou em torno dele. Nenhuma ameaça de perigo pairava mais sobre eles. Imaginavam Béchoux e seus inspetores correndo pela rua e quebrando portas.

O conde estendeu a mão a d'Enneris e lhe perguntou:

— Não precisa mais de mim, senhor?

— Não, senhor. O caminho ainda estará livre durante pouco mais de um ou dois minutos.

E inclinou-se diante de Gilberte, que igualmente lhe ofereceu a mão.

— Nunca poderei lhe agradecer o bastante, senhor, pelo que fez por nós — disse ela.

— E pela honra de nosso nome e de nossa família — acrescentou o conde. — Eu lhe agradeço de todo o coração.

— Até logo, minha pequena Arlette — disse d'Enneris. — Diga-lhe adeus, Fagerault. — Ela logo vai lhe escrever: "Para Antoine Fagerault, caixa em Buenos Aires".

Tirou da gaveta de uma mesa uma pequena caixa fechada com elástico, a propósito da qual não deu nenhuma explicação, depois fez uma última saudação e saiu com Fagerault. O senhor e a senhora de Mélamare, assim como a jovem, os seguiam de longe com o olhar.

O vestíbulo estava vazio. No meio do pátio, viam-se dois carros na sombra, que aumentava. Em um, da chefatura, estavam o velho Martin e sua filha, amarrados. Van Houben, de revólver em punho, os vigiava, assistido pelo motorista.

— Vitória! — exclamou d'Enneris, chegando perto de Van Houben. — Havia um cúmplice escondido em um armário. Foi ele quem roubou os diamantes. Béchoux e seus homens foram em sua perseguição.

— E os diamantes? — perguntou Van Houben, que não suspeitava de nada.

— Fagerault os encontrou.

— Estão aí?

— Sim — afirmou d'Enneris, mostrando a caixa que tinha tirado da gaveta e entreabrindo a tampa.

— Meu Deus! Meus diamantes! Dê para mim.

— Sim, mas primeiro vamos salvar Antoine. É a condição. Leve-nos em seu carro.

Desde o instante em que encontraram seus diamantes, Van Houben estava pronto a todo tipo de acordo. Saíram os três do pátio e entraram no carro. Van Houben arrancou logo.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Para a Bélgica. A cem quilômetros por hora.

— Está bem — disse Van Houben, arrancando a caixa das mãos de d'Enneris e colocando-a no bolso.

— Como queira — disse Jean. — Mas, se não passarmos a fronteira antes que eles telegrafem da chefatura, eu os pego de volta. Você está avisado.

A ideia de que estava com seus diamantes no bolso, o medo de perdê-los, a força irresistível que d'Enneris exercia sobre ele, tudo isso aturdia Van Houben a ponto de ele não ter outro pensamento a não ser manter a velocidade máxima, jamais diminuir, mesmo ao atravessar vilarejos e alcançar a fronteira.

Chegaram pouco depois da meia-noite.

— Para ali — disse Jean —, duzentos metros antes da alfândega. Vou guiar Fagerault a fim de que nada lhe aconteça, e encontro você aqui em uma hora. Logo voltaremos a Paris.

Van Houben esperou uma hora, esperou duas horas. Foi somente então que uma dúvida o atormentou como um golpe de estilete. Após a partida dos dois, ele havia examinado a situação sob todos os aspectos, havia se perguntado por que d'Enneris tinha agido assim e como ele, Van Houben, resistiria tanto se quisessem tomar a caixa dele. Mas nem por um segundo tinha pensado na hipótese de que pudesse haver outra coisa na caixa senão seus diamantes.

À luz do farol, com a mão trêmula, foi olhar dentro dela. A caixa continha algumas dezenas de cristais lapidados, que evidentemente provinham do lustre mutilado…

Van Houben voltou diretamente para Paris à mesma velocidade. Ludibriado por d'Enneris e Fagerault, compreendeu que não tinha servido senão para transportá-los para fora da França, não tendo esperança, para recuperar seus diamantes, senão nas revelações do velho Martin e de sua

filha Laurence.

Mas, chegando, leu nos jornais que na véspera, à noite, o velho Martin havia se enforcado e sua filha, ingerido veneno.

Epílogo

Arlette e Jean

Ainda nos lembramos da viva impressão causada pelo duplo suicídio que encerrou certo dia pesado, de incidentes trágicos, que em grande parte ficaram conhecidos do grande público, e que em outros, que adivinhamos ou procuramos adivinhar, despertaram muita curiosidade. O suicídio dos Martin foi o fim de um caso que apaixonou a opinião pública por semanas, e o fim de um enigma que muitas vezes, nos últimos cem anos, se mostrou em condições tão perturbadoras. E foi ainda o fim de um longo suplício infligido pelo destino à família dos Mélamare.

Coisa imprevista, e natural, no entanto, o delegado Béchoux não obteve desses acontecimentos o benefício moral e profissional que parecia dever desfrutar. Todo o interesse recaiu sobre d'Enneris, ou seja, Arsène Lupin, uma vez que, somando tudo, a imprensa, e em seguida a polícia, viram apenas um e o mesmo personagem sob dois nomes. Lupin foi logo o grande herói da aventura, aquele que decifrou o enigma histórico, esclareceu o mistério das duas mansões semelhantes, divulgou toda a história da Valnéry, salvou os Mélamare e entregou os culpados. Béchoux foi reduzido a um papel de comparsa e de subalterno ridículo, desdenhado por Lupin, ao qual forneceu ingenuamente, assim como o pouco simpático Van Houben, todos os elementos daquela fuga burlesca rumo à fronteira belga.

Mas no que o público inovou, indo mais longe do que a imprensa e mais longe que a polícia, foi atribuir instantaneamente o desaparecimento

dos diamantes a Arsène Lupin. Uma vez que Lupin tinha feito tudo, preparado tudo e conseguido tudo, parecia evidente que ele tivesse embolsado tudo. O que nem Béchoux, nem Van Houben, nem os Mélamare entreviram, o público logo admitiu como um ato de fé, e isso tanto pela lógica, talvez, como porque nada oferecia aos acontecimentos uma conclusão mais divertida do que essa escamoteação de última hora.

A exasperação de Béchoux atingiu o paroxismo. Ele era muito perspicaz para não reconhecer que lhe havia faltado clarividência, e não imaginou nem por um minuto se subtrair à verdade que o público espontaneamente proclamava. Mas correu para a casa de Van Houben e o afligiu com suas censuras e seus sarcasmos.

— Hein? Eu não lhe disse logo no início? Aquele demônio encontrou os diamantes, mas você, Van Houben, nunca mais vai revê-los. Todos os nossos esforços não serviram senão a ele, como de hábito. Ele trabalha com a polícia, consegue receber toda a cooperação, abrir todas as portas, e no fim das contas, quando o alvo é atingido, graças a ele, confesso, faz meia-volta e dá o fora com as apostas da partida.

Van Houben, que, doente, extenuado, tivera que ficar de cama, murmurou:

— Estamos ferrados, então? Sem chances de encontrá-los?

Béchoux confessou seu desânimo e disse, com uma humildade não desprovida de nobreza:

— É preciso se resignar. Não há nada a fazer contra esse homem. Na execução de seus planos, utilizou recursos de invenção e de energia inesgotáveis. A maneira como me impôs a ideia de uma saída secreta, na casa dos Martin, e como me fez sair de um lado para ele poder sair de outro, com as mãos nos bolsos, isso é coisa de gênio. A luta é absurda: por mim, renuncio.

— Pois bem! Eu não! — exclamou Van Houben, erguendo-se.

Béchoux lhe disse:

— Uma última palavra, senhor Van Houben. Por acaso ficou arruinado com a perda desses diamantes?

— Não — admitiu o outro, em um acesso de franqueza.

— Pois bem, contente-se com o que lhe restou e creia-me, não pense mais nesses diamantes. Jamais vai poder revê-los.

— Renunciar a meus diamantes! Jamais revê-los! Mas essa é uma ideia abominável! O quê! Diga-me, a polícia continua suas investigações?

— Sem resultados.

— Mas e o senhor?

— Não me meto mais.

— E o juiz de instrução?

— Vai arquivar o caso.

— É odioso. Com que direito?

— Os Martin estão mortos, e não se tem nenhuma acusação precisa contra Fagerault.

— Que se empenhe atrás de Lupin!

— Para quê?

— Para encontrá-lo.

— Nunca se encontra Lupin.

— E se procurarem por Arlette Mazolle? Lupin tem uma queda por ela. Deve andar em volta da casa dela.

— Já pensamos nisso. Temos agentes vigiando.

— Só?

— Arlette fugiu. Imaginamos que tenha ido se juntar a Lupin fora da França.

— Que diabo! Quanto azar! — exclamou Van Houben.

Arlette não estava foragida. Ela tinha se juntado a Lupin. Mas, cansada de tantas emoções e incapaz de retornar agora ao seu salão de costura, descansava nos arredores de Paris, em uma bela casa rodeada de árvores e com um jardim que descia, por meio de terraços floridos, até a margem do Sena.

Um dia, na verdade, para se desculpar de seu mau humor de uma noite junto de Régine Aubry, ela tinha ido ver a bela atriz, que, agora muito famosa, se preparava para desempenhar um papel em uma grande revista teatral. As duas jovens estavam uma nos braços da outra, e Régine, achando Arlette pálida e preocupada, sem lhe perguntar nada, propôs-lhe repousar uma temporada nessa casa que lhe pertencia.

Arlette logo aceitou e avisou sua mãe. No dia seguinte, foi dizer adeus aos Mélamare, que encontrou felizes, alegres, libertados da doentia submissão a um passado do qual Jean d'Enneris havia tirado a sombra terrível de mistério, e já fazendo planos para renovar e trazer novamente à

vida a velha mansão da Rua d'Urfé. E nessa noite mesmo Arlette, sem ninguém saber, partiu de automóvel.

Passaram-se duas semanas, indolentes e aprazíveis. Arlette renascia naquela calma e naquela solidão, e, sob o brilho do sol de julho, retomou a cor fresca e saudável. Servida por criados de confiança, nunca saía do jardim e sonhava à margem do Sena, sobre um banco que abrigava tílias em flor.

Às vezes um barco levando um casal de namorados passava ao longo do rio. Quase todo dia um velho camponês vinha pescar bem ao lado, em um barco amarrado na margem vizinha, entre as pedras que brilhavam na água. Ela conversava com ele, seguindo com os olhos as boias de cortiça que dançavam ao ritmo das pequenas ondas, ou bem se divertia em olhar, sob o grande chapéu de palha em forma de sino, o perfil do bom homem, seu nariz aquilino, seu queixo de pelos rijos como os do colmo.

Uma tarde, quando ela se aproximou, ele lhe fez sinal para não falar, e ela se sentou mansamente ao seu lado. Na ponta de uma longa vara de pescar, a boia afundava e subia em sobressaltos.

Um peixe tentava morder a isca. Ele desconfiava, sem dúvida. A boia voltava à imobilidade. Arlette disse alegremente ao seu companheiro:

— Esse não é para hoje, hein? Vamos ficar de mãos abanando.

— Ao contrário, uma bela pesca, senhorita — murmurou ele.

— No entanto — repetiu Arlette, apontando a linha vazia sobre a água — o senhor não pegou nada.

— Sim.

— O quê?

— Uma pequena Arlette muito bonita.

Ela não entendeu logo: era Jean d'Enneris! Ele havia combinado com o velho camponês e tomara seu lugar por um dia.

Ela se assustou e balbuciou:

— O senhor! Senhor! Vá embora… Ah, eu lhe peço, vá!

Ele tirou o amplo chapéu de palha que lhe cobria a cabeça e disse rindo:

— Mas por que você quer que eu vá, Arlette?

— Tenho medo… eu lhe suplico….

— Medo de quê?

— De todos os que estão à sua procura! Das pessoas que ficam rodeando minha casa em Paris!

— Foi por isso que você desapareceu?

— Foi por isso… tenho tanto medo! Não quero que você caia na armadilha por minha causa. Vá embora!

Ela estava sofrendo. Pegou as mãos dele, e seus olhos lacrimejavam. Então ele lhe disse suavemente:

— Fique tranquila. Eles têm tão poucas esperanças de me encontrar que não me procuram.

— Perto de mim, sim.

— Por que me procurariam perto de você?

— Porque sabem…

Arlette corou completamente. Ele completou:

— Porque sabem que eu a amo e que não posso viver sem ver você, não é?

Ela recuou sobre o banco e, desta vez sem temer, já mais segura com a calma de Jean, retrucou:

— Cale-se… não diga essas coisas… senão eu deverei partir.

Eles se olharam bem no rosto um do outro. Ela ficou admirada de vê-lo tão jovem, muito mais jovem que antes. Sob a camisa do velho camponês, o peito nu, ele tinha o ar de ter sua idade. D'Enneris hesitou um pouco, intimidado subitamente pelos olhos sérios que o examinavam. Em que ela estaria pensando?

— Que é que você tem, minha pequena Arlette? Estou achando que não teve prazer de me ver…

Ela não respondeu. E ele continuou:

— Explique-se. Existe alguma coisa entre nós que nos embaraça, e não gosto nem um pouco disso!

Com uma voz séria, que não era mais a da pequena Arlette, mas de uma mulher mais refletida e que se conservava na defensiva, ela afirmou:

— Só uma pergunta: por que você veio?

— Para ver você.

— Existem outras razões, tenho certeza.

Depois de um instante, ele confessou:

— Pois bem, sim, Arlette, existem outras… Aqui vão. Você vai compreender. Ao desmascarar Fagerault, arruinei todos os seus planos, todos os seus belos projetos de mulher corajosa, que quer fazer o bem. E acredito que era meu dever lhe proporcionar meios de continuar seu

esforço…

Ela ouvia distraidamente. O que ele lhe dizia não correspondia à sua expectativa.

No final, ela perguntou:

— É você que está com os diamantes, não é?

Ele disse entre dentes:

— Ah, então é isso o que a preocupa, Arlette? Por que não me falou disso?

Ele exibia um sorriso um pouco ambíguo, onde sua natureza se mostrava de novo.

— Sou eu, na verdade. Eu os descobri no lustre, na noite anterior. Preferi que ninguém soubesse para que a acusação recaísse sobre os Martin. Nunca imaginei que o público adivinhasse a verdade… essa verdade que é lhe desagradável, não é, Arlette?

A jovem continuou:

— Mas esses diamantes, você vai devolvê-los, não?

— A quem?

— A Van Houben.

— A Van Houben? Nunca na vida.

— Pertencem a ele.

— Não.

— No entanto…

— Van Houben os roubou de um velho judeu de Constantinopla logo após uma viagem que fez, há alguns anos. Tenho prova disso.

— Então pertencem a esse judeu.

— Ele morreu de desgosto.

— Nesse caso, à sua família.

— Ele não tinha. Ninguém sabe seu nome, nem onde nasceu.

— De modo que, definitivamente, você vai ficar com eles?

D'Enneris teve vontade de responder rindo:

"Ora! Não tenho algum direito sobre eles?".

No entanto respondeu:

— Em todo esse caso, Arlette, procurei apenas a verdade, a libertação dos Mélamare e a derrota de Antoine, que eu queria afastar de você. Quanto aos diamantes, servirão para suas obras, e a todas as obras que você me indicar.

Ela ergueu a cabeça e declarou:

— Não quero… não quero nada…

— Por quê, ora?

— Porque renuncio agora a todas as minhas ambições.

— Será possível? Então você desanimou?

— Não, mas refleti. Percebi que quis andar depressa demais. Fiquei aturdida pelo pouco sucesso no início, e me pareceu que não tinha mais nada para realizar.

— Por que mudou de opinião?

— Sou muito jovem. Primeiro, é preciso trabalhar para merecer fazer o bem. Na minha idade, ainda não se tem o direito…

Jean se aproximou.

— Se você recusa, Arlette, é talvez porque não quer esse dinheiro… e porque me culpa… E você tem razão… Uma natureza direita como a sua deve ficar ofendida com certas coisas que dizem sobre mim… e que não desmenti.

— Não se desminta, por favor. Não sei nada e não quero saber nada.

Era evidente que a vida secreta de Jean a obcecava e atormentava. Ela estava ávida por conhecer a verdade, mas desejava ainda mais ardentemente não quebrar o mistério que a atraía e ao mesmo tempo lhe dava medo.

— Você não quer saber quem eu sou? — disse ele.

— Sei quem você é, Jean.

— Quem sou eu?

— Você é o homem que me levou uma vez para casa e me beijou as faces… tão suavemente e de uma maneira que nunca mais pude esquecer.

— O que você está dizendo, Arlette? — perguntou d'Enneris com emoção.

Ela estava novamente corada. Mas não baixou os olhos e replicou:

— Estou dizendo o que não posso mais esconder. Estou dizendo o que domina toda a minha vida, e que não tenho vergonha de confessar, pois é verdade. É isso que você é para mim. O resto não conta. Você é Jean.

Ele murmurou:

— Então você me ama, Arlette?

— Sim — disse ela.

— Você me ama… você me ama… — repetia ele, como se essa confissão o desconcertasse, como se tentasse compreender o significado de tais palavras. — Você me ama… Então era esse o seu segredo?

— Meu Deus, sim — disse ela sorrindo. — Havia o grande segredo dos Mélamare… e depois o segredo daquela que você chamou de enigmática Arlette, e que era simplesmente um segredo de amor.

— Mas por que nunca me confessou?

— Não tinha confiança em você… eu o via tão amável com Régine! Com a senhora de Mélamare… com Régine, principalmente… Fiquei com muito ciúme dela, e por orgulho, por tristeza, me calei. Uma única vez fiquei aborrecida. Mas ela não soube a razão… e você também não, Jean.

— Mas eu nunca amei Régine! — exclamou ele.

— Mas eu acreditava que sim, e estava tão infeliz que aceitei as propostas de Antoine Fagerault… por despeito… por raiva… Além do mais, ele contava mentiras sobre você e Régine. Foi só aos poucos, quando eu o revi na casa dos Mélamare, que compreendi.

— E compreendeu que sempre a amei, não é, Arlette?

— Sim, por várias vezes tive essa impressão. Você mesmo disse diante deles, e me pareceu que era verdade, e que todos os seus esforços, todos os perigos que corria… eram por minha causa. Livrar-me de Antoine era me deixar conquistar por você… Mas, nesse momento, era tarde demais… os acontecimentos, mais forte que eu, me arrastavam.

A emoção de Jean crescia diante de cada uma dessas confissões, pronunciadas tão ternamente e com tanta graça…

— Agora é a minha vez de ter medo, Arlette.

— Por quê, Jean?

— De minha felicidade… e medo também de que você não esteja feliz, Arlette.

— Por que eu não estaria?

— Porque não posso lhe oferecer nada que seja digno de você, minha querida Arlette.

E acrescentou, em voz baixa:

— Não se casa com d'Enneris… Não se casa nem com Barnett, nem com…

Ela colocou a mão sobre a boca dele. Não queria mais ouvir o nome de Arsène Lupin. O nome Barnett também a perturbava e talvez mesmo

d'Enneris. Para ela, ele se chamava Jean, simplesmente.

Ela então disse:

— Não se casa com Arlette Mazolle.

— Sim, sim! Você é a criatura mais adorável, e não tenho o direito de desperdiçar sua vida.

— Você não vai desperdiçar minha vida, Jean. O que eu me tornarei um dia ou outro, isso não tem importância. Não vamos falar do futuro. Não vamos olhar para além de certo tempo… e de certo círculo que podemos traçar em torno de nós… e de nossa amizade.

— De nosso amor, você quer dizer.

Ela insistiu:

— Não vamos falar mais de nosso amor.

— Então, de que vamos falar? — disse ele com um sorriso ansioso, porque as menores palavras de Arlette o torturavam e o encantavam. — De que vamos falar? E o que você quer de mim?

Ela murmurou:

— Primeiro, isto, Jean: não me fale com tanta intimidade.

— Que ideia engraçada!

— Sim… toda esta intimidade… eu gostaria…

— Gostaria que nos afastássemos um do outro, Arlette? — perguntou Jean, com o coração apertado.

— Ao contrário. Precisamos nos aproximar, Jean… mas como amigos que não se falam com essa intimidade, que não têm esse direito, que jamais terão essa intimidade.

Ele suspirou:

— Como você me pede coisas difíceis! Você não é mais… não é mais minha pequena Arlette? Enfim, vou tentar. E o que você ainda quer, Arlette?

— Uma coisa bem indiscreta.

— Diga.

— Algumas semanas de sua existência, Jean… dois meses… três meses de ar livre e de liberdade… Será possível isso…? Dois amigos que viajam juntos por belos países? Quando minhas férias terminarem, retornarei ao trabalho. Mas tenho necessidade destas férias… e desta felicidade…

— Minha pequena Arlette…

— Não vá rir de mim, Jean. Eu tinha medo… coisa de costureirinha, o que eu lhe peço é uma ajudazinha! Não é? Você não vai perder seu tempo em uma perfeita amizade comigo, sob a luz do luar, e no pôr do sol?

D'Enneris empalideceu. Contemplava os lábios úmidos da jovem, sua face rosada, seus ombros arredondados, o corpo flexível. Devia renunciar à doçura da espera? No fundo dos olhos claros de Arlette, ele via esse belo sonho de uma amizade pura tão pouco realizável entre dois apaixonados. Mas sentia também que ela não queria refletir demais, nem saber muito em que aventura se envolvia. E ela parecia tão sincera e tão ingênua em seu pedido que ele nem procurou levantar o véu daquele futuro tão próximo.

— Em que você está pensando, Jean?

— Em duas coisas. Primeiro, nos diamantes. Vou desagradá-la se os guardar?

— Muito.

— Vou enviá-los para Béchoux, de maneira que ele vai ter o benefício da descoberta. Bem que lhe devo essa compensação.

Ela agradeceu e continuou:

— E qual é a outra coisa que o preocupa, Jean?

Ele disse seriamente:

— É uma questão terrível, Arlette.

— Qual? Está me deixando perturbada. Algum obstáculo?

— Não exatamente. Mas uma dificuldade a ser resolvida…

— A propósito de quê?

— A propósito de nossa viagem.

— O que é que está dizendo? Essa viagem seria impossível?

— Não. Mas…

— Ah, fale, estou lhe pedindo!

— Bom… está bem, Arlette. Como a gente vai se vestir? Eu estou com esta camisa de flanela, macacão azul e chapéu de palha… Você, Arlette, nesse vestido de percal plissado.

Ela foi tomada por uma gargalhada.

— Ah, Jean, é isso o que adoro em você… sua alegria! Às vezes, ao observar você, a gente diz: "Como ele é misterioso e complicado!". E você causa medo. E depois seu riso dissipa tudo. Você está lá, inteiro, nessa alegria imprevisível.

Inclinando-se sobre ela, Jean beijou a ponta de seus dedos e disse:

— Fique sabendo, minha querida Arlette, que a viagem já começou.

Ela ficou espantada de ver, com efeito, que as árvores do rio deslizavam ao seu lado. Sem que ela tivesse percebido, Jean tinha desfeito as amarras e o barco descia o rio.

— Ah! — disse ela. — Para onde vamos?

— Para muito longe. Mais longe ainda.

— Mas não vai ser possível! O que dirão todos quando não me virem regressar? E Régine? E esse barco, que não lhe pertence?

— Não se preocupe com nada. Aproveite a vida. Foi a própria Régine que me indicou onde você estava recolhida. Comprei o barco, o chapéu de palha, a camisa, e tudo está arranjado. Já que você quer férias, por que esperar?

Ela não disse mais nada. Estendeu-se no fundo do barco com os olhos para o céu. Ele pegou os remos. Uma hora depois, abordaram uma barcaça motorizada, onde foram recebidos por uma mulher de idade que Jean lhe apresentou.

— Victoire, minha velha ama.

A barcaça estava dividida, no interior, em dois alojamentos separados, de aspecto claro e encantador.

— Está em sua casa, deste lado, Arlette.

Eles se reuniram para jantar. Depois, Jean deu ordem para levantar âncora. O barulho do motor zumbia de maneira surda. E partiram rio abaixo, percorrendo rios e canais, através de antigas cidades e das belas paisagens da França.

Mais tarde, altas horas da noite, Arlette se encontrou sozinha, estendida no convés. Confiava, às estrelas e à lua que se erguia, doces pensamentos e sonhos, repletos de uma alegria profunda e serena…

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E O MISTÉRIO DE BARRE-Y-VA

Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E O MISTÉRIO DE BARRE-Y-VA
Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Barre-y-va
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Preparação
Jéthero Cardoso
Revisão
Cleusa S. Quadros
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
alaver/shutterstock.com;
bins/shutterstock.com;
Uliana Solokova/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e o mistério de Barre-y-va [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. — Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 1,1 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: La Barre-y-va
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-554-0 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.

2021-2250 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Visita noturna

Depois de uma noitada no teatro, Raul d'Avenac voltou para casa, parou por um momento diante do espelho em seu vestíbulo e contemplou, não sem algum prazer, seu corpo em boa forma: o belo terno de alfaiataria, a elegância de sua figura, a largura dos ombros, a força do tórax, que se destacava sob o colete.

O vestíbulo, por suas dimensões limitadas e os móveis, anunciava um daqueles confortáveis apartamentos de solteiro, mobiliados com luxo, onde somente um homem de bom gosto poderia morar, tendo o hábito e os meios para satisfazer suas fantasias mais caras. Raul se alegrava, como fazia todas as noites, em poder fumar um cigarro no escritório e se deixar cair em uma vasta poltrona de couro para desfrutar de um desses descansos que ele chamava de aperitivo do sono. Seu cérebro ficava livre de todos os pensamentos incômodos, e ele se deixava levar por um vago devaneio, no qual deslizavam as lembranças do dia passado e os planos confusos para o dia seguinte.

No momento de abrir os olhos, ele hesitou. Só então, e de repente, percebeu que não era ele quem tinha acabado de acender a luz do vestíbulo, e que, quando chegara, as três lâmpadas do candelabro já espalhavam pelo ambiente a sua tripla iluminação.

"Estranho", pensou. "Ninguém poderia ter vindo aqui desde que eu saí, pois os criados tiraram um dia de folga. Devo admitir que não apaguei a luz quando saí mais cedo?"

D'Avenac era um homem a quem nada escapava, mas também não perdia seu tempo em busca de solução para esses pequenos problemas que o acaso nos coloca e que as circunstâncias quase sempre se encarregam de

nos explicar da maneira mais natural.

"Somos nós quem fazemos nossos próprios mistérios", dizia ele. "A vida é muito menos complicada do que pensamos, e ela mesma desvenda o que nos parece emaranhado."

E, de fato, quando ele passou pela porta à sua frente, não ficou muito surpreso ao ver uma jovem mulher de pé no fundo da sala, encostada a uma mesa de pedestal.

— Senhor Deus! — exclamou ele —, eis aqui uma visão graciosa.

Como no vestíbulo, a graciosa visão tinha acendido todas as lâmpadas, sem dúvida preferindo o máximo de claridade. E ele podia admirar, à vontade, um lindo rosto emoldurado por caracóis loiros, um corpo esbelto, bem proporcionado, bem alto, e vestido com um modelito um tanto antiquado. Seu olhar era inquieto, e o rosto se contraía de emoção.

Raul d'Avenac já estava cheio de pretensões, pois as mulheres sempre o haviam agraciado com seus favores. Ele acreditou, portanto, na sorte, e aceitou a aventura, como aceitara tantas outras, sem ter pedido por elas.

— Eu não a conheço, senhora, conheço? — disse ele, sorrindo. — Eu já a vi antes?

Ela fez um gesto que significava que, de fato, ele não estava enganado. Ele continuou:

— Como diabos você entrou aqui?

Ela apontou para uma chave, e ele exclamou:

— Então você tem uma chave do meu apartamento! Isto está ficando muito divertido.

Ele estava cada vez mais convencido de que havia seduzido involuntariamente a bela visitante, e que ela vinha até ele como presa fácil, ansiosa por sensações raras e pronta para ser conquistada.

Assim, ele caminhou na direção dela com a habitual cautela em tais casos, determinado a não deixar escapar essa oportunidade que se apresentava de forma tão encantadora. Mas, contra todas as expectativas, a jovem mulher recuou e endureceu seus braços, com um olhar assustado:

— Não se aproxime! Eu o proíbo de se aproximar… não tem esse direito…

Seu rosto assumiu uma expressão de angústia que o desconcertou. E então, quase ao mesmo tempo, ela começou a rir e a chorar, com movimentos convulsivos e com tal agitação que ele lhe disse suavemente:

— Eu não lhe farei mal. Você não veio aqui para me roubar, veio? Ou veio para atirar em mim com uma arma? Então, por que eu a magoaria? Vamos, me responda… O que você quer de mim?

Tentando se controlar, ela sussurrou:

— Vim pedir socorro.

— Mas meu trabalho não é socorrer.

— Dizem que sim… e que tudo o que o senhor tenta, o senhor sempre consegue.

— Caramba! Que privilégio, esse que você está me dando. E se eu tentar tomá-la em meus braços, serei bem-sucedido? Basta pensar: uma senhora, à uma hora da manhã, na casa de um cavalheiro… tão bonita como você… tão atraente… Confesse, não tenha medo, eu já posso me imaginar…

Ele se aproximou dela novamente, sem que ela protestasse; pegou-lhe a mão e a apertou entre as suas. Então ele acariciou-lhe o pulso e o antebraço, que estava nu, e teve a impressão repentina de que, se a atraísse para si, ela não poderia afastá-lo, de tão enfraquecida que estava pela emoção.

Um pouco exultante, ele tentou, muito discretamente, depois de passar a mão pela cintura da jovem mulher. Mas naquele momento, tendo-a observado, ele viu olhos tão assustados e um rosto tão triste, cheio de angústia e súplica, que interrompeu seu gesto e se desculpou:

— Peço perdão, minha senhora.

Ela disse, em voz baixa:

— Não, não senhora… senhorita… — e continuou, de imediato: — Sim, eu compreendo, fazer tal visita a esta hora!… É natural que o senhor esteja equivocado.

— Oh, absolutamente equivocado! — brincou ele. — Depois da meia-noite, minhas ideias sobre as mulheres mudam completamente, começo a imaginar coisas absurdas e a me comportar sem nenhuma delicadeza… Mais uma vez, me perdoe. Eu agi mal. Terminou? A senhorita não está mais com raiva de mim?

— Não — ela respondeu.

Ele suspirou:

— Deus, como a senhora é encantadora, e que pena ter vindo por uma razão que não é o que eu pensava! Então a senhorita vem até mim como tantas pessoas iam consultar Sherlock Holmes em sua casa, em Baker

Street? Então, senhorita, fale e me dê todas as explicações necessárias. A senhorita tem minha devoção. Eu estou ouvindo.

Ele a fez sentar-se. Por mais tranquila que estivesse com o bom humor e a bondade respeitosa de Raul, ela continuava muito pálida. Seus lábios, de um desenho gracioso, frescos como os de uma criança, às vezes se retorciam. Mas havia confiança em seus olhos.

— Desculpe-me — disse ela, com uma voz alterada. — Posso não estar no meu juízo perfeito, mas o que eu sei é que estão acontecendo coisas… coisas que eu não consigo entender… e outras que virão, e que me assustam… sim, que me assustam antecipadamente, sem que eu saiba por quê… pois não há provas de que elas acontecerão. Meu Deus! Meu Deus! Como isso é assustador e como eu sofro!

Ela passou a mão na testa com um gesto de cansaço, como se quisesse arrancar ideias que a extenuavam. Raul realmente sentia pena de sua angústia e começou a rir para acalmá-la.

— A senhorita parece tão nervosa! Não deveria estar. Isso não ajuda em nada. Vamos, coragem, senhorita, não há mais nada a temer, nem de minha parte, desde que me peçam ajuda. A senhorita vem da província, não é mesmo?

— Sim. Saí de casa pela manhã, e cheguei no fim da tarde. Imediatamente entrei em um carro que me conduziu até aqui. A zeladora pensou que o senhor estava aqui e me indicou o apartamento. Eu toquei a campainha. Não havia ninguém.

— Os criados tiveram um dia de folga, e eu jantei no restaurante.

— Então — disse ela — usei esta chave…

— Que a senhorita pegou com quem?

— Com ninguém. Eu a roubei de alguém.

— Que alguém?

— Vou explicar.

— Estou tão ansioso para saber! Tenho certeza de que a senhorita não se alimenta desde esta manhã e deve estar faminta!

— Não, eu encontrei chocolate nesta mesa.

— Perfeito! Mas há muito mais que chocolate. Eu a servirei, e conversaremos em seguida, certo? Mas, na verdade, a senhorita parece tão jovem… uma criança! Como eu poderia tê-la confundido com uma dama!

Ele riu e tentou fazê-la rir, enquanto abria um armário do qual tirou biscoitos e vinho doce.

— Qual é o seu nome? Porque eu preciso saber…

— Mais tarde… Contarei tudo.

— Tudo bem. Além disso, eu não preciso saber o seu nome para servi-la. Sim, seus lindos lábios devem gostar de mel, e eu tenho um mel excelente na despensa. Vou lá pegar…

Ele estava prestes a deixar o vestíbulo quando o telefone tocou.

— Estranho — murmurou ele. — A esta hora… A senhorita se importa?

Ele pegou o telefone e, mudando ligeiramente a entonação, disse:

— Alô… Alô…

Uma voz distante lhe disse:

— É você?

— Sou eu! — disse ele.

— Que sorte! — disse a voz. — Há tanto tempo que estou procurando você!

— Minhas desculpas, meu querido amigo, eu estava no teatro.

— E agora você está de volta?

— Parece que sim.

— Fico muito feliz.

— E eu também! — disse Raul. — Mas você poderia me dar uma informação, meu velho? Apenas uma pequena informação?

— Diga logo.

— Quem está falando?

— O quê! Não está me reconhecendo?

— Confesso, velho amigo, que até agora…

— Béchoux… Théodore Béchoux.

Raul d'Avenac reprimiu um movimento e declarou:

— Nunca ouvi falar.

A voz protestou:

— Mas sim!… Béchoux, o policial… Béchoux, o brigadeiro da Sûreté[1]…

— Oh! Conheço-o pela reputação, mas nunca tive o prazer…

— Você está brincando! Já resolvemos tantos casos juntos! *O jogo de bacará? O homem dos dentes de ouro? As doze africanas?* [2]… Tantos triunfos… que alcançamos juntos…

— Você deve estar enganado. Com quem o senhor acha que tem a honra de falar?

— Com você, é claro!

— E quem sou eu?

— O visconde Raul d'Avenac.

— Esse é de fato o meu nome. Mas eu asseguro que Raul d'Avenac não o conhece.

— Talvez, mas Raul d'Avenac me conhecia quando ele usava outros nomes.

— Caramba! Explique isso.

— Bem, Jim Barnett, por exemplo. O Barnett, da *Agência Barnett e Associados*. E depois Jean d'Enneris, da *Mansão misteriosa*[3]. E preciso mencionar seu nome verdadeiro?

— Vá em frente. Não tenho vergonha. Pelo contrário.

— Arsène Lupin.

— Até que enfim! Estamos de acordo, agora que as coisas estão claras. É por este nome, de fato, que eu sou muito honrosamente conhecido. Então, meu velho amigo, o que você quer?

— Sua assistência, e de imediato.

— Minha assistência? Você também?

— O que quer dizer com isso?

— Nada. Estou à sua disposição. Onde você está?

— Em Le Havre.

— Fazendo o quê? Investindo no negócio de algodões?

— Não, eu vim para telefonar a você.

— Essa é boa. Você saiu de Paris para me telefonar de Le Havre?

O nome da cidade, que Raul pronunciou diante da garota, pareceu incomodá-la. Ela sussurrou:

— Le Havre… Estão lhe telefonando de Le Havre? Isso é estranho, quem está falando? Deixe-me ouvir.

Um pouco contra a vontade de Raul, ela se apoderou do outro aparelho e, como ele, ela ouviu a voz de Béchoux dizer:

— Não é por essa razão. Estou morando aqui na região. Como não havia sinal de telefone, arranjei um carro que me levou a Le Havre. E agora estou voltando para casa.

— O que você quer dizer? — perguntou d'Avenac.

— Você conhece o Radicâtel?

— Ora! Um banco de areia no meio do Sena, não muito longe da foz.

— Sim, entre Lillebonne e Tancarville, e a trinta quilômetros de Le Havre.

— Você acha que eu não sei disso! O estuário do Sena! O país de Caux! Minha vida inteira está aí, ou seja, toda a história contemporânea. Então, você dorme no banco?

— Como é que é?

— Quero dizer, você mora no banco de areia?

— Em frente ao banco há uma pequena vila encantadora, a qual também recebe o nome de Radicâtel, e ali aluguei um chalé por vários meses, para descansar…

— Com um grande amor?

— Não, mas tenho um quarto de hóspedes que estou guardando para você.

— A que devo esta delicada atenção?

— Um assunto curioso e complicado, que gostaria de desvendar com você.

— Porque você não consegue resolver sozinho, não é, grandalhão?

Raul observava a jovem, cuja crescente aflição estava começando a atormentá-lo. Ele tentou tirar o telefone dela. Mas ela se agarrou a ele, e Béchoux insistia:

— É urgente. Entre outros eventos, uma jovem desapareceu hoje.

— Acontece todos os dias. E não é motivo para alarme.

— Não, mas há alguns detalhes perturbadores, e além disso…

— E além disso o quê? — gritou Raul, impaciente.

— Bem, agora há pouco, às duas horas, ocorreu um crime. O cunhado dessa garota, que a procurava no parque, ao longo de um rio, foi morto a tiros de revólver. Então, pegue o trem às oito da manhã e…

Ao ouvir a menção do crime, a jovem se levantou. O telefone escorregou de sua mão. Ela tentou falar, suspirou, vacilou e caiu no braço de um sofá.

Raul d'Avenac teve apenas tempo suficiente para gritar com Béchoux, em tom de raiva:

— Você é um imbecil! Que maneira de contar as coisas! Você não consegue entender, seu idiota?

Ele rapidamente desligou o telefone, estendeu a jovem no sofá e a forçou a inalar um frasco de sais.

— Ei, qual é o problema, senhorita? As palavras de Béchoux não têm importância. Mas é de você que ele fala e de seu desaparecimento! Além disso, você o conhece e sabe muito bem que ele não é uma mente superior. Eu imploro, fique boa logo e vamos tentar esclarecer a situação.

Mas Raul logo percebeu que nenhum esforço poderia esclarecer a situação naquele momento, que a jovem, já muito abalada por eventos que ele ignorava, não recuperaria seu equilíbrio após o inesperado e embaraçoso anúncio desse crime. Era necessário esperar a hora certa de agir.

Ele pensou por alguns segundos e tomou resolutamente uma decisão. Após aprontar-se rapidamente em frente ao espelho, com a ajuda de alguns produtos que suavizavam sua expressão, ele passou para a sala ao lado, trocou de roupa, pegou uma mala que estava sempre pronta dentro de um armário, saiu e correu para a garagem.

Raul voltou para casa rapidamente com seu carro. A jovem, embora acordada, permanecia inerte, incapaz de fazer um movimento. Sem oferecer a mínima resistência, ela se deixou levar até o carro, onde ele a colocou o melhor possível.

Inclinando-se para o ouvido dela, ele sussurrou:

— De acordo com a ligação de Béchoux, você também vive em Radicâtel, não é mesmo?

— Sim, em Radicâtel.

— Vamos para lá.

Ela fez um gesto de pavor, e ele a sentiu tremer da cabeça aos pés. Mas ele dizia palavras suaves, baixinho, em uma voz que a acalentava e a fazia chorar, sem pensar em protestar.

Três horas foram suficientes para Raul cruzar os quase duzentos quilômetros que separam Paris da vila normanda de Radicâtel. Nem uma palavra foi trocada entre eles. A jovem, além disso, acabou adormecendo e quando sua cabeça se inclinou sobre o ombro de Raul ele a endireitou suavemente. Sua testa estava em chamas. Seus lábios balbuciavam palavras que ele não conseguia compreender.

O dia começava a amanhecer quando ele se deparou com uma igrejinha encantadora, assentada sobre a verde vegetação, no fundo de um vale estreito que se eleva sobre os penhascos do Cauchois, próxima de um rio

estreito e sinuoso que deságua no Sena. Atrás dela, através dos vastos prados, e sobre o largo rio que se curva ao redor de Quillebeuf, nuvens finas e longas, de um rosa cada vez mais avermelhado, anunciavam a aproximação do amanhecer.

Na aldeia adormecida, ninguém. Nenhum som.

— Tua casa fica longe daqui? — disse ele.

— Perto… ali… do outro lado da rua…

Uma bela alameda com quatro fileiras de carvalhos velhos seguia o rio e levava a uma pequena casa senhorial, que podia ser vista através das grades de um portão. O rio curvava-se neste ponto, passava sob um elevado, enchia um fosso forrado com espigões de ferro e depois virava novamente e adentrava uma propriedade cercada por um alto muro de pedra com contrafortes de tijolos.

A jovem teve então outro ataque de pânico, e Raul adivinhou que ela tinha vontade de fugir em vez de retornar àquele lugar, onde devia ter sofrido. No entanto ela mantinha o controle.

— Não posso ser vista entrando aqui — disse ela. — Há uma porta baixa ali na frente, e ninguém sabe que eu tenho a chave.

— Você consegue andar? — disse Raul.

— Sim… um momento…

— A manhã já está quente. Você não está com frio, está?

— Não.

Um caminho surgiu à direita do elevado, atravessando a extremidade do fosso, passando entre o muro e os pomares. Raul apoiava a garota pelo braço. Ela parecia exausta.

Diante da porta, ele lhe disse:

— Achei desnecessário cansá-la com minhas perguntas. Béchoux me dará as informações e, além disso, nós nos encontraremos novamente. Apenas uma pergunta: foi com ele que você pegou a chave do meu apartamento?

— Sim e não. Ele falava do senhor com frequência, e eu sabia que a chave estava sob o relógio, no quarto dele. Há alguns dias eu a peguei sem ele saber.

— Dê-me isso, sim? Vou colocá-la de volta, e ele nunca saberá. Nem ele, nem qualquer outra pessoa, deve saber que você foi a Paris e que eu a trouxe de volta, ou mesmo que nós nos conhecemos.

— Ninguém vai saber.

— Mais uma coisa. Os eventos acabam de nos reunir de uma forma inesperada e sem que saibamos quem somos. Confie em mim, e não faça nada sem falar comigo antes. Está de acordo?

— Sim.

— Nesse caso, assine este papel.

Raul pegou uma folha em branco de sua carteira e escreveu com a caneta: *"Eu dou plenos poderes ao senhor Raul d'Avenac para buscar a verdade e tomar decisões de acordo com meus interesses"*.

Ela assinou.

— Ótimo — disse Raul. — Você está a salvo.

Ele olhou para a assinatura.

— Catherine… teu nome é Catherine… estou encantado! É um nome que eu adoro. Até breve. Descanse.

Ela entrou.

Do lado de fora, ele ouviu o som abafado de seus passos. Depois, tudo ficou em silêncio. O dia estava avançando. Ela lhe havia mostrado o telhado da casinha alugada por Béchoux. Raul voltou, seguiu pela avenida novamente, deixou a vila e estacionou o carro em um galpão. Nas proximidades, em um pequeno pátio plantado com árvores frutíferas e cercado por uma sebe de espinhos, havia um velho edifício com paredes de taipa e paralelepípedos na frente e um banco desgastado pelo uso.

Sob o colmo elevado do telhado, uma janela estava entreaberta. Raul escalou a fachada e, sem acordar a pessoa que dormia na cama, depois de ter colocado a chave embaixo do relógio, percorreu o quarto e revistou os armários. Convencido de que não havia armadilhas para ele, uma suspeita que não era infundada, desceu a escada.

A porta da casa de campo não estava fechada. Uma grande sala ocupava o térreo, servindo ao mesmo tempo como cozinha e sala, e terminava em uma alcova.

Após desfazer sua mala e dobrar as roupas em uma cadeira, Raul pendurou uma folha de papel com os dizeres *"Por favor, não me acorde"* e vestiu um pijama luxuoso. Soavam as cinco horas em um grande relógio de pêndulo.

"Em três minutos estarei dormindo", disse para si mesmo. "Apenas o tempo suficiente para pensar nesta questão, sem tentar resolvê-la: que nova

e excitante aventura o destino me reserva?”

Naquele momento, para ele, o destino tinha cabelos louros, olhos desorientados e uma boca infantil.

---

[1] Em muitos países ou regiões da França, Sûreté é o nome da organização policial civil, particularmente ligada a detetives. (N.T.)

[2] Essas aventuras são narradas no livro *Agência Barnett e Associados: as novas aventuras de Arsène Lupin (L'Agence Barnett et Cie,* 1928*),* uma coletânea de oito contos de Maurice Leblanc. (N.T.)

[3] *Arsène Lupin e a mansão misteriosa* (*La Demeure Mystérieuse,* 1928). (N.T.)

As explicações de Théodore Béchoux

Raul d'Avenac saltou da cama e agarrou Béchoux pela garganta, vociferando:

— Ordenei que me deixassem dormir em paz, e você tem o desplante de me acordar!

Béchoux protestou:

— Mas não, mas não… Eu estava vendo você dormir, e não o reconheci. Você está mais bronzeado… está muito corado. Você parece um cara do sul.

— Por alguns dias, de fato. Quando se é da velha nobreza do Périgord[4], deve-se ter uma tez de tijolo velho.

Apertaram-se as mãos afetuosamente, encantados de se verem mais uma vez. Eles tinham realizado coisas tão grandes juntos! Que grandes aventuras!

— Você se lembra — disse Raul d'Avenac —, você se lembra da época em que meu nome era Jim Barnett e eu dirigia uma agência de inteligência? Lembra-se do dia em que eu recuperei todo o seu pacote de títulos ao portador?… Lembra-se da minha lua de mel com sua esposa?[5] A propósito, como ela está? Você ainda está divorciado?

— Sempre.

— Ah, os bons velhos tempos!

— Bons tempos! — aprovou Béchoux, emocionado. — E a história da mansão misteriosa, você se lembra?[6]

— Se eu me lembro? A história dos diamantes que estavam escondidos debaixo do seu nariz!

— Não faz nem dois anos! — disse Béchoux, com a voz embargada pelas lágrimas.

— Mas como você me encontrou? Como você descobriu que eu era Raul d'Avenac?

— Foi por acaso… — disse Béchoux. — Recebi uma denúncia de um de seus cúmplices que chegou à prefeitura e eu interceptei.

D'Avenac abraçou-o com uma efusão espontânea.

— Você é um irmão, Théodore Béchoux! E pode me chamar de Raul… Sim, um irmão. Vou compensá-lo. Veja, não vou esperar nem um segundo a mais para devolver os três mil francos que estavam no bolso secreto da sua carteira.

Foi a vez de Béchoux agarrar o amigo pela garganta. Ele ficou fora de si.

— Ladrão! Seu bandido! Você entrou no meu quarto ontem à noite! Você esvaziou minha carteira! Seu desgraçado!

Raul ria como um louco.

— O que você queria, meu velho? Não se dorme assim com a janela aberta… Eu queria que você visse o perigo… Tirei isto de debaixo de seu travesseiro… Admita que é engraçado!

Béchoux admitiu, conquistado por completo pela alegria de Raul. E, como Raul, também começou a rir, a princípio com raiva, depois naturalmente e sem segundas intenções:

— Santo Lupin! Continua o mesmo! Não vale nem dois centavos! Você não tem vergonha na sua idade?

— Então me denuncie.

— Não é possível — disse Béchoux, suspirando. — Você escaparia novamente. Não há realmente nada que eu possa fazer contra você… Além disso, seria desleal da minha parte. Eu te devo muitos favores.

— E eu farei ainda mais. Viu? Bastou uma ligação sua para que eu viesse descansar na tua cama e tomar teu café da manhã.

De fato, uma vizinha que ajudava Béchoux com as tarefas domésticas tinha acabado de trazer café, pão e manteiga. Raul saboreou porções generosas e esvaziou a xícara. Depois ele se barbeou, lavou-se lá fora em uma banheira de água fria e, restaurado, rejuvenescido, deu um soco vigoroso no estômago de Béchoux.

— Vá em frente com seu discurso, Théodore. Seja breve e meticuloso, eloquente e seco, tumultuoso e metódico. Não deixe de fora um único detalhe, e não dê detalhes demais… mas primeiro deixe-me olhar para você!…

Ele o agarrou pelos ombros e o examinou:

— Continua o mesmo… Você não mudou nada! Esses braços compridos… Esse rosto, ao mesmo tempo bem-humorado e rude, pretensioso e entojado… Essa elegância de garçom… Realmente, você tem estilo. E agora, desembuche. Não vou interromper uma única vez.

Béchoux refletiu e começou:

— A casa ao lado…

— Só uma coisa — disse Raul. — Em que condição você está envolvido neste caso? Como brigadeiro da Sûreté?

— Não. Como alguém que conhece a casa há dois meses, ou seja, desde abril… quando vim para Radicâtel para convalescer, depois de uma pneumonia dupla que quase…

— Tudo bem. Continue. Não vou perguntar mais nada.

— Então, eu estava dizendo que a vila de Barre-y-va…

— Que raio de nome! — exclamou d'Avenac. — É o mesmo nome daquela pequena capela empoleirada na costa, perto de Caudebec, e para onde vai a barra, quer dizer, o fluxo de maré que sobe o Sena duas vezes ao dia, especialmente no equinócio. "La barre y va", a barra vai para lá. Ou melhor, ela sobe até aquele lugar, apesar da altura. É isso mesmo, não é?

— Isso. Mas não é o Sena propriamente dito que sobe até a vila, mas o afluente que você deve ter notado, o Aurelle, que corre para o Sena, e que volta e meia transborda quando sobe a maré, com mais ou menos violência.

— Deus, você fala muito! — disse Raul, bocejando.

— Então. Ontem, ao meio-dia, vieram me procurar na mansão…

— Que mansão?

— Aquela na Barre-y-va.

— Ah, há ali uma mansão?

— É claro. Um pequeno castelo, onde vivem duas irmãs.

— De qual congregação?

— Hein?

— Ora. Você está falando de irmãs. São as irmãzinhas dos pobres? As visitandinas?[7] Explique-se.

— Maldição! Impossível explicar qualquer coisa…

— Bem, você quer que eu conte a tua história? Você pode me interromper se eu estiver errado. Mas eu nunca estou errado. É um princípio. Escute. A mansão de Barre-y-va, que já fez parte do senhorio de

Basmes, foi comprada, em meados do século XIX, por um armeiro de Le Havre. Seu filho, Michel Montessieux, foi criado ali, casou-se ali e ali perdeu sua esposa e filha, uma logo após a outra. Foi deixado sozinho com duas netas, Bertrande e Catherine, as tais irmãs. Aborrecido, ele se mudou para Paris, mas continuou vindo duas vezes por ano: ficava por um mês na época da Páscoa, e por um mês durante a temporada de caça. A mais velha das netas, Bertrande, casou-se cedo com o senhor Guercin, um industrial de Paris, que tinha grandes negócios na América. Tudo certo até aqui?

— Certo.

— A pequena Catherine vivia com Michel Montessieux e um jovem criado, Arnold, que era muito dedicado a seu mestre, o senhor Arnold, como era chamado. Ela foi educada e instruída da melhor forma possível, livre de qualquer restrição, um pouco caprichosa, exuberante e sonhadora, amante do exercício e da leitura. Divertia-se muito nos domínios da Barre-y-va, nadando nas águas geladas do Aurelle, secando-se na grama, com as pernas para o ar, contra uma velha macieira. Seu avô a amava muito, mas ele era um homem estranho, taciturno, que só se interessava pelas ciências ocultas, pela química e também pela alquimia, como dizem. Ainda está me acompanhando?

— Mas é claro!

— Bem, há 20 meses, no fim de setembro, na noite do dia em que deixou a Normandia após sua estada de costume, o avô Montessieux morreu repentinamente em seu apartamento em Paris. A filha mais velha, Bertrande, estava em Bordeaux com o marido. Ela veio buscar a irmã às pressas, e as duas ficaram juntas. O avô tinha deixado menos riqueza do que se imaginava e nenhum testamento. A propriedade de Barre-y-va foi abandonada. As grades e os portões da mansão foram trancados. Nunca mais entrou ninguém.

— Ninguém — disse Béchoux.

— Foi somente neste ano que as duas irmãs decidiram passar o verão ali. O senhor Guercin, o marido de Bertrande, que havia retornado à França, partiu novamente e depois voltou para se juntar a elas. Elas trouxeram o senhor Arnold e uma camareira, que estavam a serviço de Bertrande havia vários anos. Também contrataram temporariamente duas mocinhas do vilarejo, e todos começaram a trabalhar, colocando a casa senhorial em ordem e limpando o jardim, que havia se tornado um

verdadeiro matagal. Aí está, meu velho. Ainda estamos de acordo?

Béchoux escutava Raul com um ar estúpido. Ele reconhecia o conteúdo das informações que havia reunido sobre este assunto, que resumira ele em um caderno que havia colocado no armário, em seu quarto, entre pacotes de documentos antigos. Durante sua visita noturna, Raul d'Avenac teria tido tempo para descobrir e ler estas páginas?

— De acordo — gaguejou Béchoux, que não tinha forças para protestar.

— Então, termine — disse Raul. — O teu caderno secreto não diz nada sobre o dia de ontem… O desaparecimento de Catherine Montessieux… O assassinato de não sei quem. Acabe com isso, meu velho.

— Bem, é isso — disse Béchoux, que mal conseguia se controlar. — Todos esses trágicos acontecimentos de ontem ocorreram em poucas horas… Mas primeiro você precisa saber que o senhor Guercin, marido de Bertrande, havia retornado no dia anterior. Um tipo *bon vivant,* este Guercin. Homem de negócios, bem-apessoado, sólido, esbanjando saúde. Jantei com eles, e a noite foi muito alegre; e a própria Catherine, apesar de seu humor taciturno e de certos incidentes, mais ou menos graves, que a perturbaram por algum tempo, a própria Catherine estava rindo muito. Voltei para casa para dormir, cerca de dez e meia. Durante a noite, nada aconteceu. Nenhum ruído suspeito. Foi somente pela manhã, ao meio-dia, que Charlotte, criada de Bertrande Guercin, veio correndo até minha casa, gritando:

— A senhorita desapareceu… ela deve ter se afogado no rio…

Raul d'Avenac interrompeu Béchoux:

— Suposição improvável, Théodore. Você me disse que ela era uma boa nadadora.

— Nunca se sabe… um escorregão, alguma coisa que pode ter acontecido… Enfim, ocorreu que, quando cheguei à mansão, encontrei a irmã em pânico, o cunhado e o senhor Arnold muito agitados, e apontavam para um roupão de banho abandonado no parque, entre duas pedras, por onde ela costumava descer até a água.

— Isso não prova nada…

— Pelo contrário, pode provar alguma coisa. E, como eu disse, havia várias semanas que ela estava absorta, ansiosa… E então, inevitavelmente, chegamos à conclusão de que…

— Que ela se matou? — perguntou Raul, pacificamente.

— Pelo menos é isso que acha a sua pobre irmã.

— Mas ela teria algum motivo para se matar?

— Talvez. Ela estava noiva, e seu casamento…

Raul exclamou, com emoção:

— Hein? O que, noiva? Ela ama alguém?

— Sim, um jovem que ela conheceu neste inverno em Paris, e essa é a razão pela qual as duas irmãs vieram se enterrar na mansão. O conde Pierre de Basmes, que vive com sua mãe no castelo de Basmes, antigo senhorio da vila, que fica no planalto… Veja, você pode vê-lo daqui.

— E existem obstáculos ao casamento?

— A mãe não quer que o filho se case com uma jovem que não tem nem fortuna nem título. Ontem pela manhã chegou uma carta de Pierre de Basmes para Catherine. Nessa carta, que mais tarde encontramos, ele anunciava sua partida imediata. Estava partindo, embora desesperado, disse, e implorava a Catherine que não o esquecesse e esperasse por ele. Uma hora depois, ou seja, às dez horas, Catherine saiu. E não foi mais vista.

— Talvez ela tenha saído sem ninguém perceber.

— De jeito nenhum.

— Então você acredita no suicídio?

Béchoux respondeu de forma clara:

— Eu, não. Eu acredito em assassinato.

— Mas que diabos? E por quê?

— Porque, no decorrer de nossas investigações, encontramos uma prova material, visível, de que havia, ou ainda pode haver… no parque, ou seja, no entorno dos muros da propriedade… um bandido que ronda e mata.

— Você já o viu?

— Não, mas ele já agiu uma segunda vez.

— Ele matou alguém?

— Sim, ele matou. Como eu disse a você ao telefone ontem, ele matou. Ontem, ao bater das três horas, diante dos meus olhos, o senhor Guercin caminhava ao longo do rio e atravessava aquela velha ponte…

— Chega!

— Como assim, chega? Mas eu nem comecei.

— Pare de falar.

— Que absurdo! Tudo o que vou contar a você é um drama, e um drama sobre o qual temos certeza, temos fatos. Se você se recusa a conhecer

esses fatos, como pode…?

— Eu não me recuso a conhecer os fatos, mas me recuso a ouvi-los duas vezes. E como você vai ter que relatá-los aos digníssimos senhores do Ministério Público, que virão em breve, é inútil que você se esforce para me contar em detalhes tudo aquilo que já vai dizer no local do crime.

— Mas…

— Não, meu velho… Não dá! Quando você conta uma história, é um tédio imensurável. Dá um tempo.

— Como assim?

— Vamos fazer um passeio no parque. E, acima de tudo, nem uma palavra durante esse passeio. Você tem um grande defeito, Béchoux, é muito falador. Tome o exemplo de seu velho amigo Lupin, sempre tão discreto, reservado em suas palavras, e que não fica se gabando por aí, falando como um papagaio. Só conseguimos pensar bem quando ficamos em silêncio e quando enfrentamos os pensamentos sem ser incomodados pelas considerações ociosas de um tagarela que enfileira palavras uma atrás da outra, como as missangas de um rosário.

Béchoux desconfiou que esse discurso era dirigido a ele e que era ele o tagarela que falava como um papagaio. No entanto, ao se afastarem de braços dados, como velhos camaradas unidos por uma sólida amizade e por uma estima natural, ele pediu permissão para fazer uma última pergunta, uma simples pergunta.

— Pergunte.

— Você vai responder seriamente?

— Sim.

— Bem, resumindo, qual é a sua opinião sobre este duplo mistério?

— É que ele não é duplo.

— Mas há dois mistérios. Primeiro, o desaparecimento de Catherine, e segundo, o assassinato do senhor Guercin.

— Então foi o senhor Guercin que foi assassinado?

— Sim.

— Bem, isso é um mistério. Onde está o outro?

— Vou falar de novo. O desaparecimento de Catherine.

— Catherine não desapareceu.

— E então, onde ela está?

— No quarto dela, dormindo.

Béchoux olhou de lado para seu velho amigo e suspirou. “Francamente, este homem nunca levava nada a sério.”

Naquele momento, ao se aproximarem do portão, viram uma mulher alta, de cabelos escuros, que, proibida de sair da propriedade, guardada por um policial parado junto ao portão, lhes acenou para se apressarem.

Béchoux ficou imediatamente preocupado.

— A empregada de Bertrande Guercin — murmurou ele. — Exatamente como ontem, quando ela veio me dizer que Catherine tinha desaparecido. O que pode ser agora?

E adentrou o portão, seguido por Raul.

— Ei, Charlotte, o que foi? — disse ele, chamando-a de lado. — Nada de novo, espero eu?

— A senhorita Catherine — gaguejou a empregada. — Foi madame Guercin que me pediu para chamá-lo.

— Diga logo! Um infortúnio, não foi?

— Pelo contrário. A senhorita voltou para casa ontem à noite.

— Ela voltou para casa ontem à noite?

— Sim, a senhora estava rezando aos pés do marido quando viu a senhorita vindo em sua direção, chorando. Ela estava sem forças. Teve que ser colocada na cama e socorrida.

— E agora?

— A senhorita está em seu quarto, dormindo.

— Maldição! — disse Béchoux, olhando novamente para Raul. — Maldição! Caramba, caramba!… Ela está em seu quarto e está dormindo! Maldição!

Raul d’Avenac fez um gesto que significou:

— Eu não disse? Quando você vai admitir, de uma vez por todas, que eu estou sempre certo?

— Caramba! — repetia Béchoux, que não encontrava outra palavra para expressar seu espanto e admiração.

---

[4] Antiga província da França, hoje faz parte do Departamento da Dordonha. (N.T.)

[5] Essas aventuras são narradas no livro *Agência Barnett e Associados: as novas aventuras de Arsène Lupin (L’Agence Barnett et Cie,* 1928*)*. (N.T.)

[6] *Arsène Lupin e a mansão misteriosa (La demeure mystérieuse,* 1928). (N.T.)

[7] Irmãs da Ordem da Visitação de Santa Maria, fundada em 1610. (N.T.)

O assassinato

A propriedade de Barre-y-va forma um retângulo, muito alongado, de cerca de cinco hectares, dividido de forma desigual pelo Rio Aurelle. O rio tem sua nascente fora dos muros, e atravessa o parque ao longo de toda a sua extensão.

À direita, o terreno é bastante plano. Primeiro, há um pequeno jardim botânico, em sua confusão de plantas perenes e multicoloridas, segundo, a casa senhorial, terceiro, os belos gramados em estilo inglês. À esquerda, vê-se um alojamento de caça abandonado na entrada de um terreno ondulado que gradualmente se torna mais selvagem, eriçado por rochas cobertas de abetos. Um muro circunda toda a propriedade e de alguns dos pontos mais altos das colinas circundantes pode-se olhar para baixo.

No meio do rio, uma ilha se conecta às duas margens pelos arcos de uma ponte de madeira. Quase todas as tábuas estão podres, a ponto de ser perigoso atravessá-la. Nessa ilha, um velho pombal em forma de torre está caindo em ruínas.

Raul vagou por todos os lados, não como aqueles detetives que parecem cães de caça à espreita, farejando e procurando de onde vem o vento, mas como um caminhante que admira, se orienta, toma posse da paisagem e se familiariza com os caminhos e as trilhas.

— Já se decidiu? — murmurou Béchoux, ao final.

— Sim, é uma linda e pitoresca propriedade, gostei muito.

— Não estou falando sobre isso.

— Então o que é?

— O assassinato do senhor Guercin.

— Que insistente! Falaremos sobre isso quando chegar o momento.

— Já chegou o momento.

— Então vamos entrar na mansão.

A casa senhorial não tinha muito estilo: era simples, baixa, ladeada por duas alas, revestida com um reboco esbranquiçado e coberta com um telhado muito pequeno.

Dois guardas passeavam diante de suas portas e janelas.

Um amplo vestíbulo, do qual saía uma escada com um corrimão de ferro forjado, separava a sala de jantar de duas salas maiores e do salão de bilhar. Imediatamente após o assassinato, a vítima tinha sido levada para uma dessas salas, e o corpo estava ali, envolto em um sudário, rodeado por velas acesas e vigiado por duas mulheres locais. Bertrande Guercin rezava de joelhos, vestida de preto.

Béchoux disse algumas palavras em seu ouvido. Bertrande foi para a outra sala, onde a apresentaram a Raul d'Avenac.

— Meu amigo… meu melhor amigo… Eu falei dele à senhora muitas vezes… Ele nos ajudará.

Ela se parecia com Catherine, talvez mais bonita que sua irmã, com o mesmo encanto, mas tinha o rosto já danificado pela tristeza, e algo trágico nos olhos, onde se adivinhava todo o horror do crime cometido. Raul fez uma reverência.

— Se sua dor puder ser consolada, esteja certa, minha senhora, de que o culpado será descoberto e punido.

— Essa é minha esperança — disse ela em voz baixa. — Farei o necessário para isso. E todos os que me rodeiam também, não é verdade, Charlotte? — acrescentou, dirigindo-se à sua empregada.

— Madame, pode contar comigo — ela disse gravemente, levantando os braços como se fizesse uma promessa sagrada.

Ouviu-se um zumbido de motores. O portão foi aberto, e dois carros apareceram.

O criado, Arnold, entrou apressadamente. Era um homem de cerca de 50 anos, magro, de pele muito escura, vestido como um guarda e não como um criado.

— Os magistrados, senhor — disse ele a Béchoux. — Há também dois médicos: o de Lillebonne, que veio ontem, e um médico legista. A madame vai atendê-los aqui?

Foi Raul quem respondeu, com uma voz clara, sem hesitações:

— Um momento. Há duas questões a serem consideradas. Uma delas, o atentado ao senhor Guercin. Sobre esse assunto, deixemos tudo a cargo da Justiça, e que a investigação prossiga como deve ser. Mas, quanto à sua irmã, senhora, tomemos todas as precauções necessárias. A polícia foi notificada de seu desaparecimento ontem?

— Obviamente — interveio Béchoux —, já que este desaparecimento também nos parecia ser a consequência de um assassinato, e estávamos em busca do culpado dos dois assassinatos, o dela e o do senhor Guercin.

— Mas, quando ela chegou em casa esta manhã, não foi vista por nenhum dos guardas?

— Não — disse Bertrande. — Não. De acordo com o que Catherine me disse, ela entrou por uma pequena porta no jardim, da qual tinha a chave, e conseguiu entrar por uma janela no andar térreo sem que ninguém a visse.

— E desde então não se falou do seu retorno?

— Sim — disse o criado Arnold. — Eu disse há pouco ao sargento de polícia que nossos temores eram um alarme falso, e que a senhorita, um pouco doente, tinha adormecido ontem em um quarto isolado, um velho cômodo abandonado, onde ela foi encontrada à noite.

— Bem — disse Raul — a história é válida, mas teremos que nos ater a ela, e eu peço que chegue a um acordo com sua irmã, minha senhora. O que ela fez durante o dia e o que deixou de fazer, não é uma questão de justiça. Há apenas um problema, o do crime, e a investigação não irá além dos limites que estabelecemos para ele. Essa não é sua opinião, Béchoux?

— Você vê a situação exatamente como eu vejo — disse Béchoux, com um ar importante.

Enquanto os dois médicos examinavam o corpo, houve um primeiro contato entre os empregados da mansão e os magistrados na sala de jantar. Um dos policiais lia seu relatório. O juiz de instrução (seu nome era Vertillet) e o procurador-geral adjunto faziam algumas perguntas. Mas todo o objetivo da investigação estava no testemunho de Béchoux, que era conhecido dos magistrados, e que não falaria como policial, mas como testemunha dos fatos que ele havia presenciado.

Béchoux apresentou seu amigo Raul d'Avenac, que por uma feliz coincidência, disse, estava hospedado em sua casa. E aos poucos, com palavras escolhidas, com parênteses que travavam o seu discurso, e com a entonação de um homem que fala apenas aquilo que sabe, mas que fala

como deve ser falado, ele se expressou assim:

— Devo dizer que ontem, na mansão, nós estávamos — digo nós, pois as senhoras bem podem me considerar uma figura familiar da casa nos últimos dois meses —, nós estávamos em um estado de ansiedade muito peculiar e, além disso, sem nenhum motivo visível. Por razões sobre as quais é desnecessário insistir, imaginamos que algum acidente havia acontecido com a senhorita Montessieux, e confesso que eu, inicialmente, por um descuido contra o qual minha experiência no assunto deveria ter-me advertido, me entreguei a apreensões que a realidade não justificava; uma vez que Catherine Montessieux, depois de um banho no rio, cansada sem dúvida, e indisposta, entrou para descansar, sem que nenhum dos habitantes desta mansão — eu não estava aqui no momento — tenha percebido, e deixando para trás um roupão que poderia nos levar a supor…

Béchoux fez uma pausa, enredado em sua frase interminável. Então, lançando um olhar de inteligência a Raul, como se lhe dissesse "Bom, Catherine está fora de perigo…", ele retomou, sem o mínimo constrangimento:

— De qualquer forma, eram três horas. Chamado às pressas para a mansão, eu tinha ajudado nas buscas inúteis e já tínhamos almoçado. Eu estava ansioso o suficiente, como já lhes disse, mas com uma ansiedade que, no entanto, estava misturada com uma certa esperança. "Como não conseguimos encontrar nada", pensei, "devemos considerar a hipótese de um mal-entendido, que se esclarecerá a si mesmo." A senhora Guercin, um pouco mais calma, tinha ido para o seu quarto. Arnold e Charlotte estavam almoçando na cozinha; como os senhores devem ter notado, esta cozinha fica à direita, nos fundos da mansão, e abre-se para o outro lado. O senhor Guercin e eu estávamos discutindo o incidente, e tentando reduzi-lo a suas verdadeiras proporções, quando ele me disse:

"Espere, falta visitarmos a ilha".

"Para quê?", disse eu. — Lembro-lhe, senhor juiz de instrução que o senhor Guercin só tinha chegado no dia anterior e não entrava na propriedade Barre-y-va havia anos, portanto, não tinha conhecimento de detalhes que todos nós sabíamos, já que a frequentávamos havia mais de dois meses. "Para quê?", perguntei, "pois a ponte está meio demolida, e só se atravessa em caso de emergência."

“Como, então”, perguntou o senhor Guercin, “chegamos ao outro lado do rio?”

“Quase ninguém vai até lá”, respondi, “e não há razão para que, após seu banho, a senhorita Catherine tenha tido vontade de ir até lá, seja, até a ilha ou até a outra margem.”

“De fato… de fato…”, murmurou ele. “Mas, mesmo assim, vou dar uma ida até lá.”

Béchoux fez uma nova pausa e, avançando até a soleira, pediu ao senhor Vertillet e ao procurador adjunto que se juntassem a ele, em uma estreita faixa de cimento que corria ao longo do piso térreo.

— Essa conversa ocorreu aqui, senhor juiz de instrução. Eu não saí desta cadeira de ferro, enquanto o senhor Guercin se afastava. Os senhores conseguem perceber bem os lugares e as distâncias, certo? Calculo que uma linha reta deste terraço até a entrada da ponte seria, no máximo, de oitenta metros. Ou seja, e os senhores podem ver por si mesmos, uma pessoa de pé neste terraço pode ver claramente tudo acima do primeiro arco da ponte, e acima do segundo arco que atravessa o outro braço do rio, e pode ver claramente tudo na superfície da pequena ilha. Sem árvores. Nem mesmo arbustos. O único obstáculo para a vista é a velha torre do pombal. Mas na parte onde o drama ocorreu, ou seja, em frente a essa torre, temos o direito de afirmar que a paisagem é absolutamente nua. Ninguém pode se esconder ali… ninguém, eu insisto.

— A não ser dentro da torre — observou o senhor Vertillet.

— A não ser ali dentro — aprovou Béchoux. — Mas vou falar sobre isso. Nesse meio-tempo, o senhor Guercin segue por esta alameda à esquerda, que contorna o gramado, toma este caminho malconservado (já que é praticamente inutilizado) que leva à ponte, e coloca seu pé sobre a primeira prancha da armação da ponte. Uma tentativa cautelosa de apalpação, com uma mão agarrando o corrimão oscilante. Então a tentativa continuou, mais rapidamente, e eis o senhor Guercin na ilha. Só então o objetivo desta expedição se torna aparente para mim: o senhor Guercin segue direto para a porta do pombal.

— Poderíamos nos aproximar? — sugeriu o senhor Vertillet.

— Não, não! — gritou com veemência Béchoux. — Devemos ver o drama a partir daqui. O senhor deve, senhor juiz de instrução, imaginá-lo como eu o vi, do mesmo lugar e do mesmo ângulo visual. Do mesmo

ângulo visual — repetiu ele, muito orgulhoso de sua expressão. — E devo dizer, além disso, que eu não era, que eu não fui a única testemunha do drama. O senhor Arnold, que havia terminado seu almoço, estava fumando um cigarro, em pé neste mesmo terraço onde estamos, e em frente à cozinha, que fica, como o senhor pode ver, vinte metros à nossa direita. E ele também está seguindo o senhor Guercin com seus olhos. A situação está clara em sua mente, senhor juiz de instrução?

— Continue, senhor Béchoux.

Béchoux continuou:

— No chão, como em todo o solo da ilha, há silvas, urtigas, todo um emaranhado de plantas rastejantes que impedem a caminhada, e eu tenho muito tempo para me perguntar por que o senhor Guercin está indo para o pombal? Não há nenhuma razão para que a senhorita Catherine tenha se refugiado ali. O que é, então? Curiosidade? Uma necessidade de estar atento? O senhor Guercin está a três, quatro passos da porta. Os senhores podem ver a porta claramente, não podem? Está de frente para nós, baixa, abobadada, plantada na base dos grandes escombros sobre os quais repousa a parede arredondada. Um cadeado e duas fechaduras grandes a mantêm fechada. O senhor Guercin se abaixa e manuseia o cadeado, que cede imediatamente, por uma razão muito simples que vocês verão mais tarde: um dos parafusos já estava solto da pedra onde fora rosqueado. Restam as duas fechaduras. O senhor Guercin abre a de cima, depois a de baixo. Ele agarra o trinco e puxa a porta para si. E então, de repente, o drama! Um tiro, antes que ele tivesse tempo de se proteger com um gesto de braço ou um movimento de retirada, antes mesmo que ele tivesse tempo de discernir que era um ataque, um tiro repentino. O senhor Guercin caiu.

Béchoux ficou em silêncio. Sua história, bem contada, com uma convicção de tirar o fôlego que traía o pavor que sentira no dia anterior, produziu um grande efeito. A senhora Guercin chorava. Os magistrados, intrigados, esperavam explicações. Raul d'Avenac ouvia sem manifestar suas impressões. E, no silêncio, senhor da audiência, Béchoux terminou:

— Não há dúvida, senhor juiz de instrução, que o tiro foi disparado de dentro. Disso temos pelo menos umas vinte provas. Vou destacar duas. Primeiro, a impossibilidade de se esconder fora daquele lugar, e segundo toda a fumaça que escapava do interior e subia pela fenda na parede. É claro que não hesitei um único segundo para adquirir esta certeza. Ela veio

até mim imediatamente. E enquanto eu corria, e o senhor Arnold se juntou a mim, seguido de perto pela empregada, eu disse para mim mesmo: "O assassino está aqui, atrás desta porta, e como ele está armado eu tentarei desarmá-lo". Embora eu não o tenha visto, pois a porta escondia de mim o que se passava lá dentro, não havia a menor dúvida que abalasse minha absoluta convicção. No entanto, quando o senhor Arnold e eu cruzamos a ponte — e eu juro, senhor juiz de instrução, que nenhum de nós tomou qualquer precaução ao cruzá-la —, quando chegamos diante da porta aberta, não havia ninguém com uma arma na mão… ninguém!

— Está claro que havia alguém escondido na torre — disse vivamente o senhor Vertillet.

— Eu não tinha dúvidas — disse Béchoux. — Como precaução, ordenei que o senhor Arnold e Charlotte vigiassem a parte de trás, caso houvesse uma janela ou alguma saída, e me ajoelhei ao lado do senhor Guercin. Ele estava agonizando, incapaz de falar nada além de palavras incoerentes. Eu desatei sua gravata, ou colarinho, e abri sua camisa manchada de sangue. Naquele momento a senhora Guercin, que ouvira o estampido, juntou-se a mim. O marido morreu nos braços dela.

Houve uma pausa. Os dois magistrados trocavam algumas palavras em voz baixa.

Raul d'Avenac estava pensativo.

— Agora — disse Béchoux —, se o senhor puder me acompanhar, senhor juiz de instrução, eu mostrarei no próprio local as informações adicionais.

O senhor Vertillet acenou com a cabeça. Béchoux, cada vez mais inchado de importância, grave e solene, mostrava o caminho. Todos seguiam para a ponte, que um rápido exame mostrou ser mais sólida do que eles imaginavam. Ela balançava, de fato; mas as tábuas, e especialmente as vigas cruzadas, estavam em bom estado, e podia-se aventurar ali sem perigo.

A torre do antigo pombal era estreita e pouco elevada, revestida com seixos pretos e brancos dispostos em xadrez, e por linhas de tijolos pequenos, muito vermelhos. Os buracos que outrora serviram como ninhos para pombos tinham sido preenchidos com cimento. Faltava parte do telhado, e a cumeeira das paredes estava desmoronando.

Eles entraram. A luz vinha de cima, por entre as vigas do telhado, sobre as quais quase não restavam telhas. O piso estava lamacento e cheio de detritos, com poças de água negra.

— O senhor entrou e procurou, senhor Béchoux? — perguntou o senhor Vertillet.

— Sim, senhor juiz de instrução — respondeu o brigadeiro, em um tom que significava que a visita e a busca tinham sido realizadas como ninguém poderia ter feito. — Sim, senhor, e foi fácil para mim, à primeira vista, perceber que o assassino não estava na parte visível que se estende diante de nós. Mas, questionando a senhora Guercin, soube que ela se lembrava da existência de um andar inferior, onde, quando criança, costumava descer por uma escada com seu avô. De imediato, não querendo que nada essencial fosse tocado, dei ordens ao senhor Arnold para correr em sua bicicleta e chamar um médico de Lillebonne, bem como a polícia. E, enquanto a senhora Guercin rezava ao lado de seu marido e Charlotte ia buscar cobertores para estendê-lo e um lençol para cobri-lo, eu comecei minhas investigações.

— Sozinho?

— Sozinho — disse Béchoux, e essa palavra saiu de sua boca com imponência, como se ele representasse (e com que autoridade!) todas as forças da polícia e todos os poderes da Justiça.

— E quanto tempo demorou?

— Foi breve, senhor juiz de instrução. Logo de imediato, no chão, naquela poça, encontrei a arma do crime. Uma pistola Browning de sete tiros. Você pode vê-la ali, no mesmo lugar. Depois encontrei, sob este monte de pedras, um alçapão que levantei, e onde estão fixados os dois corrimões de uma pequena escada de madeira, que se torce sobre si mesma e desce até o andar inferior do qual a senhora Guercin se lembrava. Estava vazio. Teria a gentileza de me acompanhar até lá, senhor juiz de instrução?

Béchoux acendeu sua lanterna de bolso e conduziu os magistrados. Raul os seguiu.

Era uma sala quadrada, inscrita na circunferência da torre, abobadada, baixa e que media talvez cinco por cinco metros. A água do primeiro andar infiltrava-se pelas rachaduras do teto, formando um bom meio metro de lodo. Béchoux observou que essa espécie de adega fora iluminada outrora com luz elétrica, pois os fios e toda a instalação ainda eram visíveis. Um

cheiro de umidade e podridão sufocava todos.

— E ninguém, senhor Béchoux, não havia ninguém escondido aqui também? — questionou o senhor Vertillet.

— Ninguém.

— Nenhum esconderijo?

— Em uma segunda visita, desta vez com um dos policiais, fiquei convencido de que não havia ninguém. E, além disso, como se podia respirar neste lugar, ainda mais subterrâneo? Foi um problema que deu trabalho para solucionar.

— E o senhor solucionou?…

— Sim. Há um duto de ar que atravessa a abóbada e a base da torre, e que se abre acima do nível da água, mesmo em momentos de maré alta. Eu o mostrarei, lá fora, atrás do pombal. De qualquer forma, está meio obstruído.

— E então, senhor Béchoux, quais são suas conclusões?

— Eu não tenho conclusão nenhuma, senhor juiz de instrução, confesso humildemente que não tenho nenhuma. Sei que o senhor Guercin foi assassinado por alguém que estava na torre, mas o que aconteceu com esse alguém, eu desconheço. E por que alguém o mataria? Já estavam de olho nele? Ele foi surpreendido? Foi um crime de vingança, de ganância, ou um acaso? Eu não sei. Alguém, repito, que estava naquela torre, atrás daquela porta, disparou um tiro de revólver. Isso, até segunda ordem, é tudo o que pode ser dito, senhor juiz de instrução, e todas as nossas investigações, assim como as investigações subsequentes da polícia, não levaram a uma porção maior da verdade.

A declaração de Béchoux foi tão categórica que parecia que estavam diante de um mistério que nunca seria resolvido. Foi o que o senhor Vertillet afirmou, não sem certa ironia.

— Mas o assassino tem que estar em algum lugar. A menos que ele tenha ido para o subsolo, ou voado para o céu, é inadmissível que ele tenha desaparecido no ar, como seu relato nos faz acreditar.

— Procure, senhor juiz de instrução — disse Béchoux, em um tom de voz agudo.

— É claro que vamos investigar isso, brigadeiro, e estou certo de que nossa colaboração produzirá bons resultados. Não há milagres em matéria penal. Há procedimentos e recursos mais ou menos habilidosos. Vamos

encontrá-los.

Béchoux sentiu que não era mais necessário; seu papel estava terminado, por enquanto. Pegou Raul d'Avenac pelo braço e foram embora.

— O que você diz?

— Eu? Nada.

— Mas você tem alguma ideia?

— Sobre o quê?

— Sobre o assassino… sobre como ele escapou?

— Muitas ideias.

— Eu estava de olho em você. Você parecia estar pensando em outra coisa, estava entediado.

— Foi sua história que me aborreceu, Béchoux. Meu Deus, como você foi chato!

Béchoux resmungou.

— Meu testemunho foi um modelo de concisão e lucidez. Eu disse tudo o que precisava ser dito, e nada mais, assim como fiz tudo o que precisava ser feito.

— Você não fez nada certo, porque não foi bem-sucedido.

— E você? Admita que você não está muito mais avançado do que eu.

— Muito mais avançado.

— Em que? Você mesmo me disse que não sabia de nada.

— Eu não sei nada. Mas eu sei tudo.

— Explique-se.

— Eu sei como tudo aconteceu.

— Hein?

— Confesse que está louco para saber como foi.

— Sim… louco… — gaguejou Béchoux, que de repente fraquejou completamente e olhou para o amigo com um ar atônito.

— E você pode me dizer?

— Oh, não, de jeito nenhum!

— Por quê?

— Você não entenderia.

Ataques

Béchoux não protestou contra essa afirmação, nem sequer pensou em se ofender. Raul, neste caso, como em todos os outros, estava discernindo coisas que ninguém mais via. Então, como ele poderia se ofender se Raul não o tratasse com mais consideração do que foi tratado pelo juiz de instrução ou pelo procurador adjunto?

Mas ele se agarrou ao braço do amigo e, enquanto o conduzia pelo parque, discutia sobre a situação na esperança de obter alguma resposta às perguntas que estava fazendo pensativamente para si mesmo.

— Que enigma! Tantos pontos a serem esclarecidos! Não é preciso enumerá-los, certo? Você percebe tão bem quanto eu, por exemplo, que não é possível admitir que um homem à espera na torre deveria ter ficado lá após seu crime, já que não foi encontrado lá; nem que deveria ter fugido, já que não foi visto em fuga…

— E daí?

— E o motivo do crime?

— Como?

— O senhor Guercin estava aqui desde o dia anterior, e a pessoa que queria se livrar dele — pois alguém mata para se livrar de alguém —, essa pessoa teria adivinhado que o senhor Guercin atravessaria a ponte e abriria a porta do pombal? Inacreditável!

Béchoux fez uma pausa e observou o rosto do companheiro. Raul não se manifestou. Ele continuou:

— Eu sei… você vai objetar que este crime foi talvez o resultado de um acaso, e que ele foi cometido porque o senhor Guercin entrou no covil do bandido. Hipótese absurda (Béchoux repetiu essa palavra em tom

desdenhoso, como se desprezasse Raul por ter imaginado tal hipótese). Sim, absurda, pois o senhor Guercin levou dois ou três minutos para forçar a fechadura, e o indivíduo teria tido vinte vezes mais tempo para se esconder no andar inferior. Confesse que meu raciocínio é irrefutável, mas que você vai se opor a mim com outra versão.

Raul não se opôs de forma alguma. Ficou em silêncio. Então Béchoux trocou suas baterias e atacou por outro lado.

— É como o caso de Catherine Montessieux. Aí também, nada além de escuridão. O que ela fez ontem? Para onde ela foi? Como ela voltou, e a que horas? Um mistério. E ainda mais um mistério para você do que para mim, já que você não sabe nada sobre o passado dessa jovem, seus medos mais ou menos infundados, seus caprichos, enfim, nada.

— Absolutamente nada.

— Nem eu, a propósito. Mesmo assim, há alguns pontos essenciais sobre os quais eu poderia informá-lo.

— No momento, não estou interessado.

Béchoux ficou irritado.

— Mas por que cargas d'água você não está interessado em nada? No que você está pensando?

— Em você.

— Em mim?

— Sim.

— Em que sentido?

— No sentido habitual com que penso em você.

— Ou seja, como um idiota.

— Não, de modo algum, mas quanto a um ser eminentemente lógico e que age apenas de boa-fé.

— De modo que…

— De modo que tenho me perguntado desde esta manhã: por que você veio para Radicâtel?

— Eu te disse. Para me curar de uma pleurisia.

— Você estava certo em querer se tratar, mas poderia ter feito isso em outro lugar, em Pantin ou Charenton. Por que você escolheu este lugar? É o berço de sua infância?

— Não — disse Béchoux, embaraçado. — Mas esta cabana pertencia a um amigo meu, e então…

— Você está mentindo.

— Então fale!…

— Deixe-me ver seu relógio, meu estimado Béchoux.

O brigadeiro tirou do bolso seu velho relógio de prata que mostrou a Raul.

— Bem — disse Raul —, você quer que eu diga o que isso tem a ver com este caso?

— Nada — respondeu Béchoux, ficando cada vez mais aborrecido.

— Sim, aqui dentro há um cartãozinho, e este pequeno cartão é a fotografia da sua amante.

— Minha amante?

— Sim, a cozinheira.

— O que você está insinuando?

— Você é amante de Charlotte, a cozinheira.

— Charlotte não é uma cozinheira, ela é uma espécie de dama de companhia.

— Uma dama de companhia que cozinha e é sua amante.

— Você está louco.

— Em todo caso, você a ama.

— Eu não a amo.

— Então por que você mantém esta fotografia perto do coração?

— Como você sabe disso?

— Consultei seu relógio ontem à noite, estava sob o seu travesseiro.

Béchoux murmurou:

— Canalha!…

Ele estava furioso, furioso por ter sido enganado novamente, e ainda mais furioso por ser, para Raul, um objeto de ridicularia. Amante da cozinheira!

— Eu repito — disse, com entonação irritada — que Charlotte não é uma cozinheira, mas uma dama de companhia, uma leitora, quase uma amiga da senhora Guercin, que aprecia suas grandes qualidades de coração e mente. Tive o prazer de conhecê-la em Paris, e, quando entrei em convalescença, foi ela quem me falou desta casa de campo para alugar, e do bom ar que se respira em Radicâtel. Assim que eu cheguei, ela me introduziu à casa dessas senhoras, que imediatamente me receberam como um membro da família. Essa é a história toda. Ela é uma mulher de virtude

comprovada, e eu a respeito demais para pedir-lhe que seja seu amante.

— Seu marido, então?

— Isso me interessa.

— Deveras. Mas como é que esta dama com um coração tão grande e uma conduta tão virtuosa concorda em viver em companhia do criado?

— O senhor Arnold não é um criado, mas um mordomo por quem todos nós temos consideração, e que conhece seu lugar.

— Béchoux — gritou Raul alegremente —, você é um homem sábio e um sortudo. A senhora Béchoux vai cozinhar para você pratos deliciosos e você vai me convidar para jantar. E eu acho que ela é muito bonita, sua noiva… um encanto… um charme… curvas adoráveis… Sim, sim, sou um apreciador, você sabe…

Béchoux apertou os lábios. Não gostava muito dessas piadas, e havia momentos em que Raul o aborrecia com seu ar pretensioso de superioridade.

Ele encurtou a conversa.

— Já chega disso. Vamos tratar apenas da senhorita Montessieux, e estas perguntas não têm nada a ver com ela.

Eles haviam retornado à mansão e, na sala onde a senhora Guercin havia estado uma hora antes apareceu Catherine, hesitante e pálida. Béchoux estava prestes a apresentar seu amigo quando este se curvou, beijou a mão da garota e disse carinhosamente:

— Olá, Catherine. Como você está?

Béchoux perguntou, confuso:

— O quê! Não é possível! Então você conhece a senhorita?

— Não. Mas você me falou tanto sobre ela!

Béchoux olhou para os dois e permaneceu pensativo. O que isso significava? Raul teria entrado em contato com a senhorita Montessieux anteriormente, intercedido por ela, e estaria brincando com ele mais uma vez? Mas tudo isso era muito complicado e inconcebível. Faltavam muitos elementos para reconstruir a verdade. Exasperado, ele virou as costas para Raul e saiu com gestos de fúria.

Raul d'Avenac se desculpou imediatamente, fazendo uma vênia.

— Perdoe-me, senhorita, pela minha familiaridade. Mas devo dizer francamente que, para manter minha influência sobre Béchoux, eu sempre o mantenho em suspense com belos truques teatrais, às vezes um pouco

infantis, que aos olhos dele são como prodígios que me fazem parecer um feiticeiro e um demônio. Ele fica irritado, vai embora e me deixa em paz. Bem, eu preciso de sangue-frio para desvendar este caso.

Ele teve a impressão de que, o que quer que fizesse ou deixasse de fazer, sempre teria a aprovação dela. Desde o primeiro momento ela era sua cativa, e estava submissa a essa autoridade cheia de doçura.

Ela estendeu a mão.

— Faça o que for preciso, senhor.

Parecia tão cansada que ele recomendou que ela se recolhesse e evitasse, tanto quanto possível, o interrogatório do juiz de instrução.

— Não saia de seu quarto, senhorita. Até que eu desvende alguma coisa, devemos tomar precauções contra qualquer ofensiva imprevista.

— Está com medo, senhor? — disse ela, vacilando.

— De modo algum, mas sempre desconfio do que é obscuro e invisível.

Ele pediu permissão a ela e à senhora Guercin para investigar a mansão de cima a baixo. O senhor Arnold foi encarregado de acompanhá-lo. Raul visitou o porão e o andar térreo, depois subiu para o primeiro andar, onde todas as salas se abriam para um longo corredor. Os quartos eram pequenos e baixos, todos complicados por alcovas, recantos e becos que serviam como vestiários, ainda decorados com a carpintaria do século XVIII, ornados com matelassês, e mobiliados com cadeiras e poltronas que ostentavam tapeçarias desbotadas feitas à mão. Entre os aposentos de Bertrande e Catherine ficava a escadaria.

Essa escadaria levava a um segundo andar, constituído por um vasto sótão cheio de pilhas de utensílios fora de uso, e ladeado à direita e à esquerda por aposentos para os criados, quase todos eles desocupados e sem móveis. Charlotte dormia à direita, acima de Catherine; e o senhor Arnold à esquerda, acima de Bertrande. Todas as janelas, em ambos os andares, tinham vista para o parque.

Sua inspeção concluída, Raul voltou para o lado de fora. Os magistrados continuavam sua investigação, acompanhados por Béchoux. Ao retornar, ele se virou em direção ao muro onde se encontrava a pequena porta que Catherine havia usado para entrar na propriedade pela manhã. Pedaços de arbustos e escombros de uma estufa desmoronada, totalmente tomada pela hera, tinham invadido essa parte do jardim. Ele tinha guardado a chave e conseguiu sair sem que ninguém percebesse.

Lá fora, o caminho continuava ao longo do muro e subia pelas primeiras rampas das colinas. Eram os limites dos domínios de Barre-y-va, onde se passava entre os pomares e a borda de um bosque, para se chegar a um primeiro planalto onde se agrupava um punhado de casas e chalés de colmo, já nos domínios do castelo de Basmes.

O prédio principal, emoldurado por quatro torres, tinha exatamente as mesmas linhas da casa senhorial, que parecia ser apenas uma cópia reduzida dele. Essa era a casa da condessa de Basmes, que havia se oposto ao casamento de seu filho Pedro com Catarina e havia separado os dois noivos. Raul andou um pouco por lá, depois almoçou em uma pousada no vilarejo, onde conversou com alguns camponeses. Os amores frustrados dos jovens eram bem conhecidos no local. Muitas vezes eles tinham sido flagrados juntos na mata próxima, sentados com as mãos entrelaçadas. Fazia vários dias que não eram mais vistos juntos.

"Tudo está claro", pensou Raul. "A condessa, ordenando que seu filho partisse em viagem, proibiu os encontros. Ontem de manhã, o jovem escreveu a Catherine anunciando sua partida. Catherine, perturbada, fugiu de Barre-y-va e correu para o local costumeiro de seus encontros. O conde Pierre de Basmes não estava lá."

Raul d'Avenac desceu até a pequena floresta que havia contornado na subida e penetrou sob a grossa folhagem onde uma passagem tinha sido aberta. Chegou, assim, ao limiar de uma clareira, que era cercada por uma fileira de árvores, e onde se alongava um banco rústico. Não havia dúvida de que esse era o local onde os dois noivos se encontravam. Ele se sentou ali, e após alguns minutos ficou muito surpreso ao perceber, na extremidade de um riacho que corria entre as árvores, algo em movimento, a dez ou quinze metros de distância. Eram folhas mortas, acumuladas no mesmo lugar, e que foram levantadas por um movimento incomum.

Então, correu para lá. O redemoinho cresceu, e ele ouviu um gemido. Ao chegar ao local, viu a cabeça de uma estranha mulher velha, coroada de cabelos desgrenhados, entrançada com galhos e musgo. Ao mesmo tempo, um corpo fino, vestido com trapos, emergia do leito de folhas que o cobriam como uma mortalha.

Seu rosto estava pálido, angustiado de medo, e os olhos estavam abatidos. Ela caiu para trás sem forças, gemendo e segurando a cabeça como se tivesse sido atingida e sofresse dores cruéis.

Raul lhe perguntou quem era. Ela respondia apenas com lamentos incoerentes e, sem saber o que fazer, voltou à aldeia de Basmes e pediu ajuda ao dono da estalagem, que lhe contou:

— Deve ser a dona Vauchel, uma velha errante, que não tem estado no seu perfeito juízo desde que o filho morreu. Ele era um lenhador, o filho, e um carvalho que ele estava derrubando o esmagou. Ela trabalhou por muito tempo na mansão, onde costumava limpar os jardins no tempo do senhor Montessieux.

O estalajadeiro de fato reconheceu que era a dona Vauchel. Raul e ele a levaram para a cabana miserável onde ela vivia, a alguma distância da floresta, e a colocaram em um colchão. Ela continuou gaguejando e Raul finalmente pescou algumas palavras, que eram ditas com mais frequência:

— Três salgos, eu te digo, minha linda menina… três salgos… e é esse cavalheiro, ouça o que eu digo… e é você que ele quer… ele vai te matar, minha linda menina… tenha cuidado…

— Ela está delirando — riu o estalajadeiro, enquanto se afastava. — Até logo, dona Vauchel, tente dormir um pouco.

Ela chorava suavemente, com a cabeça ainda pressionada entre as mãos trêmulas, o rosto sofrido. Ao inclinar-se sobre ela, Raul viu um pouco de sangue coagulado entre suas mechas cinzentas. Ele a limpou com um lenço mergulhado em um jarro e, quando ela adormeceu pacificamente, ele voltou para a clareira. Bastou que se curvasse para encontrar, perto do monte de folhas, uma raiz grande e recém-cortada, que servia como uma marreta.

"Aqui estamos nós", disse a si mesmo. "A dona Vauchel foi atingida, depois arrastada até este ponto, enterrada sob as folhas e deixada para morrer. Quem fez isso e por quê? Devemos supor que é o mesmo indivíduo que está conduzindo a trama?"

Mas a maior preocupação de Raul estava nas palavras que a dona Vauchel havia dito.

"*Minha linda menina*." Isso não diria respeito a Catherine Montessieux, Catherine, que a louca tinha encontrado vinte e quatro horas antes, quando a jovem vagava nesse bosque em busca de seu noivo, Catherine que tinha se assustado com a terrível previsão: "*Ele te matará, minha linda menina… ele te matará…*", e que tinha fugido para Paris para pedir ajuda a ele, Raul d'Avenac?

Vistos por esse lado, os fatos pareciam bem estabelecidos. Quanto ao resto das elucidações, quanto àquela palavra incompreensível dos três "salgos", repetida pela velha, Raul não quis se preocupar no momento. Como era de seu costume, concluiu que este era um daqueles enigmas que se resolvem quando chega a hora.

Ele não voltou até o anoitecer. Os magistrados e os médicos já tinham partido havia muito tempo. Um policial permanecia em serviço perto do portão.

— Um guarda não é o suficiente — disse ele a Béchoux.

— Por quê? — disse Béchoux com vigor. — Então há alguma novidade? Você está preocupado?

— E você, Béchoux, tem alguma? — disse Raul.

— Por que eu teria? Trata-se de descobrir algo que aconteceu, não de impedir algo que possa acontecer.

— Que papelão você está fazendo, meu pobre Béchoux.

— Como assim?

— Bem, existe uma séria ameaça contra Catherine Montessieux.

— Bom, isso é só um palpite que você tem.

— Como quiser, excelente Béchoux, faça como quiser. Vá jantar, fumar seu cachimbo e tirar sua soneca no Palácio Béchoux. Quanto a mim, não vou arredar pé daqui.

— Você quer que a gente durma aqui? — gritou o brigadeiro, encolhendo os ombros.

— Sim, nesta sala de estar, nestas duas confortáveis poltronas. Se você tiver frio, farei um cobertor para você. Se você ficar com fome, eu darei a você uma fatia de geleia. Se você roncar, eu farei você conhecer o meu pé. Se você…

— Chega! — disse Béchoux, rindo. — Dormirei com um olho aberto.

— E eu com outro. Isso basta.

O jantar foi servido. Eles fumaram e conversaram amigavelmente, relembrando suas memórias comuns e contando histórias um para o outro. Por duas vezes eles fizeram ronda ao redor da mansão, aventuraram-se até a torre do pombal e acordaram o policial que estava cochilando em uma das guaritas do portão.

À meia-noite, os dois se instalaram.

— Que olho você vai fechar, Béchoux?

— O direito.

— E eu o esquerdo. Mas eu deixo abertas as duas orelhas.

Um grande silêncio tomou conta da sala e do redor da casa. Por duas vezes Béchoux, que mal acreditava no perigo, adormeceu tão pesadamente que roncou e levou um chute nas panturrilhas. Mas ele mesmo, Raul, se permitiu abandonar por uma hora ao sono mais profundo, quando de repente deu um salto. Ouviu-se um grito, vindo de algum lugar.

— Não é nada — balbuciou Béchoux. — É uma coruja.

De repente, ouviram outro grito. Raul correu em direção à escadaria, exclamando:

— Lá em cima, no quarto da menina! Oh, caramba, se acontecer alguma coisa com ela!

— Vou sair — disse Béchoux. — Vamos apanhar o sujeito quando ele saltar pela janela.

— E se a matarem nesse meio-tempo?

Béchoux voltou para dentro. Nos últimos degraus, Raul disparou um tiro para deter o ataque e dar o alarme aos criados. Ele arrombou a porta com seus punhos, e uma cortina cedeu. Béchoux, por baixo de seu braço, forçou a maçaneta. Eles entraram.

O quarto estava pouco iluminado pela luz noturna, e a janela estava aberta. Não havia ninguém lá, ninguém além de Catherine, que estava deitada em sua cama, gemendo com dificuldade, como se estivesse asfixiada.

— Vai, Béchoux! — ordenou Raul — Para o jardim! Eu cuido dela.

Naquele momento Bertrande Guercin também chegou para acudir e, curvando-se sobre a garota, logo sentiram que não havia nada grave a temer. Ela estava respirando.

Ainda ofegante, ela sussurrou:

— Ele ia me sufocar… ele não teve tempo.

— Ele estava estrangulando você? — repetiu Raul, consternado. — Ah, o bandido! E de onde ele veio?

— Eu não sei… a janela… acho que…

— Estava fechada?

— Não… nunca…

— Quem era?

— Eu vi apenas uma sombra.

Ela não disse mais nada. O medo e a dor a deixaram completamente exausta. Desmaiou.

Os três “salgos”

Enquanto Bertrande cuidava de sua irmã, Raul correu para a janela e encontrou Béchoux pendurado no parapeito, agarrado às grades da sacada.

— O que está fazendo? Pule, seu idiota! — disse ele.

— Para quê? A noite está escura como graxa. O que eu posso fazer lá embaixo?

— E aqui em cima?

— Daqui talvez dê para ver alguma coisa…

Ele puxou sua lanterna de bolso e apontou-a para o jardim. Raul fez o mesmo. As duas lanternas eram potentes e raios de luz bem vivos caíram sobre os caminhos e os canteiros de flores.

— Olhe ali — disse Raul —, uma silhueta…

— Sim, ao lado da estufa em ruínas…

Uma sombra pulava em saltos desordenados, que pareciam um pouco como os de uma besta louca, certamente com o objetivo de impedir qualquer identificação do personagem.

— Não o perca — ordenou Raul. — Vou correr até lá embaixo.

Mas antes que ele pisasse na varanda ouviu-se o estampido de um tiro, vindo de cima, sem dúvida dado pelo criado Arnold. Ouviu-se um grito lá fora no jardim. A figura girou, caiu, levantou-se, caiu novamente e ficou inerte.

Então Raul se jogou no vazio, com exclamações de triunfo.

— Conseguimos! Bravo, Arnold! Béchoux, não tire a luz de cima desta besta selvagem. Ilumine-a para mim.

Infelizmente, o calor do momento não permitiu que Béchoux obedecesse. Ele também pulou, e quando reacenderam as lanternas e

chegaram perto da estufa, ao local exato onde jazia a fera selvagem, como Raul a chamou, encontraram apenas o gramado amassado, pisoteado, mas sem cadáver.

— Imbecil! Cretino! — gritava Raul. — A culpa é sua! Ele aproveitou os poucos segundos de escuridão que você lhe deu.

— Mas ele estava morto! — gemeu Béchoux, lamentando.

— Morto como você e eu. Foi tudo uma farsa.

— Não importa, vamos seguir seu rastro na grama.

Com a ajuda do policial que se juntou a eles, os três passaram quatro ou cinco minutos dobrados sobre o gramado. Mas a pista, a poucos metros de distância, terminou em um pequeno caminho de cascalho, onde se perdeu. Raul não persistiu e voltou para o casarão. Arnold descia as escadas com um rifle.

Foi o tiro da pistola de Raul que o havia despertado. Arnold abriu sua janela e, inclinado para fora, viu vagamente a sombra de um homem que se jogava para fora do quarto da senhorita Montessieux. Ele ficou então à espera, e assim que as lanternas iluminaram o fugitivo, carregou a arma.

— Que pena — disse ele — que vocês tenham apagado as luzes. Caso contrário, ele estaria lá. Mas é apenas uma questão de tempo. Ele levou chumbo na asa, e vai morrer como uma besta fedorenta, debaixo de algum arbusto onde vamos encontrá-lo.

Nada foi encontrado. Quando Raul teve certeza de que Catherine, vigiada por sua irmã Bertrande e por Charlotte, estava dormindo em paz, ele mesmo foi descansar um pouco, assim como Béchoux. E quando, ao amanhecer, saiu para investigar, não demorou a reconhecer que a busca não daria mais resultados do que antes.

— Droga! — disse Béchoux, ao final. — O bandido que matou o senhor Guercin e tentou matar Catherine Montessieux deve ter arranjado algum refúgio impenetrável dentro das paredes da propriedade, onde ele zomba de nós. Na primeira oportunidade, e assim que tiver se recuperado de suas feridas, se estiver ferido, ele vai voltar.

— E desta vez, se não formos mais astutos do que ontem à noite, ele conseguirá matar Catherine Montessieux — disse Raul d'Avenac, que não havia esquecido as palavras de dona Vauchel. — Béchoux, Béchoux, vamos cuidar dessa menina como uma coisa sagrada!

No dia seguinte, após a cerimônia fúnebre que ocorreu na igreja de Radicâtel, Bertrande acompanhou o corpo do senhor Guercin até Paris, onde foi enterrado. Durante sua ausência, Catherine, tomada pela febre e muito deprimida, não saiu de sua cama. Charlotte dormiu ao seu lado. Raul e Béchoux haviam se instalado em dois quartos adjacentes ao dela. Ambos se revezavam, de plantão.

Enquanto isso, as investigações continuavam, mas limitadas ao assassinato do senhor Guercin, tendo Raul se assegurado de que nem o Ministério Público nem a polícia estavam cientes do atentado contra a senhorita Montessieux. Acreditava-se simplesmente na ocorrência de um alarme noturno e de um tiro disparado, devido à visão mais ou menos confusa de uma silhueta. Catherine permaneceu fora da investigação. Como estava doente, passou apenas por um interrogatório de praxe e respondeu que não sabia nada sobre os acontecimentos.

Béchoux, por sua vez, estava implacável. Como Raul parecia não estar interessado no caso, pelo menos no que diz respeito à investigação, ele havia mandado buscar dois de seus camaradas de Paris, que também estavam de licença, e os três puseram mãos à obra, como Raul dizia, utilizando todos os procedimentos do detetive perfeito. O parque foi dividido em setores com estacas, e cada um deles em subsetores. Os três camaradas passavam de setor para subsetor, um após o outro, e depois todos juntos, investigando cada torrão de terra, cada pedra e lâmina de grama. Tudo isso foi em vão. Não encontraram nenhuma caverna, nenhum túnel, nenhum buraco suspeito.

— Nem uma toca de rato — brincou Raul, que se divertia muito. — Mas você já pensou nas árvores, Béchoux? Quem sabe? Talvez algum antropoide assassino esteja escondido por lá?

— Francamente — protestou Béchoux, indignado —, você não se importa com nada?

— Nada… exceto a gentil e encantadora Catherine, com quem me preocupo demais.

— Eu não a trouxe de Paris pelos belos olhos de Catherine, muito menos para pescar no rio. Pois é nisso que você está perdendo seu tempo, olhando para uma rolha flutuante. Você imagina que a resposta para o enigma está aí?

— Certamente — zombou Raul — está pendurada aqui na minha linha. Veja, vamos pescá-la neste pequeno turbilhão… e mais adiante, aos pés daquela árvore que está afundando suas raízes. Que cego que você é!

O rosto de Théodore Béchoux se iluminou.

— Você sabe de alguma coisa? Nosso homem está escondido no fundo da água?

— Bingo! Ele fez a sua cama no rio. Ele se alimenta dele. Bebe dele. E ele não está nem aí com você, Théodore.

Béchoux levantou os braços para o céu, e Raul o viu logo em seguida rondando a cozinha e deslizando para o lado de Charlotte, a quem ele devotava seus planos de morar no campo.

Uma semana depois, Catherine encontrava-se muito melhor e, deitada em sua espreguiçadeira, pôde receber Raul. A partir de então, ele vinha todas as tardes. Ele a distraía com seu bom humor e seu entusiasmo.

— Você não está mais com medo, está? Ora, vamos… — exclamava ele em tom cômico e ao mesmo tempo sério. — O que aconteceu com você é bastante natural. Não há um dia que passe sem que ocorra um atentado como o que você sofreu. É muito comum. O essencial é que isso não aconteça novamente. Além disso, eu estou aqui. Eu sei do que nosso adversário ou adversários são capazes e respondo por tudo.

A garota permaneceu na defensiva por um longo tempo. Ela sorria, tranquilizada, apesar de tudo, pelas piadas e pelo ar despreocupado de Raul; mas não respondia quando ele a questionava sobre certos fatos. Foi somente a longo prazo, e com grande habilidade e paciência, que ele obteve, por assim dizer, um voto de confiança. Um dia, sentindo-a mais expansiva, ele exclamou:

— Vamos, diga, Catherine — eles passaram naturalmente a se chamar pelo próprio nome —, diga o você pretendia quando veio me pedir ajuda em Paris. Lembro-me exatamente das palavras de seu apelo: *"Sei que há coisas ao meu redor que não consigo entender, e outras que virão, e que me assustam"*. Bem, algumas daquelas coisas que a assustavam antes, sem que você as pudesse entender, já aconteceram. Se você quiser evitar mais ameaças, então fale.

Ela ainda hesitava; ele pegou a mão dela, e seu olhar pousou tão ternamente sobre a garota que ela corou. Para esconder seu constrangimento, Catherine falou imediatamente.

— Eu concordo com você — disse. — Mas desde a minha solitária infância eu guardo alguns hábitos, não de segredo, mas de reserva e silêncio. Eu era muito alegre, mas dentro de mim e para mim mesma. Quando perdi meu avô, fiquei ainda mais retraída. Eu amava muito minha irmã, mas ela havia se casado e vivia viajando. Seu retorno me fez bem, e foi uma grande alegria voltar a morar aqui com ela. Entretanto nunca houve, e não há entre nós, apesar de nosso afeto, aquela intimidade perfeita com a qual podemos relaxar e sentir a felicidade de estarmos juntas. A culpa é minha. Você sabe que estou comprometida, que amo Pierre de Basmes com todo o meu coração, e que ele me ama profundamente. No entanto, entre mim e ele, ainda existe uma barreira. E isso ainda é uma consequência de minha natureza, que não se rende a si mesma e que desconfia de qualquer impulso vivo e espontâneo demais.

Depois de uma pausa, ela continuou:

— Esse excesso de reserva, que é aceitável quando se trata de sentimentos e segredos femininos, torna-se absurdo quando se trata dos fatos da vida cotidiana, e especialmente de fatos excepcionais e anormais. No entanto, foi isso que aconteceu desde que cheguei a Barre-y-va. Eu deveria ter contado a verdade sobre alguns acontecimentos estranhos que me atingiram. Em vez disso, fiquei calada e fui chamada de lunática e desequilibrada, porque tinha medos que se baseavam em realidades que eu guardei para mim mesma. E assim fiquei, inquieta, nervosa, quase selvagem, incapaz de suportar as tristezas e os terrores cujo peso eu não queria compartilhar com aqueles ao meu redor.

Ela permaneceu em silêncio por um longo tempo. Ele apressou as coisas.

— E vejo que você ainda está indecisa — disse ele.

— Não.

— Então você quer me contar o que não estava contando a ninguém?

— Sim.

— Por quê?

— Eu não sei.

Catherine disse isso de forma grave e repetiu:

— Eu não sei. Mas eu não posso fazer o contrário. Sou obrigada a obedecer e, ao mesmo tempo, compreendo que estou certa em fazê-lo. Talvez minha história pareça um pouco infantil no início, e meus medos sejam bastante infantis. Mas você vai entender, tenho certeza, você vai

entender.

E imediatamente, sem mais resistência, ela começou:

— Chegamos a Barre-y-va, minha irmã e eu, na noite do dia 25 de abril passado. A casa estava fria e abandonada desde a morte de meu avô, ou seja, havia mais de dezoito meses. Passamos a noite o melhor que pudemos. Mas na manhã seguinte, quando abri minha janela, experimentei a maior alegria da minha vida ao ver o jardim da minha infância. Por mais danificado que estivesse, com a grama alta, os caminhos cheios de ervas daninhas, os gramados cheios de galhos podres, era o querido jardim onde eu tinha sido muito feliz. Todas as coisas boas que tinha no meu passado ainda estavam vivas, e do jeito que eu me lembrava, neste espaço amuralhado onde ninguém, absolutamente ninguém, jamais havia entrado. Eu só conseguia pensar em buscar essas memórias e ressuscitar o que pensava ter sido destruído. Malvestida, com os pés descalços nos velhos tamancos de outrora, e tremendo de emoção, fui cumprimentar minhas velhas amigas, as árvores, e meu grande amigo, o rio, com as velhas pedras e os escombros das estátuas que meu avô gostava de talhar. Todo o meu pequeno mundo estava lá. Era como se eles estivessem me esperando e me acolhessem com o mesmo prazer que sentia enquanto caminhava para encontrá-los. Mas havia um local que, em minha memória, guardava um lugar sagrado. Não havia um dia em Paris em que eu não o evocasse, pois representava para mim todos os meus sonhos de criança solitária e romântica. Em todos os outros lugares eu brincava e me divertia, sob o domínio de meus instintos turbulentos. Mas ali eu não fazia nada. Eu pensava. Chorava sem razão. Observava, sem ver, a agitação das formigas e o voo das moscas. Eu respirava pelo prazer de respirar. Se a felicidade pode ser negativa, e se puder ser expressa pela ventura entorpecida e pela total ausência de pensamento, eu era feliz ali, entre aqueles três salgueiros isolados, deitada em seus ramos ou balançando em uma rede que eu tinha pendurado entre uma árvore e outra. Fui até eles como se vai em uma peregrinação, ardentemente e lentamente, com a alma recolhida e um pouco de febre nas têmporas. Fiz meu caminho através das silvas e urtigas que bloqueavam a aproximação da velha ponte, a velha ponte carcomida onde eu costumava dançar em desafio e pela qual era proibida de me aventurar. Eu a cruzei. Atravessei a ilha e segui o rio, subindo o caminho que a sucede e leva à região rochosa do jardim. Os arbustos, que tinham

crescido desde que tinha partido, escondiam de mim o pequeno monte que eu queria alcançar. Escorreguei na mata grossa. Afastei os galhos. Emergi e, imediatamente, dei uma exclamação de espanto. *Os três salgueiros não estavam mais lá*. Eles não estavam lá, mas eis que, olhando à minha volta com olhos assustados, e em verdadeiro desespero, como se meus entes mais queridos tivessem faltado a um compromisso, eis que a cem metros de distância, do outro lado das rochas, e depois de uma curva no rio, de repente eu as vi, minhas três árvores desaparecidas. As mesmas, garanto-lhe, as mesmas, dispostas em fileira como antigamente, e voltadas na direção do casarão, de onde tantas vezes eu as havia olhado.

Catherine fez uma pausa e olhou para Raul, não sem alguma preocupação. Na verdade, ele não estava sorrindo. Não, ele não parecia estar rindo, e era como se a importância dramática que ela estava dando à sua descoberta parecesse bastante legítima.

— Você tem certeza de que ninguém entrou na propriedade Barre-y-va desde que seu avô morreu?

— Podem ter pulado o muro. Mas tínhamos todas as chaves em Paris, e quando voltamos aqui nenhuma fechadura estava quebrada.

— Então a única explicação que necessariamente me vem à mente é que você estava enganada, e que as três árvores sempre estiveram onde você as encontrou.

Catherine vacilou e protestou com vivacidade excessiva.

— Não diga isso! Não, não faça essa suposição! Eu não estava enganada! Eu não poderia estar errada!

Ela o levou para fora, e juntos eles percorreram o caminho que ela havia indicado. Eles subiram o curso do rio, que corria diretamente pelo canto esquerdo do casarão, e seguiram a suave encosta que levava ao pequeno morro através da pastagem, onde a jovem havia limpado todas as ervas daninhas. O morro não apresentava vestígios de árvores arrancadas ou movimentadas.

— Veja bem a vista que temos, a mesma vista que eu tinha daqui, do parque. Você pode ver o conjunto, a casa senhorial e a torre da igreja. E então você pode fazer uma comparação.

O caminho tornava-se íngreme e passava por cima das rochas, no meio das quais os abetos haviam criado raízes, e suas pontas se amontoavam sobre o granito. Havia uma curva acentuada no rio, que fluía por um

desfiladeiro, e uma espécie de túmulo que ficava em frente, sob um grosso manto de hera, e que era chamado de Butte-aux-Romains.

Em seguida, eles voltaram para o banco no início do desfiladeiro. Catherine apontou para os três salgueiros. O da direita e o da esquerda ficavam a mesma distância da árvore central.

— Aqui estão os três. Será que eu estava realmente errada? Aqui, estamos aqui embaixo. Quase nenhuma vista. O olhar se choca contra as rochas ou contra o Butte-aux-Romains. Mal se vislumbra uma luz em direção ao morro. Você ousa dizer que minha memória teria retido uma lembrança absolutamente clara de outro local, quando as três árvores estavam aqui? E que elas não estavam em um lugar que eu conhecia bem quando vinha nadar?

— Por quê? — perguntou Raul, sem lhe responder diretamente. — Por que você está me fazendo essa pergunta? Tenho a impressão de que você está fazendo isso com uma certa ansiedade.

— Não, claro que não — disse ela com veemência.

— Sim, eu sei. Eu posso sentir. E você perguntou por aí? Você interrogou outras pessoas?

— Sim, como quem não quer nada, porque eu não queria demonstrar minha preocupação. Minha irmã, primeiro. Mas ela não se lembrava muito bem, pois havia partido de Barre-y-va bem antes de mim. No entanto…

— No entanto?

— Ela disse que se lembrava das árvores exatamente onde elas estão hoje.

— E Arnold?

— Arnold me deu uma resposta diferente. Ele não afirmou nada, embora o local atual não lhe parecesse ser o verdadeiro.

— E você não conseguiu qualquer outro testemunho?

— Sim — disse ela após um momento de hesitação —, uma velha mulher que tinha trabalhado no jardim quando eu era criança.

— A dona Vauchel? — disse Raul.

Catherine exclamou, subitamente agitada:

— Então você a conhece?

— Eu a conheci. E agora percebo o que significavam os “três salgos” de que ela estava falando. Foi a maneira como ela disse.

— Sim — disse Catherine, ficando cada vez mais emocionada. — Eram os três salgueiros. E foi em parte por causa deles que a infeliz mulher, que já não tinha a mente muito sã, enlouqueceu de vez.

A dona Vauchel

Raul a viu em uma tal inquietação que decidiu levá-la de volta ao casarão. Era a primeira saída da moça, e ela não deveria abusar de suas forças.

Durante dois dias, ele usou sua influência sobre ela para acalmá-la e mostrar-lhe a aventura de uma forma menos trágica. Ela se acalmava sob os cuidados de Raul. Sentia-se à vontade, relaxada e sem forças contra essa atitude benéfica e afetuosa. Mais tarde ele insistiu para que ela retomasse sua história, o que ela começou a fazer com mais tranquilidade.

— Claro que, a princípio, tudo isso não deveria ter parecido tão sério para mim. Mas, mesmo assim, como eu não podia admitir que havia algum erro de minha parte, já que nem minha irmã nem Arnold me desmentiriam, o que dizer deste deslocamento? Como foi feito, e com qual finalidade? Mas não demorou muito para que o incidente se revelasse sob uma luz diferente e mais angustiante. Enquanto vasculhava o casarão, tanto por curiosidade quanto para reviver tantas lembranças bonitas, descobri em um canto do sótão, onde meu avô tinha montado um pequeno laboratório, com mesa, fogão a gás, retortas, etc., uma caixa de desenho e esboços, e entre as folhas dispersas desta caixa estava uma planta topográfica do jardim. Eu me lembrei de repente, tinha trabalhado neste plano quatro ou cinco anos antes. Vovô e eu tínhamos feito medições junto, e tínhamos anotado as medidas. Eu estava orgulhosa da tarefa que me havia sido dada, segurando uma ponta da trena ou a mira do tripé, ou qualquer um dos instrumentos necessários. O resultado de nosso trabalho conjunto foi este plano, que eu havia visto meu avô desenhar, que ele tinha assinado com a própria mão. Eu me diverti muito com o desenho do rio azul e o ponto

vermelho no pombal. Aqui está.

Ela desenrolou a folha de papel sobre uma mesa e a prendeu com quatro pinos. Raul se inclinou.

A longa serpente azul do rio passava sob a esplanada da entrada; ele se endireitava, quase tocando o canto do casarão, explodia na ilha, e depois virava-se abruptamente entre as rochas e o Butte-aux-Romains. Os gramados foram delineados, assim como a casa senhorial e o pavilhão de caça. O muro de contrafortes limitava a propriedade. Um ponto vermelho marcava o pombal. As cruzes marcavam a localização de certas árvores, indicadas por seus nomes: o Carvalho de tonel… a Faia Vermelha… o Olmo Real.

O dedo de Catherine havia pousado no extremo do parque, à esquerda, perto da serpente azul. Ela apontou para uma cruz tripla com esta inscrição em tinta, com a própria caligrafia: *os três salgueiros*.

— Os três salgueiros — disse ela calmamente. — Sim, ali, depois das rochas e depois do Butte-aux-Romains…, ou seja, onde eles estão hoje…

E, novamente nervosa, ela continuou com a mesma entonação abafada e em espasmos:

— E então, eu tinha enlouquecido? Aquelas árvores que eu sempre soube que estavam no monte, que eu tinha visto lá dois anos antes, não estavam mais lá naquela época, já que o plano elaborado pelo vovô e por mim tinha mais de cinco anos? Era possível que meu cérebro estivesse sob o controle de tais aberrações? Eu lutei contra a evidência dos fatos. Teria preferido acreditar no transporte das árvores por razões que eu não conhecia. Mas o plano contradizia o testemunho de meus olhos e a convicção de minha memória, e, forçada a admitir meu erro, vacilei, angustiada. Toda a minha vida me pareceu uma alucinação, e todo o meu passado um pesadelo do qual eu só conhecia falsas visões e falsas realidades.

Raul ouvia a garota com interesse crescente. Na escuridão em que ela lutava, ele mesmo, apesar de alguns vislumbres de luz que lhe davam a certeza de alcançar o objetivo, via apenas confusão e incoerência.

Ele disse a ela:

— E você não falou nada disso à sua irmã?

— Nem à minha irmã ou a qualquer outra pessoa.

— A Béchoux, talvez?

— Tampouco. Nunca entendi a razão da presença dele em Radicâtel, e só prestava atenção nele quando nos contava sobre as aventuras de vocês dois. Além disso, eu estava ficando sombria, preocupada, e as pessoas estavam assustadas com meu humor quase selvagem e meu desequilíbrio.

— Mas você não estava noiva?

Ela corou.

— Sim, eu estava, eu estou noiva, o que ainda é uma causa de tormento para mim, já que a condessa de Basmes não quer que eu me case com o filho dela.

— Você o ama?

— Eu achava que o amava — disse Catherine em voz baixa. — Mas também não confiava nele. Não confiava em ninguém, e tentava, sozinha, dissipar esta atmosfera pesada que me oprimia. E por isso eu fui falar com aquela velha camponesa que costumava limpar o jardim. Eu sabia que ela vivia na pequena floresta de Morillot, que fica acima do parque.

— Uma pequena floresta para onde você costumava ir, não era?

Ela corou de novo.

— Sim. Como Pierre de Basmes não podia vir a Barre-y-va tanto quanto ele gostaria, eu o encontrava na floresta de Morillot. Um dia, depois de nos despedirmos, fui para a casa da dona Vauchel. Nessa época, o filho dela vivia e trabalhava como lenhador nos bosques de Tancarville. Ela ainda não estava louca, mas sua cabeça já não era muito boa. Entretanto, eu nem precisei me apresentar ou lembrá-la de meu nome. Logo de cara ela sussurrou: "Senhorita Catherine… a sinhazinha do Casarão…". Ela manteve um silêncio bastante longo, esforçando-se para pensar, e então, levantando-se da cadeira onde estava descascando feijões, ela se inclinou sobre mim e, bem baixo, disse: "Os três salgos… os três salgos… deve ter cuidado, minha linda menina…". Fiquei confusa. De imediato, ela havia falado daqueles três salgueiros sobre os quais havia tanto enigma para mim, e seus pensamentos, geralmente hesitantes, eram tão claros sobre o assunto que ela acrescentou: "Você deve ter cuidado". O que significavam essas palavras, a não ser que, em sua mente, a visão das três árvores estava associada à ideia de um perigo para mim? Eu a pressionei com perguntas. Ela queria responder. Ela tentou. Mas as frases dela saíam de uma forma inacabada e confusa. A duras penas eu pude compreender que ela estava dizendo o nome de seu filho. "Dominic… Dominic…" Eu lhe disse imediatamente:

“Sim… Dominic… seu filho… ele sabe algo sobre essas três árvores, não sabe? Eu preciso vê-lo… é isso que a senhora quer dizer? Quero vê-lo amanhã… Venho aqui amanhã… no final do dia, quando ele voltar do trabalho. A senhora vai avisá-lo, não vai? E dizer-lhe para esperar por mim amanhã… Amanhã, às sete horas da noite, como hoje. Amanhã…”. Repeti várias vezes essa palavra, cujo significado ela parecia compreender, e a deixei com alguma esperança. Nessa hora já estava quase escuro, mas creio ter visto a figura de um homem nas sombras, atrás da cabana. Foi um grande erro não verificar esta impressão fugaz. Mas lembre-se do pouco controle que eu tinha então, e como estava sempre pronta para me assustar sem nenhuma razão muito definida. Confesso que estava assustada, e que me apressei pelo caminho. No dia seguinte, subi bem antes da hora marcada, a fim de sair mais cedo, em plena luz do dia. Dominique ainda não havia chegado do trabalho. Esperei muito tempo perto da dona Vauchel, que permanecia taciturna e parecia ansiosa. Então um camponês apareceu. Ele anunciou que trazia dois camaradas, e que carregavam o lenhador Dominic. Ele fora encontrado ferido, debaixo de um carvalho que estava derrubando. Pelo constrangimento do mensageiro, compreendi o drama. De fato, era um cadáver que estavam deixando em frente à casa da dona Vauchel. A pobre mulher ficou louca.

O desânimo de Catherine aumentou, como se as circunstâncias do passado revivessem diante de seus olhos. Raul, que sentiu que qualquer tentativa para consolá-la seria em vão, insistiu que ela terminasse.

— Sim, sim, — ela continuou —, é melhor assim, mas você pode compreender como eu achei a morte suspeita. No mesmo instante em que Dominic Vauchel ia me dar, sem dúvida, a resposta para o enigma, ele aparece morto. Eu não deveria suspeitar que ele tinha sido morto, e assassinado, precisamente para evitar qualquer conversa entre mim e ele? Desse assassinato, eu posso não ter provas materiais. Entretanto, o médico de Lillebonne, ao declarar que a morte havia sido acidental, e produzida pela queda de uma árvore, ficou espantado, à minha frente, com certas anomalias perturbadoras, como a descoberta de uma ferida na cabeça. Ele não deu maior atenção a isso e assinou seu relatório. Mas eu fui ao local do acidente e encontrei uma tora de madeira.

— A quem acusar? — interrompeu Raul. — Mas, evidentemente, o indivíduo que você vislumbrou atrás da cabana da dona Vauchel sabia que,

no dia seguinte, você seria informada sobre o mistério dos três salgueiros.

— Foi o que eu presumi — disse Catherine —, e essa suposição era reforçada cada vez mais em mim pela pobre mãe da vítima, sem que ela soubesse. Toda vez que eu subia para encontrar o meu noivo, tinha certeza de que ia encontrá-la. Ela não estava me procurando, mas um acaso teimoso sempre a colocava no meu caminho. Então ela parava por alguns segundos, revolvia sua memória em ruínas e recitava, balançando a cabeça: "Os três salgos… é preciso ter cuidado, minha linda menina, os três salgos". Desde então, vivi em grande aflição, às vezes me achando louca e às vezes convencida de que havia uma ameaça terrível contra mim e contra aqueles que viviam na propriedade Barre-y-va. Eu não falei com ninguém sobre isso. Mas como poderiam não ter notado meus terrores, e o que chamavam de meus caprichos? Minha pobre irmã, cada vez mais preocupada e incapaz de explicar meu estado de enfermidade, implorou-me que deixasse Radicâtel. Ela até preparou por várias vezes nossa partida. Eu não queria. Eu não estava comprometida? E, embora meu humor tivesse mudado um pouco a natureza de minhas relações com Pierre de Basmes, eu não o amava menos. Precisava somente, eu confesso, de um guia, de um conselheiro. Estava cansada de lutar sozinha. Pierre de Basmes? Béchoux? Minha irmã? Eu já lhe disse que, por razões pueris, não podia confiar neles. Foi nesse momento que pensei em você. Eu sabia que Béchoux tinha a chave de seu apartamento, e que ele a havia colocado embaixo do relógio dele. Um dia, em sua ausência, fui pegá-la.

— Bem — exclamou Raul —, mas bastava ter-me procurado, ou simplesmente escrever para mim.

— A chegada do senhor Guercin atrasou meus planos a seu respeito. Sempre tive boas relações com o marido de minha irmã. Ele era um homem bom e prestativo, que demonstrava carinho por mim, e com quem eu poderia desabafar. Infelizmente, você sabe o que aconteceu. No dia seguinte, tendo recebido uma carta de Pierre de Basmes anunciando a implacável resolução de sua mãe e a própria partida, saí ao jardim para vê-lo uma última vez. Esperei por ele no local habitual de nossos encontros. Ele não veio. Foi na noite daquele dia que eu entrei em seu apartamento.

— Mas — disse Raul — deve ter havido algum fato mais especial que determinou sua visita.

— Sim — disse ela. — Enquanto esperava por Pierre na floresta, fui abordada pela dona Vauchel. Ela estava ainda mais agitada do que de costume, e sua ladainha estava mais violenta, mais precisa em relação a mim. Ela me pegou pelo braço, me sacudiu e disse, com uma raiva que eu não conhecia, e como se quisesse se vingar de mim pela morte de seu filho: "Três salgos, minha linda menina… É você que ele quer, o cavalheiro… e ele vai te matar… Cuidado, ele vai te matar… ele vai te matar…". Ela fugiu, com terríveis gargalhadas. Eu perdi a cabeça. Vaguei pelo campo e, por volta das cinco horas da tarde, estava em Lillebonne. Um trem estava partindo e eu saltei para dentro.

— Então — perguntou Raul —, quando você pegou o trem, o senhor Guercin estava sendo assassinado, e você não sabia disso?

— Eu não soube de nada até a noite, em sua casa, pelo telefonema de Béchoux, e você se lembra de como eu fiquei abalada.

Raul refletiu um pouco e disse:

— Uma última pergunta, Catherine. Quando você foi atacada à noite em seu quarto, não houve nada que permitisse identificar seu agressor como o mesmo indivíduo que você viu naquele outro dia, atrás da cabana da dona Vauchel?

— Nada. Eu estava dormindo com a janela aberta e não fui alertada por nenhum som. Senti minha garganta presa, lutei, gritei, e o homem fugiu sem que eu visse sequer sua sombra na noite. Mas como não poderia ser a mesma pessoa? O mesmo que matou Dominique Vauchel, e o senhor Guercin, e que queria me matar, de acordo com a previsão da dona Vauchel?

Ela falava com voz alterada. Raul olhava-a gentilmente.

— Você parece que está sorrindo — disse ela, surpresa. — Por quê?

— Para lhe dar confiança. E veja que você está mais calma, tua expressão está mais relaxada, e toda essa história parece menos assustadora só porque eu estou sorrindo.

— É uma história terrível — disse ela, com convicção.

— Não tanto quanto você pensa.

— Dois assassinatos…

— Você tem certeza de que Dominique Vauchel foi assassinado?

— E o porrete? A ferida na cabeça?

— Quer saber mais? Correndo o risco de aumentar seus medos, eu digo a você que o mesmo atentado foi cometido contra a dona Vauchel, e que no dia seguinte à minha chegada eu a encontrei debaixo de algumas folhas, também ferida na cabeça por um porrete. E, no entanto, não tenho certeza de que tenha havido um crime.

— Mas e meu cunhado? — gritou Catherine. — Você realmente não pode negar…

— Eu não nego nada, e não afirmo nada. Mas eu duvido. O que eu sei, Catherine, e você deve ficar feliz com isso, é que você tem toda razão, que suas memórias não a enganam, e que os três salgueiros deveriam estar onde estavam quando você se balançava em seus galhos há alguns anos. Todo o problema gira em torno desses três salgueiros deslocados. Uma vez resolvido, todo o resto se esclarecerá por si só. Por enquanto, amiga Catherine…

— Por enquanto?

— Sorria.

Ela sorriu.

Ela era adorável assim. Ele não pôde deixar de lhe dizer, em um impulso de todo o seu ser:

— Meu Deus, como você é linda!… E tão cheia de ternura! Você não pode acreditar, querida amiga, como estou feliz por poder me dedicar a você, e como um único olhar seu me recompensa…

Ele não terminou. Qualquer palavra mais ousada lhe pareceria uma ofensa.

A investigação feita pela Justiça fazia poucos progressos. Após vários dias de buscas e questionamentos, o juiz não chegava a uma conclusão, e confiava mais no acaso do que nas investigações da polícia e de Béchoux. Após três semanas, Béchoux, que havia dispensado seus dois camaradas, não escondia mais seu desânimo e se voltou contra Raul.

— Para que você serve? O que você está fazendo da vida?

— Eu fumo cigarros — respondeu Raul.

— Qual é o seu objetivo?

— O mesmo que o seu.

— Seu plano?

— Diferente do seu. Você segue penosamente o caminho dos setores, subsetores e outros disparates. Eu sigo o caminho agradável em que você

deve se abandonar aos seus pensamentos e, mais ainda, à sua intuição.

— Enquanto isso, o jogo continua.

— Enquanto isso, estou no cerne da questão e estou indo realmente muito bem, Béchoux.

— O quê?

— Você se lembra do conto de Edgar Poe, *O escaravelho de ouro?*

— Sim.

— O herói da aventura sobe em uma árvore, encontra um crânio e ossos cruzados, e deixa cair um escaravelho pelo olho direito do crânio, para usá-lo como prumo.

— Inútil. Eu sei como é. Qual é o seu objetivo?

— Venha comigo até os três salgueiros.

Quando chegaram, Raul subiu na árvore do meio e ficou em cima do tronco.

— Théodore?

— O que é?

— Siga com seus olhos, acima do rio, a trincheira que lhe permite ver, do outro lado das rochas, um pequeno monte… a cerca de cem passos…

— Estou vendo.

— Vá até lá.

Béchoux, obedecendo a essa ordem imperiosa, passou sobre as rochas e desceu até o monte, de onde avistou Raul. Este estava deitado de barriga para baixo ao longo de um dos ramos principais e olhava em várias direções.

— Fique de pé — gritou ele —, o mais alto possível.

Béchoux se levantou como uma estátua.

— Levante o braço — ordenou Raul —, levante o braço e estique o indicador em direção ao céu, como se estivesse apontando para uma estrela. Bom. Não se mova. A experiência é bastante interessante e confirma minhas suposições.

Ele saltou de sua árvore, acendeu um cigarro, e pacificamente, tranquilo como um carrinho de bebê, juntou-se a Béchoux, que não tinha se mexido e ainda estava cutucando uma estrela invisível.

— O que você está fazendo? — perguntou Raul, parecendo atordoado. — É uma pose e tanto!

— Como assim? — resmungou Béchoux. — Estou seguindo fielmente suas instruções.

— Minhas instruções?

— Sim, o desafio do escaravelho de ouro…

— Seu pateta.

Raul se aproximou e disse ao ouvido de Béchoux:

— Ela estava vendo você.

— Quem?

— A cozinheira. Veja. Ela está lá, no quarto dela. Deus, ela deve ter achado você lindo como um Apolo do Belvedere[8]. Que linhas… que curvas…

O rosto de Béchoux expressou tamanha raiva que Raul correu, desatando em gargalhadas. Depois, voltando um pouco, ele disse com expressão de alegria:

— Não se preocupe… Está tudo bem… Você passou no teste do escaravelho de ouro… Estou segurando a ponta da linha…

Teria esse teste, realizado à custa de Béchoux, finalmente mostrado a Raul a ponta dessa linha? Ou será que ele esperava descobrir a verdade por outros meios? De qualquer modo, ele ia frequentemente com Catherine à casa da dona Vauchel. Com gentileza e paciência, ele tinha conseguido domá-la, para que a pobre louca não se assustasse. Ele lhe trazia guloseimas e dinheiro, que ela tomava com um gesto repentino, e fazia suas perguntas, sempre as mesmas, que repetia incansavelmente.

— Os três salgueiros foram removidos, certo?… Quem os moveu? Seu filho sabia, não sabia? Talvez ele tenha feito o trabalho? Responda.

Às vezes os olhos da velha brilhavam. Passavam vislumbres por sua memória. Ela queria falar e dizer o que sabia. Poucas palavras seriam suficientes para esclarecer todo o mistério, e sentiam que logo essas poucas palavras se formariam e chegariam à sua boca. Raul e Catherine tinham uma impressão profunda e ansiosa disso.

— Ela falará amanhã — afirmou d'Avenac, certo dia. — Pode ter certeza de que ela falará amanhã.

No dia seguinte, quando chegaram à cabana, viram a velha estendida no chão, ao lado de uma escada dupla. Ela estava tentando podar um arbusto. Um dos montantes da escada tinha escorregado, e agora a pobre louca jazia, morta.

[8] O Apolo Belvedere (ou do Belvedere) é uma estátua grega representando Apolo, o deus da beleza na mitologia. A estátua está no Vaticano. (N.T.)

O escrivão

A morte da dona Vauchel não levantou suspeitas, nem no vilarejo, nem no Ministério Público. Como seu filho, ela havia morrido acidentalmente, no decorrer de um daqueles pequenos afazeres camponeses que sua loucura não a impedia de executar. Todos lamentavam pelos dois. Ela foi enterrada, e não se falou mais sobre isso.

Mas Raul d'Avenac havia constatado que os parafusos da haste de ferro, com a qual os dois montantes eram mantidos separados, haviam sido removidos; e que um montante, mais curto que o outro, havia sido serrado recentemente na base. A catástrofe era inevitável.

Catherine também não se conformou e caiu de novo em seus transes.

— Veja bem — disse ela —, nossos inimigos são implacáveis. Mais uma vez ocorreu um assassinato.

— Não tenho certeza. Um dos elementos do assassinato é a motivação para matar.

— Bem, a motivação é óbvia.

— Não tenho certeza — repetiu ele.

Desta vez ele não se esforçou muito para acalmar a jovem, mas compreendia o medo e a consternação dela diante de tantas ameaças dirigidas contra ela, e também, por alguma razão obscura, contra todos aqueles que viviam no casarão.

Em rápida sucessão, houve dois outros incidentes inexplicáveis. A ponte cedeu sob os pés de Arnold, e o criado caiu no rio; mas felizmente a queda não teve outro efeito senão deixá-lo com um resfriado. No dia seguinte, um velho galpão, que servia de depósito de madeira, desmoronou no momento em que Charlotte saía de lá. Foi por um milagre que os escombros não a

soterraram.

Em uma crise séria, durante a qual desmaiou duas vezes, Catherine Montessieux contou a sua irmã e a Béchoux tudo o que sabia. A porta da sala de jantar, onde ocorreu a cena, estava aberta para a cozinha. O senhor Arnold e Charlotte puderam ouvir.

Ela contou tudo: o deslocamento evidente dos três salgueiros, as previsões da dona Vauchel, as circunstâncias da morte dela, o assassinato de seu filho e as provas irrefutáveis que faziam destes dois crimes fatos que não podiam ser questionados.

Só não disse nada sobre sua viagem a Paris e seu primeiro encontro com Raul, por outro lado, em contrapartida, em uma rebeldia inesperada contra a influência que ele exercia sobre ela, Catherine revelou sem desvios suas pesquisas conjuntas, suas conversas e as investigações pessoais e conclusivas que ele havia realizado sobre os dois Vauchels. Tudo isso terminou em lágrimas. Arrasada por ter traído Raul, ela teve um acesso de febre que a prostrou na cama por dois dias.

Bertrande Guercin, por sua vez, ficou impressionada com os terrores de Catherine. Em tudo ela via apenas perigo e agressão. O senhor Arnold e Charlotte compartilhavam do mesmo estado de espírito. Para eles, assim como para Catherine, o inimigo rondava entre as paredes e ao redor da propriedade, entrando ou saindo por saídas desconhecidas. Ele ia e vinha como queria, aparecendo e desaparecendo, atacando em momentos escolhidos por ele, sempre invisível e sempre inacessível, desonesto e ousado, perseguindo um plano obscuro cujo propósito só ele conhecia.

Béchoux estava exultante. Seu fracasso parecia ofuscado pelo de Raul, e ele não pôde deixar de provocar o amigo.

— Estamos perdendo o jeito, meu velho — ele zombava, com grande alegria. — Você e eu. E tem mais. Veja, Raul, quando se está no meio de uma tempestade, não se resiste a ela. Saímos do acampamento… e voltamos quando o perigo tiver passado.

— Então elas vão embora?

— Já teriam ido, se dependesse de mim. Mas…

— Mas Catherine hesita?

— Essa é a questão. Ela está hesitante, porque ainda está sob a tua influência.

— Espero que você a convença.

— Espero que sim, e Deus permita que não seja tarde demais!

Na noite dessa conversa, as duas irmãs trabalhavam no pequeno salão no andar térreo, que servia como seu toucador, e onde elas gostavam de ficar juntas. A duas salas de distância, Raul estava lendo e Béchoux estava distraído, jogando bolinhas de gude sobre uma velha mesa de bilhar. Eles não se falavam. Às dez horas, geralmente, cada um ia para seu quarto. Soaram as dez horas no vilarejo, e depois em um dos relógios da casa senhorial.

Um segundo relógio começava a bater quando soou um estampido bem alto, acompanhado pelo som de vidro quebrando e dois gritos estridentes.

— Aconteceu alguma coisa com elas — proferiu Béchoux, que correu para o toucador.

Raul, pensando apenas em interceptar o homem que havia atirado, correu para a janela do quarto onde estava. As duas persianas estavam fechadas, como em todas as noites. Ele forçou o basculante, mas elas tinham sido fechadas por fora, e por mais que as forçasse não conseguia abri-las. Ele desistiu imediatamente e saiu para a sala ao lado. Mas havia perdido muito tempo e não encontrou nada de suspeito no jardim. Um olhar foi suficiente para notar que duas grandes fechaduras haviam sido colocadas, provavelmente na noite anterior, na parte externa das persianas da sala de bilhar; o que tornou inútil todo o esforço e facilitou a fuga do inimigo.

Raul voltou ao toucador, onde Catherine, Béchoux e os dois criados corriam para acudir Bertrande Guercin, que desta vez tinha sido o alvo do atentado. O projétil, quebrando o vidro, passou assobiando perto de sua orelha, felizmente sem atingi-la, e tinha se achatado contra a parede oposta.

Béchoux, que o recolheu, disse calmamente:

— É uma bala de revólver. Dez centímetros para a direita e ela estaria com um buraco na testa.

E ele acrescentou, em voz severa:

— O que você diz, Raul d'Avenac?

— Eu penso, Théodore Béchoux — respondeu Raul, sem hesitação —, que a senhorita Montessieux não tem mais dúvidas de que deve partir.

— Nenhuma — disse ela.

Foi uma noite de pânico. Com exceção de Raul, que foi para a cama e dormiu em paz, todos ficaram alertas, com os ouvidos tensos, os nervos à

flor da pele. O menor rangido fazia todos tremerem.

Os criados fizeram as malas e todos foram de carruagem para Lillebonne, onde pegaram o trem para Le Havre.

Béchoux voltou para seu chalé para vigiar de longe a propriedade de Barre-y-va.

Às nove horas Raul chegou com as duas irmãs a Le Havre e as instalou em uma pensão, cuja dona ele conhecia.

No momento de se despedir, Catherine, completamente arrasada, pediu-lhe perdão.

— Perdão por quê?

— Por duvidar de você.

— Era natural. Para todos os efeitos, eu não tive nenhum resultado com a minha investigação.

— E agora?

— Descanse — disse ele. — Você precisa recuperar suas forças. Dentro de quinze dias, no máximo, virei buscar vocês duas.

— Para onde?

— Para Barre-y-va.

Ela estremeceu. Ele acrescentou:

— Você pode ficar lá por quatro horas, ou quatro semanas, à sua escolha.

— Vou passar o tempo que você quiser — disse Catherine, estendendo sua mão, que ele beijou carinhosamente.

Às dez e meia ele chegou a Lillebonne e perguntou onde ficavam os tabelionatos do distrito. Às onze ele se apresentou no escritório do tabelião Bernard, um homem grande, redondo, cordial, de olhos vivos, que o recebeu de imediato.

— Doutor Bernard — disse-lhe Raul —, fui enviado ao senhor pela senhora Guercin e pela senhorita Montessieux. Creio que já tenha ouvido falar do assassinato do senhor Guercin e das dificuldades enfrentadas pela Justiça. Em conexão com o brigadeiro Béchoux, colaborei na investigação, e a senhorita Montessieux me pediu para vir vê-lo, já que o senhor era tabelião de seu avô, para esclarecer um certo ponto que permanece obscuro. Aqui está a minha carta de apresentação.

Era aquela procuração que ele havia solicitado a Catarina na manhã da chegada deles ao Radicâtel, quando vinham de Paris, na qual se dizia: “Eu

dou plenos poderes ao senhor Raul d'Avenac para buscar a verdade e tomar decisões de acordo com meus interesses". Raul só teve que colocar a data.

— Como posso ajudá-lo, senhor? — perguntou o notário, após a leitura do documento.

— Parece-me, doutor Bernard, que o crime cometido, e os vários eventos inexplicáveis que vieram em seguida, e que seriam inúteis de discutir com o senhor, estejam talvez relacionados a uma única causa, que é a herança do senhor Montessieux. É por isso que tomo a liberdade de lhe fazer algumas perguntas.

— Sou todo ouvidos.

— Foi em seu cartório que foi assinada a escritura de compra da propriedade Barre-y-va?

— Sim, no tempo do meu antecessor e no tempo do pai do senhor Montessieux, o que foi há mais de meio século.

— O senhor tinha conhecimento sobre este ato?

— Tive a oportunidade de estudá-lo várias vezes, a pedido do senhor Montessieux e por razões secundárias. A propósito, a situação não apresenta nada de especial.

— O senhor foi tabelião do senhor Montessieux?

— Sim. Ele tinha alguma afeição por mim e estava sempre disposto a me consultar.

— Houve alguma conversa entre o senhor e ele a respeito de disposições testamentárias?

— Houve, e não cometo nenhuma indiscrição em dizê-lo, já que também estavam a par a senhora e o senhor Guercin, bem como a senhorita Catherine.

— Estes arranjos beneficiariam alguma de suas netas?

— Não. Ele não escondeu sua preferência pela senhorita Catherine, que morava com ele e a quem desejava legar a propriedade, onde ela era muito feliz. Mas certamente, por algum meio, ele deve ter restaurado o equilíbrio entre as duas irmãs. Afinal, ele não deixou nenhum testamento.

— Eu sei. E confesso que fiquei estarrecido — disse Raul.

— Eu também. E também o senhor Guercin, que eu vi em Paris na manhã do funeral, e que viria me consultar sobre isso… veja só, no dia seguinte ao dia em que foi assassinado. Ele tinha me escrito antes de sua visita, pobrezinho.

— E como o senhor explica este lapso por parte do senhor Montessieux?

— Creio que ele tenha se esquecido de escrever suas disposições, e a morte o surpreendeu. Ele era um homem bastante estranho, muito preocupado com seu laboratório e seus experimentos de química.

— Ou melhor, de alquimia — corrigiu Raul.

— É verdade — disse o notário Bernard, sorrindo. — Ele alegava ter feito uma grande descoberta. Encontrei-o um dia em extraordinária agitação, e ele me mostrou um envelope cheio de ouro em pó, dizendo com uma voz que tremia de emoção: "Veja, meu querido amigo, é o resultado do meu trabalho. Não é admirável?".

— E era realmente ouro? — perguntou Raul.

— Inquestionavelmente. Ele me deu uma porção, que eu fui curioso o suficiente para mandar examinar. Sem dúvida, era ouro.

A resposta pareceu não surpreender Raul.

— Eu sempre desconfiei — disse ele — que este caso girava em torno de uma descoberta desse tipo.

E ele disse, levantando-se:

— Apenas mais uma coisa, doutor Bernard. Já ocorreu alguma indiscrição em seu cartório, o que chamamos de vazamentos?

— Nunca.

— Seus colaboradores, no entanto, estão sempre cientes de alguns dramas familiares de que o senhor ouve falar. Eles leem as escrituras. Eles copiam os contratos.

— São pessoas honestas — disse Bernard —, que têm o hábito e o instinto de ser discretos sobre tudo o que acontece no cartório.

— Mas suas condições, no entanto, são bastante modestas.

— Assim como suas ambições. Ademais — riu o tabelião —, a sorte às vezes os favorece. Certa vez, um de meus funcionários, um velho trabalhador obstinado, econômico a ponto de ser avarento, que guardava cada centavo para comprar um pedaço de terra e um casebre para a sua aposentadoria, veio me ver uma manhã para me dizer que estava partindo. Ele me disse que tinha ganhado vinte mil francos com um bilhete de loteria.

— Uau! Faz muito tempo?

— Algumas semanas… 8 de maio… Eu me lembro da data, porque naquela mesma tarde o senhor Guercin foi assassinado…

— Vinte mil francos — disse Raul, sem mencionar essa coincidência de datas. — Uma verdadeira fortuna para ele!

— Uma fortuna que ele está em vias de desperdiçar. Parece que ele se instalou em um pequeno hotel em Rouen e está aproveitando a vida.

Raul se divertiu muito com a aventura; certificou-se de saber o nome do personagem e se despediu do doutor Bernard.

Às nove horas da noite, após uma rápida investigação em Rouen, ele encontrou o senhor Fameron, o escrivão, em um hotel mobiliado na Rua das Charrettes. Era um homem magro, alto e sombrio de rosto, vestido com um casaco de veludo preto e usando uma cartola. Ele virou a noite em uma taberna, para a qual Raul o havia convidado, e terminou sua embriaguez em um baile público, onde dançou um cancã selvagem com uma garota enorme e escandalosa.

No dia seguinte a festa recomeçou assim como nos seguintes. O dinheiro do senhor Fameron fluía em aperitivos e taças de champanhe, oferecidos a muita gente que se agarrava a seu caráter generoso. Mas Raul era seu amigo favorito. No final da madrugada, expansivo e cambaleante, ele tomava Raul pelo braço e abria o coração:

— Que sorte, eu lhe digo, meu velho Raul. Vinte mil francos caindo assim no meu colo… Bem, eu jurei para mim mesmo que não sobraria uma gota. Trabalhei a vida toda para ganhar o suficiente e viver sem fazer nada. Mas isso é um bônus que não tenho o direito de manter. Não, não é dinheiro limpo. É preciso sair para banquetear com as pessoas que alegram a nossa vida… como você, meu velho Raul, como você.

Suas confidências não foram além. Quando Raul insinuava interrogá-lo, ele se calava e começava a soluçar.

Mas duas semanas depois, Raul, que estava se divertindo muito com este fantoche fúnebre, aproveitou um banquete mais pesado para extrair dele algumas confissões. Fameron as balbuciou enquanto chorava, afundado em seu quarto, ajoelhando-se diante de sua cartola, para quem parecia estar se confessando.

— Um canalha… sim, eu sou um canalha. A questão do vínculo? Balela! Era um cara que eu conhecia, e que se aproximou de mim à noite em Lillebonne, e que me deu uma carta para acrescentar à pasta do Montessieux. Eu não queria. “Não, isso não”, eu disse a ele, “isso fere os meus princípios… Você pode investigar minha vida até o fundo dos mais

fundos… e não vai encontrar um único ato sujo como esse." E então… então, não sei como aconteceu… ele me ofereceu dez mil… quinze mil… vinte mil… perdi a cabeça… No dia seguinte, eu deslizei a carta para a pasta Montessieux. Só jurei a mim mesmo que este dinheiro não me corromperia. Vou beber, vou gastar tudo… Mas não vou viver com isso na minha nova casa… Ah! não, não, eu não quero esse dinheiro podre… ouviu, meu senhor?… Eu não quero!

Raul tentou saber mais. Mas o outro, que havia começado a chorar novamente, adormeceu com soluços de desespero.

"Nada mais a fazer", disse Raul para si mesmo. "De que adianta ser teimoso? Eu já tenho o suficiente para agir, e para agir à minha vontade. O pobre homem ainda tem cinco mil francos para gastar, e não deve retornar a Lillebonne por pelo menos quinze dias."

Três dias depois Raul apareceu no pensionato em Le Havre. Catherine disse-lhe imediatamente que ela e sua irmã haviam recebido uma carta do tabelião Bernard naquela manhã, convocando-as para um encontro na propriedade Barre-y-va na tarde seguinte. "Comunicação importante", dissera o notário.

— Fui eu — disse Raul — que pedi essa convocação. E é por isso que vim buscá-las, de acordo com minha promessa. Vocês estão com medo de voltar para lá?

— Não — disse ela.

De fato, seu rosto estava aliviado, sorridente e havia recuperado o ar de confiança e abandono.

— Você descobriu alguma coisa nova? — perguntou ela.

Ele declarou:

— Eu não sei o que vamos descobrir. Mas não há dúvida de que entraremos em um terreno menos nebuloso. Então você decidirá se deseja prolongar sua estada na Barre-y-va e avisará Arnold e Charlotte.

Na hora marcada, as duas irmãs e Raul chegaram ao casarão. Ao vê-los, Béchoux cruzou os braços, furioso.

— Mas isso é um disparate! — gritou ele. — Depois do que aconteceu, voltar para cá!

— Encontro com o tabelião — disse Raul. — Reunião de família. Você está convocado. Você não faz parte da família?

— E se elas forem atacadas novamente, as pobrezinhas?

— Nada com que se preocupar.

— Por quê?

— Já combinei com o fantasma de Barre-y-va para que nos avise primeiro.

— Como?

— Vou atirar em você.

Raul agarrou o brigadeiro pelos ombros e disse-lhe, à parte:

— Abra bem os ouvidos, Béchoux, tente compreender e admirar a maneira brilhante como vou trabalhar. Será longo, muito longo. Uma hora de sessão, talvez. Mas acredito que o resultado será precioso… Eu tenho uma intuição. Abra seus ouvidos, Béchoux.

O testamento

O tabelião Bernard entrou no salão onde costumava vir no tempo de seu antigo cliente, o senhor Montessieux, e prestou seus respeitos a Bertrande e Catherine. Pediu que se sentassem e depois estendeu a mão para Raul.

— Agradeço-lhe por me enviar o endereço destas senhoras. Mas você pode me explicar…?

Raul o interrompeu.

— Penso, doutor, que a explicação deve ser dada principalmente pelo senhor… no caso, é claro, de algo novo ter acontecido desde que fizemos a nossa entrevista.

Raul interrogou com os olhos o tabelião, que respondeu:

— Então o senhor sabe que algo novo aconteceu?

— Tenho todos os motivos para supor, meu caro, que a questão que lhe apresentei em seu escritório foi resolvida.

— Graças ao senhor, sem dúvida — disse o tabelião —, e eu me pergunto com que artifícios. O fato é que, de acordo com as intenções que expressava com frequência, o senhor Montessieux deixou um testamento e as condições em que o encontramos só aumentam minha surpresa.

— Portanto, não me enganei ao supor que havia uma correlação entre as disposições desse testamento e os incidentes em torno do misterioso crime, do qual o senhor Guercin foi vítima?

— Eu não sei. O que eu sei é que o senhor fez bem em vir até mim em nome da senhorita Montessieux. Quando recebi, há alguns dias, a carta desconcertante que o senhor me enviou, fui obrigado, apesar da impossibilidade da suposição, a verificá-la.

— Não era uma suposição — disse Raul.

— Era para mim e bastante inadmissível. Eis a sua carta: "Doutor Bernard, o testamento do senhor Montessieux está no dossiê identificado com o nome dele, em seu cartório. Peço ao senhor que informe suas duas clientes, das quais segue o endereço atual". Em qualquer outra circunstância eu teria jogado esta carta no fogo. Em vez disso, fui procurar…

— E o resultado?

Bernard tirou de sua pasta um envelope branco marfim, bem grande, sujo pelo tempo e pelo contato manual. Imediatamente Catherine exclamou:

— Mas este é um dos envelopes que meu avô sempre usava!

— De fato — disse o tabelião. — Eu mesmo guardei vários que ele me enviou. Veja aqui, há algumas linhas escritas nele.

Catherine leu em voz alta:

"Este é o meu testamento. Oito dias após a minha morte, meu tabelião, doutor Bernard, o abrirá no meu casarão em Barre-y-va. Ele o lerá para minhas duas netas, e velará para que meus desejos sejam respeitados".

Catherine declarou de maneira solene:

— Esta caligrafia é do meu avô. Eu poderia dar vinte provas.

— Eu posso dizer o mesmo — disse o tabelião. — Por um excesso de escrúpulos, fui ontem a Rouen e consultei um especialista. Sua opinião é absolutamente coerente com a nossa. Portanto, não há dúvidas. Mas, antes de abri-lo, devo informar que, por mais de dez vezes nos últimos dois anos, tanto para procurar esta peça necessária para o gerenciamento das posses de Montessieux, que meu cliente sempre me confiou, quanto para satisfazer a minha necessidade de encontrar este testamento, por mais de dez vezes tive a oportunidade de folhear o dossiê Montessieux. Declaro, em nome da minha honra profissional, que ele não continha este documento.

— Entretanto, doutor Bernard… — opôs-se Béchoux.

— Só estou dizendo, senhor. Não havia tal documento no dossiê.

— Então, doutor Bernard, alguém o colocou lá?

— Não estou afirmando nada, e não estou negando nada — respondeu o tabelião. — Estou simplesmente afirmando uma verdade indiscutível. Além disso, minha lembrança é corroborada por um hábito do qual eu nunca me desviei. Nenhum dos testamentos que me são confiados fica guardado nos arquivos de meus clientes. Ficam todos trancados e

arquivados em ordem alfabética no meu cofre. Portanto, se eu estivesse em posse deste testamento que estou prestes a ler para os senhores, estaria lá, e não no dossiê Montessieux, onde eu o encontrei.

Ele estava prestes a abrir o envelope quando Théodore Béchoux o deteve com um gesto.

— Um momento. Por favor, tenha a gentileza de me entregar este envelope.

Quando o tinha em mãos, ele o examinou com atenção minuciosa e concluiu:

— Todos os cinco selos estão intactos. Nesse aspecto, nada de suspeito. Mas o envelope foi aberto.

— O que o senhor está dizendo?

— Foi aberto ao longo de todo o seu comprimento… uma fenda foi feita ao longo da dobra superior com uma lâmina de canivete e depois habilmente colada de novo.

Com a ponta de uma faca, Béchoux separou as duas abas da fenda no ponto em que ele indicou, e assim foi capaz de remover do envelope, sem ter quebrado os selos, uma folha dupla de papel na qual estavam traçadas algumas linhas.

— O mesmo papel do envelope — disse Béchoux. — E a mesma caligrafia, não é?

O tabelião e Catherine foram da mesma opinião. Era a caligrafia do senhor Montessieux.

Não havia mais nada a fazer a não ser ler o testamento. O tabelião Bernard o fez em meio a um profundo silêncio e em meio à emoção causada pelas próprias circunstâncias dessa descoberta.

— Uma última coisa. As senhoras, minhas caras clientes, concordam que minha leitura deva ocorrer diante dos senhores Béchoux e Raul d'Avenac?

— Sim — disseram as duas irmãs.

— Então eu vou ler.

E mestre Bernard desdobrou a folha dupla.

Eu, Michel Montessieux, aos 68 anos de idade, sadio de mente e de corpo, agindo de acordo com ideias solidamente refletidas, de acordo com meus direitos legais e morais, deixo às minhas duas netas (pedindo a cada uma que as mantenham em propriedade indivisa, e que recebam

metade de seus arrendamentos) as terras (muito reduzidas, infelizmente!) que compreendem a outrora florescente propriedade de Barre-y-va.

Esta propriedade, eu a divido em duas partes desiguais, que seguem aproximadamente o curso do rio. A parte da direita, que inclui a casa senhorial e tudo o que ela contiver no momento de minha morte, será propriedade de Catherine, que, tenho certeza, viverá nela e cuidará dela, como ela e eu sempre o fizemos. A outra metade pertencerá a Bertrande, que, casada e muitas vezes ausente, terá o prazer de ter o antigo pavilhão de caça como quinhão. Para reformá-lo e fortificá-lo, bem como para compensar a desigualdade das duas partes, será deduzida de meu patrimônio, em favor de Bertrande, a soma de trinta e cinco mil francos, representados pelo ouro em pó que consegui fabricar, e do qual darei, por meio de um codicilo[9], a localização exata. Igualmente, quando chegar a hora, revelarei o segredo desta descoberta inigualável, cuja autenticidade só o doutor Bernard poderia certificar, já que lhe mostrei alguns gramas do meu pó.

Conheço minhas netas o suficiente para saber que não haverá dificuldade entre elas para respeitar meus desejos. Mas uma é casada, e a outra ainda se casará. E, para evitar interpretações errôneas que poderiam causar dolorosos mal-entendidos, elaborei um plano topográfico da propriedade, que deixo na gaveta direita da minha mesa. E ali especifico o seguinte, da forma mais categórica: o limite que separará as duas divisões da propriedade seguirá uma linha reta que partirá do salgueiro central, dentre os três salgueiros onde Catherine gostava de se refugiar, e terminará no último pilar a oeste, dentre os quatro pilares onde se encontram os portões da entrada principal. Ademais, tenho a intenção de marcar este limite com uma cerca ou uma paliçada. Cada coisa em seu lugar. É uma regra à qual me agarro fielmente.

O doutor Bernard terminou muito rapidamente a leitura do testamento, que, para ele, oferecia apenas pontos de interesse secundário. Catherine e Raul olharam um para o outro quando os três salgueiros foram mencionados. Para eles, esse era o ponto principal dessas poucas páginas. Mas a atenção dos outros tinha sido atraída sobretudo pela cláusula sobre o ouro em pó, e Béchoux se pronunciou, em tom dogmático:

— Será necessário entregar este documento a especialistas e certificar-se de que não haja dúvidas sobre sua autenticidade. Mas uma prova que teria valor imediato e, em minha opinião, definitivo seria encontrar, nesta mansão ou no parque, os poucos quilos de ouro que correspondem à soma de trinta e cinco mil francos.

Béchoux assumiu um ar sardônico ao dizer estas últimas palavras. Mas Raul d'Avenac disse a Catherine:

— Não tem nenhuma declaração a fazer sobre isso, senhorita?

Poder-se-ia pensar que Catherine apenas esperava uma ordem de Raul, e que ela só falaria com a aprovação e a permissão dele, pois imediatamente ela declarou:

— Sim, eu posso dar testemunho pessoal e dar uma prova palpável da sinceridade do meu avô, que o senhor Béchoux exige. Nos três meses em que estivemos aqui, eu procurei por todos os lugares algo que trouxesse de volta todos os traços de um passado no qual fui tão feliz. Foi assim que eu encontrei, no lugar onde o vovô gostava de trabalhar, o mapa topográfico que elaborei com ele, e aqui está. E foi assim que uma coincidência me mostrou…

Ela olhou novamente para Raul, e, sentindo-se apoiada, terminou:

— … que um acaso me revelou onde está o ouro em pó.

— Como? — disse Bertrande. — Você descobriu… e não disse nada?

— Era um segredo do vovô. Eu não poderia revelá-lo sem a autorização dele.

Ela pediu a todos que a seguissem até o andar superior, e eles entraram, entre os aposentos dos criados, na alta sala central, cujas vigas suportavam a parte mais alta do telhado. Então ela apontou para alguns velhos vasos de grés[10] rachados e quebrados, como aqueles vasos fora de uso que são relegados a um canto para não ficar no caminho. Estavam cobertos de pó, e teias de aranha os uniam uns aos outros. Ninguém jamais tivera a ideia de removê-los de seu retiro, nem poderia ter tido. Sobre três deles havia vidros empilhados e placas quebradas.

Béchoux pegou uma pequena escada que havia encontrado e chegou a um dos potes, que entregou ao tabelião. À primeira vista, Bernard reconheceu, sob o pó, o brilho ofuscante do ouro, e murmurou, mergulhando seus dedos como se fosse na areia:

— É ouro… é pó de ouro, como a amostra de outrora, composto por grãos bem grandes.

A mesma quantidade enchia os outros recipientes. O peso anunciado pelo senhor Montessieux parecia estar correto. Béchoux concluiu, maravilhado:

— Então, o quê! Ele estava fabricando mesmo? Isso é possível? Cinco ou seis quilos de ouro, talvez… mas isso é um milagre!

E ele acrescentou:

— Desde que o segredo não tenha se perdido!

— Não sei se estará perdido — disse Bernard. — De qualquer forma, o testamento não continha nenhum codicilo sobre o assunto e no envelope não tinha nenhuma folha adicional. Sem a senhorita Montessieux, é bem provável que ninguém jamais teria tido a ideia de examinar os velhos vasos onde o tesouro estava escondido.

— Nem mesmo meu amigo d'Avenac, o grande adivinho e feiticeiro — disse Béchoux, não sem ironia.

— Aí é que você se engana — respondeu Raul. — Estive aqui no dia seguinte à minha chegada.

— Fale, então! — exclamou Béchoux, em tom cético.

— Pegue sua escadinha — ordenou Raul — e pegue o quarto pote. Bom. Há um pequeno cartão embaixo, agarrado na poeira, não há? Bem, você lerá neste cartão, na caligrafia do senhor Montessieux, os dois dígitos do ano e, ao lado, esta data: 13 de setembro. Esta é obviamente a data em que o pó de ouro foi despejado no frasco. Duas semanas mais tarde, o senhor Montessieux deixou a propriedade de Barre-y-va. Na noite de sua chegada a Paris, ele morreu repentinamente.

Béchoux ouviu, boquiaberto. Ele gaguejava:

— Você sabia?… Você sabia?…

— Saber é o meu dever — desdenhou Raul.

O tabelião desceu todos os vasos e os trancou no primeiro andar, dentro de um armário, em uma sala da qual ele reteve a chave.

— É mais do que provável — disse a Bertrande — que esta soma seja dada à senhora. Mas eu devo, dadas as circunstâncias, tomar precauções com relação à autenticidade do testamento.

O doutor Bernard estava prestes a se retirar quando Raul lhe disse:

— Posso pedir mais um minuto de sua atenção?

— Sim, é claro.

— Anteriormente, quando o senhor estava lendo o testamento, eu vi alguns números na última página.

— De fato — respondeu o tabelião, mostrando a página. — Mas parecem números colocados ao acaso, e que poderiam corresponder a uma preocupação do momento. Estes números, é claro, não têm nenhuma conexão com as disposições do senhor Montessieux. Tenho certeza, pois os examinei cuidadosamente. Como o senhor pode ver, eles foram traçados bem abaixo da assinatura, às pressas, mal escritos, como uma nota que foi tomada porque não havia outro papel à mão.

— O senhor deve ter razão, doutor Bernard — disse Raul. — Mesmo assim, o senhor me permite copiá-los?

E Raul copiou esta linha de números:

3141516913141531011129121314

— Muito obrigado — disse ele. — Às vezes um acaso favorável pode nos dar indicações fortuitas que não devem ser negligenciadas. Embora isso pareça muito obscuro, talvez haja alguma coisa nesse número.

A entrevista estava terminada. Béchoux, desejoso de desenvolver algumas considerações que o fizessem sobressair, acompanhou o tabelião até o portão. Quando ele voltou, encontrou no toucador do andar térreo Raul e as duas jovens, todos os três silenciosos, e exclamou em tom professoral:

— E então? O que você acha? E esses números? Parecem números anotados sem nenhuma razão, certo?

— Provavelmente — disse Raul. — Farei para você uma cópia, e você poderá estudá-los.

— E quanto ao resto?

— Meu amigo… a colheita não foi ruim.

Esta pequena frase, solta assim de forma negligente, foi seguida por um silêncio. Devia haver sérios motivos para que Raul a tivesse proferido. Um sentimento de curiosidade ansiosa fez com que todos se voltassem para ele.

Ele repetiu:

— A colheita não foi ruim. E ainda não acabou… A sessão continua.

— Você vê algum sentido em toda esta confusão? — perguntou Théodore Béchoux.

— Eu vejo muitos — respondeu Raul —, e todos eles nos levam de volta ao centro da aventura.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer, a remoção dos três salgueiros.

— Essa é a sua ideia fixa… ou melhor, a da senhorita Montessieux.

— E que tem sua justificação muito clara no testamento do senhor Montessieux.

— Mas, pelo amor… o plano do senhor Montessieux situa os três salgueiros no mesmo lugar em que eles estão.

— Sim, mas examine bem este plano como acabo de fazer e você verá que o mesmo trabalho feito no terreno também foi feito no papel. Veja… aqui, no local do morro, a cruz tripla que representa o grupo de salgueiros foi rasurada. Uma rasura hábil, mas pode-se facilmente identificá-la com uma lupa.

— E então? — disse Béchoux, abalado.

— Então, lembra-se do outro dia, quando eu fiquei deitado no galho de um dos salgueiros e lhe deixei plantado como um Apolo no morro? Bem, naquele momento eu estava procurando em todas as direções por uma coisa que vamos encontrar aqui, neste plano, com precisão matemática. Pegue esta régua e este lápis e, de acordo com as instruções do senhor Montessieux, desenhe uma linha, partindo do pilar indicado até o salgueiro central.

Béchoux obedeceu, e Raul continuou:

— Bom. Agora, mantendo a parte inferior da régua no pilar, gire-a para a esquerda, na parte superior, de modo que ela chegue até o morro. Bom. Agora retire a régua. Desta forma, você desenhou um ângulo agudo que parte do pilar: um traço à esquerda, em direção ao local original dos três salgueiros, e outro à direita, em direção ao local atual. Na abertura deste ângulo estende-se uma faixa, ou um pedaço de terra, como quiser. Se adotarmos o plano original do senhor Montessieux, este pedaço pertence ao lote número 1, ou seja, aos proprietários do casarão; e se adotarmos o plano retificado clandestinamente, pertence ao lote número 2, ou seja, aos proprietários do alojamento de caça. Você entendeu?

— Sim — disse Béchoux, cativado instantaneamente pela argumentação de Raul.

— Então — disse Raul —, eis o primeiro ponto esclarecido. Vamos passar para o segundo. O que há neste pedaço de terra?

— As rochas — disse Béchoux — e metade do Butte-aux-Romains e a parte do estreito desfiladeiro onde corre o rio, a ilha, etc.

— Ou seja — aduziu Raul —, o terreno roubado (pois isso é puro roubo) abrange aproximadamente todo o rio, ao longo de seu curso através da propriedade. E, no final, o senhor Montessieux desejava deixar o curso deste rio para os herdeiros do casarão, mas ele o deixou contra sua vontade para os herdeiros do alojamento de caça.

— Então — disse Béchoux — você afirma que toda a trama foi para roubar o rio de uma pessoa para o benefício de outra?

— Exatamente. Quando o senhor Montessieux morreu, alguém interceptou o testamento, e mais tarde veio aqui e transportou, com a ajuda de cúmplices, os três salgueiros.

— Mas o testamento não poderia prever a finalidade desse deslocamento e não indica nada para você também. Qual a finalidade?

— Não, mas lembre-se do que o senhor Montessieux disse: "Vou revelar o segredo do ouro quando chegar a hora". Esta explicação pode não ter sido dada, mas o ladrão do testamento sem dúvida descobriu e logo teve a perspicácia para providenciar o deslocamento dos três salgueiros.

Béchoux, embora convencido, ainda procurava objeções, e retomou:

— Hipótese interessante. Mas quem você acha que fez isso?

— Você conhece o provérbio latino *"Is fecit cui prodest"?* O culpado é aquele que se beneficiaria com o ato.

— Impossível! Pois, nesse caso, o ato beneficiaria a senhora Guercin, cuja herança seria aumentada pela parte roubada. E você não está insinuando que…?

Raul não respondeu de imediato. Ele refletia, enquanto observava o rosto de seus interlocutores, como se quisesse ver o efeito que suas palavras produziam neles.

Ao final, ele se voltou para Bertrande.

— Desculpe-me, senhora. Não estou insinuando nada, como afirma o senhor Béchoux. Estou simplesmente ligando os fatos, e exercendo o máximo possível de rigor e lógica em minhas deduções.

— Certamente as coisas aconteceram como o senhor diz — atalhou Bertrande. — Mas, pelo que parece, simplesmente há alguém trabalhando

por mim. Na verdade, não vou lucrar com o roubo mais do que Catherine teria lucrado, em caso contrário. Não haverá cercas nem paliçadas entre nós. Portanto, o instigador desta inexplicável trama estava trabalhando para seu próprio interesse.

— Não tenho dúvidas a este respeito — disse Raul.

Béchoux interveio:

— E você não tem nenhuma ideia?… Entretanto, você sabia que o documento tinha sido introduzido no arquivo Montessieux.

— Eu sabia disso.

— Como você soube?

— Pelo próprio homem que fez a tramoia.

— Bem, por meio dele podemos chegar ao cerne da questão.

— Ele é apenas um comparsa.

— Sim, um agente de execução na folha de pagamento de outra pessoa?

— Justamente.

— Seu nome?

Raul não teve pressa em dar detalhes. Ele parecia tentar dar à cena, com sua reticência e hesitação, a maior intensidade possível. No entanto, Béchoux insistiu. As duas irmãs esperavam por sua resposta.

— Em todo caso, Béchoux — disse ele —, vamos continuar essa investigação somente entre nós, certo? Não vá trazer seus amigos policiais para nos atrapalhar!

— Não.

— Você jura?

— Juro por Deus.

— Bem, a traição ocorreu no próprio cartório.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

— Por que você não disse ao doutor Bernard?

— Porque ele não teria agido com a discrição necessária.

— Então podemos interrogar alguém do convívio dele, um de seus funcionários, por exemplo. Eu o farei.

— Eu conheço todos eles — disse Catherine. — Um deles veio aqui há algumas semanas para ver seu marido, Bertrande. Lembro-me agora (ela baixou a voz) que foi na manhã do dia em que ele foi morto… Eram oito horas. Eu esperava por notícias do meu noivo, e foi no corredor que

encontrei aquele escrivão do escritório de Bernard. Ele parecia muito agitado. Naquele momento, seu marido desceu as escadas e eles foram juntos para o jardim.

— Então — disse Béchoux — você sabe o nome dele?

— Oh! Eu o conheço desde sempre. É o segundo escriturário, um homem alto, magro e melancólico. É o tio Fameron.

Raul já aguardava por este nome, e não a olhou nos olhos. Depois de um momento, ele perguntou:

— Uma pequena informação, por favor, madame. Na noite anterior, o senhor Guercin esteve fora do casarão?

— Talvez — disse Bertrande —, eu não me lembro muito bem.

— Eu me lembro — disse Béchoux — e perfeitamente. Ele estava com dor de cabeça. Ele me acompanhou até a vila, e continuou sua caminhada em direção a Lillebonne… Eram dez horas da noite.

Raul d'Avenac levantou-se e rodou pela sala por dois ou três minutos. Então ele voltou ao seu lugar e disse calmamente:

— É curioso. Há realmente algumas coincidências estranhas. O homem que introduziu o testamento no arquivo Montessieux se chama Fameron. Naquela noite, por volta das dez horas, lá para os lados de Lillebonne, ele se encontrou com a pessoa que desejava que este testamento, roubado por ela, é claro, fosse colocado entre os papéis da pasta. E o tio Fameron, após hesitar, empreendeu a missão em troca de um pagamento de vinte mil francos.

---

[9] Alteração de um testamento por disposições posteriores a ele. (N.T.)

[10] Cerâmica muito dura, composta de sílica. (N.T.)

Dois dos culpados

As palavras de Raul d'Avenac foram seguidas por um pesado silêncio, em que pulsavam os pensamentos mais diversos. Bertrande havia colocado uma de suas mãos diante dos olhos e refletia. Ela disse a Raul:

— Eu não entendo muito bem. Há uma acusação mais ou menos clara em suas palavras?…

— Contra quem, senhora?

— Contra meu marido?

— Em minhas palavras, nenhuma acusação — respondeu Raul. — Mas confesso que eu mesmo, ao expor os fatos enquanto eles se apresentavam à minha mente, fiquei espantado com o aspecto que eles tomam contra o senhor Guercin.

Bertrande não pareceu muito surpresa, e explicou:

— A afeição que Robert e eu tínhamos um pelo outro, na época de nosso casamento, não resistiu às provações. Eu o seguia na maioria de suas viagens, porque ele era meu marido e porque tínhamos interesses comuns, mas não sabia nada de sua vida pessoal. Portanto, eu não ficaria muito indignada se os acontecimentos nos obrigassem a examinar sua conduta. O que o senhor está pensando exatamente? Responda sem relutância.

— Posso fazer algumas perguntas? — perguntou Raul.

— Sim, é claro.

— O senhor Guercin estava em Paris quando o senhor Montessieux morreu?

— Não. Estávamos em Bordeaux. Fomos informados por um telegrama de Catherine, e chegamos na manhã seguinte.

— E onde ficaram?

— No apartamento do meu avô.

— O quarto do seu marido ficava longe daquele onde o senhor Montessieux estava sendo velado?

— Muito perto.

— Seu marido velou o corpo?

— Na última noite, revezando comigo.

— Ele ficou sozinho na sala?

— Sim.

— Havia um armário, um cofre, onde se supunha que o senhor Montessieux guardava seus papéis?

— Um armário.

— Trancado?

— Eu não me lembro.

— Eu me lembro — disse Catherine. — Quando vovô foi surpreendido pela morte, o armário estava aberto. Tirei a chave e a coloquei na lareira onde o tabelião Bernard a pegou no dia do funeral, a fim de abrir o armário.

Raul fez um gesto seco com sua mão e disse:

— Há, portanto, razões para acreditar que foi durante a noite que o senhor Guercin roubou o testamento.

Bertrande revoltou-se imediatamente:

— O que o senhor está dizendo? Mas isto é abominável! Que direito o senhor tem de afirmar, *a priori*, que ele o roubou?

— Só pode ter sido ele — disse Raul —, já que pagou ao senhor Fameron para introduzi-lo no dossiê Montessieux.

— Mas por que ele o roubaria?

— Primeiro para lê-lo, e depois para ver se havia alguma disposição que prejudicasse vocês, ou melhor, a ele.

— Mas não havia nenhuma!

— À primeira vista, não. A senhora receberia uma parte, sua irmã uma parte maior, e a senhora seria compensada com uma soma em ouro. Mas de onde vinha esse ouro? Isso é o que a senhora está agora se perguntando, e o que o senhor Guercin também se perguntou. Habilmente, ele embolsou o documento, tendo tempo para estudá-lo e para tentar encontrar a página adicional, um anexo, que explicava o segredo da fabricação do ouro. Ele não encontrou nada. Mas suas reflexões, cujo processo pode ser adivinhado

pela leitura do documento, o levaram, dois meses depois, a rondar pelo Radicâtel.

— O que você sabe, senhor? Ele nunca saía do meu lado. Eu viajava com ele.

— Nem sempre. Naquela época, ele simulou uma viagem à Alemanha (eu soube desta ausência por sua irmã, sem que ela percebesse). Na realidade, ele se estabeleceu do outro lado do Sena, em Quillebeuf, e à noite vinha para a mata próxima e se escondia na cabana da dona Vauchel e de seu filho. À noite ele atravessava o muro atrás das rochas, em um lugar que eu avistei, e vinha visitar o casarão. Visitas inúteis que não lhe trouxeram nada, nem a explicação do segredo, nem sobre o ouro. Mas, para acrescentar à sua herança a faixa de terra à qual, no próprio espírito do testamento elaborado, a descoberta e a posse do segredo pareciam estar ligadas, ele moveu os salgueiros, fechando assim em seu terreno as rochas, o Butte-aux-Romains e o rio.

Bertrande estava ficando cada vez mais irritada.

— Quero provas! Provas!

— Foi o filho Vauchel, um lenhador local, quem fez o trabalho. A mãe dele sabia disso. Antes de ficar completamente louca, ela comentou por aí. Algumas senhoras que eu questionei na aldeia confirmaram que estes fatos são verídicos.

— Mas era mesmo o meu marido?

— Sim. Ele era bem conhecido na região, porque já havia morado com a senhora no casarão. Além disso, encontrei seus rastros no hotel de Quillebeuf, onde ele se registrou com um nome falso sem disfarçar a caligrafia. Rasguei a página do registro, e a tenho em minha carteira. O registro também continha a assinatura de outra pessoa, que se juntou a ele no final de sua estada.

— Outra pessoa?

— Sim, uma mulher.

Bertrande teve um ataque de raiva.

— Isso é uma mentira! Meu marido nunca teve uma amante. Tudo isso é uma calúnia e uma mentira! Por que o senhor o persegue?

— Foi a senhora quem me perguntou.

— E então? E então? — disse ela, tentando se controlar. — Continue. Eu quero saber até onde o senhor terá a audácia…

Raul continuou calmamente:

— Depois disso, o senhor Guercin interrompeu seu empreendimento. Os salgueiros recuperaram o vigor no lugar onde ele os havia mandado plantar. O morro de onde ele os havia arrancado recuperava gradualmente sua aparência natural. Mas o problema permanecia sem solução, e o segredo do ouro fabricado continuava impenetrável. O desejo de retomar os planos o trouxe até aqui, quando a senhora e sua irmã se mudaram para cá. Tinha chegado o momento de utilizar o testamento, de viver no mesmo local onde o senhor Montessieux tinha vivido, e de investigar *in loco* o terreno conquistado e em que condições o ouro havia sido fabricado. Na segunda noite ele contratou o senhor Fameron e, por vinte mil francos, comprou a consciência do pobre homem. Na manhã seguinte o senhor Fameron voltou para cá — por um resto de escrúpulos, instruções a serem recebidas, não seria possível dizer. Após o café da manhã, o senhor Guercin entrou no parque, atravessou o rio, apressou-se em direção ao pombal, abriu a porta…

— … E levou um balaço no peito, que o matou na hora — interrompeu Béchoux, em voz alta, levantando-se, com os braços cruzados, em atitude provocadora. — Pois, afinal de contas, é a isso que se resume toda a sua demonstração!

— O que você quer dizer?

Béchoux repetiu, com a mesma voz veemente:

— Ele levou um balaço no peito, que o matou na hora! Assim, o senhor Guercin seria a alma do complô; ele teria roubado o testamento; teria trasladado três árvores; teria desfalcado mil metros deste jardim; teria movido céus e terras, e não apenas isso, para completar seu trabalho, ele teria montado a armadilha suprema! Mas foi ele, pelo contrário, a vítima de suas próprias emboscadas! E isso é tudo o que você nos propõe! E você quer que eu, Béchoux, brigadeiro Béchoux, acredite nessas tolices! Para cima de mim, não, meu velho!

Béchoux, o brigadeiro Béchoux, havia se plantado em frente a Raul d'Avenac, os braços ainda cruzados e seu rosto inflado de santa indignação. A seu lado, Bertrande tinha se endireitado, pronta para defender o marido. Catherine, sentada de cabeça baixa, sem demonstrar nenhum de seus sentimentos, parecia estar chorando.

Raul encarou Béchoux por muito tempo com uma expressão de indizível desprezo, como se estivesse pensando: "E eu não posso fazer nada com esse imbecil!". Então ele encolheu os ombros e saiu.

Ele podia ser visto através da janela. Andava na estreita varanda que corria ao lado da casa. Com um cigarro nos lábios, as mãos nas costas, os olhos fixos nas lajes do terraço, ele pensava. Foi ao rio, seguiu-o até a ponte, parou e depois voltou. Passaram-se mais alguns minutos.

Quando ele voltou, as duas irmãs e Béchoux não disseram uma palavra. Bertrande, sentada ao lado de Catherine, parecia ter desabado. Quanto a Béchoux, não demonstrava o menor sinal de resistência, de provocação, de arrogância agressiva. Parecia que o olhar de desdém de Raul o tinha esvaziado, e que agora, humildemente, ele apenas desejava ser perdoado por sua revolta contra o mestre.

Raul nem se deu mais ao trabalho de prosseguir com seu argumento nem de explicar suas contradições. Simplesmente perguntou a Catherine:

— Eu devo responder, para que você volte a ter confiança em mim, à questão levantada por Théodore Béchoux?

— Não — disse a garota.

— Essa é sua opinião, senhora? — perguntou a Bertrande.

— Sim.

— A senhora tem fé absoluta em mim?

— Sim.

Ele continuou:

— Vocês desejam permanecer no casarão, voltar a Le Havre ou ir para Paris?

Catherine se levantou bruscamente e, olhando nos olhos dele, disse:

— Faremos o que você aconselhar, minha irmã e eu.

— Nesse caso, fiquem no casarão. Mas não se preocupem com o que pode acontecer. Sejam quais forem as aparências, por mais violentas que sejam as ameaças pelas quais vocês se sintam cercadas e as previsões de Théodore Béchoux, não fiquem apreensivas nem por um segundo. Há apenas uma precaução a tomar: preparem-se para deixar o casarão em algumas semanas, e anunciem em voz alta que partirão no dia 10 de setembro, ou no máximo dia 12, pois alguns negócios as chamam de volta a Paris.

— A quem devemos dizer isso?

— Para todo mundo que vocês encontrarem no vilarejo.

— Nós quase não saímos.

— Então digam isso a seus criados, que eu buscarei em Le Havre. Que suas intenções sejam conhecidas pelo tabelião Bernard, por seus funcionários, pela Charlotte, pelo senhor Arnold, pelo juiz de instrução. No próximo dia 12 de setembro o casarão será fechado, e a intenção de vocês é não voltar antes da próxima primavera.

Béchoux insinuou:

— Eu não estou entendendo muito bem.

— Eu ficaria surpreso se entendesse — disse Raul.

A reunião estava encerrada. Como Raul havia previsto, já tinha sido longa. Béchoux perguntou-lhe, chamando-o de lado:

— Terminou?

— Ainda não. O dia ainda não terminou, meu caro. Mas o resto não é da sua conta.

Naquela noite, Charlotte e o senhor Arnold retornaram. Raul havia decidido que ele e Béchoux deveriam, já no dia seguinte, instalar-se sumariamente no alojamento de caça, e que a governanta de Béchoux cuidaria de seus serviços. Esta foi a máxima precaução que ele consentiu em tomar, afirmando que as duas irmãs não corriam perigo por permanecer sozinhas, e nunca tinham corrido; e que era preferível, por razões que não explicou, permanecerem separados delas. Tamanha era sua influência sobre elas, apesar da estranheza dessa afirmação, que nenhuma das duas protestou.

Catherine, encontrando-se sozinha com ele por um momento, murmurou, sem olhá-lo diretamente:

— Eu obedecerei, Raul, não importa o que aconteça. Seria impossível não obedecer você.

Ela desvanecia de emoção. E também sorria.

O último jantar em comum foi taciturno. As acusações de Raul tinham criado algum desconforto. À noite, como de costume, as duas irmãs permaneceram no toucador. Às dez horas Catherine se retirou, seguida por Béchoux. Mas quando Raul estava prestes a deixar a sala de bilhar, Bertrande se aproximou dele e disse:

— Tenho algo para falar com o senhor.

Ela estava muito pálida, e ele viu que seus lábios estavam tremendo.

— Eu não creio — disse ele — que esta conversa seja indispensável.

— Sim, sim — ela disse, com clareza. — O senhor não sabe o que tenho para dizer, e se é sério ou não.

Ele repetiu:

— A senhora tem certeza? Tem certeza que eu não sei?

A voz de Bertrande se alterou um pouco.

— Como o senhor me responde! Eu poderia pensar que tem alguma animosidade em relação a mim.

— Ah! Nenhuma, eu juro — disse ele.

— Sim, sim. Caso contrário, não teria me revelado a presença dessa mulher que estava em Quillebeuf, perto de meu marido. Teria sido uma dor inútil.

— A senhora é livre para não dar crédito a esse detalhe.

— Não é um detalhe — murmurou ela. — Não é um detalhe.

Ela não tirava os olhos de Raul. Depois de uma pausa, perguntou, hesitante e ansiosamente:

— Então o senhor tem aquela página do registro?

— Sim.

— Mostre para mim.

Ele tirou de sua carteira uma página, cuidadosamente cortada. Estava dividida em seis quadros, cada um deles contendo as perguntas impressas e as respostas manuscritas dos viajantes.

— Onde está a assinatura do meu marido?

— Aqui — disse ele —, senhor Guercigny. Como pode ver, uma alteração do nome dele. A senhora reconhece a caligrafia?

Ela baixou a cabeça e não respondeu. Depois, continuou, ainda olhando para ele:

— Eu não vejo nenhuma assinatura de mulher nesta página.

— Não. A mulher só chegou alguns dias depois. Eis a outra página que removi, e aqui está a assinatura: senhora Andréal, de Paris.

Bertrande sussurrou:

— Senhora Andréal. Senhora Andréal…

— O nome lhe diz alguma coisa?

— Nada.

— E reconhece a letra?

— Não.

— Na verdade, ela está visivelmente disfarçada. Mas, estudando-a cuidadosamente, é impossível não encontrar certos sinais peculiares e muito característicos, como o A maiúsculo, o pingo do i inclinado para a direita.

Ela gaguejou, depois de um momento:

— Por que o senhor fala de sinais particulares? Então o senhor tem pontos de comparação?

— Sim.

— O senhor tem a caligrafia desta mulher?

— Sim.

— Mas… então… o senhor sabe quem escreveu estas linhas?

— Eu sei.

— E se estiver enganado? — ela gritou, com uma explosão de energia. — Pois, enfim, o senhor pode estar enganado… Duas caligrafias podem ser parecidas e não ser da mesma pessoa. Pense nisso. Essa acusação é muito grave!

Bertrande ficou em silêncio. Seus olhos, por sua vez, imploraram a Raul e o desafiaram. Então, de repente, ela caiu em uma poltrona e começou a soluçar.

Ele deu a ela um tempo para se refazer, pouco a pouco. E, inclinando-se, colocou sua mão no ombro dela e sussurrou:

— Não chore. Prometo fazer tudo certo. Mas, por favor, diga-me que todas as minhas suposições estão corretas e que eu posso continuar com o que comecei.

— Sim — disse ela em um tom quase imperceptível —, sim, essa é toda a verdade.

Ela havia agarrado a mão de Raul e, segurando-a entre as suas, pressionou-a e molhou-a com suas lágrimas.

— Como foi que as coisas aconteceram? — disse ele. — Apenas algumas palavras, para que eu saiba… mais tarde, se for necessário, falaremos novamente.

Ela disse, com uma voz alquebrada:

— Meu marido não é tão culpado quanto se pensa… Foi o vovô que confiou a ele uma carta, que deveria ser aberta na sua morte, na presença do tabelião. Meu marido a abriu e encontrou o testamento.

— Foi essa a explicação do seu marido?

— Sim.

— É pouco provável. Seu marido tinha boas relações com o senhor Montessieux?

— Não.

— Então, como seu avô teria confiado a ele seu testamento?

— De fato… de fato. Mas estou apenas dizendo o que ele me contou… várias semanas depois.

— Ao manter-se em silêncio sobre os desejos do senhor Montessieux, a senhora se tornou cúmplice de seu marido.

— Eu sei disso… e estava sofrendo muito. Mas estávamos com grandes problemas de dinheiro, e parecia que estávamos sendo prejudicados por causa de Catherine. Foi essa história do ouro que virou a cabeça do meu marido. Apesar de tudo, estávamos convencidos de que o vovô tinha o segredo da fabricação; e que, ao legar a Catherine o casarão e todo o terreno do parque à direita do rio, ele estava assim entregando a ela, e somente a ela, tesouros ilimitados.

— Mas ela certamente teria compartilhado com você.

— Tenho certeza disso, mas estava sob o domínio do meu marido, e me deixei levar pela fraqueza, pela covardia… Às vezes até mesmo com uma espécie de raiva. Era tão injusto… tão revoltante!

— Mas, mesmo com o testamento desaparecido, a propriedade permanecia indivisa entre você e sua irmã.

— Sim, mas ela poderia se casar, como vai acontecer em breve, e nós não estaríamos mais livres para fazer as buscas que queríamos. Além disso, meu marido soube de mais coisas.

— Por quem?

— Pela dona Vauchel, que costumava trabalhar aqui, e que, em sua semiloucura, contou a ele várias coisas sobre o vovô, principalmente sobre as rochas, o Butte-aux-Romains e o rio. Tudo se encaixava com os desejos de meu avô em relação a essa fronteira dos salgueiros, que ele queria impor entre as duas divisões.

— E foi por isso que o senhor Guercin alterou as fronteiras?

— Sim. Eu vim para Quillebeuf, como você pôde descobrir pela minha assinatura. Meu marido me colocou a par dos acontecimentos…

— E depois?

— Ele não me disse mais nada. Não confiava em mim.

— Por quê?

— Porque eu me arrependi, e ameacei contar tudo para Catherine. Além disso, estávamos vivendo cada vez mais distantes. Quando vim para cá com Catherine, em razão do noivado dela, era para mim uma separação definitiva. A chegada de meu marido dois meses depois me surpreendeu. Ele não me contou nada sobre seu acordo com Fameron, e eu não sei quem o matou, ou por que ele foi morto.

Ela estremeceu. A lembrança do crime a abalou novamente, e ela teve um ataque de desespero e terror que a atirou nos braços de Raul.

— Por favor… por favor… — ela implorava. — Ajude-me… Ajude-me… Proteja-me…

— De quem?

— De ninguém… mas dos acontecimentos… do passado… Não quero que ninguém saiba o que meu marido fez, e que eu fui cúmplice dele. Você descobriu tudo, e pode impedir que… Você pode fazer o que quiser. Eu me sinto tão segura ao seu lado! Proteja-me!

Ela pressionava a mão de Raul contra seus olhos molhados e suas faces cobertas de lágrimas.

Raul ficou muito perturbado. Ele a ergueu. O belo rosto de Bertrande estava próximo ao dele, um rosto trágico, distorcido pela emoção.

— Não tenha medo. — murmurou ele — Eu a protegerei.

— E então você vai lançar alguma luz, não vai? Todo este mistério está pesando sobre mim. Quem matou o meu marido? Por que ele foi morto?

Ele disse-lhe muito baixo, contemplando os lábios trêmulos:

— Seus lábios não foram feitos para o desespero… É preciso sorrir… sorrir e não ter medo… Vamos descobrir juntos.

— Sim, juntos — disse ela com ardor. — Perto de você, eu me sinto em paz. Confio apenas em você… Além de você, ninguém pode me ajudar. Não sei o que está acontecendo dentro de mim…, mas só tenho você… só me resta você… Não me abandone…

O homem da cartola

O senhor Fameron retornou de Rouen muito antes do que Raul havia previsto. Após ter sido roubado por um de seus camaradas de boemia, ele tomou posse, na estrada de Lillebonne para Radicâtel, da casinha que havia arranjado para si no curso de uma longa vida de privações e retidão. Naquela noite foi para a cama com a consciência tranquila, como um homem que não tem no bolso um centavo que não seja ganho com seu trabalho honesto.

Assim, ele ficou surpreso ao ser despertado, no meio da noite, por um indivíduo que jogou um facho de luz em seus olhos, e que lembrava vagamente certo episódio bastante confuso em sua alegre vida de folião.

— Ei, Fameron, não reconhece seu velho camarada de Rouen, o amigo Raul?

Ele se levantou, assustado e atordoado, e gaguejou:

— O que você quer de mim? Raul? Não conheço ninguém com esse nome.

— Não se lembra de nossas festas, como você dizia, e das confidências que me fez uma noite em Rouen?

— Que confidências?

— Você sabe, Fameron… e os vinte mil francos? O cavalheiro que procurou por você? A carta no dossiê Montessieux?

— Cale-se! Cale-se! — gemeu Fameron, com a voz estrangulada.

— Muito bem. Mas então me responda. E se você me responder gentilmente, não direi uma palavra sobre seu caso ao meu amigo Béchoux, o brigadeiro da Sûreté, com quem estou investigando o assassinato do senhor Guercin.

O terror do pobre Fameron tornou-se exasperado. Ele revirava os olhos brancos e parecia que estava prestes a desmaiar.

— Guercin? Senhor Guercin?… Juro que não sei de nada.

— Eu acredito, Fameron… você não tem cara de assassino… É outra coisa que eu gostaria de saber… uma coisinha de nada… e, depois disso, você pode voltar a dormir como uma boa garotinha.

— O quê?

— Você conhecia o senhor Guercin anteriormente?

— Sim, eu o tinha visto no cartório, como um cliente.

— E depois disso?

— Nunca.

— A não ser no dia em que ele procurou por você, e naquele outro dia em que você foi vê-lo em Radicâtel, na manhã do crime?

— É isso aí.

— Bem, só quero saber de uma coisa: naquela noite ele estava sozinho?

— Sim… ou melhor, não.

— Decida-se.

— Ele estava sozinho, falando comigo. Mas a dez metros de distância, entre as árvores (estávamos na estrada, perto daqui), eu pude entrever alguém na escuridão

— Esse alguém estava com ele, ou estava espionando?

— Eu não sei… Eu disse a ele: "Tem alguém aqui…". Ele disse: "Eu não me importo".

— Como era ele, esse alguém?

— Eu não sei. Vi apenas uma sombra.

— Como era essa sombra?

— Eu não saberia dizer. Mas pude ver que usava um chapéu bem grande.

— Um chapéu bem grande?

— Sim, como uma cartola, com abas muito largas e uma coroa bem alta.

— Há mais alguma coisa que você queira me dizer?

— Nada.

— Você não tem a menor opinião sobre o assassinato do senhor Guercin?

— Nenhuma. Apenas penso que pode haver uma conexão entre o criminoso e a sombra que eu vi.

— Provavelmente — disse Raul. — Mas não se preocupe mais com isso, Fameron. Não pense mais nisso e vá dormir.

Com um leve empurrão, ele obrigou Fameron a se deitar, puxou os lençóis até o queixo, aconchegou-o e afastou-se na ponta dos pés, desejando que o homem dormisse bem e com os anjos.

Quando Arsène Lupin contou, mais tarde, sobre o papel que desempenhara sob o nome de Raul d'Avenac, na aventura de Barre-y-va, ele fez naquele momento uma pequena digressão psicológica: "Eu pude constatar que, em meio a uma crise, sempre nos equivocamos sobre o estado de espírito daqueles que estão envolvidos. Nós os julgamos, com astúcia, em tudo que diz respeito à ação na qual estamos engajados; mas seus pensamentos secretos, bem como seus sentimentos, seus gostos, seus projetos, permanecem desconhecidos para nós. Assim, neste caso, eu não conseguia perceber absolutamente nada na psicologia de Bertrande, nem na de Catherine. Nem desconfiei que houvesse algo para perceber, ou que fosse estranho ao nosso caso. Ambas tinham oscilações de humor, ataques de confiança e desconfiança, de medo e tranquilidade, alegria e tristeza, sobre os quais estava completamente enganado. A cada alteração no humor delas, eu buscava alguma conexão com nosso caso e as questionava apenas sobre ele, quando na maioria das vezes seus pensamentos não tinham nada a ver com isso. Meu erro, ao estar obcecado por um caso criminal sobre o qual minha opinião não estava longe de ser formada, foi não ver que parte do problema era sentimental. Isso atrasou um pouco a resolução".

Mas, por outro lado, quantas compensações esse atraso rendeu a Raul! Ele era o conselheiro diário das duas irmãs, encarregando-se de prestar a elas apoio moral e elevar sua coragem; e viveu com as duas algumas semanas encantadoras. Pela manhã, antes do café da manhã, elas o encontravam em um barco que ele tinha atracado no pilar esquerdo, com o qual se dedicava à pesca, seu passatempo preferido.

Às vezes eles se afastavam, levados pela maré, que levava o rio de volta à sua nascente. Passavam sob a ponte e aproximavam-se do Butte-aux-Romains, no desfiladeiro profundo que levava aos salgueiros. E depois voltavam calmamente, com o fluxo da maré descendente.

À tarde, caminhavam pelas proximidades, em direção a Lillebonne ou Tancarville, ou para o vilarejo de Basmes. Raul conversava com os camponeses. Embora os normandos desconfiem dos estrangeiros, a quem

chamam de *horsains,* Raul sabia fazê-los soltar a língua; e assim soube que vários roubos haviam sido cometidos, nos últimos anos, contra os fazendeiros ricos e os castelos da nobreza. Ladrões saltavam muros, escalavam aterros, invadiam as casas, e velhas joias de família e peças de prataria desapareciam.

As investigações realizadas nunca deram qualquer resultado, e os tribunais nem sequer haviam mencionado esses furtos durante o caso Guercin; mas era sabido na região que vários desses furtos tinham sido cometidos por um homem de cartola. Muitos afirmavam ter visto a silhueta desse homem de cartola, e ele parecia ter a pele escura, provavelmente negra. O homem era magro, e de altura muito acima da média.

Em três ocasiões suas pegadas foram identificadas: eram pesadas, enormes, e com certeza foram feitas com calçados de tamanho extremamente descomunal.

Mas o que mais intrigou foi o fato de que em certa ocasião, para entrar em um castelo, o homem tinha conseguido entrar por uma antiga tubulação, tão estreita que mal teria espaço para uma criança. A silhueta gigantesca de cartola foi avistada no pátio interno dessa propriedade, assim como os rastros de seus calçados enormes. E tudo isso tinha escorregado pelo velho encanamento!

Assim, a lenda do homem da cartola espalhou-se na região como a de uma besta terrível, capaz dos piores males. De acordo com os mexericos, não havia dúvida de que ele era o assassino do senhor Guercin. A suposição não era de todo improvável.

Béchoux, tendo sido informado, lembrou-se da noite em que Catherine foi atacada em seu quarto; e pôde afirmar que o agressor perseguido na escuridão do parque havia deixado nele, Béchoux, a impressão de estar usando uma cartola. Uma visão muito fugaz, mas que agora ele encontrava gravada em sua memória.

Assim, todas as suposições giravam em torno desse indivíduo misterioso, adornado e calçado de forma tão estranha. Entrando nas propriedades à sua vontade, saindo a seu gosto, vagando pelos arredores, agindo de um lado e de outro, e em intervalos muito irregulares, ele realmente parecia ser o gênio malfeitor da região.

Certa tarde, Raul, cujos instintos o levavam frequentemente ao casebre da dona Vauchel, chamou as duas irmãs. Ao examinar um conjunto de

tábuas colocadas umas contra as outras e encostadas ao tronco de uma árvore, ele havia descoberto uma porta velha, rachada e demolida, sobre a qual fora traçado um desenho a giz, de forma grosseira, por uma mão desajeitada.

— Aqui — disse ele —, eis o nosso homem, são as linhas de seu chapéu… aquela espécie de *sombrero* fora de moda, que dizem que ele usa.

— Isso é impressionante! — murmurou Catherine. — Quem poderia ter feito isso?

— O filho, Vauchel. Ele se divertia rabiscando em blocos de papel ou pedaços de papelão. Nenhuma arte, a propósito: era mesmo uma coisa rudimentar. E então tudo se encaixa. A cabana Vauchel estava no centro das maquinações. Nosso homem e o senhor Guercin podem ter-se encontrado lá. Foi aqui que um ou dois lenhadores de passagem foram contratados pelo filho Vauchel para mover os três salgueiros. A mãe, já meio louca, testemunhava as conspirações. Ela adivinhava o que não compreendia, interpretando, imaginando, digerindo tudo isso em seu pobre cérebro, e foi isso que ela expressou mais tarde diante de você, Catherine, em sentenças inacabadas e incoerentes, nas quais havia aquelas ameaças que tanto a assustavam.

No dia seguinte Raul descobriu mais uma meia dúzia de esboços: o contorno dos três salgueiros, as rochas, o pombal, duas silhuetas do chapéu, e um emaranhado de linhas nas quais se podia discernir a forma de um revólver.

E Catherine lembrou-se de que o filho Vauchel, que era muito hábil com as mãos, costumava antigamente vir ao casarão, como sua mãe; e, sob a direção do senhor Montessieux, fazia ocasionalmente trabalhos de carpintaria ou serralheria.

— Bem — concluiu Raul —, das cinco pessoas que acabamos de mencionar, quatro estão mortas: os senhores Montessieux e Guercin, a mãe e o filho Vauchel. Resta apenas o homem da cartola, e somente sua captura pode desvendar a situação.

De fato, essa figura sombria dominava todo o drama. Parecia, a cada momento, que ele ia surgir dentre as árvores, ou debaixo da terra, ou do próprio leito do rio. Na curva dos caminhos, assim como no raso dos gramados ou no topo das árvores, flutuava um fantasma que um olhar mais atento dissipava imediatamente.

Catherine e Bertrande estavam ainda mais nervosas. Uma e outra se apressavam na direção de Raul como se estivessem se abrigando do perigo. Às vezes ele pressentia que havia um desacordo entre elas; silêncios incômodos, abraços repentinos, medos que ele acalmava com palavras e gestos afetuosos, mas que logo depois ressurgiam, sem nenhuma razão clara. De onde vinha esse desequilíbrio? O medo do fantasma era suficiente para explicar isso? Estariam elas sob uma influência desconhecida para ele? Estariam lutando contra forças ocultas? Conheceriam segredos que se recusavam a revelar?

A data da partida estava se aproximando. Lindos dias se sucediam no fim de agosto. Após o jantar, eles gostavam de ficar do lado de fora, no terraço. Béchoux não era visto, mas podia ser percebido não muito longe da casa, fumando na companhia da bela Charlotte, enquanto o senhor Arnold terminava seu trabalho tranquilamente.

Por volta das onze horas eles se separavam. Então Raul fazia uma ronda furtiva pelo jardim e, pegando o barco, subia o curso do rio e permanecia no mirante, com os ouvidos atentos.

Certa noite, o tempo estava tão bonito que as duas irmãs quiseram se juntar a ele. O barco deslizava sem ruído, com pequenos golpes dos remos que, com um frio murmúrio, faziam deslizar as gotas de água. O céu estrelado derramava um brilho difuso, e a luz da lua nascente, que se elevava em algum lugar na bruma do horizonte, foi aos poucos tornando-se mais clara.

Eles permaneciam em silêncio.

No ponto mais raso do canal, os remos não podiam ser estendidos, de modo que dificilmente se moviam. Em seguida a maré começou um redemoinho, e eles navegaram suavemente e balançaram de uma margem para a outra.

Raul pousou suas mãos sobre as mãos das duas moças e sussurrou:

— Ouçam.

Elas não perceberam nada, mas sentiram uma certa opressão, como se estivessem se aproximando de um perigo que não fora anunciado, nem no sopro da brisa, nem na calmaria da natureza. Raul as abraçou com força. Ele, Raul, deveria ouvir o que elas não ouviam, e saber que há silêncios carregados de ameaças. O inimigo, se estivesse em uma emboscada, podia vê-los; e era impossível escrutar as encostas, que de ambos os lados

ofereciam tantos esconderijos invisíveis.

— Vamos sair daqui — disse ele, espetando um dos remos no aterro da margem.

Era tarde demais. Alguma coisa caiu do alto, vinda de cima do penhasco; algo que despencou com força e, no espaço de três ou quatro segundos, afundou no rio. Se Raul não tivesse segurado os remos na mão, e se não tivesse tido a habilidade de fazer uma pirueta com o barco, um pedaço de rocha teria esmagado a proa. Um borrifo de água, no máximo, foi o que caiu sobre eles.

Raul saltou para a encosta. Com seu olhar aguçado, ele tinha visto, entre as pedras e os pinheiros do cume, a forma de um chapéu enorme. A cabeça surgiu por um segundo, depois desapareceu. O homem pensou que estava seguro em seu covil. Com incrível velocidade, Raul escalou a parede quase vertical, com a ajuda das samambaias e agarrando-se às bordas ásperas. O inimigo deve tê-lo ouvido apenas no último momento, pois se ergueu e abaixou novamente, e Raul viu apenas o chão batido coberto pela sombra das árvores.

Ele se orientou por um momento, hesitou, e em seguida deu um salto prodigioso, caindo sobre uma massa negra, imóvel, que parecia uma elevação da terra. Era o homem. Estava apanhado.

Ele o prendeu pela cintura e gritou:

— Seu maldito! Não pode fazer nada entre minhas garras. Ah, seu cretino, vamos nos divertir!

O homem escorregou, como se houvesse uma ranhura no chão, e rastejou por alguns metros, sempre agarrado firmemente pelos quadris. Raul o insultava e zombava dele. No entanto, Raul teve a impressão de que sua presa, na sombra espessa onde se ocultava, estava derretendo, por assim dizer, em suas mãos. Afundava-se entre duas grandes pedras, e Raul o segurava com menos força; suas mãos estavam feridas pela aspereza, e seus braços cada vez mais unidos.

Sim, sim, ele estava afundando! Era como se ele estivesse entrando na terra, encolhendo a cada segundo, ficando menor e mais esquivo. Raul grunhia e gritava. Mas o homem se alongava, afinava, girava entre seus dedos cerrados, e chegou um momento em que Raul não tinha mais nada para segurar. Tudo tinha desaparecido. Por qual milagre? Em que refúgio impenetrável? Ele escutou. Não havia som, exceto o chamado das duas

jovens que o esperavam junto ao barco, ansiosas e trêmulas.

Juntou-se a elas.

— Ninguém — disse ele, sem confessar a derrota.

— Mas você o viu?

— Eu pensei tê-lo visto. Mas debaixo das árvores, e entre todas essas sombras, não dá para afirmar.

Ele as levou depressa para o casarão, e correu para o jardim.

Estava furioso, furioso com aquele homem e consigo mesmo. Ele contornou os muros, observando certas saídas pelas quais sabia que era possível escapar. De repente, correu para a frente, em direção à estufa em ruínas. Havia um vulto que se agitava, como se estivesse ajoelhado… pareciam mesmo dois vultos.

Atirou-se sobre eles. O segundo fugiu. Raul agarrou o primeiro, e rolou pelo gramado com ele, gritando:

— Ah, desta vez eu peguei você! Peguei você!

Uma voz fraca lamentou.

— Ah! Mas o que você está fazendo? Pode me deixar em paz?

Era a voz de Béchoux.

Raul ficou exasperado.

— Desgraça! Você não deveria estar na cama a esta hora? Seu triplo imbecil, com quem você estava?

Foi a vez de Béchoux ter um ataque de raiva e atirar-se contra Raul. Sacudindo-o com uma força irresistível, ele grunhia:

— Imbecil é você! Por que está se intrometendo? Por que você nos perturbou?

— Vocês, quem?

— Era *ela,* caramba! Eu estava prestes a beijá-la! Ela tinha perdido a cabeça, pela primeira vez… Eu ia beijá-la, e então você apareceu! Estúpido! Idiota!

Apesar de sua fúria, apesar de seus contratempos, finalmente compreendendo a cena de sedução que havia interrompido, Raul começou a rir, uma risada louca, que o dobrava ao meio.

— A cozinheira! A cozinheira!… Béchoux ia beijar a cozinheira! E eu interrompi essa pequena cerimônia… Ai, meu Deus, que engraçado! Béchoux ia beijar a cozinheira! Seu *Don Juan*!

Preso na armadilha

Após algumas horas de sono, Raul d'Avenac saltou da cama, vestiu-se e foi até as rochas do desfiladeiro. Para reconhecer o lugar onde a luta havia ocorrido, ele havia deixado ali seu lenço.

Ele não o encontrou no mesmo lugar, mas um pouco mais adiante, amarrado duas vezes (embora tivesse certeza de que não tinha feito nenhum nó) e preso no tronco de um abeto pela ponta de uma adaga.

"Ora, ora", disse para si mesmo, "ele está declarando guerra contra mim. Portanto, ele tem medo de mim. Melhor ainda! Mesmo assim, o senhor X tem audácia… E que habilidade de deslizar pelas minhas mãos como uma enguia!"

Isso era o que mais intrigava d'Avenac. E o resultado de suas observações o intrigou ainda mais. A saída pela qual seu adversário havia escapado era uma fissura natural, uma espécie de falha, como várias que haviam no monte de granito. Esta, escavada entre duas pedras, tinha no máximo sessenta a oitenta centímetros de profundidade; mas era comprida e, acima de tudo, extremamente estreita. Em sua parte inferior, terminava em uma espécie de garganta, tão estreita que não se podia imaginar como o homem teria passado por ela — e como ele teria passado por ela com um chapéu certamente mais largo que seus ombros, e com aqueles calçados grosseiros como tamancos. Mas foi assim que aconteceu. Não havia outra saída.

E a capacidade de se esticar, provada em sua incrível fuga, combinava bem com a impressão de afinamento e fluidez que Raul tivera ao senti-lo dissolver-se, por assim dizer, entre seus dedos.

Catherine e Bertrande se juntaram a ele, ainda muito abaladas com o incidente da noite, com os rostos cansados de insônia. Ambas imploraram a Raul que a data da partida fosse antecipada.

— Por quê? — ele gritou. — Por causa daquele pedaço de rocha?

— Obviamente — respondeu Bertrande. — Aquilo foi um atentado.

— Nenhum atentado, eu juro. Acabo de examinar o local, e posso dizer que aquela pedra se desprendeu sozinha. Portanto, foi um infeliz acidente, e não mais.

— Entretanto, se você correu até o alto, é porque pensou ter visto…

— Não pensei ter visto nada — disse ele. — Eu queria ver se havia alguém lá, e se a queda não tinha sido provocada artificialmente. Minhas buscas desta noite e desta manhã não me deixam dúvidas a respeito disso. Ademais, para preparar a queda de tamanho bloco é preciso tempo. Ninguém poderia suspeitar que vocês fariam aquele passeio noturno, o qual, vocês sabem, foi decidido no último momento.

— Não, mas nós sabíamos que você fazia isso, havia várias noites. Não somos nós que estamos sendo atacadas, e sim você, Raul.

— Não se atormentem por minha causa — disse Raul, rindo.

— Mas sim! Claro que sim! Você não tem o direito de se expor, e nós não queremos que faça isso.

Ambas estavam assustadas, e às vezes uma ou outra, enquanto caminhavam pelo jardim, segurava seu braço e implorava.

— Deixe-nos ir embora! Tenha certeza de que não temos prazer em ficar. Estamos com medo. Só vemos armadilhas ao nosso redor… Deixe-nos ir. E por que razão você não quer partir também?

Ao final, ele respondeu:

— Por quê? Porque a aventura está prestes a ser desvendada, a data está irrevogavelmente fixada, e vocês devem saber como o senhor Guercin morreu, e de onde vem o ouro de seu avô. Não é esse o desejo de vocês?

— Certamente — disse Bertrande. — Mas não é somente aqui que você pode descobrir.

— Somente aqui e nas datas estabelecidas, que são 12, 13 ou 14 de setembro.

— Definidas por quem? Por você? Ou pelo outro?

— Nem por mim, nem por ele.

— E então?

— Pelo destino, e o próprio destino não pode mudá-las.

— Mas se está tão convicto disso, como é que o problema permanece obscuro para você?

— Não está mais — declarou ele, pronunciando as palavras com uma convicção verdadeiramente surpreendente. — Exceto por alguns pontos, a verdade está clara para mim.

— Nesse caso, então aja logo.

— Só posso agir nas datas fixadas, e somente nessas datas que serei capaz de capturar o senhor X e encontrar para vocês um monte de ouro em pó.

Ele profetizava com o tom alegre de um feiticeiro, que se divertia em ser intrigante e confuso. E propôs a elas:

— Hoje é 4 de setembro. Só faltam mais seis ou sete dias. Esperem um pouco, sim? E sem pensar mais em todas essas coisas irritantes, vamos aproveitar esta última semana no campo.

Elas aguardaram. Mas passavam horas de febre e ansiedade. As duas brigavam às vezes, sem nenhuma razão aparente. Elas permaneciam, aos olhos de Raul, incompreensíveis, extravagantes e, por isso mesmo, mais atraentes. Mas elas não podiam abandonar uma à outra e, acima de tudo, não abandonavam Raul.

Portanto, aqueles poucos dias foram encantadores. Enquanto esperavam por uma luta cujo resultado tentavam adivinhar e se perguntavam se ela aconteceria antes ou depois da partida delas, elas conseguiam, sob a influência de Raul, relaxar e aproveitar deliciosamente a vida. Riam de tudo o que ele dizia, leves ou circunspectas, ardentes ou indiferentes, e se deixavam levar por ele com impulsos cuja espontaneidade ele apreciava.

Às vezes, no meio de suas efusões amigáveis, ele se questionava alegremente e sem ir muito ao fundo de si mesmo. “Eu as amo cada vez mais, minhas lindas amigas. Mas qual das duas eu amo mais? No início era Catherine. Ela me comovia, e eu me dedicava a ela, sem me importar com o que lhe aconteceria. Mas agora Bertrande, mais feminina e mais sedutora, está me perturbando. Na verdade, estou perdendo a cabeça.”

No final, talvez ele amasse as duas, e ao amá-las — uma tão pura e ingênua, a outra tão atormentada e complexa — talvez amasse apenas uma e a mesma mulher, que era, em duas formas diferentes, a mulher da aventura à qual ele dedicava todas as suas forças e todos os seus

pensamentos.

Assim se passaram os dias 5, 6, 7, 8 e 9 de setembro. Com a aproximação da data, Bertrande e Catherine se tornaram mais controladas, até que passaram a compartilhar da serenidade de Raul. Elas preparavam suas bagagens, enquanto o senhor Arnold e Charlotte arrumavam o casarão.

Théodore Béchoux, muito prestativo, não hesitou em dar uma mãozinha a Charlotte. Ela teve de ir visitar sua família por uma semana, e Béchoux quis acompanhá-la. Assim que ele anunciou que pegaria o trem, Raul chamou as irmãs para um passeio de carro ao redor da Bretanha. Durante esse tempo, o criado colocaria em ordem o apartamento de Paris.

No dia 10 de setembro, após o almoço, Bertrande deixou o casarão e foi até o vilarejo para pagar as contas dos fornecedores. Quando voltou, ela viu Raul pescando no barco, e vinte metros mais adiante, na entrada da ponte, Catherine, que o observava.

Ela se sentou vinte metros antes do barco e olhou para ele, como fazia sua irmã. Raul estava inclinado sobre a água, e parecia não se importar com a oscilação. Estaria ele assistindo a algum espetáculo no fundo do rio? Ou seguia algum pensamento dentro de si mesmo?

Raul deve ter sentido que estava sendo observado, pois virou a cabeça para Catherine, a quem sorriu, e depois para Bertrande, a quem sorriu igualmente. Elas entraram no barco.

— Você estava pensando em nós, não estava? — perguntou uma delas, rindo.

— Sim — disse ele.

— Em qual delas?

— Nas duas. Eu realmente não posso separar uma da outra. Como eu viveria sem vocês duas?

— Ainda devemos partir amanhã?

— Sim, amanhã de manhã, 11 de setembro. Foi a minha recompensa, esta pequena viagem à Bretanha.

— Estamos partindo… mas nada está resolvido — disse Bertrande.

— Tudo está resolvido — disse ele.

Houve um longo silêncio. Raul não pescava nada, e não tinha esperança de capturar nada, até porque o rio era desprovido do menor peixe. Mesmo assim, os três contemplavam os movimentos da vara de pescar. De tempos

em tempos eles trocavam uma frase, e o crepúsculo os surpreendia nessa intimidade feliz.

— Vou dar uma olhada no meu carro — disse Raul. — Vocês querem vir comigo?

Seguiram até o galpão onde ele guardava o carro, não muito longe da igreja. Tudo estava bem. O motor estava funcionando com um ronco regular.

Às sete horas Raul deixou Bertrande e Catherine, dizendo-lhes que viria buscá-las no dia seguinte por volta das dez e meia, e que atravessariam o Sena na balsa de Quillebeuf. Depois ele se juntou a Béchoux em seu chalé, onde, por conveniência, eles passariam essa última noite.

Após o jantar, cada um foi para seu quarto. Logo Béchoux estava roncando.

Então Raul saiu de casa, tirou de debaixo do telhado de colmo uma escada suspensa por dois ganchos, levou-a para longe, seguiu o caminho que percorria o lado direito dos muros de Barre-y-va, virou para cima, à esquerda, e escalou o muro. Quando chegou ao topo, na sombra espessa de uma árvore cujos galhos caíam ao seu redor e o escondiam, ele deixou a escada deslizar por meio de uma corda e a escondeu no mato.

Durante meia hora, ele permaneceu na árvore. Dali, podia ver o parque inteiro, sob uma lua cintilante que lançava uma calma luz branca, parecia cortar a escuridão e banhar-se na água prateada do rio.

Ao longe, as luzes do casarão, uma a uma, se apagaram. O relógio de Radicâtel bateu as dez horas.

Raul vigiava. Ele não acreditava que o menor perigo ameaçasse as duas mulheres, mas não queria deixar nada ao acaso. Mesmo supondo que nenhuma emboscada tivesse sido armada, o inimigo poderia rondar, prosseguir com seus preparativos, aproximar-se do objetivo que ele pensava já ter alcançado, e certificar-se de que ele mesmo não fosse vigiado.

De repente, Raul estremeceu. O evento provaria que ele tinha razão em esperar, e ele surpreenderia alguma manobra? A cinquenta passos dele, no caminho que havia seguido, não muito longe da pequena porta pela qual Catherine havia passado na primeira manhã, ele viu uma forma imóvel, presa contra o tronco de uma árvore, mas que não parecia fazer parte dela. De fato, ela se balançou várias vezes, depois foi diminuindo de altura, até descer ao chão. Se Raul não tivesse testemunhado esse movimento

imperceptível, nunca teria diferenciado aquela sombra alongada da sombra de um teixo alto, e que começou a rastejar na própria linha da escuridão.

Assim, a sombra chegou ao monte que se formava ao redor e acima da estufa demolida — um caos de pedras, grama e arbustos, onde se delineava uma passagem por uma curva esbranquiçada. Aos poucos a sombra se ergueu, foi se arrastando pelo chão, e depois desapareceu na mata.

Raul, imediatamente, certo de não ser visto, saltou de sua árvore e começou a correr, escolhendo os lugares onde a luz da lua não chegava. Seus olhos não se despregavam do ponto mais alto das ruínas. Alguns minutos foram suficientes para que ele chegasse à base. Ali, sem tomar mais precauções, ele entrou na passagem aberta entre as pedras e subiu pela trilha sinuosa.

Com o revólver na mão, muito desconfiado, ele atingiu o topo e olhou em volta. Não percebendo nada suspeito, pensou que o inimigo estava descendo a outra encosta, e deu mais três passos.

Ele hesitou por um segundo ou dois. Momentos de demasiada calma, em que a grande impassibilidade das folhas e gramíneas parecia uma ameaça. Ele seguiu em frente, porém, com todos os sentidos em alerta; e de repente sentiu galhos rachando sob seus pés, e uma fenda que se abria no meio dos escombros.

Raul caiu no vazio e, sem dúvida, sua queda tinha sido planejada de tal forma que recebeu um tremendo golpe na altura do peito, o que o impediu de ficar de pé, fê-lo perder o equilíbrio e cair como uma massa inerte. De imediato foi envolto em uma espécie de cobertor, enrolado e amarrado antes de ter tempo de se recuperar e fazer qualquer tentativa de resistência.

Tudo isso foi executado com extraordinária rapidez e, até onde pôde avaliar, por um único agressor. Não menos rápido foi o resto da operação: mais cordas foram amarradas, com pontos de fixação firmemente estabelecidos — estacas, postes de ferro ou escombros cimentados. Então, ouviu um deslizamento de areia e pedras precipitadas do alto sobre ele.

E depois, mais nada: o silêncio, a escuridão, o peso de uma pedra tumular. Raul estava enterrado.

Ele não era um homem que se entregava e logo abandonava em si mesmo a noção de esperança. Em todo caso, sem desconsiderar a gravidade da situação, ele viu primeiro o lado bom. E disse a si mesmo imediatamente que, afinal de contas, poderia ter sido morto, e não tinha sido. Teria sido

tão fácil! Uma facada, e o obstáculo invencível que ele constituía para seu adversário teria sido eliminado. Se não tinha sido morto, era porque sua supressão não era indispensável, e porque o inimigo se contentava em reduzi-lo à impotência durante os poucos dias que a tarefa planejada exigia.

E essa hipótese estava de acordo com o que Raul já sabia.

No entanto, o inimigo não recuava diante da solução do crime. Ele deixava isso a cargo do destino. Se Raul sucumbisse, tanto pior para ele.

"Eu não sucumbirei", dizia Raul para si mesmo. "O mais importante é que eu não tenho outro ataque a temer."

E desde o início, com o instinto de tomar a melhor posição possível, ele havia se esticado com todas as suas forças para flexionar um pouco os joelhos, endurecer os braços e inflar o peito. Dessa maneira, conseguiu alguma liberdade de movimento e espaço para respirar. Por outro lado, estava exatamente ciente do local onde estava. Várias vezes, de fato, ao se arrastar sob os escombros da estufa, em busca dos abrigos onde o homem da cartola podia se esconder, ele havia notado esse buraco, não muito longe da antiga entrada.

Assim, havia duas esperanças de salvação: por cima, através dos tijolos, pedras, areia e ferro desmoronado; ou por baixo, no próprio chão onde a estufa havia sido construída. Mas, para tentar escapar, era preciso se mexer. E essa talvez fosse a dificuldade insuperável, pois as cordas estavam tão atadas que, ao mínimo esforço, aumentavam seu aperto.

No entanto, ele se esforçava ao máximo para se torcer e se libertar daquele lugar. Ao mesmo tempo, o curso de seus pensamentos prosseguia. Ele imaginava todas as fases da emboscada, a vigilância exercida sobre todas as suas ações, a maneira como tinha sido avistado no topo do muro, sob os galhos da árvore, e a maneira inteligente como o adversário o tinha atraído para a armadilha.

É curioso que, apesar do cobertor que o envolvia, e apesar da muralha de entulhos ao seu redor, ele podia ouvir, não de forma confusa, mas com uma clareza incrível, os ruídos vindos de fora, ou pelo menos todos os ruídos que se elevavam do lado do Sena, e apenas daquele lado. Eles eram trazidos, sem dúvida, por alguma abertura que permanecia aberta entre os escombros ao longo do chão, e que formava, na direção do rio, uma espécie de chaminé quase horizontal.

Assim, as sirenes do navio ecoavam. Buzinas de carro soavam na estrada. O sino de Radicâtel tocou onze vezes, e a última batida ainda não havia soado quando ele ouviu os primeiros roncos de um motor sendo ligado, e era o do seu próprio carro. Ele o reconheceu. Tê-lo-ia reconhecido entre mil.

E foi o seu motor que partiu, que virou em direção à vila, tomou a estrada principal e, a uma velocidade crescente, seguiu em direção a Lillebonne.

Mas Lillebonne era o objetivo? O inimigo, pois só podia ser ele, não iria para Rouen, nem para Paris? E por quê?

Um pouco cansado de seu duro esforço para libertação, ele descansou e pensou. Basicamente, a situação era a seguinte: no dia seguinte, 11 de setembro, às dez e meia da manhã, ele deveria vir ao casarão para buscar Catherine e Bertrande. Assim, entre as dez e meia e onze horas, nada de anormal. Catherine e Bertrande não se preocupariam, não procurariam por ele. Mas e depois disso? Durante o dia, será que o seu desaparecimento, tão óbvio, não provocaria investigações que poderiam salvá-lo?

Em todo caso, o inimigo devia ter previsto que as duas jovens permaneceriam em Barre-y-va e esperariam. Mas essa era a falha de todo o plano, pois o inimigo supunha que teria absoluta liberdade de ação. No final das contas, era necessário que as duas mulheres fossem embora. O meio? Apenas um. Chamá-las até Paris. Por carta, elas reconheceriam a caligrafia. Mas um telegrama… um telegrama, assinado por Raul, dizendo-lhes que ele teve que partir de repente, e ordenando-lhes que pegassem o trem assim que recebessem a mensagem.

"E como elas poderiam não obedecer?", pensou Raul. "A medida pareceria tão lógica para elas! E por nada neste mundo elas permaneceriam em Barre-y-va sem minha proteção."

Ele trabalhou durante parte da noite; tentou dormir um pouco, embora tivesse alguma dificuldade para respirar, e depois começou a trabalhar novamente. Achava que estava progredindo em direção à saída, mas não tinha certeza, pois os sons de fora chegavam-lhe com mais clareza. Mas em quantos centímetros consistia esse avanço, obtido à custa de tantos problemas e por pequenos movimentos do corpo?

Quanto aos laços, eles não se moveram. Somente as cordas presas aos pontos de fixação, como amarras, talvez estivessem se soltando um pouco.

Por volta das seis horas da manhã ele pensou ter reconhecido o ronco familiar de seu carro. Sem dúvida foi um engano. O ruído parou bem antes do Radicâtel. Além disso, por que o inimigo traria o caro de volta, se sua presença poderia comprometer o efeito do telegrama?

A manhã passou. Ao meio-dia, embora ele não tivesse percebido nenhum ruído de veículo, supôs que as duas irmãs haviam deixado Radicâtel assim que receberam o recado, para pegar o trem em Lillebonne.

Ao contrário de suas previsões, por volta da uma hora, quando o relógio da igreja continuava a informá-lo regularmente, ele ouviu uma voz gritando, não muito distante dele:

— Raul! Raul!

Era a voz de Catherine.

E a voz de Bertrande também gritou:

— Raul! Raul!

Ele gritou os dois nomes, por sua vez. Nada.

Mais chamados foram feitos pelas duas jovens mulheres, mas eram ouvidos cada vez mais longe. E, mais uma vez, o silêncio.

A vingança

"Eu estava enganado", pensou Raul. "Elas não receberam nenhum telegrama pedindo que fossem ao meu encontro em Paris e, surpresas com meu desaparecimento, estão me procurando."

De imediato ele teve a ideia de que as investigações não seriam em vão, e que Béchoux em particular, um especialista na matéria, seria facilmente bem-sucedido. Afinal, a propriedade tinha dimensões limitadas, e os esconderijos onde poderia ter sido enterrado — assumindo que eles pensariam que ele estivesse morto ou ferido — não eram tão numerosos. As rochas do desfiladeiro, o Butte-aux-Romains, as ruínas da estufa, dois ou três outros lugares que talvez todos conhecessem, e que ele havia inspecionado frequentemente com Béchoux, além do rio, o alojamento de caça e o casarão — onde poderia ter sido escondido um cadáver?

Mas as horas se passavam, e a esperança de Raul diminuía. "Béchoux", disse a si mesmo, "não está em boa forma no momento. Por mais que ele tente me encontrar, o amor tirou parte de suas forças. E então, sem dúvida, ele está se afastando com as duas jovens e os dois criados, para fora do jardim, em direção às colinas próximas, em direção ao pequeno bosque, em direção ao Sena… E então… então… quem sabe… talvez eles não tenham pensado na hipótese de um crime. Eles podem acreditar que eu parti por alguma razão convincente, sem ter tido tempo de avisá-los, e que estou fazendo uma expedição preliminar. E eles estão esperando por mim!"

De fato, o dia terminou sem mais chamados. Nenhum som chegava até ele, a não ser o barulho dos barcos e automóveis.

As horas também continuaram a bater. E quando soaram às dez da noite, ele pensou que Catherine e Bertrande não estavam mais protegidas

por ele, e que, com o início da noite, elas deviam estar tremendo de medo.

Ele redobrou seus esforços. As cordas estavam se afrouxando, e os pontos de fixação tinham finalmente cedido, para que pudesse se mover mais rapidamente rumo à saída que imaginava. Ele respirava melhor através do tecido bastante fofo do cobertor. Mas a fome, mesmo que não o fizesse sofrer, tornava seu trabalho mais árduo e menos eficiente.

Raul adormeceu. Um sono febril, cortado por pesadelos que o despertavam em sobressalto… um sono do qual ele acordava de repente, gritando de angústia, sem saber por quê.

"Eh, eh!", disse ele em voz alta, a fim de recuperar seu equilíbrio, "será que meu cérebro vai sucumbir por causa de dois dias miseráveis de fadiga e jejum?"

Soavam às sete horas. Era a manhã de 12 de setembro, o primeiro dos dias fatídicos que ele havia predito. Tudo indicava que o inimigo venceria a batalha.

Essa ideia o chicoteou com uma energia em que havia raiva e exasperação. A batalha ganha pelo outro seria a derrota e a ruína das irmãs, o grande segredo roubado, a impunidade do culpado… e seria a sua própria morte. Se quisesse vencer e não morrer, tinha que levantar a pedra do túmulo e fugir.

Ele sentia, pela pureza do ar que respirava, que a saída não estava longe. Uma vez lá fora, ele chamaria, eles viriam, estaria salvo.

Fez, então, um esforço supremo. Talvez estivesse prestes a sair quando de repente sentiu como se estivesse ocorrendo um cataclismo ao seu redor. Todo o montículo, que ele cavava com todas as forças, com sua cabeça, ombros, cotovelos, joelhos e pés, desabou. Foram suas manobras que causaram o desabamento? Foi o inimigo que, observando e notando o progresso do seu caminho em direção à saída, havia demolido o frágil monte com um golpe da picareta? Raul sentiu-se esmagado por todos os lados, sufocado, perdido.

Ele resistiu. Dobrou-se novamente. Prendeu a respiração e poupou o ar que lhe restava. Mas mal conseguia levantar o peito e respirar sob o peso que o oprimia.

Pensou novamente:

— Tenho só quinze minutos… Se, em quinze minutos…

Ele contou os segundos. Mas logo suas têmporas começaram a latejar, os pensamentos se agitaram em delírio, e ele não sabia mais o que estava acontecendo.

Acordou em sua cama, no antigo quarto que tinha ocupado no casarão. Quando abriu os olhos, descobriu que estava completamente vestido, que Catherine e Bertrande o olhavam ansiosamente e que o relógio marcava sete e quarenta e cinco. Ele sussurrou:

— Quinze minutos… não mais, certo? Caso contrário…

Ele ouviu a voz de Béchoux, que ordenava:

— Rápido, Arnold, corra para o alojamento e traga a mala dele de volta. Charlotte, uma xícara de chá e biscoitos, e rápido, sim?

E, voltando-se para a cama, Béchoux lhe disse:

— Você precisa comer, meu velho… não muito… mas você precisa… Oh, meu Deus, você nos deu um susto! O que aconteceu?

Catherine e Bertrande, com o ar sofrido, estavam chorando. Cada uma delas pegou uma de suas mãos.

Bertrande murmurou:

— Não responda, não fale nada, você deve estar sem forças. Oh, como nós tivemos medo! Nós não compreendemos seu desaparecimento. Diga-nos… não, não diga nada… descanse…

Elas se calaram. Mas ambas estavam em tal estado de agitação que faziam novas perguntas, que imediatamente o proibiam de responder. O mesmo se aplicava a Béchoux, a quem os perigos vividos por Raul pareciam ter abalado completamente. Ele lançava palavras incoerentes, e se interrompia para gritar ordens absurdas.

Depois que Raul bebeu sua xícara de chá e comeu alguns biscoitos, um pouco confortado, ele murmurou:

— Enviaram um telegrama de Paris, não foi?

— Sim — disse Béchoux —, era você, pedindo para nos juntarmos a você no primeiro trem. Um encontro em sua casa.

— E por que vocês não foram?

— Eu queria. *Elas* não queriam.

— Por quê?

— Elas arriscaram — disse Béchoux. — Eles não acreditavam que você pudesse deixá-las assim. Então procuramos… principalmente lá fora, no bosque. E depois ficamos desorientados. Você não tinha ido embora? Nós

não sabíamos. E as horas se passaram. Nós não dormimos mais.

— Você não chamou a polícia?

— Não.

— Esse é o espírito. E como me encontraram?

— Foi a Charlotte. Esta manhã ela saiu gritando pela casa: "A velha estufa está se mexendo… Eu vi da minha janela". Então nós corremos… fizemos uma abertura…

Raul disse calmamente:

— Obrigado, Charlotte.

Depois, ao ser questionado sobre seus planos, ele conseguiu articular com uma voz mais firme:

— Dormir primeiro, e depois partir… Vamos para Le Havre… por alguns dias… O ar marinho vai me fazer bem.

Todos o deixaram. As persianas foram fechadas, as portas trancadas. Ele adormeceu.

Quando ele chamou, por volta das duas da tarde, e Bertrande entrou na sala, ela o encontrou deitado em uma poltrona, com aspecto melhor, o rosto barbeado e vestido com roupas limpas. Ela o olhou por um momento com um ar de encantamento, depois foi até ele e, singelamente, beijou-o na testa. Depois ela beijou suas mãos, e as lágrimas se misturavam com os beijos.

Charlotte serviu a todos no quarto de Raul. Ele comeu pouco. Parecia muito cansado, e estava ansioso para deixar o casarão, como se as lembranças do sofrimento o assombrassem.

Béchoux teve de apoiá-lo, quase carregá-lo para dentro do carro. Eles o colocaram atrás. Béchoux assumiu o volante e dirigiu o melhor que pôde. Arnold e Charlotte deveriam pegar o trem noturno para Paris.

Em Le Havre, Raul não quis, por razões que não explicou, que as malas fossem retiradas e que todos se instalassem em um hotel. Ele foi levado para a praia de Sainte-Adresse e esticado na areia, onde permaneceu o dia todo, sem dizer uma palavra, respirando a plenos pulmões o vento fresco que subia pouco a pouco.

Assim que o sol se pôs entre as longas nuvens cor-de-rosa que revestiam o céu, e quando a última chama se extinguiu no horizonte, as duas irmãs e Béchoux testemunharam o espetáculo mais inesperado. Raul d'Avenac subitamente se levantou, no canto deserto da praia onde os quatro estavam,

e começou uma dança desengonçada, composta dos mais variados passos e gestos, e acompanhada de pequenos gritos agudos, como os das gaivotas que balançavam sobre a água.

— Ora, você é louco! — exclamou Béchoux.

Raul agarrou-o pela cintura, rodopiou-o, depois ergueu-o do chão e suspendeu-o no ar.

Catherine e Bertrande riam e se perguntavam: de onde vinha essa força repentina dele que parecia, desde a manhã, exausto pela dura provação?

— E então? — disse ele, abraçando-os. — Pensaram que eu ia ficar em coma por dias a fio? O pior já passou. Foi ali mesmo no casarão, depois da minha xícara de chá e duas horas de sono. Vocês pensam, meus lindos amigos, que eu vou perder meu tempo fazendo o papel de coitadinho? Vamos à luta! Mas primeiro vamos comer. Estou com tanta fome!

Ele levou os três a uma famosa taberna, onde fez uma refeição digna de Gargântua, e eles nunca o haviam visto tão cheio de entusiasmo. O próprio Béchoux ficou surpreso.

— Você rejuvenesceu no túmulo — exclamou ele.

— Você tem que deixar de ser mole, meu velho Béchoux — disse Raul. — É verdade, durante toda esta crise, você tem feito um papelão. Até dirigindo o carro, que bagunça você fez! Eu fiquei tremendo de medo. Você quer que eu te dê umas aulas?

A noite tinha chegado quando eles voltaram para o carro. Desta vez Raul assumiu o volante, e mandou Béchoux sentar-se ao seu lado, com as duas irmãs na parte de trás.

— E, acima de tudo — disse ele —, não tenhamos medo! Preciso me esticar, e quanto mais longe formos, melhor.

Na verdade, o carro parecia voar e rapidamente saltou ao longo das ruas empedradas e pela estrada que leva a Harfleur. Uma longa colina se nivelou diante deles e no planalto do Cauchois passaram sob uma tromba d'água. Eles atravessaram a cidade de Saint-Romain e tomaram o rumo de Lillebonne.

Às vezes Raul cantarolava uma canção de triunfo ou então zombava de Béchoux.

— E aí, meu velho, está surpreso? Nada mal para um moribundo. É assim, Béchoux, que um cavalheiro dirige. Parece que você está com medo! Catherine! Bertrande! Béchoux está assustado. Nesse caso, melhor parar, o

que vocês acham?

Ele virou para a direita, antes de começar a longa descida para Lillebonne, e foi em direção a uma igreja cujo campanário brilhava sob a lua e no meio das nuvens.

— Saint Jean-de-Folleville, vocês conhecem aquela aldeia, não conhecem, Bertrande e Catherine? Vinte minutos a pé de Barre-y-va. Eu preferia ter vindo por cima, para que ninguém nos ouvisse chegando pela estrada do Sena.

— Quem? — perguntou Béchoux.

— Você vai ver, gordinho.

Raul estacionou o carro ao longo de um aterro agrícola, e eles seguiram pela estrada rural que leva ao castelo e à aldeia de Basmes, à floresta da dona Vauchel e ao vale de Radicâtel. Caminhavam lentamente, com cuidado. O vento soprava, e nuvens finas faziam um véu em torno da lua.

Chegaram ao topo do elevado, não muito longe do mato onde Raul, no dia anterior, havia escondido a escada. Ele a encontrou novamente, encostou-a na parede, subiu e observou o parque. Então, chamou o grupo.

— Há dois deles trabalhando — disse-lhes em voz baixa. — Não estou muito surpreso.

Os outros, por sua vez, subiram, bastante ansiosos para ver, e enfiaram a cabeça.

Duas sombras, de fato, estavam em ambos os lados do rio, perto do pombal: uma na ilha, a outra na margem do parque. Elas não se moviam, nem pareciam se esconder. O que estavam fazendo? Que tarefa misteriosa estavam realizando?

Uma leve bruma chegava até as nuvens, e não se podia reconhecer os dois seres, se é que já não eram conhecidos. Suas silhuetas pareciam estar cada vez mais dobradas sobre o rio. Eles pareciam estar olhando para baixo e observando algo. Mas não tinham nenhuma lanterna para ajudá-los nessa tarefa. Pareciam dois caçadores furtivos que estavam vigiando, ou colocando armadilhas.

Raul carregou a escada até a casa de Béchoux. Depois todos foram para a mansão. Duas correntes com cadeados reforçaram a fechadura. Ele tinha feito cópias de todas as chaves, e também tinha a chave que abria a porta de trás da casa. Eles andavam com cautela, mas não havia perigo de que os outros, que trabalhavam no parque em frente à mansão, os ouvissem. Uma

lanterna muito fraca os iluminava.

Raul foi para a sala de bilhar e pegou, entre uma coleção de armas antigas fora de uso, uma espingarda colocada ali com antecedência.

— Está carregada — disse ele. — Admita, Béchoux, que o esconderijo é bom, e que você não suspeitava disso.

— Você não vai matá-los — murmurou Catherine, que estava ficando amedrontada.

— Não, mas eu vou atirar.

— Oh! Eu imploro.

Ele desligou sua lanterna e lentamente abriu uma das janelas, empurrando uma das persianas.

O céu estava cada vez mais cinzento. No entanto, ali, a cerca de sessenta ou oitenta metros, ainda podiam ser vistas as duas sombras, imóveis, como estátuas. A força do vento aumentava.

Alguns minutos se passaram. Uma das sombras fez um movimento lento. A outra, que estava na ilha, curvava-se mais sobre o rio.

Raul se ajeitou na melhor posição.

Catherine, angustiada, suplicou:

— Por favor… por favor…

— O que você quer que eu faça? — perguntou ele.

— Corra até eles e pegue-os.

— E se eles fugirem? E se escaparem de nós?

— Impossível.

— Eu prefiro uma certeza.

Ele fez pontaria.

O coração das duas jovens mulheres congelou. Elas desejavam que o terrível ato já tivesse sido feito e temiam ouvir a explosão.

Na ilha, a sombra se inclinava mais, e depois se afastava. Seria o sinal para atirar?

Logo ouviram-se dois disparos. Raul tinha atirado. E os dois seres rolaram sobre a grama, gemendo.

— Não saiam daqui — ele ordenou a Bertrande e Catherine —, não se movam!

Elas insistiram em segui-lo:

— Não, não — disse ele —, nunca se sabe como estes insetos podem reagir. Esperem por nós, e preparem o que é necessário para socorrê-los.

Além disso, não é nada demais. Foi nas pernas, tiros de chumbinho. Béchoux, você encontrará tiras de couro e duas cordas no armário do salão.

Ele mesmo, de passagem, pegou uma espreguiçadeira que podia servir de maca e dirigiu-se, sem pressa, em direção ao rio, nas margens do qual jaziam os dois feridos, inertes.

Sob seu comando, Béchoux segurava um revólver, e Raul disse ao oponente que estava mais próximo:

— Sem truques sujos, hein, camarada! Se tentar alguma coisa, o brigadeiro acabará com você como uma besta fedorenta. Além disso, de que adianta resmungar?

Ele se ajoelhou, jogou um facho de luz e zombou:

— Suspeitei que era você, senhor Arnold. Mas você foi tão hábil, que minhas suspeitas já estavam se dissipando, só tive certeza nesta manhã. Então, o que você estava fazendo aqui, velhote? Pescando pó de ouro no rio? Você vai explicar isso, não vai? Béchoux, ponha esse paciente na maca. Duas correias no pulso será o suficiente. E com delicadeza, sim? Ele tem chumbo na asa, ou melhor, no traseiro.

Eles o levaram cuidadosamente para o salão principal, onde as duas jovens tinham acendido as lâmpadas, e Raul lhes disse:

— Aqui está o pacote número um, o senhor Arnold. Meu Deus, sim… o empregado, o servo fiel do vovô Montessieux, seu homem de confiança. Vocês não esperavam por essa, esperavam? Vamos agora ao número dois.

Dez minutos depois, Raul e Béchoux pegaram o cúmplice, que tinha conseguido se arrastar até o sótão e cuja voz lacrimosa gaguejava:

— Sou eu… sim, sou eu… Charlotte… Mas eu não fiz nada… não fiz nada.

— Charlotte! — gritou Raul, rindo. — Vejam só, é a bela cozinheira, de macacão e calças de lona! Ela está encantadora assim, a sua amada! Mas mesmo assim, é Charlotte, a cúmplice do senhor Arnold! Essa foi difícil, e eu não tinha pensado nisso. Minha pobre Charlotte, eu salguei demais a parte mais carnuda de sua agradável pessoa? Vai cuidar dela, não vai, Béchoux? Oh, algumas compressas refrescantes, colocadas delicadamente e trocadas com frequência…

Raul inspecionou as margens do rio e pegou uma longa faixa de tecido fino, composta por dois panos costurados de ponta a ponta, que se arrastava de uma margem para a outra, embebendo-se na água.

Uma grande dobra formava um bolso na parte inferior.

— Ah! ah! — ele exclamou, alegremente. — Eis a nossa rede de pesca! Os nossos peixes dourados, Béchoux!

A inquisição

Os dois capturados foram deitados em dois sofás na sala de estar. O senhor Arnold, atingido diretamente na coxa, soltava queixas abafadas. Charlotte sentia menos dores, com apenas alguns chumbinhos ardendo no traseiro.

Bertrande e Catherine olhavam para eles com espanto. Elas não podiam acreditar em seus olhos. Arnold e Charlotte, os dois criados cujo apego sempre pareceu sem limites, dois confidentes, quase dois amigos… eram eles os culpados? Eles tinham planejado toda esta aventura sombria? Teriam eles traído, roubado, matado?

Béchoux, por outro lado, mostrava um rosto em decomposição, e tinha a atitude esmagadora de um cavalheiro sobre o qual recaíram as piores desgraças. Ele se inclinou sobre a cozinheira e falou baixo com ela, com gestos de ameaça, reprovação e desespero.

Ela encolheu os ombros e pareceu responder-lhe com um insulto de desdém, que o deixou furioso. Raul o acalmou.

— Desamarre-a, meu velho Béchoux. Sua pobre amiga não parece confortável.

Béchoux desamarrou as duas correias que apertavam os pulsos da mulher. Mas, assim que ficou livre, Charlotte caiu de joelhos diante de Bertrande e recomeçou suas lamentações.

— Eu não tive nada a ver com isso, madame. A senhora sabe que fui eu quem salvou o senhor d'Avenac…

Béchoux se sentou abruptamente. Em sua consternação, o argumento parecia irrefutável e o encheu de uma força inesperada.

— Mas é verdade! Que direito temos de dizer que Charlotte é culpada? E então, culpada de quê? Afinal, que provas temos contra ela? E que provas temos contra Arnold? Ou melhor, que acusações? Do que eles são acusados?

Béchoux, como se diz, curava-se com o seu próprio veneno, à medida que crescia em seu discurso. Ele se excitava, provocava, ganhava terreno e, voltando-se para Raul, atacava seu adversário no rosto.

— Sim, eu pergunto, de que você acusa esta infeliz mulher? De que você acusa Arnold? Você os pegou na beira da água, no Barre-y-va, quando eles deveriam estar no trem para Paris… E daí? Se eles preferiram adiar sua partida por um dia, isso é um crime?

Bertrande assentiu, impressionada pela lógica de Béchoux, e Catherine murmurou:

— Eu sempre conheci Arnold… O vovô confiava nele totalmente… Como você pode pensar que este homem poderia ter matado o marido de Bertrande, ou seja, da própria neta do vovô? E por que ele faria isso?

Raul disse da maneira mais tranquila do mundo:

— Eu nunca afirmei que ele matou o senhor Guercin.

— E então?

— Então vamos explicar — disse Raul, decidido. — O assunto é obscuro, complicado, e vamos desvendá-lo juntos. Acho que o senhor Arnold vai nos ajudar. Não é, senhor Arnold?

O criado, liberado de suas algemas por Béchoux, tinha se sentado, o melhor que podia, em uma poltrona. Seu rosto, geralmente indiferente, que buscava passar despercebido, agora mostrava uma expressão de desafio e arrogância que devia ser a verdadeira índole.

Ele respondeu:

— Eu não tenho medo de nada.

— Nem mesmo da polícia?

— Nem mesmo da polícia.

— E se nós lhe entregarmos?

— Vocês não vão me denunciar.

— É uma espécie de confissão o que você está fazendo!

— Eu não admito nada. E não estou negando nada. Eu não me importo com vocês, ou com qualquer coisa que vocês digam.

— E você, querida Charlotte?

A cozinheira parecia ter recuperado alguma coragem ao ouvir o senhor Arnold. Ela respondeu em voz alta:

— Nem eu, senhor, eu não tenho medo.

— Muito bem, então. Já tomaram suas posições. Veremos se correspondem à realidade. Isso será rápido.

E Raul, enquanto caminhava com as mãos nas costas, começou:

— Será rápido, embora devamos tratar do assunto desde o início. Mas vou me contentar com um simples resumo, que dará aos eventos o seu lugar cronológico e seu valor natural. Há sete anos, ou seja, cinco anos antes de sua morte, o senhor Montessieux contratou como camareiro o senhor Arnold, que tinha quarenta anos na época, e que havia sido recomendado a ele por um de seus fornecedores, que em seguida se enforcou, como resultado de algumas especulações bastante obscuras. Arnold, inteligente, hábil, ambicioso, deve ter percebido muito rapidamente que poderia se dar bem, algum dia, com um velho tão misterioso e tão original quanto seu chefe. Cuidou dele, curvou-se facilmente aos seus hábitos e manias, ganhou sua confiança, tornou-se seu criado, seu assistente de laboratório e seu factótum — em suma, tornou-se indispensável. Estou rastreando este período de acordo com o que você me disse, Catherine, e me disse sem realmente saber que eu estava perguntando, ao acaso, a partir de suas memórias. Bem, essas lembranças muitas vezes evocavam uma certa desconfiança que seu avô sempre reteve, mesmo com Arnold, e mesmo com você, que era sua favorita, mas não imaginava que ele tinha segredos, e que poderia ser útil conhecer esses segredos.

Raul fez uma pausa, notou a profunda atenção de seus ouvintes e continuou:

— Esses segredos, ou melhor, "o" segredo, era a produção do ouro. Sabemos disso hoje. Mas é bem certo que o criado Arnold já soubesse disso naquela época, já que o senhor Montessieux não o escondia de forma alguma, e até mostrou a seu tabelião, o senhor Bernard, os resultados de suas pesquisas. O que ele escondia eram os seus procedimentos. E era isso que o senhor Arnold queria saber a todo custo. Um segredo comercial? Havia um laboratório no sótão. E havia outro laboratório, mais misterioso, estabelecido no porão do pombal, como você me disse, Catherine, e para o qual o senhor Montessieux fez chegar eletricidade, por meio de fios que

foram ali encontrados. Mas será que havia mesmo fabricação de ouro? Os laboratórios não seriam uma farsa? Eles não serviriam a outros propósitos, sendo exatamente o principal deles fazer as pessoas acreditarem que o ouro estava sendo fabricado ali? Essas eram perguntas que o senhor Arnold fazia para si mesmo, e para resolvê-las ele observava seu mestre obstinadamente, e também em vão. No fundo, estou convencido de que, quando o senhor Montessieux morreu, ele não sabia nada além do que eu conhecia antes da leitura do testamento. E, afinal de contas, isso supostamente se reduzia a um certo número de deduções: que havia uma relação entre a presença do ouro em Barre-y-va, o curso do rio e a parte desse rio que atravessa a propriedade. Desde o início, meus olhos estavam fixos nas águas claras do Aurelle, e desde o primeiro momento notei o nome do rio, cuja etimologia é significativa. *Aurelle* significa rio de ouro, não é? Por isso eu vivia no barco, pescava em suas margens, tentando descobrir algum pedaço de metal que poderia emergir do fundo ou flutuar entre suas águas. O senhor Arnold deve ter agido como eu, durante as férias que seu mestre e Catherine tiravam na Páscoa e nos meses de verão. Ele continuou seu trabalho enquanto realizava operações bem-sucedidas na região, onde chegou a ser conhecido como o homem da cartola. Estou convencido, Béchoux, de que, se você analisasse as datas dessas façanhas, algo que nunca comentei com você, elas corresponderiam às estadas de Arnold na Barre-y-va. E depois veio a morte do senhor Montessieux, seguida do roubo do testamento, do qual estou inclinado a atribuir a responsabilidade ao senhor Arnold. Foi ele quem alertou o senhor Guercin, ofereceu seus serviços, revelou alguns detalhes sobre seu mestre e, finalmente, propôs um plano de ação. O resultado: o senhor Guercin veio a Barre-y-va e organizou com o lenhador Vauchel o transplante dos três salgueiros. Dali em diante, o rio faria parte do lote que a senhora Guercin herdará um dia. Tudo se combina desta forma entre os dois homens, lentamente, pois lhes faltam os elementos da verdade. O rio está, de fato, no centro das operações futuras. O ouro está lá, em algum lugar. Mas como resolver o problema sem as explicações prometidas pelo senhor Montessieux, e que Arnold e o senhor Guercin não conseguiram descobrir? Há apenas uma informação… se houver uma, e se estiver relacionada ao caso: a série de números traçados no final do testamento pelo senhor Montessieux. Não é muito, e é de se presumir que o senhor Guercin nunca tenha descoberto o significado disso,

e que ele mesmo nunca tenha dado importância. Entretanto, algo precisa ser feito. O eventual casamento de Catherine precipita as coisas. As duas irmãs decidem se estabelecer aqui. Melhor ainda! Arnold estará presente. Ele se corresponde com o senhor Guercin. Este chega, suborna o escrivão Fameron, certifica-se de dar validade ao testamento, introduzindo-o no dossiê Montessieux, e inicia suas investigações no parque.

— E morre assassinado pelo criado Arnold! — gritou Béchoux ironicamente, levantando a mesma objeção que já havia levantado em um debate anterior.

E Béchoux acrescentou:

— Pelo criado Arnold, que estava na soleira da cozinha quando o assassinato foi cometido, e que me seguiu enquanto eu corria para o pombal, de onde foi disparado o tiro!

— Você se repete, Béchoux — disse Raul. — E também vou me repetir, respondendo que o criado Arnold não matou o senhor Guercin.

— Nesse caso, mostre-nos quem fez isso. Ou foi o Arnold — e você diz que não foi — ou foi outra pessoa, e você não tem o direito de acusar Arnold de um crime que ele não cometeu.

— Não houve crime.

— O senhor Guercin não foi assassinado?

— Não.

— Então do que ele morreu? De resfriado?

— Ele morreu como resultado de uma série de infelizes armadilhas, criadas pelo senhor Montessieux.

— Ora, então o culpado seria o senhor Montessieux que não está entre nós há quase dois anos.

— O senhor Montessieux era um maníaco e um lunático, e essa é a única explicação. Ele era o dono do ouro, e não permitiria que ninguém mais levasse algo que ele havia procurado tanto, e que ele havia finalmente descoberto. Imagine que um avarento como o senhor Montessieux tivesse amontoado no porão do pombal um tesouro inestimável, e que ele acreditava ser inesgotável; você não acha que esse avarento acumularia precauções para defender sua propriedade durante sua ausência? Ora, nos últimos anos de sua vida o senhor Montessieux não podia mais suportar o inverno rigoroso das margens do Sena e, durante o verão anterior à sua morte, ele aproveitou os fios elétricos que o filho Vauchel havia instalado

em seu laboratório subterrâneo para instalar sozinho, em grande segredo, um sistema capaz de defender automática e mecanicamente a entrada do pombal. Bastava que um intruso tentasse abrir a porta e um revólver colocado à altura do homem disparasse contra ele e o atingisse no peito. Era matemático, infalível. Tendo sua obra-prima concluída, para criar mais segurança, o senhor Montessieux fez colocar uma placa em cada lado da ponte carcomida com esta inscrição: *"Cuidado. Passagem perigosa"*. Então, como no final de cada mês de setembro, ele fechou a casa, pegou as chaves e viajou para Paris com Arnold e Catherine. Naquela noite, ele morreu de uma congestão. Não tenho dúvidas de que sua intenção era deixar instruções para que, em caso de morte, ninguém tentasse entrar no porão sem desbloquear o sistema. Mas ele não teve tempo para isso, nem teve tempo de revelar o segredo do ouro. Vinte meses se passaram. Por acaso ninguém tentou abrir o pombal, e é claro que ninguém ousou se aventurar na ponte carcomida da ilha. Também foi por sorte que a umidade não tenha danificado os fios ou as balas da arma. Enfim, quando o senhor Guercin, tendo ouvido que Catherine frequentemente atravessava a ponte, aventurou-se, por sua vez, em se aproximar do pombal e, ao abri-lo, levou uma bala no peito. E, assim, ele não foi assassinado, mas morreu como vítima do acaso.

As duas irmãs ouviam Raul com atenção apaixonada e com a convicção óbvia de que ele não estava enganado. Béchoux permaneceu carrancudo. O criado, inclinado para a frente, não tirava os olhos de Raul d'Avenac. Ele continuou:

— Arnold sabia sobre o conjunto de armadilhas? Até onde sei, ele nunca foi para a ilha. Desconfiança fundamentada? Um esquecimento acidental? Eu não sei. O fato é que, após a morte do senhor Guercin, ele continuou sendo o único líder da trama para capturar os tesouros do senhor Montessieux. A Justiça, representada pelo juiz de instrução, não entendeu nada do caso; nem a polícia, representada pelo brigadeiro Béchoux, que em todas essas circunstâncias, devo dizer, demonstrou uma incompetência lamentável.

Béchoux interrompeu, encolhendo os ombros:

— Você deve ter adivinhado tudo isso rapidinho, não foi?

— No momento exato. A partir do momento em que não há ninguém para cometer o crime, é porque foi cometido por si mesmo. Foi apenas um

pequeno passo, a partir daí, para entender a situação. E entendi imediatamente, examinando os fios elétricos e a arma. Assim, voltando ao senhor Arnold, ele estava livre para agir como quisesse, enquanto se precavia de qualquer perigo que pudesse surgir. Então Dominique Vauchel, que tinha trabalhado com o senhor Montessieux, sabia algumas coisas e deveria ter adivinhado outras. Ele havia falado com a mãe, embora não fosse muito loquaz, e a velha tola começou a fofocar loucamente sobre os três "salgos" e sobre os perigos que Catherine estava correndo. Era necessário, portanto, manter um olhar atento.

— E foi por isso — zombou Béchoux — que Arnold começou por se livrar de Dominique Vauchel, e depois da dona Vauchel.

Raul bateu o pé e pronunciou em voz alta:

— Bem, não, é aí que você se engana, Arnold não é um assassino.

— Mas só pode, pois Dominique Vauchel e sua mãe foram mortos.

— Ele não matou nenhum dos dois — disse Raul com o mesmo entusiasmo. — Arnold não matou ninguém, pois chamamos de "matar" o ato de cometer um crime com premeditação.

Béchoux persistiu:

— No entanto, foi no próprio dia em que Catherine Montessieux havia marcado um encontro com Dominique Vauchel… e alguém que estava lá escondido, Arnold ou outra pessoa, ouviu sobre esse encontro… foi nesse dia que Dominique Vauchel apareceu esmagado debaixo de uma árvore.

— E daí? Não pode ser um acidente natural?

— Então foi coincidência?

— Sim.

— E a hesitação do médico?

— Um erro.

— E a tora que foi encontrada?

— Escute, Théodore — disse Raul, com uma voz mais calma. — Afinal de contas, você não é tão estúpido quanto parece, e compreenderá o valor do meu raciocínio. A morte de Dominique Vauchel precedeu a do senhor Guercin, mas foi mais um daqueles incidentes que, com o transporte dos três salgueiros e as previsões da dona Vauchel, assustaram Catherine Montessieux. Suponho que nesse momento tenha passado pela mente do senhor Guercin e do Arnold certa clareza em relação ao testamento, ou pelo menos às explicações que deveriam ser acrescentadas pelo senhor

Montessieux. Talvez tenham resolvido o enigma dos números escritos no documento. Ainda assim, outro plano se impôs ao criado Arnold, um plano baseado naquele terror crescente, que o assassinato do senhor Guercin deveria levar ao auge; e logo em seguida, no próprio dia do assassinato, a dona Vauchel, que já estava bastante louca, foi enterrada sob as folhas, sem que fosse possível identificar um motivo para assassiná-la. E, algum tempo depois, a pobre louca caiu da escada, sem que fosse possível afirmar nada, além da intenção de fazê-la cair da escada.

— Que seja! — gritou Béchoux. — Mas qual é o plano do criado Arnold? Aonde ele quer chegar?

— Ele quer que todos deixem o casarão. Ele veio aqui para pegar o ouro. Mas descobriu que não vai levar esse ouro, e que não poderá fazer o necessário para levá-lo, a não ser que o casarão esteja vazio e ninguém possa observá-lo. O casarão deve estar vazio antes de uma data fixa, que é o dia 12 de setembro, e para alcançar este resultado deve ser criado aqui um clima de pavor que fatalmente forçará as duas irmãs a partir. Ele não vai matá-las, porque não tem os instintos de um assassino. Mas ele vai afastá-las. E, uma noite, ele entra pela janela do quarto de Catherine e a agarra pela garganta. Você dirá que foi um atentado. Sim, mas um ataque simulado. Ele aperta a garganta, mas não a mata. Ele tinha tempo para isso. Mas qual seria o objetivo? Esse não é o seu propósito. E ele foge.

— Que seja! — gritou Béchoux, que estava sempre pronto para ceder, mas sempre teimava. — Que seja. Mas se foi realmente o Arnold que nós vimos no parque, quem foi que disparou um tiro de seu próprio quarto?

— Charlotte, sua cúmplice! Em caso de alerta, isso estava combinado entre eles. Arnold se faz de morto. Quando chegamos, não há mais ninguém. Ele voltou para o quarto, e nós o encontramos descendo, com o rifle na mão.

— Mas por onde ele subiu?

— Há três escadas, uma das quais está na extremidade, e que ele obviamente utiliza toda vez que faz algo à noite.

— Mas se ele fosse realmente o culpado, ele não teria sido atacado, e Charlotte também não!

— Simulação! Eles não devem ser suspeitos, a qualquer custo. Ele destrói uma tábua da ponte, e isso é o suficiente para um banho. Uma viga do pavilhão se solta, o pavilhão desmorona, mas Charlotte não é afetada, é

claro. É apenas para aumentar o terror. As duas irmãs não querem mais ficar. Mas, como elas hesitam, outro ataque, um tiro disparado pela janela em Bertrande Montessieux — um tiro que não a atinge, é claro. A mansão é fechada. As irmãs se instalam em Le Havre.

— Arnold e Charlotte também — observou Béchoux.

— E depois? Eles pedirão férias, ou seja, uma licença que lhes permitirá ficar na mansão furtivamente nos dias 12, 13 e 14 de setembro. E tenho tal intuição, ou melhor, uma convicção fundamentada, de que estas datas regem tudo; e quando as trago de volta para o encontro do tabelião, peço para anunciarem categoricamente sua partida para o dia 10 ou 11, no máximo. A partir de então, três semanas de paz. A mansão estará vazia… Entretanto a data está se aproximando. Arnold está com medo. Ele está ainda mais assustado porque Charlotte relata a ele certas reservas da senhora Guercin. Será que a partida não é fingida? Será que elas não voltarão inesperadamente? Não sou um homem de desistir. Ele sente. Ele se preocupa. E desta vez age com menos escrúpulos. Para vencer a batalha, ele não desiste de um ataque mais sério. E enquanto espiona nos meus passeios de barco, uma certa noite ele joga uma pedra gigante sobre mim… sobre mim e sobre suas duas patroas que me acompanham sem seu conhecimento. Isto foi realmente um ataque e, se escapamos, foi por um milagre. Mas a guerra está declarada. Eu sou definitivamente o inimigo. Devo ser eliminado. Arnold me espiona, não perde um único movimento que eu faço, não tem medo de se mostrar a meio caminho, jogando-me no rastro do homem da cartola. E então vem a agressão final, quando ele arrisca tudo. Ele me atrai para as ruínas da estufa, me enterra, e depois leva meu carro (pois sabe dirigir, algo que havia escondido de você), dirige até Paris e envia um telegrama, assinado por mim, pedindo às duas que se juntem a mim. Se vocês não o tivessem desafiado, ele teria ficado sozinho no casarão, como ele queria. Ele ficou furioso e, quando viu que eu havia conseguido cavar um túnel pelo qual poderia escapar, derrubou todos os escombros em cima de mim. Sem Charlotte eu estaria perdido.

Novamente Béchoux se empertigou:

— Então você vê! Sem Charlotte, você mesmo disse. Portanto, Charlotte não teve nada a ver com isso.

— Ela é cúmplice, desde o primeiro momento até o último.

— Não, porque ela lhe salvou.

— Remorso! Até então ela havia aceitado tudo do Arnold, aprovava e colaborava com todos os atos dele. No momento supremo, ela não quis que um crime fosse cometido, ou melhor, não queria que Arnold fosse um criminoso.

— Mas por quê? O que isso importava para ela?

— Você quer saber?

— Sim.

— Você quer saber por que ela não queria que Arnold se tornasse um criminoso?

— Sim.

— Porque ela o ama.

— Hein? O que você está dizendo? O que você ousa dizer?

— Eu digo que Charlotte é namorada de Arnold.

Béchoux levantou os punhos e gritou:

— Você mente! Você mente! Você mente!

Ouro

O criado Arnold tinha ouvido o relato de Raul com um ar de crescente paixão. Com suas mãos agarrando a cadeira, seu peito meio erguido sobre os braços, o rosto crispado com uma atenção que as palavras de Raul pareciam exasperar a cada minuto, ele escutou sem pronunciar uma palavra.

— Você mente! Você mente! — Béchoux continuava gritando. — E é abominável cobrir com insultos uma mulher que não pode se defender.

— Como não? — protestou Raul. — Ela tem a liberdade de me dar todas as respostas que quiser. Estou esperando, de cabeça erguida!

— Ela lhe despreza, e eu também. Ela é inocente, e Arnold também. Todas as suas histórias podem ser verdadeiras, e não duvido que sejam verdadeiras, mas não se aplicam a nenhum dos dois. Escute bem, faço objeção a suas acusações, e eu os defendo com minha autoridade e experiência! Eles não são culpados!

— Do que você precisa?

— Provas!

— Uma seria suficiente para você?

— Sim, se for irrefutável.

— Será que a confissão de Arnold seria uma prova irrefutável?

— Por Deus!

Raul se aproximou lentamente do criado e, cara a cara, olhos nos olhos, perguntou-lhe:

— Tudo o que eu disse é verdade, não é?

O criado articulou, surdamente:

— Desde a primeira palavra até a última.

E ele repetiu, com o tom estupefato de um homem que não entende nada:

— Desde a primeira palavra até a última. Eu poderia pensar que você testemunhou todas as minhas ações nos últimos dois meses e leu todos os meus pensamentos.

— Você está certo, Arnold. O que eu não consigo ver, eu posso adivinhar. Sua vida me parece tal como deve ter sido. O seu presente explica seu passado. Você deve sido de algum circo, onde foi acrobata, certo?

— Sim, sim — disse Arnold, em uma espécie de delírio, no qual ele parecia fascinado por Raul.

— Você não sabia como se esticar, alongar seu corpo para caber em um barril estreito? Apesar de sua idade, você ainda não consegue entrar em seu quarto por fora, usando os tubos e calhas?

— Sim, sim.

— Então eu estou errado?

— Não.

— Em nada?

— Em nada!

— E você não é namorado da Charlotte? E não foi por seu conselho que ela enfeitiçou Béchoux, e que ela o trouxe até aqui, para permitir que você trabalhasse à vontade, sob a proteção da polícia que ele representava?

— Sim… sim…

— E Charlotte não lhe mantinha a par sobre o que as patroas contavam a ela, ou seja, sobre os meus planos?

— Sim… sim…

Conforme o criado confirmava os detalhes dados por Raul, a raiva de Béchoux se tornava mais violenta. Lívido, cambaleante, ele agarrou o criado pelo colarinho e, sacudindo-o, gaguejou:

— Você está preso! Vou entregá-lo ao Ministério Público… você responderá por seus crimes perante a lei!

O senhor Arnold acenou com a cabeça e riu, ironicamente:

— Não… você não pode fazer nada… Entregar-me é entregar a Charlotte. E você não iria querer isso. E também seria um escândalo que comprometeria a senhora Catherine, a senhora Guercin. O senhor d'Avenac vai se opor a isso. Não é, senhor d'Avenac, o senhor é que é o chefe, e a

quem Béchoux é obrigado a obedecer, não é? O senhor não vai se opor a qualquer ação contra mim?

Ele parecia desafiar Raul e aceitar o duelo, no caso de Raul decidir lutar. Raul também sabia que Bertrande tinha sido cúmplice de seu marido, e que a menor revelação seria um terrível golpe para o afeto das duas irmãs! Entregar Arnold à lei seria uma vergonha pública para Bertrande.

Raul d'Avenac não hesitou. Ele disse:

— Estamos de acordo. Seria um absurdo causar um escândalo.

O senhor Arnold insistiu.

— Portanto, eu não devo temer represálias?

— Não.

— Estou livre?

— Você está livre.

— E como, em resumo, eu contribuí em grande parte para um negócio que um homem do seu nível logo realizará, não tenho direito a uma parcela pessoal nos lucros futuros?

— Oh, não! — disse Raul, rindo de coração. — O senhor exagera, senhor Arnold.

— Essa é a sua opinião, não a minha. Em qualquer caso, eu exijo.

Estas duas sílabas foram entoadas em voz alta, e em uma voz que não era brincadeira. Raul viu a cara teimosa do criado e ficou alarmado. O inimigo teria uma carta secreta na manga, que lhe permitia ditar seus termos até certo ponto? Ele se curvou diante dele e disse suavemente:

— Chantagem, hein? Com que fundamentos? Em que você está se baseando?

Arnold murmurou:

— As duas irmãs te amam. Charlotte, que é ligeira como uma mosca, tem provas disso. Há muitas brigas bem acirradas a seu respeito. Elas não sabem a razão disso, nem mesmo sabem o que está acontecendo dentro delas. Mas uma única palavra pode esclarecê-las, e elas se tornariam inimigas mortais. Devo dizer essa palavra?

Raul esteve a ponto de lhe dar um belo soco como sinal de punição. Mas ele sentiu a arrogância desse gesto. E, lá no fundo, a revelação do criado o perturbava infinitamente. Os sentimentos das duas irmãs não lhe eram desconhecidos. Naquela mesma manhã Bertrande o beijara com um ardor que ele não podia ignorar, e muitas vezes tinha provas de toda a

ternura amorosa que Catherine lhe dava. Mas eram coisas profundas, emoções confusas, que ele deixava deliberadamente nas sombras, para que não se perdesse a doçura e o encanto. “Não vamos pensar nisso”, pensou. “Tudo desapareceria com a luz do dia.” E gritou alegremente:

— Bem, senhor Arnold, seus argumentos não são desprovidos de mérito. De que material é feito o seu grande chapéu?

— De tela, o que me permitia colocá-lo no meu bolso.

— E seus enormes sapatos?

— Feitos de borracha.

— O que lhe permitia caminhar silenciosamente e deslizá-los pelos buracos por onde escorregava o seu corpo de acrobata?

— Isso mesmo.

— Senhor Arnold, seu chapéu de tela e seus sapatos de borracha serão preenchidos com pó de ouro.

— Obrigado, senhor. Eu o ajudarei com meus conselhos para encontrar o ouro.

— Não é necessário. Você falhou, o bolso da rede que você arrastou pelo rio está vazio. Mas eu vou conseguir. Um detalhe, porém: quem decifrou o enigma dos números traçados pelo senhor Montessieux?

— Fui eu.

— Em que momento?

— Alguns dias antes da morte do senhor Guercin.

— E foi isso que o orientou?

— Sim.

— Perfeito… Béchoux!

— O que é? — rosnou o policial, sem se mexer.

— Você ainda está convencido de que seus amigos são inocentes?

— Mais do que nunca.

— Esse é o espírito. Bem, ocupe-se deles, cuide deles, alimente-os… e não os deixe sair desta sala até que eu tenha terminado meu trabalho. Além disso, “salgados” como eles estão, não creio que sejam capazes de se mover pelas próximas quarenta e oito horas. Isso é mais do que eu preciso, e vou fazer tudo sem precisar deles, cada um de nós fazendo suas próprias tarefas domésticas. Boa noite. Estou caindo de sono.

O criado Arnold o deteve com um gesto.

— Por que você não tenta a sorte hoje à noite?

— Ora, vejo que você agiu sem compreender, e que não entendeu o total significado dos números. Isto não é uma questão de sorte, senhor Arnold, mas uma certeza. Ocorre que…

— Ocorre o quê?

— Não há vento suficiente nesta noite.

— Então será amanhã à noite?

— Não, amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã!

A exclamação do senhor Arnold provou que ele, de fato, não tinha entendido nada.

Se o vento era um auxiliar necessário, Raul estava favorecido. Durante toda a noite ouviram-se assobios e uivos. Pela manhã, malvestido, Raul o viu, pelas janelas do corredor, sacudindo as árvores e correndo do oeste, pelo vale do Sena, duro, intratável, tumultuoso, perturbando o largo rio que vinha ao seu encontro.

Na sala, Raul encontrou as duas irmãs. Eles tinham preparado o café da manhã.

Béchoux chegou do vilarejo com pão, manteiga e ovos.

— São para seus dois amigos, esses mantimentos?

— O pão será suficiente para eles — disse Béchoux, com raiva.

— Ei, ei, você parece pouco entusiasmado…

— Dois malandros! — ele mastigou. — Eu amarrei os pulsos deles, por segurança. E tranquei a porta. Além disso, eles não podem andar.

— Você colocou compressas nas áreas sensíveis?

— Você está louco. Que eles se danem!

— Então, você vem conosco?

— Por Deus!

— Esse é o espírito. Você está de volta ao lado certo da trincheira.

Todos comeram com bom apetite.

Às nove horas eles se aventuraram do lado de fora, com uma chuva forte que se fundia com as nuvens baixas, impulsionadas pelo sopro da tempestade — uma tempestade de cataclismo que parecia plantar obstáculos para aniquilá-los.

— É a maré — disse Raul. — Ela se anuncia com relâmpagos. Quando a tempestade tiver passado, com a grande onda da maré montante, a chuva talvez diminua.

Atravessaram a ponte e, virando à direita, para a ilha, chegaram ao pombal. Por iniciativa própria, Raul tinha mandado fazer uma chave um mês antes e nunca se separava dela.

Ele abriu a porta. No interior, os fios elétricos que os tinha restaurado estavam funcionando. Acendeu a luz. Um cadeado forte mantinha a escotilha fechada. Ele também tinha a chave.

O subsolo estava iluminado. Quando as duas irmãs e Béchoux desceram, elas avistaram uma escada, e Raul apontou para elas, na parede oposta à escada, uma tela de arame com malhas tão próximas umas das outras como uma tela de tapeçaria, e que cobria todo o comprimento da parede a uma altura de quarenta centímetros, no máximo. Uma armação de ferro a cercava.

— A ideia do senhor Arnold — disse Raul — não foi uma ideia ruim. Com dois tecidos costurados juntos e formando um bolso, ele bloqueou o rio. Mas os tecidos flutuantes não alcançavam o fundo, que é o principal. Esse inconveniente não ocorre com a estrutura construída pelo senhor Montessieux.

Ele subiu no escadote. Na parte superior da caverna, um metro acima do nível da água, havia um buraco alongado, fechado por uma janela empoeirada. Ele abriu. O vento, o frio do exterior, o respingar da água, tudo entrou imediatamente. Com a ajuda de Béchoux, Raul deslizou a armação através desta abertura, inserindo os lados da armação em duas estacas acionadas em cada lado do Aurelle e escavadas com corrediças, e deixou-a cair.

— Bem — disse —, o próprio fundo do rio é barrado, assim como uma rede de pesca que captura peixes. Note, a propósito, que, se esta peneira foi construída recentemente, as estacas com dispositivos datam de muito tempo atrás, talvez um século ou dois. No século XVII, no século XVIII, os moradores de Barre-y-va já manuseavam todo esse sistema, que deve ter sido mais complicado do que este que vemos.

O grupo deixou a torre. A chuva tinha diminuído. Nas bordas, entre as pedras e a lama, destacavam-se as cabeças desgastadas de duas estacas. Como havia outras, elas não eram particularmente perceptíveis.

Neste momento, o Aurelle, muito baixo, havia parado de fluir em direção ao Sena. Após um instante de equilíbrio houve uma luta entre a água que queria seguir seu curso normal e a água que começava a fluir do

grande rio, e a efervescência produzida pelo fluxo da maré podia ser ouvida. Sob o tremendo impulso da maré, que o vento levantava e aumentava dez vezes mais, uma enorme onda invadia o Sena, enchendo o vale de redemoinhos, com montanhas de água que saltavam e rodopiavam.

E o Aurelle, hesitante, invadido por sua vez pela inundação irresistível em que o mar e o Sena se misturavam, inchado por esta onda mais forte que ele, cedeu terreno, recuou, foi superado, absorvido e, subitamente fugitivo, subiu em direção à sua nascente.

— Que fenômeno estranho! — gritou Raul. — Somos privilegiados. É raro, tenho certeza, que isso ocorra com tal magnitude e ardor. Não devemos perder um detalhe se quisermos entender tudo.

Ele repetiu:

— Entender tudo! Dentro de alguns minutos, todas as razões decisivas serão vistas a olho nu.

Ele atravessou a ilha correndo e, passando para o outro lado, subiu a encosta que levava ao topo das rochas. Parando no local onde Arnold havia escorregado por suas mãos, ele se inclinou sobre o desfiladeiro. Estrangulada entre as rochas e o Butte-aux-Romains, a massa de água havia subido até o ponto médio do penhasco, circundando o Butte, e estava agitada nesta cuba da qual só podia escapar por uma saída estreita, que a deixava cair em uma fina cascata sobre o prado dos três salgueiros.

Outras massas de água subiam com força, impulsionadas pelo vento e infladas pelas rajadas de chuva, lançadas como pacotes pelas nuvens agitadas.

Béchoux e as duas irmãs se apressaram para perto de Raul para ver o que ele assistia. Ele murmurava frases curtas, nas quais seus pensamentos se expressavam em pedaços.

— É isso mesmo, foi o que eu presumi. Se os eventos continuarem de acordo com minha hipótese, tudo será explicado. E não pode ser de outra forma… Se fosse de outra forma, não haveria lógica.

Meia hora se passou. Ao longe, no Sena, cuja imensa curva podia ser vista, a grande batalha se afastava, trazendo consigo sua escolta de tempestades e chuviscos, e deixando para trás um rio alargado, sacudido por arrepios, mas cuja velocidade estava se tornando menos intensa.

Passou-se mais meia hora. O rio estava se acalmando. Ele se imobilizava sob a ofensiva, ainda que tímida, da fonte que tentava retomar seu curso

normal. Quase cercado, o Butte-aux-Romains se esvaziava da água que o havia invadido e corria em uma centena de ravinas, que deslizavam ao longo de seu terreno gramado e entre as rachaduras de suas fundações. O nível da água diminuiu drasticamente, e o Aurelle acelerou seu ritmo, como se fosse sugado de volta para o rio onde ia se perder.

E tudo voltou à sua aparência cotidiana. A chuva havia cessado.

— Vejam — disse Raul. — Eu não estava enganado.

Béchoux, que não havia proferido uma palavra, objetou:

— Para que você não esteja enganado, é preciso que haja pó de ouro. Você estendeu suas redes, e retomou, da maneira que deveria ter sido feita, a tentativa de Arnold, e afirma que os elementos o favoreceram. Consequência matemática: ouro. Onde está o ouro?

Raul o encarou.

— É nisso que você está mais interessado, certo?

— Nossa Senhora! E você, não?

— Eu não. Mas admito perfeitamente que você tenha esse ponto de vista.

Eles voltaram pelo caminho rochoso e retornaram para a ilha ao lado do pombal. Raul confessou:

— Não tenho certeza de como o senhor Montessieux fez suas colheitas, nem se ele foi capaz de fazer tudo isso. Imagino, além disso, que devem ter sido em número reduzido, dada a complexidade das condições necessárias. Em todo caso, ele certamente tinha à sua disposição os meios já existentes, as válvulas, os tubos de drenagem etc., que esse tempo não me permitiu encontrar e aperfeiçoar. No máximo, descobri a peneira para estabelecer a barragem e, no sótão do casarão, o que é chamado de rede de imersão. Veja, Béchoux. Está ali, no chão, aos pés daquela árvore.

De fato, havia ali um dispositivo com um anel de ferro e uma rede, mas uma rede metálica com malhas imperceptíveis como as de uma peneira.

— Béchoux, você não gostaria de ir até o rio? Não? Pois pesque, meu velho, e raspe o fundo, ao longo de toda a tela da represa.

— Do lado da fonte?

— Sim, como se o rio, fluindo em sua verdadeira direção, tivesse carregado o pó de ouro que se colou à peneira.

Béchoux obedeceu. O cabo era longo. Colocando os pés em uma grande pedra na margem, ele poderia alcançar três quartos do rio.

Ao chegar lá, ele puxou a rede de volta, arrastando o círculo de ferro pelo fundo.

Todos estavam em silêncio. O instante era solene. Será que as previsões de Raul estavam certas? Fora realmente neste leito de cascalho fino e algas que o senhor Montessieux havia recolhido seu precioso pó?

Béchoux terminou seu trabalho e ergueu a rede.

Na rede metálica havia cascalho e algas, mas também alguns pontos que brilhavam. Eram pó e algumas pepitas de ouro.

As riquezas do procônsul

— Vejam — disse Raul, entrando na sala de visitas do casarão. Ali estavam o criado e Charlotte, amarrados em dois sofás distantes um do outro. Não pareciam nada confortáveis. Aqui, senhor Arnold, eis uma parte do que prometi, o suficiente para encher metade do seu chapéu. Quanto ao resto, você só terá que raspar o rio no lugar que seu amigo Béchoux lhe mostrará, e você terá muito para seus pequenos regalos de Natal.

Os olhos do criado brilharam. Ele já podia se ver sozinho na propriedade, fazendo colheitas frutuosas, já que possuía o segredo do senhor Montessieux.

— Não se alegre muito — disse Raul. — Amanhã… nesta noite… terei secado a preciosa fonte, e você terá que se contentar com o acordo que fizemos.

Todos se retiraram para seus aposentos para trocar as roupas que estavam encharcadas. O almoço os reuniu. Raul falou alegremente de todo tipo de coisas. Mas Béchoux, que estava ansioso para saber mais, o pressionou com perguntas.

— Assim, os eventos destacam um fato que pode ser resumido nestas poucas palavras: o rio carrega ouro de forma constante, mas infinitesimal. Sob a ação de certos elementos, e em certos momentos, ele carrega pepitas maiores que se acumulam especialmente nas proximidades da torre. É isso, não é?

— De jeito nenhum, meu velho. Você ainda não entendeu uma maldita palavra disso tudo. Essa é a crença primitiva dos proprietários de Barre-y-va, uma crença transmitida a Montessieux ou redescoberta por ele. É a crença do senhor Arnold. Mas, quando se tem uma mente construtiva, o que não é o seu caso, não se para na metade do caminho, e se vai aos

limites extremos da verdade. Mas eu tenho uma mente construtiva e sou o primeiro que, neste caso, não parou na metade do caminho. Vamos pegar a estrada juntos, vamos, Béchoux?

Raul tirou de seu bolso uma folha de papel na qual estavam os números escritos pelo senhor Montessieux, e os leu em voz alta:

3141516913141531011129121314

— Se você examinar este documento cuidadosamente, verá — o senhor Guercin e o Arnold levaram meses e meses para perceber isso — que o número 1 aparece a cada duas vezes, e assim você pode formar quatro séries de números de dois dígitos, e que são separados duas vezes por um 3, e duas vezes por um 9. Retire estes dígitos intermediários, e você terá:

14.15.16 — 13.14.15 -10.11.12 — 12.13.14.

— Naturalmente, entre as hipóteses que vêm à mente, uma leva a acreditar que esses números são datas, e que os números 3 e 9 que os separam representam certos meses, o mês de março e o mês de setembro. Esses eram os meses em que regularmente o senhor Montessieux ficava aqui. Todos os anos ele passava parte de março no Barre-y-va, e todos os anos ele não saía até a segunda quinzena de setembro. Portanto, pode-se assumir que, antes de sua partida há dois anos, o senhor Montessieux escreveu, como lembrete, os quatro grupos seguintes de datas em que o rio entregaria ou poderia entregar parte de seu ouro, ou seja: 14, 15 e 16 de março e 13, 14 e 15 de setembro do ano passado; 10, 11 e 12 de março e 12, 13 e 14 de setembro deste ano. Bem, 12 de setembro foi ontem, 13 de setembro é hoje, e é nisso que o senhor Arnold construiu todo o seu plano. Para ele, o senhor Montessieux, baseando-se em dados antigos e em tradições que datam de vários séculos, agia nas datas fatídicas verificadas pela experiência. Desde que ele tenha coletado ouro em tal ou tal data, e desde que saiba que o coletará nessas mesmas datas, Arnold não teria dúvidas. No momento oportuno, ele agiria.

Béchoux observou:

— Bem, Arnold não se enganou. As datas anotadas pelo senhor Montessieux são as datas certas.

— Por que são as datas certas?

— Por razões que eu não sei.

— Idiota! Por razões que você conhece, assim como eu. Por razões que eu pressenti desde o início.

— Quais?

— Essas são as datas das marés altas, seu triplo imbecil. São o equinócio da primavera e o equinócio do outono. Duas vezes por ano, a maré sobe o Sena com mais violência, de manhã e à noite, e por vários dias. Acrescente a isto o fato de que as marés do equinócio são mais fortes que as outras, e que o vento pode aumentar a intensidade da maré, e você entenderá que são necessárias circunstâncias especiais para ter sucesso, o que raramente ocorre.

— E quando elas sobem — disse Béchoux, após cuidadosa consideração — os pedaços de ouro que flutuam no rio ou jazem em algum buraco são colocados em movimento e se instalam no local que encontramos.

Raul bateu com o punho em cima da mesa.

— Não, não, mil vezes não! Não é nada isso. Esse é o erro cometido por aqueles que conheciam o segredo e tiraram proveito dele. A verdade está em outro lugar.

— Explique-se.

— Não há realmente nenhum rio em nosso país que carregue ouro. Pode haver ouro em um rio, mas não de forma natural. Não é uma qualidade da areia que rola para o fundo, ou das pedras que forram o leito.

— Nesse caso, de onde veio o ouro que vimos lá?

— De uma mão que o colocou lá.

— O que você está dizendo? Você está louco! Uma mão que renovaria o fornecimento cada vez que uma grande maré o esgotasse?

— Não, mas uma mão que depositou ali tamanho suprimento que nenhuma série de grandes marés poderia esgotá-lo. Não há depósito de ouro produzido por forças físicas ou químicas, mas, sim, um depósito de ouro empilhado por homens. Não estamos diante de uma fabricação, como o senhor Montessieux queria fazer-nos acreditar, nem de uma produção espontânea, como ele acreditava, e como outros achavam, mas estamos diante de um tesouro, simplesmente um tesouro que flui pouco a pouco, quando certas condições são preenchidas. Você está começando a entender, Béchoux?

Béchoux ponderou por alguns segundos e respondeu:

— Eu não quero saber. Continue.

Raul sorriu, olhou para as duas irmãs que o escutavam apaixonadamente e disse:

— Na minha opinião, é o que pode ser chamado de operação em duas fases. Primeira fase: um tesouro considerável é depositado em um determinado lugar, em um recipiente sólido, hermeticamente selado. Ele permanece lá por dezenas, centenas de anos… até o dia em que ocorrem rachaduras no recipiente e, sob a ação de forças externas que acontece em intervalos distantes, pedaços do conteúdo escapam. Esta é a segunda fase. Quando isso aconteceu pela primeira vez? Quem coletou primeiro um pouco desse ouro liberado? Eu não sei. Mas não me parece impossível de descobrir, estudando os arquivos locais das paróquias ou das famílias nobres.

— Eu sei o que é — disse Catherine, sorrindo.

— Sério? — exclamou vivamente Raul d'Avenac.

— Sim, o vovô tinha — e eu acho que está em Paris — um plano da propriedade datado de 1750. Nele o rio não é designado sob o nome de Aurelle. Em 1759 ainda era chamado de Bec-Salé.

Raul triunfou.

— A prova é formal. Assim, há pouco mais de um século e meio ocorreu um evento, e o Bec-Salé, ou seja, o rio salgado *(salé)* tornou-se o Aurelle, por razões que gradualmente impuseram esta mudança de nome. Desde então, estas razões foram esquecidas, provavelmente por causa da raridade do fato. Mas o fato em si persistiu, e hoje nós testemunhamos isso.

Béchoux parecia convencido. Ele disse:

— Eu pedi que esclarecesse: você esclareceu. Peço a gentileza de concluir logo.

— Concluo, Théodore. Você acabou de ver como as designações são importantes, especialmente no campo, onde os nomes de um lugar, uma colina, um curso de água, sempre derivam de uma causa real e se perpetuam muito além do tempo, depois que que essa causa é esquecida. É esta regra invariável que, desde os primeiros dias, chamou minha atenção para o Butte-aux-Romains. E é por isso que, desde o início, examinei a formação deste monte. Reconheci imediatamente o que os romanos chamavam de túmulo. Não era um monte natural, mas um monte artificial em forma de cone, com uma base de escombros e cursos alternados de terra e pedra. Geralmente era usado como local de sepultamento e, no

centro, eram construídas câmaras fúnebres. Mas também era usado para esconder armas, baús de prata e ouro. Ao longo dos séculos, nosso túmulo tornou-se compactado, e provavelmente entrou em colapso por dentro. Uma vegetação espessa o cobriu, e tudo o que restou de seu passado foi aparentemente o nome, Butte-aux-Romains. Mesmo assim, minha atenção permaneceu alerta. E foi talvez neste contexto que germinou em mim a ideia de um tesouro, uma ideia que se misturou com aquela ideia do vazamento de metal precioso que poderia ocorrer. A conformação do tumulo, três quartos do qual estão rodeados por uma curva no rio, reforçou a minha hipótese. E você viu, antes, a pressa com que eu fui verificar. Eu estava certo. A água estava subindo, formando, entre o penhasco e o monte, uma espécie de tanque, como um reservatório que ficava sempre mais alto. Quando o fluxo parou, quando o rio começou a descer, este reservatório teve que se esvaziar por todas as saídas possíveis, ou seja, por todas as rachaduras, escavações, as fissuras e as fendas que esburacam o Butte como um filtro. O resultado: à medida que a água passava, levava consigo tudo o que era pó, e pequenos flocos. E foi isso que colhemos contra a barragem da peneira.

Raul ficou em silêncio. A estranha história apareceu diante de todos em toda a sua glória, tão simples e tão lógica, e nenhum deles pensou em expressar a mais leve objeção. Béchoux murmurou:

— É um esconderijo muito inseguro, esse monte cercado por água.

— O que sabemos? — exclamou Raul. — O estuário do Sena sempre sofreu profundas mudanças e, naquela época, o túmulo era talvez mais isolado, menos acessível às marés fortes. E não se esconde um tesouro para a eternidade: esconde-se em favor de alguém, que deverá gozá-lo e vigiá-lo, e que agirá de acordo com as ameaças imprevistas. Mas muitas vezes o segredo, transmitido regularmente no início, acaba sendo perdido. A localização exata do cofre não é mais conhecida, nem a senha que abre a fechadura. Lembre-se dos tesouros dos reis da França, trancados na Aiguille d'Étretat[11]. Lembre-se dos tesouros religiosos da Idade Média, enterrados perto da Abadia de Jumiège[12]. O que sobrou de tudo isso? Lendas que uma mente mais sábia do que outras converteu, um dia, em realidades. Bem, hoje, neste mesmo país de Caux, velho país da França onde a história sempre foi favorável às grandes aventuras e misturada com os grandes segredos nacionais, nos deparamos com um desses problemas

apaixonantes que tornam a vida mais interessante.

— O que você está supondo?

— É o seguinte. Dada a proximidade de Lillebonne — a *Julia Bona* dos romanos, uma importante capital, e cujo antigo teatro comprova sua vitalidade durante o período galo-romano[13] —, algum procônsul, tendo sua casa de campo, sua vila em Radicâtel, deve ter escondido sua riqueza pessoal, o fruto de suas rapinas, transformado em pó de ouro, neste antigo túmulo, construído, talvez, pelos exércitos de Júlio César. Ele deve ter morrido durante alguma expedição ou após alguma orgia, sem ter tido tempo de passar seu segredo para os filhos ou os amigos. Então, depois, houve todo o caos da Idade Média, todas as revoltas do país, as lutas contra os homens do Oriente, contra os homens do norte, contra os ingleses. Tudo se desvaneceu na escuridão. Nem mesmo uma lenda. O problema nem sequer apareceu. Apenas um trecho do passado que emerge no século XVIII… um pouco de ouro que flui. Depois, o drama que foi vivido… o senhor Montessieux… o senhor Guercin…

— E você aparece! — murmurou Béchoux, naquele tom de admiração quase místico que ele às vezes assumia ao falar com Raul.

— E eu apareço! — repetiu Raul, alegremente.

As duas irmãs também olharam para ele, como se olhassem para uma figura de essência particular, acima das dimensões humanas.

— E agora — disse Raul, levantando-se — vamos trabalhar. O que resta do tesouro do meu procônsul? Talvez não haja muito, seja porque era originalmente pequeno, seja porque as marés o dissolveram gradualmente e o levaram, quem sabe para onde. Mas vamos tentar.

— Como? — disse Béchoux.

— Abrindo o túmulo.

— Mas é um trabalho que leva vários dias. Temos que derrubar árvores, abrir trincheiras, cavar, carregar terra. E como não podemos pedir ajuda a ninguém…

— Vai levar uma hora ou duas, três no máximo.

— Oh! Oh!

— Mas sim! Se admitimos que o túmulo foi usado como uma arca, devemos admitir que uma arca não é colocada nas entranhas da terra, mas em um lugar que, embora invisível e “insuspeito”, é de fácil acesso. Bem, enquanto escavava no meio do mato, descobri que a primeira camada de

pedras situada um metro acima do solo transbordava um pouco, e evidentemente constituía, no passado, um estreito caminho circular. Além disso, notei que, deste lado, de frente para o casarão, e sob grossas camadas de hera, há uma espécie de reforço, uma rotunda, que deve ter abrigado alguma estátua de Minerva ou de Juno, que estaria ali tanto como guardiã quanto como um indicador. Pegue uma picareta, Béchoux. Farei o mesmo e, se eu não estiver enganado, não tardaremos a conhecer a solução do problema.

Desceram ao galpão onde eram guardados os utensílios de jardinagem, escolheram duas picaretas e, acompanhados pelas jovens, foram para os arredores do Butte-aux-Romains.

Raízes e plantas, ainda molhadas, foram puxadas para cima; o caminho foi desobstruído, a rotunda foi descoberta, e as rochas, que formavam o fundo, foram quebradas a picaretadas.

Esta muralha demolida foi seguida por outra, trabalhada com mais delicadeza, onde vestígios de mosaicos e restos de um pedestal, sobre o qual a estátua deveria ficar de pé, ainda podiam ser vistos. Seus esforços se concentraram neste ponto.

A água vertia por todos os lados e se espalhava em poças, que gotejavam até o rio. Logo uma das picaretas furou a divisória e passou pelo vazio. Eles ampliaram a abertura. Raul acendeu sua lâmpada.

Como ele havia previsto, eles encontraram uma escavação bastante baixa, onde se podia simplesmente ficar de pé e que, sem dúvida, havia servido como câmara funerária. Um pilar central suportava o teto. Ao seu redor se agrupavam três potes provençais feitos de terra esmaltada, com um corpo largo, que ainda são usados no sul da França para preservar o óleo. Os escombros de uma câmara estavam espalhados sobre o solo viscoso. Pontos dourados brilhavam.

— Foi o que eu disse — disse Raul. — Vejam as paredes desta pequena caverna… todas rachadas e descascadas. Após a enchente das grandes marés, começa a infiltração, e formam-se pequenas cachoeiras, que buscam a saída e abrem escoadouros. E os grãos de ouro e pedaços de metal escorregam por esses escoadouros.

A emoção prendia a garganta de todos. Por um momento eles ficaram em silêncio naquela sala escura, onde quinze ou vinte séculos atrás um ser humano depositara sua riqueza, e onde ninguém tinha entrado desde

então. Quantos mistérios tinham se acumulado ali, e que milagre estar ali agora!

Com a ponta de sua picareta, Raul quebrou o gargalo de cada um dos três potes e os iluminou, por sua vez, com o facho de sua lanterna. Todos estavam repletos de pepitas de ouro, grãos de ouro, pó de ouro! Com as mãos cheias, ele pegou dois punhados e os deixou cair, e eles brilharam à luz da lâmpada.

Béchoux estava tão abalado com esse espetáculo que seus joelhos se dobraram e, sem dizer uma palavra, caiu sentado no chão, sobre os calcanhares.

As duas irmãs estavam igualmente mudas. Mas não era a visão de ouro que as perturbava. Nem mesmo a poderosa impressão, que eles tinham sentido, de estar no coração de uma aventura que já durava vinte séculos, com todas as reviravoltas do passado e do presente se desdobrando diante de seus olhos desnorteados. Não, era outra coisa. E, enquanto Raul as questionava em voz baixa sobre seus pensamentos secretos, uma delas respondeu:

— Estamos pensando em você, Raul… no homem que você é…

— Sim — disse a outra —, em tudo o que você faz, tão facilmente, se arriscando… Não conseguimos entender… é tão simples e ao mesmo tempo tão extraordinário…

Ele sussurrou, e cada uma delas pôde acreditar que tinha ouvido sozinha, e que ele falava somente com ela:

— Tudo é fácil quando você ama e quer fazer alguém feliz.

Foi apenas à noite, sob o véu da escuridão — não poderiam estar espiando de fora? —, que Raul se aproximou de seu carro, com dois grandes sacos cheios até a borda, retirados do Butte-aux-Romains. Então ele e Béchoux aterraram a escavação e, da melhor forma possível, apagaram os restos do trabalho que havia sido feito.

— Na próxima primavera — disse Raul — a natureza se encarregará de recobrir tudo. E como até lá ninguém entrará no casarão, ninguém jamais saberá, exceto nós quatro, o segredo do rio.

O vento tinha diminuído. A segunda maré do dia 13 de setembro foi fraca, e era de se presumir que as duas marés do dia 14 apenas elevariam a água a um nível normal, sem que o Butte fosse cercado.

À meia-noite, Catherine e Bertrande entraram no carro. Raul foi dizer adeus ao senhor Arnold e a Charlotte.

— Bem, meus pequenos frangotes, como estão? Ainda dói ao sentar? Meu Deus, parece que você ainda está lamentando, linda Charlotte. Ouçam-me, vocês dois… Vou deixá-los aqui por quarenta e oito horas, com Théodore Béchoux como enfermeiro, cozinheiro, dama de companhia e leão-de-chácara. Além disso, Béchoux ficará encarregado de passar o pente-fino no rio, e de raspar para vocês as películas de ouro. Depois ele os enviará, de trem, para onde vocês desejarem, com os bolsos cheios de pepitas e seixos, e a alma cheia de boas intenções. Pois não tenho dúvida de que vocês deixarão suas duas patroas em paz, e vão se dependurar em outro lugar. Estamos combinados, senhor Arnold?

— Sim — disse este, claramente.

— Maravilha. Tenho certeza de sua boa-fé. O senhor viu em mim um cavalheiro que não mente, e eu o impressionei um pouco, não foi? Portanto, aqui nos separamos. De acordo também, amável Charlotte?

— Sim — disse ela.

— Perfeito. Se por acaso você deixar o senhor Arnold…

— Ela não vai me deixar — rosnou o criado.

— Por quê?

— Nós somos casados.

Béchoux cerrou seus punhos e se articulou:

— Cretina! E ainda queria que eu me casasse com você.

— O que você quer, meu pobre velho? — disse Raul. — Se ela se diverte em ser bígama, a bela criança!

Ele puxou o amigo, pegou seu braço e disse com firmeza:

— É nisso que dá, Béchoux, ter relações equivocadas. Compare nossas condutas. Havia duas pessoas más aqui, e duas nobres criaturas. Quem você escolheu? Você, um pilar da sociedade? O lado mau. Quem eu escolhi? As nobres criaturas. Ah, Béchoux, que lição para você!

Mas Béchoux estava em um daqueles momentos em que os problemas de moralidade não lhe interessavam muito. Ele pensava apenas no estranho enigma decifrado por Raul e estava confuso.

— Mas então — disse ele — você só teve que ler essa linha de números do testamento do senhor Montessieux para adivinhar que era uma sucessão de datas, ver a relação que existia entre essas datas e as grandes marés do

equinócio e entender que as grandes marés atingiam e espalhavam um depósito de ouro, em suma, para descobrir a verdade?

— Isso não foi o suficiente para mim, Béchoux.

— Do que mais você precisou, então?

— Quase nada.

— O quê?

— Genialidade.

---

[11] *Arsène Lupin e a Agulha Oca (L'aiguille creuse,* 1929). (N.T)

[12] *Arsène Lupin e a condessa de Cagliostro (La comtesse de Cagliostro,* 1924). (N.T.)

[13] A expressão remete à cultura romanizada da Gália sob o controle do Império Romano. (N.T.)

EpílogoQual das duas?

Três semanas mais tarde, em Paris, Catherine se apresentou na casa de Raul d'Avenac. Uma senhora idosa que parecia uma governanta abriu a porta.

— O senhor d'Avenac está?

— Quem devo anunciar, senhorita?

Catherine mal teve tempo para considerar se diria ou não seu nome. Raul apareceu e exclamou:

— Ah, você, Catherine! Que bom! Mas o que há de novo? Em sua casa, ontem, você não me avisou sobre esta visita.

— Nada de novo — disse ela —, apenas algumas palavras para dizer a você… Cinco minutos de conversa.

Ele a fez entrar no escritório para onde, seis meses antes, ela tinha vindo, hesitante e feroz, para implorar sua ajuda. Ela certamente não tinha mais o mesmo ar de corça acuada que havia tocado Raul, mas parecia igualmente hesitante. E começou pronunciando palavras que obviamente não estavam relacionadas ao motivo que a tinham trazido.

Raul pegou suas mãos e olhou-a nos olhos. Ela estava encantadora, feliz por estar perto dele, sorridente e séria ao mesmo tempo.

— Fale, então, minha pequena Catherine. Você sabe da confiança que pode ter em mim, e que eu sou seu amigo… mais do que amigo.

— Mais do que amigo, o que isso significa? — ela murmurou, enrubescendo.

Por sua vez, ele também ficou envergonhado. Ele percebeu que ela estava profundamente perturbada, pronta para abrir seu coração, e também a ponto de fugir.

— Mais do que amigo… — disse ele — significa que estou mais ligado a você do que a qualquer outra pessoa no mundo.

— Mais do que a qualquer outra pessoa no mundo? — disse ela com seu ar ingênuo, porém obstinado.

— Sim, com certeza sim — respondeu ele.

Ela afirmou:

— Muito, talvez, mas não mais.

Houve um silêncio entre eles, e Catherine, subitamente resolvida, disse em voz baixa:

— Temos conversado muito ultimamente, Bertrande e eu… Sempre amamos uma à outra… mas a vida… a diferença de idade… o casamento de Bertrande, tudo nos separou. Estes seis meses de crise nos aproximaram muito… embora haja algo entre nós… que deveria, ao contrário…

Ela havia baixado os olhos, toda confusa, mas de repente os levantou, e, corajosamente, terminou:

— Entre nós, Raul, havia você… sim, você.

Ela ficou em silêncio. Raul permaneceu indeciso e ansioso. Ele tinha medo de feri-la, ou de ferir Bertrande por causa dela, e seu papel de repente parecia doloroso, quase odioso. Ele sussurrou:

— Eu amo vocês duas.

— Isso mesmo — disse ela com vigor —, as duas… tanto uma quanto a outra, isto é, não ama uma mais que a outra.

Ele protestou com um movimento.

— Não, não — disse Catherine —, aceite como é. Para Bertrande e para mim, nossos sentimentos não são desconhecidos por você, mas você responde com sentimentos que se dirigem a nós duas. Lá, no casarão, você lutou por ela e por mim, por nossa causa comum, e é impossível para você nos separar uma da outra. E acontece que você não pode passar sem nenhuma de nós. Mas quando se ama de verdade, não é assim… Desde o seu retorno, você tem vindo nos ver todos os dias, e temos esperado, sem falso orgulho ou ciúmes, por sua decisão. Mas sabemos agora que não haverá decisão. Você sempre nos amará, tanto uma quanto a outra. Então…

— Então? — disse Raul, com um nó na garganta.

— Então estou aqui para comunicar nossa decisão, já que você mesmo não pôde tomar uma.

— E qual é a decisão?

— Vamos partir.

Ele sobressaltou-se.

— Mas isso é absurdo!… Vocês não têm o direito… Como, Catherine, como você quer me deixar?

— Tem que ser assim.

— Mas não, por nada! — protestou Raul. — Eu não quero.

— Por que você não quer?

— Porque eu te amo.

Ela fechou a boca dele com um gesto rápido.

— Não diga isso… não permito. Para me amar, você teria que me amar mais do que a Bertrande, e isso não é verdade.

— Eu juro…

— Eu proíbo que você fale assim… Mesmo que fosse verdade, seria tarde demais.

— Não é tarde demais…

— Sim, porque eu estou aqui e porque fiz essa confissão a você… e a confissão de Bertrande. Tais coisas somente são ditas quando se está bem resolvido… Adeus, meu amigo.

Ele sentiu que não importava o que fizesse, não a demoveria; e sentiu isso tão bem que não ousou se rebelar ou tentar segurá-la.

— Adeus, meu amigo — repetiu ela. — E minha dor é tão grande que eu quero… quero que haja entre nós… uma lembrança…

Catherine havia colocado suas mãos sobre os ombros de Raul. Ela aproximou seu rosto e ofereceu-lhe os lábios.

Por um momento, ela desmaiou entre os braços que a abraçavam loucamente e sob os lábios que a beijavam. Então, libertando-se com um gesto, ela fugiu.

Uma hora depois, Raul correu para as duas irmãs. Ele queria ver Catherine novamente. Ele queria confessar a ela todo o seu amor, sem sequer pensar aonde tal passo o levaria.

Catherine não havia retornado. E ele também não viu Bertrande. No dia seguinte, a mesma visita inútil.

Mas, um dia depois, Bertrande Guercin tocou à sua porta e, como Catherine, foi levada para seu escritório.

Ela entrou com o mesmo ar de hesitação que sua irmã, mas recuperou sua postura muito mais rápido que a irmã; e, enquanto ele segurava suas

mãos e olhava para ela como havia olhado para Catherine, ela murmurou:

— Ela já te disse tudo… Tínhamos prometido uma à outra vir uma última vez… É a minha vez. Vim para me despedir de você, Raul, e para agradecer por tudo o que você fez por nós duas… e por tudo o que você fez por mim, pois eu era culpada, e você me salvou do remorso e da vergonha.

Ele não respondeu de imediato. Estava aborrecido, e Bertrande continuou, encabulada pelo silêncio e dizendo palavras ao acaso:

— Eu contei tudo para ela. Ela me perdoou… ela é tão boa! Ela é como aquelas riquezas, que pertencem somente a ela, já que nosso avô queria assim… Mas ela se recusa… ela quer compartilhar…

Raul não estava ouvindo. Ele observava o movimento dos lábios dela e aquele rosto lindo e ardente, estremecendo de paixão contida.

— Não vá embora, Bertrande… eu não quero que você vá….

— Eu tenho que ir… — disse ela, como sua irmã havia dito.

E ele repetiu:

— Não, eu não quero… Eu te amo, Bertrande.

Ela sorriu com tristeza.

— Ah, você também disse a Catherine que a amava… e é verdade… e é verdade, também, que me ama… e que não pode escolher… Isso está além de suas forças…

E ela acrescentou:

— E poderia estar além de nossas forças, Raul, se você amasse uma de nós. A outra sofreria demais. Ficaremos mais felizes assim.

— Mas eu, eu ficarei infeliz… infeliz por dois amores perdidos…

— Perdidos?

No início, ele não entendeu a pergunta dela. Seus olhos se interrogavam. Ela sorriu, misteriosa e cativante. E ele a atraiu até ele, sem que ela resistisse.

Duas horas depois ele levou a jovem para casa e obteve a promessa de que ela viria vê-lo novamente no dia seguinte, às quatro horas. E ele esperou, feliz e confiante, mas também melancólico quando pensou em Catherine.

Mas a promessa era apenas uma armadilha. No dia seguinte, bateram quatro horas, e depois as cinco… E Bertrande não veio.

Às sete horas ele recebeu um telegrama. As duas irmãs diziam que haviam deixado Paris.

Raul não era um homem que se entregava ao desespero ou à raiva. Ele permaneceu senhor de si, calmo como se não tivesse recebido do destino o choque mais doloroso. Foi a um ótimo restaurante, fez uma boa refeição, que ele prolongou com um excelente charuro Havana, e depois caminhou pelas avenidas, com a cabeça ereta e o passo despreocupado.

Por volta das dez horas ele entrou, sem nenhuma razão, em um salão de dança popular em Montmartre e, assim que cruzou o limiar, parou espantado. Entre os casais que bailavam ele avistou, dançando foxtrote, girando pelo salão, Charlotte e Béchoux, enlevados e cheios de alegria.

— Filhos da mãe — rosnou. Têm muita coragem, esses dois.

O jazz silenciou. Os dois dançarinos voltaram à sua mesa. E naquela mesa, diante de três copos e uma garrafa de champanhe aberta, estava o senhor Arnold.

Nesse momento, toda a raiva de Raul, há muito reprimida, veio à tona. Vermelho, furioso, fora de si, embora ainda tentasse se conter, caminhou em direção aos três culpados, com passo brusco. Ao vê-lo, os três, em suas cadeiras, recuaram. Arnold logo se recuperou e sorriu arrogantemente. Charlotte ficou pálida e sem reação. Béchoux se levantou, como se quisesse defender seus companheiros.

Raul se aproximou e, com o rosto colado ao dele, ordenou:

— Rápido… mexa-se.

O outro tentou se rebelar. Então Raul agarrou a manga de seu casaco no ombro, empurrou-o em direção à cadeira, que tombou, fez com que ele girasse e, sem se importar com as pessoas que observavam a cena, arrastou-o em direção ao corredor, depois em direção ao vestíbulo, depois em direção à rua. E ele resmungava:

— Caráter repugnante… você não tem vergonha? Aqui está você, se exibindo com um assassino e uma cozinheira… você, um brigadeiro! Um vegetal da polícia! E você acha que Lupin vai tolerar isso? Espere só, seu canalha!

Diante dos transeuntes perplexos, ele o carregava quase à distância de um braço, como um manequim deslocado, e continuava sua invectiva, orgulhoso lá no fundo por extravasar suas mágoas.

— Sim… desgraçado… miserável! Você não tem mais senso moral do que uma abóbora! Vê até onde o amor mais abominável pode rebaixar? Lá estão seus companheiros de deboche… um assassino e uma cozinheira! Ah!

felizmente Lupin está aqui para salvá-lo… e para salvá-lo de si mesmo. Ah! Lupin, eis aí um bom homem! Será que Lupin obedece às suas paixões? Ele também pode ter dores de coração. Aquela que ele ama agora está rica, graças a ele, e ela reencontrará seu noivo. Ele está reclamando? Bertrande, que ele também ama, vai esquecê-lo. Será que ele pensa sequer em correr atrás dela? Não. A felicidade dela, acima de tudo. A felicidade de Bertrande! A pureza de Catherine! E, enquanto isso, você se agarra com a cozinheira!

Raul tinha levado Béchoux até o quarteirão d'Europe, onde ficava a sua garagem.

Ele o levou para a frente do carro e disse:

— Entre.

— Você está louco.

— Entre.

— Para quê?

— Vamos sair daqui — disse Raul.

— Para onde?

— Eu não sei. Para qualquer lugar. O principal é salvá-lo.

— Eu não preciso ser salvo.

— Ah, você não precisa ser salvo! Do que você precisa? Sem mim, você está acabado, rapaz. Você vai cair na sarjeta, na lama. Vamos sair daqui. Não há mais nada que possamos fazer neste momento. Você precisa se distrair e esquecer. Você precisa trabalhar. Conheço um bandido em Biarritz que matou sua esposa e a comeu. Vamos prendê-lo. E depois uma menina em Bruxelas que cortou a garganta de seus cinco filhos. Vamos pegá-la. Venha.

Béchoux resistia, indignado.

— Mas não tenho tempo, caramba!

— Você vai ter. Vou telegrafar para o chefe da polícia. Venha.

— Mas eu não tenho nem mesmo uma mala.

— Eu tenho uma no porta-malas. Eu tenho tudo de que precisamos. Venha.

Ele atirou Béchoux à força para dentro do carro e acelerou. O infeliz policial choramingava.

— Mas eu não tenho nada para vestir, nem roupas, nem botas.

— Vou comprar para você sabonetes e uma escova de dentes.

— Mas…

— Não faça gracinhas. Veja, eu já me sinto bem melhor. Acho que Catherine e Bertrande fizeram um bom trabalho ao fugir de mim. Além disso, ninguém pode ser mais estúpido do que eu. Amar as duas, e não poder dizer a uma delas "eu te amo", sem mentir para a outra. Nesses casos, você acaba ficando sozinho, como um idiota. Felizmente tenho boas lembranças… Ah, Béchoux, boas lembranças… Contarei tudo sobre isso quando eu tiver colocado você em segurança. Ah, velho camarada, você tem muito para ouvir.

E através das ruas, através das estradas, levando Béchoux com ele, o carro seguia, rumo a Biarritz ou Bruxelas… para o sul ou para o norte… Raul não sabia muito bem para onde ir.

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A MULHER DE DOIS SORRISOS

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A MULHER DE DOIS SORRISOS
Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Femme aux deux sourires
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos
Preparação
Tuca Dantas
Revisão
Agnaldo Alves
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
galinakistruga/shutterstock.com;
Orfeev/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a mulher de dois sorrisos / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.

224 p. : EPUB. - (Arsène Lupin)
Título original: La Femme aux deux sourires
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-581-6 (E-book)

1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Crime. I. Santos, Luciene Ribeiro. II. Título.

2021-0053 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Prólogo
O estranho ferimento

O drama, com as circunstâncias que o antecederam e as suas reviravoltas, pode ser resumido em poucas páginas, sem corrermos o risco de deixar nas sombras o menor episódio que deva ser levado em conta para se chegar à verdade inacessível.

Tudo aconteceu da maneira mais natural possível. Não houve nenhuma premonição do mal, nem percepções sutis do choque que estava por vir. Nenhum sopro de vento havia anunciado a tempestade. Nenhuma angústia. Nenhuma só desconfiança no seio daqueles que foram os espectadores assustados desse fato tão trivial, mas tão trágico pelo mistério impenetrável que o envolveu.

Eis os fatos: o senhor e a senhora de Jouvelle, bem como os convidados que recebiam em seu castelo de Volnic, no Auvergne — um vasto casarão com torres, coberto com azulejos vermelhos —, tinham assistido a um concerto da admirável cantora Elisabeth Hornain, em Vichy. No dia seguinte, 13 de agosto, a convite da senhora de Jouvelle (que tinha conhecido Elisabeth antes de seu divórcio do banqueiro Hornain), a cantora veio almoçar com eles, estando o castelo a apenas uma dúzia de quilômetros de Vichy.

Foi um almoço muito alegre. Os senhores sabiam trazer em suas boas-vindas aquela graça e delicadeza que dão alívio a cada um dos convidados. Esses, em número de oito, confraternizavam com alegria e animação. Havia três jovens casais, um general aposentado e o marquês Jean de Erlemont, um cavalheiro de cerca de quarenta anos, a cujo encanto e sedução

nenhuma mulher era capaz de resistir.

Mas a homenagem dessas dez pessoas, seu esforço para agradar e brilhar, eram dirigidos a Elisabeth Hornain, e nenhuma palavra era pronunciada em sua presença sem que tivesse motivo para fazê-la sorrir ou atrair seu olhar. Ela, no entanto, não se esforçava para agradar ou para brilhar. Ela pronunciava apenas algumas frases, nas quais havia bom senso e delicadeza, mas nenhuma inteligência ou vivacidade. E havia necessidade? Ela era linda. Sua beleza ofuscava a tudo. Se ela dissesse as coisas mais profundas, elas se perderiam no brilho de sua beleza. Diante dela, não se podia pensar em mais nada: apenas nos seus olhos azuis, nos seus lábios sensuais, no brilho de sua pele, no formato de seu rosto. Mesmo no teatro, apesar de sua voz poderosa e de seu verdadeiro talento como cantora de ópera, ela fazia sucesso principalmente por ser bela.

Ela sempre usava vestidos muito simples, o que também não seria notado se fossem mais elegantes, pois só se pensava na graça de seu corpo, na harmonia de seus gestos e no esplendor de seus ombros. Sobre seu corpete fluíam colares maravilhosos, que se entrelaçavam em uma deslumbrante desordem de rubis, esmeraldas e diamantes. Se alguém a elogiava, ela reprimia a admiração com um sorriso:

— Joias do teatro… Mas devo admitir que são imitações perfeitas.

— Eu poderia jurar… — diziam eles.

Ela respondia:

— Eu também… E todos se deixam enganar por elas…

Após o almoço, o marquês de Erlemont agiu de uma tal forma que conseguiu mantê-la afastada e falar com ela a sós. Ela o ouvia com interesse e um certo ar de devaneio.

Os outros hóspedes formaram um grupo em torno da dona da casa, que parecia estar aborrecida com esse afastamento.

— Ele está perdendo tempo — murmurou ela. — Eu conheço Elisabeth há anos. Nenhuma esperança para os amantes. Ela é como uma estátua, linda e indiferente. Vá em frente, meu rapaz, pode fazer sua pequena comédia e lançar mão de seus melhores truques… Não há o que fazer.

Todos estavam sentados no terraço, à sombra do castelo. Um jardim sem flores se estendia a seus pés, com suas linhas retas, seus gramados verdes, seus caminhos de areia amarela, seus canteiros plantados com árvores de teixo podadas. Ao final, as ruínas que restavam do velho castelo,

das torres, do moinho e da capela, dispostas sobre os montes, onde caminhos subiam pela mata de louro, buxos e azevinho.

O lugar era majestoso e poderoso, e o espetáculo tomava ainda mais força quando se sabia que, além dessas prodigiosas ruínas, havia o vazio de um precipício. O lado oposto caía acentuadamente sobre uma ravina que circundava a propriedade, e na cavidade da qual bramiam, a uma profundidade de cinquenta metros, as águas de uma torrente furiosa.

— Que cenário! — exclamou Elisabeth Hornain. — Quando penso no nosso cenário pintado! Na tela, com suas paredes trêmulas, e na tapeçaria de árvores artificiais! Seria maravilhoso atuar em cenários como este!

— Quem a impediria de cantar aqui, Elisabeth? — indagou a senhora de Jouvelle.

— A minha voz se perderia nesta imensidão.

— Não a sua voz — protestou Jean de Erlemont. — E seria tão bonito! Dê-nos esse privilégio…

Ela ria, procurava desculpas e se debatia em meio a todas as pessoas que insistiam e imploravam ao seu redor.

— Não, não… — disse ela. — Eu nunca deveria ter sugerido tal coisa… Seria ridículo… um pigmeu levantando sua voz!

Mas sua resistência diminuía. O marquês tinha agarrado sua mão e tentava arrastá-la.

— Venha… Eu lhe mostrarei o caminho… Venha… Isso nos daria tanto prazer!

Ela hesitou novamente, mas depois disse, finalmente convencida:

— Que seja. Acompanhem-me até o pé das ruínas.

Subitamente decidida, ela atravessou o jardim, com aquele andar fácil e bem ritmado que possuía no palco. Além dos gramados, ela subiu cinco degraus de pedra que a levaram ao terraço, em frente ao castelo. Outros degraus se ofereciam, mais estreitos, com uma rampa onde se alternavam potes de gerânios e antigos vasos de pedra. Uma alameda de louros estendia-se à esquerda. Ela entrou, seguida pelo marquês, e desapareceu atrás da cortina de arbustos.

Um momento depois, ela pôde ser vista novamente, desta vez sozinha, escalando os degraus mais íngremes, enquanto Jean de Erlemont refez seu caminho até o jardim. Finalmente ela apareceu outra vez, ainda mais acima, em uma plataforma onde se encontravam os três arcos góticos da

capela arruinada, e uma cortina de hera que velava o espaço vazio.

Ela parou. De pé sobre um monte, que era como um pedestal, parecia muito alta, com proporções sobre-humanas; e, quando estendeu seus braços e começou a cantar, seu gesto e sua voz pareciam preencher o vasto teatro natural de folhagem e granito, coberto pelo céu azul.

O senhor e a senhora de Jouvelle e seus convidados ouviam e observavam com os rostos contritos, e com aquela impressão que sentimos quando as lembranças se formam no fundo de nós, que sabemos que nunca serão esquecidas. Os funcionários do *château*, o pessoal da fazenda que se encontrava junto aos muros da propriedade, e uma dúzia de camponeses da aldeia vizinha, se agrupavam em todos os portões, e em todos os cantos do terreno, e cada um podia sentir toda a beleza mágica daquele momento.

Nem uma alma poderia discernir o que Elisabeth Hornain estava cantando. Sua voz subia e caía em notas sonoras, ora respirando de tragédia, ora cheias de vida e esperança. E, de repente…

É preciso lembrar que tudo estava ocorrendo com absoluta segurança, e que não havia razão, humanamente possível, para que tudo isso não chegasse a uma conclusão serena. O que se seguiu foi repentino, inesperado. Quaisquer que fossem as diferentes impressões nas diversas mentes dos espectadores, todos estavam de acordo — como testemunharam mais tarde — de que o fato ocorreu como uma repentina explosão, totalmente imprevisível (a mesma expressão foi repetida nos depoimentos).

Sim, de repente, houve uma catástrofe. A voz mágica se interrompeu, abruptamente. A estátua viva, que ali cantava no espaço fechado, vacilou em seu pedestal de ruínas e de repente desabou, sem um grito, sem um gesto de medo, sem um movimento de defesa ou angústia. Imediatamente, irrevogavelmente, todos tiveram a convicção de que não houve luta ou agonia, e que não se tratava de uma mulher que estava morrendo, mas de uma mulher que a morte havia atingido desde o primeiro segundo.

De fato, quando chegaram à esplanada superior, Elisabeth Hornain jazia, inerte e lívida… Congestão? Ataque cardíaco? Não. O sangue corria, profusamente, de seus ombros nus e de sua garganta.

Todos viram imediatamente o sangue bem vermelho, que jorrava. E ao mesmo tempo em que constataram esse fato incompreensível, alguém disse com um grito de espanto:

— As joias desapareceram!

Seria tedioso recordar os detalhes dessa investigação, que na época se tornou uma febre nacional. Investigação inútil, aliás, e rapidamente concluída. Os magistrados e policiais que a conduziram, desde o início, se depararam com uma porta fechada, contra a qual todos os esforços foram em vão. Todos tiveram a profunda impressão de que não havia nada a ser feito. Um crime, um roubo. Isso era tudo.

Pois o crime era indiscutível. Não foi encontrada nenhuma arma, nenhum projétil, nenhum assassino. Mas quanto a negar o crime, ninguém pensou no assunto. Das quarenta e duas pessoas presentes, cinco disseram ter visto um brilho em algum lugar, embora as cinco declarações não concordassem quanto à localização e direção do brilho. Os outros trinta e sete não tinham visto nada. Da mesma forma, três pessoas afirmaram ter ouvido o ruído de um disparo, enquanto as outras trinta e nove disseram não ter ouvido nada.

De qualquer forma, a consumação do crime estava fora de discussão, pois tinha havido um ferimento. Um ferimento terrível, assustador; um talho no alto do ombro esquerdo, logo abaixo do pescoço, feito por uma bala monstruosa. Uma bala? Mas o assassino teria que estar empoleirado nas ruínas, em um local mais elevado que a cantora, e essa bala teria penetrado profundamente na carne e causado devastação interna, o que não aconteceu.

Parecia que a ferida, da qual o sangue se derramava, havia sido feita por um instrumento contundente, como um martelo ou um bastão. Mas quem teria empunhado o martelo ou o bastão, e como poderia tal gesto ter permanecido invisível?

E, por outro lado, o que houve com os colares? Se tinha ocorrido um crime e um roubo, quem teria cometido ambos? E que milagre tinha permitido ao agressor escapar, se alguns dos criados, postados nas janelas do último andar, não tinham tirado os olhos da cantora, da esplanada onde ela cantava, do corpo que caía, do cadáver que jazia no chão? E como todas essas pessoas teriam visto, sem dúvida, as idas e vindas de um homem, seu voo entre os arbustos, sua fuga frenética… Se, atrás do terreno, as ruínas mergulhavam em um penhasco íngreme que era materialmente impossível de subir ou descer?

Estaria ele debaixo da hera, ou em algum buraco? As buscas prosseguiram por duas semanas. O jovem policial Gorgeret, ambicioso e tenaz, que já havia sido bem-sucedido em alguns casos, foi chamado a vir de Paris. Foi uma perda de tempo. As investigações foram infrutíferas. O caso foi encerrado, para grande aborrecimento de Gorgeret, que prometeu a si mesmo nunca o abandonar.

Assustados com esse drama, o senhor e a senhora de Jouvelle deixaram Volnic, anunciando sua intenção formal de nunca mais voltar. O castelo foi posto à venda, totalmente mobiliado, tal como estava.

Alguém o comprou, seis meses depois. Ninguém sabia quem era, pois o tabelião, Mestre Audigat, havia negociado a venda em grande segredo.

Todos os criados, peões da fazenda e jardineiros foram dispensados. Somente a grande torre, sob a qual passava o arco, permaneceu habitada por um idoso que tomava conta da propriedade, com sua esposa: o senhor Lebardon, um ex-policial aposentado.

O povo da aldeia tentava em vão fazê-lo falar, mas toda curiosidade era frustrada. Ele mantinha um obstinado silêncio. No máximo, notava-se que, em várias ocasiões, talvez uma vez por ano, e em momentos diferentes, um cavalheiro chegava à noite de automóvel, dormia no castelo, e ia embora na noite seguinte. Era o proprietário, sem dúvida, que vinha conversar com Lebardon. Mas não havia certeza. Não se sabia mais nada.

Onze anos mais tarde, o policial Lebardon faleceu.

Sua esposa permaneceu sozinha na torre. Tão quieta quanto seu marido, ela não dizia nada sobre o que acontecia no castelo. O que acontecia lá dentro?

E mais quatro anos se passaram.

Clara, a Loura

Estação de Saint-Lazare. Entre as barreiras da plataforma e o grande salão de vendas de passagens, um fluxo frenético de passageiros ia e vinha, em uma intrincada confusão de chegadas e partidas, correndo precipitadamente pelas portas e corredores. Relógios de sinalização, munidos de ponteiros imóveis, indicavam os horários e os destinos dos trens. Cobradores verificavam e perfuravam os bilhetes.

Dois homens, que não pareciam participar dessa pressa febril, passeavam entre os grupos. Um, gordo e musculoso, com rosto antipático e expressão dura; o outro, frágil e magro; ambos tinham bigodes e usavam chapéus-coco.

Eles pararam diante de um relógio que não sinalizava nada, onde quatro funcionários estavam atendendo. O mais magro dos dois homens aproximou-se e perguntou, educadamente:

— A que horas chega o trem das quinze e quarenta e sete?

O funcionário respondeu, em tom de resmungo:

— Às quinze e quarenta e sete.

O homem gordo encolheu os ombros, como se lamentasse a estupidez de seu companheiro; e, por sua vez, perguntou:

— Esse é o trem que vem de Lisieux, não é?

— O trem 368, de fato — foi a resposta. — Estará aqui em dez minutos.

— Sem atraso?

— Sem atraso.

Os dois transeuntes afastaram-se e encostaram-se em um pilar.

Passaram-se três, quatro, cinco minutos.

— Isso é irritante! — disse o homem gordo. — Não estou vendo o sujeito que nos enviaram da central de polícia.

— Então você precisa dele?

— Por Deus! Se ele não trouxer o mandado, como vamos abordar a viajante?

— Talvez ele esteja nos procurando. Talvez ele não nos conheça.

— Idiota! Que ele não lhe conheça, Flamant, é natural… Mas eu, Gorgeret, inspetor-chefe Gorgeret, que, desde o caso do castelo de Volnic, estou sempre em evidência!

O homem chamado Flamant, ofendido, insinuou:

— O caso do castelo de Volnic é antigo. Quinze anos!

— E quanto ao roubo na Rua Saint-Honoré? E a armadilha onde eu prendi o Grande Paul, por acaso isso remonta às Cruzadas? Não faz nem dois meses!

— Você o pegou… Você o pegou… Mas ele ainda está por aí, o Grande Paul…

— Mas eu me saí tão bem, que sou eu quem está sendo chamado novamente. Aqui, veja se a ordem de serviço não menciona o meu nome?

Ele tirou um papel de sua carteira, desdobrou-o e eles leram juntos.

Central de Polícia
4 de junho.
Ordem de serviço (Urgente)

A amante do Grande Paul, conhecida como Clara Loura, foi vista no trem 368, chegando de Lisieux às 15h47. Enviar imediatamente o inspetor-chefe Gorgeret. Um mandado será enviado para ele na Estação Saint-Lazare, antes da chegada do trem. Descrição da jovem: cabelos louros ondulados, olhos azuis. Entre 20 e 25 anos de idade. Bonita. Vestida de maneira simples. Aparência elegante.

— Veja… Meu nome está aqui. Como sempre fui eu quem me ocupei do Grande Paul, fui encarregado da captura de sua bela amante.

— Você a conhece?

— Mal. Ainda assim, tive tempo de avistá-la quando arrombei a porta da sala e a apanhei junto com o Grande Paul. Só que, naquele dia, eu tive azar. Enquanto eu o prendia, ela saltou pela janela. E enquanto eu corria

atrás dela, o Grande Paul fugiu.

— Então você estava sozinho?

— Estávamos em três. Mas o Grande Paul nocauteou os outros dois.

— Ele é um cara durão!

— Mesmo assim, eu o peguei…

— Se eu fosse você, não o teria deixado escapar.

— Se estivesse no meu lugar, meu amigo, teria sido nocauteado, como os outros dois. Além disso, você tem fama de idiota.

Esse era um argumento decisivo na boca do inspetor-chefe Gorgeret, para quem seus subordinados eram todos idiotas. Ele se orgulhava de ser infalível, e tinha sempre a última palavra em qualquer discussão.

Flamant pareceu se inclinar e disse:

— Em resumo, você teve sorte. O drama de Volnic, para começar… E agora, suas histórias com o Grande Paul e Clara… Sabe o que está faltando em sua coleção?

— O quê?

— A prisão de Arsène Lupin.

— Eu o perdi duas vezes, por um triz — resmungou Gorgeret —, mas da terceira ele não escapa. Quanto ao drama do Volnic, eu ainda estou de olho no caso… Como estou de olho no Grande Paul. Quanto à Clara Loura…

Ele agarrou o braço de seu colega.

— Atenção! Aí vem o trem…

— E onde está o mandado?

Gorgeret deu uma olhada em volta. Ninguém vinha em sua direção. Que chateação!

Ali, naquele instante, no final de uma das linhas, surgia a enorme dianteira de uma locomotiva. O trem se alongou gradualmente, ao longo da plataforma, e depois parou. As portas se abriram, e aglomerados de pessoas lotaram o pavimento.

Na saída, o fluxo de viajantes foi direcionado e enfileirado sob a ação dos controladores. Gorgeret impediu que Flamant avançasse. Qual seria a utilidade disso? Essa era a única saída, e os grupos eram forçados a se separar. Passava apenas uma pessoa por vez. Nesse caso, como poderiam deixar de ver uma mulher cuja descrição foi tão claramente determinada?

De fato, ela apareceu, e a percepção dos dois policiais foi imediata. Só podia ser ela, a mulher denunciada. Era, sem dúvida, aquela chamada Clara, a Loura.

— Sim, sim — murmurou Gorgeret. — Eu a reconheço. Ah, sua malandra, você não vai escapar!

A figura era realmente bonita, meio sorridente, meio desnorteada, com seus cabelos louros ondulados, olhos de um azul brilhante que se distinguia de longe, e dentes cuja brancura destacava-se ou se escondia, de acordo com o movimento dos lábios que pareciam sempre prontos para sorrir.

Ela usava um vestido cinza, com gola de linho branco, que lhe dava a aparência de uma noviça. Sua atitude era discreta, como se estivesse tentando esconder-se. Ela carregava uma pequena mala e uma bolsa de mão, ambos objetos novos, mas muito modestos.

— Seu bilhete, senhorita?

— Meu bilhete?

Foi uma cena e tanto. O seu bilhete? Onde ela tinha guardado? No bolso? Em sua bolsa? Em sua mala? Intimidada, envergonhada pelas pessoas que ela fazia esperar e que se divertiam com seu embaraço, ela pousou sua mala, abriu sua bolsa e finalmente encontrou o bilhete, preso sob uma de suas mangas.

Depois, abrindo caminho através da fila dupla que tinha se formado, ela passou.

— Droga! — rosnou Gorgeret. — Que incômodo não termos o mandado! Nós teríamos conseguido!

— Vamos prendê-la assim mesmo.

— Seu idiota! Vamos segui-la. E nada de movimentos bruscos, certo? Vamos segui-la bem de perto.

Gorgeret era esperto o suficiente, e sabia como seguir uma jovem que já havia escorregado por entre seus dedos com tanta malícia, e cuja desconfiança não deveria ser despertada. Ele permaneceu a distância, notando a hesitação — fingida ou natural — de Clara, a Loura, que tentava encontrar seu caminho como alguém que desembarcava naquela estação pela primeira vez. Ela não ousava pedir informações, e parecia à deriva em direção a um rumo desconhecido. Gorgeret murmurou:

— Muito esperta!

— Como assim?

— Ela quer me fazer acreditar que não sabe como sair da estação! Portanto, se ela hesita, é porque sabe que alguém pode segui-la e que deve tomar precauções.

— É verdade — observou Flamant. — Ela parece sentir-se perseguida. E como é graciosa!

— Não se deixe levar, Flamant! Ela é uma garota muito vivida. O Grande Paul é louco por ela. Olhe, ela encontrou as escadas… Vamos logo.

Ela desceu as escadas e chegou ao pátio. Chamou um táxi.

Gorgeret apressou-se. Ele viu quando ela tirou um envelope da bolsa e leu o endereço para o motorista. Embora ela tivesse falado baixo, ele conseguiu ouvir:

— Leve-me ao número 63 do Cais Voltaire.

E ela entrou. Gorgeret, por sua vez, também parou um táxi. Mas, nesse mesmo instante, o emissário da Polícia, que ele esperara tão impacientemente, o interpelou.

— Ah, é você, Renaud? — disse ele. — Está com o mandado?

— Aqui está — disse o oficial.

E deu-lhe mais algumas informações, que tinha sido encarregado de transmitir a Gorgeret.

Quando o inspetor-chefe estava livre, notou que o táxi que havia chamado já tinha ido embora, e que o de Clara havia virado a esquina da praça.

Ele perdeu três ou quatro minutos. Mas não importava! Ele tinha o endereço!

— Motorista — disse ele ao homem que se apresentou. — Leve-nos ao Cais Voltaire, número 63.

Alguém tinha estado o tempo todo rondando os dois inspetores, desde o momento em que eles se colocaram contra o pilar, aguardando a chegada do trem 368. Era um homem idoso, de rosto fino e peludo, e tez morena, vestindo um sobretudo cor de oliva, que era muito comprido e remendado. Esse homem conseguiu aproximar-se furtivamente do carro, sem ser notado pelos inspetores, no momento em que Gorgeret dava o endereço.

Ele também, por sua vez, saltou para dentro de um táxi e ordenou:

— Motorista, para o número 63 do Cais Voltaire.

O cavalheiro do mezanino

O número 63 do Cais Voltaire é uma mansão particular, que ergue, ao longo do Sena, sua antiga fachada cinza com janelas muito altas. Quase todo o andar térreo e três quartos do mezanino são ocupados pelas lojas de um antiquário e de um livreiro. No primeiro e segundo andares, situa-se o vasto e luxuoso apartamento do marquês de Erlemont, cuja família é proprietária do edifício há mais de um século. Muito rico no passado, e agora um pouco menos abastado à custa de especulações, ele teve que restringir seu padrão de vida e reduzir seu pessoal.

Essa era a razão pela qual ele havia separado uma pequena residência independente no mezanino, composta de quatro quartos, que seu secretário consentia em alugar quando um interessado tivesse a delicadeza de lhe oferecer um bom pagamento. Naquela época, havia um mês que o inquilino era um senhor Raoul, que raramente dormia em casa, e chegava sempre depois de uma ou duas horas da tarde.

Ele vivia acima do alojamento da zeladora e abaixo dos quartos que serviam de escritório ao marquês. Entrava-se num corredor escuro, que levava à sala de visitas. À direita ficava um quarto de dormir, e, à esquerda, o banheiro.

Naquela tarde, a sala de estar estava vazia. Era um cômodo repleto de móveis que pareciam ter sido colocados ao acaso. Nenhuma decoração. Nenhum conforto. Tinha ares de um alojamento temporário, para onde somos levados por circunstâncias passageiras, e de onde o capricho do momento nos faz sair inesperadamente.

Entre as duas janelas, que tinham vista para uma admirável perspectiva do Sena, uma poltrona ficava de costas para a porta da frente, exibindo seu

vasto e acolchoado recosto.

Ao lado direito dessa poltrona, uma pequena mesa de pedestal apoiava uma caixa, que parecia um baú de bebidas.

Um relógio encostado a um canto da parede bateu quatro horas. Passaram-se dois minutos. Depois, no teto, houve três batidas em intervalos regulares, como aquelas que anunciam o abrir as cortinas no teatro. Mais três batidas. De repente, ouviu-se um som apressado, de dentro do baú de bebidas, como um toque de telefone, mas discreto e abafado.

Um silêncio.

E tudo começou novamente. Três batidas. O toque abafado do telefone. Mas, dessa vez, o toque persistia e continuava a sair do baú de bebidas, como se fosse uma caixa de música.

— Maldição, que droga, que droga! — rosnou pela sala uma voz rouca, de alguém que acabava de despertar.

Um braço surgiu lentamente, à direita da grande poltrona que ficava de frente para as janelas; um braço que alcançou o tampo da mesa de pedestal, um braço cuja mão levantou a tampa do baú e agarrou o receptor do telefone que estava ali dentro.

O receptor foi levado para o outro lado do recosto, e a voz, mais clara, do cavalheiro invisível chafurdado na poltrona, resmungou:

— Sim, sou eu, Raoul… Você não vai me deixar dormir, Courville? Que ideia estúpida eu tive de colocar seu escritório em contato com o meu! Você não tem o que fazer, não é? Bolas, eu estava dormindo!

Ele desligou. Mas as batidas e o toque do telefone começaram novamente. Então ele atendeu, e um diálogo abafado aconteceu entre o senhor Raoul, do mezanino, e o senhor Courville, secretário do marquês de Erlemont.

— Fale… Desembuche… O marquês está em casa?

— Sim, e o senhor Valthex acabou de deixá-lo.

— Valthex! Valthex, outra vez! Maldição! Além de ser antipático, tenho certeza de que ele tem o mesmo objetivo que nós, provavelmente até sabe o que procurar… E nós ainda não sabemos nada. Conseguiu ouvir alguma coisa atrás da porta?

— Nada.

— Você nunca ouve nada. Então, por que você está me incomodando? Deixe-me dormir, maldição! Tenho um compromisso somente às cinco

horas, vou tomar chá com a bela Olga.

Ele desligou. Mas a chamada despertou-o de seu sono, e ele acendeu um cigarro, sem sair do refúgio de sua poltrona.

Anéis de fumaça azul se elevavam acima do recosto.

O relógio marcava quatro horas e dez minutos.

E, de repente, ouviu-se o toque de uma campainha elétrica vindo do vestíbulo, da porta da frente. E, ao mesmo tempo, um painel deslizou entre as duas janelas, obviamente pela ação de um mecanismo controlado pelo som da campainha.

Um espaço retangular, do tamanho de um pequeno espelho, foi descoberto; um pequeno espelho iluminado como uma tela de cinema, refletindo o rosto encantador de uma garota loura de cabelos ondulados.

O senhor Raoul deu um salto, sussurrando:

— Ah, uma garota bonita!

Ele olhou para ela por um segundo. Não, ele definitivamente não a conhecia… Nunca a havia visto antes.

Ele puxou uma mola que recolheu o painel de volta. Depois, olhou-se, por sua vez, em outro espelho, que lhe mostrou a agradável imagem de um cavalheiro de cerca de trinta e cinco anos, em boa forma, de porte elegante e impecavelmente vestido. Um cavalheiro dessa categoria pode muito bem receber a visita de qualquer garota bonita.

Ele correu para o vestíbulo.

A visitante loura estava esperando, com um envelope na mão e uma mala ao seu lado, sobre o tapete da entrada.

— Posso ajudá-la, minha senhora?

— Senhorita — disse ela em voz baixa. Ele repetiu:

— Posso ajudá-la, senhorita?

— É aqui que mora o marquês de Erlemont?

O senhor Raoul percebeu que a visitante estava no andar errado. Enquanto a jovem avançava dois ou três passos para dentro do vestíbulo, ele agarrou a mala e respondeu, com afetação:

— Sou eu mesmo, senhorita.

Ela parou no limiar da sala de estar e murmurou, desconcertada:

— Ah!… Disseram-me que o marquês era… De uma certa idade…

— Eu sou filho dele — disse friamente o senhor Raoul.

— Mas ele não tem filhos…

— É mesmo? Nesse caso, digamos que eu não sou filho dele. Isso não tem importância. Tenho ótimas relações com o marquês de Erlemont, embora não tenha a honra de conhecê-lo.

Habilmente, ele a fez entrar e fechou a porta. Ela protestou:

— Mas, senhor, eu devo ir… Estou no andar errado.

— Justamente… Descanse um pouco… Essas escadas são íngremes como um penhasco…

Ele parecia tão jovial e tinha maneiras tão finas que ela não pôde deixar de sorrir, enquanto tentava sair da sala de estar.

Mas, naquele momento, a campainha tocou, e novamente a tela brilhante surgiu entre as duas janelas, mostrando um rosto sombrio com grandes bigodes.

— A polícia! — exclamou o senhor Raoul, recolhendo o painel. — O que ela está fazendo aqui?

A garota estava aflita, assustada com a aparência daquele rosto.

— Por favor, senhor, deixe-me ir.

— Mas é o inspetor-chefe Gorgeret! Um comunista safado! Um ser repulsivo!… Sei muito bem como a senhorita está incomodada… Ele não deve vê-la aqui, e não vai vê-la…

— Para mim não importa que ele me veja, senhor. Só desejo sair daqui.

— Não, a qualquer custo, senhorita. Não quero que venha a ficar comprometida…

— Eu não ficarei comprometida.

— Sim, sim… Aqui, por favor, venha para o meu quarto. Não? Bem, então, você deve…

Ele riu, apanhado por uma ideia que o divertiu; galantemente ofereceu sua mão à jovem e a fez sentar-se na grande poltrona.

— Não se mexa, senhorita. Aqui você estará protegida de todos os olhares, e em três minutos estará livre. Já que não quer o meu quarto como refúgio, aceitará uma poltrona, não é mesmo?

Ela não pôde resistir a esse ar de decisão e autoridade, tão alegre e bem-humorado.

Ele deu um leve salto, como se quisesse mostrar seu contentamento. Essa seria uma aventura muito agradável. Ele foi abrir a porta.

O inspetor Gorgeret entrou bruscamente, seguido por seu colega Flamant, e gritou imediatamente, em um tom brutal:

— Há uma mulher aqui. A zeladora a viu passar, e a ouviu tocar a campainha.

O senhor Raoul o impediu gentilmente de avançar, e disse-lhe com grande delicadeza:

— Posso saber quem é?

— Inspetor-chefe Gorgeret, da Polícia Judiciária.

— Gorgeret! — exclamou o senhor Raoul. — O famoso Gorgeret! Aquele que quase prendeu Arsène Lupin!

— E que espera prendê-lo em breve — disse o inspetor, cheio de orgulho. — Mas hoje trata-se de outra coisa, ou melhor, de outro jogo. Uma senhora subiu, não é mesmo?

— Uma loura? — disse Raoul. — Muito bonita?

— É o que dizem…

— Então pode não ser a mesma. Aquela de quem estou falando é muito bonita, notavelmente bonita… O sorriso mais delicioso… O rosto mais fresco…

— Ela está aqui?

— Ela acabou de sair daqui. Não faz três minutos que ela tocou a campainha e me perguntou se eu era o senhor Frossin, que mora no número 63 do Boulevard Voltaire. Expliquei seu erro e dei a ela as orientações necessárias para chegar ao local. Ela partiu imediatamente.

— Que pena! — resmungou Gorgeret, que olhou mecanicamente ao redor, avistou distraidamente a poltrona virada e examinou as portas.

— Devo abrir? — propôs o senhor Raoul.

— Não adianta. Não vamos encontrá-la aí dentro.

— O senhor, inspetor Gorgeret, pode ficar à vontade.

— Eu sei — disse Gorgeret, ingenuamente. E ele acrescentou, colocando seu chapéu de volta:

— A menos que ela tenha feito algum de seus truques… Ela é uma verdadeira bandida!

— Uma bandida, aquela loura admirável?

— Bem, agora há pouco, na estação de Saint-Lazare, quase a peguei depois que saiu do trem, após ter sido denunciada… É a segunda vez que ela me escapa.

— Ela me pareceu tão distinta, tão simpática!

Gorgeret fez um movimento de protesto:

— Uma mulher dos diabos, é o que eu digo! Sabe quem ela é? A amante do Grande Paul, só isso!

— Aquele famoso bandido? Ladrão? Assassino, talvez? O Grande Paul, que o senhor quase prendeu?

— E que eu vou prender, como a amante dele, aquela cara de fuinha, chamada Clara Loura.

— Não pode ser! Aquela loura bonita… Seria essa Clara de que os jornais falam, e que vocês procuram há seis semanas?

— A própria. E o senhor entende que essa captura é muito valiosa. Vamos, Flamant? Então, senhor, quanto ao endereço, estamos de acordo? Senhor Frossin, número 63 do Boulevard Voltaire?

— Perfeitamente, esse é o endereço que ela me deu.

O senhor Raoul o conduziu até a porta, com muita gentileza e toda deferência:

— Boa sorte — disse ele, inclinando-se sobre o corrimão da escada. — E tomara que o senhor também prenda o Lupin. É tudo farinha do mesmo saco.

Quando voltou à sala de estar, encontrou a jovem, um pouco pálida, com alguma ansiedade.

— Qual é o problema, senhorita?

— Nada… Nada… Só que esses homens esperavam por mim na estação! Fui denunciada!

— Então, você é realmente a Clara Loura, a amante do famoso Grande Paul?

Ela encolheu os ombros.

— Eu nem sei quem é esse Grande Paul.

— Você não lê os jornais?

— Raramente.

— E seu nome é Clara Loura?

— Não sei do que se trata. Meu nome é Antonine.

— Então, do que a senhorita tem medo?

— De nada. Mesmo assim, eles queriam me prender… Eles queriam…

Ela fez uma pausa e sorriu, compreendendo de repente a infantilidade de sua emoção, e disse:

— Eu acabo de chegar da província, é isso, e perco a cabeça na primeira complicação que acontece. Adeus, senhor.

— Por que tanta pressa? Só um momento, tenho tanto para dizer! Que você tem um lindo sorriso… Um sorriso encantador… Que sorri com os cantos dos lábios…

— Não quero ouvir mais nada, senhor. Adeus!

— Como! Eu acabei de salvá-la e…

— O senhor me salvou?

— Ora! Da prisão!… Do tribunal… Do cadafalso. Eu acho que mereço alguma coisa. Quanto tempo vai ficar com o marquês de Erlemont?

— Meia hora, talvez…

— Bem, eu a aguardo na volta, e tomaremos um chá aqui, como bons amigos.

— Um chá, aqui! Oh, senhor, está aproveitando-se de um erro… Faça-me o favor…

Ela fitou-o com olhos tão severos que ele percebeu a inconveniência de sua oferta, e não insistiu mais.

— Querendo ou não, senhorita, o acaso nos reunirá novamente… E eu ajudarei o acaso. Há encontros que inevitavelmente têm um amanhã… Muitos amanhãs…

Parado na porta de entrada, ele a observou subindo as escadas. Ela se virou para acenar gentilmente, e ele pensou consigo mesmo: "Sim, ela é adorável… Ah! esse sorriso gostoso! Mas o que ela vai fazer na casa do marquês? E depois, o que ela faz da vida? Qual é o mistério de sua existência? Ela, a amante do Grande Paul! Que ela esteja sendo procurada ao mesmo tempo que o Grande Paul, é possível… Mas, amante do Grande Paul… Só a polícia pode inventar tais erros…"

Imediatamente, ele pensou que Gorgeret, depois de dar com a cara na porta no número 63 do Boulevard Voltaire, poderia ter a ideia de voltar, e que havia o risco de um encontro entre ele e a jovem. Isso, a todo custo, tinha que ser evitado.

Mas, ao entrar em seu apartamento, ele bateu na testa e murmurou:

— Oh, meu Deus! Eu esqueci…

E correu para o telefone, aquele que não ficava escondido, com o qual ele se comunicava com a cidade.

— Vendôme, 00-00! Alô! Rápido, senhorita. Alô!… É da casa de modas Berwitz? A rainha está aí, não está? *(Ficando impaciente).* Perguntei se Sua Majestade está aí… Ela está no provador? Bem, diga-lhe que o senhor

Raoul está ao telefone…

E continuou, imperiosamente:

— Parem de me enrolar, certo?… Eu ordeno que chamem Sua Majestade! Sua Majestade ficará muito contrariada se não a chamarem!

Ele esperou, tamborilando o telefone com um gesto nervoso. Do outro lado da linha, alguém atendeu. Ele respondeu:

— É você, Olga? É o Raoul. O quê? Estava provando uma roupa? E está seminua? Ah, sorte de quem conseguir flagrar-lhe assim, bela Olga… Você tem os ombros mais bonitos da Europa Central. Mas, por favor, Olga, não exagere assim nos "*r*"! O que eu estou querendo dizerrrr?… Bem, eu estou fazendo o mesmo… Bom, eu não posso ir ao chá… Não, querrrrida. Acalme-se. Não há mulherrrres aqui. É uma reunião de negócios… Vamos lá, não seja irrrrracional… Vamos, meu amorrrr… Aqui, hoje à noite… No jantarrrr… Posso lhe buscar? Tudo bem… Minha querrrrida Olga…

Ele desligou, e correu rapidamente para se postar atrás de sua porta entreaberta.

O cavalheiro do primeiro andar

Sentado em frente à escrivaninha de seu escritório, uma vasta sala repleta de livros que ele raramente lia, mas dos quais admirava as belas encadernações, o marquês de Erlemont organizava seus documentos.

Desde a terrível tragédia do castelo de Volnic, Jean de Erlemont havia envelhecido muito mais do que quinze anos. Seus cabelos estavam brancos, e as rugas haviam se infiltrado em seu rosto. Ele não era mais o belo de Erlemont de outrora, que não conhecia a crueldade das mulheres. Ainda era alto e esguio, mas seu rosto, antigamente animado pelo desejo de agradar, havia se tornado grave, e às vezes preocupado. Suspeitava-se que ele tinha problemas de dinheiro, nos círculos e salões que frequentava. No entanto, nada se sabia, pois Jean de Erlemont era pouco inclinado a confidências.

Ele ouviu a campainha tocar. Aguardou. Tendo batido na porta, o criado veio e lhe disse que uma jovem pedia para ser recebida.

— Sinto muito. — disse ele — Estou ocupado.

O criado saiu e voltou.

— Esta pessoa insiste, senhor marquês. Ela diz ser filha de Madame Teresa, de Lisieux, e traz uma carta de sua mãe.

O marquês hesitou por um momento. Tentava lembrar-se, e repetia consigo mesmo: "Teresa… Teresa…". Em seguida, ele respondeu vivamente:

— Mande-a entrar.

Ele se levantou imediatamente e caminhou em direção à moça, a quem cumprimentou com boa vontade e com as mãos estendidas.

— Bem-vinda, senhorita. Certamente não me esqueci de sua mãe… Mas, meu Deus, como você se parece com ela! O mesmo cabelo… A

mesma expressão, um pouco tímida… E, sobretudo, o mesmo sorriso, amado por todos! Então, sua mãe a enviou?

— Mamãe morreu, meu senhor, há cinco anos. Ela escreveu uma carta, que fiz a promessa de lhe trazer, caso eu precisasse de ajuda.

Ela falava calmamente, tendo seu rosto alegre se nublado de tristeza, e ofereceu o envelope no qual sua mãe havia escrito o endereço. Ele o abriu, deu uma passada de olhos sobre a carta, estremeceu e, recuando um pouco, leu:

> *Se você puder fazer alguma coisa por minha filha, faça-o… Em memória de um passado que ela conhece, mas no qual ela acredita que você só fez o papel de um amigo. Peço-lhe que não a engane. Antonine é muito orgulhosa, como eu, e só precisa de um meio para ganhar a vida. Muito obrigada.*
>
> *Teresa*

O marquês permaneceu em silêncio. Ele se lembrou daquela aventura encantadora, tão belamente iniciada, naquela vila balneária no centro da França, onde Teresa acompanhava uma família inglesa como babá. Tinha sido para Jean de Erlemont um daqueles caprichos que logo terminavam, assim como começavam; sua natureza descuidada na época, e muito egoísta, o impedia de se dedicar a alguém que se entregara a ele com tanto abandono e confiança. A vaga lembrança de algumas horas era tudo o que retinha em sua memória. Será que, para Teresa, a aventura teria sido algo mais sério, e que comprometera toda a sua vida? Depois da separação brutal e inexplicável, teria ele deixado para trás apenas dor, e uma existência despedaçada, e essa criança?

Ele nunca soube. Ela nunca lhe havia escrito. E eis que esta carta surgia do passado, sob as condições mais perturbadoras… Muito emocionado, aproximou-se da jovem e perguntou:

— Quantos anos você tem, Antonine?

— Vinte e três anos.

Ele tentava se controlar. As datas coincidiam. Ele repetiu, com a voz abafada:

— Vinte e três anos!

Para não cair novamente no silêncio, e satisfazer o desejo de Teresa, desvanecendo as suspeitas da moça, ele disse:

— Eu fui amigo de sua mãe, Antonine, amante e confidente dela.

— Não falemos sobre isso, por favor, meu senhor.

— Então sua mãe guardou más lembranças daquela época?

— Minha mãe ficou em silêncio a esse respeito.

— Que assim seja. Apenas uma coisa. A vida foi muito difícil para ela?

Ela respondeu, com firmeza:

— Ela foi muito feliz, meu senhor, e me deu muitas alegrias. Se eu venho hoje é porque não me entendo mais com as pessoas que me acolheram.

— Conte-me tudo sobre isso, minha filha. A coisa mais urgente, hoje, é cuidar de seu futuro. O que você deseja?

— Não ter que prestar contas a ninguém.

— E não depender de ninguém?

— Eu não tenho medo de obedecer.

— O que você sabe fazer?

— Tudo e nada.

— Isso é muito e pouco. Gostaria de ser minha secretária?

— O senhor não tem um secretário?

— Sim, mas eu não confio nele. Ele me escuta atrás das portas e bisbilhota meus papéis. Você tomará o lugar dele.

— Eu não quero tomar o lugar de ninguém.

— Caramba, então vai ser difícil — riu o marquês de Erlemont.

Sentados próximos um do outro, eles conversaram por muito tempo. Ele, atento e afetuoso; ela, relaxada, despreocupada, mas também com momentos de reserva que o intrigavam um pouco e que ele não compreendia. Ao final, chegaram a um acordo para que ela não o pressionasse muito, e lhe desse tempo para conhecê-la melhor e refletir. Ele deveria partir no dia seguinte, de carro, em uma viagem de negócios. Depois disso, ele passaria cerca de vinte dias no exterior. Ela concordou em acompanhá-lo em sua viagem de carro.

Ela lhe deu, em um pedaço de papel, o endereço do pensionato onde pretendia ficar em Paris, e combinaram que, na manhã seguinte, ele deveria ir buscá-la.

Na antessala, ele beijou a mão dela. Por acaso, Courville estava de passagem. O marquês disse, simplesmente:

— Até breve, minha filha. Você virá me ver novamente, não é mesmo?

Ela pegou sua pequena mala e desceu as escadas. Parecia feliz, alegre, como se estivesse prestes a cantar.

O que aconteceu em seguida foi tão inesperado e tão rápido que ela mal pôde perceber uma série de impressões incoerentes que a dominaram. Nos últimos degraus do piso — a escadaria estava bastante escura — ouviu o som de vozes que discutiam na porta do mezanino, e algumas palavras chegaram até ela.

— O senhor fez-me de bobo… O número 63 Boulevard Voltaire não existe…

— De jeito nenhum, senhor inspetor! Mas o Boulevard Voltaire existe, não é mesmo?

— Além disso, gostaria de saber o que aconteceu com um importante pedaço de papel que estava no meu bolso quando vim aqui.

— Um mandado? Contra a senhorita Clara?

Ao reconhecer a voz do inspetor Gorgeret, a jovem cometeu o grande erro de dar um grito e de seguir seu caminho, em vez de voltar silenciosamente para o segundo andar. O inspetor-chefe ouviu o grito, virou-se, viu a fugitiva e quis partir para cima dela.

Ele foi impedido de fazê-lo por duas mãos que lhe agarraram os pulsos e tentaram arrastá-lo para dentro do salão. Ele resistiu, seguro de si mesmo, pois era de estatura e musculatura muito mais poderosas do que as de seu adversário inesperado. No entanto, ele ficou surpreso, não apenas por não conseguir escapar dele, mas também por ser forçado a uma obediência mais passiva. Furioso, ele protestava:

— Você não pode me deixar em paz?

— Mas você deve vir comigo — disse o senhor Raoul. — O mandado está aqui na minha casa, você mesmo disse.

— Eu não me importo com o mandado.

— Eu, sim! Eu me importo com o mandado! Devo devolvê-lo a você. Você pediu por isso.

— Mas, por Deus, a menina vai escapar de novo!

— O seu parceiro não está aí?

— Está lá na rua, sim, mas ele é muito estúpido!

De repente, ele se viu transportado para o salão e bloqueado por uma porta fechada. Explodiu em fúria e proferiu palavrões horríveis. Bateu contra a porta, depois forçou a fechadura. Mas a porta não cedeu, nem a fechadura, que parecia ser de um tipo especial, pois a chave girava indefinidamente, sem destravar o segredo.

— Aqui está o seu mandado, senhor inspetor-chefe — disse o senhor Raoul.

Gorgeret estava prestes a agarrá-lo pelo pescoço.

— Você tem muita coragem! Este mandado estava no bolso do meu sobretudo, na minha primeira visita.

— Ele caiu, sem dúvida — afirmou vivamente o senhor Raoul. — Encontrei-o aqui no chão.

— Mentira! Em todo caso, você vai continuar negando que me fez de bobo com o seu Boulevard Voltaire e que, quando você me enviou para lá, a garota não estava longe daqui?

— Estava bem perto, de fato.

— Como assim?

— Ela estava nesta sala.

— O que você está dizendo?

— Nesta poltrona, de costas para você.

— Ah, é? Ah, é? — repetiu Gorgeret, cruzando os braços. — Ela estava nesta poltrona… E como você ousou? Você é louco? Quem lhe deu permissão?

— Meu bom coração — respondeu o senhor Raoul em um tom suave. — Vamos, senhor inspetor, o senhor também é um bom homem. O senhor deve ter uma esposa, filhos… E queria entregar essa jovem loura para ser jogada na prisão! Ora, vamos! Se estivesse em meu lugar, teria feito o mesmo, e teria me enviado para o Boulevard Voltaire, admita.

Gorgeret sufocava:

— Ela estava aqui! A amante do Grande Paul estava aqui! Você está encrencado, meu jovem senhor.

— Estarei encrencado se o senhor puder provar que a amante do Grande Paul estava aqui. E é exatamente isso que o senhor tem que provar.

— Mas, você confessou…

— Cara a cara, e olho no olho. Senão… Esqueça.

— Meu testemunho como inspetor-chefe…

— Vamos lá, você não teria coragem de proclamar que foi enganado como um menino de escola.

Gorgeret não podia acreditar. Quem era esse comunistazinho que parecia ter prazer em desafiá-lo? Ele teve vontade de interrogá-lo, perguntando seu nome e pedindo seus documentos. Mas se sentia estranhamente dominado por aquele caráter singular. Ele disse, simplesmente:

— Então, você é amigo da amante do Grande Paul?

— Eu? Eu a vi por apenas três minutos.

— E então?

— Eu gosto dela.

— E isso é motivo suficiente?

— Sim. Não quero que as pessoas de quem gosto sejam incomodadas.

Gorgeret cerrou o punho e o brandiu na direção do senhor Raoul, que, sem mexer, correu para a porta e abriu a fechadura na primeira tentativa, como fosse a fechadura mais complacente do mundo.

O inspetor enterrou seu chapéu na cabeça e saiu por aquela porta bem aberta, com o peito saliente, o rosto tenso, como um homem que sabe esperar, e encontrar a hora certa para a vingança.

Cinco minutos depois, após ver através da janela que Gorgeret e seu colega estavam indo embora — o que significava que a bela loura não estava mais em perigo, até segunda ordem —, e depois de bater suavemente no teto, o senhor Raoul recebeu o senhor Courville, secretário do marquês de Erlemont, e imediatamente o interpelou:

— Você viu uma mulher loura e bonita lá em cima?

— Sim, senhor, o marquês a recebeu.

— Escutou alguma coisa?

— Sim.

— E o que você ouviu?

— Nada.

— Idiota!

Raoul usava, frequentemente, com Courville a mesma palavra que Gorgeret usava com Flamant. Mas o tom permanecia afável, com nuances de simpatia. Courville era um venerável cavalheiro, com sua barba branca quadrada, sempre vestido com um casaco preto e gravata borboleta branca, que lhe davam ares de um magistrado da província ou de um mestre de

cerimônias fúnebres. Exprimia-se com perfeita exatidão, comedido nas palavras, e com uma certa pompa na entonação.

— O marquês e a jovem falaram um com o outro com uma voz que o mais aguçado ouvido não poderia perceber.

— Meu velho — interrompeu Raoul —, essa sua eloquência de sacristão me deixa horrorizado. Responda, mas não fale.

Courville se curvou, como um homem que considerava todas as reprimendas como traços de afeição.

— Senhor Courville — disse Raoul —, não tenho o hábito de lembrar as pessoas dos serviços que lhes prestei. Mas posso dizer, sem conhecê-lo muito bem, e pela excelente impressão que me causou sua venerável barba branca, que consegui primeiro salvá-lo da miséria, assim como a sua velha mãe e seu velho pai, e depois oferecer-lhe ao meu lado uma situação de completo descanso.

— Minha gratidão pelo senhor não conhece limites.

— Cale-se. Não estou falando para que você me responda, mas porque tenho um pequeno discurso a fazer. Continuando. Você foi encarregado por mim de várias tarefas, mas confesse honestamente que as realizou com uma total incompetência, e uma falta de inteligência notória. Não estou reclamando, pois minha admiração por sua barba branca e sua cara perfeita de homem honesto não teve nenhum prejuízo. Mas é uma constatação. Assim, no posto em que o coloquei por algumas semanas, a fim de proteger o marquês de Erlemont contra as intrigas que o ameaçam, neste posto onde sua missão consistia simplesmente em explorar gavetas secretas, coletar papéis suspeitos e ouvir conversas, o que você conseguiu? Além disso, não há dúvida de que o marquês está desconfiado de você. Por fim, toda vez que você utiliza nossa instalação telefônica particular, você escolhe o exato momento em que estou dormindo para me revelar incríveis absurdos. Sob estas circunstâncias…

— Sob estas circunstâncias, o senhor me pagará pelos meus oito dias — disse Courville, de forma solene.

— Não, mas estou tomando as rédeas do caso, e faço isso porque envolve a mais bela criança de cabelos dourados que já conheci.

— Preciso lembrá-lo, senhor, de Sua Majestade, a rainha Olga?

— Não quero mais saber de Sua Majestade, a rainha de Borostyria. Nada me importa mais do que Antonine, conhecida como Clara, a Loura.

Preciso que tudo seja resolvido, preciso saber o que o senhor Valthex está tramando, qual é o segredo do marquês, e por que justamente hoje me apareceu aqui a chamada amante do Grande Paul.

— A amante?…

— Não tente entender.

— O que eu deveria tentar entender?

— A verdade sobre o papel exato que você desempenha para mim.

Courville murmurou:

— Eu prefiro não saber…

— Nunca tenha medo da verdade — disse Raoul com firmeza. — Você sabe quem eu sou?

— Não.

— Arsène Lupin, o ladrão de casaca.

Courville não vacilou. Talvez ele pensasse que o senhor Raoul deveria tê-lo poupado disso, mas nenhuma revelação, por mais dura que fosse para sua probidade, poderia diminuir seus sentimentos de gratidão ou o prestígio do senhor Raoul a seus olhos.

E Raoul continuou:

— Saiba, então, que me atirei na aventura Erlemont como sempre faço — sem saber para onde vou, e sem saber nada dos acontecimentos, seguindo alguma pista qualquer, e confiando na minha boa sorte e no meu talento. No caso presente, eu soube pelas minhas fontes que a ruína de um tal de Erlemont, que vendia, um a um, seus castelos e propriedades nas províncias, bem como alguns dos livros mais valiosos de sua biblioteca, despertava um certo assombro em alguns círculos da nobreza. De fato, segundo minhas investigações, o avô materno do senhor de Erlemont, um viajante incansável, espécie de intrépido conquistador, possuidor de imensas propriedades na Índia, com o título e a posição de nababo, havia retornado à França com a reputação de multimilionário. Ele morreu logo em seguida, deixando suas riquezas para sua filha, mãe do atual marquês. O que foi feito dessas riquezas? Talvez Jean de Erlemont as tenha dissipado, embora seu padrão de vida sempre tivesse sido muito razoável. Mas agora o acaso me trouxe um documento que parece dar outra explicação. É uma carta, muito rasgada, de aparência não muito recente, e onde, entre detalhes secundários, está escrito, sob a assinatura do marquês:

A missão que lhe dei não parece estar se concretizando. A herança de meu avô ainda não foi encontrada. Lembro-lhe as duas cláusulas de nosso acordo: discrição absoluta e participação de 10% para você, com o valor máximo de um milhão… Mas, infelizmente! Eu procurei sua agência na esperança de um resultado rápido, e o tempo está se esgotando…

Neste pedaço de papel, não há nenhuma data, nem endereço. É obviamente uma agência de investigação, mas qual agência? Não perdi meu tempo precioso com essa busca, achando muito mais eficiente alugar o apartamento do marquês e colocar você no escritório dele.

Courville arriscou:

— O senhor não acha que teria sido ainda mais eficaz, já que decidiu por esta colaboração, contar ao marquês sobre isso e dizer-lhe que, pelos 10%, o senhor o ajudaria?

Raoul olhou para ele com raiva:

— Idiota! Um acordo em que uma agência recebe um milhão como pagamento deve valer vinte ou trinta milhões. A esse preço, eu estou dentro.

— No entanto, sua colaboração…

— Minha colaboração consiste em levar tudo.

— Mas, o marquês…

— Ele receberá os 10%. Para ele, solteiro e sem filhos, será uma sorte inesperada. E eu mesmo terei que fazer o trabalho. Conclusão: quando você pode me apresentar ao marquês?

Courville sentiu-se incomodado e timidamente contestou:

— Isso é muito sério. Não acha, senhor, que isso pode me comprometer com o marquês?

— Uma traição… É o que lhe ofereço. O que você quer, meu velho? O destino cruelmente o coloca entre seu dever e sua gratidão, entre o marquês e Arsène Lupin. Escolha.

Courville fechou os olhos e respondeu:

— Esta noite o marquês está jantando na cidade, e só retornará à uma hora da manhã.

— Os criados?

— Eles vivem no último andar, como eu.

— Dê-me sua chave.

Um novo embate de consciência. Até então, Courville imaginava que ele ajudava a garantir a proteção do marquês. Mas entregar a chave de um apartamento, facilitar um roubo, prestar-se a uma fraude formidável… A delicada alma de Courville hesitava.

Raoul estendeu a mão. Courville deu-lhe a chave.

— Obrigado — disse Raoul, que se divertia diabolicamente brincando com os escrúpulos de Courville. — Às dez horas, tranque-se em seu quarto. Caso haja algum alarme entre os criados, você descerá e me alertará. Mas isso é altamente improvável. Vejo você amanhã.

Courville foi embora, Raoul aprontou-se para sair e jantar com a bela Olga. Mas ele adormeceu, e não acordou antes das dez e meia. Em seguida, correu para o telefone e ligou para o Trocadero Palace.

— Alô… Alô… É do Trocadero Palace? O apartamento de Sua Majestade… Alô… Alô… Quem fala?… A recepcionista?… É você, Julie? Como você está, querida? Diga, a rainha está me esperando, não está? Passe-me para a rainha… Oh, você está me irritando… Eu não lhe dei um emprego para ficar reclamando perto da rainha… Rápido, diga a ela… (*Uma pausa, e Raoul retomou.)* Alô… Alô… É você, Olga? Veja só, querida, minha reunião demorou… Apesar disso, estou encantado, o assunto está resolvido. Mas não, minha querrrrida, a culpa não foi minha… Você gostaria de almoçar comigo na sexta-feirrrra?… Eu vou lhe buscarrrr… Você não está com raiva de mim, está? Você sabe que está em primeiro lugar… Oh, minha querrrrida Olga!…

Um roubo na noite

Para suas expedições noturnas, Arsène Lupin nunca se dá ao trabalho de usar um terno especialmente escuro. "Vou como estou", ele costuma dizer, "com as mãos nos bolsos, desarmado, com o coração tão tranquilo como se fosse comprar cigarros, e a consciência tão confortável como se fosse realizar um trabalho beneficente."

As únicas preocupações são: ter que fazer alguns exercícios de alongamento, entrar no local sem fazer barulho, ou caminhar no escuro sem derrubar as coisas. Naquela noite, ele faria exatamente isso, e com sucesso. Tudo correria bem. Ele estava em boa forma e capaz, moral e fisicamente, de enfrentar qualquer eventualidade.

Ele comeu alguns biscoitos, engoliu um copo de água e subiu as escadas.

Eram onze e quinze. Não havia luz. Nenhum ruído. Não havia risco de encontrar algum inquilino, já que não havia nenhum; nem um empregado, já que eles estavam na cama, e Courville estava vigiando lá em cima. Que prazer seria operar em tais condições de segurança! Nem mesmo o pequeno problema de ter que arrombar uma porta ou forçar uma fechadura: ele tinha a chave. Nem mesmo o aborrecimento de ter que se orientar: ele tinha um mapa.

Então ele entrou, como se fosse em sua casa, e, depois de seguir o corredor que levava ao escritório, ele acendeu a luz nesse local. Só se pode trabalhar bem em plena luz.

Um grande espelho colocado entre as duas janelas refletia sua imagem, que vinha a seu encontro. Ele se cumprimentou e fez alguns gracejos, tendo esse espírito caprichoso que o dispunha a interpretar a comédia para si

mesmo, ainda mais do que para os outros.

Em seguida, ele se sentou e observou. Não se deve perder tempo em um frenesi, esvaziando febrilmente as gavetas e desorganizando a biblioteca. Não; é preciso pensar, escrutinar com os olhos, estabelecer as proporções certas, ponderar as capacidades, medir as dimensões. Um certo móvel que normalmente não deveria ter tais linhas. Uma certa poltrona que não deveria ter esse aspecto. Os esconderijos escapam ao olhar de um Courville: para um Lupin, não há segredos.

Após dez minutos de atenta contemplação, ele foi direto para a mesa, ajoelhou-se, apalpou a madeira de pau-cetim, estudou as hastes de latão. Então se levantou, fez alguns gestos de mágico, abriu uma gaveta, esvaziou-a completamente; empurrou de um lado, empurrou do outro, falou algumas palavras mágicas e estalou a língua.

Ouviu-se um clique. Uma segunda gaveta surgiu no interior.

Ele estalou a língua novamente, pensando: "E pensar que aquela lesma de barba branca não descobriu nada em quarenta dias, enquanto quarenta segundos foram suficientes para mim. Que esperto que eu sou!".

Mas ainda era preciso que sua descoberta tivesse um significado e um resultado. No final, o que ele esperava era a carta que fora entregue ao marquês pela jovem Antonine. Ele viu imediatamente que ela não estava lá.

Primeiro, em um grande envelope amarelo, uma dúzia de notas de mil francos. Isso era sagrado. Não se pode roubar os trocos do vizinho, do senhorio, um representante da antiga nobreza francesa! Ele empurrou o envelope com repugnância.

Quanto ao resto, um rápido exame lhe permitiu ver que só havia cartas e retratos: cartas de mulheres, retratos de mulheres. Lembranças, é claro. As relíquias de um homem conquistador, que não tinha coragem de queimar os traços de um passado que representava para ele toda a felicidade e todo o amor.

As cartas? Ele teria que ler todas elas, e procurar por qualquer coisa de interesse em cada uma. Uma tarefa considerável, e talvez inútil, e que ele tinha alguns escrúpulos para realizar. Como amante e conquistador, que também era, seria delicado demais entrar brutalmente na intimidade dessas confidências de mulheres.

Mas como ele poderia ter a coragem de não contemplar as fotografias? Havia quase uma centena… Aventuras de um dia ou de um ano… Provas

de ternura ou de paixão… Todas elas eram bonitas, graciosas, amorosas e doces, com olhos que prometiam, atitudes abandonadas, sorrisos que lembravam às vezes tristeza, angústia. Havia nomes, datas, dedicatórias, alusões a algum episódio. Grandes damas, artistas, vedetes, que emergiam das sombras, desconhecidas umas das outras, e ainda assim tão próximas umas das outras por meio da lembrança desse homem.

Raoul não examinou a todas. Na parte de trás da gaveta, chamou sua especial atenção uma fotografia maior, que ele podia ver sob a folha dupla de papel que a protegia. Ele foi até ela imediatamente, empurrou as duas folhas para o lado e olhou.

Raoul ficou deslumbrado. Essa era realmente a mais bela, e de uma beleza extraordinária, onde havia tudo o que às vezes, e tão raramente, emprestava à beleza um alívio particular e uma expressão pessoal. Os ombros nus eram magníficos. O olhar, o porte da cabeça, davam a impressão de que essa mulher sabia como se comportar em público, e talvez como aparecer em público.

"Uma artista, obviamente", concluiu Raoul.

Seus olhos não conseguiam se desviar do retrato. Virou o cartão, esperando que houvesse no verso alguma inscrição, algum nome. E imediatamente ele vacilou. O que o tocou, no início, foi uma grande assinatura que preenchia o cartão: Elisabeth Hornain, com estas palavras abaixo: "Tua, até a morte".

Elisabeth Hornain! Raoul conhecia bem demais a vida social e artística de seu tempo para ignorar o nome da grande cantora e, embora não se lembrasse dos detalhes precisos do evento que havia ocorrido quinze anos antes, ele sabia bem que a bela mulher havia sucumbido em consequência de um misterioso ferimento, em um parque onde ela cantava ao ar livre.

Assim, Elisabeth Hornain tinha sido uma de suas amantes, e a forma como o marquês mantinha sua fotografia separada das outras demonstrava o lugar que ela havia ocupado em sua vida.

Entre as duas folhas de papel, além disso, havia um pequeno envelope não selado, que ele examinou, e cujo conteúdo apenas aumentava sua surpresa. Três coisas: uma mecha de seu cabelo encaracolado, uma carta de dez linhas, na qual ela fazia sua primeira confissão de amor ao marquês e lhe concedia um primeiro encontro, e outro retrato dela com este nome, que intrigou muito a Raoul: Elisabeth Valthex.

Neste retrato, ela estava bem jovem, e o nome Valthex era certamente o de Elisabeth antes de seu casamento com o banqueiro Hornain. As datas não deixavam dúvidas.

"De modo que", pensou Raoul, "o tal Valthex, a quem podemos dar cerca de trinta anos, pode ser um parente, sobrinho ou primo de Elisabeth Hornain, e assim o tal Valthex está em contato com o marquês de Erlemont e está tirando dinheiro dele, o que o marquês não tem coragem de recusar. Seria ele um chantageador? Teria ele outros motivos? Ele está alcançando, com mais elementos de sucesso, o objetivo que eu persigo às cegas? Um mistério. Mas, em todo caso, é um mistério que vou esclarecer, já que aqui estou eu no centro deste jogo."

Ele voltou às suas investigações e estava retomando os outros retratos, quando aconteceu algo que o interrompeu. Ouviu-se um barulho vindo de algum lugar.

Ele escutou. O som era o de um leve rangido, que qualquer um, exceto Raoul, não teria ouvido, e lhe pareceu vir da porta principal, sob a escada. Alguém tinha introduzido uma chave. A chave girou. A porta foi empurrada suavemente. Passos, pouco perceptíveis, ao longo do corredor que levava ao escritório.

Portanto, alguém se dirigia àquele escritório.

Em cinco segundos, Raoul fechou as gavetas e desligou a luz. Depois, escondeu-se atrás de uma velha tela, desgastada em seu verniz.

Tais alertas foram uma alegria para ele. Em primeiro lugar, a alegria do perigo envolvido. Depois, um novo elemento de interesse: a esperança de surpreender algo que lhe seria rentável. Pois, se um estranho entrava furtivamente na casa do marquês, e ele, Raoul, podia descobrir as razões para essa visita noturna, que bênção!

A maçaneta da porta foi agarrada por uma mão cautelosa. Nenhum som marcou o empurrar gradual da porta, mas Raoul adivinhou seu movimento insensível. Vislumbrou o jato de uma lâmpada elétrica de baixa potência.

Através de uma das fendas na tela, Raoul viu uma forma que avançava. Ele teve uma impressão, mais que uma certeza, de que era uma mulher, magra, de saia justa. Sem chapéu.

Essa impressão foi confirmada pela maneira de andar, pela imagem tênue da figura. A mulher parou, virou a cabeça para a direita e para a

esquerda, parecia estar se orientando. E foi direto para a escrivaninha, sobre a qual ela jogou o facho de luz, e onde colocou sua lâmpada.

"Sem dúvida", disse Raoul, "ela conhece o esconderijo. Ela age como uma pessoa informada."

De fato — e por todo esse tempo a figura permaneceu na sombra — ela contornou a escrivaninha, dobrou-se, retirou a gaveta principal, manobrou como tinha que ser feito, e tirou a gaveta interior. Então ela fez exatamente como Raoul havia feito. Não se importou com as notas, e começou a examinar as fotografias, como se seu propósito fosse estudá-las e descobrir uma mais especial do que as outras.

Ela era rápida. Nenhuma curiosidade a despertava. Buscava, com uma mão febril, uma mão cuja brancura e delicadeza ele podia perceber.

Ela encontrou. Até onde ele podia ver, era uma fotografia de tamanho intermediário, treze por dezoito. Olhou-a por muito tempo, depois virou o cartão, leu a inscrição, e suspirou.

Ela estava tão absorta que Raoul resolveu surpreendê-la. Sem que ela visse ou ouvisse, ele se aproximou do interruptor, observou a figura inclinada, e imediatamente acendeu a luz. Então, apressado, ele correu em direção à mulher, que havia dado um grito de susto e tentava fugir.

— Não fuja, minha querida. Eu não lhe farei mal.

Ele a alcançou, pegou-a pelo braço e rapidamente, apesar de sua resistência, virou-lhe a cabeça.

— Antonine! — ele murmurou, com espanto, reconhecendo sua visitante involuntária da tarde.

Nem por um segundo ele havia suspeitado da verdade. Antonine, a pequena provinciana, cujo ar ingênuo e olhos francos o haviam conquistado! Ela permaneceu na frente dele, desesperada, com o rosto tenso. E esse resultado inesperado perturbou-o tanto que ele começou a zombar.

— Então é por isso que você veio mais cedo à casa do marquês! Você veio fazer um reconhecimento… E então, esta noite…

Ela parecia não entender, e gaguejava:

— Eu não roubei… Não toquei no dinheiro…

— Nem eu… Mas nós também não viemos aqui para rezar à Santíssima Virgem.

Ele ainda agarrava seu braço. Ela tentou se afastar, gemendo:

— Quem é você? Eu não o conheço…

Ele riu.

— Ah, isso não é nada gentil. Depois da nossa entrevista de hoje, em meu pequeno mezanino, você me pergunta quem eu sou? Que falta de memória! E eu pensei que tinha causado impressão em você, linda Antonine!

Muito séria, ela respondeu:

— Meu nome não é Antonine.

— Bingo! Meu nome também não é Raoul. Temos dúzias de nomes, no nosso ofício.

— Que ofício?

— O roubo!

Ela se revoltou:

— Não! Não! Eu, uma ladra!

— Sonsa! O fato de roubar uma fotografia, em vez de dinheiro, prova que ela lhe é valiosa, e que você não poderia obtê-la a não ser operando como um rato de pensão. Mostre para mim essa foto preciosa que você enfiou no bolso quando me viu.

Ele tentava coagi-la. Ela lutava contra aqueles braços poderosos que a pressionavam e, entusiasmando-se com a luta, ele a teria abraçado se, por uma explosão de energia, ela não tivesse conseguido escapar.

Ele disse:

— Maldição! Não esperava tanto pudor da amante do Grande Paul!

Ela pareceu perturbada e sussurrou:

— Hein? O que você está dizendo?… Grande Paul… Quem é ele?… Eu não sei o que você quer dizer.

— Claro que sabe — disse ele —, você sabe muito bem o que quero dizer, minha linda Clara.

Ela repetiu, cada vez mais perturbada:

— Clara… Clara… Quem é?

— Não se lembra de quem é, Clara Loura?

— Clara Loura?

— Quando Gorgeret quase botou as mãos em você, não estava tão comovida. Vamos lá, Antonine ou Clara, levante-se. Se eu lhe salvei duas vezes esta tarde das garras da polícia, é porque eu não sou seu inimigo… Um sorriso, loura bonita… É tão estonteante o seu sorriso!

Um ataque de fraqueza a deprimia. As lágrimas corriam por suas faces pálidas, e ela não tinha mais forças para afastar Raoul, que tinha tomado suas mãos novamente e as acariciava com uma gentileza amigável, da qual a jovem mulher não podia se desvencilhar.

— Sim, Antonine, eu gosto mais desse nome. Se você foi Clara para o Grande Paul, para mim você ainda é aquela que vi chegar como Antonine, e com sua aparência provincial. Como eu lhe prefiro assim! Mas não chore… Tudo vai ficar bem! O Grande Paul está perseguindo você, sem dúvida, não está? E você está com medo? Não tenha medo… Estou aqui… Mas você deve me contar tudo…

Ela murmurou, muito abalada:

— Não tenho nada a dizer… Não posso dizer nada…

— Fale, minha pequena…

— Não… Eu não o conheço.

— Você não me conhece e, no entanto, confia em mim, admita.

— Talvez… Não sei por quê… Parece-me…

— Você sente que posso protegê-la, não é? Que posso lhe fazer bem? Mas, para fazer isso, você tem que me ajudar. Como você conheceu o Grande Paul? Por que você está aqui? Por que você procurou por este retrato?

Ela disse, em voz muito baixa:

— Eu imploro, não me questione… Um dia poderei lhe dizer.

— Mas é agora mesmo que precisamos conversar… Um dia perdido… Uma hora… Isso é muito.

Ele continuou a acariciá-la, sem que ela percebesse, beijando a sua mão. Mas quando os lábios dele começaram a subir por seu braço, ela implorou de tal forma que ele não insistiu mais.

— Prometa-me — disse ele.

— Que vou vê-lo novamente? Prometo.

— E quanto a confiar em mim?

— Sim.

— E posso ser útil em mais alguma coisa?

— Sim, sim — disse ela com vigor. — Venha comigo.

— Você tem medo de alguma coisa?

Ele a sentiu tremer, e ela disse, entorpecida:

— Quando cheguei, esta noite, tive a impressão de que alguém estava vigiando a casa.

— A polícia?

— Não.

— Quem?

— O Grande Paul… Amigos do Grande Paul… — Ela pronunciava esse nome com terror.

— Você tem certeza?

— Não, mas acho que o reconheci… Bem longe… Contra o parapeito do cais… Também reconheci seu principal cúmplice, que é chamado de Árabe.

— Há quanto tempo você não vê o Grande Paul?

— Há várias semanas.

— Logo, ele não tinha como saber que você viria aqui hoje?

— Não.

— Então, o que ele estava fazendo aqui?

— Ele também ronda a casa.

— Ou seja, ele ronda o marquês… E pelas mesmas razões que você?

— Eu não sei… Uma vez ele disse na minha frente que queria vê-lo morto.

— Por quê?

— Eu não sei.

— Você conhece os cúmplices dele?

— O Árabe, apenas.

— Onde ele se esconde?

— Eu não sei. Talvez em um bar em Montmartre… Um dia eu o ouvi falando um nome, bem baixinho.

— Você se lembra?

— Sim… Bar dos Lagostins.

Ele não perguntou mais nada. Ele tinha um palpite de que ela não iria responder mais nada naquele dia.

Primeiro embate

— Vamos embora — disse ele. — E, aconteça o que acontecer, não tenha medo. Eu respondo por tudo.

Ele verificou se tudo estava em ordem. Então, apagou a luz e, pegando a mão de Antonine, para conduzi-la pela escuridão, foi até a entrada, fechou a porta suavemente atrás deles, e desceu as escadas com ela.

Ele queria logo sair, e temia que a jovem mulher estivesse enganada, pois estava ansioso para lutar e atacar aqueles que a perseguiam. No entanto, aquela mãozinha que ele segurava estava tão fria que ele parou e a apertou entre as duas.

— Se você me conhecesse melhor, saberia que não há perigo quando se está perto de mim. Não se mova. Quando suas mãos estiverem quentes, você verá como estará novamente calma e cheia de coragem.

Eles ficaram assim parados, imóveis, com as mãos presas.

Depois de alguns minutos de silêncio, ela disse, tranquilizada:

— Vamos sair daqui.

Ele bateu na porta da zeladora e pediu que ela abrisse. Eles saíram.

A noite estava enevoada, e as luzes difundiam-se nas sombras. Havia poucos transeuntes àquela hora. Mas imediatamente, com seu rápido olhar, Raoul viu duas figuras que atravessavam a rua e se esgueiravam pela calçada, protegendo-se atrás de um carro estacionado, perto do qual duas outras figuras pareciam estar esperando. Ele estava prestes a arrastar a jovem mulher na direção oposta. Mas mudou de ideia, pois a oportunidade era boa demais. Além disso, os quatro homens haviam se separado bruscamente e aproximavam-se deles, formando um círculo.

— São eles, com certeza — pronunciou Antonine, que ficou novamente assustada.

— E o Grande Paul é aquele bem alto, de pernas compridas?

— Sim.

— Ótimo — disse ele. — Vamos tirar isso a limpo.

— Você não está com medo?

— Não, se você não gritar.

Naquele momento, o cais estava completamente deserto. O homem de pernas compridas tirou proveito disso. Ele e um de seus amigos voltaram-se para a calçada. Os outros dois caminhavam ao longo das paredes… O motor do carro zumbiu, sem dúvida conduzido por um motorista invisível que se preparava para ligar o carro.

E, de repente, um leve assobio.

Foi repentino. Três dos homens correram para a jovem mulher e tentaram arrastá-la até o carro. Aquele que se chamava Grande Paul enfrentou Raoul, apontando-lhe um revólver no nariz.

Antes que ele pudesse atirar, Raoul desarmou-o com um rápido movimento de pulso, zombando:

— Idiota! Atire primeiro, mire depois.

Ele perseguiu os outros três bandidos. Um deles tentou fugir em direção à calçada, bem a tempo de receber um chute violento no queixo, que o fez cambalear e desabar como um peso morto.

Os dois últimos comparsas não esperaram para ver o que lhes aconteceria. Atirando-se para dentro do carro, fugiram. Antonine, libertada, fugiu na outra direção, perseguida por Grande Paul, que de repente se deparou com Raoul.

— Passagem proibida! — gritou Raoul. — Solte a menina loura. É uma velha história que você deve esquecer, meu Grande Paul.

Grande Paul tentava passar, e encontrar uma saída à direita ou à esquerda de seu oponente. Embora este se plantasse em todos os lugares à sua frente, ele ainda tentava a sorte, ao mesmo tempo em que fugia da luta.

— Passa ou não passa? Não é divertida essa brincadeira de criança? Há um rapaz alto e pernudo que quer correr, e um baixinho que não quer deixar. E, enquanto isso, a menina está fugindo… É isso mesmo… Agora ela está fora de perigo… A verdadeira batalha vai começar. Você está pronto, Grande Paul?

Com um salto, ele pulou sobre o inimigo, agarrou seus antebraços e o imobilizou instantaneamente.

— Viu? É como ter algemas nos pulsos, não é? Fale, Grande Paul, você não é o maioral do seu bando. Que covardes são os seus amigos! Um piscar de olhos e eles sumiram. Mas isso não é tudo, eu quero ver a sua cara na luz.

O outro lutava, atônito por sua própria fraqueza e impotência. Apesar de todos os seus esforços, ele não conseguia se livrar desses dois abraços que o acorrentavam como anéis de ferro, e que o faziam sofrer a ponto de não suportar a dor.

— Vamos — brincou Raoul —, mostre sua cara para o papai. E não faça caretas, para que eu possa ver se lhe conheço… Ei, qual é o problema, meu velho, você está resmungando? Não está querendo me obedecer?

Ele o girou suavemente, como uma massa pesada que se move em pequenas porções. Assim, contra a sua vontade, o Grande Paul se virava para o lado que a luz elétrica iluminava com mais precisão.

Um último esforço, e Raoul atingiu seu objetivo. Ele exclamou, verdadeiramente desconcertado com a visão do rosto do homem:

— Valthex!

E ele repetia, às gargalhadas:

— Valthex!… Valthex!… Bem, é verdade, por essa eu não esperava! Então Valthex é o Grande Paul? E o Grande Paul é o Valthex? Valthex veste roupas da moda e usa chapéu-coco. Paul veste calças de marinheiro e usa boné. Deus, como isso é engraçado! Você está bajulando o marquês e é um líder de gangue.

Furioso, o Grande Paul esbravejava:

— Eu lhe conheço também… Você é o cara do mezanino…

— Mas, sim… Senhor Raoul… Ao seu serviço. E aqui estamos nós, ambos no mesmo ramo. Você está sem sorte! Sem mencionar que a Clara Loura já é minha.

O nome de Clara deixou o Grande Paul fora de si.

— Eu lhe proíbo…

— Você me proíbe? Olhe só para você, meu velho. Você é meia cabeça mais alto do que eu, sabe praticar todos os golpes do boxe, lutar com facas, e aqui está você, nas minhas garras, quietinho, derrotado! Por que você não se defende, seu malandro? Sério, você me dá pena.

Ele o soltou. O outro algaraviava-se:

— Seu vagabundo! Eu vou lhe encontrar.

— Por que me encontrar? Estou bem aqui. Vá em frente.

— Se você tiver tocado naquela menina…

— Já era, meu velho. Somos namorados, ela e eu.

Exasperado, o Grande Paul vociferou:

— Você está mentindo! Isso não é verdade!

— E estamos apenas começando. Mais informações sobre isso na próxima edição. Vou mantê-lo informado.

Eles se mediam um ao outro, prontos para a batalha. Mas, sem dúvida, o Grande Paul achou mais prudente esperar por uma oportunidade melhor, pois ele cuspiu alguns insultos, aos quais Raoul respondia com uma risada, e partiu, com uma ameaça final:

— Vou arrancar a sua pele, meu chapa.

— É você que está fugindo. Até breve, covarde!

Raoul o observava enquanto ia embora. O outro mancava, o que parecia ser um disfarce do Grande Paul, pois Valthex não mancava.

"Devo ter cuidado com esse sujeito", disse Raoul para si mesmo. "Ele é do tipo de pessoa que planeja suas más ações. Gorgeret e Valthex… Caramba, vou manter os olhos abertos!"

Raoul, ao retornar à casa, ficou surpreso ao ver, sentado contra o portão da cocheira, um homem que gemia. Pensou reconhecer o homem cujo queixo ele tinha lavrado com um golpe de sola. O homem havia de fato recuperado a consciência, mas tinha caído mais para trás e estava descansando.

Raoul o examinou. Viu uma figura morena, cabelos longos ligeiramente frisados, que escapavam de seu boné, e disse:

— Duas palavras, camarada. Você é obviamente aquele que eles chamam de Árabe, da gangue do Grande Paul. Quer ganhar uma nota de mil francos?

O homem respondeu com alguma dificuldade, pois sua mandíbula estava bem machucada:

— Se for para trair o Grande Paul, não vou fazer nada.

— Muito bem, você é fiel. Não, não se trata dele. Trata-se de Clara, a Loura. Você sabe onde ela está escondida?

— Não. E também não sei do Grande Paul.

— Então por que esta emboscada na frente da casa do marquês?

— Ela chegou aqui primeiro.

— Como ficaram sabendo?

— Por mim. Eu estava vigiando o inspetor Gorgeret. Eu o vi de plantão na Estação de Saint-Lazare, esperando a chegada de um trem. Era a menina que estava voltando para Paris, disfarçada de provinciana. Gorgeret ouviu o endereço que ela deu a um motorista. Ouvi quando Gorgeret deu o endereço a outro motorista. E nós chegamos aqui. Então corri para avisar o Grande Paul. E ficamos de tocaia por toda a noite.

— Então o Grande Paul suspeitava que ela voltaria?

— Provavelmente. Ele nunca me diz nada sobre seus negócios. Todos os dias, no mesmo horário, encontramo-nos em um bar. Ele me dá as ordens, que eu passo aos meus camaradas, e nós as cumprimos.

— Mais mil francos se você falar mais.

— Eu não sei de nada.

— Você está mentindo. Sabe que o nome verdadeiro dele é Valthex, e que ele leva uma vida dupla. Por isso, tenho certeza de que vou encontrá-lo na casa do marquês, e posso denunciá-lo à polícia.

— Ele também pode lhe encontrar. Sabemos que você mora no mezanino e que a moça foi vê-lo mais cedo. É um jogo perigoso.

— Eu não tenho nada a esconder.

— Bom para você. O Grande Paul tem um rancor, e é louco pela garota. Cuidado. E o marquês também deve tomar cuidado. O Grande Paul tem más intenções para com ele.

— Quais?

— Chega de conversa.

— Que seja. Aqui estão os dois mil. Mais vinte francos para puxar o carro daqui.

Raoul demorou muito tempo para adormecer. Ele refletiu sobre os acontecimentos do dia e gostou de evocar a imagem sedutora da bela loura. De todos os enigmas que complicavam a aventura em que ele estava envolvido, este era o mais cativante e o mais inacessível. Antonine? Clara? Qual dessas duas figuras constituía a verdadeira personalidade do ser encantador que ele tinha conhecido? Ela tinha ao mesmo tempo o sorriso mais franco e o mais misterioso, o olhar mais cândido e o mais voluptuoso, o aspecto mais ingênuo e o mais inquietante. Ela o comovia com sua

melancolia e com sua alegria. Suas lágrimas, assim como suas gargalhadas, vinham da mesma fonte, frescas e claras em alguns momentos, obscuras e perturbadas em outros.

Na manhã seguinte, ele telefonou para o secretário Courville.

— E o marquês?

— Ele saiu cedo, hoje de manhã. O criado trouxe seu carro, e levou duas malas cheias com ele.

— Então, uma ausência?

— Por alguns dias — disse ele —, e na companhia, eu acho, da jovem loura.

— Ele deixou algum endereço?

— Não, senhor. Ele é sempre bem discreto, e se organiza para que eu nunca saiba para onde ele vai. É mais fácil para ele porque, *primo*, ele mesmo dirige, e *secundo*…

— Como você é idiota. Dito isto, decidi desocupar o mezanino. Você mesmo removerá a instalação telefônica especial, e qualquer outra coisa que seja comprometedora. Depois, vamos sair de cena tranquilamente. Adeus. Você não terá notícias minhas durante três ou quatro dias. Tenho muito trabalho a fazer… Ah, mais uma coisa. Cuidado com o Gorgeret. Ele pode estar vigiando a casa. Seja cuidadoso. Ele é um bruto e um convencido, mas é teimoso, e muito esperto…

Castelo à venda

O castelo de Volnic mantinha a aparência de uma residência da nobreza, com suas torres e sua vasta cobertura de telhas avermelhadas. Mas algumas persianas pendiam das janelas, puídas e deploráveis; muitos azulejos estavam faltando, a maioria das vielas estavam cobertas de silvas e urtigas, e a imponente massa de ruínas desaparecia sob um monte de hera, que cobria o granito das paredes e mudava a própria forma das construções e das torres meio colapsadas.

A plataforma onde cantara Elisabeth Hornain não se distinguia mais, em meio ao verde ondulante.

Do lado de fora, nas paredes da torre de entrada, à direita e à esquerda da porta maciça pela qual se entrava no pátio principal, grandes cartazes anunciavam a venda do castelo e davam detalhes sobre os aposentos, construções, fazendas e prados que constituíam a propriedade.

Nos três meses seguintes à afixação dos cartazes com anúncios nos jornais locais, a porta do castelo foi muitas vezes aberta, no horário designado, para permitir a visita de potenciais compradores. A viúva Lebardon levava um homem local para limpar e organizar o terraço, e para cortar as ervas do caminho que conduzia até as ruínas. Muitas pessoas curiosas apareciam para visitar o local do drama. Mas, tanto a viúva Lebardon quanto o jovem tabelião, filho e sucessor do Mestre Audigat, não quebravam o voto de silêncio que havia sido imposto no passado. Quem havia comprado o castelo, e quem o estava vendendo hoje? Ninguém sabia.

Naquela manhã — a terceira manhã após Erlemont ter deixado Paris —, as persianas que fechavam uma das janelas do primeiro andar foram repentinamente abertas, e ali surgiu a cabeça loura de Antonine. Uma

Antonine primaveril, com seu vestido cinza, com um chapéu de palha que caía como uma auréola sobre seus ombros, e sorrindo para o sol de junho, as árvores verdes, os gramados virgens, o céu tão azul. Ela chamou:

— Padrinho!… Padrinho!

Ela avistou o marquês de Erlemont, que fumava seu cachimbo a vinte passos do andar térreo, em um velho banco de madeira protegido do sol por um grupo de ciprestes.

— Ah, você já acordou! — ele exclamou alegremente. — Você sabe que são apenas dez horas da manhã.

— Eu durmo demais aqui! E depois, veja o que encontrei em um armário, padrinho… Um velho chapéu de palha.

Ela voltou para seu quarto, desceu as escadas a galope, cruzou o terraço e aproximou-se do marquês, a quem ofereceu a fronte.

— Meu Deus, padrinho! Então, o senhor ainda quer que eu o chame de padrinho? Meu Deus, como estou feliz! Como é lindo! E como você é bom para mim! De repente, eu me sinto em um conto de fadas.

— Você merece, Antonine… Apenas pelo pouco que me contou sobre sua vida. Eu digo: pelo pouco, porque você não gosta de falar sobre si mesma.

Uma sombra passou pelo rosto claro de Antonine, e ela disse:

— Não vale a pena. Somente o presente importa. E quem me dera que este presente pudesse durar!

— E por que não?

— Porque o castelo vai ser leiloado esta tarde, e amanhã à noite estaremos em Paris. Que pena! Respiramos tão bem aqui! Temos alegria para nossos olhos e nossos corações!

O marquês ficou em silêncio. Ela pousou sua mão sobre a dele e perguntou, gentilmente:

— O senhor tem certeza de que precisa vendê-lo?

— Sim — disse ele. — O que posso fazer? Desde que o comprei, por capricho, dos meus amigos Jouvelle, não estive aqui nem dez vezes, e sempre de passagem, por vinte e quatro horas. Então, como preciso de dinheiro, já me decidi. A menos que um milagre aconteça…

Ele acrescentou, sorrindo:

— Além disso, como você ama este lugar, saiba que há uma maneira para que você possa viver nele.

A moça olhou para ele, sem compreender. Ele começou a rir.

— Ora! Desde anteontem, parece-me que o tabelião Audigat, filho e sucessor de seu falecido pai, vem aumentando suas visitas. Oh, eu sei, ele não é muito atraente, mas, mesmo assim, parece estar apaixonado pela minha afilhada!

Ela tinha corado.

— Não me provoque, padrinho. Eu nem notei o Mestre Audigat… E a razão pela qual eu logo gostei deste castelo é porque o senhor está aqui comigo.

— Isso é verdade?

— Com certeza, padrinho.

Ele ficou comovido. Desde o início, esta menina, que ele sabia ser filha, amoleceu seu coração endurecido de um velho solteirão, e o perturbou pela profunda graça e engenhosidade que emanavam dela. Também se sentia desorientado pelo mistério que a envolvia, e por essa contínua reticência sobre os fatos de seu passado. Muito ensimesmada em certos momentos, e cheia de impulsos que pareciam vir de uma natureza expansiva, ela se retraía com frequência perto dele, fechando-se em uma reserva desconcertante, e parecia indiferente, quase hostil até, às atenções e ao respeito daquele a quem ela chamava tão espontaneamente de padrinho.

E, estranhamente, ele causava na menina, desde a chegada deles ao castelo, a mesma impressão um tanto quanto chocante, devido às suas alternâncias de alegria e silêncio e uma certa contradição em suas ações.

De fato, fossem quais fossem a simpatia e o desejo de afeto que tinham um pelo outro, eles não poderiam em tão pouco tempo derrubar todas as barreiras que podem existir entre duas pessoas que não se conhecem. Jean de Erlemont muitas vezes tentava compreendê-la, e olhava para ela, dizendo:

— Você se parece tanto com sua mãe! Revejo em você aquele sorriso que transforma o semblante.

Ela não gostava que ele falasse de sua mãe, e sempre respondia com outras perguntas. Assim, ele se viu impelido a lhe contar brevemente o drama do castelo e a morte de Elisabeth Hornain, o que muito interessou à menina.

Eles almoçaram, servidos pela viúva Lebardon.

Às duas horas, o tabelião, Mestre Audigat, veio tomar café e cuidar dos preparativos para o leilão, que seria realizado às quatro horas, em um dos salões abertos para a ocasião. Ele era um jovem pálido, de aparência estranha, tímido na expressão, amante da poesia, e que, descuidadamente, soltava, durante a conversa, versos alexandrinos especialmente feitos por ele, enquanto acrescentava: "Como disse o poeta…".

E então ele olhava para a moça, para ver se produzia algum efeito.

Após um longo esforço de paciência, esta pequena manobra, repetida indefinidamente, incomodou tanto Antonine que ela deixou os dois homens sozinhos e saiu em direção ao parque.

À medida que a hora fixada para a venda se aproximava, o pátio principal ia ficando repleto de pessoas que, contornando uma das alas do castelo, começavam a formar grupos no terraço e em frente ao jardim sem flores. Eles eram, em sua maioria, camponeses ricos, burgueses das cidades vizinhas e alguns senhores da região. Curiosos, sobretudo, entre os quais se encontravam meia dúzia de compradores potenciais, de acordo com as previsões do Mestre Audigat.

Antonine encontrou algumas pessoas que aproveitavam a oportunidade para visitar as ruínas, que estavam fechadas aos turistas havia muito tempo. Ela também ficou passeando por ali, como uma turista atraída pelo espetáculo grandioso. Mas o tilintar de um pequeno sino trouxe as pessoas de volta ao castelo, e ela permaneceu sozinha, aventurando-se pelos caminhos que não tinham sido limpos das ervas daninhas e plantas entrelaçadas.

Ela se deixou levar pelo caminho, ao acaso, e chegou ao monte onde o crime havia sido cometido, quinze anos antes. Apesar de o marquês ter lhe revelado todas as circunstâncias daquela tragédia, ela nunca teria conseguido encontrar sua localização exata, na mata inextricável de silvas, samambaias e hera.

Antonine escalou com dificuldade, e de repente, ao alcançar um espaço mais livre, ela parou, abafando um grito. A dez passos dela, e, como ela, parado com o mesmo movimento de surpresa, surgiu a figura de um homem cuja poderosa estatura, ombros enormes e rosto robusto ela não tinha conseguido esquecer por quatro dias.

Era o inspetor Gorgeret.

Por pouco que ela o tivesse vislumbrado na escadaria do marquês, não se enganava: era ele. Era o policial cuja voz dura e entoações rosnantes ela tinha ouvido, aquele que a tinha seguido na estação e anunciado sua intenção de prendê-la.

A cara dura assumiu uma expressão bárbara. Um riso perverso lhe torcia a boca, e ele rosnou:

— Que sorte! A pequena loura que eu perdi três vezes, outro dia… O que você está fazendo aqui, pequena senhorita? Então, você também está interessada na venda do castelo?

Ele deu um passo à frente. Assustada, Antonine tentou sair dali; mas, além de não ter forças, como ela poderia fugir, encurralada pelos obstáculos que a impediam?

Ele avançou mais um passo, zombando.

— Não há como escapar. Estamos bloqueados. Que vingança para o Gorgeret, hein? Eis que o Gorgeret, que por tantos anos nunca tirou os olhos do caso tenebroso deste castelo, e que não perderia a oportunidade de vir aqui no dia da venda, dá de cara com a amante do Grande Paul. Se realmente existe uma providência, você há de reconhecer que ela me protege descaradamente.

Mais um passo. Antonine se segurava para não cair.

— Parece que alguém está com medo… Você está fazendo uma cara… Na verdade, a situação é bem ruim, duplamente ruim, e será preciso explicar ao Gorgeret como o caso de Clara Loura e Grande Paul está relacionado com a aventura no castelo, e o papel que o Grande Paul desempenha nesta conjuntura. Tudo isso é cativante, e Gorgeret precisa de revelações surpreendentes.

Mais três passos. Gorgeret tirou o mandado de sua carteira e o desdobrou com um ar de zombaria feroz.

— Devo ler o meu pequeno jornal? Não há necessidade, não é mesmo? Você me acompanhará obediente até o meu carro, e em Vichy pegaremos o trem para Paris. É verdade, vou ter que desistir da cerimônia do leilão, sem lamentar. Eu tenho uma distração melhor. Mas que diabos…?

Ele fez uma pausa. Aconteceu algo que o intrigou. Toda expressão de medo estava gradualmente desaparecendo do rosto louro e parecia — fenômeno incompreensível — sim, parecia que um sorriso vago começava a iluminar seu rosto. Poderia ser verdade, e era possível admitir que seus

olhos se desviavam dos olhos dele? Ela não mais parecia uma presa acuada, um pássaro fascinado e trêmulo. Na verdade, para onde foram seus olhos, e para quem ela sorria?

Gorgeret deu meia-volta.

— Maldição! — ele murmurou. — O que esse homem está fazendo aqui?

Na realidade, Gorgeret só podia ver, no canto de um pilar, onde estavam os restos de uma capela, um braço saliente e uma mão que lhe apontava um revólver… Mas, dada a súbita calma da jovem, ele não duvidou nem por um segundo que tal braço e tal mão pertenciam ao senhor Raoul, que parecia determinado a defendê-la. Clara, a Loura, no castelo de Volnic, pressupunha a presença do senhor Raoul, bem à maneira brincalhona do senhor Raoul de permanecer invisível enquanto lançava uma ameaça com seu revólver.

Gorgeret, por sua vez, não teve nem um só momento de hesitação. Ele era muito corajoso, e nunca recuava diante do perigo. Por outro lado, se a menina fugisse — e ela não fugiu — ele saberia como pegá-la no parque ou no vilarejo. Então ele correu para frente, gritando:

— Você não vai atirar em mim, meu chapa.

A mão desapareceu. E, quando Gorgeret chegou ao canto do pórtico, ele viu apenas uma cortina de hera drapeada, de um arco até o outro. Ele continuou seu caminho, pois o inimigo não poderia simplesmente ter desaparecido. Mas, quando ele passou, um braço saltou do meio da hera — um braço que não acenava com nenhuma arma, mas que tinha um punho. Um punho que atingiu Gorgeret diretamente no queixo.

O golpe, preciso e implacável, cumpriu sua tarefa de forma eficiente: Gorgeret perdeu o equilíbrio e desmoronou, como o árabe havia desmoronado sob o impacto de um sapato. Gorgeret não estava ciente de mais nada. Ele estava desmaiado.

Sem fôlego, Antonine chegou ao terraço. Seu coração batia tão rápido que precisou sentar-se, antes de entrar no castelo, onde todos os visitantes tomavam seus lugares um após o outro. Mas ela tinha tanta confiança nesse estranho que a defendia, que se recuperou rapidamente de sua emoção. Ela estava certa de que Raoul seria capaz de trazer o policial à razão, mas sem machucá-lo. Mas como Raoul tinha ido parar lá, mais uma vez pronto a lutar por ela?

Ela procurou escutar, com seus olhos fixos nas ruínas, e mais especialmente no lado onde ocorrera o encontro. Não ouviu nenhum som. Não conseguiu vislumbrar nem a mais leve figura, ou nada de suspeito.

Por mais tranquila que estivesse, ela resolveu se posicionar de tal forma que ainda pudesse escapar de um retorno ofensivo de Gorgeret, e fugir por alguma outra saída do castelo. No entanto, a pequena cerimônia que ali estava sendo preparada a cativou tanto que ela se esqueceu completamente do perigo.

O grande salão foi aberto, além do vestíbulo e de uma sala de espera. A assembleia foi organizada em torno das poucas pessoas que o tabelião supunha que estavam interessadas em comprar, as quais ele fez com que se sentassem. Sobre uma mesa encontravam-se dispostas as três pequenas velas sacramentais.

Mestre Audigat agia com solenidade e falava com ênfase. De tempos em tempos ele se dirigia ao marquês de Erlemont, cujo *status* de proprietário tornava-se conhecido pela multidão. Um pouco antes da hora, Mestre Audigat sentiu a necessidade de dar algumas explicações. Ele enfatizou a situação do castelo, sua importância histórica, sua beleza, seu bucolismo, e o bom negócio que a aquisição constituiria.

Em seguida, ele explicou o mecanismo do leilão. Cada uma das três velas ficaria acesa por cerca de um minuto. Portanto, havia tempo bastante para negociar antes que se apagasse a última, mas era arriscado demorar-se demais.

O relógio bateu quatro horas da tarde.

Mestre Audigat ergueu uma caixa de fósforos, pegou um, riscou-o e aproximou a chama da primeira das três velas; tudo isso com os gestos de um mágico que iria tirar uma dúzia de coelhos da cartola.

A primeira vela foi acesa.

De imediato, houve um grande silêncio. Os rostos ficaram tensos, especialmente os das mulheres sentadas, cuja expressão era bastante peculiar, ou demasiado indiferente, ou dolorosa, ou desesperada.

A vela se apagou. O tabelião advertiu.

— Mais duas chamas, senhoras e senhores.

Um segundo fósforo. Uma segunda chama acesa. Uma segunda extinção.

Mestre Audigat assumiu uma voz lúgubre:

— A última chama… Que não haja mal-entendidos… As duas primeiras velas queimaram. A terceira permanece. Gostaria de deixar claro que a oferta inicial é de oitocentos mil francos. Não é permitida uma oferta inferior.

A terceira vela foi acesa.

Uma voz tímida disse:

— Oitocentos e vinte e cinco.

Outra voz respondeu:

— Oitocentos e cinquenta.

O tabelião, falando por uma senhora que tinha feito um sinal, disse:

— Oitocentos e setenta e cinco.

— Novecentos — respondeu um dos amadores.

O tabelião assustou-se e repetiu apressadamente:

— Novecentos mil… Novecentos mil… Quem dá mais?… Vejamos, senhoras e senhores, esse é um número absurdo… O castelo…

Um novo silêncio.

A vela se extinguia. Alguns lampejos de agonia, entre a cera derretida.

Então, no fundo da sala, ao lado do vestíbulo, uma voz articulou:

— Novecentos e cinquenta.

A multidão se abriu. Um cavalheiro se apresentou, sorridente, pacífico e simpático, repetindo calmamente:

— Novecentos e cinquenta mil francos.

Antonine tinha reconhecido o senhor Raoul desde o início.

Um estranho colaborador

Apesar de suas pretensões de compostura, o tabelião ficou um pouco atônito. Uma oferta que era o dobro das anteriores, não é algo que acontece com frequência.

Ele sussurrou:

— Novecentos e cinquenta mil francos… Quem dá mais?… Novecentos e cinquenta… Vendido.

Todos aglomeravam-se em torno do recém-chegado. O Mestre Audigat, preocupado e hesitante, estava prestes a lhe pedir uma segunda confirmação e a perguntar pelo seu nome, suas referências, entre outras coisas, quando ele entendeu, pelo olhar de Raoul, que o cavalheiro não era daqueles que se deixam manipular. Há hábitos e convenções aos quais se deve submeter-se. Explicações desse tipo não acontecem em público.

O tabelião apressadamente empurrou as pessoas para fora, a fim de reservar a sala de estar para a conclusão desse negócio, que se apresentava de maneira tão peculiar. Quando ele voltou, Raoul estava sentado em frente à mesa e, com a caneta na mão, assinava um cheque.

Um pouco mais longe, de pé, Jean de Erlemont e Antonine seguiam seus gestos sem dizer uma palavra.

Sempre despreocupado e tranquilo, Raoul se levantou e se dirigiu ao tabelião com a casualidade de um cavalheiro cuja função é tomar decisões:

— Em alguns instantes, Mestre Audigat — disse ele —, tomarei a liberdade de encontrá-lo em seu escritório, onde o senhor poderá examinar os documentos que lhe apresentarei. Pode me dizer de que informações o senhor precisa?

O tabelião, atônito com esta atitude, respondeu:

— Primeiramente seu nome, senhor.

— Aqui está meu cartão: Dom Luís Perenna, português, de origem francesa. Aqui está meu passaporte, e todas as referências úteis. Para o pagamento, aqui está um cheque com a metade do valor, que poderá ser sacado no Banco de Crédito Português, em Lisboa, onde eu mantenho minha conta. A outra metade será paga no prazo que o senhor de Erlemont gentilmente deverá fixar, ao final de nossa conversa.

— Nossa conversa? — perguntou o marquês, surpreso.

— Sim, senhor, tenho várias coisas interessantes para lhe comunicar.

O tabelião, ficando cada vez mais confuso, estava a ponto de fazer algumas objeções, pois quem poderia provar que haveria saldo suficiente? Quem poderia provar que, no intervalo necessário para o pagamento do cheque, os fundos não estariam esgotados? Ele não sabia o que dizer a este homem, que o intimidava, e que sua intuição pessoal mostrava ser um cavalheiro não muito escrupuloso e, de qualquer forma, bastante perigoso para um oficial ministerial que seguia as leis à risca.

Em resumo, ele achou prudente refletir, e disse:

— Encontre-me no meu escritório, senhor.

Ele foi embora, com a pasta debaixo do braço. Jean de Erlemont, desejoso de trocar algumas palavras com ele, o acompanhou até o terraço. Antonine, que havia escutado as explicações de Raoul com visível agitação, também queria sair. Mas Raoul tinha fechado a porta e empurrado a moça para longe. Perturbada, ela correu em direção à outra porta, que se abria diretamente para o corredor. Raoul a pegou e a agarrou pela cintura.

— Ei, o que é isso? — disse ele, rindo. — Você está muito arredia hoje. Então, nós não nos conhecemos? Gorgeret derrotado agora há pouco, o Grande Paul demolido na outra noite, nada disso importa mais para a senhorita?

Ele queria beijá-la na nuca, mas alcançou apenas o tecido de seu corpete.

— Deixe-me! — gaguejou Antonine. — Deixe-me… Isso é abominável…

Obstinadamente voltada para a porta, que tentava abrir, ela lutou furiosamente. Raoul ficou irritado, enlaçou seu pescoço, virou sua cabeça, e bruscamente procurou pela boca que fugia dele.

Ela gritou:

— Ah, que vergonha! Vou gritar… Que vergonha!

Ele recuou, subitamente. Os passos do marquês ecoaram nas lajes do salão. Raoul zombou:

— Você é valente! Mas eu não esperava esta repulsa! Caramba! Na outra noite, na biblioteca do marquês… Você estava mais volúvel. Voltaremos a nos encontrar, você sabe, minha linda.

Ela não tentou mais abrir a porta, e também deu um passo para trás. Quando Jean de Erlemont entrou, ele a viu na sua frente, em uma atitude de hesitação e emoção.

— O que há de errado?

— Nada… nada… — ela disse, ainda sufocada. — Eu queria falar com o senhor.

— Sobre o quê?

— Nada demais… Uma coisa trivial… Eu fui enganada. Garanto-lhe, padrinho…

O marquês voltou-se para Raoul, que ouvia a tudo com um sorriso, e respondeu ao seu questionamento silencioso:

— Suponho que a senhorita queira falar com o senhor sobre um pequeno mal-entendido, que eu mesmo quero esclarecer.

— Não entendo, senhor — disse o marquês.

— É o seguinte. Eu dei meu nome verdadeiro, dom Luís Perenna. Mas, por razões pessoais, vivo em Paris sob um nome falso, senhor Raoul. E foi como tal que eu aluguei, senhor marquês, o seu mezanino no Cais Voltaire. No outro dia, a senhorita tocou minha campainha em vez da sua, e eu corrigi o erro dela, enquanto me apresentava com o meu nome falso. Bem, é isso! Hoje, ela deve ter experimentado uma grande surpresa.

A surpresa de Jean de Erlemont pareceu igualmente grande. O que queria com ele esse estranho, cuja conduta e cujo estado civil não pareciam estar esclarecidos?

— Quem é o senhor? O senhor me solicitou uma entrevista… Sobre o quê?

— Sobre o quê? — disse Raoul, que, durante essa conversação, não voltou mais os olhos para a jovem. — Sobre negócios…

— Eu não faço negócios — afirmou Erlemont, com uma voz cortante.

— Eu também não — disse Raoul —, mas eu cuido dos negócios dos outros.

Aquilo estava se tornando sério. Seria o início de uma chantagem? A ameaça de um inimigo que estava prestes a ser descoberto? De Erlemont tateou o coldre de seu revólver, e depois olhou para sua afilhada. Ela ouvia a tudo com ansiedade.

— Sejamos breves — disse ele. — O que o senhor quer?

— Recuperar a herança que lhe foi negada uma vez.

— Herança?

— A herança de seu avô, uma herança que desapareceu. O senhor contratou uma agência a esse respeito, mas as pesquisas foram inúteis.

— Ah, bom! — gritou o marquês, rindo. — Você se apresenta como um agente de investigação!

— Não, mas como um amador que gosta de ajudar os seus semelhantes. Eu tenho uma queda por este tipo de investigação. É uma paixão, uma necessidade de conhecer, de esclarecer, de resolver esses enigmas. Na verdade, não posso contar os resultados surpreendentes que já alcancei na vida, os problemas antigos que resolvi, os tesouros históricos que trouxe à luz, as trevas que iluminei…

— Bravo! — exclamou o marquês, bem-humorado. — E, é claro, uma pequena comissão, não é?

— Nenhuma.

— Você trabalha de graça?

— É um prazer.

Raoul também estava sorridente ao lançar essas últimas palavras. Ele tinha ido muito além dos planos que havia revelado a Courville! Os vinte ou trinta milhões para si mesmo… Dez por cento cedidos ao marquês… Na verdade, sua necessidade de se exibir e desempenhar um belo papel diante de seu interlocutor, e especialmente diante da jovem mulher, o teriam levado a oferecer dinheiro em vez de pedi-lo.

Ele andava de um lado para o outro, com a cabeça ereta, feliz por ter convencido Erlemont e por se mostrar em vantagem.

Desnorteado, dominado por ele, o marquês pronunciou-se, sem mais ironias:

— O senhor tem alguma informação para mim?

— Pelo contrário, eu vim pedir-lhe algumas — disse Raoul alegremente. — Meu objetivo é simples: ofereço-lhe minha colaboração. Em todos os empreendimentos aos quais me dedico, há sempre um período de tentativa

e erro, que seria muito mais curto se as pessoas confiassem em mim à primeira vista, o que é raro. Naturalmente deparo-me com reticências e pistas falsas, e tenho que descobrir tudo por mim mesmo. Tanto tempo é desperdiçado! Seria muito melhor se me poupasse das falsas pistas e me dissesse, por exemplo, em que consistia essa misteriosa herança, e se o senhor a reivindicou ou não.

— É só isso que deseja saber?

— Oh, não! — exclamou Raoul.

— O que mais?

— Posso falar perante a senhorita sobre o drama que ocorreu neste castelo, na época em que o senhor ainda não era o dono do Volnic?

O marquês vacilou, e respondeu surdamente:

— Certamente. Eu mesmo contei à minha afilhada sobre a morte de Elisabeth Hornain.

— Mas talvez não tenha lhe confiado o estranho segredo que o senhor escondeu da justiça.

— Que segredo?

— Que o senhor era amante de Elisabeth Hornain.

E, sem dar tempo para que Jean de Erlemont se recompusesse, Raoul continuou:

— Pois é isto que é inexplicável, e me intriga mais do que qualquer outra coisa. Uma mulher é morta e despojada de suas joias. O senhor é investigado. O senhor é interrogado, assim como todas as testemunhas. E omite a ligação entre essa mulher e o senhor! Por que esse silêncio? E por que, depois, o senhor comprou este castelo? O senhor fez alguma pesquisa? Sabe alguma coisa a mais, além do que acabei de ler nos jornais da época? Finalmente, existe alguma conexão entre o drama de Volnic e o roubo da herança, do qual o senhor foi a vítima? Os dois casos tiveram a mesma origem, os mesmos desenvolvimentos, os mesmos atores? Essas são as perguntas, senhor, para as quais eu gostaria de ter respostas definitivas, que me permitam ir adiante.

Seguiu-se um longo silêncio. A hesitação do marquês culminou em um desejo tão manifesto de não dizer nada, que Raoul encolheu ligeiramente os ombros.

— É uma pena! — exclamou ele. — E como eu lamento que o senhor não queira falar! O senhor não entende que um caso nunca é encerrado?

Ele continua vivo, por sua própria vontade, na mente daqueles que estão envolvidos. Ou então na mente daqueles que, através de algum interesse pessoal, o qual o senhor desconhece, estão inclinados a se beneficiarem com isso. Esta ideia não lhe dá motivo para refletir?

Ele sentou-se ao lado do marquês e, entoando suas sentenças, martelando suas palavras, pronunciou:

— Dentre as várias tentativas isoladas que giram em torno de seu passado, eu conheço quatro, senhor. A minha, que me levou primeiro ao mezanino do Cais Voltaire, e depois a este castelo, que comprei para que outra pessoa não o comprasse — tamanho era o meu desejo de estar no centro da questão. Essa foi a primeira! Em seguida, há Clara, a Loura, a ex-amante do Grande Paul, a famosa bandida Clara Loura, que outra noite invadiu sua biblioteca em Paris e arrombou a gaveta secreta de sua escrivaninha para vasculhar as fotografias. Já foram duas!

Raoul fez uma pausa. Com cuidado, ele evitava olhar para a jovem e, inclinado para o marquês, concentrava nele toda sua atenção. Olhando em seus olhos, aproveitando-se do assombro de Jean de Erlemont, ele articulava-se em voz baixa:

— Vamos passar ao terceiro ladrão, certamente, o mais perigoso: falemos sobre o Valthex.

O marquês engasgou.

— Valthex? O que está dizendo?

— Sim, Valthex, o sobrinho ou primo, em todo caso, o parente de Elisabeth Hornain.

— Absurdo! Impossível — protestou Erlemont. — Valthex é um jogador, um debochado, de moral duvidosa, não me importo… Mas perigoso, ele? Ora essa!

Ainda de frente para o marquês, Raoul continuou:

— Valthex tem outro nome, senhor, um apelido, pelo qual ele é bem conhecido no mundo do crime.

— No mundo do crime?

— O Valthex é procurado pela polícia.

— Impossível!

— Valthex não é ninguém mais, ninguém menos que o Grande Paul.

A agitação do marquês nesse momento foi ao extremo. Ele estava sufocado e indignado:

— O Grande Paul? O líder da gangue? Ora, isso é inadmissível… Valthex não é o Grande Paul… Como você pode ousar? Não, não, Valthex não é o Grande Paul!

— Valthex não é outra pessoa senão o Grande Paul — repetiu Raoul, implacável. — Na noite de que lhe falei, eu sabia que o Grande Paul, escondido no cais com seus cúmplices, estava espionando sua antiga namorada. Quando Clara saiu de sua casa, ele tentou sequestrá-la… Eu estava lá. Lutei com ele e, vendo o seu rosto, reconheci Valthex, cuja manobra em torno do senhor eu estive observando por um mês. Já foram três! Passemos ao quarto intruso: a polícia… A polícia que, oficialmente, abandonou o caso, mas que persiste na pessoa teimosa e vingativa do inspetor que, no passado, era o auxiliar impotente do Ministério Público: quero dizer, o inspetor-chefe Gorgeret.

Por duas vezes, Raoul havia arriscado um olhar para a jovem mulher. Ele não podia vê-la muito bem. Mas Antonine fora desmascarada, e ele adivinhava sua emoção, a angústia que devia estar sentindo ao ouvir essa história, à qual seu misterioso papel estava tão intimamente entrelaçado!

O marquês, a quem as revelações de Raoul pareciam perturbar intimamente, acenou com a cabeça.

— Lembro-me desse Gorgeret, embora ele nunca tenha me interrogado. Acho que ele não sabia da minha relação com Elisabeth Hornain.

— Não — disse Raoul. — Mas ele também soube do leilão, e veio.

— O senhor tem certeza disso?

— Eu o encontrei nas ruínas.

— Então ele participou do leilão?

— Ele não compareceu.

— Como?

— Ele ainda está lá nas ruínas.

— Vamos lá!

— Sim, eu preferi detê-lo ali, colocar uma pequena mordaça em sua boca, um pequeno lenço sobre seus olhos, pequenas amarras em seus braços e pernas.

O marquês protestou.

— Recuso-me absolutamente a me prestar a tal ato!

Raoul sorriu:

— Não está se prestando a nada, senhor. A responsabilidade por esse ato recai sobre mim, somente sobre mim. E é por pura deferência que eu o comunico a vocês. É meu dever realizar as coisas que considero úteis para nossa segurança comum, e para a condução adequada dos negócios.

Jean de Erlemont então percebeu no que estava se metendo, com essa colaboração que ele não desejava a qualquer preço, mas que lhe era imposta, tanto pelas circunstâncias quanto pela vontade de seu interlocutor. Como ele poderia evitá-lo?

Raoul continuou:

— Esta é a situação, senhor. É grave, ou pelo menos pode tornar-se grave, especialmente com respeito a Valthex, e isso me obriga a intervir imediatamente. A ex-amante do Grande Paul está sendo ameaçada por ele, e sei que o Grande Paul está determinado a agir contra o senhor; então, estou tomando a dianteira e fazendo com que ele seja preso amanhã à noite pela polícia. O que acontecerá então? Será que eles ligarão a identidade do Grande Paul à de Valthex? Ele revelará sua relação com Elisabeth Hornain, indiciando assim o senhor, após quinze anos? Não sabemos. E é por isso que eu gostaria de saber, e de estar ciente de tudo que ocorreu no passado.

Raoul esperou. Mas, desta vez, a indecisão do marquês não foi longa. Ele declarou:

— Não sei de nada… Não sei o que dizer.

Raoul se levantou.

— Muito bem. Eu vou descobrir sozinho. Demorará mais tempo. Haverá muito trabalho, talvez uma caça ao tesouro, como se costuma dizer. Foi o senhor quem quis assim. Quando parte, senhor?

— Amanhã, de carro, às oito horas.

— Bem. Creio que Gorgeret dificilmente conseguirá se libertar, exceto para embarcar no trem das dez da manhã para Vichy. Portanto, não há nada a temer no momento, se o senhor instruir a guarda do castelo para que não dê nenhuma informação sobre a senhorita e o senhor. Vai ficar em Paris?

— Apenas uma noite, e estarei fora por volta de três semanas.

— Três semanas? Então vamos nos encontrar em vinte e cinco dias, na quarta-feira, 3 de julho, no banco do terraço em frente ao castelo, às quatro horas. Está bem para o senhor?

— Sim — disse de Erlemont. — Vou ficar refletindo, até lá.

— Sobre o quê?

— Sobre as suas revelações, e sobre o que me propõe.

Raoul começou a rir.

— Será tarde demais, senhor.

— Tarde demais?

— Não terei muito tempo para o caso Erlemont. Dentro de vinte e cinco dias, tudo estará resolvido.

— O que estará resolvido?

— O caso Jean de Erlemont. No dia 3 de julho, às quatro horas, terei a verdade sobre todo o drama e todos os enigmas que o envolvem. E também lhe trarei a herança de seu avô materno… O que permitirá à senhorita, se assim o desejar, e em troca da simples restituição do cheque que assinei anteriormente, permanecer e viver neste castelo que parece lhe agradar tanto.

— Então… Então… — disse Erlemont, muito emocionado. — O senhor realmente acredita que terá sucesso?

— Apenas um obstáculo poderia me impedir.

— Qual deles?

— Só se eu não estiver mais neste mundo.

Raoul agarrou seu chapéu, com o qual saudou Antonine e o marquês com um gesto amplo e, sem dizer mais palavras, virou-se e saiu com um certo bambolear dos quadris, o que lhe era familiar nos momentos em que ficava particularmente satisfeito consigo mesmo.

Seus passos foram ouvidos no vestíbulo e, pouco depois, a porta da torre se fechou.

Só então o marquês saiu de seu transe e murmurou, ainda pensativo:

— Não… Não… Não se confia assim em alguém à primeira vista… Certamente, eu não tinha nada de especial para lhe dizer, mas, na verdade, não se negocia com tais indivíduos.

Como Antonine estava em silêncio, ele disse a ela:

— Você concorda comigo, não concorda?

Ela respondeu, constrangida:

— Eu não sei, padrinho… Não tenho opinião…

— Como? Um aventureiro! Um homem que tem dois nomes, que ninguém sabe de onde veio!… E ninguém sabe o que ele quer… Cuidando dos meus negócios… Zombando da polícia… E ainda assim não hesitando

em lhes entregar o Grande Paul.

Ele fez uma pausa na enumeração das façanhas de Raoul, meditou por um minuto ou dois, e concluiu:

— Um homem difícil mas, mesmo assim, é provável que tenha sucesso… Um homem extraordinário….

— Extraordinário — repetiu a moça, à meia-voz.

Em busca do Grande Paul

A entrevista entre Raoul e Mestre Audigat foi breve. O tabelião fez perguntas bastante inúteis, às quais Raoul respondeu com respostas tão claras quanto peremptórias. O tabelião, satisfeito com sua própria astúcia e previdência, prometeu cumprir todas as formalidades necessárias o mais rápido possível.

Raoul deixou a aldeia abertamente, ao volante de seu carro, e foi para Vichy, onde alugou um quarto e jantou. Por volta das onze horas, voltou para Volnic. Ele havia estudado o entorno. Havia uma brecha na lateral da parede que era inacessível a qualquer um, exceto a ele mesmo. Ele conseguiu passar, seguiu em direção às ruínas e encontrou debaixo da hera o inspetor Gorgeret, cujas cordas e mordaças não tinham se movido. Ele disse ao seu ouvido:

— Olá, aqui é o amigo que lhe proporcionou algumas horas de soneca reconfortante. Como vejo que está gostando, trago-lhe alguns regalos: presunto, queijo e vinho tinto.

Gentilmente, ele desatou a mordaça. O outro lhe dirigiu uma saraivada de insultos, com uma voz tão estrangulada, tão furiosa, que era impossível entendê-lo. Raoul concordou:

— Enquanto não estiver com fome, não precisa se forçar, senhor Gorgeret. Sinto muito por tê-lo incomodado.

Ele recolocou a mordaça, verificou minuciosamente todas as amarras e saiu.

O jardim estava silencioso, o terraço deserto, as luzes apagadas. À tarde, Raoul tinha avistado uma escada sob o teto de um galpão. Ele a pegou. Sabia a posição do quarto onde Jean de Erlemont dormia. Ele puxou a

escada e subiu. A noite estava quente, e a janela, atrás das persianas fechadas, estava aberta de par em par. Ele quebrou facilmente o trinco das persianas e entrou.

Tendo percebido a respiração regular do marquês, ele acendeu sua lanterna de bolso e viu as roupas dobradas cuidadosamente em uma cadeira.

No bolso do casaco, ele encontrou a carteira; ali estava a carta que a mãe de Antonine havia escrito ao marquês, a carta que tinha sido o motivo da expedição de Raoul. Ele a leu.

"Como eu pensava", disse ele para si mesmo. "Essa excelente senhora foi uma das muitas amantes do belo marquês, e Antonine é sua filha. Bom, mais uma informação."

Ele colocou a carta de volta em seu lugar, voltou através da janela e desceu pela escada.

Três janelas abaixo, à direita, ficava o quarto de Antonine. Ele deslizou sua escada e subiu outra vez. Novamente, as persianas estavam fechadas e a janela, aberta. Ele entrou. Sua lâmpada iluminou a cama. Antonine estava dormindo, virada para a parede, os cabelos louros despenteados.

Ele esperou um minuto, e mais um minuto, e mais outro. Por que ele não se mexia? Por que não avançava para aquela cama, onde ela estava tão indefesa? Na outra noite, na biblioteca do marquês, ele havia sentido a fraqueza de Antonine diante dele, e o torpor com que ela aceitou o toque de sua mão, que segurava a mão dela e lhe acariciava o braço. Por que ele não aproveitou a oportunidade, já que, apesar da conduta inexplicável de Antonine durante a tarde, ele sabia que ela não teria forças para resistir?

Sua hesitação não foi longa. Ele voltou a descer.

"Maldição", pensou ele, ao deixar o castelo. "Há momentos em que mesmo as pessoas mais inteligentes não passam de peras. Pois afinal, eu só tinha que querer… Só que, enfim, querer não é poder…".

Ele retomou o caminho para Vichy, descansou, e pela manhã dirigia na estrada para Paris, muito satisfeito consigo mesmo. Ele estava mesmo no centro das atenções, entre o marquês de Erlemont e sua filha; tinha Antonine à sua disposição, e comprara um castelo histórico. Que reviravolta em tão poucos dias, após se envolver mais ativamente no caso! Certamente, ele não ousaria receber a recompensa de seus serviços casando-se com a filha do marquês de Erlemont…

“Não, não, sou um homem modesto… Tenho ambições limitadas, e não me importo com honrarias. Não, o que eu quero… Afinal de contas, o que eu quero? A herança do marquês? O castelo? O prazer do sucesso? Bobagens! O verdadeiro objetivo é Antonine. Isso é tudo.”

E, falando consigo meio em voz alta, ele continuou:

“Que tonto que eu sou! Os milhões, a porcentagem, nada mais importa. Para fazer o papel de respeitável senhor e impressionar uma bela mulher, eu abriria mão de tudo. Palerma! Dom Quixote! Palhaço!”

Raoul pensava nela com um fervor que o espantava, e a Antonine que ele evocava não era a inquieta e enigmática Antonine que ele evitara olhar no castelo de Volnic, e menos ainda a manhosa e dolorosa Antonine, sujeita às leis do destino, que, naquela noite, na biblioteca, cumpria sua tarefa na escuridão. Era a outra, aquela do início, que ele havia contemplado pela primeira vez na tela luminosa de sua sala de estar! Naquele momento, e durante sua breve visita involuntária, Antonine não era nada mais do que charme, despreocupação, alegria de viver, esperança. Minutos fugitivos em um destino duro e avassalador, mas minutos cuja doçura e alegria ele havia saboreado profundamente.

“Mas” — e esta era uma pergunta que ele fazia a si mesmo, com frequência e com irritação — “qual é a razão secreta de suas ações? Com que misterioso propósito ela manipulava e conquistava a confiança do marquês? Ela sabe que ele é seu pai? Será que ela deseja vingar sua mãe? É a riqueza que ela persegue?”

Obcecado pela lembrança e por tudo que representava esse ser tão diverso, incompreensível e delicioso, Raoul, ao contrário de seus hábitos, fez a viagem de forma muito tranquila. Ele almoçou no caminho e só chegou em Paris por volta das três horas, com a intenção de ver como Courville tratava dos preparativos. Mas ele não tinha subido metade das escadas quando, de repente, com pressa, pulou quatro degraus, e outros quatro, correu até sua porta, entrou como um louco, empurrou Courville, que estava arrumando o quarto, e correu até o telefone, lamentando:

— Puxa vida, esqueci que ia almoçar com a bela Olga. Alô, senhorita! Alô! Trocadero Palace… Quero o apartamento de Sua Majestade… Alô! Quem fala? A massagista? Ah, é você, Charlotte? Como você está, querida? Ainda feliz com seu trabalho? O que você está dizendo? A Rainha virá amanhã? Olga deve estar de mau humor! Passe-me para ela… Rápido,

querida.

Ele esperou alguns segundos e depois falou, com uma voz suave e encantada:

— Finalmente é você, linda Olga! Estou tentando falar com você há duas horas… Bobagem? Hein? O que você está dizendo? Eu sou um canalha? Vamos, Olga, não fique brava. Não tenho culpa que meu carro tenha quebrado a 80 quilômetros de Paris… Você entende que, nessas condições… E você, querida, o que está fazendo? Você estava recebendo uma massagem… Ah, linda Olga, por que não estou aí?…

Ele ouviu um clique do outro lado da linha. Furiosa, a bela Olga desligara o telefone.

— Atrevida! — ele zombou. — Ela está espumando. Ah, também já estou ficando cansado de Sua Majestade!

— A rainha de Borostyria! — murmurou Courville, com repreensão. — Ficar cansado de uma rainha!

— Eu tenho outra melhor que ela, Courville! — exclamou Raoul. — Você sabe quem é aquela moça do outro dia? Não? Ah, você não é muito inteligente! Ela é filha natural do marquês de Erlemont. E que encantador é o marquês! Acabamos de passar dois dias juntos no campo. Ele gosta muito de mim. Ele me deu a mão de sua filha em casamento. Você será meu padrinho de casamento. Ah, a propósito, ele demitiu você.

— Como assim?

— Ou, pelo menos, ele quer demiti-lo. Portanto, tome a dianteira. Deixe um bilhete para ele, avise para ele que sua irmã está doente.

— Eu não tenho irmã.

— Melhor ainda. Isso não lhe trará má sorte. E depois saia daqui com suas tralhas.

— Onde vou morar?

— Debaixo da ponte. A menos que você prefira o quarto por cima da garagem, em nosso alojamento em Auteuil. Sim? Então vá. Apresse-se. E, acima de tudo, deixe tudo em ordem na casa do meu sogro. Caso contrário, mandarei prendê-lo.

Courville saiu, assustado. Raoul ficou o tempo suficiente para ver se algo suspeito estava ficando para trás, queimou alguns papéis, e às quatro e meia partiu novamente em seu carro. Na Estação de Lyon, ele perguntou sobre o expresso de Vichy e ficou aguardando na plataforma indicada.

Entre a multidão de pessoas que saía do trem e se apressava em direção à saída, ele notou a poderosa figura do Gorgeret. O inspetor mostrou seu distintivo ao funcionário e passou. Uma mão pousou sobre seu ombro. Um rosto amigável o cumprimentou. Uma boca sorridente pronunciava:

— Como vai, senhor inspetor?

Gorgeret não ficava abalado com qualquer coisa. Em sua vida como policial, ele tinha visto tantos eventos incomuns, e tantos personagens fantasiosos! Mas ele permaneceu confuso, como se não conseguisse traduzir o que sentia. Raoul se admirou:

— O que é isso, meu querido amigo? Não está doente, espero? E eu pensei que estava fazendo um favor, ao vir lhe encontrar! É uma prova de gentileza e afeto…

Gorgeret agarrou-o pelo braço e o arrastou para longe. Então, vibrando de indignação, esbravejou:

— Que cara de pau! Você acha que eu não percebi que era você, ontem à noite, nas ruínas? Bastardo! Vagabundo! Aliás, você vem comigo até a Central de Polícia. Vamos conversar lá.

Sua voz começou a crescer, de modo que os transeuntes pararam.

— Se isso lhe dá prazer, meu velho — disse Raoul. — Mas saiba que, se eu vim até aqui, e se me aproximei de você, foi porque eu tinha sérias razões. Não nos jogamos na boca do lobo (e que boca!) pelo simples prazer de se jogar lá para dentro.

O argumento convenceu Gorgeret. Ele se conteve:

— O que você quer? Fale logo.

— Preciso falar com você sobre alguém.

— Quem?

— De alguém que você odeia, de um inimigo pessoal, de alguém que você capturou e escapou, e cuja prisão deve ser a obsessão de seus pensamentos, e a glória de sua carreira. Devo dizer seu nome?

Gorgeret murmurou, um pouco pálido:

— O Grande Paul?

— O Grande Paul — confirmou Raoul.

— E então?

— Como assim?

— Você veio até a estação para falar comigo sobre o Grande Paul?

— Sim.

— Então você tem alguma revelação a fazer para mim?
— Melhor do que isso: uma oferta.
— E qual é?
— A prisão dele.
Gorgeret não vacilou. Mas Raoul já havia notado pequenos sinais, como o tremor de suas narinas e o piscar de suas pálpebras, que traíam sua emoção. Ele insinuou:
— Em oito dias? Em duas semanas?
— Esta noite.
Nova palpitação das narinas e pálpebras.
— De quanto estamos falando?
— Três francos e cinquenta centavos.
— Sem bobagens… O que você quer?
— Que você nos deixe em paz, eu e a Clara.
— Certo.
— Por sua honra?
— Por minha honra — disse Gorgeret com um falso sorriso.
— Além disso — disse Raoul —, eu preciso de cinco homens, além de você.
— Caramba! A gangue é tão grande assim?
— Provavelmente.
— Eu vou com mais cinco caras.
— Você conhece o Árabe?
— Por Deus! Ele é um sujeito temível.
— Ele é o braço direito do Grande Paul.
— Vamos lá!
— Eles se reúnem todas as noites para um aperitivo.
— Onde?
— Em Montmartre, no Bar dos Lagostins.
— Conheço.
— Eu também. Eles descem até a adega, e de lá podem escapar por uma porta dos fundos.
— Isso mesmo.
Raoul determinou:
— Estejam lá às seis e quarenta e cinco. Vocês vão saltar para a adega, todos juntos, e armados. Chegarei lá antes de vocês. Mas tenham cuidado

para não atirar no bom homem com cara de jóquei inglês, que estará esperando por vocês. Esse serei eu. E depois, colocarei dois agentes na saída dos fundos para pegar os fugitivos. Certo?

Gorgeret considerou por um longo tempo. Por que se dividirem, em vez de irem juntos para o bar? Seria um estratagema? Uma maneira de queimar a cortesia dele?

Gorgeret odiava esse homem tanto quanto odiava o Grande Paul. Esse homem que tão facilmente zombava dele, e que na noite anterior o havia insultado tanto nas ruínas do castelo. Mas, por outro lado, que tentação! A captura do Grande Paul! E a repercussão de uma façanha como essa!

"Bah!" pensou Gorgeret, "eu o pegarei, mais cedo ou mais tarde… E a Clara Loura junto com ele."

E ele acrescentou em voz alta:

— Entendido. Às seis e quarenta e cinco faremos a emboscada.

O Bar dos Lagostins

O Bar dos Lagostins era frequentado por uma clientela bastante sombria: perdedores do mundo das artes ou do jornalismo, trabalhadores sem emprego (e que também não o queriam), jovens pálidos com vestimentas equivocadas, moças fardadas com chapéus emplumados e corpetes à vista. Mas, no geral, era um ambiente bastante tranquilo. Qualquer um que viesse à procura de um espetáculo mais pitoresco e uma atmosfera mais especial, ao invés de entrar, tinha que seguir um beco sem saída que o levaria até a sala dos fundos, onde seria interrogado por um homem gordo, entalado em uma poltrona: o patrão.

Todo recém-chegado, obrigatoriamente, parava em frente a essa cadeira, trocava algumas palavras com o chefe e, finalmente, se dirigia a uma pequena porta. Um longo corredor. Outra porta, cravejada de pregos. Quando essa última se abria, uma música pairava no ar, misturada com o cheiro de tabaco e do ar quente que cheirava a mofo.

Quinze degraus, ou melhor, quinze pedaços de madeira pregados na parede, levavam diretamente a uma caverna abobadada onde, naquele dia, quatro ou cinco casais se embalavam ao som de um violino, tocado por um velho cego.

Ao fundo, atrás de um balcão de zinco, ficava entronizada a esposa do patrão, ainda mais gorda do que ele, adornada com bijuterias de vidro.

Doze mesas estavam ocupadas. Em uma delas, dois homens estavam fumando, silenciosamente: o Árabe e o Grande Paul. O Árabe, com seu sobretudo de cor de oliva e seu imundo chapéu de feltro; o Grande Paul com seu boné, camisa sem gola, lenço marrom ao pescoço e maquiagem no rosto — o que o envelhecia, dava-lhe uma tez acinzentada e um aspecto de

sujeira vulgar.

— Como você está feio hoje! — zombou o Árabe. — Parece que tem cem anos de idade, está com cara de defunto.

— Deixe-me em paz — disse o Grande Paul.

— Mas não, não — disse o outro. — Se você quer ficar com cara de centenário, que seja. Mas não fique com esse olhar de medo, essa cara de covarde. Não tem motivo para isso!

— Sim, tenho um monte.

— Quais?

— Eu me sinto perseguido.

— Por quem? Você não dorme no mesmo lugar faz três dias… Você desconfia da sua própria sombra, mas está sempre cercado de gente. Veja só. De duas dúzias de pessoas que estão aqui, pelo menos uma dúzia se atiraria no fogo por você, entre homens e mulheres.

— Porque eu os pago.

— E daí? Você sempre estará protegido como um rei.

Outros clientes do bar estavam chegando, sozinhos ou em pares. Eles se sentavam ou dançavam. O Árabe e Grande Paul olhavam para todos com desconfiança. O Árabe acenou para uma das garçonetes e perguntou-lhe, calmamente:

— Quem é aquele inglês ali, do outro lado?

— O chefe disse que ele é um jóquei.

— Ele vem aqui muitas vezes?

— Eu não sei. Eu sou nova aqui.

O cego assassinava um tango, e uma mulher com cara de gesso o acompanhava com sua voz de contralto esganiçado. As notas mais baixas impunham um silêncio respeitoso e melancólico.

— Sabe o que está lhe consumindo? — insinuou o Árabe. — É a Clara. Você nunca superou a separação.

O Grande Paul esmagou a mão dele.

— Cale a boca!… Não é na separação que estou pensando. É naquele miserável que agora está com ela.

— O Raoul?

— Oh, eu daria tudo para arrebentar esse cara!

— Para fazer isso, você precisa encontrá-lo primeiro. Eu procuro por ele há quatro dias… Nem sinal dele!

— Temos que acabar logo com isso. Senão…

— Senão, você está acabado? Lá no fundo, você está com medo.

O Grande Paul ficou irritado.

— Com medo? Você está louco? Eu apenas sinto, e eu sei que… Que quando eu e ele acertarmos nossas contas, um de nós dois vai parar no caixão.

— E você prefere que seja ele?

— Puxa vida!

O Árabe deu de ombros.

— Idiota! Por causa uma mulher… Você está se complicando por causa de sexo?

— Clara é mais do que uma mulher para mim, ela é minha vida… Eu não posso viver sem ela.

— Ela nunca lhe amou.

— Justamente… A ideia de que ela ama outro homem! Você tem certeza de que foi ela que saiu da casa do Raoul naquela tarde?

— Mas sim, eu lhe disse… Eu fiz a zeladora me contar. Dando uma grana, ela conta o que você quiser.

O Grande Paul cerrou os punhos e mastigou palavras de cólera. O Árabe continuou:

— E depois ela subiu para a casa do marquês. Quando ela estava descendo, houve uma briga no mezanino. Era o Gorgeret, e a moça fugiu. À noite, ela foi roubar alguma coisa no apartamento do marquês, junto com o Raoul.

— O que eles foram procurar lá? — murmurou o Grande Paul, pensativo. — Ela deve ter entrado com a chave que eu tinha, e eu pensei que tinha perdido… Mas o que eles estavam procurando? O que eles estão tramando contra o marquês? Uma vez ela me disse que a mãe dela tinha conhecido o velho, e que antes de morrer ela tinha contado algumas coisas sobre ele… Que coisas? Ela não me respondeu… Ela é uma garota tão estranha! Eu não sei nada sobre ela. Não é que ela goste de mentir… Não. Ela é tão clara quanto seu nome. Mas é mentirosa também, e voltada para si mesma.

O Árabe zombou:

— Saia dessa, meu velho… Não vá começar a chorar. Você não vai à inauguração de um novo cassino esta noite?

— Sim. O Cassino Azul.

— Bem, vá até lá e encontre outra mulher, novinha em folha. Será a sua salvação.

A adega, enquanto isso, tinha se enchido de gente. Cerca de quinze casais giravam e cantavam sob a densa fumaça dos cigarros. O cego e a mulher com cara de gesso faziam o maior de barulho possível. As moças exibiam seus ombros e eram imediatamente repreendidas pelo patrão, que exigia boas maneiras.

— Que horas são? — perguntou o Grande Paul.

— Vinte minutos para as sete… um pouco mais.

Um instante se passou. Então o Grande Paul disse:

— Já foram duas vezes que flagrei esse jóquei me encarando.

— Talvez ele seja da polícia — brincou o Árabe. — Vamos oferecer a ele uma bebida.

Eles ficaram em silêncio. O violino foi diminuindo, e depois parou. Em grande silêncio, a cara de gesso estava prestes a terminar seu tango com algumas notas baixas, que os frequentadores habituais sempre aguardavam com deferência. Ela exalou uma nota, e depois outra.

Mas ouviu-se um assobio estridente, vindo do piso superior, e a multidão desembestou em direção ao balcão.

Logo em seguida, a porta da escadaria se abriu. Apareceu um homem, dois homens, e depois Gorgeret, com seu revólver em punho, gritando:

— Mãos para cima! O primeiro que se mexer…

Ele atirou para cima, para intimidar. Três agentes escorregaram pelas escadas abaixo e também gritaram:

— Mãos para cima!

Cerca de quarenta indivíduos obedeceram aos agentes. Mas a força da multidão era tão violenta, por parte dos que tentavam escapar, que o jóquei inglês, embora fosse o primeiro a ficar de pé, não conseguia alcançar o Grande Paul. A patroa protestava, enquanto seu balcão era derrubado. Ele escondia uma porta secreta, pela qual os fugitivos se precipitavam um a um, em desordem e tumulto. Durante alguns segundos houve uma parada repentina: dois deles, exasperados, lutavam para ver quem passaria primeiro. O jóquei inglês, montado em uma cadeira, reconheceu o Árabe e o Grande Paul.

O combate corpo a corpo foi assustadoramente brutal. Nenhum deles queria ser pego pelos oficiais que avançavam. Duas balas foram disparadas, mas não os atingiram. Então, o Árabe caiu de joelhos. O Grande Paul escapou pelo buraco negro da saída e conseguiu fechar a porta sobre si, bem no momento em que os agentes estavam chegando.

Gorgeret, correndo para cima, ria em triunfo. Cinco homens da gangue debatiam-se contra o obstáculo.

— Belas peças no meu tabuleiro! — ele comemorava.

— Especialmente — acrescentou o jóquei —, especialmente se o Grande Paul for pego na saída…

Gorgeret observou o inglês e reconheceu Raoul. Ele disse:

— Tudo resolvido. Eu coloquei lá o Flamant, aquela força da natureza!

— Muito bem, inspetor. Muito bem!

Gorgeret dava instruções. Os membros da gangue estavam sendo amarrados. Os outros estavam encurralados em um canto, sob a mira dos revólveres.

Raoul reteve o inspetor.

— Um segundo. Permita-me que eu fale um pouco com o Árabe, que está bem ali. Ainda estamos em tempo de arrancar alguma coisa dele… Mas preciso ser rápido.

Gorgeret consentiu, e depois partiu.

Raoul então se agachou ao lado do Árabe, e disse a ele em voz baixa:

— Você está me reconhecendo? Sou eu, Raoul, o cara do Cais Voltaire que lhe deu dois mil francos. Quer mais dois?

O Árabe se lamentou:

— Eu não gosto de traição…

— Sim, mas foi o Grande Paul que lhe impediu de fugir. Mas não faz mal, pois vamos pegá-lo logo em seguida…

O Árabe ficou possesso, e disse, com uma voz furiosa:

— Não pegam nada! Há outra escada, uma nova… Uma escada que leva até o beco sem saída.

— Maldição! — disse Raoul, aborrecido. — É isso que dá confiar no Gorgeret!

— Então, você é da polícia?

— Não. Mas nós trabalhamos juntos, ocasionalmente. Posso lhe ajudar com alguma coisa?

— Com nada, por enquanto, já que eles confiscaram o meu dinheiro. Mas não há provas contra mim. Quando eu for liberado, mande para mim algum dinheiro pelos correios. A. R. B. E., Caixa Postal 79.

— Então você confia em mim?

— É o jeito.

— Você está certo. Quanto você quer?

— Cinco mil.

— Nossa! Você tem apetite.

— Nem um franco a menos.

— Muito bem. Você os receberá, se a informação for boa… E se você não disser mais nada a ninguém sobre a Clara Loura. Então, onde está o Grande Paul?

— Dane-se, pior para ele… Ele jogou sujo comigo… Hoje à noite… Às dez horas… no Cassino Azul… Um clube novo.

— Ele vai estar lá sozinho?

— Sim.

— E por que ele vai para lá?

— Ele espera encontrar a loura… A sua loura, hein?… Mas, como é uma noite de gala… Não é o Grande Paul que você vai encontrar.

— Valthex, então?

— Sim, Valthex.

Raoul fez mais algumas perguntas, mas o Árabe já havia desfiado seu rosário de confissões e não tinha mais nada a dizer.

Enquanto isso, Gorgeret voltava, todo desconcertado. Raoul o arrastou para um canto, zombando dele.

— Que bagunça, hein? E o que você queria? Todos vocês se comportaram como idiotas, totalmente desinformados. De qualquer forma, não se arrependa.

— O Árabe falou?

— Não. Mas não faz mal. Vou corrigir seu erro. Encontre-me hoje à noite, às dez horas, na entrada do Cassino Azul. Vista um traje de gala, para que ninguém lhe reconheça.

Gorgeret estava chocado.

— Ora, vamos! — insistiu Raoul. — Como um homem da alta sociedade, de fraque e capa. E um pouco de pó de arroz nas bochechas e no nariz, hein? Suas bochechas são vermelhas! E que narigão! Até logo,

querido amigo…

Raoul pegou seu carro em uma rua vizinha e atravessou Paris para retornar à sua casa em Auteuil, que era, naquela época, seu estabelecimento principal e o centro de suas operações. Em uma ampla avenida, pouco frequentada, no fundo de um jardim bastante apertado, estendia-se um pavilhão estreito de dois andares sem estilo, sem cor, sem nada que chamasse a atenção. Cada andar era composto por dois cômodos.

A sala dos fundos abria-se para um pátio com uma garagem desocupada, por onde se entrava pela rua de trás — que era a principal segurança de todas as instalações de Raoul. No andar inferior, havia uma grande sala de jantar, formada pelos dois cômodos, e mobiliada sumariamente. No primeiro andar, um quarto confortável e luxuoso, com banheiro. Os funcionários — um manobrista dedicado e um velho cozinheiro — dormiam em um quartinho em cima da garagem vazia. Raoul estacionava seu carro a cem metros de distância.

Às oito horas, ele se sentou à mesa. Courville, que se apresentou, disse-lhe que o marquês tinha chegado às seis horas e que a jovem não tinha voltado. Raoul estava preocupado:

— Então ela deve estar em algum canto de Paris, isolada, indefesa, e por um azar pode cair nas mãos de Valthex. Chegou a hora da verdade. Jante comigo, Courville. Depois, vamos juntos ao cassino. Capriche no traje. Você tem muito estilo para se vestir.

A *toilette* de Raoul foi demorada, interrompida pelos exercícios de alongamento. Ele tinha um pressentimento de que a noite seria quente.

— Bravo! — disse ele a Courville, quando o secretário se juntou a ele. — Você parece um grão-duque!

A bela barba quadrada do secretário coroava um peitoral impecável. Ele ostentava o peitoral de um diplomata, sobre um ventre redondo como um balão.

O Cassino Azul

A inauguração do Cassino Azul, construído na antiga locação de um famoso café-concerto nos Champs-Élysées, foi um evento mundial. Dois mil convites haviam sido enviados, todos eles para pessoas conhecidas, artistas e bem-cotados aspirantes à alta sociedade.

Uma luz fraca, de um azul frio como a luz do luar, brilhava sob as altas árvores da avenida, em frente ao bárbaro corredor de colunatas, todo forrado de cartazes e avisos. A multidão, direcionada pelos controladores, já invadia o salão, quando, ao bater das dez horas, Raoul apareceu com um convite na mão.

Ele havia dado suas recomendações ao Courville.

— Finja que não me conhece. Não chegue perto de mim. Mas fique na espreita ao meu redor… E ainda mais ao redor do Gorgeret. Gorgeret é o inimigo, eu desconfio dele como a peste. Se ele puder prender em dupla — Raoul e o Grande Paul —, ele não hesitará. Portanto, não o deixe escapar de suas vistas, e muito menos de sua audição. Ele vai trazer agentes, vai conversar com eles: é então que se deve prestar atenção, não apenas nas palavras, mas no próprio significado do que não for dito.

Courville acenou compulsivamente e provocou o inimigo com sua bela barba quadrada, jogada para a frente:

— Entendido — disse ele, com importância. — Mas, e se o senhor for atacado sem que eu tenha tempo para avisá-lo?

— Você protegerá minha fuga com seus dois braços estendidos e com toda a sua barba.

— Não há outra maneira?

— Impossível. Sua barba é muito respeitável.

— No entanto…

— Então, finja-se de morto. Por falar nisso, ali vem o Gorgeret… Afaste-se de mim e, sem que ele perceba, fique na cola dele.

De acordo com as instruções recebidas, Gorgeret estava cômico em seu traje de gala: um terno brilhante, tão apertado que parecia a ponto de estourar; uma cartola tão velha que ele tinha desistido de tentar abri-la; o rosto polvilhado com farinha. Seus ombros ostentavam orgulhosamente um velho casaco cor de grafite, dobrado com cuidado. Raoul se aproximou dele discretamente:

— Quem diria! Você está irreconhecível. Um verdadeiro cavalheiro… Vai passar completamente despercebido.

"Ele está rindo de mim", deve ter pensado Gorgeret, pois fez uma expressão de raiva.

— Quantos homens?

— Quatro — disse Gorgeret, que tinha trazido sete.

— Tão bem camuflados quanto você?

Raoul olhou de relance, e imediatamente identificou seis ou sete homens que poderiam reivindicar a honra de capturar todos os olhares, pois se portavam como policiais disfarçados de lordes. A partir daí, ele se plantou na frente do inspetor, para que esse não conseguisse indicá-lo aos seus acólitos.

O fluxo de chegadas ainda era grande. Raoul murmurou:

— Lá está ele…

— Onde? — disse Gorgeret, bruscamente.

— Atrás de duas senhoras, perto do controle de entrada. Um cara alto, de cartola, com lenço de seda branco.

Gorgeret virou-se e sussurrou:

— Mas não é ele… Não é o Grande Paul…

— É o Grande Paul, vestido como um cavalheiro chique.

O inspetor olhou com mais atenção:

— Ah, o canalha!

— Sim, mas tem estilo, certo? Você nunca o viu assim antes?

— Sim… Sim… Acho que sim… Nos clubes… Mas eu nunca suspeitei. Qual é o verdadeiro nome dele?

— Ele nos dirá, se tivermos uma oportunidade… Mas, acima de tudo, nada de escândalos inúteis… E sem muita pressa… Você o prenderá

quando ele estiver indo embora, e então saberemos o que ele veio fazer aqui.

Gorgeret foi conversar com seus homens, mostrou-lhes o Grande Paul, e juntou-se a Raoul. Eles entraram, ambos, sem falar um com o outro. O Grande Paul tinha tomado a esquerda. Eles entraram pela direita.

A animação crescia na grande rotunda, onde vinte raios azuis de todas as tonalidades se entrechocavam, brincavam e fundiam. Ao redor das mesas, havia duas vezes mais pessoas do que deveria haver. Havia muita gritaria. Os promotores de uma nova marca de champanhe enchiam todas as taças que eram levantadas.

A novidade do espetáculo consistia no fato de que as pessoas dançavam no espaço reservado ao centro, e após cada dança começava um número de café-concerto sobre um pequeno palco, montado nos fundos. A mudança era rápida e imediata. Tudo acontecia de maneira ofegante, com um ritmo agitado. E o público cantava todos os refrões em coro.

Gorgeret e Raoul, postados de pé na passarela da direita, os rostos meio escondidos pelo folheto, não tiravam os olhos de Valthex, que, vinte passos mais adiante, escondia o máximo possível a sua alta estatura, encolhendo os ombros. Atrás dele, os homens de Gorgeret rondavam, vigiados pelo inspetor.

Um ato de malabarismo hindu foi seguido por um tango no salão. Uma valsa precedeu um número cômico. Depois acrobatas, números de canto, barra fixa, e sempre as danças. A multidão estava ficando agitada, bêbada com o barulho e a alegria fictícia. Houve até mesmo uma rusga entre os convidados e uma trupe de palhaços.

Mas eis que foi trazido ao palco um grande painel, no qual se delineava, em luzes multicoloridas, a fina silhueta de uma bailarina de rosto velado, com a seguinte inscrição, que era anunciada ao mesmo tempo por vinte telas luminosas: *A Dançarina Mascarada*. A orquestra soou. E a bailarina surgiu dos bastidores, vestida com fitas que se entrecruzavam sobre seus ombros e seus seios, e com uma ampla saia azul cravejada de estrelas douradas, da qual suas pernas nuas brotavam ao menor movimento.

Ela ficou parada por um momento, como a mais graciosa escultura de Tânagra. Uma gaze fina e dourada escondia parte de sua cabeça e rosto. Cachos macios, de admiráveis cabelos louros, escapavam por esse véu.

— Deus do céu — disse Raoul, entre dentes.

— O quê? — perguntou Gorgeret, que estava ao seu lado.

— Nada… Nada…

Mas Raoul fitava com curiosidade ardente aqueles cabelos louros, aquela figura…

Ela dançava, muito suavemente no início, pairando com movimentos invisíveis, e mantendo uma atitude fixa, onde não se conseguia discernir o menor tremor do corpo. Assim, ela deu duas voltas no palco, nas pontas de seus pés descalços.

— Veja só, olhe a cara do Grande Paul — murmurou Gorgeret.

Raoul ficou sem palavras. Todo o rosto daquele homem estava contraído por uma atenção frenética, dolorosa em sua intensidade. Para ver melhor, ele elevava sua altura novamente. Seus olhos se fixavam loucamente sobre a dançarina mascarada.

Gorgeret soltou uma risada manhosa.

— Digamos, serão os cabelos louros que o colocam em tal estado? Isso o faz lembrar de sua Clara… A menos que… A menos que…

Ele hesitou em expressar seu pensamento inesperado. No final, terminou, em pedaços:

— A menos que… Mas sim… Poderia muito bem ser ela, a moça dele… Ou melhor, a sua. Isso seria engraçado!

— Você está louco! — respondeu Raoul, secamente.

Mas a ideia o assaltara desde o primeiro momento. No início, ele havia notado apenas a semelhança exata dos cabelos e sua cor, e a maciez indelével de seus cachos. Mas a emoção de Valthex, seu esforço visível para afastar a gaze dourada e alcançar a plenitude daquele rosto, o atingiram com força. Ele, Valthex, ele sabia. Ele devia conhecer as habilidades de Clara como bailarina; devia tê-la visto dançar em outros palcos, em outros países, e conhecia cada detalhe dessa graça infantil, dessa visão de sonho e fantasia.

"É ela… É ela…", pensou Raoul.

E ainda assim, como era possível? Como poderia aquela moça da província, filha do marquês de Erlemont, ter aprendido esse conhecimento e essa profissão? Como ela poderia ter tido tempo, no retorno de Volnic, de ir para casa, aprontar-se e vir para o cassino?

Mas, quanto mais ele fazia objeções, mais elas sucumbiam sob a investida de argumentos contrários. No tumulto de seu cérebro, a cadeia de

fatos prováveis se formava da maneira mais lógica. Não… Poderia não ser ela… Mas como negar cegamente que poderia ser?

Lá no palco, ela se animava cada vez mais, diante da crescente agitação do público. Ela girava, com gestos precisos, que estacavam bruscamente e, de repente, retomavam o ritmo da orquestra. Suas pernas disparavam, e era isso que especialmente desencadeava o entusiasmo: suas pernas esbeltas, bem torneadas, e que eram muito mais vivas, mais maleáveis e mais livres do que os braços sinuosos.

Gorgeret observou:

— O Grande Paul está se esgueirando em direção aos bastidores. Imagino que o acesso seja livre para todos.

De fato, no final da passarela, à direita e à esquerda, havia uma rampa. Em seu topo, um controlador tentava em vão conter os indiscretos.

— Sim — disse Raoul, após perceber a manobra do Grande Paul. — Sim, ele tentará se aproximar dela nos bastidores. Ordene que seus homens se reúnam na saída dos artistas, que deve ser pela lateral, e estejam prontos para entrar por ali, em caso de alerta.

Gorgeret concordou e afastou-se. Três minutos depois, enquanto o inspetor esforçava-se para reunir suas tropas, Raoul deixou a sala. Lá fora, contornando o Cassino, precedendo assim os agentes, ele se encontrou com Courville, que lhe deu o relato de sua missão.

— Acabo de ouvir as ordens de Gorgeret, senhor. Eles vão agarrar o senhor e prender a dançarina mascarada.

Era o que Raoul temia. Ele não sabia se a bailarina era Antonine. Mas Gorgeret não teve medo de arriscar. E se fosse ela mesma, Antonine, seria apanhada pela polícia ou pelo Grande Paul, e estaria perdida para sempre.

Ele começou a correr. Estava com medo. A fisionomia dura e ameaçadora do Grande Paul diziam a ele que, se o bandido pusesse as mãos em Antonine, ele seria capaz de todo tipo de brutalidade.

Raoul e Courville passaram pela pequena entrada.

— Polícia — disse Raoul, mostrando um cartão para o concierge.

Eles conseguiram passar.

Uma escadaria e um corredor os conduziram até os camarins dos artistas.

No mesmo instante, a dançarina saía de um desses camarins. Durante as ovações, ela havia voltado para buscar um grande xale para a segunda

parte de seu número. Ela trancou a porta e deslizou entre os ternos negros que tinham invadido os bastidores. Quando ela entrou no palco, os aplausos crepitaram. Raoul pôde ver todo o público de pé, gritando com entusiasmo.

E então, de repente, ele notou que o Grande Paul estava bem perto dele, perturbado com a passagem dessa mulher, com os punhos cerrados, as veias da fronte intumescidas. Naquele momento, Raoul não teve dúvidas de que era ela, e realmente se deu conta de todo o perigo que ameaçava a infeliz mulher.

Ele procurou por Gorgeret. O que aquele paspalho estava fazendo? Será que ele não tinha compreendido que o campo de batalha era ali, naquele espaço limitado, e que a sua presença e a de seus agentes era indispensável, pois logo alguma coisa iria acontecer?

Ele resolveu começar a luta imediatamente, e atrair para si a raiva cega do inimigo. Ele bateu suavemente no seu ombro, e quando Valthex se virou, viu a cara zombeteira daquele Raoul que ele odiava e temia.

— Você… Você… — sussurrou ele, com uma expressão de ódio. — Você está aqui por ela? Você está com ela?

Ele se controlava. Embora estivessem ocultos pela multidão, havia muitas pessoas indo e vindo ao seu redor, pessoas que tentavam assistir, operadores, camareiras… Qualquer entonação mais alta poderia ser ouvida.

Raoul riu, com o mesmo tom de voz:

— Bem, sim, eu estou com ela. Ela me deu a missão de protegê-la… Soube que há alguns malandros atrás dela. Imagine como isso me faz rir.

— E qual é a graça nisso?

— É porque, quando eu começo alguma coisa, eu sempre termino. É um hábito.

Valthex tremia de raiva.

— E já conseguiu terminar?

— Mas é claro!

— Balela! Você não vai conseguir, enquanto eu estiver vivo. E eu estou vivo! Eu estou aqui!

— Eu também estou aqui. E eu também estava lá, na adega.

— O quê?

— O jóquei era eu.

— Miserável!

— E fui eu quem levou a polícia, para levar todos vocês para o xadrez.

— Falhou — disse o outro, tentando rir.

— Falhei, de fato. Mas, esta noite, o assunto estará encerrado.

Valthex agarrou-o, fitando-o olho no olho:

— O que você está insinuando?

— Gorgeret está aqui, com os amigos dele.

— Mentira!

— Ele está aqui. Estou lhe avisando, para que você saia daqui. Rápido. Fuja. Ainda dá tempo…

Valthex espiou seu entorno com olhos aterrorizados, como uma presa acuada. Certamente ele aceitou, visivelmente, a ideia de fugir; e Raoul regozijou-se, pensando sobretudo na salvação de Antonine. Valthex iria embora, e seria apenas questão de proteger a moça contra a polícia.

— Vá, vá, fuja… Vamos, seria estúpido demais ficar aqui… Fuja.

Tarde demais. A dançarina voltou, recém-saída do palco. E ao mesmo tempo surgiu Gorgeret, vindo pela escada e correndo entre os camarins dos artistas, seguido por cinco agentes. Gorgeret, que corria obstinado na direção do inimigo.

A expressão feroz de Valthex hesitou por um momento. Ele olhou para a dançarina, que estava paralisada de medo. Olhou para Gorgeret, que estava a apenas cinco ou seis passos de distância. O que fazer? Raoul se atirou sobre ele. Mas ele conseguiu se desvencilhar, colocou a mão no bolso e puxou um revólver, que apontou na direção da dançarina.

Ouviu-se um tiro, em meio ao tumulto e ao pânico. Com um movimento rápido, Raoul havia levantado o braço dele. A bala deve ter se perdido no ar, entre o cenário. Mas a bailarina caiu, inconsciente.

O que veio a seguir, certamente, não durou mais do que dez segundos. Houve uma confusão, no meio da qual Gorgeret foi visto saltando sobre o Grande Paul e algemando-o, enquanto gritava para seus homens:

— É meu, Flamant! Os outros, peguem Raoul e a dançarina!

E nesse momento surgiu um cavalheiro pequeno, barrigudo e de barba branca. Furioso, com as pernas bem abertas, ele obstruía os agentes e protestava contra sua brutalidade. E viram um senhor muito inteligente, que, aproveitando esta intervenção e a desordem geral, abaixou-se, agarrou a dançarina de véu dourado e a carregou em seus ombros. Era Raoul. Protegido pela audácia indomável de Courville, e certo de ter vantagem

sobre seus inimigos, atrasados pela massa de espectadores, ele carregou seu prêmio em direção ao salão. Por esse lado, a fuga parecia mais possível.

Ele não estava enganado. O público não se surpreendeu com o que estava acontecendo nos bastidores. Uma banda de jazz de negros burlescos tentava tocar um tango. A dança havia recomeçado. As pessoas riam e cantavam. Assim, quando Raoul emergiu entre as roupas pretas que tumultuavam a rampa da direita, e desceu, segurando uma mulher em seus braços, erguendo em direção ao teto aquela que todos reconheceram imediatamente como a dançarina mascarada, pensou-se que era uma brincadeira, um *tour de force* realizado por algum acrobata com roupas de cavalheiro, que percorria o salão carregando sua parceira. As fileiras se abriram diante dele e se fecharam novamente, mais compactas e mais hostis com aqueles que tentavam passar. Cadeiras e mesas eram movidas.

No entanto, do fundo do palco, alguém gritava:

— Detenham-no!… Detenham-no!

As gargalhadas aumentaram. Cada vez mais, as pessoas pensavam que era uma brincadeira. O jazz negro estava em fúria, com todos os seus instrumentos e vozes. Ninguém se interpôs no seu caminho. Sorrindo, sem esforço, com a cabeça virada ao contrário, ele continuava seu número, aplaudido por um público delirante. Ele continuou seu exercício até chegar às portas do grande *hall* de entrada.

Uma das portas abriu-se à sua frente. Ele saiu. Os espectadores pensavam que ele faria a volta do Cassino e retornaria ao palco. Os controladores e policiais, divertidos por esse ato inesperado, não o perturbaram. Mas assim que ele saiu, deixando a dançarina escorregar, ele a dobrou novamente sobre o ombro e tomou a avenida lateral, entre as manchas de luz e os espaços de sombra que se estendiam sob as árvores.

A cinquenta passos do Cassino, ele ouviu novamente o grito de alerta:

— Detenham-no! Detenham-no!

Ele diminuiu o ritmo. Seu carro estava por perto, em uma longa fila de carros, cujos motoristas estavam dormindo ou conversando em grupo. Eles ouviram o grito, mas não o entenderam de imediato; interrogaram-se, ficaram quietos, e por fim não fizeram nada.

Raoul depositou a dançarina em seu carro. Ela ainda estava inconsciente, ou pelo menos inerte e silenciosa. Por sorte, o motor ligou imediatamente.

“Se eu estiver mesmo com sorte”, pensou ele, “e se não houver engarrafamento, e eu vou conseguir.”

Deve-se sempre contar com a sorte. Era um dos princípios de Raoul… Mais uma vez, ela trabalhou a seu favor. Não havia engarrafamento, e os policiais, que estavam a apenas vinte passos de distância quando ele começou a dirigir, logo foram deixados para trás.

A grande velocidade, embora cautelosamente (pois seu outro princípio era que não se deve forçar a sorte), ele ganhou o Largo da Concórdia, atravessou o Sena e seguiu seu curso. Fora de alcance, ele diminuiu a velocidade.

“Ufa!” ele pensou, “Aqui estamos nós.”

E, pela primeira vez desde que entrou em ação, ele se perguntou:

“E se não for a Antonine?”

Por mais que seu impulso de convicção o tivesse forçado a intervir, sua fé o abandonou de repente. Mas não, não podia ser ela. Havia muitas provas contra esse fato, que ele havia admitido sem pensar, e nenhuma prova afirmativa resistiria ao exame. O Grande Paul era um louco, um psicopata, cuja emoção não constituía um elemento de verdade.

Raoul teve um ataque de riso. Era necessário que, em certos casos, quando o mistério de uma mulher o perturbasse, ele fosse ingênuo! Um verdadeiro colegial… Mas um colegial apaixonado pela aventura. Antonine ou outra, afinal de contas, o que importava! Estava ali uma mulher salva por ele, e a mais ardente, a mais voluptuosa das mulheres. Como ela poderia recusá-lo?

Ele acelerou novamente. Uma necessidade febril de saber o estimulava. Por que ela cobria o rosto com esses véus egoístas? A visão divina de seu corpo teria sido estragada por alguma deformação, ou por algum mal terrível? E, por outro lado, se fosse bela, que razão estranha, que medo, que desequilíbrio, que capricho, que amor a obrigava a não oferecer ao público a sua beleza?

Novamente ele cruzou o Sena. Alcançou o cais da outra margem. Auteuil. As ruas da província. Depois, uma larga avenida. Ele parou.

Sua cativa não tinha se movido. Ele se inclinou e disse a ela:

— Você pode ficar de pé? Você pode me ouvir?

Nenhuma resposta.

Após abrir o portão do jardim e tocar a campainha, ele tomou a dançarina em seus braços e a apertou contra seu peito. Sentia-se inebriado e feliz em tê-la assim tão perto, em ter aqueles lábios ao alcance de seus lábios, em poder respirar seu doce alento.

— Quem é você? — murmurava ele, palpitando de desejo e curiosidade. — Antonine? Ou uma estranha?

O criado entrou.

— Leve o carro para a garagem, e deixe-me sozinho.

Ele entrou no prédio e subiu rapidamente as escadas, como se levasse a carga mais leve. Ganhou o quarto. Colocou a cativa em um sofá, ajoelhou-se diante dela e desatou o véu dourado.

Um grito de alegria lhe escapou:

— Antonine!

Passaram-se dois ou três minutos. Ele lhe deu alguns sais para respirar e banhou-lhe as têmporas e a testa com água fria. Ela abriu os olhos pela metade, e olhou para ele por um longo tempo. Seus pensamentos voltavam aos poucos.

— Antonine! Antonine!… — Ele repetia, em êxtase.

Ela sorriu para ele, entre lágrimas, e com certa amargura no sorriso… Mas com tão profunda ternura!

Ele procurou seus lábios. Iria ela afastá-lo, como na sala de estar do Volnic? Ou iria aceitá-lo?

Ela não resistiu.

Os dois sorrisos

Os casal terminava tranquilamente o seu o café da manhã, que o criado havia servido em uma mesinha no próprio quarto. A janela estava aberta para o jardim, de onde evolava o perfume das alfenas em flor. Entre os dois castanheiros que ficavam à direita e à esquerda, podia-se ver a avenida, e acima dela o céu azul, brilhante, e o sol. E Raoul falava…

Todos os seus triunfos — a vitória sobre Gorgeret, a derrota do Grande Paul, a conquista da adorável Clara —, toda sua alegria se exprimia na sua exuberância cômica, no seu lirismo pateta, em sua ostentação e tagarelice irresistível, ao mesmo tempo atrevida e encantadora, ingênua e cínica.

— Fale mais… Fale mais… — ela implorava, com os olhos vidrados nele. Aqueles olhos repletos de melancolia mesclada com a sua alegria juvenil.

E, quando ele parava de falar, ela insistia:

— Fale… Conte… Conte-me tudo o que eu já sei… Sim, repita toda sua aventura das ruínas de Volnic com o Gorgeret, e o leilão no grande salão do castelo, e sua conversa com o marquês.

— Mas você estava lá, Antonine!

— Tudo o que você fez, tudo o que você disse, me fascina. Aliás, há algumas coisas que eu não entendi bem… Então, é verdade que durante a noite você invadiu o meu quarto?

— O seu quarto.

— E você não se atreveu a mexer comigo?

— Deus, não! Eu estava com medo de você. Você estava terrível no Castelo de Volnic.

— E antes disso, você esteve no quarto do marquês?

— No quarto do seu padrinho, sim. Eu queria ver a carta de sua mãe, que você entregou para ele. E foi assim que eu soube que você é filha dele.

— Eu já sabia — disse ela, pensativamente. — Eu soube pela fotografia da mamãe que encontrei no escritório dele em Paris, lembra? Mas isso não importa. É a sua vez de falar. Recomece… Explique…

E ele recomeçava. Explicava. Imitava. Arremedava as vozes e os gestos do ridículo e compassado Mestre Audigat, do preocupado e desconcertado Erlemont. E também da graciosa e suave Antonine.

Ela protestava:

— Não, essa não sou eu… Eu não sou assim.

— Você estava assim anteontem, e naquela vez em que foi à minha casa. Você fazia assim — ele gesticulava —, e assim… E assim também…

Ela ria, mas não aceitava.

— Não… Você ainda não me conheceu bem… Eu sou esta aqui.

— Ah, sim — exclamava ele —, eu vejo como você está nesta manhã… Com esses olhos brilhantes, esse sorriso reluzente… Você não é mais a moça da província daquele dia, nem a menininha do castelo, aquela que eu não conseguia olhar nos olhos, mas evitava. Você está diferente, mas eu ainda sinto seu ar de reserva e modéstia, que nunca muda… E esses cabelos louros, que reconheci ontem à noite… Toda essa figura de graça e bondade, vestida de dançarina.

Ela não tinha deixado o traje de dançarina, com seu corpete de fitas, a saia azul repleta de estrelas. E estava tão linda assim, que ele a tomou em seus braços:

— Sim — disse ele —, eu adivinhei, porque só você poderia ficar tão linda e sedutora. Mas, mesmo assim, eu não conseguia lhe ver com aquela máscara! E que medo eu sentia quando a tirei! E era você! Era você! E será você novamente amanhã, e por toda a minha vida, quando estivermos bem longe daqui.

Houve uma leve batida na porta.

— Entre!

Era o criado. Ele trouxe os jornais e algumas cartas, previamente abertas e organizadas pelo Courville.

— Ah, perfeito… Vamos ver o que dizem sobre o Cassino Azul, o Gorgeret e o Grande Paul… E também, sem dúvida, o bar dos Lagostins. Que dia histórico!

O criado se retirou. Raoul foi imediatamente às notícias.

— Isso! Temos a honra de estar na primeira página…

Mas, logo que começou a ler o título em destaque da notícia, ele ficou sério e sua alegria sumiu de repente. Ele murmurou:

— Ah, que idiotas! Como este Gorgeret é estúpido!

E ele leu, em voz alta:

— O Grande Paul, após ter escapado da polícia durante uma batida realizada em um bar de Montmartre, é preso na inauguração do Cassino Azul, e escorrega novamente das mãos do inspetor-chefe Gorgeret e seus agentes.

— Ah! — disse ela, horrorizada. — Isso é assustador!

— Assustador? — disse ele — Por quê? Ele vai ser pego novamente, qualquer dia destes… Eu mesmo cuidarei disso.

No fundo, essa fuga o atormentava e o irritava profundamente. Era preciso começar tudo de novo. O perigoso bandido estava livre novamente, e Antonine seria mais uma vez perseguida e ameaçada por esse inimigo implacável, que certamente não seria misericordioso e a mataria na primeira oportunidade.

Continuou lendo o artigo. Mencionava a captura do Árabe e de alguns de seus capangas, e a polícia fazia um grande alarido em torno disso. Também relatava a tentativa de assassinato da dançarina mascarada, e seu sequestro por um espectador suspeito de ser um rival, sobre quem não foi possível dar detalhes precisos que permitissem o reconhecimento de Raoul.

Quanto à dançarina mascarada, ninguém tinha visto seu rosto. O gerente do cassino a havia contratado com a ajuda de uma agência em Berlim, onde ela havia dançado "desmascarada" no inverno anterior, com grande sucesso.

"Há duas semanas", acrescentava o gerente em uma entrevista, "ela me telefonou sabe-se lá de onde, dizendo que estaria lá pontualmente no dia combinado, mas por razões pessoais ela se apresentaria com o rosto velado. Eu concordei, imaginando que seria uma atração especial, e me reservei o direito de entrevistá-la apenas na noite da apresentação. Mas ela chegou somente às oito horas, ao que parece, já completamente vestida, e trancou-se em seu camarim."

Raoul perguntou:

— Tudo isso é verdade?

— Sim — disse Clara.

— Há quanto tempo você dança?

— Eu sempre dancei, por *hobby*, e sem ser vista por ninguém. Depois que minha mãe morreu, eu tive aulas com uma ex-dançarina e fui viajar.

— Que tipo de vida você levava, Clara?

— Não me julgue. Eu estava sozinha, era cortejada… Nem sempre sabia como me defender.

— Onde você conheceu o Grande Paul?

— Valthex? Em Berlim. Eu nunca gostei dele, mas ele tinha muita influência sobre mim e eu não o desafiava… Uma noite ele me atacou no meu quarto, depois de arrombar a fechadura. Ele era o mais forte.

— Desgraçado!… E quanto tempo durou?

— Alguns meses. Depois, em Paris, ele foi incriminado em um caso. A polícia invadiu o quarto. Eu estava com ele, e foi assim que soube que ele era o Grande Paul. Fiquei tão assustada que, enquanto ele lutava, eu fugi.

— E você se escondeu na província?

Depois de uma hesitação, ela respondeu:

— Sim. Eu queria recomeçar, encontrar um trabalho, mas não consegui. Fiquei sem dinheiro. Então fechei contrato com o cassino.

— Mas… Qual o motivo de sua visita ao marquês?

— Uma última esperança de fugir da miséria e conseguir proteção.

— E, de lá, a viagem para Volnic…

— Sim, e ontem à noite, como estava sozinha em Paris, por capricho, fui ao cassino… A alegria da dançar… E também o desejo de não faltar ao meu compromisso… Um compromisso de oito dias, aliás. Eu não queria ir… Eu estava com tanto medo… E veja, meu medo estava bem fundamentado.

— Não — disse ele —, porque que eu estava lá, e você está comigo agora.

Ela se aconchegou em seus braços. Ele sussurrou:

— Que garotinha engraçada você é! Tão cheia de surpresas…Tão incompreensível!

Eles não saíram de casa, nem naquele dia, nem nos dois dias seguintes. Eles liam nos jornais tudo o que era dito sobre o caso; na maioria das vezes, eram informações fantasiosas, porque a polícia ainda não tinha conseguido obter novos resultados. A única suposição que correspondia à realidade era que a dançarina mascarada devia ser a Clara Loura, de quem se falava no

passado durante as buscas ao Grande Paul. Nem quanto ao nome de Valthex, nada era mencionado. Gorgeret e seus homens não descobriram a verdadeira personalidade de seu rival. E ninguém conseguiu arrancar mais nada do Árabe.

Enquanto isso, dia após dia, a ternura e a paixão entre Raoul e sua amada cresciam cada vez mais. Ele continuava a responder a todas as perguntas que ela lhe fazia, e se esforçava para satisfazer a sua incansável curiosidade. Ela, por outro lado, parecia se retrair cada vez mais diante daquele mistério, no qual parecia refugiar-se, como se estivesse em um retiro. Sobretudo quando se tratava dela mesma, sobre seu passado, sobre sua mãe, sobre suas preocupações atuais, sobre sua alma secreta, suas intenções em relação ao marquês, o papel que ela representava junto a ele, era sempre o silêncio… Um silêncio feroz, obstinado, doloroso… Ou eram evasivas, tentativas de confissão que não davam em nada.

— Não, não, Raoul, eu lhe peço, não me pergunte nada. Minha vida e meus pensamentos não valem a pena… Apenas me ame como eu sou.

— Mas, justamente, eu não sei quem você é.

— Então, me ame como eu pareço.

No dia em que ela disse isso, ele a levou até um espelho e brincou com ela:

— Hoje, você parece ter cabelos maravilhosos, olhos de infinita pureza, um sorriso que me encanta… E uma expressão que me preocupa, onde eu acho que vejo — você não vai ficar zangada? —, onde eu acho que vejo pensamentos… Que desmentem toda a sua beleza. Mas amanhã eu a verei de maneira diferente. O mesmo cabelo, os mesmos olhos, mas um sorriso diferente e uma expressão onde tudo parece lindo e perfeito. É isso, você muda de uma hora para a outra. Às vezes você é a menina da província… E às vezes a mulher que o destino já machucou e perseguiu.

— É verdade — disse ela. — Há duas mulheres em mim.

— Sim — continuou ele, distraidamente —, duas mulheres que lutam entre si, e que às vezes se anulam… Duas mulheres que não têm o mesmo sorriso. Pois a diferença entre essas duas imagens é o sorriso… Às vezes ingênuo e jovem, fazendo covinhas no rosto… E às vezes mais amargo, como que desiludido.

— E de qual você gosta mais, Raoul?

— Desde ontem à noite, o segundo… Aquele que é mais misterioso e mais obscuro…

Como ela ficou em silêncio, ele a chamou alegremente:

— Antonine?… Antonine, ou a mulher de dois sorrisos?

Eles tinham caminhado até a janela aberta. E ela disse:

— Raoul, quero pedir-lhe uma coisa.

— Já digo que a resposta é sim.

— Bem… Não me chame mais de Antonine.

Ele ficou surpreso.

— Não chamá-la mais de Antonine? Por que não?

— Esse era o nome da menina da província que um dia eu fui… Ingênua e corajosa diante da vida. Perdi esse nome para me chamar Clara… Clara, a Loura.

— E daí?

— Me chame de Clara… Até que eu volte a ser quem eu era antes.

Ele riu.

— Aquela que você era antes? Mas eu te perderia, querida! Se você fosse ainda a garota da província, não estaria aqui! Você não me amaria!

— Como não lhe amar, Raoul?!

— Eu pergunto, por minha vez: você sabe ao menos quem eu sou?

— Você é você — disse ela, apaixonadamente.

— Você tem certeza? Eu não tenho. Já tive tantas personalidades, desempenhei tantos papéis, que já não me reconheço mais. Veja, minha pequena Clara (já que quer que eu te chame assim): nunca sinta vergonha diante de mim; porque, o que quer que você tenha feito… Eu fiz muito mais.

— Raoul…

— Mas é verdade… Uma existência de aventureiro como a minha… Nem sempre é muito bonita. Você já ouviu falar de Arsène Lupin?

Ela vacilou:

— O quê? O que você está dizendo?

— Nada… Nada… E apenas um exemplo… Mas você tem razão… Qual é a utilidade de nos acusarmos, um ao outro? Clara e Antonine, vocês duas são doces e puras, tanto uma quanto a outra; mas é você que eu amo mais, Clara. E quanto a mim, se sou um mau sujeito, isso não me impede de ser um bom homem, e de ser um amante, talvez nem sempre fiel, mas

encantador, atencioso, cheio de qualidades…

Raoul ria enquanto a beijava, e repetia a cada beijo:

— Clara… Doce Clara… Triste Clara… Enigmática Clara…

Ela disse, balançando a cabeça:

— Sim, você me ama… Mas você acabou de confessar, você é um inconstante… Meu Deus, como eu vou sofrer por você!

— Mas como você vai ser feliz! E eu não sou tão infiel quanto você pensa. Por acaso eu já te traí?

Foi a vez de Clara desatar a rir.

Durante uma semana, o público e os jornais estiveram ocupados com o Cassino Azul. Mas, em pouco tempo, diante da inércia das investigações e do colapso sucessivo de todas as hipóteses, já não se falava mais nisso. Gorgeret recusou-se a dar qualquer entrevista. E os repórteres não descobriram nenhuma pista.

Menos preocupada, Clara já saía aos finais de tarde, para fazer compras nas lojas próximas ou passear no bosque. Raoul também escolhia esse horário para atender aos seus compromissos, e não a acompanhava por medo de chamar a atenção.

De vez em quando passava pelo Cais Voltaire, perto do número 63, para verificar se o Grande Paul não estava rondando por ali, e se havia alguma movimentação de policiais no local.

Ele não encontrou nada de suspeito, e a partir daí ele instruiu Courville a manter vigilância discretamente, enquanto folheava livros nas bancas que se espalhavam pelo cais. Mas, um dia — o décimo quinto dia após o sequestro de Clara — ele mesmo, a uma segura distância, viu Clara saindo do número 63, entrando em um táxi e partindo na direção oposta.

Raoul não fez nenhuma tentativa de segui-la. Ele acenou para Courville, que se juntou a ele, e mandou-o pedir informações à zeladora. Courville voltou após alguns minutos e lhe disse que o marquês ainda não havia voltado. Mas, por duas vezes, a jovem loura já havia passado pelo prédio naquela mesma hora, indo bater na porta do marquês. Como os criados não estavam lá, ela foi embora.

“Curioso”, pensou Raoul, “ela não me disse nada. O que ela foi fazer lá na mansão?”

Ele retornou à sua casa, em Auteuil.

Quinze minutos mais tarde, Clara estava de volta, toda jovial, cheia de animação.

Ele perguntou:

— Foi passear no bosque?

— Sim — disse ela. — O ar me fez muito bem! Uma tarde deliciosa para caminhar.

— Você não foi a Paris?

— Claro que não. Por que essa pergunta?

— Porque eu lhe vi lá.

Ela disse, sem se abalar:

— Você me viu lá… Na sua imaginação!

— Em carne e osso, como se costuma dizer.

— Não é possível.

— Como eu já tive a honra de afirmar a você… Eu tenho bons olhos, que nunca me enganam.

Ela olhou para ele. Ele falava com seriedade, e parecia mesmo grave, com um tom de censura em sua voz.

— Onde você me viu, Raoul?

— Saindo da mansão do Cais Voltaire, e indo embora de táxi.

Ela lhe deu um sorriso envergonhado.

— Você tem certeza?

— Tenho certeza. E a zeladora me contou que é a terceira vez que você vai até lá.

Ela ficou toda vermelha, sem saber onde enfiar a cara. Raoul continuou dizendo:

— Essas visitas não têm nada de errado. Mas por que você esconde isso de mim?

Como ela não respondeu, ele se sentou ao lado dela, pegou suavemente a sua mão e disse:

— Sempre cheia de mistérios, Clara. Como você é boba! Se soubesse até onde isso poderia nos levar… Toda essa desconfiança!

— Oh, eu não desconfio de você, Raoul!

— Não, mas você age como se desconfiasse. E, enquanto isso, os perigos vão aumentando. Fale tudo de uma vez, minha querida. Você não sabe que, mais cedo ou mais tarde, eu ficarei sabendo de tudo o que você não me diz? E quem sabe se não será tarde demais? Fale, minha querida.

Ela estava prestes a ceder. Suas feições relaxaram por um momento, e seus olhos assumiram uma expressão de tristeza e consternação, como se ela temesse as palavras que estava prestes a dizer. No final, ela não teve coragem, e explodiu em lágrimas, com o rosto entre as mãos.

— Perdoe-me — ela gaguejou. — É uma coisa que não tem a mínima importância, se eu disser ou não… Não pode mudar o que já foi, nem o que será… É uma coisinha minúscula e insignificante para você… Mas tão séria para mim! As mulheres, você sabe, são como crianças… Elas têm ideias!… Talvez eu esteja errada… Mas eu não posso… Perdoe-me.

Ele fez um gesto de impaciência.

— Que seja — disse ele. — Mas insisto, da maneira mais formal, que não volte mais para lá. Caso contrário, a qualquer hora você vai dar de cara com o Grande Paul, ou com a polícia. É isso que você quer?

Ela ficou imediatamente preocupada.

— Então não volte também. Você corre o mesmo perigo que eu.

Ele prometeu. A jovem também se comprometeu a não voltar, e nem mesmo sair de casa, até que se passassem quinze dias.

A emboscada

Raoul não se enganara ao deduzir que a mansão do Cais Voltaire estava vigiada. Mas não era vigiada de forma regular e constante, o que teria levado imediatamente ao desfecho que ele temia. Gorgeret cometera o descuido, como policial, de fazer apenas pequenas aparições no cais, e deixou a vigilância a cargo de seu esquadrão, permitindo a eles demasiada indolência na execução de suas ordens. Assim, as visitas da bela loura, assim como as rondas muitas vezes imprudentes do Courville, passaram despercebidas. Além disso, Gorgeret fora traído pela zeladora, que recebia dinheiro de Raoul, por intermédio de Courville, e também de Valthex, por meio de um de seus cúmplices. Dessa maneira, ela lhe dava apenas informações vagas e contraditórias.

A vigilância de Valthex era mais cerrada. Havia três dias que um tipo estranho, com chapéu de feltro de aba larga, longos cabelos grisalhos, de corpo encurvado, carregando um estojo de tintas, um cavalete e um banquinho dobrável, vinha se instalar às dez horas da manhã na calçada oposta, a cinquenta metros da casa de Erlemont, e rabiscava em sua tela algumas pinceladas de tinta colorida que supostamente reproduziam as margens do Sena e a silhueta do Louvre. Era o Grande Paul. Era Valthex. Os policiais nem se deram ao trabalho de investigar esse malandro, embora o seu traje fosse muito extravagante e sua pintura atraísse ainda mais curiosidade.

O Grande Paul ia embora por volta das cinco e meia, e nunca via a bela loura, que só chegava mais tarde.

Isso foi o que ele descobriu, no dia seguinte à vinda de Raoul. Ele havia consultado seu relógio e estava dando as últimas pinceladas, quando uma

voz sussurrou perto dele:

— Não se mexa. Sou eu, o Sóstenes.

Três ou quatro pessoas se agrupavam em torno deles. Uma a uma, elas se afastaram. Outras pessoas chegavam.

Sóstenes, um burguês gordo com jeito de pescador, sussurrava de modo a ser ouvido apenas por Valthex, enquanto se inclinava para o quadro, fingindo o interesse de um especialista:

— Você já leu os jornais da tarde?

— Não.

— O Árabe foi interrogado novamente. Você estava certo: foi ele que lhe traiu e deu a indicação do Cassino Azul. Mas ele não quer dizer mais nada, e se recusa a ir contra você. Ele não deu nem o nome de Valthex, nem o de Raoul, e não diz uma palavra sobre a jovem. Portanto, vendo por esse lado, está tudo bem.

Sóstenes levantou-se, examinou a imagem por outro ângulo, olhou para o Sena e fez uma reverência, segurando em sua mão um binóculo que apontava em várias direções. E ele continuou:

— O marquês volta da Suíça depois de amanhã. Foi a moça que veio ontem, e contou à zeladora, para que ela pudesse avisar aos criados. Então, a menina e o marquês estão mantendo contato. Mas onde ela está? Impossível saber. Quanto ao Courville, ele mandou buscar alguns móveis novamente, e eu tenho certeza de que foi ele. Então ele trabalha com o Raoul, e deve andar por lá também, pelo que a zeladora me contou.

O vilão, enquanto escutava, desenhava com seu pincel no ar, como se estivesse fazendo medições. O cúmplice entendeu nesse gesto um sinal, olhou na direção indicada e avistou um velho mal vestido, em uma das janelas do parapeito. O velho se virou, exibindo uma inconfundível e admirável barba branca.

Sóstenes murmurou:

— Eu vi. É o Courville. Vou ficar na cola dele. Vejo você hoje à noite, naquele mesmo bistrô de ontem.

Afastando-se, ele se aproximou gradualmente de Courville. Este último dava algumas voltas, sem dúvida para despistar qualquer um que tentasse segui-lo; mas, como andava pensando em milhares de outras coisas, sem prestar atenção ao rosto das pessoas, ele não viu o Grande Paul, nem o seu cúmplice. Assim, seguiu em direção a Auteuil, levando a reboque o burguês

com cara de pescador.

O Grande Paul esperou por mais uma hora. Clara não apareceu naquela noite. Mas quando Gorgeret surgiu no horizonte, ele apanhou apressadamente seu equipamento de pintura e fugiu.

À noite, os homens de sua gangue se encontraram no Petit Bistrô, em Montparnasse, que era o seu novo ponto de encontro depois da *blitz* no bar dos Lagostins.

Sóstenes juntou-se a eles.

— Descobri — disse ele. — Ela está em Auteuil. Avenida Maroc, número 27. Courville tocou a campainha. O portão se abriu sozinho. Faltando quinze minutos para as oito, vi a menina entrar. Mesmo procedimento: ela tocou a campainha, o portão se abriu.

— E ele, você o viu?

— Não. Mas não há dúvidas.

O Grande Paul ponderou e concluiu:

— Pois bem… mas antes de agir, quero ter certeza. Vamos até lá de carro, amanhã de manhã, às dez horas. E eu juro por Deus… Se a Clara estiver lá, ela não me escapa. Vagabunda!

Na manhã seguinte, um táxi parou na porta da pensão onde o Grande Paul estava hospedado naquele momento. Ele entrou. Ao volante, de chapéu de palha, roliço e corado, o cúmplice Sóstenes.

— Pé na estrada!

Ele era um ótimo motorista. Logo chegaram a Auteuil e à Avenida Maroc, uma larga via plantada com árvores jovens, disposta entre jardins antigos e velhas propriedades recém-reformadas. O pavilhão de Raoul era um resquício de uma dessas propriedades.

O carro parou mais adiante. O Grande Paul, bem escondido no táxi, podia ver pela janela traseira, a trinta passos, o portão do imóvel e as janelas do primeiro andar, ambos abertos. No banco, o motorista estava lendo seu jornal.

De tempos em tempos, eles trocavam algumas palavras. O Grande Paul estava irritado:

— Que droga! A casa parece desabitada. Já estamos aqui faz uma hora e ainda não vi ninguém.

O homem gordo zombou.

— Amantes… Não devem estar com pressa de se levantar…

Passaram-se mais vinte minutos. Depois, o relógio bateu onze e meia.

— Ah, a vadia! — rosnou o Grande Paul, com o rosto colado ao vidro. — E ele! O desgraçado!

Em uma das janelas, apareceram Raoul e Clara. Eles se apoiavam na barra da pequena sacada. O vilão podia ver seus abraços apertados, seus rostos sorridentes e felizes, os cabelos brilhantes de Clara Loura.

— Vamos sair daqui! — ordenou o Grande Paul, com o rosto contraído de ódio. — Já vi o suficiente… A cretina!… Esta foi a sua sentença de morte!

O carro partiu e acelerou em direção ao populoso distrito de Auteuil.

— Pare! — gritou o Grande Paul. — E venha comigo.

Ele saltou para a calçada e eles entraram em um café, onde havia poucos clientes.

— Dois vermutes… E algo onde eu possa escrever! — ele ordenou.

Ele pensou por muito tempo, com a boca torcida, a expressão feroz. Depois ele gaguejou, dizendo em voz baixa o resto de suas ideias:

— É isso… Sim… É isso… Ela vai cair na armadilha… Está resolvido… Como ela o ama, ela vai cair… E nessa hora eu a pego! Ela vai ceder… Se não, pior para ela!

Um silêncio. E ele perguntou:

— Que pena eu não ter nada escrito com a letra dele… Você não tem nada?

— Não. Mas tenho uma carta do Courville, arrancada da escrivaninha do mezanino.

O rosto do Grande Paul iluminou-se.

— Me dá aqui!

Ele estudou a caligrafia. Ele copiou as palavras, treinou as letras maiúsculas. Em seguida, pegando uma folha de papel, ele rabiscou apressadamente algumas linhas e assinou como Courville.

Em um envelope ele colocou o endereço, com a mesma caligrafia imitada: *"Mademoiselle Clara, Avenida Maroc, número 27."*

— Qual é o número? 27… Ótimo… Agora, ouça e preste atenção a tudo que vou falar. Eu vou embora. Sim, porque, se eu ficar aqui, vou acabar fazendo besteira. Então, almoce. Em seguida, volte ao seu dever. Logicamente, Raoul e Clara não vão sair juntos. Raoul deve sair primeiro, e depois Clara vai passear. Uma hora, uma hora e meia depois que Raoul sair,

você estaciona o carro em frente à casa. Você toca a campainha, e a porta se abre. Você parece agitado e manda entregar esta carta para a jovem. Leia.

Sóstenes leu e balançou a cabeça.

— O lugar está mal escolhido. Um encontro no Cais Voltaire! Sem chance! Ela não vai.

— Ela vai, porque não vai desconfiar de nada. Como ela poderia saber que eu escolhi esse lugar para montar uma armadilha para ela?

— Que seja. Mas… e o Gorgeret? Ele poderá vê-la… e também te ver, chefe…

— Tem razão. Bom, nesse caso, envie este telegrama.

E escreveu: "*A polícia deve ser informada que o Grande Paul e seus amigos se encontram todos os dias para tomar aperitivos no Petit Bistrô, em Montparnasse*".

E ele explicou:

— O Gorgeret vai para lá. A investigação imediata provará que a informação está correta, e ele vai esperar por nós. Abandonamos esse local e escolhemos outro ponto de encontro a partir de agora. Avise aos camaradas.

— E se Raoul não sair de casa, ou sair muito tarde?

— Não importa. Vamos adiar para amanhã.

Eles se separaram. Após o almoço, Sóstenes retornou à sua missão.

Raoul e sua amada permaneceram por mais de quatro horas no pequeno pedaço de jardim em frente à casa. Fazia muito calor, e eles conversavam pacificamente, protegidos do sol pelos galhos de um velho sabugueiro.

Antes de sair, Raoul observou:

— Hoje a minha loura bonita está melancólica. Pensamentos sombrios? Pressentimentos?

— Não acredito mais em pressentimentos desde que te conheci. Mesmo assim, fico triste quando nos separamos.

— É só por algumas horas.

— Ainda é tempo demais. E essa sua vida… Tão secreta!

— Você quer que eu lhe conte sobre a minha vida e sobre minhas boas ações? O único problema é que só tenho coisas más para contar.

Depois de um momento, ela respondeu:

— Não. Prefiro não saber.

— Você está certa! — riu ele. — Eu também preferiria não saber o que estou fazendo. Mas eu tenho uma lucidez que me obriga a ver claramente, mesmo quando fecho os olhos. Até breve, querida… E não esqueça que você me prometeu não sair daqui.

— E você também não esqueça o que me prometeu, que não vai se aventurar perto do cais.

Clara acrescentou, mais baixo:

— No fundo, é com isso que estou obcecada… Os perigos que você corre…

— Eu nunca estou em perigo.

— Sim, eu sei. Mas quando eu imagino sua existência fora desta casa, eu sempre lhe vejo correndo de bandidos que querem te pegar, de policiais que estão com raiva de você…

Ele terminou:

—… De cães tentando me morder, de telhas querendo cair na minha cabeça, de chamas que sonham em me queimar…

— É isso aí! É isso aí! — disse ela, alegremente.

Ela o beijou apaixonadamente, depois o levou até o portão.

— Não demore, meu Raoul! A única coisa que importa é ter você perto de mim.

Ela se sentou no jardim, tentou ler e fazer alguns bordados. Depois de entrar em casa, tentou descansar e dormir. Mas ela estava atormentada e não tinha cabeça para nada.

De vez em quando, ela se olhava em um pequeno espelho. Como estava mudada! Quantos sinais de decadência! Grandes olheiras enegreciam o seu semblante. Os lábios estavam murchos, o sorriso pesaroso.

— O que importa? — disse ela para si mesma. — Se ele me ama como eu sou?

Os minutos se arrastavam, intermináveis. O relógio bateu cinco e meia da tarde.

Ouviu o som de um carro que parava e correu até a janela. O carro estava estacionado em frente ao portão. Um motorista gordo saiu e tocou a campainha.

Ela viu o criado cruzar o jardim e retornar com uma carta, cujo envelope ele estava examinando.

Tendo subido as escadas, ele bateu à sua porta e estendeu a missiva. *"Mademoiselle Clara, Avenida Maroc, número 27."*

Ela abriu o envelope e leu. Um grito sufocou-lhe a garganta, e ela gaguejou:

— Estou indo… Estou indo…

O criado observou:

— Permita-me lembrar à senhora que o patrão…

Sem hesitação, ele pegou a carta das mãos dela e leu, por sua vez:

Senhorita, o patrão sofreu um acidente durante a chegada. Ele repousa em seu escritório, no mezanino. Ele está fora de perigo, mas clama pela vossa presença. Respeitosamente.

COURVILLE

A caligrafia foi tão bem imitada que o criado, que a conhecia, não ousou deter Clara. Aliás, teria sido possível detê-la?

Clara vestiu-se apressadamente, correu para o jardim, viu a figura redonda de Sóstenes, interrogou-o e, sem esperar por uma resposta, entrou no carro.

Rivalidade

Nem por um segundo ocorreu à Clara a ideia de que poderia haver um estratagema e uma armadilha. Raoul estava ferido, talvez morto. Além dessa terrível realidade, nada mais importava. Quando conseguia pensar friamente, no tumulto de seu cérebro, ela considerava os vários incidentes que poderiam ter ocorrido: a visita de Raoul à casa número 63, um encontro com Gorgeret ou com o Grande Paul, um confronto, uma luta, o transporte do homem ferido até o mezanino. Ela só conseguia pensar em dramas e catástrofes, e em sua imaginação a ferida tinha o aspecto de uma chaga abominável pela qual corriam borbotões de sangue.

Mas uma ferida era a menos pior das hipóteses, e uma em que ela mal acreditava. A visão da morte não a abandonava, por assim dizer, e lhe parecia que as frases escritas por Courville em sua precipitada carta teriam sido diferentes se o resultado da batalha tivesse sido menos sério. Não, Raoul estava morto. Não tinha o direito de duvidar dessa morte, que ela vislumbrou de repente como um evento que as circunstâncias já previam havia muito tempo. O destino, ao aproximá-la de Raoul, exigia essa morte inevitável. Um homem amado por Clara, e que amava Clara, fatalmente deveria morrer.

Ela também não pensou, nem por um momento, nas consequências em chegar perto do cadáver. Se a luta tivesse ocorrido entre Raoul e Gorgeret, ou entre Raoul e o Grande Paul, com certeza a polícia estaria ocupando o mezanino do Cais Voltaire. Assim, ao avistar Clara Loura, a polícia colocaria imediatamente as mãos sobre a presa tão procurada até o momento. Essa eventualidade nem sequer lhe ocorreu, ou parecia insignificante. O que importava para ela ser presa e trancafiada na prisão, se Raoul não estivesse

mais vivo?

Mas ela não tinha mais forças para concatenar as ideias que a obcecavam. Elas apareciam em sua mente como frases incoerentes, ou antes em breves imagens, que se sucediam sem nenhuma lógica. Misturavam-se às paisagens que passavam diante de seus olhos, às margens do Sena, casas, ruas, calçadas, pessoas que caminhavam, e tudo isso acontecia tão lentamente que ela gritava de tempos em tempos para o motorista:

— Depressa! Vá mais rápido! O senhor não dirige…

Sóstenes virou em direção a ela seu rosto bom e cordial, como se dissesse: "Não se preocupe, minha pequena, estamos chegando". De fato, eles chegaram.

Ela saltou para a calçada.

Ele recusou o dinheiro que ela lhe ofereceu. Ela jogou a nota no assento, sem prestar atenção, e correu para o vestíbulo no andar térreo. Não viu a zeladora, que estava no pátio interno, e subiu rapidamente, espantada que tudo estivesse tão quieto e que ninguém tivesse vindo recebê-la.

Na entrada do apartamento, ninguém. Nenhum ruído.

Isso a surpreendeu, mas nada teria impedido seu impulso. Ela corria em direção ao seu destino maléfico com um ardor, e quase a esperança, de acabar logo com a sua própria vida — um desejo inconsciente de que sua morte se mesclasse com a morte de Raoul.

A porta estava entreaberta.

Ela não teve tempo de compreender o que aconteceu em seguida. Uma mão cobriu seu rosto, procurando sua boca para amordaçá-la com um lenço enrolado, enquanto outra mão agarrou seu ombro e a empurrou tão bruscamente que ela perdeu o equilíbrio, tropeçou e foi jogada na sala principal, onde caiu de bruços no chão.

Então, tranquilamente, com a maior calma do mundo, Valthex fechou o ferrolho de segurança, trancou a porta da sala e se inclinou em direção à mulher que estava ali estendida.

Clara não tinha desmaiado. Ela rapidamente saiu de seu estupor e compreendeu imediatamente a armadilha em que havia caído. Ela abriu os olhos e fitou Valthex com horror.

E Valthex, diante dessa adversária indefesa, inerte, derrotada, desesperada, começou a rir; mas era um riso que ela nunca tinha ouvido, no qual havia tanta crueldade, que teria sido uma loucura implorar por

compaixão.

Ele a levantou e a sentou no sofá, o único assento que restava, além da grande poltrona. Então, abrindo as portas dos dois cômodos adjacentes, disse ele:

— Os quartos estão vazios. O apartamento está cercado. Ninguém virá lhe salvar, Clara, ninguém, nem mesmo seu bom amigo, ainda mais porque mandei a polícia ir atrás dele. Então você está perdida, e sabe o que vai acontecer.

Ele repetiu:

— Você sabe o que vai acontecer, não sabe? O que a espera?

Ele abriu uma cortina. O carro estava lá. Sóstenes vigiava, de pé na calçada, com os olhos vivos. Valthex riu novamente:

— Estamos vigiados por todos os lados, e bem vigiados. Teremos uma hora de tranquilidade. E em uma hora tantas coisas podem acontecer! Tantas coisas, mas tudo que eu preciso é apenas uma. Depois sairemos juntos, como dois pombinhos. Nosso carro está lá embaixo… Podemos pegar um trem… E será a nossa viagem de lua de mel… Está combinado?

Valthex deu um passo à frente.

Clara tremia da cabeça aos pés. Ela baixou os olhos em direção às mãos, para forçá-las a ficarem quietas, mas elas continuavam a tremer como folhas, e suas pernas também, e todo o seu corpo, que ela sentia tanto febril quanto congelado.

— Você está com medo, não está? — disse ele.

Ela balbuciou:

— Eu não tenho medo de morrer. E também não tenho medo do que possa acontecer. — Ela acenou com a cabeça. — Não vai acontecer nada.

— Ah, vai sim — disse ele — algo extremamente importante, e a única coisa que me importa. Você se lembra do que aconteceu entre nós, na primeira vez… e todas as vezes depois, por todo o tempo em que vivemos juntos. Você nunca me amou… Eu chegaria a ponto de dizer que você me odiava. Mas você era a mais fraca… Até que, cansada de guerra, exausta… Então… Lembra-se?

Ele se aproximou. Ela recuou no sofá, com os braços rígidos, tentando empurrá-lo para longe. Ele brincou:

— Você já está se preparando… Como antigamente… Que bom… Não estou pedindo que você aceite… Pelo contrário… Quando eu a beijo, eu

gosto muito mais se for à força… Já perdi todo o meu amor-próprio há muito tempo…

Sua face tornou-se odiosa, atroz de ódio e luxúria. Seus dedos se crispavam, tentando agarrar e abraçar aquele frágil pescoço, que imediatamente convulsionou num guizo de agonia.

Clara havia ficado de pé sobre o sofá, do qual saltou para se abrigar atrás da poltrona. Viu o brilho de um revólver, dentro de uma gaveta entreaberta. Ela tentou agarrá-lo, mas não conseguiu. Então correu para a sala, quase caiu, e foi finalmente agarrada pelos terríveis dedos que, imediatamente, a prenderam pela garganta e lhe tiraram todas as forças.

Ela se ajoelhou. Foi jogada novamente no sofá, e ficou dobrada sobre si mesma. Ela sentia que ia desmaiar…

Mas o terrível abraço se afrouxou um pouco. A campainha no vestíbulo tinha tocado, e o seu tilintar ecoou vagarosamente pela sala. O Grande Paul, tendo virado a cabeça para aquele lado, escutava. Nenhum outro ruído. A fechadura estava trancada. O que havia a temer?

Ele estava prestes a agarrar sua presa novamente, quando deu um gemido assustado. Seus olhos haviam sido atingidos por um jato de luz que se movia entre as duas janelas, e permaneceu atônito, perplexo, incapaz de compreender a espécie de fenômeno milagroso que ocorria, fora de toda a realidade e qualquer explicação plausível.

— É ele! — murmurou, confuso.

Seria uma alucinação? Um pesadelo? Ele podia ver o rosto reluzente de Raoul no brilho de uma tela, que parecia uma tela de cinema. Não um retrato, mas uma figura viva, com olhos que se moviam, e com o sorriso agradável e alegre de um cavalheiro que se apresenta e parece dizer: “Sim, sou eu. Você não estava me esperando, estava? Não está feliz em me ver? Posso estar um pouco atrasado. Mas cheguei. Aqui estou eu”.

Ouviu-se o som de uma chave sendo inserida na fechadura, o som de outra chave no ferrolho de segurança, o som de uma porta sendo aberta… Valthex tinha se levantado e observava, horrorizado. Clara também estava escutando, seu rosto mais relaxado.

A porta foi aberta, não com o impulso violento de um intruso ou de um assaltante, mas com o gesto pacífico de alguém voltando para casa, e que está feliz em chegar, porque encontrará tudo em ordem, tudo em seu devido lugar, e bons amigos falando carinhosamente sobre ele.

Sem constrangimento ou cautela, ele passou por Valthex e fechou a tela luminosa, dizendo a seu oponente:

— Não fique com essa cara de condenado à guilhotina. Esse pode ser o seu destino, mas, por enquanto, você está a salvo de todo perigo.

Em seguida, dirigindo-se à Clara:

— É nisso que dá, garotinha, desobedecer ao Raoul. O cavalheiro enviou uma carta, não foi? Deixe-me ver.

Ela lhe entregou um pedaço de papel, para o qual ele olhou de relance.

— A culpa é minha — disse ele —, eu deveria ter previsto essa armadilha. É uma armadilha clássica, e uma mulher apaixonada sempre cai de cabeça. Mas agora, mocinha, você não precisa mais ter medo. Vamos, sorria. Veja como ele é inofensivo! Um cordeirinho… Um cordeirinho estúpido… Será que o Grande Paul não se lembra de nossos encontros anteriores? Não vai arriscar começar uma nova batalha, não é, Valthex? Tornou-se uma pessoa razoável, não é mesmo? Razoável, porém estúpido. Como, diabos, você deixou seu motorista sozinho no cais? E ele parece ser uma pessoa tão especial, o seu motorista! Eu reconheci imediatamente o homem que estacionou na avenida Maroc nesta manhã. Numa próxima ocasião, peça-me alguns conselhos.

Valthex tentava se recuperar de seu desânimo. Ele cerrava os punhos. Franzia o rosto. Os escárnios de Raoul o cegavam de raiva, e isso encorajou Raoul a continuar:

— Não, nada disso, fique tranquilo, meu velho! Já disse que a guilhotina não é para hoje. Você terá tempo de sobra para se preparar. Hoje, apenas por mera formalidade, o senhor consentirá em ter suas mãos e pés amarrados, com muita gentileza e respeito. Tendo feito isso, eu ligo para a Central de Polícia, e o Gorgeret vem para receber a entrega. Veja, é um simples passeio infantil.

A raiva de Valthex aumentava a cada palavra. A ligação de Raoul e Clara, tão visível, tão profunda, deixava-o fora de si. Clara não tinha mais medo, Clara quase sorria, e ria dele, junto com seu amante.

Foi a ideia desta situação burlesca, assim como sua humilhação diante da jovem mulher, que o fizeram recobrar o sangue-frio. Por sua vez, ele tomou a ofensiva e resolveu agir, com a precisão e a raiva contida de um homem que sabe que está em posse de armas perigosas, e está determinado a usá-las.

Ele se sentou na cadeira e, martelando suas frases, batia com o pé no chão:

— Então é isto que você quer? — disse ele. — Entregar-me à lei? Você tentou no bar em Montmartre, depois no Cassino Azul, e agora quer aproveitar a chance que o colocou no meu caminho novamente? Que seja. Acho que não terá sucesso. Mas, de qualquer forma, é preciso que saiba exatamente onde seu sucesso levaria. Ela precisa saber, especialmente ela.

Ele se voltou para Clara, que permanecia imóvel no sofá, mais calma, mas ainda tensa, ansiosa.

— Vá em frente, meu velho — disse Raoul —, vá em frente com sua pequena história.

— Uma pequena história para você, talvez — disse Valthex —, mas é algo que será pesado para ela, tenha certeza disso. Veja como ela me ouve. Ela sabe que eu nunca brinco, e que não perco meu tempo falando à toa. Apenas algumas palavras, mas elas contam.

Ele se inclinou para Clara, e, olhando nos olhos dela:

— Você sabe quem é o marquês?

— O marquês? — disse ela.

— Sim, uma vez você me disse que ele conheceu sua mãe.

— Ele a conheceu, sim.

— Adivinhei na época que você tinha algumas suspeitas sobre a verdade, mas nenhuma prova.

— Que tipo de provas?

— Não se faça de sonsa. O que você veio procurar na casa do Erlemont, na calada da noite, era essa prova. Ali, na gaveta secreta, que eu já tinha descoberto bem antes, você encontrou precisamente a fotografia de sua mãe com uma dedicatória que não deixa dúvidas. Sua mãe foi uma das mil e uma amantes do marquês, e você é filha de Jean de Erlemont.

Ela não protestou. Esperou pelas próximas palavras. Ele continuou:

— Confesso que esse é um ponto secundário e, se faço alusão a ele, é simplesmente para que esta verdade fique bem clara. Jean de Erlemont é seu pai. Não sei quais são seus sentimentos por ele, mas é um fato que deve influenciar sua conduta. Jean de Erlemont é seu pai. E agora…

Valthex colocou em sua entoação e em sua atitude ainda mais gravidade, quase solenidade.

— Você sabe qual foi o papel do seu pai no drama do Castelo de Volnic? Você já deve ter ouvido falar disso, nem que seja do seu amante — com que furiosa dor Valthex pronunciou essa palavra! —, e você sabe que uma dama chamada Elisabeth Hornain, que era minha tia, foi assassinada e roubada de suas joias. Agora, você sabe qual foi o papel de seu pai nisso?

Raoul encolheu os ombros.

— Pergunta idiota. O marquês de Erlemont não desempenhou outro papel que não fosse o de convidado. Ele estava no castelo, só isso.

— Essa é a versão da polícia. É diferente da realidade.

— E qual é a realidade, na sua opinião?

— Elisabeth Hornain foi roubada e assassinada pelo marquês Jean de Erlemont.

Valthex pronunciou essa sentença enquanto batia com o punho e se levantava. Raoul respondeu com uma explosão de gargalhadas.

— Ah! Que palhaço é esse Valthex! Um humorista, um verdadeiro humorista!

Indignada, Clara protestava:

— Você mente! Você mente! Não tem o direito…

Valthex repetiu a sentença com mais violência e um tom de irada provocação. No entanto, ele ainda conseguiu controlar-se e, retomando seu assento, desenvolveu sua acusação.

— Eu tinha vinte anos na época, e nada sabia sobre os namoros de Elisabeth Hornain. Foi somente dez anos mais tarde que cartas encontradas com a minha família me revelaram a ligação entre os dois, e me perguntei por que o marquês não havia dito uma só palavra à justiça sobre isso. Por isso, eu mesmo fiz uma investigação. Certa manhã, pulei o muro do castelo. E quem eu vejo, caminhando com o guarda e fazendo um passeio entre as ruínas? Jean de Erlemont. Jean de Erlemont, o proprietário secreto do castelo! A partir daí, investiguei, li os jornais da época, os de Auvergne e os de Paris. Dez vezes voltei a Volnic, bisbilhotando, interrogando o povo da aldeia, entrando na vida do marquês, invadindo sua casa durante suas ausências, fuçando em suas gavetas, abrindo suas cartas, e tudo isso com uma ideia fixa, que não havia guiado o Ministério Público, de que era necessário seguir todos os atos desse homem, que escondia uma verdade extremamente séria.

— E você encontrou alguma coisa, velho? Você é tão esperto!

— Encontrei — disse Valthex, calmamente — e, melhor ainda, eu conectei vários detalhes que logicamente dão à conduta de Jean de Erlemont seu verdadeiro significado.

— Desembuche.

— Foi Jean de Erlemont quem fez a senhora de Jouvelle convidar Elisabeth Hornain. Foi ele quem fez Elisabeth Hornain cantar nas ruínas, quem indicou o lugar nas ruínas onde sua apresentação teria o maior efeito, e quem conduziu Elisabeth Hornain pelo jardim e pelas escadas.

— À vista de todos.

— Não, não o tempo todo. Entre o momento em que eles viraram a esquina do primeiro nível e o momento em que Elisabeth reapareceu sozinha, no final de uma avenida de arbustos que os escondia, houve um intervalo de cerca de um minuto, mais longo do que teria sido necessário para cobrir aquele pequeno passo. O que aconteceu durante esse minuto? É fácil deduzir, quando admitimos uma suposição, baseada no testemunho de vários criados que não foram interrogados o suficiente: quando Elisabeth foi vista novamente naquele momento, e depois no topo das ruínas, ela não usava mais o colar.

Raoul encolheu os ombros novamente.

— Então ele o teria roubado sem que Elisabeth Hornain protestasse?

— Não, mas ela confiou as joias a ele, sentindo que não seriam adequadas às árias que iria cantar. Um escrúpulo absolutamente de acordo com o caráter de Elisabeth Hornain.

— E depois, tendo voltado ao castelo, ele a matou, para que não fosse obrigada a devolvê-los! Ele a matou, de longe, por obra do Espírito Santo!

— Não. Ele mandou alguém matar.

Raoul ficou impaciente.

— Mas não se mata uma mulher amada apenas para roubar joias cenográficas, rubis e safiras falsas.

— Sim, é claro. Mas pode-se conviver com isso quando essas joias são reais e valem milhões.

— Ora essa! A própria Elisabeth proclamava que as joias eram falsas.

— Ela era obrigada a fazer isso.

— Por quê?

— Ela era casada, e ganhou as joias de um sul-americano que era seu amante. Por causa do marido, e por causa dos amigos que teriam ciúmes

dela, Elisabeth Hornain guardou esse segredo. Disso tenho todas as provas escritas, e tenho também provas da beleza incomparável dessas pedras preciosas.

Raoul ficou em silêncio, com uma impressão de constrangimento, e observou Clara, que havia escondido o rosto entre as mãos. Ele perguntou:

— E o crime teria sido cometido por quem?

— Por um sujeito que ninguém notou, e cuja presença no castelo todos ignoravam… Gassiou, um pobre-diabo, um pastor de rebanhos… Um simplório, como dizem, que não chegava a ser tolo, mas era simples de espírito. Está provado que Erlemont encontrava-se frequentemente com Gassiou durante suas estadas na casa do senhor e da senhora Jouvelle, e que ele lhe dava roupas, charutos, até mesmo dinheiro. Por que ele fez isso? Com que finalidade? Por minha vez, comecei a fazer visitas ao tio Gassiou… Arranquei dele alguns trechos de confissão nos quais ele tentava me falar de uma mulher que cantava… E que caiu enquanto cantava… Confissões inacabadas e incoerentes. Mas um dia eu o peguei girando uma funda e apontando para uma ave de rapina, que voava por cima dele. A pedra voou de sua funda e matou o pássaro. Foi uma revelação. Fiquei estarrecido.

Houve um silêncio. Então Raoul disse:

— E agora? A sua verdade começa a se impor… Gassiou, treinado, subornado pelo marquês, empoleirou-se naquele dia no topo de algum muro nas ruínas, e seu projétil feriu mortalmente Elisabeth Hornain. Depois ele fugiu. Hipóteses!

— Certeza.

— Você tem alguma prova?

— Eu tenho algumas, e irrefutáveis.

— Então…? — perguntou Raoul com uma voz distraída.

— Então, se a justiça me prender, eu acuso o marquês de ter matado Elisabeth Hornain. Entrego todas as minhas provas, esclareço que naquela época Erlemont já estava arruinado, que ele já tinha procurado por uma herança perdida por meio de uma agência, e que, desde então, ele foi capaz de sustentar seu padrão de vida por quinze anos, graças aos lucros de seu roubo. Além disso, como sobrinho, eu reivindico essas joias, ou pelo menos os danos equivalentes ao valor das joias.

— Você não vai receber um centavo.

— Que assim seja. Mas Erlemont será desonrado, e vai direto para a cadeia. Ele deve ter tanto medo disso que, mesmo sem desconfiar de tudo o que eu sei sobre ele, nunca me recusou dinheiro.

O assassinato

Raoul andava pela sala, refletindo. Clara ainda não conseguia se mexer, absorvida, o rosto transtornado. Valthex permanecia em pé, de braços cruzados, em pose arrogante.

Raoul parou diante dele.

— Resumindo, você é apenas um chantagista.

— Eu quero apenas vingar minha tia Elisabeth. E as provas que eu tenho reunidas são o meu passaporte para a liberdade. Vou tirar proveito disso. Agora, saia da minha frente.

Raoul não tirava os olhos de cima dele.

— E o que mais? — perguntou ele — O que vai fazer agora?

Valthex acreditava que havia vencido, que tinha intimidado com suas ameaças, e que sairia cantando vitória. A atitude de Clara agarrava-se a essa ideia.

— O que vou fazer agora — disse Valthex — é levar a minha namorada comigo.

— Sua namorada?

— Sim, ela — disse Valthex, apontando para a jovem mulher.

Raoul ficou pálido. Ele rugiu:

— Então você ainda ousa?… Então você espera que…

— Eu não espero, não — disse Valthex, esquentando. — Eu quero. Eu exijo aquilo que é meu. Ela era minha mulher, e você a roubou de mim…

Ele não terminou, tão terrível era a expressão de Raoul. Sua mão fez um gesto em direção ao coldre do revólver.

Eles se desafiaram mutuamente com os olhos, como amargos rivais. E de repente Raoul, com um salto, deu-lhe um vigoroso chute nas pernas na

altura do tornozelo, e depois agarrou-lhe os braços, com suas mãos implacáveis.

O outro se curvou de dor, sem forças para resistir, e foi derrubado pelo choque.

— Raoul! Raoul! — gritava a jovem, correndo em direção a ele… — Não, eu imploro… Não lutem…

A fúria de Raoul era tanta que ele enchia o inimigo de socos, inutilmente, por nenhuma outra razão que não fosse puni-lo. As explicações, as ameaças de Valthex, nada mais importava para ele. Ele tinha um homem que lutava por Clara, que tinha sido amante dela, que se vangloriava e ainda reivindicava o passado. E esse passado, para Raoul, parecia estar sendo destruído a socos e pontapés.

— Não, não, Raoul, eu lhe imploro — gemia Clara. — Não, não, deixe-o ir… Deixe-o ir, não o entregue à polícia. Eu imploro, por amor ao meu pai… Deixe-o ir embora…

Raoul respondia, sem parar de bater:

— Não se preocupe, Clara. Ele não vai dizer nada contra o marquês. Sabe se tudo isso é verdade? E de qualquer forma, ele não vai falar. Não vale a pena para ele.

— Sim! — implorou a jovem, soluçando. — Sim… Ele vai se vingar.

— Isso não importa! Ele é uma besta quadrada… Temos que nos livrar dele… Senão, algum dia, ele virá atrás de você.

Ela não cedia. Tentava impedi-lo de bater. Ela falava de Jean de Erlemont, que não tinha o direito de ser exposto a uma denúncia.

No final, Raoul soltou sua presa. Sua raiva estava desvanecendo. Ele disse:

— Está bem! Que seja! Está ouvindo, Valthex? Some daqui! Mas se ousar tocar novamente em Clara ou chegar perto do marquês, você está perdido. Vai logo, some daqui!

Valthex permaneceu imóvel por alguns segundos. Teria Raoul o machucado tanto, a ponto de não conseguir se levantar? Ele se apoiou no cotovelo, caiu para trás, e fez um novo esforço que o levou até a cadeira; tentou levantar-se, pareceu perder o equilíbrio e caiu de joelhos. Mas tudo isso não passava de uma simulação. Na realidade, ele não tinha outro objetivo senão o de se aproximar da mesa. De repente, ele mergulhou sua mão na gaveta e pegou o revólver. E, com um grito rouco, voltou-se para

Raoul e levantou o braço.

Por mais inesperado que fosse o gesto, por mais rápido que fosse, não teve tempo para executá-lo. Alguém antecipara seu efeito. Clara, jogando-se entre os dois homens, tirou de seu corpete uma faca e plantou-a no peito de Valthex, sem que ele pudesse deter o golpe e sem que Raoul pudesse intervir.

No início, Valthex pareceu não sentir nada, e não sentir nenhuma dor. Seu rosto, porém, que normalmente era amarelo, aos poucos foi ficando branco. Depois seu grande corpo se estirou, imenso, desproporcional. E de uma só vez ele caiu, com o peito e os braços esticados sobre o sofá, com um suspiro profundo que foi seguido de alguns soluços. E depois o silêncio, a imobilidade.

Clara, com a faca ensanguentada na mão, contemplava com os olhos abatidos toda essa cena de declínio e aniquilação. Quando Valthex caiu, Raoul precisou apoiá-la; e ela soluçava, chocada, aniquilada:

— Eu o matei… Eu o matei… Você não vai mais me amar… Ah, que horrível!

Ele sussurrava:

— Claro que sim, eu sempre vou te amar… Eu te amo… Mas por que você fez isso?

— Ele ia atirar em você… O revólver…

— Mas, minha pequena… Não estava carregada… E eu a deixei lá justamente para induzi-lo a não usar a dele…

Ele sentou a jovem mulher na poltrona, virando-a para que ela não pudesse ver o corpo de Valthex. Então se curvou diante dele, examinou-o, escutou seu coração e disse entre dentes:

— Ainda está batendo… Mas está em agonia.

E, pensando apenas nela, nessa mulher que tinha que ser salva a todo custo, ele disse com muita firmeza:

— Vá embora, querida… Você não pode ficar aqui… Eles estão quase chegando…

Um sobressalto de energia a abalou:

— Ir embora?… Deixar você sozinho?

— Pense! E se eles lhe encontrarem aqui?

— Bem, mas e você?

— Eu não posso abandonar este homem…

Ele hesitava. Sabia que Valthex estava perdido, mas não conseguia se decidir, e estava perturbado, indeciso.

Ela foi inflexível:

— Eu não vou embora… Fui eu que dei a facada… Eu é que tenho de ficar e ser presa…

Essa ideia o aborreceu:

— Nunca! Nunca! Você, presa? Eu não concordo… Eu não quero… Este homem era um desgraçado. Pior para ele! Vamos… Não tenho o direito de deixá-la aqui…

Ele correu para a janela, levantou a cortina e deu um passo para trás:

— Gorgeret!

— O quê? — disse ela, em pânico. — Gorgeret?… Ele está vindo?

— Não… Ele está vigiando a casa, com mais dois homens… Não há como fugir.

Houve alguns segundos de confusão na sala. Raoul havia jogado uma toalha de mesa sobre o corpo de Valthex. Clara ia e vinha, sem saber o que fazer ou o que dizer. Debaixo do pano, o moribundo estava se contorcendo.

— Estamos perdidos!… Estamos perdidos… — sussurrava a jovem mulher.

— O que você está dizendo? — protestou Raoul, a quem esses momentos de emoção excessiva logo restauravam a calma e o autocontrole.

Ele pensou, consultou seu relógio, depois pegou o telefone e disse, com uma voz dura:

— Alô! Alô! Você não me ouve, senhorita? Mas não é um número! Alô! Quero falar com a patroa… Olá! É a patroa? É você, Caroline? Que sorte! Olá, querida… Aqui está… Ligue para esse número sem parar, por cinco minutos… Há um ferido na sala… Então a zeladora deve ouvir o telefone e subir. Esse é o acordo, certo? Não, Caroline, não se preocupe… Está tudo bem… É um pequeno incidente. Adeus!

Ele desligou. O toque do telefone começou. Então ele pegou a mão de sua amada e disse:

— Venha, em dois minutos a zeladora estará aqui e tomará providências. Sem dúvida, ela atravessará a rua para ir buscar Gorgeret, que ela certamente deve conhecer. Venha comigo. Vamos fugir lá para cima.

Sua voz era tão pacífica, e seu abraço tão imperioso, que ela nem pensou em protestar.

Ele pegou a faca, limpou o telefone para que suas impressões digitais não fossem visíveis, descobriu o corpo de Valthex, quebrou o mecanismo da tela de luz e eles saíram, deixando a porta bem aberta.

O telefone tocava, estridente e teimoso, enquanto subiam para o terceiro andar, ou seja, o piso habitado pelos criados, acima do apartamento de Jean de Erlemont.

Raoul começou a arrombar a porta, o que foi fácil, já que nem a fechadura nem o ferrolho estavam trancados.

Ao entrarem, e antes de empurrar a porta para trás, ouviu-se um forte grito na escadaria. Era a zeladora, que tinha sido atraída pelo toque do telefone, e que, através das portas abertas do mezanino, viu a desordem do salão e, no sofá, agonizante, o corpo do Valthex.

— Vai dar tudo certo — disse Raoul, que recuperava seu hábito de ironia silenciosa. — A zeladora vai entrar em ação. Agora é com ela. Nós estamos fora de questão.

O terceiro andar consistia nos alojamentos dos empregados, que estavam vazios naquela hora do dia, e sótãos onde havia baús ou móveis velhos em desordem. Esses sótãos eram trancados com cadeados. Raoul forçou um deles. O sótão era iluminado por uma claraboia, que ele alcançou facilmente.

Clara, muda, com uma cara deplorável, obedecia mecanicamente a tudo o que ele pedia. Ela repetiu, duas ou três vezes:

— Eu o matei… Eu o matei… Você não vai mais me amar…

Esse assassinato e a influência desse crime sobre o amor de Raoul constituíam seu único pensamento, e ela nem sequer se preocupava com sua segurança, com a possível perseguição do policial Gorgeret, e como seria a sua fuga pelos telhados.

— Aqui estamos nós — disse Raoul, que, por outro lado, se preocupava apenas (cada coisa a seu tempo) em maximizar as chances de sucesso de seu plano. — Tudo está a nosso favor! O quinto andar da casa vizinha fica na mesma altura que o telhado da nossa. Admita que…

Como ela não admitia absolutamente nada, ele mudou de assunto, para tentar animar seu ânimo.

— É exatamente isso que aquele canalha do Valthex merecia, ele se portou mal o suficiente para exigir nossa retaliação. Portanto, foi um caso de legítima defesa, sem dúvida. Ele estava nos atacando… Nosso dever era

evitar seu ataque. Nossa situação é excelente.

Por mais excelente que fosse a situação, era preciso abrigar-se em segurança, o que Raoul providenciava com ardor e consciência. Ele atravessou e conduziu sua companheira através de uma pequena varanda, que se abriu para uma sala vazia. A sorte foi confirmada: o apartamento em que eles entraram estava desabitado. Havia apenas alguns móveis deitados, e o que poderia restar de uma reforma inacabada. Um corredor os conduziu até a porta da frente, que cedeu complacentemente. Uma escada… Eles desceram um andar. Depois, outro andar. Quando chegaram ao *hall* do mezanino, Raoul disse em voz baixa:

— Vamos fazer o seguinte. Em todas as casas de Paris existem zeladores e concierges. Não sei se os que estão aqui nos verão passar. Em qualquer caso, é melhor não sairmos juntos. Você vai primeiro. Vá até a rua perpendicular ao cais. Você seguirá à esquerda, de costas para o Sena. Na terceira rua à direita, há um pequeno hotel no número 5, chamado Hotel do Subúrbio e do Japão. Fique na sala de espera. Encontro você em dois minutos.

Ele envolveu seus braços ao redor do pescoço dela e a beijou.

— Vá, minha pequena, seja corajosa… E não se arrependa. Pense que você salvou minha vida. Sim, você salvou minha vida. A arma estava perfeitamente carregada.

Ele contou essa mentira com a maior desenvoltura. Mas nada fazia com que Clara largasse sua obsessão. Ela se afastou, de cabeça baixa, parecendo miserável.

E, abaixando-se, ele a viu sair pela esquerda.

Ele contou até cem. E depois contou até cem novamente, apenas por precaução. Depois ele saiu, o chapéu enterrado na cabeça, um *lorgnon* sobre os olhos.

Ele andou por uma rua estreita e movimentada, até chegar à terceira. No lado esquerdo, uma placa anunciava o Hotel do Subúrbio e do Japão, uma casa modesta na aparência, mas cuja sala, coberta por vitrais, era mobiliada com muito bom gosto.

Ele não viu Clara. Aliás, não havia ninguém lá.

Raoul, muito preocupado, voltou para fora, inspecionou a rua, apressou-se em direção ao prédio pelo qual haviam escapado e voltou para o hotel.

Ninguém.

Ele sussurrava:

— Isto é inconcebível!… Eu vou esperar… Eu vou esperar…

Ele esperou meia hora… Uma hora… Com incursões rápidas nas ruas vizinhas.

Ninguém.

Ao final, ele partiu, estimulado por uma nova ideia: Clara deveria ter se refugiado na casa de Auteuil. Em sua aflição, ela havia entendido mal o local do compromisso, ou havia esquecido, e estava chorando por lá.

Ele saltou em um táxi, que ele mesmo dirigiu, como era seu costume em uma emergência.

No jardim, ele encontrou o criado e, em seguida, na escada, Courville.

— Clara?

— Mas ela não está aqui.

Foi um baque para ele. Para onde ir? O que fazer? A inutilidade de qualquer ação só aumentava o seu tormento. E, acima de tudo, um pensamento assustador crescia dentro dele; de tal forma que, quanto mais ele pensava nisso, mais lhe parecia ser o resultado inevitável dos transes pelos quais a pobre Clara havia passado. Assassina, convencida de que seu ato a fazia objeto de horror para seu amante, havia alguma dúvida de que ela estava obcecada em cometer suicídio? Não foi por essa razão que ela fugiu? Toda a sua conduta não provava que ela não queria mais vê-lo, que não ousava vê-lo novamente?

Ele a imaginava vagando pela noite. Ela caminhava ao longo do Sena. As águas negras, brilhando com luzes dispersas, a atraíam. Ela entrava pouco a pouco. Atirava-se para dentro do rio.

A noite inteira foi horrível para Raoul. Apesar de seu autocontrole habitual, ele não conseguia abandonar suas suposições que, com a cumplicidade da escuridão, assumiam a aparência de certezas. Ele estava cheio de remorsos: remorso por não ter descoberto a armadilha de Valthex, por ter brincado com o perigo, por ter deixado a desafortunada Clara.

Ele não adormeceu até a manhã seguinte. Às oito horas, saltou da cama, como se algo o despertasse para a ação. O que seria?

Ele tocou a sineta.

— Alguma notícia? — perguntou ele. — A madame?

— Nenhuma notícia — respondeu o criado.

— Será possível?

— Creio que o senhor Courville pode lhe dar mais informações, *monsieur*.

Courville entrou.

— Então… Ela não voltou?

— Não.

— Nenhuma novidade?

— Nenhuma.

— Você está mentindo! — gritou ele, agarrando-se à secretária. — Sim, você parece embaraçado. O que está acontecendo? Fale logo, idiota! Você acha que eu tenho medo da verdade?

Courville tirou um jornal de seu bolso. Raoul o desdobrou, e imediatamente soltou um palavrão.

Lia-se no alto da primeira página, em letras garrafais:

> *ASSASSINATO DO GRANDE PAUL. A ex-amante, Clara Loura, é presa no local do crime pelo inspetor-chefe Gorgeret. A polícia está convencida de que ela é a autora do crime, juntamente com seu novo amante, conhecido como Raoul, que a sequestrou na inauguração do Cassino Azul. O cúmplice continua foragido.*

Zozotte

Dessa vez, o acaso havia favorecido o inspetor-chefe Gorgeret. Ausente da Central de Polícia no momento em que chegou o telegrama do Grande Paul, ele tinha ido fazer sua ronda diária no Cais Voltaire, após ter sido informado de que a famosa loira às vezes ia para lá. E foi assim que ele pôde responder aos chamados da zeladora, através da janela do mezanino.

Gorgeret explodiu no mezanino de Raoul com a violência de uma bica de água. No entanto, ele parou, abruptamente. A visão do Grande Paul agonizante não o impressionava. Mas ele logo viu aquele diabo de poltrona, voltada para as duas janelas, usada por Raoul para pregar nele um de seus truques maliciosos.

— Parem! — ordenou ele aos dois homens que o acompanharam.

Lentamente, cautelosamente, com o revólver na mão, ele se aproximou da poltrona. Ao menor movimento do inimigo, ele iria atirar.

Os homens de Gorgeret o observavam, apalermados. Percebendo seu erro, ele disse, satisfeito consigo mesmo e orgulhoso de seus procedimentos:

— É justamente quando não tomamos precauções que as coisas acontecem.

E, aliviado dessa preocupação rude, ele foi se ocupar do moribundo e o examinou:

— O coração ainda está batendo… Mas não vai muito longe… Um médico, rápido… Há um na casa vizinha.

Por telefone, ele informou à Central, no Cais dos Ourives[1], sobre o assassinato e a agonia do Grande Paul, e pediu instruções, acrescentando que seria difícil transportar o homem ferido. Em todo caso, precisava de ambulância. Ele também mandou chamar o comissário de polícia e

começou a interrogar a zeladora. Foi então que as respostas da mulher e as descrições que ela forneceu o convenceram de que Clara Loura e seu amante Raoul eram os autores do assassinato.

Isso o deixou em uma agitação extraordinária. Quando o médico chegou, ele falava em uma confusão de frases:

— Tarde demais… Ele já está morto… Mesmo assim, tente… O Grande Paul vivo seria, para a justiça, para mim… De uma importância capital… Para o senhor também, doutor.

Mas ocorreu outro evento, que levou o seu ânimo às alturas. Seu agente principal, Flamant, veio correndo, ofegante:

— Clara! Eu a peguei!…

— O que é isso? O que você está dizendo?

— Clara Loura! Eu a peguei.

— Deus do céu!

— Eu a peguei no cais, à espreita.

— Onde ela está?

— Trancada no quarto da zeladora.

Gorgeret degringolou pelas escadas, agarrou a jovem mulher e voltou subindo os degraus de dois em dois, arrastando-a, sacudindo-a e empurrando-a brutalmente diante do sofá onde o Grande Paul estava expirando.

— Aqui está, moça, aqui está seu trabalho sujo!

A jovem mulher recuou, horrorizada. Ele a obrigou a se ajoelhar, e ordenou:

— Revistem! A faca deve estar com ela… Ah, desta vez eu a peguei, minha querida, e seu cúmplice também, não é? O belo Raoul… Ah! Vocês acham que podem sair matando assim, e que a polícia foi feita para os cães?

A faca não foi encontrada, o que o irritou ainda mais. A infeliz mulher, aterrorizada, debatia-se contra ele. No final, ela teve um ataque de nervos e desmaiou. Gorgeret, que sempre agia sob o impulso do ressentimento e da raiva, estava implacável. Ele a tomou em seus braços e disse:

— Fique aqui, Flamant. A ambulância deve estar aí… Vou mandá-la de volta para buscá-lo, em dez minutos… Ah! Aqui está o senhor, Comissário! — disse ele a um recém-chegado. — Sou o inspetor Gorgeret… Meu colaborador vai informá-lo. É uma questão de apanhar o senhor Raoul, o cúmplice e mandante do crime. Esta que estou levando é a assassina.

O carro da ambulância estava lá, de fato. Mais três detetives desembarcavam de um táxi; ele os enviou até Flamant. E, então, colocando Clara nas almofadas, levou-a para o departamento de investigação criminal. Clara, ainda inconsciente, foi colocada em um pequeno quarto, mobiliado com duas cadeiras e uma cama de ferro.

No final do dia, Gorgeret perdeu duas horas esperando pelo momento de fazer Clara passar por um interrogatório, o que ele aguardava com expectativa. Depois de um jantar sumário, ele queria começar logo. A enfermeira que tinha sido colocada em guarda não lhe dava permissão, pois a jovem mulher não estava em condições de responder.

Ele voltou para o Cais Voltaire e não descobriu mais nada. Jean de Erlemont, cujo paradeiro era desconhecido, deveria chegar no dia seguinte, pela manhã.

Finalmente, às nove horas da noite, ele conseguiu aproximar-se da cama onde Clara estava deitada. Suas esperanças foram frustradas. Ela se recusou a falar. Ele a questionou, insistiu, relatou o drama como deve ter acontecido, amontoou acusações, colocou Raoul na cena do crime, alegou que eles estavam prestes a prendê-lo. Mas nada conseguia demovê-la de seu silêncio. Ela nem chorou. Mantinha o rosto fechado, sem expressar nenhuma emoção.

E na manhã seguinte, e durante toda a tarde, foi a mesma coisa. Ela não disse uma palavra. O Ministério Público nomeou um juiz de instrução, que adiou seu primeiro interrogatório para o dia seguinte. Advertida desse atraso, ela respondeu a Gorgeret — e essa foi sua primeira resposta — que era inocente, que não conhecia o Grande Paul, que não sabia nada sobre este caso e que seria solta antes de comparecer perante o juiz.

Isso queria dizer que ela contava com a ajuda de Raoul? Gorgeret sentiu uma grande ansiedade e dobrou a vigilância. Dois agentes ficariam de guarda, enquanto ele mesmo iria jantar em sua casa. Às dez horas ele estaria de volta e faria uma última tentativa de pressão. E Clara, exausta como estava, não teria forças para resistir.

Em um antigo edifício no subúrbio de Saint-Antoine, o inspetor-chefe Gorgeret ocupava três cômodos bem arranjados, onde se podia sentir a mão de uma mulher de bom gosto. Gorgeret, de fato, era casado havia dez anos.

Um casamento por amor, que poderia ter terminado mal (pois Gorgeret tinha um temperamento insuportável) se a senhora Gorgeret, uma ruiva

apetitosa e graciosa, não tivesse autoridade absoluta sobre seu marido. Era uma excelente dona de casa, mas frívola, conquistadora de homens, amante do prazer e indiferente à opinião dos outros. Dizia-se, para a honra do senhor Gorgeret, que ela frequentava todos os bailes dançantes de seu bairro, sem que seu marido ousasse a menor sombra de censura sobre o assunto. Quanto ao resto, ele podia gritar o quanto quisesse: ela sabia como responder.

Naquela noite, quando ele voltou correndo para o jantar, a esposa não estava em casa. Era uma ocorrência "rara", que a cada vez provocava amargas discussões. Gorgeret não admitia inexatidões.

Furioso, mastigando com antecedência a cena que faria e as reprovações com as quais ele a acusaria, o inspetor se plantou diante da porta aberta.

O relógio deu nove horas, e nada. O inspetor, que estava vestindo-se, questionou a jovem empregada e soube que a madame havia vestido sua "roupa de dançar".

— Então, ela está no salão de dança?

— Sim. Rua Saint-Antoine.

Cego de ciúmes, ele esperou. Era inadmissível que a senhora Gorgeret ainda não tivesse voltado, pois não havia mais rodas de dança após o final da tarde.

Às nove e meia, superexcitado pela perspectiva do interrogatório, ele tomou a súbita resolução de ir para o salão da Rua Saint-Antoine. Não havia ninguém dançando quando ele chegou. As mesas estavam ocupadas por pessoas que bebiam. O gerente, questionado por ele, lembrou-se muito bem de ter visto a bela senhora Gorgeret na companhia de vários homens, e até se ofereceu para lhe mostrar a mesa onde, por fim, antes de sua partida, ela havia bebido um coquetel.

— Veja… Justamente com aquele cavalheiro ali.

Gorgeret voltou seu olhar na direção indicada, e quase desmaiou. As costas daquele homem, o seu porte… Ele o conhecia. Não havia dúvidas de que ele o conhecia.

Ele estava prestes a ir buscar alguns agentes. Era a única solução para uma tal bravata, e a única que sua consciência conseguia ditar. Mas uma coisa lembrou-lhe do senso do dever, e reteve o impulso de exercer a força que um bom policial como Gorgeret deve usar contra criminosos e assassinos: uma vontade irresistível de saber o que tinha acontecido à

senhora Gorgeret. E resolutamente, com raiva, mas com cara de cachorro chicoteado, ele veio e tomou seu lugar ao lado do indivíduo.

Ele esperou, usando toda sua energia para não agarrá-lo pela garganta ou atirar-lhe insultos. No final, como Raoul não vacilou, Gorgeret rosnou:

— Bastardo!

— Canalha! — respondeu Raoul.

— Bastardo de um bastardo! — continuou Gorgeret.

— Canalha de um canalha! — Raoul retorquiu.

Houve um longo silêncio, interrompido pelo garçom, que oferecia bebidas.

— Dois cafés com creme — pediu Raoul.

Os dois cafés foram servidos aos distintos cavalheiros. Raoul bateu gentilmente sua xícara contra a de seu vizinho, depois bebeu em pequenos goles.

Gorgeret, apesar de todo seu esforço, pensava apenas em pular no pescoço de Raoul, ou enfiar o cano de seu revólver debaixo do nariz dele — atos que faziam parte de sua profissão, aos quais ele não era de forma alguma proibido, e que, no entanto, eram materialmente impossíveis dele realizar.

Na presença do odioso Raoul, ele se sentia paralisado. Lembrava-se de seus encontros nas ruínas do castelo, no salão da Estação de Lyon, nas coxias do Cassino Azul, e tudo isso o afundava em uma espécie de aniquilação, sem alternativas para reagir, como se estivesse usando uma camisa de força.

Raoul disse a ele, em um tom de confiança amigável:

— Ela jantou muito bem… Frutas, especialmente… Ela adora frutas.

— Quem? — perguntou Gorgeret, convencido de que era Clara.

— Quem? Eu não sei o nome dela.

— O nome de quem?

— Da senhora Gorgeret.

Gorgeret parecia estar preso em uma vertigem, e murmurava em uma voz ofegante:

— Então foi você, seu crápula? Foi você quem cometeu esta infâmia… Você sequestrou a Zozotte!

— Zozotte?… Que nome delicioso! O apelido que você dá a ela em particular, hein? Zozotte… Cai nela como uma luva… Ah! As belas visões

que este nome evoca! A Zozotte do Gorgeret! Zozotte Gorgeret! Ela é mesmo uma perfeita, a Zozotte!

— Onde ela está? — balbuciou Gorgeret, os olhos arregalados. — Como conseguiu sequestrá-la, seu bastardo?

— Eu não a sequestrei — respondeu Raoul, calmamente. — Ofereci-lhe um coquetel, depois um segundo, depois dançamos um tango voluptuoso. Um pouco tonta, ela concordou em dar uma volta no Bosque de Vincennes, no meu carro… Depois fomos tomar um terceiro coquetel no pequeno apartamento de um amigo meu, um lugar respeitável, a salvo de indiscrições…

Gorgeret estava possesso:

— E aí?… E aí, o que aconteceu?

— O que é isso? Nadinha. O que diabos você acha que aconteceu? Zozotte é sagrada para mim. Tocar a esposa do meu velho Gorgeret? Seduzir a Zozotte Gorgeret? Olhar para ela com luxúria? Nunca!

Mais uma vez, Gorgeret percebeu as situações formidáveis em que seu inimigo o colocava. Prendê-lo e entregá-lo à justiça seria, para Gorgeret, afundar-se no ridículo. E nada garantia que, após a prisão de Raoul, conseguiriam encontrar Zozotte! Chegando mais perto, com o rosto voltado para o ser desprezível, Gorgeret disse:

— Onde você quer chegar? Porque você tem um propósito.

— Mas é claro!

— O que é?

— Quando você vai ver de novo a Clara Loura?

— Daqui a pouco.

— Para interrogá-la novamente?

— Sim.

— Desista.

— Por quê?

— Porque eu sei como funcionam esses abomináveis interrogatórios policiais. É uma barbárie, é um resquício das torturas do passado. Somente o juiz tem o direito de interrogá-la. E você, deixe a menina em paz.

— É só isso que você quer?

— Não.

— O que mais?

— Os jornais dizem que o Grande Paul está se recuperando. Isso é verdade?

— Sim.

— Você acha que ele vai sobreviver?

— Sim.

— A Clara sabe?

— Não.

— Ela acha que ele está morto?

— Sim.

— Por que você está escondendo a verdade dela?

O olhar de Gorgeret tornou-se maligno.

— Porque é obviamente com isso que vou fazê-la sofrer, e tenho certeza de que conseguirei fazê-la falar, desde que ela acredite nessa morte.

— Seu canalha! — Raoul sussurrou. E ordenou imediatamente:

— Volte para Clara, mas não a questione. Basta dizer-lhe isto: "O Grande Paul não está morto. Ele sobreviveu". Nem mais uma palavra.

— E depois?

— Depois? Você se encontra comigo aqui, e jura pela vida da sua esposa que você falou isso. Uma hora depois, Zozotte volta para o seu doce lar conjugal.

— E se eu recusar?

Sílaba por sílaba, Raoul deixou cair esta pequena frase:

— Se você recusar, eu fico com a Zozotte.

Gorgeret entendeu, e cerrou os punhos com fúria. Tendo pensado bem, ele disse seriamente:

— É difícil o que você me pede. Meu dever é não deixar pedra sobre pedra para chegar até a verdade, e se eu poupar Clara, isso é uma traição.

— A escolha é sua. Clara… ou Zozotte.

— O problema não é esse…

— Para mim, é.

— Mas…

— É pegar ou largar.

Gorgeret insistiu:

— E por que exige que eu fale isso pra ela?

Raoul respondeu, traindo suas emoções:

— Tenho medo que ela entre em desespero! Nunca se sabe! Para ela, a ideia de ter matado…

— Então você realmente a ama?

— Por Deus! E como…

Ele parou. Um brilho passou pelos olhos de Gorgeret, e ele concluiu:

— Tudo bem. Fique aqui. Em vinte minutos estarei de volta, informarei a vocês, e você…

— E eu liberto a Zozotte.

— Você jura para mim?

— Eu juro.

Gorgeret se levantou e chamou:

— Garçom, quanto são os dois cafés com creme?

Ele pagou a conta e afastou-se apressadamente.

---

[1] Em francês, *Quai des Orfèvres* (N.T.)

Angústia

O dia inteiro que se passou, desde o momento em que Raoul soube da prisão de Clara Loura e o momento em que Gorgeret o encontrou no salão de dança, no distrito de Saint-Antoine, foi para ele uma sequência de horas infinitamente dolorosas.

Agir… Era necessário agir, sem demora. Mas de que forma? Ele não esmoreceu, exceto para se entregar a ataques de depressão muito contrários à sua natureza, provocados por aquele temor de suicídio que o havia obscurecido desde o primeiro momento.

Temendo que os cúmplices do Grande Paul, e especialmente o motorista gordo, denunciassem sua casa em Auteuil à polícia, ele estabeleceu sua sede na casa de um amigo que morava na Ilha de Saint-Louis e que sempre mantinha metade de seu apartamento à sua disposição. Ali Raoul estava perto da Central de Polícia, onde ele necessariamente tinha seus amigos e cúmplices. Foi assim que ele soube da presença de Clara nas dependências da polícia judiciária.

Mas o que ele poderia fazer? Resgatá-la? Essa missão, quase impossível, exigia em todo caso uma longa preparação. Mas eis que, por volta do meio-dia, Courville, que tinha a missão de comprar e folhear os jornais — e que zelo ele continuava a demonstrar, mesmo tendo sido recriminado por Raoul pela sua distração, e por ter levado o inimigo ao esconderijo de Auteuil! —, Courville trouxe *La Feuille du Jour* que dava, na última hora, esta notícia:

Ao contrário do que foi anunciado nesta manhã, o Grande Paul ainda está vivo! Embora ainda não esteja fora de perigo, temos todos os motivos para supor que, graças à sua surpreendente constituição, ele

possa sobreviver à terrível ferida de faca que recebeu ontem.

Imediatamente, Raoul gritou:

— Mas é isso que Clara deveria ficar sabendo! Antes de mais nada, é preciso tranquilizá-la. Com certeza, isso deve estar sendo para ela a pior catástrofe, e a causa de seu desequilíbrio. Precisamos fazer chegar até ela as notícias mais favoráveis.

Às três horas da tarde, Raoul teve um encontro clandestino com um funcionário da polícia judiciária que ele conhecia havia muito tempo, e que lhe devia alguns favores. Este último consentiu em transmitir uma nota por intermédio de outro funcionário, que tinha permissão de se aproximar da prisioneira.

Por outro lado, ele obteve algumas informações sobre o Gorgeret e sua casa.

Às seis horas, não tendo notícias de seu emissário na polícia judiciária, entrou no salão de dança do distrito de Saint-Antoine e identificou imediatamente, pela descrição que lhe fora dada, a atraente senhora Gorgeret, a quem começou a cortejar — sem se identificar, é claro.

Uma hora mais tarde, tendo sido correspondido, ele aprisionou Zozotte na casa de seu amigo na Ilha de Saint-Louis. E às nove e meia, Gorgeret, atraído para a armadilha, juntou-se a ele no salão de dança em Saint-Antoine.

Portanto, naquele momento, tudo parecia estar indo bem para Raoul. E, ainda assim, ele retinha uma impressão dolorosa dessa entrevista com Gorgeret. Sua vitória estaria garantida, afinal de contas, por um desfecho que estava fora de seu controle. Ele teve Gorgeret na palma da mão, mas o deixou ir, confiando nele, e sem garantias de que o inspetor faria o combinado. Afinal de contas, como ele poderia ter certeza de que Clara seria avisada? Apenas pela palavra de Gorgeret? Mas e se Gorgeret tomasse isso como extorsão, e insistisse que o ato proposto a ele era contrário ao seu dever profissional?

Raoul discernia muito bem os motivos que haviam obrigado Gorgeret a se sentar ao seu lado e a se prestar às discussões humilhantes de uma pechincha. Mas, como ter certeza de que, uma vez fora, o inspetor não se recomporia e obedeceria a considerações bem diferentes? O dever de um policial é prender o culpado. Se Gorgeret não tinha conseguido na ocasião,

não poderia conseguir no espaço de vinte minutos?

"Mas é óbvio", pensou Raoul, "ele está em busca de reforços. Ah, seu malandro, você vai ter uma noite ruim!"

— Garçom, me traga um pedaço de papel para escrever.

Sem mais hesitações, ele escreveu no papel que lhe foi trazido: "*Está decidido, vou ficar com a Zozotte*". No envelope: *Inspetor Gorgeret.*

Ele entregou o envelope ao dono do bar. Depois ele foi para seu carro, estacionou a cem metros de distância e ficou observando a entrada do salão de dança.

Raoul não se enganou. Na hora marcada Gorgeret apareceu, posicionou seus homens para invadirem o salão de dança e entrou, escoltado por Flamant.

— Voltamos à estaca zero — admitiu Raoul, quando partiu. — A única vantagem é que, a esta hora da noite, ele não pode mais atormentar a Clara.

Ele fez um desvio para a Ilha de Saint-Louis, onde soube que Zozotte, após ter feito um escândalo e gritado por muito tempo, se resignara ao silêncio e tinha ido dormir.

Da Central, nenhuma notícia sobre as tentativas de comunicação com Clara.

— De qualquer maneira — disse ele a seu amigo — vamos segurar a Zozotte até amanhã, ao meio-dia, nem que seja para irritar o Gorgeret. Eu virei buscá-la, e fecharemos as cortinas do carro, para que ela não possa ver onde está. Durante a noite, se você tiver alguma novidade, ligue-me para Auteuil. Estou voltando para lá, preciso pensar.

Com todos os seus cúmplices em campo, e estando Courville e os outros criados dormindo na garagem, não havia ninguém em casa. Raoul instalou-se em uma poltrona em seu quarto e dormiu por uma hora, o que foi suficiente para descansar e restaurar a lucidez de seu cérebro.

Um pesadelo o despertou: novamente, ele via Clara caminhando ao longo do Sena e inclinando-se sobre suas águas sedutoras.

Ele bateu os pés, levantando-se e andando pelo quarto, de um lado para o outro.

— Chega! Chega! Não é hora de fraquejar, mas de ver claramente. Vejamos… Onde estamos? Com Gorgeret, obviamente, foi um fracasso. Fui ansioso demais, e o golpe não foi bem planejado. Sempre fazemos coisas

estúpidas quando amamos demais e cedemos à nossa paixão… Não vou pensar mais nisso. Calma. Vamos pensar em um novo plano.

Mas as palavras e frases não o acalmavam, por mais lógicas e reconfortantes que fossem. Droga! Ele sabia que teria que planejar a libertação de Clara, e que um dia sua amada estaria novamente ao seu lado, sem ter sido condenada por seu gesto imprudente. Mas o que importava o futuro? Era a ameaça do presente que devia ser eliminada.

Esta ameaça pairou sobre cada minuto daquela noite horrível, que só terminaria no exato momento em que o juiz tomasse o caso em mãos. Para Clara, esse momento seria a salvação, pois ela saberia que o Grande Paul estava vivo. Mas, até lá, ela teria forças para isso?

E a obsessão implacável o atormentava. Todos os seus esforços não tiveram outro objetivo senão preveni-la, seja por meio do funcionário, seja por meio de Gorgeret. Tendo falhado, ele já previa um delírio, onde Clara perderia a razão e bateria a cabeça contra uma parede. Clara suportaria tudo: a prisão, o julgamento, a condenação… Tudo, menos a ideia de que um homem tinha morrido pelas mãos dela.

Ele se lembrava de sua reação assustada diante do homem que cambaleava e desabava: "Eu o matei! Eu o matei!… Você não vai mais me amar".

E ele dizia a si mesmo que a fuga da mulher infeliz não tinha sido mais do que a fuga para a morte e o desejo desesperado de aniquilação. A captura e a prisão não foram uma resposta ao próprio fato de ela ter cometido um crime, e de ter sido um desses seres amaldiçoados que matam?

A ideia torturava Raoul. Com o passar da noite, ele afundou na intolerável certeza de que ela iria se matar, ou até mesmo já teria se matado. Ele imaginava os modos mais imprevistos e atrozes de suicídio, e a cada vez, depois de ter visualizado o drama, depois de ter ouvido todos os prantos e gritos, ele começava novamente a infligir a si mesmo, de outra maneira, o mesmo tormento de imaginar, de ver e ouvir.

Mais tarde, ao descobrir toda a verdade sobre o assunto e a chave para o enigma, Raoul ficaria surpreso com sua própria falta de perspicácia em relação a tudo isso. Não poderia deixar de pensar que ele, com seus sentidos apurados e seu grande conhecimento da natureza humana, deveria ter percebido todos os fatos desde o início. Há momentos em que os

problemas apresentam-se tão claramente que não se pode deixar de ver a solução óbvia, a luz que os ilumina por todos os lados.

Mas, enquanto se aproximava esse momento de revelação, ele parecia estar nas profundezas da escuridão. O sofrimento embotava todas as perspectivas e o mantinha em um presente onde não havia o menor vislumbre de esperança. Ele, sempre acostumado a agir por conta própria e dar a volta por cima quando chegava ao fundo do abismo, parecia regozijar-se com a agonia das intermináveis horas daquela noite terrível.

Duas horas… Duas horas e meia…

Raoul observava, através da janela aberta, os primeiros raios do amanhecer que brilhavam acima das árvores. Ele dizia a si mesmo puerilmente que, se Clara ainda não tivesse morrido, ela não teria coragem para se matar em plena luz do dia. O suicídio é um ato de escuridão e silêncio.

Soaram as três horas no relógio de uma igreja próxima.

Ele olhou para seu relógio, e ficou seguindo a marcha do tempo.

Três e cinco… Três e dez… E, de repente, ele teve um sobressalto.

A campainha tocava, no portão da avenida. Um amigo? Alguém lhe trazendo notícias?

Em tempos normais, a essa hora da noite, ele teria perguntado antes de pressionar o botão para abrir. No entanto, ele o abriu diretamente de seu quarto.

Na escuridão, ele não conseguia perceber quem entrava, quem atravessava o jardim. Alguém subia as escadas, com passos lentos que ele mal podia ouvir.

Tomado pela angústia, ele não se atreveu a caminhar até o vestíbulo e apressar-se em direção ao visitante desconhecido, que poderia estar lhe trazendo as piores notícias.

A porta foi aberta por uma mão que mal tinha forças. Clara!

Os dois sorrisos se explicam

A vida de Raoul — ou seja, a vida de Arsène Lupin — é certamente uma daquelas em que se acumulam as maiores surpresas, incidentes dramáticos ou cômicos, baques inexplicáveis e eventos teatrais contrários a toda realidade e lógica. Mas talvez — e isso Arsène Lupin admitiu mais tarde — o aparecimento inesperado de Clara, a Loura, tenha sido o maior espanto de sua vida.

Essa aparição de Clara, lívida, exausta de cansaço, trágica, com os olhos brilhando de febre, o vestido sujo e amarrotado, o colarinho rasgado, era um evento extraordinário. Que ela estava viva, tudo bem; mas livre, não, mil vezes não! A polícia não libera seus prisioneiros sem razão, especialmente quando têm na mãos um indivíduo culpado, preso em flagrante delito, por assim dizer. Por outro lado, não havia precedentes de uma mulher que fugisse da Central de Polícia, principalmente uma mulher vigiada por Gorgeret. Então, o que houve?

Ambos se olhavam sem pronunciar uma palavra; ele, confuso e distraído, todo o seu cérebro girando em busca de uma verdade inacessível; ela, miserável, envergonhada, humilhada, olhando como se estivesse dizendo: "Você ainda me quer? Você aceita uma assassina?… Devo me jogar em seus braços… Ou fugir?"

No final, tremendo de ansiedade, ela sussurrou:

— Eu não tive coragem de me matar… Eu queria… Muitas vezes inclinei-me sobre a água… Eu não tive coragem…

Ele olhou para ela, distraído, sem se mexer, quase sem ouvi-la, e pensava, pensava… O problema estava diante dele em todo seu rigor, em toda sua nudez: Clara estava na frente dele, mas Clara também estava presa

em uma cela. Além desses dois termos irreconciliáveis, não havia nada, absolutamente nada. Raoul estava preso nesse círculo, e não conseguia sair.

Um homem como Arsène Lupin não permanece confuso por muito tempo diante da verdade. Se até agora ela estava oculta, precisamente por causa de sua extrema simplicidade, agora era a hora de revelá-la de uma vez por todas.

O amanhecer iluminava o céu acima das árvores, e se misturava à luz elétrica do quarto. O rosto de Clara iluminou-se. Ela disse novamente:

— Eu não tive coragem de morrer… Eu deveria ter, não é? Você teria me perdoado… Eu não tive coragem…

Durante muito tempo ele contemplou essa visão de angústia e agonia e, enquanto a observava, sua expressão tornou-se menos distraída e mais serena, quase sorrindo, por fim. E de repente, sem nenhum aviso, ele irrompeu em gargalhadas. E não foi uma risada curta, nem uma risada contida, influenciada pela situação patética do momento presente; mas uma daquelas risadas que nos dobram ao meio, e que parecem que não vão acabar nunca.

E essa inoportuna alegria foi acompanhada por uma pequena dança, que era marca registrada de seu caráter espontâneo e zombeteiro. Toda essa demonstração de alegria significava: "Estou rindo, porque não há como não rir quando o destino nos coloca em uma situação como esta".

Clara, em seu transe de condenada à morte, parecia tão atordoada com o absurdo dessa explosão, que ele se apressou, tomou-a pelos braços, rodopiou-a como uma boneca, beijou-a apaixonadamente, apertou-a contra seu peito e, no final, colocou-a sobre a cama, dizendo:

— Agora chore, pequenina, e quando você tiver chorado bastante e admitido que não tem razão para se matar, nós conversaremos.

Mas ela ficou de pé e, pondo as mãos nos ombros dele, disse:

— Então, você me perdoa? Você me desculpa?

— Não tenho nada a lhe perdoar, e você não tem nada que pedir desculpas.

— Sim, eu tenho. Eu matei alguém.

— Você não matou ninguém.

— O que você está dizendo? — disse ela.

— Uma pessoa só mata se alguém tiver morrido.

— Houve uma morte.

— Não.

— Oh! Raoul, o que você está dizendo? Eu não matei o Valthex?

— Você esfaqueou o Valthex. Mas os safados dessa raça têm a casca dura. Você não leu os jornais?

— Não. Eu não queria… Tive medo de ver meu nome…

— Seu nome está escrito por toda a parte. Mas isso não significa que o Valthex esteja morto.

— Como é possível?

— Naquela mesma noite, meu amigo Gorgeret me disse que Valthex sobreviveu.

Ela se desprendeu de seu abraço, e só então se entregou ao pranto que ele havia previsto, onde todo o seu desespero se derramava. Ela tinha se deitado na cama e soluçava como uma criança, com prantos e gemidos.

Raoul a deixou chorando e permaneceu pensativo, desvendando pouco a pouco os fios emaranhados do enigma, que se iluminava completamente em seu cérebro. Mas quantos pontos ainda permaneciam obscuros!

Ele caminhou por um longo tempo. Mais uma vez, ele evocou a primeira visão da pequena provinciana que havia tomado o andar errado e entrado em sua casa. Quanto encanto em suas características infantis! Que franqueza na expressão e na forma daquela boca ligeiramente aberta! E quão longe ela estava, essa pequena provinciana, fresca e ingênua, daquela mulher que estava ali perto dele, lutando contra os golpes de um destino cruel! A imagem de uma e a imagem da outra, em vez de se fundirem em uma só, estavam agora dissociadas uma da outra. Os dois sorrisos separavam-se. Havia o sorriso da moça da província, e o sorriso de Clara, a Loura. Pobre Clara! Mais atraente, certamente, e mais desejável, mas tão alheia a qualquer ideia de pureza!

Raoul sentou-se na borda da cama e acariciou sua testa com ternura.

— Você está cansada? Você não se importa em me responder?

— Não.

— Uma pergunta, em primeiro lugar, que resume todas as outras. Você sabe o que eu acabei de descobrir, não sabe?

— Sim.

— Então, Clara, por que não me contou? Por que toda essa esperteza, todos esses desvios para me enganar?

— Porque eu te amava.

— Porque você me amava… — repetiu ele, como se não entendesse o significado dessa afirmação.

E, para amenizar sua dor, ele brincou:

— É tão complicado, minha pequena. Se alguém te ouvisse falar, diria que você é um pouco… Um pouco…

— Um pouco louca? — disse ela. — Você sabe muito bem que eu não sou, e que tudo que eu digo é verdade. Admita… Admita…

Ele encolheu os ombros e disse gentilmente:

— Fale, minha querida. Quando você tiver contado sua história, desde o início, verá como você foi injusta por não confiar mim. Todas as mazelas, todo o drama em que estamos envolvidos, vêm de seu silêncio.

Ela obedeceu, em voz baixa, depois de enxugar com o lençol as últimas lágrimas que teimavam em correr.

— Eu não vou mentir, mais Raoul. Não tentarei pintar minha infância de maneira diferente do que foi… A de uma menina que não era feliz. Minha mãe, que se chamava Armande Morin, minha mãe me amava muito… Mas infelizmente, a vida… O tipo de vida que ela levava… Não lhe permitia cuidar muito de mim. Vivíamos em um apartamento em Paris que estava sempre cheio de idas e vindas… Havia um senhor que comandava… Que vinha com muitos presentes… E provisões, e garrafas de champanhe… Um senhor que não era sempre o mesmo. E, entre esses senhores que se sucediam, alguns foram gentis comigo, outros antipáticos… E assim eu ficava no salão… Ou ficava na despensa com os criados… Nós mudamos de casa muitas vezes, para morar em casas cada vez menores, até que um dia fomos parar em um quarto.

Ela parou por um momento, e depois continuou, mais baixo:

— Minha pobre mamãe estava doente. Ela havia envelhecido de repente. Eu cuidava dela… Eu fazia as tarefas domésticas… Eu também estudava em casa, porque não podia mais ir à escola. Ela me via trabalhar, com tristeza. Um dia, quando ela estava delirante, ela me disse estas palavras, das quais não esqueço nem uma sequer: *"Você precisa saber tudo sobre seu nascimento, Clara, e o nome de seu pai… Eu estava em Paris, e era muito jovem, muito séria naquela época, e trabalhava durante o dia como costureira para uma família. Ali conheci um homem que se afeiçoou a mim, e que me seduziu. Eu era muito infeliz, porque ele tinha outras amantes… Esse homem me deixou, alguns meses antes de você nascer, e me enviou*

dinheiro por um ano ou dois… Até que ele partiu numa viagem… Eu nunca mais o procurei, e ele nunca mais ouviu falar de mim. Ele era um marquês… Muito rico… Eu lhe direi seu nome…”. Nesse mesmo dia, minha pobre mãe, em uma espécie de sonho, falou-me novamente sobre meu pai: *“Ele teve como amante, um pouco antes de mim, uma jovem que dava aulas na província, e eu soube por acaso que ele também a havia abandonado, antes de saber que ela estava grávida. Em uma viagem de Deauville até Lisieux, conheci, há alguns anos, uma menina de doze anos que se parecia exatamente com você, Clara. Eu me informei. Seu nome era Antonine, Antonine Gautier…”*. Isso é tudo o que eu soube da mamãe sobre o meu passado. Ela morreu antes de me dizer o nome de meu pai. Eu tinha dezessete anos. Em seus papéis, encontrei apenas uma informação, uma fotografia de uma grande mesa Luís XVI com a indicação (na caligrafia dela) de uma gaveta secreta, e a maneira de abrir essa gaveta. Naquele momento, eu não prestei muita atenção a isso. Como lhe disse, eu tinha que trabalhar. E então comecei a dançar… E conheci o Valthex há dezoito meses.

Clara fez uma pausa. Ela parecia exausta. Mas, ela quis continuar.

— Valthex, que não era muito expansivo, nunca mencionava seus assuntos pessoais. Um dia, quando eu o esperava no Cais Voltaire, ele me falou do marquês de Erlemont, com quem ele mantinha contato. Ele tinha acabado de sair da casa dele, e falava admirado sobre os móveis antigos, em particular uma bela escrivaninha Luís XVI. Um marquês… Uma mesa… Um pouco ao acaso, perguntei-lhe sobre essa mesa. Minhas suspeitas se tornaram mais claras, e realmente senti que era o móvel que eu estava procurando. Eu tinha uma fotografia do móvel, e esse poderia ser o homem que havia amado minha mãe. Tudo o que descobri sobre ele confirmou minhas suspeitas. Mas na realidade eu não tinha nenhum plano na época, e estava obedecendo a um sentimento de curiosidade, o desejo muito natural de saber. Um dia, Valthex disse-me, com um sorriso ambíguo: *“Aqui, veja esta chave… É a chave do apartamento do marquês de Erlemont… Ele a esqueceu na fechadura… Tenho que devolvê-la…”*. Assim, sem que ele percebesse, escondi essa chave. Um mês depois, Valthex foi cercado pela polícia, eu fugi, e me escondi em Paris.

— Por que — disse Raoul — você não foi imediatamente procurar o marquês de Erlemont?

— Se eu tivesse certeza de que ele era meu pai, teria ido até ele em busca de ajuda. Mas, para ter certeza, eu tinha que entrar na casa dele, examinar a escrivaninha e procurar a gaveta secreta. Por muitas vezes rondei o cais. Eu conhecia seus hábitos, conhecia Courville de vista, e você mesmo, Raoul, e todos os criados, e eu estava com a chave no bolso. Mas não conseguia me decidir. Isso era tão contrário à minha natureza! E então, num final de tarde, fui atraída pelos próprios eventos, eventos que nos aproximariam um do outro, na noite seguinte….

Ela fez uma pausa por um momento. Sua história tocou a parte mais obscura do enigma.

— Eram quatro e meia da tarde. Em vigília no cais, na calçada oposta, disfarçada para não ser reconhecida, com os cabelos escondidos sob um véu, vi o Valthex saindo da casa do marquês. Eu me aproximava da casa, quando um táxi encostou. Vi descer uma mulher carregando uma mala, uma jovem talvez, loura como eu, com a minha aparência, a forma do meu rosto, a cor do meu cabelo, a minha expressão. Havia de fato uma semelhança, uma semelhança de família, que não podia deixar ser notada à primeira vista, e me lembrei imediatamente da viagem que minha mãe tinha feito, no caminho para Lisieux. Seria a mesma moça que ela viu naquele dia? E o fato de ela ter ido à casa do marquês de Erlemont, essa jovem que se parecia comigo como uma irmã, ou melhor, como uma meia-irmã, não me provava que o marquês de Erlemont também era meu pai? Naquela noite, sem muita hesitação, e sabendo que o senhor de Erlemont tinha saído e não ia voltar, subi as escadas; e, reconhecendo a escrivaninha Luís XVI, abri a gaveta secreta, e encontrei a fotografia da mamãe. Fiquei arrasada.

Raoul objetou:

— Que seja. Mas o que a levou a assumir o nome de Antonine?

— Você.

— Eu?

— Sim, cinco minutos depois, quando você me chamou de Antonine… E foi por você que eu soube que ela tinha te visitado. Você me confundiu com ela.

— Mas por que você não me alertou sobre o meu erro, Clara? Está tudo aí.

— Sim, está tudo aí — disse ela. — Mas pense. Eu arrombo a casa de alguém à noite. Você me surpreende. Não é natural que eu me aproveite do seu erro, e deixe que você atribua meu ato a outra mulher? Eu pensei que não voltaria a vê-lo.

— Mas você me viu novamente, e poderia ter falado. Por que você não me disse que eram duas, que havia uma Clara e uma Antonine?

Ela corou.

— Isso é verdade. Mas quando lhe vi novamente, ou seja, na noite do Cassino Azul, você salvou a minha vida, me salvou do Valthex e da polícia, e eu lhe amei….

— Isso não deveria impedi-la de falar.

— Sim, justamente.

— Mas, por quê?

— Tive ciúmes.

— Ciúmes?

— Sim, de imediato. Imediatamente senti que você tinha sido conquistado por ela, não por mim; e que, apesar de tudo que eu podia fazer, ainda era nela que você pensava, quando pensava em mim. A pequena provinciana, você disse… Era essa visão a que você estava apegado, e você a procurava em minha maneira de ser e em meu olhar. A mulher que eu sou, um pouco selvagem, ardente, de temperamento desequilibrado, apaixonada, não era aquela que você amava, a outra, a ingênua… E assim… Assim deixei que você confundisse as duas mulheres, aquela que você desejava e aquela que o tinha encantado desde o primeiro minuto. Lembra-se, Raoul, da noite em que você entrou no quarto de Antonine, no Castelo de Volnic? Você não ousou se aproximar da cama dela. Instintivamente, você respeitava a pequena provinciana. Enquanto, no dia seguinte, após a noitada no Cassino Azul, você logo me tomou em seus braços. E ainda assim, para você, Antonine e Clara eram a mesma mulher.

Ele não protestou. Ele respondeu, pensativo:

— Como é estranho, mesmo assim, que eu tenha confundido você!

— Estranho? Não… — disse ela. — Na verdade, você só viu Antonine uma vez, em seu mezanino, e naquela mesma noite você me viu, Clara, em circunstâncias muito diferentes. Depois disso, você só a viu novamente no Castelo de Volnic, onde não olhou diretamente para ela. Isso é tudo. Como você poderia distingui-la de mim, quando tudo o que você podia ver era

eu? E tive que me esforçar muito! Eu lhe pedi que me contasse várias vezes sobre todas as circunstâncias de seus encontros, para que eu pudesse falar sobre elas como se eu estivesse lá, e tivesse dito tal e tal palavra, e soubesse tal e tal coisa… E eu costumava ter muito cuidado para me vestir como no dia da chegada dela em Paris.

Ele disse devagar:

— Sim… Não há nada de simples nisso.

E ele acrescentou após um minuto de reflexão, quando toda a aventura se desdobrava diante dele:

— Qualquer um poderia ter se enganado… E veja, naquele dia, o próprio Gorgeret, na estação, confundiu Antonine com Clara. E, anteontem mesmo, ele a prendeu, pensando que era você.

Clara vacilou.

— O que você está dizendo? Antonine está presa?

— Você não sabia? É verdade, desde anteontem você esteve sem saber de tudo o que está acontecendo. Bem, meia hora após nossa fuga, Antonine chegou ao cais, sem dúvida com a intenção de subir até o apartamento do marquês. Flamant a viu e a entregou à Gorgeret, que a levou à polícia judiciária, onde ele a tortura com perguntas. Pois, para Gorgeret, ela é a Clara.

Clara se levantou sobre a cama, de joelhos. As poucas cores que haviam voltado para suas bochechas desvaneceram-se. Pálida, tremendo, ela gaguejava:

— Presa? Presa, ao invés de mim? Ela está na cadeia, no meu lugar?

— E daí? — ele disse, alegremente. — Você vai ficar doente por causa dela?

Ela se levantou, ajeitou suas roupas e colocou seu chapéu de volta, com gestos febris.

— O que você está fazendo? — disse Raoul. — Aonde você vai?

— Eu vou para lá.

— Para lá?

— Sim, onde ela está. Não foi ela quem cometeu o crime, fui eu. Não é ela a Clara Loura, sou eu. Eu não vou deixá-la sofrer em meu lugar, ser julgada em meu lugar…

— … e ser condenada em seu lugar? Ir para a guilhotina em seu lugar?

Raoul teve outro de seus ataques de alegria. Enquanto ria, ele a fez tirar seu chapéu e suas roupas, e disse:

— Você é tão engraçada! Então você acha que ela vai ficar lá? Veja só, fofinha, ela pode se defender, se explicar, dar um álibi, pedir ajuda ao marquês… Por mais estúpido que o Gorgeret seja, ele vai ter que abrir os olhos.

— Eu vou! — disse ela, obstinada.

— Bem, então vamos lá. Eu vou com você. E, afinal de contas, não falta elegância ao gesto. "Senhor Gorgeret, somos nós. Viemos ocupar o lugar da moça." E a resposta do Gorgeret, sabe qual vai ser? "Aquela moça, nós já liberamos. Houve um mal-entendido. Mas já que vocês estão aqui, podem entrar, queridos amigos."

Ela se deixou convencer. Ele a deitou novamente e a apertou contra ele. Sem forças, ela se entregou ao sono. No entanto, ela ainda disse, num último esforço de pensamento:

— Por que ela não se defendeu, e não explicou logo?… Deve haver alguma razão…

Ela adormeceu. Raoul também adormeceu. E ele pensou, uma vez acordado, quando os ruídos lá fora começavam a retornar:

"Sim, por que ela não se defende, essa Antonine? Teria sido tão fácil, para ela, trazer tudo à luz. Pois ela deve compreender agora que existe outra Antonine, outra mulher como ela, e que eu sou cúmplice e amante dessa outra mulher. No entanto, ela não parece ter protestado. Por quê?"

E pensou com carinho na pequena provinciana que era tão doce, tão comovente, e que não falava nada.

Às oito horas, Raoul telefonou para seu amigo na Ilha de Saint-Louis, que respondeu:

— O funcionário da polícia está aqui. Ele poderá falar com a prisioneira nesta manhã.

— Perfeito. Escreva uma nota, com a minha letra, dizendo o seguinte: *"Senhorita, obrigada por se manter em silêncio. Sem dúvida, Gorgeret lhe disse que eu estou preso, e que o Grande Paul está morto. Mentira. Tudo vai bem. Agora é melhor que a senhorita fale, e conquiste sua liberdade. Peço-lhe que não esqueça de nosso encontro, no dia 3 de julho. Meus mais sinceros respeitos."*

E Raoul acrescentou:

— Você entendeu?

— Sim, muito bem — disse o outro, desorientado.

— Dispense todos os camaradas. O assunto está resolvido, e eu vou viajar com a Clara. Leve Zozotte de volta para a casa dela. Até logo.

Ele desligou o telefone e chamou Courville.

— Preparem o carro grande, arrumem as malas, queimem todos os papéis. A coisa está esquentando. Assim que a pequena acordar, vamos todos embora daqui.

Gorgeret perde a cabeça

A conversa entre o senhor e a senhora Gorgeret foi tempestuosa. Zozotte, encantada por encontrar uma oportunidade de dirigir os ciúmes de seu marido a um personagem um tanto imaginário e fabuloso, era cruel o suficiente para atribuir a esse personagem todas as qualidades de um cavalheiro refinado, cortês, delicado em seus procedimentos, cheio de sagacidade e sedução.

— É um Príncipe Encantado, ora vá! — guinchava o inspetor-chefe.

— Melhor do que isso! — disse ela, zombando.

— Mas repito que seu príncipe encantado é ninguém menos que o senhor Raoul, o assassino do Grande Paul, e o cúmplice de Clara, a Loura. Sim, você passou a noite com um assassino!

— Um assassino? É tão engraçado o que você está me dizendo agora! Estou chocada.

— Sem-vergonha!

— E eu tenho culpa? Ele me raptou!

— Somente aqueles que querem são sequestrados! Por que você entrou no carro dele? Por que você foi até a casa dele? Por que você bebeu coquetéis com ele?

Ela confessou:

— Eu realmente não sei. Ele tem um jeito de impor sua vontade… É impossível resistir a ele.

— Está vendo? Está vendo? Você não resistiu… E ainda admite.

— Ele não me forçou a nada.

— É mesmo? Ele se contentou em beijar a sua mão? Ah, eu juro por Deus, Clara vai pagar por ele. Vou sacudir todas as pulgas para fora dela, e

não vai ser com gentileza.

Gorgeret estava exasperado de tal maneira, que andava gesticulando pela rua e falava em voz alta. Esse personagem diabólico o irritava. Ele estava convencido de que a honra de sua esposa havia sido seriamente prejudicada e que, de qualquer maneira, a aventura continuaria. A maior prova disso era o fato de Zozotte afirmar que não sabia onde tinha passado a noite. Como não reconhecer um itinerário seguido duas vezes?

Seu colega Flamant esperava por ele na polícia judiciária, e disse que o Ministério Público só conduziria o primeiro interrogatório mais tarde, e enquanto isso Gorgeret deveria levantar novas informações.

— Perfeito! — exclamou ele. — A ordem é categórica, não é? Vamos falar com a pequena, Flamant. Ela vai falar. Senão…

Mas o ardor combativo de Gorgeret foi subitamente apagado diante do espetáculo mais extraordinário e imprevisto: uma adversária absolutamente transformada, amável, sorridente, alegre, tão dócil, que ele se perguntava se desde a véspera ela não estaria interpretando uma completa comédia de fracasso e protesto. Ela estava sentada em uma cadeira, com o vestido bem arranjado, os cabelos bem penteados, e lhe dava as mais cordiais boas-vindas.

— Em que posso ajudá-lo, senhor Gorgeret?

O impulso furioso que havia trazido Gorgeret o teria obrigado a xingá-la e a ameaçá-la, caso ela não respondesse, mas a resposta da adversária o desconcertou.

— Senhor inspetor, estou inteiramente à sua disposição. Como dentro de algumas horas estarei livre, não quero incomodá-lo por muito tempo. Antes de mais nada…

Um pensamento horrível veio sobre o Gorgeret. Ele observou profundamente a jovem e disse com uma voz baixa e solene:

— Você se comunicou com Raoul!… Você sabe que ele não está preso!… Você sabe que o Grande Paul não está morto!… Raoul prometeu salvá-la!…

Ele estava arrasado, e implorava, por assim dizer, por uma explicação. Ela não se abalou. Ela disse alegremente:

— Talvez… Não é impossível… Esse homem é um prodígio!

Gorgeret retrucou, com raiva:

— Por mais prodígio que ele seja, isso não me impede de detê-la, Clara, e você está bem enrascada.

A menina não respondeu de imediato, mas olhou para ele com grande dignidade e disse suavemente:

— Senhor inspetor, peço-lhe que não me chame de "você", e que seja respeitoso comigo, enquanto eu estiver em seu poder. Há um mal-entendido entre nós, que não deve ser mais prolongado. Não sou eu quem o senhor chama de Clara. Meu nome é Antonine.

— Antonine ou Clara, pra mim é a mesma coisa.

— Para você sim, inspetor, mas não na realidade.

— Então Clara não existe?

— Sim, ela existe, mas não sou eu.

Gorgeret não entendeu a distinção. Ele desatou a rir.

— Então, essa é a sua nova estratégia de defesa! Não adianta, minha pobre senhorita. Pois, no final de contas, vamos nos entender. Foi a senhorita, sim ou não, que eu segui desde a Estação Saint-Lazare até o Cais Voltaire?

— Sim.

— Foi a senhorita que eu vi perto do mezanino do senhor Raoul?

— Sim.

— Foi a senhorita que eu surpreendi nas ruínas de Volnic?

— Sim.

— E então, em nome de Deus… É a senhorita que está na minha frente neste momento?

— Sim, sou eu.

— E então?

— Portanto, não é Clara, porque eu não sou a Clara.

Gorgeret teve o gesto desesperado de um ator dramático que agarra sua cabeça com as duas mãos, e gritou:

— Não entendo! Não entendo!

Antonine sorriu:

— Senhor inspetor, se o senhor não entende, é porque não quer enxergar o problema como ele é. Desde que fui trazida para cá, pensei muito e compreendi. E é por isso que me mantive calada.

— Com que intenção?

— A fim de não perturbar a ação daquele que me salvou de sua inexplicável perseguição, por duas vezes no primeiro dia, e uma terceira vez em Volnic.

— E uma quarta vez no Cassino Azul, hein, querida?

— Ah! — ela riu — Isso é assunto da Clara, assim como o esfaqueamento do Grande Paul.

Um brilho passou pelos olhos de Gorgeret. Um vislumbre fugaz. Ele ainda não estava maduro para a verdade, que a moça, por malícia, não expunha com muita clareza.

Ela disse, de forma mais grave:

— Vamos concluir, senhor inspetor. Desde minha chegada em Paris, eu vivo no hotel-pensão Dois Pombinhos, no final da Avenida de Clichy. Na hora em que o Grande Paul foi esfaqueado, ou seja, exatamente às seis horas da noite, eu estava conversando com a dona do hotel antes de ir pegar o metrô. Invoco expressamente o testemunho desta senhora, e também o testemunho do marquês de Erlemont.

— Ele não está aqui.

— Ele está voltando para casa hoje. Eu ia dizer isso aos seus criados, quando vocês me prenderam, meia hora após o crime.

Gorgeret sentiu um certo embaraço. Sem dizer mais uma palavra, ele foi ao escritório do diretor da polícia judiciária, a quem informou sobre a situação.

— Gorgeret, ligue para o Hotel Dois Pombinhos.

Ele obedeceu. Ele e o diretor pegaram receptores para ouvir a ligação, e Gorgeret pediu:

— Alô! É do Hotel Dois Pombinhos? Aqui é da polícia. Gostaria de saber, madame, se a senhora tem entre seus hóspedes uma Srta. Antonine Gautier.

— Sim, senhor.

— Quando ela chegou?

— Um segundo. Vou olhar no registro… Ela chegou na sexta-feira, dia 4 de junho.

Gorgeret disse a seu chefe:

— É a mesma data.

Ele continuou:

— Ela se ausentou?…

— Por cinco dias. E retornou no dia 10 de junho.

Gorgeret murmurou:

— A data do Cassino Azul! E na noite de seu retorno, madame, ela saiu?

— Não, senhor. A senhorita Antonine não saiu uma noite sequer, desde que chegou aqui. Às vezes, antes do jantar… O resto do tempo ela fica costurando, no meu escritório.

— Neste momento, ela está aí no hotel?

— Não, senhor. Anteontem, ela saiu às seis e quinze para pegar o metrô. Ela não voltou para casa, e não me deu mais notícias, o que me preocupa muito.

Gorgeret desligou o telefone. Ele ficou bastante desconsolado. Depois de um silêncio, o diretor lhe disse:

— Temo que você tenha se precipitado, Gorgeret. Corra até o hotel, e investigue o quarto. E eu vou convocar o marquês de Erlemont.

A busca de Gorgeret não levou a nenhuma descoberta. O enxoval muito modesto da jovem era todo marcado com as iniciais "A. G.". Uma cópia de sua certidão de nascimento levava o nome de Antonine Gautier, pai desconhecido, nascida em Lisieux.

— Santo Deus… Santo Deus… — o inspetor resmungava.

Gorgeret passou três horas cruéis. Indo almoçar com Flamant, ele não conseguia engolir a refeição. Ele não era capaz de expressar uma opinião razoável. Flamant tentava consolá-lo.

— Vamos lá, meu velho, você continua resmungando. Se não foi a Clara, não seja teimoso!

— Então você acha, seu idiota triplo, que ela não deu a facada?

— Sim, foi ela.

— E era ela quem estava dançando no Cassino Azul?

— Era ela.

— Então, como você explica, *primo,* que ela não tenha dormido fora na noite do Cassino Azul; *secundo*, que ela estava no Hotel Dois Pombinhos enquanto o Grande Paul estava sendo esfaqueado?

— Eu não estou explicando. Estou apenas constatando.

— Constatando o quê?

— Que não tem explicação.

Gorgeret e Flamant não pensaram, em nenhum momento, na hipótese de que Antonine e Clara pudessem ser pessoas diferentes.

Às duas e meia da tarde, o marquês de Erlemont apresentou-se e foi recebido no escritório do diretor, que estava conversando com Gorgeret.

Ao retornar do Tirol suíço, na noite anterior, Jean de Erlemont soube pelos jornais franceses do drama ocorrido em seu prédio, da acusação feita pela polícia contra seu inquilino, senhor Raoul, e da prisão de uma tal Clara.

Ele acrescentou:

— Pensei que seria recebido na estação por uma jovem, senhorita Antonine Gautier, que contratei como secretária há algumas semanas, e que tinha sido avisada da hora exata da minha chegada. Pelo que meus criados disseram, entendi que ela está envolvida no caso.

O diretor respondeu:

— Esta pessoa está, de fato, à disposição da justiça.

— Ela está presa?

— Não, simplesmente à disposição da justiça.

— Mas, por quê?

— Segundo o inspetor-chefe Gorgeret, responsável pelo caso do Grande Paul, Antonine Gautier é ninguém mais, ninguém menos que Clara, a Loura.

O marquês ficou atordoado.

— Oh! — ele gritou, indignado. — Antonine seria a Clara Loura? Mas isso é uma loucura! Que piada sinistra é essa? Exijo que Antonine Gautier seja libertada imediatamente, com todas as desculpas que lhe devem pelo erro do qual ela foi vítima, e pelo qual uma pessoa com a natureza dela deve ter sofrido infinitamente.

O diretor olhou para a Gorgeret. Este último não disse uma palavra. Sob o olhar desagradado de seu superior, ele se endireitou, aproximou-se do marquês e disse-lhe, negligentemente:

— Então, senhor, você não sabe nada sobre o drama em si?

— Nada.

— O senhor não conhece o Grande Paul?

Jean de Erlemont percebeu que Gorgeret ainda não havia descoberto a identidade do Grande Paul, e disse:

— Não.

— O senhor não conhece a Clara Loura?

— Eu conheço Antonine, e não conheço a Clara Loura.

— E Antonine não é Clara?

O marquês encolheu os ombros e não respondeu.

— Mais uma coisa, senhor marquês. Durante a pequena viagem que o senhor fez para Volnic com Antonine Gautier, o senhor não a deixou?

— Não.

— Portanto, quando eu encontrei Antonine Gautier no Castelo de Volnic, o senhor estava lá naquele dia?

Erlemont estava sendo acuado. Ele não podia mais voltar atrás.

— Eu estava lá.

— Pode me dizer o que o senhor estava fazendo lá?

O marquês ficou embaraçado por um momento. Ao final, ele respondeu:

— Eu estava lá como proprietário.

— O quê? — exclamou Gorgeret. — Como proprietário?

— Sim, naturalmente. Eu comprei o castelo, quinze anos atrás.

Gorgeret não podia acreditar.

— O senhor comprou o castelo… Mas ninguém sabia disso!… Por que essa aquisição? Por que esse silêncio?

Gorgeret implorava a seu chefe que o ouvissem separadamente e, empurrando-o em direção à janela, disse suavemente:

— Todas essas pessoas estão em conluio para nos confundir, chefe. Não era somente aquela loura bonita que estava no Castelo de Volnic. Raoul também estava lá.

— Raoul!

— Sim, eu peguei os dois juntos. O marquês de Erlemont, a menina loura e Raoul, todos cúmplices. Mas ainda tem mais.

— O quê?

— O marquês foi um dos espectadores do drama de Volnic, quando a cantora Elisabeth Hornain foi roubada e assassinada.

— Caramba! Isso só vai piorando.

Gorgeret se inclinou para frente.

— Tem mais, chefe. Descobri ontem o último local em que Grande Paul esteve escondido, um quarto de hotel, onde ele deixou sua mala. Mexendo em seus papéis, fiz duas descobertas da maior importância, e estava

esperando para contar ao senhor. Primeiramente, o marquês era amante de Elisabeth Hornain, e ele não disse nada no inquérito. Por que não? Em segundo lugar, o verdadeiro nome do Grande Paul é Valthex. E esse Valthex era sobrinho de Elisabeth Hornain, e descobri que esse Valthex vinha frequentemente visitar o marquês de Erlemont. O que o senhor acha disso tudo?

O diretor parecia muito interessado nessas revelações. Ele disse a Gorgeret:

— O caso está evoluindo, e acho que devemos mudar nossas táticas. Seria imprudente acusar o marquês logo de cara. Por enquanto, vamos colocar essa Antonine fora da jogada, e fazer uma investigação completa de todo o caso, e do papel que o marquês pode ter desempenhado nele. O que acha, Gorgeret?

— Concordo totalmente, senhor. Só chegaremos a Raoul se começarmos a ceder terreno primeiro. E, além do mais…

— Além do mais…?

— Em breve, talvez eu tenha algo mais para dizer.

A liberação foi imediata. Gorgeret avisou Erlemont que iria vê-lo dentro de cinco ou seis dias, para solicitar mais algumas informações, e o levou até Antonine. Quando viu seu padrinho, ela se jogou em seus braços, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Cretina! — Gorgeret resmungava, entre dentes.

Assim, no decorrer daquele dia, Gorgeret foi recuperando a posse total de si mesmo. Enquanto os elementos da verdade se tornavam aparentes, e enquanto ele os relatava ao seu chefe, ele recuperava sua habitual capacidade de raciocínio.

Esta trégua não durou muito. Um novo incidente demoliu quase imediatamente o edifício reconstruído. Subitamente, ele entrou no escritório do diretor sem bater. Estava enlouquecido. Ele agitava um pequeno caderno verde, e estava tremendo, tentando apontar para certas páginas, gaguejando:

— Aqui! Aqui! Que golpe de mestre! Como poderíamos suspeitar!… Agora tudo se torna claro!…

O seu superior tentou acalmá-lo. Ele se conteve, e finalmente disse:

— Eu disse ao senhor que poderia haver algo mais… Encontrei este caderno na mala do Grande Paul… Ou melhor, do Valthex… Notas sem

importância… Números… Endereços… E então, em vários lugares, vi frases que tinham sido apagadas com borracha, e por sinal mal apagadas. Pedi ajuda ao Serviço de Identificação Forense, para que pudessem decifrar… Bem, entre elas, há uma… Que não tem preço… Esta aqui, que o serviço transcreveu abaixo… E, de fato, com um pouco de atenção, pode-se ler muito bem…

O diretor pegou o caderno de anotações e leu a anotação. Ele leu:

"Endereço do Raoul: Avenida Maroc, número 27, em Auteuil.
Cuidado com uma garagem que se abre pelos fundos.
Para mim, Raoul é Arsène Lupin. Verificar."

Gorgeret disse:

— Sem dúvida, chefe! Esta é a chave do enigma… É a chave do cofre! Com esta chave, tudo se abre… Tudo se torna claro. Somente Arsène Lupin poderia construir uma trama com tais dimensões. Só ele pode nos manter sob controle e fazer troça de nós. Raoul é Arsène Lupin.

— E agora?

— Vou para lá, chefe. Com esse comunista, não há um minuto a perder. A menina foi solta… Ele já deve saber… Ele vai fugir. Vou correr!

— Arranje alguns homens.

— Preciso de dez.

— Até vinte, se você quiser — disse o diretor, que também estava animado. — Corra, Gorgeret…

— Sim, senhor — gaguejou o inspetor, enquanto fugia. — Vamos à caçada… Reforços! Alerta geral!

Ele agarrou Flamant, pegou mais quatro agentes que estavam de passagem e pulou em um dos carros estacionados no pátio.

Outro carro o seguiu, carregado com seis agentes, e depois mais um terceiro carro.

Foi uma mobilização aterrorizante. Todos os sinos tocavam, todos os tambores rufavam, todas as cornetas chamavam, todas as buzinas e sirenes gritavam o sinal de alerta.

Nos corredores, nos escritórios, de uma ponta à outra da Central de Polícia, as pessoas gritavam umas com as outras: Raoul é Arsène Lupin!… Arsène Lupin é Raoul!

Tudo isso ocorria alguns minutos depois das quatro da tarde.

Da Central de Polícia até a Avenida Maroc, em velocidade máxima, levando em conta os engarrafamentos, foram necessários uns bons quinze minutos.

Austerlitz? Waterloo?

Exatamente às quatro horas, deitada na cama do quarto, em Auteuil, Clara ainda estava dormindo. Por volta do meio-dia, despertada pela fome, ela havia comido alguma coisa, caindo de sono, e depois voltou a dormir.

Raoul estava ficando impaciente. Não que ele estivesse atormentado, mas não gostava de adiar suas decisões por muito tempo, principalmente quando essas decisões exigiam um mínimo de prudência e sabedoria. Ele imaginava que a ressurreição do Grande Paul poderia aumentar os perigos atuais, e que o testemunho do marquês e as declarações de Antonine complicariam a situação.

Tudo estava pronto para a partida. Ele havia mandado os criados embora, preferindo ficar sozinho, em caso de perigo. As malas já estavam no carro.

Às quatro e dez, ele se lembrou, de repente:

— Caramba! Não posso partir sem dizer adeus a Olga. O que ela deve estar pensando? Será que ela já leu os jornais? Ela fez alguma conexão entre mim e Raoul? Vamos nos livrar dessa velha história…

Ele perguntou:

— O Trocadero Palace, por favor… Alô! Por gentileza, o apartamento de Sua Majestade?

Raoul, com muita pressa, cometeu o grande erro de não perguntar quem estava falando. Não reconhecendo a voz do secretária nem a voz da massagista, acreditando que o rei de Borostyria não estava mais em Paris, ele estava convencido de que falava com a rainha e, em seu tom mais bondoso e afetuoso, ele cuspiu de uma só vez:

— É você, Olga? Como você está, minha linda amada? Você deve estar com raiva de mim, não é? Não, Olga, muitos compromissos, muitas preocupações na cabeça… Não consigo lhe ouvir, querida… Não faça essa a voz de homem… Veja só… Preciso partir, puxa vida! Devo partir depressa… Uma viagem de estudos, à costa da Suécia. Que contratempo! Mas por que você não responde ao seu Raoulzinho? Você está com raiva de mim?

De repente, "Raoulzinho" ficou sobressaltado. Não havia dúvida de que era a voz de um homem que lhe respondia, a voz do rei que ele já tinha ouvido, e que, furioso, rolando os olhos ainda mais do que sua esposa, repreendia do outro lado da linha:

— Você não passa de um crrrretino, senhor! Eu te desprrrrezo!

Raoul sentiu um pouco de suor pingando em suas costas. O Rei de Borostyria! Além disso, ao se virar, ele percebeu que Clara estava acordada, e que ela ouviu todo o telefonema.

— Com quem você estava falando? — disse ela, ansiosamente. — E quem é essa tal de Olga?

Ele não respondeu de imediato, surpreendido pelo incidente. Mas ele sabia que o marido de Olga não se ofendia com as artimanhas de sua esposa. Um a mais, um a menos. Ele não precisava se preocupar isso.

— Olga? — disse ele a Clara. — É uma velha prima, que está sempre em maus lençóis, e com quem eu falo de vez em quando. E você vê o resultado!… Você está pronta?

— Pronta?

— Sim. Vamos partir. O ar em Paris está irrespirável.

Como ela permaneceu pensativa, ele insistiu:

— Eu imploro, Clara. Não temos mais o que fazer aqui. Um atraso pode ser perigoso.

Ela observou:

— Você está preocupado?

— Estou começando a ficar.

— Com o que você está preocupado?

— Com nada… Com nada.

Ela entendeu que era sério, e começou a se vestir rapidamente. Naquele momento Courville, que tinha a chave do jardim e estava voltando, trouxe os jornais da tarde, nos quais Raoul deu uma rápida olhada.

— Está tudo bem — disse ele. — A ferida do Grande Paul definitivamente não foi fatal, mas ele não está em condições de responder por uma semana… O Árabe ainda persiste em seu silêncio.

— E Antonine? — perguntou Clara.

— Liberada — disse Raoul, friamente.

— Saiu no jornal?

— Sim. As explicações do marquês foram decisivas. Ela foi liberada.

Ele afirmou com tanta segurança, que Clara logo ficou tranquila. Courville veio se despedir deles.

— Nenhum papel comprometedor? — disse Raoul. — Não estamos deixando nada para trás?

— Absolutamente nada, senhor.

— Faça uma inspeção final e vá embora daqui, meu velho. Não esqueçam de se encontrarem todos os dias em nossa nova casa, na Ilha Saint-Louis. Além disso, nos vemos daqui a pouco, lá no carro.

Clara terminava de se aprontar, apressada por Raoul.

Quando ela colocou seu chapéu, ela agarrou as mãos dele.

— Qual é o seu problema? — disse ele.

— Jure pra mim que Olga…

— Você ainda está pensando nisso? — exclamou Raoul, rindo.

— Refletindo…

— Mas garanto que ela é uma velha tia, com uma herança…

— Você me disse um velha prima.

— Ela é minha tia e minha prima. O padrasto dela e a irmã de um de meus tios se casaram no terceiro casamento.

Ela sorriu e colocou sua mão sobre a boca dele:

— Não minta, meu amado. No fundo, eu não me importo. Só existe uma pessoa de quem tenho ciúmes.

— Courville? Tenha certeza que minha amizade por ele…

— Não ria… — ela implorou. — Você sabe de quem estou falando.

Ele a puxou para junto dele.

— Você está com ciúmes de si mesma. Você está com ciúmes de sua imagem.

— Da minha imagem, você está certo… Uma imagem minha que tem uma expressão diferente, olhos mais ternos…

— Você tem os olhos mais ternos que existem — disse Raoul, beijando-a apaixonadamente — Olhos de uma ternura…

— Olhos que já choraram demais.

— Olhos que não riram o suficiente. Isso é o que lhe falta, risos! E eu lhe farei rir.

— Só mais uma coisa. Sabe por que Antonine deixou o engano persistir por dois dias, e não disse nada?

— Não.

— Porque ela tinha medo de dizer alguma coisa contra você.

— E por que esse medo?

— Porque ela lhe ama.

Ele começou a dançar de alegria.

— Ah, muito gentil da sua parte me contar isso! Você acha mesmo que ela me ama? O que você quer, eu sou irresistível! Antonine me ama. Olga me ama. Zozotte me ama. Courville me ama. Gorgeret me ama…

Ele a levantou em seus braços e a conduziu em direção às escadas, quando parou abruptamente.

— O telefone!

A campainha, de fato, estava tocando bem perto deles.

Raoul pegou o telefone. Era Courville… Courville, ofegante, sufocado, que gaguejava:

— Gorgeret!… E mais dois homens com ele… Eu os vi de longe, quando saí… Eles estavam quebrando o portão… Eu entrei em um café…

Raoul desligou o telefone e permaneceu imóvel por três ou quatro segundos. Depois, como um idiota, ele agarrou Clara e a jogou sobre os ombros.

— Gorgeret — ele disse, simplesmente.

Carregando seu fardo, ele desceu as escadas correndo.

Do lado de fora da porta do vestíbulo, ele escutou. Passos rastejantes sobre o piso de madeira. Através das janelas foscas, protegidas por barras, ele viu várias figuras. Colocou Clara no chão.

— Volte para a sala de jantar.

— E a garagem? — disse ela.

— Não… Eles já devem ter descoberto tudo. Caso contrário, seriam mais de três… Três rapazes, eu simplesmente os esmagaria.

Ele nem mesmo trancou a fechadura do salão. Ele recuou passo a passo, vigiando os agressores que tentavam sacudir as portas.

— Estou com medo — disse Clara.

— Quando ficamos com medo, fazemos coisas estúpidas. Lembre-se do esfaqueamento. Antonine não vacilou na prisão.

Ele continuou mais suavemente:

— Se você está com medo, eu, pelo contrário, estou me divertindo. Você acha que, depois de lhe encontrar, vou deixar que aquele bruto leve você? Sorria, Clara. Estamos em um espetáculo. E ele é o palhaço.

As duas portas se abriram ao mesmo tempo. Em três saltos Gorgeret chegou até o centro da sala, apontando o revólver.

Raoul havia se plantado na frente da jovem e a escondia.

— Mãos para cima! — gritou Gorgeret. — Ou eu atiro.

Raoul, que estava a cerca de cinco passos dele, zombou:

— Você é um pateta! Sempre com a mesma fórmula estúpida. Você acha que vai atirar em mim? Em mim, Raoul?

— Em você, Lupin — disse Gorgeret, triunfante.

— Como você sabe meu nome?

— Então você confessa?

— Sempre se confessa os títulos de nobreza.

Gorgeret repetiu:

— Mãos para cima, caramba! Senão eu atiro.

— Até na Clara?

— Até nela, se ela estivesse presente.

Raoul deu um passo para trás.

— Aí está ela, sua besta.

Os olhos do Gorgeret arregalaram-se. Seus braços caíram. Clara! A pequena loura que ele acabava de devolver ao marquês de Erlemont! Não, isso estava além de todas as possibilidades. Se fosse realmente Clara — e era Clara, ele não tinha dúvidas — teria de concluir que a outra mulher…

— Vamos lá! — brincou Raoul. — Você está quase entendendo… Só mais um pouquinho de esforço… *Puff!* É isso aí… Sim, seu monte de picles, há duas delas… Uma que veio do campo, e que você achou que era a Clara, e a outra…

— A amante do Grande Paul.

— Seu bastardo! — retorquiu Raoul. — Quem diria que você é o marido da adorável Zozotte?

Gorgeret, furioso, atiçando seus homens, vociferou:

— Agarrem aquele sujeito! E se você se mexer novamente, eu atiro em você, seu canalha!

Os dois homens foram para cima dele. Raoul deu um salto.

Cada um deles levou um pontapé no estômago. Eles recuaram.

— Isso é um golpe meu! — gritou Raoul. — O golpe do duplo savate[2].

Ouviu-se um tiro, mas Gorgeret tinha atirado tão mal que não atingiu ninguém.

Raoul se debulhava de tanto rir.

— Agora ele está estragando minha pintura! Que imbecil! Você é estúpido demais para se lançar nessa aventura sem ter tomado suas precauções. Eu posso até adivinhar o que aconteceu. Alguém deu o meu endereço, e você veio desembestado como um touro atrás da capa vermelha. Você deveria ter vindo com mais vinte camaradas, meu colega.

— Serão cem! Serão mil! — gritou Gorgeret, virando-se ao som de um carro que parava na avenida.

— Ah, melhor ainda — disse Raoul —, eu já estava começando a ficar entediado.

— Seu canalha, você está ferrado!

Gorgeret queria sair da sala para se encontrar com seus reforços. Mas, estranhamente, a porta havia se fechado desde o início, e ele lutava em vão para abrir a fechadura.

— Não se dê ao trabalho — aconselhou Raoul —, a porta se fecha sozinha. E é madeira maciça. Madeira de caixão.

Suavemente, disse ele a Clara:

— Preste atenção, querida, e veja como se faz.

Ele correu em direção ao lado direito, onde estavam os restos de uma antiga divisória, que havia sido removida para fazer uma única sala.

Gorgeret, compreendendo que estava perdendo seu tempo, e resolvido a acabar logo com tudo a qualquer custo, voltou à gritaria:

— Vamos matá-lo! Ele vai escapar!

Raoul apertou um botão, e enquanto os agentes preparavam suas armas, uma cortina de ferro caiu do teto, pesada como uma marreta, separando a sala em duas, enquanto as persianas se dobravam para dentro.

— Ui! — ridicularizou Raoul. — Uma guilhotina! Gorgeret perdeu a cabeça. Adeus, Gorgeret!

Ele pegou um jarro no aparador e encheu dois copos com água.

— Beba, querida.

— Vamos logo, vamos fugir daqui! — disse ela, entre lágrimas.

— Não se preocupe, Clara.

Ele insistiu para que que ela bebesse, e ele mesmo esvaziou seu copo. Ele estava muito calmo, e não se apressou.

— Você consegue ouvi-los do outro lado? Eles estão enlatados, como sardinhas. Quando a cortina cai, todas as persianas travam. Os fios elétricos são cortados. Tudo fica preto como breu. Uma fortaleza inexpugnável no exterior, e uma prisão no interior. Hein? Que tal?

Ela parecia não compartilhar desse entusiasmo. Ele deu-lhe um beijo na boca, o que a reanimou:

— E agora — disse ele — o campo, a liberdade e o repouso merecido dos justos.

Ele passou para uma pequena sala, que era a despensa. Entre a despensa e a cozinha, havia um espaço com um armário, que ele abriu. Eram as escadas para uma adega. Eles desceram.

— Saiba, para sua própria informação — dizia ele, em tom professoral —, que uma casa bem construída deve ter três saídas: uma oficial; uma segunda, oculta e aparente, para a polícia; e uma terceira, oculta e invisível, para servir como rota de fuga. Assim, enquanto a corja do Gorgeret vigia a garagem, nós escapamos pelas entranhas da terra. Não é genial? Foi um banqueiro que me vendeu este imóvel.

Eles caminharam por uns três minutos, e depois subiram uma escada que levava a uma pequena casa sem móveis, com janelas fechadas, e com vista para uma rua movimentada.

Um automóvel grande, com espaço para chofer, estava estacionado ali, vigiado por Courville. Estava abarrotado de malas e bolsas. Raoul deu suas últimas instruções a Courville.

O carro partiu rapidamente.

Uma hora mais tarde, Gorgeret, muito penalizado, prestava contas da missão ao diretor. Eles concordaram que as comunicações à imprensa não falariam sobre Lupin, e que toda indiscrição seria negada.

No dia seguinte Gorgeret voltou, novamente cheio de confiança, e anunciou que a pequena loura, não Clara, mas aquela que havia sido presa e libertada, tinha passado a noite na casa do marquês e acabava de sair com ele, em um carro.

E no dia seguinte ele soube que os dois viajantes haviam chegado a Volnic. De acordo com informações categóricas, Jean de Erlemont, que já possuía o castelo havia quinze anos, tinha-o recomprado na segunda venda, por intermédio de um estranho, cuja descrição correspondia a Raoul.

Gorgeret e o diretor elaboraram imediatamente um plano de ação.

---

[2] O savate ou boxe francês é uma arte marcial de combate, desenvolvida na França, na qual os pés e as mãos são utilizados para percutir os adversários, combinando elementos de boxe com técnicas de pontapé. (N.T.)

Raoul entra em cena

— Mestre Audigat — concluiu Antonine —, tudo o que está me dizendo é muito gentil, mas…

— Não me chame de Mestre Audigat, senhorita.

— O senhor está me pedindo para chamá-la pelo nome? — disse ela, sorrindo.

— Eu ficaria feliz — disse ele com uma mesura. — Isso provaria que a senhorita corresponde aos meus sentimentos.

— Não posso corresponder tão rapidamente, nem posso repeli-los, caro senhor. Estou de volta há apenas quatro dias, e mal nos conhecemos.

— Quando estima, senhorita, que me conhecerá bem o suficiente para me dar uma resposta?

— Quatro anos? Três anos? Isso é demais?

Ele ficou com o coração partido. Ele entendeu que nunca obteria a menor promessa desta bela senhorita, que seria, para ele, como um bálsamo para os rigores da existência em Volnic.

A entrevista estava terminada. Mestre Audigat se despediu da jovem e, muito digno e envergonhado, deixou o castelo.

Antonine ficou sozinha. Ela caminhava ao redor das ruínas, pelo parque e pela floresta. Ela andava graciosamente, e seu sorriso de sempre fazia covinhas em seu rosto. Ela usava um vestido novo, e estava adornada com seu grande chapéu palha. De vez em quando, ela cantava. Depois ela colheu algumas flores silvestres e as trouxe para o marquês de Erlemont.

Ele esperava por ela no banco de pedra onde eles gostavam de se sentar, no final do terraço, e disse:

— Como você é linda! Nenhum traço de fadiga ou de sofrimento. E, no entanto, não tiveram pena de você.

— Não vamos mais falar sobre isso, padrinho. É uma história antiga que eu não me lembro mais.

— Então, você está feliz?

— Muito feliz, padrinho, já que estou com o senhor… E neste castelo que eu amo.

— Um castelo que não nos pertence, e do qual partiremos amanhã.

— Que nos pertence, e que não deixaremos.

Ele riu.

— Então você ainda está confiando nesse sujeito?

— Mais do que nunca.

— Bem, eu não.

— Você confia tanto nele, padrinho, que já me disse quatro vezes que não confia.

Erlemont cruzou os braços.

— Então, você acha chegará aqui, em uma data vagamente definida há quase um mês, e depois de tudo que aconteceu?

— Hoje é 3 de julho. Ele confirmou o encontro no bilhete que me enviou, quando eu estava na Central de Polícia.

— Apenas uma promessa.

— Ele cumpre todas as suas promessas.

— Então, às quatro horas?

— Às quatro horas ele estará aqui, ou seja, em vinte minutos.

Erlemont acenou com a cabeça e confessou, alegremente:

— No fundo, você quer que eu diga? Bem, eu também espero que sim. Que coisa mais engraçada, a confiança! E confiança em quem? Em uma espécie de aventureiro que cuida de meus negócios sem que eu tenha pedido, e que cuida deles da maneira mais incomum, agitando toda a força policial contra ele. Você tem lido os jornais nos últimos dias, e o que eles dizem? Que meu inquilino, o senhor Raoul, o amante desta misteriosa Clara que se parece com você, ao que tudo indica, é ninguém menos que Arsène Lupin. A polícia nega. Mas a polícia, que por muito tempo viu Lupin por toda a parte, não quer mais vê-lo em lugar nenhum, por medo do ridículo. E eis o nosso colaborador!

Ela pensou e disse, com mais seriedade:

— Temos que confiar no homem que veio aqui, padrinho. Não podemos confiar nesse outro.

— Claro… Claro… Ele é um sujeito inteligente, admito… E eu devo admitir que ele causou uma grande impressão em mim…

— Tão grande que o senhor espera vê-lo novamente, e saber a verdade sobre todas as coisas que ainda não entende. Não importa se seu nome é Raoul ou Arsène Lupin, se ele conceder todos os nossos desejos!

Ela estava animada. Ele olhou para ela com surpresa. Ela tinha as bochechas rosadas e os olhos brilhantes.

— Você não vai ficar com raiva, Antonine?

— Não, padrinho.

— Bem, eu me pergunto se Mestre Audigat não teria sido mais bem recebido, se as circunstâncias não tivessem trazido o senhor Raoul…

Ele não terminou. As bochechas rosadas de Antonine tinham ficado vermelhas, e ela desviou o olhar.

— Oh, padrinho! — disse ela, tentando sorrir — que ideia mais absurda!

Ele se levantou. Uma leve batida marcou os cinco minutos antes das quatro horas, na igreja do vilarejo. Seguido por Antonine, ele caminhou ao longo da fachada do castelo e se postou no canto direito, de onde se podia ver a porta maciça, de ferro forjado, no final do arco baixo sob a torre de entrada.

— É aqui que ele vai tocar — diz ele.

E ele acrescentou com uma risada:

— Você já leu *O conde de Monte Cristo*? E você se lembra como ele é apresentado no romance? Algumas pessoas, que o conheceram nos quatro cantos do mundo, esperam por ele para almoçar. Meses antes, ele prometeu que estaria lá ao meio-dia, e o anfitrião afirma que, apesar das incertezas da viagem, ele chegará na hora exata. Deu meio-dia. No último golpe, o mordomo anuncia: "O senhor conde de Monte Cristo". Nós esperamos com a mesma fé e ansiedade.

A campainha tocou, sob o arco. A governanta desceu os degraus da escadaria.

— Será o conde de Monte Cristo? — disse Jean de Erlemont. — Ele chegou cedo, o que não é mais elegante do que estar atrasado.

A porta foi aberta.

Não era o visitante esperado, mas outra pessoa, cuja aparência os confundia: era Gorgeret.

— Ah, padrinho! — murmurou Antonine, vacilando. — Tenho medo daquele homem, apesar de tudo… O que ele está fazendo aqui? Estou com medo.

— Por quê? — indagou Jean de Erlemont, que parecia desagradavelmente surpreso. — Por você? Por mim? Nós não devemos nada a ele.

Ela não respondeu. O inspetor, depois de conversar com a governanta, avistou o marquês e avançou imediatamente em direção a ele.

Ele carregava na mão, como uma bengala, um enorme bastão com cabeça de ferro. Ele era gordo, pesado, desajeitado e corpulento. Mas seu habitual rosto duro se esforçava para ser amável.

Na igreja, as quatro batidas soaram.

— Posso solicitar, senhor marquês — disse ele, com um tom de voz exageradamente afetado —, a gentileza de uma entrevista?

— Do que se trata? — disse Erlemont, secamente.

— Trata-se… Do nosso caso.

— Que caso? Tudo já foi dito entre nós, e sua conduta execrável para com minha afilhada não me deixa muito disposto a continuar nossas relações.

— Nem tudo foi dito entre nós — objetou Gorgeret, menos afável — e nossas relações ainda não terminaram. Eu disse isso ao senhor na presença do Diretor da Polícia Judiciária. Preciso de algumas informações.

O marquês de Erlemont virou-se para a governanta, que estava a trinta metros de distância, sob o arco, e gritou para ela:

— Por favor, feche a porta. Se alguém bater, não abra… Para ninguém, certo? Depois, traga-me a chave.

Antonine apertou a mão dele, manifestando sua aprovação. A porta fechada impossibilitava o confronto entre Gorgeret e Raoul, caso esse último aparecesse.

A governanta entregou a chave para o marquês e se retirou. O inspetor sorriu.

— Vejo, senhor marquês, que o senhor contava com outra visita além da minha, e que está com desejos de impedi-la. Talvez seja tarde demais.

— Estou em um tal estado de espírito — disse Jean de Erlemont — que todos os visitantes me parecem ser intrusos.

— A começar por mim.

— A começar pelo senhor. Então vamos acabar com isto rapidamente e, por favor, sigam-me até meu escritório.

Ele voltou pelo pátio e entrou no castelo, acompanhado por Antonine e pelo inspetor.

Mas, ao virar a esquina, notaram um senhor sentado no banco do terraço, fumando um cigarro.

O espanto do marquês e de Antonine foi tamanho que eles pararam.

Gorgeret parou, como eles, mas com muita calma. Será que ele já sabia da presença de Raoul no interior daqueles muros?

Raoul, ao vê-los, jogou fora seu cigarro, levantou-se e disse alegremente ao marquês:

— Devo lembrar, senhor, que o encontro marcado era aqui no banco. Na última badalada das quatro horas, sentei-me aqui.

Muito elegante em seu leve traje de viagem, com o rosto divertido, realmente simpático, ele tirou seu chapéu e se inclinou profundamente para Antonine.

— Peço desculpas novamente, senhorita. Eu carrego grande parte da culpa pelos tormentos que a senhorita teve que suportar, graças a alguns malvados. Espero que não me leve a mal, pois apenas os interesses do marquês de Erlemont guiaram minha conduta.

Sobre Gorgeret, não proferiu uma palavra. Era como se Raoul não o tivesse visto e a figura maciça do inspetor permanecesse invisível para ele.

Gorgeret não vacilou. Ele também, mais pesado, mas com a mesma tranquilidade, manteve a atitude indiferente de alguém para quem a situação parecia bastante normal. Ele aguardava. O marquês de Erlemont e Antonine também estavam esperando.

No final, a peça que estava para ser representada teria apenas um ator, Raoul. Os outros teriam apenas que ouvir, assistir e esperar, até que ele lhes pedisse para entrar em cena.

Raoul se deliciava com a situação. Ele adorava se exibir e falar, particularmente em momentos de tensão, quando o bom senso parece apontar a concisão e a sobriedade como essenciais. Agora, andando no terraço com as mãos presas atrás das costas, ele parecia alternadamente

triunfante, pensativo, frívolo, sério ou alegre. Então, de repente, parando de andar, ele disse ao marquês:

— Eu estava hesitando se devia falar, senhor. Pareceu-me, de fato, que, sendo nossa reunião privada, a presença de estranhos não nos permitiria lidar com os assuntos para os quais nos reunimos, em completa liberdade de espírito. Mas, pensando bem, eu estava errado. O que temos a dizer pode ser dito na frente de qualquer um, mesmo diante de um representante subalterno da polícia que suspeita de vós, senhor, e que tem a audácia de lhe fazer acusações. Estabelecerei, portanto, a situação como ela é, sem outro objetivo que não seja a verdade e a justiça. As pessoas honestas têm o direito de manter a cabeça erguida.

Ele fez uma pausa. Embora fosse um momento de gravidade, por mais preocupada e perturbada que estivesse, Antonine teve que apertar a boca para não rir. Havia na entoação pomposa de Raoul, no piscar imperceptível de seus olhos, na ondulação de seus lábios, num certo balanço de seu corpo sobre os quadris, algo cômico que descartava qualquer interpretação mal-humorada dos acontecimentos. E que segurança! Que casualidade diante do perigo! Percebia-se que ele não falaria uma palavra que não fosse útil e que, pelo contrário, todas teriam a intenção de confundir o inimigo.

— Não precisamos nos preocupar — prosseguiu ele — com o que aconteceu recentemente. A dupla existência de Clara Loura e Antonine Gautier, suas semelhanças, seus atos, bem como os atos do Grande Paul, os atos do senhor Raoul, o conflito que em algum momento colocou este perfeito cavalheiro contra o policial Gorgeret, a superioridade esmagadora do primeiro sobre o segundo, e tantas outras questões definitivamente solucionadas, as quais nenhum poder neste mundo pode refutar. O que nos interessa hoje é o drama de Volnic, a morte de Elisabeth Hornain, e a recuperação de sua fortuna, senhor. Espero que não se importe com este preâmbulo bastante longo. Isso nos permitirá resolver inúmeros problemas em algumas breves frases. E assim o senhor será poupado do humilhante interrogatório de um certo indivíduo.

O marquês aproveitou uma pausa para se opor:

— Eu não tenho que me submeter a nenhum interrogatório.

— Tenho certeza, senhor — disse Raoul —, de que o sistema de justiça, que nunca compreendeu nada sobre o drama de Volnic, está tentando se virar contra o senhor e, sem saber para onde ir, deseja levantar certos

detalhes sobre seu papel neste drama.

— Mas meu papel neste drama é nulo.

— Tenho certeza disso. No entanto, a justiça se pergunta por que o senhor não declarou suas relações com Elisabeth Hornain, e por que comprou secretamente o castelo de Volnic, e por que retornou aqui por várias vezes, à noite. Em particular, e a partir de algumas provas impressionantes, o senhor é acusado de…

O marquês atropelou-o:

— Estou sendo acusado! Que história é essa? Quem está me acusando? E de quê?

Ele fitava Raoul com irritação, como se de repente visse nele um adversário prestes a atacá-lo. Ele repetiu duramente:

— Mais uma vez, quem está me acusando?

— Valthex.

— Aquele bandido?

— Aquele bandido reuniu um dossiê formidável contra o senhor, e certamente o levará à justiça, assim que se recuperar.

Antonine estava pálida, ansiosa. Gorgeret havia deixado sua máscara impassível. Ele escutava avidamente.

O marquês de Erlemont se aproximou de Raoul e, com voz imperiosa, exigiu:

— Fale… Eu exijo que fale… De que me acusa esse desgraçado?

— Do assassinato de Elisabeth Hornain.

Um silêncio prolongou estas terríveis palavras. Mas o rosto do marquês se acalmou, e ele riu sem o mínimo constrangimento.

— Explique-se — disse ele.

Raoul explicou:

— O senhor conhecia, naquela época, um pastor local, o senhor Gassiou, um homem simplório, um tanto ingênuo, com quem o senhor ia frequentemente conversar, durante sua estada com senhor e senhora de Jouvelle. O tio Gassiou tinha a peculiaridade de ser prodigiosamente hábil. Ele costumava matar pássaros com golpes certeiros, atirando pedras com sua funda. E, ao que parece, se este homem meio tolo, subornado pelo senhor, matou Elisabeth Hornain com uma pedra enquanto ela, a pedido do senhor, cantava nas ruínas.

— Mas isso é um absurdo! — gritou o marquês. — Eu deveria ter algum motivo, ora essa! Por que eu desejaria ver morta uma mulher que eu amava?

— Para ficar com as suas joias, que ela confiou ao senhor momentos antes de cantar.

— As joias eram falsas.

— Elas eram verdadeiras. Essa é a parte mais obscura de sua conduta, senhor! Elisabeth Hornain as tinha recebido de um bilionário na Argentina!

Desta vez, o marquês de Erlemont não pôde mais suportar. Ele se levantou, fora de si mesmo.

— Isso é uma mentira! Elisabeth nunca amou ninguém antes de mim! E foi esta mulher que eu matei? A mulher que eu tanto amei e que nunca esqueci! O quê! Não foi por ela, pela sua memória, que comprei este castelo, para que o lugar onde ela morreu não pertencesse a ninguém além de mim? E, se eu voltava para cá de tempos em tempos, não seria para rezar sobre essas ruínas? Se eu a tivesse matado, eu teria mantido viva em mim a terrível lembrança do meu crime? Tal acusação é monstruosa!

— Bravo, senhor! — disse Raoul, esfregando as mãos. — Ah, se o senhor tivesse me respondido com esse espírito vinte e cinco dias atrás, que eventos dolorosos poderíamos ter evitado! Mais uma vez, bravo, senhor! E o senhor pode estar certo de que, pessoalmente, não levei a sério nem por um momento as acusações do abominável Valthex, nem o dossiê de mentiras que ele reuniu. Gassiou? A funda? Apenas piadas! Tudo isso é chantagem, mas uma chantagem inteligente, que pode pesar terrivelmente sobre o senhor, e contra a qual devemos tomar todas as precauções. Nesse caso, existe apenas um remédio: a verdade, a verdade absoluta e implacável, para que hoje possamos apresentá-la à justiça.

— A verdade, eu realmente não sei.

— Eu também não sei. Mas, no ponto em que nos encontramos, ela depende apenas da clareza de suas respostas. Responda, sim ou não: as joias que desapareceram eram reais?

O marquês não hesitou mais. Ele foi categórico.

— Elas eram reais.

— E eles eram suas, não eram? O senhor mandou uma agência fazer uma busca por uma herança, que lhe havia sido roubada. Lembro que a fortuna Erlemont provinha de um avô que tinha vivido na Índia, com o

título de nababo, e suponho que ele tinha convertido sua imensa riqueza em belas joias. É verdade?

— Sim.

— Presumo, também: a razão pela qual os herdeiros do nababo Erlemont nunca mencionarem os colares feitos com essas gemas seria para evitar o pagamento do imposto sucessório?

— Suponho que sim — disse o marquês.

— E, sem dúvida, o senhor as emprestou a Elisabeth Hornain?

— Sim. Assim que se divorciasse, ela seria minha esposa. Por orgulho, por amor, eu gostava de vê-la com essas joias.

— Ela sabia que eram reais?

— Sim.

— E todas as pedras que ela usava naquele dia pertenciam ao senhor, sem exceção?

— Não. Havia também um colar de pérolas finas que eu havia dado a ela, em plena posse, e eram de grande valor.

— O senhor deu a ela em mãos?

— Eu enviei para ela por intermédio de um joalheiro.

Raoul acenou com a cabeça.

— Veja, senhor, até que ponto Valthex foi capaz de se informar a seu respeito. E se Valthex tivesse encontrado algum documento provando que esse colar de pérolas pertencia a sua tia, que peso teria tal documento!

E Raoul acrescentou:

— Agora é apenas uma questão de encontrar o colar de pérolas e os outros colares. Mais algumas palavras. No dia da tragédia, o senhor levou Elisabeth Hornain pelas encostas até as ruínas?

— Um pouco mais alto ainda.

— Sim, até a alameda horizontal de louros, que pode ser vista daqui?

— De fato.

— E os dois permaneceram invisíveis por um período de tempo maior do que o necessário?

— Sim, isso mesmo. Não conseguíamos estar sozinhos havia duas semanas, e nos abraçamos longamente.

— E depois?

— Bem, ela pretendia cantar certas peças, para as quais desejava que que seus adornos e vestimentas fossem perfeitamente simples. Ela quis me

confiar todos os seus colares. Eu não quis. Elisabeth não insistiu, e ela me viu partir. Quando me virei ao final da alameda de louros, ela ainda estava imóvel.

— Ela ainda tinha os colares quando chegou à parte superior das ruínas?

— Eu não sei dizer exatamente. E esse é um ponto sobre o qual nenhum dos convidados pôde fazer uma declaração precisa. A ausência dos colares só foi notada após o desfecho do drama.

— Que seja. Mas o dossiê de Valthex contém provas do contrário. Na hora da tragédia, Elisabeth Hornain não tinha mais as joias.

O marquês conclui:

— Então elas teriam sido roubadas entre a alameda de louros e o terraço superior?

Houve um silêncio, e Raoul articulou lentamente, sílaba por sílaba:

— As joias não foram roubadas.

— Como assim, não foram roubadas! Mas por que Elisabeth Hornain teria sido assassinada?

— Elisabeth Hornain não foi assassinada.

Uma das maiores alegrias de Raoul era proceder assim, dando essas afirmações sensacionais. E essa alegria podia ser vista na pequena chama que se acendia em seus olhos.

O marquês gritou:

— Deus do céu! Eu vi o ferimento… Nunca ninguém duvidou que um crime tinha sido cometido. Quem o cometeu?

Raoul levantou o braço, estendeu seu dedo indicador e disse:

— Perseu.

— O que isso significa?

— O senhor me pergunta quem cometeu o crime. Respondo-lhe com muita seriedade: Perseu!

Ele terminou:

— E agora, por favor, tenham a gentileza de me acompanhar até as ruínas.

O Crime de Perseu

Jean de Erlemont não acatou imediatamente o pedido de Raoul. Ele permaneceu indeciso e, obviamente, muito comovido.

— Então, diga-me, estamos chegando ao fim? Eu procurei tanto, e sofri tanto, por não poder vingar Elisabeth! Será possível que finalmente saberemos a verdade sobre sua morte?

— Eu conheço essa verdade — disse Raoul. — E, quanto ao resto, quanto às joias que faltam, creio que também tenho uma certeza…

Antonine tinha certeza. Seu rosto claro mostrava uma confiança que não fazia nenhuma restrição. Ela apertou a mão de Jean de Erlemont para comunicar sua alegre convicção.

Quanto ao Gorgeret, cada músculo em seu rosto estava contraído. Sua mandíbula rangia. Ele não podia admitir que os problemas aos quais ele havia dedicado tanto esforço, em vão, seriam resolvidos por seu odiado rival. Ele esperava e temia, ao mesmo tempo, um sucesso humilhante para ele.

Jean de Erlemont refez o caminho que havia seguido quinze anos atrás, na companhia da cantora. Antonine o seguia, precedida por Raoul e Gorgeret.

O mais calmo de todos, com certeza, era Raoul. Ele estava encantado ao ver a jovem caminhando diante dele, e notou certos detalhes que a distinguiam de Clara: uma marcha menos sinuosa e mais suave, mais ritmada e mais simples, menos voluptuosa e mais digna, com menos graça felina e mais naturalidade. E o que ele notava na caminhada, ele percebeu que também podia ser encontrado na atitude de Antonine e em seu próprio rosto, quando ela era contemplada de frente. Por duas vezes, tendo que

desacelerar por causa das ervas daninhas que cresciam pelo caminho, ela caminhou lado a lado com ele. Ele notou que ela estava corada. Eles não trocaram uma única palavra.

O marquês subiu os degraus de pedra que levavam para fora do jardim sem flores, e depois subiu os degraus que conduziam ao segundo terraço, o qual se prolongava à direita e à esquerda por matas de louro que pendiam de vasos velhos, com as bases rachadas e cobertas de musgo. Ele virou à esquerda para alcançar as encostas e degraus que subiam através das ruínas. Raoul o deteve.

— Foi aqui que o senhor e Elisabeth Hornain se abraçaram?

— Sim.

— Onde, exatamente?

— Aqui, onde eu estou.

— O senhor poderia ser visto do castelo?

— Não. Os arbustos, que não eram podados ou tratados, hoje estão nus. Mas eles costumavam formar uma cortina grossa, de cima para baixo.

— Então era aqui que Elisabeth Hornain estava parada, quando o senhor se virou?

— Sim. Minha memória reteve uma visão fiel de sua figura. Ela me enviou um beijo. Lembro-me de seu gesto apaixonado. E aquela ruína, bem ali, era como uma moldura verde que a envolvia. Eu nunca me esqueci.

— E quando o senhor voltou para o jardim, o senhor se voltou uma segunda vez?

— Sim, para vê-la novamente assim que ela saísse da alameda.

— E o senhor a viu?

— Não de imediato, mas quase imediatamente.

— Normalmente, o senhor teria visto isso imediatamente? Ela deveria ter saído logo da alameda?

— Sim.

Raoul começou a rir suavemente.

— Por que você está rindo? — disse Erlemont.

E Antonine também o questionava, com todo o seu ser pendendo em direção a ele.

— Eu rio porque, quanto mais complicado um caso parece, mais complicada queremos que seja a solução. Nunca perseguimos uma ideia simples, mas sempre as soluções extravagantes e tortuosas. Em suas

investigações posteriores, o que o senhor veio procurar? Colares?

— Não, porque tinham sido roubados. Eu procurava pistas que pudessem me levar até o assassino.

— E nem uma vez o senhor se perguntou se, por acaso, os colares haviam sido roubados?

— Nunca.

— E nem Gorgeret, nem seus companheiros, jamais se fizeram essa pergunta. Nunca foi formulada a verdadeira pergunta; todos continuavam a bater na mesma tecla.

— Qual era a verdadeira pergunta?

— A pergunta infantil que o senhor me obrigou a considerar: Elisabeth Hornain, que preferia cantar sem os colares, não os teria colocado em algum lugar?

— Não pode ser! Não se deixa tais riquezas à inveja dos transeuntes.

— Que transeuntes? O senhor sabe perfeitamente, e ela também sabia, que todos estavam perto do castelo.

— Então você acha que ela depositou suas joias em algum lugar?

— Sim, para buscá-las quando descesse, dez minutos depois.

— Mas depois da tragédia, quando todos nós viemos correndo, não as teríamos visto?

— Ela os guardou em um lugar onde não podiam ser vistos.

— Onde?

— Naquele vaso velho, por exemplo, que estava ao alcance de sua mão… E onde deveria haver, assim como nos outros, alguma suculenta, ou alguma dessas plantas que prosperam na sombra. Ela só teria que se levantar na ponta dos pés, estender o braço, e colocar as joias sobre a terra do vaso. Um gesto natural, um depósito provisório, que o acaso e a estupidez dos homens tornaram definitivo.

— Como… definitivo?

— Por Deus! As plantas murcharam, as folhas caíram e apodreceram, e se formou uma espécie de húmus que cobre o depósito, tornando-o o mais inacessível dos esconderijos.

Erlemont e Antonine ficaram em silêncio, impressionados com tal certeza pacífica:

— Você está sendo categórico — disse Erlemont.

— Sim, porque é a verdade. É só estender a mão, para ter certeza.

O marquês hesitou. Ele estava muito pálido. Depois, ele repetiu o gesto feito por Elisabeth Hornain. Ele se ergueu na ponta dos pés, esticou o braço, remexeu entre a aglomeração de terra úmida que o tempo havia formado no fundo do vaso, e murmurou com um estremecimento:

— Sim… Estão aqui… Posso sentir os colares… As facetas das pedras… As correntes que as unem… Meu Deus! Como me lembro dela, usando essas joias!

Ele estava tão dominado pela emoção que mal ousava levar adiante seu ato. Um a um, ele arrancou os colares. Havia cinco deles. Apesar de toda a sujeira, o vermelho dos rubis, o verde das esmeraldas, o azul das safiras ofuscavam, e pedaços de ouro brilhavam. Ele sussurrou:

— Falta um… Eram seis…

Tendo pensado nisso, ele repetiu:

— Sim… Falta um… Falta o colar de pérolas que dei para ela… É estranho, não é? Poderia ter sido roubado antes que ela guardasse os outros?

Ele lançou essas perguntas sem dar muita importância a elas, pois esse último enigma lhe pareceu insolúvel. Mas os olhares de Raoul e Gorgeret se encontraram. O inspetor pensava consigo mesmo: "Foi ele quem levou as pérolas… Ele está bancando o feiticeiro conosco, pois esta manhã, ou ontem, ele deve ter vasculhado tudo e levado sua parte do butim".

E Raoul acenou com a cabeça e sorriu, como se dissesse: "É isso aí, meu velho… Você descobriu… O que você quer? É preciso fazer a vida!".

A doce Antonine não fez nenhuma suposição. Ela ajudava o marquês a organizar e embalar os colares de pedras preciosas. Tendo terminado, o marquês de Erlemont conduziu Raoul em direção às ruínas.

— Continuemos — disse ele. — Conte-me sobre ela, sobre o que aconteceu. Como ela morreu? Quem a matou, a pobre infeliz? Nunca esqueci essa morte terrível… Nunca me recuperei do meu pesar… Eu gostaria tanto de saber!

Ele questionava como se Raoul tivesse em suas mãos a verdade sobre todas as coisas, como se fosse um objeto escondido sob um véu, que poderia ser descoberto apenas pela sua vontade. Bastava Raoul querer, para que a escuridão se enchesse de luz e as revelações mais extraordinárias saíssem de sua boca.

Eles chegaram ao terraço superior, perto do monte onde Elisabeth havia morrido. De lá, eles podiam ver todo o castelo, o parque e a torre de entrada.

Antonine, que estava perto de Raoul, sussurrou:

— Estou muito feliz pelo meu padrinho, e eu lhe agradeço… Mas estou com medo…

— Você está com medo?

— Sim… com medo do Gorgeret… Você tem que ir embora!

Ele respondeu suavemente:

— Que prazer a senhorita me dá! Mas não há perigo, porque eu estou contando tudo o que sei, tudo o que Gorgeret está tão ansioso para saber! Devo ir embora antes?

Sentindo que ela estava reconfortada, e como o marquês ainda o pressionava com perguntas, Raoul explicou:

— Como o drama se desenrolou? Como vê, senhor, para chegar ao objetivo, segui o caminho oposto ao que o que o senhor havia seguido. Sim, a evolução dos meus pensamentos começou de um ponto oposto. Se concluí que talvez não houvesse um ladrão, foi porque assumi, desde o início, que talvez não houvesse um assassino. E se eu assumi isso, foi porque as circunstâncias eram tais que não poderíamos deixar de ver este assassino. Não se mata na frente de quarenta pessoas, em plena luz do dia, sem que essas quarenta pessoas vejam a execução do assassinato. Um tiro? Teriam ouvido. Um golpe com um pedaço de pau? Teriam visto. Um golpe com uma pedra? Teriam surpreendido o gesto. Mas tudo foi invisível e silencioso. Então foi necessário procurar causas de morte além das puramente humanas, ou seja, além das causadas pela vontade do homem.

O marquês perguntou:

— A morte, então, foi acidental?

— A morte foi acidental, e foi um efeito do acaso. Bem, as manifestações do acaso são ilimitadas, e podem assumir as formas mais incomuns e excepcionais. Uma vez estive envolvido em uma aventura, na qual a honra e a fortuna de um homem dependiam de um documento escondido no alto de uma torre muito alta, sem escadas[3]. Certa manhã, esse homem notou que as duas extremidades de uma corda muito longa estavam penduradas em cada lado da torre. Consegui descobrir que essa corda tinha caído de um balão dirigível do qual os passageiros, para

aliviarem o seu peso, tinham jogado fora todo o equipamento. Por acaso, a corda tinha caído exatamente onde deveria, oferecendo um meio muito conveniente de escalada. Um milagre, de fato. A multiplicidade de combinações é tamanha que, a todo momento, na natureza, milhares e milhares de milagres acontecem.

— Então…

— Então, a morte de Elisabeth Hornain foi causada por um fenômeno físico que é extremamente frequente, mas muito raramente tem consequências fatais. Essa hipótese surgiu em minha mente depois que Valthex acusou o pastor Gassiou de ter atirado uma pedra com sua funda. Eu concluí que Gassiou não poderia ter estado aqui, mas que uma pedra pôde atingir Elisabeth Hornain; e que essa era mesmo a única explicação plausível para sua morte.

— Uma pedra caída do céu? — disse o marquês, não sem ironia.

— Por que não?

— Ora, vamos! Quem teria atirado esta pedra?

— Eu lhe disse, caro senhor: Perseu!

O marquês o implorou:

— Eu suplico, não zombe de mim.

— Mas estou falando muito sério — disse Raoul — e falo conscientemente, confiando não em hipóteses, mas em fatos incontestáveis. Todos os dias, milhões de pedras, sólidos, aerólitos, meteoritos, fragmentos de planetas dissociados, cruzam o espaço a velocidades vertiginosas, inflamam-se ao entrarem na atmosfera, e caem. Todos os dias caem toneladas e toneladas delas. Milhões delas já foram coletados, em todas as formas e tamanhos. Quando uma delas, por um acaso assustador, atinge um ser, é a morte certa — uma morte insensata, e às vezes incompreensível. Bem…

Depois de uma pausa, disse Raoul:

— Bem, as chuvas de projéteis, que ocorrem durante todo o ano, são mais frequentes e mais densas em certos períodos fixos, e o mais conhecido é o que ocorre no mês de agosto, exatamente entre os dias 9 e 14, e que parece ter seu ponto de origem na constelação de Perseu. Daí o nome de *Perséiades*, sob o qual designamos esta poeira de estrelas cadentes. E daí a brincadeira que eu me permiti, ao acusar Perseu.

Sem dar ao marquês a oportunidade de expressar qualquer dúvida ou objeção, Raoul continuou:

— Há quatro dias atrás, um homem de minha confiança, hábil e dedicado, pulou o muro e vasculhou as ruínas nas proximidades deste monte; e eu mesmo estive aqui ontem, e hoje de madrugada.

— Você encontrou algo?

— Sim.

Raoul exibiu uma pequena bola, do tamanho de uma noz, redonda, mas áspera, cheia de bordas pontiagudas, cujos cantos teriam sido entorpecidos pela fusão, que tinha coberto a superfície com uma espécie de esmalte preto brilhante.

Ele tinha se interrompido, e retomou:

— Este projétil, não tenho dúvidas, foi visto pelos policiais da investigação original, mas ninguém o notou, pois estavam procurando alguma bala de fuzil ou projétil feito pelo homem. Para mim, sua presença aqui é uma prova indiscutível da realidade. Eu tenho outras evidências. Primeiramente, a data da própria tragédia: 13 de agosto, que é um dos dias em que a Terra passa sob as Perséiades. E lhes direi que esta data de 13 de agosto foi um dos primeiros pontos de luz que me veio à mente. E depois eu tive uma prova irrefutável, que não foi apenas uma prova de lógica e raciocínio, mas uma prova científica. Ontem levei esta pedra a Vichy, a um laboratório de química e biologia. Pressionados contra a camada externa de verniz, foram encontrados fragmentos de tecido humano carbonizado… Sim, fragmentos de pele e carne, células arrancadas de um ser vivo, que se carbonizaram em contato com o projétil queimado, e aderiram a ele de forma tão indissolúvel que o tempo não conseguiu removê-los. Essas amostras foram preservadas pelo químico, e serão objeto de um relatório, por assim dizer oficial, que será entregue ao senhor marquês de Erlemont, e ao *Seu* Gorgeret, se ele estiver interessado.

Raoul se virara na direção do "Seu" Gorgeret.

— Além disso, o caso foi encerrado pela justiça há quinze anos, e não deve ser reaberto. O "Seu" Gorgeret pode ter notado certas coincidências e descoberto que o senhor desempenhou algum papel nisso. Mas ele nunca terá nenhuma outra prova, além das falsas provas que Valthex lhe daria, e não ousará insistir em uma aventura na qual ele se mostrou tão incompetente. Não é, senhor Gorgeret?

Raoul se plantou na frente dele e, como se o visse de repente, disse:

— O que você diz, meu velho? Você não acha que minha explicação faz sentido, e que ela é a própria expressão da verdade? Nenhum roubo. Nenhum assassinato. Então, você não serviu para nada? A justiça… A polícia… São apenas um monte de besteiras? Um rapaz como eu, simples, modesto, aparece na aventura que você está investigando, desembaraça a meada, pega o projétil que ninguém tinha encontrado, encontra os colares como se fossem seixos plantados… E vai embora, com a cabeça erguida, um sorriso no rosto, com o senso de dever cumprido. Adeus, gorducho. Dê à senhora Gorgeret meus melhores cumprimentos, e conte a ela toda a história. Isso vai distraí-la e só vai aumentar meu prestígio com ela. Você me deve isso.

Muito lentamente, o inspetor levantou o braço e colocou sua pesada mão sobre o ombro de Raoul, que parecia atordoado e exclamou:

— Oh! O que você está fazendo? Agora você está me prendendo? Que cara de pau! Então, eu faço seu trabalho e, em agradecimento, recebo algemas? Imagino o que você faria se estivesse diante de um ladrão, em vez de um cavalheiro.

Gorgeret ainda cerrava os dentes. Cada vez mais, crescia a indiferença e o desdém por esse cavalheiro que manipulava os acontecimentos, e não se importava com o que as pessoas poderiam dizer ou pensar. Que Raoul estivesse se divertindo… Tanto melhor! Gorgeret realmente apreciava os seus discursos, registrava as revelações, ponderava os seus argumentos.

Finalmente, ele pegou um grande apito e o colocou calmamente na boca, soltando um estridente chamado que ecoou contra as rochas próximas e ricocheteou pelo vale.

Raoul não escondeu seu espanto.

— Então, é sério?

O inspetor zombou, com benevolência:

— Você ainda pergunta?

— Então, ainda é guerra?

— Sim, mas desta vez eu me preparei cuidadosamente. Desde ontem, meu rapaz, tenho observado a propriedade; e, desde esta manhã, eu sabia que você estava escondido aqui. Todos os arredores do castelo, todas as muralhas que levam à esquerda e à direita das ruínas e se conectam com este promontório íngreme, tudo está vigiado. Brigada de Polícia, inspetores

de Paris, comissários da região, todos estão aqui.

O sino da porta de entrada tocou. Gorgeret anunciou:

— Primeiro esquadrão. Assim que esta equipe for apresentada, um segundo apito irá desencadear o ataque. Se você tentar fugir, será baleado como um cão. As ordens são expressas.

O marquês interveio.

— Senhor inspetor, não permito que ninguém entre em minha casa sem minha permissão. Este homem tinha um compromisso comigo. Ele é meu convidado. Ele me fez um favor. As portas não serão abertas. Além disso, eu estou com a chave.

— As portas podem ser arrombadas, senhor marquês.

— Com uma marreta? — ridicularizou Raoul. — Com um machado? Você não vai conseguir antes do anoitecer. E até lá, como eu fico?

— Com dinamite! — rosnou Gorgeret.

— Você tem alguma no bolso? — Raoul o chamou de lado. — Duas palavras, Gorgeret. Dada a minha conduta na última hora, eu esperava que ambos saíssemos daqui de braços dados, como dois amigos. Como você se recusa a fazer isso, peço educadamente que abandone seu plano de ataque, que não destrua os portões históricos da propriedade, e que não me humilhe diante de uma senhorita, cuja estima é infinitamente cara para mim.

Gorgeret o espiava pelo canto do olho e dizia:

— Você está brincando comigo?

Raoul ficou indignado.

— Eu não estou brincando com você, Gorgeret. Apenas desejo que você considere todas as consequências dessa batalha.

— Estou considerando todas elas.

— Com a exceção de uma!

— Qual delas?

— Se você continuar teimando… Bem, em dois meses…

— Em dois meses…?

— Farei uma pequena viagem de duas semanas com a Zozotte.

Gorgeret se empertigou, seu rosto ficou vermelho, e respondeu surdamente:

— Eu arrancaria seu couro primeiro!

— É isso aí! — disse Raoul, alegremente. E, dirigindo-se a Jean de Erlemont: — Senhor, por gentileza, acompanhe o "Seu" Gorgeret, e mantenha as portas do castelo bem abertas. Dou-lhe a minha palavra de que nem uma gota de sangue será derramada, e que tudo será feito da maneira mais tranquila e decente: entre cavalheiros.

Raoul tinha autoridade demais sobre Jean de Erlemont para que este último não aceitasse uma solução que, de fato, o poupava de constrangimentos.

— Você vem, Antonine? — disse ele, enquanto se afastava.

Gorgeret exigiu:

— Você também, Raoul, venha.

— Não, eu vou ficar.

— Você vai tentar fugir, enquanto eu estiver lá fora?

— Este é um risco que você terá que correr, Gorgeret.

— Então, eu também vou ficar… Não vou perdê-lo de vista.

— Então eu vou te amarrar e te amordaçar, como fiz da última vez. Escolha.

— Enfim, o que você quer?

— Fumar um último cigarro, antes de ser capturado.

Gorgeret hesitou. Mas, o que ele tinha a temer? Tudo estava planejado. Não havia fuga possível. Ele se juntou ao marquês de Erlemont.

Antonine queria segui-los, mas não tinha forças para isso. Seu rosto pálido denunciava uma angústia extrema. A própria forma do sorriso havia deixado seus lábios.

— Qual é o problema, senhorita? — Raoul perguntou a ela, gentilmente.

Ela lhe suplicou, com uma expressão de angústia.

— Esconda-se em algum lugar… Deve haver esconderijos seguros.

— Por que me esconder?

— Como?! Então, eles o levarão!

— Nem em um milhão de anos. Eu vou fugir.

— Não há saída.

— Isso não é motivo para que eu não consiga fugir.

— Eles vão matá-lo.

— E isso a magoaria? A senhora se importaria se acontecesse alguma coisa acontecesse com o homem que uma vez a insultou neste castelo? Não,

não responda. Temos tão pouco tempo juntos, apenas alguns minutos, e eu tenho tanto para lhe falar.

Sem tocá-la, e sem que ela tivesse consciência disso, Raoul a atraiu um pouco para longe, de modo que eles não pudessem ser vistos de nenhum local do parque. Entre uma vasto pedaço de parede, um vestígio da velha torre e um monte de ruínas desmoronadas, havia um espaço vazio, talvez de dez metros de largura, onde não se via o precipício, bordejado por uma parede de pedras secas, muito pequena e baixa. Era como uma sala isolada, com uma ampla janela aberta sobre o abismo, onde o rio corria em um horizonte maravilhoso de planícies onduladas.

Foi Antonine quem falou, e com uma voz menos ansiosa:

— Não sei o que vai acontecer, mas não tenho mais medo. E gostaria de agradecer ao senhor, em nome do senhor de Erlemont… Ele vai ficar com o castelo, não vai? Como o senhor havia proposto?

— Sim.

— Outra coisa, que eu gostaria de saber… E só o senhor pode me responder. O marquês de Erlemont é meu pai?

— Sim. Eu vi a carta de sua mãe, ela era bem explícita.

— Eu não tinha dúvidas sobre a verdade, mas não tinha provas. E isso tornava as coisas embaraçosas entre nós. Fico feliz em podermos dar vazão aos nossos afetos. E ele é o pai de Clara também, não é?

— Sim, Clara é sua irmã.

— Eu direi a ele.

— Suponho que ele já tenha adivinhado.

— Eu não acredito nisso. De qualquer forma, o que ele fizer por mim, eu desejo que ele faça por ela. Algum dia eu a verei, não é mesmo? Espero que ela escreva para mim…

Ela falava de forma simples, sem ênfase ou excesso de gravidade. Um pouco de seu adorável sorriso encheu novamente o seu rosto de covinhas. Raoul tremeu, e seus olhos não deixavam de admirar aqueles lindos lábios. Ela murmurou:

— Você a ama, não é mesmo?

Ele disse em voz baixa, e olhando profundamente para ela:

— Eu a amo através de sua memória, e com um pesar que não desaparecerá. O que eu amo nela é a primeira impressão de uma menina que entrou em minha casa, no dia em que chegou a Paris. Essa menina tem

um sorriso que nunca esquecerei, e algo especial que me comoveu desde o início. É o que tenho procurado desde então, quando eu pensava que havia apenas uma, cujo nome era Antonine ou Clara. Agora que sei que são duas, levarei comigo uma linda imagem… Que é a imagem do meu amor… Que é o meu amor… E que você não pode tirar de mim.

— Meu Deus! — disse ela, corada. — O senhor não tem o direito de falar comigo dessa maneira!

— Eu tenho, pois não vamos nos encontrar novamente. O acaso dessa semelhança nos ligou um ao outro, com laços reais. Desde o dia em que eu amei Clara, é você que eu amo. E é impossível que um pouco do amor dela não se misture com um pouco da sua simpatia… Do seu afeto…

Ela sussurrou, com uma perturbação que ela não pôde esconder:

— Vá embora, eu imploro.

Ele deu um passo em direção ao abismo. Ela ficou assustada.

— Não! Não! Não desse lado!

— Não há outra saída.

— Mas isso é terrível! Não pode ser! Eu não quero!… Não! Não!… Eu imploro.

Essa terrível ameaça de perigo a transformava. Por alguns momentos ela não foi mais a mesma, e seu rosto expressava todos os medos, todas as ansiedades e todas as súplicas de uma mulher cujos sentimentos, desconhecidos para ela, afloram de repente.

Ouviam-se vozes vindas do castelo, talvez do jardim. Gorgeret e seus homens avançavam em direção às ruínas.

— Fique… Fique… — disse ela. — Vou lhe salvar… Ah, que horror!

Raoul havia jogado uma de suas pernas sobre a pequena parede.

— Não tenha medo, Antonine… Eu estudei a face do penhasco, e posso não ser o primeiro a me aventurar aqui. Juro que, para mim, é apenas uma brincadeira.

Mais uma vez, ela foi influenciada por ele ao ponto de conseguir se controlar.

— Sorria para mim, Antonine.

Ela sorriu, com um esforço doloroso.

— Ah! — disse Raoul — Como você espera que algo me aconteça, com esse sorriso em seus olhos? Faça melhor, Antonine. Se quer me salvar, me dê a sua mão.

Ela estava diante dele. Ela estendeu a mão, mas antes que ele a beijasse, ela a retirou, curvou-se, e permaneceu assim por alguns segundos, com as pálpebras meio fechadas; e, finalmente, curvando-se ainda mais, ofereceu-lhe seus lábios.

O gesto era tão encantador, e repleto de tanta castidade, que Raoul percebeu que, para ela, era apenas uma carícia fraterna. Ela não compreendia a razão, a causa mais profunda desse impulso. Ele beijava os seus lábios macios e sorridentes, e respirava o hálito puro da menina.

Ela se levantou, espantada com a emoção que sentia, cambaleou sobre si mesma e gaguejou:

— Vá embora… Não tenho mais medo. Vá embora… Não vou esquecer…

Ela se virou em direção às ruínas. Ela não tinha coragem de mergulhar seus olhos no abismo, e ver Raoul se agarrando às asperezas do penhasco. E, enquanto ouvia as vozes rudes que se aproximavam, ela esperava um sinal dele, para avisá-la de que estava a salvo. Ela esperou sem medo, certa de que Raoul teria sucesso.

Abaixo da plataforma, silhuetas de homens passavam, abaixando-se e vasculhando a mata.

O marquês chamava:

— Antonine!… Antonine!…

Alguns minutos se passaram. Seu coração estava apertado. Depois ouviu-se o som de um carro no vale, e o som de uma buzina que ecoava alegremente.

Seu lindo sorriso escureceu-se de melancolia, e seus olhos ficaram cheios de lágrimas:

— Adeus!… Adeus!…

A vinte quilômetros de distância, Clara esperava aflita, em um quarto de pousada. Ela se atirou sobre ele, febrilmente:

— Você a viu?

— Pergunte-me primeiro — ele riu — se eu vi Gorgeret, e como pude escapar do seu terrível abraço. Foi difícil. Mas eu fiz bem o meu papel.

— E ela?… Fale-me sobre ela…

— Encontrei os colares… E o projétil…

— Mas, e ela?… Você a viu? Confesse!

— Quem? Ah! Antonine Gautier? Bem, sim, por acaso ela estava lá.

— Você falou com ela?

— Não… Não… Foi ela que falou comigo.

— Sobre o quê?

— Oh! De você, só de você… Ela adivinhou que vocês são irmãs, e ela quer vê-la um dia…

— Ela se parece comigo?

— Sim… Não… Vagamente, de qualquer forma. Vou contar tudo em detalhes, querida.

Ela não o deixou contar nada naquele dia. Mas, de vez em quando, no carro que os levava para a Espanha, ela fazia uma pergunta:

— Ela é bonita? Mais bonita que eu, ou menos? Uma beleza de provinciana, não é?

Raoul respondia o melhor que podia, às vezes um pouco distraído. Ele evocava, lá no fundo, com um prazer inefável, o caminho pelo qual ele havia escapado de Gorgeret. Na verdade, o destino estivera a seu favor. Aquela fuga romântica, para a qual ele *realmente* não tinha se preparado, não sabendo das manobras de Gorgeret, aquela fascinante fuga pelo espaço! E que doce recompensa, o beijo daquela virgem de sorriso puro!

— Antonine! Antonine! — ele repetia para si mesmo.

Valthex anunciou que faria sensacionais revelações. Mas ele não o fez, tendo mudado de ideia. Além disso, Gorgeret descobriu acusações precisas contra ele a respeito de dois crimes, encontrando provas contra Valthex, *vulgo* o Grande Paul. O bandido entrou em pânico. Numa bela manhã, ele foi encontrado enforcado.

O Árabe, por outro lado, nunca pagou o preço por sua delação. Como cúmplice desses dois crimes, ele foi condenado a trabalhos forçados e morreu durante uma tentativa de fuga.

Talvez valha a pena contar que, três meses depois, Zozotte Gorgeret sumiu de casa por quinze dias, e depois retornou para o lar conjugal sem dar nenhuma explicação a Gorgeret.

— É pegar ou largar — disse-lhe ela. — Você ainda me quer?

Ela nunca tinha sido tão atraente, e parecia ter rejuvenescido quando voltou daquela viagem. Seus olhos brilhavam. Ela estava radiante de felicidade. Gorgeret, deslumbrado, abriu seus braços e pediu perdão.

Outro fato, digno de nota, merece ser relatado. Alguns meses depois, exatamente ao final do sexto mês após a rainha Olga ter deixado Paris na

companhia do rei, os sinos do reino danubiano de Borostyria tocaram com toda pompa para anunciar um importante evento. Após dez anos de espera, quando não havia mais esperança, a rainha Olga havia dado à luz um herdeiro.

O rei apareceu na sacada e apresentou a criança à multidão delirante. Sua Majestade estava radiante de alegria e legítimo orgulho. O futuro da linhagem estava garantido…

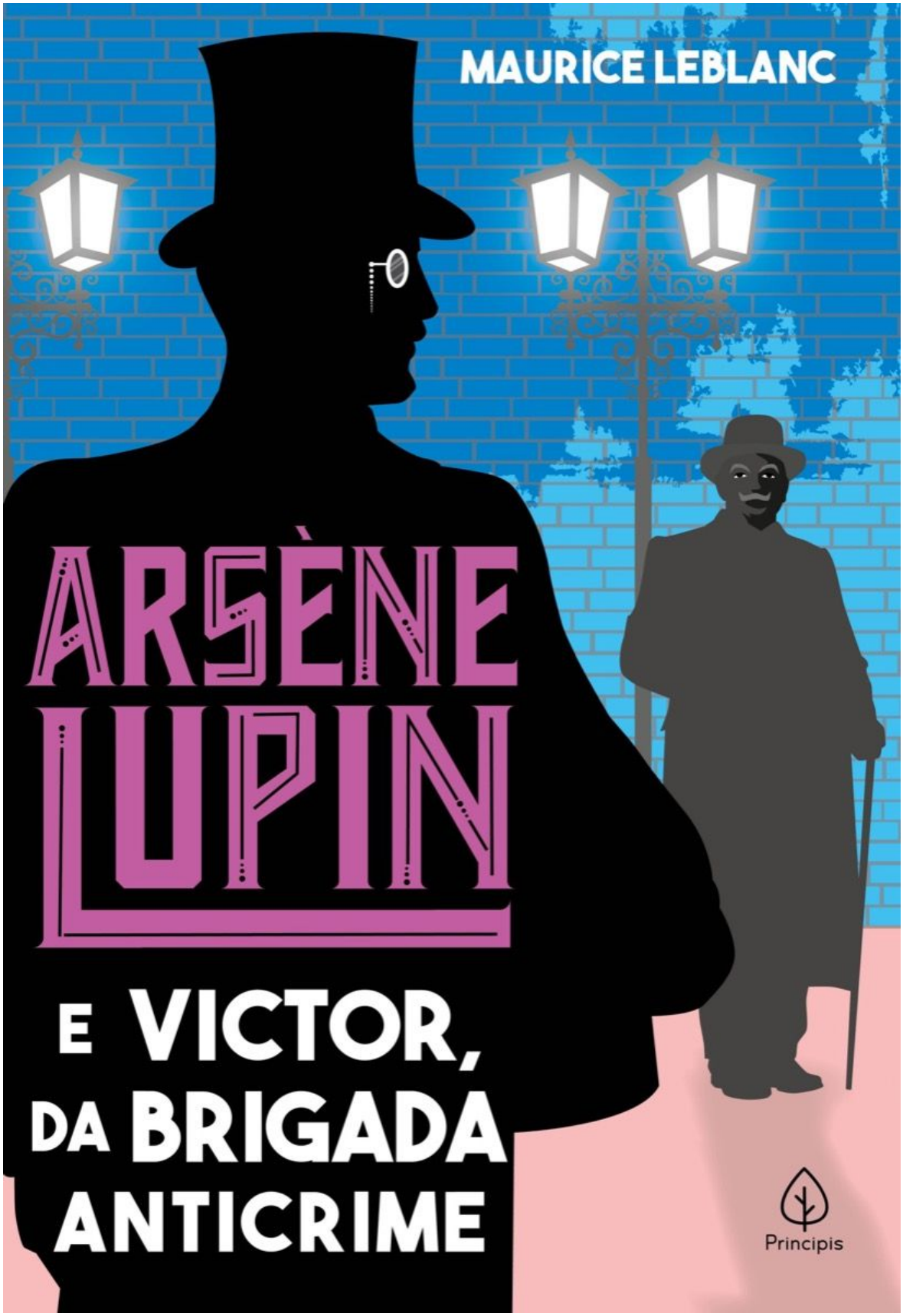
---

[3] Referência ao capítulo "Milagres acontecem" ("Le hasard fait des miracles"), do livro: *Agência Barnett e Associados: as novas aventuras de Arsène Lupin* (*L'Agence Barnett et Cie.*, 1928). (N.T.)

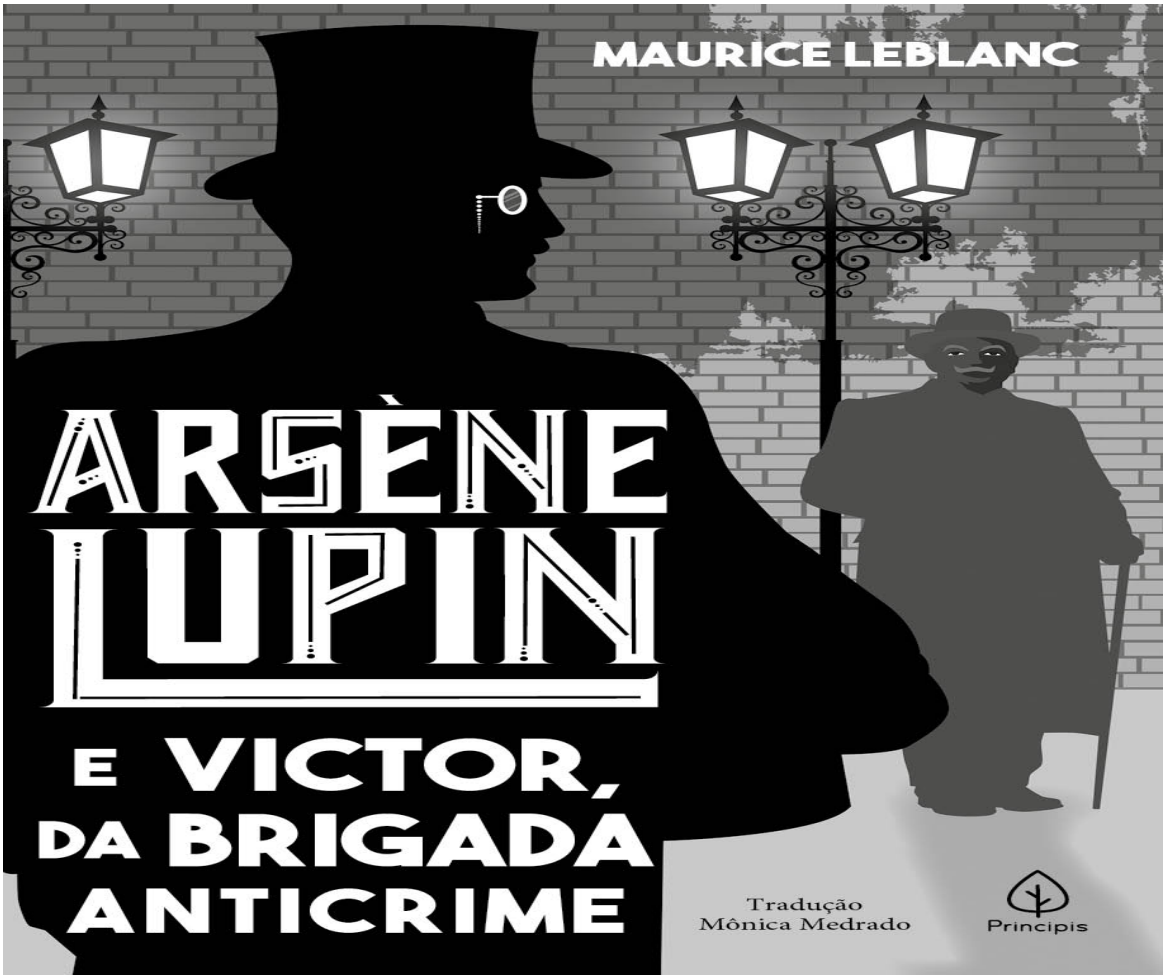
MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E VICTOR, DA BRIGADA ANTICRIME



Principis


MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E VICTOR, DA BRIGADA ANTICRIME
Tradução
Mônica Medrado
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Victor, de la Brigade Mondaine
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Mônica Medrado
Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai
Revisão
Maitê Ribeiro
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de Capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
Maryia Darozhka ART/shutterstock.com;
Ilya Bolotov/shutterstock.com;
ntnt/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e Victor, da brigada anticrime [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Mônica Medrado. — Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 1,3 MB. - (Arsène Lupin)
Tradução de: Victor, de la Brigade mondaine
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-535-9 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Medrado, Mônica. II. Título. III. Série.

2021-2202 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Victor, da Brigada Anticrime, a quem o roubo das apólices do governo, o duplo assassinato do padre Lescot e de Élise Masson, e a sua teimosa luta contra Arsène Lupin lhe valeram enorme reputação, era, antes dessa época, um velho policial, habilidoso, ardiloso, ranzinza, insuportável mesmo, que fazia seu trabalho amador para quando lhe "desse na telha"; razão pela qual a imprensa muitas vezes teve oportunidade de destacar suas atitudes atípicas e seu método para lá de imaginativo. Devido ao impacto provocado por algumas reclamações, no comandante-geral da polícia, eis aqui a nota confidencial que a ele foi comunicada pelo senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, apoiador incondicional de seu subordinado.

O inspetor Victor, cujo verdadeiro nome é Victor Hautin, é filho de um promotor público, falecido em Toulouse há quarenta anos. Victor Hautin passou parte de sua vida nas colônias francesas. Admirável funcionário público, encarregado das mais delicadas e perigosas missões, muitas vezes teve de ser transferido após reclamações feitas contra ele por maridos, cujas esposas seduzira, ou por pais, cujas filhas levara consigo. Esses escândalos o impediram de reivindicar altos cargos administrativos.

Mais sossegado ao longo dos anos, e após herdar uma bela fortuna, mas ansioso para ocupar o seu tempo livre, foi-me recomendado por um de meus primos, residente em Madagascar, que tinha grande estima por Victor Hautin. Na verdade, apesar da sua idade, da sua excessiva independência e do seu caráter sombrio, trata-se de um auxiliar precioso, discreto, sem ambição, pouco preocupado com propagandas e cujos serviços aprecio em demasia.

Francamente falando, quando essa nota foi escrita, a fama de Victor não ultrapassava seu estreito círculo de chefes e de colegas. Para colocá-lo em evidência, foi preciso aparecer inesperadamente, diante dele, esse extraordinário, esse formidável personagem chamado Arsène Lupin, que daria ao soturno caso das apólices o seu significado e a sua merecida

atenção. Parece que as já notáveis qualidades do velho inspetor foram subitamente elevadas à máxima potência pelo prodigioso adversário que, dadas as circunstâncias, constituía um desafio.

Travou uma batalha ardente, implacável, cheia de ódio e de artimanhas. De início, nas sombras, depois em pleno lampejo, foi por conta da inesperada reviravolta com que esse caso termina, aliada ao prestígio de Lupin, que fizeram o nome de Victor, da Brigada Anticrime, famoso em todo o mundo.

Ela corre. A lebre está correndo...

1

Foi por puro acaso que Victor, da Brigada Anticrime, entrou no Cine Balthazar, em um domingo à tarde. Uma falha em uma perseguição o fez abortar uma missão, por volta das quatro horas, no populoso Boulevard de Clichy. Para escapar da confusão de um parque de diversões, ele se sentou no terraço de um café e, percorrendo um jornal vespertino, leu este pequeno artigo:

> *Dizem que, por estes dias, o célebre ladrão Arsène Lupin, depois de alguns anos de silêncio, mas de quem se fala muito ultimamente, foi visto em uma cidade do Leste, na última quarta-feira. Inspetores foram enviados de Paris. E mais uma vez, ele teria escapado das garras da polícia.*

"Canalha!", murmurou Victor, um policial inflexível que considera os malfeitores como inimigos pessoais, e que se dirige a eles com termos desprovidos de qualquer amenidade.

Foi então que, bastante mal-humorado, refugiou-se no cinema, onde, na segunda sessão, era exibido um filme popular de aventuras policiais. Ele se sentou no balcão lateral. O intervalo chegava ao fim. Victor resmungou, agora furioso com sua decisão. O que ele estava fazendo lá? Estava prestes a sair e já ia se levantando, quando viu sozinha, em um camarote à sua frente, a poucos metros dele, uma mulher lindíssima, de rosto pálido, usando uma bandana vermelha, de reflexo alaranjado. Era uma daquelas admiráveis criaturas para quem todos os olhares são atraídos, mesmo que

não procurasse chamar atenção nem pela forma como se portava, nem pela exibição de qualquer ostentação.

Victor permaneceu. Antes que a escuridão tombasse sobre a sala, ele teve tempo de registrar o reflexo alaranjado da bandana e o brilho metálico de seus olhos claros e, sem se preocupar com o tédio que lhe provocavam as aventuras extravagantes do filme, ficou até o final.

Não que ainda estivesse na idade de se acreditar capaz de agradar a uma mulher. Não. Ele conhecia muito bem o azedume de seu aspecto, seu ar hostil, sua pele rugosa, suas têmporas grisalhas; em suma, esse conjunto grosseiro de um ex-ajudante de cavalaria que passou dos cinquenta anos, e que buscava se fazer elegante dentro de roupas muito justas e que cheiravam a confecção ordinária. Mas a beleza feminina era um espetáculo do qual ele não se cansava e que o fazia lembrar-se das melhores emoções da sua vida. Além disso, gostava do seu trabalho, pois algumas imagens o faziam querer discernir entre o que nelas se escondia de misterioso, de trágico ou, até mesmo, de infinitamente simples.

Quando a luz se difundiu novamente, a mulher se levantou, e ele constatou que ela era alta, muito distinta e muito bem-vestida, características essas que só o estimulavam. Ele queria ver, e queria saber tudo sobre ela, então decidiu que a seguiria, mais por curiosidade pessoal que por interesse profissional. Mas, no momento em que ele ia se aproximar, houve um tumulto repentino embaixo do balcão, entre a massa de espectadores que saía. Os gritos aumentavam. Uma voz masculina esbravejou:

— Pega ladrão! Detenham-na! Ela me roubou!

A elegante senhora debruçou-se para ver o tumulto. Victor se debruçou também. Embaixo, no corredor central, um jovem baixo e corpulento, gesticulava com o rosto contraído, lutando furiosamente para abrir caminho entre a fila de gente apressada ao seu redor. A pessoa para quem ele apontava o dedo em riste e tentava alcançar devia estar bem longe, pois nem Victor, nem nenhum dos espectadores, notou uma mulher correndo, tentando fugir. No entanto, ele vociferava, ofegante, erguendo-se na ponta dos pés, avançando com cotoveladas e dando empurrões com os ombros:

— Ali!… ali!… ela está atravessando a porta… de cabelos negros… de vestido preto… de chapéu…

Ele ofegava, incapaz de dar qualquer informação que pudesse identificar a mulher. Ao final, empurrou as pessoas com tanta violência que conseguiu abrir caminho e pular pelo saguão de entrada, até o vão dos portões abertos.

Foi aqui que Victor, que já descera do balcão, juntou-se a ele e o ouviu dizer novamente:

— Pega ladrão! Detenham-na!

Todo o barulho do parque de diversões crepitava do lado de fora, uma intensa nuvem de poeira se erguia na sombra do anoitecer. Atormentado, tendo sem dúvida perdido a fugitiva de vista, o jovem, imóvel por dois ou três segundos na calçada, a rastreava com os olhos, espiando à direita, à esquerda, à frente. Então, de supetão, ele a viu e correu em direção à Praça Clichy, deslizando por entre carros e bondes.

Ele já não gritava, mas corria rápido, às vezes pulando, como se esperasse surpreender novamente aquela que o roubara, entre as centenas de transeuntes. No entanto, ele tinha a impressão de que, desde o cinema, alguém também corria, quase que ao seu lado, e isso deve tê-lo encorajado, porque redobrou de velocidade.

Uma voz lhe perguntou:

— O senhor ainda a vê?… Como diabos pode vê-la?

Esbaforido, ele sussurrou:

— Não… eu não a vejo mais. Mas ela certamente pegou essa rua daqui…

Ele seguiu por uma rua bem menos movimentada, onde seria impossível não distinguir uma mulher que caminhava mais rápido do que os outros.

Em um cruzamento, ele ordenou:

— Pegue a rua da direita… e eu, esta daqui. Nos encontraremos no final dela… Lembre-se… de cabelos castanhos, vestida de preto…

Mas não tinha dado nem vinte passos, na rua por ele escolhida, e se escorou contra um muro, sem fôlego, cambaleante. E foi somente nesse momento que percebeu que seu companheiro não só não o tinha obedecido, como ainda também se escorava em sinal de reciprocidade ao seu cansaço.

— Como? — perguntou ele encolerizado. — O senhor de novo? E, no entanto, eu o recomendei…

— Sim — respondeu o outro —, mas o senhor parecia escolher o caminho ao acaso, desde a Praça Clichy. É preciso pensar. Estou acostumado com histórias desse tipo. Às vezes, vamos mais rápido sem nos mexer.

O jovem observou essa figura prestativa que, estranhamente, apesar de sua aparência idosa, não estava esbaforido com a corrida.

— Ah! — exclamou ele, carrancudo. — Então o senhor está acostumado com isso?

— Sim, sou da polícia… Inspetor Victor.

— O senhor é da polícia? — repetiu o jovem distraidamente, com os olhos fixos. — Nunca vi um sujeito da polícia.

Teria sido essa uma apresentação agradável ou desagradável para ele?

Ele estendeu a mão para Victor e agradeceu.

— Adeus. O senhor foi muito gentil — e já ia se afastando, quando Victor o deteve.

— Mas, e quanto a essa mulher? Essa ladra?

— Não se preocupe… vou encontrá-la.

— Eu poderia ajudá-lo, basta apenas que me dê algumas informações.

— Informações? Sobre o quê? Eu me enganei.

Virou-se e começou a andar mais rápido. O inspetor o acompanhou, com o mesmo passo apressado e, quanto mais o outro parecia ansioso para interromper a conversa, mais ainda o inspetor se aproximava dele. Não se falavam mais. O jovem parecia com pressa de alcançar um propósito que já não era mais o de capturar a ladra, visto que ele obviamente caminhava sem direção.

— Vamos entrar aqui — disse o inspetor, que agora o conduzia pelo braço em direção ao andar térreo, e cujo letreiro vermelho indicava: Delegacia de Polícia.

— Aqui? Para fazer o quê?

— Precisamos conversar e o meio da rua não é o melhor lugar.

— O senhor é louco! Deixe-me em paz! — protestou o estranho.

— Não sou louco e não vou deixá-lo em paz — objetou Victor, ainda mais implacável ao se lembrar que, por causa dessa perseguição, tinha abandonado a bela mulher do cinema.

O estranho resistiu, deu um soco, recebeu dois e, por fim, derrotado, dominado, foi empurrado para uma sala onde estavam reunidos cerca de

vinte agentes uniformizados.

— Victor, da Brigada Anticrime — anunciou o inspetor ao entrar. — Tenho algumas palavras para trocar com esse cavalheiro. Algum inconveniente nisso, suboficial?

O anúncio desse nome, Victor, famoso no meio policial, provocou uma onda de curiosidade. O suboficial colocou-se imediatamente à disposição dele, e Victor explicou-lhe brevemente o caso. O jovem desabou em um banco.

— Exausto, hein! — exclamou Victor. — Mas também, por que o senhor corria feito louco, logo após ter perdido sua ladra de vista? Ou era o senhor que estava fugindo?

O outro se indignou:

— Mas, ora, o que o senhor tem a ver com isso? Tenho todo o direito de correr atrás de quem eu quiser, diabos!

— O senhor não tem o direito de provocar escândalo em espaço público, não mais do que o direito de soar o alarme de um trem sem um forte motivo…

— Eu não fiz mal a ninguém.

— Sim, fez a mim. Eu estava seguindo uma pista extremamente interessante. Que pena! Seus documentos…

— Não os tenho.

Não demorou muito, e Victor com agilidade ainda mais feroz vasculhou a casaca do detido, apanhou sua carteira, examinou-a e perguntou:

— É esse o seu nome, Alphonse Audigrand? Alphonse Audigrand… O senhor já ouviu falar dele, policial?

— Podemos ligar… — o policial sugeriu.

Victor pegou o telefone, perguntou pelo Comando Geral da Polícia, esperou e continuou:

— Alô? Polícia judiciária, por favor… Alô, é você, Lefébure? Sou eu, Victor, da Anticrime. Diga, Lefébure, tenho aqui em minhas mãos um tal senhor Audigrand que não me parece muito católico. Esse nome lhe diz alguma coisa? Hein? O quê? Sim, Alphonse Audigrand… Alô… um telegrama de Estrasburgo? Leia-o para mim… Perfeito… Perfeito… Sim, um gordinho, de bigodes caídos… Certo… Quem está de serviço na repartição? Hédouin, o inspetor-chefe? Coloque-o a par disso e diga para que ele venha buscar nosso homem na delegacia da Rua des Ursins. Obrigado.

O homem ajeitou-se na cadeira.

Ao desligar, o inspetor virou-se para Audigrand e disse:

— Empregado do Banco Central do Leste, o senhor está desaparecido desde a última quinta-feira, dia do roubo das nove apólices do governo. Um belo golpe de novecentos mil francos! Caso sórdido! E foi justamente esse tesouro que lhe roubaram no cinema, agora há pouco. Quem? E quanto à sua ladra?

Audigrand chorava, sem forças para se defender, e sem pensar confessou:

— Esbarrei com ela anteontem, no metrô; ontem almoçamos e jantamos juntos. Por duas vezes, ela percebeu que eu estava escondendo um envelope pardo no bolso. Hoje, no cinema, ela ficou o tempo todo debruçada sobre mim, beijando-me…

— O envelope continha as apólices?

— Sim.

— O nome da mulher?

— Ernestine.

— Ernestine de quê?

— Não sei.

— Ela tem família?

— Não sei.

— Ela trabalha?

— É datilógrafa.

— Onde?

— Em um depósito de produtos químicos.

— Endereço?

— Não sei. Encontramo-nos perto do bairro da Madeleine.

Ele soluçava tanto que foi difícil entendê-lo. Victor, que não precisava saber de mais detalhes, levantou-se, entendeu-se com o policial para que nenhum cuidado fosse negligenciado e voltou para jantar em sua casa.

Para ele, o senhor Audigrand não tinha mais valia. Chegou até a se arrepender por ter se ocupado dele e por ter perdido o contato com a dama do cinema. A bela e tão misteriosa criatura! Por que diabos esse imbecil do Audigrand se interpôs entre ela e Victor, que prezava tanto as belas desconhecidas e que adorava decifrar o segredo de suas almas?

2

Victor morava em uma pequena e confortável casa no bairro de Ternes, onde era atendido por um velho criado. Dono de alguma fortuna, de caráter bastante independente, viajante apaixonado, sentia-se bem à vontade no Comando Geral da Polícia, onde era muito estimado, e onde era considerado como alguém original, um colaborador ocasional mais que um empregado sujeito às regras banais. Se algum caso o incomodasse, nada no mundo o obrigaria a prossegui-lo, nem sob ordem, nem sob ameaça. Por outro lado, se algum outro caso lhe interessasse, ele o agarrava, ia até o fundo e depois levava sua resolução ao diretor da Polícia Judiciária, de quem era protegido. E ninguém mais ouvia falar dele.

No dia seguinte, segunda-feira, leu no jornal o relato da prisão do senhor Audigrand, contado pelo inspetor-chefe Hédouin com uma riqueza de detalhes que o assustava, pois achava que uma boa polícia devia ser discreta. Ele certamente já teria passado a outras tarefas, se este mesmo jornal, evocando a passagem de Arsène Lupin por uma cidade do Leste, não lhe tivesse informado que esta localidade não era outra senão Estrasburgo. As apólices foram roubadas em Estrasburgo! Simples coincidência, claro, já que parecia não haver nenhuma conexão entre esse imbecil do Audigrand e Arsène Lupin. Mas, apesar disso…

Ele averiguou os anuários, investigou as empresas de produtos químicos e percorreu o bairro da Madeleine ao longo da tarde. Apenas às cinco horas é que descobriu a existência de uma mulher chamada Ernestine, datilógrafa na Agência Comercial de Química, à Rua de Mont-Thabor. Ligou para o diretor, e suas respostas o motivaram a fazer uma visita imediata à agência. Ele voou para lá.

Os escritórios eram formados por pequeníssimas salas, separadas umas das outras por finas divisórias. Desde a sua chegada ao gabinete do diretor, esbarrou com forte resistência.

— Ernestine Peillet, uma ladra?! Seria ela a meliante cuja fuga eu li nos jornais dessa manhã? Impossível, senhor inspetor. Os pais de Ernestine são pessoas muito honradas. Ela mora com eles…

— Posso fazer algumas perguntas para ela?

— Se o senhor insiste… — O diretor ligou para o seu subalterno. — Ligue para a senhorita Ernestine.

Uma pessoa miúda se apresentou, de aparência discreta, bastante amável, mas com o rosto franzido de quem, antecipando os piores acontecimentos, estampava um comportamento mais firme.

Essa frágil fachada desabou logo no primeiro golpe, quando Victor lhe perguntou, com seu ar hostil, o que ela fizera na véspera com o envelope pardo roubado de seu companheiro no cinema. Sem mais resistência do que o senhor Audigrand, ela desfaleceu, desmontou em uma cadeira, chorou e gaguejou:

— Ele mentiu… eu vi um envelope pardo no chão… eu o peguei e, foi apenas esta manhã que soube, através do jornal, de que ele me acusava…

Victor estendeu a mão.

— O envelope? A senhora o tem consigo?

— Não. Não sabia onde reencontrar esse cavalheiro. O envelope está lá, em meu escritório, perto da máquina de escrever.

— Vamos lá — disse Victor.

Ela seguiu primeiro. A datilógrafa ocupava um canto rodeado por uma grade e por um biombo. Ela ergueu, da ponta da mesa, um maço de cartas e pareceu surpresa. Espalhou, exaltada, os papéis.

— Nada! — exclamou ela, atordoada. — Ele não está mais aqui.

— Que ninguém se mova! — ordenou Victor à dezena de funcionários que se aglomeravam em torno deles. — Senhor diretor, quando eu lhe telefonei, o senhor estava sozinho em seu escritório?

— Acho que sim… ou não, não… Recordo-me de que a contadora estava comigo, a senhora Chassain.

— Nesse caso, algumas palavras poderiam tê-la colocado a par da situação — precisou Victor. — Por duas vezes, durante a nossa conversa, o senhor me nomeou como inspetor e pronunciou o nome da senhorita Ernestine. Porém, a senhora Chassain sabia pelos jornais, como todo mundo, que a suspeita recaía sobre uma senhorita Ernestine. A senhora Chassain está aqui?

Um dos empregados respondeu:

— A senhora Chassain sempre sai às cinco e quarenta para pegar o trem das seis horas. Ela mora em Saint-Cloud.

— Ela já tinha partido no momento em que pedi para a datilógrafa comparecer à sala da direção, há dez minutos?

— Ainda não.

— A senhorita a viu partir? — Victor perguntou à datilógrafa.

— Sim — respondeu a senhorita Ernestine. — Ela estava colocando o chapéu. Nós conversávamos àquela hora.

— E foi naquele mesmo momento que, chamada à direção, a senhora jogou o envelope pardo por debaixo desses papéis?

— Sim. Até então, eu o guardava dentro do meu corpete.

— E a senhora Chassain percebeu o seu gesto?

— Acho que sim.

Victor, após consultar seu relógio, reuniu alguns pormenores sobre a senhora Chassain, uma mulher de quarenta anos, ruiva, robusta, naquele dia vestia um suéter verde-limão, e depois rapidamente deixou a agência.

Ele cruzou, no térreo, com o inspetor-chefe Hédouin, que havia recebido Alphonse Audigrand no dia anterior e que perguntou, confuso:

— Como, você já está aqui, Victor? Você viu a amante do Audigrand, a senhorita Ernestine?

— Sim, tudo certo.

Sem se demorar mais, pegou um táxi e chegou a tempo para o embarque do trem das seis horas. À primeira vista, já sentado dentro do vagão, constatou que nenhuma mulher usava um suéter verde-limão.

O trem partiu.

Todos os viajantes ao seu redor liam os jornais. Ao seu lado, dois deles conversavam sobre o envelope pardo e o caso das apólices, e ele novamente se deu conta de quanto os pormenores já eram conhecidos.

"Em quinze minutos, chegaremos à Saint-Cloud", soou a voz metálica da anunciante das estações. Imediatamente, Victor falou com o chefe da estação, e a saída dos viajantes foi monitorada.

O trem estava cheio. Quando uma mulher ruiva, cujo suéter verde-limão aparecia por entre as abas de um casaco cinza, quis sair, com seu passe nas mãos, Victor lhe sussurrou:

— Venha comigo, senhora… Polícia judiciária.

A mulher deu um sobressalto, murmurou algumas palavras, e acompanhou o inspetor, junto ao chefe de estação que a fez entrar em seu escritório.

— A senhora é funcionária da Agência Comercial de Química — disse Victor — e, por engano, pegou um envelope pardo que a datilógrafa Ernestine havia deixado perto da máquina de escrever dela…

— Eu? — indagou ela, bastante calma. — Há algum engano, cavalheiro.

— Seremos obrigados a…

— Me revistar? Por que não? Fico ao seu dispor.

Ela demonstrava tanta confiança que ele hesitou. Mas, por outro lado, não teria ela se defendido se fosse inocente? A mulher foi convidada a passar para uma sala adjacente acompanhada de um funcionário da estação.

O envelope pardo não foi encontrado com ela e, portanto, nenhuma apólice do governo.

Victor não se abateu.

— Dê-me seu endereço — disse ele em tom severo.

Um outro trem chegava de Paris. O inspetor-chefe, Hédouin, desceu rapidamente e deu de cara com Victor, que contou tranquilamente:

— A senhora Chassain teve tempo para colocar o envelope em segurança. Se não tivéssemos conversado ontem à noite, no Comando Geral da Polícia, na frente dos jornalistas, o público não teria sabido da existência desse envelope pardo contendo uma fortuna; a senhora Chassain não teria tido a ideia de roubá-lo; e eu o teria pego dentro do corpete de Ernestine. Tudo isso aconteceu porque você expôs uma investigação policial em praça pública.

Hédouin contestou, mas Victor arrematou:

— Faço um resumo. Audigrand, Ernestine, Chassain… em vinte e quatro horas, três possíveis ladrões da fortuna foram eliminados do caso… Vamos ao quarto!

Um trem partia para Paris. Victor ocupou seu assento, deixando seu superior, o inspetor-chefe Hédouin, intrigadíssimo na plataforma.

3

Desde a manhã de terça-feira, Victor, sempre apertado em sua casaca, que mais parecia uma antiga túnica militar, pegou seu carro, um modesto modelo conversível de quatro assentos, e começou uma investigação meticulosa em Saint-Cloud.

Ele baseou-se no raciocínio de que a senhora Chassain, de posse do envelope pardo, na véspera da segunda-feira, das cinco e quarenta às seis e quinze, não poderia depositar um objeto dessa importância, em um lugar

ao acaso. Logicamente ela o repassou a alguém. Onde ela poderia ter encontrado esse alguém, senão durante a viagem de Paris a Saint-Cloud? A investigação tinha, portanto, que se centrar nas pessoas que fizeram essa viagem, no mesmo compartimento que ela, e em particular naquelas com quem a senhora Chassain mantinha uma relação de confiança.

A senhora Chassain, com quem Victor foi ter, e que foi ter inutilmente, diga-se de passagem, morava com a mãe havia um ano, desde que ela instaurara um processo de divórcio contra o marido, ferragista em Pontoise. Ambas, que gozavam de excelente reputação, admitiam em sua intimidade apenas três velhos amigos, e nenhum deles havia estado em Paris na véspera. Por outro lado, o aspecto austero da senhora Chassain não permitia qualquer suspeita de sua conduta.

Na quarta-feira, as investigações de Victor não foram melhores, e isso se tornava preocupante. O ladrão de número quatro, impelido a ser cauteloso pelo exemplo de seus três predecessores, tivera todo o tempo necessário para tomar suas precauções.

Na quinta-feira, ele se hospedou em um pequeno café em Garches, bairro vizinho a Saint-Cloud, no Café des Sports, e a partir daí passava o dia todo percorrendo os arredores, em Ville-d'Avray, em Marnes-la-Coquette, em Sèvres. À noite, ele voltou para jantar no Café des Sports, situado em frente à estação de Garches, na autoestrada que ligava Saint-Cloud a Vaucresson.

Às nove horas, foi surpreendido pela chegada inesperada do inspetor-chefe Hédouin, que lhe disse:

— Enfim! Estou procurando-o desde essa manhã aqui no distrito. O diretor está furioso com você. Você não deu nenhum sinal de vida. Que diabos, use o telefone! Por onde andou? Descobriu algo?

— E você, descobriu algo? — sussurrou Victor suavemente.

— Nada.

Victor pediu dois drinques, bebericou lentamente um copo de curaçao e disse:

— A senhora Chassain tem um amante.

Hédouin deu um pulo.

— Você é louco! Com a cara que ela tem?

— Mãe e filha fazem longas caminhadas todos os domingos, e foram vistas, no penúltimo domingo de abril, no bosque de Fausses-Reposes, na

companhia de um cavalheiro. Oito dias depois, ou seja, duas semanas atrás, os três foram vistos pelas bandas de Vaucresson, fazendo um lanche ao pé de uma árvore. Um tal de senhor Lescot, que ocupa um pavilhão chamado La Bicoque, acima de Garches, não muito longe do bosque de Saint-Cucufa. Eu pude vê-lo, por cima das cercas vivas de seu jardim. Cinquenta e cinco anos, insignificante, cavanhaque cinza.

— Como informação, ainda é pouco.

— Um de seus vizinhos, o senhor Vaillant, funcionário da estação, pode me fornecer outras mais precisas. Ele levou sua esposa, essa noite, a Versalhes, para visitar um parente doente. Estou esperando por ele.

Eles aguardaram por horas, sem pronunciar uma palavra. Victor não tinha um espírito comunicativo e chegou até a dormir. Hédouin fumava sem parar.

Finalmente, à meia-noite e meia, o funcionário da estação retornou, e imediatamente exclamou:

— O padre Lescot! Sim, eu o conheço! Não moramos nem a cem metros de distância um do outro. Um solitário que cuida apenas do seu jardim. Às vezes, tarde da noite, uma senhora adentra em seu pavilhão, onde dificilmente fica por mais de uma ou duas horas. Já ele nunca sai, exceto aos domingos para passear, e uma vez por semana para ir a Paris.

— Qual dia?

— Normalmente na segunda-feira.

— Então, na segunda-feira passada…

— Ele foi para lá, eu me lembro. Fui eu quem recolheu sua passagem, na volta.

— A que horas?

— Sempre o mesmo trem que chega a Garches às seis e dezenove da tarde.

Silêncio. Os dois policiais se entreolharam. Hédouin perguntou:

— O senhor o viu desde então?

— Não eu, mas minha esposa, que entrega pães, o viu. Mas ela me contou que nas duas últimas noites, de terça e de quarta-feira, enquanto eu estava de serviço…

— O que ela lhe contou?

— Parece que alguém esteve rondando o La Bicoque. O padre Lescot tem um velho cachorro que não parou de rosnar desde sua casinha. Minha

esposa tem certeza de que era a sombra de um homem que usava um boné… um boné cinza.

— Ela o reconheceu?

— Sim, ela acredita que sim…

— Sua esposa está em Versalhes, não é?

— Até amanhã.

Terminada a declaração, Vaillant se retirou. Depois de um ou dois minutos, o inspetor-chefe concluiu:

— Visitaremos o padre Lescot logo amanhã cedo. Caso contrário, arriscamos que o quarto ladrão seja roubado.

— Até lá…

— Vamos dar a volta no pavilhão.

Caminharam em silêncio pelas vielas desertas que ascendiam ao platô, seguindo por uma estrada ladeada de pequenos casarões. A luz das estrelas despencava de um céu limpo, em uma noite amena e tranquila.

— É aqui — disse Victor.

Primeiro havia uma cerca viva, depois uma mureta coberta por uma cerca de arames, através da qual, do outro lado de um gramado, era possível distinguir um pavilhão de apenas dois andares, onde três janelas se alinhavam.

— Parece que a luz está acesa — sussurrou Victor.

— Sim, no primeiro andar, na janela do meio. As cortinas devem estar mal fechadas.

Então uma outra luz, mais intensa, acendeu à direita, apagou-se, reacendeu.

— É estranho — disse Victor —, o cachorro não latiu, apesar da nossa presença. Contudo, vejo sua casinha aqui bem perto.

— Talvez o tenham assustado.

— Quem?

— O sujeito que rondava a casa ontem e anteontem.

— Então, o golpe estaria marcado para esta noite… Vamos dar a volta no jardim… tem uma passagem por ali…

— Ouça!

Victor prestou atenção.

— Sim… gritaram lá de dentro!

E, de repente, ouviram-se mais gritos abafados, mas claramente audíveis, seguidos de um estrondo, que devia vir do aposento iluminado, e mais gritos.

Com o apoio dos ombros, Victor derrubou o portão de entrada. Os dois homens atravessaram o gramado e cruzaram a sacada de uma janela, que precisou apenas ser empurrada. Victor escalou o primeiro andar, com sua lanterna na mão.

No segundo andar havia duas portas. Ele abriu a que estava à sua frente e, sob a luz da lâmpada, viu um corpo estendido que parecia sofrer uma convulsão.

Victor viu um homem que fugia pelo aposento vizinho e correu atrás dele, enquanto Hédouin monitorava a segunda porta do patamar superior da escadaria, e o choque aconteceu ali mesmo, entre o homem e o inspetor-chefe. Agora, ao passar para o segundo aposento, Victor avistou uma mulher que acabava de saltar de uma janela aberta, da parte posterior da casa, e que ia descendo, sem dúvida, por uma escada posta ali providencialmente. Lançou sobre ela um jato de luz e reconheceu a mulher de cabelos alaranjados do Cine Balthazar. Ele ia por sua vez saltar, quando o chamado do inspetor-chefe o interrompeu. E, imediatamente, ouviu-se um segundo estrondo, seguido de gemidos.

Ele chegou ao patamar superior da escadaria a tempo de amparar Hédouin, que desfalecia. O homem que atirou já estava no andar de baixo.

— Corra atrás dele — gemeu o inspetor-chefe. — Não tenho nada… apenas meu ombro está ferido.

— Então, se você não sofreu nada, solte-me! — gritou Victor furioso, enquanto tentava em vão se livrar do colega.

O inspetor-chefe agarrava-se nele para não cair. Victor o arrastou até o sofá do primeiro quarto, deitou-o ali mesmo e, desistindo de perseguir os dois fugitivos, agora fora de alcance, ajoelhou-se diante do homem estendido no chão. Era o padre Lescot, que já não se mexia mais.

— Ele está morto — disse Victor, após um rápido exame. — Sim, ele está morto.

— Maldito caso! — murmurou Hédouin. — E o envelope pardo? Reviste-o.

Victor já o revistava.

— Há um envelope pardo, mas está amassado e vazio. Podemos supor que o padre Lescot pegou as apólices, que as manteve guardadas em separado e que foi forçado a entregá-las.

— Nenhuma inscrição no envelope?

— Não, mas o símbolo da empresa é visível pela marca d'água Papelaria Goussot, Estrasburgo. — E concluiu, enquanto cuidava do colega. — Chegamos lá! Foi no banco de Estrasburgo onde o primeiro roubo foi cometido. E aqui estamos nós com o quinto ladrão e, dessa vez, é um sujeito muito audacioso. Diabos! Se o número um, dois, três e quatro agiram sem habilidade, o número cinco vai nos dar muito trabalho.

E pensou na admirável criatura que ele havia surpreendido, envolvida no crime. O que ela fazia aqui? Que papel ela desempenhava na trama?

O boné cinza

1

O funcionário da estação e dois vizinhos, acordados pelo barulho, vieram correndo. Um deles tinha telefone em casa. Victor ordenou que ele avisasse a delegacia de Saint-Cloud. O outro foi buscar um médico, que só podia constatar a morte do padre Lescot, atingido por uma bala na região do coração. Hédouin, cujo ferimento não era grave, foi transportado para Paris.

Quando o comissário de Saint-Cloud chegou com seus agentes, Victor, que havia tomado enorme cuidado para que nada fosse alterado, colocou-o a par da tragédia. Ambos decidiram que era melhor esperar até o amanhecer para encontrar os vestígios deixados pelos dois cúmplices. Victor voltou para casa, em Paris.

Ele se reapresentou, às nove horas, para ter notícias. Encontrou o La Bicoque rodeado por uma multidão de curiosos, mantidos a distância pelos policiais. No jardim por onde ele havia entrado, e já dentro da casa, inspetores e gendarmes se mobilizavam. A chegada do Ministério Público de Versalhes foi notada, mas assegurou-se de que havia uma contraordem vinda de Paris para que a instrução fosse reservada ao Ministério Público do Sena.

Seja pela conversa que tivera com o comissário de Saint-Cloud, seja por meio de suas próprias investigações, Victor chegou a tristes certezas porque, em suma, o caso permanecia obscuro. Não encontraram nenhuma indicação do homem que havia fugido escada abaixo, nem da mulher que escapara pela janela.

O local por onde a mulher havia atravessado a cerca viva para ganhar a travessa paralela à estrada foi descoberto. Também foram descobertas as impressões digitais deixadas pelos que usaram a escada, no primeiro andar. Mas a escada, que deveria ser feita de ferro, dobrável e portátil, não foi encontrada. E não se sabia ainda como os dois cúmplices se reencontraram nem como deixaram a região. No máximo, seria possível afirmar que um carro estivera estacionado, a partir da meia-noite, trezentos metros mais adiante, ao longo do Haras de La Celle-Saint-Cloud, e que novamente deu a partida à uma e quinze, obviamente para voltar a Paris, via Bougival e às margens do Sena.

O cachorro do padre Lescot foi encontrado envenenado, morto em sua casinha. Nenhum vestígio de pegadas pelas pedras do jardim.

A bala extraída do cadáver, assim como a do ombro do inspetor Hédouin, provinha de um revólver Browning, calibre 7,65mm. Mas o que teria acontecido com o revólver?

Fora esses incidentes, nada. Victor não se demorou depois que jornalistas e fotógrafos começaram a entrar em campo, pois detestava trabalhar acompanhado e de perder tempo, como dizia, com "troca de hipóteses". Só lhe interessava a psicologia do caso, e o que ela exigia de reflexão e de inteligência. Quanto ao resto, abordagens, perícias, perseguições, ficar na espreita de um suspeito, ele fazia a contragosto e sempre sozinho, diríamos mesmo, por conta própria.

Ele passou na casa do funcionário da estação, Vaillant, cuja esposa, voltando de Versalhes, alegou não saber de nada e de não ter reconhecido o indivíduo que rondava o La Bicoque, nas noites anteriores. Mas Vaillant, que voltava do serviço, juntou-se a ele na frente da estação, e aceitou o convite para entrar no Café des Sports.

— Veja — disse ele, assim que a bebida desatou sua língua. — Minha esposa Gertrude entra nas residências como entregadora de pães; se ela tagarelar demais, pode se dar mal. Comigo, é diferente; como ferroviário, como funcionário, devo ajudar a Justiça.

— E daí?

— Daí que — disse Vaillant, baixando o tom — aqui está, em primeiro lugar, o boné cinza de que ela me falou. Eu o apanhei debaixo das urtigas de um depósito de lixo que eu limpava essa manhã, em um cantinho do meu cercado. O sujeito, ao fugir naquela noite, jogou-o por acaso, por cima

da minha cerca viva.

— E depois?

— E depois a Gertrude tem certeza de que o sujeito que esteve na casa na terça-feira à noite, o do boné cinza, é o mesmo cavalheiro para o qual ela entrega o pão todos os dias… um homem da alta.

— O nome dele?

— Barão Maxime d'Autrey. Aqui, incline-se para a esquerda… a casa… a única casa alugada na estrada para Saint-Cloud… a uns quinhentos metros daqui. Ele ocupa o quarto andar com sua esposa e sua velha empregada. Ótimas pessoas, um pouco orgulhosas talvez, mas tão boas que me pergunto se Gertrude não se enganou.

— Ele vive de renda?

— De jeito nenhum! Ele comercializa champagne. Todos os dias ele vai a Paris.

— E a que horas volta?

— No trem das seis, que chega aqui às sete.

— Na última segunda-feira, ele voltou nesse trem?

— Sim. Não posso dizer o mesmo por ontem, porque eu acompanhava minha esposa.

Victor calou-se e, organizando as informações, pensou na história. "Na segunda-feira, a senhora Chassain retorna de Paris, no trem das seis horas e, na cabine, senta-se perto do padre Lescot. Normalmente, estando em processo de divórcio, ela se abstém de falar com seu amante quando não está com sua mãe. Naquela segunda-feira, ela rouba o envelope pardo; calmamente, ela o previne de que ele se encarregue de escondê-lo em um lugar que lhe indica e, devagar, passa o envelope, o qual talvez tenha tido tempo de enrolar e de amarrar. Este gesto surpreende o barão d'Autrey, que está no vagão. Ele leu os jornais. Um envelope pardo… por acaso não seria?…

A senhora Chassain salta em Saint-Cloud. O padre Lescot segue para Garches. Maxime d'Autrey, que também desce nessa estação, segue o cavalheiro, localiza sua casa, faz a ronda na terça e na quarta-feira ao redor do La Bicoque, e, na quinta, decide…"

"Um único detalhe", pensou Victor, após deixar seu companheiro e se dirigir ao prédio designado. "Tudo se encaixa perfeitamente bem, e rápido demais. Mas a verdade nunca aparece de forma tão espontânea e nunca

tem essa aparência simples e natural."

2

Victor subiu ao quarto andar e tocou a campainha. Uma velha empregada, de óculos e de cabelos brancos, abriu-a e, sem perguntar seu nome, conduziu-o à sala.

— Entregue-lhe o meu cartão — disse ele simplesmente.

No cômodo, que também servia de sala de jantar, via-se apenas uma mesa, cadeiras, um bufê e uma mesa de pedestal, todos de aparência modesta, mas de cintilante limpeza. Livros e brochuras de propaganda religiosa, com imagens de piedosa devoção ilustradas nas paredes da lareira. Pela janela, uma vista encantadora do parque Saint-Cloud.

Apareceu uma senhora com ar surpreso, ainda jovem, corada, sem pó de arroz, de aspecto antiquado, busto farto, penteado excêntrico e roupão desbotado. Apesar de tudo, o conjunto não teria sido de todo desagradável, se não fosse uma expressão deliberadamente altiva e uma forma de se portar que devia ser, em sua opinião, a de uma baronesa.

Ela foi breve. Firme, com voz distante:

— O senhor deseja?

— Gostaria de falar com o barão d'Autrey a respeito de alguns fatos ocorridos na segunda-feira à noite, no trem.

— Trata-se, decerto, do roubo do envelope pardo que lemos nos jornais?

— Sim. Esse roubo resultou em um assassinato cometido ontem à noite em Garches, cuja vítima é um cavalheiro chamado Lescot.

— Senhor Lescot? — ela repetiu com apatia — Não faço ideia… Existem suspeitas?

— Nenhuma, até agora. Mas sou o encarregado de interrogar as pessoas que viajaram na segunda-feira, de Paris a Garches, no mesmo trem das seis horas. E como o barão d'Autrey…

— Meu marido poderá lhe responder depois, pessoalmente, cavalheiro. Ele está em Paris.

Ela esperou que Victor se retirasse, mas ele continuou:

— O senhor d'Autrey sai, de vez em quando, após o jantar?

— Raramente.

— No entanto, terça e quarta-feira…

— Com efeito, nesses dois dias, ele saiu para dar uma volta porque estava com dor de cabeça.

— E ontem à noite, quinta-feira?

— Ontem à noite, os negócios o detiveram em Paris…

— Então ele dormiu em Paris?

— Não, ele voltou para casa.

— A que horas?

— Eu estava deitada, mas lembro de ouvir o relógio bater onze horas, logo após o retorno dele.

— Onze horas? Então, duas horas antes do crime.

— O que o senhor está insinuando?

A baronesa, que até então havia respondido com automaticidade, com brusca polidez, teve um súbito pressentimento do que estava acontecendo. Olhou para o cartão de visitas "Victor, da Brigada Anticrime" e respondeu grosseiramente, mas ainda atordoada:

— Tenho o costume de só afirmar o que sei.

— A senhora chegou a trocar algumas palavras com ele?

— Sim, algumas.

— Então a senhora estava bem desperta?

Ela corou, como se tomada por algum pudor, e não respondeu. Victor continuou:

— A que horas o barão d'Autrey saiu esta manhã?

— Eu abri os olhos quando a porta da entrada se fechou. O relógio marcava seis e dez.

— Ele não se despediu da senhora?

Desta vez, ela se irritou.

— Isso é um interrogatório?

— Nossa investigação às vezes nos obriga a uma certa indiscrição. Uma última pergunta. — Ele tirou o boné cinza do bolso. — A senhora acha que isso pertence ao senhor d'Autrey?

— Sim — disse ela, examinando o objeto. — É um boné velho, que ele não usa há anos e que eu guardei no fundo de uma gaveta.

Com que naturalidade ela deu essa resposta tão prejudicial ao marido! Mas, por outro lado, essa boa-fé não indicava que, em pontos essenciais, ela

não estava realmente mentindo?

Victor despediu-se, desculpando-se pelo transtorno e anunciando seu retorno para o final do dia.

Sua investigação junto à zeladora, que morava no prédio, confirmou as respostas da senhora d'Autrey. O barão tocara, por volta das onze horas da noite, pedindo pela cordinha para entrar, e batera à porta por volta das seis da manhã, para ir embora. Durante a noite, ninguém ficava perambulando de cá para lá; como havia apenas três apartamentos alugados, e os demais inquilinos nunca saíam à noite, o controle era fácil.

— Alguém, além de você, consegue abrir a porta?

— Não. Seria preciso entrar em meu apartamento, mas eu o tranco à chave e com o trinco.

— A senhora d'Autrey sai eventualmente pela manhã?

— Nunca. É Anna, sua velha empregada, quem faz o mercado. Lá vem ela pela escada de serviço.

— Existe algum telefone na casa?

— Não.

Victor saiu perplexo, dividido entre ideias contraditórias. Ao fim, fossem quais fossem as acusações contra o barão, era impossível duvidar do álibi das circunstâncias a seu favor: na hora do crime, ele estava com sua esposa.

Após o almoço e já na estação, ele perguntou:

— O barão d'Autrey, cuja presença é invariavelmente percebida quando há pouca circulação de passageiros, pegou um dos primeiros trens desta manhã?

A resposta foi unânime e categórica:

— Não!

Então, como ele saíra de Garches?

Durante toda a tarde, Victor recolheu informações sobre o casal d'Autrey com comerciantes, com o farmacêutico, as autoridades, os funcionários dos correios. Esta excursão, quando notou a pouca simpatia com que o recebiam, conduziu-o inevitavelmente ao proprietário da residência, senhor Gustave Géraume, vereador e mercador de madeira e carvão, cujas brigas com o barão e a baronesa divertiam o país.

O senhor e a senhora Géraume possuíam um belo casarão, também no platô da cidade. Já na entrada, Victor sentiu a bonança e a riqueza, mas notou discórdia e inquietação. Após se embrenhar pelo vestíbulo, depois de

tocar a campainha em vão, ele ouviu o som de uma querela no segundo andar, o bater de portas, uma voz entediada e sem agrura de homem, e uma voz estridente e furiosa de mulher, que gritava:

— Você é apenas um bêbado! Sim, você! O senhor Gustave Géraume, vereador, é um bêbado! O que você fez ontem à noite, em Paris?

— Você sabe bem, minha pequena, estive em um jantar de negócios com Devalle.

— E com as meretrizes, é claro! Eu conheço o Devalle, um farrista! E depois do jantar, o cabaré Folies-Bergère, hein? Mulheres nuas? Muita dança e muito champanhe?

— Você está louca, Henriette! Repito que levei o Devalle de carro para Suresnes.

— A que horas?

— Eu não saberia dizer…

— Claro, você estava bêbado. Mas deviam ser três ou quatro da manhã. Você tira proveito de que eu estou dormindo…

A discussão descambou em batalha, o senhor Géraume dirigiu-se até a escada e tombou, perseguido por sua esposa, e encontrou o visitante que o esperava no vestíbulo, que imediatamente se desculpou:

— Toquei a campainha… Ninguém atendeu, eu me permiti…

Gustave Géraume, um belo homem de cerca de quarenta anos, de tez viçosa, começou a rir:

— O senhor ouviu tudo? Uma pequena cena doméstica, sem nenhuma importância. Henriette é a melhor das mulheres… Mas venha ao meu escritório. A quem eu devo a honra?

— Inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

— Ah! A história do coitado do padre Lescot?

— Vim mais para saber sobre o seu inquilino — explicou Victor —, o barão d'Autrey. Como andam os termos entre os senhores?

— Andam muito ruins. Minha esposa e eu ocupamos, durante dez anos, o apartamento que agora alugamos para eles. É sempre um dilúvio de reclamações, aporrinhações, execuções de oficial de justiça… e sempre por besteira, por exemplo, por uma segunda chave do apartamento que eu lhes confiei e que eles afirmam não terem recebido! Em suma, apenas bobagens.

— E, no final, a briga — disse Victor.

— Então, o senhor sabe? Na verdade, sim, a briga — disse rindo o senhor Géraume. — Levei um soco no nariz, dado pela baronesa, de que ela se arrepende, tenho certeza.

— Ela lá se arrepende de algo! — exclamou a senhora Géraume. — Essa megera é uma mulher cruel, que passa o tempo todo na igreja! Quanto a ele, senhor inspetor, um sem-vergonha, um falido, que não paga o aluguel e que é capaz de tudo.

Ela tinha um rosto bonito, afável e simpático, mas com uma voz cortante, feita para a raiva e para os insultos. Além do mais, seu marido tinha de lhe dar razão, ainda mais se somarmos outros componentes deploráveis: bancarrota em Grenoble, histórias sórdidas em Lyon, todo um pesado passado de fraude e de desonestidade.

Victor não insistiu. Por trás dele, ouviu a querela se reanimando, e a voz da mulher que se esgoelava:

— Onde você estava? Que diabos você fez? Cale a boca, seu porco mentiroso!

No final da tarde, Victor instalou-se no Café des Sports, deu uma folheada rápida nos jornais e não encontrou nada de especial. Mais tarde, porém, trouxeram-lhe um senhor e uma senhora de Garches que haviam chegado de Paris e que afirmavam terem visto o barão d'Autrey dentro de um táxi com uma jovem, nas proximidades da Gare du Nord. No banco, perto do motorista, duas malas. "Seria essa uma certeza?" Victor sabia melhor do que ninguém o quão incertos são esses tipos de testemunhos.

"De qualquer maneira", pensou, "o dilema é simples. Ou bem o barão fugiu para a Bélgica com as apólices e com uma mulher que poderia ser a bela criatura que eu revi no enquadramento da janela do padre Lescot. Ou bem houve um engano, e ele chegará aqui dentro de instantes em seu trem habitual. E então, apesar de todas as aparências, a pista é falsa."

Na estação, Victor encontrou Vaillant perto da saída dos passageiros. O trem foi avistado, logo depois de contornar a curva. Cerca de trinta passageiros desceram.

Vaillant cutucou Victor, murmurando:

— Aquele que está vindo, de sobretudo cinza-escuro, com chapéu de feltro… é o barão.

3

Victor não teve uma má impressão. A atitude do barão não denunciava o menor melindre, e seu rosto tranquilo, descansado, não era o de um homem que havia matado alguém dezoito horas antes, e que é atormentado pela memória, pela angústia do que vai fazer e pelo pavor do que pode acontecer. Era a figura de um cavalheiro que desempenha, com normalidade, seu trabalho cotidiano. Ele cumprimentou o funcionário acenando com a cabeça e caminhou pela via da direita, em direção à sua casa. Tinha nas mãos um jornal dobrado, com o qual batia, distraidamente, ao passar, nas barras de ferro dos portões.

Victor, que o seguia a uma certa distância, acelerou o passo e chegou ao prédio quase ao mesmo tempo que ele. Na altura do quarto andar, enquanto o outro pegava as chaves, ele lhe disse:

— Barão d'Autrey, não é?

— O senhor deseja?

— Alguns minutos de conversa… Inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

Sem dúvida, isso lhe provocou um impacto, uma desavença, uma má vontade. As mandíbulas se contraíram. Foi rápido porque, afinal, essa pode ser uma reação natural nas pessoas mais honestas quando se tem a visita inesperada da polícia.

A senhora d'Autrey bordava perto da janela da sala de jantar. Percebendo a presença de Victor, ela se levantou de supetão.

— Deixe-nos a sós, Gabrielle — disse o marido, depois de beijá-la.

Victor disse:

— Tive a oportunidade de estar com a sua senhora essa manhã, e a nossa conversa só tem a ganhar com a presença dela.

— Ah! — concordou simplesmente o barão, que já não parecia mais surpreso. E continuou, apontando para o jornal: — Acabei de ler o seu nome, senhor inspetor, e, tendo em vista a investigação que o senhor está fazendo, suponho que deseja me interrogar enquanto usuário habitual da linha e, portanto, familiarizado com o trem das seis horas? Posso dizer de pronto que não me lembro mais com quem estive na segunda-feira passada e que não notei nenhum comportamento suspeito, nem nenhum envelope pardo.

A senhora d'Autrey interveio, com uma voz mal-humorada:

— O senhor inspetor é mais exigente do que isso, Maxime. Ele gostaria de saber onde você estava naquela noite, enquanto um crime era cometido no platô de Garches.

O barão sobressaltou-se:

— O que isso significa?

Victor mostrou o boné cinza:

— Eis aqui o boné que o agressor usava e que jogou em um cercado vizinho. Esta manhã, a senhora d'Autrey me disse que ele lhe pertence.

D'Autrey retificou:

— Me pertencia, melhor dizendo. Ele estava no armário da antessala, não estava, Gabrielle? — perguntou à esposa.

— Sim, eu o guardei por lá já faz umas duas semanas.

— E faz uma semana que o coloquei na caixa de compostagem, junto com um velho cachecol comido por traças. Um vagabundo deve tê-lo apanhado. E, em seguida, senhor inspetor?

— Terça e quarta-feira à noite, na mesma hora em que o senhor saiu, vimos o homem que usava esse boné rondando em torno do La Bicoque.

— Eu estava com dor de cabeça, andei por aí, mas não peguei essa direção.

— Andou por onde?

— Pela autoestrada de Saint-Cloud.

— O senhor avistou alguém?

— Provavelmente, mas não prestei atenção.

— E ontem à noite, quinta-feira, a que horas o senhor chegou em casa?

— Às onze horas, eu jantei em Paris. Quando cheguei minha esposa dormia.

— De acordo com ela, vocês trocaram algumas palavras.

— Tem certeza, Gabrielle? Não me lembro mais.

— Sim, sim — disse ela, aproximando-se dele. — Lembre-se… não há vergonha alguma em dizer que você me beijou. Só peço que não responda mais nada a esse cavalheiro. É tudo tão inconcebível, tão estúpido!

Seu rosto enrijeceu, e suas bochechas coradas e pesadas ficaram ainda mais ruborizadas.

— Este senhor está apenas cumprindo o dever dele, Gabrielle — disse o barão. — Não tenho motivo nenhum para não o ajudar. Devo precisar a

hora da minha partida esta manhã, senhor inspetor? Eram cerca de seis horas.

— O senhor pegou o trem?

— Sim.

— No entanto, nenhum dos funcionários o viu.

— O trem tinha acabado de passar. Nesse caso, costumo ir até a estação de Sèvres, que fica a vinte e cinco minutos de distância. Meu passe de trem me dá esse direito.

— O senhor é conhecido por lá?

— Menos do que aqui, e também há muito mais passageiros por lá. Eu estava sozinho na minha cabine.

Ele respondia sem hesitação, com rapidez. Suas respostas eram precisas e constituíam um sistema de defesa tão lógico que era difícil não as aceitar, pelo menos agora, como a própria expressão da verdade.

— O senhor poderia vir comigo a Paris amanhã? — perguntou Victor. — Lá poderemos encontrar as pessoas com as quais o senhor jantou na noite passada, e com as pessoas que viu hoje.

Mal terminando a frase, Gabrielle d'Autrey se dirigiu para perto dele, com o rosto transtornado de indignação. Ele lembrou-se do soco que o senhor Géraume levou e teve vontade de rir, já que a senhora mantinha um ar teatral. Ela se conteve. Seu braço estendeu-se em direção à parede, onde pendia uma imagem sagrada, e continuou:

— Juro pela minha salvação eterna…

Mas a ideia de um juramento estar ligado a ataques tão desprezíveis, deve ter-lhe parecido impróprio. Fez um sinal-da-cruz, murmurou algumas palavras, beijou o marido com ternura e compaixão, e saiu.

Os dois homens permaneceram em pé, frente a frente. O barão ficou em silêncio, e Victor ficou surpreso ao descobrir que a bela aparência de seu rosto, calmo e descansado, não era natural. Ele usava pó compacto nas bochechas, de tom vermelho-arroxeado, assim como muitas mulheres, e o inspetor imediatamente percebeu a extraordinária lassidão de suas olheiras e dos cantos tombados de sua boca. Uma transformação repentina que parecia piorar a cada segundo!

— O senhor inspetor está no caminho errado — disse-lhe com seriedade. — Acontece que a sua investigação, recorrendo a um contra-ataque injusto, invade minha vida secreta e me obriga a fazer uma confissão

dolorosa. Fora a minha esposa, por quem sinto especial afeto e respeito, mantenho um caso, há vários meses, em Paris. Foi com essa jovem que jantei ontem à noite. Ela me levou até a Gare Saint-Lazare e eu, essa manhã, a reencontrei às sete horas.

— Leve-me até a casa dela amanhã — Victor ordenou. — Venho buscá-lo de carro.

O barão hesitou, mas no final respondeu:

— Que seja.

Esse depoimento deixou Victor incerto, sujeito a sucessivos sentimentos e raciocínios que não correspondiam a uma verdade incontestável.

Naquela noite de sexta-feira, ele fez um acordo com um agente de Saint-Cloud para vigiar a casa até o meio da madrugada. Nada de suspeito aconteceu.

A amante do barão

1

Entre Garches e Paris, fez-se um silêncio de vinte minutos, e talvez tenha sido esse silêncio, essa calma, que tenham pesado ainda mais sobre as suspeitas de Victor. A tranquilidade do barão não o impressionava mais, desde o momento em que percebera sua maquiagem, na véspera. Ele constatou que o vermelho havia sumido, mas todo o rosto, com as bochechas cavadas e a tez amarelada, revelava uma noite de insônia e de agitação.

— Qual bairro? — perguntou Victor.

— Na Rua de Vaugirard, perto dos Jardins de Luxemburgo.

— Nome?

— Élise Masson. Ela era figurante do cabaré Folies-Bergère. Eu a amparei, e ela me é muito grata pelo que fiz! Ela sofre de uma doença pulmonar.

— Ela dá muitas despesas?

— Não muito. Ela é tão simples! Eu acabo trabalhando menos.

— De tal forma que isso faz com que o senhor não tenha mais o suficiente para pagar suas contas.

Eles se calaram. Victor pensou na amante do barão e foi invadido por uma violenta curiosidade. Seria ela a mulher do cinema? A assassina do La Bicoque?

Na estreita Rua de Vaugirard, tomava espaço um edifício grande e antigo, com pequenos apartamentos. No terceiro andar, ao lado esquerdo, o barão tocou a campainha e bateu à porta.

Uma jovem a abriu rapidamente, com os braços estendidos, e logo Victor percebeu que não se tratava de quem ele esperava.

— Finalmente você chegou! — ela o cumprimentou. — Mas vejo que você não está sozinho. Um de seus amigos?

— Não — disse ele. — Esse cavalheiro é da polícia. Estão buscando informações sobre o caso das apólices, no qual estou envolvido por mera coincidência.

Foi apenas no pequeno quarto, para onde ela os conduziu, que Victor pôde observá-la. Ela tinha um rosto abatido, com enormes olhos azuis, cabelos castanhos desordenadamente cacheados, e as maçãs do rosto reluzindo em vermelho, o mesmo vermelho-arroxeado que ele notara nas bochechas do barão, na véspera. Estava vestida com um roupão, e em volta do pescoço, amarrado casualmente, ela usava um lenço laranja, com grandes bolas verdes.

— Simples formalidade, senhorita — disse Victor. — Algumas perguntas… A senhorita viu o senhor d'Autrey anteontem, quinta-feira?

— Anteontem? Vejamos, deixe-me pensar… Ah! Sim, ele veio almoçar e jantar, e eu o acompanhei à noite até a estação.

— E ontem, sexta-feira?

— Ontem ele veio às sete da manhã e não saímos desse quarto antes das quatro horas. Depois fomos dar nosso habitual passeio, bem calmamente.

Pelo modo como falava, Victor se convenceu de que todas essas respostas haviam sido previamente combinadas. Mas a verdade não pode ser dita no mesmo tom que a mentira?

Ele percorreu o apartamento, que compreendia apenas um banheiro mal decorado, uma cozinha e um armário, de onde viu, depois de afastar os vestidos, uma bolsa de viagem e uma mala de lona, que parecia exageradamente cheia.

Virando-se bruscamente, ele surpreendeu a troca de olhares entre a jovem e seu amante. E então, abriu a mala.

De um lado, roupa feminina, um par de botinas e dois vestidos; do outro, uma casaca e camisas sociais masculinas. Na bolsa, um pijama, chinelos e um estojo com artigos de higiene pessoal.

— Pretendiam partir? — perguntou ao se virar.

O barão, aproximando-se dele com um olhar implacável, sussurrou:

— Diga, quem foi que lhe deu permissão para vasculhar? Afinal, trata-se de uma busca? Em nome de quê? Onde está o seu mandado?

Victor sentiu o perigo se aproximando, vindo daquele homem cuja exasperação podia ser medida, e em cujo olhar ele viu desenhado o desejo ferino de morte. Tirou o revólver do fundo do bolso e o apontou contra o adversário:

— Vocês foram vistos ontem, perto da Gare du Nord, com suas malas. O senhor foi visto com sua amante.

— Que piada! — exclamou o barão. — Isso é uma piada, já que não peguei o trem e que estou aqui. Deveríamos ser francos… Do que o senhor me acusa? De ter roubado o envelope pardo? Ou até mesmo de… — Ele disse, baixinho: — Ou até mesmo de ter matado o padre Lescot? É isso, não é?

Um grito rouco ecoou. Élise Masson, lívida e ofegante, perguntou:

— O que você está dizendo? Ele o está acusando de ter matado alguém? De matar o sujeito de Garches?

Ele começou a rir:

— Sinceramente, pode-se acreditar que sim! Vamos, senhor inspetor, essa história não pode ser séria… Que diabos, o senhor interrogou minha esposa…

Ele foi se controlando e se desarmando aos poucos. Victor largou o cabo do seu revólver e dirigiu-se para o espaço que servia de antessala, enquanto d'Autrey continuava a rir com sarcasmo:

— Ah, a polícia! É a primeira vez que a vejo em ação. Mas, caramba, ela sempre se atrapalha assim? Vejamos, senhor inspetor, essas malas estão prontas há semanas. Minha pequena e eu sonhávamos em viajar pelo sul da França. Além disso, isso não funciona assim.

A jovem ouviu, fixando seus grandes olhos azuis, e murmurou:

— Ele se atreve a acusá-lo! Um assassino, você?

Nesse momento, Victor foi levado a executar um plano mais preciso: primeiro, separar os dois amantes, depois conduzir o barão ao Comando Geral da Polícia, e em seguida obter um acordo com seus chefes para que uma busca imediata fosse realizada. Essa era uma operação policial que ele próprio não gostava de fazer, mas que julgava indispensável. Se as apólices estivessem lá naquelas malas, nada nesse mundo poderia deixá-las escapar outra vez.

— Espere-me aqui — disse à jovem. — Quanto ao senhor…

Ele apontou para a porta aberta com tanta autoridade que o barão o acompanhou de modo obediente, desceu os três andares e sentou-se no banco de trás do conversível.

Na esquina da rua, um guarda se ocupava do trânsito. Victor apresentou-se e lhe pediu para que não perdesse de vista nem o carro, nem o homem dentro dele. Em seguida, entrou na casa de um comerciante de vinhos, cuja sala ocupava o andar térreo do edifício, e que possuía um telefone nos fundos da loja. Ele pediu para falar com o Comando da Polícia, e teve de esperar muito, antes de conseguir se comunicar com a polícia judiciária.

— Ah, até que enfim! É você, Lefébure? Sou eu, Victor, da Anticrime. Diga-me, Lefébure, é possível enviar sem demora, dois agentes para a esquina da Rua de Vaugirard com a Rua Luxemburgo? Alô?! Fale mais alto, meu velho. O que você disse? Você ligou para mim em Saint-Cloud? Mas eu não estou lá… O que foi? Querem falar comigo? Quem? O diretor?… Justamente, eu ia…, mas primeiro, mande-me já os dois camaradas, hein? Ah, mais um detalhe, Lefébure! Procure averiguar no Departamento de Identificação Judicial se existe alguma ficha em nome da senhorita Élise Masson, ex-figurante do cabaré Folies-Bergère… Élise Masson…

Quinze minutos depois, dois inspetores chegaram de bicicleta. Após explicar que eles deveriam impedir a fuga de Élise Masson, moradora do terceiro andar, de quem ele deu a descrição exata, levou o barão d'Autrey ao Comando Geral da Polícia e o confiou aos colegas.

2

O senhor Gautier, um diretor astuto e muito hábil, que escondia sua acuidade e seu discernimento atrás de uma aparência ingênua, esperava Victor em seu escritório na companhia de um homem pequeno e robusto, velho o bastante, mas de imagem ainda sólida e de imponente aparência. Ele era um dos superiores imediatos de Victor, o comissário Mauléon.

— Então, Victor! — exclamou o diretor — O que significa isso? Já lhe recomendei mil vezes para mantermos contato absoluto, mas você me deixa, por dois dias, sem nenhuma notícia sua. A delegacia de Saint-Cloud

age de um lado, meus inspetores de um outro, e você de um terceiro. Sem união. Nada planejado em conjunto.

— Em bom francês — observou Victor sem comoção —, isso significa que o caso das apólices e o crime do La Bicoque não estão progredindo como o senhor planeja, chefe?

— Estão a seu gosto, Victor?

— Não estou desgostoso, mas admito, chefe, que não coloco muita fé nisso. O caso me diverte, mas não me embala. Muito fragmentado, atores de terceira, que agem com dispersão e acumulam erros. Nenhum adversário notável.

— Sendo assim — insinuou o diretor —, passe o caso para outra pessoa. Mauléon não conhece Arsène Lupin, mas já o enfrentou, tem longa experiência com esse tipo e é mais qualificado do que ninguém…

Victor se aproximou do diretor, visivelmente confuso.

— O que está dizendo, chefe? Arsène Lupin? Tem certeza? O senhor tem provas de que ele está envolvido no caso?

— Uma prova cabal. Você sabia que Arsène Lupin foi localizado em Estrasburgo e que estava perto de ser preso? Porém, o envelope pardo, que havia sido confiado ao diretor do banco, que teve a imprudência de trancá-lo na gaveta, encontrava-se, a princípio, no cofre-forte do dono das nove apólices, um industrial de Estrasburgo. Sabemos agora que, no dia seguinte ao depósito do envelope no banco, o cofre dele foi arrombado. Por quem? Os trechos que reunimos de uma carta nos indicam que foi por Arsène Lupin!

— A carta era mesmo dele?

— Sim.

— Endereçada a?

— A uma mulher que parece ser sua amante. Ele disse a ela, entre outras coisas: “Tenho todos os motivos para supor que as apólices, que falhei em roubar, foram levadas do banco por um de seus funcionários, Alphonse Audigrand. Se isso a divertir, encarregue-se de encontrar os passos dele em Paris, onde chegarei no domingo à noite. Além do mais, isso não me interessa agora. Penso apenas no outro caso… aquele dos dez milhões. Este vale a pena o sacrifício! Está em bom caminho…”

— Não tem assinatura?

— Sim. Olhe. Ars. L. — e o senhor Gautier finalizou: — Domingo foi o dia em que você esteve no Cine Balthazar, e onde também estiveram Alphonse Audigrand e sua amante, certo?

— E lá também havia uma outra mulher, chefe! — exclamou Victor. — Uma mulher belíssima, que, sem dúvida, espreitava Audigrand… a mesma que eu vi fugindo à noite, depois do assassinato do padre Lescot.

Victor andava na sala de lá para cá, sem disfarçar uma inquietação espantosa, vinda de um homem sempre tão senhor de seus atos.

— Chefe — disse ele por fim —, quando se trata desse maldito, fico cheio de disposição.

— Você parece execrá-lo.

— Eu? Nunca o vi nem pintado, nem ele também me conhece.

— E então?

— Então — disse, cerrando os dentes — isso não impede de termos contas para acertar. E uma conta pesada! Mas falemos sobre o presente.

E, sem mais delongas, ele listou tudo o que tinha feito no dia anterior e nessa manhã: sua investigação em Garches, sua conversa com o casal d'Autrey e Géraume e, ainda com a senhorita Élise Masson. Dessa última, ele mostrou a ficha que pegou ao passar pelo Departamento de Identificação Judicial.

— Órfã, filha de pai alcoólatra e de mãe tuberculosa. Expulsa do cabaré Folies-Bergère depois de inúmeros roubos cometidos no camarim de seus colegas. Alguns indícios levam a crer que ela trabalha como informante de uma facção internacional. Tuberculosa quase crônica.

Fez-se um silêncio. A reação do senhor Gautier expressava a que ponto ele estava satisfeito com os resultados obtidos por Victor.

— Sua opinião, Mauléon?

— Foi um bom trabalho — elogiou o comissário que, naturalmente, tinha suas reservas. — Um bom trabalho que precisa ser examinado de perto. Se não se importa, eu mesmo retomo o interrogatório do barão.

— Pode retomá-lo sozinho — murmurou Victor com a sua descortesia de sempre. — Espero por você no carro.

— E nos reencontraremos aqui esta noite — concluiu o diretor. — Assim, poderemos fornecer elementos importantes à instrução que o Ministério Público acaba de abrir em Paris.

Ao cabo de uma hora, Mauléon levou o barão de volta para o carro e disse a Victor:

— Nada mais a fazer com esse tratante aqui.

— Vamos até a casa da senhorita Élise Masson? — sugeriu Victor.

O comissário objetou:

— Ora! Ela já está sendo vigiada. A perquirição acontecerá em breve, antes mesmo da nossa chegada. Existem coisas mais urgentes, na minha opinião.

— O que, por exemplo?

— O que fazia, no momento do crime, Gustave Géraume, vereador de Garches e proprietário do apartamento dos d'Autrey? Uma pergunta que a esposa dele se faz, e que eu gostaria de fazer também ao amigo dele, Félix Devalle, corretor de imóveis em Saint-Cloud, cujo endereço acabei de descobrir.

Victor deu de ombros e sentou-se ao volante, perto de Mauléon. D'Autrey e um inspetor ocuparam os assentos traseiros.

Em Saint-Cloud, os dois policiais encontraram Félix Devalle em seu escritório, um moreno bem forte, de barba bem cuidada, e que, mal abrindo a boca, parecia se divertir com a história.

— Ah! Mas o que estão tramando contra o meu amigo Géraume? Já esta manhã, recebi um telefonema de sua esposa e, desde então, duas visitas de jornalistas.

— A propósito de quê?

— Da hora em que ele chegou em casa anteontem, quinta-feira, à noite.

— E o senhor respondeu?

— A verdade, claro! Soava dez e meia da noite quando ele me deixou na porta de casa.

— Justamente, sua esposa acha que ele só voltou para casa de madrugada.

— Sim, eu sei, ela berra isso aos quatro cantos, como uma mulher feroz, enlouquecida de ciúmes. "O que o senhor fez a partir das dez e meia da noite? Onde o senhor esteve?" Daí a Justiça se intromete, os repórteres retornam à minha casa e, como um crime foi cometido nessa hora, aqui está o meu pobre amigo virando suspeito!

Ele riu com vontade.

— Gustave, ladrão e assassino! Gustave, que não mataria nem uma mosca!

— Seu amigo estava um pouco embriagado?

— Oh! Quase nada. Ele fica tonto com facilidade! Ele até queria me arrastar para a taverna aqui perto, no cruzamento, que fecha apenas à meia-noite. Grande Gustave!

Os dois policiais foram até a taverna. Disseram-lhes que o senhor Gustave Géraume, cliente assíduo da casa, entrara para beber um *kümmel*, um pouco depois das dez e meia da noite de anteontem.

Assim, a pergunta ganhou força: o que fizera Gustave Géraume, das dez e meia da noite até o meio da madrugada?

Eles levaram o barão d'Autrey de volta para a casa dele, assim como o inspetor encarregado de vigiá-lo, e Mauléon quis seguir até o casarão de Géraume, onde não encontraram ninguém.

— Vamos almoçar — disse Mauléon. — Já está tarde.

Almoçaram no Café de Sports, mal trocando algumas palavras. O silêncio e o mau humor de Victor revelavam como pareciam tolas as preocupações do comissário.

— O quê! — gritou Mauléon. — Você não acha que há algo de estranho no comportamento desse indivíduo?

— Qual indivíduo?

— Gustave Géraume.

— Gustave Géraume? Ele vem em segundo plano para mim.

— Mas me diga, droga, qual é o seu primeiro plano!

— Ir direto à casa da Élise Masson.

— E o meu — proferiu Mauléon, que se animava rápido e que ainda persistia — é o de ver a senhora d'Autrey. Vamos!

— Vamos — concordou Victor, dando mais ainda de ombros.

O inspetor, postado na calçada, vigiava na frente da casa. Eles avançaram. Mauléon tocou a campainha. Abriram a porta. Estavam prestes a entrar, quando foram chamados lá de baixo. Um agente subia a toda velocidade; tinha recebido um recado de um dos dois ciclistas que Victor designara para vigiar o prédio na Rua de Vaugirard, onde Élise Masson morava.

— E aí, o que há de errado? — ele perguntou.

— Ela foi assassinada… provavelmente estrangulada…

— Élise Masson?

— Sim.

3

Mauléon era impulsivo. Ao se dar conta de que havia cometido um engano ao não começar as investigações pela Rua de Vaugirard, como seu companheiro queria, ferveu de raiva e, sem saber a quem culpar, irrompeu na sala onde estava o casal d'Autrey e gritou, sem dúvida na esperança de provocar uma reação da qual ele tiraria proveito:

— Ela foi assassinada! É isso mesmo! Por que não nos avisaram do perigo que essa infeliz corria? Se a mataram, foi porque o senhor lhe confiou as apólices, senhor d'Autrey, e alguém tinha conhecimento disso. Quem? O senhor está disposto a colaborar conosco, agora?

Victor queria intervir, mas Mauléon obstinou-se:

— O quê? Ficar calmo? Não tenho esse hábito. A amante de d'Autrey foi assassinada. Pergunto se ele pode ou não nos oferecer uma pista. Já! sem demora!

Se houve uma reação, ela não veio do senhor Autrey, que permaneceu paralisado, com os olhos arregalados e como se tentasse entender o real significado daquelas palavras. Mas Gabrielle d'Autrey voltou a si e, rígida, olhou para o marido, esperando um protesto, um levante, um sobressalto. Ela teve de se apoiar para não cair. Quando Mauléon calou-se, ela balbuciou:

— Você tinha uma amante… Você! Você! Maxime! Uma amante… Então, todos os dias, quando você ia a Paris… — Ela repetiu, em voz baixa, enquanto suas bochechas coradas empalideceram: — Uma amante! Uma amante! Como isso é possível? Você tinha uma amante!

Ao final, ele respondeu, com o mesmo tom de lamúria:

— Perdoe-me, Gabrielle… Não sei como isso foi acontecer… E aí está, ela morreu…

Gabrielle fez o sinal-da-cruz.

— Ela está morta…

— Você ouviu. Tudo o que está acontecendo, nestes dois dias, é terrível. Não entendo mais nada… um pesadelo… Por que me torturar assim? Por que essas pessoas querem me prender?

Ela encolheu-se.

— Prender você?… Você está louco?… Por que prender você?

Ela explodiu de desespero, jogou-se no chão e, de joelhos, com as mãos unidas e estendidas para o comissário, implorou:

— Não, não… o senhor não tem esse direito… eu juro, ele é inocente! Pelo assassinato do padre Lescot? Mas como, se ele estava comigo?… Ah! juro pela minha salvação eterna… ele me beijou… e então… e então… eu adormeci nos braços dele… Sim, nos braços dele. Como o senhor pode querer que…? Não, não é? Isso seria monstruoso! — Ela gaguejou ainda mais algumas palavras, mas sua voz, cada vez mais cansada, tornou-se indistinta. E desfaleceu.

Sua dor de mulher enganada, seu medo, suas orações, seus desmaios, tudo soava natural e profundamente sincero. Seria inadmissível achar que ela mentia.

Maxime d'Autrey apenas chorava, sem pensar em zelar pela esposa. Depois de um momento, levemente desperta, ela também chorou aos soluços.

Mauléon pegou o braço de Victor e o tirou dali. No vestíbulo, a velha empregada, Anna, escutava da porta. Ele disparou-lhe:

— Diga a eles para ficarem aqui esta noite… até amanhã. Além disso, haverá alguém de vigília lá embaixo que os impedirá de sair.

No carro, ele disse, em tom irritado:

— Ela estaria mentindo? Quem saberia dizer? Já vi muitas atrizes em cena! O que você acha?

Victor ficou em silêncio, ele dirigia em alta velocidade, tão rápido que Mauléon quis moderá-lo, mas não ousou, temendo que Victor acelerasse ainda mais. Estavam furiosos um com o outro. Os dois colaboradores, associados ao diretor da polícia judiciária, não se davam bem.

A fúria de Mauléon persistia quando cruzaram a multidão aglomerada na esquina da Rua de Vaugirard e entraram na casa. Victor, ao contrário, permanecia calmo e seguro. Logo os agentes lhes passaram as informações, e eles avaliaram a situação que encontraram.

"Às treze horas, os agentes encarregados da busca, após tocarem a campainha no patamar superior da escadaria do terceiro andar, em vão, e sabendo, pelos ciclistas que patrulhavam a rua, que a jovem Élise Masson não havia saído do prédio, chamaram o chaveiro mais próximo. A porta foi

aberta e assim que entraram, viram Élise Masson deitada no sofá-cama de seu quarto, virada de costas, pálida, com os braços enrijecidos e os pulsos, por assim dizer, contorcidos pelo esforço de sua resistência.

Nenhum sangue. Nenhuma arma. Nenhum traço de luta entre móveis e objetos, mas o rosto estava inchado e coberto de manchas escuras."

— Manchas significativas — disse o médico-legista. — Houve estrangulamento, provocado por uma corda ou por uma toalha, talvez, um lenço…

Imediatamente Victor percebeu a ausência do lenço laranja e verde que a vítima usava. Ele perguntou, ninguém o vira.

Estranhamente, as gavetas não foram tocadas, nem mesmo o armário com espelhos. Victor encontrou a bolsa de viagem e a mala exatamente como as havia deixado pela manhã. Isso significava que o assassino não procurava pelas apólices, ou sabia que elas não estavam no apartamento.

Questionada, a zeladora observou que a má localização do seu aposento nem sempre lhe permitia distinguir as pessoas que entravam ou saíam, dado o número de apartamentos. Em resumo, ela não havia notado nada de anormal e não poderia dar qualquer indício.

Mauléon puxou Victor para um canto. Um dos inquilinos do quinto andar, um pouco antes do meio-dia, havia cruzado com uma mulher que descia apressada a escada, entre o segundo e o terceiro piso, e teve a impressão de que uma das portas desse último piso havia acabado de se fechar. Ela se vestia com simplicidade, como uma mulher comum. Ele não conseguiu ver seu rosto, que ela parecia querer esconder. — Mauléon adicionou: — A morte aconteceu no final da manhã, segundo o médico-legista, que, no entanto, não pode precisar o horário, dado o precário estado de saúde da vítima. Por outro lado, o resultado de um primeiro exame indica que os objetos, certamente tocados pelo assassino, não apresentam nenhuma impressão digital, ou seja, houve precaução com o uso de luvas.

Victor sentou-se em um canto, com os olhos atentos. Olhou para um dos agentes que vasculhava a sala com meticulosidade, que erguia cada objeto de decoração, que escrutinava as paredes, que balançava as cortinas. Abriu e esvaziou uma cigarreira velha, fora de uso, feita de palha trançada. Ela continha cerca de quinze fotografias desbotadas. Victor as examinou igualmente. Eram fotos amadoras, como aquelas que se tiram durante uma festa, entre amigos. Amigos, Élise Masson, figurantes, vendedoras,

balconistas… Mas, por debaixo de um pedaço de papel de seda amassado, que forrava o fundo da caixa, descobriu uma foto dobrada duas vezes, de melhor qualidade, e teve quase a certeza de que nela estava a misteriosa criatura do Cine Balthazar e do La Bicoque.

Ele colocou a cigarreira no bolso e não tocou no assunto.

As investigações

1

A reunião agendada pelo diretor da polícia judiciária aconteceu no gabinete do senhor Validoux, juiz de instrução designado para o caso, e que tinha acabado de chegar do La Bicoque, onde havia iniciado sua investigação e recolhido testemunhos. Fora uma reunião bem confusa; o caso das apólices, que já havia resultado em dois crimes, chamara atenção do público, e os jornais se manifestavam com ardor. O nome de Arsène Lupin aparecia no meio do tumulto e da profusão de eventos contraditórios, de hipóteses improváveis, de acusações infundadas e de fofocas sensacionalistas. Tudo isso acontecera no curto espaço de uma semana, e uma reviravolta espetacular surgia a cada momento.

— Devemos agir rápido e avançar a partir de agora — insistiu o comandante-geral da polícia, que foi pessoalmente ouvir o relatório do comissário Mauléon, e que se retirou fazendo um apelo urgente pelo esforço de cada um.

— Agir com rapidez — resmungou o senhor Validoux, um homem plácido, indeciso, e que tinha justamente por teoria deixar os acontecimentos fluírem. Agir com rapidez, era fácil dizer. Mas agir em qual direção? E como ter êxito? Logo que enfrentamos os fatos, toda a realidade se dissipa, toda a certeza se desintegra, e os argumentos se confrontam uns aos outros, todos igualmente lógicos e igualmente frágeis.

Em primeiro lugar, não havia prova irrefutável de que houvesse uma correlação entre o roubo das apólices e o assassinato do padre Lescot. Alphonse Audigrand e a datilógrafa Ernestine não negaram o fugaz papel

que tiveram, mas a senhora Chassain contestou e, embora sua relação íntima com o padre Lescot pudesse ser constatada, a incursão pelo envelope pardo não podia ser confirmada. De tal forma que, se havia fortes suposições contra o barão d'Autrey, os motivos de seu suposto crime permaneciam inexplicados.

Finalmente, qual seria a possível ligação entre os assassinatos do padre Lescot e de Élise Masson?

— Em resumo — formulou o comissário Mauléon —, todos esses casos estão ligados entre si apenas pelo impulso do inspetor Victor, que saiu do Cine Balthazar no domingo passado, para terminar hoje, sem pausa, perto do cadáver de Élise Masson. Em última análise, ele nos impôs a sua interpretação.

O inspetor Victor não deixou de dar de ombros. Essas reuniões o irritavam, e seu obstinado silêncio encerrou a discussão.

No domingo, o inspetor chamou em sua casa um desses ex-seguranças que decidiu permanecer no Comando Geral da Polícia mesmo depois de aposentado, e que continua a empregá-lo por conta de sua lealdade e dos seus serviços prestados. O velho Larmonat era muito dedicado a Victor, objeto de sua admiração, e sempre pronto a cumprir missões complicadas, confiadas a ele pelo inspetor.

— Informe-se o melhor que puder — disse a ele — sobre a vida que Élise Masson levou, e tente descobrir se ela não tinha algum amigo mais íntimo ou, além de Maxime d'Autrey, alguma relação mais estável.

Na segunda-feira, Victor foi até Garches, onde o Ministério Público, que havia esmiuçado o apartamento de Élise Masson pela manhã, reconstituiu, à tarde, sob suas instruções, o crime do La Bicoque.

Convocado, o barão d'Autrey mostrou-se disposto e defendeu-se com um vigor impressionante; no entanto, parecia certo que ele havia sido visto no dia seguinte ao crime, em um táxi nas proximidades da Gare du Nord. As duas malas prontas, encontradas em sua casa, e mais o boné cinza, justificavam as mais fortes suspeitas.

Os magistrados queriam fazer uma acareação entre marido e esposa, fazendo entrar a baronesa. Sua entrada, na pequena sala do La Bicoque, causou espanto. Ela estava com um olho inchado, uma bochecha apresentando profundos arranhões, com a mandíbula torta, e de postura arqueada. De pronto, a velha empregada, Anna, que a amparava,

interrompeu-a e, apontando para o barão, gritou:

— Foi ele, senhor juiz, que a colocou nesse estado essa manhã! Ele a teria nocauteado se eu não os tivesse separado. Um louco, juiz, um demente… Ele batia com toda a força, em todas as direções, e sem dizer uma palavra!

Maxime d'Autrey recusou-se a se explicar. Com voz de cansaço, a baronesa contou, aos poucos, que não entendia nada. Eles discutiam amigavelmente; então, seu marido, de repente, voou para cima dela.

— Ele está tão infeliz! — acrescentou. — Tudo o que está acontecendo aqui o faz perder a cabeça. Ele nunca me bateu… Não se deve julgá-lo por isso.

Ela segurava-lhe as mãos e o olhava com ternura, enquanto ele chorava, de olhos inchados, de aparência distante, envelhecido dez anos.

Victor perguntou à baronesa.

— A senhora ainda afirma que seu marido entrou em casa, na quinta-feira, às onze horas da noite?

— Sim.

— E que ele a beijou depois de se deitar?

— Sim.

— Certo. Mas a senhora tem certeza de que ele não se levantou meia hora ou uma hora mais tarde?

— Certeza.

— Em que a senhora baseia a sua certeza?

— Se ele não estivesse mais lá, eu teria sentido, já que eu estava em seus braços. Além disso… — Ela corou, como sempre acontecia, e sussurrou: — Uma hora depois, ainda sonolenta, eu disse a ele: "Hoje é meu aniversário".

— E então?

— Então ele me beijou novamente.

Havia algo de comovente em sua introspecção, em seu pudor, mas uma dúvida sempre surgia: não estaria ela fazendo cena? Por mais profunda que fosse a impressão de sua sinceridade, não se poderia supor que ela encontraria, por imposição da convicção, a entonação adequada para salvar o marido?

Os magistrados permaneceram indecisos. A chegada repentina do comissário Mauléon, que permanecera no Comando Geral da Polícia, revirou o caso. Após atrair a todos para o pequeno jardim do La Bicoque,

disse com veemência:

— Novidades… dois fatos importantes… três até! Para começar, a escada de ferro utilizada pela cúmplice que o inspetor Victor viu na janela do segundo andar foi encontrada essa manhã, em um jardim abandonado de uma propriedade localizada ao longo da costa, que desce do Haras de La Celle até Bougival. A fugitiva, ou os fugitivos, a teriam jogado por cima do muro. Enviei a escada ao fabricante, e descobri que ela foi vendida para uma mulher que parece ser aquela encontrada perto da casa de Élise Masson, no momento do crime da Rua de Vaugirard. Esse foi apenas o começo! — Mauléon retomou o fôlego e continuou: — Em segundo lugar, um motorista se apresentou para dar um depoimento, no Comando Geral da Polícia, e que trago aqui em mãos. Sexta-feira à tarde, um dia após o assassinato de Lescot, ele estava estacionado na Praça de Luxemburgo, quando um cavalheiro, carregando uma mala de lona, e uma senhora com uma mala de viagem nas mãos, entraram no táxi: "Gare du Nord". "Para o setor de embarque"? "Sim", disse o cavalheiro. Deviam estar adiantados, pois ficaram no carro por uma hora, nos arredores da estação. Em seguida, eles se sentaram no terraço de um café, e o motorista os viu comprando um jornal, de um ambulante que passava. No final, o cavalheiro trouxe a senhora de volta, que regressou sozinha à Praça de Luxemburgo, e saiu andando a pé, com suas duas malas, em direção à Rua de Vaugirard.

— Descrição? — perguntou um dos ouvintes.

— As descrições coincidem com a do barão e de sua amante.

— Horário?

— Cinco e meia. — E Mauléon continuou: — Assim, após mudar de opinião, não sei por quê, desistindo de fugir para o exterior, o senhor d'Autrey manda a sua amante de volta para casa, toma um táxi, e aparece para o trem das seis horas, em Garches, onde se apresenta como um homem honesto, decidido a enfrentar os acontecimentos.

— E em terceiro lugar? — perguntou o juiz de instrução.

— Uma denúncia anônima, feita por telefone, direcionada ao vereador Gustave Géraume. Meu interesse imediato em seguir essa pista foi negligenciado pelo inspetor Victor. O indivíduo que me telefonou declarou que, se prosseguíssemos com afinco a investigação, saberíamos o que fez, em particular, o vereador Gustave Géraume após passar pela taverna do cruzamento, e que seria interessante revistar a escrivaninha de seu gabinete.

Mauléon terminou. Ele e o inspetor Victor foram mandados para o casarão do vereador; o inspetor Victor relutou, mas o acompanhou.

2

Encontraram Gustave Géraume com sua esposa, em seu gabinete e, logo que ele percebeu que Victor e Mauléon haviam sido designados para o caso, Gustave Géraume cruzou os braços e bradou com uma indignação que revelava tanto ironia, quanto raiva:

— Ah! Essa brincadeira ainda não acabou? Faz três dias que isso perdura. Os senhores acham que isso é vida? Meu nome está nos jornais, as pessoas não me cumprimentam!… Hein, Henriette! Isso é que dá sair por aí me maldizendo e contando sobre nossa vida conjugal! Hoje, todos se voltam contra nós.

Henriette, que Victor antes vira tão fogosa, baixou a cabeça e sussurrou:

— Você tem razão, eu já lhe disse. A ideia de que Devalle lhe atirasse para outras mulheres me fez perder a cabeça. Bobagem minha, principalmente porque eu me enganei e porque você chegou em casa bem antes da meia-noite.

O comissário Mauléon apontou para a mobília de mogno.

— O senhor tem a chave desta escrivaninha?

— Sim.

— Poderia abri-la, por favor.

— Por que não? — Tirou um molho de chaves do bolso, inseriu uma chave à frente da escrivaninha e girou, revelando meia dúzia de pequenas gavetas.

Mauléon as vistoriou. Em uma delas, havia uma sacola de lona preta, amarrada por um barbante. Dentro da sacola, finas camadas de uma substância esbranquiçada…

Mauléon disse:

— Estricnina. Onde o senhor conseguiu isso tudo?

— Consigo com facilidade — respondeu Gustave Géraume. — Participo de algumas caçadas em Sologne, e usamos isso para acabar com os parasitas…

— O senhor sabia que o cachorro do senhor Lescot foi envenenado com estricnina?

Gustave Géraume riu com franqueza.

— E daí? Sou o único a possuí-la? Tenho eu esse privilégio?

Henriette não sorria. Seu rosto alegre assumiu uma feição de pavor.

— Abra seu escritório para mim — ordenou Mauléon.

Géraume, que agora parecia preocupado, hesitou, depois obedeceu.

Mauléon folheou alguns papéis, deu uma olhada em dossiês e em registros. Avistando o revólver Browning, ele o examinou e depois mediu o diâmetro do cano de duplo decímetro.

— É uma Browning de sete tiros — disse ele — que parece ser de calibre 7,65mm.

— Sim, 7,65mm — disse Géraume.

— Foi de uma Browning deste mesmo calibre que foram disparadas duas balas, uma que matou o padre Lescot e a outra que feriu o inspetor Hédouin.

— Como o senhor quer que eu reaja? — perguntou Géraume. — Não a uso desde que comprei… cinco ou seis anos atrás.

Mauléon tirou o carregador e viu que faltavam duas balas. O comissário insistiu:

— Faltam duas balas. — Após um novo exame, ele retomou: — Seja lá o que o senhor diga, parece-me que o interior do cano armazena vestígios de pólvora queimada recentemente. Os peritos vão averiguar.

Gustave Géraume permaneceu confuso por um longo tempo. Após refletir, deu de ombros.

— Nada disso faz sentido. O senhor poderia ter mil provas contra mim como essa, que elas não mudariam a verdade. Pelo contrário, se eu fosse culpado, não haveria estricnina nesta escrivaninha, nem neste escritório haveria um revólver do qual faltam duas balas.

— Como o senhor explica essas coincidências?

— Não explico nada. O crime foi cometido, ao que parece, à uma da manhã. Mas, meu jardineiro Alfred, cujo aposento fica a trinta passos da minha garagem, ainda me disse há pouco que entrei em casa por volta das onze horas. — Ele se levantou e gritou pela janela: — Alfred!

O jardineiro era tão tímido que, antes de cada resposta, girava seu boné umas mil vezes por entre os dedos.

Mauléon se irritou:

— Vamos lá! Quando o seu patrão estaciona o carro, você consegue ouvi-lo, sim ou não?

— Diabos! Isso depende… tem dias…

— Quero saber daquele dia?

— Não tenho certeza… acho que sim…

— O quê! — exclamou Gustave Géraume. — Você não tem certeza?

Mauléon interveio e, aproximando-se do jardineiro, formulou em tom austero:

— Não se trata de fingir… Um falso testemunho pode lhe trazer sérias consequências. Diga a mais pura verdade… simplesmente… A que horas você ouviu o barulho do carro, naquela noite?

Alfred apalpou de novo seu boné, engoliu seco, inspirou e ao final gaguejou:

— Por volta de uma e quinze da madrugada… uma e meia talvez…

Mal teve tempo de terminar a frase. O plácido e jovial Géraume empurrou-o em direção à porta e chutou-lhe o traseiro.

— Saia! Que eu não o veja de novo… acertaremos suas contas essa noite.

Então, repentinamente aliviado, ele voltou para Mauléon e disse:

— Estou me sentindo melhor agora. Faça o que quiser, mas vou avisando que ninguém vai me arrancar uma palavra… nem uma única palavra… Virem-se como puderem!

Sua esposa se jogou em seus braços, soluçando. Ele seguiu Mauléon e Victor até o La Bicoque.

Na mesma noite, o barão d'Autrey e Gustave Géraume foram conduzidos às instalações da polícia judiciária, e colocados à disposição do juiz de instrução.

O senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, encontrando-se com Victor, disse-lhe:

— E então, Victor, estamos avançando, hein?

— Um pouco rápido demais, chefe.

— Explique-se.

— Ora! De que adianta? Era necessário dar uma satisfação à opinião pública. Foi feito. Viva Mauléon! Abaixo Victor! — Ele pediu a seu superior: — Assim que conhecermos o motorista que conduziu o barão, no

dia seguinte ao crime, da Gare du Nord até a Gare Saint-Lazare, prometa que me avisará, chefe.

— Qual a sua expectativa?

— Reencontrar as apólices…

— Diabos! E enquanto isso?…

— Enquanto isso vou cuidando de Arsène Lupin. Todo esse caso enrolado e complicado, feito de peças que não se encaixam, só fará sentido quando o papel de Arsène Lupin for desvendado. Até aqui, temos um caso muito cabeludo, muita falácia e muito quiproquó.

3

A opinião pública, de fato, ficou satisfeita. Os acontecimentos não esclareciam nem o crime do La Bicoque, nem o crime da Rua de Vaugirard, nem o roubo das apólices, mas, no dia seguinte, depois de um interrogatório inútil, já que nenhuma pergunta foi respondida, d'Autrey e Géraume dormiram na prisão de Santé.

Tanto para os jornais, quanto para o público, ambos eram cúmplices de uma grande organização, montada, sem dúvida, por Arsène Lupin. Entre eles e Arsène Lupin, uma mulher, obviamente sua amante, servia como intermediária. A instrução judicial determinaria o papel de cada um deles.

"Afinal", pensou Victor consigo mesmo "nem tudo era assim tão mal fundamentado. O essencial era chegar a Lupin, e como chegar até ele senão por meio de sua amante, e de se certificar que a senhora do Cine Balthazar, a mulher do La Bicoque, aquela que comprara a escada e a simplória mulher vista no andar de Élise Masson eram a mesma pessoa?"

Ele mostrou a foto que tinha ao balconista que vendera a escada, e depois também para o inquilino que avistara a simplória mulher saindo apressada do prédio, e obteve respostas análogas: "Se não for ela, se parece muito!"

Finalmente, em uma manhã, ele recebeu uma carta de seu fiel amigo Larmonat:

Seguindo a pista.

Vou ao funeral de Élise Masson, perto de Chartres.

Até mais tarde.

À noite, Larmonat chegou com uma amiga de Élise, a única que fizera o trajeto e que seguira o humilde cortejo fúnebre da órfã. Armande Dutrec, uma bela garota de cabelos castanhos, de modos francos, era ligada a Élise por meio do music-hall e se viam com frequência. Sua amiga sempre lhe parecera possuir uma natureza misteriosa, "com relações duvidosas", disse ela.

Victor pediu para que ela examinasse todas as fotos. Diante da última, a reação foi imediata.

— Ah! Essa aqui, eu a vi… alta, muito pálida, com olhos inesquecíveis. Eu tinha um encontro com a Élise, perto do Ópera de Paris. Élise saiu de um carro dirigido por uma mulher… essa mulher aqui, eu a reconheço.

— Élise não lhe contou nada a respeito?

— Não. Mas uma vez eu surpreendi esse endereço em uma carta que ela colocava nos correios: "Princesa… em seguida, um nome russo que não consegui ler bem… e o nome de um hotel, na Praça da Concórdia". Tenho certeza de que se tratava dela.

— Faz muito tempo?

— Três semanas. Depois disso, nunca mais vi a Élise; seu caso com o barão d'Autrey a mantinha muito ocupada. Além disso, ela se sentia doente e por isso só pensava em ir se curar nas montanhas.

Naquela mesma noite, Victor soube que uma princesa, Alexandra Basileïef, havia se hospedado em um grande hotel na Concórdia e que sua correspondência era enviada ao Hotel Cambridge, do Champs-Élysées.

Princesa Basileïef? Um dia bastou para Victor e Larmonat saberem que a única descendente de uma grande e tradicional família russa com esse nome estava em Paris, e que seu pai, sua mãe e seus irmãos haviam sido massacrados a mando da Tchéka[1], e que ela, Alexandra Basileïef, deixada para morrer, fora capaz de se salvar e de cruzar a fronteira. Como a família sempre tivera propriedades na Europa, ela era rica e vivia como bem entendesse, de forma original, bastante solitária, embora mantivesse relações com algumas senhoras da comunidade russa, que sempre a chamavam de princesa Alexandra. Agora era uma jovem mulher de trinta anos.

Larmonat foi averiguar no Hotel Cambridge. A princesa Basileïef quase não saía, costumava tomar chá no salão de baile e também jantava no restaurante do hotel. Nunca falava com ninguém.

Uma tarde, Victor sentou-se, com discrição, entre a elegante multidão que rodopiava ou que conversava ao som da orquestra. Uma mulher alta, pálida, loiríssima, passou e sentou-se a poucos metros dele. Era ela!

Sim, era ela, a senhora do Cine Balthazar! Ela, a visão esfumaçada da janela do La Bicoque! Era ela e, contudo…

À primeira vista, sem dúvida. Duas mulheres não dariam essa mesma impressão de beleza, não teriam esse mesmo olhar inabalável, nem essa mesma palidez, tampouco essa mesma suntuosidade. Mas os cabelos loiros, cor palha, leves e cacheados, tiravam da fisionomia todo o lado patético que se associava, na memória de Victor, aos cabelos alaranjados.

Ficou cismado. Retornou duas vezes, sem reencontrar a mesma convicção causada pelo primeiro impacto. Mas, por outro lado, essa patética feição, registrada à noite, em Garches, não derivava das circunstâncias, do crime cometido, do perigo corrido, do medo?

Ele fez entrar a amiga de Élise Masson.

— Sim — disse ela imediatamente —, é a senhora que vi com Élise, em seu automóvel… Sim, acho que é ela.

Dois dias depois, um viajante chegou ao Hotel Cambridge. Ele escreveu na folha de registro que lhe foi apresentada: Marcos Avisto, sessenta e dois anos, proveniente do Peru.

Ninguém poderia reconhecer, nesse respeitável cavalheiro, muito distinto, vestido com sobriedade, envelhecido dez anos, cabelos completamente brancos, o ar amável de quem a vida só presenteou com benesses e privilégios, o policial Victor, da Brigada Anticrime, tão rígido em sua casaca de adjunto aposentado e com ar tão pouco convidativo.

Deram-lhe um quarto, no terceiro andar. O aposento da princesa ficava nesse andar, uma dúzia de portas mais distante.

"Está correndo tudo bem", pensou Victor consigo mesmo. "Mas não há tempo a perder. É preciso agir e rápido!"

---

[1] Polícia secreta da antiga União Soviética. (N.T.)

A princesa Basileïef

1

No enorme hotel de quinhentos aposentos, onde a multidão se aglomerava todas as tardes e noites, um homem como Marcos Avisto não chamava muita atenção, e ele tirava proveito disso para não ser notado por uma mulher que parecia tão absorta em si mesma, tão distraída, como a princesa Alexandra Basileïef.

Isso permitiu que ele realizasse uma vigilância quase ininterrupta. Durante os primeiros quatro dias, ela não saiu do hotel, não recebeu visitas ou correspondência. Se ela se comunicava com o mundo externo, só poderia fazê-lo pelo telefone de seu quarto, como Victor fazia com seu camarada Larmonat.

Ele ansiava pela hora do jantar para encontrá-la, mas cuidava para jamais cruzar com o seu olhar, embora nunca tirasse os olhos dela; e esse espetáculo o seduzia. Era possível dizer que, sob a aparência de um homem viajado, ele se permitia viver emoções e admirações proibidas ao inspetor da Brigada Anticrime. Ele se revoltou com a ideia de que tal criatura pudesse ser vítima de um aventureiro, e resmungou consigo mesmo: "Não, não é possível… Uma mulher dessa estirpe e de tanta qualidade não pode ser amante de um ladrão como esse Lupin".

Deveríamos mesmo admitir que ela era a ladra do La Bicoque e a assassina da Rua de Vaugirard? Seria possível matar para roubar algumas centenas de milhares de francos quando se é rico, e quando se tem mãos aristocráticas, esguias e alvas, cravadas de diamantes?

Na quarta noite, quando ela ia subir para o seu quarto, depois de fumar no corredor, ele se preparou para entrar no elevador que ela estava prestes a tomar. Ele entrou, fez uma reverência, mas não olhou para ela.

O mesmo se deu na quinta à noite, como que por acaso. E aconteceu de forma tão natural que, se mais mil encontros tivessem acontecido, teriam sido nos mesmos moldes de educada indiferença e de distração recíproca. Ela se mantinha perto do ascensorista, de frente para a saída; Victor atrás dela.

Na sexta à noite, não deu a mesma sorte de encontrá-la. Mas no sétimo dia, Victor apareceu na hora em que as grades se fechavam, entrou e ocupou seu lugar habitual, nos fundos do elevador.

No terceiro andar, a princesa Basileïef virou à direita e se dirigiu ao seu quarto. Victor, que residia na mesma direção, só que um pouco mais longe, seguiu-a.

Mal ela deu dez passos no corredor deserto, colocou as mãos, de repente, sobre a nuca e parou.

Victor se aproximava. Ela agarrou seu braço, e pronunciou, com a voz agitada:

— Cavalheiro… levaram-me uma presilha de esmeraldas… que eu usava nos cabelos… Aconteceu agora no elevador… tenho certeza disso…

Ele ficou indignado. O tom foi hostil.

— Sinto muito pela senhora…

Por três segundos, seus olhares se encontraram. Ela se recompôs.

— Vou procurá-la — disse ela, refazendo seus passos. — Sem dúvida, a presilha deve ter caído.

Ele igualmente agarrou o braço dela.

— Com licença, minha senhora, antes de procurá-la, seria melhor esclarecer um pequeno detalhe. A senhora sentiu tocarem os seus cabelos?

— Não prestei atenção na hora. Mas agora…

— Consequentemente, só poderia ter sido eu… ou o ascensorista.

— Oh! Não, esse rapaz seria incapaz de…

— Então, teria sido eu?

Fez-se um silêncio. Seus olhos se reencontraram, eles se encaravam. Ela sussurrou:

— Eu certamente me enganei, cavalheiro. Essa presilha talvez não estivesse presa nos meus cabelos. Vou reencontrá-la quando chegar ao meu

quarto.

Ele a deteve.

— Quando nos separarmos, será tarde demais, e a senhora vai continuar desconfiando de mim, o que não posso tolerar. Recomendo veementemente que desçamos juntos à repartição do hotel, para que a senhora apresente uma queixa… que seja até mesmo contra mim.

Ela pensou, depois disse claramente:

— Não, cavalheiro, é inútil. O senhor reside no hotel?

— Quarto 345. Senhor Marcos Avisto.

Ela se afastou, repetindo o seu nome.

Victor voltou para casa. Seu amigo Larmonat o esperava por lá.

— E então?

— E então, está feito! — exclamou Victor. — Ela compreendeu rápido, tanto que o impacto entre nós foi imediato.

— E então?

— Ela recuou.

— Recuou?

— Sim. Ela não se atreveu a ir até o fim de suas suspeitas. Ele tirou a presilha do bolso e a colocou dentro de uma gaveta.

— Era exatamente isso o que eu queria.

— Isso era o que você queria?

— Claro! — exclamou Victor. — Você não entendeu o meu plano?

— Sinceramente…

— No entanto, ele é muito simples! Atrair a atenção da princesa, aguçar sua curiosidade, entrar em sua intimidade, inspirá-la com a mais absoluta confiança e, por meio dela, encontrar Lupin.

— Isso vai demorar.

— É por isso que sou impetuoso, mas, diabos, é preciso cautela e maestria também! Uma manobra simplesmente emocionante! A ideia de investir em Lupin, de chegar até ele, de me tornar seu cúmplice, seu braço direito e, no dia em que ele meter as mãos nos dez milhões que procura, eu estar lá, Victor, da Brigada Anticrime… Essa ideia me deixa alvoroçado! Sem contar… Sem contar que ela é linda de morrer, a princesa é magnífica!

— Como pode se preocupar com essas futilidades, Victor?

— Não, não me preocupo, mas tenho olhos para enxergar.

— Vou devolvê-la — ele disse — assim que ela reagir como prevejo. Não vai demorar.

O telefone tocou. Ele pegou o gancho.

— Alô? sim, sou eu. A presilha?… foi encontrada… Ah! bem, fico muito feliz… com os meus cumprimentos, minha senhora. — Desligou e caiu no riso. — Ela encontrou, na toalete dela, a joia que está nessa gaveta, Larmonat. O que significa que, decididamente, ela não se atreve a dar queixa e a correr o risco de se envolver em um escândalo.

— No entanto, ela sabe que a joia sumiu?

— Sim.

— E ela suspeita que foi roubada?

— Sim.

— Por você?

— Sim.

— Então ela acredita que você é um ladrão? Você está jogando um jogo perigoso, Victor…

— Pelo contrário! Quanto mais bonita ela me parece, mais me enfureço com aquele patife do Lupin. Ele tem muita sorte!

2

Por dois dias, Victor não reviu Alexandra Basileïef. Ele saíra para se informar, ela não se mexera do seu aposento.

Na noite seguinte, foi jantar no restaurante. Victor ocupou uma mesa próxima à dela. Ele não a olhou, mas ela não podia deixar de vê-lo, de perfil, muito calmo e preocupado apenas em degustar o seu vinho da Borgonha.

Fumaram no corredor, sempre alheios um ao outro. Victor encarava de relance os homens que ali transitavam e tentou discernir se, entre eles, havia algum cuja elegância, silhueta, desenvoltura, autoridade, pudesse denunciar a personalidade de um Arsène Lupin. Mas nenhum deles tinha o porte desse a quem ele procurava com certa irritação e, fosse como fosse, Alexandra parecia indiferente a todos aqueles homens.

No dia seguinte, mesmo programa e mesma rotina. No entanto, dois dias depois, quando ela estava descendo para jantar, eles se encontraram no

elevador. Nenhum gesto, de ambos os lados, cada qual poderia acreditar que não tinha sido notado.

"Isso não impede, princesa" pensou Victor, "que você pense que eu seja um ladrão! Você se permite passar, a meus olhos, por uma mulher que sabe que foi roubada, que admite ter sido roubada por mim e que considera natural não dizer uma palavra a respeito. Despreocupação de uma memorável mulher? Não importa! A primeira etapa foi concluída. Qual será a segunda?"

Mais dois dias se passaram, e então aconteceu algo no qual Victor não teve participação, mas que claramente contribuiu para a sua realização. Certa manhã, no primeiro andar do hotel, uma caixa contendo ouro e joias foi roubada de uma turista americana que estava de passagem.

A segunda edição do jornal *La Feuille du Soir* contava o incidente cujas circunstâncias revelavam, na pessoa que o executara, uma habilidade prodigiosa e uma frieza extraordinária.

Esse jornal era disponibilizado todas as noites na mesa da princesa, que o folheava distraidamente. Ela bateu os olhos na primeira página e, imediatamente, por instinto, dirigiu seu olhar em direção a Victor, como se pensasse consigo mesma: "É ele o ladrão".

Victor, que estava à espreita, curvou-se levemente, mas não esperou para ver se ela respondia àquele discreto cumprimento. Ela retomou mais minuciosamente a leitura.

"Aqui estou", pensou ele, "rotulado e tachado como um ladrão de grande envergadura, saqueador de palácios. Se essa é a mulher que procuro, e disso não mais duvido, devo lhe inspirar amizade. Que audácia a minha! Que serenidade! Quando eles golpeiam, os outros fogem e se escondem; eu não mexo uma palha!"

A reaproximação era inevitável. Victor facilitou as coisas, postando-se frente à jovem e acomodando-se no corredor, em um divã isolado, mas que ficava de frente à poltrona onde ela costumava se sentar.

Ela chegou, indecisa por um segundo, e sentou-se no divã.

Seguiu-se uma pausa, o tempo necessário para acender um cigarro e dar algumas baforadas. Então, ela colocou a mão na nuca, como fizera na outra noite, soltou uma presilha dos cabelos e mostrou:

— Como o cavalheiro pode ver, eu a encontrei.

— Curioso! — exclamou Victor, tirando do bolso aquela que tinha pego —, acabei de encontrá-la também.

Ela ficou desconcertada, não previra essa resposta, essa confissão, e deve ter sentido a humilhação de quem está acostumada a dominar e que, de repente, encontra um adversário que compra o desafio…

— Somando tudo, a senhora tem o par — disse ele. — Seria uma pena se as duas presilhas não permanecessem com a senhora!

— Uma pena, realmente — disse ela, esmagando a brasa do seu cigarro contra o cinzeiro e interrompendo a conversa.

Mas no dia seguinte, ela se juntou a Victor no mesmo lugar. Ela tinha os braços e os ombros desnudos, e um ar menos reservado, e lhe disse à queima-roupa, com um sotaque autêntico, pouco marcado por inflexões estrangeiras:

— Devo representar algo de bastante estranho e complicado para o senhor, não é?

— Nem estranho, nem complicado, minha senhora — respondeu ele, sorrindo. — A senhora é russa, disseram-me, e princesa. Uma princesa russa, nos dias de hoje, é um ser social cujo equilíbrio não é lá muito estável.

— A vida tem sido muito difícil para mim e minha família; ainda mais difícil pelo fato de termos sido tão felizes. Amava e fui amada por todos. Uma garotinha confiante, despreocupada, gentil, espontânea, que se divertia com tudo e que não tinha medo de nada, sempre pronta para rir e cantar… E depois, em toda a alegria de uma jovem noiva, a tristeza se abateu sobre nós, de repente, como uma rajada. Meu pai e minha mãe foram enforcados diante de meus olhos; torturaram meus irmãos e meu noivo, enquanto eu… — Ela passou a mão na testa: — Não vamos falar sobre isso… não quero lembrar… não me lembro… mas eu nunca pude me recuperar; aparentemente, sim, mas no íntimo eu ignoro a calmaria. Ademais, como poderia suportar tudo isso? Não, eu senti o gosto da inquietação e da angústia…

— Ou seja — disse ele —, a lembrança de um passado aterrorizante faz a senhora precisar de fortes sensações. Então, se o acaso coloca um cavalheiro no seu caminho… um cavalheiro um pouco fora das convenções, ele acaba despertando a sua curiosidade. É natural.

— Natural?

— Oh, céus! Claro que sim! A senhora correu tantos perigos e testemunhou tantas tragédias que ainda se sensibiliza ao sentir uma atmosfera de drama ao seu redor ou ao conversar com alguém que, de um momento para outro, pode se sentir ameaçado… Então, a senhora vê em seu rosto os sinais de preocupação ou de medo, e se pergunta se ele é como qualquer outra pessoa, se fuma um cigarro com prazer, se não há qualquer perturbação em sua voz.

Ela o ouvia com atenção e o observava, debruçada sobre ele. Ele brincou:

— Acima de tudo, não seja muito indulgente com esses indivíduos, e não os tenha como modelo superior de humanidade. No máximo o que eles têm é um pouco mais de ousadia que outros, com nervos ao mesmo tempo mais tensos e mais relaxados. Uma questão de hábito e de controle. Como agora…

— Agora?

— Não, nada…

— O que houve?

Baixinho, ele disse:

— Afaste-se de mim, é melhor.

— Por quê? — ela sussurrou, cumprindo sua ordem.

— Vê aquele gordo ridículo, de smoking, passeando por ali, à esquerda?

— Quem é?

— Um policial.

— Hein? — murmurou ela se encolhendo.

— Comissário Mauléon. Ele é o encarregado da investigação do roubo da caixa de joias, e está inspecionando todo mundo.

Ela se apoiou na mesa e, sem dar a impressão de se esconder, cobriu a testa com a mão esticada, ao mesmo tempo em que observava Victor, para ver o efeito que causava o perigo sobre ele.

— Vá embora — ela sussurrou.

— Por que ir embora? Se a senhora soubesse como esses sujeitos são tacanhos! Mauléon? Um idiota… Só existe um homem capaz de me dar arrepios, caso eu o visse por aqui.

— Quem?

— Um subordinado dele… chamado Victor, da Brigada Anticrime.

— Victor… da Brigada Anticrime… Li o nome dele.

— É ele quem cuida, com Mauléon, das apólices, do drama do La Bicoque… e daquela infeliz que foi assassinada, Élise Masson…

Ela não vacilou e perguntou:

— Como é esse Victor?

— Mais baixo que eu… apertado em sua casaca como um cavaleiro de circo… com um olhar que pode despir da cabeça aos pés. Esse, sim, é para ser temido. Enquanto que Mauléon… Não se mexa, ele está olhando em nossa direção.

Mauléon, de fato, passava os olhos em cada um. Se deteve na princesa, depois em Victor, depois passou adiante.

Foi o fim da sua inspeção. E se foi.

A princesa suspirou. Ela parecia estar no limite de suas forças.

— Aí está! — exclamou Victor. — Ele acha que cumpriu sua tarefa e que ninguém escapou de seus olhos de lince. Ah! Sabe, minha senhora, se um dia me ocorrer de roubar dentro de um palácio, eu é que não me mexo. Como é que a senhora pode entender que o ladrão seja investigado no mesmo lugar onde teria agido?

— Porém, Mauléon?…

— Não pode ser o ladrão da caixa de joias que ele está à procura hoje.

— Quem, então?

— As pessoas do La Bicoque e da Rua de Vaugirard. Ele só pensa nisso, toda a polícia pensa apenas nisso. É uma obsessão para eles.

Engoliu o licor de sua taça e fumou um cigarro. Seu pálido e magnífico rosto retomava a confiança, e como Victor adivinhara, o turbilhão de pensamentos e todo o pavor que Alexandra sofrera, no íntimo, eram para ela como um prazer doentio!

Quando a jovem se levantou, ele teve, pela primeira vez, a impressão de que ela havia trocado um olhar furtivo com outras pessoas. Dois cavalheiros estavam sentados mais adiante. Um, de rosto avermelhado, bastante comum, devia ser inglês, e Victor já o tinha notado no saguão. O outro, ele nunca tinha visto. Ele exibia aquela elegância e desenvoltura que Victor atribuía a Lupin; ele ria com seu amigo, era alegre, de fisionomia amigável, com uma feição às vezes um pouco enrijecida.

Mais uma vez, a princesa Alexandra o fitou, depois virou a cabeça e foi embora.

Cinco minutos mais tarde, os dois amigos se levantaram. No vestíbulo da entrada, o mais jovem acendeu um charuto, colocou o chapéu e o sobretudo, e saiu do hotel.

O inglês se dirigiu ao elevador.

Quando o elevador chegou, Victor tomou seu lugar e perguntou ao ascensorista:

— Qual é o nome do cavalheiro que acabou de subir? Um inglês, não é?

— O cavalheiro do 337?

— Sim.

— Senhor Beamish.

— Já faz algum tempo que ele está aqui, não?

— Sim… uns quinze dias, talvez.

Então, esse cavalheiro morava no hotel durante o mesmo período que a princesa Basileïef, e no mesmo andar. E se, naquele instante, em vez de ele virar à esquerda para ir ao número 337, ele virasse à direita a fim de se juntar a Alexandra?

Victor caminhou furtivamente perto do quarto dela. Ao chegar em seu próprio aposento, deixou a porta entreaberta e ouviu com atenção.

A espera prolongou-se, e ele foi para a cama de muito mau humor. Ele não tinha dúvidas de que era Arsène Lupin o tal amigo do inglês Beamish, ou seja, o amante da princesa Alexandra. Esse foi, certamente, um grande passo dado na difícil investigação que conduzia. Ao mesmo tempo, Victor teve de admitir que esse homem era jovem e tinha um belo porte, e isso o irritou.

3

Victor convocou Larmonat na tarde seguinte.

— Você mantém contato com Mauléon?

— Sim.

— Ele não sabe onde estou?

— Não.

— Foi pelo caso da caixa de joias que ele veio aqui ontem à noite?

— Sim, foi um carregador de bagagens do hotel quem aplicou o golpe, e estamos convencidos de que ele tinha um cúmplice que fugiu. Mas Mauléon está muito assoberbado com uma operação completamente

diferente dessa história de caixa de joias, e que se trata de cercar, essa tarde, um bar onde se reúne a gangue do Arsène Lupin, e onde se supõe, pelos trechos deixados em sua carta, a sua associação ao famoso caso dos dez milhões.

— Oh! Oh! Qual o endereço desse bar?

— Foi prometido a Mauléon… Ele o receberá a qualquer minuto.

Victor contou a Larmonat o que acontecera no hotel com Alexandra Basileïef e lhe falara sobre o inglês Beamish.

— Ao que parece, ele sai todas as manhãs e geralmente só volta à noite. Você tem de vigiá-lo. Até lá, faça um *tour* pelo quarto dele.

— Impossível! Seria necessária uma ordem vinda do Comando Geral da Polícia. Um mandado…

— Para que tanto alarde? Se o pessoal do Comando intervir, eles vão estragar tudo! Lupin não é o barão d'Autrey, nem Gustave Géraume, e somente eu devo me ocupar dele; somente pelas minhas mãos é que ele deve ser detido e entregue. Isso me diz respeito, esse caso é meu.

— E então?

— Hoje é domingo, e há poucos funcionários no hotel. Com um pouco de precaução, você não será notado. Se for pego, mostre seu cartão. Resta apenas um detalhe: como conseguir a chave?

Larmonat, rindo, exibiu um chaveiro abarrotado.

— Eu cuido disso. Um bom policial precisa saber tanto ou ainda mais que um ladrão. Quarto 337, não é?

— Sim, e, sobretudo, não mude nada de lugar. O inglês não pode ter a menor suspeita.

Pela porta entreaberta, Victor o observou se afastar e, em seguida, no final do corredor deserto, ele parar, abrir, entrar…

Meia hora se passou.

— E então? — ele perguntou no seu retorno.

O outro deu uma piscadinha.

— Falando sério, você tem bom olfato para as coisas!

— O que encontrou?

— No meio de uma pilha de camisas, um lenço laranja, com grandes bolas verdes… bastante amarrotado…

Victor ficou emocionado.

— O lenço de Élise Masson… Eu não estava enganado.

— E como esse inglês parece de conluio com a russa — continuou Larmonat —, era ela que estava na Rua de Vaugirard, com ou sem o inglês Beamish.

A prova era clara. Seria possível interpretar de outra forma? Seria possível ainda continuar duvidando?

Pouco antes do jantar, Victor desceu a avenida e comprou a segunda edição do jornal *La Feuille du Soir*.

Na segunda página, em letras garrafais, ele leu:

> *Foi anunciado, de última hora, que o comissário Mauléon e três dos seus inspetores cercaram o bar da Rua Marbeuf esta tarde, onde costumavam se reunir, segundo informaram, alguns escroques, principalmente ingleses, que faziam parte de uma facção internacional. Eles se sentavam ao redor de uma mesa. Dois deles conseguiram escapar pelos fundos, sendo que um, gravemente ferido. Os outros três foram capturados. Algumas pistas levam a crer que Arsène Lupin seja um destes últimos. Estamos à espera dos inspetores da Brigada móvel que recentemente o avistaram em Estrasburgo, sob seu novo avatar. Sabe-se que a ficha antropométrica de Arsène Lupin, roubada do Departamento de Identificação Judicial, não existe.*

Victor vestiu-se e foi para o restaurante. Na mesa de Alexandra Basileïef, o jornal estava exposto.

Ela chegara tarde, parecia não saber e não se preocupar com nada. Apenas no final da refeição, ela abriu o *La Feuille*. Leu a primeira página e depois seguiu a leitura. Imediatamente, sua cabeça se pendeu, fazendo-a titubear na cadeira. Endireitou-se, continuou a ler e, nas últimas linhas, Victor pensou que ela fosse desmaiar. Fraqueza passageira. Ela jogou, com descuido, o jornal para o lado. Nem por uma única vez olhou para Victor, e pôde jurar que ele nada havia notado.

Não se juntou a ele no saguão do hotel. O inglês Beamish estava lá. Seria ele um dos dois escroques que escaparam de Mauléon, naquele bar da Rua Marbeuf, tão perto do hotel? Teria ele dado à princesa Basileïef notícias de Arsène Lupin?

Por curiosidade, Victor subiu e postou-se atrás da porta.

A russa apareceu primeiro, e esperou do lado de fora do quarto, impaciente e nervosa. Não demorou muito para que o inglês saísse do elevador, ele inspecionou o corredor e rapidamente correu em sua direção.

Trocaram algumas palavras, e a russa começou a gargalhar. Logo, o inglês se afastou.

"Vejamos" pensou Victor, "tudo nos leva a acreditar que, se ela realmente é a amante de Lupin, então ele não foi pego na batida policial, e o inglês veio tranquilizá-la. Daí sua gargalhada".

Subsequentes declarações da polícia confirmaram essa hipótese. Arsène Lupin não foi reconhecido entre os três capturados. Estes eram russos. Eles confessaram a participação em alguns roubos cometidos no exterior, mas alegaram ignorar os nomes dos chefes da facção internacional que os empregava.

De seus dois companheiros fugitivos, um era inglês. Eles se viam pela primeira vez, e o inglês não abrira a boca durante a reunião, o ferido devia ser ele. A descrição dele batia com a descrição do jovem que Victor tinha visto no hotel com Beamish.

Os três russos não disseram mais nada; eles agiam em parceria, visivelmente. Apenas um fato veio à tona, quarenta e oito horas depois. Um dos três russos fora concubino de Élise Masson, e recebia dinheiro de sua amante.

Uma carta de Élise Masson fora encontrada com ele, onde ela lhe escrevia um dia antes de sua morte:

> *O "velho d'Autrey" está fechando um grande negócio. Se tudo der certo, ele me levará, no dia seguinte, para Bruxelas. Você vai me encontrar lá, não é, querido? E na primeira oportunidade, fugiremos com toda a grana. Para isso, basta me amar!*

As apólices do governo

1

O incidente da Rua Marbeuf atormentou Victor. Ele não se importava que lhe encarregassem dos crimes do La Bicoque e da Rua de Vaugirard, pois esses dois dramas só o interessavam na medida em que se relacionavam com a atuação de Arsène Lupin. Mas que não tocassem nele! Ele era o troféu que o inspetor Victor, da Brigada Anticrime, reservava para si. Por isso, foi o inspetor Victor quem manteve o monopólio das operações policiais realizadas contra todos aqueles casos que envolviam mais especificamente Arsène Lupin e, principalmente, contra o inglês Beamish e a princesa Basileïef.

Essas considerações o levaram a acompanhar mais de perto o que estava acontecendo no Comando Geral da Polícia e a tentar descobrir o jogo de Mauléon.

Acreditando que nem Alexandra nem seu informante Beamish seriam imprudentes de saírem de seus aposentos, em um período tão perigoso para eles, foi que ele andou até a garagem vizinha, onde seu carro estava estacionado, deu a partida, foi até o canto isolado do parque, certo de que não tinha sido seguido, retirou da mala do carro os componentes e as vestimentas necessárias, blindou-se em sua estreitíssima túnica militar e voltou a ser o inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

Diante das cordiais boas-vindas e do sorriso acolhedor do comissário Mauléon, Victor se sentiu humilhado.

— E então, Victor, o que trouxe de informação? Não muito, hein? Não, não, não estou lhe pedindo nada. Você é um sujeito solitário e taciturno,

cada um faz do seu jeito. Eu ajo em pleno clarão, e isso me traz muitos ganhos. O que você tem a dizer sobre o meu arrastão no bar da Rua Marbeuf? Três elementos da gangue… e o chefe não tardará a se juntar a eles, juro por Deus! Se ele escapou dessa vez, por outro lado, existe um fio que amarra essa gangue a Élise Masson, e porque ela, do fundo de sua cova, acusa o barão d'Autrey. O senhor Gautier está contente.

— E o juiz de instrução?

— O senhor Validoux? Ele está retomando o entusiasmo. Vamos lá vê-lo. Ele vai informar ao barão d'Autrey sobre a terrível carta de Élise Masson… Você sabe: "O velho d'Autrey está fechando um grande negócio"… Hein! O que registrei como prova! É isso o que pesa na balança! Vamos lá, Victor…

Eles encontraram, efetivamente, o senhor d'Autrey e o vereador Géraume no gabinete do juiz. Victor ficou espantado ao ver o rosto do senhor d'Autrey que, se no momento da prisão já estava devastado, agora parecia ainda mais cavado e desgastado. Incapaz de se manter de pé, ele permaneceu prostrado em uma cadeira.

O ataque do senhor Validoux foi implacável. Ele leu a carta de Élise Masson de uma só vez e, imediatamente, diante do pavor do acusado, redobrou suas ameaças:

— O senhor sabe o que isso significa, não é, d'Autrey? Quer que façamos um resumo? Na noite de segunda-feira, o acaso lhe revela que as apólices do governo estão nas mãos do padre Lescot. Na quarta-feira à noite, um dia antes do crime, Élise Masson, com quem o senhor passa seus dias, Élise, de quem o senhor não guarda segredos, que é sua amante, mas que também é amante de um vigarista russo, Élise escreve para seu amante preferido: "O velho d'Autrey está fechando um grande negócio. Se der certo, ele e eu iremos para Bruxelas, etc." Na quinta-feira, o crime é cometido e as apólices são roubadas. E na sexta, o senhor e sua amiga são vistos perto da Gare du Nord, de malas prontas, as mesmas que encontramos, na casa de sua amiga, dois dias depois! A história não está clara e as evidências não são irrefutáveis? Confesse, d'Autrey. Para que negar essas evidências?

O barão dava a entender que ia desmaiar naquele momento. Seu rosto se transfigurou, ele balbuciou algumas palavras que só poderiam ser de uma confissão prestes a ser declarada. Exigindo a carta, ele disse:

— Mostre-me… eu me recuso a acreditar… quero ler com meus próprios olhos… — Leu, e depois gaguejou: — Aquela miserável! Um amante?! Ela que eu tirei da sarjeta!… E ela teria fugido com ele…

Ele só enxergava isso, a traição, o plano de fugir com outro. Quanto ao resto, ao roubo e ao crime, era possível dizer que lhe era indiferente ser acusado.

— O senhor confessa, não é, d'Autrey? Foi o senhor que matou o padre Lescot?

Ele não respondeu, agarrado novamente ao silêncio, como que esmagado pelas ruínas da paixão doentia que devotava a essa garota.

O senhor Validoux voltou-se para Gustave Géraume.

— Dado que o senhor participou, em alguma medida que ainda nos escapa…

Mas Gustave Géraume, que não parecia nada afetado pela prisão, que mantivera sua tez viçosa, protestou:

— Eu não participei de nada! À meia-noite, eu dormia em minha casa.

— No entanto, tenho diante de mim uma nova declaração do seu jardineiro Alfred. Não apenas ele afirma que o senhor chegou por volta das três horas, como também declara que, na manhã da sua prisão, o senhor lhe prometeu uma quantia de cinco mil francos se ele concordasse em dizer que o senhor havia retornado antes da meia-noite.

Gustave Géraume ficou consternado por um momento, depois exclamou sorrindo:

— Bem, sim, é verdade. Diabos! Eu estava farto de todos esses aborrecimentos, e quis abreviá-los.

— O senhor admite que essa é uma tentativa de corrupção que se soma a todas as demais acusações recolhidas contra a sua pessoa….

Géraume ficou sentado na frente do senhor Validoux:

— Então, eu tenho cara de assassino como aquele rostinho bonito do d'Autrey? E, como ele, eu sucumbo ao peso do remorso? — ele exibia um rosto ameno e feliz.

Victor interveio:

— Senhor juiz de instrução, o senhor me permite uma pergunta?

— Pode fazê-la.

— Gostaria de saber, dado o discurso que o indiciado acaba de proferir, se ele considera o barão d'Autrey culpado do homicídio do padre Lescot.

Géraume fez um movimento, pronto para expressar sua opinião. Mas mudando de ideia, limitou-se a dizer:

— Isso não é da minha conta. A Justiça que resolva!

— Eu insisto — disse Victor. — Se o senhor se recusa a responder, é porque a sua opinião se baseia nisso e tem motivos para não a revelar.

Géraume repetiu:

— Que a Justiça resolva!

À noite, Maxime d'Autrey tentou rachar a cabeça contra a parede de sua cela. Os policiais tiveram de lhe colocar uma camisa de força. Ele gritava:

— Uma miserável! Uma miserável! E é por causa dela que estou aqui… Ah! Que sujeira!…

2

— Quanto a esse daqui… ele se encontra no limite de suas forças — disse Mauléon a Victor. — Ele vai confessar antes de quarenta e oito horas. A carta que encontrei, de Élise Masson, teria precipitado o ocorrido.

— Sem dúvida — disse Victor. — E por meio dos três cúmplices russos, você chegará a Lupin.

Ele deixou as palavras saírem casualmente. Como o outro ficou em silêncio, ele repetiu:

— Com os russos, nada de novo?

Mas Mauléon fingia, em vão, que não dissimulava, mas também não abria a boca para contar seus planos.

"Ele está desconfiado" pensou Victor.

Agora eles se espreitavam preocupados e desconfiados, como dois homens cujo destino está em jogo, e um deles poderia se ver privado, pelo outro, de todo o fruto de seu trabalho.

Juntos, eles passaram um longo dia em Garches, dividindo seu tempo entre as esposas dos dois acusados.

Para sua surpresa, Victor encontrou uma Gabrielle d'Autrey mais corajosa e um pouco mais áspera do que imaginava. Teria sido a fé o grande amparo dessa mulher, tão apegada a seus deveres religiosos, familiarizada com a Igreja, e cujos hábitos de caridade foram destacados na investigação? Ela não se escondia mais como no início. Após dispensar a criada, ela

mesma fazia as compras, com a cabeça erguida, sem se importar com as marcas roxas e amarelas deixadas pelos inexplicáveis golpes do marido.

— Ele é inocente, comissário — ela repetia sem parar. — Tenho de reconhecer que ele foi dominado por essa mulher vil, mas ele me amava profundamente… Sim, sim, eu digo… profundamente… talvez, até mais do que antes.

Victor a analisava. O rosto corado da esposa exteriorizava sentimentos inesperados, o orgulho, o triunfo, a segurança, a ternura inocente pelo marido, culpado de alguns pecadilhos, mas que, mesmo assim, continuava sendo o companheiro de sua vida.

Com Henriette Géraume, o mistério também era perturbador. Henriette se consumia em indignação, em uivos de raiva, em discursos inflamados, em desolação, em insultos.

— Gustave? Ele é a encarnação da bondade e da honestidade, inspetor! É de uma índole excepcional. E depois, tenho certeza de que ele não saiu de perto de mim a noite toda! Sim, é certo, no começo o ciúme me levou a dizer coisas…

Qual das duas estava mentindo? Nenhuma? Ambas? Victor se entusiasmava com esse trabalho de observação, onde ele se destacava, e percebeu que, aos poucos, alguns componentes de verdade iam se desembaraçando, em torno dos quais os fatos se reorganizavam por conta própria. Por último, resolveu ir ao apartamento da Rua de Vaugirard, mas sozinho, pois era especialmente ali que as buscas poderiam levar Mauléon até Alexandra e até Lupin. E foi ali também onde a escuridão permaneceu mais impenetrável.

Dois policiais vigiavam a porta. Assim que a abriu, Victor viu Mauléon remexendo os armários.

— Aqui está! — exclamou o comissário em tom abrupto. — Você também teve a mesma ideia de que poderia haver algo por aqui, hein? Ah! A propósito, um de meus inspetores disse que no dia do crime, quando viemos para cá, havia uma dezena de fotos amadoras. Ele acha que se lembra de você tê-las examinado.

— Engano dele — disse Victor indiferente.

— Outra coisa. Élise Masson sempre usava em casa um lenço laranja e verde, aquele que sem dúvida serviu para estrangulá-la. Você não o teria visto, por acaso?

Ele fixava os olhos em Victor, que replicou com a mesma naturalidade:

— Não o vi.

— Ela não o estava portando, algumas horas antes, quando você acompanhava o barão?

— Não percebi. O que ele diz sobre isso?

— Nada.

O comissário resmungou:

— Estranho.

— O que é estranho?

— A quantidade de máquinas. Então?

— Então, o quê?

— Você não desenterrou nenhuma amiga da Élise Masson?

— Uma amiga?

— Falaram-me sobre uma senhorita, Armande Dutrec. Você a conhece?

— Não.

— Foi um dos meus homens que a encontrou. Ela disse que já havia sido interrogada por um policial. Pensei que fosse você.

— Não fui eu…

A presença de Victor visivelmente irritava Mauléon. Sem que Victor se afastasse, Mauléon formulou afinal:

— Vão me trazê-la em breve.

— Quem?

— A senhorita… Quieto, ouço passos!

Victor não se mexeu. Suas artimanhas, para evitar que seus colegas pusessem as mãos nessa parte do caso, seriam descobertas? E Mauléon, conseguiria entrever a verdadeira personalidade da mulher do Cine Balthazar?

Se Mauléon, quando a porta foi aberta, tivesse espiado Victor em vez de olhar para a jovem, tudo estaria perdido, mas ele teve essa ideia tarde demais. Com um piscar de olhos, Victor pediu para que a jovem ficasse calada. No início ela ficou surpresa, permaneceu indecisa, depois entendeu.

A partir daí, o jogo estava ganho. As respostas foram vagas.

— Certamente que sim, conheci a pobre Élise. Mas ela nunca se abriu para mim, não sei nada sobre ela e sobre as pessoas que ela recebia. Um lenço laranja e verde, fotografias? Também não sei nada a respeito.

Os dois policiais retomaram o caminho do Comando Geral da Polícia. Mauléon se manteve em um silêncio colérico. Quando chegaram, Victor disse com uma voz animada:

— Adeus. Estou indo embora amanhã.

— Como?

— Sim, vou para o interior… encontrei uma pista interessante, e tenho esperanças.

— Esqueci de lhe dizer — disse Mauléon — que o diretor gostaria de lhe falar.

— Sobre o quê?

— Sobre o motorista… aquele que levou d'Autrey da Gare du Nord à Gare Saint-Lazare. Nós o encontramos.

— Caramba! — resmungou Victor —, você poderia ter me prevenido…

3

Ele subiu voando as escadas, anunciou-se e, seguido por Mauléon, entrou no escritório do diretor.

— Parece, chefe, que o motorista foi encontrado.

— Como assim? Mauléon não lhe contou? Foi somente hoje que esse motorista viu, em um jornal, a fotografia de d'Autrey, e que leu que a polícia estava à procura do motorista que havia levado o barão de uma estação à outra, na sexta-feira, um dia após o crime. Por sorte, ele veio se apresentar. Fizemos uma acareação entre ele e d'Autrey, e ele o reconheceu formalmente.

— Mas o senhor Validoux o interrogou? D'Autrey foi conduzido sem tomar nenhum desvio?

— Sim.

— Então, ele saiu do caminho?

— Não.

— Não?

— Ele foi levado da Gare du Nord até a Étoile, e da Étoile até a Gare Saint-Lazare, o que foi entendido como um desvio desnecessário.

— Não, não é desnecessário — sussurrou Victor. Em seguida, perguntou: — Onde está esse motorista?

— Aqui, na repartição. Como você me disse que gostaria de vê-lo, e que duas horas depois nos daria as apólices, eu o mantive aqui.

— Desde que chegou, ele falou com mais alguém?

— Ninguém, além do senhor Validoux.

— E ele não contou a ninguém, no Comando Geral da Polícia, sobre seus passos?

— A ninguém.

— Como ele se chama?

— Nicolas. É um pequeno locatário, só é dono desse carro… Ele veio com… Ele está no pátio.

Victor ficou pensando. Seu chefe o observava, assim como Mauléon, ambos curiosos, tão curiosos que o senhor Gautier exclamou:

— Essa história então é mesmo séria, Victor?

— Sem dúvida.

— Tem certeza?… Pode nos esclarecer?

— Tanto quanto podemos ter certeza, chefe, quando nos baseamos em um raciocínio.

— Ah! Trata-se apenas de raciocínio?

— Na polícia, chefe, todas as nossas ações dependem do raciocínio… ou do acaso.

— Chega de conversa, Victor. Explique-nos.

— Algumas poucas palavras bastarão. — E, calmamente, explicou: — Seguimos as apólices, sem altercações, de Estrasburgo até o La Bicoque, isto é, até a noite em que d'Autrey as meteu no bolso. Vamos pular a programação de d'Autrey naquela noite; tenho minhas convicções a respeito e as contarei em breve, chefe. Em todo caso, na manhã de sexta-feira, d'Autrey chega à casa de sua amante, com seu roubo. As malas estão prontas. Os dois fugitivos vão até a Gare du Nord, esperando a hora do trem e, de repente, por motivos ainda desconhecidos, mudam de ideia e desistem de partir. São cinco e vinte e cinco da tarde. D'Autrey manda sua amante de volta para casa com a bagagem dela, e pega um carro que o levará à estação Saint-Lazare, às seis horas. Naquele momento ele soube, pelo jornal que comprou, que era suspeito e que a polícia provavelmente estava de sentinela na estação de Garches. Ele chegaria com as apólices? Não. Sobre isso, nenhuma dúvida. Então, foi entre cinco e vinte e cinco e seis horas que ele colocou o roubo em segurança.

— Mas como, se o carro não parou em lugar nenhum?

— É aí que ele escolherá um dos dois métodos a seguir: ou se entender bem com o motorista e dar-lhe o pacote…

— Impossível!

— Ou deixar o pacote no carro.

— Impossível!

— Por quê?

— Porque o primeiro que chegasse o teria levado! Não se deixa um milhão no banco de um carro!

— Não. Mas se pode esconder o dinheiro dentro do carro.

O comissário Mauléon explodiu de rir.

— Que exagero, Victor!

O senhor Gautier refletiu, e perguntou:

— Esconder como?

— Descosturando dez centímetros da borda de uma almofada, por baixo. Depois costura-se de novo, e pronto!

— Mas isso demanda tempo.

— Precisamente, chefe. Essa é a razão pela qual d'Autrey fez o que o senhor chamou de um desvio desnecessário. E ele voltou a Garches, muito calmo diante de um esconderijo perfeito, e decidiu pegar de volta as apólices imediatamente após o período crítico.

— No entanto, ele sabia que era suspeito.

— Sim, mas ele desconhecia a gravidade das alegações que pesavam contra ele, e não previu que o caso evoluiria com velocidade.

— E?

— O carro do motorista Nicolas está no pátio. Encontraremos as apólices lá.

Mauléon deu de ombros, zombando. Mas o diretor, bastante impressionado com a explicação de Victor, mandou chamar o motorista Nicolas.

— Leve-nos até o seu carro.

Era um velho sedan desbotado, amassado, cheio de buracos, e que deve ter participado da vitória na batalha do Marne[2].

— Devemos ligá-lo? — disse o motorista Nicolas.

— Não, meu amigo.

Victor abriu uma das portas, apanhou a almofada da esquerda, virou-a e examinou-a. Depois fez o mesmo com a almofada da direita.

Abaixo dessa almofada à direita, ao longo da borda feita de couro, o tecido apresentava algo de anormal sobre um comprimento de cerca de dez centímetros. Via-se uma remenda feita com um fio mais escuro que o cinza-escuro original, uma remenda irregular, mas firme e com pontos de costura bem unidos uns aos outros.

— Céus! — murmurou o senhor Gautier. — Na verdade, parece que…

Victor pegou seu canivete, cortou os fios e, deliberadamente, alargou a fenda. Depois, deslizou os dedos pelo estofamento e começou a procurar. Ao final de quatro ou cinco segundos, ele sussurrou:

— Consegui. Cheguei lá.

Com facilidade, ele foi capaz de extrair um pedaço de papel, ou melhor, uma carta. Deixou escapulir um grito de raiva.

Era uma carta de Arsène Lupin, escrita com estas palavras:

Minhas desculpas e meus cumprimentos.

Mauléon se contorceu em um ataque de riso, e balbuciou com malícia:

— Meu Deus, que piada! O velho artifício do nosso amigo Lupin está de volta! Hein, Victor, um pedaço de carta em vez de notas de cem mil francos! Maldito caso! Como vamos nos divertir! Victor, da Brigada Anticrime, você é absolutamente ridículo.

— Não compartilho da mesma opinião que você, Mauléon — objetou o senhor Gautier. — O acontecimento prova, ao contrário, que Victor teve clarividência e intuição notáveis, e estou certo de que o público pensará como eu.

Victor disse bem calmamente:

— O episódio prova também, chefe, que Lupin é um sujeito durão. Se eu tive "clarividência e intuição notáveis", imagina ele que sempre esteve um passo à minha frente e que não contava, como eu, com todos os recursos da polícia!

— Espero que não esteja abandonando o barco!

Victor sorriu.

— Esse caso não dura mais do que duas semanas, chefe. Mexa-se, comissário Mauléon, antes que eu perca minha educação.

Victor uniu os calcanhares, prestou continência a seus dois superiores, deu meia-volta e foi embora, com o seu andar rígido e artificial. Jantou em

casa e teve um sono tranquilo até a manhã seguinte.

Os jornais relataram o episódio, com mil detalhes, evidentemente fornecidos por Mauléon, e que corroboravam, em grande parte, a opinião do diretor sobre a notável façanha de Victor, da Brigada Anticrime.

Mas, por outro lado, como Victor previra, houve uma explosão de elogios a Arsène Lupin! Choveram opiniões entusiasmadas sobre esse fenômeno de análise e de inteligência, sobre a imprevisível imaginação do célebre aventureiro, sobre a nova diabrura desse grande farsante.

"Ora!" Victor murmurou ao ler essas elucubrações, "vamos reduzir Lupin a pó."

No final do dia, tomou-se conhecimento do suicídio do barão d'Autrey. O desaparecimento das apólices, dessa fortuna que ele esperava desfrutar como compensação por seus tormentos presentes, acabou por destruí-lo. Deitado na cama, de frente para a parede, ele cortou pacientemente as veias do pulso com um pedaço de vidro, e deixou-se esvair sem se mexer, sem reclamar.

Era a confissão esperada. Mas será que essa confissão lançava alguma luz sobre os crimes do La Bicoque e da Rua de Vaugirard?

O público pouco se perguntou a respeito. Todos os holofotes estavam agora voltados, mais uma vez, para Arsène Lupin e como ele escaparia das investidas do inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

Victor subiu no carro, voltou ao parque, tirou a apertada túnica, vestiu o elegante e sóbrio terno do peruano Marcos Avisto, e foi ao Hotel Cambridge, onde recuperou seu quarto. Impecável em seu *smoking* bem cortado, com a lapela florida, jantou no restaurante.

Ele não viu a princesa Alexandra, ela nem mesmo apareceu no saguão. Mas, por volta das dez horas, após voltar para o seu quarto, recebeu um telefonema.

— Senhor Marcos Avisto? Aqui quem fala é a princesa Alexandra Basileïef. Se o senhor não tiver nada melhor para fazer, meu caro senhor, e se isso não o entediar demais, venha ter comigo. Será um grande prazer revê-lo.

— Agora?

— Agora.

---

[2] Vitória franco-britânica sobre a Alemanha, ocorrida na Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

Os cúmplices

1

Victor esfregou uma palma da mão contra a outra.

"Foi dada a partida! O que ela quer de mim? Vou me deparar com uma mulher preocupada, assustada, ávida por socorro e em quem se pode confiar? Pouco provável. Estamos apenas na segunda etapa, e provavelmente haverá ainda uma terceira, e até uma quarta, antes que eu alcance meu objetivo. Mas não importa! O principal é que ela sentiu a necessidade de me ver. Quanto ao resto, tudo virá em seu tempo."

Ele se olhou no espelho, endireitou o nó da gravata e suspirou:

"Que pena! Um velho cavalheiro de sessenta anos… Bem, os olhos são expressivos e o peitoral continua preenchendo a armadura. Mesmo assim, sessenta anos…"

Ele enfiou a cabeça pelo corredor e caminhou até o elevador. De frente para a porta do quarto da princesa, virou-se rapidamente. Ela estava entreaberta, ele entrou.

Uma pequena antessala, depois o *boudoir*[3]. Na entrada, Alexandra estava de pé esperando por ele. Ela estendeu-lhe a mão, sorrindo, como faria com um perfeito cavalheiro em uma sala de estar.

— Obrigada por ter vindo — disse ela, fazendo-o sentar-se.

Ela vestia um robe de seda branca, bem cavado, e que deixava seus braços e belos ombros descobertos. Seu rosto não era aquele ligeiramente patético e fatal que oferecia ao público. Não havia nela arrogância nem indiferença, mas uma preocupação de agradar, de ter a expressão amável, gentil e amigável de uma mulher que de repente nos admite em sua

intimidade.

O *boudoir* era como o de todos os grandes palácios. No entanto, ele misturava uma atmosfera de elegância que vinha de uma luz suave, de algumas bugigangas caras, de alguns livros bem encadernados e de um doce cheiro de tabaco estrangeiro. Em uma mesa de pedestal, ao lado, os jornais.

Ela disse ingenuamente:

— Estou um pouco envergonhada…

— Envergonhada?

— Eu o fiz vir até aqui, e não sei bem por quê…

— Mas eu sei — ele disse.

— Ah! E por quê?

— A senhora está entediada.

— De fato — ela disse —, mas o tédio de que o senhor fala, e que é o mal da minha vida, não é um tédio que possa ser dissipado pela conversa.

— É um tédio que cede apenas à violência dos atos e na proporção dos perigos incorridos.

— Não há nada que o senhor possa fazer por mim?

— Sim.

— Como?

Ele brincou:

— Posso empilhar sobre os seus ombros os perigos mais terríveis e desencadear catástrofes e tempestades. — Ele se aproximou dela e, com uma voz ainda mais grave: — Mas será que compensa? Quando penso na senhora, e penso com frequência, pergunto-me se toda a sua vida não seria um perigo interminável.

Pareceu-lhe que ela corava ligeiramente.

— O que o faz supor isso?

— Dê-me sua mão…

Ela ofereceu-lhe a mão. Ele examinou a palma dela por um longo tempo, debruçando-se sobre ela, e disse:

— Foi o que pensei. Por mais complexa que a senhora possa parecer, sua natureza é fácil de ser compreendida, e o que eu já sabia através dos seus olhos e do seu comportamento, tenho aqui a prova pelas simples linhas da sua mão. É estranha essa combinação de ousadia e de fragilidade, essa busca contínua pelo perigo e por essa necessidade de proteção. A senhora

gosta da solidão, mas há momentos em que a solidão lhe assusta, e que a senhora apelaria a qualquer um para defendê-la dos pesadelos criados por sua imaginação. Assim, tudo na senhora é contradição, sua calma e seu ardor, sua razão que é sã e seus instintos que são violentos, sua frieza e sua sensualidade, seus desejos de amor e seu desejo de independência. — Ele soltou-lhe a mão.

Ela deu um passo atrás.

— Não estou enganado, estou? A senhora é tal como eu a vejo.

Ela desviou o olhar, perturbada pela visão penetrante que atingiu em cheio o segredo da sua alma. Acendeu um cigarro, endireitou-se e, mudando de conversa, apontou para os jornais e disse, em um tom tão preciso que ele entendeu que era lá aonde ela queria chegar:

— O que o cavalheiro acha de todo esse negócio de apólices?

Primeira alusão, entre eles, à aventura que, sem dúvida, tanto para um quanto para o outro, constituía a própria realidade de seus pensamentos e de suas preocupações. Com que emoção contida Victor a seguiu por este terreno!

Tão indiferente quanto ela, respondeu:

— Uma história bem sombria…

— Muito sombria — ela concordou. — Apesar disso, há alguns fatos novos.

— Novos?

— Sim. Por exemplo, o suicídio do barão d'Autrey é uma confissão.

— A senhora tem certeza disso? Ele se matou porque sua amante o traiu e porque ele não tinha mais esperança em recuperar seu dinheiro. Mas foi ele quem matou o padre Lescot?

— Quem o teria matado?

— Um cúmplice.

— Um cúmplice?

— O homem que fugiu pela porta, que tanto podia ser Gustave Géraume, quanto o amante dessa mulher que escapou pela janela.

— O amante dessa mulher?

— Sim, Arsène Lupin.

Ela objetou:

— Mas Arsène Lupin não é um criminoso… Ele não mata…

— Ele pode ter sido obrigado… para se salvar.

Apesar do esforço que ambos faziam para se controlar, a conversa, que continuou em tom desprendido, aos poucos foi ganhando toda a sua dramaticidade, e na qual Victor deleitava-se profundamente. Ele não a olhava, mas calculou que ela tremia e sentiu o apaixonado interesse em sua pergunta:

— O que o cavalheiro pensa dessa mulher?

— A mulher do cinema?

— O senhor acha que é a mesma mulher que estava no cinema e no La Bicoque?

— Claro!

— E que foi vista na escada da Rua de Vaugirard?

— Sim.

— Então, o senhor supõe…?

Ela não chegou a concluir a pergunta. As palavras devem ter sido intoleráveis de se pronunciar. Foi Victor quem terminou:

— Então, podemos supor que foi ela quem matou Élise Masson.

Falava como um homem que lançava uma hipótese, e a frase caiu no silêncio, quando foi possível ouvir quem suspirava. Ele continuou, com a mesma entonação desprendida:

— Não entendo essa mulher com muita clareza… Ela me surpreende pela sua falta de jeito, parece uma principiante. E depois, é muita estupidez matar por nada… Porque afinal, se ela matou, foi para roubar as apólices, mas Élise Masson não as tinha, de maneira que esse crime foi absurdo e estúpido, como tudo aquilo que é inútil. Na verdade, essa mulher não é muito interessante…

— E em que esse caso lhe interessa?

— Dois homens. Os dois homens de verdade; não um d'Autrey, ou um Géraume, ou o policial Mauléon. Não! Dois homens seguros de si, que seguem seu caminho sem erros e sem blefe, e só se reencontrarão no final: Lupin e Victor.

— Lupin?

— Ele é o grande mestre, é admirável a maneira como ele corrigiu o erro de Vaugirard, reencontrando as apólices. Em Victor, a mesma maestria, já que ele também chegou ao esconderijo dentro do carro.

Ela formulou:

— O senhor acha que esse homem vai levar a melhor sobre Lupin?

— Eu acredito nisso, honestamente acredito nisso. Já acompanhei a obra desse homem em outras ocasiões pelos jornais, ou pelo relato de pessoas que se envolveram com ele. Lupin nunca precisou se defender de ataques soturnos, dissimulados, obstinados e implacáveis, mas Victor não vai desistir dele.

— Ah! O senhor acha? — ela sussurrou.

— Sim. Ele deve estar mais adiantado do que se imagina. Deve estar no encalço dele.

— O comissário Mauléon também?

— Sim, a situação não é nada boa para Lupin. Vão capturá-lo.

Ela permaneceu em silêncio, com os cotovelos apoiados nos joelhos. No final, tentando sorrir, ela sussurrou:

— Isso seria uma pena.

— Sim — ele disse — Lupin a cativa, como a todas as mulheres.

Ela disse, ainda mais baixinho:

— Todos aqueles que têm uma existência à parte me cativam. Este… todos os outros… devem experimentar fortes emoções.

— Mas não, não! — exclamava ele, rindo. — Não acredite nisso. Essas são emoções com as quais todos se acostumam, acaba-se agindo com a mesma calma de um corajoso amador jogando baralho. Claro que existem momentos tensos, mas são raros. Quase sempre, na medida em que se dão as cartas, tudo corre bem. Assim me disseram. — Ele fez uma pausa e levantou-se, prestes a partir. — Perdoe-me… estou abusando do seu tempo.

Ela o reteve, subitamente animada e curiosa:

— Assim lhe disseram?

— Oh! Não é nada, não…

— Sim, conte-me!

— Não, eu lhe garanto… Trata-se de um infeliz bracelete… Bem, pelo que me disseram, eu só teria de apanhá-lo, sem emoção… Um simples passeio.

Ele ia abrir a porta, ela o agarrou pelo braço. Ele se virou, e ela perguntou, com olhar audacioso, com todo o acinte de uma mulher que não admite uma recusa:

— Quando é a caminhada?

— Por quê? A senhora quer participar?

— Sim, eu quero, estou tão entediada!

— E essa seria uma distração? Em todo caso, vou ver… vou tentar. — Em seguida, ele disse: — Depois de amanhã, às duas horas, Rua de Rivoli, na Praça Saint-Jacques. — Sem esperar pela resposta, retirou-se.

2

Ela chegou na hora marcada ao encontro. Ao vê-la se aproximando, ele sussurrou:

— Você, minha pequena, come nas minhas mãos. E de grão em grão, chegarei ao teu amante.

O ar de menina, alegre, impaciente para agir, feliz como se estivesse indo a uma festa divertida, revelava uma transformação, sem que ela tivesse se disfarçado. Um vestidinho de lã cinza, bem curto, com uma boina presa, que mal deixava ver seus cabelos… Nada nela chamava atenção, ela não carregava mais o porte de uma grande dama, e sua estonteante beleza tornou-se subitamente discreta, atenuada, como que encoberta por um véu.

Victor perguntou:

— Decidida?

— Sempre decidida a fugir de mim mesma.

— Primeiro, algumas palavras para explicar o plano — disse ele.

— Isso é necessário?

— Nem que seja para acalmar suas incertezas.

— Eu não as tenho — disse ela com gaiatice. — Só temos de dar um simples passeio, não é? E pegar… não me lembro mais o quê.

— Exatamente. Durante a caminhada, visitaremos um bom homem que, na realidade, exerce a feia profissão de receptador. Anteontem, entregaram-lhe um bracelete roubado, que ele está tentando revender.

— E que o senhor não pretende comprar.

— Não. Ademais, ele vai dormir, ele é daqueles que mantém uma rotina: almoça no restaurante, volta para casa para um cochilo das duas até às três da tarde. Sono pesado, nada o acordaria. A certeza de que a visita não representa nenhum perigo.

— Que pena! Onde mora o seu dorminhoco?

— Venha.

Eles deixaram para trás o pequeno jardim. Cem passos adiante, ele a fez entrar em seu carro, estacionado na calçada de modo a que Alexandra não pudesse ver a placa.

Eles seguiram a Rua de Rivoli, viraram à esquerda e entraram em um labirinto de ruas por onde ele avançava sem hesitar. O carro era baixo, e o teto não permitia que o nome dessas ruas fosse lido.

— O senhor desconfia de mim — disse ela —, não quer que eu saiba para onde está me levando. Todas as ruas desse desagradável bairro são desconhecidas para mim.

— Não são ruas, são estradas maravilhosas, em pleno campo, em florestas magníficas, e estou levando a senhora rumo a um extraordinário castelo.

Ela sorriu:

— O senhor não é peruano, é?

— Claro que não!

— Francês?

— De Montmartre.

— Quem é o senhor?

— O motorista da princesa Basileïef.

O carro parou na frente de um portão angular, e eles desceram.

Um grande pátio interior pavimentado, com um aglomerado de árvores ao centro, formava um grande retângulo ladeado por casas antigas, onde cada escadaria era marcada por uma letra. Escadaria A… Escadaria B…

Eles subiram a escadaria F. Seus passos ecoaram nas lajes de pedra, não esbarraram com ninguém. Em cada andar, uma única porta, tudo em ruínas e malconservado.

No quinto e último andar, que tinha um teto rebaixado, Victor tirou do bolso um molho de chaves falsas e um pedaço de papel que continha a planta da residência, e por onde mostrou à sua companheira a localização de quatro pequenos aposentos.

Ele não teve problemas em forçar a fechadura, e abriu a porta sem fazer barulho.

— A senhora está com medo? — ele sussurrou.

Ela deu de ombros. No entanto, ela não sorria mais. Seu rosto readquirira a palidez de sempre.

Uma antessala, com duas portas à frente. Ele apontou para a da direita e sussurrou:

— Ele está dormindo aqui.

Ele entreabriu a outra, da esquerda, e entraram em um pequeno aposento, parcamente mobiliado com quatro cadeiras e uma escrivaninha, separado do outro quarto por uma fenda estreita que escondia uma cortina.

Ele abriu um pouco essa cortina, olhou, e fez sinal para a jovem também olhar.

Na parede oposta, um espelho refletia um sofá-cama onde um homem, cujo rosto não podia ser visto, estava descansando. Ele se debruçou sobre ela e lhe disse ao ouvido:

— Fique aqui. Ao menor gesto dele, avise-me.

Ele tocou em uma de suas mãos, que estava congelada. Os olhos, fixos no homem adormecido, brilhavam de agitação.

Victor recuou até a escrivaninha, mas demorou para arrombá-la. Várias gavetas apareceram na frente dele. Ele remexeu e encontrou o bracelete, dobrado em papel de seda.

Naquele momento, ouviu-se um ligeiro ruído ao lado, o som de algo se chocando no piso. Alexandra deixara cair a cortina e cambaleara. Aproximando-se, ele a ouviu sussurrar:

— Ele se mexeu… Ele está acordando…

Ele colocou a mão na pistola de bolso. Ela se jogou em cima dele, transtornada, e agarrou seu braço, gemendo:

— O senhor está louco! Isso, não, nunca!

Ele pousou as mãos sobre sua boca.

— Então, fique quieta… ouça…

Eles não ouviram nenhum outro barulho. A respiração do dorminhoco voltou a marcar o enorme silêncio. Ele puxou sua companheira em direção à saída. Passo a passo, eles iam recuando. Do momento em que entraram, ao momento em que fecharam a porta, não se passaram nem cinco minutos.

Do alto da escadaria, ela respirou fundo e, reerguendo seu longilíneo corpo, que parecia ter se curvado, desceu tranquila.

De volta ao carro, a reação começou a se manifestar, seus braços enrijeceram, e seu rosto ficou tenso. Ele pensou que ela fosse chorar, mas ela ficou aliviada depois de dar uma risadinha desconexa, e disse, enquanto

ele mostrava o bracelete:

— Ele é belíssimo, feito apenas de esplêndidos diamantes. Um bom negócio para o senhor… Meus cumprimentos!

O tom era irônico. De repente, Victor a sentiu distante, como uma estranha, quase uma inimiga. Com um sinal, ela pediu para que ele parasse e o deixou sem dizer uma palavra. Havia um ponto de táxis ali, e ela embarcou em um.

Ele voltou ao antigo bairro de onde vinha, cruzou novamente o grande pátio e subiu novamente a escada F. No quinto andar, tocou a campainha.

Seu amigo, o inspetor Larmonat, abriu a porta.

— Bom trabalho, Larmonat — disse Victor feliz. — Você é um dorminhoco de primeira linha, e seu apartamento foi perfeito para essa pequena encenação. Mas o que foi que caiu, naquela hora?

— Meu monóculo.

— Um pouco mais, e eu lhe acertava uma bala na cabeça! Mas essa possibilidade pareceu assustar a bela dama. Ela pulou em cima de mim, mesmo correndo o risco de lhe acordar.

— Ela não quer que um crime aconteça, certo?

— A menos que a lembrança da Rua de Vaugirard a apavore, e que essa experiência baste para ela.

— Você acredita realmente nisso?

— Eu não acredito em nada — disse Victor. — O que vou desvendando nela ainda me deixa bastante indeciso. Assim, aqui estamos nós, cúmplices, ela e eu, como eu queria. Trazendo-a aqui, comigo, vou me aproximando do meu objetivo. Bem, eu deveria ter prometido uma parte para ela do roubo; era minha intenção, mas não pude. Eu teria de admitir que esta mulher é uma ladra. Não posso nem imaginar… Toma, leve este bracelete de volta e agradeça ao joalheiro que o emprestou para você.

Larmonat se divertia.

— Você se vale de cada artimanha!

— É necessário. Com um sujeito como esse Lupin, é necessário recorrer a artimanhas bem especiais.

No Hotel Cambridge, antes do jantar, Victor recebeu um telefonema de Larmonat.

— Fique de olhos bem abertos, parece que o comissário Mauléon tem indícios sobre a fuga do inglês… Estão preparando algo… Vou lhe manter

informado.

3

Victor continuou ansioso. O caminho que escolhera o obrigava a avançar com muita cautela, passo a passo. Caso contrário, toda a gangue ligaria o sinal de alerta. Mauléon, ao contrário, não tomava precauções: com a pista à vista, ele correria direto para o inimigo. Porém, com o inglês capturado, era Lupin que correria perigo, Alexandra estaria comprometida, e todo o caso escaparia de suas mãos.

Passaram-se desagradáveis quarenta e oito horas. Os jornais não faziam nenhuma alusão ao alerta enviado por Larmonat. Porém, esse último comunicou que, se não tinha mais informações, alguns detalhes confirmavam sua primeira impressão.

O inglês Beamish permaneceu invisível. Não saiu do quarto, supostamente imobilizado por uma entorse.

Quanto à princesa Basileïef, ela apareceu apenas uma vez no saguão, depois do jantar. Ela fumava, imersa na leitura de revistas ilustradas. Mudou de lugar e não cumprimentou Victor que, ademais, apenas a espreitava.

Ela não lhe parecia preocupada, mas por que não se recolhia? Seria para revelar a Victor que, se ela não o cumprimentava nem falava com ele, ainda assim estava lá, pronta para restabelecer contato? Claro que ela não suspeitava de que os acontecimentos a ameaçavam seriamente, mas tinha de sentir no seu entorno, com sua intuição feminina, esse sopro de perigo. O que a segurava nesse hotel? E qual motivo também segurava o inglês Beamish ali? Por que os dois não procuravam um esconderijo mais seguro? Por que, acima de tudo, eles não se separaram?

Talvez ela estivesse esperando por aquele desconhecido que Victor notara, certa noite, na companhia do inglês, e que era, e não poderia deixar de ser, senão Arsène Lupin?

Ele queria ir até ela e dizer: “Vá embora! A situação é muito grave!”

Mas o que ele responderia se ela lhe perguntasse:

“Grave para quem? O que tenho a temer? Em que a princesa Basileïef pode ser importunada? O inglês Beamish? Não o conheço.”

Victor esperou. Ele também não saiu do hotel que, de qualquer modo, era o lugar da batalha, caso o inimigo decidisse não recuar e caso o comissário Mauléon fosse capaz de chegar até aqui. Ele não parava de conjecturar; a cada instante, revia o caso por inteiro, procurando analisar as soluções que deixara para trás, e as confrontando com o que sabia sobre Alexandra, sobre sua conduta e sobre sua natureza.

Ele almoçou em seu quarto e divagou por um longo tempo. Depois disso, debruçado do alto de sua varanda sobre a avenida, avistou a silhueta familiar de um de seus colegas do Comando Geral da Polícia. Um outro vinha na direção oposta. Eles se sentaram em um banco, em frente ao Hotel Cambridge, e não trocaram uma única palavra. Estavam de costas um para o outro, mas nunca tiravam os olhos do peristilo do hotel. Dois outros inspetores se instalaram do lado oposto da calçada, e dois outros ainda mais adiante. Ao todo, eram seis. O cerco começava.

Surgiu um dilema para Victor: ou bem ser de novo Victor, da Brigada Anticrime, denunciar o inglês, e chegar sem muitos desvios a Arsène Lupin, embora assim, decerto, desmascararia também Alexandra, ou bem…

"Ou bem o quê?", pensou consigo mesmo em voz baixa. Não tomar partido de Mauléon era o mesmo que ficar do lado de Alexandra e de lutar contra ele. "Por que eu faria isso? Para eu resolver o caso por mim mesmo e para, sozinho, alcançar Arsène Lupin?"

Há momentos em que é melhor não pensar e se deixar levar pelo instinto sem saber para onde ele o conduz. O mais importante era se embrenhar no centro da operação e conservar toda a liberdade de ação comandada pelas oscilações da batalha. Debruçando-se novamente, viu o inspetor Larmonat saindo de uma rua vizinha e caminhando em direção ao hotel.

O que ele estava fazendo ali?

Larmonat observou seus colegas ao passar pelo banco onde estavam sentados. Fizeram, entre eles, um leve sinal com a cabeça.

Então, sempre caminhando como que a passeio, Larmonat atravessou a calçada e entrou no hotel.

Victor não hesitou. Seja lá o que Larmonat estivesse fazendo, era preciso ir falar com ele. Pela lógica, inclusive, Larmonat devia prever esse encontro. Ele desceu.

A hora do chá se aproximava. Muitas mesas já estavam ocupadas. No saguão e nos amplos corredores que as cercavam, as pessoas circulavam em número grande demais para que Victor e Larmonat pudessem se encontrar sem serem vistos.

— E então?

— O hotel está cercado.

— O que se sabe?

— Temos quase certeza de que o inglês está aqui depois do ataque no bar.

— E a princesa?

— Não estão dando bola para ela.

— Lupin?

— Não estão dando bola para ele.

— Sim, até uma segunda ordem. E você veio para me avisar?

— Estou de serviço.

— Então, vamos!

— Faltava um homem. Eu fazia a ronda ao lado de Mauléon, ele me enviou para cá.

— Ele está chegando?

— Olha quem está falando com o porteiro.

— Diabos! Vai ter barulho.

— Somos doze no total. Você deveria ir embora, Victor. Ainda dá tempo.

— Você é louco!

— Você será interrogado… E se ele o reconhece como Victor?

— E daí? — Victor disfarçou-se de peruano e fez seu trabalho como inspetor no hotel justamente onde a polícia investigava. — Não se preocupe comigo. Vá buscar informações…

Larmonat correu para o vestíbulo da entrada, juntou-se a Mauléon e o seguiu até o escritório da direção do hotel, assim como um suboficial que chegava, vindo de fora.

Passaram-se apenas três minutos, quando Larmonat reapareceu e virou-se na direção de Victor. Trocaram apenas algumas palavras.

— Estão examinando o registro do hotel, listando o nome dos ingleses que se hospedam sozinhos e também o nome de todos os estrangeiros.

— Por quê?

— O nome do cúmplice de Lupin não é conhecido e não é absolutamente certo de que ele seja inglês.

— O que farão em seguida?

— Em seguida os convocaremos, um após o outro, ou vamos até a casa deles e examinamos seus documentos. Você provavelmente será interrogado.

— Meus documentos estão em ordem… até além da conta. E se alguém quiser sair?

— Seis homens estarão de guarda. Os suspeitos são levados à direção do hotel, um inspetor faz a escuta das conversas telefônicas. Tudo é feito com calma, sem escândalos.

— E você?

— Existe uma saída nos fundos, Rua de Ponthieu, reservada aos funcionários e fornecedores, mas que os clientes usam ocasionalmente. Sou eu o responsável em vigiá-la.

— A ordem?

— Não deixar ninguém passar antes das seis da tarde, sem uma autorização assinada por Mauléon, em um papel com o timbre do hotel.

— Quanto tempo você acha que tenho para agir?

— Você quer agir?

— Sim.

— Em qual sentido?

— Diabos!

Eles se separaram.

Victor pegou o elevador. Ele não tinha dúvidas, nem mesmo passou pela sua cabeça em tê-las, de que poderia tomar uma decisão diferente. Ele se dizia: "É isso e nada mais. É até mesmo curioso notar a que ponto as circunstâncias jogam a meu favor. Só preciso me apressar, tenho quinze minutos pela frente, vinte no máximo".

No corredor, a porta de Alexandra se abriu, e a jovem apareceu em trajes elegantes, como se estivesse descendo para tomar chá.

Ele se aproximou dela, pegou-a pelos ombros e empurrou-a de volta para seu apartamento.

Ela resistiu, irritada.

— Qual é o problema?

— O hotel está cercado pela polícia. Estão dando uma batida.

[3] Pequena e elegante sala onde a proprietária se refugia para ficar a sós ou para receber amigos mais íntimos. (N.T.)

A grande batalha no Hotel Cambridge

1

Enquanto recuava, Alexandra não parava de lutar contra aquela mão pesada e cujo aperto a tirava do sério. Victor fechou a porta do *boudoir*, após cruzar a antessala. Ela logo exclamou:

— É deplorável! Com que direito o senhor ousa?…

Ele repetiu pausadamente:

— O hotel está cercado pela polícia…

As respostas foram contrárias ao que ele havia previsto:

— E daí? Isso não me importa.

— Estão listando os ingleses… Eles serão interrogados…

— Essa é uma questão que não diz respeito à princesa Basileïef.

— O senhor Beamish está entre esses ingleses.

Ela tremelicou as pálpebras. E disse:

— Não conheço esse senhor Beamish.

— Mas sim… sim… é um inglês que mora nesse andar… no número 337.

— Não o conheço.

— A senhora o conhece.

— O senhor anda me espionando?

— Por necessidade, para socorrê-la, como agora.

— Não preciso ser socorrida. Especialmente…

— Especialmente por mim, é isso o que a senhora queria dizer?

— Por ninguém.

— Eu imploro, não me force a dar explicações desnecessárias. Temos tão pouco tempo! Não mais que dez minutos… Dez minutos, ouviu? Calculo que dentro de dez minutos, no máximo, dois inspetores entrarão no quarto do senhor Beamish e pedirão que ele desça à direção do hotel, onde ficará cara a cara com o comissário Mauléon.

Ela tentou sorrir.

— Lamento por esse pobre senhor Beamish. Ele é acusado de quê?

— De ser um dos dois homens que escaparam do bar da Rua Marbeuf. O outro seria Arsène Lupin.

— A situação dele é ruim — ela disse, sempre mantendo a calma. — Se o senhor simpatiza com esse homem, ligue para ele e avise-o… Ele vai julgar o que fazer.

— A comunicação telefônica foi interceptada.

— O quê? — ela mostrou-se um pouco nervosa. — Resolva o senhor com ele!

Havia uma insolência no tom dela que irritou Victor, que replicou com rispidez:

— A senhora não está entendendo bem a situação. Dos dois inspetores que, dentro de oito ou dez minutos, vão bater na porta de Beamish, um o levará até a direção do hotel, mas o outro ficará no quarto para dar uma busca.

— Azar dele!

— E talvez para a senhora.

— Para mim? — Ela estremeceu. Indignação? Cólera? Preocupação? Ela se recompôs e repetiu: — Para mim? Qual ligação o senhor acha que existe entre mim e este homem? Ele não é meu amigo.

— Talvez, mas vocês agem de conluio. Por favor, não negue. Eu sei… eu sei de mais coisas do que a senhora imagina… Desde o dia em que a senhora aceitou a perda de sua presilha e que me estendeu sua mão para entrar em seus aposentos, como eu poderia ignorar seu envolvimento com atividades desse tipo? Seria por que eu mesmo ajo assim? Seja como for, aqueles que assim o fazem lhe intrigam. E uma noite eu vi a senhora conversando com esse inglês.

— Isso é tudo?

— Depois, entrei no quarto dele e encontrei…

— O quê?

— Algo que dizia respeito à senhora.

— O quê? — perguntou ela agitada.

— Algo que a polícia encontrará em pouco tempo.

— Fale logo!

— No guarda-roupa do senhor Beamish, mais precisamente no meio de uma pilha de camisas, descobrirão um lenço de seda laranja e verde…

— O quê? O que o senhor está dizendo? — perguntou ela, ajeitando-se.

— Um lenço de seda laranja e verde, o lenço com o qual Élise Masson foi estrangulada. Eu o vi lá… Está lá, no guarda-roupa do inglês.

De repente, a resistência da princesa Basileïef se dissolveu. Ainda de pé, mas vacilante, perplexa, com os lábios trêmulos, ela murmurou:

— Não é verdade… não é possível!

Ele continuou, implacável:

— Eu o vi lá, e a polícia está à procura desse lenço. A senhora leu os jornais sobre o lenço que Élise Masson levava sempre no pescoço… Descoberto nas mãos do inglês, ele carimba a sua indiscutível participação no crime da Rua de Vaugirard e a participação de Arsène Lupin. E, se esse lenço existe, não existiriam também outras evidências que poderiam revelar a verdadeira personalidade dessa mulher?

— Qual mulher? — ela perguntou sussurrando.

— A cúmplice dele. Aquela que foi surpreendida na escada, na hora do crime… aquela que matou…

Ela atirou-se sobre Victor e, em um impulso que significava tanto uma confissão, quanto um grito de violento clamor, ela esbravejou:

— Ela não matou! Eu garanto que essa mulher não matou… Ela tem horror a assassinatos! Horror de sangue e de morte! Ela não matou!

— Nesse caso, então, quem matou Élise?

Ela não respondeu. Os sentimentos se intercalavam nela com incrível rapidez, sua exaltação passou, dando lugar a um repentino desânimo. Com uma voz tão baixa, que ele mal conseguia ouvi-la, ela sussurrou:

— Nada disso importa. Pense de mim o que o senhor quiser, eu não me importo. Além do mais, sinto-me perdida, tudo se volta contra mim. Por que Beamish guardou esse lenço? Ficou combinado de que ele se livraria dele de um jeito ou de outro. Não… sinto-me perdida.

— Por quê? Vá embora! Nada impede a senhora de sair daqui.

— Não — ela disse. — Não posso, não tenho forças.

— Então, ajude-me.
— A fazer o quê?
— A avisá-lo.
— Como?
— Eu cuidarei disso.
— O senhor não vai conseguir.
— Vou.
— Vai pegar o lenço de volta?
— Sim.
— E o que será de Beamish?
— Darei a ele instruções para escapar.

Ela se aproximou, e Victor a examinou por um momento. Ela recuperou a coragem. Seus olhos se enterneceram e, surpreendentemente, lá estava ela, quase sorrindo na frente desse velho homem, mas sobre quem ela acreditava exercer seu poder de mulher. Como explicar essa devoção que lhe era oferecida sem nenhuma condição? Por que ele arriscaria se prejudicar para salvá-la? Além do mais, ela mesma se submetia ao domínio daqueles olhos serenos, daquela fisionomia firme. Finalmente, ela lhe estendeu a mão.

— Apresse-se. Estou com medo.
— Com medo por ele?
— Eu não duvidava de sua devoção. Não sei mais.
— Ele vai me obedecer?
— Sim… ele também está com medo…
— Entretanto, ele desconfia de mim, não?
— Não, acho que não.
— Ele vai abrir a porta?
— Bata duas vezes, em três tempos.
— Vocês não têm nenhum código?
— Não. Esse jeito de bater basta.

Ela o segurou quando ele fez menção de sair.

— O que devo fazer? Partir?

— Não saia daqui. Quando o alvoroço passar, dentro de uma hora, eu voltarei e analisaremos juntos.

— E se o senhor não puder voltar?

— Reunião na sexta-feira, Praça da Torre Saint-Jacques. — Ele pensou e perguntou: — Ora, tudo entendido? Não estou deixando nenhuma chance ao azar? Vamos! E não saia daqui, eu imploro.

Victor espiou lá fora. O corredor não estava mais vazio como de costume. As idas e vindas marcavam o início da agitação no hotel.

Ele esperou, depois se arriscou. Um primeiro passo o levou até as grades do elevador. Ninguém. Ele correu até o número 337, e bateu com força, no ritmo combinado.

Som de passos lá dentro. A fechadura girou.

Ele empurrou a porta, viu Beamish e contou o que havia dito à jovem:

— O hotel está cercado pela polícia… Estão dando uma batida…

2

O inglês reagiu à presença de Victor de modo bem diferente que Alexandra. De um lado, não houve resistência, mas também não houve nenhum grande esforço. A situação se apresentou tal como era, e o medo o submeteu sem que ele procurasse adivinhar o motivo pelo qual Victor o alertava. Além disso, se ele compreendia bem o idioma francês, ele mal o falava.

Victor lhe disse:

— Precisa me obedecer, já! Estão revistando todos os quartos, pois acreditam que o inglês do bar da Rua Marbeuf se esconde no hotel. O senhor será um dos primeiros a ser interrogado como suspeito, por causa da sua suposta entorse. Cá entre nós, essa desculpa é muito fraca. Ou bem o senhor não deveria ter voltado aqui, ou bem deveria ter se trancado no seu quarto. O senhor tem cartas ou documentos perigosos?

— Não.

— Nada que possa comprometer a princesa?

— Nada.

— Mentiroso! Dê-me a chave desse armário.

O outro obedeceu. Victor espalhou a pilha de camisas, pegou o lenço de seda e guardou-o no bolso.

— Isso é tudo?

— Sim.

— Ainda há tempo. Isso é tudo?

— Sim.

— Devo prevenir que, se o senhor tentar trair a princesa Basileïef, eu quebrarei a sua cara. Junte suas botas, seu chapéu, seu sobretudo. O senhor vai fugir.

— Mas… e a polícia? — perguntou Beamish.

— Quieto! O senhor conhece a saída do hotel que dá para a Rua de Ponthieu?

— Sim.

— Há apenas um guarda de sentinela.

O inglês fez sinal de que iria "esmurrar" o guarda e passar à força. Victor objetou:

— Não! Sem tolices. O senhor seria pego.

Ele pegou sobre a mesa um cartão de mensagens com o timbre do hotel, e escreveu: "Autorizada a saída", datou e assinou "comissário Mauléon".

— Mostre esse cartão ao guarda de sentinela. A assinatura é a mesma, eu respondo por ela. E então, vá tranquilo e não olhe para trás; na esquina da rua, corra.

O inglês mostrou o armário abarrotado de roupas e de pertences, seus artigos de toalete, e fez uma expressão de pesar.

— Bem, é verdade — riu com sarcasmo Victor —, do que mais o senhor precisa? De uma indenização? Xô! Vai se arrumar…

Beamish pegou suas botas no mesmo momento em que bateram à porta. Victor ficou aflito:

— Droga! E se forem eles? Azar, vamos ter de nos virar.

Nova batida.

— Entre! — gritou.

O inglês jogou as botas no fundo do quarto e deitou-se no sofá. Quando Victor estava prestes a abrir a porta, ouviu-se o ruído de uma chave. Era o camareiro do andar usando sua chave-mestra. Dois inspetores o acompanhavam, colegas de Victor.

— Adeus, estimado cavalheiro — disse ele ao inglês, exagerando seu sotaque sul-americano. — Fico contente de saber que sua perna está melhor.

Ele esbarrou nos policiais. Um deles disse educadamente:

— Inspetor Roubeau, da polícia judiciária. Estamos fazendo uma investigação no hotel. Posso lhe perguntar há quanto tempo o senhor conhece esse cavalheiro?

— O senhor Beamish? Oh! já faz algum tempo… No saguão… ele me ofereceu um charuto… E depois que ele torceu o pé, venho visitá-lo. — Ele anunciou seu nome: — Marcos Avisto.

— Peruano, não é? O senhor está na lista das pessoas a quem o comissário deseja fazer algumas perguntinhas. Poderia fazer a gentileza de descer ao escritório? O senhor está com seus documentos?

— Não, eles estão no meu quarto, que fica nesse andar.

— Meu colega irá acompanhá-lo.

O inspetor Roubeau olhou para a perna do inglês, sobre o sofá, com o tornozelo enfaixado e com compressas na mesa ao lado. Ele perguntou, em tom mais seco:

— O senhor pode andar?

— No.

— Então o comissário virá até aqui. Vá preveni-lo — disse para o colega. — Enquanto esperamos ele chegar, examinarei os documentos do inglês.

Victor seguiu o colega, e riu dele mesmo. Nem uma única vez passou pela cabeça do inspetor Roubeau, preso à missão que lhe fora confiada e mais especificamente no que se referia ao inglês, examinar Victor com um pouco mais de atenção. E nem por um único momento, certamente, o inspetor Roubeau cogitou que tivesse ficado sozinho, trancado com um suspeito, sem dúvida, armado.

Victor pensou sobre isso e, enquanto recolhia no armário de seu quarto os documentos originais que o atestava como Marcos Avisto, pensava, observando o policial que o acompanhava: "O que eu faço agora? Com uma rasteira, jogo-o no chão, tranco-o aqui… e saio pela Rua de Ponthieu? Mas isso seria realmente útil? Se Beamish, diretamente avisado, se livrasse de Roubeau e escapasse graças ao falso cartão assinado por Mauléon, o que Victor teria a temer?"

Ele se deixou levar à presença do investigador.

O hotel, no entanto, já se agitava. Embaixo, o saguão e o grande vestíbulo superlotavam de turistas e de clientes curiosos, barulhentos, indignados por lhes pedirem para não sair. Apesar dos esforços, a desordem se fez presente. E em seu escritório, o comissário Mauléon, começando a

ficar atolado de trabalho, deixava notar sua disposição de espírito.

Mal olhou para Victor, que se dirigiu imediatamente a um de seus assistentes. Claro que ele só se preocupava com o senhor Beamish, contra quem havia fortes suspeitas.

— Bem, e o inglês? Você não vai trazê-lo? — perguntou ao policial que acompanhava Victor.

— Ele não pode andar… por causa da entorse.

— Que piada! Esse rapaz me parece suspeito. Um homem corpulento, de rosto vermelho, não é?

— Sim. E com um bigode tipo escova de dente, bem curto.

— Bem curto? Esse mesmo… Roubeau ficou com ele?

— Sim.

— Vou até lá… Acompanhe-me.

A intromissão furiosa de um turista, que estava apressado por conta do horário do trem e que constava na lista, atrasou Mauléon. Aqui ele perdeu dois minutos preciosos, e mais dois, dando ordens. Finalmente se levantou.

Victor, já com os documentos revistados e que, além disso, não pedia nenhuma autorização de saída, encontrou-o no elevador, acompanhado de um inspetor e de um outro agente. Os três policiais nem pareciam notá-lo. No terceiro andar, aceleraram os passos.

Mauléon bateu na porta 337 com força.

— Abra, Roubeau!

E repetiu, irritado.

— Céus! Abra a porta! Roubeau! Roubeau!

Ele chamou o camareiro responsável pelas bebidas do andar. O camareiro saiu da despensa com a chave na mão. Mauléon o apressou, cada vez mais preocupado. A porta foi aberta.

— Em nome de D…! — exclamou o comissário. Eu sabia…

No chão do quarto, amordaçado, amarrado com toalhas e com um roupão de banho, o inspetor Roubeau lutava para desvencilhar-se.

— Você não está ferido, hein, Roubeau? Ah! O bandido o amarrou! Mas, caramba! Como você deixou isso acontecer? Um sujeito forte como você?

O inspetor foi desamarrado. Roubeau tremeu de raiva.

— Eles eram dois! — murmurou, sem controle. — Sim, dois. De onde saiu o outro? Ele devia estar escondido. Ele me atacou pelas costas, com um

golpe na nuca.

Mauléon pegou o telefone e ordenou:

— Que ninguém saia do hotel! Sem exceção! Entendeu? Qualquer um que tentar escapar deve ser detido. Exceções não serão permitidas. — E disse no quarto: — Eles eram dois aqui! Mas de onde saiu o outro? O segundo? Você não suspeitou de nada? — perguntou ele ao colega de Roubeau. — Procure, meu caro… Você já conferiu no banheiro? Com certeza era lá onde ele se escondia.

— Acho que sim — disse Roubeau… tive a impressão… estava de costas para o banheiro…

Foram conferir. Nenhum sinal. O trinco da porta que se comunicava com o quarto vizinho fora empurrado sem marcas de arrombamento.

— Revirem tudo! — ordenou o comissário. — Vamos revirar a fundo. Roubeau, você vem? É lá embaixo que devemos agir.

Ele empurrou as pessoas aglomeradas no corredor e caminhou à esquerda, em direção ao elevador, quando gritos vieram do lado direito. O corredor se comunicava com o amplo quadrilátero traçado pelo hotel, e era provável, como Roubeau apontou, que Beamish tivesse escolhido o lado direito para chegar à fachada posterior que dava acesso à Rua de Ponthieu.

— Larmonat está lá, de sentinela — disse Mauléon —, e as instruções são claras.

Os gritos aumentaram. Na primeira curva, avistaram um amontoado de gente, sinalizando e chamando por eles. Em um espaço apinhado de palmeiras e mobiliado com poltronas, que mais parecia um salão de inverno, as pessoas se debruçavam sobre um corpo estendido que acabava de ser descoberto por uma delas, entre os vasos de duas palmeiras.

Roubeau disse:

— É o inglês… eu o reconheço… ele está coberto de sangue…

— Como, o Beamish? Mas ele não está morto, está?

— Não — disse alguém, que estava de joelhos auscultando a vítima. — Mas está gravemente ferido… uma facada no ombro.

— E então, Roubeau? — gritou Mauléon. — Seria esse o outro? Seria aquele que estava escondido e que o golpeou pelas costas?

— Claro! Ele queria se livrar do cúmplice. Felizmente o pegaremos, já que as saídas estão bloqueadas.

Victor, que continuava ao lado dos dois policiais, não esperou e, graças ao tumulto, escapou pela segunda escada, descendo rapidamente.

A saída da Rua de Ponthieu ficava próxima ao andar térreo. Os criados do hotel lotavam os arredores, onde Larmonat e dois inspetores estavam de prontidão. Victor acenou para Larmonat, que arrumou um jeito de ir falar com ele.

— Impossível passar por aqui, Victor… A ordem…

— Não se preocupe, vou me virar sem você… Alguém lhe apresentou uma carta?

— Sim.

— Muito provavelmente uma falsa.

— Caramba!

— O sujeito foi embora?

— Diabos!

— Qual a descrição dele?

— Não prestei atenção… de aparência jovem.

— Então, você sabe quem era?

— Não.

— Arsène Lupin!

3

A certeza de Victor se espalhou de forma natural por todos aqueles que viveram esses momentos de pânico, onde se misturavam, como sempre acontece com Lupin, o lado cômico da bufonaria e da teatralidade.

Mauléon, lívido e desconcertado, fingindo uma calma desmentida por sua palidez, ocupou permanentemente sua cadeira no escritório da direção do hotel, como um chefe das forças armadas em seu quartel-general. Ele telefonou para o Comando Geral da Polícia, pediu reforços, despachou mensageiros de uma extremidade à outra do hotel, deu ordens contraditórias que faziam todos perderem a cabeça. Eles gritavam:

— Lupin!… É o Lupin!… Ele foi preso! Nós o vimos…

O inglês Beamish passou, deitado em uma maca. Ele foi levado ao Hospital Beaujon, de onde o médico afirmou:

— O ferimento não é mortal… Amanhã ele poderá ser interrogado.

Depois, foi Roubeau que chegou bastante agitado, vindo da Rua de Ponthieu.

— Ele fugiu pelos fundos. Ele deu a Larmonat uma carta assinada pelo senhor, chefe!

Mauléon protestou violentamente:

— Era falsa! Não assinei carta nenhuma! Tragam o Larmonat! A assinatura não é nem parecida! Só o Lupin para ter tanta audácia. Suba ao quarto do inglês, examine o tinteiro, a pena e encontre as folhas do hotel.

Roubeau disparou como uma flecha. Cinco minutos depois ele voltou:

— O tinteiro ainda está destampado… o porta-canetas não está no lugar… encontramos os papéis timbrados do hotel…

— Então a falsificação foi confeccionada lá, enquanto você estava amarrado.

— Não, eu teria visto. O inglês calçou os sapatos, e depois os dois se foram.

— Mas um deles sabia que estávamos investigando?

— Talvez…

— Por quem?

— Quando entrei no quarto, tinha alguém com o inglês… um peruano…

— Marcos Avisto… Qual o fim dele?

Roubeau saiu em disparada.

— Ninguém — disse ele ao voltar. — O quarto está vazio… Encontrei três camisas, um terno, objetos de higiene pessoal, uma caixa de maquiagem que acaba de ser usada e que nem mesmo está fechada. O peruano deve ter se disfarçado antes de partir.

— Certamente um cúmplice — disse Mauléon. — Então eram três… Senhor diretor, quem morava no quarto situado ao lado do banheiro de Beamish?

Eles olharam a planta do hotel. O diretor respondeu, bastante surpreso.

— Esse quarto foi alugado para o senhor Beamish.

— Como assim?

— Desde o início de sua estada, ele ocupou os dois quartos.

Espanto geral. Mauléon resumiu:

— Então, segundo todas as probabilidades, podemos dizer que os três comparsas moravam no mesmo andar e próximos uns dos outros. Marcos

Avisto no número 345, Beamish no 337, e Arsène Lupin no quarto vizinho que lhe servia de refúgio depois de sua fuga do bar da Rua Marbeuf, onde ele se recuperava de seu ferimento; cuidado, isolado e alimentado por Beamish, com tanta discrição e habilidade, que os funcionários do andar nunca suspeitaram de sua presença.

Expuseram toda a situação ao senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, que acabava de entrar e que ouvira o relato pelo comissário Mauléon. O senhor Gautier deu o seu aval, pediu algumas explicações adicionais e concluiu:

— Beamish foi pego. Se não foi Lupin que usou a carta, então ele ainda está no hotel. De qualquer maneira, o peruano está aqui. As investigações ficam mais fáceis agora. A proibição de saída pode ser suspensa. Um inspetor supervisionará, à cada entrada, o entra e sai do hotel. Mauléon, visite os quartos… visitas de cortesia, sem inspeção nem interrogatório. Victor irá acompanhá-lo.

Mauléon objetou:

— Victor não está aqui, chefe.

— Está, sim!

— Victor?

— Perfeitamente. Victor, da Brigada Anticrime. Quando cheguei, trocamos algumas palavras. Ele conversava com os colegas e com o porteiro do hotel. Chame-o aqui, Roubeau.

Victor apresentou-se, desconfortável em sua casaca estreita, com o ar mal-humorado de sempre.

— Então você estava aqui, Victor? — perguntou Mauléon.

— Acabei de chegar — ele respondeu. — Apenas o tempo de me atualizar. Meus cumprimentos, a prisão do inglês é uma grande vitória.

— Sim, mas e Lupin?

— Lupin é caso meu. Se você não tivesse precipitado as coisas, eu teria servido de bandeja para todos vocês, o seu Lupin.

— Sei! E o cúmplice dele, Marcos Avisto, um peruano?

— De bandeja também. Ele é um bom amigo meu, esse Marcos, um rapaz adorável! E bem robusto. Ele deve ter passado por debaixo do seu nariz.

Mauléon deu de ombros.

— Se isso é tudo o que você tem a dizer…

— Na verdade, é sim. No entanto, eu fiz uma pequena descoberta… Oh! Insignificante… e que pode não ter nenhuma relação com o nosso caso.

— O que mais poderia ser?

— Há outro inglês, na sua lista, chamado Murding?

— Sim, Hervé Murding. Ele estava fora.

— Eu o vi quando entrou no hotel, e perguntei ao porteiro sobre ele. Ele ocupa um quarto onde raramente dorme e onde só vem uma ou duas vezes por semana, à tarde. Uma senhora elegante, sempre a mesma, cuidadosamente disfarçada, junta-se a ele para tomarem chá juntos. Essa senhora, que às vezes o espera no saguão, chegou pouco antes de Murding e, diante da agitação aqui, partiu de novo. Talvez fosse bom convocar o inglês Murding.

— Roubeau, vá em frente. Traga-nos o Murding.

Roubeau disparou e trouxe de volta um cavalheiro que não tinha o direito de ser chamado de Hervé Murding, porque certamente não era inglês.

Mauléon, que imediatamente o reconheceu, exclamou muito surpreso:

— Como? É você, Félix Devalle, amigo de Gustave Géraume! O corretor de imóveis de Saint-Cloud! É você que finge ser inglês?

Félix Devalle, amigo de Gustave Géraume, o corretor de imóveis de Saint-Cloud, parecia bastante sem-jeito. Ele tentou fazer graça, mas sua risada soou falsa.

— Sim… É conveniente para mim ter onde me alojar ocasionalmente em Paris, quando vou ao teatro.

— Mas por que usar um nome diferente?

— Uma fantasia… E vocês têm de admitir que isso não é da conta de ninguém.

— E a mulher que você recebe?

— Uma amiga.

— Uma amiga, sempre disfarçada? Casada, talvez?

— Não… Não… mas ela tem lá os seus motivos…

O incidente parecia cômico, mas por que essa atitude constrangida? Essas hesitações?

Houve um momento de silêncio. Então Mauléon, que tinha consultado a planta do hotel, disse:

— O quarto de Félix Devalle também fica no terceiro andar, perto do pequeno salão de inverno onde o inglês Beamish foi atingido.

Gautier olhou para Mauléon. A coincidência atingiu os dois em cheio. Deveríamos ver Felix Devalle como um quarto cúmplice? E a mulher disfarçada, que o visitava, não seria a mesma mulher do Cine Balthazar e a assassina de Élise Masson?

Eles voltaram-se para Victor. Ele deu de ombros e disse com ironia:

— Vocês estão indo longe demais. Eu disse que o incidente era secundário.

Um aperitivo, nada mais. Mas apesar disso, deveria ser esclarecido.

O senhor Gautier pediu a Félix Devalle que ficasse à disposição da Justiça.

— Ótimo! — concluiu Victor. — Agora, chefe, vou pedir que o senhor me receba em uma dessas próximas manhãs.

— Alguma novidade, Victor?

— Algumas explicações a dar, chefe.

Victor, que dispensou acompanhar o comissário Mauléon na batida ao hotel, achou prudente avisar a princesa Basileïef. A prisão do inglês Beamish poderia, de fato, levar a revelações bastante perigosas para ela.

Então, ele entrou na sala da central telefônica e, depois de retiradas todas as ordens, pediu à jovem que fizesse a ligação para o quarto 345.

O quarto 345 não respondeu.

— Insista, senhorita.

Nova chamada sem sucesso. Victor foi falar com o porteiro.

— A senhora do apartamento 345 saiu?

— A princesa Basileïef? Ela partiu há cerca de uma hora.

Victor tomou um baque.

— Partiu? De repente?

— Oh! Não! Toda a bagagem foi levada ontem, e a conta paga essa manhã. Só lhe faltava uma mala.

Victor não perguntou mais nada. Afinal, seria normal Alexandra Basileïef ir embora e ninguém se opor à sua partida. E, por outro lado, o que a forçava a esperar pela autorização dele, Victor?

Mesmo assim, ele estava furioso. Lupin sumira. Alexandra desaparecera. Onde e como encontrá-los?

No coração da Praça

1

"Uma noite é o suficiente para reparar todos os erros", planejava Victor. Quando seu amigo Larmonat foi vê-lo na noite seguinte, ele não estava mais sorridente do que de costume, mas estava calmo e confiante.

— Partida reiniciada — afirmou. — Meu trabalho era tão sólido que só a superfície foi abalada.

— Você quer a minha opinião? — propôs Larmonat.

— Eu a conheço… Você já está cansado disso.

— Bem, sim!… Muitas complicações… coisas que não se fazem quando se tem a honra de ser policial… Às vezes, pensamos que você joga no outro time.

— Quando se quer chegar, não se escolhe o caminho.

— Talvez, mas eu…

— Você está enojado. Afaste-se, então…

— Bem, meu velho — exclamou Larmonat, em tom decidido — já que você me propõe, eu aceito! Romper, não, devo-lhe muito reconhecimento, mas interromper…

— Você tem muita consideração hoje — zombou Victor. — Seja como for, não posso culpá-lo por seus escrúpulos. Serei obrigado a escolher outro colaborador na polícia judiciária…

— Quem?

— Não sei… O diretor, talvez…

— Hein? O senhor Gautier?

— Talvez… é uma hipótese. Qual é o burburinho na polícia?

— O que você lê nos jornais. Mauléon está exultante! Estamos todos, se ele não tem Lupin, tem o inglês. Com os três russos, a imagem é respeitável.

— O inglês não desembuchou?

— Não mais que os russos. Está claro que essas pessoas esperam que Lupin as salve.

— E Félix Devalle, amigo de Gustave Géraume?

— Mauléon se remói a respeito dele, hoje ele estará em Saint-Cloud e em Garches. Estamos buscando informações. Eles acham que a pista é quente e o povo segue o cortejo. A participação de Félix Devalle explicaria muitas coisas. Enfim, estamos animados.

— Um último favor, meu velho. Ligue-me assim que souber qualquer notícia sobre o Devalle, principalmente sobre os meios dele de subsistência e sobre a situação de seus negócios. Todas as respostas vêm daí!

Victor não saiu mais de casa. Gostava daqueles períodos, daquelas pausas durante as quais era possível imaginar toda a aventura, quando era possível ver toda a história se espalhar à sua frente e os fatos podiam ser confrontados à ideia nascida aos poucos.

Quinta-feira à noite, Larmonat telefonou para contar que a situação financeira de Félix Devalle era péssima: dívidas, blefes, ele só se sustentava pelos golpes que dava no mercado de ações e por especulações precipitadas. Seus credores falavam com ele aos berros.

— Ele foi convocado?

— Pelo juiz de instrução, para amanhã de manhã, às onze horas.

— Não houve nenhuma outra convocação?

— Sim, convocamos a baronesa d'Autrey e a senhora Géraume, queremos esclarecer alguns pontos. O diretor e o Mauléon estarão presentes…

— Eu também.

— Você também?

— Sim. Previna o senhor Gautier.

Na manhã seguinte, Victor primeiro passou no Hotel Cambridge, e foi conduzido ao quarto que Félix Devalle ocupara e que agora era mantido trancado. Em seguida, ele compareceu ao Comando Geral da Polícia, onde o senhor Gautier o aguardava. Juntos, foram com o comissário Mauléon ao gabinete do juiz de instrução.

Depois de um minuto, Victor manifestou seu tédio com bocejos e com uma atitude tão pouco adequada, que o senhor Gautier, conhecendo-o bem, perguntou-lhe impaciente:

— O que foi agora, Victor? Se você tem algo a dizer, diga.

— Tenho, sim, algo a dizer — disse ele mal-humorado —, mas peço que seja na presença da senhora d'Autrey e de Gustave Géraume.

Eles o observavam com espanto. Sabia-se que ele era estranho, mas sério, e que também não gostava de perder o seu tempo, nem o tempo dos outros. Ele não teria solicitado essa confrontação sem sérios motivos.

A baronesa foi conduzida primeiro, envolta em seu véu de luto. Um momento depois, Gustave Géraume foi trazido, ainda sorridente e alegre.

Mauléon não escondeu sua desaprovação.

— Bem, vá em frente, Victor — ele murmurou. — Você tem mesmo revelações importantes?

— Revelações, não — disse Victor sem ficar desconcertado. — Mas eu gostaria de eliminar alguns obstáculos que nos atrapalham e de retificar erros e equívocos que obstruem o caminho. Em todo e qualquer caso, há um momento em que se deve pontuar bem o processo se quisermos recomeçar com mais ímpeto. Já fiz isso uma vez, quando nos livramos de tudo o que pertencia à primeira fase da operação e que girava em torno das apólices. Devemos agora, antes do golpe final contra Lupin, livrar-nos de tudo o que representa o crime do La Bicoque. Restam em cena a senhora d'Autrey, o senhor e a senhora Géraume, e o senhor Félix Devalle. Vamos terminar logo com isso. Será breve.

Cumprimentando os presentes, Victor explicou que faria apenas algumas perguntas, e então se virou para Gabrielle d'Autrey.

— Peço, minha senhora, para que responda com toda sinceridade. A senhora considera o suicídio do seu marido uma confissão?

Ela levantou seu véu de crepe, era possível notar as bochechas pálidas, os olhos vermelhos de choro, e ela disse com firmeza:

— Meu marido não me deixou na noite do crime.

— É a sua afirmação e o crédito a que ela se atribui — disse Victor — que nos impede de chegar a uma verdade que nos é indispensável conhecer.

— Não há outra verdade além da que estou afirmando. Não pode haver nenhuma outra.

— Existe uma outra — disse Victor. E, dirigindo-se a Gustave Géraume, falou:

— Essa outra verdade, o senhor a conhece, Gustave Géraume. Com um único sopro, como eu sugeri em nossa última conversa, o senhor pode dissipar a neblina. O senhor gostaria de se pronunciar?

— Não tenho nada para admitir. Não sei de nada.

— Sim, o senhor sabe.

— Absolutamente nada, juro.

— O senhor admite?

— Não tenho nada para admitir. Não sei de nada.

— Então, falo eu — disse Victor. — Faço com a tristeza de causar uma ferida dolorosa, terrivelmente dolorosa à madame d'Autrey. Contudo, mais cedo ou mais tarde, ela viria a saber. Melhor extirpar o mal pela raiz.

Gustave Géraume protestou de forma bastante desconcertante, principalmente vinda de um homem que até aquele momento se negara a dar qualquer resposta:

— Inspetor, é muito grave isso o que o senhor está prestes a fazer.

— Para saber que é grave, é preciso que o senhor saiba com antecedência aquilo que vou dizer. Nesse caso, fale…

Victor esperou. Com o outro em silêncio, Victor começou com determinação:

— Na noite do crime, Gustave Géraume janta em Paris com o amigo Félix Devalle. É uma diversão que os dois amigos compartilham com frequência, porque ambos são amantes da boa mesa e dos bons vinhos. Mas naquele jantar, a bebedeira foi maior, a tal ponto que, quando Gustave Géraume voltou às dez e meia, já não estava mais consciente. No cruzamento, perto de casa, ele tomou uma última dose de *kümmel* que termina de embriagá-lo. Com dificuldade, pega de novo seu carro e segue pela estrada de Garches. Onde ele está? Na frente da sua casa? Ele está convencido disso, mas na realidade, ele não está lá, ou seja, na frente de seu atual casarão, mas em frente a uma casa que lhe pertence, onde viveu durante dez anos, onde retornou centenas de vezes à noite, voltando de Paris, depois de bons jantares. Mais uma vez, ele teve um bom jantar. Mais uma vez, ele volta para casa. Sua chave não está no seu bolso? A chave exigida pelo seu inquilino, d'Autrey, e pela qual tiveram que comparecer ao tribunal de conciliação. Ele a guarda sempre no bolso, por teimosia, e para

que não seja reencontrada em outro lugar. Então, não seria natural usá-la? Ele toca a campainha. A zeladora abre. Ele sussurra o nome dele ao passar. Sobe. Pega sua chave e entra. Entra na casa dele. Perfeitamente, na casa dele. Na casa dele, e não em outro lugar. Como, com sua visão turva, com seu cérebro vacilante, ele não reconheceria seu apartamento, seu vestíbulo?

Gabrielle d'Autrey se levantou, ela estava pálida. Tentou balbuciar um protesto. Não conseguiu. Victor continuou, calmamente, ressaltando cada frase:

— Como ele não reconheceria a porta do seu quarto? É a mesma. É a mesma maçaneta que ele gira, o mesmo batente que ele empurra. O quarto está escuro. Aquela que ele acredita ser sua esposa, está sonolenta. Ela abre um pouco os olhos… pronuncia algumas palavras em voz baixa… A ilusão começa para ela também… Nada vai dissipá-la… Nada…

Victor fez uma pausa. A angústia da senhora d'Autrey tornava-se atroz. Era possível adivinhar o esforço do seu pensamento, o despertar de certas lembranças e de detalhes que voltaram à sua cabeça; em suma, toda a formidável explicação que lhe foi imposta por uma terrível lógica. Ela olhou para Gustave Géraume, exprimiu seu horror, rodopiou sobre si mesma e caiu de joelhos diante de uma poltrona, escondendo o rosto…

Tudo aconteceu em grande silêncio. Nenhuma objeção foi levantada contra a estranha revelação feita por Victor e acatada pela baronesa. Gabrielle d'Autrey recobriu a cabeça com seu véu.

Gustave Géraume continuou ali, um pouco desconfortável, meio sorridente, muito espirituoso. Victor lhe disse:

— Foi isso, não foi? Estou enganado?…

O outro não sabia se deveria confessar ou persistir em seu papel de galanteador que se deixa aprisionar em vez de comprometer uma mulher. No final, ele disse:

— Sim… foi isso… estava embriagado… não percebi… apenas às seis horas, quando acordei, entendi… Tenho certeza de que a senhora d'Autrey vai me perdoar… — E calou-se.

Uma explosão de riso, a princípio abafada, depois irresistível, espalhou-se do senhor Validoux ao senhor Gautier, do secretário ao próprio Mauléon. A boca de Gustave Géraume alargou-se e, igualmente, começou a rir, sem barulho, divertindo-se com aquela aventura que manteve o seu bom humor na prisão, e cuja graça despontou-lhe de repente.

Ele repetiu, em um tom aflito, dirigindo-se à sombria figura ajoelhada:

— Eu devo me desculpar. Não é minha culpa… É o acaso, não é? Desde então, fiz o que pude para que não suspeitassem de nada…

A baronesa levantou-se. Victor lhe disse:

— Mais uma vez peço desculpas, minha senhora, mas foi necessário. Primeiro, pela Justiça e também pela senhora… sim, pela senhora mesma. Um dia, a senhora vai me agradecer e verá que…

Sem dizer uma palavra, ainda invisível embaixo do seu véu, morta de vergonha, ela saiu da sala.

Gustave Géraume foi levado dali.

2

Victor não perdeu a seriedade. No entanto, ele disse, em tom piedoso, mas ainda sarcástico:

— Pobre mulher! O que me colocou nesse encalço foi a maneira como ela falava sobre o retorno do marido, naquela noite. Ela guardava boas lembranças… "Adormeci nos braços dele", dizia ela, como se fosse um evento raro. Mas naquela mesma noite, d'Autrey me disse que nunca sentira nada além de afeto por sua esposa. Contradição flagrante, não é? E, de repente, quando o vi, lembrei-me daquela história de chave, a causa de tantos conflitos entre o casal d'Autrey e o casal Géraume. Essas duas ideias colidiam entre si, e isso foi o suficiente para que uma centelha iluminasse minha mente: Géraume, o proprietário, o ex-morador do apartamento, tinha essa chave. A partir de então, a sequência dos eventos foi se autoexplicando, como expus aos senhores.

— De tal modo que o crime…? — perguntou o senhor Validoux.

— Que o crime foi cometido apenas por d'Autrey.

— Mas e a mulher do cinema? A que foi vista na escada de Élise Masson?

— Ela conhecia Élise Masson e foi por meio dela que soube que o barão d'Autrey seguia a pista das apólices; que as apólices estavam com o padre Lescot; e que o barão deveria tentar recuperá-las. Ela foi para lá também.

— Para roubá-las?

— Não. Segundo minhas informações, ela não é uma ladra, mas uma compulsiva, ávida por grandes emoções. Ela foi lá para observar, por curiosidade. Chegou bem no momento do crime, e só teve tempo de fugir em direção ao próprio carro.

— Ou seja, em direção a Lupin?

— Não. Se Lupin tivesse insistido em se encarregar das apólices, após seu fracasso em Estrasburgo, o caso teria sido mais bem conduzido. Não. Ele se interessava apenas pelo seu negócio de dez milhões, e sua amante tinha de agir sozinha, em separado dele. D'Autrey, que talvez nem a tenha notado, fugiu e não se atreveu a voltar para casa. Vagou a noite toda pelas estradas e, de madrugada, despencou na casa de Élise Masson. Um pouco mais tarde, fiz a minha primeira visita à baronesa e foi o mal-entendido do qual ela fora vítima, sem que soubesse, o que lhe permitiu defender o marido com unhas e dentes e me dizer, com sincera convicção, que estiveram juntos a noite toda.

— Mas d'Autrey ignorava esse mal-entendido…

— Evidentemente. No entanto, à tarde, ele soube que sua esposa o defendia contra todas as evidências.

— Como ele soube?

— A velha empregada escutou minha conversa com a baronesa através da porta. A caminho do mercado, a empregada foi surpreendida por um jornalista que estava à espreita, e ela acabou contando-lhe a cena. O jornalista escreveu um artigo e o levou a um pequeno jornal, que passou um pouco despercebido. Mas às quatro horas, perto da Gare du Nord, d'Autrey comprou esse jornal e soube, obviamente com espanto, que sua esposa havia dado um álibi irrefutável. Ele desistiu de sua partida, abrigou seu roubo, e começou sua batalha. Apenas…

— Apenas?…

— Bem, quando ele percebeu o motivo exato desse álibi e que, gradualmente, descobriu as razões pelas quais sua esposa estava tão convencida, ele, sem dizer-lhe nada, a esbofeteou. — E Victor finalizou: — Sabemos agora que o barão d'Autrey tirou proveito do álibi usado a favor de Gustave Géraume. Quando soubermos de que maneira Géraume foi cúmplice de um crime que ele não assistiu, o problema do La Bicoque será resolvido. Teremos essa informação.

— Como?

— Por Henriette Géraume, sua esposa.

— Ela foi convocada — disse o senhor Validoux.

— Por favor, faça entrar também o Félix Devalle, senhor juiz.

Henriette Géraume foi conduzida primeiro, Félix Devalle em seguida.

Ela parecia esgotada. O juiz pediu-lhe que tomasse um assento. Ela balbuciou um agradecimento.

Victor, aproximando-se dela, abaixou-se e pareceu pegar algo. Era um fino grampo, um ondulado grampo-invisível, cor de cobre. Ele o examinou. Henriette o agarrou automaticamente e o colocou em seus cabelos.

— Isso é seu, minha senhora?

— Sim.

— Tem absoluta certeza disso?

— Absoluta.

— Eu não o encontrei aqui, mas entre vários outros grampos e bugigangas deixados no fundo de um pequeno cálice de cristal, no quarto ocupado por Félix Devalle, no Hotel Cambridge, e a senhora acaba de reavê-lo e afirmar que é seu — disse ele. — A senhora é amante de Félix Devalle.

Esse era um recurso que Victor adorava utilizar, o ataque absolutamente imprevisto, realizado por meios contra os quais parece não haver defesa possível.

A jovem se sentiu sufocada, tentou resistir, mas ele a abateu com outro golpe que terminou de atordoá-la.

— Não negue, minha senhora! Tenho mais umas mil provas dessa natureza — afirmou Victor, que não tinha mais nenhuma.

Fora de combate, sem saber como contra-atacar ou a quem se agarrar, ela encarou Félix Devalle. Ele ficou mudo, bastante pálido, e também desconcertado com a violência do ataque.

Victor retomou:

— Em todo e qualquer caso, há tanto lógica quanto acaso. E foi por acaso que Félix Devalle e a senhora Géraume escolheram o Hotel Cambridge como ponto de encontro. Esse que era justamente o quartel-general de Arsène Lupin. Puro acaso… simples coincidência.

Félix Devalle deu um passo à frente, gesticulando indignado.

— Não admito, inspetor, que o senhor se permita acusar uma mulher por quem o meu respeito…

— Vamos, chega de piada — disse Victor. — Estou simplesmente enumerando os fatos, que serão fáceis de verificar e aos quais o senhor poderá levantar suas objeções. Se o juiz de instrução, por exemplo, tiver a certeza de que o senhor é amante da senhora Géraume, ele vai se perguntar se acaso o senhor não quis se aproveitar dos acontecimentos para fazer do marido de sua amante suspeito, e se o senhor não contribuiu para a sua prisão. Ele se perguntará também se não foi o senhor que aconselhou o comissário Mauléon, por telefone, a fazer uma busca na escrivaninha de Gustave Géraume; se não foi o senhor quem incitou sua amante a retirar as duas balas do revólver; se o jardineiro Alfred não foi nomeado pelo senhor, como me foi informado, para trabalhar na casa do seu amigo Géraume; e se o senhor não o pagou para que ele se retratasse e para que desse um falso depoimento contra seu patrão.

— O senhor é louco! — exclamou Félix Devalle, roxo de raiva. — Que motivos teriam me levado a agir assim?

— O senhor está falido. Sua amante é rica. O divórcio é facilmente obtido contra um marido infiel. Não estou dizendo que o senhor teria vencido o jogo, estou dizendo que o senhor embarcou nessa aventura desmoralizado, como um homem falido que joga a sua última cartada! Quanto às provas…

Félix Devalle tentava manter seu autocontrole, embora suas faces vermelhas revelassem sua imensa fúria.

Victor voltou-se para o senhor Validoux:

— Senhor juiz de instrução, o papel da polícia judiciária é o de fornecer à Justiça os elementos de uma rigorosa informação. O senhor encontrará as provas com facilidade. Não tenho dúvidas de que elas respaldam minhas conclusões: a culpa de d'Autrey; a inocência de Gustave Géraume; a tentativa de Félix Devalle de induzir a Justiça ao erro. Não tenho mais nada a dizer. Quanto ao assassinato de Élise Masson, discutiremos isso mais tarde.

Ele se calou, suas palavras haviam causado forte impressão. Félix Devalle assumiu um ar desafiador. Se Mauléon balançava a cabeça em sinal de discordância, o magistrado e o senhor Gautier cederam à força de uma argumentação que tão bem se ajustava às exigências da realidade.

Victor estendeu seu maço de cigarros caporal ao juiz de instrução e ao senhor Gautier, que aceitaram a oferta. Depois, brincou com o seu isqueiro,

acendeu seu cigarro e saiu, deixando os outros trabalharem.

No corredor, ele foi parado pelo senhor Gautier, que lhe apertou as mãos com firmeza.

— Você foi extraordinário, Victor.

— Eu teria sido muito mais, chefe, se esse Mauléon não tivesse me ignorado.

— Como assim?

— Simples! Chegando ao Hotel Cambridge no momento em que eu tinha toda a gangue nas mãos.

— Você estava lá, no hotel?

— Claro, chefe, eu estava até mesmo no quarto.

— Com o inglês Beamish?

— Meu Deus, sim!

— Mas só havia o peruano Marcos Avisto no recinto.

— O peruano era eu.

— O que você está dizendo?

— A verdade, chefe.

— Não é possível!

— Claro que sim, chefe. Marcos Avisto e Victor são a mesma pessoa. — Victor apertou a mão do senhor Gautier, acrescentando: — Até logo, chefe. Dentro de cinco ou seis dias, vou corrigir o erro de Mauléon, e Lupin será preso. Mas não fale nada sobre isso. Caso contrário, mais uma vez, vai tudo por água abaixo.

— Contudo, você admite que…

— Admito que, às vezes, pego um pouco pesado, mas isso é vantajoso para o senhor, chefe. Deixe-me agir com liberdade.

Victor almoçou em uma taverna; ele estava contente. Livre de todas as reflexões e indecisões relativas ao crime do La Bicoque, ao casal d'Autrey, ao casal Géraume, a Félix Devalle, e tendo instruído a polícia a cuidar de todas essas pessoas como fizera com Audigrand, com a datilógrafa Ernestine e com a senhora Chassain, ele se sentiu aliviado. Finalmente, ele poderia se dedicar à sua tarefa, sem mais equívocos, sem mais falsas manobras provocadas por terceiros! Sem Mauléon! Sem Larmonat! Sem mais precisar de ninguém! Lupin e Alexandra, Alexandra e Lupin, só esses dois importavam.

Fez duas ou três incursões, voltou a ser o peruano Marcos Avisto, e às cinco para as três, chegou à Praça da Torre Saint-Jacques.

3

Nem por um momento, desde o dia que se seguiu ao tumulto no Hotel Cambridge, Victor teve dúvidas: a princesa Basileïef compareceria ao encontro que ele propusera no último minuto, caso não voltassem a se rever no hotel. Não admitia que, depois do papel desempenhado por ele nessa circunstância, depois do violento impacto que os lançara um em direção ao outro, depois de unidos pelo mesmo perigo, ela se decidisse a nunca mais revê-lo. Ele mostrara seu brilho, deixara-lhe a lembrança de um homem inteligente, enérgico, útil, dedicado e acreditava que ela se sentisse atraída por ele.

Ele esperou.

Crianças brincavam com a areia; idosas tricotavam ou cochilavam à sombra das árvores ou da torre e, em um banco, um cavalheiro lia por detrás do seu jornal aberto.

Dez minutos se passaram, depois quinze e depois vinte.

Às três e meia, Victor começou a se preocupar. Será que ela não viria? Teria ela resolvido cortar o fio que os unia? Teria ela deixado Paris, deixado a França? Nesse caso, como reencontrá-la e como chegar até Lupin?

Preocupação temporária, desfeita por um sorriso de satisfação e que ele disfarçou virando a cabeça para o outro lado. Na frente dele, aquelas duas pernas que se podiam acompanhar por debaixo do jornal aberto, não seriam…?

Ele esperou mais cinco minutos, levantou-se e caminhou lentamente em direção à saída.

Uma mão pousou em seu ombro. O homem do jornal aproximou-se dele, muito simpático, e lhe disse:

— Senhor Marcos Avisto, não é?

— Ele mesmo… e o senhor, Arsène Lupin?

— Sim, Arsène Lupin… sob o codinome de Antoine Bressacq. Permita também que eu me apresente como amigo da princesa Basileïef.

Victor o reconheceu: era o homem que ele tinha visto certa noite, no Hotel Cambridge, com o inglês Beamish. A aspereza dele o chocou de

imediato, mas também a sinceridade dos seus olhos cinza-escuros, cor de ardósia. Essa aspereza foi neutralizada por um sorriso amigável e, mais ainda, pelo inegável desejo de agradar. De fisionomia bem jovem, peitoral largo, aparência forte e desenvoltura atlética, com um maxilar e uma ossatura do rosto cheios de intensidade… Quarenta anos talvez. Um primoroso corte no traje.

— Eu o vi no Hotel Cambridge — disse Victor.

— Ah! — murmurou Bressacq, rindo. — O senhor também tem a capacidade de nunca esquecer uma fisionomia? Na verdade, fui várias vezes ao saguão, antes de me refugiar no segundo quarto de Beamish, como um ferido de guerra.

— Seu ferimento?

— Quase nada, mas doloroso e incômodo. Quando o senhor veio prevenir Beamish, e lhe agradeço muito por isso, eu recobrei minha confiança.

— O suficiente, de qualquer forma, para golpeá-lo.

— Claro! Ele se recusou a me dar o salvo-conduto que o senhor havia assinado para ele. Infelizmente acabei batendo mais forte do que queria.

— Ele vai entregá-lo à polícia?

— De jeito nenhum! Ele conta comigo para o futuro.

Os dois seguiram pela Rua de Rivoli. O carro de Bressacq estava estacionado.

— Nenhum comentário sobre nós — disse ele sem rodeios. — Estamos de acordo?

— Sobre o quê?

— Sobre o interesse que temos em estarmos de acordo — disse Bressacq sorridente.

— Entendido.

— Seu endereço?

— Nenhum fixo, depois do Hotel Cambridge.

— Vamos até onde o senhor se hospeda. O senhor pega sua bagagem, e eu lhe ofereço estada.

— É urgente?

— Urgente. Um grande negócio em andamento. Dez milhões!

— E a princesa?

— Ela o aguarda.

Eles avançaram.

No hotel, Victor recolheu as malas que havia deixado prontas, prevendo a direção dos acontecimentos.

Deixaram Paris e chegaram a Neuilly. No final da Avenida de Roule, na esquina de uma rua, havia uma casa de dois andares entre o pátio e o jardim.

— Para acampamento ocasional — disse Bressacq ao parar. — Tenho cerca de dez como essa em Paris. O suficiente para se instalar e com poucos criados. O senhor vai dormir no estúdio, perto do meu quarto, no segundo andar. A princesa ocupa o primeiro.

O estúdio, com a janela voltada para a rua, era confortável, mobiliado com extraordinárias poltronas, um sofá-cama e uma seleta biblioteca.

— Alguns filósofos, livros de memórias… E todas as aventuras de Arsène Lupin, para embalar o sono.

— Eu os sei de cor.

— Eu também — disse Bressacq, rindo. — A propósito, o senhor gostaria de ter a chave da casa?

— Para quê?

— Se o senhor tiver de sair…

Se entreolharam por um segundo.

— Não vou sair — disse Victor. — Entre duas expedições, gosto de me recolher, sobretudo se não sei do que se trata…

— Esta noite, está bem? Depois do jantar, que será servido no *boudoir* da princesa, por conveniência e também por prudência. O andar térreo da minha acomodação é sempre um pouco maquiado e reservado para batidas policiais e para eventuais batalhas.

Victor desfez as malas, fumou alguns cigarros e vestiu-se, depois de ter passado cuidadosamente as calças do *smoking*, com a ajuda de um pequeno ferro elétrico. Às oito horas, Antoine Bressacq veio buscá-lo.

A princesa Basileïef o recebeu com simpatia, agradeceu com efusão por tudo o que ele havia feito por ela e por seus amigos no Hotel Cambridge, mas logo deu sinais de voltar à sua introspeção. Quase não participou da conversa, somente ouvia, dispersa.

Victor, que pouco falava, contou sobre duas ou três aventuras em que foi herói e nas quais, como não poderia deixar de ser, seu talento pesava. Já Antoine Bressacq demonstrou muito vigor. Era espirituoso, zombeteiro e

tinha um jeito de se valorizar tanto com ironia, quanto com engraçada vaidade.

Terminado o jantar, Alexandra serviu café e licores, ofereceu charutos e espreguiçou-se em um sofá de onde não saiu mais.

Victor se acomodou em uma grande poltrona acolchoada. Estava feliz, tudo caminhava como ele previra, na ordem dos acontecimentos que ele havia planejado. Primeiro, cúmplice de Alexandra, infiltrando-se aos poucos no grupo, afirmando suas qualidades, dando provas de destreza e de devoção, e assim se tornando confidente e cúmplice de Arsène Lupin. Estava infiltrado, precisavam dele, pediam sua colaboração. Fatalmente, a operação terminaria conforme a sua vontade.

"Eu os peguei… os peguei…" sussurrou para si mesmo. "Só não pode haver nenhum erro, um sorriso largo demais, uma entonação estranha… Uma reflexão sem importância, com um tipo como esse, e tudo estará perdido.

— Estamos entendidos? — perguntou Bressacq alegremente.

— Estamos.

— Ah! Uma perguntinha, primeiro. Vocês conseguiriam adivinhar, mais ou menos, aonde eu quero levá-los?

— Mais ou menos.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que estamos decididamente dando as costas para o passado. As apólices, o crime do La Bicoque, tudo isso, todas as mesmas crônicas dos jornais, os delírios da Justiça e do público, acabaram. Não vamos mais falar sobre isso.

— Um momento… E o crime da Rua de Vaugirard?

— Não mais…

— Essa não é a opinião da Justiça.

— É a minha. Eu tenho minha opinião sobre isso, e vou contá-la para vocês mais tarde. Por enquanto, uma única preocupação, um único objetivo.

— Qual?

— O caso dos dez milhões ao qual o senhor fez alusão na carta que escreveu à princesa Basileïef.

Antoine Bressacq exclamou:

— Tudo a seu tempo! Nada lhe escapa. O senhor está no páreo! — e sentando-se em uma cadeira, de frente para Victor, ele começou a explicar.

O dossiê ALB

1

— Primeiro, vou dizer que esse caso dos dez milhões, criticado pelos jornais sem que eles sequer imaginem uma hipótese plausível, foi trazido a mim por Beamish. Sim, por Beamish. Ele casou-se, depois da guerra, com uma jovem datilógrafa de Atenas, que trabalhava para um grego muito rico. Essa datilógrafa, que veio a morrer em um acidente de trem, contou-lhe alguns detalhes sobre seu ex-chefe, que chamaram a atenção de Beamish.

O grego, temendo o colapso monetário de seu país, converteu toda a sua fortuna: uma parte, em carteiras de investimentos e em imóveis localizados em Atenas; outra parte, em imensas propriedades localizadas na região do Épiro, sobretudo na Albânia. Dois dossiês foram constituídos, um referente à primeira metade do patrimônio, depositado em forma de títulos em um banco inglês; esse dossiê foi denominado dossiê de Londres, e o outro, referente à venda de todos os bens e propriedades, chamava-se dossiê ALB, isto é, sem dúvida nenhuma, ALBânia. Embora os dois dossiês, de acordo com os relatos da datilógrafa, tivessem cada qual o mesmo valor aproximado de dez milhões, descobriu-se que o dossiê de Londres era volumoso e que o ALB continha apenas um pequeno pacote fechado, amarrado e lacrado, que media de vinte a vinte e cinco centímetros de comprimento, e que o grego sempre trancava na gaveta ou em sua mala de viagem.

De que forma o dossiê ALB continha a quantia de dez milhões recuperada no Épiro? Mistério. O que aconteceu com o chefe da datilógrafa, depois que ela o deixou para se casar, é outro mistério que

Beamish ainda não havia esclarecido quando o conheci, há três anos.

Minha organização internacional me permitiu fazer pesquisas produtivas sobre o assunto, que foram longas, mas eficazes. Eu achei o banco de Londres, onde ele tinha metade da sua fortuna, e pude comprovar que esse banco pagava as apólices depositadas a um fulano desconhecido, de Paris. Tive enorme dificuldade para descobrir que esse desconhecido era alemão, depois em descobrir o endereço desse alemão e, finalmente, em descobrir que o alemão e o grego eram apenas um.

Antoine Bressacq se interrompeu. Victor ouvira, sem fazer uma única pergunta. Alexandra, de olhos fechados, parecia estar dormindo. Bressacq continuou:

— Minha investigação se intensificou, liderada por uma agência da minha confiança. Fiquei sabendo que o grego, doente, quase inválido, nunca saía da mansão onde residia e que dormia no andar térreo, protegido por dois ex-detetives, remunerados por ele, e que a equipe, composta por três mulheres, dormia no subsolo da casa. Indicações preciosas. Recolhi outra, ainda mais importante, obtendo a cópia de notas relativas à residência. Uma dessas notas pagava pela instalação de campainhas elétricas, dessas de segurança, e pude perceber que todas as persianas das janelas da mansão, todas, sem exceção, eram equipadas com um sistema imperceptível que acionava, apenas com um leve toque, uma série de campainhas. Eu não tive mais dúvidas. Todas essas precauções só são adotadas quando alguém tem algo a temer, ou melhor, a esconder. O que, senão o dossiê ALB?

— Sem dúvida — disse Victor.

— Mas onde está o dossiê? No andar térreo? Não acredito, pois é lá onde o nosso homem vive o seu dia a dia, cercado por outras pessoas. Quanto ao segundo andar, está vazio e fechado, mas fiquei sabendo, por uma velha empregada demitida que, todos os dias, ele sobe ao segundo e ao último andar, onde passa as tardes sozinho em um grande aposento convertido em escritório. Lá ele juntou seus documentos, seus livros, as lembranças que restaram das duas mulheres que mais amou, filha e neta, ambas mortas, tapeçarias, retratos, brinquedos infantis, bugigangas, etc. Com as revelações dessa faxineira, preparei pacientemente a planta do quarto. — Bressacq a desenrolou e continuou: — aqui o escritório, aqui o telefone, aqui a biblioteca, aqui a prateleira com suas recordações, aqui a

lareira com um espelho móvel e unidirecional suspenso. E foi no dia em que soube desse espelho unidirecional, nesse aposento, que meu projeto tomou forma. Eu me explico.

Usando um lápis, desenhou algumas linhas em um pedaço de papel.

— A mansão fica um pouco recuada, em uma larga avenida, separada por um pátio estreito, ou melhor, por uma faixa de canteiro e por uma grade alta. Os muros, à esquerda e à direita, limitam esse pátio. À direita, um terreno baldio cheio de arbustos está à venda, e eu consegui entrar nele. Bastou-me olhar para cima para ver que o espelho unidirecional não era protegido por persianas. Comecei imediatamente meus preparativos, e estão quase prontos.

— E aí?

— E aí que estou contando com você.

— Por que comigo?

— Porque Beamish está na prisão e porque analisei o senhor com muita atenção.

— As condições?

— Um quarto dos lucros.

— Metade, se eu encontrar o dossiê ALB — exigiu Victor.

— Não, um terço.

— Trato feito.

Os dois homens apertaram as mãos. Bressacq caiu na gargalhada.

— Dois negociadores, dois grandes homens de negócio que fecham um importante acordo trocam assinaturas, muitas vezes, diante de um tabelião, enquanto que duas pessoas honestas como nós se contentam com um leal aperto de mãos. Assim, sei que sua ajuda me é garantida, e o senhor sabe que obedecerei estritamente aos termos do nosso acordo.

Victor não foi expansivo, não caiu na gargalhada, e apenas deu um leve sorriso. Quando o outro lhe perguntou o motivo, ele respondeu.

— Seus dois negociadores ou seus dois homens de negócios só assinam quando estão a par do negócio.

— E?

— Bem, ainda não sei o nome do nosso adversário, onde ele mora, os meios que o senhor vai empregar e o dia escolhido.

— E o que isso significa?

— Que o senhor carrega uma espécie de desconfiança, o que me surpreende…

Bressacq hesitou.

— O senhor está impondo essa condição?

— De jeito nenhum — respondeu. — Não tenho condições a impor.

— Bem, eu tenho uma imposição — disse Alexandra, que de repente saiu do seu devaneio e se aproximou dos dois homens.

— Qual?

— Não quero que haja derramamento de sangue.

2

Ela se dirigiu a Victor, com uma expressão ríspida e com a voz categórica.

— O senhor disse, agora há pouco, que todas as histórias do La Bicoque e da Rua de Vaugirard estavam resolvidas. Não, não estão, porque eu posso ser encarada como uma criminosa, e nada os impedirá, na operação que estão preparando, de executarem o mesmo que a mim atribuem ou a Antoine Bressacq.

Victor declarou calmamente:

— Não atribuo nada, nem a Antoine Bressacq, nem à senhora.

— Sim.

— O quê?

— Matamos Élise Masson. Ao menos, um de nossos cúmplices a matou. Somos nós os responsáveis pela morte dela.

— Não.

— No entanto, essa é a convicção da Justiça, e é essa a opinião recorrente.

— Não é mais a minha opinião.

— Quem, então? Pense! Viram uma mulher saindo da casa de Élise Masson, que deveria ser eu e que, na verdade, era eu. Nesse caso, como não fui eu, quem a matou? Nenhum outro nome foi mencionado além do meu.

— Porque a única pessoa que poderia ter mencionado um nome diferente do seu ainda não teve a coragem de fazê-lo.

— Que outra pessoa?

Victor soube que precisava ser claro. A condição que impusera a Bressacq, pedindo por indícios prévios, obrigara-o a retomar o pulso sobre seus cúmplices e a oferecer, mais uma vez, a medida de seus métodos.

— Que outra pessoa? — ele repetiu. — O inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que pode parecer uma simples hipótese para a senhora, mas é a mais pura verdade, uma verdade que gradualmente deduzi dos fatos e de uma leitura cuidadosa dos jornais. A senhora sabe o que penso do inspetor Victor. Ele é um policial de muita classe, mas não chega a ser um fenômeno, sendo um policial como todos os seus colegas, aliás, como todo mundo, sujeito a imperfeições e negligências. Porém, na manhã do assassinato, quando ele foi com o barão d'Autrey até a casa da Élise Masson para um primeiro interrogatório, ele cometeu um erro que ninguém percebeu, mas que, sem dúvida, era a chave do enigma. Assim que ele desceu, colocou o barão de volta no carro, pediu para que um guarda de trânsito o vigiasse e se dirigiu até um café, do andar térreo, para telefonar para o Comando Geral da Polícia, a fim de pedir que dois agentes fossem imediatamente enviados até lá. Ele queria que a porta fosse vigiada para que Élise Masson não saísse antes de uma busca minuciosa em sua casa.

— Continue, por favor — murmurou a princesa, bastante impactada.

— Bem, foi difícil conseguir a comunicação telefônica, bem demorada, e no decurso de seus quinze minutos, era natural que o barão d'Autrey tivesse a ideia, não de fugir… de que adiantaria?… mas de voltar para a casa da sua amante. Quem o impediria? O inspetor Victor estava ocupado, o guarda de trânsito cuidava da circulação e, além disso, mal o via sob o capô do conversível.

— Mas por que ele queria vê-la novamente? — perguntou Antoine Bressacq, também muito atento.

— Por quê? Lembrem-se da cena no quarto de Élise Masson, como contou o inspetor Victor. Quando soube que Maxime d'Autrey fora acusado, não só do roubo, mas do crime, ela ficou exasperada com tamanha suspeita. Mas o que o inspetor Victor considerou como indignação era apenas, sem a menor dúvida, medo. Que seu amante havia roubado as apólices, disso ela sabia, mas não imaginou, nem por um momento, que ele

pudesse ter matado o padre Lescot. Ela teve pavor desse homem e medo da Justiça. D'Autrey estava certo, estava mesmo convencido de que essa mulher o denunciaria, e é por isso que ele queria revê-la e falar com ela. Ele tinha uma chave do apartamento e entrou para interrogar sua amante, que, assustada, respondeu com ameaças. D'Autrey entrou em pânico. Ele deve aceitar isso tudo? Tão perto do seu objetivo, dono das apólices, tendo até matado para obtê-las, falhará ele no último momento? Ele a mata. Mata essa mulher que ele adora, mas cuja traição instantânea é tão evidente que, por alguns segundos, ele a odeia. Um minuto depois, ele está lá embaixo, sob o capô do carro. O guarda de trânsito não percebe nada, o inspetor Victor não suspeita de nada.

— De tal forma que eu… — sussurrou a princesa.

— De tal forma que a senhora, ao chegar uma ou duas horas mais tarde, apenas para discutir o caso com Élise Masson, encontra na fechadura, a chave esquecida pelo assassino. A senhora entra. Na sua frente, Élise Masson, estendida, estrangulada com a ajuda daquele lenço amarelo e verde que a senhora lhe deu…

Alexandra estava transtornada.

— É isso… é isso! — exclamou ela. — A verdade está toda aí. O lenço estava no tapete, perto do corpo… Eu o peguei… Fiquei morrendo de medo. É isso! É isso!

Antoine Bressacq assentiu.

— Sim, nenhum erro possível. Aconteceu dessa forma, d'Autrey é o culpado, e o policial não se vangloriou de sua imprudência.

Ele deu um tapinha nos ombros de Victor.

— Decididamente, o senhor é um sujeito durão. Pela primeira vez encontro um colaborador em quem posso me apoiar. Marcos Avisto, faremos um bom trabalho juntos.

Victor mostrou-se apático. E sem pestanejar, Bressacq despejou as confidências capitais.

— O grego se chama Sériphos. Ele não mora muito longe daqui, ao longo do Bosque de Bolonha, no número 98 do Boulevard Maillot. A operação vai acontecer na próxima terça-feira, na mesma noite do dia em que me será entregue uma escada especial, que pode alcançar doze metros. Subiremos com ela. Uma vez infiltrados, desceremos para abrir a porta do vestíbulo de entrada para três de meus homens que estarão de vigília do

lado de fora.

— A chave está no interior da porta da frente?

— Sim, parece.

— Mas também deve haver um dispositivo de campainha elétrica que pode ser acionado assim que tentarmos abri-la, não?

— Sim. Mas tudo foi instalado para um ataque vindo de fora, não para um ataque vindo de dentro, como o nosso, e o dispositivo é visível. Basta que eu o impeça de funcionar. Depois disso, meus homens se encarregarão de amarrar os dois guardiães, surpreendidos na cama. E então teremos todo o tempo de que precisamos, primeiro para procurar nos aposentos do andar térreo, depois, e acima de tudo, para vasculhar o escritório do segundo andar, onde deve se encontrar a fortuna. Tudo bem?

— Tudo.

Houve outro aperto de mãos entre os dois cavalheiros, ainda mais caloroso.

Os poucos dias que antecederam a operação foram prazerosos para Victor. Ele saboreava seu triunfo iminente, o que não o impedia de ser extremamente cuidadoso. Não saiu nem uma única vez, não enviou nenhuma carta, não deu um telefonema. Essas discrições inspirariam Bressacq a ter maior confiança. Victor, talvez um pouco envaidecido por sua iniciativa e por sua clarividência, voltou ao seu verdadeiro lugar. Associado, sim, mas subordinado. Os preparativos, as decisões, cabiam a Antoine Bressacq; para ele, bastava se deixar levar.

Mas que alegria profunda ele provava ao observar seu fantástico adversário, ao estudar suas maneiras, ao ver esse homem de quem tanto falavam sem conhecê-lo! E quanta satisfação, depois de ter manejado tão bem para entrar em sua vida privada, ver que Bressacq não nutria a menor desconfiança e que compartilhava com ele todos os seus planos.

Às vezes, Victor se preocupava. “Não seria ele que estaria brincando comigo? Não sou eu quem vai cair na própria armadilha? Devo eu admitir que um homem dessa magnitude não se deixaria enganar?”

Não! Bressacq entregara-se convicto, e Victor tinha milhares de provas como essa por dia, e a maior delas talvez fosse o comportamento de Alexandra, com quem ele passava a maior parte das tardes.

Ela estava relaxada agora, muitas vezes alegre, sempre cordial, e como que grata por ele lhe ter revelado o nome do culpado.

— Eu sabia que não tinha sido eu, mas é libertador pensar que, se algum dia eu for descoberta, posso ao menos responder que não matei e comprovar minha inocência.

— Por que a senhora seria descoberta?

— Como podemos saber?

— Mas sim, nós sabemos. A senhora tem em Bressacq um amigo que jamais permitirá que alguém lhe toque.

Ela ficou em silêncio. Seus sentimentos por aquele que devia ser seu amante permaneceram secretos. Victor chegou a se perguntar, ao vê-la às vezes indiferente e distraída, se eles eram realmente amantes, se ela não o considerava acima de tudo como um amigo à procura de perigo, mais capaz do que qualquer outro de lhe dar as emoções intensas de que ela tanto gostava. Não seria o prestígio desse nome, Lupin, que a atraía e que a mantinha por perto?

Mas, na última noite, Victor os encontrou de pé, um de frente para o outro, com os lábios unidos. Teve dificuldade para conter sua irritação e, sem o menor constrangimento por ter sido surpreendida, Alexandra começou a rir.

— O senhor sabe por que despejo nesse cavalheiro toda a minha graciosidade? Para que ele me deixe acompanhá-lo amanhã à noite. Como se isso não fosse o óbvio! E não, ele se recusa… Uma mulher é só um entrave! Tudo pode dar errado por causa da presença de uma mulher! E há perigos que não se deve enfrentar… Enfim, um monte de nãos.

Seus belos ombros despontavam da leve túnica que a revelavam inteiramente. Seu rosto abrasador implorava a Victor.

— Convença-o, meu querido amigo. Quero ir também, justamente porque gosto do perigo. Não é nem do perigo que gosto, é do medo. Sim, o medo… nada pode valer mais do que essa espécie de vertigem que nos faz girar. Desprezo os homens que têm medo, são uns covardes, mas meu próprio medo, meu medo me excita mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Victor brincou e disse para Antoine Bressacq:

— Acredito que a melhor maneira de curar esse amor pelo medo é mostrar que, sejam quais forem as circunstâncias, não existe nada de tão terrível que inspire medo. Cá entre nós, esse é um sentimento que ela não vai mais experimentar.

— Ora! — reclamou Bressacq com bom humor. — Que seja feito como ela deseja! Pior para ela.

3

No dia seguinte, passado um pouco da meia-noite, Victor esperava no andar térreo. Alexandra juntou-se a ele, alegre, usando um vestido cinza, bem ajustado.

Ela parecia muito jovem, lembrava mais uma criança indo a uma festa, do que uma mulher se arriscando em uma aventura perigosa. Porém, em sua palidez, no brilho dos seus olhos, sentia-se por debaixo dessa alegria, uma sensibilidade pronta a se apagar.

Mostrou a ele um pequeno frasco.

— "O antídoto" — disse ela, sorrindo.

— Contra o quê?

— Contra a prisão. Posso aceitar a morte, mas a cadeia, por preço nenhum no mundo!

Ele arrancou o frasco dela e, abrindo a tampa, despejou o conteúdo no chão.

— Nem a morte, nem a cadeia! — exclamou ele, convicto.

— Em que se baseia sua suposição?

— Não há morte ou prisão a temer quando Lupin está por perto.

Ela deu de ombros.

— Mesmo ele pode ser derrotado.

— É preciso ter confiança absoluta nele.

— Sim… sim… — ela sussurrou —, mas nos últimos dias eu tive pressentimentos, pesadelos…

Ouviu-se o ruído de chave na fechadura. A porta de entrada se abriu por fora. Antoine Bressacq, que acabava de executar os preparativos finais, entrou.

— Tudo pronto — disse ele. — Alexandra, você insiste em ir? Você sabe, a escada é alta e balança muito quando subimos nela.

Ela não respondeu.

— E o senhor, meu querido amigo? Está confiante?

Victor também não respondeu.

Os três partiram pelas avenidas quase desertas de Neuilly. Não se falaram. Alexandra caminhou entre eles, com naturalidade e com ritmo bem compassado.

Um céu estrelado, sem nuvens, pairava sobre as casas e as árvores iluminadas.

Eles viraram na Rua Charles-Laffitte, paralela ao Boulevard Maillot. Da rua ao *boulevard*, pátios e jardins se estendiam por onde as mansões erguiam seus muros perfurados de lustres.

Uma paliçada de tábuas antigas murava uma dessas propriedades, com uma cerca dupla mal atada, e através da qual se avistavam os arbustos e as árvores do terreno baldio.

Eles perambularam por meia hora, para terem certeza de que nenhum transeunte tardio os incomodaria. Então, rapidamente, enquanto Victor e Alexandra patrulhavam, Antoine Bressacq abriu o cadeado com uma chave falsa e entreabriu uma das portas. Eles deslizaram para dentro e ficaram cercados por galhos, espinhos lhes esfolavam a pele. O chão estava coberto por tijolos de demolição.

— A escada está apoiada ao muro, à esquerda — sussurrou Bressacq, e eles caminharam até lá.

Em seguida, eles a ajeitaram, afundando os dois pés em um monte de areia e pedregulhos. Quando ela já estava bem erguida, plantada no solo escuro, encostaram-na ao muro que separava o terreno do pátio vizinho e, com delicadeza, com muito cuidado, encostaram a outra extremidade no segundo andar da mansão habitada pelo grego Sériphos.

Desta lateral da mansão, nenhuma das janelas, sob suas persianas hermeticamente fechadas, deveria estar iluminada. Tateando, Bressacq manobrou a escada de modo a que o topo alcançasse o espelho unidirecional, cuja face era difícil de perceber.

— Eu subo primeiro — disse ele. — Alexandra, assim que eu desaparecer, será a sua hora de subir.

— Ele chegou no topo — sussurrou Victor. — Ele vai cortar um pedaço do espelho e desprender a moldura.

Efetivamente, um minuto depois, Bressacq entrou, e perceberam que ele se debruçava na direção deles, segurando a escada com os dois braços estendidos.

— A senhora está com medo? — perguntou Victor.

— Estou começando… — ela falou. — É uma delícia! Desde que minhas pernas não percam a força e que eu não sinta vertigem!

Ela subiu, com rapidez no início, mas parou de repente.

"As pernas estão cedendo e a vertigem faz a cabeça dela girar", pensou Victor. A parada durou pouco mais de um minuto. Bressacq a encorajou em voz baixa.

Ela escalou rapidamente. A escada sacudia tanto que dava a impressão de que se soltava de sua frágil armação. Finalmente ela completou a subida e passou as pernas por cima da extremidade da escada.

Com frequência, nos últimos dias, na casa de Bressacq, Victor se dizia: "Ambos estão nas minhas mãos. Tenho o número particular do diretor Gautier. Um simples telefonema, e podem vir apanhá-los em domicílio. Mauléon ficaria no anonimato. Todo o sucesso da prisão seria do inspetor Victor, da Brigada Anticrime".

Se ele havia descartado essa opção, era porque queria entregar apenas Lupin em ação. O senhor Lupin deveria ser pego com a mão na massa e preso como um ladrão ordinário qualquer.

Mas não seria a hora? Os dois cúmplices não estavam presos na ratoeira?

No entanto, ele titubeou. Bressacq o chamou lá de cima. Victor fez sinal para que ele fosse paciente, e murmurou: "Como você é apressado, meu velho! Não tem medo da cadeia, como a sua querida amiga? Vamos, aproveite o momento, aja, embolse os dez milhões. Será a sua última proeza. Depois disso, Lupin, as algemas…"

Ele subiu.

A angústia

1

— Bem, meu querido amigo, o que o detinha? — perguntou Bressacq, quando Victor se aproximou da janela.

— Nada. Eu escutei…

— O quê?

— Ainda escuto… é preciso estar sempre atento.

— Ora! Não vamos exagerar — disse Bressacq em um tom que denunciava um certo desdém por tanta precaução.

Porém, de sua parte, teve todo o cuidado de percorrer o aposento com a lanterna. Ao avistar uma peça de tapeçaria antiga, pulou sobre uma cadeira, despregou-a e fixou-a no espelho unidirecional. Com todas as aberturas fechadas, ele ligou um interruptor, e a claridade tomou conta do espaço.

Então, ele beijou Alexandra e começou a dançar, ágil e silenciosamente, dando saltos entrelaçados, passos de cancã e de giga[4].

A jovem sorriu com indulgência. Esta reação habitual de Lupin, quando ele entrava em ação, a divertia.

No entanto, Victor voltou a ficar carrancudo e sentou-se.

— Caramba! — exclamou Antoine com bom humor. — Podemos mesmo nos sentar? E o trabalho?

— Estou trabalhando.

— Maneira estranha de…

— O senhor se lembra de uma de suas aventuras… não me lembro qual… onde agia à noite, na biblioteca de um marquês, e que apenas contemplando o escritório descobriu uma gaveta secreta… Eu estou

contemplando o aposento, enquanto o senhor dança. Faço como aprendi na sua escola, Lupin! Não existe outra melhor.

— Minha escola diz para agir com rapidez. Temos uma hora.

— Tem certeza que os dois guardiães, ex-detetives, não estão fazendo a ronda? — perguntou Victor.

— Não, não — afirmou Bressacq. — Se o grego organizasse rondas até esse aposento, revelaria que estava escondendo algo por aqui. Além do mais, vou abrir a porta para meus homens e, assim, acabar com qualquer tentativa por parte dos guardiães.

Ele fez a jovem se sentar e se debruçou sobre ela.

— Você não tem medo de ficar sozinha, tem, Alexandra?

— Não.

— Oh! Dez minutos, quinze no máximo. Tudo isso precisa ser rapidamente executado e sem complicações. Você quer que nosso amigo fique aqui?

— Não, não — ela disse —, vão… estou descansando.

Ele examinou a planta detalhada da casa e então abriu a porta lentamente. Um corredor, que formava uma antessala, conduziu-os a uma segunda porta, maciça, que o grego Sériphos devia fechar quando trabalhava no seu gabinete, e cuja chave encontrava-se na fechadura. Eles chegaram ao topo da escada, vagamente iluminada por um brilho vindo de baixo.

Eles desceram com enorme cautela.

No vestíbulo, perto da lâmpada acesa, Bressacq mostrou a Victor, no mapa, o quarto onde os dois guardiães dormiam. Era preciso passar por esse aposento para chegar ao quarto do grego Sériphos.

Eles alcançaram a porta de entrada. Dois enormes trincos… Bressacq os abriu. À direita, uma alavanca que regulava o dispositivo de alarme; ele a puxou para baixo. Perto dessa alavanca havia um botão, ele o pressionou, abrindo o portão do pequeno jardim que margeava o Boulevard Maillot.

Feito isso, empurrou a porta, colocou a cabeça para fora e deu um leve assobio.

Os três cúmplices, de silhuetas escuras, mal-encarados, juntaram-se a eles.

Bressacq não lhes disse uma palavra, já que tudo havia sido combinado de antemão entre eles. Voltou a fechar a porta e levantou a alavanca, depois

ordenou baixinho a Victor:

— Eu os acompanharei até o quarto dos guardiães. A princípio, não vou precisar de você. Fique monitorando. — E desapareceu com seus cúmplices.

Assim que ficou sozinho, e certo de que tinha toda a liberdade para agir como bem entendesse, Victor puxou a alavanca para baixo, entreabriu a porta, deixando-a encostada, e acionou o botão que controlava o portão do Boulevard Maillot. Assim, a entrada da mansão teria acesso livre, como ele queria.

Em seguida, ouviu algo vindo dos quartos. A investida aconteceu, como disse Bressacq, sem complicações. Os dois guardas, surpreendidos na cama, foram firmemente amordaçados e amarrados, antes mesmo de reagirem.

Foi também o caso do grego Sériphos, perto de quem Bressacq permaneceu por alguns instantes.

— Não podemos tirar nada desse sujeito — disse Bressacq, ao reencontrar Victor. — Ele está morto de medo, mas foi exatamente quando eu lhe falei sobre o seu escritório, no segundo andar, que ele desfaleceu. Não nos enganamos a respeito. Vamos subir de novo!

— Seus homens também?

— Nunca! As buscas devem ser feitas somente entre nós.

Deu ordens expressas para não saírem do quarto, que vigiassem os três cativos e, sobretudo, que evitassem fazer o menor ruído, porque as mulheres, que formavam o quadro de empregados, dormiam no subsolo.

Em seguida, voltaram para perto de Alexandra. No topo da escada, Bressacq trancou a pesada porta do corredor, para que seus parceiros não o perturbassem. Em caso de alerta, eles teriam apenas de bater.

Alexandra não se mexeu de sua poltrona. Seu rosto pálido estava franzido.

— Ainda calma? — perguntou Victor. — Nenhum medo?

— Sim, sim — ela disse com uma voz alterada. — O medo me invade por todos os poros.

Victor brincou.

— É a fase da alegria! Esperemos que ela dure!

— Mas esse medo é absurdo! — exclamou Bressacq. — Ora, Alexandra, estamos seguros. Os guardiães estão amarrados e meus homens a postos. Se, por azar, corrêssemos algum risco iminente, a escada está aqui, e a fuga é garantida por esta saída. Mas, fique tranquila, não correremos nenhum

risco, nem vai haver necessidade de fuga. Comigo nada é feito ao acaso.

Imediatamente, ele se pôs a catalogar o aposento.

— O problema — disse Victor — é encontrar um pacote pequeno e plano, de vinte a vinte e cinco centímetros de comprimento que possa conter uma quantia de dez milhões, em uma forma que não conhecemos…

Bressacq inventariava o quarto, em voz baixa, verificando gradativamente as indicações da planta.

— Na mesa, o telefone… alguns livros… arquivos de contas pagas ou a pagar… correspondência com a Grécia… correspondência com Londres… registros de contas… Nada! Nas gavetas, outros arquivos, outras correspondências. Nenhuma gaveta secreta?

— Não — afirmou Victor.

— Não — disse Bressacq, depois de verificar essa hipótese e apalpar o móvel e o interior das gavetas. Ele continuou: — A prateleira com as lembranças guardadas pelo grego… Retrato da filha… Retrato da neta… Apalpou os dois retratos para se certificar. Cesto de costura… Caixa de joias, vazia e sem fundo duplo — disse ele, e continuou procurando: — álbum de cartões postais, com paisagens da Grécia e da Turquia… Álbum infantil, com selos postais… Livros infantis de geografia… dicionários, que ele folheava enquanto falava, livro ilustrado, litúrgico… caixa de jogos… caixa para jetons… pequeno armário com espelhos para bonecas…

O aposento inteiro foi catalogado. Todos os objetos foram avaliados e vasculhados. Todas as paredes esquadrinhadas, os móveis submetidos a um exame também minucioso.

— Duas horas da manhã — constatou Victor que, sem se mexer, seguia e acompanhava o inventário de Bressacq distraidamente com os olhos. — Em uma hora, o dia vai amanhecer. Céus! Devemos pensar em nossa retirada, não?

2

— O senhor é louco! — replicou Antoine Bressacq. Ele não duvidava do sucesso. E debruçou-se sobre a jovem. — Ainda tranquila?

— Não, não — ela sussurrou.

— O que a atormenta?

— Nada… nada e tudo… Vamos embora daqui.

Ele teve uma crise de raiva e exclamou alto:

— Ah! Isso é que não… eu lhe disse… as mulheres deveriam ficar em casa, principalmente uma mulher como você, impressionável e nervosa.

Ela retomou:

— Se a situação se tornar insuportável para mim, vamos embora, certo?

— Ah! Isso, eu lhe prometo. Assim que a senhora nos intimar, partiremos; mas sem caprichos, eu lhe peço. Seria muito estúpido vir para roubar dez milhões, saber que eles estão aqui e sair de mãos vazias. Isso vai de encontro aos meus costumes.

Victor zombou, enquanto Bressacq voltava ao trabalho:

— Nosso trabalho é um espetáculo penoso para uma mulher. Ela certamente não digeriu bem esse roubo.

— Por que ela veio?

— Para ver como agiríamos no alvoroço de um assalto, no meio de policiais e para ver como ela mesma se comportaria. Ora, o nosso roubo é tudo o que há de mais banal e prosaico, um inventário de pequenos comerciantes nos fundos da loja. — E levantou-se abruptamente. — Ouçam.

— Não ouço nada — disse Bressacq.

— De fato, de fato — admitiu Victor —, pareceu-me…

— Vindo do terreno baldio? Eu ficaria surpreso. Coloquei a corrente de volta na cerca.

— Não, vindo da casa…

— Mas é impossível! — objetou Bressacq.

Fez-se um longo silêncio, perturbado apenas pelas buscas de Bressacq. Um objeto caiu, por culpa dele. A jovem levantou-se assustada.

— O que houve?

— Vamos ouvir… vamos ouvir… — exigiu Victor, que também se levantou.

— Mas o que é? — perguntou Bressacq.

Eles ouviram.

— Nenhum barulho — Bressacq disse.

— Sim, sim, dessa vez o barulho vem de fora, tenho certeza disso.

— Como o senhor é chato, droga! — pronunciou Bressacq, que começava a se irritar com esse colaborador *sui generis*, sempre tão alerta e,

ao mesmo tempo, tão plácido. — Faria melhor se procurasse como eu.

Victor não se mexeu, e manteve-se de orelhas bem abertas. Um carro passou pelo *boulevard*. Um cachorro latiu em um quintal próximo.

— Eu também estou ouvindo — disse Alexandra.

— Além disso, eu notei a caminho — acrescentou Victor — que o senhor não considerou que a lua estava a ponto de se levantar e que a escada portanto logo ficará toda iluminada.

— Que se d…! — exclamou Bressacq.

Mesmo assim, para averiguar a situação, ele desligou a luz, afastou a tapeçaria, abriu o espelho unidirecional e debruçou-se. Quase que nesse mesmo momento, Victor e Alexandra o ouviram rosnando.

O que estava acontecendo? O que ele teria visto lá fora, no terreno baldio?

Ele entrou e, após alguns segundos, disse na escuridão:

— A escada foi removida!

Victor disparou um grito rouco, correu para a janela, e também resmungou. Então, voltando a fechar o vidro e recolocando a tapeçaria no lugar, por sua vez ele disse:

— A escada foi removida.

Um fato incompreensível e do qual Victor constatou seu terrível significado após acender as luzes.

— Uma escada não anda sozinha. Quem a retirou? Os policiais? Nesse caso, fomos notados, porque devíamos ter reparado onde ela acabava, ou seja, no segundo andar, nessa janela.

— E então?

— Teremos inevitavelmente de entrar na mansão e desvendar o mistério. Podemos esperar por uma ofensiva. A segunda porta está bem fechada, essa do final do corredor?

— Sim! Sim!

— Eles vão arrombá-la. O que foi isso, uma porta? Não, já vou dizer… foi a ofensiva! Nós três seremos pegos como coelhos em uma toca!

— Que exagero! — protestou Bressacq. — Eu não me deixo apanhar assim como o senhor imagina!

— Mas como a escada foi removida…

— E as janelas?

— Estamos no segundo andar, e os andares são muito altos. Talvez o senhor consiga sair por aqui, mas nós não. Além do mais…

— Além do mais? — resmungou Bressacq.

— O senhor sabe bem que as persianas externas são conectadas por fios a um sistema de sinal de alerta. O senhor pode imaginar, as campainhas tocando à noite?

Bressacq olhava para ele com hostilidade. Por que esse sujeito, em vez de agir, contentava-se em enumerar e em aumentar todos os obstáculos?

Prostrada em uma poltrona, Alexandra cerrava os punhos contra as bochechas. Tudo o que ela tinha em mente era a ideia de conter o medo que borbulhava dentro dela. E por isso ela não se mexeu, não disse uma palavra.

Antoine Bressacq abriu uma das janelas com cautela. Nenhum alerta foi acionado. Portanto, eram as persianas que controlavam os sinais de alerta. Ele as examinou cuidadosamente, de cima a baixo, e em todos os seus entalhes.

— Pronto! Veja… não sei onde o mecanismo está escondido, mas aqui está o fio de metal que se arrasta para fora, em direção a uma campainha que deve estar no andar térreo.

Ele cortou rapidamente o fio com um pequeno alicate. Depois, levantou uma trava com a barra de ferro que prendia as quatro persianas. Só restava empurrar. Ele arriscou um gesto, bem lentamente, acertou de primeira. No aposento, ressoou uma campainha do teto, como que empurrada por uma mola de forte propulsão.

3

Rapidamente, Bressacq colocou as persianas de volta, fechou a janela e as cortinas para evitar que o barulho se alastrasse para fora. Mas, por dentro, o crepitar da campainha de alarme vibrava estridente, alucinante e em um ritmo que parecia cansar a si própria.

Victor disse, serenamente:

— Existem dois fios: um exterior, que o senhor cortou, e o outro interior. Assim, os residentes da mansão certamente serão avisados.

“Idiota”, disse Bressacq sussurrando.

Bressacq já havia arrastado uma mesa para o canto do aposento de onde vinha o som da campainha. Equilibrou uma cadeira sobre essa mesa e subiu. Ao longo da cornija, corria o segundo fio condutor; ele o cortou e o barulho irritante cessou.

Antoine desceu e colocou a mesa de volta no lugar.

Victor lhe disse:

— Não há perigo agora. O senhor pode passar por essa janela, já que os alarmes pararam de soar.

Bressacq caminhou até ele e o agarrou pelo braço.

— Eu vou quando eu quiser. E só vou querer quando encontrar o pacote de dez milhões.

— Impossível! O senhor não vai encontrar.

— E por quê?

— Não temos tempo.

— O que está dizendo? — esbravejou Bressacq, sacudindo-o. — O senhor só fala bobagem. A escada deve ter escorregado e tomado distância, ou então foi levada por gente que faz piada de mau gosto, ou por gente que precisava usá-la. E não há nada de real nos seus temores. Os guardiães estão amarrados… meus homens estão de olho. Temos apenas de continuar nosso trabalho.

— O tempo terminou.

Bressacq mostrou-lhe os punhos. Estava fora de si:

— Eu vou jogá-lo pela janela, meu velho. Quanto a sua parte… nada! É o que lhe convém pelo seu pouco caso e sua pouca ajuda. — Ele se interrompeu. Alguém assobiou lá de fora. Uma modulação leve e breve que se estendia do terreno baldio.

— Dessa vez o senhor escutou? — perguntou Victor.

— Sim, vem da rua, algum transeunte tardio…

— Ou os tipos que tiraram a escada e que estão no terreno baldio… foram chamar a polícia.

Era insuportável. Estavam diante de um perigo real, preciso, mas o perigo espreitava sem que ninguém soubesse de onde ele vinha e qual era a sua natureza. “Existia mesmo o perigo?”, Bressacq se perguntou. O medo crescente de Alexandra e o comportamento estranho desse maldito homem o incomodavam e o enfureciam.

Cerca de quinze minutos se passaram, durante os quais suas angústias iam crescendo diante de todo o misterioso silêncio e da atmosfera pesada e ameaçadora que os sufocava. Alexandra grudou no encosto de uma poltrona, com os olhos fixos na porta fechada, por onde o inimigo poderia entrar. Bressacq retomou seu trabalho, mas o abandonou de repente, contrafeito, com a cabeça a mil por hora.

— O negócio foi mal combinado — disse Victor.

Bressacq explodiu de raiva e agarrou esse a quem ele chamava de meu velho. Victor respondeu, repetindo com um tom sarcástico:

— O negócio foi mal combinado. Não sabemos para onde vamos. É confusão em cima de confusão. Que bagunça!

Bressacq o insultou. Eles poderiam ter se engalfinhado se Alexandra não tivesse corrido na direção deles para separá-los.

— Vamos sair daqui! — ela ordenou com vigor.

— Depois de tudo isso, sim! — exclamou Bressacq, pronto para desistir. — O caminho está livre.

Os dois caminharam até a porta, quando Victor disse com agressividade:

— Vou ficar!

— De jeito nenhum! O senhor também vai embora.

— Vou ficar. Quando começo algo, vou até o fim. Lembre-se de suas palavras, Bressacq: "Os dez milhões estão aqui. Sabendo disso, partiríamos de mãos vazias? Isso vai de encontro aos meus costumes". Aos meus também. Eu fico.

Bressacq voltou-se para ele:

— O senhor tem muita audácia! E, no fundo, eu fico me perguntando qual é o seu exato papel nisso tudo.

— O papel de um cavalheiro farto de tudo isso.

— Qual é sua intenção?

— A de retomar o negócio sobre uma nova base. Repito, foi mal combinado. Má preparação, má execução. Eu começo de novo.

— O senhor é maluco! Recomeçaremos mais tarde.

— Mais tarde é tarde demais. Eu recomeço imediatamente.

— Mas como, em nome de D…?

— O senhor não sabe inspecionar, nem eu. Além do mais, existem especialistas para isso.

— Especialistas?

— Nos dias de hoje, tudo se especializa. Conheço alguns peritos em inspeção. Vou ligar para um. — Ele caminhou até o telefone e pegou o gancho. — Alô…

— Droga! O que o senhor está fazendo?

— A única coisa possível e razoável. Estamos infiltrados, devemos aproveitar a situação e sair apenas com a fortuna nas mãos. Alô, senhorita, pode me passar o Tribunal de Justiça Criminal…

— Mas quem é o seu perito?

— Um de meus amigos. Os seus são desajeitados, e o senhor não confia neles. O meu é um ás, ele vai resolver a situação em um segundo. O senhor vai ficar pasmo. Alô… é do Tribunal de Justiça Criminal? Ah! É o senhor, chefe? Sou eu, Marcos Avisto. Estou no segundo andar de uma mansão, no número 98 do Boulevard Maillot, junte-se a mim. O portão do pátio e a porta da mansão estão abertos. Pegue dois carros e venha com quatro ou cinco homens, incluindo Larmonat… O senhor encontrará três cúmplices de Arsène Lupin no andar de baixo que tentarão protestar. No segundo andar, Lupin, nocauteado, amarrado como uma múmia.

Victor parou por um momento. Com a mão esquerda, segurava o gancho. Com a direita, apontou um revólver Browning para Bressacq, que avançava com os punhos cerrados.

— Nada de surpresas, Lupin — exclamou Victor — ou o abato como a um porco! — Ele continuou ao telefone: — Entendido, chefe! Em quarenta e cinco minutos vocês estarão aqui. O senhor reconheceu minha voz, não é? Nenhum engano? Sim, Marcos Avisto, quer dizer… quer dizer… — Ele fez uma pausa, sorriu para Bressacq, cumprimentou a jovem, jogou seu revólver para o outro lado do aposento: — Inspetor Victor, da Brigada Anticrime.

---

[4] Giga (em francês: *gigue*) é uma dança barroca popular, rápida e alegre. (N.T.)

O triunfo de Lupin

1

Victor, da Brigada Anticrime! O famoso Victor que, pouco a pouco, graças a sua excepcional clarividência, havia desfeito o nó desse caso! Que desmascarou, em vinte e quatro horas, os três primeiros portadores do envelope pardo! Que havia descoberto o padre Lescot! Que rastreou o barão d'Autrey e o levou ao suicídio! Que frustrou as maquinações de Félix Devalle! Era ele, disfarçado de peruano, Marcos Avisto.

Bressacq suportou o impacto sem reagir. Deixou Victor colocar o gancho no lugar, pensou por alguns segundos, e, por sua vez, sacou o seu revólver.

Alexandra, adivinhando o gesto, jogou-se sobre ele, perplexa:

— Não… não! Isso, não!

Ele lhe sussurrou, pela primeira vez, com menos formalidade:

— Você tem razão. Além do mais, o resultado será o mesmo.

Victor o provocou.

— Que resultado, Bressacq?

— O resultado da nossa luta.

— Na verdade, ele já estava liquidado com antecedência — disse Victor, que consultou seu relógio. — Duas e meia… Calculo que em quarenta minutos, o meu chefe, senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, escoltado por alguns de seus bufões, vai colocar as mãos no senhor Lupin.

— Sim, alcaguete, mas e daqui até lá?

— Até lá…

— Muita água vai rolar por debaixo dessa ponte.

— Você está certo disso?

— Quase tão certo quanto você. Até lá, o senhor Victor…

Bressacq acomodou-se confortavelmente, senhor de si, os braços cruzados sobre o peitoral largo, mais alto que seu oponente, e mais sólido e vigoroso na aparência do que o velho inspetor de rosto enrugado e de ombros caídos!

— Até lá — disse Victor, também menos formal —, até lá, você ficará bem calminho, meu bom Lupin. Um estalo e tudo estará acabado, hein? Você é um brincalhão! Hoje, não se trata de músculos ou de bíceps, mas de cérebro. Verdade, sob esse aspecto, Lupin, você tem se mostrado péssimo nas últimas três semanas! Que decadência! É isso, o famoso Lupin que fiz de espantalho? Lupin, o invencível! Lupin, o gigante! Ah! Lupin, eu me pergunto se não foi a sorte que o ajudou até agora, e se todas as suas vitórias e fama não vêm do fato de você nunca ter encontrado na sua frente um adversário confiante como eu! Como eu! — Victor bateu no peito, repetindo alto estas duas palavras: — Como eu! Como eu!

Antoine Bressacq balançou negativamente a cabeça.

— É preciso reconhecer que você conduziu muito bem o navio, policial. Todas as suas encenações com Alexandra foram de alto nível! O roubo da presilha, seu roubo na casa do receptador… admirável tudo isso! E a agitação no Hotel Cambridge, a maneira como você nos salvou!… Caramba, como eu poderia desafiar um ator assim! — Bressacq segurava o relógio na mão, sem parar de olhá-lo.

Victor lhe disse, zombeteiro:

— Você está tremendo, Lupin!

— Eu?

— Sim, você! Agora você não consegue mais esconder, mas o que acontecerá quando o pegarmos? — Victor morreu de rir. — Sim! Que baita susto você tomou agora há pouco! E era isso o que eu queria: mostrar que você não tem mais coragem do que um frouxo e o desmascarar na frente da Alexandra, de quem você ridicularizava! Hein! O golpe da escada desaparecida? Mas ela está a um metro de distância, lá onde eu a empurrei ao passar por cima do balcão da janela… Ah! Como você se amedrontou naquele momento! A prova é a de que você não reagiu quando eu telefonei, e de que ainda não reage, e de que no final das contas, você vai tentar levantar acampamento pela porta, sem os milhões.

Antoine Bressacq não reagia, nem se alterava.

Victor caminhou e exclamou:

— Lute, seu covarde! Ora, sua amante está olhando! Você está doente? Um pouco sem força, talvez? Vamos, uma palavra! Um gesto!

Bressacq não vacilou, ele parecia indiferente ao sarcasmo de Victor, tanto que alguém poderia até pensar que ele não o ouvia. Após voltar os olhos para Alexandra, ele a viu de pé, com o olhar obstinado e intensamente fixo no inspetor Victor.

Ele olhou para o relógio uma última vez.

— Vinte e cinco minutos — disse ele sussurrando. — Isso é muito mais do que eu preciso.

— Muito mais — disse Victor. — Um minuto para descer os dois andares e outro para sair da mansão com seus amigos.

— Vou precisar de um minuto extra — disse Bressacq.

— Para quê?

— Para puni-lo.

— Diabos! Uma palmada?

— Não, uma bela surra na frente da minha amante, como você diz. Quando a polícia chegar, ela vai encontrá-lo um pouco arranhado, ensanguentado, bem amarrado…

— E com o seu cartão de visitas estampado na testa.

— Precisamente, a carta de Arsène Lupin. Respeitemos as tradições.

— Alexandra, abra a porta.

Ela não se mexeu. Era a emoção que a paralisava? Bressacq correu para a porta e imediatamente rosnou.

— Droga! Está trancada!

— Como? — ironizou Victor, dando um meio sorriso. — Você não percebeu que eu a tinha trancado?

— Dê-me a chave!

— Existem duas, esta e a da outra porta no final do corredor.

— Dê-me as duas!

— Isso seria muito cômodo, você desceria as escadas e sairia. Não. É preciso que você saiba que, entre você e a saída, existe o desejo de Victor, da Brigada Anticrime. Definitivamente, toda a operação está aqui, como eu a concebi e a executei. Você ou eu! Lupin ou Victor! O jovem Lupin com seus três amigos valentões, um revólver, algumas adagas, uma cúmplice. E o velho Victor, sozinho e desarmado. Como testemunha da batalha, como árbitro do duelo, a bela Alexandra.

Bressacq foi em sua direção, implacável, a fisionomia rígida.

Victor não mexeu um dedo. Não tinha mais nada a dizer. O tempo se esgotava. Antes que a polícia interviesse, o velho Victor devia ser castigado, abatido, e que lhe tomassem as chaves.

Mais dois passos de Bressacq. Victor começou a rir.

— Vá em frente! Não fique com pena dos meus cabelos brancos! Vamos, coragem!

Mais um passo. E de repente, Bressacq pulou em cima do adversário e já no primeiro golpe, com todo o seu peso, o esmagou. Eles rolaram e se embolaram pelo chão, fazendo com que o duelo logo assumisse uma natureza feroz, quase selvagem. Victor tentava se afastar, parecia impossível se desvencilhar de Bressacq.

Alexandra acompanhou a cena com pavor, mas não se mexeu, como se não quisesse influenciar no resultado. Ela se importava com quem sairia vitorioso? Parecia que ela esperava para saber, com ansiosa avidez.

A incerteza não durou muito. Apesar da superioridade física de Bressacq, e apesar da idade de Victor, foi Victor quem se levantou, nem o fôlego havia perdido. Ele sorria, parecendo amigável, como não era de costume, e fez gracinhas, como um lutador circense que "tombou" seu oponente.

O outro estava imóvel, inerte, machucado.

2

A fisionomia da jovem traía o espanto que sentiu diante de tal desfecho. Era óbvio que ela nem por um momento havia considerado a derrota de Antoine Bressacq, e que aquele corpo estendido lhe parecia um espetáculo inconcebível.

— Não se preocupe — disse Victor, vistoriando os bolsos de Bressacq, tirando-lhe o revólver e a adaga. — Apliquei-lhe um golpe à minha moda, cujo resultado é infalível. O murro é dado no peito sem a necessidade de recuo ou de impulso, e sem grandes consequências. Só é doloroso, e fica-se desnorteado por uma hora, pobre Lupin.

Mas ela não ficou preocupada. Ela já havia tomado partido, e pensava apenas no que poderia acontecer e quais seriam as intenções daquele

impressionante indivíduo que, mais uma vez, a atordoava.

— O que o senhor vai fazer com ele?

— Como assim? Vou entregá-lo. Em cerca de um quarto de hora, ele estará algemado.

— O senhor não vai fazer isso! Deixe-o partir.

— Não.

— Eu lhe imploro.

— A senhora me implora em nome desse homem, mas e em seu nome?

— Não peço nada para mim. Faça de mim o que quiser — disse isso com uma calma estranha, vinda de uma mulher que antes tremia de medo e que se sentia ameaçada pelo perigo imediato. Havia um tom desafiador em seu olhar pacato, até mesmo de arrogância.

Ele se aproximou dela e disse baixinho:

— O que eu quiser? Quero que a senhora saia daqui, e sem mais nem um minuto a perder.

— Não.

— Uma vez que meus chefes cheguem aqui, não poderei mais me responsabilizar pela senhora. Vá embora!

— Não. Sua atitude me prova que o senhor sempre age à sua maneira, à margem da polícia, e mesmo contra ela se lhe for mais conveniente. Já que me oferece a fuga, salve Antoine Bressacq. Caso contrário, ficarei.

Victor se irritou.

— Então a senhora o ama?

— A questão não é essa. Salve-o.

— Não, não.

— Então, eu fico.

— Vá embora!

— Vou ficar.

— Pior para a senhora! — exclamou ele com raiva. — Mas não há nada no mundo que me obrigue a salvá-lo. Entendeu? Toda a minha vida volta-se apenas para esse fim… detê-lo!… desmascará-lo!… Ódio contra ele? Sim, talvez, mas acima de tudo um grande desprezo.

— Desprezo? Por quê?

— Por quê? Eu vou lhe dizer, já que a senhora nunca enxergou a verdade, que é tão óbvia!

Bressacq levantou-se de novo, muito pálido, sem fôlego, e caiu sentado. Dava para ver que ele pensava apenas em fugir e que reconhecia sua irremediável derrota.

Com as duas mãos, Victor segurou a cabeça da jovem e falou categórico:

— Não me olhe, não me pergunte com a avidez dos seus olhos… Não é a mim que deve olhar, é a ele, é ele o homem que a senhora ama, ou melhor, cuja lenda a senhora ama, a coragem indomável, a fonte sempre renovada. Mas olhe para ele, em vez de se distanciar dele! Olhe e admita que ele a desapontou. A senhora esperava mais do que isso, não é? Um Lupin que agora não lhe parece mais o mesmo!

Ele ria, impiedoso, com seu dedo apontando para o derrotado. Ela mostrava-se atordoada.

— Um Lupin poderia se aventurar como um menino que ainda usa fraldas? Não vamos falar sobre seus erros já no início do acordo, a maneira como eu o conquistei pela astúcia. Primeiro por seu intermédio, e depois diretamente na casa dele, em Neuilly. Mas, aqui, essa noite, o que ele fez? Por duas horas, é um fantoche que eu manipulo como quero, uma marionete! Isso, um Lupin? Sim, um simples merceeiro que faz o seu inventário. Nem um lampejo! Nem uma ideia! Enquanto eu o manejava, enquanto eu atiçava o medo nele, ele gaguejava feito um tolo. Olhe para ele, o seu Lupin de araque. Porque eu lhe provoquei um frio na barriga, ele fica pálido como se fosse vomitar! A derrota? O verdadeiro Lupin nunca aceitou a derrota, é quando está quebrado que ele se levanta.

Victor se levantou. Ficou subitamente mais alto. Bem perto, tremendo, Alexandra sussurrou:

— O que o senhor quer dizer? Do que o senhor o acusa?

— É a senhora que o acusa.

— Eu? Eu não entendo…

— Sim. A verdade começa a lhe envolver… A senhora realmente acredita que esse homem tem a grandeza que a senhora lhe atribuiu? Era esse a quem a senhora amava ou a um outro maior, um verdadeiro líder, que não pode ser esse reles aventureiro? Um líder — acrescentou batendo no peito — se reconhece pelos sinais! Um líder permanece líder em qualquer situação! Como a senhora pôde ser tão cega?

— O que o senhor quer dizer? — ela repetiu com perplexidade. — Se me enganei, diga. Quem é ele?

— Antoine Bressacq.

— E quem é Antoine Bressacq?

— É Antoine Bressacq, nada mais.

— Claro que sim, há um outro homem nele! Qual seria?

— Um ladrão! — exclamou Victor violentamente. — Um ladrão de nome e de personalidade! Quando se tem poucos recursos e uma mente medíocre, é mais cômodo roubar uma glória já pronta! Da noite para o dia, ganha-se pompa! Joga-se areia nos olhos dos outros! No escuro, insinuamos a uma mulher: "Eu sou Lupin", e, se essa mulher foi devastada pela vida, e está em busca de emoções, procurando por algo extraordinário e impossível, então representa-se o papel de Lupin, mais mal do que bem, até o dia em que os acontecimentos o reduzem e o jogam no chão, como um fantoche.

Ela murmurou, roxa de vergonha:

— Oh! Isso é possível? Tem certeza?

— Veja-o, como eu lhe pedi desde o início, e a senhora também terá certeza.

Ela não se virou, a realidade a constrangia. Era Victor a pessoa que ela admirava com seus olhos em chamas, como se outros pensamentos, involuntários e confusos, invadissem-na lentamente.

— Vá embora! — pediu ele. — Os homens de Bressacq devem reconhecê-la e deixá-la passar. Senão, a escada está a minha disposição…

— De que adiantaria? — perguntou ela. — Prefiro esperar.

— Esperar pelo quê? Pela polícia?

— Nada mais me importa — disse ela assolada. — Porém… um pedido.

— Qual?

— Os três homens lá embaixo são bem valentões. Quando os policiais chegarem, pode haver uma batalha com vítimas… Não podemos…

Victor observou Bressacq que ainda parecia sentir muita dor, incapaz de fazer qualquer esforço. Então ele abriu a porta, correu até o fim do corredor e assobiou. Um dos três homens subiu correndo.

— Fujam rápido, a polícia está chegando! E, sobretudo, não esqueçam de deixar o portão do jardim aberto.

Em seguida, voltou ao escritório. Bressacq não tinha se mexido. Alexandra também não tinha se aproximado dele, nenhuma troca de olhar entre eles, dois estranhos.

Dois ou três minutos se passaram. Victor escutou o som do estrondo de um motor. Um carro parou na avenida, em frente à mansão, e depois um segundo carro.

Alexandra segurava o encosto da poltrona, suas unhas arranhavam o tecido. Ela estava pálida, mas se controlava.

Vozes altas ecoaram do térreo; depois, o silêncio.

Victor sussurrou:

— O senhor Gautier e seus agentes entraram nos quartos. Eles estão libertando os guardiães e o grego.

Naquele momento, Antoine Bressacq encontrou forças para se levantar e caminhar até Victor. Seu rosto talvez estivesse mais desconfigurado pela dor, do que pelo medo. Ele balbuciou, apontando para Alexandra:

— O que vai ser dela?

— Não se preocupe com isso, ex-Lupin, não é mais da sua conta. Pense apenas em você. Bressacq é um nome falso, não é?

— Sim.

— Podemos encontrar o verdadeiro Bressacq?

— Impossível!

— Nenhum crime?

— Não. Exceto a punhalada em Beamish. E ainda nada comprova que seja eu o seu autor.

— Roubos?

— Nenhuma prova concreta.

— Em suma, alguns anos de prisão.

— Não mais que isso.

— Você os merece. E depois? Viver do quê?

— Das apólices.

— O esconderijo onde você as colocou é seguro?

Bressacq sorriu.

— Melhor do que aquele do d'Autrey no táxi. Infalível.

Victor deu um tapinha em seu ombro.

— Vamos, você vai se sair bem, melhor assim. Eu não sou um sujeito ruim. Você me deu náuseas ao roubar o belo nome de Lupin e ao reduzi-lo, um homem da grandeza dele, a seu nível. Isso eu não perdoo, e é por isso que vou prendê-lo. Mas, porque você conseguiu perceber a jogada do táxi, não vou lhe imputar mais acusações.

Vozes ressoaram ao pé da escada.

— São eles — disse Victor. — Estão revistando o vestíbulo e logo vão subir.

Tudo parecia se resolver. Ele parecia levado por uma alegria repentina e, por sua vez, começou a dançar com surpreendente agilidade. E foi engraçado, aquele senhor distinto, de cabelos grisalhos, executando *entrechats* e zombando:

— Olha aqui, meu querido Antoine, isso é um salto à moda Lupin! Nada a ver com os seus pulinhos de excitação de agora há pouco! Ah! É preciso ter o fogo sagrado da paixão, o êxtase de um verdadeiro Lupin que ouve a polícia, que está só, rodeado de inimigos, e a quem se poderia apontar, na frente dos policiais: "É ele, Lupin! Não existe nenhum Victor, da Brigada Anticrime. Existe apenas Lupin. Lupin e Victor são apenas um. Se vocês quiserem deter Lupin, detenham Victor". — Parou, de repente, na frente de Bressacq e lhe disse: — Olha aqui, eu o perdoo. Só por ter me oferecido um minuto como esse, reduzo sua pena a dois… a um ano de prisão. Em um ano, eu o tiro de lá. De acordo?

Bressacq balbuciou, pasmo:

— Quem é o senhor?

— Você já o disse, meu caro.

— Hein? O quê? O senhor também não é o Victor?

— Havia, de fato, um Victor Hautin, oficial de um departamento ultramarino francês e candidato ao cargo de inspetor de Segurança Pública. Mas ele morreu, deixando-me seus documentos, na hora mesmo em que eu queria me divertir, desempenhando um papel na polícia de vez em quando. Nenhuma palavra sobre isso, hein! Deixe que eles o tratem por Lupin, é melhor assim. Além disso, não fale sobre sua pequena mansão em Neuilly, e nem uma palavra contra Alexandra. Entendido?

As vozes se aproximavam. Além dessas vozes, podiam-se ouvir outras menos distintas.

Victor, que ia prevenir o senhor Gautier, disse à jovem ao passar:

— Esconda o seu rosto atrás do lenço. E, acima de tudo, não tenha medo de nada.

— Não tenho medo de nada.

O senhor Gautier chegou correndo, escoltado por Larmonat e por um outro agente. Ele parou na entrada e contemplou o cenário com satisfação.

— Bem, Victor, caso encerrado! — ele exclamou com alegria.

— Encerrado, chefe.

— Esse sujeito é o Lupin?

— Em pessoa, sob o codinome de Antoine Bressacq.

O senhor Gautier contemplou o prisioneiro, sorriu-lhe amavelmente, e ordenou ao agente para que lhe passasse os grilhões de ferro.

— Nossa! Como isso me dá prazer! — ele sussurrou. — A prisão de Arsène Lupin: o famoso, o universal, o invencível Arsène Lupin, capturado, encarcerado! A polícia triunfa! Essa não é a regra, em se tratando de Lupin, mas agora a realidade é essa. Arsène Lupin é detido por Victor, da Brigada Anticrime. Nossa! Hoje é um dia histórico! Victor, o cavalheiro se comportou bem?

— Como um cordeirinho, chefe.

— Parece um pouco arrebentado.

— Nós brigamos um pouco.

O senhor Gautier voltou-se para Alexandra, que estava arqueada, com o lenço contra os olhos.

— E quanto a essa mulher, Victor?

— Amante e cúmplice de Lupin.

— A mulher do cinema? A mulher do La Bicoque e da Rua de Vaugirard?

— Sim, chefe.

— Meus cumprimentos, Victor. Que arrastão, esse! O senhor vai me contar tudo em detalhes. Quanto às apólices, desapareceram? Colocadas em segurança por Lupin?

— Estão no meu bolso — anunciou Victor, tirando do envelope as nove apólices do governo.

Bressacq deu um salto ali mesmo, transtornado. Ele falou bruscamente para Victor.

— Seu desgraçado!

— Tudo a seu tempo! — exclamou Victor. — Até que enfim você reage! Esconderijo infalível, você dizia? Uma antiga canalização no seu casarão… Você chama isso de infalível? Tola criança! Logo na primeira noite eu o descobri.

Ele chegou perto de Antoine Bressacq, e disse bem baixinho, para que fosse ouvido apenas por ele:

— Cale-se… eu vou devolver. Sete ou oito meses de prisão, não mais e, quando você sair, uma boa pensão integral de ex-militar e uma tabacaria. Que tal?

No entanto, os outros agentes iam chegando. Eles haviam libertado o grego, que, apoiado em seus dois guardiães, agitava os braços e gritava.

Quando ele viu Bressacq, de pronto esbravejou:

— Eu o reconheço! Foi ele que me bateu e que me amordaçou! Eu o reconheço!

Mas ele se conteve, aterrorizado. Tiveram de escorá-lo. Com a mão estendida para a prateleira que acomodava suas recordações, ele gaguejou:

— Eles me roubaram os dez milhões! O álbum de selos postais! Uma coleção sem preço! Eu poderia revendê-lo por dez milhões. Ofereceram-me essa soma por diversas vezes… E é ele, é ele! Que o revistem! Miserável! Dez milhões!

3

Revistaram Bressacq que, em seu desânimo, não oferecia nenhuma resistência.

Victor sentiu pesar sobre ele dois inflexíveis olhares, o de Alexandra, que afastou o lenço e levantou a cabeça, e o de Bressacq, que o fitava com espanto. Os dez milhões desaparecidos!

"Mas, nesse caso?" A mente de Bressacq ia clareando-se. Ele murmurou algumas palavras, como se fosse formular seus pensamentos em voz alta, um pensamento acusador, e se defender, e defender Alexandra.

Mas o olhar de Victor, fixo em Bressacq, era tão dominador que ele, profundamente submetido a esse homem, ficou em silêncio. Antes de acusar, era preciso pensar. Era preciso compreender, e ele não conseguia compreender como é que os dez milhões tinham desaparecido, já que só ele vasculhara e não descobrira nada, e que Victor nem havia se mexido.

Victor acenou com a cabeça e disse:

— As afirmações do senhor Sériphos me surpreendem. Fiz amizade com Antoine Bressacq e o acompanhei até aqui, e nunca deixei de observá-lo durante a sua busca, mas ele não encontrou nada.

Todos se mantiveram em silêncio. Victor continuou:

— Contudo… Contudo, Bressacq tinha três cúmplices que fugiram, e dos quais tenho a descrição. Sem dúvida foram eles que, de antemão, levaram o dinheiro, ou melhor, esse álbum de que fala Sériphos.

Bressacq deu de ombros. Ele sabia muito bem que seus três cúmplices não haviam entrado nesse aposento. No entanto, não disse nada, não havia nada a fazer. De um lado, a Justiça e todo o seu poder… do outro, Victor. Ele escolheu Victor.

Assim, às três e meia da manhã, deram por encerrado o dia. As investigações ficariam para mais tarde. O senhor Gautier decidiu levar Antoine Bressacq e sua amante à polícia judiciária, a fim de interrogá-los sem demora.

Telefonaram para o comissariado de Neuilly. O aposento foi fechado, dois agentes permaneceram no casarão com os guardiães e o grego Sériphos.

O senhor Gautier e dois inspetores fizeram Bressacq entrar em um dos carros da polícia. Victor, acompanhado por Larmonat e outro agente, encarregou-se da jovem.

O alvorecer começava a clarear o horizonte no momento em que partiram do Boulevard Maillot. O ar frio penetrava com intensidade. Atravessaram a área verde da cidade e, pela Avenida Henri-Martin, seguiam em direção ao cais.

O primeiro automóvel pegou um caminho diferente.

Alexandra, quieta em seu canto, permaneceu invisível, sempre escondida pelo lenço. Instalada perto de uma janela aberta, tremeu de frio. Victor subiu o vidro e, mais tarde, ao se aproximarem do Comando Geral da Polícia, mandou o motorista parar e disse a Larmonat:

— Estamos congelando, devemos nos aquecer novamente. O que você acha?

— Claro que sim.

— Então vá buscar duas xícaras de café para a gente. Eu não me mexo daqui.

Os veículos dos agricultores que iam para Halles estavam estacionados na frente de uma loja de vinhos, cuja porta permanecia entreaberta. Larmonat desceu rapidamente. Em seguida, Victor também despachou o outro inspetor.

— Peça ao Larmonat para que ele traga *croissants* também. E para que a gente se apresse!

Ele abaixou o vidro que o separava do motorista, esticou o braço e, quando o motorista se virou, ele o surpreendeu com um soco violento no queixo. Depois, abriu a porta do lado oposto ao meio-fio, subiu de volta no carro pela porta do carona, agarrou o motorista inconsciente, puxou-o para fora do carro, colocou-o na calçada e ocupou seu lugar ao volante.

O cais estava deserto, ninguém viu a cena. Depressa, ele ligou o carro e acelerou ao longo da Rua de Rivoli e da Avenida Champs-Élysées, e retomou a estrada para Neuilly, até a Avenida de Roule, onde ficava o pequeno casarão de Bressacq.

— A senhora tem a chave?

— Sim — disse Alexandra, que parecia bem calma.

— A senhora pode ficar aqui, sem medo, por dois dias. Depois, esconda-se na casa de alguma amiga. Mais tarde, a senhora parte para o exterior. Adeus!

Ele se afastou, ainda no carro da polícia. Nesse momento, o diretor da polícia judiciária já havia sido informado do inacreditável comportamento de Victor e de sua fuga com a prisioneira. Foram até a sua casa. O velho criado tinha ido embora naquela manhã com seu patrão e com alguns pacotes, no carro da polícia, é claro, que foi encontrado, horas depois, abandonado no meio do Bosque de Vincennes.

O que isso significava?

Os jornais da noite relataram todo o episódio sem divulgar uma única hipótese provável. Apenas no dia seguinte o enigma foi resolvido, através da célebre mensagem de Arsène Lupin, comunicada pela agência de notícias Havas ao mundo todo, provocando uma explosão de deleite e de escândalo.

Eis seu conteúdo exato e detalhado.

Devo alertar ao público que o papel do inspetor Victor, da Brigada Anticrime, terminou. Nos últimos dias, e, no que diz respeito ao caso das apólices do governo, esse papel consistia, sobretudo, em perseguir Arsène Lupin, ou melhor, para que a Justiça e para que o público não fossem mantidos na mais absoluta ignorância; em desmascarar o senhor Antoine Bressacq, esse que usurpou o respeitável nome e a personalidade brilhante de Arsène Lupin. Victor, da Brigada Anticrime, empregou uma energia colérica, comprovando a sua revolta contra tais métodos.

Hoje, graças a Victor, o pseudo Lupin se encontra atrás das grades, e Victor, da Brigada Anticrime, depois de ter a sua missão cumprida, desapareceu.

Mas ele não admite que sua irretocável honradez de policial possa ser enxovalhada pela mais leve baixeza e, levando os escrúpulos de sua consciência a um ponto que causaria espanto, ele não quis manter consigo as nove apólices do governo, entregando-as para mim, com a missão de enviá-las ao Comando Geral da Polícia.

Quanto à descoberta dos dez milhões, essa é uma façanha que merece ser esclarecida em seus detalhes, caso se deseje conhecer todos os recursos e toda a engenhosidade de um homem que, sentado em sua cadeira e sem se preocupar em fazer o menor movimento, desvendou um complicado mistério. Um dos dossiês do senhor Sériphos trazia a menção que orientou a pesquisa de Antoine Bressacq: "Dossiê ALB", que Bressacq interpretou como: "Dossiê da Albânia". Porém, quando Bressacq, detendo algumas informações, listou em voz alta na outra noite, o inventário do aposento no segundo andar, no casarão do Boulevard Maillot, ele enumerou, entre os objetos de recordação devotamente preservados: "Álbum de fotografias… álbum de selos postais". E, como que por milagre, essas poucas palavras foram suficientes para iluminar a mente atenta de Victor, da Brigada Anticrime!

Sim, na mesma hora Victor adivinhou que a interpretação de Antoine Bressacq estava errada, e que essas três letras ALB deveriam e só poderiam ser as três primeiras letras da palavra álbum. Os dez milhões, que somavam a metade da fortuna do senhor Sériphos, não estavam em um dossiê da Albânia, mas simplesmente em um álbum de infância, sob a forma de uma coleção de selos postais raríssimos, no valor de mercado de dez milhões. Não foi incrível essa intuição? Com um simples gesto de Victor, no tumulto da operação e no desatino das idas e vindas, o álbum de selos postais foi parar em seu bolso, sem o conhecimento de ninguém.

E esse gesto não conferiria a Victor, da Brigada Anticrime, um direito incontestável sobre os dez milhões? Na minha opinião, sim. Não, segundo Victor, cuja consciência é feita de delicadeza e de elegância sentimentais. Por isso, fez questão de me entregar, junto às apólices, o álbum de selos postais, deixando suas mãos limpas diante de qualquer infâmia profissional.

Envio as apólices pelo correio, porque se trata de uma grande dívida, ao senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, transmitindo-lhe todo o reconhecimento do inspetor Victor. Pelos dez milhões, dado que o senhor Sériphos é significativamente rico, e que os manteve indevidamente como uma inútil coleção de selos postais, considero que eu mesmo devo devolvê-los ao mercado, até o seu último cêntimo. É um dever que cumprirei na mais estrita lealdade, até o último cêntimo…

Uma última palavra. Entendo que se Victor, da Brigada Anticrime, travou essa batalha com uma desagradável intensidade, foi por cordialidade, e direi mais, por um cavalheiresco impulso dirigido à senhora que ele admirou desde o primeiro dia, no cinema, e que foi vítima do impostor Antoine Bressacq, esse que se fez passar por Arsène Lupin. Também lhe pareceu justo devolvê-la à sua vida de memorável dama e de mulher honrada e foi por isso que a liberou. Queira ela, do intocável retiro para onde se refugiou, encontrar aqui, com as saudações de Victor, da Brigada Anticrime, e do peruano Marcos Avisto, a elevada estima de Arsène Lupin!

No dia seguinte à publicação da carta, o diretor da polícia judiciária recebeu, por carta registrada, as nove apólices do governo. Uma folha de papel adicional deu à polícia breves explicações sobre a morte de Élise Masson, assassinada pelo barão d'Autrey.

Nunca mais ouvimos falar dos dez milhões que Arsène Lupin se comprometeu a devolver ao mercado.

Na quinta-feira seguinte, por volta das duas horas da tarde, a princesa Alexandra Basileïef deixou o apartamento da amiga a quem havia pedido asilo, caminhou por um longo tempo pelo Jardim das Tulherias, e depois pegou a Rua de Rivoli.

Vestia-se com simplicidade, mas, como de hábito, sua estranha e deslumbrante beleza atraía os olhares. Ela não fugia deles, nem se escondia. O que ela tinha a temer? Nenhum dos que poderiam suspeitar dela a conhecia. Nem o inglês Beamish, nem Antoine Bressacq a denunciaram.

Às três horas ela adentrou na pequena Praça Saint-Jacques. Em um dos bancos, à sombra da velha torre, sentava-se um homem. Ela hesitou no início. Seria ele? Ele parecia tão pouco com o peruano Marcos Avisto, tão pouco com Victor, da Brigada Anticrime! Muito mais jovem e elegante que Marcos Avisto! Muito mais esguio, complacente e distinto que o policial

Victor! Essa juventude, esse ar de sedução cortês a perturbavam mais do que tudo.

No entanto, ela avançou. Seus olhares se encontraram. Ela não se enganou: era ele mesmo. Ela se sentou ao seu lado, sem dizer uma palavra. Eles ficaram assim, próximos um do outro, em silêncio. Uma emoção incalculável os unia e os separava, e eles tiveram medo de quebrar esse encanto.

Finalmente, ele disse:

— Sim, foi a primeira visão sua, no cinema, que guiou meus passos. Se prossegui nessa aventura, foi apenas para perseguir minha encantadora visão, mas como eu penei com o duplo papel a que fui forçado a desempenhar para me aproximar da senhora! Que penível teatro! Além disso, esse homem me enfurecia… Eu o detestava, mas ao mesmo tempo, sentia crescer dentro de mim um sentimento de curiosidade e de ternura pela mulher que ele havia enganado usando meu nome… um sentimento misto de irritação, mas que era, no fundo, amor, vasto e apaixonado, que não tive o direito de oferecer antes, mas que lhe ofereço agora.

Ele se interrompeu. Ela manteve-se calada. Ele não esperava uma resposta, nem mesmo queria uma resposta. Depois de falar por si e de dizer o que pensava, falou por ela, sem que ela pretendesse, nem por um só instante, se opor às afetuosas palavras que nela se impregnavam.

— O que mais me impressionou na senhora, e que me mostrou um pouco sobre o seu estado de espírito, foi a sua confiança instintiva. Eu a roubei e senti vergonha disso, mas eu atraí sua confiança, sem o seu conhecimento e por um motivo maior… a sua intrínseca necessidade de ser protegida. A senhora não era protegida pela sensação do perigo que lhe é, às vezes, essencial. Essa necessidade de correr riscos tornou-se uma angústia a qual a senhora não podia mais tolerar. Comigo, e desde o primeiro minuto, tudo na senhora se acalmou. Veja, outra noite, no auge do seu medo, a senhora relaxou e não se atormentou mais desde que o inspetor Victor estabeleceu a vontade dele. E, a partir do momento em que a senhora adivinhou quem realmente era o inspetor Victor, soube que não iria mais para a cadeia e esperou, sem medo, pela polícia. Em seu medo, havia apenas alegria… E sua alegria provinha do mesmo sentimento que o meu, não é? De um sentimento que parecia despertar abruptamente, mas com o qual a senhora já se deleitava com toda a força. Estou enganado?

Essa é a verdade do seu coração?

Ela não contestou, e também não admitiu, mas quanta serenidade havia em seu belo rosto!

Eles permaneceram juntos até o anoitecer. Ao cair da noite, ela se deixou levar, não sabia para onde… Estavam felizes.

Alexandra recuperou o equilíbrio, sem talvez chegar a uma concepção de vida completamente normal e sem, acima de tudo, tentar influenciar a imprevisível existência de seu companheiro, que era tão cordial em suas imprevisibilidades, tão divertido em suas loucuras, tão leal em suas condenáveis investidas, e tão fiel a seus engajamentos mais absurdos!

Por isso, ele quis cumprir a promessa feita a Bressacq, a de fazê-lo "escapar", como ele disse, após oito meses, durante a transferência de Bressacq da penitenciária da ilha de Ré para a prisão. Quis também libertar o inglês Beamish, de acordo com a promessa de Bressacq.

Um dia, ele foi à Garches. Dois recém-casados saíam do salão de festas da prefeitura, entrelaçados com carinho. Era Gustave Géraume, divorciado de sua infiel esposa, e a baronesa Gabrielle d'Autrey, reconfortada viúva, noiva palpitante e apaixonada, que se apoiava delicadamente no braço de seu querido Gustave.

Quando eles estavam prestes a entrar em seu luxuoso carro, um cavalheiro muito elegante se aproximou deles, curvou-se diante da noiva e entregou-lhe um belo buquê de flores brancas.

— Não me reconhece, minha estimada senhora? Sou eu, Victor. Ainda se lembra de mim? Victor, da Brigada Anticrime, artífice da sua felicidade, aquele que presumiu a encantadora impressão que Gustave Géraume lhe deixou. Gostaria de lhe apresentar minha respeitosa reverência e meus votos sinceros…

Naquela mesma noite, o elegantíssimo e nobre cavalheiro disse à princesa Alexandra:

— Fico contente comigo mesmo. Devemos fazer o bem sempre que possível, para compensar o mal que, às vezes, somos forçados a cometer. Tenho certeza, Alexandra, de que a compassiva Gabrielle não esquecerá, em suas orações, do valente Victor, da Brigada Anticrime, graças a quem o abominável senhor d'Autrey foi enviado para o outro mundo, abrindo caminho para o irresistível e sedutor Gustave. E, diante disso tudo, você não imaginaria o quanto me alegro!

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E A VINGANÇA DE CAGLIOSTRO

Principis

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E A VINGANÇA DE CAGLIOSTRO
Tradução
Frank de Oliveira
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Cagliostro se venge
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Frank de Oliveira
Revisão
Agnaldo Alves
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
Microne/shutterstock.com;
Rawpixel.com/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a vingança de Cagliostro / Maurice Leblanc; traduzido por Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; E-book. - (Arsène Lupin)
Título original: La Cagliostro se venge
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-563-2

1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Crime. 7. Dinheiro. I. Oliveira, Frank de. II. Título.

2021-0033 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

PREFÁCIO DE ARSÈNE LUPIN

Gostaria de enfatizar aqui que, embora apreciando como convém e certificando a exatidão das aventuras que me foram atribuídas por meu biógrafo oficial, faço, no entanto, certas restrições à maneira como ele as apresenta em seus livros.

Há cem maneiras de adaptar uma aventura real ao gosto do público. Talvez a melhor não seja escolher mostrar-me sempre sob o aspecto mais lisonjeiro, colocando-me obstinadamente em destaque, em primeiro plano. Não satisfeito em negligenciar os numerosos episódios da minha vida em que fui dominado pelas circunstâncias, demolido pelos meus adversários ou tratado com rudeza por respeitáveis agentes da autoridade, meu biógrafo organiza, atenua, desenvolve, exagera e, sem ir contra os fatos, arranja-os tão bem que às vezes fico incomodado em minha modéstia.

É um modo de relato que não aprovo. Não sei quem disse: "É preciso conhecer os próprios limites e amá-los". Conheço os meus limites e até experimento alguma satisfação com eles, pois tenho horror a tudo o que é sobre-humano, anormal, excessivo e desmesurado. O que sou me basta: aquilo que o ultrapassa seria inverossímil e ridículo. Ora, uma das minhas fraquezas é o medo de cair no ridículo.

E caio no ridículo sem dúvida alguma — e essa é a razão essencial deste breve prefácio — quando sou apresentado ao público em uma invariável, perpétua e irritante situação de homem apaixonado. Não nego, com certeza, que tenho um coração muito sensível e que o amor à primeira vista me espreita a cada esquina. E também não nego que as mulheres geralmente se mostraram acolhedoras e misericordiosas comigo. Tenho recordações lisonjeiras, fui o feliz objeto de desfalecimentos de que qualquer outra

pessoa se gabaria com certo orgulho. Mas daí fazer-me representar o papel de Don Juan, de Lovelace irresistível, é uma deturpação contra a qual protesto. Conheci rejeições. Rivais desprezíveis prevaleceram contra mim. Tive meu quinhão de humilhações e traições. Derrotas incompreensíveis, mas que devem ser registradas para que minha imagem seja rigorosamente autêntica.

Este é o motivo pelo qual quis que a presente aventura fosse narrada sem rodeios ou reservas. Nem sempre me distinguirei por uma irritante infalibilidade. Meu coração não suspira por isso em detrimento da minha razão. Meu poder de sedutor está singularmente colocado em xeque. Tudo isso talvez me valha a indulgência daqueles que se horrorizam, não sem motivo, com o excesso dos meus méritos e das minhas conquistas.

Mais uma palavra. Joséphine Balsamo, que foi a grande paixão dos meus vinte anos, e que, passando-se pela filha do conde de Cagliostro, o famoso impostor do século XVIII, alegava ter herdado dele o segredo da eterna juventude, não aparece neste livro. Não aparece por uma razão que o próprio leitor apreciará em toda a sua intensidade. Mas, por outro lado, como não juntar seu nome ao título de uma história sobre a qual sua imagem projeta uma sombra tão trágica e na qual o amor se desdobra em tanto ódio e a vingança se envolve em trevas tão densas?

PRIMEIRA PARTE

O SEGUNDO DOS DOIS DRAMAS

Na trilha da guerra

As belas manhãs de janeiro, quando o ar cortante fica impregnado de sol já mais cálido, estão entre as mais revigorantes fontes de exaltação. No frio do inverno, começa-se a pressentir um sopro de primavera. A tarde se prolonga em mais horas. A juventude do ano rejuvenesce o homem. Era, evidentemente, o que experimentava Arsène Lupin enquanto flanava, naquele dia, pelos boulevards, perto das onze horas.

Ele caminhava com passo elástico, erguendo-se um pouco mais que o necessário na ponta dos pés, como se executasse um movimento de ginástica. E, de fato, a cada passada do pé esquerdo correspondia uma profunda inspiração que parecia duplicar a capacidade de um tórax cuja amplitude já era notável.

A cabeça se inclinava ligeiramente para trás. O torso se arqueava. Nada de sobretudo. Um terno cinza de verão, e, debaixo do braço, um chapéu de feltro.

O rosto, que parecia sorrir aos transeuntes, principalmente às transeuntes, por menos bonitas que fossem, era o de um senhor que se aproxima alegremente da marca dos cinquenta, se é que já não cruzou a linha de chegada. Mas, visto de costas, ou de longe, esse mesmo senhor decidido, esguio, muito na moda, tinha o direito de protestar contra quem lhe atribuísse mais de vinte e cinco anos.

"E ainda assim", dizia a si mesmo, contemplando nos espelhos sua elegante silhueta, "e ainda assim, quantos adolescentes poderiam invejar-me!"

Em todo caso, o que teria despertado a inveja de todos era seu ar de força e segurança e tudo o que nele revelava equilíbrio físico, saúde moral e

a tripla satisfação de um bom estômago, um intestino escrupuloso e uma consciência irrepreensível. Com isso pode-se andar na linha com a cabeça erguida.

Notemos também que sua carteira estava abundantemente provida, que no bolso do revólver tinha quatro talões de cheques de bancos diferentes e com nomes diversos, e que, por toda a França e em esconderijos seguros, leitos de rios, cavernas desconhecidas, buracos de penhascos inacessíveis, possuía lingotes de ouro e sacos de pedras preciosas.

E não falamos do crédito que lhe davam em todos os mundos, como Raoul de Limésy, Raoul d'Avenac, Raoul d'Enneris, Raoul d'Averny, simples e modestos sobrenomes da boa pequena nobreza da província, que associava ao mesmo prenome de Raoul. Ele passava justamente diante do Banque des Provinces, onde devia depositar um cheque de grande valor, em nome de Raoul d'Averny. Entrou, efetuou a operação, depois desceu ao subsolo do estabelecimento, assinou o registro e dirigiu-se ao seu cofre para recolher alguns documentos.

Enquanto escolhia os documentos de que precisava, percebeu, não muito distante, um senhor de luto, aparência envelhecida e antiquada de notário de província, que retirava de um cofre vizinho vários pacotes bem embrulhados, cujos barbantes cortou e contou, um por um, maços de dez notas de mil francos presas por um grampo.

O senhor, muito míope, e que de vez em quando lançava um olhar inquieto ao seu redor, não percebeu que Arsène Lupin acompanhava cada gesto seu e continuou sua tarefa até guardar, em uma pasta de marroquim, oitenta ou noventa maços de notas, ou seja, a soma de oitocentos ou novecentos mil francos.

Lupin havia contado ao mesmo tempo que ele e disse consigo mesmo:

"Que diabo pode estar tramando esse respeitável capitalista? Cobrador de banco? Tesoureiro pagador? Não seria antes um desses personagens desavergonhados que desviam uma bufunfa para subtraí-la às exigências do fisco? Tenho horror a esses sujeitos… Fraudar o Estado… que torpeza!"

O personagem terminou a operação e fechou sua pasta de marroquim com uma correia que prendeu cuidadosamente.

Em seguida, afastou-se e subiu as escadas.

***

Lupin foi atrás dele, pois, afinal, a mais irrepreensível consciência não é capaz de impedir que se acompanhe um senhor que carrega um milhão em dinheiro vivo. Tal quantia possui um odor que atrai os bons cães de caça. E Lupin era um bom cão de caça, dotado de um faro que jamais o levava a pista falsa. Então, ele saiu atrás da presa, com ar menos vitorioso, talvez, pois não queria ser notado, mas com estremecimentos de prazer e nenhum projeto em mente, aliás. E nem a menor segunda intenção. Para quem possui uma consciência irrepreensível e um número respeitável de tesouros, o que é um maço de notas?

O senhor entrou em uma confeitaria na rua du Havre, saiu com um pacote de doces e se dirigiu para a estação de Saint-Lazare.

"Diabo!", disse Lupin consigo. "Ele vai pegar o trem e me levar sabe-se lá para onde?"

O senhor pegou o trem. Lupin, protestando, também o pegou e, no longo compartimento lotado de viajantes, seguiram pela linha de Saint-Germain. O senhor segurava fortemente contra o peito, como uma mãe acalenta o filho, a pasta de marroquim.

Desceu depois da cidadezinha de Chatou, na estação de Vésinet, o que encantou Lupin, pois o lugar o agradava bastante.

A doze quilômetros de Paris, cercada por uma curva do Sena, Vésinet, ou pelo menos aquele pedaço de Vésinet, está sujeito a rigorosos controles de organização do espaço e de construção, expandindo-se em torno de um lago adormecido sob as árvores, com largas avenidas adornadas de jardins e ricas residências. Naquela manhã, o sol fazia cintilar os galhos cheios de gotas de orvalho que tinham restado da geada da noite. O solo era duro e sonoro. Que delícia caminhar assim sem outra preocupação que velar pela fortuna do próximo!

Belas casas, contornadas por uma avenida externa, erguiam-se à beira de uma primeira extensão de água, uma modesta lagoa, menor e mais discreta, cujas margens pertenciam aos proprietários das casas que a rodeavam.

Passaram diante da *villa Roseraie*, depois diante da *Orangerie*, quando então o senhor ergueu a aldraba de uma casa chamada *Clématites*.

Lupin continuou seu caminho, um pouco distante, para não ser notado. A porta se abriu. Duas jovens apareceram, exclamando alegremente:

— Está atrasado, meu tio! O almoço está pronto. O que nos traz de gostoso?

Lupin ficou encantado. A recepção carinhosa ao tio, aos doces, a exuberância das duas sobrinhas, a forma baixa e um pouco fora de moda da casa, tudo aquilo era bastante simpático. Seria realmente agradável penetrar naquele círculo cordial e respirar a atmosfera calorosa de uma família unida.

Quinhentos metros adiante estendia-se o grande lago, tão pitoresco com sua ilha ancorada por uma ponte de madeira. Almoçava-se ali em um excelente restaurante onde Lupin fez honras ao menu. Em seguida, deu a volta no lago, admirando o exterior de agradáveis casas, a maioria delas fechada naqueles dias de inverno.

Mas uma delas chamou sua atenção, não só porque era atraente e possuía um jardim bem planejado, mas também porque tinha uma placa presa à grade na qual se lia: "*Clair-Logis*. Propriedade à venda. Toque a campainha para visitar e dirija-se à *villa Clématites* para todas as informações".

Clématites! Precisamente a *villa* onde o "meu tio" almoçava! Na verdade, o destino era malicioso. Como não associar a ideia da pasta de marroquim à *Clair-Logis*?

Dois pavilhões flanqueavam o portão de entrada. O jardineiro morava no da direita. Lupin tocou a campainha. Mostraram-lhe a casa e ele imediatamente se encantou. Era adorável aquela *Logis*, um pouco deteriorada, inclusive em ruínas em alguns lugares, mas tão bem distribuída e perfeita para uma hábil restauração!

"É isso… É isso de que preciso", pensou ele. "Eu queria ter um canto perto de Paris para passar um fim de semana tranquilo de vez em quando! Não quero outra coisa!"

E, de resto, que negócio maravilhoso! Que oportunidade inesperada! O destino oferecia-lhe, por um lado, uma casa ideal e, por outro, a quantia suficiente para adquiri-la sem pagar nada. A pasta de marroquim não estava ali para financiar a aquisição? Como tudo se encaixava!

Cinco minutos depois, Lupin entregava seu cartão e o sr. Raoul d'Averny era apresentado ao sr. Philippe Gaverel, que estava em um salão-estúdio no térreo com as duas belas sobrinhas, que o tio lhe apresentou.

O sr. Gaverel carregava a pasta de marroquim debaixo do braço, sempre presa à correia. Devia ter almoçado sem largar dela.

Lupin explicou o propósito da visita: a eventual compra da *Clair-Logis*. Philippe Gaverel formulou as condições.

Lupin pensou por um instante. Olhava para as duas irmãs. Um rapaz, que cortejava a mais velha e que ela mesma apresentou como seu noivo, acabava de se reunir a elas e os três riam. Lupin ficou perturbado. Escrupuloso como sempre, perguntou-se até que ponto seu projeto de aquisição barata lesaria as duas irmãs.

No fim das contas, pediu um prazo de quarenta e oito horas para tomar uma decisão.

— Estamos de acordo — respondeu o sr. Gaverel. — Mas o senhor terá a gentileza de negociar com o meu notário. Viajo daqui a pouco para o sul.

E explicou que, viúvo havia oito meses, e como o filho acabara de se casar em Nice, iria reunir-se com ele para passar uma parte do ano com os recém-casados.

— Além disso, não moro aqui na casa das minhas sobrinhas. Minha residência é ao lado, a *villa Orangerie*. Nossos dois jardins são um só. A casa é agradável, mas o senhor não poderá julgá-la, fechada como está e com as venezianas cerradas.

Lupin ficou ainda por mais uma hora, conversando e gracejando com as moças, contando-lhes várias aventuras e histórias que as divertiram. Mas, com o canto do olho, observava o sr. Gaverel.

Passearam no jardim da *Clématites* e no jardim da *Orangerie*. Philippe Gaverel, com sua pasta de marroquim debaixo do braço, dava ordens ao criado de quarto, o qual, depois de colocar malas e sacolas em uma caminhonete, partiu para a Gare de Lyon.

— E a pasta, tio, vai levá-la? — perguntou uma das irmãs.

— Claro que não — respondeu ele —, são documentos de negócios sem importância que trouxe de Paris e vou guardar em casa.

De fato, ele entrou na casa. Saiu vinte minutos depois, sem a pasta debaixo do braço e nenhum volume no bolso que levasse a crer que os maços de notas estivessem com ele.

"Ele as escondeu na casa", pensou Lupin. "Deve ter muita confiança no seu esconderijo. Decididamente, é um velho astuto que fraudou o fisco na liquidação do inventário da esposa. Essa gente não merece nenhuma

consideração."

Ele o chamou de lado e disse:

— Pensando bem, senhor, resolvi comprar.

— Perfeito — falou o sr. Gaverel, que entregou as chaves de sua casa às sobrinhas.

Eles saíram juntos. O sr. Gaverel, definitivamente, não levava sua pasta de marroquim.

***

Duas semanas depois, Lupin assinou um cheque. Um simples adiantamento que fez ao vendedor, pois o preço da *Clair-Logis* estava várias vezes garantido pelos maços de notas escondidos na *villa Orangerie*. Nem mesmo teve pressa em fazer as buscas necessárias, estimando que não poderia haver um esconderijo mais seguro que aquele que inspirava tanta confiança ao dono das notas. O que faz a qualidade de um esconderijo é que a existência do tesouro que nele se encontra não é conhecida por ninguém. Lupin a conhecia.

Em primeiro lugar, ele tinha de procurar um arquiteto para restaurar a *Clair-Logis*. O acaso trouxe-lhe um. Um dia, ele recebeu carta de um médico que uma vez lhe prestara um inestimável serviço[1], que conhecia sua verdadeira personalidade e a quem ele sempre mantinha informado sobre seus avatares e sucessivos endereços. O doutor Delattre escreveu-lhe:

Caro amigo,

Ficaria muito grato se pudesse fazer algo pelo jovem Félicien Charles, arquiteto diplomado, por quem me interesso. Ele tem talento…, etc.

Lupin mandou chamar o rapaz, que lhe pareceu tímido, reservado, desejoso de agradar, mas sem saber como. De resto, um belo jovem, de vinte e sete ou vinte e oito anos, inteligente e artista. Compreendeu muito bem tudo o que lhe foi pedido e até se ofereceu para fazer toda a decoração da *Logis* e colocar o jardim em ordem. Ficaria instalado no pavilhão à esquerda.

***

E os meses se passaram.

Lupin não veio mais que três ou quatro vezes. Apresentara Félicien Charles às duas irmãs e assim mantinha-se informado sobre o que se passava na *Clématites*. Ele próprio, aliás, gostava de visitá-las. A mais velha ficou gravemente doente de bronquite, o que atrasou seu casamento.

A cerimônia foi finalmente marcada para o dia 9 de julho. Como o tio Gaverel estaria presente, Lupin, que estava viajando pela Holanda, resolveu voltar oito dias antes para dar sumiço no dinheiro.

Seu plano era simples. Percebera que era possível, no final de uma passagem pública que conduzia, entre dois muros, ao lago, subtrair o barco de uma propriedade vizinha. Assim, uma noite chegaria ao jardim da *Orangerie* e entraria na casa.

Uma vez de posse dos maços de notas, ele refaria os pacotes para devolver-lhes a aparência inicial. Não havia dúvida de que Philippe Gaverel, durante as vinte e quatro horas que se dispunha a passar, não na *Orangerie*, mas com as duas irmãs, se contentaria em verificar se o pacote estava no lugar, sem examinar o conteúdo. O roubo, portanto, só seria descoberto quando regressasse, em outubro.

Mas quando Lupin chegou uma manhã em seu automóvel, um drama terrível, de trágicas repercussões, abatera-se na véspera sobre as tranquilas margens do pequeno lago…

---

[1] Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca*. (N.T.)

Matanças

Que fique bem estabelecido, desde logo, que o almoço que precedeu, na *Clématites*, a terrível dúzia de horas durante as quais se acumularam as peripécias do drama foi para as duas moças e os dois rapazes ameaçados por um destino tão próximo de uma alegria natural leve, despreocupada, mesclada a gentilezas e emoção amorosa. Nem todas as tempestades se anunciam com sinais de alerta. Aquela desabou bruscamente em um céu sereno, sem que nenhum pressentimento oprimisse os corações daquelas que seriam suas vítimas assombradas.

Estas riam e conversavam alegremente a respeito de projetos imediatos, bem como de planos para o dia e a semana seguintes. As irmãs Gaverel, depois da morte dos pais, isto é, há sete ou oito anos, continuaram morando na *Clématites* sob a supervisão de uma governanta que as vira nascer, a velha Amélie, e de seu marido, Édouard, o criado.

A mais velha, Élisabeth, uma jovem alta e loura, de fisionomia um tanto pálida de convalescente e sorriso de sedução ingênua, conversava principalmente com o noivo, Jérôme Helmas, um belo rapaz de rosto franco, sem situação no momento, e que, por ser órfão, mantivera a casinha onde vivera a mãe, no centro de Vésinet, às margens da estrada nacional que conduzia a Paris. Amigo de Élisabeth antes de ser seu noivo, conhecera a caçula, Rolande, ainda criança, e tratava-a com familiaridade. Fazia as refeições na *villa Clématites*.

Rolande, muito mais moça que a irmã, era mais expressiva que Élisabeth, de beleza mais marcante e, acima de tudo, de um charme mais intenso e misterioso. E, sem dúvida, o outro rapaz, Félicien Charles, sentia-se atraído por ela, pois não cessava de observá-la furtivamente, como se não

ousasse muito olhá-la de frente. Estava apaixonado? A própria Rolande não saberia dizê-lo. Era daquelas pessoas enganadoras, cuja fisionomia não expressa sua natureza secreta e que nunca parecem pensar ou sentir como realmente pensam ou sentem.

Terminada a refeição, os quatro entraram no estúdio, um salão amplo, mas bastante acolhedor por causa da disposição dos móveis, dos bibelôs e dos livros. Sua janela à inglesa, muito ampla, totalmente aberta, dava para um gramado estreito que separava a casa do lago. A água imóvel, sem agitação alguma, refletia as árvores frondosas cujos longos ramos pendentes vinham se juntar aos ramos refletidos como num espelho. Inclinando-se, era possível avistar, à direita, a sessenta metros, a outra casa, a *Orangerie*, onde morava o tio Philippe. Uma cerca viva muito baixa marcava a fronteira entre os dois jardins, mas a faixa de grama corria ininterruptamente por toda a margem do lago.

Élisabeth e Rolande deram-se as mãos por um momento. Pareciam estimar-se infinitamente. Rolande, sobretudo, demonstrava um grande desejo de se dedicar e também uma inquietude constante. A saúde de Élisabeth, depois da doença, ainda exigia certas precauções.

Deixando-a com o noivo, Rolande sentou-se ao piano e chamou Félicien Charles, que tentou esquivar-se.

— Perdão, senhorita, mas almoçamos mais tarde hoje e meu trabalho começa no mesmo horário todos os dias.

— Seu trabalho não lhe dá liberdade total de horário?

— É precisamente por ser livre que devo ser pontual. Tanto mais que o sr. d'Averny chega amanhã bem cedo. Viajará a noite toda de automóvel.

— Que bom revê-lo! — disse ela. — Ele é tão simpático, tão interessante!

— Então deve compreender meu desejo de satisfazê-lo.

— Mesmo assim, sente-se… só meio minuto…

Ele obedeceu, calado.

— Fale comigo — pediu ela.

— Devo falar ou escutá-la?

— Ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Só posso falar se parar de tocar.

Ela não respondeu. Ela tocou, simplesmente, algumas frases musicais com tanta suavidade, tanto abandono que mais parecia fazer uma confissão.

Tentava fazê-lo compreender algo secreto ou forçá-lo a mais expansão e entusiasmo? Mas o rapaz ficou em silêncio.

— Vá embora — ordenou ela.

— Ir embora… por quê?

— Já conversamos bastante hoje — brincou a moça.

Ele hesitou, espantado, mas, como Rolande repetiu a ordem, saiu.

A moça encolheu ligeiramente os ombros, depois continuou a tocar, observando Élisabeth e Jérôme conversando em voz baixa e olhando um para o outro, sentados lado a lado no sofá, enquanto a música os embalava e os aproximava ainda mais. Vinte minutos passaram-se assim.

No final, Élisabeth levantou-se e disse:

— Jérôme, chegou a hora do nosso passeio diário. É tão bom deslizar sobre a água, entre os galhos das árvores.

— É prudente, Élisabeth? Você ainda não está totalmente recuperada.

— Claro que sim! Pelo contrário, é algo extremamente repousante, que me faz muito bem.

— No entanto…

— No entanto, é isso mesmo, meu caro Jérôme. Vou buscar o barco e trazê-lo para junto do gramado. Não se mova, Jérôme.

Ela subiu até o quarto e, como todos os dias, abriu a escrivaninha e escreveu algumas linhas no caderno no qual mantinha seu diário íntimo, onde seriam encontradas mais tarde suas últimas palavras.

Jérôme pareceu-me um pouco distraído, absorto. Perguntei-lhe o motivo. Respondeu que eu estava enganada e, como insisti, ele deu a mesma resposta, mas de uma forma mais indecisa, no entanto.

"Não, Élisabeth, não tenho nada. O que mais poderia querer, já que vamos nos casar e meu sonho, que em breve completa um ano, se tornará realidade. Exceto…"

"Exceto?"

"Às vezes, me preocupo com o futuro. Você sabe que não sou rico e que com quase trinta anos não tenho situação."

Coloquei minha mão sobre a boca dele, rindo:

"Mas eu sou rica… Evidentemente que não poderemos fazer loucuras… Mas também por que você é tão ambicioso?"

"Por sua causa, Élisabeth. Quanto a mim, não tenho grandes necessidades."

"Mas eu também não, Jérôme! Contento-me com pouco. Quero apenas ser feliz, nada mais — disse eu, rindo. — Não combinamos que moraríamos aqui até que uma boa fada nos traga o tesouro que nos é devido?…"

"Ah", fez ele, "não acredito em tesouros!"

"Como? Mas o nosso existe, Jérôme… Lembre-se do que lhe contei… Um velho amigo dos nossos pais, um primo afastado que não vemos há anos e que não dava notícias, mas que gosta muito de nós… Quantas vezes a minha velha governanta Amélie me disse: 'Senhorita Élisabeth, será muito rica um dia. Seu velho primo Georges Dugrival deixará a você toda a fortuna dele, a você, Élisabeth. Está doente, ao que parece.' Você vê, Jérôme…"

Jérôme murmurou:

"Dinheiro… dinheiro… pois seja. Mas o que quero é trabalhar. O que desejo para você, Élisabeth, é um marido à sua altura…"

Ele não disse mais nada. Mas eu sorria. Jérôme… meu querido Jérôme, será que alguém pensa no futuro quando ama como nós nos amamos?

Élisabeth largou a pena. A confidência diária tinha acabado. Arrumou-se, empoou-se, animou vagamente o rosto com um pouco de ruge, verificou se o fecho do belo colar de pérolas que herdara da mãe, o qual nunca tirava, estava bem preso, e desceu ao jardim do tio Philippe, dirigindo-se aos três degraus de madeira junto aos quais o barco estava amarrado.

Jérôme não saíra do sofá desde que Élisabeth subira. Escutava sem prestar atenção as improvisações de Rolande.

Interrompendo-se, ela disse:

— Estou muito feliz, Jérôme. E você?

— Eu também.

— Élisabeth é maravilhosa, não é? Se conhecesse a bondade e a nobreza da sua futura esposa! Mas você as conhecerá, Jérôme.

Voltou ao teclado e atacou vigorosamente uma marcha triunfal, destinada a expressar uma felicidade sobre-humana.

Mas, de novo, parou abruptamente.

— Alguém gritou… Você ouviu, Jérôme?

Escutaram.

Um profundo silêncio tomou conta do salão vindo do tranquilo gramado, do lago sereno. Certamente, Rolande tinha se enganado. E recomeçou seus acordes de vitória e alegria.

Então, subitamente, levantou-se.

Alguém gritou, ela tinha certeza.

— Élisabeth… — balbuciou, correndo para a janela.

Com a voz sufocada, gritou:

— Acudam!

Jérôme já estava perto dela.

Inclinando-se, viu rente à margem, no lugar onde ficavam os degraus, um homem que parecia agarrar Élisabeth pelo pescoço. Ela tinha as pernas dentro d'água. Jérôme, por sua vez, urrou de terror e saiu correndo atrás de Rolande, que corria no gramado.

Ali adiante, o homem voltou-se para os dois. Largou imediatamente a vítima, apanhou algo do chão e fugiu pelo jardim da *Orangerie*.

Então, Jérôme mudou de ideia. Passou para o cômodo vizinho, pegou uma carabina com a qual as duas irmãs exercitavam-se com frequência e que sabia estar carregada, e parou no alto da escadaria que dominava os jardins.

O homem fugia. Encontrava-se diante da casa e estava claro que queria chegar à horta da *Orangerie*, que tinha uma saída direta para a avenida circular.

Jérôme levou a carabina ao ombro, apontou e disparou. O homem jogou-se para a frente e caiu num acanteiro de flores onde, após alguns estremecimentos, permaneceu inerte. Jérôme saiu correndo na direção do agressor.

— Está viva? — gritou, aproximando-se de Rolande que, ajoelhada, abraçava a irmã.

— O coração não bate mais — disse Rolande soluçando.

— Não, é impossível!… Podemos reanimá-la… — disse Jérôme completamente horrorizado.

Jogou-se sobre o corpo imóvel, mas, imediatamente, antes mesmo de constatar se ainda estava viva, balbuciou, com os olhos esgazeados:

— Oh! O colar… sumiu… O homem estrangulou-a para arrancar as pérolas… Que horror!… Está morta…

Pôs-se a correr como um louco, seguido do velho criado, Édouard, enquanto Rolande e a governanta Amélie ficaram junto à vítima. Encontraram o homem caído de bruços no canteiro de flores. Penetrando entre as omoplatas, a bala tinha acertado o coração.

Com a ajuda de Édouard, Jérôme virou o corpo. Era um indivíduo de cinquenta a cinquenta e cinco anos, pobremente vestido, que usava um boné sujo, tinha o rosto pálido e uma barba grisalha desgrenhada.

Jérôme revistou-o. A carteira imunda continha alguns papéis, entre os quais dois cartões com um nome escrito à mão: Barthélemy.

Em um dos bolsos do casaco, o criado descobriu o colar de grandes pérolas finas que havia sido roubado de Élisabeth.

Os gritos e o disparo tinham sido ouvidos nas proximidades das duas casas. Sem demora, as pessoas correram saber o que acontecera, espiando por cima dos muros, abrindo os portões e tocando a campainha da *Clématites*.

Alguém telefonou para a delegacia de Chatou e para o quartel de polícia. A ordem foi restabelecida. Os intrusos foram afastados e as primeiras constatações foram feitas.

Jérôme Helmas deixara-se cair junto à noiva morta e esfregava os olhos com os punhos crispados. Quando a levaram para casa, ele não se moveu, e quando o chamaram a pedido de Rolande, que, cheia de uma energia feroz, contendo sua dor, vestia Élisabeth com seu traje de noiva, ele não quis entrar. Recusava-se a guardar daquela que amava uma imagem diferente e danificada, menos bela, em todo caso, que a deslumbrante imagem do passado.

Félicien Charles, que retornara à *Clématites* assim que a notícia do drama lhe fora anunciada, e que não fora recebido por Rolande, tentou

distrair Jérôme envolvendo-o na investigação. Conduziu-o até o cadáver do assassino, que havia sido colocado sobre uma maca. Perguntou-lhe se já o tinha visto. Interrogou-o sobre as circunstâncias do drama. Nada o interessou, nada o tirou de seu torpor.

Finalmente, como os policiais o assediavam com perguntas, ele se refugiou no estúdio, onde vira Élisabeth pela última vez, e dali não mais saiu.

À noite, como Rolande não saía do quarto da irmã, ele deixou que o criado Édouard lhe servisse algo para comer, que mastigou sem perceber. Em seguida, adormeceu pesadamente, extenuado. Mais tarde, saiu para o jardim, onde perambulou sob o luar, e depois jogou-se no gramado e adormeceu novamente, entre as flores e a grama úmida.

Assim que começou a chover, entrou de novo na casa. Ao pé da escada, encontrou Rolande, que descia, vacilante e desesperada. Apertaram-se as mãos sem dizer palavra. Parecia que para ambos nada existia além de sua dor. Por volta da uma da manhã, ele se foi.

***

Rolande subiu ao quarto de Élisabeth, retomando sua vigília fúnebre, acompanhada pela governanta. Os círios choravam. A brisa fresca do lago fazia tremeluzir as chamas.

Choveu muito forte. Mas o dia amanheceu com um céu azul pálido, em que algumas estrelas ainda cintilavam e pequenas nuvens douravam-se pouco a pouco aos primeiros clarões do sol.

Foi nesse momento que, no caminho que conduz à cidade de Chatou, um cantoneiro encontrou Jérôme Helmas meio desmaiado em uma porção inclinada à beira da estrada, ensopado pela chuva e gemendo. Seu colarinho estava manchado de sangue.

Logo depois, em outro caminho por onde ninguém havia passado àquela hora matinal, um leiteiro descobriu outro ferido, apunhalado no peito. Era um rapaz corretamente vestido, com calças de veludo preto e casaco da mesma cor e gravata de laço de bolinhas brancas. Parecia um artista. Era alto e forte.

Estava mais gravemente ferido que Jérôme. Não se movia. No entanto, ainda respirava e seu coração batia fracamente.

Raoul intervém

Durante toda a manhã, na pacata Vésinet, houve idas e vindas, aparições de policiais, de inspetores à paisana e agentes uniformizados, ronco de motores, engarrafamentos, repórteres e fotógrafos chegando precipitadamente. Todos queriam saber. Circulavam os boatos mais insólitos e contraditórios.

O único lugar tranquilo era o jardim e a casa da *Clématites*. Lá, a ordem inflexível era: entrada proibida, com exceção da polícia. Nada de curiosos. Nada de jornalistas. Falava-se em voz baixa em respeito à morta e à dor de Rolande.

Quando soube da agressão sofrida por Jérôme Helmas, a jovem desatou a chorar:

— Minha pobre irmã… minha pobre Élisabeth…

Deu ordens para que o rapaz fosse tratado em uma clínica próxima. A mesma clínica recebeu o outro ferido. O cadáver de Barthélemy, que havia estrangulado a jovem, estava na garagem, aguardando o transporte para o necrotério.

Por volta das onze horas, o sr. Rousselain, juiz de instrução, sentado junto ao procurador público em uma confortável poltrona de jardim, lutava contra o sono enquanto ouvia as explicações detalhadas que o inspetor-chefe Goussot amavelmente apresentava sobre o quádruplo drama de Vésinet.

***

O sr. Rousselain era um homem de pouca estatura, de ventre proeminente e pernas grossas, cujas digestões eram às vezes, e por boas

razões, bastante pesadas. Juiz de instrução na província havia quinze anos, indolente, desprovido de ambição, fizera tudo para não sair da região à qual sua paixão pela pesca o prendia. Infelizmente, o recente caso no castelo d'Orsacq[2], em que demonstrara tanta sagacidade e clarividência, o colocara em evidência e fizera com que ele, para seu grande pesar, fosse transferido para Paris. Seu casaco preto de alpaca e suas calças amarrotadas de tecido cinza denotavam sua total despreocupação em matéria de vestimenta. Apesar das aparências, um homem sutil, de espírito agudo, muito independente em seus atos, muitas vezes até um tanto fantasista.

E o inspetor-chefe Goussot, que tinha mais fama que verdadeiro mérito, concluiu, com uma voz que despertou o sr. Rousselain:

— Em resumo, a srta. Gaverel foi atacada no momento em que se abaixava para pegar a corrente que prendia o barco, e esse ataque foi tão violento que os três degraus de madeira que levam até a água quebraram-se. É preciso notar, de fato, que a srta. Gaverel estava molhada até a altura da cintura. Logo depois, houve luta na margem, roubo do colar de pérolas e fuga do assassino, que também tinha as pernas molhadas. Sobre esse assassino, que foi examinado pelos médicos legistas e está estendido na garagem, onde podem vê-lo, não temos nenhuma informação, exceto o nome de Barthélemy. O rosto e as roupas são os de um vagabundo. Matou para roubar. Não sabemos nada mais.

O inspetor-chefe Goussot tomou fôlego e continuou, com a satisfação de quem fala sem buscar palavras:

— Agora, os outros dois. O sr. Jérôme Helmas abateu com um tiro de carabina o assassino, que de outra forma certamente teria conseguido fugir. Esse é o único ponto que podemos precisar. Quanto ao resto, as declarações que me fez em seu leito de dor e apesar do abatimento são bastante vagas. Em primeiro lugar, não conhecia o assassino da noiva. Em seguida, tampouco reconheceu seu agressor noturno e desconhece o motivo pelo qual foi atacado. Além disso, não temos indício algum da identidade do segundo ferido ou sobre as circunstâncias da agressão que sofreu. No máximo, podemos supor que em ambos os casos o agressor foi o mesmo.

Alguém interrompeu o policial:

— Não podemos, senhor inspetor-chefe, supor que não houve, ontem à noite, não um drama entre três homens, ou seja, um agressor e duas vítimas, mas um drama entre apenas dois homens? O sr. Jérôme Helmas foi

atacado por um indivíduo que, ferido pelo sr. Helmas, conseguiu se arrastar por trezentos ou quatrocentos metros até o local onde caiu ontem à noite?

Todos escutaram, não sem interesse, a inesperada hipótese do senhor que acabara de expô-la, observando-o com surpresa. Quem era ele? Notaram que ele saíra da *villa Clématites* e ouvira as conclusões do inspetor Goussot. Mas com que direito se intrometia?

O inspetor-chefe, irritado por apresentarem uma hipótese em substituição à sua, perguntou:

— Quem é o senhor?

— Raoul d'Averny. Minha propriedade não fica longe daqui, em frente ao grande lago. Como estava ausente de Paris por algumas semanas, e regressei esta manhã, soube o que aconteceu aqui por intermédio de um jovem arquiteto que mora em minha casa e trabalha na decoração da minha propriedade. Félicien Charles era amigo das srtas. Gaverel e almoçou com elas ontem. Há uma hora, eu o acompanhei em uma visita à srta. Rolande e não julguei indiscreto vagar por um momento pelo jardim e escutar suas notáveis deduções, senhor inspetor-chefe. Eles revelam um mestre da investigação.

Raoul d'Averny tinha um sorriso inefável e certo ar malicioso que dariam a qualquer outro que não o inspetor-chefe Goussot a sensação de estar sendo ridicularizado. Mas o inspetor Goussot estava muito convencido da própria importância e muito seguro de seus talentos para experimentar tal impressão. Lisonjeado com o elogio, limitou-se a recolocar o simpático amador em seu lugar.

— É uma suposição que não deixei de levantar, senhor — disse sorrindo. — Cheguei mesmo a submetê-la ao sr. Helmas, que respondeu: "Com que arma eu o teria atacado? Não tinha uma. Não. Defendi-me como pude, com socos e pontapés.

"Com um soco no rosto", disse o sr. Helmas, "pus meu adversário em fuga, quando eu já estava ferido." Resposta categórica, o senhor não acha? Ora, examinei o segundo ferido: ele não apresenta nenhuma marca de golpes, nem no rosto nem em outra parte do corpo. Portanto…"

Por sua vez, Raoul d'Averny inclinou-se:

— Raciocínio perfeito — disse.

Mas o juiz de instrução, sr. Rousselain, que gostara do personagem, perguntou-lhe:

— O senhor tem outra observação a nos comunicar?

— Oh! Pouca coisa. E receio abusar…

— Fale, fale… por favor. Estamos diante de um caso que parece inexplicável e o menor passo adiante pode ter sua importância. Somos todo ouvidos…

— Pois bem — começou Raoul d'Averny —, o que precipitou Élisabeth Gaverel na água quando foi assaltada foi, indiscutivelmente, o colapso dos degraus de madeira, não é? Examinei os degraus que desabaram. Estavam apoiados sobre duas estacas bastante robustas cravadas no lago. No entanto, essas estacas cederam sob a pressão, pelo bom motivo de ambas terem sido recentemente serradas em três quartos de seu diâmetro.

Um leve gemido acolheu aquelas palavras. Rolande havia saído do estúdio apoiada no braço de Félicien Charles. De pé, vacilante, ela ouvia as palavras do sr. d'Averny.

— Será possível? — balbuciou.

O inspetor Goussot correu para a escada. Recolheu uma das estacas que o sr. d'Averny havia colocado na margem e trouxe-a, dizendo:

— Está certo. O corte é bem nítido e muito recente.

Rolande observou:

— Há uma semana, minha irmã ia todos os dias, na mesma hora, buscar o barco. Quem a matou sabia disso? E teria preparado tudo?

Raoul balançou a cabeça.

— Não acredito que as coisas tenham se passado assim, senhorita. O assassino não tinha necessidade de jogá-la na água para arrancar-lhe o colar. Um ataque repentino, uma luta de dois ou três segundos na margem… e a fuga… isso bastava.

O juiz de instrução pronunciou-se, muito interessado:

— Em sua opinião, outra pessoa teria providenciado essa armadilha terrível?

— Acredito que sim.

— Quem? E por que essa armadilha?

— Não sei.

O sr. Rousselain não pôde conter um leve sorriso:

— O caso está ficando mais complicado. Haveria então dois assassinos: um de intenção e outro de fato. Este último, em suma, só teria aproveitado a ocasião. Mas por onde entrou na propriedade? E onde estaria escondido?

— Ali — disse Raoul, apontando para a *Orangerie* do tio Philippe Gaverel.

— Naquela casa? Inadmissível. Observe: todas as janelas e portas do térreo estão fechadas e têm venezianas herméticas.

Raoul respondeu num tom displicente:

— Todas têm venezianas, mas nem todas estão hermeticamente fechadas.

— Ora!

— Uma delas, a porta-janela que fica mais à direita, não está fechada. Os dois batentes foram abertos, inevitavelmente por dentro, e encostados um contra o outro. Vá verificar, senhor inspetor.

— Mas como então o indivíduo teria entrado na casa? — perguntou o sr. Rousselain.

— Certamente pela porta da fachada principal, que dá para a avenida.

— Então ele tinha chaves falsas?

— Sem dúvida.

— E teria escolhido esse local para observar a srta. Gaverel e atacá-la? É extraordinário.

— Tenho minha ideia a respeito disso, senhor juiz de instrução. Mas vamos aguardar a chegada do sr. Gaverel. Avisado ontem por telegrama da srta. Rolande, ele deve chegar de Cannes, onde estava em vilegiatura com o filho. É esperado a qualquer momento, não é, senhorita?

— Ele já deveria ter chegado — afirmou Rolande.

Seguiu-se um longo silêncio. A autoridade do sr. d'Averny se impunha a todos os que o escutavam. Tudo o que dizia parecia verossímil, a ponto de ser admitido como verídico, apesar das contradições e impossibilidades.

***

O inspetor Goussot, plantado diante da *Orangerie*, observava a porta-janela, que, de fato, não estava fechada. Os magistrados conversavam em voz baixa. Rolande chorava baixinho. Félicien olhava alternadamente para ela e para o sr. d'Averny.

Finalmente, este continuou:

— O senhor juiz de instrução disse que o caso é complicado. De fato, é extremamente complicado. E é nesses casos que desconfio do que vejo e do

que percebo e inclino-me a simplificar, pois a realidade quase sempre se atém a uma certa unidade de linhas. Não existe na vida essa tal confusão de acontecimentos simultâneos. Isso não existe. Nunca o destino se diverte acumulando tantas reviravoltas. Em doze horas, uma emboscada, um afogamento, um estrangulamento, um roubo, uma morte, depois duas outras emboscadas que deveriam ter resultado em outras duas mortes! Tudo isso incoerente, estúpido, absurdo, inumano. Não, na verdade é demasiado… E é por isso…

— E é por isso?

— E é por isso que me pergunto se não haveria, nesse emaranhado, uma linha que separa os fatos, que coloca uns à direita, outros à esquerda… Enfim, se não haveria, em vez de um único caso excessivamente denso, dois casos normais que, em um ponto qualquer de seu desenvolvimento, se encontraram por acaso. Se for assim, bastaria identificar o ponto de contato a partir do qual os dois fios se emaranharam e começaríamos a entender a situação.

— Ah! — exclamou sorrindo o sr. Rousselain. — Estamos entrando no reino da fantasia. Tem alguma prova na qual se basear?

— Nenhuma — respondeu Raoul d'Averny —, mas as provas às vezes são menos comprobatórias que a lógica.

E ele se calou. Todos refletiam. Ouviu-se um automóvel parando atrás da *Clématites*. Rolande correu ao encontro do tio Gaverel.

Subiram juntos à câmara mortuária e um pouco depois o sr. Gaverel juntou-se aos magistrados.

Foi informado sobre os acontecimentos em poucas palavras. Raoul d'Averny mostrou-lhe a porta aberta de sua *villa* e disse:

— É provável, senhor, que alguém tenha entrado na sua casa.

O sr. Gaverel empalideceu:

— Alguém? Mas com que intenção?

— Roubar. O senhor deixou algum objeto precioso. Valores?

O tio de Rolande vacilou.

— Objetos? Valores? Não… Afinal, como saberiam? Não, não, não acredito.

De repente ele desatou a correr feito um louco em direção à *Orangerie*, gritando:

— Não! Não venham… Não venha ninguém.

Foi direto para a porta da *Orangerie*, empurrou a porta entreaberta e desapareceu.

Passaram-se dois minutos. Ouviram-se exclamações. Alguns segundos depois, ele apareceu, agitou os braços e desabou no degrau da soleira, onde todos o esperavam.

Ele gaguejou:

— Sim… fui roubado. Descobriram o esconderijo… É terrível… Estou arruinado… Descobriram o esconderijo… Não posso acreditar. Levaram tudo…

— Um grande roubo? — perguntou o juiz de instrução. — Em quanto estima?

O sr. Gaverel levantou-se. Estava lívido e como que chocado com a confidência que fizera.

— Grande, sim… Mas isso só diz respeito a mim… A justiça só deve tratar de uma coisa: fui roubado. Que encontrem o ladrão! Que me devolvam o que me foi roubado.

***

Raoul d'Averny e o inspetor Goussot entraram. Chegando ao vestíbulo, notaram que a fechadura da porta principal, que dava para a avenida, havia sido forçada, conforme previra d'Averny, e que a porta estava fechada apenas pelo ferrolho de segurança acionado por dentro.

Voltaram ao jardim e Raoul perguntou a Rolande:

— A senhorita me disse que, quando saltou a janela do seu estúdio ontem, viu o assassino de sua irmã que, na fuga, recolheu alguma coisa?

— Sim, de fato…

— Como era essa coisa?

— Eu mal o vi…

— Um pacote?

— Sim… Creio que era um pacote de pequenas dimensões… que ele escondeu sob o casaco enquanto corria.

O que aconteceu com o pacote? O criado, Édouard, que foi chamado, e de quem era impossível suspeitar, afirmou que nada havia sido encontrado no cadáver.

Todos os que foram interrogados, policiais ou curiosos, declararam que nem na véspera nem pela manhã haviam recolhido pacote algum.

Philippe Gaverel recuperou a esperança…

— Vamos encontrá-lo — disse ele. — Tenho certeza de que a polícia vai encontrá-lo.

— Para que esse pacote seja encontrado — retrucou o sr. Rousselain —, precisamos de uma descrição dele.

— Uma pequena sacola de tecido cinza.

— Que continha?

O sr. Gaverel exaltou-se.

— Isto só diz respeito a mim! É da minha conta. Se achei por bem guardar dinheiro ou documentos, é somente da minha conta?

— Afinal, era dinheiro?

— Não, não, eu não disse isso — respondeu Gaverel, cada vez mais irritado. — Por que acha que seria dinheiro? Não… Cartas… Documentos de valor inestimável para mim.

— Em suma?

— Em suma, uma sacolinha de tecido cinza, é o que reclamo. A justiça deve procurar apenas uma sacolinha de tecido cinza.

— Seja o que for — disse Raoul depois de um longo silêncio —, a prova existe. Durante a penúltima noite, um ladrão, o velho Barthélemy, entrou nesta casa. À força de pesquisar, encontrou a sacola. Como sair? Pelo vestíbulo e pela porta que dá para a avenida? Não, em pleno dia ele poderia ser surpreendido. Então, ele abriu esta porta-janela, pensando que no jardim de uma casa desabitada não haveria ninguém, e usaria a saída da horta. Foi nesse exato momento que Élisabeth Gaverel saiu da *Clématites*. Um encontro inesperado. A jovem solta um grito, que foi vagamente ouvido na *Clématites*. O que acontece depois? O ladrão precipitou-se para ela, que tentou fugir. O choque ocorreu nos degraus. Nós sabemos o resto.

O inspetor Goussot encolheu novamente os ombros.

— É muito possível… mas eu não estava presente.

— Nem eu…

— Consequentemente, nada demonstra que as coisas tenham se passado dessa forma, isto é, que o próprio senhor Barthélemy não tenha planejado o atentado de que foi vítima a srta. Gaverel.

— Nada o demonstra, de fato — admitiu Raoul.

Mas estava ficando tarde. O substituto teria de voltar a Paris e o estômago do sr. Rousselain começava a atormentá-lo. Consultou em voz baixa o criado. Não haveria algum bom restaurante por perto?

— Senhor juiz de instrução — falou Raoul d'Averny —, se quiser dar-me a honra de aceitar o meu convite, creio que não se come muito mal em minha casa…

Convidou também o inspetor-chefe, que recusou de bom humor, desejoso de não interromper sua investigação. Rolande chamou Raoul d'Averny de lado e disse-lhe, emocionada:

— Confio no senhor… Minha irmã será vingada, não é? Eu a amava tanto…

Ele disse:

— Sua irmã será vingada. Mas tenho a impressão de que é principalmente a senhorita quem poderá…

Ele a olhou bem nos olhos e repetiu:

— Compreenda, é principalmente a senhorita quem poderá me ajudar… O problema a ser resolvido é terrível e não temos nenhuma luz. Não deixe de refletir sobre o assunto. Descubra se sua irmã não tinha algum inimigo, se não havia nada em sua vida que pudesse provocar ciúmes ou ódio… Se descobrir algo, mantenha-me informado. Estou inteiramente à sua disposição… e teremos êxito.

---

[2] Ver *O rosário vermelho*. (N.T.)

O inspetor Goussot ataca

O almoço oferecido por Raoul, que teve a presença de Félicien Charles, regozijou de tal modo o sr. Rousselain que este derramou-se em elogios e exclamações.

— Ah, que lagosta!… Ah, que Sauternes!… E que frango!…

— Eu conhecia a sua fraqueza, senhor juiz de instrução — disse Raoul d'Averny.

— É mesmo? E por intermédio de quem?

— Por um de meus amigos, Boisgenêt, que acompanhou o famoso caso do castelo d'Orsacq, em que o senhor fez maravilhas.

— Eu? Eu deixei que as coisas seguissem seu curso.

— Sim, conheço sua teoria. Quando há um drama passional, são os próprios atores do drama que, pelo desencadear de suas paixões, dissipam gradualmente o mistério.

— Certamente, e é uma pena que o mesmo não aconteça hoje. Roubo de dinheiro, roubo de um colar… Nada de interessante.

— Quem sabe? Alguém preparou uma armadilha para Élisabeth Gaverel.

— Sim, a armadilha da escada quebrada. Acredita realmente nessa maquinação? Acredita em dois casos distintos?

— Sobretudo não veja em mim, senhor juiz de instrução, um detetive amador convencido de seus pequenos talentos. Não. Li muito. Nunca romances policiais, que me aborrecem… leio a *Gazette des Tribunaux*… e narrativas de crimes reais. E extraí das minhas leituras uma certa experiência e pontos de vista… às vezes corretos… às vezes bastante errôneos… e que, de vez em quando, me permitem tagarelar a torto e a

direito… e impressionar policiais de segunda categoria… como o bravo inspetor Goussot. A verdade é que toda essa história é diabolicamente obscura! Só há uma coisa muito clara — acrescentou rindo. — O sr. Philippe Gaverel não quer ser suspeito de esconder dinheiro em casa. E, no entanto, digamos que a sacola de tecido cinza seja encontrada, para que servirá se não tiver mais nada dentro dela?

— Na verdade — disse Rousselain —, o primeiro cuidado do ladrão será abrir a sacola e apoderar-se do conteúdo. Além disso, há muito pouca chance de se encontrar o dinheiro.

Félicien mantinha-se calado. Durante toda a refeição, escutara Raoul d'Averny com atenção, mas sem participar da conversa.

***

Por volta das três horas, o sr. Rousselain levou-os ao jardim da *villa Clématites*, onde encontraram o inspetor-chefe.

— Pois bem, senhor inspetor, alguma novidade?

Goussot assumiu seu ar mais imparcial.

— Pfff! Não muita. Fui à clínica saber notícias do sr. Jérôme Helmas e conversei com os médicos. Embora sua vida não esteja em perigo, não tive permissão para interrogá-lo a fundo. Falou-me apenas que o indivíduo que o seguiu e o atacou pareceu-lhe saído da passagem que conduz ao lago.

— E o punhal do crime?

— Não o encontramos.

— O outro ferido?

— Seu estado continua grave e os médicos não ousam fazer prognósticos.

— Nenhuma informação sobre ele?

— Nenhuma.

O inspetor-chefe fez uma pausa e depois acrescentou, com ar distraído:

— No entanto… acabei estabelecendo, a respeito dele, um fato bastante estranho.

— Ah! qual?

— Esse indivíduo, que seria atacado à noite, entrou ontem neste jardim.

— O que disse? Neste jardim?

— Aqui mesmo.

— Mas como?

— Pois bem, ele entrou primeiro na vila, aproveitando-se que o sr. Félicien Charles também entrava, já que este, depois do assassinato da srta. Élisabeth, quis ver sua irmã Rolande.

— E depois?

— Depois ele se misturou às pessoas atraídas pelo disparo que entravam aqui por todos os lados antes que a ordem fosse restabelecida.

— Tem certeza?

— Os depoimentos das pessoas que interroguei na clínica são claros.

— Não há dúvida — disse o juiz de instrução a Félicien — de que deve ter entrado por acaso ao mesmo tempo que o senhor?

— Não notei — respondeu Félicien.

— Não notou nada? — insistiu Goussot.

— Nada.

— Estranho. No entanto, viram-no conversando com ele.

— Pode ser — falou o jovem sem embaraço —, falei com quem estava lá, policiais, curiosos.

— E não notou um rapaz alto, com jeito de artista, que usava uma gravata de laço de bolinhas brancas?

— Não… ou talvez sim… Não sei… estava tão assustado.

Houve uma pausa. Então o inspetor Goussot prosseguiu:

— Mora em um pequeno pavilhão nas dependências da propriedade do sr. d'Averny, aqui presente?

— Sim.

— Conhece o jardineiro?

— Certamente.

— Pois bem, o jardineiro afirma que ontem, no momento do disparo, o senhor estava sentado no jardim…

— De fato.

— E que estava sentado com um senhor que já o tinha visitado duas ou três vezes. Ora, esse senhor é o nosso homem. O jardineiro o reconheceu formalmente na clínica, momentos atrás.

Félicien corou, enxugou a testa, hesitou e finalmente respondeu:

— Não sabia que se tratava dele. Repito que estava tão perturbado que não saberia dizer se ele veio comigo até a *villa Clématites*, ou se estava comigo entre a multidão.

— Como se chama seu amigo?

— Não é meu amigo.

— Não importa! Como se chama?

— Simon Lorient. Ele me procurou um dia em que eu pintava à beira do grande lago. Ele me disse que também era pintor, mas que não sabia onde colocar seus quadros, e que estava procurando trabalho. Pediu-me que o apresentasse ao sr. d'Averny. Prometi que o apresentaria.

— Viu-o com frequência?

— Quatro ou cinco vezes.

— Onde ele mora?

— Em Paris. É tudo o que sei.

O jovem recuperara de tal forma a compostura a ponto de o juiz de instrução murmurar:

— Tudo isso é muito plausível.

Mas Goussot não desistia.

— Então encontrou-se com ele ontem?

— Sim, perto do pavilhão onde moro. Julguei então que o sr. d'Averny estaria de volta e eu o apresentaria.

— E mais tarde, a partir do momento em que mandei evacuar o jardim?

— Não tornei a vê-lo.

— No entanto, ele continuou a rondar as casas que margeiam o lago. Saiu para jantar em um café vizinho, e há quem esteja quase certo de tê-lo visto ontem à noite perto daqui, escondendo-se nas sombras.

— Não sei nada a respeito.

— O que fazia enquanto isso?

— Jantei no meu pavilhão, servido, como todos os dias, pelo empregado do sr. d'Averny.

— E depois?

— Depois li e fui deitar.

— A que hora?

— Por volta das onze horas.

— E não voltou a sair?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim.

O inspetor Goussot voltou-se para um grupo de quatro pessoas que já havia interrogado. Uma dessas pessoas, um senhor de certa idade, adiantou-se.

Goussot perguntou-lhe:

— Mora em uma das casas vizinhas, não é?

— Sim, para além da horta do sr. Philippe Gaverel.

— A casa é delimitada de um lado por uma passagem pública, que permite a todos chegar ao lago?

— Sim.

— Ora, o senhor declarou que por volta de meia-noite e quarenta e cinco minutos estava tomando ar na janela quando viu alguém remando no lago e atracando o barco no final da passagem. Essa pessoa aproximou o barco da sua propriedade e o amarrou em sua estaca habitual. Ela usou o seu barco. Reconheceu a pessoa, não é?

— Sim. Algumas nuvens se afastaram e o luar bateu-lhe em pleno rosto. Então ele se jogou numa parte escura. Era o sr. Félicien Charles. Ele permaneceu na passagem por um longo tempo.

— E depois?

— Depois, não sei. Deitei e adormeci.

— Afirma que era o sr. Félicien Charles, aqui presente?

— Creio que posso afirmá-lo sem medo de errar.

O inspetor Goussot disse a Félicien:

— Por consequência, passou a noite fora da casa e não em sua cama?

Félicien replicou com firmeza:

— Não saí do meu quarto!

— Se não saiu do seu quarto, como é possível que o tenham visto pular do barco e postar-se na passagem? E que o sr. Helmas julgasse ter percebido que seu agressor vinha da passagem?

— Não saí do meu quarto — repetiu Félicien.

O sr. Rousselain mantivera-se em silêncio, um pouco incomodado por ter almoçado à mesma mesa que aquele jovem que se defendia tão mal. Olhou para Raoul d'Averny, que também escutara em silêncio, enquanto observava Félicien.

Raoul interveio imediatamente:

— Enquanto esperamos, senhor inspetor, que o inquérito verifique todos esses boatos e lhes atribua seu verdadeiro significado, posso saber

aonde o senhor quer chegar no que se refere a Félicien Charles?

Goussot replicou:

— Não tenho outro objetivo senão reunir os elementos da verdade.

— Esses elementos são sempre reunidos de acordo com uma ideia geral de verdade que já se julga pressentir, senhor inspetor.

— Não tenho ideia alguma.

— Sim. No caso atual, resultaria do seu interrogatório: 1º que o senhor está se ocupando principalmente com o segundo drama, ou seja, o roubo do dinheiro e as duas agressões noturnas; 2º que Félicien, tendo saído de casa naquela noite, usou o barco para entrar no jardim da *Orangerie* e procurar a sacola de tecido cinza com as notas e que, por volta de uma hora da manhã, escondendo-se nas sombras, seguiu um instante depois o noivo da vítima, o sr. Jérôme Helmas, e atacou-o, sabe-se lá por quais motivos. E, lá no fundo, é claro que o senhor está se perguntando se não terá sido ele também o agressor do outro ferido, Simon Lorient.

— Não estou me perguntando nada, senhor — disse Goussot secamente —, e não estou acostumado a que me interroguem.

— Permita-me apenas notar — prosseguiu Raoul d'Averny — que suas suspeitas parecem associar Félicien Charles a Simon Lorient. Nesse caso, se agissem em conivência, como poderia Félicien Charles ser ao mesmo tempo cúmplice e agressor de Simon Lorient?

Goussot não respondeu. Raoul encolheu os ombros.

— Tais presunções não se sustentam.

Mas o silêncio do inspetor pôs fim à cena. De pé na entrada, muito bela em seu vestido de luto, Rolande havia escutado.

Ela agarrou o braço do tio. Eles iam à clínica visitar Jérôme Helmas.

Raoul não insistiu. Depois de um tempo, disse a Félicien:

— Vamos.

E despediu-se do juiz de instrução.

***

Durante o trajeto, Raoul d'Averny permaneceu taciturno. Chegando à *villa*, conduziu o rapaz a um pequeno gabinete de trabalho situado atrás dos salões que dava para um recanto de jardim isolado por cercas vivas.

Ele fez sinal para que se sentasse e disse:

— Nunca me perguntou por que lhe escrevi para vir me ver.

— Não ousei, senhor.

— Portanto, não sabe por que lhe ofereci decorar e morar nesta propriedade?

— Não.

— Não está curioso?

— Tenho medo de ser indiscreto. O senhor não me interrogou.

— Sim. Interroguei-o acerca de seu passado. Disse-me que seus pais tinham morrido havia anos e que a vida era difícil. Mas senti tal reserva, tal desejo de não revelar nada sobre a sua pessoa que não insisti. Não conversamos desde então, o que faz com que eu não o conheça. Hoje…

Depois de uma pausa, em que pareceu hesitar, concluiu bruscamente:

— Hoje, parece-me que se envolveu em um caso desagradável, ou pelo menos que lhe seria difícil explicar seu papel nele, talvez involuntariamente. Quer confiar em mim sem reticências?

Félicien explicou:

— Não acreditaria a que ponto lhe sou grato por tudo o que fez por mim. Mas nada tenho a confessar.

— Não reprovo sua resposta — disse Raoul. — Na sua idade e nas circunstâncias em que se encontra, é preciso saber se virar sozinho. Se for culpado de algo, pior para você. Se for inocente, a vida o recompensará.

Félicien levantou-se e aproximou-se de Raoul d'Averny.

— O que acha, senhor?

Raoul observou-o durante um bom tempo. Os olhos do jovem piscavam, seu rosto carecia de franqueza. Ele disse:

— Não sei.

***

O enterro de Élisabeth Gaverel aconteceu no dia seguinte. Rolande caminhou corajosamente até o cemitério e não tirou os olhos da tumba aberta.

Manteve o braço estendido sobre o caixão e murmurou palavras que ninguém ouviu, palavras pelas quais contava à irmã todo o seu desespero e jurava permanecer fiel à sua memória.

Afastou-se pelo braço do tio. Este último teve uma longa conversa com o sr. Rousselain. Por mais acabrunhado que estivesse, não desistia de seu raciocínio.

— Dinheiro nenhum, senhor juiz, mas cartas e documentos preciosos. Encarrego a justiça de colocar a mão na sacola de tecido cinza que os contém. E é assim que escreverei uma queixa ao Ministério Público antes de minha partida para o sul.

Raoul d'Averny passeou ao redor do lago e depois, sentado em um marco, terminou a leitura dos jornais da manhã.

Um deles, evidentemente informado por algum repórter audacioso e hábil, que na véspera, escondido sabe-se lá onde, pôde ouvir e ver, publicava todos os detalhes do inquérito e reproduzia o perturbador interrogatório dirigido por Goussot a Félicien Charles.

— Como é possível trabalhar nestas condições! — resmungou d'Averny mal-humorado.

Voltou à sua propriedade, onde viu Félicien trabalhando. Entrando em casa, atravessou o vestíbulo e foi para aquela pequena sala onde gostava de refletir e devanear.

Uma mulher aguardava-o ali, sem chapéu, usando um vestido muito simples, com um lenço vermelho em volta do pescoço. Uma desconhecida, que permaneceu de pé, mostrando um magnífico rosto atormentado por expressões diversas, no qual havia dor, angústia, cólera, hostilidade…

— Quem é a senhora?

— A amante de Simon Lorient.

Faustine Cortina e Simon Lorient

A frase foi dita em um tom francamente agressivo e como se Raoul d'Averny fosse o responsável pelas desventuras de Simon Lorient.

Raoul retrucou:

— Suponho que tenha lido esta manhã o artigo no *Écho de France*, em que aparentemente acusam meu hóspede, Félicien Charles. Não sabendo onde o encontrar, decidiu me procurar, não é?

Depois do primeiro choque, a cólera da moça desencadeou-se, uma cólera cheia de soluços e de pavor, que revelava uma natureza violenta e sombria, incapaz às vezes de se controlar.

— Já se passaram três dias desde que o homem que eu amo desapareceu, três dias que o procuro em vão, correndo de um lado a outro como uma louca. E esta manhã, de repente, neste jornal (pois leio todos assustada, temendo descobrir que ele foi vítima de um acidente) li o nome dele… Diziam que estava ferido, quase morrendo. Talvez já esteja morto agora.

— Então por que veio aqui em vez de ir à clínica?

— Antes de ir, queria vê-lo.

— Por quê?

Ela não respondeu à pergunta. Aproximou-se de Raoul, furiosa e soberba, e proferiu:

— Por quê? Porque o senhor é o autor de tudo isso. Sim, o senhor! Todo o caso é obra sua, basta ler este jornal. Félicien Charles? Um comparsa. O senhor é o chefe! Aquele que maquinou toda a aventura, é o senhor! Tenho

a intuição, a certeza… Assim que li o jornal, disse comigo mesma: “É ele!”

— Quem, eu? Não me conhece.

— Sim eu o conheço.

— Conhece a mim, Raoul d’Averny?

— Não, conheço você, Arsène Lupin!

Raoul ficou estupefato. Não esperava aquele ataque direto, ou que seu verdadeiro nome lhe fosse lançado como um insulto. Como aquela mulher podia saber?

Agarrou-lhe a mão com brutalidade.

— O que disse? Arsène Lupin?

— Oh! Não minta! Para quê? Sei disso há muito tempo. Simon me falou várias vezes a seu respeito e mencionou esse sobrenome d’Averny sob o qual se esconde! Vim até aqui, uma noite da semana passada, durante sua ausência e sem ninguém saber. Ele queria que eu visse a casa de Arsène Lupin. Ah, eu o preveni! “Não tente conhecê-lo. Isso lhe traria azar. O que espera desse aventureiro?”

Estendeu o punho crispado para Raoul. Insultou-o com o olhar e com a voz trêmula de desprezo. Raoul escutava, impassível. De onde vinha aquela estranha história? Ele tinha ido ver Simon Lorient na clínica. Ele não o reconhecera. Com que intenção Simon Lorient pretendia entrar em contato com ele? Como teria adivinhado que Raoul d’Averny não era outro senão Arsène Lupin? Por qual sucessão de acasos ele estava de posse de tal segredo?

Raoul teve a impressão de que a jovem era incapaz de informá-lo a respeito, ou pelo menos não queria fazê-lo. Ela tinha obstinação no rosto e olhos inflexíveis. Ereta, impetuosa em sua imobilidade, apesar de tudo, não perdia nada do seu encanto um tanto bárbaro, mantendo na atitude uma incrível nobreza. Ela sabia, por instinto ou por hábito?, usar a beleza e realçá-la. A seda maleável de seu corpete acentuava suas curvas e revelava a linha harmoniosa de seus ombros.

A visível admiração de Raoul a fez corar. Ela inclinou-se obre uma poltrona e, com os braços cruzados e as mãos espalmadas sobre o rosto, procurava se esconder. De repente, meio desfalecida, desatou a chorar.

— O senhor não acreditaria o que ele é para mim… É toda a minha vida… Se ele morrer, eu morrerei… Nunca amei outro homem… Ajoelhava-me diante dele… Seria capaz de me matar para poupá-lo de uma

dor. E ele me amava tão profundamente… Assim que ficássemos ricos, nos casaríamos e iríamos embora… sim, iríamos embora…

— Quem os impede?

— E se ele morrer?

Mas essa ideia de morte despertou-a novamente. Passou assim de um excesso a outro, no espaço de alguns segundos, numa agitação desordenada de ideias e sensações.

Ela se lançou sobre Raoul.

— Foi o senhor quem o matou… não sei como… Mas foi o senhor… E me vingarei como se vinga a gente da minha terra, a Córsega. Não é preciso que ele morra para ser vingado. O golpe que recebeu veio de Arsène Lupin. E o seu nome, senhor, gritarei por toda parte… Sim, vou denunciá-lo à polícia. E sem demora! É preciso que se saiba o senhor é… Arsène Lupin, o malfeitor, o ladrão… Arsène Lupin!

Ela abriu a porta e tentou fugir, vociferando como uma louca. Ele tapou-lhe a boca com a mão e forçou-a a voltar à sala. Houve uma luta feroz. Ela se defendeu como uma selvagem. Ele teve de agarrá-la pelos braços para derrubá-la sobre uma poltrona e imobilizá-la. Mas quando a sentiu próxima, toda palpitante, vencida, mas abalada pela indignação e pelo ódio, sentiu uma vertigem e fez um esforço como que para beijá-la.

Endireitou-se imediatamente, furioso com a estupidez do gesto. Ela então desatou a rir em um acesso de raiva que a sacudiu.

— Ah, você também! É igual aos outros! Livra-se de uma mulher agarrando-a como uma menina. Por Deus, um Lupin pensa que tudo lhe é permitido! Todas as mulheres lhe pertencem… Ah, cabotino, se tivesse roçado minha boca, eu o mataria como a um cão.

Raoul estava exasperado.

— Chega de tolices! Não veio para me denunciar ou me matar, veio? Fale, com os diabos! O que quer? Fale de uma vez!

Voltou a segurá-la pelos braços, mantendo-a diante dele. Com voz vibrante, disse:

— Não tenho nada a ver com esse caso… Não fui eu quem agrediu Simon Lorient… Juro que não fui eu… Vamos, fale… O que quer?

— A salvação de Simon — murmurou, dominada.

— De acordo. Assim que ele melhorar, farei com que desapareça. Não tenha medo. Ele não irá para a prisão.

Ela estremeceu.

— Ele, na prisão! Mas ele não fez nada para ir para a prisão! Ele é um homem honesto. Não, somente por meu intermédio ele será salvo. Só eu posso salvá-lo, cuidando dele.

— E então?

— Então, quero ser recebida na clínica e ficar ao lado dele, velando-o dia e noite. Fui enfermeira durante quatro anos. Ninguém além de mim pode cuidar dele. Mas tem de ser hoje… agora.

Ele encolheu os ombros.

— Por que não me disse isso desde o início, em vez de perder tempo acusando-me sem motivo?

— Então, está combinado? — perguntou com rispidez.

— Sim.

— Imediatamente, não é?

Ele refletiu e prometeu:

— Sim, vou ver o diretor da clínica. Ele não recusará. Providenciarei para que não possa recusar e pedirei sigilo. Mas tem de me deixar agir ao meu modo. Qual é o seu nome?

— Faustine… Faustine Cortina.

— Dará outro nome na clínica e não diga uma palavra sobre suas relações com Simon Lorient.

Ela continuava desconfiada.

— E se nos trair?

— Vá! — exclamou ele com impaciência, empurrando-a para o pequeno jardim.

O cercado comunicava-se com a garagem e o motorista estava ausente. Raoul abriu a porta de um cabriolé e ordenou:

— Tire o lenço vermelho para não ser notada. E entre.

Ela entrou.

Raoul saiu da propriedade pelos fundos e rumou para o Sena, que atravessou em Pecq. O automóvel subiu a encosta rapidamente.

— Para onde vamos? — perguntou ela. — Se isso for uma cilada, pior para o senhor!

Ele não respondeu.

Em Saint-Germain, ele parou em frente a uma grande loja de confecções e comprou uma blusa e um véu de enfermeira.

Uma hora depois, ela era admitida na clínica como enfermeira e foi designada especialmente para cuidar do ferido. Simon Lorient, devorado pela febre, esgotado pelo ferimento, não a reconheceu.

Muito pálida, o rosto contraído, mas senhora de si mesma, rígida em seu traje de enfermeira, ouviu as instruções que lhe davam e murmurou:

— Eu vou salvá-lo, meu querido… eu vou salvá-lo…

***

Ao sair da clínica, Raoul encontrou Rolande Gaverel que acabava de levar para o quarto de Jérôme Helmas flores que ela colhera no túmulo da falecida. O estado de saúde do jovem apresentava melhoras. Ele havia chorado com a moça. A febre havia diminuído. Ele seria interrogado no dia seguinte.

Caminhando ao lado dela, Raoul perguntou:

— Já refletiu?

— Só penso nisso. É a vontade de saber que me sustenta.

— E o que concluiu até agora?

— Até agora, nada. Procuro nas minhas lembranças. Busco nos guardados de Élisabeth. Nada.

Chegando à *Clématites*, ela mostrou-lhe o diário da irmã. Havia meses falava apenas da expansão suave, lenta e radiosa do amor, que às vezes se confundia com a melancolia de uma doente, para desabrochar na alegria de convalescente e de noiva feliz.

— Leia a última página — disse Rolande. — Como ela estava tranquila e despreocupada! Entre eles e a felicidade tão próxima não havia obstáculo.

Lá fora, o sr. Rousselain terminava a última investigação no local. Acenou para Raoul, que se aproximou:

— As coisas vão mal para o jovem Félicien.

— Por quê, senhor juiz de instrução?

— As acusações ficam mais definidas. Aqui está a última, que me foi apresentada pelo criado Édouard e pelo seu jardineiro, que ficaram amigos aqui. Há duas semanas, no final da tarde, Édouard veio conversar com o amigo. Estavam perto da cerca viva que separa seu jardim do terreno reservado aos jardineiros. Na conversa, falaram sobre o tio dessas moças e o criado cometeu o erro de fofocar sobre o sr. Philippe Gaverel. “Um sujeito

que acumula, acumula!…" — disse ele. — "Um avarento! Há tempos, teve problemas com o fisco. Então, a partir daquela época, sei que ele esconde dinheiro em casa… Vai acabar se dando mal." Um pouco depois, eles viram uma pequena chama através da cerca viva e sentiram o cheiro de fumo. Alguém fumava do outro lado… Félicien Charles e Simon Lorient. Os dois tinham escutado tudo.

Raoul perguntou:

— Como sabe que eram eles?

— Acabei de falar com Félicien Charles, que não negou.

— E o que concluiu?

— As conclusões de um juiz de instrução não são tão rápidas. Antes de concluir, existem etapas. No máximo, tem-se o direito de considerar que a ideia de um golpe poderia ter germinado no cérebro de um deles e que encarregaram a execução do golpe ao velho Barthélemy, cúmplice subalterno e habituado a tarefas como essa…

— E depois?

— Durante a noite seguinte, depois de a sacola de tecido cinza ter sido roubada, perdida e encontrada no jardim por um deles, os dois amigos a disputaram, com punhais nas mãos.

— E o papel de Jérôme Helmas em tudo isso?

— É um papel de figurante que perturba um dos atores do drama e do qual é preciso se livrar.

Dois dias depois, Raoul soube que Simon Lorient havia piorado. Correu para a clínica.

O sr. Rousselain já estava lá, assim como o inspetor Goussot. Um pouco afastada, Faustine voltava-lhes as costas. Raoul viu o rosto dela, duro e sem esperança.

Simon Lorient agonizava. Por um momento, sentou-se na cama e passeou pelos que ali estavam um olhar lúcido. Viu sua amante e sorriu para ela.

No entanto, a névoa da agonia o envolveu de novo e, muito suavemente, como uma criança, gemeu, delirando. Ouviram-se estas palavras:

— O esconderijo… o velho encontrou a sacola… E depois… Eu procurei… Não sei mais nada… Félicien…

Repetiu várias vezes:

— Félicien… Félicien… Um golpe tão bem combinado… Félicien…

Depois caiu sobre o travesseiro, inerte.

Um longo silêncio se seguiu. Raoul encontrou o olhar cheio de ódio de Faustine. O homem que matara seu amante não seria aquele cujo nome acabara de ser pronunciado pela voz sincera de um moribundo?

O sr. Rousselain, acompanhado pelo inspetor Goussot, conduziu Raoul d'Averny para fora e disse:

— Lamento, sr. d'Averny, Félicien Charles era seu hóspede. O senhor o protegia. Mas, na verdade, as suspeitas são muito fortes…

Ele parecia hesitar, no entanto. Obcecado pelo desespero de Faustine, Raoul pensou que a prisão colocaria Félicien, culpado ou não, a salvo de um tolo gesto de vingança, e não protestou.

— Não posso discordar, senhor juiz de instrução. Félicien deve estar no pavilhão que ocupa em minha casa.

O prestígio de Raoul fez decidir o sr. Rousselain, que disse:

— Leve-o à prisão da delegacia, inspetor Goussot. Que fique à minha disposição.

A estátua

À noite, depois do jantar, sabendo por intermédio dos criados que a prisão de Félicien fora efetuada discretamente e sem o conhecimento de todos, Raoul dirigiu-se ao pavilhão onde o jovem morara até então. O pavilhão era uma construção térrea com dois cômodos, um que servia de ateliê e outro que Félicien utilizava como quarto, dotado de um banheiro.

Instalou-se no ateliê, deixando a porta aberta, assim como a porta de entrada.

A noite se aproximava, leve, e aos poucos mais fechada. Uma hora depois, ele ouviu ranger o portão do jardim, que nunca ficava fechado a chave. Passos cautelosos aproximaram-se do pavilhão, pisaram a grama, subiram os degraus da entrada e deslizaram pelo vestíbulo.

Raoul veio ao encontro de Faustine. Ela mal pareceu vê-lo e deixou-se conduzir a uma cadeira, sobre a qual caiu sentada.

Depois de um momento, ela murmurou:

— Onde está ele?

— Félicien?

— Onde?

— Na prisão. Não sabia?

Ela repetiu distraidamente:

— Na prisão?

— Sim, percebi em seu rosto tal expressão de ódio que, desconfiado, permiti que o prendessem. Fiz bem, não é?

Ela respondeu, abatida:

— Não sei… Não sei… Procuro… Quem atacou Simon Lorient? Ah, se eu soubesse !

— Conhece Félicien?

— Não.

— Então, por que veio aqui?

— Para interrogá-lo. Eu teria condições de ver se era ele…

Falava tão baixo e com tanta lassidão que Raoul tinha dificuldade em ouvi-la. Ele continuou:

— Certamente deve estar a par de algumas coisas. A respeito de Barthélemy, por exemplo, que a polícia não consegue identificar? E Simon Lorient? Tentaram em vão descobrir onde mora. Seguiram seu rastro em certos círculos de Montmartre, nos cafés de artistas onde é conhecido. Mas onde mora? Onde estão seus documentos? E que relação tinha com Félicien? E por que estou envolvido no caso? Você ouviu as últimas palavras de Simon… Num delírio de agonizante, acusou-se: "O esconderijo… o velho encontrou a sacola… Eu procurei…" Portanto, eram cúmplices, não eram? Eram cúmplices… e Félicien também.

Ela balançou a cabeça, parecendo dizer que Simon não era ladrão e que nunca tinha falado a ela sobre tudo aquilo. Raoul, perdendo a paciência, exclamou:

— Afinal, Simon Lorient me perseguia. Rondava ao meu redor? Responda, Faustine.

Mas encontrou um silêncio implacável. Faustine chorava. Lágrimas desesperadas cobriam-lhe o rosto, e ela ressaltava sua dor torcendo as mãos.

— Nunca amei ninguém senão ele… E ele morreu… Não o verei mais… Ele morreu. Quem o matou? Como viver se eu não o vingar? Preciso vingá-lo… Jurei fazê-lo.

Ela passou a noite inteira chorando, fazendo juramentos de vingança que acordavam algumas vezes Raoul, sentado não muito longe dela.

***

De manhã, os sinos da igreja tocaram. Era a missa pelos mortos.

— Estão tocando por ele — disse Faustine. — Ontem, na clínica, escolheram esta hora… Serei a única a rezar. E pedirei perdão por não o ter vingado ainda.

Ela foi embora. O ritmo de seu andar era harmonioso e enérgico. As pernas eram longas e a cintura, sinuosa.

Naquela época, Raoul atingira um estágio de sua vida agitada em que a ideia de repouso se apresentava como uma perspectiva agradável. Não um repouso definitivo. Ainda era muito jovem e bastante ávido de ação para renunciar à sua grande paixão pela aventura. Mas por toda a França, na Côte d'Azur, na Normandia, na Savoia ou nos arredores de Paris, começava a organizar alguns oásis onde ficaria muito próximo desse eventual repouso. Um desses oásis era a propriedade de Vésinet. Instalara ali, como em suas outras propriedades, antigos camaradas, um criado-motorista, uma cozinheira e jardineiros-zeladores, aos quais oferecia assim um abrigo tranquilo em memória de serviços passados. E eis que de repente o destino lançava-o mais uma vez em uma luta temível que ele não buscara nem desejara.

Renunciar? Ele já não podia. Querendo ou não, precisava agir. Antes de mais nada tinha de descobrir, ponto essencial do problema, de que modo ele, personagem inocente, pacífico cidadão da aprazível Vésinet, envolvera-se em acontecimentos que pareciam ter-se combinado independentemente de sua vontade, e talvez até mesmo contra ele. Nesse caso, o acaso não explica nada. A explicação deve vir dos fatos. Mas onde encontrar esses fatos? E como motivá-los?

Raoul trancou-se na *Clair-Logis* e não saiu dali por mais de uma semana, sem ver ninguém, recusando-se a qualquer atividade, mas lendo todos os jornais. Soube assim que Félicien fora definitivamente incriminado, mas não colheu nenhuma outra informação.

O problema que se colocava cada vez mais no espírito de Raoul era saber como se envolvera naquele caso horripilante. Obstinava-se em resolvê-lo, construía hipóteses, abria árduos caminhos em todas as direções e inevitavelmente defrontava-se com obstáculos e impasses.

E sempre a mesma pergunta surgia de diferentes formas:

— O que tenho a ver com tudo isso? Se existem dois dramas ligados um ao outro, o que está fora de dúvida, por que sou ator em um deles? Por que meu refúgio de Vésinet foi perturbado? E quem o perturbou?

O dia em que o acaso quis que ele formulasse a questão sob esta última forma, foi obrigado a responder a si mesmo:

— Quem? Félicien, diabo!

E acrescentou:

— Como veio parar aqui? A recomendação do doutor Delattre era tão importante a meus olhos que não tomei informação alguma a respeito do jovem! De onde vem? Quem eram seus pais? Será que me enganaram sem que eu percebesse?

Consultou seu caderno de endereços: "Doutor Delattre, praça de l'Alboni". Telefonou. O médico estava em casa. Raoul pulou para dentro do carro.

***

O doutor Delattre, um velho alto e magro de barba branca, recebeu-o imediatamente, apesar da multidão de pacientes que o aguardava.

— Sempre de boa saúde?

— Excelente, doutor.

— Então, do que se trata?

— De uma informação. Quem é Félicien Charles?

— Félicien Charles?

— O senhor não lê os jornais, doutor?

— Não tenho tempo.

— Félicien é o jovem arquiteto que o senhor me recomendou há seis ou oito meses.

— De fato… lembro-me.

— Tem boa opinião a respeito dele?

— Eu? Mas nunca o vi.

— No entanto, foi-lhe recomendado?

— Sem dúvida… Mas por quem? Vejamos, deixe-me pensar… Ah, eu me lembro… É até bem engraçado. Pois bem! Eu tinha naquela época um criado de quem gostava muito. Um homem de certa idade, inteligente, discreto, que também me servia um pouco como secretário. No dia em que recebi seu último cartão e lhe pedi para anotar seu endereço, ele examinou aquele cartão com curiosidade, como se conhecesse a caligrafia, e disse, lembro-me perfeitamente: "É um cavalheiro muito inteligente, este sr. d'Averny. O doutor deveria recomendar-lhe este jovem arquiteto para cujos pais trabalhei outrora e sobre quem já lhe falei". Ele mesmo datilografou uma carta e eu assinei. Eis toda a história.

Raoul perguntou:

— Esse criado ainda trabalha para o senhor?

O médico desatou a rir.

— Percebi que ele furtou uma bela soma de dinheiro e tive de mandá-lo embora. Ele ficou desesperado: "Suplico-lhe, doutor. Não me jogue na rua… Eu me regenerei aqui… Tenho medo de deixá-lo… Não me expulse. A má vida vai recomeçar".

— O nome dele, doutor?

— Barthélemy.

Raoul não pestanejou. Esperava esse nome.

— Esse Barthélemy tinha família?

— Dois filhos, dois patifes, confessou-me naquele dia, choramingando. Um deles, em especial, arrasta-se pelos prados de corrida e pelos bares de Grenelle.

— Seus filhos vinham visitá-lo aqui?

— Nunca.

— Ninguém o visitava?

— Sim, várias vezes eu o surpreendi conversando com uma mulher, uma mulher de classe média… mas refinada e majestosamente bela. E um dia, dezoito meses atrás, ela veio me procurar, meio desvairada, e conduziu-me até um ferido que estava bem perto daqui.

— Pode me dizer quem era, doutor?…

— Não há indiscrição alguma, pois o caso foi noticiado nos jornais. Tratava-se de Alvard, o célebre escultor, aquele que expôs no Salão no ano passado aquela Frineia maravilhosa. Mas — acrescentou o médico, rindo —, espero que sua investigação não esconda nenhum desígnio tenebroso.

***

Raoul saiu, pensativo. Finalmente conseguira encontrar uma extremidade do fio e já podia supor um acordo entre o velho Barthélemy, a corsa e Félicien, acordo que levara este último a Vésinet.

Depois de ter se informado, dirigiu-se à casa do escultor Alvard, que morava a cinco minutos dali, e entregou seu cartão.

Em seu vasto ateliê, encontrou um homem ainda jovem, de aspecto delicado e belos olhos negros, a quem se apresentou como apreciador de

pintura que viera à França para comprar obras de arte.

Examinou e apreciou, como verdadeiro conhecedor, os esboços, bustos, torsos e silhuetas inacabadas que se acumulavam no ateliê sem jamais deixar de observar o escultor. Que relações tivera com a corsa aquele homem um pouco afeminado, mas elegante e fino? Ela o teria amado?

Comprou duas encantadoras estatuetas de jade. Em seguida, mostrando sobre um pedestal uma grande estátua coberta por uma tela branca:

— E esta?

— Não está à venda — disse o escultor.

— É sua famosa Frineia?

— Sim.

— Posso vê-la?

Alvard descobriu a estátua e no instante em que a viu Raoul soltou uma exclamação que o escultor só pôde interpretar como um grito de êxtase, mas na qual havia ainda mais espanto, quase estupor. A mulher representava, sem dúvida, Faustine Cortina. Era dela a expressão e o formato do rosto, as linhas que suas roupas leves sugeriam.

Raoul permaneceu em silêncio por um longo tempo, deslumbrado por aquela visão magnífica. E suspirou:

— Infelizmente não existe mulher assim!

— Esta existe — disse Alvard sorrindo.

— Sim, mas interpretada pelo grande artista que o senhor é. Na verdade, desde as deusas do Olimpo e as cortesãs gregas, essa extrema perfeição não existe mais.

— Ela existe. Não precisei interpretá-la, mas copiá-la.

— O quê?! Um modelo, esta mulher?

— Um modelo, simplesmente, que recebia para posar. Um dia, ela veio me ver e disse que já havia posado para dois colegas meus, mas como seu amante era horrivelmente ciumento, se eu consentisse, ela viria em segredo porque ela o adorava e não queria magoá-lo.

— Por que posava?

— Precisava de dinheiro.

— E ele nunca soube de nada?

— Ele a vigiava e um dia, enquanto ela se vestia, ele forçou a porta do meu ateliê e me agrediu. Ela foi buscar um médico na vizinhança. O ferimento não era grave.

— O senhor voltou a vê-la?

— Apenas nos últimos dias. Estava de luto pelo amante e pediu-me dinheiro emprestado para dar-lhe uma sepultura digna.

— Ela vai posar de novo?

— Para a cabeça, quando chegar o momento. Caso contrário, não. Ela jurou.

— Como ela vai se sustentar?

— Não sei. Não é mulher que se rebaixe.

Raoul olhou longamente para a bela Frineia e murmurou:

— Não a venderia por preço algum?

— Por preço algum. É a obra da minha vida. Nunca mais farei outra coisa com tanto entusiasmo e tanta fé na beleza feminina.

— Na beleza de uma mulher que amou — disse Raoul gracejando.

— Que desejei, confesso, mas foi em vão. Ela amava. Mas não lamento… resta-me Frineia.

Zanzi-Bar

O letreiro ostentara, há alguns anos, estas duas palavras:

"Au Vieux Mastroquet" [Ao Velho Taberneiro], que ainda se pode adivinhar em alguns pontos, sob a camada de tinta onde hoje se acha a fórmula mais moderna: "Zanzi-Bar". Mas continua sendo o mesmo beco desolado no popular bairro de Grenelle, em pleno centro fabril e próximo do nobre Sena que atravessa pouco antes umas das mais majestosas paisagens parisienses, de Notre-Dame ao Campo de Marte.

O Zanzi-Bar é frequentado por todos os moradores do bairro que vivem das corridas ou nelas se endividam, apostadores habituais dos prados, *bookmakers* inconfessos, vendedores de palpites.

Ao meio-dia, hora de saída da fábrica, os negócios atingem o auge, assim como às cinco horas, quando se faz o acerto de contas.

À noite, é uma casa de jogo clandestina. Às vezes, há brigas. Os clientes se embriagam com frequência. E é então, nesse momento, que Thomas Le Bouc, abreviatura francesa de *bookmaker*, assume toda a sua importância. Thomas Le Bouc jogava firme e ganhava sempre. Bebia firme também, mas dificilmente se embriagava. Rosto bonachão de expressão cruel, cabeça fria, aspecto enérgico, bolsos recheados, vestido de cavalheiro, com um chapéu-coco que nunca tirava, passava por homem "que conhecia seu ofício". Que ofício? Ninguém o especificava. Mas naquela noite foi visto em ação e a consideração que inspirava aumentou muito.

Perto das onze horas, um indivíduo pálido e com as pernas bambas que parecia suportar mal as recentes libações apareceu em uma mesa de jogo. Seu sobretudo, por mais gasto e sujo que estivesse, oferecia a lembrança de um corte excelente. O colarinho falso estava imundo, mas ainda assim era

um colarinho falso! Mãos limpas, queixo bem barbeado. Em suma, uma espécie de sujeito decaído.

Ele pediu:

— Kummel!

Desconfiado, o dono exigiu:

— Pagamento adiantado.

O indivíduo tirou uma carteira na qual se viam várias notas. Tirou uma de dez francos.

Thomas Le Bouc não hesitou e propôs:

— Jogamos o troco no pôquer de dados?

E imediatamente apresentou-se:

— Thomas Le Bouc.

O outro respondeu, com a mesma polidez, e com um leve sotaque inglês:

— *Gentleman*, mas não jogo dados.

— O que sugere?

— Carteado.

O resultado do carteado foi o mesmo que seria no pôquer de dados.

Gentleman pediu revanche. Depois de várias tentativas, perdeu duzentos francos.

Enquanto isso, pagara e engolira seu segundo *kummel*. Seria o *kummel* ou o azar? Choramingou e afastou-se ziguezagueando.

A proeza de Thomas foi aplaudida, mas não sem algum desconforto. O *gentleman* caído era simpático. Tinha classe.

***

Voltou na noite seguinte, perdeu mais duzentos francos, chorou e foi embora.

Quando chegou na terceira noite, estava em tal estado de embriaguez que não conseguia segurar suas cartas. Estava claro que não eram as moedas de prata que o deprimiam, mas os copos de *kummel*, pois voltou a choramingar enquanto murmurava palavras desconexas. Algumas soaram tão estranhas a Thomas Le Bouc que este serviu-lhe três doses de *kummel* seguidas e absorveu a mesma quantidade, embora não tolerasse esse licor quando misturado a outras bebidas alcoólicas.

Saíram cambaleando e sentaram-se em um banco no boulevard Émile Zola, onde adormeceram.

Quando despertaram, conversaram com menos inconsistência e Thomas Le Bouc, mais lúcido e com as ideias mais claras, passou o braço em volta do pescoço do companheiro, afetuosamente.

— Está tudo bem, camarada? Você bebe demais e isso o leva a contar histórias que podem levá-lo para a cadeia.

— Eu, na cadeia? — protestou o *gentleman*.

— Claro! Que história é essa de Vésinet que você contou no bar?

— Vésinet?

— Sim, Vésinet. É um caso de polícia. Os jornais estão tagarelando a respeito. Você surrupiou o dinheiro?

— Que atrevido.

— Você não surrupiou?

— Não. Alguém me deu.

— Quem?

— Um sujeito.

— Um sujeito de Vésinet?

— Não.

— Afinal, você esteve em Vésinet?

— Sim.

— Quando?

— Antes da guerra.

— Você está de brincadeira… O dinheiro que você tem não é de antes da guerra.

— Não.

Foram necessários vinte minutos de lengalenga e discussão antes que o *gentleman* finalmente declarasse:

— Você tem razão, Le Bouc. Deve ser dinheiro mais recente.

— Dez ou doze dias, talvez?

— É possível.

— E o nome do sujeito?

— Ah, isso não posso dizer, Le Bouc.

— Não pode?

— Não, o sujeito me proibiu.

— Por que ele deu o dinheiro a você?

— Como recompensa.

— Como recompensa por uma coisa que você fez?

— Não, por uma coisa que precisava ser feita.

— Que coisa?

— Já não sei mais.

Novas discussões intermináveis. Os dois camaradas arrastaram-se pela avenida e entraram em outro bar onde o *gentleman* bebeu mais dois *kummels* com a condição de que Le Bouc também bebesse. Depois saíram cantando e assim chegaram ao cais.

Desceram à calçada inferior que margeia o Sena, onde atracam as barcaças. O *gentleman* desabou entre montes de areia. Thomas foi lavar o rosto, molhou o lenço e passou-o no rosto do *gentleman*.

Este respirou com mais facilidade e Thomas voltou à carga, ansioso por obter uma resposta. Mas procedeu de outra maneira, tentando em primeiro lugar avivar as ideias no cérebro daquele bêbado.

— Deixe-me explicar… Roubaram em uma casa de Vésinet uma sacola de tecido cinza que tinha uma grande quantia. A sacola sumiu. Deram-lhe cinco notas para encontrá-la?

— Não.

— Sim, um rapaz alto com uma gravata de bolinhas…

— Nada disso… Não havia sacola nenhuma, nem gravata de bolinhas…

— Está mentindo! Então, por que te deram quinhentos francos?

— Não me deram quinhentos francos.

— Quanto, então?

— Cinco notas de mil.

— Cinco mil francos!

Thomas Le Bouc estava em um estado de excitação extraordinária. Cinco mil francos! E ele não conseguia descobrir a verdade. Ela fugia entre seus dedos como água. Sua embriaguez aumentava e, estupidamente, foi ele quem começou a chorar e a fazer confidências, que escapavam de forma involuntária, como queixas.

— Escute, meu velho… Agiram como patifes comigo… Sim, o velho Barthélemy e Simon… Pronto… Eles sempre me deixavam fora de seus golpes. Disseram apenas: "Alugue uma caminhonete e espere perto da ponte de Chatou… Depois do golpe, iremos nos encontrar com você". E os dois foram mortos. Mas tudo isso não tem importância. Não falemos mais

nesse assunto… Há outra coisa…

Nas sombras, o *gentleman* ergueu-se pouco a pouco sobre uma das mãos, e com olhos que nenhuma embriaguez perturbava, fitou graças aos vagos clarões da noite o rosto lacrimejante de Thomas Le Bouc.

— Outra coisa? Qual? — murmurou. — De que outra coisa está falando, Le Bouc?

— De um golpe que eles combinaram — gaguejou este. — Um golpe formidável. Sei muita coisa, mas não tudo. Sei contra quem planejaram, mas não me disseram que nome o sujeito tem agora, ou onde ele mora… se eu soubesse, ganharia centenas de milhares de francos… Centenas de milhares… Ah, se eu soubesse!

— Sim… — murmurou o *gentleman*. — Se soubéssemos! Eu o ajudaria.

— Você me ajudaria, não é? — choramingou Le Bouc.

— Com os diabos, claro que ajudaria. Existem firmas para resolver certos negócios…

— Você conhece alguma?

— Se conheço? Foi assim que recebi cinco mil francos…

— Você me disse que foi um sujeito.

— Um sujeito de uma agência… Ele me disse: "*Gentleman*, há um senhor que quer saber quem é o sujeito chamado Félicien que acabam de prender. Saia a campo. Receberá a mesma quantia quando conseguir a informação".

Thomas Le Bouc sobressaltou-se. O nome de Félicien perturbou-o em sua embriaguez. Ele disse:

— O que você está falando? Você tem de procurar um sujeito chamado Félicien?

— Sim, aquele que está na prisão. E tenho de falar pessoalmente com o tal senhor.

— Aquele que lhe deu os cinco mil francos?

— Sim.

— Marcou encontro com ele?

— Com o motorista dele, que me levará à casa dele.

— Onde é o encontro?

— Na Place de la Concorde, em frente à estátua de Strasbourg.

— Quando?

— Dentro de três dias… Quinta-feira às onze da manhã. O motorista estará segurando o *Journal* na mão… Você verá que eu posso ajudá-lo.

Thomas Le Bouc apertava a cabeça com as mãos, como se quisesse reter suas ideias e dar-lhes forma, compreender e saber. Félicien? O sujeito dos cinco mil francos? Não seria uma pista?

Ele perguntou:

— Onde esse senhor mora?

O *gentleman* respondeu:

— Parece que em Vésinet… Sim… Ele mora em Vésinet…

— Disseram o nome dele, não é?

— Sim, os jornais falaram do caso… É algo como Taverny… d'Averny…

A voz do *gentleman* parecia muito cansada. Ele não disse mais nada.

Fazendo muito esforço, Le Bouc tentou reduzir ao silêncio o tumulto de seu cérebro e colocar ordem no que estava acontecendo. Tudo aquilo era bastante obscuro. Mas, mesmo assim, ainda que não fosse capaz de perceber as contradições da narrativa que lhe era feita, percebia nas trevas dois ou três pontos mais fixos, mais luminosos, em torno dos quais giravam em torvelinho suas ideias.

Junto a Le Bouc, com a cabeça inclinada sobre o peito, o *gentleman* cochilava. A noite, quente e abafada, se adensava sob um véu de grandes nuvens. Luzes de barcaças imóveis dançavam na superfície do rio. Na outra margem via-se a silhueta das casas negras, a massa do Trocadero e os arcos das pontes. Nenhum transeunte no cais.

Lentamente, Thomas Le Bouc enfiou a mão entre o casaco e o colete do *gentleman* e apalpou-lhe os bolsos. Foi apenas no bolso interno do colete, preso por um alfinete inglês (como era difícil abri-lo!), que sentiu sob os dedos o papel mais resistente das notas. Puxou-as. Infelizmente arranhou-se profundamente na ponta do alfinete, o que o lhe provocou um leve movimento de reação.

Despertado subitamente, o *gentleman*, talvez sem ter consciência do que lhe acontecia, encolheu-se. Le Bouc não se incomodou e fez um esforço para se livrar, enquanto o adversário agarrava com as duas mãos a mão que queria se soltar.

A resistência foi muito mais vigorosa do que Thomas poderia prever. As unhas cravaram-se na carne até rasgá-la. E a vítima começou a gritar por socorro.

Le Bouc assustou-se. Sacudiu o inimigo com energia e arrastou-o pelo chão. De repente, o outro, exausto, deixou-se cair. Mas a raiva de Le Bouc não o permitiu parar. Já menos embriagado, percebeu que fizera confidências e, sem saber quais, ficou furioso. Quando conseguiu retirar a mão, os dois estavam ajoelhados como lutadores na beira do rio. Le Bouc olhou ao redor.

Ninguém.

Empurrou o *gentleman*, que caiu no vazio, e ficou ali por alguns momentos, desnorteado, apavorado com o que fizera quase involuntariamente. Por que agira assim? Para roubar o *gentleman*? Ou para impedi-lo de ir ao encontro marcado pelo senhor dos cinco mil francos?

Lá embaixo, porém, ele o viu debater-se, afundar, voltar à superfície e finalmente desaparecer.

Então Le Bouc voltou para casa…

O *gentleman* nadou durante um minuto debaixo d'água, na direção da correnteza. Certo de que não estava mais sendo visto por Le Bouc, emergiu e deu braçadas rápidas seguindo o cais, como bom nadador que era. Saiu da água um pouco antes da ponte de Grenelle.

O motorista esperava-o bem perto dali. Entrou no carro, trocou de roupa e seguiu para Vésinet.

Às três horas da manhã, Raoul estava placidamente deitado em sua cama, na *Clair-Logis*.

Thomas Le Bouc

A investigação não avançava. No dia seguinte, Raoul encontrou o juiz de instrução, que estava de muito bom humor, como todas as vezes que o sr. Rousselain pressentia a necessidade iminente de encerrar um caso cuja solução teimava em escapar-lhe das mãos.

— Observe — disse ele — que não chegamos ao fim. — Caramba, claro que não! Ainda há pontos a considerar e pistas a verificar. Goussot está muito confiante. Mas eu sou como a irmã Anne no alto de sua torre. Não vejo nada vindo.

— Algum indício em relação a Barthélemy?

— Nenhum. As fotografias de um cadáver publicadas nos jornais dão apenas uma ideia muito vaga do homem que seria em vida. Além disso, Barthélemy devia frequentar apenas lugares suspeitos, onde ninguém tem pressa em ajudar a polícia. Se alguém reconheceu sua imagem, ficará em silêncio por medo de se comprometer.

— Descobriu alguma ligação entre Barthélemy e Simon Lorient?

— Nenhuma. Apenas que Simon Lorient é um nome falso e também não sabemos de onde veio.

— No entanto, a investigação revelou que ele frequentava certos círculos e que tinha sido visto em cafés… e até, como disse um jornal, com uma mulher muito bonita.

— Tudo isso é muito vago. Quanto à mulher, nada de preciso foi obtido. Essa gente, é óbvio, se escondia e muitas vezes mudava de identidade.

— E quanto ao meu jovem arquiteto?

— Félicien Charles? O mistério também deste lado. Nenhum documento. Não se sabe seu estado civil. Papéis do serviço militar em

ordem, ficha de descrição física com informações corretas, mas perguntas habituais sobre a data e o local de nascimento respondidas com a expressão "nada consta".

— E ele, o que diz?

— Nada. Guarda o mais absoluto silêncio sobre seu passado.

— E quanto ao presente?

— Mesma atitude. "Não matei. Não roubei." E se eu pergunto: "Então, como explica isto? E aquilo?" Ele replica: "Não cabe a mim explicar. Eu nego tudo". Por outro lado, constatou-se que ele não recebia nenhuma correspondência na sua casa.

— Nenhuma — ratificou Raoul. — E também ignoro tudo sobre a vida e o passado dele. Eu precisava de um arquiteto e de um decorador. Um amigo, não me lembro qual, me deu o nome e o endereço de Félicien. Era o endereço de uma pensão familiar onde estava de passagem. Eu escrevi. Ele veio.

— Admita, sr. d'Averny, que existe, em torno de Félicien Charles, sempre a mesma atmosfera nebulosa — concluiu o sr. Rousselain.

***

No dia seguinte, Raoul bateu à porta da *villa Clématites*. O criado lhe disse que a srta. Rolande estava no jardim.

Ele a viu, de fato. Ela estava costurando diante da casa, em silêncio. Não muito longe dela, Jérôme Helmas, ainda em tratamento na clínica, mas que começava a sair, estava estendido em uma espreguiçadeira, lendo. Tinha emagrecido muito. Os olhos com olheiras e as bochechas encovadas demonstravam seu cansaço.

Raoul não ficou por muito tempo. Achou a moça bastante mudada, talvez até mais no moral que no físico. Parecia absorta e avessa a qualquer conversa. Mal respondeu às perguntas que ele fez. Jérôme tampouco falou mais. Anunciou que viajaria proximamente, pois os médicos recomendaram-lhe que passasse o fim do verão nas montanhas. Além disso, já não tinha coragem de ficar mais tempo em Vésinet, onde tudo reacendia sua dor.

Assim, fosse para onde fosse, d'Averny encontrava os mesmos obstáculos. Inquérito estacionário, para começar. Entre as pessoas, silêncio e

desconfiança. Félicien Charles, Faustine, Rolande Gaverel, Jérôme Helmas, todos se fecharam, guardando seu segredo, ou recusando-se a dar suas impressões e a contribuir para a descoberta da verdade.

Mas, na manhã da quinta-feira seguinte, um grande lance aconteceria. Thomas Le Bouc viria? Não teria nenhum pressentimento, nenhuma reflexão o avisaria da verdadeira personalidade do *gentleman* e da maneira, afinal duvidosa, com que este procurara encaminhá-lo à *Clair-Logis*? Durante aqueles dois dias, seu espírito mais lúcido não teria vislumbrado a cilada?

D'Averny esperava que não, e na hora marcada enviou seu motorista ao local designado, com a convicção de que Thomas Le Bouc, incapaz de suspeitar das divagações de um bêbado, compareceria ao encontro. Além disso, uma razão mais poderosa dominaria Le Bouc. Ele matara o *gentleman*. Não estaria inclinado a querer que seu crime lhe trouxesse algo diferente das poucas notas recolhidas do bolso da vítima?

De fato, Raoul ouviu o ruído de um motor e reconheceu-o. O carro entrou no jardim. Raoul havia se acomodado imediatamente em seu escritório, depois de dar instruções, e esperou. O encontro tão desejado por ele e preparado com tanto esforço estava prestes a acontecer. Thomas Le Bouc, o único homem que poderia lhe contar sobre a maquinação urdida contra Arsène Lupin e que dava continuidade ao plano que Barthélemy e Simon haviam preparado, estava ali.

Raoul passou o revólver do bolso da calça para o do casaco, bem ao alcance da mão. Precaução necessária, pois o sujeito era perigoso.

— Entre — disse ele quando o criado bateu.

A porta se abriu. Le Bouc entrou, mas era outro Le Bouc, de classe social mais alta, terno limpo, calças vincadas e chapéu em bom estado. Mantinha-se ereto, altivo e o peito estufado.

Os dois homens se olharam por alguns segundos. Raoul ficou imediatamente convencido de que Le Bouc não o reconhecera como o *gentleman* do Zanzi-Bar e não fizera nenhuma conexão entre o desclassificado que atirara no rio e Raoul d'Averny, proprietário da *villa Clair-Logis*.

Disse-lhe:

— O senhor é a pessoa que encarreguei, por meio de uma agência, de fazer um levantamento da vida de Félicien Charles?

— Não.

— Ora! Então, quem é o senhor?

— Sou alguém que tomou o lugar dessa pessoa.

— Com que intenção?

Thomas disse:

— Estamos sós? Não seremos incomodados?

— Então teme que possamos ser incomodados?

— Sim.

— Por quê?

— Porque devo dizer certas coisas que só devem ser ouvidas por uma única pessoa no mundo.

— Quem?

— Arsène Lupin.

Le Bouc elevou a voz ao dizer estas duas palavras, como se esperasse uma reação de estupor. Logo de início, assumia a posição de adversário e a ofensiva começou. O tom, a atitude não deixavam dúvidas. Lupin não se alterou. Naquele mesmo lugar, Faustine o chamara pelo mesmo nome, e Faustine tinha ligações com Simon Lorient, e com Thomas Le Bouc.

Ele respondeu simplesmente:

— Se veio ver Arsène Lupin, acertou. Eu sou Arsène Lupin. E o senhor?

— Meu nome não lhe diria nada.

Thomas Le Bouc ficou um pouco desconcertado com a calma inesperada de Raoul e procurou outra maneira de atacar.

Raoul tocou a campainha. Seu motorista entrou.

— Leve o chapéu que este senhor tem na cabeça — ordenou.

Le Bouc compreendeu a lição, entregou o chapéu ao criado, que o levou. Irritado e sarcástico, exclamou:

— Maneiras de aristocrata, não é? De fato, Arsène Lupin… nobreza antiga! Sempre um título no bolso. Não faz meu gênero. Não sou aristocrata, não tenho título. Portanto, tenha a bondade de descer um grau. Será melhor para conversarmos.

Acendeu um cigarro e zombou:

— Isso o perturba, não é? Caramba! Quando a pessoa está habituada a lidar com marqueses e duques e encontra pela frente um tipo destemido…

Sempre impassível, Raoul respondeu:

— Quando tenho de lidar com marqueses e duques, tento ser o mais educado possível. Quando lido com um comerciante de porcos, eu o trato…

— O senhor o trata…

— À Lupin.

Com um gesto, arrancou-lhe o cigarro da boca e disse bruscamente:

— Vamos, termine de uma vez. Estou com pressa. O que quer?

— Dinheiro.

— Quanto?

— Cem mil.

Raoul fingiu surpresa:

— Cem mil! Então tem algo realmente grande a me propor?

— Nada.

— Então, é uma ameaça?

— De preferência.

— Chantagem, então?

— Exatamente.

— Ou seja, se eu não pagar você fará isto ou aquilo contra mim?

— Sim.

— E o que vai fazer?

— Vou denunciá-lo.

Raoul balançou a cabeça.

— Calculou mal. Nunca ajo em situações dessas.

— Você vai ter de agir.

— Não. E então?

— Escreverei para a polícia dizendo que o sr. Raoul d'Averny, que esteve envolvido nos crimes de Vésinet, não é outro senão Arsène Lupin.

— E depois?

— Depois? Será preso, Lupin.

— E depois? Ganhará os cem mil francos?

Raoul encolheu os ombros.

— Idiota! Só conseguirá algo de mim se eu estiver livre e com medo do mal que você poderia fazer contra mim. Ache outra coisa.

— Já achei.

— O quê?

— Félicien.

— Tem provas contra ele? É cúmplice do roubo? Cúmplice dos assassinatos? Corre o risco de ser preso? Enforcado? O que me importa isso tudo?

— Se não se importa, por que deu cinco mil francos para saber mais a respeito dele?

— Isso é outra coisa. Mas que ele esteja na prisão ou em outro lugar, não me faz a menor diferença. Sabe quem mandou prender Félicien? Eu.

No silêncio que se seguiu, Raoul percebeu uma risadinha nos lábios do homem e sentiu uma ligeira inquietação.

— Por que está rindo?

— Por nada… Uma lembrança que me veio à memória.

— Que lembrança?

A inquietação de Raoul dissipou-se. Tinha a impressão de que algo estava finalmente prestes a surgir do passado e que estava a ponto de descobrir as razões pelas quais estava envolvido naquela tenebrosa história.

— Que lembrança? Fale.

O outro disse:

— Conhece o doutor Delattre?

— Sim.

— Foi ele que os seus cúmplices sequestraram há muito tempo e enviaram para a província, para um albergue onde você agonizava e onde ele o operou e o salvou, não é[3]?

— Ah! Está a par dessa velha história — disse Raoul, bastante surpreso.

— E de muitas mais. Então, foi o doutor Delattre quem lhe recomendou o jovem Félicien?

— Sim.

— E como o doutor Delattre nunca tinha ouvido falar do seu protegido, deve saber que a recomendação foi inspirada e redigida pelo criado do médico, um homem chamado Barthélemy, que mais tarde foi assassinado na *Orangerie*.

— Não me contou nada de novo até agora.

— Paciência. Não vou demorar. Mas precisa compreender exatamente o mecanismo do caso. Então, foi Barthélemy quem fez Félicien entrar na sua casa.

— Com a cumplicidade de Félicien?

— É claro.

— E qual o objetivo dessa maquinação?

— Roubá-lo.

— Portanto, o plano fracassou, já que Barthélemy está morto e Félicien está na prisão.

— Sim, mas vou continuar por minha conta. Este é o segredo da minha visita.

— E é o que não compreendo. De que se trata, na verdade?

— Paciência. Estou contando a história às avessas, ou seja, de frente para trás. Há quinze anos, Barthélemy acompanhava de longe a vida de Félicien, enquanto este batalhava para se formar em arquitetura. Anteriormente, havia sido empregado de uma mercearia. Antes disso, trabalhava em uma administradora. E antes disso, numa garagem na província. E assim voltamos à época em que Barthélemy o conheceu em uma fazenda do Poitou. Félicien foi criado ali, com os filhos da fazendeira.

Raoul ficou cada vez mais interessado pela história, procurando, não sem alguma apreensão, descobrir aonde o outro queria chegar. E perguntou:

— É claro que Félicien não ignora nenhum desses detalhes, embora tenha se recusado a fornecê-los no inquérito?

— Provavelmente.

— Mas como Barthélemy soube?

— Pela fazendeira, cujo marido acabava de morrer e de quem ele se tornou amigo. E foi ela quem contou secretamente que uma criança lhe fora trazida um dia por uma mulher que lhe entregou uma grande soma em dinheiro para as despesas futuras.

Raoul d'Averny estava começando a perturbar-se, sem saber por quê. Ele murmurou:

— Em que ano foi?

— Não sei.

— Mas poderíamos saber pela mulher?

— Ela morreu.

— Mas Barthélemy sabia!

— Ele morreu.

— Mas ele falou, já que você sabe.

— Sim, ele me falou sobre o assunto uma vez.

— Neste caso, explique-se. E essa mulher? A mãe da criança?

— Não era a mãe.
— Não era a mãe?
— Não, ela tinha raptado a criança.
— Por quê?
— Por vingança, eu acho.
— E como era essa mulher?
— Muito bonita.
— Rica?
— Parecia rica. Viajava de carro. Disse que voltaria. Nunca mais voltou.

A inquietação de Raoul aumentava. Ele gritou:

— Ora, vamos! Ela deve ter dado informações? O nome da criança? Félicien?

— Era a fazendeira que o chamava assim… Félicien Charles, dois prenomes. Chamava-o ora por um, ora por outro.

— Mas e o verdadeiro?
— A fazendeira não sabia.
— Mas ela sabia de mais alguma coisa?! — gritou Raoul.
— Talvez… talvez, mas não disse nada…
— Você está mentindo! Vejo que está mentindo. Ela sabia de outra coisa e falou.

— Ela não sabia nada. Mas Barthélemy, durante sua ligação com ela, investigou. O carro quebrou dez quilômetros depois da aldeia, em uma cidadezinha próxima, onde a senhora teve de parar enquanto aguardava uma peça de reposição. E, na oficina, o mecânico encontrou uma carta debaixo de uma das almofadas. A senhora chamava-se condessa de Cagliostro.

D'Averny sobressaltou-se:

— A condessa de Cagliostro!
— Sim.
— E o que aconteceu com essa carta?
— Barthélemy roubou-a do mecânico.
— Você a viu?
— Barthélemy leu-a para mim.
— E você se lembra?
— Do texto, não.
— O quê, então?

— De um nome.

— Qual?

— Do nome do pai da criança.

— Diga! Diga imediatamente!

— Raoul.

Raoul saltou sobre o homem e agarrou-o pelos ombros.

— Está mentindo.

— Juro.

— Está mentindo! Inventou tudo isso. Raoul não significa nada. Existem cem mil pessoas chamadas Raoul na França. Raoul de quê?

— Raoul de Limésy… Quase como o seu nome, Raoul d'Averny. Um nome à Lupin.

Raoul oscilou. Ele adotara o nome de Raoul de Limésy no passado! Que horror! Todo um período terrível de sua vida ressurgia das sombras. Mas seria possível que Félicien?…

Revoltou-se contra tal hipótese e disse em voz baixa:

— Tolices! Você é capaz de imaginar qualquer coisa.

— Não poderia imaginar o nome de Limésy.

— Quem o revelou a você?

— Barthélemy.

— Barthélemy era um impostor. Eu não o conhecia. Ele não me conhecia.

— Conhecia, sim.

— Como?

— Ele esteve sob suas ordens.

— O que está dizendo?

— Era um dos seus antigos cúmplices.

— Barthélemy?

— Ele não usava esse nome.

— Como se chamava?

— Auguste Daileron, que Lupin havia colocado como chefe dos contínuos da Presidência do Conselho, quando Lupin era chefe da Sûreté[4-5].

---

[3] Ver *Arsène Lupin e a Agulha Oca*. (N.T.)

[4] Antigo serviço de informação e de vigilância policial, que funcionou na França até 1934 (N. T.)

[5] Ver *Arsène Lupin, 813*. (N.T.)

O chefe

Raoul baixou a cabeça. Ele se lembrava. Na primeira parte de sua vida aventureira, Auguste Daileron fora um de seus cúmplices mais ativos que ele, sem reserva alguma, envolvia em vários de seus mais secretos empreendimentos. Desde o caso da Presidência do Conselho, não ouvira mais falar dele.

E eis que Auguste Daileron transformara-se em Barthélemy e planejara toda aquela maquinação contra o antigo chefe!

Diante da atitude de Raoul, Thomas Le Bouc redobrou sua audácia. Com ar vitorioso, declarou:

— São duzentos mil agora. Nem um centavo a menos.

E com ar mais familiar, em tom condescendente, explicou:

— Está compreendendo, não é? Recusou-se a pagar quando se tratava da sua pessoa. Mas quando se trata do seu filho, caramba, a história é mais delicada! Se não me pagar trezentos mil… (digo trezentos mil, pois vale isso), revelo ao juiz de instrução os detalhes irrefutáveis do passado de Félicien e demonstro por a + b que ele é filho de Raoul d'Averny, ou seja, filho de Arsène Lupin. Um belo golpe duplo, não é? D'Averny é Lupin e Félicien é filho de Lupin que, sob o nome de barão de Limésy, casou-se com a senhorita…

Raoul ergueu a cabeça e ordenou com voz imperiosa:

— Cale-se. Proíbo-o de pronunciar esse nome.

Mas Raoul pronunciou esse nome nas profundezas de si mesmo. E toda a trágica aventura ressuscitava em seu espírito, o amor sincero e encantador que tivera por Claire d'Étigues, depois sua desenfreada paixão por Joséphine Balsamo, condessa de Cagliostro, criatura impiedosa e bárbara…

E depois lutas violentas, seu casamento com Claire d'Étigues. O desenlace? Cinco anos depois, nascia uma criança, inscrita regularmente no registro do civil sob o nome de Jean de Limésy. E dois dias depois de seu nascimento, tendo a mãe morrido no parto, a criança desaparecia, sequestrada pelos emissários da condessa de Cagliostro.

Seria esse Jean de Limésy a criança que a terrível criatura, gênio do ódio e da vingança, confiara um dia à fazendeira do Poitou? Esse Jean, que ele tanto procurara em memória da doce Claire d'Étigues, seria o esquivo e sombrio Félicien, que viera à sua casa para tramar contra ele? Era seu filho, seu próprio filho, que ele fizera jogar na prisão?

Ele insinuou:

— Julguei que a condessa de Cagliostro tivesse morrido.

— E daí? A criança não morreu, já que é Félicien.

— Você tem provas?

— A justiça as encontrará — desdenhou Le Bouc.

— Você tem provas? — insistiu Raoul.

— Elas existem e são das mais formais. Foram pacientemente reunidas por Barthélemy. Você percebe, não é? Era o grande golpe da vida dele! Depois de colocar o filho na sua casa, ele o tinha sob as garras. O que vim fazer hoje por minha conta, com que violenta alegria ele se propunha a fazer, só para jogar-lhe na cara:

"Salve-me da miséria, ou eu os entrego à justiça, a você e ao seu filho… A você e a seu filho!"

— Você tem provas? — repetiu Raoul pela terceira vez.

— Barthélemy mostrou-me um dia a pasta onde as reunira depois da investigação que realizou durante anos.

— Onde está essa pasta?

— Creio que a entregou a uma amante de Simon, uma corsa, com quem se dava bem.

— Podemos ver essa mulher?

— Será difícil. Não a vejo desde a morte de Barthélemy. E suspeito que a polícia a procura.

Raoul ficou calado por bastante tempo. Em seguida, tocou a campainha para chamar seu criado.

— O almoço está pronto?

— Está, senhor.

— Coloque mais um lugar à mesa.

Ele conduziu Le Bouc à sala de jantar.

— Sente-se.

Desconcertado, o outro obedeceu. Estava convencido de que as negociações estavam terminadas e hesitava apenas quanto ao valor, que gostaria de fixar em quatrocentos mil francos. Raoul d'Averny, arrasado sob o ataque imprevisto, não iria regatear.

Raoul comeu pouco. Se não estava arrasado, como seu adversário supunha, estava muito preocupado. O problema parecia-lhe terrivelmente complexo e ele o revirava em todos os sentidos para chegar a uma solução. Aliás, era um problema duplo e, portanto, exigia uma dupla solução. Tinha de encontrar uma solução em relação a Félicien. E outra, mais imediata, para enfrentar a gravíssima ameaça de Thomas Le Bouc. Passaram para o escritório.

Outra meia hora de silêncio. Le Bouc, estendido em uma poltrona, fumava voluptuosamente um gordo charuto que escolhera em uma caixa de havanas. Raoul andava de um lado para o outro, com as mãos para trás, pensativo.

Finalmente, Le Bouc falou:

— Depois de muito refletir, não aceito menos de quinhentos mil francos. É um preço razoável. De resto, veja que tomei minhas precauções. Caso me pregue uma peça, a carta de denúncia será colocada no correio por um amigo. Portanto, nada a fazer. Você está preso à engrenagem. Não pechinche. Quinhentos mil. Nem um centavo a menos.

Raoul não respondeu. Parecia calmo e muito menos absorto, como quem tomou uma decisão, da qual nada o fará desviar-se.

Ao cabo de dez minutos, consultou o relógio da escrivaninha. Em seguida, sentou-se ao telefone e discou. Quando a chamada foi atendida, perguntou:

— Delegacia de Polícia? Por favor, transfira a ligação para o gabinete do sr. Rousselain.

E logo em seguida acrescentou:

— Quem fala é Raoul d'Averny. É o senhor juiz de instrução? Muito bem, obrigado… Sim, tenho novidades. Está aqui na minha casa um indivíduo que participou ativamente dos dramas de Vésinet… Não, ele ainda não confessou, mas a situação é tal que será obrigado a fazê-lo…

Alô?… É isso mesmo… O melhor é que mande buscá-lo… O inspetor-chefe Goussot? Muito boa ideia. Oh, não tenha medo. Ele não me escapará. Ele está no chão, amarrado… Obrigado, senhor juiz.

Raoul desligou.

Thomas Le Bouc escutara com crescente estupefação. Estava lívido, irreconhecível, e gaguejou:

— Você está louco! O que significa isso? Quer entregar-me… a mim? É o mesmo que entregar a si mesmo e a Félicien.

Raoul parecia não escutá-lo. Agira e continuava a agir como se Thomas Le Bouc não estivesse ali e como se obedecesse a um plano de conduta com o qual Thomas Le Bouc não tivesse nenhuma relação. Tudo aquilo dizia respeito a Raoul d'Averny e não a Thomas Le Bouc.

Este, fora de si, mostrou o revólver, engatilhou-o e apontou.

— Os loucos têm de ser abatidos — disse ele.

Mas não atirou. Não seria abatendo d'Averny que ele alcançaria seu objetivo e colocaria as mãos no dinheiro. Aliás, seria admissível que Raoul d'Averny se lançasse em pessoa ao fogo só para ter o prazer de atingir ao mesmo tempo Le Bouc? Não. Havia blefe, mal-entendido ou erro. E, de qualquer modo, ele dispunha de uma boa meia hora para se explicar.

Acendeu um segundo charuto e gracejou:

— Boa jogada, Lupin. Decididamente, você está à altura de sua reputação e do que Barthélemy me contou. Incrível, que bela réplica! Mas não afeta. Vamos lá, reflita, Lupin, mesmo admitindo que você me entregue à polícia, você apenas entregaria um sujeito que quis dar um golpe em um dos seus semelhantes, no caso Arsène Lupin. O prato principal seria você. Afinal, você nem me conhece! Por que acha que tenho algo a temer da polícia? Eu? Sou completamente inocente. Não tenho um pecadilho a me censurar.

— Então — disse Raoul —, por que você ficou verde? Por que está olhando para o relógio?

— Não mais que você, meu velho. Repito que sou um homem honesto.

— Volte-se, homem honesto. Pegue esta chave e abra esta escrivaninha. Muito bem. Está vendo um fichário neste escaninho? Passe-o para mim. Obrigado. Mantenho um certo número de dossiês sempre atualizados, ou quase. Sua ficha está neste aqui.

Raoul procurou enquanto enumerava as iniciais sucessivas iniciais:

— P. Q. R. S. T… Chegamos. Você está na divisória T.

— Divisória T.?

— Evidentemente. Classifiquei-o como Thomas.

Pegou o arquivo e leu em voz alta:

— "Thomas Le Bouc, ou Thomas, o Bookmaker. Altura: 1,75 m. Torso: 95 cm. Bigode tipo escova. Calvo. Expressão vulgar, às vezes bestial. Domicílio: rua Hardevoux, 24, em Grenelle, em cima de uma charcutaria, de cuja proprietária é amante. Perfume favorito: lilás branco. Em sua cômoda, duas ceroulas de seda azul-celeste, quatro pares de meias idem." Estamos conversados, Thomas le Bouc.

Thomas fitou-o com um olhar perplexo.

— Prossigo — disse Raoul. — "O mencionado Thomas Le Bouc era irmão do aprendiz de pintor Simon Lorient e ambos eram filhos do velho Barthélemy, o ladrão da *Orangerie.*"

Thomas Le Bouc ergueu-se.

— O que significa isso? Um monte de mentiras!

— Verdades que a polícia confirmará na investigação que não tardará a fazer, seja na sua casa, na casa da sua charcuteira, ou no Zanzi-Bar, que você frequenta assiduamente.

— E daí? — exclamou Le Bouc, que apesar de atordoado ainda tentava desafiar. — E daí? Que me importa? Imagina que existe algo nessa história para me condenar?

— Há o suficiente para prendê-lo, pelo menos.

— Junto com você, então!

— Não, pois tudo isso é apenas a parte superficial e insignificante do registro criminal que preparei para a justiça e que deixaremos sobre esta mesa até a chegada do inspetor-chefe Goussot. Mas há algo melhor.

— O quê? — perguntou Le Bouc com uma voz que denotava pouca segurança.

— Sua vida secreta… Existem certos detalhes, certos atos que você cometeu, para os quais me será fácil orientar a polícia. Tenho todos os elementos.

Thomas Le Bouc empunhava o revólver com a mão crispada. Recuava aos poucos em direção à porta-janela que dava para o jardim, próximo da garagem. E gaguejou:

— Balela! Truques de Lupin… Nem uma única palavra verdadeira. Nem uma prova.

Raoul aproximou-se dele e disse, cordialmente:

— Largue seu Browning… E não tente fugir… Não estamos brigando, estamos conversando. E ainda temos uns bons quinze minutos. Escute. É verdade, ainda não tive tempo de reunir verdadeiras provas. Mas encontrá-las será uma brincadeira para Goussot e seus colegas. Além disso, há novidades. Hein? Percebe a que estou me referindo? Há três dias apenas… E isso não se trata de um pecadilho!

Thomas Le Bouc empalideceu. O crime era demasiado recente para ele não se lembrar dele com pavor. E Raoul precisou:

— Você esqueceu aquele bom rapaz que chamavam de *gentleman* e que a agência encarregou de fazer uma investigação para mim? Por que tomou o lugar dele e veio até aqui?

— Foi ele quem pediu…

— Isso não é verdade. Telefonei para a agência. Faz vários dias que não o veem… Desde domingo à noite… Então entrei em campo, fui ao Zanzi-Bar, o seu quartel-general. No domingo à noite, vocês saíram juntos, muito bêbados. Nenhuma notícia desde então.

— Isso não prova…

— Sim. Duas testemunhas viram você no cais em companhia dele.

— E daí?

— E daí que ouviram vocês dois à margem do Sena… Vocês estavam brigando… O sujeito gritou por socorro… Tenho o nome de todas essas testemunhas…

Le Bouc não protestou. Poderia ter perguntado por que aquelas invisíveis testemunhas não intervieram e nem mesmo deram sinal de sua presença. Mas ele já não raciocinava. Estava ofegante de medo.

— Então — prosseguiu Raoul, que não o deixava tomar fôlego —, terá de explicar a esses senhores o que fez ao seu companheiro e de que modo ele se afogou. Pois ele se afogou. Encontraram o cadáver dele ontem à noite… ao longo da Ilha dos Cisnes.

Le Bouc enxugava a fronte com a manga. Evocava, sem dúvida alguma, o momento assustador do crime, a visão do bêbado caindo, debatendo-se e desaparecendo na água negra. Ainda assim, tentou objetar:

— Não sabem de nada… Não viram nada…

— Talvez, mas acabarão descobrindo. O *gentleman* havia avisado seu chefe e seus colegas da agência. Dissera-lhes naquela mesma manhã: "Se me acontecer alguma coisa, procurem um certo Thomas Le Bouc. Desconfio dele. Está sempre no Zanzi-Bar de Grenelle". De fato, foi lá que descobri sua pista…

Raoul sentiu que seu adversário estava esmagado. Toda a sua resistência acabara. Thomas Le Bouc sofria sua dominação total e definitiva e, reduzido à impotência, incapaz de refletir e de compreender aonde Raoul o conduzia pela força imperiosa de sua vontade, estava pronto para a aceitação irracional de tudo o que ele ordenasse. Não sentia apenas a angústia do criminoso, mas principalmente a derrota de um ser diante de outro ser que ordena, diante de um chefe. Raoul colocou a mão no ombro de Le Bouc, forçando-o a sentar-se. E disse-lhe, com cordial indulgência:

— Você não vai fugir, vai? Meus criados estão aí, espreitando-o. Acredite em mim, contra Lupin não há nada a fazer. Ao passo que, se você me ouvir, pode se safar, e em excelentes condições. Mas é preciso que me obedeça, e sem reclamar. Coragem e franqueza. Responda: tem ficha criminal?

— Não.

— Nenhuma história suja de roubos ou fraudes?

— Nenhuma que tenha sido conhecida.

— Alguém desconfia de você e poderá acusá-lo?

— Não.

— Nenhuma ficha antropométrica no Serviço da Identificação?

— Não.

— Você jura?

— Eu juro.

— Neste caso, você me serve. Em alguns minutos, Goussot e seus homens chegarão. Você se deixará prender.

Le Bouc revoltou-se, aterrorizado, com os olhos desvairados:

— Você é louco!

— Que diferença faz ser pego pela polícia, uma vez que já foi pego por mim, o que é muito mais grave! Você muda de mãos, só isso. E me presta um serviço.

— E lhe presto um serviço! — exclamou Thomas Le Bouc, cujo olhar se iluminou.

— É evidente, e um serviço desse calibre tem de ser bem pago! E como! Só há uma maneira de saber se Félicien é meu filho: interrogando-o! Preciso vê-lo a qualquer custo. E, se for meu filho, imagina que vou deixá-lo na prisão?

— Não existe remédio para isso…

— Existe sim. Eles têm apenas hipóteses. Nada de sólido. Sua prisão e confissão vão demolir todo o sistema de acusação.

— Que confissão?

— O que você fazia durante o dia em que o velho Barthélemy estava roubando e durante a noite em que seu irmão Simon foi ferido?

— De acordo o que combinei com eles, aluguei uma caminhonete e esperava os dois perto de Chatou, no caso de precisarem de mim. Por volta da meia-noite e meia, pensando que tinham voltado para casa por outro caminho, fui embora.

— É capaz de provar a que horas voltou?

— Sim, já que coloquei a caminhonete na garagem e conversei com o vigia da noite. Era pouco mais de uma hora da manhã.

— Perfeito. Você dirá exatamente isso no interrogatório. Dirá que esperou perto de Chatou, mas que antes da meia-noite, antes da meia-noite, ouviu bem?, inquieto, você rondou Vésinet nas imediações da *Orangerie*. Depois, fez o caminho que desemboca no lago, pegou o barco e foi ver o que estava acontecendo na frente da *Orangerie*. Como não encontrou o velho Barthélemy nem Simon, e tampouco os avistou pelas avenidas, voltou à caminhonete. E isso é tudo.

Thomas Le Bouc ouviu com atenção, balançou a cabeça e disse.

— Muito perigoso! Serei acusado de cumplicidade. Reflita. Falar da *Orangerie* e desse passeio de barco é dizer que eu estava a par do caso.

— Cumplicidade passiva. Seis meses de prisão. O essencial é que pode demonstrar que quando seu irmão e Jérôme Helmas foram atacados, você já estava de volta a Paris.

— Sim, mas não escaparei com menos de dois a três anos. E Félicien será solto.

— Exatamente. Assim que a polícia não tiver mais certeza de que foi Félicien a pessoa vista no barco, passará a crer que foi você quem rondou a *Orangerie* para procurar o dinheiro. As já frágeis suspeitas reunidas contra Félicien desabarão.

Depois de uma última hesitação, Le Bouc declarou:

— Está bem. Mas…

— Mas?…

— Tudo depende do preço. Arrisco muito mais do que você pensa.

— E receberá um pagamento muito maior do que vale.

— Quanto?

— Cem mil no dia em que Félicien for solto. Cem mil no dia em que você for solto. Receberá as duas somas de uma vez.

Os olhos de Le Bouc pestanejaram. Ele balbuciou:

— Duzentos… É uma boa soma.

— É um bom motivo para se tornar honesto. Com isso, você pode comprar uma charcutaria na província ou no exterior. E você sabe que um compromisso de Lupin vale uma assinatura do Banque de France.

— Confio em você. Mesmo assim, pode haver complicações.

— Quais?

— Admitamos que consigam descobrir algumas coisas do meu passado e me mandem para a prisão.

— Farei com que você fuja.

— Impossível!

— Idiota! E se eu tivesse denunciado o seu pai, quando ele era chefe dos contínuos da presidência? Não fiz com que fugisse em plena Paris, e no mesmo dia em que anunciei que o faria publicamente?

— É verdade. Mas terá dinheiro suficiente?

— Seu ingênuo!

— Uma fuga custa caro.

— Não se preocupe.

— Custa centenas de milhares! O preço da fuga e a indenização que você me prometeu… É muita coisa. Tem certeza?

— Vire-se de novo… Passe a mão pelo fundo da minha escrivaninha, sobre a prateleira em que está o fichário… Achou?

Thomas Le Bouc obedeceu e tirou uma sacola de tecido cinza.

— O que é isto? A sacola de tecido cinza. — balbuciou Le Bouc.

— Veja… Fiz um corte no tecido… Está vendo os maços de notas? É o dinheiro do tio Gaverel que o velho Barthélemy encontrou na *Orangerie*.

Aturdido, Le Bouc deixou-se cair em uma cadeira.

— Diabo! Diabo! Que sujeito terrível!

— É preciso viver — zombou Raoul —, e ajudar os camaradas quando estão em dificuldades.

— Mas como conseguiu?

— Fácil! Quando cheguei, na manhã posterior ao crime, pensei imediatamente que Simon Lorient devia ter encontrado a sacola no jardim ou em outro lugar, e que talvez a polícia fosse procurá-la em vão. Corri para o local onde ele fora atacado. Não me enganei. A sacola tinha rolado pela grama por uma boa distância e ninguém percebera… Não quis que o dinheiro se perdesse.

Thomas Le Bouc ficou perplexo e disse, abandonando o tom de intimidade desrespeitosa:

— Ah! O senhor é mesmo o chefe.

Em um gesto espontâneo, estendeu os punhos.

— O carro da polícia não vai demorar. Prenda-me, chefe. O senhor tem razão, sou o homem que lhe convém. Onde passou o pai, o filho também passará. É preciso ser idiota para se voltar contra o senhor!

— De fato… Seu pai foi um bom homem no passado. E soube que ele tentou o impossível para voltar a ser honesto.

— Sim, mas o caso de Félicien o preocupava. Simon obrigou-o a dar o golpe, assim como ainda por cima obrigou-o a dar o golpe na *Orangerie*. "Um roubo, que seja, aceito", disse ele. "Uma chantagem é divertida, ficaremos ricos. Mas nada de assassinato, hein?"

— E, no entanto, ele matou. Estrangulou Élisabeth Gaverel.

— Quer saber minha opinião, chefe? O velho matou sem querer. Mais ainda, correu atrás da moça para salvá-la, quando ela caiu na água. Sim, para salvá-la… O velho era capaz desses arrebatamentos. Mas, quando ele a tirou da água, viu o colar de pérolas e perdeu a cabeça.

— É a minha opinião — disse Raoul.

Ouviu-se ruído do motor e um carro. Ele prosseguiu:

— Não diga o verdadeiro nome do seu pai. Essa velha história da Presidência do Conselho, misturada com a de hoje, chamaria atenção para Lupin. E isso eu não quero, minha situação nesse caso já é bastante difícil. Portanto, seja prudente, não se afaste nem um pouco da versão que adotamos. Nem uma palavra fora disso. Na dúvida, não há melhor resposta que o silêncio. E conte comigo, meu velho.

Aproximou-se de Le Bouc e disse em tom cordial:

— Mais uma coisinha: não se preocupe muito com a história do *gentleman* que você matou.

— Ah! E por quê?

— O *gentleman* era eu.

***

Thomas Le Bouc entregou-se ao inspetor Goussot em uma espécie de êxtase. O roubo da sacola de tecido cinza, a audácia e perfeição com que Lupin representara o papel do *gentleman*, a alegria imprevista ao saber que ele, Thomas Le Bouc, não havia matado, tudo isso o deixou fora de si de alegria. O que tinha a temer com um protetor como aquele? Entrara na *Clair-Logis* disposto a subverter toda a situação e seguia para a prisão como quem conquistou a mais bela vitória e se prepara para repetir essa vitória entregando-se à justiça e prestando um serviço ao seu benfeitor.

— Todos os meus cumprimentos, senhor d'Averny — disse o inspetor Goussot a Raoul, radiante de prazer. — Então esse sujeito está envolvido no nosso caso?

— E como! É irmão de Simon Lorient!

— O quê? Irmão? Mas por que prodígio o capturou?

— Oh! — fez Raoul modestamente. — Não tenho grande mérito por isso. O idiota deixou-se prender.

— O que ele queria?

— Extorquir-me dinheiro.

— Sob que pretexto?

— Félicien Charles. Veio dizer-me que tinha provas de que Félicien, cúmplice de Simon Lorient, irmão dele, matara Simon para roubar-lhe a sacola de tecido cinza. E pediu-me uma grande soma se eu quisesse que o segredo fosse mantido. Como resposta, telefonei para o sr. Rousselain. Deixe-o de molho, inspetor-chefe, e tenho certeza de que obterá uma confissão da qual tirará proveito e glória.

Na soleira da porta, Thomas Le Bouc, arrastado pelo policial, voltou-se para Raoul e, fingindo cólera e rancor, disse:

— Vai me pagar por isso, meu bom senhor!

— Combinado. E com juros!

Le Bouc saiu assobiando.

Raoul ouviu os passos dos homens se afastando. O carro arrancou.

***

Ao contrário de seus hábitos, não fez um único gesto para manifestar alegria pela vitória. No entanto, que bela vitória mandar Thomas Le Bouc para a prisão! Mas não, ele permaneceu taciturno e absorto. Pensava em Félicien, trancado em uma cela. Seria seu filho? Conseguiria libertá-lo? E quem seria aquele filho equívoco, cúmplice dissimulado de Barthélemy e de Simon Lorient?

“Eu, condessa de Cagliostro, ordeno”

Em um domingo de calor, Raoul parou em uma rua de Chatou, cidadezinha próxima a Vésinet. Uma casa de dois andares, situada entre a rua e uma horta que se estendia ao longo do Sena, oferecia quartos mobiliados para alugar. Ele passou diante do café dirigido pela proprietária, subiu ao segundo andar e seguiu um corredor um tanto escuro até encontrar o quarto número 5. A chave estava na porta. Depois de bater, como ninguém respondeu, entrou silenciosamente.

Faustine dormia sentada na humilde cama de ferro que, juntamente com a cômoda, duas cadeiras e uma mesa, compunha toda a mobília do modesto aposento.

Ela não havia deixado Vésinet. Seu implacável desejo de vingança mantinha-a na região onde Simon Lorient morrera. Na clínica, havia sido mantida como auxiliar de enfermagem, mas, como o espaço era pequeno, ela alugara um quarto fora. Dormia lá todas as noites e se trancava no domingo.

Naquele dia, devia ter adormecido enquanto costurava o corpete, pois tinha os ombros nus e o corpete repousava sobre os joelhos. Segurava ainda o dedal e uma agulha com linha.

Por sobre as árvores do jardim, pela janela, avistava-se uma serena paisagem fluvial.

Muitos jornais, todos abertos, espalhavam-se ao seu redor sobre a cama e a mesa, o que demonstrava a atenção com que acompanhava os acontecimentos dos últimos dias. De longe, Raoul leu as manchetes: “Preso irmão de Simon Lorient. Primeiro interrogatório”. “Os dois irmãos seriam filhos do velho Barthélemy”.

Contemplou novamente Faustine. Pareceu-lhe tão bonita quanto na azáfama da vida, mais bela talvez, com a pureza dos traços pacificados. E evocava a magnífica Frineia do escultor Alvard.

No entanto, um raio de sol entrou pela janela, entre duas nuvens. Sem tirar os olhos dela, Raoul aproximou-se delicadamente e esperou que o raio atingisse o rosto adormecido, os olhos fechados. Quando foi incomodada pela luz, ergueu lentamente as pálpebras, que exibiam longos cílios.

Mal teve tempo de despertar e Raoul já a segurava pelos ombros. Deitou-a na cama e envolveu-a nas cobertas, imobilizando-lhe braços e pernas.

— Não grite! Nem uma palavra — murmurou.

— Covarde! Covarde! — gemeu ela, exasperada e tentando se libertar.

Raoul tapou-lhe a boca com a mão.

— Cale-se. Não venho como inimigo. Nada tem a temer se me obedecer.

Debateu-se furiosamente, insultando-o, apesar da mão rígida que lhe fechava a boca. Mas aos poucos sua resistência foi cedendo e, inclinado sobre ela, Raoul repetiu:

— Não venho como inimigo… Não venho como agressor. Mas quero que me escute e me responda. Caso contrário, pior para você.

Segurou-a pelos ombros, mantendo-a deitada. Inclinado sobre ela, disse em voz baixa:

— Estive com o irmão de Simon, Thomas Le Bouc. Conversei muito com ele. Revelou-me o que sabia sobre Félicien. O resto é você que vai me dizer. Você me conhece, Faustine, eu não cedo. Ou você fala, e já, ou então…

Seu rosto desceu até o rosto arisco e apavorado de Faustine. Os lábios dela se afastaram dos dele, que se aproximavam.

— Fale, Faustine, fale — ordenou com voz alterada.

Ela viu, muito próximos dos seus, os olhos implacáveis de Raoul. Sentiu medo.

— Deixe-me — murmurou, vencida.

— Você vai falar?

— Sim.

— Agora?… Sem rodeios e sem reservas?

— Sim.

— Jure em nome de Simon Lorient.

— Juro.

Soltou-a e foi até a janela, dando as costas à jovem.

Quando ela se recompôs, Raoul voltou-se, olhou-a por um momento com pesar, como se fosse uma bela presa que lhe escapasse, e o diálogo começou, rápido e preciso.

— Thomas Le Bouc afirma que Félicien é meu filho.

— Não conheço Thomas Le Bouc.

— Mas, por intermédio de Simon Lorient, você conhecia o pai dele, o velho Barthélemy?

— Sim.

— Ele confiava em você?

— Sim.

— O que sabia sobre a vida secreta dele?

— Nada.

— E sobre a vida de Simon Lorient? Seus projetos?

— Nada.

— Nem mesmo a maquinação deles contra mim?

— Não.

— No entanto, eles disseram que Félicien é meu filho.

— Eles me disseram.

— Sem apresentar provas?

— Não as pedi. O que me importava?

— Mas a mim importa — fez Raoul, com o rosto contraído. — Preciso saber se ele é meu filho ou não. Era uma farsa que estavam representando, aproveitando algumas informações acolhidas ao acaso? Ou era uma verdade da qual tentaram se aproveitar, ameaçando-me com a divulgação? Não posso viver com tal incerteza… Não posso…

Ela parecia surpresa com a emoção contida que o tom de voz revelava. No entanto, repetiu com mais força:

— Eu não sei nada.

— Talvez. Mas pode saber, ou pelo menos pode me colocar em condições de saber.

— Como?

— Thomas Le Bouc afirma que Barthélemy entregou a você uma pasta contendo documentos sobre o caso.

— Sim, mas…

— Mas?…

— Um dia, depois de reler esses documentos, ele os queimou na minha frente, sem dizer a razão. Guardou apenas um, que colocou em um envelope. Ele lacrou este envelope e me entregou.

— Com instruções?

— Disse-me apenas: "Guarde isto. Mais tarde, nós veremos".

— Você pode me dar o envelope?

Ela hesitou:

— Por que não? — insistiu ele. — Barthélemy morreu. Simon Lorient também. E foi Thomas Le Bouc quem me contou tudo.

Ela refletiu por longo tempo, com a fronte levemente franzida, o olhar ausente. Em seguida, tirou uma pasta contendo cartas de uma gaveta da cômoda. Entre essas cartas, encontrou um envelope, cujo lacre rompeu sem hesitar, e retirou um pedaço de papel dobrado ao meio.

Queria verificar, antes de qualquer coisa, o que significavam as poucas linhas escritas naquele papel e se ela devia comunicá-las.

Ao lê-las, sobressaltou-se. Mesmo assim, entregou o papel a Raoul sem dizer uma palavra.

Era uma frase, ou melhor, eram duas, formuladas como a ordem imperiosa que algum déspota ou chefe de gangue poderia impor a um subalterno. A escrita era alta, empastada, bem calcada por toda parte. Como Raoul não reconheceria, à primeira vista, a letra daquela a quem chamara no passado de criatura infernal? E como não reconhecer a maneira brutal e desdenhosa com que sempre dava suas ordens mais monstruosas?

Raoul leu e releu três vezes as linhas assustadoras:

Faça da criança um ladrão, um assassino se possível. Mais tarde, volte-a contra o pai.

E a assinatura altiva, cortada por uma dupla espada.

A palidez de Raoul impressionou a jovem. Provinha de um sofrimento inexprimível, terrores ressuscitados, de toda a angústia de um passado que mesclava ao presente uma trágica ameaça. Com que curiosidade, quase simpática naquele momento, ela observou a fisionomia atormentada e o violento esforço que ele fazia para se controlar!

— Ódio… vingança… — enfatizou ele. — Você compreende isso, Faustine… Mas essa mulher não era somente ódio e vingança… Era a necessidade, a volúpia do mal… Que monstro de orgulho e de maldade! Ainda hoje sua obra persiste… Essa criança que educaram para se opor a mim, para ser um criminoso… Nada me assusta na vida. Mas não consigo pensar nela sem terror. E a ideia de que será necessário recomeçar a horrível luta…

Faustine aproximou-se dele e hesitou; depois, disse com voz surda:

— O passado não voltará… A condessa de Cagliostro morreu.

Raoul voltou-se bruscamente e, ofegante, perguntou:

— O que está dizendo?… Ela morreu? Como sabe?

— Ela morreu.

— Não basta afirmar. Você a viu? Você a conheceu?

— Sim.

Ele exclamou:

— Você a conheceu! Será possível? Como é estranho! Por duas ou três vezes, eu me perguntei se você não era uma emissária dela… Se não continuava sua obra de destruição contra mim.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Ela nunca me disse nada.

— Fale.

— Eu era uma criança. Quinze anos atrás, levaram-na à minha aldeia na Córsega e instalaram-na em uma pequena casa. Ela estava meio louca, mas era uma loucura mansa e tranquila. Ela me chamava com gentileza. Nunca conversava… Chorava muito, lágrimas que não enxugava. Ainda era bonita… Mas uma doença consumiu-a muito rapidamente… E um dia, seis anos atrás, velei junto a seu leito de morte.

— Tem certeza? — perguntou ele, dominado pela emoção. — Quem revelou o nome dela a você?

— Todo mundo sabia na aldeia. E, além disso…

— Além disso?

— Fiquei sabendo pelo velho Barthélemy e por Simon Lorient, que a procuravam por toda parte e a encontraram lá, um pouco antes de sua morte. Foi durante essas poucas semanas que nos apaixonamos, Simon e eu. E ele me levou para Paris…

— Por que eles a procuravam?

Depois de um momento de indecisão, ela explicou:

— Já disse que nada sabia sobre a vida secreta de Simon e do pai… Hoje compreendo que fizeram coisas erradas, mas esconderam isso de mim. Porém, pouco a pouco fui adivinhando a história de Félicien. Não toda, pois nem eles mesmos sabiam de tudo.

— Barthélemy encontrou-o realmente em uma fazenda no Poitou? — perguntou Raoul.

— Sim.

— Entregue pela condessa de Cagliostro?

— Não se sabe ao certo… Simon pensava que talvez o pai tivesse forjado a carta que o mecânico encontrou.

— Mas a ordem que está nesse papel… com certeza essa ordem foi escrita pela Cagliostro, de onde vem?

— Simon não sabia.

— Mas a ordem dizia respeito à criança criada pela fazendeira, ou seja, Félicien Charles?

— Em relação a isso também existe dúvida. Barthélemy não disse nada de preciso. Simon e ele encontraram a pista da Cagliostro e foi assim que chegaram à Córsega, inutilmente, aliás.

— O objetivo deles era?

— O objetivo de Barthélemy sempre foi, hoje eu percebo isso, apresentar a você um dossiê provando que Félicien é seu filho.

— E, portanto, extorquir-me dinheiro. Mas Félicien era cúmplice desse plano? Foi graças a um acordo entre eles, como afirma Thomas Le Bouc, que veio à minha casa? Tornou-se o que a Cagliostro queria? Um vigarista, um assassino?

— Não sei — disse ela com uma voz sincera. — Isso fazia parte da vida secreta deles e nunca falei com Félicien Charles.

— Portanto, não há ninguém além dele que pode me informar — disse Raoul — e é a ele que devo interrogar para compreender toda a aventura.

Ele fez uma pausa e terminou:

— Fui eu quem mandou prender Thomas Le Bouc, com o consentimento dele, aliás. Ele vai confundir o inquérito e demolir as acusações acumuladas contra Félicien. Se, como espero, ele for libertado, não correrá o risco de se deparar com a sua vingança, Faustine?

— Não — fez ela claramente. — Não, se não foi ele o causador da morte de Simon. Para mim, isso determina tudo. É impossível eu viver sem essa ideia de vingança. Parece-me que Simon só terá paz na morte se o crime for punido.

A conversa estava encerrada. Raoul estendeu a mão a Faustine, que se recusou a apertá-la.

— Está bem — disse ele. — Sei que não tenho sua confiança nem sua amizade, mas não sejamos inimigos, Faustine. Quanto a mim, agradeço-lhe por ter falado…

***

Raoul, que havia retornado à *Clair-Logis*, saía apenas para caminhadas curtas em Vésinet ou nas redondezas. Várias vezes viu Jérôme Helmas, que parecia ter desistido da viagem às montanhas e que sempre estava a caminho da *villa Clématites* ou dali voltava. Chegou a vê-lo em companhia de Rolande Gaverel. Os dois jovens caminharam lado a lado por uma avenida, em silêncio.

Raoul os cumprimentou de longe. Teve a impressão de que Rolande não desejava falar com ele.

Um dia, Raoul foi convocado pelo juiz de instrução, o qual estava muito perplexo, pois Thomas Le Bouc restringia-se ao extremamente estreito círculo de defesa que Raoul lhe designara. Não cometia um erro. Suas afirmações não variavam e as habilidades do sr. Rousselain não conseguiam pegá-lo em falta. "Eu fiz isso… eu fiz aquilo… Quanto ao resto, não sei de nada."

— Tudo se resume às declarações tanto de Le Bouc quanto de Félicien Charles — disse o sr. Rousselain, admitindo seu embaraço. — Frases prontas, sempre iguais, ou silêncios. Nenhuma brecha por onde entrar um pouco de luz. Parecem lições aprendidas de cor. Sabe qual a minha impressão, senhor d'Averny? É como se uma força superior tentasse substituir Thomas Le Bouc por Félicien Charles.

O sr. Rousselain olhou para Raoul, que pensou:

"Nada tolo, o homem!"

E o sr. Rousselain continuou:

— É muito estranho! Estou começando a não acreditar mais que Félicien seja culpado. Mas ainda não aceito a ideia de que Le Bouc, que se acusa, tenha feito o passeio noturno pelo lago. Chamei o proprietário do barco. Confrontei-o com Félicien e Le Bouc. Ele foi menos categórico. Então, o que acha?

Não tirava os olhos de Raoul, que balançou a cabeça com ar de aprovação. Finalmente, o juiz disse, mudando repentinamente de assunto:

— É muito apreciado nos altos círculos, senhor d'Averny. Sabia disso?

— Ora! — exclamou Raoul. — Tive oportunidade de prestar alguns serviços a esses cavalheiros.

— Sim, foi o que me disseram… sem mais detalhes, aliás.

— Um dia desses, quando tiver tempo, senhor juiz, eu lhe darei esses detalhes. Minha vida não carece de um tempero pitoresco.

Em suma, os acontecimentos pareciam encaminhar-se na direção certa e algumas questões haviam sido esclarecidas. Assim, o papel de Faustine nada mais tinha de misterioso, um elo muito frágil prendera-a no passado à Cagliostro e o acaso de seu amor por Simon Lorient, levando-a à França, envolvera-a inadvertidamente e de longe nos estratagemas do velho Barthélemy e de seu filho. Era apenas uma apaixonada, sem outro propósito senão o de vingar o homem que amava.

Por outro lado, a certeza da morte da Cagliostro fazia com que Raoul se regozijasse, e nada permitia crer que a ordem abominável que ela assinara se aplicasse a Félicien. Portanto, o plano contra Raoul, que poderia ter tido êxito apenas sob a direção da Cagliostro, só poderia chegar a um resultado negativo e absurdo nas mãos de homens de segunda categoria como Barthélemy e seus filhos. De fato, como Raoul d'Averny viu-se de repente diante de um rapaz que talvez fosse seu filho, ou que talvez não fosse, não dispunha, agora que o destino suprimira Barthélemy e Simon Lorient, de nenhum meio para descobrir uma verdade que, como tudo indicava, ninguém neste mundo conhecia.

***

Passaram-se três semanas. Uma manhã, Raoul soube que Félicien fora solto por insuficiência de provas.

Às onze horas, por telefone, Félicien pediu-lhe autorização para vir buscar seus pertences durante a tarde.

Depois do almoço, flanando ao redor do grande lago, Raoul, viu Rolande e Jérôme sentados em um banco da ilha. Era um belo dia de agosto. Soprava uma brisa do norte que mal agitava os galhos das árvores.

Pela primeira vez, Raoul percebeu que os dois conversavam. Jérôme, sobretudo, falava com animação. Rolande escutava, respondia brevemente e depois escutava de novo, com os olhos fixos nas flores que tinha nas mãos.

Calaram-se. Um minuto depois, Jérôme, voltando-se para a moça, disse mais algumas palavras. Ela balançou a cabeça, olhou para ele e sorriu ligeiramente.

Raoul voltou à *Clair-Logis* sem muita pressa, mas com alguma emoção com a ideia de reencontrar aquele desconhecido que de repente assumia tanto lugar em sua vida e para quem nenhum ímpeto o impelia. Sua simpatia por Félicien nunca fora muito grande e reduzira-se agora que o jovem poderia talvez invocar certos direitos à sua afeição.

Em todo caso, ele não admitia que Félicien se limitasse a pegar suas coisas e lhe apertar a mão. Não. Queria primeiro uma explicação e a retomada de uma vida comum na qual pudesse estudá-lo à vontade. Ainda não se tratava de saber se Félicien era ou não seu filho, mas se queria apresentar-se a ele como tal. Em uma palavra, Félicien era cúmplice de Barthélemy e de Simon Lorient? Félicien teria participado do complô? Todas as provas concluíam pela afirmativa. A prova formal só seria dada pelos atos e palavras do rapaz.

— O sr. Félicien já chegou? — perguntou Raoul ao jardineiro.

— Faz quinze minutos, senhor.

— Está bem de saúde?

— O sr. Félicien parecia muito agitado. Trancou-se imediatamente no pavilhão.

— Estranho — murmurou d'Averny.

Ele correu para o pavilhão.

A porta estava trancada.

Inquieto, deu a volta, sacudiu a janela do quarto, não conseguiu abri-la e se pôs a escutar.

Ouviu gemidos.

Quebrou uma das vidraças e girou o trinco. Com um salto, transpôs a janela e afastou as cortinas.

Félicien estava ajoelhado contra uma cadeira, com a cabeça baixa e um lenço manchado de sangue encostado ao pescoço. No chão, perto dele, um revólver.

— Ferido! — gritou Raoul.

O jovem tentou responder, mas desmaiou. Raoul ajoelhou-se rapidamente, auscultou o coração, examinou o ferimento, manuseou o revólver e disse a si mesmo:

"Tentou se matar. Mas seu braço tremeu e o ferimento não é muito grave".

Enquanto cuidava do ferimento, olhava o rosto pálido de Félicien. Muitas perguntas subiram-lhe aos lábios:

"Você é filho meu e de Claire d'Étigues? Você é um ladrão e um assassino, cúmplice de dois bandidos mortos? E por que você quis se matar, infeliz?"

Cinco minutos depois, os criados rodeavam o ferido.

— Nem uma palavra a respeito, está claro? — ordenou Raoul.

Escreveu algumas linhas em uma folha de papel de carta:

Faustine,

Félicien tentou suicidar-se. Não diga a ninguém e venha cuidar dele. Não quero médicos. Diga na clínica que alguém precisa de uma enfermeira particular.

D'Averny

Lacrou o bilhete e mandou seu motorista para a clínica.

Quando o carro trouxe Faustine, Raoul a esperava diante da porta do pavilhão.

— Vocês nunca se encontraram antes?

— Não.

— Simon Lorient não lhe falava sobre ele?

— Não.

— Félicien não foi à clínica durante os poucos dias em que Simon lutava contra a morte?

— Sim. Mas não prestou mais atenção em mim do que em qualquer outra enfermeira.

— Está bem. Não diga a ele quem você é nem quem eu sou.

Ela entrou no pavilhão.

SEGUNDA PARTE

O PRIMEIRO DOS DOIS DRAMAS

Noivado

Dessa forma, portanto, em seis semanas, a situação gradualmente tinha evoluído em uma direção que a transformava completamente. Como Raoul d'Averny intuíra desde o início, dois dramas distintos tinham se misturado, dois caminhos haviam se cruzado em um ponto de interseção determinado pelo mero acaso. Um dia, por um lado, Raoul d'Averny, seguindo os passos de quem carregava maços de notas, chegara a Vésinet e comprara ali um imóvel, com a intenção de cobrir suas despesas — e seu deslocamento — com o roubo das cédulas. Essa série de atos levara Barthélemy e seu filho ao mesmo lugar, os quais, enquanto preparavam sua chantagem contra Raoul, acabaram lucrando ao roubar o dinheiro escondido na *Orangerie*.

Por outro lado, nesse mesmo dia — e esse é o ponto de interseção, a encruzilhada —, um drama absolutamente independente, já em vias de execução, conduzira Élisabeth Gaverel à frente daquela mesma *Orangerie*, quando Barthélemy terminava seu trabalho. E, de imediato, tudo iria se enredar numa complicação de mistérios insondáveis, em que a justiça estava imobilizada como no meio de uma floresta de trevas.

"Hoje", dizia Raoul d'Averny para si mesmo, "tudo isso está claro e simples, pelo menos para mim. Os dois casos estão claramente separados um do outro. O segundo (caso de chantagem de Barthélemy) foi liquidado pela morte de Barthélemy e de Simon, pela captura de Thomas Le Bouc e pela confissão de Faustine. O primeiro (caso das irmãs Gaverel, que só me interessa indiretamente) continua sem nenhuma solução à vista. Resta Félicien, cuja ação mal definida parece ter se estendido de um caso a outro."

E ele repetiu pensativo:

“Resta Félicien; próprio objeto e condição essencial de uma chantagem cujos organizadores desapareceram… personagem conturbado, perturbador, de aparência fria e indiferente, para quem as peripécias do caso Barthélemy deixaram todo o seu mistério, e que só tenho chance de desmascarar se conseguir desvendar o drama das duas irmãs. Qual seu papel nisso? Quem é? Ninguém se mata sem uma boa razão. Então, há algo poderoso o suficiente nele para perturbá-lo e fazê-lo rolar até a beira do abismo? Quem é ele? E o que quer de mim?”

Com que olhos penetrantes ele o examinava, agora, a cada uma das visitas que levavam Raoul até o quarto do pavilhão! E como ele mal podia esperar para falar com ele! A febre havia diminuído. Faustine havia parado com os cuidados. Mas Félicien continuava cansado, oprimido, como se a causa de sua terrível tentativa tivesse continuado a fazê-lo sofrer.

Uma manhã, Faustine, que estava dormindo no ateliê, chamou Raoul de lado.

— Alguém veio vê-lo esta noite.

— Quem?

— Não sei. Ao ouvir um barulho, tive vontade de entrar. A porta estava trancada. Eles cochicharam por um longo tempo com intervalos de silêncio. Então, a pessoa foi embora sem que eu pudesse surpreender nada.

— Então, você não tem nenhum indício?

— Nenhum.

— Pena!

Seja como for, Raoul pôde constatar, nos dias seguintes, o resultado dessa entrevista noturna: Félicien não era mais o mesmo. Instantaneamente, o rosto ganhara nova vida. Ele estava sorrindo. Conversava com Faustine. Até queria pintar seu retrato e planejava voltar ao trabalho.

Raoul não hesitou mais. Três dias depois, no pavilhão onde o jovem estava descansando, ele se sentou ao lado dele e começou:

— Fico feliz em vê-lo recuperado, Félicien, e espero que nossas relações sejam retomadas aqui como antes. Mas, para que essas relações sejam mais cordiais, devemos falar francamente. Aqui está: a decisão do sr. Rousselain o colocou fora da questão em relação aos fatos ligados ao inquérito aberto por ele. Mas há outros que se relacionam mais especificamente com você e comigo.

E ele perguntou, com gentileza amigável:

— Por que não me contou, Félicien, que tinha sido criado em uma fazenda por uma brava camponesa do Poitou?

O jovem corou e murmurou:

— Não é fácil admitir que se é um enjeitado…

— Mas… antes dessa época?…

— Não tenho nenhuma lembrança anterior. Minha mãe adotiva, que foi minha mãe verdadeira, morreu sem me contar nada. Limitou-se a me dar uma quantia em dinheiro que havia sido confiada a ela por uma senhora… que não era minha mãe, ao que parece.

— Você se lembra de que nos últimos anos um homem se instalou na fazenda?

— Sim… um amigo… um parente, eu acho…

— Qual era o nome dele?

— Nunca soube com certeza, pelo menos não me lembro.

— Seu nome era Barthélemy — afirmou Raoul.

Félicien teve um sobressalto.

— Barthélemy?… O ladrão?… O assassino?…

— Sim, o pai de Simon Lorient. Desde então, esse homem nunca mais perdeu você de vista. Ele se manteve a par do que estava fazendo em Paris e de todos os seus endereços. E, no final, foi ele quem fez com que você fosse recomendado a mim por um de meus amigos.

Félicien parecia atordoado. Raoul não tirava os olhos dele, atento a todos os seus gestos e reações, observando os menores sinais de sinceridade ou dissimulação.

— Por quê? — disse o jovem. — Qual era o seu objetivo?

— Não sei. É certo que Barthélemy o fez colocar perto de mim com certa intenção e que seu filho Simon veio aqui para que você o ajudasse na execução de determinado plano dirigido contra mim. Mas qual era a intenção? Qual era o plano? Não consegui descobrir. Simon Lorient não fez alusão a isso para você?

— Não… Não estou entendendo nada disso.

— Nesse caso, no que lhe diz respeito, seu desejo foi sempre apenas o de trabalhar nesta casa?

— O que mais eu faria aqui? — perguntou Félicien.

Raoul ficou feliz. Félicien estava dizendo a verdade. Não era cúmplice da chantagem e se, por mais absurdo que fosse, soubesse de alguma coisa, de qualquer forma não estava pedindo nada.

— Outra coisa, Félicien: Thomas Le Bouc acusa a si mesmo, não é, de ser o homem que foi visto no barco na noite do crime e do roubo. Essa confissão não o surpreendeu?

— Por que teria me surpreendido — disse Félicien —, já que não era eu? Naquela hora, eu estava dormindo.

Mas dessa vez a entonação não era a mesma. O olhar fugia, sem lealdade. O rubor subia até as maçãs do rosto.

"Ele mente", pensou Raoul, "e se mente sobre isso, mente sobre todo o resto."

Caminhou pelo quarto, batendo o pé. A duplicidade do jovem tornava-se de novo evidente. Ele era um enganador, um impostor. Um dia ou outro, invocaria seu direito de filho e faria ameaças, como seus cúmplices. Incapaz de conter sua raiva, Raoul caminhou em direção à porta. Mas Félicien se interpôs e disse com voz ansiosa:

— O senhor não acredita em mim — disse ele. — Não… não… eu sinto isso… Ainda sou aquele que voltou à noite para perguntar sobre o saco de notas roubadas e que, talvez, feriu e matou, em consequência, seu cúmplice Simon Lorient. Nessas condições, é melhor eu ir embora.

— Não — disse Raoul brutalmente. — Pelo contrário, peço-lhe que fique até que uma verdade irrefutável seja estabelecida entre nós… Num sentido ou em outro.

— Essa verdade existe no sentido indicado pelo juiz de instrução.

Raoul exclamou com veemência:

— A decisão do sr. Rousselain não significa nada. Ela foi causada pelas falsas declarações de Thomas Le Bouc que encontrei e a quem paguei para fazê-las. Mas seu papel pessoal desde o início permanece inexplicável. Nem mesmo por um momento — continuou Raoul — senti em você um daqueles lampejos de franqueza ou revolta que iluminam os recônditos de uma natureza. Você esconde nas sombras seus atos mais graves e violentos. Veja, seu suicídio, por exemplo. Você voltou aqui para se despedir de mim, não é? E para se explicar comigo. E eu o encontro quase em agonia, o revólver na mão. Por quê?

Félicien não respondeu, o que deixou d'Averny exasperado.

— Silêncio… sempre silêncio… ou então evasivas, lacunas, como com o juiz de instrução. Mas responda, droga! O que nos separa nada mais é que esse muro de silêncio e de reserva que você está construindo entre nós. Derrube tudo isso, se quiser que eu sinta confiança! Caso contrário, desconfio, suponho, imagino, mesmo que isso signifique cometer um erro e acusá-lo injustamente. É isso o que quer?

Ele o agarra pelo braço.

— Na sua idade, é por amor que as pessoas se matam. Fiz uma pesquisa sobre seu procedimento, no dia da sua tentativa. De longe, você seguiu Rolande Gaverel e Jérôme Helmas que saíam em direção ao lago. Eles se sentaram em um banco da ilha. E você viu… o que eu vi, que havia uma intimidade entre eles que nada fazia prever. Você questionou meu jardineiro com ar de desinteresse e soube que eles se encontravam todos os dias. Uma hora depois, você pegava seu revólver. Estou certo?

Com o rosto contorcido, Félicien ouvia.

— Eu continuo — disse Raoul. — Rolande Gaverel, não sei como, soube de sua tentativa. Perturbada, ela veio vê-lo à noite, há três dias, para implorar-lhe que vivesse e para lhe dizer que suas suspeitas eram infundadas. Suas explicações o convenceram a tal ponto que desde aquela noite você está feliz e curado. Estou certo?

Dessa vez, parecia que o jovem não podia e não queria se esquivar de tais perguntas tão insistentes. Ele hesitou no entanto, pelo menos quanto à forma como iria responder. Finalmente, disse:

— Senhor, nunca mais revi Rolande Gaverel desde o dia da tragédia, e a pessoa que veio à minha casa na outra noite não era ela. Minhas relações de amizade com Rolande não lhe teriam permitido dar esse passo. E, menos ainda, a decisão que ela tomou e que me anuncia numa carta que seu criado acaba de me trazer.

Félicien entregou a carta a Raoul, que a leu com crescente surpresa:

Félicien,

O infortúnio nos uniu, Jérôme Helmas e eu. Por força de chorar juntos por nossa pobre Élisabeth, sentimos que não havia outro consolo para nós senão permanecermos fiéis, um ao lado do outro, à sua querida memória. Tenho a impressão profunda de que é ela mesma quem nos aproxima e nos pede para criar um lar no mesmo lugar onde foi tão feliz e onde

sonhava ser ainda mais feliz.

Não sei a época do nosso casamento. Preciso dizer que muitas coisas me retêm, que tenho medo de enganar e que, até o último momento, esse medo me fará hesitar? Mas, então, como viver? Não tenho mais forças para ficar sozinha diante de mim.

A você que a conheceu, Félicien, peço-lhe que venha amanhã à Clématites *e diga-me se ela teria me aprovado.*

Rolande.

Raoul releu a carta em voz baixa e lentamente:

— Aventura engraçada! — ele zombou. — Essa jovem tem um jeito de ser fiel à memória da irmã! Vá vê-la, Félicien, e dê-lhe seu apoio. O trabalho aqui não tem pressa, e você precisa mesmo de alguns dias de descanso.

Depois de pensar por um momento, ele se inclinou para o jovem.

— É-me impossível, no entanto, esconder de você uma ideia que muitas vezes me passou pela cabeça: a de um entendimento entre os dois noivos.

— Obviamente — disse Félicien espantado —, obviamente há entendimento entre eles, uma vez que estão noivos.

— Sim, mas isso não é bem mais antigo?

— Bem mais antigo? De que época?

Sílaba por sílaba, Raoul destacou esta terrível frase:

— *Da época em que Élisabeth Gaverel ainda estava viva.*

— O que isso significa?

— Significa que a armadilha criminosa preparada para Élisabeth Gaverel, dois meses antes de seu casamento, é muito estranha.

Félicien fez um gesto de indignação e exclamou:

— Ah, senhor, seu palpite é impossível! Conheço os dois, sei do amor de Rolande por sua irmã… Não, não, não temos o direito de acusá-la de tal infâmia.

— Não estou acusando. Estou fazendo uma pergunta que não pode deixar de ser feita.

— Por que não pode?

— Por causa dessa carta, Félicien. Há uma grande inconsciência nessas linhas!…

— Rolande é uma criatura de lealdade, de nobreza.

— Rolande é uma mulher… uma mulher que está esquecendo.

— Tenho certeza de que ela não esquece.

— Não, mas vai fundamentar seu lar em condições… que não devem ser desagradáveis para ela — brincou Raoul.

Félicien levantou-se e falou em tom grave:

— Não diga mais nada sobre isso, por favor, senhor. Rolande está acima de qualquer suspeita.

Raoul lhe devolveu a carta e deu alguns passos no gramado. Tinha a impressão de que com perseverança seria possível insinuar-se naquela natureza sombria e secreta, em que discernia arrebatamento e revolta, e ia insistir quando ouviu a barreira da entrada que se abria.

— Caramba! É o inspetor-chefe Goussot. O que nos traz esse pássaro de mau agouro?

O inspetor caminhou em direção ao bosque onde os dois homens se encontravam e apertou a mão de Raoul, que lhe disse rindo:

— Como assim? Não estamos livres do senhor, inspetor?

— Mas sim, mas sim — respondeu Goussot, em um tom brincalhão que não lhe era habitual. — Mas quando a justiça teve um problema com alguém, ela ainda tem direito sobre esse alguém…

— De vigilância.

— Não, um direito de atenção cordial. É por isso que, continuando minha investigação, vim saber as novidades sobre nosso paciente.

— Félicien Charles está muito bem, não está, Félicien?

— Melhor assim! Melhor assim! — disse Goussot. — Correu um boato na área de que houve disparo, suicídio, etc. Recebemos até uma carta anônima datilografada a esse respeito. Enfim, muitas piadas nas quais não acreditei nem por um segundo. Uma pessoa inocente cuja inocência é proclamada não se mata.

— Decerto que não!

— A menos que ela não seja inocente — insinuou Goussot.

— Essa é uma questão que ninguém está considerando nesse caso.

— Sim.

— Ora, vamos!

— Perfeitamente. Então eu soube… desculpem os procedimentos policiais… que ao sair da prisão, seu jovem amigo tinha telefonado…

— Para mim, de fato.

— E em seguida para a srta. Rolande Gaverel a fim de solicitar permissão para ir vê-la ao longo do dia.

— E daí?

— E então a dita senhorita se recusou a vê-lo.

— O que isso quer dizer?

— Que essa dita jovem de fato não acredita que ele seja inocente… Caso contrário…

Raoul zombou.

— Foi só isso que obteve com sua vil investigação, senhor inspetor?

— Acredite, foi sim.

— Nesse caso…

Ele indicou-lhe o caminho da barreira. Goussot deu meia-volta, mas encarando novamente o adversário falou:

— Ah, estava esquecendo. Uma mala que pertencia a Simon Lorient foi descoberta no guarda-volumes de uma das estações de Paris e, no bolso de uma peça de roupa, encontrei este cartão de visita. Dá para ver, atrás, o desenho a lápis de um andar de uma casa, com uma cruz em tinta vermelha. Esse é o andar onde o pai de Simon Lorient, amigo de Félicien Charles, roubou o dinheiro do sr. Philippe Gaverel.

— E que nome está no cartão?

— Félicien Charles.

O inspetor cumprimentou Raoul e Félicien e, de forma irônica e zombeteira, retirou-se dizendo:

— Documento de segunda mão, que menciono apenas como lembrete. Mas pode haver uma sequência…

Raoul correu e o alcançou na barreira.

— Então diga, inspetor!

— O que posso fazer pelo senhor, senhor d'Averny?

— Nada. Sou eu quem posso fazer pelo senhor. Vê os dois postes desta barreira?

— Claro!

— Bem, aconselho-o a nunca mais cruzar a linha ideal que os une.

— Meu cargo de policial…

— Seu cargo só tem valor se se comportar como um policial cortês e bem-educado, como seus colegas, e não como beleguim amargo e rancoroso. Para bom entendedor, até logo!

Raoul voltou-se para Félicien, que, durante toda a cena, não reagira nem proferira uma palavra e lhe disse:

— Tinha me garantido que nunca mais vira Rolande.

— Ela se recusou a me ver.

— E ainda afirma que não pretendeu se matar por ela?

O jovem não respondeu.

— Outra coisa — continuou Raoul. — Esse cartão de visita?

— Simon Lorient deve tê-lo levado daqui, um dia, antes da sua chegada.

— E esse plano da *Orangerie*?

— Ele mesmo deve tê-lo desenhado. Não tenho nada a ver com isso.

— E tudo isso, que mostra que você ainda é considerado suspeito pela polícia, não o preocupa?

— Não, senhor. Tentaram de tudo contra mim, e nada foi encontrado. Não tendo feito nada de culpável, não me preocupo.

Visita misteriosa

Raoul desistiu. Nenhuma explicação teria sucesso com Félicien. Nenhuma ameaça de perigo poderia interferir naquela atitude despreocupada, talvez aparente, mas que tinha o valor de uma resistência inflexível. Palavras não arrancariam dele seu segredo.

Portanto, era preciso agir.

De início, os acontecimentos não se prestaram a isso. Faustine havia retornado ao seu trabalho na clínica. Félicien, que almoçava ao mesmo tempo que ela no pavilhão, começou a fazer a refeição na *Clématites*, onde passava a tarde.

No quinto dia, Raoul, para investigar, também foi até lá.

A cozinheira abriu e lhe disse:

— Acho que a senhorita está no gramado. O senhor pode chegar até ela pela sala de jantar.

No vestíbulo, havia duas portas. Raoul entrou na sala. Mas, em vez de descer para o jardim, espiou pelas cortinas de tule que recobriam as portas de vidro do estúdio. Um espetáculo imprevisto o esperava lá.

À esquerda do cômodo, em plena luz, de frente para Félicien, que estava sentado diante de seu cavalete de pintura, Faustine posava, com os ombros largamente descobertos e os braços nus.

Raoul foi mordido por um sentimento de irritação a que se misturava — ele não negava isso em relação a si mesmo — um mau humor ciumento.

"Essa vadia!", ele pensou. "O que está fazendo aqui? E o que esse gaiato quer dela?"

Ele podia ver bem seu rosto, mas os olhos da jovem estavam um pouco voltados para o lado, na direção da ampla abertura na parede que dava para

o gramado e o lago. Os ombros inundados de luz eram cheios, harmoniosos, de uma alvura um pouco dourada. Mais uma vez, e essa era uma memória que o assombrava com frequência, ele se lembrou da radiante Frineia do escultor.

Sem fazer barulho, ele entreabriu a porta, curioso para ouvir o que diziam, e percebeu que os dois noivos, Rolande e Jérôme Helmas, estavam sentados no parapeito da janela, com as pernas para fora.

Conversavam em voz baixa. De vez em quando, Félicien Charles virava a cabeça na direção deles.

E Raoul ficou profundamente convencido de que todo o drama da *Clématites* e da *Orangerie*, o primeiro dos dois dramas, estava lá, no estúdio, e se desenrolava entre os quatro personagens ali presentes. Inútil procurar para além daqueles quatro atores. Tragédia de amor, ou de ódio, ou de ambição, ou de ciúme, tudo fervilhava naquele ambiente restrito. Todos os quatro pareciam calmos e atentos às suas ocupações atuais. Mas o passado e o futuro, o crime e o castigo, a morte e a vida, defrontavam-se como adversários desenfreados.

Qual era a participação de cada um naquele conflito? Que papel Félicien, que sem dúvida amava Rolande, desempenhava entre os dois noivos?

Como a enfermeira Faustine se introduzira naquele círculo? E por que motivos Rolande, de classe tão diferente, a admitira ali? Tantas perguntas insolúveis.

Porém, tendo os dois noivos desaparecido no jardim, Raoul entrou lentamente e, quando Faustine voltou a olhar para o cavalete, viu-o, por cima da tela e de Félicien.

Imediatamente, confusa e ruborizada, ela se cobriu com um xale.

— Não se levante, Félicien — disse ele. — Mas, meu Deus, que modelo linda você tem aí!

— Admirável, e do qual sou totalmente indigno — confessou o jovem.

— Então você não tem pretensões?

— Nenhuma, diante de tanta beleza.

Raoul zombou:

— E você, Faustine? Gosta mais de posar com essa roupa que de tratar seus pacientes na clínica?

— Há poucos doentes agora — disse ela —, e minhas horas da tarde são livres.

— E suas noites também, assim como suas madrugadas. Aproveite, Faustine. Aproveite sua juventude.

Ele se juntou aos dois noivos no jardim e os felicitou pelo casamento, ao mesmo tempo que observava Rolande. Ele a achava menos deslumbrante, é claro, que Faustine, de uma beleza menos teatral, mas ela era mais comovente e, como Faustine, oferecia aquele encanto sensual do rosto e das formas que perturba mais que a beleza em si. Jérôme Helmas a contemplava com admiração apaixonada.

Como Jérôme precisava terminar o dia em Paris, Rolande e Raoul o conduziram à horta da *Orangerie*, por onde ele iria sair. Assim, eles passaram em frente ao local dos degraus sinistros cujo rompimento tinha causado a queda e depois a morte de Élisabeth. Os dois jovens não pareceram dar atenção alguma a isso. Todos os dias eles caminhavam por aquele lado. Eles até pararam, despreocupados e ociosos, e viram no outro lado do lago, perto do beco sem saída, o barco que balançava, ocupado por três homens, Goussot e dois de seus inspetores, um dos quais raspava o fundo da água.

— A investigação continua — disse Jérôme. — Estão procurando a arma com a qual fomos atingidos, Simon Lorient e eu.

Rolande estremeceu e cochichou:

— Então, esse pesadelo nunca vai acabar?

Jérôme se despediu dela. Rolande e Raoul lentamente voltaram à *Clématites*, e Raoul disse a sua companheira, em um tom que enfatizava seu pensamento secreto:

— Você continuará morando aqui depois do casamento?

Ela respondeu:

— Sim, acho… vamos fazer os ajustes necessários…

— Mas, sem dúvida, depois de uma viagem… uma longa viagem?

— Nada foi decidido ainda…

Ele lhe fez mais perguntas. Rolande, que respondia em pequenas frases vagas, interrompeu o interrogatório dizendo:

— Alguém tocou a campainha. Não estou esperando nenhuma visita.

Ao chegarem à escadaria, foram alcançados pelo som de uma discussão, que imediatamente se transformou em briga barulhenta. Ouviram a voz do

criado Édouard, que gritava furiosamente:

— Não vai entrar! Enquanto eu for vivo, não vai colocar os pés nesta casa.

Rolande atravessou correndo a sala de jantar. Félicien e Faustine já estavam no vestíbulo. Perto da entrada, o velho criado tentava barrar o caminho de um senhor idoso que dizia baixinho:

— Por favor, controle-se. Quero falar com a srta. Rolande… Por favor, avise-a da minha visita.

Rolande parou na soleira, examinou o recém-chegado e disse:

— Não acho que tenho a honra, senhor…

Sem dizer uma palavra, ele lhe entregou seu cartão. Ela lhe lançou um olhar e ficou perturbada.

Ele insistiu, como se temesse uma recusa.

— Quero lhe falar, Rolande… Essa conversa é imprescindível… Não pode recusar… em seu próprio interesse…

Ele estava curvado, os cabelos brancos, com traços finos e distintos, e de uma palidez excessiva que indicava doença e esgotamento.

Após hesitar, ela ordenou ao criado:

— Deixe-nos, Édouard… Sim, deixe-nos, eu lhe peço.

Édouard saiu, furioso. Então, dirigindo-se ao cavalheiro, ela lhe disse:

— Lamento que meu noivo não esteja aqui. Eu o teria apresentado ao senhor.

— Sei de fato que está noiva, Rolande…

— Sim, de Jérôme Helmas.

— Sei disso… Ele ia se casar com sua irmã, certo?

— Ele ia se casar com ela.

Ele continuou:

— Conheci bem a mãe dele no passado. Ele era muito criança.

Mas Rolande pareceu se recusar a continuar a conversa na presença de testemunhas, e lhe disse:

— Vamos subir ao meu toucador, senhor, poderemos conversar melhor. Eu lhe mostro o caminho.

Ela o conduziu. Ele subia lentamente, com esforço.

Raoul só precisou de um rápido olhar para se convencer de que Félicien e Faustine estavam tão intrigados quanto ele, e que nada para eles explicava aquela visita.

Os três esperaram, cada um se ocupando à sua maneira, e em silêncio.

Só depois de duas horas, o senhor desceu as escadas, apoiado em Rolande. Ela tinha os olhos vermelhos e uma expressão perturbada.

— Então, Rolande, seu casamento… será quando?

Ela reagiu nitidamente, como se tomasse uma decisão repentina:

— Doze dias. O tempo de publicar os proclamas.

— Seja feliz, Rolande.

Ele a beijou na testa, enquanto ela chorava, então ela gentilmente se afastou e o conduziu até a porta.

— Posso acompanhá-lo? — ela disse.

— Não, a estação não fica longe. Prefiro ir sozinho. Até breve, Rolande. Ficaria muito feliz em vê-la em minha casa! Você me prometeu. Mas não demore muito, Rolande.

Ele não se virou. Rolande o seguiu com os olhos, fechou a porta e voltou pensativa ao estúdio. Sem esperar, Raoul saiu pela sala de jantar da *Clématites* com a intenção de seguir o estranho e recolher algumas informações. Mas ele imediatamente o viu na avenida, apoiado no braço de um criado em traje de motorista. Perto da estrada nacional, achava-se estacionado um automóvel luxuoso. O motorista o ajudou a entrar e foram embora. Raoul só pôde notar que o carro estava muito empoeirado, como se, para chegar até ali, já tivesse percorrido um longo trajeto.

Por volta das sete horas, ele abordou Faustine, quando ela estava saindo da clínica.

— Não sabemos nada sobre aquele senhor? Rolande não disse nada?

— Não.

— Diabos — ele disse —, ainda que tivessem lhe contado, você não diria uma palavra sobre isso! Que seja, vou cuidar disso sozinho. Não é muito difícil, nesse caso, e ainda é um pouco de verdade que vai se somar a tudo o que descobri. Estamos avançando, Faustine.

Ele lhe disse, em uma voz mais dura e agressiva:

— Outra coisa: que jogo você joga na *Clématites*? Eis aí você, a amiga da casa. A que título? O que vocês quatro têm em comum? É para virar a cabeça de Félicien que você exibe seus encantos? Alto lá, garota. Caso contrário, faço o rapaz desaparecer e você vai acabar sem lucrar nada com isso.

Ela não ficou com raiva e sorriu:

— Ganhei alguma coisa para lhe agradar?

— Com certeza, não!

— E ainda assim, eu o agrado.

— E bastante, é verdade! — ele disse acalmando-se e rindo. — E talvez seja por isso que estou perdendo um pouco a cabeça…

***

À noite e na manhã seguinte, Raoul realizou uma investigação que o levou em vinte minutos de carro à frente de um asilo de idosos localizado perto de Garches. A seu pedido, chamaram ao parlatório o velho Stanislas, homem valente, todo trêmulo e curvado, a quem ele explicou o propósito de sua visita.

— O senhor é originário da comuna de Vésinet, onde viveu e trabalhou como criado por mais de quarenta anos, dos quais trinta anos com o mesmo patrão, que era pai do senhor Philippe Gaverel, atual proprietário da *Orangerie*. Não estou enganado, estou? No entanto, o município de Vésinet incluiu-o numa distribuição de ajuda, e fui por ela encarregado de lhe entregar uma nota de cem francos.

Depois de cinco minutos de efusões e uma hora de conversa sobre Vésinet, sobre os habitantes de Vésinet, sobre as pessoas que frequentavam a *Orangerie*, sobre as pessoas que ocupavam as propriedades vizinhas dessas pessoas, Raoul ficou sabendo exatamente o que queria descobrir.

Em particular, ele sabia que o pai de Élisabeth e Rolande, o sr. Alexandre Gaverel, irmão do tio Philippe, se dava mal com a esposa. Era um conquistador, que a fazia infeliz. Era também um ciumento que, no final das contas, tivera sem dúvida algum motivo para sê-lo, dada a presença assídua de um parente distante da sra. Alexandre Gaverel.

— Em suma — contou Stanislas —, houve discussões, que puderam ser ouvidas do jardim da *Orangerie*, e, um dia… veja, a srta. Élisabeth tinha acabado de fazer três anos… um dia, o sr. Alexandre expulsou o primo da senhora, chegaram mesmo a brigar no vestíbulo, e o criado Édouard, amigo meu, teve de dar uma mãozinha ao patrão. E como eles gritavam! Em casa, na cozinha, costumávamos dizer que o verdadeiro pai da srta. Élisabeth era o primo Georges Dugrival.

— Mas o casal Gaverel acabou por se entender? — disse Raoul.

— Mais ou menos, mesmo tendo uma filha três ou quatro anos depois, a srta. Rolande. Mas ele voltou à vida antiga, tanto que morreu de derrame, após uma farra em Paris com amigos.

— E não se viu mais o primo?

— Nunca. Só que, todos os anos, até sua morte, a sra. Alexandre passava o verão com as filhas à beira-mar, em Cabourg. E Cabourg fica a vinte quilômetros de Caen, onde hoje mora o sr. Georges Dugrival, o primo da sra. Alexandre. Lá em casa, na cozinha, dizia-se que ele tinha sido encontrado várias vezes na praia de Cabourg com a sra. Alexandre e sem as duas meninas, é claro. E a cozinheira, na *Orangerie*, uma vez disse: "Você verá que ele deixará toda a sua fortuna para a srta. Élisabeth. É uma decisão já tomada. A coisa está acertada entre ele e a sra. Alexandre. Ah! ela vai ter um grande dote, a srta. Élisabeth!..."

Raoul ficou muito satisfeito com sua expedição. Quanto mais pensava no assunto, mais entendia a importância dos resultados alcançados. Todo um halo de luz se formava em torno desse conflito familiar, no qual ele pressentia a origem de tantos atos tenebrosos que começavam a adquirir certo significado para ele.

***

A tarde e o dia seguinte ele passou na *Clématites*, onde encontrou, apesar do acolhimento cordial que lhe era dispensado, o mesmo sentimento de isolamento da primeira vez e a mesma atmosfera patética. Cada um vivia em si mesmo, com seus próprios pensamentos e seu propósito particular. No que todas aquelas pessoas estavam pensando? De vez em quando, Rolande e Jérôme trocavam olhares afetuosos. E, de vez em quando, os olhos de Félicien deixavam Faustine e o retrato que pintava para olhar Rolande e Jérôme.

No silêncio, Rolande disse ao noivo:

— Seus papéis estão prontos, Jérôme?

— Com certeza.

— Os meus também. Hoje é terça-feira, 7. Vamos marcar nosso casamento para sábado, dia 18, está bem?

Jérôme tomou-lhe a mão e beijou-a com uma exaltação que revelou todo o ardor de seu amor. Ela sorriu e fechou os olhos.

Félicien trabalhava diligentemente.

Raoul disse a si mesmo: "Faltam onze dias para 18 de setembro. É preciso que tudo seja providenciado até lá e que suas paixões façam explodir a verdade, ainda tão distante e tão complexa".

Não mais se tratara da misteriosa visita recebida por Rolande. Qual fora o motivo dela? Por que Rolande, tão hostil no início, parecia tão gentil e tão emotiva na partida? E Jérôme Helmas fora informado a respeito?

***

No sábado, 11 de setembro, Raoul foi convocado por Rolande para a *Clématites*, onde o inspetor Goussot deveria ir às três horas para uma comunicação importante. Rolande queria que o sr. d'Averny e Félicien Charles fossem testemunhas.

Raoul chegou pontualmente ao encontro, assim como Félicien. Faustine não apareceu.

A comunicação feita pelo inspetor Goussot foi breve. Fingindo não notar a presença de Raoul e Félicien, ele se dirigiu apenas a Rolande e Jérôme.

— Aqui estão várias cartas anônimas que recebemos. Todas são datilografadas, de uma forma um tanto grosseira, e todas são colocadas no correio à noite, em Vésinet. Minha investigação, que dizia respeito a pessoas que possuíssem uma máquina de escrever, deve ter ficado conhecida, porque esta manhã uma máquina, de fabricação antiga, foi encontrada em um monte de lixo, a três quilômetros daqui. Mas, pela última vez, a tinham usado ontem, e à noite chegou à Prefeitura esta carta, cuja leitura peço que ouçam:

> *Ao longo da avenida onde Simon Lorient foi atingido, durante a famosa noite, estende-se uma propriedade desabitada há meses, e cujo muro baixo é encimado por uma grade. Através das barras desta grade, pode-se ver um lenço sob as folhas dos arbustos. Talvez fosse bom verificar a proveniência desse lenço.*

— Segui o conselho dado — continuou o inspetor-chefe. — Esse lenço, que se pode ver aqui, está obviamente sujo e molhado de chuva e orvalho. Mas é fácil distinguir a marca comprida, angular e avermelhada deixada

por uma faca vermelha de sangue que se limpa com um pano. Quanto às iniciais, há apenas uma, assim como acontece com a maioria dos lenços comprados nas lojas: a letra F. Já que o senhor está aí, senhor Félicien Charles, teria a bondade?

Félicien obedeceu e estendeu seu lenço. Goussot comparou-os entre si.

— Não há inicial neste último. Mas pode-se perceber a mesma tela fina, e rigorosamente as mesmas dimensões. Obrigado. Essas peças serão incluídas no inquérito e o laboratório verificará se as manchas marrons são manchas de sangue. Nesse caso, haveria uma acusação das mais sérias contra aquele que atingiu Simon Lorient e que primeiro atingira o sr. Helmas.

O inspetor não disse mais nada, cumprimentou os dois noivos e saiu.

— Meu caro Félicien — observou Raoul, levantando-se —, os acontecimentos estão se precipitando. A polícia não tem mais a menor dúvida sobre você. Em alguns dias, o sr. Rousselain será obrigado a chamá-lo de volta a seu gabinete e então…

Félicien não respondeu. Parecia estar pensando em outra coisa bem diferente. Raoul o odiava.

***

À noite, após o jantar, ao passar à sombra do jardim, ouviu-se um leve apito na avenida e ele viu a silhueta de uma mulher caminhando ao longo do grande lago e se afastando, em direção à esquerda, em uma direção oposta à *Clématites*.

Raoul achou que o apito devia ter sido um sinal. E, de fato, Félicien não demorou a surgir do pavilhão. Abriu lentamente o portão e também virou à esquerda.

Raoul teve o cuidado de ir pelo interior da *Clair-Logis* e pela saída da garagem.

Percebeu no caminho que margeia o lago duas silhuetas que se afastavam. A noite ainda não estava muito densa. Ele reconheceu Félicien e Faustine, que conversavam animadamente.

Seguiu-os de longe.

Eles cruzaram a ponte e se sentaram no mesmo banco onde ele vira Rolande e Jérôme Helmas.

Como estavam de costas para ele, ele foi capaz, sem medo, de se aproximar deles a uma distância de vinte e cinco ou trinta metros.

Muito claramente, percebeu que Félicien estava nos braços de Faustine e que sua cabeça repousava no ombro da jovem.

O sequestro

A reação brutal de seus instintos teria impelido Raoul a atacar os dois amantes e lhe teria proporcionado a satisfação imediata de jogar Félicien na água e estrangular Faustine. Se não o fez, se chegou mesmo a parar imediatamente, depois de dois ou três passos em direção à ponte, foi por razões que só percebeu depois.

Portanto, ele ficou quieto. A hora não se prestava a acessos de raiva nem a ataques impensados. Nunca sentira por Faustine senão um desejo em que não havia o mais ínfimo amor, e, no momento em que tudo anunciava a tempestade que se aproximava e a borrasca do desenlace, ele não obedeceria a uma crise de loucura orgulhosa que arriscava pôr tudo a perder. Os fatos, dos quais alguns estavam começando a ser classificados em sua mente, apesar de seu emaranhado, poderiam ficar confusos novamente se ele interviesse de forma inesperada.

E então, acima de tudo, a imagem da condessa de Cagliostro surgia diante dele. Pai e filho um contra o outro, lutando pela mesma criatura, que vitória para a morta! Com que rigor execrável seria cumprida a vingança que ela confiara ao destino!

Raoul voltou para casa. Fechou a barreira e montou um dispositivo que nunca usava e que ativava uma campainha elétrica quando ela era aberta.

Meia hora depois, a campanhia soou. Félicien estava de volta. Raoul adormeceu.

***

Passou toda a manhã seguinte a ruminar contra Félicien, a quem odiava cada vez mais. Àquela altura, apesar de todas as contradições e

inverossimilhanças, tendia a admitir como certa a cumplicidade de Rolande e Jérôme. Os planos dos dois noivos deveriam se basear naquela história, tão mal definida, da herança de Dugrival. Deu um pequeno passeio, almoçou e resolveu ir a Caen para investigar, obter informações sobre Georges Dugrival, talvez o encontrar, em todo caso para fazer-lhe, na noite seguinte, uma interessante visita domiciliar.

Mas, quando estava prestes a entrar no carro, o toque do telefone o chamou à *Clair-Logis*. Jérôme Helmas lhe implorava que viesse, com urgência, sem perder um minuto. O jovem parecia desesperado.

Dois minutos depois, Raoul chegava. Jérôme estava esperando na soleira com o criado, e imediatamente gaguejou, com a voz sufocada:

— Sequestrada!…

— Quem?

— Rolande. Sequestrada por aquele miserável.

— Aquele miserável?

— Félicien Charles.

— Ora, vamos! — protestou Raoul, que ainda via Félicien nos braços de Faustine. — Rolande teria consentido?

— Está louco? — gritou Jérôme, indignado. — Sequestrada à força! De carro! Vou lhe explicar… Pensei imediatamente que só o senhor poderia…

Ele saltou para o assento.

— Mas qual estrada? — perguntou Raoul.

— Para os lados de Saint-Germain. Não é, Édouard? Você os viu?

— Sim. Saint-Germain — afirmou o criado.

O carro de Raoul já estava dando partida.

A trezentos metros, dobraram na estrada nacional, à direita, e cruzaram o Sena. A estrada nº 190 ia na direção de Rouen, da Normandia…

Jérôme resmungava, fora de si:

— Ela não suspeitava de nada… Tão pouco eu… Ele havia trazido de Paris um carro que supostamente queria comprar. Ele aproveitou o fato de eu estar no jardim para propor a ela experimentar o carro… Ela subiu no veículo. Mas, quando ele ligou o motor, ela provavelmente quis sair e ele acabou por impedi-la, pois ela soltou gritos que Édouard ouviu, assim como eu. Quando Édouard saiu, o carro já estava longe.

— Que tipo de carro?

— Um conversível.

— Nenhuma característica especial?

— Carroceria amarelo-claro.

— Há quanto tempo partiram?

— Dez minutos no máximo.

— Vamos alcançá-los. Félicien dirige mal.

Raoul se dirigiu para os lados de Saint-Germain. Mas de repente virou na direção de Versalhes.

— Dez a doze quilômetros de linha reta. Estamos indo a toda velocidade.

— Mas por que mudar?

— Uma ideia!… Félicien foi criado em Poitou. Como não temos indicações precisas, devemos reduzir o risco de erro e supor que ele está se refugiando em uma região que conhece. A estrada nacional nº 10 deve ser a correta.

— E se você estiver errado?

— Pior para nós.

Atravessaram a toda velocidade a praça de armas de Versalhes e seguiram para Saint-Cyr e Trappes.

— Já deveríamos ver o conversível amarelo. Félicien deve estar indo a toda velocidade.

— Mas você tem certeza?…

— Oh, absoluta. Estamos a cento e dez por hora. Nesse ritmo, com certeza vamos alcançá-lo antes de Rambouillet…

Ele estava feliz com sua vitória imediata. Que vingança contra aquele maldito Félicien, a quem nada poderia salvar da derrota e do ridículo!

— Tem certeza? Tem certeza? — objetou Jérôme. — E se tiver escolhido o caminho errado?

— Impossível… Veja, não são eles, ali… que estão entrando na floresta?

— Sim! Sim! — gritou Jérôme.

E, de repente exaltado, ele proferiu insultos:

— O miserável! Eu sabia que ele a amava… Disse isso vinte vezes para Rolande… Ele sempre a amou… Desde o início, girava em torno dela. Mesmo no tempo da pobre Élisabeth… Foi ela quem percebeu. Ele a ama, estou lhe dizendo, senhor… Ah, o cabotino… Ele esconde, finge se ocupar de Faustine, mas eu podia sentir seu ódio contra mim… seu ciúme feroz. Quando ela lhe anunciou o casamento, ele bem que disfarçou, mas estava

tremendo de raiva. Ele a ama… Ele a ama e a está levando embora… Ah, se ele escapar… Veja que ele está escapando e Rolande não pode fugir dele. Ah, o horror!… Mas vá depressa! Não estamos avançando…

No fundo, Raoul experimentava uma satisfação confusa da qual se dava conta e a qual saboreava. Realmente, esse Félicien às vezes parecia ter porte. Em meio à angústia, perseguido pela polícia, o que ele estava fazendo? Conquistando Faustine e sequestrando Rolande! Em vez de se defender ou de se proteger do perigo, permanecia em plena batalha e até mesmo partia para a ofensiva, não importava o que pudesse acontecer. O patife, que ousadia!

Em Rambouillet, a longa e tortuosa rua de paralelepípedos os obrigou a reduzir a velocidade, especialmente porque havia dois caminhos que se ofereciam, um para Chartres, outro para Tours.

— Vamos pegar ao acaso — disse Raoul.

Jérôme estava com medo, tendo perdido todo o controle sobre si próprio.

— O covarde! Eu disse a Rolande para tomar cuidado! Sorrateiro… Hipócrita… Sem falar de tudo o mais… Sim, tudo o mais… Tenho minha opinião sobre todas essas histórias da *Orangerie*… Ah, se eu pudesse pegá-lo!

Ele estendia os punhos para a frente. Raoul pensou que ele era alto, sólido, bem construído, muito atlético e que facilmente esmagaria Félicien, mais magro e de aparência menos sólida. Mas nada teria impedido Raoul de pisar fundo e alcançar o fugitivo em relação ao qual seu ressentimento exigia uma derrota.

E de repente, depois de uma curva, o carro amarelo apareceu, a trezentos ou quatrocentos metros de distância. O carro de Raoul pareceu dobrar de velocidade em um segundo, como um cavalo de corrida na reta final. Nenhum obstáculo, nenhuma distância agora poderia impedir que o sequestrador fosse capturado.

Não houve nem mesmo uma progressão na reaproximação. O intervalo foi eliminado de forma repentina. E de súbito o carro de Raoul se viu colocado na frente do outro, obrigando-o a reduzir a velocidade sob o risco de bater, e forçando-o parar no espaço de cinquenta metros, na beira da estrada.

À frente e atrás, não havia ninguém.

— Só nós dois! — gritou Jérôme Helmas, saltando do carro.

Félicien também já saía do carro. No meio da estrada, Rolande tinha descido, cambaleando.

Jérôme, o primeiro a entrar em combate, começou a andar pesadamente, como um boxeador se preparando para um ataque.

Félicien não se mexia.

A jovem queria se jogar entre eles. Raoul d'Averny se interpôs e agarrou-a pelos ombros.

— Fique aqui.

Ela quis se libertar.

— Não! Eles vão lutar.

— E depois?

— Eu não quero… Ele vai matá-lo…

— Fique calma… Quero saber…

— É abominável… Deixe-me…

— Não — disse Raoul —, quero saber se ele vai ficar com medo…

Rolande se contorcia em seus braços, mas ele a segurava firmemente e observava Félicien com avidez.

Félicien não estava com medo. Estranhamente se poderia dizer que ele estava sorrindo. Um sorriso provocador, cheio de desprezo e de segurança. Era possível?

A dois metros dele, Jérôme Helmas parou e rosnou duas vezes:

— Suma daqui… Suma daqui… Se não…

O outro encolheu os ombros. Seu sorriso se alargou. Ele nem mesmo se colocou na defensiva.

Mais um passo, e mais outro. Com todo o impulso de seu corpo poderoso, Jérôme adiantou o punho em direção ao rosto que se apresentava.

Félicien fez um movimento de cabeça e deu um passo para o lado para evitar o choque.

Jérôme foi projetado, virou-se e vociferou:

— Não se mexa, Rolande, o caso está encerrado!

E uma sessão de boxe começou, ardente e furiosa. Félicien havia se apoiado nas pernas semiabertas e não recuou um passo. Após um primeiro embate, Jérôme provavelmente sentiu que não obteria uma decisão daquela forma e correu para o adversário, agarrou-o e abraçou-o com toda a força,

usando seu peso para o derrubá-lo.

Félicien resistiu por um momento, curvado para trás, os rins quase se rompendo. Então cedeu e se deixou cair, arrastando Jérôme Helmas sobre ele.

A jovem ainda se debatia e gritava. Raoul lhe tapou a boca.

— Cale-se… não há nada a temer… Se algum deles sacar alguma arma, estou aqui. Eu reagirei imediatamente.

— É odioso — ela gaguejou.

— Não… a briga deve ser resolvida… Não tem jeito…

Não demorou muito para que isso acontecesse. Os dois lutadores rolaram no chão e na grama empoeirada. Félicien dava sinais de fraqueza. O desfecho estava próximo. Mas foi o oposto do que se poderia esperar. Félicien se levantou e alisou suas roupas com a palma da mão, enquanto Jérôme gemia e permanecia inerte.

— Ótimo — Raoul zombou —, foi muito bom.

Ele correu para o vencido, inclinou-se e descobriu que não sentia nada além de uma dor no braço.

— Daqui a dois minutos já está de pé — disse ele —, mas aconselho que fique aí… já que estamos diante de um selvagem!

Félicien se afastava lentamente. Seu rosto não expressava emoção nem prazer, e ninguém poderia acreditar que ele acabara de vencer o homem que parecia ser seu odiado rival. Ele passou perto de Rolande sem que ela o repreendesse e sem que ele lhe dirigisse a palavra…

Rolande, libertada dos braços de Raoul, parecia ansiosa e indecisa. Olhou para os dois homens. Olhou para Raoul e observou em volta.

Não muito longe, na estrada, um carro chegava, devagar. Era um táxi vazio voltando para Rambouillet. Ela deu sinal para o motorista, entendeu-se com ele e entrou no carro.

Jérôme, que havia se levantado, fez um sinal, subiu no carro e sentou-se ao lado dela. O táxi partiu.

***

Félicien nem pareceu registrar o incidente. Enquanto se preparava para ocupar seu lugar em seu carro, Raoul gritou para ele:

— Meus cumprimentos. Um belo golpe de jiu-jítsu… clássico aliás… mas tão bem executado… a torção do braço… Onde diabos aprendeu isso? E que mestria como boxeador! Mais uma vez o parabenizo, principalmente pela vantagem de tamanho e de massa que Jérôme tinha.

Félicien fez um gesto de indiferença e abriu a porta. Mas Raoul de imediato o segurou.

— Você sempre me surpreende, Félicien. Que personagem engraçado! Você ama Rolande o suficiente para enlouquecer e sequestrá-la, e então eis que a abandona para seu adversário sem mais se preocupar com ela.

O outro murmurou:

— Eles estão noivos.

— Justamente, luta-se até o fim, quando se tem a vantagem.

Félicien encarou Raoul e disse-lhe, numa voz educada, mas muito clara:

— Eu teria lutado até o fim e poderia ter vencido o jogo, se o senhor não interviesse a favor de Jérôme. O senhor também os considera como noivos, e quanto a mim sou visto apenas como o intruso… que se persegue como a um ladrão. Agora, tudo que resta a fazer é deixar as coisas tomarem seu rumo… Venha o que vier!…

Palavras enigmáticas, como eram todos os atos dos três jovens, como era a atitude de Rolande. Enquanto Félicien ia embora, Raoul refletiu longamente, novos fatos eram ligados àqueles cujo significado secreto ele havia descoberto, confirmando-os ou modificando-os. Outras novas suposições tomavam forma em sua mente. A verdade estava se tornando mais consistente e mais lógica. Nada mais emocionante que esse rasgar das brumas!

Em vez de retornar a Paris, ele continuou seu caminho, virando para noroeste. Sentia-se animado e não podia deixar de rir às vezes e em voz baixa, de construir alegremente um monólogo:

"Ora! Um esportista? Um atleta completo? Sob essas formas de arquiteto que se preocupa exclusivamente com seu trabalho, há músculos, nervos, vontade, coragem, ousadia? Mas ele é charmoso, esse jovem! Com algumas aulas particulares de jiu-jítsu, boxe e lutas com pontapés, eu faria dele um cavalheiro muito honrado. Diga, meu velho Lupin, como filho ele não seria tão ruim quanto você pensava! Teremos que ver isso, meu velho Lupin."

***

Raoul aumentou a velocidade. A vida estava se iluminando. Decididamente, as ações do jovem Félicien ganhavam força.

Nonancourt… Évreux… Lisieux… Por volta das oito horas, Raoul desceu num grande hotel em Caen, mandou tirar do carro uma mala sempre pronta e jantou.

Naquela mesma noite, ele começou sua investigação sobre Georges Dugrival, o antigo amigo da sra. Gaverel, e o suposto pai de Élisabeth Gaverel.

Era domingo, 12 de setembro. No sábado seguinte, Rolande se casaria com Jérôme Helmas.

O estojo azul

Georges Dugrival sempre vivera de forma muito confortável. Sua fortuna, baseada em grandes participações em empresas de mineração e de forjas normandas, lhe permitia interessar-se pela criação de animais e possuir um haras e uma pequena estrebaria de corridas regionais.

Morava sozinho com os criados em uma velha mansão, como as que ainda se pode encontrar na antiga e pitoresca cidade de Caen. A fachada, em que se viam esculturas da Regência e cujas janelas altas marcavam claramente o estilo e a época, dava para uma rua tranquila e pouco movimentada. Raoul passou por ali várias vezes naquela mesma noite. Três dessas janelas mantiveram as luzes acesas até altas horas. Uma delas iluminava o pavilhão dos porteiros, as outras duas, localizadas no primeiro andar, e parcialmente veladas por cortinas, deviam ser de um quarto de dormir.

A primeira ideia de Raoul foi de visitar Georges Dugrival e explicar-lhe a situação. Mas, na manhã seguinte, ele soube que Georges Dugrival, que sofria de uma doença hepática incurável, estava no meio de uma crise e que não havia chance alguma de que alguém pudesse ser recebido por ele. O quarto iluminado era exatamente o que ele ocupava. Dois enfermeiros cuidavam dele dia e noite. O porteiro não se deitava, sempre pronto a buscar o médico.

"Conclusão", resmungou Raoul para si mesmo, "uma visita domiciliar noturna."

Mas por onde entrar?

A mansão era ampla e a fachada posterior dava para um pátio ajardinado separado de uma rua paralela por um muro muito alto, no qual

havia uma porta enorme. O muro tinha uns cinco metros de altura e a rua era uma das mais movimentadas da cidade. A empreitada, portanto, prometia ser difícil, senão impraticável.

Raoul voltou ao hotel, mas, ao passar do corredor para a sala de jantar, parou imediatamente, perplexo. O espetáculo mais extraordinário o atingiu. Pelas vidraças, pôde ver, sentados no restaurante, almoçando, Félicien Charles e Faustine. Eles estavam conversando animadamente.

Por qual obra tenebrosa estavam lá? Que tarefa vinham realizar como cúmplices unidos entre si pelas circunstâncias e, sem dúvida, também, como ele vira, por suas relações íntimas?

Ele esteve prestes a ir sentar-se à mesa deles e ali pedir seu almoço. Se não o fez foi porque sabia com que tom áspero e com que risada perversa falaria com eles. Além disso, por que eles também tinham vindo rondar Georges Dugrival?

Com pressa, comeu em seu quarto, enquanto habilmente questionava o rapaz do andar.

O casal chegara em um trem noturno e havia solicitado dois quartos. O hotel estava quase cheio, a senhora dormia no segundo andar e o cavalheiro no quarto.

De manhã, só o cavalheiro havia saído. A senhora não deixara o quarto.

Raoul desceu. Eles ainda estavam conversando, inclinados um em direção ao outro, como pessoas que discutem um assunto ou buscam juntas a melhor decisão a tomar.

Antes que terminassem, Raoul postou-se não muito longe do hotel, em um jardim público.

Vinte minutos depois, Félicien saiu. Estava sozinho.

***

Por entre as grades, Raoul notou sua expressão resoluta. Obviamente, Félicien sabia o que ia fazer e estava pronto para executá-lo ponto por ponto. Conhecia seu objetivo e a maneira mais segura e mais rápida de alcançá-lo. Nenhum minuto seria desperdiçado.

Ele se dirigiu para a parte da cidade onde vivia Georges Dugrival, mas em vez de ir direto para a casa, seguiu o caminho que levava à rua paralela, aquela que margeava o pátio ajardinado.

“Ora!”, disse Raoul para si mesmo, “ele não vai escalar o muro em plena luz do dia e na frente de todos os transeuntes e lojistas da vizinhança! Que eu saiba, não tem uma escada no bolso. Por outro lado, quebrar uma fechadura é algo que não se faz numa hora dessas, é uma tarefa complicada, que chama a atenção e em geral faz a pessoa ser levada para a delegacia.”

Félicien não parecia de forma alguma ponderar esses problemas, preocupar-se com os obstáculos e escolher entre várias alternativas. Seu andar era vívido, mas sem excessos que chamassem a atenção para ele. Ele seguiu o muro alto e parou na frente da porta, uma chave na mão.

“Parabéns!”, disse Raoul para si mesmo, “eis um indivíduo cheio de precauções! Acreditando que o processo mais simples e banal de abrir uma porta fechada é ter a chave dessa porta, ele tem essa chave. O proprietário simplesmente entra na casa. Quem se importaria com isso?”

De fato, o jovem girou duas vezes a chave na fechadura, girou duas vezes outra chave que acionava o ferrolho interno, entrou e desapareceu.

Raoul teve a ideia de que, se Félicien se contentava — uma suposição provável — em cerrar a porta, não seria impossível reabri-la. Arrombar uma fechadura que não seja duplamente fechada é a infância da arte. Só é preciso um gancho e muita experiência. Ele tinha ambos. Empregou, portanto, o método deliberado que Félicien havia usado, atravessou a rua, inseriu um gancho, manobrou-o… e “um segundo proprietário simplesmente entrou na casa”.

Metade da parte esquerda do pátio era ocupada por um anexo da casa, de um só pavimento, de forma que, pelas janelas da mansão, não era possível ver quem entrava ou saía desse andar térreo.

Raoul entrou ali sem fazer barulho. Primeiro, havia um pequeno vestíbulo que dava, de um lado, para um vestiário onde alguns casacos estavam pendurados, e, de frente, um cômodo isolado que Dugrival tinha reservado para si e que havia mobiliado com uma grande escrivaninha, formado por armários e estantes de livros. Havia tapetes por toda parte.

Em um canto, um armário aberto, onde um cofre estava escondido. De joelhos, na frente desse cofre, Félicien.

Estava tão absorto no trabalho que não ouviu a chegada cautelosa de Raoul, que, aliás, permaneceu na soleira, com apenas a cabeça emergindo da abertura.

Em frente ao cofre, Félicien atuou com a mesma rapidez. Girou os três botões sem hesitar, como se soubesse o número da combinação, e usou uma chave que cumpriu fielmente a tarefa da chave verdadeira daquele cofre.

O pesado batente de aço foi puxado.

Dentro, havia muitos documentos, dos quais ele não olhou nem os títulos. Estava obviamente procurando por outra coisa.

Empurrou os de cima, depois os da prateleira do meio, passando a mão por trás da papelada. Na segunda tentativa, pegou um estojo azul, bem grande, e que devia ser a coisa pela qual ele estava procurando.

Ainda ajoelhado, voltou-se um pouco para a janela a fim de ver melhor, o que permitiu a Raoul não perder um único de seus movimentos.

A tampa foi levantada. O estojo azul continha meia dúzia de diamantes que o jovem examinou lentamente, um a um, e que colocou no bolso, um a um, com os mesmos gestos fleumáticos.

E foi essa fleuma que surpreendeu Raoul. Ele tinha a prova de que o caso fora preparado de tal forma, as informações tão bem recolhidas e as medidas tão bem tomadas que Félicien podia agir com toda a tranquilidade. Ele nem prestava atenção nos ruídos do quintal e da casa. Sabia que àquela hora nenhuma intervenção o perturbaria.

"Faça da criança um ladrão…", havia prescrito a condessa de Cagliostro. Se Félicien era a criança designada, a ordem fora executada. Félicien roubava. Félicien assaltava. E com que maestria! Nenhum movimento desnecessário. Frieza, método. Reflexão. Arsène Lupin não teria se saído melhor.

Depois de esvaziar o estojo, certificou-se de que não havia fundo falso e também de que a prateleira inferior do cofre continha apenas papéis, e cuidou de fechar.

Raoul, preferindo evitar o encontro, deslizou para o vestiário e se escondeu por trás das roupas penduradas. Além disso, nenhuma apreensão afligira Félicien, que se afastou sem suspeitar nem por um momento que podia ter sido observado.

Ele cruzou o fim do pátio, saiu e, do lado de fora, trancou a fechadura e o ferrolho.

Então, Raoul voltou para o grande cômodo. E a segurança de Félicien tinha sido tão profunda que ele guardou disso, em si mesmo, uma sensação agradável e se sentou confortavelmente em uma poltrona, para meditar à

vontade.

***

"Faça da criança um ladrão." A vontade da Cagliostro se cumpria. Félicien estava roubando, e roubara diante dos olhos de seu pai. Que assustadora vingança!

"Sim, assustadora", disse Raoul para si mesmo, "se ele realmente for meu filho. Mas posso admitir que meu filho seja um ladrão? Vamos, caro Lupin, você é franco consigo mesmo, não é? Ninguém o está ouvindo. Você não precisa desempenhar um papel. Pois bem, se, no fundo de sua consciência leal, você tivesse acreditado, por um segundo, que esse vigarista vulgar poderia ser seu filho, você não teria sofrido a pior das mortes? Sim, não é? No entanto, você não sofreu quando viu Félicien assaltar. Então, Félicien não é seu filho. É claro como a água e desafio qualquer um a me provar o contrário. Decididamente, meu velho Félicien, suas ações estão degringolando de novo! Você pode roubar se gostar, eu não me importo."

E acrescentou em voz alta:

— Agora, a pergunta pode ser feita de outra forma…

Mas Raoul não se fez essa outra pergunta. Ele tinha coisas melhores para fazer que raciocinar. Precisava examinar as gavetas daquela escrivaninha.

***

Forçou adequadamente as fechaduras e pensou com ironia que, ao remexer nas gavetas, não sentia aquela aversão vingativa pelo ofício de ladrão que o abalava quando o roubo era executado por outra pessoa.

O principal ali era ser bem-sucedido. Ele estava sendo bem-sucedido.

Uma descoberta, de considerável importância, o recompensou.

Numa mesma caixa, colocada no fundo de uma gaveta secreta, encontrou duas dúzias de cartas, em caligrafia feminina, não assinadas, mas com certos detalhes que marcavam a procedência. Tinham sido escritas pela mãe de Élisabeth e de Rolande e provavam que, apesar das aparências, a sra. Gaverel ainda era leal ao marido quando do rompimento entre os dois homens.

Só mais tarde é que se teve o direito de supor, com algumas alusões veladas e uma ênfase mais terna da correspondência, que ela se rendera ao amor de Georges Dugrival. Consequentemente, se uma das duas irmãs era filha de Georges Dugrival, só poderia ser Rolande. Mas isso ninguém sabia, e ninguém tinha o direito de afirmar, e, sem dúvida, Rolande ignorava o segredo de seu nascimento, e devia ignorá-lo para sempre. Era mesmo uma das preocupações da mãe, e uma das frases mais precisas dizia:

"Que ela nunca saiba de nada, eu lhe suplico…"

Raoul meditou longamente sobre sua descoberta, sobretudo pelo fato de que lhe era impossível sair por onde havia entrado e ele precisava esperar até o anoitecer.

Por volta das sete horas, ele subiu os quatro degraus que levavam ao pavimento térreo da casa. Um grande salão surgiu primeiro diante dele, quase às escuras sob as cortinas cruzadas, as capas sobre os móveis e o piano. Depois, havia um vestíbulo, onde começava uma ampla escadaria, e da qual, através de óculo, se avistava o alojamento dos porteiros.

Por volta das oito horas, houve uma agitação na casa. Dois cavalheiros desceram. Foram buscar o médico que, assim que chegou, subiu a escadaria após ter trocado algumas palavras com os dois cavalheiros.

Estes últimos, bastante malvestidos, conversaram em voz baixa com o porteiro, depois, aguardando, sentaram-se nas cadeiras do vestíbulo, muito perto da porta entreaberta do salão, onde, novamente, cochicharam entre si. Raoul ouviu algumas palavras. Eram primos de Georges Dugrival. Tratou-se da questão da saúde do paciente e do desenlace que dificilmente poderia ser adiado para mais de uma ou duas semanas. Eles também aludiram aos selos que deveriam ser colocados no gabinete de trabalho do pátio, tendo em vista a "caixa de joias trancada no cofre, e onde havia diamantes de grande valor".

O médico desceu as escadas. Enquanto, para acompanhá-lo, os dois primos pegavam seus chapéus em um cômodo contíguo, Raoul saiu do salão como um familiar da casa, estendeu a mão para o médico a quem o porteiro, de seu pavilhão, havia aberto a porta, e foi embora tranquilamente.

***

Às dez horas da noite, ele deixava a cidade de Caen. Surpreendido no caminho por uma violenta tempestade, acompanhada de rajadas de água, dormiu em Lisieux, e só quando a manhã já estava bem adiantada foi que cruzou a ponte do Pecq, no sopé da colina de Saint-Germain.

Seu motorista estava lá, de sentinela.

— Então, o que há? De novo? — disse Raoul.

O homem sentou-se rapidamente perto dele:

— Sim, patrão, fiquei com medo que voltasse por outro caminho!…

— Fale.

— O inspetor Goussot revistou a casa esta manhã.

— Minha casa? A *Clair-Logis*? Em que isso me afeta?

— Não, não a sua casa, o pavilhão…

— A casa de Félicien? Ele estava lá?

— Sim, voltou a noite passada. Revistaram em presença dele.

— O que descobriram?

— Não sei.

— Eles o levaram?

— Não. Mas a propriedade está cercada. Félicien está proibido de sair. Os próprios funcionários devem solicitar autorização dos agentes. Previ a situação e saí antes.

— Estou envolvido nisso?

— Sim.

— Um mandado?

— Não sei… Em todo caso, Goussot tem um papel da prefeitura que diz respeito ao senhor. E aguardam seu retorno.

— Diabos! Fez muito bem em vir me encontrar aqui. Não vale a pena me jogar na ratoeira.

Entre os dentes, ele disse:

— O que será que querem? Prender-me? Não, não… eles não ousariam. Mesmo assim… mesmo assim, pode muito bem ser que revistem a casa… E depois?

Após um instante, ele determinou:

— Volte para casa. Quanto a mim, não saio de nossa casa de Ranelagh, exceto amanhã de manhã. À tarde, ligo para você.

— Mas Goussot? Seus homens?…

— Se eles não tiverem ido embora até então, é porque está tudo perdido. Vamos, vá. Ah, uma última observação… Faustine?…

— Falaram dela… Eles devem ir à clínica… muito em breve, acho.

— Oh, isso está ficando sério… Vá…

O motorista foi embora. Raoul, para evitar a estrada nacional e o Vésinet, contornou a península por Croissy-sur-Seine e foi até Chatou.

Do correio, ligou para a clínica:

— A srta. Faustine, por favor?

— Quem gostaria de falar?

Ele teve que dar seu nome.

— O sr. d'Averny.

A jovem foi chamada.

— É você, Faustine? Sou eu, d'Averny… Veja… Você está correndo risco… Acredite em mim… Precisa se colocar a salvo. Pague pelo seu hotel, encontre-me fora de Chatou, na estrada para Croissy. Não se apresse. Você tem tempo.

Ela não respondeu. Mas cerca de trinta minutos depois surgia, com a mala na mão.

Sem dizer uma palavra, enveredaram por Bougival e Malmaison. Em Neuilly, ele perguntou:

— Onde devo deixá-la?

— Na Porte Maillot.

— Como um endereço, é vago — ele zombou. — Você continua desconfiando de mim?

— Sim.

— Tolice! Todos os nossos problemas vêm de sua desconfiança, todos. Para que serve isso? Acha que isso me impediu de almoçar ontem, à mesma hora que você, em Caen, no hotel onde estava hospedada, e de presenciar o roubo de Félicien na mansão de Dugrival? E acha que isso me impedirá de ter sucesso com você, Faustine, e de obter de você o que nunca deixei de querer? Adeus, querida.

***

Raoul refugiou-se num dos seus retiros de Paris, em Ranelagh, e, depois de almoçar, dormiu ali durante todo o dia e a noite.

No dia seguinte, ele foi à Prefeitura e mandou entregar seu cartão para o sr. Rousselain, juiz de instrução.

Era quarta-feira, 15 de setembro.

Rolande e Jérôme deveriam se casar no sábado seguinte.

Casamento?

Embora alguns minutos já se houvessem passado desde que fora introduzido no gabinete do juiz de instrução, Raoul ainda percebia os sinais de espanto provocados por sua visita ao sr. Rousselain. Acaso, por si mesmo, o sr. d'Averny se oferecia aos perigos que o ameaçavam? O juiz entrou.

Raoul estendeu-lhe a mão. Surpreso, o sr. Rousselain apertou-a.

— É o que se chama forçar a mão — disse Raoul, com um sorriso.

E, como o outro também sorrisse, brincou:

— De resto, essa é em parte a nota dominante de nossa aventura. Querem de novo forçar sua mão contra Félicien Charles. E hoje querem forçá-la também contra mim.

— Contra o senhor? — espantou-se o sr. Rousselain.

— Sem dúvida! Ouvi dizer que mestre Goussot tinha no bolso um mandado com meu nome.

— Uma convocação, se tanto.

— Já é muito, senhor juiz de instrução. Em se tratando de mim, foi suficiente que me telefonasse: "Caro senhor, preciso de suas luzes". Eu vim correndo. E cá estou. Em que posso servi-lo?

O sr. Rousselain, recompondo-se, achou graça naquele diabo de homem que, com algumas palavras, restabelecia sua situação de colaborador. Resultado: dispensou seu escrivão pedindo-lhe que passasse na polícia judiciária e ali solicitasse o envio imediato da pessoa que ele acabara de chamar. Em seguida, replicou com ar jovial:

— Em que pode me servir? Ora, dizendo-me o que sabe.

— Uma parte vou lhe dizer hoje, a outra no sábado ou no domingo. Até lá, que me deixem trabalhar à vontade.

— Já faz dois meses que trabalha à vontade, senhor d'Averny, manipulando os acontecimentos, fazendo prender Félicien e substituindo-o depois por Thomas Le Bouc… Isso não lhe basta?

— Não. Dê-me mais três dias.

— Veremos isso. Mas falemos primeiro de Félicien Charles. Ontem de manhã, o inspetor Goussot, que encarreguei de convocá-lo, não o encontrando no *Clair-Logis*, pensou que poderia aproveitar sua ausência para fazer outra vistoria na casa de Félicien Charles. Descobriu, em um esconderijo muito bem disfarçado, dois objetos: uma faca e a lâmina de uma serra. Ora, sabemos que essa faca…

— Permita-me interrompê-lo, senhor juiz — disse Raoul —, mas não vim para defender Félicien Charles.

— Veio para defender quem, então?

— A mim. Sim, a mim, a quem o senhor parece fazer certas censuras. E são essas censuras, que no fundo formam uma verdadeira acusação, que eu gostaria de conhecer. Estou enganado?

O sr. Rousselain se divertia.

— Sempre fantasiando, senhor d'Averny! Não sou eu quem dirige a conversa, é o senhor. O senhor… Resumindo, o que quer saber?

— Quero saber do que me acusa.

— Pois seja — disse o sr. Rousselain com firmeza. — Aqui está: todas as peripécias dessa aventura, todos os desdobramentos da instrução que conduzo, todas as declarações e todas as reticências de Thomas Le Bouc me dão a impressão… não, a convicção de que, embora eu não saiba até onde, o senhor está diretamente envolvido no caso. E atrevo-me a perguntar-lhe a mesma coisa: estou enganado?

— Respondo-lhe com a mesma franqueza: não, o senhor não está enganado. Mas é para o senhor que trabalho.

— Contrariando-me?

— Exemplo?

— Foi o senhor quem mandou prender Thomas Le Bouc e lhe ditou suas respostas, não?

— Confesso que sim.

— Por quê?

— Queria livrar Félicien.

— Por qual motivo?

— Para descobrir seu papel no caso, o que a justiça era incapaz de fazer.

— Conhece esse papel?

— Vou conhecê-lo sábado ou domingo, se o senhor me der liberdade de ação.

— Não posso prometer isso enquanto continuar se opondo às minhas decisões.

— Tem outro exemplo a me dar?

— Aconteceu ontem.

— E qual é?

— Tínhamos boas razões para acreditar que a srta. Faustine, instalada pelo *senhor* como enfermeira na clínica e que cuidou de Simon Lorient, era amante desse sujeito. Estou certo?

— Está.

— Ora, à tarde, Goussot foi à clínica para interrogá-la. Sumira! Ao meio-dia, ela havia recebido um telefonema do sr. d'Averny. Goussot correu à pensão onde a moça morava. Sumira! Ao meio-dia e meia, ela entrara num automóvel. O seu, não?

— O meu.

Nesse instante, alguém bateu à porta do gabinete do sr. Rousselain, que pediu:

— Entre.

Entrou um rapaz vigoroso, hercúleo.

— Chamou-me, senhor juiz de instrução?

— Sim, para uma informação. Mas vou apresentá-los: Mauléon, comissário da polícia judiciária. Conhece o comissário Mauléon, senhor d'Averny?

— Sim, de nome. O comissário Mauléon foi inimigo implacável do famoso Arsène Lupin no caso das apólices do governo[6].

— E você, Mauléon — continuou Rousselain —, por acaso conhece o senhor d'Averny?

Mauléon permanecia calado, sem ação, com os olhos fixos em Raoul. Por fim, endireitou-se e balbuciou:

— Mas sim… mas sim… com os diabos, é…

O juiz de instrução deteve-o, tomou-o pelo braço e levou-o para um lado. Conversaram durante um ou dois minutos, conversa animada, e em seguida o sr. Rousselain abriu-lhe a porta, dizendo:

— Fique aí no corredor, Mauléon. E chame alguém para lhe fazer companhia. Em todo o caso, silêncio! Bico calado, hein?

Voltou e se pôs a andar pelo gabinete, aflito, o ventre balançando sobre as pernas curtas e o rosto bondoso todo crispado.

Raoul o observava, ruminando: "Aí está, fui identificado. No fundo, apesar de sua discrição, ele bem que gostaria de mandar Lupin para o xadrez… Que glória! Mas ousará assumir essa responsabilidade? Tem tudo nas mãos. Se resolver agir e pôr sua assinatura em um mandado, ninguém no mundo poderá impedi-lo… Ninguém!"

O sr. Rousselain sentou-se de repente, golpeou a mesa com seu abridor de cartas e perguntou com voz rouca, na qual fremia uma grande emoção:

— E em troca, o que me dá?

— Em troca de quê?

— Nada de conversa fiada, por favor. Sabe muito bem do que estou falando.

Raoul sabia, com efeito, o que era aquela troca, aquela transação. Por isso, quando o sr. Rousselain repetiu a pergunta, respondeu sem papas na língua:

— O que dou? O nome da pessoa ou das pessoas que serraram as duas vigas de sustentação dos degraus, provocando assim a morte de Élisabeth Gaverel. E também o nome de quem feriu, isto é, matou Simon Lorient.

— Aqui estão pena e papel. Escreva os nomes.

— Daqui a três dias.

— Por que essa demora?

— Porque vai acontecer algo que me permitirá ter certeza.

— Hesita então entre dois culpados?

— Sim.

— Quais? Não permito que fique calado. Quais?

— O culpado é Félicien Charles ou…

— Ou?

— Ou o casal Jérôme e Rolande.

— Oh! — suspirou o sr. Rousselain, ofegante. — Que está dizendo? E que acontecimento é esse?

— O casamento que deverá ocorrer no sábado de manhã.

— Mas esse casamento não tem relação nenhuma…

— Tem, sim. Acho-o impossível, caso Félicien seja o culpado.

— Por quê?

— Porque ele ama loucamente Rolande. Não aceitará jamais que uma mulher por quem foi duas vezes criminoso, *e a quem já sequestrou*, pertença a outro… A outro que ele chegou a espancar… Lembra-se da noite do drama? E, depois, não é só o amor…

— Que mais?

— O dinheiro. Rolande deve herdar, em futuro próximo, uma grande fortuna de um primo… Na verdade, de seu pai. E Félicien sabe disso.

— E se ele aceitar o casamento?

— Nesse caso, estarei enganado sobre ele. E os culpados serão os que se beneficiam dos assassinatos. Rolande e Jérôme.

— E Faustine? Qual é seu papel?

— Não sei — confessou Raoul. — Mas sei uma coisa: Faustine só quer vingar seu amante, Simon Lorient. Ora, se ela vive rondando o trio Félicien, Rolande e Jérôme, é porque sua intuição feminina a conduziu até eles. Félicien, Rolande, Jérôme… não precisamos ir mais longe. Oh, não digo que tudo isso já esteja totalmente esclarecido! Não, ainda há coisas inexplicáveis e que só serão explicadas com a marcha dos acontecimentos. Mas, de qualquer modo, só eu poderei deslindar esse caso. Se a justiça se meter, tudo estará perdido.

— Perdido por quê? A pista que nos indicou…

— Ela não pode conduzi-los a nenhuma certeza. A verdade se encontra aqui, em meu cérebro, onde se reuniram todos os elementos do problema. Sem mim, continuarão desorientados, como estão há dois meses.

O sr. Rousselain hesitava. Raoul se aproximou dele e, num tom de voz amistoso:

— Não esquente demais a cabeça, senhor juiz de instrução — disse. — Antes de tomar certas decisões, precisamos conhecer suas consequências.

O sr. Rousselain exaltou-se:

— Um juiz de instrução é senhor absoluto de suas decisões, senhor.

— Sim, mas antes de tomá-las precisa avisar que serão tomadas.

— Avisar a quem?

Raoul não respondeu. O sr. Rousselain estava muito agitado e retomara sua pequena caminhada saltitante. Sem dúvida, não ousava enveredar sozinho pelo caminho que sua consciência lhe apontava.

Mas por fim foi até a porta e abriu-a. Raoul entreviu o comissário Mauléon conversando com meia dúzia de colegas.

O sr. Rousselain ficou aliviado. A vigilância funcionava… Saiu.

Raoul d'Averny ficou sozinho.

Por um instante, Raoul entreabriu a porta. Mauléon precipitou-se vivamente em sua direção. Raoul lhe fez, com a mão, um leve sinal afável e fechou de novo a porta no nariz do comissário.

Decorreram dez minutos. Não mais. A opinião dos superiores, ou antes, do superior colocado bem alto na hierarquia que o sr. Rousselain acabava de consultar devia ter sido peremptória, pois ele entrou no gabinete com um ar carrancudo, que não lhe era habitual. Começou:

— Conclusão…

— Conclusão: não há nada a fazer até sábado — observou Raoul, sorrindo.

— No entanto, Félicien Charles é mais que suspeito…

— Eu me encarrego dele. Se tentar agir, entrego-o ao senhor de mãos e pés atados. Se o senhor não receber de mim um telefonema antes das onze horas da manhã de sábado, é que o casamento aconteceu. Nesse caso…

— Nesse caso?…

— Dê uma passadinha, no dia seguinte, por volta das nove horas e meia, pelo *Clair-Logis*. Será domingo, dia de folga. Conversaremos. E se quiser almoçar…

O sr. Rousselain deu de ombros e resmungou:

— Levarei Goussot e seus homens.

— Como quiser. Mas será inútil — ponderou Raoul, com um sorriso. — Só entrego a mercadoria bem embrulhada e bem amarrada. Ah, ia me esquecendo! Tenha a bondade de escrever algumas linhas para Goussot, determinando que ele suspenda momentaneamente sua diligência no Vésinet. É necessário que tudo esteja bem calmo por lá neste fim de semana.

Vencido, o senhor Rousselain pegou uma folha de papel.

— Não se dê esse trabalho — disse Raoul. — Eu mesmo escreverei o bilhete. O senhor só terá de assinar… Sim, esse papel aí.

O mau humor do sr. Rousselain se evaporou. Riu com gosto. Mas, em vez de assinar, preferiu dar um telefonema para Goussot. Em seguida, acompanhou até o fim do corredor Raoul d'Averny, que passou por

Mauléon e o grupo de policiais com um leve meneio de corpo e algumas amáveis inclinações de cabeça.

***

Na quinta e na sexta-feira, Raoul e Félicien não saíram do recinto fechado pelo muro, encimado por uma grade, da *Clair-Logis*. Seria de pensar que nada do que acontecia lá fora os interessava e que a vida alheia podia decorrer sem sua interferência ou mesmo conhecimento.

Viram-se com frequência, mas apenas em virtude das necessidades da instalação e da decoração. Não disseram palavra sobre os acontecimentos da véspera e do dia seguinte. Buscas, acusações novas, ameaças da polícia, liberdade súbita de movimentos, casamento de Rolande e Jérôme… nada disso importava mais.

Com efeito, Raoul nem pensava em tais coisas. Os fatos, em sua brutalidade ou mistério, haviam perdido a seu ver todo significado. Em sua mente, o problema se colocava apenas do ponto de vista psicológico e, se ele procurava resolvê-lo por completo, era porque o caráter dos três atores do drama ainda lhe era em parte desconhecido.

Há dois meses, vinha acompanhando quase todos os passos de Félicien e não conseguia adivinhar seus atos furtivos, pois ignorava seus pensamentos e instintos profundos. E que sabia da alma verdadeira de Rolande e Jérôme, esses personagens distantes, perdidos na bruma como outros tantos fantasmas?

Raoul havia falado ao sr. Rousselain com aquela certeza que afetava sempre em momentos de indecisão; e o sr. Rousselain arcara com o peso dessa certeza como todos aqueles que ele curvava à sua autoridade. Mas, no fundo, não podia de forma alguma afirmar senão uma coisa, e graças a uma argumentação lógica mesclada de muita intuição: que o casamento de Jérôme e Rolande era, por si mesmo, um desfecho ao qual Félicien, Jerôme e Rolande dariam sua nota explicativa.

Ora, até o último minuto, Félicien parecia indiferente a tudo. Certo, sua tentativa de sequestro lhe fechava as portas da *Clématites* e não lhe permitia ir nem à prefeitura nem à igreja; mas, no sábado de manhã, os músculos de seu rosto permaneciam descontraídos quando chegou a hora da assinatura na prefeitura e nenhuma emoção o abalou quando dobraram

os sinos da igreja. No entanto, estava tudo terminado. Rolande lhe fugia. Tomava o nome de outro. Uma aliança de casamento ornava seu dedo.

Seria dissimulação de Félicien? Controle absoluto dos nervos? Repressão total do amor? Raoul, que o observava atentamente, não viu nenhum sinal de transtorno. O jovem continuava entregue às suas ocupações e trabalhava em seus planos de decoração como se nada de grave houvesse perturbado a tranquilidade de sua existência.

A tarde toda foi assim, na paz de um belo dia de setembro em que algumas folhas mortas se desprendiam e tombavam em silêncio.

E durante todo o dia e toda a noite Raoul continuava com seu monólogo interior.

"De modo que você não sofre? Não pensa no que está para acontecer? Como! A mulher que ama vai ser de outro e você aceita isso? Mas então por que a sequestrou?"

Escureceu. Noite fechada — uma noite negra, quente, prenhe de mistério —, Raoul saiu furtivamente da *Clair-Logis* pela porta da garagem, deu a volta na propriedade e postou-se perto da cancela, no escuro. Ideias tumultuosas invadiam seu cérebro. Imaginava Félicien em Caen, na casa de Georges Dugrival, ajoelhado na frente do cofre e embolsando as joias do escrínio azul. Evocava o duelo do rapaz com Jérôme Helmas diante dos olhos de Rolande, que balbuciava: "Ele vai matá-lo". E lembrava também a conduta enigmática de Faustine. Que fora feito da moça? Sim, faltava ao drama em curso um de seus quatro personagens. Faustine seria mulher capaz de renunciar ao papel que desempenhava nas trevas?

Em algum lugar, um relógio soou dez horas. Raoul sabia, pelos criados, que o tio de Rolande, Philippe Gaverel, voltara do sul para o casamento, junto com seu filho e sua nora. E Félicien também devia saber disso. O jantar de família já havia terminado. Não havia mais ninguém na *Clématites*, exceto os dois esposos. Estaria Félicien resignado? Não iria intervir, atacar o inimigo, eliminar o dono de Rolande?

***

Mais quinze minutos… Mais meia hora…

Raoul, escondido atrás de uma árvore, ouviu ranger o cascalho da alameda. Passos lentos se aproximavam, com precaução. A cancela foi

empurrada suavemente e depois fechada.

Alguém se adiantou. Era sem dúvida a silhueta de Félicien Charles.

Mal passara pela árvore, Raoul se esgueirou sem ser visto, saltou sobre ele, agarrou-o pela cintura e derrubou-o.

A luta não durou muito. Pego de surpresa, Félicien não pôde resistir. Um capuz foi enfiado em sua cabeça e cordas o ataram solidamente.

Raoul tomou-o nos braços, levou-o para o *Clair-Logis*, amarrou-o com outras cordas a uma coluna do vestíbulo, envolveu-o numa cortina que o imobilizou mais ainda e deixou-o lá, inerte, incapaz de fazer um único movimento.

E Raoul se foi, agora livre para agir…

"Quatro menos um!", murmurou para si mesmo.

---

[6] Ver *Arsène Lupin e Victor, da Brigada Anticrime*, capítulo "As apólices do governo". (N.T.)

O ódio

Quando Raoul calculava que, mais dia, menos dia, poderia ter de fazer uma visita noturna a alguma casa, preparava a expedição com bastante antecedência. Por isso, tinha uma chave da horta que ladeava, à direita, o jardim da *Orangerie*. E por isso havia constatado a localização de ganchos que sustentavam a latada presa à fachada lateral da *villa Clématites*.

Entrou, pois, na horta, passou pelo lago fronteiro à *Orangerie*, notando que todas as suas luzes estavam apagadas, e chegou à *Clématites*. A sala de jantar e o aposento de cima estavam às escuras. O estúdio, todo iluminado — mas não havia ninguém lá. Rolande e o marido deviam ter subido para os cômodos superiores, de luzes acesas: o toucador da jovem, seu quarto e, após o vão da escada, uma grande peça preparada — Raoul o sabia — como câmara nupcial em seguida aos antigos aposentos de Élisabeth.

Tateou, encontrou os ganchos de ferro da treliça da fachada lateral e subiu, sem grande dificuldade, até a peça do canto, isto é, o banheiro. Pela cornija, alcançou a sacada que corria diante do banheiro e do toucador. As persianas deste último estavam baixadas, mas não fechadas, assim como a janela. Avistou Rolande sentada numa poltrona, de costas para ele. A jovem tirara seu vestido de noiva, colocara uma camisola e cobrira os ombros com um xale de musselina.

Jérôme, todo elegante em seu roupão, ia e vinha. Não falavam.

"Aí está", pensou Raoul. "A cortina subiu."

Raramente, no curso de sua vida movimentada, ele havia esperado com tanta paixão, quase dolorosa, as primeiras cenas, e mesmo as primeiras palavras que lhe indicariam logo de início a atmosfera na qual evoluíam os dois esposos, seu estado de espírito, suas relações afetuosas, o próprio

segredo de sua existência. O que não conseguira constatar com exatidão, estava prestes a descobrir.

Após um longo instante, Jérôme parou diante de Rolande e perguntou:

— Como se sente?

— Melhor.

— E então, Rolande?…

— Que quer dizer?

— Por que não foi para lá… para o *nosso* quarto?

— Um pouco de paciência — murmurou ela. — Preciso me recompor.

Pausa. Depois de se sentar, com os cotovelos apoiados no joelho e os olhos fixos nela, ele disse:

— Que estranho! Agora estamos casados e ainda não entendo bem…

— Não entende bem o quê?

— Nosso casamento… Tudo isso foi tão extraordinário! Passei da amizade ao amor sem perceber… E, quando fui falar com você, estava tão certo de sua recusa que tremia… Agora, amo-a de tal maneira que me parece não tê-la amado tanto assim quando lhe ofereci meu amor.

E acrescentou em voz baixa:

— Não estou fazendo uma declaração. Digo-lhe tudo isso porque sou obrigado e com uma angústia que não sei explicar.

Esperou uma resposta que não veio e ia continuar quando se virou e ficou atento.

— Acho que ouvi… em seu quarto…

— O quê?

— Um barulho…

— Impossível. Os criados dormem na outra ala, em cima.

— No entanto… escute.

Levantou-se, mas ela o precedeu, olhou para dentro do quarto, fechou a porta e tirou a chave, dizendo:

— Ninguém. Quem poderia ser, aliás?

Ele refletiu por um instante e disse:

— Você nunca me deixou entrar em seu quarto…

— Não. É meu quarto de moça.

— E que tem isso?

Ela havia se sentado, com ar de cansaço. Ele se ajoelhou a seu lado e ficou olhando-a por longo tempo; depois, docemente, com um gesto suave,

tomou-lhe a mão e foi inclinando a cabeça na direção de seu braço nu. Mas quando ia tocá-lo com os lábios, a jovem se levantou de um salto.

— Não, não… Proíbo-o…

Ficaram frente a frente, olhos nos olhos, Jérôme tentando ver no fundo daquela alma que se esquivava. Mas se conteve e, com a mesma voz doce e terna:

— Não fique nervosa, querida Rolande. Você está insegura desde a manhã, desde o incidente que não preciso mencionar. No entanto, tudo isso fora combinado entre nós e eu lhe havia comunicado o desejo, a vontade de minha mãe… Lembra-se? Minha mãe não era rica, só me deixou sua aliança de casamento, que nunca quis vender. Sempre me dizia: "Quando você se casar, trate sua mulher como seu pai me tratou. Dê-lhe esta aliança ao sair da igreja, não antes, e coloque-a no dedo dela, por cima do anel…" Portanto, você sabia… estávamos combinados. Contudo… contudo, você caiu desmaiada quando eu lhe dei a aliança…

Ela murmurou:

— Simples coincidência… a emoção… o cansaço…

— Mas… você a aceita de bom grado?

A jovem mostrou a mão. Um dos dedos exibia o anel nupcial e um belo diamante preso em um engaste de ouro.

— O anel e a aliança… — disse ele, sorrindo. — O anel que escolhi, a aliança que minha mãe escolheu e que eu lhe dei… Então, Rolande, essa mão me pertence… Você a pôs na minha quando a pedi…

— Não — disse ela.

— Como não? Não pôs a mão na minha?

— Não. Você me perguntou apenas: "Posso esperar que, um dia, a senhorita resolva se casar comigo?"

— E você respondeu: "Sim".

— De fato. Mas não pus minha mão na sua.

Continuavam de pé, um diante do outro. Jérôme balbuciou:

— Que significa isso? Você já me parecia um tanto estranha… Esta noite… esta noite está ainda mais distante de mim. Será possível?

Começava a irritar-se.

— Vejamos… Convém esclarecer tudo… Sua mão, Rolande, que traz o anel e a aliança, ponha-a na minha… Tenho o direito de pegá-la. Tenho o direito de beijá-la.

— Não tem, não.

— Como?! Mas isso é inconcebível!

— Por acaso já a beijou alguma vez? Por acaso já lhe permiti que o fizesse? Que beijasse meus lábios, minhas faces, minha fronte ou meus cabelos?

— Decerto que não. Decerto que não… — replicou ele. — Mas me explicou por quê. Por causa de Élisabeth… Em lembrança dela, sempre tão viva entre nós, você não queria, por uma espécie de pudor… Não aceitava minhas carícias e eu entendia… Na verdade, até mesmo aprovava. Mas agora…

— Alguma coisa mudou?

— Ora, Rolande, você é minha esposa…

— E daí?

Ele ficou estupefato e, com voz alterada:

— Então você gostaria… O que está pensando?

A jovem respondeu em tom grave:

— Acha mesmo que eu poderia consentir, nesta casa, onde ela viveu… onde você a amou?

— Vamos sair, vamos aonde você quiser! — disse ele, mais animado. — E pela última vez: você é e será minha esposa.

— Não.

— Como assim, não?

— Não do jeito que você quer.

Num arroubo, ele a enlaçou com os dois braços e tentou beijá-la. A jovem o repeliu com uma energia imprevista, gritando:

— Não, não! Nem uma carícia, nada!

Ele ainda quis forçá-la, mas, diante de tanta resistência, acabou cedendo, desconcertado. Vendo que tinha diante de si uma criatura indomável, disse, tremendo:

— Há outra coisa, não? Se não houvesse, você não agiria assim. Há outra coisa.

— Muitas outras coisas… E uma, sobretudo, que o fará entender melhor a situação.

— Qual?

— Amo outro homem. Que só não é meu amante porque me respeitou.

Fez essa confissão sem baixar o olhar, com esse tom arrogante que é um desafio e agrava a injúria.

Ele sorriu, de rosto contraído.

— Por que mente? Poderia eu admitir que você, Rolande…

— Repito, Jérôme: amo outro homem e amo-o mais que tudo no mundo.

— Cale-se, cale-se! — rugiu ele, fora de si e de punhos erguidos contra ela. — Cale-se… Sei muito bem que isso é mentira e você só quer me irritar, por razões que desconheço… Mas, mesmo assim, vai me fazer perder a cabeça, Rolande!

Batia com os pés no chão e gesticulava como um louco. Depois, virando-se para ela:

— Eu a conheço, Rolande. Se fosse verdade, você não estaria com essa aliança no dedo.

Ela tirou a aliança e jogou-a longe.

Jérôme se inflamou.

— Mas isso é monstruoso! Que está fazendo? Vai jogar fora também seu anel de casamento? O anel que aceitou? Que pus em seu dedo?

— Que outro pôs. Este não é o seu.

— Mentira! Nossos nomes estão gravados aí: Rolande e Jérôme.

— Não estão — replicou ela. — É outro anel, com o nome de outro homem.

— Mentira!

— Com os nomes Rolande e Félicien.

Jérôme se precipitou sobre ela, agarrou-lhe a mão, tirou-lhe brutalmente o anel de ouro e examinou-o com olhos esgazeados.

— "Rolande"… "Félicien"… — gaguejou ele, de um fôlego.

Lutava contra uma realidade intolerável, inacreditável, que o constringia de todos os lados sem que ele pudesse se soltar.

Disse baixinho:

— Loucura… Por que se casou comigo? Mas se casou e nada pode mudar isso… Você é minha esposa. Tenho direitos sobre você. Esta é a nossa noite de núpcias… E estou em minha casa… Em minha casa, com minha mulher…

Ela replicou, com uma firmeza tranquila e obstinada:

— Você não está em sua casa. Esta não é a nossa noite de núpcias. Você não passa de um estranho, de um inimigo. E quando certas palavras forem pronunciadas, irá embora.

— Eu, ir embora! — gritou Jérôme. — Enlouqueceu?

— Irá para ceder o lugar ao *outro*, ao dono, que está na casa dele.

— Pois que esse homem venha! Que ouse vir!

— Já veio, Jérôme. Veio me encontrar na própria noite em que Élisabeth morreu. Chorei em seus braços. E estava tão infeliz que lhe confessei meu amor. Ele voltou mais duas vezes… Está aqui, Jérôme, em meu quarto, que será o dele. Você o ouviu há pouco. Está aqui e não irá embora. Esta noite de núpcias é a de Félicien.

Jérôme correu para a porta, tentando abri-la ou derrubá-la a socos.

— Não se dê tanto trabalho — disse Rolande com uma calma assustadora. — Tenho a chave e vou abrir. Mas antes recue, recue dez passos…

Jérôme não obedeceu. Hesitava. Seguiu-se um longo silêncio. De seu posto na sacada, escondido atrás das persianas semicerradas, Raoul d'Averny, aturdido com essa cena trágica, de lances tão dramáticos, com a violência implacável e a frieza da jovem, perguntou-se:

"Como pôde ela dizer que Félicien está neste quarto? Não pode estar, pois o deixei empacotado na *Clair-Logis* há menos de quinze minutos…"

Mas todo raciocínio se torna falso nesses tipos de crise. Tudo se encadeia fora da lógica e Raoul assistia, palpitante, aos tormentos de Jérôme: o rapaz iria imobilizar Rolande, tomar-lhe a chave e atacar selvagemente Félicien?

Mas a jovem apontou para ele um pequeno revólver e repetiu:

— Recue! Recue dez passos…

Ele obedeceu. Rolande se adiantou e, mantendo-o sempre na mira de sua arma, escancarou a porta.

Félicien apareceu. Félicien, que Raoul deixara "empacotado" no *Clair-Logis*…

Ele saiu do quarto e disse, sorrindo:

— Sua arma é inútil, Rolande. Quem está assim de roupão não tem como lutar. E ele nem pensa nisso.

Félicien exibia um ar mais sereno que de costume. Raoul achou-o descontraído, com olhos brilhantes e uma atitude, como a de Rolande,

tranquila e grave.

"Mas como ele pode estar aqui?", não cessava de se perguntar Raoul. "Como conseguiu se livrar?"

Félicien se abaixou para pegar a aliança no tapete e colocou-a sobre o lavatório, pronunciando esta frase enigmática:

— *Não a tire, Rolande, bem sabe que é seu direito usá-la.*

Em seguida, a Jérôme:

— Rolande quis este encontro. Consenti porque ela está certa e é necessária uma explicação entre nós três.

— Entre nós quatro — corrigiu ela. — Élisabeth está conosco. Desde sua morte, Élisabeth nunca mais me deixou. Nunca fiz nada sem lhe pedir conselho. Já começa a perceber o que eu queria, Jérôme?

Ele estava pálido, o rosto duro e crispado.

— Se queria me afligir, conseguiu, Rolande. Este casamento, em que eu pensava encontrar a felicidade, era apenas uma armadilha cruel.

— Sim, uma armadilha. Desde o primeiro instante em que pressenti a verdade, urdi uma que equivalesse à que você preparou… e que foi tão mortal. Está entendendo, não?

Ela se continha, procurando permanecer calma, mas sempre animada pela raiva que ardia em seu peito.

— Não — disse Jérôme —, não entendo…

Rolande pegou na borda da lareira uma fotografia de sua irmã e, com um movimento brusco, mostrou-a.

— Pois então olhe-a, olhe-a! — gritou. — Era a mais doce, a mais terna das mulheres… Ela o amava e você a matou. Ah, miserável…

Era a acusação que Raoul d'Averny esperava desde o momento em que percebera o desacordo entre Rolande e Jérôme. Mas o que o intrigava era que jamais, em suas suspeitas, havia separado Rolande de Jérôme, jamais havia suposto, apesar de alguns detalhes que deveriam tê-lo advertido, que Jérôme pudesse ser culpado sem a cumplicidade de Rolande. A moça jogara muito bem para desorientar assim um observador de seu nível. Então, como poderia Jérôme, na cegueira da paixão, não ter sido enganado primeiro?

No entanto, o rapaz não fraquejou. Deu de ombros:

— Agora — disse ele — e só agora entendo sua aberração. Para vingar a irmã, você precisava de uma vítima e me acusou. Só uma palavrinha,

Rolande. Quer me parecer que nós dois vimos, com nossos próprios olhos, sua irmã viva nas mãos do assassino, o velho Barthélemy… Sim, o tal Barthélemy, que executei com um tiro de carabina justamente para vingá-la…

Ela deu de ombros por sua vez:

— Não me venha com desculpas ou subterfúgios. O que sei de você, o que descobri aos poucos investigando seu passado e observando-o, é tão exato que suas juras não são necessárias. Olhe — prosseguiu, tirando de uma gaveta um caderno costurado —, escrevi aqui, com base no próprio diário de Élisabeth, toda a sua vida de mentiras e hipocrisia… Quando a justiça tomar conhecimento disso, você será para ela, como é para mim, o único criminoso.

— Ah! — disse Jérôme, com um esgar que o desfigurava. — Então pretende…

— Pretendo, antes, mostrar-lhe sua peça de acusação.

— Para me julgar em seguida — zombou ele. — Estou diante do tribunal…

— Está diante de Élisabeth. Ouça.

Jérôme olhou-a, voltou-se para Félicien e teve sem dúvida a impressão de que seus dois adversários, armados como deviam estar, o abateriam como a um cão se tentasse enfrentá-los. Sentou-se, pois, cruzou as pernas com desenvoltura e suspirou, como alguém que, por complacência, se decide a escutar um sermão tedioso.

— Fale.

Alguém morre

Ela começou a falar com voz comedida, sem arroubos nem aspereza. Não foi um requisitório, mas simplesmente o resultado de uma aventura que ela não agravou com nenhum comentário, com nenhuma consideração psicológica sobre a natureza em si de Jérôme Helmas.

— Sua primeira vítima, Jérôme, foi sua mãe. Não negue, você quase me confessou isso. A infeliz morreu por causa de seus erros, erros que ninguém perto de vocês notava, pois ela os escondia por preocupação materna… Assinaturas falsas, cheques sem fundos, grosserias… Ninguém jamais soube coisa alguma, pois sua mãe ia pagando tudo, até se arruinar… até morrer. Mas vamos em frente.

— É melhor — riu ele. — Porém, devo dizer-lhe que, se todo o seu relato for igualmente fantasioso, será perda de tempo.

Ela continuou:

— O que você fez durante os anos seguintes, ignoro. Morou no interior ou no estrangeiro. Mas, como o acaso o fez conhecer Élisabeth, você se instalou de novo em sua casa do Vésinet e passou a frequentar regularmente a *Clématites*. Foi então que a ideia lhe ocorreu.

— Que ideia?

— A de se casar com Élisabeth, ideia ainda vaga, pois o dote dela não satisfazia sua ambição. Mas ideia que iria tomar corpo após uma confidência que Élisabeth foi imprudente a ponto de lhe fazer.

— Verdade?

— Sim, ela lhe confidenciou que logo seu dote seria aumentado com uma soma considerável a ser legada por um primo de nossa mãe.

— Pura invencionice — protestou Jérôme. — Eu nunca soube disso.

— Para que mentir? O diário de Élisabeth, que nunca lhe mostrei (por uma espécie de reserva instintiva, já que o mostrei a outros), é claro nesse ponto. Portanto, tranquilizado quanto ao dinheiro e sabendo que o primo dela estava doente, você ficou mais ansioso, fez-se amar por Élisabeth e ela aceitou seu pedido. Estava feliz. Você também, ou pelo menos parecia. Mas, enquanto isso, ia se informando.

— Sobre o quê?

— Sobre o que motivara o legado desse primo. Você esmiuçou o passado, fez perguntas aqui e ali (não negue, me contaram isso várias vezes), recolheu velhos boatos e soube que tinha havido entre nosso pai e esse primo uma desavença (querela, escândalo, etc.), e que, segundo as más línguas da época, Élisabeth era filha de Georges Dugrival. Cito o nome porque se trata de uma calúnia sórdida.

— Uma calúnia, de fato.

— Calúnia ou não, você a levou a sério. Queria estar certo a respeito dos projetos de Georges Dugrival e, enquanto Élisabeth ficava retida aqui, sofrendo, você corria a fazer suas investigações em Caen. Uma noite, chegou a se introduzir, não sei como, no próprio quarto de Georges Dugrival, abriu seu armário, leu seu testamento já datado de dez anos e descobriu que Élisabeth não iria receber nada. A legatária seria eu. A partir desse momento, Élisabeth estava condenada.

Jérôme sacudiu a cabeça.

— Se houvesse uma palavra, uma palavra só de verdade em seu romance, por que Élisabeth estaria condenada? Eu só precisaria romper com ela.

— E eu acaso o desposaria, se você fizesse isso? Ruptura, traição… seria a ruína de seus projetos. Adeus, herança! Então você tergiversou e foi aperfeiçoando seu plano monstruoso… um plano de covardia e falsidade. Assassinato? Solução terrível, perigosa… Precisaria matar para se ver livre? Não, precisaria ganhar tempo, impedir o casamento com expedientes astutos, invisíveis, anônimos, digamos assim. Se Élisabeth, já doente e com os pulmões afetados, tivesse uma recaída grave, que a pusesse em perigo, o casamento se tornaria impossível, a liberdade seria reconquistada aos poucos e você logo poderia se aproximar de mim sem que houvesse ruptura ou assassinato. Seria a morte, sim, mas a morte por acidente, alheia à sua responsabilidade. Assim, na sombra, você agiu. Pensando, sem dúvida, em

não ir a extremos e confiar no acaso. Mas ainda assim agia, trabalhava, serrando as vigas, minando os degraus que Élisabeth descia diariamente na mesma hora.

Rolande estava cansada. Já mal se ouvia sua voz. Fez uma pausa.

Diante dela, Jérôme afetava despreocupação e desdém por aquela história que era obrigado a suportar.

Félicien acompanhava com o olhar seus menores gestos.

Por trás das persianas, Raoul d'Averny ouvia e observava avidamente. A acusação seguia uma lógica impiedosa, mas um ponto permanecia obscuro: Rolande não explicara os motivos pelos quais ela e não Élisabeth fora a legatária de Georges Dugrival. Entretanto, não deveria ela falar e agir como se ignorasse esses motivos, admitindo-se que os houvesse pressentido?

Rolande prosseguiu:

— Sem dúvida, esse assassinato cometido diante de seus olhos e pelo qual foi responsável abalou-o por um momento. Passou algumas horas abatido e mesmo desesperado. Mas o encontro do saco de pano cinza perto do cadáver de Barthélemy o reanimou.

Na confusão da tarde, em meio a idas e vindas, você conseguiu pegar o saco e escondê-lo em algum lugar, no estúdio, provavelmente. Mas alguém o viu pegá-lo: Simon Lorient. Ele ficou rondando as pessoas que entravam na *Clématites*, espiou-o de fora e, à noite, seguiu-o. Atacou-o e vocês lutaram no mesmo lugar onde Simon foi encontrado de manhã, com o ferimento do qual iria morrer, ao passo que você, também ferido, conseguiu se afastar. Foi seu segundo crime naquele dia.

— Vamos ao terceiro — zombou Jérôme.

— O terceiro você logo arquitetou. Queria evitar as suspeitas, fazendo-as recair sobre outro. Mas sobre quem? O acaso o favoreceu. Félicien atravessou o lago de barco para se encontrar comigo e me consolar. Ficou duas horas ao meu lado e, quando partiu e subiu ao barco, alguém o avistou no beco e o reconheceu. Era a hora, mais ou menos, em que você saía da *Clématites*, seguido por Simon Lorient. Interrogaram-no. Qual foi sua resposta? "Meu agressor veio do beco." Daí por diante, a investigação se voltou para Félicien, que não se defendeu e não quer se defender. Como não podia explicar sua presença perto do lago sem me comprometer por tê-lo recebido em meu quarto, negou, disse que não havia saído de casa e acabou preso. Assim, você ficou com o terreno livre à sua frente. Mas…

mas eu comecei a refletir…

Repetiu surdamente, com frases que iam ficando cada vez mais sôfregas:

— Sim, comecei a refletir… Refletia sempre… Isso se tornou uma obsessão o tempo todo. No cemitério, com a mão estendida sobre o caixão, jurei a Élisabeth que a vingaria… Jurei-lhe que minha vida inteira não teria outro objetivo, que sacrificaria tudo por isso. Em seguida, sacrifiquei Félicien… "Olhe à sua volta", me disse o sr. d'Averny. "Confie em você mesma e não recue diante de nenhuma acusação…" À minha volta? À minha volta eu via apenas Félicien e você. E como Félicien não era culpado, e como ele não tinha motivo algum para matar Élisabeth, eu só podia pensar em você, Jérôme. Uma leitura minuciosa do diário de Élisabeth chamou minha atenção. Na hora em que ela ia pegar o barco para seu passeio cotidiano com você, viu-o absorvido, pouco à vontade. Você se queixava de não possuir fortuna. Dizia-se inquieto quanto ao futuro e minha pobre irmã precisou reconfortá-lo com a perspectiva da herança… Nenhuma suspeita me dominava ainda… Nenhuma não, pois eu desconfiava de todos, até do sr. d'Averny, que no entanto havia descoberto a sabotagem nos degraus de madeira. Não me abri com ninguém. Não falei do caso de Simon Lorient e Barthélemy. Quando você reapareceu, convalescente, tão logo saiu da clínica, houve silêncio entre nós, conforme deve se lembrar. Não o questionei nem suspeitei de você. Nenhum pressentimento, nenhuma desconfiança a seu respeito. Mas, um dia…

Rolande se interrompeu. E, aproximando-se um pouco de Jérôme:

— Um dia nós ficamos lendo juntos, sentados na relva. Às cinco horas, levantando-se, você pegou minha mão para se despedir. E segurou-a na sua vários segundos a mais. Não era um gesto de amizade nem de tristeza em lembrança de Élisabeth. Não, era outra coisa, a pressão de um homem que procura exprimir seus sentimentos ocultos. Quase uma confissão, ao mesmo tempo que um apelo. Que imprudência, Jérôme! Para fazer um gesto desse, você deveria ter esperado um ano, dois anos. Mas depois de apenas um mês! Desde então, tive certeza. Se havia em torno de mim, em meu círculo íntimo, um culpado… só poderia ser o homem que, noivo de Élisabeth, um mês após sua morte, se aproximava da irmã da falecida. A chave do enigma estava em você, no segredo de sua alma, naquilo que sabia, naquilo que almejava. Eu não precisava refletir mais, precisava apenas observá-lo sem

descanso, concatenar todos os acontecimentos referentes a nós dois e a Élisabeth, presumindo que fosse o culpado. Para lhe dar corda e apanhá-lo na armadilha, fingi aceitar o amor que você fingia sentir por mim. Acreditou que eu realmente o amasse e acabou por me amar também, perdendo a partir daí toda lucidez.

Rolande baixou a voz.

— Sim, veja: por mais lamentável que fosse minha vida, ela se fortificava aos poucos, dia após dia, na certeza que me dominava. Agora, poderia vingar Élisabeth. Receava que adivinhassem meu segredo e por isso o guardava como um tesouro. Cheguei, no começo, a não querer receber Félicien quando ele saiu da prisão, dando a entender que o traía e que traía Élisabeth. Só depois, informada de que ele planejara se suicidar, concordei, assustada, em vê-lo uma noite e contei-lhe tudo. Em seguida, tendo Faustine se confiado a mim e revelado seu ódio, seus projetos de vingança, comuniquei-lhe minhas suspeitas contra o homem que matara seu amante. Suspeitas? Deveria ter dito certezas. Foi exatamente assim que Faustine avaliou a situação. Mas que prova tangível de nossa derrota! Você morava na própria casa de sua vítima, passeava no jardim diante dos degraus que havia sabotado e me fazia a corte, a mim, irmã dela, dizendo-me as mesmas palavras que lhe dizia algumas semanas antes. Ah, patife, como pôde?…

Ainda uma vez, a ponto de explodir, Rolande se conteve e continuou:

— Mas, se você fazia seu jogo, não pressentia nada de nosso conluio. Tomávamos todas as precauções. Como você sentisse ciúmes de Félicien, desconfiando desde os primeiros dias das atenções que ele me prodigalizava, Félicien e Faustine não se largaram mais, suas inquietações amorteceram e você continuou com seu plano maldoso em relação a Félicien, enviando cartas anônimas. Sim, você as escreveu e enviou. E também deixou perto do local onde havia golpeado Simon Lorient, no jardim, um lenço manchado de sangue, do tipo que Félicien usava. Mas isso seria a prova formal de que eu precisava? Por fim, aconteceu. Por fim, o acaso veio em meu auxílio. Um dia, Georges Dugrival me visitou e, por sorte, você não se encontrava na *Clématites*.

Jérôme estremeceu e não procurou esconder sua perturbação. A angústia crispou seu rosto.

— Sim — prosseguiu ela —, Georges me visitou. De início, eu não quis recebê-lo, sabendo que outrora ele e meu pai haviam se desentendido. Mas

Georges insistiu, alegando motivos importantes. Recebi-o aqui mesmo neste aposento e ele me falou da grande afeição, amigável e respeitosa, que nutrira por minha mãe. E, de repente, revelou-me a verdadeira razão de sua visita: "Rolande, há pouco, estando eu doente, alguém forçou o armário de meu quarto. Um testamento, onde lego a você minha fortuna, foi aberto e me roubaram, de um estojo de couro contendo belas joias de família, pedras preciosas, anéis, brincos e uma aliança que formava par com outra. Dias depois, recebi do Vésinet, onde tenho amigos que me põem ao corrente de tudo, uma carta me informando sobre seu casamento e me dando, a respeito de seu noivo, Jérôme Helmas, notícias bem ruins. Por isso, Rolande, achei meu dever avisá-la…" Preciso dizer mais sobre nossa conversa, Jérôme? Supliquei a Georges que rasgasse o testamento, pois não havia nenhuma razão para eu ser sua herdeira, mas aceitei as joias que ele me ofereceu. Combinamos que Félicien iria vê-lo em Caen. Com receio de que sua doença se agravasse, Georges Dugrival me deu as chaves para que Félicien pudesse, caso necessário, entrar em sua casa sem ser visto nem incomodado e abrir o cofre-forte onde agora se achava o estojo de couro. E assim foi: Félicien abriu o cofre-forte. O estojo está aqui, nesta gaveta. Contém a aliança parecida com a que foi roubada. A partir daí, pude agir. Se a aliança que você pretendia ter recebido de sua mãe e devia me dar no dia de nosso casamento fosse semelhante à que está no estojo, então é que você a roubara para me dar de presente de núpcias, sendo, portanto, o assassino de Élisabeth e de Simon Lorient. Contudo, para obter essa prova, eu precisava desposá-lo. Félicien se opôs, até com violência. Atormentado diante da ideia de que eu tomaria seu nome, ainda que por um só dia, sequestrou-me. Medida inútil; o que tinha de ser, foi. Esta manhã, você me ofereceu a aliança. Há de compreender que, apesar de minhas certezas e de meu ódio, senti-me mal ao vê-la (pois as duas alianças são idênticas, o mesmo engaste, os mesmos diamantes). Era a prova irrecusável de seu crime! Agora entende, miserável, agora entende?…

A voz de Rolande ia se tornando cada vez mais áspera. A jovem tremia de desprezo e ódio. Com todo o seu ser, ameaçava e insultava.

Mas para que esses insultos, essas ameaças? De súbito, Rolande percebeu que Jérôme não a escutava.

De cabeça baixa, olhar vago, percebia-se que, apanhado nas malhas cerradas da acusação, confuso ao ver toda a sua trama exposta por completo

e ele próprio desmascarado, não tencionava mais defender-se.

Levantando a cabeça, murmurou:

— E agora?

— Agora?

— Sim, quais são suas intenções? Você me acusa, pois que seja; mas vai me denunciar?

— É claro, a carta foi escrita.

— Enviada?

— Não.

— Quando será?

— À tarde.

— À tarde? Ah, sim — murmurou ele, com amargura —, a fim de me dar tempo de fugir para o estrangeiro.

Ao cabo de um instante, objetou:

— Para que me denunciar? Não acha que já se vingou o suficiente expulsando-me de sua vida? Não bastou que me fizesse amá-la, quer agravar ainda mais meu desespero?

— E Félicien, não suspeitaram dele, não o prenderam? Como salvá-lo, a ele que é inocente, se o culpado não for à justiça? Além disso, exijo uma garantia… Quero ter certeza de que você não voltará… de que tudo acabou… Depois, a carta será enviada às autoridades.

Rolande hesitou um instante e prosseguiu:

— A carta será enviada, a menos que…

— A menos quê? — perguntou Jérôme.

— Há pena e papel nesta mesa — disse Rolande. — Sente-se e escreva que você é o único culpado, culpado para com Élisabeth, culpado para com Simon Lorient, culpado para com Félicien Charles, a quem acusou falsamente… e assine.

Jérôme refletiu por longo tempo. Seu rosto exprimia apenas dor e acabrunhamento profundo. Murmurou:

— Para que lutar? Estou tão cansado! Você tem razão, Rolande. Como pude desempenhar semelhante comédia? Eu quase me persuadira de que, afinal de contas, Élisabeth não morrera por minha culpa e de que ferira Simon Lorient para me defender. Que covardia! Mas, veja só, quanto mais eu a amava, mais me assustava com o que fiz! Você não podia notar… Mas eu ia me transformando aos poucos e você acabaria por me salvar de mim

mesmo. Não falemos mais do assunto. Tudo isso é passado.

Sentou-se à mesa, pegou a pena e escreveu.

Rolande lia por cima de seu ombro.

Assinou.

— É o que queria?

— Sim — respondeu a jovem.

Ele se levantou. Tudo estava terminado, como queria Rolande. Fitou um por um. Que esperava? Um adeus? Uma palavra de perdão?

Rolande e Félicien, imóveis, permaneceram em silêncio.

Então, no último instante, Jérôme teve um assomo de cólera e esboçou um gesto de execração. Mas se conteve e saiu.

Ouviram que ele se dirigia para seu quarto, o quarto nupcial, sem dúvida para apanhar algumas coisas. Minutos depois, desceu as escadas. A porta do vestíbulo foi aberta e fechada sem ruído. Jérôme se afastou…

Quando os dois jovens ficaram sós, suas mãos se estreitaram e seus olhos se encheram de lágrimas.

Félicien beijou Rolande na fronte como se beija a noiva mais respeitada.

Ela disse, sorrindo:

— É nossa noite de núpcias, não, Félicien? Nós a passaremos como noivos, você em sua casa, eu aqui.

— Com duas condições, Rolande. A primeira é que ficarei a seu lado pelo menos uma hora ou duas, para ter certeza de que *ele* não voltará.

— E a segunda?

— Dois noivos têm o direito de beijar-se pelo menos uma vez e não só na fronte…

Ela enrubesceu, olhou para seu quarto e, toda confusa, murmurou:

— Está bem, mas não aqui… Lá embaixo — completou alegremente —, no estúdio onde lhe fiz minha primeira exibição musical.

Colocou no estojo o papel assinado por Jérôme e desceram.

Quase imediatamente, Raoul d'Averny entrou no aposento, retirou o papel do estojo e colocou-o no bolso.

Em seguida, voltou à sacada, desceu pela borda da fachada e dirigiu-se para a saída da horta.

***

Às três horas da manhã, Félicien voltou ao pavilhão. Raoul, que cochilava numa poltrona, estendeu-lhe a mão.

— Peço-lhe que me perdoe, Félicien.

— Pelo que, senhor? — estranhou o jovem.

— Por eu tê-lo atacado e amarrado há pouco. Queria impedi-lo de fazer alguma tolice.

— Que tolice, senhor?

— Ora… por causa desta noite de núpcias…

Félicien se pôs a rir.

— Eu suspeitava mesmo que tivesse sido o senhor. Em todo o caso, estamos quites e também lhe peço perdão.

— Pelo quê?

— Por eu me ter soltado…

— Sozinho?

— Não.

— Quem o ajudou?

— Faustine.

— Era o que eu temia — disse Raoul, entre dentes. — Então Faustine andou rondando por aí, esta noite… Tomara que não se deixe apanhar!

E concluiu:

— Enfim, veremos… Félicien, peço-lhe que telefone na primeira hora a Rolande Gaverel e tranquilize-a caso ela não ache o papel assinado por Jérôme. O juiz de instrução vem me ver esta manhã, às nove horas e meia, e achei melhor, para evitar a você e a Rolande algum aborrecimento novo, surrupiar o papel do estojo.

— Como? — bradou Félicien, perplexo. — Não é possível que tenha…

— Portanto, que ela nada receie — disse Raoul, saindo. — E avise-a de que vou vê-la logo. Você estará lá, não, Félicien?

Frineia

O sr. Rousselain compareceu pontualmente ao encontro. Às nove horas e meia, quando Raoul terminava seu café, ele se apresentou, não como juiz de instrução, mas como pescador ansioso, em suas próprias palavras, para fisgar tainhas lá pelas bandas de Croissy — chapéu de palha na cabeça, calças de brim amarelo, alpercatas nos pés…

— Meus cumprimentos, senhor juiz de instrução — saudou Raoul efusivamente. — O dia será magnífico e é hora de esquecer um pouco nosso caso insuportável.

— Acha mesmo?

— Por Deus, acho sim!

— No entanto, você me chamou para um desfecho, que devia ter ocorrido à noite.

— E ocorreu.

— Mas não estou vendo uma certa mercadoria em troca da qual lhe concedi ampla liberdade de manobra.

— Amanhã… Isso não lhe basta?

— Amanhã será muito tarde.

Raoul observou-o atentamente.

— Novidades, senhor juiz?

O sr. Rousselain começou a rir.

— Sim, meu caro d'Averny, novidades. E, contrariamente aos nossos acordos, eu é que vou comunicá-las.

Prosseguiu:

— Há cerca de uma hora e meia, o comissário de polícia de Chatou informou por telefone à delegacia que a criada de Jérôme Helmas acabara

de encontrá-lo morto no vestíbulo de sua casa do Vésinet. Deu um tiro no coração. Tinha acabado de chegar, a porta da casa ainda estava aberta. O inspetor Goussot foi para lá. Eu fiquei sabendo do caso quando descia do trem.

Sem vacilar, Raoul declarou:

— É a conclusão lógica do caso, senhor juiz. O culpado se fez justiça.

— Infelizmente, segundo as investigações preliminares, Jérôme Helmas não deixou nenhuma carta confessando sua culpa. Mas não deixa de ser muito estranho que ele, recém-casado, haja saído do domicílio conjugal para ir se matar em sua antiga residência.

— Esse ato resulta precisamente da confissão que Jérôme fez na presença de Rolande Gaverel, Félicien Charles e eu mesmo.

— Confissão verbal, sem dúvida.

— Confissão escrita.

— E você a tem?

— Ei-la.

Raoul estendeu ao juiz o papel assinado por Jérôme Helmas.

— Agora — exultou o sr. Rousselain, sem esconder sua satisfação —, acho que o problema está mais ou menos resolvido. E para concluí-lo de vez e não restar nenhuma obscuridade, você precisa me dar certos esclarecimentos, senhor d'Averny… e talvez me fazer certas confissões.

— De bom grado — respondeu Raoul, alegremente. — Mas com quem tenho a honra de falar? Ao sr. juiz de instrução Rousselain, representante da justiça, ou ao sr. Rousselain, pescador de vara, homem valoroso de quem conheço a razão indulgente, a finura psicológica e o senso de humanidade? Com um, eu teria reservas; com o outro, abrirei o coração e, juntos, de comum acordo, poderemos decidir o que convém ser dito publicamente e o que deve permanecer na sombra.

— Dê um exemplo, senhor d'Averny.

— Aqui está um. Félicien Charles e Rolande Gaverel se amam. Há dois meses, na noite do drama, Félicien pegou a barca para ir se encontrar com Rolande. E se deixou que o acusassem, foi para não a comprometer. Não será esse um segredo que deve permanecer oculto?

O sr. Rousselain, coração sensível, deixou pender imediatamente uma lágrima do canto do olho e exclamou:

— Quem está aqui é o pescador de vara, senhor d'Averny. Fale sem receio. E com tanto menos receio quanto me puseram a par, na delegacia, do papel exato que o senhor desempenhou como nosso colaborador ocasional e dos valiosos serviços que nos vem prestando. O senhor, apesar de um passado…

— Um passado um pouco problemático, não?

— Isso mesmo. E apesar das infraçõezinhas às normas estritamente legais que ainda comete, continua sendo *persona grata*. Fale, senhor d'Averny!

O sr. Rousselain ardia de curiosidade. E Raoul d'Averny alimentou de tal modo essa curiosidade que ele não pensou mais sequer em sua pescaria, aceitou tomar o café na *Clair-Logis* e, até as três da tarde, quedou ouvindo os relatos de Raoul d'Averny mesclados a algumas confidências de Arsène Lupin.

No momento da partida, disse com voz ainda fremente de exaltação:

— Graças ao senhor, senhor d'Averny, passei um dos dias mais emocionantes de minha vida. Agora vejo o caso em todas as suas facetas e penso como o senhor: ele deve ser divulgado com prudência e discernimento. É uma bonita história de amor, apesar dos crimes e motivações interesseiras que a complicam. E é, acima de tudo, uma bonita história de ódio e vingança! Céus! Como pôde nossa jovem Rolande ir tão longe? Quanta energia! Quanta violência de sentimentos!

— Não tem mais nada a me perguntar, senhor juiz de instrução?

— Sim, mais alguns dados sobre dois pontos… ou melhor, três. Pura curiosidade, aliás.

— Diga.

— Em primeiro lugar, quais são suas intenções relativamente a Félicien? Acredita que ele seja seu filho?

— Não sei e nunca vou saber. Mas, ainda que fosse, eu me comportaria em relação a Félicien da mesma maneira. Não lhe contaria nada. Para ele, é melhor se julgar uma criança perdida que descobrir ser filho de… de quem o senhor sabe. Tenho sua aprovação?

— Sem dúvida — garantiu o sr. Rousselain, muito comovido. — Em segundo lugar: que foi feito de Faustine?

— Mistério. Mas vou procurá-la.

— Quer achá-la, então?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ela é muito bonita e não esqueço sua estátua como Frineia.

— Em terceiro lugar: notou, senhor d'Averny, que em toda essa baralhada de acontecimentos nunca se falou, afinal, sobre o saco de pano cinza e as centenas de notas que ele continha? Bem, essa fortuna não desapareceu para todo mundo!

— É o que penso. Houve certamente um beneficiário.

— Quem?

— Palavra de honra, não sei dizer-lhe, mas suponho que alguém foi mais esperto que os outros e procurou o saco no lugar exato onde se deu a briga entre Simon Lorient e seu agressor. Com os dois duelistas feridos, o saco terá rolado na grama, na direção do fosso.

— Alguém mais esperto que os outros… — repetiu o sr. de Rousselain. — Não sei de ninguém que o seja tanto quanto…

— Sim, sim… — murmurou d'Averny, que pegara um cigarro da mesa e o acendia, com olhos sonhadores.

Na verdade, o sr. Rousselain fizera a pergunta sem segundas intenções. Mas de súbito, pela atitude de Raoul, soube a resposta. Era fora de dúvida que, tranquilamente, ao passar, seu interlocutor julgara de bom alvitre apossar-se do tesouro inútil de Philippe Graverel, caído no fosso…

"Que sujeito malandro!", parecia pensar o sr. Rousselain, observando Raoul. "Todo delicadezas e, no fundo, o larápio de sempre. Mas então dará a vida pela salvação dos outros e não resistirá à tentação de surrupiar-lhes a carteira? Deverei estender-lhe a mão ao partir?"

Foi como se Raoul adivinhasse essa hesitação, pois disse, rindo:

— A meu ver, senhor juiz, deve-se perdoar o autor desse golpe. Talvez seja um perfeito cavalheiro, que nunca pensou em depenar seu próximo, mas a quem a conduta do mau contribuinte, Philippe Gaverel, tirou todos os escrúpulos.

E, sempre jovial, acrescentou:

— Seja como for, senhor juiz de instrução, creio que essa seja minha última aventura… Sim, quero respirar um ar mais puro e me dedicar a tarefas mais nobres. Além disso, trabalhei tanto pelos outros que preciso pensar um pouco mais em mim. Não tenho, é claro, nenhuma intenção de ir para um convento… Mas, de qualquer modo… Veja, gostaria que

dissessem de mim quando eu me fosse: “No fim das contas, era um homem corajoso… Um mau elemento, talvez, mas um homem corajoso…”

O sr. Rousselain apertou-lhe a mão e saiu.

***

— Vim me despedir de você, senhorita Rolande, e de você também, Félicien. Sim, estou de partida… Para dar a volta ao mundo ou quase isso… Tenho amigos em toda parte e estão me requisitando… Mas devo me desculpar com você, Rolande, e agradecer-lhe, de passagem, por não me censurar. Confesso: errei um pouco. Não foi muito delicado de minha parte roubar, do estojo, aquele papel que eu precisava entregar ao juiz de instrução… E se eu tivesse feito apenas isso! Mas não, Rolande, assisti do começo ao fim à sua noite de núpcias. Como? Ora, estava no melhor dos lugares, numa poltrona da sacada, e vi tudo, ouvi tudo. Estava também no gabinete de Georges Dugrival, em Caen, quando você abriu o cofre-forte, Félicien. Houve ainda muitas outras coisas menos discretas… ou indiscretas.

Mas vejam bem, meus amigos, tudo isso foi culpa sua. Lembre-se de que no começo, Rolande, você me pediu conselho e acreditei que caminharíamos de mãos dadas. Logo depois, sem mais aquela, silêncio… Você se afastou do amigo que lhe oferecia ajuda… Adeus, Raoul, cada um para seu lado! Quanto a você, Félicien, pedi-lhe insistentemente que confiasse em mim. Mas não, o cavalheiro fizera uma pequena viagem pelo lago e, em vez de me dizer francamente: “É verdade, singrei em direção àquela que amo”, preferiu se deixar prender.

Que aconteceu, então? Separados em dois campos, nenhum conseguiu fazer, sozinho, um bom trabalho. Sim, muitas vezes erramos. Ora eu agia de concerto com o sr. Rousselain, ora contra ele; e, no fim das contas, acreditando que Félicien era inocente, comecei a achar que Rolande e Jérôme eram cúmplices. Sim, como poderia eu imaginar, Rolande, que toda a sua conduta se fundava no ódio? O ódio não é um sentimento que se exibe nas ruas. O ódio, chegado a esse ponto, é uma anomalia e acaba forçosamente por cometer tolices. E quantas você cometeu, minha pequena Rolande!

Reflitamos, Rolande — prosseguiu Raoul, sentando-se ao lado dela e tomando-lhe docemente a mão. — Reflitamos: acha que foi esperta levando as coisas a tal extremo? Pois não deve se esquecer de que está casada, de que traz o nome de Jérôme Helmas, de que é a sra. Helmas e, para ter sua verdadeira noite de núpcias, passou meses fazendo esforços absurdos e dando passos inúteis.

Mas nunca, nunca eu a deixaria perpetrar tantos disparates caso me houvesse honrado com sua amizade. Você tinha pelo menos dez maneiras de chegar ao mesmo resultado sem precisar comparecer perante o senhor prefeito. Que a impedia, por exemplo, de dizer a seu amado: "Meu querido Félicien, você soube navegar até debaixo de minha janela e subir até minha sacada; pois tenha agora a bondade de se introduzir na casa do sr. Jérôme e pegar a aliança que ele roubou. Assim, podemos fazer a comparação". E pronto. Tanto mais, Rolande, que sua ambição não era propriamente entregar Jérôme à polícia e à guilhotina, mas apenas confundi-lo e mandá-lo ao diabo. Vamos, seja sincera: confesse que andaria melhor se houvesse pedido a ajuda de Raoul d'Averny.

Ela ia responder, e seu sorriso indicava qual seria o sentido da resposta, mas ele não o permitiu.

— Não. Não vim aqui para lhe pedir confissões e sim para fazer um pequeno discurso, oferecer-lhe uma solução e felicitá-la. Sim, Rolande, felicito-a por desposar Félicien. Enganei-me sobre ele, julguei-o capaz de fazer muitas coisas erradas. Mas ele é capaz, sobretudo, de amar. É um jovem corajoso, determinado, que censurei por se furtar à minha amizade e que não me censura por eu ter me ocupado, contrariando-o, de seus negócios. Foi para o bem dele. Félicien a fará feliz, feliz como você merece.

Agora, meu presente de núpcias… Sim, vão aceitá-lo porque é para vantagem minha e precisarão se esforçar para ganhá-lo. As obras na *Clair-Logis* estão quase terminando. Mas tenho outras a lhe confiar, Félicien… Uma velha construção que possuo perto de Nice, com um magnífico olival, onde poderão me fazer alguma coisa bonita, a seu gosto. Portanto, daqui a uns quinze dias, depois de falar com o sr. Rousselain e encerrar o caso, irão se instalar em Nice e passar longe daqui, pois precisam disso, seu ano de espera. Posso beijá-la, Rolande?

Beijou a jovem com uma afeição que surpreendeu a ele próprio, em seguida abraçou Félicien e, estendendo-lhe ambas as mãos, fitou-o bem nos

olhos por alguns segundos.

— Eu teria outras coisas a dizer-lhe, Félicien. Mas deixemos isso para outra ocasião, se os deuses me favorecerem… E eles me favorecerão, pois eu o mereço.

Abraçou-o de novo e se foi, deixando os dois espantados e comovidos.

***

Raoul viajou por mais de um ano, durante os quais manteve correspondência constante com os dois jovens. Félicien lhe enviava seus projetos, pedia-lhe conselhos e foi se habituando, aos poucos, a lhe escrever com mais desenvoltura e confiança. Mas Raoul pensava que, entre eles, nunca haveria laços mais íntimos.

"É talvez filho meu e de Claire d'Étigues. No entanto, quererei realmente sabê-lo? Terei, mesmo em caso de certeza, o coração de um pai?"

Ainda assim, alegrava-se. A Cagliostro se vingara. Mas sua vingança fora muito longe e, de vez em quando, ele lhe pregava alguns sermõezinhos irônicos.

"Seu golpe falhou, Joséphine Balsamo. Não apenas a criança (caso seja Félicien) não se tornou nem ladrão nem criminoso como estamos em perfeito acordo, ele e eu. Seu golpe falhou, Joséphine."

Como previa, o inquérito da *Clématites* e da *Orangerie* foi encerrado. Mas isso de nada valeu ao infeliz Thomas Le Bouc: a descoberta do verdadeiro culpado deveria livrá-lo da prisão, mas, por desgraça, as investigações levantaram outras acusações pesadas contra ele, que o teriam enviado diretamente para trás das grades se uma gripe forte não o subtraísse a esse incômodo.

***

Ao fim de quinze meses, Raoul voltou à França e se instalou em seu maravilhoso domínio da Côte d'Azur, que ele havia enriquecido com uma vasta plantação de flores.

Um dia, em um cassino de Monte-Carlo, notou uma senhora extremamente elegante cercada por um grupo de admiradores atraídos por sua beleza. Conseguindo se aproximar, Raoul murmurou às suas costas:

— Faustine…

A mulher se virou abruptamente.

— Ah, é você — disse, sorrindo.

— Sim, eu… eu que a procuro por toda parte, sem descanso!

Saíram e passearam diante da magnífica paisagem. Raoul contou-lhe os últimos acontecimentos e perguntou-lhe sobre aquela noite em que a vira sentada num banco, com Félicien nos braços.

— Não em meus braços, mas com a cabeça pousada em meu ombro. Ele chorava.

— Chorava?

— Sim. Apesar de tudo, tinha ciúmes de Jérôme Helmas e o tal casamento lhe era odioso. Ficava muito abatido às vezes e foi por isso que, naquela noite, eu o consolei afetuosamente.

Em seguida, Raoul colocou-a a par da noite de núpcias, cujos detalhes a jovem ignorava. De repente, virando-se para ela, perguntou-lhe:

— Foi você, não, Faustine?…

— Eu o quê?

— Sabia que Jérôme era o culpado, sabia que Rolande o escorraçaria e previra que, temendo uma denúncia, ele voltaria para casa antes de fugir.

— E daí?

— E daí que você o esperou atrás da porta e, quando ele abriu, atirou… Foi bem isso, não? Porque, enfim, Jérôme não era do tipo que se matasse…

Sem responder, Faustine apontou para a linha indistinta do horizonte.

— Meu país é lá longe… a Córsega… Em certos dias, pode-se vê-la daqui. Na Córsega, os ofendidos só ficam felizes quando se vingam.

— E você é feliz, Faustine?

— Muito. Feliz por causa do passado e seu desfecho. Feliz por causa do presente. Um rico senhor italiano me ofereceu seu coração e um palácio de mármore rosa em Gênova.

— Casada, então?

— Sim.

— Você o ama?

— Ele tem setenta e cinco anos. E você, Raoul, também é feliz?

— Eu o seria se alguma coisa não faltasse à minha felicidade.

— O quê?

Seus olhares se cruzaram e ela enrubesceu. Raoul murmurou:

— Não esqueci nada… do que não aconteceu.

— O que não aconteceu — filosofou Faustine — talvez não tivesse valido o que poderia acontecer.

Ele a olhou de alto a baixo.

— Não esqueci nada — repetiu.

Após um instante, ela replicou ousadamente:

— Prove.

— Provar?

— Sim, prove que conservou a lembrança exata e a saudade do que não aconteceu.

— É mais que saudade, Faustine.

— Prove.

— Pode me conceder um dia? Amanhã, a esta mesma hora, trarei você aqui de volta.

Ela o seguiu até o carro. Partiram e, uma hora depois, ele a conduziu às colinas que dominam Nice, perto da aldeia de Aspremont.

Um portão se abriu. Faustine leu o nome da *villa* no arco entre dois pilares:

— *Villa* Faustine.

Comovida, murmurou:

— É a prova de uma lembrança, não de uma saudade.

— É a prova de uma esperança — corrigiu ele. — A esperança de que um dia eu vá vê-la nesta *villa*.

Faustine sacudiu a cabeça.

— Um homem como você, Raoul, deve ter algo melhor para me oferecer do que um nome num arco entre dois pilares.

— Tenho algo melhor, infinitamente melhor, que não irá decepcioná-la. Mas antes uma palavra, Faustine. Por que, desde o início, foi tão hostil comigo? Não era só desconfiança, havia também rancor e cólera. Responda francamente.

Ela enrubesceu de novo e murmurou:

— É verdade, Raoul: eu o detestava.

— Por quê?

— Porque não o detestava o suficiente.

Ele segurou com força o braço da jovem.

Foram caminhando pelas trilhas que subiam de terraço em terraço, com vistas admiráveis para as montanhas áridas e a neve dos Alpes.

Chegaram ao alto, ao terraço superior onde se erguia a dupla colunata de uma latada.

No centro, emanando vida e luz como uma deusa, a estátua de Frineia.

— Oh! — balbuciou Faustine, aturdida. — Eu!… Eu!…

Faustine permaneceu doze semanas na *villa* que ostentava seu nome.

MAURICE LEBLANC

O$ BILHÕES DE ARSÈNE LUPIN

Principis

MAURICE LEBLANC

O$ BILHÕES DE ARSÈNE LUPIN

Tradução
Andréia Manfrin Alves

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Les Milliardes de Arsène Lupin
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Andréia Manfrin Alves
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com
Magicleaf/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445b Leblanc, Maurice

Os bilhões de Arsène Lupin [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2021.

160 p. ; ePUB ; 920 KB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Les Milliardes de Arsène Lupin
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-323-2 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2021-277 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa 843

2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Paule Sinner

James Mac Allermy, fundador e diretor do *Allo-Police*, o maior jornal de criminologia dos Estados Unidos, tinha acabado de entrar na redação no final da tarde. Cercado por alguns de seus colaboradores, ele lhes dizia sua opinião — ainda muito incerta, aliás — sobre o crime abominável cometido no dia anterior contra três crianças pequenas, e que a opinião pública, revoltada pelas circunstâncias particulares, tinha imediatamente batizado de "O massacre dos trigêmeos".

Depois de alguns minutos de considerações sobre a criminalidade direcionada contra a infância, de modo geral, e sobre o crime hediondo do dia anterior, em particular, James Mac Allermy se voltou para sua secretária, Patricia Johnston, que, no meio dos editores, o ouvia:

— Patricia, está na hora do correio. Todas as cartas estão prontas para serem assinadas? Vamos até meu escritório?

— Está tudo pronto, senhor, mas…

Patricia se calou. Ela ouviu um barulho insólito e completou:

— Tem alguém no seu escritório, senhor Mac Allermy!

O diretor encolheu os ombros.

— Alguém no meu escritório? Impossível! A porta da sala de espera está fechada à chave.

— Mas e sua entrada privativa, senhor?

Allermy sorriu enquanto tirava uma chave do bolso.

— A chave fica sempre comigo. Aqui está ela. A senhorita está delirando, Patricia… Vejamos, vamos trabalhar… Com licença, Fildes, vou pedir para que aguarde um instante!

Ele colocou familiarmente a mão no ombro de um de seus assistentes — não um de seus redatores, mas um de seus amigos pessoais —, Fildes, que vinha quase todos os dias visitá-lo no jornal.

— Não se apresse, James Allermy — disse Frédéric Fildes, um representante da lei e procurador. — Não estou com pressa e sei como é o horário do correio.

— Vamos — disse Mac Allermy. — Tchau, senhores, até amanhã. Procurem descobrir mais sobre o crime.

Com um aceno de cabeça, ele deixou seus colaboradores e, seguido por sua secretária e por Frédéric Fildes, saiu da sala da redação, atravessou um corredor e abriu a porta da sala da direção.

A ampla sala, elegantemente mobiliada, estava vazia.

— Vê, Patricia. Não há ninguém aqui.

— Sim — respondeu a secretária —, mas repare, senhor, que a porta, que estava fechada, agora está aberta.

Ela se referia a uma porta do escritório que dava acesso a uma sala menor onde ficava o cofre.

— Patricia, deste cofre até a saída secreta que se abre para a rua, e através da qual às vezes eu passo, há duzentos metros de corredores e escadas, entrecortados por treze portas e cinco portões de ferro, todos muito bem trancados com cadeados. Ninguém pode usar essa saída.

Patricia refletia, com as sobrancelhas finas ligeiramente franzidas. Ela era uma jovem alta e esbelta, de aparência harmoniosa e ágil, o que indica a prática de esportes. Seu rosto, um pouco irregular, um pouco curto talvez, não tinha uma beleza clássica, mas, com uma pele sem maquiagem, naturalmente opaca e como se transparente, a boca grande e bem desenhada, os lábios naturalmente vermelhos, entreabertos sobre dentes brilhantes, a testa larga e de aparência inteligente sob as ondas dos cabelos, onde o ouro e o bronze se misturavam, sobretudo com os olhos, grandes e de um cinza esverdeado, entre cílios espessos e escuros, emanava um charme incomparável, um charme profundo e quase misterioso quando Patricia ficava séria, mas que se tornava leve e de alguma forma infantil quando ela se deixava levar por um acesso de alegria genuína. Tudo nela transparecia saúde, equilíbrio físico e moral, energia e gosto pela vida. Era uma dessas mulheres que não mentem e não decepcionam, que inspiram simpatia e confiança, que despertam amizade e amor.

Por um hábito que ela tinha aos poucos adquirido de Mac Allermy, e que havia se tornado um reflexo, ela passou os olhos por toda a sala para se certificar de que nada estivesse diferente desde que ela tinha colocado tudo em ordem.

Um detalhe chamou sua atenção.

Em um bloco de notas que estava sobre a mesa, e que era visto por ela de ponta-cabeça, havia duas palavras escritas a lápis. Uma era um nome, "Paule", a outra, que ela decifrou com menos facilidade, um sobrenome, "Sinner". Paule Sinner. Então era uma mulher.

Nem por um momento Patricia, que conhecia a severa moral de Mac Allermy, admitiu que uma mulher pudesse ter entrado com o consentimento dele, muito menos que ele tivesse escrito aquele nome de forma tão exposta em sua sala de diretor.

Mas então, o que significava Paule Sinner?

Mac Allermy, que a observava, sorriu:

— No momento certo, Patricia! Nada lhe escapa. Mas a explicação é simples: é o título de um romance francês que um tradutor me trouxe hoje e estou gostando muito. Paule Sinner é o nome da heroína. Em francês o título é ainda mais chocante: *Paule, a Pecadora*.

Patricia sentiu que Mac Allermy não estava dando uma explicação muito precisa. Mas ela poderia pedir outra?

Nesse momento, interrompendo suas reflexões, houve uma pane elétrica que os deixou na escuridão.

— Não se preocupe, senhor, foi um fusível que queimou. Eu conheço o assunto. Vou resolver — disse Patricia.

Tateando, ela chegou à sala de espera que precedia o escritório de Mac Allermy e que dava em um patamar no terceiro andar da escada particular da direção. Algumas lâmpadas que permaneceram acesas no térreo produziam uma iluminação difusa no meio da escuridão. Em um reduto estreito usado como almoxarifado, a jovem pegou uma pequena escada dupla com seis degraus, desdobrou-a e a colocou perto da parede. Ela subiu e acreditou ouvir, vindo de algum lugar das sombras, um pequeno barulho, e de repente uma angústia cerrou seu coração…

"Ele" estava lá, ela não tinha dúvida, ele estava lá, escondido na semiescuridão, pronto para atacar, como uma fera espreitando sua presa…

Era um ser misterioso, ameaçador. Ela nunca o viu, mas sabia de sua existência; sabia que era secretário particular de Mac Allermy, um secretário que não se mostrava, que também era um guarda-costas, um espião, um factótum, um faz-tudo de atribuições secretas e diversas, um homem enigmático, dissimulado, perigoso, tenebroso, cuja presença e cobiça Patricia percebia constantemente a sua volta, o que a preocupava e, às vezes, apesar de sua coragem, a aterrorizava.

Sobre a escada, com o coração acelerado, ela ouvia. Não, nada! Ela certamente estava equivocada. Então, dominou sua emoção, tentou sorrir e continuou sua tarefa.

Ela removeu o fusível, substituiu o fio partido, ajustou outro e reparou o interruptor. A luz se acendeu, meio velada pelo vidro fosco da lâmpada.

Então aconteceu o ataque. O ser, da sombra onde estava escondido, apareceu logo abaixo de Patricia. Duas mãos agarraram os joelhos da jovem. Patricia cambaleou sobre a escada e, quase inconsciente, sem conseguir lançar sequer um grito, escorregou e caiu nos braços abertos que a seguraram e impediram sua queda brusca ao chão, onde ela se viu deitada, sem voz e sem movimento.

Patricia percebeu que o assaltante era muito grande e tinha uma força irresistível. Numa reação quase imediata, ela tentou lutar, mas em vão. Os braços a imobilizaram como uma presa precipitadamente vencida.

E, ainda a segurando, o homem sussurrou em seu ouvido:

— Não resista, Patricia, de que adianta? Não grite!… O velho Mac Allermy poderia ouvi-la, e o que ele pensaria de você ao vê-la em meus braços? Ele acreditaria no nosso acordo. E teria razão. Você e eu fomos feitos para ficar juntos. Ambos queremos satisfazer nossas ambições, ganhar dinheiro, ganhar poder, e o mais depressa possível. Mas você está perdendo tempo, Patricia. Só porque é amante do filho Allermy, não quer dizer que vai conseguir alguma coisa. Allermy Junior é apenas um idiota, um incapaz. Quanto ao velho, ele se encaixa mais ou menos na mesma categoria. Além disso, ele está tramando, com seu amigo Fildes, que se assemelha a ele, um enorme negócio… sim… mas ele vai quebrar a cara. Patricia, se soubermos como manobrar, você e eu, dentro de seis meses o jornal *Allo-Police* estará em nossas mãos e ambos saberemos como ganhar dólares e mais dólares, centenas de milhares de dólares! Assinaturas, anúncios, escândalos, chantagens, um pouco de tudo. Só precisamos saber como usufruir. E eu

saberei! Mas eu a amo, Patricia. É ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza. Ajude-me a me tornar o mestre, o mestre capaz de tudo, de todos os crimes e de todos os triunfos que você vai compartilhar comigo! Nós dois, juntos, dominaremos o mundo. Você compreende isso, não é? Você aceita?

Ela balbuciou, desnorteada:

— Solte-me! Solte-me agora. Falaremos disso mais tarde, em um outro momento. Quando não pudermos ser ouvidos ou surpreendidos…

— Então preciso de uma prova do nosso acordo… de sua boa vontade… Um beijo e eu a deixo ir.

Patricia estava em pânico. O homem cheirava a álcool; ela podia entrever seu rosto se contorcendo em caretas. Lábios febris pousavam em seu pescoço ou em suas bochechas, procurando os lábios que ela desviava… e ouvindo sempre essa voz em seu ouvido:

— Eu a amo, Patricia. Você compreende o que é esse amor que duplicaria uma associação como a que poderíamos formar, você e eu? Os dois Allermy são incapazes, são fantoches… Quanto a mim, eu adivinho todas as suas ambições, eu as conheço, tanto as realizadas quanto as ultrapassadas. Ame-me, Patricia. Não há no mundo outro homem da minha qualidade, do meu poder cerebral, que tem minha vontade, minha energia. Ah! Você está cedendo, Patricia, você me ouve, está perturbada…

Ele falava a verdade. Apesar de sua revolta e desgosto, ela sentia uma perturbação, uma vertigem estranha que a conduzia na direção do mais terrível desfecho.

O homem zombou silenciosamente.

— Vamos, ceda, Patricia… Você não consegue mais resistir. Está no limite. Pobre menina, não é por ser mulher, não acredite nisso! Todos que ficam diante de mim se sentem perturbados, angustiados. Meu desejo domina, derruba o obstáculo, quebra-o… E se sentem quase felizes, não é, por colocar seu destino de volta em minhas mãos. Admita… E não tenha medo. Não sou mau, embora meus camaradas e inimigos — não tenho amigos — me chamem de "The rough"[1]… O Selvagem, o Implacável, o Impiedoso…

Patricia estava perdida. Quem poderia salvá-la?

De repente, as mãos impiedosas se desprenderam. O "Selvagem" abafou um lamento, um lamento assustadoramente doloroso.

— O que é? Quem é o senhor? — ele gemeu, torturado.

Uma voz baixa e zombeteira respondeu:

— Um cavalheiro, motorista e amigo do senhor Fildes. Ele está à minha espera para levá-lo a Long Island, à casa dos pais dele, onde ela irá jantar… e talvez dormir. Então, você entendeu? Estava de passagem quando ouvi seu discurso. Você fala bem, Selvagem. Mas está enganado ao afirmar que está acima de todos.

— Não estou enganado — repreendeu o outro em voz baixa.

— Está, sim. Você tem um mestre.

— Um mestre, eu?… Diga o nome dele… Um mestre, eu?… Só pode ser Arsène Lupin. Por acaso você é Arsène Lupin?

— Eu sou aquele que interroga, mas que não é interrogado.

O outro ficou pensativo. Sussurrou com uma voz alterada:

— Ora, por que não? Eu sei que ele está em Nova Iorque tramando alguma coisa com Allermy, Fildes e companhia. Além disso, é bem do feitio dele essa torção dos braços. Uma artimanha que derrota até os mais fortes… Então, é você, Lupin?

— Não se preocupe com isso. Lupin ou não, sou seu mestre, obedeça.

— Eu, obedecer? Você está louco. Lupin ou não, minhas ações não são da sua conta! Fildes está no escritório de Allermy. Vá atrás dele! Deixe--me em paz.

— Primeiro, deixe essa mulher em paz! Vá embora!

— Não!

E a mão pesada caiu sobre Patricia novamente.

— Não?! Então, azar o seu. Vou recomeçar.

O "Selvagem" soltou um profundo gemido de angústia e dor. Parecia que lhe tiravam a vida. Seus braços relaxaram. Ele se desequilibrou como uma marionete desarticulada.

O misterioso salvador de Patricia ajudou-a a se levantar. Em pé, de frente para ele, ainda ofegante e tremendo, ela sussurrou:

— Cuidado! Esse homem é muito perigoso.

— A senhorita o conhece?

— Não sei o nome dele. Nunca o tinha visto antes. Mas ele está me perseguindo, estou com medo!

— Quando estiver em perigo, me chame. Se eu estiver livre, virei defendê--la. Permita que lhe ofereça este apito prateado, é um apito

encantado. É possível ouvi-lo através do espaço… Em caso de perigo, apite sem parar. Eu virei… E nunca deixe de desconfiar do Selvagem. Ele é o pior dos bandidos. Meu dever seria levá-lo à justiça imediatamente, mas esse tipo de dever é sempre negligenciado… e injustamente!

Ele inclinou seu corpo alto e flexível e, com um sorriso mundano em seu rosto magro, beijou a mão de Patricia com um galanteio bastante cortês.

— O senhor é mesmo Arsène Lupin? — ela sussurrou, tentando ver bem seus traços.

— O que isso interessa? Não aceitaria a proteção dele?

— Claro que sim! Mas eu gostaria de saber…

— Curiosidade inútil.

Sem insistir, ela retornou ao escritório do diretor do *Allo-Police* e pediu desculpas por sua longa ausência. Tinha tido um mal-estar.

— Já está melhor, não é mesmo? — perguntou Mac Allermy, solícito. — Sim, vejo que está recuperando sua cor.

E acrescentou em outro tom:

— Poderemos conversar um pouco? Tenho coisas muito sérias a lhe dizer!

Diante desse amigável apelo à ordem, Patricia, deixando sua inquietação de lado, voltou a ficar lúcida e calma. Ela se sentou na poltrona que Mac Allermy lhe ofereceu e olhou para ele, aguardando a continuação. Ele retomou depois de certo silêncio:

— Patricia, desde que entrou nesta empresa, há cerca de dez anos, já passou por todos os serviços subordinados. Sabe por que a escolhi, há cinco anos, como secretária executiva?

— Provavelmente porque me achou digna, senhor.

— Claro, mas a senhorita não era a única. Há outras razões.

— Posso perguntar quais?

— Primeiro, é uma mulher bela. E eu gosto da beleza. Não se ofenda por eu falar assim na frente do meu amigo Fildes. Não tenho segredo para ele. Além disso, houve um drama em sua vida, um drama que acompanhei de perto. Meu filho, Henry, aproveitou-se da sua situação e se insinuou para a senhorita. Mas você era muito jovem, sozinha na vida. Ele lhe prometeu casamento e a senhorita não soube resistir, ele a seduziu. Depois disso ele a abandonou, acreditando que ficaria quite lhe oferecendo uma quantia em dinheiro, que, a propósito, a senhorita recusou. E ele se casou

com uma moça rica, de poderosas relações.

Patricia, bastante enrubescida, escondeu o rosto entre as mãos e balbuciou:

— Não continue, senhor Allermy. Tenho tanta vergonha do meu erro! Eu devia ter me matado…

— Se matar porque um jovem miserável a enganou!

— Não fale assim do seu filho, por favor…

— Ainda o ama?

— Não. Mas eu o perdoei.

Allermy fez um gesto violento.

— Eu não perdoei. A culpa é do meu filho! Foi por isso que a convidei para ser uma de minhas colaboradoras.

— Aos seus olhos, isso foi uma reparação?

— Sim.

Patricia levantou o rosto e o encarou.

— Se eu soubesse, teria recusado, como recusei o dinheiro que seu filho me ofereceu — disse ela amargamente.

— Como teria vivido?

— Como eu já fazia antes, senhor, trabalhando… Trabalhando depois de sair daqui, à noite, em outro lugar, e de manhã, antes de chegar, fazendo cópias para outra empresa. Não há pessoa boa e corajosa no mundo que não possa viver, graças a Deus, de seu trabalho!

Allermy franziu a sobrancelha.

— A senhorita é muito orgulhosa.

— Muito orgulhosa mesmo, é verdade.

— E ambiciosa também.

— Também — disse ela calmamente.

Mais um breve silêncio e o diretor do *Allo-Police* então retomou:

— Há pouco encontrei sobre esta mesa um artigo seu a respeito do terrível crime de ontem, de que estávamos falando na redação, o massacre dos trigêmeos.

Patricia mudou de expressão e de tom; ela se transformou na debutante ansiosa pela opinião de seu juiz.

— O senhor teve a gentileza de ler?

— Sim.

— E ele lhe agrada?

O diretor acenou com a cabeça.

— Tudo o que disse sobre esse crime, sobre os motivos que o originaram, sobre o homem que acredita ser culpado, provavelmente está certo. De todo modo, é muito engenhoso, muito lógico. A senhorita demonstra ter qualidades reais de discernimento e imaginação.

— Então o senhor vai publicá-lo? — perguntou a jovem, extasiada.

— Não.

Ela se sobressaltou.

— Por que, senhor? — perguntou com a voz ligeiramente alterada.

— Porque ele é ruim!

— Ruim! Mas o senhor disse…

— Ruim como artigo — explicou Allermy. — Veja, senhorita. O que, aos meus olhos, é valioso em uma reportagem criminal não é a soma de deduções, sugestões e verdades que ele contém. É unicamente a forma como tudo isso é apresentado.

— Não entendi muito bem — disse Patricia.

— A senhorita vai entender. Suponhamos…

Ele se interrompeu. Sem dúvida, lamentava ter embarcado em explicações. No entanto, concluiu, abreviando:

— Suponhamos que eu, Mac Allermy, esteja envolvido em alguma aventura obscura que me conduza, hipoteticamente, a ser assassinado nesta noite. Bem, se as circunstâncias determinassem que a senhorita ficasse responsável por contar essa notícia, sua história teria que destacar esta conversa que estamos tendo agora e dar a ela um tom patético, para que o leitor já percebesse as premissas de um temível desfecho. Seria preciso que a intensidade da impressão seguisse num crescendo até a última linha. Toda a arte do jornalista e do romancista está na preparação do drama, na sua encenação, na indicação das primeiras peripécias, naquilo que faz o leitor ser fisgado imediatamente. Fisgado pelo quê? Não posso dizer. Esse é o segredo do talento. Se não tem internalizada essa vocação secreta para chamar a atenção com palavras, faça vestidos ou espartilhos, mas não romances, nem artigos. Entendeu, Patricia Johnston?

— Entendi, senhor, que devo trabalhar primeiro como aprendiz.

— É isso mesmo. Há bons elementos em seu artigo, mas apresentados por uma menina de escola. Nada está valorizado, nada está no ponto. Reescreva-o, escreva outros. Eu os lerei… e vou recusá-los até o dia em que

a senhorita souber construir um artigo do jeito certo.

Ele acrescentou, rindo:

— Espero que não seja sobre mim, ou para desvendar um mistério criminal que me diga respeito.

Patricia olhou para ele com preocupação e, ansiosa, em um tom que transparecia o afeto que sentia pelo homem com quem trabalhava há anos, disse:

— O senhor está me assustando. Acredita mesmo…?

— Nada, absolutamente nada específico. Mas o próprio gênero do meu jornal me põe em contato com um universo bastante peculiar, e alguns dos artigos que publicamos me expõem a rancores e vinganças. São os riscos da profissão. Não vamos falar mais sobre isso. Vamos falar de você, Patricia, da sua situação, do seu futuro. A senhorita me entrega bons resultados e, para que tenha uma segurança material que possa facilitar sua vida e permitir que prospere, eu assinei um cheque de dois mil dólares que você poderá descontar no banco.

— É muito dinheiro, senhor.

— É muito pouco se comparado ao que faz por mim e por suas metas futuras.

— E se eu falhar?

— Isso não é possível.

— O senhor confia tanto assim em mim?

— Mais do que isso! Tenho absoluta confiança na senhorita. Quero lhe falar de coração aberto e sobre coisas muito íntimas. Sabe, Patricia, chega um momento em que o homem precisa de sensações mais fortes, de ambições maiores e mais complexas. Chegamos a esse momento, meu amigo Fildes e eu. E, para criarmos em nossa muitas vezes monótona existência um novo e poderoso interesse, nós desenvolvemos uma obra considerável, inédita e cativante, que exige toda nossa experiência, toda nossa atividade e que satisfaz ao mesmo tempo nossos instintos combativos e nossa preocupação moral. O objetivo que queremos alcançar é grandioso, está de acordo com nossas almas de velhos puritanos austeros que o mal revolta, quaisquer que sejam suas manifestações. Em breve irei informá-la sobre a natureza dessa obra, Patricia, porque a senhorita é digna de participar das lutas de nossas ambições. Fildes e eu iremos em breve à França para concretizar nossos planos. Venha conosco. Estou habituado aos

seus serviços; sua constante colaboração e presença me são mais necessárias do que nunca. Se aceitar, será nossa viagem… nossa viagem…

Ele hesitou, muito envergonhado, sem saber como concluir sua frase, ou melhor, sem ousar concluí-la. Ele segurou as mãos da jovem e, quase timidamente, concluiu em voz baixa:

— Nossa viagem de lua-de-mel, Patricia.

Patricia ficou atônita, duvidando de que tinha entendido bem, de tanto que esse pedido era completamente inesperado e tocante, sobretudo por sua sincera e desastrosa espontaneidade. A emoção foi tamanha, e o orgulho também, que, sem conter as lágrimas, ela se atirou nos braços do velho.

— Obrigada! Ah, obrigada! Isso me redime aos meus olhos! Mas como posso aceitar, senhor? Seu filho está entre nós — concluiu ela, desviando o olhar.

Ele franziu a sobrancelha.

— Meu filho construiu a vida dele a seu bel-prazer; eu quero construir a minha seguindo meu coração.

Enrubescida, ela sussurrou com um terrível desconforto:

— Há outra coisa que, aparentemente, o senhor não sabe, senhor Allermy. Eu tenho um filho…

Ele se sobressaltou.

— Um filho!

— Sim! Um filho de Henry, um filho que adoro, um filho a quem jurei dedicar toda a minha vida. Seu nome é Rodolphe. Ele é belo como o amor. É carinhoso, inteligente…

O velho dominava sua surpresa. Ele se exaltou:

— Ele não tem meu sangue? Não é natural que o filho do meu filho seja meu filho?

— Não, não é natural — Frédéric Fildes intercedeu, calmo, embora não conseguisse conter certa emoção.

Allermy se voltou para ele com ar sombrio:

— Acha que devo desistir, Fildes?

— Desistir? Não estou dizendo isso. Mas pensar, considerar com ponderação e sabedoria uma situação atípica… uma situação que, sem dúvida, será conhecida por todos… e interpretada como um ato de fraqueza e imoralidade de sua parte.

Mac Allermy pensou por um momento.

— Que seja — disse ele relutantemente —, vamos dar tempo ao tempo. Ele sempre trabalha a favor daqueles que amam. De qualquer forma, Patricia — ele acrescentou —, nada disso deve afetar nossa relação e nossa colaboração diária, estamos de acordo, não é mesmo?

A jovem percebeu a angústia do velho diante da ideia de perdê-la e, novamente, ficou comovida.

— Sem dúvida, senhor Allermy — ela respondeu.

O diretor do *Allo-Police* abriu uma gaveta e pegou um envelope que havia selado e no qual estava escrito o nome da jovem e disse:

— Neste envelope há um documento que escrevi para a senhorita. Mas você só conhecerá o conteúdo desse documento, que lhe entrego imediatamente, daqui a seis meses, no dia 5 de setembro, e obedecerá à risca às instruções nele contidas. Leve-o sempre consigo ou guarde em um lugar seguro. E que ninguém saiba! Ninguém!

Patricia pegou o envelope, inclinou sua fronte para que Mac Allermy pudesse depositar um beijo nela, estendeu uma mão afetuosa para o velho Fildes e foi embora dizendo estas palavras, que soara como uma promessa:

— Até amanhã, chefe… Até amanhã… E todos os dias…

Ela atravessou a sala de espera. Mac Allermy e Fildes a seguiram imediatamente. Quando eles chegaram no patamar, viram abaixo deles, entre o primeiro e o segundo andar, dois homens que desciam as escadas. O que estava atrás, um homem alto, de ombros largos e aspecto desengonçado, caminhava furtivamente, como se tentasse alcançar o outro sem ser ouvido. Quando o alcançou, levantou subitamente a mão direita, na qual se viu brilhar uma lâmina. Patricia quis gritar, mas sua voz ficou presa na garganta. A mão se abaixou. No exato momento em que a arma atingiria suas costas, o homem atacado se inclinou, agarrou o agressor pelas pernas e o derrubou com uma força imensurável, lançando-o por cima da rampa ao pé da escada. O agressor caiu como uma massa no meio do primeiro andar, rolou por mais alguns degraus e soltou um gemido.

O diretor do *Allo-Police* deixou escapar uma gargalhada.

— Do que está rindo, senhor Allermy? — perguntou Patricia. — Foi seu secretário quem se feriu, seu confidente.

— Excelente lição para ele — respondeu o velho com satisfação. — O "Selvagem" é um gângster abominável! Inimigo público número um. Mais

um segundo e ele supostamente esfaquearia seu companheiro. É um bruto esse aí. Mas ele não me é totalmente desconhecido… E para o senhor, Fildes?

— Também não — respondeu Fildes, laconicamente.

Os dois amigos subiram. Mac Allermy tinha esquecido em sua mesa a grande pasta de couro marrom onde ele guardava todos os documentos relacionados à grande empreitada.

Quando Patricia, continuando a descer, chegou aos pés da escada, os dois combatentes tinham desaparecido.

— Que pena — pensou —, eu gostaria de rever aquele que certamente é Arsène Lupin!

Ela saiu do prédio tentando controlar a emoção. O ar fresco lhe fez bem. A avenida, vibrando com o zumbido da multidão ao anoitecer, começava a se iluminar com as luzes produzidas pela eletricidade. A jovem virou à direita e se sentou em um pequeno jardim relativamente calmo. Ela precisava pensar. Desapontada com o fracasso de sua primeira tentativa no jornalismo, ela encontrava, todavia, um poderoso conforto na simpatia com que seu chefe tinha lhe falado, na confiança que ele tinha nela, em seu futuro. A oferta de casamento que ele lhe tinha feito era para ela como uma absolvição do passado, que a enobrecia e purificava.

Órfã, relutantemente acolhida por uma velha parente que não a amava e não se interessava por ela, Patricia teve uma juventude amarga e solitária na qual todos os seus impulsos infantis tinham sido duramente reprimidos. Ela tinha crescido com o único desejo de se tornar independente o mais rápido possível. A jovem estava completando seus estudos quando sua parente morreu, deixando-lhe apenas o suficiente para sobreviver por algumas semanas. Mas Patricia era corajosa, o trabalho a atraía; ela era uma boa datilógrafa e tinha conquistado rapidamente um cargo modesto, mas suficiente, uma vez que ele lhe proporcionava uma vida tranquila.

Ela conheceu Henry Mac Allermy em uma sociedade que frequentava, às vezes, aos sábados à noite. Ele também era muito jovem, era bonito, parecia sincero e apaixonado. Ele havia cortejado a jovem solitária, sedutora e ingênua. E Patricia, entusiasta, embriagada pelo desejo de viver e ser feliz, sem conhecer nada além do arrebatamento desse amor que a atraía, cedeu, palpitante de confiança e de esperança. Alguns meses de felicidade, e depois as infidelidades, o abandono, a separação brutal, cínica e

devastadora para ela. Devastadora sobretudo pela terrível amargura de agora ter de desprezar aquele a quem tanto amava — e que talvez ainda amasse.

Mas a criança recém-nascida tinha sido o novo elo que ligava a jovem à vida. Patricia depositou no filho, desde o berço, toda a sua esperança no futuro. Sem nada mais esperar para si dessa existência, ela concentrou intensamente no pequeno Rodolphe todas as suas forças de amor e ambição. Ele seria sua vingança viva contra o pai que a tinha traído; ela faria dele o homem sincero e nobre que acreditou ter encontrado em Henry Mac Allermy. Sendo ela mesma ainda uma criança, seria apenas mãe…

O tempo então passou, livrando a jovem do passado ruim e lhe devolvendo seu prazer pela vida. Mas o desejo de fazer de seu filho um homem digno dos destinos mais elevados se manteve como sua grande razão de viver. Então não encontrava agora, sem ter procurado, a ajuda necessária? Não era essa uma oportunidade inesperada que surgia? O velho Mac Allermy não seria para ela e para Rodolphe o apoio que remediaria o mentiroso e covarde Henry Mac Allermy e seu apoio inexistente? Quando anoiteceu por completo, Patricia já vislumbrava um futuro melhor.

A hora avançava. Patricia, voltando de seu devaneio, levantou-se para seguir até o pequeno restaurante onde normalmente jantava antes de retornar à sua modesta acomodação de mulher solteira que trabalha para viver. Mas ela parou abruptamente. À sua frente, do lado de fora do jardim, no térreo de um edifício, uma pequena porta se abriu. Ela sabia que essa pequena porta se comunicava, através de compridos corredores e de numerosas escadas, com a estreita saleta onde ficava o cofre de Mac Allermy. Ele costumava sair do jornal por ali.

E, precisamente, Mac Allermy surgiu na companhia de Frédéric Fildes.

Sem ver Patricia, os dois homens atravessaram o jardim e seguiram por uma rua paralela à avenida principal.

Em português, “O bruto”. (N.T.)

Onze homens reunidos

Patricia seguiu os dois homens sem que eles percebessem. Ela não costumava ser impulsionada por qualquer curiosidade banal ou interessada, mas não conseguia esquecer as palavras ditas por James Mac Allermy em relação à perigosa possibilidade de uma aventura cujo resultado poderia ser fatal. Estaria ele sob algum tipo de ameaça específico? Patricia não deveria perceber nessas palavras um aviso que era preciso levar em consideração? Não era seu dever cuidar dele? Mac Allermy e Fildes seguiam para alguma expedição noturna, não havia a menor dúvida. Por isso, ela sentia necessidade de agir.

Os dois amigos caminhavam sem olhar para trás. De braços dados, eles conversaram animadamente. Mac Allermy segurava com a mão livre a pasta marrom com alças de couro, enquanto Frédéric Fildes brincava com sua bengala.

Eles caminharam por um longo tempo e chegaram a ruas que Patricia, implacável em sua perseguição secreta, nunca tinha visitado antes, e pelas quais eles seguiam sem hesitação, como se o caminho lhes fosse familiar.

Finalmente, eles contornaram uma vasta praça quadrada em que um dos lados era decorado com uma colunata embaixo da qual havia uma série de lojas, já fechadas àquela hora, com suas persianas contíguas. Muitas dessas lojas tinham um aspecto completamente semelhante, a mesma disposição, as mesmas dimensões, a mesma decoração. Elas eram separadas por portas que davam acesso às habitações acima delas.

Mac Allermy parou de repente e abriu uma das portas. Patricia permaneceu de pé a uma curta distância, à sombra das arcadas, e vislumbrou os primeiros degraus de uma escada que conduzia à sobreloja.

Mac Allermy, seguido por Frédéric Fildes, adentrou pela escadaria e a porta se fechou. O diretor do *Allo-Police* ficou no andar de cima por apenas um minuto e já precisou descer. Patricia viu a loja no piso térreo se iluminar com a claridade filtrada por buracos em forma de estrela que perfuravam o toldo da fachada.

Houve alguns minutos de silêncio.

Soaram dez horas. Quase imediatamente, dois homens apareceram e, com um ar descontraído, passaram a inspecionar sob as arcadas. Patricia se escondeu melhor na sombra onde estava emboscada. Os dois homens chegaram à loja e um deles bateu na fachada com um objeto de metal que tinha nas mãos. Imediatamente, uma pequena porta na cortina de metal foi aberta por dentro. Os dois homens entraram apressadamente e a porta se fechou em seguida. Então, ainda à espreita e com o coração disparado, Patricia viu um grupo de quatro homens que avançavam sem pressa, como caminhantes ociosos. Eles também pararam em frente à loja e bateram na fachada de metal. A pequena porta foi aberta mais uma vez, e eles desapareceram lá dentro.

Então veio outro homem, sozinho, que da mesma forma bateu e entrou. Depois outro. Então, finalmente, um último, um homem alto que escondia o rosto sob um chapéu desabado e um cachecol de lã cinza.

Onze ao todo, Patricia contou, não vendo ninguém mais surgir depois de alguns minutos de espera. Onze homens, incluindo Mac Allermy e Fildes, que tinham vindo esperar pelos outros. Que outros? Quem eram essas pessoas que pareciam pertencer às mais diferentes classes da sociedade? O que estavam fazendo ali? Para que trabalho noturno estavam reunidos misteriosamente naquela loja aparentemente abandonada? Naquele bairro distante?

Patricia se lembrou das palavras de seu diretor. Não seria essa a grandiosa empreitada de que ele tinha falado, e na qual Frédéric Fildes estava envolvido? A empreitada aventureira e perigosa cujo resultado para Mac Allermy poderia ser a morte?

Patricia estava inquieta, assustada. E se matassem Mac Allermy nesse instante? Ela ameaçou partir em busca de parar o primeiro transeunte para perguntar o endereço da delegacia de polícia mais próxima…

Mas logo se acalmou. Ela tinha o direito de intervir num plano sobre o qual não sabia nada e cujos perigos talvez nem existissem? Mac Allermy

tinha conscientemente organizado o encontro. Se corria algum risco, ele o havia aceitado livremente. Sob que pretexto, nessas condições, Patricia interferiria em seus planos, envolvendo indiscretamente a polícia? Isso não suscitaria talvez perigos reais para contornar perigos imaginários?

A jovem esperou sem aparecer nem se mexer. Os minutos passaram: uma hora… duas horas… Finalmente, a porta de ferro foi levantada. Três homens, quatro, cinco apareceram. Saíram dez que se dispersaram diante dos ávidos olhos de Patricia, sempre cuidadosamente escondida. Ela viu o homem de cachecol, pensou reconhecer Frédéric Fildes, mas não distinguiu James Mac Allermy.

Esperou mais um pouco. De repente, viu o homem com o cachecol reaparecer. Ele caminhava na direção da loja. Como antes, ele bateu e desapareceu pela pequena porta que foi aberta para ele.

Quatro ou cinco minutos se passaram, não mais do que isso, e o homem com o cachecol reapareceu, deslizando pela pequena porta. Ele trazia na mão a pasta de couro marrom de Mac Allermy e partiu apressadamente.

O incidente pareceu suspeito aos olhos de Patricia. Por que aquele homem levava a pasta preciosa que continha o segredo do importante negócio? A jovem se perguntou se esperaria até ver Mac Allermy sair ou se seguiria os passos do homem com o cachecol. Sem pensar muito, por impulso, decidiu seguir o homem. Acelerou um pouco o passo e logo o alcançou. O homem caminhava rápido e parecia ansioso, olhando ao redor, para trás… Patricia teve de ter muito cuidado para não ser vista. Ela não se atrevia a chegar mais perto, mas tinha medo de perdê-lo de vista na esquina de alguma rua daquele bairro que ela não conhecia. De repente o homem começou a correr. Patricia também correu e chegou a uma praça de onde partiam várias ruas. Qual delas tomar? O homem havia desaparecido.

Patricia parou, um pouco ofegante. Sua perseguição tinha sido em vão.

Ressentida, um pouco envergonhada de sua inabilidade, deu de ombros para si mesma. Ela que pensava ser tão hábil. Ah! Que detetive lastimável era! Passou horas espionando, e eis o resultado. Agora ela se dava conta de que nem sabia o endereço da loja misteriosa onde os igualmente misteriosos personagens tinham se reunido. Seria incapaz de voltar lá. Havia arcadas, sim, mas ela reconheceria o lugar, mesmo se a levassem até lá? Uma noite perdida foi o único resultado dos seus esforços.

Desorientada, infeliz consigo mesma, ela caminhou ao acaso e seguiu por uma rua larga e populosa, repleta de bares muito iluminados e frequentados por clientes suspeitos. Havia gritos, risos. Patricia, preocupada, caminhava depressa, sem se atrever a pedir informações sobre o caminho. Nenhum policial à vista. Indivíduos mal-encarados começaram a segui-la, tentando se aproximar dela. Ela apertou mais o passo. Lufadas de ar fresco lhe atingiam o rosto. Ela pensou que estava se aproximando da beira da água. O lugar estava ficando silencioso, deserto e escuro. Ela chegou a um cais cheio de materiais, sacos de areia e gesso, pilhas de madeira e fileiras de barris vazios ou cheios.

A jovem de repente estremeceu. Uma mão brutal a segurou pelo ombro.

— Ah! Aí está você, Patricia! Estou muito feliz com este encontro. Agora não vou mais deixá-la escapar, minha linda! Não adianta resistir!

Embora não conseguisse reconhecer nem a voz nem a silhueta de seu agressor, a jovem estava convencida de que se tratava do chamado "Selvagem", "The Rough", o homem que, na tarde do mesmo dia, a atormentara nas escadas do *Allo-Police*. Ela tentou se libertar, mas a mão que a segurava parecia uma mão de ferro. O homem retomou, zombeteiro e ameaçador:

— Uma vez que a oportunidade se apresenta, aviso, minha pequenina, que você está seguindo por um mau caminho, cuidado! Então agora está bancando a espiã! Por quem? Por amor a quem? Ao velho Allermy! Raios! Então, depois do filho, agora o pai? Você não sai da mesma família! Ouça com atenção, minha querida, se disser uma palavra sobre o que pode ter descoberto esta noite, você está perdida! Sim, perdida! Você e o pequeno Rodolphe! Esse lindo menino vai sofrer as consequências, eu juro! Então, silêncio! Não se meta nos nossos negócios se não quiser que cuidemos dos seus! Estamos entendidos? E, para selar nosso pacto, um beijo, minha linda! Só um, mas um verdadeiro beijo de amor!

Ele apertou seu abraço e tentou alcançar a boca que se esquivava. A luta da tarde recomeçava. Patricia se debatia, desesperada, mas não ousava gritar com medo de ser estrangulada pelo "Selvagem", que ralhava:

— Você é muito estúpida! Um beijo e eu a incluo nos negócios. Repito, é muito dinheiro a ganhar! Muito dinheiro! Você poderá transformar seu Rodolphe em um duque, um príncipe, um rei! E você recusa? Acha que vai

chegar em algum lugar trabalhando com Mac Allermy? Mas que idiota! Ah! Sua estúpida!

Com as unhas afiadas, como uma gata enfurecida, ela o arranhou com toda a força. Com o rosto cheio de sangue, ele chamou:

— Albert, venha me ajudar, meu velho!

Um homem vestido de marinheiro, um colosso de um metro e oitenta de altura, surgiu da sombra do cais e correu ao chamado do "Selvagem". Com sua ajuda, o Selvagem derrubou Patricia no chão e a dobrou ao meio.

— Segure-a, Albert! Ah, ali está uma bela gaiola onde ela não poderá arranhar ninguém nem fugir!

Ele tinha avistado alguns barris vazios no cais. Auxiliado pelo colosso, ele levantou a jovem, ainda dobrada ao meio, e brutalmente a enfiou no barril do qual apenas sua cabeça emergia.

— Fique de guarda perto dela, Albert — o Selvagem ordenou —, e, se ela tentar gritar ou sair, um bom golpe galocha na cabeça bastará para que ela se encaixe de volta na sua concha, como um verdadeiro caracol. Volto em uma hora. Você sabe aonde vou, não é? Só fiz a metade do serviço, agora preciso terminá-lo! Combatamos o inimigo enquanto é tempo. A sorte está do nosso lado, tratemos de aproveitá-la e lhe darei uma parte da minha recompensa. Até logo, Patricia. Se estiver com frio, meu quarto fica perto daqui, no Bar Océan. Posso levá-la até lá para se aquecer. E você, marinheiro, se lembra das instruções? Um golpe de galocha na cabeça, ou, para silenciá-la, um beijo! Ela adora isso!

Ele riu, pegou a pasta de couro que tinha colocado sobre um saco e partiu.

Patricia, presa no barril, não sentia o desconforto dessa situação ridícula. O medo e o horror a dominavam. O desgosto logo se misturou a eles. Após a partida do Selvagem, o marinheiro se inclinou sobre ela, aproximando tanto seu rosto que Patricia sentiu, com o coração disparado, sua respiração empestada de vinho e fumaça.

— Ouvi dizer que você gosta disso? — ele disse com a voz baixa e um tom canalha. — Então podemos nos dar bem. Não estou nem aí pro Selvagem! Um beijo dado espontaneamente e eu tiro você do barril.

— Primeiro me tire daqui — sussurrou Patricia, que via nesse brutamontes repugnante um possível libertador.

— Mas você promete? — ele insistiu, desconfiado.

— Claro! Você está me pedindo tão pouco!

— Posso pedir mais! — ele disse com um riso bêbado. — Bom, eu confio em você!

Ele agarrou o barril e o derrubou como se aquilo se tratasse de um exercício de circo. Patricia saiu de dentro dele e logo se levantou do chão lamacento.

— Agora o meu beijo! — disse o colosso, avançando com os braços estendidos.

Ela saltou para trás.

— Beijar você? Eu prometo. Tudo o que quiser. Mas não aqui. Está muito frio e alguém pode aparecer! Onde é o quarto dele?

Ele fez um gesto na sombra da noite.

— Vê aquela luz vermelha… ali… É o Bar Océan.

— Eu vou na frente — disse Patricia. — Você vem depois, vou esperar.

Ela fugiu, leve, tão excitada por sua libertação que mal sentiu o cansaço. Além disso, uma preocupação muito maior a dominava. As últimas palavras do Selvagem a tinham assustado. A que outra metade do serviço ele havia aludido? Que trabalho lhe restava realizar? Ele iria matar alguém?

Ela correu para a rua das tavernas e entrou naquela cuja iluminação era vermelha.

— Um café e uma dose de conhaque — ela pediu ao garçom do Bar Océan. — Onde fica o telefone?

O garçom a acompanhou até a cabine, onde ela consultou a lista telefônica.

Ela estava perplexa. Pensando rapidamente, disse a si mesma: "Vamos ver… Quem avisar? A polícia? Não… Fildes primeiro… Ele deve ter ido para casa… E o perigo está lá. Sim… Frédéric Fildes…"

Ela girou o disco com um dedo febril e ouviu quando alguém atendeu do outro lado.

— Alô… Alô… — ela disse com uma voz que a emoção tornou rouca.

Hesitante, inquieta, a voz de Fildes respondeu:

— Alô, quem fala? É o senhor, senhor Mac Allermy? O Selvagem acabou de chegar.

A jovem sentiu um arrepio de pavor. Avisar Fildes… Mas não, como é que o velho se protegeria sozinho? Era o bandido que deveria ficar com medo. Ela respondeu:

— Quero falar com ele… da parte de Mac Allermy.

Ela logo ouviu a voz dura e rouca do Selvagem:

— Alô! Quem fala?

— Sou eu, Patricia. Estou telefonando para lhe dar um conselho. Fuja! Eu alertei a polícia sobre suas intenções contra Fildes. Fuja imediatamente.

— Ora! É você! — disse a voz sem expressar qualquer emoção. — Então aquele marinheiro idiota aprontou das suas. Está bem, eu vou embora. Mas preciso de cinco minutos. Ainda preciso trocar uma palavra com o senhor Fildes.

Patricia estremeceu, mas sua voz tornou-se imperiosa e seca:

— Cuidado, Selvagem. Eu contei tudo. Os policiais o seguiram de carro. Já devem estar cercando a casa. Pense na cadeira elétrica se cometer algum crime…

— Obrigado por se preocupar comigo — respondeu a voz zombeteira. — Pode deixar que vamos nos apressar.

Houve um silêncio. Então, de repente, um grito abafado. Um grito de agonia.

— Ah! Bandido! — murmurou Patricia, ofegante, quase desfalecendo. — O bandido o matou.

Descontrolada, ela desligou o telefone e fugiu atirando dinheiro ao garçom do bar. O marinheiro chegou; ela o evitou, conseguiu sair e se pôs a correr desesperadamente. Por sorte encontrou um táxi vazio e saltou para dentro dele. Completamente perdida, em vez de dar ao motorista o endereço de Frédéric Fildes ou o endereço do jornal, ela forneceu o endereço de sua casa, como um animal ferido que se refugia em sua toca.

De repente, Patricia se sentiu terrivelmente fraca, mortalmente cansada. Ela queria ir para a cama, dormir, esquecer o drama que pressentia, o drama que acontecia naquele momento exato e contra o qual ela não podia fazer mais nada. Os acontecimentos eram mais fortes do que ela.

Dormiu mal. Teve um sono entrecortado por pesadelos terríveis e que, no meio da noite, deram lugar à insônia, quando toda aquela aventura lhe pareceu ainda mais assustadora. O episódio da pasta roubada aumentava sua angústia. No entanto, ela não derivou disso a dedução lógica que deveria ter sido oferecida à sua mente, ou seja, se a pasta tivesse sido roubada de Mac Allermy, isso só poderia ter sido feito à força. Não, ela estava perfeitamente consciente de que Frédéric Fildes tinha sido vítima do

Selvagem, mas nem por um segundo tinha temido por Mac Allermy; ela não adivinhou nada, não foi invadida por nenhum mau pressentimento.

Seu espanto foi profundo quando, no dia seguinte, assim que chegou ao jornal, ela viu o tumulto dos escritórios, a agitação das redações e soube que seu chefe tinha sido golpeado com uma faca em pleno coração, em uma loja na Praça de la Liberté. Praça de la Liberté! Era aquela a praça das arcadas!

Ela se retesou para não desfalecer, para se manter em silêncio. O evento a perturbava; ela sentia os mais cruéis remorsos. Não poderia ter salvado Mac Allermy? Não poderia ter agido? Patricia só pensava nisso, na sua responsabilidade pelo crime cometido! O restante, ou seja, a forma como a polícia tinha sido avisada, o que os inspetores poderiam saber sobre a loja, sobre o proprietário da loja, sobre as reuniões realizadas lá, todos esses detalhes, que foram conhecidos mais tarde, não importavam para ela naquele trágico minuto, quando, como uma criminosa, ela se repreendia por sua inação!

No entanto, ela leu todos os jornais da noite, que relatavam o assassinato com diferentes informações, comentários variados e muitas vezes uma documentação errônea sobre a vítima, uma figura proeminente cuja morte trágica e misteriosa causou forte comoção pública.

Nesses jornais estava relatado outro crime igualmente sensacional, mas que não surpreendeu Patricia: não tinha sido ela a primeira a ser informada por telefone e no momento em que ele foi cometido? Tratava-se do crime envolvendo o procurador Frédéric Fildes. Este, que em breve iria embarcar para a Europa, foi assassinado em sua casa, na noite anterior, por um estranho que tinha vindo vê-lo e que o golpeou com uma facada no coração — exatamente como aconteceu com o diretor do *Allo-Police*. "Há alguma correlação entre os dois homicídios?", interrogavam os jornais. As duas vítimas se conheciam muito bem e tinham negócios em comum. Uma quadrilha de gângsteres seria responsável por essas mortes? Teria o bando executado os dois quase ao mesmo tempo?

Na residência de Fildes, um cofre foi arrombado. Uma soma de cinquenta mil dólares havia sido roubada. Seria então o simples crime devasso de um só homem?

Patricia sabia, sem dúvida, que a mesma mão criminosa tinha atingido os dois velhos. Mas com que propósito específico? Em nome de que poder

oculto? O Selvagem era um grande criminoso ou um mero instrumento? Ela queria saber. Só havia uma maneira…

***

No dia seguinte ao duplo crime, à tarde, Patricia foi convocada por Henry Allermy para ir à sala da direção do jornal policial de que ele, como filho e herdeiro de James Mac Allermy, havia tomado posse.

Sem manifestar emoção alguma, a jovem respondeu ao chamado. Henry Mac Allermy tinha trinta anos. Patricia, que não o via há anos, reconheceu nele, homem feito, os traços do jovem que havia conhecido outrora. Mas toda a paixão estava morta nela, assim como nele. Falaram--se com a reserva de dois estranhos.

— Senhorita — disse o jovem diretor —, a última nota escrita por meu pai em seu diário pessoal lhe diz respeito:

"Patricia… um bom caráter, energia, senso de organização. Ela estaria em seu lugar de direito como vice-diretora."

Sem olhar para a jovem, acrescentou:

— Levarei em consideração, tanto quanto possível, a opinião do meu pai sobre a senhorita. Evidentemente, se isso se adequar às suas intenções…

Patricia respondeu com a mesma reserva:

— Acredito, senhor, que a melhor maneira de servir ao jornal é dedicando-me à tarefa de vingar seu pai. Em poucas horas, vou embarcar para a França. Acabei de reservar um lugar no navio *Île-de-France*.

Henry Mac Allermy fez um gesto de espanto.

— Vai para a França? — ele exclamou.

— Sim. De acordo com algumas das palavras ditas por seu pai, posso afirmar que ele tinha a intenção de ir para lá em breve.

— E então?

— Então creio que essa viagem à França estava ligada ao caso que resultou na morte do senhor Mac Allermy.

— Tem alguma prova?

— Nada de concreto. É uma simples impressão.

— E, no momento em que o jornal mais precisa dos seus préstimos, a senhorita toma uma decisão tão séria, baseada em uma simples impressão? — observou Henry Allermy com certa ironia.

— Muitas vezes, é preciso seguir as intuições para agir — respondeu calmamente Patricia.

— Mas precisa se entender com a polícia.

— Não vejo necessidade disso. Eu não poderia fornecer à polícia nenhuma informação útil…

Houve um silêncio.

— A senhorita tem dinheiro? — retomou Henry Mac Allermy, a quem a determinação da jovem impressionou.

— Dois mil dólares que seu pai tinha depositado em minha conta como adiantamento do meu futuro trabalho.

— Não é suficiente.

— Se eu precisar de uma quantia maior para conseguir um resultado, o senhor será notificado.

— Conto com isso. Até logo, senhorita.

Separaram-se sem mais uma palavra.

Enquanto Patricia se retirava, uma jovem entrou na sala da direção sem ser anunciada. Bonita, maquiada, muito elegante em suas roupas de luto, ela passou voando por Patricia sem sequer vê-la e se atirou nos braços de Henry exclamando:

— Meu casaco novo, querido! O que acha? Ele é propício para o luto, não é?

Era a jovem esposa de Henry Allermy.

Chegada a hora, Patricia embarcou no navio *Île-de-France*. Ela estava sozinha. Uma amiga levaria seu filho, o pequeno Rodolphe, duas ou três semanas depois.

A travessia foi um grande descanso para a jovem. O isolamento entre os passageiros estrangeiros, a calma da existência a bordo derramaram sobre ela seus benefícios inevitáveis. Há situações na vida que só enxergamos claramente quando fechamos os olhos. O mar traz essa serenidade que é tão necessária em certos momentos conturbados e incertos.

Nos dois primeiros dias, Patricia não saiu de sua cabine. Não havia barulho à esquerda, pois sua cabine ficava no final de um corredor; não havia barulho à direita, pois "O passageiro vizinho jamais saía e permanecia deitado em sua cama", assegurou o comissário a Patricia.

Mas no terceiro dia, voltando de um passeio no convés, ela encontrou sua bagagem e suas gavetas em desordem. Haviam revistado sua cabine.

Quem teria remexido tudo? Para encontrar o quê?

Patricia mandou verificar as trancas das portas que se comunicavam com os dois lados da cabine. Elas estavam intactas, as fechaduras fechadas com duas voltas… impossível passar por elas. No entanto, tinham conseguido passar.

No dia seguinte, outra intrusão, outra busca na cabine de Patricia. Ela não tinha dúvida. Alguém entrava na cabine em sua ausência. Mais uma vez: quem, e com que objetivo? Na esperança de se informar, ela se misturou à vida no navio para estudar os passageiros. Almoçou e jantou na sala de jantar, passeou pelo convés, frequentou os salões… escutou… observou… Não, ela não conhecia ninguém.

Enquanto isso, as buscas continuavam em sua cabine. Patricia queixou-se ao comandante, que advertiu o comissário do navio, que empreendeu buscas e mandou instaurar uma vigilância.

Vigilância e buscas em vão. Mas uma investigação pessoal, a indicação dada por pegadas no pó de arroz espalhado de uma caixa pelo chão, revelou a Patricia que o intruso vinha da cabine vizinha. Ela estava ocupada por um passageiro chamado Andrews Forb. Andrews Forb? Isso não queria dizer nada para Patricia. Mas preocupada, aflita, ela acreditava que o Selvagem estava por trás desse nome. Ou, quem sabe, o homem que lutou contra o Selvagem no patamar do *Allo-Police*… e que a salvou.

Como saber a verdade, uma vez que o passageiro vizinho nunca saía de sua cabine?

Determinada a dissipar essa dúvida que a enlouquecia, ela acompanhou o comissário em uma visita à cabine vizinha. Ele bateu na porta, negociou e, finalmente, usando sua autoridade, deixou Patricia entrar.

Patricia olhou para o passageiro misterioso e exclamou, espantada:

— Como! É o senhor, Henry?

Ela pediu ao comissário que os deixassem a sós.

Henry Mac Allermy, na presença do comissário, tinha-se contido, mas, quando ficou sozinho com a jovem, tirou a máscara de impassibilidade que tinha usado durante a conversa deles no jornal e, pálido, transtornado, atirou-se aos pés de Patricia e confessou tudo.

Ele a amava. Nunca tinha deixado de amá-la. Implorava agora por perdão por tê-la abandonado tão covardemente. Já não conseguia mais viver sem ela.

— Estou com ciúmes — concluiu ele, ofegante. — Estou sofrendo! O que significa essa sua partida? Vingar meu pai? É um pretexto! É uma mentira. A senhorita não está indo embora sozinha, Patricia! Está partindo com o homem que ama! Quem é ele? Eu não sei de nada! Mas vou descobrir! Vou arrancá-la dele! Nada mais importa além da senhorita. Meu casamento foi uma loucura. Eu a amo! Não suportarei vê-la com outro! Eu a mataria antes! Não posso admitir sua traição!

Apanhada de surpresa por tanta injustiça, Patricia se indignou:

— Mas foi o senhor quem cometeu uma traição, Henry! Eu confiei no senhor. Dei-lhe todo o meu amor! Vivia apenas para o senhor e para o nosso filho! E o senhor destruiu tudo isso! Tudo desmoronou da noite para o dia, sem motivo, sem explicação. Uma única palavra num pedaço de papel: "Adeus!". E agora fala em me matar? Mas sem Rodolphe eu já estaria morta! Perdoá-lo? Jamais. Ou, sim, o perdão concedido pelo passado cruel que não importa mais! Perdão a uma pessoa indiferente que já afastamos do pensamento e que já nem sequer é desprezada!

Ela estava determinada, altiva, implacável. Henry Mac Allermy, com um esforço enorme, recuperou um pouco do sangue frio. Ele se levantou, prometeu mudar de cabine no mesmo dia, não voltar a incomodá-la, e, assim que chegassem à Europa, regressar a Nova Iorque.

— Para cuidar do seu jornal e da sua esposa — ordenou Patricia.

Ele encolheu os ombros:

— Não, estou farto do jornal. Está fora da minha competência. Os redatores, associados uns aos outros, farão melhor do que eu. Deleguei poderes antes de partir. Vou resolver tudo de vez…

— E sua esposa?

— Odeio-a desde que a conheço melhor. Ela se impôs a mim para me tirar da senhorita. É uma criança mimada, egoísta, frívola e caprichosa!

— Seu lugar é ao lado dela. O senhor se casou com ela e deve fazê-la feliz. É seu dever!

Ele protestou, chorou, implorou mais uma vez. Mas, ao vê-la inflexível, acabou por prometer tudo o que ela exigia.

— Um covarde, um ser inconsistente e volúvel — disse Patricia ao retornar à sua cabine. — Como pude me enganar a esse ponto? Ver nele um homem digno de ser amado?

Ela não temia a presença de Henry Mac Allermy e dormiu tranquilamente naquela noite.

Mas, na manhã seguinte, soube que uma briga tinha acontecido no convés, à noite, entre dois indivíduos. Um deles atirou o outro ao mar.

O passageiro a quem chamavam de Andrews Forb tinha desaparecido desde então, e não havia dúvida de que ele era a vítima. Mas ninguém descobriu quem o tinha atirado ao mar. Ninguém tinha testemunhado a briga. Um dos combatentes fora jogado no mar; o outro havia desaparecido. Buscas foram feitas em vão, em meio à tripulação e aos viajantes. O mistério não pôde ser esclarecido.

Patricia, no entanto, tinha certeza — certeza sem provas, aliás — de que o agressor era o Selvagem, que, depois de matar o pai, tinha se livrado do filho. Ela imaginava que o Selvagem estava escondido entre os passageiros. Ela estudava todos os rostos. Mas como reconhecer um homem que só foi vislumbrado rapidamente e em circunstâncias dramáticas que não são passíveis de observação precisa?

A jovem, apesar de sua coragem, teria experimentado horas de angústia se não tivesse a impressão irracional, mas reconfortante, de que alguém cuidava dela. Sim, aquele que a salvara uma vez iria salvá-la novamente, se necessário. Estaria ele a bordo do *Île-de-France*? Por que não? Ele não tinha prometido salvá-la, defendê-la? Ele não era o grande todo-poderoso? Com a sensação de que estava protegida de qualquer possível agressão, ela pendurou no pescoço, como um fetiche benfazejo, o apito de prata que ele lhe tinha dado. Ao mínimo alerta, ela chamaria e ele viria, ela tinha certeza.

A partir de então, mais segura, ela viveu tranquilamente o resto da viagem. Nada aconteceu. Como o Selvagem, o Salvador vivia na sombra impenetrável onde ela o procurava.

Na chegada, sobre a plataforma de desembarque em frente da qual ela se posicionou, nenhum sinal lhe permitiu identificar, entre os passageiros que deixavam o navio, um ou outro dos homens que preenchiam um grande espaço em sua memória, um sinistro, vulgar e perigoso, com sua paixão tenaz, brutal e ousada; o segundo, determinado, amigável e tão poderoso que, seguro de si, fazia com que ela não tivesse mais medo de nada, já que ele tinha prometido socorrê-la e defendê-la.

***

Os projetos de Patricia se baseavam no seguinte raciocínio:

A grande e secreta empreitada de James Mac Allermy o havia feito decidir por uma viagem à França. Então, o Selvagem, seu assassino — sim, não havia dúvida quanto a isso — queria, ele também, chegar à França, tanto para se proteger da acusação da polícia de Nova Iorque como para dar continuação ao caso iniciado que ele queria usar em seu benefício. Sem dúvida, tendo deixado o barco clandestinamente na Inglaterra, ele tentaria chegar à França por outro meio. No Havre, Patricia alugou um carro, foi conduzida até Boulogne e depois para Calais, para vigiar os desembarques da Grã-Bretanha.

***

No final do dia, em Calais, um indivíduo vestindo um amplo raglã, usando um chapéu enfiado na cabeça e com a parte inferior do rosto enfiada em um cachecol cinza atravessou a passarela. A mão direita segurava uma mala pesada. Sob o braço esquerdo, entre um maço de jornais e revistas, ele escondia um pacote embrulhado em papel e amarrado, cujo tamanho correspondia ao da pasta roubada de Mac Allermy.

Patricia, cuidadosamente escondida, observava a chegada e reconheceu a figura daquele que era chamado de "O Selvagem". Ela seguiu seus passos.

Ele pegou o trem para Paris, e Patricia embarcou no vagão vizinho. Em Paris, ele seguiu para um grande hotel não muito distante da Gare du Nord. Patricia se hospedou no mesmo hotel e no mesmo andar.

Tinha certeza de que ele não suspeitava de sua presença. Ela esperou por um dia inteiro, traçando planos que abandonava em seguida. A camareira do andar, a quem pagou pelo serviço, informou-a sobre a agenda do viajante. Era simples: ele tinha dormido a tarde toda e pedido que o jantar fosse servido em seu quarto. Ele não se separava de uma grande pasta marrom com alças de couro.

Essa última informação suplantou as hesitações e os medos de Patricia. Era necessário agir antes que o bandido agisse. Era preciso tomar dele a pasta antes que ele tivesse tempo de tirar proveito dos documentos que ela continha, ou que ele a levasse para um esconderijo seguro.

Patricia pegou em sua *nécessaire* um pequeno revólver de joias, objeto de respeito sem o qual ela não viajava, e, com uma nova e polpuda gorjeta, foi levada até o quarto do Selvagem pela camareira, que lhe abriu a porta com a ajuda de uma chave-mestra.

Patricia entrou, fechou a porta e se viu sozinha com o homem.

Ele tinha acabado de jantar. O homem se levantou, e Patricia percebeu que ele era alto, tinha os ombros largos, o rosto grosseiro e bestial, que até então ela havia apenas imaginado na sombra do patamar ou do cais e que, até o momento, o estupor tornava quase cômico.

Mas ele rapidamente se recompôs e tentou gracejar.

— Patricia! Não acredito, é a senhorita! Que bela surpresa! Que simpático da sua parte vir ver um velho amigo! Sente-se! Quer fruta, café, licores? Mas, antes, não nos cumprimentamos?

Ele deu um passo em direção a ela. Ela apontou-lhe seu pequeno revólver:

— Fique tranquilo, está bem?

Ele riu, mas ficou parado:

— Então, o que posso fazer para servi-la?

— Devolva-me a pasta de couro marrom que roubou depois de matar o senhor Mac Allermy na loja para onde voltou após a reunião dos "Onze" — ordenou Patricia.

Ele riu novamente.

— Se eu julguei necessário matar para roubar essa pasta, não seria para entregá-la, ora essa! O que quer fazer com ela?

— Continuar o trabalho iniciado por meu antigo diretor. Suponho que todos os documentos indispensáveis estejam nessa pasta…

— Certamente. E, sem eles, impossível fazer alguma coisa!

— Entregue-os para mim. O senhor está cercado pela polícia. A qualquer momento podem prendê-lo por dois crimes, e os documentos estarão perdidos para nós.

— Para nós? Então concorda em trabalhar para mim, minha bela Patricia?

— Não, para mim e para o jornal.

— Quer dizer, para o seu velho amigo Allermy Junior?

— Ele está morto — disse Patricia com uma voz surda e sem conseguir conter um calafrio. — Foi atirado ao mar.

O Selvagem encolheu os ombros.

— Isso é uma piada! Alguém caiu na água, sim… E Junior, permitindo que pensassem que era ele, escondeu-se entre a multidão da terceira classe. Então não leu as últimas notícias de Nova Iorque?

— Mas então quem se afogou?

— Um emigrante italiano expulso da América depois de se envolver em histórias desonestas. Ele deve ter tentando chantagear alguém…

— E foi o homem que me salvou do senhor que o atirou ao mar?

— Não conheço esse homem.

— Está mentindo! O senhor disse que ele era Arsène Lupin!

— Não tenho certeza. Talvez seja ele… talvez não. Mas, resumindo, a senhorita quer a pasta?

— Sim.

— E se eu lhe recusar?

— Eu o entrego à polícia.

— De acordo. Mas, primeiro, vamos acertar as nossas contas.

Houve um silêncio. O Selvagem parecia hesitante. Finalmente, ele resmungou:

— O que quer que eu faça entre sua arma e a polícia?

— Entregue-me a pasta… Onde a escondeu?

— Debaixo do meu travesseiro. Espere, vou pegá-la.

Ainda sob a ameaça do pequeno revólver, o Selvagem se dirigiu até sua cama e se inclinou. De repente, como um relâmpago, pulou para o lado ao mesmo tempo que o travesseiro da cama voou pelo quarto, batendo na cara da Patricia e fazendo o revólver cair de sua mão.

O bandido se apossou da arma e passou por cima da jovem.

Na sombra do cômodo mal iluminado, ela adivinhou a expressão implacável e bestial do rosto dele e levou o apito prateado à boca.

— Alto! Ou eu apito!

— E quem virá? — tripudiou o bandido.

— Ele. Aquele que já me defendeu do senhor.

— O seu salvador misterioso?

— Meu salvador, Arsène Lupin.

— Então você acha que é ele? — disse o Selvagem, que havia recuado.

— Você também acredita — disse Patricia. — E está com medo!

Ele esboçou um tripúdio.

— Bem, assobie então! Que ele venha! Quero conhecê-lo melhor.

Mas era um desejo muito relativo, porque ele deixou a jovem partir.

Patricia retornou ao seu quarto, determinada a fazer outra tentativa no dia seguinte e, desta vez, notificando a polícia se preciso fosse.

Ela dormiu por algumas horas e de manhã foi acordada por passadas que iam e vinham e por sons de vozes animadas.

Após levantar-se, soube pela camareira que, durante a madrugada, aquele a quem ela chamava de Selvagem tinha sido gravemente ferido na cabeça por uma porretada. Mas ele ainda estava vivo e não corria o risco de morrer. Nada se sabia sobre o agressor, que tinha passado despercebido em meio às chegadas e partidas dos viajantes.

Usando sua carteira de repórter, Patricia pôde facilmente se intrometer na investigação preliminar do comissário da polícia. Ela não descobriu nada, mas, de volta ao hotel, a camareira, percebendo que o homem ferido a interessava, por uma razão ou outra ofereceu entregar-lhe, em troca de uma recompensa, a caderneta do homem agredido. Ela a havia encontrado atrás do aquecedor do quarto. Patricia aceitou e perguntou pela pasta. Ninguém tinha encontrado. O agressor do Selvagem certamente a tinha levado. Foi provavelmente para pegá-la que ele agrediu a vítima.

No suporte de cartões, Patricia encontrou uma pequena carteira de identidade com uma fotografia protegida sob uma folha de mica. O verso da foto trazia esta linha escrita por Mac Allermy:

(M) — Paule Sinner número 3.

Uma página de anotações da caderneta indicava o endereço em Portsmouth de um certo Edgar Becker (taberna Saint-George). As outras páginas estavam em branco. Patricia presumiu que esse Edgar Becker era provavelmente o agressor do Selvagem e, portanto, o ladrão da pasta. Desejando se informar e esperando ver o homem pessoalmente, caso ele tivesse, o que era provável, voltado para a Inglaterra com seus espólios, ela partiu imediatamente para o Havre, atravessou o Canal da Mancha e chegou a Portsmouth.

Lá ela encontrou facilmente a taberna Saint-George, uma pequena taberna ao lado do porto. O estabelecimento estava tumultuado. O proprietário, um homem ruivo e falador, informou a jovem. Um crime havia acontecido ali algumas horas mais cedo. Edgar Becker, que estava

hospedado no hotel da taberna, tinha sido assassinado. Ele voltava de uma curta viagem à França…

— Ele tinha uma pasta de couro marrom? — perguntou Patricia, tentando dominar sua superexcitação.

— Positivo, senhorita. Eu a vi em sua mala. Becker se retirou para descansar. Então, ninguém sabia o que tinha acontecido, porque ninguém tinha visto nada. Mas, três horas depois, a empregada encontrou Becker estrangulado.

— E a pasta? — perguntou Patricia.

— Nenhum sinal dela. Mas encontrei uma caderneta. Esqueci-me de dizer isso à polícia.

— Dez libras em troca dessa caderneta — disse a jovem.

O proprietário não hesitou.

— Oh! Se a senhorita assim desejar. Não tenho o que fazer com ela; além disso, Becker me devia dinheiro e não é a polícia que vai pagar…

A caderneta, semelhante à do Selvagem, continha o mesmo tipo de carteira de identidade, assinada pelo senhor Allermy, e uma foto do mesmo formato, com esta notação:

(M) — Paule Sinner número 4.

Patricia voltou para a França, hospedou-se em um hotel no bairro Étoile e três dias depois telegrafou ao jornal *Allo-Police* o famoso artigo que fez tanto burburinho nos Estados Unidos e em todos os países do mundo. O artigo começava com as seguintes linhas sensacionalistas:

> *Quatro crimes foram cometidos, dois em Nova Iorque, um na Inglaterra, outro em Paris. Aparentemente, não há nada em comum entre eles e eu não acredito que a polícia, mesmo que tenha suspeitado disso por um tempo, pelo menos em relação aos dois crimes de Nova Iorque, conseguiria descobrir a existência de qualquer conexão. Mas se trata do mesmo crime e vou provar.*

Patricia então discorreu sobre sua conversa com Mac Allermy, as razões pelas quais o havia seguido uma noite pelas ruas, o encontro dos Onze na loja da Place de la Liberté, o roubo da pasta de couro marrom, seu trágico telefonema para Frédéric Fildes, sua viagem à Europa e, finalmente, tudo o que sabia sobre os outros dois crimes.

E que habilidade empregou nessa narrativa! Que clareza magistral nas deduções! Que atmosfera criada desde as primeiras linhas! Ah! Ela tinha aproveitado bem a lição dada pelo velho Allermy!

O artigo terminava com uma página que resumia toda a sua força e lhe dava todo um significado:

Assim, um conciliábulo, obviamente preparado há muito tempo, reuniu onze pessoas para uma missão que parece de considerável importância. E quais são os primeiros resultados do esforço acordado? Três homens mortos e uma tentativa de assassinato! Isso significa que a tal missão é uma daquelas que só podem produzir assassinato, roubo ou ignomínia? Não. Ela germinou no cérebro de dois homens, dois amigos de indiscutível moralidade e de caráter acima de qualquer suspeita! Mac Allermy e o procurador Frédéric Fildes! Mas ela é difícil, cheia de armadilhas, perigos e obstáculos. Os dois amigos devem escolher seus companheiros em meio a pessoas suspeitas: cavaleiros da indústria, os homens faz-tudo, bandidos de todas as classes cujas exigências e apetites dissimulados Mac Allermy previu quando me disse: "Suponhamos que eu esteja envolvido em alguma aventura que me levará à morte". E foi o que aconteceu rapidamente. Os dois homens honestos logo foram assassinados, os documentos indispensáveis para o sucesso da empreita foram roubados e há agora um bando de animais selvagens espalhados pelo mundo, com ambições ferozes e um objetivo que os excita, que os torna ainda mais impiedosos… Consequência: outras duas vítimas. E ainda não acabou.

Hipótese, vocês dirão. Suposições sem provas reais?

Guardei minhas provas para a conclusão. Ou melhor, a minha prova, porque só há uma, mas ela é irrefutável, e a polícia de Nova Iorque saberá dar a ela toda a sua importância.

Foi a descoberta dessas duas carteiras de identidade que recolhi e que pertenciam ao Selvagem e a Edgar Becker. Estou convencida de que o mesmo documento deve ter sido ou será encontrado entre os papéis do senhor Mac Allermy e do procurador Frédéric Fildes…

E, de fato, assim que o artigo chegou ao conhecimento da polícia de Nova Iorque, foram feitas buscas nos documentos dos dois amigos assassinados e foram encontradas duas carteiras de identidade às quais a

polícia dedicou grande atenção.

Encontraram a inscrição das seguintes indicações:

Na de Frédéric Fildes

(M) — Paule Sinner número 2.

Na de James Mac Allermy:

(M) — Paule Sinner número 1.

A prova tinha sido encontrada: nas quatro vítimas, a mesma indicação. Senha? Sinal de união? Nome de uma mulher real? Apelido particular que significa "Paule, a Pecadora"? Mistério! Mistério completo! Sim, mas, em todo caso, era preciso assumir que os sete cúmplices sobreviventes estavam reunidos pelo mesmo nome:

Paule Sinner

que acompanhava um número de série que os designava na tenebrosa associação e que precedia um M maiúsculo.

Mas, na mesma noite após essa descoberta, os dois documentos dos dois homens assassinados desapareceram da delegacia. Como? Mais um mistério…

Horace Velmont, duque de Auteuil-Longchamp

Caminhando silenciosamente, segurando sua respiração, Victoire, a velha babá, entrou no banheiro onde seu patrão, embrulhado em um roupão multicolorido, dormia sobre um divã.

Sem abrir os olhos, ele resmungou:

— Por que tantas precauções? Você pode bater as portas, quebrar pratos, dançar um foxtrote ou tocar tambor; eu nunca acordo até que decida fazê-lo. Até logo, Victoire.

Enfiando a cabeça nos travesseiros, ele voltou a dormir.

Victoire o contemplou durante um bom tempo, com êxtase, murmurando: "Quando dorme, ele não tem aquele sorriso zombeteiro ou aquele ar de energia agressiva que lhe são peculiares no estado de vigília e que sempre me preocupam um pouco. Eu, sua velha babá, depois de tantos anos, ainda não fui capaz de me habituar a isso".

Ela retomou, finalmente, para si mesma:

— Ele dorme como uma criança… Ah! Agora está sorrindo. Certamente tem bons sonhos… sua consciência está tranquila, é visível. Como seu rosto está calmo! E como ele parece jovem! Ninguém diria que já tem quase cinquenta anos.

Ela não continuou. O dorminhoco a ouviu, sobressaltou-se e a agarrou pelo pescoço.

— Quer calar a boca? — ele exclamou. — Por acaso eu vou dizer sua idade ao salsicheiro da esquina, que a corteja?

Victoire estava sufocando, sobretudo de indignação, porque a mão hercúlea que a segurava pelo pescoço continuava a apertá-la:

— O salsicheiro da esquina. Oh!

— Você me difama gritando minha idade ridícula.

— Não há ninguém aqui.

— Eu estou aqui, eu, que não tenho nem trinta anos. Então por que me magoar com números irrisórios?

Ele se sentou novamente sobre o divã, bocejou, bebeu um copo de água e beijou a babá com a ternura de uma criança, exclamando:

— Nunca fui tão feliz, Victoire!

— E por quê, meu rapaz?

— Porque dei um jeito em minha vida. Nada de aventuras! As de Victor e as de Cagliostro[2] serão as últimas. Estou farto! Protegi minha fortuna e quero usufruir dela sem aborrecimentos, como um grande senhor multimilionário. E também estou farto de todas as mulheres! Farto do amor! Farto das conquistas! Farto dos sentimentalismos, das serenatas! Farto das noites de luar! Farto de tudo! Extenuado! Traga-me uma camisa engomada e meu casaco número 1.

— Vai sair?

— Sim, Horace Velmont, o único descendente de uma antiga família de navegadores franceses que emigraram para o Transvaal, e que ficou rico por meio dos mais honestos procedimentos, estará hoje à noite na grande festa anual do banqueiro Angelmann. Faça com que eu me apresente bem vestido, minha velha!

***

Às dez e meia, Horace Velmont chegava em frente ao luxuoso edifício do bairro Saint-Honoré, que abriga tanto o banco Angelmann como os apartamentos do banqueiro. Ao passar sob a abóbada, entre os corpos de edifícios reservados aos escritórios, ele entrou no pátio limitado pelas asas reservadas à habitação e que se estende pelo relvado de um belo jardim que vai até os Champs-Élysées.

Dois toldos se estendiam sobre esse pátio e esse relvado. O fundo era ocupado por uma feira com cavalos de madeira, balanços, atrações de todos os tipos, tendas de exibições de fenômenos, ringues reservados ao boxe e à

pitoresca luta livre. Nesse deslumbrante cenário de luz, centenas de pessoas se aglomeravam. Três orquestras e três grupos de *jazz* se provocavam.

Angelmann recebia seus convidados na entrada. Ainda jovem sob os cabelos brancos, a figura asseada e rosada, o ar fotogênico de um financiador americano de cinema, ele tinha arquitetado sua situação na base sólida de três falências suportadas com arte, honra e dignidade. Não muito longe dele estava sua esposa, a bela senhora Angelmann, como seus inúmeros admiradores a chamavam.

Horace cerrou a mão do banqueiro.

— Olá, Angelmann.

Angelmann respondeu com tanta amabilidade que ele parecia incapaz de colocar um nome naquele rosto.

— Olá, caro amigo, que gentileza ter vindo!

O caro amigo esboçou um movimento de quem iria se afastar, depois deu meia-volta e disse em voz baixa:

— Sabe quem eu sou, Angelmann?

O banqueiro reprimiu uma comoção e respondeu no mesmo tom:

— Confesso que não tenho tanta certeza. Você tem tantos nomes!

— Sou um cavalheiro que não gosta que zombem dele, Angelmann. Sem nenhuma prova formal, tenho a impressão de que está me traindo.

— Eu, trair o sen… você!

Dedos de aço se incrustaram em seu ombro com a aparência de fazer um gesto amigável. A voz baixa acrescentou duramente:

— Ouça-me, Angelmann. No dia em que eu tiver certeza, vou partir você como vidro. Você deixará de existir. Enquanto isso, vou lhe dar uma oportunidade. Mas escolho como promessa de lealdade sua admirável companheira.

O banqueiro empalideceu, mas ele estava em público, em casa, e rapidamente se controlou e retomou seu sorriso mundano.

Nesse ínterim, Horace seguiu adiante e se curvou perante a bela senhora Angelmann. Com uma perfeita facilidade de grande senhor e um galanteio estudado, ele beijou a mão dela e, de pé, sussurrou:

— Boa noite, Marie-Thérèse. E então, sempre jovem, sempre atraente, sempre virtuosa?

Ele gracejou, ela sorriu e sussurrou com a mesma ironia:

— E você, belo tenebroso, sempre honesto?

— Claro, a honestidade é um dos meus adornos. Mas não é isso que as mulheres preferem em mim, não é mesmo, Marie-Thérèse?

— Pretensioso!

Ela corou ligeiramente enquanto encolhia os ombros, e ele, em um tom mais sério, concluiu:

— Tome conta do seu marido, Marie-Thérèse. Acredite em mim, tome conta dele.

— O que está acontecendo? — ela balbuciou.

— Oh! Não se trata de cortesia. Como ser infiel à bela Marie-Thérèse! São coisas mais sérias. Acredite em mim, cuide dele.

Horace, sorrindo e satisfeito consigo mesmo, dirigiu-se às atrações do jardim.

Ele vagou por algum tempo entre a multidão. Havia muitas belas mulheres. Ele sorriu para algumas que conhecia. Ao responder ao seu sorriso, várias coraram ligeiramente e o seguiram com os olhos. Ele parecia determinado a se divertir. Deu uma volta no carrossel e, em seguida, aproximou-se de uma tenda de lutadores. Um velho atleta de maiô rosa e calça de estampa de tigre tinha acabado de quebrar o pulso lutando contra um enorme profissional fanfarrão e brutal. Horace, com o chapéu na mão, procurou pelo velho atleta, depois entrou na tenda e logo voltou ao ringue também de maiô, o que permitiu que se apreciasse a harmonia de sua musculatura ondulosa e flexível. Ele desafiou o colossal lutador e duas vezes o derrubou usando os melhores métodos japoneses. O público, entusiasmado, aclamou, e, quando ele saiu da tenda vestido para a luta, foi cercado pela multidão curiosa. Com um sorriso no rosto, ele caminhou até a pista onde os dançarinos se apresentavam.

Um casal atraía a atenção dos presentes, dispostos em um círculo, por sua agilidade acrobática. Horace também observava com interesse quando um cavalheiro se aproximou e se posicionou na frente dele. O cavalheiro era muito alto. Horace não viu mais nada. Ele se deslocou para o lado. O cavalheiro, algum tempo depois, fez o mesmo e, novamente, impediu sua visão. Horace ia protestar quando houve uma agitação no meio do público. O cavalheiro recuou e pisou no pé de Horace. Ele não tinha feito de propósito, mas não pediu desculpas.

— Não se pede mais desculpa, diabos! — resmungou Horace.

O cavalheiro se virou. Era um jovem magro, elegante, envernizado, de cabelos crespos, muito bem vestido, além de ser um jovem bonito, de barba encaracolada, emoldurando um rosto com traços de levantino. Ele olhou para Horace, mas não se desculpou.

A dança chegava ao fim. A orquestra emendou um tango. O levantino então se curvou para uma bela jovem de traços anglo-saxões que estava a poucos passos de distância e cuja graça curvilínea Horace havia notado. Ela pareceu hesitar por um segundo, então aceitou o convite. Ambos dançaram tão perfeitamente que um círculo se formou para vê-los.

Após acompanhar a jovem de volta ao seu lugar, o levantino veio novamente se posicionar na frente de Horace Velmont. Mas, desta vez, Horace, sem paciência, agarrou-o pelo braço e o empurrou. O levantino, irritado, virou-se bruscamente.

— Senhor…

— Que grosseirão! — afirmou Velmont.

O homem corou de raiva e disse com altivez:

— É uma hipótese?

— Não. Uma constatação!

— Estou ofendido.

— Espero que sim.

O levantino, com um grande gesto digno, tirou um cartão do bolso.

— Conde Amalti di Amalto! Seu nome, senhor?

— Arquiduque de Auteuil-Longchamp.

As pessoas se reuniram e riram do sangue-frio gracejador de Horace Velmont. O furioso levantino corou. Ele perguntou:

— Seu endereço, senhor?

— Aqui.

— Aqui?

— Sim. As situações graves, e esta me parece muito grave, eu sempre resolvo de imediato, e no local. O senhor se diz ofendido. Pois que seja! Que arma escolhe? A espada? A arma? A machadinha? O punhal envenenado? O canhão? A balestra modelo 1430?

As pessoas riam cada vez mais à volta deles. O estrangeiro, sentindo o ridículo que o ameaçava com aquele adversário irônico e determinado, dominou sua raiva e respondeu friamente:

— A arma, senhor!

— Vamos lá.

Eles estavam muito perto de uma barraca de tiro ao alvo, equipada com alvos, cachimbos e jatos de água de onde saltavam cascas de ovos. Horace pegou duas compridas pistolas Flobert de dois tiros que datam do Segundo Império, mandou que as carregassem diante de seus olhos e apresentou uma delas ao conde Amalti, dizendo-lhe com seriedade:

Assim que duas cascas de ovo forem baleadas, a honra estará segura.

O levantino hesitou por um segundo, depois se resignou à piada. Ele pegou a arma, mirou por muito tempo e errou o tiro. Horace pegou a arma de suas mãos e segurou ambas as armas negligentemente nas extremidades de seus braços estendidos. Sem mirar, puxou o gatilho e derrubou duas cascas de ovo.

A multidão o aclamou.

— A honra está assegurada, senhor — disse Horace. — Nossas duas conchas rolaram pelo chão.

E ele estendeu a mão ao conde Amalti, que se pôs a rir e respondeu:

— Bravo, senhor! Sagacidade e habilidade. É mais do que preciso! Será um prazer revê-lo.

— Eu, não! — disse Horace, com serenidade, e rapidamente se afastou para escapar da curiosidade do público.

Ele passeou durante algum tempo por um canto relativamente deserto do jardim e já se aproximava da saída quando uma mão se apoiou em seu ombro.

— Posso lhe falar, senhor? — disse uma voz feminina.

Horace se voltou.

— Ah! A bela senhora anglo-saxã! — ele exclamou em um tom de satisfação.

— Americana e senhorita! — ela respondeu.

Ele se curvou cerimoniosamente.

— Devo me apresentar, senhorita?

— Inútil — disse ela, rindo. — Arquiduque de Auteuil-Longchamp é suficiente para mim.

— Está bem, mas não tenho a honra de conhecê-la, senhorita!

— O senhor tem certeza disso? Vejamos. Nós nos encontramos nas escadas de uma casa em Nova Iorque. Não se lembra? Além disso, eu o estou observando há uma hora.

— Uma vigilância, então?

— Sim.

— E por quê?

— Porque o senhor é certamente o homem que procuro há alguns dias.

— Que tipo de homem procura?

— Um que possa me fazer um grande favor.

— Eu sou o homem que pode fazer um grande favor a uma mulher bonita — disse Horace, sempre galante. — Senhorita, estou às suas ordens.

Ele lhe ofereceu o braço e a conduziu entre a multidão até o lugar relativamente deserto de onde tinha vindo. Sentaram-se sob as árvores do jardim.

— Não está com frio? — perguntou Horace.

— Eu nunca tenho frio — ela respondeu, retirando a echarpe que cobria seus ombros nus.

— Obrigado — disse Horace com convicção.

Ela ficou surpresa.

— Obrigado pelo quê?

— Pelo espetáculo que me permite contemplar. Rudemente belo. Um mármore grego!

Ela franziu a testa, corou ligeiramente e trouxe a echarpe de volta aos ombros.

— Pode me ouvir com seriedade, senhor? — ela perguntou em um tom seco.

— Claro, eu terei muita alegria em lhe ser útil!

— Então, aqui está: sou associada a um grande jornal da polícia americana. Isso me levou a me envolver em um caso criminal cujos últimos episódios aconteceram na França: o caso Mac Allermy! Depois de conquistar um enorme sucesso por minha colaboração com o jornal, estou, há dois meses, me desdobrando em esforços que não levam a nada. Sem saber o que fazer, fui, há dois dias, visitar na delegacia de polícia um corajoso inspetor que já tinha me ajudado com seus conselhos. Desta vez ele acabou exclamando: "Ah! Se você pudesse contar com a colaboração de Machin[3]!"

— "Machin"? — Horace perguntou.

— É como chamamos um tipo extraordinário que às vezes se diverte a trabalhar conosco, conforme me disse o inspetor. Ignoramos seu nome e

também sua verdadeira fisionomia. Ele é um homem do mundo, ao que parece, um grande senhor muito rico. Ele sempre age de forma singular e tem uma força física e uma habilidade incríveis. Além disso, tem uma calma que nada perturba. Mas onde encontrá-lo? Ah! Veja. Amanhã, em seu hotel no bairro Saint-Honoré, o barão Angelmann fará sua festa anual para a qual convida toda a cidade de Paris. Machin certamente estará lá. Cabe ao senhor encontrá-lo e fazê-lo se interessar por sua empreitada.

— Então por isso a senhorita veio aqui? — disse Horace. — E, como me viu vencer um atleta da feira, desafiar e duelar contra cascas de ovo, pensou: "Aí está Machin!".

— Sim — respondeu a americana.

— Bem, senhorita, sou eu mesmo, Machin, e estou ao seu dispor.

— Obrigada, então vou começar. Sabe alguma coisa sobre o caso americano que acabei de mencionar?

— O caso Mac Allermy? Um pouco.

— Como soube dele?

— Li sobre isso em um artigo publicado por uma mulher.

— Sim, por mim, Patricia Johnston.

— Meus parabéns!

— Sem ressalvas? — perguntou Patricia, que ficou em alerta pelo tom do elogio.

— Com uma ressalva: o artigo ficou muito bem feito, muito literário, muito valorizado. Quando se trata de crime, eu gosto da narrativa direta, não "contada", não embelezada, sem procurar por frases de efeito, sem grandes reviravoltas. O romance policial me dá sono.

Ela sorriu.

— O oposto do conselho que me deu o senhor Allermy, de quem eu era secretária. Mas vamos continuar. Eis o que descobri.

Ela relatou os fatos resumidamente. Ele escutou atentamente, sem tirar os olhos dela. Quando ela terminou, ele disse:

— Agora entendi tudo!

— Minha explicação é mais clara do que meu artigo?

— Não, a senhorita contou a história com seus lábios, e seus lábios são deliciosos.

Ela corou de novo e, descontente, murmurou:

— Ah! Esses franceses. São todos iguais…

— Todos, senhorita — disse ele calmamente. — Não posso conversar com uma mulher de coração aberto até dizer o que penso dela. Uma questão de lealdade, se é que me entende. Agora que prestei homenagem à sua beleza, aos seus ombros e aos seus lábios, podemos concluir. O que a incomoda?

— Tudo.

— Desde o quarto crime em Portsmouth, nenhuma novidade?

— Nenhuma.

— Nenhum indício?

— Nenhum. Estou em Paris há quase três meses, e há quase três meses tenho procurado em vão.

— A culpa é sua.

— Culpa minha?

— Sim. O acaso lhe forneceu fatos dos quais a senhorita só extraiu uma pequena parte da verdade.

— Eu extraí dos fatos o máximo que pude.

— Não. A prova é que, ao ouvi-la, eu extraí muito mais. Então, se está estagnada, a culpa é sua. Houve negligência da sua parte, preguiça mental.

— Em que eu fui negligente e preguiçosa? — perguntou Patricia um pouco ofendida.

— A senhorita aceitou muito facilmente a explicação do nome de Paule Sinner. Sinner significa "Pecador" em inglês. Então concluiu que Paule Sinner significa "Paule, a Pecadora". Explicação sumária, demasiado fácil. Seria preciso se aprofundar na realidade e recordar o que o senhor Arsène Lupin tinha feito no passado. A senhorita o conhece?

— Lendo as suas façanhas, sim, como todo mundo. Mas, pessoalmente, acho que não o conheço.

— Não sabe o que está perdendo — disse Horace.

— O que ele fez? — ela perguntou, curiosa.

— Por diversão, ele por duas vezes embaralhou as letras de seu primeiro e último nome e as reconstituiu de outra forma, o que lhe permitiu, por um tempo, ser o príncipe russo Paul Sernine e, mais tarde, ser o nobre português Luis Perenna. Ninguém suspeitou.

Enquanto falava, Horace tirou da carteira alguns cartões de visita que ele rasgou ao meio, obtendo assim onze pequenos cartões em cada um dos quais ele escreveu uma letra das duas palavras "Paule Sinner". Depois

ofereceu tudo à jovem dizendo:

— Leia na ordem.

Ela leu as onze letras em voz alta:

A. R. S. E. N. E. L. U. P. I. N.

— O que significa isso? — ela questionou, confusa.

— Isso significa, bela senhorita Patricia, que as onze letras do nome de Arsène Lupin foram usadas para criar um primeiro nome e sobrenome de onze letras: Paule Sinner.

— Então Paule Sinner não existe? — perguntou Patricia.

Horace acenou com a cabeça.

— Ela não existe. Uma simples senha e contrassenha que a senhorita muito bem atribuiu à quadrilha de Nova Iorque.

— Fórmula que, na realidade, escondia o nome de Arsène Lupin?

— É isso.

— Que Arsène Lupin tem um papel nessa aventura, um papel de líder, está claro?

— Acho que não. Obviamente, parece que é assim que o caso deve ser apresentado, mas, além dos hábitos pacíficos de Lupin, que não estariam de acordo com os quatro crimes já cometidos, tenho razões para crer que a associação, que parece estar sob a liderança de Lupin, foi fundada, ao contrário, para importuná-lo. Obra moral, Mac Allermy lhe disse! Para puritanos como ele e Frédéric Fildes, seria a obra mais moral e mais meritória do que atacar um malfeitor, fazê-lo restituir o que roubou e dar à associação a força ilimitada que pode render em mãos experientes a enorme fortuna de Lupin? Ou roubam-no ou o chantageiam.

"A Máfia contra Arsène Lupin é, parece-me, o lema, a palavra de ordem, a diretiva dessa nova cruzada. O incrédulo, o infiel, o sarraceno que deve ser combatido e destruído parece-me, neste caso, ser o senhor Arsène Lupin, e os Cruzados, os Godofredo de Bulhão, os Ricardo Coração de Leão, os Saint Louis, que se alistaram para conquistar Jerusalém, são Mac Allermy, Frédéric Fildes e o Selvagem. Não está convencida, como eu?

— Oh! Sim — ela disse, com toda a sinceridade. — Da maneira como eu conhecia Mac Allermy, imagino-o tranquilamente entrando na luta para destruir o anticristo que Arsène Lupin representava aos seus olhos.

Referência às personagens de romances anteriores de Maurice Leblanc: *Victor de la Brigade Mondaine* e *La Cagliostro se venge*, respectivamente. (N.T.)

A palavra *machin*, em francês, pode significar “fulano, sujeito”, ou seja, a palavra que se emprega quando não se sabe o nome de uma pessoa. (N.T.)

A Máfia

Patricia permaneceu pensativa por um bom tempo. Finalmente, murmurou para si mesma:

— Então, a Máfia contra Arsène Lupin!

Ela levantou a cabeça e, olhando nos olhos de Horace Velmont:

— A Máfia… — ela repetiu. — Sim, sua conclusão deve ser precisa.

— Certamente — disse ele —, e essa Máfia, de origem americana, não limita seu papel ao magnífico objetivo a que seus líderes se propuseram, que é a luta contra o mal. Não, eles querem dinheiro imediatamente. Então, enquanto isso, eles oferecem seus serviços como faziam os mercenários de outrora. Eles se filiam aos interesses dos indivíduos que pretendem executar uma vingança ou se defender de represálias, ou ainda aos interesses de facções políticas que resolveram se livrar de um adversário qualquer, alto funcionário incômodo, general inimigo ou estadista muito enérgico.

— Então, essa Máfia de que falam tanto é essa?

— Sim.

— E o senhor tem provas?

— A senhorita poderia tê-las adquirido também, assim como a polícia e todo mundo. As carteiras de identidade e de reconhecimento dos conspiradores, que a senhorita descobriu e publicou, têm um M maiúsculo, certo?

— De fato.

— M é a primeira letra da palavra Máfia; em seguida, as letras M e A, iniciais de Mac Allermy, e as letras FF[4], que são as iniciais de Frédéric Fildes. Além disso, eu soube que o homem que trabalhou como secretário

de Mac Allermy ("O Selvagem", como a senhorita o trata) aquele que se tornou o chefe da gangue, se chama Maffiano. Foi no nome desse siciliano de Palermo que os líderes acharam a palavra Máfia. A Máfia, antigamente uma associação de criminosos sicilianos que pretendiam encobrir seus crimes com uma justificativa política. A Máfia de sinistra lembrança…

— É dessa mesma Máfia de que tanto falam há algum tempo na França?

— Não sei. Vejo-a mais como uma palavra genérica que tem um bom efeito e que, na minha opinião, se refere ao espírito do mal em todas as suas formas. Existe uma Máfia mundial à qual estão ligadas mais ou menos todas as quadrilhas dispersas pelos diferentes países e que constituem uma formidável afiliação com o objetivo de roubar e assassinar. De todo modo, sabemos que em Nova Iorque existe um núcleo de organização, um centro de ação que se estende para a Europa e que foi obra de Mac Allermy e de Frédéric Fildes, que ignoravam os bastidores criminosos e queriam fazer dela uma força benevolente. De acordo com as informações que levantei, esse centro de ação é dividido em dois grupos: os militantes, agentes de execução à frente dos quais está o siciliano Maffiano, e um comitê de controle e contabilidade, uma espécie de conselho de administração criado por dois amigos que recolhe as contribuições e, acima de tudo, distribui os lucros. Em geral, nessas espécies de afiliação os regulamentos são muito rigorosos, e as distribuições são de uma regularidade absolutamente escrupulosa. Cada um recebe sua parte, de acordo com a patente e o número de ordem na hierarquia. Era como acontecia antigamente nas associações de flibusteiros. Por qualquer violação das leis da probidade, por cada falha, apenas um castigo: a morte. E o culpado jamais escapava. Não há esconderijo seguro para ele nem disfarce que o mantenha fora de perigo. Cedo ou tarde, seu cadáver é encontrado e perfurado com um punhal gravado com a letra M… Máfia!

Antes de responder, Patricia se manteve novamente em silêncio por um momento, imersa em profundas reflexões.

— Certo — disse ela. — Estamos de acordo. O senhor tem razão em todos os pontos. Mas, se eu cometi um erro grave em não tirar desse nome, Paule Sinner, o completo significado que ele carregava, como poderia saber o que a letra M significava e o que havia de temível nessa pavorosa associação? É preciso que o senhor tenha tido acesso a informações

específicas.

— Claro! — concordou Horace Velmont.

— Mas de que maneira? Um dos afiliados cometeu traição?

— Justamente! Um ex-cúmplice de Arsène Lupin.

— Ou seja, um cúmplice seu, admita!

— Se isso lhe agrada, mas isso não tem nenhuma importância agora. O ex-cúmplice de Lupin, que se tornou gângster em Nova Iorque, foi contratado por Mac Allermy e, quando soube o que estava sendo tramado contra Arsène Lupin, veio me avisar. Imediatamente, peguei o barco para Nova Iorque, tramei junto de Mac Allermy e vendi-lhe um importante dossiê. Depois disso, candidatei-me à afiliação.

— O senhor faz parte da Máfia!

— Sim, e também do comitê superior. Aqui está meu cartão: Paule Sinner, número 11.

— É assombroso — murmurou a jovem, com uma admiração perplexa. — É uma habilidade e audácia maravilhosa e quase inacreditável.

— Então — ele continuou —, agora compreende?

Ele se interrompeu bruscamente e falou com a voz mais alta, como se continuasse uma conversa:

— Enfim, senhorita, a baronesa, ao descobrir que seu retrato a representava ruiva quando ela agora é platinada, o recusou. O pintor quer processá-la. E a situação agora é essa.

Patricia olhou para ele com espanto. Ele acrescentou com a voz muito baixa:

— Tenha sangue frio. Não, não estou louco. Estamos sendo espionados.

— Que história divertida — respondeu Patricia, rindo alto.

— Não é mesmo? — concordou Velmont.

E num sussurro:

— Vê aqueles três ou quatro rapazes com trajes de gala, que se misturam com a multidão de convidados, mas que se destacam por um certo ar sombrio, furtivo e sinistro de quem sente o cheiro de seu bandido a quilômetros de distância? Eles não a fazem lembrar de alguma coisa?

— Sim — disse a jovem com uma superexcitação contida —, eles me lembram os indivíduos que eu vi em Nova Iorque na noite do crime, sob as arcadas da Praça de la Liberté.

— Precisamente.

— É o senhor que eles estão procurando!

— Sem dúvida nenhuma — disse Horace calmamente. — Então pense que a Associação foi fundada por onze pessoas. Se restarem apenas quatro, ou mesmo três, no momento da partilha, esses quatro ou esses três ficarão com todos os espólios para eles. É por isso que a própria quadrilha se extermina gradativamente. Em breve, por eliminações sucessivas, restará apenas um cúmplice no momento do acerto de contas e da dissolução que acontecerá no final de setembro. Olhe para a direita… conhece aquele sujeito alto com as pernas e os braços compridos?

— Juro que não.

— Foi com ele que a senhorita dançou há pouco, o que foi um erro. A senhorita deveria ter recusado. Ah, ele está indo embora… Conde Amalti di Amalto, barão de Maffiano.

— O Selvagem? Um dos cúmplices? Aquele que consideram o líder?

— Sim… O conselheiro íntimo de Mac Allermy, o seu faz-tudo. Aquele que a perseguia, escondido nas sombras… Aquele que assassinou Mac Allermy e Frédéric Fildes…

— E que foi atingido, também, no hotel em Paris, onde o vi!

— Atingido, mas não morto. Ele sobreviveu ao ferimento e desapareceu do hospital antes da publicação do seu artigo, que revelou o papel que ele desempenhou desde o início e que o teria levado à prisão.

A jovem, apesar da sua coragem, estremeceu.

— Oh! Eu não sabia disso! Tenho medo desse homem! Proteja-se, por favor!

— Proteja-se também, Patricia. Enquanto esse homem estiver atrás da senhorita, ele não a deixará em paz. E é um perigo constante.

Ela tentou controlar sua ansiedade.

— Mas o que tenho a temer?

— O mesmo que eu.

— Mas eu não faço parte da quadrilha deles.

— É verdade! Contudo, a senhorita é inimiga deles. Dez minutos depois que deixou Nova Iorque, a mesma mensagem foi telegrafada para cada um dos afiliados na Europa: “Patricia Johnston, secretária, embarca para vingar os números 1 e 2 M”. Desde então, a senhorita está sendo vigiada e condenada. A morte a espreita esta noite. Vamos sair daqui juntos. Comigo não terá nada a temer e passará a noite em minha casa.

— Está bem — ela disse docilmente. — Mas, e certifique-se de que penso tanto na sua segurança como na minha, o senhor não me disse que eles conheciam todas as casas de Lupin?

— A lista que eu forneci antecede a morte de Mac Allermy. Minha atual residência não está mencionada.

Ele se levantou.

— Venha, Patricia. Apoie sua cabeça no meu ombro, permita-me abraçá-la respeitosamente. Isso, assim… e vamos partir juntos, não como amedrontados cúmplices que procuram fugir, se proteger e socorrer um ao outro, mas como apaixonados que se abraçam ternamente, completamente embriagados de paixão. Venha, Patricia, venha!

A jovem obedeceu. Eles partiram, lado a lado, caminhando de maneira forçada e apoiados um no outro.

Eles se dirigiam para a saída, mas, no momento em que passaram por uma das regiões escuras e desertas do jardim, uma figura masculina magra e alta surgiu de repente diante deles.

A mão de Horace Velmont soltou a cintura da Patricia e, rápida como um raio, apontou uma lanterna para o rosto do sujeito. Sua outra mão livre estava pronta para agarrá-lo pelo pescoço.

Horace esboçou um sorriso.

— Então é você, Amalti di Amalto, barão de Maffiano. — É você, "O Selvagem". Afaste-se um pouco para nos deixar a passagem livre. Você não tem uma cara que eu gostaria de encontrar no canto de um bosque. E, mesmo aqui, prefiro evitá-lo. Não quero que me mate como matou o bom senhor Mac Allermy, seu chefe, sem falar do procurador Frédéric Fildes! Aliás, quer um bom conselho? Deixe Patricia Johnston em paz — concluiu.

O bandido fez um movimento de recuo e respondeu:

— Relataram-nos de Nova Iorque que ela nos oferece perigo…

— Pois bem, estou relatando de Paris que ela é inofensiva. A propósito, chega de conversa. Eu a amo. Então ela é sagrada. Não se atreva a tocar nela, Maffiano, senão…

O homem resmungou:

— Você… Mais dia, menos dia…

— Melhor mais, meu rapaz. E é do seu interesse… Você não tem nada a supor contra mim… pelo contrário.

— Você é Arsène Lupin.

— Mais uma razão! Vamos, saia daqui! Siga seu caminho, depressa! E cuide da Máfia de Maffiano sem se preocupar conosco. É mais prudente, acredite…

O bandido hesitou por um momento e, de repente, desapareceu na escuridão, como se tivesse enfiado a cabeça na água.

Horace e Patricia saíram do jardim e caminharam pela grande sala vazia. Enquanto Patricia pegava seu casaco na chapelaria, Horace se curvou diante da baronesa Angelmann para se despedir.

— Muito bonita a sua nova conquista — murmurou a baronesa, com mais desprezo do que zombaria.

— Muito bonita, de fato — disse Horace seriamente. — Mas não é uma conquista, é uma amiga do outro lado do Atlântico que não conhece Paris e me pediu para acompanhá-la até seu hotel.

— Apenas isso! Pobre amigo, está sem sorte!

— Quem espera sempre alcança — disse Horace sentenciosamente.

Ela fixou os olhos nos dele.

— Ainda está à minha espera? — ela sussurrou.

— Mais do que nunca — respondeu Horace.

A baronesa desviou o olhar. Patricia se juntou a eles.

Horace pegou novamente o braço da jovem americana, e ambos saíram do hotel Angelmann.

Eles caminharam alguns passos na calçada, e Horace disse à sua companheira:

— Vou repetir: não passe a noite em sua casa, Patricia.

— Na sua, então?

— Sim, na minha. Esses tipos estão furiosos, e a senhorita teria muito a temer. Eles não recuam diante de nada.

— O senhor confia em seus funcionários? — interrogou a jovem.

— Só tenho uma empregada, minha antiga babá, que é devota a mim até à morte.

— A fiel Victoire?

— Sim. Posso confiar nela como em mim mesmo. Venha!

Ele a levou até seu carro, onde entraram. Um quarto de hora depois, Horace parou o carro em Auteuil, na avenida de Saïgon, onde ele vivia em um pavilhão entre o pátio e o jardim.

Ao abrir o portão da Avenida, ele buzinou para avisar Victoire. Mas a velha babá não apareceu no alpendre quando eles chegaram.

Velmont franziu a sobrancelha.

— Estranho — disse ele, alarmado. — Por que Victoire não acende a luz do vestíbulo nem aparece? Ela nunca dorme quando estou fora.

Ele acendeu a luz e imediatamente se abaixou no tapete da escada.

— Alguém esteve aqui, veja os rastros! Vamos subir.

Com pressa, seguido por Patricia, ele subiu as escadas até o segundo andar e abriu uma porta. Em um dos quartos, Victoire estava deitada no sofá, amordaçada e amarrada, de olhos vendados.

Ele pulou sobre ela e, com a ajuda de Patricia, desamarrou-a. Victoire estava desmaiada, mas logo recobrou a consciência.

— Nada? Sem ferimentos? — perguntou Velmont.

A corajosa mulher se apalpou.

— Não, nada…

— O que aconteceu? Atacaram você. Você os viu? De onde vieram?

— Pelo acesso da sala de jantar, suponho. Eu estava aqui, sonolenta. A porta se abriu. Atiraram alguma coisa na minha cabeça…

Horace correu até o andar inferior. Na outra extremidade de uma grande sala havia um escritório, e de um armário desse escritório surgia uma escada, que descia pelo chão até uma porta que se comunicava com um túnel construído sob o pátio. Essa porta estava aberta.

— Desgraçados! — ralhou Horace. — Eles me espionaram! Eles descobriram tudo! Ora! Ora! São grandes adversários! Não ficaremos entediados com esses aí.

Ele voltou e se sentou na sala de jantar, em uma mesa virada para a janela. Patricia o havia seguido, deixando Victoire ainda atordoada no andar de cima. A jovem americana se sentou do outro lado da mesa, de frente para Horace.

Eles permaneceram um bom tempo sem falar. Ambos refletiam. Finalmente, Patricia observou:

— Como é que as pessoas dessa Máfia esperam espoliar Arsène Lupin? Não se rouba uma fortuna com uma bolsa a tiracolo!

— Lupin foi astucioso e vendeu aqui e ali tudo o que ele possuía, papéis, ações, joias etc. Essa negociação produziu uma soma líquida, uma massa palpável que ele pensava estar bem escondida, mas que eles podem

estar prestes a descobrir. Então, é uma disputa entre eles e ele! Ah! Admito que eles têm grandes trunfos nas mãos. Mas, ainda assim, Lupin é Lupin!

— E Lupin está tranquilo?

— Nem sempre. Eles são numerosos, ágeis e não recuam diante de nada. Eles já provaram bem isso até agora. Além disso, têm todo o dinheiro de que precisam. Como iniciantes, Mac Allermy e Frédéric Fildes contribuíram com cem mil francos cada um, uma soma que os outros tiveram que dobrar desde então, graças a um monte de pequenas operações equívocas. Finalmente, e esse é o maior trunfo a favor deles, Lupin está cansado de estar sempre na defensiva. Ele aspira a descansar, à vida tranquila, à honestidade. Ele quer aproveitar a vida e o resultado de seus esforços. Ele está um pouco na situação dos marechais da França após as campanhas vitoriosas, quando a estrela de Napoleão começou a empalidecer. Está cansado…

Horace Velmont se interrompeu abruptamente. Ele já estava quase arrependido de admitir sua fraqueza.

***

— Então esse Lupin é assim tão rico? — perguntou Patricia com indiferença.

— Ora! É difícil estimar… Alguns bilhões… Sete… oito… nove, talvez.

— É bastante…

— Nada mal. E isso lhe custou tanto esforço que agora ele tem o direito de aproveitar. Vamos colocar dez milhões por negócio, em média, com setecentos ou oitocentos casos diferentes, que representam combinações complicadas, expedições exaustivas, perigos corridos, ferimentos recebidos, lutas terríveis, fracassos desencorajadores. E também os maus investimentos, as especulações que desabam, a crise, para não falar das necessidades que aumentam com a idade, as pensões a pagar. E Lupin não regateia! Nessas condições, como quer que ele não se importe com o que tem? Lupin não se incomoda com a propriedade dos outros, mas ai de quem tocar a sua! Isso é sagrado para ele. Só a ideia de que estão de olho em sua fortuna já o deixa fora de si. Ele fica furioso.

— Curioso — murmurou Patricia, pensativa —, eu não o imaginava assim.

— Ele é um homem, e nada que seja humano é estranho a ele — respondeu Horace com frieza.

— No entanto, parece-me que não se deveria ter tanto apreço ao que foi roubado — observou a americana.

Ele encolheu os ombros.

— Por quê? Tomar é mais difícil do que ganhar. E arriscamos muito mais! O simples fato de possuir cria um estado de espírito impiedoso. E, quanto mais velhos ficamos, pior fica esse estado de espírito. Lupin tem cerca de dez bilhões… Sim, essa é a soma que ele admite ter. Bem, eu não aconselho ninguém a cobiçar seu pecúlio.

Sua voz se extinguiu, mas ele logo voltou a falar, tomando um fôlego quase imperceptível e escondendo com a mão o movimento dos lábios:

— Não faça nenhum gesto, não diga uma palavra, nem uma sílaba. Entendeu bem?

— Muito bem — ela respondeu também em voz baixa.

— Ótimo.

— O que há? — perguntou Patricia.

Aparentando indiferença, ele acendeu um cigarro e, muito bem acomodado em seu assento, observando os círculos de fumaça azul que espiralavam em direção ao teto, continuou entre os dentes:

— O que quer que eu diga, não esboce nenhuma reação, nenhum sobressalto, e obedeça sem pensar. Está pronta?

— Sim — ela sussurrou, compreendendo a gravidade da situação.

— Há um espelho pendurado na parede à sua frente. Se levantar a cabeça alguns centímetros, esse espelho vai lhe mostrar toda a imagem que eu vejo diretamente, visto que estou de frente para a janela. Encontrou?

— Sim, estou vendo o espelho e a janela. O azulejo inferior esquerdo, é isso?

— Isso mesmo. Fizeram um buraco nesse azulejo. Consegue ver?

— Sim, e posso distinguir algo que se mexe um pouco.

— Isso que se move é o cano de um fuzil que mal passa pelo buraco e está apontado para mim por alguém que está lá fora. Está vendo a panóplia acima do espelho? Falta uma arma nela, um fuzil de acetileno cujo disparo não faz barulho.

— E quem está atrás do senhor?

— Provavelmente Maffiano, “O Selvagem”, ou um dos cúmplices dele, renomado por sua destreza. Não se mova nem um centímetro. Ora! Patricia, não vai desmaiar, não é mesmo?

— Não corro esse risco. Mas e o senhor?

— Para mim é um deleite. Silêncio, Patricia. Acenda um cigarro. Assim a fumaça vai esconder sua palidez. O homem a observa, mas pensa que não pode ser visto. Agora ouça. A senhorita vai se levantar calmamente e subir até o primeiro andar. Meu quarto fica de frente para a escada. Lá há um aparelho de telefone automático. Peça pelo número 17: Emergência Policial. Diga para enviarem à avenida Saïgon, 23, urgentemente, cinco ou seis homens. Fale tudo isso muito baixo. E então, sem se preocupar com Victoire, que está segura no segundo andar, a senhorita vai se trancar no quarto, fechar as janelas, barricar a porta e não abrir para ninguém… ninguém!

— E o senhor? — Patricia perguntou com angústia na voz.

— Eu, não precisando mais defendê-la, vou conseguir me safar. Vamos lá, Patricia.

E ele disse em voz alta:

— Minha cara amiga, a senhorita teve um dia muito cansativo. Se me permite um conselho, vá dormir. Minha velha babá vai indicar o seu quarto.

— Tem razão — respondeu Patricia tranquilamente. — Estou exausta. Boa noite, meu caro amigo.

A jovem se levantou com perfeita naturalidade e, sem pressa, deixou a sala de jantar.

Horace Velmont estava satisfeito. Com sua maestria, sua calma face ao perigo, ele tinha restaurado aos olhos da jovem o prestígio talvez enfraquecido por sua confissão anterior.

Ele percebeu que o cano do fuzil estava se mexendo, como se o estivessem escorando no ombro. Ele gritou:

— Prossiga, Maffiano! Dispare, meu rapaz! E não erre, senão eu estouro seus miolos!

Ele tirou o casaco e ofereceu o peito.

O disparo partiu, sem barulho.

Velmont gemeu, levou a mão no peito e desabou no chão.

Um grito de triunfo ecoou do lado de fora, e a porta de vidro foi bruscamente aberta. Um homem tentou saltar para o cômodo e recuou

gemendo, atingido no ombro pela bala do revólver que Velmont lançou contra ele.

Velmont se levantou são e salvo.

— Idiota! — ele disse ao homem. — Você imaginava, seu idiota, que só porque roubou da minha panóplia um fuzil com cartuchos, e porque você é o melhor atirador da Máfia, que isso seria o suficiente para, bam!, acabar comigo? Pronto, estou morto! É de uma estupidez lamentável. Acha que sou estúpido o suficiente para oferecer armas a agressores, sempre prováveis quando se vive em um pavilhão isolado? Sim! Ofereço tubos de aço aos agressores, e cartuchos também, mas falta-lhes o essencial.

— O que, então? — perguntou o outro, perplexo.

— As balas. Esse fuzil só atira balas vazias! Então você dispara vento com ele, idiota! Só tem ar. Não é com isso que se mata, meu velho!

Enquanto falava, Velmont pegou um segundo fuzil preso no topo da panóplia e avançou em direção à janela. Ele acompanhava com os olhos a sombra que fugia. Não vendo em nenhum lugar a figura de Maffiano, ele se perguntou com preocupação:

— Para onde diabos ele pode ter ido? O que está tramando?

E de repente ele ouviu, vindo do primeiro andar, um assobio estridente, um chamado familiar. Patricia estava pedindo ajuda.

— Será que os bandidos descobriram a saída secreta do meu quarto? — ele se perguntou angustiado.

Mas, para ele, angústia significava ação. Ele correu para as escadas e subiu os degraus em três segundos.

No primeiro andar, ficou de frente para a porta e, pelo tumulto que ouviu vindo do outro lado, percebeu que havia um combate acontecendo, justamente na saída secreta que lhe permitia entrar e sair sem ser visto.

Ele avançou furiosamente contra a porta.

No quarto, uma boa parte da parede havia sido derrubada, e Maffiano tentava levar Patricia com ele. Atrás, na sombra, à entrada da passagem secreta, dois cúmplices estavam prontos para intervir, se necessário.

Patricia, já quase sem forças, mal se defendia; ela tinha perdido o apito prateado e gritava de maneira fraca:

— Socorro!

Nesse momento, ouviram o violento ataque de Velmont contra a porta, que rangeu.

— Ah! Estou salva! Ele chegou! — murmurou a jovem, que reencontrou forças na tentativa de se libertar.

Maffiano apertou o braço dela.

— Ainda não está salva!

Mas a porta estava cedendo, e os dois cúmplices fugiram pela saída secreta. O bandido espumou de raiva.

— Vou levar pelo menos uma recompensa — ele resmungou.

Inclinando-se bruscamente, ele tentou beijar os lábios da jovem, mas mal conseguiu tocá-los. Ela se atirou para trás e, revoltada pelo contato detestável, dilacerou o rosto dele com as unhas.

— Miserável! Bruto nojento! — ela vociferou, lutando ferozmente contra o homem que a agarrava novamente.

De repente a porta caiu, e Maffiano nem sequer teve tempo de ver Velmont, que se precipitou sobre ele. O bandido recebeu um golpe terrível sob o queixo. Ele largou Patricia, cambaleou. Uma série de bofetadas enfurecidas o colocou de novo de pé, fazendo-o recuperar a sobriedade. Tentou fugir, mas a passagem secreta estava fechada. Então ele voltou para o meio do quarto, sacou seu revólver, sentou-se e disse a Velmont, que também preparava o fuzil que não tinha soltado:

— Mais tarde, Velmont. Vamos soltar nossas armas por agora, os dois. Tipos como nós lutam duramente, sem piedade, mas não se matam sem uma explicação prévia.

Velmont encolheu os ombros.

— No entanto, foi o que você quis fazer há pouco, matar-me sem explicações. Enfim, conversemos se isso lhe convém, mas seja claro e preciso!

— Ótimo! Esta noite, na festa do Angelmann, você me disse que queria a linda Patricia para si, porque a amava. Não há nada a fazer, você precisa saber que não tem nenhum direito sobre ela.

— Tenho os direitos que assumo e os direitos que ela me dá.

Um brilho iluminou os olhos do bandido.

— Protesto.

— Nesse caso, procure um oficial de justiça! — cortou Velmont, enraivecido. — É essa a prática em matéria de oposição.

Maffiano, por sua vez, encolheu os ombros.

— Você é louco! Pense bem, só a conhece há duas horas.

— E você?

— Há quatro anos. Há quatro anos estou junto dela… Eu a observo, a persigo de maneira oculta. Ela sabia da minha presença na casa do Allermy, não sabia, Patricia? E quantas vezes a segui na sombra! Porque ela também sabia que eu a amava, que a desejava, que ela era tudo para mim…

— Você fala bem — tripudiou Velmont. — Mas, se ela é tudo para você, você não é nada para ela, não é, Patricia?

— Menos do que nada — disse ela com desgosto.

— Viu só, Maffiano? Vamos, saia e deixe o espaço livre para mim!

— Para você? Jamais. Você é um estranho para ela… Além disso, sabe alguma coisa sobre a vida dela pelo menos? Sabia que ela era amada pelo pai e pelo filho Allermy?

— É mentira!

— Sabia que ela era amante do filho de Henry Allermy?

— É mentira!

— É a mais pura verdade. Ela teve um filho dele.

Velmont empalideceu.

— Está mentindo. Patricia, eu imploro…

— Ele está dizendo a verdade — disse a jovem, repudiando a mentira. — Tenho um filho, um filho que tem agora dez anos. Um filho que eu adoro. Rodolphe. Ele é a minha vida, a minha razão de existir.

— Um filho do qual ela não pode se separar — acrescentou Maffiano — e que ela trouxe para Paris há algum tempo.

O tom do bandido pareceu significativo para Horace, que perguntou, vagamente preocupado:

— Onde está essa criança, Patricia? A salvo de qualquer perigo?

Ela esboçou um sorriso de certeza.

— Sim, de qualquer perigo.

— Volte para perto de seu filho, Patricia — disse Velmont seriamente. — E leve-o para o lugar mais longe que puder. Faça isso imediatamente.

Maffiano caçoou.

— Tarde demais!

Patricia empalideceu e se sobressaltou com os olhos aterrorizados.

— O que o senhor quer dizer? Estive com ele hoje de manhã!

— Sim, em Giverny, não é mesmo? Perto de Vernon, na casa de uma corajosa mulher, a madre Vavasseur. Volte para lá, Patricia. A senhorita não

vai encontrar nem criança nem madre Vavasseur. A corajosa mulher o trouxe para mim esta tarde.

O rosto de Patricia se desfigurou.

— O senhor é um covarde! Um desgraçado! Essa criança é delicada, precisa de muitos cuidados!

— Ele vai receber todos os cuidados, eu juro. Eu serei uma mãe para ele — respondeu Maffiano, com uma provocação sinistra.

— Vou chamar a polícia! — gritou Patricia, em pânico.

— Tenho plenos poderes do pai, Allermy Junior. A justiça vai me felicitar por devolver um filho ao seu pai! — tripudiou Maffiano.

A rude mão de Velmont esmagou-lhe o ombro.

— Muito antes da justiça, há a polícia, que vai prendê-lo e lhe pedir uma série de explicações…

— A polícia está longe — disse o bandido.

— Não tanto quanto imagina! Já mandei ligarem para a Emergência Policial. As viaturas chegam em cinco minutos. Ouça… são sons de sirene. Estão chegando… percebe a situação, Maffiano? Um cabriolé de ferro nos pulsos… o depósito… o banco dos réus… a guilhotina…

— E a prisão de Arsène Lupin!

— Está louco. Arsène Lupin é intangível para a polícia!

O bandido refletiu por um segundo.

— Então, o que me propõe? — ele perguntou.

— Diga onde está a criança e eu deixo o caminho livre para você fugir pela saída secreta número dois, esta aqui. Depressa. As viaturas estão em frente à casa. Onde está o garoto?

— Patricia deve vir comigo. Ela e eu vamos resolver esse assunto juntos. Ela conhece minhas condições, deve se entregar primeiro, e imediatamente depois eu devolvo seu filho.

— Prefiro morrer — disse Patricia para si mesma.

O som de uma campainha foi ouvido no térreo, e Velmont exclamou:

— Eles chegaram!

Ele pôs o dedo numa saliência do revestimento da parede.

— Se eu apertar, a porta do vestíbulo vai se abrir. Devo apertar, Maffiano?

— Não hesite — disse Maffiano. — Mas Patricia não saberá onde está seu filho.

Velmont apertou o botão. Vozes e passos de homens foram ouvidos no térreo. Velmont caminhou até a porta para ir ao encontro deles. Foi rápido como um raio. Maffiano saltou para uma das janelas, abriu-a, subiu no parapeito e desapareceu.

— Exatamente o que eu queria — zombou Velmont pegando novamente o fuzil, que trazia acima da culatra um mecanismo especial.

A sombra da noite se estendia sobre o jardim que outros jardins intermediários prolongavam por um espaço razoavelmente grande.

— Ele tem — continuou Velmont — três muros baixos para pular até chegar a um quarto mais alto, que requer, para ser atravessado, a ajuda de uma escada colocada com antecedência e que lhe permitirá descer até uma rua deserta e escapar.

— E se ele não preparou essa escada? — perguntou Patricia.

— Ele a preparou. É possível distinguir as laterais dela daqui.

A jovem lamentou.

— Se ele fugir, nunca mais verei meu filho.

Enquanto isso, os policiais chamavam no andar de baixo. Victoire descia do quarto quando Horace começou a gritar:

— As escadas, senhores! No primeiro andar, a porta da frente.

Encostado ao parapeito da janela, ele empunhou sua arma.

— Não o mate — implorou Patricia. — Não saberíamos de mais nada. Meu filho estaria perdido.

— Não tenha medo. Será só uma perna dormente.

Ouviu-se o som do gatilho. Não houve nenhum barulho violento, nenhuma detonação, nem mesmo um assovio leve. Mas, no fundo do jardim, um grito de dor ressoou, seguido de gemidos.

Velmont saltou para a varanda, ajudou Patricia a fazer o mesmo e a apoiou para descer até o chão por ganchos de ferro fixados na fachada, que formavam uma espécie de escada.

Os três muros mais baixos foram facilmente atravessados. Aos pés do quarto, muito mais alto, um corpo estendido, que Velmont iluminou com sua lanterna, estremecia.

— É você, Maffiano? A batata da perna direita está um pouco ferida, não está? Não é nada. Ainda tenho chumbos esterilizados no autoclave e tenho uma caixa de esparadrapos. Mostre-nos a perna ferida. A mão caridosa vai cuidar de você.

Patricia aplicou habilmente uma atadura na ferida, enquanto Velmont, com a mão ágil, explorou os bolsos de Maffiano.

— Encontrei! — ele exclamou alegremente. — Peguei você, sujeito. Eu já tenho, graças a Patricia, sua carteira de associado, e aqui estão as de Mac Allermy e Fildes, que você roubou em Nova Iorque!

E, inclinando-se um pouco mais, ele articulou duramente:

— Devolva-nos a criança e eu devolvo a carteira.

— Minha carteira — balbuciou Maffiano —, ela não me interessa!

— Errado, meu rapaz! Você não é indiferente a ela! Essa carteira, que tem seu número de ordem na associação, constitui seu único e solitário título, que lhe dá o direito de compartilhar o espólio. Se você não puder apresentá-la quando for solicitada, não contará como associado e, portanto, você não será considerado como participante dos lucros. Você se deu mal, amiguinho!

— Isso não é verdade! — protestou Maffiano. — Eles já me conhecem. Direi que minha carteira foi roubada.

— Você precisará de provas, neste caso o testemunho da Patricia ou o meu. E não terá nem um nem outro. Toda a sua esperança está em ruínas.

— Você esquece que eu mantenho o controle sobre vocês com a criança. E eu fico com a criança.

— Não. Você a trará de volta esta manhã, e faremos a troca. Toma lá, dá cá.

— Está bem — disse o ferido, após uma breve hesitação.

— Você entendeu bem — insistiu Velmont. — Se às nove da manhã a criança não estiver aqui, e saudável, eu queimo a carteira.

— Mas que grande idiota! Como quer que eu faça isso? Você estraçalhou minha perna. Não consigo me mexer.

— Fato. Patricia vai fazer o curativo. Depois você vai descansar e amanhã à noite viremos buscá-lo e iremos os três juntos buscar o menino. Combinado?

— Combinado.

Patricia e Velmont o transportaram para um pequeno galpão colado no muro alto e cheio de cadeiras e poltronas de jardim. Puseram-no deitado sobre um sofá, refizeram o curativo e saíram do galpão trancando a porta.

Depois voltaram para casa.

— Fugiu! — disse Horace ao chefe dos policiais.

— Mas que desgraçado! Como puderam deixá-lo escapar? Nós agimos rapidamente. Por onde ele fugiu?

— Pelos jardins. Ele escalou o muro que os circunda. Procure o senhor mesmo.

As buscas dos oficiais foram em vão. O general, regressando, interrogou Horace Velmont.

— Por gentileza, quem é o senhor?

— Aquele a quem chamam "Machin" na delegacia.

O policial olhou para ele com curiosidade, mas não fez nenhum comentário.

— E a senhora? — ele perguntou.

— Patricia Johnston, jornalista americana de passagem por Paris.

O chefe se retirou com seus homens.

Naquela noite, Velmont dormiu no escritório ao lado de seu quarto, ocupado por Patricia.

O dia seguinte transcorreu sem incidentes. Victoire lhes preparou excelentes refeições, e ambos conversaram como velhos amigos. No início da manhã, Velmont levou alguma comida e especialmente água em abundância para o prisioneiro cujo ferimento piorava. Em seguida, ele fez uma sesta para se preparar para uma noite que poderia ser agitada, pois estava desconfiado da palavra de Maffiano. Será que ele realmente devolveria o pequeno Rodolphe?

Naquela noite, Horace e Patricia retornaram ao galpão ao pé do grande muro. Horace abriu a porta e soltou uma exclamação. Sob o brilho de sua lâmpada elétrica, ele podia ver que o galpão estava vazio. O pássaro tinha de fato voado para longe. Não havia nenhum vestígio dele. A fechadura, trancada a chave, não parecia ter sido forçada. A escada se encontrava estendida no lugar de sempre.

— Esses tipos são muito espertos. — disse Horace, perplexo. — Eles devem ter passado pelo pavilhão adjacente ao meu.

— Quem vive lá? — perguntou Patricia.

— Ninguém. Mas eles usaram as duas passagens secretas que mandei construir. Uma no térreo, outra no primeiro andar, no meu quarto. A senhorita o viu ontem à noite.

— No seu quarto?

— Sim, isso mesmo… no quarto onde dormiu. Não ouviu ninguém passar?

— Ninguém.

— E a senhorita teria certamente ouvido, já que a abertura fica junto da cama. Além disso, sou um idiota… Não é nada disso!

— O que supõe?

— Não suponho nada. Eu sei, Patricia: foi você quem libertou Maffiano.

Ela estremeceu e esboçou um riso.

— Com que propósito, senhor? — ela exclamou.

— Ele a controla por causa do seu filho. Ele deve ter feito algum tipo de ameaça! Chantagem pelo amor maternal!

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Patricia, com olhos baixos, pálida, parecia prestes a chorar. Horace havia projetado a luz de sua lanterna sobre ela e a observava atentamente. Passado algum tempo, ele repetiu:

— Ele a controla por causa do seu filho.

Ela não respondeu. Ele pareceu tremer, estalou os dedos, e então, sem dizer mais nada, saiu do galpão cantando uma pequena melodia irônica.

Alguns minutos depois, já recomposto, tentou ter uma nova conversa com Patricia, para saber suas intenções, mas ele a procurou em vão pelo jardim e no pavilhão. Patricia havia desaparecido.

A grafia no original é Maffia. (N.T.)

O príncipe Rodolphe

Horace trouxe um médico, que o tranquilizou sobre a saúde de Victoire, muito abalada pela agressão que sofreu. Nada de grave. Nenhuma contusão. Descanso completo durante três ou quatro dias para acalmar a excitação nervosa. Depois o campo.

Horace adorava sua antiga babá e teria feito tudo para que a excelente mulher se restabelecesse rapidamente. No dia seguinte, tendo lido os jornais da tarde, ele foi um pouco antes das cinco horas até o notário e comprou, sem delongas, a Maison-Rouge, uma vasta propriedade que ele havia visitado recentemente, nas proximidades de Mantes, sobre a qual tinha acabado de ler um novo anúncio de venda.

No dia seguinte, ele convocou um arquiteto e um decorador para a Maison-Rouge, que prometeram que tudo estaria pronto em 48 horas. Velmont, sem sequer esperar que sua nova casa estivesse pronta, trouxe um grande número de funcionários e vários dos seus antigos comparsas escolhidos entre aqueles que ele sabia serem os mais confiáveis e vigilantes.

Foi na noite desse mesmo dia — o dia seguinte à compra da Maison--Rouge — que Horace, retornando ao seu pavilhão em Auteuil, recebeu um telefonema após o jantar.

Ele atendeu:

— Horace Velmont na escuta. Quem está falando?

Uma voz de criança, fresca e sonora, respondeu:

— É o senhor Rodolphe.

— Senhor Rodolphe? Não conheço ninguém com esse nome — disse Horace, com o tom rude de um cavalheiro que está prestes a desligar.

A voz fluida repetiu depressa:

— Senhor Rodolphe, filho da senhora Patricia.

— Ah bom… E como posso ajudar, senhor Rodolphe?

— Minha mãe acha que a situação é muito séria e quer marcar um encontro entre mim e o senhor para que possamos refletir juntos.

— Excelente ideia — disse Horace. — Vamos conversar, senhor Rodolphe. Estou à disposição. Escolha o horário. E me diga onde — concluiu ele, vislumbrando um meio de ação.

— Bem, que tal nos encontrarmos…

A frase foi interrompida. Horace fez um gesto furioso, levantou-se e seguiu o fio que transmitia a corrente da sala de jantar, onde ficava o aparelho telefônico. Ele chegou assim ao escritório vizinho. Imediatamente, seu exame minucioso trouxe a resposta. O fio tinha sido cortado pouco antes de penetrar sob a escada do subsolo. As duas extremidades estavam penduradas.

Então alguém, escondido no escritório, ouviu a conversa e a interrompeu no momento em que, ficando interessante para Horace, ela se tornou perigosa para o adversário. Quem era esse adversário invisível? E em benefício de quem ele agia?

Horace Velmont não hesitou: conhecia seu inimigo. Durante dois dias, desde o desaparecimento de Maffiano, seguido pelo de Patricia, ele no fundo a acusava de tê-lo traído. Patricia, que, para salvar seu filho, tinha ajudado o bandido a fugir. Patricia, que, para conseguir a libertação definitiva do "Senhor Rodolphe" e tirá-lo de Maffiano, tinha se tornado prisioneira do siciliano.

Entre ela e Maffiano, as negociações funcionaram assim, e Horace estava convicto disso, como se o tivesse ouvido dizer "Entregue-se a mim, Patricia, e eu devolvo seu filho!".

Patricia teria se entregado? Ou estava prestes a ceder? A luta devia ser terrível no coração daquela mãe, tão terrível que Patricia, mesmo depois de trair Velmont, fazendo seu inimigo escapar, colocou o filho para pedir ajuda: "Mamãe disse que a situação é muito séria…" A criança, durante a conversa, certamente teria revelado a Horace o lugar onde o drama acontecia.

"Esse lugar, como descobrir onde era?", refletiu Horace, exposto a uma emoção que nunca havia sentido. "Como impedir que a mãe, na sua angústia, no pânico de saber que o filho estava em perigo, se sacrifique e se

entregue aos desejos daquele miserável?”

Horace Velmont tinha dessas paixões repentinas, que, em sua natureza excessiva, desde o início atingiu o paroxismo do amor mais ardente. Ainda era intolerável para ele permanecer impotente para afastar a ameaça de um perigo tão ignóbil.

Ao mesmo tempo experiente e lúcido o suficiente para saber que não poderia esperar nada de ações ou gestos realizados de forma aleatória, sem novos elementos de verdade, ele se confinou em casa, estudando maneiras de agir que ele rejeitava conforme surgiam, esperando por notícias, duvidando de si mesmo, torturado, angustiado, infeliz como nunca havia sido.

Três dias se passaram assim, intermináveis e febris. Na manhã do quarto dia, a campainha no portão da avenida Saïgon soou. Velmont correu para a janela. Uma criança tocava incessantemente. Velmont seguiu então para a varanda e depois para o jardim. Na avenida, vinha um carro a toda a velocidade. O carro freou bruscamente em frente ao pavilhão. Um homem saltou para o chão, agarrou a criança e a levou para dentro do automóvel, que partiu imediatamente. O incidente não durou nem vinte segundos. Velmont não tinha tido tempo para intervir. Ele abriu o portão e viu um cabriolé laranja, o carro de Maffiano, afastar-se e desaparecer na avenida deserta.

Velmont voltou para o pavilhão e se viu na presença de Victoire, a quem o descanso tinha restabelecido e que corria, alarmada com o toque da campainha.

— Corra até a Maison-Rouge — ordenou ele —, convoque vinte dos nossos homens, os melhores, e diga para organizarem um verdadeiro acampamento fortificado que ninguém possa invadir. À noite, mantenha em guarda, continuamente, três dos nossos cães pastores mais ferozes. Senhas, rondas noturnas, vigilância incessante, em suma, uma disciplina de ferro. E esteja pronta para qualquer acontecimento. Talvez eu traga alguém para você cuidar como se fosse a coisa mais importante do mundo.

“Adeus. Mexa-se. Não. Sem observações, sem perguntas, sem discursos. Minha vida está em jogo, e você sabe como me importo com isso! Vai!”

Entrincheirado no pavilhão de Auteuil, Horace Velmont tomou todas as medidas necessárias para sua segurança pessoal.

Precauções inúteis, pelo menos durante os primeiros doze dias. Nada aconteceu. Nada além de pequenos acontecimentos que provavam a Velmont que o inimigo, apesar de toda a vigilância, apesar de toda a precaução, entrava em sua casa a qualquer hora do dia e da noite, ia, vinha, espiava, se mantinha atualizado de cada detalhe, de toda a sua existência. Ele sentia a presença invisível de fantasmas vivos pairando ao seu redor. Às vezes se perguntava se não estava sonhando. Mas não: "alguém" vinha até a casa dele. O pavilhão parecia assombrado. Em vão, ele o percorria, à espreita, com um revólver na mão. Ninguém. No entanto, no quarto ao lado daquele onde ele estava, um leve toque, uma respiração, o ranger de uma tábua do chão indicavam que havia alguém lá. Ele corria… não havia mais ninguém… nem uma sombra, nem um barulho, nada. Outras vezes ouvia apenas passos que fugiam. Então tudo voltava a ficar em silêncio. Ele estava furioso, confuso com tamanha destreza diabólica. No entanto, a passagem secreta permanecia fechada. Como é que aquelas pessoas entravam? Em sua casa! Na casa dele, Arsène Lupin!

Mas, na décima terceira noite, em meio ao silêncio, um pequeno arranhão foi ouvido do lado da parede que separava a alcova da passagem secreta.

Horace, que lia deitado em sua cama, apurou os ouvidos. Os arranhões tornaram-se mais claros e foram acompanhados de uma espécie de miar bizarro. Ele acreditou ser o miado queixoso de algum gato perdido, saltou da cama e puxou o painel enquanto acendia a luz.

No patamar da escadaria secreta que mergulhava nas sombras, havia uma criança à espera, uma criança de rosto fino e encantador, cachos loiros e vestida como uma menina.

— Quem é você? O que faz aqui? — perguntou Velmont perplexo.

Mas ele já sabia quem era a criança antes que ela respondesse:

— Sou eu, Rodolphe.

O menino tremia e parecia exausto.

Horace o agarrou, puxou-o para dentro do quarto e o interrogou com um fervoroso ardor:

— Onde ela está? Foi ela que enviou você? Aconteceu alguma coisa com ela? Você vem de onde? Fale alguma coisa!

A criança se libertou. Parecia ter recuperado toda a sua energia, a mesma energia de sua mãe.

— Sim, foi ela quem me mandou aqui. Fugi para vir buscá-lo. Mas não falemos tanto! Vamos agir primeiro. Venha!

— Para onde?

— Buscar minha mãe. O homem não quer soltá-la! Mas eu sei o que fazer! Obedeça-me!

Embora a situação fosse trágica, tendo em conta os perigos que Patricia corria, Horace não pôde deixar de rir.

— Muito bem — disse ele, rindo. — Como o senhor Rodolphe sabe o que fazer, só me resta obedecer. Prossiga, príncipe Rodolphe.

— Por que o senhor me chama de príncipe? — perguntou o menino.

— Porque, em um famoso romance, há um príncipe chamado Rodolphe, que zomba de todas as dificuldades para salvar seus amigos e confundir seus inimigos. Você é um tipo como esse. Eu tenho medo.

— Eu, não! — disse a criança. — Vamos!

Precedendo Horace, Rodolphe retornou à passagem secreta com uma lanterna na mão. Os cachos loiros de seus cabelos esvoaçavam com a corrente de ar; ele atravessou o patamar perscrutando a escuridão com seus olhos penetrantes.

O menino estava prestes a desaparecer pela escada secreta quando Horace o segurou.

— Um momento. Eu preciso dizer uma coisa. Receio que o fim desta saída esteja cercado. Eles a conhecem.

Rodolphe encolheu os ombros.

— Esta noite não há ninguém lá.

— Como você sabe?

— Se houvesse alguém lá, eu não teria conseguido entrar.

— Podem tê-lo deixado passar sem querer… ou para me atrair com você para fora de casa. Seja como for, vamos assim mesmo! Veremos o que nos aguarda!

A criança abanou a cabeça com um ar de entendida.

— Não vamos ver nada. Se eu digo que não há ninguém, é porque não há ninguém.

— Muito bem — disse Horace, rindo novamente. — Mas deixe-me ir na frente.

— Como o senhor quiser — disse Rodolphe. — Mas eu sei o caminho; foi dali que eu vim. A saída dá em uma pequena casa na rua, perto da sua

garagem. Casa vazia, rua deserta. Eu vi tudo. Mamãe me explicou. Podemos ir. Não há nada a temer. Além disso, já avisei na garagem. Já tiraram o seu carro. Ele está à nossa espera, sem ninguém.

— Qual deles?

— O de oito cilindros.

— Caramba! E é você quem vai dirigir?

— Não. O senhor.

Sem ter encontrado uma alma viva, eles chegaram à rua onde, de fato, o carro estava esperando. Eles entraram, e Horace assumiu o volante.

De pé, ao lado da janela, a cabeça para fora, o príncipe Rodolphe direcionava:

— Para a direita! Vire à esquerda! Siga em frente! Acelere, droga! Mamãe nos espera.

— Qual é a rua?

— Rua de la Baume, paralela ao *boulevard* Haussmann.

O carro estava em alta velocidade. Horace nunca tinha conduzido tão depressa. Ele realizava um feito extraordinário. Por diversas vezes ele ficou surpreso por não ter batido, capotado ou subido na calçada.

Mas a imagem de Patricia ameaçada pela brutalidade de Maffiano e o encorajamento do pequeno o deixavam louco. Ele acelerou ainda mais.

— Para a direita! — gritou a criança, imperturbável. — Para a direita! A Rua de la Baume é a primeira à esquerda. Espere! Agora chame. Chame com a buzina. Isso! Outra vez!

Horace via um palacete com um piso térreo muito baixo. Em frente às janelas do mezanino, um terraço. Com o barulho da buzina, uma das janelas do mezanino se abriu, uma mulher correu do terraço até a balaustrada de pedra e se inclinou, espreitando na escuridão.

— É você, Rodolphe?

— Sou eu, Velmont!

Horace saiu do carro. Ele tinha reconhecido Patricia.

— Ah! Está tudo bem! — ela exclamou.

Mas logo se virou. Outra janela se abria. Um homem saltou para o terraço com exclamações enfurecidas:

— Quer fazer o favor de entrar!

— Pule — ordenou Velmont com as mãos estendidas em direção a ela.

Sem hesitar, Patricia saltou por cima da balaustrada e se jogou naqueles braços fortes, que, um segundo depois, a cerraram apaixonadamente antes de colocá-la no chão.

— Mamãe! Mamãe querida! — balbuciou Rodolphe, correndo ao encontro de sua mãe.

De cima, Maffiano, louco de raiva, ameaçava. Ele também saltou.

— Cale-se, Maffiano, você grita como uma gralha! — zombou Horace. — Mas, a propósito, você me oferece um ponto de vista admirável, meu rapaz! Que traseiro enorme! Mexa-o para a direita e para a esquerda para ficar simétrico!

Horace pegou no carro seu fuzil silencioso e disparou duas vezes, no momento em que Maffiano, virado de costas e pendurado pelas mãos na balaustrada, estava prestes a saltar. Atingido em ambos os lados, Maffiano despencou no chão, no meio da rua.

— Socorro! Assassino! — ele gritava.

— Claro que não! Isso arde um pouco, mas não mata. Eu não suportaria a ideia de roubar você do Senhor de Paris! — lançou Horace como forma de despedida.

O carro virou na esquina da Rua de la Baume.

Às duas da manhã, depois de informar a senha, ele entrou no pátio iluminado da Maison-Rouge. Os vinte guardas convocados por Victoire saudaram os recém-chegados com aplausos. Os cães saltavam felizes em volta deles. Horace levou a jovem e a criança para um quarto todo florido.

— Não saia daqui sem a minha permissão, Patricia. Nem você, Rodolphe — recomendou ele.

As janelas do quarto davam para o jardim, a apenas dois a três metros de distância. Lá embaixo, três guardas se organizavam para se deitar na relva.

Horace colocou as mãos sobre os ombros da jovem e, sem que Rodolphe pudesse ouvir, perguntou-lhe com a voz alterada:

— Não cheguei tarde demais, Patricia?

— Não — ela sussurrou, fixando os olhos nos dele. — Não, mas já não era sem tempo. O prazo que aquele desgraçado me concedeu expirava ao meio-dia.

— E a senhorita estava determinada…?

— A morrer? Sim.

— E Rodolphe?

— Rodolphe viria para Auteuil ficar sob a sua proteção. Mas, quando consegui enviá-lo até o senhor, fiquei tranquila. Esperei confiante. Tinha certeza de que o senhor me salvaria!

— Foi Rodolphe quem a salvou, Patricia. Que garotinho corajoso!

A vingança de Maffiano

Durante sua detenção no hotel da Rua de la Baume, e alguns dias antes de ser libertada por seu filho e por Horace Velmont, Patricia havia escrito um novo artigo para o *Allo-Police*. Comprando com um anel os bons préstimos de uma criada, ela tinha conseguido enviar o artigo para Nova Iorque. Esse segundo artigo surtiu ainda mais efeito do que o primeiro. Traduzido para todas as línguas, o texto fascinou o mundo inteiro. Sob um pedido expresso de Velmont, Patricia não falou sobre seu encontro com ele. Ela atribuiu a si mesma as descobertas que ele havia feito em relação ao verdadeiro significado do nome Paule Sinner e da letra "M" isolada, bem como a existência de uma associação chamada "A Máfia".

A explicação proposta por Patricia foi imediatamente adotada pelo público. Ela era de uma perfeita clareza e de um interesse palpitante. A polícia permitiu que se falasse do assunto e que acreditassem nele. Após o alerta de Auteuil, quando os inspetores retornaram ao pavilhão para realizar investigações complementares, eles não encontraram o senhor Machin, nem a jornalista americana, nem a velha babá Victoire, os quais, consequentemente, passaram a ser considerados suspeitos. Também não encontraram os autores da agressão, ela mesma inexplicável, apesar de todas as investigações. Era possível admitir tantas derrotas? Seria muito melhor colocar todo o caso, assim como tantos outros casos obscuros (e completamente diferentes, aliás), na conta de uma tenebrosa Máfia e de um líder de quadrilha cujas façanhas como ladrão deveriam com toda certeza conduzir ao crime! Uma bela oportunidade de manchar a reputação desse inatingível personagem cuja fama e impunidade pareciam um desafio constante às autoridades. A polícia não deixou de aproveitar a ocasião,

desejando uma vingança imediata, considerando que os eventos lhe seriam favoráveis e que os combatentes de um lado ou de outro, mais dia, menos dia, implorariam por sua cooperação e, assim, lhe dariam a oportunidade de adentrar de maneira útil na briga e de sair vitoriosa, encarcerando todo mundo.

Patricia e Horace Velmont não foram, portanto, objeto de muita investigação ativa. A polícia secreta decidiu "pagar para ver" e deixar os suspeitos adormecer sob uma falsa sensação de segurança (pelo menos de seu ponto de vista).

Consequentemente, Patricia e Horace Velmont, na companhia da velha Victoire e do jovem Rodolphe, desfrutaram durante quatro semanas de um descanso pacífico na encantadora propriedade de Maison-Rouge, em seu vasto parque sombrio. A partir desse parque, a avenida principal, sob uma abóbada de tílias podadas em arco, e entre vasos de pedra e estátuas de mármore, margeava o Sena em frente a um panorama harmonioso de prados e pomares floridos.

No silêncio desse retiro, Velmont viveu dias felizes. Ele tinha uma personalidade feliz que lhe permitia, quando desejava, abstrair-se das preocupações mais sérias para saborear o charme do minuto presente. Naquele momento, enquanto se protegia, ele não queria mais pensar em Maffiano. Maffiano já não existia. Velmont estava apaixonado por Patricia, mas ele nada lhe dizia. A intimidade deles era apenas amizade. Porém, viver junto da jovem mulher cujo charme, inteligência e alegria juvenil ele apreciava mais a cada dia era muito agradável para ele. E a presença do pequeno Rodolphe também era bastante agradável e relaxante para Velmont. Rodolphe, parecido com a mãe, era uma criança encantadora. Ao brincar com ele, Velmont se sentia novamente uma criança. Patricia os observava e sorria.

Por mais que Velmont, como vimos, se mantivesse discreto, assim que chegou à Maison-Rouge ele inspecionou cuidadosamente os preparativos de proteção deles e foi informado sobre a identidade dos novos empregados contratados pela velha Victoire.

Entre esses empregados, Velmont, que nunca foi insensível à sedução feminina, tinha sido atingido pela graça saudável e vigorosa de uma jovem camponesa chamada Angélique, a quem Victoire havia promovido ao posto de primeira serviçal. Velmont, apaixonado por Patricia, admirava Angélique

de forma desinteressada. Mas como ela era alegre e bonita! Com sua cútis jovem, sem maquiagem nem base, a cintura esbelta e flexível, cerrada em um corpete de veludo preto amarrado nas costas, ela parecia uma criada de ópera cômica. Ela era vista em todos os lugares, viva, leve, ativa; na horta, onde escolhia os legumes; no pomar, onde colhia as frutas; na fazenda, onde recolhia ovos frescos. E sempre o sorriso nos lábios, os olhos cheios de uma alegria ingênua, os movimentos harmoniosos e comedidos.

— Onde você encontrou essa linda criatura, Victoire? — perguntou Velmont já no primeiro dia.

— Angélique? Um fornecedor a indicou.

— Ela tem boas referências?

— Excelentes. Ela serviu no castelo vizinho.

— Que castelo?

— Aquele cujas árvores altas conseguimos ver, ali, à esquerda, o Castelo de Corneilles.

— Perfeito, minha boa Victoire. É sempre bom ter tão belas jovens por perto! E Firmin, o criado?

Devidamente informado sobre todos os funcionários, Velmont passou a pensar em outras coisas, especialmente nos encantos do momento. A estação estava linda; o campo, delicioso. O rio que ficava próximo era uma distração da qual ninguém se cansava. Quase todos os dias, um barco levava Velmont, Patricia e seu filho para passear. Muitas vezes eles se banhavam no rio, e o pequeno Rodolphe, cada vez mais próximo de Velmont, cavalgava nos ombros largos de seu companheiro de brincadeiras e dava gritos de alegria pulando na água.

Horas de prazeres leves e sem segundas intenções, horas requintadas nas quais a intimidade se intensificava e nas quais Patricia sentia pelo companheiro uma confiança cada vez mais completa, cada vez mais terna.

— Por que está me olhando assim? — ele perguntou a ela um dia, quando Rodolphe tinha permanecido com Victoire e ambos estavam sozinhos no barco. Velmont, que segurava os remos, há algum tempo sentia os olhos atentos de sua companheira pesar sobre ele.

— Desculpe-me — disse ela. — Tenho o hábito indiscreto de observar as pessoas para tentar adivinhar seu pensamento secreto.

— Meu pensamento só tem um segredo. Procuro apenas agradá-la.

E acrescentou:

— Seu pensamento já é mais complexo. A senhorita se pergunta: quem é esse homem? Como se chama? Ele é ou não é Arsène Lupin?

Patricia murmurou:

— Não tenho dúvidas quanto a isso. O senhor é Arsène Lupin. Essa é a verdade, não é?

— Posso ser ou não, dependendo do que a senhorita preferir.

— Se eu preferisse que o senhor não fosse, isso não o impediria de ser Arsène Lupin, se realmente é.

Ele confessou baixinho:

— Eu realmente sou.

A jovem corou, um pouco sufocada com essa afirmação.

— Ainda bem — disse ela depois de um momento. — Com o senhor, tenho certeza de vencer, mas tenho medo…

— Medo de quê?

— Medo do futuro. Seu desejo de me agradar não se encaixa bem com as relações estritamente amigáveis que devem ser estabelecidas entre nós.

— A senhorita não tem nada a temer quanto a isso! — ele disse, sorrindo. — Os limites da nossa amizade serão sempre aqueles que a senhorita estabelecer. Não é uma mulher que pode ser surpreendida ou seduzida furtivamente.

— E… isso o agrada?

— Tudo o que vem da senhorita me agrada.

— Tudo? De verdade?

— Sim, tudo, pois eu a amo.

Ela voltou a corar e ficou em silêncio.

— Patricia… — ele prosseguiu.

— O que o senhor quer?

— Prometa que corresponderá ao meu amor… Caso contrário, eu me atiro na água — declarou ele meio sério, meio rindo.

— Não posso lhe prometer isso — ela respondeu no mesmo tom.

— Então vou pular na água.

Ele cumpriu o que disse. Soltou os remos, levantou-se e, completamente vestido, saltou de cabeça no Sena e começou a nadar vigorosamente. Patricia viu que ele seguia em direção a um barco que, à direita, passava diante deles em alta velocidade. O barco era manobrado por um homem cujas costas arqueadas, os cabelos e a barba brancos pareciam de um

homem velho, mas cuja remada, vigorosa e rápida, revelavam a energia e decisão de um homem vigoroso, certamente na flor da idade, mas que havia considerado pertinente vestir-se de modo extravagante, com uma peruca e uma corcunda postiça.

— Olá! — gritou Horace Velmont. — Olá! Maffiano. Então você já descobriu nosso retiro? Bravo.

Maffiano, soltando os remos, pegou seu revólver e disparou. A bala fez a água jorrar a poucos centímetros da cabeça do nadador, que gargalhou.

— Que cara desastrado! Sua mão está tremendo, Maffiano. Jogue para cá o seu revólver. Eu vou ensinar você a usá-lo!

A provocação enfureceu o siciliano. Em pé no barco, ele ergueu um de seus remos para atingir o adversário. Este não esperou pelo golpe; ao contrário, mergulhou e desapareceu. Depois de um instante, o barco de Maffiano vacilou, e a cabeça de Horace Velmont apareceu a bombordo.

— Mãos para cima! — gritou Horace ameaçadoramente. — Mãos para cima ou eu disparo!

Maffiano não se perguntou com o que poderia disparar o adversário, que tinha acabado de nadar trinta metros abaixo da superfície do rio. Ele levantou os braços, assustado. Ao mesmo tempo, sob o peso de Velmont, o barco virou, derrubando o siciliano.

Velmont soltou uma exclamação de triunfo.

— Vitória! O inimigo está partindo em retirada! Fim de Maffiano e da Máfia! Você sabe nadar pelo menos? Ah, seu infeliz, você nada como um bezerro natimorto! Cabeça erguida, diabos! Ou você vai engolir água do Sena, o que irá envenená-lo, a menos que se afogue antes. Ah! No fim das contas, vire-se. Veja, aí vem o socorro.

Na margem do rio, dois homens saltaram na água e nadaram na direção do siciliano enquanto a correnteza levava o barco. Mas, antes que eles se aproximassem, Horace, um distinto nadador, chegou à beira do rio, vasculhou as roupas deixadas sobre o talude e proferiu:

— Mais duas carteiras da Máfia assinadas por Mac Allermy! Com a de Maffiano e as de Mac Allermy, Fildes e Edgar Becker, já são seis no total! Que venha a partilha! Que venham a mim os espólios de Lupin!

Patricia, em seu barco, tinha acompanhado toda a cena e se divertia muito.

Ela acostou perto de Velmont, que, pegando-a pela cintura, levou-a para a estrada mais próxima enquanto os três cúmplices punham os pés na beira do rio.

E Velmont exclamou, triunfante:

— Ganhei meu Tosão de ouro a bela Patricia! Está tudo bem. O inimigo comeu poeira no leito do rio! Venha comigo, escrava incomparável da qual sou um servo submisso! Um pouco molhado, o servo, mas a chama do amor irá secá-lo!

Uma charrete conduzida por um camponês passou, carregada de feno. Velmont instalou a jovem e se sentou ao lado dela, continuando seu discurso.

— Duas carteiras, Patricia, que lucro!

— O que isso importa, já que, se eles tiverem êxito, o dinheiro não ficará com o senhor?

— Quem sabe eu não encontro uma maneira de desviar para o meu bolso a fonte de ouro que irá jorrar nesse dia e que, além disso, virá desse mesmo bolso, o que faz com que isso seja um empréstimo para uma indenização!

Na charrete, ao ritmo filosófico de um velho cavalo que se movia como se cumprisse a última viagem de sua carreira, eles fizeram um longo desvio.

— Chegaremos à Maison-Rouge — disse o camponês —, mas preciso ir à fazenda levar o meu feno!

— Ah! — disse Horace. — O senhor trabalha na fazenda da Maison-Rouge?

— Sim. Hoje é dia de armazenar o feno.

— Ouviu, Patricia? Bem, isso é um sonho! Um celeiro, pradarias, feno que se armazenam, todas as alegrias bucólicas! Isso é tranquilidade! Como seríamos felizes!

— Eu desconfio — disse ela, meio sorridente.

— E do que desconfia, por favor?

— Da sua inconstância! Sabe-se que o senhor muda facilmente da morena para a loira!

— Desde que a conheço, incomparável Patricia, o ouro e o bronze dos seus cabelos conquistaram para sempre minha admiração! Além disso, se a senhorita fosse branca, isso não faria nenhuma diferença. Uma Patricia coroada de prata! Que sonho!

— Obrigada! De todo modo, tome cuidado — a jovem respondeu com uma risada. — Sou desconfiada e exclusiva. Não admito nenhum sinal de imprudência. Se o senhor é volúvel, atenção!

Papeando alegremente para esconder as preocupações que o retorno de seus inimigos tinha exercido sobre eles, o casal adentrou em um vasto pátio rodeado de pilhas de esterco e de fossas de estrume que delimitavam pequenas saliências de seixos cimentados. No centro havia um pombal em forma de torre truncada, no qual foram preparadas as contrafortes de uma capela gótica enterrada sob a hera e cujos arcos se prolongavam em arcos imponentes que sustentavam um forte aqueduto dilapidado.

Patricia desceu da charrete assistida por Velmont. Ao cair da noite, ela seguiu para a Maison-Rouge enquanto Horace entrou nos estábulos com o camponês que queria lhe mostrar os cavalos. Alguns minutos depois, foi a vez de Horace atravessar o pequeno bosque e o jardim para voltar para casa. De repente, ele apressou o passo. Toda a sua equipe estava concentrada nos degraus do alpendre, gesticulando e muito agitada.

— O que há? — ele perguntou com preocupação.

— É a jovem senhorita! — responderam.

— Patricia Johnston?

— Sim. Nós a vimos vir de longe. De repente, três homens saíram do mato e a cercaram. Ela tentou fugir. Gritou. Mas, antes que pudéssemos socorrê-la, os três homens a agarraram e a carregaram nos ombros. Ouvimos gritos por algum tempo, mas isso não durou muito.

Horace estava pálido, comprimido por uma terrível angústia.

— De fato — disse ele —, ouvi alguns gritos, mas pensei que eram crianças. E para que lado foram esses homens?

— Eles passaram entre a nova garagem e os antigos galpões.

— Ou seja, no fim do jardim, em direção à fazenda?

— Isso mesmo.

Horace não duvidou nem por um segundo de que tinha sido Maffiano e seus acólitos que, voltando do Sena em linha reta, os haviam ultrapassado na Maison-Rouge e preparado a emboscada que executaram enquanto ele próprio estava com o camponês nos estábulos.

Apressadamente, foi procurar o camponês.

— Sabe ou já ouviu falar de alguma comunicação entre a fazenda ou o parque e o rio Sena? — perguntou Velmont com a voz entrecortada.

O camponês não hesitou.

— Sim, eu conheço uma! Parece, inclusive, que nos tempos antigos havia uma comunicação com Corneilles. A bela Angélique, sua criada, que estava aqui há algum tempo, vai guiá-lo. Ela conhece bem o caminho. Angélique! Angélique!

Mas a bela Angélique não respondeu, e o próprio camponês acompanhou Horace na direção do pombal. Sob uma das arcadas do antigo aqueduto, adjacente a ele, uma face do muro mostrava as linhas de uma saída que escombros rudemente amontoados condenavam.

Não havia dúvida sobre a existência de uma passagem secreta. O camponês ficou surpreso ao descobrir as marcas de uma passagem muito recente.

— Acabaram de passar por ali — disse ele. — Olhe, senhor. Nem se preocuparam em colocar de volta os escombros. Colocaram tudo de qualquer jeito.

Horace e o camponês demoliram o obstáculo com os ombros. Os escombros caíram por uma escadaria escura, produzindo longos ecos.

— Isso vai longe — disse o camponês —, e no meio há uma grade que barra a passagem.

Ele acendeu uma lanterna. Horace também acendeu sua lanterna de bolso. Uns duzentos passos depois, a grade os parou. Felizmente, a chave estava do outro lado da fechadura; os fugitivos tinham esquecido de tirá-la.

Eles continuaram a busca. Logo o ar mais fresco que vinha do subsolo anunciava a aproximação do rio. De repente, pela moldura de uma janela que não tinha mais seus vidros, nem mesmo suas madeiras, e que era a janela de um casebre que permaneceu de pé por ninguém sabe que milagre, eles avistaram o exterior. No meio de rochas reluzentes que se elevavam nas margens, a vasta superfície líquida do rio brilhava sob a cética luz da lua. Trezentos metros mais adiante, à esquerda, havia um promontório rochoso que dominava, atrás, os altos choupos do pátio de uma fazenda. Nesse pátio ardia uma grande fogueira. Mais além, viam-se as massas negras de uma colina arborizada.

Horace avançou com cautela. Perto do fogo, uma tenda inflava sua tela crua. No limiar dessa tenda, debaixo da lona transformada em estore, três homens com aparência de lenhadores estavam sentados em cadeiras dobráveis. Sobre um banquinho perto deles havia garrafas e pratos. Os

homens comiam e bebiam, servidos por uma mulher.

Horace desconfiou por um momento de que os três indivíduos pudessem ser Maffiano e seus cúmplices. Como se atreveram a se instalar tão perto dele? Mas ele conhecia a audácia e a imprudência de Maffiano. Quase imediatamente, no entanto, através da claridade do fogo, ele o reconheceu claramente, e a mulher só podia ser Patricia. Horace não viu o rosto dela, mas reconheceu a silhueta e estremeceu de raiva e indignação. Uma corda ligava o braço da jovem à cadeira de Maffiano. Bastava a corda se esticar minimamente para a cadeira de Maffiano oscilar. Ele chegou a cair, provocando o riso de seus acólitos.

Horace, que tinha deixado o camponês escondido, ficou parado atrás de um tronco de árvore e permaneceu invisível para seus inimigos.

Depois que terminaram de comer e fumar seus cachimbos, eles acenderam suas tochas e foram para a tenda. À luz das tochas, Horace percebeu que havia outra tenda, um pouco menor, atrás da primeira, e que a mulher, depois de terminar o serviço, seguiu para lá.

Depois de alguns minutos, as tochas se apagaram. O som das vozes e dos risos cessou.

Velmont então se deitou no chão e, de bruços, rastejou entre as gramíneas e árvores, escolhendo as porções do terreno onde a folhagem das árvores e dos arbustos formavam um obstáculo para a luz da lua.

Ele chegou assim às estacas onde as cordas estavam amarradas e deu a volta na tenda principal. De repente, a tela da segunda tenda subiu. Sem hesitar, ele entrou.

— Horace, é o senhor? — sussurrou uma voz pouco perceptível.

— Patricia?

— Sim, Patricia. Venha depressa!

E, quando ele estava prestes a tocá-la, ela acrescentou:

— Eu o vi chegar na escuridão e o ouvi no silêncio.

Ele a abraçou, exaltado. Com os lábios colados no ouvido dele, ela disse num sussurro:

— Fuja. O inspetor Béchoux e a polícia estão à sua procura. Maffiano avisou da sua presença na Maison-Rouge.

Horace Velmont sufocou um riso de desprezo.

— Ah! — ele disse. — Agora entendo por que ele se instalou perto de mim. A proteção policial o tranquiliza.

— Fuja, por favor — insistiu a jovem.

— Quer que eu vá, Patricia?

Ela murmurou:

— Tenho medo. Tenho medo pelo senhor. Estou sem forças — acrescentou.

Ele a agarrou em seus braços e beijou-lhe os lábios…

Ela não resistiu.

A Bela Adormecida

A lua cheia espalhava pela noite suave e tépida sua calma luz pura e fosforescente. Ao silêncio do campo adormecido se misturavam milhares de ruídos furtivos, milhares de tremores de vida que se erguiam da terra, voando das árvores em cujos ramos, de tempos em tempos, passava o voo ondulado de uma ave noturna. O sussurro de uma cachoeira distante desfiava sua harmonia cristalina.

A noite serena embalava o descanso dos dois amantes deitados lado a lado na tenda. Às vezes Horace, semiacordado, estendia a mão e tocava o braço de sua companheira imóvel, a fim de se certificar de que ela estava mesmo lá, de que ele não sonhava, porque as circunstâncias pareciam tão estranhas que ele duvidava da realidade.

Finalmente amanheceu, e os primeiros raios do sol brilharam entre as fendas da cobertura. Horace se sentou e, mais uma vez, colocou sua mão em uma mão abandonada perto dele. Mas ele se sobressaltou, estremeceu, assustado. A mão que ele tocava estava fria, muito fria, gelada.

Horace se inclinou apavorado na direção da forma imóvel deitada no chão. Pela fraca luz que penetrava na tenda, viu que o rosto estava coberto com um véu de gaze clara, e no peito seminu, sob o seio esquerdo, havia um punhal encravado. Dominado pelo horror, ele se inclinou um pouco mais e colou o ouvido à pele gelada. Não se ouviam mais os batimentos cardíacos.

Assim, da mesma forma que passamos da vigília ao sono, ela tinha passado da vida para a morte. Uma morte tão fulminante que a ferida fatal a fez estremecer sutilmente nos braços do seu amante, a ponto de ele não perceber.

Horace correu para a tenda vizinha. Maffiano e seus homens tinham desaparecido. Sem perder tempo, ele correu até a Maison-Rouge para procurar ajuda.

No vestíbulo da casa, encontrou Victoire, que estava saindo para uma inspeção matinal.

— Eles a mataram — disse ele com lágrimas nos olhos.

Victoire perguntou ingenuamente:

— E ela está morta?

Ele a olhou com perplexidade.

— Sim, ela está morta.

A velha babá encolheu os ombros.

— Impossível!

— Estou lhe dizendo. Uma facada no coração.

— E estou dizendo: impossível.

— Por quê? Como? O que significa isso? Você tem provas?

— Isso significa que tenho certeza de que ela não está morta. E a intuição de uma mulher vale por todas as provas.

— E o que é que a sua intuição feminina me sugere?

— Que você volte lá, cuide da ferida e não a deixe. Defenda-a caso ela seja atacada novamente.

Ela se calou. Um apito estridente vibrava em algum lugar do parque.

Horace Velmont se sobressaltou, atordoado.

— Mas o que significa isso? É o sinal de Patricia!

— Então está tudo bem — exclamou Victoire triunfante. — Vê como ela não está morta e escapou de Maffiano e de seus cúmplices?

Transfigurado pela alegria, Horace se inclinou para fora da janela aberta e apurou os ouvidos.

No mesmo momento, ouviu-se um rugido de animal grande e rouco passear pelo espaço, prolongar-se e se extinguir.

A velha babá instintivamente se benzeu, como teria feito caso fosse um trovão.

— É a tigresa — disse ela. — Sim, disseram-me ontem que uma tigresa escapou, há alguns dias, de uma feira de animais itinerante e se refugiou onde chamam aqui de floresta virgem do Castelo de Corneilles. Fizeram uma busca, ela estava ferida, o que a deixa furiosa e ainda mais perigosa. Se ela encontrar Patricia…

Horace saltou pela janela e correu para a antiga capela onde ficava a entrada para o subsolo. Ele a atravessou a toda velocidade. Quando saiu, ouviu gritos femininos vindo da direção do promontório, junto de repetidos assobios misturados com os rugidos da fera.

Um novo rugido, ainda mais perto. A besta vinha em direção à Maison--Rouge. Velmont atravessou correndo os prados vizinhos ao promontório, lançou-se em direção às tendas e ficou atordoado ao encontrá-las caídas no chão. Tudo agora não passava de uma pilha de telas, estacas e bancos, como se um cataclismo tivesse passado por ali.

No rio próximo dali, Horace avistou um barco que se distanciava navegando, sem fazer barulho. À primeira vista, percebeu haver três homens na embarcação.

— Ei! Maffiano! — ele gritou. — O que você fez com Patricia? Você a feriu, assassino! Admita! Ela está morta? Onde ela está?

O homem no barco encolheu os ombros.

— Não sei de nada! Procure-a! Ela ainda estava viva, mas a tigresa nos atacou, destruiu nossas instalações, e acredito que Patricia tenha sido levada por ela. Procure-a, isso é da sua conta.

O barco desapareceu no rio.

Horace, dominando sua angústia, escutou, observou. Ele não viu nada, não ouviu mais assobios nem rugidos. Havia por toda parte uma calma que lhe pareceu sinistra.

Então, seguindo o conselho do bandido, ele procurou. A certa distância dali, estendia-se a massa escura da floresta que cercava o Castelo de Corneilles. Ele entrou através de uma fenda no muro. As primeiras árvores eram esparsas. A floresta virgem, disseram-lhe, começava apenas a certa distância das imediações do castelo.

Um novo rugido foi ouvido a menos de duzentos metros. Velmont parou, preocupado apesar de sua coragem. Sem dúvida a fera havia sentido seu cheio e corria ao seu encontro. Ele pensou rápido. O que podia fazer? Ele só tinha um revólver de pequeno calibre para se defender. Além disso, como mirar se a tigresa surgia repentinamente do meio da mata?

Sons de folhas pisadas e ramos amassados se aproximavam cada vez mais. A fera estava próxima. Ele ouviu seu rugido abafado, sua respiração furiosa, sem conseguir vê-la.

Mas ela certamente o via e estava prestes a atacar sua presa.

Horace saltou com uma agilidade acrobática. Agarrou-se ao galho de uma árvore bastante alta e se equilibrou com as mãos. Ele sentiu não um canino, mas o poderoso choque de um focinho quente bater em sua perna. Ele se ajeitou no galho, conseguiu se segurar em outro ramo mais alto e então subiu facilmente até uma altura inacessível.

A tigresa, após seu primeiro ataque malsucedido, não tentou outros. Logo Horace percebeu que ela partia, correndo em direção à floresta, e a ouviu rosnar de raiva. Então houve mais um rugido e, em seguida, estalidos surdos de ossos esmagados.

Horace tremeu de horror. A fera teria realmente surpreendido Patricia na tenda, e seria ao seu corpo retalhado que ela voltava? Se isso fosse verdade, ele não exporia sua vida. A morte já não tinha nenhum remédio.

Indefeso, louco de emoção, corroído pela angústia, ele esperou duas horas antes de descer da árvore. Uma espera interminável e tão cruel que, de repente, ficou sem forças para superá-la. Desafiando o perigo, ele deslizou de galho em galho e, com o revólver na mão, adentrou na mata.

Ele teve inclusive a audácia de chegar à borda mais densa da floresta que explorou. Mas não encontrou nada, apesar das buscas. Bandos de corvos se lançavam entre as clareiras, e, diante dele, pequenos animais selvagens da floresta corriam e fugiam por toda parte. Mas não havia vestígios da tigresa.

Procurou por um longo tempo, em vão, cansado e desesperado, atacado por mosquitos, oprimido pelo calor imóvel e sufocante, ainda mais forte no final do dia por uma ameaça de tempestade.

Exausto, finalmente voltou para a Maison-Rouge junto com os primeiros raios que rasgavam o horizonte, seguidos pela voz solene do relâmpago.

Naquela noite ele não jantou. Seus nervos se acalmaram um pouco com o fluxo da chuva, e ele se deitou em sua cama, mas tentou inutilmente pegar no sono. Seu cérebro febril invocava a todo instante a memória da noite em que segurava sua amada Patricia nos braços. Ele tentava imaginar o que tinha acontecido enquanto dormia. O assassino deslizando na escuridão, tateando, com o punhal na mão e atingindo Patricia sem suspeitar de sua presença, da presença de Horace Velmont. Talvez Patricia tivesse tido a suprema coragem de não fazer nenhum gesto que pudesse desviar o perigo para ele. Ela morreu para salvá-lo. Como ela o havia amado

então!

Mas havia outra coisa. A situação era confusa, inexplicável. O que significava aquele assobio, aquele evidente apelo de Patricia? Para chamar, ela precisava estar viva. Horace tinha esperança. Sim, havia elementos realmente incompreensíveis que permitiam ter alguma esperança.

A tempestade aumentava e, com o estrondo dos trovões que abalavam o espaço, de repente os três cães de guarda começaram a uivar num concerto sinistro e enlouquecedor. Eles devem ter quebrado as correntes que os prendiam, porque Horace os ouviu galopar como bestas selvagens através do Parque, perseguindo uns aos outros e perseguindo sabe-se lá que fantasmas que surgiam sob as árvores e os arbustos e chegando até o pátio da fazenda. Foi um pesadelo, um tumulto louco, misterioso e trágico.

Era possível dizer que o campo entrincheirado que formava a propriedade estava sendo atacado por hordas de cavaleiros bárbaros que avançavam pela linha dos defensores empunhando seus sabres. Horace Velmont alucinava na escuridão da noite, ele os imaginava, via-os brandindo lâminas e tochas, assassinando e incendiando tudo. E aqueles latidos furiosos incessantes, aqueles gritos frenéticos aos quais, às vezes, misturava-se a queixa apavorada das presas caçadas… e depois, mais adiante, o rugido furioso da tigresa.

Horace chamou os líderes dos esquadrões da defesa. Eles estavam de vigia, mas também não entendiam nada do que estava acontecendo.

Eles tinham tentado uma saída, mas, na noite escura e sob a forte chuva, não conseguiram ir muito longe; além disso, não viram nada. Um vento absolutamente forte continuava a varrer os jardins, evocando, em sua insólita veemência, a maléfica passagem do maldito Caçador das antigas lendas.

O amanhecer acalmou pouco a pouco a tormenta. Os cães ainda saltavam dando impulsos desordenados. A tempestade havia abrandado, a densa enxurrada havia diminuído e se transformado em uma chuva hesitante e delicada, que parecia ter a missão de regar o campo de batalha. E o dia se firmou, dissipando os pesadelos e pacificando as pessoas e os animais. Os cães ainda rosnavam, mas sem muita convicção, de alguma forma com reservas, preocupados com a inevitável distribuição de chicotadas que viria como consequência das loucuras da noite. As chicotadas foram generosamente distribuídas pelo próprio mestre, que

passou por cima deles com seus nervos exasperados.

— E tudo isso para quê? — ele dizia. — Para que monstro antediluviano? Para que dragão voador? Para que quimera apocalíptica? Caramba! O que vejo?

Era um *poodle*, um *poodle* agonizante com a cabeça esmagada, a barriga escancarada, e cujas patas ainda tremiam como galhos que com o sopro do vento se emaranham na confusão lívida dos intestinos desenrolados.

Lupin pegou o pequeno cadáver pelas orelhas e, brandindo-o como um troféu, mostrou-o aos seus homens, gritando:

— Vejam, aqui está a fera selvagem que eles capturaram em sua caçada.

Um dos homens examinou o animal morto e declarou:

— Diabos, é o cão da Bela Adormecida!

— O quê? Bela Adormecida? O que isso significa?

— Sim, a senhora que dorme há um século no castelo abandonado!

— Que castelo?

— O Castelo de Corneilles, ali na floresta, depois do promontório.

— E há uma senhora que dorme há um século? Isso é um disparate! É um conto de fadas.

— Não sei de nada. Ouvi dizer que há uma senhora dormindo…

— Você a conhece?

— Ninguém a conhece. Mas interroguei pessoas do vilarejo que me contaram isso. Fala-se muito sobre essa história na região.

— O que dizem?

— Que o avô dela, na época da Revolução, participou da condenação de Louis XVI e da família real. Então, como expiação, ela viveu dez anos de joelhos diante do calvário de Corneilles, e desde então está dormindo.

— Sozinha nesse castelo?

— Sozinha.

— Mas ela come, bebe?

— Não se sabe.

— Ela caminha?

— Às vezes ela vai até o vilarejo, mas aqueles que a encontraram sabem muito bem que ela não acorda e que dorme enquanto caminha, mas mantém os olhos abertos, como sonâmbulos que olham sem ver. Eu nunca a encontrei, mas a história é verdadeira…

Horace Velmont permaneceu pensativo. Ele concluiu:

— Logo irei me desculpar pela morte de seu pobre cãozinho. Onde fica exatamente o castelo?

— Oh! Esse castelo é um casebre, completamente em ruínas, reparado com tábuas e rodeado por uma floresta que chamamos de Floresta Virgem.

— E ela não recebe ninguém enquanto dorme?

— É muito raro. No entanto, parece que, outro dia, um domador com um oficial de justiça foram buscar uma tigresa que tinha fugido de uma feira de animais. Eles a haviam procurado por toda parte. As buscas tinham sido feitas com todos os caçadores do país. Enfim souberam que ela fora vista na floresta de Corneilles, mas a senhora adormecida respondeu ao oficial de justiça: "Sim, eu a acolhi, ferida por uma bala e furiosa. Ela está na minha floresta, curada, mas ainda furiosa. Vão pegá-la!". O oficial de justiça está até hoje à procura dela…

À tarde, Velmont mandou colocar o cadáver do *poodle* num cesto de palha e seguiu com ele para o promontório e depois para o grande bosque da colina. Um caminho lamacento, cheio de encruzilhadas, ascendia em direção aos fossos transbordantes que culminavam no terraço de uma barbacã meio encoberta de troncos e de carvalhos. Depois disso, no final de uma relva verde onde existia um velho calvário corroído pelos séculos, encrespavam-se ondulações de hera sob as quais se podia discernir as linhas confusas de uma construção com mais da metade já corroída e cujas pedras haviam rolado a distância em blocos, agora acorrentadas também pela hera e estofadas pelos musgos.

Um sinal de existência e hostilidade para os visitantes. Por todos os lados havia postes com inscrições pintadas de branco sobre o painel preto:

"Propriedade particular."

"Entrada proibida."

"Cães perigosos."

"Armadilhas para lobos."

Nenhuma porta visível, nenhuma entrada aparente. Entre as sarças, chegava-se a uma janela através de degraus cobertos por musgos. No interior, nada além de salas desertas, sem teto e como piso coberto de grama, plantas vivazes e poças de lama. Um caminho, se é que podemos nomeá-lo assim, serpenteava através das ruínas. Horace chegou então a uma comprida barraca alcatroada plantada no meio de uma sala e que lhe pareceu o único lugar habitável.

Ele abriu a porta e perguntou:

— Tem alguém aí?

Na parte de trás da barraca, ouviu-se o barulho de uma porta se fechando com uma batida.

Ele seguiu para esse lado, atravessou uma sala estreita onde havia um saco de dormir e entrou em uma cozinha onde, sobre uma mesa de madeira, em uma lamparina, batatas cozinhavam na água de uma panela ao lado de uma tigela de leite.

A Bela Adormecida, surpreendida pelo intruso, tinha fugido, deixando para trás sua refeição.

Horace quis segui-la, mas parou de repente. À sua frente, a dois passos de distância, o focinho de uma fera bloqueava-lhe o caminho.

Um novo combatente

Atrás do animal, no pátio, viam-se as árvores de uma floresta espessa cerradas umas às outras e formando uma muralha vegetal. Uma fenda estreita a perfurava, uma espécie de túnel escuro escavado nos ramos e nas folhas. A velha castelã de Corneilles devia ter fugido por ali. A tigresa, após acompanhá-la, posicionou-se diante do visitante indesejado.

Homem e fera, por um momento, olharam um para o outro, imóveis. Horace Velmont, bastante desconfortável, disse a si mesmo:

— Rapaz, se você se mexer, a pata dela, com todas as garras à mostra, vão arranhá-lo e arrancar sua cabeça.

No entanto, ele não baixou os olhos. Ele testava seu próprio sangue-frio diante de um perigo incomum, mas, no fundo, pouco descontente com o encontro que lhe permitia estar na presença de uma grande fera e se controlar. Que excelente exercício de vontade e de "autocontrole"!

Passou-se um minuto, que mais pareceu um século. Ele estava aguentando firme! O medo, que no início quase o havia dominado, começava agora a se dissipar. Ele estava à espera do ataque, quase o desejava…

De repente, como se domada pelo olhar implacável que nunca a deixava e lhe impunha a vontade do homem, a besta, grunhindo surdamente, deu meia-volta e, cheirando o ar, pareceu disposta a partir pelo túnel de vegetação. Velmont, então, sem tirar os olhos dela, deu dois passos para trás, pegou sobre a mesa da cozinha uma tigela cheia de leite e a estendeu cuidadosamente na direção do animal. A tigresa hesitou e então se decidiu e, fazendo certa pose, veio beber o leite. Com três ou quatro lambidelas, ela esvaziou a tigela. Depois, mais calma, voltou até a fenda

onde cheirou, sobre a relva úmida, os vestígios da velha senhora que havia partido por ali. Horace observou que a tigresa ainda estava mancando um pouco da traseira, por causa do ferimento sofrido durante a perseguição, e ele concluiu que ela tinha sido tratada pela estranha reclusa de Corneilles e tinha se afeiçoado a ela.

Rapidamente, não querendo se expor a uma brusca mudança de humor do animal, fechou a porta, refez o caminho da barraca e, empunhando o revólver, voltou para a Maison-Rouge, sempre vigiando o caminho atrás dele. Fazendo uma análise, ele estava bastante satisfeito em sair da aventura ileso.

Dois dias depois, Horace tomou coragem para explorar o bosque impenetrável e, novamente, adentrou a velha habitação misteriosa. Mas desta vez ela parecia abandonada. Ele não encontrou nem a Bela Adormecida nem a tigresa. Chamou. Nenhum barulho. Ele tinha na mão uma faca pesada com uma lâmina triangular e afiada. Seu objetivo era atrair a fera e estripá-la. Assim a vítima estaria vingada! Depois de muito refletir, ele tinha chegado à triste convicção de que Patricia ainda estava viva quando pela manhã ele estupidamente a havia deixado, acreditando que ela estava morta. Apenas depois a tigresa a matou e levou seu corpo para algum covil escavado sob as folhas secas. Velmont também queria descobrir o esconderijo de Maffiano e castigá-lo, mas nada lhe revelou a presença dos três bandidos. Durante horas ele vagou em vão, ávido por vingança e massacre.

Ele voltou para casa cansado e desapontado. Mas Victoire, a quem confidenciou a terrível certeza que tinha em relação ao destino de Patricia, balançou a cabeça em sinal de descrença e respondeu:

— Minha opinião não mudou: ela não está morta! A fera não a matou, tampouco Maffiano.

— E, como prova, somente a sua intuição feminina, como sempre — tripudiou Velmont tristemente.

— Isso basta. Além disso, Rodolphe está perfeitamente tranquilo. Ele não está preocupado com a ausência da mãe. Ele a adora, é nervoso e sensível. Se a mãe tivesse morrido, ele teria sido avisado.

Velmont encolheu os ombros.

— Sexto sentido… você acredita nisso?

— Sim! — disse a velha senhora com convicção.

Houve um silêncio. Mais uma vez, Velmont estava esperançoso. Mas isso não seria loucura? Irritado, ele retomou:

— No entanto, naquela noite, segurei nos meus braços uma mulher viva, que de manhã estava morta…

— Sim, mas não a mulher que você pensa que era.

— Quem, então?

Victoire olhou à sua volta e baixou a voz.

— Ouça, desde aquela famosa noite, Angélique, a governanta, desapareceu. Soube por uma fonte segura que essa Angélique foi amante de Maffiano. Ela conhecia os seus cúmplices, cozinhava para eles e todas as noites ia encontrá-los.

Horace refletiu por um momento.

— Então foi a Angélique que morreu? Seria um alento… Mas, nesse caso, explique por que Angélique assumiria o lugar de Patricia. Por que ela me atrairia para a tenda? Por que Maffiano a teria assassinado? Por quê? Por quê?

— Angélique aproveitou a oportunidade para se aproximar de você, o que há muito tempo ela desejava fazer. Você não percebia os olhares dela?

— Então você acha que ela estava apaixonada por mim? É lisonjeiro! E Maffiano a matou por ciúmes. Coitado. É verdade que ele não tem sorte com suas amadas, todas elas preferem a mim. Patricia, Angélique. Mas por que é que ele não me matou?

— Você não me disse que pegou dele a carteira que lhe dava direito a uma parte da fortuna? Ele tem medo de não encontrá-la com você e, se você morresse, talvez ele nunca a encontrasse. Além disso, ainda que se seja um bandido determinado, não se tem o atrevimento de matar assim Horace Velmont…

Ele balançou a cabeça.

— Talvez você esteja certa, mas, mesmo assim, eu não confiaria muito nisso. Bem, sejamos realistas: você tem dedução e lógica, minha boa Victoire!

— Então você acredita em mim? Está convencido?

— Seus argumentos me parecem inquestionáveis, e eu acredito neles, é mais conveniente. Pobre Angélique, de todo modo!

Ele lamentava pela empregada, assassinada de forma selvagem por um bruto, mas sentia uma tremenda esperança ao pensar que Patricia estava

viva.

Na noite seguinte a essa conversa, Velmont foi acordado pela velha babá.

Ele se sentou na cama e, esfregando os olhos, apostrofou:

— Você está ficando maluca? A não ser que tenha alguma nova intuição feminina para me contar! Me acordar às quatro da manhã! Ou você enlouqueceu ou alguma coisa está pegando fogo!

Mas ele parou quando viu o rosto completamente transtornado de Victoire.

— Rodolphe não está no quarto dele — disse ela, perturbada. — E acho que não é a primeira noite em que ele se ausenta dessa forma…

— Ele está dormindo fora de casa! Com onze anos! Enfim, é importante que ele viva sua juventude, mas, mesmo assim, ele começou cedo. E aonde você acha que ele vai? A Paris? Londres? Roma?

— Rodolphe ama a mãe. Tenho certeza de que ele foi encontrá-la; eles têm se visto, não há dúvidas…

— Mas por onde ele sairia?

— Pela janela. Está aberta.

— E os cães de guarda?

— Eles ladraram há uma hora, provavelmente quando ele saiu, e me disseram que eles também ladram às cinco da manhã, o que indica a hora do seu regresso. Todas as noites é a mesma coisa…

— Isso é delírio, minha pobre Victoire! De qualquer forma, vou descobrir o que está acontecendo…

— Outra coisa — continuou a velha babá. — Três homens estão rondando a propriedade. Eu sei.

— Sátiros estão perseguindo você, Victoire.

— Não brinque, são policiais. Os guardas avistaram um dos seus piores inimigos, o brigadeiro Béchoux.

— Béchoux, um inimigo! Você fala cada coisa! A menos que alguém da Prefeitura tenha decidido me prender, o que é bem pouco provável! Presto serviços demais para eles.

Ele refletiu, franzindo a testa.

— Mesmo assim, ficarei atento. Pode ir. Não, espere! Só mais uma coisa. Alguém mexeu no meu cofre, que está aqui! Os três botões que controlam a senha foram mexidos.

— Ninguém entrou aqui, a não ser você e eu. Como não fui eu…

— Então devo ter me esquecido de colocar os números de volta no lugar. Perceba que isso é sério. Lá se encontram minhas instruções, meu testamento, as chaves dos meus vários cofres, as indicações que me permitiriam descobrir meus esconderijos e saquear tudo.

— Virgem Maria! — a babá exclamou, juntando as mãos.

— A Virgem Maria não tem nada a ver com isso. Cabe a você ser vigilante. Caso contrário, você arrisca muita coisa.

— O quê?

— Sua honra de donzela — disse Horace friamente.

***

Naquela mesma noite, Horace, subindo em uma árvore, ficou vigiando o portão do parque, no lado da fazenda.

Escondido na folhagem, ele esperou pacientemente. A espera foi recompensada. Antes de soar meia-noite na igreja, um galope silencioso, cortado por um salto sobre a cerca, passou não muito longe dele. Ele vislumbrou a forma flexível e alongada de uma grande fera. Os cães ladraram no canil. Horace desceu de sua árvore e correu até a janela de Rodolphe, da qual se aproximou sem fazer barulho.

A janela estava aberta, e o quarto, iluminado. Passaram dois ou três minutos. O espião ouviu a voz da criança. Então, de repente, ele viu a tigresa voltar para a varanda através da qual ela deve ter entrado. Enorme, apocalíptica, ela pôs as patas na barra superior do corrimão. Rodolphe estava deitado sobre ela, agarrado com ambos os braços no pescoço monstruoso… e gargalhava.

Com um salto, a besta pulou para os maciços e seguiu a grandes trotadas com seu fardo, que continuava rindo. Mais uma vez, os cães ladraram furiosamente.

Então, Victoire emergiu da sombra da varanda onde estava escondida.

— Bem! Você viu? — ela disse, muito assustada. — Para onde essa fera selvagem vai levar o pobre menino?

— Até a mãe dele, é claro!

— Deus! Será que isso é possível?

— Patricia, juntamente com a senhora de Corneilles, deve ter curado o animal ferido, e a tigresa, já meio domada e grata, se apegou a ela e lhe obedece como uma cadela fiel.

— Estamos imaginando coisas! — exclamou Victoire, admirada.

— Comigo é assim! — Velmont disse modestamente.

Ele atravessou a fazenda correndo, depois passou pelos prados que levavam ao Castelo de Corneilles. Seguiu pela avenida semifechada, subiu pela janela da barraca e proferiu uma exclamação de alegria desconcertada. Sentada numa poltrona na sala, Patricia segurava seu filho no colo e o cobria com beijos.

Velmont se aproximou e olhou para a jovem, extasiado.

— Você… você… — ele gaguejou. — Que felicidade! Não me atrevi a ter esperança de que você estivesse viva! Então quem Maffiano matou?

— Angélique.

— Como é que ela chegou à tenda?

— Ela me afugentou e tomou meu lugar. Só depois compreendi o porquê! Ela amava Arsène Lupin — concluiu Patricia, franzindo a sobrancelha.

— Sempre se pode escolher pior — disse Velmont com um ar de desprendimento.

— Saïda, a tigresa, encontrou-a agonizante na tenda destruída e a levou embora sem que eu pudesse intervir. Foi horrível. — Patricia estremeceu.

— Onde está Maffiano? Onde estão os cúmplices dele?

— Ainda vagando por aí, mas com prudência. Ah! Aqueles miseráveis!

Ela pegou o filho novamente e o beijou apaixonadamente.

— Meu querido! Meu querido! Você não tem medo de nada, não é mesmo? Saïda não machucou você?

— Oh! De jeito nenhum, mãe. Ela corre suavemente, que é para evitar que eu chacoalhe muito, tenho certeza disso. Fico tão confortável sobre ela quanto nos seus braços.

— Você e sua estranha montaria se entendem bem. Isso é ótimo, mas agora você precisa dormir um pouco. E Saïda também precisa dormir. Acompanhe-a até seu nicho.

A criança ficou de pé, pegou a fera monstruosa por uma orelha e a puxou para a outra extremidade do quarto, onde havia um colchão dentro de um armário, perto da alcova onde ficava a cama de Patricia.

Mas, à medida que avançava, Saïda impunha à criança uma evidente má vontade, traduzida por um rugido irritado. No final, ela ficou imóvel e, agachada sobre as patas traseiras na frente da cama de sua dona, a cabeça no nível das patas, começou a rosnar novamente enquanto batia no chão com sua cauda furiosa.

— Bem! Saïda — disse Patricia, levantando-se de sua poltrona —, o que é que há, minha linda?

Horace olhava atentamente para a tigresa.

— Parece — ele observou — que há pessoas escondidas debaixo da sua cama, ou pelo menos na alcova. Saïda as encontrou.

— É verdade, Saïda? — disse Patricia.

A fera enorme respondeu com um rugido mais furioso e, voltando a ficar de pé sobre as patas, empurrou com seu poderoso focinho a cama cujo ferro foi bater contra a parede lateral.

Um triplo grito de terror ecoou, vindo de pessoas que realmente estavam escondidas debaixo da cama e que agora se encontravam expostas.

Patricia saltou em auxílio dos intrusos, seguida de Horace, que exclamou:

— Vamos, falem tudo, ou estarão perdidos! Quantos vocês são? Três, não é, incluindo o ilustre Béchoux? Vamos, responda, policial do meu coração.

— Sim. Sou eu, Béchoux — disse o policial, ainda no chão e apavorado com Saïda eriçada e rosnando.

— E você veio me prender? — Velmont continuou.

— Sim.

— Prenda Saïda primeiro, velhote. Talvez ela se deixe prender. Você não tem sorte mesmo! Quer que ela vá embora?

— Adoraria! — disse Béchoux com convicção.

— Não posso negar nada a você, querido amigo! Vamos satisfazer sua vontade. Além disso, será melhor assim, do contrário eu teria medo pela integridade do seu belo físico! Vamos, Patricia Johnston, por favor, livre-nos de sua guarda-costas.

A jovem, com a mão na cabeça da tigresa, que se esfregava contra ela com um ronronar semelhante ao de um motor a vapor, chamou:

— Rodolphe! Meu querido!

A criança veio se atirar em seus braços, depois Patricia ordenou, fazendo um gesto para o exterior da habitação:

— Saïda, está na hora de levar seu pequeno mestre de volta. Vá, Saïda! Vá, minha linda! E devagar, está bem?

A tigresa pareceu ouvir com atenção. Ela olhou para Béchoux com um visível lamento, pois teria gostado de saboreá-lo, mas, dócil, decidiu obedecer, orgulhosa do restante da missão que lhe tinha sido confiada. Ela avançou lentamente diante de Rodolphe e estendeu seu poderoso dorso para ele. A criança subiu, deu um tapinha em sua cabeça, segurou firme em seu pescoço com os braços e gritou:

— Em frente!

A enorme fera tomou impulso e em dois passos estava fora da sala. Um momento depois, mais longe, os cães ladravam no meio da noite.

Horace prosseguiu:

— Rápido, Béchoux, saia de baixo da cama com seus amiguinhos. Daqui a dez minutos ela estará de volta. Anda logo! Tem um mandado contra mim?

Béchoux ficou de pé, e seus acólitos fizeram o mesmo.

— Sim, o mesmo de sempre — disse ele, limpando a poeira da roupa.

— Seu mandado deve estar um pouco amarrotado. E tem outro contra Saïda?

Béchoux, irritado, não respondeu. Horace cruzou os braços.

— Balela! Então você acredita que Saïda permitirá que a coloquem no cabriolé de ferro, com as patas amarradas, se não tiver um documento assinado por quem de direito?

Ele abriu a porta da cozinha.

— Saia, meu rapaz! Saia daqui com seus camaradas! Desapareça como uma zebra! Salte no primeiro trem e se atire na cama para se recuperar! Mas não por baixo, desta vez! Aceite meu conselho, falo como amigo. Vá embora ou Saïda vai degustar um belo bife policial de café da manhã!

Os dois camaradas já tinham desaparecido. Béchoux estava se preparando para imitá-los, mas Horace o segurou.

— Só mais uma coisa, Béchoux. Quem o nomeou como inspetor?

— Você. E a minha gratidão…

— Você a manifesta querendo me prender. Enfim, eu lhe perdoo. Béchoux, quer que eu faça de você brigadeiro? Sim! Então, vá até a

Prefeitura da polícia amanhã de manhã, sábado, às onze e meia, e peça aos seus chefes para lhe darem carta branca. Eu preciso de você, entendeu bem?

— Sim. Obrigado! A minha gratidão…

— Suma!

Béchoux já tinha desaparecido. Horace virou-se para Patricia.

— Então é você a Bela Adormecida? — ele perguntou.

— Sim, sou eu. Sou francesa por parte de mãe, e a velha senhora que vivia aqui, não louca, mas estranha, é minha parente. Quando cheguei à França, vim visitá-la. Ela se afeiçoou a mim, mas, infelizmente, logo adoeceu e morreu muito rapidamente, deixando-me esta velha propriedade arruinada e abandonada. Vim me estabelecer aqui usando a lenda que a rodeava para me proteger da curiosidade. Ninguém da região teria ousado entrar…

— Eu entendo — disse Horace. — E a senhorita fez o necessário para que eu adquirisse a Maison-Rouge por causa da proximidade. Tinha um esconderijo seguro e sabia que em casa Rodolphe seria bem tratado… sem estar longe da senhorita. É isso, não é?

— É isso — disse Patricia. — E eu também estava feliz por não estar muito longe do senhor — ela acrescentou com os olhos baixos.

Ele fez um movimento para abraçá-la, mas resistiu. A jovem não parecia disposta a manifestações de carinho.

— E Saïda? — ele perguntou.

— É fácil entender. Depois de fugir da feira de animais itinerante, ferida durante as buscas, ela se refugiou aqui, onde a tratei e curei. Em agradecimento, ela me devota uma fiel afeição. Sob sua proteção, já não temo Maffiano.

Depois de um silêncio, Horace se curvou diante de Patricia.

— Que felicidade reencontrá-la, Patricia! Pensei que estava morta. Mas por que não me tranquilizou antes? — ele acrescentou com um tom de reprovação.

A jovem permaneceu em silêncio por alguns instantes, com os olhos fechados e a figura congelada numa expressão quase hostil.

Enfim, respondeu:

— Não queria voltar a vê-lo. Não consigo esquecer que o senhor escolheu outra. Sim, à noite, na tenda…

— Mas eu pensava que era você, Patricia.

— Você jamais devia ter acreditado nisso! É isso, sobretudo, que eu não perdoo! Confundir-me com uma mulher como aquela! A amante de Maffiano, a criada dele e dos seus terríveis cúmplices! Como o senhor pôde acreditar que eu era capaz de me entregar assim? E como posso apagar tal memória do senhor da minha mente?

— Substituindo-a por uma lembrança mais bonita, Patricia.

— Não pode haver uma mais bela, porque ela não existirá. O senhor me confundiu com outra. Não quero competir com ela!

Horace, a quem esse ciúme enchia de alegria, aproximou-se dela.

— Competir, Patricia? Está louca! Não há rival páreo para você! É você que eu adoro! Só você, Patricia! A verdadeira! A única!

Febril, ele a pegou nos braços e a serrou contra seu peito. Ela se debateu, enfurecida, bem pouco disposta a perdoar e ainda mais revoltada porque sentia que começava a ceder.

— Solte-me — gritou ela. — Eu o odeio. O senhor me traiu.

Tremendo, tentando um último esforço antes do abandono que ela confusamente entendia ser inevitável, ela o empurrou. Mas ele não a soltou e inclinou seu rosto sobre o dela.

Os dois batentes da porta de vidro se abriram ao mesmo tempo, provocando um estrondo. De volta, a tigresa tinha saltado para a sala e, agachada, quase deitada, os olhos brilhando como duas estrelas verdes, estava prestes a atacar.

Horace Velmont soltou Patricia, recompôs-se e, olhando fixamente para o animal, disse-lhe com cautelosa doçura, um pouco rabugento:

— Ah, você está aí? Não acha que está se intrometendo onde não foi chamada? Ah, Patricia, como ela está bem treinada, sua gatinha! Caramba, você sabe mesmo se fazer respeitar! Bem, bem. Eu a respeito! Só que, como não quero parecer ridículo, nem quero que a mulher que amo ria de mim…

Ele tirou do bolso o canivete comprido e afiado de que nunca se separava. Abriu:

— O que está fazendo, Horace? — Patricia gritou alarmada.

— Querida amiga, eu protejo minha dignidade aos olhos da sua guarda-costas. Não quero que ela imagine que Horace Velmont é uma criança que se põe para correr! Se a senhorita não me beijar agora mesmo diante dessa gata, abro-lhe a barriga. Será uma grande batalha! Entendido?

Patricia hesitou, corou e finalmente se levantou e apoiou as mãos no ombro de Horace, estendendo-lhe os lábios.

— Por Deus — disse ele —, desse jeito a minha honra está salva! E eu não peço nada além de ser forçado a fazê-la ser respeitada muitas vezes dessa maneira!

— Eu não podia deixá-lo matar essa fera — murmurou Patricia. — O que seria de mim sem a proteção dela?

— Eu poderia ter sido morto por ela — disse Horace. — Mas isso a preocupa muito menos — ele acrescentou com um tom de melancolia que não lhe era habitual e que comoveu profundamente a jovem.

— O senhor acha? — ela sussurrou, corando ainda mais.

Mas logo se recompôs. A lembrança do que ela considerava uma ofensa cruel ainda não havia desaparecido. Ela se aproximou da tigresa e pôs a mão em sua cabeça.

— Fique tranquila, Saïda!

A fera, em resposta, ronronou.

— Fique tranquila, Saïda! — repetiu Velmont, que também havia se recomposto. — Fique tranquila para que o cavalheiro possa ir embora antes que a situação piore! Adeus, rainha da selva! Com as suas riscas, você me lembra uma zebra… mas eu é que estou de saída.

Ele pôs o chapéu na cabeça, tirou-o para passar diante da tigresa, a quem cumprimentou solenemente, e, quando ia sair, virou-se para Patricia:

— Até logo, Patricia. Você é uma feiticeira. Junto de Saïda, como a bela domando a fera, você parece uma deusa antiga. E eu amo muito as deusas, eu juro! Até logo, Patricia!

***

Horace Velmont logo chegou à Maison-Rouge. Victoire estava esperando por ele na sala de estar, cujas portas e janelas estavam prudentemente fechadas. Ouvindo os passos de seu patrão, ela correu ao encontro dele.

— Rodolphe está aqui! — ela exclamou. — A fera o trouxe de volta, e ele já deve estar dormindo.

— Como você lidou com a tigresa?

— Oh! Correu tudo muito bem! Não dissemos nada uma à outra. Além disso, eu tinha preparado a minha grande tesoura de costura.

— Pobre Saïda! Ela escapou por pouco. Você teria feito um bom tapete para o quarto, hein, Victoire?

— Até dois. Esse animal selvagem é enorme. Mas parece muito dócil.

— Um amor — concordou Velmont rindo.

***

— Agora — retomou Horace Velmont — eu tenho que falar com você sobre coisas muito sérias, Victoire!

— A esta hora? — exclamou a babá, espantada. — Isso não pode esperar até amanhã?

— Não, não pode. Sente-se aqui do meu lado no sofá grande.

Eles se sentaram. Houve um momento de silêncio.

Horace tinha um ar solene que impressionava um pouco Victoire. Ele começou:

— Todos os historiadores concordam que Napoleão I nunca foi tão grande como nos últimos anos do seu reinado e que seu talento militar atingiu o auge durante a Campanha da França, em 1814. Foram as traições que o derrubaram. Bernadotte, juntando-se aos inimigos, já tinha chegado à derrota de Leipzig. Blücher teria sido aniquilado se o general Moreau não tivesse entregue Soissons, e a capitulação de Paris não teria sido possível sem as manobras de Marmont. Estamos de acordo, não estamos?

A velha babá piscou os olhos com uma expressão aturdida.

Horace continuou, muito sério:

— Eu estou exatamente nesses momentos, Victoire. Em Champaubert, em Craonne, em Montmirail, somente sucessos. No entanto, o terreno está deslizando sob meus pés. A derrota se aproxima. Meu império, minhas bem merecidas riquezas estarão em breve nas mãos dos inimigos. Mais um esforço da parte deles e estou arruinado, impotente, derrotado, massacrado, moribundo. Santa Helena…

— Então você foi traído?

— Sim. Agora tenho certeza do que já lhe havia dito. Alguém entrou no meu quarto, abriu meu cofre e levou as chaves e os papéis que permitem o roubo de toda a minha fortuna e a apropriação dela até o último centavo. A

espoliação, aliás, já começou.

— Alguém invadiu sua casa? Você tem certeza? — balbuciou a babá. — Quem poderia ter entrado?

— Não sei.

Ele a olhou profundamente e acrescentou:

— E você, Victoire, não suspeita de ninguém?

De repente ela caiu de joelhos e começou a soluçar.

— Você está suspeitando de mim, meu filho! Então prefiro morrer!

— Não suspeito que tenha aberto meu cofre, mas que permitiu que alguém entrasse e revirasse minha casa. Isso é verdade? Responda francamente, Victoire.

— Sim — ela confessou com as mãos no rosto.

Ele levantou a cabeça dela com uma mão indulgente.

— Quem veio? Patricia, não é mesmo?

— Sim. Ela veio durante sua ausência, há alguns dias, para ver o filho e se trancou com ele. Mas como é que ela sabia o número da combinação? Nem eu sei… Ninguém além de você sabe…

— Não se preocupe com isso. Estou começando a entender tudo. Mas ouça, Victoire, por que você não me contou sobre a visita dela? Eu saberia que ela estava viva…

— Ela me disse que, se eu o avisasse, isso colocaria sua vida em perigo. E me fez jurar que ficaria em silêncio absoluto.

— Por quem você jurou?

— Por minha salvação eterna — suspirou a velha senhora.

Horace cruzou os braços, indignado.

— Então você prefere sua salvação eterna à minha salvação temporária? Prefere sua salvação eterna ao seu dever para comigo?

As lágrimas da velha babá redobraram; ainda de joelhos, com a cabeça apoiada nas mãos, ela soluçava perdidamente.

De repente, Horace se levantou. Alguém batia na porta da sala. Ele foi até lá e, sem abrir, gritou de trás da porta:

— O que há?

— Um cavalheiro que insiste em vê-lo, chefe — respondeu a voz de um dos líderes do esquadrão.

— Ele está aqui?

— Sim, chefe!

— Eu vou falar com ele. Volte ao seu posto, Étienne.

— Está bem, chefe!

Quando o som dos passos do homem se distanciou, Horace, ainda sem abrir a porta, gritou:

— É você, Béchoux?

— Sim! Voltei. Precisamos acertar algumas coisas.

— O seu mandado?

— Perfeitamente!

— Você o conseguiu?

— Consegui.

— Passe-o por baixo da porta. Obrigado, meu amigo.

Um documento oficial deslizou por baixo da porta. Horace se abaixou, pegou o documento e o examinou com cuidado.

— Perfeito! — disse ele em voz alta. — Perfeito! Tudo em ordem. Só há uma falha.

— O quê, então? — perguntou a voz espantada de Béchoux.

— Está rasgado, meu velho!

Horace rasgou o mandado em quatro, depois em oito, depois em dezesseis pedaços. Formou uma bola compacta e abriu a porta.

— Aqui está o objeto, querido amigo — disse ele, estendendo a bola a Béchoux.

— Ah! Ah! E essa agora. Isso… isso não vai ficar assim.

Béchoux gaguejava de fúria. Horace o acalmou com um gesto.

— Não grite assim. Não é elegante. Outra coisa, meu velho: você veio com seu carro?

— Sim — disse Béchoux a quem, como sempre, o sangue-frio de Horace impressionava.

— Leve-me à prefeitura. Temos de cuidar da sua nomeação como brigadeiro. Mas espere por mim um momento.

— Aonde você vai? Não vamos sair do seu pé.

— Vou ver Patricia em Corneilles. Tenho algumas coisas para dizer a ela. Você vem comigo?

— Não — disse Béchoux resolutamente.

— Pois está equivocado. Saïda não teria resistido. Ela nunca hesita quando a olhamos nos olhos.

— Justamente — disse Béchoux —, meus colegas e eu não queremos de modo algum encará-la.

— Cada um sabe o que faz — disse Lupin. — Então adiarei minha visita a Corneilles para outro dia. Senhores, estou sob suas ordens.

Ele segurou gentilmente no braço de Béchoux. Ambos, seguidos pelos dois policiais que haviam acompanhado o inspetor e esperavam no vestíbulo, caminharam em direção ao portão. Já havia amanhecido há um bom tempo. Todos entraram no carro da polícia que os aguardava na estrada. Horace Velmont estava de bom humor.

Às nove horas da manhã ele obteve, graças à mediação de Béchoux, uma audiência com o comissário de polícia. Este recebeu perfeitamente o conde Horace Velmont, um cavalheiro opulento e influente que já tinha prestado grandes serviços à Administração.

Depois de uma longa e cortês conversa, Velmont deixou o prefeito. Ele havia conseguido a nomeação de Béchoux. Tinha dado algumas indicações úteis e obtido informações valiosas. O acordo estava completo.

Os cofres

No carro, Horace Velmont se disfarçou com uma barba falsa e óculos estampados com lentes ligeiramente coloridas.

Eram dez horas. O carro estacionou e, com a última badalada do relógio, Velmont atravessou a porta de entrada do banco Angelmann.

Debaixo da abóbada, dois oficiais do banco lhe pediram sua carteirinha de membro e a validaram.

No vestíbulo, quatro colossos com envergadura de policiais ingleses vigiavam. Nova validação após a apresentação dos documentos.

Finalmente, devidamente inspecionado, verificado, identificado sob o nome de Horace Velmont, que ele mesmo havia inventado, Arsène Lupin foi conduzido pelos guardas por uma suntuosa escadaria de mármore. Aos pés dela, no térreo, em frente a uma grade maciça reforçada com barras de ferro, pararam e bateram cinco vezes, neste ritmo: 1… 2-3-4… 5. Então ouviram as fechaduras sendo destrancadas e viram uma das portas do portão se abrir, dando acesso à sala que precedia as caves reservadas aos cofres.

Não havia outro caminho para chegar até eles. Era necessário atravessar o portão, depois a porta de bronze, que se abria na outra extremidade da sala. Câmaras em forma de coração de carvalho cravejado de ferro reforçavam o teto. As paredes eram blindadas com placas de aço.

Na sala, havia cerca de quarenta homens sentados em poltronas encostadas nas paredes ou agrupados em torno de um pequeno estrado ocupado por oficiais do escritório. Entre estes estava um adolescente pálido e magro, de olhar frio. Ele agia de forma convencional, imitava a postura de Robespierre e usava trajes de janota. Tinha um monóculo colado ao olho,

uma clava na mão e uma sobrecasaca de colarinho largo de veludo e gravata alta.

Os outros quarenta conjurados eram quase todos homens de músculos poderosos, mandíbulas quadradas e rostos brutos e vulgares.

Todos se levantaram em um mesmo movimento quando o som de um gongo anunciou a chegada de alguém.

Horace Velmont os observou com um sorriso sarcástico e exclamou com uma falsa e insolente admiração:

— Um salve aos camaradas gângsteres!

O efeito produzido foi lamentável. Os quarenta se sentiram ofendidos. A palavra "gângsteres" lhes pareceu depreciativa. Fizeram soar um murmúrio desaprovador.

No entanto, o jovem pálido, sobre o estrado, interveio. Ele bateu na mesa com um cortador de papel, e, tendo conseguido recuperar o silêncio, disse:

— Desculpem-no, ele não nos conhece. É o correspondente francês que uma vez vendeu ao senhor Mac Allermy as informações necessárias para o nosso plano.

E, imediatamente, ele começou com a voz aguda, cuja fragilidade tentava corrigir com socos na mesa e atitudes implacáveis:

— Senhores, hoje é a primeira assembleia geral prevista desde o início pela nossa comissão de ação, e sinto-me obrigado a dar algumas explicações àqueles de vocês que vieram aumentar nossas fileiras desde que tudo isso começou. Como sabem, meus amigos, nossa associação remonta a vários séculos e foi formada por homens de coragem, cheios de fé religiosa, ansiosos por salvar o papado dos tempos conturbados do Renascimento, enquanto os papas defendiam o espírito da civilização romana e latina contra os Bárbaros do Norte, os Francos e os Germânicos.

"A associação foi retomada, revigorada e rejuvenescida no momento presente por dois homens eminentes, dois amigos a quem nosso dever, bem como nossos sentimentos de gratidão e afeto, nos convida a prestar um tributo: Mac Allermy e Frédéric Fildes. Estes, compreendendo a vida moderna, adaptaram nossos estatutos às circunstâncias, fortaleceram nossa disciplina, e, acima de tudo, nos ofereceram um propósito digno de nossos esforços.

“Foram eles que tiveram a ideia original de submeter nossos homens de ação, nossos militantes, a uma autoridade superior, composta de personalidades independentes e de moralidade inflexível. Eles chamavam essa autoridade superior de Conselho de Ordem e Disciplina Integral, o C.O.D.I. Esse Conselho é composto por nós. Somos quarenta associados austeros e ferozes, como puritanos primitivos, sem misericórdia pelas fraquezas dos outros e pelas nossas próprias falhas. Quarenta príncipes do Inferno que sabem discernir, julgar e atacar com tranquilidade e liberdade de espírito. Isso era necessário, senhores, pois fomos obrigados, desde o início, a empregar agentes de todos os tipos, sem escrúpulos e sem consciência. Isso era necessário para controlar o Comitê primitivo dos onze e, acima de tudo, para estabelecer os cálculos e distribuir os lucros de modo que cada um tenha sua parte justa dos resultados do esforço geral.

“Desses lucros, o C. O. D. I. primeiro recolhe para si mesmo cinquenta por cento, e a segunda metade é reservada para aqueles que atuam no mundo todo. Não se tolera nenhum tipo de erro. Nada de privilégio. Nada de iniquidade. Nossos registros são mantidos rigorosamente atualizados. Nossa contabilidade está disponível para todos.

“Órgão de disciplina, moralidade e controle, o C.O.D.I. não aceita senão a autoridade do comitê, cujos onze membros no início ressuscitaram a associação dos Mafistas, dotaram-na de planos e arquivos e a enriqueceram com sua iniciativa e seu trabalho. Eles eram onze, onze visionários inspirados, onze realizadores admiráveis, alguns dos quais devemos culpar por seus erros e crimes, mas a quem devemos também toda a nossa gratidão.

“Os resultados de seus empreendimentos pessoais, os senhores os conhecem, apreciaram os benefícios, sabem a que ponto, graças a eles, a situação de suas vidas melhorou. Não lhes contarei os pormenores das proezas individuais e das operações bem-sucedidas deles, nem a sublime probidade com que cada um, há um ano, envia à tesouraria central um proveito que facilmente poderia dissimular e conservar sem o conhecimento de todos: não, não os louvaremos. É bem simples para eles, são pessoas honestas. A Máfia lhes dá os meios de fazer grandes feitos e agir rápido. Eles agem, e, orgulhosos de seu sucesso, também ficam orgulhosos por servir e enriquecer a Máfia. As contas deles são exatas, nenhum centavo a mais ou a menos. Ofereçamos-lhes o tributo da nossa

admiração. Nada é durável se não se baseia na justiça e na integridade. Mas há, entre esses colaboradores que estão conosco desde o início, dois homens cujo trabalho e espírito de coletividade e realização eu quero exaltar: Mac Allermy, em primeiro lugar, e também Frédéric Fildes. As pequenas empresas só podem produzir resultados proporcionais à sua mediocridade. A associação que formamos precisava de um objetivo grandioso, que atingisse a imaginação e galvanizasse iniciativas particulares. Esse objetivo Mac Allermy nos deu em um lapso de genialidade. Paule Sinner! Essas são as palavras mágicas que, desde o início, ressoaram em nossos ouvidos. Nossa antiga companheira, Patricia Johnston, que se tornou nossa adversária implacável e odiosa, revelou ao mundo seu verdadeiro significado. A Máfia contra Arsène Lupin, essa é a grande verdade da nossa empreitada.

"Ah! Que lembrança em meu coração e mente a do momento em que Mac Allermy, o honesto Allermy do jornal *Allo-Police*, clamou diante de mim seu ódio contra Lupin. Lupin, o último dos miseráveis, o mais perigoso, porque o mais simpático dos malfeitores, o mais hábil, o mais capaz e o mais rico. Repito estas três palavras: o mais rico. "A fabulosa riqueza de Lupin", dizia Mac Allermy, "é uma ofensa à miséria de pessoas honestas. E é essa riqueza que eu quero alcançar". Arsène Lupin, milionário, miliardário, não é uma vergonha para os nossos tempos? Uma civilização é condenada quando tais ignomínias surgem. Pense em tudo o que ele roubou, nas riquezas mortas que ressuscitou para tomar para si, riquezas de tempos passados, riquezas romanas; riquezas dos reis da França e dos monastérios da Idade Média, tudo isso está nas mãos desse vigarista. Que força para ele! Que recursos inesgotáveis! Que poder intolerável! No entanto, um confisco é possível. Eu sei, por informações confidenciais que me foram vendidas, e que eu mesmo pude em parte verificar, que Arsène Lupin converteu todas as suas riquezas — diamantes, pedras preciosas, propriedades, fazendas, vivendas, casas e palácios — em ouro, ouro americano. Existe o Banco da França e existe o Banco Arsène Lupin, os cofres de um e os cofres do outro. E o Banco Arsène Lupin é este aqui, é o banco Angelmann. Os cofres de Lupin estão ao nosso lado, nesta fortaleza! Tenho as chaves e as senhas das fechaduras. Dólares, barras, moedas de ouro, é tudo nosso…

“É a obra de Mac Allermy e é minha, minha própria obra, eu que os reuni agora para que possam ter as garantias da minha probidade e da minha delicadeza. Aqui estão as chaves, aqui, nestes papéis, as senhas que permitem abrir o cofre! Nenhum obstáculo, de agora em diante, entre os quarenta homens fortes que vocês são, bem armados, dispostos a tudo, nenhum obstáculo entre vocês e os bilhões de Arsène Lupin!”

Uma tempestade de aplausos retumbou na sala, cresceu, diminuiu e foi retomada, amplificada. Parecia interminável. Os chapéus se agitaram. Maffiano, empunhando seu bastão, gritava:

— Viva Allermy! Viva Fildes! Viva!

O jovem pálido exigiu silêncio e retomou, orgulhoso do seu sucesso:

— É uma alegria para o seu presidente constatar o nosso bom acordo e como fui seguido de modo inteligente na apresentação da nossa empreitada. Não há mais nada a dizer. Chega de palavras, vamos às ações. Os cofres exigem nossa atenção. No entanto, antes de abri-los, é necessário estabelecer entre nós uma lista dos beneficiários, a fim de saber o que terão a partilhar.

Fazendo pausas entre as indicações, ele leu:

— Número 1: Mac Allermy?

Maffiano respondeu:

— Assassinado misteriosamente. Carteira desaparecida.

— Número 2: Frédéric Fildes?

— Assassinado misteriosamente. Carteira desaparecida — disse Maffiano novamente.

— Número 3: Maffiano?

— Presente.

O siciliano saltou sobre o estrado.

— Sua carteira?

— Roubada.

— Esse é um caso que será examinado mais tarde e resolvido por decisão do C. O. D. I. Continuando: número 4? Número 5?

— Assassinados, um em Portsmouth, o outro em Paris. Carteiras roubadas.

— Número 6?

— Presente. Carteira roubada — respondeu outro assistente. Arsène Lupin reconheceu o homem. Era um dos cúmplices imediatos de Maffiano

que participou dos ataques em Auteuil e na Maison-Rouge.

— Número 7? Número 8?

Foi Maffiano quem respondeu novamente:

— Desaparecidos há três dias. As carteiras deles já tinham sido roubadas antes.

— Número 9? Número 10? Número 11?

Não houve resposta.

O jovem presidente recapitulou:

— Em suma, de onze associados da primeira hora, dois estão presentes, nada mais; quatro estão mortos, cinco estão desaparecidos, e pelo menos seis carteiras, oito provavelmente, foram roubadas. Os associados ausentes, incapazes de responder à chamada hoje, perdem seus direitos sem recurso. Chamarei novamente os três últimos, sobre os quais não sabemos nada.

Ele demorou um pouco e articulou lentamente:

— Número 9? Número 10? Número 11?

— Onze presente! — gritou uma voz.

A comoção foi geral.

— Quem é o senhor? — o presidente perguntou.

Um assistente, barbudo e com óculos escuros emergiu da multidão.

— Quem sou eu? Por Deus, o número onze que o senhor chamou.

— Sua carteira?

— Aqui está.

Uma carteira foi entregue ao jovem pálido, que leu:

— Paule Sinner, número 11. A assinatura de Mac Allermy — acrescentou ele. — Está tudo em ordem. Quem é o senhor?

— O homem que lhe vendeu as informações de que falou há pouco, que são a base desta empreitada.

— Alguém o conhece aqui? Alguém responde pelo senhor?

Maffiano olhava ansiosamente para o misterioso número 11.

— Eu — exclamou o siciliano. — Eu respondo por esse senhor como sendo o ladrão de todas as carteiras desaparecidas!

— E eu respondo por você, Maffiano, como o assassino de Mac Allermy e Frédéric Fildes — retaliou o outro.

Um tumulto estava começando. O presidente tentou apartá-lo.

— O conflito dos nossos dois associados será resolvido mais tarde pelo C.O.D.I. Nossa tarefa agora é abrir os cofres.

Então o número 11 se aproximou e subiu no estrado.

— Oponho-me formalmente a essa abertura! — ele disse em voz alta e clara.

— Na qualidade de quem essa oposição? — perguntou o presidente, fazendo um esforço vão para dominar a situação.

— Na qualidade de mim mesmo. Além disso, as onze carteiras ainda não foram autenticadas.

— Eu fiz a chamada — protestou o presidente.

— Os regulamentos exigem que essa chamada seja feita três vezes para que não haja erro ou omissão.

— Uma última vez, chamo o número 9? Número 10? Ninguém é capaz de nos informar? Não temos mais números para chamar…

— E o número 12, o que o senhor fez com ele?

Uma vez feminina respondeu e, retirando o casaco masculino, uma jovem surgiu, vestida de preto e usando um véu branco. Ela se aproximou a passos lentos e assumiu seu lugar sobre a plataforma, perto do número 11.

— Aqui está meu sinal de reconhecimento — disse ela, entregando uma carteira ao presidente.

Maffiano exclamou, atordoado:

— Patricia Johnston! A amante do filho de Allermy. A datilógrafa do velho Allermy! A jornalista que nos desmascarou!

— A mulher corajosa que Maffiano persegue com o seu ódio e seu amor — declarou em voz alta o número 11.

— Sua amante — gritou Maffiano.

— Minha noiva — corrigiu o número 11, colocando a mão no ombro de Patricia. — Minha noiva, que todos respeitarão sob pena de morte!

O jovem pálido que presidia começou a rir.

— Conflito sentimental — disse ele —, isso não é da nossa conta. Uma pergunta, minha senhora. Todas as carteiras devem ter meu carimbo pessoal em forma de aranha. A sua só tem a assinatura de Mac Allermy. De onde vem essa irregularidade?

— Como sabemos por meio de um artigo do *Allo-Police* — respondeu Patricia —, eu tive uma longa conversa com Mac Allermy algumas horas antes de seu assassinato. Quando se despediu, ele me entregou um envelope que eu não deveria abrir até o dia 5 de setembro deste ano. Eu o abri na data marcada e soube então que o titular desta carteira deveria

participar de uma reunião importante que Mac Allermy tinha marcado para terça-feira, 20 de outubro, em Paris, no endereço deste banco. Por isso eu vim. Ouvi seu discurso, que me deixou a par dos acontecimentos e dos meus direitos.

— Perfeito. Então só resta abrir os cofres.

— Os cofres não serão abertos — cantou o número 11 com uma voz cortante. — A minha vontade, neste ponto, é inflexível.

Uma ameaça surgiu à volta dele.

— Nós somos quarenta, e o senhor está sozinho! — observou o presidente com desdém.

— Eu sou o chefe, e vocês são apenas quarenta — foi a resposta ameaçadora.

Saltando sobre o estrado, número 11 correu em direção à porta que dá acesso aos cofres. Ele parou ali com um revólver em cada mão. Os membros do Conselho da Ordem, que haviam avançado na direção dele, recuaram em desordem e se aglomeraram a alguma distância.

O jovem pálido teve uma hesitação, mas seu amor-próprio foi mais forte do que a prudência. Desdenhoso do perigo, deu três passos e injuriou:

— Nossa paciência está se esgotando! Eu sugiro…

— E eu lhe dou um tiro ao menor gesto, seu aborto de gente!

O jovem pálido empalideceu ainda mais, mas não avançou.

Várias vozes se elevaram:

— Quem é o senhor para nos afrontar com tamanha audácia?

Então, colocando uma das armas de volta no bolso, o número 11 fez um gesto rápido. Barba e óculos caíram no chão. Um rosto nu surgiu, sorridente e temível. E a resposta veio como um relâmpago.

— Arsène Lupin!

À pronúncia desse prestigioso nome, houve um recuo geral e um silêncio aterrador.

Ele continuou:

— Arsène Lupin, detentor de todas as carteiras, isto é, de todos os títulos de propriedade dos bilhões que estão nesses cofres. Quando eu soube que Mac Allermy e Fildes estavam recuperando a Ordem dos Mafistas e que, para aumentar seu prestígio, estavam organizando uma cruzada contra mim, entrei no caso com o objetivo de melhor vigiar meus interesses e lhes dei todas as indicações úteis sobre minhas moradias, meus

cúmplices, meus retiros, minhas cavernas, meus subterrâneos, meus esconderijos, tudo o que os colocou no caminho desses cofres onde eu estava guardando furtivamente minha riqueza.

— Manobra perigosa — balbuciou o presidente, recém-recuperado da sua emoção.

— Mas tão divertida! Em todo o caso, o resultado está aí. Nossos estatutos exigem uma divisão proporcional dos lucros. Eu não só tenho a maioria dessa sociedade anônima, como tenho também todas as ações. Se não estão felizes, reclamem no tribunal. Enquanto isso, aproprio-me do pecúlio e o guardo comigo. Tenho o direito, a minha consciência e, o melhor de tudo, a força…

Patricia tinha se aproximado de Lupin. Ela sussurrou, completamente angustiada:

— Basta que um deles dispare e todos os outros se atiram sobre você como um bando de lobos famintos.

— Eles não se atreverão — respondeu ele. — Pense no que representa para os bandidos um tipo como Arsène Lupin! Pense no meu prestígio!

— Ledo engano. Nada importa para uma quadrilha cega, louca de raiva e de ganância. Nada lhes fará resistir! Nada…

— Sim, eu…

Antes de completar a frase, um tiro partiu da multidão. Lupin foi baleado na coxa. Ele cambaleou, caiu, mas se levantou. No entanto, teve de se encostar à parede.

— Vocês são uns covardes! — ele gritou. — Mas não tenho medo dos seus ataques anônimos! Não vou ceder. O primeiro que tentar passar por este subterrâneo estará morto. Se outro tiro for disparado, eu revido! Para quem vai a primeira bala? Para você, Maffiano?

Ele os ameaçava com suas armas. Mais uma vez, todos recuaram. O jovem pálido interveio.

— Arsène Lupin — disse ele, levantando a voz —, há pouco eu lhe ofereci uma transação. Aceite-a. Ninguém duvida da sua coragem. Mas a tarefa está acima das suas forças. Sua fortuna está aqui. Ela nos pertence. Só precisamos pegá-la sem que lhe seja possível se opor a isso. Por que lhe interessa ficar com tudo? A fortuna é tamanha que o todo lhe seria inútil. Aceite uma partilha razoável. Cem milhões para nós. E sobrarão centenas para o senhor.

Rumores de protesto foram ouvidos. Ninguém queria consentir em tal sacrifício. A enorme fortuna que, segundo eles, bastava pegar os enlouquecia.

Lupin respondeu:

— Seus amigos e eu estamos de acordo, meu Robespierrezinho. Eles querem tudo, e eu também.

— Por acaso você prefere morrer? — indagou, de modo teatral, o pseudoconvencional.

— Sim! Mil vezes sim! Lupin, derrotado, não é mais Lupin.

— Mas você está derrotado, Lupin.

— Não, pois estou vivo… E agora tenham cuidado, camaradas!

Ele fez um gesto, e os mais próximos, para se afastar, empurraram seus acólitos, amontoados atrás deles. Mas Lupin, em um segundo, deslizou um dos revólveres entre dois botões de seu casaco. Sempre segurando a outra arma apontada para seus adversários, ele colocou a mão livre na boca e, pressionando dois dedos contra a língua, com um domínio que teria invejado o bandido mais experiente das ruas, lançou um assobio estridente, cuja violência, naquele pequeno espaço, feriu os ouvidos.

Todos os gritos, ameaças e imprecisões cessaram. O silêncio se estabeleceu numa espera ansiosa…

SOS

O que aconteceu foi uma resposta repentina e terrível a esse sinal.

Ruídos percorreram todo o andar superior e, um a um, os fundos das câmaras caíram como tampas de caixas colocadas de cabeça para baixo.

Por cima das cabeças, surgiram quinze vezes dez buracos retangulares, escancarados como escotilhas abertas. E por aquelas cento e cinquenta aberturas desceram e se posicionaram cento e cinquenta canos de fuzil cuja pequena mira preta e mortal olhava para a multidão.

— Apontar! — comandou a voz metálica de Lupin, que, de pé, orgulhoso, ameaçador e sorridente, parecia ter esquecido sua ferida.

Ele repetiu com a voz ainda mais forte:

— Apontar!

O momento era trágico. Os quarenta, imobilizados pelo medo, não se moviam mais do que os condenados no corredor da morte, ameaçados por espingardas apontadas por um pelotão de fuzilamento.

Lupin explodiu num riso estridente.

— Vamos, camaradas, coragem! Não se aflijam, raios! Vejamos: para que vocês se recuperem, alguns exercícios de relaxamento me parecem apropriados, hein! Comecem! Sentido! Mãos ao lado do corpo! Cabeça erguida! Estão acompanhando? Flexões com pernas alternadas e com elevação dos braços. Pontas dos pés para a frente, por favor. Um, dois, três, quatro! E então, Maffiano, estamos dormindo, meu rapaz! Atenção aí em cima, o senhor Maffiano é aquele tipo chulo escondido no meio de um grupo de camaradas, contra a parede, à minha esquerda. Se ele não obedecer…

Houve um movimento dos fuzis à procura do senhor Maffiano, que pensou que estaria morto se vacilasse. Sem nenhuma vergonha, ele obedeceu às ordens de Lupin. Inflou o peito, virou a cabeça, colou os punhos nos quadris e, com ar sério, como um rapazinho consciencioso, executou os exercícios ordenados da melhor forma possível.

— Alto! — ordenou Lupin.

A obediência foi imediata, e a imobilidade, repentina. Neste momento, um pelotão de guardas desceu do primeiro andar e apareceu atrás da grade. Béchoux, um recente e muito orgulhoso brigadeiro, comandava-os.

Lupin apostrofou o brigadeiro Béchoux:

— Ei, velhote, por favor, tome nota que, conforme meus acordos com a Prefeitura, estou entregando quarenta gângsteres de primeira classe, todos ases, da melhor das linhagens, o que se fez de melhor em matéria de assassinos, sequestradores, ladrões de joias e assaltantes de bancos. No comando, o senhor Maffiano, chefe da Máfia, uma figura sinistra com as mãos vermelhas de sangue.

Através do portão aberto, os gângsteres saíram um a um.

— E você, Lupin! — lançou o brigadeiro num tom agressivo enquanto se aproximava.

— Eu, nada a fazer. Sou intocável. Você recebeu a ordem do prefeito, não recebeu?

— Sim. A ordem para reunir cento e cinquenta e quatro agentes e guardas para prender esses senhores do C.O.D.I, isto é, da Máfia.

— Eu só pedi cento e cinquenta.

— Os quatro a mais são para você, Lupin!

— Está maluco!

— De maneira nenhuma. Ordem do prefeito.

— Oh! A prefeitura está contra mim?

— Sim. Estamos fartos dos seus planos e truques. Você nos dá mais prejuízo do que lucro.

Lupin desatou a rir.

— Bando de patifes! E você deve ser muito estúpido, Béchoux! Então, mais uma vez, você imagina que, com a prisão de Lupin decretada, o dito Lupin cairá de bico na sua armadilha, como uma cotovia assada?

— A ordem é para prendê-lo, e vivo — observou Béchoux, inquieto com o sangue-frio de seu adversário, de quem ele não ousava se aproximar

muito.

Lupin gargalhou novamente:

— Vivo! Então querem me exibir em uma gaiola, no Grand-Palais?

— Exatamente.

— Seu moleque!

— Com os gângsteres, somos duzentos.

— Poderiam ser duzentos mil!

Béchoux tentou ser razoável:

— Esquece que está ferido, sangrando, três quartos moribundo?

— Você disse bem, Béchoux do meu coração, três quartos! Mas esse último quarto é o melhor. Com um quarto de vida, acerto as contas com todos vocês, meus cordeirinhos!

Béchoux encolheu os ombros.

— Você está delirando, meu pobre Lupin! Está sem força…

— E as minhas reservas, você não as leva em consideração? Minha guarda imperial? Aquela que não se rende, sabe? Cambronne[5]!

— Pois chame sua guarda então!

— Pobre Béchoux, quer mesmo que eu faça isso?

— Sim.

— Cuidado, hein. Você vai ser esmagado.

— Vá em frente.

— Não, você começa! Disparem primeiro, cavalheiros ingleses.

Béchoux estava pálido. Apesar de seguro, estava muito assustado.

Ele gritou, dirigindo-se aos seus homens:

— Atenção! Mirem em Lupin! Apontar!

Os cento e cinquenta guardas confrontaram Lupin e apontaram suas armas para ele. Mas não dispararam. Fuzilar aquele homem ferido e isolado aparentava tal covardia que os fez hesitar.

Béchoux sapateou de raiva.

— Fogo! Fogo! Atirem, em nome de D…!

— Atirem! — reforçou Lupin. — Do que vocês têm medo?

Ele estava lívido. Vacilava, enfraquecido pelo sangue que perdia, mas indomável.

Patricia o segurou. Ela estava pálida, mas resoluta.

— Está na hora… — ela sussurrou.

— Talvez seja tarde demais — respondeu ele. — Mas, enfim, se você deseja.

— Sim.

— Nesse caso, admita que me ama — sussurrou ele.

— Eu o amo o suficiente para o querer vivo.

— Você sabe que não posso viver sem você, sem o seu amor…

Ela o olhou nos olhos e respondeu seriamente:

— Eu sei. Quero que você viva…

— Isso é um compromisso?

— Sim.

— Então, faça alguma coisa — disse ele, desfalecendo.

Por sua vez, Patricia pegou um apito. Era o apito prateado que Lupin lhe havia dado, e que ela tirou da bolsa. Ela o colocou na boca e produziu um som agudo e prolongado que de vez em quando interrompia, e que recomeçava a se espalhar em ondas perfurantes, imperiosas, desesperadas, que se propagavam pelos corredores e chegavam até as caves e os jardins.

Depois, tudo ficou em silêncio! Um longo silêncio patético, enigmático, assustador! O que iria acontecer desta vez? Que salvamento providencial eles preparavam? Que tipo de intervenção arrebatadora, peremptória?

Eis a resposta: lá de longe, do fundo dos edifícios, chegaram clamores desesperados, cada vez mais perceptíveis, cada vez mais próximos.

— Fechem os portões! — gritou Béchoux.

— Fechem os portões — Lupin concordou calmamente. — Fechem os portões e rezem a Deus pelo descanso de suas almas, bando de canalhas!

Ele tinha se ajoelhado. Já não conseguia mais se manter de pé. Ele despendia toda a sua energia para se manter acordado.

Patrícia se curvou, envolveu-o em seus braços, sem parar de enviar o sinal obsessivo, o chamado imperativo.

Lupin, numa explosão de vontade, dominou sua fraqueza. Ele tripudiou:

— Béchoux, você me dá pena. Mande chamar o exército… Todo o exército… com tanques e canhões…

— E você? Tem um exército por acaso?

— Eu! Estou chamando os peludos da grande guerra. Levantem-se, mortos! De pé todos os poderes da terra e do inferno!

Lupin parecia delirar. Patricia parou abruptamente de apitar. Já não era mais necessário. Os clamores de pavor varriam a sala como ondas furiosas.

O resgate veio em um galope furioso. Um resgate estranho, formidável, imprevisto para os atacantes de repente dominados pelo pânico.

— Saïda! Saïda! — chamou a jovem com um impulso de alegria incontrolável. — Saïda! Venha, Saïda!

Saltitante, a tigresa se aproximava. Perplexos, os policiais fugiram apavorados, mas, diante do obstáculo da grade, a fera hesitou.

As placas de ferro, formando persianas, cobriam três quartos da grade, oferecendo, assim, um primeiro obstáculo, um relé, se necessário… Além disso, mesmo sem esse apoio, a grade não poderia ser atravessada? Havia espaço suficiente entre suas pontas e o teto.

A tigresa deve ter compreendido que o obstáculo era transponível, porque de repente ela tomou impulso, levantou-se como um pássaro, passou rente à ponta das lanças agudas sem ficar presa e aterrissou docilmente na frente de Patricia e de Lupin.

Enquanto isso, Béchoux havia reunido seus homens e os conduzido até a grade.

— Atirem, pelo amor de D…! — ele gritou.

— Atire você mesmo — rebateu a voz de um guarda.

— Seu acólito tem razão — disse Arsène Lupin. — Atire primeiro, Béchoux! Mas aviso que Saïda conhece muito bem quem atira e a fere, e, se você tiver culhões para esticar o braço e mirar nela, pode se considerar aniquilado. Saïda é antropófaga, Béchouzinho!

Assim desafiado, Béchoux atirou heroicamente. A tigresa, levemente atingida, deu um salto e rugiu, louca de raiva. Os agressores hesitaram. Se três ou quatro deles acompanhassem seu líder, recuperassem o sangue-frio e ateassem fogo de uma forma metódica e ordenada, Saïda sucumbiria. Mas o medo que os inspirava com a chegada desse inimigo inesperado, estranho, temível, sua colaboração com o extraordinário Lupin, que lhes parecia de alguma forma sobrenatural, essa força espantosa e nova, posta à disposição desse personagem, que parecia para muitos deles sobre-humana, não lhes permitiu recuperar a calma. A presença de uma fera estava fora das coisas naturais, dos regulamentos conhecidos, da técnica policial comum. Eles não estavam de forma alguma preparados para tal batalha. O próprio Béchoux estava em pânico. Ondas de terror supersticioso o

dominaram. A aliança entre um tigre e um homem. Quem já teria visto aquilo na prefeitura?

Béchoux fugiu e, atrás dele, a tropa desordenada dos guardas, entre os quais estavam os quarenta gângsteres, e ninguém mais se preocupava em deter os prisioneiros. Maffiano, que já tinha tentando acertar as contas com a tigresa, era o mais apressado a desaparecer. O pseudojanota o acompanhava.

— Cento e cinquenta policiais, quarenta gângsteres, o mesmo número de fuzis e pistolas automáticas, tudo junto picando a mula diante de Arsène Lupin, de sua amada e de um enorme gato selvagem. Aí estão heróis de araque. Que desastre! Que mundo! Que polícia! — escarneceu Lupin, triunfante, mas prestes a perder a consciência.

Enquanto isso, satisfeita, com o dever cumprido, a batalha vencida, Saïda se deitou aos pés de sua dona, que acariciou sua cabeça. Então, baixando as pálpebras e apurando as orelhas na direção dos barulhos distantes que ainda lhe chegavam aos ouvidos, a tigresa ronronou.

Mas, passado um minuto, ela ficou de pé novamente e rugiu. Patricia, que cuidava de Lupin, e Lupin, que recuperava os sentidos, ficaram alarmados. Sim, a primeira batalha estava ganha, mas…

Passos furtivos foram ouvidos. Sombras que se escondiam o máximo que conseguiam, espalhadas pelo exterior ao longo das paredes, aproximavam-se da grade.

Furiosos com seu fracasso, atraídos pelo engodo todo-poderoso de milhões a pegar, os gângsteres tinham regressado através dos corredores secretos, e braços armados se estendiam pelas grades do portão.

— Apontar, fogo! Apontar, fogo! Apontar, fogo! — disse Lupin sob as luzes das lanternas.

Saïda rastejou em direção ao portão, mostrando suas presas, rugindo e se preparando para atacar.

O mesmo pânico dominou esses últimos agressores, que fugiram outra vez.

— Rápido — disse Lupin —, um retorno ofensivo ainda é possível. Vamos nos defender! Patricia, pegue as chaves dos cofres e todos os documentos úteis. Esta noite, vamos transferir o dinheiro e enviar tudo para a província. O banco Angelmann, decididamente, não é seguro. Agora, vamos depressa! O carro que lhe trouxe com Saïda ainda está no

pátio, não está?

— Sim, sob os cuidados de Étienne. A menos que ele tenha sido preso…

— Por quê? Ninguém sabe que ele está a meu serviço e que o carro me pertence. E, depois, Béchoux estava muito ocupado comigo e com os quarenta gângsteres para pensar em mais alguma coisa quando chegou. E, quando ele fugiu com a polícia, só deve ter pensado em ficar fora do alcance da Saïda. Vamos, depressa!

— Mas o senhor consegue caminhar até o pátio? — Patricia perguntou com preocupação.

— Preciso conseguir!

Ele se levantou, mas quase caiu.

— Vamos admitir — disse ele, rindo —, isso não está às mil maravilhas. Preciso de uma bebida e de um curativo. Vamos buscá-los. Saïda vai me levar até o pátio, como ela fez com Rodolphe até Corneilles.

De fato, como o menino tinha feito, Lupin se sentou sobre o felino, e a potente fera, sem nem sequer parecer notar aquele fardo, partiu pelos corredores e chegou ao átrio do banco. O maior dos carros de Lupin, um carro largo e profundo, estava esperando sob a guarda do chefe de esquadra Étienne. O medo salutar da tigresa tinha mantido longe qualquer inimigo e até mesmo qualquer curioso. Foi sem ver ninguém, e sem serem vistos por ninguém, que Patricia e Lupin se acomodaram no carro enquanto a tigresa se agachava aos pés deles e Étienne se sentava ao volante.

— A polícia foi embora? — perguntou Lupin.

— Sim, chefe, e levou os gângsteres algemados. Eles os pegaram na saída.

— Como prêmio de consolação — tripudiou Lupin. — Bah! Eles desejavam tanto assim me prender? Um pouco de publicidade para a opinião pública. Lupin detido seria muito embaraçoso. Vamos, Étienne, acelere! Para a Maison-Rouge, e rápido!

O carro ligou, saiu do pátio do banco sem entraves e, sem nenhum outro obstáculo, seguiu viagem para a Maison-Rouge.

Ao chegar à propriedade, e enquanto Patricia subia para se juntar ao filho, Lupin, do vestíbulo, gritou a plenos pulmões com a voz triunfante:

— Victoire! Victoire!

A velha babá correu pelas escadas e surgiu toda comovida.

— Aqui estou eu! O que você quer, meu menino?

— Eu não chamei você.

— Você gritou: "Vitória"!

— Você quer dizer que cantei vitória. Minha pobre velhota, como você é irritante com esse seu nome!

— Me chame por outro nome.

— É isso: vou especificar a conquista! Fica bom para você? As *Termópilas*? Tolbiac?

— Você não poderia escolher um nome cristão para mim?

— O nome de uma heroína vitoriosa? Aí está, que tal Joana d'Arc? Isso lhe serve como uma luva. Bom, por que está com essa cara? Está enganada, não quis ofendê-la. Mas garanto que arranjo outro nome sem ficar pensando muito nisso. Primeiro, ouça minhas proezas.

Ele contou o feito, rindo como um colegial.

— É engraçado, não é, minha velha? Há anos eu não me divertia tanto. E que perspectivas para as minhas futuras disputas com a polícia! Vou domar um elefante, um crocodilo e uma cascavel. Talvez assim me deixem em paz. E que economia quando tiver de renovar meus aliados! Terei provisões de marfim, pele de crocodilo para meus sapatos e sinos para minhas portas. Agora me traga algo para comer e me faça um curativo!

— Você está ferido? — perguntou Victoire, preocupada.

— Não é nada. Só um arranhão. Perdi um pouco de sangue, mas, para Lupin, isso não é nada e evita uma possível congestão. Vamos, rápido, preciso sair logo, logo!

— Mas aonde você quer ir agora?

— Buscar meu dinheiro!

Depois de um rápido curativo em sua lesão, que não era grave, e de uma refeição leve, e ainda mais rápida, Arsène Lupin descansou por uma hora e, renovado e disposto, ordenou que seu carro número 2, bem como o número 3, fossem retirados da garagem. Acompanhado por Patricia, ele entrou no primeiro, e quatro de seus homens, escolhidos entre os mais robustos e determinados, tomaram seus lugares no segundo.

— Vamos voltar até aquele velho Angelmann — explicou Lupin a Patricia — e teremos algumas pequenas coisas para trazer de volta.

Quando, em menos de uma hora, os carros chegaram ao banco, Lupin, acompanhado por Patricia e seguido por seus homens, voltou para a grande

sala do térreo e, desta vez, seguiu para a sala do cofre.

Ele tinha as chaves. Abriu o primeiro dos cofres depois de colocar a senha.

Vazio!

Uma segunda tentativa… terceira… quarta… Vazios! Os cofres estavam vazios! As riquezas tinham desaparecido.

Lupin não demonstrou nenhuma emoção. Ele deu uma gargalhada zombeteira.

— Os cofres? Vazios. Minhas economias? Devoradas. Meu dinheiro? Levantou voo…

Patricia, que o observava, perguntou:

— Tem alguma ideia?

— Mais do que uma ideia.

— O quê, então?

— Ainda não sei. Mas nada me é mais agradável do que procurar profundamente dentro de mim, enquanto falo, sem parecer pensar em nada.

Ele chamou um dos guardas do banco; o homem, percebendo que a terrível tigresa não estava mais lá, aproximou-se.

— Mande chamar o senhor Angelmann — ordenou Lupin.

Depois, voltou a meditar.

Angelmann, que tinham ido buscar em seus aposentos, onde ficou confinado durante toda a confusão, apareceu após alguns minutos.

Ele estendeu a mão a Lupin.

— Meu caro Horace Velmont, que prazer vê-lo. Como vai o senhor?

Lupin não apertou a mão estendida.

— Eu vou como um homem que foi roubado — disse ele. — Foi você quem afanou meu dinheiro. Todos os cofres estão vazios.

Angelmann se sobressaltou:

— Vazios! Os cofres estão vazios! Impossível! Ah!

Ele caiu em uma poltrona, pálido, ofegante, quase tendo uma síncope.

— É o coração! — ele gemeu. — Tenho um problema cardíaco. Isso vai me deixar mal. Por que me dizer uma coisa dessas sem precauções?

— Eu disse o que aconteceu. E, se não foi você quem roubou meu dinheiro, quem foi?

— Não tenho a menor ideia.

— Impossível. Exijo a verdade imediatamente. Quem lhe deu o número que corresponde aos cinco códigos da senha do cofre? Não minta. Quem?

Ele fixou Angelmann com um olhar implacável.

Angelmann cedeu:

— Foi Maffiano.

— Onde está o dinheiro?

— Não sei — disse o banqueiro. — Aonde você vai, Velmont?

— Resolver esse excitante problema.

Sem pressa, Lupin saiu da sala dos cofres e, atravessando a outra sala, foi embora, batendo os pés, em direção à suntuosa escadaria de mármore.

Angelmann seguiu seu rastro.

— Velmont! Não, Velmont! Eu suplico, não vá. Não, Vel…

A voz de Angelmann sufocou em sua garganta, e o banqueiro, tomado por uma nova síncope, desabou no primeiro degrau da escada.

Patricia, ajudada pelo guarda e pelos homens de Lupin, levantou-o. Ele foi levado para a sala do térreo e o colocaram sentado em uma poltrona.

Logo ele recuperou os sentidos e gaguejou:

— O miserável… conheço seu plano…, mas minha esposa não vai falar nada. Eu a conheço. Ela não vai dizer uma só palavra. Ah! O trapaceiro! Ele acha que pode tudo. É isso que dá trabalhar com canalhas como ele.

Patricia, que no início não havia entendido bem, de repente empalideceu.

— Encontre-o! — ela disse com a voz entrecortada.

O banqueiro gemeu:

— Impossível! Mais uma emoção forte e eu não vou resistir! O coração, entende?

Ele caiu num silêncio sombrio. Patricia, do outro lado da sala, sentou-se numa poltrona e ficou imóvel.

Dez minutos se passaram. Quinze…

Angelmann choramingava desesperado, gaguejava palavras sem sentido, falava de sua esposa, de sua virtude, de sua coragem, de sua discrição, da confiança ilimitada que depositava nela. Tudo isso podia ser verdade, mas talvez também não fosse.

Finalmente ouviram passos, depois um leve assovio alegre, vencedor, e Lupin reapareceu.

— Não é verdade! Não é verdade! — exclamou Angelmann, mostrando-lhe o punho. — Não é verdade! Você não fez isso!

— O que é verdade — disse Lupin, serenamente — é o seu roubo. Há dois dias você o prepara. Você fez acordos com os diretores de um grande circo itinerante e alugou os dezoito caminhões deles. A mudança aconteceu ontem à noite. Há quatro horas meu dinheiro está viajando rumo ao seu castelo de Tarn, que foi construído acima dos desfiladeiros, sobre uma rocha quase inacessível. Se meu dinheiro estiver lá, estou arruinado. Nunca mais o verei.

— Invenções, piadas, melodramas — protestou o banqueiro.

— A pessoa que me deu essa informação é digna de confiança — disse Lupin em um tom convincente.

— E você afirma que essa pessoa é Marie-Thérèse, minha esposa? Está mentindo! Por que ela lhe contaria?

Arsène Lupin não respondeu. Um pequeno sorriso favorável e cruel se desenhou em seus lábios.

Angelmann desfaleceu outra vez.

No entanto, Patricia, que tinha ouvido de longe sem dizer uma palavra, aproximou-se, chamou Lupin de lado e disse-lhe com uma breve e tremida voz:

— Se isso for verdade, eu nunca o perdoarei…

— Sim, claro que sim — disse ele com doçura, colocando sua mão sobre a dela. Mas ela a retirou bruscamente. Lágrimas umedeceram seus olhos.

— Não. Você me traiu mais uma vez!

— Patricia, a traição foi sua! Maffiano seria incapaz de descobrir os números da senha do cofre. Apenas uma pessoa no mundo poderia saber. Você, Patricia, que sabia da proporção que essa aventura tinha tomado, e necessariamente sabia que havia na minha mente o nome de Paule, o primeiro nome de Paule Sinner. Por que revelou meu segredo a Maffiano?

Ela corou, mas respondeu francamente, sem hesitação:

— Isso aconteceu na Rua de la Baume, enquanto ele me mantinha prisioneira, trancada no quarto em cima do terraço. Temi por Rodolphe, e sobretudo por mim. Maffiano, para consentir em me conceder mais um dia antes do terrível desfecho, exigiu saber qual era a senha composta por cinco letras que abriria os cofres, porque ele sabia que cinco botões controlam as fechaduras. Eu disse para ele tentar “Paule”. Ele assim procedeu e deu certo.

Mas esse dia de trégua que ganhei me permitiu enviar Rodolphe até o senhor e ser salva pelos dois. Depois, uma carta ameaçando matar Rodolphe me obrigou a revelar outros segredos. Eu temia por ele, temia pelo senhor. O momento de uma ação eficaz não tinha chegado. O que eu podia fazer? — ela concluiu, angustiada.

Mais uma vez, Lupin pegou em sua mão.

— Você agiu bem, Patricia, e peço desculpa. Você me perdoa?

— Não! O senhor me traiu. Não quero voltar a vê-lo. Volto para a América na próxima semana.

— Que dia? — ele perguntou.

— Sábado. Tenho um lugar reservado no *Bonaparte*.

Ele sorriu.

— Eu também tenho. Hoje é sexta-feira. Temos oito dias. Vou atrás dos caminhões com meus quatro homens. Eu os recupero, levo-os para Paris, depois para a Normandia, onde tenho esconderijos seguros. E sexta à noite estarei em Havre. Navegaremos juntos, em cabines geminadas.

Ela não tinha forças para protestar. Ele lhe beijou a mão e a deixou.

Angelmann, que cambaleava de emoção, juntou-se a ele antes que chegasse à porta.

— Então é a minha ruína — balbuciou o infeliz banqueiro. — O que será de mim, na minha idade?

— Ora, você tem dinheiro guardado…

— Não tenho! Juro!

— O dote da sua mulher?

— Mandei junto com o resto.

— Em que caminhão ele está?

— No caminhão número 14.

— O caminhão número 14 será enviado para cá amanhã e entregue diretamente à senhora Angelmann, com o meu presente pessoal. E não tenha medo, eu sei fazer as coisas como um cavalheiro.

— Você é meu amigo, Horace! Nunca duvidei de você! — disse Angelmann, apertando as mãos dele com gratidão.

— Admito que não sou um mau tipo — disse Lupin com um ar falsamente modesto. — Meus respeitosos cumprimentos à senhora Angelmann, está bem? Ah! Por gentileza, ofereça-me um presente. Dê-me um conselho. Acha que ela ficaria ofendida se eu também lhe endereçasse o

caminhão número 15?

Angelmann ficou radiante.

— Claro que não, pelo contrário! Querido amigo! Pelo contrário! Ela ficaria muito comovida…

— Então está combinado! Adeus, Angelmann. Eu o verei de vez em quando… quando estiver de passagem por aqui…

— Está certo! A mesa estará posta à sua espera, e minha mulher vai ficar muito feliz…

— Não tenho dúvida.

***

Patricia voltou para a Maison-Rouge e para junto de Rodolphe. Arsène Lupin, sem se preocupar com a ferida e com o cansaço, partiu com seus quatro homens para perseguir os caminhões.

Foi somente depois de dois dias de atividade incessante que ele pôde, tendo deixado tudo em ordem, tomar de volta a estrada para a Maison-Rouge. Qualquer um já estaria morto de exaustão, mas Lupin parecia ser de ferro.

Assim que chegou, no entanto, ele foi para o seu quarto e ficou na cama. Victoire veio rodeá-lo como se fosse uma criança.

— Foi um bom trabalho. Está tudo resolvido — ele disse. — E agora vou dormir. Vou dormir durante vinte e quatro horas!

— Não está com frio, meu filhinho? — Victoire perguntou, preocupada. — Não está com febre?

Ele se esticou voluptuosamente em seus lençóis.

— Deus, como você fala! Deixe-me dormir, heroína vitoriosa.

— Não está com frio, meu pequeno, tem certeza? — ela repetiu.

— Estou morrendo de frio — ele finalmente admitiu, vencido pelo cansaço.

— Quer uma bebida quente? Uma infusa de vinho?

— Uma infusa? Samothrace[6], mas é um sonho! Veja só, você queria um nome de vitória para completar o seu patronímico, Samothrace é muito bonito! Como fica elegante! Prepare-me um grogue, prepare-me uma infusa, Samothrace!

Mas, quando a velha babá chegou com o grogue e a infusa, Arsène Lupin tinha esquecido tudo e mergulhado em um sono profundo.

— Dorme como uma criança. — disse Victoire, extasiada.

E ela bebeu o grogue.

Referência a Pierre Cambronne, general do Primeiro Império Francês, ferido na Batalha de Waterloo e que, intimidado a se render, proferiu a palavra *merde*. Desde então, muitos franceses substituem esse xingamento pelo próprio nome do general, como forma de serem mais educados ao manifestarem algum tipo de insatisfação. (N.T.)

Vitória de Samotrácia, ou Nice de Samotrácia, é uma esculta grega que representa a deusa Nice, que personificava a vitória, a força e a velocidade, e por isso foi representada por uma mulher alada. (N.T.)

Casamento

No convés do transatlântico *Bonaparte*, que os conduzia de volta para os Estados Unidos, Horace Velmont e Patricia estavam sentados lado a lado e observavam o horizonte.

— Eu suponho, Patricia — Horace disse de repente —, suponho que, neste momento, seu terceiro artigo já tenha sido publicado no *Allo-Police*.

— Certamente, pois eu o telegrafei há quatro dias — ela respondeu. — Além disso, li trechos dele nos telegramas publicados no quadro de notícias de Última Hora, no convés da segunda classe.

— Ainda desempenho um belo papel neles? — perguntou Velmont com um ar falsamente indiferente.

— Magnífico, especialmente na cena dos cofres. Sua ideia de usar Saïda é apresentada como a mais engenhosa e original das descobertas. Um tigre contra a polícia. Obviamente, isso não está ao alcance de todos, mas é um golpe de mestre.

Uma alegria orgulhosa inflamou Horace.

— Que barulho isso vai fazer pelo mundo! — ele disse. — Que escândalo! Que baluarte, que estrela!

Patricia sorriu daquela vaidade de ator aclamado.

— Seremos recebidos como heróis! — ela afirmou.

Ele mudou de tom.

— Você, Patricia, certamente. Mas, para mim, certamente reservam a cadeira elétrica.

— Está louco! Que crime você cometeu? Foi você quem ganhou o jogo e conseguiu a prisão de todos aqueles bandidos. Sem você, meu amigo, eu não teria chegado a lugar nenhum…

— Ainda assim, você chegou a esse resultado de levar Lupin, acorrentado como um escravo, à sua carruagem triunfante.

Ela olhou para ele, alarmada com essas palavras, e especialmente com a entonação grave que ele imprimiu.

— Espero que não tenha problemas por minha causa.

Ele encolheu os ombros.

— Como assim? Serei outorgado com um prêmio nacional e, para fixar residência nos Estados Unidos, vão me oferecer um arranha-céu de respeito e o título de Inimigo Público Número 1.

— É esse o desfecho de que você me falou há algum tempo — ela perguntou —, quando aludiu a um sacrifício necessário da sua parte?

Fez uma pausa. Seus lindos olhos umedeceram, e ela continuou:

— Receio que às vezes queira se separar de mim.

Ele não protestou. Ela murmurou:

— Não há felicidade para mim longe de você, meu amigo.

Ele a olhou e disse com amargor:

— Longe de mim, Patricia? Eu, o ladrão, o vigarista? Eu, Arsène Lupin?

— Você tem o coração mais nobre que conheço. O mais delicado, o mais compreensivo, o mais cavalheiresco.

— Por exemplo? — ele questionou, retomando um tom mais leve.

— Só mencionarei um. Como eu não queria levar Rodolphe para a América, temendo expô-lo às armadilhas dos adversários, você ofereceu que eu o deixasse na Maison-Rouge, sob os cuidados de Victoire…

— Cujo nome verdadeiro agora é Samothrace.

— E sob a proteção dos seus amigos e de Saïda.

Arsène Lupin encolheu novamente os ombros.

— Não é porque eu tenho um bom coração que fiz isso, mas porque eu a amo. Ah! Vamos, Patricia. Por que fica tão envergonhada quando lhe falo do meu amor?

Desviando o olhar, ela balbuciou:

— Não são suas palavras que me fazem corar. São seus olhares, os seus pensamentos secretos…

Ela se levantou abruptamente.

— Venha, vamos! Talvez haja registro de despachos recentes.

— Que seja! Vamos! — ele disse, levantando-se também.

Ela o conduziu ao quadro com as últimas notícias; alguns telegramas estavam expostos. Lia-se:

Nova Iorque. O próximo navio da França, o Bonaparte*, traz de volta Patricia Johnston, a famosa colaboradora do jornal* Allo-Police*, que ultimamente obteve brilhantes sucessos, permitindo que a polícia francesa capturasse um grupo de gângsteres liderado pelo siciliano Maffiano, culpado de muitos crimes, incluindo os dois assassinatos cometidos em Nova Iorque, de J. Mac Allermy e de Frédéric Fildes.*

Maffiano, tendo, como se sabe, perpetrado na França outros crimes graves, não será extraditado.

A municipalidade se prepara para receber honrosamente a senhorita Patricia Johnston.

Outra notícia dizia:

…Um telegrama do Havre afirma que Arsène Lupin embarcou no Bonaparte*. As precauções mais severas serão tomadas para garantir o desembarque do famoso ladrão. O inspetor-chefe Ganimard, da polícia de Paris, chegou ontem a Nova Iorque e terá toda a assistência necessária para que possa prender Arsène Lupin, seu antigo adversário, como fez da primeira vez, há um quarto de século. O policial francês embarcará na lancha da polícia americana, que irá ao encontro do* Bonaparte *com as autoridades militares e representantes da polícia americana.*

Um terceira notícia dizia o seguinte:

O jornal Allo-Police *anuncia que o senhor Allermy Junior, seu diretor, obteve permissão para ir, em seu iate, ao encontro de sua colaboradora, Patricia Johnston; um esquadrão de policiais estará à sua disposição para o desembarque.*

— Perfeito — exclamou Horace. — Seremos recebidos de acordo com nosso mérito, ou seja, eu, por uma mobilização policial, e você, pelo pai de seu filho.

Ao ouvir essas palavras zombeteiras, e também após a leitura dos despachos, Patricia assumiu um ar sombrio.

— Muitas ameaças — disse ela. — Não temo nada da parte de Allermy Junior, mas, quanto a você, meu amigo, sua situação é terrível.

— Chame Saïda com um apito — brincou Lupin. — Além disso, não tema nada por mim — disse ele mais seriamente. — Não estou em perigo. Ainda que eu consentisse em me deixar prender, o que é impossível, nenhuma acusação autêntica poderia ser feita contra mim. Mas me pergunto: o que será que esse Allermy Junior quer?

— Talvez tenhamos feito mal em viajar juntos — observou Patricia. — Uma investigação provará facilmente que não nos deixamos desde o Havre.

— Sim, à noite. Nunca pus os pés na sua cabine.

— Nem eu na sua.

Ele olhou fixamente para ela.

— Você se arrepende, Patricia? — ele perguntou com a voz alterada.

— Talvez — ela respondeu seriamente.

Ela direcionou seu belo rosto voluptuoso para ele e, depois de um longo olhar, trêmula, ofereceu-lhe seus lábios…

Naquela noite, eles jantaram juntos, a sós. E Lupin pediu champanhe.

— Vou deixá-la, Patricia — disse ele por volta das onze horas, quando o *Bonaparte* tinha acabado de atravessar o canal e estava ancorando no porto.

Ela murmurou dolorosamente:

— Foram as nossas primeiras horas de felicidade, meu amigo. Talvez sejam os últimas.

Ele a tomou em seus braços.

***

No início da manhã, Patricia fez sua *toilette* e preparou sua *nécessaire* de viagem. Horace Velmont, ou melhor, Arsène Lupin, já não estava mais lá. À porta, a chave continuava na fechadura, fechada com duas voltas. Mas Patricia sentiu um ar úmido e frio invadir a cabine e constatou que a janela do postigo não estava fechada. Ele teria passado por ali? Com que intenção? Do postigo não se podia voltar ao convés. Sem encontrar o menor vestígio de seu companheiro, Patricia ainda almoçou a bordo do *Bonaparte*. Após a refeição, ela estava prestes a subir para o convés quando lhe trouxeram uma mensagem. Henry Mac Allermy solicitava uma entrevista. Sem hesitar, a jovem recusou.

As horas se arrastaram, lentas, intermináveis para Patricia, que, febril, estava à espera dos acontecimentos. Que acontecimentos? Ela não sabia…

O porto tinha sido invadido por barcos, iates de passeio, lanchas e torpedeiros. Hidroaviões voavam no céu. Uma animação extraordinária reinava ao longo do cais onde a multidão se aglomerava. Mil ruídos se misturavam: apitos de sirene, jatos de vapor, pacotes sendo descarregados, gritos…

Patricia continuava esperando. Ela não sabia onde estava Lupin, não sabia o que ele estava fazendo, mas agora tinha uma certeza irracional, mas formal, de que não deveria desembarcar até ter notícias dele — e de que ia consegui-las de uma forma ou de outra.

Essa esperança não se enganou. Às cinco da tarde, ela leu na primeira edição dos jornais da tarde a seguinte nota, comunicada pela polícia:

PIRATA ARSÈNE LUPIN

No meio da noite passada, o mais famoso dos foras da lei modernos, ajudado por alguns cúmplices, sequestrou o Allo-Police, *iate de Mac Allermy Junior. A tripulação, atacada de surpresa, foi desarmada, e os oficiais, trancados em suas cabines. Os assaltantes então assumiram o comando da embarcação. Essa situação inverossímil durou até por volta do meio-dia, quando os oficiais cativos conseguiram se comunicar entre eles através de um buraco de uma partição, e um deles conseguiu abrir as portas de seus companheiros, libertar os marinheiros e travar uma batalha contra os piratas. Apesar da sua resistência, estes últimos foram finalmente forçados a se render. Arsène Lupin, depois de uma luta feroz, teve que ceder. Perseguido como um animal selvagem por todo o navio, ele foi finalmente encurralado na amurada. Mas, no momento em que seria capturado, saltou para fora do navio e mergulhou nas ondas. Nenhuma das inúmeras pessoas que assistiram à cena o viu voltar à superfície.*

É inútil dizer que a polícia, alerta desde a manhã, havia tomado todas as precauções. Um cordão de agentes cobria toda a margem. Botes demarcavam o porto. Metralhadoras estavam a postos. Até este momento (três e meia da tarde) não houve nenhuma novidade que permitisse conhecer o destino do líder dos piratas. A convicção absoluta do grande chefe da polícia é de que Arsène Lupin, incapaz de acostar, vendo-se perdido, exausto de cansaço, tenha talvez se afogado. Estão à procura de seu corpo. Qual era o objetivo de Arsène Lupin ao atacar o iate do senhor

Mac Allermy? O senhor Mac Allermy, que não estava a bordo no momento do ataque, declarou não saber. O famoso policial francês Ganimard também o ignora, mas ele não acredita na morte do famoso aventureiro.

Patricia tinha lido essas linhas com uma grande emoção que se transformou em angústia quando se falou do desaparecimento de Arsène Lupin e da sua provável morte. Mas ela logo balançou a cabeça e sorriu: Arsène Lupin terminar assim… Arsène Lupin se afogar… impossível. O inspetor Ganimard tinha razão…

— O que devo fazer? — perguntou-se a jovem. — Continuar esperando aqui? Ou desembarcar? Onde Lupin pretende me encontrar? E será que me encontrará? — E as lágrimas molharam seus olhos.

Passou mais uma hora, depois outra, e uma última edição do jornal trouxe novas informações que ela leu apaixonadamente.

O jornal dizia isto:

Mac Allermy Junior acaba de ser encontrado em sua sala de diretor do Allo-Police*, amarrado a uma poltrona e amordaçado. Seu cofre foi arrombado e esvaziado de uma soma de 1.500 dólares, que foi substituída por esta breve missiva:*

"O dinheiro será totalmente reembolsado. Tive de usá-lo para pagar o meu bilhete no Normandie*, onde organizo, para o retorno, uma noite de ilusionismo com demonstrações práticas com os relógios e as carteiras dos passageiros. A. L."*

Na frente de Mac Allermy Junior, como se conversasse com ele, estava sentado em outra poltrona o inspetor-chefe Ganimard, vestindo cueca e casaco de flanela, também amarrado e amordaçado. Ele disse, sem querer dar mais explicações, que Arsène Lupin tinha tirado suas roupas para se vestir e, assim, fugir disfarçado. O senhor Henry Mac Allermy não quis se pronunciar. Por que esse silêncio? Que ameaças fez o temível aventureiro a essas duas vítimas?

Ao terminar a leitura, Patricia não pôde deixar de sorrir com um pouco de orgulho. Que super-homem esse Lupin! Que audácia! Que maestria!

Mas para que permanecer a bordo, então? Não seria lá que ela receberia uma mensagem de Lupin.

Ela desembarcou depressa e pegou um táxi para sua casa. Entrou. O apartamento estava repleto de flores. Um jantar a esperava, servido em uma mesa redonda, e, perto da mesa, em uma poltrona da qual se levantou, havia um convidado.

— Você! Você! — ela exclamou, atirando-se, rindo e chorando, nos braços de seu amado.

Ele lhe perguntou, depois de muitos beijos:

— Não estava preocupada?

Ela encolheu os ombros, sorrindo.

— Oh! Eu sei bem que você sempre escapa de tudo!

Jantaram alegremente. Então ele disse, à queima-roupa, e em um tom sério:

— Sabe, Patricia, está tudo preparado.

— O quê? O que está preparado? — ela perguntou, espantada.

— Seu futuro. Nós conversamos, Junior e eu, antes que eu o amordaçasse. Depois de longas discussões, chegamos a um acordo.

Lupin serviu uma taça de champanhe.

— Bem, é o seguinte: ele vai se casar com você.

Patricia vacilou.

— Que seja, mas eu não me caso com ele — ela disse friamente. — Como pôde pensar nisso? Sim, eu entendo, você não me ama!

A voz dela estava engasgada, os olhos se afogavam em lágrimas. Ela retomou:

— Era esse o desfecho que você desejava? Mas eu não vou ceder! Nunca!

— Mas será necessário — ele declarou, com os olhos fixos nela.

Ela encolheu os ombros.

— Sou livre para aceitar ou recusar, me parece.

— Não.

— Por quê?

— Porque você tem um filho, Patricia.

Ela estremeceu novamente.

— Meu filho é meu.

— Seu e do pai dele.

— Tenho a custódia dele, eu o criei, ele é só meu e nunca consentirei em entregar Rodolphe.

Lupin disse com melancolia:

— Pense em seu futuro, Patricia! Henry Mac Allermy quer se divorciar para se casar com você e reconhecer o filho dele. Ele legará a Rodolphe um nome imaculado e uma das maiores fortunas dos Estados Unidos. Posso fazer o mesmo por ele? Nossa experiência recente nos provou que o conteúdo dos meus cofres é alvo da cobiça dos meus inimigos. Será que eles sempre vão falhar nas suas maquinações?

Houve um silêncio sombrio. Patricia parecia arrasada. Lupin disse mais baixo:

— Que nome teria Rodolphe? Qual seria a situação social dele? Não se pode ser filho de Lupin…

Outro silêncio. Patricia ainda estava hesitante, mas sabia que o sacrifício era inevitável.

— Eu aceito — disse ela enfim. — Mas com a condição de voltar a vê-lo.

— O casamento só acontecerá daqui a seis meses, Patricia…

Patricia se surpreendeu, olhou para ele, e seu rosto se iluminou de alegria.

— Seis meses! Por que o senhor não disse antes? Seis meses! Mas é uma eternidade!

— Mais ainda, se soubermos usá-los. Vamos nos apressar — disse Lupin.

Ele encheu duas taças de champanhe.

— Comprei o iate do Junior — disse ele. — É a bordo dele que pretendo regressar à França. A polícia vai me deixar em paz; ela precisa muito de mim para me incomodar. Estou em bom acordo com o prefeito. Ganimard silenciará Béchoux, porque eu o avisei: minha tranquilidade contra meu silêncio. Sim, sobre a história do despimento. Imagine isso nas revistas de fim de ano, o inspetor-chefe de cuecas. Ele seria ridicularizado para sempre! E ele me prometeu um lugar para assistir à morte de Maffiano na guilhotina.

Patricia já não ouvia mais nada; ela só pensava nos dois.

— Eu vou voltar no iate com você — disse ela a Lupin, corada de alegria. — Será maravilhoso! Vamos embora o mais rápido possível.

Lupin começou a rir.

— Imediatamente, agora mesmo! E, atravessado o oceano, seguiremos o curso do Sena até a Maison-Rouge, onde nos instalaremos. Você verá

Rodolphe novamente. Isso será fascinante!

Ele pegou sua taça e a levantou:

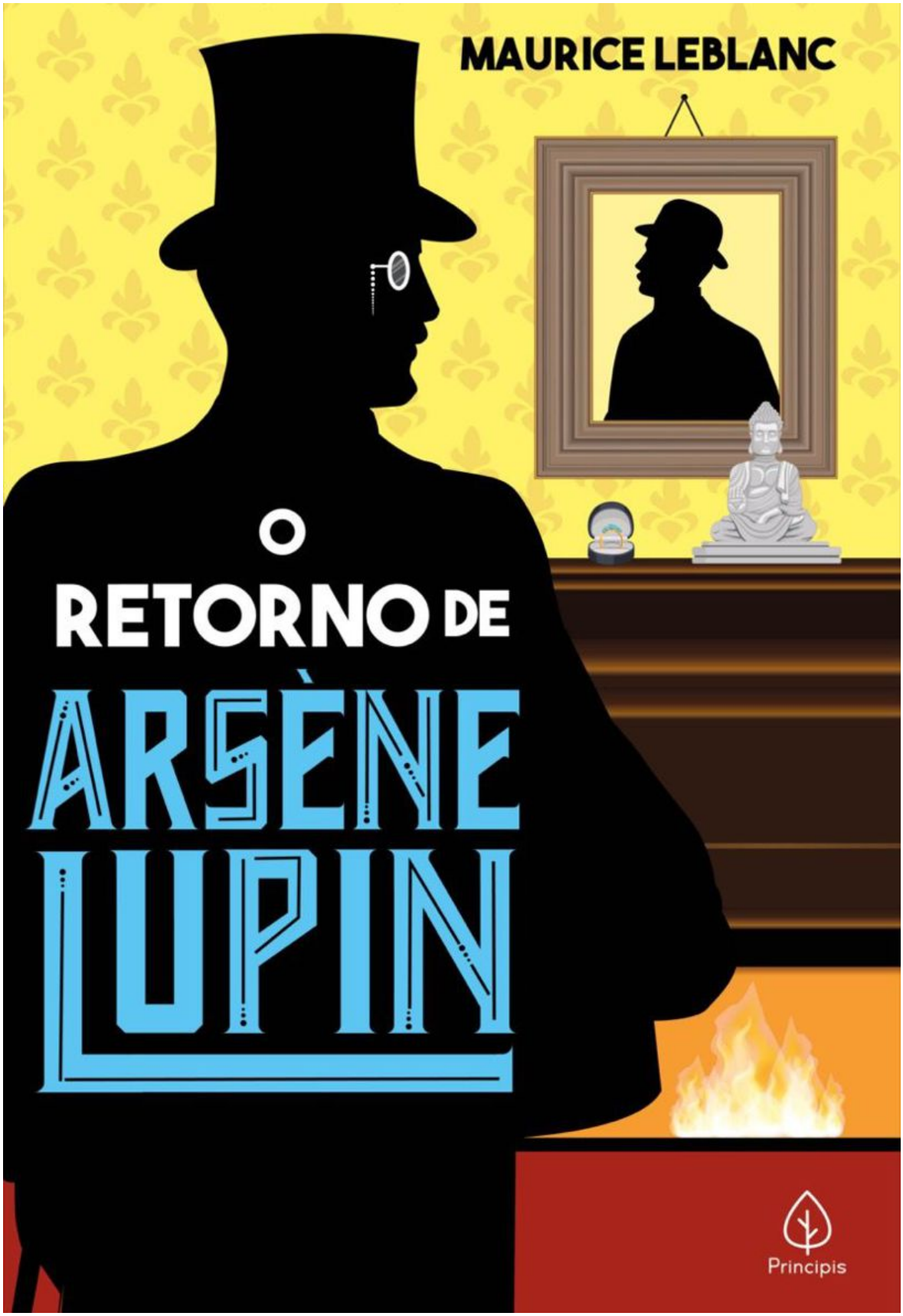
— À nossa felicidade!

E Patricia respondeu em eco:

— À nossa felicidade!

MAURICE LEBLANC

O RETORNO DE ARSÈNE LUPIN



Principis

MAURICE LEBLANC
O
RETORNO DE
ARSÈNE
LUPIN
Tradução
Bruno Anselmi Matangrano
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le retour d'Arsène Lupin/Une aventure d'Arsène Lupin/Le pardessus d'Arsène Lupin
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Bruno Anselmi Matangrano
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Diagramação
Linea Editora
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Nadia X/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com;
klyaksun/Shutterstock.com;
Simply Amazing/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445r Leblanc, Maurice

O retorno de Arsène Lupin [recurso eletrônico] / Maurice Leblanc ; traduzido por Bruno Anselmi Matangrano. - Jandira, SP : Principis, 2021.

128 p. ; ePUB ; 1 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Le retour d'Arsène Lupin/Une aventure d'Arsène Lupin/Le pardessus d'Arsène Lupin
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-371-3 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Matangrano, Bruno Anselmi. II. Título. III. Série.

2021-651 CDD 843.7
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843.7
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O Sobretudo de Arsène Lupin

Com as mãos às costas, o pescoço enfiado em sua jaqueta e todo o seu ávido rosto crispado pela reflexão, Jean Rouxval media com um passo rápido seu vasto gabinete de ministro, em cujo umbral o chefe dos oficiais aguardava suas ordens. Uma ruga preocupada marcava sua testa. Escapavam-lhe gestos trêmulos traindo essa agitação extrema que nos abala em certos minutos dramáticos da vida.

Detendo-se de repente, disse com uma ênfase decidida:

— Um cavalheiro e uma dama de certa idade se apresentarão. O senhor os fará entrar no salão vermelho. Depois, virá um cavalheiro sozinho, mais jovem, que o senhor conduzirá à grande sala. Eles não podem nem se falar nem se ver, está bem? E venha me avisar na mesma hora.

— Está bem, senhor Ministro.

A personalidade política de Jean Rouxval se apoiava sobre fortes qualidades de energia e inteligência laboriosa. A guerra, da qual havia participado desde o início, para vingar seus dois filhos desaparecidos e sua esposa morta de desgosto, havia lhe conferido um senso — por vezes excessivo — de disciplina, de autoridade e de dever. Em todos os negócios aos quais os acontecimentos se misturavam, tomava sempre para si a maior responsabilidade possível. Em virtude disso, concedia a si mesmo o máximo possível de direitos. Amava seu país com uma espécie de frenesi contínuo, que lhe mostrava como justos e permitidos atos frequentemente arbitrários. Tais razões lhe valiam a estima de seus colegas, mas certa desconfiança, que suscitava o exagero de suas qualidades. Temiam sempre que ele arrastasse o gabinete para complicações inúteis.

Olhou seu relógio. Vinte para as cinco. Ainda havia tempo de dar uma olhada no dossiê do temível caso que lhe provocava tal ansiedade. Mas, nesse momento, soou o toque do telefone. Ele o tirou do gancho. Desejavam falar com ele diretamente da presidência do Conselho.

Aguardou. Por bastante tempo. Enfim, a comunicação foi estabelecida, e ele replicou:

— Sim, sou eu, meu caro presidente.

Escutou, pareceu contrariado e pronunciou com um tom um pouco amargo:

— Meu Deus, senhor presidente, vou receber o agente que acaba de me enviar. Mas o senhor não acha que sozinho eu teria obtido as certezas que buscamos…? Enfim, já que insiste, meu caro Presidente, e já que esse Hercule Petitgris é, em suas próprias palavras, um especialista em matéria de investigação, ele assistirá ao inquérito que preparei… Alô…? O senhor tem razão, meu caro presidente, tudo isso é extremamente grave, sobretudo por causa de alguns rumores que começam a circular… Se não chegar a uma solução imediata, e a verdade confirmar nossos temores, será um escândalo terrível e um desastre para o país… Alô… Sim, sim, o senhor pode ficar tranquilo, meu caro presidente, farei o impossível para resolver… E resolverei… É preciso…

Algumas palavras ainda foram trocadas, depois Rouxval desligou o telefone e repetiu entre dentes:

— Sim… É preciso… É preciso… Tamanho escândalo…

Refletia sobre os meios que lhe permitiriam resolver tudo quando teve a sensação de que alguém se encontrava perto de si, alguém que buscava não se fazer notar.

Ele virou a cabeça e ficou paralisado. A quatro passos se erguia um indivíduo com um semblante bastante miserável, aquilo que chamamos de um pobre-diabo, e o tal pobre-diabo tinha seu chapéu à mão, segundo a humilde atitude de um mendigo em busca de um centavo.

— O que o senhor está fazendo aqui? Como entrou?

— Pela porta, senhor ministro… Seu oficial estava ocupado conduzindo umas pessoas ora à direita, ora à esquerda. Eu passei direto.

O indivíduo baixou a cabeça respeitosamente e se apresentou:

— Hercule Petitgris… “o especialista” que o senhor presidente do Conselho acaba de lhe anunciar, senhor ministro…

— Ah, o senhor escutou…? — perguntou Rouxval, irritado.

— O que o senhor teria feito em meu lugar, senhor ministro?

Era um ser magricela e lamentável, cuja expressão triste, os cabelos, o bigode, o nariz, as bochechas magras, os cantos da boca caíam melancolicamente. Seus braços desciam com lassidão ao longo de um sobretudo esverdeado que parecia não lhe caber nos ombros. Exprimia-se como se estivesse pedindo desculpas, não sem algum cuidado, mas deformando por vezes algumas sílabas, à maneira das pessoas do povo. Ele pronunciava: "sô ministro… s'oficial".

— Até escutei, sô ministro — continuou ele —, que o senhor falava de mim como um agente. Errado! Não sou agente de nadinha de nada, pois fui dispensado, na prefeitura, por "caráter insípido, embriaguez e preguiça". Estou citando o texto de minha dispensa.

Rouxval não conseguiu esconder seu espanto.

— Eu não entendo. O senhor presidente do Conselho o recomendou a mim como um homem capaz, dotado de uma lucidez desconcertante.

— Desconcertante, sô ministro, é bem a palavra, e é por isso que esses guardas querem me usar nos casos que ninguém resolveu ou poderia resolver, e fazendo vista grossa aos meus pequenos hábitos. O que o senhor queria? Não sou um trabalhador. Adoro beber quando dá na telha, e tenho um fraco por apostar nas cartas. Quanto ao caráter, isso não conta. Simples bobagem. Ficam me repreendendo por ser vaidoso e insolente com meus empregadores, não é? E então? Quando eles se atrapalham e eu vejo claramente, não tenho o direito de lhes dizer isso e de rir um tiquinho? Veja, sô ministro, mais de uma vez recusei dinheiro para manter o direito de cair na gargalhada. Eles ficam tão engraçados nessas horas! Olhando torto…!

Em sua expressão caída, abaixo de seus bigodes melancólicos, o canto esquerdo da sua boca se retorceu em um sorrisinho silencioso, que descobria um canino desmesurado, um canino de uma besta feroz. Durante um segundo ou dois, isso lhe deu um ar de uma alegria sardônica. Com tamanho dente, aquela figura devia morder forte.

Rouxval não tinha medo de ser mordido. Mas seu interlocutor não lhe dizia nada de bom e teria se livrado dele de pronto se o presidente do Conselho não o tivesse imposto com uma tamanha insistência.

— Sente-se — disse, com um tom rude. — Vou interrogar e confrontar entre si três pessoas que estão aqui. Caso o senhor tenha alguma observação a fazer, deve me comunicá-la diretamente.

— Diretamente, Sô Ministro, e baixinho, como é meu hábito quando o supervisor se atrapalha…

Rouxval franziu o cenho. Primeiro, detestava que não mantivessem alguma distância de si. Depois, como muitos homens de ação, tinha raciocínio muito rápido e medo do ridículo. Aplicada a ele, essa expressão quanto a "trapalhadas" parecia, ao mesmo tempo, um ultraje inadmissível e uma ameaça voluntária. Mas já tocara a campainha, e o oficial entrou. Sem mais esperar, deu ordem para as três pessoas serem introduzidas.

Hercule Petitgris retirou seu sobretudo esverdeado, dobrou-o cuidadosamente e se sentou.

O cavalheiro e a dama se apresentaram primeiro. Ambos estavam de luto e tinham aparência distinta; ela, alta, ainda jovem e muito bela, com cabelos acinzentados e um pálido rosto de traços severos; ele, mais baixo, magro, elegante, com o bigode quase branco.

Jean Rouxval lhe disse:

— Senhor conde de Bois-Vernay, não é?

— Sim, senhor ministro. Minha esposa e eu recebemos sua convocação, com a qual ficamos um pouco surpresos, confesso. Mas queremos crer que ela não nos anuncia nenhum incômodo, não? Minha esposa está sofrendo bastante…

Ele a olhava com uma preocupação afetuosa. Rouxval pediu que se acomodassem e respondeu:

— Estou convencido de que tudo se resolverá da melhor forma e que a senhora de Bois-Vernay desculpará o pequeno transtorno que estou causando.

A porta se abriu de novo. Um homem de uns vinte e cinco a trinta anos avançou. Tinha condição mais modesta, pouco cuidadoso em sua apresentação, e sua fisionomia, embora simpática e agradável, trazia sinais de decadência e cansaço que ofuscavam aquele ser jovem e de ombros largos.

— O senhor é Maxime Lériot?

— Sou eu, senhor ministro.

— O senhor conhece o cavalheiro e a senhora?

— Não, senhor ministro — afirmou o recém-chegado, observando o conde e a condessa.

— Nós também não conhecemos esse senhor — falou o conde de Bois-Vernay, ante uma questão de Rouxval.

Este deu um sorriso.

— Lamento que a entrevista esteja começando com uma declaração contra a qual sou obrigado a protestar. Mas esse pequeno erro se dissipará por si só no momento oportuno. Não vamos rápido demais, e, sem nos demorar ao que não é essencial, vejamos as coisas pelo começo.

E, servindo-se do dossiê aberto sobre a mesa, ele se voltou a Maxime Lériot e pronunciou com uma voz na qual havia alguma hostilidade:

— Começaremos pelo senhor. O senhor nasceu na aldeia de Dolincourt, na região dos rios Eure e Loire, filho de um camponês trabalhador que deu o sangue para lhe dar uma educação respeitável. Devo dizer que o senhor o recompensou amplamente com o seu trabalho. Estudos sérios, conduta perfeita, atenções delicadas para com seu pai. Em tudo o senhor se mostrou um bom filho e um impecável aluno. O recrutamento o surpreendeu nomeando-o simples soldado dos caçadores a pé[1]. Quatro anos mais tarde, o senhor já era suboficial, condecorado com a Cruz de Guerra, com cinco menções honrosas. O senhor serviu em um combate. Ao fim de 1920, o senhor se encontra em Verdun[2]. Sempre em excelente traje. Suas notas o apontam como sendo capaz de ser um bom oficial, e o senhor inclusive sonha em passar no exame. Ora, lá pela metade de novembro daquele ano, uma reviravolta. Uma noite, em uma boate de quinta categoria, depois de ter esvaziado dez garrafas de champanhe, com a cabeça confusa, ao longo de uma discussão sem motivo, o senhor saca sua espada. Alguém o detém. O senhor é levado para a delegacia, onde é revistado. O senhor traz consigo cem mil francos em dinheiro vivo. Onde o senhor conseguiu esse dinheiro? O senhor não pôde explicar.

Maxime Lériot protestou:

— Desculpe, senhor ministro, mas eu disse que esse dinheiro foi depositado para mim por alguém que quis permanecer anônimo.

— Explicação sem valor. Em todo caso, uma investigação é aberta pela autoridade militar. Que nada descobre. Mas, seis meses depois, liberado de qualquer serviço, o senhor é o centro de outro escândalo. Dessa vez, sua

carteira continha quarenta mil francos em títulos da Defesa Nacional. E, ali de novo, o silêncio e o mistério.

Lériot não se deu ao trabalho de responder. Parecia considerar esses acontecimentos como totalmente insignificantes, e não se impressionou mais ante a menção de outros dois contratempos exatamente do mesmo gênero que tivera com a justiça.

— E, de novo — continuou Rouxval —, nenhuma explicação, não é? O senhor pode nos dizer como encara essa vida de devassidão que tem levado desde então? Sem emprego, sem receita declarada e, no entanto, o dinheiro escorre entre seus dedos como se a fonte fosse inesgotável.

— Tenho amigos — murmurou Maxime Lériot.

— Quais amigos? Ninguém os conhece. O bando com o qual o senhor frequenta as casas de prazer se renova constantemente e, aliás, nele só há indivíduos de má reputação que vivem à sua custa. Os agentes especiais que se ocuparam de seu caso nessa época nada descobriram, e o senhor continuou a seguir no mau caminho. Só o acaso, ou uma imprudência de sua parte, poderia se voltar contra o senhor. Foi o que aconteceu. Um dia, sob o Arco do Triunfo, não longe do túmulo do Soldado Desconhecido[3], um homem se aproximou de uma dama que todos os dias ia lá rezar e lhe disse esta frase: "Aguardo amanhã o depósito do seu marido. Avise-o, senão…" O tom era ameaçador, a atitude do homem, irritada e cruel. A senhora ficou agitada e voltou rapidamente para seu automóvel. Devo especificar que uma dessas pessoas era o senhor, Maxime Lériot, e a outra, a condessa de Bois-Vernay e que, há pouco, ambos simulavam não se conhecer?

Rouxval, bruscamente, levantou as mãos:

— Eu lhe suplico, meu senhor — disse ao conde, que ia interromper —, nem tente negar o evidente. Isso que estou afirmando não é o resultado de deduções ou hipóteses nem a interpretação de mexericos, mas a estrita enumeração dos fatos que chegaram até mim ou que descobri por mim mesmo. Assim como o senhor, que perdeu seu filho na guerra, e a senhora de Bois-Vernay, que vai rezar todos os dias junto ao Mármore Sagrado, também *eu* perdi os meus dois e não há semana em que eu não me detenha ali para conversar com eles. Ou seja, a cena aconteceu do meu lado. Fui eu quem escutou a frase pronunciada. E foi para minha própria satisfação pessoal, sem nada saber ainda dos incidentes que acabei de

expor, que me ocupei em saber quem havia falado daquela forma e quem era a vítima do que me pareceu uma chantagem.

O conde se calou. Sua esposa não tinha se mexido. Em seu canto, o policial Hercule Petitgris balançou a cabeça, parecendo aprovar a maneira como o interrogatório estava sendo conduzido. Jean Rouxval, que o observava com o canto do olho, sentia-se seguro por isso. O dente não despontava no canto da boca. Tudo se passava, portanto, da melhor forma, e ele prosseguiu, apertando cada vez mais o laço de sua acusação:

— A partir do momento em que as circunstâncias me deram a supervisão desse caso, ele mudou de figura, pela razão que se revelou a mim mais em um âmbito do que em outro. Que eu me desse conta ou não, essa lembrança dominou todos os meus pensamentos e dirigiu a investigação que fiz quase involuntariamente, sob a ordem categórica de uma intuição à qual não pude resistir. Num instante, em vez de ver em Maxime Lériot o homem de hoje, vi o soldado de antigamente. Seu passado me interessou mais do que seu presente. Ora, instantaneamente, ao primeiro olhar lançado sobre o dossiê, duas coisas me chamaram a atenção, um nome e uma data: Maxime Lériot se encontrava em Verdun, e ele lá estava no mês de novembro de 1920. Para um pai que chora seus filhos desaparecidos, há nesse nome e nessa data alguma coisa de particular. Sua proximidade adquire um significado imediato. Se, todos os dias, a senhora de Bois-Vernay vai rezar sob o Arco do Triunfo, se lá vou eu com tanto fervor, é porque, na véspera de 11 de novembro de 1920, aniversário do armistício, aconteceu, nos subterrâneos da cidade santa, a mais solene das cerimônias. Isso bem estabelecido, como se explicava a presença, sob o Arco do Triunfo, de Maxime Lériot, suboficial dos caçadores em Verdun, em novembro de 1920? Fui me informar no local. Não foi difícil nem demorou. Seu antigo chefe de batalhão, que interroguei, mostrou-me logo o texto de uma decisão assinada por ele naquela época e cuja leitura foi para mim um faixo de luz. O condutor de um dos oito carros funerários que tinham levado, de oito pontos diferentes dos campos de batalha, os oito cadáveres não identificados entre os quais deveria ser escolhido o Soldado Desconhecido, esse condutor não era ninguém menos do que o suboficial Lériot.

Jean Rouxval bateu com o punho no dossiê, e, com o rosto crispado, todo o seu ser tenso dirigido ao adversário, recitou com uma voz baixa:

— Era o senhor, Maxime Lériot, e, na galeria subterrânea onde se passou a cerimônia histórica, entre aqueles que compunham a guarda de honra, era o senhor outra vez, Maxime Lériot. Seu heroísmo, seu renome militar, tinham feito o senhor ser eleito entre aqueles que desempenhavam um papel entre as bandeiras tricolores e as panóplias que ornamentavam as paredes da capela ardente. O senhor estava lá, e, por consequência…

A emoção interrompeu a interpelação veemente de Rouxval. Aliás, tinha uma necessidade de dizer palavras mais precisas para que adivinhassem seu pensamento secreto. Hercule Petitgris continuava balançando a cabeça com uma visível aprovação, que superexcitava o ardor e a convicção do ministro.

O antigo suboficial não soltava um pio. Como tropas sitiando o inimigo encurralado, as frases, primeiro hesitantes, depois vigorosas e lógicas, de Rouxval tinham investido contra o adversário antes que ele levantasse a guarda. O conde escutou e observou sua esposa com um ar preocupado.

Rouxval disse em voz baixa:

— Até aqui, mesmo no mais íntimo do meu ser, só havia tido pressentimentos vagos, e ainda não tivera uma suspeita nitidamente formulada. Receava compreender, e foi com esse mesmo estado de espírito temeroso, apavorado, que busquei as provas daquilo que não queria saber. Elas foram implacáveis. Vou enumerá-las em sua ordem cronológica e, brevemente, sem nenhum comentário. Elas proclamam, por si mesmas, por sua simples exposição, a série de fatos que se encadeiam e os atos que foram cometidos. Primeiro, essa aqui. No dia de Todos os Santos, depois em 3 de novembro, e nos dias 4 e 5, o suboficial Lériot, de quem eu consegui reconstituir exatamente a vida cotidiana, apresentava-se, caída a noite, em um albergue isolado, onde ele encontrou um senhor e uma senhora com os quais permaneceu em conferência até o jantar. Esse cavalheiro e essa dama tinham vindo de carro, parece, de uma grande cidade próxima onde moravam em um hotel, cujo endereço me deram. Fui até lá e pedi o registro. Do dia 1º ao dia 11 de novembro de 1920, tinham pernoitado naquele hotel o conde e a condessa de Bois-Vernay.

Um silêncio. O rosto pálido da condessa ficou pensativo. Rouxval folheou seu dossiê. Tirou duas folhas, as quais desdobrou.

— Aqui estão duas certidões de nascimento. Uma diz respeito a Maxime Lériot, nascido em Dolincourt, na região de Eure-et--Loir, em 1895. É a

sua, Maxime Lériot. A outra é a de Julien de Bois-Vernay, nascido em Dolincourt, Eure-et-Loir, em 1895. É a de seu filho, senhor de Bois-Vernay. Logo, mesma origem e mesma idade, não é? Isso é ponto pacífico. Eis, agora, uma carta do prefeito de Dolincourt. Os dois jovens tiveram a mesma ama. Durante toda a juventude, tinham conservado relações de camaradagem. Foram recrutados ao mesmo tempo. Nova certeza.

Rouxval continuou a folhear seu dossiê, e ia enunciando aos poucos:

— Aqui está a certidão de óbito de Julien de Bois-Vernay, morto em 1916, em Verdun. Eis a cópia do certificado de sepultamento no cemitério de Douaumont. Aqui temos um trecho do relatório do suboficial Lériot, que recolheu "em uma trincheira, próxima à estrada de Fleury para Bras, e perto de um antigo pronto--socorro, os restos mortais ressecados, mas intactos de um soldado de infantaria desconhecido…" Enfim, aqui vemos o levantamento topográfico da região. O antigo pronto-socorro está aqui, a quinhentos metros do cemitério onde foi inumado Julien de Bois--Vernay. Fui de um ao outro. Mandei cavarem a terra: o túmulo estava vazio. O que foi feito do caixão de Julien de Bois-Vernay? Quem a roubou do cemitério de Douaumont? Quem, senão o senhor, Maxime Lériot, o amigo de Julien, o amigo do conde e da condessa de Bois-Vernay?

Nenhuma das frases de Rouxval deixava de contribuir ao estabelecimento de uma verdade cuja evidência se impunha. Todas envolviam o inimigo em argumentos irrecusáveis. Só lhes cabia se submeter.

Rouxval se aproximou de Lériot e lhe disse, olhando em seus olhos:

— Alguns pontos permanecem obscuros. É necessário esclarecê--los e conhecer, hora por hora, o que se passou nas sombras, ao longo dessa missão da qual o senhor estava encarregado? Não, certo? A sinistra aventura está inscrita, por assim dizer, nas páginas de um livro aberto. Sabemos que o caixão de seu irmão de leite foi, primeiramente, transportado de Douaumont, onde descansava em um túmulo regular, até a trincheira onde haviam enviado o senhor em busca de um combatente que não pôde ser identificado. Sabemos que o senhor o pegou lá, e sabemos que foi este que trouxe para junto dos outros no abrigo antiaéreo de Verdun. Estamos de acordo, não é? E, em seguida, para a designação suprema entre os oito Desconhecidos…

Mas Rouxval não terminou. Secou sua testa coberta de suor e precisou de certo tempo para retomar a palavra, com sua mesma entonação surda e

ansiosa:

— Se ouso evocar a cena, é com dificuldade… Qualquer palavra de dúvida sobre isso é uma blasfêmia. E, no entanto, não é uma certeza em vez de uma dúvida? Ah! Que coisa atroz! Lembrou--me das instruções que foram dirigidas a um dos combatentes da guarda de honra: "Soldado, aqui está um buquê de flores colhidas nos campos de batalha, coloque-a em um desses caixões, que será aquele do soldado que o povo da França acompanhará até o Arco do Triunfo… Os senhores escutaram essas palavras. Choravam, evidentemente, como os outros, ao escutá-las. E, apesar de tudo, por uma traição monstruosa… Mas como essa traição pôde acontecer? Como realizaram a pilantragem infame…? Não é possível que esse combatente designado ao acaso tenha lhes vendido sua escolha, nem que sua mão tenha sido guiada quando ele depositou o buquê, não é? Então…? Então…? Respondam agora!

Jean Rouxval os interrogava, mas seria possível dizer que tinha medo de ouvir a confissão. Sua ordem não tinha aquela nota imperiosa que força a verdade. Seguiu-se um longo silêncio, todo pesado de embaraço e ansiedade. A senhora de Bois-Vernay respirava sais que seu marido lhe estendia. Ela parecia muito fraca e quase desmaiando.

Por fim, Maxime Lériot desembuchou algumas explicações confusas:

— De fato, aconteceram coisas… que poderiam fazê-lo acreditar, senhor ministro… Mas há também enganos, mal-entendidos…

Incapaz de dissipar por si mesmo esses enganos e mal-entendidos, voltou-se para o conde para lhe pedir ajuda. Este olhou para sua esposa, como um homem que teme começar uma luta perigosa e que se pergunta em qual lado deve ficar. Depois, levantou-se e disse:

— Senhor Ministro, permite-me fazer-lhe uma questão?

— Claro.

— Acontece, senhor ministro, que, pela forma como o senhor conduziu esse interrogatório, estamos aqui, os três, diante do senhor, como culpados. Antes de nos defender contra uma acusação, que ainda não entendi bem, gostaria de saber em nome de que o senhor está nos interrogando e com que direito o senhor exige que respondamos.

— Em virtude, senhor — replicou Rouxval —, do meu imenso desejo de abafar um caso que, se tornado público, teria para meu país consequências incalculáveis.

— Se o caso é tal como o senhor o expôs, senhor ministro, não há nenhuma razão para crer que ele possa se tornar público.

— Há, meu senhor. Sob a influência da bebida, Maxime Lériot pronunciou algumas palavras que não foram bem compreendidas, mas que deram margem a interpretações, a rumores…

— Falsos rumores, senhor ministro.

— Não importa! Quero cortar esse mal pela raiz.

— Como?

— Maxime Lériot deixará a França. Um emprego lhe será reservado no sul da Argélia. Estou convencido de que o senhor terá todo o gosto de lhe fornecer os fundos necessários.

— E nós, senhor ministro?

— Partirão também, o senhor e a senhora. Longe da França, estarão protegidos de qualquer chantagem.

— O exílio, então?

— Sim, senhor, durante alguns anos.

O conde olhou outra vez para sua esposa. Apesar de sua palidez e de seu aspecto frágil, *ela* causava, ao contrário, uma impressão de energia e de obstinação determinada. Ela se colocou à frente e disse, resoluta:

— Nem por um dia, senhor ministro — disse ela —, nem mesmo por uma hora, eu ficarei longe de Paris.

— Mas por quê, senhora?

— Porque ele está lá, no túmulo.

A curta frase que constituía a confissão mais formal e mais terrível se prolongou em um silêncio aterrador, como um eco que repetiria, sílaba por sílaba, uma mensagem de morte e de luto. Havia na senhora de Bois-Vernay mais do que uma vontade indomável, havia nela um desafio, e como se a aceitação de um combate que simulava não temer. Nada poderia fazer com que seu filho não estivesse no túmulo sagrado e que só estivesse dormindo um sono que nenhum poder no mundo jamais perturbaria.

Rouxval apoiou a testa entre suas mãos, em um movimento desesperado. Até aquele último instante, apesar de todas as provas, conseguira manter alguma ilusão e esperar uma justificativa impossível. A confissão o arrasou.

— Então é verdade — murmurou… — Não acreditava… não admitia… São coisas além de qualquer imaginação…

O senhor de Bois-Vernay se colocou diante da condessa e lhe suplicou para se sentar. Ela o afastou, pronta para a luta, e obstinada em sua atitude provocante. Dois adversários se defrontavam, inimigos ávidos pelo primeiro golpe. O conde e Maxime Lériot se tornaram comparsas.

Tais cenas onde a tensão nervosa é levada ao limite só podiam ser breves, como um combate de espadas onde cada um, desde o início, ataca com todas as suas forças. O que realçou ainda mais a violência trágica do duelo foi que, primeiro, prosseguiu na calma e, em alguma medida, em uma imobilidade quase contínua. Sem nenhum grito. Sem cólera aparente. Simples palavras, mas carregadas de emoção. Simples frases, sem eloquência, mas que revelavam o estupor e a indignação de Rouxval.

— Como ousaram…? Como vivem com a ideia do que se passou? *Eu* teria preferido enfrentar todas as torturas a fazer isso com um de meus filhos… Parece-me que estaria lhe fazendo mal mesmo na morte… Dar assim a seu filho uma sepultura que não lhe pertence! Desviar para ele as preces, as lágrimas e todos os pensamentos secretos que são versados sobre um caixão…! Que crime abominável! Mas então não sentem isso?

Ele a contemplava, toda branca à sua frente, e, retomando com um tom mais agressivo, disse:

— Há milhares e milhares de mães e de esposas que podem crer que seus filhos ou seus maridos estão lá. Essas criaturas, tão magoadas quanto a senhora, detentoras dos mesmos direitos, foram traídas, despojadas, roubadas… sim, roubadas e roubadas sorrateiramente, por baixo dos panos.

Ela empalideceu diante da injúria e do desprezo. É claro que nunca perdera um minuto a considerar seu ato em si mesmo ou a pesá-lo para ter noção de seu valor moral. Agira com o mordaz sofrimento de uma mãe que busca reconquistar um pouco do filho que lhe fora arrancado, e, quanto ao resto, com nada se preocupou.

Ela murmurou:

— Ele não roubou o lugar de ninguém… Ele é o próprio Soldado Desconhecido… Ele está lá para os outros e representa a todos…

Rouxval segurou o braço dela. Tais palavras o exasperavam. Ele pensava em seus filhos desaparecidos, dos quais praticamente reencontrara os restos mortais no dia do sepultamento solene, e que agora recaíam no abismo insondável. Onde rezar a partir de então? Qual encontro poderia ter com as pobres almas inconscientes?

Mas ela sorria, o rosto iluminado com toda a felicidade que vibrava em si.

— Foram as circunstâncias que a gente escolheu em meio a tantas outras. O que fiz para colocá-lo lá não teria bastado se ele não houvesse em seu favor uma vontade superior à minha. O acaso poderia ter designado algum soldado que não o merecesse nem por sua vida nem por sua morte. Meu filho… Ele era digno da recompensa.

— Todos eram dignos — protestou Rouxval, com veemência. Mesmo se tivesse sido ao longo de sua vida o mais obscuro e o mais detestável dos homens, aquele que o destino escolheu teria se tornado, naquele exato momento, igual aos mais nobres.

Ela acenou com a cabeça. Seus olhos exprimiram um orgulho um pouco desdenhoso. Ela devia evocar toda a linhagem de ancestrais e de mortes heroicas que faziam de seu filho um ser à parte, mais especialmente formado para a glória e para a honra.

— Tudo está bem assim, acredite em mim, senhor ministro — disse ela —, e esteja certo de que não roubei nem lágrimas nem preces. Todas as mães que se ajoelham e que choram diante do túmulo rezam para seu filho morto. Que importa que seja o meu, se elas não o sabem?

— Mas *eu* sei — disse Rouxval —, e *elas* também podem saber! E então… Então, a senhora compreende toda a raiva que seria desencadeada, uma explosão de fúria? Nenhum delito no mundo poderia provocar mais raiva e indignação. Compreende?

Ele perdia pouco a pouco todo o controle sobre si mesmo. Execrava aquela mulher. Seu exílio lhe parecia cada vez mais o único desfecho que poderia afastar o perigo e apaziguar sua própria dor. E ele lhe dizia sem rodeios, com uma voz áspera:

— Precisam ir embora, senhora. Sua presença junto ao túmulo é um ultraje para as outras mulheres. Então, vão embora.

— Não — disse ela.

— É preciso. Ante sua partida, elas recuperarão seus direitos, e aquele que está lá voltará a ser o Soldado Desconhecido.

— Não, não, não. Isso que está me pedindo é impossível. Não viverei longe dele. Se ainda estou viva é justamente porque ele está lá, e porque vou vê-lo todos os dias, para falar com ele e escutá-lo falar comigo. Ah! O senhor não sabe o que sinto quando estou no meio da multidão! De todas

as partes da França vêm pessoas com flores e juntando as mãos. E é a meu filho que elas vêm honrar! O universo inteiro desfila à sua frente. Ele é toda guerra e toda vitória. Ah! Há minutos em que um tal ímpeto de felicidade e de orgulho me engrandecem que esqueço a morte dele, meu senhor, e que é meu filho vivo quem vejo de pé sob a arcada e diante de quem meus joelhos se dobram. E o senhor me pede para renunciar a tudo isso! Seria matá-lo uma segunda vez, meu filho tão amado!

Os punhos de Rouxval se crisparam. Teria gostado de esmagar a inimiga intratável, e, sentindo que era ela a mais forte, ameaçou-a, os olhos fixos nos dela:

— Irei até o fim em meu dever… Se não partirem, juro por Deus… juro por Deus que os denuncio… Sim, irei até aí. Qualquer coisa é melhor do que deixar essa coisa monstruosa…

Ela deu um riso de deboche.

— Denunciar-me? Isso é possível? Então ousa me denunciar, meu senhor, e tornar público isso que o faz tremer!

— Até o fim em meu dever — grita ele. — Nada me deterá… Não posso viver com tal ideia… Se não vão partir, senhora, será ele, ele quem partirá… O cadáver de seu filho…

Ela estremeceu, atingida pela brutal expressão. A visão atroz daquele cadáver sendo expulso do túmulo e atirado em algum canto lhe foi intolerável. Seu rosto se convulsionou, e ela levou a mão ao peito com um gemido de sofrimento. O senhor de Bois-Vernay quis pegá-la em seus braços. Mas ela cedeu para a frente, caiu e ficou toda estendida no chão. O duelo chegava ao fim. Atingida no ponto mais profundo de seu ser, mas vitoriosa por não ter cedido, a condessa foi carregada até um divã pelo senhor de Bois-Vernay, a quem Lériot e Hercule Petitgris ajudaram. Ela sufocava. Seus dentes rangiam.

— Ah, senhor ministro — balbuciou o conde —, o que o senhor fez?

Rouxval não se desculpou. Sua natureza, que o compelia a decisões extremas quando a continha por tempo demais, não lhe permitia mais ser paciente e refletir. Em casos como aquele, pode-se dizer que saía de si. A situação lhe parecia irremediável ao ponto de não recuar diante de nenhuma solução, por mais absurda que fosse. Seria o caso de advertir o presidente do Conselho? Isso pouco importava. Precisava agir. Como a solução viera sozinha em sua mente, ele a adotou de pronto, como se o fato

de agir, em um sentido ou em outro, já fosse um começo de revanche. Ele tirou então o telefone do gancho e, assim que conseguiu linha, disse, rapidamente, com uma voz ofegante:

— Sim, sou eu, meu caro presidente… Preciso falar com o senhor sem demora… Alô, o senhor só estará livre daqui a meia hora? Então que seja em meia hora. Estarei lá. Obrigado. Situação grave… decisões urgentes…

Nesse ínterim, corriam em torno da doente. Ela devia estar sujeita a esses mal-estares, pois seu marido trazia consigo um pequeno estojo de frascos. Ele retirou prontamente seu sobretudo, ajoelhou-se e cuidou dela com uma angústia que lhe apertava a garganta e tornava quase ininteligíveis as perguntas que fazia como se ela pudesse escutar.

— É seu coração, não é, minha querida…? É seu pobre coração…? Mas não vai ser nada… Você não vai sofrer mais… Suas bochechas estão mais rosadas… Asseguro que está tudo bem. Não é, minha querida?

A síncope durou alguns minutos. Quando a senhora de Bois--Vernay despertou, ao perceber Rouxval, sua primeira palavra foi uma de angústia:

— Leve-me… Vamos embora… não quero mais ficar aqui…

— Veja, minha querida, seja razoável… Primeiro, descanse…

— Não… vamos embora… não quero ficar aqui…

Houve um instante de agitação. A um pedido do conde, Maxime Lériot a pegou em seus braços e a levou. O senhor de Bois-Vernay seguia, transtornado, recolocando seu sobretudo com a ajuda de Hercule Petitgris.

Rouxval não se mexeu. Era como se a cena se passasse fora de si. Por sinal, aquelas pessoas culpadas pelo crime mais odioso não lhe inspiravam nada além de antipatia, e ele nem tomou conhecimento de que devia socorro ou piedade a uma mulher como a condessa. Com a testa colada contra o vidro de uma janela, tentava raciocinar e encontrar uma linha de conduta adaptada àquelas circunstâncias. Por que aquela visita ao presidente do Conselho? Não teria sido melhor acabar com isso e entrar em contato com a promotoria, com a justiça?

"Vamos", disse a si mesmo, "vou fazer bobagem. A qualquer custo, com sangue frio".

Decidiu ir a pé até a presidência. O ar fresco e a caminhada o acalmariam. Pegou então seu chapéu em um armário e se dirigiu até a porta.

Mas, para sua grande surpresa, ele trombou, uma segunda vez, com o senhor Petitgris, sentado em uma cadeira, perto da entrada. O oficial não havia deixado o cômodo.

— Mas como? É o senhor? — perguntou Rouxval, incomodado. — Ainda está aqui!

— Sim, senhor ministro, e não sabia direito como fazer para o senhor me fazer companhia.

Rouxval fez uma careta e ia retrucar, como o merecia aquela familiaridade chocante, quando de repente um salto o fez se levantar. Acabava de perceber que o canino do oficial despontava à esquerda, para fora do lábio repuxado. Não teria ficado mais aturdido se algum fenômeno inesperado tivesse surgido diante de si. Ele sabia o que a aparição daquele dente afiado, muito branco, longo como um dente de um animal feroz, tinha de irônico e de impertinente.

"Minha nossa! E, no entanto, eu não fiz nenhuma trapalhada", disse Rouxval a si mesmo, empregando o mesmo termo utilizado por Petitgris.

Ele se revoltou. Um ministro, habituado como ele ao gerenciamento de pessoas e casos, não se atrapalha. Sua visão dos fatos é nítida. O caminho que escolheu leva direto ao fim, e as pequenas armadilhas onde o vulgo tropeça não encontraram seus passos. Ainda assim, ver aquele dente o incomodava. Por que aquele dente? O que significava naquele caso?

A fim de se tranquilizar, voltou a acusação contra Petitgris.

"Se um dos dois está se atrapalhando, é esse patife aí. Pois, afinal, tudo isso é tão claro! Um estudante não se enganaria."

Por mais claro que estivesse, aceitou conversar e perguntou com um tom rouco:

— Estou com pressa. O que houve? Diga.

— Dizer? Mas não tenho nada a lhe dizer, sô ministro.

— Como assim, nada a me dizer? Mas suponho que o senhor não tem a intenção de dormir aqui, não?

— Claro que não, sô ministro.

— Mas então?

— Então, estou aguardando.

— Aguardando o quê?

— Uma coisa que vai acontecer.

— Que coisa?

— Tenha paciência, Sô Ministro. O senhor tem ainda mais interesse em descobri-la do que eu. Não vai demorar, aliás. Alguns minutos… uns dez minutos no máximo… É isso… dez minutos…

— Mas não vai acontecer nadinha de nada! — gritou Rouxval. — As confissões dessas pessoas foram categóricas.

— Que confissões? — disse o oficial.

— Como? As de Lériot, do conde e da esposa dele.

— Da condessa, talvez. Mas o conde não confessou nada, e tampouco Lériot.

— Mas o que está contando?

— Não é conto nenhum, sô ministro, é um fato. Os dois homens não deram um pio, praticamente. No fundo, só uma pessoa ficou falando: o senhor, sô ministro.

E, sem parecer perceber a atitude ameaçadora de Rouxval, articulou:

— Um belo discurso, aliás, que saboreei como convinha. Quanta eloquência! Na tribuna da Câmara, o senhor teria feito sucesso! Ovações, destaques e todo o resto. Só que não era de modo algum o que devia ter feito! Quando se trata de dar corda para o culpado, não se enrole com discursos. Ao contrário! A gente o interroga. A gente o faz tagarelar. A gente o escuta. Aí está o que é um inquérito. O senhor acha que o oficial Petitgris se contentaria em ficar cochilando no seu canto!? Óbvio que não. O senhor Petitgris não tirou o olho de nossos dois cavalheiros, sobretudo de Bois-Vernay. E é por isso, sô ministro, que eu lhe adverti que, em oito minutos, alguém vai chegar e alguma coisa vai acontecer… Mais sete minutos e meio…

Rouxval fora vencido. Não concedia o menor crédito às predições do Senhor Petitgris e àquele anúncio de uma coisa que, supostamente, ia acontecer. Mas a tenacidade daquela figura o dominava. E sobretudo aquele dente, aquele canino feroz, maligno, arrogante, enigmático… Resignou-se. Voltando ao seu lugar, martelava, com batidas nervosas, seu gabinete com a madeira de uma caneta e, de tempos em tempos, observava o pêndulo ou então espiava o senhor Petitgris.

Uma única vez este se mexeu. Foi para puxar de um bloco de notas uma folha de papel, onde escreveu rapidamente algumas linhas com a ajuda da própria caneta que Rouxval estava segurando e que ele pegou emprestada com autoridade. Dobrou em quatro aquela folha, introduziu-a

em um envelope e a depositou sob um anuário mundano que jazia na extremidade do escritório. Em seguida, sentou-se. O que será que tudo aquilo queria dizer? E por qual motivo misterioso o abominável canino se obstinava a escarnecer?

Três minutos. Dois minutos. Uma cólera súbita expulsou Rouxval de sua poltrona, e o impeliu por seu gabinete, que ele começou a percorrer de novo, empurrando cadeiras e tacando longe os bibelôs dos móveis. Toda aquela história era realmente inútil. O senhor Petitgris e seu dente diabólico o deixavam fora de si.

— Psiu, sô ministro… — murmurou o policial agitando a mão. — Escute…

— Escutar o quê?

— Um ruído de passos. Veja, estão batendo…

Estavam batendo, de fato. Rouxval reconheceu a maneira discreta do oficial.

— Ele não está sozinho — afirmou Petitgris.

— Como sabe isso?

— Ele não pode estar sozinho, pois a coisa da qual lhe falei vai acontecer e ela não pode acontecer senão por intermédio de alguém.

— Mas, minha nossa, o que está em questão?

— A verdade, sô ministro. Há momentos, quando a hora chega, em que não se pode impedi-la de sair de seu poço. Ela entra pela janela se a porta estiver fechada. Mas a porta está ao alcance de meu braço, e o senhor não me proibirá de abri-la, não é, sô ministro?

O próprio Rouxval, espumando, abriu-a. O oficial colocou a cabeça para dentro.

— Senhor ministro, o cavalheiro que fora embora agora há pouco com a dama está pedindo seu sobretudo.

— Seu sobretudo?

— Sim, senhor ministro, esse cavalheiro o esqueceu, ou melhor, houve um engano.

Hercule Petitgris explicou:

— De fato, senhor ministro, percebi que um erro havia sido cometido. O cavalheiro levou meu sobretudo e me deixou o dele. Talvez poderíamos fazer o cavalheiro entrar…

Rouxval aquiesceu. O oficial saiu e, quase na mesma hora, o senhor de Bois-Vernay entrou.

A troca de sobretudos foi feita. O conde, após ter saudado Rouxval, que mal moveu a cabeça, dirigiu-se à porta e pegou a maçaneta. Mas, sob a soleira, hesitou e murmurou algumas palavras que não se podia escutar. Enfim, voltou ao meio do cômodo.

— Os dez minutos se passaram, senhor ministro — murmurou Petitgris. — Por consequência, a coisa vai acontecer.

Rouxval aguardava. Os acontecimentos pareciam se submeter às previsões do policial.

— O que deseja, meu senhor?

Após uma longa hesitação, o senhor de Bois-Vernay perguntou:

— Senhor ministro, será que planeja realmente nos denunciar…? As consequências de um tal ato seriam tão graves que tomo a liberdade de chamar sua atenção… Pense, então, no escândalo… na indignação pública…

Rouxval se enfureceu:

— Mas então, meu senhor, eu poderia agir de outro modo?

— Sim, o senhor poderia… O senhor o deve inclusive… Tudo isso deve terminar entre mim e o senhor, e de uma maneira absolutamente normal… Não há nenhum motivo para que nós não cheguemos a um acordo…

— O acordo que eu lhes propus, a senhora de Bois-Vernay não aceitou.

— Ela não, mas e eu?

Rouxval pareceu surpreso: essa distinção entre a esposa e o conde Petitgris já havia feito, pouco antes.

— Explique-se.

O conde pareceu embaraçado. Com uma atitude indecisa, fazendo pausas após cada frase, pronunciou:

— Tenho por minha esposa uma afeição que não tem limites, senhor ministro… e que me expõe a fraquezas… perigosas. Foi isso que aconteceu. A morte de nosso pobre filho a transtornou ao ponto de por duas vezes, apesar de seus sentimentos religiosos, ela se entregar a tentativas de suicídio. Isso virou uma obsessão para ela. Apesar de minha vigilância, é certo que teria chegado a executar seu atroz projeto. Foi então que recebi a visita de Maxime Lériot e que, ao longo de nossa conversa, veio-me a ideia de conceber… essa operação…

Recuava diante das palavras decisivas. Rouxval, cada vez mais irritado, objetou:

— Estamos perdendo nosso tempo, meu senhor, pois já sei em que suas maquinações culminaram. E só isso importa.

— É precisamente por somente isso importar que eu insisto — disse o senhor de Bois-Vernay. — Diante do fato de que o senhor descobriu os preparativos de um ato, o senhor concluiu muito apressadamente, e antes por apreensão, a realização deste ato. Ora, não foi assim que aconteceu.

Rouxval não compreendia.

— Não foi assim? No entanto, o senhor não protestou.

— Eu não podia.

— Por quê?

— Minha esposa teria escutado.

— Mas como a própria senhora de Bois-Vernay confessou…

— Sim, mas eu não. De minha parte, teria sido uma mentira.

— Uma mentira! Mas os fatos estão aí, meu senhor. Preciso reler o dossiê, os processos-verbais, os testemunhos que relatam o rapto do corpo, seus encontros com Lériot…?

— Mais uma vez, senhor ministro, esses fatos mostram um começo de execução, mas não a própria execução.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que de fato houve encontros entre Maxime e nós e que ele de fato roubou o corpo. Mas minha ideia jamais fora cometer um ato que também eu teria considerado um sacrilégio imperdoável e com o qual, aliás, Maxime Lériot nunca teria consentido…

— Qual era sua ideia, então?

— Era simplesmente criar para minha esposa…

— Criar para ela…?

— A ilusão, senhor ministro.

— A ilusão — repetiu Rouxval, para quem a verdade começava a tomar forma.

— Sim, senhor ministro, uma ilusão que poderia ampará-la e lhe devolver o gosto pela vida… e que, de fato, a manteve até aqui. Ela acredita, senhor ministro. O senhor consegue conceber tudo o que isso significa para ela? Ela acredita que seu filho está no túmulo sagrado, e essa crença lhe basta.

Rouxval baixou a cabeça e passou a mão na testa. Uma alegria tão brusca o invadiu que não queria que vissem em seu rosto a expressão desorientada.

Fingindo indiferença, ele disse:

— Ah! Então foi isso o que aconteceu? Foi tudo uma simulação…? No entanto, todas estas provas…

— São precisamente estas que acumulei a fim de que ela não tivesse nenhuma dúvida. Portanto, ela viu tudo, senhor ministro, ela quis assistir a tudo, a exumação do corpo e também a transferência com o furgão. Como poderia ter suspeitado? Como suspeitaria que aquele furgão não iria até o abrigo antiaéreo de Verdun e que nosso pobre filho seria enterrado a alguma distância, em um cemitério rural onde vou às vezes me ajoelhar próximo dele… e lhe pedir perdão, em meu nome e em nome de sua mãe ausente?

Ele falava a verdade, Rouxval ficou convencido. Nenhuma objeção poderia ser colocada ante aquelas palavras que eram a própria confirmação dos fatos. Rouxval retomou:

— E o papel de Maxime Lériot?

— Maxime Lériot obedecia a mim.

— Sua conduta, desde então…?

— Infelizmente, o dinheiro que lhe dei foi para ele uma causa de desequilíbrio e de desgraça. É meu grande remorso. Quanto mais dinheiro eu lhe dava, mais ele queria ter, foi por isso que ameaçou revelar tudo à minha esposa. Mas respondo por sua natureza que é honesta e leal. Ele me prometeu partir.

— O senhor está disposto — perguntou Rouxval, após um minuto — a certificar a absoluta sinceridade de sua declaração?

— Estou disposto a tudo, contanto que minha esposa não saiba de nada e continue a acreditar na história.

— Estamos de acordo, meu senhor. O segredo será guardado. Cuidarei disso.

Preparou uma folha de papel e pediu ao conde para escrever. Mas, nesse momento, Hercule Petitgris designou com o dedo o anuário e disse baixinho a Rouxval:

— Ali, sô ministro… sob o livro… O senhor precisa apenas empurrá-lo… e encontrará…

— Encontrarei o quê?

— A declaração… eu a redigi agora há pouco…

— Então, o senhor sabia…?

— Pelos céus, sim, eu sabia! O senhor conde só precisa colocar sua assinatura.

Rouxval, atordoado, empurrou o anuário, pegou a folha e leu:

> *Eu, conde de Bois-Vernay, declaro reconhecer que, com a conivência do senhor Lériot, procedi a um certo número de manobras suscetíveis de causar à minha esposa a convicção de que nosso filho estava enterrado sob o Arco do Triunfo. Mas certifico e dou fé de que nenhuma tentativa foi feita por mim, tampouco pelo senhor Lériot, para dar a meu desafortunado filho o lugar do Soldado Desconhecido.*

Pausadamente, enquanto Rouxval ficara calado, o conde, que parecia tão espantado quanto ele, releu a carta em voz alta, como se refletisse sobre cada termo.

— Está certo. Não tenho nada a acrescentar ou a retirar. Não teria escrito nada diferente se eu mesmo tivesse redigido essa declaração.

Com um gesto decidido, assinou.

— Estou confiando no senhor, ministro. A menor dúvida causaria a morte de uma mãe que não é culpada de nada senão de amar demais. O senhor me promete então…?

— O que eu digo está dito, meu senhor. Prometi, cumprirei.

Ele apertou distraidamente a mão do senhor de Bois-Vernay, acompanhou-o até a porta sem dizer mais nada, fechou e rumou para a janela, onde encostou de novo a testa contra o vidro.

Pois então Petitgris havia adivinhado a verdade! No caos tenebroso, cheio de obstáculos e de emboscadas, Petitgris discernira o invisível caminho que levava ao fim! Rouxval estava confuso e furioso, ao mesmo tempo, e o prazer que experimentara em ver aquele caso sob outra luz se encontrava singularmente diminuído. Escutava atrás de si um breve cacarejo que devia ser para o policial a manifestação do triunfo, e ele evocou o dente pontudo, o terrível dente.

"Ele está tirando com a minha cara", pensou Rouxval, "e desde o começo. Por pura maldade, ele me deixou escorregar. Pois, afinal, poderia ter me advertido, e não o fez. Que animal!"

Mas seu prestígio de ministro não lhe permitia ficar naquela posição humilhante. De uma vez, virou-se e, tomando uma posição ofensiva, disse:

— E então? O acaso lhe serviu, eis tudo! O senhor provavelmente descobriu algum indício…

— Nenhum indício — desdenhou Petitgris, que não queria concordar com seu adversário. — Para quê, afinal? Bastava um pouco de noção e uma migalha de bom senso.

E, com uma alegria horripilante, enumerou:

— Veja só, sô ministro, sua história não tinha pé nem cabeça! Fedia a inverossimilhança e a imbecilidade. Contradições, lacunas, impossibilidades, vou mostrá-las ao senhor com todas as cores! Um roteiro deplorável! Que a condessa tenha caído nessa, até vai. Mas o senhor, um ministro de primeira classe! Veja, a gente faria um malabarismo desses com cadáveres na vida real? Como? Tudo estava combinado para que o Soldado Desconhecido fosse mesmo um soldado desconhecido, mobilizaram pessoas, furgões, funcionários, generais, marechais, ministros, e o diabo a quatro, e o senhor teve a ingenuidade de acreditar que um sinhô que só tem dinheiro vivo no bolso pode se dar ao luxo de passar a perna em todo mundo e comprar uma concessão para sempre sob o Arco do Triunfo! É verdade que já vi uns cabeças duras, mas não desse calibre!

Rouxval se contentou em dizer:

— As provas abundavam…

— As provas são brinquedo de criança. Sem delongas, *eu*, Petitgris, me perguntei: "Uma vez que o conde não podia pagar pelo Arco do Triunfo, o que ele tramou com o senhor Lériot?" E, sem demora, vendo a maneira como ele olhava para a esposa, entendi a coisa toda: "*Você*, seu moleque, é um malandro. Para salvar sua mulher, encenou uma farsa para fazê-la acreditar que era isso aí. Só que você é também um medroso, e, se meu superior se irritar e o ameaçar, você vai arregar". Aí está a coisa toda, sô ministro. Fúria de sua parte. Ameaças. O senhor Bois-Vernay arregou.

— De acordo — disse Rouxval —, mas como o senhor poderia saber que ele voltaria? E que alguma coisa, como o dizia, ia acontecer?

— Como? Ora, ora, e o sobretudo?

— O sobretudo?

— Nossa Senhora, o cliente não teria voltado sem isso! Era preciso lhe dar um pretexto para deixar sua esposa e para se confessar antes que a

justiça metesse o bedelho no negócio.

— Mas então?

— Então, quando ele partiu, eu lhe enfiei meu sobretudo no lugar do dele. Ele estava meio louco, não via um palmo na frente do nariz. Só que, lá fora, em seu carro, percebendo meu trapo velho, dá para entender que ele aproveitou a ocasião para voltar para cá! O que acha? Não foi bem bolada essa ideia aí? Claro, já fiz melhor nessa vida, algumas vezes me saio melhor… Mas acho que nunca fui mais malandro. Conseguir a vitória sem agir… Sem nem tirar a mão do bolso e dar um gancho que derruba o adversário! Isso que é um trabalho bem feito, hein?

Rouxval manteve o silêncio. A destreza e o desembaraço com os quais Hercule Petitgris havia conduzido a situação o desconcertavam. Sozinho em um canto, não intervindo uma única vez nos debates, não fazendo nenhuma pergunta e não conhecendo do caso nada além do que o próprio Rouxval contava, Petitgris tinha, de fato, conduzido os debates, dirigido as questões, lançado toda a luz ao caso e imposto, com um gestinho de nada, mas de uma habilidade formidável, a solução que convinha. Decididamente, era um mestre. Só podia reverenciá-lo.

Rouxval pegou sua carteira e tirou dela uma cédula de dinheiro. Mas seu braço permaneceu em suspenso no ar, detido no meio do ato por uma frase incisiva:

— Guarde isso, sô ministro, sô pago.

O dente brilhava. A gargalhada veio do fundo da garganta. A fisionomia se tornou feroz. Como não se lembrar daquelas palavras zombeteiras? "Quando um dos meus superiores se atrapalha, não tenho o direito de rir um tiquinho? Isso que paga meu trabalho. Fazem uma cara!"

O acaso quis que Rouxval se visse em um espelho. Teve de confessar que a expressão de Petitgris nada tinha de exagerada. Ele estava ficando com raiva.

— O senhor perdeu, sô ministro — disse o policial, cheio de condescendência. — Já me deparei com casos mais condenáveis. Seu grande erro foi se deixar levar pela lógica, e a lógica daquilo que se vê e daquilo que se escuta. É preciso desconfiar disso como se fosse a peste. A verdade corre por baixo, como algumas fontes, e é justamente quando ela está sob a terra, e que a gente não a vê, que não devemos mais tirar os olhos dela! Ou então, nesse momento, o senhor sai dos trilhos. No lugar de

examinar a fundo a coisa da cerimônia e dos oito combatentes alinhados na caserna de Verdun, o senhor não viu o que estava na sua cara! “Não se evocam cenas como essas! Qualquer palavra é uma blasfêmia…!” Mas, em nome de Deus, sô ministro, ao contrário, era preciso olhar e refletir! O senhor teria compreendido que não havia nenhum rastro de fraude. E Hercule Petitgris não lhe estaria dando uma lição aqui hoje, em seu gabinete de ministro de primeira classe!

Ele se levantou e colocou sobre o braço o sobretudo esverdeado. O dente despontava cada vez mais. Rouxval sentia a mordida e tinha uma imensa vontade de pegar aquela figura pelo colarinho e estrangulá-la.

Ele abriu a porta.

— Fiquemos aqui — disse ele. — Vou colocar o presidente a par do serviço que o senhor prestou.

— Nem se preocupe — interrompeu o policial. Eu mesmo darei a mensagem. É mais prático.

— Meu senhor! — gritou Rouxval exasperado.

— E o que agora, senhor ministro?

O indivíduo tinha se endireitado e parecia adquirir uma nova aparência. Não era mais o pobre-diabo de atitude humilde, mas um varão bem altivo e totalmente à vontade consigo mesmo.

Pegou delicadamente entre o polegar e o indicador seu enorme canino e o retirou, como nos livramos de um acessório. Os traços se revelaram. Mais nenhum riso. O rosto se tornou normal, com a expressão amável, um pouco arrogante.

Rouxval declarou:

— O que significa isso? Quem é o senhor?

— Quem eu sou não tem nenhuma importância — respondeu. — Digamos que eu seja Arsène Lupin. A lembrança que essa pequena desventura lhe deixará será talvez menos desagradável se o nome de Arsène Lupin, e não o de Petitgris, estiver envolvido.

Rouxval lhe mostrou a antecâmara. O outro passou à sua frente com desenvoltura.

— Até logo, senhor ministro… E, agora, um bom conselho: não se arrisque fora de seu quadrado. Cada um com seu ofício. Faça leis. Faça todo o seu rabisco para o governo. Mas, quanto ao que compete à polícia, deixe para os especialistas.

Ele se afastou com três passos. Tinha acabado? Não. Teve a audácia de voltar, de se plantar diante de Rouxval e de lhe dizer com a maior seriedade do mundo:

— No fim das contas, o senhor talvez tenha razão… e fui eu talvez quem se atrapalhou. Pois, afinal, se raciocinarmos friamente, o que nos garante que o conde se deteve na estrada e que não surrupiou o corpo? Tudo é possível, e seu trabalho foi extremamente bem feito! Por mim, gastei meu latim com isso. Até logo, senhor ministro.

Dessa vez, ele parecia não ter mais nada a dizer. Ajustou seu chapéu sobre a cabeça, agradeceu o oficial que o acompanhava e saiu da antecâmara dando risinhos.

Rouxval voltou a seu escritório, com a expressão pesada e pensativa. As últimas palavras de Petitgris o perturbaram singularmente. Era como uma nova mordida na qual o dente satânico do indivíduo destilara uma gota de veneno. Confusamente, dava-se conta de que aquele caso permaneceria para sempre tenebroso em sua mente e que guardaria eternamente em seu íntimo o veneno da dúvida. Era absurdo, ele não o ignorava. Mas mesmo assim… mesmo assim… havia tantas provas…! Aquele cadáver exumado… o furgão…

— Puxa vida, minha nossa! — gritou ele em um acesso de revolta furiosa. — Que cavalheiro infernal! Se um dia eu colocar as mãos nesse fulano!

Mas Rouxval dizia a si mesmo que Petitgris não era outro senão Arsène Lupin e que Arsène Lupin não era desses em quem a gente põe as mãos…[4]

---

[1] Os chamados "caçadores a pé" são uma divisão da infantaria do exército francês que participou ativamente da Primeira Guerra Mundial. Esse tipo de soldado é responsável por seguir à frente do corpo do batalhão, como batedores ou atiradores. (N.T.)

[2] Cidade francesa, próxima à fronteira tríplice com Luxemburgo e com a Bélgica, onde se deu entre fevereiro e dezembro de 1916 a maior batalha da Primeira Grande Guerra, conhecida como a Batalha de Verdun, na qual o exército da França se defendeu da invasão alemã. Mesmo tendo vencido, a França, assim como seu adversário, sofreu inúmeras baixas nesse conflito, incluindo mais de cem mil soldados desaparecidos ou não identificados. (N.T.)

[3] O túmulo do Soldado Desconhecido é um monumento inaugurado em grande pompa no dia 11 de novembro de 1920, sob o Arco do Triunfo, onde foi enterrado um corpo não identificado de um dos soldados mortos em Verdun. A tumba simboliza o conjunto de soldados que pereceram pelo país na guerra e, particularmente, aqueles desaparecidos ou cujo corpo não pôde ser identificado. O local também é conhecido como "Mármore Sagrado". (N.T.)

[4] Essa novela foi inicialmente publicada com o nome *O dente de Hercule Petitgris*, em 1924. Em sua versão original, Lupin não aparecia. No entanto, pouco depois, Maurice Leblanc quis que essa história integrasse o cânone de seu célebre ladrão de casaca e, por isso, alterou o final, introduzindo Lupin, o que não foi difícil, já que a personagem é conhecida por seus disfarces. Em 1926, a novela foi traduzida para a língua inglesa já com o nome *O sobretudo de Arsène Lupin* e com a forma pela qual a conhecemos hoje. Essa versão permaneceu inédita em língua francesa até 2016. (N.T.)

Uma aventura de Arsène Lupin

PERSONAGENS

ARSÈNE LUPIN
DIMBLEVAL, escultor, 55 anos
MARESCOT, subchefe do Serviço de Segurança Nacional
UM CÚMPLICE
UM AGENTE DE POLÍCIA
AGENTES DO SERVIÇO DE SEGURANÇAAGENTES DE POLÍCIA
MARCELINE, filha de DIMBLEVAL

A cena representa um ateliê de escultura com um biombo, na frente, à direita, que esconde em parte uma espécie de toucador para os modelos. Ao fundo, a porta principal. Quando ela está aberta, percebe-se um vestíbulo com a porta de entrada. À esquerda, há duas portas: à direita, inteiramente no primeiro plano, uma porta mais pesada, com ferrolho e corrente de segurança. O ateliê não tem janelas, mas um vitral em plano inclinado formando uma parte do teto. Uma escrivaninha, banquinhos, cinzéis, esboços, cavaletes, algumas poltronas e cadeiras de couro, vestidos, casacos e acessórios para modelos. Telefone sobre a mesa. Uma estátua de Cupido. Ao levantar das cortinas, o palco está vazio, a luz apagada. A porta de entrada do fundo se abre rapidamente. Marceline entra usando um vestido de baile, seguida por seu pai.

Dimbleval, Marceline

MARCELINE, *ofegante*. — Você não viu ninguém na escada?

DIMBLEVAL, *fazendo barricadas na porta do vestíbulo e passando corrente e ferrolho.* — Não, ninguém.

MARCELINE. — De todo modo, devem ter nos seguido. *(Ela acende a luz.)*

DIMBLEVAL. — Mas quem, meu Deus!?

MARCELINE. — Alguém estava nos espiando pela porta da senhora Valton-Trémor.

DIMBLEVAL. — Marceline, seus temores são absurdos.

MARCELINE. — Absurdos! Então por que você me obriga a usar esse colar? *(Ela vai para seu quarto pela porta esquerda, ao fundo, retira seu casaco e volta.)*

DIMBLEVAL. — Como assim? Minha filha, um colar histórico que me tornou famoso: "Dimbleval? Ah, sim, o escultor que dá à sua filha colares de esmeraldas!" Isso me garantiu a encomenda de meu Cupido, minha mais bela obra…!

MARCELINE. — Ele nem mesmo me pertence…

DIMBLEVAL. — Do que você está falando? Emprestei dez mil francos para a duquesa de Brèves ante o depósito desse colar como garantia. Ela não os pôde devolver a mim na data fixa. Pior para ela.

MARCELINE. — Mas ele vale dez vezes mais do que isso.

DIMBLEVAL. — Tanto melhor para mim.

MARCELINE. — Parece que você não tem o direito, papai.

DIMBLEVAL. — Ah, tenho, sim! Foi penhorado…! O que você quer, filhinha? Bem, é preciso criar alguma fonte de renda, já que a arte não é mais suficiente hoje em dia.

MARCELINE. — Isso diz respeito a você, papai. Esperando isso, *eu* não consigo viver enquanto seu colar está aqui. Um dia ou outro, algum criminoso…

DIMBLEVAL. — Mas eu já vou depositá-lo amanhã no Banco Lionês.

MARCELINE. — E se vierem hoje à noite?

DIMBLEVAL. — Por que hoje à noite?

MARCELINE. — Hoje de manhã, seu modelo, o velho russo, viu perfeitamente quando você o colocou na escrivaninha.

DIMBLEVAL. — Hã? Então, eu vou deixá-lo em outro lugar… em qualquer lugar… precisamente onde ninguém esconde nada de precioso… Veja, nesse vaso aqui, não há nenhum perigo… *(Ele coloca o colar em um vaso de flores. De repente, a campainha do telefone toca. Eles se olham. Novo toque.)*

DIMBLEVAL, *em voz baixa*. — O telefone…

MARCELINE. — Sim, pois bem, atenda, papai.

DIMBLEVAL. — Telefone às duas horas da manhã. *(Ele atende agitadamente.)* Alô… sim, sou eu… Delegacia de polícia…? Mas então? Como assim? *(Com uma preocupação crescente:)* Como…? O quê…? Será possível…? Alô… *clap*… caiu!

MARCELINE. — O que houve?

DIMBLEVAL, *colocando o telefone no gancho*. — Um comunicado do serviço de Segurança. Fomos ameaçados de um roubo previsto para esta noite.

MARCELINE. — O colar! Está vendo?! Mas isso é terrível! E você deu folga aos criados!

DIMBLEVAL. — Seis inspetores estão vindo para cá, comandados pelo subchefe Marescot, que eu conheço bem…

MARCELINE. — Mas e se eles chegarem tarde demais!?

DIMBLEVAL. — Mas como assim? Eu estou aqui! E depois, ao todo somos três locatários neste prédio.

MARCELINE. — Mas e a entrada particular dos seus modelos?

DIMBLEVAL, *após verificar a corrente e o ferrolho*. — Pegue a chave.

MARCELINE. — O que você está fazendo?

DIMBLEVAL, *pegando o vaso e indo até o quarto de sua filha*. — Estou guardando o colar.

MARCELINE. — No meu quarto?

DIMBLEVAL. — Sim, ficarei com você até chegarem…

MARCELINE. — Mas eu não quero isso. Deixe-o aqui.

DIMBLEVAL, *coloca o vaso sobre a escrivaninha*. — Você tem razão. Aliás, não há esconderijo melhor. Vão procurá-lo por toda parte, exceto aqui. Estou tranquilo.

MARCELINE. — Para mim, tanto faz. Desde que não esteja no meu quarto. *(Ele apaga a luz e cada um entra em seus aposentos. O palco fica vazio, um momento, iluminado por um magnífico luar que penetra pelo vitral. De repente, um leve ruído, vindo de cima. Um dos vidros se levanta, e vê-se uma grossa corda que desce pouco a pouco, balançando, cuja extremidade se detém a dois metros do piso. E, de repente, uma sombra se deixa deslizar de cima a baixo.)*

LUPIN, *enquanto procura onde ligar a luz*. — Interruptor, por favor…! Um pouco de luz… *(Ele acende. Lupin está vestido como ladrão, casaco longo, chapéu, barba ruiva em leque. Pega um espelho sobre o toucador e se olha.)* Você é o cara! Está com um olhar lupino… Arsène Lupino. Oh, um revólver! Vai me cair como uma luva, já que esqueci o meu. Nossa! Mas o que é isso? Um vaporizador?

O CÚMPLICE, *inclinando metade do corpo pela claraboia*. — Lupin!

LUPIN. — O quê?

O CÚMPLICE. — O senhor é louco!

LUPIN. — Por quê?

O CÚMPLICE. — A luz!

LUPIN. — Ela está incomodando você?

O CÚMPLICE. — Sim.

LUPIN. — Feche os olhos.

O CÚMPLICE. — Mas…

LUPIN. — Feche a boca.

O CÚMPLICE. — Patrão…

LUPIN. — Ah, olhe, cuide da sua escada, Jacob.

O CÚMPLICE. — Por que o senhor me chamou de Jacob[5]?

LUPIN, *que está examinando uma fotografia*. — Você não compreenderia! *(A si mesmo, dirigindo-se até a escrivaninha:)* Ora, veja só, é exatamente a jovem que notei no baile dos Valton--Trémor… Com todas as minhas desculpas, senhorita, precisei vestir o humilde uniforme de trabalhador. Pobre garota, vamos deixá-la sem suas esmeraldas… Ah, se a manteiga não estivesse tão cara! *(Ele coloca o retrato na escrivaninha.)* Vejamos, segundo a planta do velho russo… *(Ele vai nomeando cada lugar.)* O vestíbulo… o corredor que vem do quarto da menina… o da vítima… Aqui, a escada dos modelos… *(Mostrando o biombo.)* Aqui, o toucador deles… Ali, a escrivaninha… Tudo no lugar certo. *(Ele tira de seu bolso um saco no qual há um molho de chaves.)* Na escrivaninha… terceira gaveta, disse o velho russo.

O CÚMPLICE. — Sim, patrão.

LUPIN. — Vamos começar. O roubo das esmeraldas, drama em cinco atos, música de Lupin. A abertura… com a chave aperfeiçoada de Arsène, em quatro tempos… um… dois… três… quatro… *(O móvel se abre.)* Aqui está…! Como uma flor… levaria uns cinquenta anos para *você* achar isso…! Ora, isso agora, como assim?

O CÚMPLICE. — O que houve?

LUPIN. — A terceira gaveta está vazia.

O CÚMPLICE. — E as outras?

LUPIN, *após um instante, virando-se furioso para a porta do quarto*. — Que patife! É verdade… a gente se dá ao trabalho… arrisca a própria pele e, depois, se pela.

O CÚMPLICE. — Então, vamos dar o fora daqui.

LUPIN, *hesitando, após colocar um pé na escada*. — Ah, não, não ainda. Seria idiota demais. *(Examinando a escrivaninha.)* Ele deve estar dormindo com ele, covarde.

O CÚMPLICE. — A gente vai ser pego.

LUPIN. — Que nada! *(Ele reflete, depois diz, decidido:)* Jacob!

O CÚMPLICE. — Patrão?

LUPIN. — Recolha a escada!

O CÚMPLICE. — O quê?

LUPIN. — Faça o que eu estou mandando. *(A escada é retirada.)*

O CÚMPLICE. — E agora?

LUPIN. — Fique de tocaia. Vigie a avenida. Se eu precisar de você, dou um assobio. Vá! *(Ele se volta para o interruptor, apaga a luz e murmura:)* Três batidas… *(Ele bate três vezes no piso.)* Cortina! *(Ele corre para trás do biombo e se esconde, espiando através de uma fenda. A porta do quarto se abre. Dimbleval aparece. Coloca a cabeça para fora, preocupado, e, esticando o braço, acende a luz.)*

DIMBLEVAL, *à sua filha, que aparece na soleira, vestida com uma camisola.* — Ninguém.

MARCELINE. — Papai, olhe bem.

DIMBLEVAL, *avançando.* — Já disse que não tem ninguém.

MARCELINE. — E a porta?

DIMBLEVAL *atravessa o palco e vai até a porta do vestíbulo.* — Já disse que não tem ninguém.

MARCELINE. — Ah, o colar…

DIMBLEVAL, *pegando o vaso sobre a escrivaninha.* — Quanto a isso, estou tranquilo, nada a temer. Continua aqui. *(Ele mostra o colar e o coloca de volta.)* Ah, agora eu lhe peço, fique calma! *(Eles saem, Dimbleval apaga a luz.)* Você vai acabar me assustando!

LUPIN, *reacendendo a luz e indo até a escrivaninha. Ele pegou o vaso e examinou o colar.* — Ele é gentil! Veja, por piedade, vou lhe deixar o vaso e as flores. *(Ele coloca o colar no bolso, volta para perto do banquinho, chama seu cúmplice:)* Psiu! *(Um momento.)* Ué, o que está acontecendo…? Psiu…! Jacob…!

O CÚMPLICE, *passando a cabeça para dentro, apavorado.* — Ei, patrão!

LUPIN. — Onde você estava?

O CÚMPLICE. — Do outro lado… Há pessoas tocando a campainha lá embaixo… uma meia dúzia de homens.

LUPIN. — Rápido, a corda. *(O cúmplice deixa escorregar a corda.)* Apresse-se, então… escutei barulho… E agora? *(Nesse momento, batem à porta do*

vestíbulo.)

O CÚMPLICE. — Preste atenção, patrão, já baixei a corda.

LUPIN. — Tarde demais. Dê o fora daqui.

O CÚMPLICE. — Mas e o senhor, patrão?

LUPIN. — Eu me viro… Se mande… *(Ele apaga a luz. O vitral fica aberto, Lupin se esconde atrás do biombo. Dimbleval sai de seu quarto e acende a luz.)*

DIMBLEVAL. — Mas, ora, fazendo esse barulho, só pode ser a polícia. Quem é? Quem é?

UMA VOZ. — Marescot, subchefe do Serviço de Segurança.

DIMBLEVAL, *fechando a porta outra vez*. — Ah! começo a respirar agora. *(Ele atravessa o palco, abre a porta do fundo e passa pelo vestíbulo.)* Aqui… estou chegando…

LUPIN *corre até a soleira do vestíbulo e observa*. — Marescot, o subchefe… Agora sim, *eu* estou lascado. *(Ele chama em voz baixa:)* Jacob… Jacob… *(Ele puxa a mesa, coloca uma escultura retangular sobre ela, mas a distância até a claraboia é grande demais, ele murmura:)* Impossível…! Mas e essa agora? Mesmo assim, eu não vou ser pego…! E se eu colocasse a joia de volta no lugar? *(Após um segundo de hesitação, ele vai até a porta do fundo e a fecha à chave. Escuta-se um tumulto, e os dois batentes estremecem.)*

DIMBLEVAL, *gritando nas coxias*. — Não tem ninguém! Não quebre minha porta, vá buscar o chaveiro! *(Com um rodopio, Lupin tira seu sobretudo e seu chapéu, joga-os sobre a mesa, ao pé da escultura, bem às vistas, e vai se esconder atrás do biombo. Entrada brusca do subchefe e de seus inspetores. Dimbleval acende a luz. Lupin, escondido pelo biombo, está de terno. Ele tirou a barba ruiva, sentou-se, e tranquilamente tira a sua maquiagem.)*

DIMBLEVAL, *apavorado*. — Onde está ele?

O SUBCHEFE. — Escondeu-se.

DIMBLEVAL. — Essa agora! Veja no meu quarto, Marescot, é o único lugar que há. Vá na frente.

O SUBCHEFE, *abrindo a porta*. — Ninguém… E atrás desse biombo? *(Ele atravessa o palco, Lupin se mexe, prestando atenção. Mas o subchefe percebe a mesa e a estátua.)* Mas não, não aqui… veja…

DIMBLEVAL. — Impossível.

O SUBCHEFE. — No entanto… essa mesa… esse tripé… está claro. Ele fugiu pelo telhado…

DIMBLEVAL. — Mas por onde ele teria vindo?

O SUBCHEFE. — Pelo mesmo caminho.

DIMBLEVAL. — Mas é alto demais!

O SUBCHEFE. — Veja… Ele tinha cúmplices… a claraboia ainda está aberta… Podemos subir no telhado?

DIMBLEVAL. — Precisamos descer de novo e pedir à zeladora a escada de serviço. Nosso homem já estará longe… se é que ele veio por ali.

O SUBCHEFE. — Como assim, meu caro, o senhor está cego. *(Mostrando o sobretudo.)* E isso? O que é isso? É seu?

DIMBLEVAL. — Não.

O SUBCHEFE. — Ai, minha nossa! É o sobretudo do nosso homem… Ele o descartou para fugir mais fácil… E seu chapéu é absolutamente o sinal que me deu o velho russo.

DIMBLEVAL. — Como assim? O velho russo, meu modelo?

O SUBCHEFE. — Sim, a gente o pegou num córrego, caindo de bêbado, tagarelando.

DIMBLEVAL. — Então era um cúmplice?

O SUBCHEFE. — O cúmplice de um indivíduo que estamos procurando já faz alguns dias… um homem de barba ruiva… um vigarista dos mais perigosos. *(Gestos apropriados de Lupin.)* Sabemos pelo russo que o golpe está previsto para esta noite… Devem roubar um colar.

DIMBLEVAL, *tranquilo*. — Não.

O SUBCHEFE. — Mas sim… um colar de esmeraldas, guardado numa escrivaninha.

DIMBLEVAL, *irônico*. — Nesta aqui, sem dúvida!

O SUBCHEFE. — Provavelmente.

DIMBLEVAL. — Não. Não sou tão besta…

O SUBCHEFE. — Mas o senhor tem um colar de esmeraldas.

DIMBLEVAL. — Sim… magnífico…

O SUBCHEFE. — Onde ele está?

DIMBLEVAL. — Em um lugar seguro, a salvo de quaisquer suspeitas, eu garanto.

O SUBCHEFE. — Mas onde?

DIMBLEVAL. — Debaixo do seu nariz.

O SUBCHEFE. — Dimbleval!

DIMBLEVAL, *designando com o dedo*. — Aqui, neste vaso… bem despretensiosamente… O senhor bem compreende que nunca um invasor poderia imaginar. *(Ele olha o vaso, surpreso.)* Ah!

O SUBCHEFE. — O quê?

DIMBLEVAL. — Roubado! *(Ele cai sentado sobre uma poltrona.)* Precisamos correr atrás dele… precisamos pegá-lo… *(Ele se levanta e se precipita para o quarto de sua filha.)* Marceline…! O colar!

MARCELINE, *aparecendo*. — Será possível?

DIMBLEVAL. — Ora! Eu já havia dito várias vezes… você quis esse colar…

MARCELINE. — Mas quem o roubou?

DIMBLEVAL, *com uma agitação crescente*. — O homem de barba… de barba ruiva… um vigarista… um assassino.

O SUBCHEFE. — Um pouco de calma, eu lhes peço… Georges… Dupuis, subam lá.

DIMBLEVAL. — Sim! Subam lá! Ah, se vocês estão achando que ele os está esperando!

O SUBCHEFE. — No entanto…

DIMBLEVAL, *batendo os pés de raiva*. — Claro que não! E o outro prédio? O hotel do conde de Dreux, os tetos se comunicam.

O SUBCHEFE. — Está bem… vamos lá!

DIMBLEVAL, *continuando*. — E os jardins do hotel? Ele saltará o muro.

O SUBCHEFE. — Chegaremos antes dele.

DIMBLEVAL, *continuando*. — Não, é preciso uma volta enorme pelo bulevar. Ah, é atroz!

O SUBCHEFE. — Essa porta…

DIMBLEVAL. — É a escada dos meus modelos.

O SUBCHEFE. — Onde ela dá? Para o bulevar?

DIMBLEVAL, *continuando*. — Não, para a praça. Dê a chave, Marceline.

MARCELINE. — Está no meu quarto.

DIMBLEVAL. — Então deixa, não vale a pena. *(Ele cai outra vez na poltrona.)* Vai atrasar… Ah, valeria mais a pena, eu nem sei mais, nossa! Ele…

O SUBCHEFE, *a seus agentes*. — Varnier… para a praça, na esquina da saída. Você, Dupuis, corra até a delegacia da rua Nemours e traga uma meia dúzia de agentes. Seguramente, ele tem cúmplices.

DIMBLEVAL, *levantando-se e mostrando a claraboia*. — E se o tipo volta por ali… minha filha…

O SUBCHEFE. — Ah, não há indícios disso, mas é melhor que a senhorita não saia de seu quarto… Não abra a porta a ninguém, senhorita, salvo a seu pai e a mim… Aliás… *(A um dos inspetores:)* Gontrand, fique aqui… e atire se for preciso. Nós estamos lidando com um homem dos mais perigosos.

DIMBLEVAL. — Um crápula, um assassino… Rápido, Marescot, rápido, vá na frente, eu tranco a porta. *(Eles todos vão embora, salvo Gontrand. Durante toda a cena, Lupin fica tranquilamente sentado. Ele limpou o rosto, acertou as unhas, penteou sua falsa barba e a guardou no bolso, depois se divertiu com os objetos de toalete, frascos de perfume, pistola pulverizadora de perfume, bobes de cabelo… Agora, ele se levanta outra vez, enérgico, pronto para a ação. O inspetor fechou a porta do fundo. Ele avança para a frente do palco e, enquanto examina o lugar, dirige-se até a escada dos modelos, passa atrás do biombo e volta até o meio do palco. Lupin contornou o biombo ao mesmo tempo, de modo que o inspetor não o viu. Voltando a seu ponto de partida, Lupin reflete um instante, depois*

avança na ponta dos pés até o inspetor, que está enrolando um cigarro, força-lhe sobre a boca um lenço que encontrou atrás do biombo, derruba-o e lhe aponta um revólver a vinte centímetros do rosto.)

LUPIN. — Mãos para cima! Não se mexa, não vou machucar você… *(O inspetor tenta se soltar e dá um gemido.)* Ah, calado… *(Lupin tateia seu bolso e saca um pequeno frasco.)* Um pouco de clorofórmio… Isso vai refrescar suas ideias… *(Sob o efeito do clorofórmio, o inspetor adormece.)* Bem na hora! O garotinho se comportou. Agora, como sou bonzinho, um pouco de perfume. *(Ele aponta de novo o revólver pulverizador de perfume e espirra.)* Tire uma soneca. *(Depois, ele rola o homem até o quarto de Dimbleval. Ele o tranca.)* Vai… tire uma soneca… *(Levantando-se agilmente, ele abre a porta do fundo, corre até a do vestíbulo e saca seus instrumentos para forçar a fechadura. Mas ele para, escuta e murmura:)* Vamos! Que beleza, roubaram minhas ferramentas! Que patifes! *(Ele volta, fecha a porta do ateliê, reflete, dirige-se até a porta dos modelos.)* Impossível…! Seria preciso a chave… Mas então…! Então o quê…? Trancada… Ferrou! Ah, mas espere, ah, espere aí… *(Ele se vira um instante para a direita e para a esquerda, como um bicho feroz, depois se senta diante de uma mesa.)* Vamos, veja só, Lupin… *(Ele nota o telefone ao seu lado, reflete, olha a saída dos modelos, depois a porta de Marceline e repete:)* Sim, evidentemente, mas seria preciso a chave. *(Um tempo.)* Depois de tudo isso, por que não? *(Olhando seu relógio.)* Tenho uns vinte e cinco minutos, é o suficiente. *(Ele tira o telefone do gancho, e com uma voz baixa, mas nítida, imperiosa, diz):* 648.75. *(Um tempo.)* Alô…! Discando 648.75… *(Irritando-se:)* Bom, que fazer, ninguém atende… A superintendência, então, eu quero a superintendência… *(Um tempo.)* A superintendência…? É você, Caroline? Escute-me bem, querida. *(Exasperado:)* Por Deus, não diga nada! Escute-me… Largue seu serviço. Pegue um carro. Passe no escritório. Você encontrará Bernard e Griffin. Diga--lhes que estou preso no apartamento do escultor Dimbleval. Há inspetores de plantão e outros no pé da escada dos modelos, na praça. Deem um jeito de enganar esses aí e me esperem. Em dez minutos… Ah! Se tiver mais camaradas no escritório… mande virem todos… em dez minutos… *(Ele coloca o telefone no gancho, consulta seu relógio, depois vai até a porta do quarto, escuta e, vivamente, bate.)* Rápido… abra… sou eu,

o subchefe Marescot, por obséquio… É urgente… Pegue a chave da escada dos modelos. *(A porta se abre, Marceline aparece, dá um grito abafado.)*

LUPIN, *com uma autoridade violenta.* — Cale-se! Sou eu! *(Ele a impede de fechar de novo a porta, leva-a até a cena, toda trêmula.)*

MARCELINE. — Quem é o senhor?

LUPIN. — Nem uma palavra…! Espere… Não tente adivinhar, eu vou lhe explicar… *(Marceline cede, aterrorizada.)* E, sobretudo, sobretudo, nada tema… Eu não quero lhe fazer nenhum mal.

MARCELINE. — Mas enfim, meu senhor.

LUPIN. — Mais baixo, eu lhe peço… É bom que ninguém escute a senhorita… nem que me escutem. *(Ele vai fechar a porta ao fundo.)* Por motivos muito graves. É bom que não saibam que estou aqui com a senhorita e que vim até aqui para revê-la. *(Mais vivamente, como se encontrasse, enfim, a explicação:)* Sim, para revê-la! Esta noite, a senhorita estava no baile dos Valton--Trémor… Eu a vi… Oh! Não foi a primeira vez… Eu a vejo por toda parte… em suas saídas para fazer compras…

MARCELINE, *que o escuta com surpresa.* — Para fazer compras… mas eu não faço compras…

LUPIN. — Sim, sim, faz compras em lojas… E toda vez que a senhorita vai ao teatro…

MARCELINE. — Nunca…

LUPIN, *que não para de olhar ao redor de si.* — Oh! Eu lhe peço, não me interrompa… Nós só temos dez minutos… e já faz tanto tempo que busco uma ocasião para falar com a senhorita! Já faz bem mais tempo do que isso! Enfim, esta noite, aconteceu esse baile dos Valton-Trémor, que são meus amigos… Uma mulher encantadora… Todos os dias, nas reuniões, o marido dela e eu…

MARCELINE. — Mas ela é viúva…

LUPIN, *continuando, muito vivamente.* — Sim, desde que seu marido morreu… Mas, antes, ele devia ter me apresentado… E eu lá fiquei, a observá-la… *(Lupin se aproxima dela.)* Oh, a senhorita não podia me ver… Eu me escondia… Sou horrivelmente tímido. Como abordá-la…?

Então, pensei que aqui… e vim, ao acaso… E foi assim que me vi preso no meio desse roubo… esta noite… Queria vê-la… falar com a senhorita… e ir embora logo. Sim, ir embora agora mesmo… Não é? Não é o caso que me encontrem… Vou partir por essa passagem… É a única que está livre… e agora mesmo… agora mesmo… A senhorita compreende, não é?

MARCELINE, *observa-o, desconfiada.* — Não… Não… eu não entendo… Voltei com meu pai.

LUPIN. — E então?

MARCELINE, *em quem a desconfiança cresce.* — Nós trancamos a porta… Então… o senhor… como?

LUPIN. — Ora, veja, isso não tem nenhuma importância.

MARCELINE, *afastando-se.* — Pois tem, pois tem… o senhor veio com aquele homem…

LUPIN, *indignado.* — O homem da barba ruiva!

MARCELINE, *afastando-se, com rapidez.* — Deixe-me… eu quero…

LUPIN, *segurando-a, bruscamente.* — Aonde a senhorita está indo? *(Ela fica parada, presa. Um tempo. Ele se controla, e, docemente, pouco a pouco a obriga a se sentar outra vez.)* Oh, eu lhe peço perdão… perdoe-me… *(Ele olha furtivamente seu relógio e murmura:)* Ai, meu Deus! *(Depois ele retoma, muito humilde, palavras ao acaso, sem se escutar, por assim dizer, e se contradizendo).* Pois bem, sim, eu vim com aquele homem… *(Movimento de Marceline, que quer entrar pela porta do fundo.)* Não, não tenha medo algum, eu não sou cúmplice dele… Oh, não! Um canalha desses! O pior dos miseráveis… mas eu conhecia seu plano e aproveitei para vir… Queria levar alguma coisa sua… não o colar… foi ele que o pegou, eu lhe juro… mas outra coisa… não importa o quê… seu retrato… Sim, veja, eu o peguei, aqui está ele… eu lhe devolvo… A senhorita está vendo que sou um homem honesto… A senhorita está vendo… está vendo… *(Ela se acalma pouco a pouco e o escuta contra a própria vontade, enquanto Lupin continua, ainda distraído, com uma voz atrapalhada, ainda mais apressada pelo papel que desempenha e pela urgência em atingir o objetivo…)* Eu lhe peço, mande-me embora… coloque-me para fora… eu lhe peço… Sem isso acabarei dizendo palavras e palavras que a senhorita não deve escutar… Eu gostaria de ter me

calado, mas não consigo… Eu a amo… Eu só penso na senhorita, e é uma tal alegria que a senhorita o saiba… e que tenha consentido em me escutar… E eu lhe digo tudo, meu amor, minha dor infinita, minha mágoa em não mais vê-la e meu último adeus, já que tudo está acabado e que é o pior minuto… Ah, eu a amo… eu a amo… Dê-me a chave! *(As palavras atordoaram Marceline. O som daquela voz, a estranheza da cena, tudo a transtornava. É um instante de vertigem no qual perde a consciência da realidade. Quase sem perceber, ela o deixa pegar a chave.)*

LUPIN. — Obrigado… Oh, obrigado… *(Ele se levanta triunfante e murmura:)* Ufa, aqui está! *(Ele vai na direção da porta, mas no momento de introduzir a chave ele se vira e vê Marceline, com a cabeça entre as mãos. Ele para, reflete, adivinha o que aconteceu com ela e volta, por sua vez, muito comovido.)* Não diga nada, eu lhe suplico *(um tempo)* e perdoe-me… *(A atitude embaraçada, a voz embargada:)* É a vida… A senhorita não tem como saber… as circunstâncias que a compelem à direita, à esquerda… à esquerda sobretudo, e, depois, um dia, a gente se encontra diante de dois olhos como os seus, que a observam… então…

MARCELINE, *inquieta*. — Vá embora, senhor!

LUPIN. — Eu não quero roubar sua simpatia, eu não quero lhe deixar uma imagem qualquer de um apaixonado heroico. Esqueça todas as palavras que eu lhe disse, são mentiras, um papel de vilão que eu estava interpretando.

MARCELINE. — Vá embora, senhor! Vá embora!

LUPIN. — Ah! como a vida é besta. Eu me sinto honesto ao olhá-la…. Mas já está na hora de ir embora. *(Ele se dirige para a porta da escada dos modelos, e, agitadamente:)* Tarde demais!

MARCELINE. — O quê?

LUPIN. — Veja! Não é preciso ficar brava demais comigo se eu menti para conseguir essa chave. Seu belo gesto de dá-la para mim me fez ser sincero, e a sinceridade é um luxo… Aqui está sua chave; eu não posso mais utilizá-la.

MARCELINE, *inquieta*. — O senhor é louco! Ainda dá tempo… Ah, meu Deus! É verdade, estou escutando!

LUPIN. — Não, não, não é nada!

MARCELINE, *alegre*. — Ah!

LUPIN. — Ai, não, é a polícia.

MARCELINE *vai se colocar ao lado esquerdo da mesa*. — Meu Deus!

DIMBLEVAL, *entrando com Marescot*. — Ah, tem isso, mas… O que está acontecendo aqui? *(Lupin tira seus olhos de Marceline, olha a porta dos modelos, consulta seu relógio e faz um gesto de aborrecimento.)*

DIMBLEVAL. — Quem é o senhor?

LUPIN, *muito descontraído*. — Eu estava justamente explicando isso para a senhorita. Eu me enganei de andar. *(Ele esboça um movimento em direção ao fundo do palco. O subchefe barra seu caminho.)*

DIMBLEVAL. — Enganou-se de andar! Conheço todo mundo aqui! Seu nome, meu senhor? *(Lupin saca um cartão e o entrega a ele.)* "Horace Daubry, explorador." *(Desconfiando:)* Explorador.

LUPIN, *confirmando*. — Explorador… De passagem por Paris, estava visitando um de meus amigos, no andar de cima.

DIMBLEVAL. — Andar de cima! É o telhado…!

LUPIN *tenta passar, o subchefe se opõe*. — Vamos descer, eu lhes explicarei tudo.

O SUBCHEFE, *em voz alta*. — Primeiro, explique-se com este senhor aqui.

DIMBLEVAL, *pegando-o pelo braço*. — Como o senhor veio parar aqui?

LUPIN. — A pé.

DIMBLEVAL. — Estou perguntando como o senhor entrou.

LUPIN. — Pela porta.

DIMBLEVAL. — Impossível. Ela estava fechada. Responda-me de modo mais preciso, meu senhor, do contrário… *(Ele olha para sua filha.)* Do contrário poderei supor que alguém lhe abriu a porta, meu senhor, e eu gostaria de saber em qual momento, pois o prédio estava sendo vigiado. *(Bruscamente, volta-se à sua filha:)* Mas então responda você. Você estava aqui…! Sabe… você estava falando com esse senhor… então… então… responda…

MARCELINE. — Bem, sim, papai.

DIMBLEVAL. — Ah! *(Um silêncio. Com solenidade:)* senhor Subchefe, este é um caso de família que não concerne à polícia. Mas responda você.

LUPIN, *intervindo*. — Não, senhorita, não, eu não aceito… não, por nada no mundo. *(Virando-se.)* O nome que está nesse cartão não é o meu. Meu nome é mais escandaloso, mas é o nome de um homem honesto, à sua maneira, de um homem que preferia matar vocês dois *(gesto de terror dos dois homens)* a fazer o mais leve mal a uma dama *(ele a saúda)* e não vim aqui para fazer a corte à senhorita… No entanto, confesso que, desde que tive a honra de vê-la, é muito possível que eu volte *(a Dimbleval)* nem que fosse só para pedir-lhe sua mão.

O SUBCHEFE, *aproximando-se*. — Nesse caso, meu senhor, qual seria o motivo?

DIMBLEVAL. — Ora, vejamos, Marescot, não se deixe enganar. Eu lhe disse que esse caso não diz respeito à polícia.

LUPIN. — E então, do que os senhores precisam?

DIMBLEVAL, *irônico*. — O senhor queria nos fazer acreditar, talvez, que veio pelo colar?

LUPIN, *que o devolveu*. — Aqui está ele, sobre a mesa.

O SUBCHEFE. — Como?

DIMBLEVAL, *aproximando-se*. — Ladrão!

LUPIN. — Ingrato!

O SUBCHEFE. — Veremos! Veremos! O alerta fala de um homem de barba ruiva. Ah, isso!

LUPIN, *mostrando sua barba falsa*. — A barba!

O SUBCHEFE. — É mesmo essa aqui. E o agente que deixei para vigiar?

LUPIN. — Oh, ele estava tão cansado… Eu o mandei ir se deitar.

O SUBCHEFE. — Ah! Essa agora, mas afinal quem é o senhor?

LUPIN *lhe passa um cartão*. — Pegue aqui, seu guarda.

DIMBLEVAL E O SUBCHEFE, *lendo*. — Arsène Lupin!

LUPIN. — Meu Deus, sim! A gente faz o que pode! *(O subchefe corre até a porta do vestíbulo. Lupin se inclina diante de Marceline e diz rapidamente:)* Senhorita, algumas coisas violentas vão acontecer aqui. O sangue vai correr, talvez… Não será muito bonito… *(Abrindo a porta do quarto.)* Tenha a bondade.

DIMBLEVAL, *empurrando sua filha*. — Vá! *(Ela se detém sobre a soleira, hesita e passa sem parecer ver Lupin. Ele a segue com os olhos. Ela sai.)*

LUPIN, *interpelando Dimbleval*. — O senhor tem mesmo certeza de ser o pai da sua filha?

DIMBLEVAL. — Como? O que o senhor quer dizer com isso?

LUPIN. — Eu digo que é materialmente impossível que um homem como você seja o pai de uma garota como ela. *(E, depois, bruscamente, ele se volta ao subchefe:)* E agora, a parte fácil. Espero que você não esteja sozinho. *(Ele se senta sobre a mesa e prepara um cigarro.)*

O SUBCHEFE. — Tenho homens no telhado. Tenho outros ao pé da escada, não será demais, se você for mesmo Lupin. A delegacia foi prevenida. Renda-se.

LUPIN, *pegando um cigarro*. — A guarda morre…[6] E só estou dizendo isso porque sou educado.

O SUBCHEFE, *sacando seu revólver*. — Eu disse para você se render.

LUPIN, *diante do revólver, fazendo um sinal com a mão*. — Um pouco mais à direita… mais… um pouco mais alto!

O SUBCHEFE. — Chega de graça! Você se rende?

LUPIN. — Mas é claro, sempre.

O SUBCHEFE. — Suas armas. *(Lupin lhe dá a pistola pulverizadora de perfume, que o subchefe embolsa agilmente, sem olhar.)*

LUPIN. — Cuidado, está carregada!

O SUBCHEFE. — Agora, siga-me.

LUPIN, *riscando um fósforo*. — Até o fim do mundo. *(O subchefe avança, ameaçador.)*

LUPIN, *apresentando o fósforo, que queima*. — No primeiro que avançar, eu taco fogo.

O SUBCHEFE. — Pior para você! Vou atirar.

LUPIN. — Você não ousaria.

O SUBCHEFE. — Um… dois…

LUPIN. — Tempo!

O SUBCHEFE, *surpreso*. — O quê?

LUPIN, *levantando-se*. — Tempo! Eu pedi tempo… por consequência… *(com um tom grave)* já que o destino cruel me obriga a morrer, eis que eu tento fazer notar que o colar ainda está aqui, sobre essa mesa.

DIMBLEVAL. — Meu colar…

O SUBCHEFE. — Ora, mas…

LUPIN. — Perdão, pedi tempo. *(A Dimbleval:)* Meu senhor, já que esse colar, contrariamente ao que eu acreditava, lhe pertence…

DIMBLEVAL. — Eu o comprei da duquesa de Brèves.

LUPIN. — Então vamos lá. Eu escutei falar dessa história aí. Um jogo meio sujo… Em todo caso, não me considero como responsável por esse colar. Há aqui alguns indivíduos…

O SUBCHEFE, *decidido*. — Isso vai acabar mal! *(Ele mira de novo.)*

LUPIN, *que se jogou para trás da estátua de Cupido*. — Baixe as armas, ou isto vai quebrar.

DIMBLEVAL, *precipitando-se aflito até o subchefe*. — Mas o senhor está louco! Minha estátua!

LUPIN, *balança o mármore*. — Vamos lá!

DIMBLEVAL. — Um momento! Então, escute, Marescot, deixe esse homem tranquilo. Ele devolveu o colar.

LUPIN, *que recuou até a entrada dos modelos*. — Evidentemente, Marescot. E, agora, você está entendendo? Você é burro demais. O que me obrigava a me desmascarar? O caso já tinha ido pro saco. *(Batem à porta. Escutam-se batidas, de fato, na porta de modelos.)* Veja… estão batendo, reforços que chegam para você. Não é possível, você convocou a guarda republicana. Você quer que eu o ajude? Talvez nós três consigamos chegar lá. *(Ele coloca seu braço para trás. Vê-se que ele está com a chave na mão. Ele está encostado na porta de modelos, no primeiro*

plano.)

O SUBCHEFE. — Você fala demais… Algemas!

LUPIN. — Ah, não, é engraçado!

O SUBCHEFE. — Afinal, o que é isso? O que você quer?

LUPIN. — Respeito!

O SUBCHEFE. — E com isso?

LUPIN, *que introduziu a chave*. — Uma distância conveniente entre mim e você.

O SUBCHEFE. — Caso contrário?

LUPIN. — Caso contrário, eu dou o fora daqui. *(Ele se vira e abre a porta. Dois agentes de polícia em uniforme lhe barram o caminho.)* Ora, imbecis, deixem-me passar! *(No momento em que os afasta, o subchefe chega. Ele empurra a porta, Lupin se livra deles e fica encurralado contra a parede.)*

O SUBCHEFE, *caindo na gargalhada*. — Perdeu, Lupin! Acho que desta vez…

LUPIN, *concordando com ele*. — Você tem razão. Fui pego…

O SUBCHEFE, *triunfante*. — Haha!

LUPIN. — Mas siga os protocolos, hein? Um pouco de cortesia.

O SUBCHEFE, *aos agentes de polícia*. — Obrigado, meus amigos. Então, a delegacia foi avisada?

UM DOS AGENTES DE POLÍCIA. — Sim, os colegas deram a volta pelo bulevar. Seus inspetores os conduziram.

O SUBCHEFE *a Dimbleval*. — Vamos então abrir para eles.

DIMBLEVAL. — Estou indo, estou indo… *(Ele sai, os dois agentes de polícia seguram Lupin.)*

O SUBCHEFE *a Lupin*. — Tudo isso não foi nada mal, hein, Lupin?

LUPIN. — É gentil de sua parte, mas há melhores.

O SUBCHEFE. — O quê? Você ainda não acabou?

LUPIN. — Pois sim, pois sim… Depois de tudo, a prisão só vai durar um tempo, o tempo de entrar e de sair.

O SUBCHEFE. — Vamos começar entrando lá, que tal?

LUPIN, *rindo*. — Você não parece ter muita certeza!

O SUBCHEFE *a um dos dois agentes*. — Vá na frente buscar uma viatura; nós vamos logo em seguida.

LUPIN. — Não vale a pena. Estou com meu carro. Na esquina do bulevar. O motorista Ernest, de Batignolles.

O SUBCHEFE, *correndo até Lupin*. — Vamos para a rua. *(No momento em que ele vira as costas, os dois agentes de polícia que seguram Lupin pegam os braços do subchefe. Ele se debate, estupefato.)* Mas o que é isso? O que está acontecendo aqui? *(Um tempo, ele os olha, olha Lupin e grita:)* Nossa Senhora, cúmplices! *(Ele os empurra violentamente, atira-se sobre a porta do fundo.)* Venham aqui, meus amigos, venham aqui! *(Ele abre. No vestíbulo, percebem-se seis agentes de polícia uniformizados, sólidos, fortes. Dimbleval e os agentes do Serviço de Segurança estão perto deles, algemados, amordaçados e amarrados em cadeiras. Ele balbucia:)* Ah, seus bandidos!

LUPIN, *apresentando*. — Minha guarda pessoal… Serviço de Contrassegurança… Belos rapazes, não são? *(Ante um sinal de Lupin, um dos dois primeiros agentes de polícia imobiliza o subchefe com a ajuda de tecidos velhos. Lupin pergunta ao outro:)* Ora, você não me reconheceu de cara?

O AGENTE DE POLÍCIA. — Não, chefe, eu sou novo e estava escuro… Além disso, segundo Caroline, a gente esperava…

LUPIN. — A barba ruiva, não é? Erro meu. *(Ele se volta para os cativos.)* E agora, a retirada! Espetáculo encantador! Se eu pudesse fazer um pequeno retrato! *(Tirando de seu bolso uma pequena máquina fotográfica e uma lâmpada de magnésio, foca o aparelho e, com a cabeça pendendo para o visor, diz:)* Que grupo maravilhoso…! Grande sucesso… Marescot, sem caretas… Agora sim, meu chapa, você parece pensativo… Dimbleval, uma risadinha… Bom, não se mexa mais… *Click*! Agora foi…! Uma foto instantânea para o jornal! *(Mas a porta se abre precipitadamente, e um agente uniformizado salta gritando:)* Polícia…! *(Então, debandada, alvoroço.)*

LUPIN, *muito calmo*. — Meia volta! Pela escada de modelos e sem bagunça! *(Os agentes se salvam. Tocam a campainha no vestíbulo.)* Vá lá abrir, Marescot…! *(Ele grita:)* Não entrem! Onde estão minhas coisas? Marescot, o que você fez com minhas tralhas? *(Tocam a campainha de novo.)* Um segundo, filho de um cão, vocês não vão querer agora que eu saia sem chapéu! Diga, então, você tem pelo menos um casaquinho? *(Ele acha um.)* Ah, aqui, obrigado! Não se preocupe… *(Pela porta dos modelos entra um dos cúmplices uniformizados.)* Chefe, o carro chegou!

LUPIN. — Estou indo. *(Ele faz uma saudação e sai. Os prisioneiros fazem esforço, desesperados para se livrar de suas cordas. Lupin volta como se tivesse esquecido alguma coisa, vai tranquilamente pegar o colar no bolso de Dimbleval.)* Agora que sei que ele não é mais seu, tenho menos escrúpulos. Veja, o que vem fácil vai embora fácil… comigo. *(Ele vai indo embora quando Marescot, que conseguiu soltar um de seus braços, saca o revólver-vaporizador de perfume que Lupin tinha lhe dado e atira, gritando:)* Tome, canalha!

LUPIN. — Ah, obrigado! Mais, mais! Adoro esse perfume. É o perfume de Caroline. Até logo! Senhor… sem ressentimentos, hein? No fundo, gosto muito de você. *(Ele sai, o subchefe e Dimbleval se levantam, meio amarrados, meio amordaçados, gritam, correm, a estátua do Cupido é derrubada.)*

DIMBLEVAL, *agarrando o subchefe*. — Minha estátua! Meu Cupido! Imbecil! Desajeitado!

---

[5] Possível referência a Marius Jacob (1879-1954), anarquista francês também conhecido por arrombar casas de forma inventiva e, ao mesmo tempo, por ser generoso com suas vítimas. Muitos especialistas alegam que Maurice Leblanc teria se inspirado em Jacob para criar Lupin, o que Leblanc teria negado. (N.T.)

[6] Provável referência à expressão "A guarda morre, mas não se rende", atribuída ao general francês Pierre Cambronne (1770-1842), que a teria dito ao perceber a derrota na Batalha de Waterloo, o que foi contestado pelo próprio general, que sobreviveu ao combate por ter se rendido. (N.T.)

Cortina[7].
O Retorno de Arsène Lupin

Maurice Leblanc e Francis de Croisset

Na casa de Georges Chandon-Géraud. Uma sala para fumar muito elegante. Livros, quadros, troféus de caça. Lembranças recentes de uma viagem à Índia (elefantes de bronze, Budas, etc.).

Cena I

BRIZAILLES, O CRIADO

BRIZAILLES, *entrando.* — Seu patrão voltou?

ALBERT. — Sim, senhor, o patrão voltou há oito dias.

BRIZAILLES. — Eu bem sei que seu patrão voltou há oito dias das Índias. Eu não lhe perguntei se ele voltou a Paris. Estou perguntando se ele voltou para casa.

ALBERT. — Ah, sim, senhor. O patrão está em casa. Quem devo anunciar?

BRIZAILLES. — O senhor de Brizailles, amigo dele. Pelo visto, o senhor é novo como criado, não?

ALBERT. — Sim, meu senhor, desde anteontem.

BRIZAILLES. — Ah, diga-me então se o senhor Chandon-Géraud está com o futuro sogro ou com a noiva, pois, se for o caso, não o incomode. Eu o verei logo mais. Vou almoçar aqui.

ALBERT. — O patrão está com um médico, meu senhor.

BRIZAILLES. — Um médico? Ele está doente então?

ALBERT. — Nessa noite, o patrão ficou atordoado.

BRIZAILLES. — Nada grave?

ALBERT. — Oh, não, senhor.

(Ele sai.)

Cena II

BRIZAILLES, depois GEORGES

BRIZAILLES. — Vejamos… o que mudou aqui? Aqui, isso é novo! Muito bonito… um buda. (*Prestando atenção em uma fotografia.*) Ei, mas essa aqui é a pequena D'Avremesnil, a futura senhora Chandon-Géraud… Bom dia! A senhorita é muito charmosa… É de boa linhagem, filha de embaixador, dança muito bem. Eu mesmo já estive um pouco apaixonado pela senhorita. Vai se casar com um rapaz corajoso, um secretário de embaixada, boa nobreza republicana… nossa nobreza feita de hifens[8]… e além disso tão rico…! É verdade que eu estava apaixonado. Nós dançamos valsas juntos!

GEORGES, *entrando.* — Brizailles! O que você está fazendo aqui?

BRIZAILLES. — Eu estava flertando com sua noiva. Bem contente em vê-lo, meu velho, e eu o felicito.

GEORGES. — Sim, isso aconteceu lá, em Bombaim. Estou feliz. Estou muito feliz. Aliás, você a conhece.

BRIZAILLES. — Desde que nós tínhamos sete anos de idade.

GEORGES. — "Nós" é impressionante! Ela ainda tem todos os seus cabelos, obrigado, Deus! Mas me diga, não foi para me dizer que você não vem almoçar que o vejo tão cedo, não é?

BRIZAILLES. — Não. Estou ansioso para conversar com você. Há quinze meses que não o vejo. Você está com uma cara excelente. Não parece doente.

GEORGES. — Doente? Eu não estava doente.

BRIZAILLES. — Como? Você não estava agora mesmo com um médico?

GEORGES. — Ah, bom! Mas não, meu velho, eu não estava com um médico. É o secretário de Guerchard.

BRIZAILLES. — De Guerchard, o inspetor do Serviço de Segurança? Será que por acaso você recebeu a visita de Arsène Lupin?

GEORGES. — Lupin não se dá ao trabalho por tão pouca coisa. Só me roubaram um anel… mas eu era apegado a ele. Imagine só…

(O criado entra.)

ALBERT. — Querem falar com o patrão ao telefone.

GEORGES. — É a senhorita D'Avremesnil?

ALBERT. — Não, meu senhor, é a governanta. Tem um recado para o patrão.

GEORGES. — Está certo. Você me dá licença? Alô! É a senhorita Kritchnoff? — Sim, sim, sou eu… eu mesmo… Sim, Germaine vai vir…? Sim, sim, eu espero, até logo, senhorita Kritchnoff! A governanta também é charmosa.

BRIZAILLES. — Evidentemente.

GEORGES. — Germaine e eu andamos juntos a cavalo nesta manhã… Mas já faz duas horas que não nos vemos. É muito!

BRIZAILLES. — A gente logo vê que vocês ainda não estão casados.

GEORGES. — Brizailles, o senhor é um grosso, meu caro. Alô, sim, sou eu… Está tudo bem… Sim, muito bem… Não está cansada demais pela cavalgada… Como…? Se eu vou mesmo jantar essa noite…? Aí está uma boa questão! Primeiro, irei tomar o chá… Como…? Sim… Ah, sim, eu amo você… Não, não posso, tem gente aqui.

BRIZAILLES. — Veja, meu velho, se eu estiver atrapalhando…

GEORGES. — Sim, é uma mulher, uma belíssima mulher. Eu vou lhe passar o telefone. Venha lhe dar um oi.

BRIZAILLES, *pegando as duas partes do aparelho e mudando sua voz.* — Quem está falando é alguém que tem uma queda pelo seu noivo, senhorita. *(Ele ri.)* Alô…! Quem sou eu? Jacques de Brizailles… Alô…! Se eu quero conduzir a dança dia 15…? Com prazer… Um baile branco[9]…?

Com prazer… Eu a felicito, a senhorita sabe… a senhorita vai ser infeliz como as pedras… mas eu a felicito.

GEORGES. — Veja só você.

BRIZAILLES. — Isso me recorda a lembrança do senhor seu pai… Sim, irei tomar o chá amanhã… muito obrigado! *(Passando um dos receptores do telefone a Georges.)* Ela é encantadora.

(Ele segura o outro receptor do aparelho.)

GEORGES. — Alô…! Sim, sou eu. Um rapaz gentil, sim! Como? E a senhorita? Grande como o quê…? A senhorita é um anjo. *(Brizailles ri.)* Como? Faz favor de largar o receptor! Alô! Não, falei com o Brizailles… Não desligue, senhorita… Vai almoçar agora mesmo? Eu lhe telefonarei depois do almoço… Até logo… O quê? O *Matin*? O jornal *Matin*? Não, por quê? Uma carta de Lupin? Sobre o seu pai… Uma piada de mau gosto! Verei isso… Até logo mais… Ela é encantadora. *(Ele toca uma campainha.)* Bertaut, traga-me um exemplar do *Matin*… E *você* leu o *Matin*?

BRIZAILLES. — Não, mas li o *Écho* de Paris.

BERTAUT. — Há um cavalheiro querendo falar com o senhor.

GEORGES. — Quem será?

BERTAUT. — Senhor Henri Grécourt.

GEORGES. — Ah, mas eu logo imaginei.

BRIZAILLES. — Ele vai almoçar conosco?

GEORGES. — Sim. Você o conhece?

BRIZAILLES. — Intimamente.

GEORGES. — Nossa! Mas vocês não brigaram, não é?

BRIZAILLES. — De modo algum. Ele acaba de publicar um livro notável… imoral, mas notável.

GEORGES. — Entre, meu caro Grécourt. Estão acusando o senhor de imoralidade.

Cena III

Os mesmos, depois GRÉCOURT, FALOISE, BERGÈS

GRÉCOURT, *entrando.* — É o senhor quem está me difamando, Brizailles?

BRIZAILLES. — Ao contrário. Eu o estou acusando de imoralidade. Estou lhe fazendo uma propaganda. Mas, enfim, seu livro *O furto através dos séculos* é a apologia do furto… o furto agora histórico.

GEORGES, *que tocou a campainha.* — Um aperitivo antes do almoço? Só vamos almoçar daqui a uma meia hora.

GRÉCOURT. — Eu não ia achar mal uma taça de porto.

GEORGES, *a Brizailles*. — E você?

BRIZAILLES. — Uísque e soda!

BERTAUT, *entrando.* — Aqui está o *Matin*, patrão.

GEORGES. — Obrigado. Traga um porto e um uísque.

GRÉCOURT. — Ah! Falando em jornais, digam-me, vocês leram o *Figaro*?

GEORGES. — Não. Por quê?

GRÉCOURT. — Há uma carta de Arsène Lupin.

GEORGES. — No *Figaro* também? Minha noiva acaba de me telefonar justamente dizendo que no *Matin*…

GRÉCOURT. — Mas então o senhor não leu o artigo? Ele diz respeito a seu futuro sogro. *(Ele saca o* Figaro *de seu bolso.)* A carta, aliás, é muito boa mesmo, nítida, insolente. Se Lupin não for um mito…

BRIZAILLES, *interrompendo-o.* — Lupin não existe. É a criação de algum fanfarrão.

GEORGES. — Toda brincadeira tem um fundo de verdade.

GRÉCOURT. — Se Lupin e suas proezas fossem reais, esse ladrão seria, dentre todos aqueles sobre os quais já estudei, o mais audacioso e o mais extraordinário… Aqui, leia a carta em voz alta… Terei prazer em escutá-lo.

GEORGES, *lendo.* — "Senhor Editor-Chefe… Há um ano…"

BERTAUT, *entrando.* — O senhor Jean de Faloise…

FALOISE, *entrando.* — Veja só, meu velho… Ah, bom dia, Brizailles. *(A Grécourt.)* Meu senhor…

GEORGES. — O barão Jean de Faloise, nosso aviador da força nacional… O senhor Henri Grécourt, nosso grande romancista.

FALOISE. — Nossa! Meu senhor, eu li o seu livro… impressionante! Mas falta um capítulo. O capítulo sobre Arsène Lupin. *(A Georges.)* Você leu o *Gaulois*? Por que vocês estão rindo?

GEORGES. — Eu ia ler justamente a carta de Arsène Lupin no *Matin*. Ela está também no *Gaulois*?

FALOISE, *tirando o* Gaulois *de seu bolso.* — Ela é formidável.

OS TRÊS. — "Senhor Editor-Chefe…"

BRIZAILLES. — Ah, não, vamos tirar na sorte.

ALBERT, *anunciando.* — O senhor Bergès.

GEORGES. — Ah, aqui está nosso esgrimista. Você não matou ninguém nesta manhã? Vocês se conhecem?

TODOS. — Sim, certamente.

BERGÈS, *a Faloise*. — Acho que já tive a honra de ser testemunha contra o senhor em um duelo.

FALOISE. — O senhor está se confundindo. Na verdade, o senhor me atingiu com um golpe de espada.

BERGÈS. — Nossa! Eu lhe peço desculpas!

GEORGES, *a Grécourt*. — E então, esse artigo? *(A Bergès.)* Parece que saiu um artigo sensacional hoje.

BERGÈS. — Ah, mas veja só! Eu tenho outro para lhes mostrar.

TODOS. — Ah! Qual?

BERGÈS. — No *Journal. (Tirando o* Journal *de seu bolso.)* Vocês não leram o *Journal*? Uma carta de Arsène Lupin. *(Ele lê.)* "Senhor Editor-Chefe…" *(Todos se entreolham.)* O que vocês têm?

GRÉCOURT. — Mas o que é isso? Então é uma circular?

GEORGES. — Grécourt, você que faz conferências. Leia isso para nós com sua bela voz.

(Bertaut, o mordomo, traz os aperitivos.)

GEORGES. — Veja, aqui está o copo d'água e aqui está o púlpito.

BERTAUT. — Perdão, patrão, o senhor não leu o *Petit Journal*?

GEORGES. — Não, por quê?

BERTAUT. — Há uma carta que fala sobre sua excelência, o futuro sogro do patrão. *(Começando a ler.)* "Senhor Editor-Chefe…"

(Todos riem.)

GEORGES. — Ah! senhor Bertaut, não!

BERTAUT. — Está bem, patrão.

(Ele sai.)

FALOISE. — É extraordinário, e estou certo de que a carta está também no *Gil Blas*, no *La Libre Parole*, no *Petit Parisien*, no *Comoedia*… que arrivista esse Lupin!

GRÉCOURT. — Posso ler?

TODOS. — Estamos ouvindo.

GRÉCOURT, *lendo.* — "Senhor Editor-Chefe. Tenha a gentileza de me desculpar pela extensão desta missiva, mas creio oportuno precisar alguns fatos. Aliás, mesmo essa ilusão sendo lisonjeira demais para mim, tenho a impressão de que minha prosa não será desagradável demais às suas leitoras." Como?

GEORGES. — Que canalha!

GRÉCOURT, *continuando.* — "…Aqui estão os fatos: tendo ficado sabendo, há pouco mais de um ano, que o senhor conde D'Avremesnil, encarregado de representar a França no Congresso de Bombaim, traria, ao fim de sua missão, um diadema, presente real do rajá ao presidente da República, fui tomado por um receio. Pois, de fato, nesse diadema, dizem, resplendem as mais maravilhosas esmeraldas que existem no mundo. Bastante preocupado…" "Preocupado" é uma obra-prima…!

TODOS. — Continue! Continue…!

GRÉCOURT. — "Bastante preocupado, escrevi ao presidente da República a seguinte carta: *'Senhor presidente, meu patriotismo tantas vezes colocado à prova…"* Isso aqui tem seu charme.

GEORGES. — Mas continue! Vai parecer que foi você quem escreveu o texto.

TODOS. — A carta.

GRÉCOURT. — *"…tantas vezes colocado à prova, apavora-se ante a ideia de que um diadema, destinado a figurar um dia no nosso Museu Nacional do Louvre, possa ser furtado da França…"*

BRIZAILLES. — Viva o exército.

GRÉCOURT. — *"Há apenas uma pessoa, nesses tempos de imoralidade desmesurada, que seja capaz de trazer ao senhor esse diadema em bom estado, e, com toda certeza, não é esse homem perfeitamente honesto, e ponto final. Citei o senhor conde D'Avremesnil."*

(Todos riem.)

GEORGES, *levantando-se.* — Por favor. Isso não é engraçado. *(A Grécourt.)* Não, não ria, meu velho.

GRÉCOURT. — *"Se o senhor se recusar com uma opinião preconcebida, que se tornou obstinação, tome cuidado em prescindir de meus serviços, eu lhe provarei que não é possível se privar deles impunemente e me oferecerei esse diadema… o senhor sabe o que isso quer dizer… Queira ter a bondade de me responder em vinte e quatro horas, em meu endereço habitual: senhor Arsène Lupin. França."* Achei esse texto maravilhoso.

GEORGES. — Foi ele quem o escreveu!

GRÉCOURT. — "Como essa carta, paradoxalmente, permaneceu sem resposta, eu me vi forçado a endereçar ao presidente da República o seguinte bilhete: *'Senhor presidente, o senhor D'Avremesnil chegou a Paris, há oito dias. O senhor Balsan, secretário da embaixada, nesse momento portador do famoso diadema, chegará a Paris no dia 14 de março, às 6 horas da noite. Lamento lhe informar que no dia 14, à meia-noite, o diadema estará em minha posse. Não culpe mais ninguém além de si mesmo, pois há alguns meses eu o teria dado de bom grado em troca da medalha com a cruz da Legião de Honra, que creio ter merecido bem mais do que alguns costureiros, ou que outras pessoas de letras."*

GEORGES. — Isso é engraçado! Francamente isso é engraçado!

GRÉCOURT, *continuando.* — *"… outras pessoas de letras e diplomatas…"* Ele fala de diplomatas, meu caro.

GEORGES. — Sim, enfim, isso tudo é só alguém que quis ser desagradável com o pai da minha noiva.

BRIZAILLES. — Pois é, nunca existiu esse tal de Lupin.

FALOISE. — É só um boato difundido pela polícia, quando ela não sabe mais a qual santo recorrer.

GEORGES. — E isso faz a alegria dos bandidos. Quando Lupin aparece, as facas cantam.

FALOISE. — Deem-nos hoje nosso Lupin cotidiano.

BRIZAILLES. — Para mim, Lupin é como Jack, o estripador, como todos aqueles gigolôs, uma série de crimes a que o descaso da nossa República…

BERGÈS. — É isso aí!

BRIZAILLES. —…e a superstição das multidões atribuem o mesmo caráter lendário.

TODOS. — É isso.

FALOISE. — Por que você fica conduzindo danças? Você deveria ser orador.

GRÉCOURT. — Comparar Lupin a Jack, o estripador, é formidável!

BERGÈS. — Isso é mesmo. Lupin nunca assassinou ninguém.

FALOISE. — Ele nem mesmo matou alguém em um duelo.

GEORGES. — *Você* acredita na existência de Lupin…?

GRÉCOURT. — Sim, acredito. Ele anunciou que pegará o diadema, acho sua ameaça verdadeira. Ele anunciou que depois disso pegará *A Monalisa.*

GEORGES. — Hum…!

FALOISE. — É verdade… Eu li essa palhaçada nos jornais.

GEORGES. — *A Monalisa* do Museu do Louvre… E, ainda assim, você acredita em Lupin?

GRÉCOURT. — Sim.

BRIZAILLES, *declamando.* — Já eu creio em Lupin como eu creio em Deus…

GEORGES. — É seu papel. Ele acaba de escrever um livro sobre ladrões; Lupin lhe confere atualidade.

GRÉCOURT. — Então, deixe-me tranquilo… Vocês negariam a existência de Napoleão?

FALOISE. — Essa é boa!

GRÉCOURT. — Perfeitamente. É um princípio entre vocês! Assim que aparece um ser que saia um pouco do ordinário, que tem elegância, que seja melhor que vocês, ou vocês tiram sarro ou negam-lhe a existência. Vocês têm as almas frouxas, medíocres… estão podres de literatura… fedem a ceticismo… E, de saída, não acreditam em nada…

GEORGES. — E você?

GRÉCOURT. — Vocês não acreditam na guerra e ficam todos atônitos quando ela bate em suas portas, vocês não acreditam no amor… não acreditam no heroísmo… não acreditam nos verdadeiros duelos.

BERGÈS. — Ah, desculpe!

GRÉCOURT. — Enfim, vocês são pessoas inteligentes demais, refinadas demais, cultas demais, de modo que não compreendem mais nada de nossa época e negam esse produto sintético de nosso tempo, essa consequência, essa evidência, esse documento: Arsène Lupin!

GEORGES. — Mas afinal onde estão suas provas? Em que você fundamenta sua crença em Lupin?

GRÉCOURT. — Em seus atos, meu caro, nos atos que são atribuídos a ele, dos quais ele se vangloria e que a gente pode constatar… Há aí, como posso dizer… uma marca de fábrica, um procedimento novo e que lhe é próprio.

BRIZAILLES. — Ou melhor, uma falta de procedimentos.

GRÉCOURT. — Peguem cada uma de suas aventuras, peguem sua fuga da prisão Santé, peguem o caso Cahorn[10], vocês encontraram sempre uma certa maneira de agir, cujo segredo ainda não captei, mas que é como uma assinatura muito pessoal e totalmente inimitável.

BERGÈS. — Tem alguma verdade nisso…

GRÉCOURT. — É um tipo de pressão exercida sobre a vítima escolhida, todo um conjunto de cuidados preliminares…

FALOISE. — Sim, mas…

GRÉCOURT. — Uma aproximação progressiva do inimigo… blefes, propagandas, em suma, todo um sistema de combinações obscuras, distantes, emaranhadas, mas que, juntas, têm um caráter comum de vanglória calculada, de certeza pretenciosa e matemática… Vocês pediram minhas provas… aí estão elas. Além disso, vejam só, talvez, todos nós já o tenhamos conhecido… Não supunham que Lupin não era ninguém mais do que D'Arbelles?

BERGÈS. — D'Arbelles! Édouard d'Arbelles!

GRÉCOURT. — Sim.

GEORGES. — D'Arbelles! Mas eu conheci D'Arbelles!

FALOISE. — Eu também. E é verdade que ele tinha má reputação. Ele teve sua admissão negada no Jóquei Clube.

GRÉCOURT. — Musset[11] também.

BERGÈS. — D'Arbelles! Não era aquele jovem rapaz, todo cheio de pompa? Um garoto bonito, muito pálido que se parecia com D'Andrésy?

GRÉCOURT. — Sim, havia entre eles uma semelhança extraordinária, e os dois se vestiam sempre na moda. Um belo dia, há quase dez anos, D'Arbelles evaporou. No dia seguinte, um mandato de busca foi apresentado contra ele… Perseguiram-no até a Austrália. E, no dia em que conseguiram colocar as mãos nele, perceberam que tinham prendido… adivinhem quem?

BRIZAILLES. — Afonso XIII[12].

GRÉCOURT. — Não. Foi D'Andrésy.

GEORGES. — Como?

BERGÈS. — O pobre D'Andrésy! Ele deve ter feito uma cara! Ele era muito ligado a D'Arbelles.

GEORGES. — Ah! Eles eram muito próximos?

BRIZAILLES. — Mas, afinal, o que foi feito dele?

FALOISE. — De quem? D'Arbelles ou D'Andrésy?

BRIZAILLES. — D'Andrésy. D'Arbelles não é interessante.

GRÉCOURT. — A menos que ele seja Lupin.

FALOISE. — D'Andrésy morreu, ao menos foi o que me disseram.

BERGÈS. — Para mim contaram que, depois de ter se infiltrado em um harém, ele roubou a mulher de um paxá!

BRIZAILLES. — Já para mim contaram que, caçando búfalos, ele encontrou um tigre e que foi de tétano que ele morreu. *(A Georges.)* Por que você está rindo?

GRÉCOURT. — Para mim garantiram que ele tinha descoberto uma mina de ouro. Soube por um amigo de sua família.

FALOISE. — Aliás, vai muito bem a família dele. D'Andrésy é o sobrinho do duque de Charmerace.

BERGÈS. — Sim, mas nenhuma fortuna. Inclusive ouso dizer que foi esta a causa de sua partida.

BRIZAILLES. — Ora já para mim contaram algo mais forte.

TODOS. — O quê?

BRIZAILLES. — Não me lembro mais, mas era aterrador.

GRÉCOURT. — Em todo caso, ele saiu de circulação. Um parisiense a menos… Ei, Georges, com tudo isso, a gente está morrendo de fome.

TODOS. — Sim.

BRIZAILLES. — E se a gente fosse para a mesa?

GEORGES. — Impossível! Estou esperando uma pessoa.

GRÉCOURT. — Quem?

GEORGES. — Ele não está arruinado, não roubou uma mulher turca, não pegou tétano com um tigre e geralmente é pontual.

GRÉCOURT. — Você está tirando uma da nossa cara?

GEORGES. — Eu o vi pela última vez no Tibete, há seis meses. E ele me disse: "virei almoçar na sua casa, na segunda-feira, no dia 1º de março, às quinze para uma".

BRIZAILLES. — Qual o nome do Judeu errante[13]?

GEORGES. — É meu melhor amigo.

TODOS. — Obrigado.

GEORGES. — Ou, ao menos, eu deveria ser o melhor amigo dele. Ele salvou a minha vida.

TODOS. — Quem é ele?

GEORGES. — Só que ele é tão misterioso, tão distraído…

BRIZAILLES. — Fale o nome desse bom samaritano, ou eu quebro esse vaso chinês.

GEORGES. — Ah, não, não o quebre. É D'Andrésy.

BRIZAILLES. — Nossa!

(Ele deixa cair o vaso.)

GEORGES. — Animal!

BERGÈS. — D'Andrésy! Então ele não está morto?

GEORGES, *recolhendo os cacos.* — Um vaso único.

GRÉCOURT. — E ele vem almoçar?

BRIZAILLES. — E ele salvou a sua vida?

GRÉCOURT. — Conte-nos a história.

GEORGES. — Vocês não acreditariam nela. Estando em Paris, fica parecendo idiota.

TODOS. — Claro que não…

GEORGES. — Além disso, essa história me é desagradável… Vocês sabem que não sou covarde… e, no entanto, nunca tive tanto medo assim.

FALOISE. — Você atiçou nossa curiosidade.

GEORGES. — Já que vocês insistem, lá vamos nós! Saibam que a meio caminho entre Menasson e Calcutá se encontra um tempo sagrado cuja entrada, perigosa para europeus, é proibida às mulheres. Ali trabalham sacerdotes fanáticos, cujo chefe religioso não é ninguém menos, ao que parece, que o Dalai Lama de Lassa.

BRIZAILLES. — Ah, não, meu velho, nada de geografia. Fica confuso e é um saco.

GEORGES. — Que seja. Mas o que preciso lhes dizer é que contam a propósito desse templo lendas das mais abomináveis, sobre suplícios, sacrifícios humanos, torturas…

FALOISE. — Agência Cook[14]. Dois francos a entrada.

GEORGES. — Você é idiota. Esse lugar existe.

GRÉCOURT. — Sim, existe.

GEORGES. — E nossas imaginações estavam tão superestimuladas por aquelas histórias que nos contava D'Andrésy — D'Andrésy a quem havíamos conhecido três dias antes — que uma noite, sem o prevenir, eu peguei a estrada para o templo acompanhado de minha noiva e da senhorita Kritchnoff.

BERGÈS. — É idiota levar mulheres em um caso como esse.

GEORGES. — Perdão, foram elas que insistiram. Por mim, iria sozinho. No mais, vestidas como eu com largas roupas de flanela, elas pareciam jovens rapazes. A expedição começou bem. Por volta das seis horas da noite, depois de termos atravessado um país pitoresco, que o pôr do sol…

BRIZAILLES. — Ai, que tédio!

GEORGES. — Eu sou incapaz de lhes contar nessas condições…

GRÉCOURT, *a Brizailles*. — Pois é, então, fique calado. Conte como você quiser.

GEORGES. — Enfim, nós chegamos ao templo. A porta estava entreaberta, nós nos esgueiramos por ela… Imaginem uma luz leitosa… uma sombra azulada… E entre os perfumes de rosas e incensos, um odor atroz, sufocante… Em certo momento, tivemos a ideia de refazer nosso caminho, mas o altar lá no fundo atraía-nos, um altar de mármore branco e preto… um altar funerário diante do qual havia três sacerdotes… dois dos quais cantarolavam em voz baixa… Um terceiro estava inclinado sobre alguma coisa que não podíamos ver, sobre alguma coisa que estava viva, que estava… dolorosamente viva. Bruscamente, um grito, um grito abominável, o grito de alguém que é degolado… E permanecemos lá, trêmulos de horror, a senhorita Kritchnoff ao meu lado, a senhorita D'Avremesnil a alguns passos… separados uns dos outros por vários brâmanes, que, brancos como fantasmas, acabavam de entrar um de cada

vez. Atrozmente agoniado, eu queria criar uma passagem para mim. Impossível! Insistia violentamente e já procurava meu revólver, quando mãos se agarraram a meu braço e uma mordaça fechou minha boca. A senhorita D'Avremesnil deu um grito, e tive uma premonição horrível, aterradora, de que a estavam levando até o altar, no qual seria a vítima escolhida, e onde iriam sacrificá-la…

BERGÈS. — Mas isso é odioso!

TODOS. — Mas e então?

GEORGES. — E então, no fundo do santuário, uma pequena porta se abriu. Alguém entrou. Reconheci D'Andrésy. Ele se aproximou do altar, olhou fixamente para os miseráveis que rodeavam a senhorita D'Avremesnil e fez um gesto. Nada de mais. Nenhuma palavra. Senti que as mãos me soltavam. A mordaça caiu de minha boca. O santuário se esvaziou. Alguns segundos depois, estávamos a sós, nós três, diante de D'Andrésy.

BERGÈS. — Que drama!

BRIZAILLES. — É o conde de Monte Cristo[15] esse seu D'Andrésy.

GEORGES. — Vocês estão brincando! Nunca esquecerei o minuto de pavor que passei ali… e também nunca esquecerei. E isso é ainda mais estranho. Nunca esquecerei também a sensação imediata de paz e de certeza que experimentei ao ver D'Andrésy aparecer no limiar da porta e avançar sem pressa…

GRÉCOURT. — Que teatro! Que teatro!

GEORGES. — Que seja, mas onde estavam as cortinas? E qual seria o objetivo daquela encenação? E aquela autoridade sobre os sacerdotes, de onde vinha?

BERGÈS. — Mas qual explicação *ele* mesmo deu para você sobre isso?

GEORGES. — Nenhuma. Ele sorriu… com seu sorriso indefinido e me disse "Vocês não entenderiam", e acrescentou: "Além disso, formariam sobre mim uma falsa impressão".

GRÉCOURT. — Mas afinal, o que *você* sentiu em relação a D'Andrésy?

GEORGES. — Eu não sei… Ele salvou a minha vida… Ele salvou a vida daquela que amo… Devo-lhe uma gratidão profunda, e, no entanto…

GRÉCOURT. — Ele preocupa você?

GEORGES. — Sim… não… é um sentimento… Como posso dizer…? Um sentimento de simpatia e, ao mesmo tempo, de mal-estar… O sentimento de que se trata de um ser especial, diferente demais de todos nós. Ele vê, adivinha coisas que ninguém no mundo veria nem adivinharia. Há alguma coisa de faquir naquele homem.

BRIZAILLES. — Ele lê a borra do café?

GEORGES. — Vejam… roubaram-me um anel, ontem à noite, um anel que me era caro. Chamei aqui o secretário de Guerchard. Ele nada encontrou, naturalmente. E, no entanto, estou certo de que ao cabo de cinco minutos D'Andrésy me dirá onde ele está.

FALOISE. — Vamos ver, então!

BRIZAILLES. — Eu daria cem soldos para ver isso.

GEORGES. — E, depois, nossa! É uma pessoa que me impressiona, porque eu sinto que ele é superior, sim, superior pelas fontes das quais dispõe, pelos segredos com os quais as domina. E, apesar de tudo isso, uma pessoa cujo encanto autoritário enfrentei; um ser de sedução… sim, você o chamou assim, Brizailles: conde de Monte Cristo… O conde de Monte Cristo deve ter produzido esse efeito em Albert de Morcerf.

BRIZAILLES. — Puxa vida! Em seu lugar eu não me sentiria mais tranquilo assim.

FALOISE. — Quanto a mim, minha opinião é de que você teve um pesadelo. O que o senhor acha, Grécourt?

GRÉCOURT. — Pois bem, quanto a mim, meus senhores, tenho uma opinião bem diferente. Aceito Lupin, mas não vou ao ponto de crer no conde de Monte Cristo. Confesse que você teve aí um devaneio, meu caro Georges. Você não andou lendo *O conde de Monte Cristo* por esses dias?

GEORGES. — Você só pode estar brincando. Por quê?

GRÉCOURT. — Porque a situação é a mesma. Você não tem *O conde de Monte Cristo* aqui?

GEORGES. — Tenho *(indicando uma prateleira na biblioteca).* Adoro Dumas.

GRÉCOURT. — Pois então! Escute, meu velho *(procurando o livro)*. Tomo III. Albert de Morcert, feito prisioneiro em Roma por bandidos italianos, é misteriosamente salvo pelo conde de Monte Cristo, como você por D'Andrésy. Também como você, Morcerf convida Monte Cristo até sua casa, para almoçar às dez e meia.

BRIZAILLES. — Um pouco cedo.

GRÉCOURT. — Como Morcerf, você convida ao almoço um dândi, alguns *bon-vivants*.

BRIZAILLES, *designando Grécourt.* — Um homem de letras que está na moda.

GRÉCOURT. — E como Morcerf… mas vejam, vou ler: "—Zombem, zombem o tanto que quiserem, meus senhores — diz Morcerf, um pouco mordido. — Quando eu o olho, vocês, parisienses, habituados à boa vida, aos passeios pelo Bosque de Boulogne[16], e então eu me lembro daquele homem, pois bem, parece-me então que nós não somos da mesma espécie. — Estou lisonjeado — diz Beauchamp ou Brizailles. — Mesmo assim — acrescenta Château-Renaud ou Faloise —, seu conde de Monte Cristo só é um homem galanteador em suas horas vagas, exceto, no entanto, por seus pequenos negócios com os bandidos italianos. — Ei, não há bandidos italianos — diz Debray ou Grécourt. — Nem Monte Cristo — acrescenta Beauchamp. — Veja, caro amigo, eis que soam dez horas e meia. Confesse que o senhor teve um pesadelo e vamos almoçar — diz Beauchamp. Mas a vibração do pêndulo nem se tinha ainda extinguido quando a porta se abriu e Germain anunciou: Sua Excelência…"

BERTAUT. — O senhor conde D'Andrésy!

Cena IV

Os mesmos, D'ANDRÉSY.

(Movimento. Todo mundo se levanta.)

D'ANDRÉSY. — Meu caro Georges, acho que fui pontual. Nós havíamos marcado um encontro há seis meses no dia primeiro de março às quinze para a uma… E, veja só, são quinze para a uma… Confesse que o senhor me considera o conde de Monte Cristo!

GEORGES. — Eu não lhes dizia que ele é um adivinho? Estávamos falando disso.

D'ANDRÉSY. — Eu estava certo disso… pois, afinal, cheguei a tempo de entregar meu sobretudo ao fiel Bertaut…

GEORGES. — Como?

D'ANDRÉSY. — O quê?

GEORGES. — O senhor o chama de "fiel Bertaut"… O senhor o conhece, então?

D'ANDRÉSY. — Naturalmente… Na casa de sua pobre mãe… há dez anos… Mas o senhor está esquecendo seus deveres de anfitrião, meu caro Georges. Serei obrigado a eu mesmo me apresentar. *(Após um segundo de hesitação.)* Senhor Grécourt, não é?

GRÉCOURT. — Sim, meu senhor…

D'ANDRÉSY. — Seu livro *O furto através dos séculos* é uma obra… Há nele páginas notáveis… Veja, as páginas 17, 18 e 19 são, a meu ver, definitivas.

GRÉCOURT. — Ah, meu senhor… como fico feliz em escutar dizer isso… São as páginas que tenho a fraqueza de preferir… E o senhor é o primeiro leitor a destacá-las para mim…

GEORGES. — Senhor Bergès…

D'ANDRÉSY. — Oh, mas conheço o senhor… Tive a honra de lutar contra o senhor… Estávamos na mesma sala, na casa de Roulland.

GRÉCOURT. — O senhor deve estar confundindo… Eu nunca frequentei a casa de Roulland.

D'ANDRÉSY. — Na academia de esgrima Círculo d'Anjou, então?

GRÉCOURT. — Ah, sim… e parece-me, de fato…

D'ANDRÉSY. — Não é?

GEORGES. — O senhor conhece o barão Jean de Faloise?

D'ANDRÉSY. — Creio que sim. Um camarada dos meus círculos! O senhor se lembra do ciclame nos tempos heroicos da bicicleta?

FALOISE. — Nossa, é verdade…! Mas não posso acreditar…

D'ANDRÉSY. — O senhor não me reconhece… E o senhor também não, meu caro Brizailles…! Pelo visto, o senhor se esqueceu da última dança que conduzimos juntos na casa da duquesa d'Étampes, não é?

BRIZAILLES. — Não mesmo… não mesmo… mas eu não guardei suas feições…

D'ANDRÉSY. — Que pena…! O senhor acaba de me confirmar a implacável acusação de meu espelho. Pois eu envelheci tanto…

BRIZAILLES. — Ao contrário, é que…

D'ANDRÉSY. — O quê então?

BRIZAILLES. — O senhor rejuvenesceu…

FALOISE. — É verdade!

D'ANDRÉSY. — Nossa!

BRIZAILLES. — Mas, agora, estou reconhecendo seu olhar, seus gestos… o D'Andrésy de outrora… Como vai, meu velho?

D'ANDRÉSY. — Vou muito bem… E o senhor?

BRIZAILLES. — Nós já fizemos festas juntos! Fico feliz em revê-lo… velho amigo…

BERTAUT. — Patrão, o almoço está servido.

TODOS. — Ah!

BRIZAILLES, *a Georges*. — Ah, não… o anel.

GRÉCOURT. — Pois é… o anel.

D'ANDRÉSY. — Qual anel?

BRIZAILLES, *a D'Andrésy.* — Ora veja, meu velho, parece que… a gente não tinha formalidades, não é?[17]

D'ANDRÉSY. — Menos ainda agora.

BRIZAILLES. — Parece que você tem dons de adivinho… E que você se tornou feiticeiro…

GEORGES. — É uma piada, meu caro D'Andrésy… mas um anel desaparecera de minha casa, e eu aventava, agora há pouco, que, em vez de ter-me dirigido a Guerchard, teria feito melhor em lhe pedir conselho.

BRIZAILLES. — Ele me afirmou que em cinco minutos você reencontraria o anel.

GEORGES. — Sim, tive a fraqueza…

D'ANDRÉSY. — Cinco minutos… podemos ver…

TODOS. — Nossa!

D'ANDRÉSY. — Quando o anel desapareceu de sua casa?

GEORGES. — Não sei. Ontem à tarde, às quatro horas, ele ainda estava sobre a lareira de meus aposentos e, à meia-noite, quando voltei, não estava mais lá.

D'ANDRÉSY. — Quem poderia entrar nesse cômodo?

GEORGES. — Meus criados. Não desconfio de ninguém.

D'ANDRÉSY. — O anel tem alguma singularidade? Seria ele, por exemplo… muito fino…?

GEORGES. — Mas, diabos, como o senhor sabe disso?

D'ANDRÉSY. — O rapaz que me abriu a porta, esse jovem valete, trabalha aqui já faz muito tempo?

GEORGES. — Não. Faz oito dias, mas recebi as melhores recomendações sobre ele.

D'ANDRÉSY. — Quando ele entrou a seu serviço, ele já usava esse grande anel de cobre no dedo médio da mão direita?

GEORGES. — Ele usa um anel no dedo médio da mão direita…? Eu nunca tinha notado isso.

D'ANDRÉSY. — Chame seu valete sob um pretexto qualquer. Ah, um momento… O senhor vai me dar sua palavra de que, se eu lhe devolver seu anel, o culpado poderá sair daqui sem ser incomodado…?

GEORGES. — Dou minha palavra… mas…

D'ANDRÉSY. — Pelo afeto que tenho pelo senhor, posso lhe prestar esse pequeno serviço. Mas não sou nem um delator nem um justiceiro. Aliás, esse é, inclusive, um ofício que me repugnaria um pouco.

GEORGES, *tocando a campainha.* — Então, o senhor acredita que Albert… esse rapaz, cujas recomendações… Enfim… *(Entra Albert.)* Albert, eu, sim… Telefone então à garagem… É isso… Peça o carro para

as três horas.

ALBERT. — Está bem, patrão.

D'ANDRÉSY, *a Albert, com um cigarro na boca.* — Estou procurando… estou procurando… meus fósforos…

ALBERT. — Aqui, senhor…

(Albert risca um fósforo e o oferece a D'Andrésy.)

D'ANDRÉSY, *a Albert.* — Puxa, então o senhor esteve no Camboja?

ALBERT. — Eu, meu senhor?

D'ANDRÉSY. — Esse grande anel de cobre que está em seu dedo… há apenas uma aldeia que o fabrica e que usa esses anéis.

ALBERT. — De fato, foi um camarada…

D'ANDRÉSY. — Deixe-me ver, então…

(Ele estende a mão. A outra recua. D'Andrésy pega seu braço bruscamente.)

ALBERT. — Ei, o que foi? O que o senhor quer de mim?

(Faloise, Georges, Bergès se aproximam.)

D'ANDRÉSY. — Por favor.

BRIZAILLES, *baixinho.* — D'Andrésy vai acabar apanhando.

D'ANDRÉSY, *a Albert.* — Este anel…

ALBERT. — Mas…

D'ANDRÉSY, *pegando Albert pelo colarinho. Este se debate e cai. D'Andrésy se apodera do anel e, sempre mantendo Albert de joelhos, abre o anel e tira outro de dentro dele. A Georges.* — É este anel aqui?

GEORGES. — Oh… sim…

D'ANDRÉSY, *a Albert.* — O senhor é um miserável, meu rapaz, mas, só desta vez, o senhor se safou. Vá ser pego em outro lugar. *(Baixinho.)* Eu não machuquei você?

ALBERT. — Não, patrão.

BERTAUT, *entrando e vendo Albert se levantar.* — Nossa!

GEORGES, *a Bertaut.* — Eu despedi Albert. Diga a Jean para subir com ele e revistar sua mala.

BERTAUT. — Nossa!

GEORGES. — Depois disso, pode servir o almoço.

(Bertaut sai.)

FALOISE. — Eu nem estou mais com fome.

BRIZAILLES. — Escute, você não se saiu mal.

GEORGES. — Enfim, vamos almoçar… Ah, puxa vida, minha nossa!

TODOS. — O que foi? O que aconteceu agora?

GEORGES, *pegando uma caixinha.* — Minha pérola! Desde que esse cretino não me tenha surrupiado… Ah, se ele me roubou essa pérola… Ah, não, ela está aqui…

D'ANDRÉSY. — Uma pérola?

GEORGES. — Sim, esta aqui… Eu a comprei ontem… Minha noiva gostou dela… então tive medo de que esse cretino… Será um lindo pingente, não é mesmo…?

D'ANDRÉSY. — Ela é maravilhosa.

BERTAUT. — Patrão, o almoço está servido.

GEORGES. — Albert já foi embora?

BERTAUT. — Sim, patrão. Ele nem mesmo subiu para fazer sua mala. Foi embora sem mais delongas.

GEORGES. — Já foi tarde. À mesa, meus senhores. *(A D'Andrésy.)* E, lembre-se, Hubert, mais uma vez, obrigado.

D'ANDRÉSY. — Não há de quê!

Cena V

GERMAINE, SONIA

GERMAINE, *entrando e falando com alguém nas coxias.* — Não avise o seu patrão que estou aqui, não o avise…! *(A Sonia.)* Isso é muito divertido. A senhorita pode entrar; eles estão todos à mesa.

SONIA. — Sim. Se o senhor embaixador ficar sabendo dessa nossa invasão, ele ficará furioso.

GERMAINE. — Senhorita, papai nunca fica furioso. Ele é tranquilo. O que pode acontecer de pior é que ele fique infinitamente descontente. A senhorita sabe que é a primeira vez que vou à casa de um rapaz.

SONIA. — Assim espero.

GERMAINE. — O quê? Que idiotice! Por que uma noiva não teria o direito de ir à casa de seu noivo e fuçar em tudo? Está tudo arrumadinho, não é…? Georges mantém tudo em ordem.

(Ela empurra uma pilha de livros.)

SONIA. — Ele mantém tudo em ordem. Mas se a senhorita continuar…

GERMAINE. — Eu queria ver quem Georges convidou para o almoço. Ah, se ele convidou uma mulher, por exemplo… Estou certa de que a sala de jantar é aqui. Vou entreabrir a porta sem que me escutem.

SONIA. — Não fazendo assim.

GERMAINE. — Como?

SONIA. — A senhorita vai fazer a madeira ranger… Levante o trinco antes de abrir.

GERMAINE. — É verdade…! Ah, estou vendo… Nossa!

SONIA. — O que foi?

GERMAINE. — Um chapéu de mulher… Miserável! Ah, não! É só um cesto de flores.

SONIA. — A senhorita me diverte muito…

(Ela olha os livros e a biblioteca.)

GERMAINE. — Estou vendo Brizailles… Estou vendo Faloise… Ah, ali está Georges… Como eles estão prestando atenção… O que eles estão escutando assim…? Nossa!

SONIA. — O que foi agora?

GERMAINE. — A senhorita não imagina! Nem em um milhão de anos! Adivinhe quem está ali.

SONIA. — Quem?

GERMAINE. — Alguém por quem a senhorita tem uma queda.

SONIA. — Até parece!

GERMAINE. — Seu paquera de Calcutá… O senhor que ao mesmo tempo a senhorita admira e que a irrita.

SONIA. — O senhor D'Andrésy!

GERMAINE. — Veja só!

SONIA. — É verdade!

GERMAINE. — Ah, a senhorita ficou vermelha.

SONIA. — De novo essa brincadeira.

GERMAINE. — A senhorita ficou vermelha e está ficando vermelha de novo.

SONIA. — Tome cuidado… eles vão escutá-la.

GERMAINE. — Sim.

(Ela se mexe para fechar a porta.)

SONIA. — Levante o trinco.

GERMAINE. — Sim… *(Ela fecha a porta novamente.)* Isso a deixou abalada, hein?

SONIA. — Isso o quê?

GERMAINE. — Rever o senhor D'Andrésy. Confesse que ele é bem seu tipo.

SONIA. — Senhorita, que modos de falar os seus…

GERMAINE. — Vocês dois estavam muito engraçados juntos em Bombaim… Particularmente, acho que ele tem uma queda pela senhorita…

SONIA. — O senhor D'Andrésy tem coisa melhor a fazer do que se interessar por uma pobre garota como eu…

GERMAINE. — É porque a senhorita é bonita.

SONIA. — Não sou.

GERMAINE. — É, sim… muito bonita. Além disso, caprichosa, feroz. Diana! O apelido que D'Andrésy lhe deu é bem preciso… Diana…!

SONIA. — Vamos… Vamos ver…

GERMAINE. — Não…? Talvez a senhorita não seja feroz, não é?

SONIA. — Tenho horror a galanteios e a banalidades, eis tudo.

GERMAINE. — Veja só! Isso aqui está fechado à chave.

SONIA. — O que a senhorita está fazendo?

GERMAINE. — Está fechado à chave… Bem gostaria de ver o que há aqui dentro. Deve ter algumas cartas. Comprometedoras…

SONIA. — Esta seria uma razão para não olhar.

GERMAINE. — Georges me falou de um pequeno móvel em marchetaria, onde ele guarda todos os seus segredos. Dê-me alguma coisa para abrir a fechadura.

SONIA. — Como? A senhorita quer…

GERMAINE. — Venha aqui. A senhorita conhece um monte de truques. E é tão habilidosa com as mãos!

SONIA. — Não quero ser testemunha do que a senhorita vai fazer; acho sua atitude…

GERMAINE. — Que saco, senhorita… Vamos…!

(Ela derruba uma estátua.)

SONIA. — É bem feito. E devem tê-la escutado.

GERMAINE. — Mas a gaveta está aberta. *(A porta se abre.)* Nossa!

(Ela esconde o pacote atrás das costas.)

GEORGES, *entrando.* — A senhorita…! *(Falando com alguém nas coxias.)* Desculpe-me, já me junto a vocês. Um segundo. *(A Germaine.)* A senhorita aqui! *(Vendo a gaveta aberta.)* E… O que significa isso?

SONIA. — Sim, senhor Georges, veja só o que ela estava fazendo.

GEORGES. — Germaine, a senhorita não está envergonhada?

GERMAINE. — Não.

GEORGES. — Ao menos, a senhorita não pegou nada, não é?

GERMAINE. — Nada.

GEORGES. — Como nada? *(Ele olha.)* Germaine, devolva-me minhas cartas.

GERMAINE. — Mas nunca na vida! De quem são elas?

GEORGES. — De ninguém… de um amigo… Entregue-as para mim.

GERMAINE. — Se são de um amigo, eu posso olhar.

GEORGES. — Não.

GERMAINE. — Então, são de uma mulher.

GEORGES. — Germaine, a senhorita é insuportável.

GERMAINE. — O senhor me ama? Sim ou não?

SONIA. — Senhorita Germaine…

GERMAINE. — Oh! Sonia! Não se meta em brigas de casal. Vá fuçar a biblioteca. Os livros é que são assunto seu. *(A Georges.)* De quem são estas cartas?

GEORGES. — Germaine, isso é um absurdo!

GERMAINE. — Então, o senhor ainda guarda cartas de mulher mesmo estando noivo?

GEORGES. — Pois, sim, elas… são cartas de uma mulher.

GERMAINE. — Oh! Isso é demais!

GEORGES, *perseguindo-a.* — Germaine!

GERMAINE. — Ah, eu quero ver… Nossa…!

GEORGES. — A senhorita está passando dos limites agora.

GERMAINE. — Elas são minhas… mas só tem cartas que…

GEORGES. — Germaine, não, isso não, não.

GERMAINE. — Um de meus lenços… uma fita… uma pena de meu leque…

GEORGES. — Na minha situação… Um diplomata…

GERMAINE, *a Sonia.* — Adivinhe o que havia aqui dentro, senhorita.

GEORGES. — Eu não quero, Germaine.

GERMAINE. — Nossa! Mas como é orgulhoso esse homem! O senhor não me ama, Georges.

GEORGES. — E a senhorita?

GERMAINE. — Eu também não.

GEORGES. — Então, venha me dar um beijo.

GERMAINE. — Nossa, na frente da Sonia!

GEORGES. — Ela está fuçando a biblioteca.

(Eles se beijam.)

GERMAINE. — O senhor vem lanchar mais tarde?

GEORGES. — A senhorita não merece.

GERMAINE. — Ora, vamos! Eu lhe fiz uma cena e nós nem nos casamos ainda… O senhor deve estar radiante… Pois então, eu o devolvo aos seus convidados. Ah, e não diga a papai que eu estive aqui.

GEORGES. — Ele ficaria infinitamente descontente, não?

GERMAINE. — Com certeza! E não é o momento. Ele está em tal estado de nervos!

GEORGES. — Hã? Aquela brincadeira, a carta de Arsène Lupin, o afetou?

GERMAINE. — Ah, não por isso. Papai não acredita em Lupin; ele é desconfiado de tudo!

GEORGES. — Ele passou isso para a filha.

GERMAINE. — Certamente. *(A Sonia.)* Vamos levantar acampamento, senhorita.

SONIA. — Como assim?

GERMAINE. — Dar no pé, ir embora, enfim, ora, vamos nos mandar daqui. Afinal, o que lhes ensinam na Rússia?

SONIA, *que subiu em uma cadeira e pegou um livro.* — O senhor permite que eu pegue um livro emprestado, senhor Georges…?

GEORGES. — Claro que sim. Qual?

SONIA. — É um livro traduzido do inglês: *Da superioridade das mulheres virgens sobre todos os homens e até mesmo sobre as outras mulheres.*

GERMAINE. — O senhor acredita nisso? Que papelão…! Ah, e faça-me um favor, o senhor vai me dar sua palavra de honra…

GEORGES. — A propósito de quê?

GERMAINE. — Não diga a nenhum dos seus convidados que eu estive aqui. No fundo, não convém que saibam.

GEORGES. — Entendido.

GERMAINE. — Nem mesmo ao belo D'Andrésy. O senhor sabe que Sonia é louca por ele.

SONIA. — Senhorita…

GERMAINE. — A senhorita morreria por ele. *(Empurrando-a.) Good by you…!*

GEORGES. — *Good by you!*

(Elas saem, conduzidas por Georges.)

Cena VI

BERGÈS, D'ANDRÉSY, FALOISE, GRÉCOURT, BRIZAILLES

BERGÈS. — Ora, vamos, mas então vocês acreditavam mesmo que poderiam obter isso de mim…?

D'ANDRÉSY. — Que o presidente da República assista ao seu duelo de honra? Mas isso é o menor dos problemas. Deixe comigo.

BERGÈS. — É mesmo? Nosso grupo de esgrima é muito recente, entende? Isso lhe daria uma consagração… Eu lhe agradeço… e em nome de todos os meus colegas. Mas então o senhor conhece o presidente da República?

D'ANDRÉSY. — Não frequento o Eliseu[18]. É bagunçado demais. Mas, enfim, eu me dou bem o bastante com o governo. Aliás, senhor Grécourt, se o senhor estiver pensando no Prêmio Nobel…

FALOISE. — Ele só pensa nisso. A gente tem essas obsessões. É ridículo. Também *eu*, confesso que a Legião de Honra…

D'ANDRÉSY. — O Prêmio Nobel… na Suécia? Senhor Grécourt, não é impossível…

GRÉCOURT. — Está falando sério?

D'ANDRÉSY. — Vou escrever esta noite mesmo ao conde de… Sichy…

GRÉCOURT. — Vejamos então…!

D'ANDRÉSY. — Conte comigo… *(A Faloise.)* E quanto ao senhor… *(Mexendo numa casa de botão.)* Considere a questão resolvida.

FALOISE. — Não. A Legião de Honra…? O senhor poderia dar um jeito nisso para mim? Ah, meu caro, eu lhe agradeço… É ridículo que eu me importe com isso, confesso a vocês, mas lhe agradeço.

BRIZAILLES. — Mas então, meu velho?

D'ANDRÉSY. — O quê?

BRIZAILLES. — Não percebeu que eu não pedi nada a você? Todos os outros estão aí, do seu lado, porque você tem influência. Mas, enfim, eles não o conhecem tanto quanto eu. A gente se trata por "você"… Somos dois velhos amigos. Enfim, não tenho nada a pedir a você, não é?

D'ANDRÉSY. — Não, nada.

BRIZAILLES. — Pois então, mas aí está, meu velho, no meu caso é uma tabacaria.

D'ANDRÉSY. — Quê? Você quer uma tabacaria?

BRIZAILLES. — Sim. Há essa moça que apareceu em uma revista onde interpretava a senhora de Maintenon[19]. No próximo ano, ela tem um trabalho na revista *Novidades*. Então, entenda, é para a mãe dela[20].

D'ANDRÉSY. — Isso é mais difícil. Ela não se contentaria com um cargo de *concierge*?

BRIZAILLES. — Ah, não, meu velho, um cargo de *concierge* para a mãe dela! Qualquer coisa que você quiser, menos isso.

D'ANDRÉSY. — Por quê?

BRIZAILLES. — Porque a mãe dela já é *concierge*.

D'ANDRÉSY. — Ah! Pois bem, vou ver isso… Você vai trazê-la para vir falar comigo?

BRIZAILLES. — A mãe…?

D'ANDRÉSY. — Ah, não… A filha.

BRIZAILLES. — Obrigado, meu velho… Você é um cara incrível.

GEORGES, *retornando.* — Ah, vocês saíram da mesa?

GRÉCOURT. — Mas, então, é uma pessoa formidável, sabe…

GEORGES. — Quem?

TODOS. — Ah, refinado… encantador…! D'Andrésy? É um cara formidável.

BERTAUT, *entrando.* — Patrão, é o joalheiro.

GEORGES. — O joalheiro?

BERTAUT. — Ele disse que é para fazer uma incrustação.

GEORGES. — Ah, sim, a pérola, é para o presente que darei à minha noiva… Se vocês me permitem. *(Ele pega a caixinha e a abre.)* Aqui está! E agora isso, é mais importante do que tudo… Mas não é possível.

TODOS. — O quê? O que houve?

GEORGES. — Não olhei direito… Não, ela não está aqui.

TODOS. — O quê?

GEORGES. — A pérola!

TODOS. — A pérola?

GEORGES. — Vocês bem viram, eu lhes mostrei agora há pouco. Estava aqui. E, no entanto, não está mais!

BRIZAILLES. — Ora vamos!

D'ANDRÉSY. — O senhor está dizendo… o senhor está dizendo que a pérola que estava aqui agora há pouco não está mais?

GEORGES. — Sim.

D'ANDRÉSY, *com segurança.* — Não.

GEORGES. — Pois sim!

D'ANDRÉSY. — Não… O senhor está enganado. Isso é totalmente inadmissível.

GEORGES. — Sim, mas foi o que aconteceu… Veja por si mesmo.

D'ANDRÉSY. — Eu… Ora, como assim…? *(Ele olha ao redor de si.)* Ah, mas isso…

GEORGES. — O senhor suspeita de alguém?

D'ANDRÉSY. — Ah, não, desta vez não suspeito de mais ninguém. Mas essa situação vai ser difícil.

GEORGES. — Ah, sim, enfim, vai ser difícil. *(A Bertaut.)* Sim, o senhor não entrou nesse cômodo… estava servindo à mesa. *(Chamando.)* Joseph! *(Ele lhe fala baixinho.)*

JOSEPH. — O patrão precisa apenas telefonar à senhorita. Eu nem mesmo saí de perto da porta.

GEORGES. — Está bem. Aliás, eu acredito no senhor. *(A Bertaut.)* Dispense o joalheiro.

D'ANDRÉSY. — É bem simples. É preciso revistar todos nós.

TODOS*, assim como Georges***.** — Oh!

D'ANDRÉSY. — Ora! Somente um de nós poderia ter pego essa pérola. *(Movimento.)* Agora há pouco, enquanto almoçávamos, quem o senhor veio encontrar nesse cômodo?

GEORGES. — Ninguém… eu…

D'ANDRÉSY. — Pois sim. Diga, certo?

TODOS. — Sim, diga.

GEORGES. — Não… pessoas da minha família… meu irmão… meu primo…

D'ANDRÉSY. — Sim, seu irmão eu conheço, mas seu primo…

GEORGES. — Ah, meu caro…

D'ANDRÉSY. — Ora… Somente nos resta desconfiar de nós mesmos… Podemos bem acabar dizendo mais do que deveríamos.

GEORGES. — Meus amigos, não insistam. É um infortúnio… mas não se morre disso… Enfim, admito, é muito desagradável… e é só isso…

BRIZAILLES. — Ah, mas não, faço questão que me revistem… Faço absolutamente questão disso…

(Ele tira sua jaqueta.)

GRÉCOURT. — Também eu… escrevi um livro sobre ladrões… Não é difícil concluírem que sou cleptomaníaco por causa disso! Ah, só que não sou!

GEORGES. — Por favor… Basta, vocês estão me insultando extremamente.

D'ANDRÉSY. — Georges tem razão, meus senhores, vocês são amigos dele, familiares na casa… Já *eu* sou um estranho. Deixem-me a sós com Georges.

GEORGES. — O senhor está louco, D'Andrésy!

BRIZAILLES. — Sendo assim, peço que revistem o Georges também.

FALOISE. — Ainda mais que ele bem poderia ter colocado a pérola no próprio bolso por engano.

GEORGES. — Veja só! Não havia pensando nisso. É que na verdade… Nossa!

TODOS. — O quê?

GEORGES. — No forro do casaco… mas eu a… eu a guardei…

TODOS. — Ah!

GEORGES. — Mas sim… Eu a tinha guardado… Peguem… sintam…

D'ANDRÉSY. — É verdade.

BERGÈS. — Ah, não se deve fazer piadas como essa com as pessoas.

GEORGES. — Eu lhes peço perdão. Sinto muito. Foi uma situação ridícula e exasperante.

TODOS. — Não foi. Não tem problema algum.

BRIZAILLES. — Mas então, meu velho, prefiro que tenha sido assim… Embora a gente confie nos amigos, perder uma pérola assim… Alguma dúvida sempre permanece…

GEORGES. — Vou mandar descosturar o forro do meu casaco… Como? Vocês já estão indo?

BERGÈS. — Sim, tenho um duelo de esgrima.

FALOISE. — Já eu tenho uma reunião com um grupo de amigos.

GRÉCOURT. — Já eu vou à Câmara.

BRIZAILLES. — Ficou um clima chato.

GEORGES. — Pois bem, a gente se verá de novo mais tarde? Vocês vão à "União"?

TODOS. — Sim, sim.

GEORGES. — Pois bem, até logo.

TODOS. — Sim, até daqui a pouco… *(Cordialmente.)* Adeus, senhor D'Andrésy…!

Cena VII

GEORGES, D'ANDRÉSY

GEORGES, *após tê-los acompanhado e voltado à cena.* — Muito desagradável… Eles parecem ter ficado irritados comigo e… muito desagradável… Enfim, a pérola foi reencontrada… O senhor não está indo também, não é mesmo?

D'ANDRÉSY. — Não, não… O senhor não tem nada para fazer?

GEORGES. — Nada mesmo.

D'ANDRÉSY. — Não vai mandar descosturar o forro do seu casaco?

GEORGES. — Não… Outra hora…

D'ANDRÉSY. — Sim… E, aliás, por que o faria?

GEORGES. — Sim, não é? Minha pérola está aqui… Ela está no meu bolso…

D'ANDRÉSY. — Não vão pegá-la do senhor uma segunda vez.

GEORGES, *com um sorriso forçado.* — Pois é.

D'ANDRÉSY. — Afinal, para o senhor daria no mesmo.

GEORGES. — Por que está me dizendo isso?

D'ANDRÉSY. — Porque a pérola não está em seu bolso.

GEORGES. — Como…? Mas…

D'ANDRÉSY. — Não, ela não está… Isso que senti tateando era oval, e sua pérola é redonda… Inclusive, se fosse uma pastilha para tosse, não me espantaria.

GEORGES. — Mas então, sim… aqui.

D'ANDRÉSY. — O senhor é um rapaz muito gentil, meu caro Georges… Um de seus amigos é um ladrão… A menos que este seja uma das duas pessoas de sua família…

GEORGES. — Ah, sobre isso…

D'ANDRÉSY. — Então, um de seus amigos… E o senhor encontrou esse pequeno subterfúgio… O senhor é um rapaz muito gentil.

GEORGES. — Quem poderia ser? Por que teriam feito isso? Nenhum deles tem dívidas. Eles não jogam… Não pode ter sido Bertaut; ele estava servindo a mesa… Tampouco Joseph… Ninguém mais entrou… Mas isso não tem muita importância… E, no entanto, de repente… estou… estou desamparado…

D'ANDRÉSY. — É idiota dizer que está desamparado. É preciso saber quem foi… Não deve ser difícil… Vejamos… esse primo… O senhor confia mesmo em seu primo?

GEORGES. — Meu primo? Ah, sim, com certeza! Ele tem nossa total confiança!

D'ANDRÉSY. — Perdão?

GEORGES. — Sim. Enfim, não tenho por que duvidar dele…

D'ANDRÉSY. — Como estava colocada a caixinha quando o senhor nos mostrou a pérola?

GEORGES. — Eu não sei… Assim…

D'ANDRÉSY. — Quando o senhor entrou no cômodo, onde se encontrava o seu primo?

GEORGES. — Meu primo…? Pois bem, minha… é… meu irmão estava aqui… junto à mesinha… Ele estava me contando uma piada…

D'ANDRÉSY. — Uma piada?

GEORGES. — Sim, uma piada… E meu primo… meu primo estava ali, perto da biblioteca…

D'ANDRÉSY. — Ah…! Tem poeira na sua biblioteca…?

GEORGES. — Sim, desde que se abra a janela. No entanto, espanaram-na nesta manhã…

D'ANDRÉSY. — Uma empregada, então?

GEORGES. — Não, por quê? Foi o valete.

D'ANDRÉSY. — Mas me diga, seu primo é bem pequeno?

GEORGES. — De estatura mediana… Ah, está bem, vou ficar muito aliviado em lhe contar para que não insista ainda mais: não era nem meu irmão nem meu primo. Era minha noiva… com a senhorita Kritchnoff.

D'ANDRÉSY. — Com…? Com… Ah, sim…!

GEORGES. — Sim, então compreenda e não insista mais.

D'ANDRÉSY. — Com certeza… A senhorita Kritchnoff…

GEORGES. — Como?

D'ANDRÉSY. — Nada. Ela vai bem?

GEORGES. — Sim, obrigado. Não diga nada a ninguém sobre isso, OK? Uma noiva não faz visitas à casa de um rapaz… Eu tinha prometido a ela não dizer nada. Não fale disso com ninguém!

D'ANDRÉSY. — Não, aliás, assim é melhor para o senhor, pois a ideia de que, durante seu noivado, o senhor estava recebendo mulheres e que as escondia…

GEORGES. — Mulheres? Mas eu não lhe tinha dito nada… Eu lhe tinha dito que eram meu irmão e meu primo.

D'ANDRÉSY. — Sim, mas a verdade saltava aos olhos. Essa é a marca dos dedos de mulheres… *(Ele mostra a estante da biblioteca.)* Além disso, quando entramos, senti esse perfume de rosa branca e de violetas… Na mesma hora, entendi que o senhor estava brincando.

GEORGES. — Ah!

(Ele o observa.)

D'ANDRÉSY. — Na mesma hora. Depois, essa pequena pluma de echarpe… vi que era uma mulher e inclusive uma mulher muito elegante. Ela pegou um livro seu também.

GEORGES. — Que detetive maravilhoso o senhor seria…! Eu emprestei o livro a ela.

D'ANDRÉSY. — Aliás, é um livro inglês, e o nome do autor começa com C.

GEORGES. — Como?

D'ANDRÉSY. — Ora! Não foi nada de mais; estava na sua categoria de livros ingleses e na letra C.

GEORGES. — Justo.

D'ANDRÉSY. — Eu lhe dizia que ela era pequena, porque para alcançar o livro ela precisou subir sobre essa cadeira.

GEORGES. — Como o senhor sabe?

D'ANDRÉSY. — Porque a marca do pé ficou na almofada.

GEORGES. — Ah, sim.

D'ANDRÉSY. — Ah, foi curioso… foi divertido.

GEORGES. — E o senhor soube tudo isso assim que entrou no cômodo?

D'ANDRÉSY. — Meu Deus, eu não sabia, porque isso não me interessava. Mas, no momento que tudo isso apresentou um interesse para o senhor, dei uma olhada ao redor e percebi tudo.

BERTAUT, *entrando.* — Estão chamando o patrão ao telefone, da parte do senhor Guerchard.

D'ANDRÉSY. — Já?

GEORGES. — Oh, é sobre o caso do anel. *(Ele atende o telefone.)* Alô…! Sim… O próprio senhor Guerchard…? Ah, estou confuso, senhor Guerchard. Por causa do anel…? Sim.

D'ANDRÉSY. — O senhor se lembra do que me prometeu…?

GEORGES. — Sim, sim. *(Ao telefone.)* Pois então, senhor Inspetor, eu o encontrei. Sim, estava no chão, sobre o tapete… Como…? O senhor quer me ver…? Para falar de Arsène Lupin? A história do diadema…? Alô… Meu futuro sogro…? Sim, estou na minha casa… Não desligue, telefonista… O senhor levou isso a sério…? Quem está em Paris…? Lupin…? Ele está em Paris…? Não, o senhor não vai me incomodar, de modo algum…

D'ANDRÉSY. — Não vou segurá-lo mais muito tempo.

GEORGES, *ao telefone.* — Em quarenta e cinco minutos, perfeito! Até logo, senhor inspetor. *(Desligando o aparelho.)* Isso é inesperado, eis que estou no meio de um romance de folhetim.

D'ANDRÉSY. — Por que diz que está no meio de um romance de folhetim? É a vida cotidiana. Há pessoas ricas, que desejam permanecer ricas, e

pessoas pobres, que desejam se tornar ricas. Nunca estão todos de acordo quanto à escolha dos meios… Que história é essa do diadema? Tudo o que soube foi pelos jornais.

GEORGES. — Então, o senhor sabe tanto sobre isso quanto eu.

(Georges caminha pelo cômodo e acende um cigarro.)

D'ANDRÉSY. — O que o senhor tem?

GEORGES. — Eu não sei… Nada, não… A brusquidão de tudo isso… o desconforto… Desde esta manhã, foi como se nada tivesse acontecido por acaso… o anel… essa história estúpida de Lupin… e agora essa pérola… e, sobretudo, a ideia de que um dos meus amigos… Gostaria que o senhor compreendesse que é sobretudo a ideia de que um de meus amigos… Sim, sobretudo isso…

D'ANDRÉSY. — Sim, sim…

GEORGES. — Gostaria de não pensar mais nisso… mas penso mesmo sem querer… Estou um pouco nervoso.

D'ANDRÉSY. — Não se desculpe; é algo natural. O senhor foi pego pela desconfiança. Talvez seja isso o que há de mais perturbador. Pois a suspeita, que é, ao mesmo tempo, uma mistura de curiosidade fervorosa e de temor de ficar sabendo mais do que deveria, com frequência é um dos estados de sensibilidade que mais dificilmente podemos suportar. Nesses momentos, parece que mais nada é certo; tudo adquire um aspecto de insegurança. As pessoas lhe parecem hostis; você fica sem chão. Sim, meu caro, há na desconfiança alguma coisa de pérfido, de angustiante e de vertiginoso… Ah, esses são momentos apaixonantes para um psicólogo… É interessante.

GEORGES. — Para os outros… Pois, quando ela pesa sobre uma pessoa de quem gostamos, que estimamos, nada é mais atroz do que a desconfiança.

D'ANDRÉSY. — Sim, a certeza é mais atroz.

GEORGES. — Não… não quando amamos as pessoas; quando amamos, somos parciais. Os inimigos são bastante parciais conosco, para que sejamos parciais com os amigos. Dizer isso é uma banalidade, mas com frequência amamos os amigos mais pelos seus defeitos do que por suas

qualidades… E, veja, devo ter um amigo, que deve ser um ladrão, e que virá me contar tudo, um amigo que eu teria razões para amar de verdade, que poderia ter me prestado serviços que nos ligam à vida e à morte, como o senhor, por exemplo… E, no entanto…! Passado o primeiro momento de estupor, de horror, eu sentiria um grande alívio, estender-lhe-ia a mão… Sim, eu lhe estenderia a mão… A desconfiança, veja o senhor, é que é intolerável.

D'ANDRÉSY, *levantando-se e colocando suas luvas.* — A única coisa intolerável é a prova.

GEORGES. — Está indo embora?

D'ANDRÉSY. — O senhor não está esperando Guerchard?

GEORGES. — O senhor não o quer encontrar?

D'ANDRÉSY, *depois de um tempo, observando-o.* — Georges!

GEORGES. — Pois bem, sim! E, no entanto, sim, é absurdo, é odioso, é ofensivo, é mesmo abominável. Não tenho razões, não tenho nenhum motivo que justifique esse pensamento atroz… mas também eu… de repente, não sei por quê, tive uma dessas intuições agora há pouco… D'Andrésy, há no senhor uma alma enigmática, obscura, alguma coisa de inquietante, algo que não entendo… Além disso…

D'ANDRÉSY. — Diga… De que o senhor tem medo?

GEORGES. — Além disso, eu não sei de onde o senhor vem… Tudo a seu respeito é misterioso… Nosso próprio encontro, o episódio do templo… Além disso…

D'ANDRÉSY. — Diga.

GEORGES. — Dizer… É que estou procurando as palavras… Enfim, é uma coisa besta… O senhor vai achar absurdo… E, depois, Lupin, não é… Lupin… pois bem… Lupin… a gente o imagina sob o aspecto de um homem jovem, elegante, polido… A lembrança de D'Arbelles, uma pessoa inquietante, distante, talvez como o senhor… um pouco como o senhor… é engraçado, não é…? O senhor vai rir… Ah, o senhor não vai rir…?

D'ANDRÉSY. — Não.

GEORGES. — Não vai rir?

D'ANDRÉSY. — Não.

GEORGES. — D'Andrésy?

D'ANDRÉSY. — O quê?

GEORGES. — D'Andrésy, não é possível, é?

D'ANDRÉSY. — Sim.

GEORGES. — D'Andrésy, o senhor me faz concluir… O senhor está rindo… O senhor é então…?

D'ANDRÉSY. — Diga logo; isso está queimando seus lábios.

GEORGES. — O senhor é Arsène Lupin?

D'ANDRÉSY. — Sim.

GEORGES. — Nossa!

D'ANDRÉSY. — Pois bem, a mão… *(Um tempo.)* Seu alívio me parece estar demorando para vir… Vejamos, eu fui franco… Eu lhe disse o que nunca disse a ninguém, que sou um ladrão, e que ladrão…! Mas eu salvei a sua vida e o livrei de uma desconfiança… Então, a mão…

GEORGES, *estendendo a mão.* — Pois é! Sim!

D'ANDRÉSY, *estupefato.* — Então é verdade.

GEORGES, *a mão ainda estendida.* — Sim… Eu lhe devo a vida. É o mínimo… Enquanto lhe digo adeus…

D'ANDRÉSY, *à parte.* — Ora essa!

GEORGES, *a mão ainda estendida.* — Pois então, aqui está. *(A D'Andrésy, que está morrendo de rir.)* O que deu no senhor?

D'ANDRÉSY. — O senhor tem uma vitalidade…! É admirável…! Teria apertado a minha mão… e teria acreditado… pois o senhor acreditou…

GEORGES. — Como?

D'ANDRÉSY. — Foi maravilhoso! É preciso dizer que fui formidável, mas foi maravilhoso… Ah, meu pobre Georges… *(Ele se vira.)* Meu pobre Georges!

GEORGES. — Isso não é engraçado!

D'ANDRÉSY. — E ele está irritado… Ah, quando eu contar isso na União…

GEORGES. — Ah, mas não, é inútil…

D'ANDRÉSY. — Eu vou me dar ao trabalho… É engraçado demais… ter podido me passar por Arsène Lupin…! E o senhor quer que eu não conte isso…

GEORGES. — Fui idiota!

D'ANDRÉSY. — Não foi. O senhor tem um coração de ouro. É um homem fantástico. E, depois, o senhor acredita em tudo, o senhor se interrompe, continua, o senhor foi feito para ser colocado em uma vitrine…

GEORGES. — Feito para ser internado, isso sim!

D'ANDRÉSY. — É a mesma coisa. Ah, essa é boa! E depois aquela frase a propósito de Guerchard: "O senhor não o quer encontrar?" Em toda a minha vida… poderia viver mil anos… em toda a minha vida me lembrarei de sua entonação… E há pessoas que se queixam de que a vida é triste… Ah, eles não o viram agora há pouco… "O senhor não o quer encontrar?"

GEORGES. — Sim, sou ridículo… eu bem sei… O senhor está rindo… mas está rindo de um jeito… Está bravo comigo…

D'ANDRÉSY. — Eu?

GEORGES. — Sim, é totalmente natural, o senhor estaria em seu direito… Eu não sei… uma desconfiança tão ofensiva… O senhor estaria no direito de me dar as costas… de me enviar testemunhas para um duelo… de… Enfim, o senhor teria todo o direito… seria bem feito.

D'ANDRÉSY. — Oh!

GEORGES. — Sim, bem feito! Ah, não estou com sorte hoje… e perdi sua amizade.

D'ANDRÉSY, *colocando a mão sobre o ombro do outro.* — Imbecil!

GEORGES. — Como?

D'ANDRÉSY. — Você quer que a gente deixe a formalidade de lado?

GEORGES. — D'Andrésy!

D'ANDRÉSY. — Só hoje que eu sinto amizade por você, só hoje que eu o estimo e que você me agrada.

GEORGES. — Você… o senhor… você está zombando de mim?

D'ANDRÉSY. — Pareço estar? Como você, Chandon-Géraud, bisneto do convencional filho de Jérôme Chandon-Géraud, embro do Instituto, como você, o diplomata um pouco esnobe, burguês de essência e de tradição, criado no terror do escândalo, no horror do roubo, na repugnância de tudo o que não é digno, virtuoso, tradicional, como você, Georges Chandon-Géraud, enfim…! Como você descobre, crê saber que um de seus amigos é um bandido, o último e o primeiro dos bandidos, e você o ama tanto, como você tem por ele tanta simpatia instintiva, uma afeição irracional para perdoá-lo, para desculpá-lo… para fazer esse gesto inesperado de lhe apertar a mão?! Ah, meu caro Georges, você me deve a vida… mas tem cinco minutos que nós estamos quites.

GEORGES. — Você está tirando uma da minha cara.

D'ANDRÉSY. — Um pouco.

GEORGES. — Confesse que você fez de propósito. Você se divertiu me pressionando, mantendo-me no limite… parecendo bravo e debochado. Aliás, você se diverte com esse tipo de blefe.

D'ANDRÉSY. — Meu Deus, sim, de fato isso me diverte… mas, veja, você não está contente?

GEORGES. — Sim.

D'ANDRÉSY. — Não sente que somente agora nós somos de fato amigos?

GEORGES. — Sim.

D'ANDRÉSY. — Não está sentindo, como eu, uma nova impressão, robusta, saudável, o sentimento de que, daqui para a frente, poderemos contar um com o outro, para sempre?

GEORGES. — Você tem razão. E diga: o que você vai fazer nesta noite?

D'ANDRÉSY. — Nesta noite? Nada de específico.

GEORGES. — Pois, então, eu o levarei comigo para jantar na casa do meu sogro. *(Gesto de recusa de D'Andrésy.)* Sim, sim, eu o levo comigo. Você sabe como ele é… O jovem D'Andrésy que você foi há alguns anos, antes de sua partida, tinha-o escandalizado um pouco… Você tinha feito bobagens com algumas mulheres, tinha se exibido um pouco. Nas Índias,

não havia como eu o apresentar ao pai da minha noiva… Mas, agora, fica tudo por minha conta. Você vai comigo… Sim, sim, faço questão.

D'ANDRÉSY. — Que seja. *(Sorrindo.)* Então, desta vez, a mão?

GEORGES. — Ah, meu velho… e de todo o meu coração.

D'ANDRÉSY, *entre dentes.* — Pobre cretino.

BERTAUT, *entrando.* — É o senhor Guerchard.

(D'Andrésy ri.)

GEORGES. — Ah, não, não ria, não me faça passar papel de ridículo na frente dele. *(A Bertaut.)* Mande-o entrar. *(A D'Andrésy.)* Não, não ria mais, meu velho.

D'ANDRÉSY. — Veja, correto como um patife.

Cena VIII

Os mesmos, depois GUERCHARD.

(Guerchard entra.)

GEORGES. — Senhor inspetor, estou confuso por o senhor mesmo ter-se dado ao trabalho. Enfim, se for para me falar do caso do diadema… *(A D'Andrésy.)* Você, sem dúvida, o conhece, não? Senhor Guerchard, inspetor do Serviço de Segurança… O senhor conde D'Andrésy.

GUERCHARD. — Ah, meu senhor, eu contava justamente ir à sua casa.

D'ANDRÉSY. — Ah!

GUERCHARD. — Sim, por causa daquilo que mandou seu secretário me pedir. Era claro demais. O sobrinho do duque de Charnacé! O filho do conde D'Andrésy, o antigo embaixador! Sempre tive a mais excelente e lisonjeira das relações com sua família. Então, eu ia levar até lá… mas, já que tenho a honra de encontrá-lo, aqui está… *(Ele lhe entrega um envelope.)*

D'ANDRÉSY. — Fico à sua disposição, senhor Guerchard. O senhor me deu a ocasião de lhe agradecer em viva voz, o que eu não teria deixado de fazer por escrito se não tivesse tido aqui o prazer de apertar a sua mão. Até logo, eu espero.

GUERCHARD. — Senhor conde…

GEORGES, *conduzindo D'Andrésy até a porta.* — Mas veja… venha me encontrar para o jantar… Aliás, o que Guerchard entregou para você?

D'ANDRÉSY. — Uma carta de passe livre[21]!

(Ele sai.)

CORTINA[22-23].

---

[7] Esta peça foi encenada em Paris, entre os dias 15 de setembro e 15 de outubro de 1911, no teatro *La Cigale*, e publicada em revista no mesmo ano. (N.T.)

[8] Leblanc refere-se ao hábito de sua época de manter o nome de solteira das moças, conectando-os com um hífen ao nome do marido, e assim passá-los aos filhos, quando burgueses ricos se casavam com filhas de nobres famílias tradicionais, para que a linhagem antiga não se perdesse. Curiosamente, como ainda no século XXI as famílias francesas tendem a passar apenas o sobrenome da linha paterna, o uso do hífen se tornou hábito entre famílias progressistas e/ou feministas para garantir o não apagamento do sobrenome materno. No caso da personagem Georges Chandon-Géraud, pode-se presumir que, pela linhagem materna dos Chandon, Georges é de família nobre, enquanto pelo lado paterno dos Géraud descende de plebeus abastados. (N.T.)

[9] Baile oferecido a jovens moças onde é exigido o uso de roupas brancas. (N.T.)

[10] Referência ao livro *Arsène Lupin, ladrão de casaca* (1907), no qual são contadas diversas aventuras de Lupin, publicadas inicialmente no jornal *Je sais tout* entre 1905 e 1907. Dentre essas histórias, há uma na qual Lupin cumpre pena na prisão de La Santé e, mesmo assim, consegue arquitetar o roubo de várias obras de arte da residência do Barão de Cahorn. Ao fim, Lupin consegue ainda escapar da prisão. (N.T.)

[11] Alfred de Musset (1810-1857) foi um dos mais importantes poetas do Romantismo francês, cuja influência se fez fortemente sentir entre os escritores da geração ultrarromântica brasileira. (N.T.)

[12] Afonso XIII de Espanha (1886-1941) foi coroado em 1902 e reinou até 1931. Ou seja, ainda estava no poder na época em que se passa a presente peça. (N.T.)

[13] Referência à lenda de um judeu misterioso que teria sido conterrâneo de Jesus e que, imortal, ainda perambularia pelo mundo, na surdina, esperando a volta do Cristo. (N.T.)

[14] Referência à pioneira agência de viagens de Thomas Cook, criada em 1841. (N.T.)

[15] Célebre personagem de Alexandre Dumas (1802-1870), cujas desventuras em busca de vingança são publicadas em 1844, em um livro que recebe seu nome. (N.T.)

[16] Grande parque, que fica nos limites de Paris, próximo à região onde habitam as pessoas mais abastadas da capital francesa. (N.T.)

[17] Na cultura francesa, costuma-se tratar todo mundo formalmente e, quando já há intimidade e amizade suficientes, uma das pessoas pode pedir licença para começarem a se tratar de forma mais coloquial. Note-se que, nessa cena, a maior parte dos amigos se chama de "senhor", e Georges chama a própria noiva de "senhorita". (N.T.)

[18] O Palácio do Eliseu, localizado em Paris, é a residência oficial do presidente da república francesa. (N.T.)

[19] Françoise d'Aubigné (1683-1715), mais conhecida como Marquesa de Maintenon, foi uma consorte do mais célebre dos reis franceses, Luís XIV, com quem se casou secretamente e sobre quem exercia forte influência, tendo sido uma das mulheres mais poderosas de seu tempo. (N.T.)

[20] Brizailles fala por meias palavras, então só podemos depreender qual seria seu pedido. Ao que parece, a mãe da jovem em questão — jovem que, possivelmente, é um interesse amoroso de Brizailles — deseja uma tabacaria — local onde também se vendem revistas e jornais —, pois sua filha trabalha como modelo de revistas. (N.T.)

[21] Documento expedido por autoridades que permite a certas pessoas passe livre em determinados lugares e eventos, sem necessidade de filas. (N.T.)

[22] Esta peça foi originalmente publicada no jornal *Je sais tout*, em Paris, em duas partes, entre setembro e outubro de 1920. (N.T.)

[23] Muita coisa fica subentendida nesta peça, mas podem ser explicadas ante a leitura de outras aventuras de Arsène Lupin. Esta peça, publicada em 1920, originalmente fora um ato cortado de outra peça em quatro atos, nomeada *Arsène Lupin*, também assinada por Maurice Leblanc e Francis de Croisset e publicada em 1908, na qual mais elementos da trama são desenvolvidos. Já no livro *As confidências de Arsène Lupin* (1913), ficamos sabendo que, afinal, Sonia Kritchnoff era todo o tempo sua cúmplice, o que explica melhor algumas passagens desta peça. (N.T.)

MAURICE LEBLANC

ARSÈNE LUPIN

E OS ENIGMAS

MAURICE LEBLANC
ARSÈNE LUPIN
E OS ENIGMAS
Tradução
Antônio Meurer e
Luciene Ribeiro
dos Santos
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Homme à la peau de bique / Le cabochon d'émeraude / Le mystère de tapisserie volée / Le Coffre-fort de madame Imbert
Texto
Maurice Leblanc
Tradução
Antônio Meurer
Luciene Ribeiro dos Santos
Preparação
Tuca Dantas
Revisão
Cleusa S. Quadros
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
linabob/shutterstock.com;
Malashkos/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
ntnt/shutterstock.com;
allskvor/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e os enigmas / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.

96 p. : EPUB. - (Arsène Lupin)
Título original: L'Homme à la peau de bique, Le cabochon d'émeraude
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-588-5 (E-book)

1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. 5. Netflix. Suspense. I. Santos, Luciene Ribeiro. II. Título.

2021-0061 CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O anel de esmeralda

Tradução:
Antônio Meurer

— É fantástico, minha cara, Olga! A senhora fala dele como se o conhecesse de verdade.

A princesa Olga sorria para suas amigas, que fumavam, amontoadas ao seu redor naquela noite.

Ela continuou a lhes dizer:

— Claro que sim! Eu o conheço.

— A senhora conhece Arsène Lupin?

— Perfeitamente!

— É verdade, então?

— Ao menos conheci alguém que se divertiu fingindo ser um detetive da Agência Barnett e Associados. Hoje, sei que Jim Barnett, bem como todos os funcionários de sua agência de investigação eram, na realidade, Arsène Lupin. Assim…

— Mas ele roubou a senhora?

— Muito pelo contrário! Ele me fez um favor.

— Deve ter sido uma grande aventura!

— De modo algum! Foi uma conversa tranquila, cerca de meia hora, sem nenhum grande drama. Porém, durante esses trinta minutos, tive a impressão de que me encontrava diante de um personagem verdadeiramente extraordinário, que possuía, às vezes, um modo de agir muito simples, mas ao mesmo tempo desconcertante.

Suas amigas encheram-na de perguntas; porém, ela não as respondeu de imediato. Era uma mulher que falava pouco de si, sua vida era misteriosa, até mesmo para seus amigos mais íntimos. Ela havia amado alguém após a morte de seu marido? Havia sucumbido à paixão de um entre os tantos homens que se atraíam por sua ardente beleza, por seus cabelos louros e seus olhos azuis? As más línguas diziam que ela possuía certas fantasias, embora dissessem que na maioria das vezes era fruto de uma curiosidade e não de amor. Porém, no fundo ninguém sabia nada. Nenhum nome poderia ser citado. Naquele dia, estava ela mais expansiva do que de costume. Erguendo um pouco seu véu, ela disse:

— Bem, por que não contaria a vocês sobre essa conversa? Mesmo falando sobre outra pessoa nessa história, o papel que ela desempenhou não me obriga a guardar silêncio. Falarei sobre isso, aliás, muito brevemente, pois sei que estão interessadas apenas por Arsène. Então, nessa época, e para resumir a aventura em uma frase para que todas vocês compreendam aquilo que significou, eu sucumbi a um amor violento e sincero — tenho o direito de empregar essas palavras — por um homem, cujo sobrenome vocês conhecem muito bem: Maxime Dervinol.

As amigas de Olga deram um sobressalto.

— Maxime Dervinol? O filho do banqueiro?

— Sim — disse ela.

— O filho daquele banqueiro vigarista, falsificador, que se enforcou no cárcere, no dia seguinte à sua prisão?

— Sim — repetiu a princesa Olga, muito calmamente.

E depois de ter refletido por um instante, ela continuou:

— Por ser cliente do banqueiro Dervinol, eu fui uma de suas principais vítimas. Pouco tempo após o suicídio de seu pai, Maxime, o qual eu já conhecia, veio ver-me. Rico por seu próprio trabalho, ele se propôs a pagar todos os credores e pediu-me apenas alguns arranjos, que o obrigava a vir até minha casa algumas vezes. Confesso que sempre tive uma simpatia por ele. Maxime possuía uma extrema dignidade para comigo. O ato de probidade pelo qual estava lutando parecia-lhe ser muito natural, e embora não manifestasse nenhum constrangimento, como se a infâmia de seu pai não pudesse alcançá-lo, sentia nele um sofrimento infinito, uma ferida secreta, que até a menor palavra era capaz de provocar dor.

“Eu o acolhi como um amigo, um amigo que não tardou em se apaixonar, embora ele jamais tenha feito alusão a esse amor, o qual eu via aumentar a cada dia. Se não fosse a ruína de seu pai, certamente ele teria me pedido em casamento. Porém, ele não ousou mais do que havia ousado em declarar, nem mesmo me interrogou a respeito de meus próprios sentimentos. O que teria respondido, caso ele perguntasse? Eu não sei.

Um dia, almoçamos no bosque. Depois, ele me seguiu até este mesmo salão onde estamos agora. Estava preocupado. Eu pus minha bolsa sobre o aparador ao lado, junto com todos os meus anéis e fui tocar as músicas russas que ele tanto amava no piano. Ele escutava atrás de mim, imaginei que estivesse tomado de emoção. Quando me levantei, eu o vi pálido e pensei que ele falaria algo. Enquanto o observava, e confesso que isso estava me inquietando, fui até o aparador e com um gesto distraído comecei a recolocar meus anéis. De repente, parei e sussurrei, muito mais para encurtar uma situação embaraçosa que para expressar meu espanto sobre um fato banal:

— Céus, onde está o meu anel de esmeralda?

Percebi que ele tremia. Então, falou:

— O seu anel com aquela bela esmeralda?

— Sim, aquele anel de esmeralda que o senhor tanta aprecia — disse-lhe, embora não houvesse nenhum pensamento oculto em mim, por trás dessas palavras.

— Mas a senhora estava com ele nos dedos, agora no almoço.

— Sim, de fato estava! Porém, nunca toco piano com os meus anéis. Eu o tirei, e o coloquei sobre este aparador junto com os outros.

— O anel deve estar lá ainda.

— Ele não está.

Percebi que sua palidez aumentava, e que permanecia numa atitude rígida, com uma expressão tão atordoada que terminei zombando:

— Ah, tudo bem! O que fazer? Isso não tem importância. Ele deve ter caído em algum lugar.

— Mas nós o veríamos! — disse ele.

— Não. Talvez tenha rolado para debaixo de algum móvel.

Eu estendi o braço até o botão de uma campainha elétrica, porém ele agarrou meu pulso e disse num tom sobressaltado:

— Um segundo. Precisamos esperar mais um pouco… O que fará?

— Ia chamar a camareira.

— Por quê?

— Para procurar o anel.

— Não, não! Eu não quero! De modo algum!

E tremendo, com o rosto contraído, ele me disse:

— Ninguém entrará aqui, nem mesmo eu ou a senhora sairemos até que a esmeralda seja encontrada.

— Para encontrá-la, é preciso procurar! Olhe atrás do piano!

— Não!

— Por quê?

— Eu não sei… Eu não sei… Mas tudo isso é terrível demais.

— Não há nada de terrível — disse-lhe. — Meu anel caiu. É preciso apenas que procuremos! Vamos!

— Eu lhe suplico… — disse ele.

— Mas por qual razão? Explique-se!

— Céus — disse ele, receando em falar. — Se eu o encontrar em algum canto, a senhora poderá pensar que fui quem o pegou.

Eu fiquei perplexa ao ouvir aquilo, então disse em voz baixa:

— Mas eu não estou desconfiando de você, Maxime!

— Ainda não… Porém, mais tarde, a senhora conseguirá evitar a dúvida?

Eu então compreendi seu pensamento. O filho do banqueiro Dervinol tinha o direito de ser mais sensível e temeroso do que qualquer outro nessa circunstância. Se minha razão contrariava a ofensa de uma acusação, como poderia não conseguir lembrar-me se ele esteve entre mim e o aparador, enquanto eu tocava piano? E, nesse instante, quando nos olhamos profundamente, por que não me espantei com sua palidez e sua angústia? Um outro teria rido em seu lugar. Por que ele não ria?

— Você está enganado, Maxime — disse-lhe. — Porém, vejo um escrúpulo de sua parte, que devo respeitar. Fique onde está, não se mexa.

Eu me abaixei, e olhei entre o piano e a parede, e embaixo da escrivaninha. Depois levantei-me.

— Nada! Eu não vi nada.

Ele estava calado. Seu rosto estava descomposto.

Então, sob a inspiração de uma ideia, eu disse:

— O senhor me deixará agir? Penso que poderíamos…

— Oh! — exclamou ele. — Faça todo o possível para descobrir a verdade. Mas esta é uma decisão séria — acrescentou ele, de modo um pouco pueril. — Um ato imprudente poderia colocar tudo a perder. Aja apenas com a certeza!

Eu o tranquilizei, e após ter consultado a lista telefônica, solicitei à telefonista que me transferisse para a Agência Barnett e Associados. Foi o próprio senhor Jim Barnett quem me atendeu. Sem lhe dar a menor explicação, eu insisti para que viesse sem demora. Ele me prometeu que viria imediatamente.

A partir de então, de um lado começou uma espera, e de outro, uma agitação que não conseguíamos reprimir.

— Foi um dos meus amigos quem me recomendou este tal de Barnett — disse-lhe com um sorriso nervoso. — Parece ser um tipo estranho, enfiado dentro de uma velha casaca, utilizando uma peruca, porém muito inteligente. Somente, devemos ter cuidado, pois ao que parece, ele se paga diretamente com os serviços que presta.

Estava tentando brincar um pouco. Maxime continuava imóvel e sério. De repente, ressoou a campainha do vestíbulo. Quase que imediatamente minha camareira bateu na porta. Ainda exaltada, eu mesma a abri, dizendo:

— Entre, senhor Barnett… Seja bem-vindo!

Fiquei confusa ao ver que o homem que entrava não tinha nada daquilo que eu esperava. Estava vestido com uma elegância discreta. Era jovem, com uma aparência simpática e até confortável, como se nada pudesse pegá-lo desprevenido. Olhou para mim um pouco mais do que o tempo necessário, demonstrando que eu não lhe desagradava. Quando o exame terminou, ele fez uma mesura e disse:

— O senhor Barnett está muito ocupado, por isso me incumbiu com a agradável missão de o substituir, caso esta mudança não lhe aborreça. Permita-me que me apresente: barão de Enneris, explorador, e, quando a ocasião se faz presente, detetive amador. Meu amigo Barnett reconheceu em mim certa qualidade para a intuição e clarividência, as quais divirto-me em cultivar.

Ele disse isso com tanto charme e com um sorriso tão contagiante que me foi impossível recusar sua assistência. Não era um detetive que me propunha seus serviços, mas um homem do mundo que se colocava a

minha disposição. E essa impressão foi tão forte dentro de mim que, ao acender instintivamente um cigarro, algo que era um hábito meu, fiz um ato impensável ao lhe oferecer um, dizendo:

— O senhor fuma?

Então, um minuto após a chegada do homem desconhecido, estávamos os dois, um diante do outro, com um cigarro na boca. A cena em si fez com que minha agitação diminuísse, parecendo trazer uma calmaria para a sala. Apenas Dervinol continuava acuado. Então eu o apresentei:

— Senhor Maxime Dervinol.

O barão de Enneris o saudou, porém havia algo em seus gestos que me fizera crer que esse nome, Dervinol, lhe evocava alguma lembrança. Contudo, depois de um tempo, como se não quisesse que essa ligação fosse muito evidente, ele me fez uma pergunta:

— Eu imagino, senhora, que alguma coisa desapareceu em sua casa, estou certo?

Maxime se conteve. Respondi de forma simplória:

— Sim, está certo, está certo… Porém, isso não tem a menor importância.

— Nenhuma? — disse o barão de Enneris sorrindo. — Mesmo assim, este pequeno problema deve ser resolvido, e pelo visto o senhor e a senhora não conseguiram. Essa coisa desapareceu agora?

— Sim.

— Assim é melhor! O problema será mais fácil. O que desapareceu?

— Um anel de esmeralda, o qual eu pus sobre este aparador, junto com meus outros anéis e minha bolsa.

— Por que a senhora tirou seus anéis?

— Para tocar piano.

— E enquanto tocava, este senhor estava perto da senhora?

— De pé, atrás de mim.

— Entre a senhora e a mesa?

— Sim.

— A senhora começou a procurar por seu anel, assim que percebeu seu desaparecimento?

— Não.

— O senhor Dervinol, também não?

— Não.

— Ninguém entrou aqui?

— Ninguém.

— O senhor Dervinol foi quem opôs-se a procurar?

Maxime declarou em um tom aborrecido:

— Sim, fui eu.

O barão de Enneris começou a andar para todos os lados. Caminhava em pequenos passos elásticos, o que trazia a sua figura uma agilidade infinita. E parando diante de mim, ele me disse:

— Tenha a bondade de me mostrar seus outros anéis?

Eu lhe estendi minhas duas mãos. Ele examinou, e imediatamente soltou um leve riso. Parecia estar divertindo-se, em vez de investigando, como se estivesse em um jogo.

— O anel que desapareceu possui um grande valor?

— Sim.

— A senhora poderia precisá-lo?

— Meu anel estava estimado em oitenta mil francos.

— Oitenta mil francos. Perfeito!

Ele ficou extasiado. Tendo virado minha mão esquerda, ele observou a palma da mão por muito tempo, como se estivesse decifrando as linhas.

Maxime franzia a sobrancelha. Era visível que tal homem o deixava horrorizado. Quanto a mim, eu teria interrompido aquele gesto chocante. Porém, a pressão, tão doce, que ele fazia, não me permitia ter a menor força para afastá-lo. Estava submissa à influência de sua autoridade e de sua maneira de agir.

No fundo, estava convencida de que ele havia resolvido o enigma, pelo menos do ponto de vista do caso em si. Ele não me perguntou mais nada. Mas não duvidei de que as duas ou três anedotas que ele me contara sobres suas aventuras semelhantes, na verdade, serviam apenas para elucidar nosso caso. Ele lançava, por vezes, um olhar rápido sobre Maxime ou sobre mim, observando a reação produzida por sua história.

Eu protestava dentro de mim. Em vão. Sentia que aos poucos ele descobria, sem nos interrogar, o estado de nossa relação, o amor de Maxime e de meus próprios sentimentos. Eu tentei resistir, e sem dúvida, Maxime também, porém ele desvendou, por assim dizer, todos aqueles segredos que se amontoam em cada um de nós, como as páginas de uma carta. Foi algo enlouquecedor!

Por fim, Maxime disse:

— Sinceramente, não vejo como isso pode nos ajudar.

— Neste caso que nos reuniu aqui? — interrompeu o barão de Enneris. — Mas já estamos imersos nele. O enigma, por si só, não significa grande coisa. Mas a solução que eu proponho a vocês não pode ser baseada em seus humores, quando o pequeno incidente aconteceu.

— Ora! — exclamou Maxime, que tentava conter-se. — O senhor não fez uma só pesquisa. Não retirou nenhum móvel, não viu nada. Não é por meio desta conversa inútil que o senhor devolverá a joia perdida.

O barão de Enneris sorriu docemente:

— O senhor é daqueles que se deixam impressionar com esses cerimoniais habituais, e que desejam extrair a verdade de fatos materiais, enquanto a verdade quase sempre esconde-se em camadas bastante diferentes. O problema que estamos resolvendo hoje não se trata de uma ordem técnica ou policial, mas unicamente de uma ordem psicológica. Minhas provas não se encontram no sucesso de investigações cansativas, mas na contestação irrefutável desses fenômenos físicos, muito especiais, que nos provocam, principalmente em seres impressionáveis e impulsivos, atos que estão além do controle de nossa consciência.

— Está insinuando — articulou Maxime, com uma voz furiosa — que eu cometi um desses atos?

— Não! Não se trata do senhor.

— De quem então?

— Da senhora.

— De mim? — exclamei.

— Sim! A senhora é justamente, assim como todas as mulheres, de uma natureza impressionável e impulsiva à qual me refiro. E permita-me lembrar à senhora que nunca temos o controle absoluto e totalitário sobre a nossa personalidade. Ela muda, não somente em grandes momentos trágicos, quando o nosso destino está em jogo, mas nos momentos mais simples e insignificantes de nossa vida quotidiana. E enquanto continuamos a viver, a pensar e a fazer, o nosso inconsciente toma a direção de nossos instintos e nos faz agir, sem o nosso conhecimento, pelas sombras e frequentemente de modo anormal, absurdo e pouco inteligente.

Ele falava de modo alegre, sem o menor pedantismo, o que me causava uma impaciência. Então lhe disse:

— Peço que o senhor conclua seu pensamento.

Ele respondeu:

— Desculpe-me, senhora, se sou obrigado a fazer isso de uma forma que lhe parece indiscreta, sem me ater às considerações pueris da boa educação e da frugalidade humana. Então, são estes os fatos: há uma hora, a senhora chegou aqui acompanhada pelo senhor Dervinol. Não direi nada que poderá incomodá-la além do fato de que o senhor Dervinol a ama, e jamais conseguirei chegar até a verdade se eu não puder supor que a senhora tinha uma intuição que ele iria declarar seu amor. As mulheres nunca se enganam sobre esses assuntos, e isso sempre é causa de uma perturbação profunda. Como consequência, quando a senhora foi tocar piano e retirou seus anéis — compreenda a importância de minhas palavras! — no instante em que ficaram sozinhos, a senhora, muito mais que o cavalheiro, estava imbuída com uma dessas forças do espírito de que falei agora mesmo, e que, por isso, não tinha a noção exata daquilo que fazia.

— Como ousa? — protestei. — Eu estava lúcida, extremamente lúcida.

— Em aparência sim, bem como para si mesma. Mas, na realidade nunca estamos lúcidos quando ficamos diante de uma crise emocional, por menor que ela seja. Como posso dizer? Isso levaria a senhora a cometer algum erro, um falso julgamento, ou um gesto involuntário.

— Continue…

— Continuando, a senhora teve que realizar, mesmo sem querer ou mesmo sem saber, um ato suspeito que é absolutamente contrário ao seu temperamento e mais contrário ainda à lógica da situação. Pois, a verdade é que, independentemente do nome do senhor Dervinol, era inconcebível acreditar antecipadamente, *a priori*, que ele fosse capaz de roubar o seu anel de esmeralda.

Eu fiquei indignada com tal coisa e disse vivamente:

— Eu! Acreditar nisto? Acreditar em tamanha infâmia?

— Certamente não — respondeu o barão de Enneris. — Mas o seu inconsciente a manobrou como se a senhora de fato acreditasse nisso, e então, furtivamente, por baixo de seus olhos e de seu pensamento, ele fez uma escolha entre os seus anéis que não possuem valor, cujas pedras são falsas, assim como muitas pedras comumente usadas, escolhendo a sua esmeralda, a qual não é falsa, e que vale oitenta mil francos. E com a

escolha feita, sem que soubesse, colocou os outros anéis sobre o aparador, em grande destaque. Depois, a senhora, ainda sem saber, pôs a preciosa e magnífica esmeralda num local seguro e imune a qualquer tentativa de busca.

Tal acusação me deixou fora de mim mesma.

— Mas isso é inadmissível! — gritei com força. — Eu teria percebido.

— A prova é que a senhora não percebeu!

— Então, está insinuando que a esmeralda está comigo?

— Não, ela continua no mesmo local onde a colocou.

— O que está dizendo?

— Sobre o aparador.

— O anel não está aqui. O senhor não vê que não está aqui?

— Está sim.

— Como? Aqui só há a minha bolsa.

— Está certa! E ele está dentro de sua bolsa, senhora.

Eu encolhi os ombros.

— Na minha bolsa?! O que está insinuando?

Ele insistiu.

— Eu lamento, senhora, estar parecendo um mágico de circo ou um charlatão. Mas a senhora me contratou para encontrar um anel perdido: por isso devo lhe dizer onde ele está.

— Ele não pode estar ali!

— Ele não pode estar em outro lugar!

Eu provei um sentimento estranho. Eu queria, sem dúvida, que ele estivesse ali, mas teria ficado feliz também se o anel não estivesse, e que esse homem fosse humilhado pelo fracasso de sua previsão.

Ele me fez um sinal, e, apesar de tudo, eu o obedeci. Peguei a bolsa, abri e procurei febrilmente entre os muitos objetos que ela carregava. E lá estava o anel de esmeralda.

Eu fiquei perplexa. Não acreditava em meus olhos e me perguntava se era o anel verdadeiro que eu estava segurando em minhas mãos. Mas sim, era ele. Não havia possibilidade de erro. Então… Então, o que pode ter acontecido comigo para que pudesse agir de um modo tão insólito e injurioso para com Maxime Dervinol?

Diante da minha confusão, o barão de Enneris não escondeu sua alegria e devo até dizer que ele teria vencido, se tivesse se expressado com mais

moderação. A partir daquele instante, seus gestos tão corretos de um homem do mundo deram lugar à exuberância de um profissional que conseguiu aplicar um belo golpe.

— Aí está! — disse ele. — São essas as pequenas peças que o nosso instinto nos prega quando não estamos vigilantes. É um diabinho que nos sabota. E ele opera em regiões tão obscuras que a senhora jamais teria tido a ideia de procurar em sua bolsa. Teria procurado em todos os lugares e acusado o mundo inteiro, incluindo o senhor Dervinol, antes de suspeitar desse objeto intangível e inocente para o qual a senhora confiou um tesouro. De certo modo, senhora, isso não seria um pouco cômico? Com a luz lançada sobre as profundezas invisíveis de nossa natureza! Somos orgulhosos por nossos sentimentos e por nossa dignidade, e cedemos às ordens misteriosas de poderes escondidos. Temos este amigo, que muito nos estima, porém nos ultraja sem o menor problema. Na verdade, não há o que compreender.

Ele fez seu pequeno discurso, com uma espécie de zombaria irônica. Tive a impressão de que o barão de Enneris havia desaparecido e que em seu lugar surgiu o verdadeiro colaborador da Agência Barnett, o qual agora operava com seu rosto real, seus hábitos pessoais, sem máscara ou gestos emprestados de outro.

Maxime avançou com os punhos cerrados. O outro logo endireitou-se, fazendo com que parecesse maior do que era.

Então, aproximou-se de mim, beijou minha mão, algo que não havia feito enquanto era o barão de Enneris, e me olhou direto nos olhos. Depois, pegou seu chapéu, com um gesto largo e um pouco teatral, fez uma saudação e afastou-se, satisfeito consigo mesmo, enquanto repetia:

— Que belo caso este… Adoro tratar desses pequenos casos. São a minha especialidade. À sua inteira disposição, senhora.

A princesa Olga havia terminado o seu relato. Ela acendeu casualmente um cigarro e sorriu para suas amigas, que tão logo voltaram a exclamar:

— E depois?

— Depois?

— Sim, a história do anel terminou. Mas e a sua?

— A minha também terminou.

— Não nos faça desfalecer! Conte até o final, Olga, agora que já confidenciou quase tudo.

— Meu Deus, como vocês são curiosas! Bem, o que vocês querem saber?

— Primeiramente, o que aconteceu com Maxime Dervinol e sua paixão.

— Isso não é grande coisa. Havia duvidado dele escondendo, intencionalmente ou não, o anel de esmeralda. Amargurado e inquieto, ele sofreu muito, e não me perdoou. Depois, ele cometeu um ato não muito educado, o que apenas nublou o meu espírito. Irritado contra o barão de Enneris, ele enviou um cheque de dez mil francos, endereçado à Agência Barnett e Associados. O cheque me foi devolvido num envelope, preso a um buquê de flores, com algumas linhas, respeitosas a meu ver, e assinado…

— Pelo barão de Enneris?

— Não.

— Jim Barnett?

— Não.

— Então, por quem?

— Arsène Lupin!

Elas calaram-se novamente. Uma de suas amigas observou:

— Qualquer um poderia ter assinado.

— Evidentemente.

— A senhora não procurou saber?

A princesa Olga não respondeu, e sua amiga continuou:

— Eu lhe digo, Olga, que Maxime Dervinol não lhe era mais interessante. Do começo ao fim dessa aventura, ele foi dominado por esse enigmático personagem que soube, com muita habilidade, fazer com que a sua atenção caísse sobre ele, e que isso aguçasse a sua curiosidade. Seja franca, Olga, sua conduta expressa algum desejo em poder revê-lo.

A princesa não respondeu. A amiga, a qual por vezes era muito franca e até a provocava, continuou:

— Por fim, Olga, a senhora ficou com seu anel e Dervinol com seu dinheiro. Nada lhe foi roubado, ao contrário dos princípios de Barnett, que sempre se pagava com algo, a senhora mesma disse que os serviços não foram cobrados. Ele poderia muito bem ter escondido o anel de esmeralda, se tivesse vasculhado ele mesmo sua bolsa, porém não o fez, pois talvez esperasse por alguma coisa melhor que um anel. Isso me faz lembrar algo que me contaram, que uma vez, não tendo conseguido nada, ele raptou a

esposa do seu devedor e saiu em um cruzeiro com ela. Que bela forma de se recompensar e que corresponde bem aos traços e às caraterísticas do homem que descreveu para nós. O que pensa, Olga?

Olga saiu em silêncio. Sentou-se em uma poltrona, com os ombros descobertos, com seu corpo esbelto esticado, enquanto observava dissipar a fumaça de seu cigarro. Na sua mão, resplandecia o magnífico anel de esmeralda.

O homem da pele de cabra

Tradução:
Antônio Meurer

O vilarejo estava aterrorizado.

Era um domingo. Os camponeses de Saint-Nicholas e dos arredores saíam da igreja e espalhavam-se ao redor da praça, quando, de repente, as mulheres que caminhavam à frente, quase chegando à estrada principal, voltaram correndo, gritando de pavor.

Logo em seguida, todos puderam ver, enorme, terrível, tal como um monstro, um automóvel que saía em um ritmo vertiginoso. Entre os gritos e a corrida frenética das pessoas, o carro seguiu em direção à igreja, desviando no justo momento em que iria chocar-se com os degraus; arrastou a lataria na parede do presbitério e voltou para a rodovia nacional, afastando-se sem ter ferido com a máquina diabólica — milagre esse inexplicável — uma só pessoa que se encontrava na praça. E então desapareceu.

Porém, tinham visto! Tinham visto, recostado no assento, coberto com uma pele de cabra, usando um gorro de pele, com o rosto escondido atrás dos óculos com lentes grossas, o homem que conduzia o veículo. E, ao seu lado, na frente do assento, curvada e dobrada, havia uma mulher cuja cabeça ensanguentada estava apoiada acima do capô.

Todos haviam ouvido! Haviam ouvido os gritos dessa mulher, gritos de terror e de agonia.

E foi tal a visão daquela carnificina infernal que as pessoas continuaram por alguns segundos, imóveis, boquiabertas.

— Sangue! — gritou alguém.

Havia sangue por todos os lados, sobre os seixos da praça, sobre o chão, endurecido pelos primeiros flocos de gelo do outono. E quando as crianças e os homens quiseram correr atrás do automóvel, precisaram apenas seguir uma trilha de marcas sinistras.

Eles seguiram em direção à estrada principal, porém de um modo estranho: os rastros iam de um lado ao outro, as marcas dos pneus formavam uma trilha terrível em ziguezague, que chegava a dar calafrios. Como o carro não se chocou contra aquela árvore? Como conseguiu contorná-la sem cair na encosta? Seria um motorista inexperiente, um louco, um bêbado ou um criminoso assustado que conduziu aquele veículo de forma tão desordenada?

Um camponês disse:

— Jamais conseguirá fazer a curva quando chegar à floresta.

E um outro disse:

— Céus, não! Ali tem uma descida!

A quinhentos metros de Saint-Nicholas começava a floresta de Morgues, a estrada seguia em linha reta até lá, fazendo apenas uma ligeira curva na saída do vilarejo, com uma subida na entrada da floresta, onde havia então uma curva brusca entre as rochas e as árvores. Nenhum carro conseguia passar por essa curva sem desacelerar. Placas de sinalização indicavam o perigo. Já sem fôlego, os camponeses chegaram às faias que margeavam a encosta.

Imediatamente, um deles gritou:

— Aqui está ele!

— O quê?

— Caiu!

O carro — um automóvel luxuoso — jazia virado, destruído, torcido, disforme. Perto dele, havia o cadáver da mulher. Porém, a visão mais assustadora, vil e atônita era que a cabeça da mulher fora esmagada, achatada, havia desaparecido sob um bloco enorme de pedra, posto ali por alguma força prodigiosa e desconhecida.

Quanto ao homem da pele de cabra, não encontraram nenhum rastro dele. Não o acharam dentro do veículo, nem mesmo nos arredores do acidente. Além disso, os operários que haviam descido pela enseada de Morgues disseram não terem encontrado ninguém pelo caminho.

Então, talvez o homem tivesse fugido para o bosque. Esse bosque, o qual chamamos de floresta devido a sua beleza e a sua antiguidade das árvores, possuía dimensões restritas. A polícia, alertada rapidamente pelos camponeses, vasculhou tudo meticulosamente. Não encontraram nada. O mesmo ocorreu com os investigadores, que fizeram uma análise profunda durante dias e não conseguiram lançar o menor rastro de luz sobre esse fato inexplicável. Pelo contrário, as investigações fizeram surgir outros enigmas e outras implausibilidades.

Constataram que o bloco de pedra provinha de um deslizamento a pelo menos quarenta metros de distância. O assassino, em alguns minutos, teria carregado o bloco e jogado sobre a cabeça de sua vítima.

Por outro lado, esse assassino, que com toda a certeza, não estava escondido na floresta — caso contrário ele teria sido inevitavelmente descoberto — oito dias após o crime, teve a audácia de retornar à curva da enseada e deixar sua pele de cabra. Por quê? Por qual objetivo? O sobretudo de pele não continha nenhum objeto, com exceção de um saca-rolhas e de um lenço. E então o que aconteceu? Entraram em contato com o fabricante do carro, o qual reconheceu o automóvel luxuoso, por ter vendido três dele no ano anterior, para um russo, o qual, segundo o fabricante, havia revendido imediatamente. Mas para quem? O carro não possuía número de registro.

Do mesmo modo, foi impossível identificar o cadáver da morta. Suas roupas não trouxeram nenhuma informação.

Quanto ao seu rosto era desconhecido.

No entanto, os emissários da polícia refizeram o caminho inverso da rodovia, tentando seguir os passos dos atores desse drama misterioso. Mas quem poderia garantir que, na noite anterior, o automóvel havia seguido esse trajeto? Verificaram e interrogaram. Enfim, conseguiram estabelecer que, naquela noite, a trezentos quilômetros do vilarejo, numa pequena cidade situada ao longo de uma importante estrada, que comunicava-se com a rodovia nacional, um carro luxuoso havia parado diante de um armazém.

O condutor primeiramente encheu o tanque de gasolina, comprou azeite e latas sobressalentes, depois comprou algumas provisões, como presunto, frutas, biscoitos, vinho, e meia garrafa de conhaque Trois Étoiles. No banco da frente havia uma mulher. Ela não desceu do veículo. As

cortinas estavam fechadas e uma delas tremeu diversas vezes. O garoto do armazém não tinha dúvida de que havia mais alguém no interior.

Se o testemunho desse garoto estivesse correto, o problema se complicaria ainda mais, pois não havia nenhuma evidência que revelava a presença de uma terceira pessoa.

Nesse ínterim, sabendo que os viajantes estavam munidos com provisões, faltava estabelecer o que eles haviam feito, e o que houve com os restos dessas provisões.

Os investigadores refizeram seus passos. Porém, foi apenas na bifurcação entre as duas estradas, a dezoito quilômetros de Saint-Nicholas, que um pastor de ovelhas, indagado pelos agentes, revelou ter encontrado, em uma campina vizinha, escondido por uma cortina de arbustos, uma garrafa vazia e várias outras coisas. Ao primeiro exame, os investigadores ficaram convencidos. O automóvel havia estacionado ali, e os desconhecidos, provavelmente, após uma noite de descanso, retomaram sua viagem ainda pela manhã. Como prova irrefutável, eles haviam encontrado a garrafa de conhaque Trois Étoiles comprada no armazém.

A garrafa havia sido quebrada, rente ao gargalo.

Recolheram a pedra utilizada, bem como o gargalo ainda selado com a tampa. Sobre o selo de metal viu-se os vestígios das tentativas feitas para abrir normalmente a garrafa. Os investigadores continuaram suas buscas, e seguiram por uma vala que contornava a campina, perpendicularmente à estrada. Ela terminava em uma pequena fonte, escondida sobre amoreiras silvestres, de onde exalava um odor pútrido.

Ao erguerem as amoreiras, eles viram um cadáver, o cadáver de um homem, cuja cabeça esmagada tornou-se uma espécie de mingau onde os animais enxameavam ao redor. Ele estava vestindo uma calça e um casaco de couro marrom. Os bolsos estavam vazios. Não havia com ele nenhum papel, ou carteira, ou relógio.

Dois dias depois, o dono do armazém e o atendente foram convocados às pressas, reconhecendo formalmente, por suas roupas e sua estatura, o viajante que na véspera do crime havia comprado provisões e gasolina.

Assim o caso inteiro recomeçava sobre novas evidências. Não se tratava mais de um crime com dois personagens — um homem e uma mulher — onde ele havia matado ela, mas sim de um crime com três personagens, com duas vítimas, e um deles era precisamente o homem acusado de ter

matado sua companheira.

Quanto ao assassino, não havia dúvidas. Era o terceiro personagem que viajava no automóvel, e que tomou a precaução de ficar escondido atrás das cortinas. Ele livrou-se do motorista, o despiu, depois feriu sua esposa, e a levou em direção à uma verdadeira corrida da morte.

Era um caso novo, com descobertas imprevistas e testemunhos inesperados. Poderia se esperar que o mistério fosse esclarecido ou que ao menos o curso das investigações levasse até a verdade. Porém, nada disso aconteceu. Um cadáver juntava-se ao primeiro cadáver. Problemas trouxeram mais problemas. A acusação de assassinato mudou de um para o outro. Isso era tudo.

Além dos fatos tangíveis, evidentes, havia apenas e tão somente a escuridão.

O nome da mulher, o nome do homem e o nome do assassino continuavam um enigma.

E o que houve com o assassino? Apenas o fato de ele ter desaparecido instantaneamente já era um fenômeno um tanto curioso. Porém, o fenômeno foi tocado por um milagre, pois o assassino não havia desaparecido por completo! Ele estava ali! Ele retornou ao local da catástrofe. Além do sobretudo de pele, encontraram o gorro. E prodígio admirável foi que, numa manhã, após uma noite inteira passada procurando entre os rochedos da famosa curva, acharam os óculos do motorista, quebrados, enferrujados, sujos, impossibilitados de uso. Como o assassino trazia seus óculos sem que os investigadores o vissem?

E ficaria melhor. Na noite seguinte, um camponês, obrigado a atravessar a floresta, levou consigo, por precaução, seu rifle e seus dois cães, quando parou ao ver uma sombra passando na escuridão. Seus cães — dois cães-lobos meio selvagens e com um vigor excepcional — saltaram no meio do matagal, começando uma perseguição.

Ela durou pouco. Logo depois, o camponês ouviu dois uivos horríveis, que terminaram em lamentos de agonia. E depois o silêncio, o silêncio absoluto.

O camponês fugiu aterrorizado, abandonando seu rifle.

No dia seguinte, não localizou nenhum dos dois cães. Foi encontrado apenas a coronha do rifle. Quanto ao cano da arma, ele foi visto, logo em frente, enterrado no chão, e com uma flor posta em um dos bocais, era um

narciso de outono, que fora colhido a cinquenta passos dali!

O que isso significava? Por que essa flor? Por que essas complicações naquele crime? Por que esses atos inúteis? A razão encontrava-se imersa sob tais anomalias. Era com uma espécie de medo que se arriscavam nessa aventura equívoca. Tinham a sensação de uma atmosfera pesada, sufocante, em que era impossível respirar, que cegava os olhos, e que desconcertava até os mais clarividentes.

O juiz de instrução ficou doente. Depois de quatro dias, seu substituto confessou que o caso lhe parecia ser inextricável. Prenderam dois vagabundos que encontraram no local. Foi perseguido um terceiro que não conseguiram alcançar, e contra o qual não havia provas. Em suma, não havia nada além de desordem, trevas e contradição.

Um acaso conduziu à solução, ou melhor, determinou um conjunto de circunstâncias que levaram ao desfecho. Foi um simples acaso. O redator de um grande jornal parisiense, enviado ao local do crime, resumiu o caso em seu artigo, nos seguintes termos:

> *Eu repito: é preciso a colaboração do destino. Sem ele, estão todos perdendo seu tempo. Os elementos verossímeis nem ao menos bastam para estabelecer uma hipótese plausível. É uma noite densa, absoluta e angustiante. Não há nada a fazer. Todos os Sherlock Holmes do mundo não veriam um palmo à frente do nariz e Arsène Lupin teria se dado por vencido.*

No dia seguinte à publicação desse artigo, o jornal publicava o seguinte telegrama:

> *Algumas vezes me dei por vencido, mas jamais por bobagens. O caso de Saint-Nicholas é um mistério para crianças de colo.*
>
> *Arsène Lupin*

A resposta ressoou alto. Todos começaram a se lembrar dos casos que despertaram a intervenção do famoso aventureiro.

Ele iria intervir realmente? Todos duvidavam. O próprio jornal desconfiou e tomou suas precauções.

> *A título de garantia* — acrescentou o periódico — *inserimos esse telegrama, o qual é certamente obra de algum farsante. Arsène Lupin, embora no passado um mestre do mistério, não falaria desta forma, com*

essa arrogância infantil.

Alguns dias se passaram. Cada manhã decepcionava a curiosidade geral, depois ela voltava a se tornar mais viva. Haveria uma resposta? Enfim, o jornal publicou essa famosa carta, tão precisa, tão categórica, em que Arsène Lupin dava a chave do enigma. Aqui está ela em sua integralidade.

Senhor Diretor,

Ao me desafiar, o senhor acertou meu ponto fraco.

Provocado, eu respondo.

E afirmo novamente: o caso de Saint-Nicholas é um mistério apenas para crianças de colo. Não conheço nada que seja tão ingênuo, e a prova dessa simplicidade será justamente a brevidade de minha demonstração.

Essa demonstração pode ser resumida em algumas palavras:

Quando um crime parece escapar da medida ordinária das coisas, quando ele parece algo não natural, estúpido, há muita probabilidade para que a explicação seja encontrada nos motivos extraordinários, extranaturais e extra-humanos. Eu disse que há muita probabilidade, pois é preciso admitir sempre a parte absurda nos eventos mais lógicos e mais simplórios. Mas como podemos enxergar o que de fato existe, não levando em conta o absurdo e a desproporcionalidade do caso?

Desde o início, o caráter muito nítido dessa anomalia me chocou. Os ziguezagues no começo, a estranha direção do automóvel, que disseram ser feito por algum motorista inexperiente. Disseram ser obra de um bêbado ou de um louco. Suposição justificada. Mas nem a loucura nem a embriaguez podem provocar a exasperação de força necessária para transportar, e, sobretudo, em tão pouco tempo, a pedra que esmagou a cabeça da infeliz mulher. Para isso, é preciso de uma força muscular tamanha, que não hesito em ver um segundo ponto dessa anomalia que domina esse caso.

E para que transportar essa pedra enorme, quando basta apenas uma pedra para matar a vítima? E, por outro lado, como que, em queda tão terrível do veículo, o assassino não morreu ou ao menos ficou reduzido a uma imobilidade temporária? Como ele desapareceu? E por que, uma vez tendo desaparecido, ele retornou ao local do acidente? Por

que em um dia abandonou seu sobretudo, no outro seu gorro e ainda num outro dia seus óculos?

Anomalias, atos inúteis e estúpidos.

Além disso, por que teria levado essa mulher ferida, moribunda, sentada no banco da frente, onde todo mundo poderia vê-la? Por que não a colocou no interior do veículo, ou a jogou morta em algum canto, como jogou o homem sob as amoreiras silvestres?

Anomalia. Estupidez.

Tudo é um absurdo nesse caso. Tudo ali denota uma incapacidade, uma incoerência, um constrangimento, a tolice de uma criança ou talvez de um selvagem imbecil e furioso, um bruto.

Repare na garrafa de conhaque. Havia um saca-rolhas (encontrado no bolso do sobretudo). Por que o assassino não o usou? Sim, os traços do saca-rolhas são visíveis no selo. Mas a utilização era muito complicada para ele. Ele quebrou a garrafa com uma pedra.

São sempre pedras, observe esse detalhe. É a única arma e o único instrumento empregado por esse indivíduo. É sua arma habitual, é sua ferramenta familiar. Ele mata o homem com uma pedra, a mulher com uma pedra, ele quebra a garrafa com uma pedra.

Um bruto, eu repito, um selvagem furioso, perturbado ou louco súbito. Pelo quê? Céus, justamente por esse conhaque, que ele bebeu num gole só, enquanto o condutor do automóvel e sua companheira comiam na campina. Ele saiu do carro, de onde viajava coberto com uma pele de cabra e usando um gorro de pele, pegou a garrafa, a quebrou, e a bebeu. Aqui está toda a história. Após beber, ele tornou-se um louco furioso, e os matou ao acaso, sem razão. Depois, com um medo instintivo, temendo o inevitável castigo, ele escondeu o cadáver do homem. Em seguida, com ainda mais estupidez, ele levou a mulher ferida consigo e fugiu. E fugiu nesse automóvel, o qual ele nem sabia dirigir, mas que para ele representava a salvação, a impossibilidade de ser pego.

— Mas e o dinheiro? — me diria o senhor. — E a carteira roubada?

— Mas quem lhe disse que ele era o ladrão? Quem disse que não foi o tal vagabundo, o tal camponês, atraídos pelo cheiro do cadáver?

— Mas… Mas… — o senhor continua a se opor. — Mas teríamos então encontrado esse homem bruto, mesmo que tivesse se escondido nos arredores da curva, pois, mesmo com tudo, ele precisaria comer, beber…

— O quê? O senhor não adivinha?

— Não! E mesmo assim, o senhor está certo de que ele continua ali?

— Certamente, e a prova é o camponês que viu sua sombra. E ainda eu acrescentaria o desaparecimento desses dois cães-lobos, cães de guarda que sumiram como poodles de apartamento.

E também, o cano do rifle enterrado estupidamente no chão com uma flor. Isso não é estúpido o suficiente? Não é grotesco? E então não entendeu? Nenhum desses detalhes iluminou sua mente? Não? Então vejamos o detalhe mais simples, para terminar e para responder às suas objeções, indo direto ao ponto. Basta de explicações. Vamos aos fatos. Para que os senhores investigadores possam ir, eles mesmos, até a raiz de tudo. Que os investigadores peguem os seus rifles. Que eles explorem a floresta num raio de duzentos ou trezentos metros, não mais que isso. Mas que em vez de procurarem, com a cabeça baixa, e com os olhos fixos no chão, que eles olhem para o alto, sim, para o alto, entre os galhos e as folhas dos carvalhos mais altos, entre as faias mais inacessíveis. E creia em mim, eles o encontrarão. Ele está lá, desesperado, lamentando, procurando pelos dois que ele matou, esperando-os, não ousando afastar-se, não conseguindo compreender.

Quanto a mim, lamento infinitamente estar retido em Paris, devido a grandes trabalhos e resolvendo alguns casos muito complicados, pois teria um enorme prazer em seguir até o final desta curiosa aventura.

Queira o senhor desculpar-me, bem como meus bons amigos da justiça, e acredite Senhor Diretor em meus sinceros votos de cordialidade.

Assinado: Arsène Lupin

Este foi o resultado: os senhores da justiça, bem como a polícia não deram a menor importância para essa divagação absurda. Porém, quatro cavalheiros que moravam nas redondezas pegaram seus rifles e foram à caça, com os olhos para o alto, como se fossem atirar em algum corvo. Depois de meia hora, eles encontraram o assassino. Dois tiros: ele foi caindo de galho em galho.

Apenas feriu-se. Eles o capturaram.

À noite, um jornal de Paris, o qual ainda não tinha conhecimento sobre essa captura, publicou a seguinte nota:

Ainda sem notícias sobre um senhor e uma dama de sobrenome Bragoff, os quais desembarcaram há seis semanas em Marseille, onde alugaram um automóvel.

Morando na Austrália há muitos anos, eles vieram à Europa pela primeira vez, informando ao diretor do Jardim de Aclimatação, com o qual eles mantinham correspondência, que haviam trazido consigo um ser estranho, de uma espécie absolutamente desconhecida, de quem não poderiam dizer se era um homem ou um macaco.

De acordo, com o senhor Bragoff, arqueólogo de renome, eles estavam na presença de um macaco hominoide, ou talvez de um macaco cuja existência era até então desconhecida. Sua estrutura é exatamente semelhante à do Pithecanthropus erectus, *descoberto em Java, em 1891, pelo doutor Dubois, e algumas particularidades parecem dar razão às teorias do naturalista argentino senhor Ameghino, o qual, com os fragmentos de crânio encontrados durante os trabalhos de escavação no porto de Buenos Aires, pôde reconstituir o* Diprothomo.

Inteligente, observador, esse animal singular servia de criado aos seus mestres, em sua propriedade na Austrália, limpando seu automóvel e até tentando dirigir.

O que aconteceu com o senhor e a doutora Bragoff? O que aconteceu com o estranho primata que os acompanhava?

A resposta para essa pergunta era agora muito fácil. Graças às indicações de Arsène Lupin, podemos conhecer todos os elementos desse caso. Graças a ele, o culpado encontrava-se nas mãos da justiça.

Podemos vê-lo no Jardim de Aclimatação onde ele está preso, com o nome de Trois Étoiles. É na verdade um macaco. Mas também um homem. Ele possui a gentileza e sagacidade de animais domésticos e a mesma tristeza que eles possuem quando morre seu dono. Porém, há muitas outras características que o unem à humanidade. Ele é enganador, cruel, preguiçoso, ganancioso, irritado, e, sobretudo, ele tem pelo conhaque uma paixão sem limites.

Fora isso, ele é decididamente um macaco.

A menos que…

Alguns dias após sua prisão, eu vi, imóvel diante da cela, Arsène Lupin, sem dúvida alguma, procurando resolver esse enigma. Imediatamente, eu digo a ele —, pois estava carregando isso em meu peito:

— Lupin, saiba o senhor que a sua intervenção neste caso, sua explicação, sua carta não me tocaram.

— Ah! — exclamou ele tranquilamente. — E por quê?

— Por quê? Porque essa mesma aventura já foi feita há setenta ou oitenta anos. Edgar Poe fez disso o assunto de um de seus mais belos contos[1]. Assim a chave do enigma foi encontrada facilmente.

Arsène Lupin segurou em meu braço e me disse:

— Quando o senhor descobriu?

Eu confessei:

— Ao ler a sua carta.

— Em qual parte de minha carta?

— Quase no fim.

— Quase no fim! Depois de eu ter colocado os pingos nos "is". Aqui está um crime repetido pelo acaso, em circunstâncias evidentemente diferentes, mas com a mesma espécie de protagonista, e o senhor, assim como os outros, precisava apenas abrir os olhos. Foi preciso o socorro vindo de minha carta, carta esta que me diverti — além de constrangido pelos fatos — ao empregar a mesma explicação, e, algumas vezes, até os mesmos termos usados pelo grande poeta americano. O senhor bem vê que minha carta não foi de todo inútil, podemos nos permitir em falar novamente às pessoas aquilo que elas aprenderam apenas para esquecer.

Lupin, virou-se e riu do velho macaco que meditava com a séria expressão de um filósofo.

---

[1] O conto citado pelo autor é *Os assassinatos na rua Morgue*, escrito por Edgar Allan Poe, em 1841. (N.T.)

O mistério da tapeçaria furtada

Tradutor:
Antônio Meurer

Há três anos, à chegada do trem vindo de Brest à estação de Rennes, encontraram demolida a porta de um vagão de carga fretado por um rico argentino, o coronel Sparmiento, que viajava com sua esposa no mesmo trem. O vagão violado transportava um opulento lote de tapeçarias. A caixa, que continha a mais valiosa peça, fora aberta e a tapeçaria desaparecera.

O coronel Sparmiento apresentou queixa contra a Companhia da Estrada de Ferro e reclamou indenização pelos prejuízos consideráveis que sofrera, pois a perda dessa peça diminuía em muito o valor da coleção. A polícia prometeu tomar providências. A companhia ofereceu um prêmio importante a quem descobrisse o objeto roubado. Duas semanas mais tarde, uma carta mal fechada, aberta "por acaso" na repartição dos Correios, revelou que o roubo fora efetuado sob a direção de Arsène Lupin e que um importante volume, muito suspeito, partiria na manhã seguinte com destino à América do Norte. Na mesma tarde, descobriam a tapeçaria numa mala deixada em consignação na estação de Saint-Lazare.

O golpe falhara. Lupin sofreu tal decepção que exalou seu mau humor em uma mensagem dirigida ao coronel Sparmiento, com estas palavras suficientemente claras:

Tive a generosidade de só retirar uma pequena parte do lote. Na próxima vez, lançarei mão dos doze volumes. Saudações.

A. Lupin

O coronel Sparmiento residia, havia já alguns meses, em um prédio situado no fundo de um pequeno jardim, no ângulo da Rua de la Faisanderie com a Rua Dufresneoy. Era um homem forte, de ombros largos, cabelos negros, tez morena e que se vestia com sóbria elegância. Desposara uma jovem inglesa extremamente bela, mas de saúde precária e a quem a aventura das tapeçarias afetara profundamente. Desde o primeiro instante, rogara a seu marido que as vendesse por qualquer preço, mas o coronel era de uma natureza enérgica e muito obstinado para ceder ao que tinha o costume de chamar um "capricho de mulher". Não vendeu. Porém, multiplicou as precauções, cercando-se de todos os meios próprios para evitar o mais ousado roubo.

Primeiramente, para ter, apenas, que vigiar a fachada — a face que dava para o jardim —, mandou murar todas as janelas do andar térreo, que abriam para a Rua Dufresnoy. Em seguida, solicitou o concurso de uma empresa especializada em segurança patrimonial e colocou, em cada janela da galeria, onde as tapeçarias foram penduradas, aparelhos de alarme, invisíveis, cujo segredo somente o coronel conhecia, e que, ao menor contato, acendiam todas as lâmpadas elétricas da casa e faziam funcionar um sistema de campainhas.

As empresas de seguros, às quais se dirigiu, não consentiram em assegurar todo o lote a não ser que ele contratasse, à noite, no andar térreo de sua residência, três homens fornecidos por elas e pagos pelo coronel. Para esse fim, escolheram três antigos inspetores de segurança, veteranos no ofício, e aos quais Lupin inspirava ódio profundo.

Quanto aos seus criados, o coronel os conhecia de longa data. Respondia por eles. Tomadas todas essas precauções, o coronel deu uma grande festa de inauguração de sua casa, para a qual foram convidados os membros de dois clubes dos quais era sócio, assim como grande número de senhoras da alta sociedade, jornalistas, amadores e críticos de arte.

Franqueado o portão, tinha-se a impressão de penetrar em uma prisão. Os três inspetores, postados no rés da escada, solicitavam os convites e observavam os recém-chegados com olhar inquisidor. Só faltava passar os convidados em revista e tomar-lhes as impressões digitais. O coronel, que recebia no primeiro andar, desculpava-se, rindo, feliz em poder explicar a razão de tanta cautela, que imaginava tomadas em prol da segurança de suas tapeçarias.

Sua esposa mantinha-se ao seu lado, encantadora de juventude e de graça, loura, pálida, flexível, com um ar melancólico e meigo, esse ar de resignação dos seres aos quais o destino ameaça.

Tendo os convidados chegado, fecharam o portão do jardim e as portas do vestíbulo. Depois, passaram todos para a galeria central, à qual se acedia por duplas portas blindadas e cujas janelas, munidas com enormes fechos, eram protegidas, além disso, por grades de ferro internas. Aí se encontravam os doze lotes de tapetes. Eram obras de arte incomparáveis que, inspirando-se na famosa tapeçaria de Bayeux, atribuída à rainha Matilde, representavam a história da conquista da Inglaterra. Encomendadas no século XVI pelo descendente de um homem de armas, que fora ajudante de campo de Guilherme, o Conquistador, e executadas por um célebre tecelão de Arras, Jehan Gosset, as tapeçarias tinham sido descobertas, quinhentos anos depois, no fundo de uma velha mansão da Bretanha. Avisado, o coronel arrematara o lote por apenas cinquenta mil francos. Os tapetes valiam vinte vezes mais.

Porém, a mais bela das peças da série, a mais original, fora exatamente a que Arsène Lupin roubara, e a polícia conseguira recuperar. Representava Edith Swanneck — Edith Pescoço de Cisne[2] — procurando, entre os mortos de Hastings, o cadáver de seu bem-amado, Haroldo, o último rei saxão. Diante desse tapete — ante a beleza ingênua do desenho, os coloridos apagados, o agrupamento animado dos personagens e a tristeza terrível da cena —, os convidados se entusiasmaram. Edith Swanneck, a rainha infortunada, vergava o busto gracioso, como um lírio a suportar um grande peso. Seu vestuário, todo branco, revelava seu corpo emagrecido. Suas longas mãos, finas, estendiam-se em um gesto de horror e de súplica. E nada mais doloroso que o seu perfil, seu desesperado e melancólico sorriso.

— Sorriso pungente — notou um dos críticos, a quem ouviam com deferência. — Um sorriso cheio de encanto e que me faz pensar, coronel, no sorriso de madame Sparmiento.

E como isso parecia justo, insistiu:

— Há outros pontos de semelhança, que me chocaram imediatamente, como a curva graciosa da nuca, a delicadeza das mãos, e, também, qualquer coisa na silhueta, na atitude habitual.

— É bem verdade! — confessou o coronel. — Foi justamente essa semelhança o que me levou a arrematar todo o lote. E havia, mesmo, outra

razão. É que, por coincidência verdadeiramente curiosa, minha mulher se chama, exatamente, Edith… Edith Pescoço de Cisne, é como eu a chamo, desde então!

E acrescentou, rindo:

— Desejo que as analogias se detenham por aqui, e, que a minha querida Edith não tenha, como a pobre apaixonada da história, de procurar o cadáver de seu bem-amado.

Sorriu ao pronunciar essas palavras, mas seu sorriso não obteve eco na ocasião nem nos dias que se seguiram. Em todas as descrições e narrativas a respeito dessa elegante festa noturna, reinou a mesma impressão de aborrecimento e de silêncio. Os assistentes não sabiam o que dizer. Alguém quis gracejar:

— Você, ao menos, não se chama Haroldo, coronel?

— Ah, não! — declarou ele alegremente. — Nem mesmo me pareço com o rei saxão.

Todo mundo, depois, foi de acordo em afirmar que, nesse momento, quando o coronel terminava sua frase do lado das janelas (se a da direita ou a do meio, as opiniões variavam sobre esse ponto), houve um primeiro toque de campainha, breve, agudo, sem modulações. Esse toque foi seguido de um grito de terror, saído da garganta de madame Sparmiento, agarrando nervosamente o braço de seu marido. Este exclamou:

— Que foi? Que significa isso?

Imóveis, os convidados olhavam para as janelas. O coronel repetiu:

— Que foi? Não compreendo… Somente eu conheço o local do quadro de campainhas…

E, no mesmo instante — também sobre esse ponto, as testemunhas eram acordes —, a mais completa escuridão reinou na casa e, imediatamente, em toda a casa ecoou o barulho infernal produzido pelas sirenes.

Durante alguns segundos, foi uma desordem incontrolável, um terror louco. As mulheres vociferavam. Os homens esmurravam as portas fechadas. Houve empurrões violentos, lutas mesmo. Muitos caíram e foram pisoteados. Dir-se-ia uma multidão enlouquecida de terror ante a ameaça das chamas ou da detonação dos obuses. E, dominando o tumulto, ouvia-se a voz do coronel, que vociferava:

— Silêncio! Não se mexam! Respondo por tudo! O interruptor fica ali, naquele canto… Cá está!

De fato, tendo aberto caminho através dos convidados, chegou ao ângulo da galeria e, subitamente, a luz elétrica jorrou de novo, enquanto cessava o toque ensurdecedor das sirenes.

Então, na claridade brusca, um estranho espetáculo surgiu. Duas senhoras tinham perdido os sentidos. Sustentada pelo braço de seu marido, lívida, madame Sparmiento parecia morta. Os homens, pálidos, com a gravata desfeita, pareciam combatentes.

— As tapeçarias estão intactas! — gritou alguém.

Alguns quadros, suspensos às paredes, também continuavam a ornamentar a sala e, embora o barulho infernal enchesse toda a casa, embora as trevas reinassem por toda parte, os inspetores não tinham visto ninguém entrar.

— De resto — disse o coronel —, somente as janelas da galeria são munidas de campainhas e esses aparelhos, cujo segredo só eu conheço, não estavam preparados para funcionar agora.

Riu-se muito do alarme e de seus efeitos, porém ria-se sem convicção. E todos tiveram o mesmo pensamento: deixar aquela casa onde se respirava, apesar de tudo, uma atmosfera de inquietação e angústia.

Dois jornalistas, entretanto, permaneceram ainda algum tempo, e o coronel juntou-se a eles, depois de ter tranquilizado Edith, que se recolheu ao seu quarto, onde a deixou aos cuidados da criada. Juntos, os três, acompanhados pelos detetives, empreenderam uma investigação que não produziu a descoberta do mais insignificante detalhe. Depois — exatamente duas horas e quarenta e cinco minutos da madrugada —, os jornalistas se retiraram. O coronel voltou aos seus aposentos, e os detetives se retiraram para o quarto que lhes fora destinado no andar térreo. Cada um, por sua vez, montou guarda, fazendo de vez em quando uma ronda pelo jardim e subindo até a galeria.

Isso foi pontualmente executado, exceto de cinco horas às sete da manhã, quando o sono importuno debilitou o vigia da guarda. Porém, lá fora, o dia já amanhecera e, ao menor chamado das campainhas, todos seriam facilmente despertados.

No entanto, às sete horas e vinte, quando um deles abriu a porta da galeria e afastou as cortinas, verificou que as doze tapeçarias tinham

desaparecido.

Mais tarde, censuraram esses três homens por não haver dado o alarme imediatamente, iniciando, sozinhos, investigações, antes de prevenir o coronel e de telefonar para a polícia.

Mas em que esse atraso entravou a ação da polícia?

Seja como for, somente às oito horas e meia o coronel foi avisado do furto. Já estava vestido e se dispunha, pois, a sair. A notícia não pareceu emocioná-lo ou, pelo menos, ele soube conter suas manifestações. Porém, o esforço devia ter sido muito grande, porque, bruscamente, caiu sobre uma cadeira e abandonou-se, por alguns instantes, a um verdadeiro acesso de desespero, bastante penoso de ver em um homem de aparência tão enérgica. Acalmando-se, finalmente, dirigiu-se à galeria, olhou para as paredes nuas, depois, sentou-se diante de uma mesa e rabiscou rapidamente uma carta, que meteu em um envelope e fechou cuidadosamente.

— Tomem isto — disse ele. — Tenho que ir a… Um encontro urgente… Aqui, uma carta para o comissário de polícia.

E porque os inspetores o observavam um pouco surpreendidos, ele acrescentou:

— É minha impressão sobre o roubo… Uma suspeita, que me veio… Ele saberá agir de acordo… Quanto a mim, não descansarei enquanto não desvendar tudo.

E partiu, quase correndo. Pouco depois, o comissário chegava. Entregaram-lhe a carta. Continha estas palavras:

Estou sem recursos há mais de um ano. Eu comprei essas tapeçarias por especulação, esperando vendê-las por um milhão de francos, graças ao burburinho que era feito em torno delas. Já havia recebido, de um norte-americano, uma oferta de seiscentos mil francos. Seria a salvação. Agora, estou perdido…

Que minha adorada esposa perdoe o desgosto que lhe vou causar. Até o último instante, seu nome estará sobre meus lábios.

Preveniram madame Sparmiento.

Enquanto empreendiam buscas e tentavam descobrir o coronel, ela esperou, trêmula de horror. Cerca de quatro horas da tarde, receberam um telefonema de Ville-d'Avray. À subida de um túnel, após a passagem de um trem, havia sido encontrado, pelo sinaleiro da companhia férrea, o corpo de

um homem horrivelmente mutilado, e cuja fisionomia nada mais tinha de humana. Os bolsos não continham documento algum. Porém, os poucos sinais correspondiam aos do coronel Sparmiento.

Às sete horas, madame Sparmiento, levada à Ville-d'Avray, reconheceu seu marido.

Nessa circunstância, Lupin, segundo a expressão habitual, não teve a imprensa de seu lado:

> *Que Lupin se precavenha!* — escreveu um cronista irônico, que resumia bem a opinião geral. — *Não serão necessárias muitas histórias iguais a essa para fazê-lo perder toda a simpatia, que não lhe regateamos até agora. Lupin só é aceitável se suas pilhérias são feitas em prejuízo de banqueiros suspeitos, barões ricos, sociedades financeiras e anônimas… E, principalmente, não deve matar! Mãos de ladrão, bem! Mãos de assassino, não! Ora, se não matou verdadeiramente, não deixa de ser o responsável por essa morte. Cobriu-se de sangue. As armas de seu brasão ficaram rubras.*

A cólera e a revolta pública aumentavam pela piedade que inspirava a pálida fisionomia de Edith. Os convidados da véspera falaram. Foram citados os detalhes impressionantes da festa e logo se formou uma lenda em torno da loura criatura, uma lenda à qual emprestavam o caráter verdadeiramente trágico e fatal da aventura popular da rainha do Pescoço de Cisne…

E, no entanto, não era possível deixar de admirar a extraordinária habilidade com que o roubo fora executado. A polícia tentou explicá-lo do seguinte modo: "os detetives haviam verificado, desde logo — e firmado muito depois —, que uma das três janelas da galeria estava aberta de par em par; ora, nessas condições, era evidente que Lupin e seus cúmplices se tinham introduzido ali por essa janela".

Mas, como tinham conseguido: 1º) franquear a grade do jardim, ida e volta, sem serem vistos?; 2º) atravessar o jardim e encostar uma escada à platibanda, sem deixarem o menor vestígio?; 3º) abrir os fechos e a própria janela, sem fazerem funcionar as campainhas e as luzes?

O público, naturalmente, acusou os três detetives. O juiz de instrução interrogou-os longamente, fez uma investigação minuciosa sobre a vida privada de cada um deles e declarou que eles estavam acima de qualquer suspeita.

Quanto às tapeçarias, nada deixava dúvida de que fossem recuperadas.

Foi então que o inspetor principal Ganimard voltou das profundezas das Índias, onde, baseando-se em uma série de provas irrefutáveis, que lhe haviam sido fornecidas por antigos cúmplices de Lupin, seguira a pista do célebre ladrão. Enganado mais uma vez por seu eterno adversário e supondo que este o fizera ir ao Oriente afim de ficar livre em Paris e poder roubar as tapeçarias, pediu a seus chefes uma licença de quinze dias, apresentou-se na casa de madame Sparmiento e prometeu-lhe vingar seu marido.

Edith estava nesse estado em que a ideia da vingança não aliviava a dor que nos tortura. Na mesma tarde do enterro, despedira os três criados — o luzido pessoal que lhe recordava cruelmente o passado — e substituíra.

Indiferente a tudo, fechada em seu quarto, deixava Ganimard livre para agir como bem entendesse.

Este, pois, instalou-se no andar térreo e entregou-se às investigações mais minuciosas. Ao fim de quinze dias, pediu prorrogação de sua licença. O chefe da Polícia de Segurança, que era então o senhor Duduis, foi visitá-lo e surpreendeu-o no alto de uma escadinha de mão, na galeria vazia. O inspetor principal confessou a inutilidade de suas pesquisas. Porém, na manhã seguinte, o senhor Duduis, passando novamente por lá, encontrou Ganimard pensativo, com um rolo de jornais sobre os joelhos…

Interrogado pelo chefe da Polícia de Segurança, murmurou:

— Não sei, chefe… É uma ideia que me veio… Mas, é tão absurda! De resto, não explica tudo. Ao contrário, embaralha as coisas ainda mais!

— Então?

— Por favor, chefe, tenha um pouco de paciência… Deixe-me agir. Mas se, de repente, um dia desses, eu lhe telefonar, será preciso pegar um automóvel e não perder um minuto… Isso significará que o mistério foi desvendado.

Passaram-se ainda quarenta e oito horas. Uma manhã, o senhor Duduis recebeu um telegrama:

Vou a Lille. — Ganimard

— Que diabos irá ele fazer em Lille? — murmurou o chefe da Segurança.

O dia se passou sem notícias. E mais um outro.

Porém, o chefe tinha confiança. Conhecia Ganimard e não ignorava que o velho policial não era desses que se entusiasmam sem razão. Se Ganimard agia, era porque tinha motivos sérios para isso.

De fato, na noite desse segundo dia, o senhor Duduis foi chamado ao telefone.

— É o senhor, chefe?

— É você, Ganimard?

Homens cautelosos, ambos se asseguraram, primeiro, que não se enganavam sobre a identidade um do outro.

Ganimard continuou, agora apressado:

— Mande-me dez homens imediatamente. E venha o senhor também. Por favor!

— Onde está você?

— Ora… Na casa! No andar térreo. Mas eu o esperarei por trás do gradil do jardim.

— Estou indo…

— Sim… Mande o automóvel parar a cem passos. Uma ligeira buzina e eu abrirei…

As coisas foram feitas segundo as prescrições de Ganimard. Pouco depois de meia-noite, como todas as luzes estavam apagadas nos andares superiores, ele esgueirou-se para a rua e foi ao encontro do senhor Duduis. Houve um rápido esclarecimento. Os agentes obedeceram às ordens de Ganimard. Depois, o chefe e o inspetor principal voltaram juntos, atravessaram sem ruído o jardim, fechando-se com grandes precauções.

— Então? — disse o senhor Duduis.

Ganimard sorria. Nunca seu chefe o vira em um tal estado de agitação e o ouvira falar com voz tão precipitada.

— Sim, chefe, desta vez… Custa-me acreditar! Palavra! Mas não estou enganado… Não pode ser…

Enxugou as gotas de suor que banhavam sua fronte e, como o senhor Duduis o interrogava novamente, ele dominou-se e começou:

— Lupin já me tem pregado umas boas…

— Diga, Ganimard — interrompeu o senhor Duduis. — Não será melhor ir diretamente ao que nos interessa? Em duas palavras, que há?

— Não, chefe — objetou o inspetor principal. — É preciso que o senhor conheça as diferentes fases por onde passei. Desculpe-me, mas julgo tudo

isso indispensável.

E repetiu:

— Como dizia, Lupin pregou-me umas boas… Mas, nesse duelo, em que sempre fui derrotado até hoje, ao menos ganhei experiência e fui conhecendo o homem e sua tática. Ora, no que diz respeito ao roubo das tapeçarias, fui logo levado a fazer a mim mesmo duas perguntas. A primeira é esta: Lupin, hábil como é, sabia que o senhor Sparmiento estava arruinado e que o desaparecimento das tapeçarias iria levá-lo ao suicídio. Ora, Lupin tem horror a sangue. Como, pois, resolveu roubá-los?

— Ora, a tentação dos quinhentos ou seiscentos mil francos que elas valiam — observou o senhor Duduis.

— Não, chefe, por nada neste mundo, mesmo por milhões. Lupin não mata. Nem mesmo deseja ser a causa de uma morte. Eis o primeiro ponto. E o segundo é este: por que esse barulho infernal, na véspera, à noite, durante a festa de inauguração da galeria? Evidentemente, não seria para atemorizar, para criar em torno do caso, e em poucos minutos, uma atmosfera de inquietação, de terror e, finalmente, para desviar as suspeitas de uma verdade que, talvez, fosse suspeitada sem isso? Não compreende, chefe?

— Não. Palavra que não!

— Sim… — concordou Ganimard. — Não está claro… Eu mesmo, ao formular essas perguntas, não compreendia bem. No entanto, tinha a impressão de estar seguindo uma boa pista. Sim, era fora de dúvida que Lupin queria desviar as suspeitas… Desviá-las… Sobre si mesmo! A fim de que a criatura que dirigia a operação permanecesse conhecida.

— Um cúmplice? — insistiu o senhor Duduis. — Um cúmplice que, entre os convidados, fez funcionar as campainhas… E, à saída da festa, pôde dissimular-se em algum canto da casa.

— Isso… Isso… Está esquentando, chefe! É bem verdade que, se as tapeçarias não poderiam ter sido furtadas por alguém que se introduziu disfarçadamente na casa, o foram por alguém que permaneceu no interior da casa; e não menos certo que, examinando a lista de convidados e procedendo a um verdadeiro inquérito sobre cada um deles, seria possível!…

— Então?

— Infelizmente, há um "mas", chefe. É que os treze detetives tinham a lista dos convidados e quando eles foram embora, os detetives conferiram essa lista. Ora, sessenta e três convidados tinham entrado e sessenta e três saíram. Portanto…

— Algum criado?

— Não.

— Os próprios detetives?

— Também não.

— Mas… Com mil raios! — exclamou o chefe com impaciência. — Se o roubo foi perpetrado no interior…

— Isso é coisa fora de dúvida — afirmou o inspetor, cujo nervosismo parecia crescer. — Todas as minhas investigações chegaram a essa certeza. E minha convicção aumentava tanto que cheguei a formular esse axioma espantoso: "Em teoria e em fato, o roubo só pôde ter sido executado com o auxílio de um cúmplice, residente na casa". Ora, não houve cúmplice.

— Isso é absurdo! — disse o senhor Duduis.

— De fato — concordou Ganimard. — Porém, no instante em que pronunciei essa frase absurda, a verdade surgiu inteira! Oh!… Uma verdade bem obscura, bem incompleta, mas suficiente! Com esse fio condutor, eu poderia ir longe.

O senhor Duduis manteve um silêncio prudente. O que acontecera com Ganimard ocorria com ele. Murmurou, finalmente:

— Se não foi nenhum dos convidados, nem os criados, nem os detetives, não resta mais ninguém.

— Sim, chefe, ainda há uma pessoa.

O chefe estremeceu, como se recebesse um choque, e, com voz que traía toda sua emoção, murmurou:

— Impossível! Oh! Será quê…? Não!

— Por quê?

— Impossível! O próprio Sparmiento cúmplice de Lupin?

— Perfeitamente. Cúmplice de Arsène Lupin. Assim tudo se explica! Durante a noite e enquanto quanto os três detetives vigiavam embaixo, e, depois, dormiam, porque o coronel os fizera beber champagne com muito narcótico, o próprio Sparmiento roubava as tapeçarias e as fazia passar pela janela de seu quarto, no segundo andar, que dá frente para outra rua, e não era vigiada, posto que as janelas inferiores tinham sido muradas.

O senhor Duduis refletiu um instante; depois, ergueu os ombros:

— Inverossímil! — exclamou ele.

— Por quê?

— Ora, por quê?! Se o coronel fosse cúmplice de Lupin, não se teria suicidado, depois de realizado o roubo.

— E quem lhe diz que ele se matou?

— Oh! Encontraram seu cadáver!

— Com Lupin, repito, nunca há morte!

— Mas essa foi real. De resto, Madame Sparmiento reconheceu o corpo.

— Eu contava com essa sua resposta, chefe! Também esse argumento me desanimava. Repentinamente, em vez de um indivíduo, eu tinha três diante de mim: 1º) Arsène Lupin, ladrão; 2º) Seu cúmplice, o coronel Sparmiento; 3º) Um morto! Era muita coisa! E, por isso mesmo, mais fácil para se estudar!

Ganimard apanhou o rolo de jornais, desatou o laço que os prendia e apresentou um deles ao senhor Duduis, que leu, em voz alta:

> *Um fato insólito é assinalado por nosso correspondente, em Lille. Do necrotério dessa cidade desapareceu o cadáver de um desconhecido, que se lançara, na véspera, de um viaduto, sob as rodas de um trem. Várias hipóteses foram formuladas sobre esse desaparecimento.*

O senhor Duduis ficou pensativo; depois, perguntou:

— Então… Você acredita?

— Cheguei hoje de Lille — respondeu Ganimard — e minhas investigações não deixam subsistir qualquer dúvida a esse propósito. O cadáver foi retirado na mesma noite em que o coronel dava sua festa de inauguração. Transportado em automóvel, foi conduzido diretamente a Ville-d'Avray, onde o automóvel se deteve, permanecendo até noite fechada junto do leito da estrada de ferro.

— Junto do túnel, portanto — concluiu o senhor Duduis.

— Ao lado, chefe.

— De sorte que o cadáver encontrado, agora, é o do desconhecido de Lille, com as roupas do coronel Sparmiento?

— Exatamente, chefe!

— Então, o coronel está vivo?

— Como o senhor ou eu, chefe!

— Mas, então, por que todas essas aventuras? Por que esse roubo de uma só tapeçaria, sua restituição e, em seguida, o roubo das doze? Por que essa festa de inauguração e todo esse fragor infernal? Qual, Ganimard! Você ainda não acertou com a "coisa"!

— O senhor diz isso porque, como eu, parou no meio do caminho, à vista da natureza bizarra de toda a trama. Vá mais longe! Lembre-se de que se trata de Lupin! Com ele, devemos esperar o inverossímil, o inacreditável! Devemos, sempre, seguir a hipótese mais bizarra, mais louca! Quando digo "louca", a palavra não é justa. Tudo isso, ao contrário, é de uma lógica admirável, de uma simplicidade infantil. Cúmplices? Poderiam trair! Cúmplices? Para quê? É mais cômodo e natural agir pessoalmente, com suas próprias mãos, com seus próprios recursos.

— Que diz? Como diz? — exclamou o senhor Duduis, com um espanto que crescia a cada nova exclamação.

Ganimard riu:

— Isso o assombra, hein, chefe? A mim também, desde o dia em que o senhor me encontrou sentado no alto da escada portátil. Estava embrutecido pela surpresa. E, no entanto, já conheço o homem e seus processos. Sei do que é capaz…

— Impossível! Impossível! — repetia o senhor Duduis, em voz baixa.

— Muito possível, ao contrário, chefe! Muito lógico e normal. Trata-se da tríplice encarnação de um mesmo indivíduo! Uma criança resolveria o problema num minuto pelo processo de eliminação. Suprime-se o morto, ficam Sparmiento e Lupin. Suprime-se Sparmiento.

— Resta-nos Lupin — murmurou o chefe da Segurança.

— Sim, chefe. Lupin desembaraçado de seu aspecto de coronel argentino, ressuscitado dentre os mortos; Lupin viajando pela Bretanha e informado da descoberta das tapeçarias e comprando-as; depois, combinando o roubo da mais bela, para chamar a atenção sobre sua pessoa de estrangeiro rico. E cria, com escândalo, o duelo entre Lupin e Sparmiento; realiza a festa de inauguração, atemoriza seus convidados e, quando tudo fica pronto, rouba, como Lupin que é, as doze tapeçarias de Sparmiento e desaparece sob essa personalidade, chorado pelos amigos, e deixando-o atrás de si para receber o seguro das tapeçarias…

Ganimard deteve-se, fitou o chefe bem nos olhos e, num tom que sublinhava a importância de suas palavras, terminou:

— Deixando atrás de si uma viúva inconsolável!

— Madame Sparmiento! Então, acredita que…

— Ora! — exclamou o inspetor principal. — Não se prepara toda uma trabalhosa comédia como essa sem ter algum objetivo: lucros sérios da venda das tapeçarias. Muito bem! Mas essa venda o próprio coronel Sparmiento poderia efetuá-la com maior vantagem… Há coisa melhor!

— O quê?

— Então, chefe, já esqueceu que Sparmiento foi vítima de um roubo importante? Sua viúva receberá a importância dos seguros.

O senhor Duduis ficou de boca aberta. Toda a trama surgia diante de seus olhos, com seu verdadeiro significado. Ele murmurou:

— É verdade… Sim! De suas tapeçarias.

— E por bom dinheiro!

— Quanto?

— Oitocentos mil francos!

— Oito cen…?

— Perfeitamente! Em cinco companhias diferentes.

— E Madame Sparmiento recebeu a indenização?

— Recebeu, ontem, cento e cinquenta mil. E duzentos mil hoje. O resto será pago ao longo desta semana.

O chefe da Segurança curvou a cabeça e se manteve calado, por algum tempo. Depois, balbuciou:

— Que homem! Irra!

Ganimard concordou:

— Sim, chefe; um patife, mas prodigioso! Para que seu plano fosse coroado de êxito, era preciso agir de tal modo que, por quatro ou cinco semanas, ninguém pudesse conceber a menor dúvida sobre o papel do coronel Sparmiento. Era preciso que toda a cólera da polícia e a antipatia do público se concentrassem sobre Lupin. Era necessário que, de tudo isso, apenas restasse uma viúva dolorosa, arruinada, a pobre Edith Pescoço de Cisne… Uma lendária e graciosa visão. Eis o que ele concebeu… E realizou!

O chefe perguntou:

— Quem é essa mulher?

— Sonia Krichnoff. Sim, a russa que eu prendi no ano passado, por ocasião do roubo do diadema, e a quem Lupin conseguiu dar fuga…

— Tem certeza?

— Toda certeza. Enganado, como todo mundo, pelas maquinações de Lupin, eu não lhe prestara atenção, até que desvendei o papel que agora estava representando. O resto foi fácil. Trata-se de Sonia, a mais perigosa e ingênua das atrizes, a serviço de Lupin. Sonia, que, por amor a Lupin, não hesitaria em se fazer matar.

— Boa presa, Ganimard.

— Tenho coisa melhor a lhe oferecer, chefe!

— O quê?

— A velha ama de Lupin.

— Victoria?

— Sim está aqui, desde que Madame Sparmiento "ficou viúva". É a cozinheira!

— Oh, oh! — exclamou o chefe. — Meus cumprimentos, Ganimard!

— E ainda tenho coisa melhor, chefe!

— Que quer dizer?

— Julga que eu o teria incomodado a tal hora da noite se apenas se tratasse dessas presas? Sonia e Victoria. Ora, esperaria, ao menos, que amanhecesse…

— Então? — murmurou o chefe da Polícia de Segurança, que começava a compreender toda a agitação do inspetor principal. — Ele está aqui?

— Sim…

— Escondido?

— Não, apenas dissimulado. É o criado.

Desta vez, o chefe não fez um gesto, não disse uma palavra. A audácia de Lupin o confundia.

— A presença do chefe era indispensável. E ele teve o topete de voltar. Há três semanas que assiste às minhas investigações e vigia, tranquilamente, os meus progressos.

— Você o reconheceu?

— Reconhecer Lupin? É impossível. É um verdadeiro mestre em caracterizações. De resto, eu estava longe de imaginar que ele… Hoje, à tarde, eu espreitava Sonia, protegido pela sombra do vão da escada, e ouvi Victoria falando com o criado e chamando-o "meu filho". Ah, então compreendi tudo! "Meu filho"… É assim que Victoria chamava Lupin.

Por sua vez, o chefe sentia-se emocionado pela presença do inimigo tantas vezes perseguido e nunca dominado.

— Nós o apanhamos desta vez… — disse ele, surdamente. — Não poderá escapar.

— Não, chefe. Nem ele, nem as mulheres…

— Onde estão elas?

— Sonia e Victoria estão no segundo andar; Lupin está no terceiro.

— Mas — observou o chefe da Segurança, com uma inquietação repentina — não foi exatamente pelas janelas desses quartos que as tapeçarias… voaram?

— Sim.

— Neste caso, ele pode fugir também por ali. Essas janelas dão para a rua Dufresnoy?

— Sim, chefe. Mas tomei minhas precauções. Desde que o senhor chegou, mandei quatro homens para a Rua Dufresnoy. A ordem é formal; se alguém aparecer e tentar descer, devem fazer fogo. O primeiro tiro para o ar… Os seguintes…

— Bravo, Ganimard. Você pensou em tudo. Vamos esperar amanhecer e…

— Esperar, chefe? Ah, não! Ele teria tempo para empregar uma de suas artimanhas. Não! Ele está aqui. Vamos agarrá-lo imediatamente.

Ganimard, trêmulo de impaciência, saiu, atravessou o jardim e fez entrar meia dúzia de policiais. A operação foi rápida. Armados com seus *brownings*, os oito homens subiram as escadas, sem grandes precauções, cheios de pressa por encontrar Lupin, antes que ele pudesse organizar a defesa.

— Abram! — gritou Ganimard, indicando a porta do quarto de Madame Sparmiento.

Com um embate de ombros, um agente derrubou essa porta. Nesse quarto, ninguém; no quarto de Victoria, ninguém, igualmente.

— Estão lá em cima! — gritou Ganimard. — Juntaram-se a Lupin, na mansarda. Atenção!

E, correndo, subiram ao terceiro andar. Com grande surpresa, Ganimard encontrou a porta aberta. A mansarda estava vazia!

— Demônios! — gritou ele. — Que foi feito dele?

Porém, o chefe chamava-o. O senhor Duduis descera ao segundo andar e verificara que uma das janelas estava apenas encostada.

— Veja! — disse ele a Ganimard. — Aqui está por onde fugiram. O mesmo caminho das tapeçarias. Eu bem dizia…

— Mas — protestou Ganimard, que rilhava os dentes de furor — a rua estava e está vigiada!

— É que fugiram antes de minha chegada.

— Estavam todos três no quarto de Sonia quando lhe telefonei, chefe!

— Então, deram o fora quando você foi ao meu encontro no jardim.

— Mas por quê? Por que haviam de fugir sem a menor razão? Por que hoje e não amanhã, na próxima semana, depois de receber o último pagamento do seguro?

Mas havia uma razão e Ganimard a conheceu quando viu, sobre a mesa, uma carta com seu nome. Abriu-a e leu o que nela se continha. Estava em forma de certificado que se dá aos criados que se despedem:

Eu, abaixo-assinado, Arsène Lupin, cavalheiro-ladrão, ex-coronel, ex-criado, ex-cadáver, certifico que o policial amador Ganimard deu provas, durante sua permanência em minha casa, de notáveis qualidades. De conduta exemplar, dedicado, atencioso, conseguiu, sem o auxílio de indício algum, desvendar parte de meus planos e salvar quatrocentos e cinquenta mil francos das várias companhias de seguros. Felicito-o e desculpo-o por não haver previsto que o telefone do andar térreo se comunica com outro, instalado no quarto de Sonia Krichnoff, e que, telefonando ao digno chefe da Polícia de Segurança, telefonou ao mesmo tempo para mim. Erro importante, mas que não diminui seu mérito de detetive iluminado. Peço-lhe, portanto, que aceite a homenagem de minha admiração e de minha simpatia.

Arsène Lupin

---

[2] Edith Swannesha (c. 1825 — c. 1086) ou Edith Swanneck (que significa Pescoço de Cisne) foi a primeira esposa (ou amante) de Haroldo II da Inglaterra. Reza a lenda que foi Edith Swanneck quem identificou o corpo do rei, terrivelmente mutilado, após a batalha de Hastings, travada em 14 de outubro de 1066. (N.E.)

O cofre de Madame Imbert[3]

Tradução:
Luciene Ribeiro dos Santos

Às três da manhã, havia ainda uma meia dúzia de veículos diante de um dos hoteizinhos de pintores que compõem o único lado do Boulevard Berthier. A porta de um deles se abriu. Um grupo de convidados, homens e mulheres, saía. Quatro veículos partiram para um lado e outro e só ficaram na avenida dois senhores que se despediram na esquina da Rua de Courcelles, onde um deles morava. O outro decidiu voltar a pé até a Porte Maillot.

Atravessou a Avenida de Villiers e seguiu pela calçada oposta, em direção às fortificações. Na bela noite de inverno, pura e fria, era um prazer andar. Respirava-se bem. O ruído dos passos soava alegre.

Mas, ao fim de minutos, teve a desagradável impressão de que o seguiam. Virando-se, notou a sombra de um homem que se deslizava entre as árvores. Não era medroso, porém apressou o passo para chegar mais ligeiro ao posto fiscal de Ternes. Mas o homem começou a correr. Preocupado, julgou mais prudente enfrentá-lo e puxar o revólver.

Não teve tempo: o homem lançou-se sobre ele com violência, e uma luta se iniciou na avenida deserta, luta corporal em que sentiu logo que levava a pior. Gritou por socorro, debateu-se, foi derrubado em cima de umas pedras, enquanto o outro lhe apertava a garganta. Seu adversário lhe meteu um lenço na boca, amordaçando-o. Seus olhos se fecharam, seus ouvidos zuniam, ia perder os sentidos quando, de repente, o aperto afrouxou, e o homem que o sufocava com seu peso se ergueu para se

defender, por sua vez, de um ataque imprevisto.

Uma bengalada nos pulsos, um pontapé no tornozelo… O homem soltou dois grunhidos de dor e fugiu capengando e praguejando.

Sem se dignar a persegui-lo, o recém-chegado se inclinou e disse:

— Está ferido, senhor?

Não estava, mas, sim, atordoado e incapaz de se pôr de pé. Felizmente, um dos empregados do posto, atraído pelos gritos, acorreu. Pediram um carro. Subiu a ele, acompanhado de seu salvador, e foi levado à sua casa, na Avenida de La Grande-Armée.

Diante da porta, restabelecido, confundiu-se em agradecimentos.

— Devo-lhe a vida, senhor, acredite que não esquecerei. Não desejo assustar minha mulher neste momento, mas faço questão que ela lhe expresse pessoalmente, ainda hoje, minha gratidão.

Pediu-lhe que viesse almoçar e apresentou-se — Ludovic Imbert —, acrescentando:

— Posso saber a quem tenho a honra…

— Mas certamente! — disse o outro. E se apresentou: — Arsène Lupin.

Lupin não gozava ainda da celebridade que lhe valeu o caso Cahorn, sua evasão da Santé e tantas outras rumorosas aventuras. Nem mesmo se chamava Arsène Lupin. Esse nome, a que o futuro reservava tanto brilho, foi especialmente imaginado para designar o salvador do senhor Imbert, e pode-se dizer que foi nesse caso que recebeu seu batismo de fogo. Pronto para a luta, é certo, já com todas as peças funcionando, mas sem recursos, sem a autoridade que dá o sucesso, Arsène Lupin não passava de aprendiz numa profissão em que logo se tornaria um mestre.

Assim, que arrepio de alegria quando ao acordar se lembrou do convite da madrugada! Enfim chegava à meta! Enfim empreendia uma obra digna de suas forças e de seu talento! Os milhões dos Imbert, que presa magnífica para um apetite como o seu!

Preparou-se especialmente: sobrecasaca no fio, calça gasta, chapéu de seda tisnado, punhos e colarinho falso desfiados, tudo muito limpo, mas cheirando a miséria. Como gravata, uma fita negra alfinetada por um diamante de vidro. Trajado assim irrisoriamente, desceu a escada do alojamento que ocupava em Montmartre. No terceiro andar, sem se deter, bateu com o castão da bengala numa porta fechada. Saindo, dirigiu-se a uma avenida onde passava um bonde. Tomou lugar, e alguém que

caminhava atrás dele, o inquilino do terceiro andar, sentou-se ao seu lado.

Ao fim de um instante, esse homem lhe disse:

— E então, patrão?

— Bem, está feito.

— Como?

— Almoço lá.

— Almoça lá!

— Você não queria, espero, que eu gastasse gratuitamente dias tão preciosos como os meus, não é? Arranquei o senhor Ludovic Imbert da morte certa que você lhe reservava. O senhor Ludovic Imbert é uma natureza agradecida. Ele me convida para almoçar.

Um silêncio e o outro arriscou:

— E não vai desistir?

— Meu caro — disse Arsène —, se arranjei aquela pequena agressão noturna, se me dei ao trabalho, às três da manhã, ao longo das fortificações, de bater-lhe com a bengala nos braços e com o pé na canela, com o risco de prejudicar o meu único amigo, não é para renunciar agora à vantagem de um salvamento tão bem organizado.

— E as más notícias que correm sobre a fortuna…

— Deixe que corram. Há seis meses persigo esse negócio, há seis meses que me informo, estudo, estendo as minhas redes, interrogo criados, agiotas e testas de ferro, seis meses que vivo à sombra do marido e da mulher. Portanto, sei a que me ater. Que a fortuna provenha do velho Brawford, como pretendem, ou de outra fonte, não importa, afirmo que ela existe. E, visto que existe, já é minha.

— Puxa, cem milhões!

— Digamos dez, ou mesmo cinco, não importa! Há grossos maços de títulos no cofre. Será o diabo se um dia desses eu não puser a mão na chave.

O bonde parou na Place de l'Étoile. O homem murmurou:

— Assim, já?

— Por enquanto, não há nada a fazer. Eu o avisarei quando chegar o momento. Temos tempo.

Cinco minutos depois, Arsène Lupin subia a suntuosa escada da mansão Imbert, e Ludovic o apresentou à esposa. Gervaise era uma mulher simpática, pequena, redondinha, conversadeira. Deu a Lupin a melhor

acolhida.

— Quis que festejássemos sozinhos o nosso salvador — disse.

E de saída trataram o "nosso salvador" como um velho amigo. À sobremesa, a intimidade era completa e faziam-se confidências. Arsène narrou sua vida, a de seu pai, íntegro magistrado, as tristezas de sua infância, as dificuldades do presente. Gervaise, por sua vez, falou de sua juventude, do casamento, das bondades do velho Brawford, dos cem milhões que herdara, dos obstáculos que atrasavam a entrada no gozo dessa riqueza, dos empréstimos que teve de contrair com taxas exorbitantes, das intermináveis disputas com os sobrinhos de Brawford, e as contestações, os sequestros, tudo enfim!

— Imagine, senhor Lupin, que os títulos estão aí ao lado, no escritório de meu marido, e, se destacamos um único cupom, perdemos tudo! Estão aí, no nosso cofre, e não podemos tocá-los.

Um leve frêmito sacudiu senhor Lupin à ideia dessa proximidade. E ele teve a sensação bem clara de que o senhor Lupin nunca possuiria tanta elegância de alma para sentir os mesmos escrúpulos da boa senhora.

— Ah! Estão aí — murmurou, de garganta seca.

— Estão.

Relações tão bem começadas só podiam criar laços estreitos. Delicadamente interrogado, Arsène Lupin confessou sua pobreza, sua angústia. Na hora, o infeliz rapaz foi nomeado secretário particular dos dois cônjuges, recebendo cento e cinquenta francos por mês. Continuaria a morar onde estava, mas viria a receber diariamente ordens e tarefas e, para maior comodidade, ficava à sua disposição, como gabinete de trabalho, um dos quartos do segundo andar.

Escolheu um que, por sorte, ficava bem em cima do escritório de Ludovic…

Arsène não demorou a notar que seu cargo de secretário lembrava muito uma sinecura. Em dois meses, teve apenas quatro cartas insignificantes para copiar e não foi chamado mais que uma vez ao escritório do patrão, o que lhe permitiu contemplar oficialmente o cofre somente uma vez. Além disso, observou que o titular dessa sinecura não devia ser julgado digno de figurar ao lado do deputado Anquety, ou do chefe de advogados Grouvel, pois se omitiram de convidá-lo às famosas recepções sociais.

Não se queixou, preferindo guardar seu modesto lugarzinho à sombra, e manteve-se distante, feliz e livre. Aliás, não perdia tempo. Fez algumas visitas clandestinas ao escritório de Ludovic, apresentando seus respeitos ao cofre, que nem por isso deixava de continuar hermeticamente fechado. Era um bloco enorme de ferro fundido e aço, de aspecto rebarbativo e contra o qual não prevaleceriam nem limas, nem verrumas, nem pés de cabra.

Arsène Lupin não era cabeçudo.

"Onde a força falha, a astúcia vence", pensava. "O essencial é um olho e um ouvido no objetivo."

Tomou, pois, as medidas necessárias e, depois de minuciosas e cansativas sondagens no soalho do seu quarto, meteu o tubo de chumbo que ia dar no forro do escritório entre duas molduras da cornija. Pelo tubo, que servia de binóculo e concha acústica, esperava ver e ouvir.

Desde então, viveu deitado de barriga no assoalho. E, de fato, viu muitas vezes os Imbert em conferência diante do cofre, consultando registros e folheando dossiês. Quando giravam sucessivamente os quatro botões que comandavam a fechadura, procurava, para descobrir a cifra, contar o número de encaixes que passavam. Espreitava seus gestos, suas palavras. Que faziam da chave, escondiam-na?

Um dia, desceu às pressas, tendo-os visto sair do escritório sem fechar o cofre. Entrou resolutamente, e eles estavam de volta.

— Oh, desculpem — disse —, enganei-me de porta.

Mas Gervaise se precipitou, atraindo-o:

— Entre, senhor Lupin, entre, não está em sua casa? Vai nos dar um conselho. Que títulos devemos vender, do Exterior ou da Renda?

— Mas e a contestação? — objetou Lupin, surpreendido.

— Oh! Não abarca todos os títulos.

Ela abriu o batente. Nas prateleiras se amontoavam pastas presas por tiras. Agarrou uma. Seu marido protestou.

— Não, não, Gervaise, seria loucura vender o do Exterior: vai subir… enquanto o da Renda está no máximo. Que julga o meu amigo?

O amigo não tinha nenhuma opinião, porém aconselhou o sacrifício da Renda. Ela pegou outro maço, e dele, ocasionalmente, um papel. Era um título a três por cento de mil trezentos e setenta e quatro francos. Ludovic o pôs no bolso. De tarde, acompanhado pelo secretário, foi vender o título num agente de valores e recebeu quarenta e seis mil francos.

Dissesse o que dissesse Gervaise, Arsène Lupin não se sentia em casa. Ao contrário, sua situação nos Imbert não terminava de surpreendê-lo. Em várias ocasiões, reparou que os criados não sabiam o seu nome e o chamavam apenas de senhor. Ludovic o designava sempre assim: "Avise o senhor… O senhor já chegou?". Por que esse enigmático modo de referência?

E depois do entusiasmo do princípio, os Imbert mal lhe falavam e, continuando a tratá-lo com a consideração devida a um benfeitor, nunca se ocupavam dele. Davam a impressão de julgá-lo um original que não gosta que o importunassem, e seu isolamento era respeitado como se fosse uma regra exigida por ele, um capricho seu. Uma vez, ao passar pelo vestíbulo, ouviu Gervaise, que dizia a dois senhores:

— É tão arredio!

"Seja", pensou, "sou arredio". E, renunciando a explicar as esquisitices daquelas pessoas, empenhava-se na execução de seu plano. Adquirira a certeza de que não podia contar com a sorte, nem com uma leviandade de Gervaise, que levava sempre consigo a chave e, ademais, nunca a tirava sem previamente embaralhar as letras da fechadura. Assim, pois, devia agir.

Um acontecimento precipitou as coisas: a violenta campanha de alguns jornais contra os Imbert, acusados de gatunice. Arsène Lupin assistiu às fases do drama, às agitações do casal, e entendeu que, se tardasse mais, ia perder tudo.

Cinco dias seguidos, em vez de sair pelas seis horas, como costumava, fechou-se em seu quarto.

Julgavam que tinha ido embora, e ele estava estendido no assoalho para vigiar o escritório de Ludovic.

Não ocorrendo nas cinco noites a circunstância favorável que aguardava, foi embora durante a noite pela portinha que dava para o pátio e de que tinha a chave.

No sexto dia, soube que os Imbert, respondendo às insinuações malévolas de seus inimigos, tinham proposto que se abrisse o cofre e se fizesse um levantamento.

"Tem de ser esta noite", pensou Lupin.

Depois do jantar, Ludovic se instalou no escritório, e Gervaise foi ter com ele. Puseram-se a folhear os registros do cofre.

Decorreu uma hora, depois outra. Ouviu os criados se deitar. Não havia mais ninguém no primeiro andar. Meia-noite. Os Imbert prosseguiam em sua tarefa.

— Vamos — sussurrou Lupin.

Abriu sua janela. Dava para o pátio, e o espaço, na noite sem lua e sem estrelas, era escuro. Tirou do armário uma corda com nós, que prendeu na borda do parapeito, e foi descendo suavemente, apoiando-se em uma calha, até a janela abaixo da sua. Era a do escritório, e o tecido espesso das cortinas felpudas escondia a peça. De pé no parapeito, ficou um momento imóvel, com ouvidos e olhos bem abertos.

Tranquilizado pelo silêncio, correu com leveza as vidraças. Se ninguém se dera ao cuidado de examiná-las, deviam ceder ao esforço, pois ele, durante a tarde, tinha entortado as linguetas de modo que não entrassem nas chapas.

As vidraças cederam. Com precaução infinita, entreabriu-as mais. Quando pôde passar a cabeça por elas, parou. Um pouco de luz passava entre as duas cortinas mal unidas. Viu Gervaise e Ludovic sentados ao lado do cofre.

Trocavam em voz baixa raras palavras, absorvidos pela tarefa. Arsène calculou a distância que o separava deles, estabeleceu os movimentos exatos que devia fazer para reduzi-los, um após o outro, à impotência, antes que tivessem tempo de chamar por socorro, e ia arremeter quando Gervaise disse:

— Que frio começou a fazer há um instante! Vou me deitar, e você?

— Gostaria de acabar.

— Acabar! Você tem serviço para toda a noite!

— Oh, não, uma hora no máximo.

Ela se retirou. Vinte, trinta minutos se passaram. Arsène empurrou a janela um pouco mais. As cortinas fremiram. Empurrou mais ainda. Ludovic se virou e, vendo as cortinas inchadas pelo vento, levantou-se para fechar a janela…

Não houve grito, nem mesmo uma aparência de luta. Com poucos gestos precisos e sem lhe fazer mal, Arsène o atordoou, tapou-lhe a cabeça com a cortina, e de tal modo que Ludovic não distinguiu sequer o rosto de seu agressor.

Depois, rápido, foi ao cofre, pegou duas pastas, que pôs embaixo do braço, saiu do escritório, desceu a escada, atravessou o pátio e abriu a porta de serviço. Uma carruagem estava parada na rua.

— Guarde isto primeiro e venha comigo — disse Arsène Lupin ao cocheiro.

Voltaram ao escritório e em duas viagens esvaziaram o cofre. A seguir, Arsène subiu até o seu quarto, tirou a corda e apagou todos os sinais de sua passagem. O trabalho estava terminado.

Horas depois, Arsène Lupin, com a ajuda do companheiro, selecionou as pastas. Não sentiu decepção ao constatar que a fortuna dos Imbert não tinha a importância que lhe atribuíam, pois já contava com isso. Os milhões não se contavam por centenas, nem sequer por dezenas. Mas, enfim, o total formava ainda uma cifra bem respeitável, e eram valores excelentes, títulos do sistema ferroviário, da Prefeitura de Paris, de Suez, das minas do Norte, fundos do Estado, etc. Declarou-se satisfeito.

— Sem dúvida — disse — o valor desses títulos estará muito reduzido quando chegar a hora de negociar. Encontraremos oposição e teremos mais de uma vez de liquidar por preço baixo. Não importa, com este primeiro capital me encarrego de viver como quero… e de realizar alguns sonhos que me são muito caros.

— E o resto?

— Pode queimar, meu filho. Este monte de papéis fazia boa figura no cofre, mas para nós é inútil. Quanto aos títulos, vamos fechá-los calmamente no armário e esperar o momento propício.

No dia seguinte, pensou que nenhuma razão o impedia de voltar à mansão Imbert. Mas a leitura dos jornais lhe trouxe esta notícia imprevista: Ludovic e Gervaise tinham desaparecido.

A abertura do cofre foi feita com grande solenidade. Os homens da justiça acharam que Arsène Lupin tinha deixado lá: pouca coisa.

Estes são os fatos e esta é a explicação que dá a alguns deles a intervenção de Arsène Lupin. Ouvi a história contada por ele mesmo num dia em que estava com disposição para confidências.

Nesse dia, Arsène andava de um lado a outro em meu gabinete de trabalho, e seus olhos tinham um fervor que não lhes conhecia.

— Em suma — disse-lhe —, é o seu mais belo golpe?

Sem me responder diretamente, prosseguiu:

— Há nesse caso segredos impenetráveis. Mesmo depois da explicação que lhe dei, quantas obscuridades persistem! Por que aquela fuga? Por que não se aproveitaram da ajuda que, sem querer, lhes dei? Era tão simples dizer: "Os cem milhões se achavam no cofre; não estão mais aí porque foram roubados".

— Perderam a cabeça.

— Sim, perderam… por outro lado, é verdade…

— É verdade?…

— Não, nada.

Que significavam essas reticências? Não tinha contado tudo, claro, e o que não contara repugnava-lhe exprimir. Fiquei intrigado. A coisa tinha de ser grave para provocar a hesitação de um homem como aquele.

Arrisquei umas perguntas:

— Não voltou a vê-los?

— Não.

— E não chegou a sentir alguma piedade em relação a esses dois infelizes?

— Eu?! — proferiu num sobressalto.

Sua revolta me admirou. Teria eu acertado o alvo? Insisti.

— É evidente. Sem você, eles podiam ter enfrentado o perigo, ou ao menos ter ido embora com os bolsos cheios.

— Remorsos, é o que me atribui, não é?

— Quem sabe!

Bateu com violência na mesa.

— Assim, segundo você, deveria ter remorsos?

— Chame isso de remorso ou pesar, enfim, um sentimento qualquer…

— Um sentimento por gente que…

— Por gente de quem você tirou uma fortuna.

— Que fortuna?

— Ora, os dois ou três maços de títulos…

— Os dois ou três maços de títulos! Tirei-lhes pacotes de títulos, não é? Uma parte da herança? É a minha falta, o meu crime? Mas que diabo, meu caro, não adivinhou que eram falsos os títulos?… Ouviu? ERAM FALSOS!

Olhei-o, aturdido.

— Falsos, os quatro ou cinco milhões?

— Falsos — gritou com raiva —, superfalsos! As ações, os títulos da Prefeitura de Paris, os fundos do Estado, papel, nada mais que papel! Nem uma moeda, não tirei uma moeda de todo o conjunto! E me pede que tenha remorsos? Eles é que deviam ter! Passaram-me para trás como um trouxa! Depenaram-me como o último dos patos, e o mais imbecil!

Uma cólera real o agitava, feita de rancor e amor-próprio ferido.

— De ponta a ponta, estive por baixo, desde o começo! Sabe que papel representei nesse assunto, ou antes, o que me fizeram representar? O de André Brawford! Sim, meu caro, e eu não compreendi nada! Foi depois, lendo os jornais e juntando alguns detalhes, que percebi. Enquanto eu bancava o benfeitor, o que arriscou a vida para arrancar o marido da garra dos malfeitores, eles me faziam passar por um dos Brawford! Não é admirável? Aquele original que tinha um quarto no segundo andar, o arredio que era mostrado de longe, era Brawford, e Brawford era eu! E graças a mim, à confiança que inspirava com o nome de Brawford, os banqueiros emprestavam e os corretores levavam seus clientes a emprestar! Que escola para um estreante, hein?! Ah, juro que aprendi a lição!

Parou de repente, pegou-me no braço e me disse, num tom exasperado em que era fácil, porém, sentir matizes de ironia e admiração, esta frase inefável:

— Meu caro, atualmente, Gervaise Imbert me deve mil e quinhentos francos!

Não pude me impedir de rir. Era de um mal gosto sem tamanho, e ele mesmo teve um acesso de franca alegria.

— Sim, meu caro, mil e quinhentos francos! Não apenas nunca vi um cêntimo dos meus salários, como ainda ela me pediu emprestados quinhentos francos! Todas as minhas economias de rapaz! E sabe para quê? Receberás em dobro… Para os seus pobres! Exatamente como lhe digo: para pretensos infelizes que ela ajudava sem que Ludovic soubesse!

"E entrei nessa! Engraçado, hein?! Arsène Lupin aliviado em mil e quinhentos francos, e pela boa senhora a quem roubava quatro milhões de títulos falsos! E quantas combinações, esforços e astúcias geniais gastei para chegar a esse belo resultado!

"Foi a única vez em que fui enrolado na vida. Mas, puxa! Desta vez fui mesmo, redondamente, e pagando caro!…"

---

[3] Publicado originalmente em *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*. (N.E.)